HARRY POTTER

A COLEÇÃO COMPLETA

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

A COLEÇÃO COMPLETA

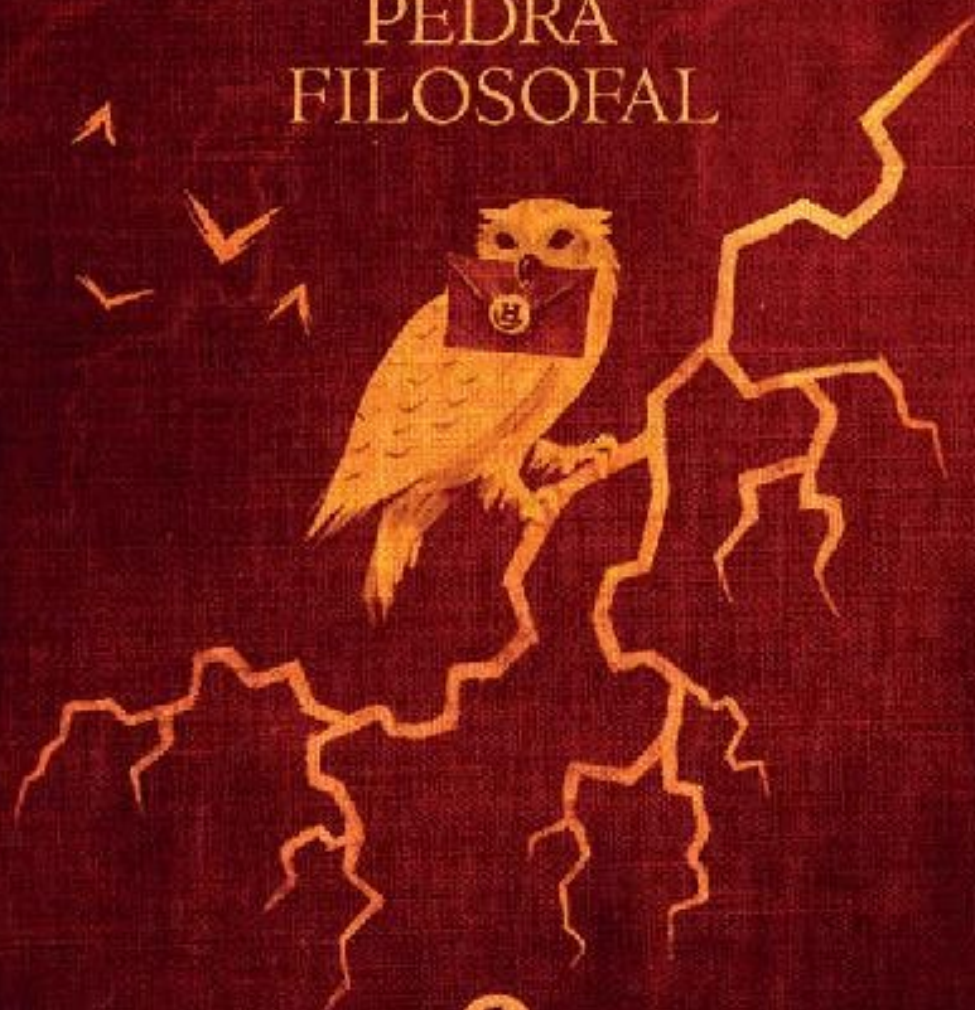
J.K. ROWLING

from J.K. Rowling

CONTEÚDO

HARRY POTTER

e a

PEDRA FILOSOFAL

1

J.K. ROWLING

Para Jessica, que gosta de histórias, para Anne, que gostava também, e para Di, que foi quem ouviu esta primeiro.

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —

O menino que sobreviveu

O Sr. e a Sra. Dursley, da rua dos Alfeneiros, nº 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de bobagem.

O Sr. Dursley era diretor de uma firma chamada Grunnings, que fazia perfurações. Era um homem alto e corpulento quase sem pescoço, embora tivesse enormes bigodes. A Sra. Dursley era magra e loura e tinha um pescoço quase duas vezes mais comprido que o normal, o que era muito útil porque ela passava grande parte do tempo espichando-o por cima da cerca do jardim para espiar os vizinhos. Os Dursley tinham um filhinho chamado Dudley, o Duda, e em sua opinião não havia garoto melhor em nenhum lugar do mundo.

Os Dursley tinham tudo que queriam, mas tinham também um segredo, e seu maior receio era que alguém o descobrisse. Achavam que não iriam aguentar se alguém descobrisse a existência dos Potter. A Sra. Potter era irmã da Sra. Dursley, mas não se viam havia muitos anos; na realidade a Sra. Dursley fingia que não tinha irmã, porque esta e o marido imprestável eram o que havia de menos parecido possível com os Dursley. Eles estremeciam só de pensar o que os vizinhos iriam dizer se os Potter aparecessem na rua. Os Dursley sabiam que os Potter tinham um filhinho, também, mas nunca o tinham visto. O garoto era mais uma razão para manter os Potter a distância; eles não queriam que Duda se misturasse com uma criança daquelas.

Quando o Sr. e a Sra. Dursley acordaram na terça-feira monótona e cinzenta em que a nossa história começa, não havia nada no céu nublado lá fora sugerindo as coisas estranhas e misteriosas que não tardariam a acontecer por todo o país. O Sr. Dursley cantarolava ao escolher a gravata mais sem graça do mundo para ir trabalhar e a Sra. Dursley fofocava alegremente enquanto lutava

para encaixar um Duda aos berros na cadeirinha alta.

Nenhum deles reparou em uma coruja parda que passou, batendo as asas, pela janela.

Às oito e meia, o Sr. Dursley apanhou a pasta, deu um beijinho no rosto da Sra. Dursley e tentou dar um beijo de despedida em Duda mas não conseguiu, porque na hora Duda estava tendo um acesso de raiva e atirava o cereal nas paredes.

– Pestinha – disse rindo contrafeito o Sr. Dursley ao sair de casa. Entrou no carro e deu marcha à ré para sair do estacionamento do número quatro.

Foi na esquina da rua que ele notou o primeiro indício de que algo estranho ocorria – um gato lia um mapa. Por um instante o Sr. Dursley não percebeu o que vira – em seguida virou rapidamente a cabeça para dar uma segunda olhada. Havia um gato de listras amarelas sentado na esquina da rua dos Alfeneiros, mas não havia nenhum mapa à vista. Em que estaria pensando naquela hora? Devia ter sido um efeito da luz. Ele piscou e arregalou os olhos para o gato. O gato o encarou. Enquanto virava a esquina e subia a rua, espiou o gato pelo espelho retrovisor. Ele agora estava lendo a placa que dizia rua dos Alfeneiros – não, estava *olhando* a placa: gatos não podiam ler mapas *nem* placas. O Sr. Dursley sacudiu a cabeça e tirou o gato do pensamento. Durante o caminho para a cidade ele não pensou em mais nada exceto no grande pedido de brocas que tinha esperanças de receber naquele dia.

Mas ao sair da cidade, as brocas foram varridas de sua cabeça por outra coisa. Ao parar no costumeiro engarrafamento matinal, não pôde deixar de notar que havia uma quantidade de gente estranhamente vestida andando pelas ruas. Gente com capas largas. O Sr. Dursley não tolerava gente que andava com roupas ridículas – os trapos que se viam nos jovens! Imaginou que aquilo fosse uma nova moda idiota. Tamborilou os dedos no volante e seu olhar recaiu em um grupinho de excêntricos parados bem perto dele. Cochichavam excitados. O Sr. Dursley se irritou ao ver que alguns deles nem eram jovens; ora, aquele homem devia ser mais velho do que ele, e usava uma capa verde-esmeralda! Que petulância! Mas então ocorreu ao Sr. Dursley que se tratava provavelmente de alguma promoção boba – essas pessoas estavam obviamente arrecadando alguma coisa... é, devia ser isto! O tráfego avançou e alguns minutos depois o Sr. Dursley chegou ao estacionamento da Grunnings, o pensamento de volta às brocas.

O Sr. Dursley sempre sentava de costas para a janela em seu escritório no nono andar. Se não o fizesse, talvez tivesse achado mais difícil se concentrar em brocas aquela manhã. *Ele* não viu as corujas que voavam velozes em plena luz do dia, embora as pessoas na rua as vissem; elas apontavam e se espantavam

enquanto coruja atrás de coruja passava no alto. A maioria jamais vira uma coruja mesmo à noite. O Sr. Dursley, porém, teve uma manhã perfeitamente normal sem corujas. Gritou com cinco pessoas diferentes. Deu vários telefonemas importantes e gritou mais um pouco. Estava de excelente humor até a hora do almoço, quando pensou em esticar as pernas e atravessar a rua para comprar um pãozinho doce na padaria defronte.

Esquecera completamente as pessoas de capas até passar por um grupo delas próximo à padaria. Olhou-as com raiva ao passar. Não sabia o porquê, mas elas o deixavam nervoso. Essas cochichavam agitadas, também, mas ele não viu nenhuma latinha de coleta. Foi ao passar por elas, na volta, levando uma grande rosca açucarada em um saco, que entreouviu algumas palavras do que diziam.

– ... Os Potter, é verdade, foi o que ouvi...

– ... é, o filho deles, Harry...

O Sr. Dursley parou de repente. O medo invadiu-o. Virou a cabeça para olhar as pessoas que cochichavam como se quisesse dizer alguma coisa, mas pensou melhor.

Atravessou a rua depressa, correu para o escritório, disse rispidamente à secretária que não o incomodasse, agarrou o telefone e quase terminara de discar o número de casa quando mudou de ideia. Pôs o fone no gancho e alisou os bigodes, pensando... não, estava agindo como um idiota. Potter não era um nome tão fora do comum assim. Tinha certeza de que havia muita gente chamada Potter com um filho chamado Harry. Pensando bem, nem sequer tinha certeza de que o sobrinho *tivesse* o nome de Harry. Jamais vira o menino. Talvez fosse Ernesto. Ou Eduardo. Não tinha sentido preocupar a Sra. Dursley, ela sempre ficava tão perturbada à simples menção da irmã. Não a culpava – se *ele* tivesse uma irmã como aquela... mas, mesmo assim, aquelas pessoas de capas...

Achou bem mais difícil se concentrar nas brocas aquela tarde e, quando deixou o edifício às cinco horas, continuava tão preocupado que deu um encontrão em alguém parado ali à porta.

– Desculpe – murmurou, quando o velhinho cambaleou e quase caiu. Levou alguns segundos até o Sr. Dursley perceber que o homem estava usando uma capa roxa. Não parecia nada aborrecido por ter sido quase jogado ao chão. Ao contrário, seu rosto se abriu em um largo sorriso e ele disse numa voz esganiçada que fez os passantes olharem:

– Não precisa pedir desculpas, caro senhor, porque nada poderia me aborrecer hoje! Alegre-se, porque Você-Sabe-Quem finalmente foi-se embora! Até trouxas como o senhor deviam estar comemorando um dia tão feliz!

E o velho abraçou o Sr. Dursley pela cintura e se afastou.

O Sr. Dursley ficou pregado no chão. Fora abraçado por um completo

estranho. E também achava que fora chamado de trouxa, o que quer que isso quisesse dizer. Estava abalado. Correu para o carro e partiu para casa, esperando que estivesse imaginando coisas, o que nunca esperara que fizesse, porque não aprovava a imaginação.

Quando entrou no estacionamento do número quatro, a primeira coisa que viu – e isso não melhorou o seu estado de espírito – foi o gato listrado que notara aquela manhã. Agora ele estava sentado no muro do jardim. Tinha certeza de que era o mesmo; as marcas em volta dos olhos eram as mesmas.

– Chispa! – disse o Sr. Dursley em voz alta.

O gato não se mexeu. Apenas lançou-lhe um olhar severo. Será que isto era um comportamento normal para um gato?, pensou o Sr. Dursley. Continuava decidido a não comentar nada com a esposa.

A Sra. Dursley tivera um dia normal e agradável. Contou-lhe durante o jantar os problemas da senhora do lado com a filha e ainda que Duda aprendera uma palavra nova ("Nunca"). O Sr. Dursley tentou agir normalmente. Depois que Duda foi se deitar, ele chegou à sala em tempo de ouvir o último noticiário noturno.

"E, por último, os observadores de pássaros em toda parte registraram que as corujas do país se comportaram de forma muito estranha hoje. Embora elas normalmente cacem à noite e raramente apareçam à luz do dia, centenas desses pássaros foram vistos hoje voando em todas as direções desde o alvorecer. Os especialistas não sabem explicar por que as corujas de repente mudaram o seu padrão de sono." O locutor se permitiu um sorriso. "Muito misterioso. E agora, com Jorge Mendes, o nosso boletim meteorológico. Vai haver mais tempestades de corujas hoje à noite, Jorge?"

"Bom, Eduardo", disse o meteorologista, "não sei lhe dizer, mas não foram só as corujas que se comportaram de modo estranho hoje. Ouvintes de todo o país têm telefonado para reclamar que em vez do aguaceiro que prometi para ontem, eles têm tido chuvas de estrelas! Talvez alguém ande festejando a noite das fogueiras uma semana mais cedo este ano! Mas posso prometer para hoje uma noite chuvosa."

O Sr. Dursley ficou paralisado na poltrona. Estrelas cadentes em todo o país? Corujas voando durante o dia? Gente misteriosa usando capas por todo lado? E um cochicho, um cochicho a respeito dos Potter...

A Sra. Dursley entrou na sala trazendo duas xícaras de chá. Não adiantava. Teria que lhe dizer alguma coisa. Pigarreou nervoso.

– Hum, hum, Petúnia, querida, você não tem tido notícias de sua irmã, ultimamente?

Conforme esperava, a Sra. Dursley pareceu chocada e aborrecida. Afinal,

normalmente fingiam que ela não tinha irmã...
– Não – respondeu ela, seca. – Por quê?
– Uma notícia engraçada – murmurou o Sr. Dursley. – Corujas... estrelas cadentes... e vi uma porção de gente de aparência estranha na cidade hoje...
– E daí? – cortou a Sra. Dursley.
– Bem, pensei... talvez... tivesse alguma ligação com... sabe... *o pessoal dela*.
A Sra. Dursley bebericou o chá com os lábios contraídos. O Sr. Dursley ficou em dúvida se teria coragem de lhe contar que ouvira o nome “Potter”. Decidiu que não. Em vez disso, falou com a voz mais displicente que pôde:
– O filho deles... teria mais ou menos a idade do Duda agora, não?
– Suponho que sim – respondeu a Sra. Dursley, ainda seca.
– Como é mesmo o nome dele? Ernesto, não é?
– Harry. Um nome feio e vulgar, se quer saber minha opinião.
– Ah, é – disse o Sr. Dursley, sentindo um aperto horrível no coração. – É, concordo com você.
Não disse mais nenhuma palavra sobre o assunto a caminho do quarto onde foram se deitar. Enquanto a Sra. Dursley estava no banheiro, o Sr. Dursley foi devagarinho até a janela e espiou o jardim da casa. O gato continuava lá. Observava o começo da rua dos Alfeneiros como se esperasse alguma coisa.
Estaria imaginando coisas? Será que tudo isso teria ligação com os Potter? Se tinha... se transpirasse que eram aparentados com um casal de... bem ele achava que não aguentaria.
Os Dursley se deitaram. A Sra. Dursley adormeceu logo, mas o Sr. Dursley continuou acordado, pensando no que acontecera. Seu último consolo antes de adormecer foi pensar que mesmo que os Potter *estivessem* envolvidos, não havia razão para se aproximarem dele e da Sra. Dursley. Os Potter sabiam muito bem o que pensavam deles e de gente de sua laia... Não via como ele e Petúnia poderiam se envolver com nada que estivesse acontecendo. O Sr. Dursley bocejou e se virou. Isso não poderia *afetá-los*...
Como estava enganado.
O Sr. Dursley talvez estivesse mergulhando em um sono inquieto, mas o gato no muro lá fora não mostrava sinais de sono. Continuava sentado imóvel como uma estátua, os olhos fixos na esquina mais distante da rua dos Alfeneiros. E nem sequer estremeceu quando uma porta de carro bateu na rua seguinte, nem mesmo quando duas corujas mergulharam do alto. Na verdade, era quase meia-noite quando o gato se mexeu.
Um homem apareceu na esquina que o gato estivera vigiando. Apareceu tão súbita e silenciosamente que se poderia pensar que tivesse saído do chão. O rabo do gato mexeu ligeiramente e seus olhos se estreitaram.

Ninguém jamais vislumbrara nada parecido com este homem na rua dos Alfeneiros. Era alto, magro e muito velho, a julgar pelo prateado dos seus cabelos e de sua barba, suficientemente longos para prender no cinto. Usava vestes longas, uma capa púrpura que arrastava pelo chão e botas com saltos altos e fivelas. Seus olhos azuis eram claros, luminosos e cintilantes por trás dos óculos em meia-lua e o nariz muito comprido e torto, como se o tivesse quebrado pelo menos duas vezes. O nome dele era Alvo Dumbledore.

Alvo Dumbledore não parecia ter consciência de que acabara de pisar numa rua onde tudo, desde o seu nome às suas botas era malvisto. Estava ocupado apalpando a capa, procurando alguma coisa. Mas parecia ter consciência de que estava sendo vigiado, porque ergueu a cabeça de repente para o gato, que continuava a fixá-lo da outra ponta da rua. Por algum motivo, a visão do gato pareceu diverti-lo. Deu uma risadinha e murmurou: “Eu devia ter imaginado.”

Encontrou o que procurava no bolso interior da capa. Parecia um isqueiro de prata. Abriu-o, ergueu-o no ar e o acendeu. O lampião de rua mais próximo apagou-se com um estalido seco. Ele o acendeu de novo – o lampião seguinte piscou e apagou, doze vezes ele acionou o “apagueiro”, até que as únicas luzes acesas na rua toda eram dois pontinhos minúsculos ao longe – os olhos do gato que o vigiava. Se alguém espiasse pela janela agora, até a Sra. Dursley, de olhos de contas, não conseguiria ver nada que estava acontecendo na calçada. Dumbledore tornou a guardar o “apagueiro” na capa e saiu caminhando pela rua em direção ao número quatro, onde se sentou no muro ao lado do gato. Não olhou para o bicho, mas, passado algum tempo, dirigiu-se a ele.

– Imaginei encontrar a senhora aqui, Profa. Minerva McGonagall.

E virou-se para sorrir para o gato, mas este desaparecera. Em vez dele, viu-se sorrindo para uma mulher de aspecto severo que usava óculos de lestes quadradas exatamente do formato das marcas que o gato tinha em volta dos olhos. Ela, também, usava uma capa esmeralda. Trazia os cabelos negros presos num coque apertado. E parecia decididamente irritada.

– Como soube que era eu? – perguntou.

– Minha cara professora, nunca vi um gato se sentar tão duro.

– O senhor estaria duro se tivesse passado o dia todo sentado em um muro de pedra – respondeu a Profa. Minerva.

– O dia todo? Quando podia estar comemorando? Devo ter passado por mais de dez festas e banquetes a caminho daqui.

A professora fungou aborrecida.

– Ah, sim, vi que todos estão comemorando – disse impaciente. – Era de esperar que fossem um pouco mais cautelosos, mas não, até os trouxas notaram que alguma coisa estava acontecendo. Deu no telejornal. – Ela indicou com a

cabeça a sala às escuras dos Dursley. – Eu ouvi... bandos de corujas... estrelas cadentes... Ora, eles não são completamente idiotas. Não podiam deixar de notar alguma coisa. Estrelas cadentes em Kent, aposto que foi coisa do Dédalo Diggle. Ele nunca teve muito juízo.

– Você não pode culpá-los – ponderou Dumbledore educadamente. – Temos tido muito pouco o que comemorar nos últimos onze anos.

– Sei disso – retrucou a professora mal-humorada. – Mas não é razão para perdermos a cabeça. As pessoas estão sendo completamente descuidadas, saem às ruas em plena luz do dia, sem nem ao menos vestir roupa de trouxa, e espalham boatos.

De esguelha, lançou um olhar atento a Dumbledore, como se esperasse que ele dissesse alguma coisa, mas ele continuou calado, por isso ela recomeçou:

– Ia ser uma graça se, no próprio dia em que Você-Sabe-Quem parece ter finalmente ido embora, os trouxas descobrissem a nossa existência. Suponho que ele realmente *tenha* ido embora, não é, Dumbledore?

– Parece que não há dúvida. Temos muito o que agradecer. Aceita um sorvete de limão?

– Um *o quê*?

– Um sorvete de limão. É uma espécie de doce dos trouxas de que sempre gostei muito.

– Não, obrigada – disse a Profa. Minerva com frieza, como se não achasse que o momento pedia sorvetes de limão. – Mesmo que Você-Sabe-Quem *tenha* ido embora.

– Minha cara professora, com certeza uma pessoa sensata como a senhora pode chamá-lo pelo nome. Toda essa bobagem de Você-Sabe-Quem, há onze anos venho tentando convencer as pessoas a chamá-lo pelo nome que recebeu: *Voldemort*. – A professora franziu o rosto, mas Dumbledore, que estava separando dois sorvetes de limão, pareceu não reparar. – Tudo fica tão confuso quando todos não param de dizer “Você-Sabe-Quem”. Nunca vi nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort.

– Sei que não vê – disse a professora parecendo meio exasperada, meio admirada. – Mas você é diferente. Todo o mundo sabe que é o único de quem Você-Sabe... ah, está bem, de quem *Voldemort* tem medo.

– Isto é um elogio – disse Dumbledore calmamente. – Voldemort tinha poderes que nunca tive.

– Só porque você é muito... bem... *nobre* para usá-los.

– É uma sorte estar escuro. Nunca mais corei assim desde que Madame Pomfrey me disse que gostava dos meus abafadores de orelhas novos.

A Profa. Minerva lançou um olhar severo a Dumbledore e disse:

– As corujas não são nada comparadas aos boatos que correm. Sabe o que todos estão dizendo? Por que ele foi embora? Que foi que finalmente o deteve?

Aparentemente a Profa. Minerva chegara ao ponto que estava ansiosa para discutir, a verdadeira razão pela qual estivera esperando o dia todo em cima de um muro frio e duro, porque nem como gato nem como mulher ela fixara antes um olhar tão penetrante em Dumbledore como agora. Era óbvio que seja o que fosse que "todos" estavam dizendo, ela não iria acreditar até que Dumbledore confirmasse ser verdade. Dumbledore, porém, estava escolhendo mais um sorvete de limão e não respondeu.

– O que estão *dizendo* – continuou ela – é que a noite passada Voldemort apareceu em Godric's Hollow. Foi procurar os Potter. O boato é que Lílian e Tiago Potter estão... estão... que estão... *mortos*.

Dumbledore fez que sim com a cabeça. A Profa. Minerva perdeu o fôlego.

– Lílian e Tiago... Não posso acreditar... Não quero acreditar... Ah, Alvo.

Dumbledore estendeu a mão e deu-lhe um tapinha no ombro.

– Eu sei... eu sei... – disse deprimido.

A voz da Profa. Minerva tremeu ao prosseguir:

– E não é só isso. Estão dizendo que ele tentou matar o filho dos Potter, Harry. Mas... não conseguiu. Não conseguiu matar o garotinho. Ninguém sabe o porquê nem como, mas estão dizendo que na hora que não pôde matar Harry Potter, por alguma razão, o poder de Voldemort desapareceu, e é por isso que ele foi embora.

Dumbledore concordou com a cabeça, sério.

– É... é *verdade*? – gaguejou a professora. – Depois de tudo o que ele fez... todas as pessoas que matou... não conseguiu matar um garotinho? É simplesmente espantoso... de tudo que poderia detê-lo... mas, por Deus, como foi que Harry sobreviveu?

– Só podemos imaginar – disse Dumbledore. – Talvez nunca cheguemos a saber.

A Profa. Minerva pegou um lenço de renda e secou com delicadeza os olhos por baixo das lentes dos óculos. Dumbledore deu uma grande fungada ao mesmo tempo que tirava o relógio de ouro do bolso e o examinava. Era um relógio muito estranho. Tinha doze ponteiros mas nenhum número; em vez deles, pequenos planetas giravam à volta. Mas devia fazer sentido para Dumbledore, porque ele o repôs no bolso e disse:

– Hagrid está atrasado. A propósito, foi ele que lhe disse que eu estaria aqui, suponho.

– Foi. E suponho que você não vá me dizer por que está aqui e não em outro lugar.

– Vim trazer Harry para o tio e a tia. Eles são a única família que lhe resta.
– Você não quer dizer, você não pode estar se referindo às pessoas que moram aqui?! – exclamou a Profa. Minerva, pulando de pé e apontando para o número quatro. – Dumbledore, você não pode. Estive observando a família o dia todo. Você não poderia encontrar duas pessoas menos parecidas conosco. E têm um filho, vi-o dando chutes na mãe até a rua, berrando porque queria balas. Harry Potter vir morar aqui!
– É o melhor lugar para ele – disse Dumbledore com firmeza. – Os tios poderão lhe explicar tudo quando ele for mais velho, escrevi-lhes uma carta.
– Uma carta? – repetiu a professora com a voz fraca, sentando-se novamente no muro. – Francamente, Dumbledore, você acha que pode explicar tudo isso em uma carta? Essas pessoas jamais vão entendê-lo! Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!
– Exatamente – disse Dumbledore, olhando muito sério por cima dos óculos de meia-lua. – Isto seria o bastante para virar a cabeça de qualquer menino. Famoso antes mesmo de saber andar e falar! Famoso por alguma coisa que ele nem vai se lembrar! Você não vê que ele estará muito melhor se crescer longe de tudo isso até que tenha capacidade de compreender?
A professora abriu a boca, mudou de ideia, engoliu em seco e então disse:
– É, é, você está certo, é claro. Mas como é que o garoto vai chegar aqui, Dumbledore? – Ela olhou para a capa dele de repente como se lhe ocorresse que talvez escondesse Harry ali.
– Hagrid vai trazê-lo.
– Você acha que é *sensato* confiar a Hagrid uma tarefa importante como esta?
– Eu confiaria a Hagrid minha vida – respondeu Dumbledore.
– Não estou dizendo que ele não tenha o coração no lugar – concedeu a professora de má vontade –, mas você não pode fingir que ele é cuidadoso. Que tem uma tendência a... que foi isso?
Um ronco discreto quebrara o silêncio da rua. Foi aumentando cada vez mais enquanto eles olhavam para cima e para baixo da rua à procura de um sinal de farol de carro; o ronco se transformou num trovão quando os dois olharam para o céu – e uma enorme motocicleta caiu do ar e parou na rua diante deles.
Se a motocicleta era enorme, não era nada comparada ao homem que a montava de lado. Ele era quase duas vezes mais alto do que um homem normal e pelo menos cinco vezes mais largo. Parecia simplesmente grande demais para existir e tão *selvagem* – emaranhados de barba e cabelos negros longos e grossos escondiam a maior parte do seu rosto, as mãos tinham o tamanho de uma lata de

lixo e os pés calçados com botas de couro pareciam filhotes de golfinhos. Em seus braços imensos e musculosos ele segurava um embrulho de cobertores.

– Hagrid! – exclamou Dumbledore, parecendo aliviado. – Finalmente. E onde foi que arranjou a moto?

– Pedi emprestada, Prof. Dumbledore – respondeu o gigante, desmontando cuidadosamente da moto ao falar. – O jovem Sirius me emprestou. Trouxe ele, professor.

– Não teve nenhum problema?

– Não, senhor. A casa ficou quase destruída, mas consegui tirá-lo inteiro antes que os trouxas invadissem o lugar. Ele dormiu quando estávamos sobrevoando Bristol.

Dumbledore e a Profa. Minerva curvaram-se para o embrulho de cobertores. Dentro, apenas visível, havia um menino, que dormia a sono solto. Sob uma mecha de cabelos muito negros caída sobre a testa eles viram um corte curioso, tinha a forma de um raio.

– Foi aí que...? – sussurrou a professora.

– Foi – confirmou Dumbledore. – Ficará com a cicatriz para sempre.

– Será que você não poderia dar um jeito, Dumbledore?

– Mesmo que pudesse, eu não o faria. As cicatrizes podem vir a ser úteis. Tenho uma acima do joelho esquerdo que é um mapa perfeito do metrô de Londres. Bem, me dê ele aqui, Hagrid, é melhor acabarmos logo com isso.

Dumbledore recebeu Harry nos braços e virou-se para a casa dos Dursley.

– Será que eu podia... podia me despedir dele, professor? – perguntou Hagrid.

Ele curvou a enorme cabeça descabelada para Harry e lhe deu o que deve ter sido um beijo muito áspero e peludo. Depois, sem aviso, Hagrid soltou um uivo como o de um cachorro ferido.

– Psiu! – sibilou a Profa. Minerva. – Você vai acordar os trouxas!

– Des-des-desculpe – soluçou Hagrid, puxando um enorme lenço sujo e escondendo a cara nele. – Mas nã-nã-não consigo suportar, Lílian e Tiago mortos, e o coitadinho do Harry ter de viver com os trouxas...

– É, é, é muito triste, mas controle-se, Hagrid, ou vão nos descobrir – sussurrou a professora, dando uma palmadinha desajeitada no braço de Hagrid enquanto Dumbledore saltava a mureta de pedra e se dirigia à porta da frente. Depositou Harry devagarinho no batente, tirou uma carta da capa, meteu-a entre os cobertores do menino e, em seguida, voltou para a companhia dos dois. Durante um minuto inteiro os três ficaram parados olhando para o embrulhinho; os ombros de Hagrid sacudiram, os olhos da Profa. Minerva piscaram loucamente e a luz cintilante que sempre brilhava nos olhos de Dumbledore parecia ter-se extinguido.

– Bem – disse Dumbledore finalmente –, acabou-se. Não temos mais nada a fazer aqui. Já podemos nos reunir aos outros para comemorar.

– É – disse Hagrid com a voz muito abafada. – Vou devolver a moto de Sirius. Boa-noite, Profa. Minerva, Professor Dumbledore...

Enxugando os olhos na manga da jaqueta, Hagrid montou na moto e acionou o motor com um pontapé; com um rugido ela levantou voo e desapareceu na noite.

– Nos veremos em breve, espero, Profa. Minerva – falou Dumbledore, com um aceno da cabeça. A Profa. Minerva assoou o nariz em resposta.

Dumbledore se virou e desceu a rua. Na esquina parou e puxou o “apagueiro”. Deu um clique e doze esferas de luz voltaram aos lampiões de modo que a rua dos Alfeneiros de repente iluminou-se com uma claridade laranja e ele divisou o gato listrado se esquivando pela outra ponta da rua. Mal dava para enxergar o embrulhinho de cobertores no batente do número quatro.

– Boa sorte, Harry – murmurou ele. Girou nos calcanhares e, com um movimento da capa, desapareceu.

Uma brisa arrepiou as cercas bem cuidadas da rua dos Alfeneiros, silenciosas e quietas sob o negror do céu, o último lugar do mundo em que alguém esperaria que acontecessem coisas espantosas. Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar. Sua mãozinha agarrou a carta ao lado, mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria acordar dentro de poucas horas com o grito da Sra. Dursley ao abrir a porta da frente para pôr as garrafas de leite do lado de fora, nem que passaria as próximas semanas levando cutucadas e beliscões do primo Duda... ele não podia saber que, neste mesmo instante, havia pessoas se reunindo em segredo em todo o país que erguiam os copos e diziam com vozes abafadas:

– A Harry Potter: o menino que sobreviveu!

— CAPÍTULO DOIS —

O vidro que sumiu

Quase dez anos haviam se passado desde o dia em que os Dursley acordaram e encontraram o sobrinho no batente da porta, mas a rua dos Alfeneiros não mudara praticamente nada. O sol nascia para os mesmos jardins cuidados e iluminava o número quatro de bronze à porta de entrada dos Dursley; e penetrava sorrateiro a sala de estar, que continuava quase igual ao que fora na noite em que o Sr. Dursley ouvira a funesta notícia sobre as corujas. Somente as fotografias sobre o console da lareira mostravam o tempo que já passara. Dez anos antes havia uma porção de fotografias de uma coisa que parecia uma grande bola de brincar na praia, usando diferentes chapéus coloridos – mas Duda Dursley não era mais bebê; e agora as fotografias mostravam um menino grande e louro na primeira bicicleta, no carrossel de uma feira, brincando com o computador do pai, recebendo um beijo e um abraço da mãe. A sala não continha nenhuma indicação de que havia outro menino na casa.

No entanto Harry Potter continuava lá, no momento adormecido, mas não por muito tempo. Sua tia Petúnia acordara e foi sua voz aguda que produziu o primeiro ruído do dia.

– Acorde! Levante-se! Agora!

Harry acordou assustado. A tia bateu à porta outra vez.

– Acorde! – gritou. Harry ouviu-a caminhar em direção à cozinha e em seguida uma frigideira bater no fogão. Virou-se de costas e tentou se lembrar do sonho em que estava. Era um sonho gostoso. Havia uma motocicleta. Tinha a estranha sensação que já vira esse sonho antes.

A tia voltara à porta.

– Você já se levantou? – perguntou.

– Quase – respondeu Harry.

– Bem, ande depressa, quero que você tome conta do bacon. E não se atreva a

deixá-lo queimar. Quero tudo perfeito no aniversário de Duda.

Harry gemeu.

– Que foi que você disse? – perguntou a tia com rispidez.

– Nada, nada...

O aniversário de Duda – como podia ter esquecido? Harry levantou-se devagar e começou a procurar as meias. Encontrou-as debaixo da cama e depois de retirar uma aranha de um pé, calçou-as. Harry estava acostumado com aranhas, porque o armário sob a escada vivia cheio delas e era ali que ele dormia.

Já vestido saiu para o corredor que levava à cozinha. A mesa quase desaparecera tantos eram os presentes de aniversário de Duda. Pelo que via, Duda ganhara o novo computador que queria, para não falar na segunda televisão e na bicicleta de corrida. Para o quê, exatamente, Duda queria uma bicicleta de corrida era um mistério para Harry, porque Duda era muito gordo e detestava fazer exercícios – a não ser, é claro, que envolvessem bater em alguém. O saco de pancadas preferido de Duda era Harry, mas nem sempre Duda conseguia pegá-lo. Harry não parecia, mas era muito rápido.

Talvez fosse porque vivia num armário escuro, mas Harry sempre fora pequeno e muito magro para a idade. Parecia ainda menor e mais magro do que realmente era porque só lhe davam para vestir as roupas velhas de Duda e Duda era quatro vezes maior do que ele. Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz. A única coisa que Harry gostava em sua aparência era uma cicatriz fininha na testa que tinha a forma de um raio. Existia desde que se entendia por gente e a primeira pergunta que se lembrava de ter feito à tia Petúnia era como a arranjara.

– No desastre de carro em que seus pais morreram – respondera ela. – E não faça perguntas.

Não faça perguntas – esta era a primeira regra para levar uma vida tranquila com os Dursley.

Tio Válter entrou na cozinha quando Harry estava virando o bacon.

– Penteie o cabelo! – mandou, à guisa de bom-dia.

Mais ou menos uma vez por semana, tio Válter espiava por cima do jornal e gritava que Harry precisava cortar os cabelos. Harry deve ter feito mais cortes que o resto dos meninos de sua classe somados, mas não fazia diferença, seus cabelos simplesmente cresciam daquele jeito – para todo lado.

Harry estava fritando os ovos na altura em que Duda chegou à cozinha com a mãe. Duda se parecia muito com o tio Válter. Tinha um rosto grande e rosado, pescoço curto, olhos azuis pequenos e aguados e cabelos louros muito espessos e

assentados na cabeça enorme e densa. Tia Petúnia dizia com frequência que Duda parecia um anjinho – Harry dizia com frequência que Duda parecia um porco de peruca.

Harry pôs os pratos de ovos com bacon na mesa, o que foi difícil porque não havia muito espaço. Entrementes, Duda contava os presentes. Ficou desapontado.

– Trinta e seis – disse, erguendo os olhos para o pai e a mãe. – Dois a menos do que no ano passado.

– Querido, você não contou o presente de tia Guida, está aqui debaixo deste grandão do papai e da mamãe, está vendo?

– Está bem, então são trinta e sete – respondeu Duda ficando vermelho. Harry, percebendo que Duda estava preparando um enorme acesso de raiva, começou a engolir seu bacon o mais depressa possível, caso o primo virasse a mesa.

Tia Petúnia obviamente também sentiu o perigo, porque na mesma hora disse:

– E vamos comprar mais *dois* presentes para você quando sairmos hoje. Que tal, fofinho? Mais *dois* presentes. Está bem assim?

Duda pensou um instante. Pareceu um esforço enorme. Finalmente respondeu hesitante:

– Então vou ficar com trinta... trinta...

– Trinta e nove, anjinho – disse tia Petúnia.

– Ah. – Duda largou-se na cadeira e agarrou o pacote mais próximo. – Então, está bem.

Tio Válter deu uma risadinha.

– O baixinho quer tudo a que tem direito, igualzinho ao pai. É isso aí, garoto! – E arrepiou os cabelos de Duda com os dedos.

Naquele instante o telefone tocou e tia Petúnia foi atendê-lo, enquanto Harry e tio Válter assistiam a Duda desembrulhar a bicicleta de corrida, a câmara de filmar, um aeromodelo com controle remoto, dezesseis jogos de computador e um gravador de vídeos. Estava rasgando a embalagem de um relógio de ouro quando tia Petúnia voltou do telefone parecendo ao mesmo tempo zangada e preocupada.

– Más notícias, Válter. A Sra. Figg fraturou a perna. Não pode ficar com ele. – E indicou Harry com a cabeça.

Duda boquiabriu-se de horror, mas o coração de Harry deu um salto. Todo ano, no aniversário de Duda, os pais dele o levavam para passar o dia com um amiguinho em parques de aventuras, lanchonetes ou no cinema. Todo ano deixavam Harry com a Sra. Figg, uma velha maluca que morava ali perto. Harry detestava o lugar. A casa inteira cheirava a repolho e a Sra. Figg lhe mostrava fotografias de todos os gatos que já tivera.

– E agora? – perguntou tia Petúnia, olhando furiosa para Harry como se ele tivesse planejado tudo. Harry sabia que devia sentir pena da Sra. Figg que quebrara a perna, mas não era fácil quando lembrava que ia passar um ano sem ter que olhar para o Tobias, o Néris, Seu Patinhas e o Pompom outra vez.

– Poderíamos ligar para a Guida – sugeriu tio Válter.

– Não diga bobagem, Válter, ela detesta o menino.

Com frequência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não estivesse presente – ou melhor, como se ele fosse alguma coisa muito desprezível que não conseguisse entendê-los, como uma lesma.

– E aquela sua amiga, como é mesmo o nome dela, Ivone?

– Está passando férias em Majorca – respondeu Petúnia, com rispidez.

– Vocês podiam me deixar aqui – arriscou Harry esperançoso (ele poderia assistir ao que quisesse na televisão para variar e, quem sabe, até dar uma voltinha no computador de Duda).

Tia Petúnia parecia que tinha engolido um limão.

– E quando voltarmos, encontrar a casa destruída? – rosnou.

– Não vou explodir a casa – prometeu Harry, mas os tios não estavam mais escutando.

– Talvez pudéssemos levá-lo ao zoológico – disse tia Petúnia lentamente – e deixá-lo no carro...

– O carro é novo. Não vou deixá-lo sentado no carro sozinho...

Duda começou a chorar alto. Na realidade não estava chorando, fazia anos que não chorava de verdade, mas sabia que se fizesse cara de choro e gritasse a mãe lhe daria o que quisesse.

– Dudinha, querido, não chore, mamãe não vai deixar ele estragar o seu dia! – exclamou, abraçando-o.

– Não... quero... que... ele... vá! – Duda berrou entre grandes soluços fingidos. – Ele sempre estraga tudo! – E lançou um riso maldoso por entre os braços da mãe.

Naquele instante a campainha tocou.

– Ah, meu Deus, são eles chegando! – disse tia Petúnia nervosa, e um minuto depois, o melhor amigo de Duda, Pedro Polkiss, entrou acompanhado da mãe. Pedro era um menino magricela, com cara de rato. Em geral era quem segurava para trás os braços dos garotos enquanto Duda batia neles. Na mesma hora Duda parou de fingir que estava chorando.

Meia hora depois, Harry, que não conseguia acreditar em sua sorte, estava sentado no banco traseiro do carro dos Dursley, com Pedro e Duda, a caminho do jardim zoológico, pela primeira vez na vida. O tio e a tia não tinham conseguido pensar no que fazer com ele, mas antes de saírem, tio Válter puxara

Harry para o lado.
– Estou-lhe avisando – disse, aproximando a cara grande e vermelha de Harry. – Estou-lhe avisando, moleque, a primeira gracinha que fizer, a primeira, vai ficar preso naquele armário até o Natal.
– Não vou fazer nada – disse Harry –, juro...
Mas tio Válter não acreditou nele. Ninguém nunca acreditava.
O problema era que sempre aconteciam coisas estranhas à volta de Harry e simplesmente não adiantava dizer aos Dursley que não era sua culpa.
Uma vez, tia Petúnia, cansada de ver Harry voltar do barbeiro como se não tivesse estado lá, apanhara uma tesoura de cozinha e cortara o cabelo dele tão curto que o deixara quase careca, exceto por uma franja, que ela deixou “para esconder aquela cicatriz horrorosa”. Duda morrera de rir de Harry, que passou a noite acordado imaginando o que seria a escola no dia seguinte, onde já riam dele por causa das roupas folgadas e dos óculos emendados com fita adesiva. Na manhã seguinte, porém, quando se levantou, os cabelos estavam exatamente como eram antes de tia Petúnia cortá-los. Tinham-no deixado preso uma semana no armário por causa disto, apesar de sua tentativa de explicar que não *saberia* explicar como é que os cabelos tinham crescido tão depressa.
Outra vez, tia Petúnia tentara obrigá-lo a vestir um macacão velho de Duda (marrom com pompons cor de laranja). Quanto mais tentava enfiá-lo pela cabeça dele, tanto menor o macacão ficava, até que finalmente parecia feito para um fantochinho de dedo, e com certeza não ia servir para Harry. Tia Petúnia concluiu que devia ter encolhido na lavagem e Harry, para seu grande alívio, não foi castigado.
Por outro lado, ele se metera numa grande encrenca quando o encontraram no telhado da cozinha da escola. A turma de Duda o estava perseguindo, como sempre, e tanto para surpresa de Harry quanto dos outros, ele apareceu sentado na chaminé. Os Dursley receberam uma carta muito zangada da diretora de Harry, contando que Harry andara escalando os prédios da escola. Mas só o que tentara fazer (conforme gritou para tio Válter através da porta trancada do armário) fora saltar para trás das grandes latas de lixo à porta da cozinha. Harry supunha que o vento devia tê-lo apanhado na hora em que saltou.
Mas hoje nada ia dar errado. Valia até a pena estar em companhia de Duda e Pedro para passar o dia em outro lugar que não fosse a escola, o armário, ou a sala com cheiro de repolho da Sra. Figg.
Enquanto dirigia, tio Válter se queixava à tia Petúnia. Ele gostava de se queixar de tudo: das pessoas no trabalho, de Harry, do conselho, de Harry, o banco e Harry eram seus dois assuntos preferidos. Esta manhã eram as motocicletas.

– ... roncando pelas ruas como loucos, os arruaceiros – disse, quando uma moto emparelhou com eles.

– Tive um sonho com uma motocicleta – falou Harry, lembrando-se de repente. – Ela voava.

Tio Válter quase bateu no carro da frente. Virou-se para trás e gritou com Harry, seu rosto parecendo uma beterraba gigante e bigoduda:

– MOTOCICLETAS NÃO VOAM!

Duda e Pedro deram risadinhas.

– Sei que não voam – respondeu Harry. – Foi só um sonho.

Mas desejou que não tivesse dito nada. Se havia uma coisa que os Dursley detestavam mais do que as suas perguntas, era quando falava de coisas que faziam o que não deviam, não interessava se era sonho ou desenho animado – pareciam pensar que ele poderia arranjar ideias perigosas.

Era um sábado muito ensolarado e o zoo estava cheio de famílias. Os Dursley compraram grandes sorvetes de chocolate para Duda e Pedro à entrada e, então, porque a mulher sorridente na carrocinha perguntara o que Harry ia querer antes que pudessem afastá-lo depressa dali, eles lhe compraram um picolé barato de limão. Não era ruim, Harry pensou, lambendo-o enquanto observavam um gorila que coçava a cabeça e se parecia demais com Duda, exceto pelos cabelos que não eram louros.

Harry passou a melhor manhã que já tivera em muito tempo. Cuidou de andar um pouco afastado dos Dursley de modo que Duda e Pedro, que ali pela hora do almoço estavam começando a se chatear com os bichos, não recaíssem no seu passatempo favorito de bater no primo. Almoçaram no restaurante do zoo e quando Duda teve um acesso de raiva porque seu sorvetão não era bastante grande, tio Válter comprou-lhe outro e deixou Harry terminar o primeiro.

Depois Harry achou que devia ter adivinhado que estava bom demais para durar muito tempo.

Terminado o almoço, foram visitar o alojamento dos répteis. Era fresco e escuro ali, com quadrados iluminados ao longo das paredes. Por trás dos vidros, rastejavam e deslizavam em pedaços de pau e em pedras todos os tipos de cobras e lagartos. Duda e Pedro queriam ver as enormes cobras venenosas e as grossas pitones que esmagavam um homem. Duda logo encontrou a maior cobra que havia. Poderia dar duas voltas no carro de tio Válter e amassá-lo até reduzi-lo ao tamanho de uma lata de lixo – mas naquela hora ela não estava disposta a fazer nada. Na realidade, estava dormindo a sono solto.

Duda parou, o nariz comprimido contra o vidro, observando as espirais marrons e reluzentes.

– Faz ela se mexer – choramingou para o pai. Tio Válter bateu no vidro, mas a

cobra não se mexeu.
– Faz outra vez – mandou Duda. Tio Válter bateu no vidro com os nós dos dedos, mas a cobra continuou dormindo.
– Que chato – queixou-se Duda. E saiu arrastando os pés.
Harry veio se postar na frente do tanque e estudou a cobra com atenção. Não se admiraria se a própria cobra morresse de tédio – não tinha companhia a não ser aquela gente idiota que batucava no vidro, tentando incomodá-la o dia inteiro. Era pior do que ter um armário por quarto, onde a única visita era a tia Petúnia esmurrando a porta para acordá-lo, mas ao menos ele podia visitar o resto da casa.
A cobra inesperadamente abriu os olhos, que pareciam contas. Devagarinho, muito devagarinho, levantou a cabeça até seus olhos chegarem ao nível dos de Harry.
E piscou.
Harry arregalou os olhos. E olhou depressa a toda volta para ver se havia alguém olhando. Não havia. E retribuiu o olhar da cobra, piscando também.
A cobra acenou com a cabeça na direção de tio Válter e de Duda, depois levantou os olhos para o teto. Lançou um olhar a Harry que dizia com todas as letras:
– *Isso é o que me acontece o tempo todo.*
– Eu sei – murmurou Harry pelo vidro, embora não tivesse muita certeza se a cobra poderia ouvi-lo –, deve ser bem chato.
A cobra concordou com um aceno de cabeça enfático.
– Mas de onde é que você veio? – perguntou Harry.
A cobra apontou com o rabo uma placa próxima ao vidro. Harry espiou.
Boa Constrictor, Brasil.
– Era bom lá?
A jiboia apontou novamente a placa com o rabo e Harry leu: *Este espécime nasceu em cativeiro.*
– Ah, entendo, então você nunca esteve no Brasil?
A cobra sacudiu a cabeça, mas um grito ensurdecedor atrás de Harry fez os dois pularem:
– DUDA! SR. DURSLEY! VENHAM VER ESSA COBRA! VOCÊS NÃO VÃO *ACREDITAR* NO QUE ESTÁ FAZENDO!
Duda veio bamboleando até onde o amigo estava o mais depressa que pôde.
– Cai fora – falou dando um soco nas costelas de Harry. Apanhado de surpresa, Harry caiu com força no chão de concreto. O que se passou em seguida aconteceu tão depressa que ninguém viu como foi: num segundo, Pedro e Duda estavam encostados no vidro, no segundo seguinte, estavam saltando para trás

soltando uivos de terror.

Harry sentou-se e parou de respirar: o vidro da frente do tanque da jiboia tinha sumido. A grande cobra se desenrolou depressa e escorregou pelo chão – as pessoas no alojamento dos répteis gritaram e começaram a correr para as saídas.

Quando a cobra passou rápido por ele, Harry poderia jurar que uma voz baixa e sibilante tinha dito: “Brasil, aqui vou eu... Obrigada, amigo.”

O zelador do alojamento dos répteis ficou em estado de choque.

– Mas o vidro – ele não parava de repetir –, para onde foi o vidro?

O diretor do zoo em pessoa preparou uma xícara de chá forte para tia Petúnia enquanto se desculpava mil vezes. Pedro e Duda só conseguiam balbuciar. Pelo que Harry vira, a cobra não fizera nada a não ser fingir abocanhar os calcanhares deles quando passou, mas quando chegaram finalmente ao carro do tio Válter, Duda estava contando que a cobra quase lhe arrancara a perna a dentadas, enquanto Pedro jurava que a cobra tentara apertá-lo até matar. Mas o pior de tudo, pelo menos para Harry, foi Pedro ter se acalmado o suficiente para perguntar:

– Harry estava conversando com ela, não estava, Harry?

Tio Válter esperou até Pedro estar longe da casa para brigar com Harry. Estava tão zangado que mal podia falar. Conseguiu apenas dizer:

– Vá... armário... Harry... sem comida – antes de desmontar em uma cadeira e tia Petúnia ter que correr para lhe servir uma boa dose de conhaque.

Muito mais tarde, deitado no seu armário, Harry desejou ter um relógio. Não sabia que horas eram e não tinha certeza se os Dursley já estariam dormindo. Até que estivessem, ele não poderia se arriscar a ir escondido até a cozinha buscar alguma coisa para comer.

Vivia com os Dursley havia quase dez anos, dez infelizes anos, desde que se lembrava, desde que era bebê e seus pais tinham morrido naquele acidente de carro. Não conseguia se lembrar de ter estado no carro quando os pais morreram. Às vezes, quando forçava a memória durante longas horas em seu armário, lembrava-se de uma estranha visão: um lampejo ofuscante de luz verde e uma queimadura na testa. Isto, supunha ele, era o acidente embora não conseguisse lembrar de onde vinha toda aquela luz verde. Não conseguia lembrar nada dos pais. A tia e o tio nunca falavam neles e naturalmente tinham-no proibido de fazer perguntas. E não havia fotografias deles na casa.

Quando era mais novo, Harry sonhara muitas vezes com um parente desconhecido que vinha levá-lo embora, mas isto nunca acontecera; os Dursley eram sua única família. Ainda assim, ele achava (ou talvez fosse só uma esperança) que estranhos na rua o conheciam. E eram estranhos muito estranhos.

Um homenzinho de cartola roxa se curvara para ele uma vez quando estava fazendo compras com tia Petúnia e Duda. Depois de perguntar a Harry, furiosa, se ele conhecia o homem, tia Petúnia tinha empurrado os meninos depressa para fora da loja sem comprar nada. Uma velha amaluca da toda vestida de verde uma vez acenara alegremente para ele no ônibus. Um careca com um longo casaco púrpura chegara a apertar sua mão na rua um dia desses e em seguida se afastara sem dizer nada. A coisa mais estranha nessas pessoas era a maneira com que pareciam desaparecer no instante em que Harry tentava vê-los melhor.

Na escola Harry não tinha ninguém. Todos sabiam que a turma de Duda odiava aquele estranho Harry Potter com suas roupas velhas e folgadas e os óculos remendados, e ninguém gostava de contrariar a turma do Duda.

— CAPÍTULO TRÊS —

As cartas de ninguém

A fuga da jiboia brasileira rendeu a Harry o seu castigo mais longo. Na altura em que lhe permitiram sair do armário, as férias de verão já haviam começado e Duda já quebrara a nova filmadora, acidentara o aeromodelo e, na primeira vez que andara na bicicleta de corrida, derrubara a velha Sra. Figg quando ela atravessava a rua dos Alfeneiros de muletas.

Harry ficou contente que as aulas tivessem acabado, mas não conseguia escapar da turma de Duda, que visitava a casa todo dia. Pedro, Dênis, Malcolm e Górdon eram todos grandes e burros, mas como Duda era o maior e o mais burro do bando, era o líder. Os demais ficavam bastante felizes de participar do esporte favorito de Duda: perseguir Harry.

Por esta razão Harry passava a maior parte do tempo possível fora de casa, perambulando e pensando no fim das férias, no qual conseguia vislumbrar um raiozinho de esperança. Quando setembro chegasse ele iria para a escola secundária e, pela primeira vez na vida, não estaria em companhia de Duda. Duda tinha uma vaga na antiga escola de tio Válter, Smeltings. Pedro ia para lá também. Harry, por outro lado, ia para a escola secundária local. Duda achava muita graça nisso.

– Eles metem a cabeça dos garotos no vaso sanitário no primeiro dia de escola – contou ele a Harry –, quer ir lá em cima praticar?

– Não, obrigado – respondeu Harry. – O coitado do vaso nunca recebeu nada tão horrível quanto a sua cabeça, é capaz de passar mal. – E correu antes que Duda conseguisse entender o que dissera.

Certo dia de julho, tia Petúnia levou Duda a Londres para comprar o uniforme da Smeltings e deixou Harry com a Sra. Figg. A Sra. Figg não estava tão ruim quanto de costume. Afinal, fraturara a perna porque tropeçara em um dos gatos e não parecia gostar tanto deles quanto antes. Deixou Harry assistir à televisão e

lhe deu um pedaço de bolo de chocolate que pelo gosto parecia ter muitos anos.
Naquela noite, Duda desfilou para a família reunida na sala de estar vestindo o uniforme novo da Smeltings. Os alunos da Smeltings usavam casaca marrom-avermelhada, calções cor de laranja e chapéus de palha. Carregavam também bengalas nodosas, que usavam para bater uns nos outros quando os professores não estavam olhando. Isto era considerado um bom treinamento para o futuro.
Ao contemplar Duda nos calções laranja novos, tio Válter disse com a voz embargada que aquele era o momento de maior orgulho em sua vida. Tia Petúnia rompeu em lágrimas e disse que não podia acreditar que era o seu Dudinha, estava tão bonito e adulto. Harry não confiou no que poderia dizer. Achou que duas de suas costelas talvez já tivessem partido só com o esforço para não rir.
Havia um cheiro horrível na cozinha na manhã seguinte quando Harry entrou para o café da manhã. Parecia vir de uma grande tina de metal dentro da pia. Ele se aproximou para espiar. A tina aparentemente estava cheia de trapos sujos que boiavam em água cinzenta.
– O que é isso? – perguntou à tia Petúnia. Os lábios dela se contraíram como costumavam fazer quando ele se atrevia a fazer uma pergunta.
– O seu uniforme novo de escola – respondeu.
Harry espiou para dentro da tina outra vez.
– Ah – comentou –, eu não sabia que tinha que ser tão molhado.
– Não seja idiota – retorquiu tia Petúnia com rispidez. – Estou tingindo de cinzento umas roupas velhas de Duda para você. Vão ficar iguaizinhas às dos outros quando eu terminar.
Harry tinha sérias dúvidas, mas achou melhor não discutir. Sentou-se à mesa e tentou pensar na aparência que teria no primeiro dia de aula – como se estivesse usando retalhos de pele de elefante velho, provavelmente.
Duda e tio Válter entraram ambos com os narizes franzidos por causa do cheiro do novo uniforme de Harry. Tio Válter abriu o jornal como sempre fazia e Duda bateu na mesa com a bengala da Smeltings, que ele carregava para todo lado.
Ouviram o clique da portinhola para cartas e o som da correspondência caindo no capacho da porta.
– Apanhe o correio, Duda – disse tio Válter por trás do jornal.
– Mande o Harry apanhar.
– Apanhe o correio, Harry.
– Mande o Duda apanhar.
– Cutuque ele com a bengala da Smeltings, Duda.
Harry se esquivou da bengala da Smeltings e foi apanhar o correio. Havia três coisas no capacho: um postal da irmã do tio Válter, Guida, que estava passando

férias na ilha de Wight, um envelope pardo que parecia uma conta e – *uma carta para Harry.*

Harry apanhou-a e ficou olhando, o coração vibrando como um elástico gigante. Ninguém, jamais, em toda a sua vida, lhe escrevera. Quem escreveria? Ele não tinha amigos, nem outros parentes – não era sócio da biblioteca, de modo que jamais recebera sequer os bilhetes grosseiros pedindo a devolução de livros. Contudo, ali estava, uma carta, endereçada tão claramente que não podia haver engano.

Sr. H. Potter
O Armário sob a Escada
Rua dos Alfeneiros 4
Little Whinging
Surrey

O envelope era grosso e pesado, feito de pergaminho amarelado e endereçado com tinta verde-esmeralda. Não havia selo.

Quando virou o envelope, com a mão trêmula, Harry viu um lacre de cera púrpura com um brasão; um leão, uma águia, um texugo e uma cobra circulando uma grande letra "H".

– Anda depressa, moleque! – gritou tio Válter da cozinha. – Está fazendo o quê, procurando cartas-bombas? – E riu da própria piada.

Harry voltou à cozinha, ainda de olhos fixos na carta. Entregou a conta e o postal ao tio Válter, sentou-se e começou a abrir lentamente o envelope amarelo.

Tio Válter rasgou o envelope da conta, deu um bufo de desdém e virou o postal.

– Guida está doente – informou à tia Petúnia. – Comeu um marisco suspeito...

– Pai! – exclamou Duda de repente. – Pai, Harry recebeu uma carta!

Harry ia desdobrar a carta, escrita no mesmo pergaminho grosso que o envelope, quando tio Válter arrancou-a de sua mão.

– É *minha*! – disse Harry, tentando recuperá-la.

– Quem iria escrever para você? – zombou tio Válter, sacudindo a carta com uma das mãos para desdobrá-la e percorrendo-a com o olhar. Seu rosto passou de vermelho para verde mais rápido do que um sinal de tráfego. E não parou aí. Segundos depois ficou branco-acinzentado, cor de mingau de aveia velho.

– P-P-Petúnia! – ofegou.

Duda tentou agarrar a carta para lê-la, mas tio Válter segurou-a no alto fora do seu alcance. Tia Petúnia apanhou-a cheia de curiosidade e leu a primeira linha. Por um instante pareceu que ela talvez fosse desmaiar. Levou as duas mãos à

garganta e produziu um ruído de engasgo.
– Válter! Ah, meu Deus, Válter!
Eles se encararam, parecendo ter esquecido que Harry e Duda continuavam na cozinha. Duda não estava acostumado a ser desprezado. Deu uma bengalada forte na cabeça do pai.
– Quero ler esta carta – falou alto.
– Quero lê-la – disse Harry, furioso –, porque é *minha*.
– Saiam, os dois – ordenou com voz rouca tio Válter, enfiando a carta no envelope.
Harry não se mexeu.
– QUERO MINHA CARTA! – gritou.
– *Me* deixa ver! – exigiu Duda.
– FORA! – berrou tio Válter, e agarrando os dois, Harry e Duda, pelo cangote atirou-os no corredor e bateu a porta da cozinha. Harry e Duda na mesma hora tiveram uma briga furiosa, mas silenciosa, para saber quem ia escutar à fechadura; Duda ganhou, por isso Harry, os óculos pendurados em uma orelha, deitou-se de barriga no chão para escutar pela fresta entre a porta e o chão.
– Válter – disse tia Petúnia com voz trêmula –, olhe só o endereço. Como é que eles poderiam saber onde ele dorme? Você acha que estão vigiando a casa?
– Vigiando, espionando, talvez nos seguindo – murmurou tio Válter enlouquecido.
– Mas o que vamos fazer, Válter? Vamos responder à carta? Dizer a eles que não queremos...
Harry via os sapatos pretos lustrosos do tio Válter andando para cá e para lá na cozinha.
– Não – disse ele, decidido. – Não, vamos ignorá-la. Se não receberem uma resposta... É, é o melhor... não vamos fazer nada...
– Mas...
– Não vou ter um deles em casa, Petúnia! Nós não juramos quando o recebemos que íamos acabar com aquela bobagem perigosa?
Aquela noite, quando voltou do trabalho, tio Válter fez uma coisa que nunca fizera antes; visitou Harry no armário.
– Cadê minha carta? – perguntou Harry, no instante em que tio Válter se espremeu pela porta. – Quem me escreveu?
– Ninguém. Endereçaram a você por engano – disse tio Válter secamente. – Queimei a carta.
– *Não* foi um engano – retrucou Harry com raiva –, tinha o endereço do meu armário.
– CALADO! – gritou tio Válter e algumas aranhas caíram do teto. Ele inspirou

algumas vezes e então fez força para produzir um sorriso que pareceu bem penoso.

– Hum, sim, Harry, sobre este armário. Sua tia e eu estivemos pensando... você realmente está ficando grande demais para ele... achamos que seria bom se você se mudasse para o segundo quarto de Duda.

– Por quê? – perguntou Harry.

– Não faça perguntas – disse com rispidez o tio. – Leve essas coisas para cima agora.

A casa dos Dursley tinha quatro quartos: um para tio Válter e tia Petúnia, um para hóspedes (em geral a irmã de tio Válter, Guida), um onde Duda dormia e um onde Duda guardava todos os brinquedos e pertences que não cabiam no primeiro quarto. Harry precisou de apenas uma viagem para mudar tudo o que tinha do armário para o quarto no andar de cima. Sentou-se na cama e deu uma olhada à sua volta. Quase tudo ali estava quebrado. A filmadora com apenas um mês de uso estava jogada em cima de um pequeno tanque com que certa vez Duda atropelara o cachorro do vizinho; no canto estava o primeiro televisor de Duda, no qual ele enfiara o pé quando seu programa favorito fora cancelado; havia uma grande gaiola de pássaros, antigamente habitada por um papagaio que Duda trocara na escola por uma espingarda de ar de verdade, e que estava guardada numa prateleira com a ponta dobrada porque Duda se sentara em cima dela. Outras prateleiras estavam cheias de livros. Eram as únicas coisas no quarto que pareciam nunca ter sido tocadas.

Lá de baixo veio o barulho de Duda gritando com a mãe:

– Eu não *quero* ele lá... eu *preciso* daquele quarto... mande ele sair.

Harry suspirou e se esticou na cama. Ontem ele teria dado qualquer coisa para estar ali. Hoje, preferia estar no seu armário com aquela carta a ali em cima sem ela.

Na manhã seguinte, no café, todos estavam muito quietos. Duda estava em estado de choque. Berrara, batera no pai com a bengala, vomitara de propósito, dera pontapés na mãe e atirara sua tartaruga pelo teto da estufa de plantas e nem assim conseguira o quarto de volta. Harry pensava no dia anterior àquela hora, desejando com amargura que tivesse aberto a carta no hall. Tio Válter e tia Petúnia se entreolhavam, ameaçadores.

Quando o correio chegou, tio Válter, que parecia estar tentando ser agradável com Harry, fez Duda ir buscá-lo. Eles o ouviram bater nas coisas do corredor com a bengala da Smeltings. Então ele gritou:

– Chegou outra! Sr. H. Potter, O Menor Quarto da Casa, Rua dos Alfeneiros 4...

Com um grito sufocado tio Válter saltou da cadeira e saiu correndo pelo

corredor, Harry logo atrás dele. Tio Válter teve que lutar e derrubar Duda no chão para lhe tirar a carta, o que foi dificultado por Harry, que agarrara o pescoço do tio Válter por trás. Depois de um minuto confuso de luta, em que todos levaram várias bengaladas, tio Válter se endireitou, ofegante, com a carta de Harry apertada na mão.

– Vá para o seu armário, quero dizer, para o seu quarto – chiou para Harry. – Duda, saia, saia logo.

Harry deu voltas e mais voltas no novo quarto. Alguém sabia que ele se mudara do armário e parecia saber que ele não recebera a primeira carta. Isto significava com certeza que ia tentar outra vez? E desta vez ele tomaria providências para que desse certo. Tinha um plano.

O despertador consertado tocou às seis horas na manhã seguinte. Harry desligou-o depressa e se vestiu em silêncio. Não podia acordar os Dursley. Desceu as escadas sorrateiro sem acender nenhuma luz.

Ia esperar pelo carteiro na esquina da Alfeneiros e receber primeiro as cartas endereçadas ao número quatro. Seu coração batia com força quando atravessou sem ruído o corredor escuro até a porta de entrada.

– AAAAARRREE!

Harry deu um salto no ar – pisara em alguma coisa grande e mole no capacho – uma coisa *viva*!

As luzes se acenderam no primeiro andar e, para seu horror, Harry percebeu que a coisa grande e mole tinha a cara do tio. Tio Válter estava dormindo junto à porta de entrada em um saco de dormir para impedir que Harry fizesse exatamente o que estava tentando fazer. Gritou com Harry quase meia hora e depois lhe disse para ir preparar uma xícara de chá. Harry foi para a cozinha arrastando os pés, infeliz, e quando conseguiu voltar o correio tinha sido entregue, bem no colo de tio Válter. Harry viu três cartas endereçadas em tinta verde.

– Quero... – começou, mas tio Válter estava rasgando as cartas em pedacinhos bem diante dos seus olhos.

Tio Válter não foi trabalhar naquele dia. Ficou em casa e pregou a portinhola para cartas.

– Entende – explicou à tia Petúnia por entre os lábios cheios de pregos –, se eles não puderem *entregar* então terão de desistir.

– Não tenho muita certeza de que isto vai dar certo, Válter.

– Ah, a cabeça dessa gente funciona de maneira estranha, Petúnia, eles não são como você e eu – disse tio Válter tentando bater um prego com um pedaço de bolo de frutas que tia Petúnia acabara de lhe trazer.

Na sexta-feira chegaram nada menos de doze cartas para Harry. Como não passavam pela portinhola da correspondência tinham sido empurradas por baixo da porta, metidas pelos lados e algumas até forçadas pela janelinha do banheiro no térreo.

Tio Válter ficou em casa de novo. Depois de queimar todas as cartas, apanhou martelo e pregos e fechou com tábuas as frestas em volta das portas da frente e dos fundos, de modo que ninguém pudesse sair. Cantarolou "Pé ante pé no campo de tulipas" enquanto trabalhava, e se assustava com qualquer ruído.

No sábado as coisas começaram a fugir ao seu controle. Vinte e quatro cartas acabaram entrando em casa, enroladas e escondidas nas duas dúzias de ovos que o leiteiro, muito confuso, entregara à tia Petúnia pela janela da sala de estar. Enquanto tio Válter dava telefonemas furiosos para o correio e a leiteria tentando encontrar alguém a quem se queixar, tia Petúnia picava as cartas no processador de alimentos.

– Mas quem é que quer falar tanto assim com *você* ? – Duda perguntou espantado a Harry.

Na manhã do domingo, tio Válter sentou-se à mesa do café parecendo cansado e um tanto doente, mas feliz.

– Não tem correio aos domingos – lembrou a todos, contente, passando geleia nos jornais –, nada de cartas idiotas hoje...

Alguma coisa desceu chiando pela chaminé do fogão enquanto ele falava e bateu com força em sua nuca. No instante seguinte, trinta ou quarenta cartas saíram velozes da lareira como se fossem tiros. Os Dursley se abaixaram, mas Harry deu um salto no ar para apanhar uma...

– FORA! FORA!

Tio Válter agarrou Harry pela cintura e atirou-o no corredor. Depois que tia Petúnia e Duda tinham corrido para fora protegendo o rosto com os braços, tio Válter bateu a porta. Eles podiam ouvir as cartas disparando para dentro da cozinha, ricocheteando nas paredes e no chão.

– Já chega – disse tio Válter, tentando falar com calma, mas, ao mesmo tempo, arrancando tufos de pelos dos bigodes. – Quero vocês aqui de volta em cinco minutos prontos para sair. Vamos viajar. Ponham apenas algumas roupas nas malas. Não quero discussão!

Ele parecia tão perigoso com metade dos bigodes arrancados que ninguém se atreveu a discutir. Dez minutos depois eles tinham retirado as tábuas para passar nas portas e estavam no carro, correndo em direção à estrada. Duda fungava no banco traseiro; o pai tinha lhe dado um tapa na cabeça por atrasá-los tentando empacotar a televisão, o vídeo e o computador na mochila esportiva.

Eles viajaram no carro. E viajaram. Nem tia Petúnia se atrevia a perguntar aonde iam. De vez em quando tio Válter fazia uma curva fechada e seguia na direção oposta por algum tempo.

– Para despistá-los... despistá-los – resmungava sempre que fazia isso.

Não pararam para comer nem beber o dia inteiro. Quando a noite caiu Duda estava uivando. Nunca tivera um dia tão ruim na vida. Estava com fome, sentia falta dos cinco programas de televisão a que queria assistir e nunca levara tanto tempo sem explodir um alienígena no computador.

Tio Válter parou finalmente à porta de um hotel de aspecto sombrio na periferia de uma grande cidade. Duda e Harry dividiram um quarto com duas camas iguais e lençóis úmidos que cheiravam a mofo. Duda roncou, mas Harry ficou acordado, sentado no peitoril da janela, espiando as luzes dos carros que passavam enquanto pensava...

Comeram cereal velho e torradas com tomates enlatados frios no café da manhã do dia seguinte. Tinham acabado de comer quando a proprietária do hotel aproximou-se da mesa.

– Com licença, mas um dos senhores é o Sr. H. Potter? É que eu tenho umas cem dessas na recepção.

E ergueu uma carta para eles poderem ler o endereço em tinta verde:

Sr. H. Potter
Quarto 17
Railview Hotel
Cokeworth

Harry tentou pegar a carta, mas tio Válter afastou sua mão. A mulher ficou olhando.

– Eu recebo as cartas – disse tio Válter, levantando-se depressa e seguindo a mulher que se retirava do salão de refeições.

– Não seria melhor simplesmente irmos para casa, querido? – tia Petúnia sugeriu timidamente horas depois, mas tio Válter não parecia ouvi-la. Exatamente o que andava procurando ninguém sabia. Ele os levou até o meio de uma floresta, desceu do carro, espiou à volta, sacudiu a cabeça, tornou a embarcar no carro e partiram outra vez. A mesma coisa aconteceu no meio de um campo arado, no meio de uma ponte pênsil e no alto de um edifício garagem.

– Papai enlouqueceu, não foi? – Duda perguntou, cansado, à tia Petúnia no fim daquela tarde. Tio Válter estacionara no litoral, passara a chave no carro com todos dentro e desaparecera.

Começou a chover. Grandes gotas batiam no teto do carro. Duda choramingou.
– É segunda-feira – falou à mãe. – O Grande Humberto vai se apresentar hoje à noite. Quero estar em algum lugar que tenha *televisão.*
Segunda-feira. Isto lembrou a Harry uma coisa. Se *era* segunda-feira – e em geral podia-se confiar que Duda soubesse os dias da semana, por causa da televisão – então o dia seguinte, terça-feira, era o décimo primeiro aniversário de Harry. Naturalmente seus aniversários não eram lá muito divertidos – no ano anterior, os Dursley tinham-lhe dado um cabide e um par de meias velhas do tio Válter. Ainda assim, não se fazia onze anos todos os dias.
Tio Válter voltou sorrindo. Carregava um pacote comprido e fino e não respondeu à tia Petúnia quando ela perguntou o que comprara.
– Encontrei o lugar perfeito! – falou. – Vamos! Saiam todos!
Fazia muito frio do lado de fora do carro. Tio Válter apontou para o que parecia ser um grande rochedo no meio do mar. Encarrapitado no alto do rochedo havia o casebre mais miserável que se pode imaginar. Uma coisa era certa, ali não havia televisão.
– Estão anunciando uma tempestade para hoje! – disse tio Válter alegre, batendo palmas. – E este senhor teve a bondade de concordar em nos emprestar seu barco!
Um homem desdentado vinha descansadamente em direção a eles, e apontava com um sorriso muito maldoso para um barco a remos velho que subia e descia nas águas cinza-grafite lá embaixo.
– Já comprei algumas rações para nós – disse tio Válter –, portanto, todos a bordo!
Fazia muito frio no barco. Salpicos de água gelada do mar escorriam pelos pescoços deles e um vento cortante fustigava seus rostos. Depois do que pareceram horas eles chegaram ao rochedo, onde Tio Válter, escorregando, levou-os até a casa em ruínas.
O interior era horrível; cheirava a algas marinhas, o vento assobiava pelas frestas nas paredes de tábuas e a lareira estava úmida e vazia. Havia apenas dois quartos.
Afinal as rações de tio Válter eram uma embalagem de cereal para cada um e quatro bananas. Ele tentou acender a lareira, mas a embalagem de cereal apenas fumegou e carbonizou.
– Aquelas cartas viriam a calhar agora, hein? – disse ele, animado.
Estava de muito bom humor. Obviamente achava que ninguém teria chance de alcançá-lo ali, durante uma tempestade, para entregar cartas. Harry concordava intimamente, embora este pensamento não o animasse nem um pouco.

Quando a noite caiu, a tempestade prometida desabou ao redor deles. A espuma das altas ondas chapinhava nas paredes do casebre e um vento ameaçador sacudia as janelas imundas. Tia Petúnia encontrou uns cobertores mofados no segundo quarto e preparou uma cama para Duda no sofá comido pelas traças. Ela e tio Válter foram se deitar na cama cheia de calombos ao lado e deixaram Harry procurar a parte mais macia do soalho e se enrolar no cobertor mais rasgado e ralo.

A tempestade rugia cada vez com maior ferocidade à medida que a noite avançava. Harry não conseguia dormir. Tremia e revirava, tentando encontrar uma posição confortável, seu estômago roncando de fome. Os roncos de Duda eram abafados pela trovoada que começou por volta da meia-noite. O mostrador luminoso do relógio de Duda, que estava pendurado para fora do sofá em seu pulso gordo, informava a Harry que dentro de dez minutos ele completaria onze anos. Deitado, ele viu seu aniversário se aproximar, perguntando-se se os Dursley se lembrariam, perguntando-se onde estaria o remetente das cartas agora.

Faltavam cinco minutos. Harry ouviu alguma coisa estalar lá fora. Desejou que o teto não caísse, embora quem sabe conseguisse se esquentar se isto acontecesse. Quatro minutos. Talvez a casa na rua dos Alfeneiros estivesse tão abarrotada de cartas que quando voltassem ele pudesse surrupiar uma.

Três minutos. Seria o mar batendo tão forte na rocha? E (faltavam dois minutos) que barulho esquisito de trituração era aquele? Será que a rocha estava se desintegrando no mar?

Mais um minuto e ele completaria onze anos. Trinta segundos... vinte... dez – nove – talvez acordasse Duda, só para aborrecê-lo – três – dois – um...

BUM.

O casebre todo estremeceu e Harry sentou-se reto, arregalando os olhos para a porta. Havia alguém lá fora, que batia, querendo entrar.

— CAPÍTULO QUATRO —

O guardião das chaves

Bum. Bateram outra vez. Duda acordou assustado.

– Onde está o canhão? – perguntou abobado.

Ouviram alguma coisa cair atrás deles e tio Válter entrou derrapando pela sala. Trazia um rifle nas mãos – agora sabiam o que era aquele pacote fino e comprido que ele carregava.

– Quem está aí? – gritou. – Olha que estou armado!

Silêncio. E em seguida...

TRAM!

A porta levou uma pancada tão violenta que se soltou das dobradiças e, com um baque ensurdecedor, desabou no chão.

Um homem gigantesco estava parado ao portal. Tinha o rosto completamente oculto por uma juba muito peluda e uma barba selvagem e desgrenhada, mas dava para se ver seus olhos, luzindo como besouros negros debaixo de todo aquele cabelo.

O gigante espremeu-se para entrar no casebre, curvando-se de modo que a cabeça apenas roçou o teto. Abaixou-se, apanhou a porta e tornou a encaixá-la sem esforço no portal. O ruído da tempestade lá fora diminuiu um pouco. Ele se virou para encarar todos.

– Não poderia preparar uma xícara de chá para nós, poderia? Não foi uma viagem fácil...

E dirigiu-se ao sofá onde Duda estava paralisado de medo.

– Chegue para lá, gordão – disse o estranho.

Duda soltou um guincho e correu a se esconder atrás da mãe, que parara encolhida, aterrorizada, atrás de tio Válter.

– Ah, e aqui está o Harry! – disse o gigante.

Harry ergueu os olhos para a cara feroz e selvagem em sombras e viu que os

olhos de besouro se enrugavam em um sorriso.
– A última vez que o vi, você era um bebê – disse o gigante. – Você parece muito com o seu pai, mas tem os olhos da sua mãe.
Tio Válter fez um som estranho e rascante.
– Exijo que saia imediatamente! – disse. – O senhor invadiu minha casa!
– Ah, cala a boca, Dursley, seu cara de passa – disse o gigante; esticou o braço para trás do sofá e arrancou a arma das mãos de tio Válter, vergou-a no meio como se ela fosse de borracha e atirou-a a um canto da sala.
Tio Válter fez outro som esquisito, como um camundongo sendo pisado.
– Em todo caso, Harry – disse o gigante, dando as costas para os Dursley –, feliz aniversário para você. Tenho uma coisa para você aqui; talvez tenha sentado nela sem querer, mas o gosto continua bom.
De um bolso interno do casaco preto ele tirou uma caixa meio amassada. Harry abriu-a com os dedos trêmulos. Dentro havia um grande e pegajoso bolo de chocolate com a frase *Feliz Aniversário* escrita em glacê verde.
Harry olhou para o gigante. Quis dizer obrigado, mas as palavras se perderam a caminho da boca, e em lugar disso o que disse foi:
– Quem é você?
O gigante deu uma risada abafada.
– É verdade, não me apresentei. Rúbeo Hagrid, Guardião das Chaves e das Terras de Hogwarts.
Estendeu uma mão enorme e sacudiu o braço inteiro de Harry.
– E que tal o chá, hein? – perguntou esfregando as mãos. – Eu não diria não a uma pessoa mais forte, se é que você me entende.
Seus olhos bateram na lareira vazia em que ficara o pacote carbonizado de cereal e ele soltou uma risadinha desdenhosa. Curvou-se para a lareira; não viram o que ele estava fazendo, mas quando se afastou um segundo depois, havia dentro dela um clarão ribombante. O fogo estrondoso encheu todo o casebre úmido com sua luz tremeluzente e Harry sentiu o calor envolvê-lo como se tivesse mergulhado em um banho quente.
O gigante se recostou no sofá, que afundou um pouco sob o seu peso, e começou a tirar coisas de todo gênero dos bolsos do casaco: uma chaleira de cobre, uma embalagem amassada de salsichas, um espeto, um bule de chá, várias xícaras lascadas e uma garrafa de um líquido âmbar de que ele tomou um gole antes de começar a preparar o chá. Logo o casebre se encheu com o ruído e o cheiro de salsichas fritas. Ninguém disse nada enquanto o gigante trabalhava, mas assim que ele empurrou as primeiras salsichas gordas e suculentas, ligeiramente queimadas, do espeto, Duda se mexeu. Tio Válter disse com rispidez:

– Não toque em nada que ele lhe der, Duda.

O gigante deu uma risadinha ameaçadora.

– Esse pudim de banha do seu filho não precisa engordar mais, Dursley, não se preocupe.

E passou as salsichas para Harry, que estava tão faminto e nunca provara nada tão maravilhoso, mas ainda assim não conseguia tirar os olhos do gigante. Finalmente, como ninguém parecia disposto a explicar nada, ele disse:

– Me desculpe, mas continuo sem saber realmente quem você é.

O gigante tomou um grande gole de chá e limpou a boca com as costas da mão.

– Me chame de Rúbeo, é como todos me chamam. E como lhe disse, sou o guardião das chaves de Hogwarts, você sabe tudo sobre Hogwarts, é claro.

– Ah, não – disse Harry.

Hagrid pareceu chocado.

– Sinto muito – apressou-se Harry a dizer.

– Sente muito? – vociferou Hagrid, virando-se para encarar os Dursley, que tinham recuado para as sombras. – Eles é que deviam sentir muito! Eu sabia que você não estava recebendo as cartas, mas nunca pensei que nem ao menos sabia da existência de Hogwarts, para apelar! Você nunca se perguntou onde foi que seus pais aprenderam tudo?

– Tudo o quê? – perguntou Harry.

– TUDO O QUÊ? – berrou Hagrid. – Ora, espere aí um segundo!

Ele se levantara de um salto. Na raiva parecia encher o casebre todo. Os Dursley se encolhiam contra a parede.

– Vocês vão querer me dizer – rosnou para os Dursley – que este menino, este menino!, não sabe nada, de NADA?

Harry achou que a coisa estava indo longe demais. Afinal tinha frequentado a escola e suas notas não eram ruins.

– Eu sei *alguma* coisa – falou. – Sei, sabe, matemática e outras coisas.

Mas Hagrid dispensou-o com um abano de mão e disse:

– Do *nosso* mundo, quero dizer. *Seu* mundo. *Meu* mundo. *O mundo dos seus pais*.

– Que mundo?

Hagrid parecia prestes a explodir.

– DURSLEY! – urrou ele.

Tio Válter, que ficara muito pálido, murmurou alguma coisa ininteligível. Hagrid olhou alucinado para Harry.

– Mas você deve saber quem foram sua mãe e seu pai – disse. – Quero dizer, eles são *famosos*. Você é *famoso*.

– Quê? Meu pai e minha mãe eram famosos?
– Você não sabe... você não sabe... – Hagrid correu os dedos pelos cabelos, fixando em Harry um olhar perplexo.
“Você não sabe quem *é*?”, perguntou finalmente.
Tio Válter de repente encontrou a voz.
– Pare! – ordenou. – Pare agora mesmo! Eu o proíbo de contar qualquer coisa ao menino!
Um homem mais corajoso do que Válter Dursley teria se intimidado com o olhar furioso que Hagrid lhe deu; quando Hagrid falou, cada sílaba tremia de raiva.
– Você nunca contou? Nunca contou o que Dumbledore deixou escrito naquela carta para ele? Eu estava lá! Eu vi Dumbledore deixar a carta, Dursley! E você escondeu dele todos esses anos?
– Escondeu *o que* de mim? – perguntou Harry, ansioso.
– PARE! EU O PROÍBO! – gritou tio Válter em pânico.
Tia Petúnia deixou escapar um grito sufocado de horror.
– Ah, vão tomar banho, vocês dois – disse Hagrid. – Harry, você é um bruxo.
O casebre mergulhou em silêncio. Ouviam-se apenas o mar e o assobio do vento.
– Eu sou o *quê* ? – ofegou Harry
– Um bruxo, é claro – repetiu Hagrid, recostando-se no sofá, que gemeu e afundou ainda mais –, e um bruxo de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno treino. Com uma mãe e um pai como os seus, o que mais você poderia ser? E acho que já está na hora de ler a sua carta.
Harry estendeu a mão finalmente para receber o envelope meio amarelo, endereçado em tinta verde para Sr. H. Potter, O Soalho, Casebre-sobre-o-Rochedo, O Mar. Ele puxou a carta e leu:

ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS

Diretor: Alvo Dumbledore
(Ordem de Merlim, Primeira Classe, Grande Feiticeiro, Bruxo Chefe, Cacique Supremo, Confederação Internacional de Bruxos)

Prezado Sr. Potter,
Temos o prazer de informar que V. Sa. tem uma vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Estamos anexando uma lista dos livros e equipamentos necessários.
O ano letivo começa em 1º de setembro. Aguardamos sua coruja até 31 de

julho, no mais tardar.

Atenciosamente,

Minerva McGonagall
Diretora Substituta

As perguntas explodiam na cabeça de Harry como fogos de artifício, e ele não conseguia decidir o que perguntar primeiro. Passados alguns minutos, gaguejou:

– O que querem dizer com “estão aguardando a minha coruja”?

– Gárgulas galopantes! Isto me lembra uma coisa – disse Hagrid, batendo a mão na testa com força suficiente para derrubar um cavalo, e de outro bolso interno do casaco tirou uma coruja, uma coruja de verdade, viva, meio arrepiada, uma longa pena e um rolo de pergaminho. Com a língua entre os dentes, ele rabiscou um bilhete que Harry pôde ler de cabeça para baixo:

“Prezado Sr. Dumbledore,
Entreguei a carta a Harry. Vou levá-lo amanhã para comprar o material. O tempo está horrível. Espero que o senhor esteja bem.
Hagrid.”

Hagrid enrolou o pergaminho, entregou-o à coruja, que o prendeu no bico, depois ele foi até a porta e lançou a ave na tempestade. Quando voltou, sentou-se como se aquilo fosse tão normal quanto pegar o telefone.

Harry percebeu que sua boca se abrira e fechou-a rapidamente.

– Onde é que eu estava? – disse Hagrid, mas, naquele momento, tio Válter, ainda cor de cera, mas parecendo muito furioso, adiantou-se até a luz da lareira.

– Ele não vai – falou.

Hagrid resmungou.

– Eu gostaria de ver um grande trouxa como você impedi-lo – respondeu.

– Um o quê? – perguntou Harry, interessado.

– Um trouxa – disse Hagrid –, é como chamamos gente que não é mágica como nós. E você teve o azar de ser criado na família dos maiores trouxas que já vi na vida.

– Juramos quando o aceitamos que poríamos um fim nessa bobagem – disse tio Válter –, juramos que erradicaríamos isso nele. Bruxo, francamente!

– Você *sabia*? – perguntou Harry. – Você *sabia* que sou um... bruxo?

– Sabia! – guinchou tia Petúnia de repente. – *Sabia!* Claro que sabíamos! Como poderia não ser, a maldita da minha irmã sendo o que era? Ah, ela recebeu

uma carta igual a essa e desapareceu, foi para aquela... aquela *escola*... e voltava para casa nas férias com os bolsos cheios de ovas de sapo, transformando xícaras em ratos. Eu era a única que a via como ela era... um aborto da natureza! Mas para minha mãe e meu pai, ah não, era Lílian isso e Lílian aquilo, tinham orgulho de ter uma bruxa na família!

Ela parou para suspirar profundamente e aí continuou seu discurso. Parecia que estava querendo dizer aquilo havia anos.

– Então ela conheceu Potter na escola e eles saíram de casa, casaram e tiveram você, e é claro que eu sabia que você ia ser igual, esquisito, *anormal*, e então ela vai e me faz o favor de se explodir e nos deixar entalados com você!

Harry ficara muito branco. Assim que encontrou a voz, disse:

– Se explodir? Você me disse que eles morreram num acidente de carro!

– ACIDENTE DE CARRO! – rugiu Hagrid, erguendo-se com tanta raiva que os Dursley voltaram correndo para o canto da sala. – Como é que um acidente de carro poderia matar Lílian e Tiago Potter? Isto é um absurdo! Um escândalo! E Harry Potter não conhecer a própria história, quando qualquer garoto no nosso mundo conhece o nome dele!

– Mas por quê? O que aconteceu? – perguntou Harry, ansioso.

A raiva desapareceu do rosto de Hagrid. Ele pareceu repentinamente aflito.

– Eu nunca esperei isso – disse numa voz contida e preocupada. – Eu não fazia ideia do quanto você desconhecia, quando Dumbledore me disse que eu poderia ter problemas para encontrá-lo. Ah, Harry, não sei se sou a pessoa certa para lhe contar, mas alguém tem de contar, você não pode viajar para Hogwarts sem saber.

Ele lançou um olhar feio aos Dursley.

– Bom, é melhor você saber o que eu puder lhe contar, mas não posso lhe contar tudo, é um grande mistério, algumas partes...

Ele se sentou, fitou o fogo durante alguns segundos e então falou:

– Começa, eu acho, com... com uma pessoa chamada, mas é incrível você não saber o nome dele, todo o mundo no nosso mundo sabe...

– Quem?

– Bom... não gosto de dizer o nome dele se puder evitar. Ninguém gosta.

– Por que não?

– Gárgulas vorazes, Harry, as pessoas ainda estão apavoradas. Droga, como é difícil. Olha, havia um bruxo que virou... mau. Tão mau quanto alguém pode virar. Pior. Pior do que o pior. O nome dele era...

Hagrid engoliu em seco, mas não conseguiu dizer nada.

– E se você escrevesse? – sugeriu Harry.

– Não, não sei soletrar o nome dele. Está bem, *Voldemort*. – Hagrid

estremeceu. – Não me faça repetir. Em todo o caso, esse... esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar seguidores. E conseguiu, alguns por medo, outros porque queriam ter um pouco do poder dele, sim, porque ele estava ficando poderoso. Dias funestos, Harry, ninguém sabia em quem confiar, ninguém se atrevia a ficar amigo de bruxas ou bruxos desconhecidos... Coisas horríveis aconteciam. Ele estava tomando o poder. É claro que algumas pessoas se opuseram a ele, e ele as matou. Terrível. Um dos únicos lugares seguros que restaram foi Hogwarts. Acho que Dumbledore era o único de quem Você-Sabe-Quem tinha medo. Não ousou se apoderar da escola, não no começo, pelo menos.

"Ora, sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que eu já conheci. Primeiros alunos em Hogwarts no seu tempo! Suponho que o mistério era por que Você-Sabe-Quem nunca tentou convencer os dois a se aliar a ele antes... provavelmente sabia que eram muito chegados a Dumbledore para querer alguma coisa com o lado das Trevas.

"Talvez ele achasse que podia convencê-los... talvez quisesse tirar os dois do caminho. Só o que sabemos é que ele apareceu na vila em que vocês estavam morando, num dia das bruxas, faz dez anos. Na época você só tinha um ano. Ele foi à sua casa e... e..."

Hagrid puxou depressa um lenço muito sujo e manchado e assoou o nariz, fazendo o barulho de uma buzina de nevoeiro.

– Desculpe – disse. – Mas é muito triste, conheci sua mãe e seu pai e não podia existir gente melhor, em todo o caso...

"Você-Sabe-Quem matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você. Queria fazer o serviço completo, acho, ou então tinha começado a gostar de matar. Mas não conseguiu. Você nunca se perguntou como arranjou essa marca na testa? Isso não foi um corte normal. Isso é o que se ganha quando um feitiço poderoso e maligno atinge a gente; destruiu os seus pais e até a sua casa, mas não fez efeito em você, e é por isso que você é famoso, Harry. Ninguém nunca sobrevivia depois que ele decidia matá-lo, ninguém a não ser você, e ele já havia matado alguns dos melhores bruxos da época, os McKinnon, os Bone, os Prewett, e você era apenas um bebê, e sobreviveu."

Algo muito doloroso passou pela cabeça de Harry. Quando a história de Hagrid ia terminando, ele viu de novo um lampejo ofuscante de luz verde, com mais clareza do que se lembrava antes – e se lembrou de mais uma coisa, pela primeira vez na vida – uma risada alta, fria e cruel.

Hagrid o observava com tristeza.

– Eu mesmo o retirei da casa destruída, por ordem de Dumbledore. Trouxe você para essa gente...

– Um monte de baboseiras antigas – disse tio Válter.

Harry se assustou, quase esquecera que os Dursley estavam ali. Tio Válter, sem dúvida, tinha recuperado a coragem. Olhava ameaçador para Hagrid e tinha os punhos fechados.

– Agora, ouça aqui, moleque – vociferou –, aceito que você seja meio estranho, provavelmente nada que uma boa surra não pudesse ter curado, e quanto aos seus pais, bem, eles eram excêntricos, não há como negar, e o mundo está melhor sem eles, receberam o que mereciam por se meter com essa gente dada a bruxarias, foi o que previ, sempre soube que iam acabar mal.

Mas naquele instante, Hagrid ergueu-se de um salto do sofá e puxou um guarda-chuva cor-de-rosa e arrebentado de dentro do casaco. Apontou-o como uma espada para tio Válter, e disse:

– Estou lhe avisando, Dursley, estou lhe avisando, nem mais uma palavra...

Ameaçado de ser furado pela ponta de um guarda-chuva por um gigante barbudo, a coragem de tio Válter fraquejou outra vez; ele se achatou contra a parede e ficou em silêncio.

– Assim está melhor – disse Hagrid, arquejando e tornando a se sentar no sofá, que desta vez afundou de vez até o chão.

Harry, nesse meio tempo, continuava a ter perguntas a fazer, centenas delas.

– Mas o que aconteceu ao Vol... desculpe... quero dizer, Você-Sabe-Quem?

– Boa pergunta, Harry. Desapareceu. Sumiu. Na mesma noite em que tentou matar você. O que faz você ainda mais famoso. É o maior mistério, entende... ele estava ficando cada dia mais poderoso, por que foi embora?

"Tem quem diga que ele morreu. Besteira, na minha opinião. Não sei se ainda tinha humanidade suficiente para morrer. Tem quem diga que ainda está lá fora esperando, ou coisa parecida, mas não acredito. Gente que estava do lado dele voltou para o nosso. Uns pareciam que estavam saindo de uma espécie de transe. Acho que não teriam feito isso se ele fosse voltar.

"A maioria de nós acha que ele ainda anda por aí, mas perdeu os poderes. Está fraco demais para continuar. Porque alguma coisa em você acabou com ele, Harry. Aconteceu alguma coisa, naquela noite, com que ele não estava contando, *eu* não sei o que foi, ninguém sabe, mas alguma coisa em você o aleijou, para valer."

Hagrid fitou Harry com calor e respeito iluminando seus olhos, mas Harry, em vez de se sentir contente e orgulhoso, teve a certeza de que tinha havido um terrível engano. Bruxo? Ele? Como era possível? Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Válter; se era realmente um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentaram prendê-lo no armário? Se uma vez derrotara o maior feiticeiro do mundo, como é

que Duda sempre pudera chutá-lo para cá e para lá como se fosse uma bola de futebol?

– Rúbeo – disse calmo –, acho que você deve ter cometido um engano. Acho que não posso ser um bruxo.

Para sua surpresa, Hagrid deu uma risadinha abafada.

– Não é bruxo, hein? Nunca fez nada acontecer quando estava apavorado ou zangado?

Harry olhou para o fogo. Pensando bem... cada coisa estranha que deixara os seus tios furiosos tinha acontecido quando ele, Harry, estava perturbado ou com raiva... perseguido pela turma de Duda, pusera-se de repente fora do seu alcance... receoso de ir para a escola com aquele corte ridículo, conseguira fazer os cabelos crescerem de novo... e da última vez que Duda batera nele, não fora à forra sem perceber que estava fazendo isto? Não mandara uma cobra atacá-lo?

Harry olhou para Hagrid, sorrindo, e viu que ele ria abertamente para ele.

– Viu? – disse Hagrid. – Harry Potter não é bruxo? Espere, você vai ser famoso em Hogwarts.

Mas tio Válter não ia ceder sem brigar.

– Eu já não disse que ele não vai? – sibilou. – Ele vai para a escola secundária local e vai me agradecer por isso. Li aquelas cartas e dizem que ele precisa de um monte de lixo... livros de feitiços, varinhas mágicas e...

– Se ele quiser ir, um trouxão como você não vai poder impedir – resmungou Hagrid, raivoso. – Impedir o filho de Lílian e Tiago Potter de ir para Hogwarts! Você enlouqueceu. Ele está inscrito desde que nasceu. Vai frequentar a melhor escola de bruxos e bruxedos do mundo. Sete anos lá e ele nem vai se reconhecer. Vai estudar com garotos iguais a ele, para variar, e vai estudar com o maior mestre que Hogwarts já teve, Alvo Dumbled...

– NÃO VOU PAGAR A NENHUM VELHO BIRUTA E PATETA PARA ENSINÁ-LO A FAZER MÁGICAS! – gritou tio Válter.

Mas ele finalmente fora longe demais. Hagrid agarrou o guarda-chuva e girou-o por cima da cabeça.

– NUNCA – trovejou – INSULTE... ALVO... DUMBLEDORE... NA... MINHA FRENTE!

E girou o guarda-chuva no ar baixando-o até apontar para Duda – houve um lampejo de luz violeta, o estalo de uma bombinha, um grito agudo e, no segundo seguinte, Duda estava dançando no mesmo lugar com as mãos apertando a barriga banhuda, guinchando de dor. Quando Duda virou de costas, Harry viu um rabo de porco enroscado saindo de um buraco nas calças dele.

Tio Válter urrou. Puxando tia Petúnia e Duda para o quarto, lançou um último olhar aterrorizado a Hagrid e bateu a porta ao sair.

Hagrid olhou para o guarda-chuva e coçou a barba.

– Não devia ter perdido as estribeiras – disse arrependido –, mas em todo o caso saiu errado. Queria transformá-lo em porco, mas acho que ele já parecia tanto com um que não pude fazer muita coisa.

E olhou de esguelha para Harry, por baixo das sobrancelhas peludas.

– Fico agradecido se não contar isso para ninguém em Hogwarts – falou. – Não, hum, tenho permissão para fazer mágicas, rigorosamente falando. Permitiram que eu fizesse alguma coisa para seguir você e entregar as cartas e coisas assim, uma das razões por que eu queria tanto este trabalho.

– Por que você não pode fazer mágicas? – perguntou Harry.

– Ah, bom... eu estive em Hogwarts, mas... hum... fui expulso, para falar a verdade. No terceiro ano. Eles partiram a minha varinha ao meio e tudo o mais. Mas Dumbledore me deixou ficar como guarda-caça. Grande sujeito o Dumbledore.

– Por que você foi expulso?

– Já está ficando tarde e temos muito o que fazer amanhã – disse Hagrid em voz alta. – Temos que ir à cidade, comprar os seus livros e etcétera.

Ele tirou o grosso casaco preto e atirou-o a Harry.

– Pode ficar com ele. Não se assuste se ele se mexer um pouco, acho que ainda tenho uns ratos do campo em um dos bolsos.

— CAPÍTULO CINCO —

O Beco Diagonal

Harry acordou cedo na manhã seguinte. Embora soubesse que já era dia, continuou com os olhos bem fechados.

"Foi um sonho", disse a si mesmo com firmeza. "Sonhei que um gigante chamado Rúbeo Hagrid veio me dizer que eu ia para uma escola de magia. Quando abrir os olhos estarei em casa no meu armário."

De repente ouviu um ruído alto de batidas.

"É a tia Petúnia batendo na porta", pensou Harry, desanimando. Mas, ainda assim, não abriu os olhos. Tinha sido um sonho tão bom.

Bum. Bum. Bum.

– Está bem – resmungou Harry. – Já estou levantando.

Sentou-se e o pesado casaco de Hagrid escorregou de seu corpo. O casebre estava inundado de sol, a tempestade passara, o próprio Hagrid estava dormindo no sofá desmontado e havia uma coruja batendo com a garra na janela, trazendo um jornal no bico.

Harry ergueu-se de um pulo, sentia-se feliz como se houvesse um grande balão crescendo dentro dele. Foi direto à janela e abriu-a com um puxão. A coruja entrou voando e deixou cair o jornal em cima de Hagrid, que nem acordou. A coruja então voou pelo chão e começou a atacar o casaco do gigante Hagrid.

– Não faça isso.

Harry tentou espantar a coruja, mas ela o ameaçou com o bico e continuou a atacar ferozmente o casaco.

– Rúbeo! – chamou Harry em voz alta. – Tem uma coruja...

– Pague a ela – resmungou Hagrid dentro do sofá.

– Quê?

– Ela quer receber o pagamento pela entrega do jornal. Procure nos bolsos.

O casaco de Hagrid parecia ser feito *só* de bolsos – molhos de chaves, fichas de metal, rolinhos de barbante, balas de hortelã, saquinhos de chá... e, finalmente, Harry puxou um punhado de moedas estranhas.

– Dê a ela cinco nuques – disse Hagrid, sonolento.

– Nuques?

– As moedinhas de bronze.

Harry contou cinco moedinhas de bronze e a coruja esticou a perna para ele enfiar o dinheiro numa carteirinha de couro que trazia presa. Em seguida saiu voando pela janela aberta.

Hagrid bocejou alto, sentou-se, espreguiçou-se.

– É melhor nos despacharmos, Harry, temos muito o que fazer hoje, temos que ir a Londres comprar todo o seu material escolar.

Harry revirava as moedas mágicas para examiná-las. Acabara de pensar em uma coisa que o fez se sentir como se o balão da felicidade que havia dentro dele tivesse furado.

– Hum... Hagrid?

– Hum? – respondeu Rúbeo, calçando as enormes botas.

– Não tenho dinheiro nenhum, e você ouviu tio Válter à noite passada, ele não vai pagar para eu aprender magia.

– Não se preocupe com isso – disse Hagrid, coçando a cabeça enquanto se levantava. – Você acha que seus pais não lhe deixaram nada?

– Mas se a casa foi destruída...

– Eles não guardavam o ouro que tinham em casa, garoto! Não, nossa primeira parada vai ser em Gringotes. O banco dos bruxos. Coma uma salsicha, elas não são ruins frias, e eu não deixaria de comer uma fatia do seu bolo de aniversário.

– Bruxos têm *bancos*?

– Só este. Gringotes. É administrado por duendes.

Harry deixou cair o pedaço de salsicha que tinha na mão.

– *Duendes?*

– É, é por isso que só um louco tentaria roubar o banco, é o que lhe digo. Nunca se meta com duendes, Harry. Gringotes é o lugar mais seguro do mundo para qualquer coisa que você queira guardar bem, com exceção de Hogwarts, talvez. Aliás, preciso mesmo ir a Gringotes. Para Dumbledore. Negócios de Hogwarts. – Hagrid se endireitou, orgulhoso. – Ele sempre me manda tratar de assuntos que acha importantes. Buscar você, pegar coisas em Gringotes, sabe que pode confiar em mim, entende? Apanhou tudo? Vamos, então.

Harry seguiu Hagrid em direção ao rochedo. O céu estava bem claro agora e o mar cintilava ao sol. O barco que tio Válter alugara continuava lá, com muita

água no fundo depois da tempestade.

– Como foi que você chegou aqui? – perguntou Harry, procurando um segundo barco.

– Voando – respondeu Hagrid.

– *Voando?*

– É... mas vamos voltar nisso aí. Não tenho permissão de usar mágica depois de apanhar você.

Eles se acomodaram no barco, Harry ainda de olhos arregalados para Hagrid, tentando imaginá-lo voando.

– Mas parece um desperdício remar – disse Hagrid, lançando a Harry um dos seus olhares de esguelha. – Se eu quisesse... hum... apressar um pouco as coisas, você se importaria de não dizer nada em Hogwarts?

– Claro que não – falou Harry, ansioso para ver mais mágicas. Hagrid puxou outra vez o guarda-chuva cor-de-rosa, deu duas pancadinhas no lado do barco e eles dispararam em direção ao continente.

– Por que só um louco tentaria roubar Gringotes? – perguntou Harry.

– Feitiços... encantamentos – disse Hagrid desdobrando o seu jornal. – Dizem que há dragões guardando os cofres de segurança. E depois é preciso conhecer o caminho. Gringotes fica embaixo de Londres, centenas de quilômetros abaixo, entenda. Mais fundo que o metrô. Você morreria de fome tentando sair de lá, mesmo que conseguisse pôr as mãos em alguma coisa.

Harry ficou sentado pensando no que ouvira enquanto Hagrid lia o jornal, *O Profeta Diário*. Harry aprendera com o tio Válter que as pessoas gostavam de ser deixadas em paz quando faziam isso, mas era muito difícil, nunca tivera tantas perguntas para fazer na vida.

– O Ministério da Magia anda aprontando as trapalhadas de sempre – resmungou Hagrid, virando a página.

– Tem um ministro da Magia? – perguntou Harry antes que conseguisse se conter.

– Claro. Queriam nomear Dumbledore ministro, é claro, mas ele nunca ia largar Hogwarts, então o velho Cornélio Fudge ficou com o cargo. Trapalhão como ele só. Por isso ele bombardeia Dumbledore com corujas, toda manhã, pedindo conselhos.

– Mas o que é que o Ministério da Magia *faz*?

– Bom, a principal tarefa é esconder dos trouxas que ainda existem bruxas e bruxos andando pelo país.

– Por quê?

– *Por quê?* Ora, Harry, todo o mundo ia querer solucionar os problemas com mágicas. Não, é melhor que nos deixem em paz.

Nesse instante o barco bateu suavemente na parede do cais. Hagrid dobrou o jornal e eles subiram os degraus de pedra que levavam à rua.

As pessoas que passavam olhavam muito para Hagrid enquanto os dois atravessaram a cidadezinha até a estação. Harry não podia culpá-los. Não só Hagrid era duas vezes mais alto do que todo o mundo, como também não parava de apontar para coisas absolutamente comuns como parquímetros e comentar em voz alta:

– Está vendo isso, Harry? As coisas que esses trouxas inventam, hein?

– Rúbeo – disse Harry, meio ofegante de correr para acompanhar o passo dele. – Você disse que há *dragões* em Gringotes?

– Bem, é o que dizem – falou Hagrid. – Maneiro, eu gostaria de ter um dragão.

– Você *gostaria* de ter um?

– Sempre quis ter um desde pequeno, é aqui que vamos.

Tinham chegado à estação. Haveria um trem para Londres dali a cinco minutos. Hagrid, que não entendia o dinheiro dos trouxas, como o chamava, entregou as notas a Harry para comprar as passagens.

No trem as pessoas ficaram olhando ainda mais. Hagrid ocupou dois lugares e se pôs a tricotar uma coisa amarelo-canário que lembrava uma lona de circo.

– Você guardou sua carta, Harry? – perguntou enquanto contava as malhas do tricô.

Harry tirou o envelope de pergaminho do bolso.

– Ótimo. Aí tem uma lista de tudo que você vai precisar.

Harry desdobrou um segundo pedaço de papel em que não reparara na noite anterior e leu:

ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS

Uniforme

Os estudantes do primeiro ano precisam de:

1. Três conjuntos de vestes comuns de trabalho (pretas)
2. Um chapéu pontudo simples (preto) para uso diário
3. Um par de luvas protetoras (couro de dragão ou similar)
4. Uma capa de inverno (preta com fechos prateados)

As roupas do aluno devem ter etiquetas com seu nome.

Livros

Os alunos devem comprar um exemplar de cada um dos seguintes:

Livro padrão de feitiços (1ª série) *de Miranda Goshawk*

História da magia *de Batilda Bagshot*
Teoria da magia *de Adalberto Waffling*
Guia de transfiguração para iniciantes *de Emerico Switch*
Mil ervas e fungos mágicos *de Fílida Spore*
Bebidas e poções mágicas *de Arsênio Jigger*
Animais fantásticos & onde habitam *de Newton Scamander*
As forças das trevas: Um guia de autoproteção *de Quintino Trimble.*

Outros Equipamentos
1 varinha mágica
1 caldeirão (estanho, tamanho padrão 2)
1 conjunto de frascos
1 telescópio
1 balança de latão
Os alunos podem ainda trazer uma coruja OU um gato OU um sapo.

LEMBRAMOS AOS PAIS QUE OS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO NÃO PODEM USAR VASSOURAS PESSOAIS.

– Podemos comprar tudo isso em Londres? – perguntou-se Harry em voz alta.
– Se você souber aonde ir – respondeu Hagrid.

Harry nunca estivera em Londres antes. Hagrid, embora parecesse saber aonde ia, obviamente não estava acostumado a chegar lá pelos meios comuns. Ficou entalado na roleta do metrô e queixou-se em voz alta que os assentos eram demasiado pequenos e os trens demasiado lentos.

– Não sei como os trouxas conseguem se arranjar sem mágica – disse, quando subiam uma escada rolante gasta que levava a uma rua movimentada com lojas dos dois lados.

Hagrid era tão grande que abria caminho pela multidão sem esforço, Harry só precisava segui-lo de perto. Passaram por livrarias e lojas de música, lanchonetes e cinemas, mas nenhuma loja parecia vender varinhas mágicas. Aquela era apenas uma rua comum cheia de gente comum. Seria realmente possível que houvesse montes de ouro dos bruxos enterrados quilômetros abaixo dali? Haveria realmente lojas que vendessem livros de feitiços e vassouras? Não seria talvez uma grande peça que os Dursley tinham pregado? Se Harry não soubesse que os Dursley não tinham senso de humor, poderia ter tirado uma dessas conclusões; mas, por alguma razão, embora tudo que Hagrid tivesse dito até ali fosse inacreditável, Harry não podia deixar de confiar nele.

– É aqui – disse Hagrid parando. – O Caldeirão Furado. É um lugar famoso.
Era um barzinho sujo. Se Hagrid não o tivesse apontado, Harry nem teria reparado que existia. As pessoas que passavam apressadas nem olhavam para aquele lado. Os olhos delas corriam da grande livraria a um lado à loja de discos no outro como se nem conseguissem ver O Caldeirão Furado. Na verdade Harry teve a sensação muito estranha de que somente ele e Hagrid eram capazes de vê-lo. Antes que pudesse comentar isto, Hagrid o empurrou para dentro.
Para um lugar famoso, o Caldeirão era muito escuro e miserável. Havia umas velhas sentadas a um canto, bebendo pequenos cálices de xerez. Uma delas fumava um longo cachimbo. Um homenzinho de cartola conversava com o velho dono do bar, que era bem careca e parecia uma noz viscosa. O zum-zum das conversas parou quando eles entraram. Todos pareciam conhecer Hagrid; acenaram e sorriram para ele, Tom apanhou um copo, perguntando:
– O de sempre, Hagrid?
– Não posso, Tom, estou a serviço de Hogwarts – disse Hagrid, dando uma palmada com a manzorra no ombro de Harry, o que fez os joelhos do garoto dobrarem.
– Meu Deus! – exclamou Tom, fitando Harry. – É... será possível?
O Caldeirão Furado repentinamente parou e fez-se um silêncio total.
– Valha-me Deus – murmurou o velho Tom. – Harry Potter... que honra.
E saiu correndo de trás do balcão, precipitou-se para Harry e agarrou suas mãos, as lágrimas nos olhos.
– Seja bem-vindo, Sr. Potter, seja bem-vindo.
Harry não sabia o que dizer. Todos tinham os olhos nele. A velha com o cachimbo puxava o fumo sem se dar conta de que o cachimbo apagara. Hagrid sorria radiante.
Logo houve um grande arrastar de cadeiras e no momento seguinte Harry se viu apertando as mãos de todos n’O Caldeirão Furado.
– Dóris Crockford, Sr. Potter, não acredito que finalmente posso conhecê-lo.
– Estou tão orgulhosa, Sr. Potter, tão orgulhosa.
– Sempre quis apertar sua mão. Estou nas nuvens.
– Encantado, Sr. Potter, nem sei lhe dizer o quanto, Diggle é o meu nome, Dédalo Diggle.
– Já vi o senhor antes! – disse Harry, e a cartola de Diggle caiu de tanta excitação. – O senhor se curvou para mim uma vez numa loja.
– Ele se lembra! – exclamou Dédalo Diggle, olhando todos à volta. – Vocês ouviram isso? Ele se lembra de mim!
Harry apertou muitas mãos. Dóris Crockford não parava de voltar para um novo aperto.

Um rapaz pálido adiantou-se, muito nervoso. Um olho trêmulo.

– Prof. Quirrell! – disse Hagrid. – Harry, o Prof. Quirrell vai ser um dos seus professores em Hogwarts.

– P-P-Potter – gaguejou o Prof. Quirrell, apertando a mão de Harry –, n-n-em sei d-d-dizer que p-p-p-prazer enorme é c-c-conhecê-lo.

– Que tipo de mágica o senhor ensina, Prof. Quirrell?

– D-d-defesa C-c-ontra as Art-t-tes das T-t-trevas – murmurou o Prof. Quirrell, como se preferisse não pensar no assunto. – N-n-não que você p-p-precise, hein, Potter? – Ele riu nervoso. – V-v-você veio c-c-comprar o material, suponho? Tenho que c-c-comprar um livro n-n-novo sobre vampiros. – Parecia aterrorizado só de pensar.

Mas os outros não queriam deixar o Prof. Quirrell ficar com Harry só para ele. Levou bem uns dez minutos para o menino se livrar de todos. Finalmente, Hagrid conseguiu se fazer ouvir naquela balbúrdia.

– Precisamos nos apressar. Temos muitas compras a fazer. Vamos, Harry.

Dóris Crockford apertou a mão de Harry uma última vez e eles passaram pelo bar e saíram num pequeno pátio murado, onde não havia nada exceto uma lata de lixo e um pouco de mato.

Hagrid sorriu para Harry.

– Eu lhe falei, não foi? Falei que você era famoso. Até o professor Quirrell ficou tremendo de emoção de o conhecer, mas, em geral, ele está sempre tremendo.

– Ele é sempre tão nervoso?

– Ah, é. Coitado. Uma cabeça brilhante. Foi bem enquanto estudou em livros, mas quando tirou um ano para aprender na prática... Dizem que encontrou vampiros na Floresta Negra e teve um problema feio com uma feiticeira, nunca mais foi o mesmo. Tem pavor dos alunos, tem pavor da matéria que ensina, agora, cadê o meu guarda-chuva?

Vampiros? Feiticeiras? A cabeça de Harry estava girando. Entrementes, Hagrid contava tijolos na parede por cima da lata de lixo.

– Três para cima... dois para o lado... – murmurou. – Certo, chegue para trás, Harry.

Ele bateu na parede três vezes com a ponta do guarda-chuva. E o tijolo que tocou estremeceu, então torceu-se. No meio apareceu um buraquinho, que se foi alargando cada vez mais. Um segundo depois se viram diante de um arco bastante grande até para Hagrid, um arco que abria para uma rua de pedras irregulares, serpeava e desaparecia de vista.

– Bem-vindo – disse Hagrid – ao Beco Diagonal.

Ele riu do espanto de Harry. Atravessaram o arco. Harry deu uma espiada

rápida por cima do ombro e viu o arco encolher instantaneamente e virar uma parede sólida.

O sol refulgia numa pilha de caldeirões à porta da loja mais próxima. *Caldeirões – Todos os Tamanhos – Cobre, Latão, Estanho, Prata – Automexediço – Dobrável*, dizia um letreiro acima.

– É, você vai precisar de um – disse Hagrid –, mas temos de apanhar o seu dinheiro primeiro.

Harry desejou ter oito olhos. Virava a cabeça para todo o lado enquanto caminhavam pela rua, tentando ver tudo ao mesmo tempo: as lojas, as coisas às portas, as pessoas fazendo compras. Uma mulher gorducha do lado de fora de uma farmácia abanou a cabeça quando passaram por ela e disse:

– Fígado de dragão, dezessete sicles trinta gramas, eles endoidaram...

Um pio baixo e suave veio de uma loja escura com um letreiro onde se lia "Empório de Corujas – douradas, das-torres, do campo, marrons e brancas".

Vários garotos mais ou menos da idade de Harry espremiam os narizes contra a vitrine que tinha vassouras.

– Olhe – Harry ouviu um deles dizer –, a nova Nimbus 2000, mais veloz que nunca.

Havia lojas que vendiam vestes, lojas que vendiam telescópios e estranhos instrumentos de prata que Harry nunca vira antes, janelas com pilhas de barris contendo baços de morcegos e olhos de enguias, pilhas mal equilibradas de livros de feitiços, penas de aves para escrever e rolos de pergaminhos, vidros de poções, globos de...

– Gringotes – anunciou Hagrid.

Tinham chegado a um edifício muito branco que se erguia acima das lojinhas. Parado diante das portas de bronze polido, usando um uniforme vermelho e dourado, havia...

– É, é um duende – disse Hagrid baixinho, enquanto subiam os degraus de pedra branca até o duende. Ele era uma cabeça mais baixo do que Harry. Tinha uma cara escura e inteligente, uma barba em ponta e, Harry reparou, mãos e pés muito compridos. O duende os cumprimentou com uma reverência quando entraram. Em seguida depararam com um segundo par de portas, desta vez de prata, onde havia gravado o seguinte:

Entrem, estranhos, mas prestem atenção
Ao que espera o pecado da ambição,
Porque os que tiram o que não ganharam
Terão é que pagar muito caro,
Assim, se procuram sob o nosso chão

Um tesouro que nunca enterraram,
Ladrão, você foi avisado, cuidado,
pois vai encontrar mais do que procurou.

– Não te disse? Só um louco tentaria roubar o banco – lembrou Hagrid.
Dois duendes se curvaram quando eles passaram pelas portas de prata e desembocaram em um grande saguão de mármore. Havia mais de cem duendes sentados em banquinhos altos atrás de um longo balcão, escrevendo em grandes livros-caixas, pesando moedas em balanças de latão, examinando pedras preciosas com óculos de joalheiro. Havia ao redor do saguão portas demais para contar, e outros tantos duendes acompanhavam as pessoas que entravam e saíam por elas. Hagrid e Harry se dirigiram ao balcão.
– Bom-dia – disse Hagrid a um duende desocupado. – Viemos sacar algum dinheiro do cofre do Sr. Harry Potter.
– O senhor tem a chave?
– Tenho em algum lugar – disse Hagrid e começou a esvaziar os bolsos em cima do balcão, espalhando um punhado de biscoitos de cachorro mofados em cima do livro-caixa do duende. O duende franziu o nariz. Harry observou o duende do lado direito pesar um monte de rubis do tamanho de carvões em brasa.
“Achei!”, exclamou Hagrid finalmente, mostrando uma chavinha de ouro.
O duende examinou-a cuidadosamente.
– Parece estar em ordem.
– E tenho aqui também uma carta do professor Dumbledore – falou Hagrid com ar importante, tirando-a do bolso do casaco. – É sobre Você-Sabe-O-Quê que está no cofre setecentos e treze.
O duende leu a carta com atenção.
– Muito bem! – falou, devolvendo a carta a Hagrid. – Vou mandar alguém levá-lo aos dois cofres. Grampo!
Grampo era outro duende. Depois que Hagrid enfiou todos os biscoitos de cachorro de volta nos bolsos, ele e Harry acompanharam Grampo a uma das portas que havia no saguão.
– O que é o Você-Sabe-O-Quê no cofre setecentos e treze? – perguntou Harry.
– Não posso lhe contar – respondeu Hagrid, misterioso. – Muito secreto. Negócios de Hogwarts. Dumbledore me confiou. Meu emprego vale mais do que a vontade de lhe contar.
Grampo segurou a porta aberta para eles passarem. Harry, que esperara mais mármore, surpreendeu-se. Encontravam-se em uma passagem estreita de pedra, iluminada por archotes chamejantes. Era uma descida íngreme, em que havia

pequenos trilhos. Grampo assobiou e um vagonete disparou pelos trilhos em sua direção. Eles embarcaram – Hagrid com alguma dificuldade – e partiram.

A princípio eles apenas viajaram em alta velocidade por um labirinto de passagens cheias de curvas. Harry tentou memorizar, esquerda, direita, direita, esquerda, em frente no entroncamento, direita, esquerda, mas era impossível. O vagonete barulhento parecia conhecer o caminho, porque Grampo não o estava dirigindo.

Os olhos de Harry ardiam no ar frio que passava rápido por eles, mas mantinha-os bem abertos. Uma vez, ele pensou ter visto uma labareda no fim da passagem e se virou para conferir se era um dragão, mas foi tarde demais – eles mergulharam ainda mais fundo, passaram por um lago subterrâneo onde se acumulavam no teto e no chão enormes estalactites e estalagmites.

– Eu nunca sei – gritou Harry para Hagrid poder ouvi-lo – qual é a diferença entre uma estalagmite e uma estalactite.

– Estalagmite tem um “m” – disse Hagrid. – E não me faça perguntas agora, acho que vou enjoar.

Ele realmente estava muito verde e quando o vagonete afinal parou ao lado de uma portinhola na passagem, Hagrid saltou e precisou se apoiar na parede para os joelhos pararem de tremer.

Grampo destrancou a porta. Saiu uma grande nuvem de fumaça verde e enquanto ela se dissipava, Harry ficou sem respirar. Dentro havia montes de moedas de ouro. Colunas de prata. Pilhas de pequenos nuques de bronze.

– É tudo seu – sorriu Hagrid.

Tudo de Harry – era inacreditável. Os Dursley com certeza não sabiam da existência daquilo ou teriam tirado tudo mais rápido do que uma piscadela. Quantas vezes tinham se queixado do quanto lhes custava criar Harry? E durante todo aquele tempo havia uma pequena fortuna que lhe pertencia, enterrada no subsolo de Londres.

Hagrid ajudou Harry a guardar um pouco do dinheiro em uma saca.

– As moedas de ouro são galeões – explicou ele. – Dezessete sicles de prata fazem um galeão e vinte e nove nuques fazem um sicle, é bem simples. Certo, isto deverá ser suficiente para uns dois períodos letivos, guardaremos o resto bem guardado para você. – Hagrid virou-se para Grampo. – O cofre setecentos e treze agora, por favor, e será que podemos ir mais devagar?

– Só tem uma velocidade – falou Grampo.

Viajaram mais para o fundo agora e ganharam velocidade. O ar foi se tornando cada vez mais frio enquanto disparavam pelas curvas fechadas.

Sacolejavam por uma ravina subterrânea e Harry debruçou-se para um lado para tentar ver o que havia no fundo, mas Hagrid gemeu e o puxou para trás pelo

cangote.

O cofre setecentos e treze não tinha fechadura.

– Para trás – disse Grampo com ar de importância. Alisou a porta devagarinho com o seu dedo comprido e ela simplesmente se dissolveu.

– Se alguém que não fosse um duende de Gringotes tentasse fazer o mesmo, seria engolido pela porta e ficaria preso lá dentro – explicou Grampo.

– Com que frequência você vem ver se tem alguém lá dentro? – perguntou Harry.

– Uma vez a cada dez anos – disse Grampo, com um sorriso maldoso.

Devia haver alguma coisa realmente extraordinária nesse cofre de segurança máxima, Harry tinha certeza, e se curvou para a frente pressuroso, esperando ver no mínimo joias fabulosas – mas no primeiro momento achou que estava vazio. Depois notou um embrulhinho encardido no chão. Hagrid apanhou-o e o guardou muito bem no casaco. Harry tinha muita vontade de saber o que era, mas sentia que era melhor não perguntar.

– Vamos, vamos voltar para esse vagonete infernal, e não fale comigo no caminho de volta, é melhor eu ficar de boca fechada – recomendou Hagrid.

Depois de mais uma viagem no vagonete descontrolado, eles chegaram à claridade do sol do lado de fora de Gringotes. Harry não sabia aonde correr primeiro agora que tinha uma saca cheia de dinheiro. Não precisava saber quantos galeões perfaziam uma libra para saber que estava carregando mais dinheiro do que jamais tivera na vida inteira – mais dinheiro até do que Duda jamais tivera.

– Vamos comprar logo o seu uniforme – falou Hagrid, indicando com a cabeça a loja *Madame Malkin – Roupas para Todas as Ocasiões*. – Escute aqui, Harry, você se importa se eu der uma corrida n’O Caldeirão Furado para tomar um tônico? Detesto esses vagonetes de Gringotes. – Ele realmente parecia meio enjoado, por isso Harry entrou na loja Madame Malkin sozinho, um pouco nervoso.

Madame Malkin era uma bruxa baixa, gorda e sorridente, toda vestida de lilás.

– Hogwarts, querido? – perguntou quando Harry começou a falar. – Tenho tudo aqui. Para falar a verdade, tem outro rapazinho agora ajustando uma roupa.

Nos fundos da loja, um garoto de rosto pálido e pontudo estava em pé em cima de um banquinho enquanto uma segunda bruxa encurtava suas compridas vestes pretas. Madame Malkin colocou Harry num banquinho ao lado do outro, enfiou-lhe uma veste comprida pela cabeça e começou a marcar a bainha na altura certa.

– Alô – cumprimentou o garoto. – Hogwarts também?

– É – confirmou Harry.

– Meu pai está na loja ao lado comprando meus livros e minha mãe está mais adiante procurando varinhas – disse o garoto. Tinha uma voz de tédio, arrastada. – Depois vou levar os dois para dar uma olhada nas vassouras de corridas. Não vejo por que os alunos de primeira série não podem ter vassouras individuais. Acho que vou obrigar papai a me comprar uma e vou contrabandeá-la para a escola às escondidas.

O garoto lhe lembrou muito o Duda.

– *Você* tem vassoura? – perguntou o garoto.

– Não.

– Sabe jogar quadribol?

– Não – respondeu novamente Harry, perguntando-se que diabo seria esse tal de quadribol.

– *Eu* sei, meu pai falou que vai ser um crime se não me escolherem para jogar pela minha casa, e sou obrigado a dizer que concordo. Já sabe em que casa você vai ficar?

– Não – respondeu Harry, sentindo-se a cada minuto mais idiota.

– Bom, ninguém sabe mesmo até chegar lá, não é, mas sei que vou ficar na Sonserina, toda a nossa família ficou lá, imagine ficar na Lufa-Lufa, acho que eu saía da escola, você não?

– Hum-hum – concordou Harry, desejando que pudesse responder algo um pouquinho mais interessante.

– Caramba, olha aquele homem! – falou o garoto de repente, indicando com a cabeça a vitrine. Rúbeo estava parado diante dela, rindo para Harry e apontando para dois grandes sorvetes para explicar que não podia entrar.

– É o Rúbeo – disse Harry, contente por saber alguma coisa que o garoto não sabia. – Ele trabalha em Hogwarts.

– Ah, ouvi falar dele. É uma espécie de empregado, não é?

– É o guarda-caça – explicou Harry. A cada segundo gostava menos do garoto.

– É, isso mesmo. Ouvi falar que é uma espécie de *selvagem*. Mora num barraco no terreno da escola e de vez em quando toma um pileque, tenta fazer mágicas e acaba tocando fogo na cama.

– Acho que ele é brilhante – retorquiu Harry com frieza.

– *Acha*, é? – disse o garoto com um leve desdém. – Por que é que ele está acompanhando você? Onde estão os seus pais?

– Estão mortos – respondeu Harry secamente. Não tinha muita vontade de alongar o assunto com esse garoto.

– Ah, lamento – disse o outro, sem parecer lamentar nada. – Mas eram do nosso povo, não eram?

– Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.
– Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos. Por falar nisso, como é o seu sobrenome?
Mas antes que Harry pudesse responder, Madame Malkin anunciou:
– Terminei com você, querido. – E Harry, nada frustrado com a desculpa para interromper a conversa com o garoto, pulou do banquinho para o chão.
– Bom, vejo você em Hogwarts, suponho – disse o garoto de voz arrastada.
Harry ficou muito quieto enquanto comia o sorvete que Hagrid trouxera (chocolate e amora com nozes picadas).
– Que foi? – perguntou Hagrid.
– Nada – mentiu Harry.
Eles pararam para comprar pergaminho e penas. Harry se animou um pouco quando descobriu um vidro de tinta que mudava de cor enquanto a pessoa escrevia. Quando saíram da loja, perguntou:
– Rúbeo, o que é quadribol?
– Caramba, Harry, vivo me esquecendo que você não sabe quase nada... raios, não saber o que é quadribol!
– Não faça eu me sentir pior. – E contou a Hagrid sobre o garoto pálido na loja de Madame Malkin.
“... e ele disse que nem deviam permitir a gente que pertence à família de trouxas...”
– Você não pertence a uma família de trouxas. Se ele soubesse quem você *é*... ele cresceu sabendo o seu nome se os pais dele forem bruxos. Você viu o pessoal n’O Caldeirão Furado. Em todo o caso, o que é que ele sabe das coisas, alguns dos melhores bruxos que já conheci vinham de uma longa linhagem de trouxas. Veja a sua mãe! Veja só quem é irmã dela!
– Então, o que é quadribol?
– É o nosso esporte. Esporte de bruxos. É como o futebol no mundo dos trouxas. Todos praticam quadribol. A gente joga no ar montado em vassouras com quatro bolas. É meio difícil explicar as regras.
– E o que são Sonserina e Lufa-Lufa?
– Casas na escola. São quatro. Todo mundo diz que Lufa-Lufa só tem panacas, mas...
– Aposto que estou na Lufa-Lufa – disse Harry deprimido.
– É melhor a Lufa-Lufa do que a Sonserina – sentenciou Hagrid, misterioso. – Não tem um único bruxo nem uma única bruxa desencaminhados que não

tenham passado por Sonserina. Você-Sabe-Quem foi um deles.

– Vol... desculpe... Você-Sabe-Quem esteve em Hogwarts?

– Há muitos e muitos anos.

Eles compraram os livros escolares de Harry em uma loja chamada Floreios e Borrões, onde as prateleiras estavam abarrotadas até o teto com livros do tamanho de paralelepípedos encadernados em couro, livros do tamanho de selos postais com capas de seda; livros cobertos de símbolos curiosos e alguns livros sem nada. Até Duda, que nunca lia nada, teria ficado doido para pôr as mãos em alguns desses livros. Hagrid quase teve de arrastar Harry para longe do *Pragas e Contrapragas* (Encante os seus amigos e confunda os seus inimigos com as últimas vinganças: perda de cabelos, pernas bambas, língua presa e muitas, muitas mais) do Prof. Vindicto Viridiano.

– Eu estava tentando descobrir como rogar uma praga para o Duda.

– Não vou dizer que não é uma boa ideia, mas você não pode usar mágica no mundo dos trouxas a não ser em situações muito especiais – disse Hagrid. – De qualquer modo, você ainda não poderia lançar nenhuma dessas pragas, vai precisar de muito estudo antes de chegar a esse nível.

Hagrid não deixou Harry comprar um caldeirão de ouro maciço, tampouco (“Diz estanho na sua lista”), mas compraram uma balança bonita para pesar os ingredientes das poções e um telescópio desmontável de latão. Visitaram a farmácia, que era bem fascinante para compensar seu cheiro horrível, uma mistura de ovo estragado e repolho podre. Havia no chão barricas de coisas viscosas, frascos com ervas, raízes secas e pós coloridos cobriam as paredes, feixes de penas, fieiras de dentes e garras retorcidas pendiam do teto. Enquanto Hagrid pedia ao homem atrás do balcão um conjunto de ingredientes básicos para preparar poções para Harry, o próprio Harry examinava chifres de prata de unicórnios, a vinte e um galeões cada, e minúsculos olhos faiscantes de besouros (cinco nuques uma concha).

Ao saírem da farmácia, Hagrid verificou a lista de Harry mais uma vez.

– Só falta a varinha. Ah é, e ainda não comprei o seu presente de aniversário.

Harry sentiu o rosto corar.

– Você não precisa...

– Eu sei que não preciso. Vamos fazer o seguinte, vou comprar um bicho para você. Não vai ser sapo, os sapos saíram de moda há muitos anos, todo mundo ia rir de você, e não gosto de gatos, eles me fazem espirrar. Vou-lhe comprar uma coruja. Todos os garotos querem corujas, são muito úteis, levam cartas e tudo o mais.

Vinte minutos depois, eles saíram do Empório de Corujas, que era escuro e cheio de ruídos e brilhos e olhos que cintilavam como joias. Harry agora

carregava uma grande gaiola com uma bela coruja branca como a neve, que dormia profundamente, a cabeça debaixo da asa. Ele não parava de agradecer, parecia até o Prof. Quirrell.

– Não tem do quê – respondia Hagrid, rouco. – Acho que você nunca ganhou muitos presentes dos Dursley. Agora só falta Olivaras, a única loja de varinhas, Olivaras, e você precisa ter a melhor varinha do mundo.

Uma varinha mágica... era realmente o que Harry andara desejando.

A última loja era estreita e feiosa. Letras de ouro descascadas sobre a porta diziam *Olivaras: Artesãos de Varinhas de Qualidade desde 382 a.C.* Havia uma única varinha sobre uma almofada púrpura desbotada, na vitrine empoeirada.

Um sininho tocou em algum lugar no fundo da loja quando eles entraram. Era uma lojinha mínima, vazia, exceto por uma única cadeira alta e estreita em que Hagrid se sentou para esperar. Harry teve uma sensação esquisita como se tivesse entrado em uma biblioteca muito exclusiva; engoliu um monte de perguntas novas que tinham acabado de lhe ocorrer e ficou espiando os milhares de caixas estreitas arrumadas com cuidado até o teto. Por alguma razão, sentiu um arrepio na nuca. A própria poeira e o silêncio ali pareciam retinir com uma magia secreta.

– Boa-tarde – disse uma voz suave. Harry se assustou. Hagrid devia ter-se assustado também, porque se ouviu um rangido alto e ele se levantou rapidamente da cadeira alta e estreita.

Havia um velho parado diante deles, os olhos grandes e muito claros brilhando como duas luas na penumbra da loja.

– Alô – disse Harry sem jeito.

– Ah, sim – disse o homem. – Sim, sim. Achei que ia vê-lo em breve. Harry Potter. – Não era uma pergunta. – Você tem os olhos de sua mãe. Parece que foi ontem que ela esteve aqui, comprando a primeira varinha. Vinte e seis centímetros de comprimento, farfalhante, feita de salgueiro. Uma boa varinha para encantamentos.

O Sr. Olivaras chegou mais perto de Harry. Harry desejou que ele piscasse. Aqueles olhos prateados lhe davam um pouco de medo.

– Já o seu pai deu preferência a uma varinha de mogno. Vinte e oito centímetros. Flexível. Um pouco mais de poder e excelente para transformações. Bom, digo que seu pai deu preferência, na realidade é a varinha que escolhe o bruxo, é claro.

O Sr. Olivaras chegara tão perto que ele e Harry estavam quase encostando os narizes. Harry viu-se refletido naqueles olhos.

– E foi aí que...

O Sr. Olivaras tocou a cicatriz feita pelo relâmpago na testa de Harry com um

dedo branco e longo.
– Lamento dizer que vendi a varinha que fez isso – disse ele suavemente. – Trinta e cinco centímetros. Nossa. Uma varinha poderosa, muito poderosa nas mãos erradas... Bom, se eu tivesse sabido o que a varinha ia sair por aí fazendo...
Ele sacudiu a cabeça e então, para alívio de Harry, viu Hagrid.
– Hagrid! Hagrid, Hagrid! Que bom ver você de novo... Carvalho, quarenta centímetros, meio mole, não era?
– Era, sim senhor.
– Boa varinha, aquela. Mas suponho que a tenham partido ao meio quando o expulsaram? – disse o Sr. Olivaras, repentinamente sério.
– Hum... partiram, é verdade – disse Hagrid, arrastando os pés. – Mas ainda guardo os pedaços – acrescentou animado.
– Mas você não os usa? – perguntou o Sr. Olivaras, severo.
– Ah, não senhor – respondeu depressa Hagrid. Harry reparou que ele apertou o guarda-chuva cor-de-rosa com força ao responder.
– Hum – resmungou o Sr. Olivaras, lançando um olhar penetrante a Hagrid. – Bom, agora, Sr. Potter, vamos ver. – E tirou uma longa fita métrica com números prateados do bolso. – Qual é o braço da varinha?
– Hum, bom, sou destro – respondeu Harry.
– Estique o braço. Isso. – Ele mediu Harry do ombro ao dedo, depois do pulso ao cotovelo, do ombro ao chão, do joelho à axila e ao redor da cabeça. Enquanto media, disse: – Toda varinha Olivaras tem o miolo feito de uma poderosa substância mágica, Sr. Potter. Usamos pelos de unicórnio, penas de cauda de fênix e cordas de coração de dragão. Não há duas varinhas Olivaras iguais, como não há unicórnios, dragões nem fênix iguais. E é claro, o senhor jamais conseguirá resultados tão bons com a varinha de outro bruxo.
Harry de repente percebeu que a fita métrica, que o media entre as narinas, estava medindo sozinha. O Sr. Olivaras andava rapidamente em volta das prateleiras, descendo caixas.
– Já chega – falou, e a fita métrica afrouxou e caiu formando um montinho no chão. – Certo, então, Sr. Potter. Experimente esta. Faia e corda de coração de dragão. Vinte e três centímetros. Boa e flexível. Apanhe e experimente.
Harry apanhou a varinha e (sentindo-se bobo) fez alguns movimentos com ela, mas o Sr. Olivaras a tirou de sua mão quase imediatamente.
– Bordo e pena de fênix. Dezoito centímetros. Bem elástica. Experimente.
Harry experimentou – mas mal erguera a varinha quando, mais uma vez, o Sr. Olivaras a tirou de sua mão.
– Não, não. Tome, ébano e pelo de unicórnio, vinte e dois centímetros, flexível. Vamos, vamos, experimente.

Harry experimentou. E experimentou. Não fazia ideia do que é que o Sr. Olivaras estava esperando. A pilha de varinhas experimentadas estava cada vez maior em cima da cadeira alta e estreita, mas, quanto mais varinhas o Sr. Olivaras tirava das prateleiras, mais feliz parecia ficar.

– Freguês difícil, hein? Não se preocupe, vamos encontrar a varinha perfeita para o senhor em algum lugar, estou em dúvida, agora... é, por que não?, uma combinação incomum, azevinho e pena de fênix, vinte e oito centímetros, boa e maleável.

Harry apanhou a varinha. Sentiu um repentino calor nos dedos. Ergueu a varinha acima da cabeça, baixou-a cortando o ar empoeirado com um zunido, e uma torrente de faíscas douradas e vermelhas saíram da ponta como um fogo de artifício, atirando fagulhas luminosas que dançavam nas paredes. Hagrid gritou entusiasmado e bateu palmas e o Sr. Olivaras exclamou:

– Bravo! Mesmo, ah, muito bom. Ora, ora, ora... que curioso... curiosíssimo...

Repôs a varinha de Harry na caixa e embrulhou-a em papel pardo, ainda resmungando:

– Curioso... curioso...

– O senhor me desculpe – disse Harry –, mas *o que* é curioso?

O Sr. Olivaras encarou Harry com aqueles olhos claros.

– Lembro-me de cada varinha que vendi, Sr. Potter. De cada uma. Acontece que a fênix cuja pena está na sua varinha produziu mais uma pena, apenas mais uma. É muito curioso que o senhor tenha sido destinado para esta varinha porque a irmã dela, ora, a irmã dela produziu a sua cicatriz.

Harry engoliu em seco.

– É, tinha trinta e quatro centímetros. Puxa. É realmente curioso como essas coisas acontecem. A varinha escolhe o bruxo, lembre-se... Acho que podemos esperar grandes feitos do senhor, Sr. Potter... Afinal, Aquele-Que-Não-Se-Deve-Nomear realizou grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes.

Harry estremeceu. Não tinha muita certeza se gostava do Sr. Olivaras. Pagou sete galeões pela varinha e o Sr. Olivaras curvou-se à saída deles.

O sol de fim de tarde quase chegara ao horizonte quando Harry e Hagrid refizeram o caminho para sair do Beco Diagonal, atravessar a parede e passar novamente pelo Caldeirão Furado, agora vazio. Harry não disse uma palavra enquanto caminhavam pela rua; nem ao menos reparou quantas pessoas se boquiabriam para eles no metrô, carregados que estavam com todos aqueles pacotes de formatos esquisitos, a coruja branca adormecida no colo de Harry. Subiram a escada rolante para a estação de Paddington; Harry só percebeu onde estavam quando Hagrid bateu em seu ombro.

– Temos tempo para comer alguma coisa antes de o trem sair – falou.

Comprou um hambúrguer para Harry e se sentaram em bancos de plástico para comê-los. Harry não parava de olhar a toda volta. Por alguma razão tudo parecia tão estranho.

– Você está bem, Harry? Está muito calado – comentou Hagrid.

Harry não tinha muita certeza de poder explicar. Tivera o melhor aniversário de sua vida, porém... e mastigava o hambúrguer, tentando encontrar as palavras.

– Todo o mundo acha que sou especial – disse finalmente. – Todas aquelas pessoas no Caldeirão Furado, o Prof. Quirrell, o Sr. Olivaras... mas eu não conheço nadinha de mágica. Como podem esperar grandes feitos de mim? Sou famoso e nem ao menos me lembro o porquê. Não sei o que aconteceu quando Vol... desculpe... quero dizer, na noite que meus pais morreram.

Hagrid se debruçou sobre a mesa. Por trás da barba e das sobrancelhas desgrenhadas tinha um sorriso bondoso.

– Não se preocupe, Harry. Você vai aprender bem depressa. Todos começam pelo começo em Hogwarts, você vai se dar bem. Seja você mesmo. Sei que é difícil. Você vai ser discriminado e isso é muito duro. Mas vai se divertir a valer em Hogwarts. Eu me diverti; e ainda me divirto, para dizer a verdade.

Hagrid ajudou Harry a embarcar no trem que o levaria de volta aos Dursley, então lhe entregou um envelope.

– A sua passagem para Hogwarts. Primeiro de setembro, na estação de King’s Cross, está tudo na passagem. Qualquer problema com os Dursley, me mande uma carta pela coruja, ela saberá onde me encontrar... Vejo você em breve, Harry.

O trem parou na estação. Harry queria ficar espiando Hagrid até ele desaparecer de vista; levantou-se, espremeu o nariz contra o vidro da janela, mas quando piscou os olhos Hagrid tinha desaparecido.

— CAPÍTULO SEIS —

O embarque na plataforma nove e meia

O último mês de Harry na casa dos Dursley não foi nada divertido. É verdade que Duda agora estava tão apavorado com Harry que não queria nem ficar no mesmo aposento com ele, e tia Petúnia e tio Válter não trancaram Harry no armário nem o obrigaram a fazer nada, tampouco gritaram com ele – na verdade, sequer falaram com ele. Meio aterrorizados, meio furiosos, agiam como se a cadeira em que Harry se sentasse estivesse vazia. Embora isso fosse sob muitos aspectos um progresso, tornou-se um tanto deprimente depois de algum tempo.

Harry ficava em seu quarto, com a nova coruja por companhia. Decidira chamá-la Edwiges, um nome que encontrara na *História da magia*. Seus livros de escola eram muito interessantes. Deitava-se na cama e lia até tarde da noite. Edwiges voava para dentro e para fora da janela, quando queria. Era uma sorte que tia Petúnia não aparecesse mais para passar o aspirador de pó, porque Edwiges não parava de trazer ratos mortos para o quarto. Toda noite, antes de se deitar para dormir, Harry riscava mais um dia no pedaço de papel que pregara na parede, para contar os dias que faltavam até primeiro de setembro.

No último dia de agosto ele achou melhor falar com os tios sobre a ida à estação no dia seguinte, por isso desceu à sala de estar onde eles estavam assistindo a um programa de auditório na televisão. Pigarreou para avisar que estava ali e Duda deu um berro e saiu correndo da sala.

– Hum... tio Válter?

Tio Válter resmungou para indicar que estava escutando.

– Hum... preciso estar amanhã na estação para... embarcar para Hogwarts.

Tio Válter resmungou outra vez.

– Será que o senhor podia me dar uma carona?

Resmungo. Harry supôs que quisesse dizer sim.

– Muito obrigado.

E já ia voltando para cima quando tio Válter falou de verdade:
– Que modo engraçado de ir para a escola de magia, de trem. Os tapetes mágicos furaram todos?
Harry não respondeu.
– Onde fica essa escola afinal?
– Não sei – disse Harry pensando nisso pela primeira vez. Tirou do bolso o bilhete de passagem que Hagrid lhe dera. – Vou tomar o trem na plataforma nove e meia às onze horas – leu.
A tia e o tio arregalaram os olhos.
– Plataforma o quê?
– Nove e meia.
– Não diga bobagens – repreendeu tio Válter. – Não existe plataforma nove e meia.
– Está no meu bilhete.
– Loucos – disse tio Válter – de pedra, todos eles. Você vai ver. É só esperar. Está bem, levaremos você até a estação. De qualquer maneira tínhamos de ir a Londres amanhã ou nem me daria o trabalho.
– Por que o senhor vai a Londres? – perguntou Harry, tentando manter a conversa cordial.
– Vamos levar Duda ao hospital – rosnou tio Válter. – Precisamos mandar cortar aquele rabo vermelho antes de mandá-lo para Smeltings.

Harry acordou às cinco horas na manhã seguinte e estava demasiado excitado e nervoso para voltar a dormir. Levantou-se e vestiu o jeans porque não queria entrar na estação com as vestes de bruxo – mudaria de roupa no trem. Verificou novamente a lista de Hogwarts para se certificar de que tinha tudo de que precisava, viu se Edwiges estava bem trancada na gaiola e então ficou andando pelo quarto à espera que os Dursley se levantassem. Duas horas mais tarde, a mala enorme e pesada de Harry fora colocada no carro dos Dursley. Tia Petúnia convencera Duda a se sentar ao lado do primo e eles partiram.
Chegaram à estação de King’s Cross às 10:30. Tio Válter jogou a mala de Harry num carrinho e empurrou-o até a estação para ele. Harry achou o gesto curiosamente bondoso até tio Válter parar diante das plataformas com um sorriso maldoso.
– Bom, aqui estamos, moleque. Plataforma nove, plataforma dez. A sua plataforma devia estar aí no meio, mas parece que ainda não a construíram, não é mesmo?
Ele tinha razão, é claro. Havia um grande número nove de plástico no alto de uma plataforma e um grande número dez no alto da plataforma seguinte, mas no

meio, não havia nada.
– Tenha um bom período letivo – disse tio Válter com um sorriso ainda mais maldoso. E foi-se embora sem dizer mais nada. Harry se virou e viu o carro dos Dursley partir. Os três estavam rindo. Harry sentiu a boca seca. Que diabo iria fazer? Estava começando a atrair uma porção de olhares curiosos por causa de Edwiges. Teria que perguntar a alguém.
Parou um guarda que ia passando, mas não mencionou a plataforma nove e meia. O guarda nunca ouvira falar em Hogwarts e quando Harry não soube lhe dizer em que parte do país a escola ficava, ele começou a mostrar aborrecimento, como se Harry estivesse se fazendo de burro de propósito. Desesperado, Harry perguntou pelo trem que partia às onze horas, mas o guarda disse que não havia nenhum. Ao fim, o guarda se afastou, resmungando contra pessoas que o faziam perder tempo. Harry tentou por tudo no mundo não entrar em pânico. Pelo grande relógio em cima do quadro que anunciava os trens que chegavam, só lhe restavam mais dez minutos para embarcar no trem de Hogwarts e ele não tinha ideia de como ia fazer isso; estava perdido no meio da estação com uma mala que mal podia levantar, o bolso cheio de dinheiro de bruxo e uma corujona.
Hagrid devia ter esquecido de lhe dizer alguma coisa que tinha de fazer, como bater no terceiro tijolo à esquerda para entrar no Beco Diagonal. Perguntou-se se deveria tirar a varinha da mala e começar a bater no coletor de bilhetes entre as plataformas nove e dez.
Naquele instante um grupo de pessoas passou às suas costas e ele entreouviu algumas palavras que diziam.
– ... cheio de trouxas, é claro...
Harry deu meia-volta. Era uma mulher gorda que falava com quatro meninos, todos de cabelos cor de fogo. Cada um deles estava empurrando à frente uma mala como a de Harry – e levavam uma coruja. O coração aos saltos, Harry os seguiu empurrando o carrinho. Eles pararam e ele também, bem próximo para ouvir o que diziam.
– Agora, qual é o número da plataforma? – perguntou a mãe dos meninos.
– Nove e meia – ouviu-se a voz fina de uma menininha, também de cabelos ruivos que estava segurando a mão da mulher. – Mamãe, não posso ir...
– Você ainda não tem idade, Gina, agora fique quieta. Está bem, Percy, você vai primeiro.
O que parecia o menino mais velho marchou em direção às plataformas nove e dez. Harry observou-o, tomando o cuidado de não piscar para não perder nada – mas assim que o menino chegou à linha divisória entre as duas plataformas, um grande grupo de turistas invadiu a plataforma à frente dele e quando a última mochila acabou de passar, o menino havia desaparecido.

– Fred, você agora – mandou a mulher gorda.
– Eu não sou Fred, sou Jorge – retrucou o menino. – Francamente, mulher, você diz que é nossa mãe? Não consegue ver que sou o Jorge?
– Desculpe, Jorge, querido.
– É brincadeira, eu sou o Fred – disse o menino, e foi. O irmão gêmeo gritou para ele se apressar, e ele deve ter atendido, porque um segundo depois, sumiu, mas como fizera aquilo?
Agora o terceiro irmão estava se encaminhando rapidamente para a barreira – estava quase lá – e, então, de repente, não estava mais em parte alguma.
E foi só.
– Com licença – dirigiu-se Harry à mulher gorda.
– Olá, querido. É a primeira vez que vai a Hogwarts? O Rony é novo também.
Ela apontou o último filho, o mais moço. Era alto, magro e desengonçado, com sardas, mãos e pés grandes e um nariz comprido.
– É – respondeu Harry. – A coisa é... a coisa é que não sei como...
– Como chegar à plataforma? – disse ela com bondade, e Harry concordou com a cabeça.
– Não se preocupe. Basta caminhar diretamente para a barreira entre as plataformas nove e dez. Não pare e não tenha medo de bater nela, isto é muito importante. Melhor fazer isso meio correndo se estiver nervoso. Vá, vá antes de Rony.
– Hum... OK.
E Harry virou o carrinho e encarou a barreira. Parecia muito sólida.
Ele começou a andar em direção a ela. As pessoas a caminho das plataformas nove e dez o empurravam. Harry apressou o passo. Ia bater direto no coletor de bilhetes e então ia se complicar – curvando-se para o carrinho ele desatou a correr – a barreira estava cada vez mais próxima – não poderia parar – o carrinho estava descontrolado – ele estava a um passo de distância – fechou os olhos se preparando para a colisão...
E ela não aconteceu... ele continuou correndo... abriu os olhos.
Uma locomotiva vermelha a vapor estava parada à plataforma apinhada de gente. Um letreiro no alto informava *Expresso de Hogwarts, 11 horas*. Harry olhou para trás e viu um arco de ferro forjado no lugar onde estivera o coletor de bilhetes, com os dizeres *Plataforma nove e meia.* Conseguira.
A fumaça da locomotiva se dispersava sobre as cabeças das pessoas que conversavam, enquanto gatos de todas as cores trançavam por entre as pernas delas. Corujas piavam umas para as outras, descontentes, sobrepondo-se à balbúrdia e ao barulho das malas pesadas que eram arrastadas.
Os primeiros vagões já estavam cheios de estudantes, uns debruçados às

janelas conversando com as famílias, outros brigando por causa dos lugares. Harry empurrou o carrinho pela plataforma procurando um lugar vago. Passou por um garoto de rosto redondo que estava dizendo:

– Vó, perdi meu sapo outra vez.

– Ah, Neville – ele ouviu a senhora suspirar.

Um garoto com cabelos rastafári estava cercado por um pequeno grupo de meninos.

– Deixe a gente espiar, Lino, vamos.

O menino levantou a tampa de uma caixa que carregava nos braços e as pessoas em volta deram gritos e berros quando uma coisa dentro da caixa esticou para fora uma perna comprida e peluda.

Harry continuou andando pela aglomeração até que encontrou um compartimento vago no final do trem. Primeiro pôs Edwiges para dentro e começou a empurrar e a forçar com a mala em direção à porta do trem. Tentou erguê-la pelos degraus acima mas mal conseguiu suspender uma ponta e duas vezes deixou-a cair dolorosamente em cima do pé.

– Quer uma ajuda? – Era um dos gêmeos ruivos que ele seguira para atravessar a barreira.

– Por favor – Harry ofegou.

– Ei, Fred! Vem dar uma ajuda aqui!

Com a ajuda dos gêmeos, a mala de Harry finalmente foi colocada a um canto do compartimento.

– Obrigado – disse Harry, afastando os cabelos suados dos olhos.

– Que é isso? – perguntou de repente um dos gêmeos apontando para a cicatriz de Harry.

– Caramba – disse o outro gêmeo. – Você é...?

– Ele é – disse o outro gêmeo. – Não é? – acrescentou para Harry.

– O quê? – indagou Harry.

– *Harry Potter* – disseram os gêmeos em coro.

– Ah, ele – disse Harry. – Quero dizer, é, sou.

Os dois garotos olharam boquiabertos e Harry sentiu que estava corando. Então, para seu alívio, ouviram uma voz pela porta aberta do trem.

– Fred? Jorge? Vocês estão aí?

– Estamos indo, mamãe.

Dando uma última espiada em Harry, os gêmeos saltaram para fora do trem.

Harry sentou-se à janela onde, meio escondido, podia observar a família de cabelos ruivos na plataforma e ouvir o que diziam. A mãe tinha acabado de puxar o lenço.

– Rony, você está com uma coisa no nariz.

O menino mais novo tentou fugir, mas ela o agarrou e começou a limpar a ponta do nariz dele.

– *Mamãe*, sai para lá. – Desvencilhou-se.

– Aaaah, o Roniquinho está com uma coisa no nariz? – caçoou um dos gêmeos.

– Cale a boca – disse Rony.

– Onde está o Percy? – perguntou a mãe.

– Está vindo aí.

O garoto mais velho vinha vindo. Já vestira as vestes largas e pretas de Hogwarts e Harry reparou que tinha um distintivo de prata reluzente com a letra M.

– Não posso demorar, mãe – falou ele. – Estou lá na frente, os monitores têm dois vagões separados...

– Ah, você é monitor, Percy – perguntou um dos gêmeos, com ar de grande surpresa. – Devia ter avisado, não fazíamos ideia.

– Espere aí, acho que me lembro de ter ouvido ele dizer alguma coisa – disse o outro gêmeo. – Uma vez...

– Ou duas...

– Um minuto...

– O verão todo.

– Ah, calem a boca – disse Percy, o monitor.

– Afinal por que foi que o Percy ganhou vestes novas? – disse um dos gêmeos.

– Porque é *monitor* – disse a mãe com carinho. – Está bem, querido, tenha um bom ano letivo... mande-me uma coruja quando chegar.

Ela beijou Percy no rosto e ele foi embora. Então virou-se para os gêmeos.

– Agora, vocês dois: este ano, se comportem. Se receber mais uma coruja dizendo que vocês... vocês explodiram um banheiro ou...

– Explodiram um banheiro? Nunca explodimos um banheiro.

– Mas é uma grande ideia, obrigado, mamãe.

– *Não tem graça*. E cuidem do Rony.

– Não se preocupe, Roniquinho está seguro com a gente.

– Cale a boca – mandou Rony outra vez. Já era quase tão alto quanto os gêmeos e seu nariz continuava vermelho onde a mãe o esfregara.

– Ei, mãe, adivinha? Adivinha quem acabamos de encontrar no trem?

Harry recuou o corpo rápido para que eles não o vissem olhando.

– Sabe aquele menino de cabelos pretos que estava perto da gente na estação? Sabe quem ele é?

– Quem?

– *Harry Potter!*
Harry ouviu a voz da garotinha.
– Ah, mamãe, posso subir no trem para ver ele, mamãe, ah, por favor...
– Você já o viu, Gina, e o coitado não é um bicho de zoológico para você ficar olhando. É ele mesmo, Fred? Como é que você sabe?
– Perguntei a ele. Vi a cicatriz. Está lá mesmo, parece um raio.
– *Coitadinho.* Não admira que estivesse sozinho. Foi tão educado quando me perguntou como entrar na plataforma.
– Deixa para lá, você acha que ele se lembra como era o Você-Sabe-Quem?
De repente a mãe ficou muito séria.
– Proíbo-lhe de perguntar a ele, Fred. Não, não se atreva. Como se ele precisasse de alguém para lhe lembrar uma coisa dessas no primeiro dia de escola.
– Está bem, não precisa ficar nervosa.
Ouviu-se um apito.
– Depressa! – disse a mãe, e os três garotos subiram no trem. Debruçaram-se na janela para a mãe lhes dar um beijo de despedida e a irmãzinha começou a chorar.
– Não chore, Gina, vamos lhe mandar um monte de corujas.
– Vamos lhe mandar uma tampa de vaso de Hogwarts.
– Jorge!
– Estou só brincando, mamãe.
O trem começou a andar. Harry viu a mãe dos garotos acenando e a irmã, meio risonha, meio chorosa, correndo para acompanhar o trem até ele ganhar velocidade e ela ficar para trás acenando.
Harry observou a menina e a mãe desaparecerem quando o trem fez a curva. As casas passaram num relâmpago pela janela. Harry sentiu uma grande excitação. Não sabia aonde estava indo mas tinha de ser melhor do que o lugar que estava deixando para trás.
A porta da cabine se abriu e o ruivinho mais moço entrou.
– Tem alguém sentado aqui? – perguntou, apontando para o assento em frente ao de Harry. – O resto do trem está cheio.
Harry respondeu que não, com um aceno de cabeça, e o garoto se sentou. Olhou para Harry e em seguida olhou depressa para fora, fingindo que não tinha olhado. Harry reparou que ele ainda tinha uma mancha preta no nariz.
– Oi, Rony.
Os gêmeos estavam de volta.
– Escuta aqui, vamos para o meio do trem. Lino Jordan trouxe uma tarântula gigante.

– Certo – resmungou Rony.

– Harry – disse o outro gêmeo –, nós já nos apresentamos? Fred e Jorge Weasley. E este é o Rony, nosso irmão. Vejo vocês mais tarde, então.

– Tchau – disseram Harry e Rony. Os gêmeos fecharam a porta da cabine ao passar.

– Você é Harry Potter mesmo? – Rony deixou escapar.

Harry confirmou com a cabeça.

– Ah, bom, pensei que fosse uma brincadeira do Fred e do Jorge. E você tem mesmo... sabe...

Apontou para a testa de Harry.

Harry afastou a franja para mostrar a cicatriz em forma de raio. Rony olhou.

– Então foi aí que Você-Sabe-Quem...?

– Foi, mas não me lembro.

– De nada? – perguntou Rony, ansioso.

– Bom... lembro de muita luz verde, mas nada mais.

– Uau. – Ele ficou parado uns minutos olhando para Harry, depois, como se de repente tivesse se dado conta do que estava fazendo, olhou depressa para fora da janela outra vez.

– Todos na sua família são bruxos? – perguntou Harry, que achava Rony tão interessante quanto Rony o achava.

– Hum... são, acho que sim. Acho que mamãe tem um primo em segundo grau que é contador, mas ninguém nunca fala nele.

– Então você já deve saber muitas mágicas.

Os Weasley aparentemente eram uma dessas antigas famílias de bruxos de que o menino pálido no Beco Diagonal falara.

– Ouvi dizer que você foi viver com os trouxas. Como é que eles são?

– Horríveis... bom, nem todos. Mas minha tia e meu tio e meu primo são, eu gostaria de ter tido três irmãos bruxos.

– Cinco. – Por alguma razão, ele pareceu triste. – Sou o sexto de minha família a ir para Hogwarts. Pode-se dizer que tenho de fazer justiça ao nosso nome. Gui e Carlinhos já terminaram a escola. Gui foi chefe dos monitores e Carlinhos foi capitão do time de quadribol. Agora Percy é monitor. Fred e Jorge fazem muita bagunça, mas tiram notas muito boas e todo mundo acha que eles são realmente engraçados. Todos esperam que eu me saia tão bem quanto os outros, mas, se eu me sair bem, não será nada de mais, porque eles fizeram isso primeiro. E também não se ganha nada novo quando se tem cinco irmãos. Uso as vestes velhas de Gui, a varinha velha de Carlinhos e o rato velho de Percy.

Rony meteu a mão no bolso interno do paletó e tirou um rato cinzento e gordo que estava dormindo.

– O nome dele é Perebas e ele é inútil, quase nunca acorda. Percy ganhou uma coruja de meu pai por ter sido escolhido monitor, mas eles não podiam ter... quero dizer, em vez disso ganhei Perebas.

As orelhas de Rony ficaram vermelhas. Parecia estar achando que falara demais, porque voltou a olhar para fora pela janela.

Harry não achava nada de mais que alguém não tivesse dinheiro para comprar uma coruja. Afinal, ele nunca tivera dinheiro algum na vida até um mês atrás, e disse isso ao Rony, e disse também o que sentira quando usava as roupas velhas de Duda e jamais ganhara um presente de aniversário decente. Isto pareceu animar Rony um pouco.

– ... e até Rúbeo me contar, eu não sabia o que era ser bruxo nem quem eram meus pais nem o Voldemort.

Rony ficou pasmo.

– Que foi?

– *Você disse o nome do Você-Sabe-Quem!* – exclamou Rony parecendo ao mesmo tempo chocado e impressionado. – Eu achava que de todas as pessoas você...

– Não estou tentando ser corajoso nem nada dizendo o nome dele. É que nunca soube que não se podia dizer. Está vendo o que quero dizer? Tenho muito o que aprender... aposto – acrescentou, pondo pela primeira vez em palavras algo que o andava preocupando muito ultimamente. – Aposto que vou ser o pior da classe.

– Não vai ser, não. Tem uma porção de gente que vem de famílias de trouxas e aprende bem depressa.

Enquanto conversavam, o trem saiu de Londres. Agora corriam por campos cheios de vacas e carneiros. Ficaram calados por um tempo, contemplando os campos e as estradinhas passarem num lampejo.

Por volta do meio-dia e meia ouviram um grande barulho no corredor e uma mulher toda sorrisos e covinhas abriu a porta e perguntou:

– Querem alguma coisa do carrinho, queridos?

Harry, que não tomara café da manhã, ergueu-se de um salto, mas as orelhas de Rony ficaram vermelhas outra vez e ele murmurou que trouxera sanduíches. Harry foi até o corredor.

Nunca tivera dinheiro para doces na casa dos Dursley e agora que seus bolsos retiniam com moedas de ouro e prata, estava disposto a comprar quantas barrinhas de chocolate pudesse carregar – mas a mulher não tinha barrinhas. Tinha feijõezinhos de todos os sabores, balas de goma, chicles de bola, sapos de chocolate, tortinhas de abóbora, bolos de caldeirão, varinhas de alcaçuz e várias outras coisas estranhas que Harry nunca vira na vida. Não querendo perder nada,

ele comprou uma de cada e pagou à mulher onze sicles de prata e sete nuques.

Rony arregalou os olhos quando Harry trouxe tudo para a cabine e despejou no assento vazio.

– Que fome, hein?

– Morrendo de fome – respondeu Harry, dando uma grande dentada na tortinha de abóbora.

Rony tirara um embrulho encaroçado e abriu-o. Havia quatro sanduíches dentro. Abriu um e disse:

– Ela sempre se esquece de que não gosto de carne enlatada.

– Troco com você por um desses – propôs Harry, oferecendo um pastelão de carne. – Tome...

– Você não vai querer isso, é muito seco. Ela não tem muito tempo – acrescentou depressa. – Você sabe, somos cinco.

– Tome, coma um pastelão – disse Harry, que nunca tivera nada para dividir com alguém antes, aliás, nem ninguém com quem dividir. Era uma sensação gostosa, sentar-se ali com Rony, acabar com todas as tortas e bolos de Harry (os sanduíches ficaram esquecidos).

– Que é isso? – perguntou Harry a Rony, mostrando um pacote de sapos de chocolate. – Eles não são sapos de verdade, são? – Estava começando a achar que nada o surpreenderia.

– Não. Mas vê qual é a figurinha, está me faltando a Agripa.

– O quê?

– Claro que você não sabe, os sapos de chocolate têm figurinhas dentro, sabe, para colecionar, bruxas e bruxos famosos. Tenho umas quinhentas, mas não tenho a Agripa nem o Ptolomeu.

Harry abriu o sapo de chocolate e puxou a figurinha. Era a cara de um homem. Usava óculos de meia-lua, tinha um nariz comprido e torto, cabelos esvoaçantes cor de prata, barba e bigode. Sob o retrato havia o nome *Alvo Dumbledore.*

– Então *este* é Dumbledore! – exclamou Harry.

– Não me diga que nunca ouviu falar de Dumbledore! Quer me dar um sapo? Quem sabe eu tiro a Agripa. Obrigado.

Harry virou o verso da figurinha e leu:

> *Alvo Dumbledore, atualmente diretor de Hogwarts. Considerado por muitos o maior bruxo dos tempos modernos. Dumbledore é particularmente famoso por ter derrotado Grindelwald, o bruxo das Trevas, em 1945, por ter descoberto os doze usos do sangue de dragão e por desenvolver um trabalho em alquimia em parceria com Nicolau Flamel. O Professor*

Dumbledore gosta de música de câmara e boliche.

Harry virou de novo o cartão e viu, para seu espanto, que o rosto de Dumbledore havia desaparecido.

– Ele desapareceu!

– Ora, você não pode esperar que ele fique aí o dia todo. Depois ele volta. Não, tirei a Morgana outra vez e já tenho umas seis... você quer? Pode começar a colecionar.

Os olhos de Rony se desviaram para a pilha de sapos de chocolate que continuavam fechados.

– Sirva-se – disse Harry. – Mas, sabe, no mundo dos trouxas, as pessoas ficam paradas nas fotos.

– Ficam? O quê, eles não se mexem? – Rony parecia surpreso. – *Que coisa esquisita!*

Harry arregalou os olhos quando Dumbledore voltou para a figurinha e lhe deu um sorrisinho. Rony estava mais interessado em comer os sapos do que em olhar os bruxos e bruxas famosos, mas Harry não conseguia despregar os olhos deles. Logo não tinha só Dumbledore e Morgana, como também Hengisto de Woodcroft, Alberico Grunnion, Circe, Paracelso e Merlim. Por fim ele despregou os olhos da druída Cliodna que estava coçando o nariz, para abrir o saquinho de feijõezinhos de todos os sabores.

– Você vai ter que tomar cuidado com essas aí – alertou Rony. – Quando dizem todos os sabores eles *querem dizer* todos os sabores. Sabe, todos os sabores comuns como chocolate, hortelã e laranja, mas também espinafre, fígado e bucho. Jorge achou que sentiu gosto de bicho-papão uma vez.

Rony apanhou uma balinha verde, examinou-a atentamente e mordeu uma ponta.

– Eca! Está vendo? Couve-de-bruxelas.

Eles se divertiram comendo as balas. Harry tirou torrada, coco, feijão cozido, morango, caril, capim, café, sardinha e chegou a reunir coragem para morder a ponta de uma bala cinzenta meio gozada que Rony não queria pegar, e que era pimenta.

Os campos que passavam agora pela janela estavam ficando mais silvestres. As plantações tinham desaparecido. Agora havia matas, rios serpeantes e morros verde-escuros.

Ouviram uma batida à porta da cabine e o menino de rosto redondo, por quem Harry passara na plataforma nove e meia, entrou. Parecia choroso.

– Desculpem, mas vocês viram um sapo?

Quando os dois sacudiram a cabeça, ele chorou.

– Perdi ele! Está sempre fugindo de mim!
– Ele vai aparecer – consolou Harry.
– Vai – disse o menino, infeliz. – Se você vir ele...
E saiu.
– Não sei por que ele está tão chateado – disse Rony. – Se eu tivesse trazido um sapo ia querer perder ele o mais depressa que pudesse. Mas trouxe Perebas, por isso nem posso falar nada.
O rato continuava a tirar sua soneca no colo de Rony.
– Ele podia estar morto e ninguém ia saber a diferença – disse Rony, desgostoso. – Tentei mudar a cor dele para amarelo para deixar ele mais interessante, mas o feitiço não deu certo. Vou-lhe mostrar. Olhe...
Remexeu na mala e tirou uma varinha muito gasta. Estava lascada em alguns pontos e havia uma coisa branca brilhando na ponta.
– O pelo do unicórnio está quase saindo. Em todo o caso...
Tinha acabado de erguer a varinha quando a porta da cabine abriu outra vez. O menino sem o sapo estava de volta, mas desta vez vinha uma garota em sua companhia. Ela já estava usando as vestes novas de Hogwarts.
– Alguém viu um sapo? Neville perdeu o dele. – Tinha um tom de voz mandão, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes.
– Já dissemos a ele que não vimos o sapo – respondeu Rony, mas a menina não estava escutando, olhava para a varinha na mão dele.
– Você está fazendo mágicas? Quero ver.
Sentou-se. Rony pareceu desconcertado.
– Hum... está bem.
Pigarreou.
– Sol, margaridas, amarelo maduro, muda para amarelo esse rato velho e burro.
Ele agitou a varinha, mas nada aconteceu. Perebas continuou cinzento e completamente adormecido.
– Você tem certeza de que esse feitiço está certo? – perguntou a menina. – Bem, não é muito bom, né? Experimentei uns feitiços simples só para praticar e deram certo. Ninguém na minha família é bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria que existe, me disseram. Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são?
Ela disse tudo isso muito depressa.
Harry olhou para Rony e sentiu um grande alívio ao ver, por sua cara espantada, que ele não aprendera todos os livros de cor tampouco.

– Sou Rony Weasley.
– Harry Potter.
– Verdade? Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na *História da magia moderna* e em *Ascensão e queda das artes das trevas* e em *Grandes acontecimentos mágicos do século XX*.
– Estou? – admirou-se Harry sentindo-se confuso.
– Nossa, você não sabia, eu teria procurado saber tudo que pudesse se fosse comigo – disse Hermione. – Já sabem em que casa vão ficar? Andei perguntando e espero ficar na Grifinória, me parece a melhor, ouvi dizer que o próprio Dumbledore foi de lá, mas imagino que a Corvinal não seja muito ruim... Em todo o caso, acho melhor irmos procurar o sapo de Neville. E é melhor vocês se trocarem, sabe, vamos chegar daqui a pouco.
E foi-se embora, levando o menino sem sapo.
– Seja qual for a minha casa, espero que ela não esteja lá – comentou Rony. E jogou a varinha de volta na mala. – Feitiço besta. Foi o Jorge que me ensinou, aposto que sabia que não prestava.
– Em que casa estão os seus irmãos? – perguntou Harry.
– Grifinória. – A tristeza parecia estar se apoderando dele outra vez. – Mamãe e papai estiveram lá também. Não sei o que vão dizer se eu não estiver. Acho que a Corvinal não *seria* muito ruim, mas imagine se me puserem na Sonserina.
– É a casa em que Vol... quero dizer, Você-Sabe-Quem esteve?
– É. – E afundou novamente no assento, parecendo deprimido.
– Sabe, acho que as pontas dos bigodes de Perebas ficaram um pouquinho mais claras – disse Harry, tentando distrair o pensamento de Rony das casas. – Então, o que é que os seus irmãos mais velhos fazem agora que já terminaram?
Harry estava imaginando o que fazia um bruxo depois que terminava a escola.
– Carlinhos está na Romênia estudando dragões e Gui está na África fazendo um serviço para o Gringotes. Você soube o que aconteceu com o Gringotes? *O Profeta Diário* só fala nisso, mas acho que morando com os trouxas você não recebe o jornal. Uns caras tentaram roubar um cofre de segurança máxima.
Harry arregalou os olhos.
– Verdade? E o que aconteceu com eles?
– Nada, é por isso que é uma notícia tão importante. Não foram pegos. Papai disse que deve ter sido um bruxo das trevas poderoso para enganar Gringotes, mas estão achando que eles não levaram nada, isso é que é esquisito. É claro que todo o mundo fica apavorado quando uma coisa dessas acontece porque Você-Sabe-Quem pode estar por trás da coisa.
Harry repassou as notícias mentalmente. Estava começando a sentir um arrepio de medo toda vez que Você-Sabe-Quem era mencionado. Supunha que

isso fazia parte do ingresso no mundo da magia, mas tinha sido muito mais confortável dizer Voldemort sem se preocupar.

– Qual é o seu time de quadribol? – perguntou Rony.

– Hum... não conheço nenhum – confessou Harry.

– O quê? – Rony parecia pasmo. – Ah, espere aí, é o melhor jogo do mundo. – E saiu explicando tudo sobre as quatro bolas e as posições dos sete jogadores, descreveu jogos famosos a que fora com os irmãos e a vassoura que gostaria de comprar se tivesse dinheiro. Estava mostrando a Harry as qualidades do jogo quando a porta da cabine se abriu mais uma vez, mas agora não era Neville, o menino sem sapo, nem Hermione Granger.

Três garotos entraram e Harry reconheceu o do meio na hora: era o garoto pálido da loja de vestes de Madame Malkin. Olhou para Harry com um interesse muito maior do que revelara no Beco Diagonal.

– É verdade? – perguntou. – Estão dizendo no trem que Harry Potter está nesta cabine. Então é você?

– Sou – respondeu Harry. Observava os outros garotos. Os dois eram fortes e pareciam muito maus. Postados dos lados do menino pálido eles pareciam guarda-costas.

– Ah, este é Crabbe e este outro, Goyle – apresentou o garoto pálido displicentemente, notando o interesse de Harry. – E meu nome é Draco Malfoy.

Rony tossiu de leve, o que poderia estar escondendo uma risadinha. Malfoy olhou para ele.

– Acha o meu nome engraçado, é? Nem preciso perguntar quem você é. Meu pai me contou que na família Weasley todos têm cabelos ruivos e sardas e mais filhos do que podem sustentar.

Virou-se para Harry.

– Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são bem melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. E eu posso ajudá-lo nisso.

Ele estendeu a mão para apertar a de Harry, mas Harry não a apertou.

– Acho que sei dizer qual é o tipo ruim sozinho, obrigado – disse com frieza.

Draco não ficou vermelho, mas um ligeiro rosado coloriu seu rosto pálido.

– Eu teria mais cuidado se fosse você, Harry – disse lentamente. – A não ser que seja mais educado, vai acabar como os seus pais. Eles também não tinham juízo. Você se mistura com gentinha como os Weasley e aquele Rúbeo e vai acabar se contaminando.

Harry e Rony se levantaram. O rosto de Rony estava vermelho como os cabelos.

– Repete isso.

– Ah, você vai brigar com a gente, vai? – Draco caçoou.
– A não ser que você se retire agora – disse Harry com uma coragem maior do que sentia, porque Crabbe e Goyle eram bem maiores do que ele ou Rony.
– Mas não estamos com vontade de nos retirar, estamos, garotos? Já comemos toda a nossa comida e parece que vocês ainda têm alguma coisa.
Goyle fez menção de apanhar os sapos de chocolate ao lado de Rony. Rony deu um pulo para a frente, mas, antes que encostasse em Goyle, este soltou um berro terrível.
Perebas, o rato, estava pendurado em seu dedo, os dentinhos afiados enterrados na junta de Goyle. Crabbe e Draco recuaram enquanto Goyle rodava e rodava o braço, urrando, e quando Perebas finalmente se soltou e bateu na janela, os três desapareceram na mesma hora. Talvez achassem que havia mais ratos escondidos nos doces, ou talvez tivessem ouvido passos, porque um segundo depois, Hermione Granger entrou.
– Que foi que aconteceu? – perguntou, vendo os doces espalhados no chão e Rony apanhando Perebas pela cauda.
– Acho que apagaram ele – disse Rony a Harry. E examinou Perebas mais atentamente. – Não... não acredito... ele voltou a dormir.
E dormira mesmo.
– Você já conhecia Draco Malfoy?
Harry contou o encontro deles no Beco Diagonal.
– Já ouvi falar na família dele – disse Rony, sombrio. – Foram os primeiros a voltar para o nosso lado depois que Você-Sabe-Quem desapareceu. Disseram que tinham sido enfeitiçados. Papai não acredita nisso. Diz que o pai de Draco não precisou de desculpa para se bandear para o lado das Trevas. – E virou-se para Hermione. – Podemos fazer alguma coisa por você?
– É melhor vocês se apressarem e trocarem de roupa. Acabei de ir lá na frente perguntar ao maquinista e ele me disse que estamos quase chegando. Vocês andaram brigando? Vão se meter em encrenca antes mesmo de chegarmos lá!
– Perebas andou brigando, nós não – disse Rony, fazendo cara zangada. – Você se importa de sair para podermos nos trocar?
– Está bem. Só vim para cá porque as pessoas nas outras cabines estão se comportando feito crianças, correndo pelos corredores – disse Hermione em tom choroso. – E você está com o nariz sujo, sabia?
Rony amarrou a cara quando ela se retirou. Harry espiou pela janela. Estava escurecendo. Viu montanhas e matas sob um céu arroxeado. O trem parecia estar diminuindo a velocidade.
Ele e Rony tiraram os paletós e puseram as vestes longas e pretas. A de Rony estava um pouco curta, dava para ver as calças por baixo.

Uma voz ecoou pelo trem:
– Vamos chegar a Hogwarts dentro de cinco minutos. Por favor deixem a bagagem no trem, ela será levada para a escola.
O estômago de Harry revirou de nervoso e ele reparou que Rony parecia pálido sob as sardas. Os dois encheram os bolsos com o resto dos doces e se reuniram à garotada que apinhava os corredores.
O trem foi diminuindo a velocidade e finalmente parou. As pessoas se empurraram para chegar à porta e descer na pequena plataforma escura. Harry estremeceu ao ar frio da noite. Então apareceu uma lâmpada balançando sobre as cabeças dos estudantes e Harry ouviu uma voz conhecida.
– Alunos do primeiro ano! Primeiro ano aqui! Tudo bem, Harry?
O rosto grande e peludo de Rúbeo Hagrid sorria por cima de um mar de cabeças.
– Vamos, venham comigo. Mais alguém do primeiro ano?
Aos escorregões e tropeços, eles seguiram Hagrid por um caminho de aparência íngreme e estreita. Estava tão escuro em volta que Harry achou que devia haver grandes árvores ali. Ninguém falou muito. Neville, o menino que vivia perdendo o sapo, fungou umas duas vezes.
– Vocês vão ter a primeira visão de Hogwarts em um segundo – Hagrid gritou por cima do ombro –, logo depois dessa curva.
Ouviu-se um Aoooooh muito alto.
O caminho estreito se abrira de repente até a margem de um grande lago escuro. Encarrapitado no alto de um penhasco na margem oposta, as janelas cintilando no céu estrelado, havia um imenso castelo com muitas torres e torrinhas.
– Só quatro em cada barco! – gritou Hagrid, apontando para uma flotilha de barquinhos parados na água junto à margem. Harry e Rony foram seguidos até o barco por Neville e Hermione.
– Todos acomodados? – gritou Hagrid, que tinha um barco só para si. – Então... VAMOS!
E a flotilha de barquinhos largou toda ao mesmo tempo, deslizando pelo lago que era liso como um vidro. Todos estavam silenciosos, os olhos fixos no grande castelo no alto. A construção se agigantava à medida que se aproximavam do penhasco em que estava situado.
– Abaixem as cabeças! – berrou Hagrid quando os primeiros barcos chegaram ao penhasco; todos abaixaram as cabeças e os barquinhos atravessaram uma cortina de hera que ocultava uma larga abertura na face do penhasco. Foram impelidos por um túnel escuro, que parecia levá-los para debaixo do castelo, até uma espécie de cais subterrâneo, onde desembarcaram subindo e pisando em

pedras e seixos.
– Ei, você aí! É o seu sapo? – perguntou Hagrid, que verificava os barcos à medida que as pessoas desembarcavam.
– Trevo! – gritou Neville, feliz, estendendo as mãos.
Então eles subiram por uma passagem aberta na rocha, acompanhando a lanterna de Hagrid, e desembocaram finalmente em um gramado fofo e úmido à sombra do castelo.
Galgaram uma escada de pedra e se aglomeraram em torno da enorme porta de carvalho.
– Estão todos aqui? Você aí, ainda está com o seu sapo?
Hagrid ergueu um punho gigantesco e bateu três vezes na porta do castelo.

— CAPÍTULO SETE —

O chapéu seletor

A porta abriu-se de chofre. E apareceu uma bruxa alta de cabelos negros e vestes verde-esmeralda. Tinha o rosto muito severo e o primeiro pensamento de Harry foi que era uma pessoa a quem não se devia aborrecer.

– Alunos do primeiro ano, Profa. Minerva McGonagall – informou Hagrid.

– Obrigada, Hagrid. Eu cuido deles daqui em diante.

Ela escancarou a porta. O saguão era tão grande que teria cabido a casa dos Dursley inteira dentro. As paredes de pedra estavam iluminadas com archotes flamejantes como os de Gringotes, o teto era alto demais para se ver, e uma imponente escada de mármore em frente levava aos andares superiores.

Eles acompanharam a Profa. Minerva pelo piso de lajotas de pedra. Harry ouviu o murmúrio de centenas de vozes que vinham de uma porta à direita – o restante da escola já devia estar reunido. Mas a Profa. Minerva levou os alunos da primeira série a uma sala vazia ao lado do saguão. Eles se agruparam lá dentro, um pouco mais apertados do que o normal, olhando, nervosos, para os lados.

– Bem-vindos a Hogwarts – disse a Profa. Minerva. – O banquete de abertura do ano letivo vai começar daqui a pouco, mas antes de se sentarem às mesas, vocês serão selecionados por casas. A Seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal.

“As quatro casas chamam-se Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina. Cada casa tem sua história honrosa e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários. Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior número de pontos receberá a taça da casa, uma grande honra.

Espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa à qual vier a pertencer.

"A Cerimônia de Seleção vai se realizar dentro de alguns minutos na presença de toda a escola. Sugiro que vocês se arrumem o melhor que puderem enquanto esperam."

O olhar dela se demorou por um instante na capa de Neville, que estava afivelada debaixo da orelha esquerda, e no nariz sujo de Rony. Harry, nervoso, tentou achatar os cabelos.

– Voltarei quando estivermos prontos para receber vocês – disse a Profa. Minerva. – Por favor, aguardem em silêncio.

E se retirou da sala. Harry engoliu em seco.

– Mas como é que eles selecionam a gente para as casas? – Harry perguntou a Rony.

– Devem fazer uma espécie de teste, acho. Fred diz que dói à beça, mas acho que estava brincando.

O coração de Harry deu um pulo terrível. Um teste? Na frente da escola toda? Mas ele ainda nem conhecia mágica nenhuma – que diabo teria que fazer? Não previra nada do gênero assim logo na chegada. Olhou à volta, ansioso, e viu que os outros também pareciam apavorados. Ninguém falava muito a não ser Hermione, que cochichava muito depressa todos os feitiços que aprendera, sem saber o que precisaria mostrar. Harry fez força para não escutar o que ela dizia. Nunca se sentira tão nervoso, nunca, nem mesmo quando tivera que levar um boletim escolar para os Dursley dizendo que, não sabiam como, ele fizera a peruca do professor ficar azul. Ele manteve os olhos grudados na porta. A qualquer segundo agora a Profa. Minerva voltaria e o conduziria ao seu triste fim.

Então aconteceu uma coisa que o fez pular bem uns trinta centímetros no ar – várias pessoas atrás dele gritaram.

– Que di...

Ele ofegou. E as pessoas à sua volta também. Uns vinte fantasmas passaram pela parede dos fundos. Brancos-pérola e ligeiramente transparentes, eles deslizaram pela sala conversando entre si, mal vendo os alunos do primeiro ano. Pareciam estar discutindo. O que lembrava um fradinho gorducho ia dizendo:

– Perdoar e esquecer, eu diria, vamos dar a ele uma segunda chance...

– Meu caro frei, já não demos a Pirraça todas as chances que ele merecia? Ele mancha a nossa reputação e, você sabe, ele nem ao menos é um fantasma. Nossa, o que é que essa garotada está fazendo aqui?

Um fantasma, que usava uma gola de rufos engomados e meiões, de repente reparou nos alunos do primeiro ano.

Ninguém respondeu.

– Alunos novos! – disse o frei Gorducho, sorrindo para eles. – Estão esperando para ser selecionados, imagino?

Alguns garotos confirmaram com a cabeça, mudos.

– Espero ver vocês na Lufa-Lufa! – falou o frei. – A minha casa antiga, sabe?

– Vamos andando agora – disse uma voz enérgica. – A Cerimônia de Seleção vai começar.

A Profa. Minerva voltara. Um a um os fantasmas saíram voando pela parede oposta.

– Agora façam fila e me sigam.

Sentindo-se pouco à vontade como se suas pernas tivessem virado chumbo, Harry entrou na fila atrás de um garoto de cabelos cor de palha e na frente de Rony, e todos saíram da sala, tornaram a atravessar o saguão e as portas duplas que levavam ao Grande Salão.

Harry jamais imaginara um lugar tão diferente e esplêndido. Era iluminado por milhares de velas que flutuavam no ar sobre quatro mesas compridas, onde os demais estudantes já se encontravam sentados. As mesas estavam postas com pratos e taças douradas. No outro extremo do salão havia mais uma mesa comprida em que se sentavam os professores. A Profa. Minerva levou os alunos de primeiro ano até ali, de modo que eles pararam enfileirados diante dos outros, tendo os professores às suas costas. As centenas de rostos que os contemplavam pareciam lanternas fracas à luz trêmula das velas. Misturados aqui e ali aos estudantes, os fantasmas brilhavam como prata envolta em névoa. Principalmente para evitar os olhares fixos neles, Harry olhou para cima e viu um teto aveludado e negro salpicado de estrelas. Ouviu Hermione cochichar:

– É enfeitiçado para parecer o céu lá fora, li em *Hogwarts, uma história*.

Era difícil acreditar que havia um teto ali e que o Salão Principal simplesmente não se abria para o infinito.

Harry baixou depressa os olhos quando a Profa. Minerva silenciosamente colocou um banquinho de quatro pernas diante dos alunos do primeiro ano. Em cima do banquinho ela pôs um chapéu pontudo de bruxo. O chapéu era remendado, esfiapado e sujíssimo. Tia Petúnia não teria permitido que um objeto nessas condições entrasse em casa.

Talvez tivessem que tentar tirar um coelho de dentro dele, Harry pensou delirando, parecia apropriado – reparando que todos no salão agora olhavam para o chapéu, ele olhou também. Por alguns segundos fez-se um silêncio total. Então o chapéu se mexeu. Um rasgo junto à aba se abriu como uma boca – e o chapéu começou a cantar:

Ah, vocês podem me achar pouco atraente,
Mas não me julguem só pela aparência
Engulo a mim mesmo se puderem encontrar
Um chapéu mais inteligente do que o papai aqui.
Podem guardar seus chapéus-coco bem pretos,
Suas cartolas altas de cetim brilhoso
Porque sou o Chapéu Seletor de Hogwarts
E dou de dez a zero em qualquer outro chapéu.
Não há nada escondido em sua cabeça
Que o Chapéu Seletor não consiga ver,
Por isso é só me porem na cabeça que vou dizer
Em que casa de Hogwarts deverão ficar.
Quem sabe sua morada é a Grifinória,
Casa onde habitam os corações indômitos.
Ousadia e sangue-frio e nobreza
Destacam os alunos da Grifinória dos demais;
Quem sabe é na Lufa-Lufa que você vai morar,
Onde seus moradores são justos e leais
Pacientes, sinceros, sem medo da dor;
Ou será a velha e sábia Corvinal,
A casa dos que têm a mente sempre alerta,
Onde os homens de grande espírito e saber
Sempre encontrarão companheiros seus iguais;
Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa
E ali fará seus verdadeiros amigos,
Homens de astúcia que usam quaisquer meios
Para atingir os fins que antes colimaram.
Vamos, me experimentem! Não devem temer!
Nem se atrapalhar! Estarão em boas mãos!
(Mesmo que os chapéus não tenham pés nem mãos)
Porque sou único, sou um Chapéu Pensador!

O salão inteiro prorrompeu em aplausos quando o chapéu acabou de cantar. Ele fez uma reverência para cada uma das quatro mesas e em seguida ficou muito quieto outra vez.

– Então só precisamos experimentar o chapéu! – cochichou Rony a Harry. – Vou matar o Fred, ele não parou de falar numa luta contra um trasgo.

Harry deu um sorriso sem graça. É, experimentar um chapéu era bem melhor do que precisar fazer um feitiço, mas desejou que pudessem ter experimentado o

chapéu sem toda aquela gente olhando. O chapéu parecia estar pedindo muito; Harry não se sentia corajoso nem inteligente nem qualquer outra coisa naquele momento. Se ao menos o chapéu tivesse mencionado uma casa para gente que se sentia meio nervosa, quem sabe teria sido a sua casa.

A Profa. Minerva então se adiantou segurando um longo rolo de pergaminho.

– Quando eu chamar seus nomes, vocês porão o chapéu e se sentarão no banquinho para a seleção. Ana Abbott!

Uma garota de rosto rosado e marias-chiquinhas louras saiu aos tropeços da fila, pôs o chapéu, que lhe afundou direto até os olhos, e se sentou. Uma pausa momentânea...

– LUFA-LUFA! – anunciou o chapéu.

A mesa à direita deu vivas e bateu palmas quando Ana foi se sentar à mesa da Lufa-Lufa. Harry viu o fantasma do frei Gorducho acenar alegremente para ela.

– Susana Bones!

– LUFA-LUFA! – anunciou o chapéu outra vez, e Susana saiu depressa e foi se sentar ao lado de Ana.

– Terêncio Boot!

– CORVINAL!

Desta vez foi a segunda mesa à esquerda que aplaudiu; vários alunos da Corvinal se levantaram para apertar a mão de Teorêncio quando o menino se reuniu a eles.

Mádi Brocklehurst foi para a Corvinal também, mas Lilá Brown foi a primeira a ser escolhida para a Grifinória e a mesa na extrema esquerda explodiu em vivas; Harry viu os irmãos gêmeos de Rony assobiarem.

Mila Bulstrode se tornou uma Sonserina. Talvez fosse a imaginação de Harry, mas depois de tudo que ouvira sobre a Sonserina, achou que eles formavam um grupo de aparência desagradável.

Estava começando a se sentir decididamente mal agora. Lembrou-se da seleção para os times, nas aulas de esporte de sua velha escola. Sempre fora o último a ser escolhido, não porque não fosse bom, mas porque ninguém queria que Duda pensasse que gostavam dele.

– Justino Finch-Fletchley!

– LUFA-LUFA!

Às vezes, Harry reparou, o chapéu anunciava logo o nome da casa, mas outras levava um tempo para se decidir.

Simas Finnigan, o menino de cabelos cor de palha ao lado de Harry na fila, passou sentado no banquinho quase um minuto, antes de o chapéu anunciar que iria para a Grifinória.

– Hermione Granger!

Hermione saiu quase correndo até o banquinho e enfiou o chapéu, ansiosa.

– GRIFINÓRIA! – anunciou o chapéu. Rony gemeu.

Um pensamento horrível ocorreu a Harry, como fazem os pensamentos horríveis quando a pessoa está nervosa. E se ele não fosse escolhido? E se ficasse ali sentado com o chapéu na cabeça cobrindo seus olhos durante um tempão, até a Profa. Minerva arrancá-lo de sua cabeça e dizer que obviamente houvera um engano e era melhor ele pegar o trem de volta?

Quando Neville Longbottom, o menino que não parava de perder o sapo, foi chamado, levou um tombo a caminho do banquinho. O chapéu demorou muito tempo para se decidir sobre Neville. Quando finalmente anunciou "GRIFINÓRIA", Neville saiu correndo com o chapéu na cabeça, e teve de voltar em meio a uma avalanche de risadas para entregá-lo a Morag MacDougal.

Malfoy se adiantou, gingando, quando chamaram seu nome e teve seu desejo realizado imediatamente: o chapéu mal tocara sua cabeça quando anunciou:

– SONSERINA!

Faltava pouca gente agora.

Moon..., Nott..., Parkinson..., depois duas gêmeas, Patil e Patil..., depois Perks, Sara... e então, finalmente...

– Harry Potter!

Quando Harry se adiantou, correu um burburinho por todo o salão como um fogo de rastilho.

– *Potter*, foi o que ela disse?

– *O* Harry Potter?

A última coisa que Harry viu antes de o chapéu lhe cair sobre os olhos foi um salão cheio de gente se espichando para lhe dar uma boa olhada. Em seguida só viu a escuridão dentro do chapéu.

– Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo. Uma mente nada má. Há talento, ah, minha nossa, uma sede razoável de se provar, ora isso é interessante... Então, onde vou colocá-lo?

Harry apertou as bordas do banquinho e pensou "Sonserina, não, Sonserina, não".

– Sonserina, não, hein? – disse a vozinha. – Tem certeza? Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a alcançar essa grandeza, sem dúvida nenhuma, não? Bem, se você tem certeza, ficará melhor na GRIFINÓRIA!

Harry ouviu o chapéu anunciar a última palavra para todo o salão. Tirou o chapéu e se encaminhou trêmulo para a mesa de Grifinória. Sentia tanto alívio por ter sido selecionado e ter escapado de Sonserina que nem reparou que estava recebendo a maior ovação da cerimônia. Percy, o Monitor, se levantou e apertou

sua mão com energia, enquanto os gêmeos Weasley gritavam “Ganhamos Potter! Ganhamos Potter!” Harry sentou-se defronte do fantasma com a gola de rufos que vira antes da cerimônia. O fantasma lhe deu uma palmadinha no braço, produzindo em Harry a sensação horrível e repentina de que acabara de mergulhar num balde de água gelada.

Agora ele via bem a Mesa Principal. Na extremidade mais próxima sentava-se Rúbeo Hagrid, cujo olhar encontrou o seu e lhe fez um sinal de aprovação. Harry retribuiu o seu sorriso. E ali, no centro da Mesa Principal, em uma cadeirão dourado, encontrava-se Alvo Dumbledore. Harry o reconheceu imediatamente pela figurinha que tirara no sapo de chocolate comprado no trem. Os cabelos prateados de Dumbledore eram a única coisa no salão inteiro que brilhava tanto quanto os fantasmas. Harry viu o Prof. Quirrell também, o rapaz nervoso do Caldeirão Furado. Parecia muito extravagante num grande turbante púrpura.

E agora só faltavam três pessoas para serem selecionadas. Lisa Turpin virou uma Corvinal e depois foi a vez de Rony. A essa altura ele estava brancoesverdeado. Harry cruzou os dedos sob a mesa para dar sorte e um segundo depois o chapéu anunciou GRIFINÓRIA!

Harry bateu palmas bem alto com os demais quando Rony se largou numa cadeira a seu lado.

– Muito bem, Rony, excelente – disse Percy Weasley pomposamente por cima de Harry, na mesma hora em que Blás Zabini era mandado para a Sonserina. A Profa. Minerva enrolou o pergaminho e recolheu o Chapéu Seletor.

Harry baixou os olhos para o prato dourado e vazio diante dele. Acabara de perceber como estava faminto. As tortinhas de abóbora pareciam ter sido comidas havia anos.

Alvo Dumbledore se levantara. Sorria radiante para os estudantes, os braços bem abertos, como se nada no mundo pudesse ter-lhe agradado mais do que vê-los todos reunidos ali.

– Sejam bem-vindos! – disse. – Sejam bem-vindos para um novo ano em Hogwarts! Antes de começarmos nosso banquete, eu gostaria de dizer umas palavrinhas: Pateta! Chorão! Destabocado! Beliscão! Obrigado.

E sentou-se. Todos bateram palmas e deram vivas. Harry não sabia se ria ou não.

– Ele é... um pouquinho maluco? – perguntou, incerto, a Percy.

– Maluco? – disse Percy, despreocupado. – Ele é um gênio! O melhor bruxo do mundo! Mas é um pouquinho maluco, sim. Batatas, Harry?

O queixo de Harry caiu. Os pratos diante dele agora estavam cheios de comida. Ele nunca vira tantas coisas que gostava de comer em uma mesa só: rosbife, galinha assada, costeletas de porco e de carneiro, pudim de carne,

ervilhas, cenouras, molho, ketchup e, por alguma estranha razão, docinhos de hortelã.

Não é que os Dursley tivessem deixado Harry com fome, mas nunca lhe permitiram comer tanto quanto quisesse. Duda sempre tirava tudo que Harry realmente queria, mesmo que acabasse doente. Harry encheu o prato com um pouco de cada coisa exceto os docinhos e começou a comer. Estava tudo uma delícia.

– Isto está com uma cara ótima – disse o fantasma de gola de rufos observando, tristemente, Harry cortar o rosbife.

– O senhor não pode...?

– Não como há quase quatrocentos anos – explicou o fantasma. – Não preciso, é claro, mas a pessoa sente falta. Acho que ainda não me apresentei? Cavalheiro Nicholas de Mimsy-Porpington às suas ordens. Fantasma residente da torre da Grifinória.

– Eu sei quem o senhor é! – disse Rony inesperadamente. – Meus irmãos me falaram do senhor. O senhor é o Nick Quase Sem Cabeça.

– Eu prefiro que você me chame de cavalheiro Nicholas de Mimsy – o fantasma começou muito formal, mas o louro Simas Finnigan o interrompeu.

– *Quase* Sem Cabeça? Como é que alguém pode ser *quase* sem cabeça?

Sir Nicholas parecia muitíssimo aborrecido, como se aquela conversinha não estivesse tomando o rumo que ele queria.

– *Assim* – disse com irritação. E agarrou a orelha esquerda e puxou. A cabeça toda girou para fora do pescoço e caiu por cima do ombro como se estivesse presa por uma dobradiça. Era óbvio que alguém tentara decapitá-lo, mas não fizera o serviço direito. Satisfeito com a cara de espanto dos garotos, Nick Quase Sem Cabeça empurrou a cabeça de volta ao pescoço, tossiu e disse:

– Então, novos moradores da Grifinória! Espero que nos ajudem a ganhar o campeonato das casas este ano! Grifinória nunca passou tanto tempo sem ganhar a taça. Sonserina tem ganhado nos últimos seis anos! O barão Sangrento está ficando quase insuportável. Ele é o fantasma da Sonserina.

Harry deu uma olhada na mesa de Sonserina e viu um fantasma horroroso sentado lá, os olhos vidrados, uma cara muito magra e vestes sujas de sangue prateado. Estava ao lado de Malfoy, que, Harry ficou contente de ver, não parecia muito satisfeito com a distribuição dos lugares.

– Como foi que ele ficou coberto de sangue? – perguntou Simas muito interessado.

– Nunca perguntei – respondeu Nick Quase Sem Cabeça, educadamente.

Depois que todos comeram tudo o que podiam, as sobras desapareceram dos pratos deixando-os limpinhos como no início. Logo depois surgiram as

sobremesas. Tijolos de sorvete de todos os sabores que se possa imaginar, tortas de maçãs, tortinhas de caramelo, bombas de chocolate, roscas fritas com geleia, bolos de frutas com calda de vinho, morangos, gelatinas, pudim de arroz...

Quando Harry se serviu das tortinhas de caramelo, a conversa se voltou para as famílias.

– Eu sou meio a meio – disse Simas. – Papai é trouxa. Mamãe não contou a ele que era bruxa até depois de casarem. Teve um choque horrível.

Os outros riram.

– E você, Neville? – perguntou Rony.

– Bom, minha avó me criou e ela é bruxa, mas a família achou durante anos que eu era completamente trouxa. Meu tio-avô Algi vivia tentando me pegar desprevenido e me forçar a recorrer à magia. Ele me empurrou pela borda de um cais uma vez, eu quase me afoguei. Mas nada aconteceu até eu completar oito anos. Meu tio Algi veio tomar chá conosco e tinha me pendurado pelos calcanhares para fora de uma janela do primeiro andar, quando a minha tia-avó Enid lhe ofereceu um merengue e ele sem querer me deixou cair. Mas eu desci flutuando até o jardim e a estrada. Todos ficaram realmente satisfeitos. Minha avó chorou de tanta felicidade. E vocês deviam ter visto a cara deles quando entrei para Hogwarts. Achavam que eu não era bastante mágico para entrar, entendem. Meu tio Algi ficou tão contente que me comprou um sapo.

Do outro lado de Harry, Percy e Hermione conversavam sobre as aulas.

– Espero que elas comecem logo, tem tanta coisa para a gente aprender, estou muito interessada em Transfiguração, sabe, transformar uma coisa em outra, claro, dizem que é muito difícil; a pessoa começa aos poucos, fósforos em agulhas e coisas pequenas assim.

Harry, que estava começando a se sentir aquecido e cheio de sono, olhou outra vez para a Mesa Principal. Hagrid tomava um grande gole de sua taça. A Profa. Minerva conversava com o Prof. Dumbledore. O Prof. Quirrell, com aquele turbante ridículo, conversava com um professor de cabelos negros e oleosos, nariz de gancho e pele macilenta.

Aconteceu muito de repente. O olhar do professor de nariz de gancho passou pelo turbante de Quirrell e se fixou nos olhos de Harry, e uma pontada aguda e quente correu pela testa de Harry.

– Ui! – Harry levou a mão à testa.

– Que foi? – perguntou Percy.

– N-nada.

A dor se foi com a mesma rapidez com que viera. Mais difícil foi se livrar da sensação que Harry teve sob o olhar do professor – uma sensação de que ele não gostava nada de Harry.

– Quem é aquele professor que está conversando com o Prof. Quirrell? – perguntou a Percy.

– Ah, você já conhece Quirrell, é? Não admira que ele pareça tão nervoso, aquele é o Prof. Snape. Ele ensina Poções, mas não é o que ele quer. Todo o mundo sabe que está cobiçando o cargo de Quirrell. Conhece um bocado as Artes das Trevas, o Snape.

Harry observou o professor por algum tempo, mas Snape não voltou a olhar em sua direção.

Finalmente, as sobremesas também desapareceram, e o Prof. Dumbledore ficou de pé mais uma vez. O salão silenciou.

– Hum... só mais umas palavrinhas agora que já comemos e bebemos. Tenho alguns avisos de início de ano letivo para vocês.

“Os alunos do primeiro ano devem observar que é proibido andar na floresta da propriedade. E alguns dos nossos estudantes mais antigos fariam bem em se lembrar dessa proibição.”

Os olhos cintilantes de Dumbledore faiscaram na direção dos gêmeos Weasley.

– O Sr. Filch, o zelador, me pediu para lembrar a todos que não devem fazer mágicas no corredor durante os intervalos das aulas.

“Os testes de quadribol serão realizados na segunda semana de aulas. Quem estiver interessado em entrar para o time de sua casa deverá procurar Madame Hooch. E, por último, é preciso avisar que, este ano, o corredor do terceiro andar do lado direito está proibido a todos que não quiserem ter uma morte muito dolorosa.”

Harry riu, mas foi um dos poucos que fez isso.

– Ele não está falando sério! – cochichou a Percy.

– Deve estar – respondeu Percy franzindo a testa para Dumbledore. – É estranho porque em geral ele sempre nos diz a razão por que somos proibidos de ir a algum lugar. A floresta está cheia de animais selvagens, todo o mundo sabe disso. Acho que poderia ter dito aos monitores, pelo menos.

– E agora, antes de irmos para a cama, vamos cantar o hino da escola! – exclamou Dumbledore. Harry reparou que os sorrisos dos outros professores tinham amarelado.

Dumbledore fez um pequeno aceno com a varinha como se estivesse tentando espantar uma mosca na ponta e surgiu no ar uma longa fita dourada, que esvoaçou para o alto das mesas e se enroscou como uma serpente formando palavras.

– Cada um escolha sua música preferida – convidou Dumbledore –, e lá vamos nós!

E a escola entoou em altos brados:

Hogwarts, Hogwarts, Hoggy Warty Hogwarts,
Nos ensine algo por favor,
Quer sejamos velhos e calvos
Quer moços de pernas raladas,
Temos as cabeças precisadas
De ideias interessantes
Pois estão ocas e cheias de ar,
Moscas mortas e fios de cotão.
Nos ensine o que vale a pena
Faça lembrar o que já esquecemos
Faça o melhor, faremos o resto,
Estudaremos até o cérebro se desmanchar.

Todos terminaram a música em tempos diferentes. E por fim só restaram os gêmeos Weasley cantando sozinhos, ao som de uma lenta marcha fúnebre. Dumbledore regeu os últimos versos com sua varinha e, quando eles terminaram, foi um dos que aplaudiram mais alto.

– Ah, a música – disse secando os olhos. – Uma mágica que transcende todas que fazemos aqui! E agora, hora de dormir. Andando!

Os novos alunos de Grifinória seguiram Percy por entre os grupos que conversavam, saíram do Salão Principal e subiram a escadaria de mármore. As pernas de Harry pareceram chumbo outra vez mas só porque estava muito cansado e saciado. Estava cansado demais até para se surpreender que as pessoas nos retratos ao longo dos corredores murmurassem e apontassem quando eles passavam, ou que duas vezes Percy os tivesse conduzido por portais escondidos atrás de painéis corrediços e tapeçarias penduradas. Subiram outras tantas escadas, bocejando e arrastando os pés, e Harry começou a se perguntar quanto ainda faltava para chegar quando de repente pararam.

Um feixe de bengalas flutuava no ar à frente deles, e quando Percy avançou um passo em sua direção, começaram a assaltá-lo.

– Pirraça – cochichou Percy para os alunos do primeiro ano. – Um *Poltergeist*. – E falou em voz alta: – Pirraça, calma.

Um som alto e grosseiro, como o ar escapando de um balão respondeu:

– Quer que eu vá procurar o barão Sangrento?

Ouviram um estalo e um homenzinho com olhos escuros e maus e a boca escancarada apareceu, flutuando de pernas cruzadas no ar, segurando as bengalas.

– Ooooooooh! – disse com uma risada malvada. – Calourinhos! Que divertido!

E mergulhou repentinamente contra eles. Todos se abaixaram.

– Vá embora, Pirraça, ou vou contar ao barão, e estou falando sério! – ameaçou Percy.

Pirraça estirou a língua e desapareceu, largando as bengalas na cabeça de Neville. Eles o ouviram partir zunindo, fazendo retinir os escudos de metal ao passar.

– Vocês tenham cuidado com o Pirraça – recomendou Percy, quando retomaram a caminhada. – O barão Sangrento é o único que consegue controlá-lo, ele não dá confiança aos monitores. Chegamos.

No finzinho do corredor havia um retrato de uma mulher muito gorda vestida de rosa.

– Senha? – pediu ela.

– Cabeça de Dragão – disse Percy, e o retrato se inclinou para a frente revelando um buraco redondo na parede. Todos passaram pelo buraco. Neville precisou de um calço. E se viram no sala comunal da Grifinória, um aposento redondo cheio de poltronas fofas.

Percy indicou às garotas a porta do seu dormitório e, aos meninos, a porta deles. No alto de uma escada em caracol – era óbvio que estavam em uma das torres – encontraram finalmente suas camas: cinco com reposteiros de veludo vermelho-escuro. As malas já haviam sido trazidas. Cansados demais para falar muito, eles enfiaram os pijamas e caíram na cama.

– Comida de primeira, não foi? – comentou Rony para Harry pelos reposteiros. – Se manda, Perebas! Ele está roendo os meus lençóis.

Harry ia perguntar a Rony se ele provara as tortinhas de caramelo, mas adormeceu quase imediatamente.

Talvez Harry tivesse comido demais, porque teve um sonho muito estranho. Estava usando o turbante do Prof. Quirrell, que não parava de conversar com ele, dizendo que devia se mudar para Sonserina imediatamente, porque era seu destino. Harry disse ao turbante que não queria ir para Sonserina; o turbante foi ficando cada vez mais pesado; Harry tentou tirá-lo mas ele começou a apertar sua cabeça até doer – e aí Malfoy apareceu, rindo do esforço dele. Depois Malfoy se transformou no professor de nariz de gancho, Snape, cuja gargalhada ecoou alta e fria – houve um clarão verde e Harry acordou, suado e trêmulo.

Mudou de posição e tornou a dormir, e quando acordou no dia seguinte, nem se lembrou que tinha sonhado.

— CAPÍTULO OITO —

O mestre das poções

Ali, olha.

– Onde?

– Ao lado do garoto alto de cabelos vermelhos.

– De óculos?

– Você viu a cara dele?

– Você viu a cicatriz?

Os murmúrios acompanharam Harry desde a hora em que ele saiu do dormitório no dia seguinte. A garotada que fazia fila do lado de fora das salas de aula ficava nas pontas dos pés para dar uma espiada, ou ia e vinha nos corredores para vê-lo duas vezes. Harry desejou que não fizessem isso, porque estava tentando se concentrar para encontrar o caminho para suas aulas.

Havia cento e quarenta e duas escadas em Hogwarts: largas e imponentes; estreitas e precárias; umas que levavam a um lugar diferente às sextasfeiras; outras com um degrau no meio que desaparecia e a pessoa tinha que se lembrar de saltar por cima. Além disso, havia portas que não abriam a não ser que a pessoa pedisse por favor, ou fizesse cócegas nelas no lugar certo, e portas que não eram bem portas, mas paredes sólidas que fingiam ser portas. Era também muito difícil lembrar onde ficavam as coisas, porque tudo parecia mudar frequentemente de lugar. As pessoas nos retratos saíam para se visitar e Harry tinha certeza de que os brasões andavam.

Os fantasmas também não ajudavam nada. Era sempre um choque horrível quando um deles atravessava de repente uma porta que a pessoa estava querendo abrir. Nick Quase Sem Cabeça ficava sempre feliz de apontar a direção certa para os alunos de Grifinória, mas Pirraça, o *Poltergeist*, representava duas portas fechadas e uma escada falsa se a pessoa o encontrasse quando estava atrasada para uma aula. Ele despejava cestas de papéis na cabeça das pessoas, puxava os

tapetes de baixo de seus pés, acertava-as com pedacinhos de giz ou vinha sorrateiro por trás, invisível, e agarrava-as pelo nariz e guinchava: "PEGUEI-A PELA BICANCA!"

Pior que o *Poltergeist*, se é que era possível, era o zelador, Argo Filch. Harry e Rony conseguiram conquistar sua má vontade logo na primeira manhã. Filch encontrou-os tentando forçar caminho por uma porta que, por azar, era a entrada para o corredor proibido no terceiro andar. Ele não quis acreditar que estavam perdidos, pois tinha certeza de que estavam tentando arrombá-la de propósito e ameaçava trancá-los nas masmorras, quando foram salvos pelo Prof. Quirrell, que ia passando.

Filch tinha uma gata chamada Madame Nor-r-r-a, como quem ronrona, um bicho magro, cor de poeira, com olhos saltados como lâmpadas, iguais aos de Filch. Ela patrulhava os corredores sozinha. Se alguém desobedecesse a uma regra em sua presença, pusesse o dedão do pé fora da linha, ela corria a buscar Filch, que aparecia, asmático, em dois segundos. Filch conhecia as passagens secretas da escola melhor do que ninguém (exceto talvez os gêmeos Weasley) e podia surgir de repente como um fantasma. Os estudantes a detestavam e a ambição mais desejada de muitos era dar um bom pontapé em Madame Nor-r-ra.

Além disso, quando a pessoa conseguia encontrar o caminho das salas, havia as aulas em si. Mágica era muito mais do que sacudir a varinha e dizer meia dúzia de palavras engraçadas, como Harry logo descobriu.

Tinham de estudar o céu da noite pelo telescópio toda quarta-feira à meia-noite e aprender os nomes das diferentes estrelas e os movimentos dos planetas. Três vezes por semana iam para as estufas de plantas atrás do castelo para estudar herbologia, com uma bruxa baixa e gorda chamada Profa. Sprout, com quem aprendiam como cuidar de todas as plantas e fungos estranhos e descobriam para que eram usados.

Sem favor, a aula mais chata era a de História da Magia, a única matéria ensinada por um fantasma. O Prof. Binns era realmente muito velho quando adormeceu diante da lareira na sala dos professores e levantou na manhã seguinte para dar aulas, deixando o corpo para trás. Binns falava sem parar enquanto eles anotavam nomes e datas e acabavam confundindo Emerico, o Mau, com Urico, o Esquisitão.

O Prof. Flitwick, que ensinava Feitiços, era um bruxo miudinho que tinha de subir numa pilha de livros para enxergar por cima da mesa. No começo da primeira aula ele pegou a pauta e quando chegou ao nome de Harry soltou um gritinho excitado e caiu da pilha, desaparecendo de vista.

Já a Profa. Minerva era diferente. Harry estava certo quando pensou que ela não era professora para aluno nenhum aborrecer. Severa e inteligente, fez um

sermão no instante em que eles se sentaram para a primeira aula.

– A Transfiguração é uma das mágicas mais complexas e perigosas que vão aprender em Hogwarts. Quem fizer bobagens na minha aula vai sair e não vai voltar mais. Estão avisados.

Transformou, então, a mesa em porco e de volta em mesa. Todos ficaram muito impressionados e ansiosos para começar, mas logo perceberam que não iam transformar os móveis em animais ainda por muito tempo. Depois de fazerem anotações complicadas, receberam um fósforo e começaram a tentar transformá-lo em agulha. No fim da aula, somente Hermione Granger produzira algum efeito no fósforo; a Profa. Minerva mostrou à classe como o fósforo ficara todo prateado e pontiagudo e deu um raro sorriso à aluna.

A matéria que todos estavam realmente aguardando com ansiedade era a de Defesa Contra as Artes das Trevas, mas as aulas de Quirrell foram uma piada. Sua sala cheirava fortemente a alho, que todos diziam que era para espantar um vampiro que ele encontrara na Romênia e temia que viesse atacá-lo a qualquer dia. Seu turbante, contou ele, fora presente de um príncipe africano como agradecimento por tê-lo livrado de um zumbi incômodo, mas os alunos não tinham muita certeza se acreditavam na história. Primeiro porque, quando Simas Finnigan pediu ansioso para Quirrell contar como liquidara o zumbi, Quirrell ficou vermelho e começou a falar do tempo; segundo porque eles repararam que havia um cheiro engraçado em volta do turbante, e os gêmeos Weasley insistiam que devia estar cheio de alho também, de modo que Quirrell estava protegido em qualquer lugar.

Harry se sentiu aliviado ao descobrir que não estava muito atrasado com relação ao resto da turma. Muitos alunos tinham vindo de famílias de trouxas e, como ele, não faziam ideia de que eram bruxas e bruxos. Havia tanto para aprender que até gente como Rony não estava tão adiantada assim.

Sexta-feira foi um dia importante para Harry e Rony. Eles finalmente conseguiram encontrar o caminho para o Salão Principal e tomar o café da manhã sem se perder nem uma vez.

– O que temos hoje? – perguntou Harry a Rony enquanto punha açúcar no mingau de aveia.

– Poções duplas com o pessoal da Sonserina. Snape é diretor da Sonserina. Dizem que sempre protege eles. Vamos ver se é verdade.

– Gostaria que Minerva nos protegesse. – A Profa. Minerva era diretora da Grifinória, mas isso não a impedira de dar aos seus alunos uma montanha de dever de casa no dia anterior.

Naquele instante chegou o correio. Harry agora já se acostumara com isso, mas levara um susto na primeira manhã quando centenas de corujas entraram de

repente no Salão Principal durante o café da manhã, circulando as mesas até verem seus donos e deixarem cair as cartas e pacotes no colo deles.

Edwiges não trouxera nada para Harry até então. Às vezes entrava para beliscar sua orelha e comer um pedacinho de torrada antes de ir dormir no corujal com as outras corujas da escola. Esta manhã, porém, ela esvoaçou entre a geleia e o açucareiro e deixou cair um bilhete no prato de Harry. Ele o abriu imediatamente.

> *Prezado Harry*, dizia, numa letra muito garranchosa.
>
> *Sei que tem as tardes de sexta-feira livres, então será que não gostaria de vir tomar uma xícara de chá comigo por volta das três horas? Quero saber como foi a sua primeira semana. Mande-nos uma resposta pela Edwiges.*
>
> *Hagrid.*

Harry pediu emprestada a pena de Rony e escreveu *"Sim, gostaria, vejo você mais tarde"* no verso do bilhete e despachou Edwiges outra vez.

Foi uma sorte que Harry tivesse o convite de Hagrid com que se alegrar, porque a aula de Poções foi a pior coisa que lhe acontecera até ali.

No início do banquete de abertura do ano letivo, Harry tivera a impressão de que o Prof. Snape não gostava dele. No final da primeira aula de Poções, ele viu que se enganara. Não era bem que Snape não gostava de Harry – ele o *odiava*.

A aula de Poções foi em uma das masmorras. Era mais frio ali do que na parte social do castelo e teria dado arrepios mesmo sem os animais embalsamados flutuando em frascos de vidro nas paredes à volta.

Snape, como Flitwick, começou a aula fazendo a chamada e, como Flitwick, ele parou no nome de Harry.

– Ah, sim – disse baixinho. – Harry Potter. A nossa nova *celebridade*.

Draco Malfoy e seus amigos Crabbe e Goyle deram risadinhas escondendo a boca com as mãos. Snape terminou a chamada e encarou a classe. Seus olhos eram negros como os de Hagrid, mas não tinham o calor dos de Hagrid. Eram frios e vazios e lembravam túneis escuros.

– Vocês estão aqui para aprender a ciência sutil e a arte exata do preparo de poções – começou. Falava pouco acima de um sussurro, mas eles não perderam nenhuma palavra. Como a Profa. Minerva, Snape tinha o dom de manter uma classe silenciosa sem esforço. – Como aqui não fazemos gestos tolos, muitos de vocês podem pensar que isto não é mágica. Não espero que vocês realmente entendam a beleza de um caldeirão cozinhando em fogo lento, com a fumaça a tremeluzir, o delicado poder dos líquidos que fluem pelas veias humanas e

enfeitiçam a mente, confundem os sentidos... Posso ensinar-lhes a engarrafar fama, a cozinhar glória, *até a zumbificar,* se não forem o bando de cabeças-ocas que geralmente me mandam ensinar.

Mais silêncio seguiu-se a esse pequeno discurso. Harry e Rony se entreolharam com as sobrancelhas erguidas. Hermione Granger estava sentada na beiradinha da carteira e parecia desesperada para começar a provar que não era uma cabeça-oca.

– Potter! – disse Snape de repente. – O que eu obteria se adicionasse raiz de asfódelo em pó a uma infusão de losna?

Raiz do quê em pó a uma infusão do quê? Harry olhou para Rony, que parecia tão embatucado quanto ele; a mão de Hermione se ergueu no ar.

– Não sei, não senhor – disse Harry.

A boca de Snape se contorceu num riso de desdém.

– Tsc, tsc, a fama pelo visto não é tudo.

E não deu atenção à mão de Hermione.

– Vamos tentar outra vez, Potter. Se eu lhe pedisse, onde você iria buscar bezoar?

Hermione esticou a mão no ar o mais alto que pôde sem se levantar da carteira, mas Harry não tinha a menor ideia do que fosse bezoar. Tentou não olhar para Malfoy, Crabbe e Goyle, que se sacudiam de tanto rir.

– Não sei, não senhor.

– Achou que não precisava abrir os livros antes de vir, hein, Potter?

Harry fez força para continuar olhando diretamente para aqueles olhos frios. *Folheara* os livros na casa dos Dursley, mas será que Snape esperava que ele se lembrasse de tudo que vira em *Mil ervas e fungos mágicos*?

Snape continuava a desprezar a mão trêmula de Hermione.

– Qual é a diferença, Potter, entre acônito licoctono e acônito lapelo?

Ao ouvir isso, Hermione se levantou, a mão esticada em direção ao teto da masmorra.

– Não sei – disse Harry em voz baixa. – Mas acho que Hermione sabe, por que o senhor não pergunta a ela?

Alguns garotos riram; os olhos de Harry encontraram os de Simas e este deu uma piscadela. Snape, porém, não gostou.

– Sente-se – disse com rispidez a Hermione. – Para sua informação, Potter, asfódelo e losna produzem uma poção para adormecer tão forte que é conhecida como a Poção do Morto-Vivo. O bezoar é uma pedra tirada do estômago da cabra e pode salvá-lo da maioria dos venenos. Quanto aos dois acônitos são plantas do mesmo gênero botânico. Então? Por que não estão copiando o que estou dizendo?

Ouviu-se um ruído repentino de gente apanhando penas e pergaminhos. E acima desse ruído a voz de Snape:

– E vou descontar um ponto da Grifinória por sua impertinência, Potter.

As coisas não melhoraram para os alunos da Grifinória na continuação da aula de Poções. Snape separou-os aos pares e mandou-os misturar uma poção simples para curar furúnculos. Caminhava imponente com sua longa capa negra, observando-os pesar urtigas secas e pilar presas de cobras, criticando quase todos, exceto Draco, de quem parecia gostar. Tinha acabado de dizer a todos que olhassem a maneira perfeita com que Draco cozinhara as lesmas quando um silvo alto e nuvens de fumaça acre e verde invadiram a masmorra. Neville conseguira derreter o caldeirão de Simas transformando-o numa bolha retorcida e a poção dos dois estava vazando pelo chão de pedra, fazendo furos nos sapatos dos garotos. Em segundos, a classe toda estava trepada nos banquinhos enquanto Neville, que se encharcara de poção quando o caldeirão derreteu, tinha os braços e as pernas cobertos de furúnculos vermelhos que o faziam gemer de dor.

– Menino idiota! – vociferou Snape, limpando a poção derramada com um aceno de sua varinha. – Suponho que tenham adicionado as cerdas de porco-espinho antes de tirar o caldeirão do fogo?

Neville choramingou quando os furúnculos começaram a pipocar em seu nariz.

– Levem-no para a ala do hospital – Snape ordenou a Simas. Em seguida voltou-se zangado para Harry e Rony, que estavam trabalhando ao lado de Neville. – Você, Potter, por que não disse a ele para não adicionar as cerdas? Achou que você pareceria melhor se ele errasse, não foi? Mais um ponto que você perdeu para Grifinória.

A injustiça foi tão grande que Harry abriu a boca para argumentar, mas Rony deu-lhe um pontapé por trás do caldeirão.

– Não force a barra – cochichou. – Ouvi dizer que Snape pode ser muito indigesto.

Quando subiam as escadas para sair da masmorra uma hora depois, os pensamentos se sucediam velozes na cabeça de Harry, que se sentia deprimido. Perdera dois pontos para Grifinória na primeira semana – por que Snape o odiava tanto?

– Ânimo – disse Rony. – Snape está sempre tirando pontos de Fred e Jorge. Posso ir com você à casa de Rúbeo?

Às cinco para as três eles saíram do castelo e atravessaram a propriedade. Hagrid morava numa casinha de madeira na orla da Floresta Proibida. Uma besta e um par de galochas estavam à porta da casa.

Quando Harry bateu à porta eles ouviram uma correria frenética e latidos

ferozes. Depois, a voz de Hagrid dizendo:

– *Para trás*, Canino. *Atrás*.

A cara barbuda de Hagrid apareceu na fresta quando a porta se abriu.

– Espere aí. *Para trás*, Canino.

Ele os fez entrar, lutando para segurar com firmeza a coleira de um enorme cão de caçar javalis.

Havia apenas um aposento na casa. Presuntos e faisões pendiam do teto, uma chaleira de cobre fervia ao fogão e a um canto havia uma cama maciça coberta com uma colcha de retalhos.

– Estejam à vontade – falou Hagrid, soltando Canino, que pulou imediatamente para cima de Rony e começou a lamber-lhe as orelhas. Como Hagrid, parecia óbvio que Canino não era tão feroz quanto se esperava.

– Este é o Rony – Harry disse a Hagrid, que fora despejar água fervendo num grande bule de chá e arrumar biscoitos num prato.

– Mais um Weasley, hein?! – exclamou Hagrid vendo as sardas de Rony. – Passei metade da vida expulsando seus irmãos da floresta.

Os biscoitos quase quebraram os dentes deles, mas Harry e Rony fingiram gostar e contaram a Hagrid como tinham sido as primeiras aulas. Canino descansou a cabeça no colo de Harry e cobriu as vestes dele de baba.

Harry e Rony ficaram contentes de ouvir Hagrid chamar Filch de “guitarra velha”.

– Quanto àquela gata, Madame Nor-r-ra, às vezes eu tenho vontade de apresentar o Canino a ela. Sabe que todas as vezes que vou até a escola ela me segue por toda parte? Não consigo me livrar da gata. É Filch que manda ela fazer isso.

Harry contou a Hagrid a aula de Snape. Hagrid, como Rony, disse a Harry que não se preocupasse, que Snape não gostava praticamente de nenhum aluno.

– Mas ele parecia que realmente me *odiava*.

– Bobagem! Por que o odiaria?

Mas Harry não pôde deixar de pensar que Hagrid evitou encará-lo quando disse isso.

– Como vai seu irmão Carlinhos? – perguntou Hagrid a Rony. – Eu gostava muito dele. Tinha muito jeito com animais.

Harry se perguntou se Hagrid teria mudado de assunto de propósito. Enquanto Rony contava tudo sobre o trabalho de Carlinhos com dragões, Harry apanhou um pedaço de papel que estava na mesa sob o abafador de chá. Era uma notícia recortada do *Profeta Diário.*

O CASO GRINGOTES

Prosseguem as investigações sobre o arrombamento de Gringotes, ocorrido em 31 de julho, que se acredita ter sido trabalho de bruxos e bruxas das Trevas desconhecidos.

Os duendes de Gringotes insistiam hoje que nada foi roubado. O cofre aberto na realidade fora esvaziado mais cedo naquele dia.

"Mas não vamos dizer o que havia dentro, para que ninguém se meta, se tiver juízo", disse um porta-voz esta tarde.

Harry lembrou-se que Rony lhe contara no trem que alguém tentara roubar Gringotes, mas não mencionara a data.

– Rúbeo! – exclamou Harry. – Aquele arrombamento de Gringotes aconteceu no dia do meu aniversário! Talvez estivesse acontecendo enquanto a gente estava lá!

Não havia a menor dúvida, desta vez Hagrid decididamente evitara encarar Harry. Resmungou alguma coisa e lhe ofereceu mais um biscoito. Harry releu a notícia. *O cofre aberto na realidade fora esvaziado mais cedo naquele dia.* Hagrid esvaziara o cofre setecentos e treze, se é que se podia chamar esvaziar alguém levar aquele pacotinho encalombado. Seria aquilo que os ladrões estavam procurando?

Quando Harry e Rony voltaram ao castelo para jantar, tinham os bolsos pesados com os biscoitos que a educação os impedira de recusar. Harry pensou que nenhuma das aulas a que assistira até ali tinha-lhe dado tanto o que pensar quanto o chá com Rúbeo Hagrid. Será que Hagrid tinha apanhado o pacote bem na hora? Onde estava o pacote agora? Será que ele sabia alguma coisa de Snape que não queria contar a Harry?

— CAPÍTULO NOVE —

O duelo à meia-noite

Harry jamais acreditara que fosse encontrar um garoto que ele detestasse mais do que Duda, mas isto foi antes de conhecer Draco. Os alunos do primeiro ano da Grifinória, porém, só tinham uma aula com os da Sonserina, a de Poções, por isso não precisavam aturar Draco muito tempo. Ou pelo menos, não precisavam até verem um aviso pregado no sala comunal de Grifinória que fez todos gemerem. As aulas de voo começariam na quinta-feira – e os alunos das duas casas aprenderiam juntos.

– Típico – disse Harry, desanimado. – É o que eu sempre quis. Fazer papel de palhaço montado numa vassoura na frente do Draco.

Ele estivera ansioso para aprender a voar, mais do que qualquer outra coisa.

– Você não sabe se vai fazer papel de palhaço – disse Rony, sensato. – Em todo o caso, sei que Draco vive falando que é bom em quadribol, mas aposto que é conversa fiada.

Draco sem dúvida falava muito de voos. Queixava-se em voz alta que os alunos do primeiro ano nunca entravam para o time de quadribol e se gabava em longas histórias, que sempre pareciam terminar com ele escapando por um triz dos trouxas de helicópteros. Mas ele não era o único: pelo que Simas Finnigan contava, ele passara a maior parte da infância voando pelo campo montado numa vassoura. Até Rony contava para quem quisesse ouvir sobre a vez em que ele quase batera numa asa delta montado na velha vassoura de Carlinhos. Todos os garotos de famílias de bruxos falavam o tempo todo de quadribol. Rony já tivera uma grande discussão sobre futebol com Dino Thomas, que também usava o dormitório deles. Rony não via nada excitante em um jogo em que ninguém podia voar e só tinha uma bola. Harry surpreendera Rony cutucando o pôster em que Dino aparecia com o time de futebol de West Ham, tentando fazer os jogadores se mexerem.

Neville nunca andara de vassoura na vida, porque a avó nunca o deixara chegar perto de uma. No fundo, Harry achava que ela estava certíssima, porque Neville conseguira sofrer um número impressionante de acidentes mesmo com os dois pés no chão.

Hermione Granger estava quase tão nervosa quanto Neville com a ideia de voar. Isto não era coisa que se aprendesse de cor em um livro – não que ela não tivesse tentado. No café da manhã de quinta-feira, deu um cansaço neles falando sobre macetes de voo que lera em um livro da biblioteca chamado *Quadribol através dos séculos*. Neville praticamente se pendurava em cada palavra que ela dizia, desesperado para aprender qualquer coisa que o ajudasse a se segurar na vassoura mais tarde, mas todos os outros ficaram muito felizes quando a conferência de Hermione foi interrompida pela chegada do correio.

Harry não recebera nenhuma carta desde o bilhete de Hagrid, uma coisa que Draco não demorara nada a notar, é claro. A coruja de Draco estava sempre lhe trazendo de casa pacotes de doces, que ele abria fazendo farol na mesa da Sonserina.

Uma coruja de curral trouxe para Neville um pacotinho da avó. Ele o abriu excitado e mostrou a todos uma bolinha de vidro do tamanho de uma bola de gude grande, que parecia cheia de fumaça branca.

– É um Lembrol! – explicou ele. – Vovó sabe que sou esquecido. Isto serve para avisar que a gente esqueceu de fazer alguma coisa. Olhe, aperte assim e ele fica vermelho, ah... – e ficou sem graça, porque o Lembrol de repente emitiu uma luz escarlate – ... você esqueceu alguma coisa...

Neville estava tentando se lembrar do que esquecera quando Draco, que ia passando pela mesa da Grifinória, arrancou o Lembrol de sua mão.

Harry e Rony puseram-se imediatamente de pé. Andavam querendo um motivo para brigar com Draco, mas a Profa. Minerva, que era capaz de identificar uma confusão mais depressa do que qualquer outro professor da escola, num segundo estava lá.

– Que é que está acontecendo?

– Draco tirou o meu Lembrol, professora.

Mal-humorado, Draco mais do que depressa largou o Lembrol na mesa.

– Só estava olhando – falou, e saiu de fininho com Crabbe e Goyle na esteira.

Às três e meia, aquela tarde, Harry, Rony e os outros garotos da Grifinória desceram correndo as escadas que levavam para fora do castelo para a primeira aula de voo. Era um dia claro, com uma brisa fresca e a grama ondeava pelas encostas sob seus pés ao caminharem em direção a um gramado plano que havia do lado oposto à Floresta Proibida, cujas árvores balançavam sinistramente a

distância.

Os garotos da Sonserina já estavam lá, bem como as vinte vassouras arrumadas em fileiras no chão. Harry ouvira Fred e Jorge Weasley se queixarem das vassouras da escola, dizendo que havia umas que começavam a vibrar quando voavam muito alto, ou sempre repuxavam ligeiramente para a esquerda.

A professora, Madame Hooch, chegou. Tinhas cabelos curtos e grisalhos e olhos amarelos como os de um falcão.

– Vamos, o que é que estão esperando? – perguntou com rispidez. – Cada um ao lado de uma vassoura. Vamos, andem logo.

Harry olhou para a vassoura. Era velha e tinha algumas palhas espetadas para fora em ângulos estranhos.

– Estiquem a mão direita sobre a vassoura – mandou Madame Hooch diante deles – e digam "Em pé!".

– EM PÉ! – gritaram todos.

A vassoura de Harry pulou imediatamente para sua mão, mas foi uma das poucas que fez isso. A de Hermione Granger simplesmente se virou no chão e a de Neville nem se mexeu. Talvez as vassouras, como os cavalos, percebessem quando a pessoa estava com medo, pensou Harry; havia um tremor na voz de Neville, que dizia com demasiada clareza que ele queria manter os pés no chão.

Madame Hooch, em seguida, mostrou-lhes como montar as vassouras sem escorregar pela outra extremidade, e passou pelas fileiras de alunos corrigindo a maneira de segurá-las. Harry e Rony ficaram contentes quando ela disse a Draco que ele segurava a vassoura errado havia anos.

– Agora, quando eu apitar, deem um impulso forte com os pés – disse a professora. – Mantenham as vassouras firmes, saiam alguns centímetros do chão e voltem a descer curvando o corpo um pouco para a frente. Quando eu apitar... três... dois...

Mas Neville, nervoso, assustado, e com medo que a vassoura o largasse no chão, deu um impulso forte antes mesmo de o apito tocar os lábios de Madame Hooch.

– Volte, menino! – gritou ela, mas Neville subiu como uma rolha que sai sob pressão da garrafa, quatro metros, seis metros. Harry viu a cara de Neville branca de medo espiando para o chão enquanto ganhava altura, viu-o exclamar, escorregar de lado para fora da vassoura e...

BUMBA! – um baque surdo, um ruído de fratura e Neville caído de borco na grama, estatelado. Sua vassoura continuou a subir cada vez mais alto e começou a flutuar sem pressa em direção à Floresta Proibida e desapareceu de vista.

Madame Hooch se debruçou sobre Neville, o rosto tão branco quanto o dele.

– Pulso quebrado – Harry ouviu-a murmurar. – Vamos, menino, levante-se.

Virou-se para o restante da classe.
– Nenhum de vocês vai se mexer enquanto levo este menino ao hospital! Deixem as vassouras onde estão ou vão ser expulsos de Hogwarts antes de poderem dizer “quadribol”. Vamos, querido.
Neville, o rosto manchado de lágrimas, segurando o pulso, saiu mancando em companhia de Madame Hooch, que o abraçava pelos ombros.
Assim que se distanciaram e ficaram fora do campo de audição da classe, Draco caiu na gargalhada.
– Vocês viram a cara dele, o panaca?
Os outros alunos da Sonserina fizeram coro.
– Cala a boca, Draco – retrucou Parvati Patil.
– Uuuu, defendendo o Neville? – disse Pansy Parkinson, uma aluna da Sonserina de feições duras. – Nunca pensei que *você* gostasse de manteiguinhas derretidas, Parvati.
– Olhe! – disse Draco, atirando-se para a frente e recolhendo alguma coisa na grama. – É aquela porcaria que a avó do Neville mandou.
O Lembrol cintilou ao sol quando o garoto o ergueu.
– Me dá isso aqui, Draco – falou Harry em voz baixa. Todos pararam de conversar para espiar.
Draco soltou uma risadinha malvada.
– Acho que vou deixá-la em algum lugar para Neville apanhar, que tal em cima de uma árvore?
– Me dá isso *aqui* – berrou Harry, mas Draco montara na vassoura e saíra voando. Ele não mentira, *sabia* voar bem, e planando ao nível dos ramos mais altos de um carvalho desafiou:
– Venha buscar, Potter!
Harry agarrou a vassoura.
– Não! – gritou Hermione Granger. – Madame Hooch disse para a gente não se mexer. Vocês vão nos meter numa enrascada.
Harry não lhe deu atenção. O sangue palpitava em suas orelhas. Ele montou a vassoura, deu um impulso com força e subiu, subiu alto, o ar passou veloz pelo seu cabelo e suas vestes se agitaram com força para trás – e numa onda de feroz alegria ele percebeu que encontrara alguma coisa que era capaz de fazer sem ninguém lhe ensinar – isto era fácil, era *maravilhoso*. Puxou a vassoura para o alto para subir ainda mais e ouviu gritos e exclamações das garotas lá no chão e um viva de admiração do Rony.
Virou a vassoura com um gesto brusco ficando de frente para Draco, que planava no ar. O garoto estava abobalhado.
– Me dá isso aqui – mandou Harry – ou vou derrubar você dessa vassoura!

– Ah, é? – retrucou Draco, tentando caçoar, mas parecendo preocupado.

Harry de alguma maneira sabia o que fazer. Curvou-se para a frente, segurou a vassoura com firmeza com as duas mãos e ela disparou na direção de Draco como uma lança. Draco só conseguiu escapar por um triz; Harry fez uma curva fechada e manteve a vassoura firme. Algumas pessoas no chão aplaudiram.

– Aqui não tem Crabbe nem Goyle para salvarem sua pele, Draco – berrou Harry.

O mesmo pensamento parecia ter ocorrido a Draco.

– Apanhe se puder, então! – gritou, atirou a bolinha de cristal no ar e voltou para o chão.

Harry viu, como se fosse em câmara lenta, a bolinha subir no ar e começar a cair. Ele se curvou para a frente e apontou o cabo da vassoura para baixo – no instante seguinte estava ganhando velocidade num mergulho quase vertical, apostando corrida com a bolinha – o vento assobiava em suas orelhas, misturado aos gritos das pessoas que olhavam – ele esticou a mão – a uns trinta centímetros do solo agarrou-a, bem em tempo de levar a vassoura à posição vertical, e caiu suavemente na grama com o Lembrol salvo e seguro na mão.

– HARRY POTTER!

Ele perdeu a animação mais depressa do que quando mergulhara. A Profa. Minerva vinha correndo em direção à turma. Ele se levantou tremendo.

– *Nunca*... em todo o tempo que estou em Hogwarts...

A Profa. Minerva quase perdeu a fala de espanto e seus óculos cintilavam sem parar, “... como é que você se *atreve*... podia ter partido o pescoço...” .

– Não foi culpa dele, professora...

– Calada, Srta. Patil...

– Mas Draco...

– *Chega*, Sr. Weasley. Potter, me acompanhe, agora.

Harry viu as caras vitoriosas de Draco, Crabbe e Goyle ao sair acompanhando, espantado, a Profa. Minerva, que seguiu para o castelo. Ia ser expulso, sabia. Queria dizer alguma coisa para se defender, mas parecia ter acontecido alguma coisa com a sua voz. A Profa. Minerva caminhava decidida, sem nem olhar para trás; ele tinha que correr para acompanhar seu passo. Agora se enrascara. Não tinha durado nem duas semanas. Estaria fazendo as malas dali a dez minutos. Que iriam dizer os Dursley quando ele aparecesse à porta da casa?

Subiram os degraus da entrada, subiram a escadaria de mármore, e a Profa. Minerva continuava a não dizer nada. Escancarava portas e marchava pelos corredores com Harry trotando infeliz atrás dela. Talvez ela o levasse a Dumbledore. Pensou em Hagrid, aluno expulso a quem tinham permitido continuar na escola como guarda-caça. Talvez virasse assistente de Hagrid. Seu

estômago revirava só de pensar, observando Rony e os outros se tornarem bruxos enquanto ele andava pela propriedade carregando a bolsa de Hagrid.

A Profa. Minerva parou à porta de uma sala de aula. Abriu a porta e meteu a cabeça para dentro.

– Com licença, Prof. Flitwick, posso pedir o Wood emprestado por um instante?

Wood?, pensou Harry, intrigado; Wood seria alguma coisa que ela ia usar para castigá-lo?

Mas Wood afinal era uma pessoa, um menino forte do quinto ano, que saiu da sala de Flitwick parecendo confuso.

– Vocês dois me sigam – disse a Profa. Minerva, e continuaram todos pelo corredor, Wood examinando Harry com curiosidade.

– Entrem.

A Profa. Minerva indicou uma sala de aula que estava vazia exceto por Pirraça, que se ocupava em escrever palavrões no quadro-negro.

– Fora, Pirraça! – ordenou ela. Pirraça atirou o giz em uma cesta, produzindo um eco metálico e alto e saiu xingando. A Profa. Minerva bateu a porta atrás dele e virou-se para encarar os dois garotos.

– Harry Potter, este é Olívio Wood. Olívio... encontrei um apanhador para você.

A expressão de Olívio mudou de confusão para prazer.

– Está falando sério, professora?

– Seriíssimo – resumiu a Profa. Minerva. – O menino tem um talento natural. Nunca vi nada parecido. Foi a primeira vez que montou numa vassoura, Harry?

Harry confirmou com a cabeça. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas parecia que não estava sendo expulso, e começou a recuperar um pouco da sensibilidade nas pernas.

– Ele apanhou aquela coisa com a mão depois de um mergulho de mais de 15 metros – a Profa. Minerva contou a Wood. – Não sofreu um único arranhão. Nem Carlinhos Weasley seria capaz de fazer igual.

Olívio parecia agora alguém cujos sonhos tinham virado realidade, todos ao mesmo tempo.

– Você já assistiu a um jogo de quadribol, Potter? – perguntou excitado.

– Wood é o capitão do time da Grifinória – explicou a Profa. Minerva.

– E tem o físico perfeito para um apanhador – acrescentou Olívio, agora andando à volta de Harry, examinando-o. – Leve, veloz, vamos ter de arranjar uma vassoura decente para ele, professora, uma Nimbus 2000 ou uma Cleansweep-7, na minha opinião.

– Vou conversar com o professor Dumbledore e ver se podemos contornar o

regulamento para o primeiro ano. Deus sabe que precisamos de um time melhor do que o do ano passado. *Esmagado* naquele último jogo contra os sonserinos. Mal consegui encarar Severo Snape no rosto durante semanas...

A Profa. Minerva espiou Harry com severidade por cima dos óculos.

– Quero ouvir falar que você está treinando com vontade, Potter, ou posso mudar de ideia quanto ao castigo que merece.

Então, inesperadamente, ela sorriu.

– Seu pai teria ficado orgulhoso. Era um excelente jogador de quadribol.

– Você está *brincando*.

Era hora do jantar. Harry acabara de contar a Rony o que acontecera quando deixara os jardins da propriedade com a Profa. Minerva. Rony tinha um pedaço de bife e pastelão de rins a meio caminho da boca, mas esqueceu o que estava fazendo.

– *Apanhador?!* – exclamou. – Mas os alunos do primeiro ano *nunca*... você vai ser o jogador da casa mais novo do último...

– Século – completou Harry, enfiando o pastelão na boca. Sentia-se particularmente faminto depois da agitação da tarde. – Olívio me disse.

Rony estava tão admirado, tão impressionado, que ficou ali sentado de boca aberta para Harry.

– Vou começar a treinar na próxima semana – anunciou Harry. – Só não conte a ninguém, Olívio quer fazer segredo.

Fred e Jorge Weasley entraram nesse momento no salão, viram Harry e foram depressa falar com ele.

– Grande lance – falou Jorge em voz baixa. – Olívio nos contou. Estamos no time também... batedores.

– Sabe de uma coisa, tenho certeza de que vamos ganhar a taça de quadribol deste ano – disse Fred. – Não ganhamos desde que Carlinhos terminou a escola, mas o time deste ano vai ser brilhante. Você deve ser bom, Harry, Olívio estava quase dando pulinhos quando nos contou.

– Em todo o caso, temos de ir, Lino Jordan acha que encontrou uma nova passagem secreta para sair da escola.

Fred e Jorge mal tinham desaparecido quando alguém menos bem-vindo apareceu: Draco, ladeado por Crabbe e Goyle.

– Comendo a última refeição, Harry? Quando vai pegar o trem de volta para a terra dos trouxas?

– Você está bem mais corajoso agora que voltou ao chão e está acompanhado por seus amiguinhos – disse Harry, tranquilo. Não havia nada “inho” em Crabbe nem em Goyle, mas como a mesa principal estava repleta de professores, os

garotos só podiam estalar as juntas e fazer cara feia.

– Enfrento você a qualquer hora sozinho – disse Draco. – Hoje à noite, se você quiser. Duelo de bruxos. Só varinhas, sem contato. Que foi? Nunca ouviu falar de duelo de bruxos, suponho?

– Claro que já – respondeu Rony virando-se. – Vou ser o padrinho dele, quem vai ser o seu?

Draco mirou Crabbe e Goyle, medindo-os.

– Crabbe, meia-noite está bem? Nos encontramos na sala de troféus, está sempre destrancada.

Quando Draco foi embora, Rony e Harry se entreolharam.

– O que é um duelo de bruxos? – perguntou Harry. – E o que você quis dizer quando se ofereceu para ser meu padrinho?

– Bom, o padrinho fica lá para tomar o seu lugar se você morrer – disse Rony com displicência, começando finalmente a comer o pastelão frio. Surpreendendo a expressão no rosto de Harry, acrescentou bem depressa: – Mas as pessoas só morrem em duelos de verdade, sabe, com bruxos de verdade. O máximo que você e Draco conseguirão fazer será atirar fagulhas um no outro. Nenhum dos dois conhece magia suficiente para fazer estragos. Mas aposto que ele esperava que você recusasse.

– E se eu agitar minha varinha e nada acontecer?

– Jogue a varinha fora e meta-lhe um soco na cara – sugeriu Rony.

– Com licença.

Os dois ergueram os olhos. Era Hermione Granger.

– Será que a pessoa não pode comer sossegada neste lugar?! – exclamou Rony.

Hermione não ligou para ele e se dirigiu a Harry.

– Não pude deixar de ouvir o que você e Draco estavam dizendo...

– Aposto que podia – resmungou Rony.

– ... e você não *deve* andar pela escola à noite, pense nos pontos que vai perder para a Grifinória se for pego, e você vai ser. É muito egoísmo da sua parte.

– E, para falar a verdade, não é da sua conta – respondeu Harry.

– Tchau – disse Rony.

Em todo o caso, não era o que se poderia chamar de um final perfeito para o dia, pensou Harry, muito mais tarde, deitado na cama sem dormir, percebendo Dino e Simas adormecerem (Neville não voltara do hospital). Rony passou a noite toda lhe dando conselhos do tipo “Se ele tentar lançar um feitiço, é melhor você tirar o corpo fora, porque não consigo me lembrar como se fecha o corpo”. Havia uma boa chance de serem pegos por Filch ou por Madame Nor-r-ra, e Harry

sentiu que estava abusando da sorte, desrespeitando mais um regulamento da escola no mesmo dia. Por outro lado, a cara de deboche de Draco não parava de lhe aparecer no escuro – essa era sua grande oportunidade de vencer Draco cara a cara. Não podia perdê-la.

– Onze e trinta – Rony cochichou finalmente –, é melhor irmos.

Eles vestiram os robes, apanharam as varinhas e atravessaram sorrateiros o quarto da torre, desceram a escada em espiral e entraram na sala comunal da Grifinória. Algumas brasas ainda rutilavam na lareira, transformando todas as poltronas em sombras corcundas. Tinham quase chegado à abertura no retrato quando uma voz falou da poltrona mais próxima.

– Não posso acreditar que você vai fazer isso, Harry.

Uma lâmpada se acendeu. Era Hermione Granger, de robe cor-de-rosa e cara fechada.

– *Você!* – exclamou Rony, furioso. – Volte para a cama!

– Quase contei ao seu irmão – retorquiu Hermione. – Percy, ele é monitor, ia acabar com essa história.

Harry não conseguiu acreditar que alguém pudesse ser tão metido.

– Vamos – chamou Rony. Afastou o retrato da Mulher Gorda com um empurrão e passou pela abertura.

Hermione não ia desistir com tanta facilidade. Seguiu Rony pela abertura do retrato, sibilando para os dois como um ganso raivoso.

– Vocês não se importam com a Grifinória, vocês *só* se importam com vocês mesmos, *eu* não quero que a Sonserina ganhe a taça de casa e vocês vão perder todos os pontos que ganhei com a Profa. Minerva por saber a Troca de Feitiços.

– Vai embora.

– Tudo bem, mas eu preveni vocês, lembrem-se do que eu disse quando estiverem amanhã no trem voltando para casa, vocês são tão...

Mas o que eram, eles não chegaram a saber. Hermione se virara para o retrato da Mulher Gorda para tornar a entrar e se viu diante de um quadro vazio. A Mulher Gorda tinha saído para fazer uma visita noturna e Hermione ficou trancada do lado de fora da torre da Grifinória.

– Agora o que é que eu vou fazer? – perguntou com a voz esganiçada.

– O problema é seu – disse Rony. – Nós temos de ir, se não vamos nos atrasar.

Nem tinham chegado ao fim do corredor quando Hermione os alcançou.

– Vou com vocês.

– Não vai, *não*.

– Vocês acham que vou ficar parada aqui, esperando o Filch me pegar? Se ele encontrar os três, conto a verdade, que eu estava tentando impedir vocês de saírem e vocês podem confirmar.

– Mas que cara de pau – disse Rony bem alto.
– Calem a boca, vocês dois – disse Harry bruscamente. – Ouvi uma coisa.
Era como se alguém estivesse farejando.
– Madame Nor-r-ra? – murmurou Rony, apertando os olhos para enxergar no escuro.
Não era Madame Nor-r-ra. Era Neville. Estava enroscado no chão, dormindo a sono solto, mas acordou repentinamente assustado quando eles se aproximaram.
– Graças a Deus que vocês me encontraram! Estou aqui há horas, não consegui me lembrar da nova senha para entrar no quarto.
– Fale baixo, Neville. A senha é "focinho de porco", mas não vai lhe adiantar nada agora, a Mulher Gorda saiu.
– Como está o braço? – perguntou Harry.
– Ótimo – disse Neville mostrando-o. – Madame Pomfrey consertou-o na hora.
– Que bom, olhe, Neville, temos de ir a um lugar, vemos você depois.
– Não me deixem aqui! – pediu Neville pondo-se de pé. – Não quero ficar sozinho, o barão Sangrento já passou por aqui duas vezes.
Rony consultou o relógio e em seguida fez uma cara furiosa para Hermione e Neville.
– Se formos pegos por causa de vocês, não vou sossegar até aprender aquela Feitiça do Morto-Vivo que Snape falou e vou usá-la contra vocês.
Hermione abriu a boca, talvez para dizer a Rony exatamente como usar o Feitiço do Morto-Vivo, mas Harry mandou-a ficar quieta e fez sinal para prosseguirem.
Passaram quase voando pelos corredores listrados pelo luar que entrava pelas grades das janelas altas. A cada curva Harry esperava topar com Filch ou com Madame Nor-r-ra, mas tiveram sorte.
Subiram correndo uma escada até o terceiro andar e, nas pontas dos pés, dirigiram-se à sala dos troféus.
Draco e Crabbe ainda não tinham chegado. As vitrines de cristal onde estavam guardados os troféus refulgiam quando tocadas pelo luar. Taças, escudos, pratos e estátuas piscavam no escuro com lampejos prateados e dourados. Eles caminharam rente às paredes, mantendo os olhos nas portas de cada lado da sala. Harry tirou a varinha da caixa para o caso de Draco aparecer de repente e começar a duelar. Os minutos passaram vagarosos.
– Ele está atrasado, quem sabe se acovardou – Rony sussurrou.
Então um ruído na sala ao lado os sobressaltou. Harry acabara de erguer a varinha quando ouviram alguém falar e não era Draco.
– Vá farejando, minha querida, eles podem estar escondidos em algum canto.

Era Filch falando com Madame Nor-r-ra. Horrorizado, Harry fez sinais frenéticos para os outros três o seguirem o mais depressa possível; e fugiram silenciosos em direção à porta mais distante da voz de Filch. As vestes de Neville mal tinham acabado de passar a curva quando ouviram Filch entrar na sala dos troféus.

– Eles estão por aqui – ouviram-no resmungar –, provavelmente escondidos.

– Por aqui! – disse Harry, apenas mexendo a boca, para os outros e, petrificados, eles começaram a descer uma longa galeria cheia de armaduras. Podiam ouvir Filch se aproximando. Neville, de repente, soltou um guincho assustado e saiu correndo. Tropeçou, agarrou Rony pela cintura e os dois desabaram em cima de uma armadura.

A queda e o estrépito foram suficientes para acordar o castelo inteiro.

– CORRAM! – gritou Harry e os quatro desembestaram pela galeria, sem virar a cabeça para ver se Filch os seguia. Fizeram a curva firmando-se no alisar da porta e saíram galopando por um corredor atrás do outro, Harry na liderança, sem a menor ideia de onde estavam nem que direção tomavam. Atravessaram uma tapeçaria, rasgando-a, e encontraram uma passagem secreta, precipitaram-se por ela e foram sair perto da sala de aula de Feitiços, que sabiam estar a quilômetros da sala dos troféus.

– Acho que o despistamos – ofegou Harry, apoiando-se na parede fria e enxugando a testa. Neville estava dobrado em dois, chiava e falava desconexamente.

– Eu... *disse*... a vocês – Hermione falou sem fôlego, agarrando o bordado no peito. – Eu... disse... a vocês.

– Temos de voltar à torre de Grifinória – lembrou Rony –, o mais rápido possível.

– Draco enganou você – disse Hermione a Harry. – Já percebeu isso, não? Não ia enfrentar você. Filch sabia que alguém ia estar na sala dos troféus. Draco deve ter contado a ele.

Harry achou que ela provavelmente tinha razão, mas não ia dar o braço a torcer.

– Vamos.

Não ia ser tão simples. Não tinham caminhado nem dez passos quando ouviram o barulho de uma maçaneta e alguma coisa disparou da sala de aula à frente deles.

Era Pirraça. Avistou os garotos e soltou um guincho de prazer.

– Cale a boca, Pirraça, por favor, você vai fazer a gente ser expulso.

Pirraça soltou uma gargalhada.

– Passeando por aí à meia-noite, aluninhos? Tsc, tsc. Que feinhos, vão ser

apanhadinhos.
– Não, se você não nos denunciar, Pirraça, por favor.
– Devia contar ao Filch, devia – disse Pirraça bem comportado, mas seus olhos cintilaram de maldade. – É para o seu próprio bem, sabem?
– Saia da frente – disse Rony com rispidez, baixando o braço em Pirraça. Foi um grande erro.
– ALUNOS FORA DA CAMA! – berrou Pirraça. – ALUNOS FORA DA CAMA NO CORREDOR DO FEITIÇO!
Passando por baixo de Pirraça eles saíram desembalados até o final do corredor onde depararam com uma porta... fechada.
– Acabou-se! – gemeu Rony, empurrando inutilmente a porta. – Estamos ferrados! É o fim!
Ouviram passos, Filch correndo a toda em direção aos gritos de Pirraça.
– Ah, sai da frente – Hermione resmungou aborrecida. Agarrando a varinha de Harry, bateu na fechadura e murmurou: – *Alohomora!*
A fechadura deu um estalo e a porta se abriu – eles se atropelaram por ela, fecharam-na e apuraram os ouvidos, à escuta.
– Para que lado eles foram, Pirraça? – era Filch perguntando. – Depressa, me diga.
– Peça “por favor”.
– Não me enrole, Pirraça, vamos, para que lado eles foram?
– Não digo nada se você não pedir “por favor” – disse Pirraça na cantilena irritante com que falava.
– Está bem, *por favor*.
– NADA! Ha haaa! Eu disse a você que não dizia nada se você não pedisse por favor! Ha ha! Haaaaaa! – E ouviram Pirraça voar rápido para longe e Filch xingar com raiva.
– Ele acha que a porta está trancada! – Harry falou. – Acho que escapamos. Sai para lá, Neville! – Neville puxava a manga do robe de Harry fazia um minuto. – *Que foi?*
Harry se virou – e viu, muito claramente, o que foi. Por um instante teve a certeza de que entrara num pesadelo – era demais depois de tudo o que já acontecera.
Não estavam numa sala, conforme ele supusera. Achavam-se num corredor. O corredor proibido do terceiro andar. E agora sabiam por que era proibido.
Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das

presas amarelas.
Estava muito firme, os olhos a observá-los, e Harry sabia que a única razão por que ainda estavam vivos era que o seu repentino aparecimento apanhara o cachorro de surpresa, mas ele já estava se recuperando e depressa, não havia dúvida quanto ao significado daqueles rosnados de ensurdecer.
Harry tateou à procura da maçaneta – entre Filch e a morte, ficava com o Filch.
Retrocederam. Harry bateu a porta e eles correram, quase voaram pelo corredor. Filch devia ter tido pressa para procurá-los em outro lugar porque não o viram em parte alguma, mas nem se importaram – a única coisa que queriam era abrir a maior distância possível entre eles e o monstro. Não pararam de correr até chegarem ao retrato da Mulher Gorda no sétimo andar.
– Onde foi que vocês andaram? – perguntou ela, olhando para os robes que caíam soltos dos ombros e os rostos vermelhos e suados.
– Não interessa. Focinho de porco, focinho de porco – ofegou Harry, e o quadro girou para a frente. Eles entraram de qualquer jeito na sala comunal e desmontaram, trêmulos, nas poltronas.
Levou algum tempo até um deles falar alguma coisa. Neville, então, parecia que nunca mais voltaria a falar.
– Que é que vocês acham que eles estão querendo, com uma coisa daquelas trancada numa escola? – perguntou Rony finalmente. – Se existe um cachorro que precisa de exercícios é aquele.
Hermione tinha recuperado tanto o fôlego quanto o mau humor.
– Vocês não usam os olhos, vocês todos, usam? – perguntou com rispidez. – Vocês não viram em cima do que ele estava?
– No chão? – arriscou Harry. – Eu não fiquei olhando para as patas, estava ocupado demais com as cabeças.
– Não, *não* estou falando do chão. Ele estava em cima de um alçapão. É claro que está guardando alguma coisa.
Ela se levantou olhando feio para eles.
– Espero que estejam satisfeitos com o que fizeram. Podíamos ter sido mortos, ou pior, expulsos. Agora, se vocês não se importam, eu vou me deitar.
Rony ficou olhando para ela, de boca aberta.
– Não, não nos importamos. Qualquer um pensaria que nós a arrastamos conosco, não é mesmo?
Mas Hermione tinha dado a Harry algo em que pensar quando voltou para a cama. O cachorro estava guardando alguma coisa... Que era que Hagrid tinha dito? Gringotes era o lugar mais seguro do mundo quando se queria esconder alguma coisa – com exceção talvez de Hogwarts.

Parecia que Harry descobrira onde o pacotinho encalombado do cofre setecentos e treze tinha ido parar.

— CAPÍTULO DEZ —

O Dia das Bruxas

Draco não conseguiu acreditar em seus olhos quando viu que Harry e Rony continuavam em Hogwarts no dia seguinte, parecendo cansados mas absolutamente felizes. De fato, na manhã seguinte Harry e Rony começaram a achar que o encontro com o cachorro de três cabeças fora uma excelente aventura e estavam prontos para outra. Entrementes Harry contou a Rony sobre o pacotinho que parecia ter sido levado de Gringotes para Hogwarts, e passaram muito tempo pensando no que poderia precisar de tanta proteção.

– Ou é uma coisa realmente valiosa ou realmente perigosa – falou Rony

– Ou as duas – acrescentou Harry.

Mas como só o que sabiam com certeza sobre o misterioso objeto era que media uns cinco centímetros de comprimento, não tinham muita possibilidade de adivinhar o seu conteúdo sem outras pistas.

Nem Neville nem Hermione mostraram o menor interesse pelo que estava sob os pés do cachorro e do alçapão. Neville só estava interessado em quando iria chegar perto do cachorro outra vez.

Hermione agora se recusava a falar com Harry e Rony, mas era uma menina tão mandona e metida a saber de tudo que eles encararam sua atitude como um prêmio. Agora só o que realmente queriam era descobrir um jeito de se vingar do Draco, e para sua grande satisfação, a oportunidade chegou pelo correio mais ou menos uma semana depois.

Quando as corujas invadiram o salão como de costume, a atenção de todos foi atraída por um longo pacote carregado por seis corujonas. Harry sentiu tanta curiosidade quanto os outros para ver o que havia no pacote e se surpreendeu quando as corujas desceram planando e o largaram bem diante dele, derrubando o seu bacon no chão. Mal tinham se afastado quando outra coruja deixou cair uma carta em cima do pacote.

Harry abriu a carta primeiro, o que foi uma sorte, porque ela dizia:

> *NÃO ABRA O PACOTE À MESA. Ele contém a sua nova Nimbus 2000, mas não quero que todo o mundo saiba que você ganhou uma vassoura ou todos vão querer uma. Olívio Wood vai esperá-lo hoje à noite, às sete horas, no campo de quadribol, para a sua primeira sessão de treinamento.*
> *Profa. Minerva McGonagall*

Harry teve dificuldade em esconder a alegria quando passou o bilhete para Rony ler.

– Uma Nimbus 2000! – Rony gemeu de inveja. – Eu nunca nem *pus a mão* em uma.

Os dois saíram depressa do salão, querendo desembrulhar a vassoura sozinhos antes da primeira aula, mas no meio do saguão de entrada encontraram o caminho barrado por Crabbe e Goyle. Draco tirou o pacote de Harry e apalpou-o.

– É uma vassoura – falou, atirando-o de volta a Harry com uma expressão de inveja e despeito no rosto. – Você vai se ferrar desta vez, Potter, alunos do primeiro ano não podem ter vassouras.

Rony não conseguiu resistir.

– Não é uma vassoura velha qualquer, é uma Nimbus 2000. Que foi que você disse que tem em casa, Draco, uma Comet 260? – Rony riu para Harry. – A Comet enche os olhos, mas não tem a mesma classe da Nimbus.

– Que é que você entende disso, Weasley, você não poderia comprar nem a metade do cabo. Vai ver você e seus irmãos têm que economizar para comprar palha por palha.

Antes que Rony pudesse responder, o professor Flitwick apareceu ao lado de Draco.

– Não estão brigando, meninos, espero – falou com voz esganiçada.

– Potter recebeu uma vassoura, professor – disse Draco depressa.

– Eu sei – respondeu o professor Flitwick, abrindo um grande sorriso para Harry. – A Profa. Minerva me falou das circunstâncias especiais, Potter. E qual é o modelo?

– Uma Nimbus 2000, professor – informou Harry, lutando para não rir da expressão horrorizada no rosto de Draco. – E, para falar a verdade, foi graças ao Draco aqui que ganhei a vassoura – acrescentou.

Harry e Rony subiram as escadas sufocando o riso diante da raiva e confusão visíveis de Draco.

– É verdade – disse Harry, caindo na gargalhada, quando chegaram ao alto da

escadaria de mármore. – Se ele não tivesse roubado o Lembrol do Neville eu não estaria no time.

– Então suponho que você ache que ganhou um prêmio por desobedecer ao regulamento? – Ouviu-se uma voz zangada logo atrás deles. Hermione subia com passos decididos a escadaria, olhando com desaprovação para o pacote nas mãos de Harry.

– Pensei que você não estava falando com a gente – comentou Harry.

– É, continue a não falar – falou Rony –, está fazendo tanto bem à gente.

Hermione se afastou com o nariz empinado.

Harry teve muita dificuldade em se concentrar nas aulas daquele dia. Seus pensamentos não paravam de vagar até o dormitório onde guardara a vassoura debaixo da cama, ou de se desviarem para o campo de quadribol onde iria aprender a jogar. Jantou depressa à noite, sem ao menos reparar no que estava comendo e, em seguida, correu até o quarto com Rony para finalmente desembrulhar a Nimbus 2000.

– Uau – suspirou Rony, quando a vassoura apareceu na cama de Harry.

Até Harry, que não entendia nada de vassouras e suas diferenças, achou que a Nimbus tinha uma aparência fantástica. Aerodinâmica e reluzente com um cabo de mogno, a vassoura tinha uma longa cauda de palhas limpas e retas e a marca Nimbus 2000 escrita a ouro próximo ao punho.

Quando eram quase sete horas, Harry saiu do castelo e se dirigiu ao campo de quadribol no lusco-fusco. Nunca estivera no estádio antes. Havia centenas de lugares em uma arquibancada em volta do campo de modo que os espectadores viam o que acontecia do alto. Em cada ponta do campo havia três balizas douradas com aros no topo. Lembraram a Harry os canudinhos de plástico que as crianças trouxas usavam para soprar bolinhas de sabão, só que tinham mais de 15 metros de altura.

Ansioso demais para esperar Olívio sem voar, Harry montou a vassoura e deu um impulso. Que sensação – ele mergulhou pelas balizas, subiu e desceu pelo campo. A Nimbus 2000 ia aonde ele queria ao menor toque.

– Ei, Potter, desça!

Olívio Wood chegara. Carregava uma grande caixa de madeira debaixo do braço. Harry pousou ao lado dele.

– Muito bom – comentou Olívio, os olhos brilhando. – Estou vendo o que foi que Minerva quis dizer... você realmente tem um talento natural. Hoje à noite só vou lhe ensinar as regras do jogo, depois você vem aos treinos do time três vezes por semana.

Ele abriu a caixa. Dentro havia quatro bolas de tamanhos diferentes.

– Certo – disse Olívio. – O quadribol é muito fácil de entender, mesmo que

não seja fácil de jogar. Tem sete jogadores de cada lado. Três deles são artilheiros.

– Três artilheiros – Harry repetiu, enquanto Olívio apanhava uma bola muito vermelha do tamanho aproximado de uma bola de futebol.

– Esta bola se chama goles – explicou Olívio. – Os artilheiros atiram a goles um para o outro e tentam metê-la em um dos aros para marcar um gol. Dez pontos todas as vezes que a goles passa por um dos arcos. Está me acompanhando?

– Os artilheiros atiram a goles pelos aros para marcar pontos – repetiu Harry. – Então é como um basquete com seis cestas e vassouras, não é?

– O que é basquete? – perguntou Olívio, curioso.

– Deixa pra lá – disse Harry na mesma hora.

– Agora, tem outro jogador, um para cada lado, que é chamado goleiro. Eu sou o goleiro de Grifinória. Tenho que voar em volta dos aros para impedir que o outro time marque pontos.

– Três artilheiros, um goleiro – disse Harry, que estava decidido a decorar tudo. – E jogam uma goles. OK, entendi. E essas para que servem? – Apontou para as três bolas restantes na caixa.

– Vou lhe mostrar agora. Segure aqui.

Ele entregou um pequeno bastão a Harry, meio parecido com um bastão de beisebol.

– Vou lhe mostrar o que os balaços fazem. Essas duas aqui são os balaços.

E mostrou a Harry duas bolas iguais, pretas e ligeiramente menores do que a goles vermelha. Harry reparou que elas pareciam estar fazendo força para se livrar das correias que as prendiam na caixa.

– Fique longe – Olívio preveniu Harry. Ele se curvou e soltou um dos balaços.

Na mesma hora, a bola preta saiu voando e em seguida desceu direto contra o rosto de Harry. Harry golpeou-a com o bastão para impedi-la de quebrar o seu nariz e mandou-a ziguezagueando para longe – ela passou veloz pelas cabeças deles e, em seguida, atirou-se contra Olívio, que mergulhou sobre ela e conseguiu imobilizá-la no chão.

– Está vendo? – Olívio ofegou, forçando o balaço indócil de volta à caixa e passando a correia para prendê-lo. – Os balaços voam pelo ar tentando derrubar os jogadores das vassouras. É por isso que tem dois batedores em cada time. Os gêmeos Weasley são os nossos. A função deles é proteger o time dos balaços e tentar rebatê-los para o outro time. Então: acha que guardou tudo?

– Três artilheiros tentam marcar pontos com a goles; o goleiro guarda as balizas; os batedores afastam os balaços do seu time – Harry repetiu como um gravador.

– Muito bem.
– Hum... os balaços já mataram alguém? – perguntou Harry, esperando parecer displicente.
– Nunca em Hogwarts. Já tivemos uns queixos quebrados mas nada mais sério. Agora, o último membro da equipe é o apanhador. Você. E você não tem que se preocupar com a goles nem com os balaços.
– A não ser que rachem a minha cabeça.
– Não se preocupe, os Weasley são uma parada para os balaços: quero dizer, eles parecem uns balaços humanos.
Olívio meteu a mão no caixote e tirou a quarta e última bola. Comparada com a goles e os balaços, era pequenininha, mais ou menos do tamanho de uma noz. Era de ouro polido e tinha asinhas de prata que se agitavam.
– *Esta* é o pomo de ouro, e é a bola mais importante de todas. É muito difícil de se apanhar porque é veloz e pouco visível. A função dos apanhadores é agarrá-la. Eles têm que se meter entre os artilheiros, batedores, balaços e a goles para agarrá-lo antes do apanhador do time contrário, porque o apanhador que agarra o pomo ganha para o seu time mais cento e cinquenta pontos, o que praticamente lhe dá a vitória. É por isso que os apanhadores levam tantas faltas. Um jogo de quadribol só termina quando o pomo é apanhado, o que pode demorar uma eternidade. Acho que o recorde é três meses, e precisaram arranjar substitutos para os jogadores poderem dormir um pouco – explicou Olívio. – É isso aí, alguma pergunta?
Harry sacudiu a cabeça. Compreendeu muito bem o que tinha de fazer. Fazer é que ia ser o problema.
– Não vamos praticar com o pomo – disse Olívio, guardando-o cuidadosamente de volta na caixa. – Está escuro demais e poderíamos perdê-lo. Vamos experimentar com outras bolas.
E tirou do bolso um saco de bolas comuns de golfe e alguns minutos depois ele e Harry estavam no ar, Olívio atirando as bolas com toda a força para todos os lados e Harry apanhando-as.
Harry não perdeu nenhuma, e Olívio ficou encantado. Passou-se meia hora, a noite chegou e eles não puderam continuar.
– Aquela taça de quadribol terá o nosso nome este ano – disse Olívio feliz quando voltavam cansados ao castelo. – Eu não me espantaria se você se saísse melhor que Carlinhos, e ele poderia ter jogado na seleção da Inglaterra se não tivesse ido embora caçar dragões.

Talvez fosse porque agora andava muito ocupado com o treino de quadribol três noites por semana além dos deveres de casa, mas Harry nem acreditou quando se

deu conta de que já estava em Hogwarts havia dois meses. O castelo parecia mais sua casa do que a casa da rua dos Alfeneiros. As aulas, também, estavam se tornando cada dia mais interessantes, agora que dominara os conhecimentos básicos.

Na manhã do Dia das Bruxas eles acordaram com um delicioso cheiro de abóbora assada que se espalhava pelos corredores. E, o que era ainda melhor, o Prof. Flitwick anunciou na aula de Feitiços que, em sua opinião, os alunos estavam prontos para começar a fazer objetos voarem, uma coisa que andavam morrendo de vontade de experimentar desde que viram o professor fazer o sapo de Neville sair voando pela sala. O Prof. Flitwick dividiu a turma em pares para praticar. O parceiro de Harry foi Simas Finnigan (um alívio, porque Neville tinha tentado atrair sua atenção). Mas Rony teria que trabalhar com Hermione Granger. Era difícil dizer se era Rony ou Hermione que estava mais aborrecido com isso. Ela não falava com nenhum dos dois desde o dia em que a vassoura de Harry chegara.

– Agora, não se esqueçam daquele movimento com o pulso que praticamos! – falou esganiçado o Prof. Flitwick, como sempre empoleirado no alto da pilha de livros. – Gira e sacode, lembrem-se, gira e sacode. E digam as palavras mágicas corretamente, é muito importante, também, lembrem-se do bruxo Barrufo, que disse “s” em vez de “f” e quando viu estava no chão com um búfalo em cima do peito.

Era muito difícil. Harry e Simas giraram e sacudiram o pulso, mas a pena que deviam mandar para o alto continuava parada em cima da mesa. Simas ficou tão impaciente que a empurrou com a varinha e tocou fogo nela – Harry teve que apagar o fogo com o chapéu.

Rony, na mesa ao lado, não estava tendo muita sorte.

– *Wingardium leviosa!* – ordenou, sacudindo os braços compridos como pás de moinho.

– Você está dizendo o feitiço errado – Harry ouviu Hermione corrigir aborrecida. – É *Wing-gar-dium levi-o-sa*, o “gar” é bem pronunciado e longo.

– Diz você então, que é tão sabichona – retrucou Rony.

Hermione enrolou as mangas das vestes, bateu a varinha e disse:

– W*ingardium leviosa!*

A pena se ergueu da mesa e pairou a mais de um metro acima da cabeça deles.

– Ah, muito bem! – exclamou o professor Flitwick, batendo palmas. – Pessoal, olhe aqui, a Hermione Granger conseguiu!

Rony estava de muito mau humor na altura em que a aula terminou.

– Não admira que ninguém suporte ela – disse a Harry quando procuravam chegar ao corredor. – Francamente, ela é um pesadelo.

Alguém deu um esbarrão em Harry ao passar. Era Hermione. Harry viu seu rosto de relance – e ficou assustado ao ver que ela estava chorando.

– Acho que ela ouviu o que você disse.

– E daí? – Mas pareceu meio sem graça. – Ela já deve ter reparado que não tem amigos.

Hermione não apareceu na aula seguinte e ninguém a viu a tarde inteira.

Ao descerem ao Salão Principal para a festa das bruxas, Harry e Rony ouviram Parvati contar à amiga Lilá que Hermione estava chorando no banheiro das meninas e queria que a deixassem em paz. Rony ficou ainda mais sem graça ao ouvir isso, mas no momento seguinte entraram no Salão Principal, onde as decorações do Dia das Bruxas tiraram Hermione de suas cabeças.

Mil morcegos vivos esvoaçavam nas paredes e no teto e outros mil mergulhavam sobre as mesas em nuvens negras e baixas, fazendo dançarem as velas dentro das abóboras. A comida apareceu de repente nos pratos de ouro, como acontecera no banquete de abertura das aulas.

Harry estava se servindo de uma batata assada na casca quando o Prof. Quirrell entrou correndo no salão, o turbante torto na cabeça e o terror estampado no rosto. Todos olharam quando ele se aproximou da cadeira de Dumbledore, escorou-se na mesa e ofegou:

– Trasgo... nas masmorras... achei que devia lhe dizer.

Em seguida desabou no chão desmaiado.

Houve um alvoroço. Foi preciso explodirem várias bombinhas da ponta da varinha do Prof. Dumbledore para as pessoas fazerem silêncio.

– Monitores – disse ele com voz grave e retumbante –, levem os alunos de suas casas de volta aos dormitórios, imediatamente!

Era com Percy mesmo.

– Me acompanhem! Fiquem juntos, alunos do primeiro ano! Não precisam ter medo do trasgo se seguirem as minhas ordens! Agora fiquem bem atrás de mim. Abram caminho para os alunos do primeiro ano passarem! Com licença, sou o monitor!

– Como é que um trasgo pode entrar? – perguntou Harry enquanto subiam a escadaria.

– Não me pergunte, dizem que eles são bem burros – respondeu Rony. – Vai ver o Pirraça deixou ele entrar para pregar uma peça no Dia das Bruxas.

Eles passaram por diferentes grupos de pessoas que se apressavam em diferentes direções. Enquanto lutavam para passar por um bolinho de alunos de Lufa-Lufa, Harry de repente agarrou o braço de Rony.

– Acabei de me lembrar da Hermione.

– O que tem ela?

– Ela não sabe que tem um trasgo aqui.
Rony mordeu o lábio.
– Ah, está bem – falou ríspido. – Mas é melhor Percy não ver a gente.
Abaixando-se, eles se misturaram aos alunos de Lufa-Lufa que iam na direção contrária, escapuliram por um lado deserto do corredor e correram para os banheiros das meninas. Tinham acabado de virar um canto quando ouviram passos apressados atrás deles.
– Percy! – sibilou Rony, puxando Harry para trás de um enorme grifo de pedra.
Espiando para os lados, no entanto, viram não Percy mas Snape. Ele atravessou o corredor e desapareceu de vista.
– Que é que ele está fazendo? – cochichou Harry. – Por que não está lá embaixo com os outros professores?
– Não me pergunte.
O mais silenciosamente possível, eles se esgueiraram pelo próximo corredor nas pegadas de Snape.
– Ele está indo para o terceiro andar – disse Harry, mas Rony levantou a mão.
– Você está sentindo um cheiro?
Harry fungou e um fedor horrível invadiu suas narinas, uma mistura de meias velhas e banheiro público que parece que nunca é limpo.
E em seguida ouviram – um grunhido baixo e passadas de pés gigantescos. Rony apontou: no fim do corredor, à esquerda, alguma coisa enorme estava vindo em sentido contrário. Eles se encolheram no escuro e procuraram ver o que era quando a coisa passou por um trecho iluminado pelo luar.
Era uma visão medonha. Quase quatro metros de altura, a pele cinzenta e baça, o corpanzil cheio de calombos como um pedregulho e uma cabecinha no alto, que mais parecia um coco. Tinha pernas curtas, grossas como um tronco de árvore e pés chatos e calosos. Segurava um enorme bastão de madeira, que arrastava pelo chão, porque seus braços eram compridíssimos.
O trasgo parou próximo a uma porta e espiou para dentro. Abanou as longas orelhas, tentando fazer a cabeça minúscula pensar, depois entrou devagar na sala.
– A chave está na porta – murmurou Harry. – Podíamos trancá-lo lá dentro.
– Boa ideia – concordou Rony, nervoso.
Eles se esgueiraram até a porta aberta, as bocas secas, rezando para o trasgo não resolver sair naquele instante. Com um grande salto, Harry conseguiu agarrar a chave, bater a porta e trancá-la seguramente.
– *Pronto!*
Afogueados com a vitória, começaram a correr de volta pelo corredor, mas ao chegarem num canto ouviram uma coisa que fez seus corações pararem – um

grito alto e enregelante – e vinha da sala que tinham acabado de trancar.

– Ah, não! – exclamou Rony, pálido como o barão Sangrento.

– Vem do banheiro das meninas.

– *Hermione!* – disseram os dois juntos.

Era a última coisa que queriam fazer, mas que escolha tinham? Dando meia-volta, correram até a porta e giraram a chave, atrapalhados de tanto pânico – Harry escancarou a porta – e entraram correndo.

Hermione estava encolhida contra a parede oposta, parecendo prestes a desmaiar. O trasgo avançava para ela, derrubando as pias que estavam na parede em seu caminho.

– Distrai ele! – Harry pediu desesperado a Rony, e, agarrando uma torneira, atirou-a com toda a força contra a parede.

O trasgo parou a um metro de Hermione. Virou-se com lentidão, piscando sem entender, procurou ver que barulho era aquele. Seus olhinhos malvados viram Harry. Ele hesitou, em seguida partiu para cima de Harry, erguendo o bastão.

– Oi, cabeça de ervilha! – berrou Rony do outro lado do banheiro, e atirou contra ele um cano de metal. O trasgo nem pareceu sentir o cano bater no seu ombro, mas ouviu o berro e parou outra vez, virando o focinho feio para Rony, e dando a Harry tempo para correr em volta dele.

– Vamos, corra, *corra!* – Harry gritou para Hermione, tentando puxá-la na direção da porta, mas ela não conseguia se mexer, continuava achatada contra a parede, a boca aberta de terror.

Os gritos e os ecos pareciam estar deixando o trasgo enlouquecido. Ele rugiu de novo e avançou para Rony, que estava mais perto e não tinha jeito de escapar.

Harry então fez uma coisa que era ao mesmo tempo muito corajosa e muito idiota: tomou impulso e deu um salto, conseguindo abraçar o pescoço do trasgo pelas costas. O trasgo não sentiu Harry pendurar-se ali, mas até um trasgo percebe quando se espeta um pedaço comprido de pau dentro da narina, e a varinha de Harry ainda estava na mão quando ele saltou – e entrou direto na narina do trasgo.

Urrando de dor, o trasgo se virou e brandiu o bastão, enquanto Harry continuava agarrado nele tentando escapar da morte; a qualquer instante, o trasgo ia arrancá-lo do pescoço ou dar-lhe uma tremenda porretada.

Hermione afundara no chão de tanto medo; Rony puxou a própria varinha – sem saber o que ia fazer, ouviu-se gritando o primeiro feitiço que lhe veio à cabeça:

– *Wingardium leviosa!*

Na mesma hora o bastão voou da mão do trasgo, ergueu-se no ar, foi subindo, subindo, virou-se lentamente – e caiu, com um barulho feio, na cabeça do seu

dono. O trasgo cambaleou e, em seguida, caiu de cara no chão, com um baque que fez o banheiro todo sacudir.

Harry se levantou. Tremia sem fôlego. Rony continuava parado com a varinha no ar, espantado com o que fizera.

Foi Hermione quem falou primeiro.

– Ele está... morto?

– Acho que não – respondeu Harry. – Acho que só perdeu os sentidos.

Ele se abaixou e puxou a varinha da narina do trasgo. Estava suja de uma coisa que parecia uma cola grumosa.

– Eca... meleca de trasgo.

E limpou a varinha nas calças do trasgo.

De repente o barulho de portas batendo e passos pesados fizeram os três erguerem a cabeça. Não haviam percebido a confusão que tinham aprontado, mas com certeza alguém lá embaixo ouvira a pancadaria e os urros do trasgo. Um instante depois a Profa. Minerva adentrou o banheiro, seguida de perto por Filch e Quirrell, que fechava a fila. Quirrell deu uma espiada no trasgo, soltou um gemidinho e sentou-se depressa em um vaso sanitário, apertando o peito.

Filch debruçou-se sobre o trasgo. A Profa. Minerva ficou olhando para Rony e Harry. Harry nunca a vira tão zangada. Seus lábios estavam brancos. A esperança de ganhar cinquenta pontos para Grifinória desapareceu logo da cabeça de Harry.

– O que é que vocês estavam pensando? – perguntou a Profa. Minerva, com uma fúria reprimida na voz. Harry olhou para Rony, que continuava parado com a varinha no ar. – Vocês tiveram sorte de não serem mortos. Por que é que não estão no dormitório?

Filch lançou a Harry um olhar rápido e penetrante. Harry olhou para o chão. Desejou que Rony baixasse a varinha.

Então ouviu-se uma vozinha que veio das sombras.

– Por favor, Profa. Minerva, eles vieram me procurar.

– Srta. Granger!

Hermione conseguira finalmente se levantar.

– Saí procurando o trasgo porque achei que podia enfrentá-lo sozinha. Sabe, já li tudo sobre trasgos.

Rony deixou a varinha cair. Hermione Granger, contando uma mentira deslavada a um professor?

– Se eles não tivessem me encontrado eu estaria morta agora. Harry enfiou a varinha no nariz do trasgo e Rony derrubou ele com o próprio bastão. Não tiveram tempo de chamar ninguém. O trasgo ia acabar comigo quando eles chegaram.

Harry e Rony tentaram fingir que a história não era novidade para eles.

– Bem... nesse caso... – disse a Profa. Minerva encarando os três –, Srta. Granger, que bobagem, como pôde pensar em enfrentar um trasgo montanhês sozinha?

Hermione baixou a cabeça. Harry perdera a fala. Hermione era a última pessoa do mundo que desobedeceria ao regulamento, e ali estava fingindo que desobedecera, para tirá-los de uma enrascada. Era o mesmo que Snape começar a distribuir balinhas.

– Hermione Granger, Grifinória vai perder cinco pontos por isso – disse a Profa. Minerva. – Estou muito desapontada. Se não estiver machucada, é melhor ir embora para a torre de Grifinória. Os alunos estão acabando de festejar o Dia das Bruxas em suas casas.

Hermione se retirou.

A Profa. Minerva virou-se para Harry e Rony.

– Bem, eu continuo achando que vocês tiveram sorte, mas não há muitos alunos do primeiro ano que pudessem enfrentar um trasgo montanhês adulto. Cada um de vocês ganha cinco pontos para Grifinória. O Prof. Dumbledore será informado. Podem ir.

Eles saíram depressa do banheiro e não falaram nada até subirem dois andares. Foi um alívio se afastarem do fedor do trasgo, para não falar do resto.

– Devíamos ter ganhado mais de dez pontos – resmungou Rony.

– Cinco, você quer dizer, depois de descontar os pontos que Hermione perdeu.

– Foi legal ela ter nos tirado do aperto – admitiu Rony. – Mas não se esqueça, *salvamos* a vida dela.

– Talvez ela não precisasse ser salva se não tivéssemos trancado a coisa com ela – lembrou Harry.

Tinham chegado ao retrato da Mulher Gorda.

– Focinho de porco – disseram e entraram.

A sala comunal estava cheia e barulhenta. Todo o mundo estava comendo o jantar que fora mandado para lá. Hermione, porém, estava parada sozinha do lado da porta, esperando por eles. Houve um silêncio constrangido. Depois, sem se olharem, todos disseram “Obrigado” e correram para apanhar os pratos.

Mas, daquele momento em diante, Hermione Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro, e derrubar um trasgo montanhês de quase quatro metros de altura é uma dessas coisas.

— CAPÍTULO ONZE —
Quadribol

Quando entrou novembro o tempo esfriou muito. As serras em torno da escola viraram cinza-gelo e o lago parecia metal congelado. Toda manhã o chão se cobria de geada. Hagrid era visto das janelas dos andares superiores do castelo degelando vassouras no campo de quadribol, enrolado num casacão de pele de toupeira, com luvas de coelho e enormes botas de castor.

Começara a temporada de quadribol. No sábado, Harry estaria jogando sua primeira partida depois de semanas de treinamento: Grifinória contra Sonserina. Se Grifinória ganhasse, subiria para o segundo lugar no campeonato das casas.

Quase ninguém vira Harry jogar porque Olívio decidira que, sendo uma arma secreta, a participação de Harry deveria ser mantida em segredo. Mas de alguma forma a notícia de que jogaria como apanhador vazara e Harry não sabia o que era pior – se as pessoas dizerem que ele seria brilhante ou dizerem que iriam ficar correndo embaixo dele com um colchão.

Era realmente uma sorte que Harry agora tivesse Hermione como amiga. Não sabia como poderia ter dado conta dos deveres de casa sem ela, diante dos treinos de quadribol convocados por Olívio à última hora. Ela também lhe emprestara o livro *Quadribol através dos séculos,* que acabara rendendo uma leitura muito interessante.

Harry aprendera que havia setecentas maneiras de cometer faltas em quadribol e que todas haviam ocorrido durante a Copa Mundial de 1473; que os apanhadores eram em geral os jogadores menores e mais velozes e que a maioria dos acidentes graves no quadribol parecia acontecer com eles; que embora as pessoas raramente morressem jogando quadribol, havia juízes que tinham desaparecido e reaparecido meses depois no deserto do Saara.

Hermione tornara-se menos tensa com relação às infrações ao regulamento desde que Harry e Rony a tinham salvado do trasgo montanhês e se tornara uma

pessoa mais simpática. Na véspera da primeira partida de quadribol de Harry, os três foram até a quadra congelada durante o intervalo das aulas, e ela fizera aparecer para eles um fogo azulado muito vivo que podia ser levado para toda parte em um frasco de geleia. Achavam-se parados de costas para o fogo, se esquentando, quando Snape atravessou o pátio. Harry reparou logo que Snape estava mancando. Harry, Rony e Hermione se aproximaram mais para esconder o fogo com o corpo; tinham certeza de que era proibido. Infelizmente alguma coisa em suas caras culpadas atraiu a atenção de Snape. Ele veio mancando até onde eles estavam. Não vira o fogo, mas parecia estar procurando uma razão para ralhar com eles.

– Que é que você tem aí, Potter?

Era o *Quadribol através dos séculos.* Harry mostrou-o.

– Os livros da biblioteca não podem ser levados para fora da escola – falou Snape. – Me dê aqui. Menos cinco pontos para Grifinória.

– Ele acabou de inventar essa regra – murmurou Harry com raiva, enquanto Snape se afastava. – Que será que houve com a perna dele?

– Não sei, mas espero que esteja realmente doendo – falou Rony com azedume.

A sala comunal da Grifinória estava muito barulhenta aquela noite. Harry, Rony e Hermione sentaram-se junto a uma janela. Hermione verificava os deveres de Harry e Rony para a aula de Feitiços. Ela nunca os deixava copiar (“Como é que vocês vão aprender?”), mas ao lhe pedirem para ler os trabalhos, eles recebiam as respostas certas do mesmo jeito.

Harry sentia-se inquieto. Queria de volta o *Quadribol através dos séculos*, para se distrair do nervosismo que a partida do dia seguinte estava lhe provocando. Por que deveria ter medo de Snape? Levantou-se e disse a Rony e Hermione que ia pedir a Snape para lhe devolver o livro.

– Antes você do que eu – responderam eles juntos, mas Harry tinha a impressão que Snape não iria recusar se houvesse outros professores ouvindo.

Ele foi à sala dos professores e bateu à porta. Não obteve resposta. Bateu outra vez. Nada.

Talvez Snape tivesse deixado o livro na sala? Valia a pena tentar. Entreabriu a porta e espiou para dentro – e deparou com uma cena horrível.

Snape e Filch estavam lá dentro sozinhos. Snape segurava as vestes acima do joelho. Uma das pernas sangrava, lacerada. Filch entregava ataduras a Snape.

– Droga – dizia Snape. – Como é que se pode ficar de olho em três cabeças ao mesmo tempo?

Harry tentou fechar a porta sem fazer barulho, mas...

– POTTER!
O rosto de Snape contorceu-se de fúria ao mesmo tempo que ele largava as vestes para esconder a perna. Harry engoliu em seco.
– Eu vim saber se o senhor poderia devolver o meu livro.
– SAIA! SAIA!
Harry saiu, antes que Snape pudesse descontar algum ponto de Grifinória. E voltou correndo para baixo.
– Conseguiu? – perguntou Rony quando Harry se reuniu a eles. – Que aconteceu?
Num murmúrio, Harry lhes contou o que vira.
– Sabe o que isso significa? – terminou sem fôlego. – Ele tentou passar pelo cachorro de três cabeças no Dia das Bruxas! Era para lá que estava indo quando o vimos. Ele quer a coisa que o cachorro está guardando! E aposto a minha vassoura como *ele* deixou aquele trasgo entrar, para distrair a atenção de todos!
Os olhos de Hermione estavam arregalados.
– Não. Ele não faria isso. Sei que ele não é muito simpático, mas não tentaria roubar uma coisa que Dumbledore estivesse guardando a sete chaves.
– Sinceramente, Hermione, você pensa que todos os professores são santos ou coisa parecida – disse-lhe Rony com rispidez. – Concordo com Harry, acho que Snape faria qualquer coisa. Mas o que é que ele está procurando? O que é que o cachorro está guardando?
Harry foi se deitar com a cabeça zunindo com aquela pergunta. Neville roncava alto e Harry não conseguia dormir. Tentou esvaziar a cabeça – precisava dormir, tinha de dormir, ia jogar sua primeira partida de quadribol dentro de algumas horas –, mas a expressão no rosto de Snape quando Harry vira sua perna era difícil de esquecer.

O dia seguinte amanheceu muito claro e frio. O Salão Principal estava impregnado com o cheiro delicioso de salsichas e com a conversa animada de todos que aguardavam ansiosos uma boa partida de quadribol.
– Você tem que comer alguma coisa.
– Não quero nada.
– Só um pedacinho de torrada – tentou persuadi-lo Hermione.
– Não estou com fome.
Harry se sentia péssimo. Dentro de uma hora estaria entrando na quadra.
– Harry, você precisa de energia – disse Simas Finnigan. – Os apanhadores são sempre os que acabam aleijados pelo outro time.
– Obrigado, Simas – respondeu Harry, observando Simas amontoar ketchup sobre as salsichas.

Aí pelas onze horas a escola inteira parecia estar nas arquibancadas que cercavam o campo de quadribol. Muitos estudantes tinham levado binóculos. Os lugares ficavam no alto mas, às vezes, ainda assim era difícil ver o que acontecia.

Rony e Hermione se reuniram a Neville, Simas e Dino, o fã do time de segunda divisão na fileira do alto. Como uma surpresa para Harry, eles tinham pintado uma grande bandeira em um dos lençóis que Perebas roera. Dizia: Potter para Presidente e Dino, que era bom em desenho, tinha pintado o grande leão de Grifinória embaixo. Depois Hermione apelara para um feiticinho para fazer a tinta brilhar multicolorida.

Entrementes, nos vestiários, Harry e o restante do time estavam vestindo as roupas vermelhas de quadribol (Sonserina iria jogar de verde).

Olívio pigarreou pedindo silêncio.

– Muito bem, rapazes.

– E moças – acrescentou a artilheira Angelina Johnson.

– E moças – concordou Olívio. – Está na hora.

– O jogaço – disse Fred.

– O jogaço que estávamos esperando – explicou Jorge.

– Já conhecemos o discurso de Olívio de cor – comentou Fred para Harry. – Fizemos parte do time no ano passado.

– Calem a boca, vocês dois – mandou Olívio. – Este é o melhor time que Grifinória já teve nos últimos anos. Vamos vencer. Sei que vamos.

E encarou os jogadores como se dissesse “Ou vão ver”.

– Certo. Está na hora. Boa sorte para todos.

Harry acompanhou Fred e Jorge na saída do vestiário e, esperando que seus joelhos não cedessem, entrou na quadra debaixo de vivas.

Madame Hooch era a juíza. Estava parada no meio da quadra esperando os dois times, de vassoura na mão.

– Quero ver um jogo limpo, meninos – disse quando estavam todos reunidos à sua volta. Harry reparou que ela parecia estar falando particularmente para o capitão de Sonserina, Marcos Flint, um aluno do quinto ano. Harry achou que Flint tinha sangue de trasgo. Pelo canto do olho viu a bandeira, que piscava “Potter para Presidente” tremulando sobre as cabeças dos espectadores. Seu coração perdeu um compasso. Ele se sentiu mais corajoso.

– Montem as vassouras, por favor.

Harry subiu na sua Nimbus 2000.

Madame Hooch puxou um silvo forte no seu apito de prata.

Quinze vassouras se ergueram no ar. Fora dada a partida.

“E a goles foi de pronto rebatida por Angelina Johnson, de Grifinória – que

ótima artilheira é essa menina, e bonita, também.”

– JORDAN!

– Desculpe, professora.

O amigo dos gêmeos Weasley, Lino Jordan, estava irradiando a partida, vigiado de perto pela Profa. Minerva.

“E ela está realmente jogando com força total, um passe lindo para Alícia Spinnet, um bom achado de Olívio Wood, no ano passado ficou no time de reserva – de volta a Johnson e... não, Sonserina tomou a goles, o capitão de Sonserina rouba a goles e sai correndo – Marcos está voando como uma águia lá no alto – ele vai mar... não, foi impedido por uma excelente intervenção do goleiro de Grifinória, Olívio, e Grifinória fica com a goles – no lance a artilheira Katie Bell de Grifinória, dá um belo mergulho em volta de Marcos e sobe pelo campo e – AI – essa deve ter doído, ela levou um balaço na nuca – perdeu a goles para Sonserina – agora Adriano Pucey corre na direção do gol, mas é bloqueado por um segundo balaço – arremessado por Fred ou Jorge Weasley, é difícil dizer qual dos dois – em todo o caso uma boa jogada do batedor de Grifinória, e Johnson tem outra vez a posse da goles, o caminho está livre à sua frente e lá vai ela – realmente voando – desvia-se de um balaço veloz – as balizas estão à sua frente – vamos, agora, Angelina – o goleiro Bletchley mergulha – não chega em tempo – PONTO PARA GRIFINÓRIA!”

A torcida de Grifinória enche de berros o ar frio, e a torcida de Sonserina, de lamentos.

– Cheguem para lá, vamos.

– Rúbeo!

Rony e Hermione se apertaram para abrir espaço para Hagrid se sentar com eles.

– Estive assistindo da minha casa – disse Hagrid, indicando um grande binóculo pendurado ao pescoço. Mas não é a mesma coisa que assistir no meio da multidão. Nem sinal do pomo ainda, não é?

– Não – respondeu Rony. – Harry ainda não teve muito o que fazer.

– Pelo menos não se machucou, já é alguma coisa – disse Hagrid, levantando o binóculo e espiando o pontinho que era Harry lá no céu.

Muito acima deles, Harry sobrevoava o jogo, procurando um sinal do pomo. Isto fazia parte da estratégia montada por ele e Olívio.

– Fique fora do caminho até avistar o pomo – dissera Olívio. – Não queremos que você seja atacado sem necessidade.

Quando Angelina marcou, Harry tinha feito uns *loops* para extravasar a emoção. Agora voltara a procurar o pomo. Uma vez avistou um lampejo dourado, mas era apenas um reflexo do relógio de um dos gêmeos e outra vez

um balaço resolveu disparar em sua direção e mais parecia uma bala de canhão, mas Harry se esquivou e Fred veio atrás dela.

– Tudo bem aí, Harry? – Ele tivera tempo de gritar ao rebater o balaço com fúria na direção de Marcos Flint.

“Sonserina de posse da goles.” Lino Jordan continua narrando. “O artilheiro Pucey se desvia de dois balaços, dos dois Weasley, da artilheira Bell e voa para – esperem aí – será o pomo?”

Correu um murmúrio pelas torcidas quando viram Adriano Pucey deixar cair a goles, ocupado demais em espiar por cima do ombro o lampejo dourado que passara por sua orelha esquerda.

Harry viu-a. Tomado de grande agitação, mergulhou em direção ao rastro dourado. O apanhador de Sonserina, Terêncio Higgs, vira o pomo também. Cabeça a cabeça, eles se precipitaram em direção ao pomo – todos os artilheiros pareciam ter esquecido o que deveriam fazer, pararam no ar, para observar.

Harry foi mais rápido que Terêncio – estava vendo a bolinha redonda, as asas batendo, disparando para o alto –, imprimiu mais velocidade...

– Ohhh! – Um rugido de raiva saiu da torcida de Grifinória embaixo. Marcos Flint tinha bloqueado Harry de propósito e a vassoura de Harry perdeu o rumo, Harry segurou-se para não cair.

– Falta! – gritou a torcida de Grifinória.

Madame Hooch dirigiu-se aborrecida a Marcos e em seguida deu a Grifinória um lance livre diante das balizas. Mas na confusão, é claro, o pomo de ouro desaparecera de vista outra vez.

Nas arquibancadas, Dino Thomas berrava:

– Fora com ele, juíza! Cartão vermelho!

– Isto não é futebol, Dino – lembrou Rony. – Você não pode expulsar jogador de campo no quadribol, e o que é um cartão vermelho?

Mas Hagrid ficou do lado de Dino.

– Deviam mudar as regras, Marcos podia ter derrubado Harry no ar.

Lino Jordan estava achando difícil se manter neutro.

“Então – depois dessa desonestidade óbvia e repugnante...”

– Jordan! – ralhou a Profa. Minerva.

“Quero dizer, depois dessa falta clara e revoltante...”

– Jordan, estou-lhe avisando...

“Muito bem, muito bem. Marcos quase matou o apanhador da Grifinória, o que pode acontecer com qualquer um, tenho certeza, portanto uma penalidade a favor de Grifinória, Spinnet bate, para fora, sem problema, e continuamos o jogo, Grifinória ainda com a posse da bola.”

Foi quando Harry se desviou de mais um balaço, que passou com perigoso

efeito ao lado de sua cabeça, que a coisa aconteceu. Sua vassoura deu uma perigosa e repentina guinada. Por uma fração de segundo ele achou que ia cair. Segurou a vassoura com firmeza com as duas mãos e os joelhos. Nunca sentira nada parecido antes.

Aconteceu outra vez. Era como se a vassoura estivesse tentando derrubálo. Mas uma Nimbus 2000 não decidia de repente derrubar seu cavaleiro. Harry tentou voltar em direção às balizas de Grifinória; tencionava avisar Olívio para pedir tempo – e então percebeu que a vassoura se descontrolara. Não conseguia virá-la. Não conseguia dirigi-la. Ela ziguezagueava pelo ar e de vez em quando fazia movimentos bruscos que quase o desequilibravam.

Lino ainda comentava.

“Sonserina ainda com a posse – Marcos com a goles – passa por Spinnet – por Bell – atingido no rosto com força por um balaço, espero que tenha quebrado o nariz – é brincadeira, professora – Sonserina marca – ah, não...”

A torcida da Sonserina vibrava. Ninguém parecia ter notado que a vassoura de Harry estava se comportando de maneira estranha. Carregava-o lentamente cada vez mais alto, afastando-se do jogo, dando guinadas e corcoveando pelo caminho.

– Não sei o que Harry acha que está fazendo – resmungou Hagrid. E espiou pelo binóculo. – Se eu não entendesse da coisa, eu diria que perdeu o controle da vassoura... mas não pode ser...

De repente, as pessoas em todas as arquibancadas estavam apontando para Harry no alto. Sua vassoura começara a jogar para um lado e para outro, e ele mal conseguia se segurar. Então a multidão gritou. A vassoura dera uma guinada violenta e Harry desmontara. Estava agora pendurado, aguentandose apenas com uma das mãos.

– Será que aconteceu alguma coisa à vassoura quando Marcos o bloqueou? – cochichou Simas.

– Não pode ser – respondeu Hagrid, a voz trêmula. – Nada pode interferir com uma vassoura a não ser uma magia negra muito poderosa, nenhum garoto poderia fazer isso com uma Nimbus 2000.

Ao ouvir isso, Hermione agarrou o binóculo de Hagrid, mas em vez de olhar para Harry no alto, começou a espiar agitadíssima para a multidão.

– Que é que você está fazendo? – gemeu Rony, o rosto branco.

– Eu sabia! – exclamou Hermione. – Snape. Olhe.

Rony agarrou o binóculo, Snape estava no centro das arquibancadas do lado oposto. Tinha os olhos fixos em Harry e movia os lábios sem parar.

– Ele está fazendo alguma coisa, ele está azarando a vassoura – disse Hermione.

– Que vamos fazer?
– Deixem comigo.
Antes que Rony pudesse dizer mais alguma coisa, Hermione desapareceu. Rony tornou a apontar o binóculo para Harry. A vassoura vibrava com tanta força, que era quase impossível Harry se aguentar por muito mais tempo. A multidão se levantara, acompanhava com os olhos, aterrorizada, os gêmeos Weasley voaram para tentar transferir Harry a salvo para uma de suas vassouras, mas não adiantou – toda vez que se aproximavam dele, a vassoura subia mais alto. Mantiveram-se em um nível mais baixo fazendo círculos sob Harry, obviamente na esperança de apará-lo se caísse... Marcos Flint apoderou-se da goles e marcou cinco vezes sem ninguém reparar.
– Anda logo, Hermione – murmurou Rony, desesperado.
Hermione abrira caminho até a arquibancada onde estava Snape e agora corria pela fileira atrás dele; nem parou para pedir desculpas quando derrubou o Prof. Quirrell de cabeça na fileira da frente. Ao chegar perto de Snape, ela se agachou, puxou a varinha e disse algumas palavras bem escolhidas. Chamas vivas e azuladas saíram de sua varinha para a barra das vestes de Snape.
Levou talvez uns trinta segundos para Snape perceber que estava em chamas. Um grito súbito confirmou que Hermione conseguira o seu intento. Recolhendo o fogo num frasquinho que trazia no bolso ela retrocedeu depressa pela mesma fileira – Snape nunca saberia o que acontecera.
Foi o suficiente. No alto, Harry conseguiu de repente voltar a montar a vassoura.
– Neville, pode olhar! – disse Rony. Neville passara os últimos cinco minutos soluçando no casaco de Hagrid.
Harry estava voando rápido de volta ao chão quando a multidão o viu levar a mão à boca como se fosse vomitar – ele pousou no campo de gatas – tossiu – e uma coisa dourada caiu em sua mão.
– Apanhei o pomo! – gritou, mostrando-o no alto, e o jogo terminou na mais completa confusão.
– Ele não *agarrou* o pomo, ele quase o *engoliu* – continuava a esbravejar Flint vinte minutos depois, mas não fez diferença, Harry não infringira nenhuma regra e Lino Jordan continuava a gritar alegremente o resultado: Grifinória ganhara por cento e setenta pontos a sessenta. Harry porém não ouvia nada disso. Hagrid lhe preparava no casebre uma xícara de chá forte, em companhia de Rony e Hermione.
– Foi Snape – explicou Rony. – Hermione e eu vimos. Ele estava azarando a sua vassoura, murmurando, não despregava os olhos de você.
– Bobagens – disse Hagrid, que não ouvira uma única palavra do que se

passara ao seu lado nas arquibancadas. – Por que Snape faria uma coisa dessas?
Harry, Rony e Hermione se entreolharam, imaginando o que lhe contar. Harry decidiu contar a verdade.
– Descobri uma coisa – falou a Hagrid. – Ele tentou passar pelo cachorro de três cabeças no Dia das Bruxas. Levou uma mordida. Achamos que estava tentando roubar o que o cachorro está guardando.
Hagrid deixou cair o bule de chá.
– Como é que vocês sabem da existência do Fofo?
– Fofo?
– É... é meu... comprei-o de um grego que conheci num bar no ano passado. Emprestei-o a Dumbledore para guardar o...
– O quê? – perguntou Harry, ansioso.
– Não me pergunte mais nada – retrucou Hagrid com impaciência. – É segredo.
– Mas Snape está tentando *roubá-lo.*
– Bobagens – repetiu Hagrid. – Snape é professor de Hogwarts, não faria uma coisa dessas.
– Então por que ele tentou matar Harry? – perguntou Hermione.
Os acontecimentos daquela tarde sem dúvida tinham mudado a opinião dela sobre Snape.
– Eu conheço uma azaração quando vejo uma, Rúbeo, já li tudo sobre o assunto! A pessoa precisa manter contato visual e Snape nem ao menos piscava, eu vi!
– Estou dizendo que vocês estão enganados! – falou Hagrid com veemência. – Não sei por que a vassoura de Harry estava agindo daquela forma, mas Snape não iria tentar matar um aluno! Agora, escutem bem, os três: vocês estão se metendo em coisas que não são de sua conta. Isto é perigoso. Esqueçam aquele cachorro e esqueçam o que ele está guardando, isto é coisa do Prof. Dumbledore com o Nicolau Flamel...
– Ah-ah! – exclamou Harry. – Então tem alguém chamado Nicolau Flamel metido na jogada, é?
Hagrid parecia furioso consigo mesmo.

— CAPÍTULO DOZE —
O Espelho de Ojesed

O Natal se aproximava. Certa manhã em meados de dezembro, Hogwarts acordou coberta com mais de um metro de neve. O lago congelou e os gêmeos Weasley receberam castigo por terem enfeitiçado várias bolas de neve fazendo-as seguir Quirrell aonde ele ia e quicarem na parte de trás do seu turbante. As poucas corujas que conseguiam se orientar no céu tempestuoso para entregar correspondência tinham de ser tratadas por Hagrid para recuperar a saúde antes de voltarem a voar.

Todos mal aguentavam esperar as férias de Natal. E embora a sala comunal da Grifinória e o Salão Principal tivessem grandes fogos nas lareiras, os corredores varridos por correntes de ar tinham se tornado gélidos e um vento cortante sacudia as janelas das salas de aulas. As piores eram as aulas do Prof. Snape nas masmorras, onde a respiração dos alunos virava uma névoa diante deles e eles procuravam ficar o mais próximo possível dos seus caldeirões.

– Tenho tanta pena – disse Draco Malfoy, na aula de Poções – dessas pessoas que têm que passar o Natal em Hogwarts porque a família não as quer em casa.

Olhou para Harry ao dizer isso. Crabbe e Goyle riram. Harry, que estava medindo pó de espinha de peixe-leão, não lhes deu atenção. Malfoy andava muito mais desagradável do que de costume desde a partida de quadribol. Aborrecido porque Sonserina perdera, tentara fazer as pessoas rirem dizendo que um sapo iria substituir Harry como apanhador no próximo jogo. Então percebeu que ninguém achara graça, porque estavam todos muito impressionados com a maneira com que Harry conseguira se segurar na vassoura corcoveante. Por isso Draco, invejoso e zangado, voltara a aperrear Harry dizendo que não tinha família como os outros...

Era verdade que Harry não ia voltar à rua dos Alfeneiros para o Natal. A Profa. Minerva passara a semana anterior fazendo uma lista dos alunos que iam

ficar em Hogwarts no Natal, e Harry assinara seu nome na mesma hora. Não sentia nenhuma pena de si mesmo; provavelmente aquele seria o melhor Natal que já tivera. Rony e os irmãos também iam ficar, porque o Sr. e a Sra. Weasley iam à Romênia visitar Carlinhos.

Quando deixaram as masmorras ao final da aula de Poções, encontraram um grande tronco de pinheiro bloqueando o corredor à frente. Dois pés enormes que apareciam por baixo do tronco e alguém bufando alto denunciou a todos que Hagrid estava por trás dele.

– Oi, Rúbeo, quer ajuda? – perguntou Rony, metendo a cabeça por entre os ramos.

– Não, estou bem, obrigado, Rony.

– Você se importaria de sair do caminho? – Ouviu-se a voz arrastada e seca de Draco atrás deles. – Está tentando ganhar uns trocadinhos, Weasley? Vai ver quer virar guarda-caça quando terminar Hogwarts. A cabana de Rúbeo deve parecer um palácio comparada ao que sua família está acostumada.

Rony avançou para Draco justamente na hora em que Snape subia as escadas.

– WEASLEY!

Rony largou a frente das vestes de Draco.

– Ele foi provocado, Prof. Snape – explicou Hagrid, deixando aparecer por trás da árvore a cara peluda. – Draco ofendeu a família dele.

– Seja por que for, brigar é contra o regulamento de Hogwarts, Hagrid – disse Snape, insinuante. – Cinco pontos a menos para Grifinória, Weasley, e dê graças a Deus por não ser mais. Agora, vamos andando, todos vocês.

Draco, Crabbe e Goyle passaram pela árvore com brutalidade, espalhando folhas para todo lado com sorrisos nos rostos.

– Eu pego ele – prometeu Rony, rilhando os dentes às costas de Draco –, um dia desses, eu pego ele.

– Odeio os dois – disse Harry. – Draco e Snape.

– Vamos, ânimo, o Natal está aí – disse Hagrid. – Vou lhes dizer o que vamos fazer, venham comigo ver o Salão Principal, está lindo.

Então os três acompanharam Hagrid e sua árvore até o Salão Principal, onde a Profa. Minerva e o Prof. Flitwick estavam trabalhando na decoração para o Natal.

– Ah, Hagrid, a última árvore... ponha naquele canto ali, por favor.

O salão estava espetacular. Festões de azevinho e visco pendurados a toda a volta das paredes e nada menos que doze enormes árvores de Natal estavam dispostas pelo salão, umas cintilando com cristais de neve, outras iluminadas por centenas de velas.

– Quantos dias ainda faltam até as férias? – perguntou Hagrid.

– Um – respondeu Hermione. – Ah, isso me lembra: Harry, Rony, falta meia hora para o almoço, devíamos estar na biblioteca.

– Ih, é mesmo – disse Rony, despregando os olhos do Prof. Flitwick, que fazia sair bolhas azuis da ponta da varinha e as levava para cima dos galhos da árvore que acabara de chegar.

– Biblioteca? – espantou-se Hagrid, acompanhando-os para fora da sala. – Na véspera das férias? Não estão estudando demais?

– Ah, não estamos estudando – respondeu Harry, animado. – Desde que você mencionou o Nicolau Flamel estamos tentando descobrir quem ele é.

– Vocês o quê? – Hagrid parecia chocado. – Ouçam aqui: já disse a vocês, parem com isso. Não é da sua conta o que o cachorro está guardando.

– Só queremos saber quem é Nicolau Flamel, só isso – falou Hermione.

– A não ser que você queira nos dizer e nos poupar o trabalho – acrescentou Harry. – Já devemos ter consultado uns cem livros e não o encontramos em lugar nenhum. Que tal nos dar uma pista? Sei que já li o nome dele em algum lugar.

– Não digo uma palavra – respondeu Hagrid, decidido.

– Então vamos ter que descobrir sozinhos – disse Rony, e saíram depressa para a biblioteca, deixando Hagrid desapontado.

Andavam realmente procurando o nome de Flamel nos livros desde que Hagrid deixara escapá-lo, porque de que outra maneira iam descobrir o que Snape estava tentando roubar? O problema é que era muito difícil saber por onde começar, sem saber o que Flamel poderia ter feito para aparecer em um livro. Não se encontrava em *Grandes sábios do século XX*, nem em *Nomes notáveis da mágica do nosso tempo*, não era encontrável tampouco em *Importantes descobertas modernas da magia* nem em *Um estudo dos avanços recentes na magia*. E, é claro, havia também o tamanho da biblioteca em si, dezenas de milhares de livros; milhares de prateleiras; centenas de corredores estreitos.

Hermione puxou uma lista de assuntos e títulos que decidira pesquisar enquanto Rony se dirigiu a uma carreira de livros e começou a tirá-los da prateleira aleatoriamente. Harry vagou até a Seção Reservada. Vinha pensando há algum tempo se Flamel não estaria ali. Infelizmente, o estudante precisava de um bilhete assinado por um professor para consultar qualquer livro reservado e ele sabia que nenhum jamais lhe daria o bilhete.

Eram livros que continham poderosa magia negra jamais ensinada em Hogwarts e somente lida por alunos mais velhos que estudavam no curso avançado de Defesa Contra as Artes das Trevas.

– O que é que você está procurando, menino?

– Nada – disse Harry.

Madame Pince, a bibliotecária, apontou-lhe um espanador de penas.

– Então é melhor sair daqui. Vamos, fora!

Desejando ter sido um pouco mais rápido em inventar alguma história, Harry saiu da biblioteca. Ele, Rony e Hermione já tinham concordado que era melhor não perguntar a Madame Pince onde poderiam encontrar Flamel. Tinham certeza de que ela saberia informar, mas não podiam arriscar que Snape ouvisse o que andavam tramando.

Harry esperou do lado de fora no corredor para saber se os outros dois tinham encontrado alguma coisa, mas não alimentava muitas esperanças. Afinal estavam procurando havia quinze dias, mas como só tinham breves momentos entre as aulas, não era surpresa que não tivessem achado nada. O que realmente precisavam era de uma longa busca sem Madame Pince bafejar o pescoço deles.

Cinco minutos depois, Rony e Hermione se reuniram a ele balançando negativamente a cabeça. E foram almoçar.

– Vocês vão continuar procurando enquanto eu estiver fora, não vão? – recomendou Hermione. – E me mandem uma coruja se encontrarem alguma coisa.

– E você poderia perguntar aos seus pais se sabem quem é Flamel – disse Rony. – Não haveria perigo em perguntar a eles.

– Nenhum perigo, os dois são dentistas.

Uma vez começadas as férias, Rony e Harry estavam se divertindo à beça para se lembrar de Flamel. Tinham o dormitório só para eles e a sala comunal estava muito mais vazia do que o normal, por isso podiam usar as poltronas confortáveis ao pé da lareira. Sentavam-se a toda hora para comer tudo que pudessem espetar em um garfo de assar – pão, bolinhos, *marshmallows* – e tramavam maneiras de fazer Draco ser expulso, o que se divertiam em discutir mesmo que não fosse produzir resultados.

Rony também começou a ensinar Harry a jogar xadrez de bruxo. Era exatamente igual a xadrez de trouxa exceto que as peças eram vivas, o que fazia parecer que a pessoa estava dirigindo tropas em uma batalha. O jogo de Rony era muito velho e gasto. Como tudo o mais que possuía, pertencera em tempos a alguém da família – no caso, ao seu avô. No entanto, a velhice das peças não era um empecilho. Rony as conhecia tão bem que nunca tinha dificuldade de mandá-las fazer o que ele queria.

Harry jogava com peças que Simas Finnigan lhe emprestara e estas não confiavam nada nele. Ainda não era um bom jogador e elas não paravam de gritar conselhos variados, o que o confundia: “Não me mande para lá, não está vendo o cavalo dele? Mande *ele*, podemos nos dar ao luxo de perder *ele*.”

Na noite de Natal, Harry foi para a cama pensando com ansiedade na comida

e na diversão do dia seguinte, mas sem esperar nenhum presente.

Quando acordou cedo na manhã seguinte, porém, a primeira coisa que viu foi uma pequena pilha de embrulhos ao pé de sua cama.

– Feliz Natal – disse Rony, sonolento, quando Harry pulou da cama e vestiu o roupão.

– Para você também – falou Harry. – Olhe só isso! Ganhei presentes?

– E o que é que você esperava, nabos? – respondeu Rony, virando-se para a sua pilha que era bem maior do que a de Harry.

Harry apanhou o pacote de cima. Estava embrulhado em papel pardo grosso e trazia escrito em garranchos *Para o Harry, de Hagrid*. Dentro havia uma flauta tosca de madeira. Era óbvio que Hagrid a entalhara pessoalmente. Harry soprou-a – parecia um pouco com um pio de coruja.

Um segundo embrulho, muito pequeno, continha um bilhete.

Recebemos sua mensagem e estamos enviando o seu presente. Tio Válter e Tia Petúnia. Presa com fita adesiva na nota havia uma moeda de cinquenta pence.

– Que simpático! – exclamou Harry.

Rony ficou fascinado pela moeda.

– Que esquisito! – disse. – Que formato! Isso é *dinheiro*?

– Pode ficar com ela – disse Harry rindo-se ao ver a satisfação de Rony. – Rúbeo, minha tia e meu tio. E quem mandou esses?

– Acho que sei quem mandou esse – disse Rony, ficando um pouco vermelho e apontando para um embrulho disforme. – Mamãe. Eu disse a ela que você não estava esperando receber presentes... ah, não... – gemeu –, ela fez para você uma suéter Weasley.

Harry rasgou o papel e encontrou uma suéter tricotada com linha grossa verde-clara e uma grande caixa de barras de chocolate feito em casa.

– Todos os anos ela faz para nós uma suéter – disse Rony, desembrulhando a dele –, e a minha é *sempre* cor de tijolo.

– Foi realmente muita gentileza dela – disse Harry, experimentando as barrinhas de chocolate, que estavam muito gostosas.

O presente seguinte também continha doces – uma grande caixa de sapos de chocolate dados por Hermione.

Restava apenas um embrulho. Harry apanhou-o e apalpou-o. Era muito leve. Desembrulhou-o.

Uma coisa sedosa e prateada escorregou para o chão onde se acomodou em dobras refulgentes. Rony soltou uma exclamação:

– Já ouvi falar nisso – disse em voz baixa, deixando cair a caixa de feijõezinhos de todos os sabores que ganhara de Hermione. – Se isso é o que eu penso que é, é realmente raro e *realmente* valioso.

– E o que é?
Harry apanhou o pano brilhoso e prateado do chão. Tinha uma textura estranha, parecia tecida com fios de água.
– É uma capa da invisibilidade – disse Rony, com uma expressão de assombro no rosto. – Tenho certeza de que é. Experimente.
Harry jogou a capa em volta dos ombros e Rony deu um berro.
– É, sim! Olhe para baixo!
Harry olhou para os pés, mas eles tinham desaparecido. Correu então para o espelho. Não deu outra, o espelho refletiu sua imagem, só a cabeça suspensa no ar, o corpo completamente invisível. Ele cobriu a cabeça e a imagem desapareceu completamente.
– Tem um cartão! – disse Rony de repente. – Caiu um cartão!
Harry tirou a capa e apanhou o cartão. Escritas numa caligrafia fina e rebuscada que ele nunca vira antes, estavam as seguintes palavras:

Seu pai deixou isto comigo antes de morrer. Está na hora de devolvê-la a você.
Use-a bem.
Um Natal Muito Feliz para você.

Não havia assinatura. Harry ficou olhando o cartão. Rony admirava a capa.
– Eu daria *qualquer coisa* para ter uma dessas. *Qualquer coisa*... Que foi?
– Nada. – Harry estava se sentindo muito estranho. Quem mandara a capa? Será que pertencera mesmo ao seu pai?
Antes que pudesse dizer ou pensar qualquer outra coisa, a porta do dormitório se escancarou e Fred e Jorge Weasley entraram aos pulos. Harry rapidamente deu um sumiço na capa. Por ora não tinha vontade de compartilhá-la com mais ninguém.
– Feliz Natal!
– Ei, olhe só, o Harry ganhou uma suéter Weasley também!
Fred e Jorge estavam usando suéteres azuis, uma com um grande F, a outra com um J.
– Mas a do Harry é melhor do que a nossa – comentou Fred, erguendo a suéter de Harry. – Ela com certeza capricha mais se a pessoa não é da família.
– Por que você não está usando a sua? – perguntou Jorge. – Vamos, vista logo, elas são ótimas e quentes.
– Detesto cor de tijolo – lamentou-se Rony, desanimado enquanto vestia a suéter.
– Pelo menos você não tem uma letra na sua – comentou Jorge. – Ela deve

pensar que você não esquece o seu nome. Mas nós não somos burros, sabemos que nos chamamos Jred e Forge.

– Que barulheira é essa?

Percy Weasley meteu a cabeça para dentro da porta, com um olhar de censura. Era visível que já desembrulhara metade dos seus presentes porque trazia também uma suéter grossa pendurada no braço, que Fred logo agarrou.

– M de monitor! Vista logo, Percy, todos estamos usando as nossas, até Harry ganhou uma.

– Eu... não... quero – disse Percy com a voz embargada, enquanto os gêmeos forçavam a suéter por sua cabeça, entortando seus óculos.

– E você hoje não vai se sentar com os monitores – disse Jorge. – Natal é uma festa da família.

E os dois carregaram Percy para fora do quarto, com os braços presos dos lados pela suéter.

Harry nunca tivera em toda a vida um almoço de Natal igual àquele. Cem perus gordos assados, montanhas de batatas assadas e cozidas, travessas de salsichas, terrinas de ervilhas passadas na manteiga, molheiras com uva-do-monte em molho espesso e bem temperado – e, a pequenos intervalos sobre a mesa, pilhas de bombinhas de bruxo. Essas bombinhas fantásticas não se pareciam nada com as bombinhas fracas dos trouxas que os Dursley em geral compravam, cheias de brinquedinhos de plástico e chapéus de papel fino. Harry puxou a ponta de uma bombinha de bruxo com Fred e ela não deu apenas um estalinho, ela explodiu com o ruído de um canhão e envolveu-os em uma nuvem de fumaça azul, enquanto caíam de dentro um chapéu de almirante e vários camundongos brancos, vivos. Na mesa principal, Dumbledore tinha trocado o chapéu de bruxo por um toucado florido e ria alegremente de uma piada que o Prof. Flitwick acabara de ler para ele.

Pudins de Natal flamejantes seguiram-se ao peru. Percy quase quebrou os dentes em uma foice de prata que estava escondida em sua fatia. Harry observava o rosto de Hagrid ficar cada vez mais vermelho à medida que pedia mais vinho e acabou beijando a bochecha da Profa. Minerva, a qual, para espanto de Harry, rira e corara, o chapéu de bruxa enviesado na cabeça.

Quando Harry finalmente saiu da mesa, estava levando uma montanha de brinquedos das bombinhas, inclusive uma embalagem de balões luminosos e não explosivos, um kit para cultivar capixingui, a planta símbolo de Hogwarts, e um jogo de xadrez de bruxo. Os camundongos brancos tinham desaparecido e Harry teve a desagradável sensação de que eles iam acabar virando jantar de Natal para Madame Nor-r-ra.

Harry e os Weasley passaram uma tarde muito alegre ocupados em uma furiosa guerra de bolas de neve. Depois, frios, molhados e ofegantes, voltaram para junto da lareira na sala comunal de Grifinória, onde Harry estreou o seu novo jogo de xadrez perdendo espetacularmente para Rony. Suspeitou que não teria levado uma surra tão grande se Percy não tivesse tentado ajudá-lo tanto.

Depois de lancharem sanduíches de peru, bolinhos, gelatina e bolo de frutas, todos se sentiram demasiado fartos e sonolentos para fazer outra coisa senão sentar e assistir a Percy correr atrás de Fred e Jorge por toda a torre de Grifinória porque eles tinham furtado seu crachá de monitor.

Fora o melhor Natal da vida de Harry. No entanto, no fundinho da cabeça alguma coisa o incomodara o dia inteiro. Somente quando finalmente se deitou é que teve tempo para pensar nela: a capa invisível e a pessoa que a mandara.

Rony, cheio de peru e bolo e sem nenhum mistério para perturbá-lo, caiu no sono assim que puxou as cortinas de sua cama de dossel. Harry debruçou-se pela borda da cama e puxou a capa que escondera ali.

Do seu pai... aquilo fora do seu pai. Ele deixou o tecido escorregar pelas mãos, mais macio do que seda, leve como o ar. *Use-a bem,* dissera o cartão.

Tinha de experimentá-la agora. E saiu da cama e se enrolou na capa. Olhando para as pernas, viu apenas o luar e as sombras. Era uma sensação muito engraçada.

Use-a bem.

De repente, Harry se sentiu completamente acordado. Toda a Hogwarts se abria para ele com esta capa. Sentiu-se tomado de excitação em pé ali na escuridão silenciosa. Podia ir a qualquer lugar com a capa, qualquer lugar, e Filch jamais saberia.

Rony resmungou adormecido. Será que Harry devia acordá-lo? Alguma coisa o deteve – a capa do seu pai – , sentiu que desta vez – a primeira – queria usá-la sozinho.

E saiu sorrateiro do dormitório, desceu as escadas, atravessou a sala comunal e passou pelo buraco do retrato.

– Quem está aí? – perguntou esganiçada a Mulher Gorda. Harry não respondeu. Saiu depressa pelo corredor.

Aonde deveria ir? Parou, o coração acelerado, e pensou. E então lhe ocorreu. A seção reservada na biblioteca. Poderia ler o tempo que quisesse, o tempo que precisasse para descobrir quem era Flamel. Foi, então, puxando a capa para bem junto do corpo ao andar.

A biblioteca estava escura como breu e muito estranha. Harry acendeu uma luz para enxergar o caminho entre as fileiras de livros. A lâmpada parecia que estava flutuando no ar, e embora Harry sentisse que seu braço a sustentava,

aquela visão lhe deu arrepios.
A seção reservada era bem no fundo da biblioteca. Saltando com cautela a corda que separava esses livros do resto da biblioteca, ele ergueu a lâmpada para ler os títulos.
Eles não lhe informavam muita coisa. Suas letras descascadas e esmaecidas formavam dizeres em línguas que Harry não entendia. Alguns nem sequer tinham título. Um livro tinha uma mancha escura que fazia lembrar horrivelmente de sangue. Os pelos na nuca de Harry ficaram em pé. Talvez fosse imaginação dele, talvez não, mas achou que ouvia um sussurro inaudível vindo dos livros, como se eles soubessem que havia alguém ali que não deveria estar.
Precisava começar por alguma parte. Pousando com cuidado a lâmpada no chão, ele procurou na prateleira mais baixa um livro que parecesse interessante. Um grande volume preto e prata chamou sua atenção. Puxou-o com esforço, porque era muito pesado, e equilibrando-o nos joelhos, deixou-o abrir ao acaso.
Um grito agudo de coalhar o sangue cortou o silêncio – o livro está gritando! Harry fechou-o depressa, mas o grito não parou, uma nota alta, contínua, de furar os tímpanos. Ele tropeçou para trás e derrubou a lâmpada, que se apagou na mesma hora. Em pânico, ouviu passos que vinham pelo corredor do lado de fora – enfiando o livro gritador de qualquer jeito no lugar, ele correu para valer. Passou por Filch quase à porta. Os olhos claros e arregalados de Filch atravessaram-no, Harry escorregou por debaixo dos seus braços estendidos e saiu desabalado pelo corredor, os gritos do livro ainda ecoando em seus ouvidos.
Parou subitamente diante de uma alta armadura. Estivera tão ocupado em fugir da biblioteca que não prestara atenção aonde estava indo. Talvez porque estivesse escuro, ele nem sequer reconheceu onde se encontrava. Havia uma armadura perto das cozinhas, ele sabia, mas ele devia estar uns cinco andares acima.
– O senhor me pediu para eu vir direto ao senhor, professor, se alguém estivesse perambulando durante a noite e alguém esteve na biblioteca, na seção reservada.
Harry sentiu o sangue se esvair do seu rosto. Onde quer que estivesse, Filch devia conhecer um atalho, porque sua voz baixa e untuosa estava se aproximando, e para seu horror, foi Snape quem respondeu:
– A seção reservada? Bom, eles não podem estar longe, vamos apanhá-los.
Harry ficou imóvel no lugar em que estava quando Filch e Snape viraram o canto do corredor à frente. Eles não podiam vê-lo, é claro, mas era um corredor estreito e se chegassem mais perto esbarrariam nele – a capa não o impedia de ser sólido.
Recuou o mais silenciosamente que pôde. Havia uma porta entreaberta à sua

esquerda. Era sua única esperança. Esgueirou-se por ela, prendendo a respiração, tentando não empurrá-la e, para seu alívio, conseguiu entrar no aposento sem que percebessem nada. Eles passaram direto e Harry apoiou-se na parede, respirando profundamente, ouvindo os passos dos dois morrerem a distância. Fora por pouco, por um triz. Passaram-se alguns segundos até ele reparar em alguma coisa no aposento em que se escondera.

Parecia uma sala de aula fechada. Os vultos escuros das mesas e cadeiras se amontoavam contra as paredes e havia uma cesta de papéis virada – mas escorada na parede à sua frente havia uma coisa que não parecia pertencer ao lugar, alguma coisa que parecia que alguém acabara de pôr ali para tirá-la do caminho.

Era um magnífico espelho, da altura do teto, com uma moldura de talha dourada, aprumado sobre dois pés em garra. Havia uma inscrição entalhada no alto: *Oãça rocu esme ojesed osamo tso rueso ortso moãn.*

Já livre do pânico, agora que não ouvia sinal de Filch e Snape, Harry aproximou-se do espelho, querendo mirar-se sem ver nenhuma imagem como antes. Adiantou-se para o espelho.

Teve de levar as mãos à boca para não gritar. Virou-se. Seu coração batia com muito mais fúria do que quando o livro gritara – porque não vira somente a própria imagem no espelho, mas a de uma verdadeira multidão por trás dele.

Mas o quarto estava vazio. Respirando muito depressa, ele se virou lentamente para o espelho.

Lá estava ele, refletido, parecendo branco e assustado, e lá estavam, refletidos às suas costas, pelo menos outras dez pessoas. Harry espiou por cima do ombro – mas continuava a não haver ninguém mais. Ou será que eram todos invisíveis também? Será que estava de fato em um aposento cheio de gente invisível e o truque desse espelho é que ele refletia tudo, invisível ou não?

Olhou para o espelho outra vez. Uma mulher parada logo atrás de sua imagem sorria e lhe acenava. Ele esticou a mão e sentiu o ar atrás dele. Se ela estivesse realmente ali, ele a tocaria, pois suas imagens estavam muito próximas, mas ele pegou apenas ar – ela e os outros só existiam no espelho.

Era uma mulher muito bonita. Tinha cabelos acaju e os olhos – os olhos são iguaizinhos aos meus, Harry pensou, acercando-se um pouco mais do espelho. Verde-vivo – exatamente do mesmo formato, mas então reparou que ela estava chorando, sorrindo, mas chorando ao mesmo tempo. O homem alto, magro, de cabelos negros, parado ao lado dela abraçou-a. Usava óculos e seu cabelo era muito rebelde. Espetava na parte de trás, como o de Harry.

Harry estava tão perto do espelho agora que seu nariz quase encostava em sua imagem.

– Mamãe? – murmurou. – Papai?

Eles apenas olharam para ele, sorrindo, e lentamente Harry olhou para os rostos das outras pessoas no espelho e viu outros pares de olhos verdes iguais ao seus, outros narizes como o seu, até mesmo um velhote que parecia ter os mesmos joelhos ossudos que ele – Harry estava olhando para sua família, pela primeira vez na vida.

Os Potter sorriram e acenaram para Harry e ele retribuiu o olhar, carente, as mãos comprimindo o espelho como se esperasse entrar por dentro dele e alcançá-los. Sentiu uma dor muito forte no peito, em que se misturavam a alegria e uma terrível tristeza.

Quanto tempo esteve parado ali, ele não sabia. As imagens não esmaeceram e ele continuou mirando-as até que um ruído distante o trouxe de volta ao presente. Não podia ficar ali, tinha de encontrar o caminho de volta para a cama. Com esforço, desviou os olhos do rosto de sua mãe, sussurrando "Eu volto" e saiu depressa do aposento.

– Você podia ter me acordado – falou Rony, aborrecido.

– Você pode vir hoje à noite. Vou voltar, quero lhe mostrar o espelho.

– Eu gostaria de ver sua mãe e seu pai – disse Rony, animado.

– E eu quero ver toda a sua família, todos os Weasley, você vai poder me mostrar os seus outros irmãos e todo o mundo.

– Você pode vê-los a qualquer hora. É só vir à minha casa neste verão. Em todo o caso, talvez o espelho só mostre gente morta. Mas é uma pena você não ter achado o Flamel. Coma um pouco de bacon ou outra coisa qualquer, por que é que você não está comendo nada?

Harry não conseguia comer. Vira os pais e iria vê-los de novo à noite. Quase se esquecera de Flamel. Já não lhe parecia tão importante. Quem ligava para o que o cachorro de três cabeças estava guardando? Quem ligava realmente que Snape fosse roubar a coisa?

– Você está bem? – perguntou Rony. – Está com uma cara tão estranha.

O que Harry mais temia era não conseguir encontrar o aposento do espelho outra vez. Com Rony coberto pela capa também, eles tiveram de andar muito mais devagar na noite seguinte. Tentaram refazer o caminho de Harry ao sair da biblioteca, andando a esmo pelos corredores escuros durante quase uma hora.

– Estou falando – disse Rony. – Vamos esquecer tudo e voltar.

– Não! – sibilou Harry. – Sei que é em algum lugar por aqui.

Passaram pelo fantasma de uma bruxa alta que deslizava na direção oposta, mas não viram mais ninguém. Na hora em que Rony começou a reclamar que

seus pés estavam dormentes de frio, Harry identificou a armadura.
– É aqui... logo aqui... é.
Eles empurraram a porta. Harry deixou cair a capa dos ombros e correu para o espelho.
Lá estavam eles. Sua mãe e seu pai sorriram ao vê-lo.
– Está vendo? – Harry cochichou.
– Não consigo ver nada.
– Olhe! Olhe eles todos... ali, montes deles...
– Só consigo ver você.
– Olhe direito, vamos, fique aqui onde eu estou.
Harry deu um passo para o lado, mas com Rony diante do espelho, não conseguiu mais ver sua família, apenas Rony com o seu pijama de lã escocesa.
Rony, porém, estava mirando a própria imagem, petrificado.
– Olhe só para mim! – exclamou.
– Você está vendo toda a sua família à sua volta?
– Não, estou sozinho, mas estou diferente... pareço mais velho, e sou chefe dos monitores.
– *O quê?*
– Estou... estou usando um crachá igual ao do Gui... e estou segurando a taça das casas e a taça de quadribol, sou capitão do time de quadribol também!
Rony despregou os olhos dessa visão magnífica para olhar excitado para Harry.
– Você acha que esse espelho mostra o futuro?
– Como pode mostrar? A minha família está toda morta. Me deixe dar outra espiada.
– Você teve o espelho só para você a noite passada, me deixa olhar mais um pouco.
– Você só está segurando a taça de quadribol, que interesse tem isso? Eu quero ver os meus pais.
– Não me empurre...
Um ruído repentino do lado de fora no corredor pôs fim à discussão dos dois. Não tinham se dado conta do como estavam falando alto.
– Depressa!
Rony atirou a capa de volta para cobri-los na hora que os olhos luminosos de Madame Nor-r-ra apareceram à porta. Rony e Harry ficaram imóveis, ambos pensando a mesma coisa – será que a capa fazia efeito para os gatos? Passado um tempo que pareceu uma eternidade, ela se virou e foi embora.
– Isto é perigoso. Ela pode ter ido buscar o Filch, aposto que nos ouviu. Vamos.

E Rony puxou Harry para fora do quarto.

A neve ainda não derretera na manhã seguinte.

– Quer jogar xadrez, Harry? – convidou Rony.

– Não.

– Por que não descemos para visitar Rúbeo?

– Não... vai você...

– Sei o que é que você está pensando, Harry, naquele espelho. Não volte lá hoje à noite.

– Por que não?

– Não sei, estou com uma intuição ruim, e de qualquer forma você já escapou por um triz muitas vezes, demais. Filch, Snape e Madame Nor-r-ra estão andando por lá. E daí se eles não conseguem ver você? E se esbarrarem em você? E se você derrubar alguma coisa?

– Você está falando igual à Hermione.

– Estou falando sério, Harry, não vai não.

Mas Harry só tinha um pensamento na cabeça, voltar para a frente do espelho, e Rony não ia detê-lo.

Naquela terceira noite ele encontrou o caminho ainda mais rapidamente do que nas anteriores. Andava tão depressa que sabia que estava fazendo mais barulho do que seria sensato, mas não encontrou ninguém.

E lá estavam sua mãe e seu pai sorrindo de novo para ele, e um dos seus avós acenava feliz com a cabeça. Harry se abaixou para sentar no chão diante do espelho. Não havia nada que pudesse impedi-lo de ficar ali a noite inteira com a família. Nada.

A não ser...

– Então, outra vez aqui, Harry?

Harry sentiu como se suas tripas tivessem congelado. Olhou para trás. Sentado em uma das mesas junto à parede estava ninguém menos que Alvo Dumbledore. Harry devia ter passado direto por ele; tão desesperado estava para chegar ao espelho, que nem reparara.

– Eu... eu não vi o senhor.

– É estranho como você pode ficar míope quando está invisível – disse Dumbledore, e Harry sentiu alívio ao ver que ele sorria.

“Então”, continuou Dumbledore, escorregando da cadeira até o chão para se sentar ao lado de Harry, “você, como centenas antes de você, descobriu os prazeres do Espelho de Ojesed.”

– Eu não sabia que se chamava assim, professor.

– Mas espero que a essa altura você já tenha percebido o que ele faz?
– Bom... me mostra a minha família...
– E mostrou o seu amigo Rony como chefe dos monitores.
– Como é que o senhor soube?
– Eu não preciso de uma capa para me tornar invisível – disse Dumbledore com brandura. – Agora, você é capaz de concluir o que é que o Espelho de Ojesed mostra a nós todos?
Harry sacudiu negativamente a cabeça.
– Deixe-me explicar. O homem mais feliz do mundo poderia usar o Espelho de Ojesed como um espelho normal, ou seja, ele olharia e se veria exatamente como é. Isso o ajuda a pensar?
Harry pensou. Então respondeu lentamente:
– Ele nos mostra o que desejamos... seja o que for que desejemos...
– Sim e não – disse Dumbledore. – Mostra-nos nada mais nem menos do que o desejo mais íntimo, mais desesperado de nossos corações. Você, que nunca conheceu sua família, a vê de pé à sua volta. Ronald Weasley, que sempre teve os irmãos a lhe fazerem sombra, vê-se sozinho, melhor que todos os irmãos. Porém, o espelho não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viram, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível.
"O espelho vai ser levado para uma nova casa amanhã, Harry, e peço que você não volte a procurá-lo. Se algum dia o encontrar, estará preparado. Não faz bem viver sonhando e se esquecer de viver, lembre-se. E agora, por que você não põe essa capa admirável outra vez e vai dormir?"
Harry se levantou.
– Senhor, Prof. Dumbledore? Posso lhe perguntar uma coisa?
– Obviamente você acabou de me perguntar – sorriu Dumbledore. – Mas pode me perguntar mais uma coisa.
– O que é que o senhor vê quando se olha no espelho?
– Eu? Eu me vejo segurando um par de grossas meias de lã.
Harry arregalou os olhos.
– As meias nunca são suficientes. Mais um Natal chegou e passou e não ganhei nem um par. As pessoas insistem em me dar livros.
Foi somente quando estava de volta à cama que ocorreu a Harry que talvez Dumbledore não tivesse dito a verdade. Mas, pensou, enquanto empurrava Perebas para longe do seu travesseiro, fizera uma pergunta muito pessoal.

— CAPÍTULO TREZE —

Nicolau Flamel

Dumbledore convencera Harry a não tornar a procurar o Espelho de Ojesed, e durante o resto das férias de Natal a capa da invisibilidade permaneceu guardada no fundo do baú. Harry gostaria de poder esquecer o que vira no espelho com a mesma facilidade, mas não conseguiu. Começou a ter pesadelos. Sonhava repetidamente com os pais desaparecendo em um relâmpago de luz verde enquanto uma voz esganiçada gargalhava.

– Está vendo? Dumbledore tinha razão, aquele espelho podia deixar você maluco – disse Rony, quando Harry lhe contou os sonhos.

Hermione, que voltou um dia antes do período letivo começar, viu as coisas de outro modo. Estava dilacerada entre o horror de pensar em Harry fora da cama, perambulando pela escola três noites seguidas (“E se Filch tivesse te apanhado!”) e o desapontamento que ele não tivesse ao menos descoberto quem era Nicolau Flamel.

Quase perdera as esperanças de encontrar Flamel em um livro da biblioteca, embora Harry tivesse certeza de que lera o nome em algum lugar. Quando o novo período letivo começou, eles voltaram a folhear os livros durante os dez minutos de intervalo entre as aulas. Harry tinha ainda menos tempo do que os outros dois, porque o treino de quadribol recomeçara.

Olívio estava puxando pelo time como nunca fizera antes. Até mesmo as chuvas intermináveis que substituíram as nevadas não conseguiam esmorecer a sua animação. Os Weasley reclamavam que Olívio estava se tornando fanático, mas Harry o apoiava. Se ganhassem a próxima partida, contra Lufa-Lufa, passariam à frente da Sonserina no campeonato das casas pela primeira vez em sete anos. Além do desejo de ganhar, Harry descobriu que tinha menos pesadelos quando voltava exausto dos treinos.

Então, durante um treino particularmente chuvoso e enlameado, Olívio deu

uma notícia ruim ao time. Acabara de se enfurecer com os Weasley, que davam mergulhos violentos um sobre o outro e fingiam cair das vassouras.

– Vocês querem parar de se comportar feito bobos! – berrou. – Isso é o tipo de atitude que vai fazer a gente perder o jogo! Snape vai apitar dessa vez e vai procurar qualquer desculpa para tirar pontos da Grifinória!

Jorge Weasley realmente caiu da vassoura ao ouvir isso.

– *Snape* vai apitar o jogo? – perguntou embolando as palavras com a boca cheia de lama. – Quando foi na vida que ele apitou um jogo de quadribol? Ele não vai ser imparcial se tivermos chance de passar à frente de Sonserina.

O resto do time pousou ao lado de Jorge para reclamar também.

– A culpa não é minha – disse Olívio. – Nós é que vamos ter de nos cuidar e jogar uma partida limpa, para não dar a Snape desculpa para implicar conosco.

Estava tudo muito bem, pensou Harry, mas ele tinha outra razão para não querer Snape por perto quando estivesse jogando quadribol...

Os outros jogadores se demoraram conversando no final do treino como sempre faziam, mas Harry rumou direto para a sala comunal de Grifinória, onde encontrou Rony e Hermione jogando xadrez. Xadrez era a única coisa em que Hermione perdia, uma experiência que Rony e Harry achavam que lhe fazia muito bem.

– Não fale comigo agora – pediu Rony quando Harry se sentou ao seu lado. – Preciso me concentrar. – Aí viu a cara de Harry. – Que aconteceu com você? Está com uma cara horrível.

Falando baixinho para ninguém mais ouvir, Harry contou aos dois o desejo sinistro e súbito de Snape de ser juiz de quadribol.

– Não jogue – disse Hermione na mesma hora.

– Diga que está doente – aconselhou Rony.

– Finja que quebrou a perna – sugeriu Hermione.

– *Quebre* a perna de verdade – insistiu Rony.

– Não posso – respondeu Harry. – Não temos apanhador reserva. Se eu fujo, Grifinória não vai poder jogar.

Naquele momento, Neville entrou aos tombos na sala comunal. Como conseguira passar pelo buraco do retrato ninguém sabia, porque tinha as pernas grudadas pelo que eles imediatamente reconheceram ser o Feitiço da Perna Presa. Devia ter precisado andar aos pulos como um coelho até a torre de Grifinória.

Todo o mundo caiu na gargalhada menos Hermione, que ficou em pé de um salto e fez o contrafeitiço. As pernas de Neville se separaram e ele se endireitou, tremendo.

– Que aconteceu? – perguntou Hermione, levando-o para se sentar com Harry

e Rony.

– Malfoy – disse Neville com a voz trêmula. – Encontrei-o na saída da biblioteca. Ele disse que estava procurando alguém em quem praticar o feitiço.

– Vá procurar a Profa. Minerva! – insistiu Hermione. – Dê parte dele!

Neville sacudiu a cabeça.

– Não quero mais confusão – murmurou.

– Você tem de enfrentá-lo, Neville! – disse Rony. – Ele está acostumado a pisar nas pessoas, mas não há razão para você se deitar aos pés dele para facilitar.

– Não precisa me dizer que não sou bastante corajoso para pertencer à Grifinória. Draco já fez isso – disse Neville, engasgado.

Harry apalpou o bolso de suas vestes e tirou um sapo de chocolate, o último da caixa que Hermione lhe dera no Natal. Deu-o a Neville, que estava com cara de quem ia chorar.

– Você vale doze Dracos – disse Harry. – O Chapéu da Seleção escolheu você para Grifinória, não foi? E onde está Draco? Naquela Sonserina nojenta.

A boca de Neville se contraiu num sorrisinho enquanto desembrulhava o sapo.

– Obrigado, Harry... Acho que vou para a cama... Você quer o cartão, você coleciona, não é?

Quando Neville se afastou, Harry olhou para o cartão de Bruxo Famoso.

– Dumbledore outra vez. Ele foi o primeiro que...

E soltou uma exclamação. Olhou para o verso do cartão. Em seguida olhou para Rony e Hermione.

– *Encontrei!* – murmurou. – Encontrei Flamel! Eu *disse* a vocês que tinha lido o nome dele em algum lugar. Li-o no trem a caminho daqui. Escutem só isso: *O Prof. Dumbledore é particularmente famoso por ter derrotado Grindelwald, o bruxo das Trevas, em 1945, e ter descoberto os doze usos do sangue de dragão, e por desenvolver um trabalho de alquimia em parceria com Nicolau Flamel.*

Hermione ficou em pé de um salto. Não parecia tão animada desde que eles tinham recebido as notas do primeiro dever de casa.

– Não saiam daqui! – disse e saiu escada acima em direção aos dormitórios das meninas. Harry e Rony mal tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já estava correndo de volta, com um enorme livro velho nos braços. – Nunca pensei em olhar aqui – falou excitada. – Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco.

– *Distrair?* – admirou-se Rony, mas Hermione mandou-o ficar quieto, enquanto procurava alguma coisa e começou a folhear as páginas do livro, ansiosa, resmungando para si mesma.

Finalmente encontrou o que procurava.

– Eu sabia! Eu *sabia*!

– Já podemos falar? – perguntou Rony de mau humor. Hermione não lhe deu resposta.

– Nicolau Flamel – sussurrou ela teatralmente – *é, ao que se sabe, a única pessoa que produziu a Pedra Filosofal.*

A frase não teve bem o efeito que ela esperava.

– A o quê? – exclamaram Harry e Rony.

– Ah, francamente, vocês dois não leem? Olhem, leiam isso aqui.

Ela empurrou o livro para os dois, que leram:

> *O antigo estudo da alquimia preocupava-se com a produção da Pedra Filosofal, uma substância lendária com poderes fantásticos. A pedra pode transformar qualquer metal em ouro puro. Produz também o Elixir da Vida, que torna quem o bebe imortal.*
>
> *Falou-se muito da Pedra Filosofal durante séculos, mas a única Pedra que existe presentemente pertence ao Sr. Nicolau Flamel, o famoso alquimista e amante da ópera. O Sr. Flamel, que comemorou o seu sexcentésimo sexagésimo quinto aniversário no ano passado, leva uma vida tranquila em Devon, com sua mulher, Perenelle (seiscentos e cinquenta e oito anos).*

– Viram? – disse Hermione, quando Harry e Rony terminaram. – O cachorro deve estar guardando a Pedra Filosofal de Flamel! Aposto que ele pediu a Dumbledore que a guardasse em segurança, porque são amigos e ele sabia que alguém andava atrás dela, esse é o motivo por que Dumbledore quis transferir a pedra de Gringotes.

– Uma pedra que produz ouro e não deixa a gente morrer! – exclamou Harry. – Não admira que Snape ande atrás dela! Qualquer um andaria.

– E não admira que não conseguíssemos encontrar Flamel em *Estudos dos avanços recentes em magia* – disse Rony. – Ele não é bem recente, se já fez seiscentos e sessenta e cinco anos, não é mesmo?

Na manhã seguinte, na sala de Defesa Contra as Artes das Trevas, enquanto copiavam as diferentes maneiras de tratar mordidas de lobisomem, Harry e Rony continuavam a discutir o que fariam com uma Pedra Filosofal se tivessem uma. Somente quando Rony disse que compraria o próprio time de quadribol foi que Harry se lembrou de Snape e da partida que se aproximava.

– Eu vou jogar – disse a Rony e Hermione. – Se não fizer isso, o pessoal de Sonserina vai pensar que tenho medo de encarar Snape. Vou mostrar a eles... vamos tirar aquele sorriso da cara deles se vencermos.

– Desde que a gente não acabe tirando você da quadra – disse Hermione.

À medida que a partida se aproximava, porém, Harry foi ficando cada vez mais nervoso, mesmo que negasse isso para Rony e Hermione. O resto do time também não estava tão calmo assim. A ideia de passar à frente de Sonserina no campeonato das casas era maravilhosa, ninguém fazia isso havia quase sete anos, mas será que conseguiriam, com um juiz tão parcial?

Harry não sabia se estava ou não imaginando, mas parecia estar sempre encontrando Snape por todo lugar em que ia. Às vezes, ele até se perguntava se Snape não o estaria seguindo, tentando apanhá-lo sozinho. As aulas de Poções estavam se transformando numa espécie de tortura semanal. De tão ruim que Snape era com Harry! Seria possível que Snape tivesse descoberto que os meninos haviam lido sobre a Pedra Filosofal? Harry não imaginava como; no entanto, por vezes tinha a horrível sensação de que Snape podia ler pensamentos.

Harry sabia que, quando lhe desejassem boa sorte à porta do vestiário na tarde seguinte, Rony e Hermione estariam se perguntando se o veriam vivo outra vez. Isto não era o que se poderia chamar de consolo. Harry mal ouviu uma palavra da conversa de Olívio para animar os jogadores enquanto vestia o uniforme de quadribol e apanhava sua Nimbus 2000.

Entrementes, Rony e Hermione tinham encontrado um lugar nas arquibancadas junto a Neville, que não conseguia entender por que eles estavam tão sérios e tampouco por que haviam trazido as varinhas para o jogo. Mal sabia Harry que Rony e Hermione tinham andado praticando secretamente o Feitiço da Perna Presa. Tinham tido essa ideia ao verem Draco usá-lo contra Neville e estavam preparados para usá-lo contra Snape se ele desse o menor sinal de querer machucar Harry.

– Agora não esqueça, é *Locomotor Mortis* – cochichou Hermione enquanto Rony escondia a varinha na manga.

– Eu *sei* – Rony respondeu com maus modos. – Não chateia.

Mas, no vestiário, Olívio puxara Harry para um lado.

– Não quero pressioná-lo, Potter, mas se há um dia em que precisamos agarrar o pomo logo de saída é hoje. Termine o jogo antes que Snape possa favorecer Lufa-Lufa demais.

– A escola inteira está lá fora! – disse Fred Wesley, espiando para fora da porta. – Até mesmo, putz, Dumbledore veio assistir!

O coração de Harry deu um salto.

– *Dumbledore?* – disse, correndo até a porta para se certificar. Fred tinha razão. Não havia como confundir aquela barba prateada.

Harry poderia ter dado uma grande gargalhada de alívio. Estava seguro. Simplesmente não havia jeito de Snape ousar machucá-lo se Dumbledore estivesse assistindo.

Talvez fosse por isso que Snape estava com a cara tão zangada na hora em que os times entraram em campo, uma coisa em que Rony também reparou.

– Nunca vi Snape com uma cara tão feia – disse a Hermione. – Olhe, começou. Ai!

Alguém cutucara Rony na cabeça. Era Draco.

– Ah, desculpe, Weasley, não vi você aí.

Draco deu um largo sorriso para Crabbe e Goyle.

– Quanto tempo será que Potter vai se aguentar na vassoura desta vez? Alguém quer apostar? E você, Weasley?

Rony não respondeu; Snape acabara de aplicar uma penalidade na Grifinória porque Jorge Weasley mandara um balaço nele. Hermione, que mantinha todos os dedos cruzados no colo, apertava os olhos fixos em Harry, que circulava sobre os jogadores como um falcão, à procura do pomo.

– Sabe como eu acho que eles escolhem jogadores para o time da Grifinória? – disse Draco bem alto alguns minutos depois, quando Snape aplicou nova penalidade em Grifinória sem a menor razão. – Escolhem as pessoas que dão pena. Vê só, o Potter, que não tem pais, depois os Weasley, que não têm dinheiro. Você também devia estar no time, Longbottom, você não tem miolos.

Neville ficou muito vermelho, mas se virou para encarar Draco.

– Eu valho doze Dracos, Malfoy – gaguejou ele.

Draco, Crabbe e Goyle rolaram de rir, mas Rony, que continuava sem coragem de despregar os olhos do jogo, disse:

– Isso mesmo, responda a ele, Neville.

– Longbottom, se miolos fossem ouro, você seria mais pobre do que Weasley, e isso já é muita coisa.

Os nervos de Rony já estavam esticados ao máximo de tanta preocupação com o Harry.

– Estou lhe avisando, Draco... mais uma palavra...

– Rony! – disse Hermione de repente. – Harry!

– Quê? Onde?

Harry inesperadamente dera um mergulho espetacular, que provocou exclamações e vivas da torcida. Hermione se levantou, os dedos cruzados na boca, enquanto Harry voava para o chão como uma bala.

– Você está com sorte, Weasley, Potter com certeza localizou dinheiro no chão! – disse Draco.

Rony reagiu. Antes que Draco soubesse o que estava acontecendo, Rony

partiu para cima dele e o derrubou no chão. Neville hesitou, depois pulou o encosto da cadeira para ajudar.

– Vamos, Harry! – Hermione gritou, pulando em cima da cadeira para observar Harry se precipitar na direção de Snape, ela nem sequer reparou que Draco e Rony estavam embolados embaixo de sua cadeira, nem nos pés arrastados e gritos que saíam do redemoinho de socos que era Neville, Crabbe e Goyle.

No alto, Snape virou na vassoura bem em tempo de ver uma coisa vermelha passar veloz por ele, deixando de atingi-lo por centímetros – e no segundo seguinte, Harry saía do mergulho, o braço erguido em triunfo, o pomo seguro na mão.

As arquibancadas explodiram; tinha que ser um recorde, ninguém era capaz de se lembrar do pomo ter sido agarrado tão depressa.

– Rony! Rony! Cadê você? A partida terminou! Harry ganhou! Nós ganhamos! Grifinória está na frente! – gritava Hermione, dançando da cadeira para o chão e dali para a cadeira e se abraçando com Parvati na fileira da frente.

Harry saltou da vassoura antes de chegar ao solo. Não conseguia acreditar. Agarrara – o jogo terminou, nem chegara a durar cinco minutos. Quando Grifinória invadiu o campo, ele viu Snape pousar ali perto, a cara branca e os lábios contraídos – depois Harry sentiu uma mão no seu ombro, ergueu a cabeça e se deparou com o rosto sorridente de Dumbledore.

– Muito bem – disse Dumbledore baixinho, de modo que somente Harry pudesse ouvir. – Que bom ver que você não ficou pensando naquele espelho... manteve-se ocupado... excelente...

Snape cuspiu com amargura no chão.

Harry deixou o vestiário sozinho algum tempo depois, para levar sua Nimbus 2000 de volta à garagem. Não se lembrava de ter se sentido mais feliz. Realmente fizera agora uma coisa de que poderia se orgulhar – ninguém poderia mais dizer que ele era apenas um nome famoso. O ar da noite nunca lhe parecera mais gostoso. Caminhou pela grama úmida, revivendo mentalmente a última hora, que era um borrão de felicidade: Grifinória correndo para erguê-lo nos ombros; Rony e Hermione a distância, pulando de alegria, Rony dando vivas com o nariz escorrendo sangue.

Harry chegara à garagem. Recostou-se na porta de madeira e contemplou Hogwarts, com suas janelas avermelhadas pelo sol poente. Grifinória na liderança. Ele conseguira, mostrara a Snape...

E por falar em Snape...

Uma figura encapuzada descia rapidamente os degraus de entrada do castelo.

Sem dúvida não queria ser vista, andava o mais depressa que podia em direção à Floresta Proibida. A vitória de Harry se apagou de sua mente enquanto o observava. Reconheceu o andar predador da figura. Snape, escapulindo até a floresta enquanto todos jantavam – que estava acontecendo?

Harry tornou a montar a Nimbus 2000 e levantou voo. Planando silenciosamente sobre o castelo, viu Snape entrar na floresta correndo. Seguiu-o.

As árvores eram tão juntas que ele não conseguia ver aonde fora Snape. Voou em círculos cada vez mais baixos, roçando a copa das árvores até que ouviu vozes. Planou em direção a elas e pousou, sem ruído, em uma alta bétula.

Subiu com cuidado em um dos ramos, segurando-se firme na vassoura, tentando espiar por entre as folhas.

Embaixo, na clareira sombria, estava Snape, mas não estava sozinho. Quirrell estava com ele. Harry não conseguiu distinguir a expressão no seu rosto, mas a gagueira estava pior que nunca. Harry apurou o ouvido para entender o que conversavam.

– ... não sei por que você quis se encontrar logo aqui, Severo...

– Ah, quis manter o encontro sigiloso – disse Snape, a voz gélida. – Afinal os alunos não devem saber sobre a Pedra Filosofal.

Harry se curvou para a frente. Quirrell balbuciou alguma coisa. Snape interrompeu-o.

– Você já descobriu como passar por aquela fera do Hagrid?

– M-m-mas, Severo, eu...

– Você não quer que eu seja seu inimigo, Quirrell – ameaçou Snape, dando um passo em direção a ele.

– N-n-não sei o que você...

– Você sabe perfeitamente o que quero dizer.

Uma coruja piou alto e Harry quase caiu da árvore. Firmou-se em tempo de ouvir Snape dizer:

– ... as suas mágicas de araque. Estou esperando.

– M-mas eu n-n-não...

– Muito bem – interrompeu-o Snape. – Vamos ter outra conversinha em breve, quando você tiver tido tempo de pensar nas coisas e decidir com quem está a sua lealdade.

E jogando a capa por cima da cabeça saiu da clareira. Estava quase escuro agora, mas Harry pôde discernir Quirrell, parado muito quieto como se estivesse petrificado.

– Harry, onde é que você *esteve*? – perguntou Hermione com a voz esganiçada.

– Vencemos! Você venceu! Nós vencemos! – gritou Rony, dando palmadas

nas costas de Harry. – E deixei o olho de Draco roxo e Neville tentou enfrentar Crabbe e Goyle sozinho! Ainda está desacordado, mas Madame Pomfrey diz que ele vai ficar bom. Isso é que é mostrar a Sonserina! Todos estão esperando você na sala comunal, estamos dando uma festa, Fred e Jorge roubaram uns bolos e outras coisinhas nas cozinhas.

– Deixem isso para lá agora – disse Harry, sem fôlego. – Vamos procurar uma sala vazia, esperem até ouvirem isso...

Ele verificou se Pirraça não estava na sala antes de fechar a porta, depois contou aos amigos o que vira e ouvira.

– Então tínhamos razão, é a Pedra Filosofal e Snape está tentando obrigar Quirrell a ajudá-lo a roubar. Ele perguntou se o outro sabia como passar por Fofo, e falou alguma coisa sobre as magiquinhas de Quirrell. Imagino que haja outras coisas protegendo a pedra além de Fofo, uma porção de feitiços, provavelmente, e Quirrell deve ter feito algum contrafeitiço de que Snape precisa para entrar...

– Você quer dizer que a Pedra só está segura enquanto Quirrell resistir a Snape? – perguntou Hermione, alarmada.

– Terça-feira ela terá desaparecido – disse Rony.

— CAPÍTULO CATORZE —

Norberto, o dragão norueguês

Quirrell, no entanto, deve ter sido muito mais corajoso do que eles pensaram. Nas semanas seguintes ele pareceu estar ficando mais pálido e mais magro, mas não parecia ter cedido.

Todas as vezes que os meninos passavam pelo corredor do terceiro andar, Harry, Rony e Hermione encostavam as orelhas na porta para verificar se Fofo continuava a rosnar lá dentro. Snape levava a vida no seu habitual mau humor, o que com certeza significava que a Pedra continuava a salvo. Sempre que Harry passava por Quirrell nesses últimos dias dava-lhe um sorriso como a encorajá-lo, e Rony começara a censurar as pessoas que riam da gagueira de Quirrell.

Hermione, no entanto, tinha mais no que pensar do que na Pedra Filosofal. Começara a programar suas revisões e a marcar em cores suas anotações de aula para classificá-las. Harry e Rony não teriam se importado com isso, mas ela não parava de chateá-los para fazerem o mesmo.

– Hermione, os exames estão a séculos de distância.

– Dez semanas – retorquiu Hermione. – Não são séculos, é como um segundo para Nicolau Flamel.

– Mas nós não temos seiscentos anos – lembrou-lhe Rony. – Em todo o caso, o que é que você está revisando se já sabe tudo?

– Que é que estou revisando? Vocês ficaram malucos? Vocês já perceberam que precisamos passar nesses exames para chegar ao segundo ano? Eles são muito importantes, eu deveria ter começado a estudar há um mês, não sei o que deu em mim...

Infelizmente, os professores pareciam estar pensando da mesma maneira que Hermione. Passaram tantos deveres de casa que as férias da Páscoa não foram tão divertidas quanto as de Natal. Ficou difícil se descontrair com Hermione ao lado, recitando os doze usos do sangue de dragão ou praticando movimentos

com a varinha. Aos gemidos e bocejos, Harry e Rony passaram a maior parte do tempo livre com ela, na biblioteca, tentando dar conta de todos os deveres extras.

– Eu nunca vou me lembrar disso – desabafou Rony uma tarde, largando a pena de escrever na mesa e olhando desejoso pela janela da biblioteca. Era na realidade o primeiro dia bonito que tinham em meses. O céu estava claro, azul-miosótis e havia uma expectativa de verão no ar.

Harry, que estava procurando o verbete “Ditamno” no livro de *Cem ervas e fungos mágicos*, não levantou os olhos até a hora em que ouviu Rony exclamar:

– Rúbeo! Que é que você está fazendo na biblioteca?

Hagrid veio arrastando os pés, escondendo alguma coisa às costas. Parecia muito deslocado com o seu casaco de pelo de toupeira.

– Só olhando – disse numa voz insegura que imediatamente despertou o interesse deles. – E o que é que vocês estão armando? – Ele pareceu repentinamente desconfiado. – Não continuam procurando o Nicolau Flamel, continuam?

– Ah, já descobrimos quem ele é há séculos – disse Rony para impressionar. – E você sabe o que é que aquele cachorro está guardando, é a Pedra Filo...

– Chhhhi! – Hagrid olhou à sua volta depressa para ver se alguém estava escutando. – Não saiam gritando isso por aí, que foi que deu em vocês?

– Aliás, tem umas coisinhas que queríamos perguntar a você – disse Harry – sobre as outras coisas que estão protegendo a Pedra além do Fofo...

– CHHHHHI! – fez Hagrid de novo. – Escutem, venham me ver mais tarde, não estou prometendo que vou lhes dizer nada, vejam bem, mas não saiam dando com a língua nos dentes por aí, estudantes não devem saber disso. Vão achar que fui eu que contei a vocês...

– Vemos você mais tarde, então – concordou Harry.

Hagrid saiu arrastando os pés.

– Que é que ele estava escondendo às costas? – perguntou Hermione pensativa.

– Acham que tinha alguma coisa a ver com a Pedra?

– Vou ver em que seção ele estava – prontificou-se Rony, que já estava farto de trabalhar. Voltou um minuto depois com uma braçada de livros e largou-os em cima da mesa. – *Dragões!* – cochichou. – Rúbeo estava procurando coisas sobre dragões! Olhem só estes: *Espécies de dragões da Grã-Bretanha e da Irlanda*; *Do ovo ao inferno*, *guia do guardador de dragões.*

– Rúbeo sempre quis um dragão, ele me disse isso da primeira vez em que nos vimos – comentou Harry.

– Mas é contra as nossas leis – argumentou Rony. – Criar dragões foi proibido pela Convenção dos Bruxos de 1709, todo o mundo sabe disso. É difícil evitar

que os trouxas reparem em nós se criarmos dragões no quintal. Em todo o caso, não se pode domesticar dragões, é perigoso. Vocês deviam ver as queimaduras que Carlinhos recebeu de dragões selvagens na Romênia.

– Mas não tem dragões selvagens na Grã-Bretanha? – perguntou Harry.

– Claro que tem – respondeu Rony. – Os dragões verdes galeses e os negros das ilhas Hébridas. O Ministério da Magia tem um bocado de trabalho para mantê-los em segredo, posso lhe garantir. O nosso povo vive enfeitiçando trouxas que os viram, para fazê-los esquecer.

– Então o que será que Rúbeo anda armando? – perguntou Hermione.

Quando eles bateram à porta da cabana do guarda-caça uma hora mais tarde, ficaram surpresos de ver que todas as cortinas estavam fechadas. Hagrid perguntou “Quem é?” antes de deixá-los entrar e em seguida fechou depressa a porta assim que eles entraram.

Estava um calor sufocante no interior da cabana. E embora fosse um dia bem quente havia um fogaréu na lareira. Hagrid preparou chá para os meninos e lhes ofereceu sanduíches de carne de arminho, que eles recusaram.

– Então, vocês queriam me perguntar uma coisa?

– Queríamos – disse Harry. Não havia sentido em perder tempo com rodeios. – Estivemos pensando se você poderia nos dizer o que mais está protegendo a Pedra Filosofal além de Fofo.

Hagrid amarrou a cara.

– Claro que não posso dizer. Primeiro, eu mesmo não sei. Segundo, vocês já sabem demais, de modo que eu não diria a vocês se soubesse. Aquela Pedra está aqui por uma boa razão. Quase foi roubada de Gringotes. Suponho que vocês já chegaram a essa conclusão. Fico até espantado que saibam da existência de Fofo.

– Ah, vamos, Rúbeo, talvez você não queira nos dizer, mas você sabe tudo o que acontece por aqui – disse Hermione num tom caloroso e lisonjeiro. A barba de Hagrid mexeu e eles perceberam que estava sorrindo. – Só estávamos querendo saber realmente quem fez o feitiço de proteção – continuou Hermione. – Estávamos querendo saber em quem Dumbledore teria confiado o suficiente para ajudá-lo, além de você.

O peito de Rúbeo se estufou ao ouvir essas palavras. Harry e Rony se abriram em sorrisos para Hermione.

– Bom, acho que não poderia fazer mal contar isso... vamos ver... ele pediu Fofo emprestado a mim... depois alguns professores fizeram os feitiços... a Profa. Sprout... o Prof. Flitwick... a Profa. Minerva... – ele foi contando nos dedos – o Prof. Quirrell... e o próprio Dumbledore também fez alguma coisa, é claro. Um momento, esqueci alguém. Ah, sim, o Prof. Snape.

– *Snape?*

– É, vocês não continuam insistindo naquela ideia, ou continuam? Olhem, Snape ajudou a *proteger* a Pedra, não está prestes a roubá-la.

Harry sabia que Rony e Hermione estavam pensando o mesmo que ele. Se Snape fora chamado para proteger a Pedra, devia ter sido fácil descobrir como os outros professores a tinham protegido. Ele provavelmente sabia de tudo – exceto, ao que parecia, o feitiço que Quirrell fizera e de que jeito passar por Fofo.

– Você é o único que sabe como passar pelo Fofo, não é, Rúbeo? – Harry perguntou, ansioso. – E você não diria a ninguém, não é? Nem mesmo a um dos professores?

– Ninguém sabe a não ser eu e Dumbledore – disse Hagrid, orgulhoso.

– Bom, isso já é alguma coisa – murmurou Harry para os outros. – Rúbeo, podemos abrir uma janela? Estou assando.

– Não pode, desculpe, Harry – disse Hagrid. Harry notou que ele olhava para o fogo. Harry olhou também.

– Rúbeo, o que é *isso*?

Mas ele já sabia o que era. Bem no meio do fogo, debaixo da chaleira, havia um enorme ovo negro.

– Ah – respondeu Hagrid, mexendo, nervoso, na barba. – É... ah...

– Onde foi que você arranjou isso, Rúbeo? – perguntou Rony, abaixando-se para o fogo para olhar o ovo mais de perto. – Isso deve ter-lhe custado uma fortuna.

– Ganhei. A noite passada. Eu estava na vila tomando uns tragos e entrei num joguinho de cartas com um estranho. Acho que ele ficou bem contente de se livrar do ovo, para ser sincero.

– Mas o que é que você vai fazer com ele, quando chocar? – perguntou Hermione.

– Bom, andei lendo um pouco – disse Hagrid, tirando um grande livro de baixo do travesseiro. – Apanhei este na biblioteca: *A criação de dragões como prazer e fonte de renda*. É meio desatualizado, é claro, mas está tudo aqui. Mantenha o ovo no fogo porque as mães sopram fogo em cima deles, sabe, e quando chocar, dê-lhe um balde de conhaque misturado com sangue de galinha a cada meia hora. E vejam aqui: como reconhecer os diferentes ovos, e este aqui é um dragão norueguês. São raros esses.

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo, mas Hermione não.

– Rúbeo, você mora numa cabana de madeira – lembrou-lhe.

Mas Hagrid nem escutou. Estava cantarolando alegremente enquanto atiçava o fogo.

Então agora tinham mais uma coisa com que se preocupar: o que poderia acontecer a Hagrid se alguém descobrisse que estava escondendo um dragão ilegal em sua cabana.

– Como será ter uma vida tranquila – suspirou Rony, pois noite após noite eles lutavam para dar conta de todos aqueles deveres de casa suplementares que estavam recebendo. Hermione agora começava a programar as revisões de Harry e Rony também. Estava deixando os dois malucos.

Então, certo dia ao café da manhã, Edwiges trouxe outro bilhete de Hagrid para Harry. Ele escrevera apenas duas palavras: *Está furando.*

Rony queria faltar à Herbologia e ir direto à cabana. Hermione nem quis ouvir falar nisso.

– Hermione, quantas vezes na vida vamos ver um dragão saindo do ovo?

– Temos aulas, vamos nos meter em confusão, e isso não vai ser nada comparado à situação de Rúbeo quando descobrirem o que ele anda fazendo.

– Cala a boca! – cochichou Harry.

Malfoy estava a apenas alguns passos e parou instantaneamente para ouvir. Quanto teria ouvido? Harry não gostou nem um pouco da expressão que viu na cara de Malfoy.

Rony e Hermione discutiram todo o tempo a caminho da aula de Herbologia e, no final, Hermione concordou em dar uma corrida à casa de Hagrid com os dois no intervalo da manhã. Quando a sineta tocou no castelo anunciando o fim da aula, os três largaram as colheres de jardineiro e atravessaram a propriedade correndo em direção à orla da floresta. Hagrid cumprimentou-os parecendo vermelho e excitado.

– Está quase furando. – Conduziu-os para dentro.

O ovo estava em cima da mesa. Tinha fundas rachaduras. Alguma coisa se mexia dentro dele; fazia um barulhinho engraçado.

Todos puxaram as cadeiras para junto da mesa e observaram com a respiração presa.

De repente ouviram um som arranhado e o ovo se abriu. O dragão-bebê caiu molemente em cima da mesa. Não era exatamente bonito; Harry achou que parecia um guarda-chuva preto amassado. As asas espinhosas eram enormes em contraste com o corpo preto e magro, tinha um focinho longo com narinas largas, tocos de chifres e olhos esbugalhados cor de laranja.

Espirrou. Voaram fagulhas do seu focinho.

– Ele não é *lindo*? – murmurou Hagrid. Esticou a mão para afagar a cabeça do dragão. O bicho tentou morder seus dedos, deixando à mostra presas pontiagudas. – Deus o abençoe, olhem, ele conhece a mamãe! – exclamou Hagrid.

– Rúbeo – perguntou Hermione –, exatamente com que rapidez um dragão norueguês cresce?

Hagrid ia responder quando a cor subitamente desapareceu do seu rosto – ele deu um salto e correu à janela.

– Que foi?

– Alguém estava espiando pela fresta nas cortinas, um garoto está correndo de volta para a escola.

Harry se precipitou para a porta e espiou para fora. Mesmo a distância não havia como se enganar.

Malfoy vira o dragão.

Alguma coisa no sorriso que rondou a cara de Malfoy durante a semana seguinte deixou Harry, Rony e Hermione muito nervosos. Passaram a maior parte do tempo livre na cabana sombria de Hagrid, tentando argumentar com ele.

– Deixe o dragão ir embora – insistia Harry. – Solte ele.

– Não posso – disse Hagrid. – Ele é muito pequeno. Morreria.

Eles olharam para o dragão. Aumentara três vezes de comprimento em uma semana. A fumaça não parava de sair de suas narinas. Hagrid não estava cumprindo suas tarefas de guarda-caça porque o dragão o mantinha muito ocupado. Havia garrafas vazias de conhaque e penas de galinha por todo o chão.

– Decidi chamá-lo de Norberto – anunciou Hagrid, olhando para o dragão com olhos sonhadores. – Ele realmente sabe quem eu sou, olhem. Norberto! Norberto! Onde está a mamãe?

– Ele pirou – cochichou Rony na orelha de Harry.

– Rúbeo – disse Harry em voz alta –, dê mais quinze dias e Norberto vai ficar do tamanho de sua casa. Malfoy pode procurar Dumbledore a qualquer momento.

Hagrid mordeu o lábio.

– Eu... eu sei que não vou poder ficar com ele para sempre, mas também não posso largá-lo assim, não posso.

Harry de repente virou-se para Rony.

– Carlinhos – falou.

– Você também – respondeu Rony. – Eu sou Rony, está lembrado?

– Não, Carlinhos... seu irmão, Carlinhos. Na Romênia. Estudando dragões. Poderíamos mandar Norberto para ele. Carlinhos pode cuidar dele e depois devolvê-lo à floresta!

– Brilhante! – exclamou Rony. – Que é que você acha, Rúbeo?

E no fim, Hagrid concordou que podiam mandar uma coruja a Carlinhos para consultá-lo.

A semana seguinte se arrastou. A noite de quarta-feira encontrou Hermione e Harry sentados sozinhos na sala comunal, muito depois de todos terem ido se deitar. O relógio na parede acabara de bater meia-noite quando o buraco do retrato se abriu de repente. Rony se materializou ao tirar a capa da invisibilidade de Harry. Estivera na cabana de Hagrid, ajudando a alimentar Norberto, agora comendo caixotes de ratos mortos.

– Ele me mordeu! – disse ele mostrando a mão, que trazia enrolada em um lenço ensanguentado. – Não vou conseguir segurar a pena de escrever durante uma semana. Vou lhe contar, aquele dragão é o bicho mais horrível que já conheci, mas quem ouve Rúbeo falar pensa que ele é um coelhinho fofo. Quando o dragão me mordeu, ele ralhou comigo por tê-lo assustado. E quando saí, estava cantando uma canção de ninar.

Ouviu-se uma batida na janela escura.

– É a Edwiges! – disse Harry, correndo para deixá-la entrar. – Deve estar trazendo a resposta de Carlinhos!

Os três juntaram as cabeças para ler o bilhete.

> *Caro Rony,*
>
> *Como vai? Obrigado pela carta – terei prazer em cuidar do dragão norueguês, mas não será fácil mandá-lo para mim. Acho que o melhor será mandá-lo por alguns amigos que estão vindo me visitar na próxima semana. O problema é que eles não podem ser vistos carregando um dragão ilegal.*
>
> *Você poderia levar o dragão para a torre mais alta à meia-noite de sábado? Eles podem se encontrar com você lá e levá-lo enquanto ainda está escuro.*
>
> *Mande-me uma resposta o mais breve possível.*
>
> *Afetuosamente,*
>
> *Carlinhos*

Eles se entreolharam.

– Temos a capa da invisibilidade – disse Harry. – Não deve ser muito difícil: acho que a capa é bastante grande para cobrir dois de nós e o Norberto.

O fato de os outros dois concordarem indicava como a semana fora ruim. Qualquer coisa para se livrarem de Norberto – e de Malfoy.

Mas houve um imprevisto. Na manhã seguinte, a mordida do dragão fizera a mão de Rony inchar, ficando duas vezes o seu tamanho normal. Ele não sabia se era seguro procurar Madame Pomfrey – será que ela reconheceria uma mordida

de dragão? À tarde, porém, não houve mais jeito. O corte adquirira uma feia cor verde. Dava a impressão de que as presas de Norberto eram venenosas.

Harry e Hermione correram para a ala do hospital no fim do dia e encontraram Rony acamado numa situação horrível.

– Não é só a minha mão – cochichou ele –, embora ela pareça que vai cair. Malfoy disse à Madame Pomfrey que queria pedir emprestado um livro meu, para poder vir dar uma boa gargalhada. Ficou ameaçando contar a ela o que realmente me mordera. Eu disse que foi um cachorro mas acho que ela não está acreditando. Eu não devia ter batido nele no jogo de quadribol, é por isso que ele está agindo assim.

Harry e Hermione tentaram acalmar Rony.

– Tudo vai terminar à meia-noite de sábado – disse Hermione, mas isso não acalmou Rony nem um pouquinho. Pelo contrário, ele se sentou muito empertigado e desatou a suar.

– Meia-noite de sábado! – disse com a voz rouca. – Ah, não... ah, não... acabei de me lembrar: a carta de Carlinhos estava no livro que Malfoy levou, ele vai saber que vamos nos livrar de Norberto.

Harry e Hermione não tiveram nem chance de responder. Madame Pomfrey apareceu naquele instante e fez os dois saírem, dizendo que Rony precisava dormir.

– Agora é tarde demais para mudarmos de plano. Não temos mais tempo para mandar outra coruja a Carlinhos e essa pode ser a nossa única oportunidade de nos livrarmos de Norberto. Teremos de arriscar. E *temos* a capa da invisibilidade, Malfoy não sabe disso.

Eles encontraram Canino, o cão de caçar javalis, sentado do lado de fora da cabana com a cauda enfaixada, quando foram contar a Hagrid, que abriu a janela para falar com eles.

– Não vou deixar vocês entrarem – ofegou. – Norberto está passando uma fase difícil, nada que eu não possa cuidar sozinho.

Quando lhe contaram sobre a carta de Carlinhos, seus olhos se encheram de lágrimas, embora isso talvez fosse porque Norberto acabara de mordê-lo na perna.

– Aai! Tudo bem, ele só mordeu minha bota. Está brincando; afinal é um bebezinho.

O bebê bateu com o rabo na parede, fazendo as janelas estremecerem. Harry e Hermione voltaram para o castelo achando que o sábado talvez não chegasse bastante rápido.

Eles teriam sentido pena de Hagrid quando chegou a hora de dizer adeus a Norberto, se não estivessem tão preocupados com o que tinham de fazer. Era uma noite muito escura e anuviada e se atrasaram um pouco para chegar à cabana de Hagrid porque precisaram esperar Pirraça desimpedir o caminho para o saguão de entrada, onde estivera jogando tênis contra a parede.

Hagrid aprontara Norberto embalando-o num grande caixote.

– Pus muitos ratos e um pouco de conhaque para a viagem – disse Hagrid com a voz abafada. – E embalei junto o ursinho de pelúcia para o caso de ele se sentir solitário.

De dentro do caixote vinha um ruído de pano rasgado que pareceu a Harry ser o dragão arrancando a cabeça do ursinho.

– Até a vista, Norberto! – soluçou Hagrid, quando Harry e Hermione cobriram o caixote com a capa da invisibilidade e entraram debaixo dela. – Mamãe nunca vai esquecer você!

Como foi que conseguiram levar o caixote de volta ao castelo, eles nunca souberam. Aproximava-se a meia-noite e eles subiram com Norberto pela escadaria do saguão de entrada e pelos corredores escuros. Mais uma escada, mais outra – nem mesmo um dos atalhos de Harry facilitou muito o transporte.

– Estamos quase lá! – Harry ofegou quando chegaram ao corredor sob a torre mais alta.

Então um movimento brusco à frente deles quase fez com que deixassem cair o caixote. Esquecendo que já estavam invisíveis, encolheram-se nas sombras, espiando os contornos escuros de duas pessoas que se debatiam a uns três metros. Uma lâmpada se acendeu.

A Profa. Minerva, num robe de lã escocesa e rede no cabelo, segurava Malfoy pela orelha.

– Está detido – gritou. – E são vinte pontos a menos para Sonserina. Perambulando no meio da noite, como você *se atreve*...

– A senhora não compreende, professora, Harry Potter está vindo aí; vem trazendo um dragão.

– Que absurdo! Como você se atreve a contar tais mentiras? Vamos: vou conversar com o Prof. Snape sobre você, Malfoy!

A íngreme escada em espiral até o alto da torre pareceu a coisa mais fácil do mundo depois disto. Somente quando saíram para o ar frio da noite foi que se livraram da capa da invisibilidade, felizes de poderem respirar direito outra vez. Hermione dançou uma espécie de jiga escocesa.

– Malfoy vai ficar detido! Eu seria capaz de cantar.

– Não cante – aconselhou Harry.

Rindo de Malfoy, eles esperaram, enquanto Norberto se debatia dentro do

caixote. Passados uns dez minutos, quatro vassouras surgiram da escuridão mergulhando em direção à torre.

Os amigos de Carlinhos formavam um grupo animado. Mostraram a Harry e a Hermione os arreios que tinham trazido de modo a poder suspender Norberto entre eles. Todos ajudaram a prender Norberto muito bem nos arreios e então Harry e Hermione apertaram as mãos de todos e lhes agradeceram muito.

Finalmente Norberto estava indo... indo... e finalmente se *foi*.

Eles desceram a escada espiral sem fazer barulho, os corações leves como as mãos, agora que Norberto fora tirado delas. Nada de dragão – Malfoy detido – o que poderia estragar essa felicidade?

A resposta à sua pergunta estava esperando ao pé da escada. Quando chegaram ao corredor, a cara de Filch assombrou-os, emergindo da escuridão.

– Ora, ora, ora – sussurrou –, estamos encrencados.

Tinham deixado a capa da invisibilidade no alto da torre.

— CAPÍTULO QUINZE —

A Floresta Proibida

As coisas não poderiam estar piores.

Filch levou-os à sala da Profa. Minerva no primeiro andar, onde eles ficaram sentados esperando, sem trocar uma palavra entre si. Hermione tremia. Desculpas, álibis e justificativas fantásticas substituíam-se umas às outras na cabeça de Harry, cada qual mais capenga do que a anterior. Ele não conseguia ver como iam se livrar desta encrenca. Estavam encurralados. Como podiam ter sido burros a ponto de se esquecerem da capa? Não havia nenhuma razão no mundo para a Profa. Minerva aceitar que estivessem fora da cama, esgueirando-se pela escola a altas horas da noite, e muito menos que estivessem na alta torre de astronomia, que era proibida aos alunos a não ser durante as aulas. Some-se a isso Norberto e a capa da invisibilidade e seria melhor começarem a fazer as malas.

Harry achou que as coisas não poderiam ficar piores. Estava enganado. Quando a Profa. Minerva apareceu, vinha trazendo Neville.

– Harry! – exclamou ele, no instante em que viu os outros dois. – Eu estava tentando encontrar vocês para avisar que ouvi Malfoy dizer que ia pegar vocês, disse que vocês tinham um drag...

Harry sacudiu com força a cabeça para fazer Neville calar a boca, mas a Profa. Minerva viu. Parecia mais provável que ela cuspisse fogo pelas narinas do que Norberto, ali a olhar os três de cima para baixo.

– Eu jamais teria acreditado que vocês fossem capazes disso. O Sr. Filch diz que vocês estavam no alto da torre de astronomia. É uma hora da madrugada. *Expliquem-se*.

Era a primeira vez que Hermione deixava de responder à pergunta de uma professora. Olhava para os sapatos, imóvel como uma estátua.

– Acho que tenho uma boa ideia do que anda acontecendo – disse a Profa.

Minerva. – Não é preciso ser gênio para somar dois mais dois. Vocês contaram a Draco Malfoy uma história da carochinha sobre um dragão, tentando tirá-lo da cama e metê-lo em apuros. Eu já o apanhei. Suponho que achem engraçado que o Neville tenha ouvido a história e acreditado nela também.

Harry surpreendeu o olhar de Neville e tentou lhe dizer, sem falar, que aquilo não era verdade, porque Neville tinha uma expressão de espanto e mágoa. Pobre Neville trapalhão – Harry sabia o que deveria ter-lhe custado tentar encontrá-los no escuro para avisar.

– Estou desapontada – disse a Profa. Minerva. – Quatro alunos fora da cama em uma noite! Nunca ouvi falar numa coisa dessas antes! Você, Hermione Granger, achei que tinha mais juízo. Quanto a você, Harry Potter, achei que Grifinória significava mais para você do que parece. Os três vão pegar uma detenção, sim, e você também, Neville Longbottom, não há *nada* que lhe dê o direito de andar pela escola à noite, principalmente nos dias que correm, é muito perigoso, e vou descontar cinquenta pontos da Grifinória.

– *Cinquenta?* – Harry ofegou. Perderiam a dianteira, a dianteira que ele conquistara na última partida de quadribol.

– Cinquenta pontos *cada um* – acrescentou a Profa. Minerva, respirando com esforço pelo nariz longo e pontudo.

– Professora... por favor...

– A senhora *não pode*...

– Não venha me dizer o que eu posso e o que eu não posso, Harry Potter. Agora voltem para a cama, todos vocês. Nunca senti tanta vergonha de alunos da Grifinória antes.

Cento e cinquenta pontos perdidos. Isto deixava a Grifinória em último lugar. Em uma noite, tinham estragado as chances de Grifinória conquistar a taça das casas. Harry teve a sensação de que o fundo do seu estômago se soltara. Como iriam poder compensar a perda?

Harry não dormiu a noite inteira. Ouviu Neville soluçar com a cara no travesseiro durante o que lhe pareceram horas. Harry não conseguia pensar em nenhuma palavra para consolá-lo. Sabia que Neville, como ele mesmo, estava com medo do amanhecer. O que aconteceria quando o resto de Grifinória descobrisse o que tinham feito?

A princípio, os alunos de Grifinória que passavam pelas gigantescas ampulhetas que marcavam o placar das casas, no dia seguinte, acharam que tinha havido um engano. Como podiam de repente ter cento e cinquenta pontos menos do que no dia anterior? E então a história começou a se espalhar: Harry Potter, o famoso Harry Potter, seu herói dos jogos de quadribol, fora o responsável pela perda de todos aqueles pontos, ele e mais uns dois panacas do primeiro ano.

Da posição de aluno mais popular e admirado na escola, Harry passou à de mais odiado. Até os alunos da Corvinal e Lufa-Lufa se voltaram contra ele, porque todos desejavam havia muito tempo ver a Sonserina perder a taça das casas. Para todo lado que Harry ia, as pessoas o apontavam e não se davam ao trabalho de baixar as vozes para xingá-lo. Os de Sonserina, por outro lado, batiam palmas quando ele passava, assobiavam e davam vivas. “Obrigado, Potter, ficamos lhe devendo essa!”

Somente Rony continuou do seu lado.

– Eles vão esquecer dentro de umas semanas. Fred e Jorge já perderam montes de pontos desde que chegaram aqui e as pessoas continuam a gostar deles.

– Eles nunca perderam cento e cinquenta pontos de uma tacada, ou perderam? – retrucou Harry, infeliz.

– Bom... não – admitiu Rony.

Era um pouco tarde para consertar o estrago, mas Harry jurou nunca mais se meter em coisas que não eram de sua conta. Bastava de espiar e espionar. Sentia tanta vergonha que foi procurar Olívio para oferecer sua demissão do time de quadribol.

– *Se demitir?* – trovejou Olívio. – Que bem faria isso? Como vamos poder recuperar os pontos se não conseguirmos vencer no quadribol?

Mas até mesmo o quadribol perdera a graça. O resto do time não queria falar com Harry durante os treinos e quando precisavam se referir a ele chamavam-no de “o apanhador”.

Hermione e Neville estavam sofrendo também. Não estavam apanhando tanto quanto Harry, porque não eram tão conhecidos, mas ninguém falava com eles, tampouco. Hermione parara de chamar atenção nas aulas, mantinha a cabeça baixa e trabalhava em silêncio.

Harry quase se alegrava que os exames não estivessem muito distantes. Todas as revisões que precisava fazer o distraíam de sua infelicidade. Ele, Rony e Hermione ficavam sozinhos, trabalhavam até tarde da noite, tentando lembrar os ingredientes das complicadas poções, aprender os feitiços e encantamentos de cor, decorar as datas das descobertas mágicas e das revoltas dos duendes...

Então, uma semana antes de começarem os exames, a nova resolução de Harry, de não se meter em nada que não fosse de sua conta, foi submetida a um teste inesperado. Ao voltar da biblioteca, sozinho, certa tarde, ouviu alguém choramingando numa sala de aulas mais à frente. Ao se aproximar, ouviu a voz de Quirrell.

– Não... não... outra vez não, por favor...

Parecia que alguém o estava ameaçando. Harry se aproximou um pouco mais.

– Está bem... está bem – ouviu Quirrell soluçar.

No segundo seguinte, Quirrell saiu correndo da sala de aulas ajeitando o turbante. Estava pálido e parecia prestes a chorar. E desapareceu de vista; Harry achou que Quirrell nem sequer reparara nele. Esperou até que o ruído dos passos de Quirrell desaparecesse e, então, espiou para dentro da sala. Estava vazia, mas havia uma porta entreaberta na outra extremidade. Harry já ia em direção à porta, quando se lembrou de que prometera a si mesmo não se meter em nada.

Assim mesmo, teria apostado doze pedras filosofais que Snape acabara de deixar a sala, e pelo que Harry acabara de ouvir, ganhara uma nova agilidade nos passos. Quirrell parecia ter finalmente cedido.

Harry voltou à biblioteca, onde Hermione estava tomando os pontos de astronomia de Rony. Contou-lhes o que ouvira.

– Snape então conseguiu! – exclamou Rony. – Se Quirrell contou a ele como quebrar o feitiço antimagia negra...

– Mas ainda tem o Fofo – lembrou Hermione.

– Talvez Snape tenha descoberto como passar pelo cachorro sem perguntar ao Rúbeo – disse Rony, correndo os olhos pelos milhares de livros que os rodeavam. – Aposto como tem um livro por aqui que ensina como se passar por um cachorrão de três cabeças. Então, o que vamos fazer, Harry?

O brilho de aventura voltava a iluminar os olhos de Rony, mas Hermione respondeu, antes que Harry pudesse fazê-lo:

– Vamos procurar Dumbledore. Isto é o que deveríamos ter feito há séculos. Se tentarmos alguma coisa por conta própria, com certeza vamos ser expulsos.

– Mas não temos *provas* – disse Harry. – Quirrell está apavorado demais para nos apoiar. Snape só precisa dizer que não sabe como foi que o trasgo entrou no Dia das Bruxas e que nem chegou perto do terceiro andar. Em quem vocês acham que eles vão acreditar, nele ou em nós? Não é bem segredo que nós o detestamos, Dumbledore vai pensar que inventamos isso para ele ser despedido. Filch não nos ajudaria nem que a vida dele dependesse disso, é muito amigo de Snape, e quanto mais alunos forem expulsos, tanto melhor, é o que ele pensa. E não se esqueçam, nós nem devíamos saber da Pedra nem de Fofo. O que vai exigir muita explicação.

Hermione pareceu convencida, mas não Rony.

– Se déssemos só uma espiadinha...

– Não – respondeu Harry, decidido –, já demos muitas espiadinhas.

E, dizendo isso, puxou um mapa de Júpiter para perto e começou a aprender os nomes das luas.

Na manhã seguinte, Harry, Hermione e Neville receberam bilhetes à mesa do café da manhã. Diziam a mesma coisa:

Sua detenção começará às vinte e três horas.
Aguardem o Sr. Filch no saguão de entrada.
Profa. Minerva

No furor provocado pela perda de pontos, Harry esquecera que ainda tinham detenções a cumprir. Esperou que Hermione reclamasse que aquilo representava perder uma noite inteira de revisões, mas não disse uma palavra. Achava, como Harry, que mereciam o que tinham recebido.

Às onze horas da noite eles se despediram de Rony na sala comunal e desceram com Neville para o saguão de entrada. Filch já se encontrava lá – e também Malfoy. Harry esquecera que Malfoy pegara uma detenção também.

– Sigam-me – disse Filch, acendendo uma lanterna e levando-os para fora. – Aposto que vão pensar duas vezes antes de desobedecer novamente ao regulamento da escola, não é mesmo? – disse caçoando. – Ah, sim, trabalho pesado e dor são os melhores mestres, se querem saber... É uma pena que tenham suspendido os castigos antigos... pendurar o aluno no teto pelos pulsos durante alguns dias, ainda tenho as correntes na minha sala, conservo-as azeitadas para o caso de precisarem... Muito bem, lá vamos nós, e nem pensem em fugir agora, será pior para vocês se fizerem isso.

Eles caminharam pela propriedade às escuras. Neville não parava de fungar. Harry ficou imaginando qual seria o castigo. Devia ser alguma coisa realmente horrível, ou Filch não pareceria tão contente.

A lua brilhava, mas as nuvens que passavam por ela lançava-os na escuridão. À frente, Harry via as janelas iluminadas da cabana de Hagrid. Então, ouviram um grito distante...

– É você, Filch? Ande logo, quero começar de uma vez.

O ânimo de Harry melhorou; se eles iam trabalhar com Hagrid então não seria tão ruim. Seu alívio deve ter transparecido no rosto, porque Filch falou:

– Acho que você está pensando que vai se divertir com aquele panaca? Pois pode pensar outra vez, menino. É para a floresta que você vai e estarei muito enganado se voltar inteiro.

Ao ouvir isso, Neville deixou escapar um gemido e Malfoy ficou paralisado.

– A floresta? – repetiu e não pareceu tão tranquilo como de costume. – Não podemos entrar lá à noite... tem todo tipo de coisa lá... lobisomens, ouvi falar.

Neville agarrou a manga das vestes de Harry e pareceu se engasgar.

– Isto é o que pensa, não é? – disse Filch, a voz esganiçando-se de satisfação. – Devia ter pensado nos lobisomens antes de se meter em encrencas, não acha?

Hagrid saiu do escuro caminhando em direção a eles, com Canino nos

calcanhares. Carregava um grande arco e uma aljava com flechas pendurada ao ombro.

– Até que enfim. Já estou esperando há meia hora. Tudo bem, Harry, Hermione?

– Eu não seria tão simpático com eles, Hagrid – disse Filch com frieza – , afinal eles estão aqui para serem castigados.

– É por isso que você está atrasado, não é? – disse Hagrid, amarrando a cara. – Andou passando carão neles, não é? Isso não é sua função. Você fez a sua parte, eu pego daqui para a frente.

– Volto ao amanhecer para recolher o que sobrar deles – disse Filch, maldoso, deu meia-volta e retornou ao castelo, balançando a lanterna na escuridão.

Malfoy virou-se então para Hagrid.

– Não vou entrar nessa floresta – disse, e Harry ficou contente de ouvir a nota de pânico em sua voz.

– Vai, sim, se quiser continuar em Hogwarts – disse Hagrid com ferocidade. – Você agiu mal e agora tem de pagar pelo que fez.

– Mas isso é coisa para empregados e não para estudantes. Achei que íamos fazer uma cópia ou outra coisa do gênero, se meu pai souber que eu estou fazendo isso, ele...

– ... lhe dirá que em Hogwarts é assim – rosnou Hagrid. – Fazer cópia! Para que serve? Você vai fazer uma coisa útil ou vai sair da escola. E se pensa que seu pai vai preferir que você seja expulso, então volte para o castelo e faça suas malas. Vamos!

Malfoy não se mexeu. Encarou Hagrid furioso e em seguida baixou os olhos.

– Muito bem, então – disse Hagrid –, agora prestem atenção, porque é perigoso o que vamos fazer hoje à noite e não quero ninguém se arriscando. Venham até aqui comigo.

Ele os conduziu à orla da floresta. Erguendo a lanterna bem alto, apontou para uma trilha serpeante de terra batida que desaparecia por entre árvores escuras. Uma brisa leve levantou os cabelos dos meninos, quando eles se viraram para a floresta.

– Olhem ali, estão vendo aquela coisa brilhando no chão? Prateada? Aquilo é sangue de unicórnio. Tem um unicórnio ali que foi ferido gravemente por alguma coisa. É a segunda vez esta semana. Encontrei um morto na quarta-feira passada. Vamos tentar encontrar o pobrezinho. Talvez a gente precise pôr fim ao sofrimento dele.

– E se a coisa que feriu o unicórnio nos encontrar primeiro? – perguntou Malfoy, incapaz de conter o medo na voz.

– Não há nenhuma criatura viva na floresta que vá machucá-lo se você estiver

comigo e com o Canino. E siga a trilha. Muito bem, agora, vamos nos separar em dois grupos e seguir a trilha em direções opostas. Tem sangue por toda parte, ele deve estar cambaleando pelo menos desde a noite passada.

– Eu quero Canino – disse Malfoy depressa, olhando para as presas de Canino.

– Muito bem, mas vou-lhe avisando, ele é covarde. Então eu, Harry e Hermione vamos por aqui e Draco, Neville e Canino por ali. Agora, se algum de nós achar o unicórnio, disparamos centelhas verdes para o alto, OK? Peguem as varinhas e comecem a praticar agora, assim. E se alguém se enrolar, dispare centelhas vermelhas, e vamos todos procurá-lo; então, cuidado. Vamos.

A floresta estava escura e silenciosa. Entrando por ela, chegaram a uma bifurcação, e Harry, Hermione e Hagrid tomaram o caminho da esquerda enquanto Malfoy, Neville e Canino tomaram o da direita.

Caminharam em silêncio, com os olhos no chão. Aqui e ali um raio de luar penetrava por entre os galhos e iluminava uma mancha de sangue prateado nas folhas caídas.

Harry viu que Hagrid parecia muito preocupado.

– *É possível* um lobisomem estar matando os unicórnios? – perguntou.

– Não com essa rapidez, não é fácil matar um unicórnio, eles são criaturas mágicas poderosas. Nunca soube de nenhum ter sido ferido antes.

Passaram por um toco de árvore coberto de musgo. Harry ouviu água correndo, devia haver um riacho por perto. Ainda viam manchas de sangue de unicórnio aqui e ali pela trilha serpeante.

– Você está bem, Hermione? – sussurrou Hagrid. – Não se preocupe, ele não pode ter ido longe se está tão ferido e então poderemos... PARA TRÁS DAQUELA ÁRVORE!

Hagrid agarrou Harry e Hermione e guindou-os para fora da trilha e para trás de um enorme carvalho. Puxou uma flecha e encaixou-a no arco, e ergueu-o, pronto para atirar. Os três apuraram os ouvidos. Alguma coisa deslizava pelas folhas mortas ali perto; parecia uma capa arrastando no chão. Hagrid apertava os olhos para enxergar a trilha escura à frente, mas, passados alguns segundos, o ruído desapareceu.

– Eu sabia – murmurou ele. – Tem alguma coisa aqui que está fora de lugar.

– Um lobisomem? – sugeriu Harry.

– Isso não era um lobisomem e não era um unicórnio, tampouco – disse Hagrid, sério. – Muito bem, me sigam, mas tenham cuidado, agora.

Continuaram a caminhar mais devagar, os ouvidos à escuta do menor ruído. De repente, alguma coisa na clareira adiante, alguma coisa sem dúvida se mexia.

– Quem está aí? – chamou Hagrid. – Apareça. Estou armado!

E na clareira apareceu um vulto – era um homem, ou um cavalo? Até a cintura, um homem, com cabelos e barba vermelhos, mas da cintura para baixo era um luzidio cavalo castanho com uma cauda longa e avermelhada. Os queixos de Harry e Hermione caíram.

– Ah, é você, Ronan! – exclamou Hagrid, aliviado. – Como vai?

Ele se adiantou e apertou a mão do centauro.

– Boa-noite para você, Hagrid – disse Ronan. Tinha uma voz grave e triste. – Você ia atirar em mim?

– Cautela nunca é demais, Ronan – disse Hagrid, dando uma palmadinha no arco. – Tem alguma coisa à solta nesta floresta. Ah, sim, estes são Harry Potter e Hermione Granger. Alunos lá da escola. E este é Ronan. É um centauro.

– Já percebi – disse Hermione com a voz fraca.

– Boa-noite – cumprimentou Ronan. – São alunos, é? E aprendem muita coisa na escola?

– Hum.

– Um pouquinho – respondeu Hermione, tímida.

– Um pouquinho. Bom, já é alguma coisa – suspirou Ronan. Depois, jogou a cabeça para trás e contemplou o céu. – Marte está brilhante hoje.

– É – disse Hagrid, mirando o céu também. – Olhe, foi bom termos nos encontrado, Ronan, porque tem um unicórnio ferido. Você viu alguma coisa?

Ronan não respondeu imediatamente. Continuou a olhar para o alto sem piscar e então suspirou outra vez.

– Os inocentes são sempre as primeiras vítimas. Foi assim no passado, é assim agora.

– É, mas você viu alguma coisa, Ronan? Alguma coisa anormal?

– Marte está brilhante hoje – repetiu Ronan enquanto Hagrid o observava impaciente. – Um brilho anormal.

– Sim, mas estou me referindo a alguma coisa mais perto da terra. Você não notou nada estranho?

Mais uma vez, Ronan levou algum tempo para responder. Por fim disse:

– A floresta esconde muitos segredos.

Um movimento nas árvores atrás de Ronan fez Hagrid erguer o arco outra vez, mas era apenas um segundo centauro, de cabelos e corpo negros e de aspecto mais selvagem do que Ronan.

– Olá, Agouro – cumprimentou Hagrid. – Tudo bem?

– Boa-noite, Hagrid, você vai bem, espero.

– Bastante bem. Olhe, eu estava mesmo perguntando a Ronan, você viu alguma coisa estranha por aqui ultimamente? É que um unicórnio foi ferido. Você sabe alguma coisa?

Agouro foi se postar ao lado de Ronan. Olhou para o céu.

– Marte está brilhante hoje – disse simplesmente.

– Já sabemos – respondeu Hagrid, agastado. – Bom, se um de vocês vir alguma coisa, me avise, por favor. Vamos indo, então.

Harry e Hermione saíram com ele da clareira, espiando Ronan e Agouro por cima dos ombros até as árvores tamparem sua visão.

– Nunca – disse Hagrid, irritado – tentem obter uma resposta direta de um centauro. Vivem contemplando as estrelas. Não estão interessados em nada que esteja mais perto do que a lua.

– E tem muitos *deles* aqui? – perguntou Hermione

– Ah, um bom número... Vivem isolados na maior parte do tempo, mas têm a bondade de aparecer quando preciso dar uma palavrinha. São inteligentes, veja bem, os centauros... sabem das coisas... só não falam muito.

– Você acha que foi um centauro que ouvimos antes? – disse Harry.

– Você achou que era barulho de cascos? Não, se quer saber, aquilo é o que anda matando os unicórnios. Nunca ouvi nada parecido antes.

E continuaram a caminhar pela floresta densa e escura. Harry não parava de espiar, nervoso, por cima do ombro. Tinha a sensação ruim de que alguém os observava. Estava contente que tivessem Hagrid e seu arco com eles. Acabavam de passar uma curva na trilha quando Hermione agarrou o braço de Hagrid.

– Rúbeo! Olhe! centelhas vermelhas, os outros estão em apuros!

– Vocês dois esperem aqui! – gritou Hagrid. – Fiquem na trilha, volto para apanhá-los!

Eles o ouviram romper o mato e ficaram parados se entreolhando, muito assustados, até não conseguirem ouvir mais nada à volta exceto o farfalhar das árvores.

– Você acha que eles estão machucados? – sussurrou Hermione.

– Não me importo com Malfoy, mas se alguma coisa pegou Neville... É culpa nossa que ele esteja aqui.

Os minutos se arrastaram. Seus ouvidos pareciam mais aguçados do que o normal. Harry parecia estar registrando cada suspiro do vento, cada graveto que quebrava. O que estava acontecendo? Onde estavam os outros?

Finalmente, um grande barulho de mato pisado anunciou a volta de Hagrid. Malfoy, Neville e Canino o acompanhavam. Hagrid vinha danado da vida. Malfoy, ao que parecia, se atrasara e agarrara Neville por trás para lhe dar um susto. Neville se assustara e mandara o sinal.

– Teremos sorte se apanharmos alguma coisa agora, com a barulheira que vocês aprontaram. Muito bem, vamos trocar os grupos: Neville, você e Hermione ficam comigo; Harry, você com o Canino e esse idiota. Sinto muito –

acrescentou Hagrid para Harry num cochicho –, mas vai ser mais difícil ele assustar você e precisamos acabar o nosso serviço.

Então Harry entrou pelo coração da floresta com Malfoy e Canino. Andaram quase meia hora, embrenhando-se cada vez mais, até que a trilha se tornou impraticável porque as árvores cresciam demasiado juntas. Havia salpicos nas raízes de uma árvore, como se o pobre bicho tivesse se debatido de dor por ali. Harry viu uma clareira adiante, através dos galhos emaranhados de um velho carvalho.

– Olhe... – murmurou, erguendo o braço para deter Malfoy.

Alguma coisa muito branca brilhava no chão. Eles se aproximaram aos poucos.

Era o unicórnio, sim, e estava morto. Harry nunca vira nada tão bonito nem tão triste. As pernas longas e finas estavam esticadas em ângulos estranhos onde ele caíra e sua crina espalhava-se nacarada sobre as folhas escuras.

Harry dera um passo à frente mas um som de algo que deslizava o fez congelar onde estava. Uma moita na orla da clareira estremeceu... Então, do meio das sombras saiu um vulto encapuzado que se arrastava de gatas pelo chão como uma fera à caça. Harry, Malfoy e Canino ficaram paralisados. O vulto encapuzado aproximou-se do unicórnio, abaixou a cabeça sobre o ferimento no flanco do animal e começou a beber o seu sangue.

– AAAAAAAAAAAAAAAAAH!

Malfoy soltou um grito terrível e fugiu, seguido por Canino. A figura encapuzada ergueu a cabeça e olhou diretamente para Harry – o sangue do unicórnio escorrendo pelo peito. Ficou de pé e avançou rápido para Harry – que não conseguiu se mexer de medo.

Então uma dor, como ele nunca sentira antes, varou sua cabeça, como se a sua cicatriz estivesse em fogo – meio cego, ele recuou cambaleando. Ouviu cascos às suas costas, galopando, e alguma coisa saltou por cima dele, e atacou o vulto.

A dor na cabeça de Harry foi tão forte que ele caiu de joelhos. Levou uns dois minutos para passar. Quando ergueu os olhos, o vulto desaparecera. Um centauro avultava-se sobre ele, mas não era Ronan nem Agouro; este parecia mais novo, tinha cabelos louros prateados e o corpo baio.

– Você está bem? – perguntou o centauro, ajudando Harry a se levantar.

– Estou, obrigado, o que *foi* aquilo?

O centauro não respondeu. Tinha espantosos olhos azuis, como safiras muito claras. Mirou Harry com atenção, demorando o olhar na cicatriz que se sobressaía, lívida, em sua testa.

– Você é o menino Potter. É melhor voltar para a companhia de Hagrid. A floresta não é segura a estas horas, principalmente para você. Sabe montar? Será

mais rápido. Meu nome é Firenze – acrescentou ao dobrar as patas dianteiras para Harry poder subir no seu lombo.

Ouviram repentinamente o ruído de galopes vindo do outro lado da clareira. Ronan e Agouro irromperam do meio das árvores, os flancos arfan-tes e suados.

– Firenze! – Agouro trovejou. – O que é que você está fazendo? Está carregando um humano! Não tem vergonha? Você é uma mula?

– Você sabe quem ele é? – retrucou Firenze. – É o menino Potter. Quanto mais rápido ele sair da floresta, melhor.

– O que é que você andou contando a ele? – rosnou Agouro. – Lembre-se, Firenze, juramos nunca nos indispor com os céus. Você não leu o que vai acontecer nos movimentos dos planetas?

Ronan pateou o chão, nervoso.

– Tenho certeza de que Firenze achou que estava fazendo o melhor – falou em tom sombrio.

Agouro escoiceou com raiva.

– Fazendo o melhor! O que tem isso a ver conosco? Os centauros se preocupam com o que foi previsto! Não é nossa função ficar correndo por aí como jumentos recolhendo humanos perdidos na nossa floresta!

Firenze de repente empinou-se nas patas traseiras com raiva, de modo que Harry teve de se agarrar nos seus ombros para não cair.

– Você não viu o unicórnio! – Firenze berrou para Agouro. – Você não percebe por que foi morto? Ou será que os planetas não lhe contaram esse segredo? Tomei posição contra o que está rondando a floresta, Agouro, tomei, sim, ao lado dos humanos se for preciso.

E Firenze virou-se depressa para partir; com Harry agarrando-se o melhor que podia, eles mergulharam entre as árvores, deixando Ronan e Agouro para trás.

Harry não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

– Por que Agouro está tão zangado? – perguntou. – O que era aquela coisa de que você me livrou?

Firenze abrandou a marcha, alertou Harry para manter a cabeça abaixada a fim de evitar os galhos baixos, mas não respondeu à pergunta. Continuaram por entre as árvores em silêncio por tanto tempo que Harry achou que Firenze não queria mais falar com ele. Estavam passando por um trecho particularmente denso da floresta, quando Firenze parou de repente.

– Harry Potter, você sabe para que se usa o sangue de unicórnio?

– Não – disse Harry surpreendido pela estranha pergunta. – Só usamos o chifre e a cauda na aula de Poções.

– Porque é uma coisa monstruosa matar um unicórnio. Só alguém que não tem nada a perder e tudo a ganhar cometeria um crime desses. O sangue do unicórnio

mantém a pessoa viva, mesmo quando ela está à beira da morte, mas a um preço terrível. Ela matou algo puro e indefeso para se salvar e só terá uma semivida, uma vida amaldiçoada, do momento que o sangue lhe tocar os lábios.

Harry ficou olhando para a nuca de Firenze, que estava prateada de luar.

– Mas quem estaria tão desesperado? – pensou em voz alta. – Se a pessoa vai ser amaldiçoada para sempre, é preferível morrer, não é?

– É – concordou Firenze –, a não ser que ela precise se manter viva o tempo suficiente para beber outra coisa, algo que vai lhe devolver a força e o poder totais, algo que significa que jamais poderá morrer. Sr. Potter, o senhor sabe o que é que está escondido na sua escola neste momento?

– A Pedra Filosofal! É claro, o elixir da vida! Mas não percebo quem...

– Não consegue pensar em ninguém que tenha esperado muitos anos para retomar o poder, que se apegou à vida, esperando uma chance?

Foi como se uma mão de ferro de repente apertasse o coração de Harry. Acima do farfalhar das árvores, ele parecia ouvir mais uma vez o que Hagrid lhe contara na noite que se conheceram: “Tem quem diga que ele morreu. Besteira, na minha opinião. Não sei se ainda tinha humanidade suficiente para morrer.”

– Você está dizendo – Harry falou rouco – que aquele era o *Vol*...

– Harry! Harry, você está bem?

Hermione vinha correndo ao encontro deles pela trilha, Hagrid a acompanhava arfando.

– Estou bem – disse Harry, sem nem saber o que estava dizendo. – O unicórnio morreu, Rúbeo, está naquela clareira lá atrás.

– É aqui que eu o deixo – murmurou Firenze enquanto Hagrid corria para examinar o unicórnio. – Está seguro agora.

Harry escorregou de suas costas.

– Boa sorte, Harry Potter – disse Firenze. – Os planetas já foram mal interpretados antes, até mesmo pelos centauros. Espero que seja o que está ocorrendo agora.

Virou-se e entrou a trote pela floresta, deixando para trás um Harry cheio de tremores.

Rony adormecera no sala comunal às escuras, esperando os amigos voltarem. Gritou alguma coisa sobre faltas no quadribol, quando Harry o sacudiu com força para acordá-lo. Em questão de segundos, porém, seus olhos se arregalaram quando Harry começou a contar a ele e à Hermione o que acontecera na floresta.

Harry nem conseguia se sentar. Andava para cima e para baixo na frente da lareira. Continuava a tremer.

– Snape quer a pedra para Voldemort... e Voldemort está esperando na

floresta... e todo esse tempo pensamos que Snape só queria ficar rico.

– Pare de repetir esse nome! – disse Rony num sussurro de terror, como se Voldemort pudesse ouvi-los.

Harry nem o escutou.

– Firenze me salvou, mas não devia ter feito isso... Agouro ficou furioso... falou de interferência naquilo que os planetas anunciaram que ia acontecer. Eles devem estar indicando que Voldemort vai voltar... Agouro acha que Firenze devia ter deixado Voldemort me matar... Imagino que isso também esteja escrito nas estrelas.

– *Quer parar de dizer esse nome?* – sibilou Rony.

– Portanto só preciso esperar que Snape roube a pedra – continuou Harry, febril –, então Voldemort vai poder voltar e acabar comigo... Bem, quem sabe Agouro vai ficar feliz.

Hermione parecia muito assustada, mas teve uma palavra de consolo.

– Harry, todo mundo diz que Dumbledore é a única pessoa de quem Você-Sabe-Quem já teve medo. Com Dumbledore por perto Você-Sabe-Quem não vai tocar em você. Em todo o caso, quem disse que os centauros têm razão? Isso está me parecendo adivinhação, e a Profa. Minerva diz que adivinhar o futuro é um ramo muito inexato da magia.

O céu havia clareado antes de terminarem de conversar. Foram se deitar exaustos, com as gargantas ardendo. Mas as surpresas da noite não tinham terminado.

Quando Harry puxou os lençóis da cama, encontrou a capa da invisibilidade cuidadosamente dobrada sobre o forro. Tinha um bilhete espetado nela:

Por via das dúvidas.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

No alçapão

No futuro, Harry nunca conseguiria lembrar muito bem como conseguiu prestar seus exames enquanto esperava Voldemort irromper a qualquer instante pela porta. Contudo os dias foram se passando lentamente e não havia dúvidas de que Fofo continuava vivo e bem seguro atrás da porta trancada.

Fazia um calor de rachar, principalmente na sala das provas escritas. Os alunos tinham recebido penas novas e especiais para fazê-las, previamente encantadas com um feitiço anticola.

Houve exames práticos também. O Prof. Flitwick os chamou à sala de aula, um a um, para verificar se conseguiam fazer um abacaxi sapatear na mesa. A Profa. Minerva observou-os transformarem um camundongo em uma caixa de rapé e conferiu pontos pela beleza da caixa, e os descontou quando a caixa tinha bigodes. Snape deixou-os nervosos, bafejando em seu pescoço enquanto tentavam se lembrar como fazer a poção do esquecimento.

Harry fez o melhor que pôde, tentando ignorar as dores lancinantes que sentia na testa e que o incomodavam desde a ida à floresta. Neville achou que Harry estava com uma crise de nervos provocada pelos exames, porque Harry não conseguia dormir, mas a verdade é que seu antigo pesadelo o mantinha acordado, só que agora estava pior que nunca, pois havia nele uma figura encapuzada que pingava sangue.

Talvez fosse porque eles não tinham visto o que Harry vira na floresta, ou porque não tinham cicatrizes que queimavam na testa, mas Rony e Hermione não pareciam tão preocupados com a Pedra quanto Harry. A lembrança de Voldemort sem dúvida os apavorava, mas não os visitava em sonhos, e estavam tão ocupados com as revisões que não tinham muito tempo para pensar no que Snape ou qualquer outro podia estar aprontando.

O último exame foi de História da Magia. Uma hora respondendo a perguntas

sobre velhos bruxos gagás que inventaram caldeirões automexíveis e estariam livres, livres por uma semana maravilhosa até saírem os resultados dos exames. Quando o fantasma do Prof. Binns mandou-os descansar as penas e enrolar os pergaminhos, Harry não pôde deixar de dar vivas com os colegas.

– Foi muito mais fácil do que pensei – comentou Hermione, quando eles se reuniram aos numerosos alunos que saíam para os jardins ensolarados. – Eu nem precisava ter aprendido o Código de Conduta do Lobisomem de 1637 nem a revolta de Elfric, o Ambicioso.

Hermione sempre gostava de repassar as provas depois, mas Rony disse que isso o fazia se sentir mal. Assim, caminharam até o lago e se sentaram à sombra de uma árvore. Os gêmeos Weasley e Lino Jordan faziam cócegas nos tentáculos de uma lula gigantesca, que tomava sol na água mais rasa.

– Acabaram-se as revisões – suspirou Rony, contente, esticando-se na grama. – Você podia fazer uma cara mais alegre, Harry, temos uma semana inteira até descobrir se nos demos mal, não precisa se preocupar agora.

Harry esfregava a testa.

– Eu gostaria de saber o que *significa* isso! – explodiu aborrecido. – Minha cicatriz não para de doer, já senti isso antes, mas nunca com tanta frequência.

– Procure Madame Pomfrey – sugeriu Hermione.

– Eu não estou doente – respondeu Harry. – Acho que é um aviso... significa que o perigo está se aproximando...

Rony não conseguiu se preocupar, estava quente demais.

– Harry, relaxe. Hermione tem razão, a Pedra está segura enquanto Dumbledore estiver por aqui. Em todo o caso, nunca encontramos nenhuma prova de que Snape tenha descoberto como passar por Fofo. Ele quase teve a perna arrancada uma vez, não vai tentar outra tão cedo. E Neville vai jogar quadribol na equipe da Inglaterra antes que Hagrid traia Dumbledore.

Harry concordou, mas não conseguiu se livrar da sensação que o atormentava de que esquecera de fazer alguma coisa, algo importante. Quando tentou explicar o que sentia, Hermione disse:

– Isso são os exames. Acordei a noite passada e já tinha lido metade dos meus apontamentos sobre Transfiguração quando me lembrei que já tínhamos feito a prova.

Harry tinha certeza de que a sensação de inquietude não tinha nada a ver com os estudos. Acompanhou com os olhos uma coruja planar pelo céu azul em direção à escola, uma carta no bico. Hagrid era o único que lhe mandava cartas. Hagrid jamais trairia Dumbledore. Hagrid jamais contaria a ninguém como passar por Fofo... jamais... mas...

Harry pôs-se de pé de um salto.

– Onde é que você está indo? – perguntou Rony sonolento.
– Acabei de me lembrar de uma coisa. – Estava branco. – Temos que ver Rúbeo agora.
– Por quê? – ofegou Hermione, correndo para alcançá-lo.
– Vocês não acham um pouco estranho – disse Harry, subindo, às carreiras, a encosta gramada – que o que Rúbeo mais quer na vida é um dragão, e aparece um estranho que por acaso tem ovos de dragão no bolso, quando isso é contra as leis dos bruxos? Que sorte encontrar Rúbeo, não acham? Por que não percebi isto antes?
– Do que é que você está falando? – perguntou Rony, mas Harry, correndo pelos jardins em direção à floresta, não respondeu.
Hagrid estava sentado em um cadeirão na frente da casa: tinha as pernas das calças e as mangas enroladas e descascava ervilhas em uma grande tigela.
– Olá – disse, sorrindo. – Terminaram os exames? Têm tempo para um refresco?
– Temos, obrigado – disse Rony, mas Harry o interrompeu.
– Não, estamos com pressa, Rúbeo, preciso lhe perguntar uma coisa. Sabe aquela noite que você ganhou o Norberto? Que cara tinha o estranho com quem você jogou cartas?
– Não lembro – respondeu Hagrid com displicência –, ele não quis tirar a capa...
Viu os três fazerem cara de espanto e ergueu as sobrancelhas.
– Não é nada de mais, tem muita gente esquisita no Cabeça de Javali, o pub do povoado. Podia ser um vendedor de dragões, não podia? Nunca vi a cara dele, ele não tirou o capuz.
Harry se abaixou ao lado da tigela de ervilhas.
– O que foi que você conversou com ele, Rúbeo? Chegou a mencionar Hogwarts?
– Talvez – disse Hagrid, franzindo a testa, tentando se lembrar. – É... ele me perguntou o que eu fazia e eu respondi que era guarda-caça aqui... Depois perguntou de que tipo de bichos eu cuidava... então eu disse... e disse também que o que sempre quis ter foi um dragão... então... não me lembro muito bem... porque ele não parava de pagar bebidas para mim... Deixa eu ver... ah, sim, então ele disse que tinha um ovo de dragão, e que podíamos disputá-lo num jogo de cartas se eu quisesse... mas precisava ter certeza de que eu podia cuidar do bicho, não queria que ele fosse parar num asilo de velhos... Então respondi que depois do Fofo, um dragão seria moleza...
– E ele pareceu interessado no Fofo? – perguntou Harry, tentando manter a voz calma.

– Bom... pareceu... quantos cachorros de três cabeças a pessoa encontra por aí, mesmo em Hogwarts? Então contei a ele que Fofo é uma doçura se a pessoa sabe como acalmá-lo, é só tocar um pouco de música e ele cai no sono...

Hagrid, de repente, fez cara de horrorizado.

– Eu não devia ter-lhe dito isto! – exclamou. – Esqueçam que eu disse isto! Ei, aonde é que vocês vão?

Harry, Rony e Hermione não se falaram até parar no saguão de entrada, que parecia muito frio e sombrio depois da caminhada pelos jardins.

– Temos de procurar Dumbledore – falou Harry. – Rúbeo contou àquele estranho como passar por Fofo e quem estava debaixo daquela capa era ou o Snape ou o Voldemort, deve ter sido fácil, depois que embebedou Rúbeo. Só espero que Dumbledore acredite na gente. Firenze talvez confirme, se Agouro não o impedir. Onde é a sala de Dumbledore?

Eles olharam a toda volta, na esperança de ver uma placa apontando a direção certa. Nunca alguém lhes havia dito onde trabalhava Dumbledore, tampouco conheciam alguém que tivesse sido mandado à sala dele.

– Acho que teremos de... – começou Harry, mas inesperadamente ouviram uma voz do outro lado do saguão.

– Que é que vocês estão fazendo aqui dentro?

Era a Profa. Minerva McGonagall, carregando uma pilha de livros.

– Queremos ver o Prof. Dumbledore – disse Hermione enchendo-se de coragem, pensaram Harry e Rony.

– Ver o Prof. Dumbledore? – a Profa. Minerva repetiu, como se isso fosse uma coisa muito suspeita para alguém querer fazer. – Por quê?

Harry engoliu em seco – e agora?

– É uma espécie de segredo – disse, mas desejou na mesma hora que não tivesse dito, porque as narinas da Profa. Minerva se alargaram.

– O Prof. Dumbledore saiu faz dez minutos – informou ela secamente. – Recebeu uma coruja urgente do ministro da Magia e partiu em seguida para Londres.

– Ele *saiu*?! – exclamou Harry, frenético. – Agora?

– O Prof. Dumbledore é um grande mago, Potter, o tempo dele é muito solicitado.

– Mas é importante.

– Alguma coisa que você tenha a dizer é mais importante do que o ministro da Magia, Potter?

– Olhe – disse Harry, mandando a cautela às favas –, professora... é sobre a Pedra Filosofal...

Seja o que for que a Profa. Minerva esperava, certamente não era isso. Os

livros que levava despencaram dos seus braços, mas ela não os apanhou.
– Como é que vocês sabem? – deixou escapar.
– Professora, acho... *sei*... que Sn... que alguém vai tentar roubar a pedra. Preciso falar com o Prof. Dumbledore.
Ela o olhou com uma mescla de choque e desconfiança.
– O Prof. Dumbledore volta amanhã – disse finalmente. – Não sei como descobriu sobre a Pedra, mas fique tranquilo, não é possível ninguém roubá-la, está muitíssimo bem protegida.
– Mas, professora...
– Potter, sei do que estou falando. – Curvou-se e recolheu os livros caídos. – Sugiro que vocês voltem para fora e aproveitem o sol.
Mas eles não voltaram.
– É hoje à noite – disse Harry, quando teve certeza de que a Profa. Minerva não podia mais ouvi-los. – Snape vai entrar no alçapão hoje à noite. Ele já descobriu tudo o que precisa e agora tirou Dumbledore do caminho. Foi ele quem mandou aquela carta, aposto que o ministro da Magia vai levar um choque quando Dumbledore aparecer.
– Mas o que é que podemos...
Hermione perdeu a fala. Harry e Rony se viraram.
Snape estava parado ali.
– Boa-tarde – disse com suavidade.
Eles o encararam.
– Vocês não deviam estar dentro do castelo num dia como este – falou com um sorriso estranho e torto.
– Estávamos... – começou Harry, sem fazer ideia do que ia dizer.
– Vocês precisam ter mais cuidado. Andando por aqui assim, as pessoas vão pensar que estão armando alguma coisa. E Grifinória realmente não pode se dar ao luxo de perder mais nenhum ponto, não é mesmo?
Harry corou. Viraram-se para sair, mas Snape os chamou de volta.
– E fique avisado, Potter, se ficar perambulando outra vez à noite, vou providenciar pessoalmente para que seja expulso. Bom dia para vocês.
E saiu em direção à sala de professores.
Lá fora, nos degraus de pedra, Harry virou-se para os outros.
– Certo, isto é o que vamos fazer – cochichou com urgência. – Um de nós tem que ficar de olho no Snape, esperar do lado de fora da sala de professores e segui-lo se ele sair. Hermione, é melhor você fazer isso.
– Por que eu?
– É óbvio – disse Rony. – Você pode fingir que está esperando pelo Prof. Flitwick, sabe, como é. – E fazendo voz de falsete: – “Ah, Prof. Flitwick. Estou

tão preocupada, acho que errei a questão catorze b...”

– Ah, cala a boca – disse Hermione, mas concordou em vigiar Snape.

– E é melhor ficarmos no corredor do terceiro andar – disse Harry a Rony. – Vamos.

Mas aquela parte do plano não funcionou. Assim que chegaram à porta que separava Fofo do resto da escola, a Profa. Minerva apareceu de novo, e desta vez perdeu as estribeiras.

– Suponho que você ache que é mais difícil alguém passar por você do que por um pacote de feitiços! – esbravejou. – Chega de bobagens! E se eu souber que você voltou aqui outra vez, vou descontar mais cinquenta pontos de Grifinória! É, Weasley, da minha própria casa!

Harry e Rony voltaram à sala comunal. Harry acabara de dizer “pelo menos Hermione está na cola de Snape”, quando o retrato da Mulher Gorda se abriu e Hermione entrou.

– Sinto muito, Harry! – lamentou-se. – Snape saiu e me perguntou o que eu estava fazendo, então disse que estava esperando Flitwick, e Snape foi buscá-lo, e me mandei, não sei aonde ele foi.

– Bom, então acabou-se, não é? – disse Harry.

Os outros dois olharam para ele. Estava pálido e seus olhos brilhavam.

– Vou sair daqui hoje à noite e vou tentar apanhar a Pedra primeiro.

– Você ficou maluco! – exclamou Rony.

– Você não pode! – disse Hermione. – Depois do que a Profa. Minerva e Snape disseram? Vai ser expulso!

– E DAÍ? – gritou Harry. – Vocês não percebem? Se Snape apanhar a pedra, Voldemort vai voltar! Vocês não ouviram contar como era quando ele estava tentando conquistar o poder? Não vai haver Hogwarts para nos expulsar! Ele vai arrasar Hogwarts, ou transformá-la numa escola de magia negra! Perder pontos não importa mais, vocês não entendem? Acham que ele vai deixar vocês e suas famílias em paz se Grifinória ganhar o campeonato das casas? Se eu for pego antes de conseguir a pedra, bem, vou ter que voltar para os Dursley e esperar Voldemort me encontrar lá. É só uma questão de morrer um pouquinho depois do que teria morrido, porque eu nunca vou me aliar aos partidários da magia negra! Vou entrar naquele alçapão hoje à noite e nada que vocês dois disserem vai me impedir! Voldemort matou meus pais, estão lembrados?

E olhou zangado para eles.

– Você tem razão, Harry – disse Hermione com uma vozinha fraca.

– Vou usar a capa da invisibilidade. Foi uma sorte tê-la recuperado.

– Mas ela dá para esconder nós três? – perguntou Rony.

– Nós... nós três?

– Ah, corta essa, você não acha que vamos deixar você ir sozinho?
– Claro que não – disse Hermione com energia. – Como acha que vai chegar à Pedra sem nós? É melhor eu dar uma olhada nos meus livros, talvez encontre alguma coisa útil...
– Mas se formos pegos, vocês dois vão ser expulsos também.
– Não se eu puder evitar – disse Hermione, séria. – Flitwick me disse em segredo que tirei cento e vinte por cento no exame. Não vão me expulsar depois disso.

Depois do jantar os três se sentaram, nervosos, a um canto do sala comunal. Ninguém os incomodou; afinal nenhum aluno de Grifinória tinha mais nada a dizer a Harry. Esta era a primeira noite que isto não o incomodava. Hermione folheava seus apontamentos, esperando encontrar um dos feitiços que queriam anular. Harry e Rony não falavam muito. Pensavam no que estavam prestes a fazer.
A sala foi-se esvaziando, à medida que as pessoas iam se deitar.
– É melhor apanhar a capa – murmurou Rony, quando Lino Jordan finalmente saiu, se espreguiçando e bocejando. Harry correu até o dormitório às escuras. Puxou a capa e então seus olhos bateram na flauta que Hagrid lhe dera no Natal. Meteu-a no bolso para usá-la em Fofo, não se sentia muito animado a cantar.
E correu de volta ao sala comunal.
– É melhor vestirmos a capa aqui para ter certeza de que cobre nós três. Se Filch vir os pés da gente andando sozinhos...
– O que é que vocês estão fazendo? – perguntou uma voz a um canto da sala. Neville saiu de trás de uma poltrona, agarrando Trevo, o sapo, que parecia ter feito uma nova tentativa para ganhar a liberdade.
– Nada, Neville, nada – respondeu Harry, escondendo depressa a capa às costas.
Neville olhou bem para aquelas caras cheias de culpa.
– Vocês vão sair outra vez.
– Não, não, não – disse Hermione. – Não vamos, não. Por que você não vai se deitar, Neville?
Harry olhou para o relógio de parede junto à porta. Não podiam se dar ao luxo de perder mais tempo, Snape talvez estivesse naquele instante mesmo tocando para adormecer Fofo.
– Vocês não podem sair – disse Neville –, vocês vão ser pegos outra vez. Grifinória vai ficar ainda mais enrolada.
– Você não compreende – disse Harry. – Isto é importante.
Mas Neville estava claramente tomando coragem para fazer alguma coisa

desesperada.

– Não vou deixar vocês irem – disse, correndo a se postar diante do buraco do retrato. – Eu... eu vou brigar com vocês.

– *Neville* – explodiu Rony –, se afaste desse buraco e não banque o idiota...

– Não me chame de idiota! Acho que você não devia estar desrespeitando mais regulamentos! E foi você quem me disse para enfrentar as pessoas!

– Foi, mas não *nós* – respondeu Rony, exasperado. – Neville, você não sabe o que está fazendo.

Ele deu um passo à frente e Neville largou Trevo, o sapo, que desapareceu de vista.

– Vem, então, tenta me bater! – disse Neville, erguendo os punhos. – Estou esperando!

Harry voltou-se para Hermione.

– Faz *alguma coisa* – pediu desesperado.

Hermione se adiantou.

– Neville – disse ela –, eu realmente lamento muito.

Ela ergueu a varinha.

– *Petrificus Totalus!* – falou, apontando para Neville.

Os braços de Neville grudaram dos lados do corpo. As pernas se juntaram. Com o corpo inteiro rígido, ele balançou no mesmo lugar e, em seguida, caiu de cara no chão, duro como uma pedra.

Hermione correu para desvirá-lo. Os maxilares de Neville estavam trancados de modo que ele não podia falar. Somente os olhos se moviam, mirando-os aterrorizados.

– O que foi que você fez com ele? – sussurrou Harry.

– O Feitiço do Corpo Preso – respondeu Hermione, infeliz. – Ah, Neville, me desculpe.

– Tivemos de fazer isso, Neville, não temos tempo para explicar – disse Harry.

– Você vai entender mais tarde – disse Rony, enquanto passavam por cima dele e se envolviam na capa da invisibilidade.

Mas deixar Neville deitado imóvel no chão não parecia um bom presságio. No estado de nervosismo em que estavam, cada sombra de estátua lembrava Filch, cada sopro distante do vento parecia o Pirraça assombrando-os.

Ao pé do primeiro lance de escada, encontraram Madame Nor-r-ra, esquivando-se sorrateira quase no alto.

– Ah, vamos dar um pontapé nela, só desta vez – cochichou Rony no ouvido de Harry, mas Harry balançou a cabeça. Enquanto subiam cautelosamente contornando a gata, Madame Nor-r-ra virou os olhos de lanterna para eles, mas não fez nada.

Não encontraram mais ninguém até chegarem à escada para o terceiro andar. O Pirraça se balançava a meio caminho, soltando a passadeira para as pessoas tropeçarem.

– Quem está aí? – perguntou de repente quando se aproximaram. E apertou os olhos negros e malvados. – Sei que está aí, mesmo que não consiga vê-lo. Você é um vampiro, um fantasma ou um estudante nojento?

E ergueu-se no ar e flutuou, tentando ver alguém.

– Eu devia chamar o Filch, eu devia, se alguma coisa está andando por aí invisível.

Harry teve uma ideia repentina.

– Pirraça – disse num sussurro rouco –, o barão Sangrento tem suas razões para andar invisível.

Pirraça quase caiu, em choque. Recuperou-se a tempo e saiu planando a trinta centímetros dos degraus.

– Desculpe, Sua Sanguinidade, Sr. Barão, cavalheiro – disse untuoso. – Falha minha, falha minha, não o vi, claro que não, o senhor está invisível. Perdoe ao velho Pirraça essa piadinha, cavalheiro.

– Tenho negócios a tratar aqui, Pirraça – crocitou Harry. – Fique longe deste lugar hoje à noite.

– Vou ficar, cavalheiro, pode ter certeza de que vou ficar – prometeu o Pirraça, erguendo-se no ar outra vez. – Espero que os seus negócios corram bem, Barão, não vou perturbá-lo.

E partiu ligeirinho.

– *Genial*, Harry! – cochichou Rony.

Alguns segundos depois, estavam lá, no corredor do terceiro andar – e a porta já fora aberta.

– Bom, aqui estamos – disse Harry baixinho. – Snape já passou por Fofo.

A visão da porta aberta por alguma razão parecia causar neles a impressão do que os aguardava. Debaixo da capa, Harry se virou para os outros dois.

– Se vocês quiserem voltar, não vou culpá-los. Podem levar a capa, não vou precisar dela agora.

– Não seja burro – respondeu Rony.

– Vamos com você – disse Hermione.

Harry empurrou a porta.

Quando a porta rangeu baixinho, chegaram aos seus ouvidos rosnados surdos. Os três focinhos do cachorro farejaram furiosamente em sua direção ainda que o bicho não pudesse vê-los.

– O que é isso nos pés dele? – sussurrou Hermione.

– Parece uma harpa – respondeu Rony. – Snape deve tê-la deixado aí.

– Ele acorda no momento que se deixa de tocar – disse Harry. – Bom, aqui vai...

Levou a flauta de Hagrid aos lábios e soprou. Não era realmente uma música, mas às primeiras notas os olhos da fera começaram a se fechar. Harry nem chegou a tomar fôlego. Lentamente, os rosnados do cachorro cessaram – ele balançou nas patas e caiu de joelhos, depois estirou-se no chão, completamente adormecido.

– Continue tocando – Rony preveniu a Harry enquanto saíam de baixo da capa e deslizavam para o alçapão. Sentiram o bafo quente e fedorento do cachorro ao se aproximarem de suas cabeçorras.

– Acho que vamos conseguir abrir a porta – disse Rony, espiando por cima do dorso do cachorro. – Quer entrar primeiro, Hermione?

– Não, eu não!

– Tudo bem. – Rony cerrou os dentes e passou com cautela pelas pernas do cachorro. E abaixando-se puxou o anel do alçapão, que se abriu.

– O que é que você está vendo? – perguntou Hermione, ansiosa.

– Nada... só escuridão... não tem como descer, teremos que nos jogar.

Harry, que continuava a tocar a flauta, fez sinal para atrair a atenção de Rony e apontou para si mesmo.

– Você quer ir primeiro? Tem certeza? – disse Rony. – Não sei qual é a profundidade dessa coisa. Dá a flauta para Hermione manter Fofo adormecido.

Harry passou a flauta a ela. Naqueles minutinhos de silêncio, o cachorro rosnou e se mexeu, mas no instante que Hermione começou a tocar, ele tornou a cair em sono profundo.

Harry passou por cima de Fofo e espiou pelo alçapão. Não viu nem sinal de fundo.

Baixou o corpo pelo buraco até ficar pendurado pelas pontas dos dedos. Então olhou para Rony no alto e disse:

– Se alguma coisa acontecer comigo, não me siga. Vá direto ao corujal e mande Edwiges ao Dumbledore, certo?

– Certo.

– Vejo você daqui a pouco, espero...

E Harry soltou os dedos. Um vento frio e úmido passou rápido por ele, que foi caindo, caindo, caindo e...

Pam. Com um baque engraçado e surdo ele bateu em alguma coisa macia. Sentou-se e apalpou à volta, os olhos desacostumados à escuridão. Parecia que estava sentado em uma espécie de planta.

– Tudo bem! – gritou para a claridade do tamanho de um selo lá no alto, que era o alçapão aberto. – A queda é macia, pode pular!

Rony seguiu-o imediatamente. Caiu esparramado ao lado de Harry.
– O que é isso? – Foram suas primeiras palavras.
– Sei lá, uma espécie de planta. Suponho que esteja aqui para amortecer a queda. Venha, Hermione!
A música distante parou. Ouviu-se um latido alto do cachorro, mas Hermione já pulara. Ela caiu do outro lado de Harry.
– Devemos estar a quilômetros abaixo da escola – comentou.
– É realmente uma sorte que esta planta esteja aqui – disse Rony.
– *Sorte!* – gritou Hermione. – Olhem só para vocês dois.
Ela se levantou de um salto e lutou para chegar à parede úmida. Teve de lutar porque, no momento em que chegou ao fundo, a planta começou a se enroscar como as gavinhas de uma trepadeira em volta dos seus tornozelos. Quanto a Harry e Rony, suas pernas já tinham sido bem atadas por longos galhos sem que eles notassem.
Hermione conseguira se desvencilhar antes que a planta a agarrasse para valer. Agora observava horrorizada os dois meninos lutarem para se livrar da planta, mas quanto mais se esforçavam, mais depressa e mais firme a planta se enrolava neles.
– Parem de se mexer! – mandou Hermione. – Sei o que é isso. É visgo do diabo!
– Ah, fico tão contente que você saiba como se chama, é uma grande ajuda – resmungou Rony, tentando impedir que a planta se enroscasse em seu pescoço.
– Cala a boca, estou tentando me lembrar como matá-la! – disse Hermione.
– Bom, anda logo, não consigo respirar! – ofegava Harry, lutando com a planta que se enroscava em torno de seu peito.
– Visgo do diabo, visgo do diabo... o que foi que o professor Sprout disse? Gosta da umidade e da escuridão...
– Então acenda um fogo! – engasgou-se Harry.
– É... é claro... mas não tem madeira... – lamentou-se Hermione, torcendo as mãos.
– VOCÊ ENLOUQUECEU? – berrou Rony. – VOCÊ É UMA BRUXA OU NÃO É?
– Ah, certo! – disse Hermione e, puxando a varinha, sacudiu-a, murmurou alguma coisa e despachou um jato daquelas chamas azuis que usara em Snape contra as plantas. Em questão de segundos, os dois meninos sentiram a planta afrouxar e se encolher para longe da luz e do calor. Torcendo-se, ela se desenrolou dos corpos dos meninos, que puderam se levantar.
– Que sorte que você presta atenção às aulas de Herbologia, Hermione – disse Harry, quando se juntou a ela ao pé da parede, enxugando o suor do rosto.
– É – comentou Rony –, e que sorte que Harry não perde a cabeça numa crise,

“não tem madeira”, *francamente*.

– Por ali – disse Harry, apontando um corredor de pedra que era o único caminho que havia.

Só o que podiam ouvir além de seus passos eram os pingos abafados da água que escorria pela parede. O corredor começou a descer e Harry se lembrou de Gringotes. Com um sobressalto, lembrou-se dos dragões que, segundo diziam, guardavam os cofres-fortes no banco dos bruxos. Se topassem com um dragão, um dragão adulto... Norberto já fora bastante ruim.

– Você está ouvindo alguma coisa? – Rony cochichou.

Harry apurou os ouvidos. Um farfalhar acompanhado de ruído metálico parecia vir de um ponto mais adiante.

– Você acha que é um fantasma?

– Não sei... para mim parecem asas.

– Há luz à frente, estou vendo alguma coisa se mexendo.

Chegaram ao fim do corredor e depararam com uma câmara muito iluminada, o teto abobadado no alto. Era cheia de passarinhos, brilhantes como joias, que esvoaçavam e colidiam pelo aposento. Do lado oposto da câmara havia uma pesada porta de madeira.

– Você acha que nos atacarão se atravessarmos a câmara? – perguntou Rony.

– Provavelmente – respondeu Harry. – Eles não parecem muito bravos, mas suponho que se todos mergulhassem ao mesmo tempo... Bom, não tem remédio... vou correr.

Tomou fôlego, cobriu o rosto com os braços e atravessou a câmara correndo. Esperava sentir bicos afiados e garras atacando-o a qualquer minuto, mas nada aconteceu. Alcançou a porta incólume. Baixou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

Os outros dois o seguiram. Fizeram força para abrir a porta, mas ela nem sequer se moveu, nem mesmo quando Hermione experimentou o seu feitiço de Alohomora.

– E agora? – perguntou Rony.

– Esses pássaros... não podem estar aqui só para enfeitar – disse Hermione.

Eles observaram os pássaros voando no alto, brilhando – *brilhando?*

– Eles não são pássaros! – Harry exclamou de repente. – São *chaves*! Chaves aladas, olhe com atenção. Então isso deve querer dizer... – E olhou à volta da câmara enquanto os outros dois apertavam os olhos para enxergar o bando de chaves no alto. – É, olhe! Vassouras! Temos que apanhar a chave da porta.

Mas eram *centenas*!

Rony examinou a fechadura.

– Estamos procurando uma chave bem grande e antiga, provavelmente de

prata, como a maçaneta.

Cada um apanhou uma vassoura e deu impulso no ar, mirando o meio da nuvem de chaves. Tentaram agarrá-las mas as chaves encantadas fugiam e mergulhavam tão rápido que era quase impossível apanhar uma.

Mas não era à toa que Harry era o mais jovem apanhador do século. Tinha um jeito para localizar coisas que os outros não tinham. Depois de um minuto trançando pelo redemoinho de penas, ele notou uma chave grande de prata que tinha uma asa dobrada, como se já tivesse sido apanhada e enfiada de qualquer jeito na fechadura.

– Aquela ali! – gritou para os outros. – Aquela grandona... ali... não... lá... com as asas azul-forte. As penas estão todas amassadas de um lado.

Rony precipitou-se na direção que Harry apontava, bateu no teto e quase caiu da vassoura.

– Temos que cercá-la! – gritou Harry, sem tirar os olhos da chave com a asa danificada. – Rony, você cerca por cima. Hermione, fica embaixo e não deixa ela descer, e eu vou tentar pegá-la. Certo, AGORA!

Rony mergulhou, Hermione disparou para o alto, a chave desviou-se dos dois e Harry partiu atrás dela; a chave correu para a parede, Harry se curvou para a frente e, com uma pancada feia, prendeu-a contra a pedra com a mão. Os vivas de Rony e Hermione ecoaram pela câmara.

Eles pousaram em seguida e Harry correu para a porta, a chave a se debater em sua mão. Enfiou-a na fechadura e virou-a – deu certo. No instante em que ouviram o barulho da lingueta se abrindo, a chave tornou a alçar voo, parecendo agora muito maltratada depois de ter sido apanhada duas vezes.

– Estão prontos? – Harry perguntou aos dois, a mão na maçaneta da porta. Eles fizeram um sinal afirmativo com a cabeça. Ele escancarou a porta.

A câmara seguinte era tão escura que não dava para ver absolutamente nada. Mas, ao entrarem nela, a luz inesperadamente inundou o aposento, revelando uma cena surpreendente.

Estavam parados na borda de um enorme tabuleiro de xadrez atrás das peças pretas, que eram todas mais altas do que eles e talhadas em um material que parecia pedra. De frente para eles, do outro lado da câmara, estavam dispostas as peças brancas. Harry, Rony e Hermione sentiram um leve arrepio – as peças brancas e altas não tinham feições.

– Agora o que vamos fazer? – sussurrou Harry.

– É óbvio, não é? – falou Rony. – Temos que jogar para chegar ao outro lado da câmara.

Por trás das peças brancas eles podiam ver outra porta.

– Como? – perguntou Hermione, nervosa.

– Acho que vamos ter que virar peças.
Ele se dirigiu a um cavalo preto e esticou a mão para tocar seu cavaleiro. No mesmo instante, a pedra ganhou vida. O cavalo pateou o tabuleiro e seu cavaleiro virou a cabeça protegida por um elmo para olhar Rony.
– Temos que nos unir a vocês para chegar ao outro lado?
O cavaleiro preto confirmou com a cabeça. Rony virou-se para os outros dois.
– Isto exige reflexão – disse. – Suponho que a gente tenha que tomar o lugar de três peças pretas...
Harry e Hermione ficaram quietos, observando Rony refletir. Finalmente ele disse:
– Agora não vão se ofender, mas nenhum dos dois é tão bom assim em xadrez...
– Não estamos ofendidos – interrompeu Harry depressa. – Diga o que vamos fazer.
– Bom, Harry, você toma o lugar daquele bispo e, Hermione, você fica ao lado dele substituindo a torre.
– E você?
– Vou ser o cavaleiro.
As peças pareciam estar escutando, porque ao ouvir isso um cavaleiro, um bispo e uma torre deram as costas às peças brancas e saíram do tabuleiro, deixando três casas vazias, que Harry, Rony e Hermione ocuparam.
– No xadrez as brancas sempre jogam primeiro – explicou Rony, observando o tabuleiro. – É... olhem...
Um peão branco avançara duas casas.
Rony começou a comandar as peças pretas. Elas se mexiam em silêncio indo aonde eram mandadas. Os joelhos de Harry tremiam. E se perdessem?
– Harry, ande quatro casas para a direita em diagonal.
O primeiro choque de verdade que levaram foi quando o outro cavalo foi comido. A rainha branca esmagou-o no chão e arrastou-o para fora do tabuleiro, onde ele ficou deitado imóvel, de borco no chão.
– Eu tinha que deixar isso acontecer – disse Rony, parecendo abalado. – Assim você fica livre para comer aquele bispo, Hermione, ande.
Todas as vezes que eles perdiam uma peça, as peças brancas não mostravam piedade. Dali a pouco havia uma coleção de peças pretas inermes encostadas à parede. Duas vezes, Rony reparou, em cima do lance, que Harry e Hermione estavam em perigo. Ele próprio disparou pelo tabuleiro comendo quase tantas peças brancas quanto as pretas que haviam perdido.
– Estamos quase chegando – murmurou de repente. – Me deixem pensar... me deixem pensar...

A rainha branca virou o rosto vazio para ele.
– É... – continuou ele baixinho –, é o jeito... Preciso me sacrificar.
– NÃO! – Harry e Hermione gritaram.
– Isto é xadrez! – retorquiu Rony. – A pessoa tem que fazer alguns sacrifícios! Dou um passo à frente e ela me come, isso deixa você livre para dar o xeque-mate no rei, Harry!
– Mas...
– Você quer deter Snape ou não?
– Rony...
– Olhe, se você não se apressar, ele já terá apanhado a Pedra!
Não havia opção.
– Pronto? – perguntou Rony, o rosto pálido mas decidido. – Então vamos, agora, não se demore depois de ganhar a partida.
Ele avançou e a rainha branca o atacou. Golpeou Rony com força na cabeça com o braço de pedra e ele caiu com estrondo no chão. Hermione gritou, mas continuou parada em sua casa – a rainha branca arrastou Rony para um lado. Ele parecia ter sido nocauteado.
Trêmulo, Harry se deslocou três casas para a esquerda.
O rei branco tirou a coroa e jogou-a aos pés dele. Os meninos tinham ganhado o jogo. As peças se afastaram para os lados e se curvaram, deixando o caminho livre para a porta em frente. Com um último olhar desesperado para Rony, Harry e Hermione se precipitaram para a porta e para o corredor seguinte.
– E se ele...?
– Ele vai ficar bem – disse Harry, tentando convencer a si mesmo. – Que é que você acha que vai acontecer agora?
– Tivemos o feitiço de Sprout, o visgo do diabo. Flitwick deve ter encantado as chaves. McGonagall transfigurou as peças de xadrez para lhes dar vida. Faltam o feitiço de Quirrell e o de Snape.
Tinham chegado à outra porta.
– Tudo bem? – cochichou Harry.
– Vamos.
Harry empurrou a porta para abri-la.
Um fedor horrível entrou por suas narinas, fazendo os dois puxarem as vestes para cobrir o nariz. Os olhos lacrimejando, eles viram, deitado no chão diante deles, um trasgo ainda maior do que o que tinham enfrentado, desacordado e com um calombo ensanguentado na cabeça.
– Que bom que não precisamos lutar contra este aí – sussurrou Harry, enquanto, cautelosamente, saltavam por cima da perna maciça do trasgo. – Vamos, não estou conseguindo respirar.

Harry abriu a porta seguinte, os dois mal se atreviam a olhar o que vinha a seguir – mas não havia nada muito assustador ali, apenas uma mesa e sobre ela sete garrafas de formatos diferentes em fila.

– É o de Snape – disse Harry. – O que temos de fazer?

Ao cruzarem a soleira da porta, imediatamente irromperam chamas atrás deles. E não eram chamas comuns, tampouco; eram roxas. Ao mesmo tempo, surgiam chamas pretas na porta adiante. Estavam encurralados.

– Olhe! – Hermione apanhou um rolo de papel que havia ao lado das garrafas. Harry espiou por cima do seu ombro para ler o papel:

O perigo o aguarda à frente, a segurança ficou atrás,
Duas de nós o ajudaremos no que quer encontrar,
Uma das sete o deixará prosseguir,
A outra levará de volta quem a beber,
Duas de nós conterão vinho de urtigas,
Três de nós aguardam em fila para o matar,
Escolha, ou ficará aqui para sempre,
E para ajudá-lo, lhe damos quatro pistas:
Primeira, por mais dissimulado que esteja o veneno,
Você sempre encontrará um à esquerda do vinho de urtigas;
Segunda, são diferentes as garrafas de cada lado,
Mas se você quiser avançar nenhuma é sua amiga;
Terceira, é visível que temos tamanhos diferentes,
Nem anã nem giganta leva a morte no bojo;
Quarta, a segunda à esquerda e a segunda à direita
São gêmeas ao paladar, embora diferentes à vista.

Hermione deixou escapar um grande suspiro e Harry, perplexo, viu que ela sorria, a última coisa que ele tinha vontade de fazer.

– *Genial* – disse. – Isto não é mágica, é lógica, uma charada. A maioria dos grandes bruxos não tem um pingo de lógica, ficariam presos aqui para sempre.

– E nós também, não?

– Claro que não. Tudo o que precisamos está aqui neste papel. Sete garrafas: três contêm veneno; duas, vinho; uma nos ajudará a passar a salvo pelas chamas negras; e uma nos levará de volta através das chamas roxas.

– Mas como vamos saber qual delas beber?

– Me dê um minuto.

Hermione leu o papel diversas vezes. Depois passou em revista a fila de garrafas, para cima e para baixo, resmungando de si para si e apontando para as

garrafas. Finalmente, bateu palmas.
– Já sei. A garrafa menor nos fará atravessar as chamas negras, rumo à pedra.
Harry mirou a garrafinha.
– Ali só tem o suficiente para um de nós. Não chega a ter um gole.
Eles se entreolharam.
– Qual é a que a fará voltar pelas chamas roxas?
Hermione apontou para uma garrafa arredondada na ponta direita da fila.
– Você bebe essa – disse Harry. – Agora, escute, volte e recolha o Rony, apanhe vassouras na câmara das chaves aladas, elas levarão vocês para fora do alçapão e por cima de Fofo. Vão direto ao corujal e mandem Edwiges a Dumbledore, precisamos dele. Talvez eu possa segurar Snape por algum tempo, mas não sou páreo para ele.
– Mas, Harry, e se Você-Sabe-Quem estiver com ele?
– Bom... tive sorte uma vez, não tive? – falou Harry indicando a cicatriz. – Talvez tenha sorte outra vez.
A boca de Hermione estremeceu e ela correu de repente para Harry e o abraçou.
– *Hermione!*
– Harry, você é um grande bruxo, sabe?
– Não sou tão bom quanto você – disse Harry, muito sem graça, quando ela o largou.
– Eu! Livros! E inteligência! Há coisas mais importantes, amizade e bravura e, ah, Harry, tenha *cuidado*!
– Você bebe primeiro – disse Harry. – Você tem certeza de qual é qual, não tem?
– Positivo.
Ela tomou um demorado gole da garrafa arredondada na ponta e estremeceu.
– Não é veneno? – perguntou Harry, ansioso.
– Não... mas parece gelo.
– Vai logo antes que o efeito passe.
– Boa sorte... cuide-se...
– VAI!
Hermione virou-se e passou direto pelas chamas roxas.
Harry tomou fôlego e apanhou a garrafa menor de todas. Virou-se para encarar as chamas negras.
– Aqui vou eu – disse e esvaziou a garrafinha de um gole só.
Era na verdade como se o gelo estivesse invadindo seu corpo. Ele deixou a garrafa na mesa e avançou; enchendo-se de coragem, viu as chamas negras lamberem seu corpo mas não as sentiu – por um instante não viu nada a não ser

as chamas negras – então viu que estava do outro lado, na última câmara.

Havia alguém lá – mas não era Snape. Tampouco Voldemort.

— CAPÍTULO DEZESSETE —

O homem de duas caras

Era Quirrell.

– *O senhor!* – exclamou Harry.

Quirrell sorriu. Seu rosto não tinha nenhum tique.

– Eu – disse calmamente – estive me perguntando se encontraria você aqui, Potter.

– Mas pensei... Snape...

– Severo? – Quirrell deu uma gargalhada e não era aquela gargalhadinha tremida de sempre, era fria e cortante. – É, Severo faz o tipo, não faz? Tão útil tê-lo esvoaçando por aí como um morcegão. Perto dele, quem suspeitaria do c-c-coitado do ga-gaguinho do P-Prof. Quirrell?

Harry não conseguia assimilar. Isto não podia ser verdade, não podia.

– Mas Snape tentou me matar!

– Não, não, não. Eu tentei matá-lo. Sua amiga Hermione Granger, por acaso, me empurrou quando estava correndo para tocar fogo no Snape naquela partida de quadribol. Ela interrompeu o meu contato visual com você. Mais uns segundos e eu o teria derrubado daquela vassoura. Teria conseguido isso antes se Snape não ficasse murmurando um antifeitiço, tentando salvá-lo.

– Snape estava tentando me *salvar*?

– É claro – disse Quirrell calmamente. – Por que você acha que ele queria apitar o próximo jogo? Ele estava tentando garantir que eu não repetisse aquilo. O que na realidade é engraçado... ele nem precisava ter se dado ao trabalho. Eu não poderia fazer nada com Dumbledore assistindo. Todos os outros professores acharam que Snape estava tentando impedir Grifinória de ganhar, ele conseguiu *realmente* se tornar impopular... e que perda de tempo, se depois disso vou matá-lo esta noite.

Quirrell estalou os dedos. Surgiram no ar cordas que amarraram Harry bem

apertado.
– Você é muito metido para continuar vivo, Potter. Sair correndo pela escola no Dia das Bruxas daquele jeito e, pelo que imaginei, me viu descobrir o que é que estava guardando a pedra.
– *O senhor* deixou o trasgo entrar?
– Claro que sim. Tenho um talento especial para lidar com trasgos. Você deve ter visto o que fiz com aquele na câmara lá atrás? Infelizmente, enquanto o resto do pessoal estava procurando o trasgo, Snape, que já desconfiava de mim, foi direto ao terceiro andar para me afastar, e não só o meu trasgo não conseguiu matar você de pancada, como o cachorro de três cabeças nem sequer conseguiu morder a perna de Snape direito. Agora espere aí quieto. Preciso examinar este espelho curioso.
Foi somente então que Harry percebeu o que estava parado atrás de Quirrell. Era o Espelho de Ojesed.
– Este espelho é a chave para encontrar a pedra – murmurou Quirrell, batendo de leve na moldura. – Pode-se confiar em Dumbledore para inventar uma coisa dessas... mas ele está em Londres... E estarei bem longe quando voltar.
A única coisa que ocorreu a Harry foi manter Quirrell falando para impedi-lo de se concentrar no espelho.
– Vi o senhor e Snape na floresta – falou de um fôlego só.
– Sei – disse Quirrell indiferente, dando a volta ao espelho para examinar o avesso. – Naquela altura ele já percebera minhas intenções, e tentava descobrir até onde eu tinha ido. Suspeitou de mim o tempo todo. Tentou me assustar, como se fosse possível, quando tenho Lorde Voldemort do meu lado...
Quirrell saiu de trás do espelho e mirou-o cheio de cobiça.
– Estou vendo a Pedra... Eu a estou apresentando ao meu mestre... mas onde é que ela está?
Harry forçou as cordas que o prendiam, mas elas não cederam. *Tinha* que impedir Quirrell de dedicar toda a atenção ao espelho.
– Mas Snape sempre pareceu me odiar tanto.
– Ah, e odeia mesmo – disse Quirrell, displicente –, e como odeia. Ele estudou em Hogwarts com o seu pai, você não sabia? Os dois se detestavam. Mas ele nunca quis ver você *morto*.
– Mas ouvi o senhor soluçando, há uns dias. Pensei que Snape estava ameaçando o senhor...
Pela primeira vez, um espasmo de medo passou pelo rosto de Quirrell.
– Às vezes, eu tenho dificuldade em seguir as instruções do meu mestre. Ele é um grande mago e eu sou fraco.
– O senhor quer dizer que ele estava na sala de aula com o senhor?! –

exclamou Harry, admirado.

– Está comigo aonde quer que eu vá – disse Quirrell em voz baixa. – Conheci-o quando estava viajando pelo mundo. Eu era um rapaz tolo naquela época, cheio de ideias ridículas sobre o bem e o mal. Lorde Voldemort me mostrou como eu estava errado. Não existe bem nem mal, só existe o poder, e aqueles que são demasiado fracos para o desejarem... Desde então, eu o tenho servido com fidelidade, embora o desaponte muitas vezes. Por isso tem precisado ser muito severo comigo. – Quirrell estremeceu de repente. – Não perdoa erros com muita facilidade. Quando não consegui roubar a pedra de Gringotes, ele ficou muito aborrecido. Me castigou... resolveu me vigiar mais de perto...

A voz de Quirrell foi morrendo. Harry lembrou-se de sua viagem ao Beco Diagonal – como podia ter sido tão burro? Ele *vira* Quirrell lá naquele dia, apertara a mão dele no Caldeirão Furado.

Quirrell praguejou baixinho.

– Eu não entendo... a Pedra está *dentro* do espelho? Devo quebrá-lo?

A cabeça de Harry pensava a mil.

"O que quero acima de tudo no mundo, neste momento, é encontrar a Pedra antes que Quirrell a encontre. Então se me olhar no espelho, devo me ver encontrando a Pedra – o que quer dizer que verei onde está escondida! Mas como posso me olhar sem Quirrell perceber o que estou tramando?"

Harry tentou se deslocar para a esquerda, para se posicionar diante do espelho sem Quirrell notar, mas as cordas que prendiam seus tornozelos estavam muito apertadas: ele tropeçou e caiu. Quirrell não lhe deu atenção. Continuou falando sozinho.

– O que é que o espelho faz? Como é que ele funciona? Me ajude, mestre.

E para horror de Harry, uma voz respondeu, e a voz parecia vir do próprio Quirrell.

– Use o menino... Use o menino...

Quirrell voltou-se para Harry.

– É... Potter, vem cá.

E bateu palmas uma vez e as cordas que prendiam Harry caíram. Harry se levantou sem pressa.

– Vem cá – repetiu Quirrell. – Olhe no espelho e me diga o que vê.

Harry foi até ele.

"Preciso mentir", pensou desesperado. "Preciso olhar e mentir sobre o que vejo, é isso."

Quirrell aproximou-se de Harry pelas costas. Harry respirou o cheiro esquisito que parecia vir do turbante de Quirrell. Fechou os olhos, adiantou-se para se postar na frente do espelho, e tornou a abri-los.

A princípio viu a sua imagem, pálida e apavorada. Mas um segundo depois, a imagem sorriu para ele. Levou a mão ao bolso e tirou uma pedra cor de sangue. Aí piscou e devolveu a pedra ao bolso – e ao fazer isto, Harry sentiu uma coisa pesada cair dentro do seu bolso de verdade. De alguma forma – inacreditável – *estava de posse da Pedra*.

– E então? – perguntou Quirrell, impaciente. – O que é que você está vendo?

Harry armou-se de coragem.

– Estou me vendo apertando a mão de Dumbledore – inventou. – Ganhei... o campeonato das casas para Grifinória.

Quirrell xingou outra vez.

– Saia do meu caminho – disse. Quando Harry se afastou, sentiu a Pedra Filosofal comprimir sua coxa. Será que tinha coragem para tentar fugir?

Mas não dera cinco passos quando uma voz alta falou, embora os lábios de Quirrell não estivessem se mexendo.

– Ele está mentindo... Ele está mentindo...

– Potter, volte aqui! – gritou Quirrell. – Diga-me a verdade! O que foi que você acabou de ver?

A voz alta tornou a falar.

– Deixe-me falar com ele... cara a cara...

– Mestre, o senhor não está bastante forte!

– Estou bastante forte... para isso...

Harry se sentiu como se o visgo do diabo o tivesse pregado no chão. Não conseguia mover nem um músculo. Petrificado, viu Quirrell erguer os braços e começar a desenrolar o turbante. Que estava acontecendo? O turbante caiu. A cabeça de Quirrell parecia estranhamente pequena sem ele. Então ele virou de costas sem sair do lugar.

Harry poderia ter gritado, mas não conseguiu produzir nem um som. Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrell, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra.

– Harry Potter... – falou o rosto.

Harry tentou dar um passo atrás mas suas pernas não obedeceram.

– Está vendo no que me transformei? – disse o rosto. – Apenas uma sombra vaporosa... Só tenho forma quando posso compartir o corpo de alguém... mas sempre houve gente disposta a me deixar entrar no seu coração e na sua mente... O sangue do unicórnio me fortaleceu, nessas últimas semanas... você viu o fiel Quirrell bebendo-o por mim na floresta... e uma vez que eu tenha o elixir da vida, poderei criar um corpo só meu... Agora... por que você não me dá essa pedra no seu bolso?

Então ele sabia. A sensibilidade voltou repentinamente às pernas de Harry. Ele cambaleou para trás.

– Não seja tolo – rosnou o rosto. – É melhor salvar sua vida e se unir a mim... ou vai ter o mesmo fim dos seus pais... Eles morreram suplicando piedade...

– MENTIRA! – gritou Harry inesperadamente.

Quirrell estava andando de costas para ele, de modo que Voldemort pudesse vê-lo. O rosto malvado sorria agora.

– Que comovente... – sibilou. – Sempre dei valor à coragem... É, menino, seus pais foram corajosos... Matei seu pai primeiro e ele me enfrentou com coragem... mas sua mãe não precisava ter morrido... estava tentando protegê-lo... Agora me dê a pedra, a não ser que queira que a morte dela tenha sido em vão.

– NUNCA!

Harry saltou para a porta em chamas, mas Voldemort gritou:

– AGARRE-O! – E, no instante seguinte, Harry sentiu a mão de Quirrell fechar-se em torno de seu pulso. E, ao mesmo tempo, uma dor fina como uma agulhada queimou sua cicatriz; parecia que sua cabeça ia se rachar em dois; ele berrou, lutando com todas as forças e, para sua surpresa, Quirrell largou-o. A dor em sua cabeça diminuiu, ele olhou alucinado à volta para ver onde fora Quirrell e o viu dobrar de dor, examinando os dedos, eles se enchiam de bolhas, diante dos seus olhos.

– Agarre-o! AGARRE-O! – esganiçou-se Voldemort outra vez e Quirrell investiu, derrubando Harry no chão, caindo por cima dele, as duas mãos apertando o pescoço do menino, a cicatriz de Harry quase o cegava de dor, contudo ele via Quirrell urrar de agonia.

– Mestre, não posso segurá-lo. Minhas mãos. Minhas mãos!

E Quirrell, embora prendendo Harry no chão com os joelhos, largou seu pescoço e arregalou os olhos, perplexo, para as palmas das mãos – elas pareciam queimadas, vermelhas, em carne viva.

– Então mate-o, seu tolo, e acabe com isso! – guinchou Voldemort.

Quirrell levantou a mão para jogar uma praga letal, mas Harry, por instinto, esticou as mãos e agarrou a cara de Quirrell.

– AAAAAI!

Quirrell saiu de cima dele, seu rosto se encheu de bolhas também, e então Harry entendeu: Quirrell não podia tocar sua pele, sem sofrer dores terríveis – sua única chance era dominar Quirrell, causar-lhe dor suficiente para impedi-lo de lançar feitiços.

Harry ficou em pé de um salto, agarrou Quirrell pelo braço e segurouo com toda a força que pôde. Quirrell berrou e tentou se desvencilhar – a dor na cabeça de Harry estava aumentando – ele não conseguia enxergar – ouvia os gritos

terríveis de Quirrell e os berros de Voldemort “MATE-O! MATE-O!” e outras vozes, talvez dentro de sua própria cabeça, chamando “Harry! Harry!”.

Sentiu o braço de Quirrell desprender-se com força de sua mão, teve certeza de que tudo estava perdido e mergulhou na escuridão, cada vez mais profunda.

Alguma coisa dourada estava brilhando logo acima dele. O pomo! Tentou agarrá-lo, mas seus braços estavam muito pesados.

Piscou os olhos. Não era o pomo. Eram óculos. Que estranho.

Piscou os olhos outra vez. O rosto sorridente de Alvo Dumbledore entrou em foco curvado sobre ele.

– Boa-tarde, Harry – disse Dumbledore.

Harry fixou o olhar nele. Então se lembrou:

– Professor! A Pedra! Foi Quirrell! Ele apanhou a Pedra! Professor, depressa...

– Acalme-se, menino, você está um pouco atrasado. Quirrell não apanhou a Pedra.

– Então quem apanhou?, professor?, eu...

– Harry, por favor, relaxe ou Madame Pomfrey vai mandar me expulsar.

Harry engoliu em seco e olhou a sua volta. Percebeu que devia estar na ala do hospital. Achava-se deitado numa cama com lençóis de linho brancos e do seu lado havia uma mesa atulhada do que parecia ser a metade da loja de doces.

– Presentes dos seus amigos e admiradores – esclareceu Dumbledore, sorrindo. – Aquilo que aconteceu nas masmorras entre você e o professor Quirrell é segredo absoluto, por isso, é claro, a escola inteira já sabe. Acredito que os nossos amigos, os Srs. Fred e Jorge Weasley, foram os responsáveis pela tentativa de lhe mandar um assento de vaso sanitário. Com certeza acharam que você ia achar engraçado. Madame Pomfrey, porém, achou que poderia ser pouco higiênico e o confiscou.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Três dias. O Sr. Ronald Weasley e a Srta. Granger vão se sentir muito aliviados por você ter voltado a si, estavam muitíssimo preocupados.

– Mas, professor, a Pedra...

– Já vi que você não se deixa distrair. Muito bem. A Pedra. O Prof. Quirrell não conseguiu tirá-la de você. Cheguei a tempo de impedir que isto acontecesse, embora você estivesse se defendendo muito bem sozinho, devo dizer.

– O senhor chegou lá? Recebeu a coruja de Hermione?

– Devemos ter cruzado no ar. Assim que cheguei a Londres, tornou-se claro para mim que o lugar onde deveria estar era aquele de onde acabara de sair. Cheguei a tempo de tirar Quirrell de cima de você...

– Então foi o *senhor*.

– Receei que tivesse chegado tarde demais.
– Quase chegou, eu não poderia ter mantido Quirrell afastado da Pedra por muito mais tempo...
– Não da Pedra, menino, de você. O esforço que você fez quase o matou. Por um instante terrível, receei que tivesse matado. Quanto à Pedra, ela foi destruída.
– Destruída! – exclamou Harry sem entender. – Mas o seu amigo... Nicolau Flamel...
– Ah, você já ouviu falar no Nicolau? – perguntou Dumbledore, parecendo encantado. – Você fez mesmo a coisa certa, não foi? Bom, Nicolau e eu tivemos uma conversinha e concordamos que assim era melhor.
– Mas isto quer dizer que ele e a mulher vão morrer, não é?
– Eles têm elixir suficiente para deixar os negócios em ordem e então, é, eles vão morrer.
Dumbledore sorriu ao ver a expressão de surpresa no rosto de Harry.
– Para alguém jovem como você, tenho certeza de que isto parece incrível, mas para Nicolau e Perenelle, na verdade, é como se fossem deitar depois de um dia muito, muito longo. Afinal, para a mente bem estruturada, a morte é apenas a grande aventura seguinte. Você sabe, a Pedra não foi uma coisa tão boa assim. Todo o dinheiro e a vida que a pessoa poderia querer! As duas coisas que a maioria dos seres humanos escolheriam em primeiro lugar. O problema é que os humanos têm o condão de escolher exatamente as coisas que são piores para eles.
Harry ficou ali deitado, sem encontrar o que responder. Dumbledore cantarolou um pouquinho e sorriu para o teto.
– Professor? – disse Harry. – Estive pensando... professor. Mesmo que a Pedra tenha sido destruída, Vol... quero dizer, o Senhor-Sabe-Quem...
– Chame-o de Voldemort. Sempre chame as coisas pelo nome que têm. O medo de um nome aumenta o medo da coisa em si.
– Sim, senhor. Bem, Voldemort vai tentar outras maneiras de voltar, não vai? Quero dizer, ele não foi de vez, foi?
– Não, Harry, não foi. Continua por aí em algum lugar, talvez procurando outro corpo para compartir... sem estar propriamente vivo, ele não pode ser morto. Abandonou Quirrell à morte; ele demonstra a mesma falta de piedade tanto com os amigos quanto com os inimigos. No entanto, Harry, embora você talvez tenha apenas retardado a volta dele ao poder, da próxima vez só precisaremos de outro alguém que esteja preparado para lutar o que parece ser uma batalha perdida. E se ele for retardado repetidamente, ora, talvez nunca retome o poder.
Harry concordou com um gesto, mas parou na mesma hora, porque o aceno

fez-lhe doer a cabeça. Então disse:
– Professor, há outras coisas que gostaria de saber, se o senhor puder me dizer... coisas que eu gostaria de saber a verdade...
– A verdade – suspirou Dumbledore – é uma coisa bela e terrível, e portanto deve ser tratada com grande cautela. Mas, vou responder às suas perguntas, a não ser que haja uma boa razão para não fazê-lo, caso em que eu peço que me perdoe. Não vou, é claro, mentir.
– Bom... Voldemort disse que só matou minha mãe porque ela tentou impedi-lo de me matar. Mas por quê, afinal, ele iria querer me matar?
Dumbledore suspirou muito profundamente desta vez.
– Que pena, a primeira coisa que você me pergunta, eu não vou poder responder. Não hoje. Não agora. Você vai saber, um dia... por ora tire isso da cabeça, Harry. Quando você for mais velho... Sei que detesta ouvir isso... mas quando estiver pronto, você vai saber.
E Harry entendeu que não ia adiantar insistir.
– Mas por que Quirrell não podia me tocar?
– Sua mãe morreu para salvar você. Se existe uma coisa que Voldemort não consegue compreender é o amor. Ele não entende que um amor forte como o de sua mãe por você deixa uma marca própria. Não é uma cicatriz, não é um sinal visível... ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido, nos confere uma proteção eterna. Está entranhada em nossa pele. Por isso Quirrell, cheio de ódio, avareza e ambição, compartindo a alma com Voldemort, não podia tocá-lo. Era uma agonia tocar uma pessoa marcada por algo tão bom.
Então, Dumbledore se interessou muito por um passarinho no peitoril da janela, o que deu tempo a Harry para enxugar os olhos com o lençol. Quando recuperou a voz, disse:
– E a capa da invisibilidade? O senhor sabe quem a mandou para mim?
– Ah, por acaso seu pai deixou-a comigo e eu achei que você talvez gostasse. – Os olhos de Dumbledore faiscaram. – Coisas úteis... seu pai usava-a principalmente para ir escondido às cozinhas roubar comida, quando estava aqui.
– E tem mais uma coisa...
– Diga.
– Quirrell disse que Snape...
– O Prof. Snape, Harry.
– Sim, senhor, ele... Quirrell disse que ele me odeia porque odiava meu pai. Isso é verdade?
– Bom, eles se detestavam bastante. Mas não é diferente de você com o Sr. Malfoy. E, além disso, seu pai fez uma coisa que Snape nunca pôde perdoar.

– O quê?
– Salvou a vida dele.
– *O quê?*
– É... – disse Dumbledore, sonhador. – É engraçado como a cabeça das pessoas funciona, não é? O Prof. Snape não conseguiu suportar o fato de estar em dívida com o seu pai. Acredito que tenha se esforçado para proteger você este ano, porque achou que isso o deixaria quite com o seu pai. Assim podia voltar a odiar a memória do seu pai em paz...
Harry tentou compreender mas sentiu a cabeça latejar, por isso parou.
– E, professor, só mais uma coisa...
– Só essa?
– Como foi que tirei a Pedra do espelho?
– Ah, fico satisfeito que você tenha me perguntado. Foi uma das minhas ideias mais brilhantes, e cá entre nós, isto é alguma coisa. Sabe, só uma pessoa que quisesse *encontrar* a Pedra, encontrar sem usá-la, poderia obtê-la; de outra forma, a pessoa só iria se ver produzindo ouro e bebendo elixir da vida. O meu cérebro às vezes surpreende até a mim... Agora chega de perguntas. Sugiro que comece a comer esses doces. Ah, feijõezinhos de todos os sabores! Quando eu era moço tive a infelicidade de encontrar um com gosto de vômito, e desde então receio que tenha perdido o gosto por eles. Mas acho que não corro perigo com um gostoso caramelo, não acha? – E sorrindo jogou um feijãozinho caramelo escuro na boca. Então se engasgou e disse:
“Que pena! Cera de ouvido!”

Madame Pomfrey, a encarregada do hospital, era uma boa pessoa, mas muito rigorosa.
– Só cinco minutos – suplicou Harry.
– Absolutamente não.
– A senhora deixou o Prof. Dumbledore entrar.
– Bom, é claro, ele é o diretor, é muito diferente. Você precisa *descansar*.
– Estou descansando, olhe, deitado e tudo. Ah, por favor, Madame Pomfrey.
– Ah, muito bem. Mas *só* cinco minutos.
E ela deixou Rony e Hermione entrarem.
– *Harry!*
Hermione parecia prestes a abraçá-lo outra vez, mas Harry gostou que tivesse se contido porque a cabeça dele ainda estava muito doída.
– Ah, Harry, nós estávamos certos que você ia... Dumbledore estava tão preocupado...
– A escola inteira não fala em outra coisa – disse Rony. – Mas, no duro, o que

foi que aconteceu?

Era uma das raras ocasiões em que a história verdadeira é ainda mais estranha e excitante do que os boatos fantásticos. Harry contou tudo: Quirrell; o espelho; a Pedra e Voldemort.

Rony e Hermione eram bons ouvintes; exclamavam nas horas certas e quando Harry lhes disse o que havia sob o turbante de Quirrell, Hermione soltou um grito.

– Então a Pedra acabou? – perguntou Rony finalmente. – Flamel simplesmente vai *morrer*?

– Foi o que perguntei, mas Dumbledore acha que... como foi mesmo?... que para a mente bem estruturada a morte é a grande aventura seguinte.

– Eu sempre disse que ele era biruta – disse Rony, parecendo muito impressionado com a grande loucura do seu herói.

– Então o que aconteceu com vocês dois? – perguntou Harry.

– Bom, eu voltei sem problemas – disse Hermione. – Fiz Rony voltar a si, isso levou algum tempo, e estávamos correndo para o corujal para nos comunicar com Dumbledore quando o encontramos no saguão de entrada, ele já sabia, e só disse “Harry foi atrás dele, não foi?”, e saiu desabalado para o terceiro andar.

– Você acha que ele queria que você fizesse aquilo? – perguntou Rony. – Mandou a capa do seu pai e tudo o mais?

– Bom! – explodiu Hermione. – Se ele fez isso... quero dizer... isso é horrível... você podia ter sido morto.

– Não, não é horrível – disse Harry, pensativo. – Ele é um homem engraçado, o Dumbledore. Acho que meio que queria me dar uma chance. Acho que sabe mais ou menos tudo o que acontece por aqui, sabe? Imagino que tivesse uma boa ideia do que íamos tentar fazer e em lugar de nos impedir, ele simplesmente ensinou o suficiente para nos ajudar. Não acho que tenha sido por acaso que me deixou descobrir como o espelho funcionava. Era quase como se pensasse que eu tinha o direito de enfrentar Voldemort se pudesse...

– É, a marca de Dumbledore, com certeza – disse Rony, orgulhoso. – Olhe, você precisa estar bom para a festa de fim de ano, amanhã. Os pontos já foram todos computados e Sonserina ganhou, é claro. Você faltou ao último jogo de quadribol, fomos estraçalhados por Corvinal sem você. Mas a comida vai ser legal.

Nesse instante, Madame Pomfrey irrompeu no quarto.

– Vocês já estão aí há quinze minutos, agora FORA – disse com firmeza.

Depois de uma boa noite de sono, Harry se sentiu quase normal.

– Quero ir à festa – disse a Madame Pomfrey, quando ela estava arrumando

suas muitas caixas de doces. – Posso, não posso?
– O Prof. Dumbledore disse que devo deixar você ir – respondeu ela fungando, como se, na sua opinião, o Prof. Dumbledore não percebesse os riscos que uma festa pode oferecer. – E você tem outra visita.
– Que bom. Quem é?
Hagrid foi-se esgueirando pela porta enquanto Harry indagava. Em geral quando estava dentro de casa, Hagrid parecia demasiado grande para que o deixassem entrar. Sentou-se ao lado de Harry, deu uma olhada e caiu no choro.
– É... tudo... minha... culpa! – soluçou, o rosto nas mãos. – Eu informei ao mal como passar por Fofo! Eu informei! Era a única coisa que ele não sabia e eu informei! Você podia ter morrido! Tudo por causa de um ovo de dragão! Nunca mais vou beber! Eu devia ser demitido e mandado viver como trouxa!
– Rúbeo! – chamou Harry chocado por vê-lo sacudir de tristeza e remorso, as grandes lágrimas se infiltrando pela barba. – Rúbeo, ele teria descoberto de qualquer maneira, estamos falando de Voldemort, teria descoberto mesmo que você não tivesse informado.
– Mas você podia ter morrido! – soluçou Hagrid – E não diga o nome dele!
– VOLDEMORT! – berrou Harry, e Hagrid levou um choque tão grande que parou de chorar. – Estive com ele cara a cara e vou chamá-lo pelo nome que tem. Por favor, anime-se, Rúbeo, salvamos a Pedra, ela foi destruída e ele não poderá usá-la. Coma um sapo de chocolate. Tenho um montão...
Hagrid secou o nariz com o dorso da mão e disse:
– Ah, isso me lembra. Trouxe um presente para você.
– Não é um sanduíche de carne de arminho, é? – perguntou Harry, ansioso, e, finalmente, Hagrid deu uma risadinha.
– Não, Dumbledore me deu folga ontem para eu providenciar. Claro, devia mais é ter me demitido. Em todo o caso, trouxe isto para você...
Parecia ser um belo livro encadernado em couro. Harry abriu-o, curioso. Estava cheio de retratos de bruxos. De cada página, sorrindo e acenando para ele, estavam sua mãe e seu pai.
– Mandei corujas para todos os velhos amigos de escola de seu pai e sua mãe, pedindo fotos... Eu sabia que você não tinha nenhuma... Gostou?
Harry nem conseguiu falar, mas Hagrid compreendeu.

Harry desceu para a festa de fim de ano sozinho aquela noite. Atrasara-se com os cuidados de Madame Pomfrey, que insistiu em lhe fazer um último check-up, de modo que o Salão Principal já se enchera. Estava decorado com as cores de Sonserina, verde e prata, para comemorar sua conquista do campeonato das casas pelo sétimo ano consecutivo. Uma enorme bandeira com a serpente de

Sonserina cobria a parede atrás da mesa principal.
Quando Harry entrou, houve um silêncio momentâneo e em seguida todos começaram a falar alto e ao mesmo tempo. Ele se sentou discretamente numa cadeira entre Rony e Hermione à mesa da Grifinória e tentou fingir que não via as pessoas se levantarem para espiá-lo.
Felizmente, Dumbledore chegou instantes depois. A algazarra foi serenando.
– Mais um ano que passou! – disse Dumbledore alegremente. – E preciso incomodar vocês com a falação asmática de um velho antes de cairmos de boca nesse delicioso banquete. E que ano tivemos! Espero que as suas cabeças estejam um pouquinho menos ocas do que antes... vocês têm o verão inteiro para esvaziá-las muito bem, antes do próximo ano letivo.
"Agora, pelo que entendi, a taça das casas deve ser entregue e a contagem de pontos é a seguinte: em quarto lugar Grifinória, com trezentos e doze pontos; em terceiro, Lufa-Lufa, com trezentos e cinquenta e dois pontos; Corvinal, com quatrocentos e vinte e seis; e Sonserina com quatrocentos e setenta e dois pontos."
E uma tempestade de pés e mãos batendo irrompeu da mesa de Sonserina. Era uma cena nauseante.
– Sim, senhores, Sonserina está de parabéns. No entanto, temos de levar em conta os recentes acontecimentos.
A sala mergulhou em profundo silêncio.
– Tenho alguns pontos de última hora para conferir. Vejamos. Sim...
"Primeiro: ao Sr. Ronald Weasley..."
O rosto de Rony se coloriu de vermelho-vivo; parecia um rabanete que apanhara sol demais na praia.
– ... pelo melhor jogo de xadrez presenciado por Hogwarts em muitos anos, eu confiro à Grifinória cinquenta pontos.
Os vivas da Grifinória quase levantaram o teto encantado; as estrelas lá no alto pareceram estremecer. Ouviram Percy dizer aos outros monitores: "É o meu irmão, sabem! O meu irmão caçula! Venceu uma partida no jogo vivo de xadrez de MacGonagall!"
Finalmente voltaram a fazer silêncio.
– Segundo: à Srta. Hermione Granger... pelo uso de lógica inabalável diante do fogo, concedo à Grifinória cinquenta pontos.
Hermione escondeu o rosto nos braços; Harry teve a forte suspeita de que caíra no choro. Os alunos da Grifinória por toda a mesa não cabiam em si de contentes – tinham subido cem pontos.
– Terceiro: ao Sr. Harry Potter. – A sala ficou mortalmente silenciosa. – Pela frieza e excepcional coragem, concedo à Grifinória sessenta pontos.

A balbúrdia foi ensurdecedora. Os que conseguiam somar enquanto berravam de ficar roucos sabiam que Grifinória agora chegara a quatrocentos e setenta e dois pontos – exatamente o mesmo que Sonserina. Precisariam sortear a taça das casas – se ao menos Dumbledore tivesse dado a Harry mais um pontinho.

Dumbledore ergueu a mão. A sala gradualmente se aquietou.

– Existe todo tipo de coragem – disse Dumbledore sorrindo. – É preciso muita audácia para enfrentarmos os nossos inimigos, mas igual audácia para defendermos os nossos amigos. Portanto, concedo dez pontos ao Sr. Neville Longbottom.

Alguém que estivesse do lado de fora do Salão Principal poderia ter pensado que ocorrera uma explosão, tão alta foi a barulheira que irrompeu na mesa da Grifinória. Harry, Rony e Hermione se levantaram para gritar e dar vivas enquanto Neville, branco de susto, desaparecia debaixo de uma montanha de gente que o abraçava. Jamais ganhara um único ponto para Grifinória antes. Harry, ainda gritando, cutucou Rony nas costelas indicando Malfoy, que não poderia ter feito uma cara mais perplexa e horrorizada se tivesse acabado de ser encantado com o Feitiço do Corpo Preso.

– O que significa – continuou Dumbledore procurando se sobrepor à tempestade de aplausos, porque até Corvinal e Lufa-Lufa estavam comemorando a derrota de Sonserina – que precisamos fazer uma pequena mudança na decoração.

E, dizendo isto, bateu palmas. Num instante, os panos verdes se tornaram vermelhos e, os prateados, dourados; a grande serpente de Sonserina desapareceu e o imponente leão da Grifinória tomou o seu lugar. Snape apertou a mão da Profa. Minerva, com um horrível sorriso amarelo. Seu olhar encontrou o de Harry e o menino percebeu, no mesmo instante, que os sentimentos de Snape com relação a ele não tinham mudado nem um pingo. Isto não o preocupou. Parecia-lhe que sua vida voltaria ao normal no próximo ano, ou tão normal quanto ela poderia ser em Hogwarts.

Foi a melhor noite da vida de Harry, melhor do que a vitória no quadribol ou a ceia de Natal ou o encontro com o trasgo... jamais esqueceria esta noite.

Harry quase esquecera que os resultados dos exames ainda estavam por vir, mas eles não deixaram de vir. Para sua grande surpresa, tanto ele quanto Rony passaram com boas notas; Hermione, é claro, foi a melhor do ano. Até Neville passou raspando, sua boa nota em Herbologia compensou a péssima nota em Poções. Tinham tido esperanças de que Goyle, que era quase tão burro quanto era mau, fosse expulso, mas ele também passou. Foi uma pena, mas, como disse Rony, não se podia ter tudo na vida.

E, de repente, seus guarda-roupas ficaram vazios, os malões arrumados, o sapo de Neville foi encontrado escondido em um canto do banheiro; as notas foram entregues a todos os alunos, com o aviso de que não fizessem bruxarias durante as férias ("Eu sempre tenho a esperança de que eles se esqueçam de entregar as notas e o aviso" – lamentou Fred Weasley); Hagrid estava a postos para levá-los à flotilha de barcos que fazia a travessia do lago; e, no momento seguinte, estavam embarcando no Expresso de Hogwarts; conversando e rindo à medida que os campos se tornavam mais verdes e mais cuidados; comendo feijõezinhos de todos os sabores enquanto atravessavam as cidades dos trouxas; trocando as vestes de bruxos pelos blusões e paletós; parando na plataforma nove e meia na estação de King's Cross.

Levou um bom tempo para todos desembarcarem na plataforma. Um guarda muito velho estava postado na saída e os deixava passar em grupos de dois e três para não chamarem atenção ao irromper todos ao mesmo tempo por uma parede sólida, assustando os trouxas.

– Vocês precisam vir passar uns dias conosco – disse Rony. – Os dois. Vou mandar uma coruja para vocês.

– Obrigado – disse Harry. – Preciso ter alguma coisa por que esperar.

As pessoas passavam empurrando-os ao se dirigirem para a saída para o mundo dos trouxas. Alguns gritavam:

– Tchau, Harry!

– Nos vemos por aí, Potter!

– Continua famoso – comentou Rony, sorrindo para o amigo.

– Não aonde eu vou, posso lhe garantir.

Ele, Rony e Hermione passaram juntos pelo portão.

– Olha lá ele, mamãe, olha lá ele, olha!

Era Gina Weasley, a irmãzinha de Rony, mas não apontava para Rony.

– Harry Potter! – gritou com a vozinha fina. – Olhe, mamãe! Estou vendo...

– Fique quieta, Gina, é falta de educação apontar.

A Sra. Weasley sorriu para eles.

– Muito trabalho este ano?

– Muito – respondeu Harry. – Obrigado pelas barrinhas de chocolate e pela suéter, Sra. Weasley.

– Ah, de nada, querido.

– Está pronto?

Era tio Válter, ainda com a cara vermelhona, ainda bigodudo, ainda parecendo furioso com a audácia de Harry de andar carregando uma coruja numa gaiola por uma estação cheia de gente normal. Atrás dele, achavam-se tia Petúnia e Duda, parecendo aterrorizados só de olhar para Harry.

– Vocês devem ser a família de Harry! – falou a Sra. Weasley.

– Por assim dizer – respondeu tio Válter. – Ande logo, menino, não temos o dia inteiro. – E se afastou.

Harry ainda demorou para trocar uma última palavrinha com Rony e Hermione.

– Vejo vocês durante as férias, então.

– Espero que você tenha... hã... umas boas férias – disse Hermione, olhando hesitante para tio Válter, espantada que alguém pudesse ser tão desagradável.

– Ah, claro que sim – respondeu Harry, e eles ficaram surpresos com o sorriso que se espalhava pelo seu rosto. – *Eles* não sabem que não podemos fazer bruxarias em casa. Vou me divertir à beça com o Duda este verão...

HARRY POTTER

e a

CÂMARA SECRETA

2

J.K. ROWLING

Para Seán P. F. Harris, motorista do carro de fuga
e amigo dos dias tempestuosos

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —

O pior aniversário

Não era a primeira vez que irrompia uma discussão à mesa do café da manhã na rua dos Alfeneiros número 4. O Sr. Válter Dursley fora acordado nas primeiras horas da manhã por um pio alto que vinha do quarto do seu sobrinho Harry.

– É a terceira vez esta semana! – berrou ele à mesa. – Se você não consegue controlar essa coruja, teremos que mandá-la embora!

Harry tentou explicar, mais uma vez.

– Ela está *chateada*. Está acostumada a voar ao ar livre. Se eu ao menos pudesse soltá-la à noite...

– Eu tenho cara de idiota? – rosnou tio Válter, um pedaço de ovo pendurado na bigodeira. – Eu sei o que vai acontecer se você soltar essa coruja.

Ele trocou olhares assustados com sua mulher, Petúnia.

Harry tentou argumentar, mas suas palavras foram abafadas por um alto e prolongado arroto dado pelo filho de Dursley, Duda.

– Quero mais *bacon*.

– Tem mais na frigideira, fofinho – disse tia Petúnia, voltando os olhos úmidos para o filho maciço. – Precisamos alimentá-lo bem enquanto temos oportunidade... Não gosto do jeito daquela comida da escola...

– Bobagem, Petúnia, nunca *passei* fome quando estive em Smeltings – disse tio Válter animado. – Duda come bastante, não come, filho?

Duda, que era tão gordo que a bunda sobrava para os lados da cadeira da cozinha, sorriu e virou-se para Harry.

– Passe a frigideira.

– Você esqueceu a palavra mágica – disse Harry irritado.

O efeito desta simples frase no resto da família foi inacreditável. Duda ofegou e caiu da cadeira com um baque que sacudiu a cozinha inteira; a Sra. Dursley

soltou um gritinho e levou as mãos à boca; o Sr. Dursley levantou-se com um salto, as veias latejando nas têmporas.

– Eu quis dizer "por favor"! – explicou Harry depressa. – Não quis dizer...

– QUE FOI QUE JÁ LHE DISSE – trovejou o tio, borrifando saliva pela mesa. – COM RELAÇÃO A DIZER ESSA PALAVRA COM "M" NA NOSSA CASA?

– Mas eu...

– COMO SE ATREVE A AMEAÇAR DUDA! – berrou tio Válter, dando um soco na mesa.

– Eu só...

– EU O AVISEI! NÃO VOU TOLERAR A MENÇÃO DA SUA ANORMALIDADE DEBAIXO DO MEU TETO!

Harry olhava do rosto purpúreo do tio para o rosto pálido da tia, que tentava pôr Duda de pé.

– Está bem – disse Harry –, *está bem*...

O tio Válter se sentou, respirando como um rinoceronte sem fôlego e observando Harry com atenção pelos cantos dos olhinhos penetrantes.

Desde que Harry voltara para passar as férias de verão em casa, tio Válter o tratava como uma bomba que fosse explodir a qualquer momento, porque Harry Potter *não era* um menino normal. Aliás ele era tão anormal quanto era possível ser.

Harry Potter era um bruxo – um bruxo que acabara de terminar o primeiro ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. E se os Dursley se sentiam infelizes de tê-lo ali nas férias, isso não era nada comparado ao que Harry sentia.

Sentia tanta falta de Hogwarts que era como se tivesse uma dor de barriga permanente. Sentia falta do castelo, com seus fantasmas e suas passagens secretas, das aulas (exceto talvez a de Snape, o professor de Poções), do correio trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Principal, de dormir em uma cama de baldaquino no dormitório da torre, das visitas ao guarda-caça, Hagrid, em sua cabana na orla da Floresta Proibida nos terrenos da escola, e, principalmente, do quadribol, o esporte mais popular no mundo dos bruxos (seis postes altos para delimitar o gol, quatro bolas voadoras e catorze jogadores montados em vassouras).

Todos os livros de feitiços, a varinha, as vestes, o caldeirão e a vassoura Nimbus 2000, último tipo, pertencentes a Harry tinham sido trancados no armário debaixo da escada pelo tio Válter no instante em que o sobrinho pisara em casa. Que importava aos Dursley se Harry perdesse o lugar no time de quadribol da Casa porque não praticara o verão inteiro? O que significava para os Dursley que Harry voltasse para a escola sem os deveres de casa feitos? Os

Dursley eram o que os bruxos chamavam de trouxas (sem um pingo de sangue mágico nas veias) e na opinião deles ter um bruxo na família era uma questão da mais profunda vergonha. Tio Válter havia até passado o cadeado na gaiola da coruja de Harry, Edwiges, para impedi-la de levar mensagens para alguém no mundo dos bruxos.

Harry não se parecia nada com o resto da família. Tio Válter era corpulento e sem pescoço, com uma enorme bigodeira preta; a tia Petúnia tinha uma cara de cavalo e era ossuda; Duda era louro, rosado e lembrava um porquinho. Já o Harry era pequeno e magricela, com olhos verde-vivos e cabelos muito pretos que estavam sempre despenteados. Usava óculos redondos e, na testa, tinha uma cicatriz fina em forma de raio.

Era esta cicatriz que tornava Harry tão diferente, mesmo para um bruxo. A cicatriz era o único vestígio do seu passado muito misterioso, da razão por que fora deixado no batente dos Dursley, onze anos antes.

Com a idade de um ano, Harry por alguma razão sobrevivera aos feitiços do maior bruxo das trevas de todos os tempos, Lorde Voldemort, cujo nome a maioria dos bruxos e bruxas ainda tinha medo de pronunciar. Os pais de Harry morreram ao serem atacados por Voldemort, mas o garoto escapara com a cicatriz em forma de raio e por alguma razão – ninguém entendia muito bem – os poderes de Voldemort tinham sido destruídos na hora em que não conseguira matá-lo.

Assim, Harry fora criado pela irmã e o cunhado de sua falecida mãe. Passara dez anos com os Dursley, sem nunca compreender por que fazia coisas estranhas acontecerem o tempo todo sem querer, acreditando na história dos Dursley de que sua cicatriz resultara do acidente de automóvel que matara seus pais.

Então, há exatamente um ano, Hogwarts escrevera a Harry, e a história toda fora revelada. O garoto ocupara sua vaga na escola de bruxaria, onde ele e sua cicatriz eram famosos... mas agora o ano letivo terminara, e ele voltara à casa dos Dursley para passar o verão, voltara a ser tratado como um cachorro que andara se esfregando em alguma coisa fedorenta.

Os Dursley nem sequer se lembraram que hoje, por acaso, era o décimo segundo aniversário de Harry. Naturalmente ele não alimentava grandes esperanças; seus parentes jamais tinham lhe dado um presente de verdade, muito menos um bolo – mas esquecê-lo completamente...

Naquele momento, o tio Válter pigarreou cheio de pose e disse:

– Hoje, como todos sabemos, é um dia muito importante.

Harry ergueu os olhos, mal se atrevendo a acreditar.

– Hoje talvez venha a ser o dia em que vou fechar o maior negócio de minha carreira.

Harry tornou a se concentrar em sua torrada. *Naturalmente*, pensou com amargura, *tio Válter estava falando daquele jantar idiota*. Não falava de outra coisa havia duas semanas. Um construtor rico e sua mulher vinham jantar e tio Válter tinha esperanças de receber um grande pedido (a companhia de tio Válter fabricava brocas).

– Acho que devemos repassar o programa mais uma vez – disse ele. – Precisamos todos estar em posição às oito horas. Petúnia, você vai estar...?

– Na sala de visitas – disse tia Petúnia sem pestanejar – esperando para dar as boas-vindas como manda a etiqueta.

– Ótimo, ótimo. E o Duda?

– Vou esperar para abrir a porta. – Duda deu um sorriso desagradável e hipócrita.

"Posso guardar os seus casacos, Sr. e Sra. Mason?"

– Eles vão *adorá-lo*! – exclamou tia Petúnia arrebatada.

– Excelente, Duda – disse tio Válter. Em seguida dirigiu-se zangado a Harry. – E *você*?

– Vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou em casa – disse Harry monotonamente.

– Exatamente – disse tio Válter, sarcástico. – Eu levo o casal para a sala de visitas, apresento você, Petúnia, e sirvo os drinques. Às oito e quinze...

– Eu anuncio o jantar – disse tia Petúnia.

– E Duda, você vai dizer...

– Posso acompanhá-la à sala de jantar, Sra. Mason? – disse Duda oferecendo o braço gordo a uma mulher invisível.

– Meu perfeito cavalheirinho! – fungou tia Petúnia.

– E *você*? – perguntou tio Válter malevolamente a Harry.

– Vou estar no meu quarto, sem fazer nenhum barulho, fingindo que não estou em casa – respondeu Harry sem emoção.

– Precisamente. Agora vamos procurar fazer uns elogios realmente bons ao jantar. Petúnia, alguma sugestão?

– Válter me contou que o senhor é um *excelente* jogador de golfe, Sr. Mason... Onde foi que a senhora comprou o seu vestido, me conte por favor, Sra. Mason...

– Perfeito... Duda?

– Que tal... Tivemos que fazer uma redação na escola sobre o nosso herói, Sr. Mason, e *eu* escrevi sobre o *senhor*.

Essa foi demais tanto para Petúnia quanto para Harry. Tia Petúnia debulhou-se em lágrimas e abraçou o filho, e Harry mergulhou embaixo da mesa para que não o vissem rindo.

– E você, seu moleque?

Harry fez força para manter a cara séria enquanto se endireitava.
– Vou estar no meu quarto, sem fazer nenhum barulho, fingindo que não estou em casa.
– E pode ter certeza que vai – disse tio Válter com vigor. – Os Mason não sabem que você existe e vão continuar sem saber. Quando terminar o jantar, você leva a Sra. Mason de volta à sala de visitas para o cafezinho, Petúnia, e eu vou puxar o assunto das brocas. Com alguma sorte, o contrato vai estar assinado e selado antes do noticiário das dez. Amanhã a estas horas vamos estar procurando uma casa de férias em Majorca para comprar.
Harry não conseguiu se animar muito com a ideia. Não achava que os Dursley fossem gostar mais dele em Majorca do que gostavam na rua dos Alfeneiros.
– Tudo certo, estou indo à cidade apanhar os smokings para mim e Duda. E *você* – rosnou ele para Harry –, trate de ficar fora do caminho de sua tia enquanto ela está limpando a casa.
Harry saiu pela porta dos fundos. Fazia um dia claro e ensolarado. Ele atravessou o jardim, se largou em cima de um banco e cantou baixinho:
– Parabéns para mim... parabéns para mim...
Nada de cartões, nada de presentes e ia passar a noite fingindo que não existia. Ele contemplou, infeliz, a sebe do jardim. Nunca se sentira tão solitário. Mais do que qualquer outra coisa em Hogwarts, mais até que do jogo de quadribol, Harry sentia falta dos seus melhores amigos, Rony Weasley e Hermione Granger. Mas parecia que os amigos não estavam sentindo falta dele. Nenhum dos dois lhe escrevera o verão inteiro, embora Rony tivesse dito que o convidaria para passar uns dias em sua casa.
Inúmeras vezes, Harry estivera a ponto de usar a magia para destrancar a gaiola de Edwiges e mandá-la a Rony e Mione com uma carta, mas não valia o risco. Bruxos menores de idade não podiam usar a magia fora da escola. Harry não contara isso aos Dursley; sabia que era apenas o terror que sentiam de que ele os transformasse em besouros bosteiros que os impedira de trancá-lo no armário embaixo da escada com a varinha e a vassoura. Mas, nas primeiras semanas de sua volta, Harry se divertira em murmurar palavras sem sentido, baixinho e em observar Duda sair correndo da sala o mais depressa que suas pernas gordas podiam aguentá-lo. Mas o longo silêncio de Rony e Mione fizera com que Harry se sentisse tão desligado do mundo da magia que até atormentar Duda tinha perdido a graça – e agora os dois amigos tinham se esquecido do seu aniversário.
O que ele não daria agora para receber uma mensagem de Hogwarts? De algum bruxo ou bruxa? Conseguiria até se alegrar com a visão do seu arqui-inimigo, Draco Malfoy, só para ter certeza de que tudo não passara de um

sonho...
Não que o ano todo em Hogwarts tivesse sido uma brincadeira. No finzinho do último trimestre, Harry se vira frente a frente com Lorde Voldemort em pessoa. O bruxo poderia ser um destroço do que fora, mas ainda inspirava terror, ainda era astuto, ainda estava decidido a retomar o poder. Harry escorregara por entre as garras de Voldemort uma segunda vez, mas fora por um triz, e mesmo agora, semanas depois, Harry continuava a acordar à noite, encharcado de suor frio, imaginando onde estaria Voldemort neste momento, lembrando-se do seu rosto lívido, dos seus olhos arregalados e delirantes...
Harry endireitou-se de repente no banco do jardim. Estivera olhando distraidamente para a sebe – *e a sebe estava olhando para ele*. Dois enormes olhos verdes tinham aparecido entre as folhas.
O garoto levantou-se de um salto no mesmo instante em que uma voz debochada atravessou o gramado.
– Eu sei que dia é hoje – cantarolou Duda, andando feito um pato em sua direção.
Os olhos enormes piscaram e desapareceram.
– Quê? – disse Harry sem despregar os olhos do lugar onde os tinha visto.
– Eu sei que dia é hoje – repetiu Duda, aproximando-se.
– Muito bem – disse Harry. – Até que enfim você aprendeu os dias da semana.
– Hoje é o seu *aniversário* – caçoou Duda. – Como é que você não recebeu nenhum cartão? Será que você não tem amigos nem naquele lugar esquisito?
– É melhor não deixar sua mãe ouvir você falando da minha escola – disse Harry com toda a calma.
Duda puxou para cima as calças que estavam escorregando pelo seu traseiro gordo.
– Por que é que você estava olhando para a sebe? – perguntou, desconfiado.
– Estou tentando decidir qual será o melhor feitiço para tacar fogo nela – respondeu Harry.
Duda recuou aos tropeços na mesma hora, com uma expressão de pânico no rosto.
– Você não p-pode, papai disse que você não pode fazer m-mágicas, disse que expulsa você de casa, e você não tem para onde ir, você não tem nenhum *amigo* que possa ficar com você...
– *Jígueri pôqueri!* – disse Harry com ferocidade. – *Hócus pócus... esquígli wígli...*
– MÃÃÃÃÃÃE! – berrou Duda, tropeçando nos próprios pés enquanto disparava para dentro de casa. – MÃÃÃÃE! Ele está fazendo aquilo que você sabe!

Harry pagou muito caro por aquele momento de prazer. Como nem Duda nem a cerca tinham sido molestados, tia Petúnia viu que ele não tinha feito mágica alguma, mas ainda assim ele precisou se encolher quando a tia tentou acertar sua cabeça com uma pesada frigideira cheia de sabão. Em seguida ela lhe deu trabalho para fazer, com a promessa de que ele não iria comer nada até terminar.

Enquanto Duda ficou por ali apreciando e se enchendo de sorvete, Harry lavou as janelas, lavou o carro, aparou o gramado, limpou os canteiros, podou e regou as roseiras e repintou o banco do jardim. O sol escaldava lá no alto, queimando sua nuca. Harry sabia que não devia ter mordido a isca de Duda, mas o primo dissera exatamente aquilo que ele andara pensando com os seus botões... talvez *não* tivesse amigos em Hogwarts...

Gostaria que eles pudessem ver o famoso Harry Potter agora, pensou com selvageria enquanto espalhava estrume nos canteiros, com as costas doendo e o suor escorrendo pelo rosto.

Eram sete e meia da noite quando finalmente, exausto, ele ouviu tia Petúnia chamá-lo.

– Venha já aqui! E ande em cima dos jornais!

Harry transferiu-se com prazer para a sombra da cozinha reluzente. Em cima da geladeira estava o pudim do jantar: uma montanha de creme batido e violetas cristalizadas. Um lombo de porco assado chiava no forno.

– Coma depressa! Os Mason não vão demorar a chegar! – disse com rispidez tia Petúnia, apontando para as duas fatias de pão e um pedaço de queijo em cima da mesa da cozinha. Ela já pusera o vestido de noite salmão.

Harry lavou as mãos e engoliu seu jantar miserável. No instante em que terminou, a tia retirou seu prato.

– Já para cima! Depressa!

Ao passar pela porta da sala de visitas, Harry vislumbrou o tio e Duda de gravata-borboleta e smoking. Mal acabara de chegar ao patamar do primeiro andar quando a campainha tocou, e a cara furiosa do tio Válter apareceu ao pé da escada.

– Lembre-se, seu moleque, nem um pio...

Harry foi para o seu quarto na ponta dos pés, se esgueirou para dentro, fechou a porta e se virou para cair na cama.

O problema foi que já havia alguém sentado nela.

— CAPÍTULO DOIS —

O aviso de Dobby

Harry conseguiu não gritar, mas foi por pouco. A criaturinha em sua cama tinha orelhas grandes como as de um morcego e olhos esbugalhados e verdes do tamanho de bolas de tênis. Harry percebeu na mesma hora que era aquilo que o andara observando na sebe do jardim àquela manhã.

Enquanto se entreolhavam, Harry ouviu a voz de Duda no hall.

– Posso guardar os seus casacos, Sr. e Sra. Mason?

A criatura escorregou da cama e fez uma reverência tão exagerada que seu nariz, comprido e fino, encostou no tapete. Harry reparou que ela vestia uma coisa parecida com uma fronha velha, com fendas para enfiar as pernas e os braços.

– Ah... alô – cumprimentou Harry nervoso.

– Harry Potter! – exclamou a criatura com uma voz esganiçada que Harry teve certeza de que seria ouvida no andar de baixo. – Há tanto tempo que Dobby quer conhecê-lo, meu senhor... É uma grande honra...

– Ob-obrigado – respondeu Harry, andando encostado à parede para se largar na cadeira da escrivaninha, perto de Edwiges, que dormia em sua gaiola espaçosa. Teve vontade de perguntar “Que coisa é você?”, mas achou que poderia parecer muito mal-educado, e em vez disso perguntou: – Quem é você?

– Dobby, meu senhor. Apenas Dobby. Dobby, o elfo doméstico – disse a criatura.

– Ah... é mesmo? Ah... não quero ser grosseiro nem nada, mas... a hora não é muito própria para ter um elfo doméstico no meu quarto.

Ouviu-se a risada aguda e falsa de tia Petúnia na sala. O elfo baixou a cabeça.

– Não que eu não esteja contente de conhecê-lo – acrescentou Harry depressa –, mas, ah, tem alguma razão especial para você estar aqui?

– Ah, claro, meu senhor – disse Dobby muito sério. – Dobby veio dizer ao senhor, meu senhor... é difícil, meu senhor... Dobby fica se perguntando por onde começar...

– Sente-se – disse Harry gentilmente, apontando para a cama.

Para seu horror, o elfo caiu no choro – um choro muito alto.

– *S-sen-te-se!* – chorou. – *Nunca... nunca na vida*...

Harry pensou ter ouvido as vozes no andar de baixo hesitarem.

– Me desculpe – sussurrou. – Não quis ofendê-lo nem nada...

– Ofender Dobby! – engasgou-se o elfo. – Dobby *nunca* foi convidado a se sentar por um bruxo... como um *igual*...

Harry, tentando ao mesmo tempo fazer o elfo se calar e dar a impressão de consolá-lo, levou Dobby de volta à cama, onde o elfo se sentou entre soluços, parecendo uma boneca enorme e muito feia. Por fim ele conseguiu se controlar e se sentou, os grandes olhos fixos em Harry com uma expressão de aquosa admiração.

– Vai ver você nunca encontrou muitos bruxos decentes – disse Harry para animá-lo.

Dobby sacudiu a cabeça. Depois, sem aviso, saltou da cama e começou a bater a cabeça, furiosamente na janela, gritando "Dobby *mau*! Dobby *mau*!".

– Não... que é que está fazendo? – Harry sibilou, levantando-se depressa para puxar Dobby de volta para a cama. Edwiges acordara com um pio particularmente alto e batia as asas assustada contra as grades da gaiola.

– Dobby teve que se castigar, meu senhor – disse o elfo, que ficara ligeiramente vesgo. – Dobby quase falou mal da própria família, meu senhor...

– Sua família?

– A família de bruxos a que Dobby serve, meu senhor... Dobby é um elfo doméstico, obrigado a servir a uma casa e a uma família para sempre...

– E eles sabem que você está aqui? – perguntou Harry curioso.

Dobby estremeceu.

– Ah, não senhor, não... Dobby terá que se castigar com a maior severidade por ter vindo vê-lo, meu senhor. Dobby terá que prender as orelhas na porta do forno por causa disto. Se eles vierem a saber, meu senhor...

– Mas eles não vão reparar se você prender as orelhas na porta do forno?

– Dobby duvida, meu senhor. Dobby está sempre tendo que se castigar por alguma coisa, meu senhor. Eles nem ligam para Dobby, meu senhor. Às vezes me lembram de cumprir uns castigos a mais...

– Por que você não vai embora? Foge?

– Um elfo doméstico tem que ser libertado, meu senhor. E a família nunca vai libertar Dobby... Dobby vai servir à família até morrer, meu senhor...

Harry ficou olhando.
– E eu achei que era ruim continuar aqui mais quatro semanas. Isto faz os Dursley parecerem quase humanos. E ninguém pode ajudá-lo? Eu não posso?
Quase imediatamente Harry desejou não ter falado. Dobby desmanchou-se outra vez em guinchos de gratidão.
– Por favor – Harry sussurrou nervoso –, por favor, fique quieto. Se os Dursley ouvirem alguma coisa, se souberem que você está aqui...
– Harry Potter pergunta se pode ajudar Dobby... Dobby ouviu falar de sua grandeza, senhor, mas de sua bondade Dobby nunca soube...
Harry, que estava sentindo o rosto ficar decididamente quente, disse:
– Seja o que for que você ouviu sobre a minha grandeza é tudo bobagem. Não sou sequer o primeiro da minha série em Hogwarts; Hermione, sim, ela...
Mas se calou depressa, porque pensar em Mione doía.
– Harry Potter é humilde e modesto – disse Dobby, reverente, as órbitas dos olhos brilhando. – Harry Potter não fala de sua vitória sobre Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado...
– Voldemort?
Dobby cobriu as orelhas com as mãos e gemeu.
– Não fale o nome dele, senhor! Não fale o nome dele!
– Desculpe – disse Harry depressa. – Sei que muita gente não gosta de falar. Meu amigo Rony...
E calou-se outra vez. Pensar em Rony também doía.
Dobby curvou-se em direção a Harry, seus olhos redondos parecendo faróis.
– Dobby ouviu falar – comentou com voz rouca – que Harry Potter encontrou o Lorde das Trevas pela segunda vez, faz pouco tempo... que Harry Potter escapou *novamente*.
Harry confirmou com a cabeça e os olhos de Dobby, de repente, brilharam de lágrimas.
– Ah, meu senhor! – exclamou, secando o rosto com a ponta da fronha suja que usava. – Harry Potter é valente e audacioso! Já enfrentou tantos perigos! Mas Dobby veio proteger Harry Potter, alertá-lo, mesmo que ele tenha que prender as orelhas na porta do forno depois... *Harry Potter não deve voltar a Hogwarts*.
Fez-se um silêncio interrompido apenas pelo tinido dos talheres lá embaixo e o reboar distante da voz do tio Válter.
– Q-quê? – gaguejou Harry. – Mas eu tenho que voltar, o trimestre começa em primeiro de setembro. É só o que me anima a viver. Você não sabe o que passo aqui. O *meu lugar* não é aqui. O meu lugar é no seu mundo, em Hogwarts.
– Não, não, não – guinchou Dobby, sacudindo a cabeça com tanta força que as

orelhas esvoaçaram. – Harry Potter deve ficar onde está seguro. Ele é grande demais, bom demais, para perder. Se Harry Potter voltar a Hogwarts, vai encontrar um perigo mortal.

– Por quê? – perguntou Harry surpreso.

– Há uma trama, Harry Potter. Uma trama para fazer coisas terríveis acontecerem na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts este ano – sussurrou Dobby, tomado de repentina tremedeira. – Dobby sabe disso há meses, meu senhor. Harry Potter não deve se expor ao perigo. Ele é demasiado importante, meu senhor!

– Que coisas terríveis? – perguntou Harry na mesma hora. – Quem está planejando essas coisas?

Dobby fez um barulho engraçado como se engasgasse e em seguida bateu com a cabeça na parede num frenesi.

– Está bem! – exclamou Harry, agarrando o braço do elfo para fazê-lo parar. – Você não pode me dizer. Eu compreendo. Mas por que é que você está alertando a *mim*? – Um pensamento súbito e desagradável lhe ocorreu. – Espere aí, isso não tem nada a ver com Vol... desculpe... com Você-Sabe-Quem, tem? Você só precisa fazer com a cabeça sim ou não – acrescentou ele depressa quando a cabeça de Dobby voltou a se inclinar de modo preocupante para o lado da parede.

– Não... não *Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado*, meu senhor.

Mas os olhos de Dobby se arregalaram e ele parecia estar tentando dar uma indicação ao garoto. Mas Harry, no entanto, não entendeu nada.

Dobby sacudiu a cabeça, os olhos mais arregalados que nunca.

– Então não consigo pensar quem mais teria uma chance de fazer acontecer coisas terríveis em Hogwarts – disse Harry. – Quero dizer, tem o Dumbledore, você sabe quem é Dumbledore, não sabe?

Dobby inclinou a cabeça.

– Alvo Dumbledore é o maior diretor que Hogwarts já teve. Dobby sabe disso, meu senhor. Dobby ouviu dizer que os poderes de Dumbledore se rivalizam com os d'Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, no auge de sua força. Mas, meu senhor... – a voz de Dobby se transformou em um sussurro urgente – há poderes que Dumbledore não... poderes que nenhum bruxo decente...

E antes que Harry pudesse impedi-lo, Dobby saltou da cama, agarrou o abajur da escrivaninha de Harry e começou a se golpear na cabeça, com ganidos de furar os tímpanos.

Fez-se um silêncio repentino no andar de baixo. Dois segundos depois, Harry, com o coração batendo loucamente, ouviu tio Válter entrar no corredor falando:

– Duda deve ter deixado a televisão ligada outra vez, o pestinha!

– Depressa! Dentro do armário! – sibilou Harry, empurrando Dobby, fechando a porta e se atirando na cama bem na hora em que a maçaneta girou.

– Que... *diabo*... você... está... fazendo? – disse tio Válter por entre os dentes cerrados, o rosto horrivelmente próximo do de Harry. – Você acabou de estragar o fecho da minha piada sobre o golfista japonês... Mais um ruído e você vai desejar nunca ter nascido, moleque!

Ele saiu do quarto pisando forte.

Trêmulo, Harry deixou Dobby sair do armário.

– Está vendo como é aqui? – perguntou. – Está vendo por que preciso voltar para Hogwarts? É o único lugar onde tenho... *acho* que tenho amigos.

– Amigos que nem *escrevem* a Harry Potter? – perguntou Dobby manhoso.

– Acho que eles estiveram... espere aí – disse Harry amarrando a cara. – Como é que *você* sabe que meus amigos não têm escrito?

Dobby arrastou os pés.

– Harry Potter não deve se zangar com Dobby. Dobby fez isso para ajudar...

– *Você andou interceptando minhas cartas?*

– Dobby está com elas aqui, meu senhor – respondeu o elfo. Saindo de fininho do alcance de Harry, ele puxou um maço grosso de envelopes de dentro da roupa. Harry conseguiu distinguir a letra caprichosa de Mione, os garranchos de Rony e até umas garatujas que pareciam ter vindo do guarda-caça de Hogwarts, Hagrid.

Dobby piscou ansioso para Harry.

– Harry Potter não deve se zangar... Dobby tinha esperanças... se Harry Potter achasse que os amigos tinham esquecido dele... Harry Potter talvez não quisesse voltar à escola, meu senhor...

Harry não estava ouvindo. Tentou agarrar as cartas, mas Dobby saltou para longe do seu alcance.

– Harry Potter as receberá, meu senhor, se der a Dobby sua palavra de que não vai voltar a Hogwarts. Ah, meu senhor, este é um perigo que o senhor não deve enfrentar! Diga que não vai voltar, meu senhor!

– Não – respondeu Harry zangado. – Entregue-me as cartas dos meus amigos!

– Então Harry Potter não deixa a Dobby outra escolha – disse o elfo triste.

Antes que Harry pudesse se mexer, Dobby se precipitou para a porta do quarto, abriu-a e correu escada abaixo.

A boca seca, o estômago revirando, Harry saltou atrás dele, tentando não fazer barulho. Pulou os últimos seis degraus, caindo como um gato no tapete da entrada, procurando Dobby por todo lado. Da sala de jantar ele ouviu tio Válter dizer:

“... conte a Petúnia aquela história engraçada dos encanadores americanos, Sr.

Mason. Ela anda doida para ouvir...”
Harry correu pelo corredor em direção à cozinha e sentiu o coração parar.
A obra-prima de tia Petúnia, aquele pudim coberto de creme e violetas cristalizadas estava flutuando junto ao teto. Em cima de um guarda-louça no canto, encontrava-se agachado Dobby.
– Não – disse Harry quase sem voz. – Por favor... eles vão me matar...
– Harry Potter deve prometer que não vai voltar à escola...
– Dobby... por favor...
– Prometa, meu senhor...
– Não posso!
Dobby lançou-lhe um olhar trágico.
– Então Dobby vai fazer isso, meu senhor, pelo bem de Harry Potter.
O pudim caiu no chão com um baque de fazer parar o coração. O creme sujou as janelas e as paredes quando o prato se espatifou. Com um estalido que parecia uma chicotada, Dobby desapareceu.
Ouviram-se gritos vindos da sala de jantar e tio Válter irrompeu pela cozinha onde encontrou Harry, paralisado de choque, coberto com o pudim de tia Petúnia da cabeça aos pés.
A princípio, pareceu que o tio Válter ia conseguir explicar a coisa toda. (“É o nosso sobrinho... muito perturbado... ver estranhos o perturba, então nós o mantemos no primeiro andar...”) Ele tangeu os Mason, muito chocados, de volta à sala de jantar, prometeu a Harry que ia chicoteá-lo e deixá-lo quase morto quando os Mason fossem embora, e lhe entregou um esfregão. Tia Petúnia desencavou um sorvete do congelador e Harry, ainda tremendo, começou a limpar a cozinha com o esfregão.
Tio Válter talvez ainda tivesse conseguido fechar o negócio, se não fosse pela coruja.
Tia Petúnia estava oferecendo uma caixa de bombons de hortelã, depois do jantar, quando uma enorme coruja mergulhou pela janela da sala de jantar, deixou cair uma carta na cabeça da Sra. Mason e tornou a sair. A Sra. Mason berrou como uma alma penada e saiu porta afora gritando que havia doidos lá dentro. O Sr. Mason se demorou o suficiente para dizer aos Dursley que sua mulher tinha um medo mortal de pássaros de qualquer tipo e tamanho, e para perguntar se aquilo era a ideia que faziam de uma brincadeira.
Harry ficou na cozinha, segurando o esfregão à procura de apoio, quando tio Válter avançou para ele, um brilho demoníaco nos olhinhos miúdos.
– Leia isto! – sibilou malignamente, sacudindo a carta que a coruja entregara. – Vamos... leia isso!
Harry apanhou a carta. Não continha votos de feliz aniversário.

Prezado Senhor Potter,

Fomos informados que um feitiço de levitação foi usado esta noite em seu local de residência às 9:12.

Como o senhor sabe, bruxos de menor idade não têm permissão para fazer feitiços fora da escola e, a continuar esta prática, o senhor poderá ser expulso da referida escola (Decreto para restrição racional da prática de bruxaria por menores, 1875, parágrafo C).

Gostaríamos também de lembrar-lhe que qualquer atividade mágica que possa chamar a atenção da comunidade não mágica (trouxa) é uma infração grave, conforme seção 13 do Estatuto de Sigilo em Magia da Confederação Internacional de Bruxos.

Boas férias!

Atenciosamente,

Mafalda Hopkirk

ESCRITÓRIO DE CONTROLE DO USO INDEVIDO DE MAGIA

Ministério da Magia

Harry ergueu os olhos da carta e engoliu em seco.

– Você não nos disse que não tinha permissão de usar mágica fora da escola – disse tio Válter, um brilho demente dançando nos olhos. – Esqueceu-se de mencionar... Vai ver lhe escapou...

O tio veio avançando para Harry como um grande buldogue, os dentes arreganhados.

– Muito bem, tenho novidades para você, seu moleque... Vou prendêlo... Você nunca mais vai voltar para aquela escola... nunca... e se tentar se soltar por mágica, eles é que vão expulsá-lo!

E dando risadas como um maníaco, arrastou Harry para o quarto.

Tio Válter não faltou com sua palavra. Na manhã seguinte, ele pagou um homem para instalar grades na janela de Harry. Ele mesmo instalou a portinhola na porta do quarto, para que, três vezes por dia, eles pudessem empurrar pequenas quantidades de comida para dentro. Soltavam Harry de manhã e de noite para usar o banheiro. À exceção disso, ele permanecia preso no quarto, dia e noite.

Três dias depois, os Dursley continuavam a não dar sinais de compadecimento, e Harry não via nenhuma saída para sua situação. Deitava-se na cama observando o sol se pôr por trás das grades da janela e se perguntava, infeliz, o que ia lhe acontecer.

De que adiantava se libertar do quarto por meio de mágica se Hogwarts o expulsaria por isso? Contudo, a vida na rua dos Alfeneiros atingira seu ponto crítico. Agora que os Dursley sabiam que não iam acordar transformados em morcegos comedores de frutas, Harry perdera sua única arma. Dobby talvez o tivesse salvo dos horríveis acontecimentos em Hogwarts, mas do jeito que as coisas caminhavam, ele provavelmente ia morrer de fome.

A portinhola bateu e a mão da tia Petúnia surgiu empurrando uma tigela de sopa em lata para dentro do quarto. Harry, cujas entranhas doíam de tanta fome, saltou da cama e apanhou-a. A sopa estava gelada mas ele bebeu metade de um gole só. Depois, atravessou o quarto até a gaiola de Edwiges e empurrou as verduras moles do fundo da tigela para a bandeja vazia da coruja. Ela sacudiu as penas e lhe lançou um olhar de profundo nojo.

– Não adianta empinar o bico para a comida: isto é só o que temos – disse Harry sério.

Ele repôs a tigela vazia ao lado da portinhola e se deitou na cama, sentindo-se mais faminto do que estivera antes da sopa.

Supondo que continuasse vivo dali a quatro semanas, o que aconteceria se não se apresentasse em Hogwarts? Mandariam alguém para saber por que ele não voltara? Conseguiriam obrigar os Dursley a soltá-lo?

O quarto foi escurecendo. Exausto, com a barriga roncando, a cabeça girando com a mesma pergunta irrespondível, Harry mergulhou num sono agitado.

Sonhou que estava sendo exibido num zoológico, com uma etiqueta presa à gaiola em que se lia: BRUXO MENOR DE IDADE. As pessoas o observavam por trás das grades, faminto e fraco, deitado numa cama de palha. Ele viu o rosto de Dobby na multidão e gritou pedindo ajuda, mas Dobby respondeu: “Harry Potter está seguro aí, meu senhor!” e desapareceu. Então os Dursley apareceram e sacudiram as grades da gaiola, rindo-se dele.

– Parem – murmurou Harry enquanto o barulho das grades martelava em sua cabeça dolorida. – Me deixem em paz... parem com isso... estou tentando dormir...

Ele abriu os olhos. O luar entrava pelas grades da janela. E alguém o espiava pelas grades: alguém de rosto sardento, cabelos vermelhos e nariz comprido.

Rony Weasley se achava do lado de fora da janela de Harry.

— CAPÍTULO TRÊS —

A Toca

– *Rony!* – murmurou Harry, deslizando furtivamente até a janela e abrindo-a de modo que pudessem conversar através das grades. – Rony, como foi que você... Que é...?

O queixo de Harry caiu quando o impacto do que via o atingiu por inteiro. Rony estava debruçado na janela traseira de um velho carro turquesa, estacionado *no ar*. Do banco dianteiro sorriam, para Harry, Fred e Jorge, os irmãos gêmeos de Rony, mais velhos que ele.

– Tudo bem, Harry? – perguntou Jorge.

– Que é que está acontecendo? – perguntou Rony. – Por que você não tem respondido às minhas cartas? Convidei-o a vir nos visitar umas doze vezes e então papai chegou em casa e disse que você tinha recebido uma advertência oficial por usar mágica na frente de trouxas...

– Não fui eu... e como é que ele soube?

– Ele trabalha no Ministério. Você *sabe* que não temos permissão para usar mágica fora da escola...

– Olha quem fala – respondeu Harry olhando para o carro que flutuava.

– Ah, isto não conta – respondeu Rony. – É só emprestado. É do papai, não fomos *nós* que o enfeitiçamos. Mas fazer mágica na frente desses trouxas com quem você mora...

– Eu já disse que não fiz... mas vai levar muito tempo para explicar agora. Olha, será que você pode avisar em Hogwarts que os Dursley me trancaram e não vão me deixar voltar e, é claro, não posso sair usando mágica, porque o Ministério vai achar que é a segunda mágica que faço em três dias, e aí...

– Pare de falar coisas sem sentido – disse Rony. – Viemos levá-lo para casa conosco.

– Mas vocês também não podem me tirar usando mágica...
– Não precisamos – disse Rony, indicando com a cabeça o banco dianteiro do carro e sorrindo. – Você esqueceu quem foi que eu trouxe comigo.
– Amarre isso nas grades – mandou Fred, atirando a ponta de uma corda para Harry.
– Se os Dursley acordarem, estou morto – comentou Harry enquanto amarrava a corda bem firme em volta da grade e Fred acelerava o carro.
– Não se preocupe – falou Fred –, e dê distância.
Harry recuou para as sombras próximas a Edwiges, que parecia ter percebido como aquilo era importante e ficou parada e silenciosa. O carro roncou cada vez mais alto e, de repente, com um ruído de trituração, as grades foram totalmente arrancadas da janela, enquanto Fred continuava a subir no ar. Harry correu à janela e viu as grades balançando a pouco mais de um metro do chão. Rony, ofegante, guindou-as para dentro do carro. Harry escutava ansioso, mas não vinha o menor ruído do quarto dos Dursley.
Depois que as grades foram guardadas no banco traseiro do carro, ao lado de Rony, Fred deu marcha a ré até chegar o mais próximo possível da janela de Harry.
– Entre – convidou Rony.
– Mas todo o meu material de Hogwarts... minha varinha... minha vassoura...
– Onde está?
– Trancado no armário embaixo da escada, e não posso sair deste quarto...
– Não tem problema – disse Jorge do banco dianteiro do carro. – Saia da frente, Harry.
Fred e Jorge entraram no quarto de Harry pela janela, feito gatos. A pessoa tinha que tirar o chapéu para eles, pensava Harry, quando Jorge puxou um grampo do bolso e começou a arrombar a fechadura.
– Tem muito bruxo que acha que é uma perda de tempo conhecer macetes de trouxas como esse – disse Fred –, mas nós achamos que vale a pena aprender essas habilidades, mesmo que sejam um pouco demoradas.
A porta fez um clique e se abriu.
– Então, vamos apanhar o seu malão, e você pega o que precisar do seu quarto e passa para o Rony – murmurou Jorge.
– Cuidado com o último degrau, ele range – murmurou Harry para os gêmeos que desapareceram no corredor escuro.
Harry correu pelo quarto reunindo seus pertences e passando-os a Rony pela janela. Então, foi ajudar Fred e Jorge a carregar o malão para cima. Harry ouviu o tio Válter tossir.
Finalmente, ofegantes, eles chegaram ao alto da escada e carregaram o malão

pelo quarto de Harry até a janela aberta. Fred pulou a janela de volta ao carro para puxar o malão com Rony, enquanto Harry e Jorge o empurravam pelo lado de dentro. Pouco a pouco, o malão deslizou pela janela.

Tio Válter tossiu outra vez.

– Mais um pouquinho – arfou Fred, que estava puxando o malão para dentro do carro. – Mais um bom empurrão...

Harry e Jorge jogaram os ombros contra o malão e ele deslizou da janela para o assento traseiro do carro.

– Muito bem, vamos – cochichou Jorge.

Mas quando Harry subia no parapeito da janela ouviu um guincho alto atrás dele, seguido imediatamente pela voz trovejante do tio Válter.

– ESSA CORUJA DESGRAÇADA!

– Eu esqueci a Edwiges!

Harry precipitou-se de volta ao quarto na hora em que a luz do corredor se acendeu – agarrou a gaiola, correu à janela e passou-a a Rony. E estava subindo de volta na cômoda quando o tio Válter socou a porta destrancada e ela se escancarou.

Por uma fração de segundo, o tio Válter parou emoldurado pelo portal, em seguida deixou escapar um urro como o de um touro enfurecido e atirou-se contra Harry prendendo-o pelo tornozelo.

Rony, Fred e Jorge agarraram os braços de Harry e o puxaram com toda a força que tinham.

– Petúnia! – berrou tio Válter. – Ele está fugindo! ELE ESTÁ FUGINDO!

Mas os Weasley deram um puxão gigantesco e a perna de Harry se soltou da garra do tio Válter – e Harry já estava no carro e batia a porta.

– Pé na tábua, Fred! – gritou Rony, e o carro disparou de repente em direção à lua.

Harry não conseguia acreditar – estava livre. Baixou a janela, o ar da noite chicoteou seus cabelos, e ele virou a cabeça para contemplar os telhados da rua dos Alfeneiros que desapareciam ao longe. Tio Válter, tia Petúnia e Duda estavam todos debruçados, estupefatos, na janela de Harry.

– Vejo vocês no próximo verão! – gritou Harry.

Os Weasley soltaram gargalhadas e Harry se acomodou no banco, sorrindo de orelha a orelha.

– Solte a Edwiges – pediu ele a Rony. – Ela pode voar atrás do carro. Há séculos que não tem uma chance de esticar as asas.

Jorge passou o grampo a Rony e, um momento depois, Edwiges voou feliz pela janela e ficou deslizando ao lado do carro como um fantasma.

– Então, qual é a história, Harry? – perguntou Rony impaciente. – Que

aconteceu?
Harry contou tudo sobre Dobby, o aviso que dera a Harry e o desastre com o pudim de violetas. Fez-se um silêncio longo e assombroso quando ele terminou.
– Muito esquisito – disse Fred finalmente.
– Decididamente suspeito – concordou Jorge. – E ele nem quis lhe dizer quem estaria tramando tudo isso?
– Acho que ele não podia – respondeu Harry. – Eu lhe contei, todas as vezes que ele estava quase deixando escapar alguma coisa, começava a bater a cabeça na parede.
Harry viu Fred e Jorge se entreolharem.
– O quê, vocês acham que ele estava mentindo para mim? – perguntou Harry.
– Bom – respondeu Fred –, vamos colocar a coisa assim... elfos domésticos têm poderes mágicos próprios, mas em geral não podem usá-los sem a permissão dos donos. Calculo que o velho Dobby foi mandado para impedir que você voltasse a Hogwarts. Deve ser a ideia que alguém faz de uma brincadeira. Você pode imaginar alguém na escola que tenha raiva de você?
– Claro – disseram Harry e Rony, juntos, na mesma hora.
– Draco Malfoy – explicou Harry. – Ele me odeia.
– Draco Malfoy? – perguntou Jorge, virando-se. – O filho de Lúcio Malfoy?
– Deve ser, não é um nome muito comum, é? – disse Harry. – Por quê?
– Já ouvi papai falar nele. Era um grande seguidor de Você-Sabe-Quem.
– E quando Você-Sabe-Quem desapareceu – acrescentou Fred, esticando-se para olhar para Harry –, Lúcio Malfoy voltou dizendo que nunca tivera intenção de fazer nada. Um monte de bosta... Papai acha que ele fazia parte do círculo íntimo de Você-Sabe-Quem.
Harry já ouvira esses comentários sobre a família Malfoy antes e não se surpreendeu nem um pouco. Draco Malfoy fazia Duda Dursley parecer um menino bom, atencioso e sensível.
– Não sei se os Malfoy têm um elfo doméstico... – disse Harry.
– Bom, seja quem for, os donos dele devem ser uma família de bruxos antiga e rica – disse Fred.
– É, mamãe sempre desejou que a gente tivesse um elfo doméstico para passar a roupa – comentou Jorge. – Mas só o que temos é um vampiro velho e incompetente no sótão e gnomos por todo o jardim. Elfos domésticos combinam com grandes casas senhoriais, castelos e lugares do gênero; você não toparia com um na nossa casa...
Harry estava calado. A julgar pelo fato de que Draco Malfoy em geral tinha do bom e do melhor, a família devia rolar em dinheiro de bruxo; ele podia até imaginar Malfoy se pavoneando por uma grande casa senhorial. Mandar o criado

da família impedir Harry de voltar a Hogwarts também parecia bem o tipo de coisa que Malfoy faria. Ele teria sido tão burro a ponto de levar Dobby a sério?

– Em todo o caso, fico contente que a gente tenha vindo buscá-lo. Eu estava ficando realmente preocupado quando você não respondeu minhas cartas. Primeiro pensei que tinha sido culpa de Errol...

– Quem é Errol?

– Nossa coruja. Ele é velhíssimo. Não seria a primeira vez que desmaia ao fazer uma entrega. Então tentei pedir o Hermes emprestado...

– *Quem?*

– A coruja que mamãe e papai compraram para Percy quando ele foi nomeado monitor – explicou Fred do banco da frente.

– Mas Percy não quis me emprestar. Disse que precisava dele.

– Percy anda se comportando de forma muito estranha este verão – disse Jorge franzindo a testa. – E *tem* despachado um bocado de cartas e passado um tempão trancado no quarto... Quero dizer, tem limite o número de vezes que a pessoa pode querer dar brilho num distintivo de monitor... Você está se afastando demais para oeste, Fred – acrescentou, apontando a bússola no painel do carro. Fred corrigiu o rumo girando o volante.

– E seu pai sabe que você está dirigindo o carro? – perguntou Harry, já adivinhando a resposta.

– Ah, não – disse Rony –, ele teve que trabalhar hoje à noite. Com sorte conseguiremos guardar o carro de volta na garagem antes que mamãe note que saímos com ele.

– Afinal, que é que seu pai faz no Ministério da Magia?

– Ele trabalha no departamento mais monótono de todos – disse Rony. – O do Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas.

– O *quê?*

– Tratam do feitiço lançado em objetos feitos pelos trouxas, sabe, no caso de acabarem indo parar numa loja ou numa casa de trouxas. Como no ano passado, uma velha bruxa morreu e o seu serviço de chá foi vendido a uma loja de antiguidades. Uma mulher trouxa comprou o serviço, levou para casa e tentou servir chá aos amigos. Foi um pesadelo, papai ficou trabalhando depois do expediente durante semanas.

– Que aconteceu?

– O bule de chá endoidou e espirrou chá fervendo para todo lado, e um homem foi parar no hospital com as pinças de açúcar presas no nariz. Papai quase ficou louco, só existe ele e um velho bruxo chamado Perkins no escritório, e os dois tiveram que usar feitiços para apagar lembranças e outros tipos de recursos para abafar o caso...

– Mas o seu pai... este carro...
Fred riu.
– É, papai é doido por tudo que os trouxas produzem; nosso barraco de ferramentas é cheio de coisas de trouxas. Ele desmonta um objeto, enfeitiça e torna a montá-lo. Se ele revistasse a nossa casa teria que se dar ordem de prisão. Mamãe fica danada.
– Aquela é a estrada principal – disse Jorge, espiando para baixo pelo para-brisa. – Estaremos lá em dez minutos... Antes assim, já está clareando...
Uma ligeira claridade rosada tornava-se visível na linha do horizonte à leste.
Fred fez o carro baixar um pouco, e Harry viu uma colcha de retalhos feita de campos e arvoredos.
– Moramos um pouquinho fora da cidade – disse Jorge. – Ottery St. Catchpole...
O carro voador continuava a descer. A auréola escarlate do sol agora brilhava por entre as árvores.
– Pousamos! – exclamou Fred quando, com um ligeiro solavanco, eles tocaram o chão. Tinham pousado ao lado de uma garagem desmantelada num pequeno quintal, e Harry olhou pela primeira vez para a casa de Rony.
Parecia ter sido no passado um grande chiqueiro de pedra, a que foram acrescentando cômodos aqui e ali até ela atingir vários andares e era tão torta que parecia ser sustentada por mágica (o que, Harry lembrou a si mesmo, era provável). Quatro ou cinco chaminés estavam encarrapitadas no alto do telhado vermelho. Em um letreiro torto enfiado no chão, próximo à entrada, lia-se A TOCA. Em volta da porta de entrada amontoava-se uma variedade de botas de borracha e um caldeirão muito enferrujado. Várias galinhas castanhas e gordas ciscavam pelo quintal.
– Não é muita coisa – disse Rony.
– É *maravilhosa* – comentou Harry feliz, pensando na rua dos Alfeneiros.
Eles desembarcaram do carro.
– Agora vamos subir muito quietinhos – recomendou Fred – e esperar mamãe nos chamar para tomar o café da manhã. Então Rony, você desce correndo e diz: “Mamãe, olhe só quem apareceu durante a noite!” e ela vai ficar contente de ver o Harry e ninguém vai precisar saber que saímos voando no carro.
– Certo – concordou Rony. – Vamos Harry, eu durmo no... no alto...
O rosto de Rony ganhou um tom verde esquisito, seus olhos se fixaram na casa. Os outros três se viraram.
A Sra. Weasley vinha atravessando o quintal, espantando galinhas, e para uma senhora baixa, gorducha, de rosto bondoso, era incrível como estava parecendo um tigre-dentes-de-sabre.

– *Ah!* – exclamou Fred.

– Essa não! – exclamou Jorge.

A Sra. Weasley parou diante deles, as mãos nos quadris, olhando de uma cara culpada para a outra. Vestia um avental florido com uma varinha saindo pela borda do bolso.

– *Muito bem* – disse ela.

– Bom-dia, mamãe – disse Jorge, no que ele audivelmente pensou que era uma voz lampeira e cativante.

– Vocês fazem ideia da preocupação que tive? – perguntou a Sra. Weasley num sussurro letal.

– Desculpe, mamãe, mas sabe, tínhamos que...

Os três filhos da Sra. Weasley eram mais altos do que ela, mas encolheram à medida que a raiva da mãe ia desabando sobre eles.

– *As camas vazias! Nenhum bilhete! O carro desaparecido... podia ter batido... louca de preocupação... vocês se importaram?... nunca em minha vida... esperem até seu pai voltar, nunca tivemos problemas assim com o Gui nem com o Carlinhos nem com o Percy*...

– O Percy perfeito – resmungou Fred.

– VOCÊS PODIAM SE MIRAR NO EXEMPLO DO PERCY! – berrou a Sra. Weasley, metendo o dedo no peito de Fred. – Vocês podiam ter *morrido*, podiam ter sido *vistos*, podiam ter feito seu pai perder o *emprego*...

Parecia que o sermão estava durando horas. A Sra. Weasley ficou rouca de tanto gritar até se virar para Harry, que recuou.

– Estou muito contente em vê-lo, Harry, querido – disse ela. – Entre, venha tomar café.

Deu meia-volta e entrou em casa, e Harry, depois de lançar um olhar nervoso a Rony, que acenou com a cabeça animando-o, acompanhou-a.

A cozinha era pequena e um tanto apertada. Havia ao centro uma mesa de madeira muito escovada e cadeiras, e Harry se sentou na beirada de uma, espiando à sua volta. Nunca estivera numa casa de bruxos antes.

O relógio na parede em frente só tinha um ponteiro e nenhum número. Havia escritas em torno do mostrador coisas assim, *Hora de fazer chá*, *Hora de dar comida às galinhas* e *Você está atrasado*. Havia livros arrumados em fileiras triplas sobre o console da lareira, livros com títulos do gênero *Enfeitice o seu próprio queijo*, *Feitiço no forno* e *Festas de um minuto – um Encantamento!* E, a não ser que os ouvidos de Harry o enganassem, o velho rádio ao lado da pia acabara de anunciar que o próximo programa era “Hora de Encantos, com a popular cantora bruxa, Celestina Warbeck”.

A Sra. Weasley batia pratos e panelas, preparando o café da manhã um pouco

a esmo, lançando olhares feios aos filhos, enquanto atirava salsichas na frigideira. De vez em quando resmungava coisas como "não sei *o que* estavam pensando" e "eu *nunca* teria acreditado".

– Não estou culpando *você*, querido – ela tranquilizou Harry, servindo oito ou nove salsichas no prato dele. – Arthur e eu estivemos preocupados com você, também. Ainda na outra noite estávamos falando que iríamos buscá-lo pessoalmente se você não escrevesse a Rony até sexta-feira. Mas francamente – (ela agora acrescentava três ovos fritos às salsichas) – atravessar metade do país em um carro ilegal, vocês podiam ter sido vistos...

Ela acenou a varinha displicentemente em direção dos pratos na pia, que começaram a se lavar, entrechocando-se de leve ao fundo.

– Estava *nublado*, mamãe! – exclamou Fred.

– Você fique de boca fechada enquanto come! – ralhou a Sra. Weasley.

– Estavam matando ele de fome, mamãe! – disse Jorge.

– E você! – disse a Sra. Weasley, mas foi com uma expressão ligeiramente mais branda que ela começou a cortar e passar manteiga no pão para Harry.

Naquele momento surgiu uma distração sob a forma de uma figura pequena, de cabelos vermelhos, que vestia uma longa camisola, e apareceu na cozinha, deu um gritinho e saiu correndo outra vez.

– Gina – disse Rony baixinho para Harry. – Minha irmã. Andou falando em você o verão inteiro.

– É, ela vai querer o seu autógrafo, Harry – disse Fred com um sorriso, mas viu que a mãe o olhava e baixou o rosto para o prato, calando-se. Nada mais foi dito até os quatro pratos ficarem limpos, o que levou um tempo surpreendentemente breve.

– Putz, estou cansado – bocejou Fred, pousando finalmente a faca e o garfo. – Acho que vou me deitar e...

– Não vai, não – retrucou a Sra. Weasley. – A culpa foi sua se ficou a noite toda acordado. Você vai desgnomizar o jardim para mim; eles estão ficando completamente rebeldes outra vez.

– Ah, mamãe...

– E vocês dois – disse ela, olhando feio para Rony e Fred. – Você pode ir se deitar, querido – acrescentou dirigindo-se a Harry. – Você não pediu a eles para voarem naquele carro infernal.

Mas Harry, que se sentia completamente acordado, disse depressa:

– Vou ajudar o Rony. Nunca vi fazer uma desgnomização...

– É muito gentil de sua parte, querido, mas é trabalho monótono – disse a Sra. Weasley. – Agora vamos ver o que Lockhart tem a dizer sobre o assunto.

Ela puxou um livro pesado de cima do console. Jorge gemeu.

– Mamãe, nós sabemos como desgnomizar um jardim.
Harry espiou a capa do livro da Sra. Weasley. Escritas na capa em arabescos dourados havia as palavras *Guia de pragas domésticas* de Gilderoy Lockhart. Havia na capa uma grande foto de um bruxo bonitão de cabelos louros ondulados e olhos azuis muito vivos. Como sempre no mundo dos bruxos, a foto se mexia; o bruxo, que Harry supunha que fosse o tal Gilderoy Lockhart, não parava de piscar, muito animado, para todos.
– Ah, ele é um assombro – disse a mãe. – Conhece bem as pragas domésticas. É um livro maravilhoso...
– Mamãe tem um xodó por ele – disse Fred num sussurro muito audível.
– Não seja ridículo Fred – retorquiu a Sra. Weasley, o rosto muito corado. – Está bem, se vocês acham que sabem mais do que Lockhart, podem ir fazer o trabalho, mas tenho pena de vocês se tiver sobrado um único gnomo naquele jardim quando eu sair para inspecioná-lo.
Aos bocejos e resmungos, os Weasley saíram se arrastando, com Harry em sua cola. O jardim era grande e, aos olhos de Harry, exatamente como um jardim devia ser. Os Dursley não teriam gostado – havia muito mato e a grama precisava ser aparada –, mas havia árvores nodosas a toda volta dos muros, plantas que Harry nunca vira saindo de cada canteiro e um grande tanque de águas verdosas cheio de sapos.
– Os trouxas também têm gnomos de jardim, sabe – Harry contou a Rony quando cruzavam o gramado.
– Sei, já vi aquelas coisas que eles acham que são gnomos – disse Rony, com o corpo dobrado e a cabeça enfiada num pé de peônias –, como papais noéis baixinhos e gordinhos segurando varas de pescar...
Ouviram um ruído de alguém se debatendo violentamente, o pé de peônia estremeceu e Rony se levantou.
– *Isto* é um gnomo – disse sério.
– Tire as mãos de cima de mim! Tire as mãos de cima de mim! – guinchou o gnomo.
Decerto não parecia nada com um Papai Noel. Era pequeno, a pele parecia um couro, a cabeçorra cheia de calombos e careca, igualzinha a uma batata. Rony segurou-o a distância enquanto o gnomo o chutava com os pezinhos calosos; o garoto o agarrou pelos tornozelos e o virou de cabeça para baixo.
– Isto é o que a gente tem que fazer – explicou. E ergueu o gnomo acima da cabeça (“Tire as mãos de mim!”) e começou a rodá-lo em grandes círculos como se fosse laçar um boi. Ao ver a cara de espanto de Harry, Rony acrescentou: – Isto não *machuca*, você só precisa deixá-los bem tontos para não poderem encontrar o caminho de volta para as tocas de gnomos.

Ele soltou os tornozelos do gnomo: que voou uns seis metros para o alto e caiu com um baque surdo no campo do outro lado da sebe.

– Lamentável! – exclamou Fred. – Aposto que posso atirar o meu bem além daquele toco de árvore.

Harry aprendeu depressa a não sentir muita pena dos gnomos. Resolveu simplesmente deixar cair por cima da sebe o primeiro que pegou, mas o gnomo, pressentindo fraqueza, enterrou os dentes afiados como navalhas no seu dedo, e Harry teve muito trabalho para sacudi-lo longe, até que...

– Uau, Harry, esse deve ter caído a uns quinze metros...

O ar não tardou a ficar coalhado de gnomos voadores.

– Está vendo, eles não são muito inteligentes – disse Jorge, agarrando cinco ou seis gnomos de uma vez. – Na hora que descobrem que está havendo uma desgnomização, aparecem correndo para dar uma espiada. Era de se esperar que já tivessem aprendido a ficar quietos.

Logo os gnomos atirados no campo começaram a se afastar em uma linha descontínua, os ombrinhos curvados.

– Eles vão voltar – disse Rony enquanto observavam os gnomos desaparecerem na sebe do outro lado do campo. – Eles adoram isso aqui... Papai é muito mole com eles; acha que são engraçados...

Naquele instante, a porta de entrada bateu.

– Ele voltou! – disse Jorge. – Papai está em casa!

Os garotos atravessaram correndo o jardim e entraram em casa.

O Sr. Weasley estava largado numa cadeira da cozinha, sem óculos e de olhos fechados. Era um homem magro, começando a ficar careca, mas o pouco cabelo que tinha era ruivo como o dos filhos. Usava vestes verdes e longas, que estavam empoeiradas e amarrotadas da viagem.

– Que noite! – murmurou, tateando à procura do bule de chá enquanto todos se sentaram à sua volta. – Nove batidas. Nove! E o velho Mundungo Fletcher ainda tentou me lançar um feitiço quando eu estava de costas...

O Sr. Weasley tomou um longo gole de chá e suspirou.

– Encontrou alguma coisa, papai? – perguntou Fred ansioso.

– Só encontrei umas chaves para portas que encolhem e uma chaleira que morde – bocejou o Sr. Weasley. – Houve algumas ocorrências feias mas não foram no meu departamento. Mortlake foi levado para interrogatório sobre umas doninhas muito esquisitas, mas isto foi com a Comissão de Feitiços Experimentais, graças a Deus...

– Mas por que alguém ia se dar o trabalho de fazer chaves que encolhem? – perguntou Jorge.

– Só para aborrecer os trouxas – suspirou o Sr. Weasley. – Vendem a eles uma

chave que encolhe até desaparecer, de modo que nunca conseguem encontrá-la quando precisam... É claro que é muito difícil processar alguém porque nenhum trouxa vai admitir que a chave dele não para de encolher, insistem que vivem a perdê-las. Deus os abençoe, eles vão a extremos para fingir que magia não existe, mesmo que esteja no nariz deles... mas as coisas que o nosso pessoal anda enfeitiçando, vocês não iriam acreditar...

– COMO CARROS, POR EXEMPLO?

A Sra. Weasley aparecera, empunhando um longo atiçador como uma espada. Os olhos do Sr. Weasley se arregalaram. Ele olhou com cara de culpa para a mulher.

– C-carros, Molly, querida?

– É Arthur, carros – disse a Sra. Weasley, os olhos faiscando. – Imagine só um bruxo comprar um carro velho e enferrujado e dizer à mulher que só quer desmontá-lo para ver como funciona, quando na *realidade* o enfeitiçou para fazê-lo *voar*.

O Sr. Weasley piscou os olhos.

– Bom, querida, acho que você vai descobrir que ele estava agindo dentro da lei quando fez isso, mesmo que... ah... tivesse agido melhor se, hum, se tivesse contado a verdade à mulher... Há um furo na lei, você vai descobrir... Desde que ele não tivesse *intenção* de voar no carro, o fato de que o carro *poderia* voar não...

– Arthur Weasley, você providenciou para que houvesse um furo nessa lei quando a escreveu! – gritou a Sra. Weasley. – Só para você poder continuar a se distrair com aquela lixaria dos trouxas no seu barraco! E para sua informação, Harry chegou hoje de manhã naquele carro que você não tinha intenção de fazer voar!

– Harry?! – exclamou o Sr. Weasley sem entender. – Que Harry?

Ele olhou à volta, viu Harry e deu um salto.

– Deus do céu, é Harry Potter? Muito prazer em conhecê-lo. Rony tem falado tanto em...

– *Os seus filhos foram naquele carro até a casa de Harry e voltaram de lá ontem à noite!* – gritou a Sra. Weasley. – Que é que você me diz disso, hein?

– Vocês fizeram mesmo isso? – perguntou o Sr. Weasley, ansioso. – E o carro voou bem? Eu... eu quero dizer – gaguejou, enquanto voavam faíscas dos olhos da Sra. Weasley – que... isso foi muito errado, meninos... muito errado mesmo...

– Vamos deixar eles discutirem – Rony sussurrou para Harry quando a Sra. Weasley inchou como um sapo-boi. – Vamos, vou-lhe mostrar o meu quarto.

Os dois saíram discretamente da cozinha e seguiram por um corredor estreito até uma escada irregular, que subia em zigue-zague pela casa. No terceiro

patamar, havia uma porta entreaberta. Harry vislumbrou dois grandes olhos castanhos e vivos que o espiavam antes da porta fechar com um clique.

– Gina – explicou Rony. – Você não sabe como é estranho ela estar tão tímida. Normalmente ela nunca para de falar...

Eles subiram mais dois lances e chegaram a uma porta com a tinta descascada e uma pequena placa onde se lia “Quarto do Ronald”.

Harry entrou, a cabeça quase tocando no teto inclinado, e piscou os olhos. Era como entrar num forno. Quase tudo no quarto de Rony era de um tom violentamente laranja: a colcha da cama, as paredes e até o teto. Então Harry percebeu que Rony tinha coberto praticamente cada centímetro do papel de parede gasto com pôsteres dos mesmos sete bruxos e bruxas, todos usando vestes laranja-vivo, segurando vassouras e acenando com animação.

– O seu time de quadribol? – perguntou Harry.

– O Chudley Cannons – disse Rony, apontando para a colcha laranja, que exibia um brasão com dois enormes *C’s* pretos e uma bala de canhão em movimento. – Nono lugar na divisão.

Os livros escolares de feitiçaria que pertenciam a Rony estavam empilhados de qualquer jeito num canto, junto com um monte de histórias em quadrinhos que pareciam conter a mesma tira, *As aventuras de Martin Miggs, o trouxa pirado*. A varinha de condão de Rony estava em cima de um aquário cheio de ovas de rã, no peitoril da janela, ao lado do seu rato cinzento e gordo, o Perebas, que tirava um cochilo numa nesga de sol.

Harry pulou por cima de um baralho de cartas autoembaralhantes que estava no chão e espiou pela janelinha. No campo, lá embaixo, ele viu uma turma de gnomos que voltavam sorrateiros, um a um, pela cerca dos Weasley. Depois virou-se para olhar Rony, que o observava quase nervoso, como se esperasse ouvir sua opinião.

– É meio pequeno – disse Rony depressa. – Nada como aquele quarto que você tinha na casa dos trouxas. E estou bem debaixo do vampiro no sótão; sempre batendo nos canos e gemendo...

Mas Harry, com um grande sorriso, disse:

– Esta é a melhor casa que já visitei.

As orelhas de Rony ficaram vermelhas.

— CAPÍTULO QUATRO —

Na Floreios e Borrões

A vida n'A Toca era a mais diferente possível da vida na rua dos Alfeneiros. Os Dursley gostavam de tudo limpo e arrumado; a casa dos Weasley era cheia de coisas estranhas e inesperadas. Harry teve um choque na primeira vez que se mirou no espelho sobre o console da lareira da cozinha, pois o espelho gritou: "*Ponha a camisa para dentro, seu desleixado!*" O vampiro no sótão uivava e derrubava canos, sempre que sentia que a casa estava ficando demasiado quieta, e as pequenas explosões que vinham do quarto de Fred e Jorge eram consideradas perfeitamente normais. Porém, o que Harry achou mais fora do comum na vida em casa de Rony não foi o espelho falante nem o vampiro baterista: mas o fato de que todos pareciam gostar dele.

A Sra. Weasley se preocupava com o estado das meias dele e tentava forçá-lo a repetir a comida três vezes por refeição. O Sr. Weasley gostava que Harry se sentasse ao lado dele, à mesa do jantar, para poder bombardeá-lo com perguntas sobre a vida com os trouxas, pedindo-lhe para explicar como funcionavam coisas como as tomadas e o correio postal.

– F*ascinante!* – exclamou, quando Harry lhe contou como se usava o telefone. – *Engenhoso*, verdade, quantas maneiras os trouxas encontraram de viver sem o auxílio da magia.

Harry recebeu notícias de Hogwarts, numa bela manhã, cerca de uma semana depois de chegar À Toca. Ele e Rony desceram para tomar café e encontraram o Sr. e a Sra. Weasley e Gina já sentados à mesa da cozinha. No instante em que viu Harry, Gina sem querer derrubou a tigela de mingau no chão fazendo um estardalhaço. A garota parecia muito propensa a derrubar coisas sempre que Harry entrava. Ela mergulhou debaixo da mesa para apanhar a tigela e reapareceu com o rosto rubro como um sol poente. Harry, fingindo não notar,

sentou-se e aceitou a torrada que a Sra. Weasley lhe oferecia.

– Cartas da escola – disse o Sr. Weasley, passando a Harry e Rony envelopes idênticos de pergaminho amarelado, endereçados com tinta verde. – Dumbledore já sabe que você está aqui, Harry, ele não perde um detalhe, aquele homem. Vocês dois também receberam – acrescentou ele, quando Fred e Jorge entraram descontraídos, ainda de pijamas.

Durante alguns minutos fez-se silêncio enquanto todos liam as cartas. A de Harry mandava-o tomar o Expresso de Hogwarts como sempre na estação de King's Cross, no dia 1º de setembro. Trazia também uma lista dos novos livros que ia precisar para o próximo ano letivo.

MATERIAL PARA OS ALUNOS DA SEGUNDA SÉRIE

Livro padrão de feitiços, 2ª série
de Miranda Goshawk
Como dominar um espírito agourento
de Gilderoy Lockhart
Como se divertir com vampiros
de Gilderoy Lockhart
Férias com bruxas malvadas
de Gilderoy Lockhart
Viagens com trasgos
de Gilderoy Lockhart
Excursões com vampiros
de Gilderoy Lockhart
Passeios com lobisomens
de Gilderoy Lockhart
Um ano com o Iéti
de Gilderoy Lockhart

Fred, que terminara de ler a lista, deu uma espiada na de Harry.

– Mandaram você comprar todos os livros de Lockhart também! – admirou-se. – O novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas deve ser fã dele, aposto que é uma bruxa.

Ao dizer isto, o olhar de Fred cruzou com o de sua mãe e ele rapidamente voltou a atenção para a sua geleia.

– Esse material não vai sair barato – comentou Jorge, lançando um olhar rápido aos pais. – Os livros de Lockhart são bem carinhos...

– Daremos um jeito – disse a Sra. Weasley, embora tivesse a expressão preocupada. – Espero poder comprar a maioria do material de Gina de segunda

mão.
– Ah, você vai entrar para Hogwarts este ano? – perguntou Harry a Gina.
Ela confirmou com a cabeça, corando até a raiz dos cabelos flamejantes e enfiou o cotovelo na manteigueira. Felizmente ninguém viu exceto Harry porque, naquele momento, o irmão mais velho de Rony, Percy, entrou na cozinha. Já estava vestido, o distintivo de monitor em Hogwarts preso no suéter sem mangas.
– Dia – disse Percy animado. – Lindo dia.
Sentou-se na única cadeira desocupada mas quase imediatamente levantou-se de um salto, erguendo do assento um espanador de penas cinzentas que parecia estar na muda – pelo menos foi isso que Harry pensou que fosse, até ver que a coisa respirava.
– Errol! – exclamou Rony, recolhendo a coruja inerte da mão de Percy e extraindo uma carta que ela trazia presa sob a asa. – *Finalmente* chegou a resposta de Hermione. Escrevi a ela avisando que íamos tentar salvar você dos Dursley.
Ele levou Errol até um poleiro na porta dos fundos e tentou fazê-lo encarrapitar-se, mas a coruja tornou a desmontar, por isso Rony a deitou na tábua de escorrer, resmungando “Patético”. Em seguida ele abriu a carta de Mione e leu-a em voz alta.
Queridos Rony, e Harry se estiver aí.
Espero que tudo tenha corrido bem, que Harry esteja bem e que você não tenha feito nada ilegal para tirá-lo de lá, Rony, porque isso criaria problemas para o Harry também. Tenho estado realmente preocupada e, se Harry estiver bem, por favor mande me dizer logo, mas talvez seja melhor usar outra coruja, porque acho que mais uma entrega talvez mate essa aí.
Estou muito ocupada, estudando, é claro...
– Como é que *pode*! – exclamou Rony horrorizado. – Estamos de férias!
... e vamos a Londres na próxima quarta-feira comprar os livros novos. Por que não nos encontramos no Beco Diagonal?
Mande notícias do que está acontecendo, assim que puder.
Afetuosamente,
Mione.
– Bom, isso se encaixa perfeitamente. Podemos ir comprar todo o material de vocês, também – disse a Sra. Weasley, começando a tirar a mesa. – Que é que vocês estão planejando fazer hoje?
Harry, Rony, Fred e Jorge estavam pensando em subir o morro até um pequeno prado que pertencia aos Weasley. Era cercado de árvores que bloqueavam a visão da cidadezinha embaixo, o que significava que podiam

praticar quadribol lá, desde que não voassem muito alto. Não podiam usar bolas de quadribol de verdade, pois seria difícil explicar se escapulissem e sobrevoassem a cidade; em vez disso, atiravam maçãs uns para os outros. Revezaram-se para montar a Nimbus 2000 de Harry, que era, sem nenhum favor, a melhor vassoura; a velha Shooting Star de Rony muitas vezes perdia na corrida para as borboletas que apareciam.

Cinco minutos depois os garotos estavam subindo o morro, as vassouras nos ombros. Tinham perguntado a Percy se queria acompanhá-los, mas ele respondera que estava ocupado. Harry até ali só tinha visto Percy às refeições; ele passava o resto do tempo trancado no quarto.

– Gostaria de saber o que ele está aprontando – disse Fred, franzindo a testa. – Está tão mudado. O resultado das provas dele chegou um dia antes de você; doze N.O.M.s e ele nem cantou vitória.

– Níveis Ordinários em Magia – explicou Jorge, vendo o olhar intrigado de Harry. – Gui recebeu doze também. Se não nos cuidarmos vamos ter outro monitor-chefe na família. Acho que não iríamos suportar a vergonha.

Gui era o filho mais velho dos Weasley. Ele e o irmão logo abaixo, Carlinhos, já tinham terminado Hogwarts. Harry nunca vira nenhum dos dois, mas sabia que Carlinhos estava na Romênia estudando dragões e Gui, no Egito, trabalhando no banco dos bruxos, o Gringotes.

– Não sei como mamãe e papai vão poder comprar todo o nosso material escolar este ano – disse Jorge depois de algum tempo. – Cinco conjuntos de livros do Lockhart! E Gina precisa de vestes, uma varinha e todo o resto...

Harry não disse nada. Sentiu-se um pouco constrangido. Guardado no cofre subterrâneo do Banco de Gringotes, em Londres, havia uma pequena fortuna que seus pais lhe haviam deixado. Naturalmente, era somente no mundo dos bruxos que ele tinha dinheiro; não se podia usar galeões, sicles e nuques em lojas de trouxas. Ele nunca mencionara aos Dursley sua conta no Banco de Gringotes, pois achava que o horror que eles tinham à magia não se estenderia a um montão de ouro.

A Sra. Weasley acordou-os bem cedo na quarta-feira seguinte. Depois de comerem rapidamente uma dúzia de sanduíches de *bacon* cada um, eles vestiram os casacos e a Sra. Weasley apanhou um vaso de flor no console da cozinha e espiou dentro dele.

– Estamos com o estoque baixo, Arthur – suspirou. – Teremos que comprar mais hoje... Ah, muito bem, hóspedes primeiro! Pode começar, Harry querido!

E ela lhe ofereceu o vaso de flor.

Harry olhou para os Weasley, que o observavam.

– Q-que é que eu tenho que fazer? – gaguejou.
– Ele nunca viajou com Pó de Flu – disse Rony de repente. – Desculpe Harry, eu me esqueci.
– Nunca? – admirou-se o Sr. Weasley. – Mas como foi que você chegou ao Beco Diagonal para comprar seu material escolar no ano passado?
– Fui de metrô...
– Verdade?! – exclamou o Sr. Weasley animado. – Havia *escapadas* rolantes? Como é que...
– *Agora* não, Arthur – disse a Sra. Weasley. – O Pó de Flu é muito mais rápido, querido, mas meu Deus, se você nunca o usou antes...
– Ele vai conseguir, mamãe – disse Fred. – Harry observe a gente primeiro.
Fred apanhou uma pitada de pó brilhante no vaso de flor, foi até a lareira e atirou o pó no fogo.
Com um rugido, as chamas ficaram verde-esmeralda e mais altas do que Fred, que entrou nelas e gritou “Beco Diagonal!” e desapareceu.
– Você precisa falar bem claro, querido – disse a Sra. Weasley a Harry quando Jorge mergulhou a mão no vaso. – E se certifique se está saindo na grade certa...
– Na o quê certa? – perguntou Harry nervoso enquanto as chamas rugiam e arrebatavam Jorge de vista.
– Bem, há um número enorme de lareiras de bruxos para você escolher, sabe, mas se você falar com clareza...
– Ele vai acertar, Molly, não se preocupe – disse o Sr. Weasley, servindo-se de Pó de Flu, também.
– Mas, querido, se ele se perder, como é que iríamos explicar à tia e ao tio dele?
– Eles não se importariam – tranquilizou-a Harry. – Duda ia achar que teria sido uma piada genial se eu me perdesse dentro de uma lareira, não se preocupe.
– Bem... está bem... você vai depois de Arthur – disse a Sra. Weasley. – Agora, quando entrar no fogo, diga aonde vai...
– E mantenha os cotovelos colados ao corpo – aconselhou Rony.
– E os olhos fechados – recomendou a Sra. Weasley. – A fuligem...
– Não se mexa – disse Rony. – Ou pode acabar caindo na lareira errada...
– Mas cuidado para não entrar em pânico e sair antes da hora; espere até ver Fred e Jorge.
Harry, fazendo força para guardar tudo isso na cabeça, apanhou uma pitada de Pó de Flu e avançou até a beira do fogo. Inspirou profundamente, lançou o pó nas chamas e entrou; o fogo lhe lembrou uma brisa morna; ele abriu a boca e imediatamente engoliu um monte de cinzas quentes.
– B-be-co Diagonal – tossiu.

A sensação era de que estava sendo sugado por um enorme ralo. Ele parecia estar girando muito rápido... o rugido em seus ouvidos era ensurdecedor... e tentou manter os olhos abertos mas o rodopio das chamas verdes lhe dera enjoo... uma coisa dura bateu no seu cotovelo e ele o prendeu com firmeza junto ao corpo, sempre girando... agora a sensação era de mãos geladas esbofeteando seu rosto... apertando os olhos por trás dos óculos ele viu uma sucessão de lareiras indistintas e relances de aposentos além... os sanduíches de *bacon* reviravam em sua barriga... ele tornou a fechar os olhos desejando que aquilo parasse e então... caiu, de cara no chão, em cima de uma pedra fria e sentiu a ponte dos óculos se partir.

Tonto e machucado, coberto de fuligem, ele se levantou desajeitado, segurando os óculos partidos na frente dos olhos. Estava totalmente sozinho, mas *onde* estava, ele não fazia ideia. Só sabia dizer que estava de pé numa lareira de pedra, em um lugar que parecia ser uma loja de bruxo grande e mal iluminada – mas nada que havia ali tinha a menor probabilidade de aparecer numa lista de material escolar de Hogwarts.

Um mostruário próximo continha uma mão murcha em cima de uma almofada, um baralho manchado de sangue e um olho de vidro arregalado. Máscaras diabólicas o espiavam das paredes, uma variedade de ossos humanos jazia sobre o balcão e instrumentos pontiagudos e enferrujados pendiam do teto. E o que era pior, a rua estreita e escura que Harry via pela vitrine empoeirada da loja decididamente não era a do Beco Diagonal.

Quanto mais cedo saísse dali melhor. Com o nariz ainda doendo por causa da batida na lareira, Harry se encaminhou depressa e silenciosamente para a porta, mas antes que cobrisse metade da distância, duas pessoas apareceram do outro lado da vitrine – e uma delas era a última pessoa que Harry queria encontrar estando perdido, coberto de fuligem, com os óculos partidos: Draco Malfoy.

Harry olhou depressa a toda volta e viu um grande armário preto à esquerda; correu para ele e se fechou dentro, deixando apenas uma frestinha na porta para espiar. Segundos depois, uma sineta tocou e Malfoy entrou na loja.

O homem que entrou atrás dele só podia ser o pai. Tinha a mesma cara fina e pontuda e olhos idênticos, frios e cinzentos. O Sr. Malfoy andou pela loja examinando descansadamente os objetos expostos e tocou uma campainha em cima do balcão antes de se virar para o filho e dizer:

– Não toque em nada, Draco.

Malfoy, que esticara a mão para o olho de vidro, retrucou:

– Pensei que você ia me comprar um presente.

– Eu disse que ia lhe comprar uma vassoura de corrida – disse o pai tamborilando no balcão.

– De que me serve uma vassoura se não faço parte do time da casa? – respondeu Malfoy, com a cara amarrada. – Harry Potter ganhou uma Nimbus 2000 no ano passado. Permissão especial de Dumbledore para ele poder jogar pela Grifinória. Ele nem é tão bom assim, só que é *famoso*... famoso por ter uma *cicatriz* idiota na testa...

Malfoy se abaixou para examinar uma prateleira cheia de crânios.

– ... todo mundo acha que ele é tão *sabido*, o maravilhoso *Potter* com sua *cicatriz* e sua *vassoura*...

– Você já me contou isso no mínimo dez vezes – disse o Sr. Malfoy, com um olhar de censura para o filho. – E gostaria de lembrar-lhe que não é, prudente, demonstrar que não gosta de Harry Potter, não quando a maioria do nosso povo acha que ele é o herói que fez o Lorde das Trevas desaparecer... ah, Sr. Borgin.

Um homem curvado aparecera atrás do balcão, alisando os cabelos untados de óleo para afastá-los do rosto.

– Sr. Malfoy, que prazer revê-lo – disse o Sr. Borgin untuoso como os seus cabelos. – Encantado, e o jovem Malfoy, também, encantado. Em que posso servi-los? Preciso lhes mostrar, chegou hoje, e a um preço muito módico...

– Não vou comprar nada hoje, Sr. Borgin, vou vender – disse o Sr. Malfoy.

– Vender? – O sorriso se embaçou levemente no rosto do Sr. Borgin.

– O senhor ouviu falar, é claro, que o Ministério está fazendo mais blitze – disse o Sr. Malfoy, puxando um rolo de pergaminho do bolso interno do casaco e desenrolando-o para o Sr. Borgin ler. – Tenho em casa uns, ah, objetos que poderiam me causar embaraços, se o Ministério aparecesse...

O Sr. Borgin encaixou um pincenê na ponte do nariz e percorreu a lista.

– O Ministério certamente não ousaria incomodá-lo, não é, meu senhor?

O Sr. Malfoy crispou os lábios.

– Até agora não me visitaram. O nome Malfoy ainda impõe um certo respeito, mas o Ministério está ficando cada vez mais intrometido. Há boatos de uma nova lei de proteção aos trouxas: com certeza aquele bobalhão pulguento, apreciador de trouxas, Arthur Weasley está por trás disso...

Harry sentiu uma onda escaldante de raiva.

– ... e como vê, alguns desses venenos poderiam fazer *parecer*...

– Compreendo, meu senhor, naturalmente – disse o Sr. Borgin. – Deixeme ver...

– Pode me dar *aquilo*? – interrompeu Draco, apontando para a mão murcha sobre a almofada.

– Ah, a Mão da Glória! – disse o Sr. Borgin, abandonando a lista de Malfoy e correndo para perto de Draco. – Ponha-lhe uma vela e ela dá luz apenas a quem a segura! A melhor amiga dos ladrões e saqueadores! O seu filho tem ótimo

gosto, meu senhor.

– Espero que o meu filho venha a ser mais do que um ladrão ou um saqueador, Borgin – disse o Sr. Malfoy com frieza, ao que o Sr. Borgin respondeu depressa:

– Sem ofensa, meu senhor, não tive intenção de ofender...

– Mas, se as notas dele não melhorarem – disse o Sr. Malfoy com maior frieza ainda –, pode ser que ele realmente só tenha talento para isto.

– Não é minha culpa – retrucou Draco. – Todos os professores têm alunos preferidos, aquela Hermione Granger...

– Pensei que você sentiria vergonha se uma menina que nem pertence a família de bruxos passasse a sua frente em todos os exames – comentou com rispidez o Sr. Malfoy.

– Ha! – exclamou Harry baixinho, satisfeito de ver Draco com cara de quem está ao mesmo tempo envergonhado e aborrecido.

– É a mesma coisa em toda parte – disse o Sr. Borgin, com sua voz untuosa. – Ter sangue de bruxo conta cada vez menos em toda parte...

– Não para mim – respondeu o Sr. Malfoy, com as narinas tremendo.

– Não, meu senhor, nem para mim – disse o Sr. Borgin, fazendo uma grande reverência.

– Neste caso, talvez possamos voltar à minha lista – disse o Sr. Malfoy rispidamente. – Estou com um pouco de pressa, Borgin, tenho negócios importantes a tratar hoje em outro lugar.

Os dois começaram a barganhar. Harry observou nervoso que Draco se aproximava cada vez mais do lugar em que ele estava escondido, examinando os objetos à venda. Draco parou para examinar um grande rolo de corda de enforcar e para ler, rindo, o cartão colocado em um magnífico colar de opalas. *Cuidado: Não toque. Amaldiçoado – Tirou a vida de dezenove donos trouxas até hoje*.

Draco se virou e notou o armário bem em frente. Adiantou-se... esticou a mão para o puxador e...

– Fechado – disse o Sr. Malfoy ao balcão. – Vamos, Draco!

Harry enxugou a testa na manga ao ver Draco se afastar.

– Bom dia para o senhor, Sr. Borgin. Aguardo-o amanhã em casa para apanhar a mercadoria.

No instante em que a porta se fechou, o Sr. Borgin abandonou seus modos untuosos.

– Bom dia para o senhor, *Senhor* Malfoy, e, se as histórias que correm forem verdadeiras, o senhor não me vendeu metade do que tem escondido em sua *casa*...

E, continuando a resmungar ameaçador, o Sr. Borgin desapareceu no quarto dos fundos. Harry esperou um pouco, caso ele voltasse, e, em seguida, o mais

silenciosamente que pôde, saiu do armário, passou pelos mostruários de vidro e saiu pela porta afora.

Harry olhou para os lados, segurando os óculos partidos. Saíra em uma ruela sombria que parecia totalmente ocupada por lojas que se dedicavam às Artes das Trevas. A que ele acabara de deixar, a Borgin & Burkes, parecia ser a maior, mas em frente havia uma grande coleção de cabeças jívaras na vitrine, e duas portas abaixo, uma enorme gaiola pululava com gigantescas aranhas negras. Dois bruxos malvestidos o observavam da sombra de um portal, cochichando entre si. Apreensivo, Harry saiu caminhando, tentando segurar os óculos no lugar e esperando, sem muita esperança, conseguir encontrar uma saída daquele lugar.

Uma velha placa de madeira, pendurada acima de uma loja que vendia velas envenenadas, informava que ele se encontrava na Travessa do Tranco. Isto não adiantou muito, pois Harry nunca ouvira falar naquele lugar. Imaginou que talvez não tivesse falado com bastante clareza ao entrar na lareira dos Weasley porque tinha a boca cheia de cinzas. Pensou no que fazer, tentando ficar calmo.

– Não está perdido, está, querido? – disse uma voz ao seu ouvido, assustando-o.

Uma bruxa idosa estava ao lado dele, segurando uma bandeja com objetos que se pareciam horrivelmente com unhas humanas. Ela riu dele mostrando dentes cobertos de limo. Harry recuou.

– Estou bem, obrigado – disse. – Só estou...

– HARRY! O que você está fazendo aqui?

O coração de Harry deu um salto. O da bruxa também: as unhas cascatearam por cima dos seus pés e ela começou a xingar ao mesmo tempo que a forma maciça de Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts veio se aproximando em grandes passadas, seus olhinhos de besouros negros faiscando por cima da barba arrepiada.

– Hagrid! – exclamou Harry revelando alívio na voz rouca. – Eu me perdi... Pó de Flu...

Hagrid agarrou Harry pela nuca e afastou-o da bruxa, derrubando a bandeja que ela levava. O guincho que ela soltou acompanhou-os durante todo o trajeto pelas ruelas tortuosas até tornarem a ver a luz do sol. Harry divisou a distância um edifício de mármore muito branco que já conhecia: o Banco de Gringotes. Hagrid o levara direto ao Beco Diagonal.

– Você está horrível! – exclamou Hagrid, espanando a fuligem que cobria Harry com tanta força que quase o derrubou numa barrica de bosta de dragão à porta da farmácia. – Se esquivando pela Travessa do Tranco, não sei, não, um lugar suspeito, Harry, não quero que ninguém o veja lá...

– *Isso* eu percebi – disse Harry, abaixando-se quando Hagrid fez menção de

espaná-lo outra vez. – Eu lhe falei, eu me perdi, e o que é que você estava fazendo lá?
– *Eu* estava procurando repelente para lesmas carnívoras – rosnou Hagrid. – Elas estão acabando com os repolhos da escola. Você não está sozinho?
– Estou na casa dos Weasley mas nos separamos – explicou Harry. – Tenho que encontrá-los...
Os dois começaram a descer a rua juntos.
– Por que é que você nunca respondeu as minhas cartas? – perguntou Hagrid a Harry enquanto caminhavam (o garoto tinha que dar três passos para cada passada das enormes botas de Hagrid). Harry explicou tudo sobre Dobby e os Dursley.
– Trouxas nojentos – rosnou Hagrid. – Se eu tivesse sabido...
– Harry! Harry! Aqui!
Harry ergueu os olhos e viu Hermione Granger parada no alto das escadas brancas de Gringotes. A garota desceu correndo ao encontro deles, os cabelos castanhos e fartos esvoaçando para trás.
– Que aconteceu com os seus óculos? Alô, Hagrid... Ah, que *maravilha* rever vocês... Vai entrar no Gringotes, Harry?
– Assim que eu encontrar os Weasley – respondeu Harry.
– Você não vai ter que esperar muito – disse Hagrid com um sorriso.
Harry e Hermione se viraram: correndo pela rua cheia de gente vinham Rony, Fred, Jorge, Percy e o Sr. Weasley.
– Harry – ofegou o Sr. Weasley. – Tivemos *esperança* de que você só tivesse ultrapassado uma grade de lareira... – Ele enxugou a careca reluzente. – Molly está alucinada... aí vem ela.
– Onde foi que você saiu? – perguntou Rony.
– Na Travessa do Tranco – informou Hagrid de cara feia.
– *Que ótimo!* – exclamaram Fred e Jorge juntos.
– Nunca nos deixaram entrar lá – comentou Rony invejoso.
– Ainda bem – rosnou Hagrid.
A Sra. Weasley aproximava-se correndo, a bolsa balançando loucamente em uma das mãos, Gina agarrada à outra.
– Ah, Harry, ah, meu querido, você podia ter ido parar em qualquer lugar...
Tomando fôlego ela tirou uma grande escova de roupas da bolsa e começou a escovar a fuligem que Hagrid não conseguira espanar. O Sr. Weasley apanhou os óculos de Harry, deu-lhes uma batida com a varinha e os devolveu, como se fossem novos.
– Bom, tenho que ir andando – disse Hagrid, cuja mão era apertada pela Sra. Weasley (“Travessa do Tranco! Se você não o tivesse encontrado, Hagrid!”). –

Vejo vocês em Hogwarts! – E o guarda-caça se afastou a passos largos, a cabeça e os ombros mais altos do que os de todo mundo na rua cheia.

– Adivinhem quem eu encontrei na Borgin & Burkes? – perguntou Harry a Rony e a Hermione enquanto subiam as escadas do Gringotes. – Malfoy e o pai dele.

– Lúcio Malfoy comprou alguma coisa? – perguntou o Sr. Weasley sério logo atrás deles.

– Não, ele estava vendendo.

– Então está preocupado – comentou o Sr. Weasley com cruel satisfação. – Ah, eu adoraria pegar Lúcio Malfoy por alguma coisa...

– Tenha cuidado, Arthur – disse a Sra. Weasley com severidade quando eram cumprimentados pelo duende à porta do banco. – Aquela família significa confusão. Não abocanhe mais do que você pode mastigar.

– Então você não acha que sou adversário para o Lúcio Malfoy? – respondeu o Sr. Weasley indignado, mas foi distraído quase no mesmo instante pela visão dos pais de Hermione, que estavam parados nervosos no balcão que ia de uma ponta a outra do saguão de mármore, esperando que Hermione os apresentasse.

– Mas vocês são *trouxas*! – exclamou o Sr. Weasley encantado. – Precisamos tomar um drinque! Que é que têm aí? Ah, estão trocando dinheiro de trouxas. Molly, olhe! – Ele apontou excitado para as notas de dez libras na mão do Sr. Granger.

– Te encontro lá no fundo – disse Rony a Hermione quando os Weasley e Harry foram conduzidos aos cofres subterrâneos por outro duende de Gringotes.

Chegava-se aos cofres a bordo de vagonetes pilotados por duendes, que os manobravam em alta velocidade por trilhos de bitola estreita através dos túneis subterrâneos do banco. Harry curtiu a viagem vertiginosa até o cofre dos Weasley, mas se sentiu muito mal, muito pior do que se sentira na Travessa do Tranco, quando eles o abriram. Havia uma pequena pilha de sicles de prata lá dentro e apenas um galeão de ouro. A Sra. Weasley tateou pelos cantos antes de varrer tudo para dentro da bolsa. Harry se sentiu ainda pior quando chegaram ao seu cofre. Tentou bloquear a visão do conteúdo enquanto enfiava, apressadamente, mãos cheias de moedas em uma bolsa de couro.

De volta aos degraus de mármore, eles se separaram. Percy murmurou qualquer coisa sobre a necessidade de comprar uma pena nova. Fred e Jorge tinham visto um amigo de Hogwarts, Lino Jordan. A Sra. Weasley e Gina iam a uma loja de vestes de segunda mão. O Sr. Weasley insistia em levar os Granger ao Caldeirão Furado para tomar um drinque.

– Vamos nos encontrar na Floreios e Borrões dentro de uma hora para comprar o material escolar – disse a Sra. Weasley, se afastando com Gina. – E

nem pensar em entrar na Travessa do Tranco! – gritou ela para os gêmeos que seguiam na direção oposta.

Harry, Rony e Hermione caminharam pela rua tortuosa, calçada de pedras. A bolsa de ouro, prata e bronze que retinia alegremente no bolso de Harry estava pedindo para ser gasta, de modo que ele comprou três grandes sorvetes de morango e manteiga de amendoim, que os três lamberam felizes enquanto subiam o beco, examinando as vitrines fascinantes das lojas. Rony admirou, cobiçoso, um conjunto completo de vestes da grife Chudley Cannon, na vitrine da Artigos de Qualidade para Quadribol, até que Hermione puxou os dois para irem comprar tinta e pergaminho na loja ao lado. Na Gambol & Japes – Jogos de Magia, eles encontraram Fred, Jorge e Lino Jordan, que estavam fazendo um estoque de fogos de artifício Dr. Filibusteiro, que disparavam molhados e, não aqueciam, e num brechó cheio de varinhas quebradas, balanças de latão empenadas e velhas capas manchadas de poções, os garotos deram de cara com Percy, profundamente absorto na leitura de um livro muito chato intitulado *Monitores-chefes que se tornaram poderosos*.

– *Um estudo dos monitores-chefes de Hogwarts e suas carreiras* – leu Rony alto na quarta capa. – Parece *fascinante*...

– Deem o fora – disse Percy com rispidez.

– É claro que ele é muito ambicioso, o Percy já planejou tudo... quer ser Ministro da Magia... – comentou Rony para Harry e Hermione em voz baixa quando deixaram o irmão sozinho.

Uma hora depois eles rumaram para a Floreios e Borrões. Não eram de maneira alguma os únicos que se dirigiam à livraria. Ao se aproximarem, viram, para sua surpresa, uma quantidade de gente que se acotovelava à porta da loja, tentando entrar. A razão disso estava anunciada em uma grande faixa estendida nas janelas do primeiro andar.

GILDEROY LOCKHART
autografa sua autobiografia
O MEU EU MÁGICO
hoje das 12:30 às 16:30

– Vamos poder conhecê-lo! – gritou Hermione esganiçada. – Quero dizer, ele é o autor de quase toda a nossa lista de livros!

A aglomeração parecia ser formada, em sua maioria, por bruxas mais ou menos da idade da Sra. Weasley. Um bruxo de ar atarantado estava postado à porta, dizendo:

– Calma, por favor, minhas senhoras... Não empurrem, isso... cuidado com os

livros, agora...

Harry, Rony e Hermione espremeram-se para entrar na loja. Uma longa fila serpeava até o fundo da loja, onde Gilderoy Lockhart autografava seus livros. Cada um dos meninos apanhou um exemplar de *Livro padrão de feitiços, 2ª série*, e se enfiaram sorrateiros no início da fila onde já aguardavam os outros meninos com o Sr. e a Sra. Weasley.

– Ah, chegaram, que bom! – disse a Sra. Weasley. Ela parecia ofegante e não parava de ajeitar os cabelos. – Vamos vê-lo em um minuto...

Aos poucos Gilderoy Lockhart se tornou visível, sentado a uma mesa, cercado de grandes cartazes com o próprio rosto, todos piscando e exibindo dentes ofuscantes de tão brancos. O verdadeiro Lockhart estava usando vestes azul-miosótis que combinavam à perfeição com os seus olhos; seu chapéu cônico de bruxo se encaixava em um ângulo pimpão sobre os cabelos ondulados.

Um homenzinho irritadiço dançava à sua volta, tirando fotos com uma máquina enorme que soltava baforadas de fumaça púrpura a cada flash enceguecedor.

– Saia do caminho, você aí – rosnou ele para Rony, recuando para se posicionar em um ângulo melhor. – Trabalho para o *Profeta Diário*.

– Grande coisa – disse Rony, esfregando o pé que o fotógrafo pisara.

Gilderoy ouviu-o. Ergueu os olhos. Viu Rony – e em seguida viu Harry Potter. Encarou-o. Então se levantou de um salto e decididamente gritou:

– Não *pode* ser Harry Potter!

A multidão se dividiu, murmurando agitada; Lockhart adiantou-se, agarrou o braço de Harry e puxou-o para a frente. A multidão prorrompeu em aplausos. A cara de Harry estava em fogo quando Lockhart apertou sua mão para o fotógrafo, que batia fotos feito louco, dispersando fumaça sobre os Weasley.

– Dê um belo sorriso, Harry – disse Lockhart por entre os dentes faiscantes. – Juntos, você e eu valemos uma primeira página.

Quando ele finalmente soltou a mão de Harry, o garoto mal conseguia sentir os dedos. E tentou se esgueirar para junto dos Weasley, mas Lockhart passou um braço pelos seus ombros e segurou-o com firmeza ao seu lado.

– Minhas senhoras e meus senhores – disse em voz alta, ao mesmo tempo que pedia silêncio com um gesto. – Que momento extraordinário este! O momento perfeito para anunciar uma novidade que estou guardando só para mim há algum tempo!

“Quando o jovem Harry entrou na Floreios e Borrões hoje, ele queria apenas comprar a minha autobiografia, com a qual eu terei o prazer de presenteá-lo agora.” A multidão tornou a aplaudir. “Ele *não fazia ideia”*, continuou Lockhart, dando uma sacudidela em Harry que fez os óculos do menino escorregarem para

a ponta do nariz, “que em breve estaria recebendo muito, muito mais do que o meu livro *O meu eu mágico*. Ele e seus colegas irão receber o meu eu mágico em carne e osso. Sim, senhoras e senhores, tenho o grande prazer de anunciar que, em setembro próximo, irei assumir a função de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts!”

A multidão deu vivas e bateu palmas, e Harry se viu presenteado com as obras completas de Gilderoy Lockhart. Cambaleando sob o peso dos livros, ele conseguiu fugir das luzes da ribalta para a periferia do salão, onde Gina estava parada com o seu novo caldeirão.

– Fique com eles – murmurou Harry para a menina, virando os livros no caldeirão. – Eu vou comprar os meus...

– Aposto que você adorou isso, não foi, Potter? – disse uma voz que Harry não teve problema em reconhecer. Ele endireitou o corpo e se viu cara a cara com Draco Malfoy, que exibia o sorriso de desdém de sempre.

“*O Famoso* Harry Potter”, continuou Malfoy. “Não consegue nem ir a uma *livraria* sem parar na primeira página do jornal.”

– Deixe ele em paz, ele nem queria isso – disse Gina. Era a primeira vez que falava na frente de Harry. E olhava feio para Malfoy.

– Potter, você arranjou uma *namorada*! – disse Malfoy arrastando as sílabas. Gina ficou escarlate enquanto Rony e Hermione lutavam para chegar até eles, sobraçando pilhas de livros de Lockhart.

– Ah, é você! – exclamou Rony, olhando para Malfoy como se ele fosse uma coisa desagradável, grudada na sola do sapato. – Aposto como ficou surpreso de ver Harry aqui, hein?

– Não tão surpreso como estou de ver você numa loja, Weasley – retrucou Malfoy. – Imagino que seus pais vão passar fome um mês para pagar todas essas compras.

Rony ficou tão vermelho quanto Gina. Largou os livros no caldeirão, também, e partiu para cima de Malfoy, mas Harry e Hermione o agarraram pelo casaco.

– Rony! – chamou o Sr. Weasley, que procurava se aproximar com Fred e Jorge. – Que é que está fazendo? Está muito cheio aqui, vamos para fora.

– Ora, ora, ora, Arthur Weasley.

Era o Sr. Malfoy. Estava parado com a mão no ombro de Draco, com um sorriso de desdém igual ao do filho.

– Lúcio – disse o Sr. Weasley, dando um frio aceno com a cabeça.

– Muito trabalho no Ministério, ouvi dizer – falou o Sr. Malfoy. – Todas aquelas blitze... Espero que estejam lhe pagando hora extra!

Ele meteu a mão no caldeirão de Gina e tirou, do meio dos livros de capa lustrosa de Lockhart, um exemplar muito antigo e surrado de um *Guia da*

transfiguração para principiantes.

– É óbvio que não – concluiu o Sr. Malfoy. – Ora veja, de que serve ser uma vergonha de bruxo se nem ao menos lhe pagam bem para isso?

O Sr. Weasley corou com mais intensidade do que Rony e Gina.

– Nós temos ideias muito diferentes do que é ser uma vergonha de bruxo, Malfoy.

– Visivelmente – disse o Sr. Malfoy, seus olhos claros desviando-se para o Sr. e Sra. Granger, que observavam apreensivos. – As pessoas com quem você anda, Weasley... e pensei que sua família já tinha batido no fundo do poço...

Ouviu-se uma pancada metálica quando o caldeirão de Gina saiu voando; o Sr. Weasley se atirara sobre o Sr. Malfoy, derrubando-o contra uma prateleira. Dúzias de livros de soletração despencaram com estrondo em sua cabeça; ouviu-se um grito “Pega ele, papai” – dado por Fred e Jorge; a Sra. Weasley gritava “Não, Arthur, não”; a multidão estourou, recuando e derrubando mais prateleiras.

– Senhores, por favor, por favor! – pedia o assistente, e, depois, mais alto que a algazarra reinante. – Vamos parar com isso, cavalheiros, vamos parar com isso...

Hagrid caminhava em direção aos dois atravessando um mar de livros. Num instante ele separou o Sr. Weasley e o Sr. Malfoy. O Sr. Weasley com o lábio cortado e o Sr. Malfoy fora atingido no olho por uma *Enciclopédia dos sapos*. Ele ainda segurava o livro velho de Gina sobre transfiguração. Atirou-o nela, os olhos brilhando de malícia.

– Aqui, tome o seu livro, é o melhor que seu pai pode lhe dar...

E, desvencilhando-se da mão de Hagrid, chamou Draco e saíram da loja.

– Você devia ter fingido que ele não existia, Arthur – disse Hagrid, quase erguendo o Sr. Weasley do chão enquanto este endireitava as vestes. – Podre até a alma, a família toda, todo mundo sabe disso. Não vale a pena dar ouvidos a nenhum Malfoy. Sangue ruim, é o que é. Vamos agora, vamos sair daqui.

O assistente parecia querer impedi-los de sair, mas mal chegava à cintura de Hagrid e pareceu pensar duas vezes. Eles subiram apressados a rua, os Granger tremendo de susto e a Sra. Weasley fora de si de fúria.

– Um *belo* exemplo para os seus filhos... *saindo no tapa* em público... *que é que* o Gilderoy Lockhart deve ter pensado...

– Ele estava satisfeito – informou Fred. – Você não ouviu o que ele disse quando estávamos saindo? Perguntou àquele cara do *Profeta Diário* se ele podia incluir a briga na notícia, disse que tudo era publicidade.

Mas foi um grupo mais sereno que voltou à lareira do Caldeirão Furado, de onde Harry, os Weasley e todas as compras iriam retornar À Toca, usando o Pó

de Flu. Eles se despediram dos Granger, que iriam atravessar o bar para chegar à rua dos trouxas, do outro lado; o Sr. Weasley começou a perguntar ao casal como funcionavam os pontos de ônibus, mas parou de repente ao ver o olhar da Sra. Weasley.

Harry tirou os óculos e guardou-os bem seguros no bolso antes de se servir do Pó de Flu. Decididamente não era o seu meio de transporte favorito.

— CAPÍTULO CINCO —

O Salgueiro Lutador

O fim das férias de verão chegou muito depressa para o gosto de Harry. Ele estava ansioso para regressar a Hogwarts, mas aquele mês n'A Toca fora o mais feliz de sua vida. Era difícil não ter inveja de Rony quando pensava nos Dursley e no tipo de boas-vindas que poderia esperar na próxima vez que aparecesse na rua dos Alfeneiros.

Na última noite de férias, a Sra. Weasley fez aparecer um jantar suntuoso que incluiu todos os pratos favoritos de Harry, terminando com um pudim caramelado de dar água na boca. Fred e Jorge encerraram a noite com uma queima de fogos Filibusteiro; encheram a cozinha de estrelas vermelhas e azuis que ricochetearam do teto para as paredes durante no mínimo uma hora. Então chegou a hora da última caneca de chocolate quente e de ir para a cama.

Eles demoraram para viajar na manhã seguinte. Acordaram ao nascer do sol, mas por alguma razão pareciam ter um bocado de coisas para fazer. A Sra. Weasley corria de um lado para outro mal-humorada, procurando meias desparelhadas e penas de escrever; as pessoas não paravam de dar encontrões nas escadas, meio vestidas, levando pedaços de torradas nas mãos; e o Sr. Weasley quase quebrou o pescoço, ao tropeçar em uma galinha solta quando atravessava o quintal carregando o malão de Gina até o carro.

Harry não conseguiu imaginar como é que oito pessoas, seis malões, duas corujas e um rato iam caber em um pequeno Ford Anglia. É claro que ele não contara com os acessórios especiais que o Sr. Weasley acrescentara.

– Nem uma palavra a Molly – cochichou ele a Harry quando abriu a mala do carro e lhe mostrou como a aumentara por artes mágicas para que a bagagem coubesse sem problemas.

Quando finalmente todos tinham embarcado no carro, a Sra. Weasley olhou

para o banco traseiro, onde Harry, Rony, Fred, Jorge e Percy estavam sentados confortavelmente lado a lado e disse:

– Os trouxas sabem mais do que nós queremos reconhecer, não é? – Ela e Gina entraram no banco dianteiro que fora aumentado de tal maneira que parecia um banco de jardim público. – Quero dizer, olhando de fora, a pessoa nunca imaginaria como o carro é espaçoso, não é?

O Sr. Weasley ligou o motor e saiu do quintal, enquanto Harry se virava para trás para dar uma última olhada na casa. Mal teve tempo para pensar quando a veria outra vez e já estavam de volta: Jorge esquecera a caixa de fogos Filibusteiro. Cinco minutos depois, tornaram a parar no quintal para Fred ir buscar depressa sua vassoura. Tinham quase chegado à rodovia quando Gina gritou que deixara o diário em casa. Na altura em que tornaram a embarcar no carro eles já estavam muito atrasados e muito mal-humorados.

O Sr. Weasley olhou para o relógio e depois para a sua mulher.

– Molly, querida...

– *Não*, Arthur.

– Ninguém veria. Esse botãozinho aqui é um multiplicador de invisibilidade que instalei, isso nos faria decolar e voar acima das nuvens. Estaríamos lá em dez minutos e ninguém saberia...

– Eu disse *não*, Arthur, não em plena luz do dia.

Eles chegaram à estação de King’s Cross às quinze para as onze. O Sr. Weasley disparou até o outro lado da rua para buscar carrinhos para a bagagem e todos correram para a estação.

Harry tomara o Expresso de Hogwarts no ano anterior. A parte complicada era chegar à plataforma nove e meia, que não era visível aos olhos dos trouxas. O que a pessoa tinha que fazer era atravessar uma barreira sólida que separava as plataformas nove e dez. Não machucava, mas tinha que ser feito com cautela, de modo que os trouxas não vissem a pessoa desaparecer.

– Percy primeiro – disse a Sra. Weasley, consultando nervosa o relógio no alto, que indicava que tinham apenas cinco minutos para desaparecer pela barreira sem ser vistos.

Percy adiantou-se com passos firmes e desapareceu. O Sr. Weasley o seguiu; depois Fred e Jorge.

– Vou levar Gina e vocês dois venham logo atrás de nós – disse a Sra. Weasley a Harry e Rony, agarrando a mão de Gina e se afastando. Num piscar de olhos as duas tinham desaparecido.

– Vamos juntos, só temos um minuto – disse Rony a Harry.

Harry verificou se a gaiola de Edwiges estava bem encaixada em cima do malão e virou o carrinho de frente para a barreira. Sentia-se absolutamente

confiante; isto não era nem de longe tão desconfortável quanto usar o Pó de Flu. Os dois se abaixaram sob a barra dos carrinhos e avançaram decididos para a barreira, ganhando velocidade. Quando faltavam apenas poucos passos eles desataram a correr e...

TAPUM.

Os dois carrinhos bateram na barreira e quicaram de volta; o malão de Rony caiu com estrondo, Harry foi derrubado, a gaiola de Edwiges saiu saltando pelo chão encerado e ela rolou para fora, gritando indignada; as pessoas à volta olharam e um guarda próximo berrou:

– Que diabo vocês acham que estão fazendo?

– Perdi o controle do carrinho – ofegou Harry, apertando as costelas ao se levantar. Rony teve que recolher Edwiges, a coruja fazia tanto escândalo que muitos dos circunstantes resmungaram contra a crueldade para com os animais.

– Por que não podemos atravessar? – sibilou Harry para Rony.

– Não sei...

Rony olhou desorientado para os lados. Uns dez curiosos continuavam a observá-los.

– Vamos perder o trem – cochichou Rony. – Não entendo por que o portão se fechou...

Harry olhou para o enorme relógio no alto com uma sensação ruim na boca do estômago. Dez segundos... nove segundos...

Ele levou o carrinho à frente com cautela até encostá-lo na barreira e empurrou-o com toda a força. O metal continuou sólido.

– Três segundos... dois segundos... um segundo...

– Já foi – disse Rony, parecendo atordoado. – O trem foi embora. E se papai e mamãe não conseguirem voltar para nós? Você tem algum dinheiro de trouxas?

Harry deu uma risada cavernosa.

– Os Dursley não me dão dinheiro há uns seis anos.

Rony encostou o ouvido na barreira fria.

– Não ouço nada – informou tenso. – Que vamos fazer? Não sei quanto tempo vai levar para mamãe e papai voltarem.

Eles olharam para os lados. As pessoas continuavam a vigiá-los, principalmente por causa dos gritos de Edwiges que não paravam.

– Acho que é melhor irmos esperar ao lado do carro – sugeriu Harry. – Estamos atraindo atenção dema...

– Harry! – exclamou Rony, com os olhos brilhando. – O carro!

– Que tem o carro?

– Podemos voar para Hogwarts no carro!

– Mas eu pensei...

– Estamos imobilizados, certo? E temos que voltar para a escola, não é? E até os bruxos de menor idade podem usar a magia quando há uma emergência grave, seção dezenove ou coisa assim da Lei de Restrição ao...

– Mas sua mãe e seu pai... – disse Harry, empurrando mais uma vez a barreira na esperança inútil de que ela cedesse. – Como é que vão chegar em casa?

– Eles não precisam do carro! – disse Rony impaciente. – Eles sabem *aparatar*! Sabe, desaparecer aqui e reaparecer em casa! Eles só usam o Pó de Flu e o carro porque somos todos menores e ainda não temos permissão para *aparatar*.

A sensação de pânico de Harry de repente se transformou em excitação.

– Você sabe voar?

– Não tem problema – disse Rony, virando o carrinho de frente para a saída. – Anda, vamos. Se nos apressarmos poderemos seguir o Expresso de Hogwarts.

Passaram então pela aglomeração de trouxas curiosos, saíram da estação e voltaram à rua secundária onde ficara estacionado o velho Ford Anglia.

Rony destrancou a enorme mala do carro com vários toques seguidos de varinha. Tornaram a carregar a bagagem na mala, puseram Edwiges no banco traseiro e embarcaram.

– Veja se não tem ninguém olhando – disse Rony, ligando a ignição com outro toque de varinha. Harry meteu a cabeça para fora da janela: o tráfego roncava pela estrada principal adiante, mas a rua deles estava deserta.

– Tudo bem – falou.

Rony apertou um botãozinho prateado no painel. O carro em que estavam desapareceu – e eles também. Harry sentiu o banco vibrar embaixo dele, ouviu o ruído do motor, sentiu as mãos em cima dos joelhos e os óculos em cima do nariz, mas pelo que conseguia ver, virara um par de olhos que flutuavam acima do chão, numa rua suja cheia de carros estacionados.

– Vamos – disse a voz de Rony vindo da direita.

E o chão e os edifícios sujos de cada lado se distanciaram e foram desaparecendo de vista, à medida que o carro decolava; em segundos, Londres inteira estava lá embaixo, enfumaçada e cintilante.

Então ouviu-se um estampido e o carro, Harry e Rony reapareceram.

– Epa! – exclamou Rony, batendo no botão da invisibilidade. – Está com defeito.

Os dois socaram o botão. O carro desapareceu. E tornou a reaparecer aos pouquinhos.

– Segure firme! – berrou Rony e pisou fundo no acelerador; eles dispararam em linha reta para dentro de nuvens baixas e repolhudas e tudo ficou cinzento e enevoado.

– E agora? – perguntou Harry, piscando diante da camada sólida de nuvens que os comprimia de todos os lados.

– Temos que ver o trem para saber que direção vamos tomar – disse Rony.

– Mergulhe outra vez... depressa.

Eles baixaram até ficar sob as nuvens e se viraram no banco, tentando ver o solo...

– Estou vendo! – gritou Harry. – Bem na nossa frente, lá.

O Expresso de Hogwarts ia correndo embaixo deles como uma cobra vermelha.

– Rumo norte – disse Rony, verificando a bússola no painel. – Tudo bem, só vamos precisar verificar de meia em meia hora mais ou menos, segure firme... – E eles dispararam para o alto, furando as nuvens. Um minuto depois, saíram numa camada banhada de sol.

Era um mundo diferente. Os pneus do carro roçavam de leve o mar de nuvens fofas, o céu um azul forte e infinito sob um sol claro de cegar.

– Agora só temos que nos preocupar com os aviões – disse Rony.

Eles se entreolharam e caíram na gargalhada; durante algum tempo não conseguiram parar.

Era como se tivessem mergulhado num sonho fabuloso. Isto, pensou Harry, era sem dúvida o único modo de viajar – deixando para trás os redemoinhos e as torrinhas de nuvens branquíssimas, em um carro inundado pela luz quente e clara do sol, com um pacotão de caramelos no porta-luvas, e a perspectiva de ver as caras invejosas de Fred e Jorge quando eles aterrissassem, suave e espetacularmente, no vasto gramado diante do castelo de Hogwarts.

Eles verificavam regularmente a posição do trem durante o voo que os levava cada vez mais para o norte e, em cada mergulho abaixo das nuvens, descortinavam uma paisagem diferente. Londres não tardou a ficar muito para trás, substituída por campos verdes e geométricos que, por sua vez, cederam lugar a grandes extensões de terra roxa, pantanosa, uma metrópole que pululava de carros que lembravam formigas multicoloridas, cidadezinhas com igrejas de brinquedo.

Várias horas tranquilas depois, no entanto, Harry teve que admitir que o divertimento estava começando a cansar. Os caramelos tinham deixado os dois cheios de sede e não havia nada para beber. Ele e Rony tinham despido os suéteres, mas a camiseta de Harry estava grudando no encosto do banco, e seus óculos não paravam de escorregar pela ponta do nariz suado. Ele deixara de reparar nas formas fantásticas das nuvens e agora pensava com saudades no trem, quilômetros abaixo, onde podia comprar suco de abóbora bem gelado em um carrinho empurrado por uma bruxa gorducha. *Por que* não tinham podido

chegar à plataforma nove e meia?
– Não pode faltar muito mais, não é? – perguntou Rony rouco, horas depois, quando o sol começou a afundar pelo chão de nuvens, tingindo-o de rosa forte. "Pronto para verificar outra vez a posição do trem?"
O trem continuava embaixo deles, contornando uma montanha de pico nevado. Escurecera bastante sob a abóbada de nuvens.
Rony pisou fundo no acelerador e fez o carro subir outra vez, mas ao fazer isto, o motor começou a soltar um silvo agudo.
Harry e Rony trocaram olhares apreensivos.
– Provavelmente ele está cansado – disse Rony. – Nunca foi tão longe antes...
E os dois fingiram não notar o ruído que ficava cada vez mais forte, à medida que o céu ia escurecendo cada vez mais. As estrelas espocavam na escuridão. Harry tornou a vestir o suéter, tentando fingir que não via que os limpadores do para-brisa agora se moviam devagar, como se protestassem.
– Falta pouco – disse Rony mais para o carro do que para Harry –, falta pouco agora – e deu umas palmadinhas nervosas no painel.
Quando voltaram a voar sob as nuvens um pouco mais tarde, tiveram que apurar a vista na escuridão para encontrar um marco que conhecessem.
– *Ali!* – gritou Harry, sobressaltando Rony e Edwiges. – Bem em frente!
Recortado no horizonte escuro, no alto do penhasco sobre o lago, estavam as torres e torrinhas do castelo de Hogwarts.
Mas o carro começara a tremer e a perder velocidade.
– Vamos – disse Rony em tom de quem quer adular, dando uma sacudidela no volante –, quase chegamos, vamos...
O motor gemia. Finos penachos de fumaça saíam por debaixo do capô. Harry viu-se agarrando as bordas do banco com toda força ao voarem em direção ao lago.
O carro deu um estremeção feio. Ao espiar pela janela, Harry viu a superfície lisa, escura e espelhada da água, um quilômetro e meio abaixo. Os nós dos dedos de Rony estavam brancos de tanto apertar o volante. O carro estremeceu outra vez.
– Vamos – murmurou Rony.
Sobrevoaram o lago... o castelo estava bem à frente... Rony apertou o acelerador.
Ouviu-se uma batida metálica e alta, um engasgo e o motor morreu de vez.
– Epa! – exclamou Rony, em meio ao silêncio.
O nariz do carro afundou. Estavam caindo, ganhando velocidade, rumando direto para a parede maciça do castelo.
– *Nããããããão!* – berrou Rony, dando um golpe de direção; erraram o escuro

muro de pedra por centímetros, porque o carro descreveu um grande arco e voou sobre as estufas às escuras, depois sobre a horta e depois sobre os gramados sombrios, perdendo altura todo o tempo.

Rony largou de vez o volante e puxou a varinha do bolso traseiro.

– PARE! PARE! – berrou, golpeando o painel e o para-brisa, mas eles continuaram a mergulhar, o chão voando ao seu encontro...

– CUIDADO COM AQUELA ÁRVORE! – urrou Harry, atirando-se sobre o volante, mas tarde demais...

CREQUE.

Com um estrondo de ensurdecer, de metal batendo em madeira, eles colidiram com um tronco avantajado e despencaram no chão com um baque forte. O vapor que saía por baixo do capô amassado formava nuvens enormes. Edwiges guinchava de terror; um galo do tamanho de uma bola de golfe latejou na cabeça de Harry onde ele batera no para-brisa e, à sua direita, Rony deixou escapar um gemido baixo e desesperado.

– Você está bem? – perguntou Harry com urgência na voz.

– Minha varinha – respondeu Rony com a voz trêmula. – Olhe a minha varinha.

Ela quase se partira em duas; a ponta balançava inerte, segura apenas por meia dúzia de farpas de madeira.

Harry abriu a boca para dizer que tinha certeza de que poderiam consertá-la na escola, mas nem chegou a falar. Naquele mesmíssimo instante, alguma coisa bateu na lateral do carro com a força de um touro furioso, atirando Harry contra Rony, ao mesmo tempo que outra pancada igualmente pesada atingia o teto.

– Que está acontecen... – exclamou Rony, arregalando os olhos para o para-brisa, enquanto Harry virava a cabeça em tempo de ver um galho grosso como uma jiboia que o amassava. A árvore em que tinham batido atacava os dois. Curvara o tronco quase ao meio e seus ramos nodosos socavam cada centímetro do carro que conseguiam alcançar.

“Caracas!”, exclamou Rony quando outro ramo retorcido fez uma grande mossa na porta do lado dele; o para-brisa agora vibrava sob uma saraivada de golpes aplicados por galhinhos em forma de nós, e um galho grosso como um aríete socava furiosamente o teto, que parecia estar afundando...

“Se manda!”, gritou Rony, atirando todo o peso contra a porta, mas no segundo seguinte ele era empurrado de volta contra o colo de Harry por um direto no queixo dado por outro galho.

“Estamos perdidos!”, gemeu ele quando o teto afundou, mas de repente o fundo do carro começou a vibrar – o motor pegara outra vez.

– *Dê marcha a ré!* – berrou Harry, e o carro disparou para trás; a árvore

continuava a tentar atingi-los; ouviam as raízes rangerem como se se rasgassem, tentando golpeá-los enquanto se afastavam dela a toda.

– Essa – ofegou Rony – foi por pouco. Muito bem, carro.

O carro, porém, chegara ao limite de suas forças. Com dois fortes trancos, as portas se escancararam e Harry sentiu o banco deslizar para um lado. No momento seguinte ele se viu estatelado no chão úmido. Pancadas fortes lhe informaram que o carro estava ejetando a bagagem deles da mala; a gaiola de Edwiges voou pelos ares e se abriu; ela soltou um guincho raivoso e voou veloz para o castelo, sem nem ao menos olhar para trás. Então, amassado, arranhado e fumegando o carro saiu roncando pela escuridão, as lanternas traseiras brilhando com raiva.

– Volte aqui! – gritou Rony para o carro, brandindo a varinha partida. – Papai vai me matar!

Mas o carro desapareceu de vista com uma última gargalhada do cano de descarga.

– Dá para *acreditar* na nossa sorte? – disse Rony infeliz, abaixando-se para recolher Perebas. – De todas as árvores em que podíamos ter batido, tínhamos que bater nessa que revida?

Ele espiou por cima do ombro a velha árvore, que continuava a agitar os ramos ameaçadoramente.

– Vamos – disse Harry cansado –, é melhor irmos logo para a escola...

Não se pareceu nada com a chegada triunfal que eles tinham imaginado. Os músculos duros, enregelados e contundidos, os dois apanharam as alças dos malões e começaram a arrastá-los pela encosta gramada acima, em direção à imponente porta de entrada de carvalho.

– Acho que a festa já começou – comentou Rony, largando a mala ao pé dos degraus da entrada e indo espiar silenciosamente por uma janela iluminada. – Ei, Harry, vem ver, é a Seleção!

Harry correu à janela e juntos, ele e Rony contemplaram o Salão Principal.

Uma quantidade de velas pairava no ar sobre as quatro mesas compridas e lotadas, fazendo os pratos e taças de ouro faiscarem. No alto, o teto encantado, que sempre refletia o céu lá fora, pontilhado de estrelas.

Em meio à floresta de chapéus cônicos de Hogwarts, Harry viu uma longa fila de principiantes de cara assustada entrar no Salão. Gina estava entre eles, facilmente identificável pelos cabelos da família Weasley, muito vívidos. Entrementes a Profª McGonagall, uma bruxa de óculos que usava os cabelos presos em um coque, estava colocando o famoso Chapéu Seletor sobre um banquinho diante dos recém-chegados.

Todo ano, aquele chapéu antigo, remendado, esfiapado e sujo, selecionava os

novos alunos para as quatro casas de Hogwarts (Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina). Harry lembrava-se bem da noite em que o colocara na cabeça, exatamente há um ano, e esperara, petrificado, a decisão do chapéu que murmurava audivelmente em seu ouvido. Por alguns segundos terríveis ele receara que o chapéu fosse colocá-lo na Sonserina, a casa de onde saía um número maior de bruxos e bruxas das trevas do que de qualquer outra – mas ele acabara indo para a Grifinória, junto com Rony, Hermione e o resto dos Weasley. No último trimestre letivo, Harry e Rony tinham ajudado a Grifinória a ganhar o Campeonato das Casas, vencendo Sonserina pela primeira vez em sete anos.

Um garoto muito pequeno, de cabelos castanho-acinzentados foi chamado para colocar o chapéu na cabeça. O olhar de Harry passou por ele e foi pousar no lugar em que Dumbledore, o diretor, assistia à cerimônia sentado à mesa dos funcionários, sua longa barba prateada e os óculos de meia-lua brilhando à luz das velas. Vários lugares adiante, Harry viu Gilderoy Lockhart, com suas vestes azuis. E lá na ponta sentava-se Hagrid, enorme e peludo, bebendo grandes goles de sua taça.

– Espere aí... – cochichou Harry para Rony. – Há uma cadeira vaga na mesa dos funcionários... Onde está o Snape?

Severo Snape era o professor de que Harry menos gostava. Por acaso Harry era o aluno de quem Snape menos gostava também. Cruel, irônico e detestado por todo mundo, exceto pelos alunos de sua própria casa (Sonserina), Snape ensinava Poções.

– Vai ver ele está doente! – disse Rony esperançoso.

– Vai ver ele *foi embora* – disse Harry –, porque não conseguiu o lugar de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas *outra vez*!

– Ou vai ver foi *despedido*! – disse Rony entusiasmado. – Quero dizer, todo mundo o detesta...

– Ou vai ver – disse uma voz muito seca atrás deles – está esperando para saber por que vocês dois não chegaram no trem da escola.

Harry virou-se depressa. Ali, as vestes negras ondeando à brisa gelada, achava-se parado Severo Snape. Era um homem magro, com a pele macilenta, um nariz curvo e cabelos negros e oleosos até os ombros e, naquele momento, sorria de um jeito que dizia a Harry e Rony que eles estavam numa baita encrenca.

– Me acompanhem – disse Snape.

Sem nem ousarem se entreolhar, Harry e Rony seguiram Snape pela escada e entraram no enorme saguão cheio de ecos, iluminado por tochas. Um cheiro delicioso de comida vinha do Salão Principal, mas Snape os levou para longe do calor e da luz e desceu uma estreita escada de pedra que levava às masmorras.

– Para dentro! – disse ele, indicando a porta que abrira no corredor frio.

Eles entraram na sala de Snape, trêmulos. As paredes sombrias estavam cobertas de prateleiras com grandes frascos, em que flutuava todo tipo de coisa nojenta de que, naquele momento, Harry nem queria saber o nome. A lareira estava apagada e vazia. Snape fechou a porta e virou-se para encará-los.

– Então – disse com suavidade – o trem não é bastante bom para o famoso Harry Potter e seu leal escudeiro Weasley. Queriam chegar *acontecendo*, não foi, rapazes?

– Não, senhor, foi a barreira na estação de King's Cross, ela...

– Silêncio – disse Snape secamente. – Que foi que fizeram com o carro?

Rony engoliu em seco. Não era a primeira vez que Snape dava a Harry a impressão de ser capaz de ler pensamentos. Mas um momento depois, ele compreendeu, quando Snape desdobrou o *Profeta Vespertino* daquele dia.

– Vocês foram vistos – sibilou o professor, mostrando a manchete: FORD ANGLIA VOADOR INTRIGA TROUXAS. E começou a ler em voz alta: – "Dois trouxas em Londres, convencidos de terem visto um velho carro sobrevoar a torre dos Correios... ao meio-dia em Norfolk, a Sra. Hetty Bayliss, quando pendurava roupa para secar... O Sr. Angus Fleet, de Peebles, comunicou à polícia..." Um total de seis ou sete trouxas. Acredito que o *seu* pai trabalha no departamento que coíbe o mau uso de artefatos dos trouxas? – perguntou ele, erguendo os olhos para Rony com um sorriso ainda mais desagradável. – Tsk, tsk, tsk... o próprio filho dele...

Harry teve a sensação de que acabara de levar um direto no estômago, aplicado por um dos ramos mais parrudos da árvore maluca. Se alguém descobrisse que o Sr. Weasley havia enfeitiçado o carro... não tinha pensado nisso...

– Reparei na minha busca pelo parque que houve considerável dano a um Salgueiro Lutador muito valioso – continuou Snape.

– Aquela árvore causou mais dano a *nós* do que nós a... – deixou escapar Rony.

– *Silêncio!* – disse Snape outra vez. – Infelizmente vocês não fazem parte da minha Casa, e a decisão de expulsá-los não cabe a mim. Vou buscar as pessoas que têm este prazeroso poder. Esperem aqui.

Harry e Rony se entreolharam pálidos. Harry não sentia mais fome. Sentia-se extremamente enjoado. Tentou não olhar para uma coisa grande e pegajosa que estava suspensa em um líquido verde, em uma prateleira atrás da escrivaninha de Snape. Se Snape tivesse ido buscar a Profª McGonagall, diretora da Casa Grifinória, eles tampouco estariam em melhor situação. Poderia ser mais justa do que Snape, mas era rigorosíssima.

Dez minutos depois, Snape voltou e não deu outra, era a Profª McGonagall que o acompanhava. Harry já a vira várias vezes, mas ou se esquecera como a boca da professora ficava contraída, ou nunca a vira zangada antes. Ela ergueu a varinha no momento em que entrou. Os dois, Harry e Rony se encolheram, mas ela meramente a apontou para a lareira apagada, onde as chamas irromperam instantaneamente.

– Sentem-se – disse, e os dois recuaram e se sentaram em cadeiras junto à lareira.

– Expliquem-se – disse, os óculos brilhando agourentos.

Rony saiu contando a história a começar pela barreira da estação que se recusara a deixá-los passar.

– ... então não tivemos outra escolha, professora, não podíamos embarcar no trem.

– Por que não nos mandaram uma carta por coruja? Creio que *você* tem uma coruja? – disse a Profª McGonagall, olhando para Harry com frieza.

Harry ficou boquiaberto. Agora que ela dissera, parecia a coisa óbvia para ter sido feita.

– Eu... não pensei...

– Isto – tornou a professora – é óbvio.

Ouviu-se uma batida na porta da sala, e Snape, agora com a cara mais feliz que nunca, abriu-a. Parado à porta achava-se o diretor, o Prof. Dumbledore.

O corpo de Harry inteiro ficou insensível. Dumbledore parecia anormalmente sério. Olhou por cima daquele nariz curvo dele, e Harry, subitamente, viu-se desejando que ele e Rony ainda estivessem apanhando do Salgueiro Lutador.

Fez-se um longo silêncio. Então Dumbledore disse:

– Por favor, expliquem por que fizeram isso.

Teria sido melhor se tivesse gritado. Harry detestou o desapontamento que havia na voz dele. Por alguma razão, não conseguiu encarar Dumbledore nos olhos e, em vez disso, falou para os próprios joelhos. Contou a Dumbledore tudo, exceto que o Sr. Weasley era o dono do carro enfeitiçado, fazendo parecer que ele e Rony tinham encontrado o carro voador estacionado do lado de fora da estação, por acaso. Ele sabia que Dumbledore perceberia a coisa na mesma hora, mas o diretor não fez perguntas sobre o carro. Quando Harry terminou, ele apenas continuou a observá-los através dos óculos de meia-lua.

– Vamos buscar as nossas coisas – disse Rony com a desesperança na voz.

– De que é que está falando, Weasley? – vociferou a Profª McGonagall.

– Bem, os senhores vão nos expulsar, não é? – disse Rony.

Harry olhou rapidamente para Dumbledore.

– Hoje não, Sr. Weasley – disse Dumbledore. – Mas preciso incutir em vocês a gravidade do que fizeram. Vou escrever às duas famílias hoje à noite. Devo também preveni-los de que se fizerem isto de novo, não terei escolha senão expulsar os dois.

Snape fez cara de quem acaba de ouvir que o Natal foi cancelado. Pigarreou e disse:

– Prof. Dumbledore, esses garotos zombaram da lei que restringe o uso de magia por menores, causaram sérios danos a uma árvore antiga e valiosa... com certeza atos desta natureza...

– A Profª McGonagall é quem decidirá sobre o castigo dos meninos, Severo – disse Dumbledore calmamente. – Fazem parte da Casa dela e portanto são responsabilidade dela. – E se virou para a professora: – Preciso voltar para a festa, Minerva, tenho que dar alguns avisos. Vamos, Severo, tem uma torta de abóbora deliciosa que quero provar.

Snape lançou um olhar de puro veneno a Harry e Rony ao se deixar levar embora da sala, deixando-os sozinhos com a Profª McGonagall, que ainda os observava como uma águia atenta.

– É melhor ir à ala hospitalar, Weasley, você está sangrando.

– Não é nada demais – disse Rony, limpando depressa com a manga o corte sobre o olho. – Professora, eu queria ver a minha irmã ser selecionada...

– A cerimônia da Seleção já terminou – respondeu ela. – Sua irmã também ficou na Grifinória.

– Ah, que bom.

– E por falar na Grifinória... – disse McGonagall muito ríspida, mas Harry a interrompeu.

– Professora, quando apanhamos o carro, o ano letivo ainda não tinha começado, por isso... por isso a Grifinória não deve perder pontos, deve? – terminou ele, observando-a ansioso.

A Profª McGonagall lançou-lhe um olhar penetrante, mas ele teve certeza de que ela quase sorrira. Pelo menos a boca ficara menos contraída.

– Não vou tirar pontos da Grifinória. – E Harry sentiu o coração muito mais leve. – Mas os dois vão receber uma detenção.

Foi melhor do que Harry esperara. Quanto a Dumbledore escrever aos Dursley, isso não era nada. Harry sabia perfeitamente que eles só iriam ficar desapontados que o Salgueiro Lutador não o tivesse achatado de vez.

A Profª McGonagall ergueu novamente a varinha e apontou-a para a escrivaninha de Snape. Um grande prato de sanduíches, duas taças de prata e uma jarra de suco de abóbora gelado apareceram com um estalo.

– Vocês vão comer aqui e depois vão direto para o dormitório – disse ela. – Eu também preciso voltar à festa.

Quando a porta se fechou, Rony deixou escapar um assobio baixo e longo.

– Achei que estávamos ferrados – disse ele, agarrando um sanduíche.

– Eu também – disse Harry, servindo-se.

– Mas dá para acreditar na nossa falta de sorte? – perguntou Rony com a voz pastosa porque tinha a boca cheia de galinha e presunto. – Fred e Jorge devem ter voado naquele carro umas cinco ou seis vezes e nunca nenhum trouxa viu os *dois*. – Ele engoliu e deu outra grande dentada. – *Por que* não conseguimos atravessar a barreira?

Harry sacudiu os ombros.

– Mas vamos ter que nos cuidar daqui para a frente – disse, tomando um grande gole do suco de abóbora, cheio de gratidão. – Gostaria de termos podido ir à festa...

– Ela não queria que fôssemos nos exibir – disse Rony ajuizadamente. – Não quer que as pessoas pensem que somos sabidos, porque chegamos de carro voador.

Quando acabaram de comer tudo o que puderam (o prato sempre tornava a se encher sozinho) eles se levantaram e deixaram a sala, tomando o caminho familiar para a Torre da Grifinória. O castelo estava silencioso; parecia que a festa havia acabado. Os dois passaram pelos quadros que resmungavam e as armaduras que rangiam e subiram a estreita escada de pedra, até chegarem, finalmente, à passagem onde se escondia a entrada secreta para a Grifinória, atrás do retrato a óleo de uma mulher muito gorda, de vestido de seda rosa.

– Senha? – perguntou ela quando os dois se aproximaram.

– Ããã... – murmurou Harry.

Eles não sabiam a senha do novo ano, ainda não tinham encontrado o monitor da Grifinória, mas o socorro chegou quase imediatamente; ouviram um tropel de passos às costas e quando se viraram deram com Hermione que corria ao encontro deles.

– *Aí* estão vocês! Onde se *meteram*? Os boatos mais *ridículos*... alguém disse que vocês foram expulsos por terem batido com um *carro* voador.

– Bem, não fomos expulsos – garantiu-lhe Harry.

– Vocês não vão me dizer que *realmente* chegaram aqui voando? – disse Hermione, em tom quase tão severo quanto o da Profª McGonagall.

– Pode poupar o sermão – disse Rony impaciente – e nos dizer qual é a nova senha.

– É “maçarico” – respondeu Hermione impaciente –, mas não é isto que está em questão...

Suas palavras, porém, foram interrompidas, pois o retrato da mulher gorda se abriu em meio a uma repentina tempestade de aplausos. Parecia que todos os alunos da Grifinória ainda estavam acordados, espremidos na sala comunal redonda, trepados nas mesas fora de esquadro e nas poltronas que afundavam, esperando os dois chegarem. Braços passaram pela abertura do retrato para puxar Harry e Rony para dentro, deixando Hermione subir depois e sozinha.

– Genial! – berrou Lino Jordan. – Um achado! Que entrada! Aterrissar um carro voador no Salgueiro Lutador, vão comentar isso durante anos!

“Parabéns”, disse um quintanista com que Harry nunca falara antes; alguém dava palmadinhas em suas costas como se ele tivesse acabado de ganhar uma maratona; Fred e Jorge abriram caminho por entre os colegas aglomerados e perguntaram ao mesmo tempo:

– Por que não viemos no carro, hein? – Rony estava com a cara vermelha e sorria constrangido, mas Harry acabava de ver uma pessoa que não parecia nada feliz. Percy era visível por cima das cabeças de uns alunos de primeira série animados, e parecia estar querendo se aproximar o suficiente para começar a ralhar com eles. Harry cutucou Rony nas costelas e fez sinal em direção a Percy. Rony entendeu na mesma hora.

– Temos que subir... um pouco cansados – disse ele e os dois começaram a abrir caminho em direção à porta do lado oposto da sala, que levava à escada circular e aos dormitórios.

– Noite – Harry falou por cima do ombro para Hermione, que estava com uma cara tão feia quanto Percy.

Os garotos conseguiram chegar ao outro lado da sala comunal, ainda recebendo palmadinhas nas costas, e alcançaram a paz das escadas. Subiram a escada correndo, direto para cima e, finalmente, chegaram à porta do antigo dormitório, que agora tinha um letreiro que dizia ALUNOS DE SEGUNDA SÉRIE. Entraram no quarto circular que já conheciam, com camas de quatro colunas e cortinas de veludo vermelho, e suas janelas altas e estreitas. Seus malões tinham sido trazidos até o quarto e colocados aos pés das camas.

Rony sorriu com ar de culpa para Harry.

– Sei que não devia ter curtido isso nem nada, mas...

A porta do dormitório se escancarou e por ela entraram os outros segundanistas da Grifinória, Simas Finnigan, Dino Thomas e Neville Longbottom.

– *Inacreditável!* – exclamou Simas radiante.

– Legal – disse Dino.

– Um assombro! – acrescentou Neville atônito.

Harry não conseguiu se controlar. Sorriu também.

— CAPÍTULO SEIS —

Gilderoy Lockhart

No dia seguinte, porém, Harry mal conseguiu sorrir. As coisas começaram a rolar morro abaixo desde o café da manhã no Salão Principal. As quatro mesas compridas, cada uma de uma casa, estavam cobertas de terrinas de mingau de aveia, travessas de peixe defumado, montanhas de torradas e pratos com ovos e *bacon*, sob o céu encantado (hoje, toldado por nuvens cinzentas). Harry e Rony sentaram-se à mesa da Grifinória ao lado de Hermione, que tinha um exemplar de *Excursões com vampiros*, aberto, e apoiado numa jarra de leite. Havia uma certa formalidade na maneira como ela deu "Bom-dia", o que informou a Harry que ela continuava a desaprovar a maneira como os garotos tinham chegado. Neville Longbottom, por outro lado, cumprimentou-os animado. Neville era um menino de rosto redondo e dado a acidentes, com a pior memória que Harry já vira em alguém.

– O correio deve chegar a qualquer momento, acho que vovó vai me mandar umas coisas que esqueci.

Harry mal tinha começado a comer o mingau quando, a confirmar o comentário, ouviu-se um rumorejo de asas, no alto, e uma centena de corujas entrou, descrevendo círculos pelo salão e deixando cair cartas e pacotes entre os alunos que tagarelavam. Um grande embrulho disforme bateu na cabeça de Neville e, um segundo depois, alguma coisa grande e cinzenta caiu na jarra de Hermione, salpicando todo mundo com leite e penas.

– *Errol!* – exclamou Rony, puxando pelos pés a coruja molhada para fora da jarra. Errol caiu, desmaiada, em cima da mesa, as pernas para cima e um envelope vermelho e úmido no bico.

"Ah, não!...", exclamou Rony.

– Tudo bem, ele ainda está vivo – disse Hermione, cutucando Errol

devagarinho com a ponta do dedo.

– Não é isso, é *isto*.

Rony estava apontando para o envelope vermelho. Parecia um envelope comum para Harry, mas Rony e Neville olharam para ele como se fosse explodir.

– Que foi? – perguntou Harry.

– Ela... ela me mandou um “berrador” – disse Rony baixinho.

– É melhor abrir, Rony – sugeriu Neville com um sussurro tímido. – Vai ser pior se você não abrir. Minha avó um dia me mandou um e eu não dei atenção – ele engoliu em seco –, foi horrível.

Harry olhava dos rostos paralisados dos amigos para o envelope vermelho.

– Que é um berrador? – perguntou.

Mas toda a atenção de Rony estava fixa na carta, que começara a fumegar nos cantos.

– Abra – insistiu Neville. – Termina em poucos minutos...

Rony estendeu a mão trêmula, tirou o envelope do bico de Errol e abriu-o. Neville enfiou os dedos nos ouvidos. Uma fração de segundo depois, Harry descobriu o porquê. Pensou por um instante que o envelope explodira; um estrondo encheu o enorme salão, sacudindo a poeira do teto.

“... ROUBAR O CARRO, EU NÃO TERIA ME SURPREENDIDO SE O TIVESSEM EXPULSADO, ESPERE ATÉ EU PÔR AS MÃOS EM VOCÊ, SUPONHO QUE NÃO PAROU PARA PENSAR NO QUE SEU PAI E EU PASSAMOS QUANDO VIMOS QUE O CARRO TINHA DESAPARECIDO...”

Os berros da Sra. Weasley, cem vezes mais altos do que de costume, fizeram os pratos e talheres se entrechocarem na mesa e produziram um eco ensurdecedor nas paredes de pedra. As pessoas por todo o salão se viravam para ver quem recebera o berrador, e Rony afundou tanto na cadeira que só deixara a testa vermelha visível.

“... CARTA DE DUMBLEDORE À NOITE PASSADA, PENSEI QUE SEU PAI IA MORRER DE VERGONHA, NÃO O EDUCAMOS PARA SE COMPORTAR ASSIM, VOCÊ E HARRY PODIAM TER MORRIDO...”

Harry estava imaginando quando é que seu nome iria aparecer. Fez muita força para fingir que não estava escutando a voz que fazia seus tímpanos latejarem.

“... ABSOLUTAMENTE DESGOSTOSA, SEU PAI ESTÁ ENFRENTANDO UM INQUÉRITO NO TRABALHO, E É TUDO CULPA SUA, E, SE VOCÊ SAIR UM DEDINHO DA LINHA, VAMOS TRAZÊ-LO DIRETO PARA CASA.”

Seguiu-se um silêncio que chegou a ecoar. O envelope vermelho, que caíra das mãos de Rony, pegou fogo e encrespou-se em cinzas. Harry e Rony ficaram aturdidos, como se uma onda gigantesca tivesse acabado de passar por cima

deles. Algumas pessoas riram e, aos poucos, a balbúrdia da conversa recomeçou.
Hermione fechou o *Excursões com vampiros* e olhou para o cocuruto da cabeça de Rony.
– Bem, não sei o que é que você esperava, Rony, mas você...
– Não me diga que mereci – retrucou Rony com rispidez.
Harry empurrou o prato de mingau. Suas entranhas queimavam de remorso. O Sr. Weasley estava enfrentando um inquérito no trabalho. Depois de tudo que o Sr. e a Sra. Weasley tinham feito por ele durante o verão...
Mas não teve muito tempo para pensar nisso; a Profª McGonagall vinha passando pela mesa da Grifinória, distribuindo os horários dos cursos. Harry recebeu o dele e viu que a primeira aula era uma aula dupla de Herbologia, com os alunos da Lufa-Lufa.
Harry, Rony e Hemione deixaram o castelo juntos, atravessaram a horta e rumaram para as estufas, onde as plantas mágicas eram cultivadas. Pelo menos o berrador fizera uma coisa boa: Hermione parecia achar que tinham sido suficientemente castigados e voltara a ser absolutamente simpática.
Ao se aproximarem das estufas viram o resto da classe em pé, do lado de fora, esperando a Profª Sprout. Harry, Rony e Hermione tinham acabado de se reunir à turma quando a professora surgiu caminhando pelo gramado, acompanhada de Gilderoy Lockhart. Ela trazia os braços carregados de bandagens, e, com outro aperto de remorso, Harry viu o Salgueiro Lutador ao longe, com vários ramos em tipoias.
A Profª Sprout era uma bruxinha atarracada que usava um chapéu remendado sobre os cabelos soltos; geralmente tinha uma grande quantidade de terra nas roupas, e suas unhas teriam feito tia Petúnia desmaiar. Gilderoy Lockhart, ao contrário, estava imaculado em suas espetaculares vestes azulturquesa, os cabelos dourados brilhando sob um chapéu também turquesa, com galão dourado e perfeitamente assentado na cabeça.
– Ah, alô pessoal! – cumprimentou ele, sorrindo para os alunos reunidos. – Acabei de mostrar à Profª Sprout a maneira certa de cuidar de um Salgueiro Lutador! Mas não quero que vocês fiquem com a ideia de que sou melhor do que ela em Herbologia! Por acaso encontrei várias dessas plantas exóticas nas minhas viagens...
– Estufa três hoje, rapazes! – disse a Profª Sprout, que tinha um ar visivelmente contrariado, bem diferente de sua habitual expressão animada.
Houve um murmúrio de interesse. Até então, só tinham estudado na estufa número um – a estufa três guardava plantas muito mais interessantes e perigosas. A Profª Sprout tirou uma chave enorme do cinto e destrancou a porta. Harry

sentiu um cheiro de terra molhada e fertilizante mesclados ao perfume pesado de umas flores enormes, do tamanho de sombrinhas, que pendiam do teto. Ia entrar em seguida a Rony e Hermione na estufa quando Lockhart estendeu a mão.

– Harry! Estou querendo dar uma palavra... a senhora não se importa se ele se atrasar uns minutinhos, não é, Profª Sprout?

A julgar pela cara de desagrado da professora, ela se importava sim, mas Lockhart disse:

– É isso aí. – E fechou a porta da estufa na cara dela.

– Harry – disse Lockhart, os dentões brancos faiscando ao sol quando ele balançou a cabeça. – Harry, Harry, Harry.

Completamente estupefato, Harry ficou calado.

– Quando ouvi, bem, é claro que foi tudo minha culpa. Tive vontade de me chutar.

Harry não fazia ideia do que é que o professor estava falando. Ia dizer isso quando Lockhart acrescentou:

– Nunca fiquei tão chocado em minha vida. Chegar a Hogwarts num carro voador! Bem, é claro, entendi na mesma hora por que você fez isso. Estava na cara. Harry, Harry, *Harry*.

Era incrível como é que ele conseguia mostrar cada um daqueles dentes brilhantes até quando não estava falando.

– Teve uma provinha de publicidade, não foi? – disse Lockhart. – Ficou *mordido*. Esteve na primeira página comigo e não pôde esperar para repetir o feito.

– Ah, não, professor, sabe...

– Harry, Harry, Harry – disse Lockhart, segurando-o pelo ombro. – *Eu compreendo*. É natural querer mais depois de provar uma vez, e eu me culpo por ter-lhe dado a oportunidade, porque a coisa não podia deixar de lhe subir à cabeça, mas olhe aqui, rapaz, você não pode começar *a voar em carros* para tentar chamar atenção para a sua pessoa. É bom se acalmar, está bem? Tem muito tempo para isso quando for mais velho. É, é, sei o que está pensando! “Tudo bem para ele, já é um bruxo internacionalmente conhecido!” Mas quando eu tinha doze anos, era um joão-ninguém como você é agora. Diria até que era mais joão-ninguém! Quero dizer, algumas pessoas já ouviram falar de você, não é mesmo? Todo aquele episódio com Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado! – Ele olhou para a cicatriz em forma de raio na testa de Harry. – Eu sei, eu sei, não é tão bom quanto ganhar o Prêmio do Sorriso mais Atraente do *Semanário dos Bruxos* cinco vezes seguidas, como eu, mas é um *começo*, Harry, é um *começo*.

Ele deu uma piscadela cordial a Harry e foi-se embora a passos largos. Harry continuou aturdido por alguns segundos, depois, lembrando-se de que devia estar

na estufa, abriu a porta e entrou sem chamar atenção.

A Profª Sprout estava parada atrás de uma mesa de cavalete no centro da estufa. Havia uns vinte pares de abafadores de ouvidos de cores diferentes arrumados sobre a mesa. Quando Harry tomou seu lugar entre Rony e Hermione, a professora disse:

– Vamos reenvasar mandrágoras hoje. Agora, quem é que sabe me dizer as propriedades da mandrágora?

Ninguém se surpreendeu quando a mão de Hermione foi a primeira a se levantar.

– A mandrágora é um tônico reconstituinte muito forte – disse Hermione, parecendo, como sempre, que engolira o livro-texto. – É usada para trazer de volta as pessoas que foram transformadas ou foram enfeitiçadas no seu estado natural.

– Excelente. Dez pontos para a Grifinória – disse a Profª Sprout. – A mandrágora é parte essencial da maioria dos antídotos. Mas, é também perigosa. Quem sabe me dizer o porquê?

A mão de Hermione errou por pouco os óculos de Harry quando ela a levantou mais uma vez.

– O grito da mandrágora é fatal para quem o ouve – disse a garota prontamente.

– Exatamente. Mais dez pontos. Agora as mandrágoras que temos aqui ainda são muito novinhas.

Ela apontou para uma fileira de tabuleiros fundos ao falar, e todos se aproximaram para ver melhor. Umas cem moitinhas repolhudas, verde-arroxeadas, cresciam em fileiras nos tabuleiros. Não pareciam ter nada de mais para Harry, que não fazia a menor ideia do que Hermione quisera dizer com o "grito" da mandrágora.

– Agora apanhem um par de abafadores de ouvidos – mandou a professora.

Os alunos correram para a mesa para tentar apanhar um par que não fosse peludo nem cor-de-rosa.

– Quando eu mandar vocês colocarem os abafadores, certifiquem-se de que suas orelhas ficaram *completamente* cobertas – disse ela. – Quando for seguro remover os abafadores eu erguerei o polegar para vocês. Certo... *coloquem* os abafadores.

Harry ajustou os abafadores nos ouvidos. Eles vedaram completamente o som. A Profª Sprout colocou o seu par peludo e cor-de-rosa nas orelhas, enrolou as mangas das vestes, agarrou uma moitinha de mandrágora com firmeza e puxou-a com força.

Harry deixou escapar uma exclamação de surpresa que ninguém ouviu.

Em vez de raízes, um bebezinho extremamente feio saiu da terra. As folhas cresciam diretamente de sua cabeça. Ele tinha a pele verde-clara malhada e era visível que berrava a plenos pulmões.

A professora tirou um vaso de plantas grande de sob a bancada e mergulhou nele a mandrágora, cobrindo-a com o composto escuro e úmido até ficarem apenas as folhas visíveis. Depois, limpou as mãos, fez sinal com o polegar para os alunos e retirou os abafadores dos ouvidos.

– As nossas mandrágoras são apenas mudinhas, por isso seus gritos ainda não dão para matar – disse ela calmamente como se não tivesse feito nada mais excitante do que regar uma begônia. – Mas, elas deixarão vocês inconscientes por várias horas, e como tenho certeza de que nenhum de vocês quer perder o primeiro dia na escola, certifiquem-se de que seus abafadores estão no lugar antes de começarem a trabalhar. Chamarei sua atenção quando estiver na hora da saída.

"Quatro para cada tabuleiro, há um bom estoque de vasos aqui, o composto está nos sacos ali adiante, e tenham cuidado com aquela planta de tentáculos venenosos. Está criando dentes."

Ela deu uma palmada enérgica em uma planta vermelha e espinhosa ao falar, fazendo-a recolher os longos tentáculos que avançavam sorrateiramente pelo seu ombro.

Harry, Rony e Hermione dividiram o tabuleiro com um garoto de cabelos cacheados da Lufa-Lufa que Harry conhecia de vista mas com quem nunca falara.

– Justino Finch-Fletchley – apresentou-se ele animado, apertando a mão de Harry. – Eu sei quem você é, claro, o famoso Harry Potter... E você é Hermione Granger, sempre a primeira em tudo – (Hermione deu um grande sorriso quando o garoto também apertou sua mão) –, e Rony Weasley. O carro voador era seu, não era?

Rony não sorriu. O berrador obviamente continuava em seus pensamentos.

– Aquele Lockhart é o máximo, não acha? – disse Justino, feliz, quando começaram a encher os vasos de planta com fertilizante de bosta de dragão. – Um cara supercorajoso. Você leu os livros dele? Eu teria morrido de medo se tivesse sido acuado em uma cabine telefônica por um lobisomem, mas ele continuou na dele e, zás, simplesmente *fantástico*.

"Eu estava inscrito em Eton, sabe. Nem sei dizer como estou contente de, em vez disso, ter vindo para cá. Claro, minha mãe ficou um pouco desapontada, mas desde que a fiz ler os livros de Lockhart acho que começou a perceber como será útil ter na família alguém formado em magia..."

Depois disso não houve muito o que conversar. Tinham tornado a colocar os abafadores e precisavam se concentrar nas mandrágoras. A Profª Sprout fizera a tarefa parecer extremamente fácil, mas não era. As mandrágoras não gostavam de sair da terra, mas tampouco pareciam querer voltar para ela. Contorciam-se, chutavam, sacudiam os pequenos punhos afiados e arreganhavam os dentes; Harry gastou dez minutos inteiros tentando espremer uma planta particularmente gorda dentro de um vaso.

Lá pelo fim da aula, Harry, como todos os outros, estava suado, dolorido e coberto de terra. Eles voltaram ao castelo para se lavar rapidamente, e então os alunos da Grifinória correram para a aula de Transfiguração.

As aulas da Profª McGonagall eram sempre trabalhosas, mas a de hoje estava particularmente difícil. Tudo que Harry aprendera no ano anterior parecia ter-se esvaído de sua cabeça durante o verão. Devia transformar um besouro em um botão, mas a única coisa que conseguiu foi forçar o besouro a fazer muito exercício, pois o inseto corria por toda a superfície da carteira para fugir de sua varinha.

Rony estava enfrentando um problema muito pior. Tinha remendado a varinha com um pouco de fita adesiva que pedira emprestada, mas a varinha parecia danificada para sempre. Não parava de estalar e faiscar nas horas mais estranhas, e cada vez que Rony tentava transformar o besouro ela o envolvia em uma densa fumaça cinzenta que cheirava a ovos podres. Acidentalmente ele esmagou o seu besouro com o cotovelo e teve que pedir um novo. A Profª McGonagall não ficou nada satisfeita.

Foi um alívio para Harry ouvir a sineta para o almoço. Seu cérebro parecia ter virado uma esponja espremida. Todos saíram da sala exceto ele e Rony, que, furioso, dava golpes de varinha na carteira.

– Coisa, burra, inútil.

– Escreva para casa pedindo uma nova – sugeriu Harry quando a varinha produziu uma saraivada de tiros feito um rojão.

– Ah, sim, e recebo outro berrador em resposta – disse Rony enfiando na mochila a varinha, que agora sibilava. – “*A culpa é sua se sua varinha partiu...*”

Os três amigos desceram para o refeitório, onde o humor de Rony não melhorou ao ver a coleção de botões perfeitos que Hermione mostrava ter feito na aula de Transfiguração.

– Que vamos ter hoje à tarde? – perguntou Harry, mudando de assunto depressa.

– Defesa Contra as Artes das Trevas – respondeu Hermione na mesma hora.

– *Por que* – perguntou Rony, apanhando o horário dela – você sublinhou com

coraçõeszinhos as aulas de Lockhart?

Hermione puxou o horário da mão de Rony, corando loucamente.

Quando terminaram o almoço os três saíram para o pátio nublado. Hermione se sentou em um degrau de pedra e tornou a enfiar o nariz em *Excursões com vampiros*. Harry e Rony ficaram discutindo quadribol durante vários minutos até Harry perceber que estava sendo atentamente vigiado. Ao erguer os olhos, viu que o garoto miudinho de cabelos louro-cinza que ele vira experimentando o Chapéu Seletor na véspera o encarava como que paralisado. Estava agarrado a um objeto que parecia uma máquina fotográfica de trouxas e, no momento em que Harry olhou para ele, ficou escarlate.

– Tudo bem, Harry? Sou... Colin Creevey – disse o menino sem fôlego, adiantando-se hesitante. – Sou da Grifinória também. Você acha que tem algum problema se... posso tirar uma foto? – acrescentou, erguendo a máquina esperançoso.

– Uma foto? – repetiu Harry sem entender.

– Para provar que conheci você – disse Colin Creevey ansioso, aproximando-se mais. – Sei tudo sobre você. Todo mundo me contou. Como foi que você sobreviveu quando Você-Sabe-Quem tentou matá-lo e como foi que ele desapareceu e tudo o mais, e como você ainda conserva a cicatriz em forma de raio na testa – (seus olhos esquadrinharam a raiz dos cabelos de Harry) –, e um garoto no meu dormitório disse que se eu revelar o filme na poção correta, as fotos vão se *mexer*. – Colin inspirou profundamente, estremecendo de excitação, e disse: – Isto aqui é *fantástico*, não acha? Eu não sabia que as coisas estranhas que eu fazia eram magia até receber uma carta de Hogwarts. Meu pai é leiteiro, ele também não conseguia acreditar. Então estou tirando um montão de fotos para levar para ele. E seria bem bom se tivesse a sua – o garoto olhou para Harry como se implorasse –, quem sabe o seu amigo podia tirar, e eu podia ficar do seu lado? E depois você podia autografar a foto?

– *Autografar a foto?* Você está distribuindo *fotos autografadas*, Potter?

A voz de Draco Malfoy, alta e desdenhosa, ecoou pelo pátio. Ele parara logo atrás de Colin, ladeado, como sempre que estava em Hogwarts, pelos capangas grandalhões, Crabbe e Goyle.

– Todo mundo em fila! – gritou Malfoy para os outros alunos. – Harry Potter está distribuindo fotos autografadas!

– Não, não estou, não – disse Harry com raiva, cerrando os punhos. – Cale a boca, Malfoy.

– Você está é com inveja – ouviu-se a voz fina de Colin, cujo corpo inteiro era da grossura do pescoço de Crabbe.

– *Inveja?* – disse Malfoy, que não precisava mais gritar: metade do pátio

estava escutando. – De quê? Não quero uma cicatriz nojenta na minha testa, muito obrigado. Por mim, não acho que ter a cabeça aberta faz ninguém especial.

Crabbe e Goyle davam risadinhas idiotas.

– Vá comer lesmas, Malfoy – disse Rony furioso. Crabbe parou de rir e começou a esfregar os nós dos dedos de maneira ameaçadora.

– Cuidado, Weasley – caçoou Malfoy. – Você não vai querer começar nenhuma confusão ou sua mamãe vai aparecer aqui para tirá-lo da escola. – Ele imitou a voz aguda e penetrante: – *"Se você sair um dedinho da linha..."*

Um grupo de quintanistas da Sonserina que estava próximo deu gargalhadas ao ouvir isso.

– Weasley gostaria de ganhar uma foto autografada, Potter – riu-se Malfoy. – Valeria mais do que a casa inteira da família dele...

Rony brandiu a varinha emendada, mas Hermione fechou o *Excursões com vampiros* com um estalo e cochichou:

– Cuidado!

– Que está acontecendo, que está acontecendo? – Gilderoy Lockhart vinha em passos largos em direção à aglomeração, suas vestes turquesa rodopiando para trás.

– Quem é que está distribuindo fotos autografadas?

Harry começou a falar mas foi interrompido por Lockhart que passou um braço pelos seus ombros e trovejou jovial:

– Não devia ter perguntado! Nos encontramos outra vez, Harry!

Preso contra o corpo de Lockhart e ardendo de humilhação, Harry viu Malfoy sair de fininho, rindo-se, para junto dos outros colegas.

– Vamos então, Sr. Creevey – disse Lockhart, sorrindo para o garoto. – Uma foto dupla, nada melhor, e *nós dois* podemos autografá-la para o senhor.

Colin ajeitou a máquina e tirou a foto na hora em que a sineta tocava às costas do grupo, sinalizando o início das aulas da tarde.

– Está na hora, vamos andando vocês aí – gritou Lockhart para os alunos e voltou ao castelo com Harry, que teve vontade de conhecer um bom feitiço para desaparecer, ainda preso ao professor.

– Uma palavra para o bom entendedor, Harry – disse Lockhart paternalmente quando entravam no castelo por uma porta lateral. – Dei cobertura a você lá com o jovem Creevey, se ele estivesse me fotografando, também, os seus colegas não iriam pensar que você está se dando ares...

Surdo aos murmúrios hesitantes de Harry, Lockhart arrebatou-o por um corredor ladeado por estudantes de olhos arregalados e subiu uma escada.

– Devo dizer que distribuir fotos autografadas nessa altura de sua carreira não é sensato, parece meio presunçoso, Harry, para ser franco. Haverá um dia em

que, como eu, você vai precisar ter uma pilha de fotos à mão onde quer que vá, mas – ele deu uma risadinha – acho que você ainda não chegou lá.

Ao chegarem à sala de aula de Lockhart ele finalmente soltou Harry. O garoto endireitou as vestes e se dirigiu a uma carteira bem no fundo da sala, onde se ocupou em empilhar os sete livros de Lockhart diante dele, de modo que pudesse evitar olhar para o autor em carne e osso.

O resto da classe entrou fazendo barulho, e Rony e Hermione se sentaram um de cada lado de Harry.

– Você podia ter fritado um ovo na cara – comentou Rony. – É melhor rezar para Creevey não conhecer a Gina, ou os dois vão começar um fã-clube do Harry Potter.

– Cale a boca – disse Harry ríspido. – A última coisa que precisava era que Lockhart ouvisse a frase “fã-clube do Harry Potter”.

Quando a classe inteira se sentou, Lockhart pigarreou alto e fez-se silêncio. Ele esticou o braço, apanhou o exemplar de *Viagens com trasgos* de Neville Longbottom e ergueu-o para mostrar a própria foto na capa, piscando o olho.

– Eu – disse apontando a foto e piscando também. – Gilderoy Lockhart, Ordem de Merlin, Terceira Classe, Membro Honorário da Liga de Defesa Contra as Artes das Trevas e vencedor do Prêmio Sorriso mais Atraente da revista *Semanário dos Bruxos* cinco vezes seguidas, mas não falo disso. Não me livrei do espírito agourento de Bandon *sorrindo* para ela.

Ficou esperando que sorrissem; alguns poucos deram um sorrisinho amarelo.

– Vejo que todos compraram a coleção completa dos meus livros, muito bem. Pensei em começarmos hoje com um pequeno teste. Nada para se preocuparem, só quero verificar se vocês leram os livros com atenção, o quanto assimilaram...

Depois de distribuir os testes ele voltou à frente da classe e falou:

– Vocês têm trinta minutos... começar, *agora*!

Harry olhou para o teste e leu:

1. *Qual é a cor favorita de Gilderoy Lockhart?*
2. *Qual é a ambição secreta de Lockhart?*
3. *Qual é, na sua opinião a maior realização de Gilderoy Lockhart até o momento?*

E as perguntas continuavam, ocupando três páginas, até a última:

54. *Quando é o aniversário de Gilderoy Lockhart e qual seria o presente ideal para ele?*

Meia hora depois, Lockhart recolheu os testes e folheou-os diante da classe.
– Tsk, tsk, quase ninguém se lembrou que a minha cor favorita é lilás. Digo isto no *Um ano com o Iéti*. E alguns de vocês precisam ler *Passeios com lobisomens* com mais atenção, afirmo claramente no capítulo doze que o presente de aniversário ideal para mim seria a harmonia entre os povos mágicos e não mágicos, embora eu não recuse um garrafão do Velho Uísque de Fogo Ogden!
E deu outra piscadela travessa para os alunos. Rony fitava Lockhart com uma expressão de incredulidade no rosto; Simas Finnigan e Dino Thomas, que estavam sentados à frente, sacudiam-se de riso silencioso. Hermione, por outro lado, escutava Lockhart embevecida e atenta e se assustou quando o ouviu mencionar seu nome.
– ... mas a Srta. Hermione Granger sabia que a minha ambição secreta era livrar o mundo do mal e comercializar a minha própria linha de poções para os cabelos, boa menina! Na realidade – ele virou o teste – ela acertou tudo! Onde está a Srta. Hermione Granger?
Hermione levantou a mão trêmula.
– Excelente! – disse o sorridente Lockhart. – Excelente mesmo! Dez pontos para a Grifinória! E agora, ao trabalho...
Virou-se para a mesa e depositou nela uma grande gaiola coberta.
– Agora, fiquem prevenidos! É meu dever ensiná-los a se defender contra a pior criatura que se conhece no mundo da magia! Vocês podem estar diante dos seus maiores medos aqui nesta sala. Saibam que nenhum mal vai lhes acontecer enquanto eu estiver aqui. Só peço que fiquem calmos.
Sem querer, Harry se curvou para um lado da pilha de livros que erguera para dar uma olhada melhor na gaiola. Lockhart colocou a mão na cobertura. Dino e Simas pararam de rir agora. Neville se afundou em sua carteira na primeira fila.
– Peço que não gritem – recomendou Lockhart em voz baixa. – Pode provocá-los.
E a classe inteira prendeu a respiração. Lockhart puxou a cobertura com um gesto largo.
– Sim, senhores – disse teatralmente. – *Diabretes da Cornualha recém-capturados*.
Simas Finnigan não conseguiu se controlar. Deixou escapar uma risada pelo nariz que nem mesmo Lockhart poderia confundir com um grito de terror.
– Que foi? – Ele sorriu para Simas.
– Bem, eles não são... não são muito... *perigosos*, são? – engasgou-se Simas.
– Não tenha tanta certeza assim! – disse Lockhart, sacudindo um dedo, aborrecido, para Simas. – Esses bandidinhos podem ser diabolicamente astutos!

Os diabretes eram azul-elétrico e tinham uns vinte centímetros de altura, os rostos finos e as vozes tão agudas que pareciam um bando de periquitos fazendo algazarra. No instante em que a cobertura foi retirada, eles começaram a falar e a voar de maneira rápida e excitada, a sacudir as grades e a fazer caras esquisitas para as pessoas mais próximas.

– Certo, então – disse Lockhart em voz alta. – Vamos ver o que vocês acham deles! – E abriu a gaiola.

Foi um pandemônio. Os diabretes disparavam em todas as direções como foguetes. Dois deles agarraram Neville pelas orelhas e o ergueram no ar. Vários outros voaram direto pelas janelas fazendo cair uma chuva de estilhaços de vidro no canteiro. Os demais se puseram a destruir a sala de aula com mais eficiência do que um rinoceronte desembestado. Agarraram tinteiros e salpicaram a sala de tinta, picaram livros e papéis, arrancaram quadros das paredes, viraram a cesta de lixo, pegaram as mochilas e livros e os atiraram contra as vidraças quebradas; em poucos minutos, metade da classe estava abrigada embaixo das carteiras e, Neville, pendurado no teto pelo lustre de ferro.

– Vamos, vamos, reúnam eles, reúnam eles, são apenas diabretes – gritou Lockhart.

Ele enrolou as mangas, brandiu a varinha e berrou:

– *Peskipiksi Pesternomi!*

As palavras não produziam efeito algum; um dos diabretes se apoderou da varinha e atirou-a também pela janela. Lockhart engoliu em seco e mergulhou embaixo da mesa, escapando por pouco de ser esmagado por Neville, que despencou um segundo depois quando o lustre cedeu.

A sineta tocou, e todos desembestaram para a saída. Na calma relativa que se seguiu, Lockhart levantou-se, viu Harry, Rony e Hermione, que estavam quase à porta, e disse:

– Bem, vou pedir a vocês que enfiem rapidamente os restantes de volta na gaiola. – E, passando pelos três, fechou a porta depressa.

– Dá para *acreditar*? – rugiu Rony quando um dos diabretes restantes lhe deu uma dolorosa mordida na orelha.

– Ele só quer nos dar uma experiência direta – disse Hermione, imobilizando dois diabretes ao mesmo tempo com um inventivo Feitiço Congelante e enfiando-os de volta na gaiola.

– *Direta?* – disse Harry, que estava tentando agarrar um diabrete que dançava fora do seu alcance dando-lhe língua. – Mione, ele não tinha a menor ideia do que estava fazendo...

– Bobagem. Você leu os livros dele, vê só todas as coisas incríveis que ele fez...

– Que ele *diz* que fez – murmurou Rony.

— CAPÍTULO SETE —

Sangue ruim e vozes invisíveis

Harry dedicou muito tempo, nos dias seguintes, a desaparecer de vista sempre que Gilderoy Lockhart aparecia andando por um corredor. Mais difícil foi evitar Colin Creevey, que parecia ter decorado o seu horário. Pelo visto nada dava maior alegria a Colin do que dizer: “Tudo bem, Harry?” seis ou sete vezes por dia e ouvir: “Oi, Colin”, em resposta, por maior irritação que Harry demonstrasse ao dizer isso.

Edwiges continuava aborrecida com Harry por causa da desastrada viagem de carro e a varinha de Rony continuava a funcionar mal, superando os próprios limites na sexta-feira na aula de Feitiços, ao se atirar da mão de Rony e atingir o Prof. Flitwick bem no meio dos olhos, produzindo um grande furúnculo verde e latejante no lugar em que bateu. Assim entre uma coisa e outra, Harry ficou muito contente ao ver chegar o fim de semana. Ele, Rony e Mione estavam planejando visitar Hagrid no sábado de manhã. Harry, porém, foi acordado muito antes da hora que pretendera pelas sacudidas de Olívio Wood, capitão do time de quadribol da Grifinória.

– Que foi? – perguntou Harry tonto de sono.

– Prática de quadribol! – disse Wood. – Vamos!

Harry espiou pela janela apertando os olhos. Havia uma névoa rala cobrindo o céu rosa e dourado. Agora que acordara, ele não conseguia entender como podia estar dormindo com a algazarra que os passarinhos faziam.

– Olívio – disse ele com a voz rouca. – O dia ainda está amanhecendo.

– Exato – respondeu Wood. Ele era um sextanista alto e forte e, naquele instante, seus olhos brilhavam de fanático entusiasmo. – Faz parte do nosso novo programa de treinamento. Ande, pegue a vassoura e vamos – disse Wood animado. – Nenhum dos times começou a treinar ainda; vamos ser os primeiros a

dar a partida este ano...

Aos bocejos e tremores, Harry saiu da cama e tentou encontrar as vestes de quadribol.

– Muito bem – disse Wood. – Te encontro no campo daqui a quinze minutos.

Depois de procurar o uniforme vermelho do time e vestir uma capa para se aquecer, Harry rabiscou um bilhete para Rony explicando onde fora e desceu a escada em caracol até a sala comunal, a Nimbus 2000 ao ombro. Acabara de chegar ao buraco do retrato quando ouviu um estardalhaço às suas costas, e Colin Creevey apareceu correndo escada abaixo, a máquina fotográfica balançando feito louca ao pescoço e alguma coisa segura na mão.

– Ouvi alguém dizer o seu nome na escada, Harry! Olhe só o que tenho aqui! Mandei revelar, queria lhe mostrar...

Harry examinou confuso a foto que Colin sacudia debaixo do seu nariz.

Numa foto preto e branco, um Lockhart em movimento puxava com força um braço que Harry reconhecia como seu. Ficou satisfeito ao ver que o seu eu fotográfico resistia bravamente e recusava a se deixar arrastar para dentro da foto. Enquanto Harry observava, Lockhart desistiu e se largou, ofegante, contra a margem branca da foto.

– Você autografa? – perguntou Colin, ansioso.

– Não – disse Harry sem rodeios, olhando para os lados para verificar se a sala estava realmente deserta. – Desculpe, Colin, estou com pressa, prática de quadribol...

E atravessou o buraco do retrato.

– Uau! Espere por mim! Nunca vi um jogo de quadribol antes!

Colin subiu pelo buraco atrás de Harry.

– Vai ser bem chato – disse Harry depressa, mas o garoto não lhe deu atenção, seu rosto iluminava-se de excitação.

– Você foi o jogador da casa mais novo em cem anos, não foi, Harry? Não foi? – perguntou Colin, caminhando ao lado dele. – Você deve ser genial. Eu nunca voei. É fácil? Esta vassoura é sua? É a melhor que existe?

Harry não sabia como se livrar do coleguinha. Era como ter uma sombra extremamente tagarela.

– Eu não entendo bem de quadribol – disse Colin sem fôlego. – É verdade que tem quatro bolas? E duas ficam voando em volta dos jogadores tentando tirá-los de cima das vassouras?

– É – disse Harry a contragosto, conformado em explicar as regras complicadas do quadribol. – Chamam-se balaços. Há dois batedores em cada time armados de bastões para rebater os balaços para longe do seu time. Fred e Jorge Weasley batem pela Grifinória.

– E para que servem as outras bolas? – perguntou Colin, derrapando dois degraus porque olhava boquiaberto para Harry.
– Bem, a goles, a bola vermelha meio grande, é a que faz os gols. Três apanhadores em cada time atiram a goles um para o outro e tentam metê-la entre as balizas na extremidade do campo, são três postes compridos com aros na ponta.
– E a quarta bola...
– ... é o pomo de ouro – disse Harry –, e é muito pequena, muito veloz e difícil de agarrar. Mas é isso que o apanhador tem que fazer, porque um jogo de quadribol não termina até o pomo ser capturado. E o apanhador que agarra o pomo para o time ganha cento e cinquenta pontos a mais.
– E *você é* o apanhador da Grifinória, não é? – perguntou Colin cheio de admiração e respeito.
– Sou – respondeu Harry enquanto deixavam o castelo e começavam a atravessar o gramado encharcado de orvalho. – E tem o goleiro também. Ele guarda as balizas. É isso, em resumo.
Mas Colin não parou de interrogar Harry o tempo todo, desde o gramado ondulante até o campo de quadribol, e Harry só conseguiu se desvencilhar dele quando chegou aos vestiários; Colin ainda gritou com sua voz fina quando ele se afastava.
– Vou pegar um bom lugar, Harry! – E correu para as arquibancadas.
Os outros jogadores do time da Grifinória já estavam no vestiário. Wood era o único que parecia realmente acordado. Fred e Jorge estavam sentados, os olhos inchados e os cabelos despenteados, ao lado de uma quartanista, Alícia Spinnet, que parecia estar cabeceando contra a parede em que se encostara. As outras artilheiras suas companheiras, Katie Bell e Angelina Johnson, bocejavam lado a lado de frente para eles.
– Até que enfim, Harry, por que demorou? – perguntou Wood eficiente. – Agora, eu queria ter uma conversinha com vocês antes de irmos para o campo, porque passei o verão imaginando um programa de treinamento completamente novo, que acho que vai fazer toda a diferença...
Wood ergueu um grande diagrama de um campo de quadribol, em que estavam desenhadas muitas linhas, setas e cruzes em tinta de cores diversas. Depois, puxou a varinha, deu uma batidinha no desenho, e as flechas começaram a se deslocar pelo diagrama como lagartas. Quando Wood deslanchou um discurso sobre as novas táticas, a cabeça de Fred Weasley despencou no ombro de Alícia Spinnet e ele começou a roncar.
O primeiro quadro levou quase vinte minutos para ser explicado, mas havia outro por baixo daquele, e um terceiro por baixo do segundo. Harry mergulhou

num estupor durante a falação interminável de Wood.
– Então – disse Wood, finalmente, arrancando Harry de uma irrealizável fantasia sobre o que estaria comendo no café da manhã, naquele instante, no castelo. – Ficou claro? Alguma pergunta?
– Tenho uma pergunta, Olívio – disse Jorge, que acordara assustado. – Você não podia ter explicado tudo isso ontem quando a gente estava acordado?
Wood não gostou.
– Agora, ouçam aqui, vocês todos – disse, amarrando a cara. – Nós devíamos ter ganhado a taça de quadribol no ano passado. Somos sem favor nenhum o melhor time da escola. Mas, infelizmente, devido a circunstâncias fora do nosso controle...
Harry se mexeu cheio de culpa no banco. Estivera inconsciente na ala hospitalar no último jogo do ano anterior, o que significava que a Grifinória tivera um jogador a menos e sofrera sua pior derrota em trezentos anos.
Wood esperou um instante para recuperar o próprio controle. A última derrota, visivelmente, continuava a torturá-lo.
– Então, este ano, vamos treinar mais do que jamais treinamos... Muito bem, vamos colocar as nossas teorias em prática! – gritou Wood, agarrando a vassoura e saindo do vestiário. Com as pernas dormentes e ainda bocejando, o time o acompanhou.
Tinham passado tanto tempo no vestiário que o sol já estava todo de fora, embora ainda se vissem restos de névoa sobre o gramado do estádio. Quando Harry entrou em campo, viu Rony e Mione sentados nas arquibancadas.
– Vocês ainda não acabaram? – gritou Rony surpreso.
– Nem começamos – respondeu Harry, olhando com inveja a torrada com geleia que Rony e Mione tinham trazido do Salão. – Wood esteve ensinando novas jogadas ao time.
Ele montou na vassoura, meteu o pé no chão para dar impulso e saiu voando. O ar frio da manhã bateu em seu rosto, acordando-o com muito mais eficiência do que a longa conversa de Wood. Era uma sensação maravilhosa estar de volta a um campo de quadribol. Harry sobrevoou o estádio a toda velocidade, apostando corrida com Fred e Jorge.
– Que clique-clique esquisito é esse? – gritou Fred enquanto faziam uma volta rápida.
Harry olhou para as arquibancadas. Colin estava sentado em um dos lugares mais altos, a máquina fotográfica levantada, tirando fotos seguidas, o som estranhamente ampliado no estádio deserto.
– Olhe para cá, Harry! Para cá! – gritava se esganiçando.
– Quem é aquele? – perguntou Fred.

– Não faço a menor ideia – mentiu Harry, dando uma bombeada na vassoura que o levou o mais longe possível de Colin.

– Que é que está acontecendo? – perguntou Wood, franzindo a testa, enquanto cortava o ar em direção a eles. – Por que aquele aluninho de primeiro ano está tirando fotos? Não gosto disto. Pode ser um espião da Sonserina, tentando descobrir o nosso novo programa de treinamento.

– Ele é da Grifinória – informou Harry depressa.

– E o pessoal da Sonserina não precisa de espião, Olívio – acrescentou Jorge.

– Por que você está dizendo isso? – perguntou Wood irritado.

– Porque eles vieram pessoalmente – respondeu Jorge apontando.

Vários alunos de vestes verdes estavam entrando em campo, de vassouras na mão.

– Eu não acredito! – sibilou Wood indignado. – Reservei o campo para hoje! Vamos cuidar disso.

Wood mergulhou até o chão, aterrissando em sua raiva, com muito mais força do que pretendia, e cambaleou um pouco ao desmontar. Harry, Fred e Jorge o acompanharam.

– Flint! – berrou Wood para o capitão da Sonserina. – Está na hora do nosso treino! Levantamos especialmente para isso! Pode ir dando o fora!

Marcos Flint era ainda mais corpulento do que Wood. Tinha uma expressão de trasgo astucioso quando respondeu:

– Tem bastante espaço para todos nós, Wood.

Angelina, Alícia e Katie tinham se aproximado também. Não havia mulheres no time da Sonserina, para ficarem, ombro a ombro, com ar de desdém, encarando os jogadores da Grifinória.

– Mas eu reservei o campo! – disse Wood, praticamente cuspindo de raiva. – Eu reservei!

– Ah, mas tenho um papel aqui assinado pelo Prof. Snape. “*Eu, Prof. Snape, dei ao time da Sonserina permissão para praticar hoje no campo de quadribol, face à necessidade de treinarem o seu novo apanhador*.”

– Vocês têm um novo apanhador? – perguntou Wood, distraído. – Onde?

E por trás dos seis jogadores grandalhões surgiu diante deles um sétimo, menor, com um sorriso que se irradiava por todo o rosto pálido e fino. Era Draco Malfoy.

– Você não é o filho do Lúcio Malfoy? – perguntou Fred, olhando Draco com ar de desagrado.

– Engraçado você mencionar o pai do Draco – disse Flint enquanto o time inteiro da Sonserina sorria com mais prazer. – Deixe eu mostrar a vocês o presente generoso que ele deu ao time da Sonserina.

Os sete mostraram as vassouras. Sete cabos polidos, novos em folha, e sete conjuntos de letras douradas, formando as palavras *Nimbus 2001*, reluziam sob os narizes dos jogadores da Grifinória, ao sol do amanhecer.

– Último modelo. Saiu no mês passado – disse Flint displicente, tirando um grão de poeira da ponta de sua vassoura com um peteleco. – Acho que bate de longe a série antiga das 2000. Quanto às velhas Cleansweep – e sorriu de modo desagradável para Fred e Jorge, que seguravam esse tipo de vassoura –, varram o placar com elas.

Nenhum dos jogadores da Grifinória conseguiu pensar em nada para dizer naquele instante. Draco exibia um sorriso tão grande que seus olhos frios estavam reduzidos a fendas.

– Ah, olha ali – disse Flint. – Uma invasão de campo.

Rony e Mione vinham atravessando o gramado para ver o que estava acontecendo.

– Que é que está havendo? – perguntou Rony a Harry. – Por que vocês não estão jogando? E que é que *ele* está fazendo aqui?

Olhava para Draco, reparando nas vestes de quadribol com as cores da Sonserina que o garoto usava.

– Sou o novo apanhador da Sonserina, Weasley – disse Draco, presunçoso. – O pessoal aqui está admirando as vassouras que meu pai comprou para o nosso time.

Rony olhou, boquiaberto, as sete magníficas vassouras diante dele.

– Boas, não são? – disse Draco com a voz macia. – Mas quem sabe o time da Grifinória pode levantar um ourinho e comprar vassouras novas, também. Você podia fazer uma rifa dessas Cleansweep 5; imagino que um museu talvez queira comprá-las.

O time da Sonserina dava gargalhadas.

– Pelo menos ninguém do time da Grifinória teve de *pagar* para entrar – disse Mione com aspereza. – Entraram por puro talento.

O ar presunçoso de Draco pareceu oscilar.

– Ninguém pediu sua opinião, sua sujeitinha de sangue ruim – xingou ele.

Harry percebeu na hora que Draco dissera uma coisa realmente ofensiva, porque houve um tumulto instantâneo em seguida às suas palavras. Flint teve que mergulhar na frente de Draco para impedir que Fred e Jorge se atirassem contra ele. Alícia gritou com voz aguda:

– *Como é que você se atreve!* – E Rony mergulhou a mão nas vestes, puxou a varinha e gritou:

– Você vai me pagar! – E apontou a varinha, furioso, para a cara e Draco, por baixo do braço de Flint.

Um estrondo muito forte ecoou pelo estádio, e um jorro de luz verde saiu da ponta oposta da varinha de Rony, atingiu-o na barriga e o atirou de costas na grama.

– Rony! Rony! Você está bem? – gritou Mione.

Rony abriu a boca para falar, mas não saiu nada. Em vez disso, ele soltou um poderoso arroto e várias lesmas caíram de sua boca para o colo.

O time da Sonserina ficou paralisado de tanto rir. Flint, dobrado pela cintura, tentava se apoiar na vassoura nova. Draco caíra de quatro, dando murros no chão. Os alunos da Grifinória agrupavam-se em torno de Rony, que não parava de arrotar lesmas enormes. Ninguém parecia querer tocar nele.

– É melhor levarmos o Rony para a casa de Hagrid, é mais perto – disse Harry a Mione, que concordou cheia de coragem, e os dois levantaram o amigo pelos braços.

– Que aconteceu, Harry? Que aconteceu? Ele está doente? Mas você pode curá-lo, não pode? – Colin descera correndo das arquibancadas e agora dançava em volta dos meninos que saíam de campo. Rony deu um enorme suspiro e mais lesmas rolaram pelo seu peito.

“Aaah!”, exclamou Colin, fascinado, erguendo a máquina fotográfica. “Pode manter ele parado, Harry?”

– Sai da frente, Colin! – disse Harry com raiva. Ele e Mione carregaram Rony para fora do estádio e atravessaram os jardins em direção à orla da floresta.

– Estamos quase lá, Rony – disse Mione quando a cabana do guarda-caça tornou-se visível. – Você vai ficar bom num instante, estamos quase chegando...

Estavam a uns cinco metros da casa de Hagrid quando a porta de entrada se abriu, mas não foi Hagrid que apareceu. Gilderoy Lockhart, hoje com vestes lilás clarinho, vinha saindo.

– Depressa, aqui atrás – sibilou Harry, arrastando Rony para trás de uma moita próxima. Mione seguiu-o, um tanto relutante.

– É muito simples se você sabe o que está fazendo! – Lockhart dizia em voz alta a Hagrid. – Se precisar de ajuda, você sabe onde estou! Vou-lhe dar uma cópia do meu livro. Estou surpreso que ainda não o tenha comprado: vou autografar um exemplar hoje à noite e mandar para você. Bom, adeus. – E saiu em direção ao castelo.

Harry esperou até Lockhart desaparecer de vista, então puxou Rony da moita até a porta de Hagrid. Bateram apressados.

Hagrid abriu na mesma hora, parecendo muito rabugento, mas seu rosto se iluminou quando viu quem era.

– Estive pensando quando é que vocês viriam me ver, entrem, entrem, achei que podia ser o Prof. Lockhart outra vez...

Harry e Mione ajudaram Rony a entrar na cabana sala e quarto, que tinha uma cama enorme em um canto, uma lareira com um fogo vivo no outro. Hagrid não pareceu perturbado com o problema das lesmas de Rony, que Harry explicou em poucas palavras enquanto baixava o amigo em uma cadeira.

– Melhor para fora do que para dentro – disse Hagrid animado, baixando com ruído uma grande bacia de cobre na frente do menino. – Ponha todas para fora, Rony.

– Acho que não há nada a fazer exceto esperar que a coisa passe – disse Mione ansiosa, observando Rony se debruçar na bacia. – É um feitiço difícil de fazer em condições ideais, ainda mais com uma varinha quebrada...

Hagrid ocupou-se pela cabana preparando chá para os meninos. Seu cão de caçar javalis, Canino, fazia festas a Harry, sujando-o todo.

– Que é que Lockhart queria com você, Hagrid? – perguntou Harry, coçando as orelhas de Canino.

– Estava me dando conselhos para manter um poço livre de algas – rosnou Hagrid, tirando um galo meio depenado de cima da mesa bem esfregada e pousando nela o bule de chá. – Como se eu não soubesse. E ainda fez farol sobre um espírito agourento que ele espantou. Se uma única palavra do que disse for verdade eu como a minha chaleira.

Não era hábito de Hagrid criticar professores de Hogwarts, e Harry olhou-o surpreso. Mione, porém, disse num tom mais alto do que de costume:

– Acho que você está sendo injusto. É óbvio que o Prof. Dumbledore achou que ele era o melhor candidato para a vaga...

– Ele era o *único* candidato – disse Hagrid, oferecendo-lhes um prato de quadradinhos de chocolate, enquanto Ron tossia e vomitava na bacia. – E quero dizer o *único* mesmo. Está ficando muito difícil encontrar alguém para ensinar Artes das Trevas. As pessoas não andam muito animadas para assumir esta função. Estão começando a achar que está enfeitiçada. Ultimamente ninguém demorou muito nela. Agora me contem – disse Hagrid, indicando Rony com a cabeça. – Quem é que ele estava tentando enfeitiçar?

– Malfoy chamou Mione de alguma coisa, deve ter sido muito ruim porque ele ficou furioso.

– *Foi* ruim – disse Rony, rouco, erguendo-se, lívido e suado, até a superfície da mesa. – Malfoy chamou Mione de sangue ruim, Hagrid...

Rony tornou a sumir debaixo da mesa e um novo jorro de lesmas caiu. Hagrid pareceu indignado.

– Ele não fez isso!

– Fez sim – confirmou Mione. – Mas eu não sei o que significa. Percebi que era uma grosseria muito grande, é claro...

– É praticamente a coisa mais ofensiva que ele podia dizer – ofegou Rony, voltando. – Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. – Ele deu um pequeno arroto, e uma única lesma caiu em sua mão estendida. Ele a atirou à bacia e continuou: – Quero dizer, nós sabemos que isso não faz a menor diferença. Olha só o Neville Longbottom, ele tem sangue puro e sequer consegue pôr um caldeirão em pé do lado certo.

– E ainda não inventaram um feitiço que a nossa Mione não saiba fazer – disse Hagrid orgulhoso, fazendo Mione ficar púrpura de tão corada.

– E é uma coisa revoltante chamar alguém de... – começou Rony, enxugando a testa suada com a mão trêmula – ... sangue sujo, sabe. Sangue comum. É ridículo. A maioria dos bruxos hoje em dia é mestiça. Se não tivéssemos casado com trouxas teríamos desaparecido da terra.

Ele teve uma ânsia de vômito e tornou a desaparecer de vista.

– Bem, não posso censurá-lo por querer enfeitiçar Draco – disse Hagrid alto para encobrir o barulho das lesmas que caíam na bacia. – Mas talvez tenha sido bom a sua varinha ter errado. Acho que Lúcio Malfoy viria na mesma hora à escola se você tivesse enfeitiçado o filho dele. Pelo menos você não se meteu em apuros.

Harry teria gostado de lembrar que o apuro não podia ser pior do que ter lesmas saindo da boca, mas não pôde; os quadradinhos de chocolate de Hagrid tinham grudado seus maxilares.

– Harry – disse Hagrid abruptamente como se tivesse lhe ocorrido um pensamento repentino. – Tenho uma reclamação sobre você. Ouvi falar que andou distribuindo fotos autografadas. Como é que não ganhei nenhuma?

Furioso, Harry desgrudou os dentes.

– *Não* andei distribuindo fotos autografadas – disse alterado. – Se Lockhart continua a espalhar este boato...

Mas, então, ele viu que Hagrid estava rindo.

– Só estou brincando – disse, dando palmadinhas amigáveis nas costas de Harry, fazendo-o enfiar a cara na mesa. – Eu sabia que não tinha dado. Eu disse a Lockhart que você não precisava fazer isso. Você é mais famoso do que ele sem fazer a menor força.

– Aposto como ele não gostou disso – comentou Harry erguendo a cabeça e esfregando o queixo.

– Acho que não – respondeu Hagrid, com os olhos cintilando. – E então falei que nunca tinha lido um livro dele e ele resolveu ir embora. Quadradinhos de chocolate, Rony? – acrescentou, ao ver Rony reaparecer.

– Não, obrigado – disse o menino, fraco. – É melhor não arriscar.

– Venham ver o que andei plantando – convidou Hagrid quando Harry e Mione terminaram de beber o chá.

Na pequena horta nos fundos da casa havia uma dúzia das maiores abóboras que Harry já vira. Cada uma tinha o tamanho de um pedregulho.

– Estão crescendo bem, não acha? – perguntou Hagrid alegre. – Para a Festa das Bruxas... até lá já devem estar bem grandes.

– Que é que você está pondo na terra? – perguntou Harry.

Hagrid espiou por cima do ombro para ver se estavam sozinhos.

– Bom, tenho dado, sabe, uma ajudinha...

Harry reparou no guarda-chuva florido de Hagrid encostado na parede dos fundos da cabana. Harry sempre tivera razões para acreditar até aquele momento que aquele guarda-chuva não era bem o que parecia; na verdade, tinha a forte impressão de que a velha varinha escolar de Hagrid se escondia dentro dele. O guarda-caça fora expulso de Hogwarts no terceiro ano, mas Harry nunca descobrira a razão – era só mencionar o assunto, e ele pigarreava alto e se tornava misteriosamente surdo até que se mudasse de assunto.

– Um feitiço de engorda? – perguntou Mione, num tom de quem se diverte e desaprova. – Bem, você fez um bom trabalho.

– Foi o que a sua irmãzinha disse – comentou Hagrid, fazendo sinal a Rony. – Encontrei-a ainda ontem. – Hagrid olhou de esguelha para Harry, a barba mexendo. – Ela me disse que estava só dando uma olhada pelos jardins, mas eu calculo que estava na esperança de encontrar alguém na minha casa. – E piscou para Harry. – Se alguém me perguntasse, *ela* é uma que não recusaria uma foto...

– Ah, cala a boca – disse Harry. Rony deu uma risada abafada e o chão ficou cheio de lesmas.

– Cuidado! – rugiu Hagrid, puxando Rony para longe das suas preciosas abóboras.

Era quase hora do almoço e como Harry só comera uns quadradinhos de chocolate desde o amanhecer, estava doido para voltar à escola e almoçar. Eles se despediram de Hagrid e regressaram ao castelo. Rony tossia de vez em quando, mas só vomitou duas lesminhas.

Mal tinham entrado no saguão quando ouviram uma voz.

– Aí estão vocês, Potter, Weasley. – A Profª McGonagall veio em direção a eles, com a cara séria. – Vocês dois vão cumprir suas detenções hoje à noite.

– O que nós fizemos, professora? – perguntou Rony, contendo, nervoso, um arroto.

– *Você* vai polir as pratas na sala de troféus com o Sr. Filch. E nada de magia, Weasley, no muque.

Rony engoliu em seco. Argo Filch, o zelador, era detestado por todos os alunos da escola.

– E você, Potter, vai ajudar o Prof. Lockhart a responder às cartas dos fãs.

– Ah, n..., professora, não posso ir também para a sala de troféus? – perguntou Harry desesperado.

– É claro que não – respondeu ela, erguendo as sobrancelhas. – O Prof. Lockhart fez questão de que fosse você. Oito horas em ponto, os dois.

Harry e Rony entraram curvados no Salão Principal, no pior estado de ânimo possível, Hermione atrás deles, com aquela expressão *bom-vocês-desobedeceram-ao-regulamento*. Harry nem apreciou o empadão tanto quanto pretendera. Os dois, ele e Rony, acharam que tinham se dado muito mal.

– Filch vai me prender lá a noite inteira – disse Rony, com a voz deprimida. – Nada de magia! Deve ter umas cem taças naquela sala. Não entendo nada de limpeza de trouxas.

– Eu trocaria com você numa boa – disse Harry num tom cavo. – Treinei um bocado com os Dursley. Responder às cartas dos fãs de Lockhart... ele vai ser um pesadelo...

A tarde de sábado pareceu se evaporar no que pareceu um segundo, já eram cinco para as oito, e Harry já ia se arrastando pelo corredor do segundo andar em direção à sala de Lockhart. Cerrou os dentes e bateu na porta.

A porta se escancarou na mesma hora. Lockhart sorria para ele.

– Ah, aqui temos o bagunceiro! – exclamou. – Entre, Harry, entre...

Rebrilhando nas paredes, à luz das muitas velas, havia uma quantidade de fotografias emolduradas de Lockhart. Havia até algumas autografadas. Outra grande pilha aguardava sobre a mesa.

– Você pode endereçar os envelopes! – disse Lockhart a Harry, como se isso fosse um prêmio. – O primeiro vai para Gladys Gudgeon, que Deus a abençoe, uma grande fã minha...

Os minutos se arrastaram. Harry deixou a voz de Lockhart passar por ele, respondendo ocasionalmente “Hum” e “Certo” e “Sim”. Vez por outra, ele captava uma frase do tipo “A fama é um amigo infiel, Harry” ou “A celebridade é o que ela faz, lembre-se disto”.

As velas foram se consumindo, fazendo a luz dançar sobre os muitos rostos de Lockhart que o observavam. Harry estendeu a mão dolorida para o que lhe pareceu ser o milésimo envelope, e escreveu o endereço de Veronica Smethley. *Deve estar quase na hora de sair*, pensou Harry infeliz, *por favor, tomara que esteja quase na hora*...

Então ele ouviu uma coisa – uma coisa muito diferente do ruído das velas que espirravam já no finzinho e a tagarelice de Lockhart sobre os fãs.

Foi uma voz, uma voz de congelar o tutano dos ossos, uma voz venenosa e gélida de tirar o fôlego.

– *Venha... venha para mim... Me deixe rasgá-lo... Me deixe rompê-lo... Me deixe matá-lo...*

Harry deu um enorme pulo e, com isso, fez aparecer um enorme borrão na rua de Veronica Smethley.

– *Quê?!* – exclamou em voz alta.

– Eu sei! – disse Lockhart. – Seis meses inteiros encabeçando a lista dos livros mais vendidos! Bati todos os recordes!

– Não – disse Harry assustado. – Essa voz!

– Perdão? – disse Lockhart, parecendo intrigado. – Que voz?

– Aquela, a voz que disse, o senhor não ouviu?

Lockhart estava olhando para Harry muito surpreso.

– Do que *é* que você está falando, Harry? Talvez você esteja ficando com sono? Nossa, olhe só a hora! Estamos aqui há quase quatro horas! Eu nunca teria acreditado, o tempo voou, não acha?

Harry não respondeu. Apurava os ouvidos para captar novamente a voz, mas não havia som algum exceto Lockhart a lhe dizer que não devia esperar uma moleza como aquela todas as vezes que pegasse uma detenção. Sentindo-se atordoado, Harry foi-se embora.

Era tão tarde que a sala comunal da Grifinória estava quase vazia. Harry subiu direto ao dormitório. Rony ainda não voltara. Harry vestiu o pijama, meteu-se na cama e esperou. Meia hora depois, Rony apareceu, aconchegando o braço direito e trazendo um forte cheiro de líquido de polimento para o quarto escuro.

– Os meus músculos estão em cãibra – gemeu, afundando-se na cama. – Catorze vezes ele me fez dar brilho naquela taça de quadribol antes de ficar satisfeito. E tive mais um acesso de lesmas em cima de um prêmio especial por serviços prestados à escola. Levou séculos para retirar as lesmas... Como foi com o Lockhart?

Em voz baixa para não acordar Neville, Dino e Simas, Harry contou a Rony exatamente o que ouvira.

– E Lockhart disse que não estava ouvindo nada? – perguntou Rony. Harry podia até vê-lo franzindo a testa ao luar. – Você acha que ele estava mentindo? Mas não entendo, mesmo alguém invisível teria tido que abrir a porta.

– Eu sei – disse Harry, recostando-se na cama de colunas e fixando o olhar no dossel. – Eu também não entendo.

— CAPÍTULO OITO —

A festa do aniversário de morte

Outubro chegou, espalhando, pelos jardins, uma friagem úmida que entrava pelo castelo. Madame Pomfrey, a enfermeira, esteve muito ocupada com uma repentina onda de gripe entre professores, funcionários e alunos. Sua poção reanimadora fazia efeito instantâneo, embora deixasse quem a bebia fumegando pelas orelhas durante muitas horas. Gina Weasley, que andava pálida, foi intimada por Percy a tomar a poção. A fumaça saindo por baixo dos seus cabelos muito vivos dava a impressão de que a cabeça inteira estava em chamas.

Gotas de chuva do tamanho de balas de revólver fustigavam as janelas do castelo durante dias seguidos; as águas do lago subiram, os canteiros de flores viraram um rio lamacento, e as abóboras de Hagrid ficaram do tamanho de um barraco. O entusiasmo de Olívio Wood pelas sessões de treinamento regulares, no entanto, não esfriou, razão por que Harry pôde ser encontrado, no fim de uma tarde de sábado tempestuosa, nas vésperas do Dia das Bruxas, voltando à Torre da Grifinória, encharcado até os ossos e coberto de lama.

Mesmo tirando a chuva e o vento não fora um treino alegre. Fred e Jorge, que tinham andado espionando o time da Sonserina, tinham visto com os próprios olhos a velocidade das novas Nimbus 2001. Eles comentaram que o time da Sonserina parecia sete borrõezinhos cortando o céu com a velocidade de mísseis.

Quando Harry vinha acabrunhado pelo corredor deserto encontrou alguém que parecia tão preocupado quanto ele. Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Torre da Grifinória, olhava desanimado pela janela, murmurando para si mesmo "... não satisfaz os requisitos... pouco mais de um centímetro, se tanto...".

– Oi, Nick – cumprimentou Harry.

– Olá, olá. – Assustou-se ele olhando para os lados. Usava um elegante chapéu emplumado sobre a longa cabeleira crespa e uma túnica com rufos, que

escondia o fato do seu pescoço estar quase completamente separado da cabeça. Nick era transparente como fumaça, e Harry via através dele o céu escuro e a chuva torrencial lá fora.

“Você parece preocupado, jovem Potter”, disse Nick, dobrando, ao falar, uma carta transparente e guardando-a no interior do gibão.

– Você também – disse Harry.

– Ah – Nick Quase Sem Cabeça fez um aceno com a mão elegante –, uma questão de menor importância... Não é que eu queira realmente entrar... Achei que devia me candidatar, mas pelo visto “não satisfaço as exigências”...

Apesar do seu tom leve, tinha no rosto uma expressão de muita amargura.

– Mas a pessoa pensaria, não é – disse ele de repente, tirando mais uma vez a carta do bolso –, que ter levado quarenta e cinco golpes de machado cego no pescoço qualificaria alguém a entrar para a Caça Sem Cabeça?

– Ah, sim – respondeu Harry, que obviamente deveria concordar.

– Quero dizer, ninguém gostaria mais do que eu que o corte tivesse sido rápido e limpo, e que minha cabeça tivesse realmente caído, quero dizer, teria me poupado muita dor e ridículo. No entanto... – Nick Quase Sem Cabeça abriu a carta com uma sacudidela e leu furioso:

“Só podemos aceitar caçadores cujas cabeças tenham se separado dos corpos. O senhor compreenderá que, do contrário, seria impossível os sócios participarem das atividades de caça como Balanço de Cabeça a Cavalo e Polo de Cabeça. É com o maior pesar, portanto, que devemos informar-lhe que o senhor não satisfaz as nossas exigências. Com os nossos cumprimentos, Sir Patrício Delaney-Podmore.”

Espumando de raiva, Nick Quase sem cabeça guardou a carta.

– Pouco mais de um centímetro de pele e um tendão seguram minha cabeça, Harry! A maioria das pessoas acharia que fui decapitado, mas ah, não, não é o bastante para o Sr. Realmente Decapitado Podmore.

Nick Quase Sem Cabeça respirou fundo várias vezes e então disse, num tom muito mais calmo:

– Então... o que é que o está preocupando? Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Não – disse Harry. – A não ser que saiba onde podemos arranjar sete Nimbus 2001 de graça para o nosso jogo contra Sonse...

O resto da frase de Harry foi abafado por um miado agudo de alguém junto aos seus calcanhares. Ele olhou e deu com um par de olhos amarelos que mais pareciam globos de luz. Era Madame Nor-r-ra, a gata esquelética e cinzenta que

o zelador, Argo Filch, usava como uma espécie de delegada na sua luta incansável contra os estudantes.

– É melhor você sair daqui, Harry – disse Nick depressa. – Filch não está de bom humor, pegou a gripe, e uns alunos do terceiro ano sem querer grudaram miolos de sapo pelo teto da masmorra cinco. Ele esteve limpando a manhã inteira e se vir você pingando lama para todo lado...

– Certo – disse Harry se afastando do olhar acusador de Madame Nor-r-ra, mas não foi suficientemente rápido. Atraído ao local pela força misteriosa que parecia ligá-lo àquela gata nojenta, Argo Filch irrompeu de repente pela tapeçaria à direita de Harry, chiando furioso à procura do infrator. Trazia um lenço de grossa lã escocesa amarrado à cabeça e seu nariz estava estranhamente purpúreo.

– Sujeira! – gritou, os maxilares tremendo, os olhos assustadoramente saltados, apontando a poça de lama que pingava das vestes de quadribol de Harry. – Bagunça e sujeira por toda parte! Para mim, chega, é o que lhe digo. Venha comigo, Potter!

Então Harry acenou um triste adeus a Nick Quase Sem Cabeça e acompanhou Filch ao andar de baixo, duplicando o número de pegadas de lama no assoalho.

Harry nunca estivera no interior da sala de Filch antes; era um lugar que a maioria dos estudantes evitava. O local era encardido e escuro, sem janelas, iluminado por uma única lâmpada de óleo pendurada no teto baixo. Um leve cheiro de peixe frito impregnava a sala. Arquivos de madeira estavam dispostos ao longo das paredes; pelas etiquetas, Harry pôde ver que continham detalhes sobre cada aluno que Filch já castigara. Fred e Jorge Weasley tinham uma gaveta separada. Uma coleção muitíssimo polida de correntes e algemas estava pendurada na parede atrás da mesa de Filch. Era do conhecimento geral que ele estava sempre pedindo a Dumbledore que o deixasse pendurar os alunos no teto pelos tornozelos.

Filch pegou uma pena no tinteiro em cima da mesa e começou a procurar um pergaminho.

– Bosta – resmungou furioso –, bosta frita de dragão... miolos de sapos... tripas de ratos... Para mim já chega... vou fazer disto um *exemplo*... onde está o formulário... aqui...

Ele retirou um grande rolo de pergaminho da gaveta da escrivaninha e abriu-o à sua frente, mergulhando a longa pena negra no tinteiro.

– *Nome*... Harry Potter. *Crime*...

– Foi só um pouquinho de lama! – exclamou Harry.

– Foi só um pouquinho de lama para você, moleque, mas para mim é mais uma hora de limpeza! – gritou Filch, uma gota nojenta estremecendo na ponta do

nariz de bolota. – *Crime*... sujar o castelo... *sentença sugerida*...

Filch, secando o nariz sempre a pingar, lançou um olhar desagradável a Harry, que esperava prendendo a respiração, a sentença desabar sobre sua cabeça.

Mas quando Filch baixou a pena, ouvi-se um forte estampido no teto da sala, que fez a lâmpada a óleo chocalhar.

– PIRRAÇA! – rugiu Filch, atirando a pena no chão num assomo de raiva. – Desta vez eu te pego, eu te pego!

E sem nem olhar para Harry, Filch saiu correndo da sala, com Madame Nor-r-ra do lado.

Pirraça era o *poltergeist* da escola, uma ameaça aérea e sorridente que vivia a provocar desordem e aflição. Harry não gostava muito do Pirraça, mas não pôde deixar de se sentir grato pelo seu senso de oportunidade. Era de esperar, seja o que for que Pirraça tivesse feito (e parecia que desta vez estragara alguma coisa muito importante), desviasse a atenção de Filch de Harry.

Achando que devia provavelmente esperar Filch voltar, Harry afundou em uma cadeira comida por traças ao lado da escrivaninha. Sobre ela só havia uma coisa além do formulário incompleto: um envelope roxo, grande e brilhante com letras prateadas na face. Com uma olhada rápida à porta para ver se Filch já estava voltando, Harry apanhou o envelope e leu:

FEITICEXPRESSO

Um curso de magia por correspondência para principiantes

Intrigado, Harry sacudiu o envelope aberto e puxou o maço de pergaminhos que havia dentro, com inscrições prateadas dizendo:

Você se sente antiquado no mundo da magia moderna? Vê-se inventando desculpas para não executar feitiços simples?
Ouve caçoadas por manejar tão mal uma varinha de condão?
Temos a solução!

Feiticexpresso é um curso inteiramente novo, que garante resultados rápidos e fácil assimilação.
Centenas de bruxos e bruxas já se beneficiaram com o método do Feiticexpresso!

Madame Z. Nettles of Topsham nos escreve:
"Eu não tinha memória para guardar encantamentos e minhas poções eram motivo de riso na família!

Agora, depois do curso Feiticexpresso, sou o centro das atenções nas festas, e meus amigos me pedem a receita da Minha Solução Cintilante!"

Bruxo D. J. Prod of Didsbury nos conta:
"Minha mulher costumava caçoar dos meus feitiços pouco eficazes, mas depois de um mês no seu fabuloso Feiticexpresso consegui transformá-la num iaque! Muito obrigado, Feiticexpresso!

Fascinado, Harry correu os dedos pelo resto do conteúdo do envelope. Para que na vida Filch queria um curso Feiticexpresso? Será que isto queria dizer que ele não era um bruxo formado? Harry estava começando a ler a "Lição Um: Como segurar sua varinha (Algumas dicas úteis)" quando o ruído de passos arrastados pelo corredor lhe avisara que Filch estava voltando. Harry enfiou o pergaminho de volta no envelope e atirou-o sobre a mesa pouco antes da porta se abrir.

Filch exibia um ar triunfante.

– Aquele armário que desaparece foi muitíssimo valioso! – disse todo alegre à Madame Nor-r-ra. – Vamos acabar com o Pirraça desta vez, minha doce...

Seus olhos pousaram em Harry e daí correram para o envelope do Feiticexpresso que, o garoto percebeu tarde demais, fora colocado meio metro mais longe do que estava antes.

A cara cerosa de Filch ficou vermelho-tijolo. Harry se preparou para uma maré de fúria. Filch capengou até a escrivaninha, agarrou o envelope e jogou-o dentro de uma gaveta.

– Você... você leu...? – gaguejou.

– Não – mentiu Harry depressa.

Filch torcia as mãos nodosas.

– Se eu sonhar que você leu a minha, minha não, a correspondência de um amigo, seja como for, mas...

Harry olhava fixo para ele, assustado; Filch nunca parecera mais furioso. Seus olhos saltavam, um tique nervoso estremecia sua bochecha mole, e o lenço escocês não melhorava sua aparência.

– Muito bem, pode ir, e não diga uma palavra, não que... mas, se você não leu, vá logo, tenho que fazer o relatório sobre o Pirraça, vá...

Espantado com a sua sorte, Harry saiu correndo da sala e tomou o corredor de volta para o saguão. Escapar da sala de Filch sem castigo provavelmente era uma espécie de recorde na escola.

– Harry! Harry! Funcionou?

Nick Quase Sem Cabeça saiu deslizando de uma sala de aula. Atrás dele,

Harry pôde ver os destroços de um grande armário preto e dourado que parecia ter sido jogado de uma grande altura.

– Convenci Pirraça a largá-lo bem em cima da sala de Filch – disse Nick ansioso. – Achei que iria distraí-lo...

– Aquilo foi você? – perguntou Harry, grato. – Funcionou sim, eu não peguei nem uma detenção. Obrigado, Nick!

Os dois saíram juntos pelo corredor. Nick Quase Sem Cabeça, Harry reparou, ainda segurava a carta de recusa de Sir Patrício.

– Eu gostaria de poder fazer alguma coisa sobre a Caça Sem Cabeça – comentou Harry.

Nick Quase Sem Cabeça parou de repente, e Harry passou por dentro dele. Gostaria de não ter feito isso; era como entrar embaixo de um chuveiro gelado.

– Mas *tem* uma coisa que você pode fazer por mim – disse Nick animado. – Harry, seria pedir muito, mas, não, você não iria...

– Aonde?

– Bem, este Dia das Bruxas será o meu quingentésimo aniversário de morte – disse Nick Quase Sem Cabeça, empertigando-se com o ar solene.

– Ah! – exclamou Harry, sem saber se devia fazer cara triste ou alegre com a notícia. – Certo.

– Estou dando uma festa em uma das masmorras maiores. Vêm amigos de todo o país. Seria uma *honra* tão grande se você pudesse comparecer! O Sr. Weasley e a Srta. Granger também seriam muito bem-vindos, é claro, mas você não vai preferir comparecer à festa da escola? – Ele observava Harry cheio de dedos.

– Não – disse Harry depressa –, eu vou...

– Meu caro rapaz! Harry Potter no meu aniversário de morte! E... – hesitou, parecendo agitado – você acha que seria *possível* mencionar a Sir Patrício que me acha *muito* assustador e impressionante?

– Claro... claro.

O rosto de Nick Quase Sem Cabeça se abriu num grande sorriso.

– Uma festa de aniversário de morte? – disse Hermione muito interessada quando Harry finalmente trocou de roupa e foi-se reunir a ela e a Rony na sala comunal. – Aposto que não existe muita gente viva que possa dizer que foi a uma festa dessas, vai ser fascinante!

– Por que alguém iria querer comemorar o dia em que morreu?! – exclamou Rony, que estava quase terminando o dever de Poções, mal-humorado. – Me parece uma coisa mortalmente deprimente...

A chuva continuava a açoitar as janelas, que agora estavam pretas feito tinta,

mas dentro da sala tudo parecia claro e alegre. As chamas da lareira iluminavam as inúmeras poltronas fofas onde os alunos estavam sentados lendo, conversando, fazendo o dever de casa ou, no caso de Fred e Jorge Weasley, tentando descobrir o que aconteceria se a pessoa fizesse uma salamandra comer um fogo Filibusteiro. Fred "salvara" o lagarto de couro laranja, que vive no fogo, de uma aula de o Trato das Criaturas Mágicas, e ele agora fumegava suavemente em cima de uma mesa rodeada de meninos curiosos.

Harry ia começar a contar a Rony e Mione sobre Filch e o curso Feiticexpresso quando, de repente, a salamandra saiu rodopiando descontrolada pelo ar, soltando fagulhas e estampidos. A visão de Percy berrando de ficar rouco com Fred e Jorge, a exibição espetacular de estrelas cor de tangerina que jorravam da boca da salamandra e sua fuga para a lareira, acompanhada de explosões, afugentaram Filch e o envelope do Feiticexpresso da cabeça de Harry.

Até chegar o Dia das Bruxas, Harry já se arrependera de sua promessa precipitada de ir à festa do aniversário de morte. O resto da escola estava animado com a proximidade da Festa das Bruxas; o Salão Principal fora decorado com os morcegos vivos de sempre, as enormes abóboras de Hagrid tinham sido recortadas para fazer lanternas tão grandes que cabiam três homens dentro, e havia boatos de que Dumbledore contratara uma trupe de esqueletos dançarinos para divertir o pessoal.

– Promessa é dívida – Mione lembrou a Harry com ar de mandona. – Você *diss*e que iria ao aniversário de morte.

Então, às sete horas, Harry, Rony e Mione passaram direto pela porta do Salão Principal apinhado de gente, que brilhava convidativo com pratos de ouro e velas, e tomaram o caminho das masmorras.

O corredor que levava à festa de Nick Quase Sem Cabeça tinha sido iluminado, também, com velas em toda a sua extensão, embora o efeito não fosse nada alegre: eram velas longas, finas e pretas, de luz azul, que projetavam uma claridade fantasmagórica mesmo nos rostos de gente viva. A temperatura caía a cada passo que davam. Quando Harry estremeceu e puxou as vestes mais para junto do corpo, ouviu um som que lembrava mil unhas arranhando um imenso quadro-negro.

– Será que isso é *música*? – cochichou Rony. Eles dobraram um canto e viram Nick Quase Sem Cabeça parado em um portal adornado com reposteiros de veludo negro.

– Meus caros amigos – disse ele pesaroso. – Sejam bem-vindos, sejam bem-vindos... fico tão contente que tenham podido vir...

E tirou o chapéu emplumado fazendo uma reverência e indicando a porta.

Era uma cena incrível. A masmorra continha centenas de pessoas esbranquiçadas e translúcidas, a maioria deslizando por uma pista de dança, valsando ao som medonho de trinta serrotes musicais, tocados por uma orquestra reunida em cima de uma plataforma drapeada de negro. Um lustre no alto projetava uma luz azul-meia-noite com outras mil velas negras. A respiração dos garotos se condensava, formando uma névoa à frente deles; parecia que estavam entrando em uma câmara frigorífica.

– Vamos dar uma circulada? – sugeriu Harry, querendo esquentar os pés.

– Cuidado para não atravessar ninguém – recomendou Rony, nervoso, e os três saíram contornando a pista de dança. Passaram por um grupo de freiras soturnas, um homem vestido de trapos que usava correntes e o Frei Gorducho, um alegre fantasma da Lufa-Lufa, que conversava com um cavalheiro que tinha uma flecha espetada na testa. Harry não se surpreendeu ao ver que os outros fantasmas davam distância ao Barão Sangrento, um fantasma da Sonserina, muito magro, de olhos arregalados e coberto de manchas de sangue prateado.

– Ah, não! – exclamou Mione, parando de repente. – Deem meia-volta, deem meia-volta, não quero falar com a Murta Que Geme...

– Quem? – perguntou Harry ao retrocederem.

– Ela assombra um boxe no banheiro das meninas no primeiro andar – disse Mione.

– Ela assombra um *boxe?*

– É. O boxe esteve quebrado o ano inteiro porque ela não para de ter acessos de raiva e inundar o banheiro. Eu nunca entrei lá sempre que pude evitar; é horrível tentar fazer xixi com ela gemendo do lado...

– Olhem, comida! – exclamou Rony.

Do lado oposto da masmorra havia uma longa mesa, também coberta de veludo negro. Eles se aproximaram pressurosos mas no instante seguinte pararam de chofre, horrorizados. O cheiro era bem desagradável. Grandes peixes podres estavam dispostos em belas travessas de prata; bolos carbonizados estavam arrumados em salvas; havia uma grande terrina de picadinho de miúdos de carneiro cheio de vermes, um pedaço de queijo coberto de uma camada de mofo esverdeado e, o orgulho do bufê, um enorme bolo cinzento em forma de sepultura, com os dizeres em glacê de asfalto:

SIR NICOLAS DE MIMSY-PORPINGTON
FALECIDO EM 31 DE OUTUBRO DE 1492.

Harry observou, espantado, um fantasma imponente se aproximar da mesa, abaixar-se e atravessá-la, a boca aberta de modo a engolir um salmão fedorento.

– O senhor pode provar a comida quando a atravessa? – perguntou-lhe Harry.
– Quase – respondeu o fantasma triste e se afastou.
– Imagino que tenham deixado o peixe apodrecer para acentuar o gosto – disse Mione em tom de quem sabe das coisas, apertando o nariz e se debruçando para examinar o picadinho pútrido.
– Podemos ir andando? Estou me sentindo enjoado – disse Rony.
Nem bem tinham se virado, porém, quando um homenzinho saiu voando de repente de debaixo da mesa e parou no ar diante deles.
– Alô, Pirraça – cumprimentou Harry cauteloso.
Ao contrário dos fantasmas à volta, Pirraça, o *poltergeist*, era o oposto de pálido e transparente. Usava um chapéu de festa laranja-vivo, uma gravata-borboleta giratória e exibia um largo sorriso no rosto largo e maldoso.
– Aperitivos – disse simpático, oferecendo aos garotos uma tigela de amendoins cobertos de fungo.
– Não, muito obrigada – disse Mione.
– Ouvi você falando da coitada da Murta – disse Pirraça, os olhos dançando. – Que *grosseria* com a coitada. – Ele tomou fôlego e berrou: – OI! MURTA!
– Ah, não, Pirraça, não conte a ela o que eu disse, ela vai ficar realmente chateada – cochichou Mione frenética. – Não falei por mal, ela não me incomoda, ah, alô, Murta.
O fantasma atarracado de uma moça deslizou até eles. Tinha a cara mais triste que Harry já vira, meio oculta por cabelos escorridos e espessos, e óculos perolados.
– Que foi? – perguntou aborrecida.
– Como vai, Murta? – cumprimentou Mione fingindo animação. – Que bom ver você fora do banheiro.
Murta fungou.
– A Srta. Granger estava mesmo falando em você... – disse Pirraça sonsamente ao ouvido da Murta.
– Só estava dizendo... dizendo... como você está bonita esta noite – completou Mione, fechando a cara para Pirraça.
Murta olhou para Mione desconfiada.
– Você está caçoando de mim – disse, lágrimas prateadas marejando rapidamente os seus olhos penetrantes.
– Não, sério, eu não acabei de falar como a Murta está bonita? – falou Mione, cutucando dolorosamente Harry e Rony nas costelas.
– Ah, claro...
– Falou...
– Não mintam para mim! – exclamou Murta, as lágrimas agora escorrendo

livremente pelo rosto, enquanto Pirraça, feliz, dava risadinhas por cima do ombro dela. – Vocês acham que não sei como as pessoas me chamam pelas costas? Murta Gorda! Murta Feiosa! Murta infeliz, chorona, apática!

– Você esqueceu do espinhenta – sibilou Pirraça ao ouvido dela.

A Murta Que Geme prorrompeu em soluços aflitos e fugiu da masmorra. Pirraça disparou atrás dela, jogando amendoins mofados e gritando:

– *Espinhenta! Espinhenta!*

– Ah, meu Deus! – lamentou-se Hermione.

Nick Quase Sem Cabeça agora deslizava por entre os convidados em direção aos garotos.

– Estão se divertindo?

– Ah, claro – mentiram.

– Um número de convidados bem grande – disse Nick Quase Sem Cabeça, orgulhoso. – A rainha viúva veio lá de Kent... Está quase na hora do meu discurso, é melhor eu ir avisar à orquestra...

A orquestra, porém, parou de tocar naquele exato instante. E, todas as pessoas na masmorra se calaram, olhando para os lados excitadas, ao ouvirem uma trompa de caça.

– Ah, lá vamos nós – disse Nick Quase Sem Cabeça amargurado.

Pelas paredes da masmorra irromperam doze cavalos fantasmas, cada um montado por um cavaleiro sem cabeça. Os convidados aplaudiram calorosamente; Harry começou a aplaudir, também, mas parou depressa ao ver a cara de Nick.

Os cavalos galoparam até o meio da pista de dança e pararam, levantando e baixando as patas dianteiras. À frente da cavalgada havia um fantasma corpulento que segurava a cabeça sob o braço, posição de onde ele tocava a trompa. O fantasma apeou, levantou a cabeça no ar de modo que pudesse ver as pessoas (todos riram) e se dirigiu a Nick Quase Sem Cabeça, recolocando a cabeça sobre o pescoço.

– Nick! – rugiu. – Como vai? A cabeça ainda pendurada?

Ele soltou uma gargalhada cordial e deu uma palmadinha no ombro de Nick Quase Sem Cabeça.

– Seja bem-vindo, Patrício – disse Nick secamente.

– Gente viva! – exclamou Sir Patrício, vendo Harry, Rony e Mione, e dando um grande pulo fingindo espanto, de modo que sua cabeça tornou a cair (os convidados gargalharam).

– Muito engraçado – disse Nick Quase Sem Cabeça com ferocidade.

– Não liguem para o Nick! – gritou a cabeça de Sir Patrício lá do chão. – Ainda está aborrecido porque não o deixamos se associar à Caçada! Mas quero

dizer... olhem só para ele...

– Acho – disse Harry depressa, a um olhar significativo de Nick –, Nick é muito... assustador e...

– Ha! – gritou a cabeça de Sir Patrício. – Aposto como ele lhe pediu para dizer isso!

– Se todos pudessem me dar atenção, está na hora do meu discurso! – avisou Nick Quase Sem Cabeça em voz alta, caminhando com firmeza até o pódio e tomando posição sob a luz de um refletor azul-gelo.

“Meus saudosos cavalheiros, damas e senhores, tenho o grande pesar...”

Mas ninguém ouviu muito mais do que isso. Sir Patrício e os Caçadores Sem Cabeça começaram uma partida de hóquei de cabeça e as pessoas foram se virando para assistir. Nick Quase Sem Cabeça tentou em vão reconquistar sua plateia, mas desistiu quando a cabeça de Sir Patrício passou navegando por ele em meio aos berros de vivas.

Harry, por esta altura, estava sentindo muito frio, para não falar na fome.

– Não dá para aguentar muito mais que isso – murmurou Rony, os dentes batendo, quando a orquestra tornou a entrar em ação, e os fantasmas voltaram à pista de dança.

– Vamos – concordou Harry.

Os três saíram em direção à porta, acenando com a cabeça e sorrindo para todos que olhavam, e um minuto depois estavam andando depressa pelo corredor cheio de velas.

– Talvez o pudim ainda não tenha acabado – disse Rony esperançoso, seguindo à frente em direção à escada do saguão de entrada.

E então Harry ouviu.

“... rasgar... romper... matar...”

Era a mesma voz, a mesma voz gélida e assassina que ouvira na sala de Lockhart.

Ele parou quase tropeçando, apoiando-se na parede de pedra, escutando com toda a atenção, olhando para os lados, apertando os olhos para ver nos dois sentidos do corredor mal iluminado.

– Harry, que é que você...?

– É aquela voz de novo, fiquem quietos um minuto...

“... tanta fome... tanto tempo...”

– Ouçam! – disse Harry com urgência, e Rony e Mione pararam, observando-o.

“... matar... hora de matar...”

A voz foi ficando mais fraca. Harry tinha certeza de que estava se afastando – se afastando para o alto. Uma mistura de medo e excitação se apoderou dele ao

fixar o olhar no teto escuro; como é que ela podia estar se afastando para o alto? Seria um fantasma, para quem tetos de pedra não faziam diferença?

– Por aqui – gritou ele e começou a subir correndo as escadas para o saguão. Não adiantava querer ouvir nada ali, o vozerio na festa do Salão Principal ecoava pelo saguão. Harry subiu correndo a escadaria de mármore até o primeiro andar, com Rony e Mione nos seus calcanhares.

– Harry, que é que estamos...

– PSIU!

Harry apurou os ouvidos. Longe, vinda do andar de cima, e cada vez mais fraca, ele ouviu a voz:

“... Sinto cheiro de sangue... SINTO CHEIRO DE SANGUE!”

Sentiu um aperto no estômago...

– Vai matar alguém! – gritou ele, e sem dar atenção aos rostos perplexos de Rony e Mione, subiu correndo o lance seguinte de escada, três degraus de cada vez, tentando escutar apesar do barulho que seus passos faziam...

Harry precipitou-se pelo segundo andar, Rony e Mione ofegantes atrás dele, e não parou até entrar no último corredor deserto.

– Harry, do *que* é que você estava falando? – perguntou Rony, enxugando o suor do rosto. – Eu não ouvi nada...

Mas Mione soltou uma súbita exclamação, apontando para o corredor.

– *Olhem!*

Alguma coisa brilhava na parede em frente. Eles se aproximaram devagarinho, apertando os olhos para ver na penumbra. Alguém tinha pintado palavras de uns trinta centímetros na parede entre as duas janelas, que refulgiam à luz das chamas das tochas.

A CÂMARA SECRETA FOI ABERTA.
INIMIGOS DO HERDEIRO, CUIDADO.

– Que coisa é aquela, pendurada ali embaixo? – perguntou Rony, com um ligeiro tremor na voz.

Ao se aproximarem, Harry quase escorregou – havia uma grande poça de água no chão; Rony e Mione o seguraram, e continuaram a avançar devagar até a mensagem, os olhos fixos na sombra escura embaixo. Os três logo perceberam o que era e deram um salto para trás espalhando água.

Madame Nor-r-ra, a gata do zelador, estava pendurada pelo rabo em um suporte de tocha. Estava dura como um pau, os olhos arregalados e fixos.

Durante alguns segundos eles não se mexeram. Então Rony falou:

– Vamos dar o fora daqui.

– Será que não devíamos tentar ajudar... – começou a dizer Harry, sem jeito.
– Confie em mim – disse Rony. – Não podemos ser encontrados aqui.
Mas era tarde demais. Um ronco, como o de um trovão distante, informou-lhes que a festa terminara naquele instante. De cada ponta do corredor onde estavam, ouviram o barulho de centenas de pés que subiam as escadas, e a conversa alta e alegre de gente bem alimentada; no instante seguinte os alunos entravam aos encontrões pelos dois lados do corredor.
A conversa, o bulício, o barulho morreu de repente quando os garotos que vinham à frente viram o gato pendurado. Harry, Rony e Mione estavam sozinhos no meio do corredor, e os estudantes que se empurravam para ver a cena macabra se calaram.
Então alguém gritou em meio ao silêncio.
– Inimigos do herdeiro, cuidado! Vocês vão ser os próximos, sangues ruins!
Era Draco Malfoy. Ele abrira caminho até a frente dos alunos, seus olhos frios muito intensos, seu rosto, em geral pálido, corara, e ele ria diante do gato pendurado imóvel.

— CAPÍTULO NOVE —

A pichação na parede

– Que está acontecendo aqui? Que está acontecendo?

Atraído, sem dúvida, pelo grito de Draco, Argo Filch apareceu, abrindo caminho com os ombros por entre os alunos aglomerados. Então ele viu Madame Nor-r-ra e recuou, levando as mãos ao rosto horrorizado.

– Minha gata! Minha gata! Que aconteceu a Madame Nor-r-ra? – gritou ele.

E seus olhos saltados pousaram em Harry.

– *Você!* – gritou. – *Você!* Você assassinou a minha gata! Você a matou! Vou matá-lo! Vou...

– *Argo!*

Dumbledore chegara à cena, seguido de vários professores. Em segundos, passou por Harry, Rony e Hermione e soltou Madame Nor-r-ra do porta-archote.

– Venha comigo, Argo – disse a Filch. – Os senhores também, Sr. Potter, Sr. Weasley e Srta. Granger.

Lockhart deu um passo à frente pressuroso.

– A minha sala fica mais próxima, diretor, logo aqui em cima, por favor, fique à vontade...

– Muito obrigado, Gilderoy – disse Dumbledore.

Os presentes se afastaram para os lados em silêncio para deixá-los passar. Lockhart, com o ar agitado e importante, acompanhou Dumbledore, apressado; o mesmo fizeram a Profª McGonagall e o Prof. Snape.

Ao entrarem na sala escura de Lockhart, ouviram uma agitação passar pelas paredes; Harry viu vários Lockharts nas molduras se esconderem, com os cabelos presos em rolinhos. O verdadeiro Lockhart acendeu as velas sobre a escrivaninha e se afastou um pouco. Dumbledore pôs Madame Nor-r-ra na superfície polida e começou a examiná-la. Harry, Rony e Hermione trocaram

olhares tensos e se sentaram, observando, em cadeiras fora do círculo iluminado pelas velas.

A ponta do nariz comprido e curvo de Dumbledore estava a menos de três centímetros do pelo de Madame Nor-r-ra. Ele a examinou atentamente através dos óculos de meia-lua, apalpou-a e cutucou-a com os dedos longos. A Profª McGonagall estava curvada quase tão próxima, os olhos apertados. Snape esticava-se por trás deles, meio na sombra, com uma expressão estranhíssima no rosto: era como se estivesse fazendo força para não sorrir. E Lockhart andava à volta do grupo, oferecendo sugestões.

– Decididamente foi um feitiço que a matou, provavelmente a Tortura Transmogrifiana. Já a usaram muitas vezes, que pena que eu não estava presente, conheço exatamente o contrafeitiço que a teria salvado...

Os comentários de Lockhart eram pontuados pelos soluços secos e violentos de Filch. Ele se afundara em uma cadeira ao lado da escrivaninha, incapaz de olhar para Madame Nor-r-ra, o rosto coberto com as mãos. Por mais que detestasse Filch, Harry não pôde deixar de sentir uma certa pena dele, embora não tanta quanto a que sentia de si mesmo. Se Dumbledore acreditasse em Filch, o garoto com certeza seria expulso.

Dumbledore agora murmurava palavras estranhas para si mesmo, tocando Madame Nor-r-ra com a varinha mas nada aconteceu: ela continuava parecendo que fora empalhada recentemente.

– ... Lembro-me de algo muito parecido que aconteceu em Ouagadogou – disse Lockhart –, uma série de ataques, a história completa se encontra na minha autobiografia, naquela ocasião pude fornecer aos habitantes da cidade vários amuletos, que resolveram imediatamente o problema...

As fotografias de Lockhart na parede concordavam com a cabeça quando ele falava. Uma delas se esquecera de tirar a rede dos cabelos.

Finalmente Dumbledore se ergueu.

– A gata não está morta, Argo – disse ele baixinho.

Lockhart parou imediatamente de contar o número de assassinatos que evitara.

– Não está morta? – engasgou-se Filch, olhando por entre os dedos para Madame Nor-r-ra. – Então por que é que ela está toda... toda dura e gelada?

– Ela foi petrificada – disse Dumbledore. ("Ah! Eu bem que achei!", disse Lockhart.) – Mas de que forma, eu não sei dizer...

– Pergunte a *ele*! – gritou Filch, virando o rosto manchado e escorrido de lágrimas para Harry.

– Nenhum aluno de segundo ano poderia ter feito isto – disse Dumbledore com firmeza. – Seria preciso conhecer Magia Negra avançadíssima...

– Foi ele, foi ele! – cuspiu Filch, o rosto balofo congestionado. – O senhor viu

o que ele escreveu na parede! Ele encontrou... no meu escritório... ele sabe que eu sou um... sou um... – O rosto de Filch se contorceu de modo horrendo. – Ele sabe que sou um aborto! – terminou.

– Jamais *encostei o dedo* em Madame Nor-r-ra! – disse Harry em voz alta, sentindo-se incomodado por saber que todos o olhavam, inclusive todos os Lockharts nas paredes. – Nem mesmo sei o que *é* um aborto.

– Mentira! – rosnou Filch. – Ele viu a carta do Feiticexpresso!

– Se me permite falar, diretor – disse Snape de seu lugar nas sombras, e Harry sentiu seus maus pressentimentos aumentarem; tinha certeza de que nada que Snape tivesse a dizer iria beneficiá-lo.

"Talvez Potter e seus amigos simplesmente estivessem no lugar errado na hora errada", disse ele, um ligeiro trejeito de desdém lhe encrespando a boca como se duvidasse do que dizia. "Mas temos um conjunto de circunstâncias suspeitas neste caso. Por que é que estavam no corredor do andar superior? Por que não estavam na Festa das Bruxas?"

Harry, Rony e Hermione, todos desataram a dar explicações sobre a festa do aniversário de morte.

– ... havia centenas de fantasmas na festa, que poderão confirmar que estávamos lá...

– Mas por que não foram depois para a Festa das Bruxas? – perguntou Snape, os olhos negros faiscando à luz das velas. – Por que subir àquele corredor?

Rony e Hermione olharam para Harry.

– Porque... porque... – disse Harry, o coração disparado; alguma coisa lhe disse que seria muito difícil eles acreditarem se confessasse que fora levado por uma voz sem corpo que ninguém, exceto ele, tinha podido ouvir – porque estávamos cansados e queríamos nos deitar.

– Sem jantar? – disse Snape, um sorriso vitorioso perpassou o seu rosto magro. – Eu não sabia que nas festas os fantasmas ofereciam comida própria para consumo de gente viva.

– Não estávamos com fome – disse Rony em voz alta ao mesmo tempo que sua barriga dava um enorme ronco.

O sorriso maldoso de Snape se ampliou.

– Suspeito, diretor, que Potter não esteja dizendo toda a verdade. Talvez fosse uma boa ideia privá-lo de certos privilégios até que esteja disposto a nos contar tudo. Pessoalmente, acho que deveria ser suspenso do time de quadribol da Grifinória até que se disponha a ser honesto.

– Francamente, Severo – disse a Profª McGonagall com aspereza –, não vejo razão para impedir o menino de jogar quadribol. Esta gata não foi enfeitiçada com um golpe de vassoura. Não há qualquer evidência de que Potter tenha feito

algo errado.

Dumbledore lançou a Harry um olhar penetrante. Seus olhos azuis cintilantes faziam Harry sentir que estava sendo radiografado.

– Inocente até que se prove o contrário, Severo – disse com firmeza.

Snape pareceu furioso. E Filch também.

– Minha gata foi petrificada! – gritou, os olhos esbugalhados. – Quero ver alguém ser *castigado*!

– Vamos curá-la, Argo – disse Dumbledore, paciente. – A Profª Sprout recentemente obteve umas mandrágoras. Assim que elas crescerem, vou mandar fazer uma poção que ressuscitará Madame Nor-r-ra.

– Eu faço – Lockhart entrou na conversa. – Devo ter feito isto centenas de vezes. Seria capaz de preparar um Tônico Restaurador de Mandrágora até dormindo...

– Desculpe-me – disse Snape num tom gelado. – Mas creio que sou o professor de Poções aqui nesta escola.

Houve uma pausa muito incômoda.

– Vocês podem ir – disse Dumbledore a Harry, Rony e Hermione.

Os três saíram o mais depressa que puderam sem chegar a correr. Quando estavam um andar acima da sala de Lockhart, entraram em uma sala de aula e fecharam a porta silenciosamente. Harry procurou enxergar o rosto dos amigos no escuro.

– Vocês acham que eu devia ter falado a eles daquela voz que ouvi?

– Não – respondeu Rony sem hesitar. – Ouvir vozes que ninguém mais ouve não é bom sinal, mesmo no mundo da magia.

Alguma coisa na voz de Rony fez Harry perguntar:

– Você acredita em mim, não é?

– Claro que acredito – respondeu Rony depressa. – Mas... você vai concordar que é estranho...

– Eu sei que é estranho – disse Harry. – A coisa toda é estranha. O que era aquela pichação na parede? *A Câmara Secreta foi aberta*... Que será que significa isso?

– Sabe, me lembra alguma coisa – disse Rony lentamente. – Acho que alguém certa vez me contou uma história de uma câmara secreta em Hogwarts... talvez tenha sido o Gui...

– E afinal o que é um aborto? – perguntou Harry.

Para sua surpresa, Rony sufocou uma risadinha.

– Bem... não é realmente engraçado... mas é o que Filch é – disse ele. – Um aborto é alguém que nasceu em uma família de bruxos mas não tem poderes mágicos. De certa forma é o oposto do bruxo que nasceu trouxa, mas os abortos

são muito raros. Se Filch está tentando aprender magia em um curso Feiticexpresso, imagino que ele seja um aborto. Isto explicaria muita coisa. Por exemplo a razão por que ele odeia tanto os alunos. – Rony deu um sorriso de satisfação. – É um amargurado.

Um relógio bateu as horas em algum lugar.

– Meia-noite – disse Harry. – É melhor irmos deitar antes que Snape apareça e tente nos culpar de outra coisa qualquer.

Durante alguns dias, a escola praticamente não conseguiu falar de outra coisa a não ser do ataque à Madame Nor-r-ra. Filch o manteve vivo na lembrança de todos, perambulando pelo lugar onde ela fora atacada, como se achasse que o atacante poderia voltar. Harry o vira esfregando a mensagem na parede com Removedor Mágico Multiuso Skower, mas sem resultado; as palavras continuavam a brilhar na pedra, mais fortes que nunca. Quando Filch não estava guardando a cena do crime, esquivava-se pelos corredores, os olhos vermelhos, investindo contra estudantes distraídos e tentando impingir-lhes uma detenção por coisas do tipo "respirar fazendo barulho" e "parecer feliz".

Gina Weasley parecia ter ficado muito perturbada com o destino de Madame Nor-r-ra. Segundo Rony, ela adorava gatos.

– Mas você nem chegou a conhecer Madame Nor-r-ra direito – disse Rony animando-a. – Francamente, estamos muito melhor sem ela. – Os lábios de Gina tremeram. – Coisas assim não acontecem todo dia em Hogwarts – tranquilizou-a Rony. – Vão pegar o maníaco que fez isso e mandá-lo embora daqui na hora. Só espero que ele tenha tempo de petrificar o Filch antes de ser expulso. Brincadeirinha... – acrescentou Rony depressa, ao ver Gina empalidecer.

O ataque também afetara Mione. Tornou-se comum ela passar muito tempo lendo, mas agora não fazia quase mais nada. Nem Harry e Rony tampouco obtinham alguma resposta quando lhe perguntavam o que pretendia fazer, e somente na quarta-feira seguinte ficaram sabendo.

Harry se demorara na sala de Poções, onde Snape o retivera depois da aula para raspar os vermes deixados em cima das carteiras. Depois de um almoço apressado, ele foi ao encontro de Rony na biblioteca e viu Justino Finch-Fletchley, o garoto da Lufa-Lufa que tinham conhecido na aula de Herbologia, vindo em sua direção. Harry acabara de abrir a boca para dizer "Olá" quando Justino o viu, virou-se abruptamente e saiu correndo na direção oposta.

Harry encontrou Rony no fundo da biblioteca, medindo o dever de História da Magia. O Prof. Binns tinha pedido uma redação de um metro sobre o "Congresso Medieval de Bruxos Europeus".

– Não acredito que ainda faltem vinte centímetros... – disse Rony furioso,

largando o pergaminho, que tornou a se enrolar. – E Mione escreveu um metro e vinte e oito e a letra dela é *miudinha*.

– Onde é que ela está agora? – perguntou Harry, pegando a fita métrica e desenrolando a própria redação.

– Ali adiante – disse Rony indicando as estantes. – Procurando outro livro. Acho que está tentando ler a biblioteca inteira antes do Natal.

Harry contou a Rony que Justino Finch-Fletchley fugira dele.

– Não sei por que você se importa – disse Rony escrevendo sem parar, fazendo a caligrafia o maior possível. – Toda aquela baboseira sobre a importância de Lockhart...

Hermione saiu do meio das estantes. Tinha um ar irritado mas parecia, finalmente, disposta a falar com eles.

– *Todos* os exemplares de *Hogwarts: uma história* foram retirados – anunciou ela, sentando-se com Harry e Rony. – E tem uma lista de espera de duas semanas. Eu *gostaria* de não ter deixado o meu exemplar em casa, mas não consegui enfiá-lo no malão com todos os livros de Lockhart.

– Para que você quer a história? – perguntou Harry.

– Pela mesma razão que todo mundo quer: para ler a lenda da Câmara Secreta.

– Que vem a ser isso? – perguntou Harry depressa.

– Esta é a questão. Não consigo me lembrar – disse Mione, mordendo o lábio. – E não consigo encontrar a história em lugar nenhum...

– Mione, me deixe ler a sua redação – pediu Rony desesperado, consultando o relógio de pulso.

– Não, deixo não – disse a garota com severidade. – Você teve dez dias para terminá-la...

– Eu só preciso de mais cinco centímetros, deixe, vai...

A sineta tocou. Rony e Mione se dirigiram à aula de História da Magia, discutindo.

A História da Magia era a matéria mais sem graça do programa. O Prof. Binns, encarregado de ensiná-la, era o único professor fantasma, e a coisa mais excitante que acontecia em suas aulas era ele entrar em classe atravessando o quadro-negro. Velhíssimo e enrugado, muita gente dizia que ainda não percebera que estava morto. Um belo dia ele simplesmente se levantara para dar aula e deixara o corpo sentado numa poltrona diante da lareira da sala de professores; sua rotina não se alterara nem um pingo desde então.

Hoje estava chato como sempre. O Prof. Binns abriu seus apontamentos e começou a ler num tom monótono como um aspirador de pó velho, até que quase todos os alunos na sala caíram num estupor profundo, de que emergiam ocasionalmente o tempo suficiente de copiar um nome ou uma data e, em

seguida, tornar a adormecer. Estava falando havia meia hora quando aconteceu uma coisa que nunca acontecera antes. Hermione levantou a mão.

O Prof. Binns ergueu os olhos no meio de um discurso mortalmente maçante sobre a Convenção Internacional de Bruxos de 1289 e fez uma cara surpresa.

– Senhorita... ah...?

– Granger, professor. Eu gostaria de saber se o senhor poderia nos contar alguma coisa sobre a Câmara Secreta – pediu Mione com voz clara.

Dino Thomas, que estivera sentado com a boca aberta, espiando para fora da janela, acordou de repente do seu transe; a cabeça de Lilá Brown deitada sobre os braços se ergueu e o cotovelo de Neville Longbottom escorregou da carteira.

O Prof. Binns pestanejou.

– Minha matéria é História da Magia – disse ele naquela voz seca e asmática. – Lido com *fatos*, Srta. Granger, não com mitos nem com lendas. – Ele pigarreou fazendo um barulhinho como o de um giz que se parte e continuou. – Em setembro daquele ano, um subcomitê de bruxos sardos...

O professor gaguejou antes de parar. A mão de Mione estava outra vez no ar.

– Srta. Grant?

– Por favor, professor, as lendas não se baseiam sempre em fatos?

O Prof. Binns olhou-a com tal espanto, que Harry teve certeza de que nenhum aluno, vivo ou morto, jamais o interrompera antes.

– Bem – disse o Prof. Binns lentamente –, é um argumento válido, suponho. – Ele estudou Mione como se nunca antes tivesse olhado direito para um aluno. – Contudo, a lenda de que a senhorita fala é tão *sensacionalista* e até tão *absurda* que...

A classe inteira ficou pendurada em cada palavra que o professor dizia. Ele correu um olhar míope por todos, rosto por rosto virado em sua direção. Harry percebeu que ele estava completamente desconcertado por aquela manifestação incomum de interesse.

– Ah, muito bem – disse vagarosamente. – Vejamos... a Câmara Secreta...

“Os senhores todos sabem, é claro, que Hogwarts foi fundada há mais de mil anos... a data exata é incerta... pelos quatro maiores bruxos e bruxas da época. As quatro casas da escola foram batizadas em homenagem a eles: Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Eles construíram este castelo juntos, longe dos olhares curiosos dos trouxas, porque era uma época em que a magia era temida pelas pessoas comuns, e os bruxos e bruxas sofriam muitas perseguições.”

Ele fez uma pausa, percorreu a sala com os olhos lacrimejantes e continuou:

– Durante alguns anos, os fundadores trabalharam juntos, em harmonia, procurando jovens que revelassem sinais de talento em magia e trazendo-os para

serem educados no castelo. Mas então surgiram os desentendimentos. Ocorreu uma cisão entre Slytherin e os outros. Slytherin queria ser mais *seletivo* com relação aos estudantes admitidos. Ele acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas. Desagradava-lhe admitir alunos de pais trouxas, pois os achava pouco dignos de confiança. Passado algum tempo houve uma séria discussão sobre o assunto entre Slytherin e Gryffindor, e Slytherin abandonou a escola.

O Prof. Binns parou de novo, contraindo os lábios, parecendo uma velha tartaruga enrugada.

– É o que nos contam as fontes históricas confiáveis. Mas estes fatos honestos foram obscurecidos pela lenda fantasiosa da Câmara Secreta. Segundo ela, Slytherin construiu uma câmara secreta no castelo, da qual os outros nada sabiam.

"Slytherin teria selado a Câmara Secreta de modo que ninguém pudesse abri-la até que o seu legítimo herdeiro chegasse à escola. Somente o herdeiro seria capaz de abrir a Câmara Secreta, libertar o horror que ela encerrava e usá-lo para expurgar a escola de todos que não fossem dignos de estudar magia."

Fez-se silêncio quando ele acabou de contar a história, mas não foi o de sempre, o silêncio modorrento que dominava as aulas do Prof. Binns. Havia no ar um certo constrangimento enquanto todos continuavam a olhá-lo, esperando mais. O Prof. Binns fez um ar ligeiramente aborrecido.

– A história inteira é um perfeito absurdo, é claro. Naturalmente, a escola foi revistada à procura de provas da existência dessa câmara, muitas vezes, pelos bruxos e bruxas mais cultos. Ela não existe. Uma história contada para assustar os crédulos.

A mão de Mione voltou a se erguer.

– Professor... o que foi exatamente que o senhor quis dizer com "o horror que ela encerrava"?

– Acredita-se que haja algum tipo de monstro, que somente o herdeiro de Slytherin pode controlar – respondeu o Prof. Binns com sua voz seca e esganiçada.

Os alunos trocaram olhares nervosos.

– Afirmo que a coisa não existe – disse ele folheando suas anotações. – Não há Câmara alguma e monstro algum.

– Mas, professor – perguntou Simas Finnigan –, se a Câmara só pode ser aberta pelo verdadeiro herdeiro de Slytherin, ninguém mais seria capaz de encontrá-la, não é?

– Bobagem, O'Flaherty – disse o Prof. Binns, num tom irritado. – Se uma longa sucessão de diretores e diretoras de Hogwarts não encontraram a coisa...

– Mas, professor – ouviu-se a voz fina de Parvati Patil –, a pessoa provavelmente terá de usar Magia Negra para abri-la...

– Só porque um bruxo *não* usa Magia Negra não significa que não *possa*, Srta. Pennyfeather – retrucou o Prof. Binns. – Eu repito, se uma pessoa como Dumbledore...

– Mas talvez a pessoa tenha que ser parente de Slytherin, por isso Dumbledore não poderia... – começou Dino Thomas, mas para o professor aquilo já era demais.

– Basta – disse com rispidez. – É um mito! Não existe! Não há a mínima prova de que Slytherin tenha algum dia construído sequer um armário secreto de vassouras! Arrependo-me de ter contado aos senhores uma história tão tola. Vamos voltar, façam-me o favor, à *história*, aos *fatos* sólidos, críveis e verificáveis!

E em cinco minutos a classe voltara a mergulhar em seu torpor habitual.

– Eu sempre soube que Salazar Slytherin era um velho maluco e tortuoso – contou Rony a Harry e Mione enquanto tentavam passar pelo corredor apinhado de alunos ao fim das aulas, para guardarem as mochilas antes do jantar. – Mas não sabia que ele é quem tinha começado toda essa história de puro sangue. Eu não ficaria na casa dele nem que me pagassem. Francamente, se o Chapéu Seletor tivesse tentado me mandar para Sonserina, eu teria tomado o trem de volta para casa...

Mione concordou fervorosamente, mas Harry não disse nada. Sentira o estômago afundar e o comentário lhe causara mal-estar.

Harry nunca contara a Rony e Mione que o Chapéu Seletor considerara seriamente mandá-*lo* para Sonserina. Ainda lembrava, como se fosse ontem, a vozinha que lhe falara ao ouvido quando no ano anterior ele colocara o chapéu na cabeça: *Você poderia ser grande, sabe, está tudo aí em sua cabeça, e Sonserina o ajudaria a galgar o caminho para a grandeza, não há dúvida...*

Mas Harry, que já ouvira falar da reputação que tinha Sonserina de produzir bruxos das trevas, pensou desesperado: *"Sonserina, não!"* e o chapéu lhe respondera: *"Bom, se você tem certeza... então é melhor Grifinória...*

Enquanto se deslocavam pela multidão, Colin Creevey passou.

– Oi, Harry!

– Olá, Colin – respondeu Harry automaticamente.

– Harry, Harry, um garoto da minha classe anda dizendo que você...

Mas Colin era tão pequeno que não conseguiu resistir à maré de gente que o empurrava em direção ao Salão Principal; eles ouviram sua voz pequenininha:

– Vejo você depois, Harry! – E desapareceu.

– O que será que um garoto da classe dele anda dizendo de você? – perguntou Mione.

– Que sou o herdeiro de Slytherin, imagino – disse Harry, o estômago afundando mais uns dois centímetros e ele, de repente, lembrou-se de Justino Finch-Fletchey fugindo dele na hora do almoço.

– O pessoal daqui acredita em qualquer coisa – disse Rony desgostoso.

A multidão foi-se esgarçando e eles puderam subir a escada seguinte sem dificuldade.

– Você *realmente* acha que existe uma Câmara Secreta? – perguntou Rony a Mione.

– Não sei – respondeu ela franzindo a testa. – Dumbledore não conseguiu curar Madame Nor-r-ra, e isto me faz pensar que aquilo que a atacou talvez não fosse... bem... humano.

Ao falar, eles dobraram um canto e se viram no fim do mesmíssimo corredor em que ocorrera o ataque. Pararam e olharam. A cena era exatamente a daquela noite, exceto que não havia nenhum gato duro pendurado no porta-archote, e havia uma cadeira encostada na parede em que se lia a mensagem “A Câmara Secreta foi Aberta”.

– É onde Filch tem estado de guarda – murmurou Rony.

Eles se entreolharam. O corredor estava deserto.

– Não faria mal algum dar uma espiada por aí – disse Harry, largando a mochila e ficando de quatro de modo a poder engatinhar à procura de pistas.

– Marcas de fogo! – disse. – Aqui... e aqui...

– Venham só dar uma espiada nisso! – chamou Mione. – Que coisa engraçada...

Harry se levantou e foi até a janela junto à mensagem na parede. Mione estava apontando o caixilho superior da janela, onde havia umas vinte aranhas correndo e brigando para entrar em uma pequena fenda. Um fio longo e prateado estava pendurado como uma corda, como se todas o tivessem usado na pressa de sair.

– Vocês já viram aranhas se comportarem assim? – perguntou Mione pensativa.

– Não – disse Harry –, e você, Rony? Rony?

Ele olhou por cima do ombro. Rony estava parado bem longe e parecia lutar contra o impulso de correr.

– Que aconteceu? – perguntou Harry.

– Eu... não... gosto... de aranhas – disse Rony muito tenso.

– Eu nunca soube disso – comentou Mione, olhando para Rony surpresa. – Você usou aranhas na aula de Poções um monte de vezes...

– Não me importo quando estão mortas – explicou Rony, que tomava o

cuidado de olhar para todo lado menos para a janela. – Não gosto do jeito como elas andam...

Hermione riu.

– Não tem graça – disse Rony, furioso. – Se precisa mesmo saber, quando eu tinha três anos, Fred transformou o meu... meu ursinho numa enorme aranha nojenta porque eu quebrei a vassoura de brinquedo dele... Você também detestaria aranhas se estivesse segurando um urso e de repente ele ganhasse um monte de pernas e...

Ele estremeceu, sem terminar a frase. Mione continuava obviamente a fazer força para não rir. Harry, achando que era melhor mudarem de assunto, disse:

– Vocês se lembram daquela água toda no chão? De onde terá vindo? Alguém a enxugou.

– Estava mais ou menos por aqui – disse Rony, recobrando-se para andar até um pouco além da cadeira de Filch e apontar. – Na altura desta porta.

Ele levou a mão à maçaneta de latão mas, de repente, puxou a mão como se tivesse se queimado.

– Que foi? – perguntou Harry.

– Não posso entrar aí – explicou impaciente. – É o banheiro das garotas.

– Ah, Rony, não vai ter ninguém aí – disse Mione, ficando em pé e se aproximando. – É o lugar da Murta Que Geme. Vamos, vamos dar uma olhada.

E desconsiderando o grande aviso de INTERDITADO, ela abriu a porta.

Era o banheiro mais escuro, mais deprimente em que Harry já entrara. O piso estava molhado e refletia a luz fraca dos tocos de vela que brilhavam nos castiçais: as portas de madeira dos boxes estavam descascadas e arranhadas e uma delas se soltara das dobradiças.

Mione levou o dedo aos lábios e se encaminhou para o último boxe. Ao chegar, disse:

– Olá, Murta, como vai?

Harry e Rony foram olhar. A Murta Que Geme estava flutuando acima da caixa de descarga do vaso, cutucando uma manchinha no queixo.

– Isto aqui é um banheiro de *garotas* – disse ela, olhando desconfiada para Rony e Harry. – *Eles* não são garotas.

– Não – concordou Mione. – Eu só queria mostrar a eles como... ah... é bonitinho aqui.

Ela fez um gesto vago indicando o velho espelho sujo e o piso molhado.

– Pergunte a ela se viu alguma coisa – pediu Harry disfarçando.

– Que é que você está cochichando? – perguntou Murta, encarando-o.

– Nada – disse Harry depressa. – Queríamos perguntar...

– Eu gostaria que as pessoas parassem de falar às minhas costas! – disse

Murta numa voz engasgada de choro. – Eu tenho sentimentos, sabe, mesmo que *esteja* morta...

– Murta, ninguém quer aborrecê-la – disse Mione. – Harry só...

– Ninguém quer me aborrecer! Essa é boa! – uivou Murta. – Minha vida foi uma infelicidade só neste lugar, e agora as pessoas aparecem para estragar a minha morte!

– Nós queríamos perguntar se você viu alguma coisa esquisita ultimamente – falou Mione depressa. – Porque uma gata foi atacada bem ali na porta de entrada, no Dia das Bruxas.

– Você viu alguém por aqui naquela noite? – perguntou Harry.

– Eu não estava prestando atenção – respondeu a Murta teatralmente. – Pirraça me aborreceu tanto que entrei aqui e tentei me *matar*. Depois, é claro, lembrei-me que já estou... que estou...

– Morta – disse Rony querendo ajudar.

Murta soltou um soluço trágico, subiu no ar, deu uma cambalhota e mergulhou de cabeça no vaso, espalhando água neles e desaparecendo de vista, embora pela direção dos seus soluços abafados, devesse ter ido pousar em algum ponto da curva em U.

Harry e Rony ficaram boquiabertos, mas Mione deu de ombros cansada e disse:

– Francamente, vindo da Murta isto foi quase animador... Vamos, vamos embora.

Harry mal fechara a porta, abafando os soluços gargarejantes de Murta, quando uma voz alta fez os três darem um salto.

– RONY!

Percy Weasley tinha estacado de repente no alto da escada, a insígnia de monitor reluzindo e uma expressão de absoluto choque no rosto.

– Isto é um banheiro de *garotas*! Que é que *você*...?

– Só estava dando uma olhada – Rony sacudiu os ombros. – Pistas, sabe...

Percy inchou de um jeito que lembrou a Harry, com eloquência, a Sra. Weasley.

– Suma... daqui... – disse Percy, caminhando em direção a eles e começando a afugentá-los, agitando os braços. – Vocês não se *importam* com o que isto parece? Voltarem aqui enquanto todos estão jantando...

– Por que não deveríamos estar aqui? – retrucou Rony exaltado, parando de repente para encarar Percy. – Olhe aqui, nunca pusemos um dedo naquela gata!

– Foi o que eu disse a Gina – respondeu Percy com ferocidade –, mas ainda assim ela parece pensar que você vai ser expulso, nunca a vi tão perturbada, chorando de se acabar, você poderia pensar *nela*, todos os alunos de primeiro

ano estão excitadíssimos com essa história...

– *Você* nem se importa com a Gina – disse Rony, cujas orelhas agora estavam vermelhas. – *Você* só *está* preocupado que eu estrague suas chances de se tornar monitor-chefe...

– Cinco pontos a menos para a Grifinória! – disse Percy concisa e autoritariamente, levando a mão à insígnia de monitor. – E espero que isto seja uma lição para vocês! Nada de *trabalho de detetive* ou vou escrever para a mamãe!

E saiu a passos firmes, a nuca tão vermelha quanto as orelhas de Rony.

Àquela noite, Harry, Rony e Mione escolheram poltronas na sala comunal o mais afastado possível de Percy. Rony continuava de muito mau humor e não parava de borrar com a pena o dever de Feitiços. Quando ele esticou a mão distraidamente para remover os borrões, ela tacou fogo no pergaminho. Fumegando quase tanto quanto o seu dever, Rony fechou com estrondo o *Livro padrão de feitiços, 2ª série*. Para surpresa de Harry, Mione fez o mesmo.

– Mas quem é que pode ser? – perguntou ela baixinho, como se estivesse continuando uma conversa já iniciada. – Quem *iria* querer afugentar todos os abortos e trouxas de Hogwarts?

– Vamos pensar – disse Rony fingindo-se intrigado. – Quem é que conhecemos que acha que os que nascem trouxas são escória?

Ele olhou para Mione. Mione retribuiu o olhar sem se convencer.

– Se você está pensando no Draco...

– Claro que estou! – exclamou Rony. – Você ouviu quando ele disse: *“Vocês serão os próximos, sangues ruins!”*, vem cá, a gente só precisa olhar para aquela cara nojenta de rato para saber que é ele...

– Draco, o herdeiro de Slytherin? – disse Mione cética.

– Olha só a família dele – disse Harry, fechando os livros também. – Todos foram da Sonserina; ele está sempre se gabando disso. Podiam muito bem ser descendentes de Slytherin. O pai dele decididamente é bem malvado.

– Eles poderiam ter guardado a chave para a Câmara Secreta durante séculos! – disse Rony. – Passando-a de pai para filho...

– Bem – disse Mione, cautelosa –, suponhamos que seja possível...

– Mas como vamos provar isso? – disse Harry deprimido.

– Talvez haja um jeito – disse Mione pausadamente, baixando a voz ainda mais e lançando um breve olhar a Percy do outro lado da sala. – Claro que seria difícil. E perigoso, muito perigoso. Estaríamos desrespeitando umas cinquenta normas da escola, acho...

– Se, dentro de mais ou menos um mês, você tiver vontade de explicar, você

nos avisa, não é? – disse Rony, irritado.
– Muito bem – disse Mione friamente. – O que precisamos é entrar na sala comunal da Sonserina e fazer umas perguntas a Draco, sem ele perceber que somos nós.
– Mas isto é impossível! – exclamou Harry enquanto Rony dava risada.
– Não, não é – disse Mione. – Só precisaríamos de um pouco de Poção Polissuco.
– Que é isso? – indagaram Rony e Harry juntos.
– Snape mencionou essa poção na aula há umas semanas...
– Você acha que não temos nada melhor a fazer na aula de Poções do que prestar atenção a Snape? – resmungou Rony.
– Ela transforma você em outra pessoa. Pense só nisso! Poderíamos nos transformar em alunos da Sonserina. Ninguém saberia que somos nós. Draco provavelmente nos contaria qualquer coisa. Provavelmente anda se gabando disso na sala comunal da Sonserina neste instante, se ao menos pudéssemos ouvi-lo.
– Essa história de Polissuco me parece meio suspeita – disse Rony, franzindo a testa. – E se a gente acabasse parecendo três alunos da Sonserina para sempre?
– Sai depois de algum tempo – disse Mione, fazendo um gesto de impaciência. – Mas conseguir arranjar a receita vai ser muito difícil. Snape falou que estava em um livro chamado *Poções muy potentes* e vai ver está na Seção Reservada da biblioteca.
Só havia um jeito de retirar um livro da Seção Reservada: o aluno precisava de uma permissão escrita do professor.
– Vai ser difícil entender por que queremos o livro – disse Rony –, se não temos intenção de preparar uma das poções.
– Acho – disse Mione – que se fizermos parecer que só estamos interessados na teoria, talvez haja uma chance...
– Ah, qual é, nenhum professor vai cair nessa – disse Rony. – Teria que ser muito tapado...

— CAPÍTULO DEZ —

O balaço errante

Desde o desastroso episódio com os diabretes, o Prof. Lockhart não trouxera mais seres vivos para a aula. Em vez disso, lia trechos dos seus livros para os alunos, e, por vezes, dramatizava algumas passagens mais pitorescas. Em geral ele escolhia Harry para ajudá-lo nessas dramatizações; até aquele momento o garoto fora obrigado a representar um camponês simplório da Transilvânia, de quem Lockhart curara um feitiço de gagueira, um iéti com um resfriado na cabeça e um vampiro que se tornara incapaz de comer outra coisa a não ser alface, depois que Lockhart dera um jeito nele.

Harry foi chamado à frente da classe na aula seguinte de Defesa Contra as Artes das Trevas, desta vez para representar um lobisomem. Se não tivesse uma boa razão para deixar Lockhart de bom humor, ele teria se recusado.

– Um belo uivo, Harry, exato, e então, queiram acreditar, eu saltei sobre ele, assim, *joguei-o* contra a porta, assim, consegui contê-lo com uma das mãos, com a outra apontei a varinha para o pescoço dele, e então reuni toda a força que me restava e lancei o Feitiço Homorfo, muitíssimo complicado, e ele soltou um gemido de dar pena... vamos, Harry, mais alto, bom, o pelo dele desapareceu, as presas encurtaram, e ele voltou a virar homem. Simples, mas eficiente, e mais uma aldeia que se lembrará de mim para sempre como o herói que os salvou do terror mensal dos ataques de lobisomem.

A sineta tocou e Lockhart ficou em pé.

– Dever de casa... compor um poema sobre a minha vitória sobre o lobisomem de Wagga Wagga! Exemplares autografados de *O meu eu mágico* para o autor do melhor trabalho!

Os alunos começaram a sair. Harry voltou ao fundo da sala, onde Rony e Mione esperavam.

– Prontos? – murmurou Harry.
– Espere até todos saírem – pediu Mione nervosa. – Certo...
Ela se aproximou da mesa de Lockhart, um papelzinho seguro firmemente na mão, Harry e Rony logo atrás.
– Ah... Prof. Lockhart? – gaguejou Mione. – Eu queria... retirar este livro da biblioteca. Só para ter uma ideia geral do assunto. – Ela estendeu o papelzinho, a mão ligeiramente trêmula. – Mas o problema é que ele é guardado na Seção Reservada da biblioteca, então preciso que um professor autorize, tenho certeza de que o livro me ajudaria a entender o que o senhor diz em *Como se divertir com vampiros* sobre os venenos de ação retardada...
– Ah, *Como se divertir com vampiros!* – exclamou Lockhart apanhando o papelzinho de Hermione e lhe dando um grande sorriso. – Possivelmente é o livro de que mais gosto. Você gostou?
– Gostei – disse Hermione depressa. – Muito esperto o modo com que o senhor apanhou aquele último, com o coador de chá...
– Bem, tenho certeza de que ninguém vai se importar que eu dê à melhor aluna do ano uma ajudinha extra – disse Lockhart calorosamente, e puxou uma enorme pena de pavão. – Bonita, não é? – disse ele, interpretando mal a expressão de indignação no rosto de Rony. – Em geral eu a uso para autografar livros.
Ele rabiscou uma enorme assinatura cheia de floreios no papel e devolveu-o a Hermione.
– Então, Harry – disse Lockhart, enquanto Hermione dobrava o papel com dedos nervosos e o guardava na mochila. – Creio que amanhã é a primeira partida de quadribol da temporada. Grifinória contra Sonserina, não é? Ouvi dizer que você é um jogador muito útil. Eu também fui apanhador. Convidaram-me para tentar a seleção nacional, mas preferi dedicar minha vida à erradicação das Forças das Trevas. Ainda assim, se algum dia você achar que precisa de um treino pessoal, não hesite em me pedir. Fico sempre feliz de passar minha experiência a jogadores menos capazes...
Harry fez um barulhinho discreto na garganta e saiu correndo atrás de Rony e Hermione.
– Eu não acredito – disse ele quando os três examinaram a assinatura no papel. – Ele nem *olhou* o nome do livro que queríamos.
– É porque ele é um *panaca* desmiolado – disse Rony. – Mas quem se importa, temos o que precisávamos...
– Ele *não* é um panaca desmiolado – disse Hermione em voz alta quando se dirigiam quase correndo à biblioteca.
– Só porque ele disse que você é a melhor aluna do ano...

Eles baixaram a voz ao entrar na quietude abafada da biblioteca. Madame Pince, a bibliotecária, era uma mulher magra e irritável que parecia um urubu subnutrido.

– *Poções muy potentes?* – repetiu ela desconfiada, tentando tirar a autorização da mão de Hermione; mas a garota não deixou.

– Eu pensei que talvez pudesse guardar a autorização – disse Hermione ofegante.

– Ah, qual é? – protestou Rony, arrancando a autorização da mão dela e entregando-a à Madame Pince. – Nós lhe arranjamos outro autógrafo. Lockhart assina qualquer coisa que fique parada tempo suficiente.

Madame Pince ergueu o papel contra a luz, como se estivesse decidida a descobrir uma falsificação, mas a autorização passou no teste. Ela desapareceu silenciosamente entre as estantes altas e voltou vários minutos depois trazendo um livro grande de aparência mofada. Hermione guardou-o cuidadosamente na mochila e os três foram embora, procurando não andar demasiado rápido nem parecer muito culpados.

Cinco minutos depois, estavam barricados mais uma vez no banheiro interditado da Murta Que Geme. Hermione tinha vencido as objeções de Rony lembrando que seria o último lugar em que alguém sensato iria, e com isso garantiram alguma privacidade. Murta Que Geme chorava alto no seu boxe, mas eles não lhe prestavam atenção nem a fantasma aos garotos.

Hermione abriu o *Poções muy potentes* com cuidado, e os três se debruçaram sobre as páginas manchadas de umidade. Era claro, ao primeiro olhar, a razão por que o livro pertencia à Seção Reservada. Algumas das poções produziam efeitos medonhos demais só de se imaginar, e havia algumas ilustrações muito impressionantes, que incluíam um homem que parecia ter virado do avesso e uma bruxa com vários pares de braço que saíam da cabeça.

– Aqui! – exclamou, excitada, ao encontrar a página intitulada *A Poção Polissuco*. Estava decorada com desenhos de pessoas a meio caminho de se transformarem em outras. Harry sinceramente desejou que as expressões de dor intensa em seus rostos fossem imaginação do artista.

– Esta é a poção mais complicada que já vi – disse Hermione quando examinavam a receita. – Hemeróbios, sanguessugas, descurainia e sanguinária – murmurou ela, correndo o dedo pela lista de ingredientes. – Bem, esses são bem fáceis, estão no armário dos alunos, podemos tirar o que precisarmos... Ih, olhem só isso, pó de chifre de bicórnio, não sei onde vamos arranjar isso... pele de araramboia picada, essa vai ser uma fria também... e, é claro, um pedacinho da pessoa em quem quisermos nos transformar.

– Dá para repetir isso? – pediu Rony ríspido. – Que é que você quer dizer com

um pedacinho da pessoa em quem quisermos nos transformar? Não vou tomar *nada* que tenha unhas do pé de Crabbe dentro...

Hermione continuou como se não tivesse ouvido o amigo.

– Ainda não temos que nos preocupar com isso, porque os pedacinhos só entram no fim...

Rony virou-se, sem fala, para Harry, que tinha outra preocupação.

– Você percebe quanta coisa vamos ter que roubar, Mione? Pele de araramboia picada, decididamente não está no armário dos alunos. Que vamos fazer, assaltar o estoque particular de Snape? Não sei se é uma boa ideia...

Hermione fechou o livro com força.

– Bem, se vocês dois vão amarelar, ótimo. – Seu rosto se malhara de vermelho vivo e os olhos cintilavam mais do que o normal. – *Eu* não quero desrespeitar o regulamento, vocês sabem muito bem. Acho que ameaçar gente que nasceu trouxa é muito mais sério do que preparar uma poção difícil. Mas se vocês não querem descobrir se é o Draco, eu vou direto à Madame Pince agora mesmo e devolvo o livro, e...

– Eu nunca pensei que veria o dia em que você nos convenceria a desrespeitar o regulamento – disse Rony. – Muito bem, nós topamos. Mas unhas dos pés não, está bem?

– E quanto tempo vai levar para preparar a poção? – perguntou Harry, de cara feliz, quando Hermione reabriu o livro.

– Bom, uma vez que a descurainia tem que ser colhida na lua cheia e os hemeróbios precisam cozinhar durante vinte e um dias... eu diria que vai levar mais ou menos um mês para ficar pronta, se conseguirmos todos os ingredientes.

– Um mês?! – exclamou Rony. – Até lá, Draco poderia atacar metade dos nascidos trouxas na escola! – Mas os olhos de Hermione tornaram a se estreitar perigosamente e ela acrescentou depressa:

– Mas é o melhor plano que temos, portanto, vamos tocar para a frente a todo vapor!

No entanto, quando Hermione foi verificar se a barra estava limpa para eles saírem do banheiro, Rony cochichou para Harry:

– Daria muito menos trabalho se você simplesmente derrubasse Draco da vassoura amanhã.

Harry acordou cedo no sábado e continuou deitado por algum tempo, pensando na partida de quadribol que se aproximava. Estava nervoso, principalmente quando pensava no que Wood diria se a Grifinória perdesse, mas também com a ideia de enfrentar um time montado nas vassouras de corrida mais velozes que o ouro podia comprar. Nunca tivera tanta vontade de vencer a Sonserina. Depois

de passar meia hora deitado ali com as tripas dando nós, ele se levantou, se vestiu e desceu logo para tomar café e já encontrou o resto dos jogadores da Grifinória sentados juntos à mesa comprida e vazia, todos parecendo nervosos e falando muito pouco.

À medida que as onze horas se aproximaram, a escola inteira começou a tomar o caminho do estádio de quadribol. Fazia um dia mormacento com sinais de trovoada no ar. Rony e Hermione vieram correndo desejar a Harry boa sorte quando ele ia entrando no vestiário. O time vestiu os uniformes vermelhos da Grifinória e depois se sentou para ouvir a preleção que Wood sempre fazia antes do jogo.

– Hoje, Sonserina tem vassouras melhores que nós – começou ele. – Não adianta negar. Mas nós temos *jogadores* melhores nas nossas vassouras. Treinamos com maior garra do que eles, estivemos no ar fosse qual fosse o tempo... – (“Quem duvida”, murmurou Jorge Weasley. “Não sei o que é estar seco desde agosto.”) – ... e vamos fazer com que eles se arrependam do dia em que deixaram aquele trapaceiro do Draco pagar para entrar no time.

O peito arfando de emoção, Wood virou-se para Harry.

– Vai depender de você, Harry, mostrar a eles que um apanhador tem que ter mais do que um pai rico. Chegue ao pomo antes de Draco ou morra tentando, porque temos que vencer hoje, é muito simples.

– Por isso nada de pressioná-lo, Harry – disse Fred piscando o olho.

Quando entraram no campo, foram saudados por um vozerio, muitos vivas, porque a Corvinal e a Lufa-Lufa estavam ansiosas para ver a Sonserina derrotada, mas os alunos da Sonserina nas arquibancadas vaiaram e assobiaram, também. Madame Hooch, a professora de quadribol, mandou Flint e Wood se apertarem as mãos, o que eles fizeram, lançando um ao outro olhares ameaçadores e pondo mais força no aperto que era necessário.

– Quando eu apitar – disse Madame Hooch. – Três... dois... um...

Com um rugido de incentivo das arquibancadas, os catorze jogadores subiram em direção ao céu carregado. Harry foi mais alto do que qualquer outro, apertando os olhos à procura do pomo.

– Tudo bem aí, ô Cicatriz? – berrou Draco, passando por baixo dele como se quisesse mostrar a velocidade de sua vassoura.

Harry não teve tempo de responder. Naquele mesmo instante, um pesado balaço negro veio voando a toda em sua direção; ele o evitou por tão pouco que sentiu o balaço arrepiar seus cabelos ao passar.

– Esse foi por um triz, Harry! – disse Jorge, emparelhando com ele de bastão na mão, pronto para rebater o balaço para os lados de um jogador da Sonserina. Harry viu Jorge dar uma forte bastonada na direção de Adriano Pucey, mas o

balaço mudou de rumo em pleno ar e tornou a voar direto para Harry.
O garoto mergulhou depressa para evitá-lo, e Jorge conseguiu atingir o balaço com força na direção de Draco. Mais uma vez, o balaço voltou como um bumerangue e disparou contra a cabeça de Harry.
Harry imprimiu velocidade à vassoura e voou para o outro extremo do campo. Ouvia o assobio do balaço vindo em seu encalço. Que estava acontecendo? Os balaços nunca se concentravam em um único jogador; sua função era tentar desmontar o maior número possível de jogadores...
Fred Weasley aguardava o balaço no outro extremo. Harry se abaixou quando Fred rebateu o balaço com toda força, desviando-o de curso.
– Peguei você! – berrou Fred alegremente, mas estava enganado; como se estivesse magneticamente atraído para Harry, o balaço saiu atrás dele outra vez, e o garoto foi forçado a voar a toda velocidade.
Começara a chover; Harry sentiu grossos pingos de chuva caírem em seu rosto, molhando seus óculos. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo no jogo até ouvir Lino Jordan, locutor da partida, dizer: "Sonserina na liderança, sessenta a zero..."
As vassouras superiores da Sonserina obviamente estavam dando conta do recado, enquanto o balaço furioso estava fazendo o possível para tirar Harry do ar. Fred e Jorge agora voavam tão junto dele, um de cada lado, que Harry não via nada exceto braços se agitando no ar e não tinha chance de procurar o pomo, muito menos de apanhá-lo.
– Alguém... alterou... esse... balaço... – rosnou Fred, brandindo o bastão com toda força quando o balaço desfechou um novo ataque contra Harry.
– Precisamos de tempo – disse Jorge, tentando simultaneamente fazer sinal a Wood e impedir o balaço de quebrar o nariz de Harry.
Wood obviamente entendera o sinal. O apito de Madame Hooch soou e Harry, Fred e Jorge mergulharam até o chão, ainda tentando evitar o balaço maluco.
– Que está acontecendo? – perguntou Wood quando o time da Grifinória se reuniu à sua volta ao som das vaias da Sonserina. – Estamos sendo arrasados. Fred, Jorge, onde é que vocês estavam quando aquele balaço impediu Angelina de fazer gol?
– Estávamos seis metros acima dela, impedindo outro balaço de matar Harry, Olívio – respondeu Jorge aborrecido. – Alguém alterou aquele balaço, ele não deixa o Harry em paz. E não tentou pegar mais ninguém o tempo todo. O pessoal da Sonserina deve ter feito alguma coisa com ele.
– Mas os balaços estiveram trancados na sala de Madame Hooch desde o nosso último treino, e não havia nada errado com eles... – disse Wood, ansioso.
Madame Hooch veio andando em direção ao grupo. Por cima do ombro Harry

viu o time da Sonserina caçoando e apontando para ele.
– Escutem – disse Harry ao vê-la chegar cada vez mais perto –, com vocês dois voando em volta de mim o tempo todo o único jeito de apanhar aquele pomo é ele entrar voando na minha manga. Se juntem ao resto do time e deixem que eu cuido do balaço errante.
– Não seja burro – disse Fred. – Ele vai arrancar sua cabeça.
Wood olhava de Harry para os Weasley.
– Olívio, isso é loucura – disse Alícia Spinnet zangada. – Você não pode deixar o Harry enfrentar aquela coisa sozinho. Vamos pedir uma investigação...
– Se pararmos agora, perderemos a partida! – disse Harry. – E não vamos perder para a Sonserina só por causa de um balaço maluco! Anda, Olívio, diz para eles me deixarem em paz!
– Isto é tudo culpa sua – disse Jorge furioso com Wood. – “Apanhe o pomo ou morra tentando”, que coisa idiota para dizer a ele...
Madame Hooch se reunira aos jogadores.
– Estão prontos para recomeçar a partida? – perguntou a Wood.
Wood olhou para a expressão decidida no rosto de Harry.
– Muito bem. Fred, Jorge, vocês ouviram o que Harry disse, deixem-no em paz e deixem que ele cuide do balaço sozinho.
A chuva caía mais pesada agora. Ao apito de Madame Hooch, Harry deu um forte impulso para o alto e ouviu o assobio que indicava que o balaço vinha atrás dele. Ganhou cada vez mais altura; fez *loops* e subiu, espiralou, ziguezagueou e balançou. Mesmo ligeiramente tonto, mantinha os olhos bem abertos, a chuva molhando seus óculos e entrando por suas narinas quando ele voava de barriga para cima, evitando outro mergulho furioso do balaço. Ele ouvia as risadas do público; sabia que devia estar parecendo muito idiota, mas o balaço errante era pesado e não podia mudar de direção tão rápido quanto Harry; o garoto começou a voar pela orla do estádio como se estivesse em uma montanha-russa, procurando ver as balizas da Grifinória através da cortina prateada de chuva. Adrian Pucey tentava ultrapassar Wood...
Um assobio no ouvido de Harry lhe disse que o balaço deixara de acertá-lo por pouco outra vez; ele imediatamente deu meia-volta e disparou na direção oposta.
– Está treinando para fazer balé, Potter? – berrou Draco quando Harry foi obrigado a dar uma volta ridícula em pleno ar para evitar o balaço e fugir, o balaço rastreando-o a pouco mais de um metro; e então, virando-se para olhar Draco cheio de ódio ele viu... *o pomo de ouro*. Pairava poucos centímetros acima da orelha esquerda de Draco, e o garoto, ocupado em rir-se de Harry, não o vira.
Por um momento de agonia, Harry imobilizou-se no ar, sem ousar voar na

direção de Draco, com medo de que ele olhasse para cima e visse o pomo.

BAM.

Permanecera parado um segundo a mais. O balaço finalmente atingi-o, bateu no seu cotovelo e Harry sentiu o braço rachar. Sem enxergar direito, atordoado pela terrível dor no braço, escorregou para um lado da vassoura encharcada, um joelho ainda enganchando-a por baixo, o braço direito pendurado inútil – o balaço retornava a toda para um segundo ataque, desta vez mirando o seu rosto –, Harry desviou-se, uma ideia alojada com firmeza no cérebro entorpecido: *chegar até Draco*.

Através da névoa de chuva e dor, ele mergulhou em direção à cara debochada abaixo dele e viu os olhos de Draco se arregalarem de medo. O garoto achou que Harry ia atacá-lo.

– Que di... – exclamou, inclinando-se para longe de Harry.

Harry tirou a mão boa da vassoura e tentou agarrar o pomo às cegas; sentiu os dedos se fecharem sobre a bola fria mas agora só estava preso à vassoura pelas pernas, e ouviu-se um urro das arquibancadas quando ele rumou direto para o chão, tentando por tudo não desmaiar.

Ele bateu no chão, levantando lama, e rolou para o lado para desmontar da vassoura. Seu braço estava pendurado num ângulo muito estranho; varado de dor, ele ouviu, como se fosse à grande distância, muitos assobios e gritos. Focalizou o pomo seguro na mão boa.

– Aha – disse vagamente. – Ganhamos.

E desmaiou.

Voltou a si, a chuva batendo no rosto, ainda deitado no campo, com alguém debruçado sobre ele. Viu um brilho de dentes.

– Ah, o senhor, não – gemeu.

– Ele não sabe o que está dizendo – falou Lockhart em voz alta para o ajuntamento de alunos da Grifinória que cercavam ansiosos os dois. – Não se preocupe, Harry. Já vou endireitar o seu braço.

– *Não!* – exclamou Harry. – Vou ficar com ele assim, obrigado...

O garoto tentou se sentar, mas a dor foi terrível. Ele ouviu um clique conhecido ali por perto.

– Não quero uma foto deste momento, Colin – disse em voz alta.

– Deite-se, Harry – mandou Lockhart acalmando-o. – É um feitiço muito simples que já usei muitíssimas vezes...

– Por que não posso simplesmente ir para a ala hospitalar? – disse Harry com os dentes cerrados.

– Ele devia mesmo, professor – disse um enlameado Wood, que não pôde deixar de sorrir mesmo com o seu apanhador machucado. – Grande captura,

Harry, realmente espetacular, a melhor que já fez, eu diria...
Por entre a floresta de pernas à sua volta, Harry viu Fred e Jorge Weasley, lutando para enfiar o balaço errante numa caixa. A bola continuava a resistir ferozmente.
– Afastem-se – pediu Lockhart, enrolando as mangas de suas vestes verde-jade.
– Não... não faça isso... – disse Harry com a voz fraca, mas Lockhart agitava a varinha e um segundo depois apontou-a diretamente para o braço de Harry.
Uma sensação estranha e desagradável surgiu no ombro de Harry e se espalhou até a ponta dos dedos da mão. Era como se o braço estivesse se esvaziando. Ele nem se atreveu a verificar o que estava acontecendo. Fechara os olhos, virara o rosto para longe do braço, mas os seus piores temores se confirmaram, as pessoas em volta exclamaram e Colin Creevey começou a fotografar furiosamente. Seu braço não doía mais – e nem de longe se parecia com um braço.
– Ah – disse Lockhart. – É, às vezes isso pode acontecer. Mas o importante é que os ossos não estão mais fraturados. Isto é o que se precisa ter em mente. Então, Harry, vá, dê uma chegada na ala hospitalar, ah, Sr. Weasley, Srta. Granger, podem acompanhá-lo?, e Madame Pomfrey poderá... hum... dar um jeito nisso.
Quando Harry se levantou, sentiu-se estranhamente inclinado para um lado. Tomando fôlego, olhou para baixo, para o braço direito. O que ele viu quase o fez desmaiar de novo.
Pela manga das vestes saía uma coisa que lembrava uma grossa luva de borracha cor de pele. Ele tentou mexer os dedos. Nada aconteceu.
Lockhart não emendara os ossos de Harry. Ele os removera.

Madame Pomfrey não ficou nada satisfeita.
– Você deveria ter vindo me procurar diretamente! – dizia furiosa, erguendo a lamentável sobra do que fora, meia hora antes, um braço útil. – Posso emendar ossos num segundo, mas fazê-los crescer outra vez...
– A senhora vai conseguir, não é? – perguntou Harry desesperado.
– Claro que vou, mas vai ser doloroso – disse Madame Pomfrey sombriamente, atirando um pijama para Harry. – Você vai ter que passar a noite...
Hermione esperava do outro lado da cortina que fora fechada em torno da cama de Harry, enquanto Rony o ajudava a vestir o pijama. Levou algum tempo para enfiar na manga o braço mole e sem ossos.
– Como é que você consegue defender o Lockhart agora, Hermione, hein? –

Rony perguntou através da cortina enquanto puxava os dedos inertes de Harry pelo punho da manga. – Se Harry quisesse ser desossado ele teria pedido.
– Qualquer um pode se enganar – respondeu Hermione. – E não está doendo mais, está Harry?
– Não – disse Harry, entrando na cama. – Mas também não faz mais nada.
Quando ele se deitou, o braço balançou molemente.
Hermione e Madame Pomfrey deram a volta à cortina. Madame Pomfrey vinha segurando um garrafão de alguma coisa rotulada *Esquelesce*.
– Você vai enfrentar uma noite difícil – disse, servindo um copo grande de boca larga e fumegante e entregando-o a Harry. – Fazer ossos crescerem de novo é uma coisa complicada.
E tomar Esquelesce, também. O líquido queimou a boca e a garganta de Harry e desceu, fazendo-o tossir e cuspir. Ainda lamentando os esportes perigosos e os professores ineptos, Madame Pomfrey se retirou, deixando Rony e Hermione ajudarem Harry a engolir um pouco de água.
– Mas ganhamos – disse Rony, um grande sorriso se abrindo no rosto. – Foi uma captura e tanto a que você fez. A cara do Malfoy... ele parecia que ia matar alguém...
– Eu queria saber como foi que ele alterou aquele balaço – disse Hermione sombriamente.
– Podemos acrescentar mais esta à lista de perguntas que vamos fazer a ele quando tomarmos a Poção Polissuco – disse Harry deixando-se afundar nos travesseiros. – Espero que tenha um gosto melhor do que esta coisa...
– Com pedacinhos de alunos da Sonserina dentro? Você deve estar brincando – disse Rony.
A porta do hospital se escancarou naquele momento. Imundos e encharcados, os demais jogadores da Grifinória chegaram para ver Harry.
– Incrível aquele voo, Harry – disse Jorge. – Acabei de ver Marcos Flint berrando com Draco. Estava falando alguma coisa sobre ter o pomo sobre a cabeça e nem notar. Draco não parecia muito feliz.
Os jogadores tinham trazido bolos, doces e garrafas de suco de abóbora que arrumaram em volta da cama de Harry e davam início ao que prometia ser uma festança, quando Madame Pomfrey apareceu como um tufão, gritando:
– Esse menino precisa de descanso, precisa fazer crescer trinta e três ossos! Fora! FORA!
E Harry foi deixado sozinho, sem nada para distraí-lo da dor horrível no braço inerte.

Muitas horas depois, Harry acordou de repente numa escuridão de breu e deu um

ligeiro ganido de dor: o braço agora parecia cheio de grandes lascas. Por um segundo ele pensou que fora isso que o acordara. Então, com um choque de terror, percebeu que alguém estava passando uma esponja em sua testa.

– Fora daqui! – gritou ele alto e em seguida. – *Dobby!*

Os olhos arregalados, parecendo bolas de tênis, do elfo doméstico espiavam Harry na escuridão. Uma lágrima solitária escorria pelo seu nariz longo e fino.

– Harry Potter voltou para a escola – murmurou ele infeliz. – Dobby avisou e tornou a avisar Harry Potter. Ah, meu senhor, por que não prestou atenção em Dobby? Por que Harry Potter não voltou para casa quando perdeu o trem?

Harry se ergueu, apoiando-se nos travesseiros e empurrou para longe a esponja de Dobby.

– Que é que você está fazendo aqui? – perguntou. – E como sabe que perdi o trem?

O lábio de Dobby tremeu, e Harry foi assaltado por uma repentina suspeita.

– Foi *você*! – disse lentamente. – *Você* impediu a barreira de nos deixar passar!

– Com certeza, meu senhor – Dobby confirmou vigorosamente com a cabeça, as orelhas abanando. – Dobby se escondeu e esperou Harry Potter e selou o portão, e Dobby teve que passar as mãos a ferro depois – mostrou a Harry os dez dedos compridos enfaixados –, mas Dobby não se importou, meu senhor, porque pensou que Harry Potter estava seguro, e Dobby *nunca* sonhou que Harry Potter fosse chegar à escola por outro meio!

O elfo se balançava para a frente e para trás, sacudindo a cabeça feia.

– Dobby ficou tão chocado quando soube que Harry Potter tinha voltado a Hogwarts que deixou o jantar do seu dono queimar! Dobby nunca foi tão açoitado, meu senhor...

Harry afundou de volta nos travesseiros.

– Você quase fez com que Rony e eu fôssemos expulsos – disse furioso. – É melhor desaparecer antes que os meus ossos voltem, Dobby, ou eu ainda estrangulo você.

Dobby deu um leve sorriso.

– Dobby está acostumado com ameaças de morte, meu senhor. Em casa, Dobby as recebe cinco vezes por dia.

O elfo assoou o nariz numa ponta da fronha imunda que usava, parecendo tão patético, que Harry sentiu a raiva se esvair contra a sua vontade.

– Por que você usa isso, Dobby? – perguntou curioso.

– Isso, meu senhor? – disse Dobby, puxando a fronha. – Isto é a marca de escravidão do elfo doméstico, meu senhor. Dobby só pode ser libertado se seus donos o presentearem com roupas, meu senhor. A família toma cuidado para não

passar a Dobby nem mesmo uma meia, meu senhor, se não ele fica livre para deixar a casa para sempre.

Dobby enxugou os olhos saltados e disse de repente:

– Harry Potter *precisa* ir para casa! Dobby achou que o balaço dele seria suficiente para fazer...

– O *seu* balaço? – disse Harry, a raiva tornando a subir-lhe à cabeça. – Que é que você quer dizer com o *seu* balaço? *Você* fez aquele balaço tentar me matar?

– Não matar, meu senhor, nunca matá-lo! – disse Dobby, chocado. – Dobby quer salvar a vida de Harry Potter! Melhor mandá-lo para casa, seriamente machucado, do que ficar aqui, meu senhor! Dobby só queria que Harry Potter se machucasse o bastante para ser mandado para casa!

– Só isso?! – exclamou Harry furioso. – Suponho que você não vai me contar *por que* queria me mandar para casa aos pedaços?

– Ah, se ao menos Harry Potter soubesse! – gemeu Dobby, mais lágrimas escorrendo pela fronha esfarrapada. – Se ele soubesse o que significa para nós, para os humildes, para os escravizados, para nós escória do mundo mágico! Dobby se lembra de como era quando Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado estava no auge dos seus poderes, meu senhor! Nós, elfos domésticos, éramos tratados como vermes, meu senhor! É claro que Dobby ainda é tratado assim, meu senhor – admitiu, enxugando o rosto na fronha. – Mas em geral, meu senhor, a vida melhorou para gente como eu desde que o senhor venceu Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Harry Potter sobreviveu, e o poder do Lorde das Trevas foi subjugado, e raiou uma nova alvorada, meu senhor, e Harry Potter brilhou como um farol de esperança para todos nós que achávamos que os dias de trevas nunca terminariam, meu senhor... E agora, em Hogwarts, coisas terríveis vão acontecer, talvez já estejam acontecendo, e Dobby não pode deixar Harry Potter ficar aqui, agora que a história vai se repetir, agora que a Câmara Secreta foi reaberta...

Dobby congelou, tomado de horror, e agarrou a jarra de água de Harry sobre a mesa de cabeceira e quebrou-a na própria cabeça, desaparecendo de vista. Um segundo depois, tornou a subir na cama, vesgo, murmurando: “Dobby ruim, Dobby muito ruim...”

– Então há uma Câmara Secreta! – sussurrou Harry. – E... você está me dizendo que ela já foi aberta *antes*? Me *conte*, Dobby?

Ele agarrou o elfo pelo pulso ossudo quando viu a mão dele tornar a se aproximar devagarinho da jarra de água.

– Mas eu não nasci trouxa, como posso estar ameaçado pela Câmara?

– Ah, meu senhor, não pergunte mais nada ao pobre Dobby – gaguejou o elfo, os olhos enormes na escuridão. – Feitos tenebrosos estão sendo tramados em Hogwarts, mas Harry Potter não deve estar aqui quando acontecerem, vá para

casa, Harry Potter, vá para casa. Harry Potter não deve se meter nisso, meu senhor, é perigoso demais...

– Quem é, Dobby? – perguntou Harry, mantendo o pulso de Dobby preso para impedi-lo de bater outra vez na cabeça com o jarro de água. – Quem abriu a Câmara? Quem a abriu da outra vez?

– Dobby não pode, meu senhor, Dobby não pode, Dobby não deve falar! – guinchou o elfo. – Vá para casa, Harry Poter, vá para casa!

– Eu não vou a lugar nenhum! – respondeu Harry com ferocidade. – Uma das minhas melhores amigas nasceu trouxa; ela será a primeira da lista se a Câmara realmente foi aberta...

– Harry Potter arrisca a própria vida pelos amigos! – gemeu Dobby numa espécie de êxtase de infelicidade. – Tão nobre! Tão valente! Mas ele precisa se salvar, deve, Harry Potter, não deve...

Dobby de repente congelou, suas orelhas de morcego estremeceram. Harry ouviu, também. Havia ruído de passos no corredor.

– Dobby tem que ir! – suspirou o elfo, aterrorizado. Houve um estalo alto, e o punho de Harry subitamente não estava segurando mais nada. Ele tornou a afundar na cama, os olhos fixos no portal escuro da ala hospitalar enquanto os passos se aproximavam.

No momento seguinte, Dumbledore entrou de costas no dormitório, usando uma longa camisola de lã e uma touca de dormir. Carregava uma extremidade de alguma coisa que parecia uma estátua. A Profª McGonagall apareceu um segundo depois, carregando os pés. Juntos, eles depositaram a carga sobre uma cama.

– Chame Madame Pomfrey – sussurrou Dumbledore, e a Profª McGonagall desapareceu rapidamente de vista, passando pelos pés da cama de Harry. O garoto ficou deitado muito quieto, fingindo que dormia. Ouviu vozes urgentes e então a Profª McGonagall reapareceu, seguida de perto por Madame Pomfrey, que vestia um casaquinho por cima da camisola. Ele ouviu alguém inspirar com força.

– Que aconteceu? – cochichou Madame Pomfrey para Dumbledore, debruçando-se sobre a estátua na cama.

– Mais um ataque – respondeu Dumbledore. – Minerva encontrou-o na escada.

– Havia um cacho de uvas ao lado dele – disse a professora. – Achamos que ele estava tentando chegar aqui escondido para visitar Potter.

O estômago de Harry deu um tremendo salto. Lenta e cuidadosamente, ele se ergueu alguns centímetros para poder ver a estátua na cama. Um raio de luar

iluminava o rosto de expressão fixa.
Era Colin Creevey. Seus olhos estavam arregalados e, as mãos, erguidas diante dele, segurando a máquina fotográfica.
– Petrificado? – sussurrou Madame Pomfrey.
– Está – respondeu a Profª McGonagall. – Mas estremeço de pensar... Se Alvo não estivesse descendo para tomar um chocolate quente... quem sabe o que poderia...
Os três contemplaram Colin. Então Dumbledore se curvou e tirou a máquina fotográfica das mãos rígidas do menino.
– Você acha que ele conseguiu bater uma foto do atacante? – perguntou a professora, ansiosa.
Dumbledore não respondeu. Abriu a máquina.
– Meu Deus! – exclamou Madame Pomfrey.
Um jato de vapor saiu sibilando da máquina. Harry, a três camas de distância, sentiu o cheiro acre do plástico queimado.
– Derretidas – disse Madame Pomfrey pensativa. – Todas derretidas...
– O que *significa* isto, Alvo? – perguntou pressurosa a Profª McGonagall.
– Significa que de fato a Câmara Secreta foi reaberta.
Madame Pomfrey levou a mão à boca. McGonagall arregalou os olhos para Dumbledore.
– Mas, Alvo... com certeza... *quem*?
– A pergunta não é *quem* – disse Dumbledore, com os olhos postos em Colin. – A pergunta é, *como*...
E pelo que Harry pôde ver do rosto sombreado da Profª McGonagall, ela não entendia muito mais que ele.

— CAPÍTULO ONZE —

O Clube dos Duelos

Harry acordou no domingo de manhã e deparou com o dormitório iluminado pela luz do sol de inverno e seu braço curado, embora ainda muito duro. Sentou-se depressa e olhou para a cama de Colin, mas tinhamna escondido com a cortina alta por trás da qual Harry trocara de roupa no dia anterior. Ao ver que o paciente acordara, Madame Pomfrey entrou apressada, trazendo uma bandeja com o café da manhã e então começou a dobrar e a esticar o braço e os dedos dele.

– Tudo em ordem – disse enquanto ele comia mingau, desajeitado, com a mão esquerda. – Quando terminar de comer pode ir.

Harry se vestiu o mais rápido que pôde e correu à Torre da Grifinória, doido para contar a Rony e Hermione o que acontecera com Colin e Dobby, mas não os encontrou lá. Saiu de novo a procurá-los, imaginando aonde poderiam ter precisado ir, e se sentindo um pouco magoado que os amigos não estivessem interessados se ele recuperara ou não os ossos.

Quando passou pela porta da biblioteca, Percy Weasley ia saindo, com a cara muito mais animada do que na última vez que tinham se encontrado.

– Ah, alô, Harry. Voo excelente ontem, realmente excelente. Grifinória acabou de assumir a liderança na disputa da Taça das Casas, você marcou cinquenta pontos!

– Você não viu o Rony ou a Mione, viu? – perguntou Harry.

– Não – respondeu Percy, o sorriso desaparecendo do rosto. – Espero que Rony não esteja metido em outro *banheiro de meninas*...

Harry forçou uma risada, esperou Percy desaparecer de vista e em seguida rumou direto para o banheiro de Murta Que Geme. Não conseguia entender por que Rony e Hermione estariam lá de novo e, depois de se certificar que nem

Filch nem outros monitores andavam por ali, abriu a porta e ouviu vozes que vinham de um boxe trancado.

– Sou eu – disse, fechando a porta. Ouviu um estrépito, água se espalhando e uma exclamação no interior de um boxe e vislumbrou os olhos de Mione espiando pelo buraco da fechadura.

– *Harry!* Você nos deu um baita susto, entre, como está o seu braço?

– Ótimo – respondeu Harry espremendo-se dentro do boxe. Havia um velho caldeirão encarrapitado em cima do vaso e uma série de estalos informaram a Harry que os amigos tinham acendido um fogo embaixo. Conjurar fogos portáteis, à prova de água, era uma especialidade de Hermione.

– Pretendíamos ir ao seu encontro, mas decidimos começar a Poção Polissuco – explicou Rony enquanto Harry, com dificuldade, tornava a trancar o boxe. – Decidimos que este era o lugar mais seguro para escondê-la.

Harry começou a contar aos dois o que acontecera com Colin, mas Hermione o interrompeu.

– Já sabemos, ouvimos a Profª McGonagall contar ao Prof. Flitwick hoje de manhã. Foi por isso que decidimos começar...

– Quanto mais cedo a gente obtiver uma confissão de Draco, melhor – rosnou Rony. – Sabem o que é que eu penso? Ele estava tão furioso depois do jogo de quadribol, que descontou no Colin.

– Mas há outra coisa – disse Harry, observando Hermione picar feixes de sanguinárias e jogá-los na poção. – Dobby veio me visitar no meio da noite.

Rony e Hermione ergueram a cabeça, espantados. Harry contou tudo que Dobby dissera – ou deixara de contar a ele. Os dois escutaram boquiabertos.

– A Câmara Secreta já foi aberta *antes*?! – exclamou Hermione.

– Isso esclarece tudo – disse Rony em tom triunfante. – Lúcio Malfoy deve ter aberto a Câmara quando esteve aqui na escola e agora ensinou ao nosso querido Draco como fazer o mesmo. É óbvio. Mas eu bem gostaria que Dobby tivesse lhe dito que tipo de monstro tem lá dentro. Quero saber como é que ninguém reparou nele rondando a escola.

– Talvez ele consiga ficar invisível – disse Hermione, empurrando as sanguessugas para o fundo do caldeirão. – Ou talvez possa se disfarçar, fingir que é uma armadura ou uma coisa qualquer, já li a respeito de vampiroscamaleões...

– Você lê demais, Hermione – disse Rony, despejando os hemeróbios mortos por cima das sanguessugas. Amassou o saco vazio e olhou para Harry.

“Então o Dobby impediu a gente de pegar o trem e quebrou o seu braço...” Ele abanou a cabeça. “Sabe de uma coisa, Harry? Se ele não parar de tentar salvar a sua vida vai acabar matando você.”

A notícia de que Colin Creevey fora atacado e agora se achava deitado como morto na ala hospitalar espalhou-se pela escola inteira até a manhã de domingo. A atmosfera carregou-se de boatos e suspeitas. Os alunos do primeiro ano agora andavam pelo castelo em grupos unidos, como se tivessem medo de ser atacados, caso se aventurassem a andar sozinhos.

Gina Weasley, que se sentava ao lado de Colin Creevey na aula de Feitiços, parecia atormentada, mas Harry achou que era porque Fred e Jorge estavam tentando animá-la do jeito errado. Revezavam-se para assaltá-la pelas costas, cheios de pelos e pústulas. Só pararam quando Percy, apoplético, ameaçou escrever à Sra. Weasley e contar que Gina estava tendo pesadelos.

Nesse meio-tempo, escondido dos professores, assolava a escola um próspero comércio de talismãs, amuletos e outras mandingas protetoras. Neville Longbottom já comprara um cebolão verde e malcheiroso, um cristal pontiagudo e púrpura e um rabo podre de lagarto, quando os outros alunos da Grifinória lhe lembraram que ele não corria perigo; era puro sangue e, portanto, uma vítima pouco provável.

– Eles foram atrás de Filch primeiro – disse Neville, seu rosto redondo cheio de medo. – E todo mundo sabe que sou quase uma aberração.

Na segunda semana de dezembro a Profª McGonagall veio, como sempre fazia, anotar os nomes dos alunos que continuariam na escola durante as festas de Natal. Harry, Rony e Hermione assinaram a lista; ouviram dizer que Draco ia ficar também, o que acharam muito suspeito. As festas seriam o momento perfeito para usar a Poção Polissuco e tentar extrair do garoto uma confissão.

Infelizmente a poção ainda estava na metade. Precisavam do chifre de bicórnio e da pele de araramboia, e o único lugar onde poderiam obtê-los era no estoque particular de Snape. Pessoalmente Harry achava que era preferível encarar o monstro lendário da Sonserina a deixar Snape apanhá-lo assaltando sua sala.

– O que precisamos – disse Hermione, eficiente, quando se aproximava a aula dupla de Poções na quinta-feira à tarde – é de uma diversão. Então um de nós pode entrar escondido na sala de Snape e tirar o que for preciso.

Harry e Rony olharam para ela, nervosos.

– Acho que é melhor eu fazer o roubo propriamente dito – continuou Hermione num tom trivial. – Vocês dois vão ser expulsos caso se metam em mais uma encrenca, mas eu tenho a ficha limpa. Então só o que têm a fazer é causar bastante confusão para distrair Snape por uns cinco minutos.

Harry deu um leve sorriso. Provocar confusão na aula de Poções de Snape era

quase tão seguro quando espetar o olho de um dragão adormecido.

A aula de Poções era dada em uma das masmorras maiores. A de quinta-feira à tarde transcorreu como sempre. Vinte caldeirões fumegavam entre as carteiras de madeira, sobre as quais havia balanças e frascos de ingredientes. Snape andava por entre os vapores, fazendo comentários mordazes sobre o trabalho dos alunos da Grifinória, enquanto os da Sonserina davam risadinhas de aprovação. Draco Malfoy, que era o aluno favorito de Snape, não parava de mostrar olhos de peixe baiacu para Rony e Harry, que sabiam que se revidassem receberiam uma detenção mais rápido do que conseguiriam dizer "injustiça".

A Solução para Fazer Inchar que Harry preparou ficou muito rala, mas ele tinha coisas mais importantes em que pensar. Estava à espera do sinal de Hermione, e mal ouviu quando Snape parou para caçoar do ponto de sua poção. Quando Snape deu as costas para implicar com Neville, Hermione olhou para Harry e fez um aceno com a cabeça.

Harry se abaixou depressa por trás do próprio caldeirão, tirou do bolso um dos fogos Filibusteiro de Fred e deu-lhe um leve toque com a varinha. O fogo começou a borbulhar e a queimar. Sabendo que só dispunha de segundos, Harry se levantou, mirou e atirou o fogo no ar; ele caiu dentro do caldeirão de Goyle.

A poção de Goyle explodiu, chovendo sobre a classe inteira. Os alunos gritaram quando os borrifos da Solução para Fazer Inchar caiu neles. Draco ficou com a cara coberta de poção e seu nariz começou a inchar como um balão; Goyle saiu esbarrando nas coisas, as mãos cobrindo os olhos, que tinham inchado até atingir o tamanho de um prato – Snape tentava restaurar a calma e descobrir o que estava acontecendo. Na confusão, Harry viu Hermione entrar discretamente na sala do professor.

– Silêncio! SILÊNCIO! – rugiu Snape. – Os que receberam borrifos, venham aqui tomar uma Poção para Fazer Desinchar, quando eu descobrir quem foi o autor disso...

Harry procurou não rir ao ver Draco correr para a frente da sala, a cabeça pendurada por causa do peso de um nariz do tamanho de um melão. Enquanto metade da classe se arrastava até a mesa de Snape, alguns sobrecarregados com braços grossos como bastões, outros com os lábios tão inchados que não conseguiam falar, Harry viu Hermione tornar a entrar, sorrateiramente, na masmorra, com a frente das vestes estufada.

Depois que todos tomaram uma dose do antídoto e seus inchaços murcharam, Snape foi até o caldeirão de Goyle e pescou os restos retorcidos e negros do fogo de artifício. Fez-se um silêncio repentino.

– Se eu um dia descobrir quem jogou isso – sussurrou Snape – vou *garantir* que esse aluno seja expulso.

Harry tomou o cuidado de fazer cara de espanto. Snape olhava diretamente para ele, e a sineta que tocou dez minutos depois não poderia ter sido mais bem-vinda.

– Ele sabia que fui eu – disse Harry a Rony e a Hermione enquanto corriam para o banheiro da Murta Que Geme. – Eu senti.

Hermione jogou os novos ingredientes no caldeirão e começou a misturá-los febrilmente.

– Vai ficar pronto daqui a duas semanas – anunciou alegremente.

– Snape não pode provar que foi você – disse Rony tranquilizando Harry. – Que é que ele pode fazer?

– Conhecendo Snape, uma maldade – disse Harry, enquanto a poção espumava e borbulhava.

Uma semana mais tarde, Harry, Rony e Hermione iam atravessando o saguão de entrada quando viram uma pequena aglomeração em torno do quadro de avisos, os alunos liam um pergaminho que acabara de ser afixado. Simas Finnigan e Dino Thomas fizeram sinal para eles se aproximarem, com ar excitado.

– Vão reabrir o Clube dos Duelos! – disse Simas. – A primeira reunião é hoje à noite! Eu não me importaria de tomar aulas de duelo; poderiam vir a calhar um dia desses...

– Quê, você acha que o monstro da Sonserina sabe duelar? – perguntou Rony, mas também leu o aviso com interesse.

– Poderia vir a calhar – disse ele a Harry e Hermione quando entraram para jantar. – Vamos?

Harry e Hermione foram a favor do clube. Assim, às oito horas daquela noite os três voltaram correndo para o Salão Principal. As longas mesas de jantar tinham desaparecido e surgira um palco dourado encostado a uma parede, cuja iluminação era produzida por milhares de velas que flutuavam no alto. O teto voltara a ser um veludo negro, e a maior parte da escola parecia estar reunida sob ele, as varinhas na mão e as caras animadas.

– Quem será que vai ser o professor? – disse Hermione enquanto se reuniam aos alunos que tagarelavam sem parar. – Alguém me disse que Flitwick foi campeão de duelos quando era moço, talvez seja ele.

– Desde que não seja... – Harry começou, mas terminou com um gemido: Gilderoy Lockhart vinha entrando no palco, resplandecente em suas vestes ameixa-escuras, acompanhado por ninguém mais do que Snape, em sua roupa preta habitual.

Lockhart acenou um braço pedindo silêncio e disse em voz alta:

– Aproximem-se, aproximem-se! Todos estão me vendo? Todos estão me

ouvindo? Excelente!
“O Prof. Dumbledore me deu permissão para começar um pequeno Clube de Duelos, para treiná-los, caso um dia precisem se defender, como eu próprio já precisei fazer em inúmeras ocasiões, quem quiser conhecer os detalhes, leia os livros que publiquei.
“Deixem-me apresentar a vocês o meu assistente, Prof. Snape”, disse Lockhart, dando um largo sorriso. “Ele me conta que sabe alguma coisa de duelos e desportivamente concordou em me ajudar a fazer uma breve demonstração antes de começarmos. Agora, não quero que nenhum de vocês se preocupe, continuarão a ter o seu professor de Poções mesmo depois de eu o derrotar, não precisam ter medo!”
– Não seria bom se os dois acabassem um com o outro? – cochichou Rony ao ouvido de Harry.
O lábio superior de Snape crispou-se. Harry ficou imaginando por que Lockhart continuava a sorrir; se Snape estivesse olhando para *ele* daquele jeito, Harry já estaria correndo o mais depressa que pudesse na direção oposta.
Lockhart e Snape se viraram um para o outro e se cumprimentaram com uma reverência; pelo menos, Lockhart cumprimentou com muitos meneios, enquanto Snape curvou a cabeça, irritado. Em seguida, os dois ergueram as varinhas como se empunhassem espadas.
– Como vocês veem, estamos segurando nossas varinhas na posição de combate normalmente adotada – disse Lockhart aos alunos em silêncio. – Quando contarmos três, lançaremos os primeiros feitiços. Nenhum de nós está pretendendo matar, é claro.
– Eu não teria certeza disso – murmurou Harry, observando Snape arreganhar os dentes.
– Um... dois... três...
Os dois ergueram as varinhas acima da cabeça e as apontaram para o oponente; Snape exclamou:
– *Expelliarmus!* – Viram um lampejo vermelho ofuscante e Lockhart foi lançado para o alto: voou para os fundos do palco, colidiu com a parede, foi escorregando e acabou estatelado no chão.
Draco e outros alunos da Sonserina deram vivas. Hermione dançava nas pontas dos dedos para ver melhor.
– Vocês acham que ele está bem? – guinchou tampando a boca com a mão.
– Quem se importa? – responderam Harry e Rony juntos.
Lockhart foi-se levantando tonto. Seu chapéu caíra e os cabelos ondulados estavam em pé.
– Muito bem! – disse, cambaleando de volta ao palco. – Isto foi um Feitiço de

Desarmamento, como viram, perdi minha varinha, ah, muito obrigado, Srta. Brown... sim, foi uma excelente demonstração, Prof. Snape, mas se não se importa que eu diga, ficou muito óbvio o que o senhor ia fazer. Se eu tivesse querido detê-lo teria sido muito fácil, mas achei mais instrutivo deixá-los ver...

Snape tinha uma expressão assassina no rosto. Lockhart possivelmente notou porque acrescentou:

– Chega de demonstrações! Vou me reunir a vocês agora e separá-los aos pares. Prof. Snape, se o senhor quiser me ajudar...

Os dois caminharam entre os alunos, formando os pares. Lockhart juntou Neville com Justino Finch-Fletchley, mas Snape chegou até Harry e Rony primeiro.

– Acho que está na hora de separar a equipe dos sonhos – caçoou. – Weasley, você luta com Finnigan. Potter...

Harry virou-se automaticamente para Hermione.

– Acho que não – disse Snape, sorrindo estranhamente. – Sr. Malfoy, venha cá. Vamos ver o que o senhor faz com o famoso Potter. E a senhorita, pode fazer par com a Srta. Bulstrode.

Draco se aproximou com arrogância, sorrindo. Atrás dele caminhava uma garota da Sonserina, que lembrava a Harry uma foto que vira em *Férias com bruxas malvadas*. Era grande e atarracada, e seu queixo pesado se projetava para a frente, agressivamente. Hermione lhe deu um breve sorriso que ela não retribuiu.

– De frente para os seus parceiros! – mandou Lockhart, de volta ao tablado. – E façam uma reverência!

Harry e Draco mal inclinaram as cabeças, e não tiraram os olhos um do outro.

– Preparar as varinhas! – gritou Lockhart. – Quando eu contar três, lancem seus feitiços para desarmar os oponentes, *apenas* para desarmá-los, não queremos acidentes, um... dois... três...

Harry ergueu a varinha bem alto, mas Draco começara no “dois”: seu feitiço atingiu Harry com tanta força que parecia que ele levara uma frigideirada na cabeça. Ele cambaleou, mas tudo parecia estar em ordem, e, sem perder mais tempo, Harry apontou a varinha direto para Draco e gritou:

– *Rictusempra!*

Um jorro de luz prateada atingiu Draco no estômago e ele se dobrou, com dificuldade de respirar.

– *Eu disse desarmar apenas!* – gritou Lockhart assustado por cima das cabeças dos combatentes, quando Draco caiu de joelhos; Harry o golpeara com o Feitiço das Cócegas, e ele mal conseguia se mexer de tanto rir. Harry recuou, com a vaga impressão de que seria pouco esportivo enfeitiçar Draco ainda no

chão, mas isso foi um erro; tomando fôlego, Draco apontou a varinha para os joelhos de Harry, e disse engasgado: *“Tarantallegra!”*, e no segundo seguinte as pernas de Harry começaram a sacudir descontroladas numa espécie de marcha rápida.

– Parem! Parem! – berrou Lockhart, mas Snape assumiu o controle.

– *Finite Incantatem!* – gritou ele; os pés de Harry pararam de dançar. Draco parou de rir e eles puderam erguer a cabeça.

Uma névoa de fumaça verde pairava sobre a cena. Neville e Justino estavam caídos no chão, ofegantes; Rony estava segurando um Simas branco feito papel, pedindo desculpas pelo que sua varinha quebrada pudesse ter feito; mas Hermione e Emília Bulstrode ainda lutavam; Emília dera uma chave de cabeça em Hermione, que choramingava de dor; as varinhas das duas jaziam esquecidas no chão. Harry deu um salto à frente e fez Emília soltar Hermione. Foi difícil: a garota era muito maior do que ele.

– Ai, ai-ai, ai-ai! – exclamou Lockhart, passando por entre os duelistas, para ver o resultado das lutas. – Levante, Macmillan... Cuidado, Miss Fawcett... Aperte com força, vai parar de sangrar em um segundo, Boot...

“Acho que é melhor ensinar aos senhores como se *bloqueia* feitiços hostis”, disse Lockhart, parando no meio do salão. Ele olhou para Snape, cujos olhos negros brilhavam, e desviou rápido o seu olhar. “Vamos arranjar um par voluntário, Longbottom e Finch-Fletchley, que tal vocês...”

– Uma má ideia, Prof. Lockhart – disse Snape, deslizando até ele como um enorme morcego malévolo. – Longbottom causa devastação até com o feitiço mais simples. Vamos ter que mandar o que sobrar de Finch-Fletchley para a ala hospitalar em uma caixa de fósforos. – O rosto redondo e rosado de Neville ficou ainda mais rosado. – Que tal Malfoy e Potter? – sugeriu Snape com um sorriso enviesado.

– Ótima ideia! – disse Lockhart, fazendo um gesto para Harry e Draco irem para o meio do salão, enquanto os demais alunos se afastavam para lhes dar espaço.

– Agora, Harry – disse Lockhart. – Quando Draco apontar a varinha para você, você faz *isto*.

Ele ergueu a própria varinha, tentou um complicado floreio e deixou-a cair. Snape abriu um sorriso quando Lockhart a apanhou depressa, dizendo:

– Epa, minha varinha está um tanto excitada demais...

Snape aproximou-se de Draco, curvou-se e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. O garoto riu também. Harry ergueu os olhos, nervoso, para Lockhart e disse:

– Professor, podia me mostrar outra vez como se bloqueia?

– Apavorado? – murmurou Draco, falando baixo para Lockhart não poder ouvi-lo.
– Querias! – respondeu Harry pelo canto da boca.
Lockhart deu uma palmada bem-humorada no ombro de Harry.
– Faça exatamente como fiz, Harry!
– O quê, deixar cair a varinha?
Mas Lockhart não estava mais escutando.
– Três... dois... um... agora! – gritou ele.
Draco ergueu a varinha depressa e berrou:
– *Serpensortia!*
A ponta de sua varinha explodiu. Harry observou, perplexo, uma comprida cobra preta se materializar, cair pesadamente no chão entre os dois e se erguer, pronta para atacar. Os alunos gritaram recuando rapidamente, abrindo espaço.
– Não se mexa, Potter – disse Snape tranquilamente, sentindo visível prazer de ver Harry parado imóvel, cara a cara com a cobra irritada. – Vou dar um fim nela...
– Permita-me! – gritou Lockhart. E brandiu a varinha para a cobra, ao que se ouviu um grande baque; a cobra, em lugar de desaparecer, voou três metros no ar e tornou a cair no chão com um estrondo. Enraivecida, sibilando furiosamente, ela deslizou direto para Justino Finch-Fletchley e se levantou de novo, as presas expostas, armada para o bote.
Harry não teve certeza do que o fez agir assim. Nem ao menos teve consciência de decidir fazer o que fez. A única coisa que soube foi que suas pernas o impeliram para a frente como se ele estivesse sobre rodinhas e que gritou tolamente para a cobra "Deixe-o em paz!". E milagrosamente – inexplicavelmente – a cobra desabou no chão, dócil como uma mangueira grossa e preta de jardim, seus olhos agora em Harry. Ele sentiu o medo dissolver-se. Sabia que a cobra não atacaria ninguém agora, embora não pudesse explicar *como* o sabia.
Harry olhou para Justino, sorrindo, esperando o colega parecer aliviado, intrigado ou até grato – mas certamente não zangado nem apavorado.
– De que é que você acha que está brincando? – gritou, e antes que Harry pudesse responder alguma coisa, Justino virou-lhe as costas e saiu do salão enfurecido.
Snape se adiantou, acenou a varinha e a cobra desapareceu com uma pequena baforada de fumaça preta. Snape, também, olhou Harry de modo inesperado: era um olhar astuto e calculista e Harry não gostou. Teve também uma vaga consciência dos cochichos sinistros que percorriam o salão. Então sentiu alguém puxá-lo pelas vestes.

– Vamos – disse a voz de Rony ao seu ouvido. – Mexa-se, vamos...
Rony guiou-o para fora do salão, Hermione corria para acompanhá-los. Quando atravessaram o portal, as pessoas de cada lado recuaram como se tivessem medo de apanhar uma doença. Harry não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, e nem Rony nem Hermione explicaram nada até terem arrastado o amigo até a sala comunal da Grifinória, naquele momento vazia. Então Rony empurrou Harry para uma poltrona e disse:
– Você é um ofidioglota. Por que não nos contou?
– Eu sou o quê? – perguntou Harry.
– *Um ofidioglota!* – disse Rony. – Você é capaz de falar com as cobras!
– Eu sei. Quero dizer, é a segunda vez que faço isso. Uma vez no zoológico açulei, por acaso, uma jiboia contra o meu primo Duda, uma longa história... ela estava me contando que nunca tinha estado no Brasil e eu meio que a soltei sem querer, isso foi antes de saber que era bruxo...
– Uma jiboia contou a você que nunca tinha ido ao Brasil? – repetiu Rony baixinho.
– E daí? Aposto que um monte de gente aqui pode fazer isso.
– Ah, não. De jeito nenhum. Isto não é um dom muito comum. Harry, isto não é legal.
– O que não é legal? – disse Harry começando a ficar com muita raiva. – Qual é o problema com todo mundo? Escuta aqui, se eu não tivesse dito àquela cobra para não atacar Justino...
– Ah, então foi isso que você disse?
– Que quer dizer com isso? Vocês estavam lá, vocês me ouviram...
– Ouvi você falar esquisito – disse Rony. – Língua de cobra. Você podia ter dito qualquer coisa, não admira que o Justino tenha entrado em pânico, parecia que você estava convencendo a cobra a fazer alguma coisa, deu arrepios, sabe...
Harry ficou de boca aberta.
– Eu falei uma língua diferente? Mas, eu não percebi, como posso falar uma língua sem saber que posso falá-la?
Rony sacudiu a cabeça. Tanto ele quanto Hermione faziam cara de enterro. Harry não conseguia entender o que havia de tão horrível.
– Querem me dizer o que há de errado em impedir uma enorme cobra de arrancar a cabeça do Justino? Que diferença faz *como* foi que eu fiz isso, desde que o Justino não precise se associar ao clube dos Caçadores Sem Cabeça?
– Faz diferença, sim – disse Hermione, falando, afinal, num tom abafado –, porque a capacidade de falar com cobras foi o dom que tornou Salazar Slytherin famoso. É por isso que o símbolo da Sonserina é uma serpente.
O queixo de Harry caiu.

– Exatamente – confirmou Rony. – E agora a escola inteira vai pensar que você é o tetra-tetra-tetra-tetraneto ou coisa parecida...
– Mas eu não sou – disse Harry, sentindo um pânico que não conseguia explicar.
– Você vai achar difícil provar isso – falou Hermione. – Ele viveu há mil anos; pelo que se sabe, você podia muito bem ser descendente dele.

Harry ficou horas acordado àquela noite. Por uma fresta no cortinado em volta da cama de colunas ele observou a neve começar a cair em floquinhos diante da janela da torre e ficou imaginando...
Será que *podia* ser descendente de Salazar Slytherin? Afinal não sabia nada sobre a família do seu pai. Os Dursley sempre o proibiram de fazer perguntas sobre parentes bruxos.
Silenciosamente, Harry tentou dizer alguma coisa na língua das cobras. As palavras não saíram. Parecia que tinha de estar cara a cara com uma cobra para isso.
Mas eu estou na Grifinória, pensou Harry. *O Chapéu Seletor não teria me posto aqui se eu tivesse sangue de Slytherin...*
Ah, disse uma vozinha perversa em seu cérebro, *mas o Chapéu Seletor* queria *pôr você na Sonserina, não se lembra?*
Harry se virou na cama. Encontraria Justino no dia seguinte na aula de Herbologia, e explicaria que detivera a cobra e não a instigara, o que (pensou com raiva, socando o travesseiro) qualquer idiota teria percebido.

Mas na manhã seguinte, a neve que começara a cair de noite se transformara numa nevasca tão densa que a última aula de Herbologia do período letivo foi cancelada: A Profª Sprout queria pôr meias e echarpes nas mandrágoras, uma operação melindrosa que ela não confiaria a mais ninguém, agora que era tão importante as mandrágoras crescerem depressa para ressuscitar Madame Nor-r-ra e Colin Creevey.
Harry preocupava-se com isso sentado junto à lareira na sala comunal da Grifinória, enquanto Rony e Hermione aproveitavam o tempo para jogar uma partida de xadrez de bruxo.
– Pelo amor de Deus, Harry – disse Hermione exasperada, quando um bispo de Rony desmontou um cavalo dela e o arrastou para fora do tabuleiro. – Vá *procurar* o Justino se isso é tão importante para você.
Então Harry se levantou e saiu pelo buraco do retrato, imaginando onde Justino poderia estar.
O castelo estava mais escuro do que normalmente era durante o dia, por causa

da neve grossa e cinzenta que descia rodopiando pelo lado de fora das janelas. Transido de frio, Harry passou por salas onde havia aulas, captando vislumbres do que acontecia lá dentro. A Profª McGonagall gritava com alguém que, pelo que parecia, tinha transformado o colega em um texugo. Harry passou adiante, resistindo ao impulso de espiar para dentro e, lembrando que Justino talvez estivesse usando o tempo livre para tirar o atraso em alguma matéria, decidiu verificar primeiro na biblioteca.

Vários alunos da Lufa-Lufa que deviam estar na aula de Herbologia se achavam de fato sentados no fundo da biblioteca, mas não pareciam estar trabalhando. Entre as longas fileiras de estantes, Harry podia ver que suas cabeças estavam muito juntas e que aparentemente mantinham uma conversa absorvente. Não conseguia ver se Justino estava no grupo. Foi andando em direção a eles e, quando começou a ouvir alguma coisa do que diziam, parou para escutar melhor, escondido na seção da Invisibilidade.

– Então, em todo o caso – falava um menino forte –, eu disse ao Justino para se esconder no nosso dormitório. Quero dizer, se Potter o escolheu para sua próxima vítima, é melhor ele ficar pouco visível por uns tempos. É claro que o Justino estava esperando uma coisa dessas acontecer desde que deixou escapar para o Potter que vinha de família trouxa. Justino chegou até a *contar* que os pais tinham feito reserva para ele em Eton. Isto não é o tipo de coisa que se fale assim, com o herdeiro de Slytherin à solta, não é mesmo?

– Então decididamente você acha que é o Potter, Ernie? – perguntou, ansiosa, uma menina loura de marias-chiquinhas.

– Ana – disse o garoto forte, solenemente –, ele é um ofidioglota. Todo mundo sabe que isso é a marca do bruxo das trevas. Você já ouviu falar de um bruxo decente que soubesse falar com cobras? Chamavam o próprio Slytherin de língua de serpente.

Seguiram-se muitos murmúrios depois disso e Ernie continuou:

– Lembram o que estava escrito na parede? *Inimigos do herdeiro, cuidado*. Potter teve um problema com o Filch. Logo em seguida a gata de Filch é atacada. Aquele aluno do primeiro ano, o Creevey, estava aborrecendo Potter no jogo de quadribol, tirando fotos dele estirado na lama. Logo em seguida, Creevey foi atacado.

– Mas ele sempre pareceu tão gentil – disse Ana em dúvida –, e foi quem fez Você-Sabe-Quem desaparecer. Ele não pode ser tão ruim assim, pode?

Ernie baixou a voz, misterioso, os alunos da Lufa-Lufa se curvaram mais para a frente, e Harry se aproximou mais para poder captar as palavras de Ernie.

– Ninguém sabe como foi que ele sobreviveu àquele ataque do Você-Sabe-Quem, quero dizer, ele era só um bebê quando a coisa toda aconteceu. Devia ter

explodido em pedacinhos. Só um mago das trevas realmente poderoso poderia ter sobrevivido a um ataque daqueles. – E baixando a voz até quase um sussurro, continuou: – Vai ver é por isso que Você-Sabe-Quem queria matá-lo para começar. Não queria outro bruxo das trevas *concorrendo* com ele. Que outros poderes será que o Potter anda escondendo?

Harry não conseguiu aguentar mais. Pigarreando alto, saiu de trás das estantes. Se não estivesse tão zangado, teria achado engraçada a cena que o aguardava: cada aluno da Lufa-Lufa parecia ter se petrificado só de vê-lo, e a cor foi se esvaindo do rosto de Ernie.

– Olá – disse Harry. – Estou procurando o Justino Finch-Fletchley.

Os receios dos garotos da Lufa-Lufa claramente se confirmaram. Todos olharam cheios de medo para Ernie.

– Que é que você quer com ele? – perguntou Ernie com a voz trêmula.

– Eu queria dizer a ele o que realmente aconteceu com aquela cobra no Clube dos Duelos.

Ernie mordeu os lábios brancos, tomou fôlego e disse:

– Nós estávamos todos lá. Vimos o que aconteceu.

– Então vocês repararam que depois que falei com a cobra ela recuou? – perguntou Harry.

– Só o que eu vi – disse Ernie, insistente, embora tremesse enquanto falava – foi você falando em língua de cobra e açulando o bicho para cima de Justino.

– Eu não açulei a cobra para cima dele! – protestou Harry, a voz trêmula de raiva. – A cobra nem *encostou* nele!

– Por pouco. E caso você esteja tendo novas ideias – acrescentou depressa –, é melhor eu informá-lo que pode investigar minha família por nove gerações de bruxos, e que o meu sangue é tão puro quanto o de qualquer outro, portanto...

– Não ligo a mínima para o tipo de sangue que você tem! – tornou Harry furioso. – Por que eu iria querer atacar pessoas que nasceram trouxas?

– Ouvi falar que você detesta os trouxas com quem mora – disse Ernie na mesma hora.

– É impossível morar com os Dursley e não detestá-los. Eu gostaria de ver você no meu lugar.

E dando meia-volta, saiu furioso da biblioteca, ganhando um olhar de reprovação de Madame Pince, que estava lustrando a capa dourada de um grande livro de feitiços.

Harry saiu pelo corredor às tontas, mal reparando aonde ia, tal era a sua fúria. O resultado foi que bateu em alguma coisa muito grande e sólida, que o derrubou no chão.

– Ah, olá, Hagrid – disse erguendo a cabeça.

O rosto de Hagrid estava inteiramente oculto pelo gorro de lã esbranquiçado de neve, mas não podia ser mais ninguém, pois ele praticamente ocupava o corredor com aquele seu casacão de pele de toupeira. Um galo morto pendia de suas enormes mãos enluvadas.

– Tudo bem, Harry? – perguntou ele, empurrando o gorro para trás para poder falar. – Você não está em aula?

– Cancelada – disse Harry, levantando-se. – Que é que você está fazendo aqui?

Hagrid ergueu o galo inerte.

– É o segundo que matam neste período letivo – explicou. – Ou é raposa ou bicho-papão e preciso permissão do diretor para lançar um feitiço em volta do galinheiro.

Por debaixo das sobrancelhas grossas e salpicadas de neve, ele examinou Harry com mais atenção.

– Você tem certeza de que está bem? Está cheio de calor e zanga...

Harry não conseguiu se forçar a repetir o que Ernie e o resto dos garotos da Lufa-Lufa tinham andado dizendo.

– Não é nada. É melhor eu ir andando, Hagrid, a próxima aula é Transfiguração e tenho que apanhar meus livros.

Ele se afastou, a cabeça inchada com o que Ernie dissera a seu respeito.

O Justino estava esperando uma coisa dessas acontecer desde que deixou escapar para o Potter que vinha de família trouxa...

Harry subiu a escada batendo os pés e entrou em outro corredor que estava particularmente escuro; os archotes tinham sido apagados por uma corrente de ar forte e gelada que entrava por uma vidraça solta. Estava na metade do corredor quando caiu estendido em cima de uma coisa que havia no chão.

Virou-se para ver melhor em cima do que caíra e sentiu o estômago derreter.

Justino Finch-Fletchley jazia no chão, duro e frio, uma expressão de choque fixa no rosto, os olhos, sem visão, voltados para o teto. E não era tudo. Ao lado dele outro vulto, a visão mais estranha que Harry já encontrara.

Era Nick Quase Sem Cabeça, que agora deixara de ser branco-pérola e transparente e se tornara preto e fumegante, e flutuava imóvel na horizontal, a mais de um metro e meio do chão. Sua cabeça estava quase inteiramente solta, e seu rosto tinha uma expressão de choque idêntica à de Justino.

Harry ficou em pé, a respiração rápida e superficial, o coração produzindo uma espécie de rufo de tambor em suas costelas. Fora de si, olhou para um lado do corredor deserto e para o outro e viu uma fila de aranhas que se afastava o mais depressa possível dos corpos. Os únicos sons que ouvia eram as vozes abafadas dos professores nas salas de aula de cada lado.

Poderia correr e ninguém saberia que estivera ali. Mas não podia simplesmente deixá-los caídos... Tinha que procurar ajuda... Alguém acreditaria que ele não tivera nada a ver com aquilo?

Enquanto estava parado, cheio de pânico, uma porta se abriu com uma batida. Pirraça o *poltergeist* saiu em disparada.

– Ora, é o Potter Pirado! – zombou ele, entortando os óculos de Harry ao passar por ele. – Que é que o Potter está aprontando? Por que é que o Potter está rondando...

Pirraça parou no meio de uma cambalhota no ar. De cabeça para baixo, deparou com Justino e Nick Quase Sem Cabeça. Desvirou-se na mesma hora, encheu os pulmões de ar e, antes que Harry pudesse impedi-lo, gritou:

– ATAQUE! ATAQUE! MAIS UM ATAQUE! NEM MORTAL NEM FANTASMA ESTÃO SEGUROS! SALVEM SUAS VIDAS! ATAAAAAQUE!

Bam – bam – bam – porta atrás de porta se escancarou ao longo do corredor que foi invadido por um mundão de gente. Durante vários minutos, a cena era de tal confusão que Justino correu o risco de ser esmagado, e as pessoas não paravam de passar através de Nick Quase Sem Cabeça. Harry se viu imprensado contra a parede enquanto os professores gritavam pedindo calma. A Profª McGonagall veio correndo, seguida por seus alunos em sua cola, um dos quais ainda tinha os cabelos listrados de preto e branco. Ela usou a varinha para produzir um alto estampido e restaurar o silêncio, e mandou todos de volta para as salas de aula. Nem bem o corredor se esvaziara um pouco quando Ernie, o garoto da Lufa-Lufa, chegou, ofegante, à cena.

– *Apanhado na cena do crime!* – berrou Ernie, o rosto lívido, apontando dramaticamente para Harry.

– Agora já chega, Macmillan! – disse a professora rispidamente.

Pirraça subia e descia no ar, e agora sorria malvadamente observando a cena; adorava o caos. Enquanto os professores se curvavam sobre Justino e Nick Quase Sem Cabeça, examinando-os, Pirraça começou a cantar:

Ah, Potter, podre, veja o que você fez,
Matar alunos não é nada cortês...

– Já chega, Pirraça! – vociferou a Profª McGonagall e Pirraça saiu voando de costas e estirando a língua para Harry.

Justino foi levado para a ala hospitalar pelo Prof. Flitwick e a Profª Sinistra, do departamento de astronomia, mas ninguém sabia o que fazer com Nick Quase Sem cabeça. Por fim, a Profª McGonagall conjurou um grande leque de ar, e entregou-o a Ernie com instruções para abanar Nick Quase Sem Cabeça até o andar de cima. Ernie obedeceu e abanou Nick como se fosse um aerofólio

silencioso. Assim Harry e a professora ficaram a sós.
– Por aqui, Potter – falou ela.
– Professora – disse Harry depressa –, eu juro que não...
– Isto não está mais em minhas mãos, Potter – interrompeu ela secamente.
Os dois caminharam em silêncio, viraram um canto e ela parou diante de uma gárgula de pedra feíssima.
– Gota de limão! – disse. Era evidentemente uma senha, porque a gárgula logo ganhou vida e afastou-se para o lado, ao mesmo tempo que a parede atrás dela se abria em dois. Mesmo temendo o que o aguardava, Harry não pôde deixar de se admirar. Atrás da parede havia uma escada em caracol que subia suavemente, como uma escada rolante. Nem bem ele e a Profª McGonagall pisaram nela, Harry ouviu a parede fazer uma barulho seco e se fechar às costas dos dois. Subiram em círculos, cada vez mais altos, até que por fim, ligeiramente tonto, Harry viu uma porta de carvalho reluzindo à sua frente, com uma aldrava em forma de grifo.
Soube então aonde tinha sido levado. Ali devia ser a residência de Dumbledore.

— CAPÍTULO DOZE —

A Poção Polissuco

No alto da escada eles desceram, a Profª McGonagall bateu a uma porta que se abriu silenciosamente, e eles entraram. A professora disse a Harry que esperasse e o deixou ali, sozinho.

Harry olhou à volta. Uma coisa era certa: de todas as salas de professores que visitara até aquele dia, a de Dumbledore era de longe a mais interessante. Se não estivesse apavorado com a iminência de ser expulso da escola, ele teria ficado muito feliz com a oportunidade de examiná-la.

Era uma sala bonita e circular, cheia de ruídos engraçados. Havia vários instrumentos de prata curiosos sobre mesas de pernas finas, que giravam e soltavam pequenas baforadas de fumaça. As paredes estavam cobertas de retratos de antigos diretores e diretoras, todos eles cochilavam tranquilamente em suas molduras. Havia também uma enorme escrivaninha de pés de garra, e, pousado sobre uma prateleira atrás dela, um chapéu de bruxo surrado e roto – o *Chapéu Seletor*.

Harry hesitou. Lançou um olhar desconfiado às bruxas e aos bruxos que dormiam nas paredes. Certamente não faria mal se ele apanhasse o chapéu e o experimentasse outra vez? Só para ver... só para se certificar de que ele o *pusera* na casa certa...

Sem fazer barulho, deu a volta à escrivaninha, tirou o chapéu da prateleira e colocou-o devagarinho na cabeça. Era largo demais e lhe cobriu os olhos, exatamente como acontecera da primeira vez em que o experimentara. Harry ficou olhando a escuridão dentro do chapéu, à espera. Então uma vozinha disse em seu ouvido: “Caraminholas na cabeça, Harry Potter?”

– Ah, é – murmurou Harry. – Ah, desculpe incomodá-lo, eu queria perguntar...

– Você anda se perguntando se o coloquei na casa certa – disse o chapéu

sabiamente. – Sei... você foi particularmente difícil de classificar. Mas mantenho o que disse antes – o coração de Harry deu um salto –, você *teria* se dado bem na Sonserina...

O estômago de Harry afundou. Agarrou a ponta do chapéu e o tirou. Ele pendeu inerte em sua mão, encardido e desbotado. Harry o devolveu à prateleira, sentindo-se mal.

– Você está enganado – disse em voz alta para o chapéu imóvel e silencioso que não se mexeu. Harry recuou, observando-o. Então, um ruído estranho e sufocado atrás dele o fez virar.

Afinal não estava sozinho. Encarrapitado em um poleiro dourado, atrás da porta, achava-se um pássaro de aparência decrépita que lembrava um peru meio depenado. Harry o encarou, e o pássaro sustentou funestamente o seu olhar, tornando a fazer o mesmo ruído sufocado. Harry achou que ele parecia muito doente. Seus olhos estavam opacos e, mesmo enquanto Harry o observava, caíram mais algumas penas de sua cauda.

Harry estava pensando que só o que lhe faltava era o pássaro de estimação de Dumbledore morrer, enquanto estavam sozinhos ali na sala, quando o pássaro pegou fogo.

Harry gritou chocado e se afastou da mesa. Olhou ansioso em volta para ver se encontrava um copo de água em algum lugar mas não viu nenhum; o pássaro, entrementes, transformara-se numa bola de fogo; o pássaro deu um grito alto e no segundo seguinte não restava nada dele, exceto um monte de cinzas fumegantes no chão.

A porta da sala se abriu. Dumbledore entrou com o ar muito grave.

– Professor – ofegou Harry. – Seu pássaro, eu não pude fazer nada, ele simplesmente pegou fogo...

Para surpresa de Harry, Dumbledore sorriu.

– Já não era sem tempo. Ele tem andado com uma aparência medonha há dias; e venho dizendo a ele para se apressar.

E deu uma risadinha ao ver a cara de espanto de Harry.

– Fawkes é uma fênix, Harry. As fênix pegam fogo quando chega a hora de morrer e tornar a renascer das cinzas. Olhe ele...

Harry olhou em tempo de ver um pássaro minúsculo, amarrotado, recém-nascido botar a cabeça para fora das cinzas. Era tão feio quanto o anterior.

– É uma pena que você a tenha visto no dia em que queimou – disse Dumbledore, sentando-se à escrivaninha. – Na realidade ela é muito bonita quase o tempo todo, tem uma plumagem vermelha e dourada. Criaturas fascinantes, as fênixes. São capazes de sustentar cargas pesadíssimas, suas lágrimas têm poderes curativos e são animais de estimação muitíssimo *fiéis*.

No choque de ver Fawkes pegando fogo, Harry se esquecera por que estava ali, mas tudo voltou à lembrança quando Dumbledore se acomodou no cadeirão à mesa e o encarou com aqueles seus olhos azul-claros e penetrantes.

Mas antes que Dumbledore pudesse dizer outra palavra, a porta da sala se escancarou com estrondo, e Hagrid entrou, um olhar selvagem nos olhos, o gorro encarrapitado no alto da cabeça desgrenhada e o galo morto ainda balançando em uma das mãos.

– Não foi Harry, Prof. Dumbledore! – disse Hagrid pressuroso. – Eu estava falando com ele *segundos* antes daquele garoto ser encontrado, ele nunca teria tido tempo, meu senhor...

Dumbledore tentou dizer alguma coisa, mas Hagrid continuou falando, sacudindo o galo, agitado, fazendo voar penas para todo o lado.

– ... não pode ter sido ele, eu juro até na frente do Ministro da Magia se precisar...

– Hagrid, eu...

– ... o senhor pegou o garoto errado, meu senhor, eu *sei* que Harry jamais...

– *Hagrid!* – disse Dumbledore em voz alta. – Eu *não* acho que Harry tenha atacado essas pessoas.

– Ah – acalmou-se Hagrid, o galo pendurado imóvel a um lado. – Certo. Então vou esperar lá fora, diretor.

E saiu num repelão, parecendo constrangido.

– O senhor não acha que fui eu, professor? – repetiu Harry esperançoso enquanto Dumbledore espanava as penas de galo de cima de sua escrivaninha.

– Não, Harry, não acho – seu rosto novamente grave. – Mas ainda assim quero falar com você.

Harry esperou nervoso enquanto Dumbledore o estudava, as pontas dos seus longos dedos juntas.

– Preciso lhe perguntar, Harry, se tem alguma coisa que você gostaria de me perguntar – disse gentilmente. – Qualquer coisa.

Harry não soube o que dizer. Pensou em Draco gritando: *“Vocês vão ser os próximos, sangues ruins!”* e na Poção de Polissuco que estava cozinhando no banheiro da Murta Que Geme. Depois pensou na voz sem corpo que ouvira duas vezes e se lembrou do que Rony comentara: “*Ouvir vozes que ninguém mais ouve não é bom sinal, mesmo no mundo da magia*.” Pensou ainda no que todos andavam dizendo dele, e seu pavor crescente era que estivesse de alguma forma ligado a Salazar Slytherin...

– Não – disse Harry. – Não tem nada, não, professor...

O ataque duplo a Justino e a Nick Quase Sem Cabeça transformou o que até ali

fora nervosismo em verdadeiro pânico. Curiosamente, era o destino do fantasma que mais parecia preocupar as pessoas. O que poderia fazer aquilo a um fantasma?, elas perguntavam umas às outras; que poder terrível poderia fazer mal a alguém que já estava morto? Houve quase uma corrida para reservar lugares no Expresso de Hogwarts que iria levar os alunos para casa no Natal.

– Nesse ritmo, seremos os únicos a ficar para trás – disse Rony a Harry e Hermione. – Nós, Draco, Crabbe e Goyle. Que beleza de férias vamos ter!

Crabbe e Goyle, que sempre acompanhavam o que Draco fazia, tinham se inscrito para permanecer na escola durante as férias também. Mas Harry ficou contente de que a maioria das pessoas estivesse partindo. Estava cansado de ser evitado nos corredores, como se achassem que lhe fossem crescer presas e pudesse cuspir veneno a qualquer momento; cansado de ser comentado, de ser apontado, de levar vaias ao passar.

Fred e Jorge, porém, achavam muita graça em tudo. Saíam do caminho para andar à frente de Harry nos corredores, gritando: “Abram caminho para o herdeiro de Slytherin, um bruxo realmente maligno vai passar...”

Percy desaprovava inteiramente esse comportamento.

– *Não* é motivo para graças – disse friamente.

– Ah, sai do caminho, Percy. Harry está com pressa.

– É, ele está indo para a Câmara Secreta tomar uma xícara de chá com seu criado de caninos afiados – disse Jorge, dando uma risadinha debochada.

Gina também não achou graça nenhuma.

– Ah, *não* façam isso – choramingava todas as vezes que Fred perguntava a Harry em voz alta quem ele pretendia atacar a seguir, ou quando Jorge, ao encontrar Harry, fingia afugentá-lo com um grande dente de alho.

Harry não se importava; sentia-se melhor que ao menos Fred e Jorge achassem a ideia de ele ser herdeiro de Slytherin muito ridícula. Mas as brincadeiras dos gêmeos pareciam estar irritando Draco, que amarrava cada vez mais a cara sempre que os via aprontando.

– É porque está *morrendo de vontade* de dizer que o herdeiro é ele – disse Rony com ar de quem sabe das coisas. – Vocês sabem que Draco detesta quando alguém o supera em alguma coisa, e você está recebendo todo o crédito pelo trabalho sujo que ele fez.

– Não será por muito tempo – anunciou Hermione com um tom de satisfação. – A Poção Polissuco está quase pronta. Vamos extrair a verdade dele a qualquer momento.

Enfim o período letivo terminou, e um silêncio profundo como a neve desceu sobre o castelo. Harry achou que o lugar ficara tranquilo, em vez de sombrio, e

gostou do fato de que ele, Hermione e os Weasley tivessem a Torre da Grifinória só para eles, assim podiam brincar de snap explosivo à vontade sem incomodar ninguém e praticar duelos sozinhos. Fred, Jorge e Gina tinham preferido ficar na escola a visitar Gui no Egito com o Sr. e a Sra. Weasley. Percy, que desaprovava o que chamava de comportamento infantil dos gêmeos, não passava muito tempo na sala comunal da Grifinória. Tinha declarado pomposamente que *ele* só ficara para o Natal porque era seu dever, como monitor, ajudar os professores em tempos tão tempestuosos.

A manhã de Natal despontou fria e branca. Harry e Rony, os únicos que tinham restado no dormitório, foram acordados muito cedo por Hermione, que entrou de repente, completamente vestida, trazendo presentes para os dois.

– Acordem – disse em voz alta, afastando as cortinas da janela.

– Mione, você não podia estar aqui... – disse Rony, protegendo os olhos da claridade.

– Feliz Natal para você também – disse a garota lhe atirando um presente. – Estou de pé há quase uma hora, acrescentando hemeróbios à poção. Está pronta.

Harry se sentou, de repente muito acordado.

– Tem certeza?

– Positivo – disse Hermione, empurrando Perebas, o rato, para poder se sentar na beirada da cama de Rony. – Se vamos usá-la, eu diria que deve ser hoje à noite.

Naquele momento, Edwiges entrou voando no quarto, trazendo um pequeno pacote no bico.

– Olá – disse Harry alegremente quando a coruja pousou na cama dele. – Você voltou a falar comigo?

Edwiges deu umas bicadinhas carinhosas na orelha dele, o que foi um presente muito melhor do que o que lhe trouxera, e que ele descobriu ser uma encomenda dos Dursley. Eles tinham enviado a Harry um palito e um bilhete pedindo a ele que verificasse se não poderia ficar em Hogwarts durante as férias de verão também.

Os outros presentes que ganhara de Natal foram bem melhores. Hagrid lhe mandou uma grande lata de bolinhos de chocolate, que Harry decidiu deixar amolecer junto à lareira antes de comer; Rony lhe deu um livro chamado *Voando com os canhões*, um livro de fatos interessantes sobre o seu time de quadribol favorito, e Hermione lhe comprou uma caneta de luxo de pena de águia. Harry abriu o último presente e encontrou um suéter tricotado pela Sra. Weasley e um grande bolo de Natal. Leu o cartão dela com uma nova onda de remorsos, pensando no carro do Sr. Weasley (que não era visto desde a colisão com o Salgueiro Lutador), e a nova série de indisciplinas que ele e Rony estavam

planejando.

Ninguém, nem mesmo alguém morto de medo de tomar a Poção Polissuco, dali a pouco, poderia deixar de se alegrar com o almoço de Natal em Hogwarts.

O Salão Principal estava magnífico. Não só tinha uma dúzia de árvores de Natal cobertas de cristais de gelo e largas guirlandas de visco e azevinho que cruzavam o teto, como também caía uma neve encantada, morna e seca. Dumbledore puxou o coro de algumas de suas músicas de Natal preferidas. Hagrid cantava cada vez mais alto a cada taça de gemada de vinho quente que consumia. Percy, que não reparou que Fred havia enfeitiçado o seu distintivo de monitor – agora com os dizeres "Cabeça de Alfinete" –, não parava de perguntar aos garotos por que ficavam dando risadinhas. Harry nem ligou que Draco Malfoy, sentado à mesa da Sonserina, estivesse fazendo comentários altos e debochados sobre seu novo suéter. Com um pouco de sorte, ele receberia o troco dentro de algumas horas.

Harry e Rony mal tinham acabado de comer o terceiro prato de pudim de Natal quando Hermione os levou para fora do Salão para finalizar os planos para aquela noite.

– Ainda precisamos de uns pedacinhos das pessoas em que queremos nos transformar – disse Hermione num tom trivial, como se estivesse mandando os garotos ao supermercado comprar detergente. – E é claro que será melhor se pudermos conseguir alguma coisa de Crabbe e Goyle; eles são os melhores amigos de Malfoy, que contará aos dois qualquer coisa. E também temos que garantir que os verdadeiros Goyle e Crabbe não apareçam de repente enquanto interrogamos Draco.

"Já tenho tudo resolvido", continuou ela calmamente, não dando atenção às caras espantadas de Harry e Rony. E mostrou dois pedaços de bolo de chocolate. "Recheei estes dois com uma simples Poção do Sono. Vocês só precisam se certificar de que Crabbe e Goyle encontrem os bolos. Sabem como são esganados, com certeza vão querer comê-los. Depois que caírem no sono, arranquem uns fios de cabelo deles e escondam os dois num armário de vassouras."

Harry e Rony se entreolharam, incrédulos.

– Mione, acho que isso não...

– Poderia dar tudo errado...

Mas Hermione tinha um brilho de aço nos olhos, muito semelhante ao que a Profª McGonagall às vezes exibia.

– A poção será inútil sem os fios de cabelo de Crabbe e Goyle – disse a garota com severidade. – Vocês *querem* investigar Malfoy, não é?

– Ah, está bem, está bem – disse Harry. – Mas e você? Vai arrancar o cabelo de quem?

– Já tenho o meu! – disse Hermione, animada, tirando um frasquinho do bolso e mostrando aos dois um único fio de cabelo dentro. – Lembram que a Emília Bulstrode lutou comigo no Clube dos Duelos? Ela deixou o fio de cabelo nas minhas vestes quando estava tentando me estrangular! E como foi passar o Natal em casa... então só preciso dizer ao pessoal da Sonserina que resolvi voltar.

Quando Hermione saiu apressada para verificar outra vez a Poção Polissuco, Rony se virou para Harry com uma expressão de fim de mundo no rosto.

– Você já ouviu falar de um plano em que tantas coisas pudessem dar errado?

Mas para completa surpresa de Harry e Rony, a primeira etapa da operação transcorreu suavemente, conforme Hermione previra. Eles ficaram rondando o saguão deserto depois do chá de Natal, esperando Crabbe e Goyle que tinham sido deixados sozinhos à mesa da Sonserina, devorando o quarto prato de pão de ló com calda de vinho. Harry equilibrara os bolos de chocolate na ponta do corrimão. Quando viram Crabbe e Goyle saindo do Salão Principal, ele e Rony se esconderam depressa atrás de uma armadura próxima à porta de entrada.

– Como se pode ser tão tapado? – Rony cochichou em êxtase quando Crabbe apontou alegremente os bolos para Goyle e os pegou. Sorrindo, idiotamente, enfiaram os bolos inteiros nas bocas enormes. Por um momento, os dois mastigaram vorazes, com expressões de triunfo no rosto. Depois, sem a menor mudança de expressão, desmontaram de costas no chão.

De longe, a parte mais difícil foi escondê-los no armário do outro lado do saguão. Quando estavam guardados em segurança entre baldes e esfregões, Harry arrancou uns fios do cabelo curto e duro que cobria a testa de Goyle, e Rony arrancou vários fios do cabelo de Crabbe. Roubaram também os sapatos, porque os seus eram, em comparação, demasiado pequenos. Depois, ainda aturdidos com o que tinham acabado de fazer, correram escada acima para o banheiro da Murta Que Geme.

Mal conseguiam enxergar devido à fumaça que saía do boxe em que Hermione mexia o caldeirão. Puxando as vestes para proteger o rosto, Harry e Rony bateram de leve na porta.

– Mione?

Ouviram um barulho de chave e Hermione apareceu, o rosto brilhando, cheia de ansiedade. Atrás dela ouvia-se o *glube-glube* da poção viscosa que borbulhava. Havia três cálices preparados sobre a tampa do vaso sanitário.

– Vocês conseguiram? – perguntou Hermione sem fôlego.

Harry mostrou os fios de cabelo de Goyle.

– Ótimo. E eu tirei escondido estas vestes da lavanderia – disse Hermione, mostrando um pequeno saco. – Vocês precisarão de números maiores porque vão ser Crabbe e Goyle.

Os três espiaram dentro do caldeirão. De perto, a poção parecia uma lama escura e espessa que borbulhava devagar.

– Tenho certeza de que fiz tudo direito – disse Hermione, nervosa, relendo a página manchada de *Poções muy potentes*. – Parece que o livro diz que deve... depois que bebermos a poção, teremos exatamente uma hora antes de voltarmos a ser nós mesmos.

– E agora? – sussurrou Rony.

– Separamos a poção nos três cálices e acrescentamos os cabelos.

Hermione serviu grandes conchas da poção em cada cálice. Depois, com a mão trêmula, sacudiu o fio de cabelo de Emília Bulstrode do frasco para dentro do primeiro cálice.

A poção assobiou alto como uma chaleira fervendo e espumou feito louca. Um segundo depois, mudou de cor para um amarelo doentio.

– Grrr, essência de Emília Bulstrode – disse Rony, olhando-a com nojo. – Aposto que tem um gosto horrível.

– Ponha os fios na sua, então – disse Hermione.

Harry deixou cair os fios de cabelo de Goyle no cálice do meio, e Rony pôs os de Crabbe no último. Os dois cálices assobiaram e espumaram: o de Goyle mudou para um cáqui cor de piolho, e o de Crabbe para um castanho encardido e escuro.

– Calma aí – disse Harry quando Rony e Hermione estenderam a mão para os cálices. – É melhor não bebermos tudo aqui... Quando nos transformarmos em Crabbe e Goyle não vamos caber no boxe. E Emília Bulstrode não é nenhuma fadinha.

– Bem pensado – disse Rony, destrancando a porta. – Ficaremos em boxes separados.

Tomando cuidado para não derramar nem uma gota de Poção Polissuco, Harry entrou no boxe do meio.

– Pronto? – perguntou.

– Pronto – responderam as vozes de Rony e Mione.

– Um... dois... três...

Apertando o nariz, Harry bebeu a poção em dois grandes goles. Tinha gosto de repolho passado do ponto de cozimento.

Imediatamente seu estômago começou a revirar como se ele tivesse acabado de engolir duas cobras – dobrado ao meio, ele se perguntou se ia enjoar –, depois uma sensação de queimação se espalhou rapidamente da barriga até as pontinhas

dos dedos dos pés e das mãos – em seguida, ele caiu de quatro, sem ar e teve a sensação de que estava se derretendo, quando a pele de todo o seu corpo borbulhou como cera quente – e, antes que seus olhos e mãos começassem a crescer, os dedos engrossaram, as unhas alargaram, os nós dos dedos se estufaram como parafusos de cabeça de lentilha – os ombros se esticaram dolorosamente e um formigamento na testa lhe informou que seus cabelos estavam crescendo em direção às sobrancelhas – as vestes se rasgaram quando o peito se alargou como uma barrica rompendo os aros – os pés se tornaram um suplício dentro dos sapatos quatro números menor...

Tão de repente quanto começara, tudo cessou. Harry estava deitado de borco no piso frio como pedra, ouvindo Murta gargarejar mal-humorada no boxe da ponta. Com dificuldade, sacudiu fora os sapatos e ficou em pé. Então era assim que a pessoa se sentia, na pele de Goyle. Com a mão enorme tremendo, ele despiu as vestes antigas, que estavam agora no meio das canelas, vestiu as novas e amarrou os sapatos abotinados de Goyle. Ergueu a mão para afastar os cabelos dos olhos e só encontrou fios duros e curtos, que vinham até o meio da testa. Então percebeu que os óculos estavam anuviando sua visão porque Goyle obviamente não precisava deles, tirou-os e perguntou:

– Vocês dois estão bem? – A voz baixa e irritante de Goyle saiu de sua boca.

– Estou – veio o rosnado profundo de Crabbe da sua direita.

Harry destrancou a porta e foi até o espelho rachado. Goyle o encarou com aqueles olhos opacos e fundos. Harry coçou a orelha. Goyle também.

A porta de Rony se abriu. Eles se entreolharam. Exceto que parecia pálido e chocado, Rony era indistinguível de Crabbe, do corte de cabelo em cuia até os braços compridos de gorila.

– Isso é incrível – disse Rony, aproximando-se do espelho e cutucando o nariz chato de Crabbe. – *Incrível*.

– É melhor irmos andando – disse Harry, afrouxando o relógio que ficara apertadíssimo no pulso grosso de Goyle. – Ainda temos que descobrir onde fica a sala comunal da Sonserina. Só espero que a gente encontre alguém para seguir...

Rony, que estivera observando Harry, disse:

– Você não sabe como é esquisito ver o Goyle *pensando*. – Bateu então na porta de Hermione. – Vamos, precisamos ir...

Uma voz aguda respondeu.

– Eu... eu acho que afinal não vou. Vão indo sem mim.

– Mione, nós sabemos que a Emília Bulstrode é feia, ninguém vai saber que é você...

– Não... verdade... acho que não vou. Vocês andem depressa, estão perdendo

tempo...

Harry olhou para Rony intrigado.

– *Assim* você está mais parecido com o Goyle. É assim que ele fica toda vez que um professor faz uma pergunta.

– Mione, você está bem? – perguntou Harry através da porta.

– Muito bem... muito bem... vão andando...

Harry consultou o relógio. Cinco dos preciosos sessenta minutos já se tinham passado.

– Na volta nos encontramos aqui, está bem? – falou ele.

Os dois garotos abriram a porta do banheiro com cautela, verificaram se a barra estava limpa e saíram.

– Não balance os braços desse jeito – murmurou Harry para o amigo.

– Hein?

– Crabbe mantém os braços meio duros...

– Que tal assim?

– É, assim está melhor...

Os dois desceram a escada de mármore. Só precisavam agora que aparecesse um aluno da Sonserina para o seguirem até o salão comunal da casa, mas não havia ninguém por perto.

– Alguma ideia? – murmurou Harry.

– Os alunos da Sonserina sempre vêm daquela direção para tomar café da manhã – disse Rony indicando com a cabeça a entrada para as masmorras. Mal as palavras saíram de sua boca e uma menina de cabelos longos e crespos saiu pela entrada.

– Desculpe – disse Rony, correndo para ela. – Esquecemos qual é o caminho para o nosso salão comunal.

– Como? – perguntou a garota empertigada. – *Nosso* salão comunal? *Eu sou* da Corvinal.

E se afastou olhando desconfiada para os dois.

Harry e Rony desceram os degraus de pedra mergulhando na escuridão, seus passos ecoando particularmente altos à medida que os enormes pés de Crabbe e Goyle batiam no chão, sentindo que a coisa não ia ser tão fácil quanto tinham esperanças que fosse.

Os corredores que lembravam labirintos estavam desertos. Eles foram se internando cada vez mais fundo por baixo da escola, verificando constantemente os relógios para ver quanto tempo ainda lhes sobrava. Passados quinze minutos, quando iam começando a se desesperar, ouviram um movimento repentino no alto.

– Rá! – gritou Rony excitado. – Aí vem um deles agora!

O vulto vinha saindo de um aposento lateral. Ao se aproximarem, porém, sentiram um aperto no coração. Não era um aluno da Sonserina, era Percy.

– Que é que você está fazendo aqui embaixo? – perguntou Rony surpreso.

Percy fez cara de afrontado.

– Isto – disse se empertigando – não é da sua conta. É o Crabbe, não é?

– Que, ah, sim – disse Rony.

– Muito bem, já para os seus dormitórios – disse Percy com severidade. – Não é seguro ficar andando por corredores escuros hoje em dia.

– Mas como é que *você* está andando? – lembrou Rony.

– Eu – disse Percy empertigando-se – sou monitor. Nada vai *me* atacar.

De repente ecoou uma voz atrás de Harry e Rony. Draco Malfoy vinha em direção ao grupo e, pela primeira vez na vida, Harry teve prazer em vê-lo.

– Aí até que enfim – disse ele com voz arrastada, olhando para os dois. – Estiveram se empapuçando no Salão Principal esse tempo todo? Andei procurando vocês; quero que vejam uma coisa realmente engraçada.

Malfoy lançou um olhar mortífero a Percy.

– E o que é que você está fazendo aqui embaixo, Weasley? – perguntou com desdém.

Percy parecia indignado.

– Vocês precisam mostrar um pouco mais de respeito por um monitor da escola! – disse. – Não gosto de sua atitude!

Malfoy riu debochado e fez sinal para Harry e Rony o seguirem.

Harry quase pediu desculpas a Percy mas se conteve bem em tempo. Ele e Rony correram atrás de Draco, que disse assim que viraram o corredor:

– Esse Peter Weasley...

– Percy – Rony corrigiu-o automaticamente.

– O que seja. Tenho visto ele rondando por aqui um bocado ultimamente. E aposto como sei o que está aprontando. Acha que vai pegar o herdeiro de Slytherin sozinho.

Draco deu uma risada curta e debochada. Harry e Rony se entreolharam animados.

O garoto parou junto a um trecho da parede de pedra, liso e úmido.

– Como é mesmo a senha? – perguntou a Harry.

– Ah... – hesitou Harry.

– Ah, já sei... *puro sangue*! – disse Draco, sem parar para ouvir, e uma porta de pedra escondida na parede deslizou. Draco entrou e Harry e Rony o seguiram.

A sala comunal da Sonserina era um aposento comprido e subterrâneo com paredes de pedra rústica, de cujo teto pendiam correntes com luzes redondas e esverdeadas. Um fogo ardia na lareira encimada por um console de madeira

esculpida e ao seu redor viam-se as silhuetas de vários alunos da Sonserina em cadeiras de espaldar alto.

– Esperem aqui – disse Draco a Harry e Rony, indicando duas cadeiras vazias mais afastadas da lareira. – Vou buscar, meu pai acabou de me mandar...

Imaginando o que Draco iria lhes mostrar, Harry e Rony se sentaram, fazendo o possível para parecer à vontade.

Draco voltou um minuto depois trazendo um papel que parecia ser um recorte de jornal. Enfiou-o na cara de Rony.

– Isso vai fazer vocês darem uma boa gargalhada.

Harry viu os olhos de Rony se arregalarem de choque. Ele leu o recorte depressa, deu uma risada forçada e o entregou a Harry.

A notícia fora recortada do *Profeta Diário* e dizia:

INQUÉRITO NO MINISTÉRIO DA MAGIA

Arthur Weasley, Chefe da Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas foi multado hoje em cinquenta galeões, por enfeitiçar um carro dos trouxas.

O Sr. Lúcio Malfoy, membro da diretoria da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde o carro enfeitiçado bateu no início deste ano, pediu hoje a demissão do Sr. Weasley.

"Weasley desmoralizou o Ministério" – declarou o Sr. Malfoy ao nosso repórter. "Ficou claro que ele não está qualificado para legislar, e o seu projeto de lei para proteger os trouxas deveria ser imediatamente esquecido."

O Sr. Weasley não foi encontrado para comentar essas declarações, embora sua mulher tenha dito aos repórteres para se afastarem da casa e ameaçado mandar o vampiro da família atacá-los.

– E aí? – perguntou Draco impaciente quando Harry devolveu o recorte. – Vocês não acham engraçado?

– Ha, ha, ha – riu Harry desanimado.

– Arthur Weasley gosta tanto de trouxas que devia partir a varinha e ir se juntar a eles – disse Draco desdenhoso. – Pela maneira como se comportam, nem dá para dizer que os Weasley são puros sangues.

A cara de Rony – ou melhor de Crabbe – se contorceu de fúria.

– Qual é o problema, Crabbe? – perguntou Draco com rispidez.

– Dor de estômago – grunhiu Rony.

– Então vá para a ala hospitalar e dê um chute naqueles sangues ruins por mim – disse Draco sufocando o riso. – Sabe, estou admirado que o *Profeta Diário*

ainda não tenha noticiado todos esses ataques – continuou, pensativo. – Suponho que Dumbledore esteja tentando abafar o caso. Ele vai ser despedido se isso não parar logo. Meu pai diz que Dumbledore foi a pior coisa que já aconteceu a Hogwarts. Ele adora trouxas. Um diretor decente nunca deixaria escória como o Creevey entrar.

Draco começou a tirar fotografias com uma máquina imaginária e fez uma imitação cruel mas exata de Colin: “Potter, posso bater uma foto sua, Potter! Pode me dar o seu autógrafo? Posso lamber os seus sapatos, por favor, Potter?”

Ele deixou cair as mãos e olhou para Harry e Rony.

– Que é que *há* com vocês dois?

Em atraso, Harry e Rony forçaram uma risada, mas Draco pareceu satisfeito; talvez Crabbe e Goyle sempre fossem lentos para entender as coisas.

– São Potter, o amigo dos sangues ruins – disse Draco lentamente. – Ele é outro que não tem espírito de bruxo, ou não andaria por aí com aquela Granger sangue ruim metida a besta. E tem gente que acha que *ele é* o herdeiro de Slytherin!

Harry e Rony esperaram com a respiração suspensa: Draco estava certamente a segundos de contar que era ele – mas então...

– Eu bem *gostaria* de saber quem *é* – disse com petulância. – Até poderia ajudar.

O queixo de Rony caiu de um jeito que Crabbe pareceu ainda mais tapado do que de costume. Felizmente, Draco não reparou e Harry, pensando rápido, disse:

– Você deve ter uma ideia de quem está por trás disso tudo...

– Você sabe que não tenho, Goyle. Quantas vezes preciso lhe dizer isso? – retrucou Draco com maus modos. – E meu pai não quer me contar *nada* sobre a última vez que a Câmara foi aberta, tampouco. É claro, foi há cinquenta anos, antes do tempo dele, mas ele sabe tudo que aconteceu e diz que o caso foi abafado e que vai levantar suspeitas se eu souber de muita coisa. Mas uma coisa eu sei, a última vez que a Câmara Secreta foi aberta, um sangue ruim *morreu*. Então aposto que é uma questão de tempo até um deles ser morto... espero que seja a Granger – disse com prazer.

Rony crispava os punhos enormes de Crabbe. Harry, sentindo que o amigo poderia se denunciar se avançasse em Draco, lançou a Rony um olhar de alerta e disse:

– Você sabe se a pessoa que abriu a Câmara na última vez foi apanhada?

– Ah, é claro... seja lá o que for foi expulso – disse Draco. – Com certeza ainda está em Azkaban.

– Azkaban? – perguntou Harry intrigado.

– Azkaban, *a prisão de bruxos*, Goyle – disse Draco, olhando para ele

incrédulo. – Sinceramente, se você fosse mais devagar, andaria para trás.
Mexeu-se inquieto na cadeira e continuou:
– Meu pai diz para eu ficar na minha e deixar o herdeiro de Slytherin fazer o trabalho. Diz que a escola precisa se livrar de toda a sujeira dos sangues ruins, mas para eu não me meter. É claro que ele está com as mãos cheias nesse momento. Sabem que o Ministério da Magia revistou a nossa propriedade na semana passada?
Harry tentou botar na cara de Goyle uma expressão de preocupação.
– É... – disse Draco. – Felizmente não encontraram muita coisa. Papai tem um material para Artes das Trevas muito valioso. Mas felizmente, temos a nossa câmara secreta embaixo da sala de visitas...
– Ho! – exclamou Rony.
Draco olhou. O mesmo fez Harry. Rony corou. Até seus cabelos começavam a ficar vermelhos. O nariz também estava crescendo – o tempo deles se esgotara e Rony começava a voltar ao normal e, pelo olhar de horror que de repente lançou a Harry, devia estar acontecendo o mesmo com o amigo.
Os dois se levantaram depressa.
– O remédio para o meu estômago – rosnou Rony e, sem mais demora, atravessou correndo toda a extensão do salão da Sonserina, atirou-se à parede de pedra e saiu pelo corredor na esperança de que Draco não tivesse notado nada. Harry sentiu os pés derraparem nos enormes sapatos de Goyle e teve que levantar as vestes à medida que iam encolhendo; os dois se precipitaram pelas escadas que levavam ao saguão de entrada, onde se ouviam as batidas abafadas que vinham do armário em que haviam trancado Crabbe e Goyle. Deixando os sapatos ao lado da porta eles subiram de meias e a toda velocidade a escada de mármore em direção ao banheiro da Murta Que Geme.
– Bom, não foi uma perda total de tempo – ofegou Rony, fechando a porta do banheiro ao passarem. – Sei que não descobrimos quem é o atacante, mas vou escrever a papai amanhã e dizer para ele revistar embaixo da sala de visitas de Malfoy.
Harry contemplou seu rosto no espelho rachado. Voltara ao normal. Colocou os óculos enquanto Rony socava a porta do boxe de Hermione.
– Mione, saia daí, temos um monte de coisas para lhe contar...
– Vão embora! – disse Hermione esganiçada.
Harry e Rony se entreolharam.
– Qual é o problema? – perguntou Rony. – Você já deve ter voltado ao normal agora, nós...
Mas a Murta Que Geme atravessou de repente a porta do boxe. Harry nunca a vira com a cara tão feliz.

– Aaaaaah, esperem até ver. Está *horrível*...

Eles ouviram o trinco se abrir e Hermione saiu, soluçando, as vestes cobrindo a cabeça.

– Que foi que houve? – perguntou Rony inseguro. – Você continua com o nariz da Emília ou coisa assim?

Hermione deixou as vestes caírem e Rony recuou contra a pia.

O rosto da garota estava coberto de pelos negros. Os olhos tinham virado amarelos e orelhas compridas e pontudas espetavam para fora dos cabelos.

– Era um pelo de g-gato! Em-mília Bulstrode deve ter um gato! E a poção não deve ser usada para transformar animais!

– Uau! – exclamou Rony.

– Vão caçoar de você *horrores!* – exclamou Murta, feliz.

– Tudo bem, Mione – disse Harry depressa. – Levamos você para a ala hospitalar. Madame Pomfrey nunca faz muitas perguntas...

Levou muito tempo para persuadirem Hermione a deixar o banheiro. Murta Que Geme despediu-se dos garotos com uma risada gaiata.

– Espere até todo mundo descobrir que você tem *rabo*!

— CAPÍTULO TREZE —

O diário secretíssimo

Hermione permaneceu na ala hospitalar várias semanas. Houve uma boataria sobre o seu sumiço quando o resto da escola voltou das férias de Natal, porque naturalmente todos pensaram que ela fora atacada. Foram tantos os alunos que passaram pela ala hospitalar tentando dar uma olhada nela que Madame Pomfrey pegou outra vez as cortinas e pendurou-as em torno da cama da garota, para lhe poupar a vergonha de ser vista com a cara peluda.

Harry e Rony iam visitá-la toda tarde. Quando o novo período letivo começou, eles lhe levavam os deveres de casa do dia.

– Se tivessem crescido bigodes de gato em mim, eu teria tirado umas férias dos deveres – disse Rony, certa noite, despejando uma pilha de livros na mesa de cabeceira de Mione.

– Pare de ser bobo, Rony, tenho que me manter em dia – disse Mione decidida. Seu estado de ânimo melhorara muito desde que todos os pelos desapareceram do seu rosto, e os olhos estavam voltando lentamente à cor castanha. – Suponho que não encontraram nenhuma pista nova? – acrescentou aos sussurros, de modo que Madame Pomfrey não a escutasse.

– Nada – respondeu Harry, desanimado.

– Eu tinha tanta *certeza* de que era Draco – disse Rony, pela centésima vez.

– Que é isso? – perguntou Harry, apontando para alguma coisa dourada que aparecia por baixo do travesseiro de Mione.

– É só um cartão desejando que eu fique boa logo – disse Mione depressa, tentando escondê-lo, mas Rony foi mais rápido. Puxou o cartão, abriu-o e leu em voz alta:

À senhorita Granger desejo uma rápida convalescença, seu professor preocupado Gilderoy Lockhart, Ordem de Merlin, Terceira Classe, Membro

Honorário da Liga de Defesa Contra as Artes das Trevas, cinco vezes vencedor do Prêmio do Sorriso Mais Atraente do Semanário dos Bruxos.

Rony olhou para Mione, enojado.

– Você dorme com isso debaixo do *travesseiro*?

Mas Mione não precisou responder porque Madame Pomfrey apareceu para lhe dar a medicação noturna.

– O Lockhart é o cara mais populista que você já conheceu ou o quê? – perguntou Rony a Harry ao saírem da enfermaria e começarem a subir a escada que levava à Torre da Grifinória. Snape passara tanto dever de casa, que Harry achou que provavelmente estaria na sexta série quando terminasse tudo. Rony estava acabando de comentar que gostaria de ter perguntado a Mione quantos rabos de rato devia usar na Poção de Arrepiar Cabelos quando um vozerio no andar de cima chegou aos ouvidos dos dois.

– É o Filch – murmurou Harry enquanto subiam depressa a escada e paravam, escondidos, apurando os ouvidos.

– Você acha que mais alguém foi atacado? – perguntou Rony tenso.

Os dois ficaram quietos, as cabeças inclinadas na direção da voz de Filch, que parecia um tanto histérica.

– *... sempre mais trabalho para mim! Enxugando o chão a noite inteira, como se já não tivesse o suficiente para fazer! Não, isto é a última gota, vou procurar o Dumbledore...*

Os passos dele cessaram e os meninos ouviram uma porta bater a distância.

Os garotos esticaram as cabeças para espiar mais além do canto. Filch, pelo que viam, estivera em seu posto de vigia habitual: estavam mais uma vez no local em que Madame Nor-r-ra fora atacada. Viram imediatamente a razão dos gritos de Filch. Uma grande inundação se espalhava por metade do corredor e aparentemente a água ainda não parara de correr por baixo da porta do banheiro da Murta Que Geme. Quando Filch parou de gritar, eles puderam ouvir os lamentos da Murta ecoando pelas paredes do banheiro.

– *Agora* o que será que ela tem?! – exclamou Rony.

– Vamos até lá ver – disse Harry e, levantando as vestes bem acima dos tornozelos, os dois atravessaram aquela agueira até a porta com o letreiro INTERDITADO, não lhe deram atenção, como sempre, e entraram.

Murta Que Geme chorava, se é que isso era possível, cada vez mais alto e com mais vontade do que nunca. Parecia ter-se escondido no seu boxe habitual. Estava escuro no banheiro porque as velas haviam se apagado com a grande inundação que deixara as paredes e o piso encharcados.

– Que foi, Murta? – perguntou Harry.

– Quem é? – engrolou Murta, infeliz. – Vêm jogar mais alguma coisa em

mim?

Harry meteu os pés na água até o boxe dela.

– Por que eu iria jogar alguma coisa em você?

– É a mim que você pergunta! – gritou Murta, surgindo em meio a mais uma onda líquida, que se espalhou pelo chão já molhado. – Estou aqui cuidando da minha vida e alguém acha que é engraçado jogar um livro em mim...

– Mas não deve machucar se alguém joga um livro em você – argumentou Harry. – Quero dizer, ele atravessa você, não é mesmo?

Disse a coisa errada. Murta se estufou e gritou com voz aguda:

– Vamos todos jogar livros na Murta, porque *ela* não é capaz de sentir! Dez pontos se você fizer o livro atravessar a barriga dela! Muito bem, ha, ha, ha! Que ótimo jogo, eu *não* acho!

– Mas afinal quem jogou o livro em você? – perguntou Harry.

– *Eu* não sei... Eu estava sentada na curva do corredor, pensando na morte, e o livro atravessou a minha cabeça – disse Murta olhando feio para os garotos. – Está lá, foi levado pela água...

Harry e Rony espiaram embaixo da pia para onde Murta apontava. Havia um livro pequeno e fino caído ali. Tinha uma capa preta e gasta e estava molhado como tudo o mais naquele banheiro. Harry adiantou-se para apanhá-lo, mas Rony de repente esticou o braço para impedi-lo.

– Que foi?

– Você está maluco – disse Rony. – Pode ser perigoso.

– *Perigoso?* – perguntou Harry rindo. – Deixe disso, de que jeito poderia ser perigoso?

– Você ficaria surpreso – disse Rony, olhando apreensivo para o livro. – Os livros que o Ministério da Magia tem confiscado, papai me contou, tinha um que queimava os olhos da pessoa. E todo mundo que leu *Sonetos de um bruxo* passou a falar em rima para o resto da vida. E uma velha bruxa em Bath tinha um livro que a pessoa *não conseguia parar de ler*! Passava a andar com a cara no livro, tentando fazer tudo com uma mão só. E...

– Está bem, já entendi.

O livrinho continuava no chão, empapado e indefinível.

– Bem, não vamos descobrir se não dermos uma olhada – falou Harry. Abaixou-se para se desvencilhar de Rony e apanhou o livro do chão.

Harry viu num instante que era um diário, e o ano meio desbotado na capa lhe informou que tinha cinquenta anos de idade. Abriu-o ansioso. Na primeira página, mal e mal conseguiu ler o nome “T. S. Riddle”, em tinta borrada.

– Calma aí – disse Rony, que se aproximara cautelosamente e espiava por cima do ombro do amigo. – Conheço esse nome... T. S. Riddle recebeu um

prêmio por serviços especiais prestados à escola há cinquenta anos.

– Como é que você sabe? – perguntou Harry admirado.

– Porque Filch me fez polir o escudo desse homem umas cinquenta vezes durante a minha detenção – disse Rony com raiva. – Daquela vez que arrotei lesmas para todo o lado. Se você tivesse tirado lesmas de um nome durante uma hora, você também se lembraria.

Harry separou as páginas molhadas. Estavam completamente em branco. Não havia o menor vestígio de escrita em nenhuma delas, nem mesmo *Aniversário de tia Magda* ou *dentista às três e meia*.

– Não entendo por que alguém quis se descartar dele – comentou Rony, curioso.

Harry virou as costas do livro e viu impresso o nome de uma papelaria na rua Vauxhall, em Londres.

– O dono deve ter nascido trouxa – disse Harry pensativo. – Para ter comprado um diário na rua Vauxhall...

– Bom, não vai servir para você – disse Rony. E baixando a voz: – Cinquenta pontos se você conseguir fazer ele atravessar o nariz da Murta.

Harry, porém, meteu o diário no bolso.

Hermione deixou a ala hospitalar, sem bigodes, sem rabo, sem pelos, no início de fevereiro. Na primeira noite de volta à Torre da Grifinória, Harry lhe mostrou o diário de T. S. Riddle e lhe contou como o tinham encontrado.

– Aaah, talvez tenha poderes secretos – disse a garota, entusiasmada, apanhando o diário e examinando-o com atenção.

– Se tiver, deve estar escondendo esses poderes muito bem – disse Rony. – Vai ver é tímido. Não sei por que você não joga esse diário fora, Harry.

– Eu queria saber por que alguém tentou *jogá-lo fora*. E também gostaria de saber por que foi que Riddle recebeu um prêmio por serviços especiais prestados a Hogwarts.

– Pode ter sido por qualquer coisa – disse Rony. – Talvez tenha ganho trinta corujas ou salvou um professor dos tentáculos de uma lula-gigante. Talvez tenha assassinado a Murta; isso teria sido um favor para todo mundo...

Mas Harry podia dizer pela expressão parada no rosto de Mione que ela estava pensando o mesmo que ele.

– Que foi? – perguntou Rony olhando de um para outro.

– Bom, a Câmara Secreta foi aberta há cinquenta anos, não foi? Foi o que Draco disse.

– É... – disse Rony lentamente.

– E *este diário* tem cinquenta anos – disse Hermione, tamborilando os dedos

nele, agitada.

– E daí?

– Ah, Rony, vê se acorda – retrucou a garota. – Sabemos que quem abriu a Câmara da última vez foi expulso *há cinquenta anos*. Sabemos que T. S. Riddle recebeu um prêmio por serviços especiais prestados à escola *há cinquenta anos*. Muito bem, e se Riddle recebeu o prêmio por *ter pego o herdeiro de Slytherin*? O diário dele provavelmente nos contaria tudo, onde fica a Câmara, como abri-la, que tipo de criatura mora lá, e a pessoa que está por trás desses ataques desta vez não gostaria de ver o diário rolando por aí, não é?

– É uma teoria *brilhante*, Mione – disse Rony –, só tem um furinho pequenininho. *Não tem nada escrito no diário*.

Mas Hermione estava tirando a varinha de dentro da mochila.

– Talvez a tinta seja invisível! – sussurrou.

A garota deu três toques no diário e disse: *Aparecium!*

Nada aconteceu. Sem desanimar, Mione meteu outra vez a mão na mochila e tirou uma coisa que parecia uma borracha vermelho-berrante.

– É um revelador que comprei no Beco Diagonal – explicou.

Ela esfregou a borracha com força em *primeiro de janeiro*. Nada aconteceu.

– Estou dizendo que não tem nada aí para se achar – falou Rony. – Riddle simplesmente ganhou um diário de Natal e não se deu o trabalho de usá-lo.

Harry não conseguiu explicar, nem para si mesmo, por que simplesmente não jogou fora o diário de Riddle. O fato era que, mesmo *sabendo* que o diário estava em branco, não parava de pegá-lo distraidamente e de folheá-lo, como se fosse uma história que ele quisesse terminar. E embora tivesse certeza de que nunca ouvira falar em T. S. Riddle antes, ainda assim o nome parecia significar alguma coisa para ele, quase como se Riddle fosse um amigo que tivera quando era muito pequeno, e meio que esquecera. Mas isto era absurdo. Nunca tivera amigos antes de Hogwarts. Duda cuidara disso.

Ainda assim, Harry estava decidido a descobrir mais sobre Riddle. Por isso, próximo ao amanhecer, rumou para a sala de troféus para examinar o prêmio especial de Riddle, acompanhado por uma Mione interessada e um Rony completamente descrente, que disse aos dois que já vira a sala de troféus o suficiente para uma vida inteira.

O escudo dourado de Riddle estava guardado em um armário de canto. Não continha detalhes sobre as razões por que fora concedido. (“Ainda bem, porque seria maior e eu ainda estaria polindo essa coisa”, disse Rony.) Mas eles encontraram o nome de Riddle em uma velha medalha de Mérito em Magia e em uma lista de antigos monitores-chefes.

– Ele até parece o Percy – disse Rony, torcendo o nariz enojado. – Monitor, monitor-chefe... provavelmente o primeiro aluno em todas as classes...
– Você fala isso como se fosse uma coisa ruim – disse Hermione num tom ligeiramente magoado.

O sol agora voltara a brilhar palidamente sobre Hogwarts. No interior do castelo, as pessoas se sentiam mais esperançosas. Não houvera mais ataques desde os de Justino e Nick Quase Sem Cabeça, e Madame Pomfrey tinha o prazer de informar que as mandrágoras estavam ficando imprevisíveis e cheias de segredinhos, o que significava que iam deixando depressa a infância.
– Quando desaparecer a acne delas, estarão prontas para serem reenvasadas – Harry ouviu-a dizer gentilmente ao Filch uma certa tarde. – E depois disso, iremos cortá-las e cozinhá-las. Num instante você terá a sua Madame Nor-r-ra de volta.
Talvez o herdeiro de Slytherin tenha perdido a coragem, pensou Harry. Devia estar-se tornando cada vez mais arriscado abrir a Câmara Secreta, com a escola tão atenta e desconfiada. Talvez o monstro, fosse o que fosse, estivesse neste mesmo momento se aninhando para hibernar outros cinquenta anos...
Ernie Macmillan da Lufa-Lufa não concordava com essa visão otimista. Continuava convencido de que Harry era o culpado, que ele “se denunciara” no Clube dos Duelos. Pirraça não estava ajudando nada; a toda hora aparecia nos corredores cheios de alunos, cantando: “Ah, Potter podre...”, agora com um número de dança para acompanhar.
Gilderoy Lockhart parecia pensar que, sozinho, fizera os ataques pararem. Harry ouviu-o dizer isso à Profª McGonagall quando os alunos da Grifinória faziam fila para ir à aula de Transfiguração.
– Acho que não vai haver mais problemas, Minerva – disse ele dando um tapinha no nariz e uma piscadela com ar de quem sabe das coisas. – Acho que a Câmara foi fechada para sempre desta vez. O culpado deve ter sentido que era apenas uma questão de tempo até nós o pegarmos. Achou mais sensato parar agora, antes que eu o liquidasse.
“Sabe, o que a escola precisa agora é de uma injeção no moral. Esquecer as lembranças do período passado! Não vou dizer mais nada por ora, mas acho que sei exatamente o que...”
E dando outra pancadinha no nariz se afastou decidido.
A ideia que Lockhart fazia de uma injeção no moral tornou-se clara no café da manhã de catorze de fevereiro. Harry não dormira o suficiente por causa de um treino de quadribol até tarde, na véspera, e correu para o Salão Principal, um pouco atrasado. Pensou, por um momento, que tivesse entrado na porta errada.

As paredes estavam cobertas com grandes flores rosa berrante. E pior ainda, de um teto azul-celeste caía confete em feitio de coração. Harry dirigiu-se à mesa da Grifinória, onde Rony estava sentado com cara de enjoo, e Hermione parecia não conseguir parar de rir.

– Que é que está acontecendo? – perguntou Harry aos dois, sentando-se e limpando o confete do *bacon*.

Rony apontou para a mesa dos professores, aparentemente nauseado demais para falar. Lockhart, usando vestes rosa berrante, para combinar com a decoração, gesticulava pedindo silêncio. Os professores, de cada lado dele, estavam impassíveis. De onde se sentara, Harry podia ver um músculo tremendo na bochecha da Profª McGonagall. Snape parecia que tinha acabado de tomar um grande copo de Esquelesce.

– Feliz Dia dos Namorados! – exclamou Lockhart. – E será que posso agradecer às quarenta e seis pessoas que me mandaram cartões até o momento? Claro, tomei a liberdade de fazer esta surpresinha para vocês, e ela não acaba aqui!

Lockhart bateu palmas e, pela porta que abria para o saguão de entrada, entraram onze anões de cara amarrada. Mas não eram uns anões quaisquer. Lockhart mandara-os usar asas douradas e trazer harpas.

– Os meus cupidos, entregadores de cartões! – Sorriu Lockhart. – Eles vão circular pela escola durante o dia de hoje entregando os cartões dos namorados. E a brincadeira não termina aí! Tenho certeza de que os meus colegas vão querer entrar no espírito festivo da data! Por que não pedir ao Prof. Snape para lhes ensinar a preparar uma Poção do Amor! E por falar nisso, o Prof. Flitwick conhece mais Feitiços de Fascinação do que qualquer outro mago que eu conheça, o santinho!

O Prof. Flitwick escondeu o rosto nas mãos. Snape fez cara de que obrigaria a beber veneno o primeiro aluno que lhe pedisse uma Poção do Amor.

– Por favor, Mione, me diga que você não foi uma das quarenta e seis – disse Rony ao deixarem o Salão Principal para assistir à primeira aula. A garota de repente ficou muito interessada em procurar na mochila o seu horário e não respondeu.

O dia inteiro, os anões não pararam de invadir as salas de aula e entregar cartões, para irritação dos professores e, no fim daquela tarde, quando os alunos da Grifinória iam subindo para a aula de Feitiços, um dos anões alcançou Harry.

– Oi, você! “Arry” Potter! – gritou um anão particularmente mal-encarado, que abria caminho às cotoveladas para chegar até Harry.

Cheio de calores só de pensar em receber um cartão do Dia dos Namorados na frente de uma fileira de alunos de primeiro ano, que por acaso incluía Gina

Weasley, Harry tentou escapar. O anão, porém, meteu-se por entre a garotada chutando as canelas de todos e o alcançou antes que o garoto pudesse se afastar dois passos.

– Tenho um cartão musical para entregar a “Arry” Potter em pessoa – disse, empunhando a harpa de um jeito meio assustador.

– *Aqui não* – sibilou Harry, tentando escapar.

– Fique *parado*! – grunhiu o anão, agarrando a mochila de Harry e puxando-o de volta.

– Me solta! – rosnou o garoto, puxando.

Com um barulho de pano rasgado, a mochila se rompeu ao meio. Os livros, a varinha, o pergaminho e a pena se espalharam pelo chão, e o vidro de tinta se derramou por cima de tudo.

Harry virou-se para todos os lados, tentando reunir tudo antes que o anão começasse a cantar, causando um certo engarrafamento no corredor.

– Que é que está acontecendo aqui? – ouviu-se a voz fria e arrastada de Draco Malfoy. Harry começou a enfiar tudo febrilmente na mochila rasgada, desesperado para sair dali antes que Draco pudesse ouvir o cartão musical.

– Que confusão é essa? – perguntou outra voz conhecida. Era Percy Weasley que se aproximava.

Perdendo a cabeça, Harry tentou correr, mas o anão o agarrou pelos joelhos e o derrubou com estrondo no chão.

– Muito bem – disse ele, sentando-se em cima dos calcanhares de Harry. – Vamos ao seu cartão cantado:

Teus olhos são verdes como sapinhos cozidos,
Teus cabelos, negros como um quadro de aula.
Queria que tu fosses meu, garoto divino,
Herói que venceu o malvado Lorde das Trevas.

Harry teria dado todo o ouro de Gringotes para se evaporar na hora. Fazendo um grande esforço para rir com os colegas, ele se levantou, os pés dormentes com o peso do anão, enquanto Percy Weasley fazia o possível para dispersar os alunos, alguns chorando de tanto rir.

– Vão andando, vão andando, a sineta tocou há cinco minutos, já para a aula – disse o monitor, espantando os alunos mais novos. – *E* você, Malfoy...

Harry, erguendo a cabeça, viu Draco se abaixar e apanhar alguma coisa. Mostrou-a, debochando, a Crabbe e Goyle, e Harry percebeu que ele se apossara do diário de Riddle.

– Devolva isso aqui – disse Harry controlado.

– Que será que Potter andou escrevendo nisso? – disse Draco, que obviamente não reparara na data impressa na capa e pensava que era o diário de Harry. Fez-se silêncio entre os presentes. Gina olhava do diário para Harry, com cara de terror.

– Devolva, Malfoy – disse Percy com severidade.

– Depois que eu olhar – disse Draco, agitando o diário no ar para enraivecer Harry.

Percy falou:

– Como monitor... – Mas Harry perdera a paciência. Puxou a varinha e gritou: *“Expelliarmus!”* e do mesmo jeito que Snape desarmara Lockhart, Draco viu o diário sair voando de sua mão. Rony, com um grande sorriso, apanhou-o.

– Harry! – disse Percy em voz alta. – Nada de mágica nos corredores. Vou ter que reportar isso, sabe!

Mas Harry não se importou, ganhara uma vez de Draco e isso valia cinco pontos da Grifinória em qualquer dia. Draco ficou furioso e, quando Gina passou por ele para entrar na sala de aula, gritou despeitado:

– Acho que Potter não gostou muito do seu cartão!

Gina cobriu o rosto com as mãos e correu para dentro da sala. Rosnando, Rony puxou a varinha também, mas Harry agarrou-o para afastá-lo. O amigo não precisava passar a aula de Feitiços inteira arrotando lesmas.

Somente quando chegaram à sala de aula do Prof. Flitwick foi que Harry notou uma coisa muito estranha no diário de Riddle. Todos os seus livros estavam ensopados de tinta vermelha. O diário, porém, continuava tão limpo como antes do tinteiro quebrar em cima dele. Tentou dizer isto a Rony, que estava enfrentando novos problemas com a varinha; grandes bolhas saíam da ponta, e ele não estava muito interessado em nada mais.

Harry se recolheu ao dormitório antes dos colegas àquela noite. Em parte era porque achava que não ia conseguir aguentar Fred e Jorge cantando “Teus olhos são verdes como sapinhos cozidos” mais uma vez, e em parte porque queria examinar o diário de Riddle e sabia que Rony achava que era uma perda de tempo.

Harry sentou-se na cama de colunas e folheou as páginas em branco, nenhuma das quais tinha sequer vestígio de tinta vermelha. Então tirou um tinteiro novo do armário ao lado da cama, molhou a pena e deixou cair um pingo na primeira página do diário.

A tinta brilhou intensamente no papel durante um segundo e, em seguida, como se estivesse sendo chupada pela página, desapareceu. Excitado, Harry tornou a molhar a pena uma segunda vez e escreveu: “Meu nome é Harry

Potter."

As palavras brilharam momentaneamente na página e também desapareceram sem deixar vestígios. Então, finalmente, aconteceu uma coisa.

Filtrando-se de volta à página, com a própria tinta de Harry, surgiram palavras que ele nunca escrevera.

"Olá, Harry Potter. Meu nome é Tom Riddle. Como foi que você encontrou o meu diário?"

Essas palavras também se dissolveram, mas não antes de Harry recomeçar a escrever.

"Alguém tentou se desfazer dele no vaso sanitário."

Ele esperou, ansioso, pela resposta de Riddle.

"Que sorte que registrei minhas memórias em algo mais durável que a tinta. Mas sempre soube que haveria gente que não ia querer que este diário fosse lido."

"Que quer dizer com isso?", escreveu Harry, borrando a página de tanta excitação.

"Quero dizer que este diário guarda memórias de coisas terríveis. Coisas que foram abafadas. Coisas que aconteceram na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts."

"É onde eu estou agora", respondeu Harry depressa. "Estou em Hogwarts e coisas terríveis estão acontecendo. Sabe alguma coisa sobre a Câmara Secreta?"

Seu coração batia forte. A resposta de Riddle veio depressa, a caligrafia mais desleixada, como se estivesse correndo para contar tudo o que sabia.

"Claro que sei alguma coisa sobre a Câmara Secreta. No meu tempo, disseram à gente que era uma lenda, que não existia. Mas era uma mentira. No meu quinto ano, a Câmara foi aberta e o monstro atacou vários alunos e finalmente matou um. Peguei a pessoa que tinha aberto a Câmara e ela foi expulsa. Mas o diretor, Prof. Dippet, constrangido porque uma coisa dessas acontecera em Hogwarts, proibiu-me de contar a verdade. A história que foi divulgada é que a menina morrera em um acidente imprevisível. Eles me deram um troféu bonito, reluzente e gravado, pelo meu trabalho, e me avisaram para ficar de boca fechada. O monstro continuou vivo, e aquele que tinha o poder de libertá-lo não foi preso."

Harry quase derrubou o tinteiro na pressa de responder.

"Está acontecendo outra vez agora. Houve três ataques, e ninguém parece saber quem está por trás deles. Quem foi da última vez?"

"Posso lhe mostrar, se você quiser", veio a resposta de Riddle. *"Você não precisa acreditar no que digo. Posso levá-lo à minha lembrança da noite em que o peguei."*

Harry hesitou, a pena suspensa sobre o diário. Que é que Riddle queria dizer? Como é que ele podia ser levado para dentro da lembrança de outra pessoa? Olhou, nervoso, para a porta do dormitório que estava ficando escuro. Quando tornou a olhar para o diário, viu novas palavras se formando.

"*Deixe eu lhe mostrar.*"

Harry parou por uma fração de segundo e em seguida escreveu duas letras:

"OK."

As páginas do diário começaram a virar como se tivessem sido apanhadas por um vendaval e pararam na metade do mês de junho. Boquiaberto, Harry viu que o quadradinho correspondente ao dia treze de junho parecia ter-se transformado numa telinha de televisão. Com as mãos ligeiramente trêmulas, ele ergueu o livro para encostar o olho na janelinha e antes que entendesse o que estava acontecendo, viu-se inclinando para a frente; a janela foi se alargando, ele sentiu o corpo abandonar a cama e mergulhar de cabeça na abertura da página, num rodamoinho de cores e sombras.

Depois, sentiu o pé bater em chão firme e ficou parado, trêmulo, e as formas borradas à sua volta entraram de repente em foco.

Soube imediatamente onde se achava. Essa sala circular com os retratos que cochilavam era o escritório de Dumbledore – mas não era Dumbledore quem se sentava à escrivaninha. Um bruxo mirrado e frágil, careca, exceto por alguns fiapos de cabelos brancos, lia uma carta à luz da vela. Harry nunca vira esse homem antes.

– Sinto muito – disse, trêmulo –, não tive intenção de entrar assim...

Mas o bruxo não ergueu a cabeça. Continuou a ler, franzindo ligeiramente a testa. Harry se aproximou mais da escrivaninha e gaguejou:

– Hum... vou me retirar, posso?

O bruxo continuou a não lhe dar atenção. Nem parecia tê-lo ouvido. Achando que o bruxo talvez fosse surdo, Harry falou mais alto.

– Sinto muito se o incomodei. Vou-me embora agora – falou quase gritando.

O bruxo dobrou a carta com um suspiro, levantou-se, passou por Harry sem olhá-lo e foi abrir as cortinas da janela.

O céu lá fora estava cor de rubi; parecia ser o pôr do sol. O bruxo voltou à escrivaninha, sentou-se e ficou girando os polegares, de olho na porta.

Harry correu o olhar pela sala. Não havia Fawkes, a fênix – nem mecanismos barulhentos de prata. Era a Hogwarts que Riddle conhecera, o que significava que este bruxo desconhecido era o diretor em vez de Dumbledore, e que ele, Harry, era pouco mais do que um fantasma, completamente invisível às pessoas de cinquenta anos atrás.

Alguém bateu à porta da sala.

– Entre – disse o velho bruxo com a voz fraca.
Um menino de uns dezesseis anos entrou tirando o chapéu cônico. Um distintivo de monitor brilhava em seu peito. Ele era mais alto do que Harry, mas seus cabelos também eram muito negros.
– Ah, Riddle! – exclamou o diretor.
– O senhor queria me ver, Prof. Dippet – disse o garoto, que parecia nervoso.
– Sente-se – convidou Dippet. – Acabei de ler a carta que você me mandou.
– Ah – disse Riddle, e se sentou apertando as mãos com força.
– Meu caro rapaz – disse Dippet bondosamente. – Não posso deixá-lo permanecer na escola durante o verão. Com certeza você quer ir para a casa passar as férias?
– Não – respondeu Riddle na mesma hora. – Preferia continuar em Hogwarts do que voltar para aquele... aquele...
– Você mora num orfanato de trouxas nas férias, não é? – perguntou Dippet, curioso.
– Moro, sim, senhor – respondeu Riddle, corando ligeiramente.
– Você nasceu trouxa?
– Mestiço. Pai trouxa e mãe bruxa.
– E seus pais...
– Minha mãe morreu logo depois que eu nasci. Me disseram no orfanato que ela só viveu o tempo suficiente para me dar um nome... Tom, em homenagem ao meu pai, Servolo, ao meu avô.
Dippet deu um muxoxo de simpatia.
– O problema é, Tom – suspirou ele –, que talvez pudéssemos tomar providências para acomodá-lo, mas nas atuais circunstâncias...
– O senhor se refere aos ataques? – perguntou Riddle, e o coração de Harry deu um salto, ao que ele se aproximou mais, com medo de perder alguma palavra.
– Precisamente – disse o diretor. – Meu rapaz, você deve entender que seria muito insensato de minha parte permitir que você permaneça no castelo quando terminar o ano letivo. Principalmente à luz da recente tragédia... a morte daquela pobre menininha...Você estará muito mais seguro no seu orfanato. Aliás, o Ministério da Magia está neste momento falando em fechar a escola. Não estamos nem perto de identificar a... hum... fonte de todos esses contratempos...
Os olhos de Riddle se arregalaram.
– Diretor, se a pessoa fosse apanhada, se tudo isso acabasse...
– Que quer dizer? – perguntou Duppet esganiçando a voz e aprumando-se na cadeira. – Riddle, você está me dizendo que sabe alguma coisa sobre esses ataques?

– Não, senhor – respondeu Riddle depressa.
Mas Harry teve certeza de que era o mesmo tipo de “não” que ele próprio dissera a Dumbledore.
Dippet se recostou parecendo ligeiramente desapontado.
– Pode ir, Tom...
Riddle se levantou escorregando para fora da cadeira e saiu acabrunhado da sala. Harry acompanhou-o.
Eles desceram pela escada em caracol e saíram ao lado da gárgula no corredor que escurecia. Riddle parou, e Harry fez o mesmo, observando-o. Era visível que Riddle estava pensando em coisas sérias. Mordia o lábio e franzia a testa.
Então, como se tivesse repentinamente chegado a uma decisão, afastou-se depressa, e Harry deslizou silenciosamente atrás dele. Não viram mais ninguém até chegarem ao saguão de entrada, onde um bruxo alto, com barba e longos cabelos acajus que cascateavam pelos seus ombros, chamou Riddle da escadaria de mármore.
– Que é que você está fazendo, andando por aí tão tarde, Tom?
Harry boquiabriu-se ao ver o bruxo. Não era outro se não Dumbledore, cinquenta anos mais novo.
– Tive que ir ver o diretor.
– Então vá logo para a cama – disse Dumbledore, fixando em Riddle exatamente o tipo de olhar penetrante que Harry conhecia tão bem. – É melhor não perambular pelos corredores hoje em dia. Não desde que...
Ele soltou um pesado suspiro, desejou boa noite a Riddle e foi-se embora. Riddle observou-o desaparecer de vista e então, andando depressa, rumou direto para a escada de pedra que levava às masmorras, com Harry nos seus calcanhares.
Mas para desapontamento de Harry, Riddle não o levou nem a um corredor oculto nem a um túnel secreto, mas à mesmíssima masmorra em que Harry tinha aula de Poções com Snape. Os archotes não tinham sido acesos e, quando Riddle empurrou a porta quase fechada, Harry só conseguiu distinguir que ele parara imóvel à porta, vigiando o corredor.
Pareceu a Harry que ficaram ali no mínimo uma hora. Só o que ele via era o vulto de Riddle à porta, espiando pela fresta, esperando como uma estátua. E quando Harry esqueceu a ansiedade e a tensão e começou a desejar voltar ao presente, ouviu alguma coisa do lado de fora da porta.
Alguém estava andando sorrateiramente pelo corredor. Ouviu esse alguém passar pela masmorra em que ele e Riddle estavam escondidos. Riddle, silencioso como uma sombra, esgueirou-se pela porta e seguiu a pessoa, Harry acompanhou-o nas pontas dos pés, esquecido de que ninguém podia ouvi-lo.

Por uns cinco minutos, talvez, os dois seguiram as pegadas, até que Riddle parou subitamente, a cabeça inclinada, atento a novos ruídos. Harry ouviu uma porta se abrir com um rangido, e alguém falar num sussurro rouco.

– Vamos... preciso sair daqui... Vamos logo... para a caixa...

Havia alguma coisa familiar naquela voz...

De um salto Riddle contornou um canto. Harry foi atrás. Via a silhueta escura de um garoto enorme, agachado diante de uma porta aberta, com uma grande caixa ao lado.

– Noite, Rúbeo – disse Riddle rispidamente.

O garoto bateu a porta e se levantou.

– Que é que você está fazendo aqui em baixo, Tom?

Riddle se aproximou.

– Acabou – disse. – Vou ter que entregá-lo, Rúbeo. Estão falando em fechar Hogwarts se os ataques não pararem.

– Que é que...

– Acho que você não teve intenção de matar ninguém. Mas monstros não são bichinhos de estimação. Imagino que você o tenha soltado para fazer exercício e...

– Ele nunca mataria ninguém! – disse o garotão, recuando contra a porta fechada. Atrás dele, Harry podia ouvir uns rumores e uns cliques esquisitos.

– Vamos, Rúbeo – falou Riddle, aproximando-se ainda mais. – Os pais da garota morta estarão aqui amanhã. O mínimo que Hogwarts pode fazer é garantir que a coisa que matou a filha deles seja abatida...

– Não foi ele! – rugiu o garoto, a voz ecoando no corredor escuro. – Ele não faria isso! Nunca!

– Afaste-se – disse Riddle, puxando a varinha.

Seu feitiço iluminou repentinamente o corredor com uma luz flamejante. A porta atrás do garotão se escancarou com tal força que o empurrou contra a parede oposta. E pelo vão saiu uma coisa que fez Harry soltar um grito comprido e penetrante que ninguém ouviu...

Um corpanzil baixo e peludo e um emaranhado de pernas pretas; um brilho de muitos olhos e um par de pinças afiadíssimas – Riddle tornou a erguer a varinha, mas demorou demais. A coisa derrubou-o e fugiu, desembestou pelo corredor e desapareceu de vista. Riddle levantou-se correndo, procurando a coisa; ergueu a varinha, mas o garotão pulou em cima dele, tirou-lhe a varinha e o derrubou de novo no chão gritando: “NÃÃÃÃÃÃÃO!”

A cena girou, a escuridão foi total; Harry sentiu-se caindo e, com um baque, aterrissou de braços e pernas abertas em sua cama de colunas no dormitório da Grifinória, com o diário de Riddle aberto sobre a barriga.

Antes que tivesse tempo de recuperar o fôlego, a porta do dormitório se abriu e Rony entrou.

– Ah, é aqui que você está! – disse.

Harry se sentou. Estava suado e trêmulo.

– Que aconteceu? – perguntou Rony, olhando-o preocupado.

– Foi Hagrid, Rony. Hagrid abriu a porta da Câmara Secreta há cinquenta anos.

— CAPÍTULO CATORZE —

Cornélio Fudge

Harry, Rony e Mione sempre souberam que Hagrid tinha uma lamentável queda por criaturas grandes e monstruosas. Durante o primeiro ano em Hogwarts, ele tentara criar um dragão em sua casinha de madeira, e levaria muito tempo para os garotos esquecerem o gigantesco cachorro de três cabeças a que ele dera o nome de “Fofo”. E se, quando era criança, Hagrid tivesse ouvido falar que havia um monstro escondido em algum lugar do castelo, Harry tinha certeza de que ele teria feito o possível para dar uma espiada. E provavelmente pensaria que era uma vergonha o monstro ficar preso tanto tempo e que merecia uma oportunidade de esticar as pernas; Harry bem podia imaginar o Hagrid de treze anos tentando pôr uma coleira e uma guia no bicho. Mas tinha igualmente certeza de que Hagrid jamais quisera matar alguém.

Chegou a desejar que não tivesse descoberto como trabalhar com o diário de Riddle. Rony e Mione o fizeram repetir várias vezes o que vira, até ele ficar cheio de contar e cheio das conversas compridas e tortuosas que se seguiam à sua história.

– Riddle *pode* ter apanhado a pessoa errada – disse Mione. – Talvez fosse outro o monstro que estava atacando as pessoas...

– Quantos monstros vocês acham que cabem aqui no castelo? – perguntou Rony abobado.

– Sempre soubemos que Hagrid foi expulso – disse Harry, infeliz. – E os ataques devem ter parado depois que o mandaram embora. Do contrário, Riddle não teria ganho um prêmio.

Rony tentou um ângulo diferente.

– Riddle se parece com o Percy, afinal quem pediu a ele para dedurar o Hagrid?

– Mas o monstro tinha *matado* alguém, Rony – lembrou Mione.
– E Riddle ia voltar para um orfanato de trouxas se fechassem Hogwarts – disse Harry. – Não posso culpá-lo por querer ficar aqui...
– Você encontrou o Hagrid na Travessa do Tranco, não foi, Harry?
– Ele estava comprando um repelente para lesmas carnívoras – respondeu Harry depressa.
Os três se calaram. Passado muito tempo Mione deu voz à pergunta mais cabeluda num tom hesitante.
– Vocês acham que devemos *perguntar* ao Hagrid o que aconteceu?
– Ia ser uma visita animada – disse Rony. – "Olá, Hagrid. Conte para a gente, você andou soltando alguma coisa selvagem e peluda no castelo, ultimamente?"
Por fim, eles resolveram não dizer nada a Hagrid a não ser que houvesse outro ataque e, como muitos e muitos dias se passaram sem sequer um sussurro da voz invisível, começaram a alimentar esperanças de que nunca precisariam perguntar a ele os motivos de sua expulsão. Fazia agora quase quatro meses desde que Justino e Nick Quase Sem Cabeça tinham sido petrificados, e quase todo mundo parecia pensar que o atacante, fosse quem fosse, tinha se retirado para sempre. Pirraça finalmente se cansara do seu refrão "Ah, Potter podre", Ernie Macmillan pediu certo dia a Harry, com muita educação, para lhe passar um balde de sapos saltitantes na aula de Herbologia, e em março várias mandrágoras deram uma festa de arromba na estufa três, o que deixou a Profª Sprout muito feliz.
– Na hora em que começarem a tentar se mudar para os vasos umas das outras então saberemos que estão completamente adultas – explicou ela a Harry. – Então poderemos ressuscitar aqueles pobrezinhos na ala hospitalar.

Os alunos do segundo ano receberam algo novo em que pensar durante os feriados de Páscoa. Chegara a hora de escolher as matérias para o terceiro ano, um assunto que pelo menos Mione levou muito a sério.
– Pode afetar todo o nosso futuro – disse a Harry e Rony enquanto examinavam as listas das novas matérias, marcando-as com tiques.
– Eu só quero desistir de Poções – falou Harry.
– Não podemos – contrapôs Rony desanimado. – Continuamos com todas as matérias antigas ou eu teria descartado Defesa Contra as Artes das Trevas.
– Mas essa é muito importante! – exclamou Mione chocada.
– Não do jeito que o Lockhart ensina – disse Rony. – Eu não aprendi nada com ele a não ser que é perigoso deixar diabretes soltos.
Neville Longbottom recebera cartas de todos os bruxos e bruxas da família, cada um deles lhe dando um conselho diferente sobre o que escolher. Confuso e preocupado, ele se sentou para ler as listas de matérias, com a língua de fora,

perguntando às pessoas se achavam que Aritmancia parecia mais difícil do que o estudo das Runas Antigas. Dino Thomas que, como Harry, crescera entre trouxas, por fim fechou os olhos e ia apontando a varinha para a lista e escolhendo as matérias em que ela tocava. Mione não pediu conselho de ninguém, matriculou-se em todas.

Harry sorriu constrangido em pensar o que o tio Válter e a tia Petúnia diriam se ele tentasse discutir sua carreira de bruxo com os dois. Não que ele não recebesse nenhuma orientação: Percy Weasley estava ansioso para partilhar com ele a experiência que tinha.

– Depende aonde você quer *chegar*, Harry – disse. – Nunca é cedo demais para pensar no futuro, por isso eu recomendo Adivinhação. As pessoas dizem que Estudo dos Trouxas é moleza, e pessoalmente acho que os bruxos deviam ter uma compreensão total da comunidade não mágica, particularmente se estão pensando em trabalhar em contato com eles, olhe só o meu pai, tem que tratar de assuntos dos trouxas o tempo todo. Meu irmão Carlinhos sempre foi uma pessoa que gostou do ar livre, por isso se especializou na Criação de Criaturas Mágicas. Favoreça suas inclinações, Harry.

Mas a única coisa em que Harry se achava muito bom era no quadribol. Por fim ele acabou escolhendo as mesmas matérias novas que Rony, achando que se fosse mal, pelo menos teria um amigo para ajudá-lo.

O próximo jogo da Grifinória seria contra a Lufa-Lufa. Wood insistia em fazer treinos todas as noites depois do jantar, de modo que Harry mal tinha tempo para mais nada, exceto o quadribol e os deveres de casa. Entretanto, os treinos estavam mais amenos, ou pelo menos estavam mais secos e, na véspera do jogo de sábado, ele foi ao dormitório guardar a vassoura, sentindo que as chances da Grifinória para a taça de Quadribol nunca tinham sido maiores.

Mas sua animação não durou muito. No alto da escada para o dormitório, ele encontrou Neville Longbottom, que parecia transtornado.

– Harry, não sei quem fez aquilo, acabei de encontrar...

Olhando para Harry amedrontado, Neville abriu a porta.

O conteúdo do malão de Harry estava espalhado por todos os lados. Sua capa estava rasgada no chão. As roupas de cama tinham sido arrancadas, e a gaveta puxada do armário ao lado da cama, e seu conteúdo espalhado em cima do colchão.

Harry aproximou-se da cama, boquiaberto, pisando em cima de umas páginas soltas de *Viagens com trasgos*. Enquanto ele e Neville rearrumavam a cama, Rony, Dino e Simas entraram. Dino disse um palavrão em voz alta.

– Que aconteceu, Harry?

– Não faço ideia – disse Harry. Mas Rony examinava as vestes de Harry. Todos os bolsos tinham sido revirados.

– Alguém andou procurando alguma coisa – disse Rony. – Tem alguma coisa faltando?

Harry começou a apanhar as coisas e a atirá-las para dentro do malão. Somente quando ele atirou o último livro de Lockhart foi que se deu conta do que estava faltando.

– O diário de Riddle desapareceu – disse em voz baixa a Rony.

– *Quê?*

Harry indicou com a cabeça a porta do dormitório, e Rony o seguiu para fora. Juntos desceram correndo até a sala comunal da Grifinória, quase vazia àquela hora, e se reuniram a Mione, que estava sentada sozinha, lendo um livro chamado *Runas antigas sem mistérios*.

Mione ficou perplexa com as notícias.

– Mas... só outro aluno da Grifinória poderia ter roubado, ninguém mais sabe a senha...

– Exatamente – disse Harry.

Eles acordaram na manhã seguinte com um sol radioso e uma brisa leve e fresca.

– Condições perfeitas para o quadribol! – exclamou Wood, entusiasmado, à mesa da Grifinória, enchendo os pratos dos jogadores com ovos mexidos. – Harry, mexa-se, você precisa de um café da manhã decente.

Harry estivera observando a mesa da Grifinória, cheia de alunos, imaginando se o novo dono do diário de Riddle estaria ali, bem diante dos seus olhos. Mione andou insistindo que ele comunicasse o roubo, mas Harry não gostou da ideia. Teria que contar a um professor tudo que sabia sobre o diário, e quantas pessoas sabiam por que Hagrid fora expulso há cinquenta anos? Não queria ser a pessoa a trazer tudo à tona de novo.

Quando saiu do Salão Principal com Rony e Mione para ir apanhar o equipamento de quadribol, mais uma preocupação muito séria se somou à sua lista crescente. Tinha acabado de pôr o pé na escadaria de mármore quando ouviu outra vez...

“Matar desta vez... me deixe cortar... estraçalhar...”

Ele deu um grito alto e Rony e Mione saltaram para longe assustados.

– A voz! – disse Harry, espiando por cima do ombro. – Acabei de ouvi-la de novo, vocês não ouviram?

Rony sacudiu a cabeça, os olhos arregalados. Mione, porém, deu uma palmada na testa.

– Harry, acho que acabei de entender uma coisa! Tenho de ir até a biblioteca!

E, deixando os amigos, subiu as escadas correndo.
– *Que é que* ela entendeu? – perguntou Harry distraído, ainda olhando à volta, tentando descobrir de onde vinha a voz.
– Muito mais do que eu – disse Rony, sacudindo a cabeça.
– Mas por que ela tem de ir à biblioteca?
– Porque é isso que Mione faz – disse Rony sacudindo os ombros. – Quando tiver uma dúvida, vá à biblioteca.
Harry ficou parado, indeciso, tentando ouvir a voz novamente, mas os alunos agora vinham saindo do Salão Principal às suas costas, falando alto, dirigindo-se à porta da frente a caminho do campo de quadribol.
– É melhor você ir andando – disse Rony. – São quase onze horas, o jogo...
Harry correu até a Torre da Grifinória, apanhou sua Nimbus 2000 e se juntou à multidão que atravessava os jardins, mas sua cabeça continuava no castelo com a voz invisível e, enquanto vestia o uniforme vermelho no vestiário, seu único consolo era que todo mundo estava lá fora para assistir ao jogo.
Os times entraram em campo sob aplausos estrondosos. Olívio Wood decolou para um voo de aquecimento em volta das balizas; Madame Hooch lançou as bolas. Os jogadores da Lufa-Lufa, que jogavam de amarelo-canário, estavam amontoados num bolinho, discutindo táticas de última hora.
Harry ia montar a vassoura quando viu a Profª McGonagall vir decidida em sua direção, quase correndo, com um enorme megafone púrpura na mão.
O coração de Harry sofreu um baque violento.
– O jogo foi cancelado – a Profª McGonagall anunciou pelo megafone, dirigindo-se ao estádio. Ouviram-se vaias e gritos. Olívio Wood, arrasado, pousou e correu para a professora sem desmontar da vassoura.
– Mas, professora! – gritou. – Temos que jogar, a taça, *Grifinória*...
McGonagall não lhe deu atenção e continuou a falar pelo megafone:
– Todos os alunos devem se dirigir às salas comunais de suas casas, onde os diretores das casas darão maiores informações. O mais rápido que puderem, por favor!
Então, baixou o megafone e chamou Harry.
– Potter, acho que é melhor você vir comigo...
Imaginando como é que ela poderia suspeitar dele desta vez, Harry viu Rony se separar da multidão que reclamava; correu para os dois que já iam a caminho do castelo. Para surpresa de Harry, a professora não fez objeção.
– É, talvez seja melhor você vir também, Weasley...
Alguns alunos que caminhavam perto deles reclamavam do cancelamento do jogo; outros pareciam preocupados. Harry e Rony acompanharam a Profª

McGonagall de volta à escola e subiram a escadaria de mármore. Mas não foram levados à sala de ninguém desta vez.

– Vai ser um pouco chocante para vocês – disse a Profª McGonagall, num tom surpreendentemente gentil quando se aproximavam da enfermaria. – Houve mais um ataque... mais um ataque *duplo*.

As entranhas de Harry deram uma terrível cambalhota. A professora abriu a porta e ele e Rony entraram.

Madame Pomfrey estava curvada sobre uma menina do quinto ano, de cabelos longos e crespos. Harry reconheceu a aluna da Corvinal a quem por acaso perguntaram onde ficava a sala da Sonserina. E na cama ao lado achava-se...

– *Mione!* – gemeu Rony.

Mione estava deitada absolutamente imóvel, os olhos abertos e vidrados.

– Elas foram encontradas perto da biblioteca – disse a Profª McGonagall. – Suponho que nenhum dos dois tenha uma explicação para isto. Estava no chão ao lado delas...

Segurava um pequeno espelho circular.

Harry e Rony balançaram a cabeça, com os olhos fixos em Mione.

– Vou acompanhá-los de volta à Torre da Grifinória – continuou a professora deprimida. – Tenho mesmo que falar com os alunos.

– Todos os alunos devem voltar à sala comunal de suas casas até as seis horas da tarde. Nenhum aluno deve sair dos dormitórios depois dessa hora. Um professor os acompanhará a cada aula. Nenhum aluno deve usar o banheiro a não ser escoltado por um professor. Todos os treinos e jogos de quadribol estão adiados. Não haverá mais atividades noturnas.

Os alunos da Grifinória aglomerados na sala comunal ouviram a professora em silêncio. Ela enrolou o pergaminho que acabara de ler e disse com a voz um tanto embargada:

– Não preciso acrescentar que raramente me senti tão aflita. É provável que fechem a escola a não ser que o autor desses ataques seja apanhado. Eu pediria a quem achar que talvez saiba alguma coisa que me procure.

Foi ela sair um tanto desajeitada pelo buraco do retrato e os alunos começarem a falar imediatamente.

– São dois alunos da Grifinória atacados, sem contar o nosso fantasma, um aluno da Corvinal e um da Lufa-Lufa – disse o amigo dos gêmeos Weasley, Lino Jordan, contando nos dedos. – Será que *nenhum* professor reparou que os alunos da Sonserina não foram tocados? Não é *óbvio* que essa coisa toda está vindo da Sonserina? O *herdeiro* de Slytherin, o *monstro* da Sonserina, por que é que eles não mandam embora todo o pessoal da Sonserina? – vociferou ele, em meio a

acenos de concordância e aplausos.

Percy Weasley estava sentado em uma poltrona atrás de Lino, mas desta vez não parecia ansioso para dizer o que pensava. Parecia pálido e atordoado.

– Percy ficou em estado de choque – disse Jorge a Harry, baixinho. – Aquela menina da Corvinal, Penelope Clearwater, é monitora. Acho que ele não pensou que o monstro se atrevesse a atacar um *monitor*.

Mas Harry só estava ouvindo com metade da atenção. Não estava conseguindo se livrar da visão de Mione deitada na cama de hospital como se tivesse sido talhada em pedra. E se o culpado não fosse apanhado logo, o que o aguardava era uma vida com os Dursley. Tom Riddle entregara Hagrid porque teria que enfrentar um orfanato de trouxas se a escola fechasse. Harry agora sabia exatamente o que ele sentira.

– Que é que vamos fazer? – perguntou Rony baixinho ao ouvido de Harry. – Você acha que eles suspeitam de Hagrid?

– Precisamos ir falar com ele – disse Harry decidindo-se. – Não posso acreditar que desta vez ele seja o culpado, mas se soltou o monstro da última vez saberá como entrar na Câmara Secreta, e isto é um começo.

– Mas McGonagall disse para ficarmos em nossa torre a não ser na hora das aulas...

– Acho – disse Harry, mais baixinho ainda – que está na hora de tirar outra vez da mala a velha capa do meu pai.

Harry herdara somente uma coisa do pai: uma longa capa de invisibilidade prateada. Era a única chance que tinham de sair escondidos da escola para visitar Hagrid, sem ninguém ficar sabendo. Assim, foram se deitar na hora de costume, esperaram até Neville, Dino e Simas pararem de discutir sobre a Câmara Secreta e irem finalmente dormir, então se levantaram, vestiram-se outra vez e jogaram a capa por cima dos dois.

A viagem pelos corredores escuros e desertos do castelo não foi um prazer. Harry, que perambulara pelo castelo à noite várias vezes antes, nunca os vira tão cheios depois do pôr do sol. Professores, monitores e fantasmas andavam pelos corredores aos pares, olhando tudo atentamente, à procura de alguma atividade incomum. A capa da invisibilidade não os impedia de fazer barulho, e houve um momento particularmente tenso em que Rony deu uma topada a poucos metros do lugar onde Snape estava montando guarda. Felizmente, Snape espirrou quase ao mesmo tempo que Rony xingou. Foi com alívio que chegaram às portas de entrada e as abriram devagarinho.

Fazia uma noite clara e estrelada. Eles correram em direção às janelas iluminadas da casa de Hagrid e despiram a capa somente quando estavam à sua

porta de entrada.

Segundos depois de terem batido, Hagrid escancarou a porta. Eles deram de cara com um arco que o amigo apontava. Canino, o cão de caçar javalis, o acompanhava dando fortes latidos.

– Ah! – exclamou ele, baixando a arma e encarando os meninos. – Que é que vocês estão fazendo aqui?

– Para que é isso? – perguntou Harry, ao entrarem, apontando para o arco.

– Nada... nada... – murmurou Hagrid. – Estava esperando... não faz mal... Sentem... Vou preparar um chá...

Ele parecia não saber muito bem o que estava fazendo. Quase apagou a lareira ao derramar água da chaleira e em seguida amassou o bule com um movimento nervoso da mão enorme.

– Você está bem, Hagrid? – perguntou Harry. – Soube do que aconteceu com a Mione?

– Ah, soube, soube, sim – respondeu Hagrid, com a voz ligeiramente falha.

Ele não parava de olhar nervoso para as janelas. Serviu aos meninos dois canecões de água fervendo (esquecera-se de pôr chá na chaleira) e ia servindo uma fatia de bolo de frutas num prato quando ouviram uma forte batida na porta.

Hagrid deixou cair o bolo de frutas. Harry e Rony se entreolharam em pânico, mas logo se cobriram com a capa e se retiraram para um canto. Hagrid se certificou de que os garotos estavam escondidos, apanhou o arco e escancarou mais uma vez a porta.

– Boa-noite, Hagrid.

Era Dumbledore. Ele entrou, parecendo mortalmente sério e vinha acompanhado por um homem de aspecto muito esquisito.

O estranho tinha os cabelos grisalhos despenteados, uma expressão ansiosa e usava uma estranha combinação de roupas: terno de risca de giz, gravata vermelha, uma longa capa preta e botas roxas de bico fino. Sob o braço carregava um chapéu-coco cor de limão.

– É o chefe do papai! – cochichou Rony. – Cornélio Fudge, Ministro da Magia!

Harry deu uma forte cotovelada em Rony para fazê-lo calar-se.

Hagrid empalidecera e suava. Deixou-se cair em uma cadeira e olhava de Dumbledore para Cornélio Fudge.

– Problema sério, Hagrid – disse Fudge em tom seco. – Problema muito sério. Tive que vir. Quatro ataques em alunos nascidos trouxas. As coisas foram longe demais. O Ministério teve que agir.

– Eu nunca – disse Hagrid, olhando suplicante para Dumbledore. – O senhor sabe que eu nunca, Prof. Dumbledore...

– Quero que fique entendido, Cornélio, que Hagrid goza de minha inteira confiança – disse Dumbledore fechando a cara para Fudge.
– Olhe, Alvo – respondeu Fudge, constrangido. – A ficha de Hagrid depõe contra ele. O Ministério teve que fazer alguma coisa, o conselho diretor da escola entrou em contato...
– Contudo, Cornélio, continuo a afirmar que levar Hagrid não vai resolver nada – disse Dumbledore. Seus olhos azuis tinham uma intensidade que Harry nunca vira antes.
– Procure entender o meu ponto de vista – disse Fudge, manuseando o chapéu-coco. – Estou sofrendo muita pressão. Precisam ver que estou fazendo alguma coisa. Se descobrirmos que não foi Hagrid, ele voltará e não se fala mais no assunto. Mas tenho que levá-lo. Tenho. Não estaria cumprindo o meu dever...
– Me levar? – perguntou Hagrid, começando a tremer. – Me levar aonde?
– Só por um tempo – disse Fudge sem encarar Hagrid nos olhos. – Não é um castigo, Hagrid, é mais uma precaução. Se outra pessoa for apanhada, você será solto com as nossas desculpas...
– Não para Azkaban? – lamentou Hagrid, rouco.
Antes que Fudge pudesse responder, ouviram outra batida forte na porta.
Dumbledore atendeu-a. Foi a vez de Harry levar uma cotovelada nas costelas; deixara escapar uma exclamação audível.
O Sr. Lúcio Malfoy entrou decidido na cabana de Hagrid, envolto em uma longa capa de viagem, com um sorriso frio e satisfeito. Canino começou a rosnar.
– Já está aqui, Fudge – disse em tom de aprovação. – Muito bem...
– Que é que o senhor está fazendo aqui? – perguntou Hagrid furioso. – Saia da minha casa!
– Meu caro, por favor acredite em mim, não me dá nenhum prazer estar no seu... hum... você chama isso de casa? – disse Lúcio Malfoy, desdenhoso, correndo os olhos pela pequena cabana. – Simplesmente vim à escola e me disseram que o diretor se encontrava aqui.
– E o que era exatamente que você queria comigo, Lúcio? – perguntou Dumbledore. Falou com cortesia mas a intensidade ainda encandecia os seus olhos azuis.
– É *lamentável*, Dumbledore – disse Malfoy sem pressa, puxando um rolo de pergaminho –, mas os conselheiros acham que está na hora de você se retirar. Tenho aqui uma Ordem de Suspensão, com as doze assinaturas. Receio que o Conselho pense que você está perdendo o jeito. Quantos ataques houve até agora? Mais dois hoje à tarde, não foi? Nesse ritmo, não sobrarão alunos nascidos trouxas em Hogwarts, e todos sabemos que perda *horrível* isto seria

para a escola.
– Ah, olhe aqui, Lúcio – disse Fudge, parecendo assustado –, Dumbledore suspenso, não, não, a última coisa que queremos neste momento...
– A nomeação, ou a suspensão de um diretor é assunto do Conselho, Fudge – disse o Sr. Malfoy suavemente. – E como Dumbledore não conseguiu fazer parar os ataques...
– Olhe aqui, Malfoy, se *Dumbledore* não consegue fazê-los parar – disse Fudge, cujo lábio superior estava úmido de suor –, eu pergunto, quem vai *conseguir*?
– Isto resta ver – disse o Sr. Malfoy com um sorriso desagradável. – Mas como todo o Conselho votou...
Hagrid levantou-se de um salto, a cabeça desgrenhada raspando o teto.
– E quantos você precisou ameaçar e chantagear para concordarem hein, Malfoy? – vociferou.
– Ai, ai, ai, sabe, esse seu mau gênio ainda vai lhe causar problemas um dia desses, Hagrid – disse o Sr. Malfoy. – Eu aconselharia você a não gritar assim com os guardas de Azkaban, eles não vão gostar nadinha.
– Você não pode afastar Dumbledore! – gritou Hagrid, fazendo Canino se agachar e choramingar no cesto de dormir. – Afaste ele, e os alunos nascidos trouxas não terão a menor chance. Vai haver mortes em seguida.
– Acalme-se, Hagrid – ordenou Dumbledore. Virou-se então para Lúcio Malfoy.
– Se o Conselho quer que eu me afaste, Lúcio, naturalmente eu vou obedecer...
– Mas... – gaguejou Fudge.
– *Não!* – disse Hagrid com raiva.
Dumbledore não tirara seus olhos azuis cintilantes dos olhos frios e cinzentos de Lúcio Malfoy.
– Porém – continuou ele, falando muito lenta e claramente de modo que ninguém perdesse uma só palavra –, você vai descobrir que só terei *realmente* deixado a escola quando ninguém mais aqui for leal a mim. Você também vai descobrir que Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrerem.
Por um segundo Harry teve quase certeza de que os olhos de Dumbledore piscaram em direção ao canto em que ele e Rony estavam escondidos.
– Admiráveis sentimentos – disse Malfoy fazendo uma reverência. – Todos sentiremos falta do seu... hum... modo muito pessoal de dirigir as coisas, Alvo, e só espero que o seu sucessor consiga impedir... ah... *matanças*.
E dirigiu-se à porta da cabana, abriu-a, fez um gesto largo indicando a porta para Dumbledore. Fudge, manuseando seu chapéu-coco, esperou Hagrid passar à

sua frente, mas Hagrid continuou firme, inspirou profundamente e disse com clareza:

– Se alguém quiser descobrir alguma coisa, é só seguir as *aranhas*. Elas indicariam o caminho certo! É só o que digo.

Fudge olhou-o muito admirado.

– Tudo bem, estou indo – disse Hagrid, vestindo o casacão de pele de toupeira. Mas quando ia saindo para acompanhar Fudge, ele parou outra vez e disse em voz alta: – Alguém vai ter que dar comida a Canino enquanto eu estiver fora.

A porta se fechou com força e Rony tirou a capa da invisibilidade.

– Estamos enrascados agora – disse ele rouco. – Dumbledore foi-se embora. Seria melhor que fechassem a escola hoje à noite. Com a saída dele haverá um ataque por dia.

Canino começou a uivar, arranhando a porta fechada.

— CAPÍTULO QUINZE —

Arogogue

O verão espalhou-se lentamente pelos jardins que cercavam o castelo; o céu e o lago, os dois, ficaram azul-clarinhos, e flores do tamanho de repolhos se abriram repentinamente nas estufas. Mas sem a visão de Hagrid caminhando pelos jardins com Canino nos calcanhares, a paisagem vista das janelas do castelo não parecia normal para Harry, aliás, era pouco melhor do que o interior do castelo, onde as coisas pareciam terrivelmente erradas.

Harry e Rony tentaram visitar Mione, mas as visitas à ala hospitalar agora não eram permitidas.

– Não queremos mais nos arriscar – disse Madame Pomfrey, com severidade, por uma fresta na porta da enfermaria. – Não, sinto muito, há grande possibilidade de o atacante voltar para liquidar os pacientes...

Com a saída de Dumbledore, o medo se espalhou como nunca antes, de modo que o sol que aquecia as paredes do castelo por fora parecia se deter nas janelas de caixilhos. Quase não se via na escola um rosto que não parecesse preocupado e tenso, e qualquer risada que ecoasse pelos corredores soava aguda e artificial e era rapidamente abafada.

Harry repetia constantemente para si mesmo as últimas palavras de Dumbledore: *"Só terei realmente deixado a escola quando ninguém mais aqui for leal a mim... Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrerem."* Mas de que adiantavam essas palavras? A quem exatamente pediriam ajuda quando todos estavam tão confusos e apavorados quanto eles?

A dica de Hagrid sobre as aranhas era muito mais fácil de entender – o problema era que não parecia ter restado uma única aranha no castelo para se seguir. Harry procurava por todo lado aonde ia, com a ajuda (um tanto relutante) de Rony. Eles eram atrapalhados, é claro, pelo fato de não poderem andar

sozinhos, tinham que se deslocar pelo castelo com um grupo de alunos da Grifinória. A maioria dos seus colegas parecia satisfeita em ser acompanhada de aula em aula por professores, mas Harry achava isso muito aborrecido.

Havia porém uma pessoa que parecia estar se divertindo muito com a atmosfera de terror e suspeita. Draco Malfoy andava se pavoneando pela escola como se tivesse acabado de ser nomeado monitor-chefe. Harry não entendeu por que andava tão satisfeito até a aula de Poções, duas semanas depois de Dumbledore e Hagrid terem ido embora, quando, sentado atrás de Malfoy, Harry ouviu-o se gabar para Crabbe e Goyle.

– Eu sempre achei que meu pai era a pessoa que iria se livrar de Dumbledore – disse sem se preocupar em manter a voz baixa. – Falei com vocês que ele achava que Dumbledore era o pior diretor que a escola já tinha tido. Talvez a gente tenha um diretor decente agora. Alguém que não *queira* manter a Câmara Secreta fechada. McGonagall não vai durar muito tempo, ela só está substituindo...

Snape passou por Harry, sem fazer comentários sobre a cadeira e o caldeirão vazios de Mione.

– Professor – perguntou Draco em voz alta. – Professor, por que é que o *senhor* não se candidata ao lugar de diretor?

– Vamos, Malfoy – respondeu Snape, embora não conseguisse refrear um sorrisinho. – O Prof. Dumbledore foi apenas suspenso pelo Conselho. Quero crer que estará de volta conosco logo, logo.

– É, claro – disse Draco, rindo-se. – Acho que o senhor teria o voto do meu pai, professor, se quisesse se candidatar, vou dizer ao meu pai que o senhor é o melhor professor que temos, professor...

Snape sorriu enquanto andava pela masmorra, felizmente sem ter visto que Simas Finnigan fingia vomitar no caldeirão.

– Fico surpreso que os sangues ruins não tenham feito as malas – continuou Draco. – Aposto cinco galeões que o próximo vai morrer. Pena que não tenha sido a Granger...

A sineta tocou nesse instante, o que foi uma sorte; ao ouvir as últimas palavras de Draco, Rony tinha saltado do banquinho e, na agitação para reunirem mochilas e livros, seus esforços para se atracar com Draco passaram despercebidos.

– Me deixe agarrar ele – rosnou Rony, enquanto Harry e Dino o seguravam pelos braços. – Nem estou ligando, não preciso da minha varinha, vou matar ele com as mãos...

– Vamos depressa, tenho de levá-los à aula de Herbologia – disse rispidamente Snape à classe e logo saíram, com Harry, Rony e Dino fechando a fila, Rony

ainda tentando se desvencilhar. Os amigos só acharam que era seguro soltá-lo quando Snape já levara a turma para fora do castelo e estavam atravessando a horta em direção às estufas.

A aula de Herbologia foi muito tranquila; faltavam agora dois alunos na classe: Justino e Mione.

A Profª Sprout mandou todos podarem figueiras cáusticas da Abissínia. Harry foi despejar uma braçada de galhos mortos na composteira e deu de cara com Ernie Macmillan. Ernie tomou fôlego e disse, muito formal:

– Eu só quero dizer, Harry, que lamento muito ter suspeitado de você. Sei que você nunca atacaria Mione Granger e peço desculpas por tudo que disse. Estamos todos no mesmo barco agora, e, bom...

Ele estendeu a mão gorducha e Harry a apertou.

Ernie e sua amiga Ana vieram trabalhar na mesma figueira que Harry e Rony.

– Aquele tal de Draco Malfoy – disse Ernie quebrando galhinhos secos – parece muito satisfeito com tudo isso, não é? Sabe, eu acho que *ele* bem poderia ser o herdeiro de Slytherin.

– Você é tão inteligente! – disse Rony, que pelo jeito não perdoara Ernie tão depressa quanto Harry.

– Você acha que foi Malfoy, Harry? – perguntou Ernie.

– Não – respondeu Harry com tanta firmeza que Ernie e Ana arregalaram os olhos.

Segundos depois. Harry viu uma coisa.

Várias aranhas de bom tamanho estavam andando pelo chão do lado de fora da vidraça, deslocando-se numa estranha linha reta como se tomassem o caminho mais curto para ir a um encontro combinado. Harry bateu na mão de Rony com a tesoura de poda.

– *Ai!* Que é que você...

Harry apontou para as aranhas, seguindo o trajeto que faziam com os olhos apertados contra o sol.

– Ah, é! – exclamou Rony, tentando parecer satisfeito, sem conseguir. – Mas não podemos segui-las agora...

Ernie e Ana ouviam curiosos.

Os olhos de Harry se apertaram e ele focalizou as aranhas. Se elas prosseguissem naquele curso, não havia dúvida onde iriam parar.

– Parece que estão indo para a Floresta Proibida...

E Rony pareceu ainda mais infeliz com essa ideia.

Ao fim da aula a Profª Sprout acompanhou os alunos até a aula de Defesa Contra as Artes das Trevas. Harry e Rony deixaram-se ficar para trás para poder

falar sem serem ouvidos.
– Teremos que usar a capa da invisibilidade outra vez – disse Harry a Rony. – Podemos levar Canino conosco. Ele está acostumado a entrar na floresta com Hagrid, talvez possa ajudar.
– Certo – concordou Rony, que revirava a varinha nos dedos, nervoso. – Hum... não dizem que tem... não dizem que tem lobisomens na floresta? – acrescentou quando se sentavam nos lugares de sempre, no fundo da classe de Lockhart.
Preferindo não responder àquela pergunta, Harry disse:
– Mas lá também tem coisas boas. Os centauros são legais, e os unicórnios...
Rony nunca estivera na Floresta Proibida antes. Harry entrara somente uma vez e alimentava esperanças de não repetir a experiência.
Lockhart entrou aos saltos na sala, e a classe ficou olhando para ele. Todos os outros professores na escola pareciam mais sérios do que o normal, mas Lockhart estava, no mínimo, animado e confiante.
– Vamos, garotos! – exclamou, sorrindo para todos os lados. – Por que essas caras tristes?
Os garotos trocaram olhares exasperados, mas ninguém respondeu.
– Vocês não percebem – disse Lockhart, falando lentamente, como se todos fossem um pouco retardados – que o perigo passou! O culpado foi levado embora...
– Quem disse? – perguntou Dino em voz alta.
– Meu caro rapaz, o Ministro da Magia não teria levado Hagrid se não estivesse cem por cento convencido de que era culpado – disse Lockhart, num tom de voz de alguém que explica que um mais um são dois.
– Ah, teria levado, sim – disse Rony, ainda mais alto do que Dino.
– Me lisonjeia dizer que sei um *tantinho* mais sobre a prisão de Hagrid do que o senhor, Sr. Weasley – disse Lockhart num tom presunçoso.
Rony começou a dizer que achava que não, mas parou no meio da frase quando Harry o chutou com força por baixo da carteira.
– Não estávamos lá, lembra? – resmungou Harry.
Mas a animação desagradável de Lockhart, suas insinuações de que sempre achara que Hagrid não prestava, sua confiança de que a história toda agora chegara ao fim, irritou tanto Harry que ele teve ganas de atirar *Como se divertir com vampiros* bem no meio da cara boba do professor. Em vez disso contentou-se em rabiscar um bilhete para Rony: *Vamos hoje à noite.*
Rony leu o bilhete, engoliu com força e olhou de esguelha para a carteira vazia em que Mione normalmente se sentava. A visão pareceu fortalecer sua decisão, e ele concordou com um aceno de cabeça.

A sala comunal da Grifinória andava sempre muito cheia ultimamente, porque a partir das seis horas os alunos da casa não podiam ir a lugar algum. E, também, tinham muito o que conversar, por isso a sala só se esvaziava depois da meia-noite.

Harry foi buscar a capa da invisibilidade no malão logo depois do jantar e passou a noite sentado em cima dela, esperando a sala se esvaziar. Fred e Jorge desafiaram Harry e Rony para umas partidas de snap explosivo, e Gina se sentou para apreciar, muito quieta na cadeira que Hermione geralmente usava. Os dois amigos perdiam todas as partidas de propósito, tentando terminar o jogo depressa, mas mesmo assim, já era mais de meia-noite quando Fred, Jorge e Gina finalmente foram se deitar.

Harry e Rony esperaram até ouvir os ruídos distantes das portas dos dormitórios se fechando antes de apanhar a capa, atirá-la sobre seus corpos e sair pelo buraco do retrato.

Foi outra travessia difícil do castelo, evitando esbarrar nos professores. Finalmente chegaram ao saguão de entrada, puxaram o trinco das portas de carvalho, esgueiraram-se entre as duas folhas tentando impedir que elas rangessem e saíram para os jardins banhados de luar.

– Claro – disse Rony abruptamente quando atravessavam o gramado –, podemos chegar na floresta e descobrir que não há nada para seguir. Aquelas aranhas talvez nem estivessem indo para lá. Sei que parecia que se deslocavam naquela direção geral, mas...

A voz dele foi emudecendo cheia de esperança.

Os garotos chegaram à casa de Hagrid, que parecia triste e pobre com as janelas às escuras. Quando Harry empurrou a porta, Canino ficou louco de alegria de vê-los. Preocupados que ele pudesse acordar todo mundo no castelo com seus latidos fortes e ressonantes, eles lhe deram quadradinhos de chocolate, que grudava os maxilares, de uma lata em cima do console da lareira.

Harry deixou a capa da invisibilidade em cima da mesa de Hagrid. Não precisariam dela na floresta escura como breu.

– Vamos, Canino, vamos dar um passeio – disse Harry dando palmadinhas na perna, e Canino saiu de casa dando saltos de felicidade atrás deles, correu para a orla da floresta e levantou a perna contra um enorme sicômoro.

Harry puxou a varinha, murmurou *“Lumos!”* e brilhou uma luzinha na ponta, suficiente para deixá-los ver o caminho à procura das aranhas.

– Bem pensado – disse Rony. – Eu acenderia a minha também, mas você sabe, provavelmente iria explodir ou fazer outra maluquice qualquer...

Harry bateu no ombro de Rony, apontando para o capim. Duas aranhas

solitárias corriam para longe da luz da varinha procurando a sombra das árvores.
– Muito bem – suspirou Rony resignado com o pior –, estou pronto. Vamos.
Então, com Canino correndo à volta, cheirando raízes e folhas de árvores, eles se embrenharam na floresta. Orientados pela luz da varinha de Harry, seguiram o fluxo constante de aranhas que iam pelo caminho. Seguiram-no por uns vinte minutos, sem falar, procurando ouvir outros ruídos que não fossem os dos gravetos estalando ou das folhas rumorejando. Então, quando o arvoredo se tornou mais denso que nunca, de modo que já não avistavam as estrelas no alto, e a varinha de Harry brilhava solitária num mar de trevas, eles viram as aranhas que os guiavam abandonarem o caminho.
Harry parou, tentando ver aonde as aranhas estavam indo, mas tudo fora do seu pequeno círculo de luz estava escuríssimo. Ele nunca se embrenhara tão fundo na floresta. Lembrava-se vivamente de Hagrid aconselhando-o a não se afastar do caminho da floresta da última vez que estivera ali. Mas o guarda-caça se achava a quilômetros de distância, provavelmente sentado em uma cela de Azkaban, e também lhe dissera para seguir as aranhas.
Alguma coisa úmida encostou na mão de Harry, e ele deu um pulo para trás, esmagando o pé de Rony, mas era apenas o nariz de Canino.
– Que é que você acha? – perguntou Harry a Rony, cujos olhos ele mal conseguia vislumbrar, refletindo a luz de sua varinha.
– Já chegamos até aqui – disse Rony.
Então os dois acompanharam as sombras velozes das aranhas entrando pelo meio das árvores. Não podiam mais andar muito depressa; havia raízes e tocos de árvores no caminho, pouco visíveis na escuridão quase total. Harry sentia o hálito quente de Canino em sua mão. Mais de uma vez tiveram que parar para que Harry pudesse se agachar procurando as aranhas à luz da varinha.
Caminharam pelo que pareceu pelo menos meia hora, as vestes agarrando nos galhos baixos e espinheiros. Passado algum tempo, repararam que o chão parecia estar descendo, embora o arvoredo estivesse mais denso que nunca.
Então Canino soltou de repente um latido que ecoou por todos os lados, fazendo Harry e Rony darem um pulo de fazer a alma se soltar do corpo.
– Que foi? – perguntou Rony alto, olhando a escuridão à volta e segurando o cotovelo de Harry com força.
– Tem alguma coisa se mexendo ali adiante – sussurrou Harry. – Escute... parece uma coisa grande...
Eles escutaram. A uma certa distância para a direita, a coisa grande estava partindo galhos à medida que abria caminho por entre as árvores.
– Ah, não! – exclamou Rony. – Ah, não, ah, não, ah...
– Cale a boca – mandou Harry muito nervoso. – A coisa vai ouvir você.

– *Me* ouvir?! – exclamou Rony numa voz estranhamente aguda. – Ela já ouviu o Canino!

A escuridão parecia estar empurrando para dentro as órbitas dos olhos deles enquanto aguardavam aterrorizados. Ouviram um ronco esquisito e em seguida o silêncio.

– Que acha que ela está fazendo? – perguntou Harry.

– Provavelmente está se preparando para atacar.

Os dois esperaram, tremendo, mal atrevendo a se mexer.

– Você acha que foi embora? – cochichou Harry.

– Sei lá...

Então, para a direita, eles viram um clarão repentino tão intenso, na escuridão, que os dois ergueram as mãos para proteger os olhos. Canino latiu e tentou correr, mas ficou preso num emaranhado de espinhos e latiu ainda mais alto.

– Harry! – gritou Rony, a voz esganiçando de alívio. – Harry, é o nosso carro!

– *Quê?*

– Ande!

Harry acompanhou o amigo como pôde em direção à luz, esbarrando e tropeçando nas coisas e um instante depois saíram numa clareira.

O carro do Sr. Weasley estava parado, vazio, no meio de um círculo de árvores grossas sob uma ramagem densa, os faróis acesos. Quando Rony avançou boquiaberto, ele foi ao encontro do garoto, exatamente como um canzarrão turquesa cumprimentando o dono.

– Estava aqui o tempo todo! – disse Rony encantado, andando à volta do carro. – Olhe só para ele. A floresta fez ele virar selvagem...

As laterais do carro estavam arranhadas e sujas de lama. Pelo jeito ele passara a rodar na floresta sozinho. Canino pareceu não gostar nada do carro; ficou colado em Harry, que sentia o cão tremer. A respiração mais calma outra vez, Harry guardou a varinha nas vestes.

– E nós achamos que ele ia nos atacar! – disse Rony, apoiando-se no carro e lhe dando palmadinhas. – Fiquei muito tempo imaginando onde teria sumido!

Harry apurou a vista à procura de sinais de aranhas no chão iluminado, mas todas fugiram da claridade dos faróis.

– Perdemos a pista. Vem, vamos tentar encontrá-las.

Rony ficou calado. Nem se mexeu. Tinha os olhos fixos em um ponto a uns três metros acima do chão da floresta, logo atrás de Harry. Seu rosto estava lívido de terror.

Harry nem teve tempo de se virar. Ouviu um som estalado e alto e de repente sentiu uma coisa comprida e peluda agarrá-lo pela cintura e erguêlo do chão, deixando-o de cara para baixo. Debatendo-se cheio de terror, ele ouviu o mesmo

som e viu as pernas de Rony abandonarem o chão, também, e Canino choramingar e uivar – no instante seguinte, ele estava sendo arrebatado para o meio das árvores escuras.

Com a cabeça pendurada, Harry viu que a coisa que o segurava andava sobre seis pernas imensamente compridas e peludas, as duas dianteiras agarravam-no com firmeza sob um par de pinças pretas e reluzentes. Atrás, ele ouvia outro bicho igual, sem dúvida carregando Rony. Estavam entrando no coração da floresta. Harry ouvia Canino lutando para se libertar de um terceiro monstro, ganindo alto, mas Harry não poderia ter berrado nem se tivesse querido; parecia ter deixado a voz no carro lá na clareira.

Ele nunca soube quanto tempo ficou nas garras do bicho; só soube que de repente a escuridão diminuiu o suficiente para deixá-lo ver que o chão coberto de folhas agora estava pululando de aranhas. Esticou o pescoço para o lado e percebeu que tinham chegado à borda de uma vasta depressão, uma depressão que fora desmatada, de modo que as estrelas iluminaram claramente a pior cena que ele jamais vira.

Aranhas, aranhinhas como aquelas que cobriam as folhas embaixo. Aranhas do tamanho de cavalos, com oito olhos, oito pernas, pretas, peludas, gigantescas. O maciço espécime que carregava Harry desceu uma encosta íngreme em direção a uma teia enevoada em forma de cúpula, bem no meio da depressão, enquanto suas companheiras acorriam de todos os lados, batendo as pinças excitadas à vista do carregamento.

Harry caiu no chão de quatro quando a aranha o soltou. Rony e Canino caíram com um baque surdo ao lado dele. Canino não uivava mais, encolhia-se em silêncio onde caíra. Rony era a imagem exata do que Harry sentia. Tinha a boca arreganhada numa espécie de grito silencioso, e seus olhos saltavam das órbitas.

O garoto de repente percebeu que a aranha que o soltara estava falando alguma coisa. Fora difícil entender, porque ela batia as pinças a cada palavra.

– Aragogue! – a aranha chamou. – Aragogue!

E do meio da teia enevoada em forma de cúpula, emergiu lentamente uma aranha do tamanho de um filhote de elefante. Havia fios cinzentos na pelagem do seu corpo e nas pernas negras, e cada olho, em sua feia cabeça provida de pinças, era leitoso. A aranha era cega.

– Que é? – disse, batendo rapidamente as pinças.

– Homens – bateu a aranha que apanhara Harry.

– É Hagrid? – perguntou a aranha aproximando-se, os oito olhos leitosos movendo-se vagamente.

– Estranhos – bateu a aranha que trouxera Rony.

– Mate-os – bateu Aragogue preocupada. – Eu estava dormindo...

– Somos amigos de Hagrid – gritou Harry. Seu coração parecia ter saltado do peito e ido bater na garganta.

Clique, clique, clique fizeram as pinças das aranhas por toda a depressão.

Aragogue parou.

– Hagrid nunca mandou homens à depressão antes – disse lentamente.

– Hagrid está enrascado – disse Harry respirando muito rápido. – Foi por isso que viemos.

– Enrascado!? – exclamou a aranha idosa, e Harry pensou ter sentido preocupação no clique das pinças. – Mas por que o mandou?

Harry pensou em se levantar mas decidiu o contrário; achou que as pernas não o aguentariam. Então falou do chão, o mais calmo que pôde.

– Na escola acham que Hagrid andou fazendo uma... uma coisa com os alunos. Levaram ele para Azkaban.

Aragogue bateu as pinças furiosamente, e a toda volta da depressão o som foi repetido pela multidão de aranhas; era como um aplauso, exceto que, em geral, aplausos não faziam Harry sentir náuseas de medo.

– Mas isso foi há anos – disse Aragogue preocupada. – Anos e anos atrás. Lembro-me muito bem. Foi por isso que o fizeram sair da escola. Acreditaram que *eu* era o monstro que morava na chamada Câmara Secreta. Acharam que Hagrid tinha aberto a Câmara e me libertado.

– E você... você não veio da Câmara Secreta? – perguntou Harry, que sentia um suor frio na testa.

– Eu! – exclamou Aragogue, batendo as pinças zangada. – Eu não nasci no castelo. Vim de uma terra distante. Um viajante me deu de presente a Hagrid quando eu ainda estava no ovo. Hagrid era só um garoto, mas cuidou de mim, me escondeu num armário do castelo, me alimentou com restos da mesa. Hagrid é um bom amigo e um bom homem. Quando fui descoberta e responsabilizada pela morte da garota, ele me protegeu. Tenho vivido aqui na floresta desde então, onde Hagrid ainda me visita. Ele até me arranjou uma esposa, Mosague, e você está vendo como a nossa família cresceu, tudo graças à bondade de Hagrid...

Harry reuniu o que restava de sua coragem.

– Então você nunca... nunca atacou ninguém?

– Nunca – falou rouca a aranha. – Teria sido o meu instinto, mas por respeito a Hagrid, eu nunca fiz mal a um ser humano. O corpo da menina que foi morta foi encontrado no banheiro. Não conheço parte alguma do castelo a não ser o armário em que cresci. A nossa espécie gosta do escuro e do silêncio...

– Mas então... Você sabe o que matou aquela garota? – perguntou Harry. – Porque a coisa que matou está de volta atacando pessoas outra vez...

Suas palavras foram abafadas por uma eclosão de cliques e o ruído de muitas

pernas longas a se agitar com raiva; grandes sombras escuras moveram-se a toda volta.

– A coisa que mora no castelo – disse Aragogue – é um bicho que nós aranhas tememos mais do que qualquer outro. Lembro-me muito bem como supliquei a Hagrid que me deixasse ir embora, quando senti a fera rondando pela escola.

– O que é? – perguntou Harry pressuroso.

Mais cliques altos, mais movimentos; as aranhas pareciam estar fechando o cerco.

– Nós não falamos nisso! – disse Aragogue com rispidez. – Não mencionamos seu nome! Eu nunca disse nem a Hagrid o nome daquele temível bicho, embora ele tenha me perguntado muitas vezes.

Harry não quis insistir no assunto, não com as aranhas se aproximando por todos os lados. Aragogue parecia ter-se cansado de falar. Estava recuando lentamente para sua teia em forma de cúpula, mas as outras aranhas continuaram a se aproximar devagarinho de Harry e Rony.

– Bem, então vamos embora – falou Harry, desesperado, a Aragogue, ouvindo as folhas farfalharem às suas costas.

– Embora? – repetiu Aragogue lentamente. – Acho que não...

– Mas... mas...

– Meus filhos e minhas filhas não fazem mal a Hagrid, porque eu assim ordeno. Mas não posso negar a eles carne fresca, quando ela entra com tanta boa vontade em nosso ninho. Adeus, amigo de Hagrid.

Harry virou-se depressa. A poucos passos, erguendo-se acima dele, havia uma parede maciça de aranhas, dando cliques, os muitos olhos brilhando nas cabeças feias.

Mesmo enquanto pegava a varinha, Harry percebeu que não ia adiantar. Havia aranhas demais, mas ao tentar se levantar, pronto para morrer lutando, ouviu uma nota alta e longa, e um clarão de luz atravessou a depressão.

O carro do Sr. Weasley roncou encosta abaixo, os faróis acesos, a buzina tocando, derrubando aranhas para os lados; várias foram atiradas de costas, as múltiplas pernas sacudindo no ar. O carro parou cantando os pneus diante dos garotos e as portas se abriram.

– Apanhe o Canino! – gritou Harry, mergulhando no banco da frente; Rony agarrou o cão pela barriga e atirou-o, ganindo, no banco de trás, as portas se fecharam, Rony nem tocou no acelerador pois o carro não precisou disso; o motor roncou e eles partiram, atropelando mais aranhas. Subiram a encosta a toda velocidade, saíram da depressão e logo estavam correndo pela floresta, os ramos fustigando as janelas do carro enquanto ele rodava com inteligência pelos vãos mais largos, seguindo um caminho que obviamente conhecia.

Harry olhou de esguelha para Rony. A boca do amigo continuava aberta num grito silencioso, mas seus olhos não estavam mais arregalados.

– Você está bem?

Rony olhava fixo para a frente, incapaz de responder.

Eles rodaram pelo mato rasteiro, Canino uivando alto no banco de trás, e Harry viu o espelho lateral se partir ao tirarem um fino de um grande carvalho. Depois de dez minutos de estrépito e saculejões, as árvores foram se espaçando e Harry pôde novamente ver pedaços do céu.

O carro parou tão de súbito que eles quase saíram pelo para-brisa. Tinham chegado à orla da floresta. Canino atirou-se contra a janela tal era a sua ansiedade para sair e quando Harry abriu a porta, ele disparou por entre as árvores para a casa de Hagrid, o rabo entre as pernas. Harry desceu também e, passado pouco mais de um minuto, Rony pareceu recuperar a sensibilidade nas pernas e o seguiu, ainda de pescoço duro e olhar fixo. Harry deu uma palmadinha de agradecimento no carro enquanto ele dava marcha a ré na floresta e desaparecia de vista.

Harry voltou à cabana de Hagrid para apanhar a capa da invisibilidade. Encontrou Canino tremendo debaixo de um cobertor no seu cesto. Quando Harry saiu de novo, encontrou Rony vomitando violentamente na horta de abóboras.

– Siga as aranhas – disse Rony, fraco, limpando a boca na manga. – Não vou perdoar o Hagrid nunca. Temos sorte de estar vivos.

– Aposto como ele pensou que Aragogue não faria mal a amigos dele.

– Este é exatamente o problema de Hagrid! – retrucou Rony, dando murros na parede da cabana. – Ele sempre acha que os monstros não são maus por natureza, e olhe onde é que ele foi parar! Numa cela em Azkaban! – Rony tremia sem parar agora. – Para que foi que ele nos mandou lá? Que foi que descobrimos? Eu gostaria de saber.

– Que Hagrid nunca abriu a Câmara Secreta – disse Harry, atirando a capa sobre Rony e cutucando-o no braço para fazê-lo andar. – Ele era inocente.

Rony bufou. Evidentemente, criar Aragogue em um armário não correspondia à ideia que ele fazia de ser inocente.

Quando o castelo surgiu mais próximo, Harry ajeitou a capa para ter certeza de que os pés dos dois estavam escondidos, depois entreabriu as portas de entrada, que sempre rangiam. Atravessaram cautelosamente o saguão de entrada e subiram a escada de mármore, prendendo a respiração ao passar pelos corredores que as sentinelas vigilantes percorriam. Finalmente alcançaram a segurança da sala comunal da Grifinória, onde o fogo da lareira se consumira até virar uma cinza luminosa. Tiraram a capa e subiram a escada em caracol para o dormitório.

Rony caiu na cama sem se dar o trabalho de tirar a roupa. Harry, porém, não sentia sono. Sentou-se na borda de sua cama de colunas, pensando em tudo que Aragogue dissera.

A coisa que se escondia em algum lugar do castelo, pensou, parecia uma espécie de monstro Voldemort – nem mesmo outros monstros gostavam de nomeá-lo. Mas ele e Rony não estavam nem perto de descobrir o que era, nem como petrificava suas vítimas. Até mesmo Hagrid jamais soubera o que havia na Câmara Secreta.

Harry puxou as pernas para cima da cama e se recostou nos travesseiros, espiando a lua brilhar para ele através da janela da torre.

Não conseguia ver o que mais poderiam fazer. Tinha encontrado becos sem saída por todos os lados. Riddle apanhara a pessoa errada, o herdeiro de Slytherin escapara, e ninguém saberia dizer se era a mesma pessoa ou outra diferente, que abrira a Câmara desta vez. Não havia mais ninguém a quem perguntar. Harry ficou deitado, ainda pensando no que Aragogue dissera.

O sono vinha chegando quando o que lhe pareceu a ultimíssima esperança lhe veio à cabeça e ele de repente se sentou na cama.

– Rony – sibilou no escuro – Rony...

O amigo acordou com um ganido como o de Canino, correu os olhos arregalados à volta e viu Harry.

– Rony, aquela garota que morreu. Aragogue disse que ela foi encontrada no banheiro – falou Harry sem dar atenção aos roncos fungados de Neville que vinham de um canto. – E se ela nunca saiu do banheiro? E se ela continua lá?

Rony esfregou os olhos, franzindo a cara para a lua. E então ele também entendeu.

– Você *não* acha que... não a *Murta Que Geme*?

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

A Câmara Secreta

– Tantas vezes estivemos naquele banheiro, e ela ali a apenas três boxes de distância – comentou Rony amargurado à mesa do café, na manhã seguinte –, e poderíamos ter perguntado a ela, e agora...

Fora bastante difícil encontrar as aranhas. Fugir dos professores o tempo suficiente para entrar escondido em um banheiro de meninas, e ainda por cima o banheiro de meninas bem ao lado da cena do primeiro ataque, ia ser quase impossível.

Mas aconteceu uma coisa logo na primeira aula, Transfiguração, que varreu a Câmara Secreta para longe dos pensamentos dos dois garotos pela primeira vez em semanas. Minutos depois de entrarem em sala, a Profª McGonagall avisou que os exames começariam no dia primeiro de junho, dali a uma semana.

– *Exames?* – gritou Simas Finnigan. – E vamos ter *exames*?

Ouviram um estrondo atrás de Harry quando a varinha de Neville escapuliu e fez desaparecer um pé de sua carteira. A professora restaurou-a com um aceno da própria varinha e se virou de cara amarrada para Simas.

– A razão de se manter a escola aberta neste momento é vocês receberem educação – disse ela severamente. – Portanto, os exames vão se realizar normalmente, e confio que vocês estejam estudando a sério.

Estudando a sério! Jamais ocorrera a Harry que haveria exames com o castelo naquela situação. Houve muitos murmúrios de protesto na sala que fizeram a professora amarrar ainda mais a cara.

– As instruções que recebi do Prof. Dumbledore foram no sentido de manter a escola funcionando o mais normalmente possível. E isto, não preciso dizer, significa descobrir o quanto os senhores aprenderam neste ano.

Harry olhou para os dois coelhos que devia transformar em chinelos. Que é

que ele aprendera até ali naquele ano? Não conseguia lembrar nada que lhe pudesse ser útil em um exame.

Rony parecia que tinha acabado de ser informado de que seria obrigado a ir viver na Floresta Proibida.

– Você pode me imaginar fazendo exames com isso? – perguntou ele a Harry, mostrando a varinha, que começara a assobiar alto.

Três dias antes do primeiro exame, a Profª McGonagall deu outro aviso no café da manhã.

– Tenho boas notícias – disse, e os alunos no Salão, ao invés de se calarem, desataram a falar.

– Dumbledore vai voltar! – exclamaram de alegria vários alunos.

– Apanharam o herdeiro de Slytherin! – gritou, esganiçada, uma menina na mesa da Corvinal.

– Os jogos de quadribol vão recomeçar! – berrou Olívio excitado.

Quando o vozerio diminuiu, a professora disse:

– A Profª Sprout me informou que finalmente as mandrágoras estão prontas para serem colhidas. Hoje à noite, poderemos ressuscitar os alunos que foram petrificados. Não será preciso lembrar a todos que um deles talvez possa nos dizer quem ou o que os atacou. Tenho esperanças que este ano tenebroso terminará com a captura do culpado.

Houve uma explosão de vivas. Harry olhou para a mesa da Sonserina e não ficou nem um pouco surpreso ao ver que Draco Malfoy não se alegrara. Rony, porém, parecia mais feliz do que nos últimos dias.

– Então, não vai fazer diferença nunca termos perguntado nada à Murta! – disse a Harry. – Mione provavelmente terá todas as respostas quando a acordarem! E mais, vai endoidar quando descobrir que vamos ter exames dentro de três dias. Ela não estudou. Seria mais caridoso que a deixassem onde está até os exames terminarem.

Nesse instante Gina Weasley se aproximou e se sentou ao lado de Rony. Parecia tensa e nervosa e Harry reparou que torcia as mãos no colo.

– Que foi que aconteceu? – perguntou Rony, servindo-se de mais mingau.

Gina não disse nada, mas olhava de uma ponta a outra da mesa da Grifinória com uma expressão apavorada no rosto, que lembrou a Harry alguém, embora ele não conseguisse atinar quem.

– Desembucha logo – disse Rony, observando-a.

Harry de repente percebeu com quem Gina parecia. Estava se balançando para a frente e para trás na cadeira, exatamente como Dobby fazia quando estava hesitando, pouco antes de revelar a informação proibida.

– Tenho que lhe contar uma coisa – murmurou Gina, tomando cuidado para não olhar para Harry.
– O quê? – perguntou Harry.
Gina fez cara de quem não consegue encontrar as palavras certas.
– *Que é?* – perguntou Rony.
Gina abriu a boca, mas não saiu som algum. Harry se curvou para a frente e falou baixinho, de modo que somente Gina e Rony pudessem ouvir.
– É uma coisa sobre a Câmara Secreta? Você viu alguma coisa? Alguém se comportando estranhamente?
Gina tomou fôlego e, naquele exato momento, Percy Weasley apareceu, com a cara cansada e pálida.
– Se você já terminou de comer, fico com o seu lugar, Gina. Estou morto de fome. Acabei de ser liberado do serviço de vigilância.
Gina deu um pulo como se sua cadeira estivesse eletrificada, lançou a Percy um olhar rápido e amedrontado e saiu correndo. Percy se sentou e pegou uma caneca no meio da mesa.
– Percy! – disse Rony aborrecido. – Ela ia começar a nos contar uma coisa importante!
A meio caminho de beber um gole de chá, Percy se engasgou.
– Que tipo de coisa? – perguntou tossindo.
– Acabei de perguntar se tinha visto alguma coisa estranha e ela começou a dizer...
– Ah, isso, não tem nada a ver com a Câmara Secreta – disse Percy na mesma hora.
– Como é que você sabe? – perguntou Rony erguendo as sobrancelhas.
– Bem, se você faz questão de saber, Gina, hum, esbarrou comigo no outro dia quando eu estava... bem, não importa, a questão é que ela me viu fazendo uma coisa e eu, hum, pedi a ela para não contar a ninguém. Devo dizer que achei que ela ia cumprir a promessa. Não é nada, verdade, só que eu preferia...
Harry nunca vira Percy tão constrangido.
– Que é que você estava fazendo, Percy? – perguntou Rony rindo. – Vamos, conte para a gente, não vamos rir.
Percy não retribuiu o sorriso.
– Me passa esses pães, Harry, estou morto de fome.

Harry sabia que o mistério todo poderia ser resolvido no dia seguinte sem ajuda deles, mas não ia deixar passar uma oportunidade de falar com Murta se aparecesse uma – e para sua alegria apareceu, no meio da manhã, quando a turma estava sendo levada para a aula de História da Magia por Gilderoy

Lockhart.

Lockhart, que tantas vezes os tranquilizara dizendo que o perigo passara, para em seguida provar-se o contrário, agora estava inteiramente convencido de que nem valia a pena levá-los em segurança pelos corredores. Seus cabelos não estavam tão sedosos quanto de costume; parecia que estivera acordado a maior parte da noite, vigiando o quarto andar.

– Marquem minhas palavras – disse, contornando um canto com os alunos. – As primeiras palavras que aqueles coitados petrificados vão dizer serão *“Foi Hagrid”*. Francamente, estou pasmo que a Profª McGonagall continue achando que todas essas medidas de segurança são necessárias.

– Concordo, professor – disse Harry, fazendo Rony derrubar os livros de surpresa.

– Obrigado, Harry – disse Lockhart, gentilmente, enquanto esperavam uma longa fila de alunos da Lufa-Lufa passar. – Quero dizer, nós, professores, já temos muito o que fazer sem ter que acompanhar alunos às aulas e ficar de guarda a noite inteira...

– Tem razão – disse Rony, percebendo a jogada. – Por que o senhor não nos deixa aqui, só temos mais um corredor pela frente...

– Sabe, Weasley, acho que vou fazer isso. Preciso mesmo preparar a minha próxima aula...

E se afastou depressa.

– Preparar a aula – Rony caçoou quando o professor se foi. – É mais provável que vá é enrolar os cabelos.

Os dois amigos deixaram o resto dos colegas da Grifinória seguirem em frente, dispararam por uma passagem lateral e correram para o banheiro da Murta Que Geme. Mas quando estavam se parabenizando pela jogada genial...

– Potter! Weasley! Que é que os senhores estão fazendo?

Era a Profª McGonagall, e sua boca parecia um fio de linha de tão fina.

– Íamos... íamos... – gaguejou Rony. – Íamos... ver...

– Mione – disse Harry. Rony e a professora olharam para ele.

“Não a vemos há séculos, professora”, continuou Harry depressa, pisando o pé de Rony, “e pensamos em entrar sem sermos vistos na ala hospitalar, sabe, e contar a ela que as mandrágoras já estão quase prontas e... para não se preocupar...”

A Profª McGonagall continuou a olhar fixo para ele e por um instante Harry achou que ela ia explodir, mas quando falou, tinha a voz estranhamente rouca.

– Claro – disse, e Harry, espantado, viu uma lágrima brilhar nos seus olhos de contas. – Claro, compreendo que isto tenha sido mais duro para os amigos dos

que foram... compreendo bem. Está bem, Potter, é claro que os senhores podem ir visitar a Srta. Granger. Vou informar ao Prof. Binns aonde foram. Diga a Madame Pomfrey que têm a minha permissão.

Harry e Rony se afastaram, mal ousando acreditar que tinham evitado uma detenção. Quando dobraram o canto do corredor, ouviram distintamente a professora assoar o nariz.

– Essa – disse Rony entusiasmado – foi a melhor história que você já inventou.

Não havia escolha agora senão ir à ala hospitalar e dizer à Madame Pomfrey que tinham permissão da Profª McGonagall para visitar Mione.

Madame Pomfrey os deixou entrar, com relutância.

– Não tem *sentido* conversar com uma pessoa petrificada – disse ela, e os garotos tiveram que admitir que estava certa, depois de se sentarem ao lado de Mione. Era evidente que Mione nem imaginava que tinha visitas, e que tanto fazia dizerem ao armário de cabeceira para não se preocupar, tal era o bem que a conversa poderia produzir.

– Mas eu me pergunto se ela terá visto o atacante – disse Rony, contemplando com tristeza o rosto rígido de Mione. – Porque se ele chegou sem ser visto, ninguém nunca vai saber...

Mas Harry não estava olhando para o rosto de Mione. Estava mais interessado na mão direita da amiga. Estava fechada por cima das cobertas e ao chegar mais perto ele viu que havia um pedaço de papel amarrotado dentro dela.

Verificando antes se Madame Pomfrey andava por perto, ele apontou o papel para Rony.

– Tente tirar – cochichou Rony, mudando a posição da cadeira de modo a esconder Harry da vista de Madame Pomfrey.

Não foi nada fácil. A mão de Mione segurava o papel com tanta força que Harry teve certeza de que ia rasgá-lo. Enquanto Rony vigiava ele puxou e torceu e, finalmente, depois de alguns minutos tensos, o papel saiu.

Era uma página rasgada de um livro muito velho da biblioteca. Harry alisou-a ansioso, e Rony se curvou mais para ler também.

Das muitas feras e monstros medonhos que vagam pela nossa terra não há nenhum mais curioso ou mortal do que o basilisco, também conhecido como rei das serpentes. Esta cobra, que pode alcançar um tamanho gigantesco e viver centenas de anos, nasce de um ovo de galinha, chocado por uma rã. Seus métodos de matar são os mais espantosos, pois além das presas letais e venenosas, o basilisco tem um olhar mortífero, e todos que são fixados pelos seus olhos sofrem morte instantânea. As aranhas fogem do basilisco, pois é

seu inimigo mortal, e o basilisco foge apenas do canto do galo, que lhe é fatal.

E, no pé da página, uma única palavra fora escrita numa caligrafia que Harry reconheceu ser de Mione. *Canos*.

Era como se alguém tivesse acabado de acender uma luz em seu cérebro.

– Rony – sussurrou. – É isso. Isso é a resposta. O monstro na Câmara é um *basilisco*, uma cobra gigantesca! É por *isso* que andei ouvindo a voz por todo lado, e ninguém mais ouvia. É porque entendo a língua das cobras...

Harry ergueu os olhos para as camas à sua volta.

– O basilisco mata as pessoas com o olhar. Mas ninguém morreu, porque ninguém o encarou. Colin viu o bicho através da lente da máquina fotográfica. O basilisco queimou o filme que havia dentro, mas Colin só ficou petrificado. Justino... Justino deve ter visto o basilisco através do Nick Quase Sem Cabeça! Nick recebeu todo o impacto, mas não podia morrer *novamente*... e Mione e aquela monitora da Corvinal foram encontradas com um espelho ao lado delas. Mione acabara de perceber que o monstro era um basilisco. Aposto o que você quiser que ela preveniu a primeira pessoa que encontrou para antes de virar um canto, primeiro olhar o outro lado com um espelho! E aquela garota tirou o espelho da mochila... e...

O queixo de Rony caíra.

– E Madame Nor-r-ra? – perguntou, ansioso.

Harry pensou bastante, imaginando a cena na noite da festa das bruxas.

– A água... – disse lentamente. – A inundação do banheiro da Murta Que Geme. Aposto como Madame Nor-r-ra só viu o reflexo...

Harry examinou a página que tinha na mão, pressuroso. Quanto mais lia, mais ela fazia sentido.

– *"...O canto do galo... lhe é letal!"* – leu ele em voz alta. – Os galos de Hagrid foram mortos! O herdeiro de Slytherin não queria nenhum perto do castelo quando a Câmara fosse aberta! *"As aranhas fogem do basilisco!"* Tudo se encaixa!

– Mas como é que o basilisco anda circulando pelo castelo? – perguntou Rony. – Uma cobra gigantesca... Alguém a teria visto...

Harry, porém, apontou para a palavra que Mione escrevera no pé da página.

– Canos. Canos... Rony, ela está usando os canos. Tenho ouvido aquela voz dentro das paredes...

Rony agarrou de repente o braço de Harry.

– A entrada para a Câmara Secreta! – disse com a voz rouca. – E se for um banheiro? E se for o...

– *Banheiro da Murta Que Geme* – completou Harry.
Os dois ficaram sentados ali, a excitação circulando com rapidez pelo corpo, mal conseguindo acreditar.
– Isto significa – disse Harry – que não devo ser o único a falar a língua das cobras na escola. O herdeiro de Slytherin deve ser outro que fala também. É assim que ele controla o basilisco.
– Que vamos fazer? – perguntou Rony, cujos olhos faiscavam. – Vamos direto à Profª McGonagall?
– Vamos à sala dos professores – disse Harry, ficando de pé de um salto. – Ela vai para lá dentro de dez minutos. Já está quase na hora do intervalo.
Os garotos correram para baixo. Não querendo ser encontrados perambulando por outro corredor, foram diretamente à sala dos professores, ainda deserta. Era um aposento amplo, as paredes forradas com painéis de madeira, as cadeiras de madeira escura. Harry e Rony ficaram andando de um lado para o outro, excitados demais para se sentar.
Mas a sineta do intervalo jamais tocou.
Em vez disso, ecoando pelos corredores, ouviram a voz da Profª McGonagall, magicamente amplificada.
“*Todos os alunos voltem imediatamente aos dormitórios de suas casas. Todos os professores voltem à sala de professores. Imediatamente, por favor.*”
Harry virou-se para encarar Rony.
– Não outro ataque! Não agora!
– Que vamos fazer? – disse Rony horrorizado. – Voltar ao dormitório?
– Não – disse Harry, olhando à sua volta. Havia um tipo feio de guardaroupa à sua esquerda, onde guardavam as capas dos professores. – Ali dentro. Vamos ouvir o que foi. Depois podemos contar o que descobrimos.
Os garotos se esconderam dentro do armário, escutando o barulho de centenas de pessoas andando no andar de cima e a porta da sala de professores se abrir e bater. Do meio das dobras mofadas das capas, observaram os professores chegarem um a um. Alguns pareciam intrigados, outros completamente apavorados. Então chegou a Profª McGonagall.
– Aconteceu – disse ela na sala silenciosa. – Uma aluna foi levada pelo monstro. Para a Câmara.
O Prof. Flitwick deixou escapar um grito fino. A Profª Sprout tampou a boca com as mãos. Snape agarrou com muita força o espaldar de uma cadeira e perguntou:
– Como você pode ter certeza?
– O herdeiro de Slytherin – disse a professora muito pálida – deixou outra

mensagem. Logo abaixo da primeira. *"O esqueleto dela jazerá na Câmara para sempre."*

O Prof. Flitwick rompeu em lágrimas.

– Quem foi? – perguntou Madame Hooch, que afundara, com os joelhos bambos, numa cadeira. – Que aluna?

– Gina Weasley – respondeu McGonagall.

Harry sentiu Rony escorregar silenciosamente para o chão do armário do lado dele.

– Teremos que mandar todos os alunos para casa amanhã – continuou ela. – Isto é o fim de Hogwarts. Dumbledore sempre disse...

A porta da sala de professores bateu outra vez. Por um momento delirante Harry teve certeza de que seria Dumbledore. Mas era Lockhart e ele sorria.

– Lamento muito, cochilei, que foi que perdi?

Ele não pareceu notar que os outros professores o olhavam com uma expressão muito próxima ao ódio. Snape se adiantou.

– O homem de que precisávamos! Em pessoa! Uma menina foi sequestrada pelo monstro, Lockhart. Levada para a Câmara Secreta. Chegou finalmente a sua vez.

Lockhart ficou lívido.

– Isto mesmo, Gilderoy – disse a Profª Sprout. – Você não estava dizendo ainda ontem à noite que sempre soube onde era a entrada da Câmara Secreta?

– Eu... bem, eu... – gaguejou Lockhart.

– É, você não me disse que tinha certeza do que havia dentro dela? – falou o Prof. Flitwick.

– D-disse? Não me lembro...

– Pois eu me lembro de você dizendo que lamentava não ter tido uma chance de enfrentar o monstro antes de Hagrid ser preso – continuou Snape. – Você não disse que o caso todo foi mal conduzido e que deviam ter-lhe dado carta branca desde o começo?

Lockhart contemplou os rostos duros dos colegas à sua volta.

– Eu... eu realmente nunca... vocês devem ter entendido mal...

– Vamos deixar o problema em suas mãos, então, Gilderoy – disse a Profª McGonagall. – Hoje à noite será uma ocasião excelente para resolvê-lo. Vamos providenciar para que todos estejam fora do seu caminho. Você terá oportunidade de cuidar do monstro sozinho. Enfim, terá carta branca.

Lockhart olhou desesperado para os lados, mas ninguém veio em seu socorro. Ele não parecia mais bonitão, nem de longe. Seu lábio tremia e na ausência do sorriso costumeiro, cheio de dentes, seu queixo parecia pequeno e fraco.

– M-muito bem – disse. – Estarei... estarei em minha sala me... me preparando.

E saiu.

– Muito bem – disse a Profª McGonagall, cujas narinas tremiam –, com isso o tiramos do caminho. Os diretores das casas devem ir informar os alunos do que aconteceu. Digam que o Expresso de Hogwarts os levará para casa logo de manhã. Os demais, por favor, certifiquem-se de que nenhum aluno fique fora dos dormitórios.

Os professores se levantaram e saíram, um por um.

Foi provavelmente o pior dia da vida de Harry. Ele, Rony, Fred e Jorge se sentaram juntos a um canto da sala comunal da Grifinória, incapazes de dizer qualquer coisa. Percy não estava presente. Fora despachar uma coruja para o Sr. e a Sra. Weasley, depois trancou-se no dormitório.

Nenhuma tarde jamais se arrastou tanto quanto essa, nem tampouco a Torre da Grifinória esteve tão cheia e, no entanto, tão silenciosa. Próximo ao pôr do sol, Fred e Jorge foram se deitar, porque não conseguiam continuar sentados.

– Ela sabia alguma coisa, Harry – disse Rony, falando pela primeira vez desde que entraram no armário da sala de professores. – É por isso que foi sequestrada. Não era uma bobagem sobre o Percy, nada disso. Descobriu alguma coisa sobre a Câmara Secreta. Deve ter sido por isso que foi... – Rony esfregou os olhos com força. – Quero dizer, ela era puro sangue. Não pode haver nenhum outro motivo.

Harry podia ver o sol se pondo, vermelho-sangue, na linha do horizonte. Nunca se sentira pior na vida. Se ao menos houvesse alguma coisa que pudessem fazer. Qualquer coisa.

– Harry – disse Rony. – Você acha que pode haver alguma chance de ela não estar... sabe...

Harry não soube o que dizer. Não conseguia ver como Gina ainda pudesse estar viva.

– Sabe de uma coisa? – falou Rony. – Acho que devíamos ir ver Lockhart. Contar a ele o que sabemos. Ele vai tentar entrar na Câmara. Podemos contar onde achamos que é, e avisar que tem um basilisco lá dentro.

Porque Harry não pôde pensar em mais nada para fazer e porque queria fazer alguma coisa, ele concordou. Os alunos da Grifinória na sala estavam tão infelizes e sentiam tanta pena dos Weasley, que ninguém tentou impedi-los quando se levantaram, atravessaram a sala e saíram pelo buraco do retrato.

Anoitecia quando desceram à sala de Lockhart. Parecia haver muita atividade lá dentro. Os garotos ouviram coisas sendo arrastadas, baques surdos e passos apressados.

Harry bateu e fez-se um repentino silêncio na sala. Então abriu-se uma frestinha na porta e eles viram o olho de Lockhart espreitando.

– Ah... Sr. Potter... Sr. Weasley... – disse, abrindo um pouco mais a porta. – Estou muito ocupado no momento, se puderem ser rápidos...

– Professor, temos umas informações para o senhor – disse Harry. – Achamos que podem ajudá-lo.

– Hum... bem... não é tão... – A metade do rosto de Lockhart que podiam ver parecia muito constrangida. – Quero dizer... bem... muito bem...

Ele abriu a porta e os garotos entraram.

Sua sala tinha sido quase completamente desmontada. Havia dois malões abertos no chão. Vestes verde-jade, lilás, azul-meia-noite, tinham sido apressadamente dobradas e guardadas em um deles; livros tinham sido enfiados de qualquer jeito no outro. As fotografias que cobriam as paredes agora estavam comprimidas em caixas sobre a escrivaninha.

– O senhor vai a algum lugar? – perguntou Harry.

– Hum, bem, vou – disse Lockhart, arrancando um pôster com a sua foto em tamanho natural das costas da porta, enquanto falava, e começando a enrolá-lo. – Chamado urgente... inevitável... tenho que partir...

– E a minha irmã? – perguntou Rony de supetão.

– Bem, sobre isso... foi muito azar... – respondeu Lockhart, evitando encarar os garotos, enquanto puxava uma gaveta com força e começava a esvaziar o seu conteúdo em uma mochila. – Ninguém lamenta mais do que eu...

– O senhor é o professor de Defesa Contra as Artes das Trevas! – exclamou Harry. – Não pode ir embora agora! Não com todas essas artes das trevas em ação!

– Bem... devo dizer... quando aceitei o emprego... – resmungou Lockhart, agora amontoando meias por cima das vestes – nada na descrição da função... não era de esperar...

– O senhor quer dizer que está *fugindo*? – disse Harry, incrédulo. – Depois de tudo que fez nos seus livros...

– Os livros podem ser enganosos – disse Lockhart gentilmente.

– Mas foi o senhor quem os escreveu – gritou Harry.

– Meu caro rapaz – disse Lockhart se endireitando e amarrando a cara para Harry. – Use o bom-senso. Meus livros não teriam vendido nem a metade se as pessoas não achassem que eu *fiz* todas aquelas coisas. Ninguém quer ler histórias de um velho bruxo feio da Armênia, mesmo que tenha salvado uma cidade dos lobisomens. Ele ficaria medonho na capa. Nem sabe se vestir. E a bruxa que afugentou o espírito agourento tinha lábio leporino. Quero dizer, convenhamos...

– Então o senhor só está recebendo crédito pelo que outros bruxos e bruxas

fizeram? – perguntou Harry, incrédulo.

– Harry, Harry – disse Lockhart, sacudindo a cabeça com impaciência –, a coisa não é tão simples assim. Há muito trabalho envolvido. Eu tive que procurar essas pessoas. Perguntar exatamente como conseguiram fazer o que fizeram. Depois tive que lançar um Feitiço da Memória para elas esquecerem o que fizeram. Se há uma coisa de que me orgulho é do meu Feitiço da Memória. Não, foi muito trabalhoso, Harry. Não é só autografar livros e tirar fotos de publicidade, sabe. Se você quer ser famoso, tem que estar preparado para dar duro.

Ele fechou os malões com estrondo e trancou-os.

– Vejamos – disse. – Acho que é só. É. Só falta uma coisa.

E tirou a varinha e se virou para os garotos.

– Lamento muito, rapazes, mas tenho que lançar um Feitiço da Memória em vocês agora. Não posso permitir que saiam espalhando os meus segredos por aí. Eu jamais venderia outro livro...

Harry apanhou a própria varinha bem na hora. Lockhart mal erguera a sua, quando Harry berrou:

– *Expelliarmus!*

Lockhart foi atirado para trás, caiu por cima do malão; a varinha voou no ar; Rony agarrou-a e atirou-a pela janela.

– O senhor não devia ter deixado o Prof. Snape nos ensinar isso – disse Harry furioso, chutando o malão de Lockhart para o lado. Lockhart ficou olhando para ele, parecendo frágil outra vez. Harry apontava a varinha em sua direção.

– Que é que você quer que eu faça? – perguntou Lockhart com a voz fraca. – Eu não sei onde fica a Câmara Secreta. Não há nada que eu possa fazer.

– O senhor está com sorte – disse Harry forçando Lockhart a se levantar com a varinha. – Achamos que sabemos onde fica. *E* o que tem lá dentro. Vamos.

Saíram os três da sala, desceram as escadas mais próximas, e seguiram pelo corredor escuro em que as mensagens brilhavam na parede até a porta do banheiro da Murta Que Geme.

Empurraram Lockhart na frente. Harry ficou satisfeito de verificar que o professor tremia.

Murta Que Geme estava sentada na caixa de água do último boxe.

– Ah, é você – disse quando viu Harry. – Que é que você quer agora?

– Perguntar como foi que você morreu.

A atitude de Murta mudou na hora. Parecia que nunca alguém lhe fizera uma pergunta tão elogiosa.

– Aaaah, foi pavoroso – disse com satisfação. – Aconteceu bem aqui. Morri aqui mesmo neste boxe. Me lembro tão bem! Eu tinha me escondido porque

Olívia Hornby estava caçoando de mim por causa dos meus óculos. Tranquei a porta e fiquei chorando e então ouvi alguém entrar. Disseram uma coisa engraçada. Deve ter sido numa língua diferente, acho. Em todo o caso, o que me incomodou foi que era a voz de um *garoto*. Então destranquei a porta do boxe para mandar ele sair e ir usar o banheiro dos garotos e então... – Murta inchou fazendo-se de importante, o rosto brilhante. – *Morri*.

– Como? – perguntou Harry.

– Não faço ideia – disse Murta sussurrando. – Só me lembro de ter visto dois olhos grandes e amarelos. Meu corpo inteiro foi engolfado e então me afastei flutuando... – Ela olhou para Harry sonhadora. – E então voltei. Estava decidida a assombrar Olívia Hornby, sabe. Ah, como ela lamentou ter-se rido dos meus óculos.

– Onde foi exatamente que você viu os olhos?

– Por ali – respondeu Murta apontando vagamente na direção da pia em frente ao boxe em que estava.

Harry e Rony correram para a pia. Lockhart ficou parado bem mais atrás, uma expressão de puro terror no rosto.

Parecia uma pia comum. Eles examinaram cada centímetro, por dentro e por fora, inclusive os canos embaixo. E então Harry viu: gravada ao lado de uma das torneiras de cobre havia uma cobrinha mínima.

– Essa torneira nunca funcionou – disse Murta, animada, quando ele tentou abri-la.

– Harry – disse Rony. – Diga alguma coisa. Alguma coisa em língua de cobra.

– Mas... – Harry se esforçou. As únicas vezes em que conseguira falar a língua das cobras foi quando estava diante de uma cobra real. Ele fixou o olhar na gravação minúscula, tentando imaginar que era real.

“Abra”, mandou.

Ele olhou para Rony, que sacudiu a cabeça.

– Nossa língua.

Harry tornou a olhar para a cobra, desejando acreditar que estivesse viva. Se ele mexia a cabeça, a luz das velas fazia parecer que a cobra estava se mexendo.

– Abra – repetiu.

Só que as palavras não foram o que ele ouviu; um estranho assobio lhe escapara da boca e na mesma hora a torneira brilhou com uma luz branca e começou a girar. No segundo seguinte, a pia começou a se deslocar; a pia, na realidade, sumiu de vista, deixando um grande cano exposto, um cano largo o suficiente para um homem escorregar por dentro dele.

Harry ouviu Rony soltar uma exclamação e levantou a cabeça. Decidira o que ia fazer.

– Vou descer – anunciou.
Ele não podia deixar de descer, agora que tinham encontrado a entrada para a Câmara, não se houvesse a mais leve, mínima, imaginária chance de Gina estar viva.
– Eu também – falou Rony.
Houve uma pausa.
– Bem, parece que vocês não precisam de mim – disse Lockhart com uma sombra do seu antigo sorriso. – Eu vou...
E levou a mão à maçaneta da porta, mas Rony e Harry apontaram as varinhas para ele.
– Você pode descer primeiro – rosnou Rony.
De rosto lívido e sem varinha, Lockhart se aproximou da abertura.
– Rapazes – disse com a voz fraca. – Rapazes, que bem isto vai trazer?
Harry cutucou-o nas costas com a varinha. Lockhart escorregou as pernas para dentro do cano.
– Eu não acho... – começou a dizer, mas Rony deu-lhe um empurrão, e ele desapareceu de vista. Harry seguiu-o em silêncio. Baixou o corpo lentamente para dentro do cano e se soltou.
Foi como se ele se precipitasse por um escorrega escuro, viscoso e sem fim. Viu outros canos saindo para todas as direções, mas nenhum tão largo quanto aquele, que virava e dobrava, sempre e ingrememente para baixo, e ele percebeu que estava descendo cada vez mais fundo sob a escola, para além das masmorras mais fundas. Atrás ele ouvia Rony, batendo-se ligeiramente na curvas.
E então, quando começava a se preocupar com o que aconteceria quando chegasse ao chão, o cano nivelou e ele foi atirado pela extremidade com um baque aquoso, e aterrissou no chão úmido de um túnel de pedra às escuras, suficientemente amplo para a pessoa ficar de pé. Lockhart estava se levantando um pouco adiante, coberto de limo e branco como um fantasma. Harry afastou-se para um lado enquanto Rony também saía chispando do cano.
– Devemos estar quilômetros abaixo da escola – disse Harry, sua voz ecoando no túnel escuro.
– Provavelmente debaixo do lago – sugeriu Rony, apertando os olhos para enxergar as paredes escuras e limosas.
Os três se viraram para encarar a escuridão à frente.
– *Lumus!* – murmurou Harry para sua varinha que acendeu. – Vamos – chamou Rony e Lockhart, e lá se foram os três, seus passos chapinhando ruidosamente no chão molhado.
O túnel era tão escuro que eles só conseguiam ver uma pequena distância à frente. Suas sombras nas paredes molhadas pareciam monstruosas à luz da

varinha.
– Lembrem-se – disse Harry baixinho enquanto avançavam com cautela –, a qualquer sinal de movimento, fechem os olhos imediatamente...
Mas o túnel estava silencioso como um túmulo, e o primeiro som inesperado que ouviram foi o *ruído* de alguma coisa sendo esmagada quando Rony pisou em alguma coisa que descobriram ser um crânio de rato. Harry baixou a varinha para olhar o chão e viu que se encontrava coalhado de ossos de pequenos animais. Tentando por tudo não imaginar que aspecto teria Gina se a encontrassem, Harry, à frente, virou uma curva escura do túnel.
– Harry... tem alguma coisa ali... – disse Rony rouco, agarrando o ombro do amigo.
Eles se imobilizaram, observando. Harry conseguia apenas ver o contorno de uma coisa enorme e curvilínea, deitada atravessada no túnel. A coisa não se mexia.
– Talvez esteja dormindo – sussurrou, olhando para os outros dois atrás. Lockhart tampava os olhos com as mãos. Harry tornou a se virar para olhar a coisa, o coração batendo tão forte que chegava a doer.
Muito devagarinho, com os olhos o mais apertados possível, mas ainda vendo, Harry avançou aos poucos com a varinha erguida.
A luz deslizou pela pele de uma cobra gigantesca, colorida e venenosa, que se encontrava enroscada e oca no chão do túnel. O bicho que se desfizera dela devia ter no mínimo uns seis metros de comprimento.
– Droga – xingou Rony em voz baixa.
Ouviram então um movimento súbito às costas. Os joelhos de Lockhart tinham cedido.
– Levante-se – disse Rony com rispidez, apontando a varinha para Lockhart.
O professor se levantou – em seguida atirou-se contra Rony, derrubando-o no chão.
Harry deu um salto à frente, mas demasiado tarde – Lockhart já se erguia, ofegante, a varinha de Rony na mão e um sorriso radioso novamente no rosto.
– A aventura termina aqui, rapazes. Vou levar um pedaço dessa pele de volta à escola, dizer que cheguei tarde demais para salvar a garota e que vocês dois enlouqueceram *tragicamente* ao verem o corpo dela mutilado, digam adeus às suas memórias!
Ele ergueu a varinha de Rony, emendada com fita adesiva, acima da cabeça e gritou:
– *Obliviate!*
A varinha explodiu com a força de uma pequena bomba. Harry ergueu os braços para o alto e fugiu, escorregando nas voltas da pele de cobra, escapando

do alcance dos grandes pedaços do teto do túnel que caíam com estrondo no chão. No momento seguinte, ele estava sozinho, contemplando uma parede maciça formada pelos destroços.

– Rony! – gritou. – Você está bem? Rony!

– Estou aqui! – respondeu a voz abafada de Rony atrás do entulho. – Estou bem, mas esse bosta aqui não está, a varinha acertou nele...

Ouviu-se uma pancada surda e um sonoro “ai!”. Parecia que Rony tinha acabado de chutar Lockhart nas canelas.

– E agora? – perguntou a voz de Rony, desesperada. – Não podemos passar, vai levar séculos...

Harry olhou para o teto do túnel. Tinham aparecido nele enormes rachaduras. O garoto nunca tentara cortar, com auxílio da magia, nada tão grande como essas pedras, e agora não parecia uma boa hora para tentar – e se o túnel inteiro desabasse?

Ouviu-se mais outra pancada e mais um “ai!” por trás das pedras. Estavam perdendo tempo. Gina já fora trazida para a Câmara Secreta havia horas... Harry sabia que havia apenas uma coisa a fazer.

– Espere aí – gritou para Rony. – Espere com Lockhart. Eu vou continuar... Se eu não voltar dentro de uma hora...

Houve uma pausa cheia de significação.

– Vou tentar afastar umas pedras – disse Rony, que parecia estar querendo manter a voz firme. – Para você poder... poder passar na volta. E, Harry...

– Vejo você daqui a pouco – disse Harry, tentando injetar alguma segurança em sua voz trêmula.

E retomou sozinho a caminhada para além da pele de cobra.

Logo o som distante de Rony batalhando para retirar as pedras silenciou. O túnel dava voltas e mais voltas. Cada nervo do corpo de Harry formigava desagradavelmente. Ele queria que o túnel terminasse, mas temia o que encontraria no fim. E então, ao dobrar mais uma curva, deparou com uma parede sólida à sua frente em que havia duas cobras entrelaçadas talhadas em pedra, os olhos engastados com duas enormes esmeraldas brilhantes.

Harry se aproximou, a garganta seca. Não havia necessidade de fingir que essas cobras de pedra eram reais; seus olhos pareciam estranhamente vivos.

Ele adivinhou o que precisava fazer. Pigarreou e os olhos de esmeralda pareceram piscar.

– *Abram* – disse num sibilo grave e fraco.

As cobras se separaram e as paredes se afastaram, as duas metades deslizaram suavemente, desaparecendo de vista e Harry, tremendo dos pés à cabeça, entrou.

— CAPÍTULO DEZESSETE —

O herdeiro de Slytherin

Harry se viu parado no fim de uma câmara muito comprida e mal iluminada. Altas colunas de pedra entrelaçadas com cobras em relevo sustentavam um teto que se perdia na escuridão, projetando longas sombras negras na luz estranha e esverdeada que iluminava o lugar.

Com o coração batendo muito depressa, Harry ficou escutando o silêncio hostil. Será que o basilisco estaria à espreita num canto sombrio, atrás de uma coluna? E onde estaria Gina?

Ele puxou a varinha e avançou por entre as colunas serpentinas. Cada passo cauteloso ecoava alto nas paredes sombreadas. Manteve os olhos semicerrados, pronto para fechá-los depressa ao menor sinal de movimento. As órbitas ocas das cobras de pedra pareciam segui-lo. Mais de uma vez, com um aperto no estômago, ele pensou ter surpreendido uma delas se mexendo.

Então, quando emparelhou com o último par de colunas, uma estátua alta como a própria Câmara apareceu contra a parede do fundo.

Harry teve que esticar o pescoço para ver o rosto gigantesco lá no alto. Era antigo e simiesco, com uma barba longa e rala que caía quase até a barra das vestes esvoaçantes de um bruxo de pedra, onde havia dois pés cinzentos enormes apoiados no chão liso da Câmara. E entre os pés, de bruços, jazia um pequeno vulto de cabelos flamejantes vestido de negro.

– *Gina!* – murmurou Harry, correndo para ela e se ajoelhando. – Gina... não esteja morta... por favor não esteja morta... – Ele largou a varinha de lado, segurou Gina pelos ombros e virou-a. Seu rosto estava branco e frio como o mármore, mas tinha os olhos fechados, portanto não estava petrificada. Então devia estar...

“Gina por favor acorde”, murmurou Harry desesperado, sacudindo-a. A

cabeça de Gina balançou desamparada de um lado para outro.
– Ela não vai acordar – disse uma voz indulgente.
Harry se sobressaltou e se virou ainda de joelhos.
Um garoto alto, de cabelos negros, o observava encostado à coluna mais próxima. Tinha os contornos estranhamente borrados, como se Harry o estivesse vendo através de uma janela embaçada. Mas não havia como se enganar...
– Tom... *Tom Riddle*?
Riddle confirmou com a cabeça, sem tirar os olhos do rosto de Harry.
– Que é que você quer dizer com "ela não vai acordar"? – perguntou desesperado. – Ela não está... não está...?
– Ainda está viva – disse Riddle. – Mas por um fio.
Harry arregalou os olhos para ele. Tom Riddle estivera em Hogwarts cinquenta anos atrás, contudo achava-se ali parado, envolto por uma luz estranha e enevoada, com os seus exatos dezesseis anos.
– Você é um fantasma? – perguntou Harry incerto.
– Uma lembrança – disse Riddle com suavidade. – Conservada em um diário durante cinquenta anos.
E apontou para o chão perto dos enormes pés da estátua. Caído ali encontrava-se o pequeno diário preto que Harry encontrara no banheiro da Murta Que Geme. Por um segundo, ele se perguntou como aquilo chegara ali – mas havia assuntos mais urgentes a tratar.
– Você tem que me ajudar, Tom – disse Harry, levantando a cabeça de Gina outra vez. – Temos que tirá-la daqui. Tem um basilisco... Não sei onde está, mas pode chegar a qualquer momento... Por favor, me ajude...
Riddle não se mexeu. Harry, suando, conseguiu levantar metade do corpo de Gina do chão e se curvou para apanhar de novo sua varinha.
Mas a varinha desaparecera.
– Você viu?
Ele ergueu a cabeça. Riddle continuava a observá-lo – girava a varinha de Harry entre os dedos compridos.
– Obrigado – disse Harry, estendendo a mão para a varinha.
Um sorriso encrespou os cantos da boca de Riddle. Continuava a encarar Harry, girando distraidamente a varinha.
– Escute aqui – disse Harry com urgência, seus joelhos cedendo sob o peso morto de Gina. – *Temos que ir embora!* Se o basilisco chegar...
– Ele não virá até ser chamado – disse Riddle calmamente.
Harry depositou Gina outra vez no chão, incapaz de continuar a sustentá-la.
– Que quer dizer? Olhe, me dê a minha varinha, posso precisar dela...
O sorriso de Riddle se alargou.

– Você não vai precisar dela.
Harry encarou-o.
– Que é que você quer dizer, não vou...?
– Esperei muito tempo por isto, Harry Potter. Por uma chance de vê-lo. De lhe falar.
– Olhe – disse Harry, perdendo a paciência. – Acho que você não está entendendo. Estamos na *Câmara Secreta*. Podemos conversar depois...
– Vamos conversar agora – disse Riddle, ainda sorrindo, e guardando a varinha no bolso.
Harry encarou-o. Havia alguma coisa muito estranha acontecendo ali...
– Como foi que Gina ficou assim? – perguntou com a voz lenta.
– Bom, essa é uma pergunta interessante – disse Riddle em tom agradável. – E uma história bastante comprida. Suponho que a razão de Gina Weasley estar assim é porque abriu o coração e contou todos os seus segredos para um estranho invisível.
– Do que é que você está falando?
– Do diário. Do *meu* diário. A pequena Gina anda escrevendo nele há meses, me contou suas tristes preocupações e mágoas, como os irmãos *implicavam* com ela, como teve que vir para a escola com vestes e livros de segunda mão, como – os olhos de Riddle brilharam –, como achava que o bom, o famoso, o importante Harry Potter *jamais* iria gostar dela...
Todo o tempo que falava, os olhos de Riddle não desgrudavam do rosto de Harry. Havia neles uma expressão quase faminta.
– É muito *chato* ter que ouvir os probleminhas bobos de uma garota de onze anos. Mas fui paciente. Respondi. Fui simpático, gentil. Gina simplesmente me *adorou. Ninguém nunca me compreendeu como você, Tom... É uma alegria ter este diário para fazer confidências... É como ter um amigo portátil que se leva para todo lado no bolso...*
Riddle deu uma risada aguda e fria que não combinava com ele. Fez os cabelos na nuca de Harry se arrepiarem.
– Ainda que seja eu a dizer, Harry, sempre fui capaz de encantar as pessoas de quem precisei. Então Gina me revelou sua alma, e por acaso essa alma era exatamente o que eu queria... fui ficando cada vez mais forte com a dieta dos seus medos mais arraigados e segredos mais íntimos. Fiquei poderoso, muito mais poderoso do que a pequena Srta. Weasley. Suficientemente poderoso para começar a alimentá-la com alguns dos *meus* segredos, e começar a instilar *nela* um pouco da *minha* alma...
– Do que é que você está falando? – perguntou Harry, que sentia a boca muito seca.

– Você ainda não adivinhou, Harry Potter? – disse Riddle baixinho. – Gina Weasley abriu a Câmara Secreta. Ela estrangulou os galos da escola e escreveu mensagens ameaçadoras nas paredes. Ela açulou a serpente de Slytherin contra quatro sangues ruins e a gata daquela aberração do Filch.

– Não – sussurrou Harry.

– Sim – confirmou Riddle calmamente. – É claro que ela não *sabia* o que estava fazendo no início. Era muito divertido. Eu gostaria que você tivesse visto as anotações que a garota fez no diário depois... ficaram muito mais interessantes... *“Querido Tom”* – recitou ele, observando a expressão horrorizada de Harry –, *“acho que estou perdendo a memória. Tem penas de galos nas minhas vestes e não sei como foram parar lá. Querido Tom, não me lembro do que fiz na noite das Bruxas, mas um gato foi atacado e a frente da minha roupa está suja de tinta. Querido Tom, Percy me diz o tempo todo que estou pálida e que estou diferente do que era. Acho que ele suspeita de mim... Houve outro ataque hoje e não sei onde é que eu estava. Tom, que é que eu vou fazer? Acho que estou ficando maluca... Acho que sou a pessoa que está atacando todo mundo, Tom!”*

Os punhos de Harry se fecharam, as unhas se enterraram nas palmas das mãos.

– Levou muito tempo para a burrinha da Gina parar de confiar no diário – continuou Riddle. – Mas ela finalmente desconfiou e tentou jogá-lo fora. E foi aí que *você* entrou, Harry. Você o encontrou e eu não poderia ter me sentido mais satisfeito. De todas as pessoas que podiam tê-lo apanhado, foi *você*, exatamente a pessoa que eu estava mais ansioso para conhecer...

– E para que você queria me conhecer? – perguntou Harry. A raiva corria pelas veias dele, e precisou de muito esforço para manter a voz firme.

– Bem, veja, Gina me contou tudo sobre você, Harry. Toda a sua história *fascinante*. – Os olhos de Riddle percorreram a cicatriz em forma de raio na testa de Harry e sua expressão se tornou mais voraz. – Senti que precisava descobrir mais a seu respeito, conversar com você, conhecer você, se pudesse. Então, decidi lhe mostrar a minha famosa captura daquele bobalhão do Hagrid para ganhar sua confiança...

– Hagrid é meu amigo – disse Harry, a voz trêmula. – E foi você que o incriminou, não foi? Pensei que você tivesse se enganado, mas...

Riddle deu aquela risada aguda outra vez.

– Foi a minha palavra contra a de Hagrid, Harry. Bem, você pode imaginar o que pareceu ao velho Armando Dippet. De um lado, Tom Riddle, pobre mas brilhante, órfão mas muito *corajoso*, monitor, aluno-modelo... do outro lado, o trapalhão do Hagrid, que vivia se metendo em encrencas, tentava criar filhotes

de lobisomens debaixo da cama, fugia para a Floresta Proibida para brigar com trasgos... mas admito que até *eu* mesmo fiquei surpreso que o plano tivesse funcionado tão bem. Achei que *alguém* devia perceber que Hagrid não poderia ser o herdeiro de Slytherin. *Eu* gastara cinco anos inteiros para descobrir tudo que podia sobre a Câmara Secreta e encontrar a entrada... como se Hagrid tivesse cabeça, ou poder para tanto!

"Só o professor de Transfiguração, Dumbledore, pareceu pensar que Hagrid era inocente. E convenceu Dippet a conservar Hagrid aqui e treiná-lo para guarda-caça. É, acho que ele talvez tivesse adivinhado... Dumbledore nunca pareceu gostar de mim tanto quanto os outros professores..."

– Aposto que Dumbledore não se deixou enganar por você – disse Harry com os dentes cerrados.

– Bem, não há dúvida de que ele ficou me vigiando de maneira incômoda depois que Hagrid foi expulso – disse Riddle indiferente. – Percebi que não seria seguro tornar a abrir a Câmara enquanto ainda estivesse na escola. Mas não ia desperdiçar os longos anos que passei procurando por ela. Resolvi deixar aqui um diário, preservando o meu eu de dezesseis anos em suas páginas, de modo que um dia, com sorte, eu pudesse conduzir alguém pelas minhas pegadas e terminar a nobre tarefa de Salazar Slytherin.

– Bem, você não a terminou – disse Harry em tom de vitória. – Desta vez ninguém morreu, nem mesmo a gata. Dentro de algumas horas a Poção de Mandrágoras estará pronta e todos que foram petrificados voltarão à normalidade outra vez...

– Acho que ainda não lhe disse – falou Riddle em voz baixa – que matar sangues ruins não me interessa mais. Há muitos meses, meu novo alvo tem sido... *você*.

Harry encarou-o.

– Imagine a raiva que tive quando na vez seguinte que alguém abriu o meu diário, era a Gina que estava me escrevendo e não você. Ela o viu com o diário, sabe, e entrou em pânico. E se você descobrisse como usá-lo, e eu repetisse todos os segredos dela para você? E se, o que seria pior, eu contasse a você quem tinha andado estrangulando os galos? Então a boba da pirralha esperou o seu dormitório ficar deserto e roubou o diário. Mas eu sabia o que precisava fazer. Tinha ficado claro para mim que você estava na pista do herdeiro de Slytherin. Por tudo que Gina tinha me contado, eu sabia que você não mediria esforços para solucionar o mistério, principalmente se um dos seus melhores amigos fosse atacado. E Gina tinha me contado que a escola inteira estava alvoroçada porque você sabia falar a língua das cobras...

"Então fiz Gina escrever o bilhete de adeus na parede e descer aqui para

esperar. Ela resistiu, chorou e ficou *muito* chateada. Mas não resta nela muita vida... Ela transferiu muita força para o diário, para mim. O suficiente para eu poder finalmente deixar aquelas páginas... Estive esperando você aparecer desde que chegamos aqui. Sabia que você viria. Tenho muitas perguntas a lhe fazer, Harry Potter.”

– Por exemplo? – disse Harry com rispidez, os punhos ainda fechados.

– Bem – disse Riddle, dando um sorriso agradável –, como foi que *você*, um garoto magricela, sem nenhum talento mágico excepcional, conseguiu derrotar o maior bruxo de todos os tempos? Como foi que *você* escapou apenas com uma cicatriz, enquanto os poderes do Lorde Voldemort foram destruídos?

Surgia agora em seus olhos vorazes um brilho estranho e avermelhado.

– Que lhe interessa como escapei? – perguntou Harry lentamente. – Voldemort foi depois do seu tempo...

– Voldemort – disse Riddle com indulgência – é o meu passado, presente e futuro, Harry Potter...

E, tirando a varinha de Harry do bolso, ele escreveu no ar três palavras cintilantes:

TOM SERVOLEO RIDDLE

Em seguida, agitou a varinha uma vez e as letras do seu nome se rearrumaram:

EIS LORDE VOLDEMORT

– Entendeu? Era um nome que eu já estava usando em Hogwarts, só para os meus amigos mais íntimos, é claro. Você acha que eu ia usar o nome nojento do meu pai trouxa para sempre? Eu, em cujas veias corre o sangue do próprio Salazar Slytherin, pelo lado de minha mãe? Eu, conservar o nome de um trouxa sujo e comum, que me abandonou mesmo antes de eu nascer, só porque descobriu que minha mãe era bruxa? Não, Harry, criei para mim um nome novo, um nome que eu sabia que os bruxos de todo o mundo um dia teriam medo de pronunciar, quando eu me tornasse o maior bruxo do mundo.

O cérebro de Harry parecia ter enguiçado. Chocado, ele fixava Riddle, o garoto órfão que crescera para assassinar seus pais e tantos outros... Finalmente forçou-se a falar.

– Não é. – Sua voz baixa cheia de ódio.

– Não é o quê? – perguntou Riddle com rispidez.

– Não é o maior bruxo do mundo – disse Harry, respirando depressa. – Desculpe desapontá-lo, e tudo o mais, mas o maior bruxo do mundo é Alvo Dumbledore. Todos dizem isso. Mesmo quando você era poderoso, você não se atreveu a tentar dominar Hogwarts. Dumbledore viu através de você quando frequentou a escola e ainda o amedronta hoje, onde quer que você se esconda...

O sorriso desaparecera da cara de Riddle, substituído por um olhar muito sinistro.

– Dumbledore foi afastado do castelo meramente pela minha *lembrança*! – sibilou.

– Ele não está tão afastado quanto você poderia pensar! – retorquiu Harry. Falava sem pensar, querendo apavorar Riddle, desejando mais do que acreditando que o que dizia fosse verdade...

Riddle abriu a boca, mas congelou.

Ouviram uma música vinda de algum lugar. Riddle se virou para percorrer com os olhos a câmara vazia. A música se tornava cada vez mais alta. Era misteriosa, de dar arrepios, sobrenatural; fez os cabelos de Harry ficarem em pé e o seu coração parecer inchar até dobrar de tamanho. Então a música atingiu tal volume que Harry a sentiu vibrar dentro do peito, e chamas irromperam no alto da coluna mais próxima.

Um pássaro vermelho do tamanho de um cisne apareceu, cantando aquela música esquisita para a abóbada do teto. Tinha uma cauda dourada e faiscante, comprida como a de um pavão e garras douradas e reluzentes que seguravam um embrulho esfarrapado.

Um segundo depois, o pássaro voava direto para Harry. Deixou cair a seus pés o embrulho que carregava, depois pousou pesadamente em seu ombro. Quando fechou as asas enormes, Harry ergueu os olhos e viu que tinha um bico dourado, longo e afiado e olhos redondos e escuros.

O pássaro parou de cantar. Sentou-se imóvel e cálido junto à bochecha de Harry, olhando com firmeza para Riddle.

– É uma fênix... – disse Riddle, encarando-o de volta com um olhar astuto.

– *Fawkes*? – sussurrou Harry, e sentiu as garras douradas do pássaro apertarem gentilmente seu ombro.

– E *isso* – disse Riddle, agora examinando o embrulho esfarrapado que Fawkes deixara cair – seria o velho Chapéu Seletor...

E era. Remendado, esfiapado, sujo, o chapéu jazia imóvel aos pés de Harry.

Riddle começou a rir outra vez. Riu tanto que a Câmara ecoou com o seu riso, como se dez Riddles estivessem rindo ao mesmo tempo...

– Isto é o que Dumbledore manda ao seu defensor! Um pássaro canoro e um velho chapéu! Você se sente cheio de coragem, Harry Potter? Sente-se seguro agora?

Harry não respondeu. Talvez não entendesse qual era a utilidade de Fawkes ou do Chapéu Seletor, mas já não estava sozinho e esperou com crescente coragem Riddle parar de rir.

– Aos negócios, Harry – falou Riddle, ainda com um largo sorriso. – Duas

vezes, no *seu* passado, ou no *meu* futuro, nós nos encontramos. E duas vezes não consegui matá-lo. *Como foi que você sobreviveu?* Conte-me tudo. Quanto mais tempo falar – acrescentou brandamente – mais tempo continuará vivo.

Harry começou a pensar depressa, avaliando suas chances. Riddle tinha a varinha. Ele, Harry, tinha Fawkes e o Chapéu Seletor, nenhum dos quais adiantaria muito em um duelo. A situação parecia ruim, não havia dúvida... mas quanto mais tempo Riddle ficasse ali, mais depressa a vida de Gina se esgotaria... entrementes, Harry reparou de repente que os contornos de Riddle estavam ficando mais nítidos, mais sólidos... Se tinha que haver uma luta entre ele e Riddle, quanto mais cedo melhor.

– Ninguém sabe por que você perdeu seus poderes ao me atacar – disse Harry abruptamente. – Nem mesmo eu sei. Mas sei por que você não pôde me *matar*. Foi porque minha mãe morreu para me salvar. Minha mãe *trouxa* e comum – acrescentou, sacudindo-se de raiva reprimida. – Ela impediu você de me matar. E eu vi o seu eu verdadeiro. Vi no ano passado. Você está uma ruína. Mal se mantém vivo. Foi isso que você ganhou com todo o seu poder. Você vive escondido. Você é feio, você é nojento...

O rosto de Riddle se contorceu. Então ele deu um horrível sorriso amarelo.

– Então, sua mãe morreu para salvar você. É, isso é um contrafeitiço poderoso. Estou entendendo agora... afinal de contas você não tem nada especial. Há uma estranha semelhança entre nós. Até você deve ter notado. Nós dois somos mestiços, órfãos, criados por trouxas. Provavelmente, desde o grande Slytherin, somos os dois falantes da língua das cobras a frequentar Hogwarts. E até nos *parecemos* fisicamente... mas no final, foi um simples acaso que salvou você de mim. Era só o que eu queria saber.

Harry esperou tenso que Riddle erguesse a varinha. Mas o sorriso enviesado de Riddle voltou a se alargar.

– Agora, Harry, vou lhe dar uma liçãozinha. Vamos medir os poderes do Lorde Voldemort, herdeiro de Slytherin, com os do famoso Harry Potter, e as melhores armas que Dumbledore pode lhe dar...

Ele lançou um olhar divertido a Fawkes e ao Chapéu Seletor, em seguida se afastou. Harry, o medo se espalhando pelas pernas dormentes, observou Riddle parar entre as altas colunas e olhar para o rosto de pedra de Slytherin, muito acima dele na obscuridade. Riddle abriu bem a boca e sibilou – mas Harry entendeu o que ele estava dizendo...

“Fale comigo, Slytherin, o maior dos Quatro de Hogwarts.”

Harry se virou para olhar a estátua, Fawkes balançava em seu ombro.

O gigantesco rosto de pedra de Slytherin se mexeu. Aterrorizado, Harry viu sua boca abrir, cada vez mais, e formar um enorme buraco negro.

E alguma coisa estava se mexendo dentro da boca da estátua. Alguma coisa começava a escorregar para fora de suas profundezas.

Harry recuou até bater na escura parede da Câmara e, ao fechar os olhos com força, sentiu a asa de Fawkes roçar sua bochecha quando o pássaro levantou voo. Harry queria gritar “Não me deixe!” mas que chance tinha uma fênix contra o rei das serpentes?

Algo descomunal bateu no piso de pedra da Câmara. Harry sentiu-o trepidar – ele sabia o que estava acontecendo, sentia, podia quase ver a cobra gigantesca se desenrolar para fora da boca de Slytherin. Então ouviu a voz sibilante de Riddle:

– *Mate-o.*

O basilisco estava vindo em sua direção; ele ouviu aquele corpo gigantesco deslizar pesadamente pelo chão empoeirado. Com os olhos ainda fechados, Harry começou a correr às cegas para os lados, as mãos estendidas à frente, tateando o caminho – Voldemort dava risadas...

Harry tropeçou. Caiu com força no chão e sentiu gosto de sangue – a cobra estava a uma pequena distância, ele a ouviu se aproximar...

Logo acima dele houve um som alto, explosivo e aquoso e então alguma coisa pesada bateu em Harry com tanto ímpeto que o esmagou contra a parede. Esperando ter o corpo atravessado por presas ele ouviu mais sibilos raivosos, alguma coisa irrompendo por entre os pilares...

Ele não aguentou – abriu os olhos o suficiente para espreitar o que estava acontecendo.

A enorme cobra, de um verde luzidio e venenoso, grossa como um tronco de carvalho, erguia-se no ar e sua enorme cabeça chanfrada balançava bêbeda entre as colunas. Trêmulo e pronto a fechar os olhos se a cobra se virasse, Harry viu o que a distraíra.

Fawkes sobrevoava sua cabeça e o basilisco tentava abocanhá-la, furioso, com as presas finas como sabres...

Fawkes mergulhou. Seu longo bico dourado desapareceu de vista e uma chuva repentina de sangue escuro salpicou o chão. O rabo da cobra chicoteou, errando Harry por pouco e, antes que o garoto pudesse fechar os olhos, ela se virou – o garoto olhou direto para a sua cara e viu que os olhos, os dois olhos bulbosos e amarelos, tinham sido furados pela fênix; o sangue escorria no chão e a cobra espumava de dor.

– *NÃO!* – Harry ouviu Riddle gritar. – *DEIXE O PÁSSARO! DEIXE O PÁSSARO! O GAROTO ESTÁ ATRÁS DE VOCÊ! VOCÊ AINDA PODE FAREJÁ-LO! MATE-O!*

A cobra cega balançou, confusa, ainda letal. Fawkes descrevia círculos em volta de sua cabeça, cantando aquela música estranha, atacando aqui e ali o nariz

escamoso da cobra, enquanto o sangue jorrava dos seus olhos destruídos.
– Me ajudem, me ajudem – murmurou Harry –, alguém, qualquer um...
O rabo da cobra voltou a chicotear o chão. Harry se abaixou. Uma coisa macia bateu em seu rosto.
O basilisco varrera o Chapéu Seletor para os braços de Harry. O garoto agarrou-o. Era só o que lhe restava, sua única chance – enfiou-o na cabeça e se atirou ao comprido no chão quando o rabo do basilisco tornou a golpear passando por cima dele.
Me ajudem, me ajudem, pensou Harry, os olhos bem fechados sob o chapéu. *Por favor me ajudem...*
Nenhuma voz lhe respondeu. Em lugar disso, o chapéu encolheu, como se uma mão invisível o apertasse com força.
Uma coisa dura e pesada bateu na cabeça de Harry com força, deixando-o quase desacordado. Com estrelas piscando diante dos seus olhos, ele agarrou a ponta do chapéu com firmeza para tirá-lo e sentiu uma coisa comprida e dura em seu interior.
Uma refulgente espada de prata aparecera dentro do chapéu, o punho cravejado de rubis rutilantes do tamanho de ovos.
– MATE O GAROTO! DEIXE O PÁSSARO! O GAROTO ESTÁ ATRÁS DE VOCÊ! FAREJE, FAREJE!
Harry estava de pé, pronto. A cabeça do basilisco foi baixando, o corpo se enroscando, batendo nas colunas ao se torcer para atacá-lo de frente. Harry viu o corpo imenso, as órbitas ensanguentadas, a boca escancarada, grande suficiente para engoli-lo inteiro, cheia de dentes compridos como a sua espada, pontiagudos, faiscantes, venenosos...
A cobra atacou às cegas... Harry evitou-a e bateu na parede da Câmara. Ela atacou de novo, e sua língua bifurcada golpeou o lado de Harry. Ele ergueu a espada com a duas mãos...
O basilisco tornou a atacar, e desta vez na direção certa... Harry pôs todo o seu peso na espada e enfiou-o até a bainha no céu da boca da cobra...
Mas quando o sangue quente encharcou os braços de Harry, ele sentiu uma dor excruciante logo acima do cotovelo. Uma presa comprida e venenosa estava se enterrando cada vez mais fundo em seu braço e se partiu quando o basilisco tombou para o lado e caiu, estrebuchando no chão.
Harry escorregou pela parede. Agarrou a presa que espalhava veneno pelo seu corpo e arrancou-a do braço. Mas percebeu que era tarde demais. Uma dor terrível se irradiava do ferimento de modo lento e contínuo. Na hora em que deixou cair a presa e viu o próprio sangue empapar suas vestes, sua visão se embaçou. A Câmara se dissolveu num rodamoinho de cores opacas.

Uma nesga de vermelho passou por ele, e Harry ouviu unhas baterem ao seu lado suavemente.

– Fawkes – disse com a voz engrolada. – Você foi fantástico, Fawkes... – Ele sentiu o pássaro deitar a bela cabeça no lugar em que a presa da serpente o furara.

Ouviu ecoarem passos e depois uma sombra escura passar à sua frente.

– Você está morto, Harry Potter – disse a voz de Riddle do alto. – Morto. Até o pássaro de Dumbledore sabe disso. Você está vendo o que ele está fazendo, Potter? Está chorando.

Harry piscou os olhos. A cabeça de Fawkes entrava e saía de foco. Lágrimas grossas e peroladas escorriam por suas penas de cetim.

– Vou me sentar aqui e apreciar você morrer, Harry Potter. Pode demorar à vontade. Não tenho pressa.

Harry se sentiu sonolento. Tudo à sua volta parecia estar girando.

– Assim termina o famoso Harry Potter – disse a voz distante de Riddle. – Sozinho na Câmara Secreta, abandonado pelos amigos, finalmente derrotado pelo Lorde das Trevas que ele tão insensatamente desafiou. Você vai voltar para a sua querida mãe de sangue ruim em breve, Harry... Ela comprou para você mais doze anos de vida... mas Lorde Voldemort acabou por vencê-lo, como você sabia que ele faria...

Se isto for morrer, pensou Harry, não é tão mau assim.

Até mesmo a dor abandonou-o aos poucos...

Mas será que isto era morrer? Em vez de escurecer a Câmara parecia estar voltando a entrar em foco. Harry fez um pequeno movimento com a cabeça e lá estava Fawkes, ainda descansando a cabeça em seu braço. Uma pocinha de lágrimas peroladas brilhava em torno do ferimento – só que não *havia* ferimento...

– Afaste-se dele, pássaro – disse a voz de Riddle inesperadamente. – Afaste-se dele, eu falei, *afaste-se*...

Harry levantou a cabeça. Riddle estava apontando a varinha de Harry para Fawkes; ouviu-se um estampido como o de um revólver e Fawkes levantou voo outra vez num redemoinho dourado e vermelho.

– Lágrimas de fênix... – disse Riddle baixinho, olhando o braço de Harry. – É claro... poderes curativos... me esqueci...

Ele olhou para o rosto de Harry.

– Mas não faz diferença. Na realidade, prefiro assim. Só você e eu, Harry Potter... você e eu...

E ergueu a varinha...

Então num farfalhar de penas, Fawkes sobrevoou os dois e uma coisa caiu no

colo de Harry – o *diário*.

Por uma fração de segundo, Harry e Riddle, a varinha ainda erguida, olharam para o diário. Então, sem pensar, sem raciocinar, como se tivesse pretendido fazer isso o tempo todo, Harry agarrou a presa do basilisco no chão ao lado dele e enterrou-a direto no centro do livro.

Ouviu-se um grito longo e cortante. Um rio de tinta jorrou do diário, escorreu pelas mãos de Harry, inundou o chão. Riddle estrebuchava e se contorcia, gritando e se debatendo e então...

Desapareceu. A varinha de Harry caiu no chão com estrépito e em seguida fez-se silêncio. Silêncio, exceto pelo *pinga-pinga* da tinta que ainda escorria do diário. O veneno do basilisco abrira a fogo um buraco no livro.

O corpo inteiro tremendo, Harry se levantou. Sua cabeça rodava como se tivesse acabado de viajar quilômetros com o Pó de Flu. Lentamente, recolheu a varinha e o Chapéu Seletor e, com um violento puxão, retirou a espada faiscante do céu da boca do basilisco.

Então chegou aos seus ouvidos um gemido fraco lá do fundo da Câmara. Gina estava se mexendo. Enquanto Harry corria para a garota, ela se sentou. Seus olhos espantados ziguezaguearam do enorme vulto do basilisco morto para Harry, com as vestes encharcadas de sangue, e daí para o diário em sua mão. Ela inspirou profundamente, estremecendo, e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

– Harry, ah, Harry, eu tentei lhe contar no caf-f-é, mas não p-*pude* contar na frente do Percy... fui *eu*, Harry... mas... j-juro que não t-tive intenção... Riddle me obrigou, ele me l-levou até lá... e... *como* foi que você matou aquele... aquela coisa? Onde está Riddle? A última coisa que me lembro é dele saindo do diário...

– Tudo bem – disse Harry, levantando o diário e mostrando à Gina o furo feito pela presa –, o Riddle acabou. Olhe! Ele *e* o basilisco. Anda, Gina, vamos dar o fora aqui!

– Vou ser expulsa! – choramingou Gina enquanto Harry a ajudava, desajeitado, a ficar em pé. – Sonhei em vir para Hogwarts desde que G-Gui veio e ag-gora vou ter que sair e... *q-que é que papai e mamãe vão dizer?*

Fawkes estava à espera deles, sobrevoando a entrada da Câmara. Harry instava Gina a avançar; os dois saltaram por cima das voltas inertes do basilisco morto, atravessando a penumbra cheia de ecos e voltaram ao túnel. Harry ouviu as portas de pedra se fecharem às suas costas com um silvo fraco.

Depois de caminharem alguns minutos pelo túnel escuro, Harry ouviu o som distante de pedras que se deslocavam lentamente.

– Rony! – berrou, se apressando. – Gina está bem! Está comigo!

Ouviram Rony soltar um viva sufocado e, ao virarem a curva seguinte,

divisaram a sua carinha ansiosa espiando por uma brecha de bom tamanho, que ele conseguira abrir entre as pedras desmoronadas.

– *Gina!* – Rony enfiou um braço pelo buraco para puxá-la primeiro. – Você está viva! Não acredito! Que aconteceu! Como... que... de onde veio o pássaro?

Fawkes mergulhou no buraco atrás de Gina.

– É do Dumbledore – respondeu Harry, espremendo-se para passar.

– Onde arranjou uma *espada*? – disse Rony, boquiabrindo-se ao ver a arma na mão de Harry.

– Explico quando sairmos daqui – disse Harry com um olhar de esguelha para Gina, que agora chorava mais do que antes.

– Mas...

– Mais tarde – disse Harry concisamente. Não achou uma boa ideia naquele momento contar a Rony quem andara abrindo a Câmara, pelo menos não na frente de Gina. – Onde anda Lockhart?

– Lá atrás – disse Rony, ainda com uma expressão intrigada, mas indicando com a cabeça o túnel na direção do cano de entrada. – Está bem ruinzinho. Venha ver.

Guiados por Fawkes, cujas penas vermelhas produziam uma luminosidade dourada no escuro, eles caminharam de volta à boca do cano. Gilderoy Lockhart estava sentado, cantarolando tranquilamente para si mesmo.

– A memória dele desapareceu – disse Rony. – O Feitiço da Memória saiu pela culatra. Atingiu ele em vez de nós. Ele não tem a menor ideia de quem é, onde está ou de quem somos. Eu o mandei vir esperar aqui. É um perigo para ele mesmo.

Lockhart mirou os garotos, bem-humorado.

– Alô – disse ele. – Lugar esquisito, esse, não acham? Vocês moram aqui?

– Não – respondeu Rony, erguendo as sobrancelhas para Harry.

Harry se abaixou e espiou para dentro do cano longo e escuro.

– Você já pensou como é que vamos subir por isso para voltar? – perguntou a Rony.

Rony sacudiu a cabeça, mas Fawkes, a fênix, passara por Harry e agora esvoaçava à sua frente, seus olhos de contas brilhando no escuro. Ela acenava com as compridas penas douradas da cauda. Harry olhou-a hesitante.

– Parece que ela quer que você a agarre... – disse Rony, com um olhar perplexo. – Mas você é pesado demais para um pássaro arrastá-lo por ali...

– Fawkes não é um pássaro comum. – Harry se virou depressa para os outros. – Temos que nos segurar uns nos outros. Gina, agarre a mão de Rony. Prof. Lockhart...

– Ele está se referindo ao senhor – disse Rony rispidamente a Lockhart.

– Segure a outra mão de Gina...

Harry prendeu a espada e o Chapéu Seletor no cinto, Rony segurou as costas das vestes de Harry e este esticou a mão e agarrou a cauda estranhamente quente de Fawkes.

Uma leveza extraordinária pareceu se espalhar por todo o seu corpo e, no segundo seguinte, o grupo voava pelo cano em meio a um farfalhar de asas. Harry ouviu Lockhart, pendurado atrás dele, exclamar: “Espantoso! Espantoso! Isso parece mágica!” O ar frio fustigava os cabelos de Harry e, antes que ele tivesse enjoado da viagem, ela terminou – os quatro bateram no chão molhado do banheiro da Murta Que Geme, e enquanto Lockhart endireitava o chapéu, a pia que escondera o cano voltou a se encaixar suavemente no lugar.

Murta arregalou os olhos para Harry.

– Você está vivo! – exclamou desconcertada.

– Não precisa parecer tão desapontada – disse o garoto, sério, limpando os salpicos de sangue e o limo dos óculos.

– Ah, bem... andei pensando... se você tivesse morrido, seria bem-vindo a dividir o meu boxe – disse Murta, com o rosto tingindo-se de prateado.

– Arre! – exclamou Rony ao saírem do banheiro para o corredor escuro e deserto. – Harry! Acho que Murta está *gostando* de você! Gina você ganhou uma concorrente!

Mas as lágrimas continuavam a escorrer silenciosamente pelo rosto de Gina.

– Onde agora? – perguntou Rony, lançando um olhar ansioso a Gina. Harry apontou.

Fawkes tomou a frente, refulgindo ouro pelo corredor. Eles o seguiram e momentos depois se encontravam à porta da sala da Profª McGonagall.

Harry bateu e empurrou a porta, abrindo-a.

— CAPÍTULO DEZOITO —

A recompensa de Dobby

Quando Harry, Rony, Gina e Lockhart surgiram à porta, cobertos de sujeira e limo, e no caso de Harry, sangue, houve um silêncio momentâneo. Em seguida ouviu-se um grito.

– *Gina!*

Era a Sra. Weasley, que estivera sentada chorando, diante da lareira. Ela se levantou num salto, seguida de perto pelo Sr. Weasley, e os dois se atiraram à filha.

Harry, no entanto, olhou mais além. O Prof. Dumbledore estava parado junto ao console da lareira, sorrindo, ao lado da Profª McGonagall, que inspirou várias vezes, as mãos no peito. Fawkes passou voando pela orelha de Harry e pousou no ombro de Dumbledore, na mesma hora em que Harry e Rony se viram envolvidos pelo abraço apertado da Sra. Weasley.

– Você salvou minha filha! Você a salvou! *Como* foi que você fez isso?

– Acho que todos nós gostaríamos de saber – disse a Profª McGonagall com a voz fraca.

A Sra. Weasley soltou Harry, que hesitou um instante, caminhou até a escrivaninha e depositou em cima dela o Chapéu Seletor, a espada cravejada de rubis e o que sobrara do diário de Riddle.

Então começou a contar tudo. Durante uns quinze minutos ele falou cercado de atenção e silêncio: contou sobre a voz invisível que ouvira, como Hermione finalmente percebera que ele estava ouvindo um basilisco na tubulação; como ele e Rony tinham seguido as aranhas até a floresta, que Aragogue revelara onde a última vítima do basilisco morrera; como tinham adivinhado que Murta Que Geme fora essa vítima e que a entrada para a Câmara Secreta poderia estar no banheiro...

– Muito bem – encorajou-o a Profª McGonagall quando ele parou –, então vocês descobriram onde era a entrada, e eu acrescentaria: atropelando umas cem regras do nosso regulamento, mas, *por Deus*, Potter, como foi que vocês conseguiram sair de lá com vida?

Harry, com a voz rouca de tanto falar, contou então sobre a chegada providencial de Fawkes e do Chapéu Seletor com a espada dentro. Mas, nesse ponto, lhe faltaram palavras. Até ali, ele evitara mencionar o diário de Riddle – ou Gina. Ela estava de pé, com a cabeça apoiada no ombro da Sra. Weasley, e as lágrimas ainda escorriam silenciosamente pelo seu rosto. *E se eles a expulsassem?* Pensou Harry em pânico. O diário de Riddle não servia para mais nada... Como iriam provar que fora *ele* que a obrigara a fazer tudo?

Instintivamente, Harry olhou para Dumbledore, que lhe deu um breve sorriso, os seus óculos de meia-lua refletindo a luz do fogo.

– O que *me* interessa mais – disse ele com brandura – é como foi que Lorde Voldemort conseguiu enfeitiçar Gina, quando as minhas fontes me informaram que no momento ele está escondido nas florestas da Albânia.

Um alívio – um alívio morno, envolvente, glorioso – invadiu Harry.

– Q-que foi que disse? – perguntou o Sr. Weasley com a voz aturdida. – *Você-Sabe-Quem?* En-enfeitiçou *Gina*? Mas Gina não... Gina não esteve... esteve?

– Com esse diário – respondeu Harry depressa, apanhando-o na mesa e mostrando-o a Dumbledore. – Riddle escreveu nele quando tinha dezesseis anos...

Dumbledore recebeu o diário de Harry e examinou-o com atenção, por cima do nariz comprido e torto, as páginas queimadas e encharcadas.

– Genial – disse baixinho. – É claro, ele foi provavelmente o aluno mais brilhante que Hogwarts já teve. – E se virou para os pais de Gina, que pareciam inteiramente perplexos.

“Muito pouca gente sabe que Lorde Voldemort um dia se chamou Tom Riddle. Eu fui seu professor há cinquenta anos, em Hogwarts. Ele desapareceu depois que terminou a escola... viajou por toda parte... aprofundou-se nas Artes das Trevas, associou-se com os piores elementos do nosso povo, passou por tantas transformações mágicas e perigosas que, quando reapareceu como Lorde Voldemort, quase não dava para reconhecê-lo. Muito pouca gente ligou Lorde Voldemort ao garoto inteligente e bonito que, no passado, fora monitor-chefe aqui.”

– Mas, Gina – perguntou a Sra. Weasley. – Que é que a nossa Gina tem a ver com... com... *ele*?

– O d-diário dele! – soluçou Gina. – And-dei escrevendo no diário, e ele andou me respondendo o ano todo...

– *Gina!* – exclamou o Sr. Weasley, espantado. – Será que não lhe ensinei *nada*? Que foi que sempre lhe disse? Nunca confie em nada que é capaz de pensar *se você não pode ver onde fica o seu cérebro.* Por que não mostrou o diário a mim ou a sua mãe? Um objeto suspeito desses, estava *obviamente* carregado de Artes das Trevas...

– Eu n-não sabia – soluçou Gina. – Encontrei o diário junto com os livros que mamãe comprou para mim. P-pensei que alguém o deixara ali e se esquecera dele...

– A Srta. Weasley devia ir imediatamente para a ala hospitalar – Dumbledore interrompeu-a com firmeza. – Ela passou por uma terrível provação. Não haverá castigo. Bruxos mais velhos e mais sensatos que ela já foram enganados por Lorde Voldemort. – Encaminhou-se, então, para a porta e abriu-a. – Repouso e talvez uma boa xícara de chocolate fumegante. Sempre acho que isto me reanima – acrescentou ele, piscando bondosamente para a garota. – Os senhores encontrarão Madame Pomfrey ainda acordada. Está administrando suco de mandrágoras, imagino que as vítimas do basilisco irão acordar a qualquer momento.

– Então Mione está bem! – exclamou Rony, animado.

– Não houve dano permanente – disse Dumbledore.

A Sra. Weasley levou Gina embora e o Sr. Weasley a acompanhou, ainda parecendo profundamente abalado.

– Sabe, Minerva – disse o Prof. Dumbledore pensativo –, acho que tudo isto merece uma boa *festança*. Será que eu poderia lhe pedir para avisar às cozinhas?

– Certo – disse a professora, eficiente, encaminhando-se também para a porta. – Vou deixar você lidar com Potter e Weasley, concorda?

– Com certeza.

Ela saiu, e Harry e Rony olharam inseguros para Dumbledore. Que será que a professora quisera dizer com aquele *lidar* com eles. Certamente – *certamente* – eles não iriam ser castigados?

– Estou-me lembrando que disse a ambos que teria de expulsá-los se infringissem mais um artigo do regulamento da escola – começou Dumbledore.

Rony abriu a boca horrorizado.

– O que prova que até o melhor de nós às vezes precisa engolir o que disse – continuou o diretor, sorrindo. – Os dois receberão prêmios especiais por serviços prestados à escola e... vejamos... é, acho que duzentos pontos para a Grifinória, por cabeça.

Rony ficou tão vermelho que parecia as flores de Lockhart para o Dia dos Namorados, e tornou a fechar a boca.

– Mas um de nós parece que está caladíssimo sobre a parte que teve nesta

aventura perigosa – acrescentou Dumbledore. – Por que tão modesto, Gilderoy?

Harry se assustou. Esquecera-se completamente de Lockhart. Virou-se e viu o professor parado a um canto da sala, um sorriso vago ainda no rosto. Quando Dumbledore lhe dirigiu a palavra, ele espiou por cima do ombro para ver com quem o diretor estava falando.

– Prof. Dumbledore – disse Rony depressa –, houve um acidente lá na Câmara Secreta. O Prof. Lockhart...

– Eu sou professor? – perguntou Lockhart, ligeiramente surpreso. – Nossa! Acho que fui inútil, não fui?

– Ele tentou lançar um Feitiço da Memória, e a varinha estava virada para ele – explicou Rony, calmamente, a Dumbledore.

– Ai, ai – exclamou Dumbledore, balançando a cabeça, seus longos bigodes prateados tremendo. – Empalado com a própria espada, Gilderoy?

– Espada? – repetiu Lockhart confuso. – Não tenho espada. Mas esse menino tem. – E apontou para Harry. – Ele pode lhe emprestar uma.

– Importa-se de levar o Prof. Lockhart à enfermaria, também? – pediu Dumbledore a Rony. – Gostaria de dar mais uma palavrinha com o Harry...

Lockhart saiu. Rony lançou um olhar curioso a Dumbledore e Harry ao fechar a porta.

O diretor caminhou até uma poltrona diante da lareira, do outro lado da sala.

– Sente-se, Harry – disse ele, e o garoto obedeceu, sentindo-se inexplicavelmente nervoso.

“Antes de mais nada, Harry, eu quero lhe agradecer”, disse Dumbledore com os olhos novamente cintilantes. “Você deve ter mostrado verdadeira lealdade a mim lá na Câmara. Nenhuma outra coisa teria levado Fawkes a você.”

Ele alisou a fênix, que voara para o seu joelho. Harry sorriu, sem jeito, diante do olhar do diretor que o observava.

– Com que então você conheceu Tom Riddle – disse Dumbledore, pensativo. – Imagino que ele estivesse *interessadíssimo* em você...

De repente, uma coisa que estava preocupando Harry, escapou de sua boca.

– Prof. Dumbledore... Riddle disse que eu sou igual a ele. “Uma estranha semelhança”, foi o que me disse...

– *Foi*, mesmo? – disse olhando pensativo para o garoto por baixo das grossas sobrancelhas prateadas. – E o que é que você acha, Harry?

– Acho que não sou igual a ele! – exclamou ele, mais alto do que pretendia. – Quero dizer, pertenço... pertenço a *Grifinória*, sou...

Mas se calou, uma dúvida furtiva surgia em sua mente.

– Professor – recomeçou após um momento. – O Chapéu Seletor me disse... que eu teria sido bem-sucedido na Sonserina. Todo mundo achou que *eu* era o

herdeiro de Slytherin por algum tempo... porque falo a língua das cobras...

– Você fala a língua das cobras, Harry – disse Dumbledore, calmamente –, porque Lorde Voldemort, que *é* o último descendente de Salazar Slytherin, sabe falar a língua das cobras. A não ser que eu muito me engane, ele transferiu alguns dos seus poderes para você na noite em que lhe fez essa cicatriz. Não era uma coisa que tivesse intenção de fazer, com toda certeza...

– Voldemort deixou um pouco dele em *mim*? – disse Harry, estupefato.

– Parece que sim.

– Então eu *deveria* estar na Sonserina – disse, olhando desesperado para Dumbledore. – O Chapéu Seletor viu poderes de Slytherin em mim, e...

– Pôs você na Grifinória – completou Dumbledore, serenamente. – Ouça, Harry. Por acaso você tem muitas das qualidades que Salazar Slytherin prezava nos alunos que selecionava. O seu dom raro de falar a língua das cobras, criatividade, determinação, um certo desprezo pelas regras – acrescentou, os bigodes tremendo outra vez. – Contudo, o Chapéu Seletor colocou você na Grifinória. E você sabe o porquê. Pense.

– Ele só me pôs na Grifinória – disse Harry com voz de derrota – porque pedi para não ir para a Sonserina...

– *Exatamente* – disse Dumbledore, abrindo um grande sorriso. – O que o faz *muito diferente* de Tom Riddle. São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades. – Harry ficou sentado na poltrona, atordoado. – Se quiser uma prova, Harry, de que pertence à Grifinória, sugiro que olhe para *isto* com maior atenção.

Dumbledore esticou o braço para a escrivaninha da Profª McGonagall, apanhou a espada de prata suja de sangue e entregou-a a Harry. Embotado, Harry revirou-a, os rubis rutilaram à luz da lareira. E então viu o nome gravado logo abaixo da bainha.

Godric Gryffindor.

– Somente um verdadeiro membro da Grifinória poderia ter tirado *isto* do chapéu, Harry – concluiu Dumbledore com simplicidade.

Durante um minuto nenhum dos dois falou. Depois Dumbledore abriu uma gaveta da escrivaninha da Profª McGonagall e tirou uma pena e um tinteiro.

– O que você precisa, Harry, é de comida e de um bom sono. Sugiro que desça para a festa enquanto escrevo a Azkaban, precisamos ter o nosso guarda-caça de volta. E preciso preparar o anúncio para o *Profeta Diário*, também – acrescentou pensativo. – Vamos ter que contratar um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas... Ai, ai, parece que gastamos esses professores muito depressa, não é mesmo?

Harry se levantou e saiu em direção à porta. Tinha acabado de levar a mão à maçaneta, quando a porta se abriu com tanta violência que bateu na parede e voltou.

Lúcio Malfoy achava-se parado ali, com uma expressão furiosa no rosto. E encolhendo-se por trás de suas pernas, todo enfaixado, achava-se *Dobby*.

– Boa-noite, Lúcio – disse Dumbledore em tom agradável.

O Sr. Malfoy quase derrubou Harry ao entrar na sala. Dobby disparou atrás dele, agachando-se à barra de sua capa, um olhar de abjeto terror em seu rosto.

O elfo trazia nas mãos um trapo manchado com que tentava terminar de limpar os sapatos do Sr. Malfoy. Seu dono, aparentemente, saíra com muita pressa, porque não só trazia os sapatos engraxados pela metade como também os seus cabelos, em geral assentados, estavam despenteados. Sem dar atenção ao elfo que se sacudia aos seus tornozelos pedindo desculpas, ele fixou os olhos frios em Dumbledore.

– Então! – disse. – Você está de volta. Os conselheiros o suspenderam mas mesmo assim você achou que devia voltar a Hogwarts.

– Bom, sabe, Lúcio – respondeu Dumbledore sorrindo serenamente –, os outros onze conselheiros entraram em contato comigo hoje. Foi como se eu tivesse sido apanhado por uma tempestade de corujas, para lhe dizer a verdade. Eles tinham ouvido falar que a filha de Arthur Weasley fora morta e queriam que eu voltasse imediatamente. Parece que acharam que afinal eu era o melhor homem para enfrentar a situação. Contaram-me coisas muito estranhas... Vários deles pareciam pensar que você ameaçara enfeitiçar a família deles se não concordassem em me suspender.

O Sr. Malfoy ficou mais pálido do que costumava ser, mas seus olhos ainda pareciam fendas de fúria.

– Então, você já fez os ataques pararem? – zombou. – Já apanhou o culpado?

– Apanhamos – respondeu Dumbledore com um sorriso.

– *E?* – tornou o Sr. Malfoy, ríspido. – Quem é?

– A mesma pessoa da última vez, Lúcio. Mas agora, Lorde Voldemort agiu por intermédio de outra pessoa. Por intermédio do seu diário.

Dumbledore segurou o livrinho com o enorme buraco no centro, observando, atentamente, o Sr. Malfoy. Harry, porém, observava Dobby.

O elfo agia de maneira muito estranha. Seus olhos estavam fixos em Harry, cheios de significação, e ele apontava primeiro para o diário, depois para o Sr. Malfoy, e por fim dava murros na própria cabeça.

– Entendo... – disse o Sr. Malfoy lentamente para Dumbledore.

– Um plano engenhoso – disse Dumbledore com a voz inexpressiva, ainda encarando o Sr. Malfoy nos olhos. – Porque se Harry aqui – Malfoy lançou um

olhar rápido e incisivo ao garoto – e seu amigo Rony não tivessem descoberto este livro, ora, Gina Weasley teria levado toda a culpa. Ninguém teria sido capaz de provar que ela não agira de livre e espontânea vontade...

O Sr. Malfoy ficou calado. Seu rosto de repente se transformara numa máscara.

– E imagine – continuou Dumbledore – o que teria acontecido então... Os Weasley são uma de nossas famílias puro sangue mais importantes. Imagine o efeito que isto teria em Arthur Weasley e na sua lei de proteção aos trouxas, se descobríssemos que sua própria filha andava atacando e matando alunos nascidos trouxas... Foi uma sorte o diário ter sido descoberto e as memórias de Riddle apagadas. Caso contrário, quem sabe quais seriam as consequências...

O Sr. Malfoy fez um esforço para falar.

– Teve muita sorte – disse secamente.

Mas ainda às suas costas, Dobby continuava a apontar, primeiro para o diário, depois para Lúcio Malfoy e por fim dava murros na própria cabeça.

E Harry subitamente entendeu. Fez sinal a Dobby e este recuou para um canto, agora torcendo as orelhas para se castigar.

– O senhor não quer saber como foi que Gina chegou a esse diário, Sr. Malfoy? – perguntou Harry.

Lúcio Malfoy voltou-se contra ele.

– Como vou saber como essa menininha burra chegou ao diário? – perguntou.

– Porque foi o senhor quem deu o diário a ela – disse Harry. – Na Floreios e Borrões. O senhor apanhou o velho exemplar de Transfiguração que ela levava e escorregou o diário para dentro dele, não foi?

Ele viu as mãos brancas do Sr. Malfoy se fecharem e se abrirem.

– Prove – sibilou.

– Ah, ninguém vai poder fazer isso – disse Dumbledore, sorrindo para Harry. – Não agora que Riddle desapareceu do livro. Por outro lado, eu aconselharia você, Lúcio, a não sair distribuindo o material escolar que pertenceu a Lorde Voldemort. Se mais algum objeto chegar a mãos inocentes, acho que Arthur Weasley é um que vai providenciar para que seja rastreado até você...

Lúcio Malfoy ficou parado por um instante, e Harry viu distintamente sua mão direita fazer um gesto involuntário como se quisesse alcançar a varinha. Em vez disso, ele se virou para o elfo doméstico.

– Vamos embora, Dobby!

Abriu a porta com violência e quando o elfo veio correndo para alcançá-lo, ele o chutou porta afora. Eles ouviram Dobby guinchar de dor por todo o corredor. Harry ficou parado um instante, pensando com todas as suas forças. Então lhe ocorreu...

– Prof. Dumbledore – disse apressado. – Por favor, posso *devolver* esse diário ao Sr. Malfoy?
– Claro, Harry – disse Dumbledore tranquilamente. – Mas se apresse. A festa, já se esqueceu?
Harry agarrou o diário e saiu correndo da sala. Ouvia os guinchos de dor de Dobby se afastando para além da curva do corredor. Rapidamente, duvidando que seu plano pudesse dar certo, descalçou um sapato, depois a meia pegajosa e imunda e meteu o diário dentro dela. Em seguida correu pelo corredor escuro.
Alcançou os dois no alto da escada.
– Sr. Malfoy – disse sem fôlego, derrapando até parar. – Tenho uma coisa para o senhor...
E forçou a meia fedorenta na mão de Lúcio Malfoy.
– Que di...?
O Sr. Malfoy arrancou a meia do diário, atirou-a para o lado, depois olhou, furioso, do livro estragado para Harry.
– Você vai ter o mesmo fim sangrento dos seus pais um dia desses, Harry Potter – disse baixinho. – Eles também eram tolos e metidos.
E virou-se para ir embora.
– Venha, Dobby. Eu disse, *venha*.
Mas Dobby não se mexeu. Segurava no alto a meia pegajosa e nojenta de Harry, admirando-a como se fosse um tesouro inestimável.
– O meu dono me deu uma meia – disse o elfo cheio de assombro. – O meu dono deu a Dobby.
– Que foi? – cuspiu o Sr. Malfoy. – Que foi que você disse?
– Ganhei uma meia – disse Dobby, incrédulo. – Meu dono atirou a meia e Dobby a apanhou, e Dobby... Dobby está *livre*.
Lúcio Malfoy ficou imóvel, encarando o elfo. Então, atirou-se contra Harry.
– Você me fez perder o criado, seu moleque!
Mas Dobby gritou:
– O senhor não fará mal a Harry Potter!
Ouviu-se um forte estampido, e o Sr. Malfoy foi lançado para trás. Rolou pelas escadas, três degraus de cada vez, e aterrissou como se fosse um monte disforme no patamar de baixo. Ele se levantou, o rosto lívido, e puxou a varinha, mas Dobby ergueu um dedo longo e ameaçador.
– O senhor irá embora agora – disse com ferocidade, apontando para o Sr. Malfoy. – O senhor não tocará em Harry Potter. O senhor irá embora agora.
Lúcio Malfoy não teve escolha. Com um último olhar rancoroso aos dois, puxou a capa para junto do corpo num rodopio e desapareceu depressa de vista.
– Harry Potter libertou Dobby! – disse o elfo com voz aguda, erguendo a

cabeça para Harry, seus olhos redondos refletindo o luar que entrava pela janela mais próxima. – Harry Potter deu liberdade a Dobby!

– Foi o mínimo que pude fazer, Dobby – disse Harry sorridente. – Só me prometa que nunca mais vai tentar salvar minha vida.

A cara feia e escura do elfo se abriu de repente num sorriso largo e cheio de dentes.

– Eu só tenho uma pergunta, Dobby – disse Harry enquanto o elfo puxava a meia com as mãos trêmulas. – Você me disse que toda essa história não estava ligada a Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, lembra-se? Bem...

– Foi uma pista, meu senhor – disse Dobby arregalando os olhos. – Estava lhe dando uma pista. O Lorde das Trevas, antes de mudar de nome, podia ser nomeado livremente, entende?

– Certo – disse Harry sem muita convicção. – Bom, é melhor irmos andando. Vai haver uma festa e minha amiga Mione já deve estar acordada a essas horas...

Dobby atirou os braços em torno da cintura de Harry e apertou-o.

– Harry Potter é muito maior do que Dobby pensou! – soluçou. – Adeus, Harry Potter!

E com um estampido final, desapareceu.

Harry estivera em muitas festas de Hogwarts mas nenhuma igual a esta. Todos estavam de pijamas, e a comemoração durou a noite inteira. Harry não sabia se a melhor parte fora Mione correndo para ele aos gritos de “Você solucionou o mistério! Você solucionou o mistério!” ou se fora Justino saindo às pressas da mesa da Lufa-Lufa para apertar sua mão com força e pedir desculpas infindáveis por ter suspeitado dele, ou se fora Hagrid aparecendo às três e meia, dando socos tão fortes nos ombros de Harry e Rony que os garotos quase foram parar em cima dos pratos de gelatina caramelada, ou se foram os quatrocentos pontos que ele e Rony tinham ganhado para a Grifinória, garantindo, assim, a posse da Copa da Casa pelo segundo ano consecutivo, ou se fora a Profª McGonagall se levantando para anunciar que todos os exames tinham sido cancelados como um presente da escola (“Ah, *não*!” exclamou Mione), ou se fora Dumbledore anunciando que, infelizmente, o Prof. Lockhart não poderia voltar no próximo ano, porque precisava se afastar para recuperar a memória. Muitos professores participaram dos aplausos que saudaram esta última notícia.

– Que pena! – disse Rony, servindo-se de uma rosquinha com geleia. – Eu estava começando a gostar dele.

O restante do trimestre final passou numa névoa resplandecente de sol. Hogwarts voltou ao normal com apenas algumas diferenças – as aulas de Defesa Contra as

Artes das Trevas foram canceladas ("mas tivemos bastante treinamento nisso", disse Rony a uma Mione irritada), e Lúcio Malfoy foi dispensado do cargo de conselheiro. Draco parou de se exibir pela escola como se fosse dono do lugar. Pelo contrário, parecia cheio de rancor e mágoa. Por outro lado, Gina Weasley voltou a ser absolutamente feliz.

Demasiado cedo, chegou a hora de voltar para casa no Expresso de Hogwarts. Harry, Rony, Mione, Fred, Jorge e Gina conseguiram uma cabine só para eles. Aproveitaram ao máximo as últimas horas em que tinham permissão para fazer mágicas antes das férias. Brincaram de snap explosivo, queimaram os últimos fogos Filibusteiro de Fred e Jorge e treinaram como desarmar uns aos outros com feitiços. Harry estava ficando muito bom nisso.

Estavam quase chegando a King's Cross quando Harry se lembrou de uma coisa.

– Gina... que foi que você viu Percy fazendo, que ele não queria que contasse a todo mundo?

– Ah, aquilo – disse Gina entre risinhos. – Bom... Percy tem uma *namorada*.

Fred deixou cair uma pilha de livros na cabeça de Jorge.

– *Quê?*

– É aquela monitora da Corvinal, Penelope Clearwater. Foi para ela que esteve escrevendo o verão todo. Eles têm se encontrado escondido por toda a escola. Um dia eu peguei os dois se *beijando* numa sala vazia. Ele ficou tão perturbado quando ela foi... sabe, atacada. Vocês não vão caçoar dele, vão? – acrescentou, ansiosa.

– Eu nem sonharia – respondeu Fred, que parecia um menino cujo aniversário tivesse chegado mais cedo.

– De jeito nenhum – disse Jorge, abafando o riso.

O Expresso de Hogwarts reduziu a velocidade e finalmente parou.

Harry tirou uma pena e um pedaço de pergaminho e se virou para Rony e Mione.

– Isto se chama um número de telefone – disse a Rony, escrevendo duas vezes, rasgando o pergaminho em dois e entregando um pedaço a cada um. – No verão passado, contei ao seu pai como se usa um telefone, ele vai saber. Me liguem na casa dos Dursley, está bem? Não vou suportar outros dois meses tendo só o Duda para conversar...

– Mas os seus tios vão se sentir orgulhosos, não vão? – perguntou Mione quando desembarcaram do trem e se juntaram à multidão de alunos que se dirigia à barreira encantada. – Quando você contar o que fez este ano?

– Orgulhosos? – falou Harry. – Você enlouqueceu? Depois de todas aquelas vezes que eu podia ter morrido e não morri? Eles vão ficar furiosos...

E juntos eles atravessaram a barreira para o mundo dos trouxas.

HARRY POTTER
e o PRISIONEIRO de AZKABAN

Para Jill Prewett
e Aine Kiely,
as avós do Swing

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —

O correio-coruja

Harry Potter era um menino bastante fora do comum em muitas coisas. Para começar, ele detestava as férias de verão mais do que qualquer outra época do ano. Depois, ele realmente queria fazer seus deveres de casa mas era obrigado a fazê-los escondido, na calada da noite. E, além de tudo, também era bruxo.

Era quase meia-noite e Harry estava deitado de bruços na cama, as cobertas puxadas por cima da cabeça como uma barraca, uma lanterna em uma das mãos e um grande livro encadernado em couro (*História da magia* de Batilda Bagshot), aberto e apoiado no travesseiro. Harry correu a ponta da caneta de pena de águia pela página, franzindo a testa, à procura de alguma coisa que o ajudasse a escrever sua redação, "A queima de bruxas no século XIV foi totalmente despropositada – discuta".

A caneta pousou no alto de um parágrafo que pareceu a Harry promissor. Ele empurrou os óculos redondos para a ponte do nariz, aproximou a lanterna do livro e leu:

> *Os que não são bruxos (mais comumente conhecidos pelo nome de trouxas) tinham muito medo da magia na época medieval, mas não tinham muita capacidade para reconhecê-la. Nas raras ocasiões em que apanhavam um bruxo ou uma bruxa de verdade, a sentença de queimá-los na fogueira não produzia o menor efeito. O bruxo, ou bruxa, executava um Feitiço para Congelar Chamas e depois fingia gritar de dor, enquanto sentia uma cocegazinha suave e prazerosa. De fato, Wendelin a Esquisita gostava tanto de ser queimada na fogueira que se deixou apanhar nada menos que quarenta e sete vezes, sob vários disfarces.*

Harry prendeu a caneta entre os dentes e passou a mão embaixo do travesseiro à

procura do tinteiro e de um rolo de pergaminho. Devagar e com muito cuidado, retirou a tampa do tinteiro, molhou a pena e começou a escrever, parando de vez em quando para escutar, porque se algum dos Dursley, a caminho do banheiro, ouvisse sua pena arranhando o pergaminho, ele provavelmente ia acabar trancafiado no armário embaixo da escada pelo resto do verão.

A família Dursley, que morava na rua dos Alfeneiros, 4, era o motivo pelo qual Harry jamais aproveitava as férias de verão. Tio Válter, tia Petúnia e o filho deles, Duda, eram os únicos parentes vivos de Harry. Eram trouxas e tinham uma atitude muito medieval com relação à magia. Os pais de Harry, já falecidos, que tinham sido bruxos, nunca eram mencionados sob o teto dos Dursley. Durante anos, tia Petúnia e tio Válter tinham alimentado esperanças de que, se oprimissem Harry o máximo possível, seriam capazes de acabar com a magia que houvesse nele. Para sua fúria, tinham fracassado. Agora, viviam aterrorizados que alguém pudesse descobrir que Harry passara a maior parte dos últimos dois anos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. O máximo que podiam fazer, porém, era trancar os livros de feitiços, a varinha, o caldeirão e a vassoura de Harry no início das férias de verão e proibir que o menino falasse com os vizinhos.

A separação dos seus livros de feitiços tinha sido um verdadeiro problema para Harry, porque os professores em Hogwarts tinham passado muitos deveres para as férias. Uma redação, particularmente espinhosa, sobre poções redutoras fora pedida pelo professor de quem Harry menos gostava, o Prof. Snape, que ficaria encantado de ter uma desculpa para castigá-lo com um mês de detenção. Por isso Harry tinha aproveitado uma oportunidade que surgira na primeira semana de férias. Quando tio Válter, tia Petúnia e Duda foram ao jardim admirar o novo carro da companhia a serviço do tio Válter (em altas vozes para que toda a rua o visse), Harry desceu silenciosamente as escadas, arrombou a fechadura do armário sob a escada, apanhou alguns livros e os escondeu em seu quarto. Desde que não deixasse manchas de tinta nos lençóis, os Dursley não precisariam saber que ele estava estudando magia à noite.

Harry tomava muito cuidado para evitar problemas com seus tios no momento, pois eles já estavam bastante mal-humorados com o sobrinho, só porque o menino recebera um telefonema de um coleguinha bruxo uma semana depois de entrar em férias.

Rony Weasley, que era um dos melhores amigos de Harry em Hogwarts, descendia de uma família em que todos eram bruxos. Isto significava que ele sabia um montão de coisas que Harry desconhecia, mas Rony jamais usara um telefone antes. E, por azar, fora o tio Válter que atendera a ligação.

– Válter Dursley.

Harry que, por acaso, se achava na sala àquela hora, gelou ao ouvir a voz do amigo responder.

– ALÔ! ALÔ! ESTÁ ME OUVINDO? QUERIA – FALAR – COM – O – HARRY – POTTER!

Rony gritou com tanta força que tio Válter deu um salto e afastou o fone a mais de um palmo da orelha com uma expressão em que se misturavam a fúria e o susto.

– QUEM É QUE ESTÁ FALANDO? – berrou ele em direção ao bocal. – QUEM É VOCÊ?

– RONY, WEASLEY! – berrou Rony em resposta, como se ele e tio Válter estivessem falando de extremidades opostas de um campo de futebol. – SOU – UM AMIGO – DE – HARRY – DA – ESCOLA...

Os olhinhos de tio Válter se viraram para Harry, que estava pregado no chão.

– NÃO TEM NENHUM HARRY POTTER AQUI! – vociferou ele, agora segurando o fone com o braço esticado, como se receasse que o aparelho pudesse explodir. – NÃO SEI DE QUE ESCOLA VOCÊ ESTÁ FALANDO! NUNCA MAIS TORNE A LIGAR PARA CÁ! FIQUE LONGE DA MINHA FAMÍLIA!

E atirou o fone no gancho como se estivesse se livrando de uma aranha venenosa.

A briga que se seguiu foi uma das piores da vida de Harry.

– COMO É QUE VOCÊ SE ATREVE A DAR ESTE NÚMERO PARA GENTE COMO – GENTE COMO *VOCÊ*! – berrava tio Válter, salpicando Harry de cuspe.

Rony obviamente percebera que metera Harry em uma encrenca, porque não telefonou mais. A outra grande amiga de Harry em Hogwarts, Hermione Granger, tampouco o procurara. O menino suspeitava que Rony tinha avisado à amiga para não telefonar, o que era uma pena, porque Hermione, a bruxa mais inteligente da turma deles, tinha pais trouxas, sabia usar o telefone perfeitamente bem e provavelmente teria o bom-senso de não dizer que frequentava Hogwarts.

Com isso, Harry não ouvira uma única palavra de nenhum dos seus amigos de bruxaria durante cinco longas semanas, e este verão estava saindo quase tão ruim quanto o anterior. Havia apenas uma coisinha que melhorara – depois de jurar que não iria usar sua coruja para remeter cartas aos amigos, Harry tivera permissão de soltar Edwiges, à noite. Tio Válter concordara com isso diante da barulheira que o bicho aprontava quando ficava preso na gaiola o tempo todo.

Harry terminou de escrever sobre Wendelin a Esquisita e parou mais uma vez para escutar. O silêncio da casa às escuras só era interrompido pelos roncos sonoros e distantes do seu enorme primo, Duda.

Deve ser muito tarde, pensou Harry. Seus olhos comichavam de cansaço. Talvez terminasse a redação na noite seguinte...

Ele repôs a tampa do tinteiro; puxou uma fronha velha debaixo da cama; guardou dentro a lanterna, *História da magia*, a redação, a caneta e a tinta; levantou-se da cama e escondeu tudo sob uma tábua solta do soalho debaixo da cama. Então ficou em pé, se espreguiçou e verificou a hora no despertador luminoso sobre a mesa de cabeceira.

Era uma hora da manhã. Harry sentiu uma contração engraçada na barriga. Fizera treze anos de idade havia uma hora e não tinha se dado conta disso.

Mas outra coisa fora do comum em Harry é que ele não ligava nem um pouco para os seus aniversários. Nunca recebera um cartão de aniversário na vida. Os Dursley não tinham dado a mínima atenção aos dois últimos e ele não tinha razão alguma para supor que fossem se lembrar deste agora.

Harry atravessou o quarto escuro, passou pela espaçosa gaiola vazia de Edwiges e foi abrir a janela. Debruçou-se no peitoril, achando gostoso o ar fresco da noite que batia em seu rosto depois de ter passado tanto tempo debaixo das cobertas. Fazia duas noites que Edwiges andava fora. Mas Harry não estava preocupado – a coruja já ficara fora tanto tempo assim antes. Mas o garoto desejou que ela voltasse logo –, era a única criatura na casa que não se esquivava quando o via.

Harry, embora continuasse pequeno e magricela para sua idade, crescera alguns centímetros desde o ano anterior. Seus cabelos muito pretos, porém, continuavam como sempre tinham sido – teimosamente despenteados, por mais que ele fizesse. Os olhos por trás das lentes eram verde vivo, e na testa havia, claramente visível através dos cabelos, uma cicatriz fina, em forma de raio.

De todas as coisas fora do comum em Harry, essa cicatriz era a mais extraordinária de todas. Não era, como tinham fingido os Dursley durante dez anos, uma lembrança do acidente de carro que matara seus pais, porque Lílian e Tiago Potter não tinham morrido em um acidente de carro. Tinham sido assassinados, assassinados pelo bruxo das trevas mais temido do mundo nos últimos cem anos, Lorde Voldemort. Harry escapara desse mesmo atentado com uma simples cicatriz na testa, no lugar em que o feitiço do bruxo, em vez de matá-lo, tinha se voltado contra o próprio feiticeiro. Quase morto, Voldemort fugira...

Mas Harry voltara a defrontar com ele outra vez em Hogwarts. Ao se recordar do último encontro, ali parado à janela escura, Harry teve de admitir que era uma sorte ter chegado ao seu décimo terceiro aniversário vivo.

Examinou o céu estrelado à procura de um sinal de Edwiges, voando ao seu encontro talvez com um rato morto pendurado no bico, contando receber

elogios. Mas ao olhar distraidamente por cima dos telhados, Harry demorou alguns segundos para perceber o que estava vendo.

Recortado contra a lua dourada, e sempre crescendo, vinha um bicho estranhamente torto voando em sua direção. Harry ficou muito quieto esperando o bicho descer. Por uma fração de segundo ele hesitou, a mão no trinco da janela, pensando se devia fechá-la. Mas, nessa hora o bicho esquisito sobrevoou um lampião da rua dos Alfeneiros e Harry, identificando o que era, saltou para o lado.

Pela janela entraram três corujas, duas delas segurando uma terceira que parecia desmaiada. Pousaram com um *ruído* fofo na cama do menino e a coruja do meio, que era grande e cinzenta, tombou para o lado, imóvel. Trazia um grande pacote amarrado às pernas.

Harry reconheceu a coruja desmaiada na mesma hora – seu nome era Errol e pertencia à família Weasley. O menino correu para a cama, desamarrou os barbantes que envolviam as pernas de Errol, soltou o pacote e, em seguida, levou a coruja para a gaiola de Edwiges. Errol abriu um olho lacrimejante, deu um pio fraquinho de agradecimento e desatou a beber água em grandes sorvos.

Harry se virou para as corujas restantes. Uma delas, a fêmea grande, branca como a neve, era a sua Edwiges. Ela também trazia um pacote e parecia muito satisfeita consigo mesma. Deu uma bicadinha carinhosa em Harry quando ele soltou sua carga, depois saiu voando pelo quarto para se juntar a Errol.

Harry não reconheceu a terceira coruja, um belo espécime pardo, mas soube imediatamente de onde viera, porque além de um terceiro pacote, ela trazia uma carta com o escudo de Hogwarts. Quando Harry acabou de aliviá-la de sua carga, ela sacudiu as penas, cheia de si, abriu as asas e saiu voando pelo céu noturno.

O menino sentou-se na cama e apanhou o pacote de Errol, rasgou o papel pardo e encontrou um presente embrulhado em ouro, e o primeiro cartão de aniversário de sua vida. Com os dedos trêmulos, ele abriu o envelope. Caíram dois papéis – uma carta e um recorte de jornal.

O recorte fora visivelmente tirado do jornal dos bruxos, o *Profeta Diário*, porque as pessoas nas fotos em preto e branco estavam se mexendo. Harry apanhou o recorte, alisou-o e leu.

FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA GANHA GRANDE PRÊMIO

Arthur Weasley, chefe da Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas no Ministério da Magia, ganhou o Grande Prêmio Anual da Loteria do Profeta Diário.

A Sra. Weasley, encantada, declarou ao Profeta Diário*: “Vamos gastar o*

ouro em uma viagem de férias ao Egito, onde nosso filho mais velho, Gui, trabalha para o Banco Gringotes como desfazedor de feitiços."

A família Weasley vai passar um mês no Egito, de onde voltará no início do ano letivo em Hogwarts, escola que cinco dos seus filhos ainda frequentam.

Harry examinou a foto em movimento, e um sorriso espalhou-se pelo seu rosto ao ver os nove Weasley acenando freneticamente para ele, diante de uma enorme pirâmide. A Sra. Weasley, pequena e gorducha, o Sr. Weasley, alto e um pouco careca, os seis filhos e uma filha, todos (embora a foto em preto e branco não mostrasse isso) com flamejantes cabelos vermelhos. Bem no meio da foto se achava Rony, alto e desengonçado com o seu rato de estimação, Perebas, no ombro e o braço passado pelas costas da irmã, Gina.

Harry não conseguia pensar em ninguém que merecesse mais ganhar um monte de ouro do que os Weasley, que eram gente muito fina e extremamente pobre. Ele apanhou a carta de Rony e a desdobrou.

Caro Harry,

Feliz aniversário!

Olhe, estou muito arrependido daquele telefonema. Espero que os trouxas não tenham engrossado com você. Perguntei ao papai e ele acha que eu não devia ter gritado.

O Egito é incrível. Gui nos levou para ver os túmulos e você não ia acreditar nos feitiços que os velhos bruxos egípcios lançavam neles. Mamãe não quis deixar a Gina ver o último. Só continha esqueletos mutantes de trouxas que violaram o túmulo e acabaram com duas cabeças e outras esquisitices.

Nem consegui acreditar quando o papai ganhou a Loteria do Profeta Diário. *Setecentos galeões! A maior parte foi gasta nesta viagem, mas eles vão me comprar uma varinha nova para o próximo ano letivo.*

Harry lembrava-se bem demais do dia em que a velha varinha de Rony se partira. Acontecera quando o carro em que os dois voaram para Hogwarts batera de encontro a uma árvore nos jardins da escola.

Estaremos de volta uma semana antes do ano letivo começar e vamos a Londres comprar minha varinha e os livros da escola. Alguma chance de nos encontrarmos lá?

Não deixe os trouxas arrasarem você!

Faça uma força para ir a Londres,

Rony

P.S.: Percy agora é monitor-chefe. Recebeu a carta de nomeação na semana passada.

Harry tornou a admirar a foto. Percy, que estava no sétimo e último ano em Hogwarts, parecia muito cheio de si. Prendera o distintivo de monitor-chefe no fez que usava num ângulo elegante sobre os cabelos bem penteados, seus óculos de aros de tartaruga faiscavam ao sol do Egito.

Harry voltou então sua atenção para o presente e o desembrulhou. Dentro havia um objeto que parecia um pequenino pião de vidro. Debaixo, mais um bilhete de Rony.

Harry – isto é um "bisbilhoscópio" de bolso. Dizem que quando tem alguma coisa suspeita por perto, ele acende e gira. Gui falou que é porcaria que vendem a bruxos turistas e que não é confiável porque ontem, durante o jantar, ficou acendendo o tempo todo. Mas ele não percebeu que Fred e Jorge tinham posto besouros na sopa dele.

Tchau – Rony

Harry pôs o bisbilhoscópio em cima da mesa de cabeceira, onde o pião ficou parado, equilibrado sobre a ponta, refletindo os ponteiros luminosos do despertador. O menino admirou-o feliz por alguns segundos, então apanhou o pacote que Edwiges lhe trouxera.

Dentro deste também havia um presente embrulhado, um cartão e uma carta, desta vez de Hermione.

Caro Harry,

Rony me escreveu contando o telefonema que deu para o seu tio Válter. Espero que você esteja bem.

Estou de férias na França neste momento e não sabia como ia mandar o meu presente para você – e se eles abrissem o pacote na alfândega? –, mas então a Edwiges apareceu! Acho que ela queria garantir que você recebesse alguma coisa no seu aniversário, para variar. Comprei o seu presente pelo reembolso-coruja; vi um anúncio no Profeta Diário *(mandei entregar o jornal no meu endereço de férias; é tão bom continuar em dia com o que está acontecendo no mundo dos bruxos). Você viu a foto de Rony com a família que saiu no jornal na semana passada? Aposto que ele está aprendendo um monte de coisas. Estou com inveja – os bruxos do Egito antigo são*

fascinantes.

Aqui também tem histórias de bruxaria locais interessantes. Reescrevi todo o meu trabalho de História da Magia para incluir algumas coisas que descobri. Espero que não fique grande demais – são dois rolos de pergaminho a mais do que o Prof. Binns pediu.

Rony diz que vai a Londres na última semana de férias. Você também vai poder ir? Será que sua tia e seu tio vão deixar? Espero realmente que possa. Se não, a gente se vê no Expresso de Hogwarts no dia 1º de setembro!

Afetuosamente,

Hermione

P.S.: Rony contou que Percy virou monitor-chefe. Aposto como ele está realmente satisfeito. Quem não parece ter gostado é o Rony.

Harry deu risadas enquanto punha a carta de Hermione de lado e apanhava o presente. Era muito pesado. Conhecendo a amiga, ele teve certeza de que seria um livrão cheio de feitiços complicados – mas não era. Seu coração deu um enorme salto quando ele rasgou o papel de embrulho e viu um belo estojo de couro preto, com dizeres em letras prateadas: *Estojo para manutenção de vassouras*.

– Uau, Hermione! – exclamou Harry baixinho, abrindo o estojo para ver dentro.

Havia um frasco grande de líquido para polir cabos, uma tesoura prateada e reluzente para aparar cerdas, uma pequena bússola para prender na vassoura em viagens longas e um manual *Faça a manutenção da sua vassoura*.

À exceção dos amigos, o que Harry mais sentia falta de Hogwarts era o quadribol, o esporte mais popular do mundo mágico – extremamente arriscado, muito excitante, que se jogava montado em uma vassoura. Harry, por acaso, era um ótimo jogador de quadribol; fora o menino mais novo do século a ser escolhido para um time de casa em Hogwarts. Uma das coisas que Harry mais prezava na vida era sua vassoura de corrida, uma Nimbus 2000.

Harry pôs o estojo de couro de lado e apanhou o último embrulho. Reconheceu os garranchos no papel pardo do embrulho na mesma hora: eram de Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts. Ele rasgou o papel de embrulho externo e viu um pedacinho de alguma coisa em couro verde, mas antes que conseguisse desfazê-lo direito, o embrulho estremeceu de um modo estranho e o que havia dentro se fechou com um estalo – como se a coisa tivesse mandíbulas.

Harry congelou. Sabia que Hagrid jamais lhe mandaria uma coisa perigosa de propósito, mas, por outro lado, seu amigo não tinha a visão de uma pessoa

normal sobre o que era perigoso. Todos sabiam que Hagrid já fizera amizade com aranhas gigantescas, mas nocivas, com cães de três cabeças dados por gente que ele encontrou em bares, e contrabandeara ovos de dragão, um bicho ilegal, para dentro da cabana em que morava.

Harry cutucou o embrulho, nervoso. A coisa tornou a se fechar com ruído. O garoto apanhou o abajur na mesa de cabeceira, agarrou-o com firmeza com uma das mãos e ergueu-o acima da cabeça, pronto para desferir uma pancada. Então agarrou o resto do papel de embrulho com a outra mão e puxou.

E a coisa caiu – um livro. Harry só teve tempo de reparar na bela capa, adornada com um título dourado, *O livro monstruoso dos monstros*, antes do livro virar de lombada e começar a correr pela cama como um caranguejo esquisito.

– Ah-ah – gemeu Harry.

O livro caiu da cama com um barulho metálico e arrastou-se rápido pelo quarto. O menino o seguiu furtivamente. O livro foi se esconder no espaço escuro embaixo da escrivaninha. Rezando para os Dursley não terem acordado, Harry ficou de quatro e tentou apanhá-lo.

– Ai!

O livro se fechou sobre sua mão e se afastou do menino se sacudindo e andando adernado sobre as capas.

Harry saiu correndo, ainda agachado, e se atirou para a frente conseguindo achatar o livro. Tio Válter soltou um grunhido sonolento e alto no quarto ao lado.

Edwiges e Errol observaram com interesse quando Harry abraçou com força o livro que se debatia, correu até a cômoda e pegou um cinto, com que o amarrou firmemente. O livro monstruoso estremeceu de raiva, mas não conseguiu mais se agitar e morder, então Harry atirou-o na cama e apanhou o cartão de Hagrid.

Caro Harry,
Feliz aniversário
Achei que isto pudesse lhe ser útil no ano que vem.
Não vou dizer mais nada aqui. Conto quando a gente se encontrar.
Espero que os trouxas estejam tratando você bem.
Tudo de bom,
Hagrid

Pareceu a Harry um mau agouro que Hagrid pudesse achar que um livro que morde tivesse utilidade futura, mas pôs o cartão do amigo ao lado do de Rony e Hermione, sorrindo mais satisfeito do que nunca. Agora só sobrava a carta de

Hogwarts.

Reparando que era bem mais grossa do que de costume, Harry abriu o envelope, puxou a primeira página de pergaminho de dentro e leu:

Prezado Sr. Potter,

Queira registrar que o novo ano letivo começará em 1º de setembro. O Expresso de Hogwarts partirá da estação de King's Cross, plataforma nove e meia, às onze horas.

Os alunos de terceiro ano têm permissão para visitar a aldeia de Hogsmeade em determinados fins de semana. Assim, queira entregar a autorização anexa ao seu pai ou guardião para que a assine.

Estamos anexando, nesta oportunidade, a lista de livros para o próximo ano.

Atenciosamente,

Profª M. McGonagall

Vice-Diretora

Harry tirou do envelope o formulário de autorização para ir a Hogsmeade e leu-o, mas já não sorria. Seria maravilhoso visitar Hogsmeade nos fins de semana; ele sabia que era um povoado só de bruxos, em que nunca estivera. Mas como é que ia convencer o tio Válter ou a tia Petúnia a assinar o formulário?

Ele olhou para o despertador. Eram agora duas horas da manhã.

Decidindo que se preocuparia com o formulário de Hogsmeade quando acordasse, Harry voltou para a cama e se esticou para riscar mais um dia no calendário que fizera para contar o tempo que faltava para regressar a Hogwarts. Tirou então os óculos e se deitou, de olhos abertos, de frente para os três cartões de aniversário.

Mesmo sendo muito fora do comum, naquele momento Harry Potter se sentiu como todo mundo: feliz, pela primeira vez na vida, porque era o dia do seu aniversário.

— CAPÍTULO DOIS —

O grande erro de tia Guida

Harry desceu para o café na manhã seguinte e já encontrou os três Dursley sentados à mesa. Estavam assistindo a uma televisão novinha em folha, um presente de boas-vindas para as férias-de-verão-em-casa de Duda, que andara se queixando, em altas vozes, sobre a grande distância entre a geladeira e a televisão da sala. Duda passara a maior parte do verão na cozinha, seus miúdos olhinhos de porco fixos na telinha e sua papada em cinco camadas balançando enquanto ele comia sem parar.

Harry sentou-se entre Duda e tio Válter, um homem grande e socado, com pescoço de menos e bigodes de mais. Longe de desejarem a Harry um feliz aniversário, os Dursley não deram qualquer sinal de que tinham reparado em sua entrada na cozinha, mas o menino estava mais do que acostumado com isso para se importar. Serviu-se de uma fatia de torrada e em seguida olhou para o repórter na televisão, que já ia adiantado na transmissão de uma notícia sobre um fugitivo da prisão.

“... alertamos os nossos telespectadores de que Black está armado e é extremamente perigoso. Se alguém o avistar deverá ligar para o número do plantão de emergência imediatamente.”

– Nem precisa dizer quem ele é – riu-se tio Válter, espiando o prisioneiro por cima do jornal. – Olhem só o estado dele, a imundice do desleixado! Olhem o cabelo dele!

E lançou um olhar de esguelha, maldoso, para Harry, cujos cabelos despenteados sempre tinham sido uma fonte de grande aborrecimento para o tio. Comparado ao homem da televisão, porém, cujo rosto ossudo era emoldurado por um emaranhado que lhe chegava aos cotovelos, Harry se sentiu, na verdade, muito bem penteado.

O repórter reaparecera.

“O Ministério da Agricultura e da Pesca irá anunciar hoje...”

– Espere aí! – berrou tio Válter, olhando furioso para o repórter. – Você não disse de onde esse maníaco fugiu! De que adiantou o alerta? O louco pode estar passando na minha rua neste exato momento!

Tia Petúnia, que era ossuda e tinha cara de cavalo, virou-se depressa e espiou com atenção pela janela da cozinha. Harry sabia que a tia simplesmente adoraria poder ligar para o telefone do plantão de emergência. Era a mulher mais bisbilhoteira do mundo e passava a maior parte da vida espionando os vizinhos sem graça, que nunca faziam nada errado.

– Quando é que eles vão *aprender* – exclamou tio Válter, batendo na mesa com o punho grande e arroxeado – que a forca é a única solução para gente assim?

– É verdade – concordou tia Petúnia, que ainda procurava ver alguma coisa por entre a trepadeira do vizinho.

Tio Válter terminou de beber a xícara de chá, deu uma olhada no relógio de pulso e acrescentou:

– É melhor eu ir andando, Petúnia. O trem de Guida chega às dez.

Harry, cujos pensamentos andavam no andar de cima com o *Estojo para manutenção de vassouras*, foi trazido de volta à terra com um tranco desagradável.

– Tia Guida? – o garoto deixou escapar. – É... *ela* não está vindo para cá, está?

Tia Guida era irmã de tio Válter. Embora não fosse um parente consanguíneo de Harry (cuja mãe fora irmã de tia Petúnia), a vida inteira ele tinha sido obrigado a chamá-la de “tia”. Tia Guida morava no campo, em uma casa com um grande jardim, onde ela criava buldogues. Raramente se hospedava na rua dos Alfeneiros, porque não conseguia suportar a ideia de se separar dos seus preciosos cachorros, mas cada uma de suas visitas permanecia horrivelmente nítida na cabeça de Harry.

Na festa do quinto aniversário de Duda, tia Guida tinha dado umas bengaladas nas canelas de Harry para impedi-lo de vencer o primo em uma brincadeira. Alguns anos mais tarde, ela aparecera no Natal trazendo um robô computadorizado para Duda e uma caixa de biscoitos de cachorro para Harry. Na última visita, um ano antes do garoto entrar para Hogwarts, ele pisara sem querer o rabo do cachorro favorito da tia. Estripador perseguira Harry até o jardim e o acuara em cima de uma árvore, mas tia Guida se recusara a recolher o cachorro até depois da meia-noite. A lembrança desse incidente ainda produzia lágrimas de riso nos olhos de Duda.

– Guida vai passar uma semana aqui – rosnou tio Válter – e enquanto estamos nesse assunto – ele apontou um dedo gordo e ameaçador para Harry –

precisamos acertar algumas coisas antes de eu sair para apanhá-la.
Duda fez ar de riso e desviou o olhar da televisão. Assistir a Harry ser maltratado pelo pai era sua diversão favorita.
– Em primeiro lugar – rosnou tio Válter –, você vai falar com bons modos quando se dirigir a Guida.
– Tudo bem – disse Harry com amargura –, se ela fizer o mesmo quando se dirigir a mim.
– Em segundo lugar – continuou o tio, fingindo não ter ouvido a resposta de Harry –, como Guida não sabe nada da sua *anormalidade,* não quero nenhuma... nenhuma *gracinha* enquanto ela estiver aqui. Você vai se comportar, está me entendendo?
– Eu me comporto se ela se comportar – retrucou Harry entre dentes.
– E em terceiro lugar – disse tio Válter, seus olhinhos maldosos agora simples fendas na enorme cara púrpura –, dissemos a Guida que você frequenta o Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis.
– *Quê?* – berrou Harry.
– E você vai sustentar essa história, moleque, ou vai se dar mal – cuspiu tio Válter.
Harry ficou sentado ali, o rosto branco e furioso, encarando o tio Válter, sem conseguir acreditar no que ouvia. Tia Guida vinha fazer uma visita de uma semana – era o pior presente de aniversário que os Dursley já tinham lhe dado, incluindo nessa conta o par de meias velhas do tio.
– Bom, Petúnia – disse tio Válter, levantando-se com esforço –, vou indo para a estação, então. Quer me acompanhar para dar um passeio, Dudoca?
– Não – respondeu o menino, cuja atenção se voltara para a televisão agora que o pai acabara de ameaçar Harry.
– O Dudinha tem que ficar elegante para receber a titia – disse tia Petúnia, alisando os cabelos louros e espessos do filho. – Mamãe comprou para ele uma linda gravata-borboleta.
Tio Válter deu uma palmadinha no ombrão de porco de Duda.
– Vejo vocês daqui a pouco, então – disse ele, e saiu da cozinha.
Harry, que estivera sentado em uma espécie de transe de horror, teve uma ideia repentina. Abandonando a torrada, ele se levantou depressa e acompanhou o tio até a saída.
Tio Válter estava vestindo o paletó que usava no carro.
– Eu não vou levar *você* – rosnou ele ao se virar e ver Harry observando-o.
– Como se eu quisesse ir – disse Harry friamente. – Quero lhe perguntar uma coisa.
O tio mirou-o desconfiado.

– Os alunos do terceiro ano em Hog... na minha escola às vezes têm permissão para visitar o povoado próximo – disse Harry.
– E daí? – retrucou o tio, tirando as chaves do carro de um gancho próximo à porta.
– Preciso que o senhor assine o formulário de autorização – disse Harry depressa.
– E por que eu iria fazer isso? – falou o tio com desdém.
– Bom – respondeu Harry, escolhendo cuidadosamente as palavras –, vai ser duro fingir para tia Guida que eu frequento o Saint não sei das quantas...
– Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis! – berrou o tio, e Harry ficou satisfeito de ouvir uma inconfundível nota de pânico em sua voz.
– Exatamente – disse Harry, encarando com toda a calma o rosto púrpura do tio. – É muita coisa para eu me lembrar. Tenho que parecer convincente, não é mesmo? E se eu, sem querer, deixar escapar alguma coisa?
– *Vou fazer picadinho de você, não é mesmo?* – rugiu o tio, avançando para o sobrinho com o punho levantado. Mas Harry aguentou firme.
– Fazer picadinho de mim não vai ajudar tia Guida a esquecer o que eu poderia contar a ela – disse em tom de ameaça.
Tio Válter parou, o punho ainda levantado, a cara de uma feia cor marrom-arroxeada.
– Mas se o senhor assinar o meu formulário de autorização – apressouse Harry a acrescentar –, juro que vou me lembrar da escola que o senhor diz que frequento, e vou me comportar como um trou... como se fosse normal e todo o resto.
Harry percebeu que o tio estava considerando a proposta, mesmo que seus dentes estivessem arreganhados e uma veia latejasse em sua têmpora.
– Certo – disse por fim, bruscamente. – Vou vigiar o seu comportamento muito de perto durante a visita de Guida. Se, quando terminar, você tiver andado na linha e sustentado a história, eu assino a droga do formulário.
E, dando meia-volta, abriu a porta e bateu-a com tanta força que uma das vidraças no alto se soltou.
Harry não voltou à cozinha. Subiu as escadas e foi para o quarto. Se ia se comportar como um trouxa de verdade, era melhor começar já. Devagar e com tristeza, reuniu seus presentes e cartões de aniversário e escondeu-os debaixo da tábua solta do soalho com os deveres de casa. Depois, foi até a gaiola de Edwiges. Errol parecia ter-se recuperado; ele e Edwiges estavam dormindo, com a cabeça enfiada embaixo da asa. Harry suspirou e cutucou as corujas para acordá-las.
– Edwiges – disse deprimido –, você vai ter que dar o fora por uma semana.

Vá com Errol. Rony cuidará de você. Vou escrever um bilhete para ele explicando. E não me olhe assim – os grandes olhos âmbar de Edwiges se encheram de censura –, não é minha culpa. É o único jeito que tenho de conseguir uma autorização para visitar Hogsmeade com Rony e Hermione.

Dez minutos depois, Errol e Edwiges (que levava um bilhete para Rony amarrado na perna) saíram voando pela janela e desapareceram de vista. Harry, agora se sentindo completamente infeliz, guardou a gaiola vazia dentro do armário.

Mas não teve muito tempo para se entristecer. Não demorou quase nada e tia Petúnia já estava gritando lá embaixo para Harry descer e se preparar para dar as boas-vindas à hóspede.

– Faça alguma coisa com o seu cabelo! – disse tia Petúnia bruscamente quando o sobrinho chegou embaixo.

Harry não via sentido em tentar fazer seu cabelo ficar penteado. Tia Guida adorava criticá-lo, por isso, quanto mais desarrumado, mais satisfeita ela iria ficar.

Demasiado cedo, ouviu-se um ruído de pneu triturando areia quando o carro de tio Válter entrou de marcha a ré pelo caminho da garagem, depois, batidas de portas e passos no jardim.

– Atenda a porta! – sibilou tia Petúnia para Harry.

Com uma sensação de grande tristeza e depressão na boca do estômago, Harry abriu a porta.

Na soleira encontrava-se tia Guida. Era muito parecida com o tio Válter; corpulenta, alta, socada, a cara púrpura, tinha até bigode, embora não tão peludo quanto o do irmão. Em uma das mãos ela trazia uma enorme mala, e, aninhado sob a outra, um buldogue velho e mal-humorado.

– Onde está o meu Dudoca? – bradou tia Guida. – Onde está o meu sobrinho fofo?

Duda veio gingando em direção ao hall, os cabelos louros emplastrados na cabeça gorda, uma gravata-borboleta quase invisível sob a papada quíntupla. Tia Guida largou a mala na barriga de Harry, deixando-o sem ar, agarrou Duda num abraço apertado com o braço livre e plantou-lhe uma beijoca na bochecha.

Harry sabia perfeitamente bem que Duda só aguentava os abraços da tia porque era bem pago para isso, e não deu outra, quando os dois se separaram, Duda levava uma nota novinha de vinte libras apertada na mão gorda.

– Petúnia! – exclamou tia Guida, passando por Harry como se ele fosse um cabide de chapéus. As duas se beijaram, ou melhor, tia Guida deu uma queixada na bochecha ossuda de tia Petúnia.

Tio Válter entrou nesse momento, sorrindo jovialmente e fechou a porta.

– Chá, Guida? – ofereceu. – E o que é que o Estripador vai tomar?
– Estripador pode beber um pouco de chá no meu pires – respondeu tia Guida enquanto seguiam todos para a cozinha, deixando Harry sozinho no hall com a mala. Mas o menino não ia se queixar; qualquer desculpa para ficar longe da tia era bem-vinda, por isso começou a carregar a pesada mala para o quarto de hóspedes, demorando o máximo que pôde.
No momento em que voltou à cozinha, tia Guida já fora servida de chá e bolo de frutas e Estripador lambia alguma coisa, fazendo muito barulho, a um canto. Harry viu tia Petúnia fazer uma ligeira careta ao ver gotas de chá e baba pontilharem o seu chão limpo. Ela detestava animais.
– Quem ficou cuidando dos outros cachorros, Guida? – perguntou tio Válter.
– Ah, deixei o coronel Fubster tratando deles – ribombou em resposta Guida. – Ele entrou para a reforma agora e é bom ter alguma coisa para fazer. Mas não pude deixar o coitado do Estripador, tão velho. Ele fica doente de tristeza quando viajo.
Estripador recomeçou a rosnar quando Harry se sentou. Isto atraiu a atenção de tia Guida para Harry, pela primeira vez.
– Então! – vociferou ela. – Ainda está por aqui?
– Estou – respondeu o menino.
– Não diga “estou” nesse tom ingrato – rosnou tia Guida. – É uma grande bondade Válter e Petúnia acolherem você. Eu não teria feito o mesmo. Eu o teria mandado direto para um orfanato se alguém largasse você na *minha* porta.
Harry estava doido para responder que preferia viver em um orfanato do que com os Dursley, mas a lembrança do formulário de Hogsmeade fez com que se calasse. Ele se esforçou para dar um sorriso constrangido.
– Não me venha com sorrisinhos! – trovejou tia Guida. – Estou vendo que não melhorou nada desde a última vez que o vi. Tive esperanças que a escola lhe desse educação à força, se fosse preciso. – Ela tomou um grande gole de chá, limpou o bigode e continuou: – Aonde mesmo que você o está mandando, Válter?
– St. Brutus – respondeu o tio prontamente. – É uma instituição de primeira classe para casos irrecuperáveis.
– Entendo. Eles usam a vara em St. Brutus? – vociferou ela do lado oposto da mesa.
– Ah...
Tio Válter fez um breve aceno de cabeça por trás de tia Guida.
– Usam – respondeu Harry. Depois, sentindo que devia fazer a coisa bem-feita, acrescentou: – o tempo todo.
– Ótimo – aprovou tia Guida. – Eu não aceito essa conversa fiada de não bater

em gente que merece. Uma boa surra de vara resolve noventa e nove casos em cem. *Você* já apanhou muitas vezes?

– Ah, já – respondeu Harry –, um monte de vezes.

Tia Guida apertou os olhos.

– Não gosto do seu tom, moleque. Se você consegue falar das surras que leva com esse tom displicente, obviamente não estão lhe batendo com a força que deviam. Petúnia, se eu fosse você escreveria à escola. Deixaria claro que os tios aprovavam o uso de força extrema no caso desse moleque.

Talvez tio Válter estivesse preocupado que Harry pudesse esquecer o acordo que tinham feito; o caso é que ele mudou o assunto bruscamente.

– Ouviu o noticiário hoje de manhã, Guida? E aquele prisioneiro que fugiu, hein?

Enquanto tia Guida começava a se fazer em casa, Harry se surpreendeu pensando quase com saudade na vida na rua dos Alfeneiros, nº 4 sem ela.

Tio Válter e tia Petúnia em geral encorajavam Harry a ficar fora do caminho deles, o que o menino fazia com a maior satisfação. Tia Guida, por outro lado, queria Harry debaixo dos seus olhos o tempo todo, para poder fazer, com aquele vozeirão, sugestões para melhorá-lo. Adorava comparar Harry a Duda, e tinha o maior prazer de comprar presentes caros para Duda enquanto olhava feio para Harry, como se o desafiasse a perguntar por que não recebera um presente também. Além disso, ela não parava de soltar piadas de mau gosto sobre as razões de Harry ser uma pessoa tão deficiente.

– Você não deve se culpar pelo que os meninos são hoje, Válter – comentou ela durante o almoço do terceiro dia. – Se existe alguma coisa podre por *dentro*, não há nada que ninguém possa fazer.

Harry tentou se concentrar na comida, mas suas mãos tremiam e seu rosto começou a arder de raiva. *Lembre-se do formulário,* disse a si mesmo. *Pense em Hogsmeade. Não diga nada. Não se levante...*

Tia Guida esticou a mão para a taça de vinho.

– Isso é uma das regras básicas da criação – disse ela. – A gente vê isso o tempo todo com os cachorros. Se tem alguma coisa errada com uma cadela, vai ter alguma coisa errada com o filhote...

Naquele momento, a taça de vinho que tia Guida segurava explodiu em sua mão. Cacos de vidro voaram para todo lado e ela engrolou e piscou, a caraça vermelha pingando.

– Guida! – guinchou tia Petúnia. – Guida, você está bem?

– Não se preocupe – resmungou tia Guida, enxugando o rosto com o guardanapo. – Devo ter segurado a taça com muita força. Fiz a mesma coisa na

casa do coronel Fubster no outro dia. Não precisa se preocupar, Petúnia, tenho a mão pesada...

Mas tia Petúnia e tio Válter olharam desconfiados para Harry, por isso o menino resolveu que era melhor não comer a sobremesa e se retirar da mesa o mais depressa que pudesse.

No corredor, apoiou-se na parede e respirou profundamente. Fazia muito tempo desde a última vez que se descontrolara e fizera uma coisa explodir. Não podia deixar que isso acontecesse de novo. O formulário de Hogsmeade não era a única coisa em jogo – se ele continuasse a agir assim, ia se encrencar com o Ministério da Magia.

Harry ainda era um bruxo menor de idade, portanto, pela lei dos bruxos, era proibido de fazer mágica fora da escola. A ficha dele não era muito limpa. Ainda no verão anterior recebera uma carta oficial em que o avisavam muito claramente que se o Ministério tomasse conhecimento de qualquer magia ocorrida na rua dos Alfeneiros, ele seria expulso de Hogwarts.

Harry ouviu os Dursley se levantarem da mesa e correu escada acima para sair do caminho.

Harry conseguiu sobreviver os três dias seguintes forçando-se a pensar no manual de *Faça a manutenção da sua vassoura* sempre que tia Guida implicava com ele. A coisa funcionou muito bem, embora seu olhar parecesse vidrado, porque tia Guida começou a ventilar a opinião de que ele era mentalmente deficiente.

Finalmente, um finalmente muito demorado, chegou a última noite da estada de tia Guida. Tia Petúnia preparou um jantar caprichado e tio Válter abriu várias garrafas de vinho. Eles conseguiram terminar a sopa e o salmão sem mencionar nem uma vez os defeitos de Harry; quando comiam a tortamerengue de limão, tio Válter deu um cansaço em todo mundo com uma longa conversa sobre Grunnings, sua empresa de brocas; depois tia Petúnia preparou o café e o marido apanhou uma garrafa de conhaque.

– Posso lhe oferecer essa tentação, Guida?

Tia Guida já bebera muito vinho. Sua cara enorme estava muito vermelha.

– Só um pouquinho, então – disse ela rindo. – Um pouquinho mais... mais... aí, perfeito.

Duda estava comendo o quarto pedaço de torta. Tia Petúnia bebericava café com o dedo mindinho esticado. Harry realmente queria desaparecer e ir para o quarto, mas deparou com os olhinhos zangados do tio Válter e viu que teria de aguentar até o fim.

– Aah! – exclamou tia Guida, estalando os lábios e pousando o cálice de

conhaque. – Um senhor jantar, Petúnia. Normalmente só como uma coisinha rápida à noite, com uma dúzia de cachorros para cuidar... – Ela soltou um gostoso arroto e deu umas palmadinhas na grande barriga coberta de tweed. – Me desculpem. Mas gosto de ver um menino de tamanho saudável – continuou ela, dando uma piscadela para Duda. – Você vai ter tamanho de homem, Dudoca, como seu pai. Sim, senhor, acho que vou querer mais um pouquinho de conhaque, Válter...

"Agora esse outro aí..."

Ela virou a cabeça para indicar Harry, que sentiu um aperto no estômago. O *manual*, pensou depressa.

– Esse aí tem um jeito ruim e mirrado. A gente vê isso nos cachorros. Pedi ao coronel Fubster para afogar um no ano passado. Era um ratinho. Fraco. Subnutrido.

Harry tentou se lembrar da página doze do seu livro *Feitiço para reverter feitiços persistentes.*

– A coisa toda está ligada ao sangue, como eu ia dizendo ainda outro dia. O sangue ruim acaba aflorando. Mas, não estou dizendo nada contra a sua família, Petúnia – ela deu umas pancadinhas na mão ossuda da cunhada com sua mão que mais parecia uma pá –, mas sua irmã não era flor que se cheirasse. Isso acontece nas melhores famílias. Depois, fugiu com aquele imprestável e aí está o resultado bem diante dos olhos da gente.

Harry olhava fixamente para o próprio prato, sentindo uma zoeira engraçada nos ouvidos. *Segure sua vassoura pela cauda com firmeza*, pensou. Mas não conseguiu se lembrar do que vinha depois. A voz de tia Guida parecia perfurá-lo como se fosse uma das brocas do tio Válter.

– Esse Potter – continuou tia Guida bem alto, agarrando a garrafa e derramando mais conhaque no copo e na toalha da mesa –, você nunca me contou o que ele fazia.

Tio Válter e tia Petúnia tinham uma expressão extremamente tensa. Duda chegara a levantar os olhos da torta para olhar os pais, boquiaberto.

– Ele... não trabalhava – disse tio Válter, sem chegar a olhar de todo para Harry. – Desempregado.

– Era o que eu esperava – disse tia Guida, bebendo um enorme gole de conhaque e limpando o queixo na manga. – Um parasita preguiçoso, imprestável, sem eira nem beira que...

– Não era, não – exclamou Harry inesperadamente. Todos à mesa ficaram muito quietos. Harry tremia da cabeça aos pés. Nunca sentira tanta raiva na vida.

– MAIS CONHAQUE! – bradou tio Válter, que empalidecera sensivelmente. Ele esvaziou a garrafa no cálice de tia Guida. – Você, moleque – rosnou para

Harry. – Vá se deitar, ande...
– Não, Válter – soluçou tia Guida, erguendo a mão, os olhinhos injetados e fixos em Harry. – Continue, moleque, continue. Tem orgulho dos seus pais, é? Eles saem por aí e se matam num acidente de carro (imagino que bêbados)...
– Eles não morreram num acidente de carro! – protestou Harry, que percebeu que se levantara.
– Morreram num acidente de carro, sim, seu mentiroso infeliz, e jogaram você nos ombros de parentes decentes e trabalhadores! – gritou tia Guida, inchando de fúria. – Você é um ingrato, insolente e...
Mas repentinamente ela se calou. Por um instante pareceu que tinhamlhe faltado palavras. Parecia estar inchando, engasgada de tanta raiva... mas não parou de inchar. Sua cara enorme e vermelha começou a crescer, os olhos miúdos saltaram das órbitas, e a boca se esticou tanto que a impedia de falar – no segundo seguinte vários botões simplesmente saltaram do seu paletó de tweed e ricochetearam nas paredes –, ela inflou como um balão monstruoso, a barriga transbordou o cós da saia, os dedos engrossaram como salames...
– GUIDA! – berraram tio Válter e tia Petúnia juntos quando o corpo dela começou a se erguer da cadeira em direção ao teto. Estava completamente redonda agora, como uma enorme boia com olhinhos porcinos, e as mãos e os pés se projetaram estranhamente do corpo que flutuava no ar, dando estalinhos apopléticos. Estripador entrou derrapando na sala, latindo enlouquecido.
– NÃÃÃÃÃÃO!
Tio Válter agarrou Guida por um pé e tentou puxá-la para baixo, mas quase foi erguido do chão também. Um segundo depois, Estripador avançou, e de um salto abocanhou a perna do tio Válter.
Harry se precipitou para fora da sala de jantar antes que alguém pudesse impedi-lo, e correu para o armário sob a escada. A porta do armário se abriu magicamente quando ele se aproximou. Em segundos, o garoto tinha arrastado o seu malão para a porta da rua. Subiu aos saltos a escada e se atirou embaixo da cama, levantando a tábua solta do soalho, agarrou a fronha cheia de livros e presentes de aniversário. Arrastou-se para fora, passou a mão na gaiola vazia de Edwiges, correu de volta ao lugar em que deixara o malão, na hora em que tio Válter irrompia da sala de jantar, com a perna da calça em tiras ensanguentadas.
– VOLTE AQUI! – urrou. – VOLTE AQUI E FAÇA-A VOLTAR AO NORMAL!
Mas uma raiva que não media consequências se apoderara de Harry. Ele deu um chute no malão para abri-lo, puxou a varinha e apontou-a para o tio Válter.
– Ela mereceu – disse, ofegante. – Ela mereceu o que aconteceu. E o senhor fique longe de mim.

Depois, tateou às costas à procura do trinco da porta.

– Vou-me embora. Para mim já chega.

E no momento seguinte Harry estava na rua escura e silenciosa, puxando o malão pesado, a gaiola de Edwiges debaixo do braço.

— CAPÍTULO TRÊS —

O Nôitibus Andante

Harry já estava bem distante quando se largou em cima de um muro baixo na rua Magnólia, uma rua curva de prédios geminados, ofegante com o esforço de arrastar o malão. Sentou-se muito quieto, ainda espumando de raiva, escutando o galope desenfreado do seu coração.

Mas depois de uns dez minutos sozinho na rua escura, uma nova emoção se apoderou dele: o pânico. De qualquer maneira que considerasse o caso, ele nunca se vira em situação pior. Estava perdido, sozinho, no escuro mundo dos trouxas, absolutamente sem ter aonde ir. E o pior era que acabara de executar um feitiço sério, o que significava que quase certamente seria expulso de Hogwarts. Violara tão flagrantemente o decreto que limitava o uso da magia por menores, que se surpreendeu que os representantes do Ministério da Magia não tivessem caído em cima dele ali mesmo.

Harry estremeceu e olhou para os dois lados da rua Magnólia. O que ia lhe acontecer? Seria preso ou simplesmente banido do mundo dos bruxos? Ele pensou em Rony e em Hermione, e seu coração ficou ainda mais apertado. Harry tinha certeza de que, fosse criminoso ou não, Rony e Hermione iriam querer ajudá-lo agora, mas os dois estavam no exterior e, com Edwiges ausente, ele não tinha meios de entrar em contato com os amigos.

E tampouco tinha dinheiro dos trouxas. Havia um ourinho na carteira que guardara no fundo do malão, mas o resto da fortuna que seus pais tinham lhe deixado estava depositado em um cofre do banco dos bruxos em Londres, o Gringotes. Ele jamais conseguiria arrastar o malão até Londres. A não ser que...

Ele olhou para a varinha que ainda mantinha segura na mão. Se já fora expulso (seu coração agora batia dolorosamente depressa), um pouco mais de magia não iria fazer mal algum. Tinha a Capa da Invisibilidade que herdara do pai – e se encantasse o malão para torná-lo leve como uma pena, o amarrasse à

vassoura e voasse até Londres? Então poderia retirar o resto do seu dinheiro do cofre e... começar uma vida de proscrito. Era uma perspectiva terrível, mas não podia ficar sentado naquele muro para sempre, ou ia acabar tendo que explicar à polícia dos trouxas o que estava fazendo ali, na calada da noite, com um malão cheio de livros de bruxaria e uma vassoura.

Harry tornou a abrir o malão e empurrou as coisas para um lado à procura da Capa da Invisibilidade – mas antes de apanhá-la, endireitou o corpo de repente e olhou mais uma vez a toda a volta.

Um formigamento estranho na nuca o fizera sentir que estava sendo observado, mas a rua parecia deserta e não havia luz nos grandes prédios quadrados.

Ele tornou a se curvar para o malão, mas quase imediatamente se endireitou, a mão apertando a varinha. Não ouvira, sentira uma coisa: alguém ou alguma coisa estava parado no estreito vão entre a garagem e a grade atrás dele. Harry apertou os olhos para enxergar melhor a passagem escura. Se ao menos aquilo se mexesse, então ele saberia se era apenas um gato sem dono ou... outra coisa qualquer.

– *Lumus* – murmurou Harry, e apareceu uma luz na ponta de sua varinha, que quase o cegou. Ele levantou a varinha acima da cabeça e as paredes incrustadas de seixos do nº 2, de repente, faiscaram; a porta da garagem reluziu e entre as duas Harry viu, com muita clareza, os contornos maciços de alguma coisa muito grande com olhos enormes e brilhantes.

Harry recuou. Suas pernas bateram no malão e ele tropeçou. A varinha voou de sua mão quando ele abriu os braços para amortecer a queda, e aterrissou com toda a força na sarjeta.

Ouviu-se um estampido ensurdecedor e Harry ergueu as mãos para proteger os olhos da luz repentina e ofuscante...

Com um grito, ele rolou para cima da calçada bem em tempo. Um segundo depois, dois faróis altos e dois gigantescos pneus pararam cantando exatamente no lugar em que Harry estivera caído. As duas coisas pertenciam, Harry viu quando ergueu a cabeça, a um ônibus de três andares, roxo berrante, que se materializara do nada. Letras douradas no para-brisa informavam: *O Nôitibus Andante*.

Por uma fração de segundo, Harry ficou imaginando se o tombo o teria deixado abobado. Então, um condutor de uniforme roxo saltou do ônibus para anunciar em altas vozes aos ventos da noite:

– Bem-vindo ao ônibus Nôitibus Andante, o transporte de emergência para bruxos e bruxas perdidos. Basta esticar a mão da varinha, subir a bordo e podemos levá-lo aonde quiser. Meu nome é Stanislau Shunpike, Lalau, e serei

seu condutor por esta noi...

Lalau parou abruptamente. Acabara de avistar Harry que continuava sentado no chão. O menino recuperou a varinha e ficou de pé como pôde. Aproximando-se, viu que Lalau era apenas alguns anos mais velho que ele, tinha dezoito ou dezenove anos no máximo, grandes orelhas de abano e uma grande quantidade de espinhas.

– Que é que você estava fazendo aqui? – perguntou Lalau, pondo de lado sua pose profissional.

– Caí – respondeu Harry.

– E por que foi que você caiu? – caçoou Lalau.

– Não caí de propósito – respondeu Harry, incomodado. Uma perna de seu jeans se rasgara e a mão que ele estendera para aliviar a queda estava sangrando. De repente ele se lembrou por que caíra e se virou depressa para o lado para ver a passagem entre a garagem e a cerca. Os faróis do Nôitibus agora a inundavam de luz e ela estava vazia.

– Que é que você está olhando? – perguntou Lalau.

– Havia uma coisa grande e escura – respondeu Harry, apontando hesitante para a abertura. – Parecia um cachorro... mas enorme...

Harry olhou para Lalau, cuja boca estava entreaberta. Com um certo constrangimento, Harry viu o seu olhar se deter na cicatriz de sua testa.

– Que é que é isso na sua testa? – perguntou Lalau de repente.

– Nada – apressou-se a dizer Harry, achatando os cabelos em cima da cicatriz. Se os funcionários do Ministério da Magia estivessem à sua procura, ele não ia facilitar a vida deles.

– Qual é o seu nome? – insistiu Lalau.

– Neville Longbottom – respondeu Harry com o primeiro nome que lhe veio à cabeça. – Então... este ônibus – emendou ele depressa na esperança de desviar a atenção do rapaz –, você disse que vai *a qualquer lugar*?

– Isso aí – respondeu Lalau orgulhoso –, qualquer lugar que você queira desde que seja em terra. É imprestável debaixo da água. Aqui – disse ele outra vez desconfiado –, você *fez* sinal para a gente parar, não fez? Esticou a mão da varinha, não esticou?

– Claro – confirmou Harry depressa. – Escuta aqui, quanto custaria me levar até Londres?

– Onze sicles, mas por catorze você ganha chocolate quente e por quinze um saco de água quente e uma escova de dentes da cor que você quiser.

Harry remexeu outra vez no malão, tirou a bolsa de dinheiro, e empurrou um ourinho na mão de Lalau. Ele e o rapaz então ergueram o malão, com a gaiola de Edwiges equilibrada na tampa, e subiram no ônibus.

Não havia lugares para a pessoa sentar; em vez disso havia meia dúzia de estrados de latão ao longo das janelas protegidas por cortinas. Ao lado de cada cama, ardiam velas em suportes, que iluminavam as paredes revestidas de painéis de madeira. Na traseira do ônibus, uma bruxa miúda usando touca de dormir murmurou:

– Agora não, obrigada, estou fazendo uma conserva de lesmas. – E voltou a adormecer.

– Você fica com essa aí – cochichou Lalau, empurrando o malão de Harry para baixo da cama logo atrás do motorista, que se achava sentado em uma cadeira de braços diante do volante. – Este é o nosso motorista, Ernesto Prang. Este aqui é o Neville Longbottom, Ernesto.

Ernesto Prang, um bruxo idoso que usava óculos de grossas lentes, cumprimentou com um aceno de cabeça o novo passageiro, que tornou a achatar nervosamente a franja contra a testa e se sentou na cama.

– Pode mandar ver, Ernesto – disse Lalau, sentando-se na cadeira ao lado do motorista.

Ouviu-se mais um estampido assustador e, no instante seguinte, Harry se sentiu achatado contra a cama, atirado para trás pela velocidade do Nôitibus. Endireitando-se, o menino espiou pela janela escura e viu que agora deslizavam suavemente por uma rua completamente diferente. Lalau observava o rosto surpreso de Harry achando muita graça.

– Era aqui que a gente estava antes de você fazer sinal para o ônibus parar – disse ele. – Onde é que nós estamos, Ernesto? Em algum lugar do País de Gales?

– Hum-hum – respondeu o motorista.

– Como é que os trouxas não ouvem o ônibus? – perguntou Harry.

– Os trouxas! – exclamou Lalau com desdém. – E eles lá escutam direito? E também não enxergam direito. Nunca reparam em nada, não é mesmo?

– É melhor ir acordar Madame Marsh, Lalau – disse Ernesto. – Vamos entrar em Abergavenny dentro de um minuto.

Lalau passou pela cama de Harry e desapareceu por uma estreita escada de madeira. Harry continuou a espiar pela janela, sentindo-se mais nervoso a cada hora. Ernesto não parecia ter dominado o uso do volante. O Nôitibus a toda hora subia na calçada, mas não batia em nada; os fios dos lampiões, as caixas de correio e as latas de lixo saltavam fora do caminho quando o ônibus se aproximava e tornavam à posição anterior depois de ele passar.

Lalau voltou do primeiro andar, seguido de uma bruxa meio esverdeada e embrulhada em uma capa de viagem.

– Chegamos, Madame Marsh – exclamou Lalau alegremente, enquanto Ernesto metia o pé no freio e as camas deslizavam bem uns trinta centímetros

para a dianteira do ônibus. Madame Marsh cobriu a boca com um lenço e desceu as escadas, titubeante. Lalau atirou a mala para ela e bateu as portas do ônibus; ouviu-se novo estampido, e o veículo saiu roncando por uma estradinha do interior, fazendo as árvores saltarem de banda.

Harry não teria conseguido dormir mesmo se estivesse viajando em um ônibus que não produzisse tantos estampidos e saltasse um quilômetro e meio de cada vez. Seu estômago deu muitas voltas quando ele tornou a refletir no que iria lhe acontecer, e se os Dursley já teriam conseguido tirar tia Guida do teto.

Lalau abrira um exemplar do *Profeta Diário* e agora o lia mordendo a língua. Um homem de rosto encovado e cabelos longos e embaraçados piscou devagarinho para Harry em uma grande foto na primeira página. Pareceulhe estranhamente familiar.

– Esse homem! – exclamou Harry, esquecendo-se por um momento dos próprios problemas. – Ele apareceu no noticiário dos trouxas!

Lalau virou para a primeira página e deu uma risadinha.

– Sirius Black – disse, confirmando com a cabeça. – Claro que apareceu no noticiário dos trouxas, Neville, por onde você tem andado?

E deu uma risadinha de superioridade ao ver o olhar vidrado no rosto de Harry, rasgou a primeira página e entregou-a ao garoto.

– Você devia ler mais jornal.

Harry ergueu a página diante da luz e leu:

BLACK AINDA FORAGIDO

Sirius Black, provavelmente o condenado de pior fama já preso na fortaleza de Azkaban, continua a escapar da polícia, confirmou hoje o Ministério da Magia.

"Estamos fazendo todo o possível para recapturar Black", disse o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, ouvido esta manhã, "e pedimos à comunidade mágica que se mantenha calma."

Fudge tem sido criticado por alguns membros da Federação Internacional de Bruxos por ter comunicado a crise ao primeiro-ministro dos trouxas.

"Bem, na realidade, eu tinha que fazer isso ou vocês não sabem?", comentou Fudge, irritado. "Black é doido. É um perigo para qualquer pessoa que o aborreça, seja bruxo ou trouxa. O primeiro-ministro me garantiu que não revelará a verdadeira identidade de Black. E vamos admitir – quem iria acreditar se ele revelasse?"

Enquanto os trouxas foram informados apenas de que Black está armado (com uma espécie de varinha de metal que os bruxos usam para se matar uns

aos outros), a comunidade mágica vive no temor de um massacre como o que ocorreu há doze anos, quando Black matou treze pessoas com um único feitiço.

Harry olhou bem dentro dos olhos sombrios de Sirius Black, a única parte do rosto encovado que parecia ter vida. O menino jamais encontrara um vampiro, mas vira fotos nas aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, e Black, com a pele branca como cera, se parecia muito com um.

– Carinha sinistro, não é mesmo? – comentou Lalau, que estivera observando Harry enquanto lia.

– Ele matou t*reze pessoas*? – admirou-se Harry, devolvendo a página a Lalau. – C*om um feitiço?*

– É isso aí, bem na frente de testemunhas e tudo. Em plena luz do dia. Armou uma confusão do caramba não foi, Ernesto?

– Hum-hum – confirmou Ernesto sombriamente.

Lalau girou a cadeira de braços, cruzou as mãos às costas, a fim de olhar melhor para Harry.

– Black foi um grande partidário de Você-Sabe-Quem – disse ele.

– De quem, do Voldemort? – disse Harry sem pensar.

Até as espinhas de Lalau ficaram brancas; Ernesto deu tal golpe de direção que uma casa de fazenda inteira teve que saltar para o lado para fugir do ônibus.

– Você ficou maluco? – gritou Lalau. – Pra que foi que você foi dizer o nome dele?

– Desculpe – apressou-se a dizer Harry. – Desculpe, eu... me esqueci...

– Se esqueceu! – exclamou Lalau com a voz fraca. – Caramba, meu coração até desembestou...

– Então... então Black era partidário de Você-Sabe-Quem? – repetiu Harry como se pedisse desculpas.

– Éé – confirmou Lalau, ainda esfregando o peito. – Éé, isso aí. Dizem que era muito chegado ao Você-Sabe-Quem... Em todo o caso, quando o pequeno Harry Potter levou a melhor sobre Você-Sabe-Quem...

Harry, nervoso, achatou a franja na testa outra vez.

– ... todos os partidários de Você-Sabe-Quem foram caçados, não foi assim, Ernesto? A maioria deles sacou que estava tudo acabado, Você-Sabe-Quem tinha desaparecido e o pessoal ficou na moita. Mas o Sirius Black, não. Ouvi dizer que ele achou que ia ser o vice quando Você-Sabe-Quem assumisse o poder. Em todo o caso, eles cercaram Black no meio de uma rua cheia de trouxas e o cara puxou a varinha e explodiu metade da rua, atingiu um bruxo e mais uma dúzia de trouxas que estavam no caminho. Uma coisa horrorosa! E sabe o que foi que o

Black fez depois? – Lalau continuou num sussurro teatral.

– Quê? – perguntou Harry.

– *Deu uma gargalhada*. Ficou ali parado dando gargalhadas. E quando chegaram os reforços do Ministério da Magia, ele acompanhou os caras sem a menor reação, rindo de se acabar. Porque ele é maluco, não é, Ernesto? Ele não é maluco?

– Se ele ainda não era quando foi para Azkaban, agora é – comentou Ernesto com sua voz arrastada. – Eu preferia estourar os miolos a pisar naquele lugar. Mas acho que é bem feito... depois do que ele aprontou...

– Tiveram uma trabalheira para abafar o caso, não foi, Ernesto? – disse Lalau. – Ele mandou a rua antiga para o espaço e matou todos aqueles trouxas. Que foi mesmo que falaram que tinha acontecido, Ernesto?

– Explosão de gás – resmungou Ernesto.

– E agora ele anda solto por aí – continuou Lalau, examinando mais uma vez a cara encovada de Black na foto do jornal. – Ninguém nunca fugiu de Azkaban antes, não é mesmo, Ernesto? Não sei como foi que ele fez isso. É de apavorar, hein? E olha só, não acho que ele tivesse muita chance contra aqueles guardas de Azkaban, hein, Ernesto?

Ernesto sentiu um arrepio repentino.

– Vamos mudar de assunto, Lalau. Esses guardas de Azkaban me dão até dor de barriga.

Lalau largou o jornal com relutância e Harry se encostou na janela do Nôitibus, sentindo-se pior que nunca. Não podia deixar de imaginar o que Lalau iria contar aos passageiros nas próximas noites... "Você soube o que aconteceu com aquele Harry Potter? Mandou a tia pelos ares! Ele viajou aqui no Nôitibus com a gente, não foi mesmo, Ernesto? Estava tentando se mandar..."

Ele, Harry Potter, tinha infringido as leis dos bruxos igualzinho ao Sirius Black. Fazer tia Guida virar balão seria suficiente para ir parar em Azkaban? Harry não sabia nada sobre a prisão dos bruxos, embora todo mundo que ele já ouvira falar daquele lugar o fizesse no mesmo tom de medo. Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts, passara dois meses lá ainda no ano passado. Harry jamais esqueceria a expressão de terror no rosto do amigo quando lhe disseram aonde ia, e Hagrid era uma das pessoas mais corajosas que Harry conhecia.

O Nôitibus corria pela escuridão, espalhando para todo o lado moitas de plantas, latas de lixo, cabines telefônicas e árvores, e Harry continuava deitado, inquieto e infeliz, em sua cama de penas. Passado algum tempo, Lalau se lembrou de que Harry pagara pelo chocolate quente, mas derramou-o no travesseiro do garoto quando o ônibus passou bruscamente de Anglesea para Aberdeen. Um a um, bruxos e bruxas de roupa de dormir e chinelos desceram

dos andares superiores e desembarcaram do ônibus. Todos pareciam satisfeitos de descer.

Finalmente, Harry foi o único passageiro que restou.

– Muito bem, então, Neville – disse Lalau, batendo palmas –, em que lugar de Londres você vai ficar?

– No Beco Diagonal – respondeu Harry.

– É pra já. Segura firme aí...

BANGUE.

E na mesma hora o Nôitibus estava correndo pela rua Charing Cross como uma trovoada. Harry se sentou e ficou observando os edifícios e bancos se espremerem para sair do caminho do veículo. O céu estava um pouquinho mais claro. Ele tentaria passar despercebido por umas duas horas, iria ao Gringotes no instante em que o banco abrisse, depois iria embora – para onde, ele não sabia muito bem.

Ernesto fincou o pé no freio e o Nôitibus parou derrapando diante de um bar pequeno e de aparência malcuidada, o Caldeirão Furado, nos fundos do qual havia a porta mágica para o Beco Diagonal.

– Obrigado – disse Harry a Ernesto.

Ele desceu os degraus com um pulo e ajudou Lalau a descer o malão e a gaiola de Edwiges para a calçada.

– Bem – disse Harry. – Então, tchau!

Mas Lalau não estava prestando atenção. Ainda parado à porta do ônibus, arregalava os olhos para a entrada sombria do Caldeirão Furado.

– Ah, *aí* está você, Harry – exclamou uma voz.

Antes que Harry pudesse se virar, sentiu uma mão segurá-lo pelo ombro. Ao mesmo tempo, Lalau gritou:

– Caramba! Ernesto, corre aqui! Corre *aqui*!

Harry ergueu a cabeça para o dono da mão em seu ombro e teve a sensação de que um balde de gelo estava virando dentro do seu estômago – desembarcara diante de Cornélio Fudge, o Ministro da Magia em pessoa.

Lalau saltou para a calçada, ao lado deles.

– Que nome foi que o senhor chamou Neville, ministro? – perguntou ele excitado.

Fudge, um homenzinho gorducho, vestindo uma longa capa de risca de giz, parecia enregelado e exausto.

– Neville? – repetiu ele, franzindo a testa. – Este é Harry Potter.

– Eu sabia! – gritou Lalau radiante. – Ernesto! Ernesto! É o Harry Potter! Estou olhando para a cicatriz dele!

– Bem – disse Fudge, irritado –, muito bem, fico satisfeito que o Nôitibus

tenha apanhado o Harry, mas ele e eu precisamos entrar no Caldeirão Furado agora...

Fudge aumentou a pressão no ombro de Harry, e o menino sentiu que estava sendo conduzido para o interior do bar. Um vulto curvo segurando uma lanterna apareceu à porta atrás do balcão. Era Tom, o dono encarquilhado e sem dentes do bar-hospedaria.

– O senhor o encontrou, ministro! – exclamou Tom. – Quer alguma coisa para beber? Cerveja? Conhaque?

– Talvez um bule de chá – disse Fudge, que continuava segurando Harry.

Ouviram-se passos que arranhavam o chão e gente ofegante atrás deles, e Lalau e Ernesto apareceram, carregando o malão de Harry e a gaiola de Edwiges, olhando para os lados, excitados.

– Por que é que você não nos disse quem era, hein, Neville? – disse Lalau sorrindo, radiante, para Harry, enquanto o cara de coruja do Ernesto espiava muito interessado por cima do ombro do ajudante.

– E uma sala *reservada*, por favor, Tom – pediu Fudge enfaticamente.

– Tchau – disse Harry, infeliz, a Lalau e Ernesto, enquanto Tom encaminhava Fudge, com um gesto, para um corredor que se abria atrás do bar.

– Tchau, Neville! – disse Lalau se retirando.

Fudge conduziu Harry por um corredor estreito, acompanhando a lanterna de Tom, até uma saleta. Tom estalou os dedos, um fogo se materializou na lareira, e, fazendo uma reverência, ele se retirou do aposento.

– Sente-se, Harry – começou Fudge, indicando a poltrona junto à lareira.

Harry obedeceu, sentindo arrepios percorrerem seus braços apesar da lareira acesa. Fudge despiu a capa de risca de giz, atirou-a a um lado, depois suspendeu as calças do seu terno verde-garrafa e se sentou em frente a Harry.

– Eu sou Cornélio Fudge, Harry. Ministro da Magia.

Harry já sabia disso, é claro; vira Fudge antes, mas como estava usando a Capa da Invisibilidade do pai na ocasião, Fudge não devia saber disso.

Tom, o dono do bar-hospedaria reapareceu, com um avental por cima do camisão de dormir, trazendo uma bandeja com chá e pãezinhos de minuto. Pousou a bandeja entre Fudge e Harry e saiu, fechando a porta ao passar.

– Muito bem, Harry – disse Fudge, servindo o chá –, não me importo de confessar que você nos deixou preocupadíssimos. Fugir da casa dos seus tios desse jeito! Eu já tinha até começado a pensar... mas você está são e salvo, e isto é o que importa.

Fudge passou manteiga em um pãozinho e empurrou o prato para Harry.

– Coma, Harry, sua cara é de quem não está se aguentando em pé. Agora... Você vai ficar satisfeito em saber que cuidamos do infeliz acidente com a Srta.

Guida Dursley. Dois funcionários do Departamento de Reversão de Feitiços Acidentais foram mandados à rua dos Alfeneiros há algumas horas. A Srta. Dursley foi esvaziada e sua memória alterada. Ela não lembra mais nada do acidente. E isto é tudo, não houve danos.

Fudge sorriu para Harry por cima da borda da xícara de chá, como faria um tio examinando um sobrinho querido. Harry, que não conseguia acreditar no que estava ouvindo, abriu a boca para falar, não conseguiu pensar em nada para dizer, e tornou a fechá-la.

– Ah, você está preocupado com a reação dos seus tios? Bom, não vou negar que eles estão muitíssimo aborrecidos, Harry, mas se dispuseram a recebê-lo de volta no próximo verão, desde que você passe em Hogwarts as férias do Natal e da Páscoa.

A língua de Harry se soltou.

– Eu *sempre* passo em Hogwarts as férias do Natal e da Páscoa, e não quero nunca mais voltar à rua dos Alfeneiros.

– Vamos, vamos, tenho certeza de que você vai pensar diferente depois que se acalmar – disse Fudge em tom preocupado. – Afinal, eles são sua família, e tenho certeza de que... *bem lá no fundo*, vocês se querem bem.

Não ocorreu a Harry corrigir Fudge. Continuava esperando ouvir o que ia lhe acontecer em seguida.

– Então agora só falta – disse Fudge, passando manteiga em um segundo pãozinho – decidir onde é que você vai passar as duas últimas semanas de férias. Sugiro que alugue um quarto aqui no Caldeirão Furado e...

– Espera aí – falou Harry sem pensar. – E o meu castigo?

Fudge piscou os olhos.

– Castigo?

– Eu desobedeci à lei! – disse Harry. – O decreto que proíbe o uso da magia aos menores!

– Ah, meu caro menino, nós não vamos castigá-lo por uma coisinha à toa como essa! – exclamou Fudge, agitando o pãozinho com impaciência. – Foi um acidente! Nós não mandamos ninguém para Azkaban por fazer a tia virar um balão!

Mas isto não batia com os contatos que Harry tivera anteriormente com o Ministério da Magia.

– No ano passado, recebi uma notificação oficial só porque um elfo doméstico largou um pudim no chão da casa do meu tio! – disse ele a Fudge, franzindo a testa. – O Ministério da Magia disse que eu seria expulso de Hogwarts se acontecesse mais um caso de magia por lá!

A não ser que os olhos de Harry o enganassem, Fudge de repente parecia

pouco à vontade.
– As circunstâncias mudam, Harry... Temos que levar em consideração... no clima atual... Com certeza você não *quer* ser expulso?
– Claro que não – disse Harry.
– Bom, então, por que toda essa agitação? – riu-se Fudge. – Agora coma mais um pãozinho, enquanto vou ver se Tom tem um quarto para você.
Fudge saiu da saleta e Harry ficou observando-o se retirar. Havia alguma coisa muito estranha acontecendo ali. Por que Fudge viera esperá-lo no Caldeirão Furado, se não ia castigá-lo pelo que fizera? E agora, pensando bem, com certeza não era normal um Ministro da Magia se envolver *pessoalmente* com casos de magia praticada por menores!
Fudge voltou acompanhado de Tom, o dono do bar-hospedaria.
– O quarto onze está livre, Harry – anunciou Fudge. – Acho que você vai ficar muito bem instalado nele. Mas tem uma coisa, e estou certo de que vai compreender... Não quero você passeando pela Londres dos trouxas, certo? Fique no Beco Diagonal. E tem que voltar todos os dias antes do escurecer. Tenho certeza de que vai compreender. Tom vai ficar de olho em você por mim.
– Tudo bem – disse Harry lentamente –, mas por quê...?
– Não queremos perdê-lo outra vez, não é mesmo? – disse Fudge com uma risada calorosa. – Não, não... é melhor sabermos onde é que você anda... quero dizer...
Fudge pigarreou alto e apanhou a capa de risca de giz.
– Bom, vou andando, muito que fazer, sabe...
– Já teve alguma sorte com o Black? – perguntou Harry.
Os dedos de Fudge escorregaram no fecho de prata da capa.
– Que foi que disse? Ah, você ouviu falar... bem, não, ainda não, mas é só uma questão de tempo. Os guardas de Azkaban até hoje não falharam... e nunca os vi tão furiosos.
Fudge estremeceu ligeiramente.
– Então, vou dizendo até logo.
Ele estendeu a mão, e Harry, ao apertá-la, teve uma ideia repentina.
– Ah... ministro? Posso perguntar uma coisa?
– Com toda certeza – disse Fudge com um sorriso.
– Bom, em Hogwarts os alunos do terceiro ano podem visitar Hogsmeade, mas os meus tios não assinaram o formulário de autorização. O senhor acha que poderia?
Fudge pareceu constrangido.
– Ah – respondeu. – Não, não, sinto muito, Harry, mas não sou seu pai nem seu guardião...

– Mas o senhor é o Ministro da Magia – disse Harry, ansioso. – Se o senhor me desse autorização...

– Não, sinto muito, Harry, mas regras são regras – disse Fudge sem entusiasmo. – Talvez você possa visitar Hogsmeade no ano que vem. De fato, acho melhor você nem ir... é... bem, vou andando. Aproveite a sua estada aqui, Harry.

E com um último sorriso e um aperto de mão, Fudge deixou a saleta. Tom, então, adiantou-se sorridente para Harry.

– Se o senhor quiser me acompanhar, Sr. Potter. Já levei suas coisas para cima...

Harry o seguiu por uma bela escada de madeira até uma porta com uma placa de latão de número onze, que Tom destrancou e abriu para ele.

Dentro havia uma cama muito confortável, uma mobília de carvalho muito lustroso, uma lareira em que o fogo crepitava alegremente e, encarrapitada no alto do armário...

– Edwiges! – exclamou Harry.

A coruja muito branca deu estalinhos com o bico e voou para o braço de Harry.

– Coruja muito inteligente a sua – disse Tom rindo. – Chegou uns cinco minutos depois do senhor. Se precisar de alguma coisa, Sr. Potter, por favor, é só pedir.

Ele fez outra reverência e saiu.

Harry ficou sentado na cama durante muito tempo, acariciando, distraído, as penas de Edwiges. O céu visto pela janela foi mudando rapidamente de um azul-escuro e aveludado para um cinzento metálico e frio, depois, lentamente, para um rosa salpicado de ouro. Harry mal conseguia acreditar que abandonara a rua dos Alfeneiros havia apenas algumas horas, que não fora expulso e que, agora, tinha diante de si duas semanas inteiras sem os Dursley.

– Foi uma noite muito estranha, Edwiges – bocejou ele.

E sem nem ao menos tirar os óculos, ele se largou em cima do travesseiro e adormeceu.

— CAPÍTULO QUATRO —
O Caldeirão Furado

Harry levou vários dias para se acostumar àquela estranha liberdade nova. Nunca antes ele pudera se levantar quando quisesse nem comer o que lhe desse vontade. Podia até ir aonde desejasse, desde que não saísse do Beco Diagonal, e como essa longa rua de pedras era repleta das lojas de magia mais fascinantes do mundo, Harry não sentia desejo algum de romper a palavra dada a Fudge e voltar ao mundo dos trouxas.

Todas as manhãs ele tomava o café no Caldeirão Furado, onde gostava de observar os outros hóspedes: bruxas do interior, franzinas e engraçadas, que vinham passar o dia fazendo compras; bruxos de aspecto venerável discutindo o último artigo do *Transfiguração Hoje;* bruxos de ar amalucado; anões de voz roufenha; e, uma vez, alguém, que tinha a aparência suspeita de uma bruxa malvada, pedira um prato de fígado cru, o rosto semiescondido por uma carapuça de lã.

Depois do café Harry saía para o pátio dos fundos, puxava a varinha, batia no terceiro tijolo a contar da esquerda, acima do latão de lixo, e se afastava enquanto se abria na parede o arco para o Beco Diagonal.

O garoto passou os dias longos e ensolarados explorando as lojas e comendo à sombra dos guarda-sóis de cores vivas à porta dos cafés, em que os seus companheiros de refeição mostravam uns aos outros as compras que tinham feito (“é um lunascópio, meu amigo – é o fim dessa história de mexer com tabelas lunares, me entende?”) ou então discutiam o caso de Sirius Black (“pessoalmente, não vou deixar nenhum dos meus filhos sair sozinho até que ele esteja outra vez em Azkaban”). Harry não precisava mais fazer os deveres de casa debaixo das cobertas, à luz de uma lanterna; agora podia se sentar à luz do sol, na calçada da Sorveteria Florean Fortescue, terminar suas redações e até contar com a ajuda ocasional do próprio Florean, que, além de conhecer a fundo

as queimas de bruxas em fogueiras, ainda oferecia a Harry, a cada meia hora, *sundaes* de graça.

Depois de ter reabastecido a carteira com galeões de ouro, sicles de prata e nuques de bronze retirados do seu cofre no Gringotes, Harry precisava se controlar muito para não gastar tudo de uma vez. Precisava se lembrar o tempo todo de que ainda lhe faltavam cinco anos de escola e que se sentiria mal em pedir dinheiro aos Dursley para comprar livros de bruxaria, e se segurou para não comprar um belo conjunto de bexigas de ouro maciço (um jogo de bruxos parecido com o de bolas de gude, em que as bolas espirram um líquido fedorento na cara do outro jogador quando ele perde um ponto). Harry se sentiu tentadíssimo, também, por um modelo perfeito de uma galáxia em movimento, dentro de um grande globo de vidro, e que teria significado que ele jamais precisaria assistir a uma aula de astronomia na vida. Mas a coisa que mais testou a força de vontade de Harry apareceu em sua loja preferida, a Artigos de Qualidade para Quadribol, uma semana depois do menino ter chegado ao Caldeirão Furado.

Curioso para saber a razão do ajuntamento diante da loja, Harry foi entrando com jeitinho e se espremendo entre as bruxas e os bruxos até conseguir ver um tablado recentemente erguido, em que haviam montado a vassoura mais deslumbrante que ele já vira na vida.

– Acabou de ser lançada... um protótipo – comentava um bruxo de queixo quadrado para o companheiro.

– É a vassoura mais rápida do mundo, não é, papai? – perguntou a vozinha aguda de um menino mais novo do que Harry, que se pendurava no braço do pai.

– O time internacional da Irlanda acabou de mandar um pedido para sete desses vassourões! – informou o proprietário da loja aos presentes. – E o time é o favorito para a Copa Mundial!

Uma bruxa corpulenta, na frente de Harry, se mexeu e o menino pôde ler o cartaz ao lado da vassoura:

FIREBOLT

Fabricada com tecnologia de ponta, a Firebolt possui um cabo de freixo, superfino e aerodinâmico, acabamento com resistência de diamante e número de registro entalhado na madeira. As cerdas da cauda, em lascas de bétula selecionadas à mão, foram afiladas até atingirem a perfeição aerodinâmica, dotando a Firebolt de equilíbrio insuperável e precisão absoluta. A Firebolt atinge 240km/h em dez segundos e possui um freio encantado de irrefreável ação. Cotação a pedido.

Cotação a pedido... Harry nem queria pensar quanto ouro a Firebolt custaria. Jamais desejara tanto alguma coisa em toda a sua vida – mas jamais perdera uma partida de quadribol com a sua Nimbus 2000, e qual era a vantagem de esvaziar seu cofre no Gringotes para comprar uma Firebolt, quando já possuía uma excelente vassoura? Harry não pediu a cotação, mas voltou, quase todos os dias depois disso, só para admirar a Firebolt.

Havia, no entanto, coisas que Harry precisava comprar. Ele foi à Botica para reabastecer seu estoque de ingredientes para poções e, como agora suas vestes escolares estavam vários centímetros mais curtas nos braços e nas pernas, ele visitou a Madame Malkin – Roupas para Todas as Ocasiões e comprou novos uniformes. E, o mais importante, tinha que comprar os novos livros para o ano letivo, que incluiriam duas novas matérias: Trato das Criaturas Mágicas e Adivinhação.

Harry teve uma surpresa quando parou para olhar a vitrine da livraria. Em vez da decoração habitual com livros de feitiçaria gravados a ouro, do tamanho de lajotas, havia uma grande gaiola de ferro com uns cem exemplares de *O livro monstruoso dos monstros*. Páginas arrancadas voavam para todo o lado, enquanto os livros se agrediam e se atracavam em furiosas lutas livres e mordidas agressivas.

Harry puxou a lista de livros do bolso e consultou-a pela primeira vez. *O livro monstruoso dos monstros* estava arrolado como o livro-texto para a matéria Trato das Criaturas Mágicas. Agora ele compreendia por que Hagrid dissera que o livro futuramente seria útil. Sentiu alívio; andara imaginando se o amigo ia querer ajuda para cuidar de um novo bicho de estimação apavorante.

Quando Harry entrou na Floreios e Borrões, o gerente veio correndo ao seu encontro.

– Hogwarts? – perguntou o homem sem rodeios. – Veio comprar os seus livros?

– Vim. Preciso...

– Saia do caminho – disse o gerente empurrando Harry para o lado com impaciência. Em seguida, puxou um par de luvas muito grossas, apanhou um bengalão nodoso e rumou para a porta da gaiola em que estavam os exemplares de *O livro monstruoso dos monstros.*

– Espere aí – disse Harry depressa –, já tenho um desses.

– Já? – Uma expressão de imenso alívio espalhou-se pelo rosto do gerente. – Graças a Deus. Já fui mordido cinco vezes esta manhã...

Um barulho alto de papel rasgado cortou o ar; dois livros monstruosos tinham agarrado um terceiro e começavam a destruí-lo.

– Parem com isso! Parem com isso! – exclamou o gerente, enfiando a bengala

pelas grades e separando os livros à força. – Nunca mais vou ter essas coisas em estoque, nunca mais! Tem sido uma loucura! Pensei que já tínhamos visto o pior quando compramos duzentos exemplares de *O livro invisível da invisibilidade*, custaram uma fortuna e nunca achamos os livros... Bem... tem mais alguma coisa em que possa lhe servir?

– Tem – disse Harry, consultando a lista de livros –, preciso de *Esclarecendo o futuro*, de Cassandra Vablatsky.

– Ah, vai começar a estudar Adivinhação? – perguntou o gerente descalçando as luvas e conduzindo Harry ao fundo da loja, onde havia um canto reservado para esse assunto. Em uma mesinha estavam empilhados livros como *Prevendo o imprevisível: proteja-se contra choques* e *Bolas rachadas: quando a sorte se transforma em azar.*

"Aqui está", disse o gerente, que subira em um escadote para apanhar um livro grosso, encadernado de preto. "*Esclarecendo o futuro*. Um bom guia para todos os métodos básicos de adivinhação do futuro, quiromancia, bolas de cristal, tripas de aves..."

Mas Harry não estava escutando. Seu olhar havia pousado em outro livro, que fazia parte de um arranjo em outra mesinha: *Presságios de morte: o que fazer quando se sabe que vai acontecer o pior.*

– Ah, eu não leria isso se fosse você – disse o gerente de passagem, procurando ver o que Harry estava olhando. – Você vai começar a ver presságios de morte por todo lado. Só isso já é suficiente para matar a pessoa de medo.

Mas Harry continuou a encarar a capa do livro; tinha um cão preto do tamanho de um urso, com olhos brilhantes. Que lhe parecia estranhamente familiar...

O gerente pôs nas mãos de Harry o livro *Esclarecendo o futuro*.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

– Sim – respondeu Harry, desviando o olhar dos olhos do cão e consultando, meio atordoado, a lista. – Ah... preciso de *Transfiguração para o Curso Médio* e de *O livro padrão de feitiços, 3ª série.*

Harry saiu da Floreios e Borrões dez minutos depois, com os livros debaixo do braço, e tomou o rumo do Caldeirão Furado, sem reparar aonde ia, esbarrando em várias pessoas.

Subiu as escadas fazendo barulho, entrou em seu quarto e despejou os livros em cima da cama. Alguém estivera ali limpando o quarto; as janelas abertas deixavam entrar o sol. Harry ouviu os ônibus passarem lá embaixo, na rua dos trouxas que ele não via, e o som dos transeuntes invisíveis no Beco Diagonal. Viu de relance o seu reflexo no espelho acima da pia.

– Não pode ter sido um presságio de morte – disse à sua imagem em tom de

desafio. – Eu estava entrando em pânico quando vi aquela coisa na rua Magnólia... Provavelmente era apenas um cão sem dono...

Ele ergueu a mão automaticamente e tentou achatar os cabelos.

– Você está empenhado em uma batalha perdida, meu querido – disse sua imagem com a voz rouca.

À medida que os dias se passavam, Harry começou a procurar por todo lugar aonde ia um sinal de Rony ou de Hermione. Muitos alunos de Hogwarts vinham ao Beco Diagonal agora, com a proximidade do ano letivo. Harry encontrou Simas Finnigan e Dino Thomas, companheiros da Grifinória, na Artigos de Qualidade para Quadribol, onde eles também haviam parado para namorar a Firebolt; encontrou também o verdadeiro Neville Longbottom, um menino de rosto redondo e muito desmemoriado, à porta da Floreios e Borrões. Harry não parou para conversar; Neville parecia ter extraviado a lista de livros e estava levando um carão da avó, uma senhora de aparência colossal. Harry desejou que a senhora jamais descobrisse que ele fingira ser Neville quando estava fugindo do Ministério da Magia.

Harry acordou no último dia de férias, com o pensamento de que finalmente iria se encontrar com Rony e Hermione no dia seguinte, no Expresso de Hogwarts. Levantou-se, se vestiu e saiu para dar uma última espiada na Firebolt, e estava pensando onde iria almoçar, quando alguém gritou seu nome e ele se virou.

– Harry! HARRY!

E ali estavam eles, os dois, sentados na calçada da Sorveteria Florean Fortescue – Rony parecendo incrivelmente sardento, Hermione muito bronzeada, os dois acenando para ele freneticamente.

– Finalmente! – exclamou Rony, rindo-se enquanto o amigo se sentava. – Fomos ao Caldeirão Furado, mas disseram que você tinha saído, fomos à Floreios e Borrões, à Madame Malkin e...

– Comprei todo o meu material escolar na semana passada – explicou Harry. – E como é que vocês sabiam que eu estava hospedado no Caldeirão Furado?

– Papai – disse Rony com simplicidade.

O Sr. Weasley, que trabalhava no Ministério da Magia, é claro que soubera da história toda que acontecera com a tia Guida.

– É *verdade* que você transformou a sua tia em um balão? – perguntou Hermione num tom muito sério.

– Eu não tive intenção – respondeu Harry, enquanto Rony rolava de rir. – Simplesmente... perdi o controle.

– Não tem a menor graça, Rony – disse Hermione rispidamente. –

Francamente, fico admirada que Harry não tenha sido expulso.

– Eu também – admitiu Harry. – E nem expulso, pensei que ia ser preso. – E olhou para Rony. – Seu pai não sabe por que Fudge não me castigou, sabe?

– Provavelmente porque era você, não é? – Rony sacudiu os ombros ainda rindo. – O famoso Harry Potter e tudo o mais. Eu nem gostaria de ver o que o Ministério faria *comigo* se eu transformasse minha tia em balão. Mas não se esqueça, eles teriam que me desenterrar primeiro, porque mamãe já teria me matado antes. Em todo o caso, pode perguntar ao papai hoje à noite. Estamos hospedados no Caldeirão Furado, também! Assim você pode ir para a estação de King's Cross conosco amanhã! Hermione também está lá!

A garota confirmou com a cabeça, radiante.

– Mamãe e papai me deixaram lá hoje de manhã com todas as minhas coisas de Hogwarts.

– Fantástico! – exclamou Harry feliz. – Então você já comprou os livros e todo o resto?

– Olhe só para isso – disse Rony, tirando uma caixa comprida e fina de uma sacola e abrindo-a. – Uma varinha nova em folha. Trinta e cinco centímetros e meio, salgueiro, contendo um fio de cauda de unicórnio. E compramos todos os nossos livros... – Ele apontou para uma grande saca embaixo da cadeira. – E aqueles livros monstruosos, hein? O balconista quase chorou quando dissemos que queríamos dois.

– E isso tudo o que é, Mione? – perguntou Harry, apontando não para uma, mas para três sacas estufadas na cadeira junto à amiga.

– Bem, é que vou fazer mais matérias novas do que vocês, não é? Comprei os livros de Aritmancia, de Trato das Criaturas Mágicas, de Adivinhação, de Estudo das Runas Antigas, de Estudo dos Trouxas...

– Para que é que você vai fazer Estudo dos Trouxas? – perguntou Rony, revirando os olhos para Harry. – Você nasceu trouxa! Sua mãe e seu pai são trouxas! Você já sabe tudo sobre trouxas!

– Mas vai ser fascinante estudar os trouxas do ponto de vista dos bruxos – disse Hermione muito séria.

– Você está planejando comer ou dormir este ano, Mione? – perguntou Harry, enquanto Rony dava risadinhas abafadas. A garota não ligou para os dois.

– Ainda tenho dez galeões – disse ela examinando a bolsa. – É meu aniversário em setembro, e mamãe e papai me deram um dinheiro para eu comprar um presente de aniversário antecipado.

– Que tal um bom *livro*? – perguntou Rony inocentemente.

– Não, acho que não – disse Hermione controlando-se. – O que eu quero mesmo é uma coruja. Quero dizer, Harry tem a Edwiges e você tem o Errol...

– Não tenho, não – respondeu Rony. – Errol é uma coruja de família. Meu mesmo só tenho o Perebas. – E tirou o rato de estimação do bolso. – Quero mandar examinar ele – acrescentou, pousando Perebas na mesa a que estavam sentados. – Acho que o Egito não fez bem a ele.

Perebas estava mais magro do que de costume, e seus bigodes pareciam decididamente caídos.

– Tem uma loja para criaturas mágicas ali – disse Harry, que agora conhecia o Beco Diagonal como a palma da mão. – Você podia ver se eles têm algum produto para o Perebas, e Mione podia comprar a coruja.

Assim dizendo, eles pagaram os sorvetes e atravessaram a rua para ir a Animais Mágicos.

Não havia muito espaço dentro da loja. Cada centímetro das paredes estava escondido por gaiolas. Era malcheirosa e barulhenta porque os ocupantes das gaiolas guinchavam, gritavam, palravam, sibilavam. A bruxa ao balcão estava ocupada ensinando a um bruxo como cuidar de um tritão com dois rabos, por isso Harry, Rony e Hermione aguardaram, examinando as gaiolas.

Havia dois enormes sapos roxos que engoliam, com um ruído aquoso, um banquete de moscas-varejeiras mortas. Uma tartaruga gigante, o casco incrustado de pedras preciosas, cintilava junto à janela. Lesmas venenosas, cor de laranja, subiam lentamente pela parede do seu aquário, e um coelho branco e gordo não parava de se transformar em cartola de cetim e novamente em coelho, com um grande estalo. Havia ainda gatos de todas as cores, uma gaiola barulhenta de corvos, uma cesta de engraçadas bolas de pelo creme que zuniam alto, e, em cima do balcão, um gaiolão de ratos negros e luzidios que brincavam de dar saltos se apoiando nos longos rabos lisos.

O bruxo do tritão de dois rabos saiu e Rony se aproximou do balcão.

– É o meu rato – disse à bruxa. – Ele tem andado meio indisposto desde que voltamos do Egito.

– Põe ele aqui no balcão – pediu a bruxa, tirando do bolso um par de pesados óculos de armação preta.

Rony catou Perebas do bolso interno e depositou-o ao lado da gaiola dos seus companheiros de espécie, que pararam os saltitos e correram para as grades para ver melhor.

Como todo o resto que Rony possuía, Perebas, o rato, era de segunda mão (pertencera ao irmão de Rony, Percy) e era um pouco maltratado. Ao lado dos reluzentes ratos na gaiola, ele parecia particularmente lastimável.

– Hum – fez a bruxa, levantando Perebas. – Que idade tem esse rato?

– Não sei – respondeu Rony. – Ele é bem velho. Foi do meu irmão.

– Que poderes ele tem? – perguntou a bruxa, examinando Perebas

atentamente.
– Ah... – A verdade é que Perebas jamais revelara o menor vestígio de poderes interessantes. O olhar da bruxa se deslocou da orelha esquerda e esfiapada de Perebas para a pata dianteira, que tinha um dedinho a menos, e deu um muxoxo alto.
– Este aqui já sofreu muito na vida – disse ela.
– Já estava assim quando Percy me deu – respondeu Rony se defendendo.
– Não se pode esperar que um rato comum ou rato de jardim como esse viva mais do que uns três anos – disse a bruxa. – Agora se o senhor estiver procurando alguma coisa mais resistente, talvez goste de um desses...
Ela indicou os ratos negros, que imediatamente recomeçaram a saltar. Rony resmungou:
– Exibidos.
– Bem, se o senhor não quiser outro, pode experimentar um tônico para ratos – disse a bruxa, levando a mão embaixo do balcão e apanhando um frasquinho vermelho.
– Está bem. Quanto... UI!
Rony se encolheu quando uma coisa enorme e laranja saiu voando do teto da gaiola mais alta e aterrissou na cabeça dele, e em seguida avançou e bufou com violência para Perebas.
– NÃO BICHENTO, NÃO! – gritou a bruxa, mas Perebas escapuliu entre as suas mãos como uma barra de sabão molhado, aterrissou de pernas abertas no chão e disparou para a porta.
– Perebas! – berrou Rony, correndo atrás do rato; Harry seguiu-o.
Os dois levaram quase dez minutos para recuperar Perebas, que se refugiara embaixo de um latão de lixo à porta da Artigos de Qualidade para Quadribol. Rony tornou a enfiar o rato trêmulo no bolso e se endireitou, massageando os cabelos.
– Que *foi* aquilo?
– Ou um gato muito grande ou um tigre muito pequeno – disse Harry.
– Aonde foi a Mione?
– Provavelmente comprando a coruja.
Eles refizeram o caminho pela rua apinhada de gente até a Animais Mágicos. Quando iam chegando, viram Hermione sair, mas ela não trazia coruja alguma. Seus braços envolviam com firmeza um enorme gato laranja.
– Você *comprou* aquele monstro? – perguntou Rony, boquiaberto.
– Ele é *lindo*, não é? – disse Hermione radiante.
Era uma questão de opinião, pensou Harry. A pelagem do gato era espessa e fofa, mas ele decididamente tinha pernas arqueadas e uma cara de poucos

amigos, estranhamente amassada, como se tivesse batido de frente numa parede de tijolos. Agora que Perebas não estava à vista, porém, o gato ronronava satisfeito nos braços de Hermione.

– Mione, essa coisa quase me escalpelou! – reclamou Rony

– Foi sem querer, não foi, Bichento? – perguntou Hermione.

– E o que vai ser do Perebas? – disse o menino apontando para o calom-bo no bolso do peito. – Ele precisa de descanso e sossego! Como é que vai ter isso com esse bicho por perto?

– Isto me lembra que você esqueceu o seu tônico para ratos – disse Hermione, batendo o frasco vermelho na mão de Rony. – E pare de se *preocupar*, Bichento vai dormir no meu dormitório e Perebas no seu, qual é o problema? Coitado do Bichento, a bruxa disse que ele está na loja há séculos; ninguém quis o gato.

– Por que será? – perguntou Rony com sarcasmo, a caminho do Caldeirão Furado.

Encontraram o Sr. Weasley sentado no bar, lendo o *Profeta Diário*.

– Harry! – exclamou ele, erguendo a cabeça e sorrindo. – Como vai?

– Bem, obrigado – respondeu o garoto enquanto ele, Rony e Hermione se reuniam ao Sr. Weasley com todas as compras que tinham feito.

O Sr. Weasley pôs o jornal de lado e Harry viu a foto de Sirius Black, agora muito sua conhecida, encarando-o.

– Então eles ainda não pegaram o homem? – perguntou.

– Não – respondeu o Sr. Weasley, parecendo muito sério. – O Ministério nos tirou do nosso trabalho normal para tentar encontrá-lo, mas até agora não tivemos sorte.

– Nós receberíamos uma recompensa se o apanhássemos? – perguntou Rony. – Seria bom ganhar mais um dinheirinho...

– Não seja ridículo, Rony – disse o Sr. Weasley, que a um olhar mais atento parecia muito tenso. – Black não vai ser apanhado por um bruxo de treze anos. Os guardas de Azkaban é que vão levá-lo de volta, escreva o que digo.

Naquele momento a Sra. Weasley entrou no bar, carregada de sacas e acompanhada pelos gêmeos, Fred e Jorge, que iam começar o quinto ano em Hogwarts; Percy, o recém-eleito monitor-chefe; e Gina, a caçula e única menina da família.

Gina, que sempre teve um xodó por Harry, pareceu ainda mais constrangida do que de costume, talvez porque o menino lhe salvara a vida no ano anterior, em Hogwarts. Ela ficou muito corada e murmurou um “olá”, sem olhar para Harry. Percy, porém, estendeu a mão solenemente como se ele e o colega jamais tivessem se encontrado e disse:

– Harry. Que prazer em vê-lo.

– Olá, Percy – respondeu Harry, tentando conter o riso.
– Você está bem, espero? – continuou Percy pomposo, durante o aperto de mãos. Parecia até que estava sendo apresentado ao prefeito.
– Muito bem, obrigado...
– Harry! – exclamou Fred, empurrando Percy com os cotovelos e fazendo uma grande reverência. – É simplesmente *esplêndido* encontrá-lo, meu caro...
– Maravilhoso – disse Jorge, empurrando Fred para o lado e, por sua vez, apertando a mão de Harry. – Absolutamente maravilhoso.
– Agora chega – interrompeu-os a Sra. Weasley.
– Mãe! – exclamou Fred como se tivesse acabado de avistá-la, apertandolhe a mão também: – É realmente formidável encontrá-la...
– Eu já disse que chega – disse a Sra. Weasley, descansando as compras em uma cadeira vazia. – Olá, Harry, querido. Suponho que tenha sabido das nossas eletrizantes novidades? – Ela apontou para o distintivo de prata novinho em folha no peito de Percy. – É o segundo monitor-chefe na família!
– exclamou, inchada de orgulho.
– E o último – resmungou Fred para si mesmo.
– Não duvido nada – disse a Sra. Weasley, franzindo a testa de repente. – Estou reparando que até hoje vocês dois não foram promovidos a monitores.
– E para que é que nós queremos ser monitores? – perguntou Jorge, parecendo se indignar até com a própria ideia. – Isso tiraria toda a graça da vida.
Gina abafou o riso.
– Vocês deviam dar um exemplo melhor para sua irmã! – ralhou a Sra. Weasley.
– Gina tem outros irmãos para lhe dar exemplo, mãe – disse Percy com altivez. – Vou mudar de roupa para o jantar...
Ele desapareceu e Jorge deixou escapar um suspiro.
– Bem que a gente tentou trancar ele numa pirâmide – disse a Harry. – Mas a mamãe flagrou a gente no ato.

O jantar àquela noite foi muito agradável. Tom, o dono do bar-hospedaria, juntou três mesas na sala, e os sete Weasley, Harry e Hermione traçaram cinco pratos maravilhosos.
– Como vamos para a estação de King’s Cross amanhã, papai? – perguntou Fred quando enfiavam a colher em um suntuoso pudim de chocolate.
– O Ministério vai mandar dois carros – disse o Sr. Weasley.
Todos ergueram os olhos para ele.
– Por quê? – perguntou Percy, curioso.
– Por sua causa, Percy – disse Jorge, sério. – E vão botar bandeirinhas em

cima dos capôs, com as letras TC...
– ... significando Tremendo Chefão – completou Fred.
Todos, à exceção de Percy e da Sra. Weasley, deram risadinhas baixando o rosto para os pudins.
– Por que é que o Ministério vai mandar carros, pai? – Percy repetiu a pergunta, num tom muito digno.
– Bem, como não temos mais nenhum – disse o Sr. Weasley –, e como trabalho lá, eles vão me fazer esse favor...
Sua voz era displicente, mas Harry não pôde deixar de notar que as orelhas do Sr. Weasley tinham ficado vermelhas, iguais às de Rony quando o pressionavam.
– E ainda bem – disse a Sra. Weasley, animada. – Vocês fazem ideia de quanta bagagem têm juntos? Que bela figura vocês fariam no metrô dos trouxas... Todo mundo já está de mala pronta ou não?
– Rony ainda não guardou todas as coisas novas no malão – disse Percy, com voz de sofredor. – Largou tudo em cima da minha cama.
– É melhor você subir e guardar tudo direito, Rony, porque não vamos ter tempo amanhã cedo – disse a Sra. Weasley alto, para o filho sentado mais longe. Rony amarrou a cara para Percy.
Depois do jantar todos se sentiram satisfeitos e cheios de sono. Um a um foram subindo para os quartos para verificar as coisas para o dia seguinte.
Rony e Percy estavam hospedados no quarto ao lado de Harry. Ele acabara de fechar e trancar seu malão quando ouviu vozes zangadas através da parede, e foi ver o que estava acontecendo.
A porta do quarto doze estava entreaberta e Percy gritava:
– Estava *aqui*, em cima da mesa de cabeceira, eu o tirei para polir...
– Eu não peguei, está bem? – berrava Rony em resposta.
– Que está acontecendo? – perguntou Harry.
– Meu distintivo de monitor-chefe sumiu – respondeu Percy virando-se irritado para Harry.
– E o tônico para ratos de Perebas também – falou Rony, jogando as coisas para fora do malão para procurá-lo. – Acho que deixei o frasco no bar...
– Você não vai a lugar nenhum até achar o meu distintivo – berrou Percy.
– Eu vou buscar o remédio do Perebas. Já fiz a mala – disse Harry a Rony, e desceu.
Harry estava no corredor a meio caminho do bar, agora mal iluminado, quando ouviu outras duas vozes zangadas que vinham da sala. Um segundo depois, ele as reconheceu como sendo as do Sr. e da Sra. Weasley. Hesitou, sem querer que eles soubessem que os ouvira discutindo, mas a menção do seu nome o fez parar, e, num segundo momento, se aproximar da porta da sala.

– ... não faz sentido não contar a ele – o Sr. Weasley dizia, veemente. – O garoto tem o direito de saber. Tentei dizer isso a Fudge, mas ele insiste em tratar Harry como criança. O menino já tem treze anos e...

– Arthur, a verdade iria aterrorizar Harry! – disse a Sra. Weasley com a voz esganiçada. – Você quer mesmo mandar Harry de volta à escola com essa ameaça pairando sobre a cabeça dele? Pelo amor de Deus, ele está *feliz* sem saber de nada!

– Não quero fazê-lo infeliz, quero deixá-lo de sobreaviso! – retrucou o Sr. Weasley. – Você sabe como são o Harry e o Rony andando por aí sozinhos, já foram parar na Floresta Proibida duas vezes! Mas Harry não pode fazer isto este ano! Quando penso o que poderia ter acontecido a ele na noite em que fugiu de casa! Se o Nôitibus não o tivesse apanhado, aposto que ele estaria morto antes do Ministério encontrá-lo.

– Mas ele *não* está morto, está são e salvo, então qual é o sentido...

– Molly, dizem que Sirius Black é doido, e talvez seja, mas ele foi suficientemente esperto para fugir de Azkaban, e isto é uma coisa que todos supõem que seja impossível. Já faz três semanas e nem sinal dele, e não dou a mínima para o que Fudge vive declarando ao *Profeta Diário*, estamos tão próximos de apanhar Black quanto estamos de inventar uma varinha que funcione sozinha. A única coisa de que temos certeza é que Black está atrás de...

– Mas Harry está perfeitamente seguro em Hogwarts.

– Achávamos que Azkaban era perfeitamente segura. Se Black foi capaz de sair de Azkaban, então é capaz de entrar em Hogwarts.

– Mas ninguém tem realmente certeza de que Black esteja atrás de Harry...

Ouviu-se um baque seco na mesa e Harry não teve dúvida de que o Sr. Weasley tinha dado um soco na mesa.

– Molly, quantas vezes preciso lhe dizer a mesma coisa? A imprensa não noticiou porque Fudge não queria que houvesse escândalo, mas Fudge foi até Azkaban na noite em que Black fugiu. Os guardas lhe disseram que Black andava falando durante o sono havia algum tempo. Sempre as mesmas palavras: “Ele está em Hogwarts... ele está em Hogwarts.” Black é desequilibrado, Molly, e quer ver Harry morto. Se você quer saber, ele acha que se matar Harry vai trazer Você-Sabe-Quem de volta ao poder. Black perdeu tudo naquela noite em que Harry deteve Você-Sabe-Quem, e passou doze anos sozinho em Azkaban pensando nisso...

Fez-se silêncio. Harry chegou mais perto da porta, desesperado para ouvir mais.

– Bem, Arthur, você deve fazer o que acha que é certo. Mas está se esquecendo de Alvo Dumbledore. Acho que nada poderá fazer mal a Harry em

Hogwarts enquanto Dumbledore for o diretor. Suponho que ele esteja sabendo de tudo isso.

– Claro que sabe. Tivemos que lhe perguntar se se importava que os guardas de Azkaban tomassem posição junto às entradas da escola. Ele não ficou muito satisfeito, mas concordou.

– Não ficou satisfeito? Por que não ficaria satisfeito, se os guardas estão lá para agarrar o Black?

– Dumbledore não gosta dos guardas de Azkaban – disse o Sr. Weasley deprimido. – Nem eu, se você quer saber... mas quando se está lidando com um bruxo como Black, por vezes a gente tem que se aliar com gente que se prefere evitar.

– Se eles salvarem Harry...

– ... então nunca mais direi uma palavra contra eles – disse o Sr. Weasley cansado. – Já está tarde, Molly, é melhor subirmos...

Harry ouviu as cadeiras serem mexidas. O mais silenciosamente que pôde, correu pelo corredor até o bar e desapareceu de vista. A porta da sala se abriu, e alguns segundos depois o ruído de passos lhe informou que o Sr. e a Sra. Weasley estavam subindo as escadas.

O frasco de tônico para ratos estava debaixo da mesa à qual o grupo se sentara mais cedo. Harry esperou até a porta do quarto do Sr. e da Sra. Weasley se fechar, depois tornou a subir levando o vidro.

Encontrou Fred e Jorge agachados nas sombras do patamar, rindo a mais não poder de ouvir Percy desmontar o quarto que ocupava com Rony, à procura do distintivo.

– Está conosco – sussurrou Fred a Harry. – Andamos dando uma melhorada nele.

No distintivo agora se lia Tremendo Chefão.

Harry forçou uma risada, foi entregar a Rony o frasco de tônico para ratos, depois se trancou em seu quarto e foi se deitar.

Então Sirius Black estava atrás dele. Isto explicava tudo. Fudge ter sido indulgente porque ficara aliviadíssimo de encontrá-lo vivo. Fizera Harry prometer não sair do Beco Diagonal onde havia um grande número de bruxos para vigiá-lo. E ia mandar dois carros do Ministério para levá-los à estação no dia seguinte, de modo que os Weasley pudessem cuidar de Harry até ele embarcar no trem.

Harry ficou deitado ouvindo a gritaria abafada no quarto vizinho e imaginando por que não se sentia mais apavorado. Sirius Black matara treze pessoas com uma maldição; o Sr. e a Sra. Weasley obviamente pensavam que Harry entraria em pânico se soubesse da verdade. Mas, por acaso, Harry

concordava inteiramente com o Sr. Weasley que o lugar mais seguro da terra era aquele em que Alvo Dumbledore acontecesse estar. As pessoas não diziam sempre que Dumbledore era a única pessoa de quem Lorde Voldemort já tivera medo? Com certeza Black, sendo o braço direito de Voldemort, não teria também igual medo do diretor?

E agora havia os guardas de Azkaban de quem todos não paravam de falar. Eles pareciam deixar as pessoas paralisadas de pavor e, se estavam de prontidão a toda volta da escola, as chances de Black entrar lá pareciam muito remotas.

Não, considerando tudo, a coisa que mais incomodava Harry era o fato de que suas chances de visitar Hogsmeade agora eram zero.

Ninguém iria querer que Harry deixasse a segurança do castelo até Black ser apanhado; aliás, Harry suspeitava que todos os seus movimentos seriam atentamente vigiados até que o perigo passasse.

Olhou zangado para o teto escuro. Será que achavam que ele não sabia se cuidar? Já escapara de Lorde Voldemort três vezes; não era um completo inútil...

Sem que ele quisesse, a imagem do animal nas sombras da rua Magnólia perpassou sua mente. *Que é que se faz quando se sabe que o pior está por vir...*

– Eu *não* vou ser morto – disse Harry em voz alta.

– É assim que se fala, querido – disse seu espelho, cheio de sono.

— CAPÍTULO CINCO —
O dementador

No dia seguinte, Tom acordou Harry, com o seu habitual sorriso banguela e uma xícara de chá. O garoto se vestiu, e tentava convencer uma mal disposta Edwiges a entrar na gaiola quando Rony irrompeu no quarto, vestindo uma suéter pela cabeça e parecendo irritado.

– Quanto mais cedo embarcarmos no trem melhor – disse. – Pelo menos posso fugir do Percy em Hogwarts. Agora ele está me acusando de pingar chá na foto da Penelope Clearwater. Sabe – disse Rony com uma careta –, aquela *namoradinha* dele. Ela escondeu a cara na moldura porque ficou com o nariz todo borrado...

– Tenho uma coisa para lhe dizer – começou Harry, mas foram interrompidos por Fred e Jorge, que meteram a cara no quarto para cumprimentar Rony por ter enfurecido Percy novamente.

Eles desceram para tomar café, e encontraram o Sr. Weasley lendo a primeira página do *Profeta Diário* com a testa franzida e a Sra. Weasley descrevendo para Hermione e Gina a poção do amor que preparara quando era moça. As três não paravam de rir.

– Que é que você ia me dizer? – perguntou Rony a Harry quando se sentaram.

– Depois – murmurou Harry na hora em que Percy irrompeu pela sala.

Harry não teve mais oportunidade de falar com Rony nem com Hermione no caos da partida; ficaram demasiado ocupados, descendo as malas pela estreita escada do Caldeirão Furado e empilhando-as perto da porta, com Edwiges e Hermes, a coruja de Percy, encarapitadas no alto das gaiolas. Uma cestinha de vime fora deixada ao lado da pilha de malas, de onde alguma coisa bufava ruidosamente.

– Tudo bem, Bichento – tranquilizou-o Hermione pelas frestas do vime. – Vou soltar você no trem.

– Não vai, não – retorquiu Rony. – O que vai ser do coitado do Perebas, hein?
O menino apontou para o próprio peito, onde um grande calombo indicava que Perebas estava enroscado no bolso interno da veste.
O Sr. Weasley, que estivera à porta aguardando os carros do Ministério, meteu a cabeça na entrada do Caldeirão.
– Eles chegaram – anunciou. – Harry, vamos.
O Sr. Weasley cruzou atrás de Harry o trechinho de calçada entre a hospedaria e o primeiro dos dois carros verde-escuros e antiquados, cada um dirigido por um bruxo de aparência furtiva, vestido de veludo verde vivo.
– Para dentro, Harry – disse o Sr. Weasley, verificando um lado e outro da rua movimentada.
Harry entrou no banco traseiro do carro e se reuniram a ele Hermione, Rony e, para desgosto de Rony, Percy.
A viagem até King's Cross foi muito tranquila se comparada à de Harry no Nôitibus Andante. Os carros do Ministério da Magia pareciam quase comuns, embora Harry reparasse que eram capazes de deslizar por espaços apertados que o novo carro da companhia do tio Válter certamente não teria podido. O grupo chegou à estação de King's Cross com vinte minutos de antecedência; os motoristas do Ministério apanharam carrinhos, descarregaram a bagagem, cumprimentaram o Sr. Weasley, levando a mão ao chapéu, e partiram, conseguindo, sabe-se lá como, tomar a dianteira de uma fila de carros parados no sinal luminoso.
O Sr. Weasley manteve-se colado no cotovelo de Harry todo o percurso até a estação.
– Certo então – disse ele olhando para todos os lados. – Vamos fazer isso aos pares, porque somos muitos. Eu passo primeiro com Harry.
O Sr. Weasley dirigiu-se à barreira entre as plataformas nove e dez, empurrando o carrinho de malas e aparentemente muito interessado no Interurbano 125 que acabara de parar na plataforma nove. Com um olhar expressivo para Harry, ele se encostou displicentemente na barreira. O garoto imitou-o.
Num segundo, os dois atravessaram de lado a sólida parede de metal e saíram na plataforma nove e meia e, quando ergueram a cabeça, viram o Expresso de Hogwarts, um trem vermelho a vapor, que soltava baforadas de fumaça na plataforma apinhada de bruxas e bruxos que foram levar os filhos ao embarque.
Percy e Gina apareceram de repente atrás de Harry. Ofegavam e pelo jeito tinham corrido para atravessar a barreira.
– Ah, olha lá a Penelope! – falou Percy, alisando os cabelos e corando de novo. O olhar de Gina surpreendeu o de Harry, e os dois se viraram para

esconder o riso, enquanto Percy ia ao encontro da menina de cabelos longos e cacheados, com o peito estufado para que ela não deixasse de reparar no seu distintivo reluzente.

Depois que os outros Weasley e Hermione se reuniram a eles, Harry e o Sr. Weasley saíram andando até os últimos carros do trem, passando por cabines cheias, até uma que lhes pareceu bem vazia. Embarcaram as malas na cabine, guardaram Edwiges e Bichento no bagageiro, depois tornaram a sair para que todos pudessem se despedir do Sr. e da Sra. Weasley.

A Sra. Weasley beijou os filhos, depois Hermione e, por fim, Harry. O menino ficou encabulado, mas gostou bastante quando ela lhe deu mais um abraço.

– Você vai se cuidar, não vai, Harry? – recomendou a senhora se endireitando, com um brilho estranho nos olhos. Depois, abriu uma enorme bolsa e disse: – Fiz sanduíches para todos... Tome aqui, Rony... não, não são de carne enlatada... Fred? Onde se meteu o Fred? Tome aqui, querido...

– Harry – disse o Sr. Weasley discretamente –, venha até aqui um instante.

Indicou com a cabeça uma coluna, e Harry acompanhou-o até de trás dela, deixando os outros amontoados em volta da Sra. Weasley.

– Há uma coisa que preciso dizer antes de você embarcar... – começou o Sr. Weasley com a voz tensa.

– Tudo bem, Sr. Weasley. Eu já sei.

– Você sabe? Como poderia saber?

– Eu... ah... ouvi o senhor e a Sra. Weasley conversando ontem à noite. Não pude deixar de ouvir – Harry acrescentou rapidamente. – Me desculpe...

– Não era assim que eu queria que você tivesse sabido – disse o Sr. Weasley, parecendo aflito.

– Não... sinceramente, tudo bem. Assim o senhor não faltou com a palavra que deu ao Fudge e eu sei o que está acontecendo.

– Harry, você deve estar apavorado...

– Não estou – disse Harry honestamente. – *Verdade* – acrescentou, porque o Sr. Weasley fazia cara de descrença. – Não estou tentando bancar o herói, mas, sério, o Sirius Black não pode ser pior do que o Voldemort, pode?

O Sr. Weasley se perturbou ao som daquele nome, mas conseguiu disfarçar.

– Harry, eu sabia que você tinha mais fibra do que Fudge parece imaginar, e é óbvio que fico feliz em constatar que você não se sente apavorado, mas...

– Arthur! – chamou a Sra. Weasley, que agora tocava os garotos para embarcar no trem. – Arthur, que é que você está fazendo? O trem já vai sair!

– Ele já está indo, Molly! – respondeu o Sr. Weasley, mas voltou sua atenção para Harry e continuou a falar em tom mais baixo e mais apressado. – Ouça, eu quero que você me dê sua palavra...

– ... de que serei um bom menino e não sairei do castelo? – disse Harry com tristeza.
– Não é bem isso – disse o Sr. Weasley, que parecia mais sério do que Harry jamais o vira. – Harry, jure que você não vai sair *procurando* o Black.
Harry arregalou os olhos.
– Quê?
Ouviu-se um apito forte. Guardas caminhavam ao lado do trem, batendo as portas para fechá-las.
– Prometa, Harry – disse o Sr. Weasley, falando ainda mais depressa –, que aconteça o que acontecer...
– Por que eu iria sair procurando alguém que eu sei que quer me matar?
– perguntou Harry sem entender.
– Prometa que ouça o que ouvir...
– Arthur, vamos rápido! – chamou a Sra. Weasley.
O vapor saía da chaminé da locomotiva em gordas nuvens; o trem começara a se mexer. Harry correu para a porta da cabine e Rony abriu-a e se afastou para o amigo embarcar. Os dois se debruçaram na janela e acenaram para o Sr. e a Sra. Weasley até o trem fazer uma curva e o casal desaparecer de vista.
– Preciso falar com vocês em particular – murmurou Harry para Rony e Hermione quando o trem ganhou velocidade.
– Vai saindo, Gina – disse Rony.
– Ah, quanta gentileza – respondeu a garota aborrecida, mas se afastando sem pressa.
Harry, Rony e Hermione saíram pelo corredor à procura de uma cabine vazia, mas todas estavam cheias exceto uma bem no finalzinho do trem.
Esta tinha apenas um ocupante, um homem que estava ferrado no sono ao lado da janela. Os garotos pararam à porta. O Expresso de Hogwarts era em geral reservado aos estudantes e, até então, eles nunca tinham visto um adulto a bordo, exceto a bruxa que passava com a carrocinha de comida.
O estranho usava um conjunto de vestes de bruxo extremamente surradas e cerzidas em vários lugares. Parecia doente e cansado. Embora fosse jovem, seus cabelos castanho-claros estavam salpicados de fios brancos.
– Quem vocês acham que ele é? – sibilou Rony quando se sentaram e fecharam a porta, ocupando os assentos mais afastados da janela.
– O Prof. R. J. Lupin – cochichou Hermione na mesma hora.
– Como é que você sabe?
– Está na maleta – respondeu a menina, apontando para o bagageiro acima da cabeça do homem, onde havia uma maleta gasta e amarrada com vários fios de barbante caprichosamente trançados. O nome *Prof. R. J. Lupin* estava estampado

a um canto em letras descascadas.
– Que será que ele ensina? – perguntou Rony, amarrando a cara para o perfil pálido do homem.
– É óbvio – sussurrou Hermione. – Só existe uma vaga, não é? Defesa Contra as Artes das Trevas.
Harry, Rony e Hermione já tinham tido dois professores nessa matéria, e ambos só duraram um ano letivo. Corriam boatos de que o cargo estava enfeitiçado.
– Bem, espero que ele esteja à altura – disse Rony em tom de dúvida. – Dá a impressão de que um bom feitiço acabaria com ele de vez, não acham? Em todo o caso... – Rony virou-se para Harry. – Que é que você ia nos dizer?
Harry contou toda a conversa entre o Sr. e a Sra. Weasley e o alerta que aquele senhor acabara de lhe dar. Quando terminou, Rony olhava abobado e Hermione cobrira a boca com as mãos. Finalmente a menina baixou as mãos e disse:
– Sirius Black fugiu para vir atrás de *você*? Ah, Harry... você vai ter que tomar muito, mas muito cuidado. Não vai sair por aí procurando encrenca, Harry...
– Eu não saio por aí procurando encrenca – respondeu Harry, irritado. – Em geral as encrencas é que vêm ao *meu* encontro.
– Harry teria que ser um bocado obtuso para sair procurando um biruta que quer matá-lo, não acha? – falou Rony com a voz trêmula.
Eles estavam reagindo às notícias pior do que Harry esperara. Tanto Rony quanto Hermione pareciam ter muito mais medo de Black do que ele próprio.
– Ninguém sabe como foi que o homem fugiu de Azkaban – disse Rony embaraçado. – Ninguém jamais tinha feito isso antes. E ainda por cima, ele era um prisioneiro de segurança máxima.
– Mas vão pegá-lo, não vão? – perguntou Hermione muito séria. – Quero dizer, todos os trouxas estão procurando Black também...
– Que barulho foi esse? – perguntou Rony de repente.
Uma espécie de apitinho fraco vinha de algum lugar. Os garotos procuraram por toda a cabine.
– Está vindo do seu malão, Harry – disse Rony se levantando e esticando os braços para o bagageiro. Pouco depois retirava o bisbilhoscópio de bolso, que fora guardado entre as vestes de Harry. O objeto girava muito rápido na palma da mão de Rony e emitia um brilho intenso.
– Isso é um *bisbilhoscópio*? – perguntou Hermione, interessada, levantando-se para ver melhor.
– É... e veja bem, é dos baratinhos – disse Rony. – Endoidou quando o amarrei na perna de Errol para mandar para Harry.
– Você estava fazendo alguma coisa suspeita na hora? – perguntou Hermione

astutamente.
– Não! Bem... eu não devia estar usando o Errol. Você sabe, ele não pode realmente fazer viagens longas... mas como é que eu ia mandar o presente do Harry?
– Ponha-o de volta no malão – aconselhou Harry enquanto o bisbilhoscópio continuava a apitar baixinho –, senão vamos acordar o homem.
O menino indicou o Prof. Lupin com a cabeça. Rony enfiou o bisbilhoscópio dentro de um par de meias velhas do tio Válter particularmente horrendas, o que abafou o som, depois fechou a tampa do malão.
– Poderíamos mandar verificar esse bisbilhoscópio em Hogsmeade – disse Rony, sentando-se outra vez. – Vendem essas coisas na Dervixes e Bangues, instrumentos mágicos e artigos sortidos. Foi o que Fred e Jorge me contaram.
– Você conhece muita coisa de Hogsmeade? – perguntou Hermione interessada. – Li que é o único povoado inteiramente bruxo da Grã-Bretanha...
– É, acho que é – disse Rony meio sem pensar –, mas não é por isso que quero ir lá. Só quero conhecer a Dedosdemel!
– E o que é a Dedosdemel? – perguntou Hermione.
– É uma loja de doces – disse Rony, com uma expressão sonhadora assomando em seu rosto –, que tem de *tudo*... Diabinhos de Pimenta... que fazem a boca fumegar... e enormes Chocobolas recheadas de musse de morango e creme cozido, e Canetas de açúcar realmente ótimas, que a gente pode chupar em classe e fazer de conta que está pensando no que se vai escrever...
– Mas Hogsmeade é um lugar muito interessante, não é? – insistiu Hermione, pressurosa. O livro *Sítios históricos da bruxaria* diz que a estalagem foi o quartel-general da Revolta dos Duendes de 1612, e diz que a Casa dos Gritos é o prédio mais mal-assombrado da Grã-Bretanha...
– ... e bolas maciças de sorvete de frutas que fazem a gente levitar uns centímetros acima do chão enquanto está comendo – continuou Rony, que decididamente não estava ouvindo uma palavra do que Hermione dizia.
A garota virou-se para Harry.
– Não vai ser ótimo sair um pouco da escola e explorar Hogsmeade?
– Imagino que sim – respondeu Harry deprimido. – Você vai ter que me contar quando descobrir.
– Como assim? – perguntou Rony.
– Não posso ir. Os Dursley não assinaram o meu formulário de autorização e o Fudge também não quis assinar.
Rony fez uma cara de horror.
– *Você não tem autorização para ir?* Mas... nem pensar... McGonagall ou alguém vai ter que lhe dar essa autorização...

Harry deu uma risada forçada. A Profª McGonagall, diretora da Grifinória, era muito rigorosa.

– ... ou podemos apelar para o Fred e o Jorge, eles conhecem todas as passagens secretas para sair do castelo...

– Rony! – ralhou Hermione com severidade. – Acho que o Harry não devia sair escondido da escola com o Black solto por aí...

– É, imagino que é o que McGonagall vai dizer quando eu pedir autorização – disse Harry amargurado.

– Mas se *nós* estivermos com ele – disse Rony, animado, a Hermione – Black não ousaria...

– Ah, Rony, não diz besteira – retrucou Hermione. – Black já matou um monte de gente bem no meio de uma rua movimentada. Você acha mesmo que ele vai se preocupar se vai ou não atacar Harry só porque *nós estamos* presentes?

Hermione mexia com as alças da cesta de Bichento enquanto falava.

– Não solta essa coisa! – exclamou Rony, mas tarde demais; Bichento saltou com leveza da cesta, espreguiçou-se, bocejou e pulou nos joelhos de Rony; o calombo no peito do menino estremeceu e ele empurrou Bichento com raiva.

– Dê o fora daqui!

– Rony, não! – disse Hermione, zangada.

O menino ia responder quando o Prof. Lupin se mexeu. Eles o miraram com apreensão, mas ele simplesmente virou a cabeça para o outro lado, a boca ligeiramente entreaberta, e continuou a dormir.

O Expresso de Hogwarts rodava numa velocidade constante para o norte e o cenário à janela ia se tornando cada vez mais bravio e escuro enquanto as nuvens, no alto, se avolumavam. Estudantes passavam pela porta da cabine correndo para cima e para baixo. Bichento agora se acomodara num assento vazio, a cara amassada virada para Rony, os olhos amarelos cravados no bolso do peito dele.

À uma hora, a bruxa gorducha com o carrinho de comida chegou à porta da cabine.

– Vocês acham que a gente devia acordar o professor? – perguntou Rony sem graça, indicando Lupin com a cabeça. – Ele está com cara de quem podia comer alguma coisa.

Hermione se aproximou cautelosamente do homem.

– Hum... professor? Com licença, professor?

O homem não se mexeu.

– Não se preocupe, querida – disse a bruxa entregando a Harry uma montanha de bolos de caldeirão. – Se ele tiver fome quando acordar, vou estar lá na frente com o maquinista.

– Suponho que ele *esteja* dormindo – disse Rony baixinho quando a bruxa fechou a porta da cabine. – Quero dizer: ele não morreu, não é?

– Não, está respirando – sussurrou Hermione, pegando o bolo de caldeirão que Harry lhe passava.

Talvez o Prof. Lupin não fosse uma ótima companhia, mas sua presença na cabine dos garotos tinha suas vantagens. No meio da tarde, bem na hora em que a chuva começou a cair, embaçando os contornos das colinas ondulantes por que passavam, os meninos ouviram novamente passos no corredor, e surgiram à porta as três pessoas que eles menos gostavam no mundo: Draco Malfoy, ladeado pelos seus asseclas, Vicente Crabbe e Gregório Goyle.

Draco Malfoy e Harry eram inimigos desde que se encontraram na primeira viagem de trem para Hogwarts. Malfoy, que tinha uma cara desdenhosa, pálida e pontuda, era aluno da Sonserina; jogava como apanhador no time de sua casa, a mesma posição de Harry no time da Grifinória. Crabbe e Goyle pareciam existir para fazer o que Draco mandava. Eram grandes e musculosos; Crabbe, mais alto, tinha um pescoço muito grosso e um corte de cabelo de cuia; os cabelos de Goyle eram curtos e espetados, e seus braços compridos como os de um gorila.

– Ora, vejam só quem está aqui – disse Draco naquela sua voz arrastada, abrindo a porta da cabine. – Potinho e Fuinha.

Crabbe e Goyle riram feito trasgos.

– Ouvi dizer que seu pai finalmente pôs as mãos no ouro neste verão – disse Malfoy. – Sua mãe não morreu do choque?

Rony se levantou tão depressa que derrubou a cesta de Bichento no chão. O Prof. Lupin soltou um pequeno ronco.

– Quem é esse aí? – perguntou Draco, dando automaticamente um passo atrás, ao ver Lupin.

– Professor novo – disse Harry, que se levantou também, caso precisasse segurar Rony. – Que é que você ia dizendo mesmo, Draco?

Os olhos muito claros do menino se estreitaram; ele não era bobo de puxar uma briga bem debaixo do nariz de um professor.

– Vamos – murmurou Draco, contrariado, para Crabbe e Goyle, e os três sumiram.

Harry e Rony tornaram a se sentar, Rony massageando os nós dos dedos.

– Não vou aturar nenhum desaforo de Draco este ano – disse cheio de raiva. – Estou falando sério. Se ele disser mais uma piadinha sobre a minha família, vou agarrar a cabeça dele e...

Rony fez um gesto violento no ar.

– Rony – sibilou Hermione, apontando para o Prof. Lupin –, *cuidado*...

Mas o Prof. Lupin continuava ferrado no sono.

A chuva engrossava à medida que o trem avançava mais para o norte; as janelas agora iam se tornando um cinza sólido e tremeluzente, que gradualmente escureceu até as lanternas se acenderem nos corredores e por cima dos bagageiros. O trem sacolejava, a chuva fustigava, o vento rugia, mas, ainda assim, o Prof. Lupin continuava adormecido.

– Devemos estar quase chegando – disse Rony, curvando-se para a frente para olhar, além do professor, a janela agora completamente escura.

Nem bem essas palavras tinham saído de sua boca e o trem começou a reduzir a velocidade.

– Legal – exclamou Rony, levantando-se e passando com todo o cuidado pelo Prof. Lupin para tentar ver lá fora. – Estou morrendo de fome. Quero chegar logo para o banquete...

– Nós ainda não chegamos – disse Hermione, consultando o relógio. – Então por que estamos parando?

O trem foi rodando cada vez mais lentamente. Quando o ronco dos pistões parou, o barulho do vento e da chuva de encontro às janelas pareceu mais forte que nunca.

Harry, que estava mais próximo da porta, levantou-se para espiar o corredor. Por todo o carro, cabeças, curiosas, surgiram à porta das cabines.

O trem parou completamente com um tranco, e baques e pancadas distantes sinalizaram que as malas tinham despencado dos bagageiros. Em seguida, sem aviso, todas as luzes se apagaram e eles mergulharam em total escuridão.

– Que é que está acontecendo? – ouviu-se a voz de Rony às costas de Harry.

– Ai! – exclamou Hermione. – Rony, isto é o meu pé!

Harry voltou ao seu lugar, às apalpadelas.

– Vocês acham que o trem enguiçou?

– Não sei...

Ouviu-se um barulho de pano esfregando vidro e Harry viu os contornos difusos de Rony desembaciando um pedaço da vidraça da janela para espiar.

– Tem uma coisa se mexendo lá fora – disse ele. – Acho que está embarcando gente no trem...

A porta da cabine se abriu repentinamente e alguém caiu por cima das pernas de Harry, machucando-o.

– Desculpe... você sabe o que está acontecendo?... Ai... desculpe...

– Oi, Neville – disse Harry tateando no escuro e levantando o colega pela capa.

– Harry? É você? Que é que está acontecendo?

– Não tenho ideia... senta...

Ouviu-se um sibilo forte e um ganido de dor; Neville tentara se sentar em

cima do Bichento.

– Vou perguntar ao maquinista o que está acontecendo – ouviu-se a voz de Hermione. Harry sentiu a amiga passar por ele, ouviu a porta deslizar, e em seguida um baque e dois berros de dor.

– Quem é?

– Quem *é*?

– Gina?

– Mione?

– Que é que você está fazendo?

– Estava procurando o Rony...

– Entra aqui e senta...

– Aqui não! – disse Harry depressa. – Eu estou aqui!

– Ai! – disse Neville.

– Silêncio! – ordenou uma voz rouca, de repente.

O Prof. Lupin parecia ter finalmente acordado. Harry ouviu movimentos no canto em que ele estava. Ninguém disse nada.

Seguiu-se um estalinho e uma luz trêmula inundou a cabine. Pelo que viam, o professor estava empunhando um feixe de chamas. Elas iluminavam um rosto cansado e cinzento, mas seus olhos tinham uma expressão alerta e cautelosa.

– Fiquem onde estão – disse com a mesma voz rouca, e começou a se levantar lentamente segurando as chamas à sua frente.

Mas a porta se abriu antes que Lupin pudesse alcançá-la.

Parado à porta, iluminado pelas chamas trêmulas na mão do professor, havia um vulto de capa que alcançava o teto. Seu rosto estava completamente oculto por um capuz. Harry baixou os olhos depressa, e o que ele viu provocou uma contração em seu estômago. Havia uma mão saindo da capa e ela brilhava, um brilho cinzento, de aparência viscosa e coberta de feridas, como uma coisa morta que se decompusera na água...

Mas foi visível apenas por uma fração de segundo. Como se a criatura sob a capa percebesse o olhar de Harry, a mão foi repentinamente ocultada nas dobras da capa preta.

E então a coisa encapuzada, fosse o que fosse, inspirou longa e lentamente, uma inspiração ruidosa, como se estivesse tentando inspirar mais do que o ar à sua volta.

Um frio intenso atingiu todos os presentes. Harry sentiu a própria respiração entalar no peito. O frio penetrou mais fundo em sua pele. Chegou ao fundo do peito, ao seu próprio coração...

Os olhos de Harry giraram nas órbitas. Ele não conseguiu ver mais nada. Estava se afogando no frio. Sentia um farfalhar nos ouvidos que lembrava água

correndo. Estava sendo puxado para o fundo, o farfalhar aumentou para um ronco que aumentava...

Então, vindos de muito longe, ouviu gritos, terríveis, apavorados, suplicantes. Ele queria ajudar quem gritava, tentou mexer os braços, mas não conseguiu... um nevoeiro claro e denso rodopiava à volta dele, dentro dele...

– Harry! Harry! Você está bem?

Alguém batia no seu rosto.

– Q... quê?

Harry abriu os olhos; havia lanternas no alto e o chão sacudia – o Expresso de Hogwarts recomeçara a andar e as luzes tinham voltado. Aparentemente ele escorregara do assento para o chão. Rony e Hermione estavam ajoelhados ao seu lado, e acima dos seus amigos ele viu que Neville e o professor o observavam. Harry se sentiu muito doente; quando ergueu a mão para ajeitar os óculos no nariz, sentiu um suor frio no rosto.

Rony e Hermione puxaram-no para cima do assento.

– Você está bem? – perguntou Rony, nervoso.

– Estou – disse Harry olhando depressa para a porta. A criatura encapuzada desaparecera. – Que aconteceu? Onde está aquela... aquela coisa? Quem gritou?

– Ninguém gritou – disse Rony, ainda mais nervoso.

Harry olhou para todos os lados da cabine iluminada. Gina e Neville retribuíram seu olhar, ambos muito pálidos.

– Mas eu ouvi gritos...

Um forte estalo assustou os meninos. O Prof. Lupin partia em pedaços uma enorme barra de chocolate.

– Tome – disse a Harry, oferecendo-lhe um pedaço particularmente avantajado. – Coma. Vai fazer você se sentir melhor.

Harry apanhou o chocolate mas não o comeu.

– Que era aquela coisa? – perguntou a Lupin.

– Um dementador – respondeu Lupin, que agora distribuía o chocolate para todos. – Um dos dementadores de Azkaban.

Todos o olharam espantados. O professor amassou a embalagem vazia de chocolate e meteu-a no bolso.

– Coma – insistiu. – Vai lhe fazer bem. Preciso falar com o maquinista, me deem licença...

Ele passou por Harry e desapareceu no corredor.

– Você tem certeza de que está bem? – perguntou Hermione, observando-o com ansiedade.

– Não entendo... Que foi que aconteceu? – perguntou Harry, enxugando mais suor do rosto.

– Bem... aquela coisa... o dementador... ficou parado ali olhando, quero dizer, acho que foi, não pude ver o rosto dele... e você... você...

– Pensei que você estava tendo um acesso ou coisa parecida – disse Rony, que conservava no rosto uma expressão de pavor. – Você ficou todo duro, escorregou do assento e começou a se contorcer...

– E o Prof. Lupin saltou por cima de você, foi ao encontro do dementador, puxou a varinha – contou Hermione – e disse: "Nenhum de nós está escondendo Sirius Black dentro da capa. Vá." – Mas o dementador não se mexeu, então Lupin murmurou alguma coisa e da varinha saiu um raio prateado contra a coisa, e ela deu as costas e se afastou como se deslizasse...

– Foi horrível – disse Neville numa voz mais alta do que de costume. – Vocês sentiram como ficou frio quando ele entrou?

– Eu me senti esquisito – disse Rony, sacudindo os ombros, desconfortável. – Como se eu nunca mais fosse sentir alegria na vida...

Gina, que se encolhera a um canto parecendo quase tão mal quanto Harry, deu um solucinho; Hermione aproximou-se e passou um braço pelas costas da menina para consolá-la.

– Mas nenhum de vocês caiu do assento? – perguntou Harry sem graça.

– Não – disse Rony, olhando para Harry, ansioso, outra vez. – Mas Gina tremia feito louca...

Harry não entendeu. Sentia-se fraco e cheio de arrepios, como se estivesse se recuperando de uma gripe muito forte; começava também a sentir um início de vergonha. Por que desmaiara daquele jeito, quando mais ninguém desmaiara?

O Prof. Lupin voltou. Parou ao entrar, olhando para todos e disse, com um leve sorriso:

– Eu não envenenei o chocolate, sabem...

Harry deu uma dentada e, para sua grande surpresa, sentiu de repente um calor se espalhar até as pontas dos dedos dos pés e das mãos.

– Vamos chegar a Hogwarts dentro de dez minutos – disse o Prof. Lupin. – Você está bem, Harry?

O menino não perguntou como é que o professor sabia seu nome.

– Muito bem – murmurou ele, constrangido.

Ninguém falou muito durante o resto da viagem. Por fim, o trem parou na estação de Hogsmeade e houve uma grande correria para desembarcar; corujas piavam, gatos miavam e o sapo de estimação de Neville coaxou alto debaixo do chapéu do seu dono. Estava frio demais na minúscula plataforma; a chuva descia em cortinas geladas.

– Alunos do primeiro ano por aqui! – chamou uma voz conhecida. Harry, Rony e Hermione se viraram e depararam com o vulto gigantesco de Hagrid, no

outro extremo da plataforma, fazendo sinal para os novos alunos, aterrorizados, se aproximarem para a tradicional travessia do lago.

– Tudo bem, vocês três? – gritou Hagrid sobre as cabeças dos alunos aglomerados. Eles acenaram para o guarda-caça, mas não tiveram chance de lhe falar porque a massa de alunos em volta deles os empurrava na direção oposta. Harry, Rony e Hermione acompanharam o resto da escola pela plataforma e desceram para uma trilha enlameada, cheia de altos e baixos, onde no mínimo uns cem coches os aguardavam, cada qual, Harry só podia supor, puxado por um cavalo invisível, porque os garotos embarcaram em um, fecharam a porta e o veículo saiu andando, aos trancos e balanços, formando um cortejo.

O coche cheirava levemente a mofo e palha. Harry se sentia melhor desde o chocolate, mas continuava fraco. Rony e Hermione não paravam de lhe lançar olhares de esguelha, como se temessem que ele pudesse desmaiar outra vez.

Quando o coche foi se aproximando de um magnífico portão de ferro forjado, ladeado por colunas de pedra com javalis alados no alto, Harry viu mais dois dementadores encapuzados montando guarda dos lados do portão. Uma onda de náusea e frio tornou a invadi-lo; ele se recostou no banco encalombado e fechou os olhos até atravessarem a entrada. O coche ganhou velocidade no caminho longo e inclinado até o castelo; Hermione se debruçou pela janelinha, espiando as muitas torrinhas e torres que se aproximavam. Por fim, o coche parou balançando, e Hermione e Rony desembarcaram.

Quando Harry ia descendo, uma voz arrastada e satisfeita chegou aos seus ouvidos.

– Você *desmaiou*, Potter? Longbottom está falando a verdade? *Desmaiou* mesmo, é?

Draco passou por Hermione acotovelando-a, para impedir Harry de subir as escadas de pedra do castelo, o rosto jubilante e os olhos claros brilhando de malícia.

– Se manda, Malfoy – disse Rony, cujos maxilares estavam cerrados.

– Você também desmaiou, Weasley? – perguntou Draco em voz alta. – O velho dementador apavorante também o assustou, Weasley?

– Algum problema? – perguntou uma voz suave. O Prof. Lupin acabara de desembarcar do coche seguinte.

Malfoy lançou ao Prof. Lupin um olhar insolente, que registrou os remendos em suas vestes e a mala surrada. Com uma sugestão de sarcasmo na voz, ele respondeu:

– Ah, não... hum... *professor* – depois fez cara de riso para Crabbe e Goyle, e subiu com os dois as escadas do castelo.

Hermione bateu nas costas de Rony para apressá-lo, e os três se reuniram aos

muitos alunos que enchiam as escadas, cruzavam a soleira das enormes portas de carvalho e penetravam no saguão cavernoso iluminado com tochas ardentes, onde havia uma magnífica escadaria de mármore para os andares superiores.

A porta que levava ao Salão Principal, à direita, estava aberta; Harry seguiu o grande número de alunos que se deslocava naquela direção, mas apenas vislumbrara o teto encantado, que àquela noite se mostrava escuro e anuviado, quando uma voz o chamou:

– Potter! Granger! Quero falar com os dois!

Os garotos se viraram surpresos. A Profª McGonagall, que ensinava Transfiguração e dirigia a Casa da Grifinória, os chamava por cima das cabeças dos demais. Era uma bruxa de aspecto severo, que usava os cabelos presos em um coque apertado; seus olhos penetrantes eram emoldurados por óculos quadrados. Harry abriu caminho até ela com esforço e um mau pressentimento: a Profª McGonagall tinha o condão de fazê-lo sentir que fizera alguma coisa errada.

– Não precisa ficar tão preocupado, só quero dar uma palavrinha com vocês na minha sala – disse ela. – Pode continuar o seu caminho, Weasley.

Rony ficou olhando a professora se afastar, com Harry e Hermione, da aglomeração de alunos que falavam sem parar; os três atravessaram o saguão, subiram a escadaria de mármore e seguiram por um corredor.

Já na sala, um pequeno aposento com uma grande e acolhedora lareira, a professora fez sinal a Harry e Hermione para que se sentassem. Ela própria se sentou à escrivaninha e disse sem rodeios:

– O Prof. Lupin mandou à frente uma coruja para avisar que você tinha passado mal no trem, Potter.

Antes que o garoto pudesse responder, ouviu-se uma leve batida na porta e Madame Pomfrey, a enfermeira, entrou com seu ar eficiente.

Harry sentiu o rosto corar. Já era bastante ruim que tivesse desmaiado, ou o que fosse, sem todo mundo ficar fazendo aquele alvoroço.

– Eu estou bem – disse. – Não preciso de nada...

– Ah, então foi você? – exclamou Madame Pomfrey, ignorando o comentário de Harry e se curvando para examiná-lo mais de perto. – Suponho que tenha feito outra vez alguma coisa perigosa.

– Foi um dementador, Papoula – informou McGonagall.

As duas trocaram olhares misteriosos e Madame Pomfrey deu um muxoxo de desaprovação.

– Postar dementadores em volta da escola – murmurou, afastando os cabelos de Harry e sentindo a temperatura na testa dele. – O menino não vai ser o último

a desmaiar. É, está úmido de suor. Eles são terríveis e o efeito que produzem nas pessoas que já são delicadas...

– Eu não sou delicado! – exclamou Harry aborrecido.

– Claro que não é – disse Madame Pomfrey distraída, agora tomando o seu pulso.

– Do que é que ele precisa? – perguntou a Profª McGonagall, decidida. – Repouso? Quem sabe não fosse bom passar a noite na ala hospitalar?

– Eu estou *ótimo*! – disse Harry, levantando-se de um salto. A ideia do que Draco iria dizer se ele tivesse que ir para a ala hospitalar foi uma tortura.

– Bem, ele devia, no mínimo, tomar um chocolate – disse Madame Pomfrey, que agora tentava examinar os olhos de Harry.

– Já comi chocolate – disse ele. – O Prof. Lupin me deu. Deu a todos nós.

– Deu, foi? – exclamou a bruxa-enfermeira em tom de aprovação. – Então finalmente conseguimos um professor de Defesa Contra as Artes das Trevas que sabe o que faz!

– Você tem certeza de que está se sentindo bem, Potter? – perguntou a Profª McGonagall bruscamente.

– *Estou* – respondeu Harry.

– Muito bem. Por favor esperem aí fora enquanto dou uma palavrinha com a Srta. Granger sobre sua programação para o ano letivo, depois podemos descer juntos para a festa.

Harry saiu para o corredor com Madame Pomfrey, que seguiu para a ala hospitalar, resmungando sozinha. Ele só precisou esperar uns minutinhos; Hermione apareceu com um ar muito feliz, acompanhada pela professora, e todos desceram a escadaria de mármore para o Salão Principal.

Havia um mar de chapéus cônicos e pretos; cada uma das compridas mesas das casas estava lotada de estudantes, os rostos iluminados por milhares de velas que flutuavam no ar, acima das mesas. O Prof. Flitwick, que era um bruxo franzino de cabeleira branca, carregava um chapéu antigo e um banquinho de três pernas para fora da sala.

– Ah – comentou Hermione em voz baixa –, perdemos a cerimônia da seleção!

Os novos alunos de Hogwarts eram distribuídos pelas quatro casas do colégio, pondo na cabeça o Chapéu Seletor, que anunciava a casa (Grifinória, Corvinal, Lufa-Lufa ou Sonserina) que melhor convinha ao recém-chegado. A Profª McGonagall dirigiu-se ao seu lugar, que estava vazio à mesa dos professores e funcionários e Harry e Hermione seguiram na direção oposta, o mais silenciosamente possível para se sentarem à mesa da Grifinória. As pessoas

viraram a cabeça para olhá-los passar pelo fundo do salão, e alguns apontaram para Harry. Será que a história do seu desmaio ao topar com o dementador se espalhara com tanta rapidez?

Ele e Hermione se sentaram um de cada lado de Rony, que guardara seus lugares.

– Que história foi essa? – murmurou Rony para Harry.

O amigo começou a lhe explicar aos cochichos mas, naquele momento, o diretor se ergueu para falar e ele se calou.

O Prof. Dumbledore, embora muito velho, sempre dava uma impressão de grande energia. Tinha alguns palmos de cabelos e barbas prateados, óculos de meia-lua e um nariz muito torto. Em geral era descrito como o maior bruxo da era atual, mas não era esta a razão por que Harry o respeitava. Não era possível deixar de confiar em Alvo Dumbledore, e quando Harry o contemplou sorrindo radiante para os alunos à sua volta, sentiu-se calmo, pela primeira vez, desde que o dementador entrara na cabine do trem.

– Sejam bem-vindos! – começou Dumbledore, a luz das velas tremeluzindo em suas barbas. – Sejam bem-vindos para mais um ano em Hogwarts! Tenho algumas coisas a dizer a todos, e uma delas é muito séria. Acho que é melhor tirá-la do caminho antes que vocês fiquem tontos com esse excelente banquete...

O diretor pigarreou e prosseguiu:

– Como vocês todos perceberam, depois da busca que houve no Expresso de Hogwarts, a nossa escola passou a hospedar alguns dementadores de Azkaban, que vieram cumprir ordens do Ministério da Magia.

Ele fez uma pausa e Harry se lembrou do que o Sr. Weasley comentara sobre a insatisfação de Dumbledore quanto ao fato de os dementadores estarem montando guarda na escola.

– Eles estão postados em cada entrada da propriedade e, enquanto estiverem conosco, é preciso deixar muito claro que ninguém deve sair da escola sem permissão. Os dementadores não se deixam enganar por truques nem disfarces, nem mesmo por capas de invisibilidade – acrescentou ele brandamente, e Harry e Rony se entreolharam. – Não faz parte da natureza deles entender súplicas nem desculpas. Portanto, aviso a todos e a cada um em particular, para não darem a esses guardas razão para lhes fazerem mal. Apelo aos monitores, e ao nosso monitor e monitora-chefes, para que se certifiquem de que nenhum aluno entre em conflito com os dementadores.

Percy, que estava sentado a algumas cadeiras de distância de Harry, estufou o peito outra vez e olhou à volta cheio de importância. Dumbledore fez nova pausa; percorreu o salão com um olhar muito sério mas ninguém se mexeu nem emitiu som algum.

– Agora, falando de coisas mais agradáveis – continuou ele –, tenho o prazer de dar as boas-vindas a dois novos professores este ano.

"Primeiro, o Prof. Lupin, que teve a bondade de aceitar ocupar a vaga de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas."

Ouviram-se algumas palmas dispersas e pouco entusiásticas. Somente os que tinham estado na cabine de trem com o novo professor bateram palmas animados, Harry entre eles. Lupin parecia particularmente malvestido ao lado dos outros professores que trajavam suas melhores vestes.

– Olha a cara do Snape! – sibilou Rony ao ouvido de Harry.

O olhar do Prof. Snape, mestre de Poções, passou pelos professores que ocupavam a mesa e se deteve em Lupin. Era fato sabido que Snape queria o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, mas até Harry, que o detestava, se surpreendeu com a expressão que deformou o seu rosto macilento. Era mais do que raiva: era desprezo. Harry conhecia aquela expressão bem demais; era a que Snape usava sempre que o avistava.

– Quanto ao nosso segundo contratado – continuou Dumbledore quando cessavam as palmas mornas para o Prof. Lupin. – Bem, lamento informar que o Prof. Kettleburn, que ensinava Trato das Criaturas Mágicas, aposentouse no fim do ano passado para poder aproveitar melhor os membros que ainda lhe restam. Contudo, tenho o prazer de informar que o seu cargo será preenchido por ninguém menos que Rúbeo Hagrid, que concordou em acrescentar essa responsabilidade docente às suas tarefas de guarda-caça.

Harry, Rony e Hermione se entreolharam, estupefatos. Em seguida acompanharam os aplausos, que foram tumultuosos principalmente à mesa da Grifinória. Harry se esticou para a frente para ver Hagrid, que tinha o rosto vermelho-rubi, os olhos postos nas mãos enormes, e o sorriso largo escondido no emaranhado de sua barba escura.

– Nós devíamos ter adivinhado! – berrou Rony, dando socos na mesa. – Quem mais teria nos mandado comprar um livro que morde?

Os três garotos foram os últimos a parar de aplaudir e quando o Prof. Dumbledore recomeçou a falar, eles viram que Hagrid estava enxugando os olhos na toalha da mesa.

– Bem, acho que, de importante, é só o que tenho a dizer. Vamos à festa!

As travessas e taças de ouro diante das pessoas se encheram inesperadamente de comida e bebida. Harry, de repente faminto, se serviu de tudo que conseguiu alcançar e começou a comer.

Foi um banquete delicioso; o salão ecoava as conversas, os risos e o tilintar de talheres. Harry, Rony e Hermione, porém, estavam ansiosos para a festa terminar para poderem conversar com Hagrid. Sabiam o quanto significava para ele ser

nomeado professor. O guarda-caça não era um bruxo diplomado; fora expulso de Hogwarts no terceiro ano por um crime que não cometera. Harry, Rony e Hermione é que tinham limpado o seu nome no ano anterior.

Finalmente, quando os últimos pedaços deliciosos de torta de abóbora tinham desaparecido das travessas de ouro, Dumbledore anunciou que era hora de todos se recolherem e os meninos tiveram a oportunidade que aguardavam.

– Hagrid! – exclamou Hermione quando se aproximaram da mesa dos professores.

– Graças a vocês – disse Hagrid, enxugando o rosto brilhante de lágrimas no guardanapo e erguendo os olhos para os garotos. – Nem consigo acreditar... grande homem, o Dumbledore... veio direto à minha cabana quando o Prof. Kettleburn disse que para ele já chegava... É o que eu sempre quis...

Dominado pela emoção, ele escondeu o rosto no guardanapo e a Profª McGonagall tocou os meninos para fora. Harry, Rony e Hermione se reuniram aos outros colegas da Grifinória que ocupavam toda a escadaria de mármore e agora, muito cansados, caminharam por mais corredores e mais escadas até a entrada secreta para a Torre da Grifinória. Uma grande pintura a óleo de uma mulher gorda vestida de rosa perguntou-lhes:

– A senha?

– Já estou indo, já estou indo! – gritou Percy lá do fim do ajuntamento. – A nova senha? *Fortuna Major!*

– Ah, não! – exclamou Neville Longbottom com tristeza. Ele sempre tinha dificuldade para se lembrar das senhas.

Depois de atravessar o buraco do retrato e a sala comunal, as garotas e garotos tomaram escadas separadas. Harry subiu a escada circular sem pensar em nada exceto na sua felicidade por estar de volta. Quando chegaram ao dormitório redondo com as camas de colunas que já conheciam, Harry, olhando a toda volta, se sentiu finalmente em casa.

— CAPÍTULO SEIS —
Garras e folhas de chá

Quando Harry, Rony e Hermione entraram no Salão Principal para tomar café, na manhã seguinte, a primeira coisa que viram foi Draco Malfoy, que parecia estar entretendo um grande grupo de alunos da Sonserina com uma história muito engraçada. Quando os três passaram, Malfoy fez uma imitação ridícula de um desmaio que provocou grandes gargalhadas.

– Não ligue para ele – disse Hermione, que vinha logo atrás de Harry. – Não dê bola para ele, não vale a pena...

– Ei, Potter! – chamou esganiçada Pansy Parkinson, uma garota da Sonserina com cara de buldogue. – Potter! Os dementadores estão chegando. Potter! Uuuuuuuuuuu!

Harry se largou numa cadeira à mesa da Grifinória, ao lado de Jorge Weasley.

– Novos horários de aulas para os alunos do terceiro ano – disse Jorge, distribuindo-os. – Que é que há com você, Harry?

– Malfoy – informou Rony, sentando-se do outro lado de Jorge e olhando feio para a mesa da Sonserina.

Jorge ergueu os olhos na hora em que Malfoy fingia desmaiar de terror outra vez.

– Aquele debiloide! – disse calmamente. – Ele não estava tão exibido ontem à noite quando os dementadores revistaram o nosso lado do trem. Entrou correndo na nossa cabine, não foi, Fred?

– Quase fez xixi nas calças – disse Fred, lançando a Draco um olhar de desprezo.

– Nem eu fiquei muito feliz – comentou Jorge. – Eles são um horror, aqueles dementadores...

– Meio que congelam a gente por dentro, não acha? – disse Fred.

– Mas você não desmaiou, desmaiou? – perguntou Harry em voz baixa.

– Esquece isso, Harry – disse Jorge para animá-lo. – Papai teve que ir a Azkaban uma vez, lembra, Fred? E comentou que foi o pior lugar em que esteve na vida, voltou de lá fraco e abalado... Eles sugam a felicidade do lugar, esses dementadores. A maioria dos prisioneiros acaba endoidando.

– Em todo caso, vamos ver se Draco vai continuar tão felizinho depois do primeiro jogo de quadribol – disse Fred. – Grifinória contra Sonserina, primeiro jogo da temporada, está lembrado?

A única vez em que Harry e Draco tinham se enfrentado em uma partida de quadribol, Draco decididamente tinha levado a pior. Sentindo-se um pouquinho mais animado, Harry se serviu de salsichas e tomates fritos.

Hermione examinava seu novo horário.

– Ah, que ótimo, estamos começando matérias novas hoje – comentou satisfeita.

– Hermione – disse Rony, franzindo a testa ao olhar por cima do ombro da amiga –, bagunçaram o seu horário. Veja só: dez aulas por dia. Não existe *tempo* para tudo isso.

– Eu me arranjo. Já combinei tudo com a Profª Minerva.

– Mas olha aqui – continuou Rony, rindo-se –, está vendo hoje de manhã? Nove horas, Adivinhação. E embaixo, nove horas, Estudo dos Trouxas. E – o menino se curvou para olhar o horário mais de perto, incrédulo – *olha*, embaixo tem Aritmancia, *nove horas*. Quero dizer, eu sei que você é boa, Mione, mas ninguém é tão bom *assim*. Como é que você vai poder assistir a três aulas ao mesmo tempo?

– Não seja bobo – disse Hermione com rispidez. – É claro que não vou assistir a três aulas ao mesmo tempo.

– Bom, então...

– Passe a geleia – pediu Hermione.

– Mas...

– Ah, Rony, é da sua conta se o meu horário ficou um pouco cheio demais? – perguntou a menina em tom zangado. – Já disse que combinei tudo com a Profª Minerva.

Nesse instante Hagrid entrou no Salão Principal. Estava usando o casaco de pele de toupeira e distraidamente balançava um gambá na mão enorme.

– Tudo bem? – perguntou ele, ansioso, parando a caminho da mesa dos professores. – Vocês vão assistir à primeira aula da minha vida! Logo depois do almoço! Estou acordado desde as cinco horas aprontando tudo... Espero que dê certo... Eu, professor... sinceramente...

E dando um grande sorriso para os garotos foi para sua mesa, ainda

balançando o gambá.
– O que será que ele andou aprontando? – comentou Rony, com uma nota de ansiedade na voz.
O salão começou a se esvaziar à medida que as pessoas saíam para a primeira aula. Rony verificou seu horário.
– É melhor irmos andando, olha, Adivinhação é no alto da Torre Norte. Vamos levar uns dez minutos para chegar lá...
Os garotos terminaram o café, apressados, se despediram de Fred e Jorge, e foram saindo para o saguão. Ao passarem pela mesa da Sonserina, Draco tornou a fazer a imitação do desmaio. As gargalhadas acompanharam Harry até a entrada do saguão.
A viagem pelo castelo até a Torre Norte era longa. Dois anos em Hogwarts não tinham ensinado aos meninos tudo sobre o lugar, e nunca tinham ido à Torre Norte antes.
– Tem-que-ter-um-atalho – ofegava Rony ao subirem a sétima longa escada e chegarem a um patamar desconhecido, onde não havia nada exceto um grande quadro de um campo relvado pendurado na parede de pedra.
– Acho que é por aqui – disse Hermione, espiando o corredor vazio à direita.
– Não pode ser – discordou Rony. – Aí é sul, olha, dá para ver um pedacinho do lago pela janela...
Harry parou para examinar o quadro. Um gordo pônei cinza malhado pisou lentamente na relva e começou a pastar sem muito entusiasmo. Harry estava acostumado aos personagens dos quadros de Hogwarts andarem e até saírem pela moldura para visitar uns aos outros, mas sempre gostava de apreciar esse movimento. No instante seguinte, um cavaleiro baixo e atarracado, vestindo armadura, entrou retinindo pelo quadro à procura do seu pônei. Pelas manchas de grama nas joelheiras metálicas, ele acabara de cair do cavalo.
– Ah-ah – berrou, vendo Harry, Rony e Hermione. – Quem são esses vilões que invadem as minhas terras! Porventura vieram zombar da minha queda? Desembainhem as espadas, seus velhacos, seus cães!
Os meninos observaram, espantados, o cavaleiro nanico puxar a espada da bainha e começar a brandi-la com violência, saltando para aqui e para ali enraivecido. Mas a espada era demasiado comprida para ele; um golpe particularmente exagerado desequilibrou-o e ele caiu de cara na grama.
– O senhor está bem? – perguntou Harry, aproximando-se do quadro.
– Afaste-se, fanfarrão desprezível! Para trás, patife!
O cavaleiro retomou a espada e usou-a para se reerguer, mas a lâmina penetrou fundo na terra e, embora ele a puxasse com toda a força, não conseguiu retirá-la. Finalmente, teve que se largar outra vez no chão e levantar a viseira

para enxugar o rosto coberto de suor.
– Escuta aqui – disse Harry, se aproveitando da exaustão do cavaleiro –, estamos procurando a Torre Norte. O senhor conhece o caminho, não?
– Uma expedição! – A raiva do cavaleiro pareceu sumir instantaneamente. Levantou-se retinindo a armadura e gritou: – Sigam-me, caros amigos, alcançaremos o nosso objetivo ou pereceremos corajosamente na peleja!
Ele deu mais um puxão inútil na espada, tentou mas não conseguiu montar o gordo pônei e gritou:
– A pé, então, dignos senhores e gentil senhora! Avante! Avante!
E saiu correndo, a armadura fazendo grande estrépito, passou pelo lado esquerdo da moldura e desapareceu de vista.
Os garotos se precipitaram atrás dele pelo corredor, seguindo o barulho da armadura. De vez em quando o avistavam passando para o quadro seguinte.
– Sejam fortes, o pior ainda está por vir! – berrou o cavaleiro e os três o viram reaparecer diante de um grupo assustado de mulheres vestindo anáguas de crinolina, cujo quadro fora pendurado na parede de uma estreita escada circular.
Ofegando ruidosamente, Harry, Rony e Hermione subiram os estreitos degraus em caracol, sentindo-se cada vez mais tontos, até que finalmente ouviram o murmúrio de vozes no alto e perceberam que tinham chegado à sala de aula.
– Adeus! – gritou o cavaleiro, enfiando de repente a cabeça no quadro de uns monges de aspecto sinistro. – Adeus, meus camaradas de armas! Se um dia precisarem de um coração nobre e fibra de aço, chamem Sir Cadogan!
– Ah, sim, chamaremos – murmurou Rony quando o cavaleiro foi sumindo de vista –, mas se um dia precisarmos de um maluco.
Os garotos subiram os últimos degraus e chegaram a um minúsculo patamar, onde a maioria dos colegas já estava reunida. Não havia portas no patamar, mas Rony cutucou Harry indicando-lhe o teto, onde havia um alçapão circular com uma placa de latão.
– Sibila Trelawney, Professora de Adivinhação – leu Harry. – E como é que esperam que a gente chegue lá em cima?
Como se respondesse à sua pergunta, o alçapão se abriu inesperadamente e uma escada prateada desceu aos seus pés. Todos se calaram.
– Primeiro você – disse Rony sorrindo, e Harry subiu a escada.
Chegou à sala de aula mais esquisita que já vira. Na realidade, sequer parecia uma sala de aula, e, sim, uma cruza de sótão com salão de chá antigo. Havia, no mínimo, vinte mesinhas circulares juntas ali, rodeadas por cadeiras forradas de chintz e pequenos pufes estufados. O ambiente era iluminado por uma fraca luz avermelhada; as cortinas às janelas estavam fechadas e os vários abajures, cobertos com xales vermelho-escuros. O calor sufocava e a lareira acesa sob um

console cheio de objetos desprendia um perfume denso, enjoativo e doce ao aquecer uma grande chaleira de cobre. As prateleiras em torno das paredes circulares estavam cheias de penas empoeiradas, tocos de velas, baralhos de cartas em tiras, incontáveis bolas de cristal e uma imensa coleção de xícaras de chá.

Rony espiou por cima do ombro de Harry enquanto os colegas se reuniam à volta deles, todos falando aos cochichos.

– E onde está a professora? – perguntou Rony.

Uma voz saiu subitamente das sombras, uma voz suave, meio etérea.

– Sejam bem-vindos. Que bom ver vocês no mundo físico, finalmente.

A impressão imediata de Harry foi a de estar vendo um enorme inseto cintilante. A Profª Sibila Trelawney saiu das sombras e, à luz da lareira, os garotos viram que era muito magra; uns óculos imensos aumentavam seus olhos várias vezes, e ela vestia um xale diáfano, salpicado de lantejoulas. Em volta do pescoço fino, usava inúmeras correntes e colares de contas, e seus braços e mãos estavam cobertos de pulseiras e anéis.

– Sentem-se, crianças, sentem-se – disse, e todos subiram desajeitados nas cadeiras ou se afundaram nos pufes. Harry, Rony e Hermione se sentaram a uma mesa redonda.

– Bem-vindos à aula de Adivinhação – disse a professora, que se acomodara em uma bergère diante da lareira. – Sou a Profª Sibila Trelawney. Talvez vocês nunca tenham me visto antes, acho que me misturar com frequência à roda-viva da escola principal anuvia minha visão interior.

Ninguém fez nenhum comentário a tão extraordinária declaração. A professora rearrumou delicadamente o xale e continuou:

– Então vocês optaram por estudar Adivinhação, a mais difícil das artes mágicas. Devo alertá-los logo de início que se não possuírem clarividência, terei muito pouco a ensinar a vocês. Os livros só podem levá-los até certo ponto neste campo...

Ao ouvirem isso, Harry e Rony olharam, sorrindo, para Hermione, que pareceu assustada com a notícia de que os livros não ajudariam nessa matéria.

– Muitos bruxos e bruxas, embora talentosos para ruídos, cheiros e desaparecimentos instantâneos, permanecem, ainda assim, incapazes de penetrar nos mistérios do futuro.

A Profª Sibila continuou a falar, seus enormes olhos brilhantes iam de um rosto nervoso a outro.

– É um dom concedido a poucos. Você, menino – disse ela de repente a Neville, que quase caiu do pufe. – Sua avó vai bem?

– Acho que vai – respondeu Neville trêmulo.
– Eu não teria tanta certeza se fosse você, querido – disse a professora, enquanto a luz das chamas fazia faiscarem seus longos brincos de esmeraldas. Neville engoliu em seco. Sibila continuou tranquilamente: – Vamos cobrir os métodos básicos de adivinhação este ano. O primeiro trimestre letivo será dedicado à leitura das folhas de chá. No próximo, abordaremos a quiromancia. A propósito, minha querida – disparou ela de repente para Parvati Patil –, tenha cuidado com um homem de cabelos ruivos.
Parvati lançou um olhar assustado a Rony, que se sentara logo atrás dela, e puxou a cadeira devagarinho para longe dele.
– No segundo trimestre – continuou a professora –, vamos estudar a bola de cristal, isto é, se conseguirmos terminar os presságios do fogo. Infelizmente, as aulas serão perturbadas em fevereiro por uma forte epidemia de gripe. Eu própria vou perder a voz. E, na altura da Páscoa, alguém aqui vai deixar o nosso convívio para sempre.
Seguiu-se um silêncio muito tenso a essa predição, mas a Profª Sibila pareceu não tomar conhecimento.
– Será, querida – dirigiu-se ela a Lilá Brown, que estava mais próxima e se encolheu na cadeira –, que você poderia me passar o bule de prata maior?
Lilá, com um ar de alívio, se levantou, apanhou um enorme bule na prateleira e pousou-o na mesa diante da mestra.
– Obrigada, querida. A propósito, essa coisa que você receia vai acontecer na sexta-feira, dezesseis de outubro.
Lilá estremeceu.
– Agora quero que vocês formem pares. Apanhem um bule de chá na prateleira e tragam-no aqui para eu encher. Depois se sentem e bebam, bebam até restar somente a borra. Sacudam a xícara três vezes com a mão esquerda, depois virem-na, de borda para baixo, no pires, esperem até cair a última gota de chá e entreguem-na ao seu par para ele a ler. Vocês vão interpretar os desenhos formados, comparando-os com os das páginas cinco e seis de *Esclarecendo o futuro*. Vou andar pela sala para ajudar e ensinar a cada par. Ah, e querido – ela segurou o braço de Neville quando ele fez menção de se levantar –, depois que você quebrar a primeira xícara, por favor, escolha uma com desenhos azuis, gosto muito das de desenhos rosa.
Não deu outra, Neville mal chegara à prateleira de xícaras quando se ouviu um tilintar de porcelana que se quebrava. A professora deslizou até ele levando uma pá e uma escova e disse:
– Uma das azuis, então, querido, se não se importa... obrigada...
Depois que Harry e Rony levaram as xícaras para encher, voltaram à mesa e

tentaram beber rapidamente o chá pelando. Sacudiram a borra conforme a professora mandara, depois viraram as xícaras e as trocaram entre si.

– Certo – disse Rony depois de abrirem os livros nas páginas cinco e seis. – Que é que você vê na minha?

– Um monte de borra marrom – disse Harry. A fumaça intensamente perfumada da sala o estava deixando sonolento e burro.

– Abram suas mentes, meus queridos, e deixem os olhos verem além do que é mundano! – gritou a Profª Sibila na penumbra.

Harry tentou se controlar.

– Certo, você tem uma espécie de cruz torta... – Ele consultou o *Esclarecendo o futuro*. – Isto significa que você vai ter sofrimentos e provações... sinto muito... mas tem uma coisa que podia ser o sol... espere aí... que significa “grande felicidade”... então você vai sofrer mas vai ser muito feliz...

– Você precisa mandar examinar a sua visão interior – disse Rony, e os dois precisaram sufocar o riso quando a professora olhou na direção deles.

“Minha vez...”, Rony examinou a xícara de Harry, a testa franzida com o esforço. “Tem uma pelota que lembra um pouco um chapéu-coco. Vai ver você vai trabalhar no Ministério da Magia...”

Rony girou a xícara para cima.

– Mas desse outro lado as folhas parecem mais uma bolota de carvalho... Que será isso? – O garoto consultou seu exemplar de *Esclarecendo o futuro*. – Uma sorte inesperada, ganhos de ouro. Que ótimo, você pode me emprestar algum... e tem outra coisa aqui – ele tornou a girar a xícara – que parece um animal... é, se isso fosse a cabeça... podia parecer um hipopótamo... não, um carneiro...

A Profª Sibila se virou quando Harry deixou escapar um ronco de riso.

– Deixe-me ver isso, querido – disse ela em tom de censura a Rony, aproximando-se num ímpeto e tirando a xícara de Harry da mão do colega. Todos se calaram para observar.

A professora examinou a xícara, e girou-a no sentido anti-horário.

– O falcão... meu querido, você tem um inimigo mortal.

– Mas todos sabem *disso* – comentou Hermione num cochicho audível. A professora encarou-a.

“Verdade, todos sabem”, repetiu a garota. “Todos sabem da inimizade entre Harry e Você-Sabe-Quem.”

Harry e Rony a olharam com uma mescla de surpresa e admiração. Nunca tinham ouvido Hermione falar com uma professora daquele jeito. Sibila preferiu não responder. Tornou a abaixar seus enormes olhos para a xícara de Harry e continuou a girá-la.

– O bastão... um ataque. Ai, ai, ai, não é uma xícara feliz...
– Achei que isso era um chapéu-coco – disse Rony sem graça.
– O crânio... perigo em seu caminho, querido...
Todos observavam, hipnotizados, a professora, que deu um último giro na xícara, ofegou e soltou um berro.
Ouviu-se uma nova onda de porcelanas que se partiam tilintando; Neville destruíra sua segunda xícara. A professora afundou em uma cadeira vazia, a mão faiscante de anéis ao peito e os olhos fechados.
– Meu pobre garoto... meu pobre garoto querido... não... é mais caridoso não dizer... não... não me pergunte...
– Que foi, professora? – perguntou Dino Thomas na mesma hora. Todos tinham se levantado e aos poucos se amontoaram em torno da mesa de Harry e Rony, aproximando-se da cadeira de Sibila para dar uma boa olhada na xícara de Harry.
– Meu querido – os olhos da professora se abriram teatralmente –, você tem o Sinistro.
– O, o quê? – perguntou Harry.
Ele percebeu que não era o único que não entendera; Dino Thomas sacudiu os ombros para ele e Lilá Brown fez cara de intrigada, mas quase todos os outros levaram a mão à boca horrorizados.
– O Sinistro, meu querido, o Sinistro! – exclamou a professora, que parecia chocada com o fato de Harry não ter entendido. – O cão gigantesco e espectral que assombra os cemitérios! Meu querido menino, é um mau agouro, o pior de todos, agouro de *morte*!
Harry sentiu o estômago afundar. O cão na capa do livro *Presságios de morte* na Floreios e Borrões... o cão nas sombras da rua Magnólia... Lilá Brown levou as mãos à boca também. Todos tinham os olhos fixos em Harry, todos exceto Hermione, que se levantara e procurava chegar às costas da cadeira da professora.
– *Eu* não acho que isso pareça um Sinistro – disse com firmeza.
A Profª Sibila mirou a menina atentamente e com crescente desagrado.
– Desculpe-me dizer isso, minha querida, mas não percebo muita aura ao seu redor. Pouquíssima receptividade às ressonâncias do futuro.
Simas Finnigan inclinou a cabeça de um lado para o outro.
– Parece um Sinistro se a gente fizer assim – disse com os olhos quase fechados –, mas parece muito mais um burro quando a gente olha de outro ângulo – disse ele, inclinando-se para a esquerda.
– Quando vão terminar de resolver se eu vou morrer ou não? – perguntou Harry, surpreendendo até a si mesmo. Agora parecia que ninguém queria olhar

para ele.
– Acho que vamos encerrar a aula por hoje – disse a professora no tom mais etéreo possível. – É... por favor guardem suas coisas...
Em silêncio a classe devolveu as xícaras à professora, guardou os livros e fechou as mochilas. Até mesmo Rony evitava o olhar de Harry.
– Até que tornemos a nos encontrar – disse Sibila com uma voz fraca – que a sorte lhes seja favorável. Ah, e querido – disse apontando para Neville –, você vai se atrasar da próxima vez, portanto trate de trabalhar muito para recuperar o tempo perdido.
Harry, Rony e Hermione desceram a escada da Profa Sibila e a escada em caracol em silêncio, e seguiram para a aula de Transfiguração, da Profa Minerva. Levaram tanto tempo para encontrar a sala de aula que, por mais cedo que tivessem saído da aula de Adivinhação, acabaram chegando em cima da hora.
Harry escolheu um lugar no fundo da sala, sentindo-se como se estivesse sentado sob um holofote; o resto da classe não parou de lhe lançar olhares furtivos, como se ele estivesse prestes a cair morto a qualquer momento. Ele mal conseguiu ouvir o que a professora dizia sobre Animagos (bruxos que podiam se transformar à vontade em animais), e sequer estava olhando quando ela própria se transformou, diante dos olhos deles, em um gato malhado com marcas de óculos em torno dos olhos.
– Francamente, o que foi que aconteceu com os senhores hoje? – perguntou a Profª Minerva, voltando a ser ela mesma, com um estalinho, e encarando a classe toda. – Não que faça diferença, mas é a primeira vez que a minha transformação não arranca aplausos de uma turma.
Todas as cabeças tornaram a se virar para Harry, mas ninguém falou. Então Hermione ergueu a mão.
– Com licença, professora, acabamos de ter a nossa primeira aula de Adivinhação, estivemos lendo folhas de chá e...
– Ah, naturalmente – comentou Minerva, fechando a cara de repente. – Não precisa me dizer mais nada, Srta. Granger. Me diga qual dos senhores vai morrer este ano?
Todos olharam para ela.
– Eu – disse, por fim, Harry.
– Entendo – disse a Profª Minerva, fixando em Harry seus olhos de contas. – Então, Potter, é melhor saber que Sibila Trelawney tem predito a morte de um aluno por ano desde que chegou a esta escola. Nenhum deles morreu ainda. Ver agouros de morte é a maneira com que ela gosta de dar boas-vindas a uma nova classe. Não fosse o fato de que nunca falo mal dos meus colegas...

A professora se calou, mas todos viram que suas narinas tinham embranquecido de cólera. Ela continuou, mais calma:

– A Adivinhação é um dos ramos mais imprecisos da magia. Não vou ocultar dos senhores que tenho muito pouca paciência com esse assunto. Os verdadeiros videntes são muito raros e a Profª Trelawney...

Ela parou uma segunda vez, e em seguida disse, num tom despido de emoção:

– Para mim o senhor parece estar gozando de excelente saúde, Potter, por isso me desculpe mas não vou dispensá-lo do dever de casa, hoje. Mas fique descansado, se o senhor morrer, não precisa entregá-lo.

Hermione riu com gosto. Harry se sentiu um pouco melhor. Era mais difícil sentir medo de folhas de chá longe daquela sala fracamente iluminada por luzes vermelhas, que recendia ao perfume atordoante da Profª Sibila. Ainda assim, nem todos ficaram convencidos. Rony continuava com a expressão preocupada e Lilá cochichou:

– E a xícara de Neville?

Quando a aula de Transfiguração terminou, eles se reuniram ao resto dos alunos que atroavam a escola em direção ao Salão Principal para almoçar.

– Anime-se, Rony – falou Hermione, empurrando uma travessa de ensopado para o amigo. – Você ouviu o que a Profª Minerva disse.

Rony se serviu do ensopado e apanhou o garfo mas não começou a comer.

– Harry – perguntou ele, em tom baixo, com ar sério –, você *não viu* um canzarrão preto em algum lugar, viu?

– Vi, sim. Na noite em que saí da casa dos Dursley.

Rony deixou o garfo cair com estrépito.

– Provavelmente um cão sem dono – comentou Hermione calmamente.

O garoto olhou para Hermione como se ela tivesse enlouquecido.

– Mione, se Harry viu um Sinistro, isso é... é ruim. Meu tio Abílio viu um e... e morreu vinte e quatro horas depois!

– Coincidência – replicou Hermione dignamente, servindo-se de suco de abóbora.

– Você não sabe o que está falando! – disse Rony, começando a se zangar. – Os Sinistros deixam a maioria dos bruxos mortos de medo!

– Então é isso – retrucou a garota em tom superior. – Eles veem o Sinistro e morrem de medo. O Sinistro não é um agouro, é a causa da morte! E Harry continua conosco porque não é burro de ver um Sinistro e pensar “certo, muito bem, então é melhor eu bater as botas”!

Rony fez protestos para Hermione, que abriu a mochila, tirou o novo livro de Aritmancia e apoiou-o na jarra de suco.

– Acho que Adivinhação é uma coisa meio confusa – disse, procurando a página que queria. – É muita adivinhação, se querem saber a minha opinião.
– Não houve nada confuso com o Sinistro naquela xícara! – retrucou Rony acaloradamente.
– Você não me pareceu tão confiante quando disse ao Harry que era um carneiro – respondeu a menina sem se alterar.
– A Profª Sibila disse que você não tinha a aura necessária! Você não gosta é de ser ruim em uma matéria para variar!
Ele acabara de tocar num ponto sensível. Hermione bateu com o livro de Aritmancia na mesa com tanta força que voaram pedacinhos de carne e cenoura para todo lado.
– Se ser boa em Adivinhação é ter que fingir que estou vendo agouros de morte em borras de folhas de chá, não tenho certeza se quero continuar a estudar essa matéria por muito mais tempo! Aquela aula foi uma idiotice completa se comparada à minha aula de Aritmancia!
E, agarrando a mochila, a menina se retirou.
Rony franziu a testa acompanhando com os olhos a amiga se afastando.
– Do que é que ela estava falando? – perguntou a Harry. – Ela ainda não assistiu a nenhuma aula de Aritmancia.

Harry ficou contente de sair do castelo depois do almoço. A chuva do dia anterior parara; o céu estava claro, cinza-pálido e a grama parecia elástica e úmida sob os pés quando os garotos rumaram para a primeiríssima aula de Trato das Criaturas Mágicas.
Rony e Hermione não estavam se falando. Harry caminhava ao lado dos dois em silêncio enquanto desciam os gramados em direção à cabana de Hagrid, na orla da Floresta Proibida. Somente quando identificaram três costas muito conhecidas à frente é que se deram conta de que iriam compartilhar as aulas com os alunos da Sonserina. Draco falava animadamente com Crabbe e Goyle, que riam com gosto. Harry tinha quase certeza de qual era o assunto da conversa.
Hagrid já estava à espera dos alunos à porta da cabana. Vestia o casaco de pele de toupeira, com Canino, o cão de caçar javalis, nos calcanhares, e parecia impaciente para começar.
– Vamos, andem depressa! – falou quando os alunos se aproximaram. – Tenho uma coisa ótima para vocês hoje! Vai ser uma grande aula! Estão todos aqui? Certo, então me acompanhem!
Por um momento de apreensão, Harry pensou que Hagrid os levaria para a Floresta Proibida; o menino já tivera suficientes experiências desagradáveis ali para a vida inteira. No entanto, o guarda-caça contornou a orla das árvores e

cinco minutos depois eles estavam diante de uma espécie de picadeiro. Não havia nada ali.

– Todos se agrupem em volta dessa cerca! – mandou ele. – Isso... procurem garantir uma boa visibilidade... agora, a primeira coisa que vão precisar fazer é abrir os livros...

– Como? – perguntou a voz fria e arrastada de Draco Malfoy.

– Que foi? – perguntou Hagrid.

– Como é que vamos abrir os livros? – repetiu o menino. Ele retirou da mochila seu exemplar de *O livro monstruoso dos monstros*, amarrado com um pedaço de corda. Outros alunos fizeram o mesmo, alguns, como Harry, tinham fechado o livro com um cinto; outros os tinham enfiado em sacos justos ou fechado os livros com grampos.

– Será... será que ninguém conseguiu abrir o livro? – perguntou Hagrid, com ar de desapontamento.

Todos os alunos sacudiram negativamente as cabeças.

– Vocês têm que fazer *carinho* neles – falou o novo professor, como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo. – Olhem aqui...

Ele apanhou o livro de Hermione e rasgou a fita adesiva que o prendia. O livro tentou morder, mas Hagrid passou seu gigantesco dedo indicador pela lombada, o livro estremeceu, se abriu e permaneceu quieto em sua mão.

– Ah, mas que bobeira a nossa! – caçoou Draco. – Devíamos ter feito *carinho* no livro! Como foi que não adivinhamos!

– Eu... eu achei que eles eram engraçados – disse Hagrid, inseguro, para Hermione.

– Ah, engraçadíssimos! – comentou Draco. – Uma ideia realmente espirituosa, nos dar livros que tentam arrancar nossa mão.

– Cala a boca, Malfoy – advertiu-o Harry baixinho. Hagrid parecia arrasado, e o garoto queria que aquela primeira aula do seu amigo fosse um sucesso.

– Certo, então – continuou Hagrid, que pelo jeito perdera o fio do pensamento – ... então vocês já têm os livros e... e... agora faltam as criaturas mágicas. É. Então vou buscá-las. Esperem um pouco...

Ele se afastou na direção da floresta e desapareceu de vista.

– Nossa, essa escola está indo para o brejo! – falou Draco em voz alta. – Esse pateta dando aulas, meu pai vai ter um acesso quando eu contar...

– Cala a boca, Malfoy – repetiu Harry.

– Cuidado, Potter, tem um dementador atrás de você...

– Aaaaaaah! – guinchou Lilá Brown, apontando para o lado oposto do picadeiro.

Trotavam em direção aos garotos mais ou menos uma dezena dos bichos mais

bizarros que Harry já vira na vida. Tinham os corpos, as pernas traseiras e as caudas de cavalo, mas as pernas dianteiras, as asas e a cabeça de uma coisa que lembrava águias gigantescas, com bicos cruéis cinza-metálico e enormes olhos laranja vivo. As garras das pernas dianteiras tinham uns quinze centímetros de comprimento e um aspecto letal. Cada um dos bichos trazia uma grossa coleira de couro ao pescoço engatada em uma longa corrente, cujas pontas estavam presas nas imensas mãos de Hagrid, que entrou correndo no picadeiro atrás dos bichos.

– Upa! Upa! Aí! – bradou ele, sacudindo as correntes e incitando os bichos na direção da cerca onde se agrupavam os alunos. Todos recuaram, instintivamente, quando Hagrid chegou bem perto e amarrou os bichos na cerca.

– Hipogrifos! – bradou Hagrid alegremente, acenando para eles. – Lindos, não acham?

Harry conseguiu entender mais ou menos o que Hagrid quis dizer. Depois que se supera o primeiro choque de ver uma coisa que é metade cavalo, metade ave, a pessoa começava a apreciar a pelagem luzidia dos hipogrifos, que mudava suavemente de pena para pelo, cada animal de uma cor diferente: cinza-chuva, bronze, ruão rosado, castanho brilhante e nanquim.

– Então – disse Hagrid, esfregando as mãos e sorrindo para todos –, se vocês quiserem chegar mais perto...

Ninguém pareceu querer. Harry, Rony e Hermione, porém, se aproximaram cautelosamente da cerca.

– Agora, a primeira coisa que vocês precisam saber sobre os hipogrifos é que são orgulhosos – explicou Hagrid. – Se ofendem com facilidade, os hipogrifos. Nunca insultem um bicho desses, porque pode ser a última coisa que vão fazer na vida.

Malfoy, Crabbe e Goyle não estavam prestando atenção; falavam aos cochichos e Harry teve o mau pressentimento de que estavam combinando a melhor maneira de estragar a aula.

– Vocês sempre esperam o hipogrifo fazer o primeiro movimento – continuou Hagrid. – É uma questão de cortesia, entendem? Vocês vão até eles, fazem uma reverência e aí esperam. Se o bicho retribuir o cumprimento, vocês podem tocar nele. Se não retribuir, então saiam de perto bem depressinha, porque essas garras machucam feio.

“Certo, quem quer ser o primeiro?”

Em resposta, a maioria dos alunos recuou mais um pouco. Até Harry, Rony e Hermione se sentiram apreensivos. Os hipogrifos balançavam as cabeças de aspecto feroz e flexionavam as fortes asas; não pareciam gostar de estar presos daquele jeito.

– Ninguém? – disse Hagrid, com um olhar suplicante.
– Eu vou – disse Harry.
Ouviu-se gente ofegar atrás dele e Lilá e Parvati murmuraram a mesma coisa:
– Aaah, não, Harry, lembra das folhas de chá!
Harry não deu ouvido às meninas. Trepou pela cerca do picadeiro.
– É assim que se faz, Harry! – gritou Hagrid. – Certo, então... vamos ver como você se entende com o Bicuço.
E, dizendo isso, soltou uma das correntes, separou o hipogrifo cinzento dos restantes e retirou a coleira de couro. A turma do outro lado da cerca parecia estar prendendo a respiração. Os olhos de Draco se estreitaram maliciosamente.
– Calma, agora, Harry – disse Hagrid em voz baixa. – Você fez contato com os olhos, agora tente não piscar... Os hipogrifos não confiam na pessoa que pisca demais...
Os olhos de Harry imediatamente começaram a se encher de água, mas ele não os fechou. Bicuço virara a cabeçorra alerta e fixava um cruel olho laranja em Harry.
– Isso mesmo – disse Hagrid. – Isso mesmo, Harry... agora faça a reverência...
Harry não se sentia nada animado a expor a nuca a Bicuço, mas fez o que era mandado. Curvou-se brevemente e ergueu os olhos.
O hipogrifo continuava a fixá-lo com altivez. Nem se mexeu.
– Ah! – exclamou Hagrid, parecendo preocupado. – Certo... recue, agora, Harry, devagarinho...
Mas nesse instante, para enorme surpresa de Harry, o hipogrifo inesperadamente dobrou os escamosos joelhos dianteiros e afundou o corpo em uma inconfundível reverência.
– Muito bem, Harry! – aplaudiu Hagrid, extasiado. – Certo... pode tocálo! Acaricie o bico dele, vamos!
Com a impressão de que recuar teria sido uma recompensa melhor, Harry avançou devagarinho para o hipogrifo e estendeu a mão. Acariciou seu bico várias vezes e o bicho fechou os olhos demoradamente, como se estivesse gostando.
A turma prorrompeu em aplausos, à exceção de Malfoy, Crabbe e Goyle, que pareciam profundamente desapontados.
– Certo então, Harry – falou Hagrid. – Acho que ele até deixaria você montar nele!
Isto era mais do que o toma lá dá cá proposto por Harry. Ele estava acostumado a montar vassouras; mas não tinha muita certeza se um hipogrifo seria a mesma coisa.
– Isso, suba ali, logo atrás da articulação das asas – mandou Hagrid. – E

cuidado para não arrancar nenhuma pena, ele não vai gostar nem um pouco...
Harry pisou no alto da asa de Bicuço e se içou para cima das costas do bicho. O bicho se ergueu. Harry não tinha muita certeza de onde deveria se agarrar; à sua frente tudo era coberto de penas.
– Pode ir, então! – bradou Hagrid, dando uma palmada nos quartos do hipogrifo.
Sem aviso, as asas de quase quatro metros se abriram a cada lado de Harry; ele só teve tempo de se agarrar ao pescoço do hipogrifo e já estava voando para o alto. Não foi nada semelhante a uma vassoura e Harry soube na hora qual dos dois preferia; as asas do hipogrifo adejavam desconfortavelmente dos lados, batendo por baixo de suas pernas e dando-lhe a sensação de que estava prestes a ser jogado no ar; as penas acetinadas escorregavam dos seus dedos e o garoto não se atrevia a se agarrar com mais força; em vez do voo suave da Nimbus 2000, ele agora balançava para a frente e para trás quando os quartos do hipogrifo subiam e desciam acompanhando o movimento das asas.
Bicuço deu uma volta por cima do picadeiro e em seguida embicou para o chão; essa foi a parte que Harry teve receio; ele jogou o corpo para trás, à medida que o pescoço liso do bicho abaixava, achando que ia escorregar por cima do bico, então, sentiu um baque quando os quatro membros desparelhados do bicho tocaram o chão. Por milagre, conseguiu se segurar e tornar a se endireitar.
– Bom trabalho, Harry! – berrou Hagrid enquanto todos, exceto Malfoy, Crabbe e Goyle, aplaudiam. – Muito bem, quem mais quer experimentar?
Encorajados pelo sucesso, os outros alunos subiram, cautelosos, pela cerca do picadeiro. Hagrid soltou os hipogrifos, um a um, e logo os garotos, nervosos, começaram a fazer reverências por todo o picadeiro. Neville fugiu várias vezes do dele, pois o bicho não estava com jeito de querer dobrar os joelhos. Rony e Hermione praticaram no hipogrifo castanho, enquanto Harry observava.
Malfoy, Crabbe e Goyle ficaram com Bicuço. Ele acabara de retribuir a reverência de Malfoy, que agora lhe acariciava o bico, com um ar desdenhoso.
– Isso é moleza – disse Draco com a voz arrastada, suficientemente alta para Harry ouvir. – Só podia ser, se o Potter conseguiu fazer... Aposto que você não tem nada de perigoso, tem? – disse ao hipogrifo. – Tem, seu brutamontes feioso?
Aconteceu num breve movimento das garras de aço; Draco soltou um berro agudo e no momento seguinte, Hagrid estava pelejando para enfiar a coleira em Bicuço, enquanto o bicho fazia força para avançar no garoto, que caíra dobrado na relva, o sangue aflorando em suas vestes.
– Estou morrendo! – gritou Malfoy enquanto a turma entrava em pânico. – Estou morrendo, olhem só para mim! Ele me matou!

– Você não está morrendo! – disse Hagrid, que ficara muito pálido. – Alguém me ajude... preciso tirar ele daqui...
Hermione correu para abrir o portão enquanto Hagrid erguia Malfoy nos braços, sem esforço. Quando os dois passaram, Harry observou que havia um corte grande e fundo no braço de Draco; o sangue pingava no gramado e o guarda-caça, com o garoto ao colo, subiu correndo a encosta em direção ao castelo.
Muito abalados, os alunos da aula de Trato das Criaturas Mágicas os seguiram caminhando normalmente. Os alunos da Sonserina gritavam contra Hagrid.
– Deviam despedir ele, imediatamente! – disse Pansy Parkinson, que estava às lágrimas.
– Foi culpa do Draco! – replicou Dino Thomas com rispidez. Crabbe e Goyle flexionavam os braços, ameaçadores.
Os garotos subiram os degraus de pedra para o saguão deserto.
– Vou ver se ele está bem! – disse Pansy, e os outros ficaram observando-a subir de corrida a escadaria de mármore. Os alunos da Sonserina, ainda murmurando contra Hagrid, rumaram para sua sala comunal, em uma masmorra; Harry, Rony e Hermione subiram as escadas para a Torre da Grifinória.
– Vocês acham que ele vai ficar bem? – perguntou Hermione, nervosa.
– Claro que vai. Madame Pomfrey cura cortes em um segundo – disse Harry, que já tivera ferimentos muito mais sérios curados magicamente pela enfermeira.
– Foi realmente ruim acontecer isso na primeira aula de Hagrid, vocês não acham? – comentou Rony, parecendo preocupado. – Sempre se pode contar com o Draco para estragar as coisas para o Hagrid...
Os três foram os primeiros a chegar ao Salão Principal para jantar, na esperança de verem Hagrid, mas o amigo não estava lá.
– Não iriam despedir ele, vocês acham que sim? – perguntou Hermione aflita, sem tocar no pudim de carne e rins.
– É melhor não – replicou Rony, que também não estava comendo.
Harry ficou observando a mesa da Sonserina. Um grande grupo, que incluía Crabbe e Goyle, estava reunido, absorto em conversas. Harry teve certeza de que estavam inventando a própria versão para o ferimento de Draco.
– Bem, não se pode dizer que não foi um primeiro dia de aula interessante – comentou Rony, deprimido.
Os três subiram para o salão comunal da Grifinória depois do jantar e tentaram fazer o dever de casa que a Profª Minerva passara, mas ficaram o tempo todo interrompendo-o para espiar pela janela.
– Tem luz na janela de Hagrid – disse Harry de repente.
Rony consultou o relógio.

– Se a gente andar depressa, pode descer para ver ele. Ainda é cedo...

– Não sei – disse Hermione, lentamente, e Harry viu que a amiga o olhava.

– Eu tenho permissão para andar pela *propriedade* – disse o garoto incisivamente. – Sirius Black ainda não passou pelos dementadores ou passou?

Então eles guardaram o material de estudo e se dirigiram ao buraco do retrato, felizes por não encontrar ninguém no caminho até a porta principal, porque não tinham tanta certeza assim de que podiam sair.

O gramado ainda estava úmido e parecia quase negro à luz das estrelas. Quando chegaram à cabana de Hagrid, bateram e uma voz resmungou rouca:

– Pode entrar.

Hagrid estava sentado em mangas de camisa à mesa de madeira escovada; o cachorro, Canino, tinha a cabeça no colo dele. Ao primeiro olhar, os garotos perceberam que o amigo andara bebendo muito; havia uma caneca de alpaca quase do tamanho de um balde diante dele e parecia ter dificuldade para focalizá-los.

– Imagino que seja um recorde – disse com a voz pastosa, quando os reconheceu. – Calculo que nunca tiveram um professor que só durasse um dia.

– Você não foi despedido, Hagrid! – ofegou Hermione.

– Ainda não – respondeu ele, infeliz, tomando um grande gole do que havia na caneca. – Mas é só uma questão de tempo, não é, depois que Malfoy...

– Como é que ele está? – perguntou Rony enquanto se sentavam. – Não foi grave, foi?

– Madame Pomfrey fez o melhor que pôde – disse Hagrid num tom inexpressivo –, mas ele diz que continua doendo muito... todo enfaixado... gemendo...

– Ele está fingindo – disse Harry na mesma hora. – Madame Pomfrey sabe curar qualquer coisa. Ela fez crescer metade dos meus ossos no ano passado. Pode contar que Draco vai se aproveitar o máximo que puder do acidente.

– Os conselheiros da escola foram informados, é claro – disse Hagrid, infeliz. – Acham que comecei muito grande. Devia ter deixado os hipogrifos para mais tarde... que estudasse vermes ou outra coisa pequena... Só quis fazer uma primeira aula boa... Então a culpa é minha...

– É tudo culpa do *Malfoy*, Hagrid! – disse Hermione, séria.

– Somos testemunhas – acrescentou Harry. – Você avisou que os hipogrifos atacam quando são insultados. O problema é do Malfoy se ele não estava prestando atenção. Vamos contar ao Dumbledore o que realmente aconteceu.

– Vamos, sim, não se preocupe, Hagrid, vamos confirmar sua história – disse Rony.

Lágrimas saltaram dos cantos enrugados dos olhos de Hagrid, negros como

besouros. Ele puxou Harry e Rony e lhes deu um abraço de quebrar as costelas.
– Acho que você já bebeu o suficiente, Hagrid – falou Hermione com firmeza. E apanhou a caneca na mesa e saiu da cabana para esvaziá-la.
– Ah, talvez ela tenha razão – reconheceu Hagrid, soltando Harry e Rony, que recuaram cambaleando e massageando as costelas. O guarda-caça levantou-se com esforço da cadeira e seguiu Hermione até o lado de fora, com o andar vacilante. Os garotos ouviram barulho de água caindo.
– Que foi que ele fez? – perguntou Harry, nervoso, quando Hermione voltou trazendo a caneca vazia.
– Meteu a cabeça no barril de água – respondeu Hermione, guardando a caneca.
Hagrid voltou, os cabelos e barbas longas empapados, enxugando a água dos olhos.
– Assim está melhor – falou, sacudindo a cabeça como um cachorro e molhando os garotos. – Escutem, foi muita bondade vocês terem vindo me ver, eu realmente...
Hagrid parou de repente, encarando Harry como se tivesse acabado de perceber que ele estava ali.
– QUE É QUE VOCÊ ACHA QUE ESTÁ FAZENDO, HEIN? – bradou, tão inesperadamente que os garotos deram um pulo de mais de um palmo. – VOCÊ NÃO PODE SAIR ANDANDO POR AÍ DEPOIS DO ANOITECER, HARRY! E VOCÊS DOIS! DEIXARAM-NO SAIR!
Hagrid foi até Harry, agarrou-o pelo braço e puxou-o para a porta.
– Vamos! – disse aborrecido. – Vou levar vocês de volta à escola, e não quero pegar ninguém saindo para me ver depois do anoitecer. Eu não valho o risco!

— CAPÍTULO SETE —
O bicho-papão no armário

Draco não reapareceu nas aulas até o fim da manhã de quinta-feira, quando os alunos da Sonserina e da Grifinória já estavam na metade da aula dupla de Poções. Ele entrou cheio de arrogância na masmorra, o braço direito enfaixado e pendurado em uma tipoia, agindo, na opinião de Harry, como se fosse o sobrevivente heroico de uma terrível batalha.

– Como vai o braço, Draco? – perguntou Pansy Parkinson, com um sorrisinho insincero. – Está doendo muito?

– Está – respondeu o garoto, fazendo uma careta corajosa. Mas Harry o viu piscar para Crabbe e Goyle, quando Pansy desviou o olhar.

– Vá com calma, vá com calma – disse o Prof. Snape gratuitamente.

Harry e Rony fizeram caretas um para o outro; Snape não teria dito "vá com calma" se *eles* tivessem entrado atrasados, teria lhes dado uma detenção. Mas Draco sempre conseguira escapar com qualquer coisa nas aulas de Poções; Snape era o diretor da Sonserina e em geral favorecia os próprios alunos em prejuízo dos demais.

A classe estava preparando uma poção nova naquele dia, uma Solução Redutora. Draco armou seu caldeirão bem ao lado do de Harry e Rony, de modo que os três ficaram preparando os ingredientes na mesma mesa.

– Professor – chamou Draco –, vou precisar de ajuda para cortar as raízes de margarida, porque o meu braço...

– Weasley, corte as raízes para Malfoy – disse Snape sem erguer a cabeça.

Rony ficou vermelho como um tomate.

– O seu braço não tem nenhum problema – sibilou o garoto para Draco.

Draco deu um sorriso satisfeito.

– Weasley, você ouviu o que o professor disse; corte as raízes.

Rony apanhou a faca, puxou as raízes de Draco para perto e começou a cortá-

las de qualquer jeito, de modo que os pedaços ficaram de tamanhos diferentes.
– Professor – falou Draco com a voz arrastada –, Weasley está mutilando as minhas raízes.
Snape aproximou-se da mesa, olhou para as raízes por cima do nariz curvo e em seguida deu a Rony um sorriso desagradável, por baixo da cabeleira longa e oleosa.
– Troque de raízes com Malfoy, Weasley.
– Mas, professor...!
Rony passara os últimos quinze minutos picando cuidadosamente suas raízes em pedacinhos exatamente iguais.
– *Agora* – mandou Snape com o seu tom de voz mais perigoso.
Rony empurrou as raízes caprichosamente cortadas para o lado de Draco na mesa, e, em seguida, apanhou novamente a faca.
– E, professor, vou precisar descascar este pinhão – disse Draco, a voz expressando riso e malícia.
– Potter, pode descascar o pinhão de Malfoy – disse Snape, lançando a Harry o olhar de desprezo que sempre reservava só para o garoto.
Harry apanhou o pinhão enquanto Rony começava a tentar consertar o estrago que fizera às raízes que ia ter que usar. Harry descascou o pinhão o mais depressa que pôde e atirou-o para o lado de Draco, sem falar. O outro riu com mais satisfação que nunca.
– Tem visto o seu amigo Hagrid, ultimamente? – perguntou Draco aos dois, baixinho.
– Não é da sua conta – retrucou Rony aos arrancos, sem erguer a cabeça.
– Acho que ele não vai continuar professor por muito tempo – disse Draco num tom de fingida tristeza. – Meu pai não ficou nada satisfeito com o meu ferimento...
– Continue falando, Draco, e vou lhe fazer um ferimento de verdade – rosnou Rony.
– ... ele apresentou queixa aos conselheiros da escola. *E* ao Ministério da Magia. Meu pai tem muita influência, sabe. E um ferimento permanente como este – ele fingiu um longo suspiro –, quem sabe se o meu braço vai voltar um dia a ser o mesmo?
– Então é por isso que você está fazendo toda essa encenação – comentou Harry, decapitando sem querer uma lagarta morta, porque sua mão tremia de raiva. – Para tentar fazer Hagrid ser despedido.
– Bom – respondeu Draco, baixando a voz para um sussurro –, *em parte*, Potter. Mas tem outros benefícios, também. Weasley, fatia minhas lagartas para mim.

A alguns caldeirões de distância, Neville se achava em apuros. Ele se descontrolava regularmente nas aulas de Poções; era a sua pior matéria, e seu grande medo do Prof. Snape tornava as coisas dez vezes pior. Sua poção, que devia ter ficado verde ácido e berrante, tinha acabado...

– Laranja, Longbottom – exclamou Snape, apanhando um pouco de poção com a concha e deixando-a cair de volta no caldeirão, de modo que todos pudessem ver. – Laranja. Me diga, menino, será que alguma coisa penetra nessa sua cabeça dura? Você não me ouviu dizer, muito claramente, que só precisava pôr um baço de rato? Será que eu não disse, sem nenhum rodeio, que um nadinha de sumo de sanguessuga era suficiente? Que é que eu tenho de fazer para você entender, Longbottom?

Neville estava vermelho e trêmulo. Parecia prestes a chorar.

– Por favor, professor – disse Hermione –, eu poderia ajudar Neville a consertar...

– Eu não me lembro de ter lhe pedido para se exibir, Srta. Granger – respondeu Snape friamente e Hermione ficou tão vermelha quanto Neville. – Longbottom, no final da aula vamos dar algumas gotas desta poção ao seu sapo e ver o que acontece. Quem sabe isto o estimule a preparar a poção corretamente.

O professor se afastou, deixando Neville sem fôlego de tanto medo.

– Me ajude! – gemeu o menino para Hermione.

– Ei, Harry – disse Simas Finnigan, curvando-se para pedir emprestada a balança de latão de Harry –, você já soube? No *Profeta Diário* desta manhã, eles acham que avistaram Sirius Black.

– Onde? – perguntaram Harry e Rony depressa. Do lado oposto da mesa, Draco ergueu os olhos, escutando a conversa atentamente.

– Não muito longe daqui – respondeu o colega, que parecia excitado. – Foi visto por uma trouxa. Claro que ela não entendeu muito bem. Os trouxas acham que ele é apenas um criminoso comum, não é? Então ela telefonou para o número do plantão de emergência. Mas até o Ministério da Magia chegar lá, o Black já tinha sumido.

– Não muito longe daqui... – repetiu Rony, lançando a Harry um olhar sugestivo. Ele se virou e notou que Draco os observava, atento. – Que foi, Draco? Precisa que eu descasque mais alguma coisa?

Mas os olhos do garoto brilhavam de maldade, e estavam fixos em Harry. Ele se debruçou na mesa.

– Está pensando em apanhar o Black sozinho, Potter?

– Acertou! – respondeu Harry displicentemente.

Os lábios finos de Draco se curvaram num sorriso mau.

– É claro, se fosse eu – disse em voz baixa –, eu já teria feito alguma coisa há

mais tempo. Eu não ficaria na escola como um bom menino, eu estaria lá fora procurando o homem.

– De que é que você está falando, Draco? – perguntou Rony com aspereza.

– *Sabe* de uma coisa, Potter? – sussurrou Malfoy, os olhos claros quase fechados.

– De quê?

Malfoy soltou uma risada baixa e desdenhosa.

– Vai ver você prefere não arriscar o pescoço. Quer deixar os dementadores resolverem o caso, não é? Mas se fosse eu, eu ia querer me vingar. Ia atrás dele pessoalmente.

– *Do que é que você está falando?* – perguntou Harry com raiva, mas naquele momento Snape falou:

– Os senhores já devem ter terminado de misturar os ingredientes. Essa poção precisa cozinhar antes de ser bebida; portanto guardem o seu material enquanto ela ferve e, então, vamos testar a do Longbottom...

Crabbe e Goyle riram-se abertamente, vendo Neville suar, enquanto mexia febrilmente sua poção. Hermione murmurava instruções para o garoto pelo canto da boca, para que Snape não visse. Harry e Rony guardaram os ingredientes que não tinham usado e foram lavar as mãos e conchas na pia de pedra a um canto da sala.

– Que foi que Draco quis dizer? – sussurrou Harry para Rony, enquanto molhava as mãos no jorro gelado que saía da boca da gárgula. – Por que eu iria querer me vingar de Black? Ele não me fez nada... ainda.

– Ele está inventando – disse Rony com violência. – Está tentando instigar você a fazer uma idiotice...

O fim da aula à vista, Snape encaminhou-se para Neville, que estava encolhido ao lado do seu caldeirão.

– Venham todos para cá – disse o professor, seus olhos negros cintilando – e observem o que acontece ao sapo de Longbottom. Se ele conseguiu produzir uma Poção Redutora, o sapo vai virar um girino. Se, o que eu não duvido, ele não preparou a poção direito, o sapo provavelmente vai ser envenenado.

Os alunos da Grifinória observaram temerosos. Os da Sonserina se mostraram excitados. Snape apanhou Trevo, o sapo, com a mão esquerda e mergulhou, com a direita, uma colherinha na poção de Neville, que agora estava verde. Depois, deixou cair umas gotinhas na garganta de Trevo.

Houve um momento de silêncio, em que Trevo engoliu a poção; seguiu-se um estalinho e Trevo, o girino, pôs-se a se contorcer na palma da mão de Snape.

Os alunos da Grifinória desataram a aplaudir. Snape, com a expressão mal-humorada, tirou um vidrinho do bolso das vestes, pingou algumas gotas em

Trevo e ele reapareceu repentinamente adulto.

– Cinco pontos a menos para a Grifinória – anunciou ele, varrendo, assim, os sorrisos de todos os rostos. – Eu disse para não ajudá-lo, Srta. Granger. A turma está dispensada.

Harry, Rony e Hermione subiram a escadaria do saguão de entrada. Harry ainda estava pensando no que Malfoy falara, enquanto Rony espumava de raiva de Snape.

– Cinco pontos a menos para a Grifinória porque a poção estava certa! Por que você não mentiu, Mione? Devia ter dito que Neville fez tudo sozinho!

Hermione não respondeu. Rony olhou para os lados.

– Aonde é que ela foi?

Harry se virou também. Os dois estavam no alto da escadaria agora, vendo o resto da turma passar por eles a caminho do Salão Principal para almoçar.

– Ela estava logo atrás da gente – comentou Rony, franzindo a testa.

Malfoy passou pelos dois, caminhando entre Crabbe e Goyle. Fez uma careta de riso para Harry e desapareceu.

– Lá está ela – disse Harry.

Hermione vinha ligeiramente ofegante, correndo escada acima; com uma das mãos, ela agarrava a mochila e com a outra parecia estar escondendo alguma coisa dentro das vestes.

– Como foi que você fez isso? – perguntou Rony.

– O quê? – perguntou, por sua vez, Hermione, se juntando aos amigos.

– Em um minuto você está bem atrás da gente e no minuto seguinte está de volta ao pé da escada.

– Quê? – Hermione pareceu ligeiramente confusa. – Ah... eu tive que voltar para ver uma coisa. Ah, não...

Uma costura se rompera na mochila da garota. Harry não se surpreendeu; era visível que a mochila fora atochada com pelo menos doze livrões pesados.

– Por que está carregando tudo isso na mochila? – perguntou Rony.

– Você sabe quantas matérias estou estudando – respondeu ela sem fôlego. – Será que podia segurar esses para mim?

– Mas... – Rony foi virando os livros que a amiga lhe passara para olhar as capas – você não tem nenhuma dessas matérias hoje. Só tem Defesa Contra as Artes das Trevas, à tarde.

– É verdade – respondeu Hermione vagamente, mas guardou todos os livros na mochila assim mesmo. – Espero que tenha alguma coisa boa para o almoço, estou morta de fome – acrescentou, e se afastou em direção ao Salão Principal.

– Você também tem a impressão de que Mione não está contando alguma coisa à gente? – perguntou Rony a Harry.

O Prof. Lupin não estava em sala quando eles chegaram para a primeira aula de Defesa Contra as Artes das Trevas. Os alunos se sentaram, tiraram das mochilas os livros, penas e pergaminho e estavam conversando quando o professor finalmente apareceu. Lupin sorriu vagamente e colocou a velha maleta surrada na escrivaninha. Estava malvestido como sempre mas parecia mais saudável do que no dia do trem, como se tivesse comido umas refeições reforçadas.

– Boa-tarde – cumprimentou ele. – Por favor guardem todos os livros de volta nas mochilas. Hoje teremos uma aula prática. Os senhores só vão precisar das varinhas.

Alguns alunos se entreolharam, curiosos, enquanto guardavam os livros. Nunca tinham tido uma aula prática de Defesa Contra as Artes das Trevas antes, a não ser que considerassem aquela aula inesquecível no ano anterior, em que o professor tinha trazido uma gaiola de diabretes e os soltara na sala.

– Certo, então – disse o Prof. Lupin, quando todos estavam prontos. – Queiram me seguir.

Intrigados, mas interessados, os alunos se levantaram e o seguiram para fora da sala. Ele levou os alunos por um corredor deserto e virou num canto, onde a primeira coisa que viram foi o Pirraça, o *poltergeist*, flutuando no ar de cabeça para baixo, e entupindo com chicles o buraco da fechadura mais próxima.

Pirraça não ergueu os olhos até o professor chegar a mais ou menos meio metro; então, agitou os dedos dos pés e começou a cantar.

– Louco, lobo, Lupin – entoou ele. – Louco, lobo, Lupin...

Grosseiro e intratável como era quase sempre, Pirraça em geral demonstrava algum respeito pelos professores. Todo mundo olhou na mesma hora para Lupin a ver qual seria a sua reação àquilo; para surpresa de todos, o professor continuou a sorrir.

– Eu tiraria o chicle do buraco da fechadura se fosse você, Pirraça – disse ele gentilmente. – O Sr. Filch não vai poder apanhar as vassouras dele.

Filch era o zelador de Hogwarts, mal-humorado, um bruxo frustrado que travava uma guerra constante contra os estudantes e, na verdade, contra Pirraça também. Mas o *poltergeist* não deu a mínima atenção às palavras do professor a não ser para respondê-las com um ruído ofensivo e alto feito com a boca.

O professor deu um breve suspiro e tirou a varinha.

– Este é um feitiçozinho útil – disse à turma por cima do ombro. – Por favor observem com atenção.

Ele ergueu a varinha até a altura do ombro e disse:

– *Uediuósi!* – e apontou para Pirraça.

Com a força de uma bala, a pelota de chicle disparou do buraco da fechadura e foi bater certeira na narina esquerda de Pirraça; o *poltergeist* virou de cabeça

para cima e fugiu a grande velocidade, xingando.
– Maneiro, professor! – exclamou Dino Thomas admirado.
– Obrigado, Dino – disse o professor tornando a guardar a varinha. – Vamos prosseguir?
Eles recomeçaram a caminhada, a turma olhando o enxovalhado professor com crescente respeito. Lupin os conduziu por um segundo corredor e parou bem à porta da sala de professores.
– Entrem, por favor – disse ele, abrindo a porta e se afastando para os alunos passarem.
A sala dos professores, uma sala comprida, revestida com painéis de madeira e mobiliada com cadeiras velhas e desaparelhadas, estava vazia, exceto por um ocupante. O Prof. Snape estava sentado em uma poltrona baixa e ergueu os olhos para os alunos que entravam. Seus olhos brilhavam e ele tinha um arzinho de desdém em volta da boca. Quando o Prof. Lupin entrou e fez menção de fechar a porta, Snape falou:
– Pode deixá-la aberta, Lupin. Eu prefiro não estar presente.
E, dizendo isso, se levantou e passou pela turma, suas vestes negras se enfunando às suas costas. À porta, o professor girou nos calcanhares e disse ao colega:
– Provavelmente ninguém o alertou, Lupin, mas essa turma tem Neville Longbottom. Eu o aconselharia a não confiar a esse menino nada que apresente dificuldade. A não ser que a Srta. Granger se incumba de cochichar instruções ao ouvido dele.
Neville ficou escarlate. Harry olhou aborrecido para Snape; já era bastante ruim que ele implicasse com Neville nas próprias aulas, e muito pior fazer isso na frente de outros professores.
O Prof. Lupin ergueu as sobrancelhas.
– Pois eu pretendia chamar Neville para me ajudar na primeira etapa da operação, e tenho certeza de que ele vai fazer isso admiravelmente.
A cara de Neville ficou, se isso fosse possível, ainda mais vermelha. Snape revirou os lábios num trejeito de desdém, mas se retirou, batendo de leve a porta.
– Agora, então – disse o Prof. Lupin, chamando, com um gesto, a turma para o fundo da sala, onde não havia nada exceto um velho armário em que os professores guardavam mudas limpas de vestes. Quando o professor se postou a um lado, o armário subitamente se sacudiu, batendo na parede.
“Não se preocupem”, disse ele calmamente porque alguns alunos tinham pulado para trás, assustados. “Há um bicho-papão aí dentro.”
A maioria dos garotos achou que isso *era* uma coisa com o que se preocupar. Neville lançou ao professor um olhar de absoluto terror e Simas Finnigan mirou

o puxador, que agora sacudia barulhentamente, com apreensão.
– Bichos-papões gostam de lugares escuros e fechados – informou o mestre. – Guarda-roupas, o vão embaixo das camas, os armários sob as pias... Eu já encontrei um alojado dentro de um relógio de parede antigo. *Este* aí se mudou para cá ontem à tarde e perguntei ao diretor se os professores poderiam deixá-lo para eu dar uma aula prática aos meus alunos do terceiro ano.
"Então, a primeira pergunta que devemos nos fazer é, o que *é* um bicho-papão?"
Hermione levantou a mão.
– É um transformista – respondeu ela. – É capaz de assumir a forma do que achar que pode nos assustar mais.
– Eu mesmo não poderia ter dado uma definição melhor – disse o Prof. Lupin, e o rosto de Hermione se iluminou de orgulho. – Então o bicho-papão que está sentado no escuro aí dentro ainda não assumiu forma alguma. Ele ainda não sabe o que pode assustar a pessoa que está do lado de fora. Ninguém sabe qual é a aparência de um bicho-papão quando está sozinho, mas quando eu o deixar sair, ele imediatamente se transformará naquilo que cada um de nós mais teme.
"Isto significa", continuou o Prof. Lupin, preferindo não dar atenção à breve exclamação de terror de Neville, "que temos uma enorme vantagem sobre o bicho-papão para começar. Você já sabe qual é, Harry?"
Tentar responder uma pergunta com Hermione do lado, com as plantas dos pés subindo e descendo impacientes e a mão no ar, era muito irritante, mas Harry resolveu tentar assim mesmo.
– Hum... porque somos muitos, ele não vai saber que forma tomar.
– Precisamente – concordou o professor e Hermione baixou a mão, parecendo um pouquinho desapontada. – É sempre melhor estarmos acompanhados quando enfrentamos um bicho-papão. Assim, ele se confunde. No que deverá se transformar, num corpo sem cabeça ou numa lesma carnívora? Uma vez vi um bicho-papão cometer exatamente este erro, tentou assustar duas pessoas e se transformou em meia lesma. O que, nem de longe, pode assustar alguém.
"O feitiço que repele um bicho-papão é simples, mas exige concentração. Vejam, a coisa que realmente acaba com um bicho-papão é o *riso*. Então o que precisam fazer é forçá-lo a assumir uma forma que vocês achem engraçada. Vamos praticar o feitiço com as varinhas primeiro. Repitam comigo, por favor... *riddikulus*!"
– *Riddikulus!* – repetiu a turma.
– Ótimo – aprovou o Prof. Lupin. – Muito bem. Mas receio que esta seja a parte mais fácil. Sabem, a palavra sozinha não basta. E é aqui que você vai entrar Neville.

O guarda-roupa recomeçou a tremer, embora não tanto quanto Neville, que se dirigiu para o móvel como se estivesse indo para a forca.
– Certo, Neville – disse o professor. – Vamos começar pelo começo: qual, você diria, que é a coisa que pode assustá-lo mais neste mundo?
Os lábios de Neville se mexeram mas não emitiram som algum.
– Não ouvi o que você disse, Neville, me desculpe – disse o Prof. Lupin animado.
Neville olhou para os lados meio desesperado, como que suplicando a alguém que o ajudasse, depois disse, num sussurro quase inaudível:
– O Prof. Snape.
Quase todo mundo riu. Até Neville sorriu como se pedisse desculpas. Lupin, porém, ficou pensativo.
– Prof. Snape... hummm... Neville, eu creio que você mora com a sua avó?
– Hum... moro – disse Neville, nervoso. – Mas também não quero que o bicho-papão se transforme na minha avó.
– Não, não, você não entendeu – disse o professor, agora rindo. – Será que você podia nos descrever que tipo de roupas a sua avó normalmente usa?
Neville fez cara de espanto mas disse:
– Bem... sempre o mesmo chapéu. Um bem alto com um urubu empalhado na ponta. E um vestido comprido... verde, normalmente... e às vezes uma raposa.
– E uma bolsa?
– Vermelha e bem grande.
– Certo então – disse o professor. – Você é capaz de imaginar essas roupas com clareza, Neville? Você consegue vê-las mentalmente?
– Consigo – respondeu Neville, hesitante, obviamente imaginando o que viria a seguir.
– Quando o bicho-papão irromper daquele guarda-roupa, Neville, e vir você, ele vai assumir a forma do Prof. Snape. E você vai erguer a varinha... assim... e gritar “Riddikulus”... e se concentrar com todas as suas forças nas roupas de sua avó. Se tudo correr bem, o Prof. Bicho-Papão-Snape será forçado a vestir aquele chapéu com o urubu, aquele vestido verde e carregar aquela enorme bolsa vermelha.
Houve uma explosão de risos. O guarda-roupa sacudiu com maior violência.
– Se Neville acertar, o bicho-papão provavelmente vai voltar a atenção para cada um de nós individualmente. Eu gostaria que todos gastassem algum tempo, agora, para pensar na coisa de que têm mais medo e imaginar como poderia fazê-la parecer cômica...
A sala ficou silenciosa. Harry pensou... O que o apavorava mais no mundo?
Seu primeiro pensamento foi Lorde Voldemort – um Voldemort que tivesse

recuperado totalmente as forças. Mas antes que conseguisse planejar um possível contra-ataque ao bicho-papão-Voldemort, uma imagem horrível foi aflorando à superfície de sua mente...

Uma mão luzidia e podre, que escorregava para dentro de uma capa preta... uma respiração longa e rascante que saía de uma boca invisível... depois um frio tão penetrante que dava a impressão de que ele estava se afogando...

Harry estremeceu e olhou para os lados, na esperança de que ninguém tivesse reparado nele. Muitos alunos tinham os olhos bem fechados. Rony murmurava para si mesmo “Arranque as pernas dela”. Harry teve certeza de que sabia a que o amigo se referia. O maior medo de Rony eram as aranhas.

– Todos prontos? – perguntou o Prof. Lupin.

Harry sentiu uma onda de medo. Ele não estava pronto. Como era possível fazer um dementador se tornar menos aterrorizante? Mas não quis pedir mais tempo; todos estavam acenando a cabeça afirmativamente e enrolando as mangas.

– Neville, nós vamos recuar – disse o professor. – Assim você fica com o campo livre, está bem? Vou chamar o próximo a vir para a frente... Todos para trás, agora, de modo que Neville tenha espaço para agitar a varinha...

Todos recuaram, encostaram-se nas paredes, deixando Neville sozinho ao lado do guarda-roupa. Ele parecia pálido e assustado, mas enrolara as mangas das vestes e segurava a varinha em posição.

– Quando eu contar três, Neville – avisou Lupin, que apontava a própria varinha para o puxador do armário. – Um... dois... três... *agora!*

Um jorro de faíscas saltou da ponta da varinha do professor e bateu no puxador. O guarda-roupa se abriu com violência. Com o nariz curvo e ameaçador, o Prof. Snape saiu, os olhos faiscando para Neville.

Neville recuou, de varinha no ar, balbuciando silenciosamente. Snape avançou para ele, apanhando alguma coisa dentro das vestes.

– *R... r... riddikulus!* – esganiçou-se Neville.

Ouviu-se um ruído que lembrava o estalido de um chicote. Snape tropeçou; usava um vestido longo, enfeitado de rendas e um imenso chapéu de bruxo com um urubu carcomido de traças no alto, e sacudia uma enorme bolsa vermelho vivo.

Houve uma explosão de risos; o bicho-papão parou, confuso, e o Prof. Lupin gritou:

– Parvati! Avante!

Parvati adiantou-se, com ar decidido. Snape avançou para ela. Ouviu-se outro estalo e onde o bicho-papão estivera havia agora uma múmia com as bandagens sujas de sangue; seu rosto tampado estava virado para Parvati e a múmia

começou a andar para a garota muito lentamente, arrastando os pés, erguendo os braços duros...

– *Riddikulus!* – exclamou Parvati.

Uma bandagem se soltou aos pés da múmia; ela se enredou, caiu de cara no chão e sua cabeça rolou para longe do corpo.

– Simas – bradou o professor.

Simas passou disparado por Parvati.

Craque! Onde estivera a múmia surgiu uma mulher de cabelos negros que iam até o chão e um rosto esverdeado e esquelético – um espírito agourento. Ela escancarou a boca e um som espectral encheu a sala, um grito longo e choroso que fez os cabelos de Harry ficarem em pé.

– *Riddikulus!* – bradou Simas.

O espírito agourento emitiu um som rascante, apertou a garganta com as mãos; sua voz sumiu.

Craque! O espírito agourento se transformou em um rato, que saiu correndo atrás do próprio rabo, em círculos, depois... *craque!* – transformou-se em uma cascavel, que saiu deslizando e se contorcendo até que – *craque!* – se transformou em um olho único e sangrento.

– Confundimos o bicho! – gritou Lupin. – Já estamos quase no fim! Dino!

Dino adiantou-se correndo.

Craque! O olho se transformou em uma mão decepada, que deu uma cambalhota e saiu andando de lado como um caranguejo.

– *Riddikulus!* – berrou Dino.

Ouviu-se um estalo e a mão ficou presa em uma ratoeira.

– Excelente! Rony, você é o próximo!

Rony correu para a frente aos pulos.

Craque!

Muitos alunos gritaram. Uma aranha gigantesca e peluda, com quase dois metros de altura, avançou para Rony, batendo as pinças ameaçadoramente. Por um instante, Harry achou que Rony congelara. Mas...

– *Riddikulus!* – berrou Rony, e as pernas da aranha desapareceram; ela ficou rolando pelo chão; Lilá Brown deu um grito agudo e se afastou correndo do caminho da aranha até que ela parou aos pés de Harry. O garoto ergueu a varinha, preparou-se mas...

– Tome! – gritou o Prof. Lupin de repente, correndo para a frente.

Craque!

A aranha sem pernas sumira. Por um segundo todos olharam assustados para os lados a ver o que aparecera. Então viram um globo branco-prateado pendurado no ar diante de Lupin, e ele disse “*Riddikulus*” quase

descansadamente.

Craque!

– Para a frente, Neville, e acabe com ela! – mandou o professor quando o bicho-papão aterrissou no chão sob a forma de uma barata. *Craque!* E Snape reapareceu. Desta vez, Neville avançou parecendo decidido.

– *Riddikulus!* – gritou, e, por uma fração de segundo, seus colegas tiveram uma visão de Snape com seu vestido de rendas antes de Neville soltar uma grande gargalhada e o bicho-papão explodir em milhares de fiapinhos minúsculos de fumaça, e desaparecer.

– Excelente! – exclamou o Prof. Lupin enquanto a classe aplaudia com entusiasmo. – Excelente, Neville. Muito bem, pessoal... Deixe-me ver... cinco pontos para a Grifinória para cada pessoa que enfrentou o bicho-papão... dez para Neville porque ele o enfrentou duas vezes e cinco para Harry e para Hermione.

– Mas eu não fiz nada – protestou Harry.

– Você e Hermione responderam às minhas perguntas corretamente no início da aula, Harry – respondeu Lupin gentilmente. – Muito bem, pessoal, foi uma aula excelente. Dever de casa: por favor leiam o capítulo sobre os bichos-papões e façam um resumo para me entregar... na segunda-feira. E por hoje é só.

Falando agitados, os alunos deixaram a sala dos professores. Harry, porém, não estava se sentindo muito animado. O Prof. Lupin intencionalmente o impedira de enfrentar o bicho-papão. Por quê? Teria sido porque vira Harry desmaiar no trem e achava que ele não seria capaz? Teria pensado que ele ia desmaiar de novo?

Mas ninguém mais pareceu ter estranhado nada.

– Você me viu enfrentar aquele espírito agourento? – perguntava Simas aos gritos.

– E a mão! – disse Dino, agitando a própria mão no ar.

– E o Snape naquele chapéu!

– E a minha múmia?

– Por que será que o Prof. Lupin tem medo de bolas de cristal? – indagou Lilá, pensativa.

– Essa foi a melhor aula de Defesa Contra as Artes das Trevas que já tivemos, vocês não acham? – disse Rony excitado quando refaziam o caminho até a sala de aula para apanhar as mochilas.

– Ele parece um bom professor – comentou Hermione em tom de aprovação. – Mas eu gostaria de ter podido enfrentar o bicho-papão...

– O que ele teria sido para você? – perguntou Rony dando risadinhas. – Um dever de casa que só mereceu nota nove?

— CAPÍTULO OITO —

A fuga da Mulher Gorda

Não demorou nada e a Defesa Contra as Artes das Trevas se tornou a matéria favorita da maioria dos estudantes. Somente Draco Malfoy e sua patota de alunos da Sonserina tinham alguma coisa de ruim a dizer do Prof. Lupin.

– Olha só as vestes dele – Malfoy diria num sussurro bem audível quando o professor passava. – Ele se veste como um velho elfo doméstico.

Mas ninguém mais se importava se as vestes de Lupin eram remendadas e esfiapadas. Suas aulas seguintes tinham sido tão interessantes quanto a primeira. Depois dos bichos-papões, eles estudaram os “barretes vermelhos”, criaturinhas malfazejas que lembravam duendes e rondavam os lugares onde houvera derramamento de sangue – masmorras de castelos e valas dos campos de batalha desertos – à espera de abater a porrete os que se perdiam. Dos barretes vermelhos eles passaram aos *kappas*, seres rastejantes das águas, que lembravam macacos com escamas, palmípedes cujas mãos comichavam para estrangular os banhistas desavisados que penetravam seus domínios.

Harry só desejava que fosse tão feliz com outras matérias. A pior delas era Poções. Snape andava com uma disposição bem vingativa ultimamente, e ninguém tinha dúvidas do que motivara isso. A história do bicho-papão que assumira a forma dele, e a maneira com que Neville o vestira com as roupas da avó, correra a escola como fogo espontâneo. Snape não parecia ter achado graça. Seus olhos faiscavam ameaçadoramente à simples menção do nome de Lupin e ele andava implicando com Neville mais do que nunca.

Harry também estava começando a temer as horas que passava na sala sufocante da Profª Sibila, decifrando formas e símbolos enviesados, tentando fingir que não via os olhos da professora se encherem de lágrimas todas as vezes que olhava para ele. Não conseguia gostar de Sibila, embora ela fosse tratada, por muitos alunos da turma, com um respeito que beirava a reverência. Parvati

Patil e Lilá Brown passaram a rondar a torre da professora na hora do almoço, e sempre voltavam com irritantes ares de superioridade, como se soubessem de coisas que os outros desconheciam. Tinham começado também a usar um tom de voz abafado sempre que falavam com Harry, como se estivessem em seu velório.

Ninguém gostava realmente de Trato das Criaturas Mágicas que, depois da primeira aula repleta de ação, tornara-se extremamente monótona. Hagrid parecia ter perdido a confiança em si mesmo. Os alunos agora passavam aula após aula aprendendo a cuidar de vermes, que eram uma das espécies de bichos mais chatas que existem no mundo, e não era por acaso.

– Por que alguém *se daria o trabalho* de cuidar deles?! – exclamou Rony, depois de mais de uma hora enfiando alface fresca picada pela goela escorregadia dos vermes.

No início de outubro, porém, Harry teve algo com que se ocupar, algo tão prazeroso que mais do que compensou as aulas chatas. A temporada de quadribol se aproximava e Olívio Wood, capitão do time da Grifinória, convocou uma reunião para uma noite de quinta-feira com a finalidade de discutirem as táticas que adotariam na nova temporada.

Havia sete jogadores num time de quadribol: três artilheiros, cuja função é marcar *gols* fazendo a goles (uma bola vermelha do tamanho de uma bola de futebol) passar por um aro no alto de uma baliza de quinze metros de altura fincada em cada extremidade do campo; dois batedores, armados com pesados bastões para repelir os balaços (duas bolas pretas maciças que voavam para todos os lados tentando atacar os jogadores); um goleiro, que defendia as balizas e um apanhador, que tinha a função mais difícil de todas, a de capturar o pomo de ouro, uma bolinha alada do tamanho de uma noz, cuja captura encerrava o jogo, e garantia para o time do apanhador cento e cinquenta pontos a mais.

Olívio era um rapaz forte de dezessete anos, agora no sétimo e último ano de Hogwarts. Tinha uma espécie de desespero silencioso na voz quando se dirigiu aos seis companheiros de equipe nos gelados vestiários, localizados nas pontas do campo de quadribol, agora quase escuro.

– Esta é a nossa última chance, *minha* última chance, de ganhar a Taça de Quadribol – disse andando para lá e para cá diante dos colegas. – Vou-me embora no fim deste ano. Nunca mais terei outra oportunidade.

“Grifinória não ganha a taça há sete anos. Tudo bem, tivemos o maior azar do mundo, acidentes, depois o cancelamento do torneio no ano passado...”, Olívio engoliu em seco como se aquela lembrança ainda lhe desse um nó na garganta. “Mas também sabemos que temos *o time – melhor – mais irado – da escola”*, disse ele, dando um soco na palma da mão, o velho brilho obsessivo nos olhos.

“Temos três artilheiros da *melhor qualidade*.”

Olívio apontou para Alícia Spinnet, Angelina Johnson e Katie Bell.
– Temos dois batedores *imbatíveis*.
– Pode parar, Olívio, você está encabulando a gente – disseram Fred e Jorge juntos, fingindo corar.
– E temos um apanhador que até hoje nunca *deixou de nos levar à vitória nas partidas que jogamos*! – falou Olívio em tom retumbante, encarando Harry com uma espécie de orgulho ardoroso. – E temos a mim – acrescentou, pensando melhor.
– Nós também achamos você muito bom, Olívio – disse Jorge.
– Um goleiro do caramba! – disse Fred.
– A questão é – continuou Olívio retomando a caminhada – que a Taça de Quadribol devia ter tido o nome do nosso time gravado, nesses dois últimos anos. Desde que Harry se juntou a nós, achei que a taça já estava no papo. Mas não ganhamos, e este ano é a última chance que teremos de finalmente ver o nosso nome na taça...
Olívio falou tão desolado que até Fred e Jorge o olharam com simpatia.
– Olívio, este ano é o nosso ano – animou-o Fred.
– Vamos conseguir, Olívio! – disse Angelina.
– Sem a menor dúvida – confirmou Harry.
Cheio de determinação, o time começou os treinos, três noites por semana. O tempo estava ficando mais frio e mais úmido, as noites mais escuras, mas não havia lama nem vento nem chuva que pudesse empanar a visão maravilhosa de Harry de finalmente ganhar a enorme Taça de Quadribol de prata.
Harry voltou à sala comunal da Grifinória certa noite depois do treino, enregelado, os músculos endurecidos, mas satisfeito com o aproveitamento do treino, e encontrou a sala mergulhada num vozerio excitado.
– Que foi que aconteceu? – perguntou ele a Rony e Hermione, que estavam sentados em duas das melhores poltronas ao lado da lareira terminando uns mapas estelares para a aula de Astronomia.
– Primeiro fim de semana em Hogsmeade – respondeu Rony, apontando para uma nota que aparecera no escalavrado quadro de avisos. – Fim de outubro. Dia das Bruxas.
– Ótimo – comentou Fred que seguira Harry na passagem pelo buraco do quadro. – Preciso visitar a Zonko’s. Meus chumbinhos fedorentos estão quase no fim.
Harry se atirou em uma cadeira ao lado de Rony, sua animação esfriando. Hermione pareceu ler seus pensamentos.
– Harry, tenho certeza de que você vai poder ir na próxima visita – disse a garota. – Vão acabar pegando o Black logo. Ele já foi avistado uma vez.

– Black não é louco de tentar alguma coisa em Hogsmeade – argumentou Rony. – Pergunte a McGonagall se você pode ir, Harry. A próxima vez talvez demore um tempão para acontecer...
– *Rony!* – exclamou a garota. – Harry tem que ficar *na escola*...
– Ele não pode ser o único aluno de terceiro ano que vai ficar – disse Rony. – Pergunta a McGonagall, anda, Harry...
– É, acho que vou perguntar – disse Harry se decidindo.
Hermione abriu a boca para protestar, mas naquele instante Bichento pulou com leveza em seu colo. Trazia uma enorme aranha morta pendurada na boca.
– Ele tem que comer isso na frente da gente? – perguntou Rony aborrecido.
– Bichento inteligente, você apanhou a aranha sozinho? – perguntou Hermione.
Bichento mastigou a aranha vagarosamente, os olhos amarelos fixos insolentemente em Rony.
– Vê se ao menos segura ele aí – disse Rony irritado, voltando a atenção para o seu mapa estelar. – Perebas está dormindo na minha mochila.
Harry bocejou. Queria realmente ir se deitar, mas ainda tinha o mapa para terminar. Puxou a mochila para perto, tirou um pergaminho, tinta e caneta e começou a trabalhar.
– Pode copiar o meu, se quiser – ofereceu Rony, escrevendo o nome da última estrela com um floreio e empurrando o mapa para Harry.
Hermione, que desaprovava colas, contraiu os lábios mas não disse nada. Bichento continuava a mirar Rony sem piscar, agitando a ponta do rabo peludo. Então, sem aviso, atacou.
– AI! – berrou Rony, agarrando a mochila na hora em que Bichento enterrava nela as garras das quatro patas e começava a sacudi-la furiosamente. – DÊ O FORA DAÍ SEU BICHO BURRO!
Rony tentou arrancar a mochila das garras de Bichento, mas o gato não a largava, bufando e unhando.
– Rony, não machuca ele! – gritou Hermione; toda a sala observava; Rony girou a mochila, Bichento continuou agarrado, e Perebas saiu voando pela abertura...
– SEGURE ESSE GATO! – berrou Rony quando Bichento se desvencilhou dos restos da mochila e saltou para a mesa perseguindo o aterrorizado Perebas.
Jorge Weasley deu um salto na direção de Bichento mas errou; Perebas disparou entre vinte pares de pernas e sumiu embaixo de uma velha cômoda. Bichento parou derrapando, se abaixou o mais que pôde nas pernas arqueadas e começou a fazer furiosas investidas com a pata dianteira no vão da cômoda.
Rony e Hermione correram para acudir; Hermione agarrou Bichento pelo

meio e carregou-o para longe; Rony se atirou no chão de barriga para baixo e, com grande dificuldade, puxou Perebas para fora pelo rabo.

– Olha só para ele! – gritou o garoto furioso para Hermione, balançando Perebas diante da amiga. – Está pele e osso! Segura esse gato longe dele!

– Bichento não entende que isso é errado! – defendeu-o Hermione, a voz trêmula. – Todos os gatos caçam ratos, Rony!

– Tem uma coisa esquisita nesse animal! – acusou Rony, que estava tentando persuadir um Perebas, que se contorcia freneticamente, a voltar para dentro do seu bolso. – Ele me ouviu dizer que Perebas estava na mochila!

– Ah, deixa de bobagem – retrucou a garota. – Bichento sabe farejar, Rony, de que outro modo você acha...

– Esse gato está perseguindo o Perebas! – disse Rony, fingindo não ver os colegas em volta, que começavam a dar risadinhas abafadas. – E Perebas estava aqui primeiro, *e* está doente!

Rony atravessou a sala decidido e desapareceu na subida da escada para os dormitórios dos garotos.

Rony continuou de mal com Hermione no dia seguinte. Quase não falou com a garota durante a aula de Herbologia, embora ele, Harry e Hermione estivessem trabalhando juntos na mesma tarefa.

– Como é que vai o Perebas? – perguntou Hermione timidamente enquanto colhiam gordas vagens rosadas das plantas e esvaziavam seus feijões luzidios em um balde de madeira.

– Está escondido no fundo da minha cama tremendo – respondeu Rony com raiva, errando o balde e espalhando feijões pelo chão da estufa.

– Cuidado, Weasley, cuidado! – exclamou a Profª Sprout quando os feijões desabrocharam diante dos olhos de todos.

A aula seguinte era Transfiguração. Harry, que resolvera perguntar à Profª McGonagall depois da aula se podia ir a Hogsmeade com os colegas, entrou na fila do lado de fora da sala tentando decidir como é que iria defender o seu caso. Foi distraído, porém, por uma confusão no início da fila.

Pelo jeito, Lilá Brown estava chorando. Parvati abraçava-a, e explicava algo a Simas e Dino, que pareciam muito sérios.

– Que foi que aconteceu, Lilá? – perguntou Hermione, ansiosa, quando ela, Harry e Rony se reuniram ao grupo.

– Ela recebeu uma carta de casa hoje de manhã – sussurrou Parvati. – Foi o coelho dela, Bínqui. Foi morto por uma raposa.

– Ah – disse Hermione –, sinto muito, Lilá.

– Eu devia ter imaginado! – exclamou Lilá, tragicamente. – Você sabe que dia

é hoje?
– Hum...
– Dezesseis de outubro! “Essa coisa que você receia, vai acontecer na sexta-feira, 16 de outubro!” Lembram? Ela estava certa, ela estava certa!
A turma inteira agora rodeava Lilá. Simas sacudia a cabeça, sério. Mione hesitou; em seguida perguntou:
– Você receava que Bínqui fosse morto por uma raposa?
– Bem, não necessariamente por uma *raposa* – respondeu Lilá, erguendo os olhos, dos quais as lágrimas escorriam sem parar –, mas *obviamente* eu receava que ele morresse, não é?
– Ah! – exclamou Hermione. Ela fez outra pausa. E depois: – Bínqui era um coelho *velho*?
– N... não! – soluçou Lilá. – A... ainda era um bebezinho!
Parvati apertou o abraço que dava em Lilá.
– Mas, então, por que você tinha receio que ele morresse? – perguntou Hermione.
Parvati fez uma cara feia para a colega.
– Bem, vamos encarar isso logicamente – falou Hermione, virando-se para o restante do grupo. – Quero dizer, Bínqui nem ao menos morreu hoje, não é? Lilá foi que recebeu a notícia hoje... – Lilá abriu um berreiro – e ela *não podia* estar receando isso, porque a notícia foi um choque para ela...
– Não ligue para Hermione, Lilá – disse Rony em voz alta –, ela não acha que os bichos de estimação dos outros têm muita importância.
A Profª Minerva abriu a porta da sala de aula naquele momento, o que talvez tenha sido uma sorte; Hermione e Rony estavam se fuzilando com os olhos e quando entraram na sala se sentaram um de cada lado de Harry, e passaram a aula inteira sem se falar.
Harry ainda não decidira o que ia dizer à professora quando a sineta tocou anunciando o fim da aula, mas foi ela quem levantou o assunto de Hogsmeade primeiro.
– Um momento, por favor! – pediu quando a turma se preparava para sair. – Como vocês todos fazem parte da minha Casa, deverão entregar os formulários de autorização para ir a Hogsmeade a mim, antes do Dia das Bruxas. Sem formulário não há visita, por isso não se esqueçam.
Neville levantou a mão.
– Por favor, professora, eu... eu acho que perdi...
– Sua avó mandou o seu diretamente a mim, Longbottom – disse Minerva. – Parece que ela achou mais seguro. Bem, é só isso, podem ir.
– Pergunta a ela agora – sibilou Rony a Harry.

– Ah, mas... – começou Hermione.
– Manda ver – disse Rony insistindo.
Harry esperou o resto da turma desaparecer e se dirigiu, nervoso, à escrivaninha da professora.
– Que foi, Potter?
Harry inspirou profundamente.
– Professora, minha tia e meu tio... hum... se esqueceram de assinar a minha autorização.
A Profª Minerva olhou-o por cima dos óculos quadrados e não disse nada.
– Então... hum... a senhora acha que haveria algum problema... quero dizer, que estaria OK se eu... se eu fosse a Hogsmeade?
Minerva baixou os olhos e começou a mexer nos papéis em cima da escrivaninha.
– Receio que não, Potter. Você ouviu o que eu disse. Não tem formulário, não tem visita ao povoado. Essa é a regra.
– Mas, professora, minha tia e meu tio... a senhora sabe, eles são trouxas, não entendem realmente para que servem... os formulários de Hogwarts e outras coisas daqui – explicou Harry, enquanto Rony o animava a prosseguir com vigorosos acenos de cabeça. – Se a senhora disser que eu posso ir...
– Mas eu não vou dizer – falou a professora se levantando e arrumando os papéis na gaveta. – O formulário diz claramente que o pai ou guardião precisa dar permissão. – Minerva se virou para olhá-lo, com uma estranha expressão no rosto. Seria pena? – Sinto muito, Potter, mas esta é a minha palavra final. É melhor você se apressar ou vai se atrasar para a próxima aula.

Não restava nada a fazer. Rony xingou a Profª Minerva de uma porção de nomes, o que deixou Hermione muito aborrecida; a garota assumiu um ar de “foi-melhor-assim” que fez Rony ficar com mais raiva e Harry teve que suportar os colegas na aula discutindo, alegres e em altas vozes, o que iam fazer primeiro, quando chegassem a Hogsmeade.
– Sempre tem a festa – disse Rony, num esforço para animar Harry. – Sabe, a festa do Dia das Bruxas, à noite.
– Sei – respondeu Harry, deprimido –, que ótimo.
A festa do Dia das Bruxas era sempre boa, mas teria um sabor muito melhor se fosse depois de uma visita a Hogsmeade com os colegas. Nada que ninguém disse fez Harry se sentir melhor com relação à ideia de ser deixado para trás. Dino Thomas, que era jeitoso com uma caneta, se oferecera para falsificar a assinatura do tio Válter no formulário, mas como Harry já dissera à Profª

Minerva que os tios não haviam assinado, não adiantava nada. Rony, meio desanimado, sugeriu a Capa da Invisibilidade, mas Hermione eliminou essa possibilidade, lembrando a Rony que Dumbledore avisara que os dementadores podiam ver através da capa. Possivelmente foi Percy quem disse as palavras que menos consolaram.

– O pessoal faz um estardalhaço sobre Hogsmeade, mas eu garanto, Harry, o povoado não é tão fantástico quanto dizem – falou ele, sério. – Tudo bem, a loja de doces é bastante boa e a Zonko's – Logros e Brincadeiras é francamente perigosa e, ah, sim, a Casa dos Gritos sempre vale a pena visitar, mas, verdade, Harry, tirando isso, você não vai perder nada.

Na manhã do Dia das Bruxas, Harry acordou com os colegas e desceu para tomar café, sentindose totalmente arrasado, embora se esforçasse ao máximo para agir normalmente.

– Vamos lhe trazer um monte de doces da Dedosdemel – prometeu Hermione, sentindo uma pena desesperada do amigo.

– É, montes – concordou Rony. Ele e Hermione tinham finalmente esquecido a briga por causa do Bichento diante do descontentamento de Harry.

– Não se preocupem comigo – disse Harry, no que ele imaginava ser uma voz displicente. – Vejo vocês na festa. Divirtam-se.

Ele acompanhou os amigos até o saguão da escola, onde Filch, o zelador, estava postado à porta de entrada, verificando se os nomes constavam de uma longa lista, examinando cada rosto cheio de desconfiança, e certificando-se de que ninguém que não devia ir estivesse saindo escondido da escola.

– Vai ficar na escola, Potter? – gritou Malfoy, que estava na fila com Crabbe e Goyle. – Medinho de passar pelos dementadores?

Harry não lhe deu atenção e se dirigiu, solitário, para a escadaria de mármore, seguiu pelos corredores desertos e voltou à Torre da Grifinória.

– Senha? – perguntou a Mulher Gorda, acordando assustada de um cochilo.

– Fortuna Major – disse Harry apático.

O retrato se afastou e ele passou pelo buraco que levava à sala comunal. Estava repleto de alunos do primeiro e segundo anos que tagarelavam e de alguns alunos mais velhos, que obviamente já tinham visitado Hogsmeade tantas vezes que a novidade se desgastara.

– Harry! Harry! Oi, Harry!

Era Colin Creevey, um colega do segundo ano que tinha uma profunda admiração por Harry e nunca perdia uma oportunidade de falar com o seu ídolo.

– Você não vai a Hogsmeade, Harry? Por que não? Ei – Colin olhou com ansiedade para os amigos –, pode vir se sentar conosco, se quiser, Harry!

– Hum... não, obrigado, Colin – disse Harry que não estava a fim de ter um bandão de gente olhando, curiosa, para a cicatriz em sua testa. – Tenho... tenho que ir à biblioteca, preciso fazer um trabalho.

Depois disso, ele não teve escolha senão dar meia-volta e se dirigir ao buraco do retrato para sair.

– Para o que foi então que me acordou? – comentou, rabugenta, a Mulher Gorda quando ele, depois de passar, foi se afastando.

Harry caminhou, desalentado, em direção à biblioteca, mas no meio do caminho mudou de ideia; não estava com vontade de trabalhar. Deu meia-volta e deparou com Filch, que obviamente acabara de despachar o último visitante para Hogsmeade.

– Que é que você está fazendo? – rosnou Filch, desconfiado.

– Nada – respondeu Harry com sinceridade.

– Nada! – bufou Filch, a queixada tremendo desagradavelmente. – Que coisa improvável! Andando, sorrateiro, sozinho, por que é que você não está em Hogsmeade comprando chumbinho fedorento, pó de arroto e minhocas de apito como os seus outros amiguinhos intragáveis?

Harry sacudiu os ombros.

– Muito bem, volte para sua sala comunal que é o seu lugar! – mandou Filch, com rispidez e ficou parado olhando até Harry desaparecer de vista.

Mas o garoto não voltou à sala comunal; ele subiu uma escada, pensando vagamente em visitar o corujal para ver Edwiges, e estava andando por outro corredor quando uma voz que vinha de uma das salas o chamou:

– Harry?

O garoto se virou para ver quem o chamara e deparou com o Prof. Lupin, que espiava para os lados à porta de sua sala.

– Que é que você está fazendo? – perguntou Lupin, embora num tom de voz diferente do de Filch. – Onde estão Rony e Hermione?

– Hogsmeade – respondeu Harry num tom que ele pretendia que fosse descontraído.

– Ah – comentou Lupin. Ele observou o garoto por um momento. – Por que você não entra? Estive aguardando a entrega de um *grindylow* para a nossa próxima aula.

– De um o quê? – perguntou Harry.

Ele entrou na sala de Lupin com o professor. A um canto havia uma enorme caixa de água. Um bicho de cor verde-bile e chifrinhos pontiagudos comprimia a cara contra o vidro, fazendo caretas e agitando os dedos longos e afilados.

– Demônio aquático – explicou Lupin, examinando o *grindylow* pensativamente. – Não deve nos dar muito trabalho, não depois dos *kappas*. O

truque é deixar as mãos deles sem ação. Reparou nos dedos anormalmente compridos? Fortes mas muito quebradiços.

O *grindylow* arreganhou os dentes verdes e em seguida se enterrou num emaranhado de ervas a um canto.

– Xícara de chá? – ofereceu Lupin, procurando a chaleira. – Eu estava mesmo pensando em preparar uma.

– Tudo bem – aceitou Harry sem jeito.

Lupin deu alguns golpes de varinha na chaleira e na mesma hora saiu do bico uma baforada de vapor quente.

– Sente-se – convidou Lupin, tirando a tampa de uma lata empoeirada. – Receio que só tenha chá em saquinhos... mas eu diria que você já bebeu chá em folhas que chegue.

Harry olhou para ele. Os olhos do professor cintilavam.

– Como foi que o senhor soube disso? – perguntou Harry.

– A Profª McGonagall me contou – respondeu Lupin, passando a Harry uma caneca lascada cheia de chá. – Você não está preocupado, está?

– Não.

Por um instante Harry pensou em contar a Lupin a história do cão que ele vira na rua Magnólia mas decidiu não fazê-lo. Não queria que Lupin pensasse que era covarde, principalmente porque o professor já parecia pensar que ele não era capaz de enfrentar um bicho-papão.

Alguma coisa dos pensamentos de Harry devia ter transparecido em seu rosto, porque Lupin perguntou:

– Tem alguma coisa preocupando-o, Harry?

– Não – mentiu o garoto. Depois, bebeu um pouco de chá observando o *grindylow* que o ameaçava com o punho. – Tem – disse ele de repente, pousando a xícara de chá na mesa do professor. – O senhor se lembra daquele dia em que lutamos contra o bicho-papão?

– Claro.

– Por que o senhor não me deixou enfrentar o bicho? – perguntou Harry abruptamente.

Lupin ergueu as sobrancelhas.

– Eu teria pensado que isto era óbvio, Harry – disse ele parecendo surpreso.

Harry, que esperara que o professor negasse ter feito uma coisa dessas, ficou perplexo.

– Por quê? – tornou ele a perguntar.

– Bem – falou Lupin, franzindo de leve a testa –, presumi que se o bicho-papão o enfrentasse, ele assumiria a forma de Lorde Voldemort.

Harry arregalou os olhos. Não somente esta era a última resposta que poderia

esperar, como também Lupin dissera o nome de Voldemort. A única pessoa que Harry já ouvira dizer esse nome em voz alta (além dele próprio) fora o Prof. Dumbledore.

– Pelo visto eu me enganei – desculpou-se o professor, ainda franzindo a testa. – Mas eu não achei uma boa ideia Lorde Voldemort se materializar na sala dos professores. Imaginei que os alunos entrariam em pânico.

– Logo no começo, eu realmente pensei em Voldemort – disse Harry honestamente. – Mas depois, eu... eu me lembrei daqueles dementadores.

– Entendo – falou o professor, pensativo. – Bem, bem... Estou impressionado. – Ele sorriu brevemente ao ver a expressão de surpresa no rosto do garoto. – Isto sugere que o que você mais teme é o medo. Muito sensato, Harry.

Harry não soube o que dizer ao professor, por isso bebeu mais chá.

– Então você andou pensando que eu não acreditava que você tivesse capacidade para enfrentar o bicho-papão? – perguntou Lupin astutamente.

– Bem... é. – Harry de repente estava se sentindo muito mais feliz. – Prof. Lupin, o senhor sabe que os dementadores...

O garoto foi interrompido por uma batida na porta.

– Entre – convidou o professor.

A porta se abriu e Snape entrou. Trazia um cálice ligeiramente fumegante e parou, apertando os olhos negros, ao ver Harry.

– Ah, Severo – exclamou Lupin sorridente. – Muito obrigado. Podia deixar aí na mesa para mim?

Snape pousou o cálice fumegante, os olhos indo de Harry para Lupin.

– Eu estava mostrando a Harry o meu *grindylow* – disse Lupin em tom agradável, indicando o tanque de água.

– Fascinante – comentou Snape sem sequer olhar para o tanque. – Você devia beber isso logo, Lupin.

– É, é, vou beber.

– Fiz um caldeirão cheio – continuou Snape. – Se precisar de mais...

– Provavelmente eu deveria tomar mais um pouco amanhã. Muito obrigado, Severo.

– De nada – disse o colega, mas havia uma expressão em seus olhos que não agradou a Harry. O professor se retirou de costas para a porta, sem sorrir, vigilante.

Harry olhou, curioso, para o cálice. Lupin sorriu.

– O Prof. Snape teve a bondade de preparar esta poção para mim – explicou ele. – Nunca fui um bom preparador de poções e esta aqui é particularmente complexa. – Ele apanhou o cálice e cheirou-o. – É pena que o açúcar estrague o efeito da poção – acrescentou, tomando um golinho e estremecendo.

– Por quê...? – começou Harry. Lupin olhou para ele e respondeu à pergunta incompleta.

– Tenho me sentido meio indisposto. Esta poção é a única coisa que me ajuda. Tenho a sorte de estar trabalhando ao lado do Prof. Snape; não há muitos bruxos que saibam prepará-la.

O professor tomou mais um golinho e Harry teve um desejo incontrolável de derrubar o cálice de suas mãos.

– O Prof. Snape é muito interessado nas Artes das Trevas – disse o garoto sem pensar.

– É mesmo? – admirou-se Lupin, parecendo apenas levemente interessado, enquanto tomava mais um gole.

– Tem gente que supõe que ele faria qualquer coisa para ocupar o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas.

Lupin esvaziou o cálice e fez uma careta.

– Horrível – disse. – Bem, Harry, é melhor eu voltar ao trabalho. Vejo você mais tarde na festa.

– Certo – concordou Harry, deixando na mesa sua xícara vazia.

O cálice vazio continuava a fumegar.

– Segura aí! – exclamou Rony. – Compramos o máximo que podíamos carregar.

Uma chuva de doces intensamente coloridos caiu no colo de Harry. Anoitecia e Rony e Hermione tinham acabado de chegar à sala comunal, as faces rosadas do vento frio e a expressão de que tinham se divertido como nunca.

– Obrigado – disse Harry, pegando um pacote de minúsculos Diabinhos de Pimenta. – Como é que é Hogsmeade? Aonde é que vocês foram?

Pelo que diziam... a todos os lugares. Dervixes & Bangues, a loja de equipamento de bruxaria, Zonko's – Logros e Brincadeiras, no Três Vassouras para tomar canecas espumantes de cerveja quente amanteigada, e outros tantos lugares.

– O Correio, Harry! Umas duzentas corujas, todas pousadas em prateleiras, todas com código de cores dependendo da urgência com que você quer que a carta chegue!

– A Dedosdemel tem um novo tipo de *fudge*; estavam distribuindo amostras grátis, olha aí um pedacinho, olha...

– *Achamos* que vimos um ogro, juro, tem gente de todo o tipo no Três Vassouras...

– Gostaria que a gente pudesse ter trazido cerveja amanteigada para você, esquenta para valer...

– Que foi que você ficou fazendo? – perguntou Hermione, com ar preocupado.

– Terminou algum dever?
– Não – respondeu Harry. – Lupin preparou uma xícara de chá para mim na sala dele. Então Snape entrou...
E Harry contou aos amigos tudo sobre o cálice. Rony ficou boquiaberto.
– *E Lupin bebeu?* Ele é maluco?
Hermione consultou o relógio de pulso.
– É melhor descermos, sabe, a festa vai começar dentro de cinco minutos... – Os três atravessaram depressa o buraco do retrato e se misturaram à aglomeração de alunos, ainda discutindo Snape.
– Mas se ele... sabe... – Hermione baixou a voz, olhando, nervosa, para os lados – se ele *estivesse* tentando... envenenar Lupin... não teria feito isso na frente de Harry.
– É, talvez – disse Harry quando chegavam ao saguão de entrada e o atravessavam para entrar no Salão Principal. Este fora decorado com centenas de abóboras iluminadas por dentro com velas, uma nuvem de morcegos, muitas serpentinas laranja vivo que esvoaçavam lentamente pelo teto tempestuoso como parecendo luzidias cobras de água.
A comida estava deliciosa; até Hermione e Rony, que já vinham empanturrados de doces da Dedosdemel, arranjaram lugar para repetir. Harry olhava constantemente para a mesa dos professores. O Prof. Lupin parecia alegre e o mais saudável possível; conversava animadamente com o miúdo Flitwick, professor de Feitiços. O olhar de Harry percorreu a mesa até o lugar que Snape ocupava. Seria sua imaginação ou os olhos de Snape cintilavam na direção de Lupin com mais frequência do que seria natural?
A festa terminou com um espetáculo apresentado pelos fantasmas de Hogwarts. Eles saltavam de repente das paredes e dos tampos das mesas e voavam em formação; Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Grifinória, fez grande sucesso com uma encenação de sua própria decapitação incompleta.
Foi uma noite tão agradável que o bom humor de Harry sequer foi afetado quando Malfoy gritou no meio dos colegas, quando deixavam o salão:
– Os dementadores mandaram lembranças, Potter!
Harry, Rony e Hermione acompanharam os colegas da Grifinória pelo caminho habitual para a sua Torre, mas quando chegaram ao corredor que terminava no retrato da Mulher Gorda, encontraram-no engarrafado pelos alunos.
– Por que ninguém está entrando? – perguntou Rony, curioso.
Harry espiou por cima das cabeças à sua frente. Aparentemente o retrato estava fechado.
– Me deixem passar – ouviu-se a voz de Percy, que passou cheio de

importância e eficiência pelo ajuntamento. – Qual é o motivo da retenção aqui? Não é possível que todos tenham esquecido a senha, com licença, sou o monitor-chefe...

E então foi baixando um silêncio sobre os alunos a começar pelos que estavam na frente, dando a impressão de que uma friagem se espalhava pelo corredor. Eles ouviram Percy dizer, numa voz repentinamente alta e esganiçada:

– Alguém vai chamar o Prof. Dumbledore. Depressa.

As cabeças dos alunos se viraram; os que estavam atrás se esticaram nas pontas dos pés.

– Que é que está acontecendo? – perguntou Gina, que acabara de chegar.

Instantes depois, o Prof. Dumbledore chegou deslizando, imponente, em direção ao retrato; os alunos da Grifinória se comprimiram para deixá-lo passar, e Harry, Rony e Hermione se aproximaram para ver qual era o problema.

– Essa, não... – a garota agarrou o braço de Harry.

A Mulher Gorda desaparecera do retrato, que fora cortado com tanta violência que as tiras de tela se amontoavam no chão; grandes pedaços do retrato haviam sido completamente arrancados.

Dumbledore deu uma olhada rápida no retrato destruído, virou-se, o olhar sombrio, e viu os professores McGonagall, Lupin e Snape que vinham, apressados, ao seu encontro.

– Precisamos encontrá-la – disse Dumbledore. – Profª McGonagall, por favor localize o Sr. Filch imediatamente e diga-lhe que procure a Mulher Gorda em todos os quadros do castelo.

– Vai precisar de sorte! – disse uma voz gargalhante.

Era Pirraça, o *poltergeist*, sobrevoando professores e alunos, encantado, como sempre, à vista de desastres e preocupações.

– Que é que você quer dizer com isso, Pirraça? – perguntou Dumbledore calmamente e o sorriso do *poltergeist* empalideceu um pouco. Ele não se atrevia a atormentar o diretor. Em vez disso, adotou uma voz untuosa que não era nada melhor do que a sua gargalhada escandalosa.

– Vergonha, Sr. Diretor. Não quer ser vista. Está horrorosa. Eu a vi correndo por uma paisagem no quarto andar, Sr. Diretor, se escondendo entre as árvores. Chorando de cortar o coração – informou ele, satisfeito. – Coitada – acrescentou em tom pouco convincente.

– Ela disse quem foi que fez isso? – perguntou Dumbledore em voz baixa.

– Ah, disse, Sr. Diretor – respondeu Pirraça com ar de quem carrega uma grande bomba nos braços. – Ele ficou furioso porque ela não quis deixá-lo entrar, entende. – Pirraça deu uma cambalhota no ar e sorriu para Dumbledore entre as próprias pernas. – Tem um gênio danado, esse tal de Sirius Black.

— CAPÍTULO NOVE —

A amarga derrota

O Prof. Dumbledore mandou todos os alunos da Grifinória voltarem ao Salão Principal, onde foram se reunir a eles, dez minutos depois, os alunos da Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina, todos parecendo extremamente atordoados.

– Os professores e eu precisamos fazer uma busca meticulosa no castelo – disse o diretor aos alunos quando os professores McGonagall e Flitwick fecharam as portas do salão que davam para o saguão. – Receio que, para sua própria segurança, vocês terão que passar a noite aqui. Quero que os monitores montem guarda nas saídas para o saguão e vou encarregar o monitor e a monitora-chefes de cuidarem disso. Eles devem me informar imediatamente qualquer perturbação que haja – acrescentou Dumbledore dirigindo-se a Percy, que assumiu um ar de enorme orgulho e importância. – Mande um dos fantasmas me avisar.

O Prof. Dumbledore parou, quando ia deixando o salão, e disse:

– Ah, sim, vocês vão precisar...

Com um gesto displicente da varinha, as longas mesas se deslocaram para junto das paredes e, com um outro toque, o chão ficou coberto por centenas de fofos sacos de dormir de cor roxa.

– Durmam bem – disse o Prof. Dumbledore, fechando a porta ao passar.

O salão imediatamente começou a zumbir com as vozes excitadas dos alunos; os da Grifinória contavam ao resto da escola o que acabara de acontecer.

– Todos dentro dos sacos de dormir! – gritou Percy. – Andem logo e chega de conversa! As luzes vão ser apagadas dentro de dez minutos!

– Vamos, gente – disse Rony a Harry e Hermione; e eles apanharam três sacos de dormir e os arrastaram para um canto.

– Vocês acham que Black ainda está no castelo? – cochichou Hermione, ansiosa.

– É óbvio que Dumbledore acha que ele ainda pode estar – respondeu Rony.
– É uma sorte ele ter escolhido esta noite, sabem – comentou Hermione quando entravam, completamente vestidos, nos sacos de dormir e apoiavam o corpo nos cotovelos para conversar. – A única noite em que não estávamos na Torre...
– Calculo que ele tenha perdido a noção do tempo, já que está fugindo – disse Rony. – Não percebeu que era Dia das Bruxas. Do contrário teria invadido o salão.
Hermione estremeceu.
A toda volta, os colegas se faziam a mesma pergunta: *Como foi que ele entrou?*
– Vai ver ele sabe "aparatar" – sugeriu uma aluna da Corvinal, próxima. – Aparece de repente, sabe, sem ninguém ver de onde.
– Provavelmente se disfarçou – disse um quintanista da Lufa-Lufa.
– Vai ver ele voou – sugeriu Dino Thomas.
– Francamente, será que eu fui a *única* pessoa que se deu ao trabalho de ler *Hogwarts: uma história*? – perguntou Hermione, zangada, a Rony e Harry.
– Provavelmente – disse Rony. – Por quê?
– Porque o castelo não está protegido só por *paredes*, sabem. Recebeu todo o tipo de feitiço, para impedir as pessoas de entrarem escondidas. Ninguém pode simplesmente aparatar aqui. E eu gostaria de ver qual é o disfarce que é capaz de enganar os dementadores. Eles estão guardando todas as entradas da propriedade. Teriam visto se Black entrasse voando. E Filch conhece todas as passagens secretas e os funcionários terão coberto todas...
– As luzes vão ser apagadas agora! – anunciou Percy. – Quero todo mundo dentro dos sacos de dormir, de boca calada!
Todas as velas se apagaram ao mesmo tempo. A única luz agora vinha dos fantasmas prateados, que flutuavam no ar em sérias conversas com os monitores, e do teto encantado, que reproduzia o céu estrelado lá fora. Com isso e mais os sussurros que continuavam a encher o salão, Harry se sentia como se estivesse dormindo ao ar livre, tocado por um vento suave.
De hora em hora, um professor aparecia no salão para verificar se estava tudo calmo. Por volta das três horas da manhã, quando muitos alunos tinham finalmente adormecido, o Prof. Dumbledore entrou no salão. Harry observou-o procurar por Percy, que estivera fazendo a ronda entre os sacos de dormir, ralhando com as pessoas que continuavam a conversar. O monitor-chefe estava a uma pequena distância de Harry, Rony e Hermione, que depressa fingiram estar dormindo ao ouvirem os passos de Dumbledore se aproximarem.
– Algum sinal dele, professor? – perguntou Percy num cochicho.

– Não. Está tudo bem aqui?
– Tudo sob controle, diretor.
– Ótimo. Não tem sentido transferir os alunos agora. Arranjei um guardião temporário para o buraco do retrato na Grifinória. Você poderá levá-los de volta amanhã.
– E a Mulher Gorda, diretor?
– Escondida em um mapa de Argyllshire no segundo andar. Aparentemente se recusou a deixar Black entrar sem a senha, então o bandido a atacou. Ela ainda está muito perturbada, mas assim que se acalmar, vou mandar Filch restaurá-la.
Harry ouviu a porta do salão se abrir mais uma vez, rangendo, e novos passos.
– Diretor? – Era Snape. Harry ficou muito quieto, prestando a maior atenção. – Todo o terceiro andar foi revistado. Ele não está lá. E Filch verificou as masmorras; não há ninguém, tampouco.
– E a torre da Astronomia? A sala da Profª Trelawney? O corujal?
– Tudo revistado...
– Muito bem, Severo. Eu não esperava realmente que Black se demorasse.
– O senhor tem alguma teoria sobre o modo com que ele entrou, professor? – perguntou Snape.
Harry levantou a cabeça um pouquinho para destampar a outra orelha.
– Muitas, Severo, cada uma mais improvável do que a outra.
Harry abriu os olhos minimamente e espiou para o lado onde os três se encontravam; Dumbledore estava de costas para ele, mas dava para ver o rosto de Percy inteiramente absorto e o perfil de Snape, que parecia zangado.
– O senhor se lembra da conversa que tivemos, diretor, antes... ah... do começo do ano letivo? – perguntou Snape, que mal abria os lábios para falar, como se quisesse impedir Percy de ouvir.
– Lembro, Severo – disse Dumbledore, e sua voz tinha um tom de aviso.
– Parece... quase impossível... que Black possa ter entrado na escola sem ajuda de alguém aqui dentro. Expressei minhas preocupações quando o senhor nomeou...
– Não acredito que uma única pessoa no castelo tenha ajudado Black a entrar – disse Dumbledore, e seu tom deixou tão claro que o assunto estava encerrado que Snape se calou. – Preciso descer para falar com os dementadores – disse Dumbledore. – Prometi que avisaria quando a nossa busca estivesse terminada.
– Eles não quiseram ajudar, diretor? – perguntou Percy.
– Ah, claro – disse Dumbledore com frieza. – Mas receio que nenhum dementador irá cruzar a soleira deste castelo enquanto eu for diretor.
Percy pareceu ligeiramente desconcertado. Dumbledore saiu do salão rápida e silenciosamente. Snape continuou parado um instante observando o diretor com

uma expressão de profundo rancor no rosto; em seguida também saiu.
Harry olhou de esguelha para Rony e Hermione. Os dois também tinham os olhos abertos nos quais se refletia o teto estrelado.
– De que é que eles estavam falando? – perguntou Rony, apenas com o movimento dos lábios.

Nos dias que se seguiram não se falou de mais nada na escola senão de Sirius Black. As teorias sobre o modo com que Black entrara no castelo se tornaram mais e mais delirantes; Ana Abbott, da Lufa-Lufa, passou a maior parte da aula conjunta de Herbologia, contando para quem quisesse ouvir que Black era capaz de se transformar em um arbusto florido.
A tela rasgada da Mulher Gorda fora retirada da parede e substituída pela pintura de Sir Cadogan e seu gordo pônei cinzento. Ninguém ficou muito feliz com a troca. O cavaleiro passava metade do tempo desafiando os garotos a duelar e no tempo restante inventava senhas ridiculamente complicadas, que ele trocava no mínimo duas vezes por dia.
– Ele é completamente doido – protestou Simas Finnigan, aborrecido, com Percy. – Será que não podiam nos dar outro?
– Nenhum dos outros quadros quis o lugar – disse Percy. – Se assustaram com o que aconteceu com a Mulher Gorda. Sir Cadogan foi o único que teve coragem suficiente para se voluntariar.
O cavaleiro, porém, era a menor das preocupações de Harry. Ele agora estava sendo vigiado de perto. Os professores procuravam desculpas para acompanhá-lo quando ele andava pelos corredores, e Percy Weasley (agindo, suspeitava Harry, por ordem da mãe) seguia-o a toda parte como um cão de guarda extremamente pomposo. Para completar, a Profª Minerva chamou Harry à sua sala, com uma expressão tão sombria no rosto que o garoto achou que alguém devia ter morrido.
– Não adianta lhe esconder isso por mais tempo, Potter – começou ela em tom muito sério. – Sei que vai ser um choque para você, mas Sirius Black...
– Eu sei, está querendo me pegar – disse Harry cansado. – Ouvi o pai de Rony contar à Sra. Weasley. O Sr. Weasley trabalha para o Ministério da Magia.
A professora pareceu muito espantada. Encarou Harry por um instante e em seguida falou:
– Entendo! Bem, neste caso, Potter, você vai compreender por que não acho uma boa ideia você treinar quadribol à noite. Lá fora no campo só com os outros jogadores, é muito exposto, Potter...
– O nosso primeiro jogo é agora no sábado! – exclamou Harry, indignado. – Preciso treinar, professora!

Minerva mirou-o com muita atenção. Harry conhecia o grande interesse da professora pelas perspectivas da equipe da Grifinória; afinal fora ela que o recomendara como apanhador, para início de conversa. Por isso aguardou, prendendo a respiração.

– Hum... – a Profª Minerva se levantou e contemplou pela janela o campo de quadribol, quase invisível na chuva. – Bem, Deus sabe que eu gostaria de nos ver ganhando finalmente a Taça... mas mesmo assim, Potter... eu ficaria mais satisfeita se um professor estivesse presente. Vou pedir à Madame Hooch para supervisionar os seus treinos.

O tempo foi piorando dia a dia, à medida que a primeira partida de quadribol se aproximava. Sem desanimar, a equipe da Grifinória treinava com mais vigor que nunca sob o olhar vigilante de Madame Hooch. Então, no último treino antes do jogo de sábado, Olívio Wood deu ao time uma notícia indesejável.

– Não vamos jogar com Sonserina! – disse aos companheiros, parecendo muito zangado. – Flint acabou de me procurar. Vamos jogar contra Lufa-Lufa.

– Por quê? – perguntou o restante do time em coro.

– A desculpa de Flint é que o braço do apanhador do time ainda está machucado – respondeu Olívio, rilhando furiosamente os dentes. – Mas é óbvio por que estão fazendo isto. Não querem jogar com tempo ruim. Acham que vai reduzir as chances deles...

Tinha ventado forte e chovido pesado o dia inteiro e mesmo enquanto Olívio falava ouvia-se o ronco distante do trovão.

– Não há *nada errado* com o braço do Malfoy! – disse Harry, furioso. – É tudo fingimento.

– Eu sei disso, mas não podemos provar – argumentou Olívio amargurado. – E temos treinado todos esses lances na suposição de que íamos jogar com Sonserina, e, em vez disso, será com Lufa-Lufa, que tem um estilo muito diferente. Agora eles estão com um capitão novo que também é o apanhador, Cedrico Diggory...

Angelina, Alícia e Katie tiveram um repentino acesso de risadinhas.

– Quê?! – exclamou Olívio, fechando a cara para esse comportamento alegre.

– É aquele alto e bonito, não é? – perguntou Angelina.

– Forte e caladão – concluiu Katie, e as três recomeçaram a rir.

– Ele só é caladão porque é burro demais para juntar duas palavras – comentou Fred, impaciente. – Não sei por que você está preocupado, Olívio, Lufa-Lufa é brincadeira de criança. Da última vez que jogamos com eles, Harry capturou o pomo em cinco minutos, não se lembram?

– Estávamos jogando em condições completamente diferentes! – gritou

Olívio, os olhos saltando ligeiramente das órbitas. – Diggory armou uma lateral muito forte! E é um excelente apanhador! Eu estava com medo que vocês fizessem essa leitura falsa! Não podemos relaxar! Temos que manter o nosso foco! Sonserina está tentando nos prejudicar! *Precisamos* ganhar!

– Olívio, vê se se acalma! – disse Fred, ligeiramente assustado. – Estamos levando Lufa-Lufa muito a sério. *Sério*.

Um dia antes da partida, o vento começou a uivar e a chuva a cair com mais força que nunca. Estava tão escuro nos corredores e salas de aula que foi preciso acender mais archotes e lanternas. Os jogadores do time da Sonserina estavam de fato com um ar muito presunçoso e Malfoy mais que todos.

– Ah, se ao menos meu braço estivesse um pouquinho melhor! – suspirava ele enquanto a tempestade lá fora açoitava as janelas.

Harry não tinha lugar na cabeça para se preocupar com coisa alguma exceto o jogo do dia seguinte. Olívio Wood não parava de correr para ele nos intervalos das aulas para lhe passar novas dicas. A terceira vez que isto aconteceu, Olívio falou tanto tempo que Harry, de repente, percebeu que se atrasara dez minutos para a aula de Defesa Contra as Artes das Trevas e saiu correndo com Olívio gritando atrás dele.

– Diggory muda de direção muito rápido, Harry, quem sabe você tenta cercá-lo...

Harry parou derrapando diante da classe de Defesa Contra as Artes das Trevas, abriu a porta e entrou correndo.

– Me desculpe o atraso, Prof. Lupin, eu...

Mas não foi Lupin quem levantou a cabeça para olhá-lo da escrivaninha do professor; foi Snape.

– A aula começou há dez minutos, Potter, por isso acho que vou tirar dez pontos da Grifinória. Sente-se.

Mas Harry não se mexeu.

– Onde está o Prof. Lupin? – perguntou.

– Ele disse que hoje está se sentindo mal demais para dar aula – respondeu Snape com um sorriso enviesado. – Acho que o mandei sentar-se?

Mas Harry continuou onde estava.

– Que é que ele está sentindo?

Os olhos negros de Snape reluziram.

– Nada que ameace a vida dele – disse, com cara de quem gostaria que assim fosse. – Cinco pontos a menos para Grifinória, e se eu tiver que pedir para você se sentar novamente, serão cinquenta.

Harry dirigiu-se lentamente ao seu lugar e se sentou. Snape olhou para a

turma.

– Como eu ia dizendo antes de ser interrompido por Potter, o Prof. Lupin não registrou os tópicos que já abordou até hoje...

– Professor, por favor, já estudamos os bichos-papões, os barretes vermelhos, os *kappas* e os *grindylows* – informou Hermione depressa –, e íamos começar...

– Fique calada – disse Snape friamente. – Não lhe pedi informação, estava apenas comentando a falta de organização do Prof. Lupin.

– Ele é o melhor professor de Defesa Contra as Artes das Trevas que já tivemos – falou Dino Thomas corajosamente, e ouviu-se um murmúrio de aprovação do resto da turma. Snape pareceu mais ameaçador que nunca.

– Vocês se satisfazem com muito pouco. Lupin não está puxando nada por vocês. Eu esperaria que alunos de primeiro ano já pudessem cuidar de barretes vermelhos e *grindylows*. Hoje vamos discutir...

Harry observou-o folhear o livro-texto até o último capítulo, que ele certamente sabia que a turma não poderia ter estudado.

– ... lobisomens – disse Snape.

– Mas, professor – protestou Hermione, aparentemente incapaz de se conter –, não podemos estudar lobisomens ainda, vamos começar os *hinkypunks*...

– Srta. Granger – disse Snape com uma voz letalmente calma –, eu tinha a impressão de que era eu que estava dando a aula e não a senhorita. E estou mandando todos abrirem a página 394 do livro. – Ele correu os olhos pela turma outra vez. – *Todos! Agora!*

Com muitos olhares rancorosos de esguelha e gente resmungando, a turma abriu os livros.

– Qual de vocês sabe me dizer como é que se distingue um lobisomem de um lobo verdadeiro? – perguntou Snape.

Todos ficaram calados e imóveis; todos exceto Hermione, cuja mão, como acontecia tantas vezes, se erguera imediatamente no ar.

– Alguém sabe? – insistiu Snape, fingindo não ver a mão da garota. Seu sorriso enviesado reaparecera. – Vocês estão me dizendo que o Prof. Lupin sequer ensinou a vocês a diferença básica entre...

– Nós já lhe informamos – interrompeu-o Parvati de repente –, ainda não chegamos aos lobisomens, ainda estamos...

– *Silêncio!* – mandou Snape com rispidez. – Ora, ora, ora, nunca pensei que um dia encontraria uma turma de terceiro ano que não soubesse reconhecer um lobisomem quando o visse. Vou fazer questão de informar ao Prof. Dumbledore como vocês estão atrasados...

– Professor, por favor – tornou a pedir Hermione, cuja mão continuava erguida –, o lobisomem se diferencia do lobo verdadeiro por pequenos detalhes.

O focinho do lobisomem...

– Esta é a segunda vez que a senhorita fala sem ser convidada – disse Snape friamente. – Menos cinco pontos para Grifinória por ter uma intragável sabe-tudo.

Hermione ficou vermelhíssima, baixou a mão e ficou olhando para o chão com os olhos cheios de lágrimas. Um sinal do quanto a turma detestava Snape era que todos olharam feio para ele, porque todos os alunos já tinham chamado Hermione de sabe-tudo pelo menos uma vez, e Rony, que xingava Hermione de sabe-tudo pelo menos duas vezes por semana, falou em voz alta:

– O senhor nos fez uma pergunta e Hermione sabe a resposta! Por que perguntou se não queria que ninguém respondesse?

A turma percebeu instantaneamente que o colega fora longe demais. Snape caminhou até Rony lentamente, e a sala prendeu a respiração.

– Detenção, Weasley – disse Snape suavemente, o rosto muito próximo ao do garoto. – E se algum dia eu o ouvir criticar o meu modo de ensinar outra vez, o senhor vai realmente se arrepender.

Ninguém mais deu um pio durante o resto da aula. Ficaram sentados copiando dados sobre os lobisomens do livro-texto, enquanto Snape rondava as filas de carteiras, examinando o trabalho que os alunos tinham feito com o Prof. Lupin.

– Uma explicação muito insuficiente... Isto está errado, o *kappa* é encontrado mais comumente na Mongólia... O Prof. Lupin deu nota oito? Eu teria dado três...

Quando a sineta finalmente tocou, Snape reteve a turma.

– Cada aluno vai escrever uma redação para me entregar, sobre as maneiras de reconhecer e matar lobisomens. Quero dois rolos de pergaminho sobre o assunto e quero para segunda-feira de manhã. Está na hora de alguém dar um jeito nesta turma. Weasley, você fica, precisamos combinar a sua detenção.

Harry e Hermione saíram da sala com o resto da turma, que esperou até estar bastante longe para não ser ouvida e prorrompeu em furiosos discursos contra Snape.

– Snape nunca foi assim com nenhum dos outros professores de Defesa Contra as Artes das Trevas, mesmo que quisesse o cargo deles – comentou Harry com Hermione. – Por que está perseguindo o Lupin? Você acha que tudo isso é por causa dos bichos-papões?

– Não sei – disse Hermione pensativa. – Mas vou realmente torcer para o Prof. Lupin melhorar logo...

Rony alcançou-os cinco minutos depois, com uma raiva descomunal.

– Vocês sabem o que aquele... – (e xingou Snape de uma coisa que fez Hermione exclamar “*Rony!*”) – vai me obrigar a fazer? Tenho que lavar as

comadres da ala hospitalar. *Sem usar magia!* – O garoto respirava fundo, os punhos cerrados. – Por que o Black não podia ter-se escondido na sala de Snape, hein? Podia ter acabado com ele para nós!

Harry acordou extremamente cedo na manhã seguinte; tão cedo que ainda estava escuro. Por um momento pensou que tinha sido acordado pelos rugidos do vento. Então, sentiu uma brisa gelada na nuca e sentou-se na cama de um salto – Pirraça, o *poltergeist*, andara flutuando ao lado dele, soprando com força em seu ouvido.

– Para que você fez isso? – perguntou Harry, furioso.

Pirraça encheu as bochechas de ar, soprou com força e disparou de costas para fora do dormitório, dando gargalhadas.

Harry tateou procurando o despertador e olhou para o mostrador. Eram quatro e meia. Amaldiçoando Pirraça, ele se virou e tentou voltar a dormir, mas era muito difícil, agora que estava acordado, não dar atenção à trovoada que roncava no céu, ao vento que fustigava com violência as paredes do castelo e às árvores que rangiam ao longe, na Floresta Proibida. Dentro de algumas horas ele estaria lá fora no campo de quadribol, enfrentando a tempestade. Por fim, ele perdeu as esperanças de voltar a dormir, se levantou e se vestiu, apanhou a Nimbus 2000 e saiu silenciosamente do dormitório.

Quando abriu a porta, alguma coisa passou roçando por sua perna. Ele se abaixou bem a tempo de agarrar Bichento pela ponta do grosso rabo e arrastá-lo para fora.

– Sabe, acho que Rony tem razão sobre você – disse Harry, desconfiado, a Bichento. – Há uma quantidade de ratos no castelo... vá caçá-los. Anda – acrescentou o garoto, empurrando Bichento com o pé para fazê-lo descer a escada. – Deixa o Perebas em paz.

O ruído da tempestade era ainda mais alto na sala comunal. Harry sabia que não adiantava imaginar que a partida seria cancelada; as disputas de quadribol não eram desmarcadas por ninharias como trovoadas. Ainda assim, ele estava começando a se sentir apreensivo. Olívio lhe apontara Cedrico Diggory no corredor; o garoto era aluno do quinto ano e muito maior do que Harry. Os apanhadores geralmente eram leves e velozes, mas o peso de Diggory seria uma vantagem com um tempo desses porque seria menor a probabilidade do apanhador ser tirado de curso.

Harry matou as horas até amanhecer diante da lareira, levantando-se de vez em quando para impedir Bichento de tornar a subir, escondido, a escada para o dormitório dos garotos. Finalmente, ele calculou que já devia ser hora do café da manhã, então se dirigiu sozinho ao buraco do retrato.

– Pare e lute, seu cão sarnento! – berrou Sir Cadogan.
– Ah, cala essa boca – bocejou Harry.
Ele se reanimou um pouco com uma grande tigela de mingau de aveia, e, no momento em que começou a comer torradas, o restante da equipe aparecera no Salão.
– Vai ser uma partida dura – comentou Olívio, que não queria comer nada.
– Pare de se preocupar, Olívio – disse Alícia para tranquilizá-lo –, não vamos derreter com uma chuvinha à toa.
Era muitíssimo mais do que uma chuvinha. Mas tal era a popularidade do quadribol que a escola inteira apareceu para assistir à partida, como sempre. Os jogadores, no entanto, desceram os jardins em direção ao campo, as cabeças curvadas contra a ferocidade do vento, os guarda-chuvas arrancados de suas mãos. Pouco antes de entrar no vestiário, Harry viu Malfoy, Crabbe e Goyle, rindo e apontando para ele protegidos por um enorme guarda-chuva, a caminho do estádio.
O time vestiu o uniforme escarlate e aguardou o discurso de Olívio que antecedia as partidas, mas não houve discurso. O capitão tentou falar várias vezes, fez um ruído esquisito de quem engole, depois sacudiu a cabeça, desalentado, e fez sinal para os companheiros o seguirem.
O vento estava tão forte que eles entraram em campo cambaleando para os lados. Se os espectadores estavam aplaudindo, os aplausos eram abafados por novos roncos de trovão. A chuva batia nos óculos de Harry. Como é que ele ia enxergar o pomo desse jeito?
Os jogadores da Lufa-Lufa se aproximavam pelo lado oposto do campo, usando vestes amarelo-canário. Os capitães foram ao encontro um do outro e se apertaram as mãos; Diggory sorriu para Wood, mas este agora não conseguia abrir a boca, parecia estar sofrendo de tétano, e fez um mero aceno com a cabeça. Harry viu a boca de Madame Hooch formar as palavras “Montem em suas vassouras”. Ele puxou o pé direito pingando lama e passou-o por cima de sua Nimbus 2000. Madame Hooch levou o apito à boca e soprou, um som agudo e distante – e a partida começou.
Harry subiu depressa, mas o vento puxava sua Nimbus ligeiramente para o lado. Ele a segurou o mais firme que pôde e deu uma guinada, apertando os olhos contra a chuva.
Cinco minutos depois, estava molhado até os ossos e enregelado, mal conseguia ver os companheiros de equipe e muito menos o minúsculo pomo. Voou para a frente e para trás cruzando o campo e deixando pelo caminho vultos difusos vermelhos e amarelos, sem ter a menor ideia do que estava acontecendo no resto da partida. Não conseguia ouvir os comentários por causa do vento. Os

espectadores se ocultavam sob um mar de capas e guarda-chuvas arrebentados. Duas vezes Harry esteve muito perto de ser derrubado por um balaço; seus óculos estavam tão embaçados pela chuva que ele não os vira se aproximar.

Harry perdeu a noção do tempo. Tinha cada vez maior dificuldade de se manter aprumado na vassoura. O céu escurecia, como se a noite tivesse decidido chegar mais cedo. Duas vezes Harry quase colidiu com outro jogador, sem saber se era um companheiro de equipe ou um oponente; todos agora estavam tão encharcados, e a chuva tão grossa que ele mal conseguia distinguir alguém...

Com o primeiro relâmpago ouviu-se o som do apito de Madame Hooch; Harry conseguiu mal e mal discernir, através da chuva, os contornos de Olívio, que fazia sinal para ele pousar. O time inteiro enfiou os pés na lama.

– Eu pedi tempo! – berrou Olívio para seu time. – Venham até aqui embaixo...

Os jogadores se agruparam na borda do campo debaixo de um grande guarda-chuva; Harry tirou os óculos e enxugou-os, apressado, nas vestes.

– Qual é o placar?

– Estamos cinquenta pontos na frente – informou Olívio –, mas a não ser que capturemos logo o pomo, vamos jogar noite adentro.

– Não tenho a menor chance com isso aqui – disse Harry exasperado, agitando os óculos.

Naquele exato instante, Hermione apareceu do lado dele; segurava a capa por cima da cabeça e inexplicavelmente tinha um largo sorriso no rosto.

– Tenho uma ideia, Harry! Me dá seus óculos, depressa!

O garoto entregou os óculos e, enquanto o time observava espantado, Hermione deu uma pancadinha neles com a varinha e disse:

– *Impervius!*

– Pronto! – disse, devolvendo os óculos a Harry. – Isto vai repelir a água!

Wood fez cara de quem seria capaz de beijá-la.

– Genial! – gritou rouco para a garota que desapareceu no meio dos espectadores. – Muito bem, time, agora vamos arrebentar!

O feitiço de Hermione resolvera o problema. Harry ainda estava insensível de tanto frio, ainda mais molhado do que jamais estivera na vida, mas conseguia ver. Cheio de renovada determinação, ele impeliu a vassoura pelo ar turbulento, espiando para todos os lados à procura do pomo, evitando um balaço, mergulhando por baixo de Diggory, que voava na direção oposta...

Ouviu-se novamente o trovão, acompanhando um raio bifurcado. A partida estava ficando mais perigosa a cada minuto. Harry precisava chegar ao pomo depressa...

Ele se virou, tencionando rumar para o centro do campo, mas naquele momento, outro relâmpago iluminou as arquibancadas e Harry viu algo que o

distraiu completamente... a silhueta de um enorme cão negro e peludo, claramente recortada contra o céu, imóvel na última fila de cadeiras vazias.

As mãos dormentes de Harry escorregaram do cabo da vassoura e sua Nimbus afundou alguns palmos. Sacudindo a franja encharcada para longe da testa, ele tornou a apertar os olhos para ver as arquibancadas. O cão desaparecera.

– Harry! – ele ouviu a voz angustiada de Wood vinda das balizas da Grifinória: – Harry, atrás de você!

Harry olhou a toda volta desesperado. Cedrico Diggory subia em grande velocidade e havia entre os dois um grãozinho dourado brilhando no ar varrido de chuva...

Com um tremor de pânico, Harry se achatou contra o cabo da vassoura e disparou em direção ao pomo.

– Anda! – rosnou ele para a Nimbus, a chuva fustigando seu rosto. – *Mais depressa!*

Mas alguma coisa estranha estava acontecendo. Um silêncio inexplicável foi caindo sobre o estádio. O vento, embora continuasse forte, se esqueceu momentaneamente de rugir. Era como se alguém tivesse desligado o som, como se Harry, de repente, tivesse ficado surdo – que é que estava acontecendo?

Então uma onda de frio terrivelmente familiar o assaltou, penetrou seu corpo, no mesmo instante em que ele tomava consciência de algo que andava lá embaixo no campo...

Antes que tivesse tempo para pensar, Harry desviou os olhos do pomo e olhou para baixo.

No mínimo cem dementadores apontavam os rostos encapuzados para ele. Era como se houvesse água gelada subindo até o seu peito, cortando os lados do seu corpo. E então ele ouviu outra vez... Alguém gritava, gritava dentro de sua cabeça... uma mulher...

"*O Harry não, o Harry não, por favor, o Harry não!*"

"*Afaste-se, sua tola... afaste-se, agora...*"

"*O Harry não, por favor não, me leve, me mate no lugar dele...*"

Uma névoa anestesiante rodopiava enchendo o cérebro de Harry... Que é que ele estava fazendo? Por que é que estava voando? Precisava ajudá-la... Ela ia morrer... Ia ser assassinada...

Ele foi caindo, caindo sem parar pela névoa gelada.

"*Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade...*"

Uma voz aguda gargalhava, a mulher gritava, e Harry perdeu a consciência.

– Que sorte que o chão estava tão mole.

– Achei que ele estava mortinho.

– Mas ele nem quebrou os óculos.
Harry ouvia as vozes murmurarem, mas não faziam sentido algum. Não tinha a menor ideia de onde estava ou como chegara ali, ou o que andara fazendo antes de chegar. Só sabia que cada centímetro do seu corpo estava doendo como se ele tivesse levado uma surra.
– Foi a coisa mais apavorante que já vi na vida.
Mais apavorante... a coisa mais apavorante... vultos negros encapuzados... frio... gritos...
Harry abriu os olhos de repente. Estava deitado na ala hospitalar. O time de quadribol da Grifinória, sujo de lama da cabeça aos pés, rodeava sua cama. Rony e Hermione também estavam ali, parecendo que tinham acabado de sair de uma piscina.
– Harry! – exclamou Fred, cujo rosto estava extremamente pálido sob a lama. – Como é que você está se sentindo?
Era como se a memória de Harry estivesse avançando em alta velocidade. O relâmpago – o Sinistro – o pomo – e os dementadores...
– Que aconteceu? – perguntou, sentando-se na cama tão de repente que todos reprimiram um grito de surpresa.
– Você caiu da vassoura – contou Fred. – Deve ter caído... de ... uns quinze metros?
– Pensamos que você tivesse morrido – disse Alícia, trêmula.
Hermione fez um barulhinho esganiçado. Tinha os olhos muito vermelhos.
– Mas o jogo – perguntou Harry. – Que aconteceu? Vamos jogar outra vez?
Ninguém disse nada. A terrível verdade penetrou em Harry como uma pedrada.
– Nós não... *perdemos*?
– Diggory apanhou o pomo – informou Jorge. – Logo depois de você cair. Ele não percebeu o que tinha acontecido. Quando olhou para trás e viu você no chão, tentou paralisar o jogo. Queria um novo jogo. Mas tiveram uma vitória justa... até Olívio admite isso.
– Onde está Olívio? – perguntou Harry, percebendo subitamente a ausência do capitão do time.
– Ainda está no banho – respondeu Fred. – Achamos que ele está tentando se afogar.
Harry abaixou a cabeça até os joelhos, agarrando os cabelos com as mãos. Fred segurou-o pelos ombros e o sacudiu com força.
– Anda, Harry, você nunca perdeu o pomo antes.
– Tinha que haver uma primeira vez – disse Jorge.
– Mas a coisa não terminou aqui – disse Fred. – Perdemos por uma diferença

de cem pontos, certo? Então se Lufa-Lufa perder para Corvinal e vencermos Corvinal e Sonserina...

– Lufa-Lufa terá que perder, no mínimo, por duzentos pontos – disse Jorge.

– Mas se eles vencerem Corvinal...

– Nem pensar, Corvinal é bom demais. Mas se Sonserina perder para Lufa-Lufa...

– Tudo depende do número de pontos, uma margem de cem pontos a mais ou a menos...

Harry ficou deitado ali, sem dizer uma palavra. Tinham perdido... pela primeira vez na vida, ele perdera uma partida de quadribol.

Passados mais ou menos uns dez minutos, Madame Pomfrey veio dizer aos garotos que deixassem Harry em paz.

– A gente volta para ver você mais tarde – disse Fred. – Não fique se martirizando, Harry, você ainda é o melhor apanhador que já tivemos.

O time saiu, largando lama pelo caminho. Madame Pomfrey fechou a porta depois que eles passaram, uma expressão de censura no rosto. Rony e Hermione se aproximaram mais da cama de Harry.

– Dumbledore ficou realmente furioso – contou Hermione com a voz trêmula. – Nunca vi o diretor assim antes. Ele correu para o campo quando você começou a cair, agitou a varinha e você meio que desacelerou antes de bater no chão. Depois, virou a varinha para os dementadores. Disparou uma coisa prateada contra eles. Os caras abandonaram o estádio na mesma hora... Ele ficou furioso que os dementadores tivessem entrado nos terrenos da escola. Ouvimos ele...

– Aí ele usou a magia para botar você numa padiola – disse Rony. – E saiu a pé até a escola, com você flutuando do lado, na padiola. Todo mundo pensou que você estava...

A voz dele foi morrendo, mas Harry nem notou. Estava pensando no que os dementadores tinham feito a ele... na voz que gritava. Ergueu os olhos e deparou com Rony e Hermione observando-o com tanta aflição que na mesma hora ele procurou uma coisa banal para dizer.

– Alguém apanhou a minha Nimbus?

Rony e Hermione se entreolharam depressa.

– Hum...

– Que foi? – perguntou Harry, olhando de um para o outro.

– Bem... quando você caiu a vassoura foi levada pelo vento – disse Hermione, hesitante.

– E?

– E bateu... bateu... ah, Harry... bateu no Salgueiro Lutador.

As entranhas de Harry reviraram. O Salgueiro Lutador era uma árvore

violenta que se erguia sozinha no meio da propriedade.

– E? – insistiu ele, temendo a resposta.

– Bem, você conhece o Salgueiro Lutador – disse Rony. – Ele... ele não gosta que batam nele.

– O Prof. Flitwick trouxe a vassoura de volta pouco antes de você recuperar os sentidos – disse Hermione com uma voz mínima.

Devagarinho, ela foi se abaixando para apanhar uma saca aos seus pés, despejou-a, e caíram na cama uns pedacinhos de madeira e gravetos, tudo que restava da fiel vassoura de Harry, enfim derrotada.

— CAPÍTULO DEZ —

O Mapa do Maroto

Madame Pomfrey insistiu em manter Harry na ala hospitalar pelo resto do fim de semana. Ele não discutiu nem se queixou, mas não deixou jogarem no lixo os estilhaços de sua Nimbus 2000. Sabia que era uma atitude burra, sabia que a vassoura não tinha conserto, mas o sentimento era mais forte que ele; era como se tivesse perdido um dos seus melhores amigos.

Uma procissão de amigos veio visitá-lo, todos decididos a animá-lo. Hagrid lhe mandou um buquê de flores com lagartinhas, que pareciam repolhos amarelos, e Gina Weasley, corando furiosamente, apareceu com um cartão de votos de saúde, feito por ela mesma, que cantava com voz esganiçada a não ser que Harry o guardasse fechado embaixo da fruteira. O time da Grifinória tornou a visitar o companheiro no domingo de manhã, desta vez em companhia de Olívio, que declarou a Harry (numa voz de além-túmulo) que não o responsabilizava pela derrota. Rony e Hermione só deixavam a cabeceira de Harry à noite. Mas nada que ninguém dissesse ou fizesse conseguia fazê-lo se sentir melhor, porque eles só conheciam metade das suas preocupações.

Ele não contara a ninguém que vira o Sinistro, nem a Rony nem a Hermione, porque sabia que o amigo entraria em pânico e a amiga caçoaria dele. O fato era, no entanto, que o Sinistro agora já aparecera duas vezes e ambas as aparições tinham sido seguidas por acidentes quase fatais; da primeira vez Harry quase fora atropelado pelo Nôitibus Andante; da segunda, levara uma queda da vassoura de quase quinze metros de altura. Será que o Sinistro ia atormentá-lo até a morte? Será que ele, Harry, ia passar o resto da vida olhando por cima do ombro à procura da fera?

Além disso havia os dementadores. Harry sentia mal-estar e humilhação toda vez que pensava neles. Todos diziam que os guardas eram medonhos, mas ninguém desmaiava sempre que se aproximava deles. Ninguém mais ouvia

mentalmente os ecos da morte dos pais.
Isto porque agora Harry sabia a quem pertencia a tal voz. Ouvira o que ela dizia, ouvira-a continuamente nas longas noites passadas na ala hospitalar quando ficava acordado, contemplando as listras que o luar formava no teto. Quando os dementadores se aproximavam, ele ouvia os últimos instantes de vida de sua mãe, sua tentativa de proteger o filho da sanha de Lorde Voldemort e a gargalhada do bruxo antes de matá-la... Harry dava breves cochilos, mergulhando em sonhos cheios de mãos podres e pegajosas e súplicas fossilizadas, acordando de repente para voltar a pensar na voz da mãe.

Foi um alívio voltar à zoeira e à atividade da escola principal na segunda-feira, e ser forçado a pensar em outras coisas, ainda que tivesse de aturar a implicância de Draco Malfoy. O garoto não cabia em si de alegria com a derrota da Grifinória. Retirara finalmente as bandagens e comemorava a circunstância de poder usar os dois braços novamente, fazendo espirituosas imitações de Harry caindo da vassoura. Malfoy passou a maior parte da aula seguinte de Poções, a que assistiram juntos na masmorra, fazendo imitações dos dementadores; Rony finalmente se descontrolou e atirou um enorme e gosmento coração de crocodilo em Malfoy, que o atingiu no rosto, o que fez Snape descontar cinquenta pontos da Grifinória.
– Se Snape vier dar aula de Defesa Contra as Artes das Trevas de novo, vou me mandar – anunciou Rony quando seguiam para a classe de Lupin depois do almoço. – Vê quem está lá, Mione.
A garota espiou pela porta da sala.
– Tudo bem!
O Prof. Lupin voltara ao trabalho. Sem dúvida tinha a aparência de quem estivera doente. Suas vestes velhas estavam mais frouxas e havia olheiras escuras sob seus olhos; ainda assim, ele sorriu para os garotos que ocupavam seus lugares na classe e, em seguida, desataram a se queixar do comportamento de Snape na ausência de Lupin.
– Não é justo, ele estava só substituindo o senhor, por que passou dever de casa?
– Não sabemos nada de lobisomens...
– ... dois rolos de pergaminho!
– Vocês disseram ao Prof. Snape que ainda não estudamos lobisomens? – perguntou Lupin, franzindo ligeiramente a testa.
A balbúrdia tornou a encher a sala.
– Dissemos, mas ele respondeu que estávamos muito atrasados...
– ... ele não quis ouvir...

– *... dois rolos de pergaminho!*

O Prof. Lupin sorriu ao ver a expressão indignada nos rostos dos alunos.

– Não se preocupem. Vou falar com o Prof. Snape. Não precisam fazer a redação.

– Ah, *não!* – exclamou Hermione, muito desapontada. – Já terminei a minha.

Tiveram uma aula muito gostosa. O Prof. Lupin trouxera uma caixa de vidro contendo um *hinkypunk*, uma criaturinha de uma perna só, que parecia feita de fiapos de fumaça, a aparência frágil e inofensiva.

– O *hinkypunk* atrai os viajantes para os brejos – informou o professor enquanto os garotos faziam anotações. – Vocês repararam na lanterna que ele traz pendurada na mão? Ele salta para a frente... a pessoa acompanha a luz... então...

A criatura fez um horrível barulho de sucção contra o vidro da caixa.

Quando a sineta tocou, todos guardaram o material e se dirigiram para a porta, Harry entre eles, mas...

– Espere um instante, Harry – chamou Lupin. – Gostaria de dar uma palavrinha com você.

Harry deu meia-volta e observou o professor cobrir a caixa do *hinkypunk* com um pano.

– Soube do que houve no jogo – disse Lupin, virando-se para sua escrivaninha e começando a guardar os livros na maleta – e sinto muito pelo acidente com a sua vassoura. Há alguma possibilidade de consertá-la?

– Não – respondeu Harry. – A árvore arrebentou-a em mil pedacinhos.

Lupin suspirou.

– Plantaram o Salgueiro Lutador no ano em que cheguei em Hogwarts. Os alunos costumavam brincar de tentar se aproximar do tronco e tocar a árvore com a mão. No fim, um garoto chamado Davi Gudgeon quase perdeu um olho e fomos proibidos de chegar perto do salgueiro. Uma vassoura não teria a menor chance.

– O senhor soube dos dementadores também? – perguntou Harry com dificuldade.

Lupin lançou um olhar rápido a Harry.

– Soube. Acho que nenhum de nós tinha visto o Prof. Dumbledore tão aborrecido. Há algum tempo, eles estão ficando inquietos... furiosos com a recusa do diretor de deixar que entrem na propriedade... Suponho que tenham sido eles a razão da sua queda.

– Foram. – Harry hesitou e, então, a pergunta que queria fazer escapou de sua boca antes que pudesse contê-la. – *Por quê?* Por que eles me afetam desse jeito? Será que sou apenas...?

– Não tem nada a ver com fraqueza – respondeu o professor depressa, como se tivesse lido o pensamento de Harry. – Os dementadores afetam você pior do que os outros porque existem horrores no seu passado que não existem no dos outros.

Um raio de sol de inverno entrou na sala, iluminando os cabelos grisalhos de Lupin e os traços do seu rosto jovem.

– Os dementadores estão entre as criaturas mais malignas que vagam pela Terra. Infestam os lugares mais escuros e imundos, se comprazem com a decomposição e o desespero, esgotam a paz, a esperança e a felicidade do ar à sua volta. Até os trouxas sentem a presença deles, embora não possam vê-los. Chegue muito perto de um dementador e todo bom sentimento, toda lembrança feliz serão sugados de você. Se puder, o dementador se alimentará de você o tempo suficiente para transformá-lo em um semelhante... desalmado e mau. Não deixará nada em você exceto as piores experiências de sua vida. E o pior que aconteceu com *você*, Harry, é suficiente para fazer qualquer um cair da vassoura. Você não tem do que se envergonhar.

– Quando eles chegam perto de mim... – Harry fixou o olhar na mesa de Lupin, sentindo um nó na garganta –, ouço Voldemort assassinando minha mãe.

Lupin fez um movimento repentino com o braço como se fosse segurar o ombro de Harry, mas pensou melhor. Houve um momento de silêncio, depois...

– Por que é que eles tinham que ir ao jogo? – exclamou o garoto amargurado.

– Estão ficando famintos – disse Lupin tranquilamente, fechando a maleta com um estalo. – Dumbledore não permite que eles entrem na escola, então o suprimento de gente com que contavam secou... Acho que eles não conseguiram resistir à multidão em torno do campo de quadribol. Toda a excitação... as emoções exacerbadas... é a ideia que fazem de um banquete.

– Azkaban deve ser horrível – murmurou Harry. Lupin concordou, sério.

– A fortaleza foi construída em uma ilhota, bem longe da costa, mas não precisam de paredes nem de água para manter os prisioneiros confinados, não quando eles já estão presos dentro da própria cabeça, incapazes de um único pensamento agradável. A maioria enlouquece em poucas semanas.

– Mas Sirius Black escapou – comentou Harry lentamente. – Fugiu...

A maleta de Lupin escorregou da escrivaninha; ele teve que se abaixar depressa para apanhá-la no ar.

– É – disse se endireitando. – Black deve ter encontrado uma maneira de combatê-los. Eu não teria acreditado que isto fosse possível... Dizem que os dementadores esgotam os poderes de um bruxo que conviver um tempo demasiado longo com eles...

– O *senhor* fez aquele dementador no trem recuar – disse Harry de repente.

– Há... certas defesas que se pode usar – disse Lupin. – Mas no trem havia apenas um dementador. Quanto maior o número, mais difícil é resistir a eles.

– Que defesas? – perguntou Harry em seguida. – O senhor pode me ensinar?

– Não tenho a pretensão de ser um especialista no combate a dementadores, Harry... muito ao contrário...

– Mas se os dementadores forem a outro jogo de quadribol, preciso saber lutar contra eles...

Lupin avaliou o rosto decidido de Harry, hesitou, depois disse:

– Bem... está bem. Vou tentar ajudar. Mas receio que você terá de esperar até o próximo trimestre. Tenho muito que fazer antes das férias. Escolhi uma hora muito inconveniente para adoecer.

Com a promessa de receber aulas antidementadores de Lupin, o pensamento de que talvez não precisasse mais ouvir a morte da mãe, e o fato de que Corvinal esmagara Lufa-Lufa na partida de quadribol no final de novembro, o ânimo de Harry deu uma guinada definitiva para cima. Afinal, Grifinória não fora eliminada da competição, embora o time não pudesse se dar ao luxo de perder mais uma partida. Olívio tornou a ficar possuído por uma energia obsessiva, e treinou com o time com mais empenho que nunca, na chuvinha gélida e nevoenta que persistiu até dezembro. Harry não viu nem sinal de dementador nos terrenos da escola. A fúria de Dumbledore parecia ter funcionado para mantê-los em seus postos nas entradas.

Duas semanas antes do fim do trimestre, o céu clareou de repente até atingir um branco leitoso e ofuscante, e os terrenos enlameados da escola amanheceram, certo dia, cobertos de cintilante geada. No interior do castelo, havia um rebuliço de Natal no ar. Flitwick, o professor de Feitiços, já enfeitara sua sala de aula com luzes pisca-piscas que, quando foram ver, eram fadinhas voadoras de verdade. Os alunos estavam satisfeitos discutindo planos para as férias de Natal. Tanto Rony quanto Hermione haviam decidido permanecer em Hogwarts e, embora Rony dissesse que era porque não ia conseguir aturar Percy duas semanas, e Hermione insistisse que precisava consultar a biblioteca, Harry não se deixou enganar; sabia que era para lhe fazerem companhia e se sentiu muito grato.

Para alegria de todos, exceto Harry, houve mais uma visita a Hogsmeade no último fim de semana do trimestre.

– Podemos fazer todas as nossas compras de Natal lá! – exclamou Hermione. – Mamãe e papai iriam adorar receber fios dentais de menta da Dedosdemel!

Resignado com a ideia de que seria o único aluno do terceiro ano a não ir, Harry pediu emprestado a Olívio o livro *Qual vassoura,* e resolveu passar o dia lendo sobre as diferentes marcas. Ele andara montando uma vassoura da escola

nos treinos do time, uma velhíssima Shooting Star, que era demasiado lenta e instável; decididamente precisava de uma vassoura nova.

Na manhã de sábado em que os colegas iriam a Hogsmeade, Harry se despediu de Rony e Hermione, embrulhados em capas e cachecóis, tornou a subir a escadaria de mármore, sozinho, e tomou o caminho da Torre da Grifinória. A neve começara a cair do lado de fora das janelas e o castelo estava muito parado e silencioso.

– Psiu... Harry!

Ele se virou, a meio caminho do corredor do terceiro andar, e viu Fred e Jorge espiando-o atrás da estátua de uma bruxa corcunda, de um olho só.

– Que é que vocês estão fazendo? – perguntou Harry, curioso. – Vocês não vão a Hogsmeade?

– Antes de ir viemos fazer uma festinha para animar você – disse Fred, com uma piscadela misteriosa. – Venha até aqui...

O garoto indicou com a cabeça uma sala de aula vazia, à esquerda da estátua de um olho só. Harry acompanhou os gêmeos. Jorge fechou a porta sem fazer barulho e se virou, sorrindo, para Harry.

– Presente de Natal antecipado para você, Harry – anunciou.

Fred tirou alguma coisa de dentro da capa com um gesto largo e colocou-a em cima de uma carteira. Era um pedaço de pergaminho, grande, quadrado e muito gasto, sem nada escrito na superfície. Harry, desconfiando que fosse uma daquelas brincadeiras de Fred e Jorge, ficou parado olhando para o presente.

– E o que é que é isso? – perguntou.

– Isso, Harry, é o segredo do nosso sucesso – disse Jorge, dando uma palmadinha carinhosa no pergaminho.

– Dói na gente dar esse presente para você – disse Fred –, mas decidimos, na noite passada, que você precisa muito mais dele do que nós. E, de qualquer maneira, já o conhecemos de cor. É uma herança que vamos lhe deixar. Para falar a verdade, não precisamos mais dele.

– E para que eu preciso de um pedaço de pergaminho velho? – perguntou Harry.

– Um pedaço de pergaminho velho! – exclamou Fred, fechando os olhos com uma careta, como se Harry o tivesse ofendido mortalmente. – Explique a ele Jorge.

– Bem... quando estávamos no primeiro ano, Harry... jovens, descuidados e inocentes...

Harry abafou uma risada. Duvidava se algum dia os gêmeos teriam sido inocentes.

– ... bem, mais inocentes do que somos hoje... nos metemos numa certa

confusão com Filch.
– Soltamos uma bomba de bosta no corredor e por alguma razão ele ficou aborrecido...
– Então Filch nos arrastou até a sala dele e começou a nos ameaçar com os castigos de costume...
– ... detenção...
– ... nos arrancar as tripas...
– ... e não pudemos deixar de reparar numa gaveta do arquivo dele em que estava escrito *Confiscado e Muito Perigoso*.
– Não precisam continuar... – exclamou Harry, começando a sorrir.
– Bem, que é que você teria feito? – perguntou Fred. – Jorge soltou mais uma bomba de bosta para distrair Filch, eu abri depressa a gaveta e tirei... *isto*.
– Não foi tão desonesto quanto parece, sabe – comentou Jorge. – Calculamos que Filch nunca tivesse descoberto como usar o pergaminho. Mas, provavelmente suspeitou o que era ou não o teria confiscado.
– E vocês sabem como usar?
– Ah, sabemos – disse Fred, rindo. – Esta joia nos ensinou mais do que todos os professores da escola.
– Vocês estão me gozando – disse Harry, olhando para o pedaço velho e rasgado de pergaminho.
– Ah, é? – disse Jorge.
Ele apanhou a varinha, tocou o pergaminho de leve e disse: *Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom*.
Na mesma hora, linhas de tinta muito finas começaram a se espalhar como uma teia de aranha a partir do ponto em que a varinha de Jorge tocara. Elas convergiram, se cruzaram, se abriram como um leque para os quatro cantos do pergaminho; em seguida, no alto, começaram a aflorar palavras, palavras grandes, floreadas, verdes, que diziam:

Os Srs. Aluado, Rabicho, Almofadinha e Pontas, fornecedores de recursos para bruxos malfeitores, têm a honra de apresentar
O MAPA DO MAROTO

Era um mapa que mostrava cada detalhe dos terrenos do castelo de Hogwarts. O mais notável, contudo, eram os pontinhos mínimos de tinta que se moviam em torno do mapa, cada um com um rótulo em letra minúscula. Pasmo, Harry se curvou para examinar melhor. Um pontinho, no canto superior esquerdo, mostrava que o Prof. Dumbledore estava andando para lá e para cá em seu escritório; a gata do zelador, Madame Nor-r-ra, rondava o segundo andar; e

Pirraça, o *poltergeist*, naquele momento saltitava pela sala de troféus. E quando os olhos de Harry percorreram os corredores que tão bem conhecia, ele notou mais uma coisa.

O mapa mostrava um conjunto de passagens em que ele nunca entrara. E muitas pareciam levar...

– ... diretamente a Hogsmeade – disse Fred, acompanhando uma delas com o dedo. – São sete ao todo. Até agora Filch conhece essas quatro – ele as apontou –, mas temos certeza de que somente nós conhecemos estas *outras*. Não se preocupe com a passagem por trás do espelho no quarto andar. Nós a usamos até o inverno passado, mas já desabou, está completamente bloqueada. E achamos que ninguém jamais usou esta porque o Salgueiro Lutador foi plantado bem em cima da entrada. Mas, esta outra aqui leva diretamente ao porão da Dedosdemel. Nós já a usamos um monte de vezes. E como você talvez tenha notado, a entrada é bem ali do lado de fora da sala, na corcunda daquela velhota de um olho só.

– Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas – suspirou Jorge, dando um tapinha no cabeçalho do mapa. – Devemos tanto a eles.

– Almas nobres, que trabalharam incansavelmente para ajudar novas gerações de transgressores – disse Fred solenemente.

– Certo – acrescentou Jorge depressa. – Não se esqueça de limpar o mapa depois de usá-lo...

– ... senão qualquer um pode ler – recomendou Fred.

– É só bater com a varinha mais uma vez e dizer “Malfeito feito!”, e o pergaminho torna a ficar branco.

– Portanto, jovem Harry – disse Fred, numa incrível imitação de Percy –, trate de se comportar.

– Vejo você na Dedosdemel – despediu-se Jorge, piscando.

Os gêmeos deixaram a sala, sorrindo satisfeitos consigo mesmos.

Harry ficou ali, contemplando o mapa milagroso. Acompanhou o pontinho de tinta Madame Nor-r-ra virar à esquerda e parar para cheirar alguma coisa no chão. Se Filch realmente não conhecia... ele não teria que passar pelos dementadores...

Mas mesmo enquanto continuava ali, transbordante de excitação, uma coisa que ouvira, certa vez, o Sr. Weasley dizer aflorou em sua lembrança.

Nunca confie em nada que é capaz de pensar, se você não pode ver onde fica o seu cérebro.

O mapa era um daqueles objetos mágicos perigosos sobre os quais o Sr. Weasley o prevenira... *Recursos para bruxos malfeitores*... mas então, raciocinou Harry, ele só queria usar o mapa para ir a Hogsmeade, não era que quisesse roubar alguma coisa ou atacar alguém... e Fred e Jorge já o usavam havia anos,

sem que nada de terrível tivesse acontecido...

Harry acompanhou com o dedo a passagem secreta até a Dedosdemel.

Depois, subitamente, como se obedecesse a uma ordem, enrolou o mapa, guardou-o nas vestes e correu para a porta da sala de aula. Abriu-a uns dedinhos. Não havia ninguém do lado de fora. Com muito cuidado, esgueirou-se da sala até as costas da estátua da bruxa de um olho só.

Que era mesmo que devia fazer? Puxou outra vez o mapa e viu, para seu espanto, que um novo boneco de tinta aparecera no pergaminho, rotulado *Harry Potter*. Estava parado exatamente no mesmo lugar que o verdadeiro Harry, mais ou menos na metade do corredor do terceiro andar. Harry observou-o atentamente. Seu pequeno eu de tinta parecia estar tocando a bruxa com uma varinha mínima. O garoto na mesma hora puxou a varinha real e deu um toque na estátua. Nada aconteceu. Ele tornou a consultar o mapa. Um balão com um texto aparecera ao lado do seu boneco. Dentro do balão havia a palavra "*Dissendium*".

– *Dissendium!* – sussurrou Harry, dando uma nova batida na bruxa de pedra.

Na mesma hora, a corcunda da estátua se abriu o suficiente para admitir uma pessoa bem magra. Harry deu uma espiada rápida nos dois lados do corredor, guardou outra vez o mapa, se içou de cabeça para dentro do buraco e deu um impulso para a frente.

Ele deslizou um bom pedaço, descendo o que parecia um escorrega de pedra e aterrissou na terra úmida e fria. Levantou-se, então, olhando a toda volta. Estava escuro como breu. Harry ergueu a varinha e murmurou:

– *Lumus!* – E pôde ver que se encontrava em uma passagem muito estreita, baixa e terrosa. Ergueu, então, o mapa, tocou-o com a ponta da varinha e disse baixinho: – Malfeito feito! – O mapa ficou imediatamente branco. Ele o dobrou cuidadosamente, enfiou-o dentro das vestes, depois, o coração batendo rápido, ao mesmo tempo excitado e apreensivo, Harry começou a andar.

A passagem virava e tornava a virar, mais parecendo uma toca de coelho gigante do que qualquer outra coisa. Harry caminhou depressa por ela, tropeçando aqui e ali no chão acidentado, segurando a varinha com firmeza à sua frente.

Levou uma eternidade, mas o garoto tinha o pensamento fixo na capacidade da Dedosdemel repor suas forças. Depois do que lhe pareceu uma hora, a passagem começou a subir. Ofegante, Harry apertou o passo, o rosto quente, os pés muito gelados.

Dez minutos mais tarde, chegou ao pé de uns degraus de pedra muito gastos, que subiam a perder de vista. Tomando cuidado para não fazer barulho, Harry começou a subir. Cem degraus, duzentos degraus, perdeu a conta, olhando para

os pés... Então, sem aviso, sua cabeça bateu em alguma coisa dura.

Parecia um alçapão. Harry ficou parado ali, massageando o cocuruto da cabeça, apurando os ouvidos. Não conseguia ouvir nenhum som em cima. Muito devagarinho, empurrou o alçapão e espiou pela borda.

Deparou com um porão, cheio de caixotes e caixas. Harry subiu pelo alçapão e tornou a fechá-lo – ele se fundiu tão perfeitamente com o soalho empoeirado que era impossível saber que estava ali. O garoto avançou lentamente até a escada de madeira que levava ao andar superior. Agora decididamente conseguia ouvir vozes, para não falar no tilintar de uma sineta e no abre e fecha de uma porta.

Pensando no que deveria fazer, Harry, de repente, ouviu uma porta se abrir muito próximo; alguém ia descer a escada.

– E traga mais uma caixa de lesmas gelatinosas, querido, eles praticamente levaram tudo... – disse uma voz feminina.

Dois pés desceram a escada. Harry pulou para trás de um enorme caixote e esperou os passos se distanciarem. Ouviu o homem deslocando caixas na parede oposta. Talvez não tivesse outra oportunidade...

Rápida e silenciosamente, o garoto saiu abaixado do esconderijo e subiu as escadas; ao olhar para trás, viu um enorme traseiro e uma careca reluzente enfiada em uma caixa. Harry alcançou a porta no patamar da escada, escapuliu por ela e se encontrou atrás do balcão da Dedosdemel – abaixou-se, saiu quietinho de lado e por fim se levantou.

A Dedosdemel estava tão cheia de alunos de Hogwarts que ninguém olhou duas vezes para Harry. O garoto foi passando entre eles, olhando para os lados e reprimiu uma risada só de imaginar a expressão que apareceria na cara de porco do Duda se pudesse ver onde ele estava agora.

Havia prateleiras e mais prateleiras de doces com a aparência mais apetitosa que se pode imaginar. Tabletes de nugá, quadrados cor-de-rosa de sorvete de coco, caramelos cor de mel; centenas de tipos de bombons em fileiras arrumadinhas; havia uma barrica enorme de feijõezinhos de todos os sabores, Delícias gasosas – as tais bolas de sorvete de fruta que faziam levitar que Rony mencionara –, em outra parede havia os doces de "efeitos especiais": os melhores chicles de baba e bola (que enchiam a loja de bolas azulonas e se recusavam a estourar durante dias), o estranho e quebradiço fio dental de menta, minúsculos Diabinhos negros de pimenta ("sopre fogo em seus amigos!"), Ratinhos de sorvete ("ouça seus dentes baterem e rangerem!"), Sapos de creme de menta ("faça sua barriga saltar para valer!"), frágeis penas de algodão-doce e bombons explosivos.

Harry se espremeu entre os alunos do sexto ano que enchiam a loja e viu um

letreiro pendurado no canto mais distante do salão (SABORES INCOMUNS). Rony e Hermione estavam bem embaixo, examinando uma bandeja de pirulitos com gosto de sangue. Harry, sorrateiramente, foi parar atrás dos dois.

– Erca, não, Harry não vai querer esses, são para vampiro, imagino – ia dizendo Hermione.

– E esses aqui? – perguntou Rony, enfiando um vidro de cachos de barata embaixo do nariz de Hermione.

– Decididamente não – disse Harry.

Rony quase deixou cair o vidro.

– *Harry!* – berrou Hermione. – Que é que você está fazendo aqui? Como... foi que você...?

– Uau! – exclamou Rony, parecendo muito impressionado –, você aprendeu a aparatar!

– Claro que não aprendi. – Harry baixou a voz de modo que nenhum dos alunos de sexto ano pudesse ouvir e contou aos amigos sobre o Mapa do Maroto.

– Como é que Fred e Jorge nunca me deram esse mapa? – perguntou Rony indignado. – Eu sou irmão deles!

– Mas Harry não vai ficar com o mapa! – afirmou Hermione como se a ideia fosse ridícula. – Vai entregá-lo à Profª Minerva, não é Harry?

– Não, não vou não! – disse Harry.

– Você é maluca? – exclamou Rony, arregalando os olhos para a garota. – Entregar uma coisa boa dessas?

– Se eu entregar, vou ter que contar onde foi que o arranjei. Filch ia saber que Fred e Jorge surrupiaram dele!

– Mas e o Sirius Black? – sibilou Hermione. – Ele poderia estar usando uma das passagens do mapa para entrar no castelo! Os professores têm que saber disso!

– Ele não pode estar entrando por uma passagem – retrucou Harry depressa. – Tem sete túneis secretos no mapa, certo? Fred e Jorge calculam que Filch conheça uns quatro. E os outros três... um desabou, de modo que ninguém pode passar. Outro tem o Salgueiro Lutador plantado na entrada, portanto, não se pode sair. E este que eu usei para chegar aqui... bem... é realmente difícil ver a entrada dele no porão. Então, a não ser que Black soubesse que havia uma passagem...

Harry hesitou. E se Black soubesse que havia uma passagem ali? Rony, porém, pigarreou querendo sinalizar alguma coisa e apontou para um aviso colado dentro da loja de doces.

POR ORDEM DO MINISTÉRIO DA MAGIA

Lembramos aos nossos clientes que até nova ordem, os dementadores irão

patrulhar as ruas de Hogsmeade todas as noites após o pôr do sol. A medida visa garantir a segurança dos habitantes de Hogsmeade e será revogada quando Sirius Black for recapturado. É, portanto, aconselhável que os clientes encerrem suas compras bem antes de anoitecer.

Feliz Natal!

– Estão vendo só? – falou Rony em voz baixa. – Eu gostaria de ver Black tentar entrar na Dedosdemel com dementadores pululando por todo o povoado. Em todo o caso, Hermione, os donos da Dedosdemel ouviriam se alguém arrombasse a loja, não? Eles moram no primeiro andar!

– Tá, mas... mas... – A garota parecia estar fazendo força para encontrar outro argumento. – Olha, ainda assim Harry não devia ter vindo a Hogsmeade. Ele não tem autorização! Se alguém descobrir, ele vai ficar enrascado até as orelhas! E ainda não anoiteceu... e se Sirius Black aparecer hoje? Agora?

– Ia ter muito trabalho para encontrar Harry no meio disso aí – disse Rony indicando com a cabeça as janelas de caixilhos, pelas quais se via a nevasca rodopiando lá fora. – Vamos, Mione, é Natal. Harry merece uma folga.

Hermione mordeu o lábio, parecendo extremamente preocupada.

– Você vai me denunciar? – perguntou Harry à amiga, sorrindo.

– Ah... claro que não... mas sinceramente, Harry...

– Viu as delícias gasosas, Harry? – perguntou Rony, puxando Harry e levando-o até a barrica em que se encontravam. – E as lesmas gelatinosas? E os picolés ácidos? Fred me deu um desses quando eu tinha sete anos, fez um furo que atravessou a minha língua. Me lembro da mamãe pegando a vassoura e baixando o pau nele. – Rony ficou mirando, pensativo, a caixa de picolés ácidos. – Você acha que Fred comeria um cacho de baratas se eu dissesse a ele que era amendoim?

Depois que Rony e Hermione pagaram por todos os doces que compraram, os três saíram da Dedosdemel para enfrentar a nevasca lá fora.

Hogsmeade parecia um cartão de Natal; as casas e lojas de telhado de colmo estavam cobertas por uma camada de neve fresca; havia coroas de azevinho nas portas e fieiras de luzes encantadas penduradas nas árvores.

Harry estremeceu; ao contrário dos amigos, ele não estava usando casaco. Os três saíram caminhando pela rua, a cabeça abaixada contra o vento, Rony e Hermione gritando por dentro dos cachecóis.

– Ali é o Correio...

– A Zonko’s fica mais adiante.

– Podíamos ir até a Casa dos Gritos...

– Vamos fazer o seguinte – sugeriu Rony com os dentes batendo –, vamos

tomar uma cerveja amanteigada no Três Vassouras?

Harry estava mais do que a fim; havia um vento cortante e suas mãos estavam congelando. Então, eles atravessaram a rua e minutos depois entravam na minúscula estalagem.

A sala estava cheíssima, barulhenta, quente e enfumaçada. Uma mulher tipo violão, com um rosto bonito, estava servindo um grupo de bruxos desordeiros no bar.

– Aquela é a Madame Rosmerta – disse Rony. – Vou pegar as bebidas, está bem? – acrescentou, corando ligeiramente.

Harry e Hermione foram até o fundo do salão, onde havia uma mesinha desocupada entre uma janela e uma bela árvore de Natal próxima à lareira. Rony voltou em cinco minutos, trazendo três canecas espumantes de cerveja amanteigada.

– Feliz Natal! – desejou ele alegremente, erguendo a caneca.

Harry bebeu com gosto. Era a coisa mais deliciosa que já provara e parecia aquecer cada pedacinho dele, de dentro para fora.

Uma brisa repentina despenteou seus cabelos. A porta do Três Vassouras tornou a se abrir. Harry olhou por cima da borda da caneca e se engasgou.

Os professores McGonagall e Flitwick tinham acabado de entrar no bar em meio a uma rajada de flocos de neve, seguidos de perto por Hagrid, que vinha absorto em uma conversa com um homem corpulento de chapéu-coco verde-limão e uma capa de risca de giz – Cornélio Fudge, Ministro da Magia.

Numa fração de segundo, Rony e Hermione, ao mesmo tempo, tinham posto as mãos na cabeça de Harry e feito o amigo escorregar do banquinho para baixo da mesa. Pingando cerveja amanteigada e se encolhendo para sumir de vista, Harry, agarrado à caneca, espiou os pés dos professores e de Fudge caminharem até o bar, pararem e, em seguida, darem meia-volta e se dirigirem para onde ele estava.

Em algum lugar acima de sua cabeça, Hermione sussurrou:

– *Mobiliarbus!*

A árvore de Natal ao lado da mesa se ergueu alguns centímetros do chão, flutuou de lado e desceu com um baque suave bem diante da mesa dos garotos, escondendo-os dos professores. Espiando por entre os ramos mais baixos e densos, Harry viu quatro conjuntos de pés de cadeira se afastarem da mesa bem ao lado, depois ouviu os resmungos e suspiros dos professores e do ministro ao se sentarem.

Em seguida, ele viu mais um par de pés, usando saltos altos, turquesa, cintilantes, e ouviu uma voz de mulher.

– Uma água de *gilly* pequena...

– É minha – disse a voz da Profª Minerva.
– A jarra de quentão...
– Obrigado – disse Hagrid.
– Soda com xarope de cereja, gelo e guarda-sol...
– Hummm! – exclamou o Prof. Flitwick estalando os lábios.
– Para o senhor é o rum de groselha, ministro.
– Obrigado, Rosmerta, querida – disse a voz de Fudge. – É um prazer revê-la, devo dizer. Não quer nos acompanhar? Venha se sentar conosco...
– Bem, muito obrigada, ministro.
Harry acompanhou os saltos cintilantes se afastarem e retornarem. Seu coração batia incomodamente na garganta. Por que não lhe ocorrera que este era o último fim de semana do trimestre também para os professores? E quanto tempo eles ficariam sentados ali? Ele precisava de tempo para voltar discretamente à Dedosdemel, se quisesse estar na escola ainda aquela noite... A perna de Hermione deu uma tremida nervosa perto dele.
– Então, o que é que o traz a esse fim de mundo, ministro? – perguntou a voz de Madame Rosmerta.
Harry viu a parte de baixo do corpo de Fudge se virar na cadeira, como se verificasse se havia alguém escutando. Depois respondeu em voz baixa:
– Quem mais se não Sirius Black? Imagino que você deve ter sabido o que houve em Hogwarts no Dia das Bruxas?
– Para falar a verdade, ouvi um boato – admitiu Madame Rosmerta.
– Você contou ao bar inteiro, Hagrid? – perguntou a Profª Minerva, exasperada.
– O senhor acha que Black continua por aqui, ministro? – perguntou Madame Rosmerta.
– Tenho certeza – respondeu Fudge laconicamente.
– O senhor sabe que os dementadores já revistaram o meu bar duas vezes? – falou Madame Rosmerta, com uma ligeira irritação na voz. – Espantaram todos os meus fregueses... Isto é muito ruim para o comércio, ministro.
– Rosmerta, querida, gosto tanto deles quanto você – disse Fudge, constrangido. – É uma precaução necessária... infelizmente, mas veja só... acabei de encontrar alguns. Estão furiosos com Dumbledore porque ele não os deixa entrar nos terrenos da escola.
– É claro que não – disse a Profª Minerva, rispidamente. – Como é que vamos ensinar com aqueles horrores por todo o lado?
– Apoiado, apoiado! – exclamou o Prof. Flitwick com voz esganiçada, os pés balançando a um palmo do chão.

– Mesmo assim – disse Fudge em tom de dúvida –, eles estão aqui para proteger vocês todos de coisa muito pior... Nós todos sabemos o que Black é capaz de fazer...

– Sabem, eu ainda acho difícil acreditar – disse Madame Rosmerta pensativamente. – De todas as pessoas que passaram para o lado das trevas, Sirius Black é o último em que eu pensaria... quero dizer, eu me lembro dele quando era garoto em Hogwarts. Se alguém tivesse me dito, então, no que ele iria se transformar, eu teria respondido que a pessoa tinha bebido quentão demais.

– Você não conhece nem metade do que ele fez, Rosmerta – disse Fudge com impaciência. – A maioria nem sabe o pior.

– Pior? – exclamou Madame Rosmerta, a voz animada de curiosidade. – O senhor quer dizer pior do que matar todos aqueles coitados?

– Isso mesmo.

– Não posso acreditar. Que poderia ser pior?

– Você diz que se lembra dele em Hogwarts, Rosmerta – murmurou a Profª Minerva. – Você se lembra de quem era o melhor amigo dele?

– Claro – disse Madame Rosmerta, com uma risadinha. – Nunca se via um sem o outro, não é mesmo? O número de vezes que os dois estiveram aqui, aah, me faziam rir o tempo todo. Uma dupla incrível, Sirius Black e Tiago Potter!

Harry deixou cair a caneca com estrépito. Rony deu-lhe um pontapé.

– Exatamente – disse a Profª Minerva. – Black e Potter. Líderes de uma turminha. Os dois muito inteligentes, é claro, na verdade excepcionalmente inteligentes, mas acho que nunca tivemos uma dupla de criadores de confusões igual...

– Não sei – disse Hagrid, dando uma risadinha. – Fred e Jorge Weasley seriam páreo duro para os dois.

– Poder-se-ia até pensar que Black e Potter eram irmãos! – o Prof. Flitwick entrou na conversa. – Inseparáveis!

– Claro que eram – comentou Fudge. – Potter confiava mais em Black do que em qualquer outro amigo. Nada mudou quando os dois terminaram a escola. Black foi o padrinho quando Tiago se casou com Lílian. Depois, eles o escolheram para padrinho de Harry. O garoto nem tem ideia disso, é claro. Vocês podem imaginar como isto o atormentaria.

– Por que Black acabou se aliando a Você-Sabe-Quem? – cochichou Madame Rosmerta.

– Foi muito pior do que isso, minha querida... – Fudge baixou a voz e continuou numa espécie de sussurro grave. – Muita gente desconhece que os

Potter sabiam que Você-Sabe-Quem queria pegá-los. Dumbledore, que naturalmente trabalhava sem descanso contra Você-Sabe-Quem, tinha um bom número de espiões úteis. Um deles avisou-o e ele, na mesma hora, alertou Tiago e Lílian. Dumbledore aconselhou os dois a se esconderem. Bem, é claro que não era fácil alguém se esconder de Você-Sabe-Quem. Dumbledore sugeriu aos dois que teriam maiores chances de escapar se apelassem para o Feitiço Fidelius.

– Como é que é isso? – perguntou Madame Rosmerta, ofegando de interesse. O Prof. Flitwick pigarreou.

– Um feitiço extremamente complexo – explicou com a sua vozinha fina –, que implica esconder o segredo, por meio da magia, em uma única pessoa viva. A informação é guardada no íntimo da pessoa escolhida, ou fiel do segredo, e torna-se impossível encontrá-la, a não ser, é claro, que o fiel do segredo resolva contar a alguém. Enquanto ele se mantiver calado, Você-Sabe-Quem poderia revistar o povoado em que Lílian e Tiago viviam durante anos sem jamais encontrá-los, mesmo que ficasse com o nariz grudado na janela da sala deles!

– Então Black era o fiel do segredo dos Potter? – sussurrou Madame Rosmerta.

– Naturalmente – respondeu a Profª Minerva. – Tiago Potter contou a Dumbledore que Black preferiria morrer a contar onde eles estavam, que Black estava pensando em se esconder também... mesmo assim, Dumbledore continuou preocupado. Eu me lembro que ele próprio se ofereceu para ser o fiel do segredo dos Potter.

– Ele suspeitava de Black? – exclamou Madame Rosmerta.

– Ele tinha certeza de que alguém íntimo dos Potter tinha mantido Você-Sabe-Quem informado dos movimentos do casal – respondeu a Profª Minerva sombriamente. – De fato, ele vinha suspeitando havia algum tempo de que alguém do nosso lado virara traidor e estava passando muita informação para Você-Sabe-Quem.

– Mas Tiago Potter insistiu em usar Black?

– Insistiu – disse Fudge com a voz carregada. – E então, pouco mais de uma semana depois de terem realizado o Feitiço Fidelius...

– Black traiu os Potter? – murmurou Madame Rosmerta.

– Traiu. Black estava cansado do papel de agente duplo, estava pronto a declarar abertamente o seu apoio a Você-Sabe-Quem, e parece que planejou fazer isso assim que os Potter morressem. Mas, como todos sabem, Você-Sabe-Quem encontrou sua perdição no pequeno Harry Potter. Despojado de poderes, extremamente enfraquecido, ele fugiu. E isto deixou Black numa posição realmente muito difícil. Seu mestre caíra no exato momento em que ele, Black,

mostrara quem de fato era, um traidor. Não teve outra escolha senão fugir...
– Vira-casaca imundo e podre! – exclamou Hagrid tão alto que metade do bar se calou.
– Psiu! – fez a Profª Minerva.
– Eu o encontrei! – rosnou Hagrid. – Devo ter sido a última pessoa que viu Black antes de ele matar toda aquela gente! Fui eu que salvei Harry da casa de Lílian e Tiago depois que o casal morreu! Tirei o garoto das ruínas, coitadinho, com um grande corte na testa, e os pais mortos... e Sirius Black aparece, naquela moto voadora que ele costumava usar. Nunca me ocorreu o que ele estava fazendo ali. Eu não sabia que ele era o fiel do segredo de Lílian e Tiago. Pensei que tivesse acabado de saber da notícia do ataque de Você-Sabe-Quem e vindo ver o que era possível fazer. Estava tremendo, branco. E vocês sabem o que eu fiz? EU CONSOLEI O TRAIDOR ASSASSINO! – bradou Hagrid.
– Hagrid, por favor! – pediu a Profª Minerva. – Fale baixo!
– Como é que eu ia saber que ele não estava abalado com a morte de Lílian e Tiago? Que estava preocupado era com Você-Sabe-Quem! Então ele disse: “Me dá o Harry, Hagrid. Sou o padrinho dele, vou cuidar dele...” Ah! Mas eu tinha recebido ordens de Dumbledore, e disse não, Dumbledore tinha me mandado levar Harry para a casa dos tios. Black discordou, mas no fim cedeu. Me disse, então, que eu podia pegar a moto dele para levar Harry. “Não vou precisar mais dela”, falou.
“Eu devia ter percebido, naquela hora, que alguma coisa não estava cheirando bem. Black adorava a moto. Por que estava dando ela para mim? Por que não ia precisar mais da moto? A questão é que a moto era muito fácil de localizar. Dumbledore sabia que ele tinha sido o fiel do segredo dos Potter. Black sabia que ia ter que se mandar àquela noite, sabia que era uma questão de horas até o Ministério sair à procura dele.
“*Mas e se eu tivesse entregado Harry a Black, hein?* Aposto como ele teria jogado o garoto no mar no meio do caminho. O filho dos melhores amigos dele! Mas quando um bruxo se alia ao lado das trevas, não tem mais nada nem ninguém que tenha importância para ele...”
À história de Hagrid seguiu-se um longo silêncio. Então, Madame Rosmerta falou com uma certa satisfação.
– Mas ele não conseguiu desaparecer, não foi? O Ministério da Magia o agarrou no dia seguinte!
– Ah, se ao menos isso fosse verdade – lamentou Fudge com amargura. – Não fomos nós que o encontramos. Foi o pequeno Pedro Pettigrew, outro amigo dos Potter. Com certeza, enlouquecido de pesar e sabendo que Black fora o fiel do

segredo dos Potter, Pedro foi pessoalmente atrás dele.
– Pettigrew... aquele gordinho que sempre andava atrás dos dois em Hogwarts? – perguntou Madame Rosmerta.
– Ele venerava Black e Potter como se fossem heróis – disse a Profª Minerva. – Não estava bem à altura deles em termos de talento. Muitas vezes fui severa demais com ele. Podem imaginar agora como me... como me arrependo disso... – Sua voz parecia a de alguém que apanhara de repente um resfriado.
– Vamos, Minerva – consolou-a Fudge, com bondade. – Pettigrew teve uma morte de herói. Testemunhas oculares, trouxas, é claro, depois limpamos a memória deles, nos contaram como Pettigrew encurralou Black. Dizem que ele soluçava: “Lílian e Tiago, Sirius! Como é que você pôde?” Então fez menção de apanhar a varinha. Bem, naturalmente, Black foi mais rápido. Fez Pettigrew em pedacinhos...
A Profª Minerva assoou o nariz e disse com a voz embargada:
– Menino burro... menino tolo... nunca teve jeito para duelar... deveria ter deixado isso para o Ministério...
– E vou dizer uma coisa, se eu tivesse chegado ao Black antes de Pettigrew, não teria apelado para varinhas, eu teria despedaçado ele aos bocadinhos – rosnou Hagrid.
– Você não sabe o que está dizendo, Hagrid – disse Fudge com severidade. – Ninguém, a não ser bruxos de elite do Esquadrão de Execução das Leis da Magia, teria tido uma chance contra Black depois que ele foi encurralado. Na época, eu era ministro júnior no Departamento de Catástrofes Mágicas, e fui um dos primeiros a chegar à cena depois que Black liquidou aquelas pessoas, nunca vou me esquecer. Ainda sonho com o que vi, às vezes. Uma cratera no meio da rua, tão funda que rachou a tubulação de esgoto embaixo. Cadáveres por toda a parte. Trouxas berrando. E Black parado ali, dando gargalhadas, diante do que restava de Pettigrew... um monte de vestes ensanguentadas e uns poucos, uns poucos fragmentos...
A voz de Fudge parou abruptamente. Ouviu-se o barulho de cinco narizes sendo assoados.
– Bem, aí tem você, Rosmerta – disse Fudge com a voz carregada. – Black foi levado por vinte policiais do Esquadrão de Execução das Leis da Magia e Pettigrew recebeu a Ordem de Merlim, Primeira Classe, o que acho que foi algum consolo para a coitada da mãe dele. Black tem estado preso em Azkaban desde então.
Madame Rosmerta deu um longo suspiro.
– É verdade que ele é doido, ministro?

– Eu gostaria de poder dizer que é – disse Fudge lentamente. – Acredito que é certo que a derrota do mestre o desequilibrou por algum tempo. O assassinato de Pettigrew e de todos aqueles trouxas foi trabalho de um homem desesperado e acuado, cruel... sem sentido. Mas eu encontrei Black na última inspeção que fiz à Azkaban. Vocês sabem que a maioria dos prisioneiros lá ficam sentados no escuro resmungando; não dizem coisa com coisa... mas fiquei chocado com a aparência *normal* de Black. Conversou comigo muito racionalmente. Me deixou nervoso. Deu a impressão de estar meramente entediado, perguntou se eu já tinha acabado de ler o meu jornal, com toda a tranquilidade, disse que sentia falta das palavras cruzadas. Fiquei realmente espantado de ver o pouco efeito que os dementadores estavam causando nele, e, vejam, ele era um dos prisioneiros mais fortemente guardados do lugar. Dementadores à porta da cela dia e noite.

– Mas para que o senhor acha que ele fugiu? – perguntou Madame Rosmerta.
– Por Deus, ministro, ele não está tentando se juntar a Você-Sabe-Quem, está?

– Eu diria que esse é o plano dele, hum, a longo prazo – disse Fudge evasivamente. – Mas temos esperança de pegar Black bem antes disso. Devo dizer que Você-Sabe-Quem sozinho e sem amigos é uma coisa... mas se tiver de volta o seu serviçal mais dedicado, estremeço só em pensar na rapidez com que se reergueria...

Ouviu-se um leve tilintar de copo em madeira. Alguém pousara o copo.

– Sabe, Cornélio, se você vai jantar com o diretor, é melhor voltarmos para o castelo – sugeriu a Profª Minerva.

Um por um, os pares de pés à frente de Harry retomaram o peso dos seus donos; barras de capas rodopiaram no ar e os saltos cintilantes de Madame Rosmerta desapareceram atrás do balcão do bar. A porta do Três Vassouras tornou a se abrir, deixando entrar mais uma rajada de flocos de neve e os professores desapareceram.

– Harry?

Os rostos de Rony e Hermione surgiram embaixo da mesa. Os dois o encararam, sem encontrar palavras para falar.

— CAPÍTULO ONZE —

A Firebolt

Harry não tinha uma ideia muito clara de como conseguira voltar ao porão da Dedosdemel, atravessar o túnel e sair mais uma vez no castelo. Só sabia que a viagem de volta parecia não ter demorado nada, e que ele mal se apercebera do que estava fazendo, porque sua cabeça continuava a latejar com a conversa que acabara de ouvir.

Por que ninguém lhe contara? Dumbledore, Hagrid, o Sr. Weasley, Cornélio Fudge... por que ninguém jamais mencionara o fato de que seus pais tinham morrido porque o melhor amigo deles os traíra?

Rony e Hermione observavam Harry, muito nervosos, durante o jantar, sem sequer se atrever a conversar com ele sobre o que tinham ouvido, porque Percy estava sentado perto deles. Quando subiram para a concorrida sala comunal, foi para descobrir que Fred e Jorge tinham soltado meia dúzia de bombas de bosta num arroubo de animação de fim de trimestre. Harry, que não queria que os gêmeos lhe perguntassem se tinha chegado ou não a Hogsmeade, subiu sorrateira e silenciosamente para o dormitório vazio e foi direto ao seu armário de cabeceira. Empurrou os livros para um lado e não demorou nada a encontrar o que estava procurando – o álbum de fotografias encadernado em couro que Hagrid lhe dera havia dois anos, repleto de fotos mágicas de seus pais. O garoto se sentou na cama, fechou o cortinado e começou a virar as páginas, procurando, até que...

Parou numa foto do dia do casamento dos pais. Lá estava seu pai acenando para ele, sorridente, os rebeldes cabelos negros que Harry herdara apontando para todas as direções. Lá estava sua mãe, radiante de felicidade, de braço dado com o seu pai. E lá... aquele devia ser ele. O padrinho... Harry jamais lhe dera atenção antes.

Se não tivesse sabido que era a mesma pessoa, jamais teria pensado que era

Black naquela velha foto. Seu rosto não era encovado e macilento, mas bonito e risonho. Já estaria trabalhando para Voldemort quando a foto fora tirada? Já estaria planejando as mortes das duas pessoas ao seu lado? Saberia que ia enfrentar doze anos em Azkaban, doze anos que o tornariam irreconhecível?

Mas os dementadores não o afetam, pensou Harry, examinando atentamente aquele rosto bonito e risonho. *Ele não tem que ouvir minha mãe gritando quando eles chegam muito perto...*

Harry fechou com violência o álbum e, abaixando-se, guardou-o de novo no armário, tirou as vestes e os óculos e foi dormir, cuidando para que o cortinado o escondesse de todos.

A porta do dormitório se abriu.

– Harry? – chamou a voz de Rony, hesitante.

Mas Harry continuou quieto, fingindo que estava dormindo. Ouviu o amigo se retirar e virou de barriga para cima, os olhos muito abertos.

Um ódio que ele jamais conhecera começou a crescer dentro dele como veneno. Viu Black rindo-se dele no escuro, como se alguém tivesse colado a foto do álbum em seus olhos. Assistiu, como se estivesse vendo um filme, a Sirius Black explodir Pedro Pettigrew (que lembrava Neville Longbottom) em mil pedaços. Ouviu (embora não tivesse a menor ideia do som que teria a voz de Black) um murmúrio baixo e excitado. “Aconteceu, meu Senhor... os Potter me escolheram para fiel do seu segredo...” E então ouviu outra voz, rindo-se histericamente, a mesma risada que Harry ouvia mentalmente sempre que os dementadores se aproximavam...

– Harry, você... você está com uma cara horrível.

O garoto só adormecera quando o dia ia raiando. Ao acordar, encontrou o dormitório vazio, deserto, se vestiu e desceu para a sala comunal, também vazia exceto pela presença de Rony, que comia sapos de creme de menta e massageava a barriga, e Hermione que espalhara os deveres de casa em cima de três mesas.

– Onde foi todo mundo? – perguntou Harry.

– Embora! Hoje é o primeiro dia das férias, está lembrado? – respondeu Rony, observando o amigo atentamente. – É quase hora do almoço; eu ia subir para acordá-lo daqui a pouquinho.

Harry afundou em uma poltrona junto à lareira. A neve continuava a cair lá fora. Bichento estava esparramado diante da lareira como um grande tapete amarelo-avermelhado.

– Realmente você não está com uma cara muito boa, sabe – disse Hermione, examinando ansiosa o rosto do garoto.

– Estou ótimo – retrucou ele.

– Harry, escuta aqui – disse Hermione trocando um olhar com Rony –, você deve estar realmente perturbado com o que ouviu ontem. Mas o importante é não fazer nenhuma bobagem.

– Como o quê?

– Como tentar ir atrás de Black – disse Rony depressa.

Harry percebeu que os dois tinham ensaiado aquela conversa enquanto ele estivera dormindo. Não respondeu nada.

– Você não vai, não é mesmo, Harry? – insistiu Hermione.

– Porque não vale a pena morrer por causa do Black – disse Rony.

Harry olhou para os amigos. Eles pareciam não ter entendido o problema.

– Vocês sabem o que eu vejo e ouço cada vez que um dementador se aproxima de mim? – Rony e Hermione sacudiram a cabeça, apreensivos. – Ouço minha mãe gritar e suplicar a Voldemort. E se alguém ouve a mãe gritar daquele jeito, pouco antes de morrer, não dá para esquecer depressa. E se descobre que alguém que ela acreditava ser amigo foi o traidor que pôs Voldemort na pista dela...

– Mas não tem nada que você possa fazer! – disse Hermione impressionada. – Os dementadores vão capturar Black e ele vai voltar a Azkaban e... e é muito bem feito para ele!

– Você ouviu o que Fudge disse. Black não é afetado por Azkaban como as pessoas normais. Não é um castigo para ele como é para os outros.

– Então o que é que você está dizendo? – perguntou Rony muito tenso. – Você quer... matar Black ou coisa parecida?

– Não seja bobo – disse Hermione, cuja voz transparecia pânico. – Harry não quer matar ninguém, não é mesmo?

Mais uma vez Harry não respondeu. Ele não sabia o que queria fazer. Só sabia que a ideia de não fazer nada, enquanto Black continuava em liberdade, era quase insuportável.

– Malfoy sabe – disse ele de repente. – Vocês lembram do que ele me disse na aula de Poções? "Se fosse eu, eu ia querer me vingar. Ia atrás dele pessoalmente."

– Você vai seguir o conselho de Malfoy em vez do nosso? – perguntou Rony, enfurecido. – Escuta aqui... você sabe o que a mãe do Pettigrew recebeu depois que Black acabou com o filho dela? Papai me contou... a Ordem de Merlim, Primeira Classe, e o dedo de Pettigrew em uma caixa. Foi o maior pedaço dele que conseguiram encontrar. Black é um louco, Harry, e é perigoso...

– O pai de Malfoy deve ter contado a ele – disse Harry, não dando atenção a Rony. – Fazia parte do círculo íntimo de Voldemort...

– *Faz favor de dizer Você-Sabe-Quem?* – exclamou Rony com raiva.

– ... então obviamente, os Malfoy sabiam que Black estava trabalhando para

Voldemort...

– ... e Malfoy adoraria ver você desintegrado em um milhão de pedaços, como Pettigrew! Caia na real, Harry. A esperança de Malfoy é que você seja morto antes de ele precisar jogar quadribol contra você.

– Harry, *por favor* – pediu Hermione, os olhos agora brilhantes de lágrimas –, *por favor*, tenha juízo. Black fez uma coisa horrível demais, mas não corra riscos, é isso que Black quer... Ah, Harry, você vai fazer o jogo do Black se for atrás dele. Seus pais não iam querer que você se machucasse, iam? Jamais iam querer que você saísse procurando o Black!

– Eu nunca vou saber o que eles iam querer, porque, graças ao Black, nunca conversei com eles – disse Harry com rispidez.

Houve um silêncio em que Bichento se espreguiçou com desenvoltura, flexionando as garras. O bolso de Rony estremeceu.

– Escuta – disse o garoto, obviamente procurando mudar de assunto –, estamos de férias! Já é quase Natal! Vamos... vamos descer para ver o Hagrid. Não o visitamos há uma eternidade!

– Não! – disse Hermione depressa. – Harry não pode sair do castelo, Rony...

– É, vamos – disse Harry se endireitando na poltrona –, assim posso perguntar a ele por que nunca mencionou o Black quando me contou a história dos meus pais!

Continuar a discussão sobre Sirius Black não era obviamente o que Rony tinha em mente.

– Ou poderíamos jogar uma partida de xadrez – disse ele depressa – ou de bexigas. Percy deixou um jogo...

– Não, vamos visitar Hagrid – disse Harry com firmeza.

Então os três apanharam as capas nos dormitórios e saíram pelo buraco do retrato (Levantem-se para lutar, seus vira-latas covardes!), desceram pelo castelo vazio e cruzaram as portas de carvalho.

Os garotos caminharam sem pressa pelos jardins, deixando uma vala rasa na neve faiscante e solta, as meias e as bainhas das capas foram se molhando e congelando. A Floresta Proibida parecia que fora encantada, cada árvore se cobrira de salpicos prateados e a cabana de Hagrid lembrava um bolo com glacê.

Rony bateu, mas não teve resposta.

– Será que ele saiu? – perguntou Hermione, que tremia embaixo da capa.

Rony encostou o ouvido na porta.

– Tem um barulho esquisito – disse. – Escuta só... será o Canino?

Harry e Hermione encostaram os ouvidos na porta também. De dentro da cabana vinham uns gemidos baixos e soluçantes.

– Será que não é melhor a gente ir chamar alguém? – perguntou Rony,

nervoso.

– Hagrid! – chamou Harry, dando socos na porta. – Hagrid, você está aí?

Ouviu-se um som de passos pesados, depois a porta se abriu com um rangido. Hagrid estava ali parado, com os olhos vermelhos e inchados, as lágrimas caindo pelo seu colete de couro.

– Vocês souberam? – berrou ele, e se atirou no pescoço de Harry.

Tendo Hagrid no mínimo duas vezes o tamanho de um homem normal, isso não foi brincadeira. O garoto, quase desabando sob o peso do gigante, foi salvo por Rony e Hermione, que seguraram um em cada braço de Hagrid, e o puxaram para dentro da cabana. O guarda-caça deixou-se conduzir até uma cadeira e se largou em cima da mesa, soluçando descontrolado, o rosto brilhante de lágrimas que escorriam por sua barba embaraçada.

– Hagrid, o que *foi*? – perguntou Hermione perplexa.

Harry reparou em uma carta de aparência oficial aberta em cima da mesa.

– Que é isso, Hagrid?

Os soluços de Hagrid redobraram, mas ele empurrou a carta para o garoto, que a apanhou e leu em voz alta:

Prezado Sr. Hagrid,

Dando prosseguimento ao nosso inquérito sobre o ataque do hipogrifo a um aluno seu, aceitamos as ponderações do Prof. Dumbledore de que o senhor não é responsável pelo lamentável incidente.

– Bem, então está tudo certo, Hagrid! – exclamou Rony, dando uma palmadinha no ombro do amigo. Mas Hagrid continuou a soluçar, e fez sinal com uma de suas gigantescas mãos, convidando Harry a continuar a leitura da carta.

No entanto, devemos registrar a nossa preocupação quanto ao hipogrifo em pauta. Decidimos acolher a reclamação oficial do Sr. Lúcio Malfoy, e o caso será encaminhado à Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. A audiência terá lugar em 20 de abril, e solicitamos que o s enhor se apresente com o seu hipogrifo nos escritórios da Comissão, em Londres, nessa data. Entrementes, o animal deverá ser mantido preso e isolado.

Atenciosamente...

Seguia-se uma lista com os nomes dos conselheiros da escola.

– Ah! – exclamou Rony. – Mas você disse que o Bicuço não é um hipogrifo bravo, Hagrid. Aposto como ele vai se safar...

– Você não conhece as gárgulas da Comissão para Eliminação de Criaturas

Perigosas! – respondeu Hagrid com a voz engasgada, enxugando os olhos na manga. – Eles têm má vontade com as criaturas interessantes!

Um som repentino vindo de um canto da cabana fez Harry, Rony e Hermione se virarem depressa. Bicuço, o hipogrifo, estava deitado a um canto, mastigando alguma coisa que fazia escorrer sangue por todo o soalho.

– Eu não podia deixar ele amarrado lá fora na neve! – explicou Hagrid, sufocado. – Sozinho! No Natal.

Harry, Rony e Hermione se entreolharam. Nunca tinham concordado com Hagrid sobre o que o guarda-caça chamava de “criaturas interessantes” e outras pessoas chamavam de “monstros aterrorizantes”. Por outro lado, não parecia haver nenhuma maldade específica em Bicuço. De fato, pelos padrões normais de Hagrid, o bicho era sem dúvida engraçadinho.

– Você terá que preparar uma boa defesa, Hagrid – falou Hermione, sentando-se e pondo a mão no braço maciço do amigo. – Tenho certeza de que você pode provar que Bicuço é seguro.

– Não vai fazer nenhuma diferença! – soluçou Hagrid. – Aqueles demônios da Eliminação, eles são controlados por Lúcio Malfoy! Têm medo dele! E se eu perder o caso, Bicuço...

Hagrid passou o dedo rapidamente pela garganta, depois deixou escapar um lamento, e caiu para a frente, deitando a cabeça nos braços.

– E Dumbledore, Hagrid? – perguntou Harry.

– Ele já fez mais do que o suficiente por mim – gemeu Hagrid. – Já tem muito com que se ocupar só para segurar os dementadores fora do castelo e o Sirius Black rondando...

Rony e Hermione olharam depressa para Harry, como se esperassem que o garoto fosse começar a criticar Hagrid por não ter contado a verdade sobre Black. Mas Harry não teve coragem de perguntar nada, não naquele momento em que estava vendo o amigo tão infeliz e amedrontado.

– Escuta aqui, Hagrid – disse Harry –, você não pode desistir. Hermione tem razão, você só precisa é de uma boa defesa. Pode nos chamar como testemunhas...

– Tenho certeza de que já li um caso de alguém que provocou um hipogrifo – disse Hermione, pensativa – e o bicho foi inocentado. Vou procurar para você, Hagrid, e verificar exatamente o que aconteceu.

Hagrid chorou ainda mais alto. Harry e Hermione olharam para Rony, pedindo ajuda.

– Hum... e se eu fizesse uma xícara de chá para nós? – ofereceu-se o garoto.

Harry olhou para ele, espantado.

– É o que a minha mãe faz sempre que alguém está chateado – murmurou

Rony, encolhendo os ombros.

Finalmente, depois de muitas reafirmações de ajuda, e uma caneca de chá fumegante diante dele, Hagrid assoou o nariz com um lenço do tamanho de uma toalha de mesa e disse:

– Vocês têm razão. Não posso me entregar assim. Tenho que me controlar...

Canino, o cão de caçar javalis, saiu timidamente debaixo da mesa e descansou a cabeça no joelho do dono.

– Não tenho andado muito bem ultimamente – disse Hagrid, acariciando Canino com uma das mãos e enxugando o rosto com a outra. – Preocupado com o Bicuço e com a turma que não está gostando das minhas aulas...

– Nós gostamos! – mentiu Hermione na mesma hora.

– É, elas são ótimas! – acrescentou Rony, cruzando os dedos embaixo da mesa. – E... como é que vão os vermes?

– Mortos – disse Hagrid sombriamente. – Alface demais.

– Ah, não! – exclamou Rony, com um trejeito de riso na boca.

– E esses dementadores fazendo eu me sentir péssimo e tudo o mais – disse Hagrid com um súbito estremecimento. – Tenho que passar por eles todas as vezes que quero beber alguma coisa no Três Vassouras. É como se eu estivesse de volta a Azkaban...

Ele se calou e tomou um pouco de chá. Harry, Rony e Hermione o observaram prendendo a respiração. Nunca tinham ouvido Hagrid falar de sua breve estada em Azkaban. Depois de uma pausa, Hermione perguntou timidamente:

– Lá é muito ruim, Hagrid?

– Vocês não fazem ideia – disse ele com a voz contida. – Nunca estive em nenhum lugar assim. Pensei que ia endoidar. Ficava lembrando de coisas horríveis... o dia em que fui expulso de Hogwarts... o dia em que meu pai morreu... o dia em que tive de mandar Norberto embora...

Seus olhos se encheram de lágrimas. Norberto era o bebê dragão que Hagrid ganhara certa vez em um jogo de cartas.

– A pessoa não consegue mais se lembrar de quem é depois de algum tempo. E começa a achar que não vale a pena viver. Eu tinha esperança de morrer durante o sono... Quando me soltaram, foi como se eu estivesse renascendo, tudo voltou como uma avalanche, foi a melhor sensação do mundo. E vejam bem, os dementadores não gostaram nada de me deixar sair.

– Mas você era inocente! – exclamou Hermione.

Hagrid riu pelo nariz.

– Você acha que eles se importam com isso? Que nada. Desde que tenham umas centenas de seres humanos trancafiados com eles, para poder sugar toda a felicidade deles, não estão nem aí se alguém é ou não é culpado.

Hagrid ficou calado por um instante, olhando para o chá. Depois disse em voz baixa:

– Pensei em deixar Bicuço ir embora... tentar fazê-lo fugir... mas como é que a gente explica para um hipogrifo que ele tem que se esconder? E... e tenho medo de desrespeitar a lei... – Ele ergueu os olhos para os garotos, as lágrimas outra vez escorrendo pelo rosto. – Não quero nunca mais na vida voltar para Azkaban.

A ida à cabana de Hagrid, embora não tivesse sido divertida, em todo o caso, produzira o efeito que Rony e Hermione esperavam. Ainda que Harry não tivesse de modo algum esquecido Black, não iria poder ficar pensando o tempo todo em vingança se quisesse ajudar Hagrid a vencer a causa contra a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. Ele, Rony e Hermione foram, no dia seguinte, à biblioteca, e voltaram ao vazio salão comunal, carregados de livros que poderiam ajudar a preparar a defesa para o Bicuço. Os três se sentaram diante do fogo forte que havia na lareira e folhearam lentamente as páginas de livros empoeirados sobre casos famosos de feras que saíram para roubar ou atacar gente, falando-se, ocasionalmente, quando deparavam com alguma coisa que servisse.

– Aqui tem uma coisa... houve um caso em 1722... mas o hipogrifo foi condenado, eca, olhem só o que fizeram com ele, que coisa horrível...

– Esse aqui pode ajudar, olhem... um manticora atacou alguém ferozmente em 1296, e deixaram o bicho livre... ah... não, foi só porque todos estavam com medo de se aproximar dele...

Nesse meio-tempo, tinham sido armadas no resto do castelo as magníficas decorações de Natal, apesar de poucos alunos terem permanecido na escola para apreciá-las. Grossas serpentinas de folhas e frutos de azevinho foram penduradas pelos corredores, luzes misteriosas brilhavam dentro de cada armadura, e o Salão Principal tinha as doze árvores de Natal de sempre, fulgurantes de estrelas douradas. Um cheiro forte e gostoso de comida invadia os corredores e, na altura da noite de Natal, estava tão forte que até Perebas, no bolso de Rony, botou o nariz de fora para cheirar, esperançoso, o ar.

Na manhã de Natal, Harry foi acordado com Rony atirando um travesseiro nele.

– Oi! Presentes!

Harry apanhou os óculos e colocou-os no rosto, tentando enxergar, na penumbra, os pés da cama, onde aparecera um montinho de pacotes. Rony já estava rasgando o papel que embrulhava os dele.

– Mais uma suéter de mamãe... *outra vez* marrom-avermelhada... veja se você também ganhou uma.

Harry ganhara. A Sra. Weasley lhe mandara uma suéter vermelha com o leão da Grifinória no peito, uma dúzia de tortas de frutas secas e nozes, um bolo de Natal e uma caixa com crocantes de nozes. Quando empurrou tudo isso para um lado, ele viu um pacote fino e longo por baixo.

– Que é isso? – perguntou Rony, espiando, enquanto segurava nas mãos um par de meias marrom-avermelhadas que acabara de abrir.

– Não sei...

Harry rasgou o pacote e prendeu a respiração ao ver a magnífica e reluzente vassoura que rolara sobre sua cama. Rony largou as meias e pulou da cama dele para olhar mais de perto.

– Eu não acredito – disse com a voz rouca.

Era uma Firebolt, idêntica à vassoura de sonho que Harry tinha ido ver todas as manhãs no Beco Diagonal. O cabo brilhou quando ele a ergueu. Sentiu a vassoura vibrar e a soltou; ela ficou flutuando no ar, sem apoio, na altura exata para ele montá-la.

Os olhos de Harry correram da placa de ouro com o número do registro para a superfície do cabo, dali para as lascas de bétula perfeitamente lisas e aerodinâmicas que formavam a cauda.

– Quem lhe mandou essa vassoura? – perguntou Rony em voz baixa.

– Procure aí o cartão – disse Harry.

Rony rasgou o resto do papel de embrulho da Firebolt.

– Nada! Caramba, quem gastaria tanto dinheiro com você?

– Bem – disse Harry, atordoado –, aposto que não foram os Dursley.

– Aposto que foi Dumbledore – disse Rony, agora rodeando a Firebolt, apreciando cada centímetro de sua glória. – Ele lhe mandou a Capa da Invisibilidade anonimamente...

– Mas era do meu pai – respondeu Harry. – Dumbledore só estava passando a capa para mim. Ele não gastaria centenas de galeões comigo. Não pode sair dando coisas assim para alunos...

– Por isso mesmo é que não ia dizer que foi ele! – concluiu Rony. – Para um debiloide feito o Malfoy não dizer que é favoritismo. Ei, Harry... – Rony deu uma grande gargalhada. – *Malfoy!* Espera até ele ver você montado nisso! Vai ficar doente de inveja! É uma vassoura de padrão *internacional*, ah, isso é!

– Não consigo acreditar – murmurou Harry, alisando a Firebolt, enquanto Rony afundava na cama dele, rindo de se acabar só de pensar no Malfoy. – *Quem*...?

– Eu sei – disse Rony se controlando. – Eu sei quem poderia ter sido... o Lupin.

– Quê? – disse Harry, agora começando a rir também. – *Lupin?* Olha, se ele

tivesse tanto ouro assim, poderia comprar umas vestes novas.
– É, mas ele gosta de você. E estava ausente quando a sua Nimbus se arrebentou, e talvez tenha ouvido falar do acidente e resolvido visitar o Beco Diagonal e comprar a vassoura para você...
– Que é que você quer dizer com “estava ausente”? – perguntou Harry. – Ele estava doente quando eu joguei aquela partida.
– Bem, ele não estava na ala hospitalar – disse Rony. – Eu estava lá limpando comadres, cumprindo aquela detenção que o Snape me deu, se lembra?
Harry franziu a testa para Rony.
– Não posso imaginar Lupin comprando um presente desses.
– Do que é que vocês estão rindo?
Hermione acabara de entrar, vestindo um robe e segurando Bichento, que estava com a cara de extremo mau humor e um fio de lantejoulas em volta do pescoço.
– Não entra aqui com ele! – disse Rony, apanhando Perebas depressa das profundezas de sua cama e guardando-o no bolso do pijama. Mas Hermione não ouviu. Largou Bichento na cama vazia de Simas e grudou os olhos, boquiaberta, na Firebolt.
– Ah, *Harry*! Quem lhe mandou *isso*?
– Não tenho a menor ideia. Não tinha cartão nem nada.
Para sua surpresa, Hermione não pareceu nem excitada nem intrigada com a informação. Pelo contrário, ficou desapontada e mordeu o lábio.
– Que é que você tem? – perguntou Rony.
– Não sei – respondeu Hermione lentamente –, mas é meio esquisito, não é? Quero dizer, essa é uma vassoura muito boa, não é?
Rony suspirou, exasperado.
– É a melhor vassoura que existe no mundo, Hermione.
– Então deve ter sido realmente cara...
– Provavelmente custou mais do que todas as vassouras da Sonserina, juntas – disse Rony alegremente.
– Bem... quem iria mandar a Harry uma coisa tão cara e nem ao menos dizer que mandou? – perguntou Hermione.
– Quem quer saber disso? – retrucou Rony, impaciente. – Escuta aqui, Harry, posso dar uma voltinha? Posso?
– Acho que ninguém devia montar essa vassoura por enquanto! – disse Hermione com a voz esganiçada.
Harry e Rony encararam a garota.
– Que é que você acha que Harry vai fazer com ela... varrer o chão?
Mas antes que Hermione pudesse responder, Bichento saltou da cama de

Simas direto para o peito de Rony.
– TIRE-O-DAQUI! – berrou Rony, ao mesmo tempo em que as garras de Bichento rasgaram seu pijama e Perebas tentou uma fuga desesperada por cima do seu ombro. Rony agarrou Perebas pelo rabo e mirou em Bichento um pontapé mal calculado que acabou acertando o malão aos pés da cama de Harry, derrubou-o, e fez Rony pular pelo quarto uivando de dor.
O pelo de Bichento de repente ficou em pé. Um assobio alto e fino começou a invadir o quarto. O bisbilhoscópio de bolso saltara de dentro das meias velhas do tio Válter e saíra rodopiando e cintilando pelo chão.
– Eu tinha me esquecido dele! – exclamou Harry, que se abaixou e recolheu o bisbilhoscópio. – Nunca uso estas meias se posso evitar...
O pequeno pião girava e assobiava na palma da mão do garoto. Bichento sibilava e bufava para ele.
– É melhor você levar esse gato daqui, Hermione – disse Rony furioso, sentando-se na cama de Harry e massageando o dedão do pé. – Será que dá para você guardar essa coisa? – acrescentou ele para Harry quando Hermione ia se retirando do quarto. Os olhos amarelos de Bichento continuavam fixos nele, cheios de malícia.
Harry tornou a enfiar o bisbilhoscópio nas meias e atirou-o de volta ao malão. Tudo que se ouvia agora eram os gemidos de dor e raiva que Rony abafava. Perebas estava aninhado nas mãos do dono. Já fazia tempo que Harry o vira fora do bolso do amigo e teve a desagradável surpresa de observar que Perebas, antigamente tão gordo, estava agora magérrimo; e também tinha perdido pelos em alguns pontos do corpo.
– Ele não está com uma aparência muito boa, não é? – comentou Harry.
– É estresse! – respondeu Rony. – Ele até estaria bem se aquela bola idiota de pelos o deixasse em paz.
Mas Harry, se lembrando que a mulher da loja Animais Mágicos dissera que os ratos só viviam três anos, não pôde deixar de sentir que, a não ser que Perebas tivesse poderes jamais revelados, ele estava chegando ao fim da vida. E, apesar das queixas frequentes do amigo de que o rato estava chato e inútil, ele tinha certeza de que Rony ficaria muito infeliz se o bicho morresse.
O espírito de Natal estava decididamente em baixa no salão comunal da Grifinória àquela manhã. Hermione prendera Bichento no dormitório das meninas, mas estava furiosa com Rony por ter tentado chutá-lo; Rony continuava fumegando de raiva com a nova tentativa que o gato fizera de comer seu rato. Harry desistiu de tentar fazer os dois se falarem e se ocupou em examinar a Firebolt, que trouxera com ele para a sala. Por alguma razão isto pareceu aborrecer Hermione também; ela não fez comentário algum, mas não

parava de lançar olhares carrancudos à vassoura, como se esta também tivesse criticado Bichento.

À hora do almoço eles desceram para o Salão Principal e descobriram que as mesas das casas tinham sido encostadas nas paredes outra vez e que uma única mesa fora posta para doze pessoas no meio do salão. Os professores Dumbledore, Minerva McGonagall, Snape, Sprout e Flitwick estavam sentados à mesa, bem como Filch, o zelador, que tirara o avental marrom de uso diário e estava enfatiotado com uma casaca muito velha de aspecto mofado. Havia apenas mais três alunos, dois novatos extremamente nervosos e um garoto mal-humorado da Sonserina.

– Feliz Natal! – desejou Dumbledore quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram da mesa. – Como éramos tão poucos, me pareceu uma tolice usar as mesas das casas... Sentem-se, sentem-se!

Harry, Rony e Hermione se sentaram lado a lado na ponta da mesa.

– Balas de estalo! – disse Dumbledore entusiasmado, oferecendo a ponta de um tubo prateado a Snape, que o pegou com relutância e puxou. Com um estampido, a bala se rompeu e surgiu um grande chapéu cônico de bruxo encimado por um urubu empalhado.

Harry, lembrando-se do bicho-papão, procurou os olhos de Rony e os dois sorriram; a boca de Snape se comprimiu e ele empurrou o chapéu para Dumbledore, que o trocou pelo próprio chapéu de bruxo na mesma hora.

– Podem avançar! – convidou ele aos presentes, sorrindo para todos.

Quando Harry estava se servindo de batatas assadas, as portas do salão se abriram. Era a Profª Sibila Trelawney, deslizando em direção à mesa como se andasse sobre rodas. Tinha posto um vestido verde de paetês em homenagem à ocasião, o que a fazia parecer mais que nunca uma libélula enorme e cintilante.

– Sibila, mas que surpresa agradável! – saudou-a Dumbledore, levantando-se.

– Estive consultando a minha bola de cristal, diretor – disse a professora com a voz mais etérea e distante do mundo –, e para meu espanto, me vi abandonando o meu almoço solitário para vir me reunir a vocês. Quem sou eu para recusar uma inspiração do destino? Na mesma hora me apressei a deixar minha torre e peço que me perdoem o atraso...

– É claro – disse Dumbledore com os olhos cintilantes. – Deixe-me apanhar uma cadeira para você...

E, dizendo isso, usou a varinha para trazer, pelo ar, uma cadeira que girou alguns segundos e pousou com um baque entre os professores Snape e Minerva. A Profª Sibila, porém, não se sentou; seus enormes olhos começaram a passear pela mesa e ela subitamente deixou escapar um gritinho.

– Não me atrevo, diretor! Se eu me sentar, seremos treze! Nada poderia ser mais azarado! Não vamos esquecer que quando treze comem juntos, o primeiro a se levantar será o primeiro a morrer!

– Vamos correr o risco, Sibila – disse a Profª Minerva, impaciente. – Por favor, sente, o peru está esfriando.

Sibila hesitou, depois se acomodou na cadeira vazia, os olhos fechados e a boca contraída, como se estivesse à espera de um raio atingir a mesa. Minerva enfiou uma grande colher na terrina mais próxima.

– Tripas, Sibila?

A professora fingiu não ouvir. Reabriu os olhos, correu-os ao redor da mesa, mais uma vez, e perguntou:

– Mas onde está o nosso caro Prof. Lupin?

– Receio que o coitado esteja doente outra vez – disse Dumbledore, fazendo um gesto para que todos começassem a se servir. – Pouca sorte que isso fosse acontecer no dia de Natal.

– Mas com certeza você já sabia disso, não, Sibila? – disse a Profª Minerva com as sobrancelhas erguidas.

Sibila lançou a Minerva um olhar gelado.

– Claro que sabia, Minerva – disse com a voz controlada. – Mas a pessoa não deve fazer alarde de tudo que sabe. Muitas vezes finjo que não possuo Visão Interior para não deixar os outros nervosos.

– Isto explica muita coisa – disse a outra com azedume.

A voz da Profª Sibila subitamente se tornou bem menos etérea.

– Se você quer saber, Minerva, vi que o coitado do Prof. Lupin não vai estar conosco por muito tempo. E ele próprio parece saber que seu tempo é curto. Decididamente fugiu quando eu me ofereci para consultar a bola de cristal para ele...

– Imagine só – comentou Minerva secamente.

– Tenho minhas dúvidas – disse Dumbledore, com a voz alegre, mas ligeiramente mais alta, o que pôs um ponto final na conversa das duas – de que o Prof. Lupin corra algum perigo iminente. Severo, você preparou a poção para ele outra vez?

– Preparei, diretor – respondeu Snape.

– Ótimo. Então logo ele deverá estar de pé... Derek, você já se serviu dessas salsichas apimentadas? Estão excelentes.

O garoto do primeiro ano ficou vermelhíssimo quando Dumbledore se dirigiu a ele, e apanhou a travessa de salsichas com as mãos trêmulas.

A Profª Sibila se comportou quase normalmente até o finzinho do almoço de

Natal, duas horas depois. Empapuçados com a comida e ainda usando os chapéus da festa, Harry e Rony se levantaram primeiro da mesa e ela deu um grito agudo.

– Meus queridos! Qual dos dois se levantou da cadeira primeiro? Qual?

– Não sei – respondeu Rony olhando preocupado para Harry.

– Duvido que vá fazer muita diferença – disse a Profª Minerva com frieza –, a não ser que o louco da machadinha esteja esperando aí fora para matar o primeiro que sair para o saguão.

Até Rony riu. Sibila pareceu muitíssimo ofendida.

– Vem com a gente? – perguntou Harry a Hermione.

– Não – respondeu a garota. – Quero falar uma coisa com a Profª McGonagall.

– Provavelmente vai tentar ver se pode assistir a mais aulas – bocejou Rony quando se encaminhavam para o saguão de entrada, onde não encontraram nenhum louco da machadinha.

Quando chegaram ao buraco do retrato, encontraram Sir Cadogan desfrutando um almoço de Natal com dois frades, vários ex-diretores de Hogwarts e seu gordo pônei. O cavaleiro levantou a viseira e brindou os dois garotos com uma jarra de quentão.

– Feliz... hic... Natal! Senha!

– Cão desprezível – disse Rony.

– E o mesmo para o senhor, meu senhor! – berrou Sir Cadogan quando o quadro se afastou para admitir os garotos.

Harry foi diretamente ao dormitório, apanhou a Firebolt e o Estojo para Manutenção de Vassouras que Hermione lhe dera de presente de aniversário, levou-os para baixo e tentou encontrar o que fazer com a vassoura; mas não havia lascas levantadas para aparar e o cabo ainda estava tão reluzente que não tinha sentido lhe dar polimento. Ele e Rony ficaram ali admirando a vassoura de todos os ângulos até que o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou, acompanhada da Profª Minerva.

Embora Minerva McGonagall fosse diretora da Grifinória, Harry só a vira antes na sala comunal uma vez, e para dar um aviso muito sério. Ele e Rony a olharam, os dois segurando a Firebolt. Hermione contornou o lugar em que eles estavam, se sentou, apanhou o livro mais próximo e escondeu o rosto nele.

– Então é isso? – perguntou a professora com o seu olhar penetrante, aproximando-se da lareira para examinar a Firebolt. – A Srta. Granger acabou de me informar que alguém lhe mandou uma vassoura, Potter.

Harry e Rony se viraram para olhar Hermione. Surpreenderam sua testa

corando por cima do livro, que ela segurava de cabeça para baixo.

– Posso? – perguntou McGonagall, mas não esperou resposta para tirar a vassoura das mãos dos garotos. Examinou-a atentamente, do cabo às lascas. – Hum. E não havia nenhum bilhete, nenhum cartão, Potter? Nenhuma mensagem de nenhum tipo?

– Não – disse Harry sem compreender.

– Entendo... Bem, receio que tenha de levar a vassoura, Potter.

– Q... quê?! – exclamou Harry, ficando em pé. – Por quê?

– Teremos que verificar se não está enfeitiçada. Naturalmente eu não sou especialista nesse assunto, mas imagino que Madame Hooch e o Prof. Flitwick possam desmontá-la...

– Desmontá-la? – repetiu Rony, como se a professora fosse maluca.

– Não deve levar mais do que umas semanas. Você a receberá de volta se tivermos certeza de que está limpa.

– A vassoura não tem nada errado! – exclamou Harry, a voz ligeiramente trêmula. – Francamente, professora...

– Você não pode saber, Potter – disse a professora com bondade –, pelo menos até ter voado nela, e receio que isto esteja fora de questão até nos certificarmos de que ninguém a alterou. Eu o manterei informado.

A Profª McGonagall deu meia-volta levando a Firebolt, e atravessou o buraco do retrato, que se fechou em seguida. Harry ficou observando a professora partir, a latinha de cera de polimento ainda na mão. Rony, porém, se voltou contra Hermione.

– *Para que você foi correndo contar à Profª Minerva?*

Hermione largou o livro de lado. Seu rosto continuava vermelho, mas ela se levantou e enfrentou Rony, desafiando-o.

– Porque achei, e a Profª McGonagall concorda comigo, que provavelmente a vassoura foi mandada a Harry por Sirius Black!

— CAPÍTULO DOZE —

O Patrono

Harry sabia que Hermione tivera boa intenção, mas isso não o impedia de estar aborrecido com a amiga. Ele fora dono da melhor vassoura do mundo por breves horas e agora, por interferência dela, não sabia se iria rever a vassoura. Harry tinha certeza de que, no momento, não havia problema algum com a Firebolt, mas em que estado ela ficaria depois de ser submetida a todo tipo de teste antifeitiço?

Rony também estava furioso com Hermione. Na sua opinião, desmontar uma Firebolt nova em folha era nada menos que um ato criminoso. Hermione, que continuava convicta de que agira visando ao bem do amigo, começou a evitar a sala comunal. Os dois garotos supunham que ela se refugiara na biblioteca e não tentaram persuadi-la a voltar. Em tudo por tudo, eles ficaram felizes quando o restante da escola voltou, pouco depois do Ano-Novo, e a Torre da Grifinória novamente se encheu de gente e ruídos.

Olívio procurou Harry na véspera do novo trimestre começar.

– Teve um bom Natal? – perguntou ele e, em seguida, sem esperar resposta, se sentou, baixou a voz e disse: – Andei pensando durante o Natal, Harry. Depois da última partida, entende. Se os dementadores forem ao próximo... quero dizer... não podemos nos dar ao luxo de você... bem...

Olívio parou, parecendo constrangido.

– Já estou cuidando disso – falou Harry depressa. – O Prof. Lupin prometeu que me ensinaria a afastar os dementadores. Devemos começar esta semana. E falou que teria tempo depois do Natal.

– Ah – respondeu Olívio, o rosto se desanuviando. – Bem, nesse caso... eu não queria realmente perder você como apanhador, Harry. Já encomendou uma vassoura nova?

– Não.

– Quê! É melhor você se mexer, sabe, não vai poder montar aquela Shooting Star contra o time da Corvinal!

– Ele ganhou uma Firebolt de Natal – disse Rony.

– Uma *Firebolt*? Não! Sério? Uma *Firebolt*... de verdade?

– Não precisa se excitar, Olívio – disse Harry deprimido. – Não está mais comigo. Foi confiscada. – E explicou tudo sobre a Firebolt e como estava sendo verificada para saber se fora enfeitiçada.

– Enfeitiçada? Como poderia ter sido enfeitiçada?

– Sirius Black – disse Harry, cansado. – Dizem que ele está querendo me pegar. Então McGonagall calculou que poderia ter me mandado a vassoura.

Descartando a informação de que um assassino famoso estava atrás do seu apanhador, Olívio disse:

– Mas Black não poderia ter comprado uma Firebolt! Ele está fugindo! O país inteiro está à procura dele! Como é que iria simplesmente entrar na Artigos de Qualidade para Quadribol e comprar uma vassoura?

– Eu sei, mas ainda assim McGonagall quer desmontá-la...

Olívio empalideceu.

– Vou falar com ela, Harry – prometeu. – Vou chamá-la à razão... uma Firebolt... uma autêntica Firebolt, no nosso time... Ela quer que Grifinória ganhe tanto quanto nós... Vou fazê-la ver o absurdo. Uma *Firebolt*...

As aulas recomeçaram no dia seguinte. A última coisa que alguém ia querer fazer era passar duas horas lá fora em uma fria manhã de janeiro, mas Hagrid providenciara uma fogueira cheia de salamandras para alegria dos alunos, que passaram uma aula incomumente boa juntando madeira e folhas secas para manter o fogo alto enquanto os bichinhos, que adoram chamas, subiam e desciam pelas toras embranquecidas de calor. A primeira aula de Adivinhação do novo trimestre foi bem menos divertida; a Profª Sibila estava agora começando a ensinar quiromancia à turma e não perdeu tempo para informar Harry de que ele possuía a menor linha da vida que ela já vira.

Mas era à aula de Defesa Contra as Artes das Trevas que ele estava ansioso para chegar; depois da conversa com Olívio, queria começar as aulas antidementadores o mais cedo possível.

– Ah, é verdade – disse Lupin quando Harry o lembrou da promessa no final da aula. – Vejamos... que tal às oito horas da noite na quinta? A sala de aula de História da Magia deve ser suficientemente grande... Tenho que pensar muito como vamos fazer isso... Não podemos trazer um dementador real ao castelo para praticar...

– Ele continua com cara de doente, não acha? – perguntou Rony quando

caminhavam pelo corredor para ir jantar. – Que é que você acha que ele tem?

Ouviram um alto muxoxo de impaciência atrás deles. Era Hermione que estivera sentada ao pé de uma armadura, rearrumando a mochila, tão cheia de livros que não fechava.

– E por que é que você esta fazendo muxoxo para a gente? – perguntou Rony, irritado.

– Por nada – respondeu Hermione em tom de superioridade, passando a mochila pelo ombro.

– Nada, não – disse Rony. – Eu estava imaginando qual seria o problema de Lupin, e você...

– Bem, será que não está *óbvio*? – disse a garota com um olhar de superioridade de dar nos nervos.

– Se você não quer dizer, não diga – retrucou Rony com rispidez.

– Ótimo – disse Hermione, arrogante, e foi-se embora.

– Ela não sabe – disse Rony, olhando, rancoroso, para a garota que se afastava. – Só está tentando fazer a gente voltar a falar com ela.

Às oito horas da noite de quinta-feira, Harry saiu da Torre da Grifinória para a sala de História da Magia. Quando chegou, a sala estava escura e vazia, mas ele acendeu as luzes com a varinha e já estava esperando havia uns cinco minutos quando o Prof. Lupin apareceu, trazendo uma grande caixa, que depositou em cima da escrivaninha do Prof. Binns.

– Que é isso? – perguntou Harry.

– Outro bicho-papão – respondeu Lupin tirando a capa. – Andei passando um pente-fino no castelo desde terça-feira e por sorte encontrei este aqui escondido no arquivo do Sr. Filch. É o mais próximo que chegaremos de um dementador de verdade. O bicho-papão se transformará em um dementador quando o vir, então poderemos praticar. Posso guardá-lo na minha sala quando não estiver em uso; tem um armário embaixo da minha escrivaninha de que ele vai gostar.

– Tudo bem – disse Harry, procurando falar como se não estivesse nada apreensivo, mas apenas feliz por Lupin ter encontrado um substituto tão bom para um dementador real.

– Então... – O Prof. Lupin apanhou a varinha e fez sinal para Harry imitá-lo. – O feitiço que vou tentar lhe ensinar faz parte da magia muito avançada, Harry, muito acima do Nível Normal de Bruxaria. É chamado o Feitiço do Patrono.

– O que é que ele faz? – perguntou Harry, nervoso.

– Bem, quando funciona corretamente, ele conjura um Patrono, que é uma espécie de antidementador, um guardião que age como um escudo entre você e o dementador.

Harry teve uma súbita visão de si mesmo agachado atrás de um vulto do tamanho de Hagrid segurando um enorme bastão. O Prof. Lupin continuou:

– O Patrono é um tipo de energia positiva, uma projeção da própria coisa de que o dementador se alimenta: esperança, felicidade, desejo de sobrevivência, mas ele não consegue sentir desesperança, como um ser humano real, por isso o dementador não pode afetá-lo. Mas preciso preveni-lo, Harry, de que o feitiço talvez seja demasiado avançado para você. Muitos bruxos habilitados têm dificuldade de executá-lo.

– Que aspecto tem um Patrono? – perguntou Harry, curioso.

– Cada um é único para o bruxo que o conjura.

– E como se conjura?

– Com uma fórmula mágica, que só fará efeito se você estiver concentrado, com todas as suas forças, em uma única lembrança muito feliz.

Harry procurou em sua mente uma lembrança feliz. Com certeza, nada que tivesse lhe acontecido na casa dos Dursley iria servir. Por fim, decidiu-se pelo momento em que voou numa vassoura pela primeira vez.

– Certo – disse, procurando lembrar o mais exatamente possível da maravilhosa sensação de voar.

– A fórmula é a seguinte – Lupin pigarreou para limpar a garganta. – *Expecto Patronum!*

– *Expecto Patronum* – repetiu Harry em voz baixa –, *Expecto Patronum*.

– Está se concentrando com todas as forças em sua lembrança feliz?

– Ah... estou – respondeu Harry, forçando depressa seu pensamento a retornar àquele primeiro voo de vassoura. – *Expecto Patrono*, não, *Patronum*... desculpe... *Expecto Patronum, Expecto Patronum*...

Alguma coisa se projetou subitamente da ponta de sua varinha; parecia um fiapo de gás prateado.

– O senhor viu isso? – perguntou Harry, excitado. – Aconteceu uma coisa!

– Muito bem – aprovou Lupin sorrindo. – Certo, então, está pronto para experimentar com um dementador?

– Estou – disse o garoto, segurando sua varinha com firmeza e indo para o meio da sala de aula deserta. Tentou manter o pensamento no voo, mas alguma coisa não parava de interferir... A qualquer segundo agora, poderia tornar a ouvir sua mãe... mas ele não devia pensar nisso ou *tornaria* a ouvi-la, e ele não queria... ou será que queria?

Lupin segurou a tampa da caixa e levantou-a.

Um dementador se ergueu lentamente da caixa, o rosto encapuzado virado para Harry, uma mão luzidia, coberta de cascas de feridas, segurando a capa. As luzes em volta da sala de aula piscaram e se apagaram. O dementador saiu da

caixa e começou a se deslocar silenciosamente em direção a Harry, respirando profundamente, uma respiração vibrante. Uma onda de frio intensa o engolfou...

– *Expecto Patronum!* – berrou Harry. – *Expecto Patronum! Expecto*...

Mas a sala e o dementador foram se dissolvendo... Harry se viu caindo outra vez por um denso nevoeiro branco, e a voz de sua mãe mais alta que nunca, ecoava em sua cabeça... *Harry não! Harry não! Por favor... farei qualquer coisa...”*

“Afaste-se. Afaste-se, menina...”

– Harry!

Harry de repente recuperou os sentidos. Estava deitado de costas no chão. As luzes da sala tinham reacendido. Ele não precisou perguntar o que acontecera.

– Desculpe – murmurou, se sentando e sentindo o suor frio escorrer por dentro dos óculos.

– Você está bem? – perguntou Lupin.

– Estou... – Harry usou uma carteira para se levantar, apoiando-se nela.

– Tome aqui – Lupin lhe deu um sapo de chocolate. – Coma isso antes de tentarmos outra vez. Eu não esperava que você conseguisse da primeira vez; de fato, ficaria assombrado se tivesse conseguido.

– Está piorando – murmurou Harry, mordendo a cabeça do sapo. – Eu a ouvi mais alto dessa vez... e ele... Voldemort...

Lupin parecia mais pálido do que de costume.

– Harry, se você não quiser continuar, vou compreender muito bem...

– Eu quero! – exclamou Harry com vigor, enfiando o resto do sapo de chocolate na boca. –Tenho que continuar! O que vai acontecer se os dementadores aparecerem na partida contra Corvinal? Não posso me dar ao luxo de cair outra vez. Se perdermos a partida, perderemos a Taça de Quadribol!

– Muito bem, então... – disse Lupin. – Talvez queira escolher outra lembrança, uma lembrança feliz, quero dizer, para se concentrar... Essa primeira parece que não foi bastante forte...

Harry fez um esforço mental e concluiu que sua emoção quando Grifinória ganhara o Campeonato das Casas, no ano anterior, fora decididamente uma lembrança muito feliz. Segurou a varinha com força, outra vez, e tomou posição no meio da sala.

– Pronto? – perguntou Lupin segurando a tampa da caixa.

– Pronto – disse Harry, tentando por tudo encher a cabeça de pensamentos felizes sobre a vitória da Grifinória, em lugar dos pensamentos sombrios sobre o que ia acontecer quando a caixa se abrisse.

– Já! – disse Lupin destampando a caixa. A sala ficou gelada e escura mais uma vez. O dementador avançou deslizando, inspirando com força; a mão podre

estendida para Harry...

– *Expecto Patronum!* – berrou Harry. – *Expecto Patronum! Expecto Pat*...

Um nevoeiro branco obscureceu seus sentidos... vultos grandes e difusos moveram-se à sua volta... então ele ouviu uma nova voz, uma voz de homem, gritando em pânico...

“Lílian, leve Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso...”

Os ruídos de alguém saindo aos tropeços de uma sala... uma porta se escancarando – uma gargalhada aguda...

– Harry! Harry... acorde...

Lupin dava tapinhas em seu rosto. Desta vez levou um minuto até Harry entender por que estava deitado no chão empoeirado de uma sala de aula.

– Ouvi meu pai – murmurou Harry. – É a primeira vez que o ouço, ele tentou enfrentar Voldemort sozinho, para dar à minha mãe tempo de fugir...

O garoto de repente percebeu que havia em seu rosto lágrimas misturadas ao suor. Abaixou a cabeça o mais que pôde e enxugou as lágrimas nas vestes, fingindo estar amarrando um sapato, para Lupin não ver.

– Você ouviu Tiago? – disse Lupin numa voz estranha.

– Ouvi... – O rosto seco, Harry ergueu a cabeça. – Por quê... o senhor conheceu meu pai?

– Eu... para falar a verdade, conheci. Fomos amigos em Hogwarts. Escute, Harry... talvez devêssemos parar por hoje. Este feitiço é absurdamente avançado... eu não devia ter sugerido que você se submetesse a essa...

– Não! – disse Harry. E tornou a se levantar. – Vou tentar mais uma vez! Não estou pensando em lembranças muito felizes, é só isso... Espere aí...

O garoto puxou pela memória. Uma lembrança realmente, mas realmente, feliz... uma que ele pudesse transformar em um Patrono válido e forte...

O momento em que ele descobrira que era bruxo e ia deixar a casa dos Dursley para frequentar Hogwarts! Se isso não fosse uma lembrança feliz, ele não sabia qual seria... Concentrando-se com todas as forças no que sentira quando compreendeu que ia deixar a rua dos Alfeneiros, Harry se levantou e ficou de frente para a caixa mais uma vez.

– Pronto? – perguntou Lupin, que parecia fazer isso contrariando o seu bom-senso. – Concentrou-se com firmeza? Muito bem... já!

Ele tirou a tampa da caixa pela terceira vez, e o dementador se levantou; a sala esfriou e escureceu.

– EXPECTO PATRONUM! – berrou Harry. – EXPECTO PATRONUM! EXPECTO PATRONUM!

A gritaria dentro da cabeça de Harry recomeçara – exceto que desta vez, parecia vir de um rádio mal sintonizado – fraca e forte e fraca outra vez... ele

continuava a ver o dementador – que parara – então, um enorme vulto prateado irrompeu da ponta de sua varinha e ficou pairando entre ele e o dementador, e, embora suas pernas tivessem perdido as forças, Harry continuava de pé – por quanto tempo ele não tinha muita certeza...

– *Riddikulus!* – bradou Lupin saltando à frente.

Ouviu-se um estalo muito alto e o diáfano Patrono desapareceu juntamente com o dementador; o garoto afundou em uma cadeira, sentindo a exaustão de quem correra mais de um quilômetro, e as pernas trêmulas. Pelo canto do olho, viu o Prof. Lupin enfiar, à força, o bicho-papão na caixa, com a varinha; ele se transformou mais uma vez em uma bola prateada.

– Excelente! – exclamou Lupin, aproximando-se do garoto. – Excelente, Harry! Decididamente foi um começo!

– Podemos tentar mais uma vez? Só mais umazinha?

– Agora, não – disse Lupin com firmeza. – Você já fez o bastante por uma noite. Tome...

E deu a Harry uma enorme barra do melhor chocolate da Dedosdemel.

– Coma bastante ou Madame Pomfrey vai querer me matar. À mesma hora na semana que vem?

– OK – concordou Harry. Ele deu uma dentada no chocolate enquanto observava Lupin apagar as luzes que tinham reacendido com o desaparecimento do dementador. Acabava de lhe ocorrer um pensamento.

– Prof. Lupin, se o senhor conheceu meu pai, então deve ter conhecido Sirius Black, também.

Lupin se virou na mesma hora.

– Que foi que lhe deu essa ideia? – perguntou ele com rispidez.

– Nada... quero dizer, eu soube que eles também eram amigos em Hogwarts...

O rosto de Lupin se descontraiu.

– É, eu o conheci – disse brevemente. – Ou pensei que o conhecia. É melhor você ir andando, Harry, está ficando tarde.

O garoto saiu da sala, andou um pouco pelo corredor, dobrou um canto, depois se desviou para trás de uma armadura e se sentou em sua base para terminar o chocolate, desejando que não tivesse mencionado Black, pois Lupin obviamente não gostava de tocar nesse assunto. Então os pensamentos de Harry foram vagando aos poucos para sua mãe e seu pai.

Ele se sentiu esgotado e estranhamente vazio, ainda que estivesse empanturrado de chocolate. Por mais horrível que fosse ouvir os últimos momentos de seus pais repassarem por sua cabeça, eles tinham sido os únicos em que Harry ouvira as vozes dos dois desde que era pequeno. Mas ele não seria capaz de produzir um Patrono adequado se ficasse desejando ouvir os pais

novamente...

– Eles estão mortos – disse a si mesmo com severidade. – Estão mortos e ficar ouvindo seus ecos não vai trazê-los de volta. É melhor você se controlar se quiser aquela Taça de Quadribol.

Ele se levantou, atochou o último pedaço de chocolate na boca e rumou para a Torre da Grifinória.

Corvinal jogou contra Sonserina uma semana depois do início do semestre. Sonserina ganhou, mas foi uma vitória apertada. Segundo Olívio, isto era uma boa notícia para Grifinória, que tiraria o segundo lugar se também batesse Corvinal. Portanto, o capitão aumentou o número de treinos para cinco por semana. Isto significou que com as aulas antidementadores de Lupin, que em si eram mais exaustivas que os treinos de quadribol, só sobrara a Harry uma noite por semana para fazer todos os deveres de casa. Ainda assim, ele não estava aparentando tanto desgaste quanto Hermione, cuja imensa carga de trabalho parecia estar finalmente cansando-a. Todas as noites, sem falta, Hermione era vista a um canto da sala comunal, várias mesas cheias de livros, tabelas de Aritmancia, dicionários de runas, diagramas de trouxas levantando grandes objetos e ainda fichários e mais fichários de extensas anotações; ela pouco falava com os colegas e respondia mal quando era interrompida.

– Como é que ela está fazendo isso? – murmurou Rony para Harry certa noite, quando este se sentara para preparar uma redação difícil sobre vene nos indetectáveis pedida por Snape. Harry ergueu a cabeça. Mal conseguiu divisar Hermione por trás da pilha instável de livros.

– Isso o quê?

– Assistindo a todas as aulas! – disse Rony. – Ouvi Mione conversando com a Profª Vector, aquela bruxa da Aritmancia, hoje de manhã. Estavam discutindo a aula de ontem, mas Mione não podia ter estado lá, porque estava conosco na de Trato das Criaturas Mágicas! E Ernesto McMillan me disse que ela nunca faltou a nenhuma aula de Estudos dos Trouxas, mas metade das aulas são no mesmo horário de Adivinhação, e ela também nunca faltou a nenhuma lá!

Harry não tinha tempo, naquele momento, para desvendar o mistério dos horários impossíveis de Hermione; ele realmente precisava terminar o trabalho para Snape. Dois segundos depois, no entanto, foi novamente interrompido, desta vez por Olívio.

– Más notícias Harry. Acabei de ir falar com a Profª McGonagall sobre a Firebolt. Ela... hum... foi um pouco *grossa* comigo. Me disse que as minhas prioridades estavam trocadas. Parece que entendeu que eu estava mais preocupado em ganhar a Taça do que com as suas chances de sobrevivência. Só

porque eu disse que não me importava se a vassoura o derrubasse, desde que você apanhasse o pomo primeiro. – Olívio sacudiu a cabeça, incrédulo. – Francamente, o jeito como ela gritou comigo... dava até para pensar que eu tinha dito alguma coisa horrível... Então perguntei quanto tempo mais ela ia ficar com a vassoura... – Olívio amarrou a cara e imitou a voz severa da professora: “O tempo que for preciso, Wood”... Acho que está na hora de você encomendar uma vassoura nova, Harry. Tem um formulário de pedido no final do *Qual vassoura*... você podia comprar uma Nimbus 2001, como a do Malfoy.

– Não vou comprar nada que Malfoy ache bom – disse Harry em tom definitivo.

Janeiro transitou para fevereiro imperceptivelmente, sem alteração no frio extremo que fazia. A partida contra Corvinal estava cada dia mais próxima, mas Harry ainda não encomendara a vassoura nova. Ele agora pedia à Profª McGonagall notícias da Firebolt depois da aula de Transfiguração. Rony, parava, cheio de esperança, ao lado dele, Hermione passava depressa com o rosto virado.

– Não, Potter, ainda não posso devolvê-la – disse a professora na décima segunda vez que isto aconteceu, antes mesmo que ele abrisse a boca para perguntar. – Já a verificamos com relação à maioria dos feitiços comuns, mas o Prof. Flitwick acredita que a vassoura possa estar carregando um Feitiço de Velocidade. Eu o informarei quando tivermos terminado a verificação. Agora, por favor, pare de me pressionar.

Para piorar as coisas, as aulas antidementadores não estavam correndo tão bem quanto Harry esperara. Em várias sessões ele fora capaz de produzir um vulto indistinto e prateado, todas as vezes que o dementador se aproximara dele, mas era um Patrono demasiado fraco para afugentar o dementador. A única coisa que fazia era pairar no ar, como uma nuvem semitransparente, e esgotar a energia de Harry enquanto o garoto lutava para mantê-lo presente. Harry sentiu raiva de si mesmo, e culpa pelo desejo secreto de ouvir mais uma vez as vozes dos pais.

– Você está esperando demais de si mesmo – disse o Prof. Lupin com severidade, na quarta semana de treino. – Para um bruxo de treze anos, até mesmo um Patrono pouco nítido é um grande feito. Você não está desmaiando mais, não é?

– Eu pensei que um Patrono... transformasse os dementadores em alguma coisa – disse Harry desanimado. – Fizesse-os desaparecer...

– O verdadeiro Patrono de fato faz isso. Mas você já conseguiu muito em pouquíssimo tempo. Se os dementadores aparecerem na sua próxima partida de quadribol, você poderá mantê-los a distância tempo suficiente para voltar ao

chão.
– O senhor disse que é mais difícil quando há um monte deles.
– Tenho total confiança em você – respondeu Lupin sorrindo. – Tome... você mereceu uma bebida, uma coisa do Três Vassouras. Você não deve ter provado antes...
O professor tirou duas garrafinhas da maleta.
– Cerveja amanteigada! – exclamou Harry sem pensar. – Ah, eu gosto disso!
Lupin ergueu uma sobrancelha.
– Ah... Rony e Hermione trouxeram para mim de Hogsmeade – mentiu Harry depressa.
– Entendo – disse Lupin, embora continuasse a parecer ligeiramente desconfiado. – Bem... vamos brindar à vitória da Grifinória sobre Corvinal! Não que, como professor, eu deva tomar partido... – acrescentou ele depressa.
Os dois beberam a cerveja amanteigada em silêncio, até que Harry disse uma coisa que o estava deixando intrigado havia algum tempo.
– Que é que tem por baixo do capuz do dementador?
O professor baixou a garrafinha pensativo.
– Hummm... bem, as únicas pessoas que realmente sabem não estão em condições de nos responder. Veja, o dementador tira o capuz somente para usar sua última arma, a pior.
– Que é qual?
– O beijo do dementador – disse Lupin com um sorriso enviesado. – É o que dão naqueles que eles querem destruir completamente. Suponho que devam ter algum tipo de boca sob o capuz, porque ferram as mandíbulas na boca da vítima... e sugam sua alma.
Harry, sem querer, cuspiu um pouco de cerveja amanteigada.
– Quê... eles matam...?
– Ah, não – disse Lupin. – Fazem muito pior. A pessoa pode viver sem alma, sabe, desde que o cérebro e o coração continuem a trabalhar. Mas perde a consciência do eu, a memória... tudo. Não tem chance alguma de se recuperar. Apenas... existe. Como uma concha vazia. E a alma fica para sempre... perdida.
Lupin bebeu mais um pouco da cerveja, depois continuou:
– É o destino que espera Sirius Black. Li no *Profeta Diário* hoje de manhã. O ministro deu aos dementadores permissão para fazerem isso se o encontrarem.
Harry ficou confuso por um instante com a ideia de alguém ter a alma sugada pela boca. Mas depois pensou em Black.
– Ele merece – disse de repente.
– Você acha? – perguntou Lupin sem pensar muito. – Você acha mesmo que alguém merece isso?

– Acho – disse Harry resistindo. – Por... causa de umas coisas...
Ele gostaria de ter contado a Lupin a conversa que ouvira no Três Vassouras a respeito de Black ter traído seus pais, mas isto teria implicado em revelar que fora a Hogsmeade sem autorização, e ele sabia que o professor não ia gostar nem um pouco disso. Então, terminou a cerveja amanteigada, agradeceu a Lupin e deixou a sala de História da Magia.
Harry gostaria de não ter perguntado o que havia por baixo do capuz de um dementador, a resposta fora horrível, e ele ficou tão perdido em considerações sobre o que seria ter a alma sugada que deu um encontrão na Profª Minerva no meio da escada.
– Preste atenção por onde anda, Potter!
– Desculpe, professora...
– Estive agorinha mesmo procurando você na sala comunal da Grifinória. Bem, tome aqui, fizemos tudo que pudemos imaginar, e parece que não há nada errado com a vassoura. Você tem um ótimo amigo em algum lugar, Potter...
O queixo de Harry caiu. A professora estava lhe devolvendo a Firebolt, cujo aspecto continuava magnífico como sempre fora.
– Posso ficar com ela? – perguntou Harry com a voz fraca. – Sério?
– Sério – disse a professora sorrindo. – Acho que você vai precisar pegar o jeito dela antes da partida de sábado, não? E Potter... *faça* força para ganhar, sim? Ou vamos ficar fora do campeonato pelo oitavo ano seguido, como o Prof. Snape teve a bondade de me lembrar ainda ontem à noite...
Sem fala, Harry carregou a Firebolt escada acima para a Torre da Grifinória. Quando dobrou um canto, viu Rony, que corria ao seu encontro, rindo de orelha a orelha.
– Ela devolveu? Que maravilha! Escuta, posso dar aquela voltinha? Amanhã?
– Claro... qualquer coisa... – disse Harry, seu coração mais leve do que estivera naquele último mês. – Quer saber de uma coisa... devíamos fazer as pazes com a Mione... Ela só estava querendo ajudar...
– Tudo bem – concordou Rony. – Ela está na sala comunal agora, estudando, para variar...
Quando entraram no corredor para a Torre da Grifinória, viram Neville Longbottom insistindo com Sir Cadogan, que aparentemente se recusava a deixá-lo entrar.
– Eu anotei! – dizia Neville com voz de choro. – Mas devo ter deixado cair em algum lugar!
– Vou mesmo acreditar! – bradou Sir Cadogan. Depois, avistando Harry e Rony. – Boa-noite, meus valentes soldados! Venham meter este louco a ferros. Ele está tentando entrar à força nas câmaras interiores!

– Ah, cala a boca – exclamou Rony quando ele e Harry emparelharam com Neville.

– Perdi a senha! – contou o garoto, infeliz. – Fiz Sir Cadogan me dizer quais eram as senhas que ia usar esta semana, porque ele não para de mudar e agora não sei o que fiz com elas!

– Odsbôdiquins – disse Harry a Sir Cadogan, que ficou desapontadíssimo e, com relutância, girou o quadro para a frente para deixá-los entrar na sala comunal. Houve um súbito murmúrio de excitação em que todas as cabeças se viraram e, no momento seguinte, Harry foi cercado pelos colegas que exclamavam, assombrados com a Firebolt.

– Onde foi que você arranjou essa vassoura, Harry?

– Deixa eu dar uma voltinha?

– Você já andou nela, Harry?

– Corvinal não vai ter a menor chance, o pessoal lá usa Cleansweep Sevens!

– Me deixa só *segurá-la* um pouquinho, Harry?

Passados uns dez minutos mais ou menos, durante os quais a Firebolt passou de mão em mão, e foi admirada de todos os ângulos, a garotada se dispersou e Harry e Rony puderam ver Hermione direito, a única pessoa que não tinha corrido ao encontro dos garotos, curvada sobre seu trabalho, evitando encontrar o olhar deles. Harry e Rony se aproximaram da mesa e finalmente Hermione ergueu a cabeça.

– Me devolveram a vassoura – disse Harry, sorrindo para a amiga e erguendo a Firebolt no ar.

– Está vendo, Mione? Não havia nada errado com ela – disse Rony.

– Bem... mas *podia* ter havido! Quero dizer, pelo menos agora você sabe que ela é segura!

– É, suponho que sim – disse Harry. – É melhor eu ir guardá-la lá em cima...

– Eu levo! – disse Rony ansioso. – Tenho que dar o tônico a Perebas.

Rony apanhou a vassoura e, segurando-a como se fosse de vidro, levoua escada acima para o dormitório dos meninos.

– Posso me sentar, então? – perguntou Harry a Hermione.

– Suponho que sim – disse a garota, tirando uma grande pilha de pergaminhos de uma cadeira.

Harry deu uma olhada na mesa atravancada, no longo trabalho de Aritmancia em que a tinta ainda estava molhada, no trabalho ainda mais longo de Estudos dos Trouxas (“Explique por que os trouxas precisam de eletricidade”) e na tradução de runas em que Hermione trabalhava agora.

– Como é que você está conseguindo dar conta de tudo isso? – perguntou o garoto.

– Ah, bem... você sabe, trabalhando à beça. – De perto, Harry viu que ela parecia quase tão cansada quanto Lupin.
– Por que você não tranca algumas matérias? – perguntou o garoto, observando-a erguer os livros para procurar o dicionário de runas.
– Eu não poderia fazer isso! – respondeu Hermione, escandalizada.
– Aritmancia parece horrível – comentou Harry, apanhando uma complicada tabela numérica.
– Ah, não, é maravilhosa! – respondeu Hermione séria. – É a minha matéria favorita! É...
Mas exatamente o que era maravilhoso na Aritmancia, Harry jamais chegou a saber. Naquele exato momento, um grito estrangulado ecoou pela escada do dormitório dos meninos. Todos na sala se calaram e olharam petrificados para a subida. Então ouviram os passos apressados de Rony, cada vez mais fortes... e em seguida ele apareceu, arrastando um lençol.
– OLHA! – berrou ele, se dirigindo à mesa de Hermione. – OLHA! – berrou de novo, sacudindo o lençol na cara da garota.
– Rony, que...?
– PEREBAS! OLHE! PEREBAS!
Hermione procurava afastar o corpo, com uma expressão de total perplexidade. Harry olhou para o lençol que Rony segurava. Havia alguma coisa vermelha nele. Alguma coisa que se parecia horrivelmente com...
– SANGUE! – bradou Rony no silêncio de atordoamento que invadiu a sala. – ELE DESAPARECEU! E SABE O QUE TINHA NO CHÃO?
– N... não – respondeu Hermione com a voz trêmula.
Rony atirou uma coisa em cima da tradução de runas de Hermione. Ela e Harry se curvaram para ver. Em cima das estranhas formas pontiagudas havia vários pelos de felino, compridos e amarelo-avermelhados.

— CAPÍTULO TREZE —

Grifinória versus *Corvinal*

Parecia o fim da amizade entre Rony e Hermione. Estavam tão zangados um com o outro que Harry não conseguia ver como poderiam, um dia, fazer as pazes.

Rony estava enfurecido porque Hermione nunca levara a sério as tentativas de Bichento para devorar Perebas, não se dera o trabalho de vigiá-lo de perto e continuava a fingir que o gato era inocente, sugerindo que Rony procurasse Perebas embaixo das camas dos garotos. Por sua vez, Hermione insistia ferozmente que Rony não tinha provas de que Bichento devorara Perebas, que os pelos talvez estivessem no dormitório desde o Natal, e que o garoto alimentara preconceitos contra o gato desde que Bichento aterrissara na cabeça dele na Animais Mágicos.

Pessoalmente, Harry tinha certeza de que Bichento comera Perebas, e quando tentou mostrar a Hermione que todas as evidências apontavam nessa direção, a garota zangara-se com ele também.

– Tudo bem, fique do lado do Rony, eu sabia que você ia fazer isso! – disse ela com voz aguda. – Primeiro a Firebolt, agora Perebas, tudo é minha culpa, não é? Então me deixe em paz, Harry, tenho muito trabalho a fazer.

Rony estava realmente sofrendo muito com a perda do rato.

– Vamos, Rony, você vivia dizendo que Perebas era chato – disse Fred para consolá-lo. – E seu rato estava doente havia séculos, estava definhando. Provavelmente foi melhor para ele morrer depressa, de uma engolida, provavelmente nem sofreu.

– *Fred!* – exclamou Gina, indignada.

– Ele só fazia comer e dormir, Rony, você mesmo dizia – argumentou Jorge.

– Ele mordeu Goyle para nos defender uma vez! – disse Rony, infeliz. – Lembra, Harry?

– É, é verdade – confirmou o amigo.

– Foi o ponto alto da vida dele – disse Fred, incapaz de manter a cara séria. – Que a cicatriz no dedo de Goyle seja uma homenagem eterna à memória de Perebas. Ah, sai dessa, Rony, vai até Hogsmeade e compra um rato novo. Que adianta ficar se lamentando?

Numa última tentativa de animar Rony, Harry o convenceu a ir ao último treino do time da Grifinória, antes da partida com Corvinal, para poder dar uma volta na Firebolt quando terminassem. Isto pareceu, por um momento, desviar os pensamentos de Rony em Perebas ("Grande! Posso tentar fazer uns *gols* montado na vassoura?"), e os dois saíram para o campo de quadribol juntos.

Madame Hooch, que continuava a supervisionar os treinos da Grifinória para vigiar Harry, ficou tão impressionada com a Firebolt quanto todo mundo que a vira. A professora pegou a vassoura antes da decolagem e expôs aos jogadores sua opinião profissional.

– Olhem só o equilíbrio deste modelo! Se a série Nimbus tem algum defeito, é uma ligeira queda para a cauda, observa-se que depois de alguns anos isto se transforma num arrasto. Atualizaram o cabo também, mais fino do que as Cleansweeps, lembra as antigas Silver Arrows, uma pena que tenham parado de fabricá-las. Foi nelas que aprendi a voar, e também eram excelentes vassouras...

E a professora continuou nessa disposição por algum tempo até que Olívio a interrompeu:

– Hum... Madame Hooch? Será que a senhora podia devolver a vassoura a Harry? Temos que treinar...

– Ah, certo... tome aqui, Potter – disse ela. – Vou me sentar ali adiante com Weasley...

Ela e Rony deixaram o campo e foram se sentar na arquibancada, e o time da Grifinória se agrupou em torno de Olívio para ouvir as últimas instruções para o jogo do dia seguinte.

– Harry, acabei de descobrir quem vai jogar como apanhador na Corvinal. É a Cho Chang: uma garota do quarto ano e muito boa... Para ser sincero eu tinha esperanças de que ela não tivesse voltado à forma, ela teve alguns problemas com contusões... – Olívio fez cara feia para assinalar seu desagrado pela plena recuperação de Cho Chang, depois continuou: – Por outro lado ela monta uma Comet 260, que vai parecer uma piada ao lado da Firebolt. – Olívio lançou um olhar de fervorosa admiração à vassoura de Harry, depois disse: – Muito bem, pessoal, vamos...

Então, finalmente, Harry montou na Firebolt, e deu impulso para levantar voo.

Foi melhor do que ele jamais sonhara. A Firebolt virava ao menor toque; parecia obedecer a seus pensamentos em vez de suas mãos; ela atravessou o

campo a tal velocidade que o estádio se transformou em um borrão verde e cinza; Harry mudou de direção tão instantaneamente que Alícia Spinnet soltou um grito, e no instante seguinte ele entrou em um mergulho absolutamente controlado, raspando o gramado com as pontas dos pés antes de tornar a subir nove, doze, quinze metros no ar.

– Harry, vou soltar o pomo! – gritou Olívio.

O garoto virou a vassoura e apostou corrida com um balaço em direção às balizas; venceu-o com facilidade, viu o pomo disparar das costas de Olívio e em dez segundos já o tinha seguro na mão.

O time aplaudiu enlouquecido. Harry tornou a soltar o pomo, deu-lhe um minuto de dianteira e disparou atrás dele, desviando-se dos outros jogadores; depois, localizou-o próximo ao joelho de Katie Bell, fez uma volta em torno da garota e apanhou o pomo mais uma vez.

Foi o melhor treino que ele já fizera; os jogadores, inspirados pela presença da Firebolt na equipe, realizavam movimentos impecáveis, e, no momento em que voltaram ao chão, Olívio não teve uma única crítica a fazer, o que, como Jorge Weasley enfatizou, era a primeiríssima vez que acontecia.

– Não vejo o que é que vai nos deter amanhã! – disse Olívio. – A não ser que... Harry, você resolveu o seu problema com o dementador, não resolveu?

– Resolvi – disse Harry pensando no seu débil Patrono e desejando que ele fosse mais forte.

– Os dementadores não vão aparecer outra vez, Olívio. Dumbledore explodiria – disse Fred, confiante.

– Bem, esperemos que não – disse Olívio. – Em todo o caso... bom trabalho, pessoal. Vamos voltar para a Torre... dormir cedo...

– Eu vou ficar mais um pouco; Rony quer dar uma volta na Firebolt – avisou Harry a Olívio, e, enquanto os outros jogadores se dirigiam aos vestiários, Harry foi ao encontro de Rony, que saltou a barreira que separava o campo das arquibancadas com o mesmo fim. Madame Hooch adormecera onde estava.

– Manda ver – disse Harry, entregando ao amigo a Firebolt.

Rony, uma expressão de êxtase no rosto, montou na vassoura e disparou pela crescente escuridão, enquanto Harry andava em volta do campo, observando-o. Já anoitecera quando Madame Hooch acordou assustada, ralhou com os garotos por não a terem acordado e insistiu que voltassem ao castelo.

Harry pôs a Firebolt no ombro, e ele e Rony saíram do estádio sombrio, discutindo o desempenho suavíssimo da vassoura, sua fenomenal aceleração e suas curvas precisas. Estavam na metade do trajeto para o castelo quando Harry, olhando para a esquerda, viu uma coisa que fez seu coração dar uma cambalhota no peito – um par de olhos que luziam na escuridão.

Harry paralisou, o coração martelando as costelas.
– Que foi? – perguntou Rony.
Harry apontou. Rony puxou a varinha e murmurou:
– *Lumus!*
Um raio de luz se projetou pelo gramado, bateu no pé de uma árvore e iluminou seus ramos; lá, agachado entre as folhas que brotavam, estava Bichento.
– Dá o fora daqui! – bradou Rony curvando-se para apanhar uma pedra caída no chão, mas antes que pudesse fazer mais alguma coisa, Bichento havia desaparecido com um único movimento do longo rabo amarelo-avermelhado.
"Está vendo?", exclamou Rony, furioso, largando a pedra no chão. "Ela continua deixando o gato andar por onde quer, provavelmente comendo uns dois passarinhos como guarnição para acompanhar o Perebas..."
Harry não comentou nada. Inspirou profundamente sentindo o alívio invadi-lo; por um momento tivera certeza de que aqueles olhos pertenciam ao Sinistro. Os dois garotos retomaram, mais uma vez, a caminhada para o castelo. Um pouco envergonhado pelo momento de pânico, Harry não comentou nada com Rony – nem olhou mais para a esquerda nem para a direita até chegarem ao bem iluminado saguão de entrada.

Harry desceu para tomar café na manhã seguinte com os outros garotos do dormitório, todos os quais pareciam achar que a Firebolt merecia uma espécie de guarda de honra. Quando Harry entrou no Salão Principal, as cabeças se voltaram para a vassoura, e houve muitos comentários excitados. Harry viu, com enorme satisfação, que todo o time da Sonserina fazia cara de assombro.
– Você viu a cara dele? – perguntou Rony com vontade de rir, virando-se para olhar Malfoy. – Ele nem consegue acreditar! Genial!
Olívio, também, usufruía da glória que a Firebolt refletia.
– Ponha ela aqui, Harry – sugeriu o capitão, ajeitando a vassoura no meio da mesa e girando-a cuidadosamente de modo a deixar a marca visível. Os alunos das mesas da Corvinal e da Lufa-Lufa não demoraram a ir olhá-la de perto. Cedrico Diggory se aproximou para cumprimentar Harry por ter adquirido uma substituta tão esplêndida para sua Nimbus e a namorada de Percy, Penelope Clearwater, da Corvinal, chegou a perguntar se podia segurar a Firebolt.
– Ora, ora, Penelope, nada de sabotagem! – disse Percy cordialmente, enquanto ela mirava a Firebolt.
– Penelope e eu fizemos uma aposta – contou ele ao time. – Dez galeões no vencedor da partida!
A garota tornou a pousar a vassoura, agradeceu a Harry e voltou à sua mesa.

– Harry, não deixe de ganhar – recomendou Percy, num sussurro urgente. – *Eu não tenho dez galeões*. Estou indo, Penny! – E correu para comer uma torrada com a garota.

– Tem certeza que você sabe montar nessa vassoura, Potter? – disse uma voz arrastada e fria.

Draco Malfoy chegara para dar uma espiada, seguido de perto por Crabbe e Goyle.

– Acho que sim – disse Harry, descontraído.

– Tem muitas características especiais, não é? – disse Malfoy, os olhos brilhando de malícia. – Pena que não venha com um paraquedas, para o caso de você chegar muito perto de um dementador.

Crabbe e Goyle deram risadinhas.

– Pena que você não possa acrescentar braços na sua, Draco – retrucou Harry. – Assim ela poderia apanhar o pomo para você.

Os jogadores da Grifinória deram grandes gargalhadas. Os olhos claros de Draco se estreitaram e ele se afastou. Os dois garotos observaram Draco se reunir aos demais jogadores da Sonserina, que juntaram as cabeças, sem dúvida para perguntar a ele se a vassoura de Harry era realmente uma Firebolt.

Às quinze para as onze, o time da Grifinória saiu em direção ao vestiário. O tempo não poderia estar mais diferente do que o do dia da partida com Lufa-Lufa. Fazia um dia claro e frio com uma levíssima brisa; desta vez não haveria problemas de visibilidade e Harry, embora nervoso, estava começando a sentir a excitação que somente uma partida de quadribol era capaz de produzir. Eles ouviram o resto da escola entrando, mais além, no estádio. Harry despiu as vestes negras da escola, tirou a varinha do bolso e enfiou-a na camiseta que ia usar por baixo do uniforme de quadribol. Só esperava que não fosse preciso usá-la. De repente lhe ocorreu uma dúvida: se o Prof. Lupin estaria no meio da multidão, assistindo à partida.

– Vocês sabem o que temos de fazer – disse Olívio quando o time se preparava para deixar o vestiário. – Se perdermos esta partida, estaremos fora do campeonato. Vocês só têm que voar como fizeram no treino de ontem, e vamos nos dar bem!

Os jogadores saíram do vestiário para o campo debaixo de tumultuosos aplausos. O time da Corvinal, vestido de azul, já estava parado no meio do campo. A apanhadora, Cho Chang, era a única menina da equipe. Era mais baixa do que Harry quase uma cabeça, e, por mais nervoso que estivesse, ele não pôde deixar de reparar que era uma garota muito bonita. Cho sorriu para ele quando os times ficaram frente a frente, atrás dos capitães, e o garoto sentiu um ligeira pulsação na região do baixo-ventre que ele achou que não tinha relação alguma

com o seu nervosismo.
– Wood, Davies, apertem-se as mãos – disse Madame Hooch, eficiente, e Olívio apertou a mão do capitão da Corvinal.
“Montem nas vassouras... quando eu apitar... três, dois, um...”
Harry deu o impulso para subir, e a Firebolt voou mais alto e mais veloz do que qualquer outra vassoura; ele sobrevoou o estádio e começou a espiar para todos os lados à procura do pomo, prestando atenção aos comentários que estavam sendo irradiados pelo amigo dos gêmeos Weasley, Lino Jordan.
“Foi dado início à partida, e a grande novidade é a Firebolt que Harry Potter está montando pelo time da Grifinória. Segundo a *Qual vassoura*, a Firebolt será a montaria escolhida pelos times nacionais para o Campeonato Mundial deste ano...”
– Jordan, você se importa de nos dizer o que está acontecendo no campo? – interrompeu-o a voz da Profª McGonagall.
– Certo, professora, eu só estava situando os ouvintes...
“A Firebolt, aliás, tem um freio automático e...”
– Jordan!
“OK, OK, Grifinória tem a posse da goles, Katie Bell da Grifinória está voando em direção à baliza...”
Harry passou veloz por Katie, à procura de um reflexo dourado, e reparou que Cho Chang o seguia muito de perto. Não havia dúvida de que a garota era um excelente piloto – não parava de cortar sua frente, forçando-o a mudar de direção.
– Mostre a ela sua aceleração, Harry! – berrou Fred ao passar disparado em perseguição de um balaço que seguia na direção de Alícia.
Harry estugou a Firebolt quando contornaram as balizas da Corvinal, e Cho ficou para trás. No momento exato em que Katie conseguia marcar o primeiro gol da partida e o lado do campo da Grifinória enlouquecia de entusiasmo, Harry viu... o pomo estava perto do chão, esvoaçando próximo à barreira.
Harry mergulhou; Cho percebeu o seu movimento e disparou atrás dele. O garoto foi aumentando a velocidade, tomado de excitação; os mergulhos eram sua especialidade, estava a três metros...
Então um balaço, arremessado por um dos batedores da Corvinal, saiu a toda, Harry nem viu de onde; ele mudou de rumo, evitando o petardo por um dedo, e, naqueles segundos cruciais, o pomo sumiu.
Houve um grande “ooooooh” de desapontamento da torcida da Grifinória, mas muitos aplausos da Corvinal para o seu batedor. Jorge Weasley deu vazão ao que sentia lançando um segundo balaço diretamente contra o autor do arremesso, que, por sua vez, foi forçado a dar uma cambalhota em pleno ar para evitar a

colisão.
“Grifinória lidera por oitenta pontos a zero, e olhe só o desempenho daquela Firebolt! Potter agora está realmente mostrando o que ela é capaz de fazer, vejam como muda de direção – a Comet de Chang simplesmente não é páreo para ela, o balanceamento preciso da Firebolt é visível nesses longos...”
– JORDAN! VOCÊ ESTÁ GANHANDO PARA ANUNCIAR FIREBOLTS? VOLTE A IRRADIAR O JOGO!
Corvinal começou a jogar na retranca; já tinha marcado três gols, o que deixava Grifinória apenas cinquenta pontos à frente – se Cho apanhasse o pomo antes dele, Corvinal ganharia a partida. Harry reduziu a altitude, evitando por um triz um artilheiro da Corvinal, e esquadrinhou nervosamente o campo – um lampejo de ouro, um adejar de asinhas – o pomo estava circulando a baliza da Grifinória...
Harry acelerou, os olhos fixos no pontinho dourado à frente – mas nesse instante, Cho apareceu de repente, bloqueando sua visão...
– HARRY, ISSO NÃO É HORA PARA CAVALHEIRISMOS! – berrou Olívio quando o garoto deu uma guinada para evitar a colisão. – SE FOR PRECISO, DERRUBE-A DA VASSOURA!
Harry se virou e avistou Cho; a garota estava sorrindo. O pomo sumira outra vez. Ele apontou a vassoura para o alto e logo chegou a sessenta metros sobre o campo. Pelo canto do olho, ele viu Cho seguindo-o... Ela resolvera marcá-lo em vez de procurar o pomo sozinha. Muito bem, então... se queria segui-lo, teria que arcar com as consequências...
Harry mergulhou outra vez, e Cho, pensando que ele avistara o pomo, tentou acompanhá-lo; ele desfez o mergulho abruptamente; Cho continuou a descida veloz; ele subiu mais uma vez, como uma bala, e então viu-o, pela terceira vez – o pomo cintilava muito acima do campo, do lado da Corvinal.
Harry acelerou; a muitos metros abaixo Cho fez o mesmo. Ele foi reduzindo a distância, se aproximando mais do pomo a cada segundo... então...
– Oh! – gritou Cho, apontando.
Distraído, Harry olhou para baixo.
Três dementadores, três dementadores altos, negros, lá embaixo, olhavam para ele.
Harry nem parou para pensar. Enfiou a mão pelo decote de suas vestes, sacou a varinha e berrou: *“Expecto Patronum!”*
Uma coisa branco-prateada, uma coisa enorme, irrompeu de sua varinha. Ele percebeu que apontara diretamente para os dementadores, mas não parou para ver o efeito; sua mente continuava milagrosamente clara, ele olhou para a frente – estava quase lá. Estendeu a mão que ainda segurava a varinha e conseguiu

fechar os dedos sobre o pequeno pomo que se debatia.
Soou o apito de Madame Hooch. Harry se virou no ar e viu seis borrões vermelhos voando em sua direção; no momento seguinte, o time o abraçava com tanta força que ele quase foi arrancado da vassoura. Ouvia-se lá embaixo os brados da torcida da Grifinória em meio aos espectadores.
– Aí, garoto! – Olívio não parava de berrar. Alícia, Angelina e Katie, todas, tinham beijado Harry; Fred o abraçara com tanta força que ele achou que sua cabeça ia saltar do corpo. Em completa desordem, o time conseguiu voltar ao campo. Harry desmontou a vassoura, levantou a cabeça e viu um bando de torcedores da Grifinória saltar para dentro do campo, Rony à frente. Antes que desse por si, fora engolfado pela turma que gritava aplaudindo-o.
– Sim! – gritava Rony, puxando com força o braço de Harry e erguendo-o no ar. – Sim! Sim!
– Grande partida, Harry! – disse Percy, feliz. – Dez galeões para mim! Preciso procurar Penelope, com licença...
– Parabéns, Harry! – bradou Simas Finnigan.
– Brilhante! – berrou Hagrid por cima das cabeças dos alunos da Grifinória que acorriam.
– Foi um Patrono impressionante – disse uma voz no ouvido de Harry.
Harry se virou e viu o Prof. Lupin, que parecia ao mesmo tempo abalado e satisfeito.
– Os dementadores não me afetaram nada! – exclamou Harry excitado. – Eu não senti nada!
– Foi porque eles... hum... não eram dementadores – explicou o professor. – Venha ver...
Ele desvencilhou Harry da aglomeração até poderem ver a lateral do campo.
– Você deu um grande susto no Sr. Malfoy – disse Lupin.
Harry arregalou os olhos. Amontoados no chão estavam Malfoy, Crabbe, Goyle e Marcos Flint, o capitão do time da Sonserina, lutando para se despir das vestes negras e longas com capuzes. Pelo jeito Malfoy estivera em pé nos ombros de Goyle. Parada ao lado deles, com uma expressão de fúria no rosto, estava a Profª Minerva.
– Um truque indigno! – bradava ela. – Uma tentativa baixa e covarde de sabotar o apanhador da Grifinória! Detenção para todos e menos cinquenta pontos para Sonserina! Vou falar com o Prof. Dumbledore, não se iludam! Ah, aí vem ele agora!
Se alguma coisa podia selar a vitória da Grifinória, era isso. Rony, que pelejara para chegar até Harry, se dobrava de tanto rir, ao contemplar Malfoy tentando sair da veste, a cabeça de Goyle ainda presa lá dentro.

– Vamos, Harry! – disse Jorge procurando se aproximar. – Festa! Sala comunal da Grifinória, agora!
– Certo – respondeu Harry, sentindo-se mais feliz do que se lembrava de ter se sentido havia muito tempo. Ele e o restante do time abriram caminho, ainda de vestes vermelhas, para fora do estádio e de volta ao castelo.

A sensação era de que já tinham ganhado a Taça de Quadribol; a festa durou o dia inteiro e se prolongou até tarde da noite. Fred e Jorge Weasley desapareceram algumas horas e voltaram com braçadas de garrafinhas de cerveja amanteigada, abóbora espumante e vários sacos de doces da Dedosdemel.
– Como foi que você fez isso?! – gritou Angelina Johnson quando Jorge começou a atirar sapos de menta nos colegas.
– Com uma ajudinha de Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas – murmurou Fred ao ouvido de Harry.
Somente uma pessoa não participava da comemoração. Hermione, por incrível que pareça, estava sentada a um canto, tentando ler um enorme livro intitulado *Vida doméstica e hábitos sociais dos trouxas britânicos*. Harry se afastou da mesa em que Fred e Jorge começavam a fazer malabarismos com as garrafinhas de cerveja amanteigada e foi até a amiga.
– Você ao menos foi ao jogo? – perguntou ele.
– Claro que fui – respondeu Hermione numa voz estranhamente aguda, sem levantar a cabeça. – E estou muito contente que a gente tenha ganhado, e acho que você jogou realmente bem, mas tenho que ler isso aqui até segunda-feira.
– Vamos, Mione, venha comer alguma coisa – convidou Harry, enquanto olhava para Rony e se perguntava se ele teria suficiente bom humor para guardar a machadinha de guerra.
– Não posso, Harry. Ainda tenho quatrocentas e vinte e duas páginas para ler! – respondeu a garota, agora num tom ligeiramente histérico. – De qualquer modo... – a garota olhou para Rony, também –, *ele* não quer a minha companhia.
Quanto a isso, não havia o que discutir, porque Rony escolheu aquele momento para dizer em voz alta:
– Se Perebas não tivesse sido *devorado*, ele poderia ter comido uma mosca de chocolate. Ele gostava tanto...
Hermione caiu no choro. Antes que Harry pudesse dizer alguma coisa, ela meteu o enorme livro embaixo do braço e, ainda soluçando, correu para a escada do dormitório das meninas e desapareceu de vista.
– Será que você não podia dar a ela um tempo? – perguntou Harry a Rony em voz baixa.
– Não – respondeu o garoto com firmeza. – Se ela ao menos mostrasse que

lamenta, mas jamais vai admitir que errou, a Hermione. Continua a agir como se Perebas tivesse tirado férias ou qualquer coisa do gênero.

A festa da Grifinória só terminou quando a Profª Minerva apareceu vestida com o seu robe de tecido escocês e os cabelos presos numa rede, à uma hora da manhã, para insistir que todos fossem se deitar. Harry e Rony subiram as escadas para o dormitório, ainda discutindo a partida. Por fim, exausto, Harry se enfiou na cama, ajeitou o cortinado de sua cama para esconder um raio de luar, se deitou de costas e sentiu que adormecia quase instantaneamente...

Teve um sonho muito estranho. Estava andando por uma floresta, a Firebolt ao ombro, seguindo uma coisa branco-prateada. Ela avançava entre as árvores e Harry só conseguia avistá-la entre a folhagem. Ansioso para alcançá-la, estugou o passo, mas ao fazer isso, a coisa que ele perseguia acelerou também. Harry começou a correr e, à frente dele, ouviu cascos que ganhavam velocidade. Agora ele estava correndo desabalado e, à frente, ouvia a coisa galopar. Então ele fez uma curva para dentro de uma clareira e...

– AAAAAAAAAAAAAAAARRRRRRRRRRRRRRRRR! NNNÃÃÃÃÃÃ ÃÃÃÃÃOOOOOOOOOOO!

Harry acordou subitamente como se alguém o tivesse esbofeteado. Desorientado na escuridão total agarrou as cortinas – ouvia movimentos a sua volta e a voz de Simas Finnigan do outro lado do quarto:

– Que é que está acontecendo?

Harry achou ter ouvido a porta do dormitório bater. Finalmente, encontrando a abertura das cortinas, puxou-as para um lado com violência e, na mesma hora, Dino Thomas acendeu o abajur.

Rony estava sentado na cama, as cortinas rasgadas dos dois lados, uma expressão de absoluto terror no rosto.

– Black! Sirius Black! Com uma faca!

– *Quê!*

– Aqui! Agorinha mesmo! Cortou as cortinas! Me acordou!

– Você tem certeza de que não sonhou, Rony? – perguntou Dino.

– Olha só as cortinas! Estou dizendo, ele esteve aqui!

Todos os garotos saltaram das camas; Harry alcançou a porta do dormitório primeiro que os outros e desceu correndo as escadas. Portas se abriram às suas costas e vozes cheias de sono chamaram.

– Quem gritou?

– Que é que vocês estão fazendo?

A sala comunal estava iluminada com o brilho das chamas que se extinguiam na lareira, ainda atulhada com os restos da festa. Estava deserta.

– Você tem *certeza* de que não estava dormindo, Rony?

– Estou dizendo que vi Black!
– Que barulheira é essa?
– A Profª McGonagall nos mandou para a cama!
Algumas garotas tinham descido, vestindo os robes e bocejando. Os garotos também foram reaparecendo.
– Que ótimo, vamos continuar? – perguntou Fred Weasley animado.
– Todos de volta para cima! – falou Percy, que entrou correndo na sala comunal prendendo o distintivo de monitor-chefe no pijama enquanto falava.
– Perce... Sirius Black! – disse Rony com a voz fraca. – No nosso dormitório! Com uma faca! Me acordou!
A sala comunal mergulhou em silêncio.
– Que bobagem! – exclamou Percy parecendo espantado. – Você comeu demais, Rony... teve um pesadelo...
– Estou lhe dizendo...
– Agora, francamente, já é demais!
A Profª Minerva estava de volta. Ela bateu o retrato ao entrar na sala comunal e olhou furiosa para todos.
– Estou encantada que a Grifinória tenha ganhado a partida, mas isto está ficando ridículo! Percy, eu esperava mais de você!
– Com certeza eu não autorizei isso, professora! – defendeu-se Percy, se empertigando, indignado. – Estava justamente dizendo a todos para voltarem para a cama! Meu irmão Rony teve um pesadelo...
– NÃO FOI UM PESADELO! – berrou Rony. – PROFESSORA, EU ACORDEI E SIRIUS BLACK ESTAVA PARADO AO MEU LADO SEGURANDO UMA FACA!
A professora encarou-o.
– Não seja ridículo, Weasley, como seria possível ele passar pelo buraco do retrato?
– Pergunte a ele! – respondeu Rony apontando um dedo trêmulo para o avesso do retrato de Sir Cadogan. – Pergunte se ele viu...
Com um olhar penetrante e desconfiado para Rony, a professora empurrou o retrato e saiu. Todos na sala procuraram escutar prendendo a respiração.
– Sir Cadogan, o senhor acabou de deixar um homem entrar na Torre da Grifinória?
– Certamente, minha boa senhora! – exclamou o cavaleiro.
Fez-se um silêncio de espanto, tanto dentro quanto fora da sala comunal.
– O senhor... o senhor *deixou*? Mas... e a senha?
– Ele sabia! – respondeu Sir Cadogan com orgulho. – Tinha as senhas da

semana inteira, minha senhora! Leu-as em um pedacinho de papel!

A professora tornou a passar pelo buraco do retrato e encarou os alunos atordoados. Estava branca como giz.

– Quem foi – perguntou ela com a voz trêmula –, quem foi a criatura abissalmente tola que anotou as senhas desta semana e as largou por aí?

Fez-se um silêncio absoluto, quebrado por gritinhos quase inaudíveis de terror. Neville Longbottom, tremendo da cabeça às pontas dos chinelos fofos, ergueu a mão no ar.

— CAPÍTULO CATORZE —

O ressentimento de Snape

Ninguém na Torre da Grifinória dormiu àquela noite. Todos sabiam que o castelo estava sendo revistado novamente e os alunos da casa permaneceram acordados na sala comunal, esperando para saber se Black fora apanhado. A Profª Minerva voltou ao amanhecer para informar que, mais uma vez, ele escapara.

Durante todo o dia, onde quer que fossem, os garotos percebiam sinais de uma segurança mais rigorosa; o Prof. Flitwick podia ser visto, às portas de entrada do castelo, ensinando-os a reconhecer uma grande foto de Sirius Black; Filch, de repente, andava para cima e para baixo nos corredores, pregando tábuas em tudo, desde minúsculas fendas nas paredes até tocas de camundongos. Sir Cadogan fora demitido. Repuseram seu retrato no solitário patamar do sétimo andar e a Mulher Gorda voltou ao seu lugar. Fora competentemente restaurada, mas continuava nervosíssima e só concordara em voltar ao trabalho com a condição de receber mais proteção. Um bando de trasgos carrancudos tinha sido contratado para guardá-la. Eles percorriam o corredor em um grupo ameaçador, falando em rosnados e comparando o tamanho dos seus bastões.

Harry não pôde deixar de reparar que a estátua da bruxa de um olho só, no terceiro andar, continuava sem guarda nem bloqueio. Parecia que Fred e Jorge tinham razão em pensar que eles – e agora Harry Potter, Rony e Hermione – eram os únicos que conheciam a passagem secreta a que a bruxa dava acesso.

– Você acha que devemos contar a alguém? – perguntou Harry a Rony.

– A gente sabe que Black não está entrando pela Dedosdemel – disse Rony descartando a ideia. – Saberíamos se a loja tivesse sido arrombada.

Harry ficou contente que Rony pensasse como ele. Se a bruxa de um olho só também fosse fechada com tábuas, ele não poderia voltar a Hogsmeade.

Rony se transformara numa celebridade instantânea. Pela primeira vez na

vida, as pessoas prestavam mais atenção a ele do que a Harry e era evidente que ele estava gostando bastante da experiência. Embora ainda estivesse muito abalado com os acontecimentos da noite anterior, ficava feliz de contar a quantos perguntassem o que acontecera, com riqueza de detalhes.

– ... Eu estava dormindo e ouvi barulho de pano cortado e achei que estava sonhando, sabe? Mas aí senti uma correnteza de ar... acordei e vi que o cortinado de um lado da minha cama tinha sido arrancado... me virei... e vi Black parado ali... como um esqueleto, os cabelos imundos... segurando um facão comprido, devia ter uns trinta centímetros... e ele olhou para mim e eu olhei para ele, então eu soltei um berro e ele se mandou.

"Mas por quê?", Rony acrescentou para Harry, quando o grupo de garotas do segundo ano, que estivera escutando sua história enregelante, se afastou. "Por que foi que ele correu?"

Harry andara se perguntando a mesma coisa. Por que Black, ao verificar que escolhera a cama errada, não silenciara Rony e procurara Harry? Ele já provara doze anos antes que não se importava de matar gente inocente, e desta vez só precisava enfrentar cinco garotos desarmados, quatro dos quais adormecidos.

– Ele devia saber que ia ter problemas para sair do castelo depois que você gritasse e acordasse todo mundo – disse Harry, pensativo. – Teria que matar a casa toda para passar pelo buraco do retrato... e teria dado de cara com os professores...

Neville caiu em total desgraça. A Profª McGonagall estava tão furiosa com ele que o banira de todas as futuras visitas a Hogsmeade, lhe dera uma detenção e proibira todos de lhe informarem a senha para a torre. O coitado era obrigado a esperar do lado de fora da sala comunal, todas as noites, até alguém deixá-lo entrar, enquanto os trasgos da segurança caçoavam dele. Nenhum desses castigos, porém, chegou nem próximo do que sua avó lhe reservara. Dois dias depois da invasão de Black, ela mandou a Neville a pior coisa que um aluno de Hogwarts podia receber na hora do café da manhã – um berrador.

As corujas da escola entraram voando pelo Salão Principal trazendo o correio, como de costume, e Neville se engasgou quando a enorme coruja pousou diante dele com um envelope vermelho preso no bico. Harry e Rony, que estavam sentados em frente, reconheceram imediatamente que a carta era um berrador – Rony recebera um da Sra. Weasley no ano anterior.

– Apanha ela logo, Neville – aconselhou Rony.

Neville não precisou que lhe dissessem duas vezes. Agarrou o envelope e, segurando-o à frente como se fosse uma bomba, saiu correndo do Salão em meio às explosões de riso da mesa da Sonserina. Todos ouviram o berrador disparar no saguão de entrada – a voz da avó de Neville, com o volume normal magicamente

ampliado cem vezes, bradava que ele envergonhara a família inteira.
Harry estava tão ocupado sentindo pena de Neville que nem reparou imediatamente que havia uma carta para ele também. Edwiges atraiu sua atenção beliscando-o com força no pulso.
– Ai! Ah... obrigado, Edwiges.
Harry rasgou o envelope enquanto a coruja se servia dos flocos de milho de Neville. O bilhete dentro do envelope dizia o seguinte:

Caros Harry e Rony,
Que tal virem tomar chá comigo hoje à tarde por volta das seis?
Irei buscar vocês no castelo.
ESPEREM POR MIM NO SAGUÃO DE ENTRADA; VOCÊS NÃO PODEM SAIR SOZINHOS.
Abraços,
Hagrid

– Ele provavelmente quer saber as novidades sobre Black! – disse Rony.
Assim, às seis horas daquela tarde, Harry e Rony saíram da Torre da Grifinória, passaram pelos trasgos de segurança e rumaram para o saguão de entrada.
Hagrid já estava à espera.
– Está bem, Hagrid! – exclamou Rony. – Imagino que você queira saber o que aconteceu no sábado à noite, é isso?
– Já soube de tudo – disse Hagrid, abrindo a porta de entrada e levandoos para fora.
– Ah – exclamou Rony, parecendo ligeiramente desconcertado.
A primeira coisa que viram ao entrar na cabana de Hagrid foi Bicuço estirado em cima da colcha de retalhos de Hagrid, as enormes asas fechadas junto ao corpo, apreciando um pratão de doninhas mortas. Ao desviar o olhar dessa visão repugnante, Harry viu um gigantesco traje peludo e uma medonha gravata amarela e laranja pendurados no alto da porta do armário.
– Para que é isso, Hagrid? – perguntou Harry.
– O caso de Bicuço contra a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. Nesta sexta-feira. Ele e eu vamos a Londres juntos. Reservei duas camas no Nôitibus...
Harry sentiu uma pontada incômoda de remorso. Esquecera-se completamente que o julgamento de Bicuço estava tão próximo e, a julgar pela expressão constrangida no rosto de Rony, ele também. Os dois tinham se esquecido igualmente da promessa de ajudar Hagrid a preparar a defesa de Bicuço; a

chegada da Firebolt tinha varrido a promessa do pensamento dos garotos.
Hagrid serviu chá e ofereceu um prato de pãezinhos aos garotos, que tiveram o bom-senso de não aceitar; tinham muita experiência com a culinária do guarda-caça.
– Tenho uma coisa para conversar com vocês dois – disse Hagrid sentando-se entre os garotos, com o ar anormalmente sério.
– O quê? – perguntou Harry.
– Mione – respondeu Hagrid.
– Que é que tem a Mione? – perguntou Rony.
– Ela está num estado de cortar o coração, é isso que tem. Veio me visitar muitas vezes desde o Natal. Se sente solitária. Primeiro vocês não estavam falando com ela por causa da Firebolt, agora vocês não estão falando por causa do gato...
– ... que comeu Perebas! – interpôs Rony, zangado.
– Porque o gato dela fez o que todos os gatos fazem – insistiu Hagrid. – Ela já chorou muito, sabem. Está passando por um mau momento. Abocanhou mais do que pode mastigar, se querem saber, todo o trabalho que está tentando fazer. E ainda arranjou tempo para me ajudar no caso do Bicuço, vejam bem... Encontrou um material realmente bom para mim... acho que ele terá uma boa chance agora...
– Hagrid, nós devíamos ter ajudado também, desculpe... – começou Harry, sem jeito.
– Não estou cobrando nada – disse Hagrid, dispensando as desculpas. – Deus sabe que você teve muito com que se ocupar. Vi você praticando quadribol todas as horas do dia e da noite, mas tenho que dizer uma coisa, pensei que vocês davam mais valor à amiga do que a vassouras e ratos. É só isso.
Harry e Rony trocaram olhares constrangidos.
– Bem nervosa ela ficou, quando Black quase esfaqueou você, Rony. Ela tem o coração no lugar, a Mione, e vocês se recusando a falar com ela...
– Se ela ao menos se livrasse daquele gato, eu voltaria a falar com ela! – disse Rony, zangado. – Mas ela continua do lado do Bichento. É um tarado e ela não quer ouvir nem uma palavra contra ele!
– Ah, bem, as pessoas podem ser obtusas quando se trata de bichos de estimação – disse Hagrid sabiamente. Às costas dele, Bicuço cuspiu uns ossos de doninha em cima do travesseiro.
Os três passaram o resto da visita discutindo a nova chance da Grifinória concorrer à Taça de Quadribol. Às nove horas, Hagrid acompanhou-os de volta ao castelo.
Um grande grupo de alunos se achava aglomerado em torno do quadro de

avisos quando eles chegaram à sala comunal.

– Hogsmeade no próximo fim de semana! – disse Rony, se esticando por cima da cabeça dos colegas para ler o aviso. – Que é que você acha? – acrescentou em voz baixa quando os dois foram se sentar.

– Bem, Filch não mexeu na passagem para a Dedosdemel... – ponderou Harry, ainda mais baixo.

– Harry! – disse alguém bem no seu ouvido direito. Harry se assustou e, ao se virar, viu Hermione, que estava sentada à mesa logo atrás deles e abrira uma brecha na parede de livros que a escondia.

“Harry, se você for a Hogsmeade outra vez... vou contar à Profª McGonagall sobre aquele mapa!”, ameaçou ela.

– Você está ouvindo alguém falar, Harry? – rosnou Rony, sem olhar para Hermione.

– Rony, como é que pode deixar ele o acompanhar? Depois do que o Sirius Black fez a *você*! Quero dizer, vou contar...

– Então agora você está tentando provocar a expulsão do Harry! – disse Rony, furioso. – Não acha suficiente o mal que você já fez este ano?

Hermione abriu a boca para responder, mas com um assobio suave, Bichento saltou para o seu colo. A garota lançou um olhar assustado à cara que Rony fazia, recolheu Bichento e saiu correndo para o dormitório das meninas.

– Então, e aí? – perguntou Rony a Harry como se não tivesse havido interrupção. – Vamos, da última vez que fomos você não viu nada. Você ainda nem entrou na Zonko’s!

Harry espiou para os lados para verificar se Hermione não estava por perto ouvindo.

– Tudo bem. Mas desta vez vou levar a minha Capa da Invisibilidade.

Na manhã de sábado, Harry guardou a Capa da Invisibilidade na mochila, meteu o Mapa do Maroto no bolso e foi tomar café com todo mundo. À mesa, Hermione não parava de lhe lançar olhares desconfiados, mas ele evitou encarar a amiga e teve o cuidado de deixar que ela o visse subindo a escadaria de mármore no saguão de entrada, quando os outros alunos se dirigiam às portas de entrada.

– Tchau! – gritou Harry para Rony. – A gente se vê quando você voltar.

Rony sorriu e piscou um olho.

Harry correu ao terceiro andar, tirando o Mapa do Maroto do bolso enquanto subia. Agachado atrás da bruxa de um olho só, ele o abriu. Um pontinho vinha se movendo em sua direção. Harry apertou os olhos para enxergar melhor. A pequena legenda ao lado informava que era *Neville Longbottom*.

Harry puxou depressa a varinha, murmurou *“Dissendium!”* e enfiou a mochila na estátua, mas antes que pudesse entrar Neville apareceu no canto do corredor.

– Harry! Eu me esqueci que você também não ia a Hogsmeade!

– Oi, Neville – disse Harry, afastando-se rapidamente da estátua e empurrando o mapa para dentro do bolso. – Que é que você vai fazer?

– Nada – disse Neville encolhendo os ombros. – Que tal uma partida de Snap Explosivo?

– Hum... agora não... eu estava indo à biblioteca fazer aquela redação sobre os vampiros que Lupin pediu...

– Eu vou com você! – disse Neville, animado. – Eu também não fiz!

– Hum... espera aí, ah, me esqueci, já terminei ontem à noite!

– Que ótimo, então você pode me ajudar! – disse Neville, o rosto redondo demonstrando ansiedade. – Não consigo entender aquela história do alho, eles têm que comer ou...

Com uma pequena exclamação, ele se calou, espiando por cima do ombro de Harry.

Era Snape. Neville deu um passo rápido para trás de Harry.

– E o que é que vocês estão fazendo aqui? – perguntou Snape, que parou e olhou de um garoto para o outro. – Que lugar estranho para se encontrarem...

Para imensa inquietação de Harry, os olhos negros de Snape correram para as portas ao lado de cada um deles e em seguida para a bruxa de um olho só.

– Nós não... marcamos encontro aqui. Só nos encontramos, por acaso.

– Verdade? Você tem o hábito de aparecer em lugares inesperados, Potter, e raramente sem uma boa razão... Sugiro que os dois voltem à Torre da Grifinória que é o seu lugar.

Harry e Neville saíram sem dizer mais nada. Quando viraram um canto, Harry olhou para trás. Snape estava passando a mão na bruxa de um olho só, examinando-a atentamente.

Harry conseguiu se livrar de Neville no retrato da Mulher Gorda, dizendo-lhe a senha, e, depois, fingindo que deixara a redação na biblioteca, deu meia-volta. Uma vez longe das vistas dos trasgos de segurança, ele tornou a tirar o mapa do bolso e segurá-lo bem junto ao nariz.

O corredor do terceiro andar parecia estar deserto. Harry examinou o mapa cuidadosamente e viu, com uma sensação de alívio, que o pontinho *Severo Snape* voltara à sua sala.

Correu, então, até a bruxa de um olho só, abriu a corcunda, desceu o corpo por ela e se largou para ir ao encontro de sua mochila no fim do escorrega. Apagou, então, o Mapa do Maroto e saiu correndo.

Harry, inteiramente escondido sob a Capa da Invisibilidade, saiu à luz do sol à porta da Dedosdemel e cutucou Rony nas costas.

– Sou eu – murmurou.

– Que foi que o atrasou? – sibilou Rony.

– Snape estava rondando o corredor...

Os garotos saíram andando pela rua principal.

– Onde é que você está? – Rony perguntava toda hora pelo canto da boca. – Ainda está aí? Que coisa mais estranha...

Eles foram ao correio; Rony fingiu estar verificando o preço de uma coruja para Gui no Egito para que Harry pudesse dar uma boa olhada em tudo. As corujas estavam pousadas e piavam baixinho para ele, no mínimo umas trezentas; desde as cinzentas de grande porte até as muito pequenas ("Somente para entregas locais"), que eram tão mínimas que caberiam na palma da mão do garoto.

Depois, visitaram a Zonko's, que estava tão apinhada de estudantes que Harry precisou tomar um cuidado enorme para não pisar em ninguém e, com isso, desencadear o pânico. Havia logros e brincadeiras para satisfazer até os sonhos mais absurdos de Fred e Jorge; Harry cochichou ordens para Rony e lhe passou um pouco de ouro por baixo da capa. Os dois deixaram a Zonko's com as bolsas de dinheiro bastante mais leves do que quando entraram, mas os bolsos iam estufados de bombas de bosta, soluços doces, sabão de ovas de sapo e, para cada um, uma xícara que mordia o nariz.

Fazia um tempo firme, de brisa suave, e nenhum dos garotos tinha vontade de ficar dentro de casa, por isso eles passaram direto pelo Três Vassouras e subiram uma ladeira para visitar a Casa dos Gritos, o lugar mais mal-assombrado da Grã-Bretanha. Ficava um pouco mais alta do que o resto do povoado, e mesmo durante o dia provocava certos arrepios, com suas janelas fechadas com tábuas e um jardim úmido e malcuidado.

– Até os fantasmas de Hogwarts evitam a casa – disse Rony quando se debruçavam na cerca para apreciá-la. – Perguntei a Nick Quase Sem Cabeça... ele diz que soube que mora aí uma turma da pesada. Ninguém consegue entrar. Fred e Jorge tentaram, é claro, mas todas as entradas estão tampadas...

Harry, cheio de calor por causa da subida estava pensando em tirar a capa por uns minutinhos quando ouviu vozes que se aproximavam. Havia gente subindo em direção à casa pelo outro lado da elevação; momentos depois, Malfoy apareceu, seguido de perto por Crabbe e Goyle. Malfoy vinha falando.

– ... devo receber uma coruja do meu pai a qualquer hora. Ele teve que ir à audiência para depor sobre o meu braço... que ficou inutilizado durante três meses...

Crabbe e Goyle riram.

– Eu bem que gostaria de ouvir aquele paspalhão grisalho se defender... “Ele não tem uma natureza má, honestamente” ... aquele hipogrifo pode se considerar morto...

Malfoy de repente avistou Rony. Seu rosto pálido se abriu num sorriso maldoso.

– Que é que você anda fazendo, Weasley?

Malfoy ergueu os olhos para a casa em ruínas, às costas de Rony.

– Acho que você gostaria de morar aqui, não, Weasley? Sonhando com um quarto só para você? Ouvi falar que a sua família toda dorme em um quarto só, é verdade?

Harry segurou as vestes de Rony pelas costas para impedi-lo de pular em cima de Malfoy.

– Deixe-o comigo – sibilou ao ouvido de Rony.

A oportunidade era perfeita demais para ser desperdiçada. Harry caminhou silenciosamente até as costas de Malfoy, Crabbe e Goyle, se abaixou e apanhou no caminho uma mão bem cheia de lama.

– Estávamos mesmo discutindo sobre seu amigo Hagrid – disse Malfoy a Rony. – Tentando imaginar o que ele está dizendo à Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. Você acha que ele vai chorar quando cortarem...

PAF.

A cabeça de Malfoy foi empurrada para a frente quando a lama o atingiu; e, de repente, de seus cabelos louro-prateados começaram a escorrer lama.

– Que m...?

Rony teve que se segurar na cerca para não cair de tanto rir. Malfoy, Crabbe e Goyle se viraram no mesmo lugar, olhando para todos os lados, agitados, enquanto Malfoy tentava limpar os cabelos.

– Que foi isso? Quem fez isso?

– É muito mal-assombrado isso aqui, não é, não? – falou Rony, com ar de quem está comentando o tempo.

Crabbe e Goyle ficaram assustados. Seus músculos avantajados eram inúteis contra fantasmas. Malfoy examinava, furioso, a paisagem deserta.

Harry se esgueirou pelo caminho até uma poça particularmente cheia de lama esverdeada e malcheirosa.

PLAF.

Desta vez os atingidos foram Crabbe e Goyle. Goyle deu pulos frenéticos, tentando tirar a lama dos olhos miúdos e inexpressivos.

– Veio dali! – disse Malfoy, limpando o rosto e detendo o olhar em um ponto a uns dois metros à esquerda de Harry.

Crabbe avançou inseguro, os braços compridos estendidos à frente, como um morto-vivo.
Harry rodeou Crabbe, apanhou um pedaço de pau e arremessou-o contra as costas dele. E se dobrou com risadas silenciosas quando o garoto fez uma pirueta no ar, tentando ver quem o atacara. Como Rony foi a única pessoa que ele viu, foi para ele que Crabbe avançou, mas Harry esticou a perna. O garoto tropeçou – e seu enorme pé chato se prendeu na barra da capa de Harry. Este sentiu um grande puxão e a capa escorregou do seu rosto.
Por uma fração de segundo, Malfoy arregalou os olhos e o fitou.
– ARRRRR! – berrou ele, apontando para a cabeça de Harry. Então, deu as costas e fugiu a toda, morro abaixo, com Crabbe e Goyle nos seus calcanhares.
Harry puxou a capa para cima, mas o estrago já estava feito.
– Harry! – chamou Rony, avançando aos tropeços até o ponto em que o amigo desaparecera. – É melhor você correr! Se Malfoy contar a alguém, é melhor você já ter voltado ao castelo, depressa...
– Vejo você mais tarde – disse Harry e, sem mais uma palavra, desceu correndo pelo caminho, em direção a Hogsmeade.
Será que Malfoy acreditaria no que vira? Será que alguém acreditaria em Malfoy? Ninguém sabia da existência da Capa da Invisibilidade – ninguém, exceto Dumbledore. O estômago de Harry deu cambalhotas – o diretor saberia exatamente o que acontecera, se Malfoy dissesse alguma coisa...
O garoto voltou à Dedosdemel, à escada que levava ao porão, atravessou a distância que o separava do alçapão e entrou – então tirou a capa, meteu-a debaixo do braço e correu, desabalado, pela passagem... Malfoy chegaria primeiro... quanto tempo levaria para encontrar um professor? Ofegante, uma dor forte do lado, Harry não diminuiu a velocidade até alcançar o escorrega de pedra. Teria que deixar a capa ali, seria muito bandeiroso se Malfoy tivesse avisado um professor. Escondeu-a num canto escuro e começou a subir, o mais depressa que pôde, suas mãos suadas escorregando na borda do escorrega. Quando chegou à corcunda da bruxa, tocou-a com a varinha, meteu a cabeça para fora e deu um impulso para sair; a corcunda se fechou e na hora que ele saltou de trás da estátua ouviu passos que se aproximavam apressados.
Era Snape. Rapidamente o professor alcançou Harry, as vestes pretas farfalhando, e parou diante dele.
– Então – falou.
O professor tinha uma expressão de triunfo reprimido no rosto. Harry tentou parecer inocente, embora muito consciente do seu rosto suado e das mãos enlameadas, que ele escondeu depressa nos bolsos.
– Venha comigo, Potter – disse Snape.

Harry o acompanhou até o andar de baixo, tentando limpar as mãos no avesso das vestes, sem que Snape notasse. Dali desceram às masmorras e à sala de Snape.

O garoto só estivera ali antes uma vez e fora também por um problema muito sério. Desde então Snape adquirira mais umas coisas horríveis e viscosas conservadas em frascos, todos arrumados nas prateleiras atrás de sua escrivaninha, refletindo as chamas da lareira e contribuindo ainda mais para tornar a atmosfera ameaçadora.

– Sente-se – mandou Snape.

Harry se sentou. O professor, no entanto, continuou em pé.

– O Sr. Malfoy acabou de vir me contar uma história estranha, Potter.

Harry ficou calado.

– Ele me contou que estava na Casa dos Gritos quando deparou com Weasley, aparentemente sozinho.

Ainda assim, Harry não falou nada.

– O Sr. Malfoy diz que estava parado, falando com Weasley, quando um pelotaço de lama o atingiu na nuca. Como é que você acha que isso aconteceu?

Harry tentou parecer levemente surpreso.

– Não sei, professor.

Os olhos de Snape perfuravam os de Harry. Era exatamente a mesma sensação de tentar dominar um hipogrifo com o olhar. O garoto fez força para não piscar.

– O Sr. Malfoy então viu uma extraordinária aparição. Você pode imaginar o que teria sido, Potter?

– Não – respondeu Harry, agora tentando parecer inocentemente curioso.

– Foi a sua cabeça, Potter. Flutuando no ar.

Fez-se um longo silêncio.

– Talvez seja bom ele ir procurar Madame Pomfrey – sugeriu Harry. – Se anda vendo coisas como...

– Que é que a sua cabeça estaria fazendo em Hogsmeade, Potter? – perguntou Snape suavemente. – A sua cabeça não tem permissão de ir a Hogsmeade. Nenhuma parte do seu corpo tem permissão de ir a Hogsmeade.

– Eu sei, professor – respondeu Harry, tentando manter o rosto despojado de culpa ou medo. – Parece que Malfoy está sofrendo alucina...

– Malfoy não está sofrendo alucinações – rosnou Snape, se curvando com as mãos apoiadas nos braços da cadeira de Harry, de modo que os rostos dos dois ficaram afastados apenas trinta centímetros. – Se a sua cabeça estava em Hogsmeade, então o resto do seu corpo também estava.

– Estive na Torre da Grifinória. Como o senhor me mandou...

– Alguém pode confirmar isso?

Harry não respondeu. A boca de Snape se torceu num feio sorriso.
– Então – disse ele se endireitando. – Todo mundo, do ministro da Magia para baixo, está tentando manter o famoso Harry Potter a salvo de Sirius Black. Mas o famoso Harry Potter faz as suas próprias leis. Que as pessoas comuns se preocupem com a sua segurança! O famoso Harry Potter vai aonde quer, sem medir as consequências.
Harry ficou calado. Snape estava tentando provocá-lo a dizer a verdade. Pois ele não ia dizer. Snape não tinha provas – ainda.
– É extraordinário como você se parece com o seu pai, Potter – disse Snape de repente, os olhos brilhando. – Ele também era muitíssimo arrogante. Um pequeno talento no campo de quadribol o fazia pensar que estava acima dos demais. Exibia-se pela escola com seus amigos e admiradores... A semelhança entre vocês dois é fantástica.
– Meu pai não se *exibia* – disse Harry, antes que pudesse se refrear. – E eu também não.
– Seu pai também não ligava para as regras – continuou Snape, aproveitando a vantagem obtida, seu rosto magro cheio de malícia. – Regras foram feitas para meros mortais, não para vencedores da Taça de Quadribol. Era tão cheio de si...
– CALE A BOCA!
Harry, de repente, se levantou. Uma raiva como ele não sentia desde a última noite na rua dos Alfeneiros atravessou seu corpo. Ele não se importou que o rosto de Snape tivesse enrijecido, que os olhos negros lampejassem perigosamente.
– *Que foi que você disse a mim, Potter?*
– Disse para parar de falar do meu pai! – berrou Harry. – Conheço a verdade, está bem? Dumbledore me contou! O senhor nem estaria aqui se não fosse o meu pai!
A pele macilenta de Snape ficou da cor de leite azedo.
– E o diretor lhe contou as circunstâncias em que seu pai salvou a minha vida? – sussurrou. – Ou será que considerou os detalhes demasiado indigestos para os ouvidos delicados do precioso Potter?
Harry mordeu o lábio. Não sabia o que acontecera e não queria admiti-lo – mas Snape parecia ter adivinhado a verdade.
– Eu detestaria que você saísse por aí com uma ideia falsa sobre seu pai, Potter – disse ele, com um sorriso horrível deformando-lhe o rosto. – Será que você andou imaginando um glorioso ato de heroísmo? Então me dê licença para corrigi-lo: o seu santo paizinho e seus amigos me pregaram uma peça muito divertida que teria provocado a minha morte se o seu pai não tivesse se acovardado no último instante. Não houve coragem alguma no que ele fez.

Estava salvando a própria pele junto com a minha. Se a peça tivesse chegado ao fim, ele teria sido expulso de Hogwarts.
Os dentes irregulares e amarelados de Snape estavam arreganhados.
– Vire seus bolsos pelo avesso, Potter! – disse ele, de súbito, e com rispidez.
Harry não se mexeu. Sentia o sangue latejar nos ouvidos.
– Vire seus bolsos pelo avesso ou vamos ver o diretor agora! Pelo avesso, Potter!
Gelado de medo, Harry tirou do bolso a saca com artigos da Zonko's e o Mapa do Maroto.
Snape apanhou a saca da Zonko's.
– Foi Rony que me deu – informou Harry, rezando para ter uma chance de avisar Rony antes que Snape o visse. – Ele... trouxe para mim de Hogsmeade da última vez...
– Verdade? E você anda carregando isso desde então? Que comovente... e o que é isto?
Snape apanhara o mapa. Harry tentou com todas as forças manter o rosto impassível.
– Um pedaço de pergaminho – disse, sacudindo os ombros.
Snape revirou-o, mantendo os olhos fixos em Harry.
– Com certeza você não precisa de um pedaço de pergaminho tão *velho*? – comentou. – Por que não... jogá-lo fora?
Ele estendeu a mão para a lareira.
– Não! – exclamou Harry depressa.
– Então – disse Snape com as narinas trêmulas. – Será que é mais um precioso presente do Sr. Weasley? Ou será que é outra coisa? Uma carta, talvez, escrita com tinta invisível? Ou instruções para ir a Hogsmeade sem passar pelos dementadores?
Harry piscou. Os olhos de Snape brilharam.
– Vejamos, vejamos... – murmurou ele, puxando a varinha e alisando o mapa em cima da escrivaninha. – Revele o seu segredo! – disse, tocando o pergaminho com a varinha.
Nada aconteceu. Harry fechou as mãos para impedi-las de tremer.
– Mostre-se! – disse Snape, dando uma batida forte no mapa.
O mapa continuou em branco. Harry inspirou profundamente para se acalmar.
– Severo Snape, professor desta escola, ordena que você revele a informação que está ocultando! – disse ele, batendo no mapa com a varinha.
Como se uma mão invisível estivesse escrevendo, começaram a surgir palavras na superfície lisa do mapa.
O Sr. Aluado apresenta seus cumprimentos ao Prof. Snape e pede que ele não

meta seu nariz anormalmente grande no que não é de sua conta.

Snape congelou. Harry arregalou os olhos, para a mensagem, aparvalhado. Mas o mapa não parou aí. Outras frases apareceram embaixo da primeira.

O Sr. Pontas concorda com o Sr. Aluado e gostaria de acrescentar que o Prof. Snape é um safado mal acabado.

Teria sido muito engraçado se a situação não fosse tão grave. E havia mais...

O Sr. Almofadinhas gostaria de deixar registrado o seu espanto de que um idiota desse calibre tenha chegado a professor.

Harry fechou os olhos horrorizado. Quando os reabriu, o mapa tinha dito a última palavra.

O Sr. Rabicho deseja ao Prof. Snape um bom dia e aconselha a esse seboso que lave os cabelos.

Harry esperou a pancada atingi-lo.

– Então – disse Snape suavemente. – Veremos...

O professor foi até a lareira, agarrou um punhado de pó brilhante e atirou-o nas chamas.

– Lupin! – gritou Snape para o fogo. – Quero dar uma palavrinha com você!

Absolutamente perplexo, Harry olhou para o fogo. Surgiu uma sombra enorme que rodopiava muito depressa. Segundos depois, o Prof. Lupin saía da lareira, sacudindo as cinzas das roupas enxovalhadas.

– Você me chamou, Severo? – perguntou Lupin suavemente.

– Claro que chamei – retrucou Snape, o rosto contorcido de fúria ao voltar para sua escrivaninha. – Acabei de pedir a Potter para esvaziar os bolsos. Ele trazia isto com ele.

Snape apontou para o pergaminho, em que as palavras dos Srs. Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas ainda brilhavam. Uma expressão estranha e reservada apareceu no rosto de Lupin.

– E daí?

Lupin continuou a olhar fixamente para o mapa. Harry teve a impressão de que ele estava avaliando a situação muito rapidamente.

– *E então?* – insistiu Snape. – Este pergaminho obviamente está repleto de magia negra. Pelo visto isto é a sua especialidade, Lupin. Onde você acha que Potter arranjou uma coisa dessas?

Lupin ergueu a cabeça e, com um levíssimo relanceio na direção de Harry, alertou-o para não interrompê-lo.

– Repleto de magia negra? – repetiu ele. – É isso mesmo que você acha, Severo? A mim parece apenas um mero pedaço de pergaminho que insulta quem o lê. Infantil, mas com certeza nada perigoso. Imagino que Harry o tenha comprado numa loja de logros e brincadeiras...

– Verdade? – O queixo de Snape tinha endurecido de raiva. – Você acha que uma loja de logros e brincadeiras podia ter vendido a ele uma coisa dessas? Você não acha que é mais provável que ele o tenha obtido *direta mente dos fabricantes*?

Harry não entendeu o que Snape dizia. E, aparentemente, Lupin também não.

– Você quer dizer, do Sr. Rabicho ou um dos outros? Harry, você conhece algum desses homens?

– Não – respondeu Harry depressa.

– Está vendo, Severo? – disse Lupin voltando-se para Snape. – A mim parece um produto da Zonko's...

Bem na hora, Rony irrompeu pela sala. Estava completamente sem fôlego e parou diante da escrivaninha de Snape, a mão apertando o peito, tentando falar.

– Eu... dei... isso... a... Harry – disse sufocado. – Comprei... na Zonko's... há... séculos...

– Bem! – disse Lupin batendo palmas e olhando à sua volta animado. – Isso parece esclarecer tudo! Severo, vou devolver isto, posso? – Ele dobrou o mapa e o guardou nas vestes. – Harry e Rony, venham comigo, preciso dar uma palavra sobre a redação dos vampiros, você nos dá licença, Severo...

Harry não se atreveu a olhar para Snape ao deixarem a sala do professor. Ele, Rony e Lupin voltaram ao saguão de entrada antes de se falarem. Então Harry se dirigiu a Lupin.

– Professor, eu...

– Não quero ouvir explicações – disse Lupin aborrecido. Espiou o saguão vazio e baixou a voz. – Por acaso eu sei que este mapa foi confiscado pelo Sr. Filch há muitos anos. É, eu sei que é um mapa – disse ele aos surpresos garotos. – Não quero saber como você o obteve. Estou *abismado*, no entanto, que não o tenha entregado a alguém responsável. Especialmente depois do que aconteceu na última vez em que um aluno deixou uma informação sobre o castelo largada por aí. E não posso deixar você ficar com o mapa, Harry.

O garoto esperara isso e estava demasiado ansioso por informações para protestar.

– Por que Snape achou que eu tinha obtido o mapa dos fabricantes?

– Porque... – Lupin hesitou –, porque a intenção desses fabricantes de mapas era atraí-lo para fora da escola. Teriam achado isso muitíssimo divertido.

– O senhor os *conhece*? – perguntou Harry impressionado.

– Já nos encontramos – disse o professor com rispidez. Olhava para Harry mais sério do que jamais olhara.

"Não espere que lhe dê cobertura outra vez, Harry. Não posso fazer você levar Sirius Black a sério. Mas eu teria pensado que o que você ouve quando os

dementadores se aproximam teria produzido algum efeito em você. Os seus pais deram a vida para mantê-lo vivo, Harry. É uma retribuição indigente, trocar o sacrifício deles por uma saca de truques mágicos.

O professor se afastou, deixando Harry se sentindo muito pior do que em qualquer momento que passara na sala de Snape. Lentamente, ele e Rony subiram a escadaria de mármore. Quando Harry passou pela bruxa de um olho só, lembrou-se da Capa da Invisibilidade – continuava lá embaixo mas ele não se atreveu a ir buscá-la.

– A culpa é minha – disse Rony sem rodeios. – Eu o convenci a ir. Lupin tem razão, foi uma estupidez e não devíamos ter feito isso...

Ele parou de falar; tinham chegado ao corredor onde os trasgos de segurança estavam patrulhando e Hermione vinha ao encontro dos dois. Uma olhada no rosto dela convenceu Harry de que ela ouvira falar do que acontecera. Sentiu um peso no coração... será que ela contara à Profª McGonagall?

– Veio tripudiar? – perguntou Rony ferozmente quando a garota parou diante deles. – Ou acabou de nos denunciar?

– Não – respondeu Hermione. Ela segurava uma carta nas mãos e seus lábios tremiam. – Só achei que vocês deviam saber... Hagrid perdeu o caso. Bicuço vai ser executado.

— CAPÍTULO QUINZE —

A final do campeonato de quadribol

– Ele... ele me mandou isto – disse Hermione entregando a carta.

Harry apanhou-a. O pergaminho estava úmido, e enormes gotas de lágrimas tinham borrado tão completamente a tinta em alguns pontos que era difícil ler a carta.

Cara Mione,
Perdemos. Tive permissão de trazer Bicuço de volta a Hogwarts.
A data da execução vai ser marcada.
Bicucinho gostou de Londres.
Não vou esquecer toda a ajuda que você nos deu.
Hagrid

– Eles não podem fazer isso – disse Harry. – Não podem. Bicuço não é perigoso.

– O pai de Malfoy deve ter intimidado a Comissão para ela fazer isso – disse Hermione, enxugando as lágrimas. – Vocês sabem como ele é. Os outros são um bando de velhos caducos e bobos e ficaram com medo. Mas vai haver recurso, sempre há. Só que não consigo ver nenhuma esperança... Nada vai mudar até lá.

– Vai, sim – disse Rony com ferocidade. – Você não vai ter que fazer o trabalho todo sozinha desta vez, Mione. Eu vou ajudar.

– Ah, Rony!

Hermione atirou os braços ao pescoço de Rony e desabou completamente. Rony, com cara de terror, acariciou muito sem jeito o topo da cabeça da garota. Finalmente, ela se afastou.

– Rony, eu realmente sinto muito, muito mesmo, pelo Perebas... – soluçou ela.

– Ah... bem... ele estava velho – disse Rony, parecendo muitíssimo aliviado por Hermione o ter soltado. – E estava ficando meio inútil. Nunca se sabe, talvez

mamãe e papai me comprem uma coruja agora.

As medidas de segurança impostas aos alunos desde a segunda invasão de Black impediram que Harry, Rony e Hermione fossem visitar Hagrid à noite. A única oportunidade que tinham de falar com ele era durante a aula de Trato das Criaturas Mágicas.

Ele parecia ter ficado aparvalhado com o veredicto da Comissão.

– É tudo minha culpa. Me atrapalhei para falar. Eles estavam sentados lá, vestidos de preto, e eu não parava de deixar cair as minhas anotações e esquecer as datas que você viu para mim, Mione. Depois Lúcio Malfoy ficou em pé e falou, e a Comissão fez exatamente o que ele mandou...

– Ainda tem recurso! – disse Rony ferozmente. – Não desista ainda, estamos trabalhando nisso!

Os quatro regressavam ao castelo com o restante da classe. À frente, viam Malfoy, que caminhava com Crabbe e Goyle e não parava de olhar para trás, rindo com ar de deboche.

– Não adianta, Rony – disse Hagrid, muito triste, quando chegavam à entrada do castelo. – Aquela comissão faz o que Lúcio Malfoy manda. Eu só vou tomar providências para que os últimos dias do Bicucinho sejam os mais felizes que teve na vida. Devo isso a ele...

Hagrid deu meia-volta e saiu correndo em direção à sua cabana, o rosto escondido no lenço.

– Olhem só ele chorando feito um bebezão!

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham parado às portas do castelo, escutando.

– Vocês já viram uma coisa mais patética? – perguntou Malfoy. – E dizem que ele é nosso professor!

Harry e Rony se voltaram com violência para Malfoy, mas Hermione chegou primeiro.

PÁ!

Ela deu um tapa na cara de Malfoy com toda a força que conseguiu reunir. Malfoy cambaleou. Harry, Rony, Crabbe e Goyle ficaram parados, estupefatos, enquanto Hermione tornava a levantar a mão.

– Não *se atreva* a chamar Hagrid de patético, seu sujo... seu perverso...

– Mione! – exclamou Rony com a voz fraca, e tentou segurar a mão da garota ao vê-la tomar novo impulso.

– *Sai*, Rony!

Hermione puxou a varinha. Malfoy recuou. Crabbe e Goyle olharam para ele pedindo instruções, inteiramente abobados.

– Vamos – murmurou Malfoy e, num instante, os três tinham desaparecido no

corredor que levava às masmorras.
– *Mione!* – tornou a exclamar Rony, parecendo ao mesmo tempo espantado e impressionado.
– Harry, acho bom você dar uma surra nele na final de quadribol! – disse a garota com a voz esganiçada. – Acho bom dar, porque não vou suportar ver Sonserina vencer!
– Está na hora da aula de Feitiços – disse Rony, ainda olhando para Hermione. – É melhor a gente ir andando.
E os três subiram correndo a escadaria de mármore para chegar à classe do Prof. Flitwick.
– Vocês estão atrasados, garotos! – disse o professor, em tom de censura, quando Harry abriu a porta da sala. – Vamos, depressa, tirem as varinhas, hoje estamos fazendo experiências com os feitiços para animar, já dividimos os pares...
Harry e Rony correram para as carteiras ao fundo e abriram as mochilas. Rony olhou para trás.
– Aonde é que foi a Mione?
Harry também a procurou. Hermione não entrara na sala, no entanto, Harry sabia que a garota estivera bem ao seu lado quando ele abrira a porta.
– Que coisa esquisita – comentou Harry, encarando Rony. – Vai ver... vai ver ela foi ao banheiro ou outra coisa qualquer.
Mas a garota não apareceu durante toda a aula.
– Ela bem que precisava de um feitiço para animar, também – comentou Rony quando os alunos saíram para almoçar, todos muito sorridentes, os feitiços para animar tinham deixado em todos uma sensação de grande contentamento.
Hermione não apareceu no almoço tampouco. Na altura em que terminaram a torta de maçã, os efeitos dos feitiços estavam se dissipando, e Harry e Rony começaram a se preocupar um pouco.
– Você acha que Draco fez alguma coisa a ela? – perguntou Rony, ansioso, quando seguiam apressados para a Torre da Grifinória.
Passaram pelos trasgos de segurança, deram a senha à Mulher Gorda (“Flibbertigibbet”) e treparam pelo buraco do retrato para chegar à sala comunal.
Hermione estava sentada à mesa, profundamente adormecida, a cabeça pousada sobre um livro aberto de Aritmancia. Os garotos se sentaram, um de cada lado. Harry cutucou-a de leve para acordá-la.
– Q... quê? – exclamou Hermione, acordando e olhando assustada para os lados. – Já está na hora de ir? Q... qual é a aula que temos agora?
– Adivinhação, mas só daqui a vinte minutos – respondeu Harry. – Mione por que você não foi à aula de Feitiços?

– Quê? Ah não! – guinchou Hermione. – Me esqueci de ir à aula de Feitiços!
– Mas como é que você pôde esquecer? – perguntou Harry. – Você estava conosco até chegarmos à porta da sala de aula!
– Eu não acredito! – lamentou-se Hermione. – O Prof. Flitwick ficou aborrecido? Ah, foi o Malfoy, eu estava pensando nele e me atrapalhei!
– Sabe de uma coisa, Mione? – disse Rony, olhando para o livrão de Aritmancia que a garota estivera usando como travesseiro. – Acho que você está sofrendo um colapso mental. Está tentando fazer coisas demais.
– Não estou, não! – retrucou ela, afastando os cabelos dos olhos e procurando a mochila, com um ar de desamparo. – Foi só um engano! É melhor eu procurar o Prof. Flitwick e pedir desculpas... vejo vocês na aula de Adivinhação!

Hermione se reuniu aos dois garotos ao pé da escada para a sala da Profª Sibila, vinte minutos mais tarde, com um ar extremamente encabulado.
– Não posso acreditar que perdi os feitiços para animar! E aposto como vão cair nos exames; o Prof. Flitwick insinuou que poderiam cair!
Juntos, eles subiram a escada para a sala escura e abafada da torre. Brilhando em cada mesinha havia uma bola de cristal cheia de uma névoa branco-pérola. Harry, Rony e Hermione se sentaram juntos à mesma mesa bamba.
– Pensei que não íamos começar bolas de cristal antes do próximo trimestre – resmungou Rony, lançando à sala um olhar preocupado, à procura da professora, caso ela estivesse espreitando por ali.
– Não reclame, isso significa que terminamos quiromancia – murmurou Harry em resposta. – Eu já estava ficando cheio de ver Trelawney fazer careta de aflição todas as vezes que examinava as minhas mãos.
– Bom-dia para todos! – saudou a voz etérea e familiar, e a professora saiu das sombras em sua costumeira e dramática aparição. Parvati e Lilá estremeceram de excitação, os rostos iluminados pelo brilho leitoso das bolas de cristal.
– Resolvi começar a bola de cristal mais cedo do que tinha planejado – disse a professora, sentada de costas para a lareira, olhando para a turma. – As Parcas me informaram que o exame de vocês em junho tratará do orbe, e estou ansiosa para oferecer-lhes muita prática.
Hermione deu uma risadinha.
– Bem, francamente... “as Parcas a informaram”... quem é que prepara o exame? Ela mesma! Que profecia assombrosa! – continuou a garota sem se preocupar em manter a voz baixa. Harry e Rony sufocaram risadinhas.
Era difícil dizer se a professora os ouvira, pois seu rosto estava oculto pelas sombras. Ela, no entanto, continuou como se não tivesse ouvido.
– A vidência com a bola de cristal é uma arte particularmente requintada – disse em tom sonhador. – Por isso não espero que vocês vejam alguma coisa ao

procurarem examinar pela primeira vez as profundezas infinitas do orbe. Vamos começar praticando o relaxamento da mente consciente e da visão exterior – Rony começou a soltar risadinhas irrefreáveis e precisou meter o punho na boca para abafar o som – para vocês poderem limpar a visão interior e a supraconsciência. Talvez, se tivermos sorte, alguns de vocês consigam ver alguma coisa antes do fim da aula.

E então começaram a praticar. Harry, pelo menos, sentiu-se extremamente bobo de mirar a bola de cristal, tentando manter a mente vazia, enquanto pensamentos do tipo "que coisa mais idiota" não paravam de lhe ocorrer. Rony não ajudava nada com seus acessos de riso silencioso nem Hermione com seus muxoxos.

– Viram alguma coisa? – perguntou Harry aos dois, depois de manter os olhos fixos na bola uns quinze minutos.

– Já, tem uma queimadura no tampo dessa mesa – disse Rony apontando. – Alguém derrubou uma vela.

– Isto é uma baita perda de tempo – sibilou Hermione. – Eu podia estar praticando alguma coisa útil. Podia estar recuperando a matéria de feitiços para animar...

A Profª Sibila passou farfalhando.

– Alguém gostaria que eu ajudasse a interpretar os portentos obscuros que aparecem em seu orbe? – murmurou sobrepondo a voz ao tilintar dos seus badulaques.

– Eu não preciso de ajuda – sussurrou Rony. – É óbvio o que isto significa. Vai haver um nevoeiro daqueles hoje à noite.

Harry e Hermione explodiram em risadas.

– Ora, francamente! – exclamou a Profª Trelawney quando todas as cabeças dos alunos se viraram em sua direção.

Parvati e Lilá fizeram caras escandalizadas.

– Vocês estão perturbando as vibrações da vidente!

A professora se aproximou da mesa dos garotos e espiou as bolas de cristal dos três. Harry sentiu um grande desânimo. Tinha certeza de que sabia o que viria a seguir...

– Vejo algo aqui! – sussurrou a professora, aproximando o rosto da bola, de modo que esta se refletiu duas vezes em seus enormes óculos. – Alguma coisa que se move... mas o que é isso?

Harry estava preparado para apostar tudo que tinha, inclusive a Firebolt, que, seja o que fosse, não seria uma boa notícia. E não deu outra...

– Meu querido... – sussurrou a professora, erguendo os olhos para ele. – Está

aqui, mais claro que antes... meu querido, aproximando-se de você, cada vez mais perto... o Sin...

– Ah, pelo *amor de Deus*! – exclamou Hermione em voz alta. – Não é aquele ridículo Sinistro *outra vez*!

A Profª Sibila ergueu os enormes olhos para a garota. Parvati cochichou alguma coisa com Lilá, e as duas olharam feio para Hermione também. A professora se ergueu, fitando Hermione com inconfundível raiva.

– Sinto dizer que do instante em que você entrou nesta sala, minha *querida*, ficou evidente que não tinha o talento que a nobre arte da Adivinhação exige. Na verdade, eu não me lembro de jamais ter encontrado uma aluna cuja mente fosse tão irreparavelmente terrena.

Seguiu-se um momento de silêncio. Então...

– Ótimo! – exclamou Hermione, de repente, levantando-se e enfiando o exemplar de *Esclarecendo o futuro* na mochila. – Ótimo! – repetiu, atirando a mochila sobre o ombro e quase derrubando Rony da cadeira. – Eu desisto! Vou-me embora.

E para assombro da turma, Hermione se dirigiu ao alçapão, abriu-o com um pontapé e desceu a escada, desaparecendo de vista.

Levou alguns minutos para todos se aquietarem outra vez. A professora parecia ter se esquecido completamente do Sinistro. Deu as costas, bruscamente, à mesa de Harry e Rony, respirando forte e ajeitando o diáfano xale mais perto do corpo.

– Ooooo! – exclamou Lilá de repente, assustando todo mundo. – Oooooo, Profª Sibila, acabei de me lembrar! A senhora viu a Hermione nos deixando, não foi? Não foi, professora? *Na altura da Páscoa, alguém aqui vai deixar o nosso convívio para sempre!* A senhora disse isso há *um tempão*, professora!

Sibila sorriu suavemente.

– É verdade, minha querida, eu sabia que a Srta. Granger iria nos deixar. Esperemos, no entanto, que tenhamos nos enganado com os sinais... A visão interior pode ser um fardo, sabem...

Lilá e Parvati pareceram profundamente interessadas e trocaram de lugar para que a professora pudesse parar à mesa delas.

– Um dia Hermione vai capotar, hein? – murmurou Rony para Harry, fazendo cara de espanto.

– É...

Harry examinou mais uma vez a bola de cristal, mas não viu nada além de uma névoa espiralada. Será que a professora vira, de fato, o Sinistro novamente? Será que ele, Harry, veria? A última coisa de que precisava era outro acidente

quase fatal, com a final de quadribol cada dia mais próxima.

As férias da Páscoa não foram exatamente relaxantes. Os alunos do terceiro ano nunca tinham recebido tantos deveres para casa. Neville Longbottom parecia às vésperas de um colapso nervoso, e não era o único.

– Chamam a isso de férias! – bradou Simas Finnigan certa tarde na sala comunal. – Ainda faltam séculos para os exames, qual é a deles!

Mas ninguém tinha tanto a fazer quanto Hermione. Mesmo sem Adivinhação, ela estava estudando mais matérias do que todos os outros. Em geral era a última a deixar a sala comunal à noite, a primeira a chegar na biblioteca na manhã seguinte; tinha olheiras iguais as de Lupin e parecia estar constantemente prestes a cair no choro.

Rony assumira a responsabilidade pelo recurso de Bicuço. Quando não estava cuidando dos próprios deveres, estava examinando volumes grossíssimos com títulos do tipo *O manual da psicologia do hipogrifo* e *Ave ou vilão*? *Um estudo sobre a brutalidade do hipogrifo.* Ficou tão absorto que até se esqueceu de ser antipático com o Bichento.

Entrementes, Harry teve que encaixar os deveres entre os treinos diários de quadribol, para não falar das intermináveis discussões de táticas com Olívio. A partida Grifinória-Sonserina fora marcada para o primeiro sábado depois das férias da Páscoa. Sonserina liderava o campeonato por exatos duzentos pontos. Isto significava (conforme Olívio não parava de lembrar ao seu time) que eles precisavam vencer a partida por um número de pontos superior a duzentos para ganhar a Taça. Significava, ainda, que a responsabilidade de vencer cabia em grande parte a Harry, porque capturar o pomo valia cento e cinquenta pontos.

– Por isso você deve capturar o pomo *somente* quando obtivermos uma vantagem de *mais de* cinquenta pontos – dizia Olívio a Harry constantemente. – Só se tivermos mais de cinquenta pontos, Harry, senão ganhamos a partida mas perdemos a taça. Você entendeu bem? Você só pode apanhar o pomo se tivermos...

– JÁ SEI, OLÍVIO! – berrou Harry.

Toda a Grifinória estava obcecada com a próxima partida. A casa não ganhava a Taça de Quadribol desde que o lendário Carlinhos Weasley (o segundo irmão mais velho de Rony) jogara como apanhador. Mas Harry duvidava se alguém no mundo, mesmo Olívio, queria essa vitória tanto quanto ele. A inimizade entre Harry e Malfoy atingira o auge. Malfoy ainda sofria com o incidente da pelota de lama em Hogsmeade e ficara ainda mais furioso que Harry tivesse conseguido escapar do castigo. Harry, por sua vez, não se esquecia da tentativa de Malfoy de sabotá-lo durante o jogo contra Corvinal, mas foi o caso de Bicuço que o deixou

ainda mais decidido a vencer Malfoy diante da escola inteira.

Nunca, na lembrança de ninguém, uma partida se aproximara com uma atmosfera tão carregada. Quando as férias terminaram, a tensão entre os dois times e suas casas estava a ponto de explodir. Pequenas brigas irrompiam nos corredores, que culminaram em um incidente perverso, no qual um quartanista da Grifinória e um sextanista da Sonserina acabaram na ala hospitalar, com alhos-porós brotando dos ouvidos.

Harry, pessoalmente, estava passando um mau pedaço. Não podia ir e vir sem que os alunos da Sonserina esticassem as pernas tentando fazê-lo tropeçar; Crabbe e Goyle não paravam de aparecer onde quer que ele estivesse e se afastar desapontados quando o viam cercado de colegas. Olívio dera instruções para que Harry estivesse sempre acompanhado em todo lugar, para a eventualidade de algum aluno da Sonserina querer inutilizá-lo para o jogo. Toda a Grifinória assumiu o desafio com entusiasmo, tornando impossível Harry chegar às aulas na hora certa, porque andava rodeado por uma aglomeração de colegas barulhentos. Mas o garoto se preocupava mais com a segurança da Firebolt do que com a própria. Quando não estava voando, ele trancava a vassoura no malão e muitas vezes dava uma corrida à Torre da Grifinória, nos intervalos das aulas, para verificar se ela continuava lá.

Todas as atividades normais na sala comunal foram abandonadas na véspera do jogo. Até Hermione pusera os livros de lado.

– Não consigo estudar, não consigo me concentrar – comentou ela, nervosa.

Havia uma grande algazarra. Fred e Jorge Weasley enfrentavam a pressão agindo com mais barulho e exuberância que nunca. Olívio estava a um canto debruçado sobre a maquete de um campo de quadribol, empurrando bonequinhos com a varinha e resmungando. Angelina, Alícia e Katie riam das piadas de Fred e Jorge. Harry se sentara com Rony e Hermione afastado do centro das atividades, procurando não pensar no dia seguinte, porque toda vez que o fazia, tinha a terrível sensação de que alguma coisa enorme estava tentando voltar do seu estômago.

– Você vai se sair bem – disse Hermione a ele, embora parecesse decididamente aterrorizada.

– Você tem uma *Firebolt*! – animou-o Rony.

– É... – respondeu Harry, o estômago se revirando.

Foi um alívio quando Wood se levantou e gritou:

– Time! Cama!

Harry dormiu mal. Primeiro, sonhou que perdera a hora e que Olívio gritava:

“Onde é que você se meteu? Tivemos que chamar Neville para substituílo!” Depois sonhou que Malfoy e o resto do time da Sonserina chegavam para a partida montados em dragões. Harry voava a uma velocidade vertiginosa, tentando evitar o jorro de chamas que saía da boca da montaria de Malfoy, quando percebeu que esquecera sua vassoura. Começou, então, a cair pelo ar e acordou assustado.

Levou alguns segundos para se lembrar que a partida ainda não se realizara, que estava seguro em sua cama, e que, decididamente, o time da Sonserina não teria permissão para jogar montado em dragões. Sentiu uma sede enorme. O mais silenciosamente que pôde, levantou-se da cama de colunas e foi se servir de água de uma jarra de prata sob a janela.

Não havia movimento nem som nos jardins. Nenhum sopro de vento perturbava as copas das árvores na Floresta Proibida; o Salgueiro Lutador estava imóvel e transpirava inocência. Parecia que as condições para a partida seriam perfeitas.

Harry pousou o copo e já ia voltar para a cama quando alguma coisa prendeu sua atenção. Havia um animal rondando o gramado prateado.

Harry correu à sua mesa de cabeceira, apanhou os óculos, colocou-os, e voltou depressa à janela. Não podia ser o Sinistro – não agora – não na véspera da partida...

Ele tornou a espiar os jardins e, depois de uma busca ansiosa, localizou-o. O animal ia contornando a orla da floresta agora... Não era o Sinistro... era um gato... Harry agarrou o peitoril da janela aliviado ao reconhecer aquele rabo de escovinha. Era só o Bichento...

Ou *seria* só o Bichento? Harry apurou a vista, esborrachando o nariz contra a vidraça. Bichento parecia ter parado. O menino teve certeza de que estava vendo outra coisa andando sob a sombra das árvores, também.

E naquele momento, ele apareceu – um cão gigantesco, peludo e negro, que se movia sorrateiramente pelos gramados. Bichento caminhava ao seu lado. Harry arregalou os olhos. Que significaria isso? Se Bichento também via o cão, como é que ele podia ser um agouro da morte de Harry?

– Rony! – sibilou Harry. – Rony! Acorda!

– Hum?

– Preciso que você me diga se vê uma coisa!

– Tá tudo escuro, Harry – murmurou o amigo com a voz empastada. – Do que é que você está falando?

– Ali embaixo...

Harry espiou depressa pela janela.

Bichento e o cão haviam desaparecido. Ele subiu, então, no peitoril para ver lá

embaixo, nas sombras do castelo, mas os bichos não estavam mais lá. Aonde teriam ido?

Um forte ronco lhe informou que Rony tornara a cair no sono.

Harry e o resto do time da Grifinória entraram no Salão Principal, no dia seguinte, sob uma tempestade de aplausos. O garoto não pôde deixar de dar um grande sorriso quando viu que as mesas da Corvinal e Lufa-Lufa os aplaudiam também. A mesa da Sonserina vaiou alto quando eles passaram. Harry reparou que Malfoy parecia mais pálido do que de costume.

Olívio passou o café da manhã inteiro insistindo para que o time comesse, sem, contudo, se servir de nada. Depois apressou-os a se dirigirem ao campo antes que os outros tivessem terminado, para terem uma ideia das condições de jogo. Quando saíram do Salão Principal, receberam novos aplausos.

– Boa sorte, Harry! – gritou Cho. Harry sentiu o rosto corar.

– OK... não tem vento... o sol está meio forte, o que pode prejudicar a visão, tomem cuidado... o chão está bem firme, bom, isso vai nos dar um bom impulso inicial...

Olívio andou pelo campo examinando tudo, com o time atrás. Finalmente, eles viram as portas do castelo se abrirem ao longe e o restante da escola se espalhar pelos gramados.

– Vestiário – disse Olívio tenso.

Ninguém falou enquanto se despiam e vestiam os uniformes vermelhos. Harry ficou imaginando se todos estariam se sentindo como ele: como se tivesse comido alguma coisa que se mexia demais dentro da barriga. Não parecia ter transcorrido mais que um segundo quando ele ouviu Olívio dizer:

– OK, pessoal, vamos...

O time entrou em campo sob uma onda gigantesca de aplausos. Três quartos da torcida usavam rosetas vermelhas, agitavam bandeiras vermelhas com o leão da Grifinória ou faixas com palavras de ordem: “PRA FRENTE GRIFINÓRIA!” e “A COPA É DOS LEÕES!”. Atrás das balizas da Sonserina, porém, duzentos torcedores se cobriam de verde; a serpente prateada da casa refulgia em suas bandeiras e o Prof. Snape estava sentado na primeira fila, vestindo verde como os demais, exibindo um sorriso muito sinistro.

“E aí vem o time da Grifinória!”, bradou Lino Jordan, que, como sempre, fazia a irradiação. “Potter, Bell, Johnson, Spinnet, Weasley, Weasley e Wood. Considerado por todos o melhor time que Hogwarts já viu em muitos anos...”

Os comentários de Lino foram abafados por uma onda de vaias da torcida da Sonserina.

“E aí vem o time da Sonserina, liderado pelo capitão Flint. Ele fez algumas

alterações no esquema tático e parece ter preferido o peso à qualidade...”
Mais vaias da torcida da Sonserina. Harry, porém, achou que Lino tinha razão. Malfoy era, sem discussão, o menor jogador do time; todos os outros eram enormes.
– Capitães, apertem-se as mãos! – disse Madame Hooch.
Flint e Wood se aproximaram e se apertaram as mãos com força; davam a impressão de que estavam querendo quebrar os dedos um do outro.
– Montem nas vassouras! – disse Madame Hooch. – Três... dois... um...
O som do seu apito se perdeu no estrondo das torcidas na hora em que as catorze vassouras levantaram voo. Harry sentiu os cabelos voarem para longe da testa; seu nervosismo o abandonou na excitação do voo; olhou para os lados e viu Malfoy na sua esteira e aumentou a velocidade para ir à procura do pomo.
“E Grifinória com a posse da bola, Alícia Spinnet da Grifinória com a goles, voando direto para as balizas da Sonserina, em boa forma, Alícia! Arre, não – a goles foi interceptada por Warrington, Warrington da Sonserina partindo em velocidade pelo campo – PAM! – uma boa rebatida de um balaço por Jorge Weasley, Warrington deixa cair a goles, que é apanhada por... Johnson, Grifinória com a posse da bola outra vez, aí Angelina – bom desvio de Montague – *se abaixa Angelina, aí vem um balaço!* – ELA MARCA! DEZ A ZERO PARA GRIFINÓRIA!”
Angelina deu um soco no ar ao sobrevoar o extremo do campo; o mar vermelho nas arquibancadas berrou de felicidade...
– AI!
Angelina quase foi derrubada da vassoura por Marcos Flint ao colidir em cheio com ela.
– Desculpe! – disse Flint enquanto os torcedores lá embaixo vaiavam. – Desculpe eu não vi a jogadora!
Não demorou muito, Fred Weasley atirou o bastão contra a cabeça de Flint, cujo nariz bateu com força no cabo da vassoura e começou a sangrar.
– Chega! – gritou Madame Hooch, mergulhando entre os dois. – Pênalti contra Grifinória pelo ataque gratuito ao artilheiro do seu adversário! Pênalti contra Sonserina por prejuízo intencional ao artilheiro do *seu* adversá rio!
– Ah, nem vem! – berrou Fred, mas Madame Hooch apitou e Alícia se adiantou para cobrar o pênalti.
“Aí, Alícia!”, gritou Lino no silêncio que se abatera sobre as arquibancadas. “SIM, SENHORES! ELA FUROU O GOLEIRO! VINTE A ZERO PARA GRIFINÓRIA!”
Harry deu uma guinada na Firebolt para ver Flint, ainda sangrando à beça, voar para cobrar o pênalti contra Sonserina. Olívio sobrevoava as balizas da

Grifinória, os maxilares contraídos.

“É claro que Wood é um esplêndido goleiro!”, comentou Lino Jordan para os ouvintes enquanto Flint aguardava o apito de Madame Hooch. “Esplêndido! Difícil de vazar – muito difícil mesmo – SIM SENHORES! EU NÃO ACREDITO! ELE AGARROU A BOLA!”

Aliviado, Harry se afastou velozmente, espiando para todos os lados à procura do pomo, mas sem perder nenhuma palavra dos comentários de Lino. Era fundamental para ele manter Malfoy afastado do pomo até Grifinória atingir cinquenta pontos de vantagem...

“Grifinória com a posse, não, Sonserina com a posse – não! – Grifinória retoma a posse e é Katie Bell, Katie Bell da Grifinória com a goles, a jogadora corta o campo – FOI INTENCIONAL!”

Montague, um artilheiro da Sonserina, cortou a frente de Katie e em vez de agarrar a goles, agarrou a cabeça da jogadora. Katie deu uma cambalhota no ar, conseguiu continuar montada, mas deixou cair a goles.

O apito de Madame Hooch soou mais uma vez ao sobrevoar Montague e começar a gritar com ele. Um minuto depois, Katie tinha marcado mais um pênalti contra a defesa da Sonserina.

“TRINTA A ZERO! TOMA, SEU SUJO, SEU COVARDE...”

– Jordan, se você não consegue irradiar imparcialmente...

– Estou irradiando o que acontece, professora!

Harry sentiu um grande tremor de excitação. Acabara de ver o pomo – refulgia ao pé de uma das balizas da Grifinória –, mas ele não devia apanhá-lo por ora e se Malfoy o visse...

Fingindo uma expressão de súbita concentração, Harry deu meia-volta na Firebolt e correu em direção ao campo da Sonserina – a manobra funcionou. Malfoy saiu a toda velocidade atrás dele, pensando evidentemente que Harry vira o pomo lá...

CHISPA.

Um dos balaços passou voando pela orelha direita de Harry, arremessado pelo gigantesco batedor da Sonserina, Derrick. Então, novamente...

CHISPA.

O segundo balaço roçou pelo cotovelo de Harry. O outro batedor, Bole, vinha se aproximando.

Harry teve um vislumbre fugaz de Bole e Derrick voando em sua direção, com os bastões erguidos...

Virou a Firebolt para o alto no último segundo e os dois batedores colidiram com um baque de provocar náuseas.

“Ha, haaa!”, bradou Lino Jordan quando os batedores da Sonserina se

separaram, levando as mãos à cabeça.

"Mau jeito, rapazes! Vão ter que acordar mais cedo para vencer uma Firebolt! E Grifinória fica com a posse da bola mais uma vez, quando Johnson toma a goles – Flint emparelhado com ela – mete o dedo no olho dele, Angelina! – foi só uma brincadeira, professora, só uma brincadeira – ah não – Flint toma a bola, Flint voa para as balizas da Grifinória, agora é com você Wood, agarra...!"

Mas Flint marcou; houve uma erupção de vivas do lado da Sonserina e Lino xingou tanto que a Profª Minerva McGonagall tentou arrancar o megafone mágico das mãos dele.

– Desculpe, professora, desculpe! Não vai acontecer de novo! "Então, Grifinória está à frente, trinta a dez, e Grifinória tem a posse..."

O jogo estava deteriorando no mais sujo de que Harry já participara. Enraivecidos porque Grifinória tomara a dianteira desde o início, os adversários estavam rapidamente recorrendo a todos os meios para roubar a goles. Bole atingiu Alícia com o bastão e tentou alegar que pensara que era um balaço. Jorge Weasley foi à forra dando uma cotovelada na cara de Bole. Madame Hooch puniu os dois times e Wood fez mais uma defesa espetacular, elevando o placar para quarenta a dez para Grifinória.

O pomo tornara a desaparecer. Malfoy continuou a acompanhar Harry de perto quando o garoto sobrevoou o campo, procurando, agora, o pomo – quando Grifinória estiver cinquenta pontos à frente...

Katie marcou. Cinquenta a dez. Fred e Jorge Weasley mergulharam cercando a garota, os bastões erguidos, caso os jogadores da Sonserina pensassem em se vingar. Bole e Derrick aproveitaram a ausência de Fred e Jorge para arremessar os dois balaços em Wood; eles o atingiram no estômago, um após o outro, e o goleiro virou de cabeça para baixo no ar, agarrando-se à vassoura, completamente sem ar.

Madame Hooch ficou fora de si.

– *Não se ataca o goleiro a não ser que a goles esteja na área do gol!* – gritou ela para Bole e Derrick. – Pênalti a favor da Grifinória!

E Angelina marcou. Sessenta a dez. Instantes depois Fred Weasley arremessou um balaço contra Warrington, derrubando a goles de suas mãos; Alícia apanhou a bola e enterrou-a no gol da Sonserina – setenta a dez.

A torcida da Grifinória lá embaixo estava rouca de tanto gritar – a casa passara sessenta pontos à frente e se Harry apanhasse o pomo naquele momento, a Taça seria dela. O garoto chegava quase a sentir as centenas de olhos acompanhando-o enquanto sobrevoava o campo, muito acima das equipes, com Malfoy correndo atrás dele.

Então Harry o viu. O pomo estava brilhando seis metros acima dele.

O garoto imprimiu maior velocidade à vassoura; o vento rugiu em seus ouvidos; ele estendeu a mão, mas, de repente, a Firebolt começou a desacelerar...
Horrorizado, ele olhou para os lados. Malfoy se atirara para a frente, agarrara a cauda da Firebolt e procurava atrasá-la.
– Seu...
Harry se enfureceu o suficiente para bater em Malfoy, mas não conseguiu alcançá-lo. Malfoy ofegava com o esforço de segurar a Firebolt, porém seus olhos brilhavam de malícia. Conseguira o seu intento – o pomo tornara a desaparecer.
– Pênalti! Pênalti a favor da Grifinória! Nunca vi uma tática igual! – Madame Hooch guinchava, enquanto velozmente se dirigia até o ponto em que Malfoy deslizava de volta à sua Nimbus 2001.
“SEU SAFADO NOJENTO!”, urrava Lino Jordan no megafone, saltando fora do alcance da Profª McGonagall. “SEU SAFADO NOJENTO, FILHO...”
A professora nem se deu o trabalho de ralhar com Lino. Na verdade ela sacudia o dedo na direção de Malfoy, seu chapéu caíra da cabeça, e ela também berrava furiosamente.
Alícia cobrou o pênalti para Grifinória, mas estava tão zangada que errou por mais de meio metro. O time da Grifinória começou a perder a concentração e os jogadores da Sonserina, encantados com a falta de Malfoy em cima de Harry, se sentiam estimulados a tentar voos mais altos.
“Sonserina com a posse, Sonserina corre para o gol... Montague marca...”, gemeu Lino. “Setenta a vinte para Grifinória...”
Harry agora estava marcando Malfoy tão de perto que os joelhos dos dois se batiam o tempo todo. Harry não ia deixar Malfoy sequer se aproximar do pomo...
– Sai da frente, Potter! – gritou Malfoy, frustrado, ao tentar se virar e deparar com Harry no bloqueio.
“Angelina Johnson pega a goles para Grifinória, aí Angelina, VAI, VAI!”
Harry olhou para os lados. Todos os jogadores da Sonserina, à exceção de Malfoy, estavam correndo pelo campo em direção a Angelina, inclusive o goleiro do time – todos iam bloqueá-la...
Harry deu meia-volta na Firebolt, curvou-se até deitar o corpo sobre seu cabo, e impeliu-a para a frente. Como uma bala, ele se precipitou em alta velocidade contra os jogadores da Sonserina.
– AAAAAAARRRRRRE!
Os jogadores se dispersaram quando viram a Firebolt vindo; o caminho de Angelina ficou desimpedido.
“ELA MARCOU! ELA MARCOU! Grifinória lidera por oitenta a vinte!”

Harry, que quase mergulhara de cabeça nas arquibancadas, parou derrapando no ar, inverteu a direção da vassoura e voltou a toda para o meio do campo.

E então ele viu uma coisa que fez o seu coração parar. Malfoy estava mergulhando, uma expressão de triunfo no rosto – lá, a menos de um metro acima do gramado, lá embaixo, havia um minúsculo reflexo dourado.

Harry apontou a Firebolt para baixo, mas Malfoy estava quilômetros à sua frente.

– Vai! Vai! Vai! – Harry dizia à vassoura. A distância que o separava de Malfoy foi diminuindo. Harry deitou-se no cabo da vassoura quando viu Bole arremessar um balaço contra ele, já encostara nos calcanhares de Malfoy, emparelhou...

Harry se atirou à frente, tirou as mãos da vassoura. Afastou o braço de Malfoy do caminho com um empurrão e...

"PEGOU!"

Tirou, então, a vassoura do mergulho, a mão no ar, e o estádio explodiu. Harry sobrevoou as arquibancadas, um zumbido estranho nos ouvidos. A bolinha de ouro estava bem segura em sua mão, batendo inutilmente as asinhas contra seus dedos.

No momento seguinte, Wood veio voando ao seu encontro, quase cego pelas lágrimas; agarrou Harry pelo pescoço e soluçou sem se conter no ombro do garoto. Harry sentiu dois grandes trancos quando Fred e Jorge colidiram com eles; depois as vozes de Alícia e Katie:

– *Ganhamos a Taça! Ganhamos a Taça!*

Embolados num abraço de muitos braços, o time da Grifinória foi descendo, berrando roucamente, de volta ao chão.

Onda sobre onda de torcedores vermelhos saltou as barreiras do campo. Choveram mãos nas costas dos jogadores. Harry teve uma impressão confusa de ruído e corpos que o empurravam. Então ele e o resto do time foram erguidos nos ombros dos torcedores. Empurrado para a luz, ele viu Hagrid, emplastrado de rosetas vermelhas...

– Você os derrotou, Harry, você os derrotou! Espere até eu contar a Bicuço!

Lá estava Percy, pulando que nem maluco, toda a dignidade esquecida. A Profª Minerva soluçava mais até que Wood, enxugando os olhos com uma enorme bandeira da Grifinória; e lá, lutando para chegar a Harry, vinham Rony e Hermione. Faltaram palavras aos amigos. Simplesmente sorriram radiantes ao ver Harry ser carregado para a arquibancada onde Dumbledore aguardava de pé com a enorme Taça de Quadribol.

Se ao menos tivesse havido um dementador por ali... Quando um Wood, soluçante, passou a Taça a Harry e este a ergueu no ar, o garoto sentiu que seria

capaz de produzir o melhor Patrono do mundo.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

A Predição da Profª Trelawney

A euforia que Harry sentiu por ter finalmente ganhado a Taça de Quadribol durou pelo menos uma semana. Até o tempo parecia estar comemorando; à medida que junho se aproximava, os dias foram desanuviando e se tornando quentes, e só o que as pessoas tinham vontade de fazer era passear pela propriedade e se largar no gramado com vários litros de suco de abóbora gelado do lado, e talvez jogar uma partida descontraída de bexigas ou apreciar a lula gigantesca nadar, sonhadora, pela superfície do lago.

Mas isso não era possível. Os exames estavam às portas e em lugar de se demorarem pelos jardins, os alunos tinham de permanecer no castelo, e tentar obrigar o cérebro a se concentrar em meio aos sopros mornos de verão que entravam pelas janelas. Até mesmo Fred e Jorge Weasley tinham sido vistos estudando; estavam em vésperas de fazer o exame de N.O.M.s (Níveis Ordinários em Magia). Percy, por sua vez, estava se preparando para os exames de N.I.E.M.s (Níveis Incrivelmente Exaustivos em Magia), o diploma mais avançado que Hogwarts oferecia. Como Percy tinha esperança de ingressar no Ministério da Magia, precisava de notas muito altas. Por isso, a cada dia ficava mais nervoso, e passava castigos severos para qualquer aluno que perturbasse a tranquilidade da sala comunal à noite. De fato, a única pessoa que parecia mais ansiosa do que Percy era Hermione.

Harry e Rony tinham desistido de perguntar à amiga como fazia para frequentar várias aulas ao mesmo tempo, mas não conseguiram se conter, quando viram o horário dos exames que a amiga preparara para si. Na primeira coluna lia-se:

Segunda-Feira
9h – Aritmancia

9h – Transfiguração
Almoço
13h – Feitiços
13h – Runas antigas

– Mione? – perguntou Rony com muita cautela, porque ultimamente ela era bem capaz de explodir se a interrompiam. – Hum... você tem certeza de que copiou esses horários direito?

– Quê? – retrucou Hermione com aspereza, apanhando o horário de exames para conferi-lo. – Claro que copiei.

– Será que adianta perguntar como você vai prestar dois exames na mesma hora? – perguntou Harry.

– Não – respondeu Hermione, impaciente. – Algum de vocês viu o meu livro *Numerologia e gramática*?

– Ah, eu vi, apanhei emprestado para ler na cama antes de dormir – disse Rony, mas bem baixinho. Hermione começou a remexer no monte de rolos de pergaminho que tinha sobre a mesa, à procura do livro. Nesse instante, ouviram um farfalhar à janela e Edwiges entrou com um bilhete bem seguro no bico.

– É do Hagrid – disse Harry, abrindo o bilhete. – É o recurso de Bicuço, está marcado para o dia seis.

– É o dia em que terminamos os exames – disse Hermione, ainda procurando o livro de Aritmancia por toda a parte.

– E eles vêm aqui para o julgamento – disse Harry, continuando a ler o bilhete. – Alguém do Ministério da Magia e... e o carrasco.

Hermione ergueu a cabeça, assustada.

– Vão trazer o carrasco para o julgamento do recurso! Mas assim parece que já decidiram!

– É, parece – disse Harry lentamente.

– Não podem fazer isso! – bradou Rony. – Gastei *séculos* lendo para Hagrid o material que havia; não podem simplesmente desprezar tudo!

Mas Harry teve a terrível sensação de que a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas já tivera a opinião formada pelo Sr. Lúcio Malfoy. Draco, que andava visivelmente moderado desde a vitória da Grifinória na final de quadribol, nos últimos dias parecia ter recuperado um pouco da sua antiga arrogância. Pelos comentários desdenhosos que Harry ouvia, Malfoy tinha certeza de que Bicuço ia ser eliminado e parecia satisfeitíssimo consigo mesmo por ter provocado tal efeito. Nessas ocasiões, Harry fazia um esforço enorme para não imitar Hermione e meter a mão na cara de Malfoy. E o pior de tudo era que os garotos não tinham tempo nem oportunidade de ir ver Hagrid, porque as

novas e rigorosas medidas de segurança continuavam em vigor, e Harry não recuperara a Capa da Invisibilidade que deixara na entrada da bruxa de um olho só.

A semana dos exames começou e um silêncio anormal se abateu sobre o castelo. Os alunos do terceiro ano saíram do exame de Transfiguração na hora do almoço, na segunda-feira, cansados e pálidos, comparando respostas e lamentando a dificuldade das tarefas propostas, que incluíra transformar um bule de chá em um cágado. Hermione irritou os colegas ao comentar que seu cágado parecia mais uma tartaruga, o que era uma preocupação mínima diante das preocupações dos demais.

– O meu tinha um bico no lugar do rabo, que pesadelo...

– Era para os cágados soltarem vapor?

– No final, o meu continuava com uma pintura de salgueiro estampada no casco, vocês acham que vou perder pontos por isso?

Depois de um almoço apressado, os garotos voltaram direto para cima para fazer o exame de Feitiços. Hermione estava certa; o Prof. Flitwick realmente pediu feitiços para animar. Harry exagerou um pouco nos dele, por puro nervosismo, e Rony, que era seu par, acabou com acessos de riso histérico e precisou ser levado para uma sala sossegada, onde ficou uma hora, até ter condições de fazer o exame. Depois do jantar os alunos voltaram às salas comunais, não para relaxar, mas para começar a estudar Trato das Criaturas Mágicas, Poções e Astronomia.

Hagrid aplicou o exame de Trato das Criaturas Mágicas na manhã seguinte com um ar deveras preocupado; seu coração parecia estar longe dali. Providenciara uma grande barrica com vermes frescos para a turma e avisou que para passar no exame, os vermes de cada aluno deveriam continuar vivos ao fim de uma hora. Uma vez que os vermes se criavam melhor quando deixados em paz, foi o exame mais fácil que qualquer aluno teve de prestar, o que também deu a Harry, Hermione e Rony bastante tempo para conversarem com Hagrid.

– Bicucinho está ficando um pouco deprimido – contou o amigo, curvando-se sob o pretexto de verificar se o verme de Harry ainda estava vivo. – Está preso em casa há tempo demais. Ainda assim... depois de amanhã a gente vai saber se vão julgar a favor ou contra...

Os três garotos tiveram exame de Poções naquela tarde, que foi um desastre inominável. Por mais que se esforçasse, Harry não conseguia engrossar a sua infusão para confundir, e Snape, observando-o com um ar de satisfação vingativa, lançou em suas anotações uma coisa que lembrava muito um zero, antes de se afastar.

Depois veio o exame de Astronomia à meia-noite, na torre mais alta do castelo; História da Magia na quarta-feira de manhã, em que Harry escreveu tudo que Florean Fortescue lhe contara sobre a caça às bruxas na Idade Média, enquanto desejava ter ali na sala sufocante um daqueles *sundaes* de choconozes. Na quarta-feira à tarde foi a vez de Herbologia, nas estufas, sob um sol de cozinhar os miolos; depois voltaram mais uma vez à sala comunal, com as nucas queimadas, imaginando que no dia seguinte, àquela hora, os exames finalmente teriam terminado.

O antepenúltimo exame, na quinta-feira pela manhã, foi Defesa Contra as Artes das Trevas. O Prof. Lupin preparara o exame mais incomum que eles já tinham feito; uma espécie de corrida de obstáculos ao ar livre, debaixo de sol, em que tinham que atravessar um lago fundo o suficiente para se remar, onde havia um *grindylow*; em seguida, uma série de crateras cheias de barretes vermelhos, depois um trecho de pântano, desconsiderando as informações enganosas dadas por um *hinkypunk*, e, por fim, subir em um velho tronco e enfrentar um novo bicho-papão.

– Excelente, Harry – murmurou Lupin quando Harry desceu do tronco, sorrindo. – Nota máxima.

Animado com o seu sucesso, Harry ficou por ali para ver os exames de Rony e Hermione. Rony foi bem até chegar a vez do *hinkypunk*, que conseguiu confundi-lo e fazê-lo afundar até a cintura em um atoleiro. Hermione fez tudo perfeitamente até chegar ao tronco em que havia o bicho-papão. Depois de passar um minuto ali, a garota saiu correndo aos berros.

– Hermione! – exclamou Lupin, assustado. – Que foi que aconteceu!

– A P... P... Profª McGonagall! – ofegou Hermione apontando para o tronco. – Ela disse que eu levei bomba em tudo!

Demorou um tempinho para Hermione se acalmar. Quando ela finalmente se recuperou do susto, os três amigos voltaram ao castelo. Rony ainda sentia uma ligeira vontade de rir do bicho-papão de Hermione, mas a briga foi adiada quando viram o que os aguardava no alto das escadas.

Cornélio Fudge, um pouco suado sob a capa de risca de giz, se achava parado ali contemplando os terrenos da escola. Assustou-se ao ver Harry.

– Olá, Harry! – exclamou. – Acabou de fazer um exame, suponho? Chegando ao fim?

– Sim, senhor – disse Harry. Hermione e Rony, que nunca haviam falado com o Ministro da Magia, pararam sem jeito um pouco afastados.

– Belo dia – comentou Fudge, lançando um olhar ao lago. – Que pena... que pena...

O ministro soltou um profundo suspiro e olhou para Harry.

– Estou aqui em uma missão desagradável, Harry. A Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas exigiu uma testemunha para a execução do hipogrifo louco. Como eu precisava visitar Hogwarts para verificar o andamento do caso Black, me pediram para cumprir esta tarefa.

– Isso quer dizer que já houve o julgamento do recurso? – interrompeu Rony, adiantando-se.

– Não, não, foi marcado para hoje à tarde – respondeu Fudge, olhando, curioso, para Rony.

– Então, talvez o senhor não precise testemunhar nenhuma execução! – disse Rony corajosamente. – O hipogrifo talvez se salve!

Antes que Fudge pudesse responder, dois bruxos saíram pelas portas do castelo às costas do ministro. Um era tão velho que parecia estar murchando diante dos olhos deles; o outro era alto e forte, com um bigode negro e fino. Harry concluiu que deviam ser os representantes da Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas, porque o velho bruxo apertou os olhos na direção da cabana de Hagrid e disse com voz fraca:

– Ai, ai, estou ficando velho demais para isso... Duas horas, não é, Fudge?

O homem de bigode mexia em alguma coisa no cinto; Harry olhou e viu que ele passava um dedo largo pela lâmina de um machado reluzente. Rony abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Hermione cutucou-o com força nas costelas e indicou com a cabeça o saguão de entrada.

– Por que é que você não me deixou falar? – perguntou Rony, aborrecido, quando entraram no saguão para ir almoçar. – Você viu? Já prepararam até o machado! Isso não é justiça!

– Rony, o seu pai trabalha para o Ministério, você não pode sair dizendo essas coisas para o chefe dele! – respondeu Hermione, mas ela também parecia muito contrariada. – Desde que hoje o Hagrid mantenha a cabeça no lugar e defenda o caso direito, eles não terão possibilidade de executar o Bicuço...

Mas Harry sabia que Hermione não acreditava realmente no que estava dizendo. À volta deles, as pessoas falavam excitadamente enquanto almoçavam, antegozando o fim dos exames àquela tarde, mas Harry, Rony e Hermione, absortos em suas preocupações com Hagrid e Bicuço, não participavam das conversas.

O último exame de Harry e Rony era Adivinhação; o de Hermione, Estudos dos Trouxas. Eles subiram a escadaria de mármore, juntos; Hermione os deixou no primeiro andar e Harry e Rony prosseguiram até o sétimo, onde muitos colegas já se encontravam sentados na escada circular que levava à sala da Profª Trelawney, tentando enfiar na cabeça mais alguma matéria de última hora.

– Ela vai receber os alunos, um a um – informou Neville quando os dois

foram se sentar perto dele. O garoto tinha o seu exemplar de *Esclarecendo o futuro* aberto no colo nas páginas dedicadas à bola de cristal. – Algum de vocês já viu *alguma coisa* numa bola de cristal? – perguntou ele, infeliz.

– Não – respondeu Rony num tom distraído. Ele consultava a toda hora o relógio de pulso; Harry sabia que o amigo estava fazendo a contagem regressiva para o início do julgamento do recurso de Bicuço.

A fila de pessoas fora da sala foi encurtando aos poucos. À medida que cada aluno descia a escada prateada, o resto da classe sussurrava: “Que foi que ela perguntou? Você se deu bem?”

Mas todos se recusavam a responder.

– Ela disse que foi avisada pela bola de cristal que se eu contar a vocês, vou ter um acidente horrível! – falou Neville, esganiçado, ao descer a escada em direção a Harry e Rony, que agora tinham chegado ao patamar.

– Isto é muito conveniente – riu-se Rony. – Sabe, estou começando a achar que Hermione tinha razão sobre a professora – comentou ele indicando com o polegar o alçapão no alto –, ela é uma trapaceira, e das boas.

– É – disse Harry, consultando o próprio relógio. Eram agora duas horas. – Eu gostaria que ela andasse logo...

Parvati desceu a escada com o rosto radiante de orgulho.

– Ela disse que eu tenho o talento de uma verdadeira vidente – informou a Harry e Rony. – Vi *um monte* de coisas... Bem, boa sorte!

A garota desceu depressa a escada circular ao encontro de Lilá.

– Ronald Weasley – chamou lá do alto a voz etérea que já conheciam. Rony fez uma careta para o amigo e subiu a escada de prata, desaparecendo. Harry agora era o único que faltava ser examinado. Ele se acomodou no chão, apoiando as costas contra a parede, e ficou ouvindo uma mosca zumbir na janela ensolarada, seus pensamentos atravessando a propriedade até Hagrid.

Finalmente, uns vinte minutos depois, os enormes pés de Rony reapareceram na escada.

– Como foi? – perguntou Harry se pondo de pé.

– Bobagem. Não vi nada, então inventei alguma coisa. Acho que a professora não se convenceu, embora...

– Encontro você na sala comunal – murmurou Harry quando a voz da professora chamou “Harry Potter!”.

Na sala da torre fazia mais calor que nunca; as cortinas estavam fechadas, a lareira acesa e o costumeiro perfume adocicado fez Harry tossir, enquanto se desvencilhava das mesas e cadeiras amontoadas para chegar onde a professora Sibila o esperava, sentada diante de uma grande bola de cristal.

– Bom dia, meu querido – disse ela brandamente. – Quer ter a bondade de

examinar o orbe... Pode levar o tempo que precisar... depois me diga o que está vendo...

Harry se curvou para a bola de cristal e olhou, olhou o mais atentamente que pôde, desejando que ela lhe mostrasse algo mais do que a névoa branca em espiral, mas nada aconteceu.

– Então! – estimulou a professora com delicadeza. – Que é que você está vendo?

O calor era insuportável e as narinas do garoto ardiam com a fumaça perfumada que vinha da lareira ao lado dos dois. Ele pensou no que Rony acabara de lhe dizer e resolveu fingir.

– Hum... uma forma escura... hum...

– Com que se parece? – sussurrou a professora. – Pense bem...

Harry vasculhou sua mente à procura de uma ideia e deparou com Bicuço.

– Um hipogrifo – disse com firmeza.

– Realmente! – sussurrou Sibila, tomando notas, com entusiasmo, no pergaminho sobre seus joelhos. – Menino, talvez você esteja vendo o desenlace do problema do coitado do Hagrid com o Ministério da Magia! Olhe com mais atenção... O hipogrifo parece... ter cabeça?

– Sim, senhora – respondeu Harry com firmeza.

– Você tem certeza? – insistiu a professora. – Você tem bastante certeza, querido? Você não está vendo o animal se virando no chão, talvez, e um vulto brandindo um machado contra ele?

– Não! – disse Harry, começando a se sentir meio enjoado.

– Não tem sangue? Não tem Hagrid chorando?

– Não! – respondeu Harry de novo, querendo mais do que nunca escapar da sala e do calor. – Ele está bem... está voando...

A Profª Sibila suspirou.

– Bem, querido, vamos parar por aqui... Um resultado decepcionante... mas tenho a certeza de que você fez o melhor que pôde.

Aliviado, Harry se levantou, apanhou a mochila e se virou para ir embora, mas, então, ouviu uma voz alta e rouca às suas costas.

“Vai acontecer hoje à noite.”

Harry se virou depressa. A professora ficara dura na cadeira; seus olhos estavam desfocados e sua boca afrouxara.

– D... desculpe! – disse Harry.

Mas Sibila não pareceu ouvi-lo. Seus olhos começaram a girar. Harry se sentiu invadido pelo pânico. Ela parecia que ia ter uma espécie de acesso. O garoto hesitou, pensando em correr até a ala hospitalar – e então a professora tornou a falar, com a mesma voz rouca, muito diferente da sua voz habitual:

“O Lorde das Trevas está sozinho e sem amigos, abandonado pelos seus seguidores. Seu servo esteve acorrentado nos últimos doze anos. Hoje à noite, antes da meia-noite... O servo vai se libertar e se juntar ao seu mestre. O Lorde das Trevas vai ressurgir, com a ajuda do seu servo, maior e mais terrível que nunca. Hoje à noite... o servo... vai se juntar... ao seu mestre...”

A cabeça da professora se pendurou sobre o peito. Ela fez um ruído gutural. Harry continuou ali, os olhos grudados nela. Então, de repente, a Profª Sibila aprumou a cabeça.

– Desculpe, querido – disse com voz sonhadora –, o calor do dia, entende... cochilei por um momento...

Harry continuou parado, os olhos grudados nela.

– Algum problema, meu querido?

– A senhora... a senhora acabou de me dizer que o... Lorde das Trevas vai ressurgir... e que seu servo está indo se juntar a ele...

A Profª Sibila pareceu completamente surpresa.

– O Lorde das Trevas? Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado? Meu querido, isso não é coisa com que se brinque... Ressurgir, realmente...

– Mas a senhora acabou de dizer isso! A senhora disse que o Lorde das Trevas...

– Acho que você deve ter cochilado também, querido! – disse a Profª Sibila. – Eu certamente não me atreveria a predizer uma coisa tão incrível como *essa*!

Harry desceu a escada de corda, depois a circular, pensativo... será que acabara de ouvir a Profª Sibila fazer uma predição de verdade? Ou será que isto era a ideia da professora de um fecho impressionante para os exames?

Cinco minutos depois ele estava passando apressado pelos trasgos de segurança, à entrada da Torre da Grifinória, as palavras da Profª Trelawney ainda ecoando em sua cabeça. As pessoas cruzavam por ele, rindo e brincando, a caminho dos jardins e da liberdade há muito esperada; quando ele alcançou o buraco do retrato e entrou na sala comunal, o lugar estava quase deserto. A um canto, ele viu Rony e Hermione, sentados.

– A Profª Sibila – começou Harry ofegante – acabou de me dizer...

Mas parou abruptamente ao ver os rostos dos amigos.

– Bicuço perdeu – disse Rony com a voz fraca. – Hagrid acabou de nos mandar isso.

O bilhete de Hagrid, desta vez, estava seco, sem lágrimas derramadas, contudo sua mão parecia ter tremido tanto ao escrever que o texto era quase ilegível.

Perdemos o julgamento do recurso. Vão executar Bicuço ao pôr do sol.
Vocês não podem fazer nada. Não desçam. Não quero que vocês vejam.
Hagrid

– Temos que ir – disse Harry na mesma hora. – Ele não pode ficar lá sozinho, esperando o carrasco!

– Mas é ao pôr do sol – disse Rony, que estava espiando pela janela com o olhar meio vidrado. – Nunca nos deixariam... principalmente a você, Harry...

Harry apoiou a cabeça nas mãos, pensando.

Se ao menos tivéssemos a Capa da Invisibilidade...

– Onde é que ela está? – perguntou Hermione.

Harry lhe contou que a deixara na passagem da bruxa de um olho só.

– ... se Snape me vir por ali outra vez, vou entrar numa fria – terminou ele.

– É verdade – concordou Hermione, se levantando. – Se ele vir *você*... Como é mesmo que se abre a corcunda da bruxa?

– A gente dá uma pancada e diz: “Dissendium” – disse Harry. – Mas...

Hermione não esperou o resto da frase; atravessou a sala, empurrou o retrato da Mulher Gorda e desapareceu de vista.

– Ah, não acredito que ela tenha ido buscar! – exclamou Rony, acompanhando-a com o olhar.

Dito e feito. Hermione voltou quinze minutos depois com a capa prateada dobrada com cuidado sob suas vestes.

– Mione, não sei o que deu em você ultimamente! – exclamou Rony, espantado. – Primeiro você mete a mão em Draco Malfoy, depois abandona o curso da Profª Sibila...

A garota fez cara de quem recebera um elogio.

Os três desceram para jantar com todos os alunos, mas não voltaram à Torre da Grifinória ao terminar. Harry levava a capa escondida na frente das vestes e tinha que manter os braços cruzados para esconder o volume. Entraram sorrateiramente numa sala vazia no saguão de entrada e ficaram escutando, até ter certeza de que o lugar ficara deserto. Ouviram as últimas duas pessoas atravessarem o saguão correndo e uma porta bater. Hermione meteu a cabeça fora da porta.

– Tudo bem – sussurrou –, não tem ninguém... vamos vestir a capa...

Caminhando muito juntos para que ninguém os visse, eles atravessaram o saguão na ponta dos pés, cobertos pela capa, e desceram os degraus de pedra que levavam aos jardins. O sol já ia se pondo atrás da Floresta Proibida, dourando os ramos mais altos das árvores.

Chegaram à cabana de Hagrid e bateram. O amigo levou um minuto para atender e, quando o fez, ficou procurando o visitante por todos os lados, pálido e trêmulo.

– Somos nós – sibilou Harry. – Estamos usando a Capa da Invisibilidade. Deixe a gente entrar para poder tirar a capa.

– Vocês não deviam ter vindo! – sussurrou Hagrid, mas se afastou para os garotos poderem entrar. Depois fechou a porta depressa e Harry arrancou a capa.

Hagrid não estava chorando, nem se atirou ao pescoço deles. Parecia um homem que não sabia onde estava nem o que fazer. Seu desamparo era pior do que as lágrimas.

– Querem um chá? – perguntou aos garotos. Suas mãos enormes tremiam quando apanhou a chaleira.

– Onde é que está o Bicuço, Hagrid? – perguntou Hermione, hesitante.

– Eu... eu levei ele para fora – respondeu Hagrid, derramando leite pela mesa toda ao tentar encher a jarra. – Está amarrado no canteiro de abóboras. Achei que ele devia ver as árvores e... e respirar ar fresco... antes...

A mão de Hagrid tremeu com tanta violência que a jarra de leite escapuliu e se espatifou no chão.

– Eu faço isso, Hagrid – ofereceu-se Hermione depressa, correndo para limpar a sujeira.

– Tem outra no armário de louças – falou Hagrid, sentando-se e limpando a testa na manga. Harry olhou para Rony, que retribuiu seu olhar com desânimo.

– Tem alguma coisa que se possa fazer, Hagrid? – perguntou Harry inflamado, sentando-se ao lado do amigo. – Dumbledore...

– Ele tentou. Mas não tem poder para revogar uma decisão da Comissão. Ele disse aos juízes que Bicuço era normal, mas a Comissão está com medo... Vocês sabem como é o Lúcio Malfoy... imagino que deve ter ameaçado todos eles... e o carrasco, Macnair, é um velho conhecido dos Malfoy... mas vai ser rápido e limpo... e eu vou estar do lado do Bicuço...

Hagrid engoliu em seco. Seus olhos percorriam a cabana como se procurassem um fio de esperança ou de consolo.

– Dumbledore vai descer quando... quando estiver na hora. Me escreveu hoje de manhã. Disse que quer ficar... ficar comigo. Grande homem, o Dumbledore...

Hermione, que andara vasculhando o guarda-louça de Hagrid à procura de outra leiteira, deixou escapar um pequeno soluço, rapidamente sufocado. Ela se endireitou com a nova leiteira nas mãos, lutando para conter as lágrimas.

– Nós vamos ficar com você também, Hagrid – começou ela, mas o amigo sacudiu a cabeça cabeluda.

– Vocês têm que voltar para o castelo. Já disse que não quero que assistam.

Aliás, vocês nem deviam estar aqui... Se Fudge e Dumbledore pegarem você fora do castelo sem permissão, Harry, você vai se meter numa grande confusão.

Lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto de Hermione, mas ela as escondeu de Hagrid, ocupando-se em fazer o chá. Então, quando apanhou a garrafa de leite para encher a leiteira, ela soltou um grito.

– Rony!... Eu não acredito... é o *Perebas!*

O queixo de Rony caiu.

– Do que é que você está falando?

Hermione levou a leiteira até a mesa e virou-a de boca para baixo. Com um guincho frenético, e muita correria para voltar para dentro da jarra, Perebas, o rato, deslizou para cima da mesa.

– Perebas! – exclamou Rony sem entender. – Perebas, que é que você está fazendo aqui?

Ele agarrou o rato que se debatia e segurou-o próximo à luz. Perebas estava com uma aparência horrível. Mais magro que nunca, perdera grandes tufos de pelos que deixaram pelado seu corpo, o rato se contorcia nas mãos de Rony como se estivesse desesperado para se soltar.

– Tudo bem, Perebas! – tranquilizou-o Rony. – Não tem gatos! Não tem nada aqui para te machucar!

Hagrid se levantou de repente, os olhos fixos na janela. Seu rosto, normalmente corado, estava da cor de pergaminho.

– Aí vem eles...

Harry, Rony e Hermione se viraram depressa. Um grupo de homens descia os distantes degraus, à entrada do castelo. À frente vinha Alvo Dumbledore, a barba prateada refulgindo ao sol poente. Ao seu lado, caminhava, a passo rápido, Cornélio Fudge. Atrás dos dois vinha o membro da Comissão velho e fraco, e o carrasco, Macnair.

– Vocês têm que ir embora – disse Hagrid. Cada centímetro do seu corpo tremia. – Eles não podem encontrar vocês aqui... Vão agora...

Rony enfiou Perebas no bolso, e Hermione apanhou a capa.

– Eu vou abrir a porta dos fundos para vocês – disse Hagrid.

Os garotos o acompanharam até a porta que abria para a horta. Harry se sentiu estranhamente irreal e mais ainda quando viu Bicuço a poucos passos de distância, amarrado a uma árvore atrás do canteiro de abóboras. O hipogrifo parecia saber que alguma coisa estava acontecendo. Virou a cabeça de um lado para o outro e pateou o chão nervosamente.

– Tudo bem, Bicucinho – disse Hagrid com brandura. – Tudo bem... – E se virando para Harry, Rony e Hermione. – Vão. Andem logo.

Mas os garotos não se mexeram.

– Hagrid, não podemos...
– Vamos contar a eles o que realmente aconteceu...
– Não podem matar Bicuço...
– Vão! – disse Hagrid ferozmente. – Já está bastante ruim sem vocês se meterem em confusão!
Os garotos não tiveram escolha. Quando Hermione jogou a capa sobre Harry e Rony, eles ouviram as vozes na entrada da cabana. Hagrid ficou olhando para o lugar de onde os garotos tinham acabado de sumir.
– Vão depressa – disse, rouco. – Não fiquem ouvindo...
E Hagrid tornou a entrar na cabana no momento em que alguém batia à porta.
Lentamente, numa espécie de transe de horror, Harry, Rony e Hermione contornaram a cabana de Hagrid sem fazer barulho. Quando chegaram do outro lado, a porta de entrada se fechou com uma batida seca.
– Por favor, vamos nos apressar – sussurrou Hermione. – Não posso suportar, não posso suportar...
Os três começaram a subir a encosta gramada em direção ao castelo. O sol ia se pondo depressa agora; o céu se tornara cinzento, sem nuvens, e tinto de púrpura, mais para oeste havia uma claridade vermelho-rubi.
Rony parou muito quieto.
– Ah, por favor, Rony – começou Hermione.
– É o Perebas... ele não quer... parar...
Rony se curvou, tentando segurar Perebas no bolso, mas o rato estava ficando furioso; guinchava feito louco, virava e se debatia, tentando ferrar os dentes nas mãos de Rony.
– Perebas, sou eu, seu idiota, é Rony.
Os garotos ouviram a porta fechar às suas costas e o som de vozes masculinas.
– Ah, Rony, por favor, vamos andando, eles vão executar o Bicuço! – murmurou Hermione.
– OK... Perebas, fique quieto...
Eles avançaram; Harry, como Hermione, estava tentando não escutar o ruído surdo das vozes às costas deles. Rony parou mais uma vez.
– Não consigo segurar ele... Perebas, cala a boca, todo mundo vai nos ouvir...
O rato guinchava alucinado, mas não alto o suficiente para abafar os ruídos que vinham do jardim de Hagrid. Ouviu-se um rumor indistinto de vozes masculinas, um silêncio e então, sem aviso, o som inconfundível de um machado cortando o ar e se abatendo sobre o alvo.
Hermione vacilou.
– Executaram Bicuço! – murmurou ela para Harry. – Eu n... não acredito... eles executaram Bicuço!

— CAPÍTULO DEZESSETE —

Gato, rato e cão

A cabeça de Harry se esvaziou com o choque. Os três garotos ficaram paralisados de horror sob a Capa da Invisibilidade. Os últimos raios do sol poente lançavam uma claridade sangrenta sobre os imensos campos sombrios da escola. Então, atrás deles, os garotos ouviram um uivo selvagem.

– Hagrid – murmurou Harry. E, sem pensar no que estava fazendo, fez menção de dar meia-volta, mas Rony e Hermione o seguraram pelos braços.

– Não podemos – disse Rony, que estava branco como uma folha de papel. – Hagrid vai ficar numa situação muito pior se souberem que fomos à casa dele...

A respiração de Hermione estava rasa e desigual.

– Como... puderam... fazer... isso? – engasgou-se a garota. – Como *puderam*?

– Vamos – disse Rony, cujos dentes davam a impressão de estar batendo.

Os três voltaram ao castelo, andando devagar, para se manter escondidos sob a capa. A claridade ia desaparecendo depressa agora. Quando chegaram à área ajardinada, a escuridão desceu, como por encanto, a toda volta.

– Perebas, fica quieto – sibilou Rony, apertando a mão contra o peito. O rato se debatia, enlouquecido. Rony parou de repente, tentando empurrálo para o fundo do bolso. – Que é que há com você, seu rato burro? Fica parado aí... AI! Ele me mordeu!

– Rony, fica quieto! – cochichou Hermione com urgência. – Fudge vai nos alcançar em um minuto...

– Ele não quer... ficar... parado...

Perebas estava visivelmente aterrorizado. Contorcia-se com todas as suas forças, tentando se desvencilhar da mão de Rony.

– Que é que *há* com ele?

Mas Harry acabara de ver – esquivando-se em direção ao grupo, o corpo colado no chão, grandes olhos amarelos que brilhavam lugubremente no escuro

– Bichento. Se podia vê-los ou se estava seguindo os guinchos de Perebas, Harry não saberia dizer.
– Bichento! – gemeu Hermione. – Não, vai embora, Bichento! Vai embora!
Mas o gato se aproximava sempre mais...
– Perebas... NÃO!
Tarde demais – o rato escorregou por entre os dedos apertados de Rony, bateu no chão e fugiu precipitadamente. De um salto, Bichento saiu em seu encalço, e antes que Harry ou Hermione pudessem detê-lo, Rony arrancara a Capa da Invisibilidade e se arremessava pela escuridão.
– *Rony!* – gemeu Hermione.
Ela e Harry se entreolharam e correram atrás do amigo; era impossível correr com desenvoltura com a capa por cima; arrancaram-na e ela ficou voando para trás como uma bandeira, quando os dois saíram desabalados atrás de Rony; ouviram os passos dele à frente e seus gritos para Bichento.
– Fique longe dele... fique longe... Perebas, volta *aqui*...
Ouviu-se um baque sonoro.
– *Te peguei!* Dá o fora, seu gato fedorento...
Harry e Hermione quase caíram em cima de Rony; pararam derrapando diante dele. O amigo estava esparramado no chão, mas Perebas já estava de volta ao bolso; Rony apertava com as duas mãos um calombo trepidante.
– Rony... vamos... volta para baixo da capa... – ofegou Hermione. – Dumbledore... o ministro... eles vão voltar para o castelo já, já...
Mas antes que pudessem se cobrir outra vez, antes que pudessem ao menos recuperar o fôlego, eles ouviram o ruído macio de patas gigantescas. Algo estava saltando da escuridão em sua direção – um enorme cão negro de olhos claros.
Harry tentou pegar a varinha, mas tarde demais – o cão investira dando um enorme salto, e suas patas dianteiras atingiram o garoto no peito; Harry caiu para trás num redemoinho de pelos; sentiu o hálito quente do animal, viu seu dente de mais de dois centímetros...
Mas a força do salto impelira o cão longe demais; ultrapassara Harry. Aturdido, com a sensação de que suas costelas tinham quebrado, o garoto tentou se levantar; ouviu o cão rosnar e derrapar se posicionando para um novo ataque.
Rony estava de pé. Quando o cão saltou contra os dois, ele empurrou Harry para o lado; e, em vez de Harry, as mandíbulas do bicho abocanharam o braço estendido de Rony. Harry se atirou para cima dele, agarrou uma mão cheia de pelos do cão, mas o bruto foi arrastando Rony para longe com a facilidade com que arrastaria uma boneca de trapos...
Então, ele não viu de onde, uma coisa atingiu seu rosto com tanta força que ele foi novamente derrubado no chão. Harry ouviu Hermione gritar de dor e cair

também. O menino tateou à procura de sua varinha, piscando para limpar o sangue dos olhos...

– *Lumus!* – sussurrou.

A luz produzida pela varinha mostrou-lhe um grosso tronco de árvore; tinham corrido atrás de Perebas até a sombra do Salgueiro Lutador, cujos ramos estalavam como se estivessem sendo açoitados por um forte vento, avançavam e recuavam para impedir os garotos de se aproximarem.

E ali, na base do tronco, o cão arrastava Rony para dentro de um grande buraco entre as raízes – o garoto lutava furiosamente, mas sua cabeça e seu tronco foram desaparecendo de vista...

– Rony! – gritou Harry, tentando segui-lo, mas um pesado galho chicoteou ameaçadoramente o ar e ele foi forçado a recuar.

Agora estava visível apenas uma das pernas de Rony, que ele enganchara em torno de uma raiz na tentativa de impedir o cão de arrastá-lo mais para o fundo da terra – mas um estampido terrível cortou o ar feito um tiro; a perna de Rony se partiu e um instante depois, seu pé desaparecera de vista.

– Harry... temos que procurar ajuda... – gritou Hermione; ela também sangrava; o salgueiro a cortara na altura dos ombros.

– Não! Aquela coisa é bastante grande para comer Rony; não temos tempo...

– Harry, nunca vamos conseguir entrar sem ajuda...

Mais um galho desceu como um chicote em sua direção, os raminhos curvados como articulações de dedos.

– Se aquele cão pôde entrar, nós também podemos – ofegou Harry, correndo para um lado e para outro, tentando encontrar uma brecha entre os galhos que varriam com violência o ar, mas não podia se aproximar nem mais um centímetro das raízes da árvore sem ficar ao alcance dos golpes que ela desferia.

– Ah, socorro, socorro – murmurava freneticamente Hermione, dançando no mesmo lugar –, por favor...

Bichento disparou adiante dos garotos. Deslizou por entre os galhos agressores como uma cobra e colocou as patas dianteiras sobre um nó que havia no tronco.

Abruptamente, como se a árvore tivesse se transformado em pedra, ela parou de se movimentar. Sequer uma folha virava ou sacudia.

– Bichento! – sussurrou Hermione insegura. Ela agora apertava o braço de Harry com tanta força que provocava dor. – Como é que ele sabia...?

– Ele é amigo daquele cão – respondeu Harry, sombriamente. – Já os vi juntos. Vamos... e mantenha a varinha na mão...

Os dois venceram a distância até o tronco em segundos, mas antes que pudessem alcançar o buraco nas raízes, Bichento deslizara para dentro com um

aceno do seu rabo de escovinha. Harry entrou em seguida; avançou arrastando-se, a cabeça à frente, e escorregou por uma descida de terra até o leito de um túnel muito baixo. Bichento ia mais adiante, os olhos faiscando à luz da varinha de Harry. Segundos depois, Hermione escorregou para junto do garoto.

– Aonde é que foi o Rony? – sussurrou ela com terror na voz.

– Por ali – respondeu Harry, caminhando, curvado, atrás de Bichento.

– Onde é que vai dar esse túnel? – perguntou Hermione, ofegante.

– Eu não sei... Está marcado no Mapa do Maroto, mas Fred e Jorge disseram que ninguém nunca tinha entrado. Ele continua para fora do mapa, mas parecia que ia em direção a Hogsmeade...

Os garotos caminharam o mais rápido que puderam, quase dobrados em dois; à frente, o rabo de Bichento entrava e saía do seu campo de visão. E a passagem não tinha fim; dava a impressão de ser no mínimo tão longa quanto a que levava à Dedosdemel. Harry só conseguia pensar em Rony e no que aquele canzarrão podia estar fazendo com o seu amigo... Ele respirava em arquejos curtos e dolorosos, correndo agachado...

E então o túnel começou a subir; momentos depois se virou e Bichento tinha desaparecido. Em vez do gato, Harry viu um espaço mal iluminado por meio de uma pequena abertura.

Ele e Hermione pararam, procurando recuperar o fôlego, depois avançaram cautelosamente. Os dois ergueram as varinhas para ver o que havia além.

Era um quarto, muito desarrumado e poeirento. O papel descascava das paredes; havia manchas por todo o chão; cada móvel estava quebrado como se alguém o tivesse atacado. As janelas estavam vedadas com tábuas.

Harry olhou para Hermione, que parecia muito amedrontada, mas concordou com um aceno de cabeça.

Harry saiu pelo buraco, olhando para todos os lados. O quarto estava deserto, mas havia uma porta aberta à direita, que levava a um corredor sombrio. Hermione, de repente, tornou a agarrar o braço de Harry. Seus olhos arregalados percorreram as janelas vedadas.

– Harry – cochichou ela –, acho que estamos na Casa dos Gritos.

Harry olhou a toda volta. Seus olhos se detiveram em uma cadeira de madeira, próxima. Havia grande pedaços partidos; uma das pernas fora inteiramente arrancada.

– Fantasmas não fazem isso – comentou ele calmamente.

Naquele momento, os dois ouviram um rangido no alto. Alguma coisa se mexera no andar de cima. Os dois olharam para o teto. Hermione apertava o braço de Harry com tanta força que ele estava perdendo a sensibilidade nos dedos. O garoto ergueu as sobrancelhas para ela; Hermione concordou outra vez

e soltou-o.
O mais silenciosamente que puderam, os dois saíram para o corredor e subiram uma escada desmantelada. Tudo estava coberto por uma espessa camada de poeira, exceto o chão, onde uma larga faixa brilhante fora aparentemente limpa por uma coisa arrastada para o primeiro andar.
Eles chegaram ao patamar escuro.
– *Nox* – sussurraram ao mesmo tempo, e as luzes nas pontas de suas varinhas se apagaram. Havia apenas uma porta aberta. Ao se esgueirarem nessa direção, ouviram um movimento atrás da porta; um gemido baixo e em seguida um ronronar alto e grave. Eles trocaram um último olhar e um último aceno de cabeça.
A varinha empunhada com firmeza à frente, Harry escancarou a porta com um chute.
Numa imponente cama de colunas, com cortinas empoeiradas, encontrava-se Bichento, que ronronou alto ao vê-los. No chão ao lado do gato, agarrando a perna estendida num ângulo estranho, encontrava-se Rony.
Harry e Hermione correram para o amigo.
– Rony... você está bem?
– Onde está o cão?
– Não é um cão – gemeu Rony. Seus dentes rilhavam de dor. – Harry é uma armadilha...
– Quê...
– *Ele é o cão... ele é um animago...*
Rony olhava fixamente por cima do ombro de Harry. Este se virou depressa. Com um estalo, o homem nas sombras fechou a porta do quarto.
Uma massa de cabelos imundos e embaraçados caíam até seus cotovelos. Se seus olhos não estivessem brilhando em órbitas fundas e escuras, ele poderia ser tomado por um cadáver. A pele macilenta estava tão esticada sobre os ossos do rosto, que ele lembrava uma caveira. Os dentes amarelos estavam arreganhados num sorriso. Era Sirius Black.
– *Expelliarmus!* – disse com voz rouca, apontando a varinha de Rony para os garotos.
As varinhas de Harry e Hermione saíram voando de suas mãos e Black as recolheu. Então se aproximou. Seus olhos estavam fixos em Harry.
– Achei que você viria ajudar seu amigo. – A voz dava a impressão de que ele perdera o hábito de usá-la havia muito tempo. – Seu pai teria feito o mesmo por mim. Foi muita coragem não correr à procura de um professor. Fico agradecido... vai tornar as coisas muito mais fáceis...
A referência sarcástica ao seu pai ecoou nos ouvidos de Harry como se Black

a tivesse gritado. Um ódio escaldante explodiu em seu peito, não deixando lugar para o medo. Pela primeira vez na vida ele desejou ter a varinha nas mãos, não para se defender, mas para atacar... para matar. Sem saber o que estava fazendo, começou a avançar, mas percebeu um movimento repentino de cada lado do seu corpo e dois pares de mãos o puxaram e o mantiveram parado.

– Não, Harry! – exclamou Hermione num sussurro petrificado; Rony, porém, se dirigiu a Black.

– Se você quiser matar Harry, terá que nos matar também! – disse impetuosamente, embora o esforço de ficar de pé tivesse acentuado sua palidez e ele oscilasse um pouco ao falar.

Alguma coisa brilhou nos olhos sombrios de Black.

– Deite-se – disse brandamente a Rony. – Você vai piorar a fratura nessa perna.

– Você me ouviu? – disse Rony com a voz fraca, embora se apoiasse dolorosamente em Harry para se manter de pé. – Você vai ter que matar os três!

– Só vai haver uma morte aqui hoje à noite – disse Black, e seu sorriso se alargou.

– Por quê? – perguntou Harry com veemência, tentando se desvencilhar de Rony e Hermione. –Você não se importou com isso da última vez, não foi mesmo? Não se importou de matar aqueles trouxas todos para atingir Pettigrew... Que foi que houve, amoleceu em Azkaban?

– Harry! – choramingou Hermione. – Fica quieto!

– ELE MATOU MINHA MÃE E MEU PAI! – bradou Harry e, com grande esforço, se desvencilhou de Hermione e Rony que o retinham pelos braços, e avançou...

Harry esquecera a magia – esquecera que era baixo e magricela e tinha treze anos, enquanto Black era um homem alto e adulto –, ele só sabia que queria ferir Black da maneira mais horrível que pudesse e não se importava se fosse ferido também...

Talvez fosse o choque de ver Harry fazer uma coisa tão idiota, mas Black não ergueu as varinhas em tempo – uma das mãos de Harry segurou seu pulso magro, forçando as pontas das varinhas para baixo; o punho de sua outra mão atingiu o lado da cabeça de Black e os dois caíram de costas contra a parede...

Hermione gritava; Rony berrava; houve um relâmpago ofuscante quando as varinhas na mão de Black emitiram um jorro de fagulhas no ar que, por centímetros, não atingiu o rosto de Harry; o garoto sentiu o braço magro sob seus dedos se torcer furiosamente, mas continuou a segurá-lo, a outra mão socando cada parte do corpo de Black que conseguia alcançar.

Mas a mão livre de Black encontrou a garganta de Harry...

– Não – sibilou ele. – Esperei tempo demais...
Seus dedos intensificaram o aperto, Harry ficou sem ar, seus óculos entortaram no rosto.
Então ele viu o pé de Hermione, vindo não sabia de onde, erguer-se no ar. Black largou Harry com um gemido de dor; Rony se atirara sobre a mão com que Black segurava as varinhas e Harry ouviu uma batida leve...
Ele lutou para se livrar dos corpos embolados e viu sua varinha rolando pelo chão; atirou-se para ela mas...
– Arre!
Bichento entrara na briga; o par dianteiro de garras se enterrou fundo no braço de Harry; o garoto se soltou, mas agora o gato corria para sua varinha...
– NÃO VAI NÃO! – berrou Harry, e mirou um pontapé no gato que o fez saltar para o lado, bufando; o garoto agarrou a varinha, virou-se e...
“Saiam da frente! – gritou para Rony e Hermione.
Não foi preciso falar duas vezes. Hermione, ofegante, a boca sangrando, atirou-se para o lado, ao mesmo tempo em que recuperava as varinhas dela e de Rony. O garoto arrastou-se até a cama de colunas e largou-se sobre ela, arquejante, o rosto pálido agora se tingindo de verde, as mãos segurando a perna quebrada.
Black estava esparramado junto à parede. Seu peito magro subia e descia rapidamente enquanto observava Harry se aproximar devagar, a varinha apontada para o seu coração.
– Vai me matar, Harry? – murmurou ele.
O garoto parou bem em cima de Black, a varinha ainda apontada para o seu coração, encarando-o do alto. Um inchaço pálido surgia em torno do olho esquerdo do homem e seu nariz sangrava.
– Você matou meus pais – acusou-o Harry, com a voz ligeiramente trêmula, mas a mão segurando a varinha com firmeza.
Black encarou-o com aqueles olhos fundos.
– Não nego que matei – disse muito calmo. – Mas se você soubesse da história completa...
– A história completa? – repetiu Harry, os ouvidos latejando furiosamente. – Você vendeu meus pais a Voldemort. É só isso que preciso saber.
– Você tem que me ouvir – disse Black, e havia agora uma urgência em sua voz. – Você vai se arrepender se não me ouvir.... Você não compreende...
– Compreendo muito melhor do que você pensa – disse Harry, e sua voz tremeu mais que nunca. – Você nunca a ouviu, não é? Minha mãe... tentando impedir Voldemort de me matar... e foi você que fez aquilo... você é que fez...
Antes que qualquer dos dois pudesse dizer outra palavra, uma coisa alaranjada

passou correndo por Harry; Bichento saltou para o peito de Black e se sentou ali, bem em cima do coração. O homem pestanejou e olhou para o gato.

– Saia daí – murmurou o homem, tentando empurrar Bichento para longe.

Mas o gato enterrou as garras nas vestes de Black e não se mexeu. Então virou a cara amassada e feia para Harry e encarou-o com aqueles grandes olhos amarelos... à sua direita, Hermione soltou um soluço seco.

Harry encarou Black e Bichento, apertando com mais força a varinha na mão. E daí se tivesse que matar o gato também? O bicho estava mancomunado com Black... Se estava disposto a morrer para proteger o homem, não era de sua conta... Se o homem queria salvá-lo, isso só provava que se importava mais com Bichento do que com os pais de Harry...

O garoto ergueu a varinha. Agora era o momento de agir. Agora era o momento de vingar seu pai e sua mãe. Ia matar Black. Tinha que matar Black. Era a sua chance...

Os segundos se alongaram. E Harry continuou paralisado ali, com a varinha em posição, Black olhando para ele, com Bichento sobre o peito. Ouvia-se a penosa respiração de Rony próximo à cama; Hermione guardava silêncio.

Então ouviu-se um novo ruído...

Passos abafados ecoaram pelo chão – alguém estava andando no andar de baixo.

– ESTAMOS AQUI EM CIMA! – gritou Hermione de repente. – ESTAMOS AQUI EM CIMA... SIRIUS BLACK... *DEPRESSA!*

Black fez um movimento assustado que quase desalojou Bichento; Harry apertou convulsivamente a varinha – *Aja agora!* disse uma voz em sua cabeça –, mas os passos reboavam escada acima e Harry ainda não agira.

A porta do quarto se escancarou com um jorro de faíscas vermelhas e Harry se virou na hora em que o Prof. Lupin irrompeu no quarto, seu rosto exangue, a varinha erguida e pronta. Seus olhos piscaram ao ver Rony, deitado no chão, Hermione encolhida perto da porta, Harry parado ali com a varinha apontada para Black, e o próprio Black, caído e sangrando aos pés do garoto.

– *Expelliarmus!* – gritou Lupin.

A varinha de Harry voou mais uma vez de sua mão; as duas que Hermione segurava também. Lupin apanhou-as agilmente e avançou pelo quarto, olhando para Black, que ainda tinha Bichento deitado numa atitude de proteção sobre seu peito.

Harry ficou parado ali, sentindo-se subitamente vazio. Não agira. Faltara-lhe a coragem. Black ia ser entregue aos dementadores.

Então Lupin perguntou com a voz muito tensa.

– Onde é que ele está, Sirius?

Harry olhou depressa para Lupin. Não entendeu o que o professor queria dizer. De quem estava falando? Virou-se para olhar Black outra vez.

O rosto do homem estava impassível. Por alguns segundos Black nem se mexeu. Depois, muito lentamente, ergueu a mão vazia e apontou para Rony. Aturdido, Harry se virou para Rony, que por sua vez parecia confuso.

– Mas, então... – murmurou Lupin, encarando Black com tal intensidade que parecia estar tentando ler sua mente – ... por que ele não se revelou antes? A não ser que... – os olhos de Lupin se arregalaram, como se estivesse vendo alguma coisa além de Black, alguma coisa que mais ninguém podia ver – a não ser que *ele* fosse o... a não ser que você tivesse trocado... sem me dizer?

Muito lentamente, com o olhar fundo cravado no rosto de Lupin, Black confirmou com um aceno de cabeça.

– Professor – interrompeu Harry, em voz alta –, que é que está acontecendo...?

Mas nunca chegou a terminar a pergunta, porque o que viu fez sua voz morrer na garganta. Lupin estava baixando a varinha, os olhos fixos em Black. O professor foi até Black, apanhou a varinha dele, levantou-o de modo que Bichento caiu no chão e abraçou Black como a um irmão.

Harry sentiu como se o fundo do seu estômago tivesse despencado.

– EU NÃO ACREDITO! – berrou Hermione.

Lupin soltou Black e se virou para a garota. Ela se erguera do chão e estava apontando para Lupin, de olhos arregalados.

– O senhor... o senhor...

– Hermione...

– ... o senhor e ele!

– Hermione se acalme...

– Eu não contei a ninguém! – esganiçou-se a garota. – Tenho encoberto o senhor...

– Hermione, me escute, por favor! – gritou Lupin. – Posso explicar...

Harry sentia o corpo tremer, não com medo, mas com uma nova onda de fúria.

– Eu confiei no senhor – gritou ele para Lupin, sua voz se descontrolando –, e o tempo todo o senhor era amigo dele!

– Você está enganado – disse Lupin. – Eu não era amigo de Sirius, mas agora sou... Deixe-me explicar...

– NÃO! – berrou Hermione. – Harry não confie nele, ele tem ajudado Black a entrar no castelo, ele quer ver você morto também... *ele é um lobisomem*!

Houve um silêncio audível. Os olhos de todos agora estavam postos em Lupin, que parecia extraordinariamente calmo, embora muito pálido.

– O que disse não está à altura do seu padrão de acertos, Hermione. Receio que tenha acertado apenas uma afirmação em três. Eu não tenho ajudado Sirius a

entrar no castelo e certamente não quero ver Harry morto... – Um estranho tremor atravessou seu rosto. – Mas não vou negar que seja um lobisomem.

Rony fez um corajoso esforço para se levantar outra vez, mas caiu com um gemido de dor. Lupin adiantou-se para ele, parecendo preocupado, mas Rony exclamou:

– *Fique longe de mim, lobisomem!*

Lupin se imobilizou. Depois, com óbvio esforço, virou-se para Hermione e perguntou:

– Há quanto tempo você sabe?

– Há séculos – sussurrou Hermione. – Desde a redação do Prof. Snape...

– Ele ficará encantado – disse Lupin tranquilo. – Passou aquela redação na esperança de que alguém percebesse o que significavam os meus sintomas. Você verificou a tabela lunar e percebeu que eu sempre ficava doente na lua cheia? Ou você percebeu que o bicho-papão se transformava em lua quando me via?

– Os dois – respondeu Hermione em voz baixa.

Lupin forçou uma risada.

– Você é a bruxa de treze anos mais inteligente que já conheci, Hermione.

– Não sou, não – sussurrou Hermione. – Se eu fosse um pouco mais inteligente, teria contado a todo mundo quem o senhor é!

– Mas todos já sabem. Pelo menos os professores sabem.

– Dumbledore contratou o senhor mesmo sabendo que o senhor é um lobisomem?! – exclamou Rony. – Ele é louco?

– Alguns professores acharam que sim – respondeu Lupin. – Ele teve que trabalhar muito para convencer certos professores de que eu sou digno de confiança...

– E ELE ESTAVA ENGANADO! – berrou Harry. – O SENHOR ESTEVE AJUDANDO ELE O TEMPO TODO! – O garoto apontou para Black, que, de repente atravessou o quarto em direção à cama de colunas e afundou nela, o rosto escondido em uma das mãos trêmulas. Bichento saltou para junto dele e subiu no seu colo, ronronando. Rony se afastou devagarinho dos dois, arrastando a perna.

– Eu *não* estive ajudando Sirius – respondeu Lupin. – Se você me der uma chance, eu explico... Olhe...

O professor separou as varinhas de Harry, Rony e Hermione e devolveuas aos donos. Harry apanhou a dele, espantado.

– Pronto – disse Lupin, enfiando a própria varinha no cinto. – Vocês estão armados e nós, não. Agora vão me ouvir?

Harry não sabia o que pensar. Seria um truque?

– Se o senhor não esteve ajudando – disse, lançando um olhar furioso a Black

–, como é que soube que ele estava aqui?
– O mapa. O Mapa do Maroto. Eu estava na minha sala examinando-o...
– O senhor sabe trabalhar com o mapa? – indagou Harry desconfiado.
– Claro que sei – disse Lupin fazendo um gesto impaciente com a mão. – Ajudei a prepará-lo. Eu sou Aluado, esse era o apelido que meus amigos me davam na escola.
– O senhor *preparou*...?
– O importante é que eu estava examinando o mapa atentamente hoje à noite, porque imaginei que você, Rony e Hermione poderiam tentar sair, escondidos, do castelo para visitar Hagrid antes da execução do hipogrifo. E estava certo, não é mesmo?
Lupin começara a andar para cima e para baixo do quarto, com os olhos fixos nos garotos. Pequenas nuvens de pó se levantavam aos seus pés.
– Você poderia estar usando a velha capa do seu pai, Harry...
– Como é que o senhor sabia da capa?
– O número de vezes que vi Tiago desaparecer debaixo da capa... – disse, fazendo outro gesto de impaciência com a mão. – A questão é que, mesmo quando a pessoa está usando a Capa da Invisibilidade, ela continua a aparecer no Mapa do Maroto. Observei vocês atravessarem os jardins e entrar na cabana de Hagrid. Vinte minutos depois, vocês saíram e voltaram em direção ao castelo. Mas, então, iam acompanhados por mais alguém.
– Quê?! – exclamou Harry. – Não, não íamos!
– Eu não podia acreditar no que estava vendo – continuou o professor, prosseguindo a caminhada e fingindo não ter ouvido a interrupção de Harry. – Achei que o mapa não estava registrando direito. Como é que ele podia estar com vocês?
– Não tinha ninguém com a gente!
– Então vi outro pontinho, andando depressa em sua direção, rotulado *Sirius Black*... vi-o colidir com você; observei quando arrastou dois de vocês para dentro do Salgueiro Lutador...
– Um de nós! – corrigiu-o Rony, zangado.
– Não, Rony. Dois de vocês.
Ele parou de andar, os olhos em Rony.
– Você acha que eu poderia dar uma olhada no rato? – perguntou com a voz equilibrada.
– Quê?! – exclamou Rony. – Que é que o Perebas tem a ver com isso?
– Tudo. Posso vê-lo, por favor?
Rony hesitou, depois enfiou a mão nas vestes. Perebas apareceu, debatendo-se desesperadamente; o garoto teve que segurá-lo pelo longo rabo pelado para

impedi-lo de fugir. Bichento ficou em pé na perna de Black e sibilou baixinho.

Lupin se aproximou de Rony. Parecia estar prendendo a respiração enquanto examinava Perebas atentamente.

– Quê? – repetiu Rony, segurando Perebas mais perto com um ar apavorado. – Que é que meu rato tem a ver com qualquer coisa?

– Isto não é um rato – disse Sirius Black, de repente, com a voz rouca.

– Que é que você está dizendo... é claro que é um rato...

– Não, não é – confirmou Lupin calmamente. – É um bruxo.

– Um animago – disse Black – que atende pelo nome de Pedro Pettigrew.

— CAPÍTULO DEZOITO —
Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas

Levou alguns segundos para os garotos absorverem o absurdo desta afirmação. Então Rony disse em voz alta o que Harry estava pensando.

– Vocês dois são malucos.

– Ridículo! – exclamou Hermione baixinho.

– Pedro Pettigrew está morto! – afirmou Harry. – Ele o matou há doze anos! – O garoto apontou para Black, cujo rosto tremeu convulsivamente.

– Tive intenção – vociferou o acusado, os dentes amarelos à mostra –, mas o Pedrinho levou a melhor... mas desta vez não!

E Bichento foi atirado ao chão quando Black avançou para Perebas; Rony berrou de dor ao receber o peso de Black sobre sua perna quebrada.

– Sirius, NÃO! – berrou Lupin atirando-se à frente e afastando Black para longe de Rony. – ESPERE! Você não pode fazer isso assim... eles precisam entender... temos que explicar...

– Podemos explicar depois! – rosnou Black, tentando tirar Lupin do caminho. Ainda mantinha uma das mãos no ar, com a qual tentava alcançar Perebas, que, por sua vez, guinchava feito um porquinho, arranhando o rosto e o pescoço de Rony, tentando escapar.

– Eles têm... o... direito... de... saber... de... tudo! – ofegou Lupin, ainda tentando conter Black. – Ele foi bicho de estimação de Rony! E tem partes dessa história que nem eu compreendo muito bem! E Harry... você deve a verdade a ele, Sirius!

Black parou de resistir, embora seus olhos fundos continuassem fixos em Perebas, firmemente seguro sob as mãos mordidas, arranhadas e sangrentas de Rony.

– Está bem, então – concordou Black, sem desgrudar os olhos do rato. – Conte a eles o que quiser. Mas faça isso depressa, Remo, quero cometer o crime pelo

qual fui preso...

– Vocês são pirados, os dois – disse Rony trêmulo, procurando com os olhos o apoio de Harry e Hermione. – Para mim chega. Estou fora.

O garoto tentou se levantar com a perna boa, mas Lupin tornou a erguer a varinha, apontando-a para Perebas.

– Você vai me ouvir até o fim, Rony – disse calmamente. – Só quero que mantenha Pedro bem seguro enquanto me ouve.

– ELE NÃO É PEDRO, ELE É PEREBAS! – berrou Rony, tentando empurrar o rato para dentro do bolso das vestes, mas Perebas resistia com todas as forças; Rony oscilou e se desequilibrou, mas Harry o amparou e empurrou de volta à cama. Então, sem dar atenção a Black, Harry se dirigiu a Lupin.

– Houve testemunhas que viram Pettigrew morrer – disse. – Uma rua cheia...

– Eles não viram o que pensaram que viram! – disse Black ferozmente, ainda vigiando Perebas se debater nas mãos de Rony.

– Todos pensaram que Sirius tinha matado Pedro – confirmou Lupin acenando a cabeça. – Eu mesmo acreditei nisso, até ver o mapa hoje à noite. Porque o Mapa do Maroto nunca mente... Pedro está vivo. Na mão de Rony, Harry.

Harry baixou os olhos para Rony, e quando seus olhares se encontraram, os dois concordaram silenciosamente: Black e Lupin estavam delirando. A história deles não fazia o menor sentido. Como Perebas poderia ser Pedro Pettigrew? Azkaban, afinal, devia ter endoidado Black – mas por que Lupin estava fazendo o jogo dele?

Então Hermione falou, numa voz trêmula que se pretendia calma, como se tentasse fazer o professor falar sensatamente.

– Mas Prof. Lupin... Perebas não pode ser Pettigrew... não pode ser verdade, o senhor sabe que não pode...

– Por que não pode? – perguntou Lupin calmamente, como se estivessem na sala de aula e Hermione apenas levantasse um problema relativo a uma experiência com *grindylows*.

– Porque... porque as pessoas saberiam se Pedro Pettigrew tivesse sido um animago. Estudamos animagos com a Profª McGonagall. E procurei maiores informações quando fiz o meu dever de casa, o Ministério da Magia controla os bruxos e bruxas que são capazes de se transformar em animais; há um registro que mostra em que animal se transformam, o que fazem, quais os seus sinais de identificação e outros dados... e fui procurar o nome da Profª McGonagall no registro e vi que só houve sete animagos neste século e o nome de Pettigrew não constava da lista...

Harry mal tivera tempo de se admirar intimamente com o esforço que

Hermione investia nos deveres de casa, quando Lupin começou a rir.
– Certo, outra vez Hermione! – exclamou. – Mas o Ministério nunca soube que havia três animagos não registrados à solta em Hogwarts.
– Se você vai contar a história aos garotos, se apresse, Remo – rosnou Black, que continuava vigiando cada movimento desesperado de Perebas. – Esperei doze anos, não vou esperar muito mais.
– Está bem... mas você precisa me ajudar, Sirius – disse Lupin –, só conheço o início...
Lupin parou. Tinham ouvido um rangido alto às costas dele. A porta do quarto se abriu sozinha. Os cincos olharam. Então Lupin foi até a porta e espiou para o patamar.
– Não há ninguém aí fora...
– Esse lugar é mal-assombrado! – comentou Rony.
– Não é, não – disse Lupin, ainda observando intrigado a porta. – A Casa dos Gritos nunca foi mal-assombrada... Os gritos e uivos que os moradores do povoado costumavam ouvir eram meus.
Ele afastou os cabelos grisalhos da testa, pensou um instante, e disse:
– Foi onde tudo começou, com a minha transformação em lobisomem. Nada poderia ter acontecido se eu não tivesse sido mordido... e não tivesse sido tão imprudente...
Ele parecia sóbrio e cansado. Rony ia interrompê-lo, mas Hermione fez “psiu!”. Ela observava Lupin com muita atenção.
– Eu ainda era garotinho quando levei a mordida. Meus pais tentaram tudo, mas naquela época não havia cura. A poção que o Prof. Snape tem preparado para mim é uma descoberta muito recente. Me deixa seguro, entende. Desde que eu a tome uma semana antes da lua cheia, posso conservar as faculdades mentais quando me transformo... e posso me enroscar na minha sala, um lobo inofensivo, à espera da mudança de lua.
“Porém, antes da Poção de Mata-cão ser descoberta, eu me transformava em um perfeito monstro uma vez por mês. Parecia impossível que eu pudesse frequentar Hogwarts. Outros pais não iriam querer expor os filhos a mim.
“Mas, então, Dumbledore se tornou diretor e ele se condoeu. Disse que se tomássemos certas precauções, não havia razão para eu não frequentar a escola...”, Lupin suspirou e olhou diretamente para Harry.
“Eu lhe disse, há alguns meses, que o Salgueiro Lutador foi plantado no ano em que entrei para Hogwarts. A verdade é que ele foi plantado *porque* eu entrei para Hogwarts. Esta casa”, Lupin correu os olhos cheios de tristeza pelo quarto, “e o túnel que vem até aqui foram construídos para meu uso. Uma vez por mês eu era trazido do castelo para cá, para me transformar. A árvore foi colocada na

boca do túnel para impedir que alguém se encontrasse comigo durante o meu período perigoso.”

Harry não conseguia imaginar onde a história iria chegar, mas, mesmo assim, ouvia arrebatado. O único som, além da voz de Lupin, eram os guinchos assustados de Perebas.

– As minhas transformações naquele tempo eram... eram terríveis. É muito doloroso alguém virar lobisomem. Eu era separado das pessoas para morder à vontade, então eu me arranhava e me mordia. Os moradores do povoado ouviam o barulho e os gritos e achavam que estavam ouvindo almas do outro mundo particularmente violentas. Dumbledore estimulava os boatos... Ainda hoje, que a casa tem estado silenciosa há anos, os moradores de Hogsmeade não têm coragem de se aproximar...

“Mas tirando as minhas transformações, eu nunca tinha sido tão feliz na vida. Pela primeira vez, eu tinha amigos, três grandes amigos. Sirius Black... Pedro Pettigrew... e, naturalmente, seu pai, Harry... Tiago Potter.

“Agora, meus três amigos não puderam deixar de notar que eu desaparecia uma vez por mês. Eu inventava todo o tipo de histórias. Dizia que minha mãe estava doente, que tinha ido em casa vê-la... Ficava aterrorizado em pensar que eles me abandonariam se descobrissem o que eu era. Mas é claro que eles, como você, Hermione, descobriram a verdade...

“E não me abandonaram. Em vez disso, fizeram uma coisa por mim que não só tornou as minhas transformações suportáveis, como me proporcionou os melhores momentos da minha vida. Eles se transformaram em animagos.”

– Meu pai também? – perguntou Harry, espantado.

– Certamente. Eles gastaram quase três anos para descobrir como fazer isso. Seu pai e Sirius eram os alunos mais inteligentes da escola, o que foi uma sorte, porque se transformar em animago é uma coisa que pode sair barbaramente errada, é uma das razões por que o Ministério acompanha de perto os que tentam. Pedro precisou de toda a ajuda que pôde obter de Tiago e Sirius. Finalmente no nosso quinto ano, eles conseguiram. Podiam se transformar em um animal diferente quando queriam.

– Mas como foi que isso ajudou o senhor? – perguntou Hermione, intrigada.

– Eles não podiam me fazer companhia como seres humanos, então me faziam companhia como animais. Um lobisomem só apresenta perigo para gente. Eles saíam escondidos do castelo todos os meses, encobertos pela Capa da Invisibilidade de Tiago. E se transformavam... Pedro, por ser o menor, podia passar por baixo dos ramos agressivos do salgueiro e empurrar o botão para imobilizá-lo. Os outros dois, então, podiam escorregar pelo túnel e se reunir a mim. Sob a influência deles, eu me tornei menos perigoso. Meu corpo ainda era

o de um lobo, mas minha mente se tornava menos lupina quando estávamos juntos.
– Anda logo, Remo – rosnou Black, que continuava a observar Perebas com uma espécie de voracidade no rosto.
– Estou chegando lá, Sirius, estou chegando lá... bom, abriram-se possibilidades extremamente excitantes para nós do momento em que conseguimos nos transformar. Não demorou muito e começamos a deixar a Casa dos Gritos e perambular pelos terrenos da escola e pelo povoado à noite. Sirius e Tiago se transformavam em animais tão grandes que conseguiam controlar o lobisomem. Duvido que qualquer aluno de Hogwarts jamais tenha descoberto mais a respeito dos terrenos da escola e do povoado de Hogsmeade do que nós... E foi assim que acabamos preparando o Mapa do Maroto, e assinando-o com os nossos apelidos Sirius é Almofadinhas, Pedro é Rabicho, e Tiago era Pontas.
– Que tipo de animal...? – Harry começou a perguntar mas Hermione o interrompeu.
– Mas a coisa continuava a ser realmente perigosa! Andar no escuro em companhia de um lobisomem! E se o senhor tivesse fugido deles e mordido alguém?
– É um pensamento que ainda me atormenta – respondeu Lupin deprimido. – E muitas vezes escapávamos por um triz. Nós nos ríamos disso depois. Éramos jovens, irresponsáveis, empolgados com a nossa inteligência.
“Por vezes eu sentia remorsos por trair a confiança de Dumbledore, é óbvio... ele me aceitara em Hogwarts, coisa que nenhum outro diretor teria feito, e sequer desconfiava que eu estivesse desobedecendo às regras que ele estabelecera para a segurança dos outros e a minha própria. Ele nunca soube que eu tinha induzido três colegas a se transformarem ilegalmente em animagos. Mas eu sempre conseguia esquecer meus remorsos todas as vezes que nos sentávamos para planejar a aventura do mês seguinte. E não mudei...”
O rosto de Lupin endurecera, e havia desgosto em sua voz.
– Durante todo este ano, lutei comigo mesmo, me perguntando se devia contar a Dumbledore que Sirius era um animago. Mas não contei. Por quê? Porque fui covarde demais. Porque isto teria significado admitir que eu traíra sua confiança enquanto estivera na escola, admitir que influenciara outros... e a confiança de Dumbledore significava tudo para mim. Ele me admitira em Hogwarts quando garoto, e me dera um emprego quando eu fora desprezado toda a minha vida adulta, incapaz de encontrar um trabalho remunerado porque sou o que sou. Então me convenci de que Sirius estava penetrando na escola por meio das artes das trevas que aprendera com Voldemort, que o fato de ser um animago não entrava em questão... então, de certa forma, Snape tinha razão quanto à minha

pessoa.

– Snape? – exclamou Black com a voz rouca, desviando os olhos de Perebas pela primeira vez nos últimos minutos para olhar Lupin. – Que é que Snape tem a ver com isso?

– Ele está aqui, Sirius – respondeu Lupin sério. – É professor em Hogwarts também. – E ergueu os olhos para Harry, Rony e Hermione. – O Prof. Snape frequentou a escola conosco. Ele se opôs fortemente à minha nomeação para o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. Passou o ano inteiro dizendo a Dumbledore que eu não sou digno de confiança. Ele tem suas razões... entendem, o Sirius aqui pregou uma peça nele que quase o matou, uma peça de que participei...

Black emitiu uma exclamação de desdém.

– Foi bem feito para ele – zombou. – Espionando, tentando descobrir o que andávamos aprontando... na esperança de que fôssemos expulsos...

– Severo tinha muito interesse em saber aonde eu ia todo mês – disse Lupin a Harry, Rony e Hermione. – Estávamos no mesmo ano, entendem, e não... hum... não nos gostávamos muito. Ele não gostava nada de Tiago. Ciúmes, acho eu, do talento de Tiago no campo de quadribol... em todo o caso, Snape tinha me visto atravessar os jardins com Madame Pomfrey certa noite quando ela me levava em direção ao Salgueiro Lutador para eu me transformar. Sirius achou que seria... hum... divertido, contar a Snape que ele só precisava apertar o nó no tronco da árvore com uma vara longa para conseguir entrar atrás de mim. Bem, é claro, que Snape foi experimentar, e se tivesse chegado até a casa teria encontrado um lobisomem adulto... mas seu pai, que soube o que Sirius tinha feito, foi procurar Snape e puxou-o para fora, arriscando a própria vida... Snape, porém, me viu, no fim do túnel. Dumbledore o proibiu de contar a quem quer que fosse, mas desde então ele ficou sabendo o que eu era...

– Então é por isso que Snape não gosta do senhor – disse Harry lentamente –, porque achou que o senhor estava participando da brincadeira?

– Isso mesmo – zombou uma voz fria vinda da parede atrás de Lupin.

Severo Snape removia a Capa da Invisibilidade e segurava a varinha apontada diretamente para Lupin.

— CAPÍTULO DEZENOVE —

O servo de Lorde Voldemort

Hermione gritou. Black se levantou de um salto. Harry teve a sensação de que levara um tremendo choque elétrico.

– Encontrei isso ao pé do Salgueiro Lutador – disse Snape, atirando a capa para o lado, mas tendo o cuidado de manter a varinha apontada diretamente para o peito de Lupin.

– Muito útil, Potter, obrigado...

Snape estava ligeiramente sem fôlego, mas o rosto expressava contido triunfo.

– Vocês talvez estejam se perguntando como foi que eu soube que estavam aqui – disse com os olhos brilhantes. – Acabei de passar por sua sala, Lupin. Você esqueceu de tomar sua poção hoje à noite, então resolvi lhe levar um cálice. E foi uma sorte... sorte para mim, quero dizer. Encontrei em cima de sua mesa um certo mapa. Bastou uma olhada para me dizer tudo que eu precisava saber. Vi você correr por essa passagem e desaparecer de vista.

– Severo... – começou Lupin, mas Snape atropelou-o.

– Eu disse ao diretor várias vezes que você estava ajudando o seu velho amigo Black a entrar no castelo, Lupin, e aqui tenho a prova. Nem mesmo eu poderia sonhar que você teria o topete de usar este lugar antigo como esconderijo...

– Severo, você está cometendo um engano – disse Lupin com urgência na voz. – Você não sabe de tudo, posso explicar, Sirius não está aqui para matar Harry...

– Mais dois para Azkaban esta noite – disse Snape, os olhos agora brilhando de fanatismo. – Vou ficar curioso para saber como é que Dumbledore vai encarar isso... Ele estava convencido de que você era inofensivo, sabe, Lupin... um lobisomem *manso*...

– Seu tolo – disse Lupin com brandura. – Será que um ressentimento de criança é suficiente para mandar um homem inocente de volta a Azkaban?

BANGUE! Cordas finas que lembravam cobras jorraram da ponta da varinha

de Snape e se enrolaram em torno da boca de Lupin, dos seus punhos e tornozelos; ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão, incapaz de se mexer. Com um rugido de cólera, Black avançou para Snape, mas este apontou a varinha entre os olhos de Black.

– É só me dar um motivo – sussurrou o professor. – É só me dar um motivo, e juro que faço.

Black se imobilizou. Teria sido impossível dizer qual dos dois rostos revelava mais ódio.

Harry continuou ali, paralisado, sem saber o que fazer ou em quem acreditar. Olhou para Rony e Hermione. Seu amigo parecia tão confuso quanto ele e ainda tentava segurar um Perebas rebelde. Hermione, porém, adiantou-se, hesitante, para Snape e disse, respirando com dificuldade:

– Professor... não faria mal ouvirmos o que eles têm a dizer, f... faria?

– Senhorita Granger, a senhorita já vai enfrentar uma suspensão – bufou Snape. – A senhorita, Potter e Weasley estão fora dos limites da escola em companhia de um criminoso sentenciado e de um lobisomem. Pelo menos uma vez na sua vida, *cale a boca*.

– Mas se... se houve um engano...

– FIQUE QUIETA, SUA BURRINHA! – berrou Snape, parecendo de repente muito perturbado. – NÃO FALE DO QUE NÃO ENTENDE! – Saíram algumas fagulhas da ponta de sua varinha, que continuava apontada para o rosto de Black. Hermione se calou.

“A vingança é muito doce”, sussurrou Snape para Black. “Como desejei ter o privilégio de apanhá-lo...”

– Você é que vai fazer papel de tolo outra vez, Severo – rosnou Black. – Se esse garoto levar o rato dele até o castelo – e indicou Rony com a cabeça... – Eu vou sem criar caso...

– Até o castelo? – retrucou Snape, com voz insinuante. – Acho que não precisamos ir tão longe. Basta eu chamar os dementadores quando sairmos do salgueiro. Eles vão ficar muito satisfeitos em vê-lo, Black... satisfeitos o suficiente para lhe dar um beijinho, eu me arriscaria a dizer...

A pouca cor que havia no rosto de Black desapareceu.

– Você... você tem que ouvir o que tenho a dizer – disse ele, rouco. – O rato... olhe aquele rato...

Mas havia um brilho alucinado nos olhos de Snape que Harry nunca vira antes. O professor parecia incapaz de ouvir.

– Vamos, todos. – Snape estalou os dedos e as pontas das cordas que amarravam Lupin voaram para suas mãos. – Eu puxo o lobisomem. Talvez os dementadores tenham um beijo para ele também...

Antes que se desse conta do que estava fazendo, Harry atravessou o quarto em três passadas e bloqueou a porta.

– Saia da frente, Potter, você já está suficientemente encrencado – rosnou Snape. – Se eu não estivesse aqui para salvar sua pele...

– O Prof. Lupin poderia ter me matado cem vezes este ano – disse Harry. – Estive sozinho com ele montes de vezes, tomando aulas de defesa contra dementadores. Se ele estava ajudando Black, por que não me liquidou logo?

– Não me peça para imaginar como funciona a cabeça de um lobisomem – sibilou Snape. – Saia da frente, Potter.

– O SENHOR É PATÉTICO! – berrou Harry. – SÓ PORQUE ELES FIZERAM O SENHOR DE BOBO NA ESCOLA, O SENHOR NÃO QUER NEM ESCUTAR...

– SILÊNCIO! NÃO ADMITO QUE FALEM ASSIM COMIGO! – gritou Snape, parecendo mais louco que nunca. – Tal pai, tal filho, Potter! Acabei de salvar seu pescoço; você devia me agradecer de joelhos! Teria sido bem feito se Black o tivesse matado! Você teria morrido como seu pai, arrogante demais para acreditar que poderia ter se enganado com um amigo... agora saia da frente, ou eu vou *fazer* você sair. SAIA DA FRENTE, POTTER!

Harry se decidiu em uma fração de segundo. Antes que Snape pudesse sequer dar um passo em sua direção, o garoto ergueu a varinha.

– *Expelliarmus!* – berrou, só que sua voz não foi a única a gritar. Houve uma explosão que fez a porta sacudir nas dobradiças; Snape foi levantado e atirado contra a parede, depois escorregou por ela até o chão, um filete de sangue escorrendo por baixo dos cabelos. Fora nocauteado.

Harry olhou para os lados. Rony e Hermione também tinham tentado desarmar Snape exatamente no mesmo instante. A varinha do professor voou no ar descrevendo um arco e caiu em cima da cama, ao lado de Bichento.

– Você não devia ter feito isso – censurou Black olhando para Harry. – Devia tê-lo deixado comigo...

Harry evitou o olhar de Black. Não tinha certeza, mesmo agora, de que agira certo.

– Atacamos um professor... Atacamos um professor... – choramingou Hermione, olhando assustada para o inconsciente Snape. – Ah, vamos nos meter numa confusão tão grande...

Lupin lutava para se livrar das cordas. Black se abaixou depressa e o desamarrou. O professor se ergueu, esfregando os braços onde as cordas o tinham machucado.

– Obrigado, Harry – agradeceu.

– Não estou dizendo com isso que já acredito no senhor – disse o garoto.

– Então está na hora de lhe apresentarmos alguma prova. Você, garoto... me dê o Pedro, por favor. Agora.

Rony apertou Perebas mais junto ao peito.

– Nem vem – disse o garoto com a voz fraca. – O senhor está tentando dizer que Black fugiu de Azkaban só para pôr as mãos em *Perebas*? Quero dizer... – e olhou para Harry e Hermione à procura de apoio –, tudo bem, vamos dizer que Pettigrew pudesse se transformar em rato, há milhões de ratos, como é que Black vai saber qual é o que está procurando se estava trancafiado em Azkaban?

– Sabe, Sirius, a pergunta é justa – disse Lupin, virando-se para Black com a testa ligeiramente franzida. – Como *foi* que você descobriu onde estava o rato?

Black enfiou uma das mãos, que lembravam garras, dentro das vestes e tirou um pedaço de papel amassado, que ele alisou e mostrou aos outros.

Era a foto de Rony com a família, que aparecera no *Profeta Diário* no último verão, e ali, no ombro de Rony, estava Perebas.

– Onde foi que você arranjou isso? – perguntou Lupin a Black, perplexo.

– Fudge – disse Black. – Quando ele foi inspecionar Azkaban no ano passado, me cedeu o jornal que levava. E lá estava Pedro, na primeira página... no ombro desse garoto... reconheci-o na mesma hora... quantas vezes o vi se transformar? E a legenda dizia que o menino ia voltar para Hogwarts... onde Harry estava...

– Meu Deus – exclamou Lupin baixinho, olhando de Perebas para a foto no jornal e de volta ao rato. – A pata dianteira...

– Que é que tem a pata? – disse Rony em tom de desafio.

– Tem um dedinho faltando – afirmou Black.

– Claro – murmurou Lupin. – Tão simples... tão *genial*... ele mesmo o cortou?

– Pouco antes de se transformar – confirmou Black. – Quando eu o encurralei, ele gritou para a rua inteira que eu havia traído Lílian e Tiago. Então, antes que eu pudesse lhe lançar um feitiço, ele explodiu a rua com a varinha escondida às costas, matou todo mundo em um raio de seis metros, e fugiu para dentro do bueiro com os outros ratos...

– Você já ouviu falar, não Rony? – perguntou Lupin. – O maior pedaço do corpo de Pedro que acharam foi o dedo.

– Olha aqui, Perebas com certeza brigou com outro rato ou coisa parecida! Ele está na minha família há séculos, certo...

– Doze anos, para sermos exatos – disse Lupin. – Você nunca estranhou que ele tenha vivido tantos anos?

– Nós... nós cuidamos bem dele!

– Mas ele não está com um aspecto muito saudável no momento, não é? – comentou Lupin. – Imagino que esteja perdendo peso desde que ouviu falar que Sirius fugiu...

– Ele tem andado apavorado com aquele gato maluco! – justificou Rony, indicando com a cabeça Bichento, que continuava a ronronar na cama.

Mas isso não era verdade, ocorreu a Harry de repente... Perebas já estava com cara de doente antes de conhecer Bichento... desde que Rony voltara do Egito... desde que Black escapara...

– O gato não é maluco – disse Black, rouco. Ele estendeu a mão ossuda e acariciou a cabeça peluda de Bichento. – É o gato mais inteligente que já encontrei. Reconheceu na mesma hora o que Pedro era. E quando me encontrou, percebeu que eu não era cachorro. Levou um tempinho para confiar em mim. No fim eu consegui comunicar a ele o que estava procurando e ele tem me ajudado...

– Como assim? – murmurou Hermione.

– Ele tentou trazer Pedro a mim, mas não pôde... então roubou para mim as senhas de acesso à Torre da Grifinória... Pelo que entendi, ele as tirou da mesa de cabeceira de um garoto...

O cérebro de Harry parecia estar fraquejando sob o peso do que ouvia. Era absurdo... contudo...

– Mas Pedro soube o que estava acontecendo e se mandou... – falou Black. – Este gato... Bichento, foi o nome que lhe deu?... me disse que Pedro tinha sujado os lençóis de sangue... suponho que tenha se mordido... Ora, fingir-se de morto já tinha dado certo uma vez...

Essas palavras sacudiram o torpor mental de Harry.

– E sabe por que é que ele se fingiu de morto? – perguntou o garoto impetuosamente. – Porque sabia que você ia matar ele como tinha matado os meus pais!

– Não – disse Lupin. – Harry...

– E agora você veio acabar com ele!

– É verdade, vim – disse Black, lançando um olhar maligno a Perebas.

– Então eu devia ter deixado Snape levar você! – gritou Harry.

– Harry – disse Lupin depressa –, você não está vendo? Todo este tempo pensamos que Sirius tinha traído seus pais e que Pedro o perseguira... mas foi o contrário, você não está vendo? *Pedro* traiu sua mãe e seu pai... Sirius perseguiu *Pedro*...

– NÃO É VERDADE! – berrou Harry. – ELE ERA O FIEL DO SEGREDO DELES! ELE DISSE ISSO ANTES DO SENHOR APARECER. ELE CONFESSOU QUE MATOU MEUS PAIS!

O garoto apontava para Black, que sacudia a cabeça devagarinho; de repente seus olhos fundos ficaram excessivamente brilhantes.

– Harry... foi o mesmo que ter matado – disse, rouco. – Convenci Lílian e Tiago a entregarem o segredo a Pedro no último instante, convenci-os a usar

Pedro como fiel do segredo, em vez de mim... A culpa é minha, eu sei... Na noite em que eles morreram, eu tinha combinado procurar Pedro para verificar se ele continuava bem, mas quando cheguei ao esconderijo ele não estava. Mas não havia sinais de luta. Achei estranho. Fiquei apavorado. Corri na mesma hora direto para a casa dos seus pais. E quando vi a casa destruída e os corpos deles... percebi o que Pedro devia ter feito. O que eu tinha feito.

A voz dele se partiu. Ele virou as costas.

– Basta – disse Lupin, e havia um tom inflexível em sua voz que Harry nunca ouvira antes. – Tem uma maneira de provar o que realmente aconteceu. Rony, *me dê esse rato*.

– Que é que o senhor vai fazer com ele se eu der? – perguntou Rony, tenso.

– Obrigá-lo a se revelar – disse Lupin. – Se ele for realmente um rato, não se machucará.

Rony hesitou. Então, finalmente estendeu a mão e entregou Perebas a Lupin. O rato começou a guinchar sem parar, se contorcendo, os olhinhos negros saltando das órbitas.

– Está pronto, Sirius? – perguntou Lupin.

Black já apanhara a varinha de Snape na cama. Aproximou-se de Lupin e do rato que se debatia e seus olhos úmidos pareceram, de repente, arder em seu rosto.

– Juntos? – perguntou em voz baixa.

– Acho melhor – confirmou Lupin, segurando Perebas apertado em uma das mãos e a varinha na outra. – Quando eu contar três. Um... dois... TRÊS!

Lampejos branco-azulados irromperam das duas varinhas; por um instante, Perebas parou no ar, o corpinho cinzento revirando-se alucinadamente – Rony berrou – o rato caiu e bateu no chão. Seguiu-se novo lampejo ofuscante e então...

Foi como assistir a um filme de uma árvore em crescimento. Surgiu uma cabeça no chão; brotaram membros; um momento depois havia um homem onde antes estivera Perebas, apertando e torcendo as mãos. Bichento bufava e rosnava na cama; os pelos das costas eriçados.

Era um homem muito baixo, quase do tamanho de Harry e Hermione. Seus cabelos finos e descoloridos estavam malcuidados e o cocuruto da cabeça era careca. Tinha o aspecto flácido de um homem gorducho que perdera muito peso em pouco tempo. A pele estava enrugada, quase como a pelagem do Perebas, e havia um ar ratinheiro em volta do seu nariz fino e dos olhos muito miúdos e lacrimosos. Ele olhou para os presentes, um a um, respirando raso e depressa. Harry viu seus olhos correrem para a porta e voltarem.

– Ora, ora, olá, Pedro – saudou-o Lupin educadamente, como se fosse frequente ratos virarem velhos colegas de escola à sua volta. – Há quanto tempo!

– S... Sirius R... Remo. – Até a voz de Pettigrew lembrava um guincho. Novamente seus olhos correram para a porta. – Meus amigos... meus velhos amigos...

A varinha de Black se ergueu, mas Lupin agarrou-o pelo pulso, lançandolhe um olhar de censura, depois tornou a se virar para Pettigrew, com a voz leve e displicente.

– Estávamos tendo uma conversinha, Pedro, sobre os acontecimentos da noite em que Lílian e Tiago morreram. Você talvez tenha perdido os detalhes enquanto guinchava na cama...

– Remo – ofegou Pettigrew, e Harry observou que se formavam gotas de suor em seu rosto lívido –, você não acredita nele, acredita...? Ele tentou me matar, Remo...

– Foi o que ouvimos dizer – respondeu Lupin, mais friamente. – Eu gostaria de esclarecer algumas coisas com você, Pedro, se você quiser ter...

– Ele veio tentar me matar outra vez! – guinchou Pettigrew de repente, apontando para Black, e Harry percebeu que o homem usara o dedo médio, porque lhe faltava o indicador. – Ele matou Lílian e Tiago e agora vai me matar também... Você tem que me ajudar, Remo...

O rosto de Black parecia mais caveiroso que nunca ao fixar os olhos fundos em Pettigrew.

– Ninguém vai tentar matá-lo até resolvermos umas coisas – disse Lupin.

– Resolvermos umas coisas? – guinchou Pettigrew, mais uma vez olhando desesperado para os lados, registrando as janelas pregadas e, mais uma vez, a única porta. – Eu sabia que ele viria atrás de mim! Sabia que ele voltaria para me pegar! Estou esperando isso há doze anos!

– Você sabia que Sirius ia fugir de Azkaban? – perguntou Lupin, com a testa franzida. – Sabendo que ninguém jamais fez isso antes?

– Ele tem poderes das trevas com os quais a gente só consegue sonhar! – gritou Pettigrew com voz aguda. – De que outro jeito fugiria de lá? Suponho que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tenha lhe ensinado alguns truques!

Black começou a rir, uma risada horrível, sem alegria, que encheu o quarto todo.

– Voldemort me ensinou alguns truques?

Pettigrew se encolheu como se Black tivesse brandido um chicote contra ele.

– Que foi, se apavorou de ouvir o nome do seu velho mestre? – perguntou Black. – Não o culpo, Pedro. O pessoal dele não anda muito satisfeito com você, não é mesmo?

– Não sei o que você quer dizer com isso, Sirius... – murmurou Pettigrew, respirando mais rapidamente que nunca. Todo o seu rosto brilhava de suor agora.

– Você não andou se escondendo de *mim* esses doze anos. Andou se escondendo dos seguidores de Voldemort. Eu soube de umas coisas em Azkaban, Pedro... Todos pensam que você está morto ou já o teriam chamado a prestar contas... Ouvi-os gritar todo o tipo de coisa durante o sono. Parece que acham que o traidor os traiu também. Voldemort foi à casa dos Potter confiando em uma informação sua... e Voldemort perdeu o poder lá. E nem todos os seguidores dele foram parar em Azkaban, não é mesmo? Ainda há muitos por aí, esperando a hora, fingindo que reconheceram seus erros... Se chegarem a saber que você continua vivo, Pedro...

– Não sei... do que está falando... – respondeu Pettigrew, mais esganiçado que nunca. Ele enxugou o rosto na manga e ergueu os olhos para Lupin. – Você não acredita nessa... nessa loucura, Remo...

– Devo admitir, Pedro, que acho difícil compreender por que um homem inocente iria querer passar doze anos sob a forma de um rato.

– Inocente, mas apavorado! – guinchou Pettigrew. – Se os seguidores de Voldemort estivessem atrás de mim, seria porque mandei um dos seus melhores homens para Azkaban, o espião, Sirius Black!

O rosto de Black se contorceu.

– Como é que você se atreve? – rosnou ele, parecendo de repente o cachorro do tamanho de um urso que ele fora há pouco. – Eu, espião do Voldemort? Quando foi que andei espreitando gente mais forte e mais poderosa do que eu? Agora você, Pedro, jamais vou entender por que não reparei desde o começo que você era o espião; você sempre gostou de amigos grandalhões que o protegessem, não é mesmo? Você costumava nos acompanhar... a mim e ao Remo... e ao Tiago...

Pettigrew tornou a enxugar o rosto; estava quase ofegando, sem ar.

– Eu, espião... você deve ter perdido o juízo... nunca... não sei como pode dizer uma...

– Lílian e Tiago só fizeram de você o fiel do segredo porque eu sugeri – sibilou Black, tão venenosamente que Pettigrew deu um passo atrás. – Achei que era o plano perfeito... um blefe... Voldemort com certeza viria atrás de mim, jamais sonharia que os dois usariam um sujeito fraco e sem talento como você... Deve ter sido a hora mais sublime de sua vida infeliz quando você contou a Voldemort que podia lhe entregar os Potter.

Pettigrew resmungava, perturbado; Harry entreouvia palavras como “extravagante” e “demência”, mas não conseguia deixar de prestar mais atenção à palidez do rosto de Pettigrew e ao jeito com que seus olhos continuavam a correr para as janelas e a porta.

– Prof. Lupin – disse Hermione timidamente. – Posso... posso dizer uma

coisa?
– Claro, Hermione – disse Lupin cortesmente.
– Bem... Perebas... quero dizer, esse... esse homem... ele dormiu no quarto de Harry durante três anos. Se está trabalhando para Você-Sabe-Quem, como é que ele nunca tentou fazer mal a Harry antes?
– Taí! – exclamou Pettigrew com voz esganiçada, apontando para Hermione a mão mutilada. – Muito obrigado! Está vendo, Remo? Nunca toquei em um fio de cabelo de Harry! Por que iria fazer isso?
– Vou lhe dizer o porquê – falou Black. – Porque você nunca fez nada, nem a ninguém nem para ninguém, sem saber o que poderia ganhar com isso. Voldemort está foragido há doze anos, dizem que está semimorto. Você não ia matar bem debaixo do nariz de Alvo Dumbledore, por causa de um bruxo moribundo que perdeu todo o poder, ia? Não, você ia querer ter certeza de que ele era o valentão do colégio antes de voltar para o lado dele, não ia? Por qual outra razão você procurou uma família de bruxos para o acolher? Para ficar de ouvido atento às novidades, não é mesmo, Pedro? Caso o seu velho protetor recuperasse a antiga força e fosse seguro se juntar a ele...
Pettigrew abriu a boca e tornou a fechá-la várias vezes. Parecia ter perdido a capacidade de falar.
– Hum... Sr. Black... Sirius? – disse Hermione.
Black se assustou ao ouvir alguém tratá-lo assim, com tanta polidez, e encarou Hermione como se nunca tivesse visto nada parecido.
– Se o senhor não se importar que eu pergunte, como... como foi que o senhor fugiu de Azkaban, se não usou artes das trevas?
– Muito obrigado – exclamou Pettigrew, acenando freneticamente com a cabeça na direção da garota. – Exatamente! Precisamente o que eu...
Mas Lupin o fez calar com um olhar. Black franziu ligeiramente a testa para Hermione, mas não porque estivesse aborrecido com ela. Parecia estar considerando a pergunta.
– Não sei como foi que fugi – disse lentamente. – Acho que a única razão por que nunca perdi o juízo é porque sabia que era inocente. Isto não era um pensamento feliz, então os dementadores não podiam sugá-lo de mim... mas serviu para me manter lúcido e consciente de quem eu era... me ajudou a conservar meus poderes... e quando tudo se tornava... excessivo... eu conseguia me transformar na cela... virar cachorro. Os dementadores não conseguem enxergar, sabe... – Ele engoliu em seco. – Aproximam-se das pessoas se alimentando de suas emoções... Eles percebiam que os meus sentimentos eram menos... menos humanos, menos complexos quando eu era cachorro... mas achavam, é claro, que eu estava perdendo o juízo como todos os prisioneiros de

lá, por isso não se incomodavam. Mas eu fiquei fraco, muito fraco, e não tinha esperança de afastá-los sem uma varinha...

“Mas, então, vi Pedro naquela foto... e compreendi que ele estava em Hogwarts com Harry... perfeitamente colocado para agir, se lhe chegasse a menor notícia de que o partido das trevas estava reunindo forças novamente...”

Pettigrew sacudia a cabeça, murmurando em silêncio, mas todo o tempo seus olhos se fixavam em Black como se estivesse hipnotizado.

– ... pronto para atacar no momento em que se certificasse de que contava com aliados... e para entregar o último Potter. Se lhes entregasse Harry, quem se atreveria a dizer que traíra Lorde Voldemort? Pedro seria recebido de volta com todas as honras...

“Então, entendem, eu tinha que fazer alguma coisa. Era o único que sabia que ele continuava vivo...”

Harry se lembrou do que o Sr. Weasley contara à mulher: “Os guardas dizem que ele anda falando durante o sono... sempre as mesmas palavras... ‘*Ele está em Hogwarts.*’”

– Era como se alguém tivesse acendido uma fogueira na minha cabeça, e os dementadores não pudessem destruí-la... Não era um pensamento feliz... era uma obsessão... mas isso me deu forças, clareou minha mente. Então, uma noite quando abriram a porta para me trazer comida, eu passei por eles em forma de cachorro... Para eles é tão mais difícil perceberem emoções animais que ficaram confusos... eu estava magro, muito magro... o bastante para passar entre as grades... ainda como cachorro nadei até a costa... viajei para o norte e entrei escondido nos terrenos de Hogwarts, como cachorro. Desde então vivi na floresta, exceto nas horas em que saía para assistir ao quadribol, é claro. Você voa bem como o seu pai, Harry...

Black se virou para o garoto, que não evitou seu olhar.

– Acredite-me – disse, rouco. – Acredite-me, Harry. Nunca traí Tiago e Lílian. Teria preferido morrer a traí-los.

E, finalmente, Harry acreditou. A garganta apertada demais para falar, fez um aceno afirmativo com a cabeça.

– Não!

Pettigrew caíra de joelhos como se o aceno de Harry fosse a sua sentença de morte. Arrastou-se de joelhos, humilhou-se, as mãos juntas diante do peito como se rezasse.

– Sirius... sou eu... Pedro... seu amigo... você não...

Black deu um chute no ar e Pettigrew se encolheu.

– Já tem sujeira suficiente nas minhas vestes sem você tocar nelas! – exclamou Black.

– Remo! – esganiçou-se Pettigrew, virando-se para Lupin, implorando com as mãos e os joelhos no chão. – Você não acredita nisso... Sirius não teria lhe contado se eles tivessem mudado os planos?

– Não, se pensasse que eu era o espião, Pedro. Presumo que foi por isso que você não me contou, Sirius? – perguntou ele, pouco interessado, por cima da cabeça de Pettigrew.

– Me perdoe, Remo – disse Black.

– Tudo bem, Almofadinhas, meu velho amigo – respondeu Lupin, que agora enrolava as mangas das vestes. – E você me perdoa por acreditar que *você* fosse o espião?

– Claro. – E a sombra de um sorriso perpassou o rosto ossudo de Black. Ele, também, começou a enrolar as mangas. – Vamos matá-lo juntos?

– Acho que sim – concordou Lupin sombriamente.

– Vocês não me matariam... não vão me matar! – exclamou Pettigrew. E correu para Rony.

“Rony... eu não fui um bom amigo... um bom bichinho? Você não vai deixá-los me matarem, Rony, vai... você está do meu lado, não está?”

Mas Rony olhava Pettigrew com absoluto nojo.

– Eu deixei você dormir na minha *cama*! – exclamou ele.

– Bom garoto... bom dono... – Pettigrew se arrastou até Rony – você não vai deixá-los fazerem isso... eu fui o seu rato... fui um bom bicho de estimação...

– Se você foi um rato melhor do que foi um homem, não é coisa para se gabar, Pedro – disse Black com aspereza. Rony, empalidecendo ainda mais de dor, puxou a perna quebrada para longe do alcance de Pettigrew. Ainda de joelhos, este se virou e cambaleou para a frente, agarrando a bainha das vestes de Hermione.

– Garota meiga... garota inteligente... você... você não vai deixar que eles... Me ajude.

Hermione puxou as vestes para longe das mãos de Pettigrew e recuou contra a parede, horrorizada.

Pettigrew continuou ajoelhado, tremendo descontroladamente, e foi virando lentamente a cabeça para Harry.

– Harry... Harry... você é igualzinho ao seu pai... igualzinho...

– COMO É QUE VOCÊ SE ATREVE A FALAR COM HARRY? – rugiu Black. – COMO TEM CORAGEM DE OLHAR PARA ELE? COMO TEM CORAGEM DE FALAR DE TIAGO NA FRENTE DELE?

– Harry – sussurrou Pettigrew, arrastando-se em direção ao garoto, com as mãos estendidas. – Harry, Tiago não iria querer que eles me matassem... Tiago teria compreendido, Harry... Teria tido piedade...

Black e Lupin avançaram ao mesmo tempo, agarraram Pettigrew pelos ombros e o atiraram de costas no chão. O homem ficou ali, contorcendo-se de terror, olhando fixamente para os dois.

– Você vendeu Lílian e Tiago a Voldemort – disse Black, que também tremia. – Você nega isso?

Pettigrew prorrompeu em lágrimas. A cena era terrível, ele parecia um bebezão careca, encolhendo-se.

– Sirius, Sirius, o que é que eu podia ter feito? O Lorde das Trevas... você não faz ideia... ele tem armas que você não imagina... tive medo, Sirius, eu nunca fui corajoso como você, Remo e Tiago. Eu nunca desejei que isso acontecesse... Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado me forçou...

– NÃO MINTA! – berrou Black. – VOCÊ ANDOU PASSANDO INFORMAÇÕES PARA ELE DURANTE UM ANO ANTES DE LÍLIAN E TIAGO MORREREM! VOCÊ ERA ESPIÃO DELE!

– Ele estava assumindo o poder em toda parte! – exclamou Pettigrew. – Que é que eu tinha a ganhar recusando o que me pedia?

– Que é que você tinha a ganhar lutando contra o bruxo mais maligno que já existiu? – perguntou Black, com uma terrível expressão de fúria no rosto. – Apenas vidas inocentes, Pedro!

– Você não entende! – choramingou Pettigrew. – Ele teria me matado, Sirius!

– ENTÃO VOCÊ DEVIA TER MORRIDO! – rugiu Black. – MORRER EM VEZ DE TRAIR SEUS AMIGOS, COMO TERÍAMOS FEITO POR VOCÊ!

Black e Lupin estavam ombro a ombro, as varinhas erguidas.

– Você devia ter percebido – disse Lupin com a voz controlada –, que se Voldemort não o matasse, nós o mataríamos. Adeus, Pedro.

Hermione cobriu o rosto com as mãos e se virou para a parede.

– NÃO! – berrou Harry. E se adiantou, colocando-se entre Pettigrew e as varinhas. – Vocês não podem matá-lo – disse afobado. – Não podem.

Black e Lupin fizeram cara de espanto.

– Harry, esse verme é a razão por que você não tem pais – rosnou Black. – Esse covardão teria olhado você morrer, sem levantar um dedo. Você ouviu o que ele disse. Dava mais valor à pele nojenta do que a toda sua família.

– Eu sei – ofegou Harry. – Vamos levar Pedro até o castelo. Vamos entregar ele aos dementadores. Ele pode ir para Azkaban... mas não o matem.

– Harry! – exclamou Pettigrew, e atirou os braços em torno dos joelhos de Harry. – Você... obrigado... é mais do que eu mereço... obrigado...

– Tire as mãos de cima de mim – vociferou Harry, empurrando as mãos de Pettigrew, enojado. – Não estou fazendo isso por você. Estou fazendo isso porque acho que meu pai não ia querer que os melhores amigos dele virassem

assassinos... por sua causa.
Ninguém se mexeu nem fez qualquer ruído exceto Pettigrew, cuja respiração saía em arquejos, e ele levava as mãos ao peito. Black e Lupin se entreolharam. Então, com um único movimento, baixaram as varinhas.
– Você é a única pessoa que tem o direito de decidir, Harry – disse Black. – Mas pense... pense no que ele fez...
– Ele pode ir para Azkaban – repetiu Harry. – Se alguém merece aquele lugar é ele...
Pettigrew continuava a arquejar às costas do garoto.
– Muito bem – disse Lupin. – Saia da frente, então.
Harry hesitou.
– Vou amarrá-lo – disse Lupin. – Só isso, juro.
Harry saiu do caminho. Cordas finas saíram da varinha de Lupin, desta vez, e no momento seguinte Pettigrew estava se revirando no chão, amarrado e amordaçado.
– Mas se você se transformar, Pedro – rosnou Black, a varinha também apontada para Pettigrew –, nós *o mataremos*. Concorda, Harry?
Harry olhou a figura lastimável no chão e concordou com a cabeça de modo que Pettigrew pudesse vê-lo.
– Certo – disse Lupin, subitamente eficiente. – Rony, não sei consertar ossos tão bem quanto Madame Pomfrey, por isso acho melhor só imobilizar sua perna até o entregarmos na ala hospitalar.
Ele foi até Rony, se abaixou, tocou a perna dele com a varinha e murmurou:
– *Férula!* – Ataduras se enrolaram à perna de Rony e a prenderam firmemente a uma tala. Depois, o professor ajudou o garoto a se levantar; Rony, desajeitado, apoiou no chão o peso da perna e não fez careta.
– Está melhor. Obrigado.
– E o Prof. Snape? – perguntou Hermione com a voz fraquinha, contemplando o professor encostado à parede.
– Ele não tem nenhum problema sério – disse Lupin se curvando para Snape e tomando seu pulso. – Vocês só se entusiasmaram um pouquinho demais. Continua desacordado. Hum... talvez seja melhor não o reanimarmos até estar a salvo no castelo. Podemos levá-lo assim...
Lupin murmurou:
– *Mobilicorpus!* – Como se fios invisíveis tivessem sido amarrados aos pulsos, pescoço e joelhos de Snape, ele foi posto de pé, a cabeça pendendo molemente, como a de um títere grotesco. Ele flutuava a alguns centímetros do chão, os pés frouxos sacudindo. Lupin apanhou a Capa da Invisibilidade e guardou-a em segurança no bolso.

– E dois de nós devemos nos acorrentar a essa coisa – disse Black, cutucando Pettigrew com o pé. – Só para garantir.

– Eu faço isso – disse Lupin.

– E eu – disse Rony decidido, mancando até o prisioneiro.

Black conjurou pesadas algemas do nada; e logo Pettigrew estava novamente de pé, o braço esquerdo preso ao direito de Lupin, o direito preso ao esquerdo de Rony. O garoto estava muito sério. Parecia ter tomado a verdadeira identidade de Perebas como uma ofensa pessoal. Bichento saltou com leveza da cama e abriu caminho para fora do quarto, o rabo de escovinha elegantemente erguido no ar.

— CAPÍTULO VINTE —
O beijo do dementador

Harry nunca fizera parte de um grupo tão esquisito. Bichento descia as escadas à frente; Lupin, Pettigrew e Rony vinham a seguir, parecendo competidores de uma corrida de seis pernas. Depois vinha o Prof. Snape, flutuando feito um fantasma, os pés batendo em cada degrau que descia, seguro por sua própria varinha, que Sirius apontava para ele. Harry e Hermione fechavam o cortejo.

Voltar ao túnel foi difícil. Lupin, Pettigrew e Rony tiveram que se virar de lado para consegui-lo; Lupin continuava a cobrir Pettigrew com a varinha. Harry os via avançar lentamente pelo túnel em fila indiana. Bichento sempre à frente. Harry logo atrás de Black, que continuava a fazer Snape flutuar à frente com a cabeça mole batendo sem parar no teto baixo. O menino tinha a impressão de que Black não estava fazendo nada para evitar as batidas.

– Você sabe o que isso significa? – perguntou Black abruptamente a Harry enquanto faziam seu lento progresso pelo túnel. – Entregar Pettigrew?

– Você fica livre... – respondeu Harry.

– É. Mas eu também sou, não sei se alguém lhe disse, eu sou seu padrinho.

– Eu soube – disse Harry.

– Bem... os seus pais me nomearam seu tutor – disse Black formalmente. – Se alguma coisa acontecesse a eles...

Harry esperou. Será que Black queria dizer o que ele achava que queria?

– Naturalmente, eu vou compreender se você quiser ficar com seus tios – disse Black. – Mas... bem... pense nisso. Depois que o meu nome estiver limpo... se você quiser uma... uma casa diferente...

Uma espécie de explosão ocorreu no fundo do estômago de Harry.

– Quê, morar com você? – perguntou, batendo a cabeça, sem querer, numa pedra saliente do teto. – Deixar a casa dos Dursley?

– Claro, achei que você não ia querer – disse Black apressadamente. – Eu

compreendo, só pensei que...
– Você ficou maluco? – disse Harry, com a voz quase tão rouca quanto a de Black. – Claro que quero deixar a casa dos Dursley! Você tem casa? Quando é que eu posso me mudar?
Black virou-se completamente para olhar o garoto; a cabeça de Snape raspou o teto, mas Black não pareceu se importar.
– Você quer? – perguntou ele. – Sério?
– Sério! – respondeu Harry.
O rosto ossudo de Black se abriu no primeiro sorriso verdadeiro que Harry já o tinha visto dar. A diferença que fazia era espantosa, como se uma pessoa dez anos mais nova se projetasse através da máscara de fome; por um instante ele se tornou reconhecível como o homem que estava rindo no casamento dos pais de Harry.
Os dois não se falaram mais até chegar ao fim do túnel. Bichento saiu correndo à frente; evidentemente apertara o nó do tronco com a pata, porque Lupin, Pettigrew e Rony subiram penosamente mas não houve ruídos de galhos ferozes.
Black fez Snape passar pelo buraco, depois se afastou para Harry e Hermione passarem. Finalmente todos conseguiram sair.
Os jardins estavam muito escuros agora; as únicas luzes vinham das janelas distantes do castelo. Sem dizer uma palavra, eles começaram a andar. Pettigrew continuava a arquejar e, ocasionalmente, a choramingar. A cabeça de Harry zumbia. Ele ia deixar os Dursley. Ia morar com Sirius Black, o melhor amigo dos seus pais... Sentia-se atordoado... Que iria acontecer quando dissesse aos Dursley que ia morar com o preso que tinham visto na televisão!
– Um movimento errado, Pedro – ameaçou Lupin que ia à frente. Sua varinha continuava apontada de viés para o peito de Pettigrew.
Em silêncio eles avançaram pelos jardins, as luzes do castelo crescendo com a aproximação. Snape continuava a flutuar de maneira fantasmagórica à frente de Black, o queixo batendo no peito. Então...
Uma nuvem se mexeu. Inesperadamente surgiram sombras escuras no chão. O grupo foi banhado pelo luar.
Snape se chocou com Lupin, Pettigrew e Rony, que pararam abruptamente. Black congelou. Ele esticou um braço para fazer Harry e Hermione pararem.
O garoto viu a silhueta de Lupin. O professor enrijecera. Então as pernas de Harry começaram a tremer.
– Ah, não! – exclamou Hermione. – Ele não tomou a poção hoje à noite. Ele está perigoso!
– Corram – sussurrou Black. – Corram. Agora.

Mas Harry não podia correr. Rony estava acorrentado a Pettigrew e Lupin. Ele deu um salto para frente, mas Black o abraçou pelo peito e o atirou para trás.
– Deixe-o comigo... CORRA!
Ouviu-se um rosnado medonho. A cabeça de Lupin começou a se alongar. O seu corpo também. Os ombros se encurvaram. Pelos brotavam visivelmente de seu rosto e suas mãos, que se fechavam transformando-se em patas com garras. Os pelos de Bichento ficaram outra vez em pé e ele estava recuando...
Quando o lobisomem se empinou, batendo as longas mandíbulas, Sirius desapareceu do lado de Harry. Transformara-se. O enorme cão semelhante a um urso saltou para a frente. E quando o lobisomem se livrou da algema que o prendia, o cão agarrou-o pelo pescoço e puxou-o para trás, afastando-o de Rony e Pettigrew. Atracaram-se, mandíbula contra mandíbula, as garras se golpeando...
Harry parou, petrificado com a visão, demasiado absorto com a batalha para prestar atenção em outra coisa. Foi o grito de Hermione que o alertou...
Pettigrew tinha mergulhado para apanhar a varinha caída de Lupin. Rony, mal equilibrado na perna enfaixada, caiu. Houve um estampido, um clarão... e Rony ficou estirado, imóvel, no chão. Outro estampido... Bichento voou pelo ar e tornou a cair na terra fofa.
– *Expelliarmus!* – berrou Harry, apontando a própria varinha para Pettigrew; a varinha de Lupin voou muito alto e desapareceu de vista. – Fique onde está! – gritou Harry, correndo em frente.
Tarde demais. Pettigrew se transformara. Harry viu seu rabo pelado passar pela algema no braço estendido de Rony e o ouviu correr pelo gramado.
Um uivo e um rosnado prolongado e surdo ecoaram; Harry se virou e viu o lobisomem fugindo; galopando para a floresta...
– Sirius, ele fugiu, Pettigrew se transformou – berrou Harry.
Black sangrava; havia cortes profundos em seu focinho e nas costas, mas ao ouvir as palavras de Harry ele tornou a se levantar depressa e, num instante, o ruído de suas patas foi morrendo até cessar ao longe.
Harry e Hermione correram para Rony.
– Que foi que Pettigrew fez com ele? – sussurrou Hermione. Os olhos de Rony estavam apenas semicerrados, a boca frouxa e aberta; sem dúvida, estava vivo, eles o ouviam respirar, mas não parecia reconhecer os amigos.
– Não sei.
Harry olhou desesperado para os lados. Black e Lupin, os dois tinham se ido... não havia mais nenhum adulto em sua companhia exceto Snape, que ainda flutuava, inconsciente, no ar.
– É melhor levarmos os dois para o castelo e contarmos a alguém – disse

Harry, afastando os cabelos dos olhos, tentando pensar direito. – Vamos...
Mas então, para além do seu campo de visão, eles ouviram latidos, um ganido; um cachorro em sofrimento...
– Sirius – murmurou Harry, olhando para o escuro.
Ele teve um momento de indecisão, mas não havia nada que pudessem fazer por Rony naquele momento, e pelo que ouviam, Black estava em apuros...
Harry saiu correndo, Hermione em seu encalço. Os latidos pareciam vir da área próxima ao lago. Eles saíram desabalados naquela direção, e Harry, correndo sem parar, sentiu o frio sem perceber o que devia significar...
Os latidos pararam abruptamente. Quando os garotos chegaram ao lago viram o porquê: Sirius se transformara outra vez em homem. Estava caído de quatro, com as mãos na cabeça.
– *Nããão* – gemia –, *nããããão... por favor...*
Então Harry os viu. Dementadores, no mínimo uns cem deles, deslizando em torno do lago num grupo escuro que vinha em sua direção. O menino se virou, o frio de gelo seu conhecido penetrando suas entranhas, a névoa começando a obscurecer sua visão; eles não estavam somente surgindo da escuridão por todo o lado; estavam cercando-os...
– Hermione, pense em alguma coisa feliz! – berrou Harry, erguendo a varinha, piscando furiosamente para tentar clarear sua visão, sacudindo a cabeça para livrá-la da leve gritaria que começara dentro dela...
Eu vou morar com o meu padrinho. Vou deixar os Dursley.
Ele se forçou a pensar em Black, e somente em Black, e começou a cantar:
– *Expecto Patronum! Expecto Patronum!*
Black estremeceu, rolou de barriga para cima e ficou imóvel no chão, pálido como a morte.
Ele vai ficar bem. Eu vou morar com ele.
– *Expecto Patronum!* Hermione, me ajude! *Expecto Patronum...*
– *Expecto...* – murmurou Hermione – *Expecto... Expecto...*
Mas ela não conseguia. Os dementadores estavam mais próximos, agora a menos de três metros deles. Formavam uma muralha sólida em torno de Harry e Hermione, cada vez mais próximos...
– *EXPECTO PATRONUM!* – berrou Harry, tentando abafar a gritaria em seus ouvidos. – *EXPECTO PATRONUM!*
Um fiapinho prateado saiu de sua varinha e pairou como uma névoa diante dele. No mesmo instante, Harry sentiu Hermione desmaiar ao seu lado. Estava só... completamente só...
– *Expecto... Expecto Patronum...*
Harry sentiu os joelhos baterem na grama fria. O nevoeiro nublou seus olhos.

Com um enorme esforço, ele lutou para se lembrar... Sirius era inocente... inocente... *Ele vai ficar bem... Eu vou morar com ele...*

– *Expecto Patronum!* – exclamou.

À luz fraca do seu Patrono informe, ele viu um dementador parar, muito perto dele. Não conseguiu atravessar a nuvem de névoa prateada que Harry conjurara. A mão morta e viscosa deslizou para fora da capa. Ela fez um gesto como se quisesse varrer o Patrono para o lado.

– Não... *não*... – ofegou Harry. – Ele é inocente... *Expecto*... *Expecto Patronum*...

Ele sentia que os dementadores o observavam, ouvia a respiração deles vibrar como um vento maligno ao seu redor. O dementador mais próximo parecia estar avaliando-o. Então ergueu as duas mãos podres... e baixou o capuz para trás.

Onde devia haver olhos, havia apenas uma pele sarnenta e cinza, esticada por cima das órbitas vazias. Mas havia uma boca... um buraco escancarado e informe, que sugava o ar com o ruído de uma matraca que anuncia a morte.

Um terror paralisante invadiu Harry de modo que ele não conseguia se mexer nem falar. Seu Patrono piscou e desapareceu.

O nevoeiro branco o cegava. Ele tinha que lutar... *Expecto Patronum*... ele não conseguia ver... ao longe ouvia os gritos já familiares... *Expecto Patronum*... ele tateou pela névoa à procura de Sirius, e encontrou seu braço... os dementadores não iam levá-lo...

Mas um par de mãos pegajosas e fortes, de repente, se fechou em torno do pescoço de Harry. Forçavam-no a erguer o rosto... Ele sentiu seu hálito... Ia se livrar dele primeiro... Harry sentiu seu hálito podre... Sua mãe gritava em seus ouvidos... Ia ser a última coisa que ele ouviria...

E então, através do nevoeiro que o afogava, ele achou que estava vendo uma luz prateada que se tornava cada vez mais forte... Ele sentiu que estava emborcando na grama...

O rosto no chão, demasiado fraco para se mexer, nauseado e trêmulo, Harry abriu os olhos. O dementador devia tê-lo soltado. A luz ofuscante iluminava o gramado a seu redor... Os gritos tinham cessado, o frio estava diminuindo...

Alguma coisa estava obrigando os dementadores a recuar... Girava em torno dele, de Black e Hermione... Os dementadores estavam se afastando... O ar reaquecia...

Com cada grama de força que ele conseguiu reunir, Harry ergueu a cabeça uns poucos centímetros e viu um animal envolto em luz, distanciando-se a galope através do lago. Os olhos embaçados de suor, Harry tentou distinguir o que era... Era fulgurante como um unicórnio. Lutando para se manter consciente, viu-o diminuir o galope ao chegar à margem oposta do lago. Por um momento, Harry

viu, à sua claridade, alguém que lhe dava as boas-vindas... erguendo a mão para lhe dar uma palmadinha... alguém que lhe pareceu estranhamente familiar... mas não podia ser...

Harry não entendeu. Não conseguiu mais pensar. Sentiu que suas últimas forças o abandonavam e sua cabeça bateu no chão quando ele desmaiou.

— CAPÍTULO VINTE E UM —

O segredo de Hermione

– Uma história chocante... chocante... milagre que ninguém tenha morrido... nunca ouvi nada igual... pelo trovão, foi uma sorte você estar lá, Snape...

– Muito obrigado, ministro.

– Ordem de Merlim, Segunda Classe, eu diria. Primeira Classe, se eu puder convencê-los.

– Muito obrigado mesmo, ministro.

– Que corte feio você tem aí... obra do Black, suponho?

– Na realidade, foram Potter, Weasley e Granger, ministro...

– *Não!*

– Black havia enfeitiçado os garotos, vi imediatamente. Um feitiço Confundus, a julgar pelo comportamento deles. Pareciam acreditar que havia possibilidade de o homem ser inocente. Não foram responsáveis por seus atos. Por outro lado, a interferência deles talvez tivesse permitido a Black fugir... Os garotos obviamente pensaram que iam capturá-lo sozinhos. Já escaparam com muita estripulia até agora... Receio que isso os tenha feito se acharem superiores... e, naturalmente, Potter sempre recebeu uma extraordinária indulgência do diretor...

– Ah, bom, Snape... Harry Potter, sabe... todos somos um pouco cegos quando se trata dele.

– Contudo... será que é bom para ele receber tanto tratamento especial? Por mim, procuro tratá-lo como qualquer outro aluno. E qualquer outro aluno seria suspenso, no mínimo, por colocar seus amigos em situação tão perigosa. Considere, ministro: contrariando todas as regras da escola... depois de todas as precauções que tomamos para sua proteção... fora dos limites da escola, à noite, em companhia de um lobisomem e de um assassino... e tenho razões para acreditar que ele andou visitando Hogsmeade ilegalmente, também...

– Bem, bem... veremos, Snape, veremos... O garoto sem dúvida foi tolo...
Harry estava deitado com os olhos bem fechados. Sentia-se muito tonto. As palavras que ouvia pareciam viajar muito lentamente dos ouvidos para o cérebro, por isso estava difícil compreender. Suas pernas e braços pareciam feitos de chumbo; as pálpebras demasiado pesadas para abri-las... ele queria ficar deitado ali, naquela cama confortável, para sempre...
– O que mais me surpreende é o comportamento dos dementadores... você realmente não tem ideia do que os fez se retirar, Snape?
– Não, ministro... quando recuperei os sentidos eles estavam voltando aos seus postos na entrada...
– Extraordinário. E, no entanto, Black, Harry e a garota...
– Todos inconscientes quando cheguei. Amarrei e amordacei Black, naturalmente, conjurei macas e os trouxe diretamente para o castelo.
Houve uma pausa. O cérebro de Harry parecia estar trabalhando um pouco mais rápido e, quando isso aconteceu, surgiu uma sensação desagradável na boca do seu estômago...
O garoto abriu os olhos.
Tudo estava levemente embaçado. Alguém tirara seus óculos. Ele estava deitado na escura ala hospitalar. Em um extremo da enfermaria, avistou Madame Pomfrey de costas para ele, curvada sobre um leito. Harry apertou os olhos. Os cabelos ruivos de Rony estavam visíveis por baixo do braço de Madame Pomfrey.
Harry virou a cabeça no travesseiro. Na cama à sua direita estava Hermione. O luar banhava a cama. Os olhos dela também estavam abertos. Parecia petrificada e, quando viu que Harry estava acordado, levou o dedo aos lábios e apontou para a porta da enfermaria. Estava entreaberta, e entravam por ela as vozes de Cornélio Fudge e Snape, vindas do corredor.
Madame Pomfrey agora vinha andando com passos enérgicos pela enfermaria escura até a cama de Harry. O garoto se virou para olhá-la. A enfermeira trazia a maior barra de chocolate que ele já vira na vida. Parecia um pedregulho.
– Ah, você acordou! – disse ela com animação. Pousou o chocolate na mesa de cabeceira de Harry e começou a parti-lo em pedaços com um martelinho.
– Como está o Rony? – perguntaram Harry e Hermione, juntos.
– Vai sobreviver – respondeu Madame Pomfrey de cara feia. – Quanto a vocês dois... vão continuar aqui até eu me convencer que... Potter o que é que você acha que está fazendo?
O garoto estava se sentando, colocando os óculos e apanhando a varinha.
– Preciso ver o diretor – disse.
– Potter – disse Madame Pomfrey, acalmando-o –, está tudo bem. Apanharam

Black. Ele está trancado lá em cima. Os dementadores vão-lhe dar o beijo a qualquer momento...

– O QUÊ?

Harry saltou da cama; Hermione fizera o mesmo. Mas o seu grito fora ouvido no corredor lá fora; no segundo seguinte, Cornélio Fudge e Snape entraram na enfermaria.

– Harry, Harry, que foi que houve? – perguntou Fudge, parecendo agitado. – Você devia estar na cama, ele já comeu o chocolate? – perguntou, ansioso, o ministro a Madame Pomfrey.

– Ministro, ouça! – pediu Harry. – Sirius Black é inocente! Pedro Pettigrew fingiu a própria morte! Nós o vimos hoje à noite. O senhor não pode deixar os dementadores fazerem aquilo com Sirius, ele...

Mas Fudge estava sacudindo a cabeça com um sorrizinho no rosto.

– Harry, Harry, você está muito confuso, passou por uma provação terrível, deite-se, agora, temos tudo sob controle...

– O SENHOR NÃO TEM, NÃO! – berrou Harry. – O SENHOR PEGOU O HOMEM ERRADO!

– Ministro, por favor, ouça – disse Hermione; ela correra para o lado de Harry e olhava, suplicante, o rosto de Fudge. – Eu também o vi. Era o rato de Rony, ele é um animago, o Pettigrew, quero dizer e...

– O senhor está vendo, ministro – disse Snape. – Confusos, os dois... Black fez um bom serviço...

– NÃO ESTAMOS CONFUSOS! – berrou Harry.

– Ministro! Professor! – disse Madame Pomfrey aborrecida. – Devo insistir que os senhores saiam. Potter é meu paciente e não deve ser angustiado!

– Não estou angustiado, estou tentando contar o que aconteceu! – disse Harry furioso. – Se eles ao menos me escutassem...

Mas Madame Pomfrey, de repente, meteu um pedação de chocolate na boca de Harry; ele se engasgou, e a enfermeira aproveitou a oportunidade para forçá-lo a voltar para a cama.

– Agora, *por favor,* ministro, essas crianças precisam de cuidados médicos. Por favor, saiam...

A porta tornou a se abrir. Era Dumbledore. Harry engoliu o bocado de chocolate com grande dificuldade e se levantou outra vez.

– Prof. Dumbledore, Sirius Black...

– Pelo amor de Deus! – exclamou Madame Pomfrey, histérica. – Isto é ou não é uma ala hospitalar? Diretor, eu devo insistir...

– Eu peço desculpas, Papoula, mas preciso dar uma palavra com o Sr. Potter e a Srta. Granger – disse Dumbledore calmamente. – Acabei de falar com Sirius

Black...
– Suponho que ele tenha lhe narrado o mesmo conto de fadas que implantou na mente de Potter? – bufou Snape. – A história de um rato e de Pettigrew ter sobrevivido...
– Esta, de fato, é a história de Black – disse Dumbledore, examinando Snape atentamente através dos seus óculos de meia-lua.
– E o meu testemunho não vale nada? – rosnou Snape. – Pedro Pettigrew não estava na Casa dos Gritos, nem vi qualquer sinal dele nos terrenos da escola.
– Isto foi porque o senhor foi nocauteado, professor! – disse Hermione com convicção. – O senhor não chegou em tempo de ouvir...
– Srta. Granger, CALE A BOCA!
– Ora, Snape – disse Fudge, espantado –, a mocinha está perturbada, precisamos dar o devido desconto...
– Eu gostaria de falar com Harry e Hermione a sós – disse Dumbledore bruscamente. – Cornélio, Severo, Papoula... por favor, nos deixem.
– Diretor! – repetiu Madame Pomfrey com veemência. – Eles precisam de tratamento, eles precisam de descanso...
– Isto não pode esperar – disse Dumbledore. – Devo insistir.
Madame Pomfrey mordeu os lábios e saiu em direção à sua sala, na extremidade da enfermaria, batendo a porta ao passar. Fudge consultou o grande relógio de ouro que trazia pendurado no colete.
– A esta hora os dementadores já devem ter chegado – disse. – Vou ao encontro deles. Dumbledore, vejo você lá em cima.
O ministro se dirigiu à porta e a segurou aberta para Snape passar, mas o professor não se mexeu.
– O senhor certamente não acredita em uma palavra da história de Black? – sussurrou Snape, os olhos fixos no rosto de Dumbledore.
– Eu gostaria de falar com Harry e Hermione a sós – repetiu Dumbledore.
Snape deu um passo em direção ao diretor.
– Sirius Black demonstrou que era capaz de matar com a idade de dezesseis anos. O senhor se esqueceu disto, diretor? O senhor se esqueceu que no passado ele tentou *me* matar?
– Minha memória continua boa como sempre, Severo – disse Dumbledore, em voz baixa.
Snape girou nos calcanhares e saiu decidido pela porta que Fudge ainda segurava aberta. A porta se fechou à passagem dos dois e o diretor se virou para Harry e Hermione. Os dois desataram a falar ao mesmo tempo.
– Professor, Black está dizendo a verdade, nós *vimos* Pettigrew...
– ... ele fugiu quando o Prof. Lupin virou lobisomem...

– ... ele é um rato...
– ... a pata dianteira de Pettigrew, quero dizer, o dedo, ele cortou fora...
– ... Pettigrew atacou Rony, não foi Sirius...
Mas Dumbledore ergueu a mão para interromper o dilúvio de explicações.
– É a vez de vocês ouvirem, e peço que não me interrompam, porque o tempo é muito curto – disse Dumbledore em voz baixa. – Não existe a mínima evidência para sustentar a história de Black, exceto a palavra de vocês... e a palavra de dois bruxos de treze anos não irá convencer ninguém. Uma rua cheia de testemunhas jurou que viu Sirius matar Pettigrew. Eu mesmo prestei depoimento ao ministério que Sirius era o fiel do segredo dos Potter.
– O Prof. Lupin pode lhe contar... – falou Harry, incapaz de se refrear.
– O Prof. Lupin no momento está embrenhado na floresta, incapaz de contar o que quer que seja a alguém. Quando voltar à forma humana, será tarde demais, Sirius estará mais do que morto. E eu poderia acrescentar que a maioria do nosso povo desconfia tanto de lobisomens que o apoio dele contará muito pouco... e o fato de que ele e Sirius são velhos amigos...
– Mas...
– *Ouça, Harry*. É tarde demais, você entende? Você precisa admitir que a versão do Prof. Snape sobre os acontecimentos é muito mais convincente do que a sua.
– Ele odeia Sirius – disse Hermione, desesperada. – Tudo por causa de uma peça idiota que Sirius pregou nele...
– Sirius não agiu como um homem inocente. O ataque à Mulher Gorda... a entrada na Torre da Grifinória com uma faca... sem Pettigrew, vivo ou morto, não temos chance de derrubar a sentença de Sirius.
– *Mas o senhor acredita em nós*.
– Acredito – respondeu Dumbledore em voz baixa. – Mas não tenho o poder de fazer os outros verem a verdade, nem de passar por cima do ministro da Magia...
Harry encarou seu rosto sério e sentiu como se o chão estivesse se abrindo debaixo dos seus pés. Acostumara-se à ideia de que Dumbledore podia resolver qualquer coisa. Esperara que o diretor tirasse alguma solução surpreendente do nada. Mas não... a última esperança dos garotos desaparecera.
– Precisamos – disse Dumbledore lentamente, e seus claros olhos azuis correram de Harry para Hermione – é de mais *tempo*.
– Mas... – começou Hermione. Então seus olhos se arregalaram. – AH!
– Agora, prestem atenção – continuou o diretor, falando muito baixo e muito claramente. – Sirius está preso na sala do Prof. Flitwick no sétimo andar. A décima terceira janela a contar da direita da Torre Oeste. Se tudo der certo, vocês

poderão salvar mais de uma vida inocente hoje à noite. Mas lembrem-se de uma coisa, os dois: *vocês não podem ser vistos*. Srta. Granger, a senhorita conhece as leis, sabe o que está em jogo... *Vocês... não... podem... ser vistos*.

Harry não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Dumbledore deu as costas aos garotos e virou-se para olhá-los ao chegar à porta.

– Vou trancá-los. Faltam... – ele consultou o relógio – cinco minutos para a meia-noite. Srta. Granger, três voltas devem bastar. Boa sorte.

– Boa sorte? – repetiu Harry quando a porta se fechou atrás de Dumbledore. – Três voltas? Do que é que ele está falando? Que é que ele espera que a gente faça?

Mas Hermione estava mexendo no decote das vestes, puxando de dentro dele uma corrente de ouro muito longa e fina.

– Harry, vem aqui – disse ela com urgência. – *Depressa!*

Harry foi até a garota, completamente confuso. Ela estendia a corrente. E o garoto viu que havia pendurada nela uma minúscula ampulheta.

– Tome...

Hermione atirara a corrente em torno do pescoço dele também.

– Pronto? – disse Hermione ofegante.

– Que é que estamos fazendo? – perguntou Harry completamente perdido.

Hermione girou a ampulheta três vezes.

A enfermaria escura desapareceu. Harry teve a sensação de que estava voando muito rápido, para trás. Um borrão de cores e formas passou veloz por ele, seus ouvidos latejaram, ele tentou gritar, mas não conseguiu ouvir a própria voz...

E então sentiu que havia um chão firme sob seus pés, e todas as coisas tornaram a entrar em foco...

Ele se achava parado ao lado de Hermione no saguão deserto do castelo e um feixe de raios dourados de sol que entrava pelas portas de carvalho abertas incidia sobre o piso de pedra. Harry olhou agitado para os lados à procura de Hermione, a corrente da ampulheta machucando seu pescoço.

– Hermione, que...?

– Aqui! – a garota agarrou o braço de Harry e arrastou-o pelo saguão até a porta do armário de vassouras; abriu o armário, empurrou o garoto para o meio dos baldes e esfregões, e fechou a porta depois de entrar.

– Quê... como... Hermione, que foi que aconteceu?

– Voltamos no tempo – sussurrou ela, tirando a corrente do pescoço de Harry no escuro. – Três horas...

Harry procurou a própria perna e se deu um beliscão com muita força. Doeu para valer, o que pelo visto eliminava a possibilidade de estar tendo um sonho muito esquisito.

– Mas...
– Psiu! Ouve! Tem alguém vindo! Acho... acho que deve ser a gente!
Hermione tinha o ouvido encostado na porta do armário.
– Passos pelo saguão... é, acho que somos nós indo para a casa de Hagrid!
– Você está me dizendo – cochichou Harry – que estamos aqui dentro do armário e estamos lá fora também?
– É – confirmou Hermione, o ouvido ainda colado à porta. – Tenho certeza de que somos nós. Pelo eco não devem ser mais de três pessoas... e estamos andando devagar por causa da Capa da Invisibilidade...
Ela parou de falar, mas continuou a prestar atenção.
– Descemos os degraus da entrada...
Hermione se sentou em um balde virado de boca para baixo, parecendo aflitíssima, mas Harry queria respostas para algumas perguntas.
– Onde foi que você *arranjou* essa coisa feito uma ampulheta?
– Chama-se vira-tempo – sussurrou Hermione–, ganhei da Profª McGonagall no primeiro dia depois das férias. Estou usando desde o início do ano para assistir a todas as minhas aulas. A professora me fez jurar que não contaria a ninguém. Ela teve que escrever um monte de cartas ao Ministério da Magia para eu poder usar isso. Teve que dizer que eu era uma aluna modelo, e que nunca, nunca mesmo usaria o vira-tempo para nada a não ser para estudar... Eu o tenho usado para voltar no tempo e poder reviver as horas e é assim que assisto a mais de uma aula ao mesmo tempo, entende? Mas...
“Harry, *eu não estou entendendo o que é que Dumbledore quer que a gente faça*. Por que ele mandou a gente voltar três horas no tempo? Como é que isso vai ajudar o Sirius?”
Harry encarou de frente o rosto escuro da garota.
– Deve ter alguma coisa que aconteceu por volta de agora que ele quer que a gente mude – disse Harry lentamente. – Que foi que aconteceu? Estávamos indo a casa de Hagrid três horas atrás...
– Agora *estamos* atrasados três horas e *estamos* indo à casa de Hagrid – disse Hermione. – Acabamos de ouvir a gente sair...
Harry franziu a testa; tinha a sensação de que estava franzindo o cérebro todo para se concentrar.
– Dumbledore acabou de dizer... acabou de dizer que a gente poderia salvar mais de uma vida inocente... – Então fez-se a luz no cérebro de Harry. – Hermione, nós vamos salvar Bicuço!
– Mas... como é que isso vai ajudar Sirius?
– Dumbledore disse... acabou de nos dizer onde fica a janela... a janela da sala de Flitwick! Onde prenderam Sirius! Temos que voar no Bicuço até a janela e

salvar Sirius! Ele pode fugir no hipogrifo... eles podem fugir juntos!
Pelo que Harry pôde enxergar no rosto de Hermione, ela estava aterrorizada.
– Se conseguirmos fazer isso sem ninguém nos ver, vai ser um milagre!
– Bom, vamos ter que tentar, não é? – disse Harry. Ele se levantou e encostou o ouvido à porta.
– Parece que não tem ninguém aí fora... Vamos, anda...
Harry abriu a porta do armário. O saguão estava deserto. O mais silenciosa e rapidamente possível eles saíram correndo do armário e desceram os degraus de pedra. As sombras já estavam se alongando, os topos das árvores na Floresta Proibida mais uma vez iam se tingindo de ouro.
– Se alguém estiver olhando pela janela... – falou Hermione com a voz esganiçada, virando-se para espiar o castelo.
– Vamos correr o mais depressa possível – disse Harry, decidido. – Direto para a floresta, está bem? Teremos que nos esconder atrás de uma árvore ou de outra coisa para poder vigiar...
– Está bem, mas vamos dar a volta pelas estufas! – sugeriu Hermione sem fôlego. – Temos que evitar que nos vejam da porta de entrada de Hagrid! Já devemos estar quase na casa dele agora!
Ainda tentando entender o que a amiga queria dizer, Harry saiu disparado com Hermione logo atrás. Os dois transpuseram as hortas em direção às estufas, pararam por um instante ocultos por elas, depois recomeçaram a correr, a toda velocidade, contornando o Salgueiro Lutador, e, ainda desabalados, em direção à floresta para se esconderem.
Seguro sob a sombra das árvores, Harry se virou; segundos depois, Hermione, o alcançou, ofegante.
– Certo – disse ela sem ar. – Precisamos chegar sem ser vistos à casa de Hagrid. Procura ficar escondido, Harry...
Os dois caminharam em silêncio entre as árvores, acompanhando a orla da floresta. Então, quando avistaram a frente da cabana, ouviram uma batida na porta. Eles se ocultaram depressa atrás de um grosso carvalho e espiaram pelos lados. Hagrid, trêmulo e pálido, aparecera à porta procurando ver quem batera. E Harry ouviu a própria voz.
– Somos nós. Estamos usando a Capa da Invisibilidade. Deixe a gente entrar para poder tirar a capa.
– Vocês não deviam ter vindo! – sussurrou Hagrid, mas se afastou para os garotos poderem entrar.
– Esta foi a coisa mais estranha que já fizemos – disse Harry com veemência.
– Vamos continuar – cochichou Hermione. – Precisamos chegar mais perto de Bicuço!

Eles avançaram cautelosamente entre as árvores até verem o hipogrifo nervoso, amarrado à cerca em volta do canteiro de abóboras de Hagrid.

– Agora? – sussurrou Harry.

– Não! – exclamou Hermione. – Se o roubarmos agora, o pessoal da Comissão vai pensar que Hagrid soltou o bicho! Temos que esperar até verem que Bicuço está amarrado do lado de fora!

– Isso vai nos dar uns sessenta segundos – disse Harry. A coisa estava começando a parecer impossível.

Naquele instante, os garotos ouviram louça se partindo na cabana de Hagrid.

– É o Hagrid quebrando a leiteira – cochichou a garota. – Vou encontrar Perebas agora mesmo...

Não deu outra, alguns minutos depois, eles ouviram Hermione dar um grito agudo de surpresa.

– Mione – disse Harry de repente –, e se nós... nós entrarmos lá e agarrarmos Pettigrew...

– Não! – exclamou Hermione num sussurro aterrorizado. – Você não compreende? Estamos violando uma das leis mais importantes da magia! Ninguém pode mudar o tempo! Você ouviu o que Dumbledore falou, se formos vistos...

– Mas só seríamos vistos por nós mesmos e por Hagrid!

– Harry, que é que você faria se visse você mesmo entrando pela casa de Hagrid? – perguntou Hermione.

– Eu acharia... acharia que tinha ficado maluco – respondeu Harry – ou acharia que estava usando magia negra...

– *Exatamente!* Você não entenderia, você poderia até se atacar! Você não entende? A Profª McGonagall me contou as coisas horríveis que aconteceram quando bruxos mexeram com o tempo... Montes deles acabaram matando os eus passados ou futuros por engano!

– OK! – concordou Harry. – Foi só uma ideia. Pensei...

Mas Hermione cutucou-o e apontou para o castelo. Harry espiou pelo lado para ter uma visão mais clara das portas de entrada. Dumbledore, Fudge, o velhote da Comissão e Macnair, o carrasco, vinham descendo os degraus.

– Já estamos de saída! – sussurrou Hermione.

E assim foi, momentos depois a porta dos fundos da cabana se abriu e Harry viu a si mesmo, Rony e Hermione saírem com Hagrid. Foi, sem dúvida, a sensação mais esquisita de sua vida, parado ali atrás da árvore, observando a si mesmo no canteiro de abóboras.

– Tudo bem, Bicucinho, tudo bem... – disse Hagrid ao bicho. Então se virou para os três garotos. – Vão. Andem logo.

– Hagrid, não podemos...
– Vamos contar a eles o que realmente aconteceu...
– Não podem matar Bicuço...
– Vão! Já está bastante ruim sem vocês se meterem em confusão!
Harry observou Hermione jogar a Capa da Invisibilidade sobre ele e Rony no canteiro de abóboras.
– Vão depressa. Não fiquem ouvindo...
Ouviu-se uma batida na porta de entrada da cabana. A comissão de execução chegara. Hagrid se virou para entrar em casa, deixando a porta dos fundos entreaberta. Harry observou a grama se achatar em certos pontos a toda volta da cabana de Hagrid e ouviu três pares de pés recuarem. Ele, Rony e Hermione tinham ido embora... mas o Harry e a Hermione escondidos no meio das árvores escutavam, pela porta dos fundos, o que estava acontecendo no interior da cabana.
– Onde está o animal? – disse a voz fria de Macnair.
– Lá... lá fora – respondeu Hagrid, rouco.
Harry escondeu a cabeça quando o rosto de Macnair apareceu à janela da cabana, para espiar Bicuço. Então os garotos ouviram a voz de Fudge.
– Nós... hum... temos que ler para você a notificação oficial da execução, Hagrid. Vou ser rápido. Depois, você e Macnair precisam assiná-la. Macnair, você precisa escutar também, é a praxe...
O rosto do carrasco desapareceu da janela. Era agora ou nunca.
– Espera aqui – cochichou Harry para Hermione. – Eu faço.
Quando a voz de Fudge recomeçou, Harry saiu correndo do seu esconderijo atrás da árvore, saltou a cerca para o canteiro de abóboras e se aproximou de Bicuço.
“*Por decisão da Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas o hipogrifo Bicuço, doravante chamado condenado, será executado no dia seis de junho ao pôr do sol...*”
Cuidando para não piscar, Harry encarou os ferozes olhos cor de laranja de Bicuço mais uma vez e fez uma reverência. O hipogrifo dobrou os joelhos escamosos e em seguida tornou a se levantar. Harry começou a desamarrar a corda que prendia o hipogrifo à cerca.
– *... por decapitação, a ser executada pelo carrasco nomeado pela Comissão, Walden Macnair*...
– Vamos Bicuço – murmurou Harry –, vamos, nós vamos te ajudar. Quietinho... quietinho...
– *... conforme testemunham abaixo.* Hagrid, você assina aqui...
Harry jogou todo o seu peso contra a corda, mas Bicuço cravara as patas

dianteiras na terra.

– Bem, vamos acabar com isso – disse a voz aguda do velhote da Comissão dentro da cabana. – Hagrid, talvez seja melhor você ficar aqui dentro...

– Não, eu... eu quero ficar com ele... não quero que ele fique sozinho...

Soaram passos dentro da cabana.

– *Bicuço, anda!* – sibilou Harry.

Harry puxou com mais força a corda presa ao pescoço dele. O hipogrifo começou a andar, farfalhando as asas com irritação. Ele e Harry ainda estavam a três metros da floresta, bem à vista da porta dos fundos da cabana.

– Um momento, por favor, Macnair – ouviram a voz de Dumbledore. – Você precisa assinar também. – Os passos pararam. Harry puxou a corda com força. Bicuço deu um estalo com o bico e andou um pouco mais rápido.

O rosto pálido de Hermione aparecia pelo lado do tronco da árvore.

– Harry, depressa! – murmurou ela.

O garoto ainda ouvia a voz de Dumbledore dentro da cabana. Deu outro puxão na corda. Bicuço começou a trotar de má vontade. Alcançaram as árvores...

– Depressa! Depressa! – gemia Hermione, que saiu de trás da árvore, agarrou também a corda e acrescentou seu peso para fazer Bicuço andar mais depressa. Harry espiou por cima do ombro; agora tinham desaparecido de vista; mas também não podiam ver a horta de Hagrid.

– Pare! – disse ele a Hermione. – Poderiam nos ouvir...

A porta dos fundos da cabana se abriu com violência. Harry, Hermione e Bicuço ficaram muito quietos; até o hipogrifo parecia estar prestando atenção.

Silêncio... então...

– Onde está ele? – perguntou a voz fraquinha do velhote da Comissão. – Onde está o bicho?

– Estava amarrado aqui! – disse o carrasco, furioso. – Eu o vi! Bem aqui!

– Que extraordinário! – exclamou Alvo Dumbledore. Havia um tom de riso em sua voz.

– Bicuço! – exclamou Hagrid, rouco.

Ouviu-se o ruído de uma lâmina cortando o ar e a pancada de um machado. O carrasco, enraivecido, aparentemente brandira o machado contra a cerca. Então, ouviu-se um berreiro e desta vez eles distinguiram as palavras de Hagrid entre os soluços.

– Foi-se! Foi-se! Abençoado seja ele, *foi embora*! Deve ter se soltado! Bicucinho, que garoto inteligente!

Bicuço começou a puxar a corda com força, tentando voltar para Hagrid. Harry e Hermione seguraram a corda com firmeza e enterraram os saltos no chão da floresta para reter o bicho.

– Alguém o desamarrou! – rosnou o carrasco. – Devíamos revistar a propriedade, a floresta...

– Macnair, se Bicuço foi realmente roubado, você acha que o ladrão o levou a pé? – perguntou Dumbledore, ainda em tom divertido. – Procurem nos céus, se quiserem... Hagrid, uma xícara de chá me cairia bem. Ou um bom cálice de conhaque.

– C... claro, professor – disse Hagrid, que parecia fraco de tanta felicidade. – Entre, entre...

Harry e Hermione apuraram os ouvidos. Ouviram passos, o carrasco xingando baixinho, o clique da porta e, então, mais uma vez o silêncio.

– E agora? – sussurrou Harry, olhando para os lados.

– Vamos ter que nos esconder aqui – disse Hermione, que parecia muito abalada. – Precisamos esperar até eles voltarem para o castelo. Depois esperamos até poder voar com Bicuço em segurança até a janela de Sirius. Ele não vai demorar lá mais duas horas... Ah, isso vai ser difícil...

A garota espiou, nervosa, por cima do ombro as profundezas da floresta. O sol ia se pondo.

– Vamos ter que mudar de lugar – disse Harry se concentrando. – Temos que poder ver o Salgueiro Lutador ou não vamos saber o que está acontecendo.

– OK – concordou Hermione, segurando a corda de Bicuço com mais firmeza. – Mas temos que ficar onde ninguém possa nos ver, Harry, lembre-se...

Os dois saíram pela orla da floresta, a noite escurecendo tudo à volta, até poderem se esconder atrás de um grupo de árvores, entre as quais eles podiam avistar o salgueiro.

– Olha lá o Rony! – exclamou Harry de repente.

Um vulto escuro ia correndo pelos jardins e seu grito ecoava pelo ar parado da noite.

– Fique longe dele... fique longe... Perebas, volta *aqui*...

Então os garotos viram mais dois vultos se materializarem do nada. Harry observou ele próprio e Hermione correrem atrás de Rony. Depois viram Rony mergulhar.

– *Te peguei!* Dá o fora, seu gato fedorento...

– Olha lá o Sirius! – exclamou Harry. A forma enorme de um cão saltou das raízes do salgueiro. Eles o viram derrubar Harry, depois agarrar Rony... – Parece ainda pior visto daqui, não é? – comentou Harry, observando o cão puxar Rony para baixo das raízes. – Ai... olha, acabei de levar uma baita lambada da árvore... e você também... que coisa *esquisita*...

O Salgueiro Lutador rangia e dava golpes com os ramos mais baixos; os garotos se viam correndo para cá e para lá, tentando chegar até o tronco. E então

a árvore se imobilizou.
– Isso foi o Bichento apertando o nó – disse Hermione.
– E lá vamos nós... – murmurou Harry. – Entramos.
No momento em que eles desapareceram, a árvore recomeçou a se agitar. Segundos depois, os garotos ouviram passos muito próximos. Dumbledore, Macnair, Fudge e o velhote da Comissão estavam regressando ao castelo.
– Logo depois de termos descido pela passagem! – exclamou Hermione. – Se *ao menos* Dumbledore tivesse ido conosco...
– Macnair e Fudge teriam ido também – disse Harry amargurado. – Aposto o que você quiser como Fudge teria mandado Macnair matar Sirius na hora...
Os garotos observaram os quatro homens subirem os degraus do castelo e desaparecer de vista. Durante alguns minutos os jardins ficaram desertos. Então...
– Aí vem Lupin! – disse Harry ao ver outro vulto descer correndo os degraus de pedra e se dirigir ao salgueiro. Harry olhou para o céu. As nuvens estavam obscurecendo completamente a luz.
Os dois acompanharam Lupin apanhar um galho seco do chão e empurrar com ele o nó do tronco. A árvore parou de lutar, e o professor, também, desapareceu no buraco entre as raízes.
– Se ao menos ele tivesse apanhado a capa – lamentou Harry. – Está caída bem ali...
E, virando-se para Hermione.
– Se eu desse uma corrida agora e apanhasse a capa, Snape nunca poderia se apoderar dela e...
– Harry, *não podemos ser vistos*!
– Como é que você aguenta isso? – perguntou ele a Hermione impetuosamente. – Ficar parada aqui olhando a coisa acontecer? – Ele hesitou. – Vou apanhar a capa!
– Harry, *não*!
Hermione agarrou Harry pelas costas das vestes bem na hora. Naquele instante, ouviu-se uma cantoria. Era Hagrid, ligeiramente trôpego, a caminho do castelo, cantando a plenos pulmões. Um garrafão balançava em suas mãos.
– *Viu?* – sussurrou Hermione. – *Viu o que teria acontecido? Temos que ficar escondidos! Não, Bicuço!*
O hipogrifo fazia tentativas frenéticas para chegar até Hagrid; Harry agarrou a corda também, fazendo força para manter o animal parado. Os garotos observaram Hagrid caminhar, bêbado, até o castelo. Bicuço parou de brigar para ir embora. Deixou a cabeça pender tristemente.
Não havia se passado nem dois minutos e as portas do castelo tornaram a se

escancarar, era Snape que saía decidido, e rumava para o salgueiro.

Os punhos de Harry se fecharam quando eles viram Snape parar derrapando próximo à árvore, olhando para os lados. Depois, apanhou a capa e levantou-a.

– Tira suas mãos imundas daí – rosnou Harry para si mesmo.

– Psiu!

Snape apanhou o galho seco que Lupin usara para imobilizar a árvore, cutucou o nó e desapareceu de vista ao se cobrir com a capa.

– Então é isso – disse Hermione baixinho. – Estamos todos lá embaixo... e agora temos que esperar até voltarmos da passagem...

A garota pegou a ponta da corda de Bicuço e amarrou-a bem segura na árvore mais próxima, então, sentou-se no chão seco, os braços em torno dos joelhos.

– Harry, tem uma coisa que eu não entendo... Por que os dementadores não pegaram Sirius? Eu me lembro deles chegando, aí acho que desmaiei... havia tantos...

Harry se sentou também. E explicou o que vira; que na hora em que o dementador mais próximo chegou a boca junto à de Harry, uma coisa grande e prateada viera galopando do lago e forçara os dementadores a se retirarem.

A boca de Hermione estava ligeiramente aberta quando Harry terminou.

– Mas o que era a coisa?

– Só tem uma coisa que podia ter sido, para fazer os dementadores irem embora – disse Harry. – Um Patrono de verdade. Bem poderoso.

– Mas quem o conjurou?

Harry não respondeu nada. Estava relembrando a pessoa que vira na outra margem do lago. Sabia quem ele pensara que era... mas como *seria* possível?

– Você não viu com quem se parecia? – perguntou Hermione ansiosa. – Foi um dos professores?

– Não – disse Harry. – Não era um professor.

– Mas deve ter sido um bruxo realmente poderoso, para fazer todos aqueles dementadores irem embora... Se o Patrono era tão brilhante, a luz não iluminava ele? Você não pôde ver...?

– Claro que vi – disse Harry lentamente. – Mas talvez... eu tenha imaginado que vi... eu não estava pensando direito... desmaiei logo em seguida...

– *Quem foi que você pensou que viu?*

– Acho... – Harry engoliu em seco, sabendo como era estranho o que ia dizer. – Acho que foi o meu pai.

Harry olhou para Hermione e viu que a boca da menina se abrira de vez. Ela o olhava com uma mistura de susto e piedade.

– Harry, seu pai está... bem... *morto* – disse ela baixinho.

– Eu sei – respondeu Harry depressa.

– Você acha que viu o fantasma dele?
– Não sei... não... parecia sólido...
– Mas então...
– Vai ver eu andei vendo coisas – disse Harry. – Mas... pelo que pude ver... parecia ele... tenho fotos dele...
Hermione continuava a mirá-lo como se estivesse preocupada com a sanidade do amigo.
– Sei que parece doideira – falou Harry, sem animação. E se virou para olhar Bicuço, que enterrava o bico no chão, aparentemente à procura de vermes. Mas na realidade o garoto não estava olhando para Bicuço.
Estava pensando no pai e nos três amigos mais antigos do pai... Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas... Será que os quatro tinham estado em Hogwarts esta noite? Rabicho reaparecera quando todos pensavam que estivesse morto... Seria tão impossível que o mesmo acontecesse com o seu pai? Será que andara vendo coisas no lago? O vulto estava demasiado longe para vê-lo com clareza... contudo, Harry tivera uma certeza momentânea antes de perder a consciência...
A folhagem no alto rumorejava baixinho à brisa. A lua aparecia e desaparecia por trás das nuvens que deslizavam pelo céu. Hermione, sentada com o rosto virado para o salgueiro, aguardava.
Então, finalmente, passada uma hora...
– Aí vêm eles! – sussurrou Hermione.
Ela e Harry se levantaram. Bicuço ergueu a cabeça. Então os garotos viram Lupin, Rony e Pettigrew saindo desajeitados do buraco nas raízes. Depois veio Hermione... o inconsciente Snape, flutuando estranhamente. Em seguida subiram Harry e Black. Todos saíram caminhando em direção ao castelo.
O coração de Harry começou a bater muito depressa. Ele olhou para o céu. A qualquer momento agora, aquela nuvem ia se afastar e mostrar a lua...
– Harry – murmurou Hermione como se soubesse exatamente o que ele estava pensando –, temos que ficar parados. Não podemos ser vistos. Não tem nada que a gente possa fazer...
– Então vamos deixar Pettigrew escapar outra vez... – protestou Harry baixinho.
– Como é que você espera encontrar um rato no escuro? – retrucou Hermione irritada. – Não tem nada que a gente possa fazer! Voltamos para ajudar Sirius; não é para fazer mais nada!
– *Está bem!*
A lua deslizou para fora da cobertura de nuvens. Os dois viram os pequenos vultos que atravessavam os jardins pararem. Então perceberam um movimento...

– Lá vai Lupin – cochichou Hermione. – Ele está se transformando...
– Hermione! – disse Harry de repente. – Temos que mudar de lugar!
– Já disse que não podemos...
– Não podemos interferir! Mas Lupin vai correr para dentro da floresta, bem por onde estamos!
Hermione prendeu a respiração.
– Depressa! – gemeu ela, correndo para soltar Bicuço. – Depressa! Aonde é que nós vamos? Onde é que vamos nos esconder? Os dementadores vão chegar a qualquer momento...
– Vamos voltar para a cabana de Hagrid! – disse Harry. – Está vazia agora... vamos!
Os garotos correram a toda velocidade, Bicuço atrás deles. Ouviam o lobisomem uivando em sua cola...
Avistaram a cabana; Harry derrapou diante da porta, escancarou-a, e Hermione e Bicuço passaram como relâmpagos por ele; o garoto se atirou para dentro e trancou a porta. Canino, o cão de caçar javalis, latiu com força.
– Psiu, Canino, somos nós! – disse Hermione, correndo a coçar atrás das orelhas do cão para sossegá-lo. – Essa foi por pouco! – disse ela a Harry.
– É...
Harry espiava pela janela. Era muito mais difícil ver o que estava acontecendo dali de dentro. Bicuço parecia muito feliz de se encontrar outra vez na cabana de Hagrid. Deitou-se diante da lareira, dobrou as asas, satisfeito, e pareceu pronto para tirar um cochilo.
– Acho melhor sair, sabe – disse Harry lentamente. – Não consigo ver o que está acontecendo... não vamos saber quando for a hora...
Hermione ergueu a cabeça. Tinha uma expressão desconfiada.
– Não vou tentar interferir – disse Harry depressa. – Mas se não virmos o que está acontecendo, como é que vamos saber quando temos que salvar Sirius?
– Bem... OK, então... Fico esperando aqui com o Bicuço... mas Harry, tenha cuidado, tem um lobisomem solto lá fora... e os dementadores...
Harry saiu e contornou a cabana. Ouvia latidos ao longe. Isto significava que os dementadores estavam fechando o cerco sobre Sirius... Ele e Hermione iriam correr para Sirius a qualquer instante...
Harry espiou para as bandas do lago, seu coração produzindo uma espécie de batuque no seu peito... Quem quer que tivesse mandado o Patrono iria aparecer a qualquer momento...
Por uma fração de segundo ele parou, indeciso, diante da porta da cabana. *Você não pode ser visto.* Mas ele não queria ser visto. Queria ver... Tinha que saber...

E lá estavam os dementadores. Emergiam da noite, vindos de todas as direções, deslizando pela orla do lago... Estavam se distanciando do ponto em que Harry se encontrava, em direção à margem oposta... Ele não teria que se aproximar deles...

Harry começou a correr. Não tinha outro pensamento na cabeça senão o pai... Se fosse ele... se fosse realmente ele... Harry precisava saber, precisava descobrir...

O lago estava cada vez mais próximo, mas não havia sinal de ninguém. Na margem oposta, Harry vislumbrou minúsculos pontos prateados – suas próprias tentativas de produzir um Patrono...

Havia uma moita bem na beirinha da água. Harry se atirou atrás dela, e espiou desesperado entre as folhas. Na margem oposta, os reflexos prateados de repente se extinguiram. Uma mescla de terror e excitação percorreu seu corpo – a qualquer momento agora...

– Vamos! – murmurou, olhando com atenção para os lados. – Onde é que você está! Papai, anda...

Mas não veio ninguém. Harry ergueu a cabeça para olhar o círculo de dementadores do outro lado do lago. Um deles estava despindo o capuz. Estava na hora do salvador aparecer – mas ninguém ia aparecer para ajudar desta vez...

E então a explicação lhe ocorreu – ele compreendeu. Não vira o pai – vira a *si mesmo*...

Harry se precipitou para fora da moita e puxou a varinha.

– EXPECTO PATRONUM! – berrou.

E da ponta de sua varinha irrompeu, não uma nuvem informe, mas um animal prateado, deslumbrante, ofuscante. Ele apertou os olhos tentando ver o que era. Parecia um cavalo. Galopava silenciosamente se afastando dele, atravessando a superfície escura do lago. Ele viu o animal abaixar a cabeça e investir contra o enxame de dementadores... Agora, a galope, ele cercava os vultos escuros no chão, e os dementadores recuavam, se dispersavam, batiam em retirada na noite... Desapareciam.

O Patrono deu meia-volta. Veio em direção a Harry atravessando a superfície parada das águas. Não era um cavalo. Não era um unicórnio, tampouco. Era um cervo. Reluzia intensamente ao luar... estava retornando a ele...

Parou na margem. Seus cascos não deixaram pegadas no chão macio quando ele encarou Harry com os grandes olhos prateados. Lentamente, ele curvou a cabeça cheia de galhos. E Harry percebeu...

– *Pontas* – sussurrou.

Mas quando os dedos trêmulos de Harry se estenderam para o bicho, ele desapareceu.

Harry continuou parado ali, a mão estendida. Então com um grande salto no coração, ele ouviu o ruído de cascos às suas costas – virou-se e viu Hermione correndo para ele, arrastando Bicuço.

– *Que foi que você fez?* – perguntou ela com raiva. – Você disse que ia ficar vigiando!

– Acabei de salvar as nossas vidas... – disse Harry. – Vem aqui para trás, atrás dessa moita, eu explico.

Hermione ouviu o relato do que acabava de acontecer, outra vez boquiaberta.

– Alguém viu você?

– Está vendo, você não ouviu nada! *Eu* me vi e achei que era o meu pai! Tudo bem!

– Harry, nem posso acreditar... Você conjurou um Patrono que espantou todos aqueles dementadores! Isto é magia *muito* adiantada, mas muito mesmo...

– Eu sabia que podia fazer isso desta vez – disse Harry –, porque já tinha feito antes... Faz sentido?

– Não sei... Harry, olha o Snape!

Juntos eles olharam para a outra margem. Snape recuperara os sentidos. Estava conjurando macas e erguendo as formas inertes de Harry, Hermione e Black para cima delas. Uma quarta maca, sem dúvida carregando Rony, já estava flutuando ao seu lado. Então, com a varinha segura à frente, ele os transportou para o castelo.

– Certo, está quase na hora – disse Hermione olhando, tensa, para o relógio. – Temos uns quarenta e cinco minutos até Dumbledore fechar a porta da ala hospitalar. Temos que salvar Sirius e voltar à enfermaria antes que alguém perceba que estamos ausentes...

Os dois esperaram, observando o reflexo das nuvens que se moviam sobre o lago, enquanto a moita ao lado sussurrava à brisa. Bicuço, entediado, estava novamente bicando a terra à procura de vermes.

– Você acha que ele já está lá em cima? – perguntou Harry, consultando o relógio. Em seguida olhou para o castelo e começou a contar as janelas à direita da Torre Oeste.

– Olha! – sussurrou Hermione. – Quem é aquele? Alguém está saindo do castelo!

Harry olhou para o escuro. O homem estava correndo pelos jardins, em direção a uma das entradas. Uma coisa reluzente faiscava em seu cinto.

– Macnair! – exclamou Harry. – O carrasco! Ele foi chamar os dementadores! É agora, Mione...

Hermione pôs as mãos nas costas de Bicuço e Harry a ajudou a montar. Então ele apoiou o pé em um dos galhos mais baixos da moita e montou à frente da

garota. Depois puxou a corda de Bicuço por cima do pescoço e amarrou-a como se fossem rédeas.

– Pronta? – cochichou para Hermione. – É melhor você se segurar em mim...

E bateu os calcanhares nos lados de Bicuço.

O bicho saiu voando pela noite. Harry comprimiu os flancos de Bicuço com os joelhos, sentindo as grandes asas erguerem-se com força por baixo deles. Hermione segurava Harry muito apertado, pela cintura; ele a ouvia reclamar baixinho.

– Ah, não... não estou gostando disso... ah, não estou gostando nem um pouco disso...

Harry estugou Bicuço para fazê-lo avançar. Eles começaram a voar silenciosamente em direção aos andares superiores do castelo... Harry puxou com força o lado esquerdo da corda e Bicuço virou para aquele lado. O garoto tentava contar as janelas que passavam velozes...

– Ôôô! – comandou puxando a corda para si com toda a força que pôde.

O hipogrifo reduziu a velocidade e eles pararam, salvo se considerarmos o fato de que continuavam a subir e descer quase um metro de cada vez, quando o bicho batia as asas para se manter no ar.

– Ele está ali! – disse Harry apontando para Sirius quando emparelharam com uma janela. O garoto estendeu a mão e, quando as asas de Bicuço baixaram, conseguiu dar umas pancadinhas na vidraça.

Black olhou. Harry viu o queixo dele cair de espanto. O homem saltou da cadeira, correu à janela e tentou abri-la, mas estava trancada.

– Se afaste! – pediu Hermione tirando a varinha, ainda agarrando as vestes de Harry com a mão esquerda.

– *Alohomora!*

A janela se escancarou.

– Como... *como*...?! – exclamou Black com a voz fraca, olhando para o hipogrifo.

– Sobe, não temos muito tempo – disse Harry, segurando Bicuço com firmeza pelos lados do pescoço escorregadio para mantê-lo parado. – Você tem que sair daqui, os dementadores estão chegando, Macnair foi buscar eles.

Black colocou as mãos dos lados da janela e ergueu a cabeça e os ombros para fora. Foi uma sorte estar tão magro. Em segundos, ele conseguiu passar uma perna por cima do lombo de Bicuço e montar o bicho atrás de Hermione.

– OK, Bicuço, para cima! – disse Harry sacudindo a corda. – Para a torre, anda!

O hipogrifo bateu uma vez as asas possantes e eles recomeçaram a voar para o alto, até o topo da Torre Oeste. Bicuço pousou com um ruído de cascos nas

ameias do castelo e os garotos escorregaram para o chão.
– Sirius, é melhor você ir depressa – ofegou Harry. – Eles vão chegar na sala de Flitwick a qualquer momento, e vão descobrir que você fugiu.
Bicuço pateou o chão, sacudindo a cabeça pontuda.
– Que aconteceu com o outro garoto? Rony! – perguntou Sirius rouco.
– Ele vai ficar bom. Ainda está desacordado, mas Madame Pomfrey diz que vai dar um jeito nele. Depressa, vai...
Mas Black continuava a olhar para Harry.
– Como é que vou poder lhe agradecer...
– VAI! – gritaram ao mesmo tempo Harry e Hermione.
Black fez Bicuço virar para o céu aberto.
– Nós vamos nos ver outra vez – disse ele. – Você é bem filho do seu pai, Harry...
E, então, apertou os flancos de Bicuço com os calcanhares. Harry e Hermione deram um salto para trás quando as enormes asas se ergueram mais uma vez... O hipogrifo saiu voando pelos ares... Ele e seu cavaleiro foram ficando cada vez menores enquanto Harry os observava... Então uma nuvem encobriu a lua... E eles desapareceram.

— CAPÍTULO VINTE E DOIS —

Novo correio-coruja

– Harry!

Hermione estava puxando a manga do garoto, com os olhos no seu próprio relógio.

– Temos exatamente dez minutos para voltar à ala hospitalar sem que ninguém nos veja, antes que Dumbledore tranque a porta...

– OK – disse Harry, parando de contemplar o céu –, vamos...

Os dois saíram pela porta às costas deles e desceram uma escada de pedra circular muito estreita. Quando chegaram embaixo ouviram vozes. Colaram o corpo contra a parede e escutaram. Pareciam as vozes de Fudge e Snape. Os dois caminhavam depressa pelo corredor no qual terminava a escada.

– ... Só espero que Dumbledore não crie dificuldades – dizia Snape. – O beijo será executado imediatamente?

– Assim que Macnair voltar com os dementadores. Todo esse caso Black tem sido muitíssimo constrangedor. Nem posso lhe dizer como estou ansioso para informar ao *Profeta Diário* que finalmente o capturamos... Acho provável que queiram entrevistá-lo, Snape... e quando Harry tiver voltado ao normal, espero que se disponha a contar ao *Profeta* exatamente como foi que você o salvou...

Harry cerrou os dentes. Viu de relance o sorriso presunçoso de Snape, quando o professor e Fudge passaram pelo lugar em que ele e Hermione estavam escondidos. O eco dos passos dos homens foi se distanciando. Os dois garotos esperaram alguns minutos para ter certeza de que tinham realmente ido embora, então começaram a correr na direção oposta. Desceram uma escada, depois outra, correram por um corredor – então ouviram uma risada escandalosa à frente.

– *Pirraça!* – murmurou Harry, agarrando o pulso de Hermione. – Aqui!

Eles se precipitaram para dentro de uma sala de aula à esquerda, na hora H.

Ao que parecia, Pirraça vinha saltitando pelo corredor apregoando bom humor, rindo de se acabar.

– Ah, ele é horrível! – sussurrou Hermione, o ouvido encostado à porta. – Aposto como está nessa excitação toda porque os dementadores vão liquidar Sirius... – Ela tornou a consultar o relógio. – Três minutos, Harry!

Os garotos aguardaram a voz satisfeita de Pirraça sumir ao longe, então abandonaram a sala e desataram a correr.

– Hermione, que é que vai acontecer, se não conseguirmos voltar antes de Dumbledore trancar a porta? – ofegou Harry.

– Nem quero pensar! – gemeu Hermione, verificando novamente o relógio. – Um minuto!

Os dois tinham chegado ao fim do corredor em que ficava a entrada para a ala hospitalar.

– OK... Estou ouvindo Dumbledore – disse Hermione tensa. – Vamos Harry!

Saíram sorrateiramente pelo corredor. A porta da enfermaria se abriu. Apareceram as costas de Dumbledore.

– Vou trancá-los – os garotos o ouviram dizer. – Faltam cinco minutos para a meia-noite. Srta. Granger, três voltas devem bastar. Boa sorte.

Dumbledore recuou para fora da enfermaria, fechou a porta e puxou a varinha para trancá-la magicamente. Em pânico, Harry e Hermione correram ao seu encontro. Dumbledore ergueu os olhos e apareceu um largo sorriso sob seus compridos bigodes prateados.

– Então? – perguntou ele baixinho.

– Conseguimos! – disse Harry ofegante. – Sirius já foi, montado em Bicuço...

Dumbledore sorriu radiante para os garotos.

– Muito bem! Acho que... – Ele escutou atentamente para verificar se havia algum ruído no interior da ala hospitalar. – É, acho que vocês também já foram: entrem, vou trancá-los...

Harry e Hermione entraram na enfermaria. Estava vazia exceto por Rony, que continuava deitado imóvel na cama ao fundo. Ao ouvirem o clique da fechadura, Harry e Hermione voltaram às suas camas, e a garota guardou o vira-tempo, dentro das vestes. Um instante depois, Madame Pomfrey saiu de sua sala.

– Foi o diretor que eu ouvi saindo? Será que já posso cuidar dos meus pacientes?

A enfermeira estava muito mal-humorada. Harry e Hermione acharam melhor aceitar o chocolate que ela trazia sem resistência. Madame Pomfrey ficou vigiando para ter certeza de que eles o comessem. Mas Harry mal conseguia engolir. Ele e Hermione estavam esperando, escutavam, os nervos vibrando desafinados... Então, quando aceitaram o quarto pedaço de chocolate de Madame

Pomfrey, eles ouviram ao longe o ronco de fúria que ecoava em algum ponto do andar acima...

– Que foi isso? – perguntou Madame Pomfrey assustada.

Agora ouviam vozes raivosas, que iam se avolumando sem parar. A enfermeira tinha os olhos na porta.

– Francamente, vão acordar todo mundo! Que é que eles acham que estão fazendo?

Harry tentava ouvir o que as vozes diziam. Elas foram se aproximando...

– Ele deve ter desaparatado, Severo. Devíamos ter deixado alguém na sala vigiando. Quando isto vazar...

– ELE NÃO DESAPARATOU! – vociferou Snape, agora muito próximo. – NÃO SE PODE APARATAR NEM DESAPARATAR DENTRO DESTE CASTELO! ISTO... TEM... DEDO... DO... POTTER!

– Severo... seja razoável... Harry está trancado...

PAM.

A porta da ala hospitalar se escancarou.

Fudge, Snape e Dumbledore entraram na enfermaria. Somente o diretor parecia calmo. De fato, parecia que estava se divertindo. Fudge tinha uma expressão zangada. Mas Snape estava fora de si.

– DESEMBUCHE, POTTER! – berrou ele. – QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

– Professor Snape! – protestou esganiçada Madame Pomfrey. – Controle-se!

– Olhe aqui, Snape, seja razoável – ponderou Fudge. – A porta esteve trancada, acabamos de constatar...

– ELES AJUDARAM BLACK A ESCAPAR, EU SEI! – berrou Snape, apontando para Harry e Hermione. Seu rosto estava contorcido; voava cuspe de sua boca.

– Acalme-se, homem! – ordenou Fudge. – Você está falando disparates!

– O SENHOR NÃO CONHECE POTTER! – berrou Snape em falsete. – FOI ELE, EU SEI QUE FOI ELE QUE FEZ ISSO...

– Chega, Severo – disse Dumbledore em voz baixa. – Pense no que está dizendo. A porta esteve trancada desde que deixei a enfermaria dez minutos atrás. Madame Pomfrey, esses garotos saíram da cama?

– Claro que não! – respondeu Madame Pomfrey com eficiência. – Eu os teria ouvido!

– Aí está, Severo – disse Dumbledore calmamente. – A não ser que você esteja sugerindo que Harry e Hermione sejam capazes de estar em dois lugares ao mesmo tempo, receio que não haja sentido em continuar a perturbá-los.

Snape ficou parado ali, procurando, olhando de Fudge, que parecia extremamente chocado com o procedimento do professor, para Dumbledore

cujos olhos cintilavam por trás dos óculos. Snape deu meia-volta, as vestes rodopiando para trás, e saiu enfurecido da enfermaria.

– O homem parece que é bem desequilibrado – disse Fudge, acompanhan-do-o com o olhar. – Eu me precaveria se fosse você, Dumbledore.

– Ah, ele não é desequilibrado – disse Dumbledore em voz baixa. – Apenas sofreu um grave desapontamento.

– Ele não é o único! – bufou Fudge. – O *Profeta Diário* vai ter um grande dia! Tivemos Black encurralado e ele nos escapa entre os dedos outra vez! Só falta agora a história da fuga do hipogrifo vazar, para eu virar motivo de pilhérias! Bom... é melhor eu ir notificar o Ministério...

– E os dementadores? – disse Dumbledore. – Serão retirados da escola, eu espero.

– Ah, claro, eles terão que se retirar – disse Fudge, passando os dedos, distraidamente, pelos cabelos. – Nunca sonhei que tentariam executar o beijo em um garoto inocente... completamente descontrolado... Não, mandarei despachá-los de volta a Azkaban ainda hoje à noite... Talvez devêssemos estudar a colocação de dragões à entrada da escola...

– Hagrid iria gostar – disse Dumbledore, sorrindo para Harry e Hermione. Quando o diretor e Fudge iam saindo do quarto, Madame Pomfrey correu até a porta e tornou a trancá-la. E resmungando, aborrecida, voltou à sua salinha.

Ouviu-se um gemido baixo na outra ponta da enfermaria. Rony acordara. Eles o viram sentar-se, esfregar a cabeça e olhar para todos os lados.

– Que... que aconteceu? – gemeu ele. – Harry? Por que estamos aqui? Aonde é que foi o Sirius? Aonde é que foi o Lupin? Que está acontecendo?

Harry e Hermione se entreolharam.

– Você explica – pediu Harry, servindo-se de mais um pedaço de chocolate.

Quando Harry, Rony e Hermione deixaram a ala hospitalar ao meio-dia do dia seguinte, foi para encontrar um castelo quase deserto. O calor sufocante e o fim dos exames sinalizavam que todos estavam aproveitando ao máximo mais uma visita a Hogsmeade. Nem Rony nem Hermione, porém, tiveram vontade de ir, assim, os dois e Harry perambularam pelos jardins, ainda discutindo os acontecimentos extraordinários da noite anterior e se perguntando onde estariam Sirius e Bicuço naquela hora. Sentados perto do lago, observando a lula gigante agitar preguiçosamente seus tentáculos à superfície das águas, Harry perdeu o fio da conversa contemplando a margem oposta do lago. O cervo galopara em sua direção ali, ainda na noite anterior...

Uma sombra caiu sobre eles e, ao olharem, depararam com um Hagrid de olhos muito vermelhos, enxugando o rosto úmido de suor com um lenço do

tamanho de uma toalha de mesa, e sorrindo para os três.
– Sei que não devia me sentir feliz depois do que aconteceu ontem à noite – disse ele. – Quero dizer, a nova fuga de Black e tudo o mais, mas sabem de uma coisa?
– O quê? – perguntaram os garotos em coro, fingindo curiosidade.
– Bicuço! Ele fugiu! Está livre! Passei a noite toda festejando!
– Que fantástico! – exclamou Hermione lançando a Rony um olhar de censura porque ele parecia prestes a cair na risada.
– É... não devo ter amarrado ele direito – concluiu Hagrid, apreciando os jardins. – Estive preocupado hoje de manhã, vejam bem... achei que ele podia ter topado com o Prof. Lupin por aí, mas o professor disse que não comeu nada ontem à noite...
– Quê? – perguntou Harry depressa.
– Caramba, vocês não souberam? – disse Hagrid, o sorriso se desfazendo. Em seguida, baixou a voz, ainda que não houvesse ninguém à vista. – Hum... Snape anunciou para os alunos da Sonserina hoje de manhã... Achei que, a essa altura, todo mundo já soubesse... O Prof. Lupin é lobisomem, entendem. E esteve solto na propriedade ontem à noite. Ele está fazendo as malas agora, é claro.
– Ele está *fazendo as malas*? – repetiu Harry alarmado. – Por quê?
– Vai embora, não é? – disse Hagrid, parecendo surpreso que Harry tivesse feito uma pergunta daquela. – Pediu demissão logo de manhã. Diz que não pode arriscar que isto aconteça de novo.
Harry levantou-se depressa.
– Vou ver o professor – avisou a Rony e Hermione.
– Mas se ele se demitiu...
– ... parece que não há nada que a gente possa fazer...
– Não faz diferença. Continuo querendo ver o professor. Encontro vocês aqui depois.

A porta da sala de Lupin estava aberta. O professor já guardara a maior parte dos seus pertences. O tanque vazio do *grindylow* estava ao lado de sua mala surrada, aberta e quase cheia. Lupin curvava-se sobre alguma coisa em sua escrivaninha e ergueu a cabeça quando Harry bateu na porta.
– Vi-o chegando – disse Lupin com um sorriso. E apontou para o pergaminho que estivera examinando. Era o Mapa do Maroto.
– Acabei de encontrar Hagrid – disse Harry. – E soube dele que o senhor pediu demissão. Não é verdade, é?
– Receio que seja. – Lupin começou a abrir as gavetas da escrivaninha e a esvaziá-las.

– *Por quê?* – perguntou Harry. – O Ministério da Magia não está achando que o senhor ajudou Sirius, está?

Lupin foi até a porta e fechou-a.

– Não. O Prof. Dumbledore conseguiu convencer Fudge que eu estava tentando salvar as vidas de vocês. – Ele suspirou. – Isso foi a gota d’água para Severo. Acho que a perda da Ordem de Merlim o deixou muito abalado. Então ele... hum... *acidentalmente* deixou escapar hoje, no café da manhã, que eu era lobisomem.

– O senhor não está indo embora só por causa disso! – espantou-se Harry.

Lupin sorriu enviesado.

– Amanhã a essa hora, vão começar a chegar as corujas dos pais... Eles não vão querer um lobisomem ensinando a seus filhos, Harry. E depois de ontem à noite, eu entendo. Eu poderia ter mordido um de vocês... Isto não pode voltar a acontecer nunca mais.

– O senhor é o melhor professor de Defesa Contra as Artes das Trevas que já tivemos! – disse Harry. – Não vá embora!

Lupin sacudiu a cabeça e ficou calado. Continuou a esvaziar as gavetas. Então, enquanto Harry tentava pensar em um bom argumento para convencê-lo a ficar, Lupin falou:

– Pelo que o diretor me contou hoje de manhã, vocês salvaram muitas vidas ontem à noite, Harry. Se eu tenho orgulho de alguma coisa que fiz este ano, foi o muito que você aprendeu comigo... me conte sobre o seu Patrono.

– Como é que o senhor soube? – perguntou Harry espantado.

– Que mais poderia ter afugentado os dementadores?

Harry contou a Lupin o que acontecera. Quando terminou, o professor voltara a sorrir.

– É, seu pai se transformava sempre em cervo. Você acertou... é por isso que o chamávamos de Pontas.

Lupin jogou seus últimos livros em uma caixa, fechou as gavetas da escrivaninha e virou-se para fitar Harry.

– Tome, trouxe isto da Casa dos Gritos ontem à noite – disse, devolvendo a Harry a Capa da Invisibilidade. – E... – ele hesitou e em seguida devolveu o Mapa do Maroto também. – Não sou mais seu professor, por isso não me sinto culpado por lhe devolver isso também. Não serve para mim, e me arrisco a dizer que você, Rony e Hermione vão encontrar utilidade para o mapa.

Harry recebeu o mapa e sorriu.

– O senhor me disse que Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas tinham querido me atrair para fora da escola... o senhor disse que eles teriam achado graça.

– E teríamos – respondeu Lupin, abaixando-se para fechar a mala. – Não tenho dúvida em afirmar que Tiago teria ficado muitíssimo desapontado se o filho dele jamais descobrisse as passagens secretas para fora do castelo.

Ouviu-se uma batida na porta. Harry guardou apressadamente o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade no bolso.

Era o Prof. Dumbledore. Ele não pareceu surpreso de encontrar Harry ali.

– O seu coche já está no portão, Remo – anunciou ele.

– Obrigado, diretor.

Lupin apanhou sua velha mala e o tanque vazio do *grindylow*.

– Bom... adeus, Harry – disse sorrindo. – Foi realmente um prazer ser seu professor. Tenho certeza de que voltaremos a nos encontrar. Diretor, não precisa me acompanhar até o portão, posso me arranjar...

Harry teve a impressão de que Lupin queria sair o mais rápido possível.

– Adeus, então, Remo – disse Dumbledore sério. Lupin empurrou ligeiramente o tanque do *grindylow* para poder apertar a mão de Dumbledore. Então, com um último aceno para Harry e um breve sorriso, Lupin saiu da sala.

Harry se sentou na cadeira desocupada, olhando tristemente para o chão. Ouviu a porta se fechar e ergueu a cabeça. Dumbledore continuava na sala.

– Por que tão infeliz, Harry? – perguntou em voz baixa. – Você deveria estar se sentindo muito orgulhoso depois do que fez à noite passada.

– Não fez nenhuma diferença – disse Harry com amargura. – Pettigrew conseguiu fugir.

– Não fez nenhuma diferença? – repetiu Dumbledore baixinho. – Fez toda a diferença do mundo, Harry. Você ajudou a desvendar a verdade. Salvou um homem inocente de um destino terrível.

Terrível. A palavra despertou uma lembrança na cabeça de Harry. *Maior e mais terrível que nunca*... A predição da Prof. Trelawney!

– Prof. Dumbledore, ontem, quando eu estava fazendo o exame de Adivinhação, a Profª Trelawney ficou muito... muito estranha.

– Verdade? – disse o diretor. – Hum... mais estranha do que de costume, você quer dizer?

– É... a voz dela engrossou e os olhos giraram e ela falou... que o servo de Voldemort ia se juntar a ele antes da meia-noite... Disse que o servo ia ajudá-lo a voltar ao poder. – Harry ergueu os olhos para Dumbledore. – E então ela meio que voltou ao normal, mas não conseguiu se lembrar de nada que tinha falado. Era... ela estava fazendo uma predição de verdade?

Dumbledore pareceu levemente impressionado.

– Sabe, Harry, acho que talvez estivesse – disse pensativo. – Quem teria imaginado? Isso eleva para duas o total de predições verdadeiras que ela já fez.

Eu devia dar à professora um aumento de salário...
– Mas... – Harry olhou, perplexo, para o diretor. Como é que Dumbledore podia ouvir uma notícia dessas com tanta calma?
– Mas... eu impedi Sirius e o Prof. Lupin de matarem Pettigrew! Assim vai ser minha culpa se Voldemort voltar!
– Não vai, não – disse Dumbledore em voz baixa. – A sua experiência com o vira-tempo não lhe ensinou nada, Harry? As consequências de nossos atos são sempre tão complexas, tão diversas, que predizer o futuro é uma tarefa realmente difícil... A Profª Trelawney, abençoada seja, é a prova viva disso... Você teve um gesto muito nobre salvando a vida de Pettigrew...
– Mas se ele ajudar Voldemort a voltar ao poder...!
– Pettigrew lhe deve a vida. Você mandou a Voldemort um emissário que está em dívida com você... Quando um bruxo salva a vida de outro, formase um certo vínculo entre os dois... e estarei muito enganado se Voldemort aceitar um servo em dívida com Harry Potter.
– Eu não quero ter nenhum vínculo com Pettigrew! – exclamou Harry. – Ele traiu os meus pais!
– Assim é a magia no que ela tem de mais profundo e impenetrável, Harry. Mas confie em mim... quem sabe um dia você se alegrará por ter salvado a vida de Pettigrew.
Harry não conseguiu imaginar quando seria isso. Dumbledore parecia ter adivinhado o que o garoto estava pensando.
– Conheci seu pai muito bem, tanto em Hogwarts quanto depois, Harry – disse o diretor com carinho. – Tiago teria salvado Pettigrew também, tenho certeza.
Harry olhou para o diretor. Dumbledore não riria – podia lhe contar...
– Ontem à noite, eu pensei que tinha sido o meu pai que tinha conjurado o meu Patrono. Quero dizer, pensei que estava vendo ele quando me vi atravessando o lago...
– Um engano normal – disse Dumbledore gentilmente. – Imagino que já esteja cansado de ouvir dizer, mas você é *extraordinariamente* parecido com Tiago. Exceto nos olhos... você tem os olhos de sua mãe.
Harry sacudiu a cabeça.
– Foi burrice minha pensar que era ele – murmurou o garoto. – Quero dizer, eu sei que ele está morto.
– Você acha que os mortos que amamos realmente nos deixam? Você acha que não nos lembramos deles ainda mais claramente em momentos de grandes dificuldades? O seu pai vive em você, Harry, e se revela mais claramente quando você precisa dele. De que outra forma você poderia produzir aquele Patrono? Pontas reapareceu ontem à noite.

Levou um momento para Harry compreender o que Dumbledore acabara de dizer.

– Ontem à noite Sirius me contou como eles se tornaram animagos – disse o diretor sorrindo. – Uma realização fantástica, e não é menos fantástico que tenham ocultado isso de mim. Então me lembrei da forma muito incomum que o seu Patrono assumiu, quando investiu contra o Sr. Malfoy na partida de quadribol contra Corvinal. Sabe, Harry, de certa forma você realmente viu o seu pai ontem à noite... Você o encontrou dentro de si mesmo.

E Dumbledore saiu da sala deixando Harry com seus pensamentos muito confusos.

Ninguém em Hogwarts sabia a verdade do que acontecera na noite em que Sirius, Bicuço e Pettigrew desapareceram, exceto Harry, Rony, Hermione e o Prof. Dumbledore. À medida que o trimestre foi chegando ao fim, Harry ouviu muitas teorias diferentes sobre o que realmente acontecera, mas nenhuma delas sequer se aproximava da verdadeira.

Malfoy estava enfurecido com a fuga de Bicuço. Acreditava que Hagrid encontrara um jeito de contrabandear o hipogrifo para um lugar seguro, e parecia indignado que ele e o pai tivessem sido enganados por um guarda-caça. Entrementes, Percy Weasley tinha muito a dizer sobre a fuga de Sirius.

– Se eu conseguir entrar para o ministério, apresentarei várias propostas sobre a execução das leis da magia! – disse ele à única pessoa que queria escutá-lo, sua namoradinha Penelope.

Embora o tempo estivesse perfeito, embora a atmosfera estivesse tão animada, embora ele soubesse que tinham realizado quase o impossível ao ajudar Sirius a continuar livre, Harry jamais chegara tão desanimado a um final de ano letivo.

Com certeza não era o único aluno que lamentava a partida do Prof. Lupin. A turma inteira de Defesa Contra as Artes das Trevas amargara a demissão do professor.

– Quem será que vão nos dar no ano que vem? – perguntou Simas Finnigan deprimido.

– Quem sabe um vampiro – sugeriu Dino Thomas esperançoso.

Não era apenas a partida do Prof. Lupin que estava pesando na cabeça de Harry. Ele não podia deixar de pensar, e muito, na predição da Profª Sibila Trelawney. Ficava imaginando onde estaria Pettigrew, se já teria procurado guarida com Voldemort. Mas o que mais deprimia o ânimo de Harry era a perspectiva de regressar à casa dos Dursley. Durante talvez meia hora, uma gloriosa meia hora, acreditara que iria passar a morar com Sirius... o melhor amigo dos seus pais... Seria a segunda melhor coisa do mundo depois de ter o

seu pai de volta. E ainda que não ter notícias de Sirius Black fosse decididamente uma boa notícia, pois significava que ele conseguira se esconder com sucesso, Harry não podia deixar de se entristecer quando pensava no lar que poderia ter tido e na circunstância de isso ter se tornado impossível.

Os resultados dos exames foram divulgados no último dia do ano letivo. Harry, Rony e Hermione tinham passado em todas as matérias. Harry se admirou de ter se dado bem em Poções. Suspeitava, muito perspicazmente, que Dumbledore talvez tivesse interferido para impedir Snape de reprová-lo de propósito. O comportamento de Snape com relação a Harry na última semana tinha sido alarmante. O garoto não teria achado possível que a aversão do professor por ele pudesse aumentar, mas sem dúvida isto acontecera. Um músculo tremia incomodamente no canto da boca fina de Snape toda vez que ele olhava para Harry, e o bruxo flexionava os dedos todo o tempo, como se eles comichassem para apertar o pescoço de Harry.

Percy conseguira excelentes notas nos exames de N.I.E.M.s; Fred e Jorge passaram raspando nos exames para obter seus N.O.M.s. Entrementes, a casa da Grifinória, em grande parte graças ao seu espetacular desempenho na conquista da Taça de Quadribol, ganhara o Campeonato das Casas, pelo terceiro ano consecutivo. Isto significou que a festa de encerramento do ano letivo se realizou em meio a decorações vermelhas e douradas, e que, na comemoração geral, a mesa da Grifinória foi a mais barulhenta do Salão. Até Harry, enquanto comia, bebia, conversava e ria com todos, conseguira esquecer a viagem de regresso à casa dos Dursley no dia seguinte.

Quando o Expresso de Hogwarts deixou a estação na manhã seguinte, Hermione comunicou a Harry e a Rony uma notícia surpreendente.

– Fui ver a Profª McGonagall hoje de manhã, pouco antes do café. Resolvi abandonar Estudos dos Trouxas.

– Mas você passou na prova com trezentos e vinte por cento! – exclamou Rony.

– Eu sei – suspirou Hermione –, mas não vou poder viver outro ano igual a este. Aquele vira-tempo estava me levando à loucura. Eu o devolvi. Sem Estudos dos Trouxas e Adivinhação, vou poder ter um horário normal outra vez.

– Ainda não consigo *acreditar* que você não tenha nos contado. Pensávamos que éramos seus *amigos*.

– Prometi que não contaria a *ninguém* – disse Hermione com severidade.

Ela se virou para olhar para Harry, que observava Hogwarts desaparecer de vista por trás de um morro. Dois meses inteiros até poder revê-la...

– Ah, se anima, Harry! – disse Hermione triste.

– Eu estou bem – se apressou o garoto a dizer. – Estou só pensando nas férias.

– É, eu também tenho pensado nelas – disse Rony. – Harry você tem que vir ficar conosco. Vou combinar com mamãe e papai, depois te ligo. Agora já sei usar um feletone...

– Um *telefone*, Rony – corrigiu-o Hermione. – Sinceramente, *você* é quem devia fazer Estudos dos Trouxas no ano que vem...

Rony fingiu que não tinha ouvido o comentário.

– Vai haver a Copa Mundial de Quadribol agora no verão! Que é que você acha, Harry? Vem ficar com a gente e aí podemos assistir aos jogos! Papai geralmente arranja entradas no ministério.

Esta proposta teve o efeito de animar Harry bastante.

– É... aposto que os Dursley iriam gostar que eu fosse... principalmente depois do que fiz com a tia Guida...

Sentindo-se bem mais alegre, Harry jogou várias partidas de Snap Explosivo com Rony e Hermione e, quando a bruxa com a carrocinha de lanches chegou, ele comprou uma enorme refeição, mas nada que tivesse chocolate.

Mas a tarde já ia avançada quando aconteceu a coisa que o deixou realmente feliz...

– Harry – chamou-o Hermione de repente, espiando por cima do seu ombro. – Que é essa coisa do lado de fora da sua janela?

Harry se virou para olhar. Havia uma coisa muito pequena e cinzenta que aparecia e desaparecia de vista do lado de fora da janela. Ele se levantou para ver melhor e concluiu que era uma coruja minúscula, carregando uma carta demasiado grande para o seu tamanho. A coruja era tão pequena, na realidade, que não parava de dar cambalhotas no ar, impelida para cá e para lá pelo deslocamento de ar do trem. Harry baixou depressa a janela, esticou o braço e recolheu-a. Ao tato, ela lembrava um pomo de ouro muito fofo. O garoto recolheu a coruja cuidadosamente para dentro. A ave deixou cair a carta no banco e começou a voar pela cabine dos garotos, aparentemente muito satisfeita consigo mesma por ter se desincumbido de sua tarefa. Edwiges deu um estalo com o bico numa espécie de digna censura. Bichento se aprumou no assento, acompanhando a coruja com os seus enormes olhos amarelos. Rony, reparando nisso, segurou a coruja para protegê-la do perigo iminente.

Harry apanhou a carta. Vinha endereçada a ele. O garoto abriu a carta e gritou:

– É do Sirius!

– Quê?! – exclamaram Rony e Hermione excitados. – Leia em voz alta!

Caro Harry,

Espero que esta o encontre antes de você chegar à casa dos seus tios. Não sei se eles estão acostumados com correios-coruja.

Bicuço e eu estamos escondidos. Não vou lhe dizer onde, caso esta coruja caia em mãos indesejáveis. Tenho minhas dúvidas se ela é confiável, mas foi a melhor que consegui encontrar e ela me pareceu ansiosa para se encarregar da entrega.

Acredito que os dementadores ainda estejam me procurando, mas eles não têm a menor esperança de me encontrar aqui. Estou planejando deixar os trouxas me verem em breve, muito longe de Hogwarts, de modo que a segurança sobre o castelo seja relaxada.

Há uma coisa que não cheguei a lhe dizer durante o nosso breve encontro. Fui eu que lhe mandei a Firebolt...

– Ah! – exclamou Hermione triunfante. – Estão vendo! Eu *disse* a vocês que tinha sido ele!

– É, mas ele não tinha enfeitiçado a vassoura, tinha? – retrucou Rony. – Ai! – A corujinha, agora piando feliz em sua mão, bicara-lhe um dedo, no que parecia ser uma demonstração de carinho.

Bichento levou a ordem de compra à Agência-Coruja para mim. Usei o seu nome, mas mandei sacarem o ouro do meu cofre em Gringotes. Por favor, considere a vassoura o equivalente a treze anos de presentes do seu padrinho.

Gostaria também de me desculpar pelo susto que lhe dei àquela noite, no ano passado, quando você abandonou a casa do seu tio. Minha esperança era apenas dar uma olhada em você antes de iniciar viagem para o norte, mas acho que a minha aparição o assustou.

Estou anexando outro presente para você, e acho que ele tornará o seu próximo ano em Hogwarts mais prazeroso.

Se algum dia precisar de mim, mande me dizer. Sua coruja me encontrará.

Escreverei novamente em breve.

Sirius

Harry espiou ansioso dentro do envelope. Havia outro pedaço de pergaminho. Examinou-o depressa e se sentiu inesperadamente aquecido e satisfeito como se tivesse bebido uma garrafa de cerveja amanteigada quente, de um gole só.

Pela presente, eu, Sirius Black, padrinho de Harry Potter, dou-lhe permissão para visitar Hogsmeade nos fins de semana.

– Dumbledore vai aceitar esta autorização! – exclamou Harry alegremente. O garoto tornou a olhar para a carta de Sirius.

– Espera aí, tem um P.S...

Achei que o seu amigo Rony talvez quisesse ficar com a coruja, pois é minha culpa que ele não tenha mais um rato.

Os olhos de Rony se arregalaram. A corujinha continuava a piar agitada.

– Ficar com a coruja? – perguntou o garoto hesitante. Ele mirou a ave um momento; depois, para grande surpresa de Harry e Hermione, ofereceu-a para Bichento cheirar.

– Qual é a sua avaliação? – perguntou Rony ao gato. – Isto é decididamente uma coruja?

Bichento ronronou.

– Para mim é o suficiente – disse Rony feliz. – É minha.

Harry leu e releu a carta de Sirius até a estação de King's Cross. E continuava a apertá-la na mão quando ele, Rony e Hermione passaram a barreira da plataforma nove e meia. Harry localizou o tio Válter imediatamente. Estava parado a uma boa distância do Sr. e da Sra. Weasley, espiando-os desconfiado, e, quando a Sra. Weasley abraçou Harry, as piores suspeitas do tio a respeito do casal pareceram se confirmar.

– Eu ligo para falar da Copa Mundial! – gritou Rony para Harry quando o amigo acenou um adeus para ele e Hermione, e saiu empurrando o carrinho com sua mala e a gaiola de Edwiges em direção ao tio, que o cumprimentou da maneira habitual.

– Que é isso? – rosnou, olhando para o envelope que Harry ainda segurava na mão. – Se é outro formulário para eu assinar, pode tirar o cavalinho...

– Não é, não – respondeu Harry alegremente. – É uma carta do meu padrinho.

– Padrinho? – engrolou o tio Válter. – Você não tem padrinho!

– Tenho, sim – respondeu Harry animado. – Era o melhor amigo da minha mãe e do meu pai. E é um assassino condenado, mas fugiu da prisão dos bruxos e está foragido. Mas ele gosta de manter contato comigo... saber das minhas notícias... verificar se estou feliz...

E, abrindo um largo sorriso ao ver a cara de horror do tio Válter, Harry rumou para a saída da estação, Edwiges chocalhando à frente, para o que prometia ser um verão muito melhor do que o anterior.

HARRY POTTER

e o

CÁLICE *de* FOGO

J.K. ROWLING

A Peter Rowling,
à memória do Sr. Ridley
e para Susan Sladden,
que ajudou Harry a vir à luz

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —

A Casa dos Riddle

Os habitantes de Little Hangleton continuavam a chamá-la “Casa dos Riddle”, ainda que já fizesse muitos anos desde que a família Riddle morara ali. A casa ficava em um morro com vista para o povoado, algumas janelas pregadas, telhas faltando e a hera se espalhando livremente pela fachada. Outrora uma bela casa senhorial, e, sem favor algum, a construção maior e mais imponente de toda a redondeza, a Casa dos Riddle agora estava úmida, em ruínas, e desocupada.

As pessoas do local concordavam que a velha casa dava arrepios. Meio século antes uma coisa estranha e terrível acontecera ali, uma coisa que os antigos habitantes do povoado ainda gostavam de discutir quando faltava assunto para fofocas. A história fora requentada tantas vezes e enfeitada em tantos pontos, que ninguém mais sabia onde estava a verdade. Todas as versões, porém, começavam no mesmo ponto: cinquenta anos antes, ao amanhecer de uma bela manhã de verão, quando a casa dos Riddle ainda era bem cuidada e imponente, uma empregada entrou na sala de estar e encontrou os três Riddle mortos.

A empregada saiu correndo morro abaixo, aos berros, até o povoado, e acordou o maior número possível de pessoas.

– Caídos na sala com os olhos abertos! Gelados! Ainda com a roupa do jantar!

A polícia foi chamada e Little Hangleton inteiro fervilhou de espanto, curiosidade e mal disfarçada excitação. Ninguém gastou fôlego em fingir tristeza com o que acontecera aos Riddle, porque eles eram muito impopulares. Os velhos Sr. e Sra. Riddle tinham sido ricos, esnobes e grosseiros, e seu filho adulto, Tom, era tudo isso em grau maior. A preocupação de todos que moravam em Little Hangleton era a identidade do assassino – pois não havia dúvida de que três pessoas aparentemente saudáveis não poderiam ter morrido, na mesma noite, de causas naturais.

O Enforcado, o bar local, faturou sem parar aquela noite; os habitantes do

povoado apareceram em peso para discutir a matança. Foram recompensados por terem deixado o conforto de sua lareira, quando a cozinheira dos Riddle apareceu teatralmente e anunciou para o bar, repentinamente silencioso, que um homem chamado Franco Bryce acabara de ser preso.

– Franco! – exclamaram várias pessoas. – Nunca!

Franco Bryce era o jardineiro dos Riddle. Morava sozinho em uma casa malcuidada na propriedade dos patrões. Voltara da guerra com uma perna dura e uma intensa aversão por ajuntamentos e barulhos, e, desde então, trabalhava para os Riddle.

Houve um corre-corre geral para pagar bebidas para a cozinheira e ouvir maiores detalhes.

– Sempre achei que ele era esquisito – disse a mulher aos ouvintes ansiosos, depois do quarto xerez. – Assim, antipático. Tenho certeza de que não ofereci a ele só uma xícara de chá, ofereci bem umas cem. Nunca quis se misturar, nunca mesmo.

– Ah – disse uma mulher sentada ao balcão –, mas ele passou muito sofrimento na guerra, o Franco, e gosta de uma vida tranquila. Isso não é razão...

– Quem mais tinha a chave da porta dos fundos, então? – vociferou a cozinheira. – Desde que me entendo por gente, sempre teve uma chave de reserva pendurada na casa do jardineiro! Ninguém forçou a porta ontem à noite! Não tem janelas quebradas! O Franco só precisou entrar escondido na casa grande enquanto a gente dormia...

As pessoas trocaram olhares tenebrosos.

– Eu sempre achei que ele tinha um jeito ruim, e não me enganei – resmungou um homem junto ao balcão.

– Foi a guerra que deixou ele esquisito, se querem saber a minha opinião – disse o dono do bar.

– Eu disse que não queria desagradar a Franco, não disse, Dot? – falou uma mulher agitada a um canto.

– Gênio terrível – concordou Dot acenando a cabeça com vigor. – Me lembro quando ele era criança...

Na manhã seguinte, quase ninguém em Little Hangleton duvidava que Franco Bryce tivesse matado os Riddle.

Mas na cidadezinha vizinha de Great Hangleton, na delegacia de polícia escura e feia, Franco teimava em repetir sem parar que era inocente e que a única pessoa que ele vira perto da casa, no dia da morte dos Riddle, fora um adolescente estranho, de cabelos negros e rosto pálido. Ninguém mais no povoado vira o tal garoto e a polícia não teve dúvidas de que Franco o inventara.

Então, quando as coisas estavam ficando muito feias para Franco, chegou o

laudo sobre os cadáveres dos Riddle e tudo mudou.
A polícia nunca vira um laudo mais esquisito. Uma equipe de legistas examinara os corpos e concluíra que nenhum dos Riddle fora baleado, envenenado, esfaqueado, estrangulado, sufocado ou, pelo que sabiam, sofrera qualquer violência. Com efeito, continuava o laudo, em tom de inconfundível perplexidade, os Riddle, tirando o fato de que estavam mortos, pareciam gozar de perfeita saúde. Os legistas observaram (como se estivessem decididos a encontrar alguma coisa errada nos cadáveres) que cada membro da família tinha uma expressão de terror no rosto – mas, segundo afirmava a frustrada polícia, quem já ouvira falar de alguém morrer *de pavor*?
E como não havia a menor prova de que os Riddle tivessem sido assassinados, a polícia foi obrigada a soltar Franco. Os mortos foram enterrados no cemitério da igreja de Little Hangleton e, por algum tempo, suas sepulturas se tornaram alvo da curiosidade geral. Para surpresa de todos, e acompanhado por uma nuvem de desconfiança, Franco Bryce voltou para sua casinha na propriedade dos Riddle.
– Para mim, foi ele quem matou a família e não me interessa o que a polícia disse – comentou Dot no Enforcado. – E se ele tivesse um pingo de decência, iria embora daqui, sabendo que a gente sabe que foi ele.
Mas Franco não foi embora. Ficou para cuidar do jardim para a família que veio morar logo depois na Casa dos Riddle, e para a próxima – porque nenhuma das duas se demorou muito. Em parte, talvez tenha sido por causa de Franco que cada proprietário dizia que o lugar dava uma sensação desagradável e, por falta de moradores, acabou se desmantelando.

O ricaço que era o atual dono da Casa dos Riddle nem morava lá nem dava um destino à casa; diziam no povoado que ele a mantinha por “causa dos impostos”, embora ninguém entendesse muito bem o que significava isso. E o ricaço continuou a pagar a Franco para cuidar da jardinagem. Ele agora se aproximava do seu septuagésimo sétimo aniversário, muito surdo, a perna mais dura que nunca, mas era visto trabalhando pelos jardins quando fazia bom tempo, embora o mato já começasse a levar a melhor.
O mato não era, no entanto, o único problema que Franco precisava enfrentar. Os garotos do povoado tinham criado o hábito de atirar pedras nas janelas da Casa dos Riddle. Passavam de bicicleta por cima da grama que Franco se empenhava tanto para manter aveludada. Umas duas vezes eles haviam arrombado a velha casa para ganhar apostas. Sabiam que o velho Franco era dedicado à propriedade e achavam graça vê-lo mancando pelo jardim, brandindo a bengala e ralhando, a voz roufenha, com os invasores. Franco, por sua vez,

acreditava que os garotos o atormentavam porque, tal qual seus pais e avós, achavam que ele era um assassino. Por isso, quando acordou certa noite de agosto e viu uma coisa muito estranha na casa, ele simplesmente supôs que os garotos estivessem indo um pouco mais longe em suas tentativas de castigá-lo.

Foi a perna dura que o acordou; doía mais do que nunca agora na velhice. Franco se levantou e desceu as escadas até a cozinha pensando em tornar a encher a bolsa de água quente para aliviar a rigidez do joelho. Parado à pia, enchendo a chaleira, ele olhou para a Casa dos Riddle e viu uma luz brilhando nas janelas do primeiro andar. Franco percebeu na mesma hora o que estava acontecendo. Os garotos tinham invadido novamente a casa e, a julgar pelo bruxuleio da luz, haviam acendido a lareira.

Franco não possuía telefone e, de qualquer modo, desconfiava demais da polícia, desde que esta o levara para interrogatório depois das mortes dos Riddle. Na mesma hora, ele pousou a chaleira, correu para cima o mais rápido que a perna dura lhe permitiu, e logo voltou à cozinha, completamente vestido, e apanhou uma velha chave enferrujada no gancho junto à porta. Depois, pegou a bengala, que deixara apoiada na parede, e saiu pela noite.

A porta de entrada da Casa dos Riddle não tinha sinais de arrombamento, e o mesmo acontecia com as janelas. Andando com dificuldade, Franco contornou a casa em direção aos fundos até chegar a uma porta semiescondida pela hera, apanhou a velha chave, enfiou-a na porta e abriu-a silenciosamente.

Entrou em uma cozinha cavernosa. Havia muitos anos não entrava ali; ainda assim, mesmo no escuro, ele se lembrou de onde era a porta para o corredor e tateou até encontrá-la, as narinas invadidas pelo cheiro de podridão, os ouvidos atentos a qualquer som de passos ou vozes no primeiro andar. Chegou ao corredor, que estava um pouquinho mais claro, graças às grandes janelas de caixilhos que havia de cada lado da porta de entrada, e começou a subir as escadas, abençoando a poeira grossa que cobria a pedra, porque abafava o som dos seus passos e de sua bengala.

No patamar, Franco virou à direita e viu imediatamente onde se encontravam os intrusos: no finzinho do corredor havia uma porta entreaberta de onde saía uma luz vacilante, que projetava uma longa nesga dourada no chão escuro. Franco foi se aproximando mais, segurando a bengala com firmeza. A alguns passos da entrada, conseguiu entrever uma faixa estreita do quarto adiante.

O fogo estava aceso na lareira. Isto o espantou. Parou e escutou com atenção, porque uma voz masculina falava dentro do quarto; parecia tímida e temerosa.

– Sobrou um pouco na garrafa, milorde, se ainda tiver fome.

– Mais tarde – respondeu uma segunda voz. Esta também pertencia a um homem, mas era estranhamente aguda e fria como uma rajada repentina de vento

gélido. Alguma coisa naquela voz fez os poucos cabelos na nuca de Franco ficarem em pé. – Me leve mais para perto do fogo, Rabicho.

Franco virou a orelha direita para a porta, para ouvir melhor. Ouviu o tinido de uma garrafa que alguém pousava sobre uma superfície dura, depois o ruído prolongado e seco de uma cadeira pesada arrastando pelo chão. O jardineiro viu de relance um homenzinho, de costas para a porta, empurrando a cadeira conforme lhe pediram. Usava uma longa capa preta, e tinha uma grande pelada na parte de trás da cabeça. Depois, ele desapareceu de vista.

– Aonde foi Nagini? – perguntou a voz fria.

– N... não sei, milorde – disse a primeira voz, nervosamente. – Saiu para explorar a casa, acho...

– Você vai ordenhá-la antes de nos recolhermos, Rabicho – disse a segunda voz. – Vou precisar me alimentar durante a noite. A viagem me deu uma enorme canseira.

A testa enrugada, Franco inclinou o ouvido para mais perto da porta, e escutou. Houve uma pausa e, em seguida, o homem chamado Rabicho tornou a falar.

– Milorde, posso perguntar quanto tempo vamos ficar aqui?

– Uma semana – disse a voz fria. – Talvez mais. O lugar é razoavelmente confortável, e ainda não podemos dar seguimento ao plano. Seria tolice agir antes do fim da Copa Mundial de Quadribol.

Franco meteu um dedo nodoso no ouvido e girou-o. Com certeza, devido ao acúmulo de cera, ele ouvira a palavra "quadribol", uma palavra que não existia.

– A... a Copa Mundial de Quadribol, milorde? – admirou-se Rabicho. (Franco enfiou o dedo com mais força no ouvido.) – Me perdoe, mas... não compreendo... por que precisamos esperar o fim da Copa Mundial?

– Porque, seu tolo, neste exato momento estão chegando ao país bruxos do mundo inteiro e todos os bisbilhoteiros do Ministério da Magia estarão em campo, à procura de sinais de atividades incomuns, verificando identidades e tornando a verificá-las. Estarão obcecados com a segurança, tentando impedir que os trouxas percebam alguma coisa. Por isso vamos aguardar.

Franco parou de tentar desentupir o ouvido. Ouvira distintamente as palavras "Ministério da Magia", "bruxos" e "trouxas". Era óbvio que cada uma dessas expressões significava alguma coisa secreta, e Franco só conseguia pensar em dois tipos de gente que falava em código – espiões e bandidos. Franco apertou mais a bengala e apurou ainda mais os ouvidos.

– Milorde continua decidido, então? – perguntou Rabicho em voz baixa.

– Claro que estou decidido, Rabicho. – Agora havia um tom de ameaça em sua voz fria.

Seguiu-se uma pausa – e então Rabicho falou, as palavras saíram de sua boca num atropelo, como se ele estivesse se obrigando a falar antes de perder a coragem.

– Poderia ser feito sem o Harry Potter, milorde.

Outra pausa, mais longa, e então...

– Sem o Harry Potter? – sussurrou a segunda voz. – Entendo...

– Milorde, não estou dizendo isso porque me preocupo com o garoto! – explicou Rabicho, a voz subindo esganiçada. – O garoto não significa nada para mim, nadinha! É só porque se usássemos outro bruxo ou bruxa, qualquer um, a coisa poderia ser feita muito mais rapidamente! Se o senhor me permitisse deixá-lo por algum tempo... o senhor sabe que posso me disfarçar com muita eficiência... eu voltaria em apenas dois dias com a pessoa necessária...

– Eu poderia usar outro bruxo – disse a segunda voz, baixinho –, é verdade...

– Milorde, faz sentido – disse Rabicho, parecendo muito mais aliviado –, pôr as mãos em Harry Potter seria tão difícil, ele está tão bem protegido...

– E então você se oferece para ir buscar um substituto? Estranho... talvez a tarefa de cuidar de mim tenha se tornado cansativa para você, Rabicho? A sugestão de abandonar o plano não seria apenas uma tentativa de me abandonar?

– Milorde! N... não tenho nenhum desejo de deixá-lo, absolutamente nenhum...

– Não minta para mim! – sibilou a segunda voz. – Sempre percebo, Rabicho! Você está arrependido de ter voltado para mim. Eu o horrorizo. Vejo você fazer careta quando olha para mim, sinto você estremecer quando me toca...

– Não! Minha devoção a milorde...

– Sua devoção não passa de covardia. Você não estaria aqui se tivesse aonde ir. Como posso sobreviver sem você, quando preciso que alguém me alimente a intervalos regulares? Quem vai ordenhar Nagini?

– Mas o senhor parece tão mais forte, milorde...

– Mentiroso – sussurrou a segunda voz. – Não estou mais forte e uns poucos dias sozinho seriam suficientes para me roubar a pouca saúde que recuperei com os seus cuidados desajeitados. *Silêncio!*

Rabicho, que estivera resmungando incoerentemente, calou-se na mesma hora. Durante alguns segundos, Franco não ouviu nada exceto o crepitar do fogo. Então o segundo homem recomeçou a falar, num sussurro que era quase um silvo.

– Tenho minhas razões para usar o garoto, como já lhe expliquei, e não vou usar mais ninguém. Esperei treze anos. Mais uns meses não me farão diferença. Quanto à proteção que rodeia o garoto, creio que o meu plano funcionará. É preciso apenas um pouco de coragem de sua parte, Rabicho, e você encontrará

coragem, a menos que queira sentir o peso da cólera de Lorde Voldemort...

– Milorde, tenho que falar! – disse Rabicho, agora com pânico na voz. – Durante a nossa viagem repassei mentalmente o plano, milorde, o desaparecimento de Berta Jorkins não passará despercebido por muito tempo, e se dermos seguimento a ele, se eu enfeitiçar...

– Se? – murmurou a segunda voz. – *Se?* Se você der seguimento ao plano, Rabicho, o Ministério jamais precisará saber que mais alguém desapareceu. Você fará isso em surdina, sem confusão; eu bem gostaria de fazer isso pessoalmente, mas na minha condição atual... Vamos, Rabicho, mais um obstáculo vencido, e o caminho até Harry Potter estará livre. Não estou pedindo que você aja sozinho. Até lá, o meu *fiel* servo terá se reunido a nós...

– *Eu* sou um servo fiel – disse Rabicho, com um levíssimo traço de aborrecimento na voz.

– Rabicho, preciso de alguém com cérebro, alguém que nunca tenha vacilado em sua lealdade, e você, infelizmente, não satisfaz nenhum dos dois requisitos.

– Eu o encontrei – disse Rabicho, e agora decididamente havia irritação em sua voz. – Fui eu que o encontrei. Fui eu que lhe trouxe Berta Jorkins.

– É verdade – disse o segundo homem, parecendo achar graça. – Um lance de genialidade que eu nunca teria achado possível em você, Rabicho, embora, a verdade seja dita, você não fizesse ideia do quanto ela seria útil quando a pegou, não é?

– Eu... eu achei que ela poderia ser útil, milorde...

– Mentiroso – disse novamente a segunda voz, a zombaria cruel mais acentuada do que nunca. – Mas não nego que a informação da mulher foi preciosa. Sem ela, eu nunca poderia ter traçado o nosso plano, e por isso você terá a sua recompensa, Rabicho. Vou deixá-lo realizar uma tarefa essencial para mim, uma que muitos seguidores meus dariam a mão direita para realizar...

– V... verdade, milorde! Qual...? – Rabicho parecia outra vez aterrorizado.

– Ah, Rabicho, você não quer que eu estrague a surpresa! Sua parte virá bem no finzinho... mas, prometo que você terá a honra de ser tão útil quanto Berta Jorkins.

– O senhor... o senhor... – a voz de Rabicho saiu repentinamente rouca, como se sua boca tivesse ficado muito seca. – O senhor... vai... me matar, também?

– Rabicho, Rabicho – disse a voz fria suavemente –, por que eu iria matá-lo? Matei Berta porque precisei. Ela não servia para mais nada depois do meu interrogatório, completamente inútil. Em todo o caso, haveria perguntas embaraçosas se ela tivesse voltado ao Ministério com a notícia de que encontrara você nas férias. Seria melhor que bruxos presumivelmente mortos não esbarrassem em bruxas do Ministério da Magia em hotéis à beira de estradas...

Rabicho murmurou alguma coisa tão baixinho que Franco não pôde ouvir, mas fez o segundo homem rir – uma risada sem alegria, fria como a sua fala.

– *Poderíamos ter alterado a memória dela?* Mas os Feitiços da Memória podem ser desfeitos por um bruxo poderoso, como eu provei ao interrogá-la. Teria sido um insulto à *memória* da bruxa não usar as informações que ela me forneceu, Rabicho.

Fora no corredor, Franco de repente percebeu que a mão que segurava a bengala se tornara escorregadia de suor. O homem de voz fria tinha matado uma mulher. E falava disso sem um pingo de remorso – *divertia-se*. Ele era perigoso – um doido. E estava planejando outros assassinatos – esse garoto, Harry Potter, fosse ele quem fosse – corria perigo...

O jardineiro sabia o que devia fazer. Agora, como nunca antes, estava na hora de ir à polícia. Ele sairia silenciosamente da casa e iria direto à cabine telefônica no povoado... mas a voz fria recomeçara a falar e Franco continuou onde estava, paralisado, escutando tudo que podia.

– Mais um feitiço... meu fiel servo em Hogwarts... e Harry Potter será praticamente meu, Rabicho. Está decidido. Não haverá mais discussões. Mas fique quieto... Acho que ouvi Nagini...

E a voz do segundo homem mudou. Começou a emitir ruídos que Franco jamais ouvira na vida; sibilava e bufava sem inspirar. Franco achou que ele devia estar tendo algum tipo de ataque ou acesso.

E então o jardineiro ouviu um movimento às suas costas no corredor escuro. Virou-se para olhar e quedou paralisado de medo.

Alguma coisa deslizava em sua direção pelo chão escuro do corredor, e quando se aproximou da nesga de luz, ele percebeu, com um choque de terror, que era uma cobra gigantesca, no mínimo, com três metros de comprimento. Apavorado, pregado no chão, ele viu aquele corpo ondulante abrir uma trilha larga e curva na poeira espessa do chão, sempre mais próximo – que faria? O único meio de fugir era entrar no quarto onde os dois homens estavam sentados planejando matar, mas se ele ficasse onde estava a cobra certamente o mataria...

Mas antes que se decidisse, a cobra emparelhou com ele e então, incrivelmente, milagrosamente, passou; orientava-se pelos silvos e bufos que a voz fria emitia do outro lado da porta e, em segundos, a ponta do rabo da cobra, malhada de losangos, desapareceu pela abertura.

Havia suor na testa de Franco agora e a mão na bengala tremia. No quarto, a voz fria continuava a silvar, e ocorreu a Franco uma ideia estranha, uma ideia impossível... *Esse homem podia falar com as cobras.*

Franco não entendia o que estava acontecendo. Queria mais do que tudo voltar para a cama com a sua bolsa de água quente. O problema é que suas pernas não

pareciam querer se mexer. Enquanto estava parado ali, trêmulo, tentando se controlar, a voz fria voltou de repente a falar em inglês.

– Nagini trouxe notícias interessantes, Rabicho.

– Ver... verdade, milorde? – respondeu Rabicho.

– Verdade. Segundo Nagini, tem um velho trouxa parado do lado de fora do quarto, escutando cada palavra que dizemos.

Franco não teve a menor chance de se esconder. Ouviu passos e em seguida a porta do quarto se escancarou.

Um homem baixo de cabelos grisalhos e ralos, um nariz pequeno e pontudo, olhos lacrimosos, parou diante dele com uma mescla de medo e susto no rosto.

– Convide-o a entrar, Rabicho. Onde está a sua educação?

A voz fria vinha de uma velha poltrona diante da lareira, mas Franco não conseguiu ver quem falava. A cobra, por sua vez, se enroscara no tapete podre diante da lareira, em uma medonha imitação de bichinho de estimação.

Rabicho fez sinal para Franco entrar. Embora continuasse profundamente abalado, Franco segurou com firmeza a bengala e, coxeando, cruzou o portal.

O fogo na lareira era a única fonte de luz no quarto; projetava sombras longas e aranhosas nas paredes. Franco fixou o olhar nas costas da poltrona; o homem sentado nela parecia ser ainda menor do que o seu criado, pois Franco não conseguia sequer ver a parte de trás de sua cabeça.

– Você ouviu tudo, trouxa? – perguntou a voz fria.

– Do que foi que o senhor me chamou? – perguntou Franco, desafiandoo, porque agora que estava dentro do quarto, agora que chegara a hora de agir, ele se sentia mais corajoso; sempre fora assim na guerra.

– Chamei-o de trouxa – disse a voz calmamente. – Isso quer dizer que você não é bruxo.

– Eu não sei o que o senhor quer dizer por trouxa – respondeu Franco, com a voz mais firme. – Só sei é que esta noite ouvi o suficiente para despertar o interesse da polícia, ah, isto eu ouvi. O senhor já matou uma vez e está planejando matar mais! E vou-lhe dizer outra coisa – acrescentou, numa súbita inspiração –, minha mulher sabe que estou aqui e se eu não voltar...

– Você não tem mulher – disse a voz fria, muito baixinho. – Ninguém sabe que você está aqui. Você não disse a ninguém que vinha. Não minta para Lorde Voldemort, trouxa, porque ele sabe... ele sempre sabe...

– É mesmo? – retrucou Franco com aspereza. – Lorde é? Ora, não tenho muito respeito pelos seus modos, *milorde*. Vire-se e me encare como homem, por que não faz isso?

– Mas eu não sou homem, trouxa – retrucou a voz fria, quase inaudível devido ao crepitar das chamas. – Sou muito, muito mais do que um homem. Mas... por

que não? Vou encará-lo... Rabicho, venha virar minha poltrona.

O servo deu um gemido.

– Você me ouviu, Rabicho.

Lentamente, com o rosto contraído, como se preferisse fazer qualquer coisa a ter que se aproximar do seu senhor e do tapete em que se deitara a cobra, o homenzinho se adiantou e começou a girar a cadeira. A cobra ergueu a feia cabeça triangular e sibilou baixinho quando as pernas da poltrona se prenderam no tapete.

E, então, a poltrona ficou de frente para Franco e ele viu o que havia nela. Sua bengala caiu no chão com estrépito. Ele abriu a boca e soltou um grito. Gritou tão alto que nunca ouviu as palavras que a coisa na poltrona disse ao erguer a varinha. Houve um relâmpago de luz verde, um ruído farfalhante e Franco Bryce desabou. Morreu antes de bater no chão.

A trezentos quilômetros dali, o garoto chamado Harry Potter acordou assustado.

— CAPÍTULO DOIS —

A cicatriz

Harry estava deitado de costas, respirando com esforço como se tivesse corrido. Acordara de um sonho vívido, apertando o rosto com as mãos. A antiga cicatriz em sua testa, que tinha a forma de um raio, ardia sob seus dedos como se alguém tivesse comprimido sua pele com um arame em brasa.

Ele se sentou, uma das mãos ainda na cicatriz, a outra estendida no escuro à procura dos óculos que deixara na mesa de cabeceira. Ele os colocou e o quarto entrou em foco, iluminado por uma luz fraca e enevoada vinda de um lampião de rua fora da janela.

Harry tornou a passar os dedos pela cicatriz. Continuava dolorida. Ele acendeu o abajur ao seu lado, saiu da cama, atravessou o quarto, abriu o guarda-roupa e espiou no espelho que havia do lado interno da porta. Um menino magricela de catorze anos olhou para ele, os olhos muito verdes e intrigados sob os cabelos negros em desalinho. Examinou com mais atenção a cicatriz em sua imagem. Parecia normal, mas continuava ardendo.

Harry tentou se lembrar do que estivera sonhando antes de acordar. Parecera tão real... havia duas pessoas que ele conhecia e uma que não conhecia... ele se concentrou, enrugando a testa, tentando se lembrar...

Veio à sua mente a imagem pouco nítida de um quarto escuro... havia uma cobra em cima de um tapete diante da lareira... um homenzinho chamado Pedro, de apelido Rabicho... e uma voz aguda e fria... a voz de Lorde Voldemort. Só de pensar, Harry teve a sensação de que uma pedra de gelo estava descendo para o seu estômago...

Fechou os olhos com força e tentou se lembrar que aparência tinha Voldemort, mas foi impossível... tudo que Harry sabia era que, no momento em que a poltrona girara, vira o que estava sentado nela, sentira um espasmo de horror que o acordara... ou fora a dor na cicatriz?

E quem era o velho? Porque sem dúvida havia um velho; Harry o vira cair no chão. Tudo estava ficando confuso; o garoto levou as mãos ao rosto tampando a visão do quarto em que estava, tentando reter a imagem daquele outro mal iluminado, mas era o mesmo que tentar segurar água com as mãos; os detalhes agora desapareciam com a mesma rapidez com que ele tentava retê-los... Voldemort e Rabicho estiveram conversando sobre alguém que haviam matado, embora Harry não conseguisse lembrar o nome... e estiveram planejando matar mais alguém... *ele*...

Harry tirou as mãos do rosto, abriu os olhos e contemplou o quarto a toda a volta como se esperasse ver alguma coisa diferente ali. Como era de esperar, havia uma quantidade extraordinária de coisas diferentes em seu quarto. Havia um malão de madeira aberto ao pé da cama, deixando à mostra um caldeirão, uma vassoura, vestes negras e vários livros de feitiços. Rolos de pergaminho atulhavam a parte do tampo de sua escrivaninha que não estava levantada por causa de uma enorme gaiola vazia, em que sua coruja muito branca, Edwiges, normalmente se encarapitava. No chão ao lado de sua cama havia um livro aberto; ele o estivera lendo antes de adormecer na véspera. As ilustrações do livro se mexiam. Homens com vestes laranja-vivo voavam em vassouras e entravam e saíam do seu campo de visão, jogando uma bola vermelha.

Harry foi até o livro, apanhou-o e assistiu a um dos bruxos marcar um gol espetacular enfiando a bola por um aro a quinze metros de altura. Então o garoto fechou o livro. Nem mesmo o quadribol – na opinião de Harry, o melhor esporte do mundo – conseguiria distraí-lo naquele momento. Ele repôs o livro *Voando com os Cannons* sobre a mesa de cabeceira, dirigiu-se à janela e afastou as cortinas para olhar a rua lá embaixo.

A rua dos Alfeneiros tinha o aspecto exato que uma rua de subúrbio respeitável deveria ter nas primeiras horas de um sábado. Todas as cortinas estavam fechadas. Até onde Harry pôde ver no escuro, não havia um único ser vivo à vista, nem mesmo um gato.

Contudo... contudo... Harry voltou inquieto para a cama e se sentou, passando mais uma vez um dedo pela cicatriz. Não era a dor que o incomodava; Harry não era estranho à dor e aos ferimentos. Uma vez perdera todos os ossos do braço direito e sentira a dor de recuperá-los em uma noite. O mesmo braço fora perfurado pela presa venenosa de uma cobra, pouco tempo depois. Ainda no ano anterior, ele despencara quinze metros da vassoura em que voava. Estava acostumado com acidentes e ferimentos incomuns; eram inevitáveis quando se frequentava a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e se tinha um pendor para atrair confusões.

Não, a coisa que estava incomodando Harry era que da última vez que sua

cicatriz doera, fora porque Voldemort tinha andado por perto... mas o bruxo não poderia estar ali, naquela hora... a ideia de Voldemort estar rondando a rua dos Alfeneiros era absurda, impossível...

Harry parou para escutar com atenção o silêncio à sua volta. Estaria esperando ouvir o rangido de um degrau, o farfalhar de uma capa? Então teve um leve sobressalto, seu primo Duda acabara de soltar um tremendo ronco no quarto ao lado.

Harry deu em si mesmo uma sacudidela imaginária; estava sendo burro; não havia mais ninguém em casa exceto o tio Válter, a tia Petúnia e Duda, e era evidente que eles ainda dormiam, embalados por sonhos tranquilos e indolores.

Era quando dormiam que Harry mais gostava dos Dursley; não porque não o ajudassem em nada quando estavam acordados. Tio Válter, tia Petúnia e Duda eram os únicos parentes vivos de Harry. Eram trouxas (não eram bruxos) que odiavam e desprezavam qualquer forma de magia, o que significava que Harry era tão bem-vindo em sua casa quanto uma pelota de mofo. Eles explicaram as longas ausências de Harry nos últimos três anos dizendo a todos que o garoto estudava no Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis. Sabiam muito bem que, como bruxo menor de idade, Harry era proibido de usar a magia fora de Hogwarts, mas não perdiam a mania de culpá-lo por tudo que acontecia de errado na casa. Harry nunca pudera fazer confidências a eles, nem contar nada de sua vida no mundo da magia. A simples ideia de procurá-los quando acordassem para falar que sua cicatriz estava doendo e que estava preocupado com Voldemort era ridícula.

No entanto, era por causa de Voldemort que Harry viera morar com os Dursley, para início de conversa. Se não fosse por aquele bruxo, Harry não teria na testa a cicatriz em forma de raio. Se não fosse por Voldemort, o garoto ainda teria pais...

Harry tinha um ano de idade na noite em que Voldemort – há um século o bruxo das trevas mais poderoso do mundo, um bruxo que fora adquirindo poder continuamente durante onze anos – tinha chegado a sua casa e matado seus pais. Depois, Voldemort brandira sua varinha contra Harry; executara o feitiço que havia liquidado muitos bruxos adultos durante sua ascensão ao poder – e, inacreditavelmente, o feitiço não produzira efeito. Em vez de matar o garotinho, o feitiço se voltara contra o bruxo. Harry sobrevivera marcado apenas por um corte em forma de raio na testa, mas Voldemort fora reduzido a uma coisa quase sem vida. Despojado de seus poderes, a vida quase extinta, ele fugira; o terror em que a comunidade secreta de bruxos vivera tanto tempo se dissipou, os seguidores de Voldemort debandaram, e Harry Potter se tornou famoso.

Harry tivera um choque de bom tamanho ao descobrir, no seu décimo

primeiro aniversário, que era bruxo; fora ainda mais desconcertante descobrir que todos no mundo secreto da magia conheciam seu nome. Harry chegara a Hogwarts e deparara com cabeças que se viravam e cochichos que o seguiam aonde fosse. Mas agora já se acostumara com isso. No fim deste verão, ele iria começar o seu quarto ano em Hogwarts; e já estava contando os dias para regressar ao castelo.

Mas faltavam ainda quinze dias para as aulas recomeçarem. Harry tornou a examinar o quarto, desanimado, e seus olhos pousaram nos cartões de aniversário que seus dois melhores amigos tinham lhe mandado no fim de julho. Que será que diriam se lhes escrevesse para contar que a cicatriz estava doendo?

Na mesma hora a voz de Hermione Granger penetrou sua cabeça, aguda e cheia de pânico.

Sua cicatriz está doendo? Harry, isso é realmente sério... Escreve ao Prof. Dumbledore! Vou verificar no meu livro Aflições e males comuns na magia... *Quem sabe tem alguma coisa lá sobre cicatrizes produzidas por feitiços...*

É, este seria o conselho de Hermione: vai procurar o diretor de Hogwarts, e, enquanto isso, vai consultando um livro. Harry contemplou pela janela o céu azul, quase negro. Duvidava muito que um livro pudesse ajudá-lo. Que ele soubesse, era a única pessoa que tinha sobrevivido a um feitiço como o de Voldemort; portanto, era pouco provável que encontrasse os seus sintomas descritos em *Aflições e males comuns na magia.* Quanto a informar ao diretor, Harry não fazia a menor ideia de onde Dumbledore passava as férias de verão. Só por um momento divertiu-se em imaginar Dumbledore, com suas longas barbas prateadas, vestes compridas de bruxo e chapéu cônico, estirado em uma praia qualquer, passando filtro solar no longo nariz torto. Mas onde quer que Dumbledore estivesse, Harry tinha certeza de que Edwiges seria capaz de encontrá-lo; a coruja de Harry, até aquele dia, jamais deixara de entregar uma carta, mesmo sem endereço. Mas o que iria escrever?

Prezado Prof. Dumbledore. Desculpe-me o incômodo, mas minha cicatriz doeu hoje de manhã. Atenciosamente, Harry Potter.

Mesmo em sua cabeça as palavras pareciam idiotas.

Então ele tentou imaginar a reação do seu outro melhor amigo, Rony Weasley e, num instante, o rosto sardento, de nariz comprido, do amigo começou a flutuar diante de Harry, com uma expressão de atordoamento.

Sua cicatriz doeu? Mas... mas Você-Sabe-Quem não pode estar por perto agora, pode? Quero dizer... você saberia, não saberia? Ele estaria tentando matar você outra vez, não é? Sei não, Harry, vai ver as cicatrizes produzidas por feitiços sempre doem um pouquinho... Vou perguntar ao meu pai...

O Sr. Weasley era um bruxo diplomado que trabalhava na Seção de Controle

do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas, no Ministério da Magia, mas, pelo que Harry soubesse, não tinha qualquer formação específica em feitiços. Em todo o caso, não lhe agradava a ideia de que a família Weasley inteira soubesse que estava assustado por causa de uma dorzinha. A Sra. Weasley se preocuparia mais do que Hermione, e Fred e Jorge, os gêmeos de dezesseis anos, irmãos de Rony, poderiam pensar que Harry estava se acovardando. Os Weasley eram a família de que Harry mais gostava no mundo; e ele tinha esperanças que o convidassem para passar uns dias em casa deles uma hora dessas (Rony mencionara alguma coisa sobre uma Copa Mundial de Quadribol), e Harry não queria que sua visita fosse pontuada por perguntas ansiosas sobre sua cicatriz.

O garoto massageou a cicatriz com os nós dos dedos. O que ele realmente queria (e se sentiu quase envergonhado de admitir para si mesmo) era alguém como um *pai* ou uma *mãe*: um bruxo adulto a quem pudesse pedir um conselho sem se sentir burro, alguém que gostasse dele, que tivesse tido experiência com artes das trevas...

E então lhe ocorreu a solução. Era tão simples, tão óbvia, que ele nem podia acreditar que tivesse levado tanto tempo para lembrar – *Sirius*.

Harry saltou da cama, saiu correndo e se sentou à escrivaninha; puxou um pergaminho para perto, molhou a pena de águia no tinteiro, escreveu *Caro Sirius*, e em seguida parou, pensando qual seria a melhor maneira de contar o seu problema, ainda admirado com o fato de não ter pensado nele logo de saída. Mas, por outro lado, talvez não merecesse tanta admiração – afinal, ele só descobrira que Sirius era seu padrinho fazia dois meses.

Havia uma razão simples para a absoluta ausência de Sirius da vida de Harry até aquele momento – o bruxo estivera em Azkaban, a assustadora prisão de bruxos, guardada por dementadores, criaturas malignas que não possuíam olhos, sugavam a alma das pessoas, e tinham ido à Hogwarts procurar Sirius quando ele fugira. Porém, o bruxo era inocente – as mortes pelas quais fora condenado tinham sido cometidas por Rabicho, seguidor de Voldemort, que quase todos ainda pensavam estar morto. Harry, Rony e Hermione sabiam que não; tinham encontrado Rabicho cara a cara no ano anterior, embora apenas o Prof. Dumbledore tivesse acreditado na história que eles contaram.

Durante uma gloriosa hora, Harry acreditara que finalmente deixaria a casa dos Dursley, porque Sirius se oferecera para ficar com ele, depois que limpasse o próprio nome. Mas a oportunidade lhe fora roubada – Rabicho escapara antes que pudessem levá-lo ao Ministério da Magia, e Sirius teve de fugir para salvar a vida. Harry o ajudara a escapar montado em um hipogrifo chamado Bicuço, e desde então Sirius estava foragido. A casa que Harry poderia ter tido, se Rabicho não tivesse desaparecido, o atormentara o verão inteiro. Fora duas vezes mais

penoso voltar para os Dursley sabendo que quase se livrara deles para sempre.

Ainda assim, Sirius vinha ajudando Harry, mesmo sem poder estar presente. Graças ao padrinho, Harry agora tinha todo o seu material escolar guardado no quarto. Os Dursley nunca haviam permitido isso; o desejo geral de tornar a vida de Harry a mais infeliz possível, somado ao medo dos seus poderes, levara os tios, nos verões anteriores, a trancar o malão de escola do garoto no armário sob a escada. Mas a atitude dos Dursley mudara desde que descobriram que Harry tinha um perigoso condenado como padrinho – Harry, convenientemente, se esquecera de acrescentar que Sirius era inocente.

O garoto recebera duas cartas de Sirius desde que voltara à rua dos Alfeneiros. Ambas tinham sido entregues não por corujas (como era costume entre os bruxos), mas por grandes e coloridos pássaros tropicais. Edwiges não aprovara aqueles intrusos espalhafatosos; relutara muito a permitir que eles usassem o seu bebedouro antes de irem embora. Harry, por outro lado, gostara muito das aves; fizeram-no lembrar palmeiras e praias de areia branca e ele desejara que, onde quer que o padrinho estivesse (Sirius nunca dizia, temendo que as cartas fossem interceptadas), que estivesse se divertindo. Por alguma razão, Harry achava difícil imaginar dementadores que sobrevivessem muito tempo sob o sol forte; talvez por isso é que Sirius tivesse rumado para o sul. As cartas dele, que agora estavam escondidas sob a utilíssima tábua solta do soalho, embaixo da cama de Harry, tinham um tom animado e, nas duas, ele lembrava Harry que o chamasse se um dia precisasse. Bem, ele bem que precisava chamar o padrinho agora...

Sua luz de cabeceira parecia estar enfraquecendo à medida que a luz fria e cinzenta que antecede o nascer do sol penetrava devagarinho no quarto. Finalmente, quando o sol nasceu, quando as paredes do quarto ficaram douradas e quando ele ouviu sons de gente se mexendo no quarto de tio Válter e tia Petúnia, Harry tirou os pedaços amassados de pergaminho de cima da escrivaninha e releu a carta que escrevera.

Caro Sirius,

Obrigado por sua última carta, a ave era enorme, quase não pôde passar pela minha janela.

As coisas continuam na mesma por aqui. A dieta de Duda não está dando muito certo. Minha tia o pegou contrabandeando rosquinhas fritas e açucaradas para dentro do quarto, ontem. Meus tios disseram que vão ter de cortar a mesada dele caso ele continue fazendo isso, então Duda ficou com muita raiva e atirou pela janela o PlayStation. Isso é uma espécie de computador com muitos jogos. Foi realmente uma burrice porque agora ele não tem nem um Mega-Mutilation parte três para distrair as ideias.

Eu vou bem, principalmente porque os Dursley estão apavorados que você possa aparecer e transformar eles em morcegos se eu pedir.

Mas aconteceu uma coisa estranha, hoje de madrugada. Minha cicatriz doeu outra vez. A última vez que isto aconteceu foi porque Voldemort estava em Hogwarts. Mas acho que ele não pode estar por perto agora, pode? Você sabe se cicatrizes produzidas por um feitiço podem doer até anos depois?

Vou mandar esta carta quando Edwiges voltar, no momento ela saiu para caçar. Diga olá ao Bicuço por mim.

Harry

É, pensou Harry, parecia boa. Não fazia sentido incluir o sonho, ele não queria que a carta deixasse transparecer que estava muito preocupado. O garoto enrolou o pergaminho e deixou-o em cima da escrivaninha, pronto para quando Edwiges voltasse. Depois se levantou, se espreguiçou e abriu mais uma vez o guarda-roupa. Sem olhar para a imagem refletida no espelho, começou a se vestir para ir tomar o café da manhã.

— CAPÍTULO TRÊS —

O convite

Quando Harry finalmente chegou à cozinha, os três Dursley já estavam sentados à mesa. Nenhum deles ergueu a cabeça quando o garoto entrou ou se sentou. A caraça vermelha de tio Válter estava escondida atrás do matutino *Daily Mail,* e tia Petúnia partia um *grapefruit* em quatro, os lábios contraídos por cima dos dentes de cavalo.

Duda parecia furioso e carrancudo, e, por alguma razão, dava a impressão de estar ocupando mais espaço do que de costume. E isso não era pouco, porque ele sempre ocupava sozinho um lado inteiro da mesa quadrada. Quando tia Petúnia pôs um quarto de *grapefruit* no prato do filho com um trêmulo "Tome, Dudinha querido", o garoto lançou-lhe um olhar raivoso. A vida de Duda tomara um rumo muito desagradável desde que ele voltara para passar as férias de verão em casa trazendo o boletim de fim de ano.

Tio Válter e tia Petúnia, como sempre, tinham conseguido arranjar desculpas para as notas baixas dele; tia Petúnia sempre insistia que Duda era um menino muito talentoso, incompreendido pelos professores, enquanto tio Válter sustentava que "ele não queria mesmo um filho cê-dê-efe e educadinho". Eles também passaram por cima das acusações de truculência e intimidação de colegas que havia no boletim. "Ele é um garotinho turbulento, mas não faria mal a uma mosca!", comentou tia Petúnia chorosa.

Contudo, no finalzinho havia uma observação muito bem colocada da enfermeira da escola, que nem mesmo os pais conseguiram justificar. Por mais que tia Petúnia choramingasse que Duda tinha ossos grandes e que seu excesso de peso era na realidade gordura infantil, que ele era um menino em crescimento e precisava de muita comida, o fato era que os fornecedores de uniformes da escola não estocavam calças suficientemente grandes para Duda. A enfermeira da escola vira o que os olhos de tia Petúnia – tão atentos quando se tratava de

encontrar marcas de dedos em suas paredes brilhantes e observar as idas e vindas dos vizinhos – simplesmente se recusavam a enxergar: que, longe de precisar de alimentação suplementar, Duda atingira aproximadamente o tamanho e o peso de um filhote de orca.

Então – depois de muitos acessos de raiva, muitas discussões que sacudiram o soalho do quarto de Harry e muitas lágrimas de tia Petúnia – o novo regime começara. A receita da dieta que a enfermeira da Smeltings enviara fora colada na geladeira, já esvaziada de todas as coisas que Duda mais gostava – bebidas gasosas e bolos, barras de chocolate e hambúrgueres – e cheia de frutas, legumes e coisas que tio Válter chamava de “comida de coelho”. Para fazer Duda se sentir melhor com a mudança, tia Petúnia insistira que a família inteira seguisse a mesma dieta. Agora ela passava um quarto de *grapefruit* para Harry. O garoto reparou que o dele era bem menor que o de Duda. A tia parecia sentir que a melhor maneira de manter o moral de Duda era providenciar para que ele, no mínimo, recebesse mais comida do que Harry.

Mas tia Petúnia não sabia o que estava escondido sob as tábuas soltas do soalho no andar de cima. Não fazia a menor ideia de que Harry não estava seguindo dieta alguma. No momento em que descobriu que esperavam que ele sobrevivesse durante o verão comendo palitos de cenoura crua, Harry despachara Edwiges à casa dos amigos com pedidos de ajuda, e eles tinham correspondido mais do que à altura. A coruja voltara da casa de Hermione com uma enorme caixa de lanchinhos sem açúcar (os pais de Hermione eram dentistas). Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts, comparecera com um saco de bolos que ele mesmo fabricara (Harry ainda não provara; tinha muita experiência com a culinária de Hagrid). A Sra. Weasley, porém, mandara a coruja da família, Errol, com um enorme bolo de frutas e tortinhas variadas. O coitado do Errol, que era velho e fraco, precisara de cinco dias inteiros para se recuperar da viagem. Então, no aniversário de Harry (a que os Dursley sequer deram atenção), ele recebera quatro esplêndidos bolos de aniversário de Rony, Hermione, Hagrid e Sirius. Ainda lhe restavam dois, e sabendo que teria um café da manhã de verdade quando voltasse ao seu quarto, ele começou a comer o *grapefruit* sem reclamar.

Tio Válter pôs de lado o jornal com um profundo suspiro de desaprovação e olhou para o seu quarto de *grapefruit*.

– É só isso? – perguntou em tom de reclamação à tia Petúnia.

A mulher lhe lançou um olhar severo e indicou com a cabeça o filho, que já acabara de comer o seu quarto de fruta e estava cobiçando o de Harry com um olhar azedo nos olhinhos de porco.

Tio Válter soltou um grande suspiro, que arrepiou sua espessa bigodeira, e

apanhou a colher ao lado do prato.

A campainha da porta tocou. Ele se levantou penosamente da cadeira e saiu em direção ao hall. Rápido como um raio, enquanto a mãe se ocupava com a chaleira, Duda furtou o resto de *grapefruit* do pai.

Harry ouviu vozes à porta, alguém rindo e a resposta seca do tio. Então a porta se fechou e seguiu-se um ruído de papel rasgado no hall.

Tia Petúnia colocou o bule de chá sobre a mesa e olhou curiosa à volta para ver aonde fora o marido. Não precisou esperar muito para descobrir; passado um minuto ele estava de volta. Com o rosto lívido.

– Você – vociferou ele para Harry. – Na sala de estar. Agora.

Espantado, perguntando-se o que teria feito desta vez, Harry se levantou e acompanhou o tio para fora da cozinha e rumaram para o aposento vizinho. Válter fechou a porta com força depois que ele e o sobrinho entraram.

– Então – disse o tio, indo até a lareira e se virando para encarar Harry, como se estivesse prestes a lhe dar voz de prisão.

– *Então*.

Harry teria adorado responder “Qual é?”, mas achou que a boa disposição do tio não deveria ser testada assim cedinho, principalmente se já estava sob forte estresse por falta de comida. Então decidiu fazer cara de quem está educadamente intrigado.

– Isto acabou de chegar – disse o tio. E brandiu na cara de Harry a folha de papel de carta roxo. – Uma carta. A seu respeito.

A confusão de Harry aumentou. Quem estaria escrevendo a tio Válter a respeito dele? Quem é que ele conhecia que mandava cartas pelo correio?

Tio Válter olhou aborrecido para Harry, depois baixou os olhos para a carta e começou a ler em voz alta:

Prezados Sr. e Sra. Dursley,

Nunca fomos apresentados, mas tenho certeza de que já ouviram Harry falar muito do meu filho Rony.

Como Harry deve ter-lhes contado, a final da Copa Mundial de Quadribol vai se realizar na próxima segunda-feira à noite, e meu marido, Arthur, conseguiu arranjar ótimos lugares para o jogo por intermédio de conhecidos do Departamento de Jogos e Esportes Mágicos.

Espero que o senhor e sua mulher nos permitam levar Harry ao jogo, pois é realmente uma oportunidade única na vida. A Grã-Bretanha não sedia a Copa há trinta anos e as entradas são muito difíceis de se obter. Ficaríamos muito felizes se Harry pudesse passar o resto das férias de verão conosco, e de acompanhá-lo em segurança até o embarque para a escola.

Seria preferível que ele nos mandasse a resposta, o mais depressa possível, da maneira normal, porque o carteiro trouxa jamais entregou correspondência em nossa casa e não tenho muita certeza de que saiba onde é.

Esperando ver Harry em breve, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Molly Weasley

P.S. Espero ter colado selos suficientes na carta.

Tio Válter terminou a leitura, tornou a meter a mão no bolso superior do paletó e tirou mais alguma coisa.

– Olhe só isto – rosnou.

E mostrou o envelope em que chegara a carta da Sra. Weasley, e Harry precisou fazer força para não rir. O envelope estava coberto de selos exceto por um quadrado de uns três centímetros na face, em que a senhora havia espremido o endereço dos Dursley numa letra miudinha.

– Então ela colou selos suficientes – disse Harry tentando fazer parecer que o engano da Sra. Weasley era muito comum. Os olhos do tio faiscaram.

– O carteiro reparou – disse ele entre dentes. – Estava muito interessado em saber de onde veio a carta. Foi por isso que tocou a campainha. Parecia estar achando muito *engraçado*.

Harry ficou calado. Outras pessoas talvez não entendessem o porquê da preocupação do tio com tantos selos, mas Harry vivera com os Dursley tempo bastante para saber que se incomodavam muito com qualquer coisa até ligeiramente anormal. O pior receio dos dois era alguém descobrir que estavam ligados (por mais remotamente que fosse) com gente como a Sra. Weasley.

Tio Válter continuou a olhar feio para Harry, que tentava sustentar uma expressão neutra. Se não fizesse nem dissesse nada idiota, talvez pudesse curtir uma oportunidade que só ocorria uma vez na vida. Esperou o tio dizer alguma coisa, mas o homem simplesmente continuou a fitá-lo com raiva. Harry resolveu, então, quebrar o silêncio.

– Então... posso ir? – perguntou.

Um ligeiro espasmo passou pela caraça púrpura do tio. Os bigodes se arrepiaram. Harry achou que sabia o que estava acontecendo por trás daquela bigodeira: uma batalha encarniçada em que dois instintos muito fundamentais de tio Válter se confrontavam. Permitir que Harry fosse seria fazer o garoto feliz, uma coisa que o tio lutava para evitar havia treze anos. Por outro lado, deixar que Harry sumisse para a casa dos Weasley o resto do verão seria livrar-se dele duas semanas mais cedo do que os Dursley poderiam ter sonhado, e tio Válter

detestava ter Harry em casa. Aparentemente, para ganhar tempo para pensar, ele baixou os olhos para a carta da Sra. Weasley.

– Quem é essa mulher? – perguntou examinando a assinatura com desagrado.

– O senhor já a viu. É a mãe do meu amigo Rony, estava esperando ele descer do trem de Hog... do trem da escola no fim do ano letivo.

Quase dissera “Hogwarts”, e isso certamente irritaria o tio. Ninguém jamais mencionava o nome da escola de Harry em voz alta na casa dos Dursley.

Tio Válter amarrou a cara enorme como se tentasse se lembrar de uma coisa muito desagradável.

– Uma mulher feito uma rolha de poço? – rosnou finalmente. – Uma penca de filhos de cabelos vermelhos?

Harry franziu a testa. Achou que era demais o tio chamar alguém de “rolha de poço”, uma vez que seu filho, Duda, finalmente atingira a forma que vinha ameaçando atingir desde os três anos de idade, ter mais largura do que altura.

Tio Válter tornou a examinar a carta.

– Quadribol – resmungou. – *Quadribol*, que droga é isso?

Harry sentiu nova pontada de aborrecimento.

– É um esporte – respondeu secamente. – Joga-se montado numa vass...

– Está bem, está bem! – disse o tio em voz alta. Harry observou, com alguma satisfação, que ele parecia ligeiramente em pânico. Pelo visto seus nervos não iriam suportar o som da palavra “vassouras” em sua sala de estar. Refugiou-se outra vez no exame da carta. Harry viu os lábios do tio formarem as palavras “nos mandasse a resposta da maneira normal”. Tornou a fechar a cara.

– Que é que ela quer *dizer da manei ra normal*? – bufou ele.

– Normal para nós – explicou Harry e, antes que o tio pudesse interrompê-lo, acrescentou: – o senhor sabe, por correio-coruja. Isso é que é o normal para os bruxos.

Tio Válter fez uma cara tão indignada como se Harry tivesse dito um palavrão. Trêmulo de raiva, lançou um olhar nervoso para a janela, como se esperasse ver os vizinhos com os ouvidos colados na vidraça.

– Quantas vezes tenho que lhe dizer para não mencionar essa anormalidade sob o meu teto? – sibilou ele, o rosto agora um intenso tom ameixa. – Você fica parado aí, vestindo as roupas com que Petúnia e eu cobrimos suas costas ingratas...

– Só depois que Duda não quer mais elas – disse Harry com frieza, pois na realidade estava vestindo uma suéter tão grande que ele precisava fazer cinco dobras nas mangas para poder usar as mãos, e que lhe caía abaixo dos joelhos da calça jeans muito larga.

– Não vou admitir que você fale comigo assim! – disse o tio tremendo de

raiva.

Mas Harry não precisava aturar isso. Ia longe o tempo em que era obrigado a aceitar todas as regras idiotas dos Dursley. Não ia seguir a dieta de Duda, e não ia deixar o tio impedi-lo de assistir à Copa Mundial de Quadribol, não se dependesse dele.

Harry inspirou profundamente para se acalmar e então disse:

– Muito bem, não posso assistir à Copa Mundial de Quadribol. Posso ir, agora? É que eu tenho uma carta para Sirius que quero terminar. O senhor sabe, o meu padrinho.

Conseguira. Dissera as palavras mágicas. Ficou então observando o tom púrpura no rosto do tio ir clareando desigualmente, fazendo-o parecer um sorvete de groselha mal misturado.

– Você está escrevendo para ele? – indagou tio Válter numa voz falsamente calma, mas Harry vira as pupilas dos olhos dele se contraírem com repentino medo.

– Bem... é – disse Harry em tom casual. – Já faz um tempo que ele não tem notícias minhas e, o senhor sabe, se não receber nada, pode pensar que aconteceu algum problema.

Ele parou para gozar o efeito de suas palavras. Quase pôde até ver as engrenagens girando por baixo dos cabelos do tio, escuros, grossos e caprichosamente repartidos. Se Válter tentasse impedir Harry de escrever para Sirius, este pensaria que o garoto estava sendo maltratado. Se dissesse que o sobrinho não podia ir à Copa Mundial de Quadribol, o garoto iria escrever contando ao padrinho, que *teria certeza* de que Harry estava sendo maltratado. Só havia uma coisa para tio Válter fazer. Harry via a conclusão se formando no cérebro do tio como se sua caraça bigoduda fosse transparente. O garoto tentou não sorrir e manter o rosto o mais inexpressivo possível. E então...

– Bem, está bem, então. Pode ir para a casa dessa rolha... dessa idiota... para essa tal de Copa Mundial. Escreva respondendo a esses... esses *Weasley* para virem apanhá-lo, veja bem. Não tenho tempo para acompanhar você por todo o país. E pode passar o resto do verão lá. E pode dizer ao seu, seu padrinho... diga a ele... diga a ele que você vai.

– OK então – disse Harry animado.

O garoto se virou e saiu pela porta da sala de estar, brigando com a vontade de saltar no ar e gritar. Ele ia... ia para a casa dos Weasley, ia assistir à Copa Mundial de Quadribol!

Já no corredor, ele quase colidiu com Duda, que estivera escondido atrás da porta, na esperança de ouvir Harry levar um passa-fora. Ficou chocado ao ver o largo sorriso no rosto do primo.

– Foi um *excelente* café da manhã, não foi? – exclamou Harry. – Estou de barriga cheia, você não?

Rindo-se da cara de espanto de Duda, Harry subiu a escada, saltando três degraus de cada vez, e correu para dentro de seu quarto.

A primeira coisa que viu foi que Edwiges voltara. Estava na gaiola, espiando Harry com seus enormes olhos cor de âmbar, estalando o bico de um jeito que significava que estava aborrecida com alguma coisa. Exatamente o que a estava aborrecendo tornou-se visível quase na mesma hora.

– AI! – gemeu Harry.

Algo que lembrava uma minúscula bola de tênis, cinzenta e emplumada, acabara de bater do lado da cabeça de Harry. Ele massageou a cabeça furiosamente erguendo os olhos para ver o que o atingira, e viu uma corujinha mínima, pequena o bastante para caber na palma de sua mão, chiando excitada pelo quarto como se fosse um busca-pé. O garoto percebeu que a coruja deixara cair uma carta a seus pés. Ele se abaixou, reconheceu a letra de Rony e abriu o envelope. Dentro havia um bilhete apressado.

Harry – PAPAI CONSEGUIU AS ENTRADAS – Irlanda contra a Bulgária, na noite de segunda. Mamãe escreveu aos trouxas para convidar você. Talvez a carta já tenha chegado, não sei quanto tempo demora o correio dos trouxas. Pensei em lhe mandar este bilhete pela Píchi.

Harry olhou bem para a palavra "Píchi", depois para a minúscula coruja que voava velozmente em volta da luz no teto. Que nome mais esquisito para uma coruja. Talvez ele não tivesse entendido a letra de Rony. Voltou ao bilhete.

Vamos buscar você, quer os trouxas gostem ou não, você não pode perder a Copa, só que mamãe e papai acham que é melhor a gente primeiro fingir que está pedindo permissão. Se eles disserem sim, mande logo Píchi com a sua resposta, e iremos buscar você às cinco horas no domingo. Se eles disserem não, por favor, mande Píchi de volta depressa e iremos buscá-lo no domingo às cinco horas, assim mesmo.

Hermione está chegando hoje à tarde. Percy começou a trabalhar – Departamento de Cooperação Internacional em Magia. Não fale em ir para o exterior enquanto estiver aqui a não ser que queira que ele lhe arranque as calças pela cabeça.

Até mais – Rony

– Calma aí! – disse Harry, quando a corujinha tirou um rasante da cabeça dele,

batendo as asas loucamente. Harry só pôde supor que de orgulho por ter entregado a carta à pessoa certa. – Vem cá, preciso que você leve a minha resposta!

A corujinha voou até o topo da gaiola da coruja de Harry. Edwiges olhou-a friamente, como se a desafiasse a tentar se aproximar mais.

Harry tomou a pena de águia mais uma vez, apanhou um pergaminho limpo e escreveu:

Rony, está tudo certo, os trouxas disseram que eu posso ir. Vejo você amanhã às cinco. Mal posso esperar.
Harry

Depois, dobrou o bilhete muitas vezes e, com imensa dificuldade, prendeu-o na perna da corujinha que pulava no mesmo lugar de tanta excitação. No instante em que o bilhete ficou preso, a coruja partiu; disparou pela janela e se perdeu de vista.

Harry se virou para Edwiges.

– Está com disposição para fazer uma longa viagem? – perguntou.

A coruja piou com uma certa dignidade.

– Pode levar isto ao Sirius para mim? – disse ele apanhando a carta. – Espera aí... quero terminar.

Ele tornou a desenrolar o pergaminho e apressadamente acrescentou um *postscriptum*.

Se quiser entrar em contato comigo, estarei na casa do meu amigo Rony Weasley até o fim do verão. O pai dele arranjou entradas para a gente assistir à Copa Mundial de Quadribol!

Terminada a carta, ele a amarrou à perna de Edwiges; ela ficou anormalmente quieta, como se estivesse decidida a mostrar ao dono como é que uma verdadeira coruja-correio devia se comportar.

– Vou estar na casa de Rony quando você voltar, está bem? – Harry a informou.

A coruja deu uma bicadinha carinhosa no dedo do garoto, depois, com um ruído farfalhante, abriu as enormes asas e saiu voando pela janela aberta.

Harry observou-a desaparecer ao longe, depois entrou de quatro embaixo da cama, soltou a tábua do soalho e apanhou um pedação de bolo de aniversário. Sentou-se no chão para comê-lo, saboreando a felicidade que o invadia. Ele comia bolo e Duda só comia *grapefruit*; fazia um belo dia de verão, sua cicatriz

estava perfeitamente normal, ele ia deixar a rua dos Alfeneiros no dia seguinte e ia assistir à Copa Mundial de Quadribol. Naquele momento era difícil se preocupar com alguma coisa – até mesmo com Lorde Voldemort.

— CAPÍTULO QUATRO —

De volta à Toca

Por volta do meio-dia do dia seguinte, o malão de Harry estava pronto com o seu material escolar e seus pertences mais preciosos – a Capa da Invisibilidade que ele herdara do pai, a vassoura que ganhara de Sirius, o mapa encantado de Hogwarts, presente de Fred e Jorge Weasley no ano anterior. Ele retirara toda a comida do esconderijo sob a tábua solta, verificara duas vezes cada cantinho de seu quarto para ver se esquecera livros de feitiços ou penas, baixara da parede o calendário em que fizera a contagem regressiva para o dia primeiro de setembro, riscando cada dia que passava até a volta a Hogwarts.

A atmosfera no nº 4 da rua dos Alfeneiros estava extremamente tensa. A chegada iminente à casa de um grupo variado de bruxos estava deixando os Dursley nervosos e irritadiços. Tio Válter parecera decididamente assustado quando Harry informou-o de que os Weasley chegariam às cinco horas do dia seguinte.

– Espero que você tenha avisado para se vestirem direito, a essas pessoas – rosnou o tio na mesma hora. – Já vi o tipo de coisa que gente da sua laia usa. É melhor terem a decência de vestir roupas normais, é só.

Harry sentiu uma ligeira apreensão. Raramente vira o casal Weasley usar alguma coisa que os Dursley pudessem chamar de “normal”. Os filhos até usavam roupas de trouxas durante as férias, mas o Sr. e a Sra. Weasley, em geral, usavam vestes longas e surradas em vários graus. Harry não se incomodava com o que os vizinhos pudessem pensar, mas estava aflito com as grosserias que os Dursley pudessem fazer aos Weasley se eles realmente correspondessem à péssima ideia que os tios faziam dos bruxos.

Tio Válter vestira o melhor terno. Para alguns isto poderia parecer um gesto de boas-vindas, mas Harry sabia que era porque o tio queria impressionar e intimidar. Duda, por outro lado, parecia ter encolhido. Não era porque a dieta

afinal estivesse produzindo efeito, mas por medo. O garoto saíra do último encontro com um bruxo adulto levando um rabo de porco, enroscado, que saía pelo fundilho das calças e tia Petúnia e tio Válter precisaram pagar um hospital particular em Londres para remover o tal rabo. Portanto, não surpreendia que Duda não parasse de passar a mão, nervosamente, pelo bumbum, e andasse de lado quando ia de um cômodo a outro, para não oferecer o mesmo alvo ao inimigo.

O almoço foi uma refeição quase silenciosa. Duda sequer protestou contra a comida (queijo branco e aipo ralado). Tia Petúnia não comeu nadinha. Manteve os braços cruzados, os lábios contraídos e parecia estar mastigando a língua, como se refreasse o discurso violento e injurioso que queria fazer para Harry.

– Eles virão de carro, naturalmente? – vociferou tio Válter por cima da mesa.

– Hum – fez Harry.

Ele não pensara nisso. Como é que os Weasley viriam apanhá-lo? Não tinham mais carro; o velho Ford Anglia, que outrora possuíam, atualmente andava rodando pela Floresta Proibida de Hogwarts. Mas, no ano anterior, o Sr. Weasley tomara emprestado o carro do Ministério da Magia; será que faria o mesmo hoje?

– Acho que sim – respondeu Harry.

Tio Válter bufou para dentro dos bigodes. Normalmente, ele teria perguntado qual era a marca do carro do Sr. Weasley; tinha uma tendência a julgar outros homens pelo tamanho e o luxo de seus carros. Mas o garoto duvidava que o tio tivesse simpatizado com o Sr. Weasley mesmo que o bruxo dirigisse uma Ferrari.

Harry passou a maior parte da tarde em seu quarto; não suportava ver tia Petúnia espiar entre as cortinas a todo instante, como se tivesse havido um alerta de que existia um rinoceronte à solta. Finalmente, às quinze para as cinco, Harry voltou ao térreo e entrou na sala de estar.

Tia Petúnia ajeitava compulsivamente as almofadas. Tio Válter fingia ler o jornal, mas seus olhinhos miúdos não se mexiam, e Harry teve certeza de que na realidade ele mantinha os ouvidos muito atentos para a chegada de um carro. Duda se enterrou numa poltrona, sentado em cima das mãos muito gordas, e segurava com firmeza o bumbum. Harry não suportou a tensão: saiu da sala e foi se sentar na escada do hall, os olhos no relógio de pulso e o coração batendo muito forte de tanta excitação e nervosismo.

As cinco horas vieram e se foram. Tio Válter, suando ligeiramente o terno, abriu a porta da frente, espiou para um lado e outro da rua, e recolheu depressa a cabeça.

– Eles estão atrasados! – rosnou para Harry.

– Eu sei – disse Harry. – Talvez... hum... o trânsito esteja ruim, ou outro

problema qualquer.

Cinco e dez... depois cinco e quinze... Harry estava começando a ficar ansioso também. Às cinco e meia, ele ouviu os tios conversarem em murmúrios tensos na sala de estar.

– Não têm a menor consideração.

– Poderíamos ter outro compromisso.

– Talvez eles pensem que serão convidados para o jantar se chegarem tarde.

– Certamente que não serão – respondeu tio Válter, e Harry o ouviu se levantar e começar a andar pela sala. – Vão pegar o garoto e ir embora, não vão se demorar. Isto é, se é que vão aparecer. Provavelmente se enganaram no dia. Eu diria que gente da *laia deles* não liga muito para pontualidade. Ou isso ou estão dirigindo uma lata velha que parou de... AAAAAAAARRRRREEE!

Harry deu um pulo. Do outro lado da porta da sala ele ouviu os três Dursley correrem precipitadamente, cheios de pânico. No momento seguinte, Duda entrou voando pelo hall, aterrorizado.

– Que aconteceu? – perguntou Harry. – Que foi que houve?

Mas Duda parecia incapaz de responder. As mãos ainda agarradas às nádegas, saiu desengonçado, e o mais depressa que pôde, em direção à cozinha. Harry correu para a sala de estar.

Ouviam-se fortes batidas e arranhões por trás das tábuas que vedavam a lareira dos Dursley, diante da qual estava ligada uma imitação de fogo a carvão.

– Que é isso? – exclamou tia Petúnia, que recuara de costas para a parede, arregalando os olhos para a lareira, aterrorizada. – Que é isso, Válter?

Mas eles não precisaram gastar nem um segundo pensando. Ouviram-se vozes no interior da lareira fechada.

– Ai! Fred, não... volte, volte, houve algum engano... diga ao Jorge para não... AI! Jorge, não, não há espaço, volte depressa e diga ao Rony...

– Talvez Harry possa ouvir a gente, papai... talvez possa abrir para a gente passar...

Ouviram-se murros contra as tábuas.

– Harry? Harry, você está ouvindo a gente?

Os Dursley investiram contra Harry como um casal de carcajus furiosos.

– Que é isso? – vociferou tio Válter. – Que é que está acontecendo?

– Eles... eles tentaram chegar aqui usando Pó de Flu – disse Harry, reprimindo uma vontade louca de rir. – Eles podem viajar entre lareiras, só que vocês tamparam a entrada, esperem um pouco...

Harry se aproximou da lareira e chamou.

– Sr. Weasley? O senhor está me ouvindo?

As pancadas pararam. Alguém do outro lado fez “psiu”.

– Sr. Weasley, é o Harry... a lareira está bloqueada. O senhor não vai conseguir passar por aí.

– Droga! – exclamou a voz do Sr. Weasley. – Para que foi que eles inventaram de bloquear a lareira?

– Eles têm um fogo elétrico – explicou Harry.

– Verdade? – ouviu-se a voz excitada do Sr. Weasley. – Eclético, você disse? Com uma *tomada*? Nossa, eu preciso ver isso... vamos pensar... ai, Rony!

A voz de Rony agora se juntava a dos outros.

– Que é que estamos fazendo aqui? Deu alguma coisa errada?

– Não, Rony – ouviu-se a voz de Fred, muito sarcástica. – Era exatamente aqui que queríamos chegar.

– É, e estamos nos divertindo de montão – acrescentou Jorge, cuja voz parecia abafada, como se ele estivesse esmagado contra a parede.

– Meninos, meninos... – disse o Sr. Weasley vagamente. – Estou tentando pensar no que fazer... é... é o jeito... afaste-se, Harry.

Harry recuou até o sofá. Tio Válter, porém, avançou para a lareira.

– Espere aí! – berrou para a peça. – Que é que você vai fazer exatamente...?

BAM!

O fogo elétrico foi arremessado pela sala, ao mesmo tempo que as tábuas saltavam da lareira, expulsando o Sr. Weasley, Fred, Jorge e Rony em meio a uma nuvem de caliça e fragmentos de madeira. Tia Petúnia berrou e caiu de costas por cima da mesinha de centro; tio Válter agarrou-a antes que ela batesse no chão e encarou os Weasley, boquiaberto, incapaz de falar, todos de cabelos ruivos, inclusive Fred e Jorge, gêmeos idênticos até a última sarda.

– Agora melhorou – ofegou o Sr. Weasley, espanando a poeira das longas vestes verdes e endireitando os óculos. – Ah... vocês devem ser a tia e o tio de Harry!

Alto, magro e meio careca, o bruxo caminhou em direção ao tio Válter, a mão estendida, mas o homem recuou vários passos, arrastando tia Petúnia. As palavras lhe fugiram totalmente. Seu melhor terno estava coberto de pó branco, que assentara em seus cabelos e bigodes e dava a impressão de que ele acabara de envelhecer trinta anos.

– Hum... ah... sinto muito – disse o Sr. Weasley, baixando a mão e olhando por cima do ombro para a lareira destruída. – Foi minha culpa, mas não me ocorreu que não poderíamos sair por aqui. Mandei ligar a sua lareira à rede do Flu, entende, só por uma tarde, sabe, para podermos apanhar Harry. Rigorosamente falando, as lareiras dos trouxas não podem ser ligadas, mas tenho um contato útil na Comissão de Regulamentação do Flu e ele deu um jeitinho. Mas posso consertar tudo em um segundo, não se preocupe. Vou acender um fogo para

mandar os garotos de volta, depois posso refazer sua lareira antes de desaparatar.

Harry podia apostar que os Dursley não tinham entendido uma única palavra. Continuavam a boquiabrir-se para o Sr. Weasley, aparvalhados. Tia Petúnia levantou-se com dificuldade e se escondeu atrás do marido.

– Olá, Harry! – cumprimentou o Sr. Weasley animado. – A mala está pronta?

– Está lá em cima – respondeu o garoto, retribuindo o sorriso.

– Vamos buscar – disse Fred na mesma hora. Piscando para Harry, ele e Jorge saíram da sala. Sabiam onde era o quarto de Harry, porque tinham salvado o garoto uma vez no meio da noite. Harry suspeitou que Fred e Jorge estavam querendo dar uma espiada em Duda; tinham ouvido Harry falar muito do primo.

– Bom – disse o Sr. Weasley, agitando levemente os braços, enquanto tentava encontrar palavras para quebrar o silêncio mais que desagradável. – Uma bela... hum... bela casa vocês têm.

Como a sala habitualmente impecável estava agora coberta de poeira e caliça, o comentário não foi muito bem recebido pelos Dursley. O rosto do tio Válter ficou, mais uma vez, púrpura, e tia Petúnia recomeçou a mastigar a língua. Porém eles pareciam demasiado apavorados para conseguir falar alguma coisa.

O Sr. Weasley olhou para todos os lados. Adorava tudo que dizia respeito aos trouxas. Harry via que ele estava doido de vontade de examinar a televisão e o videocassete.

– Eles funcionam com ecleticidade, não é? – disse mostrando-se bem informado. – Ah, é, estou vendo as tomadas. Eu coleciono tomadas – acrescentou para o tio Válter. – E baterias. Tenho uma enorme coleção de baterias. Minha mulher acha que eu sou maluco, mas o que fazer?

Era visível que tio Válter também o achava maluco. Ele avançou um tantinho para a direita, escondendo tia Petúnia, como se achasse que o bruxo poderia de repente avançar e atacá-los.

Duda, de repente, reapareceu na sala. Harry ouviu o ruído metálico do malão descendo pelas escadas, e concluiu que o barulho havia afugentado Duda da cozinha. O garoto vinha costeando a parede, olhando para o Sr. Weasley com terror nos olhos e, depois, tentou se esconder atrás da mãe e do pai. Infelizmente, o corpanzil do tio Válter, embora suficiente para esconder a ossuda tia Petúnia, não era bastante grande para esconder também o filho.

– Ah, e esse é o seu primo, não é, Harry? – perguntou o Sr. Weasley fazendo outra corajosa tentativa de iniciar uma conversa.

– É – confirmou Harry –, é o Duda.

Ele e Rony se entreolharam e desviaram depressa os olhos para longe; a tentação de cair na gargalhada era forte demais. Duda ainda segurava o bumbum como se tivesse medo de que ele se soltasse. O Sr. Weasley, porém, parecia

sinceramente preocupado com o comportamento estranho do garoto. De fato, pelo tom de voz com que falou a seguir, Harry teve a certeza de que o Sr. Weasley achava que Duda era tão maluco quanto os Dursley achavam que ele era, só que o Sr. Weasley sentia piedade em vez de medo.

– Está gostando das férias, Duda? – perguntou bondosamente.

Duda choramingou. Harry viu as mãos do primo apertarem com mais força o bumbum maciço.

Fred e Jorge voltaram à sala trazendo o malão escolar de Harry. Eles olharam para os lados ao entrar e viram Duda. Seus rostos se abriram em sorrisos malvados idênticos.

– Ah, certo – disse o Sr. Weasley. – Melhor irmos andando, então.

Ele arregaçou as mangas das vestes e puxou a varinha. Harry viu os Dursley recuarem contra a parede, como se fossem uma pessoa só.

– *Incêndio!* – disse o bruxo, apontando a varinha para o buraco na parede.

As chamas irromperam na mesma hora na lareira, crepitando alegremente como se já estivessem acesas há horas. O Sr. Weasley tirou do bolso um saquinho fechado com cordões, desamarrou-o, tirou uma pitada do pó e jogou-o nas chamas, que viraram verde-esmeralda e rugiram com mais força do que antes.

– Pode ir, Fred – disse o Sr. Weasley.

– Estou indo – respondeu Fred. – Ah, não... espera aí...

Um saquinho de balas caiu do bolso de Fred e o conteúdo se espalhou em todas as direções – grandes caramelos em embalagens muito coloridas.

Fred saiu catando os caramelos, guardando-os de volta no bolso, depois deu um adeusinho animado aos Dursley, adiantou-se e entrou direto nas chamas, dizendo “A Toca!”. Tia Petúnia soltou uma exclamação trêmula. Ouviuse um barulho de deslocamento de ar e Fred desapareceu.

– Agora você, Jorge – disse o Sr. Weasley. – Leve a mala.

Harry ajudou Jorge a carregar a mala até as chamas da lareira e virou-a de ponta para o gêmeo poder segurá-la melhor. Depois com um segundo deslocamento de ar, Jorge gritara “A Toca!” e desaparecera também.

– Rony, você é o próximo – disse o Sr. Weasley.

– Até outro dia – disse Rony animado para os Dursley. Deu um grande sorriso para Harry, entrou no fogo e gritou “A Toca!” e desapareceu.

Agora só faltavam Harry e o Sr. Weasley.

– Bom... tchau então – disse Harry aos Dursley.

Os tios não disseram uma palavra. Harry adiantou-se para o fogo, mas na hora em que pisou na lareira, o Sr. Weasley esticou a mão e segurou-o. Encarou os Dursley surpreso.

– Harry disse tchau para vocês – falou ele. – Vocês não ouviram?
– Não faz mal – murmurou Harry para o Sr. Weasley. – Francamente, eu não me importo.
O Sr. Weasley não tirou a mão do ombro de Harry.
– Vocês não vão ver seu sobrinho até o próximo verão – disse ele a tio Válter, ligeiramente indignado. – Com certeza, vocês vão se despedir?
O rosto de tio Válter se contraiu furiosamente. A ideia de aprender a ter consideração com um homem que acabara de explodir metade da sua sala de estar parecia lhe causar intenso sofrimento.
Mas o Sr. Weasley ainda empunhava a varinha e o olhar do tio Válter correu até ela antes de dizer, muito ressentido:
– Então, tchau.
– Até outro dia – disse Harry enfiando um pé nas chamas que, aos seus sentidos, pareceram um hálito morno. Naquele momento, porém, um horrível ruído de alguém se engasgando ocorreu às costas dele e tia Petúnia começou a gritar.
Harry se virou. Duda não estava mais escondido atrás dos pais. Estava ajoelhado ao lado da mesinha de centro, e tossia e cuspia uma coisa de uns trinta centímetros, roxa e viscosa que saía de sua boca. Passado um segundo de aturdimento, Harry se deu conta de que aquela coisa de trinta centímetros era a língua de Duda – e que havia um papel de caramelo, vivamente colorido, caído no chão ao lado dele.
Tia Petúnia atirou-se ao chão ao lado do filho, agarrou a ponta da língua inchada e tentou arrancá-la da boca do garoto; como era de se esperar, Duda berrou e cuspiu pior do que antes, tentando resistir à mãe. Tio Válter urrava e agitava os braços, e o Sr. Weasley precisou gritar para ser ouvido.
– Não se preocupem, posso dar um jeito nisso! – gritou ele, avançando para Duda com a varinha estendida, mas tia Petúnia berrou mais do que antes e se atirou em cima de Duda, protegendo-o do Sr. Weasley.
– Não, estou falando sério! – disse o Sr. Weasley, desesperado. – É um processo simples, foi o caramelo, meu filho Fred... gosta de pregar peças, mas é apenas um Feitiço de Ingurgitamento, pelo menos, acho que é, por favor, posso consertar tudo...
Mas longe de se tranquilizar, os Dursley foram tomados de um pânico ainda maior; tia Petúnia, soluçando histericamente, puxava a língua de Duda como se estivesse decidida a arrancá-la; o garoto parecia estar sufocando sob a pressão da língua e da mãe somadas e tio Válter, que se descontrolara completamente, agarrou uma estatueta de porcelana de cima do bufê e atirou-a contra o Sr. Weasley, que se abaixou, deixando o enfeite se espatifar na lareira escancarada.

– Ora, francamente! – exclamou o Sr. Weasley, zangado, brandindo a varinha. – Estou tentando *ajudar*!

Urrando feito um hipopótamo ferido, tio Válter agarrou outro enfeite.

– Harry, vá! Vá logo! – gritou o Sr. Weasley, a varinha apontada para tio Válter. – Eu resolvo isso!

Harry não queria perder o espetáculo, mas o segundo enfeite atirado pelo tio errou por pouco a sua orelha esquerda e, pensando bem, ele achou preferível deixar o Sr. Weasley resolver a situação. Entrou nas chamas, espiando por cima do ombro e disse "A Toca!"; seu último vislumbre da sala de estar foi o Sr. Weasley arrancando com a varinha um terceiro enfeite da mão do tio, tia Petúnia gritando agachada por cima de Duda e a língua do primo pendurada para fora como uma grande e viscosa jiboia. Mas no momento seguinte, Harry começou a rodopiar em grande velocidade e a sala de estar dos Dursley desapareceu de vista numa erupção de chamas verde-esmeralda.

— CAPÍTULO CINCO —

As “Gemialidades” Weasley

Harry rodopiou cada vez mais veloz, apertando os cotovelos junto ao corpo, lareiras difusas passaram como relâmpagos por ele, até que começou a se sentir nauseado e fechou os olhos. Depois, ao sentir finalmente que estava desacelerando, esticou as mãos para a frente e fez força para parar em tempo de evitar cair de cara na lareira da cozinha da casa dos Weasley.

– Ele comeu? – perguntou Fred excitado, estendendo a mão para ajudar Harry a se levantar.

– Comeu – disse Harry se endireitando. – O que *era*?

– Caramelo Incha-Língua – informou-lhe Fred, animado. – Foi Jorge e eu que inventamos, passamos o verão todo procurando alguém para experimentar...

A pequena cozinha explodiu de risadas; Harry olhou para os lados e viu que Rony e Jorge estavam sentados à mesa da cozinha com dois rapazes ruivos que ele nunca vira antes, embora soubesse na hora quem deviam ser: Gui e Carlinhos, os dois irmãos Weasley mais velhos.

– Como vai, Harry? – disse o que estava mais próximo, sorrindo para ele e estendendo a mão enorme, que Harry apertou sentindo calos e bolhas sob os dedos. Tinha que ser Carlinhos, que trabalhava com dragões na Romênia. O rapaz tinha o mesmo físico dos gêmeos, mais baixo e mais forte do que Percy e Rony, que eram compridos e magros. Seu rosto era largo e bemhumorado, castigado pelo sol e tão sardento que quase parecia bronzeado; os braços eram musculosos; e em um deles havia uma grande e reluzente queimadura.

Gui se levantou, sorrindo, e também apertou a mão de Harry. O rapaz foi uma surpresa. Harry sabia que ele trabalhava para o banco dos bruxos, o Gringotes, e que fora monitor-chefe em Hogwarts, e sempre imaginara que Gui fosse uma versão mais velha de Percy; preocupado com as infrações dos regulamentos e chegado a mandar em todo mundo. No entanto, Gui era – não havia outra

palavra – *descolado*. Alto, os cabelos compridos presos em um rabo de cavalo. Usava um brinco de argola com um berloque pendurado que parecia um dente canino. Suas roupas não estariam deslocadas em um concerto de rock, exceto pelo detalhe de que as botas não eram feitas de couro de boi, mas de couro de dragão.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se um leve estalo e o Sr. Weasley apareceu de repente junto ao ombro de Jorge. Parecia mais zangado do que Harry jamais o vira.

– *Não teve graça* algu ma, Fred! – gritou ele. – Que diabo foi que você deu àquele garoto trouxa?

– Eu não dei nada a ele – disse Fred, com outro sorriso malvado. – Só deixei *cair* um caramelo... foi culpa dele se o apanhou e comeu, não o mandei fazer isso.

– Você deixou cair de propósito! – berrou o Sr. Weasley. – Sabia que ele ia comer, sabia que ele estava fazendo regime...

– De que tamanho ficou a língua dele? – perguntou Jorge, ansioso.

– Já estava com mais de um metro quando os pais me deixaram encolhê-la!

Harry e os Weasley caíram na gargalhada outra vez.

– *Não tem graça!* – gritou o Sr. Weasley. – Esse tipo de comportamento desestabiliza seriamente as relações bruxos-trouxas! Passo metade da vida fazendo campanha contra os maus-tratos aos trouxas e os meus próprios filhos...

– Não demos o caramelo a ele porque é trouxa! – disse Fred.

– Não, demos porque ele é um filho da mãe implicante – disse Jorge. – Não é verdade, Harry?

– É, é sim, Sr. Weasley – confirmou Harry com sinceridade.

– Isto não vem ao caso! – vociferou o Sr. Weasley. – Espere até eu contar à sua mãe...

– Contar o quê? – perguntou uma voz às costas dele.

A Sra. Weasley acabara de entrar na cozinha. Era uma mulher baixa e gorducha, de rosto bondoso, embora, no momento, seus olhos estivessem apertados numa expressão de desconfiança.

– Ah, olá, Harry, querido – disse ela, sorrindo, ao vê-lo. Então seus olhos se voltaram para o marido. – Contar o *quê*, Arthur?

O Sr. Weasley hesitou. Harry percebeu que, por mais zangado que estivesse com Fred e Jorge, ele não pretendera realmente contar à Sra. Weasley o que tinha acontecido. Fez-se silêncio, enquanto o Sr. Weasley encarava a esposa, nervoso. Então duas meninas apareceram à porta da cozinha atrás da Sra. Weasley. Uma, de cabelos castanhos muito fofos e os dentes da frente um tanto grandes, era a amiga de Harry e Rony, Hermione Granger. A outra, pequena e ruiva, era a irmã

mais nova de Rony, Gina. As duas sorriram para Harry, que retribuiu o sorriso, fazendo Gina ficar escarlate – tinha um xodó por Harry desde a primeira visita dele à Toca.

– Contar o *quê*, Arthur? – repetiu a Sra. Weasley, num tom de voz perigoso.

– Não é nada, Molly – resmungou o marido. – Fred e Jorge... mas eu já tive uma conversa com eles...

– Que foi que eles fizeram desta vez? – perguntou a Sra. Weasley. – Se foi alguma coisa relacionada com as "Gemialidades" Weasley...

– Por que você não mostra ao Harry aonde ele vai dormir, Rony? – sugeriu Hermione da porta.

– Ele já sabe aonde vai dormir – respondeu Rony. – No meu quarto, foi lá que dormiu da última...

– Então todos podemos ir – disse Hermione, sublinhando as palavras.

– Ah – fez Rony, entendendo. – Certo.

– É, nós também vamos – disse Jorge.

– *Vocês ficam onde estão!* – vociferou a Sra. Weasley.

Harry e Rony saíram de fininho da cozinha e seguiram com as meninas pelo corredor estreito, subiram a escada desconjuntada e saíram ziguezagueando pela casa até os últimos andares.

– Que são "Gemialidades" Weasley? – perguntou Harry quando subiam.

Rony e Gina riram, embora Hermione continuasse séria.

– Mamãe encontrou uma pilha de formulários de pedidos quando estava limpando o quarto de Fred e Jorge – disse Rony em voz baixa. – Listas enormes de preços de coisas que eles inventaram. Artigos para logros e brincadeiras, sabe. Varinhas de imitação, doces-surpresas, um monte de coisas. Genial. Eu não sabia que eles estavam inventando tanta coisa...

– Há muito tempo que ouvíamos explosões no quarto deles, mas nunca pensamos que estavam *fabricando* coisas – explicou Gina –, achamos que era só vontade de fazer barulho.

– Só que, a maior parte das coisas, bom, na realidade, tudo... era meio perigoso – disse Rony – e, sabe, eles estavam planejando vender os artigos em Hogwarts para ganhar dinheiro, e mamãe ficou uma fera. Disse que eles estavam proibidos de fabricar aquelas coisas e queimou todos os formulários... já estava furiosa mesmo porque eles não conseguiram tantos N.O.M.s quanto ela esperava.

Os N.O.M.s eram Níveis Ordinários em Magia, os exames que os alunos de Hogwarts faziam aos quinze anos.

– Depois houve uma briga danada – disse Gina –, porque mamãe queria que eles entrassem para o Ministério da Magia como papai, e os dois responderam

que o que eles querem é abrir uma loja de logros e brincadeiras.
Nessa hora, uma porta se abriu no segundo patamar e um rosto com óculos de aros de tartaruga e expressão mal-humorada espiou pra fora.
– Oi, Percy – cumprimentou Harry.
– Ah, olá, Harry. Eu estava imaginando quem é que estava fazendo essa barulheira. Estou tentando trabalhar aqui dentro, sabe, tenho um relatório do escritório para terminar, e é difícil me concentrar se as pessoas não param de subir e descer fazendo as escadas reboarem.
– Não estamos fazendo as escadas *reboarem* – retrucou Rony irritado. – Estamos andando. Desculpe se perturbamos o trabalho secreto do Ministério da Magia.
– No que é que você está trabalhando? – perguntou Harry.
– Num relatório para o Departamento de Cooperação Internacional em Magia – disse Percy cheio de si. – Estamos tentando padronizar a espessura dos caldeirões. Há muitas peças importadas que são um pouco finas, os furos têm aumentado à razão de três por cento ao ano...
– Vai mudar o mundo esse relatório, ah, vai – comentou Rony. – Primeira página do *Profeta Diário*, espero, caldeirões vazam.
Percy corou de leve.
– Você pode caçoar, Rony – disse o irmão com veemência –, mas a não ser que se baixe uma lei internacional, o mercado vai acabar inundado de produtos com paredes e fundos finos que ameaçam seriamente...
– Sei, sei, tudo bem – interrompeu-o Rony e recomeçou a subir as escadas. Percy bateu a porta do quarto. Quando Harry, Hermione e Gina iam começar a acompanhar Rony na subida de mais três lances de escada, ouviram os ecos dos gritos na cozinha. Pelo jeito o Sr. Weasley contara à Sra. Weasley sobre os caramelos.
O quarto em que Rony dormia, no último andar da casa, conservava a mesma aparência da última vez que Harry viera passar dias com o amigo; os mesmos pôsteres do time favorito de quadribol de Rony, os Chudley Cannons, em que os jogadores acenavam das paredes e do teto inclinado, o aquário no peitoril da janela que anteriormente abrigara ovas de rã agora continha um enorme sapo. O velho rato de Rony, Perebas, não morava mais ali, em seu lugar havia a coruja minúscula que entregara a carta de Rony na rua dos Alfeneiros. Saltitava numa gaiolinha, piando feito louca.
– Cala a boca, Píchi – disse Rony, manobrando para passar entre duas das quatro camas que haviam sido espremidas no quarto. – Fred e Jorge estão aqui conosco, porque Gui e Carlinhos ficaram com o quarto dos dois – disse Rony a Harry. – Percy conseguiu ficar com o quarto só para ele porque tem que

trabalhar.

– Hum... por que é que você chama essa coruja de Píchi? – perguntou Harry a Rony.

– Porque Rony está sendo idiota – disse Gina. – O nome todo é Pichitinho.

– É, e isso não é um nome nem um pouco idiota – comentou Rony sarcasticamente. – Foi Gina que o batizou – explicou a Harry. – Ela acha que é um nome bonitinho. Tentei mudar, mas já era tarde demais, ele não responde a nenhum outro. Então ficou Píchi. Tenho que trancar ele aqui porque vive chateando o Errol e o Hermes. Pensando bem, chateia a mim também.

Pichitinho voava alegremente pela gaiola, piando em tom agudo. Harry conhecia Rony muito bem para levá-lo a sério. Tinha reclamado o tempo todo do seu velho rato Perebas, mas ficara aborrecidíssimo quando pareceu que o gato de Hermione, Bichento, o comera.

– Por onde anda o Bichento? – perguntou Harry a Hermione nessa hora.

– No jardim, espero. Ele gosta de caçar gnomos, nunca tinha visto nenhum.

– Então o Percy está gostando do trabalho? – perguntou Harry se sentando em uma das camas e se pondo a observar os Chudley Cannons entrando e saindo velozes dos pôsteres no teto.

– Gostando? – disse Rony misterioso. – Acho que nem voltaria para casa se papai não obrigasse. Está obcecado. E nem puxe conversa sobre o chefe dele. *O Sr. Crouch diz... como eu ia dizendo ao Sr. Crouch... O Sr. Crouch é de opinião... O Sr. Crouch esteve me dizendo...* Qualquer dia desses vão anunciar o noivado dos dois.

– Como foi o seu verão, Harry, bom? – perguntou Hermione. – Recebeu os pacotes de comida que mandamos e tudo o mais?

– Recebi, muito obrigado. Salvaram minha vida, aqueles bolos.

– E você teve notícias de...? – Rony começou, mas a um olhar de Hermione calou a boca. Harry sabia que Rony ia perguntar por Sirius. Rony e Hermione tinham participado tão intensamente da fuga de Sirius do Ministério da Magia que estavam quase tão preocupados com o padrinho de Harry quanto o garoto. Porém, falar dele na frente de Gina não era uma boa ideia. Ninguém a não ser eles e o Prof. Dumbledore sabiam como o padrinho de Harry havia fugido ou acreditavam em sua inocência.

– Acho que eles pararam de discutir – disse Hermione, para disfarçar o momento de constrangimento, porque Gina olhava com curiosidade de Rony para Harry. – Vamos descer e ajudar sua mãe com o jantar?

– Tudo bem – disse Rony. Os quatro tornaram a descer e encontraram a Sra. Weasley sozinha na cozinha, parecendo extremamente mal-humorada.

– Vamos comer no jardim – disse ela quando os garotos entraram. – Não há

lugar para onze pessoas aqui dentro. Podem levar os pratos para fora, meninas? Gui e Carlinhos estão armando as mesas. Facas e garfos, por favor, vocês dois – disse ela a Rony e Harry, e apontou a varinha com um pouco mais de força do que pretendera para um monte de batatas na pia, que saíram da casca demasiado depressa e acabaram ricocheteando nas paredes e nos tetos.

“Ah, pelo *amor* de Deus!”, exclamou ela, agora apontando a varinha para uma pá, que saltou de lado e começou a patinar pelo piso, recolhendo as batatas. “Aqueles dois!”, explodiu ela furiosa, agora tirando tachos e panelas de um armário, e Harry entendeu que ela estava se referindo a Fred e Jorge. “Não sei o que vai ser deles, realmente não sei. Não têm ambição, a não ser que se leve em conta toda confusão que são capazes de aprontar...”

Ela bateu com uma grande caçarola de cobre na mesa da cozinha e começou a agitar a mão para os lados. Um molho cremoso foi escorrendo da ponta da varinha à medida que ela mexia.

– Não é que não tenham inteligência – continuou ela irritada, levando a caçarola para o fogão e acendendo-o com um toque da varinha –, mas estão desperdiçando a que têm e, a não ser que tomem jeito depressa, vão se meter em apuros. Já recebi mais corujas de Hogwarts a respeito dos dois do que de todos os outros juntos. Se continuarem assim, vão terminar tendo que comparecer à Seção de Controle do Uso Indevido da Magia.

A Sra. Weasley apontou a varinha para a gaveta de talheres, que se abriu com violência. Harry e Rony saltaram para o lado ao ver várias facas saírem voando, atravessarem a cozinha e começarem a cortar as batatas que tinham acabado de ser devolvidas à pia pela pá.

– Não sei onde foi que erramos com os gêmeos – disse a Sra. Weasley descansando a varinha e recomeçando a tirar mais caçarolas do armário. – Tem sido sempre assim há anos, uma coisa atrás da outra, e eles não dão ouvidos... AH, *OUTRA VEZ*, NÃO!

Ela apanhara a varinha da mesa, e a coisa emitira um guincho alto e se transformara em um enorme camundongo de borracha.

– Mais uma varinha falsa fabricada por eles! – gritou ela. – Quantas vezes já disse aos dois para não deixarem essas coisas largadas por aí?

Ela agarrou a própria varinha, e quando se virou descobriu que o molho no fogão estava soltando fumaça.

– Vamos – disse Rony depressa a Harry, enfiando a mão na gaveta e tirando uma mão cheia de talheres –, vamos ajudar o Gui e o Carlinhos.

Eles deixaram a Sra. Weasley e saíram pela porta dos fundos em direção ao quintal.

Tinham dado apenas alguns passos quando o gato de Hermione, de pelo

amarelo e pernas arqueadas, saiu saltando do jardim, o rabo de escova de limpar garrafas esticado no ar, caçando alguma coisa que parecia uma batata com pernas, suja de terra. Harry reconheceu-a instantaneamente, era um gnomo. Mal chegava aos vinte e cinco centímetros de altura, os pezinhos cascudos batendo céleres no chão ao atravessar o quintal e mergulhar de cabeça em uma das botas espalhadas à porta da casa. Harry ouviu o gnomo se acabar de rir quando Bichento enfiou a pata na bota, tentando alcançá-lo. Entrementes, ouvia-se um estrépito de coisas que batiam do outro lado da casa. A origem do barulho surgiu quando eles entraram no jardim e viram Gui e Carlinhos, de varinhas em punho, fazendo duas mesas velhas voarem alto pelo gramado e colidirem, cada qual tentando derrubar a outra no chão. Fred e Jorge aplaudiam; Gina ria e Hermione estava parada junto à sebe, pelo jeito dividida entre o riso e a aflição.

A mesa de Gui bateu na de Carlinhos com estrondo e perdeu uma das pernas. Eles ouviram um barulho no alto, todos ergueram os olhos e viram a cabeça de Percy aparecer à janela do segundo andar.

– Dá para vocês maneirarem? – berrou ele.

– Desculpe, Percy – disse Gui rindo. – Como é que vão os fundos dos caldeirões?

– Muito mal – disse Percy irritado e tornou a fechar a janela com uma pancada. Rindo, Gui e Carlinhos devolveram as mesas em segurança ao chão, juntaram-nas pelas extremidades e, então, com um golpe de varinha, Gui colou de volta a perna da mesa e conjurou toalhas do nada.

Às sete horas, as duas mesas rangiam sob o peso de travessas e mais travessas da excelente comida da Sra. Weasley, e os nove Weasley, Harry e Hermione se sentaram para jantar sob um céu azul-escuro e limpo. Para alguém que andara sobrevivendo com refeições de bolos cada vez mais secos o verão inteiro, aquilo era o paraíso e, no primeiro momento, Harry escutou mais do que falou, se servindo de empadão de galinha e presunto, batatas cozidas e salada.

Na ponta da mesa, Percy contava ao pai todos os detalhes do seu relatório sobre os fundos dos caldeirões.

– Eu prometi ao Sr. Crouch que aprontaria o relatório até terça-feira – dizia Percy pomposo. – É um pouco mais cedo do que ele pediu, mas gosto de estar um passo à frente. Acho que ele ficará agradecido por eu ter terminado em menos tempo. Quero dizer, há muito trabalho em nosso departamento neste momento, com todas as providências para a Copa Mundial. Não estamos recebendo a colaboração necessária do Departamento de Jogos e Esportes Mágicos. Ludo Bagman...

– Eu gosto do Ludo – disse o Sr. Weasley em tom ameno. – Foi ele que nos arranjou aqueles excelentes lugares para a Copa. Fiz um favorzinho a ele: o

irmão, Otto, se meteu em uma pequena confusão, um cortador de grama com poderes fora do comum, eu acertei o problema.

– Ah, Bagman é uma pessoa *agradável*, é claro – disse Percy fugindo à questão –, mas como conseguiu ser chefe do departamento... quando o comparo ao Sr. Crouch! Não posso imaginar o Sr. Crouch perdendo um funcionário do departamento sem tentar descobrir o que aconteceu com ele. O senhor já se deu conta de que a Berta Jorkins está desaparecida há mais de um mês? Saiu de férias para a Albânia e nunca mais voltou?

– Verdade, indaguei ao Ludo sobre isso – respondeu o Sr. Weasley enrugando a testa. – Ele me disse que Berta já se perdeu uma porção de vezes antes, embora eu deva dizer que se fosse alguém no meu departamento eu ficaria preocupado...

– Ah, a Berta não toma jeito, é verdade – falou Percy. – Ouvi dizer que ela é empurrada de departamento para departamento há anos, dá mais trabalho do que trabalha... mas, mesmo assim, Bagman devia estar tentando encontrá-la. O Sr. Crouch tem se interessado pessoalmente pelo caso, ela trabalhou no nosso departamento uma época, sabe, e acho que o Sr. Crouch gostava bastante dela, mas Bagman fica rindo e dizendo que ela provavelmente leu mal o mapa e em vez da Albânia acabou na Austrália. Contudo – Percy deixou escapar um imponente suspiro, e tomou um bom gole do vinho de flor de sabugueiro –, já temos muito com o que nos preocupar no Departamento de Cooperação Internacional em Magia sem ficar tentando achar funcionários de outros departamentos. Como o senhor sabe, já temos outro grande evento para organizar logo depois da Copa.

Ele pigarreou cheio de importância e olhou para a ponta da mesa em que Harry, Rony e Hermione estavam sentados.

– O *senhor* sabe do que estou falando, papai. – E alteou ligeiramente a voz. – O evento secreto.

Rony girou os olhos para o alto, e murmurou para Harry e Hermione:

– Ele está tentando fazer a gente perguntar que evento é esse desde que começou a trabalhar. Provavelmente uma exposição de caldeirões com fundo grosso.

No centro da mesa, a Sra. Weasley discutia com Gui por causa do brinco, que aparentemente era uma aquisição recente.

– ... com um canino horroroso pendurado, francamente Gui, que é que eles dizem lá no banco?

– Mamãe, ninguém lá no banco liga a mínima para a roupa que eu uso desde que eu traga muito ouro para eles – disse Gui pacientemente.

– E seus cabelos estão sem corte, querido – disse a Sra. Weasley passando os dedos, carinhosamente, pelos cabelos do filho. – Gostaria que você me deixasse

aparar...
– Eu gosto deles assim – disse Gina, que estava sentada ao lado de Gui. – Você é tão antiquada, mamãe. Mesmo desse tamanho, eles não chegam nem perto do comprimento dos cabelos do Prof. Dumbledore...
Ao lado da Sra. Weasley, Fred, Jorge e Carlinhos discutiam animadamente a Copa Mundial.
– Vai ser da Irlanda – disse Carlinhos com a voz engrolada por causa das batatas que lhe enchiam a boca. – Eles acabaram com o Peru nas semifinais.
– Mas a Bulgária tem o Vítor Krum – comentou Fred.
– O Krum é apenas um jogador decente, a Irlanda tem sete – cortou Carlinhos. – Mas eu gostaria que a Inglaterra tivesse passado para as finais. Foi um vexame, ah, foi.
– Que aconteceu? – perguntou Harry pressuroso, lamentando mais do que nunca o seu alheamento do mundo mágico quando ficava atolado na rua dos Alfeneiros. Harry era apaixonado por quadribol. Jogava como apanhador no time da Grifinória desde o primeiro ano em Hogwarts e era dono de uma Firebolt, uma das melhores vassouras de corrida do mundo.
– Perdeu para a Transilvânia, por trezentos e noventa a dez – disse Carlinhos sombriamente. – Um desempenho sinistro. E Gales perdeu para Uganda, e a Escócia foi massacrada por Luxemburgo.
O Sr. Weasley conjurou velas para clarear o jardim antes de comerem a sobremesa (sorvete de morangos feito em casa), e na altura em que o jantar terminou, as mariposas voavam baixo sobre a mesa e o ar morno estava perfumado com o aroma de relva e madressilvas. Harry se sentia muitíssimo bem alimentado e em paz com o mundo, e observava vários gnomos saltarem por dentro das roseiras, rindo desbragadamente, perseguidos de perto por Bichento.
Rony correu os olhos, cauteloso, pela mesa, verificando se o resto da família estava entretida conversando, depois perguntou baixinho a Harry:
– Então... *tem* tido notícias de Sirius ultimamente?
Hermione olhou para os lados, apurando os ouvidos.
– Tenho – disse Harry baixinho –, duas vezes. Dá a impressão de que está bem. Escrevi para ele anteontem. Talvez receba resposta enquanto estou aqui.
De repente ele se lembrou do motivo por que escrevera a Sirius e, por um instante, esteve prestes a contar aos dois amigos que a cicatriz voltara a doer e que um sonho o acordara... mas na realidade não queria preocupálos naquele momento, não quando ele próprio estava se sentindo tão feliz e tranquilo.
– Gente, olhe as horas! – exclamou subitamente a Sra. Weasley, consultando o relógio de pulso. – Vocês deviam estar na cama, todos vocês, vão ter que acordar

quase de madrugada para ir à Copa. Harry, se você deixar a sua lista de material escolar, eu compro tudo para você amanhã, no Beco Diagonal. Vou comprar o dos meus meninos. Talvez não haja tempo depois da Copa Mundial, da última vez o jogo durou cinco dias.

– Uau... espero que aconteça o mesmo desta vez! – exclamou Harry entusiasmado.

– Eu espero que não – disse Percy, virtuosamente. – *Estremeço* só de pensar no estado da minha caixa de entrada se eu me ausentar cinco dias do trabalho.

– É, alguém poderia deixar bosta de dragão nela outra vez, hein, Percy? – comentou Fred.

– Aquilo foi uma amostra de fertilizante da Noruega! – protestou Percy, corando. – Não foi nada *pessoal*!

– Foi – cochichou Fred para Harry, quando eles se levantavam da mesa. – Fomos nós que mandamos.

— CAPÍTULO SEIS —

A Chave de Portal

Harry teve a sensação de que acabara de se deitar para dormir no quarto de Rony quando foi acordado pela Sra. Weasley.

– Hora de levantar, Harry, querido – sussurrou ela, se afastando para acordar Rony.

Harry tateou à procura dos óculos, colocou-os e se sentou. Ainda estava escuro lá fora. Rony resmungou alguma coisa quando a mãe o acordou. Aos pés do seu colchão, Harry viu duas formas grandes e desgrenhadas emergindo de um emaranhado de cobertas.

– Já está na hora? – exclamou Fred tonto de sono.

Os garotos se vestiram em silêncio, demasiados sonolentos para falar, depois, bocejando e se espreguiçando, os quatro desceram as escadas rumo à cozinha.

A Sra. Weasley estava mexendo o conteúdo de um grande tacho em cima do fogão, enquanto o Sr. Weasley, sentado à mesa, verificava um maço de grandes bilhetes de entrada em pergaminho. Ergueu os olhos quando os garotos chegaram e abriu os braços para eles poderem ver melhor suas roupas. Vestia algo que parecia uma suéter de golfe e jeans muito velha, ligeiramente grandes para ele, seguras por um grosso cinto de couro.

– Que é que vocês acham? – perguntou ansioso. – Temos que ir incógnitos: estou parecendo um trouxa, Harry?

– Está – aprovou Harry sorrindo – muito bom.

– Onde estão Gui, Carlinhos e Per-Per-Percy? – perguntou Jorge, incapaz de reprimir um enorme bocejo.

– Ora, eles vão aparatar, certo? – disse a Sra. Weasley, carregando um panelão para cima da mesa e começando a servir o mingau de aveia nos pratos fundos. – Logo, eles podem dormir mais um pouco.

Harry sabia que aparatar era muito difícil; significava desaparecer de um lugar

e reaparecer quase instantaneamente em outro.
– Então eles ainda estão na cama? – concluiu Fred mal-humorado, puxando um prato de mingau para perto. – Por que não podemos aparatar também?
– Porque ainda são menores e ainda não prestaram o exame – respondeu a Sra. Weasley. – E onde foi que se meteram essas meninas?
Ela saiu apressada da cozinha e todos a ouviram subir as escadas.
– A pessoa tem que prestar um exame para poder aparatar? – perguntou Harry.
– Ah, tem – respondeu o Sr. Weasley, guardando as entradas cuidadosamente no bolso traseiro da jeans. – O Departamento de Transportes Mágicos teve que multar umas pessoas, ainda outro dia, por aparatarem sem licença. Não é fácil aparatar e quando não se faz corretamente pode acarretar complicações desagradáveis. Esses dois de que estou falando se racharam ao meio.
Todos ao redor da mesa fizeram uma careta, menos Harry.
– Hum... *racharam*? – admirou-se Harry.
– Deixaram metade do corpo para trás – explicou o Sr. Weasley, agora acrescentando várias colheradas de caramelo ao mingau. – E, é claro, ficaram entalados. Não conseguiram avançar nem retroceder. Tiveram que esperar pelo Esquadrão de Reversão de Feitiços Acidentais para resolver o problema. E vou dizer mais, foi preciso preencher uma enorme papelada, por causa dos trouxas que encontraram as partes do corpo que eles deixaram para trás...
Harry teve uma súbita visão de um par de pernas e um olho abandonados na calçada da rua dos Alfeneiros.
– E eles ficaram O.K.? – perguntou o garoto, assustado.
– Ah, claro – respondeu o Sr. Weasley factualmente. – Mas receberam uma multa pesada e acho que não vão tentar fazer isso outra vez quando estiverem com pressa. Não se brinca com aparatação. Há muitos bruxos adultos que nem experimentam. Preferem vassouras, mais lentas, porém mais seguras.
– Mas Gui, Carlinhos e Percy, todos sabem aparatar?
– Carlinhos teve que prestar exame duas vezes – disse Fred sorrindo. – Levou bomba na primeira vez, aparatou a oitenta quilômetros do ponto que queria, bem em cima de uma pobre velhinha que estava fazendo compras, lembram?
– Foi, mas ele passou da segunda vez – disse a Sra. Weasley, voltando à cozinha em meio a gostosas risadas.
– Percy só passou há duas semanas – disse Jorge. – Desde esse dia tem aparatado todas as manhãs aqui embaixo, para provar que sabe.
Ouviram-se passos no corredor, e Hermione e Gina entraram na cozinha, as duas pálidas e cheias de preguiça.
– Por que temos que levantar tão cedo? – perguntou Gina, esfregando os olhos e se sentando à mesa.

– Temos que andar um bom pedaço – respondeu o Sr. Weasley.
– Andar? – espantou-se Harry. – O quê, vamos a pé para a Copa Mundial?
– Não, não, a Copa vai ser a quilômetros daqui – disse o Sr. Weasley, sorrindo. – Só precisamos andar um pedacinho. É que é muito difícil um grande número de bruxos se reunir sem chamar a atenção dos trouxas. Temos que tomar muito cuidado com o modo de viajar até em tempos normais e numa ocasião grandiosa como a Copa Mundial de Quadribol...
– Jorge! – chamou a Sra. Weasley rispidamente e todos se assustaram.
– Quê? – perguntou Jorge, num tom de inocência que não enganou ninguém.
– Que é isso no seu bolso?
– Nada!
– Não minta para mim!
A Sra. Weasley apontou a varinha para o bolso de Jorge e disse:
– *Accio!*
Vários objetos pequenos e vivamente coloridos dispararam para fora do bolso de Jorge; o garoto tentou segurá-los, mas não conseguiu, e eles foram parar direto na mão estendida da Sra. Weasley.
– Mandamos vocês destruírem isso! – disse ela furiosa mostrando indiscutíveis Caramelos Incha-Língua. – Mandamos vocês se desfazerem de todos. Esvaziem os bolsos, vamos, os dois!
Foi uma cena desagradável; os gêmeos evidentemente tinham tentado contrabandear o maior número possível de caramelos para fora da casa e somente usando um Feitiço Convocatório a Sra. Weasley conseguiu encontrar todos.
– *Accio! Accio! Accio!* – gritava ela e os caramelos voavam dos lugares mais improváveis, inclusive do forro da jaqueta de Jorge e das barras da jeans de Fred.
– Gastamos seis meses para inventar esses caramelos – gritou Fred para a mãe, quando ela os jogou no lixo.
– Que bela maneira de gastar seis meses! – guinchou a mãe. – Não admira que não tivessem obtido mais N.O.M.s!
No todo, o clima não estava muito simpático quando eles partiram. A Sra. Weasley continuava enfurecida quando beijou o rosto do marido, mas não tanto quanto os gêmeos, que tinham posto as mochilas às costas e saído sem dizer uma palavra à mãe.
– Bom, divirtam-se – desejou a Sra. Weasley – e *se comportem* – gritou para os gêmeos que se afastavam, mas eles não se viraram nem responderam. – Vou mandar Gui, Carlinhos e Percy por volta do meio-dia – avisou a Sra. Weasley ao marido quando ele, Harry, Rony, Hermione e Gina começaram a atravessar o gramado escuro atrás de Fred e Jorge.

Fazia frio e a lua ainda estava no céu. Apenas um esverdeado-claro no horizonte, à direita deles, denunciava que em breve amanheceria. Harry, que andara pensando nos milhares de bruxos que rumavam apressados para a Copa Mundial de Quadribol, acelerou o passo para caminhar com o Sr. Weasley.

– Então como é que todo mundo *chega* lá sem os trouxas repararem? – perguntou ele.

– Foi um enorme problema de organização – suspirou o Sr. Weasley. – O caso é que vêm uns cem mil bruxos para a Copa Mundial e, é claro, não temos nenhum local mágico grande bastante para acomodar todos. Há lugares em que os trouxas não conseguem penetrar, mas imagine tentar acomodar cem mil bruxos no Beco Diagonal ou na plataforma nove e meia. Então tivemos que encontrar uma charneca deserta que servisse e instalar o máximo de precauções antitrouxas possível. O ministério inteiro vem trabalhando nisso há meses. Primeiro, é claro, tivemos que escalonar as chegadas. Quem comprou entradas mais baratas teve que chegar duas semanas antes. Um número limitado tem usado os transportes dos trouxas, mas não podemos ter gente demais entupindo os ônibus e trens deles, lembre que temos bruxos chegando de todo o mundo. Alguns aparatam, naturalmente, mas temos que escolher pontos seguros para eles aparecerem, bem longe dos trouxas. Acho que há uma floresta próxima que eles estão usando para aparatar. Para os que não querem aparatar, ou não podem, usamos os portais. São objetos para o transporte de bruxos de um lugar para outro em horas certas. Pode-se atender a grandes grupos de cada vez se for preciso. Foram instalados duzentos portais em pontos estratégicos da Grã-Bretanha, e o mais próximo da nossa casa é no alto do morro Stoatshead, por isso é que estamos indo para lá.

O Sr. Weasley apontou para uma grande massa escura que se erguia à frente, para além do povoado de Ottery St. Catchpole.

– Que tipo de objetos são esses portais? – perguntou Harry curioso.

– Podem ser qualquer coisa – respondeu o Sr. Weasley. – Coisas discretas, obviamente, para os trouxas não as pegarem e saírem brincando com elas... coisas que eles simplesmente considerem lixo...

O grupo caminhava pela vereda escura e úmida que levava ao povoado, o silêncio quebrado apenas pelo eco de seus passos. O céu foi clareando muito devagarinho quando eles atravessaram o povoado, o azul-tinta se dissolvendo em azul-escuro. As mãos e os pés de Harry estavam congelados. O Sr. Weasley não parava de consultar o relógio.

Eles já estavam sem fôlego para conversar quando começaram a subir o morro Stoatshead, tropeçavam ocasionalmente em tocas de coelho escondidas, escorregavam em grossos tufos de grama escura. Cada vez que Harry inspirava

sentia o peito arder e suas pernas já começavam a se recusar a andar quando finalmente seus pés pisaram em terreno nivelado.

– Ufa! – ofegou o Sr. Weasley, tirando os óculos e secando-os na suéter. – Bom, fizemos um bom tempo, ainda temos dez minutos...

Hermione foi a última a aparecer na crista do morro, apertando uma cãibra do lado do corpo.

– Agora só precisamos da Chave de Portal – disse o Sr. Weasley repondo os óculos e apurando a vista para esquadrinhar o terreno. – Não deve ser grande... vamos...

Eles se espalharam para procurá-la. E estavam nisso havia poucos minutos, quando um grito cortou o ar parado.

– Aqui, Arthur! Aqui, filho, achamos!

Dois vultos altos surgiram recortados contra o céu estrelado, do outro lado do cume do morro.

– Amos! – exclamou o Sr. Weasley, encaminhando-se sorridente para o homem que gritara. Os garotos o acompanharam.

O Sr. Weasley apertou as mãos de um bruxo de rosto corado, com uma barba castanha e curta, que segurava em uma das mãos uma bota velha de aparência mofada.

– Este é Amos Diggory, pessoal – apresentou-o o Sr. Weasley. – Trabalha no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas. E acho que vocês conhecem o filho dele, Cedrico?

Cedrico Diggory era um rapaz muito bonito de uns dezessete anos. Era capitão e apanhador do time de quadribol da Lufa-Lufa, em Hogwarts.

– Oi – disse Cedrico olhando para os garotos.

Todos retribuíram o “Oi”, exceto Fred e Jorge, que apenas acenaram com a cabeça. Eles nunca haviam perdoado Cedrico por derrotar o time da Grifinória, no primeiro jogo de quadribol do ano anterior.

– Uma longa caminhada, Arthur? – perguntou o pai de Cedrico.

– Não foi tão ruim assim – respondeu o Sr. Weasley. – Moramos logo ali do outro lado do povoado. E você?

– Tivemos que nos levantar às duas, não foi, Ced? Confesso que vou ficar satisfeito quando ele passar no exame de aparatação. Mas... não estou me queixando... a Copa Mundial de Quadribol, eu não a perderia nem por um saco de galeões, e é mais ou menos quanto custam as entradas. Mas, pelo visto, parece que me saiu barato... – Amos Diggory mirou bem-humorado os três garotos Weasley, Harry, Hermione e Gina. – São todos seus, Arthur?

– Ah, não, só os ruivos – esclareceu o Sr. Weasley apontando os filhos. – Esta é Hermione, amiga de Rony, e Harry, outro amigo...

– Pelas barbas de Merlim! – exclamou Amos Diggory arregalando os olhos. – Harry? Harry *Potter*?
– Hum... é – respondeu o garoto.
Harry estava habituado às pessoas o olharem curiosas quando o conheciam, habituado à corrida instantânea do olhar delas à cicatriz em forma de raio em sua testa, mas isto sempre o constrangia.
– Ced nos falou de você, naturalmente – disse Amos Diggory. – Nos contou tudo sobre a partida que jogaram com vocês no ano passado... Eu disse a ele: Ced, isto vai ser uma história para contar aos seus netos, ah, vai... *você derrotou Harry Potter*!
Harry não conseguiu pensar em nenhuma resposta a esse comentário, por isso ficou calado. Fred e Jorge amarraram a cara outra vez. Cedrico pareceu ligeiramente encabulado.
– Harry caiu da vassoura, papai – murmurou ele. – Contei a você... foi um acidente...
– É, mas *você* não caiu, não é mesmo? – rugiu Amos jovialmente, dando uma palmada nas costas do filho. – Sempre modesto, o nosso Ced, sempre cavalheiro... mas venceu o melhor, tenho certeza de que Harry diria o mesmo, não é? Um cai da vassoura, um continua montado, não é preciso ser gênio para saber quem voa melhor!
– Deve estar quase na hora – disse o Sr. Weasley depressa, puxando o relógio do bolso mais uma vez. – Você sabe se temos que esperar mais alguém, Amos?
– Não, os Lovegood já estão lá há uma semana e os Fawcett não conseguiram entradas – disse o Sr. Diggory. – Não tem mais gente nossa na área, tem?
– Não que eu saiba. É, falta um minuto... é melhor nos prepararmos...
Ele olhou para Harry e Hermione.
– Vocês só precisam tocar na Chave de Portal, só isso, basta um dedo...
Com dificuldade, por causa das volumosas mochilas, os nove se agruparam em torno da velha bota que Amos Diggory segurava.
Todos ficaram parados ali, num círculo fechado, sentindo a brisa gélida que varria o cume do morro. Ninguém falava. De repente ocorreu a Harry como pareceria estranho se um trouxa subisse até ali naquele momento... nove pessoas, dois adultos, segurando uma bota velha de pano, ao amanhecer, esperando...
– Três... – murmurou o Sr. Weasley, com o olho ainda no relógio – dois... um...
Aconteceu instantaneamente. Harry teve a sensação de que um gancho dentro do seu umbigo fora irresistivelmente puxado para a frente. Seus pés deixaram o chão; ele sentiu Rony e Hermione de cada lado, os ombros se tocando; todos avançavam vertiginosamente em meio ao uivo do vento e ao rodopio de cores;

seu dedo indicador estava grudado na bota como se esta o atraísse magneticamente para a frente, e então...

Seus pés bateram no chão; Rony deu um encontrão nele e caiu; a Chave de Portal despencou no chão do lado da cabeça dele com um baque forte.

Harry ergueu os olhos. O Sr. Weasley, o Sr. Diggory e Cedrico continuavam parados, embora com a aparência de terem sido varridos pelo vento; os demais estavam caídos no chão.

– O sete e cinco chegando do morro Stoatshead – anunciou uma voz.

— CAPÍTULO SETE —
Bagman e Crouch

Harry se desvencilhou de Rony e se levantou. Tinham chegado, pelo que parecia, a um trecho deserto de uma charneca imersa em névoa. Diante deles havia dois bruxos cansados, com cara de rabugentos, um dos quais segurava um grande relógio de ouro, e o outro, um grosso rolo de pergaminho e uma pena. Ambos estavam vestidos como trouxas, embora sem muita habilidade; o homem do relógio usava um terno de tweed com botas de borracha até as coxas; o colega, um saiote escocês e um poncho.

– Bom-dia, Basílio – cumprimentou o Sr. Weasley, apanhando a bota que os transportara e entregando-a ao bruxo de saiote, que a atirou em uma grande caixa de chaves de portal usadas, a um lado; Harry viu, entre elas, um jornal velho, latas de bebidas vazias e uma bola de futebol furada.

– Olá, Arthur – disse Basílio em tom entediado. – Não está de serviço, não é? Tem gente que se dá bem... estivemos aqui a noite toda... é melhor você desimpedir o caminho, temos um grupo grande chegando da Floresta Negra às cinco e quinze. Espere um pouco, me deixe ver onde é que você vai ficar... Weasley... Weasley... – Ele consultou a lista no pergaminho. – A uns quatrocentos metros para aquele lado, primeiro acampamento que você encontrar. O gerente é o Sr. Roberts. Diggory... segundo acampamento... pergunte pelo Sr. Payne.

– Obrigado, Basílio – disse o Sr. Weasley e fez sinal para todos o acompanharem.

Eles saíram pela charneca deserta, incapazes de distinguir muita coisa através da névoa. Passados uns vinte minutos, avistaram uma casinha de pedra ao lado de um portão. Mais além, Harry pôde distinguir mal e mal as formas fantasmagóricas de centenas de barracas, montadas na ondulação suave de um grande campo, no rumo de uma floresta escura no horizonte. Eles se despediram

dos Diggory e se aproximaram da casa.
Havia um homem parado à porta, contemplando as barracas. Harry soube só de olhar que aquele era o único trouxa legítimo numa área de muitos hectares. Quando o trouxa ouviu os passos do grupo, virou a cabeça para olhá-los.
– 'dia! – cumprimentou o Sr. Weasley animado.
– 'dia – disse o trouxa.
– O senhor seria o Sr. Roberts?
– É, seria – respondeu o Sr. Roberts. – E quem é o senhor?
– Weasley, duas barracas reservadas há uns dois dias?
– Certo – confirmou o Sr. Roberts, consultando uma lista pregada à porta. – O lugar é lá perto da floresta. Só uma noite?
– Isso – respondeu o Sr. Weasley.
– O senhor vai pagar agora, então? – perguntou o Sr. Roberts.
– Ah... certo... é claro. – O Sr. Weasley se afastou um pouco da casa e fez sinal a Harry para acompanhá-lo. – Me ajude, Harry – murmurou, puxando do bolso um rolinho de dinheiro de trouxa e começando a separar as notas. – Esta aqui é de... de... de dez? Ah é, vejo agora que tem um numerozinho... então esta é de cinco?
– De vinte – corrigiu-o Harry falando baixo, incomodamente consciente de que o Sr. Roberts estava tentando ouvir cada palavra que diziam.
– Ah é, é mesmo... Não sei, esses pedacinhos de papel...
– É estrangeiro? – perguntou o Sr. Roberts, quando o Sr. Weasley voltou com o dinheiro certo.
– Estrangeiro? – repetiu o bruxo, intrigado.
– O senhor não é o primeiro que se atrapalha com o dinheiro – disse o gerente, observando o Sr. Weasley atentamente. – Tive dois querendo me pagar com grandes moedas de ouro do tamanho de calotas de automóvel faz uns dez minutos.
– Sério? – disse o Sr. Weasley nervoso.
O Sr. Roberts vasculhou uma lata à procura de troco.
– Nunca esteve tão cheio – disse ele de repente, voltando outra vez o olhar para o campo enevoado. – Centenas de reservas. As pessoas em geral aparecem sem aviso...
– Verdade? – exclamou o Sr. Weasley, a mão estendida à espera do troco, mas o Sr. Roberts não lhe deu nenhum.
– É – disse pensativo. – Gente de toda parte. Montes de estrangeiros. E não são só estrangeiros. Gente esquisita, sabe? Tem um sujeito andando por aí de saiote e poncho.
– E não devia? – perguntou o Sr. Weasley ansioso.

– Parece que é uma espécie de... sei lá... uma espécie de convenção – comentou o Sr. Roberts. – Parece que todos se conhecem. Como numa grande festa.

Naquele momento, um bruxo de bermudão largo materializou-se do nada ao lado da porta da casa do Sr. Roberts.

– *Obliviate!* – disse ele bruscamente, apontando a varinha para o Sr. Roberts.

Instantaneamente os olhos do Sr. Roberts saíram de foco, suas sobrancelhas se desfranziram e um olhar de vaga despreocupação cobriu o seu rosto. Harry reconheceu os sintomas de alguém que acabara de ter a memória alterada.

– Um mapa do acampamento para o senhor – disse o homem, placidamente, ao Sr. Weasley. – E o seu troco.

– Muito obrigado.

O bruxo de bermudão acompanhou o grupo em direção ao portão do acampamento. Parecia exausto; a barba por fazer azulava seu queixo e havia olheiras roxas sob seus olhos. Uma vez longe do raio de audição do gerente, ele murmurou para o Sr. Weasley:

– Estou tendo um bocado de problemas com ele. Precisa de um Feitiço da Memória dez vezes por dia para ficar feliz. E Ludo Bagman não está ajudando. Anda por aí falando em balaços e goles a plenos pulmões, sem a menor preocupação com a segurança antitrouxa. Pombas, vou gostar quando isso terminar. Vejo você mais tarde, Arthur.

E desaparatou.

– Pensei que o Sr. Bagman fosse chefe de Jogos e Esportes Mágicos – disse Gina parecendo surpresa. – Devia ter mais juízo e parar de falar de balaços perto de trouxas, não devia?

– Devia – concordou o Sr. Weasley, sorrindo e passando com os garotos pelo portão do acampamento –, mas Ludo sempre foi um pouco... bem... *displicente* com a segurança. Mas não se poderia desejar um chefe mais entusiasta para o Departamento de Esportes. Ele jogou quadribol pela Inglaterra, sabem. E foi o melhor batedor do Wimbourne Wasps que o time já teve.

O grupo avançou lentamente pelo campo entre longas fileiras de barracas. A maioria parecia quase normal; os donos tinham visivelmente tentado o possível para fazê-las parecer equipamento de trouxas, embora tivessem cometido alguns deslizes ao acrescentarem chaminés ou cordões de sinetas ou cata-ventos. Porém, aqui e ali, havia uma barraca tão obviamente mágica que Harry não se surpreendia que o Sr. Roberts estivesse desconfiado. Lá para o meio do campo, havia uma extravagante produção de seda listrada como um palácio em miniatura, com vários pavões vivos amarrados à entrada. Um pouco adiante, eles passaram por uma barraca que tinha três andares e várias torrinhas; e, mais além,

havia uma outra com um jardim anexo, completo, com banho para passarinhos, relógio de sol e fonte.

– Sempre os mesmos – comentou o Sr. Weasley sorrindo –, não conseguimos deixar de nos exibir quando nos reunimos. Ah, lá está, olhem, aquela é a nossa.

Tinham alcançado a orla da floresta no alto do campo, e ali havia uma área livre com um pequeno letreiro enfiado no chão em que se lia "Weezly".

– Não podíamos ter ganhado um lugar melhor! – exclamou o Sr. Weasley feliz. – O campo preparado para as partidas é logo do outro lado da floresta, estamos o mais perto que poderíamos estar. – Ele descarregou a mochila dos ombros. – Certo – disse excitado –, rigorosamente falando, nada de mágicas, não quando estamos no mundo dos trouxas em tão grande número. Vamos armar estas barracas à mão! Não deve ser muito difícil... Os trouxas fazem isso o tempo todo... tome, Harry, por onde você acha que devo começar?

Harry nunca acampara na vida; os Dursley nunca o haviam levado em férias, preferindo deixá-lo com a Sra. Figg, uma velha vizinha. No entanto, ele e Hermione descobriram como distribuir os paus e as estacas, e embora o Sr. Weasley atrapalhasse mais do que ajudasse, porque ficara excitadíssimo quando precisaram usar o martelo, eles finalmente conseguiram erguer duas barracas modestas para duas pessoas cada.

Todos se afastaram para admirar a habilidade manual deles. Ninguém que visse aquelas barracas teria adivinhado que pertenciam a bruxos, pensou Harry, mas o problema era que quando Gui, Carlinhos e Percy chegassem, eles formariam um grupo de dez pessoas. Hermione parecia ter identificado esse problema, também; lançou a Harry um olhar cômico quando o Sr. Weasley ficou de quatro e entrou na primeira barraca.

– Vamos ficar meio apertados – comentou ele –, mas acho que vai dar para nos espremermos. Venham dar uma olhada.

Harry se abaixou, passou por baixo da aba de entrada e sentiu o queixo cair. Entrara em uma barraca que parecia um apartamento antigo de três quartos, completo, com banheiro e cozinha. E o que era curioso, estava mobiliado no mesmíssimo estilo que o da Sra. Figg; havia capas de crochê nas poltronas sem par e um forte cheiro de gatos.

– Bom, não é para muito tempo – disse o Sr. Weasley, secando a careca com um lenço e espiando as quatro camas-beliches que havia no quarto. – Pedi a barraca emprestada ao Perkins, lá do escritório. Ele não acampa muito atualmente, coitado, está com lumbago.

O Sr. Weasley apanhou uma chaleira empoeirada e espiou dentro.

– Vamos precisar de água...

– Tem uma torneira assinalada no mapa que o trouxa nos deu – disse Rony,

que seguira Harry para dentro da barraca e parecia completamente indiferente a essas extraordinárias proporções internas. – Fica do outro lado do campo.

– Bom, então por que você, Harry e Hermione não vão apanhar um pouco de água... – o bruxo entregou aos garotos a chaleira e duas caçarolas – ... e nós vamos apanhar lenha para fazer uma fogueira?

– Mas temos um forno – lembrou Rony –, por que não podemos...?

– Rony, segurança antitrouxa! – disse o Sr. Weasley, o rosto brilhando de expectativa. – Quando os trouxas de verdade acampam, eles cozinham em fogueiras ao ar livre, já os vi fazendo isso!

Depois de uma rápida visita à barraca das garotas, que era ligeiramente menor do que a deles, embora sem o cheiro de gato, Harry, Rony e Hermione atravessaram o acampamento levando as vasilhas.

Agora, com o sol de fora e a névoa se dissipando, eles puderam ver a cidade de lona que se estendia para todas as direções. Caminharam lentamente entre as fileiras de barracas, espiando tudo com interesse. Harry estava começando a se indagar quantos bruxos e bruxas devia haver no mundo; ele nunca pensara realmente nos bruxos de outros países.

Seus companheiros de acampamento iam acordando aos poucos. Os primeiros a dar sinal de vida foram as famílias com crianças pequenas; Harry nunca vira bruxos tão pequenos antes. Um pirralhinho, que não tinha mais de dois anos, estava agachado do lado de fora de uma barraca em forma de pirâmide, empunhando uma varinha com a qual cutucava, feliz, um caramujo na grama, que ia ganhando lentamente o tamanho de um salame. Quando se emparelharam com ele, a mãe saiu correndo da barraca.

– *Quantas* vezes, Kevin? *Não pode... mexer... na... varinha... do papai*, putz!

Ela pisou no enorme caramujo, estourando-o. A bronca acompanhou os garotos pelo ar parado, se misturando aos gritos do garotinho:

– Você acabou caramujo! Você acabou caramujo!

Um pouco mais adiante, eles viram duas bruxinhas, pouco mais velhas do que Kevin, cavalgando vassouras de brinquedo que se elevavam o suficiente para os dedos dos pés das meninas rasparem a grama orvalhada. Um bruxo do Ministério já as vira; quando passou correndo por Harry, Rony e Hermione, murmurava agitado:

– Em plena luz do dia! Os pais devem estar cochilando, suponho...

Aqui e ali bruxos e bruxas adultos saíam das barracas e começavam a preparar o café da manhã. Alguns, lançando olhares furtivos para os lados, conjuravam fogueiras com as varinhas; outros acendiam fósforos com ar de dúvida, como se tivessem certeza de que aquilo não ia funcionar. Três bruxos africanos conversavam sentados, trajando longas vestes brancas, enquanto assavam uma

carne que parecia coelho sobre uma fogueira púrpura berrante; um grupo de bruxas americanas de meia-idade fofocava alegremente sob a bandeira estrelada que elas haviam estendido entre as barracas, na qual se lia *Instituto das Bruxas de Salém*. Harry captava fragmentos de conversas em línguas estranhas que saíam das barracas pelas quais passavam, e embora não conseguisse entender uma única palavra, o tom das vozes era de excitação.

– Hum... são os meus olhos ou tudo ficou verde? – perguntou Rony.

Não eram os olhos de Rony. Os garotos tinham entrado em uma área em que as barracas estavam cobertas por uma camada de trevos, dando a impressão de que morrotes de formas estranhas haviam brotado da terra. Viam-se rostos sorridentes nas barracas com a aba da entrada erguida. Então, às costas, os garotos ouviram alguém gritar seus nomes.

– Harry! Rony! Hermione!

Era Simas Finnigan, um colega quartanista da Grifinória. Estava sentado diante de uma barraca coberta de trevos, em companhia de uma mulher de cabelos louro-claros que só podia ser sua mãe e com Dino Thomas, também da Grifinória.

– Gostaram da decoração? – perguntou Simas sorrindo, quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram para cumprimentá-los. – O Ministério não está nada feliz.

– E por que não deveríamos mostrar nossas cores? – perguntou a Sra. Finnigan. – Vocês deviam ver o que os búlgaros penduraram nas barracas *deles*. Vocês vão torcer pela Irlanda, naturalmente? – acrescentou ela fixando Harry, Rony e Hermione com insistência.

Depois de terem tranquilizado a senhora de que realmente iam torcer pela Irlanda, os garotos seguiram caminho, embora Rony tivesse comentado:

– Como se a gente fosse dizer que não ia, com aquela turma em volta da gente.

– Que será que os búlgaros penduraram nas barracas? – indagou Hermione.

– Vamos dar uma olhada – disse Harry, apontando para uma grande área de barracas mais adiante, onde a bandeira da Bulgária, vermelha, verde e branca, tremulava à brisa.

As barracas não estavam enfeitadas com plantas, mas cada uma exibia o mesmo pôster, um pôster com um rosto muito carrancudo com grossas sobrancelhas negras. A foto, é claro, se mexia, mas apenas para piscar os olhos e franzir a testa.

– Krum – disse Rony em voz baixa.

– Quê? – perguntou Hermione.

– Krum! – repetiu Rony. – Vítor Krum, o apanhador búlgaro!

– Ele parece bem rabugento – comentou Hermione, olhando para os muitos Krums que piscavam e franziam a testa para eles.

– *Bem rabugento?* – Rony olhou para o céu. – Quem se importa com a cara dele? Ele é incrível! E é bem moço, também. Tem uns dezoito anos, por aí. É um *gênio*, espere até ver hoje à noite.

Já havia uma pequena fila à torneira no canto do acampamento. Harry e Rony entraram logo atrás de dois homens que discutiam acaloradamente. Um deles era um bruxo muito velho que usava uma longa camisola florida. O outro era visivelmente um bruxo do Ministério; este segurava calças listradas e quase chorava de exasperação.

– Vista as calças, Arquibaldo, seja bonzinho, você não pode andar por aí vestido assim, o trouxa no portão já está ficando desconfiado...

– Comprei isso numa loja de trouxas – defendeu-se o velho bruxo, teimando. – Os trouxas usam isso.

– *Mulheres* trouxas usam isso, Arqui, não os homens, eles usam *isto* aqui – disse o bruxo do Ministério mostrando as calças listradas.

– Não vou vestir isso – retrucou o velho bruxo indignado. – Gosto de sentir uma brisa saudável nas minhas partes, obrigado.

Hermione foi tomada por um tal acesso de riso, nessa hora, que precisou sair da fila e só voltou depois que Arquibaldo tinha se abastecido de água e fora embora.

Caminhando mais devagar agora, por causa do peso da água, os garotos tornaram a atravessar o acampamento. Aqui e ali, eles viam rostos mais familiares: outros alunos de Hogwarts com as famílias. Olívio Wood, o ex-capitão de quadribol do time de Harry, que terminara os estudos em Hogwarts, arrastou o garoto até a barraca dos pais para apresentá-lo, e lhe contou cheio de excitação que acabara de entrar para o time de reserva do Puddlemere United. Depois os garotos foram saudados por Ernesto Macmillan, um quartanista da Lufa-Lufa, e, mais adiante, viram Cho Chang, uma garota muito bonita que jogava como apanhadora no time da Corvinal. Ela acenou e sorriu para Harry, que derramou um bocado de água na roupa ao retribuir o aceno. Mais para impedir Rony de caçoar do que por outro motivo, Harry apontou depressa para um enorme grupo de adolescentes que ele nunca vira antes.

– De onde você acha que eles são? – perguntou Harry. – Eles não frequentam Hogwarts, frequentam?

– Devem frequentar alguma escola estrangeira – sugeriu Rony. – Sei que há outras, mas nunca encontrei ninguém que estudasse nelas. Gui teve uma correspondente em uma escola no Brasil... isto foi há anos... e ele quis ir para lá numa viagem de intercâmbio, mas mamãe e papai não tiveram dinheiro para

bancar a viagem. A moça ficou toda ofendida quando ele disse que não ia e mandou para ele um chapéu enfeitiçado. As orelhas dele murcharam.

Harry riu, mas não manifestou a surpresa que era saber que havia outras escolas de magia. Supôs, agora que via representantes de tantas nacionalidades no acampamento, que fora muito burro por jamais ter imaginado que Hogwarts não poderia ser a única. Ele olhou para Hermione, que não demonstrara a menor surpresa com a informação. Sem dúvida, ela devia ter visto referências a outras escolas de magia em algum livro.

– Vocês demoraram uma eternidade – comentou Jorge, quando eles finalmente chegaram às barracas dos Weasley.

– Encontramos alguns conhecidos – disse Rony, pousando as vasilhas de água. – Você ainda não acendeu a fogueira?

– Papai está se divertindo com os fósforos – disse Fred.

O Sr. Weasley não estava tendo o menor sucesso em acender a fogueira, mas não era por falta de tentativas. Fósforos partidos coalhavam o chão ao seu redor, mas ele parecia estar se divertindo como nunca.

– Opa! – exclamou ele, ao conseguir acender um fósforo, mas largou-o na mesma hora no chão, surpreso.

– Chegue aqui, Sr. Weasley – disse Hermione bondosamente, tirando a caixa das mãos dele e começando a mostrar como fazer fogo direito.

Finalmente, eles acenderam a fogueira, embora levasse no mínimo mais uma hora até ela esquentar o suficiente para cozinhar alguma coisa. Mas havia muito que ver enquanto esperavam. A barraca deles estava armada ao longo de uma espécie de rua de acesso ao campo de quadribol, por onde funcionários do Ministério corriam para cima e para baixo, cumprimentando cordialmente o Sr. Weasley ao passar. O Sr. Weasley fazia comentários contínuos, principalmente para benefício de Harry e Hermione; seus próprios filhos já conheciam bastante o Ministério para se interessar.

– Aquele era Cutberto Mockridge, chefe da Seção de Ligação com os Duendes... lá vem Gilberto Wimple, ele trabalha na Comissão de Feitiços Experimentais, já usa aqueles chifres há algum tempo... Alô, Arnaldinho... Arnaldo Peasegood, ele é um obliviador, trabalha no Esquadrão de Reversão de Feitiços Acidentais, sabe... e aqueles outros são Bode e Croaker... são dois inomináveis...

– São o quê?

– Do Departamento de Mistérios, ultrassecretos, não tenho a menor ideia do que fazem...

Finalmente, a fogueira ficou pronta e eles já haviam começado a preparar salsichas com ovos quando Gui, Carlinhos e Percy saíram caminhando da

floresta para se reunirem à família.
– Acabei de aparatar, papai – disse Percy em voz alta. – Ah, que excelente almoço!
Já haviam comido metade das salsichas com ovos quando o Sr. Weasley se levantou de um salto, acenando e sorrindo para um homem que vinha em sua direção.
– Ah-ah! – exclamou ele. – O homem do momento! Ludo!
Ludo Bagman era, sem favor algum, o homem mais chamativo que Harry já vira na vida, até mesmo incluindo nessa conta o velho Arquibaldo com sua camisola florida. Usava longas vestes de quadribol com grandes listras horizontais amarelas e pretas. Uma enorme estampa de uma vespa tomava todo o seu peito. Tinha a aparência de um homem corpulento que parara de se exercitar; suas vestes estavam muito esticadas por cima da enorme barriga, que certamente não existia na época em que ele jogava quadribol pela Inglaterra. Seu nariz era achatado (provavelmente quebrado por algum balaço errante, pensou Harry), mas os redondos olhos azuis, os cabelos louros curtos e a pele rosada o faziam parecer um menino de escola que crescera demais.
– Olá, pessoal! – exclamou Bagman alegremente. Andava como se tivesse molas nas solas dos pés, era visível que estava num estado de extrema excitação.
“Arthur, meu velho”, ofegou ele, ao chegar à fogueira, “que dia, hein? Será que podíamos ter desejado um tempo mais perfeito? Uma noite sem nuvens... e quase nenhum problema na programação... quase nada para eu fazer!”
Por trás dele, um grupo de bruxos do Ministério, de cara exausta, passou apressado, apontando para a evidência distante de algum tipo de fogueira mágica que disparava faíscas violetas a seis metros de altura.
Percy adiantou-se rapidamente com a mão estendida. Pelo jeito o fato de desaprovar o modo de Ludo Bagman dirigir o departamento, não o impedia de querer causar boa impressão.
– Ah... sim – disse o Sr. Weasley, sorrindo –, este é o meu filho, Percy, começou a trabalhar no Ministério agora, e este é Fred, não, Jorge, desculpe, *esse* é o Fred... Gui, Carlinhos, Rony... minha filha, Gina... e os amigos de Rony, Hermione Granger e Harry Potter.
De maneira discretíssima, Bagman olhou uma segunda vez ao ouvir o nome de Harry, e seus olhos deram a conhecida espiada na cicatriz na testa do garoto.
– Pessoal – continuou o Sr. Weasley –, este é Ludo Bagman, vocês sabem quem ele é, e é graças a ele que temos entradas tão boas...
Bagman abriu um sorriso de lado a lado do rosto e fez um gesto com a mão significando que não fora nada.
– Quer arriscar uma apostinha no jogo, Arthur? – perguntou ele ansioso,

sacudindo, ao que parecia, um bocado de ouro nos bolsos das vestes amarelas e pretas. – Já aceitei a aposta de Roddy Pontner de que a Bulgária vai marcar primeiro, ofereci a ele uma boa vantagem, levando em conta que os três jogadores avançados da Irlanda são os mais fortes que já vi em anos, e a pequena Ágata Timms apostou meia cota da fazenda de enguias de que a partida vai durar uma semana.

– Ah... vá lá, então – disse o Sr. Weasley. – Vejamos... um galeão na vitória da Irlanda?

– Um galeão? – Ludo Bagman pareceu ligeiramente desapontado, mas se recuperou: – Muito bem, muito bem... mais alguma aposta?

– Eles são um pouco jovens demais para andar jogando – disse o Sr. Weasley. – Molly não gostaria...

– Nós apostamos trinta e sete galeões, quinze sicles e três nuques – disse Fred, ao mesmo tempo em que ele e Jorge juntavam rapidamente todo o dinheiro que tinham – que a Irlanda ganha, mas Vítor Krum captura o pomo. Ah, e damos uma varinha falsa de lambujem.

– Vocês não vão querer mostrar ao Sr. Bagman esse lixo – sibilou Percy, mas o bruxo não pareceu achar que a varinha era lixo; muito ao contrário, seu rosto de colegial iluminou-se de excitação ao recebê-la das mãos de Fred e, quando a varinha deu um cacarejo e se transformou em uma galinha de borracha, Bagman caiu na gargalhada.

– Excelente! Não vejo uma varinha tão convincente há anos! Eu pagaria cinco galeões por uma dessas!

Percy ficou paralisado, numa atitude de indignada desaprovação.

– Meninos – disse o Sr. Weasley entre dentes –, não quero vocês jogando... isto é tudo que economizaram... sua mãe...

– Não seja estraga prazeres, Arthur! – trovejou Ludo Bagman excitado, sacudindo as moedas nos bolsos. – Eles já são bem grandinhos para saber o que querem! Vocês acham que a Irlanda vai vencer, mas Krum vai capturar o pomo? Nem por milagre, moleques, nem por milagre... Vou dar uma excelente vantagem nessa... e acrescentar mais cinco galeões por essa varinha marota, concordam...

O Sr. Weasley ficou olhando sem ação enquanto Ludo Bagman puxava um caderninho e uma pena e começava a anotar os nomes dos gêmeos.

– Tchau – disse Jorge, apanhando o pedaço de pergaminho que Bagman lhe estendia e guardando-o no peito das vestes.

Bagman virou-se animadíssimo para o Sr. Weasley.

– Daria para me fazer um chá, suponho? Estou de olho para ver se localizo Crouch. O meu contraparte búlgaro está criando dificuldades e não consigo

entender uma palavra do que ele diz. Bartô poderia resolver o problema, fala umas cento e cinquenta línguas.

– O Sr. Crouch? – disse Percy, abandonando subitamente o seu ar de impassível desaprovação e quase se contorcendo de óbvia excitação. – Ele fala mais de duzentas! Serêiaco, grugulês, trasgueano...

– Qualquer um sabe falar trasgueano – disse Fred fazendo pouco –, é só a gente apontar e grunhir.

Percy lançou a Fred um olhar feiíssimo e atiçou os gravetos da fogueira vigorosamente para fazer a chaleira ferver.

– Já teve notícias de Berta Jorkins, Ludo? – perguntou o Sr. Weasley quando Bagman se sentou na grama ao lado deles.

– Nem um pio – disse Bagman à vontade. – Mas ela vai aparecer. Coitada da velha Berta... tem a memória de um caldeirão furado e nenhum senso de direção. Perdida, se quiserem me acreditar. Vai aparecer na seção lá para outubro, pensando que ainda é julho.

– Você não acha que já estava na hora de mandar alguém procurá-la? – sugeriu, hesitante, o Sr. Weasley, quando Percy estendeu a Bagman o chá pedido.

– É o que o Bartô Crouch não para de dizer – respondeu Bagman, arregalando inocentemente seus olhos redondos –, mas o fato é que não podemos destacar ninguém no momento. Ah... é falar no demônio! Bartô!

Um bruxo acabara de aparatar junto à fogueira, e não poderia oferecer um contraste maior a Ludo Bagman, estirado na grama com as vestes velhas do Wasp. Bartô era um homem mais velho, formal, empertigado, vestido com um terno e uma gravata impecáveis. A risca nos seus cabelos grisalhos e curtos era quase absurdamente reta e o bigode fino de escovinha parecia ter sido aparado com uma régua. Seus sapatos eram exageradamente lustrosos. Harry percebeu na hora por que Percy o idolatrava. Percy acreditava piamente em obedecer às regras sem fazer concessões, e o Sr. Crouch obedecera à regra de se vestir como trouxa tão rigorosamente que poderia ter passado por gerente de banco. Harry duvidava que seu tio Válter pudesse ter descoberto quem ele realmente era.

– Estrague um pouco a grama, Bartô – disse Ludo animadamente, batendo no chão.

– Não, muito obrigado – respondeu Crouch, e havia um vestígio de impaciência em sua voz. – Estive procurando-o por toda parte. Os búlgaros insistem que coloquemos mais doze cadeiras no camarote de honra.

– Ah, é *isso* que eles querem? – exclamou Bagman. – Achei que o sujeito estava pedindo uma pinça emprestada. Sotaque forte o dele.

– Mr. Crouch! – disse Percy sem fôlego, curvando-se numa espécie de meia reverência que o fez parecer corcunda. – O senhor aceita uma xícara de chá?

– Ah – exclamou o bruxo, olhando surpreso para Percy. – Claro... obrigado, Weatherby.

Fred e Jorge se engasgaram dentro das xícaras de que bebiam. Percy, as orelhas muito rosadas, ocupou-se com a chaleira.

– Ah, e tenho querido dar uma palavra com você, também, Arthur – disse o Sr. Crouch, seu olhar penetrante recaindo sobre o Sr. Weasley. – Ali Bashir está em pé de guerra. Quer falar com você sobre o embargo dos tapetes voadores.

O Sr. Weasley soltou um profundo suspiro.

– Mandei-lhe uma coruja sobre isso ainda na semana passada. Já devo ter dito a Bashir umas cem vezes: tapetes são classificados como artefatos mágicos pelo Registro de Objetos Enfeitiçáveis Proscritos, mas, e ele quer me escutar?

– Duvido – respondeu o Sr. Crouch, aceitando a xícara de Percy. – Ele está desesperado para exportar para cá.

– Bom, eles nunca vão substituir as vassouras na Grã-Bretanha, vão? – disse Bagman.

– Ali acha que há um nicho no mercado para um veículo familiar – explicou o Sr. Crouch. – Eu me lembro de que o meu avô tinha um Axminster que levava doze pessoas, mas isso foi antes dos tapetes serem banidos, naturalmente.

Ele falou como se não quisesse deixar a menor dúvida de que todos os seus antepassados cumpriam rigorosamente a lei.

– Então, muito ocupado, Bartô? – perguntou Bagman despreocupadamente.

– Bastante – respondeu o outro seco. – Organizar chaves de portal em cinco continentes não é uma tarefa qualquer, Ludo.

– Imagino que os dois vão ficar contentes quando o evento acabar – comentou o Sr. Weasley.

Ludo Bagman pareceu chocado.

– Contente! Não me lembro de ter me divertido tanto... ainda assim, não é que não haja mais trabalho pela frente, hein, Bartô? Hein? Muita coisa ainda para organizar, hein?

O Sr. Crouch ergueu as sobrancelhas para Bagman.

– Combinamos não anunciar nada até todos os detalhes...

– Ah, os detalhes! – exclamou Bagman, afastando a palavra como se fosse uma nuvem de mosquitos. – Eles já assinaram, então? Concordaram? Aposto o que você quiser como esses garotos vão saber logo. Quero dizer, vai acontecer em Hogwarts...

– Ludo, precisamos receber os búlgaros, sabe – disse o Sr. Crouch bruscamente, cortando os comentários de Bagman. – Obrigado pelo chá, Weatherby.

Ele devolveu a Percy a xícara de chá intocada e esperou Ludo se levantar;

Bagman se pôs em pé com dificuldade, virando o restinho de chá, o ouro em seus bolsos tilintando alegremente.

– Vejo vocês todos mais tarde! – disse ele. – Vão ficar no camarote de honra comigo, vou comentar o jogo! – Ele acenou, Bartô Crouch fez um movimento rápido com a cabeça e os dois desaparataram.

– Que é que vai acontecer em Hogwarts, papai? – perguntou Fred na mesma hora. – Do que é que eles estavam falando?

– Você vai descobrir logo – disse o Sr. Weasley sorrindo.

– É informação privilegiada, até o Ministério achar conveniente comunicá-la – disse Percy empertigado. – O Sr. Crouch estava certo em não querer revelar nada.

– Ah, cala a boca, Weatherby – disse Fred.

A atmosfera de excitação foi-se adensando como uma nuvem palpável sobre o acampamento, à medida que a tarde avançava. À hora do crepúsculo, o próprio ar parado de verão parecia estar vibrando de excitação, e quando a noite se estendeu como um toldo sobre os milhares de bruxos que aguardavam, os últimos vestígios de fingimento desapareceram: o Ministério pareceu se curvar ao inevitável e parou de combater os indisfarçáveis sinais de magia que agora irrompiam por toda parte.

Ambulantes aparatavam a cada metro, trazendo bandejas e empurrando carrinhos cheios de extraordinárias mercadorias. Havia rosetas luminosas – verdes para a Irlanda, vermelhas para a Bulgária – que gritavam os nomes dos jogadores, chapéus verdes cônicos enfeitados com trevos dançantes, echarpes búlgaras adornadas com leões que rugiam de verdade, bandeiras dos dois países que tocavam os hinos nacionais quando eram agitadas; havia miniaturas de Firebolts, que realmente voavam, e figurinhas colecionáveis dos jogadores famosos, que andavam se exibindo nas palmas das mãos.

– Guardei o meu dinheiro o verão todo para o dia de hoje – disse Rony a Harry, quando os três saíram caminhando entre os vendedores comprando lembranças. Embora Rony já tivesse comprado um chapéu com trevos dançantes e uma grande roseta verde, comprou também uma figurinha de Vítor Krum, o apanhador búlgaro. O brinquedo andava para a frente e para trás na mão do garoto, amarrando a cara para a roseta verde acima.

– Uau, olha só para isso! – exclamou Harry, correndo até um carrinho atulhado de coisas que pareciam binóculos de latão, só que eram cheios de botões estranhos.

– Onióculos – disse o vendedor pressuroso. – Você pode rever o lance... passar ele em câmara lenta... e ver uma retrospectiva lance a lance, se precisar. Pechincha: dez galeões um.

– Eu queria não ter comprado isso – disse Rony, indicando o chapéu com os trevos dançantes e olhando, de olho comprido, para os onióculos.

– Três – disse Harry com firmeza ao bruxo.

– Não... não precisa – disse Rony ficando vermelho. Sempre se melindrava com o fato de que Harry, que herdara uma pequena fortuna dos pais, tivesse muito mais dinheiro do que ele.

– Não vou te dar nada no Natal – disse Harry, empurrando os onióculos nas mãos do amigo e de Hermione. – Por uns dez anos, não se esqueça.

– É justo – disse Rony rindo.

– Aaah, obrigada, Harry – disse Hermione. – E eu compro os programas para nós, olha...

As bolsas de dinheiro bem mais leves, os três voltaram às barracas. Gui, Carlinhos e Gina também estavam usando rosetas verdes, e o Sr. Weasley carregava uma bandeira da Irlanda. Fred e Jorge não compraram suvenires porque tinham entregado todo o dinheiro a Bagman.

Então, eles ouviram um gongo, grave e ensurdecedor, bater em algum lugar além da floresta e, na mesma hora, lanternas verdes e vermelhas se acenderam entre as árvores, iluminando o caminho até o campo.

– Está na hora! – exclamou o Sr. Weasley, parecendo tão excitado quanto os garotos. – Andem logo, vamos!

— CAPÍTULO OITO —

A Copa Mundial de Quadribol

Agarrados às compras, o Sr. Weasley à frente, todos correram para a floresta seguindo o caminho iluminado pelas lanternas. Ouviam a algazarra de milhares de pessoas que se movimentavam à volta deles, gritos, gargalhadas e trechos de canções. A atmosfera de excitação febril era extremamente contagiosa; Harry não conseguia parar de sorrir. Caminharam pela floresta durante vinte minutos, conversando e brincando em voz alta até que finalmente emergiram do outro lado e se viram à sombra de um gigantesco estádio. Embora Harry só pudesse ver partes das imensas paredes douradas que cercavam o campo, ele podia afirmar que caberiam dentro dele, com folga, umas dez catedrais.

– Tem capacidade para cem mil pessoas – disse o Sr. Weasley, vendo o ar de assombro no rosto do garoto. – Uma força-tarefa do Ministério, com quinhentas pessoas, trabalhou o ano inteiro. Há Feitiços Antitrouxas em cada centímetro. Todas as vezes que, neste ano, os trouxas se aproximavam da área, eles de repente se lembravam de compromissos urgentes e precisavam sair correndo... Deus os abençoe – acrescentou ele carinhosamente, se encaminhando para o portão mais próximo, que já estava cercado por um enxame de bruxos e bruxas aos gritos.

– Lugares de primeira! – exclamou a bruxa do Ministério ao portão, quando verificou as entradas deles. – Camarote de honra! Suba direto, Arthur, o mais alto possível.

As escadas de acesso ao estádio estavam forradas com carpetes púrpura berrante. Eles subiram com o resto da multidão, que aos poucos foi se dispersando pelas portas à direita e à esquerda que levavam às arquibancadas. O grupo do Sr. Weasley continuou subindo e finalmente chegou ao alto da escada, onde havia um pequeno camarote, armado no ponto mais alto do estádio e situado exatamente entre as duas balizas de ouro. Umas vinte cadeiras douradas

e púrpura tinham sido distribuídas em duas filas, e Harry, ao entrar na primeira com os Weasley, deparou com uma cena que ele jamais imaginara ver.

Cem mil bruxos e bruxas iam ocupando os lugares que se erguiam em vários níveis em torno do longo campo oval. Tudo estava banhado por uma misteriosa claridade dourada que parecia se irradiar do próprio estádio. Ali do alto, o campo parecia feito de veludo. De cada lado havia três aros de gol, a quinze metros de altura; do lado oposto ao que estavam, quase ao nível dos olhos de Harry, havia um gigantesco quadro-negro. Palavras douradas corriam pelo quadro sem parar como se uma gigantesca mão invisível as escrevesse e em seguida as apagasse; observando melhor, Harry viu que o quadro projetava anúncios no campo.

Bluebottle: uma vassoura para toda a família – segura, confiável, equipada com alarme antirroubo... Removedor Mágico Multiuso da Sra. Skower: sem dor nem cor!... Trapobelo Moda Mágica – Londres, Paris, Hogsmeade...

Harry desgrudou os olhos do quadro e espiou por cima do ombro a ver quem mais dividia o camarote com eles. Por ora estava vazio, exceto por uma criaturinha sentada na antepenúltima cadeira na fila logo atrás. A criatura, cujas pernas eram tão curtas que ficavam esticadas para a frente sem poder dobrar, usava uma toalha de chá drapejada, presa como uma toga, e tinha o rosto escondido nas mãos. Contudo, aquelas compridas orelhas de morcego eram estranhamente familiares...

– *Dobby?* – perguntou Harry incrédulo.

A criaturinha levantou a cabeça e entreabriu os dedos, deixando aparecer enormes olhos castanhos e um nariz do tamanho exato de um tomatão. Não era Dobby – mas era, sem a menor dúvida, um elfo doméstico, como fora o amigo de Harry, Dobby. O garoto o libertara dos antigos donos, a família Malfoy.

– O senhor me chamou de Dobby? – guinchou o elfo cheio de curiosidade, por entre os dedos. Sua voz era ainda mais aguda que a de Dobby, um fiapinho trêmulo de guincho, e Harry suspeitou, embora isso fosse muito difícil dizer no caso de elfos domésticos, que este talvez fosse do sexo feminino. Rony e Hermione se viraram nas cadeiras para olhar. Embora tivessem ouvido Harry falar muito de Dobby, nunca haviam chegado a conhecê-lo. Até o Sr. Weasley se virou para trás interessado.

– Desculpe – disse Harry ao elfo –, achei que você era alguém que eu conhecia.

– Mas eu também conheço Dobby, meu senhor! – guinchou o elfo. Escondia o rosto como se a luz o cegasse, embora o camarote de honra não fosse muito bem iluminado. – Meu nome é Winky, meu senhor, e o senhor... – seus grandes olhos

castanho-escuros se arregalaram tanto que pareceram pratinhos de pão ao pousarem na cicatriz de Harry – o senhor com certeza é Harry Potter!

– É, sou.

– Ora, Dobby fala do senhor o tempo todo, meu senhor – disse ela baixando um tantinho as mãos e parecendo assombrada.

– Como vai ele? – perguntou Harry. – Está gostando da liberdade?

– Ah, meu senhor – disse Winky, sacudindo a cabeça –, ah, meu senhor, sem querer lhe faltar ao respeito, meu senhor, mas não tenho muita certeza se o senhor fez um favor a Dobby, meu senhor, quando deu a liberdade a ele.

– Por quê? – perguntou Harry, espantado. – Que é que ele tem?

– A liberdade está subindo à cabeça dele – disse Winky tristemente. – Ideias acima da condição social dele, meu senhor. Não consegue outro emprego, meu senhor.

– Por que não?

Winky baixou a voz uma oitava e sussurrou:

– *Ele está exigindo pagamento pelo trabalho que faz, meu senhor.*

– Pagamento? – exclamou Harry sem entender. – Ora... por que ele não deveria receber pagamento?

Winky pareceu horrorizada com a ideia e fechou os dedos um tantinho, de modo que seu rosto tornou a ficar invisível.

– Elfos domésticos não recebem pagamento, meu senhor! – disse ela num guincho abafado. – Não, não, não. Eu digo ao Dobby, eu digo, procure uma boa família e tome juízo, Dobby. Ele anda fazendo todo tipo de feitiço avançado, meu senhor, o que não fica bem para um elfo doméstico. Você fica aprontando por aí, Dobby, eu digo, e daqui a pouco eu vou saber que você teve que comparecer no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, como um duende desclassificado.

– Bem, já estava na hora de ele se divertir um pouco – falou Harry.

– Elfos domésticos não nasceram para se divertir, Harry Potter – disse Winky com firmeza, por trás das mãos. – Elfos domésticos fazem o que são mandados fazer. Eu não estou gostando nem um pouco da altura, Harry Potter... – ela olhou para a borda do camarote e engoliu em seco – ... mas meu dono me mandou para o camarote de honra e eu obedeço, meu senhor.

– Por que é que ele mandou você aqui, se sabe que você não gosta de alturas? – perguntou Harry franzindo a testa.

– Meu dono... meu dono quer que eu guarde um lugar para ele, Harry Potter, ele está muito ocupado – disse Winky, inclinando a cabeça para a cadeira vazia ao lado. – Winky está querendo voltar para a barraca do dono, Harry Potter, mas Winky é bem mandada, Winky é um bom elfo doméstico.

Ela lançou outro olhar assustado à borda do camarote e tornou a esconder completamente os olhos. Harry se virou para os outros.

– Então isso é um elfo doméstico? – murmurou Rony. – Esquisitos, não são?

– Dobby era ainda mais esquisito – disse Harry, com veemência.

Rony tirou o onióculo e começou a testá-lo, observando a multidão embaixo, do lado oposto do estádio.

– Irado! – disse ele, girando o botão lateral para fazer a imagem voltar. – Consigo ver aquele velhote lá embaixo meter o dedo no nariz outra vez... mais uma vez... e mais outra...

Entrementes, Hermione estava lendo superficialmente o programa que tinha borla e capa de veludo.

– Vai haver um desfile com os mascotes dos times antes da partida – leu ela em voz alta.

– Ah, a isso sempre vale a pena assistir – disse o Sr. Weasley. – Os times nacionais trazem criaturas da terra natal, sabem, para fazer farol.

O camarote foi-se enchendo gradualmente em volta deles durante a meia hora seguinte. O Sr. Weasley não parava de apertar a mão de bruxos, obviamente muito importantes. Percy levantou-se de um salto tantas vezes que até parecia que estava tentando sentar em cima de um porco-espinho. Quando Cornélio Fudge, o Ministro da Magia, chegou, Percy fez uma reverência tão exagerada que seus óculos caíram e se partiram. Muito encabulado, ele os consertou com a varinha e dali em diante permaneceu sentado, lançando olhares invejosos a Harry, a quem o ministro cumprimentara como um velho amigo. Os dois já se conheciam e Fudge apertou a mão de Harry paternalmente, perguntou como ele estava e apresentou-o aos bruxos de um lado e de outro.

– Harry Potter, sabe – disse ele em voz alta ao ministro búlgaro, que usava esplêndidas vestes de veludo preto, enfeitadas com ouro, e aparentemente não entendia uma única palavra de inglês. – *Harry Potter*... ah, vamos, o senhor sabe quem é... o menino que sobreviveu ao ataque de Você-Sabe-Quem... tenho certeza de que o senhor sabe quem é...

O bruxo búlgaro, de repente, viu a cicatriz de Harry e começou a algaraviar em voz alta e excitada, apontando para a marca.

– Sabia que íamos acabar chegando lá – disse Fudge, esgotado, a Harry. – Não sou grande coisa para línguas, preciso de Bartô Crouch nesses encontros. Ah, vejo que o elfo doméstico está guardando o lugar dele... bem pensado, esses búlgaros danados têm tentado arrancar da gente os melhores lugares... ah, aí vem Lúcio!

Harry, Rony e Hermione se viraram depressa. Avançando vagarosamente pela segunda fila, em direção a três lugares ainda vazios, bem atrás do Sr. Weasley,

vinham ninguém menos que os antigos donos de Dobby – Lúcio Malfoy, seu filho Draco e uma mulher que Harry supôs que fosse a mãe do garoto.

Harry Potter e Draco Malfoy eram inimigos desde a primeira viagem de trem para Hogwarts. Um garoto de rosto fino e cabelos muito louros, Draco se parecia muito com o pai. A mãe também era loura; alta e magra, e até seria bonita se não carregasse no rosto uma expressão que sugeria que estava sentindo um mau cheiro bem debaixo do nariz.

– Ah, Fudge – disse o Sr. Malfoy, estendendo a mão para o ministro da Magia, ao chegar mais próximo. – Como vai? Acho que você não conhece minha mulher, Narcisa? Nem o nosso filho, Draco?

– Como estão, como estão? – disse Fudge, sorrindo e se curvando para a Sra. Malfoy. – E me permitam apresentar a vocês o Sr. Oblansk ("Obalonsk, senhor"), bem, o ministro da Magia da Bulgária, e de qualquer modo ele não consegue entender nenhuma palavra do que estou dizendo, portanto não faz diferença. E vejamos quem mais, você conhece Arthur Weasley, imagino?

Foi um momento tenso. O Sr. Weasley e o Sr. Malfoy se entreolharam e Harry se lembrou nitidamente da última vez que haviam se encontrado; fora na livraria Floreios e Borrões, e os dois tinham partido para uma briga. Os olhos do Sr. Malfoy, frios e cinzentos, examinaram o Sr. Weasley e depois a fila em que ele estava.

– Meu Deus, Arthur – disse ele baixinho. – Que foi que você precisou vender para comprar lugares no camarote de honra? Com certeza sua casa não teria rendido tudo isso, não?

Fudge que não estava prestando atenção, comentou:

– Lúcio acabou de fazer uma generosa contribuição para o Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. Está aqui como meu convidado.

– Que... que bom – disse o Sr. Weasley com um sorriso muito forçado.

Os olhos do Sr. Malfoy se voltaram para Hermione, que corou de leve, mas retribuiu o seu olhar com determinação. Harry sabia exatamente o que estava fazendo os lábios do Sr. Malfoy se crisparem. Os Malfoy se orgulhavam de ter o sangue puro; em outras palavras, consideravam qualquer pessoa que descendesse de trouxas, como Hermione, gente de segunda classe. No entanto, sob o olhar do ministro da Magia, o Sr. Malfoy não se atrevia a dizer nada. Acenou a cabeça com desdém para o Sr. Weasley e continuou a avançar em direção aos lugares vazios. Draco lançou a Harry, Rony e Hermione um olhar de desprezo, depois se sentou entre a mãe e o pai.

– Babacas nojentos – murmurou Rony, quando ele, Harry e Hermione tornaram a se virar para o campo. No momento, seguinte, Ludo Bagman adentrou o camarote de honra.

– Todos prontos? – perguntou ele, o rosto redondo e excitado brilhando como um queijo holandês. – Ministro, podemos começar?

– Quando você quiser, Ludo – disse Fudge descontraído.

Ludo puxou a varinha, apontou-a para a própria garganta, disse “*Sonorus!*” e então, sobrepondo-se à zoeira que agora enchia o estádio lotado falou; sua voz reboou, ecoando em cada canto das arquibancadas:

“Senhoras e senhores... bem-vindos! Bem-vindos à final da quadricentésima vigésima segunda Copa Mundial de Quadribol!”

Os espectadores gritaram e bateram palmas. Milhares de bandeiras se agitaram, somando seus desafinados hinos nacionais à barulheira geral. O grande quadro-negro defronte apagou a última mensagem (*Feijõezinhos de todos os sabores Beto Botts – um risco a cada dentada!*) e passou a informar BULGÁRIA: ZERO, IRLANDA: ZERO.

“E agora, sem mais demora, vamos apresentar... os mascotes do time búlgaro!”

O lado direito das arquibancadas, que era uma massa compacta e vermelha, berrou manifestando sua aprovação.

– Que será que eles trouxeram? – comentou o Sr. Weasley, curvando-se para a frente na cadeira. – Ah-ha! – Ele de repente tirou os óculos e limpouos depressa nas vestes. – Veelas!

– Que são Veel...?

Mas cem veelas des liza ram pelo campo e a pergunta de Harry ficou respondida. Veelas eram mulheres... as mulheres mais belas que Harry já vira... só que não eram – não podiam ser – humanas. Isto deixou Harry intrigado por alguns momentos, tentando adivinhar o que poderiam ser exatamente; que é que faria a pele delas refulgir como o luar ou os cabelos louro-prateados se abrirem em leque para trás sem haver vento... mas então a música começou a tocar e Harry parou de se preocupar se elas seriam ou não humanas – na realidade, parou de se preocupar com tudo.

As veelas começaram a dançar e a cabeça de Harry ficou completa e bem-aventuradamente vazia. Tudo que importava no mundo era continuar a assistir às veelas, porque se elas parassem de dançar coisas terríveis iriam acontecer...

E enquanto as veelas dançavam cada vez mais rapidamente, pensamentos incompletos e delirantes começaram a se formar na mente atordoada de Harry. Ele queria fazer uma coisa bem impressionante naquele momento. Atirar-se do camarote para o estádio lhe pareceu uma boa ideia... mas seria suficiente?

– Harry, que é que você *está* fazendo? – ele ouviu lá longe a voz de Hermione.

A música parou. Harry piscou os olhos. Ele estava em pé e tinha uma das pernas passada por cima da borda do camarote. Ao lado dele, Rony estava

paralisado numa posição que dava a impressão de que ia saltar de um trampolim.

Gritos indignados começaram a encher o estádio. A multidão não queria que as veelas se retirassem. Harry concordava; ele iria, é claro, torcer pela Bulgária, e se perguntou meio vagamente por que estava usando um grande trevo verde preso ao peito. Entrementes, Rony, distraidamente, despetalava os trevos do chapéu. O Sr. Weasley, sorrindo, curvou-se para Rony e tirou o chapéu das mãos do filho.

– Você vai querer isso depois – disse ele –, depois que a Irlanda disser a que veio.

– Hum? – exclamou Rony fixando, boquiaberto, as veelas, que agora estavam enfileiradas a um lado do campo.

Hermione deu um muxoxo alto. Esticou o braço e puxou Harry de volta à cadeira dele.

– *Francamente!* – exclamou.

"E agora", trovejou Ludo Bagman, "por favor levantem as varinhas bem alto... para receber os mascotes do time nacional da Irlanda!"

No instante seguinte, algo que lembrava um imenso cometa verde e ouro entrou velozmente no estádio. Deu uma volta completa, depois se subdividiu em dois cometas menores, que se projetaram em direção às balizas. De repente, um arco-íris atravessou o céu do campo unindo as duas esferas luminosas. A multidão fazia "aaaaah" e "ooooh", como se presenciasse um espetáculo de fogos de artifício. Depois o arco-íris foi-se dissolvendo e as esferas se aproximaram e se fundiram; tinham formado um grande trevo refulgente, que subiu em direção ao céu e ficou pairando sobre as arquibancadas. Parecia estar deixando cair uma espécie de chuva dourada...

– Excelente! – berrou Rony, quando o trevo sobrevoou o camarote, fazendo chover pesadas moedas de ouro, que ricocheteavam nas cabeças e cadeiras. Apertando os olhos para ver melhor o trevo, Harry percebeu que na realidade ele era composto de milhares de homenzinhos barbudos de colete vermelho, cada qual carregando uma minúscula luz ouro e verde.

– *Leprechauns!* – exclamou o Sr. Weasley, fazendo-se ouvir em meio ao tumultuoso aplauso dos espectadores, muitos dos quais continuavam a disputar o ouro e a procurá-lo por todo o lado em volta e embaixo das cadeiras.

– Toma aqui, Harry – gritou Rony feliz, metendo um punhado de moedas de ouro na mão do amigo. – Pelo onióculo! Agora você vai ter que me comprar um presente de Natal, ha!

O maior dos trevos se dissolveu e os *leprechauns*, que são duendes irlandeses, foram descendo no lado do campo oposto ao das veelas, e se sentaram de pernas cruzadas para assistir à partida.

“E agora, senhoras e senhores, vamos dar as boas-vindas... ao time nacional de quadribol da Bulgária! Apresentando, por ordem de entrada... Dimitrov!”

Um vulto vermelho montado em uma vassoura, que voava tão veloz que parecia um borrão, disparou pelo campo, vindo de uma entrada lá embaixo, sob o aplauso frenético dos torcedores da Bulgária.

“Ivanova!”

Um segundo jogador de vermelho passou zunindo.

“Zograf! Levski! Vulchanov! Volkov! Eeeeeeeee... *Krum*!”

– É ele, é ele! – berrou Rony, acompanhando Krum com o onióculo; Harry focalizou rapidamente o dele.

Vítor Krum era magro, moreno, de pele macilenta, com um narigão adunco e sobrancelhas muito espessas e negras. Lembrava uma ave de rapina grande demais. Era difícil acreditar que tivesse apenas dezoito anos.

“E agora vamos saudar... o time nacional de quadribol da Irlanda!”, berrou Bagman. “Apresentando... Connolly! Ryan! Troy! Mullet! Moran! Quigley! Eeeeeee... *Lynch!*”

Sete borrões entraram velozes no campo; Harry girou um pequeno botão lateral no onióculo e reduziu a velocidade da imagem o suficiente para ler “Firebolt” em cada uma das vassouras, e ver os nomes, bordados em prata, nas costas dos jogadores.

“E conosco, das terras distantes do Egito, o nosso juiz, o famoso bruxopresidente da Associação Internacional de Quadribol, Hassan Mostafa!”

Um bruxo miúdo e magro, completamente careca, mas com uma bigodeira que rivalizava com a do tio Válter, entrou em campo trajando vestes de ouro puro para combinar com o estádio. Um apito de prata saía por baixo dos bigodes e ele sobraçava de um lado uma grande caixa de madeira e, do outro, sua vassoura. Harry girou o botão de velocidade do seu onióculo para a posição normal, e observou com atenção Mostafa montar a vassoura e abrir a caixa com um pontapé – quatro bolas se projetaram no ar; a goles vermelha, os dois balaços pretos e (Harry o viu por um brevíssimo instante antes que ele desaparecesse de vista) o minúsculo pomo alado de ouro. Com um silvo forte e curto do apito, Mostafa saiu pelos ares acompanhando as bolas.

“COOOOOOOOOOOMEÇOU a partida!”, berrou Bagman. “É Mullet! Troy! Moran! Dimitrov! De volta a Mullet! Troy! Levski! Moran!”

Era quadribol como Harry nunca vira ninguém jogar antes. Ele apertava o onióculo com tanta força contra os olhos que seus óculos estavam começando a cortar a ponte do nariz. A velocidade dos jogadores era incrível – os artilheiros jogavam a bola um para o outro tão depressa que Bagman só tinha tempo de identificá-los. Harry tornou a girar o botão do lado direito do onióculo para

reduzir a velocidade da imagem, apertou o botão “lance a lance” e na mesma hora estava assistindo ao jogo em câmara lenta, enquanto letras púrpuras passavam brilhando pelas lentes do instrumento, e o rugido da multidão martelava seus tímpanos!

Formação de ataque de Hawkshead – leu ele enquanto assistia a três artilheiros irlandeses voarem juntos, Troy no meio, um pouco à frente de Mullet e Moran, e investirem contra os búlgaros. *Manobra de Ploy*, leu ele em seguida, quando Troy fingiu que ia subir com a goles, atraindo a artilheira búlgara Ivanova, e deixou cair a bola para Moran. Um dos batedores búlgaros, Volkov rebateu violentamente, com o seu pequeno bastão, um balaço que passava, derrubando-o no caminho de Moran; Moran se abaixou para evitar o balaço e soltou a goles; e Levski, que voava mais abaixo, apanhou-a...

“GOL DE TROY!”, berrou Bagman, e o estádio estremeceu com o rugido dos aplausos e vivas. “Dez a zero para a Irlanda?”

– Quê? – berrou Harry nervoso, observando o campo com o onióculo. – Mas Levski é que está com a goles!

– Harry, se você não observar em velocidade normal, vai perder todos os lances! – gritou Hermione, que dançava aos pulos, agitando os braços no ar, enquanto Troy dava uma volta no campo para comemorar o gol. Harry espiou depressa por cima do onióculo e viu que os *leprechauns*, que assistiam ao jogo na extremidade do campo, tinham novamente levantado voo e formavam o grande trevo refulgente. Na outra extremidade, as veelas assis tiram a essa exibição em silêncio.

Furioso consigo mesmo, Harry girou o botão de volta à velocidade normal quando o jogo recomeçou.

Harry entendia o suficiente de quadribol para saber que os artilheiros irlandeses eram fantásticos. Deslocavam-se em harmonia, parecendo ler o que ia nas mentes uns dos outros, pela maneira com que se posicionavam, e a roseta no peito de Harry não parava de guinchar o nome deles: “*Troy – Mullet – Moran!*” Em dez minutos a Irlanda marcou mais duas vezes, elevando sua vantagem para trinta a zero e provocando uma onda de gritos e aplausos dos torcedores de verde.

A partida se tornou ainda mais rápida, porém mais brutal. Volkov e Vulchanov, os batedores búlgaros, atiravam os balaços com bastonadas fortíssimas nos artilheiros irlandeses e estavam começando a impedi-los de executar alguns dos seus melhores movimentos; duas vezes eles foram obrigados a dispersar e então, finalmente, Ivanova conseguiu passar por eles, driblar o goleiro Ryan, e marcar o primeiro gol da Bulgária.

– Dedos nos ouvidos! – berrou o Sr. Weasley, quando as veelas começa ram a

dançar comemorando o lance. Harry apertou os olhos, também; queria manter a atenção no jogo. Passados alguns segundos, arriscou uma espiada no campo. As veelas haviam parado de dançar e a Bulgária recuperara a posse da goles.

“Dimitrov! Levski! Dimitrov! Ivanova... ah, essa não!”, berrou Bagman.

Cem mil bruxos e bruxas prenderam a respiração quando os dois apanhadores, Krum e Lynch, mergulharam no meio dos artilheiros, tão velozes que pareciam ter pulado sem paraquedas de um avião. Harry acompanhou a descida deles com o onióculo, apurando a vista para procurar o pomo...

– Eles vão colidir! – berrou Hermione ao lado de Harry.

Hermione estava parcialmente certa – no último segundo, Vítor Krum se recuperou do mergulho e se afastou em círculos. Lynch, no entanto, bateu no chão com um baque surdo que pôde ser ouvido em todo o estádio. Um enorme gemido subiu dos lugares ocupados pelos irlandeses.

– Idiota! – lamentou o Sr. Weasley. – Era uma finta de Krum!

“Tempo!”, berrou Bagman. “Os medibruxos vão entrar em campo para examinar Aidan Lynch!”

– Ele está bem, só levou um encontrão! – disse Carlinhos tranquilizando Gina, que estava pendurada por cima da lateral do camarote, horrorizada. – E isso era, naturalmente, o que Krum pretendera...

Harry apertou depressa os botões de “repetição” e de “lance por lance” no onióculo, girou o botão de velocidade e tornou a levar o onióculo aos olhos.

Ele assistiu a Krum e Lynch mergulharem outra vez em câmara lenta. *Finta de Wronski – uma manobra perigosa dos apanhadores*, leu Harry na legenda púrpura que passou pelas lentes. O garoto viu o rosto de Krum se contorcer, concentrando-se, quando o apanhador se recuperou do mergulho no último instante, ao mesmo tempo que Lynch se estatelava e compreendeu – Krum não vira pomo algum, estava só obrigando Lynch a imitá-lo. O garoto jamais vira alguém voar daquele jeito; Krum nem parecia estar usando uma vassoura; deslocava-se com tanta facilidade pelos ares que parecia solto, sem peso. Harry tornou a ajustar o onióculo na posição normal e focalizou Krum. O jogador voava em círculos bem acima de Lynch, que agora estava sendo reanimado pelos medibruxos com xícaras de poção. Harry focalizou o rosto de Krum ainda mais de perto e viu seus olhos negros correndo para cá e para lá por todo o campo, trinta metros abaixo. Usava o tempo em que Lynch era reanimado para procurar o pomo sem interferência.

Lynch se levantou finalmente, sob ruidosos vivas dos torcedores de verde, montou a Firebolt e deu impulso para o alto. Sua reanimação parecia ter dado à Irlanda novas esperanças. Quando Mostafa tornou a soar o apito, os artilheiros entraram em ação com uma destreza que não se comparava a nada que Harry

tivesse visto até então.

Decorridos quinze minutos de velocidade e fúria, a Irlanda acumulara uma vantagem de mais dez gols. Agora liderava por cento e trinta pontos a dez e a partida estava começando a ficar mais desleal.

Quando Mullet disparou em direção às balizas mais uma vez, segurando firmemente a goles embaixo do braço, o goleiro búlgaro, Zograf, correu ao encontro da jogadora. O que aconteceu foi tão rápido que Harry não percebeu, mas subiu um grito de raiva da torcida irlandesa, e o silvo longo e agudo do apito de Mostafa informou que alguém cometera uma falta.

“E Mostafa repreende o goleiro búlgaro pelo jogo bruto... usou os cotovelos!”, informa Bagman aos espectadores que berram. “E... confirmando, é pênalti a favor da Irlanda.”

Os *leprechauns*, que haviam levantado voo, furiosos, como um enxame de marimbondos reluzentes, quando Mullet fora atingida, agora corriam a se juntar formando as palavras “HA! HA! HA!”. As veelas, do lado oposto do campo, levantaram-se de um salto, sacudiram os cabelos com raiva e recomeçaram a dançar.

Como se fossem um, os garotos Weasley e Harry enfiaram os dedos nos ouvidos, mas Hermione, que não se dera a esse trabalho, logo em seguida puxou Harry pelo braço. O garoto se virou para olhá-la, e ela puxou impacientemente os dedos que ele enfiara nos ouvidos.

– Olha o juiz! – disse a garota, rindo.

Harry olhou para o campo. Hassan Mostafa aterrissara bem diante das veelas dançantes, e estava agindo de modo realmente estranho. Flexionava os músculos e alisava o bigode, muito agitado.

“Ora, isso não é admissível!”, disse Ludo Bagman, embora seu tom de voz fosse o de quem estava achando muita graça. “Alguém aí dê um tapa nesse juiz!”

Um medibruxo entrou correndo em campo, os dedos enfiados nos ouvidos, e deu um baita chute nas canelas de Mostafa. O juiz pareceu voltar a si; Harry, que observava outra vez o jogo com o onióculo, viu que Mostafa parecia extremamente constrangido e gritava com as veelas, que tinham parado de dançar e pareciam estar se rebelando.

“E a não ser que eu muito me engane, Mostafa está de fato tentando despachar as mascotes do time da Bulgária!”, comentou Bagman. “Aí está uma coisa que nunca vimos antes... ah, isso é capaz de dar confusão...”

E deu: os batedores búlgaros, Volkov e Vulchanov, pousaram ao lado de Mostafa e começaram a discutir furiosamente com o juiz, gesticulando em direção aos *leprechauns*, que agora formavam alegremente as palavras “HI! HI HI!”. Mostafa, porém, não se deixou impressionar com a argumentação dos

búlgaros; espetou o dedo indicador no ar, dizendo claramente a eles que voltassem ao ar e quando os jogadores se recusaram, ele puxou dois silvos breves no apito.

"*Dois* pênaltis a favor da Irlanda!", gritou Bagman, ao que a torcida búlgara ululou de raiva. "E é melhor Volkov e Vulchanov voltarem a montar as vassouras... é isso aí... e lá vão eles... e Troy toma a goles..."

A partida agora atingira um nível de ferocidade que ultrapassava tudo que os garotos já tinham visto. Os batedores dos dois lados jogavam sem piedade: principalmente Volkov e Vulchanov pareciam nem ligar se os seus bastões estavam fazendo contato com balaços ou com gente, quando os giravam violentamente no ar. Dimitrov disparou um balaço em cima de Moran, que segurava a goles, e quase a derrubou da vassoura.

– *Falta!* – urraram os torcedores irlandeses em uníssono, todos de pé como uma enorme onda verde.

"Falta!", ecoou a voz de Ludo Bagman, magicamente ampliada. "Dimitrov esfola Moran... o jogador saiu com intenção de dar um encontrão... e tem que ser outro pênalti... e aí vem o apito!"

Os *leprechauns* subiram ao ar mais uma vez e agora formaram uma gigantesca mão que fazia um gesto muito grosseiro para as veelas. Ao verem isso, elas se descontrolaram. Precipitaram-se pelo campo e começaram a atirar algo com o aspecto de bolas de fogo contra os duendes irlandeses. Observando com o onióculo, Harry viu que elas agora não estavam nem remotamente belas. Muito ao contrário, seus rostos começaram a se alongar para formar cabeças de aves com bicos afiados e cruéis e irromperam asas longas e escamosas dos seus ombros...

– E aí está, rapazes – berrou o Sr. Weasley se sobrepondo ao tumulto da multidão embaixo –, está aí a razão por que vocês não devem se deixar levar só pelas aparências!

Bruxos do Ministério invadiam o campo para separar as veelas e os *leprechauns*, mas sem muito sucesso; entrementes a batalha no campo não era nada comparada a que estava ocorrendo no ar. Harry se virava para cá e para lá, espiando pelo onióculo, pois a goles trocava de mãos com a velocidade de uma bala...

"Levski – Dimitrov – Moran – Troy – Mullet – Ivanova – Moran de novo – Moran – É GOL DE MORAN!"

Mas a gritaria da torcida irlandesa mal conseguia abafar os gritos agudos das veelas, os estampidos que agora vinham das varinhas dos funcionários do Ministério e os berros furiosos dos búlgaros. A partida recomeçou imediatamente; agora Levski estava com a posse da goles, agora Dimitrov...

O batedor irlandês Quigley levantou com violência o bastão contra um balaço que passava e arremessou-o com toda a força contra Krum, que não se abaixou com suficiente rapidez. O balaço atingiu-o em cheio no rosto.

Ouviu-se um lamento ensurdecedor da multidão; o nariz de Krum parecia quebrado, saía sangue para todo lado, mas Hassan Mostafa não apitou. Distraíra-se e Harry não podia culpá-lo; uma das veelas atirara uma mão cheia de fogo e incendiara a cauda da vassoura do juiz.

Harry queria que alguém percebesse que Krum estava ferido; embora estivesse torcendo pela Irlanda, Krum era o jogador mais fascinante em campo. Rony obviamente sentia o mesmo.

– Tempo! Ah, anda, ele não pode jogar assim, olha só para ele...

– *Olha o Lynch!* – berrou Harry.

O apanhador irlandês repentinamente mergulhara e Harry teve certeza de que aquilo não era uma Finta de Wronski; era para valer...

– Ele viu o pomo! – berrou Harry. – Ele viu! Olha lá ele correndo!

Metade da multidão parecia ter compreendido o que estava acontecendo, a torcida irlandesa se levantou como uma grande onda verde, animando o apanhador... mas Krum voava na esteira dele. Como conseguia enxergar aonde ia, Harry não fazia ideia; gotas de sangue voavam pelo ar à sua passagem, mas ele emparelhava com Lynch agora e os dois disparavam em direção ao chão...

– Eles vão bater! – esganiçou-se Hermione.

– Não vão! – berrou Rony.

– O Lynch vai! – gritou Harry.

E tinha razão – pela segunda vez, Lynch bateu no chão com um tremendo impacto e foi imediatamente pisoteado por uma horda de veelas raivosas.

– O pomo, onde é que está o pomo? – berrou Carlinhos, mais adiante na fila.

– Ele pegou, Krum pegou, terminou o jogo! – gritou Harry.

Krum, as vestes vermelhas tintas com o sangue que escorrera do seu nariz, tornava a levantar voo suavemente, o punho erguido lá no alto, um brilho de ouro na mão.

O placar piscou por cima da multidão BULGÁRIA: CENTO E SESSENTA; IRLANDA: CENTO E SETENTA, mas os torcedores não pareciam ter percebido o que acontecera. Então, lentamente, como se um grande jumbo começasse a aquecer as turbinas, o rugido da torcida da Irlanda foi se avolumando e explodiu em urros de alegria.

“VENCE A IRLANDA!”, gritou Bagman, que, como os irlandeses, parecia estar espantado com o inesperado desfecho da partida. “KRUM CAPTURA O POMO... MAS VENCE A IRLANDA... Deus do céu, acho que nenhum de nós esperava uma coisa dessas!”

– Para que foi que ele agarrou o pomo? – berrou Rony, ao mesmo tempo que continuava a pular, aplaudindo com as mãos no alto. – Ele encerrou a partida quando a Irlanda estava cento e sessenta pontos à frente, o idiota!

– Ele sabia que o time não ia conseguir se recuperar – respondeu Harry aos gritos, tentando se sobrepor à zoeira geral e aplaudindo com estrépito –, os artilheiros irlandeses eram bons demais... ele queria encerrar a partida nos termos dele, foi só...

– Ele foi valente, não foi? – comentou Hermione esticando-se à frente para ver Krum pousar e um enxame de medibruxos abrir caminho à força entre os briguentos *leprechauns* e as veelas que brigavam para chegar ao apanhador. – Ele está pavoroso...

Harry tornou a levar o onióculo aos olhos. Era difícil ver o que estava acontecendo lá embaixo, porque os *leprechauns* sobrevoavam o campo felizes e em grande velocidade, mas ele conseguiu divisar Krum, rodeado por medibruxos. Parecia mais carrancudo que nunca e se recusava a deixar que o limpassem. Seus colegas de time o rodeavam, sacudindo a cabeça, arrasados; um pouco adiante, os jogadores irlandeses dançavam felizes sob a chuva de ouro que seus mascotes faziam cair. Bandeiras se agitavam pelo estádio, o hino nacional irlandês tocava altíssimo por todo lado; as veelas revertiam à beleza de sempre, mas pareciam desanimadas e infelizes.

– *Pom, prrigamos falentemente* – disse uma voz triste atrás de Harry. Ele se virou para olhar; era o ministro da Magia búlgaro.

– O senhor fala a nossa língua! – exclamou Fudge indignado. – E vem me obrigando a falar por mímica o dia inteiro!

– *Pom*, foi muito *engrraçado* – disse o ministro búlgaro, encolhendo os ombros.

“E enquanto o time irlandês dá a volta olímpica, ladeado pelos mascotes, a Copa Mundial de Quadribol está sendo levada para o camarote de honra!”, berrou Bagman.

A visão de Harry foi repentinamente ofuscada por uma luz branca, o camarote de honra foi magicamente iluminado para que todos os espectadores nas arquibancadas pudessem ver o seu interior. Apertando os olhos na direção da porta, ele viu dois bruxos ofegantes entrarem no camarote com uma imensa taça de ouro, que foi entregue a Cornélio Fudge, ainda muito aborrecido por ter passado o dia falando com as mãos à toa.

“Vamos aplaudir com vontade os galantes perdedores... Bulgária!”, gritou Bagman.

E pelas escadas entraram os sete jogadores derrotados. A multidão aplaudiu manifestando o seu apreço; Harry viu milhares e milhares de lentes de onióculo

faiscarem e lampejarem em sua direção.
Um a um, os búlgaros se acomodaram nas filas de cadeiras do camarote e Bagman chamou-os, nome por nome, para apertarem a mão do seu ministro e depois a de Fudge. Krum, que foi o último da fila, estava com uma aparência medonha. Seus olhos negros se destacavam espetacularmente no rosto ensanguentado. Continuava a segurar o pomo. Harry reparou que ele parecia muito menos coordenado em terra. Andava com os pés meio para fora e seus ombros eram visivelmente caídos. Mas quando o nome de Krum foi anunciado, o estádio inteiro lhe deu uma ovação de rachar os tímpanos.
Depois foi a vez do time irlandês. Aidan Lynch veio amparado por Moran e Connolly; a segunda colisão parecia tê-lo atordoado e seus olhos pareciam estranhamente fora de foco. Mas ele sorriu com alegria quando Troy e Quigley ergueram a Copa no ar e a multidão embaixo fez ouvir sua aprovação. As mãos de Harry estavam insensíveis de tanto aplaudir.
Finalmente, quando o time irlandês deixou o camarote para dar mais uma volta olímpica montado nas vassouras (Aidan Lynch na garupa de Connolly, agarrado à sua cintura e ainda sorrindo abobalhado), Bagman apontou a varinha para a própria garganta e murmurou *Quietus*.
– Eles vão comentar isso durante anos – disse ele rouco –, uma reviravolta realmente inesperada, essa... pena que não pudesse ter durado mais... ah sim... sim, devo a vocês... quanto?
Pois Fred e Jorge tinham acabado de saltar por cima de suas cadeiras e estavam parados diante de Ludo Bagman com enormes sorrisos no rosto, as mãos estendidas.

— CAPÍTULO NOVE —

A Marca Negra

– N*ão* conte à sua mãe que andou apostando – implorou o Sr. Weasley a Fred e Jorge, quando juntos desciam, lentamente, as escadas forradas com carpete púrpura.

– Não se preocupe, papai – disse Fred feliz –, temos grandes planos para esse dinheiro, não queremos que ele seja confiscado.

Por um instante, pareceu que o Sr. Weasley ia perguntar que grandes planos eram aqueles, mas em seguida, pensando melhor, decidiu que não queria saber.

Logo eles foram engolfados pela multidão que saía do estádio e regressava aos acampamentos. O ar da noite trazia aos seus ouvidos cantorias desafinadas quando retomavam o caminho iluminado por lanternas, os *leprechauns* continuavam a sobrevoar a área em alta velocidade, rindo, tagarelando, sacudindo as lanternas. Quando os garotos chegaram finalmente às barracas, ninguém estava com vontade de dormir e, dado o nível da barulheira, a toda volta, o Sr. Weasley concordou que podiam tomar, juntos, uma última xícara de chocolate, antes de se deitar. Logo estavam discutindo prazerosamente a partida; o Sr. Weasley se deixou envolver por Carlinhos em uma polêmica sobre jogo bruto, e somente quando Gina caiu no sono em cima da mesinha e derramou chocolate quente pelo chão que o pai deu um basta nas retrospectivas verbais e insistiu que todos fossem se deitar. Hermione e Gina se transferiram para a barraca vizinha e Harry e os Weasley vestiram os pijamas e subiram nos beliches. Do outro lado do acampamento eles ainda ouviam muita cantoria e uma batida que ecoava estranhamente.

– Ah, fico feliz de não estar de serviço – murmurou o Sr. Weasley cheio de sono. – Eu não iria gostar nem um pouco de ter que dizer aos irlandeses que eles precisam parar de comemorar.

Harry, que ocupava a cama superior do beliche de Rony, ficou olhando para o

teto de lona da barraca, observando o brilho ocasional das lanternas dos *leprechauns* que sobrevoavam o acampamento e visualizando alguns dos lances mais espetaculares de Krum. Estava doido para tornar a montar sua Firebolt e experimentar a Finta de Wronski... por alguma razão Olívio Wood jamais conseguira transmitir como era aquele lance com os seus diagramas complicados... Harry se viu usando vestes com seu nome nas costas e imaginou a sensação de ouvir uma multidão de cem mil pessoas berrando, enquanto a voz de Ludo Bagman ecoava pelo estádio “Com vocês ... *Potter*!”.

Harry jamais chegou a saber se adormecera ou não – seus devaneios de voar como Krum talvez tivessem se transformado em sonhos de verdade –, só sabia que, de repente ouviu o Sr. Weasley gritar.

– Levantem! Rony, Harry, vamos logo, levantem, é urgente!

Harry se sentou depressa e seu cocuruto bateu na lona do teto.

– Que foi? – perguntou.

Vagamente ele percebeu que alguma coisa não estava bem. O barulho no acampamento tinha mudado. A cantoria parara. Ele ouvia gritos e um tropel de gente correndo.

Harry desceu do beliche e apanhou suas roupas, mas o Sr. Weasley, que vestira a jeans por cima do pijama, falou:

– Não temos tempo, Harry, apanhe uma jaqueta e saia, depressa!

Harry obedeceu e saiu correndo da barraca, com Rony nos seus calcanhares.

À luz das poucas fogueiras que ainda ardiam, viu gente correndo para a floresta, fugindo de alguma coisa que avançava pelo acampamento em sua direção, alguma coisa que emitia estranhos lampejos e ruídos que lembravam tiros. Caçoadas em voz alta, risadas e berros de bêbedos se aproximavam; depois uma forte explosão de luz verde, que iluminou a cena.

Um grupo compacto de bruxos, que se moviam ao mesmo tempo e apontavam as varinhas para o alto, vinha marchando pelo acampamento. Harry apertou os olhos para enxergá-los... não pareciam ter rostos... então ele percebeu que tinham as cabeças encapuzadas e os rostos mascarados. No alto, pairando sobre eles no ar, quatro figuras se debatiam, forçadas a assumir formas grotescas. Era como se os bruxos mascarados no chão fossem titereiros e as pessoas no alto, marionetes movidas por cordões invisíveis que subiam das varinhas erguidas. Duas das figuras eram muito pequenas.

Mais bruxos foram se reunindo ao grupo que marchava, riam e apontavam para os corpos no ar. Barracas se fechavam e desabavam à medida que a multidão engrossava. Uma ou duas vezes Harry viu um bruxo explodir uma barraca com a varinha para desimpedir o caminho. Outras tantas pegaram fogo. A gritaria foi se avolumando.

As pessoas no ar foram repentinamente iluminadas ao passarem sobre uma barraca em chamas, e Harry reconheceu uma delas – o Sr. Roberts, o gerente do acampamento. As outras três, pelo jeito, deviam ser sua mulher e seus filhos. Um dos arruaceiros virou a Sra. Roberts de cabeça para baixo com a varinha; a camisola dela caiu deixando à mostra suas enormes calças; ela tentava se cobrir enquanto a multidão embaixo dava guinchos e vaias de alegria.

– Que coisa doentia – murmurou Rony, observando a menor das crianças trouxas, que começara a rodopiar feito um pião, quase vinte metros acima do chão, a cabeça sacudindo molemente de um lado para outro. – Que coisa realmente doentia...

Hermione e Gina vieram correndo ao encontro dos garotos, vestindo casacos por cima das camisolas, seguidas de perto pelo Sr. Weasley. No mesmo momento, Gui, Carlinhos e Percy saíram da barraca dos garotos inteiramente vestidos, com as mangas enroladas e as varinhas em punho.

– Vamos ajudar o pessoal do Ministério – gritou o Sr. Weasley para ser ouvido com aquele barulho, enrolando as próprias mangas. – Vocês... vão para a floresta e *fiquem juntos*. Irei apanhá-los quando resolvermos este problema aqui!

Gui, Carlinhos e Percy já estavam correndo em direção aos baderneiros que se aproximavam; o Sr. Weasley saiu depressa atrás dos filhos. Bruxos do Ministério convergiam de todas as direções para o foco do problema. A multidão sob a família Roberts se aproximava sempre mais.

– Anda – disse Fred, agarrando a mão de Gina e começando a puxá-la para a floresta. Harry, Rony, Hermione e Jorge os acompanharam.

Todos olharam para trás ao alcançarem as árvores. Os manifestantes sob a família Roberts eram mais numerosos que nunca; os garotos viram os bruxos do Ministério tentando chegar aos bruxos encapuzados no centro, mas encontravam grande dificuldade. Aparentemente estavam com medo de executar algum feitiço que pudesse fazer a família Roberts despencar.

As lanternas coloridas que antes iluminavam o caminho para o estádio tinham sido apagadas. Vultos escuros andavam perdidos entre as árvores; crianças choravam; ecoavam gritos ansiosos e vozes cheias de pânico por todo o lado no ar frio da noite. Harry se sentiu empurrado para cá e para lá por pessoas cujos rostos ele não conseguia distinguir. Eles ouviram Rony dar um berro de dor.

– Que aconteceu? – perguntou Hermione ansiosa, parando tão abruptamente que Harry quase deu um encontrão nela. – Rony, onde é que você está? Ah, mas que burrice... *Lumus!*

Ela iluminou a varinha e apontou o fino feixe de luz para o caminho. Rony estava esparramado no chão.

– Tropecei numa raiz de árvore – disse ele aborrecido, pondo-se de pé.

– Ora, com pés desse tamanho, é difícil não tropeçar – disse uma voz arrastada às costas deles.

Harry, Rony e Hermione se viraram rapidamente. Draco Malfoy estava parado sozinho perto deles, encostado a uma árvore, numa atitude de total descontração. Os braços cruzados, parecia ter estado a contemplar a cena no acampamento por uma abertura entre as árvores.

Rony disse a Malfoy que fosse fazer uma coisa que Harry sabia que o amigo jamais teria se atrevido a dizer na frente da Sra. Weasley.

– Olha a boca suja, Weasley – disse Malfoy, seus olhos claros reluzindo. – Não é melhor você se apressar, agora? Não quer que descubram *sua amiga*, não é?

Ele indicou Hermione com a cabeça e, neste instante, ouviu-se no acampamento uma explosão como a de uma bomba, e um relâmpago verde iluminou momentaneamente as árvores à volta deles.

– Que é que você quer dizer com isso? – perguntou Hermione em tom de desafio.

– Granger, eles estão caçando *trouxas* – disse Malfoy. – Você vai querer mostrar suas calcinhas no ar? Porque se quiser, fique por aqui mesmo... eles estão vindo nessa direção, e todos vamos dar boas gargalhadas.

– Hermione é bruxa – rosnou Harry.

– Faça como quiser, Potter – disse Malfoy sorrindo maliciosamente. – Se você acha que eles não são capazes de identificar um sangue ruim, fique onde está.

– Você é que devia olhar sua boca suja! – gritou Rony. Todos os presentes sabiam que “sangue ruim” era uma palavra muito ofensiva a uma bruxa ou bruxo de pais trouxas.

– Deixa para lá, Rony – disse Hermione depressa, agarrando o amigo pelo braço para contê-lo, quando ele fez menção de avançar em Malfoy.

Ouviu-se um estampido do outro lado das árvores mais alto do que qualquer dos anteriores. Várias pessoas que estavam próximas gritaram.

Malfoy deu um risinho abafado.

– Eles se assustam à toa, não é? – disse com a fala mole. – Imagino que papai disse a vocês para se esconderem? Que é que ele está fazendo, tentando salvar os trouxas?

– Onde estão os *seus* pais? – perguntou Harry, a raiva crescendo. – Lá no acampamento usando máscaras, é isso?

Malfoy virou o rosto para Harry, ainda sorrindo.

– Ora... se eles estivessem, eu não iria dizer a você, não é mesmo, Potter?

– Ah, anda gente – disse Hermione, com um olhar de repugnância para Malfoy –, vamos procurar os outros.

– Fica com essa cabeçorra lanzuda abaixada, Granger – caçoou Malfoy.
– *Anda* gente – repetiu Hermione, e puxou Harry e Rony de volta ao caminho.
– Aposto qualquer coisa como o pai dele *é* um dos mascarados! – disse Rony indignado.
– Bem, com um pouco de sorte, o Ministério vai agarrá-lo! – disse Hermione com veemência. – Ah, não dá para acreditar, onde foi que os outros se meteram?
Fred, Jorge e Gina não estavam em nenhum lugar à vista, embora o caminho estivesse apinhado de pessoas, todas espiando nervosamente a confusão no acampamento, por cima dos ombros.
Um grupo de adolescentes de pijamas discutia em altos brados um pouco adiante no caminho. Quando viram Harry, Rony e Hermione, uma garota de cabelos espessos e crespos se virou e disse depressa:
– *Où est Madame Maxime? Nous l'avons perdue...*
– Hum... quê? – perguntou Rony.
– Ah... – A menina que falara deu as costas para ele, e quando os garotos continuaram andando ouviram-na dizer claramente: – *Ogwarts*.
– Beauxbatons – murmurou Hermione.
– Como disse? – falou Harry.
– Devem estudar na Beauxbatons – esclareceu Hermione. – Você sabe... Academia de Magia Beauxbatons... Li sobre ela em *Uma avalia ção da educação em magia na Europa*.
– Ah... sei... certo – disse Harry.
– Fred e Jorge não podem ter ido tão longe assim – comentou Rony puxando a varinha do bolso, acendendo-a como fizera Hermione e esquadrinhando o caminho. Harry enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta à procura da própria varinha, mas não estava lá. A única coisa que encontrou foi o seu onióculo.
– Ah, não, eu não acredito... Perdi a minha varinha!
– 'tá brincando!
Rony e Hermione ergueram bem as varinhas para projetar seus finos raios de luz mais à frente no caminho; Harry olhou para todo lado, mas a varinha não estava visível em lugar algum.
– Talvez tenha ficado na barraca – disse Rony.
– Talvez tenha caído do seu bolso quando você estava correndo? – sugeriu Hermione ansiosa.
– É – falou Harry –, talvez...
Em geral ele a carregava o tempo todo quando estava no mundo dos bruxos, e vendo-se sem a varinha no meio de uma confusão daquelas sentiu-se extremamente vulnerável.
Um rumorejar fez os três se sobressaltarem. Winky, a elfo doméstica, estava

tentando sair de uma moita de arbustos ali perto. Movia-se de um jeito esquisitíssimo, com visível dificuldade; era como se alguém invisível estivesse tentando segurá-la.

– Tem bruxos malvados aqui! – guinchou ela nervosa, ao se curvar para a frente e se esforçar para correr. – Gente voando... lá no alto! Winky está saindo do caminho!

E desapareceu entre as árvores do outro lado da via, ofegando e guinchando enquanto lutava com a força que a retinha.

– Que é que há com ela? – perguntou Rony, acompanhando-a com o olhar, curioso. – Por que ela não consegue correr direito?

– Aposto como não pediu permissão para se esconder – disse Harry. Estava se lembrando de Dobby: todas as vezes que tentava fazer alguma coisa que os Malfoy não gostariam, era forçado a bater em si mesmo.

– Sabem, os elfos domésticos têm uma vida *duríssima*! – disse Hermione indignada. – É escravidão, isso é que é! Aquele Sr. Crouch fez Winky subir até o topo do estádio, e ela estava aterrorizada, e enfeitiçou ela dessa maneira para que nem possa correr quando eles começam a pisotear barracas! Por que ninguém *faz* nada para acabar com uma situação dessas?

– Ué, os elfos são felizes, não são? – admirou-se Rony. – Você ouviu a Winky durante a partida... "Elfos domésticos não devem se divertir"... é disso que ela gosta, que mandem nela...

– É gente como *você*, Rony – começou Hermione com veemência –, que sustenta sistemas podres e injustos, só porque são preguiçosos demais para...

Um novo estrondo ecoou na orla da floresta.

– Vamos continuar andando, vamos? – disse Rony, e Harry o viu olhar irritado para Hermione. Talvez fosse verdade o que Malfoy dissera; talvez Hermione *estivesse* em maior perigo do que eles. Recomeçaram a andar, Harry ainda revistando os bolsos, embora soubesse que a varinha não estava ali.

Os garotos seguiram o caminho que se aprofundava na floresta, atentos para avistarem Fred, Jorge e Gina. Passaram por um grupo de duendes que davam gargalhadas à vista de um saco de ouro que, sem dúvida, deviam ter ganhado apostando na partida, e que pareciam imperturbáveis diante da confusão no acampamento. Mais adiante, depararam com um trecho iluminado por uma luz prateada e, quando espiaram entre as árvores, viram três veelas altas e belas paradas em uma clareira e cercadas por um bando de jovens bruxos barulhentos, todos falando em altos brados.

– Ganho uns cem sacos de galeões por ano – gritava um. – Mato dragões para a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas.

– Mata nada – berrou seu amigo –, você lava pratos no Caldeirão Furado...

mas eu sou caçador de vampiros, já matei uns noventa até agora...

Um terceiro bruxo, cujas espinhas eram visíveis até a luz fraca e prateada das veelas, entrou nesse instante na conversa:

– Eu estou às vésperas de me tornar o ministro da Magia mais novo de todos os tempos.

Harry deu risadinhas abafadas. Reconheceu o bruxo espinhento; o nome dele era Stanislau Shunpike, e era, na realidade, condutor do Nôitibus Andante.

Ele se virou para dizer isso a Rony, mas o rosto do amigo se afrouxara estranhamente e no segundo seguinte Rony estava gritando:

– Eu já disse a vocês que inventei uma vassoura que pode chegar a Júpiter?

– *Francamente!* – tornou a exclamar Hermione, e ela e Harry agarraram Rony pelos braços com firmeza, viraram-no e saíram andando com ele. Quando a algazarra das veelas com seus admiradores se tornou completamente inaudível, os três já estavam no coração da floresta. Pareciam estar sozinhos agora; tudo estava muito mais quieto.

Harry espiou para os lados.

– Acho que podemos esperar aqui, sabe, dá para ouvir uma pessoa chegando a mais de um quilômetro.

Nem bem ele dissera essas palavras, Ludo Bagman saiu de trás de uma árvore um pouco adiante.

Mesmo à luz fraca das duas varinhas, Harry viu que uma grande mudança se operara em Bagman. Ele já não parecia displicente e rosado; não havia mais elasticidade em seu andar. Parecia muito pálido e cansado.

– Quem está aí? – perguntou o bruxo, piscando os olhos, tentando distinguir os rostos dos garotos. – Que é que vocês estão fazendo aqui sozinhos?

Eles se entreolharam surpresos.

– Bem... está acontecendo um tumulto – disse Rony.

Bagman arregalou os olhos para ele.

– Quê?

– No acampamento... umas pessoas agarraram uma família de trouxas...

Bagman praguejou em voz alta.

– Desgraçados! – Ele pareceu ficar muito perturbado e, sem dizer mais nada, desaparatou com um pequeno estalo.

– Não anda muito bem informado o Sr. Bagman, não é? – comentou Hermione franzindo a testa.

– Mas ele foi um grande batedor – disse Rony e, adiantando-se aos amigos, rumou para uma pequena clareira e se sentou em um trecho de grama seca ao pé de uma árvore. – Os Wimbourne Wasps foram campeões três vezes seguidas quando ele fazia parte do time.

Tirou, então, a pequena estátua de Krum do bolso, colocou-a no chão e ficou por instantes observando-a andar. Igualzinho ao Krum verdadeiro, o modelo andava com os pés para fora e tinha os ombros caídos, bem menos impressionante andando feito pato do que montado na vassoura. Harry escutou com atenção se vinha algum barulho do acampamento. Tudo parecia silencioso; talvez o tumulto tivesse acabado.

– Espero que os outros estejam bem – disse Hermione depois de algum tempo.

– Estão – disse Rony.

– Imagine se o seu pai apanhar o Lúcio Malfoy – disse Harry sentando-se ao lado de Rony para observar a estatueta de Krum andando por cima das folhas secas. – Ele vive dizendo que gostaria de ter alguma coisa contra o Malfoy.

– Isso ia apagar aquele risinho na cara do nosso amigo Draco, ah, ia – disse Rony.

– Mas, e os coitados daqueles trouxas – lamentou Hermione nervosa. – E se não conseguirem trazer eles de volta ao chão?

– Vão conseguir – Rony tranquilizou a amiga –, vão arranjar um jeito.

– Mas é uma loucura fazer uma coisa daquelas com o Ministério da Magia em peso aqui hoje! Quero dizer, como é que eles esperam se safar? Vocês acham que eles andaram bebendo ou só...

Mas Hermione parou de falar abruptamente e espiou por cima do ombro. Harry e Rony também se viraram depressa. Parecia que alguém estava cambaleando em direção à clareira em que se encontravam. Eles esperaram, prestando atenção ao ruído dos passos desiguais por trás das árvores escuras. Mas os passos pararam repentinamente.

– Alôô? – chamou Harry.

Silêncio. Harry se levantou e espiou atrás da árvore. Estava escuro para ver muito longe, mas ele sentia que havia alguém logo além do seu campo de visão.

– Quem está aí? – perguntou.

E então, sem aviso, o silêncio foi rompido por uma voz diferente de todas que tinham ouvido antes; e ela não soltou um grito, mas algo que lembrava um feitiço.

– *MORSMORDRE!*

E uma coisa enorme, verde e brilhante, irrompeu do lugar escuro que os olhos de Harry se esforçaram para penetrar: e voou para o topo das árvores e para o céu.

– Que m...? – exclamou Rony, ficando em pé de um salto e arregalando os olhos para a coisa que aparecera.

Por uma fração de segundo, Harry pensou que fosse outra formação de duendes irlandeses. Depois percebeu que era um crânio colossal, aparentemente

composto por estrelas de esmeralda e uma cobra saindo da boca como uma língua. Enquanto olhavam, o crânio foi subindo cada vez mais alto, envolto em uma névoa de fumaça esverdeada, recortando-se contra o céu noturno como uma nova constelação.

De repente, toda a floresta ao redor deles explodiu em gritos. Harry não entendeu o motivo, mas o único possível era a súbita aparição do crânio, que agora estava alto o suficiente para iluminar toda a floresta, como um letreiro macabro de néon. Ele esquadrinhou a escuridão à procura da pessoa que conjurara o crânio, mas não conseguiu ver ninguém.

– Quem está aí? – chamou ele mais uma vez.

– Harry, vamos, *anda*! – Hermione agarrou-o pelas costas da jaqueta e o puxou para trás.

– Que foi? – perguntou Harry, espantado de ver a cara da amiga tão branca e aterrorizada.

– É a Marca Negra, Harry! – gemeu Hermione, puxando-o com toda a força que podia. – O sinal do Você-Sabe-Quem!

– *Do Voldemort...?*

– Harry, anda *logo*!

Harry se virou – Rony estava recolhendo depressa a miniatura de Krum –, os três começaram a atravessar a clareira – mas antes que conseguissem dar mais de cem passos, uma série de estalos anunciaram a chegada de vinte bruxos, saídos do nada, a toda volta.

Harry se virou e numa fração de segundo registrou um fato: cada um dos bruxos puxara a varinha, e cada varinha estava apontada para ele, Rony e Hermione. Sem parar para pensar, berrou:

– ABAIXA! – Ele agarrou os dois amigos e puxou-os para o chão.

– *ESTUPEFAÇA!* – berraram vinte vozes desencadeando uma série de lampejos, e Harry sentiu seus cabelos ondularem como se um vento poderoso tivesse varrido a clareira. Ao erguer a cabeça um centimetrozinho, ele viu jorros de luz flamejante saírem das varinhas dos bruxos e sobrevoarem seus corpos, entrecruzando-se, ricocheteando nos troncos das árvores, saltando para a escuridão...

– Parem! – berrou uma voz que ele reconheceu. – PAREM! *É o meu filho!*

Os cabelos de Harry pararam de voar para todos os lados. Ele levantou a cabeça mais um pouquinho. O bruxo diante dele baixara a varinha. O garoto rolou o corpo e viu o Sr. Weasley vindo em direção ao ajuntamento, com uma expressão aterrorizada no rosto.

– Rony, Harry... – sua voz tremia – ... Hermione, vocês estão bem?

– Saia do caminho, Arthur – disse uma voz fria e ríspida.

Era o Sr. Crouch. Ele e os outros bruxos do Ministério fechavam o cerco em torno dos garotos. Harry levantou-se para encará-los. O rosto do Sr. Crouch estava tenso de cólera.

– Qual de vocês fez aquilo? – perguntou aborrecido, seus olhos penetrantes indo de um garoto para o outro. – Qual de vocês conjurou a Marca Negra?

– Nós não conjuramos aquilo! – respondeu Harry apontando o crânio.

– Nós não conjuramos nada! – disse Rony, que esfregava o cotovelo e olhava cheio de indignação para o pai. – Por que vocês quiseram nos atacar?

– Não minta, senhor! – gritou o Sr. Crouch. Sua varinha continuava apontada diretamente para Rony, e seus olhos saltavam das órbitas, parecia um tantinho maluco. – Vocês foram encontrados na cena do crime!

– Bartô – murmurou uma bruxa trajando um longo penhoar de lã –, eles são meninos, Bartô, nunca teriam capacidade para...

– De onde saiu a marca? Respondam vocês três – mandou o Sr. Weasley depressa.

– Dali – respondeu Hermione trêmula, apontando para o ponto em que tinham ouvido a voz –, havia alguém atrás das árvores... gritou umas palavras, uma fórmula mágica...

– Ah, havia gente parada ali, é mesmo? – disse o Sr. Crouch, virando seus olhos saltados para Hermione, a incredulidade estampada por todo o rosto. – Disseram uma fórmula mágica, não foi? A senhorita parece muito bem informada sobre as palavras que conjuram a Marca, senhorita...

Mas nenhum dos bruxos do Ministério, exceto o Sr. Crouch, achou nem remotamente provável que Harry, Rony e Hermione tivessem conjurado o crânio; muito ao contrário, ao ouvirem as palavras de Hermione voltaram a erguer e apontar as varinhas na direção que ela indicara, procurando ver entre as árvores escuras.

– Tarde demais – disse a bruxa de penhoar de lã, sacudindo a cabeça. – Já devem ter desaparatado.

– Acho que não – disse um bruxo com uma barba curta e castanha. Era Amos Diggory, o pai de Cedrico. – Os nossos raios passaram direto por aquelas árvores... há uma boa chance de os termos atingido...

– Amos, cuidado! – disseram alguns bruxos em tom de alerta, quando o Sr. Diggory aprumou os ombros, ergueu a varinha, atravessou a clareira e desapareceu na escuridão. Hermione observou-o sumir, levando as mãos à boca.

Alguns segundos depois, eles ouviram o Sr. Diggory gritar:

– Acertamos, sim! Tem alguém aqui! Inconsciente! É... mas... caramba...

– Você pegou alguém? – gritou o Sr. Crouch, parecendo muitíssimo incrédulo. – Quem? Quem é?

Eles ouviram gravetos se partirem, folhas farfalharem e, por fim, passos quando o Sr. Diggory reapareceu por trás das árvores. Trazia uma figura minúscula e inerte nos braços. Harry reconheceu a toalha de chá na mesma hora. Era Winky.

O Sr. Crouch não se mexeu nem falou enquanto o Sr. Diggory depositava o elfo do Sr. Crouch no chão aos seus pés. Todos os bruxos do Ministério se viraram para o Sr. Crouch. Durante alguns segundos o bruxo permaneceu paralisado, os olhos ardendo no rosto branco, olhando para Winky. Então, ela pareceu voltar à vida.

– Isto... não pode... ser – disse ele aos arrancos. – Não...

Contornou rápido o Sr. Diggory e saiu em direção ao lugar em que o bruxo encontrara Winky.

– Não adianta, Sr. Crouch – gritou Diggory para ele. – Não há mais ninguém aí.

Mas o Sr. Crouch não parecia disposto a aceitar sua palavra. Eles o ouviram andar por todo o lado, as folhas rumorejarem ao serem afastadas para os lados, na busca.

– Meio embaraçoso – disse o Sr. Diggory sombriamente, contemplando o corpo inconsciente de Winky. – O elfo doméstico de Bartô Crouch... quero dizer...

– Pode parar, Amos – disse o Sr. Weasley baixinho. – Você não acredita seriamente que foi o elfo? A Marca Negra é um sinal de bruxo. Exige uma varinha.

– É – disse o Sr. Diggory –, e havia uma varinha.

– *Quê?* – exclamou o Sr. Weasley.

– Olhe aqui. – O Sr. Diggory ergueu uma varinha e mostrou-a ao Sr. Weasley. – Estava na mão dela. Então, para começar, violação da Cláusula 3 do Código para o Uso de Varinhas. *Nenhuma criatura não humana tem permissão para portar ou usar uma varinha*.

Nesse instante ouviu-se mais um estalo e Ludo Bagman aparatou bem ao lado do Sr. Weasley. Parecendo sem fôlego e desorientado, ele girou no mesmo lugar, com os olhos cravados no crânio verde-esmeralda no céu.

– A Marca Negra! – ofegou ele, quase pisoteando Winky ao se virar, intrigado, para os colegas. – Quem fez isso? Vocês apanharam quem fez? Bartô! Que é que está acontecendo?

O Sr. Crouch voltara de mãos vazias. Seu rosto continuava branco como o de um fantasma e torcia tanto o bigode em escovinha quanto as mãos.

– Onde é que você andou, Bartô? – perguntou Bagman. – Por que é que você não assistiu à partida? E o seu elfo ficou guardando uma cadeira para você...

Gárgulas vorazes! – Bagman acabara de notar Winky caída aos seus pés. – Que foi que aconteceu com *ela*?

– Estive ocupado, Ludo – disse o Sr. Crouch, ainda falando aos arrancos como antes, e mal movendo os lábios. – E o meu elfo foi estuporado.

– Estuporado? Por gente nossa você quer dizer? Mas por quê...?

De repente o rosto redondo e reluzente de Bagman revelou ter compreendido; ele ergueu os olhos para o crânio, baixou-os para Winky e, em seguida, ergueu-os para o Sr. Crouch.

– *Não!* – exclamou ele. – Winky? Conjurou a Marca Negra? Ela não saberia fazer isso! Para começar precisaria de uma varinha!

– E tinha uma – disse o Sr. Diggory. – Encontrei-a segurando uma, Ludo. Se o senhor não se opõe, Sr. Crouch, acho que devíamos ouvir o que ela tem a dizer em sua defesa.

Crouch não deu sinal de ter ouvido o Sr. Diggory, mas este pareceu tomar o silêncio do outro por concordância. Ergueu a varinha e apontando-a para Winky disse:

– *Enervate!*

Winky mexeu-se fracamente. Seus grandes olhos castanhos se abriram e ela piscou várias vezes de um jeito meio abobado. Observada pelos bruxos em silêncio, ergueu o tronco aos poucos e se sentou. Avistou, então, os pés do Sr. Diggory e lentamente, tremulamente, ergueu os olhos para fixar seu rosto; então, mais lentamente ainda, olhou para o céu. Harry viu o crânio flutuante refletir-se duas vezes em seus enormes olhos vidrados. Ela soltou uma exclamação, olhou a clareira em volta, agitada, e irrompeu em soluços aterrorizados.

– Elfo! – disse o Sr. Diggory severamente. – Você sabe quem eu sou? Sou do Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas!

Winky começou a se balançar no chão para a frente e para trás, a respiração saindo em fortes arquejos. Harry teve que se lembrar de Dobby em seus momentos de aterrorizada desobediência.

– Como você está vendo, elfo, a Marca Negra foi conjurada aqui há alguns instantes – disse o bruxo. – E você foi descoberta, pouco depois, logo embaixo dela! Sua explicação, por favor!

– Eu... eu... eu não estou fazendo isso, meu senhor! – Winky ofegou. – Eu não estou sabendo, meu senhor!

– Você foi encontrada com uma varinha na mão! – vociferou o Sr. Diggory, brandindo a varinha diante dela. E quando a varinha refletiu a luz verde, vinda do crânio no alto, que inundava a clareira, Harry a reconheceu.

– Ei... é minha! – disse.

Todos na clareira olharam para o garoto.

– Perdão? – disse o Sr. Diggory incrédulo.
– É a minha varinha! – repetiu Harry. – Deixei-a cair!
– Deixou-a cair? – repetiu o bruxo incrédulo. – Isto é uma confissão? Você se desfez dela depois de conjurar a Marca?
– Amos, lembre-se de com quem está falando! – disse o Sr. Weasley, muito zangado. – Acha provável que *Harry Potter* conjure a Marca Negra?
– Hum... claro que não – murmurou o Sr. Diggory. – Desculpem... me empolguei...
– Em todo o caso, não a deixei cair lá – disse Harry, indicando com o polegar as árvores debaixo do crânio. – Dei por falta dela logo depois que entramos na floresta.
– Então – disse o Sr. Diggory, seu olhar endurecendo ao se virar novamente para Winky que se encolhia aos seus pés. – Você encontrou a varinha, não foi, elfo? E você a apanhou e pensou em se divertir com ela, é isso?
– Eu não estava fazendo mágica com ela, meu senhor! – guinchou Winky, as lágrimas correndo pelos lados do nariz achatado e grande. – Eu estava... eu estava... eu estava só apanhando ela, meu senhor! Eu não estava fazendo a Marca Negra, meu senhor, eu não sei fazer!
– Não foi ela! – afirmou Hermione. Ela parecia muito nervosa, dizendo o que pensava diante de todos aqueles bruxos do Ministério, mas, ainda assim, decidida. – Winky tem uma vozinha esganiçada e a voz que ouvimos dizer a fórmula era muito mais grave! – Ela olhou para os lados à procura de Harry e Rony, à procura de apoio. – Não parecia nada com a voz da Winky, parecia?
– Não – confirmou Harry, sacudindo a cabeça. – Decididamente não parecia voz de elfo.
– É, era uma voz humana – disse Rony.
– Bem, logo veremos – rosnou o Sr. Diggory, sem parecer se impressionar. – Há uma maneira simples de descobrir o último feitiço que a varinha realizou, você sabia, elfo?
Winky estremeceu e sacudiu a cabeça freneticamente, as orelhas abanando, quando o Sr. Diggory ergueu a própria varinha e encostou-a, ponta com ponta, na de Harry.
– *Prior Incantato!* – rugiu o Sr. Diggory.
Harry ouviu Hermione prender a respiração horrorizada, quando um crânio com uma enorme língua de cobra surgiu no ponto em que as duas varinhas se tocavam, mas era uma mera sombra do crânio verde no alto, parecia até feito de uma espessa fumaça cinzenta: o fantasma de um feitiço.
– *Deletrius!* – bradou o Sr. Diggory, e o crânio difuso desapareceu transformado em um fiapo de fumaça.

“Então”, disse o Sr. Diggory com um tom de furioso triunfo, fixando Winky, que continuava a tremer convulsivamente.

– Eu não estava fazendo isso! – guinchou o elfo, seus olhos revirando aterrorizados. – Eu não estava, eu não estava, eu não sei fazer!

– *Você foi apanhada com a mão na botija, elfo!* – rugiu o Sr. Diggory. – *Apanhada com a mão na varinha culpada!*

– Amos – disse o Sr. Weasley em voz alta –, pense um pouco... pouquíssimos bruxos sabem fazer esse feitiço... onde ela o teria aprendido?

– Talvez Amos esteja insinuando – disse o Sr. Crouch, a fúria reprimida em cada sílaba – que eu rotineiramente ensino meus criados a conjurarem a Marca Negra?

Seguiu-se um silêncio profundamente desagradável.

Amos Diggory pareceu horrorizado.

– Sr. Crouch... de... de jeito nenhum...

– Você agora já chegou quase a denunciar as duas pessoas nesta clareira que *menos* provavelmente conjurariam aquela Marca! – vociferou o Sr. Crouch. – Harry Potter... e eu! Suponho que você conheça a história do garoto, Amos?

– Claro, todos conhecem... – murmurou o Sr. Diggory, parecendo extremamente sem graça.

– E espero que se lembre das muitas provas que tenho dado, durante a minha longa carreira, de que desprezo e detesto as Artes das Trevas e aqueles que a praticam – gritou o Sr. Crouch, os olhos saltando das órbitas outra vez.

– Sr. Crouch, eu... eu nunca insinuei que o senhor tenha alguma coisa a ver com isso! – murmurou Amos Diggory, agora corando por baixo da barba castanha e curta.

– Se você acusa o meu elfo, você acusa a mim, Diggory! Onde mais ela teria aprendido a conjurar a Marca?

– Ela... ela poderia ter aprendido em qualquer lugar...

– Precisamente, Amos – disse o Sr. Weasley. – *Ela poderia ter aprendido em qualquer lugar*... Winky? – disse ele bondosamente, virando-se para o elfo, que se encolheu como se este bruxo também estivesse gritando com ela. – Onde foi exatamente que você encontrou a varinha de Harry?

Winky estava torcendo a barra da toalha de chá com tanta violência que o pano se esfiapava entre seus dedos.

– Eu... eu estava encontrando... encontrando ela lá, meu senhor... – murmurou ela – lá... no meio das árvores...

– Está vendo, Amos? – disse o Sr. Weasley. – Quem quer que tenha conjurado a Marca poderia ter desaparatado logo em seguida, deixando a varinha de Harry para trás. Uma ideia inteligente, não ter usado a própria varinha, que poderia tê-

lo denunciado. E Winky aqui teve a infelicidade de encontrar a varinha momentos depois e de apanhá-la.

– Mas, então, ela deve ter estado a poucos passos do verdadeiro responsável! – disse o Sr. Diggory com impaciência. – Elfo? Você viu alguém?

Winky começou a tremer mais que nunca. Seus olhos imensos piscaram indo do Sr. Diggory para Ludo Bagman e dele para o Sr. Crouch.

Então ela engoliu em seco e disse:

– Eu não estava vendo ninguém... ninguém...

– Amos – disse o Sr. Crouch secamente –, estou muito consciente de que normalmente você iria querer levar Winky para interrogatório no seu departamento. Mas vou-lhe pedir que me deixe cuidar dela.

O Sr. Diggory fez cara de quem não achava a sugestão muito boa, mas ficou claro para Harry que o Sr. Crouch era um funcionário tão importante no Ministério que o outro não se atreveria a recusar o pedido.

– Pode ficar tranquilo de que ela será castigada – acrescentou o Sr. Crouch friamente.

– M-m-meu senhor... – gaguejou Winky, olhando para o Sr. Crouch, seus olhos rasos de lágrimas. – M-m-meu senhor, p-p-por favor...

O Sr. Crouch encarou o elfo, seu rosto ainda mais agressivo, cada ruga nele profundamente marcada. Não havia piedade em seu olhar.

– Esta noite Winky se portou de uma forma que eu não teria imaginado possível – disse ele lentamente. – Eu a mandei permanecer na barraca. Mandei-a permanecer ali enquanto eu ia resolver o problema. E descubro que ela me desobedeceu. *Isto significa roupas*.

– Não! – berrou Winky, prostrando-se aos pés do Sr. Crouch. – Não, meu senhor! Roupas não, roupas não!

Harry sabia que a única maneira de libertar um elfo doméstico era presenteá-lo com roupas decentes. Era penoso ver como Winky se agarrava à sua toalha de chá enquanto soluçava sobre os sapatos do Sr. Crouch.

– Mas ela estava assustada! – explodiu Hermione aborrecida, encarando o Sr. Crouch. – O seu elfo tem pavor de alturas, e aqueles bruxos estavam fazendo as pessoas levitarem! O senhor não pode culpá-la por ter querido sair de perto!

O Sr. Crouch deu um passo atrás, desvencilhando-se do contato com o elfo, a quem ele examinava como se fosse algo imundo e podre que contaminava seus sapatos muito bem engraxados.

– Não preciso de um elfo doméstico que me desobedeça – disse ele friamente, erguendo os olhos para Hermione. – Não preciso de uma criada que esquece o que deve ao seu senhor e à reputação do seu senhor.

Winky chorava tanto que seus soluços ecoavam pela clareira.

Seguiu-se um silêncio desagradável, que foi interrompido pelo Sr. Weasley, ao dizer baixinho:

– Bom, acho que vou levar o meu pessoal de volta à barraca, se ninguém tiver objeções a fazer. Amos, a varinha já nos informou tudo que pôde, se Harry puder levá-la, por favor...

O Sr. Diggory entregou a varinha a Harry e ele a embolsou.

– Vamos, vocês três – disse o Sr. Weasley em voz baixa. Mas Hermione não parecia querer arredar pé; seus olhos ainda miravam o elfo soluçante. – Hermione! – chamou o Sr. Weasley com mais urgência. Ela se virou e acompanhou Harry e Rony para fora da clareira, embrenhando-se entre as árvores.

– Que é que vai acontecer com Winky? – perguntou ela no instante em que deixaram a clareira.

– Não sei – respondeu o Sr. Weasley.

– O jeito como a trataram! – disse Hermione, furiosa. – O Sr. Diggory chamando-a de “elfo” o tempo todo... e o Sr. Crouch! Ele sabe que não foi ela e ainda assim vai despedir Winky! Não se importou que ela tivesse sentido medo nem que estivesse perturbada, era como se ela nem fosse humana!

– E ela não é – disse Rony.

Hermione se voltou contra ele.

– Isso não significa que não tenha sentimentos, Rony, é repugnante o jeito...

– Hermione, eu concordo com você – disse o Sr. Weasley depressa, fazendo sinal para a garota continuar andando –, mas agora não é hora de discutir os direitos dos elfos. Quero voltar à barraca o mais depressa que pudermos. Que aconteceu aos outros?

– Nós os perdemos no escuro – disse Rony. – Papai, por que todo mundo estava tão nervoso com aquele crânio?

– Eu explico tudo quando estivermos na barraca – prometeu ele, tenso.

Mas quando alcançaram a orla da floresta, depararam com um obstáculo.

Havia ali uma aglomeração de bruxas e bruxos assustados, e, quando viram o Sr. Weasley caminhando em sua direção, muitos foram ao seu encontro.

– Que é que está acontecendo na floresta?

– Quem conjurou aquilo?

– Arthur, não é... *ele*?

– Claro que não é ele – disse o Sr. Weasley impaciente. – Não sabemos quem foi, parece que desaparatou. Agora, me deem licença, por favor, quero ir me deitar.

Ele passou com Harry, Rony e Hermione pela aglomeração e voltou ao acampamento. Tudo estava silencioso agora; não havia sinal de bruxos

mascarados, embora várias barracas destruídas ainda fumegassem.
Carlinhos meteu a cabeça pela abertura da barraca dos garotos.
– Papai, que é que está acontecendo? – perguntou ele no escuro. – Fred, Jorge e Gina já voltaram, mas os outros...
– Estão aqui comigo – respondeu o Sr. Weasley, se abaixando pra entrar na barraca. Harry, Rony e Hermione entraram atrás dele.
Gui estava sentado à pequena mesa da cozinha, apertando um braço com um lençol, que sangrava profusamente. Carlinhos tinha um rasgão na camisa e Percy ostentava um nariz ensanguentado. Fred, Jorge e Gina pareciam ilesos, embora abalados.
– Pegou ele, papai? – perguntou Gui bruscamente. – A pessoa que conjurou a Marca?
– Não. Encontramos o elfo de Bartô Crouch segurando a varinha de Harry, mas não ficamos sabendo quem realmente conjurou a Marca.
– *Quê?* – exclamaram Gui, Carlinhos e Percy, juntos.
– A varinha de Harry? – disse Fred.
– *O elfo do Sr. Crouch?* – disse Percy, parecendo estupefato.
Com alguma ajuda de Harry, Rony e Hermione, o Sr. Weasley explicou o que acontecera na floresta. Quando terminaram a história, Percy encheu-se de indignação.
– Ora, o Sr. Crouch tem toda razão em querer se livrar de um elfo desses! – exclamou ele. – Fugir desse jeito depois que ele o mandou expressamente fazer o contrário... envergonhando o dono diante de todo o Ministério... que iria parecer se ele tivesse que comparecer no Departamento para Regulamentação e Controle...
– Ela não fez nada, só estava no lugar errado na hora errada! – disse bruscamente Hermione a Percy, que ficou muito espantado. Hermione sempre se dera muito bem com ele, melhor até que qualquer dos outros.
– Hermione, um bruxo na posição do Sr. Crouch não pode se dar ao luxo de ter um elfo doméstico que endoida com uma varinha na mão! – disse Percy, pomposamente, recuperando-se do espanto.
– Ela não ficou maluca! – gritou Hermione. – Ela só apanhou a varinha no chão!
– Olha aqui, será que alguém pode explicar o que significava aquele crânio? – perguntou Rony impaciente. – Não estava fazendo mal a ninguém... por que esse escândalo todo?
– Eu já lhe disse, é o símbolo do Você-Sabe-Quem, Rony – disse Hermione, antes que mais alguém pudesse responder. – Li sobre ele em *Ascensão e queda das artes das trevas*.

– E não é visto há treze anos – acrescentou o Sr. Weasley em voz baixa. – É claro que as pessoas entraram em pânico... foi quase o mesmo que rever Você-Sabe-Quem.

– Não estou entendendo – disse Rony, franzindo a testa. – Quero dizer... é apenas uma forma no céu...

– Rony, Você-Sabe-Quem e seus seguidores projetavam a Marca Negra no céu sempre que matavam alguém – disse o Sr. Weasley. – O terror que isso inspirava... você não faz ideia, era muito criança. Mas imagine a pessoa chegar em casa e encontrar a Marca Negra pairando sobre ela, sabendo o que vai encontrar lá dentro... – O Sr. Weasley fez uma careta. – O que todos temem mais... temem mais do que tudo...

Houve um silêncio momentâneo.

Então Gui, levantando o lençol do braço para verificar o corte, disse:

– Bem, não fez nenhum bem à gente esta noite, quem quer que tenha conjurado aquilo. A Marca Negra afugentou os Comensais da Morte no momento em que a viram. Todos desaparataram antes que chegássemos bastante próximos para arrancar a máscara deles. Aliás, seguramos os Roberts antes que atingissem o chão. A memória deles está sendo alterada.

– Comensais da Morte? – perguntou Harry. – Que são Comensais da Morte?

– É o nome que os seguidores de Você-Sabe-Quem davam a si mesmos. Acho que vimos o que restou deles hoje à noite, pelo menos os que conseguiram ficar fora de Azkaban.

– Não podemos provar que eram eles, Gui – disse o Sr. Weasley. – Embora provavelmente tenham sido – acrescentou desanimado.

– É, aposto que eram! – disse Rony repentinamente. – Papai, encontramos Draco Malfoy na floresta, e ele praticamente nos disse que o pai dele era um dos idiotas mascarados! E todos sabemos que os Malfoy eram íntimos de Você-Sabe-Quem!

– Mas o que é que os seguidores de Voldemort... – começou Harry. Todos se encolheram, como a maioria das pessoas no mundo dos bruxos, os Weasley sempre evitavam dizer o nome de Voldemort. – Desculpem – disse Harry depressa. – Mas o que é que os seguidores de Você-Sabe-Quem pretendiam fazendo aqueles trouxas levitar? Quero dizer, qual era o objetivo?

– O objetivo? – disse o Sr. Weasley com uma risada desanimada. – Harry, essa é a ideia que fazem de uma brincadeira. Metade das mortes de trouxas quando Você-Sabe-Quem estava no poder foi feita de brincadeira. Imagino que eles tenham tomado uns drinques esta noite e não puderam resistir ao impulso de nos lembrar que um grande número deles continua em liberdade. Uma reuniãozinha simpática – terminou ele desgostoso.

– Mas se eles *eram* realmente os Comensais da Morte, por que desaparataram quando viram a Marca Negra? – perguntou Rony. – Deveriam ter ficado felizes de ver a Marca, não?

– Usa os miolos, Rony – disse Gui. – Se eles eram realmente os Comensais da Morte, se viraram de todo o jeito para não serem mandados para Azkaban quando Você-Sabe-Quem perdeu o poder, e contaram um monte de mentiras de que ele os forçara a matar e torturar gente. Aposto como sentiriam ainda mais medo do que nós ao ver que ele estava voltando. Negaram que estivessem metidos com Você-Sabe-Quem quando ele perdeu o poder e voltaram às suas vidinhas de sempre... acho que o Lorde não ficaria muito satisfeito de ver essa gente, não é mesmo?

– Então... quem conjurou a Marca Negra... – disse Hermione lentamente – estava fazendo isso para manifestar apoio ou amedrontar os Comensais da Morte?

– O seu palpite vale tanto quanto o meu, Hermione – disse o Sr. Weasley –, mas vou-lhe dizer uma coisa... somente os Comensais eram capazes de conjurar a Marca. Eu ficaria muito surpreso se a pessoa que a conjurou não tivesse sido um dia Comensal da Morte, mesmo que não o seja agora... Olhem, é muito tarde, e se sua mãe ouvir falar do que aconteceu vai morrer de preocupação. Vamos dormir mais um pouco e depois tentar pegar um portal bem cedo para sair daqui.

Harry voltou ao seu beliche com a cabeça zunindo. Sabia que devia estar se sentindo exausto; eram quase três horas da manhã, mas estava completamente acordado – completamente acordado e preocupado.

Há três dias – parecia muito mais, mas só tinham sido três dias – acordara com a cicatriz ardendo. E esta noite, pela primeira vez em treze anos, a Marca de Lorde Voldemort tinha aparecido no céu. Que significavam essas coisas?

Ele pensou na carta que escrevera a Sirius antes de deixar a rua dos Alfeneiros. Será que o padrinho já a recebera? Quando iria mandar resposta? Harry ficou contemplando a lona, mas não lhe ocorreu nenhum devaneio em que voasse para ajudá-lo a adormecer e somente muito tempo depois, quando os roncos de Carlinhos encheram a barraca, foi que o garoto finalmente adormeceu.

— CAPÍTULO DEZ —

Caos no Ministério

O Sr. Weasley acordou os garotos após algumas horas de sono. Usou magia para fechar e dobrar as barracas, e o grupo deixou o acampamento o mais depressa que pôde, passando pelo Sr. Roberts à porta da casa. O homem tinha um estranho olhar vidrado e acenou se despedindo com um vago “Feliz Natal”.

– Ele vai ficar bom – disse o Sr. Weasley baixinho, quando começaram a atravessar a charneca. – Às vezes, quando a memória de uma pessoa é alterada, ela fica um pouco desorientada durante algum tempo... e precisaram fazê-lo esquecer muita coisa.

Eles ouviram vozes ansiosas quando se aproximaram do lugar onde estava a Chave de Portal e, ao chegarem, encontraram numerosos bruxos e bruxas reunidos em torno de Basílio, o guardador das Chaves de Portais, todos exigindo, em altos brados, partir do acampamento o mais rápido possível. O Sr. Weasley teve uma discussão com Basílio; eles entraram na fila e conseguiram tomar um velho pneu de volta ao monte Stoatshead antes do sol realmente nascer. Voltaram caminhando por dentro de Ottery St. Catchpole, em direção à Toca, à claridade da alvorada, falando muito pouco porque estavam demasiado exaustos e ansiosos pelo café da manhã que iriam tomar. Ao virarem para a estrada de casa e avistarem A Toca, um grito ecoou pela estrada úmida.

– Ah, graças a Deus, graças a Deus!

A Sra. Weasley, que evidentemente estivera à espera diante da casa, veio correndo ao encontro deles, ainda usando chinelos, o rosto pálido e tenso, um exemplar amassado do *Profeta Diário* amarrotado na mão.

– Arthur... eu estava tão preocupada... *tão preocupada*...

Ela se atirou ao pescoço do marido e o *Profeta Diário* caiu de sua mão frouxa no chão. Baixando os olhos, Harry leu a manchete: CENAS DE TERROR NA COPA MUNDIAL DE QUADRIBOL, completa com uma foto em preto e

branco da Marca Negra cintilando sobre as copas das árvores.

– Vocês estão bem – murmurou a Sra. Weasley distraída, largando o marido e olhando para os garotos com os olhos vermelhos –, vocês estão vivos... ah, *meninos*...

E para surpresa de todos, agarrou Fred e Jorge e puxou os dois para um abraço tão apertado que as cabeças dos garotos se chocaram.

– *Ai!* Mamãe, você está estrangulando a gente...

– Gritei com vocês antes de irem embora! – disse a mãe, começando a soluçar. – É só nisso que estive pensando! E se Você-Sabe-Quem tivesse pegado vocês, e a última coisa que disse aos dois foi que não obtiveram suficientes N.O.M.s? Ah, Fred... Jorge...

– Ora vamos, Molly, estamos todos perfeitamente bem – disse o Sr. Weasley acalmando-a, desvencilhando-a dos gêmeos e levando-a em direção à casa. – Gui – murmurou ele em voz mais baixa –, apanhe esse jornal, quero ver o que diz...

Quando já estavam todos apertados na pequena cozinha e Hermione preparara uma xícara de chá forte para a Sra. Weasley, no qual o marido insistira em acrescentar uma dose de uísque, Gui entregou o jornal ao pai. O Sr. Weasley examinou a primeira página enquanto Percy espiava por cima do seu ombro.

– Eu sabia – disse o Sr. Weasley deprimido. – *Ministério erra... responsáveis livres... segurança ineficaz... bruxos das trevas correm desenfreados... desgraça nacional*... Quem escreveu isso? Ah... só podia ser... Rita Skeeter.

– Essa mulher vive implicando com o Ministério da Magia! – reclamou Percy, furioso. – Semana passada ela disse que estávamos perdendo tempo discutindo a espessura dos caldeirões, quando devíamos estar acabando com os vampiros! Como se isso não estivesse *explícito* no parágrafo doze das *Diretrizes para o Tratamento dos Semi-Humanos Não Bruxos*...

– Faz um favor à gente, Percy – disse Gui bocejando –, cala a boca.

– Falaram de mim – disse o Sr. Weasley, arregalando os olhos por trás dos óculos ao chegar ao fim do artigo no *Profeta Diário*.

– Onde? – perguntou num atropelo a Sra. Weasley, engasgando-se com o chá batizado com uísque. – Se eu tivesse visto isso, saberia que você estava vivo!

– Não dizem o meu nome – explicou o Sr. Weasley. – Escute só isso:

Se os bruxos e as bruxas aterrorizados que prendiam a respiração à espera de notícias na orla da floresta queriam ouvir do Ministério da Magia uma palavra que os tranquilizasse foram lamentavelmente desapontados. Um funcionário do Ministério saiu da floresta uns minutos depois do aparecimento da Marca Negra, dizendo que não havia ninguém ferido, mas

recusando-se a dar maiores informações. Resta ver se tal declaração será suficiente para abafar os boatos de que vários corpos foram retirados da floresta uma hora mais tarde.

"Ah, francamente", disse o Sr. Weasley, exasperado, entregando o jornal a Percy. "Ninguém *ficou* ferido mesmo, que é que eu deveria dizer? *Boatos de que vários corpos foram retirados da floresta*... Ora, agora é que vai haver boatos depois de ela publicar isso."

Ele soltou um profundo suspiro.

– Molly, vou ter que ir ao escritório, isso vai dar um certo trabalho para consertar.

– Eu vou com você, pai – disse Percy cheio de importância. – O Sr. Crouch vai precisar de toda a tripulação a bordo. E aproveito para entregar a ele o meu relatório sobre os caldeirões, pessoalmente.

O rapaz saiu apressado da cozinha.

A Sra. Weasley pareceu muito aborrecida.

– Arthur, você está de férias! Isso não tem nada a ver com o seu trabalho, com certeza eles podem resolver o caso sem você, não?

– Tenho que ir, Molly – disse o Sr. Weasley. – Piorei as coisas com a minha declaração. Vou trocar de roupa um instante e vou...

– Sra. Weasley – disse Harry de repente, incapaz de se conter –, Edwiges não chegou com uma carta para mim?

– Edwiges, querido? – disse a Sra. Weasley distraída. – Não... não, não chegou nenhum correio.

Rony e Hermione olharam, curiosos, para Harry.

Com um olhar expressivo para ambos ele disse:

– Tudo bem se eu for deixar minhas coisas no seu quarto, Rony?

– Claro... acho que eu também vou – respondeu Rony na mesma hora. – Mione?

– Vou – disse ela depressa, e os três saíram decididos da cozinha e subiram as escadas.

– Que é que está acontecendo, Harry? – perguntou Rony, depois de fecharem a porta do sótão atrás deles.

– Tem uma coisa que não contei a vocês – disse Harry. – No domingo de manhã, acordei com a minha cicatriz doendo outra vez.

As reações de Rony e Hermione foram quase exatamente as que Harry imaginara em seu quarto na rua dos Alfeneiros. Hermione prendeu a respiração e começou a dar sugestões na mesma hora, mencionando vários livros de referência e diversas pessoas desde Alvo Dumbledore a Madame Pomfrey, a

enfermeira de Hogwarts.
Rony simplesmente fez cara de espanto.
– Mas ele não estava lá, estava? Você-Sabe-Quem? Quero dizer, da última vez que sua cicatriz ficou doendo, ele esteve em Hogwarts, não foi?
– Tenho certeza de que ele não estava na rua dos Alfeneiros – falou Harry. – Mas sonhei com ele... com ele e Pedro, sabe, Rabicho. Não me lembro do sonho todo agora, mas eles estavam planejando... matar alguém.
Hesitara por um momento quase dizendo “me matar”, mas não teve coragem de fazer Hermione ficar mais horrorizada do que já estava.
– Foi só um sonho – disse Rony tranquilizando o amigo. – Só um pesadelo.
– É, mas será que foi mesmo? – disse Harry, virando-se para espiar, pela janela, o céu que clareava. – É esquisito, não é... minha cicatriz dói e três dias depois os Comensais da Morte se manifestam e o sinal de Voldemort volta a aparecer no céu.
– Não... diz... o nome... dele! – sibilou Rony entre dentes.
– E lembra o que foi que a Profª Trelawney disse? – continuou Harry, sem dar atenção a Rony. – No fim do ano passado?
A Profª Trelawney era a professora de Adivinhação dos garotos em Hogwarts.
A expressão aterrorizada de Hermione desapareceu substituída por uma risadinha de desdém.
– Ah, Harry, você não vai prestar atenção ao que aquela velha charlatã diz, vai?
– Você não estava lá – respondeu Harry. – Dessa vez foi diferente. Eu contei a você, ela entrou em transe, de verdade. E disse que o Lorde das Trevas se reergueria... *maior e mais terrível que nunca*... e que teria sucesso porque seu servo ia voltar para ele... e naquela noite Rabicho fugiu.
Seguiu-se um silêncio, em que Rony ficou brincando distraidamente com um furo em sua colcha dos Chudley Cannons.
– Por que você estava perguntando se Edwiges tinha chegado, Harry? – perguntou Hermione. – Você está esperando uma carta?
– Contei ao Sirius sobre a minha cicatriz – disse Harry, encolhendo os ombros. – Estou esperando a resposta.
– Bem pensado! – exclamou Rony, desanuviando a expressão. – Aposto que Sirius sabe o que fazer!
– Eu esperava que ele me respondesse logo – disse Harry.
– Mas nós não sabemos onde Sirius está... talvez esteja na África ou em outro continente, não é? – ponderou Hermione. – Edwiges não poderia fazer uma viagem *dessas* em poucos dias.

– É, eu sei – disse Harry, mas teve uma sensação de peso no estômago ao olhar o céu sem nem sinal de Edwiges.

– Vamos jogar uma partida de quadribol no pomar, Harry – sugeriu Rony. – Vamos, uma melhor de três, Gui, Carlinhos, Fred e Jorge jogarão... você pode experimentar a Finta de Wronski...

– Rony – disse Hermione, num tom de quem diz eu não acho que você esteja sendo muito sensível –, Harry não quer jogar quadribol agora... está preocupado e cansado... nós todos precisamos ir dormir...

– Ah, quero jogar quadribol – disse Harry subitamente. – *Guenta* aí, vou pegar a minha Firebolt.

Hermione saiu do quarto resmungando alguma coisa com o som de "*Meninos*".

Nem o Sr. Weasley nem Percy pararam muito em casa na semana seguinte. Os dois saíam toda manhã antes do resto da família se levantar e só voltavam bem depois do jantar.

– Tem sido um absoluto tumulto – contou Percy a todos, cheio de importância, no domingo à noite, véspera dos garotos regressarem a Hogwarts. – Estive apagando incêndios a semana inteira. As pessoas não param de mandar berradores e, é claro, se a gente não abre um berrador na mesma hora ele explode. Tem marcas de queimadura por toda a minha mesa e a minha melhor pena ficou reduzida a cinzas.

– Por que é que estão mandando berradores? – perguntou Gina, que se ocupava em remendar com fita adesiva o seu exemplar de *Mil ervas e fungos mágicos*, sentada no tapete diante da lareira da sala de estar.

– Para se queixarem da falta de segurança na Copa Mundial – disse Percy. – Querem compensação pelos prejuízos. Mundungo Fletcher entrou com um pedido de compensação pela perda de uma barraca de doze suítes com banheira jacuzzi, mas eu saquei logo qual era a dele. Sei sem a menor dúvida que ele estava dormindo embaixo de uma capa estendida por cima de paus.

A Sra. Weasley olhou para o relógio de carrilhão a um canto da sala. Harry gostava desse relógio. Era completamente inútil se alguém queria saber as horas, mas para outras coisas era muito informativo. Tinha nove ponteiros dourados e em cada um estava gravado o nome de um Weasley. Não havia números no mostrador, mas o local onde cada membro da família poderia estar. Havia "casa", "escola" e "trabalho", mas também "perdido", "hospital", "prisão" e, na posição em que estaria o número doze em um relógio normal, "perigo mortal".

Oito dos ponteiros indicavam "casa", mas o do Sr. Weasley, que era o mais comprido, ainda apontava para "trabalho". A Sra. Weasley suspirou.

– O seu pai não precisa ir ao escritório num fim de semana desde o tempo de Você-Sabe-Quem – disse ela. – Estão obrigando-o a trabalhar demais. O jantar dele vai estragar se demorar muito mais a chegar em casa.
– Papai acha que precisa compensar o erro que fez no jogo, não é? – disse Percy. – Verdade seja dita, foi meio imprudente ele fazer uma declaração à imprensa sem antes pedir autorização ao chefe do departamento...
– Não se atreva a culpar o seu pai pelo que aquela infeliz da Skeeter escreveu! – disse a Sra. Weasley, irritando-se na hora.
– Se papai não tivesse dito nada, a Rita teria escrito que era lamentável que ninguém do Ministério tivesse comentado nada – disse Gui, que estava jogando xadrez com Rony. – Rita Skeeter nunca pinta ninguém de anjo. Estão lembrados da vez que ela entrevistou todos os desfazedores de feitiços do Gringotes e me chamou de frangote de cabelo comprido?
– Bom, está um pouco comprido, querido – disse a Sra. Weasley carinhosamente. – Se você me deixasse...
– *Não*, mamãe.
A chuva açoitava a janela da sala de estar. Hermione lia, absorta, *O livro padrão de feitiços, 4ª série*, que a Sra. Weasley comprara para ela, Harry e Rony no Beco Diagonal. Carlinhos cerzia um gorro à prova de fogo. Harry dava polimento na Firebolt, o estojo para manutenção de vassouras que Hermione lhe dera no décimo terceiro aniversário aberto aos seus pés. Fred e Jorge estavam sentados no canto mais afastado, de penas na mão, conversando aos cochichos, as cabeças curvadas sobre um pedaço de pergaminho.
– Que é que vocês dois estão aprontando? – perguntou a Sra. Weasley rispidamente, os olhos nos gêmeos.
– Dever de casa – disse Fred vagamente.
– Não seja ridículo, vocês ainda estão de férias – disse a mãe.
– Deixamos este para depois – disse Jorge.
– Por acaso vocês não estão preparando um novo *formulário,* estão? – perguntou a Sra. Weasley perspicaz. – Por acaso não estariam pensando em recomeçar as “Gemialidades” Weasley?
– Ora, mamãe – disse Fred erguendo os olhos para a mãe, uma expressão mortificada no rosto. – Se o Expresso de Hogwarts bater amanhã e Jorge e eu morrermos, como é que você iria se sentir sabendo que a última coisa que ouvimos de você foi uma acusação sem fundamento?
Todos riram, até mesmo a Sra. Weasley.
– Ah, seu pai está chegando! – disse ela de repente, olhando mais uma vez para o relógio.
O ponteiro do Sr. Weasley de repente girou de “trabalho” para “viagem”; um

segundo depois parou estremecendo em “casa” junto aos demais, e todos o ouviram chamar da cozinha.
– Estou indo, Arthur! – respondeu a mulher, saindo correndo da sala.
Mais alguns minutos e o Sr. Weasley entrava na sala aquecida, trazendo o jantar numa bandeja. Parecia completamente exausto.
– Bom, agora a coisa está realmente pegando fogo – comentou ele com a Sra. Weasley, sentando-se numa poltrona junto à lareira e brincando desanimado com uma porção murcha de couve-flor. – Rita Skeeter andou fuçando a semana inteira, procurando mais bobagens ministeriais para denunciar. E agora descobriu que a coitada da velha Berta está desaparecida, então isso vai ser a manchete de amanhã no *Profeta*. Eu *disse* a Bagman que ele devia ter mandado alguém procurá-la há séculos.
– O Sr. Crouch vem dizendo isso há semanas seguidas – disse Percy depressa.
– Crouch tem muita sorte de Rita não ter descoberto nada sobre a Winky – retrucou o Sr. Weasley irritado. – Haveria uma semana de manchetes com a história do elfo doméstico; dele ter sido apanhado segurando a varinha que conjurou a Marca Negra.
– Acho que todos concordamos que o elfo, embora irresponsável, *não* conjurou a Marca? – disse Percy inflamado.
– Se você quer saber, o Sr. Crouch tem muita sorte que ninguém no *Profeta Diário* saiba como ele é ruim para os elfos! – disse Hermione zangada.
– Agora, olha aqui, Hermione! – retrucou Percy. – Um funcionário de primeiro escalão no Ministério como o Sr. Crouch merece obediência cega dos seus criados...
– Dos seus *escravos*, você quer dizer! – falou Hermione com a voz muito aguda. – Porque ele não *paga va salárioa* Winky, não é mesmo?
– Acho melhor vocês todos subirem e verificarem se fizeram as malas direito! – disse a Sra. Weasley, interrompendo a discussão. – Andem logo, vamos, todos vocês...
Harry fechou o estojo de manutenção, pôs a Firebolt ao ombro e subiu com Rony. A chuva parecia ainda mais forte no último andar da casa, e vinha acompanhada por assobios e gemidos do vento, para não falar nos uivos ocasionais do vampiro que vivia no sótão. Pichitinho começou a piar e a voar dentro da gaiola quando eles entraram. A visão dos malões quase prontos o deixara num frenesi de excitação.
– Arrolha ele com um pouco desses Petiscos para Corujas – disse Rony atirando um pacote para Harry. – Quem sabe ele cala o bico.
Harry enfiou alguns petiscos pelas grades da gaiola, depois voltou sua atenção para o malão. A gaiola de Edwiges estava do lado, ainda vazia.

– Já faz mais de uma semana – disse Harry, contemplando o poleiro deserto de Edwiges. – Rony, você acha que Sirius foi capturado?
– Nããão, teria saído no *Profeta Diário* – protestou Rony. – O Ministério iria querer mostrar que capturou *alguém*, não acha?
– É, acho...
– Olha, toma aqui o material que mamãe comprou para você no Beco Diagonal. E ela tirou um pouco de ouro do seu cofre para você... e lavou todas as suas meias.
Rony carregou uma pilha de coisas para a cama de armar de Harry e largou uma bolsa de dinheiro e um monte de meias do lado. O garoto começou a desembrulhar as compras. Além de *O livro padrão de feitiços, 4ª série*, de Miranda Goshawk, ele tinha agora um punhado de penas novas, doze rolos de pergaminho e ingredientes para o seu estojo de poções – os estoques de espinha de peixe-leão e essência de beladona estavam quase no fim. Começou a empilhar a roupa íntima dentro do caldeirão quando Rony soltou uma exclamação de desagrado às costas dele.
– Que vem a ser *isso*?
Ele estava segurando uma coisa que pareceu a Harry uma longa veste de veludo marrom. Tinha um babado de renda de aspecto mofado no decote e punhos de renda iguais.
Os garotos ouviram uma batida na porta e a Sra. Weasley entrou, trazendo uma braçada de vestes de Hogwarts recém-lavadas.
– Tomem aqui – disse ela, dividindo a braçada ao meio. – Agora vejam se guardam tudo na mala direito para não amarrotar.
– Mamãe, você me deu a roupa nova da Gina – disse Rony devolvendo a veste marrom à mãe.
– Claro que não, é para você. Vestes a rigor.
– *Quê?* – exclamou Rony, horrorizado.
– Vestes a rigor! – repetiu a Sra. Weasley. – Está na sua lista de material que este ano você deverá levar vestes a rigor... vestes para ocasiões formais.
– A senhora tem que estar brincando – exclamou Rony incrédulo. – Eu não vou usar isso, nem pensar.
– Todo mundo usa, Rony! – disse a Sra. Weasley aborrecida. – E são todas assim! Seu pai também tem uma para festas elegantes!
– Saio pelado mas não visto uma coisa dessas – teimou Rony.
– Não seja bobo. Você precisa de vestes a rigor, estão na sua lista! Comprei para o Harry também... mostre a ele, Harry...
Com uma certa apreensão, Harry abriu o último embrulho sobre a cama. Mas não eram tão ruins quanto esperara; as vestes não tinham renda alguma; de fato,

eram mais ou menos iguais às vestes da escola, só que eram verdegarrafa em vez de pretas.

– Achei que elas realçariam a cor dos seus olhos, querido – disse a Sra. Weasley afetuosamente.

– Ora, as dele são legais! – disse Rony zangado, olhando para as vestes de Harry. – Por que eu não ganhei vestes como as dele?

– Porque... bom, precisei comprar as suas de segunda mão, e não havia muita escolha! – disse a Sra. Weasley corando.

Harry olhou para o outro lado. Teria dividido com os Weasley, de boa vontade, o dinheiro que havia em seu cofre no Gringotes, mas sabia que eles jamais aceitariam.

– Não vou usar isso nunca – insistiu Rony. – Nunquinha.

– Ótimo – retorquiu a Sra. Weasley. – Ande nu. E Harry não se esqueça de tirar uma fotografia dele. Deus sabe que eu estou bem precisada de umas gargalhadas.

Ela saiu do quarto batendo a porta. Os meninos ouviram um ruído engraçado de alguém cuspindo às costas deles. Era Pichitinho se engasgando com um petisco grande demais.

– Por que é que tudo que eu tenho é porcaria? – enfureceu-se Rony, atravessando o quarto para descolar o bico da coruja.

— CAPÍTULO ONZE —
A bordo do Expresso de Hogwarts

Havia no ar uma inquestionável tristeza de fim de férias quando Harry acordou na manhã seguinte. A chuva forte continuava a fustigar a janela enquanto ele vestia uma jeans e uma camiseta; trocaria pelas vestes de escola no Expresso de Hogwarts.

Ele, Rony, Fred e Jorge tinham acabado de chegar ao patamar do primeiro andar, a caminho de tomar o café da manhã, quando a Sra. Weasley apareceu ao pé da escada, parecendo aflita.

– Arthur! – gritou ela para cima. – Arthur! Mensagem urgente do Ministério!

Harry se achatou contra a parede quando o Sr. Weasley passou correndo, com as vestes de trás para a frente e desapareceu de vista. Quando Harry e os outros entraram na cozinha, viram a Sra. Weasley remexendo, ansiosamente, nas gavetas do guarda-louça.

– Tenho uma pena em algum lugar aqui! – dizia ela, enquanto o Sr. Weasley se curvava para a lareira falando com...

Harry fechou os olhos com força e reabriu-os para ter certeza de que estava vendo direito.

A cabeça de Amos Diggory estava parada no meio das chamas como um grande ovo barbudo. Ele falava muito depressa, completamente indiferente às fagulhas que voavam ao seu redor e às chamas que lambiam suas orelhas.

– ... os vizinhos trouxas ouviram estampidos e gritos, então foram e chamaram a... como é mesmo o nome?... *plícia*. Arthur, você tem que ir lá...

– Tome! – disse a Sra. Weasley sem fôlego, empurrando um pedaço de pergaminho, um tinteiro e uma pena amassada nas mãos do marido.

– ... foi pura sorte eu ter sabido – continuou a cabeça do Sr. Diggory –, precisei vir ao escritório mais cedo para despachar umas corujas, e encontrei o pessoal do Uso Indevido da Magia de saída... se a Rita Skeeter souber dessa,

Arthur...
– Que é que Olho-Tonto diz que aconteceu? – perguntou o Sr. Weasley, ao mesmo tempo que desenroscava a tampa do tinteiro, molhava a pena e se preparava para escrever.
Os olhos do Sr. Diggory reviraram nas órbitas.
– Disse que ouviu intrusos no jardim. Disse que se aproximavam sorrateiramente da casa, mas que foram atacados pelas latas de lixo.
– Que foi que as latas de lixo fizeram? – perguntou o Sr. Weasley, escrevendo freneticamente.
– Fizeram um estardalhaço e dispararam lixo para todo lado, pelo que sei – falou o Sr. Diggory. – Aparentemente uma delas ainda estava voando a esmo quando a *plícia* apareceu...
O Sr. Weasley gemeu.
– E o que aconteceu com os intrusos?
– Arthur, você conhece Olho-Tonto – disse a cabeça tornando a revirar os olhos. – Alguém andando pelo jardim dele na calada da noite? Mais provavelmente era algum gato com neurose de guerra vagando por ali, coberto de cascas de batatas. Mas se o pessoal do Uso Indevido da Magia puser as mãos em Olho-Tonto, ele está perdido, pense na ficha dele, temos que livrá-lo com uma acusação menos séria, alguma coisa no seu departamento, qual é a penalidade para explosão de latas de lixo?
– Talvez uma advertência – respondeu o Sr. Weasley, ainda escrevendo muito depressa, a testa vincada. – Olho-Tonto não usou a varinha? Não chegou a atacar ninguém?
– Aposto que ele pulou da cama e começou a enfeitiçar tudo que conseguiu alcançar pela janela, mas daria muito trabalho provar isso, não houve nenhuma vítima.
– Tudo bem, estou de saída – disse o Sr. Weasley e, enfiando o pergaminho com as anotações no bolso, saiu correndo da cozinha.
A cabeça do Sr. Diggory olhou para os lados e se fixou na Sra. Weasley.
– Desculpe o mau jeito, Molly – disse, mais calmamente –, incomodar vocês tão cedo... mas Arthur é a única pessoa que pode livrar Olho-Tonto, e Olho-Tonto ia começar um novo emprego hoje. Por que é que tinha que escolher ontem à noite...
– Tudo bem, Amos. Tem certeza de que não quer comer uma torrada ou qualquer outra coisa antes de ir?
– Ah, então quero.
A Sra. Weasley apanhou uma torrada amanteigada em uma pilha sobre a mesa da cozinha, prendeu-a nas tenazes da lareira e a levou à boca do Sr. Diggory.

– ‘gado – disse ele com a voz abafada e, em seguida, com um estalido, desapareceu.

Harry ouviu o Sr. Weasley gritar tchaus apressados para Gui, Carlinhos, Percy e as garotas. Em cinco minutos, ele estava de volta à cozinha, as vestes agora do lado certo, passando um pente nos cabelos.

– É melhor eu me apressar... um bom ano letivo para vocês, meninos – disse o Sr. Weasley para Harry, Rony e os gêmeos, puxando uma capa por cima dos ombros e se preparando para desaparatar. – Molly, você acha que dá conta de levar os meninos até King’s Cross?

– Claro que sim. Se preocupe com Olho-Tonto que nós cuidamos do resto.

Quando o Sr. Weasley desapareceu, Gui e Carlinhos entraram na cozinha.

– Alguém falou em Olho-Tonto? – perguntou Gui. – Que é que ele andou fazendo agora?

– Diz que alguém tentou entrar na casa dele à noite passada – respondeu a Sra. Weasley.

– Olho-Tonto Moody? – indagou Jorge pensativo, passando geleia na torrada. – Não é aquele biruta...

– Seu pai tem uma excelente opinião sobre Olho-Tonto Moody – disse a Sra. Weasley severamente.

– É, tudo bem, papai coleciona tomadas, não é mesmo? – disse Fred baixinho quando a mãe saiu da cozinha. – Cada qual com o seu igual...

– Moody já foi um grande bruxo – disse Gui.

– Ele é um velho amigo do Dumbledore, não é? – perguntou Carlinhos.

– Mas o Dumbledore não é bem o que a gente chamaria de *normal*, não é – comentou Fred. – Quero dizer, eu sei que ele é um gênio e tudo o mais...

– Quem *é* Olho-Tonto? – perguntou Harry.

– Está aposentado, mas costumava trabalhar no Ministério – falou Carlinhos. – Vi ele uma vez quando papai me levou ao trabalho. Ele foi Auror... um dos melhores... um cara que captura bruxos das trevas – acrescentou, vendo o olhar atônito de Harry. – Encheu metade das celas de Azkaban. Mas fez uma pá de inimigos... principalmente as famílias das pessoas que ele prendeu... e ouvi falar que Moody está ficando realmente paranoico na velhice. Não confia mais em ninguém. Vê bruxos das trevas por todo lado.

Gui e Carlinhos resolveram acompanhar os garotos ao embarque na estação de King’s Cross, mas Percy se desculpou profusamente e disse que precisava de fato ir trabalhar.

– Não posso pedir mais licenças no momento. O Sr. Crouch está realmente começando a confiar em mim.

– Ah é, sabe de uma coisa, Percy? – disse Jorge sério. – Acho que não demora

muito, ele vai aprender o seu nome.

A Sra. Weasley tinha se aventurado a telefonar para a agência de correio do povoado para pedir três táxis de trouxas para levá-los a Londres.

– Arthur tentou pedir emprestado uns carros do Ministério para nós – sussurrou a Sra. Weasley a Harry, enquanto aguardavam parados no pátio lavado de chuva os motoristas dos táxis carregarem os pesados malões de Hogwarts nos carros. – Mas não havia nenhum disponível... Ah, meu Deus, a cara deles não está nada feliz, não é?

Harry não quis comentar com a Sra. Weasley que motoristas de táxi trouxas raramente transportavam corujas excitadas, e Pichitinho estava fazendo um estardalhaço de furar os tímpanos. E tampouco ajudou o fato de alguns fogos Dr. Filibusteiro, que não aquecem e acendem molhados, terem explodido inesperadamente quando o malão de Fred se abriu, fazendo o motorista que o carregava berrar de susto e dor, pois Bichento enterrou as garras na perna do homem.

A viagem foi desconfortável, porque eles viajaram espremidos no banco traseiro dos táxis com os malões. Bichento levou algum tempo para se recuperar do susto com os fogos e, até entrarem em Londres, Harry, Rony e Hermione acabaram seriamente arranhados. Sentiram um grande alívio ao desembarcar na estação, embora a chuva caísse mais forte que nunca e eles tivessem se encharcado para atravessar a rua movimentada para entrar na estação com os malões.

A essa altura, Harry já estava se acostumando a embarcar na plataforma nove e meia. Era apenas uma questão de rumar diretamente para a barreira, aparentemente sólida, que dividia as plataformas nove e dez. A única parte difícil era fazer isso discretamente de modo a não chamar a atenção dos trouxas. Fizeram isso em grupos, hoje; Harry, Rony e Hermione (os mais visíveis, pois iam levando Pichitinho e Bichento) foram os primeiros; eles se encostaram descontraidamente na barreira, conversando despreocupados e deslizaram de lado por ela... e, ao fazerem isso, a plataforma nove e meia se materializou diante deles.

O Expresso de Hogwarts, uma reluzente locomotiva vermelha, já estava aguardando, soltando nuvens repolhudas de fumaça, através das quais os muitos alunos de Hogwarts e seus pais parados na plataforma pareciam fantasmas escuros. Pichitinho fez mais barulho que nunca em resposta ao pio das outras corujas escondidas na névoa. Harry, Rony e Hermione saíram em busca de lugares e logo estavam guardando a bagagem em uma cabine mais ou menos na metade do trem. Depois, eles tornaram a saltar para se despedir da Sra. Weasley, de Gui e Carlinhos.

– Talvez eu volte a ver vocês mais cedo do que pensam – disse Carlinhos, rindo, ao dar um abraço de despedida em Gina.

– Por quê? – perguntou Fred interessado.

– Você verá – respondeu Carlinhos. – Só não diga a Percy que eu falei isso... "porque afinal é informação privilegiada, até o Ministério resolver divulgá-la".

– É, eu até sinto vontade de estar estudando em Hogwarts este ano – disse Gui, as mãos enfiadas nos bolsos, contemplando com um ar quase saudoso o trem.

– *Por quê?* – perguntou Jorge impaciente.

– Vocês vão ter um ano interessante – comentou Gui, com os olhos cintilando. – Talvez eu até peça licença para ir dar uma espiada...

– Uma espiada em *quê*? – perguntou Rony.

Mas nessa hora ouviram o apito e a Sra. Weasley conduziu-os impaciente às portas do trem.

– Obrigada por nos convidar, Sra. Weasley – disse Hermione, depois que embarcaram, fecharam a porta e se debruçaram na janela do corredor para falar com ela.

– É, obrigado por tudo, Sra. Weasley – disse Harry.

– Ah, o prazer foi meu, queridos – respondeu ela. – Eu os convidaria para o Natal, mas... bem, imagino que vocês vão querer ficar em Hogwarts, por causa... de uma coisa ou outra.

– Mamãe! – exclamou Rony irritado. – Que é que vocês três sabem que nós não sabemos?

– Vocês vão descobrir hoje à noite – disse a Sra. Weasley sorrindo. – Vai ser muito excitante, reparem bem, estou muito contente que tenham mudado as regras...

– Que regras? – perguntaram Harry, Rony, Fred e Jorge juntos.

– Tenho certeza de que o Prof. Dumbledore vai contar a vocês... agora, comportem-se? *Ouviu bem* Fred? E você Jorge!

Os pistões assobiaram e o trem começou a andar.

– Conta para a gente o que vai acontecer em Hogwarts! – berrou Fred pela janela, quando a Sra. Weasley, Gui e Carlinhos foram se distanciando rapidamente. – Que regras é que vão mudar?

Mas a Sra. Weasley apenas sorriu e acenou. Antes que o trem tivesse virado a primeira curva, ela, Gui e Carlinhos tinham desaparatado.

Harry, Rony e Hermione voltaram à cabine. A chuva grossa que batia nas janelas tornava difícil ver o lado de fora. Rony abriu o malão, tirou as vestes a rigor marrons e atirou-as por cima da gaiola de Pichitinho para abafar os seus pios.

– Bagman queria nos dizer o que ia acontecer em Hogwarts – disse ele mal-humorado, sentando-se ao lado de Harry. – Na Copa Mundial, lembra? Mas nem a minha própria mãe quer contar. Que será...

– Psiu! – sussurrou Hermione de repente, levando o indicador aos lábios e apontando para a cabine ao lado. Harry e Rony prestaram atenção e ouviram uma voz arrastada já sua conhecida que entrava pela porta aberta.

– ... papai, na realidade, pensou em me mandar para Durmstrang em lugar de Hogwarts, sabem. Ele conhece o diretor lá, entendem. Bom, vocês sabem qual é a opinião dele sobre Dumbledore... o cara gosta muito de sangues ruins e Durmstrang não admite esse tipo de ralé. Mas mamãe não gostou da ideia de eu ir para uma escola tão longe. Durmstrang tem uma política muito mais certa que Hogwarts com relação às Artes das Trevas. Os alunos de lá até *aprendem* essa matéria, não é só essas bobagens de defesa que a gente aprende...

Hermione se levantou, foi pé ante pé até a porta da cabine e fechou-a para abafar a voz de Malfoy.

– Então ele acha que Durmstrang teria sido melhor para ele, é? – disse ela zangada. – Eu gostaria que ele *tivesse* ido para lá, aí não teríamos que aturá-lo.

– Durmstrang é outra escola de bruxaria? – perguntou Harry.

– É – respondeu Hermione fungando –, e tem uma péssima reputação. Segundo aquele livro *Uma avaliação da educação em magia na Europa*, a escola enfatiza as Artes das Trevas.

– Acho que já ouvi falar nisso – disse Rony vagamente. – Onde fica? Em que país?

– Ora, ninguém sabe, não é mesmo? – respondeu Hermione, erguendo as sobrancelhas.

– Hum... por que não? – quis saber Harry.

– Tradicionalmente há uma forte rivalidade entre as escolas de magia. Durmstrang e Beauxbatons gostam de esconder onde ficam para ninguém poder roubar os segredos delas – disse Hermione simplesmente.

– Corta essa! – exclamou Rony, começando a rir. – Durmstrang tem que ser mais ou menos do tamanho de Hogwarts, como é que alguém vai esconder um castelão encardido?

– Mas Hogwarts *é* escondida – retrucou Hermione, surpresa –, todo mundo sabe disso... bom pelo menos todo mundo que leu *Hogwarts: uma história*.

– Então é só você – falou Rony. – Por isso pode continuar, como é que se esconde um lugar como Hogwarts?

– Encantando ele – respondeu Hermione. – Se um trouxa olhar, só o que vai ver é uma velha ruína embolorada com um letreiro na entrada PERIGO, NÃO ENTRE, ARRISCADO.

– Então Durmstrang também vai parecer uma ruína a um estranho?

– Talvez – disse Hermione, encolhendo os ombros –, ou talvez tenha feitiços antitrouxas, como o estádio da Copa Mundial. E para impedir bruxos estrangeiros de encontrá-lo, devem ter tornado ele impossível de mapear...

– Como é?

– Bom, a gente pode enfeitiçar um prédio para tornar impossível a pessoa o localizar em um mapa, não pode?

– Hum... se você diz que pode – falou Harry.

– Mas eu acho que Durmstrang deve ficar em algum lugar bem ao norte – disse Hermione pensativa. – Algum lugar muito frio, porque as capas de peles fazem parte dos uniformes de lá.

– Ah, pensem só nas possibilidades – disse Rony sonhando. – Teria sido muito mais fácil empurrar Malfoy de uma geleira e fazer parecer acidente... pena que a mãe goste dele...

A chuva foi ficando mais pesada, à medida que o trem seguia mais para o norte. O céu estava tão escuro e as janelas tão embaçadas que as lanternas foram acesas antes do meio-dia. O carrinho dos lanches surgiu sacudindo pelo corredor, e Harry comprou uma montanha de bolos de caldeirão para os três dividirem.

Muitos amigos apareceram durante a tarde, inclusive Simas Finnigan, Dino Thomas e Neville Longbottom, um menino de rosto redondo e extremamente esquecido que fora criado pela bruxa formidável que era sua avó. Simas ainda usava a roseta da Irlanda. Parte da mágica parecia estar se esgotando agora; ela ainda gritava esganiçada “*Troy! Mullet! Moran!*”, mas de um jeito muito fraco e cansado. Passada meia hora mais ou menos, Hermione, cansando-se da interminável discussão sobre quadribol, enterrou-se mais uma vez em *O livro padrão de feitiços, 4ª série* e começou a tentar aprender a fazer um Feitiço Convocatório.

Neville escutava, invejoso, a conversa dos colegas que reviviam a partida de quadribol.

– Vovó não quis ir – disse ele, infeliz. – Não quis comprar as entradas. Mas parecia fantástico.

– Foi – disse Rony. – Olhe só para isso, Neville...

Ele meteu a mão no malão guardado no bagageiro e puxou a miniatura de Vítor Krum.

– *Uau!* – exclamou Neville, invejoso, quando Rony equilibrou Krum na mão gorducha.

– E vimos ele de perto, também – continuou Rony. – Ficamos no camarote de honra...

– Pela primeira e última vez na vida, Weasley.

Draco Malfoy aparecera à porta. Atrás dele vinham Crabbe e Goyle, seus enormes sequazes agressivos, que pareciam ter crescido no mínimo trinta centímetros durante o verão. Evidentemente tinham ouvido a conversa pela porta da cabine, que Dino e Simas deixaram entreaberta.

– Não me lembro de ter convidado você para a nossa cabine, Malfoy – disse Harry friamente.

– Weasley... que é *isso*? – perguntou Malfoy, apontando para a gaiola de Pichitinho. Uma das mangas das vestes de Rony estava pendurada, e balançava com o movimento do trem, deixando o punho de renda mofada muito visível.

Rony fez menção de esconder as vestes, mas Malfoy foi rápido demais para ele; agarrou a manga e puxou.

– Olhem só para isso! – disse o garoto em êxtase, segurando as vestes de Rony e mostrando-as a Crabbe e Goyle. – Weasley, você não andou pensando em *usar* isso, andou? Quero dizer, isso esteve em moda aí por 1890...

– Vai lamber sabão, Malfoy! – xingou Rony, da mesma cor que as vestes ao puxá-las das mãos de Malfoy. O garoto uivava, rindo de desdém; Crabbe e Goyle gargalhavam estupidamente.

– Então... vai entrar, Weasley? Vai tentar trazer alguma glória para o nome da sua família? E tem dinheiro também, sabe... você vai poder comprar umas vestes decentes se ganhar...

– Do que é que você está falando? – retorquiu Rony.

– *Você vai entrar?* – repetiu Malfoy. – Suponho que *você* vá, Potter? Você nunca perde uma chance de se exibir, não é?

– Ou você explica a que está se referindo ou vai embora, Malfoy – disse Hermione, impaciente, por cima da borda de *O livro padrão de feitiços, 4ª série*.

Um sorriso satisfeito se espalhou pelo rosto pálido de Malfoy.

– Não me diga que você não *sabe*? Você tem um pai e um irmão no Ministério e nem ao menos *sabe*? Nossa, *meu* pai me contou há séculos... soube pelo Cornélio Fudge. Mas papai sempre convive com o primeiro escalão do Ministério... talvez seu pai seja insignificante demais para ter sabido, Weasley... é... provavelmente não falam coisas importantes na frente dele...

Rindo mais uma vez, Malfoy fez sinal para Crabbe e Goyle e os três desapareceram.

Rony se levantou e bateu a porta de correr da cabine com tanta força atrás deles que o vidro se espatifou.

– *Rony!* – exclamou Hermione em tom de censura, e puxando a varinha, murmurou a palavra *Reparo!* e os estilhaços do vidro tornaram a formar uma vidraça inteira e a se reencaixar na porta.

– Ora... tirando onda que ele é bem informado e nós não... – rosnou Rony. –

Papai sempre convive com o primeiro escalão do Ministério... Papai poderia ter recebido uma promoção a qualquer tempo... mas ele gosta do cargo que ocupa...

– Claro que gosta – disse Hermione baixinho. – Não deixa o Malfoy chatear você, Rony...

– Ele! Me chatear! Como se pudesse! – retrucou Rony, apanhando um dos bolos de caldeirão que sobravam e amassando-o todo.

O mau humor de Rony continuou pelo resto da viagem. Ele não falou muito quando vestiram os uniformes da escola, e continuou de cara amarrada quando o Expresso de Hogwarts começou finalmente a reduzir a velocidade até parar de todo na escuridão de breu da estação de Hogsmeade.

Quando as portas do trem se abriram, ouviu-se uma trovoada no alto. Hermione agasalhou Bichento na capa e Rony deixou as vestes a rigor por cima da gaiola de Pichitinho ao desembarcarem, as cabeças abaixadas e os olhos apertados para impedir que o temporal os molhasse. A chuva caía em tal volume e rapidez que até parecia que alguém estava esvaziando baldes e mais baldes de água gelada na cabeça dos garotos.

– Oi, Hagrid! – berrou Harry, ao ver a silhueta gigantesca na extremidade da plataforma.

– Tudo bem! – gritou Hagrid em resposta, acenando. – Vejo vocês na festa, se não nos afogarmos no caminho!

Os alunos de primeiro ano tradicionalmente chegavam ao castelo de barco, atravessando o lago com Hagrid.

– Oooh, eu não gostaria de atravessar o lago com esse tempo – exclamou Hermione com veemência, tremendo durante a caminhada lenta pela plataforma escura com os outros colegas. Cem carruagens sem cavalos os aguardavam à saída da estação. Harry, Rony, Hermione e Neville embarcaram agradecidos em uma delas, a porta se fechou com um estalo e momentos depois, com um grande ímpeto, a longa procissão de carruagens saiu roncando e espalhando água trilha acima em direção ao castelo de Hogwarts.

— CAPÍTULO DOZE —

O Torneio Tribruxo

Os garotos passaram pelos portões, ladeados por estátuas de javalis alados, e as carruagens subiram o imponente caminho oscilando perigosamente sob uma chuva que parecia estar virando tromba-d'água. Curvando-se para a janela, Harry pôde ver Hogwarts se aproximando, suas numerosas janelas borradas e iluminadas por trás da cortina de chuva. Os relâmpagos riscaram o céu no momento em que a carruagem parou diante das enormes portas de entrada de carvalho, a que se chegava por um lance de degraus de pedra. As pessoas que tinham tomado as carruagens anteriores já subiam correndo os degraus para entrar no castelo; Harry, Rony, Hermione e Neville saltaram da carruagem e correram escada acima, também, só erguendo a cabeça quando já estavam seguros, no cavernoso saguão de entrada iluminado por archotes, com sua magnífica escadaria de mármore.

– Carácoles – exclamou Rony, sacudindo a cabeça e espalhando água para todos os lados –, se isso continuar assim, o lago vai transbordar. Estou todo molhado, ARRE!

Um grande balão vermelho e cheio de água caíra do teto na cabeça de Rony e estourara. Encharcado e resmungando, Rony cambaleou para o lado e esbarrou em Harry na hora em que uma segunda bomba de água caiu – errando Hermione por um triz, ela estourou aos pés de Harry, espirrando água gelada por cima dos tênis e das meias do garoto. As pessoas em volta soltaram gritinhos e começaram a se empurrar procurando sair da linha de tiro – Harry olhou para o alto e viu, flutuando seis metros acima, Pirraça, o *poltergeist*, um homenzinho de chapéu em forma de sino e gravata-borboleta cor de laranja, o rosto largo e malicioso contorcendo-se de concentração para tornar a fazer mira.

– PIRRAÇA! – berrou uma voz zangada. – Pirraça, desça já aqui, AGORA!

A Profª Minerva McGonagall, subdiretora da escola e diretora da Grifinória,

saiu correndo do Salão Principal; a professora escorregou no chão molhado e agarrou Hermione pelo pescoço para evitar cair.

– Ai... desculpe, Srta. Granger...

– Tudo bem, professora! – ofegou Hermione, massageando a garganta.

– Pirraça, desça aqui AGORA! – bradou ela, ajeitando o chapéu cônico e olhando feio pelos óculos de aros quadrados.

– Não tô fazendo nada! – gargalhou Pirraça, disparando uma bomba de água contra várias garotas do quinto ano, que gritaram e mergulharam no Salão Principal. – Já molharam as calças, foi? Que inconvenientes! Ihhhhhhhhhh! – E mirou mais uma bomba em um grupo de alunos do segundo ano que tinha acabado de chegar.

– Vou chamar o diretor! – ameaçou a Profª Minerva. – Estou lhe avisando, Pirraça...

Pirraça estirou a língua, jogou a última de suas bombas de água para o alto e disparou pela escada de mármore acima, gargalhando feito um louco.

– Bom, vamos andando, então! – disse a professora em tom eficiente para os alunos molhados. – Para o Salão Principal, vamos!

Harry, Rony e Hermione escorregaram pelo saguão de entrada e pelas portas de folhas duplas à direita, Rony, furioso, resmungando entre dentes ao afastar os cabelos, que escorriam água, para longe do rosto.

O Salão Principal tinha o aspecto esplêndido de sempre, decorado para a festa de abertura do ano letivo. Pratos e taças de ouro refulgiam à luz de centenas e centenas de velas que flutuavam no ar sobre as mesas. As quatro mesas longas das Casas estavam cheias de alunos que falavam sem parar; no fundo do salão, os professores e outros funcionários sentavam-se a uma quinta mesa, de frente para os estudantes. Estava muito mais quente ali. Harry, Rony e Hermione passaram pela mesa dos alunos da Sonserina, Corvinal e Lufa-Lufa, e se sentaram com os colegas da Grifinória no extremo do salão, ao lado de Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma de sua Casa. Branco-pérola e semitransparente, Nick estava vestido esta noite com o gibão de sempre e uma gola de rufos particularmente grande, que servia o duplo propósito de parecer bem festiva e garantir que sua cabeça não balançasse demais no pescoço parcialmente decepado.

– Boa-noite – disse ele aos garotos.

– Para quem? – perguntou Harry, descalçando os tênis e despejando a água que se acumulara dentro. – Espero que andem depressa com a seleção. Estou faminto.

A seleção dos novos alunos por Casas era realizada no início de cada ano letivo, mas por uma infeliz combinação de circunstâncias, Harry não estivera

presente a nenhuma desde a dele mesmo. Estava ansioso para assisti-la.
Nesse instante, uma voz excitada e ofegante chamou-o mais adiante à mesa:
– Oi, Harry!
Era Colin Creevey, um aluno do terceiro ano para quem Harry era uma espécie de herói.
– Oi, Colin – cumprimentou Harry cauteloso.
– Harry, adivinha só! Adivinha só, Harry! Meu irmão está começando! Meu irmão Dênis!
– Hum... que bom! – disse Harry.
– Ele está realmente excitado! – continuou Colin, praticamente dando pulos na cadeira. – Espero que ele fique na Grifinória! Cruza os dedos, hein, Harry?
– Hum... claro – disse Harry. E tornou a se virar para Hermione, Rony e Nick Quase Sem Cabeça. – Irmãos e irmãs geralmente vão para a mesma Casa, não é? Estava pensando nos Weasley, todos os sete alunos da Grifinória.
– Ah, não, não obrigatoriamente – disse Hermione. – A gêmea de Parvati Patil está em Corvinal e elas são idênticas, a gente podia até pensar que fossem ficar juntas, não é mesmo?
Harry olhou para a mesa dos professores. Parecia haver mais lugares vazios do que habitualmente. Hagrid, é claro, ainda estava lutando para atravessar o lago com os alunos do primeiro ano; a Profª McGonagall provavelmente estava supervisionando a secagem do piso do saguão de entrada, mas havia ainda outra cadeira desocupada e ele não conseguia atinar quem mais estava faltando.
– Onde é que está o novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas? – perguntou Hermione, que também estava olhando para os professores.
Os garotos ainda não tinham tido nenhum professor de Defesa Contra as Artes das Trevas que durasse mais de três trimestres. O favorito de Harry fora, de longe, o Prof. Lupin, que se demitira no ano anterior. Seu olhar percorreu a mesa dos professores. Decididamente não havia nenhuma cara nova.
– Quem sabe não conseguiram ninguém! – sugeriu Hermione, parecendo ansiosa.
Harry examinou os ocupantes da mesa com mais atenção. O minúsculo Prof. Flitwick, professor de Feitiços, estava sentado em uma alta pilha de almofadas ao lado da Profª Sprout, a mestra de Herbologia, usando um chapéu enviesado sobre os cabelos grisalhos e esvoaçantes. Conversava com a Profª Sinistra, do Departamento de Astronomia. Do outro lado de Sinistra estava o mestre de Poções, de rosto macilento, nariz de gancho e cabelos oleosos, Snape – a pessoa de quem Harry menos gostava em Hogwarts. A repulsa de Harry por Snape só igualava o ódio que o professor sentia por ele, um ódio que tinha, se é que isso

era possível, se intensificado no ano anterior, quando o garoto ajudara Sirius a fugir bem debaixo do nariz exageradamente grande de Snape – ele e Sirius eram inimigos desde os tempos de escola.

Do outro lado de Snape, havia um lugar vago, que Harry achou que devia ser o da Profª McGonagall. Ao lado, e bem no centro da mesa, sentava-se o Prof. Dumbledore, o diretor, seus cabelos e barbas prateados e ondulantes brilhando à luz das velas, suas magníficas vestes verde-escuras bordadas com luas e estrelas. Dumbledore tinha as pontas dos dedos longos e finos e ele apoiava nelas o queixo, contemplando o teto através de oclinhos de meia-lua, como se estivesse perdido em pensamentos. Harry olhou para o teto também. Era encantado para parecer o céu lá fora e nunca tivera um aspecto tão tempestuoso. Nuvens roxas e negras giravam por ele e quando se ouvia uma nova trovoada do lado de fora, corria um relâmpago pelo teto.

– Ah, anda logo – gemeu Rony, ao lado de Harry. – Eu seria capaz de devorar um hipogrifo.

As palavras mal tinham saído de sua boca e as portas do Salão Principal se abriram e fez-se silêncio. A Profª Minerva encabeçava uma longa fila de alunos do primeiro ano até o centro do salão. Se Harry, Rony e Hermione estavam molhados, seu estado nem se comparava ao desses garotos. Eles pareciam ter feito a travessia do lago a nado em lugar de fazê-la de barco. Todos estavam tomados por tremores, em que se misturavam o frio e o nervosismo, ao passarem pela mesa dos professores e pararem em fila diante do resto da escola – todos exceto o menorzinho, um menino com cabelos castanho-baços, que vinha embrulhado em um agasalho que Harry reconheceu ser o casaco de pele de toupeira de Hagrid. O casaco era tão grande que o garoto parecia coberto por um toldo escuro e peludo. Seu rosto miúdo aparecia por cima da gola, quase dolorosamente excitado. Quando ele se alinhou com os colegas aterrorizados, viu que Colin Creevey o olhava, ergueu os polegares e falou:

– Caí no lago! – Parecia decididamente encantado com o ocorrido.

A Profª Minerva agora colocava um banquinho de três pernas diante dos novos alunos e, em cima, um chapéu de bruxo, extremamente velho, sujo e remendado. Os garotos arregalaram os olhos. E todo o resto da escola também. Por um instante, fez-se silêncio. Em seguida um rasgo junto à aba se escancarou como uma boca, e o chapéu começou a cantar:

Há mil anos ou pouco mais,
Eu era recém-feito,
Viviam quatro bruxos de fama,

Cujos nomes todos ainda conhecem:
O valente Gryffindor das charnecas,
O bonito Ravenclaw das ravinas,
O meigo Hufflepuff das planícies,
O astuto Slytherin dos brejais.
Compartiam um desejo, um sonho,
Uma esperança, um plano ousado
De, juntos, educar jovens bruxos,
Assim começou a Escola de Hogwarts.
Cada um desses quatro fundadores
Formou sua própria casa, pois cada
Valorizava virtude vária
Nos jovens que pretendiam formar.
Para Gryffindor os valentes eram
Prezados acima de todo o resto;
Para Ravenclaw os mais inteligentes
Seriam sempre os superiores;
Para Hufflepuff, os aplicados eram
Os merecedores de admissão;
E Slytherin, mais sedento de poder,
Amava aqueles de grande ambição.
Enquanto vivos eles separaram
Do conjunto os seus favoritos
Mas como selecionar os melhores,
Quando um dia tivessem partido?
Foi Gryffindor que encontrou a solução
Tirando-me da própria cabeça
Depois me dotaram de cérebro
Para que por eles eu pudesse escolher!
Coloque-me entre suas orelhas,
Até hoje ainda não me enganei.
Darei uma olhada em sua cabeça
E direi qual a casa do seu coração!

Os aplausos ecoaram pelo Salão Principal quando o Chapéu Seletor terminou.
– Não foi essa a música que ele cantou quando fomos selecionados – disse Harry, fazendo coro aos aplausos gerais.
– Cada ano ele canta uma diferente – disse Rony. – Deve ser uma vida bem chata, não é, a de um chapéu? Vai ver ele passa o ano compondo a nova canção.

A Profª Minerva agora desenrolava um grande pergaminho.
– Quando eu chamar seu nome, ponha o chapéu e se sente no banquinho – explicou ela aos alunos do primeiro ano. – Quando o chapéu anunciar sua casa, vá se sentar à mesa correspondente.
– Ackerley, Stuart!
Um menino se adiantou, tremendo visivelmente da cabeça aos pés, apanhou o chapéu, colocou-o e se sentou no banquinho.
– *Corvinal!* – anunciou o chapéu.
Stuart Ackerley tirou o chapéu e correu para uma cadeira à mesa de Corvinal, na qual todos o aplaudiam.
Harry viu, de relance, Cho, a apanhadora do time da Corvinal, aplaudindo Stuart Ackerley quando o garoto se sentou. Por um segundo fugaz, Harry teve um estranho desejo de se reunir à mesa da Corvinal também.
– Baddock, Malcolm!
– *Sonserina!*
A mesa do outro lado do salão prorrompeu em vivas. Harry viu Malfoy aplaudindo quando Baddock se juntou aos alunos de Sonserina. Harry se perguntou se Baddock saberia que a casa de Sonserina formara um número maior de bruxos das trevas do que qualquer outra. Fred e Jorge vaiaram Malcolm Baddock quando ele se sentou.
– Branstone, Eleanora!
– *Lufa-Lufa!*
– Cauldwell, Owen!
– *Lufa-Lufa!*
– Creevey, Dênis!
O miudinho Dênis Creevey adiantou-se com passos incertos, tropeçando no casaco de Hagrid, que nesta hora entrou discretamente no salão por uma porta atrás da mesa dos professores. Umas duas vezes mais alto do que um homem normal e pelo menos três vezes mais largo, Hagrid, com seus cabelos e barbas negros, longos, desgrenhados e embaraçados, parecia um tanto assustador – uma impressão enganosa, porque Harry, Rony e Hermione sabiam que o amigo possuía uma natureza muito bondosa. Ele deu uma piscadela para os três garotos, ao se sentar à ponta da mesa dos professores e viu Dênis Creevey experimentar o Chapéu Seletor. O rasgo junto à aba se escancarou...
– *Grifinória!* – gritou o chapéu.
Hagrid aplaudiu com os demais alunos da Casa, quando Dênis Creevey, abrindo um sorriso de lado a lado do rosto, tirou o chapéu, recolocou-o no banquinho e correu para se juntar ao irmão.
– Colin, eu caí na água! – disse ele com a voz aguda, atirando-se no assento de

uma cadeira vazia. – Foi genial! E uma coisa na água me agarrou e me empurrou de volta pro barco!
– Legal! – disse Colin, no mesmo tom excitado. – Provavelmente foi a lula gigante, Dênis!
– *Uau!* – exclamou Dênis, como se ninguém, nem no sonho mais delirante, pudesse esperar coisa melhor do que ser atirado em um lago revolto e profundo e ser empurrado de volta por um gigantesco monstro marinho.
– Dênis! Dênis! Está vendo aquele garoto lá? Aquele de cabelos pretos e óculos? Está vendo ele? *Sabe quem é, Dênis?*
Harry olhou para o outro lado, fixando toda a atenção no Chapéu Seletor, que agora selecionava Ema Dobbs.
A seleção prosseguiu; garotos e garotas expressando no rosto variados graus de medo se adiantavam, um a um, até o banquinho de três pernas, e a fila foi diminuindo à medida que a Profª Minerva ultrapassava a letra “L”.
– Ah, anda logo – gemeu Rony, massageando o estômago.
– Ora, Rony, a seleção é muito mais importante do que a comida – disse Nick Quase Sem Cabeça, na hora em que “Madley, Laura!” tornava-se aluna da Lufa-Lufa.
– Claro que é, se a pessoa já está morta – retrucou Rony.
– Espero que os selecionados para a Grifinória este ano estejam à altura do time – disse o fantasma, aplaudindo, quando “McDonald, Natália!” reuniu-se à mesa deles. – Não queremos interromper a nossa maré de vitórias, não é mesmo?
Grifinória tinha ganhado o Campeonato Intercasas nos três últimos anos.
– Pritchard, Grão!
– *Sonserina!*
– Quirke, Orla!
– *Corvinal!*
E, finalmente, com “Whitby, Kevin!” (*Lufa-Lufa!*) encerrou-se a seleção. A Profª Minerva apanhou o chapéu e o banquinho e levou-os embora.
– Já não era sem tempo – exclamou Rony, apanhando os talheres e olhando esperançoso para seu prato de ouro.
O Prof. Dumbledore se levantara. Sorria para os estudantes, os braços abertos num gesto de boas-vindas.
– Só tenho duas palavras para lhes dizer – começou ele, sua voz grave ecoando pelo salão. – *Bom apetite!*
– Apoiado! Apoiado! – disseram Harry e Rony em voz alta, enquanto as travessas vazias se enchiam magicamente diante dos seus olhos.
Nick Quase Sem Cabeça ficou observando tristemente Harry, Rony e

Hermione encherem os pratos.
– Aaah, agora sim! – disse Rony, com a boca cheia de purê de batatas.
– Vocês têm sorte de que haja uma festa esta noite, sabem – disse Nick Quase Sem Cabeça. – Hoje cedo tivemos problemas na cozinha.
– Por quê? O que aconteceu? – perguntou Harry com a boca cheia de carne.
– Pirraça, é claro – disse Nick sacudindo a cabeça, que se desequilibrou perigosamente. O fantasma puxou mais para cima um rufo da gola. – A história de sempre, sabem. Ele queria vir à festa, bom, isto está fora de questão, vocês sabem como ele é, absolutamente selvagem, não pode ver um prato de comida sem querer atirá-lo longe. Reunimos um conselho de fantasmas, Frei Gorducho foi a favor de dar uma chance a Pirraça, mas muito prudentemente, na minha opinião, o Barão Sangrento fez pé firme.
O Barão Sangrento era o fantasma da *Sonserina*, um espectro extremamente magro e silencioso, coberto de manchas de sangue prateado. Era a única pessoa de Hogwarts que conseguia realmente controlar Pirraça.
– É, achamos que Pirraça estava invocado com alguma coisa – disse Rony sombriamente. – Então, que foi que ele aprontou na cozinha?
– Ah, o de sempre – respondeu Nick Quase Sem Cabeça, sacudindo os ombros –, causou prejuízos e confusão. Tachos e panelas por toda parte. Sopa para todo lado. Deixou os elfos domésticos loucos de terror...
Blém. Hermione derrubara sua taça de vinho. O suco de abóbora escorreu pela mesa, manchando de laranja mais de um metro de linho branco, mas nem se importou.
– Tem elfos domésticos *aqui*? – perguntou, encarando Nick Quase Sem Cabeça com uma expressão de horror. – Aqui em *Hogwarts*?
– Claro que sim – disse o fantasma, parecendo surpreso com a reação da garota. – O maior número que existe em uma habitação na Grã-Bretanha, acho. Mais de cem.
– Eu nunca vi nenhum! – exclamou Hermione.
– Bom, eles raramente deixam a cozinha durante o dia, não é? Saem à noite para fazer limpeza... abastecer as lareiras e coisas assim... quero dizer, não é esperado que fiquem à vista. Essa é a marca de um bom elfo doméstico, não é, que não se saiba que ele existe.
Hermione ficou olhando o fantasma.
– Mas eles recebem *salário*? – perguntou ela. – Têm *férias*, não têm? Licença médica, aposentadoria e todo o resto?
Nick Quase Sem Cabeça deu gargalhadas tão gostosas que sua gola de rufos escorregou, e a cabeça despencou para o lado e ficou balançando nos poucos centímetros de pele e músculo fantasmais que ainda a ligavam ao pescoço.

– Licença para tratamento médico e aposentadoria? – repetiu ele, puxando a cabeça de volta aos ombros e prendendo-a mais uma vez com a gola. – Elfos domésticos não querem licenças nem aposentadorias.

Hermione olhou para o prato de comida em que mal tocara, juntou os talheres e afastou-o.

– Ora, vamos, Mi-oinc – disse Rony, cuspindo, sem querer, fragmentos de pudim de carne em Harry. – Opa... desculpe, Harry... – E engoliu. – Você não vai arranjar licenças para eles deixando de comer!

– Trabalho escravo – disse a garota, respirando com força pelo nariz. – Foi isso que preparou este jantar. *Trabalho escravo*.

E recusou-se a continuar a comer.

A chuva ainda batucava com força nas janelas altas e escuras. Mais uma trovoada sacudiu as vidraças e o céu tempestuoso relampejou, iluminando os pratos de ouro quando os restos do primeiro prato desapareceram e foram substituídos instantaneamente por sobremesas.

– Torta de caramelo, Mione! – exclamou Rony, abanando intencionalmente o cheiro da sobremesa para os lados da amiga. – Pudim de groselhas, olha! Bolo de chocolate recheado!

Mas Hermione lhe lançou um olhar tão parecido com o que a Profª Minerva costumava dar que o garoto desistiu.

Quando as sobremesas também tinham sido destruídas, e as últimas migalhas desaparecidas dos pratos, deixando-os limpos e brilhantes, Alvo Dumbledore tornou a se levantar. O burburinho das conversas que enchiam o salão cessou quase imediatamente, de modo que somente se ouviam o uivo do vento e o batuque da chuva.

– Então! – exclamou Dumbledore, sorrindo para todos. – Agora que já comemos e molhamos também a garganta (“Hum!”, fez Hermione), preciso mais uma vez pedir sua atenção, para alguns avisos.

“O Sr. Filch, o zelador, me pediu para avisá-los de que a lista dos objetos proibidos no interior do castelo este ano cresceu, passando a incluir Ioiôsberrantes, Frisbees-dentados e Bumerangues-de-repetição. A lista inteira tem uns quatrocentos e trinta e sete itens, creio eu, e pode ser examinada na sala do Sr. Filch, se alguém quiser lê-la.”

Os cantos da boca de Dumbledore tremeram ligeiramente.

Ele continuou:

– Como sempre, eu gostaria de lembrar a todos que a floresta que faz parte da nossa propriedade é proibida a todos os alunos, e o povoado de Hogsmeade, àqueles que ainda não chegaram à terceira série.

“Tenho ainda o doloroso dever de informar que este ano não realizaremos a

Copa de Quadribol entre as Casas.”
– *Quê?* – exclamou Harry. Ele olhou para Fred e Jorge, seus companheiros no time de quadribol. Xingaram Dumbledore em silêncio, aparentemente espantados demais para falar.
Dumbledore continuou:
– Isto se deve a um evento que começará em outubro e irá prosseguir durante todo o ano letivo, mobilizando muita energia e muito tempo dos professores, mas eu tenho certeza de que vocês irão apreciá-lo imensamente. Tenho o grande prazer de anunciar que este ano em Hogwarts...
Mas neste momento, ouviu-se uma trovoada ensurdecedora e as portas do Salão Principal se escancararam.
Apareceu um homem parado à porta, apoiado em um longo cajado e coberto por uma capa de viagem preta. Todas as cabeças no Salão Principal se viraram para o estranho, repentinamente iluminado por um relâmpago que cortou o teto. Ele baixou o capuz, sacudiu uma longa juba de cabelos grisalhos ainda escuros e começou a caminhar em direção à mesa dos professores.
Um ruído metálico e abafado ecoava pelo salão a cada passo que ele dava. Quando alcançou a ponta da mesa, virou à direita e mancou pesadamente até Dumbledore. Mais um relâmpago cruzou o teto. Hermione prendeu a respiração.
O relâmpago revelou nitidamente as feições do homem e seu rosto era diferente de qualquer outro que Harry já vira. Parecia ter sido talhado em madeira exposta ao tempo, por alguém que tinha uma vaguíssima ideia do aspecto que um rosto humano deveria ter, e não fora muito habilidoso com o formão. Cada centímetro da pele do estranho parecia ter cicatrizes. A boca lembrava um rasgo diagonal e faltava um bom pedaço do nariz. Mas eram os seus olhos que o tornavam assustador.
Um deles era miúdo, escuro e penetrante. O outro era grande, redondo como uma moeda e azul-elétrico vivo. O olho azul se movia continuamente, sem piscar, e revirava para cima, para baixo, e de um lado para o outro, independentemente do olho normal – depois virava de trás para diante, apontando para o interior da cabeça do homem, de modo que só o que as pessoas viam era o branco da córnea.
O estranho chegou-se a Dumbledore. Estendeu a mão direita, que era tão cheia de cicatrizes quanto o rosto, e o diretor a apertou, murmurando palavras que Harry não pôde ouvir. Parecia estar fazendo perguntas ao estranho, que abanava negativamente a cabeça, sem sorrir, e respondia em voz baixa. Dumbledore assentiu com a cabeça e indicou ao homem o lugar vazio à sua direita.
O estranho se sentou, sacudiu a juba grisalha para afastá-la do rosto, puxou um prato de salsichas para si, levou-o ao que restara do nariz e cheirou-o. Tirou

então uma faquinha do bolso, espetou a salsicha e começou a comer. Seu olho normal fixava as salsichas, mas o olho azul continuava a dar voltas na órbita registrando o salão e os estudantes.

– Gostaria de apresentar o nosso novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas – disse Dumbledore, animado, em meio ao silêncio. – Prof. Moody.

Era normal os novos membros do corpo docente serem recebidos com aplausos, mas nem os colegas nem os estudantes bateram palmas, exceto Dumbledore e Hagrid. Os dois juntaram as mãos e bateram palmas, mas o som ecoou tristemente no silêncio e eles bem depressa pararam. Todos pareciam demasiado hipnotizados pela aparência grotesca de Moody para ter qualquer reação exceto encarar o homem.

– Moody? – murmurou Harry para Rony. – *Olho-Tonto Moody?* O que o seu pai foi ajudar hoje de manhã?

– Deve ser – disse Rony baixo, em tom de assombro.

– Que aconteceu com ele? – cochichou Hermione. – Que aconteceu com a *cara* dele?

– Não sei – cochichou Rony em resposta, mirando Moody, fascinado.

Moody parecia totalmente indiferente à recepção quase fria que tivera. Ignorando a jarra de suco de abóbora à sua frente, o homem tornou a enfiar a mão no interior da capa, puxou um frasco de bolso e bebeu um longo gole. Quando levantou o braço para beber, sua capa se elevou alguns centímetros do chão e Harry viu, por baixo da mesa, um bom pedaço de uma perna de pau, que terminava em um pé com garras.

Dumbledore pigarreou outra vez.

– Como eu ia dizendo – recomeçou ele, sorrindo para o mar de alunos à sua frente, todos ainda mirando Olho-Tonto Moody, paralisados –, teremos a honra de sediar um evento muito excitante nos próximos meses, um evento que não é realizado há um século. Tenho o enorme prazer de informar que, este ano, realizaremos um Torneio Tribruxo em Hogwarts.

– O senhor está BRINCANDO! – exclamou em voz alta Fred Weasley.

A tensão que invadira o salão desde a chegada de Moody repentinamente se desfez.

Quase todos riram e Dumbledore deu risadinhas de prazer.

– *Não* estou brincando, Sr. Weasley – disse ele –, embora, agora que o senhor menciona, ouvi uma excelente piada durante o verão sobre um trasgo, uma bruxa má e um *leprechaun* que entram num bar...

A Profª Minerva pigarreou alto.

– Hum... mas talvez não seja hora... não... Onde é mesmo que eu estava? Ah, sim, no Torneio Tribruxo... bom, alguns de vocês talvez não saibam o que é esse

torneio, de modo que espero que aqueles que *já* sabem me perdoem por dar uma breve explicação, e deixem sua atenção vagar livremente.

"O Torneio Tribruxo foi criado há uns setecentos anos, como uma competição amistosa entre as três maiores escolas europeias de bruxaria – Hogwarts, Beauxbatons e Durmstrang. Um campeão foi eleito para representar cada escola e os três campeões competiram em três tarefas mágicas. As escolas se revezaram para sediar o torneio a cada cinco anos, e todos concordaram que era uma excelente maneira de estabelecer laços entre os jovens bruxos e bruxas de diferentes nacionalidades – até que a taxa de mortalidade se tornou tão alta que o torneio foi interrompido."

– *Taxa de mortalidade?* – sussurrou Hermione, parecendo assustada. Mas, aparentemente, sua ansiedade não foi compartida pela maioria dos alunos no salão; muitos murmuravam entre si, excitados, e o próprio Harry estava bem mais interessado em saber mais sobre o torneio do que em se preocupar com o que acontecera centenas de anos atrás.

– Durante séculos houve várias tentativas de reiniciar o torneio – continuou Dumbledore –, nenhuma das quais foi bem-sucedida. No entanto, os nossos Departamentos de Cooperação Internacional em Magia e de Jogos e Esportes Mágicos decidiram que já era hora de fazer uma nova tentativa. Trabalhamos muito durante o verão para garantir que, desta vez, nenhum campeão seja exposto a um perigo mortal.

"Os diretores de Beauxbatons e Durmstrang chegarão com a lista final dos competidores de suas escolas em outubro e a seleção dos três campeões será realizada no Dia das Bruxas. Um julgamento imparcial decidirá que alunos terão mérito para disputar a Taça Tribruxo, a glória de sua escola e o prêmio individual de mil galeões."

– Estou nessa! – sibilou Fred Weasley para os colegas de mesa, o rosto iluminado de entusiasmo ante a perspectiva de tal glória e riqueza. Aparentemente ele não era o único que estava se vendo como campeão de Hogwarts. Em cada mesa Harry viu gente olhando arrebatada para Dumbledore ou então cochichando ardentemente com os vizinhos. Mas, então, Dumbledore recomeçou a falar, e o salão se aquietou.

– Ansiosos como eu sei que estarão para ganhar a Taça para Hogwarts – disse ele –, os diretores das escolas participantes, bem como o Ministério da Magia, concordaram em impor este ano uma restrição à idade dos contendores. Somente os alunos que forem maiores, isto é, tiverem mais de dezessete anos, terão permissão de apresentar seus nomes à seleção. Isto – Dumbledore elevou ligeiramente a voz, pois várias pessoas haviam protestado indignadas ao ouvir suas palavras, e os gêmeos Weasley, de repente, pareciam furiosos – é uma

medida que julgamos necessária, pois as tarefas do torneio continuarão a ser difíceis e perigosas, por mais precauções que tomemos, e é muito pouco provável que os alunos abaixo da sexta e sétima séries sejam capazes de dar conta delas. Cuidarei pessoalmente para que nenhum aluno menor de idade engane o nosso juiz imparcial e seja escolhido campeão de Hogwarts. – Seus olhos azul-claros cintilaram ao perpassar os rostos rebelados de Fred e Jorge. – Portanto peço que não percam tempo apresentando suas candidaturas se ainda não tiverem completado dezessete anos.

"As delegações de Beauxbatons e de Durmstrang chegarão em outubro e permanecerão conosco a maior parte deste ano letivo. Sei que estenderão as suas boas maneiras aos nossos visitantes estrangeiros enquanto estiverem conosco, e que darão o seu generoso apoio ao campeão de Hogwarts quando ele for escolhido. E agora já está ficando tarde e sei como é importante estarem acordados e descansados para começar as aulas amanhã de manhã. Hora de dormir! Vamos andando!"

Dumbledore tornou a se sentar e virou-se para falar com Olho-Tonto Moody. Ouviu-se um estardalhaço de cadeiras batendo e se arrastando quando os alunos se levantaram para sair como um enxame em direção às portas de entrada do Salão Principal.

– Não podem fazer isso com a gente! – reclamou Jorge Weasley, que não se reunira aos colegas que se dirigiam às portas, mas continuara parado olhando de cara emburrada para Dumbledore. – Vamos fazer dezessete anos em abril, por que não podemos tentar?

– Não vão me impedir de me inscrever – disse Fred, teimoso, também amarrando a cara para a mesa principal. – Os campeões vão fazer todo o tipo de coisa que normalmente nunca podemos fazer. E mil galeões de prêmio!

– É – disse Rony, um olhar distante no rosto. – É, mil galeões...

– Vamos – disse Mione –, vamos ser os únicos a ficar aqui se você não se mexer.

Harry, Rony, Hermione, Fred e Jorge saíram para o saguão de entrada, os gêmeos discutindo as maneiras pelas quais Dumbledore poderia impedir os menores de dezessete anos de se inscreverem no torneio.

– Quem é esse juiz imparcial que vai decidir quem são os campeões? – perguntou Harry.

– Sei lá – disse Fred –, mas é ele a que temos de enganar. Acho que umas gotas de Poção para Envelhecer talvez resolvam, Jorge...

– Mas Dumbledore sabe que vocês são menores – ponderou Rony.

– É, mas não é ele que decide quem é o campeão, é? – perguntou Fred, astutamente. – Estou achando que quando esse juiz souber quem quer entrar, ele

vai escolher o melhor de cada escola, sem se importar com a idade do campeão. Dumbledore está tentando impedir a gente de se inscrever.

– Mas teve pessoas que morreram! – disse Hermione com a voz preocupada, enquanto passavam por uma porta escondida atrás de uma tapeçaria para subir outra escada ainda mais estreita.

– É – disse Fred levianamente –, mas isso foi há muitos anos, não é? Em todo o caso onde é que está a graça se não houver um pouco de risco? Ei, Rony, e se descobrirmos como contornar Dumbledore? Já imaginou a gente se inscrevendo?

– Que é que você acha? – perguntou Rony a Harry. – Seria legal, não seria? Mas suponha que eles queiram alguém mais velho?... Não sei se já aprendemos o suficiente...

– Eu decididamente não aprendi – ouviu-se a voz tristonha de Neville às costas de Fred e Jorge. – Mas imagino que a minha avó vai querer que eu experimente, ela está sempre falando que eu devia lutar pela honra da família. Eu terei que... opa...

O pé de Neville afundara direto por um degrau no meio da escada. Havia muitos desses degraus bichados em Hogwarts; já era uma segunda natureza na maioria dos alunos antigos saltar esse determinado degrau, mas a memória de Neville era notoriamente fraca. Harry e Rony o agarraram pelas axilas e o puxaram para cima, enquanto uma armadura no alto das escadas rangia e retinia, rindo-se asmaticamente.

– Quieta aí – disse Rony, baixando o visor da armadura com estrépito, ao passarem.

Os garotos se dirigiram à entrada da Torre da Grifinória, que ficava escondida atrás de uma grande pintura a óleo de uma mulher gorda com um vestido de seda rosa.

– Senha? – perguntou ela quando os garotos se aproximaram.

– *Asnice* – disse Jorge –, um monitor me informou lá embaixo.

O retrato girou para a frente, expondo um buraco na parede, pelo qual todos passaram. Um fogo crepitante aquecia a sala comunal circular, mobiliada com fofas poltronas e mesas. Hermione lançou às chamas dançantes um olhar mal-humorado e Harry a ouviu dizer distintamente “*traba lho escravo*”, antes de dar boa-noite aos amigos e desaparecer pelo portal que dava acesso ao dormitório das meninas.

Harry, Rony e Neville subiram a última escada em espiral para chegar ao próprio dormitório, que ficava situado no alto da Torre. As camas de colunas com cortinados vermelho-escuros estavam encostadas às paredes, cada uma com o malão do dono aos pés. Dino e Simas já estavam se deitando; Simas pregara sua roseta da Irlanda na cabeceira da cama e Dino afixara um pôster de Vítor

Krum em cima da mesa de cabeceira. Seu velho pôster do time de futebol de West Ham estava pendurado ao lado do novo.

– Biruta – suspirou Rony, sacudindo a cabeça para os jogadores de futebol completamente imóveis.

Harry, Rony e Neville vestiram os pijamas e se enfiaram em suas camas. Alguém – um elfo doméstico, com certeza – colocara esquentadores entre os lençóis. Era extremamente confortável, ficar ali deitado na cama escutando a tempestade rugir lá fora.

– Eu tentaria, sabe – disse Rony, sonolento, no escuro –, se Fred e Jorge descobrirem como... o torneio... nunca se sabe, não é?

– Imagino que não... – Harry se virou na cama, uma série de imagens novas e fascinantes se formando em sua cabeça... ele enganara o juiz imparcial fazendo-o acreditar que tinha dezessete anos... tornara-se campeão de Hogwarts... estava em pé nos jardins, os braços erguidos em triunfo diante de toda a escola, que o aplaudia e gritava... ele acabara de ganhar o Torneio Tribruxo... O rosto de Cho se destacava claramente na multidão difusa, o rosto radioso de admiração...

Harry sorriu para o travesseiro, excepcionalmente contente de que Rony não pudesse ver o que ele via.

— CAPÍTULO TREZE —

Olho-Tonto Moody

O temporal já se esgotara quando o dia seguinte amanheceu, embora o teto no Salão Principal continuasse ameaçador; pesadas nuvens cinza-chumbo se espiralavam no alto quando Harry, Rony e Hermione examinaram seus novos horários ao café da manhã. A poucas cadeiras de distância, Fred, Jorge e Lino Jordan discutiam métodos mágicos de se tornarem velhos e, com esse truque, participar do Torneio Tribruxo.

– Hoje não é ruim... lá fora a manhã inteira – disse Rony, que corria o dedo pela coluna intitulada segunda-feira no seu horário –, Herbologia com a Lufa-Lufa e Trato das Criaturas Mágicas... droga, continuamos com a Sonserina...

– Dois tempos de Adivinhação hoje à tarde – gemeu Harry, baixando os olhos. Adivinhação era a matéria de que ele menos gostava, depois de Poções. A Profª Sibila Trelawney não parava de predizer a morte de Harry, coisa que ele achava muitíssimo aborrecida.

– Você devia ter desistido como eu fiz, não é? – disse Hermione decidida, passando manteiga na torrada. – Então poderia fazer alguma coisa sensata como Aritmancia.

– Você voltou a comer, pelo que estou vendo – comentou Rony, observando Hermione acrescentar generosas quantidades de geleia à torrada amanteigada.

– Já resolvi que há maneiras melhores de marcar posição no caso dos direitos dos elfos – disse Hermione com altivez.

– É... e pelo visto está com fome – disse Rony, sorrindo.

Houve um repentino rumorejo acima deles e cem corujas entraram pelas janelas abertas, trazendo o correio da manhã. Instintivamente, Harry olhou para o alto, mas não viu nada branco na mancha compacta de castanhos e cinza. As corujas circularam sobre as mesas, procurando as pessoas a quem as cartas e pacotes eram endereçados. Uma corujona âmbar desceu até Neville Longbottom

e depositou um embrulho em seu colo – o garoto quase sempre se esquecia de guardar na mala alguma coisa. Do outro lado do salão, a coruja de Draco Malfoy pousara no ombro dele trazendo sua habitual remessa de doces e bolos de casa. Tentando ignorar a profunda sensação de desapontamento no meio do estômago, Harry voltou sua atenção para o mingau de aveia. Será que alguma coisa tinha acontecido a Edwiges e que Sirius sequer recebera sua carta?

Sua preocupação se prolongou por todo o caminho pela horta enlameada até chegarem à estufa número três, mas ali ele se distraiu com a Profª Sprout que mostrava à turma as plantas mais feias que Harry já vira. De fato, elas se pareciam mais com enormes lesmas gordas e pretas que brotavam verticalmente do solo do que com plantas. Cada uma delas se contorcia ligeiramente e tinha vários inchaços brilhantes no corpo que pareciam cheios de líquido.

– Bubotúberas – disse a Profª Sprout brevemente. – Precisam ser espremidas. Recolhe-se o pus...

– O *quê*? – exclamou Simas Finnigan, expressando sua repugnância.

– Pus, Finnigan – respondeu a professora –, e é extremamente precioso, por isso não o desperdice. Recolhe-se o pus, como eu ia dizendo, nessas garrafas. Usem as luvas de couro de dragão, podem acontecer reações engraçadas na pele quando o pus das bubotúberas não está diluído.

Espremer as bubotúberas era nojento, mas dava um estranho prazer. À medida que estouravam cada tumor, saía dele uma grande quantidade de líquido verde-amarelado, que cheirava fortemente a gasolina. Os alunos o recolheram em garrafas, conforme a professora orientara e, no fim da aula, haviam obtido vários litros.

– Isto vai deixar Madame Pomfrey feliz – disse a Profª Sprout arrolhando a última garrafa. – Um remédio excelente para as formas mais renitentes de acne, o pus de bubotúberas. Pode fazer os alunos pararem de recorrer a medidas desesperadas para se livrarem das espinhas.

– Como a coitada da Heloísa Midgen – disse Ana Abbott, aluna da Lufa-Lufa, em voz baixa. – Ela tentou acabar com as dela lançando um feitiço.

– Que menina tola! – disse a professora, balançando a cabeça. – Mas, no fim, Madame Pomfrey fez o nariz dela voltar à forma anterior.

Uma sineta ressonante sinalizou o fim da aula e a turma se separou; os da Lufa-Lufa subiram a escada de pedra rumo à aula de Transfiguração e os da Grifinória tomaram outro rumo, descendo o jardim em direção à pequena cabana de madeira de Hagrid, que ficava na orla da Floresta Proibida.

Hagrid estava parado à frente da cabana, uma das mãos na coleira do seu enorme cão de caçar javalis, Canino. Havia vários caixotes abertos no chão a

seus pés, e Canino choramingava e retesava a coleira, aparentemente tentando investigar o conteúdo dos caixotes mais de perto. Quando os garotos se aproximaram, um estranho som de chocalho chegou aos seus ouvidos pontuado, aparentemente, por pequenas explosões.

– Dia! – cumprimentou Hagrid, sorrindo para Harry, Rony e Hermione. – Melhor esperar pelos alunos da Sonserina, eles não vão querer perder isso... Explosivins!

– Como é? – perguntou Rony.

Hagrid apontou para os caixotes.

– Arrrrrre! – exclamou Lilá Brown num gritinho agudo, saltando para trás.

“Arrrrrre” praticamente resumia o que eram os explosivins, na opinião de Harry. Pareciam lagostas sem casca, deformadas, terrivelmente pálidas e de aspecto pegajoso, as pernas saindo dos lugares mais estranhos e sem cabeça visível. Havia uns cem deles em cada caixote, cada um com uns quinze centímetros de comprimento, rastejando uns sobre os outros, batendo às cegas contra as paredes das caixas. Desprendiam um cheiro forte de peixe podre. De vez em quando, soltavam faíscas da cauda e, com um leve *pum*, se deslocavam alguns centímetros à frente.

– Acabaram de sair da casca – informou Hagrid orgulhoso –, por isso vocês vão poder criar os bichinhos pessoalmente! Achei que podíamos fazer uma pesquisa sobre eles!

– E por que nós íamos *querer* criar esses bichos? – perguntou uma voz fria.

Os alunos da Sonserina haviam chegado. Quem falava era Draco Malfoy. Crabbe e Goyle davam risadinhas de prazer ao ouvir suas palavras.

Hagrid pareceu embatucar com a pergunta.

– Quero dizer, o que é que *eles* fazem? – perguntou Malfoy. – Para que *servem*?

Hagrid abriu a boca, aparentemente fazendo um esforço para responder; houve uma pausa de alguns segundos, depois ele disse com aspereza:

– Isto é na próxima aula, Malfoy. Hoje você só vai alimentar os bichos. Agora vamos ter que experimentar diferentes alimentos... nunca os criei antes, não tenho certeza do que gostariam... tenho ovos de formiga, fígados de sapo e um pedaço de cobra, experimentem um pedacinho de cada.

– Primeiro pus e agora isso – resmungou Simas.

Nada, exceto a profunda afeição que tinham por Hagrid, poderia ter feito Harry, Rony e Hermione apanhar mãos cheias de fígados de sapo melados e baixá-las aos caixotes para tentar os explosivins. Harry não conseguiu refrear a suspeita de que aquilo tudo não tinha finalidade alguma, porque os bichos não pareciam ter bocas.

– *Ai!* – gritou Dino Thomas, passados uns dez minutos. – Ele me pegou!
Hagrid correu para o garoto, com uma expressão ansiosa no rosto.
– A cauda dele explodiu! – disse Dino zangado, mostrando a Hagrid uma queimadura na mão.
– Ah, é, isso pode acontecer quando eles disparam – disse Hagrid, confirmando o que dizia com a cabeça.
– Arre! – exclamou Lilá Brown outra vez. – Arre, Hagrid, que é essa coisinha pontuda neles?
– Ah, alguns têm espinhos – disse Hagrid entusiasmado (Lilá retirou depressa a mão da caixa). – Acho que são os machos... as fêmeas têm uma espécie de sugador na barriga... Acho que talvez seja para sugar sangue.
– Bom, sem a menor dúvida eu entendo por que estamos tentando manter esses bichos vivos – disse Malfoy sarcasticamente. – Quem não iria querer animaizinhos de estimação que podem queimar, picar e morder, tudo ao mesmo tempo?
– Só porque eles não são muito bonitos, não significa que não sejam úteis – retorquiu Hermione. – Sangue de dragão é uma coisa assombrosamente mágica, mas você não iria querer um dragão como bicho de estimação, não é mesmo?
Harry e Rony sorriram para Hagrid, que retribuiu com um sorriso furtivo por trás da barba espessa. Nada o teria agradado mais do que um filhote de dragão, como Harry, Rony e Hermione sabiam mais do que bem – ele criara um, por um breve período, durante o primeiro ano deles na escola, um agressivo dragão norueguês que recebera o nome de Norberto. Hagrid simplesmente amava monstros – quanto mais letal, melhor.
– Bom, pelo menos os explosivins são pequenos – disse Rony, quando voltavam uma hora depois ao castelo para almoçar.
– São *agora* – disse Hermione, com uma voz exasperada –, mas depois que o Hagrid descobrir o que eles comem, imagino que vão atingir um metro e meio de comprimento.
– Bom, isso não vai fazer diferença se descobrirem que eles curam enjoo ou outra coisa qualquer, não é? – disse Rony, sorrindo sonsamente para a amiga.
– Você sabe perfeitamente bem que eu só disse aquilo para calar a boca de Malfoy – retrucou Hermione. – Aliás acho que ele tem razão. O melhor que podíamos fazer era acabar com os bichos antes que eles comecem a nos atacar.
Os garotos se sentaram à mesa da Grifinória e se serviram de costeletas de cordeiro com batatas. Hermione começou a comer tão rápido que Harry e Rony ficaram olhando para ela.
– Hum, essa é a sua nova posição em favor dos direitos dos elfos? – perguntou Rony. – Em vez de não comer, comer depressa para vomitar?

– Não – respondeu Hermione com toda a dignidade que conseguiu reunir tendo a boca cheia de couves-de-bruxelas. – Só quero chegar à biblioteca.

– *Quê?* – exclamou Rony incrédulo. – Mione, é o primeiro dia de aulas! Ainda nem passaram dever de casa pra gente!

Hermione sacudiu os ombros e continuou a devorar a comida como se não comesse há dias. Em seguida se levantou e disse:

– Vejo vocês no jantar! – e saiu apressadíssima.

Quando a sineta tocou para anunciar o início das aulas da tarde, Harry e Rony se dirigiram à Torre Norte, onde, no alto de uma estreita escada em caracol, uma escada de mão prateada levava a um alçapão no teto e à sala em que morava a Profª Sibila Trelawney.

O já conhecido perfume doce que saía da lareira veio ao encontro das narinas dos garotos quando eles chegaram ao topo da escada. Como sempre, as cortinas estavam fechadas; e a sala circular, banhada por uma fraca luz avermelhada projetada por várias lâmpadas cobertas por lenços e xales. Harry e Rony caminharam entre as cadeiras e pufes forrados de chintz, já ocupados, e se sentaram à mesma mesinha redonda.

– Bom-dia! – disse a etérea voz da professora às costas de Harry, causando-lhe um sobressalto.

Uma mulher magra com enormes óculos que faziam seus olhos parecerem demasiado grandes para o rosto, a professora mirava Harry com a expressão trágica que fazia sempre que o via. Os numerosos colares e pulseiras habituais faiscavam em seu corpo às chamas da lareira.

– Você está preocupado, meu querido – disse ela tristemente a Harry. – Minha Visão Interior transpõe o seu rosto corajoso e chega dentro de sua alma perturbada. E lamento dizer que suas preocupações têm fundamento. Vejo tempos difíceis em seu futuro, ai de você... dificílimos... receio que a coisa que você teme realmente venha a acontecer... e talvez mais cedo do que pensa...

Sua voz foi baixando até virar quase um sussurro. Rony revirou os olhos para Harry, que lhe retribuiu com um olhar impassível. A Profª Sibila deixou os garotos, com um movimento ondulante, e se sentou na grande bergère diante da lareira, de frente para a turma. Lilá Brown e Parvati Patil, que a admiravam profundamente, estavam sentadas em pufes muito próximos à professora.

– Meus queridos, está na hora de estudarmos as estrelas – disse ela. – Os movimentos dos planetas e os misteriosos portentos que eles revelam somente àqueles que compreendem os passos da coreografia celestial. O destino humano pode ser decifrado pelos raios planetários que se fundem...

Mas os pensamentos de Harry tinham se afastado. As chamas perfumadas

sempre o deixavam sonolento e embotado, e os discursos desconexos da professora sobre adivinhação nunca conseguiam mantê-lo exatamente fascinado – embora não pudesse deixar de refletir sobre o que ela acabara de dizer: *“Receio que a coisa que você teme realmente venha a acontecer...”*

Mas Hermione tinha razão, pensou Harry irritado, Sibila era realmente uma velha charlatã. Ele não estava com medo de absolutamente nada naquele momento... bom, a não ser talvez o medo de que Sirius tivesse sido apanhado... mas o que sabia a professora? Harry já chegara à conclusão, havia muito tempo, de que a adivinhação dela não passava de palpites ocasionalmente certos e um jeito misterioso de apresentá-los.

Exceto, naturalmente, aquela vez no fim do último trimestre, quando predissera o retorno de Voldemort ao poder... e o próprio Dumbledore era de opinião que o transe de Sibila fora genuíno, quando Harry lhe contara...

– *Harry!* – murmurou Rony.

– *Quê?*

Harry olhou para os lados; a turma inteira o observava. Ele se sentou direito; estivera quase cochilando, perdido em meio ao calor e aos seus pensamentos.

– Eu estava dizendo, meu querido, que você sem dúvida nasceu sob a influência nefasta de Saturno – disse a Profª Sibila, com um leve quê de mágoa na voz pelo fato de que o garoto obviamente não estivera pendurado em suas palavras.

– Nasci sob o quê... perdão? – disse Harry.

– Saturno, querido, o planeta Saturno! – disse a professora, parecendo irritada que ele não tivesse prestado atenção à informação. – Eu estava dizendo que Saturno com certeza estava numa posição dominante no céu na hora em que você nasceu... seus cabelos escuros... sua baixa estatura... suas perdas trágicas na infância... acho que estou certa ao afirmar, meu querido, que você nasceu em pleno inverno?

– Não – respondeu Harry. – Nasci no verão.

Rony se apressou em transformar uma risada em um forte acesso de tosse.

Meia hora depois, cada um dos alunos recebeu um mapa circular e tentou desenhar a posição dos planetas na hora do seu nascimento. Era um trabalho enjoado, que exigia muitas consultas a tabelas horárias e cálculos de ângulos.

– Eu tenho dois Netunos aqui – disse Harry, depois de algum tempo, olhando insatisfeito o seu pergaminho –, isso não pode estar certo, pode?

– Aaaaah – exclamou Rony, imitando o sussurro místico da professora –, quando dois Netunos aparecem no céu é um sinal seguro de que um anão de óculos está nascendo, Harry...

Simas e Dino, que estavam sentados próximos, riram alto, embora não tão alto

a ponto de abafar os gritinhos excitados de Lilá Brown:
– Ah, Profª Sibila, olhe! Acho que tenho um planeta oculto! Aaaah, qual é esse, professora?
– É Urano, minha querida – disse a professora examinando o mapa.
– Posso dar uma olhada no seu Urano, também, Lilá? – perguntou Rony.
Por infelicidade, a professora o ouviu e talvez tenha sido por isso que no fim da aula passou para a turma tanto dever de casa.
– Quero uma análise detalhada do modo com que os movimentos dos planetas vão afetá-los no próximo mês, tendo em vista o seu mapa pessoal – disse ela secamente, parecendo mais a Profª Minerva do que a fada etérea de sempre. – Para entrega na próxima segunda-feira, e não aceito desculpas!
– Diabo de morcega velha – exclamou Rony com amargura, quando eles se reuniram aos demais alunos que desciam as escadas para jantar no Salão Principal. – Isso vai nos tomar todo o fim de semana, ah vai...
– Muito dever de casa? – indagou Hermione animada, alcançando-os. – A Profª Vector não passou nada para *nós*!
– Palmas para a Profª Vector – retrucou Rony mal-humorado.
Os três chegaram ao saguão de entrada, que estava lotado de gente fazendo fila para o jantar. Tinham acabado de entrar no fim da fila, quando uma voz alta soou às costas deles.
– Weasley! Ei, Weasley!
Harry, Rony e Hermione se viraram. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados ali, cada qual parecendo mais satisfeito.
– Que é? – perguntou Rony rispidamente.
– Seu pai está no jornal, Weasley! – disse Malfoy brandindo um exemplar do *Profeta Diário*, e isso bem alto para que todas as pessoas aglomeradas no saguão pudessem ouvir. – Escuta só isso!

NOVOS ERROS NO MINISTÉRIO DA MAGIA
Pelo visto os problemas no Ministério da Magia ainda não chegaram ao fim, informa nossa correspondente especial Rita Skeeter. *Recentemente censurado por sua incapacidade de controlar multidões durante a Copa Mundial de Quadribol, e ainda devendo à opinião pública uma explicação para o desaparecimento de uma de suas bruxas, ontem o Ministério enfrentou novo constrangimento com as extravagâncias de Arnold Weasley, da Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas.*

Malfoy ergueu os olhos.

– Imagina, nem escreveram direito o nome dele, Weasley, é quase como se ele não existisse, não é?

Todos no saguão agora prestavam atenção. Malfoy esticou o jornal com um gesto largo e continuou a ler:

> *Arnold Weasley, acusado de possuir um carro voador há dois anos, envolveu-se ontem numa briga com guardiões trouxas da lei (policiais) por causa de latas de lixo extremamente agressivas. O Sr. Weasley parece ter ido socorrer "Olho-Tonto" Moody, um ex-auror idoso, que se aposentou do Ministério ao se tornar incapaz de distinguir um aperto de mão de uma tentativa de homicídio. Ao chegar à casa do ex-auror, fortemente guardada, o funcionário verificou, sem surpresa, que, mais uma vez, o Sr. Moody dera um alarme falso. Em consequência, o Sr. Weasley foi obrigado a alterar muitas memórias para poder escapar dos policiais, mas se recusou a responder às perguntas do* Profeta Diário *sobre as razões que o levaram a envolver o Ministério nesse episódio pouco digno e potencialmente embaraçoso.*

– E tem uma foto, Weasley! – acrescentou Malfoy, virando o jornal e mostrando-a. – Uma foto de seus pais à porta de casa, se é que se pode chamar isso de casa! Sua mãe bem que podia perder uns quilinhos, não acha?

Rony tremia de fúria. Todos o encaravam.

– Se manda, Malfoy – disse Harry. – Vamos Rony...

– Ah, é mesmo, você esteve visitando a família no verão, não foi, Potter? – caçoou Malfoy. – Então me conta, a mãe dele parece uma barrica ou é efeito da foto?

– Você já olhou bem para *sua* mãe, Malfoy? – respondeu Harry, ele e Hermione seguravam Rony pelas costas das vestes para impedi-lo de partir para cima do outro. – Aquela expressão na cara dela, de quem tem bosta debaixo do nariz? Ela sempre teve aquela cara ou foi só porque você estava perto dela?

O rosto pálido de Malfoy corou levemente.

– Não se atreva a ofender minha mãe, Potter.

– Então vê se cala esse bocão – disse Harry dando as costas ao colega.

BANGUE!

Várias pessoas gritaram. Harry sentiu uma coisa branca e quente arranhar o lado do rosto, mergulhou a mão nas vestes para apanhar a varinha, mas antes que chegasse sequer a tocá-la, ouviu um segundo estampido e um berro que ecoou pelo saguão de entrada.

– AH, NÃO VAI NÃO, GAROTO!

Harry se virou. O Prof. Moody descia mancando a escadaria de mármore.

Tinha a varinha na mão e apontava diretamente para uma doninha muito alva, que tremia no piso de lajotas, exatamente no lugar em que Malfoy estivera.

Fez-se um silêncio aterrorizado no saguão. Ninguém exceto Moody mexia um só músculo. Ele se virou para olhar Harry – pelo menos, o olho normal estava olhando para Harry; o outro estava apontando para dentro da cabeça.

– Ele o mordeu? – rosnou o professor. Sua voz era baixa e áspera.

– Não – respondeu Harry –, por pouco.

– DEIXE-O! – berrou Moody.

– Deixe... o quê? – perguntou Harry espantado.

– Não você, ele! – vociferou Moody, apontando o polegar por cima do ombro para Crabbe, que acabara de congelar em meio a um gesto para recolher a doninha branca. Parecia que o olho giratório de Moody era mágico e enxergava através da nuca do professor.

Moody começou a mancar em direção a Crabbe, Goyle e a doninha, que soltou um guincho aterrorizado e fugiu em direção às masmorras.

– Acho que não! – rugiu Moody, tornando a apontar a varinha para a doninha, ela subiu uns três metros no ar, caiu com um baque úmido no chão e quicou de novo para cima.

“Não gosto de gente que ataca um adversário pelas costas”, rosnou Moody, enquanto a doninha quicava cada vez mais alto, guinchando de dor. “Um ato nojento, covarde, reles...”

A doninha voava pelo ar, as pernas e a cauda sacudiam descontroladas.

– Nunca... mais... torne... a... fazer... isso – continuou o professor, destacando cada palavra para a doninha que batia no piso de pedra e tornava a subir.

– Prof. Moody! – chamou uma voz chocada.

A Profª Minerva vinha descendo a escadaria com os braços carregados de livros.

– Olá, Profª McGonagall – cumprimentou Moody calmamente, fazendo a doninha quicar ainda mais alto.

– Que... que é que o senhor está fazendo? – perguntou a professora seguindo com o olhar a subida da doninha no ar.

– Ensinando – respondeu ele.

– Ensinan... Moody, *isso é um aluno*? – gritou a professora, os livros despencando dos seus braços.

– É.

– Não! – exclamou ela, descendo a escada correndo e puxando a própria varinha; um momento depois, com um estampido, Draco Malfoy reapareceu, caído embolado no chão, os cabelos lisos e louros sobre o rosto agora muito

vermelho. Ele se levantou, fazendo uma careta.
– Moody, *nunca* usamos transformação em castigos! – disse a professora com a voz fraca. – Certamente o Prof. Dumbledore deve ter-lhe dito isso?
– É, talvez ele tenha mencionado – respondeu Moody, coçando o queixo displicentemente –, mas achei que um bom choque...
– Damos detenções, Moody! Ou falamos com o diretor da casa do faltoso!
– Vou fazer isso, então – disse Moody, encarando Malfoy com intenso desagrado.
O garoto, cujos olhos claros ainda lacrimejavam de dor e humilhação, ergueu o rosto maldosamente para Moody e murmurou alguma coisa em que se distinguiam as palavras "meu pai".
– Ah, é? – disse Moody em voz baixa, aproximando-se alguns passos, a pancada surda de sua perna de pau ecoando pelo saguão. – Bom, conheço seu pai de outras eras, moleque... diga a ele que Moody está de olho no filho dele... diga-lhe isso por mim... agora, imagino que o diretor de sua casa seja o Snape, não?
– É – respondeu Malfoy cheio de rancor.
– Outro velho amigo – rosnou Moody. – Estou querendo mesmo conversar com o velho Snape... vamos, seu... – E segurando o garoto pelo antebraço saiu com ele em direção às masmorras.
A Profª Minerva acompanhou-os com um olhar ansioso por alguns momentos, depois apontou a varinha para os livros caídos fazendo-os subir no ar e voltar aos seus braços.
– Não falem comigo – disse Rony em voz baixa para Harry e Hermione, quando se sentaram à mesa da Grifinória alguns minutos mais tarde, cercados por alunos excitados por todos os lados que comentavam o que acabara de acontecer.
– Por que não? – perguntou Hermione surpresa.
– Porque quero gravar isso na memória para sempre – disse Rony, com os olhos fechados e uma expressão de enlevo no rosto. – Draco Malfoy, a fantástica doninha quicante...
Harry e Hermione riram, e a garota começou a servir bife de caçarola no prato dos dois.
– Ele poderia ter realmente machucado Malfoy – comentou ela. – Foi bom a Profª Minerva ter feito ele parar...
– Mione! – exclamou Rony furioso, os olhos se abrindo repentinamente. – Você está estragando o melhor momento da minha vida!
Hermione soltou uma exclamação de impaciência e começou a comer outra vez em alta velocidade.

– Não me diga que vai voltar à biblioteca hoje à noite? – perguntou Harry, observando-a.

– Preciso – respondeu Mione indistintamente. – Muito que fazer.

– Mas você nos disse que a Profª Vector...

– Não é dever de escola. – Em cinco minutos ela limpara o prato e fora embora.

Nem bem a garota tinha saído e sua cadeira foi ocupada por Fred Weasley.

– Moody! – disse ele. – Ele é legal?

– Pra lá de legal – disse Jorge, sentando-se defronte a Fred.

– Superlegal – disse o melhor amigo dos gêmeos, Lino Jordan, escorregando para o lugar ao lado de Jorge. – Tivemos ele hoje à tarde – disse Lino a Harry e Rony.

– Como foi a aula? – perguntou Harry ansioso.

Fred, Jorge e Lino trocaram olhares cheios de significação.

– Nunca tive uma aula igual – disse Fred.

– Ele *sabe* das coisas, cara – disse Lino.

– Do quê? – perguntou Rony, curvando-se para a frente.

– Sabe o que é estar lá fora *fazen do as coisas*– disse Jorge cheio de importância.

– Que coisas? – perguntou Harry.

– Combatendo as Artes das Trevas – disse Fred.

– Ele já viu de tudo – disse Jorge.

– ‘tástico – exclamou Lino.

Rony enfiara a cabeça na mochila à procura do seu horário.

– Não vamos ter aula com ele até quinta-feira! – disse desapontado.

— CAPÍTULO CATORZE —

As Maldições Imperdoáveis

Os dois dias seguintes transcorreram sem grandes incidentes, a não ser que se levasse em conta o sexto caldeirão derretido por Neville na aula de Poções. O Prof. Snape, que, durante as férias, parecia ter alcançado novos níveis em sua gana de se vingar do garoto, deu-lhe uma detenção, da qual Neville voltou com um colapso nervoso, pois teve que destripar uma barrica de iguanas.

– Você sabe por que Snape está nesse mau humor tão grande, não sabe? – perguntou Rony a Harry, enquanto observavam Hermione ensinar a Neville um Feitiço de Limpeza para remover as tripas de iguanas presas sob suas unhas.

– Hum-hum – disse Harry. – Moody.

Era do conhecimento de todos que Snape queria realmente o lugar de professor de Artes das Trevas, e acabara de perdê-lo pelo quarto ano seguido. Snape detestara todos os professores anteriores dessa matéria e demonstrara isso – mas parecia ter extrema cautela para esconder sua animosidade contra Olho-Tonto Moody. De fato, sempre que Harry via os dois professores juntos – na hora das refeições ou quando passavam pelos corredores – tinha a nítida impressão de que Snape evitava os olhos de Moody, fosse o mágico fosse o normal.

– Acho que Snape tem medo dele, sabe – disse Harry pensativo.

– Imagine se Moody transformasse Snape em iguana – disse Rony, seus olhos se toldando – e fizesse ele ficar saltando pela masmorra...

Os alunos da quarta série da Grifinória estavam tão ansiosos para ter a primeira aula com Moody que, na quinta-feira, chegaram logo depois do almoço e fizeram fila à porta da sala, antes mesmo da sineta tocar.

A única pessoa ausente foi Hermione, que chegou no último instante para a aula.

– Estava na...

– ... biblioteca – Harry terminou a frase da amiga. – Anda logo senão não vamos arranjar lugares decentes.

Eles correram para pegar três cadeiras bem diante da escrivaninha do professor, apanharam seus exemplares de *As forças das trevas: um guia para sua proteção*, e esperaram anormalmente quietos. Não tardaram a ouvir os passos sincopados de Moody que vinha pelo corredor e que, ao entrar na sala, parecia mais estranho e amedrontado que nunca. Seu pé de madeira em garra aparecia ligeiramente por baixo das vestes.

– Podem guardar isso – rosnou ele, apoiando-se na escrivaninha para se sentar –, esses livros. Não vão precisar deles.

Os alunos tornaram a guardar os livros nas mochilas, Rony tinha um ar excitado.

Moody apanhou a folha de chamada, sacudiu sua longa juba de cabelos grisalhos para afastá-los do rosto contorcido e marcado, e começou a chamar os nomes, seu olho normal percorrendo a lista e o olho mágico girando, fixando-se em cada aluno quando ele respondia.

– Certo, então – concluiu ele, quando a última pessoa confirmara presença. – Tenho uma carta do Prof. Lupin sobre esta turma. Parece que vocês receberam um bom embasamento para enfrentar criaturas das trevas, estudaram bichos-papões, barretes vermelhos, *hinky punks*, *grindylows*, *kappas* e lobisomens, correto?

Houve um murmúrio geral de concordância.

– Mas estão atrasados, muito atrasados, em maldições – disse Moody. – Então, estou aqui para pôr vocês em dia com o que os bruxos podem fazer uns aos outros. Tenho um ano para lhes ensinar a lidar com as forças das...

– Quê, o senhor não vai ficar? – deixou escapar Rony.

O olho mágico de Moody girou para se fixar em Rony; o garoto ficou extremamente apreensivo, mas, passado um instante, o professor sorriu – a primeira vez que Harry o via fazer isso. O efeito foi entortar mais que nunca o seu rosto muito marcado, mas de qualquer forma foi um alívio saber que ele era capaz de um gesto amigável como sorrir. Rony pareceu profundamente aliviado.

– Você deve ser filho do Arthur Weasley? – disse Moody. – Seu pai me tirou de uma enrascada há alguns dias... é, vou ficar apenas este ano. Um favor especial a Dumbledore... um ano e depois volto ao sossego da minha aposentadoria.

Ele deu uma risada áspera e então juntou as palmas das mãos nodosas.

– Então... vamos direto ao assunto. Maldições. Elas têm variados graus de força e forma. Agora, segundo o Ministério da Magia, eu devo ensinar a vocês as contramaldições e parar por aí. Não devo lhes mostrar que cara têm as maldições

ilegais até vocês chegarem ao sexto ano. Até lá, o Ministério acha que vocês não têm idade para lidar com elas. Mas o Prof. Dumbledore tem uma opinião mais favorável dos seus nervos e acha que vocês podem aprendê-las, e eu digo que quanto mais cedo souberem o que vão precisar enfrentar, melhor. Como vão se defender de uma coisa que nunca viram? Um bruxo que pretenda lançar uma maldição ilegal sobre vocês não vai avisar o que pretende. Não vai lançá-la de forma suave e educada bem na sua cara. Vocês precisam estar preparados. Precisam estar alertas e vigilantes. A senhorita deve guardar isso, Srta. Brown, enquanto eu estiver falando.

Lilá levou um susto e corou. Estivera mostrando a Parvati o horóscopo que aprontara por baixo da carteira. Aparentemente o olho mágico de Moody podia ver através da madeira, tão bem quanto pela nuca.

– Então... algum de vocês sabe que maldições são mais severamente punidas pelas leis da magia?

Vários braços se ergueram hesitantes, inclusive os de Rony e Hermione. Moody apontou para Rony, embora seu olho mágico continuasse mirando Lilá.

– Hum – disse Rony sem muita certeza –, meu pai me falou de uma... chama Maldição *Imperius* ou coisa assim?

– Ah, sim – disse Moody satisfeito. – Seu pai *conheceria* essa. Certa vez, deu ao Ministério muito trabalho, essa Maldição *Imperius*.

Moody se apoiou pesadamente nos pés desiguais, abriu a gaveta da escrivaninha e tirou um frasco de vidro. Três enormes aranhas pretas corriam dentro dele. Harry sentiu Rony se encolher ligeiramente ao seu lado – Rony detestava aranhas.

Moody meteu a mão dentro do frasco, apanhou uma aranha e segurou-a na palma da mão, de modo que todos pudessem vê-la.

Apontou, então, a varinha para o inseto e murmurou *“Imperio!”*.

A aranha saltou da mão de Moody para um fino fio de seda e começou a se balançar para a frente e para trás como se estivesse em um trapézio. Esticou as pernas rígidas e deu uma cambalhota, partindo o fio e aterrissando sobre a mesa, onde começou a plantar bananeiras em círculos. Moody agitou a varinha, e a aranha se ergueu em duas patas traseiras e saiu dançando um inconfundível sapateado.

Todos riram – todos exceto Moody.

– Acharam engraçado, é? – rosnou ele. – Vocês gostariam se eu fizesse isso com vocês?

As risadas pararam quase instantaneamente.

– Controle total – disse o professor em voz baixa, quando a aranha se enrolou e começou a rodar sem parar. – Eu poderia fazê-la saltar pela janela, se afogar, se

enfiar pela garganta de vocês abaixo...
Rony teve um tremor involuntário.
– Há alguns anos, havia muitos bruxos e bruxas controlados pela Maldição *Imperius* – disse Moody, e Harry entendeu que ele estava se referindo ao tempo em que Voldemort fora todo-poderoso. – Foi uma trabalheira para o Ministério separar quem estava sendo forçado a agir de quem estava agindo por vontade própria.
“A Maldição *Imperius* pode ser neutralizada, e vou-lhes mostrar como, mas é preciso força de caráter real e nem todos a possuem. Por isso é melhor evitar ser amaldiçoado com ela se puderem. VIGILÂNCIA CONSTANTE!”, vociferou ele, e todos os alunos se assustaram.
Moody apanhou a aranha acrobata e atirou-a de volta ao frasco.
– Mais alguém conhece mais alguma? Outra maldição ilegal?
A mão de Hermione voltou a se erguer e, para surpresa de Harry, a de Neville também. A única aula em que Neville normalmente voluntariava informações era a de Herbologia, que era, sem favor algum, a matéria que ele sabia melhor. O garoto pareceu surpreso com a própria ousadia.
– Qual? – perguntou Moody, seu olho mágico dando um giro completo para se fixar em Neville.
– Tem uma, a Maldição *Cruciatus* – disse Neville, numa voz fraca, mas clara.
Moody olhou Neville com muita atenção, desta vez com os dois olhos.
– O seu nome é Longbottom? – perguntou ele, o olho mágico girando para verificar a folha de chamada.
Neville confirmou, nervoso, com a cabeça, mas o professor não fez outras perguntas. Tornando a voltar sua atenção à classe, ele meteu a mão no frasco mais uma vez, apanhou outra aranha e colocou-a no tampo da escrivaninha, onde o inseto permaneceu imóvel, aparentemente demasiado assustado para se mexer.
– A Maldição *Cruciatus* – começou Moody. – Preciso de uma maior para lhes dar uma ideia – disse ele, apontando a varinha para a aranha. – *Engorgio!*
A aranha inchou. Estava agora maior do que uma tarântula. Abandonando todo o fingimento, Rony empurrou a cadeira para trás, o mais longe que pôde da escrivaninha de Moody.
O professor tornou a erguer a varinha, apontou-a para a aranha e murmurou:
– *Crucio!*
Na mesma hora, as pernas da aranha se dobraram sob o corpo, ela virou de barriga para cima e começou a se contorcer horrivelmente, balançando de um lado para outro. Não emitia som algum, mas Harry teve certeza de que, se tivesse voz, estaria berrando. Moody não afastou a varinha e a aranha começou a estremecer e a se debater violentamente...

– Pare! – gritou Hermione com a voz aguda.
Harry olhou para a amiga. Ela estava com os olhos postos não na aranha, mas em Neville, e Harry, ao seguir a direção do seu olhar, viu que as mãos do garoto se agarravam à carteira diante dele, os nós dos dedos brancos, seus olhos arregalados e horrorizados.
Moody ergueu a varinha. As pernas da aranha se descontraíram, mas ela continuou a se contorcer.
– *Reducio* – murmurou Moody, e a aranha encolheu e voltou ao tamanho normal. Ele a repôs no frasco.
– Dor – explicou Moody em voz baixa. – Não se precisa de anjinhos nem de facas para torturar alguém quando se é capaz de lançar a Maldição *Cruciatus*... ela também já foi muito popular.
"Certo... mais alguém conhece alguma outra?"
Harry olhou para os lados. Pela expressão no rosto dos colegas, ele achou que estavam todos pensando no que aconteceria com a última aranha. A mão de Hermione tremia levemente quando, pela terceira vez, ela a ergueu no ar.
– Sim! – disse Moody olhando-a.
– *Avada Kedavra* – sussurrou a garota.
Vários colegas a olharam constrangidos, inclusive Rony.
– Ah – exclamou Moody, outro sorrisinho torcendo sua boca enviesada. – Ah, a última e a pior. *Avada Kedavra*... a maldição da morte.
Ele enfiou a mão no frasco e, quase como se soubesse o que a esperava, a terceira aranha correu freneticamente pelo fundo do objeto, tentando fugir aos dedos de Moody, mas ele a apanhou e a colocou sobre a escrivaninha. O inseto começou a correr, desvairado, pela superfície de madeira.
Moody ergueu a varinha e Harry sentiu um repentino pressentimento.
– *Avada Kedavra!* – berrou Moody.
Houve um relâmpago de ofuscante luz verde e um rumorejo, como se algo vasto e invisível voasse pelo ar – instantaneamente a aranha virou de dorso, sem uma única marca, mas inconfundivelmente morta. Várias alunas abafaram gritinhos; Rony se atirara para trás, quase caindo da cadeira, quando a aranha escorregou em sua direção.
Moody empurrou a aranha morta para fora da mesa.
– Nada bonito – disse calmamente. – Nada agradável. E não existe contramaldição. Não há como bloqueá-la. Somente uma pessoa no mundo já sobreviveu a ela e está sentada bem aqui na minha frente.
Harry sentiu seu rosto corar quando os (dois) olhos de Moody fitaram os dele. Sentiu que toda a turma também estava olhando para ele. Harry encarou o quadro-negro limpo como se estivesse fascinado por sua superfície, mas na

realidade sem sequer vê-lo...

Então fora assim que seus pais tinham morrido... exatamente como aquela aranha. Será que tinham morrido sem desfiguração nem marcas, também? Será que tinham simplesmente visto um relâmpago verde e ouvido o rumorejo da morte que se aproximou célere, antes que a vida fosse varrida de seus corpos?

Harry imaginara a morte dos pais muitas vezes nesses três anos, desde que descobrira que tinham sido assassinados, desde que descobrira o que acontecera naquela noite: como Rabicho informara o esconderijo de seus pais a Voldemort, que viera procurá-los em casa. Como o bruxo matara primeiro o pai de Harry. Como Tiago Potter tentara atrasá-lo, enquanto gritava para a mulher apanhar Harry e correr... e Voldemort avançara para Lílian Potter, dissera-lhe para se afastar para ele poder matar Harry... como sua mãe suplicara para que a matasse no lugar do filho, recusara-se a deixar de proteger o filho com o corpo... e então Voldemort a assassinara também, antes de virar a varinha contra Harry...

Harry conhecia esses detalhes porque ouvira a voz dos pais quando enfrentara os dementadores no ano anterior – pois esse era o terrível poder dessas criaturas: forçar suas vítimas a reviverem as piores lembranças de suas vidas e se afogarem, impotentes, no próprio desespero...

Harry teve a impressão de que Moody recomeçara a falar de muito longe. Com um enorme esforço, ele se obrigou a voltar ao presente e fixar a atenção no que o professor dizia.

– *Avada Kedavra* é uma maldição que exige magia poderosa para lançá-la, vocês podem apanhar as varinhas agora, apontá-las para mim, dizer as palavras e duvido que consigam sequer que o meu nariz sangre. Mas isto não importa. Não estou aqui para ensiná-los a lançá-la.

“Ora, se não há uma contramaldição, por que estou lhes mostrando essa maldição? *Porque vocês preci samconhecê-la*. Vocês têm que reconhecer o pior. Vocês não querem se colocar em uma situação em que precisem enfrentála. VIGILÂNCIA PERMANENTE!”, berrou ele e a turma inteira tornou a se sobressaltar.

“Agora... essas três maldições, *Avada Kedavra*, *Imperius* e *Cruciatus*, são conhecidas como as Maldições Imperdoáveis. O uso de qualquer uma delas em um semelhante humano é suficiente para ganharem uma pena de prisão perpétua em Azkaban. É isso que vão ter que enfrentar. É isso que preciso lhes ensinar a combater. Vocês precisam estar preparados. Vocês precisam de armas. Mas, acima de tudo, precisam praticar uma *vigilân cia constante, permanente*. Apanhem suas penas... copiem o que vou ditar...”

Os alunos passaram o resto da aula tomando notas sobre cada uma das Maldições Imperdoáveis. Ninguém falou até a sineta tocar – mas quando Moody

os dispensou e eles saíram da sala, explodiram em um falatório irrefreável. A maioria dos alunos discutia as maldições em tom de assombro: “Você viu ela se contorcendo?”, “... e quando ele matou a aranha – assim!”.

Comentavam a aula, pensou Harry, como se ela tivesse sido um espetáculo fantástico, mas ele não a achara nada divertida – tampouco Hermione.

– Anda logo – disse ela tensa para Harry e Rony.

– Não é a biblioteca outra vez, é? – perguntou Rony.

– Não – respondeu a garota, secamente, apontando para um corredor lateral. – Neville.

Neville estava em pé sozinho, no meio do corredor, de olhos fixos na parede de pedra oposta, com a mesma expressão horrorizada e pasma que fizera quando Moody demonstrara a Maldição *Cruciatus*.

– Neville? – chamou Hermione de mansinho.

Neville virou a cabeça.

– Ah, alô – disse ele, a voz mais aguda do que habitualmente. – Aula interessante, não foi? Que será que tem para o jantar, estou... estou morto de fome, vocês não?

– Neville, você está bem? – perguntou Hermione.

– Ah, claro, estou ótimo – balbuciou o garoto, na mesma voz anormalmente aguda. – Jantar muito interessante... quero dizer, aula... que será que tem para se comer?

Rony lançou a Harry um olhar assustado.

– Neville, que...?

Mas eles ouviram às costas um som seco e metálico estranho e, ao se virarem, viram o Prof. Moody vindo em sua direção. Os quatro ficaram em silêncio, observando-o apreensivos, mas quando ele falou, foi com um rosnado bem mais baixo e gentil do que tinham ouvido até então.

– Está tudo bem, filho – disse ele a Neville. – Por que não vem até a minha sala? Vamos... podemos tomar uma xícara de chá...

Neville ficou ainda mais assustado ante a perspectiva de tomar chá com Moody. Ele não se mexeu nem falou.

Moody virou o olho mágico para Harry.

– Você está bem, não está, Potter?

– Estou – disse Harry, quase em tom de desafio.

O olho azul de Moody estremeceu de leve na órbita ao examinar Harry.

Então falou:

– Vocês têm que saber. Parece cruel, talvez, *mas vocês têm que saber*. Não adianta fingir... bom... venha, Longbottom, tenho uns livros que podem lhe interessar.

Neville olhou suplicante para Harry, Rony e Hermione, mas eles não disseram nada, de modo que o garoto não teve escolha senão se deixar conduzir, uma das mãos nodosas de Moody em seu ombro.

– Que foi que houve? – perguntou Rony, observando Neville e Moody virarem para outro corredor.

– Não sei – disse Hermione, parecendo pensativa.

– Mas foi uma aula e tanto, hein? – disse Rony a Harry, quando se dirigiam ao Salão Principal. – Fred e Jorge tinham razão, não é? Ele realmente conhece o assunto, o Moody. Quando ele lançou a *Avada Kedavra*, o jeito com que aquela aranha simplesmente *morreu*, apagou na hora...

Mas Rony se calou de súbito ao ver a expressão no rosto de Harry, e não tornou a falar até chegarem ao salão, quando comentou que era melhor eles começarem a preparar as predições da Profª Trelawney àquela noite, porque iam demorar horas naquilo.

Hermione não entrou na conversa de Harry e Rony durante o jantar, mas comeu furiosamente depressa e, em seguida, foi para a biblioteca. Harry e Rony voltaram à Torre da Grifinória, e Harry, que não pensara em outra coisa durante todo o jantar, agora levantou o assunto das Maldições Imperdoáveis.

– Moody e Dumbledore não ficariam encrencados se o Ministério soubesse que vimos lançar as maldições? – perguntou Harry ao se aproximarem da Mulher Gorda.

– Provavelmente – disse Rony. – Mas Dumbledore sempre fez as coisas do jeito dele, não é, e Moody, eu imagino, já anda encrencado há anos. Atacar primeiro e fazer perguntas depois, vê só a história das latas de lixo. Biruta.

A Mulher Gorda girou para a frente, revelando a passagem e eles entraram na sala comunal da Grifinória, que estava cheia e barulhenta.

– Vamos apanhar o nosso material de Adivinhação, então? – disse Harry.

– Acho que sim – gemeu Rony.

Os dois subiram ao dormitório para apanhar os livros e mapas e encontraram Neville sozinho, sentado na cama, lendo. Parecia bem mais calmo do que ao fim da aula de Moody, embora ainda não estivesse completamente normal. Seus olhos estavam muito vermelhos.

– Você está bem, Neville? – perguntou Harry.

– Ah, estou. Estou ótimo, obrigado. Lendo o livro que o Prof. Moody me emprestou...

Ele mostrou o livro: *Plantas mediterrâneas e suas propriedades mágicas*.

– Parece que a Profª Sprout disse a ele que sou realmente bom em Herbologia – disse Neville. Havia um quê de orgulho em sua voz que Harry raramente

ouvira antes. – O professor achou que eu gostaria deste.

Repetir para Neville o que a Profª Sprout dissera, pensou Harry, fora uma maneira muito delicada de animar o garoto, porque Neville raramente ouvia alguém dizer que ele era bom em alguma coisa. Era o tipo de coisa que o Prof. Lupin teria feito.

Harry e Rony apanharam seus exemplares de *Esclarecendo o futuro* e voltaram à sala comunal, procuraram uma mesa e começaram a trabalhar nas predições para o mês seguinte. Uma hora mais tarde, tinham feito pouco progresso, embora a mesa estivesse coalhada de pedaços de pergaminho cobertos com somas e símbolos e o cérebro de Harry estivesse enevoado, como se impregnado pela fumaça da lareira da Profª Trelawney.

– Não tenho a menor ideia do significado disso – falou ele examinando a longa lista de cálculos.

– Sabe de uma coisa – disse Rony, cujos cabelos estavam de pé de tanto o garoto passar os dedos por eles, cheio de frustração. – Acho que voltamos à velha regra da Adivinhação.

– Quê... inventar?

– É – disse Rony, varrendo da mesa o monte de anotações e mergulhando a pena no tinteiro para começar a escrever.

– Na próxima segunda-feira – disse ele enquanto escrevia – há grande probabilidade de eu apanhar uma tosse, devido à infeliz conjunção de Marte com Júpiter. – Ele ergueu os olhos para Harry. – Você conhece ela: escreve uma porção de desgraças que ela engole tudo.

– Certo – disse Harry, amassando seu primeiro rascunho e atirando-o por cima das cabeças de um grupo de alunos do primeiro ano que conversavam. – Muito bem... na segunda-feira vou correr o perigo de... hum... me queimar.

– E vai mesmo – disse Rony sombriamente –, vamos ver os explosivins de novo. OK, terça-feira, vou... hum...

– Perder algo valioso – disse Harry, que folheava o *Esclarecendo o futuro* à procura de ideias.

– Boa – disse Rony, copiando-a. – Por causa de... hum... Mercúrio. Por que você não leva uma punhalada pelas costas de alguém que você pensou que fosse amigo?

– Legal... – disse Harry, anotando a sugestão – porque... Vênus está na décima segunda casa.

– E na quarta-feira, acho que vou levar a pior em uma briga.

– Aah, eu ia ter uma briga. OK, vou perder uma aposta.

– É, você vai apostar que vou ganhar a minha briga...

Os garotos continuaram a inventar predições (que foram se tornando mais trágicas) por mais uma hora, enquanto a sala comunal se esvaziava à medida que as pessoas iam se deitar. Bichento foi até os dois, deu um salto leve para uma cadeira vazia e mirou Harry misteriosamente, de um modo semelhante ao de Hermione quando sabia que os garotos não estavam fazendo o dever de casa direito.

Correndo o olhar pela sala, tentando pensar em alguma desgraça que ainda não tivesse usado, Harry viu Fred e Jorge sentados junto à parede oposta, as cabeças encostadas uma na outra, as penas na mão, examinando um pedaço de pergaminho. Era muito estranho ver os dois escondidos em um canto, trabalhando em silêncio; em geral eles gostavam de ficar no meio da confusão e de serem o centro das atenções. Havia um certo sigilo no jeito como estudavam um único pergaminho, e Harry se lembrou dos dois sentados juntos, escrevendo alguma coisa, lá na Toca. Ele pensara na época que era outro formulário para as "Gemialidades" Weasley, mas desta vez parecia diferente; se não, eles com certeza teriam deixado Lino Jordan participar da travessura. Harry ficou imaginando se teria alguma coisa a ver com a inscrição no Torneio Tribruxo.

Enquanto Harry observava, Jorge sacudiu a cabeça para Fred, rabiscou alguma coisa com a pena e disse, num tom muito baixo que, mesmo assim, ecoou pela sala quase deserta:

– Não... assim parece que nós o estamos acusando. Temos que ter cuidado...

Então Jorge deu uma olhada na sala e viu que Harry o observava. Harry sorriu e voltou depressa às suas predições – não queria que Jorge pensasse que ele estava bisbilhotando. Logo depois, os gêmeos enrolaram o pergaminho, deram boa-noite e foram se deitar.

Fred e Jorge tinham saído havia uns dez minutos quando o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou na sala comunal, trazendo um rolo de pergaminho em uma das mãos e uma caixa, cujo conteúdo fazia barulho, na outra. Bichento arqueou as costas, ronronando.

– Alô – disse ela –, acabei!

– Eu também! – disse Rony em tom triunfante, largando a pena.

Hermione se sentou, deixou as coisas que carregava em uma poltrona vazia e puxou as predições de Rony para ver.

– Não vai ter um mês nada bom, hein? – disse ela ironicamente, quando Bichento veio se enroscar em seu colo.

– Bom, pelo menos estou prevenido – bocejou Rony.

– Você parece que vai se afogar duas vezes – disse a garota.

– Ah, vou, é? – disse Rony baixando os olhos para suas predições. – É melhor eu trocar uma delas por um acidente com um hipogrifo desembestado.

– Você não acha que está um pouco óbvio que você inventou isso tudo? – perguntou Hermione.
– Como é que você se atreve! – exclamou Rony, fingindo-se ofendido. – Estivemos trabalhando como elfos domésticos aqui!
Hermione ergueu as sobrancelhas.
– É só uma expressão – acrescentou ele depressa.
Harry pousou a pena, tendo acabado de predizer a própria morte por decapitação.
– Que é que tem nessa caixa? – perguntou ele, apontando-a.
– Engraçado você perguntar – respondeu a garota com um olhar feio para Rony. Tirou então a tampa e mostrou o conteúdo aos garotos.
Dentro havia uns cinquenta distintivos, de cores diferentes, mas todos com os mesmos dizeres: F.A.L.E.
– Fale? – estranhou Harry, apanhando um distintivo e examinando-o. – Que significa isso?
– Não é *fale* – protestou Hermione impaciente. – É F-A-L-E. Quer dizer, Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos.
– Nunca ouvi falar nisso – disse Rony.
– Ora, é claro que não ouviu – disse Hermione energicamente. – Acabei de fundar o movimento.
– Ah, é? – disse Rony com um ar levemente surpreso. – E quantos membros já tem?
– Bom, se vocês dois se alistarem... três.
– E você acha que queremos andar por aí usando distintivos que dizem “fale”, é? – falou Rony.
– F-A-L-E! – corrigiu-o Hermione irritada. – Eu ia pôr “Fim ao Abuso Ultrajante dos Nossos Irmãos Mágicos” e “Campanha para Mudar sua Condição”, mas não dava certo. Então F.A.L.E. é o título do nosso manifesto.
Ela brandiu um rolo de pergaminho para os garotos.
– Andei pesquisando minuciosamente na biblioteca. A escravatura dos elfos já existe há séculos. Custo a acreditar que ninguém tenha feito nada contra ela até agora.
– Hermione, abra bem os ouvidos – disse Rony em voz alta. – Eles. Gostam. Disso. *Gostam* de ser escravizados!
– A curto prazo os nossos objetivos – disse Hermione, falando ainda mais alto do que o amigo e agindo como se não tivesse ouvido uma única palavra – são obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho decentes. A longo prazo, os nossos objetivos incluem mudar a lei que proíbe o uso da varinha e tentar admitir um elfo no Departamento para Regulamentação e

Controle das Criaturas Mágicas, porque eles são vergonhosamente sub-representados.

– E como é que vamos fazer tudo isso? – perguntou Harry.

– Vamos começar recrutando novos membros – disse Hermione feliz. – Achei que dois sicles para entrar, o que paga o distintivo, e o produto da venda pode financiar a distribuição de folhetos. Você é o tesoureiro, Rony, tenho lá em cima uma latinha para você fazer a coleta, e você, Harry, o secretário, por isso você talvez queira anotar tudo que estou dizendo agora, para registrar a nossa primeira reunião.

Houve uma pausa em que Hermione sorriu radiante para os dois, e Harry se dilacerou entre a exasperação com a amiga e a vontade de rir da cara de Rony. O silêncio foi quebrado, não por Rony, que de qualquer maneira parecia estar temporariamente mudo de espanto, mas por umas batidinhas leves na janela. Harry correu os olhos pela sala agora vazia e viu, iluminada pelo luar, uma coruja branquíssima encarapitada no peitoril da janela.

– Edwiges! – gritou ele, precipitando-se pela sala para abrir a janela do lado oposto.

Edwiges entrou, voou pela sala e pousou na mesa em cima das predições de Harry.

– Até que enfim! – exclamou Harry, correndo atrás da coruja.

– Ela trouxe uma resposta! – exclamou Rony, excitado, apontando para um pedaço sujo de pergaminho preso à perna de Edwiges.

Harry desamarrou-o depressa e se sentou para ler, depois do que Edwiges voou para o joelho do garoto, piando baixinho.

– Que é que ele diz? – perguntou Hermione ofegante.

A carta era muito curta e parecia ter sido escrita com muita pressa. Harry leu-a em voz alta.

Harry,

Estou viajando para o norte imediatamente. A notícia sobre a sua cicatriz é o último de uma série de acontecimentos estranhos que têm chegado aos meus ouvidos. Se ela tornar a doer, procure imediatamente Dumbledore – dizem que ele tirou Olho-Tonto da aposentadoria, o que significa que tem identificado os sinais, mesmo que os outros não os vejam.

Logo entrarei em contato com você. Dê minhas lembranças a Rony e Hermione. Fique de olhos abertos, Harry.

Sirius

Harry olhou para Rony e Hermione, que retribuíram o seu olhar.

– Ele está viajando para o norte? – sussurrou Hermione. – Está *voltando*?
– Dumbledore tem identificado que sinais? – perguntou Rony, parecendo perplexo. – Harry, que é que está acontecendo?
Pois Harry acabara de dar um soco na própria testa, sacudindo Edwiges para fora do colo.
– Eu não devia ter contado a ele! – disse Harry furioso.
– Do que é que você está falando? – perguntou Rony, surpreso.
– Fiz ele pensar que precisa voltar! – disse Harry, agora batendo o punho na mesa de modo que a coruja foi parar no espaldar da cadeira de Rony, piando indignada. – Precisa voltar porque acha que estou correndo perigo! E não há nada errado comigo! E não tenho nada para você – falou ele com rispidez para Edwiges, que batia o bico, esperançosa –, vai ter que ir para o corujal se quiser comida.
Edwiges lançou ao dono um olhar extremamente ofendido e saiu voando pela janela aberta, raspando a asa na cabeça dele ao sair.
– Harry – começou Hermione, numa voz tranquilizadora.
– Vou me deitar – disse Harry impaciente. – Vejo vocês de manhã.
Em cima, no dormitório, ele vestiu o pijama e enfiou-se na cama de colunas, mas não se sentiu nem um pouco cansado.
Se Sirius voltasse e fosse apanhado seria culpa dele, Harry. Por que não ficara calado? Uma dorzinha à toa e ele fora tagarelar... se tivesse tido o juízo de guardar a dor só para si...
Ele ouviu Rony entrar no dormitório pouco depois, mas não falou com o amigo. Durante um longo tempo, Harry ficou contemplando o dossel escuro de sua cama. O dormitório estava completamente silencioso e, se ele estivesse menos preocupado, teria reparado que a ausência dos costumeiros roncos de Neville significava que ele não era o único que estava acordado.

— CAPÍTULO QUINZE —
Beauxbatons e Durmstrang

Logo cedo na manhã seguinte, Harry acordou com um plano inteiramente formado na cabeça, como se o seu cérebro adormecido tivesse trabalhado naquilo a noite toda. Ele se levantou e se vestiu à luz fraca do amanhecer, saiu do dormitório sem acordar Rony e desceu para o salão comunal, àquela hora deserto. Ali apanhou um pedaço de pergaminho na mesa em cima da qual ainda se achava o dever de Adivinhação e escreveu a seguinte carta:

Caro Sirius,
Acho que imaginei a dor na minha cicatriz, eu estava quase dormindo quando lhe escrevi a última carta. Você não precisa voltar, vai tudo bem aqui. Não se preocupe comigo, sinto a cabeça completamente normal.
Harry

Depois, Harry passou pelo buraco do retrato, subiu as escadas do castelo silencioso (só foi detido brevemente por Pirraça, que tentou virar um enorme vaso em cima dele no meio do corredor do quarto andar) e finalmente chegou ao corujal, que ficava no alto da Torre Oeste.

O corujal era uma sala circular revestida de pedra; um tanto fria e varrida por correntes de vento, porque nenhuma das janelas tinha vidro. O chão era coberto de palha, titica de coruja e esqueletos de ratos e arganazes que as corujas regurgitavam. Centenas e mais centenas de corujas de todas as espécies imagináveis estavam aninhadas ali em poleiros que subiam até o alto da torre, quase todas adormecidas, embora aqui e ali um redondo olho cor de âmbar olhasse feio para o garoto. Harry localizou Edwiges aninhada entre uma coruja-das-torres e uma coruja castanho-amarelada, e correu para ela, escorregando um pouco no chão coberto de excremento.

Levou um certo tempo para convencê-la a acordar e olhar para ele porque sua coruja não parava de mudar de lugar no poleiro, virando-lhe o rabo. Evidentemente continuava furiosa com a falta de gratidão que ele demonstrara na noite anterior. Por fim, foi a insinuação de Harry que ela poderia estar demasiado cansada e que talvez ele pedisse Pichitinho emprestado a Rony que a fez esticar a perna e permitir ao dono amarrar nela a carta.

– Acha ele, está bem? – pediu Harry, alisando o dorso de Edwiges enquanto a levava no braço até uma das aberturas na parede. – Antes que os dementadores façam isso.

Ela lhe deu uma mordidinha no dedo, talvez com mais força do que normalmente teria feito, mas, mesmo assim, piou baixinho de uma maneira que o deixou tranquilo. Em seguida abriu as asas e levantou voo para o céu do amanhecer. Harry observou-a desaparecer de vista com a conhecida sensação de mal-estar no estômago. Antes tivera tanta certeza de que a resposta de Sirius aliviaria suas preocupações em vez de aumentá-las.

– Isso foi uma *mentira*, Harry – falou Hermione com severidade ao café da manhã, quando o garoto contou a ela e a Rony o que fizera. – Você *não* imaginou que sua cicatriz estava doendo e sabe muito bem disso.

– E daí? – retrucou Harry. – Ele não vai voltar para Azkaban por minha causa.

– Esquece – disse Rony com aspereza a Hermione, quando ela abriu a boca para continuar a discussão e, uma vez na vida, a garota atendeu ao amigo e se calou.

Harry fez o que pôde para não se preocupar com Sirius nas semanas seguintes. É verdade que não conseguia deixar de olhar para os lados, ansiosamente, toda manhã quando as corujas chegavam trazendo o correio; e tarde da noite antes de dormir, tinha horríveis visões em que Sirius era encurralado pelos dementadores em alguma rua escura de Londres. Mas entre um momento e outro, ele tentava não pensar no padrinho. Desejou que ainda tivesse o quadribol para distraí-lo; nada dava tão certo para uma cabeça preocupada quanto um treino exaustivo. Por outro lado, as aulas estavam se tornando cada vez mais difíceis e exigindo que se esforçasse mais do que nunca, principalmente a de Defesa Contra as Artes das Trevas.

Para surpresa dos alunos, o Prof. Moody anunciara que ia lançar a Maldição *Imperius* sobre cada um deles, a fim de demonstrar o seu poder e verificar se conseguiam resistir aos seus efeitos.

– Mas... se o senhor disse que é ilegal, professor – perguntou Hermione incerta, quando Moody afastou as carteiras com um movimento amplo da varinha, deixando uma clareira no meio da sala. – O senhor disse... que usá-la contra outro ser humano era...

– Dumbledore quer que vocês aprendam qual é o efeito que ela produz em uma pessoa – disse Moody, o olho mágico girando para a garota e se fixando nela sem piscar, com uma expressão misteriosa. – Se a senhorita preferir aprender pelo método difícil... quando alguém a lançar contra a senhorita para controlá-la... para mim está bem. A senhorita está dispensada da aula. Pode se retirar.

Ele apontou um dedo nodoso para a porta. Hermione ficou muito vermelha e murmurou alguma coisa no sentido de que a pergunta não significava que ela quisesse sair. Harry e Rony sorriram um para o outro. Eles sabiam que Hermione preferia beber pus de bubotúberas do que perder uma lição daquela importância.

O professor começou a chamar os alunos à frente e a lançar a maldição sobre eles, um de cada vez. Harry observou os colegas fazerem as coisas mais extraordinárias sob a influência da *Imperius*. Dino Thomas deu três voltas pela sala aos saltos, cantando o hino nacional. Lilá Brown imitou um esquilo. Neville executou uma série de acrobacias surpreendentes, que ele certamente não teria conseguido em condições normais. Nenhum deles parecia ser capaz de resistir à maldição, e cada um só voltava ao normal quando Moody a desfazia.

– Potter – rosnou Moody –, você é o próximo.

O garoto se adiantou até o meio da sala, no espaço que Moody deixara livre. O professor ergueu a varinha, apontou-a para Harry e disse:

– *Imperio*.

Foi uma sensação maravilhosa. Harry sentiu que flutuava e todos os pensamentos e preocupações em sua mente desapareceram suavemente, deixando apenas uma felicidade vaga e inexplicável. Ele ficou ali extremamente relaxado, vagamente consciente de que todos o observavam.

Então, ouviu a voz de Olho-Tonto Moody ecoar em uma célula distante do seu cérebro vazio: *Salte para cima da carteira... salte para cima da carteira...*

Harry dobrou os joelhos obedientemente, preparando-se para saltar.

Salte para cima da carteira...

Mas por quê?

Outra voz despertara no fundo de sua mente. Que coisa boba para alguém fazer, francamente, disse a voz.

Salte para cima da carteira...

Não, acho que não, obrigado, disse a segunda voz, com mais firmeza... não, não quero...

Salte! AGORA!

A próxima coisa que Harry sentiu foi uma imensa dor. Ele saltou e tentou não saltar ao mesmo tempo – o resultado foi se estatelar em cima de uma carteira, derrubando-a, e, pela dor que sentiu nas pernas, fraturar as duas rótulas.

– Agora *está* melhor! – rosnou a voz de Moody e, de repente, Harry percebeu que a sensação de vazio e os ecos tinham desaparecido de sua mente. Lembrou-se com exatidão do que estava acontecendo e a dor nos joelhos pareceu dobrar de intensidade.

“Olhem só isso, vocês todos... Potter resistiu! Lutou contra a maldição e quase a venceu! Vamos experimentar de novo, Potter, e vocês prestem atenção, observem os olhos dele, é onde vocês vão ver, muito bem, Potter, muito bem mesmo! Eles vão ter trabalho para controlar *você*!”

– Pelo jeito que ele fala – resmungou Harry, ao sair mancando da aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, uma hora depois (Moody insistira que Harry mostrasse do que era capaz, quatro vezes seguidas, até o garoto conseguir resistir inteiramente à maldição) –, a gente poderia pensar que vai ser atacado a qualquer momento.

– É, eu sei – respondeu Rony, que estava saltitando, um passo sim outro não. Tivera muito mais dificuldade com a maldição do que Harry, embora Moody lhe garantisse que os efeitos passariam até a hora do almoço. – Falando em paranoia... – Rony espiou nervosamente por cima do ombro para verificar se estavam mesmo fora do campo de audição de Moody, e continuou: – Não me admira que tenham ficado contentes em se livrar dele no Ministério. Você ouviu quando ele contou ao Simas o que fez com a bruxa que gritou “buu” atrás dele, no dia primeiro de abril? E quando é que a gente vai ler como resistir à Maldição *Imperius* com todo o resto que tem para fazer?

Todos os alunos do quarto ano haviam notado que decididamente houvera um aumento na quantidade de deveres exigida deles neste trimestre. A Profª Minerva explicou o porquê, quando a turma gemeu particularmente alto à vista do dever de Transfiguração que ela passava.

– Vocês agora estão entrando numa fase importantíssima da sua educação em magia! – disse ela, os olhos faiscando perigosamente por trás dos óculos quadrados. – O exame para obter os Níveis Ordinários em Magia estão se aproximando...

– Mas não vamos fazer exames de nivelamento até a quinta série! – exclamou Dino Thomas indignado.

– Talvez não, Thomas, mas, me acredite, vocês precisam de toda a preparação que puderem obter! A Srta. Granger foi a única aluna desta turma que conseguiu transformar um porco-espinho em uma almofadinha de alfinetes razoável. Eu talvez possa lhe lembrar, Thomas, que a *sua* almofadinha ainda se encolhe de medo quando alguém se aproxima dela com um alfinete!

Hermione, que tornara a corar, parecia estar fazendo um esforço para não parecer cheia de si demais.

Harry e Rony acharam muita graça quando a Profª Trelawney lhes disse que tinham tirado a nota máxima no dever da aula anterior de Adivinhação. Ela leu longos trechos das predições que eles fizeram, comentando a impassível aceitação dos horrores que os aguardavam – mas os garotos não acharam tanta graça quando ela pediu que fizessem outra projeção para dali a dois meses: eles tinham quase esgotado as ideias para catástrofes.

Entrementes, o Prof. Binns, o fantasma que ensinava História da Magia, mandou-os escrever ensaios semanais sobre a Revolta dos Duendes no século XVIII. O Prof. Snape estava obrigando-os a pesquisar antídotos. A turma levou o dever a sério, porque ele insinuou que talvez envenenasse um deles antes do Natal para ver se o antídoto que encontrassem faria efeito. O Prof. Flitwick lhes pedira que lessem mais três livros, em preparação para a aula de Feitiços Convocatórios.

E até Hagrid aumentara a carga de trabalho de seus alunos. Os explosivins estavam crescendo em um ritmo excepcional, dado que ninguém ainda descobrira o que comiam. Hagrid estava encantado e, como parte da "pesquisa", sugeriu que fossem à sua cabana em noites alternadas para observar os bichos e tomar notas sobre o seu extraordinário comportamento.

– Eu não vou – disse Draco Malfoy com indiferença, quando o professor fez essa proposta com ar de Papai Noel tirando um brinquedo muito vistoso do saco. – Já vejo o bastante dessas nojeiras durante as aulas, obrigado.

O sorriso desapareceu do rosto de Hagrid.

– Você vai fazer o que mando – rosnou ele – ou vou arrancar uma folha do livro do Prof. Moody... ouvi falar que você ficou muito bem de doninha, Malfoy.

Os alunos da Grifinória deram grandes gargalhadas. Malfoy enrubesceu de raiva mas, pelo visto, a lembrança do castigo de Moody ainda era suficientemente dolorosa para impedi-lo de responder. Harry, Rony e Hermione voltaram para o castelo no fim da aula, muito animados; ver Hagrid desmoralizar Malfoy era particularmente gostoso porque, no ano anterior, o garoto se esforçara o máximo para fazer com que Hagrid fosse despedido.

Quando chegaram ao saguão de entrada, viram-se impedidos de prosseguir pela aglomeração de alunos que havia ali, em torno de um grande aviso afixado ao pé da escadaria de mármore. Rony, o mais alto dos três, ficou nas pontas dos pés para ver por cima das cabeças à sua frente e ler o aviso em voz alta para os outros dois.

TORNEIO TRIBRUXO

As delegações de Beauxbatons e Durmstrang chegarão às seis horas, sexta-

feira, 30 de outubro. As aulas terminarão uma hora antes...

– Genial! – exclamou Harry. – É Poções a última aula de sexta-feira! Snape não terá tempo de envenenar todos nós!

Os alunos deverão guardar as mochilas e livros em seus dormitórios e se reunir na entrada do castelo para receber os nossos hóspedes antes da Festa de Boas-Vindas.

– É daqui a uma semana! – exclamou Ernesto MacMillan da Lufa-Lufa, saindo da aglomeração, os olhos brilhando. – Será que o Cedrico sabe? Acho que vou avisar a ele...
– Cedrico? – repetiu Rony sem entender, enquanto Ernesto saía apressado.
– Diggory – disse Harry. – Ele deve estar inscrito no torneio.
– Aquele idiota, campeão de Hogwarts? – disse Rony, quando abriam caminho pelo ajuntamento de alunos para chegar à escadaria.
– Ele não é idiota, você simplesmente não gosta dele porque ele derrotou a Grifinória no quadribol – disse Hermione. – Ouvi falar que é realmente um bom aluno, *e* é monitor!
Ela falou isso como se encerrasse a questão.
– Você só gosta dele porque ele é *bonito* – respondeu Rony com desdém.
– Perdão, eu não gosto de pessoas só porque são bonitas! – retrucou Hermione indignada.
Rony fingiu que pigarreava alto, um som que estranhamente lembrava “Lockhart!”.
A afixação do aviso no saguão de entrada teve um efeito sensível nos moradores do castelo. Durante a semana seguinte, parecia haver um assunto nas conversas, onde quer que Harry fosse: o Torneio Tribruxo. Os boatos voavam de um aluno para outro como um germe excepcionalmente contagioso: quem ia tentar ser o campeão de Hogwarts, que é que o torneio exigia, e em que os alunos de Beauxbatons e Durmstrang se diferenciavam deles.
Harry notou, também, que o castelo estava sofrendo uma faxina mais do que rigorosa. Vários retratos encardidos tinham sido escovados para des contentamento dos retratados, que se sentavam encolhidos nas molduras, resmungando sombriamente e fazendo caretas ao apalpar os rostos vermelhos. As armaduras de repente brilhavam e mexiam sem ranger e Argo Filch, o zelador, estava agindo com tanta agressividade com os alunos que se esquecessem de limpar os sapatos que aterrorizou duas garotas do primeiro ano levando-as à histeria.

Outros funcionários também pareciam estranhamente tensos.
– Longbottom, tenha a bondade de não revelar que você não consegue sequer lançar um simples Feitiço de Troca diante de alguém de Durmstrang! – vociferou a Profª Minerva ao fim de uma aula particularmente difícil, em que Neville acidentalmente transplantara as próprias orelhas para um cacto.
Quando eles desceram para o café na manhã do dia 30 de outubro, descobriram que o Salão Principal fora ornamentado durante a noite. Grandes bandeiras de seda pendiam das paredes, cada uma representando uma casa de Hogwarts – a vermelha com um leão dourado da Grifinória, a azul com uma águia de bronze da Corvinal, a amarela com um texugo negro da Lufa-Lufa e a verde com uma serpente de prata da Sonserina. Por trás da mesa dos professores, a maior bandeira de todas tinha o brasão de Hogwarts: leão, águia, texugo e serpente unidos em torno de uma grande letra “H”.
Harry, Rony e Hermione viram Fred e Jorge à mesa da Grifinória. Mais uma vez, e muito anormalmente, os dois estavam sentados à parte dos demais e conversavam em voz baixa. Rony se encaminhou para os dois.
– É chato, sim – dizia Jorge sombriamente a Fred. – Mas se ele não quer falar conosco pessoalmente, temos que lhe mandar uma carta. Ou enfiá-la na mão dele, ele não pode ficar nos evitando pra sempre.
– Quem é que está evitando vocês? – perguntou Rony, sentando-se ao lado deles.
– Gostaria que fosse você – disse Fred, mostrando-se irritado com a interrupção.
– Que é que é chato? – perguntou Rony a Jorge.
– Ter um babaca metido feito você como irmão – disse Jorge.
– Vocês já tiveram alguma ideia para o Torneio Tribruxo? – perguntou Harry. – Continuaram pensando como vão tentar se inscrever?
– Perguntei a McGonagall como é que os campeões são escolhidos mas ela não quis dizer – respondeu Jorge com amargura. – Só me disse para calar a boca e continuar transformando o meu racum.
– Fico imaginando quais vão ser as tarefas – disse Rony pensativo. – Sabe, aposto que poderíamos dar conta, Harry e eu já fizemos coisas perigosas antes...
– Não na frente de uma banca de juízes, isso vocês não fizeram – disse Fred. – McGonagall disse que os campeões recebem pontos pela perfeição com que executam as tarefas.
– Quem são os juízes? – perguntou Harry.
– Bem, os diretores das escolas participantes sempre fazem parte da banca – disse Hermione e todos a olharam surpresos –, porque os três ficaram feridos durante o torneio de 1792, quando um basilisco que os campeões deviam

capturar saiu destruindo tudo.

Ela notou que todos a olhavam e disse, com o seu costumeiro ar de impaciência quando via que ninguém mais lera os mesmos livros que ela:

– Está tudo em *Hogwarts: uma história*. Embora, é claro, esse livro não seja *cem por cento* confiável. *Uma história revista de Hogwarts* seria um título mais preciso. Ou, então, *Uma história seletiva e muito parcial de Hogwarts, que aborda brevemente os aspectos mais desfavoráveis da escola*.

– Do que é que você está falando? – perguntou Rony, embora Harry soubesse o que vinha pela frente.

– *Elfos domésticos!* – disse Hermione em voz alta, comprovando que Harry acertara. – Nem uma vez, em mais de mil páginas, *Hogwarts: uma história* mencio na que somos todos coniventes na opressão de centenas de escravos!

Harry sacudiu a cabeça e se concentrou nos ovos mexidos. A falta de entusiasmo dele e de Rony não conseguiu refrear a decisão de Hermione de obter justiça para os elfos domésticos. Era verdade que os dois tinham pagado os dois sicles pelo distintivo do F.A.L.E., mas só o tinham feito para fazê-la calar-se. Os sicles, no entanto, tinham sido gastos em vão; se produziram algum efeito foi o de tornar Hermione ainda mais vociferante. A garota andava atormentando os dois desde então, primeiro para usarem o distintivo, depois para persuadirem outros a fazer o mesmo, e ela também passara a caminhar pela sala comunal da Grifinória todas as noites, encostando os colegas na parede e sacudindo a latinha de coleta debaixo do nariz deles.

– Vocês têm consciência de que os seus lençóis são trocados, as lareiras, acesas, as salas de aula limpas e a comida preparada por um grupo de criaturas mágicas que não recebem salário e são escravizadas? – ela não parava de lembrar a todos com veemência.

Alguns colegas, como Neville, tinham pagado só para Hermione parar de fazer cara feia para eles. Alguns pareceram ligeiramente interessados no que a garota tinha a dizer, mas relutavam a assumir um papel mais ativo no movimento. Muitos encaravam a coisa toda como piada.

Rony agora contemplou o teto, que banhava a todos com um sol de outono e Fred fingiu-se extremamente interessado no bacon que havia em seu prato (os gêmeos tinham se recusado a comprar um distintivo do F.A.L.E.). Jorge, no entanto, chegou para mais perto de Hermione.

– Escuta aqui, Mione, você já foi à cozinha?

– Não, claro que não – respondeu a garota secamente. – Nem posso imaginar que os alunos devam...

– Bom, nós já fomos – disse Jorge, indicando Fred – várias vezes para afanar comida. E encontramos os elfos e eles estão *felizes*. Acham que têm o melhor

emprego do mundo...

– É porque eles não têm instrução e sofrem lavagem cerebral! – começou Hermione acaloradamente, mas suas palavras seguintes foram abafadas pelo ruído de asas que vinha do alto anunciando a chegada das corujas com o correio. Harry ergueu os olhos e, na mesma hora, avistou Edwiges que voava em sua direção. Hermione parou de falar abruptamente; ela e Rony observaram a coruja, ansiosos, enquanto a ave batia as asas rapidamente para descer e pousar no ombro de Harry, depois fechou-as e estendeu a perna, cansada.

Harry desamarrou a resposta de Sirius e ofereceu a Edwiges suas aparas de bacon, que ela comeu, grata. Então, verificando que Fred e Jorge estavam absortos em novas discussões sobre o Torneio Tribruxo, Harry leu a carta de Sirius, aos cochichos, para Rony e Hermione.

Não me convenceu, Harry.

Estou de volta ao país e bem escondido. Quero que me mantenha informado de tudo que estiver acontecendo em Hogwarts. Não use Edwiges, troque de corujas e não se preocupe comigo, cuide-se. Não se esqueça do que lhe disse sobre a cicatriz.

Sirius

– Por que é que você precisa trocar de corujas? – perguntou Rony em voz baixa.

– Edwiges chamará muita atenção – respondeu Hermione na mesma hora. – Ela se destaca. Uma coruja muito branca que fica voltando para o lugar em que ele está escondido... Quero dizer, ela não é um pássaro nativo, não é mesmo?

Harry enrolou a carta e guardou-a dentro das vestes, se perguntando se estaria se sentindo mais ou menos preocupado do que antes. Supunha que o fato de Sirius ter conseguido voltar sem ser apanhado já era muito. Tam pouco podia negar que a ideia de que seu padrinho estava muito mais próximo era reconfortante; pelo menos não teria que esperar tanto por uma resposta todas as vezes que lhe escrevesse.

– Obrigado, Edwiges – disse, acariciando-a. Ela piou sonolenta, meteu o bico rapidamente no cálice de suco de laranja do garoto, depois tornou a levantar voo, visivelmente desesperada para tirar um longo sono no corujal.

Havia uma sensação de agradável expectativa no ar aquele dia. Ninguém prestou muita atenção às aulas, pois estavam bem mais interessados na chegada das comitivas de Beauxbatons e Durmstrang à noite; até Poções foi mais tolerável do que de costume, porque durou meia hora a menos. Quando a sineta tocou mais cedo, Harry, Rony e Hermione subiram depressa para a Torre da Grifinória, largaram as mochilas e os livros, conforme as instruções que tinham

recebido, vestiram as capas e desceram correndo para o saguão de entrada.
Os diretores das Casas estavam organizando os alunos em filas.
– Weasley, endireite o chapéu – disse a Profª Minerva secamente a Rony. – Srta. Patil, tire essa coisa ridícula dos cabelos.
Parvati fez cara feia e retirou o enorme enfeite de borboleta da ponta da trança.
– Sigam-me, por favor – mandou a professora –, alunos da primeira série à frente... sem empurrar...
Eles desceram os degraus da entrada e se enfileiraram diante do castelo. Fazia um fim de tarde frio e límpido; o crepúsculo vinha chegando devagarinho e uma lua pálida e transparente já brilhava sobre a Floresta Proibida. Harry, postado entre Rony e Hermione na quarta fileira da frente para trás, viu Dênis Creevey decididamente trêmulo de expectativa entre os colegas da primeira série.
– Quase seis horas – comentou Rony, verificando o relógio e depois espiando o caminho que levava aos portões da escola. – Como é que vocês acham que eles vêm? De trem?
– Duvido – respondeu Hermione.
– Como então? Vassouras? – arriscou Harry, erguendo os olhos para o céu estrelado.
– Acho que não... não vindo de tão longe...
– De Chave de Portal? – aventurou Rony. – Ou quem sabe aparatando, talvez tenham permissão de fazer isso antes dos dezessete anos no lugar de onde vêm?
– Não se pode aparatar nos terrenos de Hogwarts. Quantas vezes tenho que repetir isso a vocês – falou Hermione com impaciência.
Os garotos examinavam excitados e atentos os jardins cada vez mais escuros, mas nada se movia; tudo estava quieto, silencioso, como sempre. Harry começava a sentir frio. Desejou que os visitantes chegassem logo... talvez os estudantes estrangeiros estivessem preparando uma entrada teatral... lembrou-se do que o Sr. Weasley dissera no acampamento antes da Copa Mundial de Quadribol: “Sempre os mesmos, não resistimos à tentação de fazer farol quando nos reunimos...”
E então Dumbledore falou em voz alta da última fileira, onde aguardava com os outros professores:
– Aha! A não ser que eu muito me engane, a delegação de Beauxbatons está chegando!
– Onde? – perguntaram muitos alunos ansiosos, olhando em diferentes direções.
– *Ali!* – gritou um aluno da sexta série, apontando para o céu sobre a Floresta.
Alguma coisa grande, muito maior do que uma vassoura – ou, na verdade,

cem vassouras –, voava em alta velocidade pelo céu azul-escuro em direção ao castelo, e se tornava cada vez maior.

– É um dragão! – gritou esganiçada uma aluna da primeira série, perdendo completamente a cabeça.

– Deixa de ser burra... é uma casa voadora! – disse Dênis Creevey.

O palpite de Dênis estava mais próximo... quando a sombra gigantesca e escura sobrevoou as copas das árvores da Floresta Proibida, e as luzes que brilhavam nas janelas do castelo a iluminaram, eles viram uma enorme carruagem azul-clara do tamanho de um casarão, que voava para eles, puxada por doze cavalos alados, todos baios, cada um parecendo um elefante de tão grande.

As três primeiras fileiras de alunos recuaram quando a carruagem foi baixando para pousar a uma velocidade fantástica – então, com um baque estrondoso que fez Neville saltar para trás e pisar no pé de um aluno da quinta série da Sonserina –, os cascos dos cavalos, maiores que pratos, bateram no chão. Um segundo mais tarde, a carruagem também pousou, balançando sobre as imensas rodas, enquanto os cavalos dourados agitavam as cabeçorras e reviravam os grandes olhos cor de fogo.

Harry só teve tempo de ver que a porta da carruagem tinha um brasão (duas varinhas cruzadas, e de cada uma saíam três estrelas) antes que ela se abrisse.

Um garoto de vestes azul-claras saltou da carruagem, curvado para a frente, mexeu por um momento em alguma coisa que havia no chão da carruagem e abriu uma escadinha de ouro. Em seguida, recuou respeitosamen te. Então Harry viu um sapato preto e lustroso sair de dentro da carruagem – um sapato do tamanho de um trenó de criança – acompanhado, quase imediatamente, pela maior mulher que ele já vira na vida. O tamanho da carruagem e dos cavalos ficou imediatamente explicado. Algumas pessoas exclamaram.

Harry só vira, até então, uma pessoa tão grande quanto essa mulher: Hagrid; ele duvidou que houvesse dois centímetros de diferença na altura dos dois. Mas, por alguma razão – talvez simplesmente porque estava habituado a Hagrid –, esta mulher (agora ao pé da escada, que olhava para as pessoas que a esperavam de olhos arregalados) parecia ainda mais anormalmente grande. Ao entrar no círculo de luz projetado pelo saguão de entrada, ela revelou um rosto bonito de pele morena, grandes olhos negros que pareciam líquidos e um nariz um tanto bicudo. Seus cabelos estavam puxados para trás e presos em um coque na nuca. Vestia-se da cabeça aos pés de cetim negro, e brilhavam numerosas opalas em seu pescoço e nos dedos grossos.

Dumbledore começou a aplaudir; os estudantes, acompanhando a deixa, prorromperam em palmas, muitos deles nas pontas dos pés, para poder ver

melhor a mulher.
O rosto dela se descontraiu em um gracioso sorriso e ela se dirigiu a Dumbledore, estendendo a mão faiscante de anéis. O diretor, embora alto, mal precisou se curvar para beijar-lhe a mão.
– Minha cara Madame Maxime – disse. – Bem-vinda a Hogwarts.
– Dumbly-dorr – disse Madame Maxime, com uma voz grave. – Esperro encontrrá-lo de boa saúde.
– Excelente, obrigado – respondeu Dumbledore.
– Meus alunos – disse Madame Maxime, acenando descuidadamente uma de suas enormes mãos para trás.
Harry, cuja atenção estivera focalizada inteiramente em Madame Maxime, reparou, então, que uns doze garotos e garotas – todos, pelo físico, no fim da adolescência – haviam descido da carruagem e agora estavam parados atrás de Madame Maxime. Eles tremiam de frio, o que não surpreendia, pois suas vestes eram feitas de finíssima seda e nenhum deles usava capa. Alguns tinham enrolado echarpes e xales na cabeça. Pelo que Harry pôde ver de seus rostos (estavam à enorme sombra de sua diretora), eles olhavam para o castelo, com uma expressão apreensiva.
– Karrkarroff já chegou? – perguntou Madame Maxime.
– Deve estar aqui a qualquer momento – disse Dumbledore. – Gostaria de esperar aqui para recebê-lo ou prefere entrar para se aquecer um pouco?
– Me aquecerr, acho. Mas os cavalos...
– O nosso professor de Trato das Criaturas Mágicas ficará encantado de cuidar deles – disse Dumbledore – assim que terminar de resolver um probleminha que ocorreu com alguns de seus outros... protegidos.
– Explosivins – murmurou Rony para Harry, rindo-se.
– Meus corrcéis ecsigem... hum... um trratadorr forrte – disse Madame Maxime, com uma expressão de dúvida quanto à capacidade de um professor de Trato das Criaturas Mágicas em Hogwarts para dar conta da tarefa. – Eles son muito forrtes...
– Posso lhe assegurar que Hagrid poderá cuidar da tarefa – disse o diretor, sorrindo.
– Ótimo – disse Madame Maxime, fazendo uma ligeira reverência –, por favorrr inforrrme a esse Agrid que os cavalos só bebem uísque de um malte.
– Farei isso – respondeu Dumbledore, retribuindo a reverência.
– Venham – disse Madame Maxime imperiosamente aos seus alunos e o pessoal de Hogwarts se afastou para deixá-los subir os degraus de pedra.
– De que tamanho você acha que os cavalos de Durmstrang vão ser? – perguntou Simas Finnigan, esticando-se por trás de Lilá e Parvati para falar com

Harry e Rony.
– Bom, se eles forem maiores do que esses, nem Hagrid vai ser capaz de cuidar deles – comentou Harry. – Isto é, se ele já não foi atacado pelos explosivins. Qual será o problema com eles?
– Talvez tenham fugido – arriscou Rony esperançoso.
– Ah, não diz uma coisa dessas – falou Hermione, com um arrepio. – Imaginem aqueles bichos soltos pela propriedade...
Eles continuaram parados, agora tremendo um pouco de frio, à espera da delegação de Durmstrang. A maioria das pessoas contemplava o céu, esperançosa. Durante alguns minutos, o silêncio só foi interrompido pelos cavalões de Madame Maxime que resfolegavam e pateavam. Mas então...
– Vocês estão ouvindo alguma coisa? – perguntou Rony de repente.
Harry prestou atenção; um barulho alto e estranho chegava até eles através da escuridão; um ronco abafado mesclado a um ruído de sucção, como se um imenso aspirador de pó estivesse se deslocando pelo leito de um rio...
– O lago! – berrou Lino Jordan apontando. – Olhem para o lago!
De sua posição, no alto dos gramados, de onde descortinavam a propriedade, eles tinham uma visão desimpedida da superfície escura e lisa da água – exceto que ela repentinamente deixara de ser lisa. Ocorria alguma perturbação no fundo do lago; grandes bolhas se formavam no centro, e suas ondas agora quebravam nas margens de terra – e então, bem no meio do lago, apareceu um rodamoinho, como se alguém tivesse retirado uma tampa gigantesca do seu leito...
Algo que parecia um pau comprido e preto começou a emergir lentamente do rodamoinho... e então Harry avistou o velame...
– É um mastro! – disse ele a Rony e Hermione.
Lenta e imponentemente o navio saiu das águas, refulgindo ao luar. Tinha uma estranha aparência esquelética, como se tivesse ressuscitado de um naufrágio, e as luzes fracas e enevoadas que brilhavam nas escotilhas lembravam olhos fantasmagóricos. Finalmente, com uma grande espalhação de água, o navio emergiu inteiramente, balançando nas águas turbulentas, e começou a deslizar para a margem. Alguns momentos depois, ouviram a âncora ser atirada na água rasa e o baque surdo de um pranchão ao ser baixado sobre a margem.
Havia gente desembarcando, os garotos viram silhuetas passarem pelas luzes das escotilhas. Os recém-chegados pareciam ter físicos semelhantes aos de Crabbe e Goyle... mas então, quando subiram as encostas dos jardins e chegaram mais próximos à luz que saía do saguão de entrada, Harry viu que aquela aparência maciça se devia às capas de peles de fios longos e despenteados que estavam usando. Mas o homem que os conduzia ao castelo usava peles de um outro tipo; sedosas e prateadas como os seus cabelos.

– Dumbledore! – cumprimentou ele cordialmente, ainda subindo a encosta. – Como vai, meu caro, como vai?

– Otimamente, obrigado, Prof. Karkaroff.

O homem tinha uma voz ao mesmo tempo engraçada e untuosa; quando ele entrou no círculo de luz das portas do castelo, os garotos viram que era alto e magro como Dumbledore, mas seus cabelos brancos eram curtos, e a barbicha (que terminava em um cachinho) não escondia inteiramente o seu queixo fraco. Quando alcançou Dumbledore, apertou-lhe a mão com as suas duas.

– Minha velha e querida Hogwarts! – exclamou, erguendo os olhos para o castelo e sorrindo; seus dentes eram um tanto amarelados, e Harry reparou que seu sorriso não abrangia os olhos, que permaneciam frios e astutos. – Como é bom estar aqui, como é bom... Vítor, venha, venha para o calor... você não se importa, Dumbledore? Vítor está com um ligeiro resfriado...

Karkaroff fez sinal para um de seus estudantes avançar. Quando o rapaz passou, Harry viu de relance um nariz grande e curvo e sobrancelhas escuras e espessas. Não precisava do soco que Rony lhe deu no braço, nem do cochicho na orelha para reconhecer aquele perfil.

– Harry, *é o Krum*!

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

O Cálice de Fogo

– Eu não acredito! – exclamou Rony, em tom de espanto, quando os alunos de Hogwarts se enfileiraram pelos degraus atrás da delegação de Durmstrang.

– Krum, Harry! *Vítor Krum!*

– Pelo amor de Deus, Rony, ele é apenas um jogador de quadribol – disse Hermione.

– *Apenas um jogador de quadribol?* – exclamou Rony, olhando para a amiga como se não pudesse acreditar no que ouvia. – Mione, ele é um dos melhores apanhadores do mundo! Eu não fazia ideia de que ele ainda estava na escola!

Quando eles atravessaram o saguão com os demais alunos de Hogwarts, a caminho do Salão Principal, Harry viu Lino Jordan pulando nas pontas dos pés para conseguir ver melhor a nuca de Krum. Várias garotas do sexto ano apalpavam freneticamente os bolsos enquanto andavam:

– Ah, não acredito, não trouxe uma única pena comigo... Você acha que ele assinaria o meu chapéu com batom?

– *Francamente!* – exclamou Hermione com ar de superioridade, ao passarem pelas garotas, agora disputando o batom.

– *Vou* pedir um autógrafo a ele se puder – disse Rony –, você tem uma pena, Harry?

– Não, deixei todas lá em cima na mochila – respondeu Harry.

Os garotos se dirigiram à mesa da Grifinória e se sentaram. Rony tomou o cuidado de se sentar de frente para a porta, porque Krum e seus colegas de Durmstrang ainda estavam parados ali, aparentemente sem saber onde se sentar. Os alunos de Beauxbatons tinham escolhido lugares à mesa da Corvinal. Corriam os olhos pelo Salão Principal com uma expressão triste no rosto. Três deles ainda seguravam as echarpes e xales que cobriam a cabeça.

– Não está fazendo *tanto* frio assim – comentou Hermione que os observava,

irritada. – Por que não trouxeram as capas?
– Aqui! Venham se sentar aqui! – sibilou Rony. – Aqui! Mione chega para lá, abre um espaço...
– Quê?
– Tarde demais – disse Rony com amargura.
Vítor Krum e os colegas de Durmstrang tinham se acomodado à mesa da Sonserina. Harry viu que Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam muito cheios de si com isso. Enquanto o garoto observava, Malfoy se curvou para falar com Krum.
– É, vai fundo, puxa o saco dele, Malfoy – disse Rony com desdém. – Mas, aposto como o Krum está percebendo o jogo dele... aposto como tem gente adulando ele o tempo todo... onde é que você acha que eles vão dormir? Poderíamos oferecer um lugar no nosso dormitório, Harry... eu não me importaria de ceder a minha cama, e poderia dormir em uma cama de armar.
Hermione deu uma risadinha desdenhosa.
– Eles parecem bem mais felizes que o pessoal da Beauxbatons – disse Harry.
Os alunos de Durmstrang estavam despindo os pesados casacos de peles e olhando para o teto escuro e estrelado com expressões de interesse; uns dois seguravam os pratos e taças de ouro e examinavam-nos, aparentemente impressionados.
Na mesa dos funcionários, Filch, o zelador, acrescentava cadeiras. Estava usando a velha casaca mofada em homenagem à ocasião. Harry ficou surpreso de ver que ele acrescentara duas cadeiras de cada lado de Dumbledore.
– Mas só tem mais duas pessoas – disse Harry. – Por que Filch está colocando mais quatro cadeiras? Quem mais vem?
– Eh? – respondeu Rony vagamente. Ainda olhava com avidez para Krum.
Depois que todos os estudantes tinham entrado no salão e sentado às mesas das Casas, vieram os professores, que se dirigiram à mesa principal e se sentaram. Os últimos da fila foram o Prof. Dumbledore, o Prof. Karkaroff e Madame Maxime. Quando a diretora apareceu, os alunos de Beauxbatons se levantaram imediatamente. Alguns alunos de Hogwarts riram. A delegação de Beauxbatons não pareceu se constranger nem um pouco e não tornou a se sentar até que Madame Maxime estivesse acomodada do lado esquerdo de Dumbledore. Este, porém, continuou em pé e o Salão Principal ficou silencioso.
– Boa-noite, senhoras e senhores, fantasmas e, muito especialmente, hóspedes – disse Dumbledore sorrindo para os alunos estrangeiros. – Tenho o prazer de dar as boas-vindas a todos. Espero e confio que sua estada aqui seja confortável e prazerosa.
Uma das garotas de Beauxbatons, ainda segurando o xale na cabeça, deu uma inconfundível risadinha de zombaria.

– Ninguém está obrigando você a ficar! – murmurou Hermione, com raiva.
– O torneio será oficialmente aberto no fim do banquete – disse Dumbledore. – Agora convido todos a comer, beber e se fazer em casa!
Ele se sentou, e Harry viu Karkaroff se curvar na mesma hora para a frente e iniciar uma conversa com o diretor.
As travessas diante deles se encheram de comida como de costume. Os elfos domésticos na cozinha pareciam ter se excedido; havia uma variedade de pratos à mesa que Harry jamais vira, inclusive alguns decididamente estrangeiros.
– Que é *isso*? – disse Rony, apontando uma grande travessa com uma espécie de ensopado de frutos do mar ao lado de um grande pudim de carne e rins.
– *Bouillabaisse* – disse Hermione.
– Para você também! – respondeu Rony.
– É *francesa* – explicou a garota. – Comi nas férias, no penúltimo verão, é muito gostosa.
– Acredito – retrucou Rony, servindo-se de chouriço de sangue.
De alguma forma o Salão Principal parecia muito mais cheio do que de costume, ainda que só houvesse umas vinte pessoas a mais ali; talvez porque os uniformes de cores diferentes se destacassem tão claramente contra o preto das vestes de Hogwarts. Agora que tinham despido as peles, os alunos de Durmstrang deixavam ver que usavam vestes de um intenso vermelhosangue.
Vinte minutos depois do início do banquete, Hagrid entrou discretamente pela porta atrás da mesa dos funcionários. Deslizou para sua cadeira na ponta da mesa e acenou para Harry, Rony e Hermione com a mão coberta de ataduras.
– Os explosivins estão passando bem, Hagrid? – perguntou Harry.
– Otimamente – respondeu ele animado.
– É, aposto que estão – disse Rony em voz baixa. – Parece que finalmente encontraram a comida que gostam, não? Os dedos de Hagrid.
Naquele instante, ouviram uma voz:
– Com licença, vocês von querrer a *bouillabaisse*?
Era a garota de Beauxbatons que rira durante a fala de Dumbledore. Finalmente retirara o xale. Uma longa cascata de cabelos louro-prateados caía quase até sua cintura. Tinha grandes olhos azul-profundos e dentes muito brancos e iguais.
Rony ficou púrpura. Olhou para a garota, abriu a boca para responder, mas não saiu nada a não ser um fraco gargarejo.
– Pode levar – respondeu Harry, empurrando a terrina para a garota.
– Vocês já se serrvirram?
– Já – disse Rony sem fôlego. – Estava excelente.
A garota apanhou a terrina e levou-a cuidadosamente até a mesa da Corvinal.

Rony continuou com os olhos grudados nela como se nunca tivesse visto uma garota na vida. Harry começou a rir. O som das risadas pareceu sacudir Rony daquele transe.

– É uma veela! – exclamou com a voz rouca para Harry.

– Claro que não! – retrucou Hermione mordazmente. – Não vejo mais ninguém olhando para ela de boca aberta como um idiota!

Mas não era bem verdade. Quando a garota atravessou o salão, muitas cabeças de garotos se viraram, e alguns pareciam ter ficado temporariamente sem fala, exatamente como Rony.

– Estou dizendo, não é uma garota normal! – disse Rony, curvando-se para um lado para poder continuar a vê-la sem ninguém na frente. – Não fazem garotas assim em Hogwarts!

– Fazem garotas legais em Hogwarts – respondeu Harry, sem pensar. Cho Chang, por acaso, estava sentada a poucos lugares da garota de cabelos prateados.

– Quando vocês dois repuserem os olhos dentro das órbitas – disse Hermione com energia – poderão ver quem acaba de chegar.

Ela apontou para a mesa dos funcionários. As duas cadeiras que estavam vazias acabavam de ser ocupadas. Ludo Bagman sentou-se agora do outro lado do Prof. Karkaroff enquanto o Sr. Crouch, chefe de Percy, ficou ao lado de Madame Maxime.

– Que é que eles estão fazendo aqui? – indagou Harry surpreso.

– Eles organizaram o Torneio Tribruxo, não foi? – disse Hermione. – Imagino que quisessem vir assistir à abertura.

Quando o segundo prato chegou, os garotos repararam que havia diversos pudins desconhecidos, também. Rony examinou um tipo esquisito de manjar branco mais atentamente, depois deslocou-o com cuidado alguns centímetros para a direita, de modo a deixá-lo bem visível para os convidados à mesa da Corvinal. Mas a garota que lembrava uma veela parecia ter comido o suficiente e não veio até a mesa apanhá-lo.

Depois que os pratos de ouro foram limpos, Dumbledore se levantou mais uma vez. Neste momento, uma agradável tensão pareceu invadir o salão. Harry sentiu um tremor de excitação só de imaginar o que viria a seguir. A algumas cadeiras de distância, Fred e Jorge se curvaram para a frente, observando Dumbledore com grande concentração.

– Chegou o momento – disse Dumbledore, sorrindo para o mar de rostos erguidos. – O Torneio Tribruxo vai começar. Eu gostaria de dizer algumas palavras de explicação antes de mandar trazer o escrínio...

– O quê? – murmurou Harry.

Rony deu de ombros.
– ... apenas para esclarecer as regras que vigorarão este ano. Mas, primeiramente, gostaria de apresentar àqueles que ainda não os conhecem o Sr. Bartolomeu Crouch, Chefe do Departamento de Cooperação Internacional em Magia – houve vagos e educados aplausos –, e o Sr. Ludo Bagman, Chefe do Departamento de Jogos e Esportes Mágicos.
Houve uma rodada mais ruidosa de aplausos para Bagman do que para Crouch, talvez por sua fama de batedor ou simplesmente porque ele parecia muito mais simpático. Ele agradeceu com um aceno jovial. Bartolomeu Crouch não sorriu nem acenou quando seu nome foi anunciado. Ao lembrarse dele vestido com um terno bem cortado na Copa Mundial de Quadribol, Harry achou que parecia estranho naquelas vestes de bruxo. Seu bigode à escovinha e a risca exata nos cabelos pareciam muito esquisitos ao lado dos longos cabelos e barbas de Dumbledore.
– Nos últimos meses, o Sr. Bagman e o Sr. Crouch trabalharam incansavelmente na organização do Torneio Tribruxo – continuou Dumbledore – e se juntarão a mim, ao Prof. Karkaroff e à Madame Maxime na banca que julgará os esforços dos campeões.
À menção da palavra “campeões”, a atenção dos estudantes que ouviam pareceu se aguçar.
Talvez Dumbledore tivesse notado essa repentina imobilidade, porque ele sorriu e disse:
– O escrínio, então, por favor, Sr. Filch.
Filch, que andara rondando despercebido um extremo do salão, se aproximou então de Dumbledore, trazendo uma arca de madeira, incrustada de pedras preciosas. Tinha uma aparência extremamente antiga. Um murmúrio de interesse se elevou das mesas dos alunos; Dênis Creevey chegou a subir na cadeira para ver direito mas, por ser tão miúdo, sua cabeça mal ultrapassou a dos outros.
– As instruções para as tarefas que os campeões deverão enfrentar este ano já foram examinadas pelos Srs. Crouch e Bagman – disse Dumbledore, enquanto Filch depositava a arca cuidadosamente na mesa à frente do diretor –, e eles tomaram as providências necessárias para cada desafio. Haverá três tarefas, espaçadas durante o ano letivo, que servirão para testar os campeões de diferentes maneiras... sua perícia em magia, sua coragem, seus poderes de dedução e, naturalmente, sua capacidade de enfrentar o perigo.
A esta última palavra, o salão mergulhou num silêncio tão absoluto que ninguém parecia estar respirando.
– Como todos sabem, três campeões competem no torneio – continuou Dumbledore calmamente –, um de cada escola. Eles receberão notas por seu

desempenho em cada uma das tarefas do torneio e aquele que tiver obtido o maior resultado no final da terceira tarefa ganhará a Taça Tribruxo. Os campeões serão escolhidos por um juiz imparcial... o Cálice de Fogo.

Dumbledore puxou então sua varinha e deu três pancadas leves na tampa do escrínio. A tampa se abriu lentamente com um rangido. O bruxo enfiou a mão nele e tirou um grande cálice de madeira toscamente talhado. Teria sido considerado totalmente comum se não estivesse cheio até a borda com chamas branco-azuladas, que davam a impressão de dançar.

Dumbledore fechou o escrínio e pousou cuidadosamente o cálice sobre a tampa, onde seria visível a todos no salão.

– Quem quiser se candidatar a campeão deve escrever seu nome e escola claramente em um pedaço de pergaminho e depositá-lo no cálice – disse Dumbledore. – Os candidatos terão vinte e quatro horas para apresentar seus nomes. Amanhã à noite, Festa das Bruxas, o cálice devolverá o nome dos três que ele julgou mais dignos de representar suas escolas. O cálice será colocado no saguão de entrada hoje à noite, onde estará perfeitamente acessível a todos que queiram competir.

“Para garantir que nenhum aluno menor de idade ceda à tentação”, continuou Dumbledore, “traçarei uma linha etária em volta do Cálice de Fogo depois que ele for colocado no saguão. Ninguém com menos de dezessete anos conseguirá atravessar a linha.

“E, finalmente, gostaria de incutir nos que querem competir, que ninguém deve se inscrever neste torneio levianamente. Uma vez escolhido pelo Cálice de Fogo, o campeão ficará obrigado a prosseguir até o final do torneio. Colocar o nome no cálice é um ato contratual mágico. Não pode haver mudança de ideia, uma vez que a pessoa se torne campeã. Portanto, procurem se certificar de que estão preparados de corpo e alma para competir, antes de depositar seu nome no cálice. Agora, acho que já está na hora de irmos nos deitar. Boa-noite a todos.”

– Uma linha etária! – exclamou Fred Weasley, os olhos brilhando, enquanto atravessavam o salão rumo às portas que se abriam para o saguão de entrada.

– Bom, isso deve ser contornável com uma Poção para Envelhecer, não? E depois que o nome estiver no cálice, a gente vai ficar rindo, ele não vai saber dizer se você tem ou não dezessete anos!

– Mas eu acho que ninguém abaixo de dezessete anos terá a menor chance – disse Hermione –, ainda não aprendemos o suficiente...

– Fale por você – disse Jorge rispidamente. – Você vai tentar entrar, não vai, Harry?

Harry pensou brevemente na insistência de Dumbledore de que nenhum menor de dezessete anos submetesse o nome, mas então a maravilhosa visão de

si mesmo ganhando a Taça Tribruxo invadiu mais uma vez sua mente... ele pensou no quanto Dumbledore ficaria zangado se algum menor de dezessete anos descobrisse uma maneira de atravessar a linha etária...

– Onde está ele? – perguntou Rony, que não estava ouvindo uma só palavra dessa conversa, e examinava a aglomeração de alunos para ver que fim levara Krum. – Dumbledore não disse onde o pessoal de Durmstrang vai dormir, disse?

Mas sua pergunta foi respondida quase instantaneamente; os garotos estavam passando pela mesa da Sonserina naquele momento e Karkaroff se apressava em chegar aos seus alunos.

– Voltamos ao navio, então – foi ele dizendo. – Vítor, como é que você está se sentindo? Comeu o suficiente? Devo mandar buscar um pouco de quentão na cozinha?

Harry viu Krum sacudir negativamente a cabeça e tornar a vestir as peles.

– Professor, *eu* gostaria de beber um pouco de vinho – disse outro garoto de Durmstrang esperançoso.

– Eu não ofereci a *você*, Poliakoff – retorquiu Karkaroff, seu caloroso ar paternal desaparecendo instantaneamente. – Vejo que derramou comida nas vestes outra vez, moleque porcalhão...

Karkaroff lhe deu as costas e conduziu os alunos para fora, chegando à porta no mesmo momento que Harry, Rony e Hermione. Harry parou para deixá-lo passar primeiro.

– Obrigado – disse Karkaroff, olhando distraído para o garoto.

E então o bruxo estacou. Tornou a virar a cabeça para Harry e encarou-o como se não pudesse acreditar no que via. Atrás do diretor, os alunos de Durmstrang pararam também. Os olhos de Karkaroff percorreram lentamente o rosto de Harry e se detiveram na cicatriz. Os alunos de Durmstrang miraram Harry cheios de curiosidade, também. Pelo canto do olho, o garoto viu que alguns faziam cara de terem finalmente entendido. O garoto que sujara as vestes de comida cutucou uma colega ao seu lado e apontou abertamente para a testa de Harry.

– É, é o Harry Potter, sim – disse alguém com um rosnado às costas deles.

O Prof. Karkaroff virou-se completamente. Olho-Tonto Moody se achava parado ali, apoiado pesadamente na bengala, o olho mágico encarando sem piscar o diretor de Durmstrang.

A cor se esvaiu do rosto de Karkaroff enquanto Harry observava a cena. Uma expressão terrível, em que se misturavam a fúria e o medo, perpassou o rosto do homem.

– Você! – exclamou ele, encarando Moody como se duvidasse de que realmente o via.

– Eu – disse Moody sério. – E a não ser que tenha alguma coisa a dizer a

Potter, Karkaroff, você talvez queira continuar andando. Está bloqueando a porta.

Era verdade; metade dos estudantes no salão aguardava atrás deles, espiando por cima dos ombros uns dos outros para ver o que estava causando o engarrafamento.

Sem dizer mais uma palavra, o Prof. Karkaroff arrebanhou seus alunos e saiu. Moody observou-o desaparecer de vista, seu olho mágico fixando as costas do bruxo, uma expressão de intenso desagrado em seu rosto mutilado.

Como o dia seguinte era sábado, normalmente a maioria dos estudantes teria tomado o café da manhã mais tarde. Harry, Rony e Hermione, porém, não foram os únicos a se levantarem muito mais cedo do que costumavam nos fins de semana. Quando desceram para o saguão, viram umas vinte pessoas andando por ali, alguns comendo torrada, todos examinando o Cálice de Fogo. A peça fora colocada no centro do saguão sobre o banquinho que era usado para o Chapéu Seletor. Uma fina linha dourada fora traçada no chão, formando um círculo de uns três metros de raio.

– Alguém já depositou o nome? – perguntou Rony, ansioso, a uma aluna do terceiro ano.

– Todo o pessoal da Durmstrang – respondeu ela. – Mas ainda não vi ninguém de Hogwarts.

– Aposto como tem gente que depositou ontem à noite depois que fomos todos dormir – disse Harry. – Eu teria feito isso se fosse eles... não iria querer ninguém me olhando. E se o cálice cuspisse o meu nome de volta na hora?

Alguém riu às costas de Harry. Ao se virar, ele viu Fred, Jorge e Lino Jordan correndo escada abaixo, os três parecendo excitadíssimos.

– Resolvido – disse Fred num cochicho vitorioso a Harry, Rony e Hermione. – Acabamos de tomá-la.

– Quê? – exclamou Rony.

– A Poção para Envelhecer, cabeça de bagre – disse Fred.

– Uma gota cada um – acrescentou Jorge, esfregando as mãos de alegria. – Só precisamos envelhecer alguns meses.

– Vamos dividir os mil galeões entre os três se um de nós vencer – disse Lino, com um largo sorriso.

– Não tenho muita certeza de que isso vai dar certo – disse Hermione em tom de aviso. – Tenho certeza de que Dumbledore terá pensado nessa possibilidade.

Fred, Jorge e Lino não lhe deram atenção.

– Pronto? – perguntou Fred aos outros dois, tremendo de excitação. – Vamos então, eu vou primeiro...

Harry observou, fascinado, quando Fred tirou do bolso um pedaço de pergaminho com as palavras “Fred Weasley – Hogwarts”. O garoto foi direto à linha e parou ali, balançando-se nas pontas dos pés como um mergulhador se preparando para um salto de quinze metros. Depois, acompanhado pelo olhar de todos que estavam no saguão, ele respirou fundo e atravessou a linha.

Por uma fração de segundo, Harry achou que a coisa dera certo – Jorge certamente pensara o mesmo, porque soltou um berro de triunfo e correu atrás de Fred –, mas no momento seguinte, ouviram um chiado forte e os gêmeos foram arremessados para fora do círculo dourado, como bolas de golfe. Eles aterrissaram dolorosamente, a dez metros de distância no frio chão de pedra e, para piorar a situação, ouviram um forte estalo e brotaram nos dois longas barbas brancas e idênticas.

O saguão de entrada ecoou de risadas. Até Fred e Jorge se riram depois de se levantarem e dar uma boa olhada nas barbas um do outro.

– Eu avisei a vocês – disse uma voz grave e risonha, ao que todos se viraram e deram com o Prof. Dumbledore saindo do Salão Principal. Ele examinou Fred e Jorge, com os olhos cintilando. – Sugiro que os dois procurem Madame Pomfrey. Ela já está cuidando da Srta. Fawcett da Corvinal e do Sr. Summers da Lufa-Lufa, que também resolveram envelhecer um pouquinho. Embora eu deva dizer que as barbas deles não são tão bonitas quanto as suas.

Fred e Jorge seguiram para a ala hospitalar acompanhados por Lino, que rolava de rir, e Harry, Rony e Hermione, também às gargalhadas, foram tomar o café da manhã.

A decoração no Salão Principal estava mudada essa manhã. Como era o Dia das Bruxas, uma nuvem de morcegos vivos esvoaçava pelo teto encantado, enquanto centenas de abóboras esculpidas riam-se em cada canto. Harry, à frente dos três, foi até Dino e Simas, que discutiam quais alunos de Hogwarts com dezessete anos ou mais estariam se inscrevendo.

– Corre um boato que Warrington se levantou cedo e depositou o nome no cálice – disse Dino a Harry. – Aquele grandalhão da Sonserina que parece uma preguiça.

Harry, que jogara quadribol contra Warrington, sacudiu a cabeça, desgostoso.

– Não podemos ter um campeão da Sonserina!

– E todo o pessoal da Lufa-Lufa está falando em Diggory – disse Simas com desprezo. – Eu não teria imaginado que ele fosse querer arriscar aquele belo físico.

– Escutem! – disse Hermione de repente.

As pessoas estavam aplaudindo no saguão de entrada. Todos se viraram nas cadeiras e viram Angelina Johnson entrando no salão, sorrindo meio encabulada.

Uma garota alta, que jogava como artilheira no time de quadribol da Grifinória, Angelina se aproximou dos colegas, sentou-se e disse:
– Bom, está feito! Depositei o meu nome!
– Você está brincando! – disse Rony, parecendo impressionado.
– Então você já fez dezessete? – perguntou Harry.
– Claro que sim. Você está vendo alguma barba? – respondeu Rony.
– Fiz anos na semana passada – disse Angelina.
– Fico feliz que alguém da Grifinória esteja concorrendo – comentou Hermione. – Espero sinceramente que você seja escolhida, Angelina!
– Obrigada, Hermione – agradeceu Angelina, sorrindo para ela.
– É, é melhor você do que o Zé Bonitinho Diggory – disse Simas, fazendo vários alunos da Lufa-Lufa que passavam pela mesa amarrarem a cara para ele.
– Então, que é que vocês vão fazer hoje? – perguntou Rony a Harry e Hermione, quando saíam do salão depois do café.
– Ainda não fomos visitar o Hagrid – lembrou Harry.
– OK, desde que ele não nos peça para doar uns dedos aos explosivins.
Uma expressão de grande excitação surgiu de repente no rosto de Hermione.
– Acabei de me tocar, ainda não pedi ao Hagrid para se alistar no F.A.L.E.! – disse ela animada. – Me esperem aqui enquanto dou uma corrida lá em cima para apanhar os distintivos.
– Qual é a dela? – exclamou Rony, exasperado, quando Hermione saiu correndo escada acima.
– Ei, Rony – disse Harry de repente. – É a sua amiga...
Os alunos de Beauxbatons entravam no castelo, vindo dos jardins, entre eles a garota veela. O pessoal aglomerado à volta do cálice se afastou para deixá-los passar, observando-os ansiosos.
Madame Maxime entrou atrás dos alunos e organizou-os em fila. Um a um eles atravessaram a linha etária e depositaram seus pedaços de pergaminho nas chamas branco-azuladas. A cada nome inscrito o fogo se avermelhava e faiscava por um breve instante.
– Que é que você acha que acontece com os que não são escolhidos? – murmurou Rony para Harry, quando a garota veela deixou cair seu pedaço de pergaminho no Cálice de Fogo. – Você acha que voltam para a escola ou ficam por aqui para assistir ao torneio?
– Não sei – disse Harry. – Ficam por aqui, suponho... Madame Maxime vai ficar para julgar, não é?
Depois que os alunos de Beauxbatons se inscreveram, Madame Maxime levou-os de volta aos jardins.
– Onde é que *eles* estão dormindo, então? – perguntou Rony chegando até as

portas de entrada e acompanhando-os com o olhar.
Um ruído de chocalho às costas dos dois anunciou a reaparição de Hermione com a caixa de distintivos do F.A.L.E.
– Ah, bom, vamos logo – disse Rony e desceu aos saltos os degraus de pedra, mantendo os olhos fixos na garota veela, que a essa altura já estava no meio do jardim com a diretora.
Ao se aproximarem da cabana de Hagrid na orla da Floresta Proibida, o mistério do dormitório dos alunos de Beauxbatons se esclareceu. A enorme carruagem azul-clara em que haviam chegado fora estacionada a menos de duzentos metros da porta da cabana de Hagrid, e eles estavam embarcando nela. Os cavalos elefânticos que puxavam a carruagem pastavam agora em um picadeiro improvisado montado a um lado.
Harry bateu na porta de Hagrid e os latidos retumbantes de Canino responderam imediatamente.
– Até que enfim! – saudou-os Hagrid, quando abriu a porta e viu quem batia. – Achei que vocês tinham esquecido onde eu morava!
– Estivemos realmente ocupados, Hag... – Hermione começou a dizer, mas parou de chofre, encarando Hagrid, aparentemente sem saber o que dizer.
Hagrid estava usando seu melhor (e horroroso) terno de tecido marrom peludo, com uma gravata amarela e laranja. Mas isto não era o pior; ele evidentemente tentara domesticar os cabelos, usando uma grande quantidade de um produto que parecia graxa para eixo de rodas. Estavam agora alisados em dois molhos – talvez ele tivesse tentado fazer um rabo de cavalo como o de Gui, mas descobrira que tinha cabelo demais. O penteado realmente não combinava nadinha com Hagrid. Por um instante, Hermione mirou-o de olhos arregalados, depois, obviamente decidindo não fazer comentários disse:
– Hum, onde estão os explosivins?
– Lá fora no canteiro de abóboras – respondeu Hagrid alegre. – Estão ficando uns bichões, quase um metro de comprimento agora. O único problema é que começaram a se matar uns aos outros.
– Ah, não, sério? – exclamou Hermione, lançando um olhar de censura a Rony, que olhava sem disfarçar o penteado esquisito de Hagrid, e acabara de abrir a boca para dizer alguma coisa.
– É – disse Hagrid com tristeza. – Mas tudo bem, eles agora estão em caixas separadas. Ainda sobraram uns vinte.
– Isso é que foi sorte! – disse Rony. Mas Hagrid não percebeu a ironia.
A cabana de Hagrid tinha um único cômodo, e a um canto havia uma cama gigantesca coberta com uma colcha de retalhos. Uma mesa igualmente enorme com cadeiras ficava diante da lareira, sob uma quantidade de presuntos curados,

e aves mortas que pendiam do teto. Os garotos se sentaram à mesa enquanto Hagrid preparava o chá e logo se deixaram absorver por mais uma discussão sobre o Torneio Tribruxo. Hagrid parecia tão excitado com o assunto quanto eles.

– Aguardem – disse ele, sorrindo. – Aguardem só. Vocês vão ver uma coisa que nunca viram antes. A primeira tarefa... ah, mas eu não posso contar.

– Vamos, Hagrid! – insistiram Harry, Rony e Hermione, mas ele apenas sacudiu a cabeça, rindo.

– Não quero estragar a surpresa. Mas vai ser espetacular, isso eu posso dizer. Os campeões vão ter tarefas escolhidas sob medida. Nunca pensei que ia viver para ver organizarem novamente um Torneio Tribruxo!

Os garotos acabaram almoçando com Hagrid, embora não comessem muito – ele disse que preparara um picadinho de carne, mas quando Hermione encontrou uma garra no dela, os três perderam um pouco o apetite. Mas se divertiram tentando fazer Hagrid contar as tarefas que haveria no torneio, especulando quais dos inscritos seriam provavelmente escolhidos para campeões, e imaginando se Fred e Jorge já teriam perdido as barbas.

Uma chuva leve começara a cair lá pelo meio da tarde; foi muito gostoso sentarem ao pé da lareira e escutar as gotas de chuva tamborilando de leve na janela, vendo Hagrid cerzir suas meias enquanto discutia com Hermione sobre os elfos domésticos – porque ele se recusou terminantemente a entrar para o F.A.L.E. quando a garota lhe mostrou os distintivos.

– Seria fazer a eles uma maldade, Hermione – disse sério, enquanto trabalhava com uma enorme agulha de osso enfiada com uma linha de cerzir amarela. – Faz parte da natureza deles cuidar dos seres humanos, é disso que eles gostam, entende? Você os faria infelizes se tirasse o trabalho deles e os insultaria se tentasse lhes pagar um salário.

– Mas Harry libertou o Dobby e ele foi à lua de tanta felicidade! – disse Hermione. – *E* ouvimos dizer que ele está exigindo salário agora!

– Tudo bem, tem aberrações em toda espécie da natureza. Não estou dizendo que não haja elfo esquisito que aceite a liberdade, mas você jamais convenceria a maioria deles a concordar com isso, não, nada feito, Hermione.

Hermione pareceu ficar realmente contrariada e guardou a caixa de distintivos no bolso da capa.

Lá pelas cinco horas começou a escurecer, e Rony, Harry e Hermione decidiram que já era hora de voltar ao castelo para a festa do Dia das Bruxas – e, o que era mais importante, para o anúncio de quem seriam os campeões das escolas.

– Vou com vocês – disse Hagrid, deixando o cerzido de lado. – Me deem um

segundo.

Ele se levantou, foi até a cômoda ao lado da cama e começou a procurar alguma coisa nas gavetas. Os garotos não prestaram muita atenção, até que um fedor realmente horrível chegou às suas narinas.

Tossindo, Rony perguntou:

– Hagrid, que é isso?

– Eh? – exclamou Hagrid, virando-se com um enorme frasco na mão. – Você não gostou?

– Isso é loção de barba? – perguntou Hermione, com um tom de voz levemente chocado.

– Hum... *eau-de-Cologne* – murmurou Hagrid. Ele ficou vermelho. – Talvez seja um pouco demais – disse meio impaciente. – Vou tirar, esperem aí...

Ele saiu desajeitado da cabana e os garotos o viram lavar-se vigorosamente no barril de água do lado da janela.

– *Eau-de-Cologne?* – repetiu Hermione surpresa. – *Hagrid?*

– E qual é a explicação para os cabelos e o terno dele? – perguntou Harry em voz baixa.

– Olhem lá! – exclamou Rony de repente, apontando para fora da janela.

Hagrid acabara de se aprumar e se virara. Se ficara vermelho antes, não era nada comparável ao que estava acontecendo agora. Levantando-se muito cautelosamente, para que Hagrid não os visse, Harry, Rony e Hermione espiaram pela janela e viram que Madame Maxime e os alunos de Beauxbatons tinham acabado de sair da carruagem, obviamente para irem à festa também. Os garotos não conseguiam ouvir, mas Hagrid estava falando com a diretora com os olhos embaçados e uma expressão de arrebatamento, que Harry só notara nele uma única vez – quando admirava o filhote de dragão Norberto.

– Ele está indo com ela para o castelo! – disse Hermione indignada. – Pensei que ele estava nos esperando!

Sem lançar sequer um olhar à cabana, Hagrid foi subindo pelo gramado com Madame Maxime, e os alunos de Beauxbatons seguiam em sua cola, quase correndo para acompanhar os passos enormes dos dois.

– Ele está caído por ela! – comentou Rony incrédulo. – Bom, se eles tiverem filhos, vão marcar um recorde mundial, aposto como um bebê deles iria pesar uma tonelada.

Os três saíram da cabana sozinhos e fecharam a porta ao passar. Estava surpreendentemente escuro do lado de fora. Puxando as capas para mais junto do corpo, eles subiram pelos gramados da propriedade.

– Ah, são eles. Olhem lá! – sussurrou Hermione.

A delegação de Durmstrang seguia do lago para o castelo. Vítor Krum

caminhava ao lado de Karkaroff e os outros os acompanhavam em pequenos grupos. Rony observou Krum excitado, mas o jogador nem olhou para os lados ao alcançar as portas do castelo um pouco à frente de Hermione, Rony e Harry, andando sempre reto.

Quando os três amigos entraram, o salão iluminado por velas estava quase cheio. O Cálice de Fogo fora mudado de lugar; agora se encontrava diante da cadeira vazia de Dumbledore, à mesa dos professores. Fred e Jorge – novamente de cara lisa – pareciam ter aceitado o desapontamento muito bem.

– Espero que seja Angelina – disse Fred, quando Harry, Rony e Hermione se sentaram.

– Eu também! – disse Hermione sem fôlego. – Bom, vamos saber daqui a pouco!

A Festa das Bruxas pareceu durar muito mais do que habitualmente. Talvez porque fosse o segundo banquete em dois dias, Harry não pareceu interessado na comida preparada com extravagância tanto quanto das outras vezes. Como todas as pessoas no salão, a julgar pelas constantes espichadas de pescoços, as expressões impacientes nos rostos, o desassossego de todos que se levantavam para ver se Dumbledore já acabara de comer, Harry simplesmente queria que os pratos fossem retirados e os nomes dos campeões anunciados.

Depois de muito tempo, os pratos voltaram ao estado de limpeza inicial; houve um aumento acentuado no volume dos ruídos no salão, que caiu quase instantaneamente quando Dumbledore se ergueu. A cada lado dele, o Prof. Karkaroff e Madame Maxime pareciam tão tensos e ansiosos quanto os demais. Ludo Bagman sorria e piscava para vários alunos. O Sr. Crouch, porém, parecia bastante desinteressado, quase entediado.

– Bom, o Cálice de Fogo está quase pronto para decidir – disse Dumbledore. – Estimo que só precise de mais um minuto. Agora, quando os nomes dos campeões forem chamados, eu pediria que eles viessem até este lado do salão, passassem diante da mesa dos professores e entrassem na câmara ao lado – ele indicou a porta atrás da mesa –, onde receberão as primeiras instruções.

Ele puxou, então, a varinha e fez um gesto amplo; na mesma hora todas as velas, exceto as que estavam dentro das abóboras recortadas, se apagaram, mergulhando o salão na penumbra. O Cálice de Fogo agora brilhava com mais intensidade do que qualquer outra coisa ali, a brancura azulada das chamas que faiscavam vivamente quase fazia os olhos doerem. Todos observavam à espera... alguns consultavam os relógios a todo momento...

– A qualquer segundo agora – sussurrou Lino Jordan, a dois lugares de distância de Harry.

As chamas dentro do Cálice de repente tornaram a se avermelhar. Começaram

a soltar faíscas. No momento seguinte, uma língua de fogo se ergueu no ar, e expeliu um pedaço de pergaminho chamuscado – o salão inteiro prendeu a respiração.

Dumbledore apanhou o pergaminho e segurou-o à distância do braço, de modo a poder lê-lo à luz das chamas, que voltaram a ficar branco-azuladas.

– O campeão de Durmstrang – leu ele em alto e bom som – será Vítor Krum.

– Grande surpresa! – berrou Rony, ao mesmo tempo que uma tempestade de aplausos e vivas percorreu o salão. Harry viu Vítor Krum se levantar da mesa da Sonserina e se encaminhar com as costas curvas para Dumbledore; ele virou à direita, passou diante da mesa dos professores e desapareceu pela porta que levava à câmara vizinha.

– Bravo, Vítor! – disse Karkaroff com a voz tão retumbante que todos puderam ouvi-lo apesar dos aplausos. – Eu sabia que você era capaz!

Os aplausos e comentários morreram. Agora todas as atenções tornaram a se concentrar no Cálice de Fogo, que, segundos depois, tornou a se avermelhar. Um segundo pedaço de pergaminho voou de dentro dele, lançado pelas chamas.

– O campeão de Beauxbatons é Fleur Delacour!

– É ela, Rony! – gritou Harry, quando a garota que parecia uma veela levantou-se graciosamente, sacudiu a cascata de cabelos louro-prateados para trás e caminhou impetuosamente entre as mesas da Corvinal e da Lufa-Lufa.

– Ah, olha lá, eles estão desapontados – disse Hermione sobrepondo sua voz ao barulho e indicando com a cabeça o resto da delegação de Beauxbatons. “Desapontados” era dizer pouco, pensou Harry. Duas das garotas que não tinham sido escolhidas debulhavam-se em lágrimas e soluçavam, com as cabeças deitadas nos braços.

Quando Fleur Delacour também desapareceu na câmara vizinha, todos tornaram a fazer silêncio, mas desta vez foi um silêncio tão pesado de excitação que quase dava para sentir seu gosto. O campeão de Hogwarts é o próximo...

E o Cálice de Fogo ficou mais uma vez vermelho; jorraram faíscas dele; a língua de fogo ergueu-se muito alto no ar e de sua ponta Dumbledore tirou o terceiro pedaço de pergaminho.

– O campeão de Hogwarts – anunciou ele – é Cedrico Diggory!

– Não! – exclamou Rony em voz alta, mas ninguém o ouviu exceto Harry; a zoeira na mesa vizinha era grande demais. Cada um dos alunos da Lufa-Lufa ficou de pé, gritando e sapateando, quando Cedrico passou por eles, um enorme sorriso no rosto, e se encaminhou para a câmara atrás da mesa dos professores. Na verdade, os aplausos para Cedrico foram tão longos que passou algum tempo até que Dumbledore pudesse se fazer ouvir novamente.

– Excelente! – exclamou Dumbledore feliz, quando finalmente o tumulto

serenou. – Muito bem, agora temos os nossos três campeões. Estou certo de que posso contar com todos, inclusive com os demais alunos de Beauxbatons e Durmstrang, para oferecer aos nossos campeões todo o apoio que puderem. Torcendo pelo seus campeões, vocês contribuirão de maneira muito real...

Mas Dumbledore parou inesperadamente de falar, e tornou-se óbvio para todos o que o distraíra.

O fogo no cálice acabara de se avermelhar outra vez. Expeliu faíscas. Uma longa chama elevou-se subitamente no ar e ergueu mais um pedaço de pergaminho.

Com um gesto aparentemente automático, Dumbledore estendeu a mão e apanhou o pergaminho. Ergueu-o e seus olhos se arregalaram para o nome que viu escrito. Houve uma longa pausa, durante a qual o bruxo mirou o pergaminho em suas mãos e todos no salão fixaram o olhar em Dumbledore. Ele pigarreou e leu...

– *Harry Potter!*

— CAPÍTULO DEZESSETE —

Os quatro campeões

Harry ficou sentado ali, consciente de que cada cabeça no Salão Principal se virara para ele. Sentia-se atordoado. Entorpecido. Sem dúvida estava sonhando. Não ouvira direito.

Não houve aplausos. Um zunido, como o de abelhas enraivecidas, começou a encher o salão; alguns estudantes ficaram em pé para ter uma visão melhor de Harry, sentado ali, imóvel, em sua cadeira.

Na mesa principal, a Profª Minerva se levantara e passara por Ludo Bagman e pelo Prof. Karkaroff para cochichar urgentemente com o Prof. Dumbledore, que inclinara a cabeça para ela, franzindo ligeiramente a testa.

Harry se virou para Rony e Hermione; mais além, viu toda a longa mesa da Grifinória observando-o, boquiaberta.

– Eu não inscrevi meu nome – disse Harry sem saber o que dizer. – Vocês sabem que não.

Os dois apenas olharam para ele também, sem saber o que responder.

Na mesa principal, o Prof. Dumbledore se aprumou, acenando a cabeça afirmativamente para a Profª Minerva.

– Harry Potter! – tornou ele a chamar. – Harry! Aqui, se me faz o favor!

– Anda – murmurou Hermione, dando um leve empurrão em Harry.

O garoto ficou de pé, pisou na barra das vestes e tropeçou brevemente. Saiu pelo espaço entre as mesas da Grifinória e da Lufa-Lufa. Teve a impressão de estar fazendo uma longuíssima caminhada; a mesa principal parecia não chegar mais perto e ele sentia centenas de olhos fixos nele, como se cada um fosse um refletor. O zum-zum não parava de crescer. Depois do que lhe pareceu uma hora, o garoto chegou diante de Dumbledore, sentindo fixos nele os olhares dos professores.

– Bom... pela porta – disse Dumbledore. O diretor não sorria.
Harry passou pela mesa dos professores. Hagrid estava sentado bem no fim. Mas não piscou para Harry, nem acenou nem fez qualquer dos sinais habituais para cumprimentá-lo. Parecia inteiramente perplexo e olhou para Harry quando este passou, como os demais. O garoto passou pela porta e se viu em um aposento menor, com as paredes cobertas de retratos a óleo de bruxas e bruxos. Um belo fogo rugia na lareira em frente.
Os rostos nos retratos se viraram para olhá-lo quando ele entrou. Surpreendeu uma bruxa encarquilhada passando rapidamente da moldura do próprio retrato para a moldura vizinha, que enquadrava um bruxo de bigodes de morsa. A bruxa encarquilhada começou a cochichar no ouvido do colega.
Vítor Krum, Cedrico Diggory e Fleur Delacour estavam reunidos em torno da lareira. Pareciam estranhamente imponentes, recortados contra as chamas. Krum, curvado e pensativo, apoiava-se no console da lareira, ligeiramente afastado dos outros. Cedrico estava parado com as mãos às costas, contemplando o fogo. Fleur Delacour virou a cabeça quando Harry entrou e jogou para trás a cascata de cabelos longos e prateados.
– Que foi? – perguntou ela. – Querrem que a jante volte ao salon?
Pensava que ele viera trazer um recado. Harry não sabia como explicar o que acabara de acontecer. Ficou ali parado, olhando para os três campeões. Percebeu de repente como eram altos.
Houve um ruído de passos apressados atrás de Harry, e Ludo Bagman entrou na sala. Segurou o garoto pelo braço e levou-o até os outros.
– Extraordinário! – murmurou, apertando o braço de Harry. – Absolutamente extraordinário! Senhores... senhora – acrescentou, aproximando-se da lareira e falando aos outros três. – Gostaria de lhes apresentar, por mais incrível que possa parecer, o *quarto* campeão do Torneio Tribruxo.
Vítor Krum se empertigou. Seu rosto carrancudo nublou-se ao examinar Harry. Cedrico fez cara de estupefação. Olhou de Bagman para Harry e de volta como se tivesse certeza de que ouvira mal o que o bruxo acabara de dizer. Fleur Delacour, porém, sacudiu os cabelos, sorriu e disse:
– Que grrande piada, Senhorr Bagman.
– Piada? – repetiu Bagman, confuso. – Não, não, não é não! O nome de Harry acaba de sair do Cálice de Fogo!
As grossas sobrancelhas de Krum se contraíram ligeiramente. Cedrico continuou a parecer educadamente surpreso.
Fleur franziu a testa.
– Mas evidaman houve um engano – disse a Bagman com desdém. – Ele non pode competirr. É jóvam demais.

– Bom... é surpreendente – concordou Bagman, esfregando o queixo liso e sorrindo para Harry. – Mas, como sabem, o limite de idade só foi imposto este ano como medida suplementar de precaução. E como o nome dele saiu do Cálice de Fogo... quero dizer, acho que a essa altura não podemos fugir à responsabilidade... somos obrigados... Harry terá que se esforçar o máximo que...

A porta às costas deles se abriu e um grande grupo de pessoas entrou: o Prof. Dumbledore, seguido de perto pelo Sr. Crouch, o Prof. Karkaroff, Madame Maxime, a Profª McGonagall e o Prof. Snape. Harry ouviu o zum-zum de centenas de estudantes do outro lado da parede, antes da Profª McGonagall fechar a porta.

– Madame Maxime! – chamou Fleur na mesma hora, indo ao encontro de sua diretora. – Eston dizando que esse garrotinho vai competirr tambã!

Sob o seu atordoamento e incredulidade, Harry sentiu uma crispação de raiva. *Garrotinho?*

Madame Maxime se empertigara até o limite de sua considerável altura. O cocuruto da bela cabeça roçou o lustre repleto de velas, e seu imenso peito coberto de cetim negro se estufou.

– Que significa isso, Dumbly-dorr? – perguntou imperiosamente.

– Eu também gostaria de saber, Dumbledore – disse o Prof. Karkaroff. Em seu rosto havia um sorriso inflexível e seus olhos azuis eram duas lascas de gelo. – *Dois* campeões de Hogwarts? Não me lembro de ninguém ter me dito que a escola que sediasse o torneio poderia ter dois campeões, ou será que não li o regulamento com a devida atenção?

Ele deu um sorrisinho maldoso.

– É amposível – exclamou Madame Maxime, cujas enormes mãos com numerosas e soberbas opalas descansavam no ombro de Fleur. – Ogwarts não pode terr dois campeons. Serria muito injusto.

– Tivemos a impressão de que a sua linha etária deixaria de fora os competidores mais jovens, Dumbledore – disse Karkaroff, o sorriso inflexível ainda no rosto, embora seus olhos estivessem mais frios que nunca. – Do contrário, teríamos, naturalmente, trazido uma seleção de candidatos mais ampla de nossas escolas.

– Não é culpa de ninguém, exceto de Potter, Karkaroff – falou Snape suavemente. Seus olhos negros brilharam de malícia. – Não saia culpando Dumbledore pela determinação de Potter de desobedecer às regras. Ele não tem feito nada exceto transgredir limites desde que chegou aqui...

– Muito obrigado, Severo – disse Dumbledore com firmeza, e Snape se calou,

embora seus olhos continuassem a brilhar maldosamente por trás da cortina de cabelos negros e oleosos.

O Prof. Dumbledore olhou então para Harry, que o encarou, tentando perceber a expressão dos olhos do diretor por trás dos oclinhos de meia-lua.

– Você depositou seu nome no Cálice de Fogo, Harry? – perguntou Dumbledore calmamente.

– Não – respondeu Harry. Estava consciente de que todos o olhavam com atenção. Nas sombras, Snape fez um barulhinho impaciente de descrença.

– Você pediu a um estudante mais velho para depositá-lo no Cálice de Fogo para você? – tornou o diretor, sem dar atenção a Snape.

– *Não* – disse Harry com veemência.

– Ah, mas é clarro que ele está mantindo – exclamou Madame Maxime. Snape agora sacudia a cabeça, a boca crispada.

– Ele não poderia ter atravessado a linha etária – interpôs a Profª Minerva energicamente. – Tenho certeza de que todos concordamos nisso...

– Dumbly-dorr deve terr se anganado ao traçarr a linha – concluiu Madame Maxime, encolhendo os ombros.

– É claro que isto é possível – respondeu Dumbledore polidamente.

– Dumbledore, você sabe muito bem que não se enganou! – exclamou a Profª Minerva, aborrecida. – Francamente, que tolice! Harry não poderia ter cruzado a linha pessoalmente, e como o Prof. Dumbledore acredita que ele não convenceu um colega mais velho a fazer isso por ele, decerto isto deveria bastar para todos nós!

Ela lançou um olhar muito zangado ao Prof. Snape.

– Sr. Crouch... Sr. Bagman – começou Karkaroff, a voz mais uma vez untuosa –, os senhores são os nossos... hum... juízes objetivos. Certamente os senhores concordarão que isto é extremamente irregular?

Bagman enxugou o rosto redondo e infantil com o lenço e olhou para o Sr. Crouch, que estava parado fora do círculo das chamas da lareira, o rosto semioculto pelas sombras. Parecia um pouco sobrenatural, a obscuridade fazia-o parecer muito mais velho, emprestando-lhe quase uma aparência de caveira. Quando falou, porém, foi em seu tom habitualmente seco.

– Devemos obedecer ao regulamento e o regulamento diz claramente que as pessoas cujos nomes saírem do Cálice de Fogo devem competir no torneio.

– Bom, Bartô conhece os regulamentos de trás para diante – disse Bagman, sorrindo, e se voltou para Karkaroff e Madame Maxime como se o assunto estivesse definitivamente encerrado.

– Eu insisto em tornar a submeter os nomes do restante dos meus alunos –

disse Karkaroff. Ele agora deixara de lado seu tom untuoso e o sorriso. Seu rosto tinha uma expressão realmente feia. – Vocês prepararão novamente o Cálice de Fogo e continuaremos a depositar nomes até cada escola ter dois campeões. Seria o justo, Dumbledore.

– Mas Karkaroff, a coisa não funciona assim – comentou Bagman. – O Cálice de Fogo se apagou, e não voltará a arder até o início do próximo torneio...

– ... no qual Durmstrang, com toda a certeza, não irá competir! – explodiu Karkaroff. – Depois de tantas reuniões e negociações e tantos compromissos, eu não esperava que acontecesse uma coisa desta natureza! Tenho até vontade de me retirar agora mesmo!

– Uma ameaça inútil, Karkaroff – rosnou uma voz próxima à porta. – Você não pode abandonar o seu campeão agora. Ele tem que competir. Todos têm que competir. Um ato contratual mágico, conforme disse Dumbledore. Conveniente, não é mesmo?

Moody acabara de entrar na sala. Encaminhou-se, mancando, até a lareira, e a cada passo que dava, ouvia-se uma batidinha.

– Conveniente? – perguntou Karkaroff. – Receio não estar entendendo, Moody.

Harry percebeu que o bruxo tentava parecer desdenhoso, como se não valesse a pena dar atenção ao que Moody dissera, mas suas mãos o traíam; tinham se fechado em punhos.

– Não mesmo? – perguntou Moody em voz alta. – É muito simples, Karkaroff. Alguém depositou o nome de Harry naquele cálice sabendo que o garoto teria que competir se saísse o seu nome.

– Evidaman algám que querria oferrecer a Ogwarts duas oporrtunidades de vancerr! – comentou Madame Maxime.

– Eu concordo, Madame Maxime – disse Karkaroff, com uma reverência. – Vou reclamar com o Ministério da Magia *e* a Confederação Internacional dos Bruxos...

– Se alguém tem razão para reclamar é o Potter – rosnou Moody –, mas... o que é engraçado... não estou ouvindo *ele* dizer uma única palavra...

– Por que ele irria reclamar? – disse Fleur Delacour de repente, batendo o pé. – Ele tam a chance de competirr, não é? Durrante semanas vivemos a esperrança de serr escolhidos! A honrra de nossas escolas! Mil galeões de prrêmio, é uma chance pela qual muita jante morrerria!

– Talvez alguém tenha esperança de que Harry morra – disse Moody, com um leve vestígio de rosnado na voz.

Seguiu-se um silêncio extremamente tenso às suas palavras.

Ludo Bagman, que parecia de fato muito ansioso, balançou-se nervoso e

disse:
– Moody, meu caro... que coisa para você dizer!
– Todos sabemos que o Prof. Moody considera a manhã perdida se não descobrir seis conspirações para assassiná-lo antes do almoço – disse Karkaroff em voz alta. – Pelo visto, agora está ensinando a seus alunos o medo de serem assassinados, também. Uma estranha qualidade para um professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, Dumbledore, mas com toda a certeza você tem suas razões.
– Será que estou imaginando coisas? Vendo coisas? – rosnou Moody. – Foi um bruxo ou uma bruxa habilitada que pôs o nome do garoto naquele cálice...
– Ah, que prrova há disso? – exclamou Madame Maxime, erguendo as enormes mãos.
– Porque enganou um objeto mágico de grande poder! – disse Moody. – Seria preciso um Feitiço para Confundir excepcionalmente forte para mistificar aquele cálice a ponto de fazê-lo esquecer que apenas três escolas competem no torneio... Estou imaginando que alguém tenha inscrito Potter em uma quarta escola, para garantir que ele fosse o único de sua categoria...
– Você parece ter pensado muito no assunto – disse Karkaroff com frieza –, e não deixa de ser uma teoria criativa, embora, é claro, eu tenha ouvido dizer que recentemente você meteu na cabeça que um dos seus presentes de aniversário continha um ovo de basilisco ardilosamente disfarçado e o fez em pedaços antes de se dar conta de que era um relógio de trem. Então você compreenderá se não o levarmos inteiramente a sério...
– Há pessoas que usam ocasiões inocentes em proveito próprio – retrucou Moody num tom ameaçador. – É o meu trabalho pensar como os bruxos das trevas pensariam, Karkaroff, como você deve se lembrar...
– Alastor! – exclamou Dumbledore em tom de aviso. Harry se perguntou por um momento com quem ele estaria falando, mas logo percebeu que “Olho-Tonto” não poderia ser o verdadeiro nome de Moody. Este se calou, embora ainda observasse Karkaroff com satisfação, o rosto de Karkaroff estava em brasa.
– Como foi que essa situação surgiu, não sabemos – disse Dumbledore dirigindo-se às pessoas reunidas na sala. – Parece-me, no entanto, que não temos alternativa alguma senão aceitá-la. Os dois, Cedrico e Harry, foram escolhidos para competir no torneio. E, portanto, é o que farão...
– Ah, mas Dumbly-dorr...
– Minha cara Madame Maxime, se a senhora tiver uma alternativa, ficarei encantado em ouvi-la.
Dumbledore aguardou, mas Madame Maxime não disse nada, apenas o fitou

de cara amarrada. E não foi a única, tampouco. Snape parecia furioso, Karkaroff, lívido. Bagman, porém, parecia bastante excitado.

– Bom, vamos agilizar isso, então? – disse, esfregando as mãos e sorrindo para os presentes. – Temos que dar nossas instruções aos campeões, não é mesmo? Bartô, quer fazer as honras da casa?

O Sr. Crouch pareceu despertar de um profundo devaneio.

– É – concordou –, instruções. É... a primeira tarefa...

Encaminhou-se, então, para a claridade das chamas. De perto, Harry achou que ele parecia estar passando mal. Havia sombras escuras sob seus olhos e sua pele enrugada tinha uma aparência frágil que lembrava papel, traços que não estavam ali durante a Copa Mundial de Quadribol.

– A primeira tarefa destina-se a testar o arrojo dos campeões – disse ele a Harry, Cedrico, Fleur e Krum –, por isso não vamos lhes dizer qual é. A coragem diante do desconhecido é uma qualidade importante em um bruxo... muito importante...

“A primeira tarefa terá lugar, em vinte e quatro de novembro, perante os demais estudantes e a banca de juízes.

“É proibido aos campeões pedirem aos seus professores, ou aceitarem deles, ajuda de qualquer tipo para realizar as tarefas do torneio. Os campeões enfrentarão o primeiro desafio armados apenas de varinhas. Receberão informações sobre a segunda tarefa quando a primeira estiver concluída. Por força da natureza árdua e demorada do torneio, os campeões estão dispensados dos exames do fim do ano letivo.”

O Sr. Crouch virou-se para encarar Dumbledore.

– Acho que é só isso, não é, Alvo?

– Acho que sim – respondeu Dumbledore, que observava o Sr. Crouch com uma leve preocupação. – Você tem certeza de que não quer pernoitar em Hogwarts, Bartô?

– Não, Dumbledore, preciso voltar ao Ministério. Estamos passando um momento muito movimentado e muito difícil... Deixei o jovem Weatherby responsável pelo departamento... muito entusiasmado... um pouquinho demais, para dizer a verdade...

– Você vai pelo menos tomar um drinque antes de partir? – convidou Dumbledore.

– Vamos, Bartô, eu vou ficar! – disse Bagman animado. – As coisas estão acontecendo em Hogwarts agora, sabe, está muito mais excitante aqui do que no escritório!

– Acho que não, Ludo – respondeu Crouch, com um toque de sua antiga impaciência.

– Prof. Karkaroff, Madame Maxime, um último drinque antes de nos recolhermos? – perguntou Dumbledore.

Mas Madame Maxime já passara um braço pelos ombros de Fleur e a conduzia rapidamente para fora da sala. Harry ouviu as duas conversarem muito depressa em francês, ao atravessarem o Salão Principal. Karkaroff fez sinal para Krum e eles, também, agitados, saíram em silêncio.

– Harry, Cedrico, sugiro que vocês vão se deitar – disse Dumbledore, sorrindo para os dois. – Tenho certeza de que Grifinória e Lula-Lufa estão aguardando vocês para comemorar e seria uma pena privar seus colegas desta excelente desculpa para fazerem muito barulho e confusão.

Harry olhou para Cedrico, que concordou com a cabeça, e juntos saíram da sala.

O Salão Principal agora estava deserto; as velas já estavam pequenas, dando aos sorrisos serrilhados das abóboras um ar misterioso e bruxuleante.

– Então – disse Cedrico com um sorrisinho. – Vamos jogar um contra o outro novamente!

– Acho que sim – respondeu Harry. Na realidade ele não conseguiu pensar no que dizer. Dentro de sua cabeça parecia haver uma desordem total, como se o seu cérebro tivesse sido saqueado.

– Então... me conta... – disse Cedrico, quando chegaram ao saguão de entrada, que estava agora iluminado por archotes, na ausência do Cálice de Fogo. – *No duro*, como foi que você conseguiu inscrever seu nome?

– Não inscrevi – disse Harry erguendo os olhos para o colega. – Não pus o meu nome lá. Falei a verdade.

– Ah... tá – respondeu Cedrico. Harry percebeu que Cedrico não acreditara nele. – Bom... a gente se vê, então!

Em vez de subir a escadaria de mármore, Cedrico rumou para a porta à direita. Harry ficou parado escutando-o descer os degraus de pedra, depois, lentamente, começou a subir os de mármore.

Será que mais alguém além de Rony e Hermione acreditaria nele ou iriam todos pensar que se inscrevera no torneio? Contudo, como é que alguém podia pensar uma coisa dessas, quando ele ia enfrentar competidores que tinham mais três anos de educação mágica – quando ia enfrentar tarefas que não somente pareciam perigosas, mas que deveriam ser executadas diante de centenas de pessoas? É, ele pensara nisso... devaneara sobre isso... mas fora brincadeirinha, verdade, uma espécie de sonho descomprometido... jamais considerara *seriamente* se inscrever, verdade...

Mas alguém considerara isso... alguém quisera vê-lo no torneio, e tomara providências para tanto. Por quê? Para lhe fazer um gosto? Tinha a impressão

que não...
Para vê-lo fazer papel de bobo? Bom, provavelmente ia ter o seu desejo satisfeito...
Mas, para vê-lo *morto*? Moody estaria agindo com a sua paranoia habitual? Alguém não poderia ter posto o nome de Harry no Cálice de Fogo de brincadeira, para pregar uma peça? Será que alguém queria realmente vê-lo morto?
Essa pergunta Harry pôde responder na hora. Sim, alguém queria vê-lo morto, alguém queria vê-lo morto desde que tinha um ano de idade... Lorde Voldemort. Mas como é que o bruxo conseguira providenciar para que o nome de Harry fosse posto no Cálice de Fogo? Estava supostamente muito longe, em algum país distante, escondido, sozinho... fraco e impotente...
No entanto naquele sonho que tivera, pouco antes de acordar com a cicatriz doendo, Voldemort não estava sozinho... estava falando com Rabicho... conspirando para matar Harry...
Harry levou um choque ao se descobrir já diante da Mulher Gorda. Mal reparara aonde seus pés o levavam. Foi também uma surpresa ver que ela não estava sozinha na moldura. A bruxa encarquilhada, que passara para o quadro vizinho quando ele fora se reunir aos campeões na sala embaixo, agora estava sentada, toda cheia de si, ao lado da Mulher Gorda. Devia ter corrido pelos forros de todos os quadros de setes escadas para chegar ali antes dele. As duas, ela e a Mulher Gorda, o miravam com o maior interesse.
– Ora muito bem – disse a Mulher Gorda –, Violeta acaba de me contar tudo. Então quem foi afinal o escolhido para campeão da escola?
– *Asnice* – disse Harry sem emoção.
– Certamente que não é! – protestou a bruxa pálida, indignada.
– Não, não, Vi, é a senha – explicou a Mulher Gorda para acalmá-la, e rodou nas dobradiças para deixar Harry entrar na sala comunal.
O estardalhaço que feriu os ouvidos de Harry quando o retrato girou quase o derrubou de costas. A próxima coisa de que teve consciência foi que estava sendo arrastado para dentro da sala por uns doze pares de mãos, diante dos alunos da Grifinória em peso, que gritavam, aplaudiam e assobiavam.
– Devia ter nos avisado de que tinha se inscrito! – berrou Fred; parecia meio aborrecido e meio impressionado.
– Como foi que você fez isso, sem ficar barbudo? Genial – rugiu Jorge.
– Não fiz – disse Harry. – Não sei como foi que...
Mas Angelina agora se atirava em cima dele.
– Ah, se não pôde ser eu, pelo menos foi alguém da Grifinória...
– Você vai poder dar o troco ao Diggory por aquela última partida de

quadribol, Harry! – gritou a voz fina de Katie Bell, outra artilheira da Grifinória.
– Temos comida, Harry, venha comer alguma coisa...
– Não estou com fome, comi bastante no banquete...
Mas ninguém quis ouvir falar de sua falta de apetite; ninguém quis saber que ele não pusera o nome no Cálice de Fogo; ninguém parecia ter notado que ele não estava com a menor disposição de comemorar... Lino Jordan desencavara uma bandeira da Grifinória em algum lugar, e insistia em enrolá-la em Harry como uma capa. Harry não conseguiu fugir; sempre que tentava escapulir até a escada dos dormitórios, os colegas à sua volta cerravam fileiras e o forçavam a aceitar mais uma cerveja amanteigada, metendo salgadinhos e amendoins nas mãos dele... todos queriam saber como é que ele fizera aquilo, como ludibriara a linha etária de Dumbledore e conseguira depositar o nome no Cálice de Fogo...
– Não fui eu – repetia ele sem parar –, não sei como foi que aconteceu.
Mas pela pouca atenção que os colegas lhe davam, os protestos do garoto não faziam a menor diferença.
– Estou cansado! – berrou ele finalmente depois de quase meia hora. – Não, é sério, Jorge, vou me deitar...
A coisa que ele mais queria era encontrar Rony e Hermione para buscar um pouco de sanidade, mas nenhum dos dois parecia estar na sala comunal. Insistindo que precisava dormir, e quase achatando os irmãozinhos Creevey quando tentaram desviá-lo ao pé da escada, Harry conseguiu se livrar de todo mundo e subiu para o dormitório o mais depressa que pôde.
Para seu grande alívio, encontrou Rony, ainda vestido, deitado na cama de um dormitório em que não havia mais ninguém. Ele ergueu os olhos quando Harry entrou batendo a porta.
– Por onde você andou? – perguntou Harry.
– Ah, olá – respondeu Rony.
Sorria, mas parecia um sorriso muito estranho e tenso. Harry, de repente, se deu conta de que ainda vestia a bandeira vermelha da Grifinória que Lino amarrara nele. Apressou-se em despi-la, mas o nó estava muito apertado. Rony continuou deitado na cama sem se mexer, apreciando os esforços de Harry para retirar a bandeira.
– Então – disse ele, quando Harry finalmente conseguiu remover e atirar a bandeira a um canto. – Meus parabéns.
– Que é que você quer dizer com parabéns? – perguntou Harry encarando-o. Decididamente havia alguma coisa esquisita no jeito com que Rony sorria; parecia mais um esgar.
– Bom... ninguém mais conseguiu atravessar a linha etária. Nem mesmo Fred e Jorge. Que foi que você usou, a Capa da Invisibilidade?

– A Capa da Invisibilidade não teria me ajudado a atravessar aquela linha – disse Harry lentamente.

– Ah, certo. Achei que você teria me contado se fosse a capa... porque ela poderia cobrir nós dois, não é mesmo? Mas você encontrou outro jeito, não foi?

– Escuta aqui. Eu não depositei meu nome naquele cálice. Deve ter sido outra pessoa.

Rony ergueu as sobrancelhas.

– Por que alguém faria uma coisa dessas?

– Não sei. – Harry achou que seria muito melodramático dizer "para me matar".

Rony ergueu as sobrancelhas tão alto que elas correram o risco de desaparecer sob seus cabelos.

– Tudo bem, a *mim* você pode contar a verdade. Se você não quer que o resto do pessoal saiba, ótimo, mas não sei por que está se dando ao trabalho de mentir, você nem ficou mal por isso, não é? A amiga da Mulher Gorda, a tal da Violeta, já contou a todo mundo que Dumbledore vai deixar você competir. Mil galeões de prêmio, hein? E nem vai precisar prestar os exames de fim de ano...

– Eu não pus o meu nome naquele cálice! – disse Harry começando a se aborrecer.

– Ah, tá bem – retorquiu Rony com o mesmíssimo tom cético de Cedrico. – Só que ainda hoje de manhã você disse que teria posto à noite passada sem que ninguém o visse... eu não sou burro, sabe?

– Pois está parecendo – disse Harry com rispidez.

– Ah, é? – respondeu Rony, mas agora não havia nenhum vestígio de sorriso em seu rosto amarelo ou de qualquer cor. – Você está querendo se deitar, Harry, imagino que vai precisar se levantar cedo amanhã para a sessão de fotografias ou seja lá o que for.

E fechou com força as cortinas em torno de sua cama de colunas, deixando Harry parado ali à porta, encarando as cortinas de veludo vinho, que agora escondiam uma das poucas pessoas que ele contara que fosse acreditar nele.

— CAPÍTULO DEZOITO —

A pesagem das varinhas

Quando Harry acordou no domingo de manhã, levou algum tempo para se lembrar da razão pela qual se sentia tão infeliz e preocupado. Então, a lembrança da noite anterior o engolfou. Ele se sentou e afastou as cortinas da cama, com a intenção de falar com Rony, forçar Rony a acreditar nele – mas encontrou a cama do amigo vazia; obviamente já fora tomar o café da manhã.

Harry se vestiu e desceu a escada circular para a sala comunal. No instante em que apareceu, os colegas que já haviam terminado o café, mais uma vez, prorromperam em aplausos. A perspectiva de chegar no Salão Principal e encarar o restante dos colegas da Grifinória, todos tratando-o como uma espécie de herói, não era nada convidativa; mas era isso ou ficar ali encurralado pelos irmãos Creevey, que lhe acenavam freneticamente para que fosse se juntar a eles. Assim, dirigiu-se resolutamente ao buraco do retrato, abriu-o, passou por ele e deu de cara com Hermione.

– Olá – exclamou ela, estendendo uma pilha de torradas que carregava em um guardanapo. – Trouxe para você... quer dar uma volta?

– Boa ideia – respondeu Harry agradecido.

Os dois desceram, atravessaram depressa o saguão, sem olhar para o Salão Principal, e pouco depois estavam caminhando pelos jardins em direção ao lago, onde o navio de Durmstrang, ancorado, se refletia escuramente na água. Fazia uma manhã fria e os dois amigos não pararam de andar, comendo as torradas, enquanto Harry contava a Hermione exatamente o que acontecera depois que deixara a mesa da Grifinória, na noite anterior. Para seu imenso alívio, Hermione aceitou sua história sem duvidar.

– Bem, é claro que eu sabia que você não tinha se inscrito – disse a garota quando ele terminou de contar a cena na câmara vizinha ao Salão Principal. – A cara que você fez quando Dumbledore o chamou! Mas a pergunta é, quem

inscreveu você? Porque, Moody tem razão, Harry... acho que nenhum estudante teria sido capaz de fazer isso... nunca teria sido capaz de enganar o Cálice de Fogo nem de anular o feitiço de Dumbledore...

– Você viu o Rony? – interrompeu-a Harry.

Hermione hesitou.

– Hum... vi... estava tomando café.

– Ele ainda acha que eu me inscrevi?

– Bem... não, acho que não... não *para valer* – disse ela sem jeito.

– Que é que você está querendo dizer com esse não *para valer*?

– Ah, Harry, não está na cara? – respondeu Hermione desesperada. – Ele está com ciúmes!

– *Com ciúmes?* – repetiu o garoto sem acreditar. – Com ciúmes de quê? Será que ele quer fazer papel de babaca na frente da escola inteira?

– Olha – disse Hermione pacientemente –, é sempre você que recebe todas as atenções, você sabe que é. Sei que não é sua culpa – acrescentou ela depressa, vendo Harry abrir a boca, indignado. – Sei que você não quer isso... mas, bem... sabe, Rony tem todos aqueles irmãos competindo com ele em casa, e você é o melhor amigo dele e é realmente famoso, Rony é sempre deixado de lado quando as pessoas veem você, e ele aguenta isso sem reclamar, mas acho que mais essa vezinha foi demais...

– Ótimo – disse Harry com amargura. – Realmente ótimo. Diga a ele que troco de lugar quando ele quiser. Diga a ele que o meu lugar está às ordens... gente olhando de boca aberta para a minha cicatriz para todo lado que vou...

– Não vou dizer nada a ele – falou Hermione com rispidez. – Diga você mesmo, é o único jeito de resolver isso.

– Não vou correr atrás dele para fazer ele crescer! – disse Harry, tão alto que várias corujas pousadas em uma árvore próxima levantaram voo assustadas. – Talvez ele acredite que não estou me divertindo quando me partirem o pescoço ou...

– Isso não tem graça – disse Hermione baixinho. – Não tem a menor graça. – Ela parecia extremamente ansiosa. – Harry, estive pensando... você sabe o que precisamos fazer, não sabe? Depressa, assim que voltarmos ao castelo?

– Sei, tacar no Rony um bom chute na b...

– *Escrever a Sirius*. Você tem que contar a ele o que aconteceu. Ele pediu para você o manter informado de tudo que estivesse acontecendo em Hogwarts... é quase como se ele esperasse que uma coisa dessas fosse acontecer. Trouxe pergaminho e uma pena comigo...

– Corta essa! – exclamou Harry, olhando à volta para verificar se havia alguém ouvindo; mas os jardins estavam muito desertos. – Ele voltou ao país só

porque a minha cicatriz doeu. Provavelmente invadiria o castelo furioso se eu contasse que alguém me inscreveu no Torneio Tribruxo...

– *Sirius iria gostar que você contasse a ele* – disse Hermione com severidade. – Ele vai descobrir de qualquer jeito...

– Como?

– Harry isso não vai poder ser abafado – disse ela seriamente. – Esse torneio é famoso e você é famoso. Eu ficaria realmente surpresa se já não tiver saído alguma coisa no *Profeta Diário* sobre a sua entrada no torneio... você já aparece em metade dos livros que tratam do Você-Sabe-Quem, sabia... e Sirius iria preferir saber por você, eu sei que sim.

– OK, OK, vou escrever – disse Harry atirando o último pedaço de torrada no lago. Os dois ficaram parados observando o pão flutuar por um instante, antes de um grande tentáculo emergir e engoli-lo por baixo. Depois disso retornaram ao castelo.

– Vou usar a coruja de quem? – perguntou Harry, quando subiam as escadas. – Ele me disse para não usar Edwiges outra vez.

– Pergunte ao Rony se você pode pedir emprestada...

– Não vou pedir nada ao Rony – disse o garoto decidido.

– Bom, então peça uma das corujas da escola, qualquer pessoa pode pedir – disse Hermione.

Os dois subiram até o corujal. Hermione deu a Harry um pedaço de pergaminho, uma pena e um tinteiro, depois saiu percorrendo as longas filas de poleiros, examinando as diferentes corujas, enquanto Harry se sentava encostado à parede e escrevia a carta.

Caro Sirius,

Você me disse para mantê-lo informado do que está acontecendo em Hogwarts, então aqui vai: não sei se você já sabe, mas vão realizar um Torneio Tribruxo este ano e, na noite de sábado, fui escolhido para ser o quarto campeão. Não sei quem pôs o meu nome no Cálice de Fogo, mas não fui eu. O outro campeão de Hogwarts é Cedrico Diggory da Lufa-Lufa.

Ele parou nesse ponto, pensativo. Teve vontade de dizer alguma coisa sobre a imensa carga de ansiedade que parecia ter se instalado em seu peito desde a noite anterior, mas não conseguiu descobrir como traduzir isso em palavras. Então, ele simplesmente molhou mais uma vez a pena no tinteiro e escreveu:

Espero que você esteja OK, e Bicuço também.
Harry

– Terminei – disse ele a Hermione, levantando-se e sacudindo a palha das vestes. Ao fazer isso, Edwiges veio voando para o seu ombro e estendeu a perna.

– Não posso usar você – disse Harry a ela, correndo o olhar pelas corujas da escola ao redor. – Tenho que usar uma dessas...

Edwiges soltou um pio muito alto e levantou voo tão inesperadamente que suas garras cortaram o ombro do garoto. E ficou de costas para Harry enquanto ele tentava prender a carta a uma grande coruja-de-igreja. Depois que a coruja partiu, Harry estendeu a mão para acariciar Edwiges, mas ela estalou o bico, furiosa, e voou para os caibros do telhado fora do seu alcance.

– Primeiro Rony, e agora você – disse Harry aborrecido. – *Não é minha culpa*.

Se Harry pensou que as coisas iam melhorar uma vez que se acostumasse à ideia de ser campeão, o dia seguinte lhe provou que estava enganado. Ele não poderia evitar o resto da escola quando voltasse às aulas – e era visível que o resto da escola, tal como seus colegas da Grifinória, achava que Harry se inscrevera para o torneio. Ao contrário dos garotos de sua Casa, porém, os outros não pareciam estar bem impressionados.

Os da Lufa-Lufa, que normalmente conviviam em excelentes termos com os alunos da Grifinória, tinham se tornado bastante frios. Uma aula de Herbologia foi suficiente para demonstrar isso. Ficou claro que os alunos da Lufa-Lufa achavam que Harry roubara a glória do seu campeão; um sentimento talvez exagerado pelo fato de que a Lufa-Lufa raramente conquistava alguma glória, e Cedrico era um dos poucos que lhe dera alguma, tendo uma vez derrotado a Grifinória no quadribol. Ernesto MacMillan e Justino Finch-Fletchley, com quem Harry habitualmente se dava tão bem, não falaram com ele, embora os três estivessem reenvasando bulbos saltadores na mesma caixa – embora tivessem rido de modo bem desagradável quando um dos bulbos saltadores escapuliu da mão de Harry e bateu com força no rosto do garoto. Tampouco Rony estava falando com Harry. Hermione se sentou entre os dois, procurando a custo manter uma conversa, e embora os dois lhe respondessem normalmente, evitavam se olhar. Harry achou que até a Profª Sprout parecia estar distante com ele – mas, afinal, ela era a diretora da Lufa-Lufa.

Em circunstâncias normais, o garoto teria ficado ansioso para ver Hagrid, mas a aula de Trato das Criaturas Mágicas significava também rever os alunos da Sonserina – a primeira vez que estaria cara a cara com eles desde que se tornara campeão.

Previsivelmente, Malfoy chegou à cabana de Hagrid com o conhecido sorriso desdenhoso atarraxado no rosto.

– Ah, olha só, pessoal, é o campeão – disse ele a Crabbe e a Goyle no instante

em que se aproximou de Harry o bastante para ser ouvido. – Trouxeram os cadernos de autógrafos? É melhor pedir um agora porque duvido que a gente vá vê-lo por muito tempo... metade dos campeões do Torneio Tribruxo morreram... quanto tempo você acha que vai durar, Potter? Aposto que só os primeiros dez minutos da primeira tarefa.

Crabbe e Goyle deram risadas para agradá-lo, mas Malfoy teve que parar por aí, porque Hagrid surgiu dos fundos da cabana, segurando uma torre instável de caixas, cada uma contendo um enorme explosivim. Para horror da turma, Hagrid começou a explicar que a razão pela qual os bichos tinham andado se matando era o excesso de energia acumulada, e que a solução era cada aluno pôr uma coleira em um bicho e levá-lo para passear um pouco. A única vantagem desse plano foi distrair Malfoy completamente.

– Levar essa coisa para passear um pouco? – repetiu ele enojado, olhando para dentro de uma das caixas. – E onde exatamente você quer que a gente amarre a coleira? No ferrão, no rabo explosivo desse treco?

– No meio – respondeu Hagrid, fazendo uma demonstração. – Hum... é, vocês talvez queiram calçar as luvas de couro de dragão, assim como uma precaução a mais. Harry, vem até aqui me ajudar com esse grandalhão...

A verdadeira intenção de Hagrid, no entanto, era falar com Harry longe do restante da turma.

Ele esperou até todos terem se afastado com os explosivins, depois se virou para o garoto e disse, muito sério:

– Então... você vai competir, Harry. No torneio. Campeão da escola.

– Um dos campeões – corrigiu-o Harry.

Os olhos de Hagrid, negros como besouros, pareciam muito ansiosos sob as sobrancelhas desgrenhadas.

– Não faz ideia de quem o meteu nessa fria, Harry?

– Você acredita então que não fui eu que me inscrevi? – perguntou Harry, escondendo com esforço o arroubo de gratidão que sentiu ao ouvir as palavras de Hagrid.

– Claro que acredito – resmungou Hagrid. – Você diz que não foi você e eu acredito em você, e Dumbledore acredita em você e tudo.

– Eu bem gostaria de saber quem *foi* – disse o garoto com amargura.

Os dois olharam para os jardins; a turma agora andava espalhada por lá, toda ela em grande apuro. Os explosivins tinham alcançado uns noventa centímetros de comprimento e se tornado extremamente fortes. Já não eram sem casca e descolorados, tinham desenvolvido uma espécie de escudo acinzentado grosso e reluzente. Pareciam uma cruza de enormes escorpiões com caranguejos alongados – mas ainda não possuíam cabeças ou olhos reconhecíveis. Tinham-se

tornado imensamente fortes e difíceis de controlar.

– Parece que eles estão se divertindo, não acha? – comentou Hagrid alegremente. Harry presumiu que ele estivesse se referindo aos explosivins, porque seus colegas certamente não estavam; de vez em quando, com um alarmante estampido, a cauda de um deles explodia, fazendo-o saltar vários metros à frente e mais de um aluno estava sendo arrastado de bruços enquanto tentava desesperadamente se levantar.

– Ah, eu não sei, Harry – suspirou Hagrid de repente, voltando a encará-lo, com uma expressão preocupada no rosto. – Campeão da escola... parece que tudo acontece com você, não é?

O garoto não respondeu. É, parecia que tudo acontecia com ele... era mais ou menos o que Hermione dissera quando andavam pela margem do lago, e essa era a razão, segundo ela, pela qual Rony deixara de falar com ele.

Os dias que se seguiram foram alguns dos piores que Harry passara em Hogwarts. O mais próximo que ele chegara desse sentimento fora durante aqueles meses, no segundo ano, em que grande parte da escola suspeitara que era ele que atacava os colegas. Mas, então, Rony ficara do seu lado. Harry achava que poderia suportar a atitude do resto da escola se ao menos pudesse ter Rony outra vez como amigo, mas não ia tentar persuadi-lo a voltarem a se falar se ele não queria. Contudo, estava solitário com tanta animosidade ao redor dele.

Harry podia entender a atitude do pessoal da Lufa-Lufa, mesmo que não lhe agradasse; tinham um campeão próprio para apoiar. Não esperara menos do que agressões verbais dos alunos da Sonserina – era muito impopular entre eles e sempre o fora, pois ajudara a Grifinória a derrotá-los muitas vezes, tanto no quadribol quanto no Campeonato Intercasas. Mas alimentara a esperança de que os colegas da Corvinal tivessem a bondade de apoiá-lo tanto quanto a Cedrico. Mas se enganara. A maioria dos alunos daquela Casa parecia pensar que estivera desesperado para conquistar um pouco mais de fama fazendo o Cálice de Fogo aceitar seu nome.

Depois, havia ainda o fato de Cedrico se enquadrar muito melhor no papel de campeão do que ele. Excepcionalmente bonito, nariz reto, cabelos escuros e olhos cinzentos, era difícil dizer quem era o alvo de maior admiração ultimamente, se Cedrico ou Vítor Krum. Harry chegou a presenciar as mesmas garotas do sexto ano que se empenharam tanto para obter um autógrafo de Krum, suplicando a Cedrico para assinar suas mochilas na hora do almoço.

Entrementes não havia resposta de Sirius, Edwiges se recusava a se aproximar dele, a Profª Sibila Trelawney andava predizendo sua morte com uma certeza ainda maior do que de costume, e ele estava se saindo tão mal nos Feitiços

Convocatórios na aula do Prof. Flitwick que recebera dever de casa suplementar – a única pessoa a receber, à exceção de Neville.

– Na realidade não é tão difícil assim – Hermione tentou tranquilizá-lo quando saíam da sala de Flitwick, a garota fizera os objetos dispararem pela sala em sua direção a aula inteira, como se ela fosse uma espécie de ímã exótico para espanadores, cestas de papel e lunascópios. – Você simplesmente não se concentrou como devia...

– E por que teria sido isso? – perguntou Harry sombriamente, quando Cedrico Diggory passou por eles, cercado por um grande grupo de garotas que sorriam debilmente e olharam para Harry como se ele fosse um explosivim particularmente grande. – Mesmo assim, deixa para lá, não é? Dois tempos de Poções à espera da gente hoje à tarde...

A aula de Poções sempre fora uma experiência terrível, mas ultimamente chegava quase a ser uma tortura. Ficar trancado em uma masmorra durante uma hora e meia com Snape e os alunos da Sonserina, todos decididos a castigar Harry o máximo por se atrever a ser campeão da escola, era a coisa mais desagradável que ele poderia imaginar. Já aturara uma sexta-feira, com Hermione sentada ao seu lado, entoando entre dentes “Não ligue, não ligue, não ligue”, e ele não conseguia ver por que esta seria melhor.

Quando ele e a amiga chegaram à porta da masmorra de Snape depois do almoço, encontraram os alunos da Sonserina esperando à porta, cada um deles usando um distintivo no peito. Por um instante delirante, Harry pensou que fossem distintivos do F.A.L.E. – mas logo viu que todos continham a mesma mensagem em letras vermelhas luminosas, que brilhavam vivamente no corredor subterrâneo mal iluminado.

Apoie CEDRICO DIGGORY –
o VERDADEIRO campeão de Hogwarts.

– Gostou, Potter? – perguntou Malfoy em voz alta, quando Harry se aproximou. – E isso não é só o que eles fazem, olha só!

E apertou o distintivo contra o peito, a mensagem desapareceu e foi substituída por outra, que emitia uma luz verde:

POTTER FEDE

Os alunos da Sonserina rolaram de rir. Cada um deles apertou o distintivo também, até que a mensagem *POTTER FEDE* estivesse brilhando vivamente a toda volta do garoto. Ele sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço e o rosto.

– Ah, *engraçadíssimo* – disse Hermione com sarcasmo a Pansy Parkinson e sua turma de garotas da Sonserina, que riam mais gostosamente do que quaisquer outros –, é realmente *engraçadíssimo.*

Rony estava parado encostado à parede com Dino e Simas. Ele não estava rindo, mas tampouco defendia Harry.

– Quer um, Granger? – perguntou Malfoy, oferecendo um distintivo a Hermione. – Tenho um monte. Mas não toque na minha mão agora, acabei de lavá-la, sabe, e não quero que uma sangue ruim a suje.

Uma parte da raiva que Harry vinha sentindo havia dias pareceu romper um dique em seu peito. Ele apanhou a varinha antes que conseguisse pensar no que estava fazendo. As pessoas em volta se afastaram correndo, recuaram pelo corredor.

– Harry! – gritou Hermione em tom de aviso.

– Anda, Potter, usa – disse Malfoy em voz baixa, puxando a própria varinha. – Moody não está aqui para proteger você agora, usa, se tiver peito...

Por uma fração de segundo, eles se encararam nos olhos, depois, exatamente ao mesmo tempo, os dois agiram.

– *Furnunculus!* – berrou Harry.

– *Densaugeo!* – berrou Malfoy.

Feixes de luz saíram de cada varinha, colidiram em pleno ar e ricochetearam em ângulo – o de Harry atingiu Goyle no rosto e, o de Malfoy, Hermione. Goyle berrou e levou as mãos ao nariz, de onde começaram a brotar furúnculos enormes e feios – a garota, chorando de dor, apertou a boca.

– Mione! – Rony correu para ela para ver o que acontecera.

Harry se virou e viu Rony tirando a mão de Hermione do rosto. Não era uma visão agradável. Os dentes da frente da garota – que já eram maiores do que o normal – cresciam agora a um ritmo assustador; a cada minuto a garota se parecia mais com um castor, pois seus dentes se alongavam, ultrapassavam o lábio inferior em direção ao queixo – tomada de pânico, ela os apalpou e soltou um grito aterrorizado.

– E que barulheira é essa? – perguntou uma voz suave e letal. Snape chegara.

Os alunos da Sonserina gritavam tentando dar explicações. Snape apontou um dedo longo e amarelado para Malfoy e disse:

– Explique.

– Potter me atacou, professor...

– Atacamos um ao outro ao mesmo tempo! – gritou Harry.

– ... e ele atingiu Goyle, olhe...

Snape contemplou Goyle, cujo rosto agora lembrava a ilustração de um livro doméstico sobre cogumelos venenosos.

– Ala hospitalar, Goyle – disse o professor calmamente.
– Malfoy atingiu Hermione! – disse Rony. – *Olhe!*
O garoto obrigou Hermione a mostrar os dentes a Snape – ela se esforçava ao máximo para escondê-los com as mãos, embora isso fosse difícil, porque agora tinham ultrapassado o seu decote. Pansy Parkinson e as outras garotas da Sonserina se dobravam de rir em silêncio, apontando para Hermione pelas costas de Snape.
Snape olhou friamente para Hermione e disse:
– Não vejo diferença alguma.
Hermione deixou escapar um lamento, seus olhos se encheram de lágrimas, ela deu meia-volta e correu, correu pelo corredor afora e desapareceu.
Foi uma sorte, talvez, que Harry e Rony tenham começado a gritar com Snape ao mesmo tempo; sorte que suas vozes tenham ecoado tão forte no corredor de pedra, porque, na confusão de sons, ficou impossível o professor ouvir exatamente os nomes de que o xingaram. Mas ele captou o sentido.
– Vejamos – disse, na voz mais suave do mundo. – Cinquenta pontos a menos para a Grifinória e uma detenção para cada um, Potter e Weasley. Agora, entrem ou será uma semana de detenções.
Os ouvidos de Harry zumbiram. A injustiça daquilo o fez desejar amaldiçoar Snape, desintegrá-lo em mil pedacinhos nojentos. Ele passou pelo professor e se dirigiu com Rony para o fundo da masmorra, largando com força a mochila sobre a carteira. Rony tremia de raiva, também – por um instante, pareceu que tudo voltara ao normal entre os dois, mas, em vez disso, Rony se virou e se sentou entre Dino e Simas, deixando Harry sozinho na carteira. Do lado oposto da masmorra, Malfoy deu as costas para Snape e comprimiu o distintivo, rindo-se. O *POTTER FEDE* lampejou mais uma vez pela sala.
Harry se sentou e ficou encarando Snape quando a aula começou, visualizando coisas horríveis acontecendo ao professor... se ao menos ele soubesse executar uma Maldição *Cruciatus*... atiraria Snape no chão, de costas, como aquela aranha, contorcendo-se e estrebuchando...
– Antídotos! – disse Snape, abrangendo a turma toda com o olhar, seus olhos negros e frios, brilhando de forma desagradável. – Vocês já tiveram tempo de pesquisar suas fórmulas. Quero que as preparem cuidadosamente e depois vamos escolher alguém em quem experimentar...
Os olhos de Snape encontraram os de Harry e o garoto percebeu o que vinha a caminho. O professor ia envenená-*lo*. Harry se imaginou agarrando o caldeirão, correndo até a frente da turma e tacando o caldeirão na cabeça oleosa de Snape...
Então uma batida na porta da masmorra invadiu os pensamentos de Harry.
Era Colin Creevey; o garoto entrou discretamente na sala, sorrindo para Harry,

e dirigiu-se à escrivaninha de Snape diante da turma.
– Que foi? – perguntou Snape com rispidez.
– Por favor, professor, me mandaram levar Harry Potter lá em cima.
Do alto do seu nariz de gancho, Snape baixou os olhos para Colin, cujo sorriso desapareceu do seu rosto pressuroso.
– Potter tem mais uma hora de Poções para completar – disse Snape friamente. – Subirá quando a aula terminar.
Colin corou.
– Professor, o Sr. Bagman é quem está chamando – disse nervoso. – Todos os campeões têm que ir, acho que querem tirar fotos...
Harry teria dado tudo que possuía para impedir Colin de dizer aquelas últimas palavras. Arriscou um relanceio para Rony, mas o amigo contemplava o teto decidido.
– Muito bem, muito bem – retorquiu Snape. – Potter deixe o seu material, quero que volte aqui depois para testar o seu antídoto.
– Por favor, professor, ele tem que levar o material – disse Colin com uma vozinha esganiçada. – Todos os campeões...
– Muito *bem*! – disse Snape. – Potter, apanhe sua mochila e desapareça da minha frente!
Harry atirou a mochila por cima do ombro, se levantou e se encaminhou para a porta. Ao passar pelas carteiras dos alunos da Sonserina, o *POTTER FEDE* lampejou para ele de todas as direções.
– É fantástico, não é, Harry? – disse Colin, começando a falar no instante em que Harry fechou a porta da masmorra depois de passarem. – Mas não é? Você ser campeão?
– É, realmente fantástico – disse Harry, desalentado, quando começaram a subir a escada para o saguão de entrada. – Para que é que eles querem fotos, Colin?
– O *Profeta Diário*, acho!
– Ótimo – disse Harry, sem emoção. – É exatamente do que estou precisando. Mais publicidade.
– Boa sorte! – disse Colin, quando chegaram à sala certa. Harry bateu na porta e entrou.
Era uma sala de aula relativamente pequena; a maior parte das carteiras fora afastada para o fundo do aposento, deixando um amplo espaço no meio; três delas, no entanto, tinham sido enfileiradas lado a lado, diante do quadro-negro e cobertas com uma toalha de veludo. Cinco cadeiras tinham sido arrumadas atrás das mesas cobertas de veludo e Ludo Bagman estava sentado em uma delas conversando com uma bruxa que Harry nunca vira antes e que usava vestes

carmim.

Vítor Krum estava em pé, pensativo, a um canto, como de costume, sem falar com ninguém. Cedrico e Fleur estavam entretidos conversando, a garota parecia muito mais feliz do que Harry a vira até então; não parava de jogar a cabeça para trás de modo que os cabelos longos e prateados refletissem a luz. Um homem barrigudo, segurando uma grande máquina fotográfica que soltava uma leve fumaça, observava Fleur pelo canto do olho.

Bagman de repente viu Harry, levantou-se depressa e foi ao encontro do garoto.

– Ah, aqui está ele. O campeão número quatro! Entre Harry, entre... não tem com o que se preocupar, é apenas a cerimônia de pesagem das varinhas, os outros juízes estão chegando...

– Pesagem das varinhas? – repetiu Harry, nervoso.

– Temos que verificar se as varinhas estão em perfeitas condições de funcionamento, sem problemas, entende, porque são os instrumentos mais importantes nas tarefas que vocês têm pela frente – disse Bagman. – O perito está lá em cima com Dumbledore, agora. E depois vai haver uma pequena sessão de fotos. Esta é Rita Skeeter – acrescentou, indicando com um gesto a bruxa de vestes carmim –, está escrevendo um pequeno artigo sobre o torneio para o *Profeta Diário*...

– Talvez não seja *tão* pequeno assim, Ludo – disse ela, com os olhos em Harry.

Os cabelos da repórter estavam arrumados em cachos caprichosos e curiosamente rígidos que contrastavam estranhamente com seu rosto de queixo volumoso. Ela usava óculos com aros de pedrinhas. Os dedos grossos que seguravam uma bolsa de couro de crocodilo terminavam em unhas de cinco centímetros de comprimento, pintadas de escarlate.

– Gostaria de saber se poderia dar uma palavrinha com Harry antes de começarmos? – pediu ela a Bagman, mas ainda com os olhos fixos em Harry. – O campeão mais novo, entende... para dar um toque pitoresco?

– Certamente! – exclamou Bagman. – Isto é, se Harry não fizer objeção?

– Hum... – disse Harry.

– Beleza – respondeu Rita Skeeter e, num segundo, seus dedos com garras vermelhas tinham segurado com surpreendente firmeza o braço do garoto, conduziam-no para fora da sala e abriam uma porta próxima.

“Não queremos ficar lá dentro com todo aquele barulho”, disse ela. “Vejamos... ah, sim, aqui está bom e aconchegante.”

Era um armário de vassouras. Harry arregalou os olhos para a bruxa.

– Vamos querido, certo, ótimo – repetiu outra vez, encarapitou-se

precariamente sobre um balde virado de boca para baixo, fez Harry sentar-se em uma caixa de papelão e fechou a porta, mergulhando-os na escuridão. – Vejamos agora...

Rita abriu a bolsa de crocodilo e tirou um punhado de velas, que acendeu com um aceno da varinha, e colocou-as suspensas no ar, de modo a iluminar o que faziam.

– Você não se importa, Harry, se eu usar uma pena-de-repetição-rápida? Assim fico livre para conversar com você normalmente...

– Uma o quê? – perguntou Harry.

O sorriso de Rita se abriu. Harry contou três dentes de ouro. Mais uma vez ela meteu a mão na bolsa e tirou uma pena comprida verde-ácido e um rolo de pergaminho, que abriu entre os dois em cima de uma caixa de Removedor Mágico Multiuso da Sra. Skower. Ela levou a ponta da pena verde à boca, chupou-a por um instante com cara de quem estava gostando, depois colocou-a em pé sobre o pergaminho, onde a pena ficou equilibrada tremendo ligeiramente.

– Teste... meu nome é Rita Skeeter, repórter do *Profeta Diário*.

Harry olhou depressa para a pena. No momento em que Rita falara, ela começou a escrever, deslizando sobre o pergaminho.

A atraente Rita Skeeter, 43 anos, cuja pena infrene já esvaziou muitas reputações infladas...

– Beleza – disse Rita Skeeter, mais uma vez, e rasgou a parte escrita do pergaminho, amassou-a e meteu-a na bolsa. Inclinou-se então para Harry e disse: – Então, Harry... o que fez você decidir entrar no Torneio Tribruxo?

– Hum... – disse Harry outra vez, mas foi distraído pela pena. Embora não estivesse falando, ela continuava a correr pelo pergaminho e seguindo-a o garoto pôde ler uma nova frase:

Uma feia cicatriz, lembrança de um passado trágico, desfigura o rosto, de outra forma encantador, de Harry Potter, cujos olhos...

– Não dê atenção à pena, Harry – disse Rita Skeeter com firmeza. Relutante, Harry ergueu os olhos para ela. – Agora, por que decidiu entrar para o torneio, Harry?

– Eu não entrei – disse Harry. – Não sei como foi que o meu nome foi parar no Cálice de Fogo. Eu não o pus lá.

A repórter ergueu a sobrancelha fortemente delineada.

– Ora, Harry, não precisa ter medo de entrar numa fria. Todos sabemos que

você não deveria ter se inscrito. Mas não se preocupe com isso. Os nossos leitores adoram rebeldias.

– Mas eu não me inscrevi – repetiu Harry. – Não sei quem...

– Como é que você se sente com relação às tarefas que o aguardam? – perguntou Rita Skeeter. – Excitado? Nervoso?

– Ainda não pensei realmente... é, nervoso, suponho – disse Harry. Ao falar suas entranhas reviraram desconfortavelmente.

– Houve campeões que morreram no passado, não é? – disse Rita com eficiência. – Você chegou a pensar nisso?

– Bom... dizem que vai ser muito mais seguro este ano.

A pena correu veloz pelo pergaminho entre os dois, para a frente e para trás, como se estivesse patinando.

– Naturalmente, você já viu a morte cara a cara antes, não é? – perguntou ela, observando-o atentamente. – Como você diria que isso o afetou?

– Hum – disse Harry uma terceira vez.

– Você acha que o trauma do passado o deixou desejoso de se pôr à prova? De fazer jus ao seu nome? Você acha que talvez tenha se sentido tentado a se inscrever no Torneio Tribruxo porque...

– *Eu não me inscrevi* – disse Harry, começando a se sentir irritado.

– Você tem alguma lembrança dos seus pais? – perguntou Rita Skeeter, abafando a resposta do garoto.

– Não.

– Como você acha que eles se sentiriam se soubessem que você ia competir no Torneio Tribruxo? Orgulhosos? Preocupados? Zangados?

Harry estava se sentindo realmente aborrecido agora. Como é que ele ia saber o que seus pais estariam sentindo se fossem vivos? Percebeu que a jornalista o observava muito atentamente. De cara amarrada, ele evitou seu olhar e baixou os olhos para as palavras que a pena acabara de escrever.

> *As lágrimas marejaram aqueles olhos espantosamente verdes quando a nossa conversa se voltou para os pais de quem ele mal se lembra.*

– Eu NÃO estou com lágrimas nos olhos! – disse Harry em voz alta.

Antes que Rita Skeeter pudesse dizer uma palavra, a porta do armário de vassouras se escancarou. Harry olhou à volta, piscando para a claridade. Alvo Dumbledore estava parado ali, contemplando os dois apertados no armário.

– *Dumbledore!* – exclamou Rita Skeeter, parecendo encantada, mas Harry reparou que a pena e o pergaminho tinham repentinamente desaparecido da caixa de Removedor Mágico e os dedos da jornalista com garras nas pontas fechavam

apressadamente a bolsa de crocodilo. – Como vai? – disse ela, erguendo-se e estendendo uma das mãos grandes e masculinas a Dumbledore. – Espero que tenha visto o meu artigo durante o verão sobre a conferência da Confederação Internacional de Bruxos?

– Encantadoramente maldoso – respondeu o diretor com os olhos cintilantes. – Gostei principalmente da descrição que fez de mim como um debiloide ultrapassado.

A repórter não pareceu sequer remotamente desconcertada.

– Eu só estava tentando mostrar que algumas de suas ideias são um tanto antiquadas, Dumbledore, e que muitos bruxos nas ruas...

– Ficarei encantado de ouvir o raciocínio que fundamentou a grosseria, Rita – disse Dumbledore, com uma reverência cortês e um sorriso –, mas receio que tenhamos de discutir esse assunto mais tarde. A pesagem das varinhas vai começar e não pode ser realizada se um dos campeões estiver escondido em um armário de vassouras.

Satisfeitíssimo de se afastar de Rita Skeeter, Harry correu de volta à sala. Os outros campeões estavam agora nas cadeiras junto à porta, e ele se sentou depressa ao lado de Cedrico, com os olhos na mesa coberta de veludo, onde agora havia quatro dos cinco juízes – o Prof. Karkaroff, Madame Maxime, o Sr. Crouch e Ludo Bagman. Rita Skeeter se acomodou a um canto; Harry a viu tirar discretamente o pergaminho da bolsa, abri-lo sobre um joelho, chupar a ponta da pena-de-repetição-rápida e equilibrá-la mais uma vez sobre o pergaminho.

– Gostaria de lhes apresentar o Sr. Olivaras – disse Dumbledore, ocupando seu lugar à mesa dos juízes, e se dirigindo aos campeões. – Ele vai verificar suas varinhas para garantir que estejam em boas condições antes do torneio.

Harry olhou para os lados e, com um choque de surpresa, viu um velho bruxo com grandes olhos azul-claros parado discretamente à janela. Harry já encontrara o Sr. Olivaras antes – era o fabricante de quem Harry comprara a própria varinha, havia mais de três anos no Beco Diagonal.

– Mademoiselle Delacour, poderia vir até aqui primeiro, por favor? – disse o Sr. Olivaras postando-se no espaço vazio no centro da sala.

Fleur Delacour fez o que o bruxo pedia e lhe entregou a varinha.

– Humm... – disse ele.

O Sr. Olivaras girou a varinha entre os dedos longos como se fosse um bastão, e ela emitiu várias faíscas rosas e douradas. Depois aproximou-a dos olhos e a examinou atentamente.

– É – disse baixinho –, vinte e quatro centímetros... inflexível... jacarandá... e contém... meu Deus...

– Um fio de cabelos de veela – disse Fleur. – Uma das minhas avós.

Então Fleur *era* em parte veela, pensou Harry, anotando a informação mentalmente para contar a Rony... depois se lembrou de que Rony não estava falando com ele.

– Confere – disse o Sr. Olivaras –, confere, eu nunca usei cabelo de veela, naturalmente. Acho que produz varinhas temperamentais... no entanto, o seu a seu dono, se ela lhe serve...

O Sr. Olivaras correu os dedos pela varinha, aparentemente à procura de arranhões ou saliências; então murmurou "*Orchideous!*" e saiu um ramo de flores da ponta da varinha.

– Muito bem, muito bem, está em ótimas condições de funcionamento – disse o Sr. Olivaras, recolhendo as flores e oferecendo-as a Fleur juntamente com a varinha. – Sr. Diggory, agora o senhor.

Fleur retornou delicadamente à sua cadeira e sorriu para Cedrico quando o garoto passou.

– Ah, esta é uma das minhas, não? – disse o Sr. Olivaras, com muito mais entusiasmo, quando Cedrico lhe entregou a varinha. – É, lembro-me bem dela. Contém um único pelo da cauda de um unicórnio macho particularmente belo... devia ter um metro e setenta; quase me deu uma chifrada quando lhe arranquei um fio da cauda. Trinta centímetros... freixo... agradavelmente flexível. Está em boas condições... o senhor cuida dela periodicamente?

– Lustrei-a à noite passada – disse Cedrico sorrindo.

Harry olhou a própria varinha. Dava para ver marcas de dedos em toda a extensão. Ele agarrou um bocado de pano das vestes na altura dos joelhos e tentou limpá-la discretamente. Várias faíscas douradas voaram de sua ponta. Fleur Delacour lhe lançou um olhar condescendente e ele desistiu.

O Sr. Olivaras disparou uma sequência de anéis de fumaça prateada pela sala da ponta da varinha de Cedrico, declarando-se satisfeito e, em seguida, disse:

– Sr. Krum, se me faz o favor.

Vítor Krum, com o corpo curvado, os ombros redondos e os pés para fora, levantou-se e foi até o Sr. Olivaras. Entregou a varinha e ficou parado, de cara fechada e mãos nos bolsos das vestes.

– Humm – disse o Sr. Olivaras –, é uma criação de Gregorovitch, a não ser que eu esteja enganado. Um excelente fabricante de varinhas, embora o estilo nunca seja bem o que eu... contudo...

Ergueu a varinha e examinou-a minuciosamente, revirando-a várias vezes diante dos olhos.

– É... bétula e corda de coração de dragão? – perguntou a Krum, que confirmou com a cabeça. – Um pouco mais grossa do que se vê normalmente... bastante rígida... vinte e seis centímetros... *Avis!*

A varinha de bétula produziu um estampido como o de uma pistola e um bando de passarinhos chilreantes saiu voando de sua ponta, pela janela aberta, em direção ao sol desbotado.

– Ótimo – exclamou o Sr. Olivaras, devolvendo a varinha a Krum. – Resta agora... o Sr. Potter.

Harry se levantou e passou por Krum para chegar ao Sr. Olivaras. E entregou sua varinha.

– Aaah, sim – disse o perito, seus olhos azul-claros repentinamente brilhando. – Sim, sim, sim. Lembro-me muito bem.

Harry se lembrava também. Lembrava-se como se tivesse sido ainda ontem...

Há quatro verões, no seu décimo primeiro aniversário, ele entrara na loja do Sr. Olivaras com Hagrid para comprar uma varinha. O homem tirara suas medidas e em seguida começara a lhe dar varinhas para experimentar. Harry teve a impressão de que desprezara todas as varinhas da loja, até finalmente encontrar a que lhe servia – aquela, que era feita de azevinho, vinte e oito centímetros e continha uma única pena da cauda de uma fênix. O Sr. Olivaras se mostrara muito surpreso que Harry fosse tão compatível com essa varinha.

– Curioso – dissera ele – ... curioso – somente quando o garoto perguntou o que era curioso o bruxo explicara que a pena de fênix na varinha de Harry viera do mesmo pássaro que fornecera a alma da varinha de Lorde Voldemort.

Harry nunca compartira essa informação com ninguém. Gostava muito de sua varinha e, por ele, a afinidade dela com a varinha de Voldemort era algo imutável – do mesmo jeito que não podia mudar o fato de ser parente da tia Petúnia. Contudo, ele realmente desejou que o Sr. Olivaras não fosse contar isso aos presentes. Tinha a estranha sensação de que a pena-de-repetição-rápida de Rita Skeeter poderia explodir de excitação se isso acontecesse.

O Sr. Olivaras passou mais tempo examinando a varinha de Harry do que a dos demais. Por fim, porém, fez jorrar uma fonte de vinho da varinha e devolveu-a a Harry, anunciando que o objeto continuava em perfeitas condições.

– Muito obrigado a todos – disse Dumbledore, levantando-se da mesa dos juízes. – Vocês podem voltar às suas aulas agora, ou talvez seja mais rápido descerem logo para jantar, já que elas estão prestes a terminar...

Achando que finalmente alguma coisa dera certo naquele dia, Harry se levantou para sair, mas o homem com a máquina fotográfica preta deu um pulo da cadeira e pigarreou.

– Fotos, Dumbledore, fotos – exclamou Bagman, excitado. – Todos os juízes e campeões. Que é que você acha, Rita?

– Hum... certo, vamos fazer essas primeiras – respondeu a repórter, cujos olhos estavam fixos em Harry outra vez. – E depois talvez umas fotos

individuais.

As fotos consumiram muito tempo. Madame Maxime deixava todos na sombra sempre que se levantava e o fotógrafo não conseguia recuar o suficiente para enquadrá-la; por fim, ela teve que se sentar e os demais se postarem ao seu redor. Karkaroff não parava de torcer o cavanhaque com o dedo para lhe acrescentar mais um cacho; Krum, que Harry imaginaria estar acostumado a esse tipo de coisa, procurava se esconder atrás do grupo. O fotógrafo parecia interessadíssimo em colocar Fleur na frente, mas Rita corria a toda hora e arrastava Harry para lhe dar maior destaque. Depois, ela insistiu que se fizessem fotos separadas dos campeões. E, finalmente, todos foram liberados.

Harry desceu para jantar. Hermione não estava lá – ele supôs que a amiga continuasse na ala hospitalar consertando os dentes. Ele comeu sozinho na ponta da mesa, depois voltou à Torre da Grifinória, pensando em todos os deveres suplementares sobre Feitiços Convocatórios que precisava fazer. Em cima no dormitório, encontrou Rony.

– Você recebeu uma coruja – disse ele bruscamente, no instante em que Harry entrou. Apontou para o travesseiro do amigo. A coruja-de-igreja da escola esperava-o ali.

– Ah... certo – disse Harry.

– E temos que cumprir as detenções amanhã à noite na masmorra do Snape.

Saiu, então, do quarto sem olhar para Harry. Por um instante o garoto refletiu se devia ir atrás do amigo – não tinha bem certeza se queria falar com ele ou lhe dar um soco, as duas opções pareciam igualmente atraentes – mas a tentação de ler a resposta de Sirius foi mais forte. Harry aproximou-se da coruja, soltou a carta da perna da ave e abriu-a.

Harry,

Não posso dizer tudo que gostaria em uma carta, é arriscado demais se a coruja for interceptada – precisamos conversar cara a cara. Você pode dar um jeito de estar junto à lareira na Torre da Grifinória à uma hora da manhã, no dia 22 de novembro?

Sei melhor do que ninguém que você é capaz de se cuidar e, enquanto estiver perto de Dumbledore e Moody, acho que ninguém conseguirá lhe fazer mal. Porém, parece que alguém está tendo algum sucesso. Inscrever você nesse torneio deve ter sido muito arriscado, principalmente debaixo do nariz de Dumbledore.

Fique vigilante, Harry. Continuo querendo saber de tudo que acontecer de anormal. Mande uma resposta sobre o dia 22 de novembro o mais cedo que puder.

Sirius

— CAPÍTULO DEZENOVE —

O Rabo-Córneo húngaro

A perspectiva de conversar cara a cara com Sirius foi só o que sustentou Harry nos quinze dias seguintes, o único ponto luminoso em um horizonte que nunca lhe parecera mais escuro. O choque de se ver no papel de campeão da escola agora já diminuíra um pouquinho, e o medo do que o aguardava estava começando a penetrar fundo em sua mente. A primeira tarefa se aproximava; o garoto tinha a sensação de que ela estava de tocaia logo ali, como um monstro aterrorizante, barrando o seu avanço. Nunca se sentira tão nervoso; ultrapassava de muito qualquer sentimento que tinha experimentado antes de uma partida de quadribol, até mesmo a última contra a Sonserina, que decidira quem ganharia a Taça de Quadribol. Harry estava achando difícil pensar no futuro, sentia que a sua vida inteira o conduzira à primeira tarefa e nela terminaria...

Assim sendo, não via como Sirius ia fazê-lo se sentir melhor com relação à realização de uma tarefa mágica difícil e perigosa, diante de centenas de pessoas, mas a simples visão de um rosto amigo já seria alguma coisa neste momento. Harry respondeu a Sirius, dizendo que estaria ao pé da lareira da sala comunal à hora que o padrinho sugerira, e que ele e Hermione tinham passado muito tempo revendo planos para obrigar os retardatários a abandonar a sala na noite em questão. Na pior das hipóteses, iam detonar um pacote de bombas de bosta, mas esperavam não ter que recorrer a isso – Filch os esfolaria vivos.

Entrementes, a vida se tornou ainda pior para Harry dentro dos limites do castelo, pois Rita Skeeter publicara seu artigo sobre o Torneio Tribruxo, que afinal não fora tanto uma notícia sobre o torneio, mas uma versão da vida de Harry extremamente pitoresca. Quase toda a primeira página fora ocupada por uma foto de Harry; o artigo (que continuava nas páginas dois, seis e sete) só falava no garoto, os nomes dos campeões da Beauxbatons e Durmstrang (errados) tinham sido espremidos na última linha do artigo, e Cedrico sequer

fora mencionado.
O artigo saíra havia dez dias e Harry ainda era assaltado por uma ardência de náusea e vergonha no estômago todas as vezes que pensava nele. Rita Skeeter pusera em sua boca uma porção de coisas que ele sequer lembrava ter dito na vida, muito menos no armário de vassouras.

> *"Acho que herdo a minha força dos meus pais, sei que eles teriam muito orgulho de mim se me vissem agora... é, às vezes à noite eu ainda choro a perda deles, não tenho vergonha de admitir... sei que nada me acontecerá de mal durante o torneio, porque eles estarão me protegendo..."*

Mas Rita fizera mais do que transformar os "hums" dele em frases longas e piegas: entrevistara outras pessoas para saber o que pensavam dele.

> *"Harry finalmente encontrou carinho em Hogwarts. Seu amigo íntimo, Colin Creevey, diz que o garoto raramente é visto sem a companhia de Hermione Granger, uma linda menina nascida trouxa que, como Harry, é uma das primeiras alunas da escola."*

Do momento em que o artigo apareceu, Harry teve que aturar colegas – principalmente os da Sonserina – que o citavam, caçoando, quando ele passava.
– Quer um lencinho, Potter, caso comece a chorar na aula de Transfiguração?
– Desde quando você é um dos primeiros alunos da escola, Potter? Ou será que a escola é uma escola que você e o Longbottom fundaram?
– Ei... Harry!
– É, verdade, sim – Harry viu-se gritando, ao se virar no corredor, já cheio. – Morri de chorar pela morte da minha mamãezinha, e estou indo chorar um pouco mais...
– Não... foi só que... você deixou cair a pena.
Era Cho. Harry sentiu o rosto corar.
– Ah... certo... desculpe – murmurou recebendo a pena.
– Hum... boa sorte na terça-feira – disse a garota. – Espero sinceramente que você se dê bem.
O que fez Harry se sentir extremamente idiota.
Hermione também ganhara sua cota de aborrecimentos, mas ainda não começara a berrar com gente inocente; de fato, Harry enchia-se de admiração pela maneira com que a amiga estava enfrentando a situação.
– *Linda? Ela?* – gritara Pansy Parkinson com a voz esganiçada, a primeira vez que encontrou Hermione, depois que o artigo da Rita Skeeter fora publicado. –

Qual foi o padrão de beleza, um esquilo?
– Não liga – disse Hermione com dignidade, erguendo a cabeça no ar e passando pelas garotas da Sonserina que zombavam, como se não as ouvisse. – Simplesmente não liga, Harry.
Mas Harry não conseguia se desligar. Rony não falara com ele desde o dia do recado sobre as detenções de Snape. Harry alimentara uma certa esperança de que fizessem as pazes durante as duas horas em que foram forçados a preparar conservas de miolos de ratos na masmorra, mas isto fora no dia em que o artigo de Rita Skeeter aparecera, o que parecia confirmar a crença de Rony de que Harry estava realmente gostando de toda aquela atenção.
Hermione estava furiosa com os dois; ia de um para outro, tentando forçá-los a se falarem, mas Harry permanecia inflexível; só voltaria a falar com Rony se o amigo admitisse que ele não pusera o nome no Cálice de Fogo, e pedisse desculpas por tê-lo chamado de mentiroso.
– Não fui eu que comecei – disse Harry teimosamente. – O problema é dele.
– Você sente falta dele! – tornou Hermione impaciente. – E eu *sei* que ele sente falta de você...
– *Sinto falta dele?* Eu não *sinto falta dele...*
Mas isto era uma mentira deslavada. Harry gostava muito de Hermione, mas ela não era o mesmo que Rony. Havia muito menos risos e muito mais visitas à biblioteca quando Hermione era sua melhor amiga. Harry ainda não conseguira dominar os Feitiços Convocatórios, parecia ter desenvolvido uma espécie de bloqueio com relação a eles, e Hermione insistia que aprender a teoria ajudaria. Consequentemente, passavam mais tempo lendo livros durante a hora do almoço.
Vítor Krum passava um tempão na biblioteca, também, e Harry ficava imaginando o que é que ele andava fazendo. Estaria estudando ou procurando coisas que o ajudassem na primeira tarefa? Hermione muitas vezes se queixava de Krum estar ali – não que ele jamais os incomodasse, mas porque aparecia sempre um grupo de garotas dando risadinhas bobas para espionálo atrás das estantes, e Hermione achava que aquele barulho a distraía.
– Ele nem ao menos é bonito! – murmurava ela aborrecida, mirando de cara amarrada o perfil adunco de Krum. – Elas só gostam dele porque é famoso! Não olhariam duas vezes se ele não fosse capaz de fazer aquele tal de Fingimento Wonky...
– Finta de Wronski – corrigiu Harry entre dentes. Sem contar que o garoto gostava que dissessem corretamente os termos do quadribol, sentia uma pontada só de imaginar a expressão de Rony se ele pudesse ouvir Hermione falando de Fingimento Wonky.

É uma coisa estranha, mas quando se está com medo de alguma coisa, e se daria tudo para retardar o tempo, ele tem o mau hábito de correr. Os dias que faltavam para a primeira tarefa pareciam passar como se alguém tivesse ajustado os relógios para trabalharem em velocidade dobrada. A sensação de pânico mal controlado que Harry tinha acompanhava-o para onde fosse, sempre presente como os comentários depreciativos sobre o artigo do *Profeta Diário*.

No sábado que antecedeu a primeira tarefa, todos os estudantes do terceiro ano, e acima, tiveram permissão para visitar o povoado de Hogsmeade. Hermione disse a Harry que lhe faria bem sair um pouco do castelo e o garoto não precisou de muita persuasão.

– Mas e o Rony? Você não quer ir com ele?

– Ah... bem... – Hermione ficou ligeiramente vermelha. – Pensei que a gente podia se encontrar com ele no Três Vassouras...

– Não – disse Harry em tom definitivo.

– Ah, Harry, isso é tão bobo...

– Eu vou, mas não quero me encontrar com o Rony, e vou usar a minha Capa da Invisibilidade.

– Ah, tudo bem, então... – retorquiu Hermione –, mas odeio falar com você naquela capa, nunca sei se estou olhando para você ou não.

Então Harry vestiu a Capa da Invisibilidade no dormitório e tornou a descer e, juntos, ele e a amiga seguiram para Hogsmeade.

Harry se sentiu maravilhosamente livre sob a capa; observou os estudantes que passavam por eles na entrada do povoado, a maioria usando distintivos *Apoie CEDRICO DIGGORY*, mas, para variar, ninguém atirou piadas horríveis para ele nem citou aquele artigo idiota.

– As pessoas não param de olhar para *mim* agora – reclamou Hermione, ao saírem mais tarde da Dedosdemel, comendo uma grande quantidade de bombons recheados de creme. – Acham que estou falando sozinha.

– Então não mexa tanto os lábios.

– Ah vai, por favor, tira um pouco a sua capa. Ninguém vai incomodar você aqui.

– Ah, é? Então olha para trás.

Rita Skeeter e seu amigo fotógrafo acabavam de sair do bar Três Vassouras. Conversavam em voz baixa e passaram por Hermione sem olhar para a garota. Harry se encostou à parede da Dedosdemel para evitar que Rita Skeeter batesse nele com a bolsa de crocodilo.

Quando os dois se afastaram, Harry comentou:

– Ela está hospedada no povoado. Aposto como vai assistir à primeira tarefa.

Ao dizer isso, seu estômago foi inundado por uma onda de pânico derretido.

Mas não disse nada; ele e Hermione não tinham discutido muito o que o aguardava na primeira tarefa; tinha a sensação de que a amiga não queria pensar no assunto.

– Ela já foi embora – disse Hermione olhando através de Harry em direção à rua principal. – Por que não vamos tomar uma cerveja amanteigada no Três Vassouras? Está um pouco frio, não está? Você não precisa falar com o Rony! – acrescentou com irritação, interpretando corretamente o silêncio dele.

O Três Vassouras estava lotado, principalmente com alunos de Hogwarts que aproveitavam a tarde livre, mas também com uma variedade de gente mágica que Harry raramente via em outro lugar. Ele imaginava que sendo Hogsmeade o único povoado inteiramente mágico da Grã-Bretanha constituía uma espécie de refúgio para gente como as bruxas, que não gostavam tanto de se disfarçar quanto os bruxos.

Era difícil caminhar entre muita gente com a Capa da Invisibilidade, pois se pisasse alguém sem querer, poderia provocar perguntas embaraçosas. Harry dirigiu-se com cautela a uma mesa vazia a um canto e Hermione foi comprar as bebidas. Quando atravessava o bar, Harry viu Rony sentado com Fred, Jorge e Lino Jordan. Resistindo ao impulso de dar um bom tranco na cabeça de Rony, ele finalmente chegou à mesa escolhida e se sentou.

Hermione não demorou a se juntar a ele e lhe passou a cerveja por baixo da capa.

– Pareço uma idiota sentada aqui sozinha – resmungou ela. – Por sorte trouxe alguma coisa para fazer.

E a garota puxou um caderno em que andava mantendo um registro dos participantes do F.A.L.E. Harry viu os nomes dele e de Rony no alto de uma pequena lista. Parecia que fora há muito tempo que tinham se sentado para fazer aquelas predições, juntos, e Hermione aparecera e os nomeara secretário e tesoureiro.

– Sabe, talvez eu deva tentar fazer alguns habitantes do povoado participarem do F.A.L.E. – disse Hermione pensativa, dando uma olhada no bar.

– É, certo. – Harry tomou um gole da cerveja amanteigada embaixo da capa. – Hermione quando é que você vai desistir dessa história de F.A.L.E.?

– Quando os elfos domésticos tiverem salários decentes e boas condições de trabalho! – sibilou ela em resposta. – Sabe, eu estou começando a achar que chegou a hora de partir para uma ação mais direta. Como será que a gente chega à cozinha da escola?

– Não faço ideia, pergunte ao Fred e ao Jorge – disse Harry.

Hermione mergulhou num silêncio pensativo, enquanto Harry bebia a cerveja amanteigada, observando as pessoas no bar. Todas pareciam animadas e

descontraídas. Ernesto Macmillan e Ana Abbott trocavam figurinhas dos Sapos de Chocolate em uma mesa próxima, os dois usando os distintivos *Apoie CEDRICO DIGGORY* nas capas. Perto da porta, Harry viu Cho e um grande grupo das colegas da Corvinal. Mas ela não usava o distintivo... isto o animou um pouquinho...

O que ele não daria para ser uma daquelas pessoas que riam e conversavam, sem nenhuma preocupação no mundo exceto o dever de casa! Imaginou como estaria se sentindo ali se o seu nome *não tivesse* sido escolhido pelo Cálice de Fogo. Primeiro não estaria usando a Capa da Invisibilidade, segundo, Rony estaria sentado com ele. Os três provavelmente estariam felizes imaginando que tarefa mortalmente perigosa os campeões das escolas iriam enfrentar na terça-feira. Ele estaria realmente ansioso para chegar a hora de assistir ao que quer que fosse... torcendo por Cedrico com todos os outros, sentado são e salvo no alto das arquibancadas...

Harry ficou imaginando como estariam se sentindo os outros campeões. Todas as vezes que via Cedrico ultimamente, o garoto estava cercado de admiradores e parecia nervoso, mas excitado. De vez em quando Harry via Fleur Delacour de relance nos corredores; tinha a mesma aparência de sempre, arrogante e imperturbável. E Krum simplesmente ficava sentado na biblioteca, examinando livros.

Harry pensou em Sirius, e o nó apertado e tenso em seu peito pareceu afrouxar um pouquinho. Estaria falando com o padrinho em pouco mais de doze horas, pois aquela era a noite em que iam se encontrar na sala comunal – presumindo que nada saísse errado, como tudo o mais ultimamente...

– Olha, é Hagrid! – disse Hermione.

As costas da enorme cabeça peluda de Hagrid – graças a Deus ele abandonara o novo penteado – sobressaía na aglomeração. Harry se perguntou por que não o teria visto logo, já que seu amigo era tão grande, mas se levantando cautelosamente, viu que Hagrid estivera curvado, conversando com o Prof. Moody. Tinha o costumeiro canecão diante dele, mas Moody bebia da garrafa de bolso. Madame Rosmerta, a bonita dona do bar, não parecia estar gostando muito disso; olhava enviesado para Moody enquanto recolhia os copos das mesas ao redor dos dois homens. Talvez achasse que aquilo era um insulto ao seu quentão, mas Harry sabia a explicação. Moody contara à turma na última aula de Defesa Contra as Artes das Trevas que ele sempre preferia preparar sua comida e bebida, pois era muito fácil para bruxos das trevas envenenarem um copo momentaneamente descuidado.

Enquanto Harry observava, viu Hagrid e Moody se levantarem para sair. Ele acenou, depois se lembrou de que o amigo não podia vê-lo. Moody, porém,

parou, seu olho mágico virado para o canto em que Harry estava. Ele deu um tapinha no meio das costas de Hagrid (não conseguindo alcançar seu ombro), murmurou alguma coisa e, em seguida, os dois tornaram a atravessar o bar em direção à mesa de Harry e Hermione.

– Tudo bem, Hermione? – disse Hagrid em voz alta.

– Olá – respondeu a garota sorrindo.

Moody contornou a mesa mancando e se abaixou; Harry pensou que ele estava lendo o caderno do F.A.L.E., até ele murmurar:

– Bela capa, Potter.

Harry encarou-o espantado. O pedaço que faltava do nariz de Moody era particularmente visível à curta distância. Moody sorriu.

– O seu olho... quero dizer, o senhor pode...?

– Claro, ele vê através de Capas da Invisibilidade – disse Moody baixinho. – E, às vezes, isso me tem sido útil, pode acreditar.

Hagrid estava sorrindo para Harry, também. Este sabia que o amigo não podia vê-lo, mas Moody obviamente dissera a Hagrid que o garoto estava ali.

Hagrid se abaixou sob o pretexto de ler o caderno do F.A.L.E. também, e disse num sussurro tão baixo que somente Harry pôde ouvir.

– Harry, me encontre hoje à meia-noite na minha cabana. Use a capa. Erguendo-se, falou em voz alta:

– Que bom ver você, Hermione – piscou e saiu. Moody acompanhou-o.

– Por que será que ele quer que eu vá encontrá-lo à meia-noite? – perguntou Harry muito surpreso.

– Ele quer? – disse Hermione, parecendo espantada. – Que será que ele está aprontando? Não sei se você deve ir, Harry... – Ela espiou para os lados nervosamente e sibilou: – Talvez você se atrase para ver Sirius.

Era verdade que descer pelos jardins à meia-noite até a casa de Hagrid significava voltar em cima da hora para o encontro com Sirius; Hermione sugeriu que ele mandasse Edwiges a Hagrid para dizer que não podia ir – sempre supondo que a coruja consentisse em levar o bilhete, é claro –, Harry, porém, achou melhor ir ver rapidamente o que o amigo queria. Estava muito curioso com o que poderia ser; Hagrid nunca pedira a Harry para visitá-lo tão tarde da noite.

Às onze e meia daquela noite, Harry, que fingira ir se deitar mais cedo, jogou a Capa da Invisibilidade por cima do corpo e saiu sorrateiramente pela sala comunal. Ainda havia muitos colegas lá. Os irmãos Creevey tinham conseguido pôr as mãos em uma pilha de distintivos *Apoie CEDRICO DIGGORY* e estavam tentando enfeitiçá-los para fazê-los dizer, ao invés, *Apoie HARRY POTTER*. Até

ali, porém, só tinham conseguido fazer os distintivos enguiçarem em *POTTER FEDE*. Harry passou por eles em direção ao buraco do retrato e esperou um minuto mais ou menos, de olho no relógio. Depois, Hermione abriu a Mulher Gorda pelo lado de fora conforme tinham planejado. Ele passou pela amiga murmurando "Obrigado!", e saiu pelo castelo.

Os jardins estavam muito escuros. Harry desceu os gramados em direção às luzes que brilhavam na cabana de Hagrid. O interior da enorme carruagem da Beauxbatons também estava aceso; Harry podia ouvir Madame Maxime falando lá dentro, quando bateu na porta de Hagrid.

– É você aí, Harry? – sussurrou Hagrid, abrindo a porta e espiando para os lados.

– Sou – disse Harry, entrando na cabana e tirando a capa de cima da cabeça. – Que é que está havendo?

– Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Havia um ar de enorme excitação em Hagrid. Ele usava uma flor que lembrava uma alcachofra exagerada na botoeira. Parecia que tinha abandonado o uso da graxa de eixo, mas certamente tentara pentear os cabelos – dava para Harry ver os dentes partidos do pente presos neles.

– Que é que você vai me mostrar? – disse Harry cauteloso, se perguntando se os explosivins teriam posto ovos ou se Hagrid teria conseguido comprar outro enorme cão de três cabeças de algum estranho no bar.

– Venha comigo, fique quieto e coberto com a capa – disse Hagrid. – Não vamos levar Canino, ele não vai gostar...

– Olhe, Hagrid, não posso demorar... Tenho que estar de volta no castelo porque à uma hora...

Mas Hagrid não estava ouvindo; estava abrindo a porta da cabana e saindo. Harry correu para acompanhá-lo, mas descobriu, para sua grande surpresa, que Hagrid o levava para a carruagem da Beauxbatons.

– Hagrid que...?

– Psiu! – disse ele ao bater três vezes na porta com varinhas de ouro cruzadas.

Madame Maxime abriu-a. Usava um xale de seda envolvendo os ombros maciços. Ela sorriu quando viu Hagrid.

– Ah, Agrrid... já está na horra?

– Bom suar – disse Hagrid, sorrindo para ela e estendendo a mão para ajudá-la a descer os degraus dourados.

Madame Maxime fechou a porta, Hagrid lhe ofereceu o braço, e os dois saíram contornando o picadeiro que guardava os gigantescos cavalos alados de Madame Maxime, e Harry, totalmente perplexo, correu para acompanhá-los. Será que Hagrid queria lhe mostrar Madame Maxime? Poderia vê-la quando

quisesse... ela não era exatamente uma pessoa que passasse despercebida...

Mas parecia que Madame Maxime ia ter a mesma surpresa que Harry porque, passado algum tempo, ela disse em tom de brincadeira:

– Aonde é que você está me levando, Agrid?

– Você vai gostar – disse Hagrid rouco. – Vale a pena ver, confie em mim. Só que não pode sair por aí contando que eu lhe mostrei, certo? Não era para ninguém saber.

– Claro que não – disse Madame Maxime, batendo as longas pestanas negras.

E eles continuavam a caminhar, Harry cada vez mais irritado enquanto corria no encalço dos dois, consultando o relógio de vez em quando. Hagrid tinha algum plano biruta em mente, que talvez o fizesse perder o encontro com Sirius. Se não chegassem depressa aonde iam, ele ia dar meia-volta e rumar direto para o castelo, deixando Hagrid aproveitar o passeio ao luar com Madame Maxime...

Mas então – quando tinham se distanciado tanto ao longo do perímetro da Floresta que o castelo e o lago desapareceram de vista – Harry ouviu alguma coisa. Havia homens gritando adiante... depois ouviram um rugido ensurdecedor, de rachar os tímpanos...

Hagrid fez Madame Maxime dar a volta a um arvoredo e parou. Harry correu a se juntar aos dois – por uma fração de segundo achou que estava vendo fogueiras e homens que corriam em torno delas –, então seu queixo caiu.

Dragões.

Quatro dragões adultos, enormes, de aspecto feroz empinavam-se nas patas traseiras, dentro de um cercado feito com grossas pranchas de madeira, rugindo e bufando – torrentes de fogo se erguiam quinze metros para o céu escuro de suas bocas abertas e cheias de dentes, no alto de pescoços esticados. Havia um azul-prateado com chifres longos e pontiagudos, que rosnava para os bruxos no chão e tentava mordê-los; outro de escamas lisas e verdes, que se contorcia e batia as patas com toda a força; um vermelho, com uma estranha franja de belas pontas de ouro ao redor do focinho, que soprava para o ar nuvens de fogo em forma de cogumelo; e um último negro e gigantesco, mais parecido com um lagarto do que os demais, que era o mais próximo.

No mínimo uns trinta bruxos, sete ou oito para cada dragão, tentavam controlá-los, puxando correntes presas a grossas tiras de couro em volta dos pescoços e das pernas dos bichos. Hipnotizado, Harry olhou bem para o alto e viu os olhos do dragão negro, com pupilas verticais como as de um gato, arregalados de medo ou de fúria, não saberia dizer qual... fazia um barulho terrível, um uivo penetrante...

– Fique aí, Hagrid! – berrou um bruxo junto à cerca, puxando com força a corrente que segurava. – Eles podem cuspir fogo a uma distância de seis metros,

sabe! Já vi este Rabo-Córneo chegar a doze!
– Ele não é lindo? – perguntou Hagrid baixinho.
– Não adianta! – berrou outro bruxo. – Feitiço Estuporante quando eu contar três!
Harry viu cada um dos guardadores de dragões puxar a varinha.
– *Estupore!* – gritaram eles em uníssono, e os feitiços dispararam pela escuridão como foguetes chamejantes, explodindo em chuvas de estrelas sobre os couros escamosos dos dragões...
Harry observou o mais próximo deles balançar nas pernas traseiras; as mandíbulas se escancararam em um súbito uivo silencioso; as narinas subitamente se apagaram, embora ainda fumegassem – depois, muito lentamente, o bicho caiu –, várias toneladas de dragão negro, musculoso, coberto de escamas, desabaram no chão com um baque que, Harry poderia jurar, fizera as árvores atrás dele estremecerem.
Os guardadores de dragões baixaram as varinhas e avançaram até os bichos caídos, cada um destes do tamanho de um morro. Os bruxos se apressaram a esticar as correntes e a prendê-las firmemente em estacas de ferro, que eles enterraram bem fundo no chão, com suas varinhas.
– Quer dar uma olhada de perto? – Hagrid perguntou excitado à Madame Maxime. Os dois se aproximaram da cerca e Harry os acompanhou. O bruxo que alertara Hagrid para não se aproximar se virou e Harry viu quem era, Carlinhos Weasley.
– Tudo bem, Hagrid? – ofegou ele, aproximando-se para falar. – Devem estar OK agora, demos a eles uma poção para dormir durante a viagem, achei que seria melhor acordarem quando estivesse escuro e tranquilo, mas, como você viu, eles não ficaram felizes, não ficaram nada felizes...
– Que raças você tem aqui, Carlinhos? – perguntou Hagrid, examinando o dragão mais próximo, o negro, com uma atitude próxima à reverência. Os olhos do bicho ainda estavam ligeiramente abertos. Harry pôde ver um risco amarelo e brilhante sob a pálpebra enrugada e escura.
– É um Rabo-Córneo húngaro – informou Carlinhos. – Tem um Verde-Galês comum lá adiante, o menor deles, um Focinho-Curto sueco, aquele cinza-azulado e o Meteoro-Chinês, aquele outro vermelho.
Carlinhos olhou para o lado; Madame Maxime estava caminhando ao longo do cercado, examinando os dragões estuporados.
– Eu não sabia que você ia trazer ela, Hagrid – disse Carlinhos franzindo a testa. – Os campeões não podem saber o que os espera, ela com certeza vai contar à campeã de Beauxbatons, não vai?
– Só achei que ela gostaria de ver os dragões – respondeu Hagrid encolhendo

os ombros, ainda contemplando embevecido os dragões.

– Um encontro realmente romântico, Hagrid – comentou Carlinhos balançando a cabeça.

– Quatro... – contou Hagrid – então é um para cada campeão, é? Que é que eles vão ter de fazer, lutar com eles?

– Só passar por eles, acho. Estaremos por perto se a coisa ficar feia, prontos para lançar Feitiços de Extinção. Pediram dragões em época de nidificação, não sei o porquê... mas vou lhe dizer uma coisa, eu não invejo o campeão que pegar o Rabo-Córneo. Bicho feroz. A extremidade de trás é tão perigosa quanto a da frente, olha lá.

Carlinhos apontou para o rabo do dragão e Harry viu que, a intervalos de uns poucos centímetros, havia chifrinhos compridos, cor de bronze.

Cinco dos colegas guardadores de Carlinhos cambaleavam até o Rabo-Córneo naquele momento, transportando, juntos, uma ninhada de ovos em um cobertor. Depositaram sua carga, cuidadosamente, do lado do Rabo-Córneo. Hagrid deixou escapar um gemido de saudade.

– Eu contei todos, Hagrid – disse Carlinhos com severidade. Depois perguntou: – Como vai o Harry?

– Ótimo – respondeu Hagrid. Continuava a admirar os ovos.

– Faço votos de que continue ótimo depois de enfrentar esses bichos – disse Carlinhos muito sério, contemplando o cercado dos dragões. – Não tive coragem de contar à mamãe qual vai ser a primeira tarefa dele, ela já está tendo gatinhos por antecipação... – Carlinhos imitou a voz ansiosa da mãe: – *“Como eles puderam deixá-lo entrar nesse torneio, ele é criança demais! Pensei que estivessem todos seguros, pensei que ia haver um limite de idade!”* Ela está se acabando de chorar por causa daquele artigo do *Profeta Diário. “Ele ainda chora a perda dos pais! Ah, que Deus o abençoe, eu não sabia!”*

Para Harry já era o bastante. Confiando que Hagrid não sentiria falta dele, com os dragões e Madame Maxime para ocupar sua atenção, ele se virou silenciosamente e começou a caminhar de volta ao castelo.

Não sabia se estava ou não contente de ter visto o que o esperava. Talvez assim fosse melhor. O primeiro choque passara agora. Talvez se visse os dragões pela primeira vez na terça-feira, tivesse caído duro diante de toda a escola... mas quem sabe desmaiaria assim mesmo... estaria armado com a varinha – que neste momento lhe parecia apenas uma ripinha de madeira – contra um dragão de quinze metros de altura, coberto de escamas e chifres, que cuspia fogo. E precisava passar pelo bicho. Com todo mundo olhando. *Como?*

Harry se apressou, contornando a orla da floresta; tinha menos de quinze minutos para chegar à lareira e falar com Sirius, e não se lembrava de ter jamais

sentido maior vontade de falar com alguém do que naquele momento – quando, sem aviso, bateu em alguma coisa muito sólida.

Harry caiu de costas, os óculos tortos, apertando a capa em torno do corpo. Uma voz próxima exclamou:

– Ai! Quem está aí?

Harry verificou depressa se a capa o cobria inteiramente e ficou imóvel, olhando espantado para a silhueta do bruxo com quem colidira. Reconheceu a barbicha... era Karkaroff.

– Quem está aí? – tornou a perguntar Karkaroff, olhando muito desconfiado para os lados, no escuro. Harry continuou imóvel e calado. Passado pouco mais de um minuto, Karkaroff pareceu ter concluído que batera em algum bicho; olhava para baixo da cintura, como se esperasse ver um cachorro. Depois tornou a procurar, sorrateiramente, a sombra das árvores, e rumou para o local em que se encontravam os dragões.

Muito lenta e cautelosamente, Harry se levantou e continuou seu caminho, o mais rápido que pôde, sem fazer muito barulho, correndo pela escuridão de volta a Hogwarts.

Não tinha a menor dúvida do que Karkaroff ia fazer. Tinha saído escondido do navio para tentar descobrir qual seria a primeira tarefa. Talvez até tivesse visto Hagrid e Madame Maxime rumando para a Floresta juntos – não era nada difícil identificá-los a distância... e agora só o que Karkaroff precisava fazer era seguir o ruído das vozes e ele, tal como Madame Maxime, saberia o que aguardava os campeões. Pelo jeito, o único campeão que ia enfrentar o desconhecido na terça-feira era Cedrico.

Harry alcançou o castelo, passou despercebido pelas portas de entrada e começou a subir os degraus de mármore; estava muito ofegante, mas não se atrevia a diminuir o passo... tinha menos de cinco minutos para chegar à lareira...

– *Asnice!* – ofegou ele para a Mulher Gorda, que tirava um cochilo na moldura do quadro que encobria o buraco.

– Se você assim diz – murmurou ela sonolenta, sem abrir os olhos, e o quadro girou para a frente para admitir o garoto. Harry entrou. A sala comunal estava deserta e, a julgar pelo fato de que tinha o cheiro de sempre, Hermione não precisara soltar nenhuma bomba de bosta para garantir que ele e Sirius tivessem alguma privacidade.

Harry tirou a Capa da Invisibilidade e se largou em uma poltrona diante da lareira. A sala estava na penumbra e as chamas eram a única fonte de luz. Próximo, sobre uma mesa, os distintivos *Apoie CEDRICO DIGGORY* que os Creevey tinham tentado melhorar brilhavam à claridade da lareira. Agora diziam *POT TER REALMENTE FEDE* Harry tornou a voltar sua atenção para as

chamas e levou um susto.
A cabeça de Sirius flutuava sobre as chamas. Se Harry não tivesse visto o Sr. Diggory fazer exatamente o mesmo na cozinha dos Weasley, teria se apavorado. Em vez disso, seu rosto se iluminou com o primeiro sorriso que dava em dias, ele deixou a poltrona, foi se agachar diante da lareira e disse:
– Sirius, como é que você vai indo?
Sirius tinha a aparência diferente da que Harry se lembrava. Da outra vez, quando se despediram, o rosto do padrinho estava magérrimo e fundo, emoldurado por uma juba de cabelos compridos, negros e embaraçados – mas seus cabelos estavam curtos e limpos agora, o rosto mais cheio e ele parecia mais jovem, e mais semelhante à única fotografia que Harry tinha dele, e que fora tirada no casamento dos Potter.
– Eu não sou importante, como vai você? – perguntou Sirius sério.
– Estou... – Por um segundo, Harry tentou dizer “ótimo”, mas não conseguiu. Antes que pudesse se refrear, estava falando mais do que falara em dias, que ninguém acreditava que não tinha se inscrito no torneio voluntariamente, que Rita Skeeter publicara mentiras sobre ele no *Profeta Diário*, que não podia andar pelos corredores sem caçoarem dele, e que seu amigo Rony não acreditava nele, e tinha ciúmes...
“... e agora Hagrid acabou de me mostrar qual vai ser a primeira tarefa, e são dragões, Sirius, e estou perdido”, terminou ele desesperado.
Sirius observava o garoto com os olhos cheios de preocupação, que ainda conservavam a expressão que Azkaban lhes dera – aquela expressão fantasmagórica e mortiça. Deixara Harry terminar de falar sem interrupção, mas agora disse:
– Dragões a gente pode dar um jeito, Harry, mas falaremos disso em um minuto, não posso me demorar muito aqui... arrombei uma casa de bruxos para usar a lareira, mas eles podem voltar a qualquer momento. Tem coisas de que preciso alertá-lo.
– Quais? – perguntou Harry, sentindo seu ânimo afundar alguns pontos... com certeza não poderia haver nada pior do que dragões à espera?
– Karkaroff – disse Sirius. – Harry, ele era um dos Comensais da Morte. Você sabe o que é isso, não sabe?
– Sei, ele... quê?
– Ele foi apanhado, esteve em Azkaban comigo, mas foi libertado. Aposto o que quiser que foi essa a razão de Dumbledore querer um auror em Hogwarts este ano, para ficar de olho nele. Moody foi quem pegou Karkaroff. Foi o primeiro que trancafiou em Azkaban.
– Karkaroff foi libertado? – perguntou o garoto lentamente, seu cérebro

parecia estar lutando para absorver mais uma informação chocante. – Por que foi que libertaram ele?
– Ele fez um acordo com o Ministério da Magia – disse Sirius amargurado. – Ele fez uma declaração admitindo que errara e então revelou nomes... e mandou uma porção de outras pessoas para Azkaban em lugar dele... ele não é muito popular por lá, isso eu posso afirmar. E desde que saiu, pelo que sei, tem ensinado Artes das Trevas a cada estudante que passa pela escola dele. Por isso tenha cuidado com o campeão de Durmstrang também.
– OK – disse Harry devagar. – Mas... você está dizendo que Karkaroff pôs meu nome no Cálice? Porque se fez isso, ele é realmente um bom ator. Parecia furioso com o acontecido. Queria me impedir de competir.
– Sabemos que ele é um bom ator – respondeu Sirius – porque convenceu o Ministério da Magia a libertá-lo, não é? Agora, tenho acompanhado o *Profeta Diário*, Harry...
– Você e o resto do mundo – disse o garoto com amargura.
– ... e lendo nas entrelinhas do artigo que aquela tal de Skeeter publicou no mês passado, Moody foi atacado na véspera de se apresentar para trabalhar em Hogwarts. É, sei que ela diz que foi mais um alarme falso – acrescentou Sirius depressa, ao ver Harry fazer menção de falar –, mas tenho a impressão de que não foi. Acho que alguém tentou impedi-lo de chegar a Hogwarts. Acho que alguém sabia que seria muito mais difícil agir com ele por perto. E ninguém vai investigar muito. Olho-Tonto andou ouvindo estranhos, vezes demais. Mas isto não significa que tenha se tornado incapaz de identificar a coisa verdadeira. Moody foi o melhor auror que o Ministério já teve.
– Então... que é que você está me dizendo? – perguntou o garoto hesitante. – Karkaroff vai tentar me matar? Mas... por quê?
Sirius hesitou.
– Tenho ouvido coisas muito estranhas – disse pausadamente. – Os Comensais da Morte parecem andar um pouco mais ativos do que o normal ultimamente. Mostraram-se publicamente na Copa Mundial de Quadribol, não foi? Alguém projetou a Marca Negra no céu... e, além disso, você ouviu falar na bruxa do Ministério da Magia que está desaparecida?
– Berta Jorkins?
– Exatamente... ela desapareceu na Albânia, e sem dúvida foi lá que diziam ter visto Voldemort pela última vez... e ela saberia que ia haver um Torneio Tribruxo, não é?
– É, mas... não é muito provável que ela tivesse dado de cara com Voldemort, ou é?
– Ouça, eu conheci Berta Jorkins – disse Sirius sério. – Esteve em Hogwarts

no meu tempo, alguns anos mais adiantada do que seu pai e eu. E era uma idiota. Muito bisbilhoteira, mas completamente desmiolada. Não é uma boa combinação, Harry. Eu diria que ela poderia ser facilmente atraída para uma arapuca.

– Então... então Voldemort poderia ter descoberto tudo sobre o torneio? É isso que você quer dizer? Você acha que Karkaroff poderia estar aqui por ordem dele?

– Não sei – disse Sirius lentamente. – Não sei... Karkaroff não me parece o tipo que voltaria para Voldemort a não ser que soubesse que o lorde teria poder suficiente para protegê-lo. Mas quem pôs o seu nome no Cálice de Fogo fez isso de caso pensado, e não posso deixar de achar que o torneio seria uma boa ocasião para atacar você e fazer parecer que foi um acidente.

– Até onde posso ver, parece um plano muito bom – disse Harry desolado. – Só precisam sentar-se e esperar que os dragões façam o serviço por eles.

– Certo... esses dragões – disse Sirius, falando agora muito rapidamente. – Tem um jeito, Harry. Não ceda à tentação de usar um Feitiço Estuporante, os dragões são fortes, e têm demasiado poder mágico para serem nocauteados por um único feitiço. É preciso meia dúzia de bruxos para dominar um dragão...

– É, eu sei, acabei de ver – disse Harry.

– Mas você pode dar conta sozinho – disse Sirius. – Tem um jeito e só precisa de um feitiço simples. Basta...

Mas Harry ergueu a mão para silenciá-lo, seu coração disparara subitamente como se quisesse explodir. Ouvira passos que desciam a escada circular às costas dele.

– Vá! – sibilou Sirius. – *Vá!* Tem alguém chegando!

Harry levantou-se depressa, escondendo as chamas com o corpo – se alguém visse o rosto de Sirius entre as paredes de Hogwarts, faria um estardalhaço dos diabos – o Ministério seria chamado – ele, Harry, seria interrogado sobre o paradeiro de Sirius...

O garoto ouviu um estalido nas chamas atrás dele e soube que Sirius se fora – observou a escada circular –, quem teria resolvido dar um passeio a uma hora da manhã e impedira Sirius de lhe dizer como passar por um dragão?

Era Rony. Vestido com seu pijama marrom estampado de plumas, ele parou de chofre ao ver Harry do lado oposto da sala e olhou para os lados.

– Com quem você estava falando? – perguntou.

– E isso é da sua conta? – rosnou Harry. – Que é que você está fazendo aqui embaixo a essa hora da noite?

– Fiquei imaginando onde você... – e parou, encolhendo os ombros. – Nada, vou voltar para a cama.

– Achou que poderia vir bisbilhotar, não foi? – gritou Harry. Ele sabia que Rony sequer fazia ideia do que encontraria, sabia que não fizera de propósito, mas não estava ligando, naquele momento ele odiou tudo em Rony, até o pedaço de tornozelo que aparecia por baixo das calças do pijama.

– Sinto muito – disse Rony, ficando vermelho de raiva. – Eu devia ter percebido que você não queria ser perturbado. Vou deixar você continuar praticando em paz para a próxima entrevista.

Harry apanhou um dos distintivos *POT TER REALMENTE FEDE* da mesa e atirou-o com toda a força para o outro lado da sala. O distintivo acertou Rony na testa e ele cambaleou.

– Toma – disse Harry. – Uma coisa para você usar na terça-feira. Quem sabe você até arranja uma cicatriz agora, se tiver sorte... é o que você quer, não é?

E atravessou a sala, decidido, em direção à escada; de certa forma esperou que Rony o detivesse, teria até gostado que ele lhe tivesse dado um soco, mas ele ficou parado ali naquele pijama demasiado pequeno e Harry, tendo subido a escada furioso, ficou deitado na cama sem dormir, por muito tempo, mas não ouviu Rony vir se deitar.

— CAPÍTULO VINTE —

A primeira tarefa

Harry levantou-se na manhã de domingo e se vestiu tão distraidamente que levou algum tempo para perceber que estava tentando calçar o chapéu no pé em vez da meia. Quando finalmente conseguiu pôr cada peça de roupa na parte certa do corpo, saiu correndo à procura de Hermione, encontrando-a à mesa da Grifinória no Salão Principal, onde ela tomava café da manhã com Gina. Sentindo-se demasiado enjoado para comer, Harry esperou até Hermione terminar a última colherada de mingau de aveia, depois a arrastou para darem outro passeio. Nos jardins, contou-lhe tudo sobre os dragões e tudo sobre o que Sirius dissera, durante o longo passeio à volta do lago.

Mesmo alarmada com o que ouvia sobre os avisos de Sirius a respeito de Karkaroff, a garota continuou achando que os dragões eram o problema mais premente.

– Vamos só tentar manter você vivo até a noite de terça-feira – disse desesperada –, depois podemos nos preocupar com Karkaroff.

Deram três voltas no lago, tentando pensar em um feitiço simples para dominar o dragão. Nada, porém, lhes ocorreu, de modo que se recolheram à biblioteca. Ali, Harry baixou cada livro que conseguiu encontrar sobre dragões e os dois começaram a pesquisar uma grande pilha de livros.

– *O corte mágico de unhas... o tratamento da podridão de escamas...* isto não serve, isto é para gente biruta feito o Hagrid que quer criar dragões saudáveis...

"Os dragões são extremamente difíceis de matar, graças à magia muito antiga que impregna seu grosso couro, que nenhum, exceto os feitiços mais poderosos são capazes de penetrar... mas Sirius disse que um feitiço simples funcionaria...

"Vamos tentar alguns livros de feitiços simples, então", disse Harry, deixando de lado *Homens aficionados por dragões*.

Ele voltou à mesa com uma pilha de livros de feitiços, descansou-os e começou a folhear um a um, com Hermione cochichando sem parar ao seu lado.

– Bom, tem Feitiços de Substituição... mas qual é a vantagem de substituir um dragão? A não ser que a pessoa substitua as presas dele por gengivas ou outra coisa qualquer para torná-las inofensivas... o problema é que, como diz o livro, muito pouca coisa atravessa o couro de um dragão... Eu diria: transfigure o bicho, mas com uma coisa daquele tamanhão, a gente realmente não tem a menor esperança, duvido até que a Profª Minerva... a não ser que a pessoa lance o feitiço *nela mesma*? Talvez dar a si mesma poderes extraordinários? Mas isso *não é* um feitiço simples, quero dizer, ainda não estudamos nenhum desses em aula, só sei que existem porque ando fazendo provas simuladas para os N.O.M.s...

– Hermione – disse Harry entre dentes –, quer calar a boca um instante, por favor? Estou tentando me concentrar.

Mas só o que aconteceu quando a garota se calou foi que o cérebro de Harry se encheu com uma espécie de zumbido indistinto, que parecia não deixar espaço para concentração. Ele olhou desalentado para o índice de *Azarações básicas para os ocupados e aflitos: escalpos instantâneos*... mas dragões não tinham cabelos... *bafo de pimenta*... isso provavelmente aumentaria o poder de fogo do dragão... *lín gua de espinhos*...exata mente o que ele precisava, dar ao dragão mais uma arma...

– Ah, não, lá vem ele *outra vez*, por que é que ele não pode ler naquele navio idiota – exclamou Hermione irritada, quando Vítor Krum entrou daquele seu jeito curvado, lançou um olhar carrancudo para os dois e se sentou num canto distante com uma pilha de livros. – Vamos, Harry, vamos voltar para a sala comunal... o fã-clube dele não vai demorar, chilreando sem parar...

E não deu outra, quando iam saindo da biblioteca, um grupo de garotas passou por eles nas pontas dos pés, uma delas usando um lenço da Bulgária amarrado à cintura.

Harry mal chegou a dormir àquela noite. Quando acordou na manhã de segunda-feira, ele pensou seriamente, pela primeira vez na vida, em fugir de Hogwarts. Mas quando correu o olhar pelo Salão Principal, na hora do café da manhã, e pensou no que significava abandonar o castelo, compreendeu que não poderia fazer isso. Era o único lugar em que fora feliz... bem, ele supunha que devia ter sido feliz em companhia dos pais, também, mas não seria capaz de lembrar.

Por alguma razão, a consciência de que preferia estar ali e ter de encarar um dragão a voltar à rua dos Alfeneiros com Duda foi uma coisa boa; e fez com que se sentisse ligeiramente mais calmo. Terminou de comer o bacon com esforço (a

garganta não estava funcionando muito bem), e quando se levantou com Hermione, ele viu Cedrico Diggory deixando a mesa da Lufa-Lufa.

Cedrico ainda não sabia dos dragões... o único campeão que não sabia, se Harry estivesse certo em pensar que Maxime e Karkaroff teriam informado a Fleur e Krum...

– Mione, vejo você nas estufas – disse ele, tomando uma decisão ao ver Cedrico saindo do salão. – Vai andando, eu alcanço você.

– Harry você vai se atrasar, a sineta já vai tocar...

– Eu alcanço você, OK?

Quando Harry chegou ao pé da escadaria de mármore, Cedrico já estava no topo. Ia acompanhado de um monte de amigos do sexto ano. Harry não queria falar com o campeão na frente deles; faziam parte do grupo que andara citando o artigo de Rita Skeeter, em voz alta, todas as vezes que ele se aproximava. Seguiu, então, Cedrico a distância e viu que o garoto ia em direção ao corredor da classe de Feitiços. Isto deu a Harry uma ideia. Parando a uma certa distância deles, puxou a varinha e mirou com cuidado.

– *Diffindo!*

A mochila de Cedrico se rompeu. Pergaminhos, penas e livros se espalharam pelo chão. Vários tinteiros se quebraram.

– Não se preocupem – disse Cedrico em tom irritado, quando os amigos se abaixaram para ajudá-lo –, digam a Flitwick que estou chegando, vão indo...

Isto era exatamente o que Harry esperava que acontecesse. Ele tornou a guardar a varinha nas vestes, esperou até que os amigos de Cedrico desaparecessem na sala de aula e entrou depressa no corredor, agora vazio, exceto por ele e Cedrico.

– Oi – disse Cedrico, apanhando um exemplar de *Um guia de transformação avançada*, manchado de tinta. – Minha mochila simplesmente se rompeu... nova em folha...

– Cedrico – disse Harry –, a primeira tarefa vão ser dragões.

– Quê? – exclamou Cedrico, erguendo a cabeça.

– Dragões – disse Harry depressa, caso o Prof. Flitwick saísse para ver onde andava Cedrico. – São quatro, um para cada um de nós, e vamos ter que passar por eles.

Cedrico arregalou os olhos. Harry viu um pouco do pânico que andara sentindo desde o sábado à noite passar pelos olhos cinzentos do colega.

– Tem certeza? – perguntou numa voz abafada.

– Absoluta. Eu vi.

– Mas como foi que você descobriu? Não devíamos saber...

– Não importa – disse Harry depressa, sabia que Hagrid estaria em apuros se

ele dissesse a verdade. – Mas eu não sou o único que sabe. Fleur e Krum a essa hora também já sabem, Maxime e Karkaroff viram os dragões, também.

Cedrico se levantou, os braços cheios de penas, pergaminhos e livros sujos de tinta, a bolsa rasgada pendurada em um ombro. Fitou Harry atentamente e havia uma expressão intrigada, quase desconfiada em seus olhos.

– Por que é que você está me dizendo isso? – perguntou.

Harry olhou-o sem acreditar. Tinha certeza de que Cedrico não faria uma pergunta dessas se ele próprio tivesse visto os dragões. Harry não teria deixado seu pior inimigo despreparado para enfrentar aqueles monstros – bom, talvez Malfoy ou Snape...

– Não seria... justo, não acha? – disse ele a Cedrico. – Agora todos sabemos... estamos em pé de igualdade, não é?

Cedrico continuava a olhar o garoto com um ar ligeiramente desconfiado quando Harry ouviu um conhecido toque-toque às suas costas. Virou-se e viu Olho-Tonto Moody saindo de uma sala próxima.

– Venha comigo, Potter – rosnou o professor. – Diggory, pode ir andando.

Harry olhou preocupado para Moody. Será que o professor ouvira os dois?

– Hum... Professor, eu devia estar na aula de Herbologia...

– Esqueça, Potter. Na minha sala, por favor...

Harry acompanhou-o, se perguntando o que iria lhe acontecer agora. E se Moody quisesse saber como ele descobrira a respeito dos dragões? Será que iria procurar Dumbledore e denunciar Hagrid ou simplesmente transformar Harry numa doninha? Bom, seria mais fácil passar por um dragão se ele fosse uma doninha, pensou Harry sem emoção, ficaria bem menor, muito mais difícil de enxergar de uma altura de quinze metros...

Harry acompanhou Moody à sua sala. O professor fechou a porta ao passarem e se virou para encarar Harry, o olho mágico fixo nele ao mesmo tempo que o olho normal.

– Foi uma coisa muito decente o que você acabou de fazer, Potter – disse Moody baixinho.

O garoto não soube o que responder; não era a reação que esperara.

– Sente-se – disse o professor, e o garoto se sentou, espiando para os lados.

Visitara essa sala na época dos seus dois ocupantes anteriores. Na do Prof. Lockhart, as paredes eram cobertas de fotos em que o professor sorria e piscava um olho. Quando Lupin a ocupara, era mais provável a pessoa deparar com um espécime fascinante de alguma criatura das trevas que ele arranjara para os alunos estudarem em aula. Agora, no entanto, a sala estava apinhada com um número excepcional de objetos estranhos que, supunha Harry, Moody usara na época em que fora auror.

Sobre a escrivaninha havia algo que parecia um grande pião de vidro rachado; Harry reconheceu imediatamente o bisbilhoscópio, porque ele próprio era dono de um, embora muito menor do que o de Moody. A um canto, sobre uma mesinha, havia um objeto que lembrava uma antena dourada de televisão e não parava de girar. Zumbia levemente. Havia algo que lembrava um espelho pendurado na parede oposta a Harry, mas não refletia a sala. Vultos escuros se moviam por ele, nenhum realmente em foco.

– Gosta dos meus detectores de presença das trevas? – perguntou Moody, que observava Harry atentamente.

– Que é aquilo? – perguntou o garoto, apontando para a antena dourada de televisão.

– Sensor de segredos. Vibra quando detecta alguma coisa oculta ou falsa... não funciona aqui, é claro, há interferência demais, estudantes para todos os lados mentindo para justificar por que não fizeram os deveres. Anda zumbindo desde que cheguei. Tive que desligar o meu bisbilhoscópio porque ele não parava de apitar. É extrassensível, capta qualquer coisa num raio de um quilômetro e meio. Naturalmente, poderia estar captando mais do que mentiras infantis – acrescentou com um rosnado.

– E para que serve o espelho?

– Ah, é o meu Espelho-de-Inimigos. Está vendo eles ali, rondando? Não estou realmente em perigo até enxergar o branco dos olhos deles. É aí que abro o meu baú.

Ele soltou uma gargalhada breve e rouca e apontou para um grande baú sob uma janela. Tinha sete fechaduras alinhadas. Harry ficou imaginando o que haveria ali, até que a pergunta seguinte do professor o trouxe bruscamente à terra.

– Então... descobriu a respeito dos dragões?

Harry hesitou. Receara isso – mas não contara a Cedrico e certamente não iria contar a Moody que Hagrid infringira o regulamento.

– Tudo bem – disse Moody, sentando-se e esticando a perna de pau com um gemido. – Tradicionalmente trapacear sempre fez parte do Torneio Tribruxo.

– Eu não trapaceei – disse Harry com veemência. – Foi... descobri meio por acaso.

Moody sorriu.

– Não estou acusando-o, menino. Venho dizendo a Dumbledore, desde o começo, que ele pode ter os princípios elevados que quiser, mas pode apostar que o velho Karkaroff e Maxime não os terão. Devem ter dito aos seus campeões tudo o que puderam. Querem ganhar. Querem vencer Dumbledore. Gostariam de provar que ele é apenas humano.

Moody deu aquela sua risada rouca e seu olho mágico girou tão rápido que fez Harry se sentir tonto só de ver.

– Então... já tem alguma ideia de como vai conseguir passar pelo dragão? – perguntou Moody.

– Não.

– Bom, eu não vou lhe dizer – afirmou o professor com rispidez –, não demonstro favoritismos, eu. Mas vou-lhe dar uns bons conselhos de ordem geral. O primeiro é: *explo re os seus pontos fortes*.

– Não tenho pontos fortes – disse Harry, antes que pudesse se conter.

– Perdão – rosnou Moody –, você tem pontos fortes se eu digo que os tem. Pense um pouco. Que é que você sabe fazer melhor?

Harry tentou se concentrar. No que é que ele *era* melhor? Bom, isso era realmente fácil...

– Quadribol – disse sem emoção –, grandes ajudas...

– Certo – disse Moody mirando-o com muita severidade, o olho mágico mal se mexendo. – Você é um grande piloto, pelo que ouvi falar.

– É, mas... – Harry encarou-o. – Mas não posso usar a vassoura, só tenho a varinha...

– Meu segundo conselho de ordem geral – disse Moody em voz alta, interrompendo-o – é usar um feitiço bom e simples que lhe permita c*onseguir o que precisa.*

Harry olhou para ele sem entender. Do que é que precisava?

– Vamos, moleque... – sussurrou Moody. – Some dois mais dois... não é tão difícil assim...

E fez-se a luz. O que ele fazia melhor era voar. Precisava passar pelo dragão pelo ar. Para isso, precisava da Firebolt. E para ter a Firebolt ele precisava...

– Mione – murmurou Harry, depois de correr para a estufa três minutos mais tarde, e balbuciar uma desculpa ao passar pela Profª Sprout –, Mione, preciso de sua ajuda.

– Que é que você acha que estive tentando fazer, Harry? – murmurou ela em resposta, os olhos arregalados de ansiedade por cima de um agitado arbusto tremulante que estava podando.

– Mione, preciso aprender a fazer um Feitiço Convocatório corretamente até amanhã de tarde.

E assim os dois treinaram. Não almoçaram, em vez disso foram para uma sala de aula vazia, onde Harry tentou com todo o empenho fazer vários objetos voarem pela sala até ele. Ainda não estava bom. Os livros e penas continuavam a perder o embalo no meio da sala e cair como pedras no chão.

– Concentre-se, Harry, *concentre-se*...

– Que é que você acha que eu estou tentando fazer? – perguntou Harry zangado. – Uma porcaria de um dragãozão não para de aparecer na minha cabeça, sei lá o porquê... OK, Mione, tenta outra vez...

Ele queria faltar à aula de Adivinhação para continuar treinando, mas Hermione se recusou categoricamente a matar a aula de Aritmancia, e não adiantava ficar lá sem ela. Portanto, Harry teve que aturar mais de uma hora a Profª Sibila Trelawney, que passou metade desse tempo dizendo a todos que a posição de Marte com relação a Saturno, naquele momento, significava que as pessoas nascidas em julho corriam um grande perigo de sofrer uma morte súbita e violenta.

– Que bom – disse Harry em voz alta, a raiva levando a melhor –, desde que não seja demorada, porque não quero sofrer.

Por um momento pareceu que Rony ia rir; sem dúvida seu olhar encontrou o de Harry pela primeira vez em dias, mas este continuava muito magoado com o amigo para se importar. Harry passou o resto da aula tentando atrair, com a varinha, pequenos objetos para si, por baixo da mesa. Conseguiu fazer uma mosca disparar direto para a sua mão, embora não tivesse total certeza de que aquilo resultasse de sua perícia com os Feitiços Convocatórios – talvez a mosca fosse apenas burra.

Ele forçou um pouco de jantar para dentro depois da aula de Adivinhação, e em seguida voltou à sala vazia com Hermione, usando a Capa da Invisibilidade para evitar os professores. Os dois continuaram a treinar até depois da meia-noite. Teriam demorado mais, mas Pirraça apareceu e, fingindo achar que Harry queria que lhe atirassem coisas, começou a arremessar cadeiras pela sala. Os dois garotos tiveram que sair depressa antes que o barulho atraísse Filch, e voltaram à sala comunal da Grifinória, que àquela hora felizmente estava vazia.

Às duas da manhã, Harry estava ao pé da lareira, cercado por uma montanha de objetos – livros, penas, várias cadeiras viradas, um velho jogo de bexigas e o sapo de Neville, Trevo. Somente na última hora ele, realmente, pegara o jeito dos Feitiços Convocatórios.

– Está melhor, Harry, está muito melhor – disse Hermione, parecendo exausta, porém muito satisfeita.

– Bom, agora sabemos o que fazer na próxima vez que não conseguirmos lançar um feitiço – disse Harry, atirando um dicionário de runas para Hermione, para que pudesse tentar mais uma vez –, me ameace com um dragão. Certo... – Ele ergueu a varinha novamente. – *Accio dicionário!*

O pesado livro voou da mão de Hermione, atravessou a sala e Harry o aparou.

– Harry, sinceramente acho que você pegou o jeito! – exclamou a garota,

encantada.
– Desde que funcione amanhã – disse Harry. – A Firebolt vai estar muito mais longe do que essas coisas aqui, vai estar no castelo e eu vou estar lá fora nos jardins...
– Não faz diferença – disse Hermione com firmeza. – Desde que você se concentre para valer, realmente para valer, ela chega lá. Harry, é melhor dormirmos um pouco... você vai precisar estar descansado.

Harry se concentrara com tanto empenho para aprender os Feitiços Convocatórios aquela noite que parte do seu pânico irracional o deixara. Voltou, contudo, com força total, na manhã seguinte. A atmosfera na escola era de grande tensão e excitação. As aulas iam ser interrompidas ao meio-dia, dando a todos os estudantes tempo para descer até o cercado dos dragões – embora, é claro, eles ainda não soubessem o que encontrariam lá.
Harry se sentiu estranhamente isolado de todos à sua volta, tanto dos que lhe desejavam boa sorte quanto dos que o vaiavam.
– *Vamos levar uma caixa de lenços de papel, Potter* – diziam ao passar.
Era um nervosismo tão intenso que ele ficou imaginando se poderia perder a cabeça quando tentassem conduzi-lo ao dragão e ele começasse a xingar todo mundo que estivesse à vista.
O tempo estava mais esquisito que nunca, transcorria em grandes lapsos, de modo que num momento Harry estava sentado assistindo à primeira aula, História da Magia, e, no momento seguinte, saindo para almoçar... depois (aonde fora a manhã? As últimas horas sem dragão?) a Profª Minerva corria para ele no Salão Principal. Um montão de gente estava olhando.
– Potter, os campeões têm que descer para os jardins agora... você tem que se preparar para a primeira tarefa.
– OK – disse Harry, se levantando e deixando cair o garfo no prato, com estrépito.
– Boa sorte – sussurrou Hermione. – Você vai se sair bem!
– Ah, vou! – exclamou Harry, com uma voz que nem parecia a dele.
O garoto deixou o Salão Principal com a Profª Minerva, que também não parecia a pessoa de sempre; de fato, parecia quase tão ansiosa quanto Hermione. Ao conduzi-lo pelos degraus de pedra para a fria tarde de novembro, ela pôs a mão no ombro do garoto.
– Agora, não entre em pânico – disse ela –, mantenha a cabeça fria... temos bruxos à mão para resolver a situação se ela se descontrolar... o principal é você fazer o melhor que puder e ninguém vai passar a pensar mal de você por isso... você está bem?

– Estou – Harry ouviu-se dizendo. – Estou ótimo.
Ela o conduzia ao lugar onde estavam os dragões, margeando a Floresta, mas quando se aproximaram do arvoredo por trás do qual o cercado estaria claramente visível, Harry viu que haviam armado uma barraca, com a entrada voltada para quem chegava, que impedia a visão dos dragões.

– Você deve entrar aí com os outros campeões – disse a Profª McGonagall, com a voz um tanto trêmula – e esperar a sua vez, Potter. O Sr. Bagman está aí dentro... ele lhe dirá como... proceder... boa sorte.

– Obrigado – disse Harry, numa voz distante e sem emoção. A professora o deixou à entrada da barraca. Ele entrou.

Fleur Delacour estava sentada a um canto, em um banquinho baixo de madeira. Não parecia nem de longe a garota habitualmente composta, parecia um tanto pálida e suada. Vítor Krum parecia ainda mais carrancudo do que de hábito, o que fez Harry supor que aquela era a sua maneira de demonstrar nervosismo. Cedrico andava para lá e para cá. Quando Harry entrou, ele deu ao garoto um breve sorriso, que Harry retribuiu, sentindo os músculos do rosto fazerem muita força como se não soubessem mais sorrir.

– Harry! Que bom! – exclamou Bagman alegremente, virando-se para olhá-lo. – Entre, entre, fique à vontade!

Bagman por alguma razão parecia um personagem de quadrinhos grande demais, parado ali entre os campeões pálidos. Trajava as antigas vestes do Wasp.

– Bom, agora estamos todos aqui, hora de dar a vocês informações mais detalhadas! – disse ele animado. – Quando os espectadores acabarem de chegar, vou oferecer a cada um de vocês este saco – ele mostrou um saquinho de seda púrpura e sacudiu-o diante dos garotos –, do qual vocês irão tirar uma miniatura da coisa que terão de enfrentar! São diferentes... hum... as variedades, entendem. E preciso dizer mais uma coisa... ah, sim... sua tarefa será *apanhar o ovo de ouro*!

Harry olhou à sua volta. Cedrico acenou a cabeça para indicar que compreendera as palavras de Bagman, e então recomeçara a andar pela barraca; parecia ligeiramente esverdeado. Fleur Delacour e Krum não tiveram a menor reação. Talvez achassem que iriam vomitar se abrissem a boca; sem dúvida essa era a sensação do próprio Harry. Mas pelo menos os outros tinham se voluntariado para ser campeões...

E pouco depois, ouviram-se centenas e mais centenas de pés passando pela barraca, seus donos excitados, dando risadas e fazendo piadas... Harry se sentiu tão isolado da multidão como se pertencesse a uma espécie diferente. Então – lhe pareceu que transcorrera apenas um segundo –, Bagman estava abrindo a boca do saquinho púrpura.

– Primeiro as damas – disse ele, oferecendo-o a Fleur Delacour.
Ela enfiou a mão trêmula no saquinho e retirou uma minúscula e perfeita figurinha de dragão – um Verde-Galês. Tinha o número "dois" pendurado ao pescoço. E Harry percebeu, pelo fato de Fleur não ter demonstrado o menor sinal de surpresa, mas, ao contrário, uma decidida resignação, que ele concluíra certo: Madame Maxime contara à garota o que a aguardava.
O mesmo se aplicava a Krum. Ele tirou o Meteoro-Chinês vermelho. Tinha o número "três" pendurado ao pescoço. Ele sequer piscou, apenas olhou para o chão.
Cedrico enfiou a mão no saquinho e retirou o Focinho-Curto sueco cinza-azulado, o número "um" pendurado ao pescoço. Sabendo o que sobrara, Harry meteu a mão no saquinho de seda e tirou o Rabo-Córneo húngaro e o número "quatro". O dragão abriu as asas quando o garoto o olhou e arreganhou os dentes minúsculos.
– Bom, então está decidido! – disse Bagman. – Cada um de vocês sorteou o dragão que irá enfrentar e a ordem em que cada um fará isso, entendem? Agora, vou precisar deixá-los por um momento, porque vou fazer a irradiação. Sr. Diggory, o senhor é o primeiro, só o que tem a fazer é entrar no cercado quando ouvir o apito, certo? Agora... Harry... Posso dar uma palavrinha com você? Lá fora?
– Hum... sim, senhor – disse Harry sem emoção e se levantou e saiu da barraca com Bagman, que andou uma pequena distância até o arvoredo e se virou, então, para o garoto com uma expressão paternal no rosto.
– Está se sentindo bem, Harry? Posso buscar alguma coisa para você?
– Quê? Não... não, nada.
– Você tem um plano? – disse Bagman, baixando a voz como se conspirasse. – Porque não me importo de lhe dar algumas dicas, se quiser, sabe. Quero dizer – continuou Bagman baixando ainda mais a voz –, você é a vítima aqui, Harry... qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar...
– Não – disse Harry, tão depressa que percebeu imediatamente que parecera grosseiro –, não... eu... eu já decidi o que vou fazer, obrigado.
– Ninguém *iria saber*, Harry – disse Bagman com uma piscadela.
– Não, estou ótimo – respondeu o garoto se perguntando por que não parava de dizer isso a todo mundo e se algum dia estivera tão longe do ótimo. – Já tenho um plano, eu...
Um apito soou em algum lugar.
– Meu bom Deus, tenho que correr! – disse Bagman assustado, e saiu com pressa.
Harry voltou à barraca e viu Cedrico saindo, mais verde que nunca. Harry

tentou desejar boa sorte quando ele passou, mas o que saiu de sua boca foi uma espécie de rosnado rouco.

Harry voltou para a companhia de Fleur e Krum. Segundos mais tarde, ouviu os berros dos espectadores, o que significava que Cedrico entrara no cercado, e agora estava cara a cara com o modelo vivo de sua figurinha...

Foi pior do que Harry poderia ter imaginado, ficar sentado ali escutando. A multidão gritava... urrava... exclamava como uma entidade única de muitas cabeças, enquanto Cedrico fazia o que quer que estivesse fazendo para tentar passar pelo Focinho-Curto sueco. Krum continuava a olhar para o chão. Fleur agora passara a refazer os passos de Cedrico, dando voltas na barraca. E os comentários de Bagman tornavam tudo muito pior... imagens horrendas se formaram na mente de Harry, quando ele ouviu: "Aaah, por um triz, por muito pouco"... "Ele está se arriscando, o campeão!"... "Boa *tentativa* – pena que não deu resultado!".

Então, uns quinze minutos depois, Harry ouviu um urro ensurdecedor que só poderia significar uma coisa: Cedrico conseguira passar pelo dragão e se apoderara do ovo de ouro.

– Realmente muito bom! – gritou Bagman. – E agora as notas dos juízes!

Mas ele não irradiou as notas; Harry supôs que os juízes estivessem erguendo as notas no alto para mostrá-las à multidão.

– Um a menos, faltam três! – berrou Bagman, quando o apito tornou a tocar. – Senhorita Delacour, queira fazer o favor!

Fleur tremia da cabeça aos pés; Harry sentiu mais simpatia por ela do que sentira até então, quando a viu deixando a barraca com a cabeça erguida e a mão apertando a varinha. Ele e Krum ficaram a sós, em lados opostos da barraca, evitando se olhar.

Recomeçou o mesmo processo...

– Ah, não tenho muita certeza se isto foi sensato! – os dois ouviam Bagman dizer animadamente. – Ah... quase! Cuidado agora... meu bom Deus, pensei que já tinha apanhado!

Dez minutos depois, Harry ouviu a multidão prorromper em aplausos mais uma vez... Fleur devia ter sido bem-sucedida também. Uma pausa, enquanto os juízes mostravam as notas de Fleur... mais palmas... então, pela terceira vez, o apito.

– E aí vem o Sr. Krum! – exclamou Bagman e o garoto saiu curvado, deixando Harry completamente só.

Sentia-se muito mais consciente do seu corpo do que normalmente; consciente de que seu coração batia acelerado e seus dedos formigavam de medo... mas, ao mesmo tempo, ele parecia estar fora do próprio corpo, vendo as paredes da

barraca e ouvindo a multidão, como se estivesse muito longe...
– Muito ousado! – berrava Bagman e Harry ouviu o Meteoro-Chinês soltar um poderoso e terrível urro, enquanto a multidão prendia a respiração em uníssono. – Que sangue-frio ele está demonstrando... e... sim, senhores, ele apanhou o ovo!
Os aplausos romperam o ar invernal como se espatifassem uma vidraça; Krum terminara – seria a vez de Harry a qualquer momento.
Harry se levantou, reparando vagamente que suas pernas pareciam feitas de *marshmallow*. Ele aguardou. Então ouviu o apito tocar. Cruzou, então, a entrada da barraca, o pânico se avolumando dentro dele. E agora, estava passando pelas árvores e atravessando uma abertura na cerca.
O garoto via tudo diante de si como em um sonho berrantemente colorido. Havia centenas e mais centenas de rostos nas arquibancadas que o olhavam, que tinham se materializado desde a última vez que ele estivera naquele lugar. E havia o Rabo-Córneo, do outro lado do cercado, deitado sobre sua ninhada de ovos, as asas meio fechadas, os olhos amarelos e malignos fixos nele, um lagarto negro, monstruoso e coberto de escamas, sacudindo com força o rabo de chifres, que deixava marcas de um metro de comprimento escavadas no chão duro. A multidão fazia uma barulheira infernal, mas se era simpática ou não a ele, Harry não sabia nem se importava. Era hora de fazer o que tinha de fazer... focalizar a mente, inteira e absolutamente, na coisa que era sua única chance...
Ele ergueu a varinha.
– *Accio Firebolt!* – gritou.
Então, esperou, cada fibra de seu corpo desejando, pedindo... se não funcionasse... se não estivesse a caminho... ele parecia contemplar as coisas à sua volta através de uma barreira transparente e luminosa, como uma névoa de vapor quente, que fazia as centenas de rostos que o rodeavam flutuar estranhamente...
Então ele a ouviu, cortando o ar às suas costas; ele se virou e viu a Firebolt disparando em sua direção, começando a sobrevoar a floresta, chegando ao cercado e estacando imóvel no ar, aguardando que ele a montasse. A multidão fez ainda mais estardalhaço... Bagman gritou alguma coisa... mas os ouvidos de Harry não estavam mais ouvindo bem... ouvir não era importante...
Ele passou a perna por cima da vassoura e deu impulso contra o chão. Um segundo depois, uma coisa milagrosa aconteceu...
À medida que ele ganhava altura, à medida que o vento passava rumorejando entre seus cabelos, à medida que os rostos da multidão se transformavam em meros pontinhos cor de carne lá embaixo e o Rabo-Córneo se reduzia ao tamanho de um cão, ele percebeu que deixara atrás de si, não somente o chão, mas também o medo... ele estava de volta ao lugar a que pertencia...

Era apenas mais uma partida de quadribol, nada mais... apenas mais uma partida de quadribol, e aquele dragão era apenas mais um time adversário indigesto...
Ele olhou para a ninhada de ovos e localizou o ovo de ouro brilhando entre os demais cor de cimento, agrupados em segurança entre as pernas dianteiras do bicho.
– OK – Harry disse a si mesmo –, uma tática diversiva... vamos...
E mergulhou. A cabeça do Rabo-Córneo o acompanhou; o garoto sabia o que ia fazer, e se recuperou do mergulho bem na hora; um jorro de fogo fora cuspido exatamente no ponto em que ele estaria se não tivesse se desviado... mas Harry não se importou... aquilo era o mesmo que se desviar de um balaço...
– Nossa, como ele sabe voar! – berrou Bagman, enquanto a multidão gritava e exclamava. – O senhor está assistindo a isso, Sr. Krum?
Harry voou mais alto descrevendo um círculo; o Rabo-Córneo continuava acompanhando o progresso do garoto; sua cabeça girava sobre o longo pescoço – se continuasse a fazer isso, ia ficar bem enjoadinho –, mas era melhor não insistir muito ou o bicho iria recomeçar a cuspir fogo...
Harry se deixou afundar rapidamente na hora em que o dragão abriu a boca, mas desta vez teve menos sorte – ele escapou das chamas, mas o bicho chicoteou o rabo para o alto ao seu encontro, e quando ele virou para a esquerda, um dos longos chifres arranhou seu ombro, rasgando suas vestes...
Harry sentiu o ombro arder, ouviu os gritos e gemidos da multidão, mas o corte não parecia ser muito fundo... agora, ao passar veloz pelas costas do Rabo-Córneo ocorreu-lhe uma possibilidade...
O dragão não parecia estar querendo voar, estava demasiado preocupado em proteger os ovos. Embora se contorcesse e abrisse e fechasse as asas sem tirar aqueles medonhos olhos amarelos de Harry, tinha medo de se afastar demais de sua ninhada... mas o garoto precisava persuadi-lo a fazer isso ou jamais chegaria perto deles... o truque era fazer isso cautelosamente, gradualmente...
Harry começou a voar, primeiro para um lado, depois para o outro, suficientemente longe para o bafo do bicho não o perfurar, mas, ainda assim, oferecendo uma ameaça suficientemente forte para o dragão não tirar os olhos dele. A cabeça do bicho virava para um lado e para o outro, vigiando o garoto com aquelas pupilas verticais, as presas à mostra...
Harry voou mais alto. A cabeça do Rabo-Córneo se ergueu com ele, o pescoço agora esticava-se ao máximo, ainda se movendo, como uma serpente diante do seu encantador...
O garoto subiu mais alguns palmos, e o bicho soltou um rugido de exasperação. Harry era uma mosca para ele, uma mosca que o bicho gostaria de

amassar; seu rabo tornou a chicotear, mas Harry estava demasiado alto para que pudesse alcançá-lo... o dragão cuspiu fogo para o ar, Harry se desviou... as mandíbulas do bicho se escancararam...

– Anda – sibilou Harry, fazendo voltas irresistíveis no alto –, anda, vem me pegar... levanta, agora...

Então o dragão se empinou, abrindo finalmente as poderosas asas negras de couro, grandes como as de uma avioneta – e Harry mergulhou. Antes que o dragão percebesse o que ele fizera, ou onde desaparecera, o garoto estava voando a toda velocidade para o chão em direção aos ovos, agora sem a proteção das patas com garras do dragão – Harry soltou as mãos da Firebolt –, agarrou o ovo de ouro...

E, com um grande arranco, tornou a subir e parou no ar, sobre as arquibancadas, o pesado ovo bem preso sob o braço bom, e era como se alguém tivesse acabado de aumentar o volume do som – pela primeira vez ele tomou realmente consciência do barulho da multidão, que gritava e aplaudia com tanto estardalhaço quanto os torcedores dos irlandeses na Copa Mundial...

– Olhem só para isso! – berrava Ludo Bagman. – Por favor olhem para isso! Nosso campeão mais jovem foi o mais rápido a apanhar o ovo! Bom, isto vai diminuir a desvantagem do Sr. Potter!

Harry viu os guardadores de dragões se adiantarem correndo para dominar o bicho, e lá na entrada do cercado, a Profª McGonagall, o Prof. Moody e Hagrid corriam ao seu encontro, todos acenando para que fosse ter com eles, seus sorrisos visíveis mesmo àquela distância. Ele tornou a sobrevoar as arquibancadas, a algazarra da multidão batucando seus tímpanos, e desceu suavemente para pousar, o coração mais leve do que estivera em semanas... conseguira cumprir a primeira tarefa, sobrevivera...

– Foi excelente, Potter! – exclamou a Profª McGonagall quando ele desmontou a Firebolt, o que vindo dela era um elogio extravagante. Harry reparou que a mão da professora tremia quando apontou para o seu ombro. – Vai precisar procurar Madame Pomfrey antes que os juízes anunciem sua nota... ali, ela já teve que fazer um curativo em Diggory...

– Você conseguiu, Harry! – exclamou Hagrid rouco. – Você conseguiu! E ainda por cima contra o Rabo-Córneo e, sabe, o Carlinhos disse que esse era o pior...

– Obrigado, Hagrid – disse Harry em voz alta, para que o bruxo não se atrapalhasse e acabasse revelando que, na véspera, mostrara ao garoto os dragões.

O Prof. Moody parecia muito satisfeito, também; seu olho mágico dançava na

órbita.
– Devagar se vai ao longe, Potter – rosnou ele.
– Certo então, Potter, para a barraca de primeiros socorros, faz favor... – disse a Profª Minerva McGonagall.
Harry saiu do cercado ainda ofegante e viu Madame Pomfrey parada à entrada da segunda barraca com ar preocupado.
– Dragões! – exclamou ela com a voz desgostosa, puxando Harry para dentro. A barraca era dividida em cubículos; ele viu a silhueta de Cedrico através da lona, mas o campeão não parecia muito machucado; pelo menos estava sentado. Madame Pomfrey examinou o ombro de Harry, falando nervosamente, sem parar, o tempo todo. – No ano passado foram os dementadores, este ano são os dragões, que é mais que vão trazer para a escola? Você teve muita sorte... o corte é bem superficial... mas será preciso limpá-lo antes de fechar...
Ela limpou o corte com uma pelota de algodão molhada em líquido purpúreo que fumegava e ardia, mas depois tocou o ombro dele com a varinha e o garoto sentiu o corte se fechar instantaneamente.
– Agora se sente quieto um minuto, *sente-se*! Depois pode ir receber a sua nota.
A enfermeira saiu apressada da barraca e ele a ouviu entrar na porta vizinha e dizer:
– Como é que você está se sentindo agora, Diggory?
Harry não queria ficar sentado imóvel; continuava cheio de adrenalina. Levantou-se, querendo ver o que estava acontecendo lá fora, mas antes que chegasse à entrada da barraca, duas pessoas entraram em disparada – Hermione, seguida de perto por Rony.
– Harry, você foi genial! – exclamou Hermione em voz alta e fina. Tinha marcas de unhas no rosto, que ela andara apertando de medo. – Você foi fantástico! Realmente foi!
Mas Harry tinha os olhos em Rony, que estava muito branco e olhava fixamente para o amigo como se visse um fantasma.
– Harry – disse ele muito sério –, quem quer que tenha posto o seu nome naquele cálice, eu... eu reconheço que estava tentando acabar com você!
Foi como se as últimas semanas jamais tivessem acontecido – como se Harry estivesse encontrando Rony pela primeira vez, logo depois de ter sido escolhido campeão.
– Entendeu, foi? – disse Harry com frieza. – Demorou.
Hermione estava parada e nervosa entre os dois, olhando de um para outro. Rony abriu a boca, inseguro. Harry sabia que ele ia se desculpar e, de repente, descobriu que não precisava ouvir desculpas.

– OK – disse, antes que Rony pudesse falar. – Esquece.
– Não – disse Rony –, eu não devia ter...
– *Esquece*.
Rony riu nervoso para Harry e este retribuiu o sorriso.
Hermione caiu no choro.
– Não tem motivo para chorar – disse Harry espantado.
– Vocês dois são tão *burros*! – exclamou ela, batendo o pé no chão, as lágrimas caindo nas vestes. Então, antes que qualquer dos dois pudesse impedi-la, a garota os abraçou e saiu correndo, agora decididamente aos berros.
– Maluca – concluiu Rony, balançando a cabeça. – Harry, anda, eles vão anunciar as suas notas...
Recolhendo o ovo de ouro e a Firebolt, sentindo-se mais eufórico do que teria acreditado possível uma hora atrás, Harry se abaixou para sair da barraca, Rony a seu lado, falando depressa:
– Você foi o melhor, sabe, ninguém foi páreo para você. Cedrico fez uma coisa estranha, transfigurou uma pedra no chão... transformou-a em cachorro... estava tentando fazer o dragão avançar no cachorro e não nele. Bem, foi uma transfiguração legal, e até funcionou, porque ele apanhou o ovo, mas ele também se queimou, o dragão mudou de ideia no meio do caminho e decidiu que preferia pegar ele em vez do labrador, Cedrico escapou por um triz. E a tal Fleur tentou uma espécie de feitiço, acho que estava querendo fazer o dragão entrar em transe, bom, isso também funcionou, o bicho ficou sonolento, mas aí soltou um ronco e cuspiu um grande jorro de chamas e a saia dela pegou fogo, ela apagou com um pouco de água tirada da varinha. E Krum, você não vai acreditar, mas ele nem pensou em voar! Mas, provavelmente, foi o melhor depois de você. Atacou o dragão com um feitiço bem no olho. Só teve um problema, o bicho saiu andando agoniado e amassou metade dos ovos de verdade, ele perdeu pontos por causa disso, Krum não devia ter danificado a ninhada.
Rony respirou fundo quando os dois chegaram ao cercado. Agora que o Rabo-Córneo fora levado, Harry pôde ver onde os cinco juízes estavam sentados – bem na outra extremidade, em assentos altos cobertos de tecido dourado.
– Cada um dá notas de um a dez – explicou Rony, e Harry, apurando os olhos na direção do campo, viu o primeiro juiz, Madame Maxime, erguer a varinha no ar. Dela saiu uma comprida fita prateada que desenhou um grande oito no ar.
– Nada mal! – disse Rony, enquanto a multidão aplaudia. – Suponho que tenha descontado pontos pelo seu ferimento no ombro...
O Sr. Crouch foi o seguinte. Lançou um número nove no ar.
– Está indo bem! – berrou Rony, batendo nas costas de Harry.
Depois, Dumbledore. Ele também projetou um nove. A multidão aplaudia

com mais entusiasmo que nunca.
Ludo Bagman – *dez*.
– Dez? – disse Harry incrédulo. Mas... eu me machuquei... qual é a dele?
– Harry, não reclama! – berrou Rony excitado.
E agora Karkaroff erguia a varinha. Parou um momento e em seguida saiu um número de sua varinha também – quatro.
– *Quê?* – bradou Rony furioso. – *Quatro?* Seu bosta desonesto, você deu dez ao Krum!
Mas Harry não se importou, não teria se importado se Karkaroff lhe desse zero; a indignação de Rony por sua causa valia uns cem pontos para ele. Não disse isso ao amigo, é claro, mas seu coração estava mais leve do que o ar quando ele deu meia-volta para se retirar do cercado. E não foi apenas Rony... não foram apenas os alunos da Grifinória que aplaudiram no meio da multidão. Quando chegara a hora, quando viram o que Harry precisava enfrentar, a maioria da escola tinha ficado do seu lado e do de Cedrico também... ele não se importava com os alunos da Sonserina, podia suportar o que quer que lhe dissessem.
– Vocês estão empatados no primeiro lugar, Harry! Você e Krum! – disse Carlinhos Weasley, correndo ao encontro deles quando os garotos voltavam à escola. – Escutem, tenho que correr, tenho que mandar uma coruja à mamãe, jurei que contaria a ela o que acontecesse, mas foi inacreditável! Ah, foi, e me mandaram lhe avisar que você precisa ficar por aqui mais uns minutinhos... Bagman quer falar com você na barraca dos campeões.
Rony disse que esperaria, de modo que Harry tornou a entrar na barraca, que, de algum modo parecia diferente agora; simpática e hospitaleira. Ele lembrou a sensação que tivera no momento que procurava fugir do Rabo-Córneo e comparou-a à longa espera antes de sair para enfrentá-lo... não havia comparação, a espera fora imensuravelmente pior.
Fleur, Cedrico e Krum entraram juntos.
Um lado da cabeça de Cedrico estava coberto com uma grossa pasta laranja, que presumivelmente estava curando sua queimadura. Ele sorriu para Harry ao vê-lo.
– Foi legal, Harry.
– Você também – disse o garoto retribuindo o sorriso.
– Muito bons, *todos* vocês! – disse Ludo Bagman, entrando lépido na barraca e parecendo satisfeito como se ele próprio tivesse iludido a guarda de um dragão. – Agora, só umas palavrinhas. Vocês têm um bom intervalo até a segunda tarefa, que terá lugar às nove e meia da manhã de 24 de fevereiro, mas vamos lhes dar alguma coisa em que pensar durante esse tempo! Se examinarem os ovos de

ouro que estão segurando, verão que eles se abrem... estão vendo as dobradiças? Vocês precisam decifrar a pista que está dentro do ovo, porque ela dirá qual vai ser a segunda tarefa e permitirá que se preparem! Ficou claro? Têm certeza? Podem ir, então!

Harry deixou a barraca, tornou a se juntar a Rony e os dois recomeçaram a andar costeando a floresta, conversando animados; Harry queria saber com maiores detalhes o que os outros campeões tinham feito. Depois, quando contornavam o arvoredo, atrás do qual Harry ouvira os dragões rugirem pela primeira vez, uma bruxa saltou do meio das árvores.

Era Rita Skeeter. Usava hoje vestes verde-ácido; a pena-de-repetição-rápida na mão se mesclava perfeitamente com as vestes.

– Parabéns, Harry! – disse ela, rindo radiante para o garoto. – Será que você pode me dar uma palavrinha? Como foi que você se sentiu enfrentando aquele dragão? Como é que você se sente *agora* quanto à lisura das notas?

– Posso dar uma palavrinha, sim – disse Harry com selvageria. – *Tchau*.

E saiu com Rony em direção ao castelo.

— CAPÍTULO VINTE E UM —
A Frente de Liberação dos Elfos Domésticos

Harry, Rony e Hermione foram ao corujal naquela noite à procura de Pichitinho para Harry poder enviar uma carta a Sirius, contando-lhe que conseguira passar ileso pelo dragão. No caminho, Harry pôs Rony a par de tudo que Sirius lhe informara sobre Karkaroff. Embora, de início, Rony tivesse se chocado em saber que o bruxo fora um Comensal da Morte, na altura em que chegaram ao corujal ele já estava dizendo que os três deviam ter desconfiado disso o tempo todo.

– Se encaixa direitinho, não é! – disse ele. – Você se lembra do que Malfoy disse no trem, que o pai dele era amigo de Karkaroff? Agora a gente já sabe onde se conheceram. Provavelmente estavam correndo mascarados na Copa Mundial... Mas vou dizer uma coisa, Harry, se *foi* Karkaroff que pôs o seu nome no Cálice de Fogo, ele agora vai estar se sentindo muito idiota, não acha? Não funcionou, não é? Você só levou um arranhão! Vem até aqui, eu faço isso...

Pichitinho estava demasiado excitado com a ideia de fazer uma entrega, voava sem parar à volta da cabeça de Harry, piando continuamente. Rony agarrou a coruja no ar e segurou-a quieta para que o amigo pudesse prender a carta à perna da ave.

– Acho que não é possível que as outras tarefas sejam tão perigosas. Como poderiam ser? – prosseguiu Rony enquanto levava Pichitinho até a janela. – Sabe de uma coisa? Acho que você poderia vencer esse torneio, Harry, estou falando sério.

Harry sabia que Rony só estava dizendo isso para compensar o seu comportamento nas últimas semanas, mas assim mesmo gostou. Hermione, no entanto, encostou-se à parede do corujal, cruzou os braços e amarrou a cara para Rony.

– Harry tem um longo caminho a percorrer até o fim do torneio – disse ela séria. – Se essa foi a primeira tarefa, nem quero pensar qual vai ser a próxima.

– Você é um raiozinho luminoso de sol, não é não? Você e a Profª Sibila deviam se reunir um dia desses.
E, dizendo isso, Rony lançou Pichitinho pela janela. A ave mergulhou quase quatro metros antes de conseguir se sustentar; a carta amarrada a sua perna era muito mais comprida e pesada do que o normal – Harry não pôde resistir à tentação de contar a Sirius, lance a lance, exatamente como voara para cá e para lá, circulara e se desviara do Rabo-Córneo.
Os três acompanharam Pichitinho desaparecer na noite, e então Rony falou:
– Bom, é melhor descermos para a sua festa surpresa, Harry, a esta altura, Fred e Jorge já devem ter pilhado comida suficiente das cozinhas.
Não deu outra. Quando entraram, a sala comunal da Grifinória explodiu de vivas e gritos outra vez. Havia montanhas de bolos e garrafões de suco de abóbora e cerveja amanteigada em cima de cada móvel; Lino Jordan soltara alguns dos seus Fogos Fabulosos do Dr. Filibusteiro Sem Fumaça Nem Calor, por isso o ar estava denso de estrelas e faíscas; e Dino Thomas, que era muito bom em desenho, tinha pendurado magníficos galhardetes novos, a maioria dos quais mostrava Harry voando na Firebolt em volta da cabeça do dragão, embora houvesse uns dois que mostravam Cedrico com os cabelos em chamas.
Harry se serviu da comida; quase esquecera como era se sentir realmente faminto, e se sentou com Rony e Hermione. Não conseguia acreditar na felicidade que sentia; recuperara o apoio de Rony, dera conta da primeira tarefa e só teria que enfrentar a segunda dali a três meses.
– Putz, isso é pesado – comentou Lino Jordan, levantando o ovo dourado, que Harry deixara em cima de uma mesa, e pesando-o nas mãos. – Abra, Harry, vamos! Vamos ver o que tem dentro!
– Ele tem que decifrar a pista sozinho – disse Hermione depressa. – É a regra do torneio...
– Eu devia arranjar um jeito de passar pelo dragão sozinho, também – murmurou Harry, de modo que somente Hermione o ouvisse, e ela deu um sorriso culpado.
– É, anda, Harry, abra! – fizeram coro vários colegas.
Lino passou o ovo a Harry e o garoto enfiou as unhas no sulco que corria a toda volta do objeto, forçando o ovo a abrir.
Estava oco e completamente vazio – mas no momento em que Harry o abriu, um som terrível, alto e agudo com um agouro, encheu a sala. A coisa mais próxima àquilo que Harry já ouvira fora a orquestra-fantasma na festa do aniversário de morte de Nick Quase Sem Cabeça, em que todos os componentes tocavam um serrote musical.
– Fecha isso! – berrou Fred, as mãos tampando os ouvidos.

– Que é isso? – perguntou Simas Finnigan, olhando o ovo enquanto Harry tornava a fechá-lo com um estalo. – Parecia um espírito agourento... quem sabe você vai ter que passar por um deles da próxima vez, Harry!

– Era alguém sendo torturado! – arriscou Neville, que ficara muito pálido e largara os pães de salsicha no chão. – Você vai ter que enfrentar a Maldição *Cruciatus*!

– Deixa de ser babaca, Neville, isso é ilegal – disse Jorge. – Não usariam a Maldição *Cruciatus* contra os campeões. Achei que lembrava um pouco o Percy cantando... quem sabe você vai ter que atacar ele quando estiver debaixo do chuveiro, Harry.

– Quer uma tortinha de geleia, Mione? – ofereceu Fred.

Hermione olhou com ar de dúvida para o prato que o garoto lhe estendia. Fred sorriu.

– Pode se servir. Não fiz nada com elas. É com os cremes de caramelo que você tem de se cuidar...

Neville, que acabara de encher a boca de creme, se engasgou e o cuspiu fora.

Fred deu uma risada.

– É só uma brincadeirinha, Neville...

Hermione apanhou uma tortinha de geleia. Depois perguntou:

– Você apanhou tudo isso na cozinha, Fred?

– Foi – respondeu ele sorrindo para a garota. Ele fez uma voz de falsete e imitou um elfo doméstico: – “O que pudermos lhe arranjar, meu senhor, qualquer coisa!” São superprestativos... me arranjariam um boi assado se eu dissesse que estava faminto.

– Como é que você entra lá? – perguntou Hermione com uma voz inocentemente desinteressada.

– É fácil, tem uma porta escondida atrás da pintura de uma fruteira. É só fazer “cosquinha” na pera, ela ri e... – Ele parou e olhou desconfiado para a garota. – Por quê?

– Nada – apressou-se Hermione a dizer.

– Vai tentar liderar uma greve de elfos domésticos, é? Vai desistir dos folhetos e incitar os caras a se revoltarem?

Algumas pessoas riram. Hermione não respondeu.

– Não vai perturbar os elfos dizendo que têm que pedir roupas e salários! – avisou-a Fred. – Vai desviar os caras do preparo da comida!

Nesse instante, Neville provocou uma ligeira distração transformandose em um grande canário.

– Ah... me desculpe, Neville – gritou Fred, abafando as risadas. – Me esqueci... *foram* os cremes de caramelo que enfeitiçamos...

Um minuto depois, Neville entrava na muda e quando as penas acabaram de cair ele reapareceu tal qual era. E até engrossou o coro de gargalhadas.

– Cremes de Canários! – anunciou Fred para os alunos facilmente excitáveis. – Jorge e eu inventamos, sete sicles cada, uma pechincha!

Era quase uma hora da manhã quando Harry finalmente subiu para o dormitório em companhia de Rony, Neville, Simas e Dino. Antes de fechar as cortinas de sua cama, o garoto colocou a miniatura do Rabo-Córneo húngaro em cima da mesa de cabeceira, onde o dragão bocejou, se enroscou e fechou os olhos. Para ser sincero, pensou Harry, ao correr as cortinas da cama, Hagrid tinha uma certa razão... eles eram realmente legais, os dragões...

O começo de dezembro trouxe chuva e neve granulada a Hogwarts. Mesmo cheio de correntes de ar como costumava ser o castelo no inverno, Harry se sentia grato por suas lareiras e paredes grossas todas as vezes que passava pelo navio de Durmstrang no lago, jogando com os ventos fortes, as velas negras enfunadas contra o céu escuro. Ocorreu-lhe que a carruagem de Beauxbatons provavelmente era bem fria também. Hagrid, reparou ele, estava mantendo os cavalos de Madame Maxime bem abastecidos do uísque que preferiam; os vapores que subiam do cocho a um canto do picadeiro eram suficientes para deixar tonta a classe inteira de Trato das Criaturas Mágicas. Isto não ajudava nada, porque os garotos continuavam cuidando dos horrorosos explosivins e precisavam ficar sóbrios.

– Não tenho bem certeza se eles hibernam ou não – disse Hagrid, na aula seguinte, à classe que tremia de frio na horta de abóboras varrida pelo vento. – Achei que devíamos tentar ver se os bichos querem tirar uma soneca... Vamos colocá-los nessas caixas...

Agora só restavam dez; aparentemente ainda não haviam se fartado de se matar uns aos outros. Cada um agora chegava quase a um metro e oitenta centímetros de comprimento. A carapaça grossa e cinzenta, as perninhas curtas em movimento, as caudas que expeliam fogo, os ferrões e os sugadores se somavam para tornar os explosivins as coisas mais repugnantes que Harry já vira. A turma olhou desanimada para as enormes caixas que Hagrid trouxera, todas forradas com almofadas e cobertores macios.

– Vamos levá-los para as caixas – disse Hagrid –, tampá-las, e ver o que acontece.

Mas os explosivins, pelo que se viu, *não* hibernavam, e não gostavam de ser enfiados à força em caixas forradas com almofadas com uma tampa por cima. Hagrid logo começou a gritar:

– Não entrem em pânico, não entrem em pânico! – Enquanto os bichos

desembestavam pela horta de abóboras agora juncada com os restos de caixas fumegantes. A maioria da turma, Malfoy, Crabbe e Goyle à frente, tinha fugido para a cabana de Hagrid pela porta dos fundos e se barricara lá dentro; Harry, Rony e Hermione, no entanto, estavam entre os alunos que tinham ficado do lado de fora tentando ajudar o professor. Juntos, conseguiram dominar e prender nove dos explosivins, embora ao custo de vários cortes e queimaduras; finalmente, faltou apenas uma das criaturas.

– Não vão assustá-lo! – gritou Hagrid, enquanto Rony e Harry usavam as varinhas para lançar fagulhas no bicho, que avançava ameaçadoramente para os garotos, o ferrão nas costas estremecendo em riste. – Tentem passar a corda pelo ferrão para ele não poder atacar os outros.

– Ah, é, nós nem íamos querer uma coisa dessas! – gritou Rony zangado, enquanto ele e Harry recuavam contra a parede da cabana de Hagrid, ainda mantendo o explosivim afastado com fagulhas.

– Ora, ora, ora... isso parece *realmente* divertido!

Rita Skeeter estava debruçada na cerca do jardim de Hagrid, apreciando a confusão. Usava uma grossa capa carmim com uma gola de peles e trazia a bolsa de crocodilo no braço.

Hagrid se atirou em cima do bicho que acuava Harry e Rony e achatou-o; um jorro de fogo disparou de sua cauda, queimando os pés de abóbora mais próximos.

– Quem é a senhora? – perguntou Hagrid à jornalista, enquanto passava a corda no ferrão do explosivim e apertava o laço.

– Rita Skeeter, repórter do *Profeta Diário* – respondeu a moça, sorrindo para ele. Seu dente de ouro brilhou.

– Pensei ter ouvido Dumbledore dizer que a senhora não podia mais entrar na escola? – disse Hagrid erguendo ligeiramente as sobrancelhas enquanto saía de cima do bicho achatado e começava a arrastá-lo para junto dos companheiros.

Rita fez de conta que não ouviu o que Hagrid acabara de dizer.

– Como é o nome dessas criaturas fascinantes? – perguntou ela, com um sorriso ainda maior.

– Explosivins – resmungou Hagrid.

– Sério? – disse ela, parecendo vivamente interessada. – Nunca ouvi falar deles antes... e de onde é que eles vêm?

Harry notou uma vermelhidão subir da barba negra e desgrenhada de Hagrid e sentiu um súbito desânimo. Onde é que Hagrid *arranjara* aqueles bichos?

Hermione que parecia estar pensando mais ou menos a mesma coisa, disse depressa:

– Eles são muito interessantes, não é mesmo? Não são, Harry?

– Quê? Ah, são... ai... interessantes – disse o garoto quando a amiga pisou seu pé.
– Ah, *você está* aqui, Harry! – exclamou Rita olhando para o lado. – Então você gosta da aula de Trato das Criaturas Mágicas? Uma de suas matérias preferidas?
– É – disse Harry corajosamente. Hagrid lhe deu um grande sorriso.
– Que beleza! – disse Rita. – Realmente uma beleza. Está ensinando isso há muito tempo? – perguntou ela a Hagrid.
Harry reparou que os olhos da jornalista corriam de Dino (que recebera um corte feio no rosto) para Lilá (cujas vestes estavam bastante chamuscadas), para Simas (que estava cuidando de vários dedos queimados), e dele para as janelas da cabana, onde se encontrava a maior parte da turma, de nariz colado na vidraça, esperando ver se era seguro sair.
– Este é o meu segundo ano – respondeu o professor.
– Que beleza... O senhor não gostaria de dar uma entrevista? Contar sua experiência com criaturas mágicas? O *Profeta* publi ca uma coluna zoológica toda quarta-feira, como o senhor com certeza já sabe. Nós poderíamos falar desses... hum... estouradins?
– *Explosivins* – apressou-se a corrigir Hagrid. – Hum... claro, por que não?
Harry teve uma sensação ruim sobre o convite, mas não havia como se comunicar com Hagrid sem Rita ver, por isso ele foi obrigado a ficar em silêncio observando Hagrid e Rita combinarem se encontrar no Três Vassouras para uma longa entrevista, mais para o fim da semana. Então a sineta tocou no castelo, anunciando o fim da aula.
– Bem, tchau, Harry! – gritou Rita alegremente para o garoto, enquanto ele se afastava com Rony e Hermione. – Até sexta-feira à noite, então, Hagrid!
– Rita vai distorcer tudo que ele disser – comentou Harry baixinho.
– Desde que ele não tenha importado aqueles explosivins ilegalmente nem nada do gênero – disse Hermione desesperada. Eles se entreolharam, era exatamente o tipo de coisa que Hagrid seria capaz de fazer.
– Hagrid já se meteu em montes de confusão antes e Dumbledore nunca o despediu – disse Rony em tom de consolo. – O pior que pode acontecer é Hagrid ter que se livrar dos bichos. Desculpe... eu disse o pior? Quis dizer o melhor.
Harry e Hermione caíram na gargalhada e, sentindo-se mais animados, foram almoçar.
Harry gostou imensamente da aula de Adivinhação naquela tarde; a turma ainda estava fazendo mapas e predições, mas agora que ele e Rony tinham voltado a ser amigos a coisa recuperara a antiga graça. A Profª Sibila, que andara tão satisfeita com os garotos quando eles estiveram predizendo mortes horrendas

para si mesmos, não tardou a se irritar quando os dois ficaram de risadinhas na hora em que ela explicava as várias maneiras com que Plutão era capaz de desorganizar a vida diária.

– Seria de *pensar* – disse ela, num sussurro místico que não ocultava seu óbvio aborrecimento – que *alguns* de nós – e olhou significativamente para Harry – seriam um pouquinho menos *frívolos* se tivessem visto o que vi quando consultei a minha bola de cristal ontem à noite. Eu estava sentada bordando, muito absorta, quando fui tomada por um impulso de consultar a bola. Levantei-me e me sentei diante dela e contemplei suas profundezas cristalinas... e o que acham que vi olhando para mim?

– Uma *morcega* velha com os óculos maiores do que a cara? – cochichou Rony. Harry fez muita força para ficar com a cara séria.

– *A morte*, meus queridos.

Parvati e Lilá levaram as mãos à boca, fazendo cara de horror.

– Sim, senhores – disse a professora, acenando a cabeça de modo impressionante –, ela está se aproximando, cada vez mais, descrevendo círculos no céu como um urubu, cada vez mais baixa... sempre mais baixa sobre o castelo...

Ela olhou diretamente para Harry, que bocejou com a boca escancarada e de maneira óbvia.

– Teria sido mais impressionante se ela não tivesse anunciado isso oito vezes antes – disse Harry, quando finalmente recuperaram o ar fresco na escada sob a sala de Sibila. – Mas se eu caísse duro toda vez que ela diz que vou cair, eu seria um milagre da medicina.

– Seria uma espécie de fantasma superconcentrado – disse Rony rindo, ao passarem pelo Barão Sangrento que ia em sentido contrário, um olhar sinistramente fixo nos olhos enormes. – Pelo menos ela não passou dever de casa. Espero que a Profª Vector tenha passado um monte para Mione, adoro ficar à toa quando ela está ocupada...

Mas a garota não apareceu para jantar, nem estava na biblioteca quando eles foram procurá-la. A única pessoa que estava lá era Vítor Krum. Rony ficou parado um tempo atrás das estantes, observando Krum e discutindo aos cochichos com Harry se deveria pedir um autógrafo – mas então percebeu que havia umas seis ou sete garotas rondando entre as estantes ao lado, discutindo exatamente a mesma coisa, e perdeu o entusiasmo pela ideia.

– Onde será que ela se meteu? – indagou Rony quando os dois rumavam para a Torre da Grifinória.

– Sei lá... *Asnice*.

Mas a Mulher Gorda mal começara a girar para a frente quando o ruído de

alguém correndo às costas dos garotos anunciou a chegada de Hermione.
– Harry! – ofegou ela, derrapando até parar ao lado dele (a Mulher Gorda olhou para a garota, com as sobrancelhas erguidas). – Harry, você tem de vir comigo... *tem* de vir, aconteceu a coisa mais fantástica... por favor...
Ela agarrou o braço de Harry e tentou arrastar o garoto de volta ao corredor.
– Que é que aconteceu? – perguntou Harry.
– Eu mostro a você quando a gente chegar lá, ah, anda logo, depressa...
Harry olhou para Rony; este olhou para Harry, intrigado.
– OK – disse Harry, começando a retroceder pelo corredor com Hermione, Rony correndo para acompanhá-los.
– Ah, não se incomodem comigo! – gritou a Mulher Gorda irritada para os garotos. – Não peçam desculpas por ter me incomodado! Vou continuar pendurada aqui, aberta, até vocês voltarem, não é isso?
– É, obrigado – gritou Rony por cima do ombro.
– Hermione, aonde é que estamos indo? – perguntou Harry, depois que a garota os fizera descer seis andares e já estavam na escadaria de mármore do saguão de entrada.
– Você vai ver, você vai ver já, já! – disse Hermione excitada.
Ela virou à esquerda ao pé da escada e correu para a porta que Cedrico cruzara na noite seguinte ao Cálice de Fogo ter regurgitado o seu nome e o de Harry. O garoto jamais passara ali antes. Ele e Rony acompanharam Hermione, desceram um lance de escadas de pedra, mas em vez destas terminarem em uma sombria passagem subterrânea, como a que levava à masmorra do Snape, os garotos se viram em um corredor de pedra, largo, muito bem iluminado com archotes, e decorado com alegres pinturas, na maioria, de comida.
– Ah, espera aí... – disse Harry lentamente, a meio caminho do corredor. – Espera um instante, Mione...
– Quê? – Ela se virou para olhá-lo, o rosto que era só expectativa.
– Já sei do que se trata – disse Harry.
O garoto cutucou Rony e apontou para o quadro logo atrás de Hermione. Era a pintura de uma enorme fruteira de prata.
– Mione! – exclamou Rony, entendendo. – Você não está tentando nos pegar a laço para aquela história do fale outra vez!
– Não, não, não estou! – apressou-se ela a dizer. – E não é *fale*, Rony...
– Você mudou o nome? – perguntou Rony, franzindo a testa. – Que somos então? A Frente de Liberação dos Elfos Domésticos? Não vou invadir a cozinha para fazer eles pararem de trabalhar, não vou fazer isso...
– Não estou lhe pedindo isso! – disse Hermione impacientemente. – Desci aqui agora há pouco para conversar com eles e encontrei... ah, *anda*, Harry,

quero lhe mostrar!

A garota tornou a agarrá-lo pelo braço, puxou-o para diante do quadro da fruteira, esticou o dedo indicador e fez cócegas na enorme pera verde. A fruta começou a se contorcer e rir e, de repente, transformou-se em uma grande maçaneta verde. Hermione segurou-a, abriu a porta e empurrou Harry pelas costas, com força, obrigando-o a entrar.

O garoto teve apenas uma breve visão de um amplo aposento de teto alto, grande como o Salão Principal acima, repleto de tachos e panelas de latão empilhados ao redor das paredes de pedra, um grande fogão de tijolos no extremo oposto, quando alguma coisa pequena se precipitou do meio do aposento ao encontro dele, guinchando:

– Harry Potter, meu senhor! *Harry Potter!*

No segundo seguinte todo o ar dos seus pulmões foi expelido, o elfo, aos guinchos, colidiu com ele na altura do diafragma, abraçando-o com tanta força que o garoto pensou que suas costelas iam partir.

– D-Dobby? – ofegou Harry.

– *É* o Dobby, meu senhor, é sim! – guinchou a voz na altura do seu umbigo. – Dobby teve muita esperança de ver Harry Potter, meu senhor, e Harry Potter veio ver ele, meu senhor!

Dobby soltou o garoto e recuou alguns passos, sorrindo para Harry de orelha a orelha, seus enormes olhos verdes, redondos como bolas de tênis, se enchendo de lágrimas de felicidade. Tinha quase exatamente a mesma aparência com que Harry o conhecera; o nariz fino e reto, as orelhas de morcego, as mãos e os pés compridos – exceto pelas roupas, que eram muito diferentes.

Quando Dobby trabalhara para os Malfoy, sempre usara a mesma fronha velha e imunda. Agora, porém, vestia a combinação mais extravagante de roupas que Harry já vira na vida; fizera uma escolha de peças pior do que a dos bruxos na Copa Mundial. Usava um abafador de chá à guisa de chapéu, no qual estavam presos vários distintivos coloridos; uma gravata com estampa de ferraduras de cavalo sobre o peito nu, calções que pareciam os de uma criança jogar futebol e meias desparelhadas. Uma delas, Harry reparou, era a preta que ele tirara do próprio pé e induzira o Sr. Malfoy a jogar para Dobby, e ao fazer isso, libertara-o. A outra era listrada de rosa e laranja.

– Dobby, que é que você está fazendo aqui? – perguntou Harry surpreso.

– Dobby veio trabalhar em Hogwarts, meu senhor! – guinchou o elfo excitado. – O Prof. Dumbledore deu emprego a Dobby e Winky, meu senhor!

– Winky? – exclamou Harry. – Ela também está aqui?

– Está, sim, senhor, está! – disse Dobby, e agarrando a mão de Harry puxou-o para dentro da cozinha entre quatro longas mesas de madeira que estavam ali.

Cada uma das mesas, o garoto notou ao passar, estava colocada exatamente embaixo das quatro mesas das Casas em cima, no Salão Principal. Naquele momento não havia comida nelas, o jantar já terminara, mas ele supôs que uma hora antes estivessem carregadas de travessas que então eram mandadas pelo teto para as suas correspondentes no andar superior.

No mínimo uns cem elfos estavam parados pela cozinha, sorrindo, inclinando a cabeça e fazendo reverências quando Dobby passou com Harry por eles. Todos usavam o mesmo uniforme; uma toalha de chá estampada com o timbre de Hogwarts e amarrada como uma toga, como a de Winky.

Dobby parou diante do fogão de tijolos e apontou.

– Winky, meu senhor! – disse ele.

Ela estava sentada em um banquinho junto ao fogo. Ao contrário de Dobby, obviamente não saíra catando roupas. Usava uma sainha e uma blusa comportadas, e um chapéu azul combinando, com aberturas laterais para suas orelhonas. Mas, enquanto cada peça da estranha coleção de roupas de Dobby estava impecavelmente limpa e bem cuidada, pois até pareciam novas em folha, era visível que Winky não estava cuidando das próprias roupas. Havia manchas de sopa na blusa e um chamuscado na saia.

– Olá, Winky – cumprimentou Harry.

Os lábios de Winky tremeram. Então ela rompeu em lágrimas, que transbordaram dos seus grandes olhos castanhos e caíram pela roupa, exatamente como acontecera na Copa Mundial de Quadribol.

– Ah meu Deus! – exclamou Hermione. Ela e Rony tinham seguido Harry e Dobby até o fundo da cozinha. – Winky, não chore, por favor, não...

Mas Winky chorava com mais vontade que nunca. Dobby, por outro lado, sorria radiante para Harry.

– Harry Potter gostaria de tomar uma xícara de chá? – guinchou ele alto, abafando os soluços de Winky.

– Hum... ah, OK – disse o garoto.

Instantaneamente, uns seis elfos domésticos vieram correndo atrás dele, trazendo uma grande bandeja de prata com um bule de chá, xícaras para Harry, Rony e Hermione, uma jarrinha de leite e um grande prato de biscoitos.

– Serviço de primeira! – exclamou Rony, com admiração na voz. Hermione franziu a testa para ele, mas os elfos pareciam encantados da vida; fizeram uma grande reverência e se retiraram.

– Há quanto tempo está aqui, Dobby? – perguntou Harry, quando o elfo serviu o chá para todos.

– Só uma semana, Harry Potter, meu senhor! – respondeu Dobby alegremente. – Dobby veio ver o Prof. Dumbledore, meu senhor. Sabe, meu senhor, é muito

difícil um elfo doméstico que foi dispensado arranjar outro emprego, meu senhor, muito difícil, mesmo...

Ao ouvir isso, Winky chorou ainda mais alto, seu nariz de tomate amassado pingando pela frente da blusa, embora ela não fizesse o menor esforço para estancar essa pingadeira.

– Dobby viajou pelo país durante dois anos, meu senhor, tentando encontrar trabalho! Mas Dobby não encontrou nada, meu senhor, porque agora ele quer receber ordenado!

Os elfos domésticos por toda a cozinha, que estavam escutando e observando com interesse, desviaram os olhos ao ouvirem isso, como se Dobby tivesse dito alguma coisa grosseira e constrangedora.

Hermione, porém, exclamou:

– Assim é que se faz, Dobby!

– Muito obrigado, senhorita! – disse o elfo, dando a ela um sorriso que era só dentes. – Mas a maioria dos bruxos não quer um elfo doméstico que exige ordenado, senhorita. “Isto não é próprio de um elfo doméstico”, dizem eles e batem a porta na cara de Dobby! Dobby gosta de trabalhar, mas quer se vestir e quer receber ordenado, Harry Potter... Dobby gosta de ser livre!

Os elfos domésticos de Hogwarts agora começaram a se afastar discretamente de Dobby, como se ele tivesse alguma doença contagiosa. Winky, no entanto, continuou onde estava, embora se notasse um decidido aumento no volume do seu choro.

– E, então, Harry Potter, Dobby vai visitar Winky e descobre que ela foi libertada, também! – conta Dobby com satisfação.

Ao ouvir isso, Winky se atirou para a frente e caiu do banquinho, de rosto no chão de lajotas, batendo os pequenos punhos e positivamente urrando de infelicidade. Hermione imediatamente se ajoelhou ao lado dela e tentou consolá-la, mas nada que dissesse produzia a menor diferença.

Dobby continuou sua história, guinchando alto para abafar o choro estridente de Winky.

– Então Dobby teve a ideia, Harry Potter, meu senhor! “Por que Dobby e Winky não procuram um trabalho juntos?”, “Onde é que existe trabalho suficiente para dois elfos domésticos?”, pergunta Winky. E Dobby pensa e se lembra, meu senhor! *Hogwarts!* Então Dobby e Winky vieram ver o Prof. Dumbledore, meu senhor e o professor nos contratou!

Dobby sorriu muito animado e lágrimas de felicidade brotaram, mais uma vez, dos seus olhos.

– E o Prof. Dumbledore diz que vai pagar a Dobby, meu senhor, se Dobby quer pagamento! E, assim, Dobby é um elfo livre, meu senhor, e Dobby recebe

um galeão por semana e um dia de folga por mês!
– Isso é muito pouco! – exclamou Hermione indignada, ainda curvada para os gritos incessantes e os murros no chão de Winky.
– O Prof. Dumbledore ofereceu a Dobby dez galeões por semana e folgas nos fins de semana – disse Dobby, estremecendo de repente como se a perspectiva de tanto lazer e riqueza o assustasse –, mas Dobby fez ele baixar a oferta, senhorita... Dobby gosta da liberdade, senhorita, mas não quer tanto assim, senhorita, ele gosta mais do trabalho.
– E quanto é que o Prof. Dumbledore está pagando a *você*, Winky? – perguntou Hermione bondosamente.
Se a garota achou que isso ia animar Winky, estava delirando. Winky realmente parou de chorar, mas, quando se sentou, ficou encarando Hermione com seus imensos olhos castanhos, seu rosto lavado de lágrimas e inesperadamente furioso.
– Winky é um elfo em desgraça, mas Winky ainda não está aceitando pagamento – guinchou ela. – Winky não decaiu a esse ponto! Winky está devidamente envergonhada de ter sido libertada!
– Envergonhada? – perguntou Hermione perplexa. – Mas... Winky, espera aí! É o Sr. Crouch que devia estar envergonhado e não você! Você não fez nada errado, ele é que foi realmente horrível com você...
Mas ao ouvir isso, Winky levou as mãos às aberturas laterais do chapéu e achatou as orelhas para não poder ouvir nem mais uma palavra e guinchou:
– A senhorita não vai insultar o meu amo! A senhorita não vai insultar o Sr. Crouch! O Sr. Crouch é um bruxo bom, senhorita! O Sr. Crouch fez bem em mandar a feia Winky embora!
– Winky está tendo dificuldades para se adaptar, Harry Potter – guinchou Dobby confidencialmente. – Winky se esquece que não está mais presa ao Sr. Crouch; que pode dizer o que pensa agora, mas não quer fazer isso.
– Os elfos domésticos não podem dizer o que pensam dos amos, então? – perguntou Harry.
– Ah, não, não meu senhor – disse Dobby repentinamente sério. – Faz parte da escravidão do elfo doméstico, meu senhor. Guardamos silêncio e os segredos dos amos, meu senhor, defendemos a honra da família e nunca falamos mal dela, embora o Prof. Dumbledore tenha dito a Dobby que não faz questão disso. O Prof. Dumbledore disse que a gente é livre para... para...
Dobby pareceu subitamente nervoso e chamou Harry mais para perto. Harry se inclinou para ele.
Dobby cochichou:
– Disse que a gente é livre para chamar ele de... de velho caduco se quiser,

meu senhor!
Dobby deu uma risadinha assustada.
– Mas Dobby não quer, Harry Potter – disse ele voltando a falar normalmente e balançando a cabeça de modo que suas orelhas abanavam. – Dobby gosta muito do Prof. Dumbledore, meu senhor, e tem orgulho de guardar os segredos dele.
– Mas você pode dizer o que quiser sobre os Malfoy agora? – perguntou Harry sorrindo.
Um olhar de temor surgiu nos olhos imensos de Dobby.
– Dobby... Dobby poderia – disse cheio de dúvida. Aprumou então seus ombrinhos. – Dobby poderia dizer a Harry Potter que seus antigos amos eram... eram... *bru xos malvados das trevas*!
Dobby ficou parado um instante, o corpo todo tremendo, horrorizado com a sua própria coragem – então correu até a mesa mais próxima e começou a bater a cabeça nela, com força, guinchando:
– *Dobby mau! Dobby mau!*
Harry agarrou o elfo por trás da gravata e afastou-o da mesa.
– Obrigado, Harry Potter, obrigado – disse Dobby sem fôlego, esfregando a cabeça.
– Você só precisa de um pouco de prática – disse Harry.
– Prática! – guinchou Winky furiosa. – Você devia era ter vergonha, Dobby, falando desse jeito dos seus amos!
– Eles não são mais meus amos, Winky! – disse Dobby em tom de desafio. – Dobby não se importa mais com o que eles pensam!
– Ah, você é um elfo mau, Dobby! – lamentou-se Winky, as lágrimas escorrendo mais uma vez pelo seu rosto. – O coitadinho do meu Sr. Crouch, que é que ele está fazendo sem a Winky? Está precisando de mim, está precisando da minha ajuda! Eu cuidei dos Crouch a vida inteira e minha mãe fez isso antes de mim e minha avó antes dela... ah, o que elas diriam se soubessem que Winky foi libertada? Ah, que vergonha, que vergonha! – Ela escondeu o rosto na saia e abriu um berreiro.
– Winky – disse Hermione com firmeza –, tenho certeza de que o Sr. Crouch vai indo muitíssimo bem sem você. A gente o viu, sabe...
– A senhorita tem visto o meu amo? – perguntou Winky sem fôlego, erguendo o rosto manchado de lágrimas da saia, mais uma vez, e arregalando os olhos para Hermione. – A senhorita tem visto ele aqui em Hogwarts?
– Tenho. Ele e o Sr. Bagman são juízes no Torneio Tribruxo.
– O Sr. Bagman vem também? – guinchou Winky e, para grande surpresa de Harry (e de Rony e Hermione também, pela expressão no rosto deles), ela

pareceu novamente zangada. – O Sr. Bagman é um bruxo malvado! Um bruxo muito malvado! Meu amo não gosta dele, ah, não, nem um pouquinho!

– Bagman... malvado? – exclamou Harry.

– Ah é – disse Winky, acenando furiosamente com a cabeça. – Meu dono contou a Winky umas coisas! Mas Winky não vai repetir... Winky... Winky guarda os segredos do amo...

E mais uma vez ela se debulhou em lágrimas; os garotos a ouviam soluçar escondida na saia.

– Coitado do meu amo, coitado do meu amo, não tem mais a Winky para ajudar!

Os garotos não conseguiram extrair de Winky nem mais uma palavra que fizesse sentido. Deixaram-na chorar e terminaram o chá, enquanto Dobby tagarelava alegremente sobre sua vida de elfo liberto e seus planos para o seu ordenado.

– A próxima coisa que Dobby vai comprar é uma suéter sem mangas, Harry Potter! – disse ele alegremente, apontando para o peito nu.

– Vou lhe dizer o que vou fazer – disse Rony, que parecia ter se afeiçoado muito ao elfo. – Vou lhe dar a suéter que minha mãe tricotar para mim este Natal, eu sempre ganho um. Você não tem nada contra a cor marrom, tem?

Dobby ficou encantado.

– Talvez a gente tenha que dar uma encolhida nele para caber em você, mas vai combinar bem com o seu abafador de chá.

Quando se preparavam para ir embora, muitos elfos que os cercavam se aproximaram, oferecendo lanchinhos para os garotos levarem. Hermione recusou, com uma expressão constrangida, ao ver a maneira com que os elfos continuavam a se curvar e fazer reverências, mas Harry e Rony encheram os bolsos com bolos e tortas.

– Muito obrigado! – disse Harry aos elfos, que tinham se agrupado em torno da porta para lhes desejar boa-noite. – Até à vista, Dobby.

– Harry Potter... Dobby pode ir ver o senhor de vez em quando, meu senhor? – perguntou Dobby tenteando.

– Claro que pode – disse o garoto e o elfo abriu um sorriso.

– Sabe de uma coisa? – disse Rony, depois que ele, Hermione e Harry haviam deixado a cozinha para trás e já estavam subindo as escadas para o saguão de entrada. – Todos esses anos sempre fiquei realmente impressionado com a capacidade de Fred e Jorge pegarem comida na cozinha, ora não é nada difícil, não é mesmo? Os caras mal podem esperar para dar a comida!

– Acho que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido a esses elfos, sabe – disse Hermione seguindo à frente para subir a escadaria de mármore. – Dobby

ter vindo trabalhar aqui, quero dizer. Os outros elfos vão ver como ele está feliz, depois de libertado, e devagarinho vão se lembrar de desejar a mesma coisa!

– Vamos esperar que eles não prestem muita atenção na Winky – disse Harry.

– Ah, ela vai se animar – disse Hermione, embora parecesse meio em dúvida. – Depois que passar o choque e ela se acostumar a Hogwarts, vai ver que está muito melhor sem o tal do Crouch.

– Mas ela parece que ama o cara – disse Rony com a voz engrolada (acabara de morder o bolo).

– Mas ela não tem uma boa opinião do Bagman, não é? – comentou Harry. – Que será que Crouch diz dele em casa?

– Provavelmente diz que Bagman não é um bom chefe de departamento – disse Hermione –, e vamos ser sinceros... ele tem razão, não acham?

– Mesmo assim, eu preferia trabalhar para ele do que para o velho Crouch – disse Rony. – Pelo menos Bagman tem senso de humor.

– Não deixa o Percy escutar você dizendo isso – falou Hermione, dando um sorrisinho.

– É, Percy não iria querer trabalhar para ninguém que tivesse senso de humor, não é mesmo? – disse Rony, agora começando a comer a bomba de chocolate. – Percy não reconheceria uma piada nem que ela dançasse pelada na frente dele, usando só o abafador de chá do Dobby na cabeça.

— CAPÍTULO VINTE E DOIS —

A tarefa inesperada

– Potter! Weasley! *Querem prestar atenção?*

A voz irritada da Profª McGonagall estalou como um chicote pela aula de Transfiguração de quinta-feira, os dois garotos levaram um susto e ergueram a cabeça.

A aula chegava ao fim; eles tinham terminado a tarefa dada; as galinhas-da-guiné que tentavam transformar em porquinhos-da-índia já estavam trancadas em uma grande gaiola sobre a escrivaninha da professora (o porquinho-da-índia de Neville ainda conservava as penas); tinham copiado do quadro-negro o dever de casa (“Descreva, com exemplos, como os Feitiços de Transfiguração devem ser adaptados ao se fazerem trocas cruzadas entre espécies”). A sineta devia tocar a qualquer momento e Harry e Rony, que andavam travando uma luta de espadas com umas varinhas falsas de Fred e Jorge, no fundo da sala, ergueram a cabeça, Rony agora segurando um papagaio de lata e Harry, um hadoque de borracha.

– Agora que Potter e Weasley tiveram a bondade de parar com as criancices – disse a professora, lançando um olhar feio aos dois no momento em que a cabeça do hadoque de Harry se pendurou para o lado e caiu silenciosamente no chão, o bico do papagaio de Rony se partira momentos antes –, tenho um aviso para dar a todos.

“O Baile de Inverno está próximo, é uma tradição do Torneio Tribruxo e uma oportunidade para convivermos socialmente com os nossos hóspedes estrangeiros. Agora, o baile só será franqueado aos alunos do quarto ano em diante, embora vocês possam convidar um aluno mais novo se quiserem...”

Lilá Brown deixou escapar uma risadinha aguda. Parvati Patil deu-lhe uma cutucada nas costelas com força, o rosto contraindo-se furiosamente enquanto ela, também, lutava para não rir feito boba. As duas viraram a cabeça para olhar

Harry. A professora fingiu não vê-las, o que Harry achou que era uma nítida injustiça, pois acabara de chamar a atenção dele e de Rony.

– O traje é a rigor – continuou a professora –, e o baile, no Salão Principal, começará às oito horas e terminará à meia-noite, no dia de Natal. Então...

A Profª McGonagall olhou deliberadamente para a turma.

– O Baile de Inverno naturalmente é uma oportunidade para todos nós... hum... para nos soltarmos – disse ela em tom de desaprovação.

Lilá deu mais risadinhas que nunca, tampando a boca com a mão para abafar o som. Dessa vez Harry pôde entender qual era a graça: a Profª McGonagall, com os cabelos presos, não tinha jeito de que algum dia fosse se soltar em nenhum sentido.

– Mas isto não significa – continuou ela – que vamos relaxar os padrões de comportamento que se espera dos alunos de Hogwarts. Ficarei seriamente aborrecida se, de alguma maneira, um aluno da Grifinória envergonhar a escola.

A sineta tocou e ouviram-se os costumeiros ruídos de gente guardando o material nas mochilas e atirando-as por cima dos ombros.

A professora chamou, sobrepondo-se ao barulho geral:

– Potter, uma palavrinha, por favor.

Supondo que fosse alguma coisa relacionada com o hadoque de borracha decapitado, Harry dirigiu-se, com ar de desânimo à escrivaninha da professora.

A Profª McGonagall esperou até o resto da turma sair e então disse:

– Potter, os campeões e seus pares...

– Que pares? – perguntou Harry.

A professora olhou desconfiada para o garoto, como se achasse que ele estava querendo ser engraçado.

– Os pares para o Baile de Inverno, Potter – explicou ela com frieza. – *Os pares de dança*.

As entranhas de Harry pareceram se enroscar e murchar.

– Pares de dança?

Ele sentiu que estava corando.

– Eu não danço – disse depressa.

– Ah, dança sim, senhor – disse a professora irritada. – É o que estou lhe dizendo. Tradicionalmente os campeões abrem o baile com os seus pares.

Harry teve uma súbita visão de si mesmo, de casaca e cartola, acompanhado por uma garota com aquele tipo de vestido de babadinhos que a tia Petúnia sempre usava nas festas de negócios do tio Válter.

– Eu não vou dançar.

– É a tradição – disse a Profª Minerva com firmeza. – Você é um dos

campeões de Hogwarts e vai fazer o que se espera de você como representante de sua escola. Portanto providencie um par, Potter.

– Mas eu... não...

– Você me ouviu, Potter – disse ela, em tom de quem encerra a conversa.

Há uma semana, Harry teria dito que arranjar um par para dançar era moleza se comparado a enfrentar um Rabo-Córneo húngaro. Mas agora que cumprira aquela tarefa e se confrontava com a perspectiva de convidar uma garota para o baile, ele achou que preferia enfrentar mais uma rodada com o dragão.

Harry nunca vira tanta gente inscrever os nomes para passar o Natal em Hogwarts; ele sempre se inscrevia, naturalmente, porque sua alternativa, em geral, era regressar à rua dos Alfeneiros, mas até agora ele sempre fora minoria. Este ano, porém, todo mundo do quarto ano para cima parecia querer ficar, e todos pareciam a Harry obcecados pelo tal baile – ou, pelo menos, todas as garotas estavam, e era espantoso quantas garotas Hogwarts de repente parecia abrigar; ele nunca reparara muito bem nisso. Garotas que davam risadinhas e cochichavam pelos corredores, garotas que riam alto quando os garotos passavam por elas, garotas que comparavam informações, excitadas, sobre o que iam usar na noite de Natal...

– Por que é que elas têm que andar em bandos? – perguntou Harry a Rony, quando uma dúzia de garotas passou por eles, rindo e olhando para Harry. – Como é que se vai encontrar uma sozinha para se convidar?

– Que tal laçar uma – sugeriu Rony. – Já tem ideia de quem é que você vai tentar convidar?

Harry não respondeu. Sabia perfeitamente quem é que ele *gostaria* de convidar, mas arranjar coragem para fazê-lo era outra conversa... Cho era um ano mais velha do que ele; era muito bonita; era uma boa jogadora de quadribol e também muito popular.

Rony parecia saber o que se passava na cabeça de Harry.

– Escuta, você não vai ter nenhuma dificuldade. Você é campeão. Acabou de derrotar o Rabo-Córneo húngaro. Aposto como elas vão fazer fila para ir com você.

Em homenagem à amizade recém-remendada entre os dois, Rony procurou deixar um mínimo absoluto de amargura transparecer em sua voz. Além disso, para sua surpresa, Harry descobriu que o amigo tinha razão.

Uma terceiranista da Lufa-Lufa, de cabelos crespos, com quem Harry jamais falara na vida, convidou-o para ir ao baile com ela, logo no dia seguinte. Ele ficou tão surpreso que respondeu “não” antes mesmo de parar para refletir sobre o convite. A garota se afastou parecendo bem magoada, e Harry teve que aturar

as piadas de Dino, Simas e Rony sobre ela durante toda a aula de História da Magia. No dia seguinte, mais duas garotas o convidaram, uma do segundo ano e (para seu horror) uma do quinto ano, que parecia ser capaz de nocauteá-lo se ele recusasse.

– Ela era bem jeitosa – disse Rony querendo ser justo, depois que parou de dar risadas.

– Ela era bem uns trinta centímetros mais alta que eu – disse Harry, ainda nervoso. – Imagina com que cara eu ia ficar tentando dançar com ela.

As palavras de Hermione a respeito de Krum não paravam de lhe voltar à lembrança: "Elas só gostam dele porque ele é famoso!" Harry duvidava muito que as garotas que até então o haviam convidado para ser seu par iriam querer acompanhá-lo ao baile se ele não fosse campeão da escola. Depois se perguntou se isto o incomodaria se fosse Cho que o convidasse.

Mas, de modo geral, Harry teve que admitir que, mesmo com a perspectiva constrangedora de abrir o baile dali a uns dias, a vida decididamente melhorara desde que ele cumprira a primeira tarefa. Não atraía mais tantos comentários desagradáveis no corredor, no que ele suspeitava que havia dedo de Cedrico – tinha a impressão de que o campeão talvez tivesse dito ao pessoal da Lufa-Lufa para deixar Harry em paz, em gratidão pela dica que recebera sobre os dragões. Parecia haver menos *Apoie CEDRICO DIGGORY* pela escola, também. Draco Malfoy, naturalmente, continuava a citar o artigo de Rita Skeeter para ele sempre que encontrava oportunidade, mas cada dia arrancava menos risadas – e só para melhorar a sensação de bem-estar de Harry, não aparecera história alguma sobre Hagrid no *Profeta Diário*.

– Ela não parecia muito interessada em criaturas mágicas, para lhe dizer a verdade – contou Hagrid, quando Harry, Rony e Hermione lhe perguntaram como correra sua entrevista com a jornalista na última aula de Trato das Criaturas Mágicas do trimestre. Para grande alívio dos garotos, Hagrid desistira do contato direto com os explosivins, e os alunos tinham simplesmente se abrigado nos fundos da cabana, sentados a uma mesa de cavalete, para preparar uma seleção fresca de alimentos com os quais tentar os bichos.

"Ela só queria que eu falasse sobre você, Harry", continuou Hagrid em voz baixa. "Bem, eu contei que somos amigos desde que fui buscá-lo na casa dos Dursley. 'Nunca teve que ralhar com ele em quatro anos?', ela perguntou. 'Nunca fez bagunça na sua aula?' Eu disse que não e parece que ela não gostou nem um pouco da resposta. Acho que queria que eu dissesse que você era uma dor de cabeça, Harry."

– Claro que queria – disse Harry, atirando pedaços de fígado de dragão numa grande tigela de metal e apanhando a faca para continuar a cortar. – Ela não pode

continuar a escrever que sou um heroizinho trágico, vai acabar ficando chato.
– Ela quer um novo ângulo – comentou Rony sensatamente enquanto descascava ovos de salamandra. – Queria que você dissesse que Harry era um delinquente doidão!
– Mas ele não é! – exclamou Hagrid parecendo sinceramente chocado.
– A Rita devia ter entrevistado Snape – disse Harry sério. – Ele teria dado o serviço completo sobre mim sem pestanejar. *Potter tem transgredido limites desde que chegou a esta escola...*
– Ele disse isso, foi? – perguntou Hagrid enquanto Rony e Hermione davam risadas. – Você pode ter atropelado algumas regras, Harry, mas sinceramente você é um bom menino, não é?
– Obrigado, Hagrid – disse Harry rindo.
– Você vai a esse tal baile no dia de Natal, Hagrid? – perguntou Rony.
– Pensei em dar uma passada lá – respondeu ele com impaciência. – Vai ser legal, acho. Você vai abrir o baile, não é, Harry? Quem é que você vai levar?
– Por enquanto ninguém – respondeu o garoto, sentindo que estava corando. Hagrid não insistiu no assunto.
A última semana do trimestre foi ficando cada vez mais animada à medida que os dias passavam. Corriam boatos sobre o Baile de Inverno por todo lado, embora Harry não acreditasse nem na metade – por exemplo, que Dumbledore comprara oitocentos barris de quentão de Madame Rosmerta. Mas parecia ser verdade que ele contratara as Esquisitonas. Exatamente quem ou o quê eram as Esquisitonas o garoto não sabia, pois nunca tivera acesso à rádio bruxa, mas deduzia, pela excitação gerada nos garotos que haviam crescido ouvindo a RRB (Rede Radiofônica dos Bruxos), que eram um famoso grupo musical.
Alguns professores, como o nanico Prof. Flitwick, desistiram de tentar ensinar aos garotos alguma coisa quando suas cabecinhas estavam tão visivelmente longe dali; ele os deixou fazerem jogos durante a aula de quarta-feira, e passou a maior parte do tempo conversando com Harry sobre maneiras de aperfeiçoar o Feitiço Convocatório que ele usara durante a primeira tarefa do Torneio Tribruxo. Outros professores não foram tão generosos. Nada poderia jamais desviar o Prof. Binns, por exemplo; continuou a dar as revoltas dos duendes – como Binns não permitira sequer que a própria morte o impedisse de continuar ensinando, os garotos supunham que uma bobaginha feito o Natal não fosse perturbá-lo. Era espantoso como o professor conseguia fazer até as revoltas mais sangrentas e encarniçadas parecerem tão tediosas quanto o relatório de Percy sobre os fundos dos caldeirões. Os professores McGonagall e Moody também fizeram os garotos trabalhar até o último segundo de aula, e quanto a Snape, seria mais fácil ele adotar Harry do que deixar seus alunos fazerem jogos durante

a aula. Contemplando a turma com um ar malvado, informou-a de que aplicaria um teste sobre antídotos a venenos na última aula do trimestre.

– Perverso é o que ele é – disse Rony, com amargura, àquela noite na sala comunal da Grifinória. – Dar um teste no último dia. Estragar o finalzinho do trimestre com um monte de revisões.

– Hum... mas não se pode dizer que você esteja se matando de estudar, não é? – comentou Hermione, olhando para o garoto por cima dos seus apontamentos sobre Poções. Rony estava entretido construindo um castelo de cartas com o baralho de Snap Explosivo, um passatempo muito mais interessante do que o que se faz com o baralho dos trouxas, dada a possibilidade da coisa toda explodir a qualquer instante.

– É Natal, Hermione – disse Harry cheio de preguiça; o garoto estava relendo *Voando com os Cannons*, pela décima vez, numa poltrona ao lado da lareira.

Hermione lhe lançou, também, um olhar severo.

– Pensei que você estaria fazendo alguma coisa construtiva, Harry, mesmo que não queira aprender os antídotos!

– Como o quê? – perguntou Harry, enquanto acompanhava Joey Jenkins dos Cannons rebater violentamente um balaço contra o artilheiro do Ballycastle Bats.

– Aquele ovo! – sibilou Hermione.

– Ah, vai, Hermione, tenho até o dia vinte e quatro de fevereiro – respondeu o garoto.

Harry guardara o ovo de ouro em seu malão no dormitório e não o abrira desde a festa de comemoração da primeira tarefa. Afinal, ainda faltavam dois meses até que lhe exigissem o significado daquele grito de agouro.

– Mas pode levar semanas para você chegar a uma conclusão! Você vai parecer um perfeito idiota se os outros campeões souberem a resposta para a próxima tarefa e você não.

– Deixa ele em paz, Mione, ele conquistou o direito de tirar uma folga – disse Rony enquanto colocava as duas últimas cartas no topo do castelo e a coisa toda explodia chamuscando suas sobrancelhas.

– Ficou legal, Rony... vai combinar bem com as suas vestes a rigor, ah, isso vai.

Eram Fred e Jorge. Sentaram-se à mesa com os três garotos enquanto Rony apalpava o rosto para avaliar o estrago.

– Rony, podemos pedir Pichitinho emprestado? – perguntou Jorge.

– Não, ele está fora entregando uma carta. Por quê?

– Porque Jorge quer convidar sua coruja para ir ao baile – disse Fred sarcasticamente.

– Porque *nós* gosta ríamos de mandar uma carta, seu panacão – disse Jorge.

– Para quem é que você tanto escreve, hein? – perguntou Rony.
– Não mete o nariz, Rony, ou vou queimar ele para você, também – disse Fred, acenando a varinha num gesto de ameaça. – Então... vocês já arranjaram par para o baile?
– Não – respondeu Rony.
– Então é melhor andarem depressa, companheiros, ou todas as garotas legais vão estar ocupadas – disse Fred.
– Com quem é que vocês vão, então?
– Angelina – disse Fred prontamente, sem o menor constrangimento.
– Quê? – disse Rony espantado. – Você já a convidou?
– Bem lembrado – disse Fred. E virando a cabeça gritou para o outro extremo da sala comunal: – Oi! Angelina!
Angelina, que estava conversando com Alícia Spinnet perto da lareira, olhou para o garoto.
– Que foi? – perguntou em resposta.
– Quer ir ao baile comigo?
Angelina lançou um olhar a Fred como se o avaliasse.
– Tudo bem – disse ela e tornou a se virar para Alícia para retomar a conversa, com um sorrisinho no rosto.
– Pronto – disse Fred a Harry e Rony –, moleza.
Levantou-se, então, se espreguiçou e disse:
– É melhor usarmos uma coruja da escola, então, Jorge, vamos...
Os dois saíram. Rony parou de apalpar as sobrancelhas e olhou para Harry por cima dos restos fumegantes do seu castelo de cartas.
– A gente *devia* começar a se mexer, sabe... convidar alguém. Ele tem razão. Não queremos acabar com um par de trasgos.
Hermione deixou escapar uma exclamação de indignação.
– Com licença... um par do *quê*?
– Bom... sabe – respondeu Rony, encolhendo os ombros –, eu prefiro ir sozinho do que com... com Heloísa Midgeon, digamos.
– A acne dela melhorou à beça ultimamente, e ela é bem legal!
– Tem o nariz fora de esquadro.
– Ah, entendo – disse Hermione, encrespando. – Então, basicamente, você vai levar a garota mais bonita que aceitar você, mesmo que ela seja completamente intragável?
– Hum... é, é por aí – disse Rony.
– Eu vou dormir – retorquiu Hermione e saiu num repelão em direção à escada para o dormitório das garotas, sem dizer mais nada.

Os funcionários de Hogwarts, demonstrando um constante interesse em impressionar os visitantes de Beauxbatons e Durmstrang, pareciam decididos a mostrar o castelo em sua melhor forma neste Natal. Quando armaram as decorações, Harry reparou que eram as mais fantásticas que ele já vira no interior da escola. Pingentes de gelo perene tinham sido presos nos balaústres da escadaria de mármore; as doze árvores de Natal que sempre eram montadas no Salão Principal estavam enfeitadas com tudo, desde frutinhas vermelhas luminosas até corujas douradas vivas que piavam, e as armaduras tinham sido enfeitiçadas para cantar canções tradicionais de Natal quando alguém passasse por elas. Era impressionante ouvir "O' vinde adoremos" cantado por um elmo vazio que só sabia metade da letra. Várias vezes, Filch, o zelador, teve que retirar Pirraça de dentro da armadura, onde ele pegara a mania de se esconder, preenchendo as lacunas das canções com palavras de sua própria invenção, todas muito grosseiras.

E Harry ainda não convidara Cho para o baile. Ele e Rony estavam ficando muito nervosos agora, embora Harry lembrasse que o amigo pareceria muito menos idiota sem par do que ele; Harry teria que abrir o baile com os outros campeões.

– Imagino que sempre tem a Murta Que Geme – disse Harry desanimado, referindo-se ao fantasma que assombrava o banheiro das garotas no segundo andar.

– Harry, a gente só tem que cerrar os dentes e mandar ver – disse Rony na sexta-feira pela manhã, num tom que sugeria que os dois estavam planejando tomar de assalto uma fortaleza inexpugnável. – Quando voltarmos ao salão comunal hoje à noite, teremos arranjado dois pares, topa?

– Hum... OK – disse Harry.

Mas todas as vezes que ele viu Cho naquele dia – no intervalo das aulas, depois do almoço, e uma vez a caminho da aula de História da Magia – ela estava cercada de amigas. Será que a garota *nunca* ia a lugar algum sozinha? Será que ele talvez pudesse surpreendê-la quando estivesse entrando no banheiro? Mas não – parecia até que ela entrava ali também com um séquito de quatro ou cinco colegas. Contudo, se ele não a convidasse logo, quando o fizesse ela já teria sido convidada por outro.

Harry achou difícil se concentrar no teste de Snape sobre antídotos e, em consequência, esqueceu de acrescentar um ingrediente básico – o benzoar –, o que significou que recebeu uma nota baixa. Mas ele não se incomodou; estava ocupado demais reunindo coragem para o que pretendia fazer. Quando a sineta tocou, ele agarrou a mochila e correu para a porta da masmorra.

– Encontro vocês na hora do jantar – disse a Rony e Hermione, e saiu

correndo escada acima.
Teria que pedir a Cho uma palavrinha em particular, só isso... assim, saiu apressado pelos corredores apinhados procurando a garota e encontrou-a (mais cedo do que esperava), saindo da aula de Defesa Contra as Artes das Trevas.
– Hum... Cho? Posso dar uma palavrinha com você?
Risadinhas deviam ser proibidas por lei, pensou Harry furioso, quando as garotas à volta de Cho começaram a rir. Mas ela não. Respondeu:
– OK – e acompanhou-o até ficarem fora do alcance dos ouvidos das colegas.
Harry virou-se para olhá-la e seu estômago afundou de um jeito esquisito, como se ele tivesse descido dois degraus de uma vez, sem querer.
– Hum – começou ele.
Não podia convidá-la. Não podia. Mas tinha que convidá-la. Cho ficou parada ali com uma expressão intrigada, olhando para ele.
As palavras saíram antes que Harry conseguisse tirar a língua do caminho.
– *Queriraobailecomigo?*
– Desculpe, não ouvi – disse Cho.
– Você quer... você quer ir ao baile comigo? – disse Harry. Por que tinha que ficar vermelho justamente agora? *Por quê?*
– Ah! – exclamou Cho, corando também. – Ah, Harry, sinceramente sinto muito – e seu rosto parecia confirmar isso. – Eu já disse que iria com outro garoto.
– Ah – disse Harry.
Era estranho; um momento antes suas entranhas estavam revirando como cobras, mas de repente ele parecia não ter mais entranhas.
– Ah, OK, não faz mal.
– Sinto muito mesmo – repetiu a garota.
– Tudo bem.
Eles ficaram ali parados se olhando, então Cho disse:
– Bom...
– É – disse ele.
– Então, tchau – disse a garota ainda muito vermelha. E se afastou.
Harry chamou-a antes que pudesse se conter.
– Com quem é que você vai?
– Ah... Cedrico. Cedrico Diggory.
– Ah, certo.
As entranhas dele tinham voltado ao lugar. Pareciam ter-se enchido de chumbo durante a ausência.
Esquecendo-se completamente do jantar, ele subiu devagarinho a escada para a Torre da Grifinória. A voz de Cho ecoava em seus ouvidos a cada passo.

“Cedrico... Cedrico Diggory.” Harry tinha até começado a gostar de Cedrico – se dispusera a esquecer o fato de que o garoto o derrotara no quadribol, e era bonito e popular, e era praticamente o campeão favorito da escola. Agora, de repente, ele se dava conta de que Cedrico era na realidade um garoto bonito e inútil que não tinha cérebro suficiente para encher um oveiro.

– *Luzes encantadas* – disse secamente à Mulher Gorda, a senha fora trocada na véspera.

– Com certeza, meu querido! – chilreou ela, acertando a faixa de lantejoulas nos cabelos ao girar para a frente para admitir o garoto.

Ao entrar na sala comunal, Harry correu os olhos pelo aposento, e para sua surpresa, viu Rony sentado, de rosto branco, num canto distante. Gina estava ao seu lado conversando, aparentemente numa voz baixa de quem consola.

– Que aconteceu, Rony? – perguntou Harry se juntando aos dois.

Rony ergueu os olhos para Harry, uma expressão de horror no rosto.

– Por que fiz aquilo? – perguntou ele enlouquecido. – Não sei o que me obrigou a fazer aquilo!

– O quê?

– Ele... hum... convidou Fleur Delacour para ir ao baile – disse Gina. Parecia que estava fazendo força para não rir, mas continuou a dar palmadinhas no braço de Rony, demonstrando sua solidariedade.

– Você o *quê*?

– Não sei o que me obrigou a fazer aquilo! – exclamou Rony outra vez. – Quem é que eu estava fingindo que era? Havia gente, a toda volta, fiquei maluco, todo mundo olhando! Eu estava passando por ela no saguão de entrada, Fleur estava parada conversando com Diggory, e uma coisa parece que se apoderou de mim, e convidei!

Rony gemeu e enterrou o rosto nas mãos. Ele não parava de falar embora fosse difícil distinguir o que dizia.

– A garota olhou para mim como se eu fosse um verme ou coisa parecida. Nem me respondeu. E então... não sei... parece que recuperei o juízo e me mandei dali.

– Ela é parte veela – disse Harry. – Você tinha razão, a avó dela era veela. Não foi sua culpa, aposto como você passou na hora em que ela estava jogando charme para Diggory e você foi atingido, mas ela está perdendo tempo. Ele vai levar Cho.

Rony levantou a cabeça.

– Eu acabei de convidá-la para ir comigo – disse Harry sem emoção –, e ela me contou.

Gina de repente parara de sorrir.

– Isso é uma piração – disse Rony –, somos os únicos que não têm ninguém, bem, tirando o Neville. Ei, adivinha quem ele convidou? *Mione!*

– *Quê!* – exclamou Harry, completamente distraído pela surpreendente notícia.

– É, eu sei! – disse Rony, um pouco de cor voltando ao seu rosto quando ele começou a rir. – Neville me contou depois da aula de Poções! Disse que ela sempre foi muito legal, que o ajudava nos estudos, mas Mione falou que já estava indo com alguém. Ha! Como se fosse! Ela só não queria ir com o Neville... quero dizer, quem iria querer?

– Não! – disse Gina aborrecida. – Não ria...

Naquele instante Hermione vinha passando pelo buraco do retrato.

– Por que vocês dois não foram jantar? – perguntou ela, vindo se reunir ao grupo.

– Porque... ah, parem de rir, vocês dois... porque as garotas que eles convidaram acabaram de recusar o convite! – disse Gina.

Isso fez os dois calarem a boca.

– Obrigado, Gina – disse Rony azedo.

– Todas as garotas bonitas já estão ocupadas, Rony? – perguntou Hermione com um ar superior. – A Heloísa Midgen está começando a parecer bem bonita, agora, não está não? Bem, tenho certeza de que vocês vão encontrar em *algum lugar* alguém que queira vocês.

Mas Rony estava encarando Hermione como se, de repente, a visse sob uma luz totalmente nova.

– Hermione, Neville tem razão, você *é* uma garota...

– Bem observado – respondeu ela com azedume.

– Então... você poderia acompanhar um de nós!

– Não, não poderia – retorquiu Hermione.

– Ah, vai – disse ele impaciente –, precisamos de pares, vamos fazer um papel realmente idiota se não tivermos nenhum, todos os outros têm...

– Não posso ir com vocês – disse Hermione, agora corando –, porque já estou indo com uma pessoa.

– Não, não está! – disse Rony. – Você só disse isso para se livrar de Neville!

– Ah, *foi*? – Os olhos de Hermione faiscaram perigosamente. – Só porque *você* levou três anos para reparar, Rony, não significa que mais *ninguém* tenha percebido que eu sou uma garota!

Rony arregalou os olhos para ela. Depois tornou a sorrir.

– OK, OK, sabemos que você é uma garota. Satisfeita? Você vai com a gente agora?

– Eu já falei! – disse Hermione muito zangada. – Estou indo com outra pessoa!

E saiu decidida em direção à escada para o dormitório das garotas.
– Ela está mentindo – sentenciou Rony, acompanhando-a com o olhar.
– Não está, não – disse Gina baixinho.
– Quem é a pessoa, então?
– Não vou dizer, não é da sua conta.
– Certo – disse ele, que parecia ofendidíssimo –, essa história está ficando idiota. Gina *você* pode ir com o Harry e eu vou...
– Não posso – respondeu Gina, e ela ficou vermelha também. – Estou indo com... com Neville. Ele me convidou quando Hermione disse não e eu achei... bem... de outro jeito eu não poderia ir, não estou no quarto ano. – Ela parecia infelicíssima. – Acho que vou descer para jantar – e dizendo isso, se levantou e saiu pelo buraco do retrato, de cabeça baixa.
Rony ficou olhando abobado para Harry.
– Que será que deu nelas? – perguntou.
Mas Harry acabara de ver Parvati e Lilá entrando pelo buraco do retrato. Chegara a hora de tomar atitudes drásticas.
– Espera aqui – disse ele a Rony, se levantou, saiu numa linha reta até Parvati e disse:
– Parvati? Quer ir ao baile comigo?
Parvati teve um acesso de risinhos. Harry esperou que ela terminasse, os dedos cruzados dentro do bolso das vestes.
– Tudo bem – disse por fim a garota, corando furiosamente.
– Obrigado – disse Harry, aliviado. – Lilá, você quer ir com o Rony?
– Ela vai com o Simas – respondeu Parvati e as duas tiveram outro acesso de risinhos ainda mais forte.
Harry suspirou.
– Sabem de alguém que pudesse ir com o Rony? – disse ele, baixando a voz de modo que o amigo não o ouvisse.
– Que tal a Hermione Granger? – sugeriu Parvati.
– Ela está indo com outra pessoa.
A garota fez cara de espanto.
– Aaaah... *quem*? – perguntou interessada.
Harry encolheu os ombros.
– Não faço ideia. Então, e o Rony?
– Bem... – disse Parvati lentamente. – Imagino que minha irmã talvez... Padma, sabe... da Corvinal. Eu pergunto a ela se você quiser.
– Quero, seria ótimo. Me avisa, está bem?
E ele voltou para onde Rony estava, com a sensação de que esse tal baile dava muito mais trabalho do que merecia, e desejou que o nariz de Padma Patil fosse

bem centrado no rosto.

— CAPÍTULO VINTE E TRÊS —

O Baile de Inverno

A pesar da pesada carga de deveres de casa que os alunos do quarto ano tinham recebido para as férias, Harry não estava com a menor vontade de estudar quando o trimestre terminou, e passou a semana que antecedeu o Natal divertindo-se o máximo possível como todos os outros alunos. A Torre da Grifinória não parecia mais vazia agora do que estivera durante o tempo de aulas; parecia até ter encolhido ligeiramente, porque seus moradores estavam muito mais barulhentos do que o normal. Fred e Jorge fizeram grande sucesso com os seus Cremes de Canário e, nos primeiros dois dias de férias, as pessoas não paravam de explodir em penas por todo o lado. Não tardou muito, porém, todos os alunos da Grifinória aprenderam a olhar a comida que outras pessoas ofereciam com extrema cautela, para a eventualidade de ter Creme de Canário escondido no meio, e Jorge confidenciou a Harry que ele e Fred agora estavam trabalhando em outra invenção. Harry fez uma anotação mental para, no futuro, jamais aceitar sequer uma batata frita de Fred e Jorge. Ele ainda não esquecera Duda e o Caramelo Incha-Língua.

Caía muita neve sobre o castelo e seus terrenos agora. A carruagem azul-clara da Beauxbatons parecia uma enorme abóbora coberta de gelo ao lado da casinha de bolo glaçado que era a cabana de Hagrid, enquanto as escotilhas do navio de Durmstrang estavam foscas e o cordame branco de gelo. Os elfos domésticos na cozinha se desdobravam para preparar pratos nutritivos, ensopados que aqueciam e sobremesas deliciosas, e somente Fleur Delacour parecia ser capaz de encontrar de que reclamar.

– É pesada demais, essa comida de Ogwarts – ouviram-na reclamar mal-humorada, quando, certa noite, deixavam o Salão Principal atrás dela (Rony escondendo-se atrás de Harry, cuidando para não ser visto por Fleur). – Não vou caberr nas minhas vestes de baile!

– Aaah, mas que tragédia – comentou Hermione na hora em que Fleur ia chegando ao saguão de entrada. – Ela realmente se acha muito importante, essa aí, não é?

– Hermione, com quem você vai ao baile? – perguntou Rony.

O garoto não parava de assediá-la com essa pergunta, na esperança de fazê-la responder sem querer ao ser perguntada quando menos esperasse. No entanto, Hermione meramente franzia a testa e dizia:

– Não vou lhe contar porque você iria caçoar de mim.

– Você está brincando, Weasley? – disse Malfoy às costas deles. – Você está dizendo que alguém convidou *isso* para ir ao baile? Não foi o sangue ruim de molares compridos, foi?

Harry e Rony se viraram na mesma hora, mas Hermione disse em voz alta, acenando para alguém por cima do ombro de Malfoy:

– Olá, Prof. Moody!

Malfoy ficou pálido e pulou para trás, procurando Moody com um olhar alucinado, mas o professor ainda estava à mesa, terminando seu ensopado.

– Que doninha nervosinha você é, hein? – comentou Hermione demonstrando desprezo, e ela, Rony e Harry subiram a escadaria de mármore dando boas risadas.

– Hermione – disse Rony, olhando para ela de esguelha e, de repente, franzindo a testa –, os seus dentes...

– Que têm eles?

– Bem, estão diferentes... acabei de notar...

– Claro que estão, você esperava que eu ficasse com aquelas presas que Malfoy me deu?

– Não, quero dizer, eles estão diferentes do que eram antes de ele lançar o feitiço em você... estão... retos e... do tamanho normal.

Hermione de repente sorriu muito travessamente, e Harry também reparou: era um sorriso diferente do que ele lembrava.

– Bem... quando fui procurar Madame Pomfrey para consertar os dentes, ela segurou um espelho e me disse para mandar ela parar quando os dentes voltassem ao tamanho normal. E eu deixei ela demorar um pouco mais. – Hermione deu um sorriso ainda maior. – Papai e mamãe não vão ficar muito satisfeitos. Estou tentando convencer os dois a me deixar reduzir os dentes há séculos, mas eles queriam que eu continuasse com o aparelho. Sabe, eles são dentistas, daí acharem que dentes e magia não devem... olhem lá! Pichitinho voltou!

A corujinha de Rony piava feito louca no alto da balaustrada enfeitada de pingentes de gelo, um rolo de pergaminho amarrado à perna. As pessoas que

passavam apontavam e riam, e um grupo de alunas do terceiro ano parou para comentar: “Ah, olha só que corujinha mínima! Não é uma *gracinha*?”

– Seu penoso babaca! – sibilou Rony correndo escada acima e agarrando Pichitinho. – Você entrega as cartas direto ao destinatário! Não fica por aí se exibindo!

Pichitinho piou alegremente, a cabeça espichando por cima da mão fechada de Rony. As garotas do terceiro ano pareceram muito chocadas.

– Caiam fora! – disse Rony rispidamente, sacudindo a mão que segurava a coruja, que piou ainda mais alegremente ao sair voando pelos ares. – Aqui, toma, Harry – acrescentou Rony em voz baixa, enquanto as garotas saíam correndo com o ar escandalizado. Ele puxou a resposta da perna de Pichitinho, Harry embolsou-a e os três correram a lê-la na Torre da Grifinória.

Todos na sala comunal estavam demasiado ocupados extravasando a agitação das férias para observar o que alguém mais estivesse fazendo. Harry, Rony e Hermione se sentaram afastados dos colegas, junto a uma janela escura que lentamente se cobria de neve e Harry leu em voz alta.

Caro Harry,

Parabéns por conseguir passar pelo Rabo-Córneo, quem pôs o seu nome naquele cálice não deve estar se sentindo muito feliz no momento! Eu ia sugerir um Feitiço Conjunctivitus*, porque os olhos do dragão são o seu ponto mais fraco...*

– Foi o que Krum usou! – murmurou Hermione.

... mas do seu jeito foi melhor, estou impressionado.

Porém, não fique se sentindo muito satisfeito consigo mesmo, Harry. Você só deu conta de uma tarefa; quem o inscreveu no torneio vai ter muitas outras oportunidades se quer realmente lhe fazer mal. Mantenha os olhos abertos – particularmente quando a pessoa de quem já falamos estiver por perto – e se concentre em não se meter em confusões.

Mande notícias, continuo querendo saber de qualquer coisa anormal.

Sirius

– Ele está falando exatamente a mesma coisa que Moody – disse Harry em voz baixa, guardando a carta dentro das vestes. – “Vigilância constante!” Parece até que eu ando por aí com os olhos fechados, ricocheteando nas paredes...

– Mas ele tem razão, Harry – disse Hermione –, você ainda *tem* duas tarefas a cumprir. Devia realmente dar uma olhada naquele ovo, sabe, e começar a estudar

o que significa...
– Hermione, ainda faltam séculos! – disse Rony com rispidez. – Quer jogar uma partida de xadrez, Harry?
– OK – disse Harry. Depois, vendo a expressão de Hermione: – Vamos, como é que vou me concentrar nessa barulheira? Não vou conseguir nem ouvir o ovo com essa turma berrando.
– Ah, imagino que não – suspirou ela, se sentando para assistir à partida, que terminou num excitante xeque-mate de Rony, envolvendo dois peões corajosos mas imprudentes e um bispo muito violento.

Harry acordou, de repente, na manhã de Natal. Imaginando o que teria causado o seu abrupto retorno à consciência, ele abriu os olhos e viu uma coisa de olhos muito grandes, verdes e redondos que o encarava na escuridão, tão próximo que a coisa e ele estavam quase nariz contra nariz.
– *Dobby!* – berrou Harry, afastando-se do elfo tão depressa que quase caiu da cama. – Não *faz* isso!
– Dobby sente muito, meu senhor! – esganiçou-se o elfo com a voz cheia de ansiedade, saltando pra trás com os longos dedos cobrindo a boca. – Dobby só está querendo desejar a Harry Potter "Feliz Natal" e lhe trazer um presente, meu senhor! Harry Potter disse que Dobby podia vir vê-lo um dia desses, meu senhor!
– Tudo bem – disse Harry, ainda respirando muito acelerado, enquanto seu coração voltava ao normal. – Da próxima vez é só me cutucar ou outra coisa assim, não se debruça sobre mim desse jeito...
Harry afastou as cortinas da cama, apanhou os óculos na mesa de cabeceira e colocou-os. Seu berro acordara Rony, Simas, Dino e Neville. Os quatro estavam espiando entre as cortinas de suas camas, as pálpebras pesadas e os cabelos desmanchados.
– Alguém está atacando você, Harry? – perguntou Simas sonolento.
– Não, é só o Dobby – resmungou Harry. – Pode voltar a dormir.
– Ah... presentes! – exclamou Simas, vendo a montanha aos pés de sua cama. Rony, Dino e Neville resolveram que, uma vez que estavam acordados, era melhor começarem a abrir os presentes, também. Harry se voltou para Dobby, que agora estava de pé, nervoso, ao lado de sua cama, ainda com o ar preocupado por ter perturbado o garoto. Havia um enfeite de Natal preso à argola do seu abafador.
– Dobby pode dar o presente dele a Harry Potter? – perguntou ele hesitante.
– Claro que pode. Hum... também tenho uma coisinha para você.
Era mentira; não comprara nada para Dobby, mas abriu depressa o seu malão

e tirou um par de meias enrolado, e particularmente cheias de bolotinhas. Eram suas meias mais velhas e piores, amarelo-mostarda e, tempos atrás, tinham pertencido ao tio Válter. A razão por que estavam tão embolotadas é que Harry as usava para embrulhar o bisbilhoscópio. Ele desembrulhou o objeto e entregou as meias a Dobby, dizendo:

– Desculpe, me esqueci de embrulhar...

Mas Dobby ficou absolutamente encantado.

– As meias são as peças favoritas, favoritas mesmo, de Dobby, meu senhor! – disse o elfo rasgando as meias velhas que calçava e pondo as do tio Válter. – Agora tenho sete, meu senhor... mas, meu senhor... – disse ele arregalando os olhos, depois de puxar as meias até onde pôde, de modo que elas chegaram à bainha dos seus shorts – eles se enganaram na loja, Harry Potter, lhe venderam duas meias iguais!

– Ah, não, Harry, como foi que você não viu isso! – exclamou Rony, rindo lá de sua cama, que agora estava juncada de papel de embrulho. – Vou dizer o que vou fazer, Dobby, aqui, tome mais duas e você pode combiná-las como deve ser. E aqui está sua suéter.

O garoto atirou para Dobby um par de meias roxas que acabara de desembrulhar e a suéter tricotada à mão que a Sra. Weasley lhe mandara.

Dobby não coube em si de contentamento.

– Meu senhor, o senhor é muito bondoso! – guinchou ele com os olhos transbordantes de lágrimas, fazendo profundas reverências para Rony. – Dobby sabia que o senhor devia ser um grande bruxo, porque é o maior amigo de Harry Potter, mas Dobby não sabia que também era tão grande em generosidade de alma, tão nobre, tão sem egoísmo...

– São apenas meias – disse Rony, cujas orelhas coraram ligeiramente, embora ele parecesse muito satisfeito. – Uau, Harry – ele acabara de abrir o presente de Harry, um boné do Chudley Cannon. – Maneiro! – Enfiou o boné na cabeça, onde a cor se chocou violentamente com os seus cabelos.

Dobby em seguida entregou um pacotinho a Harry, que continha nada menos que... meias.

– Dobby fez elas com as próprias mãos, meu senhor! – disse o elfo alegremente. – Comprou a lã com o ordenado dele, meu senhor!

A meia esquerda era vermelho-berrante e tinha uns desenhos de vassouras; a direita era verde, com um desenho de nós.

– Elas são... elas são realmente... ah, muito obrigado, Dobby – disse Harry e calçou-as, fazendo os olhos de Dobby marejarem novamente de felicidade.

– Dobby precisa ir agora, meu senhor, já estamos preparando o almoço de Natal na cozinha! – E saiu apressado do dormitório, acenando um adeus para

Rony e os outros garotos ao passar.

Os outros presentes de Harry foram muito mais satisfatórios do que as meias desparelhadas de Dobby – com exceção óbvia do presente dos Dursley, que consistia em uma única folha de papel absorvente, o mais pobre que já recebera, Harry supôs que eles, também, deviam estar se lembrando do Caramelo Incha-Língua. Hermione dera a Harry um livro intitulado *Os times de quadribol da Grã-Bretanha e da Irlanda*; Rony, uma grande sacola de bombas de bosta; Sirius, um canivete maneiro com acessórios para abrir qualquer porta e desfazer qualquer nó; e Hagrid, uma enorme caixa de doces com todos os que Harry mais gostava – Feijõezinhos de Todos os Sabores Bertie Botts, Sapos de Chocolate, Chicles de Baba-Bola e Delícias Gasosas. Ganhara, também, é claro, o pacote habitual da Sra. Weasley, incluindo uma nova suéter (verde com a estampa de um dragão – Harry imaginou que Carlinhos lhe contara tudo sobre o Rabo-Córneo) e uma grande quantidade de tortas caseiras de frutas secas.

Harry e Rony se encontraram com Hermione na sala comunal e desceram juntos para tomar o café da manhã. Os três passaram a maior parte da manhã na Torre da Grifinória, onde todos se divertiam com os presentes recebidos, depois voltaram ao Salão Principal para um almoço magnífico, que incluía no mínimo uns cem perus e pudins de Natal e montanhas de Bolachas Mágicas de Cribbage.

Os garotos saíram para os jardins à tarde; a neve estava intocada, exceto pelas valas fundas feitas pelos estudantes de Durmstrang e Beauxbatons a caminho do castelo. Hermione preferiu assistir à batalha de bolas de neve de Harry com os Weasley, em vez de tomar parte nela e, às cinco horas, disse que ia subir para se preparar para o baile.

– Quê, você precisa de três horas? – perguntou Rony, olhando para ela incrédulo e pagando por esse lapso de concentração: uma enorme bola, atirada por Jorge, atingiu-o com força do lado da cabeça. – Com quem é que você vai? – gritou ele para Hermione, mas a garota apenas acenou e desapareceu pela escada de acesso ao castelo.

Não houve o chá de Natal àquela tarde porque o baile incluía um banquete, de modo que às sete horas, quando ficou difícil fazer pontaria direito, os garotos abandonaram a batalha de bolas de neve e marcharam de volta ao salão comunal. A Mulher Gorda estava sentada em sua moldura com a amiga Violeta do andar de baixo, as duas extremamente tontas, caixas vazias de bombons recheados de licor amontoadas sob o quadro.

– *Lutas de Covil*, é isso aí! – riu-se ela quando os garotos disseram a senha, e ela girou o quadro para a frente para deixá-los passar.

Harry, Rony, Simas, Dino e Neville trocaram a roupa por vestes a rigor no dormitório, todos se sentindo muito constrangidos, mas nenhum tanto quanto

Rony, que se examinou no comprido espelho a um canto, com cara de desgosto. Não havia como contornar o fato de que as vestes dele pareciam mais um vestido do que qualquer outra coisa. Numa tentativa desesperada de fazê-las parecer mais masculinas, ele usou um Feitiço de Corte nos babados do decote e das mangas. Funcionou bastante bem; pelo menos se livrara das rendas, embora não tivesse feito um trabalho muito caprichado, e as barras ainda parecessem lastimavelmente esfiapadas quando eles desceram.

– Eu ainda não consigo entender como foi que vocês dois ficaram com as garotas mais bonitas do ano – murmurou Dino.

– Magnetismo animal – disse Rony deprimido, puxando fiapos das bainhas dos punhos.

O salão comunal estava com um ar estranho, cheio de gente usando diferentes cores em lugar da massa negra de sempre. Parvati esperava Harry ao pé da escada. Estava realmente muito bonita, com vestes rosa-choque, sua longa trança negra entrelaçada com ouro e pulseiras de ouro reluzindo nos braços. Harry se sentiu aliviado de ver que ela não estava dando risadinhas.

– Você... hum... está bonita – disse ele sem jeito.

– Obrigada. Padma vai se encontrar com você no saguão de entrada – acrescentou para Rony.

– Certo – disse Rony, olhando à volta. – Cadê Hermione?

Parvati deu de ombros.

– Vamos descer, então, Harry?

– OK – concordou o menino, desejando poder continuar no salão comunal. Fred piscou para ele ao passar pelo buraco do retrato.

O saguão de entrada também estava apinhado de estudantes, todos andando por ali à espera de que dessem oito horas, quando as portas para o Salão Principal seriam abertas. As pessoas que iam encontrar pares de outras Casas procuravam atravessar a aglomeração, tentando localizar uns aos outros. Parvati encontrou a irmã Padma e levou-a até Harry e Rony.

– Oi – cumprimentou Padma, que estava tão bonita quanto Parvati, de vestes turquesa-forte. Mas não parecia muito entusiasmada com a ideia de ter Rony como par; seus olhos escuros se demoraram nas mangas e no decote esfiapados das vestes do garoto quando o examinou de alto a baixo.

– Oi – disse Rony sem olhar para ela, mas espiando os convidados. – Ah, não...

Ele dobrou ligeiramente os joelhos para se esconder atrás de Harry, porque Fleur Delacour ia passando, absolutamente fantástica com suas vestes de cetim cinza-prateado, acompanhada pelo capitão do time de quadribol da Corvinal, Rogério Davies. Quando os dois desapareceram, Rony se endireitou e ficou

examinando as cabeças das pessoas que estavam de costas.
– Cadê a Hermione? – indagou outra vez.
Um grupo de alunos da Sonserina vinha subindo as escadas do seu salão comunal na masmorra. Malfoy à frente; usava vestes de veludo negro com a gola alta, que na opinião de Harry o faziam parecer um padre. Pansy Parkinson estava agarrada ao braço de Malfoy, com vestes rosa-claro cheias de babadinhos. Crabbe e Goyle vinham de verde; pareciam pedregulhos cobertos de limo e nenhum dos dois, Harry ficou satisfeito de constatar, conseguira encontrar um par.
As portas de carvalho da entrada se abriram e todos se viraram para olhar os alunos de Durmstrang entrarem com o Prof. Karkaroff. Krum vinha à frente da delegação, acompanhado por uma garota bonita, de vestes azuis, que Harry não conhecia. Por cima das cabeças do grupo, ele viu que a área do gramado logo à entrada do castelo fora transformada em uma espécie de gruta cheia de luzes encantadas – ou seja, centenas de fadinhas vivas encontravam-se sentadas nas roseiras que tinham sido conjuradas ali e esvoaçavam sobre as estátuas que pareciam representar Papai Noel e suas renas.
Então a voz da Profª Minerva McGonagall chamou:
– Campeões aqui, por favor!
Parvati ajeitou as franjas, sorridente; ela e Harry disseram “Vemos vocês daqui a pouco”, para Rony e Padma, e se adiantaram, a aglomeração de pessoas que conversavam se abriu para deixá-los passar. A professora, que trajava vestes a rigor de *tartan* vermelho, e enfeitara a aba do chapéu com uma guirlanda bem feiosa de cardos – a flor nacional da Escócia –, mandou-os esperar a um lado das portas, enquanto os demais entravam; eles deviam entrar no Salão Principal em cortejo, quando os outros estudantes se sentassem. Fleur Delacour e Rogério Davies pararam mais próximos às portas; Davies parecia tão aturdido com a sua sorte de ter Fleur como par que mal conseguia desgrudar os olhos dela. Cedrico e Cho ficaram ao lado de Harry; o garoto desviou o olhar para não precisar conversar com eles. Em lugar disso, seu olhar recaiu sobre a garota ao lado de Krum. Seu queixo caiu.
Era Hermione.
Mas ela não parecia nadinha com a Hermione. Fizera alguma coisa com os cabelos; não estavam mais lanzudos, mas lisos e brilhantes e enrolados num elegante nó na nuca. Estava usando vestes feitas de um tecido etéreo azul-pervinca, e tinha uma postura um tanto diferente – ou talvez fosse meramente a ausência dos vinte e tantos livros que ela normalmente carregava às costas. E sorria – um sorriso um pouco nervoso, era verdade –, mas a redução no tamanho dos dentes da frente era mais visível que nunca. Harry não conseguia

compreender como não a vira antes.

– Oi, Harry! – disse ela. – Oi, Parvati!

Parvati mirava Hermione com depreciativa incredulidade. E não era a única, tampouco; quando as portas do Salão Principal se abriram, o fã-clube de Krum que fazia ponto na biblioteca passou, lançando a Hermione olhares de profundo desprezo. Pansy Parkinson boquiabriu-se ao passar com Malfoy, e mesmo ele não pareceu capaz de encontrar uma ofensa para atirar a Hermione. Rony, porém, passou direto por ela sem sequer olhar.

Depois que estavam todos sentados no salão, a Profª Minerva mandou os campeões e seus pares formarem um cortejo, de dois em dois, e a seguiram. Os garotos obedeceram e todos no salão aplaudiram, quando eles entraram e se dirigiram a uma grande mesa redonda no fundo do salão, onde estavam sentados os juízes.

As paredes do salão estavam cobertas de gelo prateado e cintilante, com centenas de guirlandas de visco e azevinho cruzando o teto escuro salpicado de estrelas. As mesas das Casas haviam desaparecido; em lugar delas havia umas cem mesinhas iluminadas com lanternas, que acomodavam, cada uma, doze pessoas.

Harry se concentrou em não tropeçar nos próprios pés. Parvati parecia estar se divertindo; sorria radiante para todos, conduzindo Harry com tanta firmeza que ele teve a sensação de que era um cachorrinho de concurso que ela estava ensinando a desfilar. Ele avistou Rony e Padma ao se aproximar da mesa principal. Rony observava Hermione passar com os olhos apertados. Padma parecia chateada.

Dumbledore sorriu feliz quando os campeões se aproximaram da mesa principal, mas Karkaroff tinha uma expressão parecidíssima com a de Rony ao ver Krum e Hermione se aproximarem. Ludo Bagman, esta noite de vestes roxo-berrante, com grandes estrelas amarelas, batia palmas com tanto entusiasmo quanto qualquer estudante; e Madame Maxime, que trocara o uniforme costumeiro de cetim negro por um vestido rodado de seda lilás, os aplaudia educadamente. Mas o Sr. Crouch, Harry percebeu de súbito, não estava presente. A quinta cadeira à mesa estava ocupada por Percy Weasley.

Quando os campeões e seus pares chegaram à mesa, Percy puxou uma cadeira vazia ao seu lado, olhando significativamente para Harry. Harry entendeu a deixa e se sentou ao lado do garoto, que trajava vestes a rigor azul-marinho, novíssimas, e exibia uma expressão de grande presunção.

– Fui promovido – disse Percy, antes mesmo que Harry lhe perguntasse e, pelo seu tom, parecia estar anunciando sua eleição para Supremo Dirigente do Universo. – Agora sou assistente pessoal do Sr. Crouch, e estou aqui para

representá-lo.
– Por que é que ele não veio? – perguntou Harry. Não se sentia nada ansioso para passar o jantar ouvindo uma aula sobre o fundo dos caldeirões.
– Receio que o Sr. Crouch não esteja passando bem, nada bem. Não tem estado bem desde a Copa Mundial. O que não chega a surpreender, excesso de trabalho. Já não é tão jovem quanto era, embora continue genial, é claro, a cabeça continua brilhante como sempre foi. Mas a Copa Mundial foi um fiasco para todo o Ministério, e depois, o Sr. Crouch sofreu um grande choque pessoal com o mau comportamento do seu elfo doméstico, Blinky, ou sei lá que nome tinha. Naturalmente ele a dispensou em seguida, mas, bem, como disse, meu chefe está ficando velho, precisa de alguém para cuidar dele, e acho que seu conforto em casa sofreu um decidido baque desde que o elfo foi embora. Depois, então, tivemos que organizar o torneio, e o rescaldo da Copa Mundial para resolver, aquela nojenta da Skeeter xeretando por toda parte, não, coitado, ele está passando um tranquilo e merecido Natal. Só fico satisfeito por ele saber que tem alguém de confiança para substituí-lo.
Harry teve muita vontade de perguntar se o Sr. Crouch já parara de chamar Percy de “Weatherby”, mas resistiu à tentação.
Ainda não havia comida nas travessas de ouro, apenas pequenos menus diante de cada conviva. Harry apanhou o dele hesitante e espiou para os lados – não havia garçons. Dumbledore, no entanto, examinou atentamente o próprio menu, depois ordenou muito claramente ao seu prato:
– Costeletas de porco!
E as costeletas de porco apareceram. Entendendo a ideia, os demais ocupantes da mesa também fizeram os pedidos aos seus pratos. Harry olhou para Hermione a ver o que ela achava desse novo e complicado método de jantar – certamente significava muito mais trabalho para os elfos domésticos! –, mas, ao menos uma vez na vida, Hermione não parecia estar pensando no F.A.L.E. Estava profundamente absorta conversando com Vítor Krum e parecia nem notar o que estava comendo.
Agora ocorria a Harry que ele nunca chegara a ouvir Krum falar antes, mas sem dúvida o garoto estava falando agora e, pelo visto, com muito entusiasmo.
– Pom, temos um castelo também, non é ton grrande quanto este, nem ton conforrtável, acho – ia ele dizendo a Hermione. – Temos só quatrro andarres, e as larreirras só são acesas parra finalidades mágicas. Mas a prroprriedade em que ecstá a escola é ainda maiorr do que esta, emborra no inverrno a gente tenha muito pouca luz solarr, porr isso não aprroveitamos muito os jarrdins. Mas no verrão todo o dia sobrrevoamos os lagos e montanhas...
– Ora, ora, Vítor! – disse Karkaroff, com uma risada que não se estendeu aos

seus olhos frios. – Não vá contar mais nada, agora, ou a nossa encantadora amiga vai saber exatamente onde nos encontrar!

Dumbledore sorriu, seus olhos cintilando.

– Igor, tanto segredo... a pessoa poderia até pensar que você não quer visitas.

– Bom, Dumbledore – disse Karkaroff, mostrando os dentes amarelos –, todos protegemos os nossos domínios, não? Todos não guardamos zelosamente os templos de saber que nos foram confiados? Não estamos certos em nos orgulhar de que somente nós conhecemos os segredos de nossas escolas, e, mais uma vez, certos em protegê-las?

– Ah, eu nunca sonharia em presumir que conheço todos os segredos de Hogwarts, Igor – disse Dumbledore amigavelmente. – Ainda hoje de manhã, por exemplo, a caminho do banheiro, virei para o lado errado e me vi em um aposento de belas proporções que eu nunca vira antes, e que continha uma coleção realmente magnífica de penicos. Quando voltei para investigálo mais de perto, descobri que o aposento desaparecera. Mas preciso ficar atento para reencontrá-lo. É possível que só esteja acessível às cinco e meia da manhã. Ou talvez só apareça com a lua em quartil ou quando quem procura está com a bexiga excepcionalmente cheia.

Harry riu para dentro do prato de gulache. Percy franziu a testa, mas Harry poderia jurar que Dumbledore lhe dera uma piscadela quase imperceptível.

Entrementes, Fleur Delacour criticava as decorações de Hogwarts com Rogério Davies.

– Isse non é nada – disse ela contemplando as paredes cintilantes do Salão Principal com ar de pouco caso. – No Palace de Beauxbatons, tems esculturres de gelo em volta da sala de jantarr no Natall. Éles não derretem, é clarro... parrecem enorrmes estátues de diamante, faiscande pela sala. E a comida é simplesman superrbe. E temes corres de ninfes das mates, cantando serrenatas enquanto comemes. Não temes essas armadurras feies nos corrredorres e se um dia um polterrgeist entrrasse em Beauxbatons, serria expulso assim. – E ela bateu a mão com impaciência na mesa.

Rogério Davies observava a garota falar com uma expressão aturdida no rosto e a toda hora errava ao levar o garfo à boca. Harry teve a impressão de que o garoto estava ocupado demais admirando Fleur para escutar uma única palavra do que ela dizia.

– Absolutamente certa – disse ele depressa, batendo com a própria mão na mesa como fizera Fleur. – *Assim.* É claro.

Harry correu os olhos pelo salão. Hagrid estava sentado a uma das mesas reservadas aos professores; voltara a vestir o seu horrível terno peludo marrom, e tinha os olhos fixos na mesa principal. Harry o viu dar um discreto aceno e, ao

olhar para os lados, viu Madame Maxime retribuir o aceno, suas opalas faiscando à luz das velas.

Hermione agora ensinava Krum a pronunciar seu nome corretamente; ele não parava de chamá-la de Hermy-on.

– Her-mi-o-ne – dizia ela lenta e claramente.

– Herm-on-nini.

– Está bastante parecido – disse ela, encontrando os olhos de Harry e sorrindo.

Quando toda a comida fora consumida, Dumbledore se levantou e pediu aos estudantes que fizessem o mesmo. Então, a um aceno de sua varinha, as mesas se encostaram às paredes, deixando o salão vazio, em seguida ele conjurou uma plataforma ao longo da parede direita. Sobre ela foram colocados uma bateria, alguns violões, um alaúde, um violoncelo e algumas gaitas de foles.

As Esquisitonas subiram, então, no palco sob aplausos delirantemente entusiásticos; eram todas extremamente cabeludas, trajavam vestes negras que haviam sido artisticamente rasgadas. Apanharam seus instrumentos e Harry, que estivera tão interessado em observá-las que quase esqueceu o que viria a seguir, de repente percebeu que as lanternas de todas as outras mesas tinham se apagado e que os outros campeões e seus pares estavam em pé.

– Anda! – sibilou Parvati. – Temos que dançar!

Harry tropeçou nas vestes ao se levantar. As Esquisitonas tocaram uma música lenta e triste; Harry entrou na pista de dança bem iluminada, evitando cuidadosamente o olhar dos colegas (ele viu Simas e Dino acenarem para ele entre risinhos), e no momento seguinte, Parvati agarrara suas mãos, colocara uma em torno da própria cintura e segurava a outra na dela.

Não foi tão mal como poderia ter sido, pensou Harry, girando lentamente no mesmo lugar (Parvati o conduzia). Mantinha os olhos fixos sobre as cabeças das pessoas que assistiam, mas dali a pouco muitas delas também vieram para a pista de dança, de modo que os campeões deixaram de ser o centro das atenções. Neville e Gina dançavam próximos a ele – Harry via Gina fazer frequentes caretas sempre que Neville pisava seus pés – e Dumbledore valsava com Madame Maxime. Ficava tão pequeno junto a ela que a ponta do seu chapéu cônico mal roçava o queixo da bruxa; no entanto, Madame Maxime se movia graciosamente para uma mulher daquele tamanho. Olho-Tonto Moody estava seguindo um compasso de dois tempos extremamente desajeitado com a Profª Sinistra, que nervosamente evitava a perna de madeira do seu par.

– Belas meias, Potter – rosnou Moody ao passar, seu olho mágico espiando através das vestes de Harry.

– Ah... são, Dobby, o elfo doméstico, tricotou-as para mim – disse Harry, sorrindo.

– Ele dá *arrepios*! – sussurrou Parvati, quando Moody se afastou batendo a perna de pau. – Acho que não deviam *permitir* aquele olho dele!

Harry ouviu a última nota trêmula da gaita de foles com alívio. As Esquisitonas pararam de tocar, os aplausos encheram mais uma vez o Salão Principal e Harry soltou Parvati.

– Vamos sentar um pouco?

– Ah... mas... agora vem uma realmente boa! – disse Parvati, ao ouvir as Esquisitonas começarem uma nova música, que era muito mais movimentada.

– Não, não gosto dessa – mentiu Harry e conduziu a garota para fora da pista de dança, passando por Fred e Angelina, que dançavam com tanta exuberância que as pessoas à volta deles se afastavam com medo de se machucar, e se dirigiram à mesa em que Rony e Padma estavam sentados.

– Como é que vocês estão indo? – perguntou Harry a Rony, se sentando e abrindo uma garrafa de cerveja amanteigada.

Rony não respondeu. Olhava feio para Hermione e Krum, que dançavam ali perto. Padma estava sentada com os braços e as pernas cruzadas, um pé balançando ao ritmo da música. De vez em quando ela lançava um olhar aborrecido a Rony, que a ignorava completamente. Parvati se sentou do outro lado de Harry, cruzou os braços e as pernas também e, minutos depois, foi convidada a dançar por um garoto da Beauxbatons.

– Você se importa, Harry? – perguntou Parvati.

– Quê? – disse Harry, que estava observando Cho e Cedrico.

– Ah, nada – retrucou Parvati e saiu com o garoto da Beauxbatons. Quando a música terminou, ela não voltou.

Hermione apareceu e se sentou na cadeira vazia de Parvati. Estava com o rosto um pouco afogueado de dançar.

– Oi – disse Harry. Rony não disse nada.

– Está quente, não acham? – disse ela se abanando com a mão. – Vítor foi apanhar alguma coisa para a gente beber.

Rony lhe lançou um olhar irritado.

– *Vítor?* – disse ele. – Ele ainda não lhe pediu para chamá-lo de *Vitinho*?

Hermione olhou para o garoto surpresa.

– Que é que há com você?

– Se você não sabe – disse ele sarcasticamente –, não sou eu que vou lhe dizer.

Hermione encarou-o demoradamente, depois Harry, mas este sacudiu os ombros.

– Rony, que é...

– Ele é da Durmstrang – vociferou Rony. – Está competindo contra o Harry! Contra Hogwarts! Você... você está... – Rony obviamente estava procurando

palavras suficientemente fortes para descrever o crime de Hermione – *confraternizan do com o inimigo*, é isso que você está fazendo!

Hermione ficou boquiaberta.

– Não seja tão burro! – respondeu ela após um momento. – O *inimigo*! Francamente, quem é que ficou todo excitado quando viu o Krum chegar? Quem é que queria pedir um autógrafo a ele? Quem é que tem um modelinho dele no dormitório?

Rony preferiu ignorar as perguntas.

– Suponho que ele a tenha convidado para vir com ele quando os dois estavam na biblioteca?

– Isso mesmo – disse Hermione, as manchas rosadas em seu rosto se intensificando. – E daí?

– Que aconteceu, estava tentando convencê-lo a participar do *fale*, é?

– Não, não estava, não! Se você quer *realmente* saber, ele... ele disse que estava indo todos os dias à biblioteca para tentar falar comigo, mas não conseguia reunir coragem.

Hermione disse isso muito depressa e corou tanto que ficou quase da mesma cor do vestido de Parvati.

– É, é... isto é o que ele conta – disse Rony em tom desagradável.

– E o que é que você quer dizer com isso?

– É óbvio, não é? Ele é aluno do Karkaroff não é? E sabe que você anda em companhia do... ele só está tentando se aproximar do Harry, tirar informações sobre ele ou até chegar perto bastante para azarar ele...

Hermione pareceu ter sido esbofeteada por Rony. Quando falou, tinha a voz trêmula.

– Para sua informação, ele não me fez uma *única* pergunta sobre o Harry, nem umazinha...

Rony mudou o rumo da conversa com a velocidade da luz.

– Então está na esperança de você o ajudar a decifrar a mensagem do ovo! Suponho que tenham andado juntando as cabeças durante aquelas sessõezinhas íntimas na biblioteca...

– Eu *nunca* o ajudaria com aquele ovo! – exclamou Hermione, com ar de indignação. – *Nunca*. Como é que você pode dizer uma coisa dessas... eu quero que Harry vença o torneio. Harry sabe disso, não sabe, Harry?

– Você tem um jeito engraçado de demonstrar isso – desdenhou Rony.

– O torneio é justamente para se conhecer bruxos estrangeiros e fazer amizade com eles! – disse Hermione com voz aguda.

– Não é, não. É para se ganhar!

As pessoas estavam começando a olhar para eles.

– Rony – disse Harry em voz baixa –, eu não tenho nada contra Hermione vir com o Krum...
Mas Rony não deu atenção a Harry tampouco.
– Por que você não vai procurar o Vitinho, ele deve estar se perguntando aonde é que você anda – disse Rony.
– *Pare de chamá-lo de Vitinho!* – Hermione ficou de pé e saiu decidida pela pista de dança, desaparecendo na multidão.
Rony acompanhou-a com uma expressão no rosto que misturava raiva e satisfação.
– Você não vai me convidar para dançar? – perguntou Padma a ele.
– Não – disse Rony, ainda olhando feio para as costas de Hermione.
– Ótimo – retrucou Padma se levantando e indo se juntar a Parvati e ao garoto de Beauxbatons, que conjurou um amigo para se reunir a eles tão depressa que Harry seria capaz de jurar que chamara o amigo com um Feitiço Convocatório.
– Onde está Hermi-o-nini? – perguntou uma voz.
Krum acabara de chegar à mesa segurando duas cervejas amanteigadas.
– Não faço ideia – disse Rony emburrado, erguendo os olhos. – Perdeu ela, foi?
Krum ficou mais uma vez carrancudo.
– Pom, se focê a virr, diga que apanhei as bebidas – disse ele se afastando curvado.
– Fez amizade com Vítor Krum, Harry?
Percy apareceu animado, esfregando as mãos e com um ar extremamente pomposo.
– Excelente! Essa é a ideia, sabe, da Cooperação Internacional em Magia.
Para contrariedade de Harry, Percy imediatamente ocupou a cadeira que Padma deixara livre. A mesa principal agora estava vazia; o Prof. Dumbledore dançava com a Profª Sprout; Ludo Bagman com a Profª McGonagall; Maxime com Hagrid abriam uma estrada pela pista de dança ao valsar entre os estudantes, e Karkaroff não estava à vista. Quando a música seguinte terminou, todos aplaudiram mais uma vez e Harry viu Ludo Bagman beijar a mão da Profª McGonagall e refazer seu caminho entre os dançarinos, momento em que Fred e Jorge o assediaram.
– Que é que eles acham que estão fazendo, importunando um funcionário do primeiro escalão do Ministério? – sibilou Percy, observando os gêmeos, desconfiado. – Que falta de respeito...
Mas Ludo Bagman se desvencilhou dos garotos muito rapidamente e, ao ver Harry, acenou e se aproximou da mesa.

– Espero que meus irmãos não o tenham incomodado, Sr. Bagman! – disse Percy na mesma hora.

– Quê? Ah, não, de modo algum, de modo algum! Não, eles estavam me dizendo mais alguma coisa sobre aquelas varinhas falsas que inventaram. Queriam saber se eu podia sugerir como comercializá-las. Prometi colocá-los em contato com alguns conhecidos na Zonko's...

Percy não pareceu nada feliz com a resposta e Harry podia apostar que o irmão iria correndo contar à Sra. Weasley no minuto em que chegasse em casa. Pelo visto, os planos dos gêmeos haviam se tornado mais ambiciosos ultimamente, se estavam pensando em vender seus produtos no varejo.

Bagman abriu a boca para perguntar alguma coisa a Harry, mas Percy o distraiu.

– Como é que o senhor acha que o torneio está correndo, Sr. Bagman? O *nosso* departamento está bastante satisfeito, o probleminha com o Cálice de Fogo – ele lançou um olhar a Harry – foi lamentável, naturalmente, mas as coisas parecem ter corrido muito bem até agora, o senhor não acha?

– Ah, sim – respondeu Bagman animado –, tem sido um grande divertimento. Como anda o velho Bartô? Que pena que ele não pôde vir.

– Ah, tenho certeza de que o Sr. Crouch não vai tardar a melhorar e voltar ao trabalho – disse Percy cheio de importância –, mas, nesse meio-tempo, estou preparado para cobrir a lacuna. Claro que não é somente comparecer a bailes – ele deu uma breve risada –, ah, não, tenho precisado cuidar de problemas de todo o tipo que surgem na ausência dele, o senhor ouviu falar que Ali Bashir foi apanhado contrabandeando um carregamento de tapetes voadores para dentro do país? E que temos tentado persuadir a Transilvânia a assinar uma sanção internacional aos duelos, tenho uma reunião com o chefe da cooperação em magia transilvano no próximo ano...

– Vamos dar uma volta – murmurou Rony para Harry –, sair de perto de Percy...

Fingindo que queriam se reabastecer de bebidas, Harry e Rony saíram da mesa, contornaram a pista de dança e seguiram para o saguão de entrada. As portas estavam abertas de par em par e as fadinhas luminosas no roseiral piscavam e cintilavam quando os garotos desceram os degraus da entrada e se viram cercados de plantas que formavam caminhos serpeantes e de grandes estátuas de pedra. Harry ouviu um rumorejo de água caindo, que lhe pareceu uma fonte. Aqui e ali as pessoas estavam sentadas em bancos entalhados. Os dois garotos tomaram um dos caminhos que passava pelo roseiral, mas tinham dado apenas alguns passos quando ouviram uma voz desagradável e conhecida.

– ... não vejo com o que tem de se preocupar, Igor.

– Severo, você não pode fingir que isto não está acontecendo! – a voz de Karkaroff era baixa e ansiosa como se cuidasse para ninguém os ouvir. – Tem se tornado cada vez mais nítida nos últimos meses. Estou começando a me preocupar seriamente, não posso negar...

– Então, fuja – disse a voz de Snape secamente. – Fuja, eu apresentarei suas desculpas. Eu, no entanto, vou permanecer em Hogwarts.

Os dois professores contornaram um canto. Snape levava a varinha na mão e ia estourando roseiras, com a expressão mal-humoradíssima. Ouviam-se gritinhos em muitos arbustos e vultos escuros saíam correndo para fora deles.

– Dez pontos a menos para Lufa-Lufa, Fawcett! – rosnou Snape, quando uma garota passou correndo por ele. – E dez para Corvinal, também, Stebbins! – quando um garoto passou no encalço dela. – E que é que vocês dois estão fazendo? – acrescentou ele, avistando Harry e Rony mais adiante no caminho. Karkaroff, percebeu Harry, pareceu ligeiramente desconfortável ao vê-los parados ali. Levou a mão nervosamente à barbicha e começou a enrolá-la com o dedo.

– Estamos passeando – respondeu Rony secamente. – Não é contra a lei, é?

– Então continuem passeando! – rosnou Snape, e passou roçando por eles, sua longa capa negra se abrindo como uma vela enfunada às suas costas. Karkaroff apressou-se em alcançar o colega. Os dois garotos continuaram a descer pelo caminho.

– Que será que deixou o Karkaroff tão preocupado? – murmurou Rony.

– E desde quando ele e Snape estão se chamando pelo nome de batismo? – indagou Harry lentamente.

Os garotos tinham chegado a uma enorme rena de pedra agora, por cima da qual avistaram o jorro cintilante de um alto chafariz. Avistaram também, sentadas em um banco de pedra, as silhuetas escuras de duas pessoas, que contemplavam a água ao luar. Então Harry ouviu a voz de Hagrid.

– O momento em que vi você, eu soube – ia ele dizendo, numa voz estranhamente rouca.

Harry e Rony se imobilizaram. Por alguma razão aquilo não parecia o tipo de cena que eles deviam interromper... Harry virou-se para olhar o caminho e viu Fleur Delacour e Rogério Davies parados, meio escondidos por uma roseira próxima. Bateu no ombro de Rony e acenou a cabeça para o lado dos dois, querendo indicar que ele e Rony poderiam facilmente sair por ali sem serem notados (Fleur e Davies pareceram a Harry muito ocupados), mas Rony, os olhos se arregalando de terror ao ver Fleur, sacudiu a cabeça com vigor e puxou Harry para mais junto das sombras atrás da rena.

– Que é que você soube, Agrrid? – perguntou Madame Maxime, com um

audível ronronar na voz baixa.

Harry decididamente não queria escutar aquilo; sabia que Hagrid iria odiar ser entreouvido numa situação daquelas (ele teria sentido o mesmo) – se fosse possível, o garoto teria enfiado os dedos nos ouvidos e cantarolado alto, mas isto não era realmente uma opção. Em lugar disso, tentou se interessar por um besouro que rastejava pelo dorso da rena, mas o besouro simplesmente não era interessante o bastante para bloquear as palavras seguintes de Hagrid.

– Eu simplesmente soube... soube que você era como eu... puxou ao seu pai ou à sua mãe?

– Eu... eu não sei o que você querr dizerr com isso, Agrrid...

– Puxei à minha mãe – disse Hagrid em voz baixa. – Ela foi uma das últimas na Grã-Bretanha. Claro, eu não consigo me lembrar muito bem dela... ela foi embora, entende. Quando eu tinha uns três anos. Não era um tipo muito maternal. Bem... não é da natureza delas, não é mesmo? Não sei o que aconteceu com ela... pode até ter morrido pelo que sei...

Madame Maxime não respondeu. E Harry, contra sua vontade, tirou os olhos do besouro e espiou por cima dos chifres da rena, escutando... ele nunca ouvira Hagrid falar da infância antes.

– Meu pai ficou com o coração partido quando ela foi embora. Um cara miudinho, o meu pai era. Quando cheguei aos seis anos podia levantar e colocar ele em cima da cômoda quando me contrariava. Costumava fazer ele rir... – A voz grave de Hagrid quebrou. Madame Maxime o escutava, imóvel, aparentemente contemplando o chafariz de prata. – Papai me criou... mas ele morreu, é claro, logo depois que entrei para a escola. Meio que tive de abrir o meu caminho sozinho depois disso. Mas veja, Dumbledore foi uma grande ajuda. Muito bom para mim, ele foi...

Hagrid puxou um grande lenço de seda encardido e assoou o nariz com força.

– Então... em todo o caso... chega de falar de mim. E você? De que lado você herdou?

Mas Madame Maxime repentinamente se pusera de pé.

– Está frio – disse ela. Mas fosse qual fosse a temperatura que fazia, não chegava nem de longe à frieza na voz dela. – Acho que vou entrar agora.

– Eh? – disse Hagrid sem entender. – Não, não vá, nunca encontrei alguém igual a mim antes!

– Alguém exatamente *como*? – perguntou Madame Maxime, num tom de voz cortante.

Harry poderia ter dito a Hagrid que era melhor não responder; ficou parado ali nas sombras, cerrando os dentes, desejando por tudo no mundo que o amigo não respondesse – mas não adiantou nada.

– Alguém meio gigante, é claro – disse Hagrid.

– Como é que você se atreve? – gritou Madame Maxime. Sua voz explodiu na noite tranquila como uma buzina de nevoeiro; às costas deles, Harry ouviu Fleur e Roger despencarem da roseira em que estavam. – Nunca fui mais insultada na vida! Meio gigante? *Moi?* Eu tenho... eu tenho os ossos grraúdos!

Ela saiu intempestivamente; grandes enxames de fadinhas multicoloridas se ergueram no ar quando ela passou, empurrando arbustos para os lados. Hagrid continuou sentado no banco, acompanhando-a com o olhar parado. Estava escuro demais para distinguir a expressão do seu rosto. Depois, passado um minuto, ele se levantou e se afastou, mas não voltou ao castelo, saiu pelos jardins escuros em direção à sua cabana.

– Anda – disse Harry muito baixinho a Rony. – Vamos embora...

Mas Rony não se mexeu.

– Que é que está havendo? – perguntou Harry olhando para o amigo.

Rony se virou para Harry, a expressão realmente muito séria.

– Você sabia? – sussurrou. – Que Hagrid era meio gigante?

– Não – disse Harry, sacudindo os ombros. – E daí?

Harry percebeu imediatamente pelo olhar de Rony que, mais uma vez, estava revelando sua ignorância sobre o universo da magia. Criado pelos Dursley, havia muita coisa que os bruxos aceitavam naturalmente e que eram verdadeiras revelações para Harry, mas essas surpresas tinham se tornado menos frequentes à medida que ele progredia na escola. Agora, porém, ele percebia que a maioria dos bruxos não teria dito “E daí?” ao descobrir que um amigo tivera uma giganta por mãe.

– Eu lhe explico lá dentro – disse Rony baixinho. – Vamos...

Fleur e Rogério Davies tinham desaparecido, provavelmente em uma moita de arbustos com mais privacidade. Harry e Rony voltaram ao Salão Principal. Parvati e Padma agora estavam sentadas a uma mesa distante com um grande grupo de garotos da Beauxbatons, e Hermione estava mais uma vez dançando com Krum. Harry e Rony se sentaram a uma mesa bem longe da pista de dança.

– Então? – perguntou Harry a Rony. – Qual é o problema de ser gigante?

– Bom, eles... eles... não são muito legais – terminou Rony sem graça.

– Quem se importa? – exclamou Harry. – Não há nada errado com Hagrid!

– Eu sei que não tem, mas... caracas, não admira que ele fique na moita – disse Rony, balançando a cabeça. – Eu sempre achei que ele talvez tivesse ficado no caminho de um Feitiço de Ingurgitamento ruim quando era criança ou outra coisa do gênero. E não gostasse de mencionar isso...

– Mas qual é o problema da mãe dele ter sido uma giganta? – perguntou Harry.

– Bem... ninguém que o conhece vai se importar, porque sabe que ele não é perigoso – disse Rony lentamente. – Mas... Harry, eles são apenas gigantes cruéis. É como Hagrid disse, é da natureza deles, são como os trasgos... gostam de matar, todo mundo sabe disso. Mas hoje não tem mais gigantes na Grã-Bretanha.

– Que foi que aconteceu com eles?

– Bem, eles estavam acabando mesmo, então um monte deles foi morto pelos aurores. Mas dizem que há gigantes no exterior... a maioria escondida em montanhas...

– Não sei quem é que a Maxime pensa que está enganando – disse Harry, observando a bruxa sentada sozinha à mesa dos juízes, com o ar muito sério. – Se Hagrid é meio gigante, decididamente ela também é. Ossos graúdos... a única coisa que tem ossos maiores do que ela é um dinossauro.

Harry e Rony passaram o resto do baile discutindo gigantes a um canto, nenhum dos dois com a menor inclinação para dançar. Harry tentou não olhar para Cho e Cedrico; sentiu uma enorme vontade de chutar alguma coisa.

Quando as Esquisitonas terminaram de tocar à meia-noite, receberam mais uma rodada de aplausos estrepitosos e começaram a sair em direção ao saguão de entrada. Muitas pessoas expressaram o desejo de que o baile pudesse continuar por mais tempo, mas Harry estava absolutamente satisfeito de ir se deitar, e, se alguém quisesse saber, a noite não fora lá essas coisas.

Já no saguão de entrada, Harry e Rony viram Hermione se despedindo de Krum antes do garoto se retirar para o navio de Durmstrang. Ela lançou a Rony um olhar gelado, e passou por ele a caminho da escadaria de mármore sem falar. Os dois amigos a seguiram, mas, no meio da escada, Harry ouviu alguém que o chamava.

– Ei... Harry!

Era Cedrico Diggory. Harry viu que Cho ficara à espera dele no saguão.

– Que foi? – respondeu Harry com frieza, quando o garoto correu escada acima ao seu encontro.

Cedrico fez cara de quem não queria dizer o que viera dizer na frente de Rony, que encolheu os ombros, parecendo aborrecido, e continuou a subir as escadas.

– Escuta... – Cedrico baixou a voz quando Rony desapareceu. – Eu lhe devo um favor por ter me falado dos dragões. Sabe o ovo de ouro? O seu solta um grito agourento quando você o abre?

– Solta.

– Então... toma um banho, OK?

– Quê?

– Toma um banho e... hum, leva o ovo junto e... hum, rumina um pouco as

coisas debaixo da água quente. Vai ajudar você a pensar... acredita em mim.
Harry ficou olhando para ele.
– Vou lhe dizer uma coisa – disse Cedrico –, usa o banheiro dos monitores. Quarta porta à esquerda daquela estátua de Boris, o Pasmo, no quinto andar. A senha é *Frescor de Pinho*. Tenho que ir... quero dizer boa-noite...
Ele tornou a sorrir para Harry e desceu depressa as escadas para se juntar a Cho.
Harry voltou para a Torre da Grifinória sozinho. Recebera um conselho estranhíssimo. Por que um banho o ajudaria a descobrir o significado do ovo que gritava? Será que Cedrico estava gozando a cara dele? Será que estava tentando fazer Harry parecer bobo, para que, ao comparar os dois, Cho gostasse ainda mais dele?
A Mulher Gorda e sua amiga Vi estavam tirando um cochilo no quadro que cobria a entrada da Casa. Harry teve que berrar *Luzes Encantadas!* para que elas acordassem, e ao fazer isso, as duas ficaram muitíssimo irritadas. Quando entrou na sala comunal, encontrou Rony e Hermione tendo uma briga daquelas. Mantendo uma distância de três metros, os dois vociferavam um com o outro, as caras vermelhas como pimentões.
– Ora, se você não gosta, então sabe qual é a solução, não sabe? – berrava Hermione; agora seus cabelos iam se soltando do elegante coque, e seu rosto se contraía de raiva.
– Ah, é? – berrava Rony em resposta. – Qual é?
– Da próxima vez que houver um baile, me convide antes que outro garoto faça isso, e não como último recurso!
A boca de Rony ficou mexendo sem emitir som algum como a de um peixe de aquário fora da água, enquanto Hermione virava as costas e subia batendo os pés a escada do dormitório das garotas para se deitar. Rony se virou para Harry.
– Bom – balbuciou, completamente abismado –, bom, isso só prova que ela não entendeu nada...
Harry não respondeu. Estava gostando demais de ter feito as pazes com o amigo para dizer o que estava pensando naquele momento – mas, em todo o caso, ele achava que Hermione entendera melhor do que Rony.

— CAPÍTULO VINTE E QUATRO —
O furo jornalístico de Rita Skeeter

Todos acordaram tarde no dia seguinte ao Natal, que é feriado na Grã-Bretanha. A sala comunal da Grifinória estava muito mais sossegada do que ultimamente, muitos bocejos pontuavam as conversas ociosas. Os cabelos de Hermione tinham voltado a ficar crespos e cheios; ela confessou a Harry que usara quantidades generosas de Poção Capilar Alisante para ir ao baile, "mas é muita mão de obra fazer isso todo dia", disse ela sem emoção, coçando atrás das orelhas do ronronante Bichento.

Rony e Hermione aparentemente tinham chegado a um acordo subentendido de não mencionarem a discussão que tinham tido. Estavam até sendo simpáticos um com o outro, embora estranhamente formais. Rony e Harry não perderam tempo para contar à garota a conversa entre Madame Maxime e Hagrid que tinham ouvido, mas Hermione não pareceu achar a novidade de que Hagrid era meio gigante tão chocante quanto Rony.

– Bem, achei que devia ser – disse ela, encolhendo os ombros. – Eu sabia que ele não poderia ser todo gigante, porque os gigantes têm uns seis metros de altura. Mas, francamente, por que toda essa histeria por causa dos gigantes? Nem *todos* devem ser horríveis... é o mesmo tipo de preconceito que as pessoas têm com relação aos lobisomens... é muita cegueira, não é, não?

Rony fez cara de quem gostaria de dar uma resposta desdenhosa, mas talvez não quisesse outra briga, porque se contentou em sacudir a cabeça incrédulo quando Hermione não estava olhando.

Agora era hora de pensar nos deveres de casa que eles tinham posto de lado na primeira semana de férias. Todos pareciam estar se sentindo pouco entusiasmados, agora que o Natal terminara – todos exceto Harry, isto é, que estava começando (mais uma vez) a ficar ligeiramente nervoso.

O problema era que o dia vinte e quatro de fevereiro parecia bem mais perto,

uma vez passado o Natal, e ele ainda não se mexera para decifrar a pista que havia no ovo de ouro. Portanto, ele passou a tirar o ovo do malão todas as vezes que subia ao dormitório, abria-o e escutava com atenção, na esperança de que daquela vez o grito fizesse mais sentido. Harry se esforçou para descobrir o que o som lhe lembrava, além dos trinta serrotes musicais, mas nunca ouvira nada que se parecesse com aquilo. Fechou o ovo, sacudiu-o vigorosamente, reabriu-o para ver se o som mudara, mas nada. Tentou fazer perguntas ao ovo, berrando para abafar seu lamento, mas nada aconteceu. Chegou mesmo a atirar o ovo do outro lado do quarto – embora não esperasse realmente que isso resolvesse.

Harry não esquecera da dica que Cedrico lhe dera, mas seus sentimentos pouco amigáveis com relação ao campeão, naquele momento, significavam que ele não estava interessado em aceitar ajuda de Cedrico se pudesse. Em todo o caso, achava que se o garoto tivesse realmente querido dar uma mãozinha a ele, teria sido muito mais claro. Harry dissera a Cedrico exatamente o que o esperava na primeira tarefa – mas a ideia que o outro fazia de uma troca justa fora lhe dizer para tomar um banho. Bem, ele não precisava desse tipo de ajuda inútil – pelo menos, não de alguém que ficava andando para cima e para baixo pelos corredores de mãos dadas com Cho. Assim, chegou o primeiro dia do novo trimestre e Harry foi para as aulas, sobrecarregado de livros, pergaminhos e penas, como de costume, mas também com essa preocupação a lhe pesar no estômago, como se o ovo fosse mais um peso a carregar para todo o lado com ele.

A neve continuava alta nos jardins e as janelas da estufa estavam cobertas por um vapor tão denso que não era possível enxergar através delas na aula de Herbologia. Ninguém estava ansioso para ir à aula de Trato das Criaturas Mágicas com um tempo desses, embora, como disse Rony, era provável que os explosivins deixassem os alunos bem aquecidos, quer fazendo-os correr atrás deles, quer expelindo fogo pelo rabo com tanta força que a cabana de Hagrid pegaria fogo.

Quando os garotos chegaram lá, porém, encontraram uma bruxa mais velha, com os cabelos grisalhos muito curtos e um queixo muito saliente, parada diante da porta da frente do professor.

– Vamos, andem, a sineta já tocou há cinco minutos – vociferou ela, quando os viu caminhando pela neve com dificuldade ao seu encontro.

– Quem é a senhora? – perguntou Rony, mirando-a. – Aonde foi o Hagrid?

– Meu nome é Profª Grubbly-Plank – disse ela com eficiência. – Sou a professora temporária de Trato das Criaturas Mágicas.

– Aonde foi o Hagrid? – repetiu Harry em voz alta.

– Não está se sentindo bem – respondeu ela secamente.

Uma risada breve e desagradável chegou aos ouvidos de Harry. Ele se virou; Draco Malfoy e o resto dos alunos da Sonserina estavam vindo se reunir à turma. Tinham um ar satisfeito, e nenhum pareceu surpreso de ver a Profª Grubbly-Plank.

– Por aqui, por favor – disse a professora e saiu contornando o picadeiro onde os enormes cavalos da Beauxbatons tremiam de frio. Harry, Rony e Hermione a seguiram, olhando para trás, por cima do ombro, para a cabana de Hagrid. Todas as cortinas estavam corridas. Será que Hagrid estava ali, sozinho e doente?

– Que é que o Hagrid tem? – perguntou Harry, apressando o passo para alcançar a professora.

– Não é da sua conta – disse ela, como se achasse que o garoto estava sendo intrometido.

– Mas *é* da minha conta – disse Harry com veemência. – Que aconteceu com ele?

A Profª Grubbly-Plank continuou como se não o ouvisse. Conduziu-os além do picadeiro dos cavalos da Beauxbatons, todos agrupados tentando se proteger do frio, e em direção a uma árvore na orla da Floresta, onde encontraram amarrado um grande e belo unicórnio.

Muitas garotas soltaram exclamações de admiração ao ver o unicórnio.

– Ah, é tão bonito! – murmurou Lilá Brown. – Como será que ela conseguiu? Dizem que são realmente difíceis de apanhar!

O unicórnio era tão branco que fazia a neve ao redor parecer cinzenta. Pateava o chão nervoso com seus cascos dourados e atirava para trás a cabeça com um só chifre.

– Meninos fiquem afastados! – gritou secamente a professora, estendendo um braço e, com isso, batendo com força em Harry na altura do peito.

“Eles preferem o toque das mulheres, os unicórnios. Meninas à frente, e se aproximem com cuidado. Vamos, devagar...”

Ela e as meninas se adiantaram devagarinho até o bicho, deixando os garotos parados junto à cerca do picadeiro, assistindo.

No instante em que a professora ficou fora do alcance de suas vozes, Harry se virou para Rony.

– Que é que você acha que aconteceu com ele? Acha que pode ter sido um explosivim...?

– Ah, ele não foi atacado, Potter, se é o que você está pensando – disse Malfoy suavemente. – Não, ele só está envergonhado demais para mostrar aquela caratonha.

– Que é que você quer dizer com isso? – perguntou Harry com rispidez.

Malfoy meteu a mão no bolso interno das vestes e puxou uma folha dobrada de jornal.

– Já vem você – disse ele. – Detesto ser eu a lhe dar a notícia, Potter...

Malfoy deu um sorriso afetado quando Harry pegou o jornal, desdobrou-o e leu-o com Rony, Simas, Dino e Neville que espiava por cima do ombro deste. Era um artigo encimado pela foto de Hagrid com uma cara extremamente sonsa.

O MAIOR ERRO DE DUMBLEDORE

Alvo Dumbledore, o excêntrico diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, nunca teve medo de fazer nomeações controvertidas para o corpo docente, escreve Rita Skeeter, nossa correspondente especial. *Em setembro deste ano, ele contratou Alastor "Olho-Tonto" Moody, o notório ex-auror que vê feitiços por toda parte, para ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas, uma decisão que fez muita gente erguer as sobrancelhas no Ministério da Magia, dado o conhecido hábito que Moody tem de atacar qualquer um que faça um movimento repentino em sua presença. Olho-Tonto, porém, parece responsável e bondoso, em contraste com o indivíduo meio humano que Dumbledore emprega para ensinar Trato das Criaturas Mágicas.*

Rúbeo Hagrid, que admite ter sido expulso de Hogwarts no terceiro ano, e desde então exerce na escola a função de guarda-caça, um emprego que Dumbledore lhe arranjou. No ano passado, no entanto, usou sua misteriosa influência sobre o diretor da escola para obter o cargo suplementar de professor de Trato das Criaturas Mágicas, preterindo muitos candidatos com melhores qualificações.

Um homem assustadoramente grande e de ar feroz, Hagrid tem usado sua recém-adquirida autoridade para aterrorizar os alunos ao tratar de uma coleção de seres horripilantes. Enquanto Dumbledore faz vista grossa, Hagrid já feriu vários alunos durante uma série de aulas que muitos admitem "dar muito medo".

"Eu já fui atacado por um hipogrifo e meu amigo, Vicente Crabbe, levou uma dentada feia de um verme", declarou Draco Malfoy, um aluno do quarto ano. "Todos odiamos Hagrid, mas temos receio demais para dizer qualquer coisa."

Mas Hagrid não tem a menor intenção de desistir de sua campanha de intimidação. Em conversa com a repórter do Profeta Diário, *no mês passado, ele admitiu que cria uns bichos a que chama de "explosivins", uma cruza extremamente perigosa de manticore com caranguejo-de-fogo. A criação de novas raças é, naturalmente, uma atividade em geral acompanhada de perto pelo Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas.*

Hagrid, ao que parece, considera-se acima dessas restrições pouco importantes.

"Eu só estava me divertindo um pouco", disse ele, antes de mudar rapidamente de assunto.

E como se isso não bastasse, o Profeta Diário *agora encontrou provas de que Hagrid não é – como sempre fingiu ser – um bruxo puro-sangue. De fato, não é sequer um ser humano puro. Sua mãe, podemos revelar com exclusividade, não é outra senão a giganta Fridwulfa, cujo paradeiro é atualmente desconhecido.*

Sedentos de sangue e brutais, os gigantes chegaram à extinção com as guerras que promoveram entre si no século passado. Os poucos sobreviventes se alistaram nas fileiras d'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, e foram responsáveis por alguns dos piores massacres de trouxas durante o seu reino de terror.

Embora muitos gigantes que serviram Àquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tenham sido mortos por aurores que combatiam o partido das trevas, Fridwulfa não foi um deles. É possível que tenha fugido para uma das comunidades de gigantes que ainda existem em montanhas no exterior. Mas se as extravagâncias de Hagrid durante as aulas de Trato das Criaturas Mágicas puderem servir de medida, o filho de Fridwulfa parece ter herdado sua natureza brutal.

Mas, bizarramente, dizem que Hagrid criou uma grande amizade pelo garoto que provocou a queda de Você-Sabe-Quem – e com isso obrigou a própria mãe, bem como os demais seguidores do bruxo das trevas, a procurar um refúgio. Talvez Harry Potter não tenha conhecimento da desagradável verdade sobre seu grande amigo – mas não resta dúvida de que Alvo Dumbledore tem obrigação de providenciar para que Harry Potter, bem como seus colegas, sejam informados dos perigos de se associarem com meio gigantes.

Harry terminou a leitura e ergueu os olhos para Rony, cujo queixo estava caído.

– Como foi que ela descobriu isso? – sussurrou ele.

Mas não era isso que estava incomodando Harry.

– Que foi que você quis dizer com "todos detestamos Hagrid"? – perguntou Harry irritado a Malfoy. – Que bobagem é essa de que esse cara aí – e indicou Crabbe – levou uma mordida feia de um verme? Eles nem têm dentes!

Crabbe dava risadinhas, aparentemente muito satisfeito consigo mesmo.

– Bom, acho que isso deve encerrar a carreira desse caipirão – disse Malfoy, os olhos brilhando. – Meio gigante... e eu pensando que ele engolira um frasco

de Esquelesce quando era criança... nenhum pai nem mãe vai gostar nem um pouco dessa notícia... vão ficar preocupados que o gigante devore os filhinhos deles, ha, ha...

– Seu...

– Vocês estão prestando atenção aqui na frente?

A voz da Profª Grubbly-Plank chegou até eles; as garotas agora estavam agrupadas em torno do unicórnio, acariciando-o. Harry sentia tanta fúria que o artigo do *Profeta Diário* tremia em sua mão quando ele se virou maquinalmente para o unicórnio, cujas muitas propriedades mágicas a professora começava a enumerar em voz alta, para que os garotos pudessem ouvir também.

– Espero que ela continue, essa mulher! – disse Parvati Patil quando terminaram e todos seguiram para o castelo para almoçar. – A aula ficou mais parecida com o que eu imaginei que seria o Trato das Criaturas Mágicas... criaturas normais como unicórnios, não monstros...

– E Hagrid? – perguntou Harry zangado, quando subiam as escadas.

– Que é que tem ele? – perguntou Parvati, com a voz inflexível. – Ele pode continuar como guarda-caça, não pode?

Parvati andava tratando Harry com frieza desde o baile. Ele supôs que devia ter dado mais atenção à garota, mas ela parecia ter se divertido mesmo assim. Com certeza estava contando a todo mundo que quisesse ouvir que combinara encontrar-se com o garoto de Beauxbatons em Hogsmeade no próximo fim de semana.

– Foi uma aula realmente boa – disse Hermione, quando eles entraram no Salão Principal. – Eu não sabia metade das coisas que a Profª Grubbly-Plank falou sobre os uni...

– Olhe isso aqui! – rosnou Harry sacudindo o artigo do *Profeta Diário* no nariz de Hermione.

O queixo de Hermione foi caindo à medida que lia. Sua reação foi exatamente a mesma que a de Rony.

– Como foi que aquela Skeeter horrorosa descobriu isso? Você acha que Hagrid *contou* a ela?

– Não – respondeu Harry, se adiantando para a mesa da Grifinória, e se atirando numa cadeira, furioso. – Hagrid nunca disse isso nem à gente, não é? Acho que ela ficou tão aborrecida porque ele não quis contar os meus podres, que saiu fuçando para se vingar dele.

– Talvez ela tenha escutado a conversa dele com Madame Maxime no baile – arriscou Hermione baixinho.

– Nós a teríamos visto nos jardins! – disse Rony. – Em todo o caso, ela não

tem permissão para tornar a entrar na escola, Hagrid disse que Dumbledore a proibiu...

– Talvez ela use uma Capa da Invisibilidade – disse Harry, servindo uma concha de caçarola de frango em seu prato e derramando-a por todo o lado, tal era a sua raiva. – É o tipo de coisa que ela faria, não é, se esconder atrás de moitas para escutar as conversas dos outros.

– Como você e Rony fizeram? – perguntou Hermione.

– Não estávamos querendo ouvir! – disse Rony indignado. – Não tivemos opção! O panaca começou a falar da mãe giganta num lugar em que todo mundo podia ouvir!

– Temos que ir visitar Hagrid – disse Harry. – Hoje à noitinha, depois da aula de Adivinhação. Dizer que o queremos de volta... Você quer ele de volta, não quer? – O garoto disparou a pergunta à Hermione.

– Bem... não vou fingir que a mudança não foi legal, ter uma aula decente de Trato das Criaturas Mágicas para variar, mas eu quero que Hagrid volte, é claro que quero! – acrescentou Hermione depressa, fraquejando diante do olhar furioso de Harry.

Então, naquela noite, depois do jantar, os três saíram do castelo, mais uma vez, e atravessaram os jardins congelados até a cabana de Hagrid. Bateram e os latidos retumbantes de Canino responderam.

– Hagrid, somos nós! – gritou Harry, socando a porta. – Abre!

Não houve resposta. Os garotos ouviram Canino arranhar a porta, mas ela não se abriu. Bateram mais uns dez minutos; Rony até bateu em uma das janelas, mas não houve resposta.

– Para que é que ele está evitando *a gente*? – perguntou Hermione quando finalmente desistiram e já iam voltando para a escola. – Com certeza ele não acha que nos importamos que ele seja meio gigante?

Mas pelo jeito Hagrid se importava. Os garotos não viram nem sinal dele a semana inteira. Não apareceu à mesa dos professores na hora das refeições, nem foi visto pela propriedade cuidando de suas tarefas de guarda-caça, e a Profª Grubbly-Plank continuou a dar as aulas de Trato das Criaturas Mágicas. Malfoy se gabava a cada oportunidade possível.

– Com saudades do seu amiguinho mestiço? – ele não parava de murmurar para Harry sempre que havia um professor por perto, de modo a ficar a salvo de uma reação. – Com saudades do seu homem-elefante?

Houve uma visita a Hogsmeade na metade de janeiro. Hermione ficou muito surpresa que Harry pretendesse ir.

– Pensei que você ia aproveitar a tranquilidade do salão comunal. Olha que você realmente precisa trabalhar naquele ovo.

– Ah, eu... eu acho que agora já tenho uma boa ideia do que se trata – mentiu Harry.
– Já tem, é? – exclamou Hermione, parecendo impressionada. – Muito bem!
As entranhas de Harry deram uma revirada de culpa, mas ele fingiu não ter sentido. Afinal ainda lhe restavam cinco semanas para descobrir a pista do ovo e isso era uma eternidade... e se ele fosse a Hogsmeade, talvez desse de cara com Hagrid e tivesse uma chance de convencê-lo a voltar.
No sábado ele, Rony e Hermione deixaram o castelo, juntos, e atravessaram os jardins frios e úmidos em direção aos portões. Ao passarem pelo navio de Durmstrang ancorado no lago, viram Vítor Krum saindo para o convés, trajando apenas calções de banho. Ele era muito magro, mas bem mais forte do que parecia, porque trepou na amurada do navio, esticou os braços à frente e mergulhou direto no lago.
– Ele é doido! – comentou Harry, observando a cabeça escura de Krum reaparecer no meio do lago. – Deve estar congelando, estamos no meio de janeiro!
– É muito mais frio no lugar de onde ele vem – disse Hermione. – Imagino que ele sinta até um calorzinho aqui.
– É, mas ainda tem a lula gigante – lembrou Rony. Sua voz não revelava ansiedade, se revelava alguma coisa, era esperança. Hermione reparou no tom de voz dele e franziu a testa.
– Ele é realmente legal, sabe. Não é nada do que se poderia pensar de alguém que vem de Durmstrang. Ele me disse que gosta muito mais daqui.
Rony não fez comentários. Não mencionara Vítor Krum desde o baile, mas Harry encontrara a miniatura de um braço embaixo da cama do amigo, no dia seguinte ao Natal, que dava a impressão de ter sido arrancado do modelinho com as vestes de quadribol da Bulgária.
Harry ficou de olhos muito atentos à procura de um sinal de Hagrid por todo o caminho até a enlameada rua Principal e sugeriu uma visita ao Três Vassouras depois de se certificar de que Hagrid não estava nas outras lojas.
O bar estava apinhado como sempre, mas uma olhada rápida pelas mesas informou a Harry que Hagrid não se encontrava ali. Desanimado, dirigiu-se ao balcão com Rony e Hermione, pediu à Madame Rosmerta três cervejas amanteigadas e pensou, deprimido, que afinal teria feito melhor se tivesse ficado na escola escutando o lamento do ovo.
– Será que ele *nunca* vai ao escritório? – cochichou Hermione de repente. – Olha lá!
Ela apontou para o espelho atrás do bar e Harry viu, refletido ali, Ludo Bagman, sentado em um canto mais escuro com um grupo de duendes. O bruxo

falava muito rápido, e em voz baixa, com os duendes, que tinham os braços cruzados e uma expressão assustadora no rosto.

Era realmente estranho, pensou Harry, que Bagman estivesse ali no Três Vassouras, num fim de semana, quando não havia nenhum evento do torneio, e, portanto, nenhuma atividade do seu júri. Ele observou o bruxo pelo espelho. Bagman parecia tenso, tão tenso quanto naquela noite na floresta antes da Marca Negra aparecer. Mas neste momento Bagman olhou para o bar, viu Harry e se levantou.

– Um momento, um momento! – Harry o ouviu dizer bruscamente para os duendes e atravessar o bar em direção a ele, o sorriso juvenil de sempre no rosto.

"Harry!", exclamou ele. "Como vai? Estava na esperança de encontrá-lo! Está tudo correndo bem?"

– Ótimo, obrigado!

– Será que eu podia dar uma palavrinha rápida com você, em particular? – disse ele pressuroso. – Vocês poderiam nos dar licença um momento, por favor?

– Hum... OK – concordou Rony, e ele e Hermione saíram à procura de uma mesa.

Bagman levou Harry para o canto mais afastado do bar de Madame Rosmerta.

– Bom, achei que gostaria de cumprimentá-lo outra vez por seu esplêndido desempenho contra o Rabo-Córneo, Harry – disse Bagman. – Foi realmente soberbo!

– Obrigado – disse o garoto, mas sabia que não devia ser só isso que Bagman queria dizer, porque poderia ter dado os parabéns diante de Rony e Hermione. Mas o bruxo parecia não ter pressa alguma de dizer o que era. Harry o viu olhar para o espelho do bar na direção dos duendes que os observavam em silêncio, com aqueles olhos escuros e puxados.

– Absoluto pesadelo – disse Bagman a Harry entre dentes, reparando que Harry também observava os duendes. – O inglês deles não é muito bom... parece até que estou de volta à Copa Mundial de Quadribol com todos aqueles búlgaros... mas pelo menos *eles* usavam gestos que todo ser humano era capaz de reconhecer. Essa turma fica algaraviando em grugulês... e só conheço uma palavra de grugulês. *Bladvak*. Significa "picareta". Não gosto de usá-la para eles não pensarem que estou ameaçando-os. – E soltou uma gargalhada breve, mais retumbante.

– Que é que eles querem? – perguntou Harry, notando que os duendes continuavam a observar Bagman com muita atenção.

– Hum... bem... – disse Bagman, parecendo subitamente nervoso. – Eles... hum... estão procurando Bartô Crouch.

– Por que é que estão procurando por ele aqui? – perguntou Harry. – Ele não

está no Ministério em Londres?
– Hum... para falar a verdade, não faço a menor ideia de onde esteja. Vamos dizer que tenha parado de comparecer ao trabalho. Já está ausente há umas duas semanas. O jovem Percy, assistente dele, diz que ele está doente. Aparentemente tem enviado instruções via coruja. Mas se importa de não comentar isso com ninguém, Harry? Porque a Rita Skeeter continua bisbilhotando por todo lado que pode e eu seria capaz de apostar que ela poderia transformar a doença de Bartô em algo sinistro. Provavelmente dizer que ele está desaparecido como Berta Jorkins.
– O senhor teve notícias da Berta Jorkins? – perguntou Harry.
– Não – respondeu Bagman, parecendo outra vez tenso. – Tenho gente procurando, é claro... – (Já não era sem tempo, pensou Harry) – e é tudo muito estranho. Sem a menor dúvida *chegou* na Albânia, porque se encontrou lá com uma prima em segundo grau. Depois deixou a casa da prima dizendo que ia ao sul visitar uma tia... e parece ter desaparecido no caminho, sem deixar vestígios. O diabo é quem sabe onde ela pode ter se metido... não parece ser do tipo que foge para casar, por exemplo... contudo... mas por que é que estamos falando de duendes e de Berta Jorkins? O que eu realmente queria perguntar a você é... – e aqui ele baixou a voz – como é que você vai indo com o ovo de ouro?
– Hum... nada mal – disse Harry ocultando a verdade.
Bagman pareceu perceber que o garoto não estava sendo honesto.
– Escute, Harry – disse ele (ainda em voz muito baixa). – Eu me sinto muito mal a respeito dessa coisa toda... você foi empurrado para o torneio, você não se voluntariou... e se – (aqui sua voz ficou tão baixa que Harry precisou chegar mais perto para escutar) – ... se tiver alguma coisa que eu possa fazer... um empurrãozinho na direção certa... acabei me afeiçoando a você... o jeito com que você passou pelo dragão!... Bem, é só dizer.
Harry olhou para o rosto rosado e redondo, e para os grandes olhos azul-celeste de Bagman.
– Devemos decifrar as pistas sozinhos, não é? – disse ele, tomando cuidado para manter a voz displicente e não parecer que estava acusando o chefe do Departamento de Jogos e Esportes Mágicos de infringir o regulamento.
– Bem... bem, é verdade – disse Bagman impaciente –, mas... vamos, Harry, todos queremos a vitória de Hogwarts, não é mesmo?
– O senhor ofereceu ajuda a Cedrico? – perguntou Harry.
A mais leve das rugas vincou o rosto liso de Bagman.
– Não, não ofereci. Eu... bem, como disse, me afeiçoei a você. Por isso pensei em oferecer...
– Bem, obrigado – disse Harry –, mas acho que estou quase chegando lá...

mais uns dois dias e resolvo o problema do ovo.

Ele não tinha muita certeza da razão pela qual estava recusando a ajuda de Bagman, exceto que o bruxo era quase um estranho para ele, e aceitar sua ajuda lhe parecia muito mais desonesto do que pedir conselhos a Rony, Hermione ou Sirius.

Bagman pareceu quase afrontado, mas não pôde dizer muito mais, porque Fred e Jorge apareceram naquele momento.

– Olá, Sr. Bagman – disse Fred animado. – Podemos lhe oferecer uma bebida?

– Hum... não – disse Bagman, com um último olhar desapontado para Harry –, não, muito obrigado, garotos...

Fred e Jorge pareciam quase tão desapontados quanto Bagman, que mirava Harry como se o garoto o tivesse deixado na mão.

– Bem, preciso correr – disse ele. – Foi bom ver vocês. Boa sorte, Harry.

E saiu apressado do bar. Os duendes deslizaram para fora das cadeiras e saíram atrás de Bagman. Harry foi se reunir a Rony e Hermione.

– Que é que ele queria? – perguntou Rony, no instante em que Harry se sentou.

– Ele se ofereceu para me ajudar com o ovo de ouro.

– Ele não devia estar fazendo isso! – exclamou Hermione, parecendo muito chocada. – Ele é um dos juízes! E em todo o caso, você já decifrou sozinho, não foi?

– Hum... quase.

– Bem, eu acho que Dumbledore não gostaria de saber que Bagman andou tentando convencer você a ser desonesto! – disse Hermione ainda com uma expressão de profunda reprovação. – Espero que ele esteja tentando ajudar Cedrico também!

– Não, não está. Eu perguntei a ele – informou Harry.

– Quem é que se importa se Cedrico está recebendo ajuda? – disse Rony. Harry, intimamente, concordou.

– Aqueles duendes não pareciam muito simpáticos – comentou Hermione, bebericando a cerveja amanteigada. – Que é que eles estavam fazendo aqui?

– Procurando Crouch, segundo informou Bagman. Ele continua doente. Não tem ido trabalhar.

– Quem sabe Percy está envenenando ele? – sugeriu Rony. – Provavelmente acha que se Crouch apagar ele vai ser nomeado chefe do Departamento de Cooperação Internacional em Magia.

Hermione lançou a Rony um olhar do tipo não-brinque-com-essascoisas e comentou:

– Engraçado, duendes procurando o Sr. Crouch... eles normalmente se dirigem

ao Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas.
– Mas Crouch sabe falar um monte de línguas diferentes – lembrou Harry. – Talvez eles precisem de um intérprete.
– Agora está se preocupando com os coitadinhos dos duendes, é? – perguntou Rony a Hermione. – Está pensando em lançar um S.P.D.F. ou outra coisa do gênero? Uma Sociedade Protetora dos Duendes Feios?
– Ha, ha, ha – exclamou Hermione sarcasticamente. – Duendes não precisam de proteção. Você não tem prestado atenção ao que o Prof. Binns vem nos contando sobre as revoltas dos duendes?
– Não – disseram Harry e Rony juntos.
– Pois é, eles têm plena capacidade de enfrentar os bruxos – disse Hermione, tomando mais um golinho de cerveja amanteigada. – Eles são muito inteligentes. Não são como os elfos domésticos, que nunca se unem para se defender.
– Uh, ah – exclamou Rony, com os olhos fixos na porta.
Rita Skeeter acabara de entrar. Estava usando vestes amarelo-banana; tinha as unhas longas pintadas de rosa-choque e vinha acompanhada do seu fotógrafo barrigudo. Ela comprou bebidas, e os dois abriam caminho entre as pessoas e as mesas até uma mesa próxima. Harry, Rony e Hermione amarraram a cara para ela ao verem-na se aproximar. Ela falava depressa e parecia muito satisfeita com alguma coisa.
– ... não parecia muito interessado em falar com a gente, você também não acha, Bozo? E por que você acha que não estava? E o que é que ele estava fazendo com uma matilha de duendes na cola? Mostrando os pontos pitorescos do povoado... que absurdo... ele sempre foi um mau mentiroso. Você acha que ele está escondendo alguma coisa? Acha que devíamos fuçar um pouco? Ludo Bagman, o desacreditado *ex-Chefe dos Esportes Mágicos*... é uma boa abertura, Bozo, agora só precisamos encontrar uma história para usá-la...
– Tentando estragar a vida de mais alguém? – perguntou Harry em voz alta.
Algumas pessoas viraram a cabeça. Os olhos de Rita Skeeter se arregalaram por trás dos óculos de pedrinhas quando viu quem falara.
– Harry! – exclamou ela sorridente. – Que ótimo? Por que você não vem se sentar conosco...?
– Eu não chegaria perto da senhora nem com uma vassoura de três metros – disse Harry furioso. – Por que a senhora fez aquilo com o Hagrid, hein?
Rita Skeeter ergueu as sobrancelhas acentuadas com lápis grosso.
– Os nossos leitores têm o direito de saber a verdade, Harry, estou meramente fazendo o meu...
– Quem se importa que ele seja meio gigante? – gritou Harry. – Não há nada errado com ele!

O bar inteiro ficou em silêncio. Madame Rosmerta acompanhava de olhar fixo por trás do balcão, aparentemente esquecida de que a garrafa que estava enchendo de quentão começara a transbordar.

O sorriso de Rita Skeeter estremeceu levemente, mas ela o firmou quase no mesmo instante; abriu a bolsa de crocodilo com um estalido, tirou a pena-de-repetição-rápida e disse:

– Que tal me dar uma entrevista sobre o Hagrid que *você* conhece, Harry? O homem por trás dos músculos? A improvável amizade que tem por ele e as razões para tê-la? Você o chamaria de um pai-substituto?

Hermione se levantou abruptamente, a cerveja amanteigada apertada na mão como se fosse uma granada.

– Sua mulher horrorosa – disse ela, entre dentes –, a senhora não se importa, não é, qualquer coisa vira artigo, e qualquer pessoa serve, não é? Até Ludo Bagman...

– Sente-se, menininha boba e não fale do que não entende – disse Rita Skeeter com frieza, seu olhar endurecendo ao pousar em Hermione. – Sei de coisas sobre Ludo Bagman que deixariam você de cabelos em pé... *Não* que eles precisem de ajuda – acrescentou, mirando os cabelos lanzudos de Hermione.

– Vamos embora – disse Hermione. – Anda, Harry, Rony...

Os garotos saíram; muita gente ficou olhando para eles enquanto se retiravam. Harry virou a cabeça ao alcançar a porta. A pena-de-repetição-rápida estava em posição; corria para a frente e para trás no pedaço de pergaminho sobre a mesa.

– Você vai ser a próxima que ela vai perseguir, Mione – disse Rony, numa voz baixa e preocupada quando tornavam a subir a rua.

– Ela que experimente! – disse a garota com voz aguda; tremia de raiva. – Vou mostrar a ela! Menininha boba, é? Ah, vai ter troco, primeiro Harry, agora o Hagrid...

– Você não vai querer se indispor com a Rita Skeeter – disse Rony nervoso. – Estou falando sério, Mione, ela vai desenterrar alguma coisa sobre você...

– Meus pais não leem o *Profeta Diário*, ela não pode me apavorar e me fazer esconder! – disse Hermione, agora caminhando tão depressa que Harry e Rony mal conseguiam acompanhá-la. A última vez que Harry vira Hermione com tanta raiva assim, ela metera a mão na cara de Draco Malfoy. – E Hagrid não vai se esconder mais! Ele nunca deveria ter deixado aquela imitação de ser humano o perturbar! Andem!

Desatando a correr, ela levou os garotos de volta à estrada, cruzou os portões ladeados por javalis alados e atravessou os jardins até a cabana de Hagrid.

As cortinas ainda estavam corridas, mas eles ouviram os latidos de Canino quando se aproximaram.

– Hagrid! – chamou Hermione, batendo com força na porta da frente. – Hagrid, pode parar com isso! Sabemos que você está aí dentro! Ninguém liga a mínima se sua mãe era uma giganta, Hagrid! Você não pode deixar aquela Skeeter nojenta fazer isso com você! Hagrid, vem aqui fora, você está sendo...

A porta se abriu. Hermione disse:

– Já não era...! – e se calou, de repente, porque se viu cara a cara, não com Hagrid, mas com Alvo Dumbledore.

– Boa-tarde – disse ele agradavelmente, sorrindo para os garotos.

– Nós... hum... nós gostaríamos de ver o Hagrid – disse Hermione baixinho.

– Claro, imaginei isso – disse Dumbledore, os olhos cintilando. – Por que não entram?

– Ah... hum... OK.

Ela, Rony e Harry entraram na cabana. Canino se atirou sobre Harry no instante em que o garoto entrou, latindo feito louco e tentando lamber as orelhas dele. Harry afastou Canino e olhou à volta.

Hagrid estava sentado à mesa, onde havia duas canecas de chá. Estava pavoroso. O rosto manchado, os olhos inchados e tinha passado ao outro extremo em termos de cabelos; em lugar de tentar amansá-los, deixara-os agora parecidos com uma peruca de arame embaraçado.

– Oi, Hagrid – disse Harry.

Hagrid ergueu os olhos.

– Lô – disse ele, com a voz rouca.

– Mais chá, acho – disse Dumbledore, que fechou a porta depois que Harry, Rony e Hermione entraram, puxou a varinha e girou-a; apareceu no ar uma bandeja giratória de chá acompanhado por um prato de bolos. Ainda por magia, Dumbledore levou a bandeja até a mesa e todos se sentaram. Houve uma ligeira pausa e então o diretor disse:

"Você por acaso ouviu o que a Srta. Granger estava gritando, Hagrid?"

Hermione corou ligeiramente, mas Dumbledore sorriu para ela e continuou:

– Hermione, Harry e Rony parecem que ainda querem continuar a conhecer você, a julgar pela maneira com que tentavam derrubar a porta.

– Claro que ainda queremos conhecer você! – exclamou Harry fitando Hagrid. – Você não acha que alguma coisa que aquela vaca da Skeeter... desculpe professor – acrescentou ele depressa, olhando para Dumbledore.

– Fiquei temporariamente surdo e não faço ideia do que foi que você disse, Harry – disse Dumbledore, girando os polegares e olhando para o teto.

– Hum... certo – disse Harry envergonhado. – Eu só quis dizer, Hagrid, como é que você pôde pensar que ligaríamos para o que aquela "mulher" escreveu sobre você?

Duas grossas lágrimas saltaram dos olhos de Hagrid, negros como besouros, e caíram lentamente sobre sua barba desgrenhada.

– A prova viva do que estive lhe dizendo, Hagrid – disse Dumbledore, ainda contemplando atentamente o teto. – Já lhe mostrei as cartas dos inúmeros pais que se lembram de você do tempo em que estiveram aqui, dizendo em termos bastante claros que se eu o despedisse eles não iriam ficar calados...

– Nem todos – disse Hagrid rouco. – Nem todos querem que eu fique...

– Francamente, Hagrid, se você está esperando obter aprovação universal, receio que vá ficar trancado na cabana muito tempo – disse o diretor, agora olhando severamente por cima dos oclinhos de meia-lua. – Ainda não houve uma semana, desde que me tornei diretor desta escola, em que eu não recebesse ao menos uma coruja reclamando da maneira com que eu a dirijo. Mas o que é que eu deveria fazer? Me entrincheirar no escritório e me recusar a falar com as pessoas?

– Mas... mas o senhor não é meio gigante! – crocitou Hagrid.

– Hagrid, olha só quem são os meus parentes! – disse Harry furioso. – Olha só os Dursley!

– Muito bem lembrado! – disse o diretor. – Meu próprio irmão, Aberforth, foi acusado de praticar feitiços impróprios em um bode. Apareceu em todos os jornais, mas ele se escondeu? Não, não se escondeu! Manteve a cabeça erguida e continuou a trabalhar como sempre! Naturalmente, não tenho muita certeza de que ele saiba ler, por isso talvez não tenha tido tanta coragem assim...

– Volte a ensinar, Hagrid – disse Hermione em voz baixa –, por favor volte, nós realmente sentimos sua falta.

Hagrid engoliu em seco. Mais lágrimas escorreram por suas bochechas e penetraram a barba embaraçada. Dumbledore se levantou.

– Eu me recuso a aceitar o seu pedido de demissão, Hagrid, e espero que esteja de volta ao trabalho na segunda-feira – disse ele. – Você tomará café em minha companhia às oito e meia no Salão Principal. Nada de desculpas. Boa-tarde para todos vocês.

Dumbledore se retirou da cabana, parando apenas para dar uma coçada atrás da orelha de Canino. Quando a porta se fechou atrás dele, Hagrid começou a soluçar com o rosto nas mãos do tamanho de uma tampa de lata de lixo. Hermione deu palmadinhas em seu braço e finalmente Hagrid ergueu a cabeça, os olhos de fato muito vermelhos e disse:

– Um grande homem o Dumbledore... grande homem...

– É – concordou Rony. – Posso comer um desses bolos, Hagrid?

– Sirva-se – disse ele, enxugando os olhos nas costas da mão. – Arre, ele tem razão, é claro, vocês têm razão... tenho sido idiota... meu velho pai teria se

envergonhado do meu comportamento nesses últimos dias... – Mais lágrimas escorreram, mas ele as enxugou com mais firmeza e continuou: – Nunca mostrei a vocês uma foto do meu velho pai, não é? Olhem...

Hagrid se levantou, foi até a cômoda, abriu a gaveta e tirou uma foto de um bruxo baixinho com os mesmos olhos negros rodeados de rugas do filho, sentado sorridente no ombro dele. Hagrid tinha bem uns dois metros mais do que o pai, a julgar pela macieira ao lado deles, mas seu rosto era imberbe, jovem, redondo e liso – parecia não ter mais que uns onze anos de idade.

– Foi tirada logo depois que vim para Hogwarts – disse Hagrid rouco. – Papai morreu muito feliz... achava que eu talvez não fosse bruxo, entende, porque mamãe.... bem, em todo o caso. É claro que, sinceramente, nunca fui grande coisa em magia... mas pelo menos ele não me viu ser expulso. Morreu, entende, eu estava no segundo ano...

“Dumbledore foi quem me apoiou depois que meu pai morreu. Me arranjou o lugar de guarda-caça... confia nas pessoas, ele. Dá uma segunda oportunidade... é isso que diferencia ele de outros diretores, entendem. Aceita qualquer pessoa em Hogwarts, desde que tenha talento. Sabe que as pessoas podem ser legais mesmo que as famílias delas não tenham sido... bem... tão respeitáveis assim. Mas tem gente que não entende isso. Tem gente que sempre usa a família contra a pessoa... tem até gente que finge que tem ossos grandes em lugar de se levantar e dizer ‘eu sou o que sou e não me envergonho disso’. ‘Nunca se envergonhe’, meu velho pai costumava dizer, ‘tem gente que vai usar isso contra você, mas não vale a pena se preocupar com eles.’ E ele tinha razão. Fui um idiota. Não vou me incomodar mais com *ela*, prometo a vocês. Ossos graúdos, eu vou mostrar a ela os ossos graúdos.”

Harry, Rony e Hermione se entreolharam nervosos; Harry preferia levar cinquenta explosivins para passear do que admitir para Hagrid que entreouvira a conversa dele com Madame Maxime, mas Hagrid continuava falando, aparentemente inconsciente de que tivesse dito alguma coisa estranha.

– Sabe de uma coisa, Harry? – disse ele tirando os olhos da foto do pai, os olhos muito brilhantes. – Quando o conheci, você me lembrou um pouco de mim. Mãe e pai desaparecidos e você sentindo que não ia se adaptar a Hogwarts, lembra? Não tinha muita certeza de que estava à altura... e agora, olha só você, Harry! Campeão da escola!

Ele fitou o garoto um instante e então disse, muito sério:

– Sabe o que eu adoraria, Harry? Eu adoraria ver você vencer, realmente adoraria. Você iria mostrar a eles todos... não é preciso ser puro-sangue para fazer isso. Você não tem que se envergonhar do que é. Mostraria a eles que Dumbledore é quem tem razão quando deixa qualquer um entrar desde que seja

capaz de fazer mágica. Como é que você está indo com aquele ovo, Harry?

– Ótimo – disse Harry. – Realmente ótimo.

O rosto infeliz de Hagrid se abriu num grande sorriso lacrimoso.

– É o meu garoto... Mostre a eles, Harry, mostre a eles. Derrote eles todos.

Mentir para Hagrid não era bem o mesmo que mentir para outras pessoas. Harry voltou para o castelo mais no finzinho da tarde com Rony e Hermione, sem ter coragem de varrer a expressão de felicidade do rosto barbudo de Hagrid ao imaginá-lo vencendo o torneio. O ovo incompreensível pesou mais que nunca na consciência de Harry naquela noite, e quando finalmente se deitou já tomara uma decisão – estava na hora de guardar o orgulho na prateleira e ver se a dica de Cedrico valia alguma coisa.

— CAPÍTULO VINTE E CINCO —

O ovo e o olho

Uma vez que Harry não fazia ideia de quanto tempo deveria gastar no banho para decifrar o segredo do ovo de ouro, ele resolveu tomá-lo à noite, quando poderia demorar o quanto quisesse. Embora relutasse em aceitar mais favores de Cedrico, ele resolveu também usar o banheiro dos monitores-chefes; muito menos gente tinha permissão de entrar lá, por isso era muito menos provável que ele fosse incomodado.

Harry planejou sua excursão cuidadosamente, porque já fora uma vez apanhado por Filch, o zelador, no meio da noite, fora da cama e dos limites estabelecidos, e não tinha vontade de repetir a experiência. A Capa da Invisibilidade seria, naturalmente, essencial, e como precaução extra, Harry pensou em levar o Mapa do Maroto, que, depois da capa era o recurso mais útil para infringir regulamentos que Harry possuía. O mapa mostrava toda a propriedade de Hogwarts, inclusive seus muitos atalhos e passagens secretas e, o que era mais importante, mostrava as pessoas no interior do castelo como minúsculos pontinhos identificados por legendas que se deslocavam pelos corredores, de modo que Harry seria alertado se alguém se aproximasse do banheiro.

Na noite de quinta-feira, ele subiu discretamente ao dormitório, vestiu a capa, voltou à sala, e, exatamente como fizera na noite em que Hagrid lhe mostrara os dragões, esperou que o buraco do retrato se abrisse. Desta vez foi Rony quem esperou do lado de fora para dar a senha à Mulher Gorda (*Pastéis de Banana*).

– Boa sorte – murmurou Rony, entrando pelo buraco comunal na mesma hora em que Harry saía.

Estava incômodo andar coberto pela capa hoje, porque Harry levava debaixo de um braço o ovo de ouro e, com o outro, segurava o mapa diante do nariz. No entanto, os corredores banhados de luar estavam desertos e silenciosos, e,

consultando o mapa a intervalos estratégicos, Harry pôde ter certeza de não encontrar ninguém que quisesse evitar. Quando chegou à estátua de Boris, o Pasmo, um bruxo com cara de desorientado com as luvas nas mãos trocadas, ele localizou a porta certa, encostou-se nela e murmurou a senha *Frescor de Pinho*, conforme Cedrico o instruíra.

A porta se abriu com um rangido. Harry entrou, trancou-a ao passar e despiu a Capa da Invisibilidade, olhando ao redor.

Sua reação imediata foi que valia a pena ser monitor-chefe só para poder usar aquele banheiro. Tinha uma iluminação suave fornecida por um esplêndido lustre de muitas velas e tudo era feito de mármore branco, inclusive o que parecia ser uma piscina retangular e vazia rebaixada no meio do piso. Tinha umas cem torneiras de ouro em volta da borda, cada uma com uma pedra preciosa de cor diferente engastada na parte superior. Havia também um trampolim. Longas cortinas de linho protegiam as janelas; havia uma montanha de toalhas brancas e macias a um canto e um único quadro com moldura de ouro na parede. Era uma sereia loura, profundamente adormecida sobre um rochedo, cujos longos cabelos esvoaçavam sobre o rosto toda vez que ela ressonava.

Harry pôs a capa, o ovo e o mapa de lado e avançou, olhando para os lados, seus passos ecoando nas paredes. Por mais magnífico que o banheiro fosse – e por mais desejoso que estivesse de experimentar algumas daquelas torneiras –, agora que estava ali, ele não pôde reprimir de todo a sensação de que Cedrico podia estar gozando a cara dele. Como é que aquilo poderia ajudá-lo a resolver o mistério do ovo? Mesmo assim, ele deixou uma das toalhas macias, a capa, o mapa e o ovo a um lado da banheira – que mais parecia uma piscina –, depois se ajoelhou e abriu algumas torneiras.

Percebeu imediatamente que havia diferentes tipos de espuma de banho misturados à água, embora não fosse um banho de espuma que Harry já tivesse experimentado. Uma torneira jorrava bolhas rosas e azuis do tamanho de bolas de futebol; outra, uma espuma branca gelada tão densa que Harry achou que poderia sustentar seu peso se ele a quisesse experimentar; uma terceira despejava nuvens perfumadíssimas na superfície da água. Harry divertiu-se durante algum tempo abrindo e fechando torneiras, curtindo particularmente o efeito de uma, cujo jorro ricocheteava na superfície da água e subia em grandes arcos. Então, quando a piscina funda se encheu de água, espuma e bolhas (que considerando seu tamanho duravam pouquíssimo tempo), Harry fechou todas as torneiras, despiu o pijama, os chinelos e o roupão e entrou na água.

Era tão funda que seus pés mal tocavam o piso, e ele chegou a nadar duas vezes o comprimento da piscina antes de voltar à borda, pingando água, e examinar atentamente o ovo. Por mais prazeroso que fosse nadar na água quente

e espumosa com nuvens de vapor de cores variadas fumegando a toda volta, nenhuma intuição genial lhe ocorreu, nenhum súbito clarão de compreensão.

Harry esticou os braços, ergueu o ovo nas mãos molhadas e abriu-o. O som agudo do choro encheu o banheiro, ecoou, ressoou no mármore, mas continuou a lhe parecer tão incompreensível quanto antes, se não até mais incompreensível com todos os ecos que produzia. Ele tornou a fechá-lo com um estalido, preocupado que o som pudesse atrair Filch, se perguntando se aquilo não teria sido o que Cedrico planejara – e então, alguém falou, dando-lhe um susto tão grande que ele deixou cair o ovo que saiu quicando pelo chão do banheiro.

– Eu tentaria colocá-lo *dentro* da água, se fosse você.

Harry engoliu uma quantidade considerável de bolhas com o choque. Ficou em pé, cuspindo água, e viu o fantasma de uma garota de aspecto muito tristonho sentado de pernas cruzadas em cima de uma das torneiras. Era a Murta Que Geme, cujos soluços em geral eram ouvidos na tubulação de um vaso sanitário em um banheiro três andares abaixo.

– Murta! – exclamou Harry indignado. – Eu... eu não estou usando nada!

A espuma era tão densa que isso não fazia a menor diferença, mas ele teve a sensação desagradável de que a Murta o estivera espionando de uma das torneiras desde que ele chegara.

– Fechei os olhos quando você entrou – disse ela, pestanejando para ele por trás dos grossos óculos. – Faz *séculos* que você não vai me ver.

– É... bem... – disse Harry, dobrando ligeiramente os joelhos, só para ter certeza absoluta de que a Murta não pudesse ver nada além da sua cabeça. – Não posso ficar entrando no seu banheiro, não é? É de garotas.

– Você não costumava se importar – respondeu a Murta, infeliz. – Você costumava passar um tempão lá.

Era verdade, mas apenas porque ele, Rony e Hermione tinham descoberto que o banheiro interditado da Murta era um lugar conveniente para preparar em segredo a Poção Polissuco – uma poção proibida que transformara Harry e Rony em réplicas vivas de Crabbe e Goyle durante uma hora, para que eles pudessem entrar escondidos na sala comunal da Sonserina.

– Fui repreendido por entrar lá – disse Harry, o que era uma meia verdade; certa vez Percy o apanhara saindo do banheiro da Murta. – Depois disso, achei melhor não voltar.

– Ah... entendo... – disse a Murta, cutucando uma pinta no queixo de um jeito tristonho. – Bom... em todo o caso... eu experimentaria pôr o ovo na água. Foi o que Cedrico Diggory fez.

– Você andou espionando ele também? – indignou-se Harry. – Que é que você faz, entra aqui à noite para ver os monitores tomarem banho?

– Às vezes – disse a Murta com um ar sonso –, mas nunca apareci para falar com ninguém antes.
– Que grande honra – disse Harry aborrecido. – Fica de olhos fechados!
Ele verificou se Murta tampara bem os óculos antes de se içar para fora do banho, enrolando bem a toalha no corpo e indo apanhar o ovo.
Depois que ele entrou de novo na água, a Murta espiou entre os dedos e disse:
– Anda, então... abre ele debaixo da água!
Harry mergulhou o ovo sob a superfície espumosa e abriu-o... e desta vez, não ouviu nenhum grito. Saía dele um som gorgolejante, uma música cujas palavras ele não conseguia distinguir através da água.
– Você precisa mergulhar a cabeça também – disse a Murta, que parecia estar adorando a ideia de dar ordens ao garoto. – Anda!
Harry tomou fôlego e escorregou para dentro da água – e agora, sentado no fundo da banheira de mármore cheia de espuma, ouviu um coro inquietante de vozes que cantavam para ele e que vinham do ovo em suas mãos:

Procure onde nossas vozes parecem estar,
Não podemos cantar na superfície,
E enquanto nos procura, pense bem:
Levamos o que lhe fará muita falta,
Uma hora inteira você deverá buscar,
Para recuperar o que lhe tiramos,
Mas passada a hora – adeus esperança de achar.
Tarde demais, foi-se, ele jamais voltará.

Harry soltou o corpo e emergiu à superfície espumosa, sacudindo os cabelos para longe dos olhos.
– Ouviu? – perguntou a Murta.
– Ouvi... “Procure onde nossas vozes parecem estar...” e se eu precisar que me convençam... aguenta aí, preciso ouvir de novo... – Ele voltou a afundar na água.
Foi preciso ouvir a música do ovo mais três vezes para decorá-la; depois Harry caminhou um pouco dentro da piscina, concentrando o pensamento, enquanto a Murta continuava sentada a observá-lo.
– Preciso procurar pessoas que não podem usar a voz na superfície... – disse o garoto lentamente. – Hum... quem poderia ser?
– Você é meio devagar, não é não?
Harry nunca vira a Murta tão animada, a não ser no dia em que a dose da Poção Polissuco de Hermione deixara a garota com a cara coberta de pelos e um rabo de gato.

Harry deixou seu olhar vagar pelo banheiro, refletindo... se as vozes só podiam ser ouvidas embaixo da água, então fazia sentido que pertencessem a criaturas subaquáticas. Ele passou essa teoria pelo fantasma da Murta que se riu dele.

– Bem, isso foi o que o Diggory pensou. Ficou deitado aí falando sozinho um tempão. E põe tempão nisso... quase até a espuma toda desaparecer...

– Subaquáticas... – disse Harry lentamente. – Murta... quem mais mora no lago, além da lula gigante?

– Ah, todo o tipo de coisa. Às vezes eu vou até lá... às vezes não tenho escolha, quando alguém puxa a descarga do meu vaso sem eu estar esperando...

Fazendo força para não pensar na Murta Que Geme descendo veloz por um cano até o lago, misturada ao conteúdo de um vaso, Harry falou:

– Bem, alguma coisa lá tem voz humana? Calma aí...

Os olhos de Harry tinham pousado sobre o quadro da sereia sonolenta na parede.

– Murta, tem *sereias* lá?

– Aaah, muito bem – disse ela, com os grossos óculos cintilando. – Diggory levou muito mais tempo para sacar! E olha que *ela* estava acordada – a Murta acenou com a cabeça em direção à sereia, com uma expressão de grande desagrado no rosto tristonho – dando risadinhas, se exibindo e fazendo cintilar as barbatanas...

– É isso então, não é? – perguntou Harry excitado. – A segunda tarefa é ir procurar as sereias no lago e... e...

Mas ele subitamente percebeu o que estava dizendo e sentiu a excitação se esvair como se alguém tivesse acabado de puxar uma tomada de sua barriga. Ele não era bom nadador; nunca pudera praticar muito. Duda recebera aulas quando os dois eram menores, mas tia Petúnia e tio Válter, sem dúvida na esperança de que Harry um dia se afogasse, não tinham se incomodado de lhe ensinar. Nadar duas vezes essa banheira não era problema, mas aquele lago era muito grande e muito fundo... e as sereias com certeza viviam lá embaixo...

– Murta – perguntou Harry, lentamente –, como é que eu vou *respirar*?

Ao ouvir isso, os olhos da Murta se encheram de lágrimas inesperadas.

– Que falta de tato! – resmungou ela, procurando um lenço nas vestes.

– Que é que é falta de tato? – perguntou Harry espantado.

– Falar de respirar na *minha* frente! – disse ela com uma voz aguda que ecoou muito alta pelo banheiro. – Quando eu não posso... quando eu não respiro... há séculos... – Ela escondeu o rosto no lenço e fungou alto.

Harry se lembrou como a Murta sempre fora sensível com essa questão de estar morta, mas nenhum dos outros fantasmas que ele conhecia criava caso por

isso.
– Desculpe – disse com impaciência. – Eu não quis... me esqueci...
– Ah, é, é muito fácil esquecer que a Murta está morta – disse ela, engolindo em seco e fitando o garoto com os olhos inchados. – Ninguém nunca sentiu falta de mim, nem quando eu estava viva. Levou horas para encontrarem o meu corpo, eu sei, fiquei sentada lá dentro esperando alguém aparecer. Olívia Hornby entrou no banheiro e perguntou: “Você está aí emburrada outra vez, Murta? Porque o Prof. Dippet me pediu para a procurar...” Aí ela viu o meu corpo... aaaah, isso ela não esqueceu até o dia da morte, eu fiz questão de garantir... eu a seguia para todo o lado para lembrar, me lembro de que no dia do casamento do irmão dela...
Mas Harry não estava escutando, voltara a pensar na música das sereias: “*Levamos o que lhe fará muita falta*.” Pelo jeito elas iam roubar alguma coisa dele, alguma coisa que ele ia precisar recuperar. Que é que elas iam levar?
– ... então, é claro, ela foi ao Ministério da Magia para me obrigar a parar de persegui-la, então tive que voltar para cá, viver no meu banheiro.
– Ótimo – disse Harry vagamente. – Bem, já cheguei bem mais longe do que estava... quer fechar os olhos outra vez, eu vou sair da água.
Ele apanhou o ovo no fundo da banheira, saiu, se enxugou e tornou a vestir o pijama e o roupão.
– Você vai vir um dia desses me visitar no meu banheiro? – perguntou a Murta Que Geme em tom lamurioso, quando Harry apanhou a Capa da Invisibilidade.
– Hum... vou tentar – prometeu Harry, embora intimamente pensasse que a única maneira de tornar a visitar o banheiro da Murta seria se os outros banheiros do castelo estivessem interditados. – Até outro dia, Murta... obrigado pela ajuda.
– Tchauzinho – disse ela tristonha, e quando Harry se cobriu com a capa ele a viu disparar de volta à torneira.
Já do lado de fora no corredor escuro, Harry examinou o Mapa do Maroto para verificar se o caminho continuava livre. Sim, os pontinhos que pertenciam a Filch e à Madame Nor-r-ra estavam seguros na sala do zelador... nada mais parecia estar se mexendo à exceção do Pirraça, que andava saltitando pela sala de troféus no andar de cima... Harry acabara de dar o primeiro passo de volta à Torre da Grifinória, quando uma outra coisa no mapa chamou sua atenção... uma coisa decididamente estranha.
Pirraça *não* era a única coisa que estava se mexendo. Um pontinho isolado esvoaçava por uma sala no canto inferior à esquerda – a sala de Snape. Mas o ponto não estava identificado como “Severo Snape”... era Bartolomeu Crouch.
Harry arregalou os olhos para o ponto. Todos supunham que o Sr. Crouch

estava doente demais para trabalhar ou vir ao Baile de Inverno – então, que é que ele estava fazendo secretamente em Hogwarts à uma hora da manhã? Harry observou com atenção o ponto se mexer para um lado e outro da sala, detendo-se aqui e ali...

O garoto hesitou, pensando... então, sua curiosidade levou a melhor. Ele deu meia-volta e saiu na direção oposta, para a escada mais próxima. Ia ver o que Crouch andava aprontando.

Harry desceu as escadas o mais silenciosamente que pôde, embora os rostos em alguns quadros se virassem cheios de curiosidade ao ouvir o rangido do soalho, o atrito do pijama no seu roupão. Ele seguiu, sorrateiro, pelo corredor, empurrou uma tapeçaria mais ou menos a meio caminho, e desceu por uma escada estreita, um atalho que o levaria dois andares abaixo. Harry mantinha os olhos no mapa, pensando... não parecia coisa do Sr. Crouch, um homem correto e cumpridor das leis andar xeretando a sala de alguém a essa hora da noite...

Então, no meio da escada, sem pensar no que estava fazendo, sem se concentrar em nada exceto no estranho comportamento do Sr. Crouch, sua perna de repente afundou pelo degrau defeituoso que Neville sempre se esquecia de pular. Ele se desequilibrou, e o ovo de ouro, ainda molhado do banho, escorregou debaixo do seu braço – ele se atirou à frente para tentar agarrá-lo, mas tarde demais: o ovo caiu pela longa escada batendo e ecoando como um tambor em cada degrau – a Capa da Invisibilidade escorregou – Harry agarrou-a mas o Mapa do Maroto escapuliu de sua mão e escorregou seis degraus, onde, com a perna enterrada até o joelho, o garoto não pôde alcançá-lo.

O ovo de ouro atravessou a tapeçaria ao pé da escada, se abriu e soltou o seu lamento alto no corredor embaixo. Harry puxou a varinha e se esticou para bater com ela no Mapa do Maroto, para apagá-lo, mas o pergaminho estava fora do seu alcance...

Cobrindo-se de novo com a capa, Harry se endireitou, escutando com atenção, os olhos apertados de medo... e, quase imediatamente...

– PIRRAÇA!

Era o inconfundível grito de Filch caçando o *poltergeist*. Harry ouviu os passos rápidos e arrastados se aproximarem cada vez mais, a voz asmática berrando de fúria.

– Que estardalhaço é esse? Quer acordar o castelo inteiro? Vou pegar você Pirraça, vou pegar, você vai... e o que é isso?

Os passos de Filch pararam; ouviu-se um estalido metálico e o lamento parou – Filch apanhara o ovo e o fechara. Harry ficou muito quieto, a perna ainda entalada no degrau mágico, à escuta. A qualquer momento agora, Filch iria afastar a tapeçaria, esperando ver Pirraça... e não haveria Pirraça algum... e se ele

subisse as escadas, encontraria o Mapa do Maroto... e com ou sem Capa da Invisibilidade, o mapa mostraria “Harry Potter” parado exatamente onde estava.

– Ovo? – exclamou Filch baixinho ao pé da escada. – Minha queridinha! – Madame Nor-r-r-a obviamente o acompanhava. – Isto é uma pista do Tribruxo! Isto pertence a um campeão de escola!

Harry se sentiu enjoado; seu coração batia forte e depressa...

– PIRRAÇA! – rugiu Filch com satisfação. – Você andou furtando!

O zelador empurrou a tapeçaria embaixo e Harry viu seu rosto balofo e feio, seus olhos claros esbugalhados espiarem para o alto da escada escura (e para Filch) deserta.

– Se escondendo, é? – perguntou baixinho. – Estou indo pegar você, Pirraça... você foi roubar uma pista do Tribruxo, Pirraça... Dumbledore vai expulsar você daqui por isso, seu *poltergeist* gatuno e mau caráter...

Filch começou a subir a escada, a gata magricela, cor de serragem, em seus calcanhares. Os olhos de Madame Nor-r-r-a iguais a lanternas, tão semelhantes aos do dono, estavam fixos diretamente em Harry. O garoto já tivera antes ocasião de se perguntar se a Capa da Invisibilidade funcionava para os gatos... doente de apreensão, ele observou Filch se aproximar cada vez mais, trajando seu velho roupão de flanela – tentou desesperadamente soltar a perna entalada, mas só conseguiu que ela afundasse mais alguns centímetros –, a qualquer segundo agora, Filch iria ver o mapa ou pisar bem em cima dele...

– Filch? Que é que está havendo?

O zelador parou a poucos degraus abaixo de Harry e se virou. Ao pé da escada estava a única pessoa que poderia piorar a situação de Harry – Snape. Estava usando um longo camisão cinzento e parecia lívido.

– É o Pirraça, professor – murmurou Filch maldosamente. – Ele atirou este ovo escada abaixo.

Snape galgou depressa os degraus e parou ao lado de Filch. Harry cerrou os dentes, convencido de que as marteladas do seu coração o denunciariam a qualquer minuto...

– Pirraça? – exclamou Snape baixinho, olhando para o ovo nas mãos de Filch. – Mas Pirraça não poderia ter entrado na minha sala...

– Esse ovo estava na sua sala, professor?

– Claro que não – retorquiu Snape. – Ouvi batidas e lamentos...

– Foi, professor, isso foi o ovo...

– ... vim investigar...

– ... Pirraça atirou o ovo, professor...

– ... e quando passei pela minha sala, vi que os archotes estavam acesos e a porta de um armário estava entreaberta! Alguém o andou revistando!

– Mas Pirraça não poderia...
– Eu sei que não poderia, Filch! – respondeu Snape com rispidez. – Lacro a minha sala com um feitiço que somente um bruxo poderia desfazer! – Snape olhou para o alto da escada, diretamente através de Harry, depois para o corredor embaixo. – Quero que você venha me ajudar a procurar o intruso, Filch.
– Eu... claro, professor... mas...
Filch mirou as escadas, o olhar desejoso atravessando Harry, e o garoto percebeu claramente que o homem relutava em deixar passar uma oportunidade de encurralar Pirraça. *Vai*, suplicou Harry a ele silenciosamente, *vai com o Snape... vai...* Madame Nor-r-r-a espiava em volta das pernas do dono... Harry teve a nítida impressão de que a gata o farejava... por que ele enchera aquela banheira com tanta espuma perfumada?
– A questão, professor, é que – disse Filch com voz queixosa – o diretor vai ter que me escutar desta vez, Pirraça andou furtando de um estudante, talvez seja a minha chance de o ver expulso do castelo para sempre...
– Filch, estou me lixando para esse desgraçado desse *poltergeist*, é a minha sala que...
Toque. Toque. Toque.
Snape parou de falar muito abruptamente. Ele e Filch, os dois, olharam para o pé da escada. Harry viu Olho-Tonto Moody aparecer mancando pela estreita abertura entre as cabeças deles. Moody estava usando sua velha capa de viagem por cima do camisão e se apoiava na bengala como sempre.
– É uma festa em que todos vão de pijama? – rosnou ele para os dois na escada.
– O Prof. Snape e eu ouvimos ruídos, professor – informou Filch imediatamente. – Pirraça, o *poltergeist*, atirando coisas pelo castelo, como sempre, e Prof. Snape descobriu que alguém tinha invadido a sal...
– Cale a boca! – sibilou Snape.
Moody deu mais um passo em direção à escada. Harry viu seu olho mágico passar por Snape e, depois, inconfundivelmente, por ele.
O coração de Harry deu um solavanco horrível. *Moody via através das Capas da Invisibilidade*... somente ele era capaz de apreender toda a estranheza da cena... Snape de camisão, Filch agarrado ao ovo e ele, Harry, entalado na escada às costas dos dois. A boca torta e rasgada de Moody se abriu com a surpresa. Por alguns segundos ele e Harry se encararam nos olhos. Então, Moody fechou a boca e tornou a virar seu olho azul para Snape.
– Eu ouvi isso direito, Snape? – perguntou ele lentamente. – Alguém invadiu sua sala?
– Não tem importância – disse Snape com frieza.

– Muito ao contrário – rosnou Moody –, é muito importante. Quem iria querer invadir sua sala?

– Um estudante, eu diria. – Harry podia ver uma veia latejar medonhamente na têmpora gordurosa de Snape. – Já aconteceu antes. Desapareceram ingredientes para poções do meu estoque particular... sem dúvida estudantes tentando fazer misturas ilegais...

– Acha que eles andavam atrás de ingredientes para poções, eh? – perguntou Moody. – Não está escondendo mais nada em sua sala, está?

Harry viu o contorno do rosto macilento de Snape ficar cor de tijolo, a veia em sua têmpora pulsar mais rápida.

– Você sabe que não estou escondendo nada, Moody – respondeu ele em um tom de voz suave e perigoso –, porque você revistou pessoalmente a minha sala, e exaustivamente.

O rosto de Moody se contorceu em um sorriso.

– Privilégio de auror, Snape. Dumbledore me mandou ficar vigilante...

– Acontece que Dumbledore confia em mim – disse Snape por entre os dentes cerrados. – Recuso-me a acreditar que tenha dado ordens para revistar minha sala!

– Claro que Dumbledore confia em você – rosnou Moody. – Ele é um homem de boa-fé, não é? Acredita em dar uma segunda oportunidade. Mas eu... eu digo que certos traços de uma pessoa não mudam nunca, Snape. Traços que não mudam nunca, entende o que eu quero dizer?

Snape subitamente fez uma coisa muito estranha. Segurou o braço esquerdo convulsivamente com a mão direita, como se alguma coisa nele o incomodasse.

Moody deu uma risada.

– Volte para a cama, Snape.

– Você não tem autoridade para me mandar a lugar algum! – sibilou Snape, soltando o braço como se estivesse zangado consigo mesmo. – Tenho tanto direito de andar por esta escola depois do anoitecer quanto você!

– Então ande o quanto quiser – disse Moody, mas sua voz estava carregada de ameaça. – Espero um dia desses encontrá-lo num corredor escuro... a propósito, você deixou cair uma coisa...

Com uma pontada de horror, Harry viu Moody apontar para o Mapa do Maroto, que continuava caído na escada, uns seis degraus abaixo dele. Quando Snape e Filch se viraram para olhar, Harry mandou para o ar toda a cautela; ergueu os braços por baixo da capa e acenou furiosamente para atrair a atenção de Moody, falando sem emitir nenhum som: “É meu! *Meu!*”

Snape estendera a mão para apanhar o mapa, uma medonha expressão de compreensão se desenhando em seu rosto...

– *Accio* pergaminho!
O mapa voou para o alto, escapando dos dedos estendidos de Snape, e mergulhou em direção à mão de Moody.
– Me enganei – disse ele calmamente. – É meu, devo ter deixado cair hoje mais cedo...
Mas os olhos negros de Snape correram do ovo nos braços de Filch para o mapa na mão de Moody e Harry percebeu que o professor estava somando dois mais dois, como só ele era capaz de fazer...
– Potter – disse ele baixinho.
– Que foi que você disse? – perguntou Moody calmamente, dobrando o mapa e embolsando-o.
– Potter! – rosnou Snape e ele chegou mesmo a virar a cabeça para o lugar em que Harry estava, como se de repente pudesse vê-lo. – Esse ovo é o ovo de Potter. Esse pergaminho pertence ao Potter. Já o vi antes e estou reconhecendo! Potter está aqui! Potter está coberto pela Capa da Invisibilidade!
Snape estendeu as mãos para a frente como um cego e começou a subir a escada; Harry poderia jurar que as narinas enormes do professor estavam se dilatando, tentando farejá-lo – com a perna presa, o garoto se deitou para trás, tentando evitar as pontas dos dedos de Snape, mas a qualquer momento...
– Não há nada aí, Snape! – disse Moody com rispidez. – Mas terei prazer em contar ao diretor como os seus pensamentos rapidamente voaram para Harry Potter!
– Está querendo dizer o quê com isso? – rosnou Snape, voltando-se mais uma vez para encarar Moody, as mãos ainda estendidas, a centímetros do peito de Harry.
– Quero dizer que Dumbledore está muito interessado em saber quem é que está querendo acabar com aquele garoto! – respondeu Moody, mancando mais para junto da escada. – E eu também estou, Snape... muito interessado... – A luz dos archotes iluminou brevemente seu rosto mutilado, de modo que as cicatrizes e o pedaço que faltava do seu nariz pareceram mais fundos e mais escuros que nunca.
Snape estava olhando para baixo, para Moody, e Harry não pôde ver a expressão do seu rosto. Por um instante, ninguém se mexeu nem disse nada. Então Snape lentamente baixou as mãos.
– Eu meramente pensei – disse Snape, com uma voz de forçada calma – que se Potter anda outra vez passeando por aí a altas horas da noite... é um hábito indesejável que ele tem... deviam obrigá-lo a parar. Para... para sua própria segurança.
– Ah, entendo – disse Moody brandamente. – Você sempre tem em mente o

que é melhor para Potter, não é mesmo?
Houve uma pausa. Snape e Moody continuaram a se encarar. Madame Nor-r-ra miou alto, ainda espiando por trás das pernas de Filch, procurando a fonte do banho de espuma de Harry.
– Acho que vou voltar para a cama – disse Snape secamente.
– A melhor ideia que você já teve esta noite – comentou Moody. – Agora Filch, se me fizer o favor de me entregar este ovo...
– Não – exclamou Filch agarrando o ovo como se fosse um filho primogênito. – Prof. Moody, ele é a prova do comportamento traiçoeiro do Pirraça!
– É a propriedade do campeão de quem ele roubou – disse Moody. – Entregue-o, agora.
Snape desceu com arrogância e passou por Moody sem dizer mais nada. Filch fez um som de chilreio para Madame Nor-r-ra, que continuou vidrada em Harry por mais alguns segundos antes de se virar para acompanhar o dono. Ainda ofegando, Harry ouviu Snape se afastar pelo corredor; Filch entregou o ovo a Moody e também desapareceu de vista, resmungando para a gata:
– Tudo bem, doçura... veremos Dumbledore amanhã de manhã... contaremos a ele o que o Pirraça andou fazendo...
Uma porta bateu. Harry ficou olhando para Moody, que apoiou a bengala no primeiro degrau da escada e começou a subi-la em direção ao garoto, penosamente, uma batida surda a cada segundo passo.
– Essa foi por pouco, Potter.
– Foi... eu... hum... obrigado – disse Harry com a voz fraca.
– Que é isso? – perguntou o professor, tirando o Mapa do Maroto do bolso e desdobrando-o.
– Mapa de Hogwarts – respondeu o garoto, desejando que Moody não demorasse muito a soltá-lo da escada; sua perna estava realmente doendo.
– Pelas barbas de Merlim! – sussurrou Moody, examinando o mapa, seu olho mágico endoidando. – É um senhor mapa, Potter!
– É, é... muito útil. – Os olhos de Harry estavam começando a marejar de dor. – Hum... Prof. Moody, o senhor acha que poderia me dar uma mãozinha...?
– Quê? Ah! É... claro...
Moody segurou os braços de Harry e puxou-o; a perna do garoto se soltou do degrau defeituoso e ele subiu para o degrau acima.
Moody continuou observando o mapa.
– Potter... – perguntou ele lentamente – não lhe aconteceu, por acaso, ver quem invadiu a sala de Snape? Neste mapa, quero dizer?
– Hum... vi, vi sim... – admitiu Harry. – Foi o Sr. Crouch.
O olho mágico de Moody perpassou toda a superfície do mapa. De repente ele

pareceu assustado.
– Crouch? Você... você tem certeza, Potter?
– Absoluta.
– Bem, ele não está mais aqui – disse o professor, seu olho ainda percorrendo o mapa. – Crouch... isso é muito... muito interessante...
O professor ficou calado quase um minuto, ainda fitando o mapa. Harry percebeu que aquela notícia significava alguma coisa para Moody, e quis muito saber o quê. Ficou em dúvida se teria coragem de perguntar. Moody lhe dava um pouco de medo... no entanto, acabara de ajudá-lo a evitar uma grande confusão...
– Hum... Prof. Moody... por que o senhor acha que o Sr. Crouch queria dar uma olhada na sala de Snape?
O olho mágico de Moody abandonou o mapa e se fixou, trêmulo, em Harry. Era um olhar penetrante e o garoto teve a impressão de que Moody o avaliava, pensando se deveria lhe responder ou o quanto lhe dizer.
– Vamos pôr a coisa desta maneira, Potter – murmurou ele finalmente –, dizem que o velho Olho-Tonto é obcecado em apanhar bruxos das trevas... mas Olho-Tonto não é nada, *nadinha*, comparado a Bartô Crouch.
Ele continuou a examinar o mapa. Harry estava ardendo de vontade de ouvir mais.
– Prof. Moody? – perguntou ele outra vez. – O senhor acha... isso poderia ter alguma ligação com... talvez o Sr. Crouch pense que tem alguma coisa acontecendo...
– O quê, por exemplo? – perguntou Moody energicamente.
Harry se perguntou o quanto se atreveria a dizer. Não queria que Moody adivinhasse que tinha uma fonte de informação fora de Hogwarts; isto poderia levar a perguntas perigosas sobre Sirius.
– Não sei – murmurou Harry –, tem coisas estranhas acontecendo ultimamente, não é? Tem saído no *Profeta Diário*... A Marca Negra na Copa Mundial, os Comensais da Morte e todo o resto...
Os dois olhos desiguais de Moody se arregalaram.
– Você é um menino perspicaz, Potter. – Seu olho mágico voltou a percorrer o Mapa do Maroto. – Crouch poderia estar pensando mais ou menos nesse sentido – disse ele lentamente. – Muito possível... tem havido boatos esquisitos circulando por aí ultimamente, com a ajuda de Rita Skeeter, é claro. Eu reconheço que isso está deixando muita gente nervosa. – Um sorriso amargo torceu sua boca enviesada. – Ah, se tem uma coisa que detesto – murmurou ele, mais para si mesmo do que para Harry, e seu olho mágico se fixou no canto inferior esquerdo do mapa – é um Comensal da Morte que continuou em liberdade...

Harry encarou o professor. Seria possível que Moody estivesse dizendo o que Harry achava que estava dizendo?
– E agora sou eu que quero fazer a *você* uma pergunta, Potter – disse Moody, num tom mais profissional.
Harry sentiu o coração encolher; tinha achado que aquilo não iria demorar. Moody ia perguntar onde ele arranjara o mapa, que era um objeto mágico muito duvidoso – e a história de como o mapa viera ter às suas mãos incriminava não somente a ele, mas ao seu próprio pai, a Fred e Jorge Weasley e ao Prof. Lupin, seu professor anterior de Defesa Contra as Artes das Trevas. Moody agitou o mapa diante de Harry, que se preparou...
– Posso pedir isso emprestado?
– Ah! – exclamou Harry. Gostava muito do mapa, mas, por outro lado, sentia-se extremamente aliviado de que Moody não estivesse perguntando onde o obtivera e não havia dúvida de que ele ficara devendo um favor ao professor. – Claro, tudo bem.
– Bom menino – rosnou Moody. – Posso fazer bom uso disso... pode ser *exatamente* do que eu estava precisando... certo, para a cama, Potter, vamos, agora...
Os dois subiram juntos a escada, Moody ainda examinando o mapa como se fosse um tesouro como ele jamais vira igual. Seguiram em silêncio até a porta da sala de Moody, onde o professor parou e encarou Harry.
– Você já pensou em seguir a carreira de auror, Potter?
– Não – respondeu Harry surpreso.
– Devia pensar nisso – disse Moody, acenando a cabeça e mirando Harry pensativo. – Sem dúvida devia... e incidentalmente... estou achando que você não estava simplesmente levando esse ovo para passear hoje à noite?
– Hum... não – respondeu Harry sorrindo. – Estive tentando decifrar a pista.
Moody piscou para o garoto, seu olho mágico endoidando outra vez.
– Nada como um passeio noturno para se ter ideias, Potter... vejo você amanhã de manhã... – E entrando na sala, voltou sua atenção para o Mapa do Maroto e fechou a porta ao passar.
Harry caminhou lentamente até a Torre da Grifinória, perdido em pensamentos sobre Snape, Crouch e o que significava tudo aquilo... Por que Crouch estava fingindo estar doente, se podia vir a Hogwarts quando quisesse? Que é que ele achava que Snape estava ocultando no escritório?
E Moody achando que ele, Harry, devia ser auror! Que ideia interessante... mas quando Harry se enfiou silenciosamente em sua cama de colunas, dez minutos mais tarde, o ovo e a capa já guardados em segurança em seu malão, por alguma razão ele achou que gostaria de ver se os outros aurores também eram

cheios de cicatrizes, antes de escolher essa carreira.

— CAPÍTULO VINTE E SEIS —

A segunda tarefa

– Você disse que já tinha decifrado a pista daquele ovo! – exclamou Hermione indignada.

– Fala baixo! – disse Harry aborrecido. – Só preciso... dar uns retoques, tá bem?

Ele, Rony e Hermione estavam no fundo da classe de Feitiços dividindo uma mesa. Deviam estar praticando o oposto do Feitiço Convocatório – o Feitiço Expulsório. Em vista do elevado potencial de acidentes graves, pois os objetos não paravam de voar pela sala, o Prof. Flitwick entregara a cada aluno uma pilha de almofadas com as quais praticarem, baseado na teoria de que não machucariam ninguém se errassem o alvo. Era uma boa teoria, mas não estava funcionando muito bem. A mira de Neville era tão ruim, que a toda hora ele atirava acidentalmente pela sala objetos bem mais pesados – o Prof. Flitwick, por exemplo.

– Esqueçam o ovo um minuto, está bem? – sibilou Harry, quando o professor passou voando resignadamente e foi aterrissar no alto de um grande armário. – Estou tentando contar a vocês sobre o Snape e o Moody...

Essa aula era ideal para disfarçar uma conversa particular, porque todos se divertiam demais para dar atenção ao que eles faziam. Harry passou a última meia hora narrando suas aventuras aos cochichos e em prestações.

– Snape disse que Moody tinha revistado a sala dele também? – sussurrou Rony, seus olhos brilhando de interesse enquanto usava a varinha para expulsar uma almofada (ela subiu no ar e derrubou o chapéu de Parvati). – Quê?... então você acha que o Moody está aqui para ficar de olho no Snape e no Karkaroff?

– Bem, não sei se foi isso que Dumbledore pediu a ele para fazer, mas não tenho dúvida de que é isso que ele está fazendo – disse Harry agitando a varinha sem prestar muita atenção ao que sua almofada executou, uma estranha

cambalhota antes de se erguer da mesa. – Moody falou que Dumbledore só deixa o Snape continuar aqui porque está dando a ele uma segunda chance ou uma coisa assim...

– Quê? – exclamou Rony, arregalando os olhos, e sua almofada seguinte rodopiou bem alto no ar, ricocheteou no lustre e caiu pesadamente sobre a escrivaninha de Flitwick. – Harry... vai ver Moody acha que foi *Snape* quem pôs o seu nome no Cálice de Fogo!

– Ah, Rony – disse Hermione, sacudindo a cabeça ceticamente –, já achamos que Snape estava tentando matar o Harry e acabou que estava tentando salvar a vida dele, lembra?

Hermione expulsou uma almofada que saiu voando pela sala e aterrissou dentro da caixa para a qual todos deviam estar mirando. Harry olhou para a amiga, pensando... era verdade que Snape uma vez salvara sua vida, mas o estranho era que Snape decididamente o detestava, da mesma forma que detestara o pai de Harry quando frequentaram a escola juntos. Snape adorava descontar pontos de Harry e certamente jamais perdera uma oportunidade de castigá-lo ou até de sugerir que ele fosse suspenso da escola.

– Não importa o que Moody diz – continuou Hermione –, Dumbledore não é burro. Teve razão em confiar no Hagrid e no Prof. Lupin, mesmo que um monte de gente não quisesse dar emprego aos dois, então por que não estaria certo a respeito de Snape, mesmo que Snape seja um pouco...

– ... maligno – completou Rony prontamente. – Ora vamos, Hermione, então por que todos esses captores de bruxos das trevas estão revistando a sala dele?

– Por que o Sr. Crouch está fingindo que ficou doente? – perguntou Hermione, não dando atenção a Rony. – É meio estranho, não é, que ele não consiga comparecer ao Baile de Inverno, mas possa vir aqui no meio da noite quando dá na telha?

– Você não gosta do Crouch por causa daquele elfo doméstico, Winky – disse Rony, fazendo a almofada voar pela janela.

– *Você* quer pensar que Snape está armando alguma coisa – disse Hermione, mandando a almofada bem no fundo da caixa.

– Eu só queria saber o que foi que Snape fez com a primeira chance, se agora está na segunda – disse Harry sério, e, para sua grande surpresa, a almofada saiu voando pela sala e aterrissou bem em cima da de Hermione.

Harry, obedecendo ao desejo de Sirius de saber de qualquer coisa anormal que acontecesse em Hogwarts, lhe mandou, naquela noite, por uma coruja marrom, uma carta explicando toda a história da invasão da sala de Snape pelo Sr. Crouch, e a conversa entre Moody e Snape. Depois, com seriedade, voltou sua

atenção para o problema mais urgente que tinha diante de si: como sobreviver uma hora debaixo d'água no dia vinte e quatro de fevereiro.

Rony gostou da ideia de usar outra vez um Feitiço Convocatório – Harry lhe falara dos aqualungs, e Rony não via razão para o amigo não convocar um equipamento desses da cidade trouxa mais próxima. Hermione arrasou o plano mostrando que, no caso improvável de Harry conseguir aprender como operar um aqualung dentro da hora concedida, ele certamente seria desqualificado por violar o Código Internacional de Segredo em Magia – era demais esperar que nenhum trouxa visse o aqualung sobrevoando os campos a caminho de Hogwarts.

– Claro, a solução ideal seria você se transfigurar em submarino ou outra coisa assim – disse ela. – Se ao menos já tivéssemos dado Transfiguração Humana! Mas acho que só vamos ter essa matéria no sexto ano, e o resultado pode ser catastrófico se a pessoa não souber o que está fazendo...

– É, acho que não vou gostar de andar por aí com um periscópio saindo da cabeça – disse Harry. – Imagino que sempre é possível atacar alguém na frente de Moody, e, quem sabe, ele fizesse isso por mim...

– Mas acho que Moody não iria deixar você escolher a coisa em que quer ser transformado – comentou Hermione séria. – Não, acho que a sua melhor chance é usar algum feitiço.

Então, Harry, achando que logo, logo iria tomar um cansaço tão grande de biblioteca que ia durar para o resto da vida, enterrou-se mais uma vez entre os livros empoeirados, à procura de um feitiço que permitisse a um ser humano sobreviver sem oxigênio. Mas, embora ele, Rony e Hermione procurassem nas horas de almoço, noites e fins de semana inteiros – embora Harry pedisse à Profª McGonagall uma permissão escrita para usar a Seção Reservada, e chegasse até a pedir ajuda à irritável Madame Pince, a bibliotecária que lembrava um urubu –, os garotos não encontraram nadinha que permitisse a Harry passar uma hora embaixo d'água e sobreviver para contar a história.

Episódios já familiares de pânico estavam começando a perturbar o garoto agora e, mais uma vez, ele sentia dificuldade de se concentrar nas aulas. O lago, que Harry sempre encarara como mais um elemento na paisagem dos jardins, atraía seu olhar sempre que ele se aproximava da janela de uma sala de aula, uma grande massa cinza-grafite de água friíssima, cujas profundezas sombrias e enregelantes começavam a parecer distantes como a lua.

Do mesmo jeito que acontecera antes, quando ele precisara enfrentar o Rabo-Córneo, o tempo estava correndo como se alguém tivesse enfeitiçado os relógios para andarem em alta velocidade. Faltava somente uma semana para o dia vinte e quatro de fevereiro (ainda havia tempo)... faltavam cinco dias (logo ele ia achar

alguma coisa)... faltavam três dias (por favor, tomara que eu ache alguma coisa... *por favor*...).

Faltando apenas dois dias, Harry começou a perder o apetite. A única coisa boa do café da manhã de segunda-feira foi o regresso da coruja marrom que ele enviara a Sirius. Harry soltou o pergaminho, desenrolou-o e viu a menor carta que o padrinho já lhe escrevera.

Mande dizer a data do próximo fim de semana em Hogsmeade pela mesma coruja.

Harry virou e revirou o pergaminho, e olhou o verso na esperança de ver mais alguma coisa, mas estava em branco.

– Sem ser este, o próximo fim de semana – cochichou Hermione, que lera a carta por cima do ombro de Harry. – Toma aqui a minha pena e manda logo essa coruja de volta.

O garoto rabiscou a data no verso da carta de Sirius, amarrou-a na perna da ave e observou-a levantar vôo. Que é que ele tinha esperado? Conselhos para sobreviver debaixo d'água? Estivera tão preocupado em contar a Sirius o que havia acontecido entre Snape e Moody, que se esquecera completamente de mencionar a pista do ovo.

– Para que é que ele quer saber a data do próximo fim de semana de Hogsmeade? – perguntou Rony.

– Não sei – respondeu Harry sem emoção. A felicidade momentânea que lampejara em seu peito ao ver a coruja se apagara. – Vamos... Trato das Criaturas Mágicas.

Fosse porque Hagrid estava tentando compensar o fiasco dos explosivins ou porque agora só restavam dois bichos, ou ainda porque ele estava tentando provar que era capaz de fazer tudo que a Profª Grubbly-Plank fazia, o fato é que ele deu continuidade às aulas dela sobre unicórnios, desde sua volta ao trabalho. Os alunos ficaram sabendo que Hagrid conhecia tanto a respeito de unicórnios quanto de monstros, embora ficasse evidente que parecia desapontado que os bichos não tivessem presas envenenadas.

Para hoje, ele conseguira capturar dois filhotes de unicórnio. Ao contrário dos animais adultos, estes eram absolutamente dourados. Parvati e Lilá tiveram arroubos de prazer ao vê-los, e até Pansy Parkinson teve que se esforçar para esconder o quanto gostava dos filhotes.

– Mais fáceis de localizar que os adultos – disse Hagrid à turma. – Eles ficam prateados aí pelos dois anos de idade e ganham chifres por volta dos quatro. Só ficam branco-puro quando atingem a idade adulta, aí pelos sete anos. São um

pouco mais confiantes quando filhotes... não se incomodam tanto com os garotos... vamos, cheguem mais perto para poderem fazer carinho neles se quiserem... deem a eles alguns torrões de açúcar...

– Você está bem, Harry? – murmurou Hagrid, afastando-se um pouco para o lado, enquanto a maioria dos alunos se aglomerava em torno dos bebês-unicórnios.

– Tô.

– Só nervoso, não é?

– Um pouco.

– Harry – disse Hagrid, fechando a mão maciça no ombro do garoto, fazendo seus joelhos cederam sob aquele peso –, estive preocupado antes de ver você enfrentar aquele Rabo-Córneo, mas agora sei que está à altura. Você vai se dar bem. Já decifrou a nova pista, não?

Harry confirmou com a cabeça mas, ao fazer isso, se apoderou dele uma vontade louca de confessar que não tinha a menor ideia de como iria sobreviver no fundo do lago durante uma hora. Ele ergueu os olhos para Hagrid – quem sabe o amigo precisava entrar no lago algumas vezes para cuidar das criaturas que viviam lá? Afinal, ele cuidava de todo o resto na propriedade...

– Você vai vencer – rosnou Hagrid, dando mais algumas palmadinhas no ombro de Harry que chegou a sentir que afundara alguns centímetros no chão lamacento. – Sei disso. Posso até sentir. *Você vai vencer, Harry*.

Harry simplesmente não teve coragem de apagar o sorriso feliz e confiante do rosto de Hagrid. Fingindo que estava interessado nos filhotes de unicórnio, forçou um sorriso para o amigo e se adiantou para acariciar os animais com os colegas.

Na noite que antecedeu a segunda tarefa, Harry já se sentia como se estivesse paralisado por um pesadelo. Tinha plena consciência que se conseguisse, mesmo por milagre, encontrar um feitiço que servisse, seria um trabalho de Hércules aprendê-lo da noite para o dia. Como podia ter deixado isto acontecer? Por que não começara a trabalhar na pista do ovo mais cedo? Por que deixara seus pensamentos vagarem durante as aulas – e se um professor tivesse mencionado como respirar debaixo d’água?

Ele, Rony e Hermione estavam sentados na biblioteca quando o sol se pôs lá fora, virando febrilmente páginas e mais páginas de feitiços, escondidos um do outro por pilhas maciças de livros em cima das mesas de cada um. O coração de Harry dava um enorme salto cada vez que ele via a palavra “água” em uma página, mas um número bem maior de vezes era apenas “Meça um litro de água, duzentos e cinquenta gramas de folhas de mandrágora picadas e pegue um

tritão...”

– Acho que não é possível – disse a voz de Rony do lado oposto da mesa. – Não tem nada. *Nadinha*. O mais próximo que chegamos foi aquela coisa para secar poças e poços, aquele Feitiço Secante, mas nem de longe teria potência para secar o lago.

– Tem que haver alguma coisa – murmurou Hermione, trazendo uma vela para mais perto. Seus olhos estavam tão cansados que ela estava lendo as letrinhas miúdas de *Feitiços e encantos caídos no olvido* com o nariz a dois centímetros da página. – Nunca teriam proposto uma tarefa que fosse inviável.

– Pois propuseram – disse Rony. – Harry, amanhã, vá até o lago, meta a cabeça dentro dele e grite para os sereianos devolverem o que afanaram, e vê se eles mandam a coisa de volta. É o melhor que você tem a fazer, companheiro.

– Existe uma maneira de fazer! – disse Hermione zangada. – Simplesmente tem que existir!

Ela parecia estar tomando como ofensa pessoal o fato de a biblioteca não ter informações úteis sobre o assunto; a biblioteca jamais lhe falhara antes.

– Eu sei o que deveria ter feito – disse Harry, descansando a cabeça sobre o livro *Truques marotos para marotos de truz*. – Eu devia ter aprendido a virar um animago como Sirius.

– É, você poderia se transformar num peixinho dourado sempre que quisesse! – exclamou Rony.

– Ou num sapo – bocejou Harry. Estava exausto.

– Leva anos para alguém virar um animago, depois ele tem que se registrar e tudo o mais – disse Hermione vagamente, agora espremendo os olhos para ler o índice de *Estranhos dilemas da magia e suas soluções*. – A Profª McGonagall falou para a gente, lembram... a pessoa tem que se registrar na Seção de Prevenção do Uso Indevido da Magia... dizer em que animal se transforma, quais as marcas características, por isso não pode abusar...

– Mione, eu estava brincando – disse Harry exausto. – Eu sei que não tenho a menor chance de me transformar em sapo até amanhã de manhã...

– Ah, isto aqui não adianta nada – exclamou Hermione, fechando o livro com violência. – Quem é que vai querer que os pelos do nariz cresçam em cachinhos?

– Eu não me importaria – disse a voz de Fred Weasley. – Seria um grande tópico para estimular conversas, não acham não?

Harry, Rony e Hermione levantaram a cabeça. Fred e Jorge tinham acabado de sair de trás de umas estantes.

– Que é que vocês dois estão fazendo aqui? – perguntou Rony.

– Procurando vocês – disse Jorge. – McGonagall quer ver você, Rony. E você Mione.

– Por quê? – perguntou a garota, parecendo surpresa.
– Sei lá... mas estava com a cara meio fechada – informou Fred.
– Disse que era para levarmos vocês à sala dela – disse Jorge.
Rony e Hermione olharam para Harry, que sentiu o estômago despencar. Será que a Profª McGonagall ia brigar com Mione e Rony? Talvez ela tivesse notado que os dois o estavam ajudando à beça, quando ele devia estar procurando sozinho uma solução para realizar a tarefa?
– Encontramos você na sala comunal – disse Hermione a Harry, ao se levantar para acompanhar Rony, os dois pareciam muito ansiosos. – Leva o maior número de livros que puder, OK?
– OK – disse Harry inquieto.
Lá pelas oito horas, Madame Pince apagara as luzes e apareceu para expulsar Harry da biblioteca. Cambaleando sob o peso do maior número de livros que pôde carregar, Harry voltou à sala comunal da Grifinória, puxou uma mesa para um canto e continuou a busca. Não havia nada em *Mágicas malucas para bruxos doidões*... nada em *Um guia para a feitiçaria medieval*... para não mencionar as proezas submarinas na *Antologia de feitiços do século XVIII*, ou em *Habitantes medonhos das profundezas* ou *Poderes que você desconhecia possuir e o que fazer com eles agora que os descobriu.*
Bichento subiu ao colo de Harry e se enroscou ronronando profundamente. A sala comunal foi se esvaziando aos poucos à volta de Harry. As pessoas não paravam de lhe desejar boa sorte para a manhã seguinte, com vozes animadas e confiantes como a de Hagrid, todos aparentemente convencidos de que ele estava prestes a fazer outra fantástica demonstração como a da primeira tarefa. Harry não conseguia responder aos colegas, simplesmente acenava com a cabeça, com a sensação de que havia uma bola de golfe entalada em sua garganta. Por volta da meia-noite, ele ficou sozinho na sala com Bichento. Procurara em todos os livros restantes e Rony e Hermione não tinham voltado.
Terminou tudo, disse ele a si mesmo. Você não vai dar conta. Simplesmente terá que ir até o lago de manhã e dizer aos juízes...
Imaginou-se explicando que não seria capaz de executar a tarefa. Visualizou os olhos de Bagman arregalados de surpresa, o sorriso cheio de dentes amarelos de Karkaroff expressando sua satisfação. Conseguiu até ouvir Fleur Delacour comentar: “*Eu sabia... ele é jóvan demais, é apenes uma crriança.*” Ele viu Malfoy fazendo o distintivo POTTER FEDE lampejar sentado bem na frente dos espectadores, viu o rosto incrédulo e cabisbaixo de Hagrid...
Esquecido de que Bichento estava em seu colo, Harry se levantou muito de repente; o gato bufou zangado ao aterrissar no chão, lançou ao garoto um olhar de desagrado e se retirou com o rabo de escova de garrafa no ar, mas Harry já ia

correndo escada acima para o dormitório... apanharia a Capa da Invisibilidade e voltaria à biblioteca, ficaria lá a noite inteira se fosse preciso...

– *Lumus* – sussurrou ele quinze minutos depois, ao abrir a porta da biblioteca.

A ponta da varinha acesa, ele andou ao longo das estantes, apanhando mais livros – livros de azarações e feitiços, livros sobre sereianos e monstros aquáticos, livros sobre bruxas e bruxos famosos, sobre invenções mágicas, sobre qualquer coisa que pudesse incluir uma referência passageira à sobrevivência debaixo d'água. Carregou-os para uma mesa, então pôs mãos à obra, examinando-os com o feixe de luz fino de sua varinha, ocasionalmente consultando seu relógio...

Uma hora da manhã... duas horas... a única maneira de continuar era dizer a si mesmo, repetidamente: *Próximo livro... no próximo... no próximo...*

A sereia no quadro do banheiro dos monitores-chefes estava dando risadas. Harry flutuava como uma rolha na água borbulhante próximo ao rochedo do quadro, enquanto ela agitava a Firebolt dele na mão.

– Venha buscá-la! – riu a sereia maliciosamente. – Anda, salta!

– Não posso – ofegou Harry, tentando arrebatar a Firebolt ao mesmo tempo que lutava para não afundar. – Me dá a vassoura!

Mas a sereia apenas o cutucava dolorosamente do lado do corpo com o cabo da vassoura, caçoando dele.

– Isso dói, sai para lá, ai...

– Harry Potter precisa acordar, meu senhor!

– Para de me cutucar...

– Dobby tem que cutucar Harry Potter, meu senhor, ele tem que acordar!

Harry abriu um olho. Ainda estava na biblioteca; a Capa da Invisibilidade escorregara de sua cabeça e ele adormecera, e um lado do seu rosto estava colado na página de *Onde há uma varinha, há uma saída*. Ele se sentou, ajeitou os óculos, piscando para a intensa claridade do dia.

– Harry Potter precisa se apressar! – guinchou Dobby. – A segunda tarefa vai começar dentro de dez minutos e Harry Potter...

– Dez minutos? – grasnou Harry. – Dez... *dez minutos*?

Ele olhou para o relógio de pulso. Dobby tinha razão. Eram nove e vinte. Um enorme peso morto pareceu escorregar do peito de Harry para o seu estômago.

– Depressa, Harry Potter! – guinchou Dobby, puxando a manga do garoto. – O senhor devia estar lá embaixo no lago como os outros campeões, meu senhor!

– Tarde demais, Dobby – disse Harry sem esperanças. – Não vou fazer a tarefa, não sei como...

– Harry Potter *vai* fazer a tarefa! Dobby soube que Harry não encontrou o livro certo, então Dobby encontrou para ele!

– Quê? – exclamou Harry. – Mas *você* não sabe qual é a segunda tarefa...
– Dobby sabe, meu senhor! Harry Potter tem que entrar no lago e procurar o *Wheezy* dele...
– Procurar o meu o quê?
– ... e recuperar o *Wheezy* dele que está com os sereianos!
– O que é um *Wheezy*?
– O seu *Wheezy*, meu senhor, o seu *Wheezy*, *Wheezy* que dá a Dobby a suéter!
Dobby deu uns puxões na suéter marrom, que fora encolhida, e que ele estava usando por cima dos calções.
– *Quê!* – ofegou Harry. – Eles estão... eles estão com o *Rony*?
– A coisa que mais fará falta a Harry Potter, meu senhor! – guinchou Dobby. – Mas passada a hora...
– *... adeus esperança de achar* – recitou Harry, arregalando os olhos para o elfo, horrorizado. – *Tarde demais, foi-se, ele jamais voltará*... Dobby, o que é que eu tenho que fazer?
– O senhor tem que comer isto, meu senhor! – guinchou o elfo, e levando a mão ao bolso dos calções retirou uma bola que parecia feita de rabos de rato, viscosos e verde-acinzentados. – Na hora em que for entrar no lago, meu senhor... guelricho!
– Que é que isso faz? – perguntou Harry olhando para a erva.
– Vai fazer Harry Potter respirar embaixo d’água, meu senhor!
– Dobby – disse Harry histérico –, escuta aqui, você tem certeza?
O garoto não esquecera de todo que a última vez que Dobby tentara “ajudá-lo”, ele acabara sem ossos no braço direito.
– Dobby tem absoluta certeza, meu senhor! – disse o elfo sério. – Dobby escuta coisas, meu senhor, ele é um elfo doméstico, anda por todo o castelo quando acende as lareiras e limpa os pisos. Dobby ouviu a Profª McGonagall e o Prof. Moody na sala de professores, conversando sobre a próxima tarefa... Dobby não pode deixar Harry Potter perder o *Wheezy* dele!
As dúvidas de Harry desapareceram. Pondo-se em pé de um salto, ele despiu a Capa da Invisibilidade, guardou-a na mochila, agarrou o guelricho, enfiou-o no bolso e saiu correndo da biblioteca com Dobby nos calcanhares.
– Dobby devia estar na cozinha, meu senhor! – guinchou o elfo quando desembestavam pelo corredor. – Vão dar falta de Dobby, boa sorte, Harry Potter, meu senhor, boa sorte!
– Vejo você depois, Dobby! – gritou Harry, e saiu desabalado pelo corredor, descendo as escadas três degraus de cada vez.
No saguão de entrada havia uns poucos retardatários, todos saindo do Salão Principal depois do café em direção às portas duplas de carvalho da entrada, para

ir assistir à segunda tarefa. Ficaram olhando Harry passar correndo e mandar Colin e Dênis Creevey pelo ar ao saltar os degraus de acesso aos jardins ensolarados e frios.

Enquanto corria pelos gramados, viu que as arquibancadas que tinham rodeado o picadeiro dos dragões em novembro agora estavam dispostas ao longo da margem oposta do lago, quase explodindo de tão lotadas, e que se refletiam nas águas embaixo; a algazarra excitada dos espectadores ecoava estranhamente pela superfície das águas enquanto Harry corria pela outra margem do lago em direção aos juízes, sentados a uma mesa coberta com tecido dourado. Cedrico, Fleur e Krum estavam parados ao lado da mesa, observando Harry se aproximar correndo.

– Estou... aqui... – ofegou Harry, derrapando na lama ao parar e, acidentalmente, sujando as vestes de Fleur.

– Onde é que você esteve? – disse uma voz autoritária censurando-o. – A tarefa vai começar.

Harry olhou para os lados. Percy Weasley estava sentado à mesa dos juízes – o Sr. Crouch mais uma vez não comparecera.

– Ora, vamos, Percy! – disse Ludo Bagman, que parecia extremamente aliviado de ver Harry. – Deixe-o recuperar o fôlego!

Dumbledore sorriu para Harry, mas Karkaroff e Madame Maxime não pareceram nem um pouco satisfeitos de vê-lo... Era óbvio, pela expressão dos seus rostos, que tinham pensado que o campeão não ia aparecer.

Harry dobrou o corpo, as mãos nos joelhos, procurando respirar; sentia uma pontada do lado do corpo que lhe dava a sensação de ter uma faca enfiada nas costelas, mas não havia tempo para se livrar dela; Ludo Bagman agora andava entre os campeões, espaçando-os pela margem a intervalos de três metros. Harry ficou bem no fim da fila, ao lado de Krum, que estava de calções de banho e segurava a varinha em posição.

– Tudo bem, Harry? – sussurrou Bagman, afastando Harry um pouco mais de Krum. – Sabe o que é que tem de fazer?

– Sei – ofegou o garoto, massageando as costelas.

Bagman lhe deu um breve aperto no ombro e voltou à mesa dos juízes; depois apontou a varinha para a própria garganta como fizera na Copa Mundial, disse "*Sonorus!*" e sua voz reboou sobre as águas escuras até as arquibancadas.

– Bem, os nossos campeões estão prontos para a segunda tarefa, que começará quando eu apitar. Eles têm exatamente uma hora para recuperar o que foi tirado deles. Então, quando eu contar três. Um... dois... *três*!

O apito produziu um som agudo no ar frio e parado; as arquibancadas explodiram em vivas e palmas; sem se virar para ver o que os outros campeões

estavam fazendo, Harry descalçou os sapatos e as meias, tirou um punhado de guelricho do bolso, meteu-o na boca e entrou no lago.

O lago estava tão frio que ele sentiu a pele das pernas arder como se estivesse no fogo e não na água, à medida que ele foi se aprofundando no lago; agora a água lhe batia pelos joelhos, e seus pés, que rapidamente perdiam a sensibilidade, escorregavam pelo lodo e pelas pedras chatas e limosas. Harry mastigou o guelricho com mais força e pressa que pôde; era borrachudo e viscoso como tentáculos de polvo. Com a água gélida pela cintura ele parou, engoliu a erva e esperou que alguma coisa acontecesse.

Ouviu os espectadores rirem e concluiu que devia estar com cara de idiota, entrando no lago sem dar sinal algum de poder mágico. A parte do seu corpo ainda seca se encheu de arrepios; semi-imerso na água gelada, uma brisa impiedosa levantando seus cabelos, Harry Potter começou a tremer violentamente. Evitou olhar para as arquibancadas; as risadas estavam mais altas e ele ouvia assobios e vaias de alunos da Sonserina...

Então, inesperadamente, Harry teve a sensação de que uma almofada invisível estava cobrindo sua boca e seu nariz. Ele tentou respirar, mas isto fez sua cabeça girar; seus pulmões se esvaziaram e ele sentiu uma dor súbita e lancinante dos dois lados do pescoço...

Harry levou as mãos à garganta e sentiu duas grandes aberturas abaixo das orelhas abanando no ar frio... *ganhara guelras*. Sem parar para pensar, ele fez a única coisa que lhe pareceu ajuizada – se atirou no lago.

O primeiro gole de água gelada do lago lhe pareceu um sopro de vida. Sua cabeça parou de girar; ele tomou mais um gole e sentiu-o passar suavemente pelas guelras e bombear oxigênio para o seu cérebro. Ele estendeu as mãos para a frente e olhou-as. Pareciam verdes e fantasmagóricas debaixo d'água e haviam nascido membranas entre os dedos. Ele se contorceu para ver os pés descalços – tinham se alongado e igualmente ganho membranas; parecia também que saíam nadadeiras do seu corpo.

A água não parecia mais gelada, tampouco... pelo contrário, se tornara agradavelmente fresca e muito leve... Harry recomeçou a bracejar, admirando-se como seus pés com nadadeiras o impeliam pela água e registrando que estava enxergando com muita clareza e não sentia mais necessidade de piscar. Logo nadara uma distância tão grande em direção ao meio do lago que deixara de ver seu leito. Deu uma cambalhota e mergulhou em suas profundezas.

O silêncio pesou em seus ouvidos ao nadar por uma paisagem estranha, escura e enevoada. Só conseguia ver três metros ao redor, por isso à medida que se deslocava novos cenários pareciam surgir repentinamente da escuridão à sua frente; florestas ondulantes de plantas emaranhadas e escuras, extensões de lodo

coalhadas de pedras lisas e brilhantes. Ele nadava cada vez mais para o fundo e para o centro do lago, os olhos abertos, espiando, através da misteriosa claridade cinzenta que iluminava as águas, rumando para as sombras além, em que as águas se tornavam opacas.

Pequenos peixes passavam velozes por ele como flechas prateadas. Uma ou duas vezes ele viu um vulto maior nadando mais adiante, mas quando se aproximou, descobriu que era apenas um grande tronco enegrecido ou uma moita densa de plantas. Não viu sinal algum dos outros campeões, nem dos sereianos, nem de Rony – nem, graças a Deus, da lula gigante.

Plantas verde-claras se estendiam à sua frente até onde sua vista podia alcançar, como um prado coberto de relva muito crescida. Harry olhava para a frente sem piscar, tentando discernir as formas na obscuridade... e então, sem aviso, alguma coisa agarrou seu tornozelo.

Harry se virou e viu um *grindylow,* um pequeno demônio aquático de chifres, que saía do meio das plantas, seus dedos compridos apertando a perna de Harry, as presas pontiagudas à mostra – o garoto enfiou a mão palmada depressa dentro das vestes e procurou a varinha, até conseguir apanhá-la, mais dois *grindy lows*tinham emergido das plantas, agarrado as vestes de Harry e tentavam arrastá-lo para o fundo.

– *Relaxo!* – disse ele, só que não produziu som algum... uma grande bolha saiu de sua boca, e sua varinha, em vez de atirar faíscas contra os *grindylows*, golpeou-os com algo que pareceu um jato de água fervendo, pois onde os atingiu surgiram manchas muito vermelhas em sua pele verde. Harry livrou o tornozelo do aperto dos demônios e nadou o mais rápido que pôde, ocasionalmente disparando, a esmo, mais jatos de água quente por cima do ombro; de vez em quando ele sentia um *grindylow* pren dernovamente seu pé e o chutava com força; por fim, seu pé fez contato com um crânio chifrudo e, olhando para trás, ele viu um *grindylow* se afastar boiando, vesgo, enquanto seus companheiros sacudiam os punhos para Harry e tornavam a submergir entre as plantas.

Harry diminuiu um pouco a velocidade, guardou a varinha nas vestes e olhou ao redor, apurando os ouvidos. Fez uma volta completa na água, o silêncio pesava mais que nunca em seus tímpanos. Sabia que devia estar bem mais fundo, mas nada se mexia exceto as plantas ondulantes.

– Como é que você está indo?

Harry achou que estava tendo um ataque cardíaco. Virou-se depressa e viu a Murta Que Geme flutuando difusamente diante dele, fitando-o através dos grossos óculos perolados.

– Murta! – Harry tentou gritar, porém, mais uma vez, não saiu nenhum som de sua boca, apenas uma grande bolha. A Murta Que Geme chegou a dar risadinhas

abafadas.
– Você vai precisar experimentar para aquele lado lá! – disse ela apontando. – Não vou acompanhar você... não gosto muito deles, sempre me perseguem quando me aproximo demais...
Harry levantou o polegar à guisa de agradecimento, e recomeçou a nadar, tendo o cuidado de se colocar um pouco acima das plantas para evitar mais *grindylows* que por acaso estivessem escondidos ali.
Ele continuou a nadar por uns vinte minutos ou assim lhe pareceu. Atravessava agora grandes extensões de lodo escuro, que redemoinhavam sujando a água agitada por ele. Então, finalmente, ouviu um trecho da música misteriosa dos sereianos.

Uma hora inteira você deverá buscar,
Para recuperar o que lhe tiramos...

Harry nadou mais rápido e não tardou a ver um grande penhasco emergindo na água lodosa à frente. Nele havia pinturas de sereiano: carregavam lanças e caçavam algo que parecia ser a lula gigante. Harry deixou o penhasco para trás seguindo a música dos sereianos:

... já se passou meia hora, por isso não tarde
Ou o que você busca apodrecerá aqui...

Um punhado de casas toscas de pedra, manchadas de algas, tomou forma de repente no lusco-fusco que rodeava o garoto. Aqui e ali, às janelas escuras, Harry viu rostos... rostos que não tinham qualquer semelhança com o quadro da sereia no banheiro dos monitores-chefes...
Os sereianos tinham peles cinzentas e longos cabelos desgrenhados e verdes. Seus olhos eram amarelos, como seus dentes quebrados, e eles usavam grossas cordas de seixos ao pescoço. Lançaram olhares desconfiados quando Harry passou. Um ou dois saíram das tocas para examiná-lo melhor, seus fortes rabos de peixe prateados golpeando a água; as lanças nas mãos.
Harry continuou a nadar veloz, olhando para os lados, e logo as casas se tornaram mais numerosas: havia jardins de folhagens ao redor de algumas, e ele chegou a ver um *grindylow* amarrado a uma estaca do lado de fora de uma porta. Os sereianos apareciam por todos os lados agora, observando-o ansiosos, apontando para suas mãos palmadas e guelras, falando entre si, com a mão encobrindo a boca. Harry virou um canto e deparou com uma cena estranha.
Um grande número de sereianos flutuava diante de casas enfileiradas que

pareciam uma versão local de uma praça de povoado. Um coro cantava no centro, chamando os campeões e, por trás, erguia-se uma estátua tosca; um gigantesco sereiano esculpido em um pedregulho. Quatro pessoas estavam firmemente amarradas à cauda da estátua.

Rony estava amarrado entre Hermione e Cho Chang. Havia ainda uma garota que não aparentava ter mais de oito anos e cujas nuvens de cabelos prateados deu a Harry a certeza de que era irmã de Fleur Delacour. Os quatro pareciam profundamente adormecidos. Suas cabeças balançavam molemente sobre os ombros e um fluxo contínuo de pequenas bolhas saía de suas bocas.

Harry correu em direção aos reféns, meio que esperando os sereianos baixarem as lanças para o atacarem, mas eles nada fizeram. As cordas que atavam os reféns à estátua eram grossas, viscosas e muito fortes. Por um instante fugaz ele pensou no canivete que Sirius lhe presenteara no Natal – guardado em seu malão no castelo a uns quatrocentos metros de distância, não tinha a menor utilidade.

Harry olhou ao redor. Muitos sereianos que cercavam os reféns seguravam lanças. O garoto nadou rápido para um deles, com uns dois metros de altura, uma longa barba verde e uma gargantilha de dentes de tubarão, e tentou, por meio de mímica, pedir a lança emprestada. O sereiano riu e sacudiu a cabeça.

– Não ajudamos – disse ele numa voz áspera e rouca.

– Ora VAMOS! – disse Harry com ferocidade (mas apenas bolhas saíram de sua boca), e ele tentou tirar a lança do sereiano, que a puxou para si, ainda sacudindo a cabeça e rindo.

Harry deu uma volta completa no corpo, olhando. Alguma coisa afiada, qualquer coisa...

Havia muitas pedras no leito do lago. Ele mergulhou e apanhou uma de aspecto afiado e voltou à estátua. Começou, então, a golpear a corda que prendia Rony e, depois de alguns minutos de esforço, elas se romperam. Rony flutuou, inconsciente a alguns centímetros do leito do lago, acompanhando o movimento da água.

Harry correu o olhar à volta. Não viu sinal dos outros campeões. De que é que estavam brincando? Por que não se apressavam? Ele se virou para Hermione, ergueu a pedra afiada e começou a golpear as cordas dela também...

Na mesma hora, vários pares de fortes mãos cinzentas o seguraram. Meia dúzia de sereianos começaram a afastá-lo de Hermione, balançando as cabeças de cabelos verdes e dando risadas.

– Você leva o seu refém – disse um deles. – Deixe os outros...

– Nem pensar! – respondeu Harry indignado, mas apenas duas bolhas saíram de sua boca.

– Sua tarefa é resgatar o seu amigo... deixe os outros...

– *Ela é* minha amiga, também! – berrou Harry, gesticulando em direção a Hermione, uma enorme bolha prateada desprendendo-se silenciosamente dos seus lábios. – E tampouco quero que os *outros* morram!

A cabeça de Cho descansava no ombro de Hermione; a garotinha de cabelos prateados parecia pálida e fantasmagoricamente esverdeada. Harry lutou para afastar os sereianos, mas eles riam com mais vontade que nunca, empurrando-o para trás. O garoto olhou alucinado para os lados. Onde estavam os outros campeões? Será que ele teria tempo de levar Rony até a superfície e voltar para buscar Hermione e as outras? Será que ele conseguiria encontrá-las de novo? Consultou o relógio para ver quanto tempo lhe sobrava – o relógio parara de trabalhar.

Mas, então, os sereianos que o rodeavam começaram a apontar excitados para alguma coisa acima da cabeça dele. Harry ergueu os olhos e viu Cedrico nadando em direção ao grupo. Havia uma enorme bolha em torno de sua cabeça, que fazia suas feições parecerem estranhamente largas e esticadas.

– Me perdi! – disse ele silenciosamente, com uma expressão de pânico. – Fleur e Krum estão vindo agora!

Sentindo-se imensamente aliviado, Harry viu Cedrico puxar uma faca do bolso e libertar Cho. Ele a puxou para cima e desapareceu de vista.

Harry olhou para os lados, aguardando. Onde estavam Fleur e Krum? O tempo ia se esgotando e, segundo a música, os reféns jamais voltariam...

Os sereianos começaram a guinchar excitados. Os que seguravam Harry afrouxaram o aperto, olhando para trás. Harry se virou e viu algo monstruoso cortando as águas em direção a eles: um corpo humano de calções de banho com uma cabeça de tubarão... Era Krum. Parecia ter se transformado – mas de maneira incompleta.

O homem-tubarão nadou direto para Hermione e começou a puxar e a morder as cordas que a prendiam; o problema é que os novos dentes de Krum estavam posicionados de forma imprópria para morder qualquer coisa menor do que um golfinho, e Harry tinha quase certeza de que se Krum não tivesse cuidado, ia cortar Hermione ao meio. Correndo para ele, Harry bateu com força em seu ombro e estendeu a pedra afiada. Krum agarrou-a e começou a libertar Hermione. Em segundos, ele terminou; agarrou Hermione pela cintura e, sem ao menos olhar para trás, começou a subir rapidamente com a garota para a superfície.

“E agora?”, pensou Harry desesperado. Se ele pudesse ter certeza de que Fleur estava a caminho... Mas não havia nem sinal. Não havia jeito...

Ele agarrou a pedra que Krum largara, mas os sereianos voltaram a se

aproximar de Rony e da garotinha, balançando a cabeça para Harry.
O garoto puxou a varinha.
– Saiam da frente!
Somente bolhas voaram de sua boca, mas ele teve a nítida impressão de que os sereianos o haviam entendido, porque subitamente pararam de rir. Seus olhos amarelos se fixaram na varinha de Harry e eles revelaram medo. Eram muitos e Harry era apenas um, mas o garoto percebeu, pela expressão dos seus rostos, que os sereianos conheciam tanta magia quanto a lula gigante.
– Vocês têm até três! – gritou Harry; um grande jorro de bolhas saiu de sua boca, e ele ergueu três dedos para ter certeza de que os sereianos tinham entendido a mensagem. – Um... – (ele ergueu um dedo) – dois... – (ergueu o segundo)...
Eles se dispersaram. Harry se adiantou depressa e começou a golpear as cordas que prendiam a garotinha à estátua; e finalmente libertou-a. Ele a agarrou pela cintura, agarrou a gola das vestes de Rony e deu impulso para a superfície.
Foi uma subida muito lenta. Ele já não podia usar as mãos palmadas para se impulsionar; bateu as nadadeiras furiosamente, mas Rony e a irmã de Fleur eram verdadeiros sacos de batatas que o arrastavam para o fundo... Harry firmou a vista em direção ao céu, embora soubesse que ainda devia estar muito fundo, as águas acima estavam tão escuras...
Os sereianos o seguiram na subida. Harry os via rodando à sua volta sem esforço, vendo-o lutar para vencer a força das águas... será que o puxariam de volta às profundezas quando seu tempo se esgotasse? Será que comiam seres humanos? As pernas de Harry se moviam lentamente com o esforço de nadar; seus ombros doíam horrivelmente com o esforço de arrastar Rony e a garota...
Ele inspirava com extrema dificuldade. Voltou a sentir a dor dos lados do pescoço... aos poucos foi se tornando consciente da umidade da água em sua boca... mas decididamente a obscuridade estava raleando agora... já conseguia ver a luz do dia no alto...
Bateu as nadadeiras com força e descobriu que já não havia nada além de pés... a água entrava aos borbotões em sua boca e invadia seus pulmões... ele estava começando a sentir tonteira, mas sabia que a luz e o ar estavam a apenas três metros acima... tinha que chegar lá... tinha que...
Harry sacudiu as pernas com tanta força e rapidez que teve a sensação de que seus músculos gritavam em protesto; o próprio cérebro parecia encharcado de água, ele não conseguia respirar, precisava de oxigênio, tinha que continuar, não podia parar...
Então sentiu sua cabeça varar a superfície do lago; um ar maravilhoso, frio, claro, fez seu rosto molhado arder; ele o engoliu, tendo a sensação de que jamais

o respirara antes como devia e, ofegante, puxou Rony e a menininha com ele. A toda volta, cabeças com cabelos verdes emergiram da água, mas sorriam para ele.

Os espectadores nas arquibancadas faziam um estardalhaço; gritavam, berravam, todos pareciam estar de pé; Harry teve a impressão de que pensavam que Rony e a menininha poderiam estar mortos, mas tinham se enganado... os dois tinham aberto os olhos; a menina parecia apavorada e confusa, mas Rony meramente expeliu um grande jato de água, piscou para a claridade, virou-se para Harry e comentou:

– Um bocado molhado, não? – Depois viu a irmã de Fleur. – Para que foi que você trouxe a garota?

– Fleur não apareceu. Eu não podia largar ela lá – ofegou Harry.

– Harry, seu débil – disse Rony. – Você não levou aquela música a sério, levou? Dumbledore não teria deixado nenhum de nós morrer afogado!

– Mas a música dizia...

– Só para garantir que você voltasse dentro do prazo dado! Espero que você não tenha perdido tempo lá embaixo bancando o herói!

Harry se sentiu no mesmo instante idiota e chateado. Estava tudo muito bem para Rony, *ele estivera* adormecido, não sentira como era fantasmagórico lá no lago, cercado por sereianos armados de lanças com cara de que eram bem capazes de matar.

– Vamos – disse Harry com rispidez –, me ajude com a garota, acho que ela não sabe nadar muito bem.

Os dois puxaram a irmã de Fleur pela água, até a margem, onde os juízes aguardavam de pé observando-os, vinte sereianos acompanhavam os garotos como uma guarda de honra, cantando aquelas horríveis músicas agudas.

Harry viu Madame Pomfrey cuidando de Hermione, Krum, Cedrico e Cho, todos enrolados em grossos cobertores. Dumbledore e Ludo Bagman estavam parados na margem, e sorriram para Harry e Rony quando eles se aproximaram, mas Percy, que parecia muito pálido e, por alguma razão, mais jovem do que era, saiu espalhando água ao encontro deles. Entrementes, Madame Maxime tentava conter Fleur Delacour, que estava muito nervosa, lutando com unhas e dentes para voltar à água.

– Gabrielle! *Gabrielle! Ela está viva? Ela está machucada?*

– Ela está ótima! – Harry tentou lhe dizer, mas se sentia tão exausto que mal conseguia falar, quanto menos gritar.

Percy agarrou Rony e saiu arrastando-o para a margem (“Sai pra lá, Percy, eu estou bem!”); Dumbledore e Bagman ergueram Harry; Fleur se desvencilhara de Madame Maxime e abraçava a irmã.

– Forram os *grrindylows*... eles me atacarron... ah, Gabrrielle, pensei... pensei...
– Venha aqui, você – ouviu-se a voz de Madame Pomfrey; ela agarrou Harry e levou-o até Hermione e os outros, embrulhou-o num cobertor tão apertado que ele se sentiu preso numa camisa de força, e empurrou uma dose de uma poção muito quente pela garganta do garoto. Saiu vapor por suas orelhas.
– Muito bem, Harry! – exclamou Hermione. – Você conseguiu, você descobriu como conseguir, sozinho!
– Bem... – disse Harry. Ele teria contado a ela sobre Dobby, mas acabara de notar que Karkaroff o observava. Era o único juiz que não abandonara a mesa; o único juiz que não dava sinais de satisfação nem alívio que Harry, Rony e a irmã de Fleur tivessem voltado sãos e salvos. – É, é verdade – disse Harry, levantando ligeiramente a voz para Karkaroff poder ouvi-lo.
– Você tem um besourro-de-água prreso nos cabelos, Hermi-ô-nini – disse Krum.
Harry teve a impressão de que Krum estava tentando fazer a garota voltar sua atenção para ele; talvez para lembrá-la que ele acabara de resgatá-la do lago, mas Hermione sacudiu o besouro para longe com impaciência.
– Mas você ultrapassou muito o tempo dado, Harry... Você levou muito tempo para nos encontrar?
– Não... encontrei vocês logo...
A sensação de burrice de Harry foi crescendo. Agora que estava fora da água, pareceu-lhe perfeitamente claro que as precauções de segurança tomadas por Dumbledore não teriam permitido a morte de um refém porque o campeão não aparecera. Por que ele simplesmente não apanhara Rony e viera embora? Teria sido o primeiro a voltar... Cedrico e Krum não tinham perdido tempo se preocupando com mais ninguém; não tinham levado a música dos sereianos a sério...
Dumbledore se encontrava agachado à beira da água, absorto em conversa com alguém que parecia ser o chefe dos sereianos, uma fêmea particularmente selvagem, de aspecto feroz. Emitia o mesmo tipo de guinchos que o de seus companheiros quando estavam embaixo da água; era óbvio que Dumbledore sabia falar serêiaco. Finalmente ele se ergueu, virou-se para os demais juízes e disse:
– Acho que precisamos conversar antes de dar as notas.
Os juízes se agruparam. Madame Pomfrey tinha ido salvar Rony dos abraços de Percy; ela o levou para onde estavam os outros garotos, deu-lhe um cobertor e um pouco de Poção Estimulante, depois foi buscar Fleur e a irmã. Fleur tinha muitos cortes no rosto e nos braços, e suas vestes estavam rasgadas, mas ela não

parecia se importar, nem queria deixar Madame Pomfrey tratá-la.
– Cuide da Gabrrielle – disse a garota virando-se para Harry. – Você salvou minha irrmã – disse ofegante. – Mesmo ela não sendo sua rrefém.
– Foi – disse Harry, que agora desejava de todo o coração ter deixado as garotas amarradas à estátua.
Fleur se abaixou, beijou Harry nas duas bochechas (ele sentiu o rosto queimando e não ficaria surpreso se estivesse pondo vapor pelas orelhas outra vez), em seguida disse a Rony:
– E você, também... você ajudou...
– Foi – disse ele parecendo extremamente esperançoso –, foi, um pouquinho...
Fleur se curvou para ele, também, e o beijou. Hermione pareceu simplesmente furiosa mas, naquele instante, a voz magicamente ampliada de Ludo Bagman reboou ao lado deles, pregando-lhes um susto e fazendo os espectadores nas arquibancadas mergulharem num grande silêncio.
– Senhoras e senhores, já chegamos a uma decisão. A chefe dos sereianos, Murcus, nos contou exatamente o que aconteceu no fundo do lago e, portanto, em um máximo de cinquenta, decidimos atribuir a cada campeão, as seguintes notas...
"A Srta. Fleur Delacour, embora tenha feito uma excelente demonstração do Feitiço Cabeça-de-bolha, foi atacada por *grindylows* ao se aproximar do alvo e não conseguiu resgatar sua refém. Recebeu vinte e cinco pontos."
Aplausos das arquibancadas.
– Eu merrecia zerro – disse Fleur com uma voz gutural, sacudindo a magnífica cabeça.
– O Sr. Cedrico Diggory, que também usou o Feitiço Cabeça-de-bolha, foi o primeiro a voltar com a refém, embora tenha chegado um minuto depois da hora marcada. – Ouviram-se grandes aplausos dos alunos da Corvinal entre os espectadores; Harry viu Cho lançar um olhar feio a Cedrico. – Portanto, recebeu quarenta e sete pontos.
O ânimo de Harry despencou. Se Cedrico ultrapassara o limite de tempo, com certeza ele fizera o mesmo.
– O Sr. Vítor Krum usou uma forma de transformação incompleta, mas ainda assim eficiente, e foi o segundo a voltar com a refém. Recebeu quarenta pontos.
Karkaroff bateu palmas com especial entusiasmo, fazendo ar de superioridade.
– O Sr. Harry Potter usou guelricho com grande eficácia – continuou Bagman. – Ele voltou por último e ultrapassou em muito o prazo de uma hora. Contudo, a chefe dos sereianos nos informou que o Sr. Potter foi o primeiro a chegar aos reféns, e o atraso na volta se deveu à sua determinação de trazer todos os reféns à segurança e não apenas o seu.

Rony e Hermione lançaram a Harry olhares meio exasperados, meio penalizados.
– A maioria dos juízes – e aqui Bagman olhou com muita indignação para Karkaroff – acha que tal atitude revela fibra moral e merece o número máximo de pontos. Mas... o Sr. Potter recebeu quarenta e cinco pontos.
O estômago de Harry deu um solavanco – agora ia disputar o primeiro lugar com Cedrico. Rony e Hermione, apanhados de surpresa, olharam para Harry, começaram a rir e a aplaudir com entusiasmo com o resto dos espectadores.
– Lá vai você, Harry! – gritou Rony sobrepondo-se ao tumulto. – Afinal você não agiu como débil, revelou fibra moral!
Fleur também o aplaudia freneticamente, mas Krum não pareceu nada feliz. Tentou puxar conversa com Hermione outra vez, mas ela estava ocupada demais aplaudindo Harry para lhe dar ouvidos.
– A terceira e última tarefa será realizada ao anoitecer do dia vinte e quatro de junho – continuou Bagman. – Os campeões serão informados do que os espera exatamente um mês antes. Agradecemos a todos o apoio dado aos campeões.
Terminou, pensou Harry atordoado, quando Madame Pomfrey começou a arrebanhar os campeões e reféns em direção ao castelo para trocarem por roupas secas... terminara, ele conseguira... não precisava se preocupar com coisa alguma agora até o dia vinte e quatro de junho...
Da próxima vez que estivesse em Hogsmeade, resolveu ele, ao subir os degraus de pedra do castelo, ia comprar para Dobby um par de meias para cada dia do ano.

— CAPÍTULO VINTE E SETE —
A volta de Almofadinhas

Uma das melhores consequências da segunda tarefa foi que todo mundo ficou muito interessado em saber os detalhes do que acontecera no fundo do lago, o que significou que, uma vez na vida, Rony estava conseguindo dividir as luzes da ribalta com Harry. Este reparou que a versão do seu amigo sobre os acontecimentos mudava sutilmente cada vez que ele os contava. A princípio, Rony narrava o que parecia ter sido a verdade; pelo menos batia com a história de Hermione – Dumbledore havia mergulhado os reféns em um sono encantado na sala da Profª McGonagall, depois de garantir a todos que estariam seguros e que despertariam quando voltassem à superfície da água. Uma semana mais tarde, no entanto, Rony já estava contando uma história emocionante de sequestro, em que ele lutara sozinho contra cinquenta sereianos armados até os dentes que precisaram dominá-lo a pancada antes de amarrá-lo.

– Mas eu levei a minha varinha escondida na manga – Rony tranquilizou Padma Patil, que parecia bem mais interessada agora que o garoto andava recebendo tanta atenção, e fazia questão de falar com ele todas as vezes que se encontravam nos corredores. – Eu poderia ter enfrentado aqueles sereidiotas a qualquer hora que quisesse.

– Que é que você ia fazer, atacar os caras a roncos? – perguntou Hermione alfinetando-o. Tinham caçoado tanto dela por ser a coisa de que Vítor Krum mais sentiria falta que ela andava meio mal-humorada.

As orelhas de Rony ficaram vermelhas e dali em diante ele reverteu à versão do sono encantado.

Quando março começou, o tempo ficou mais seco, mas ventos cortantes esfolavam o rosto e as mãos todas as vezes que as pessoas saíam aos jardins. Havia atrasos no correio porque o vento não parava de tirar as corujas da rota. A coruja marrom que Harry enviara a Sirius com a data do fim de semana em

Hogsmeade apareceu na hora do café da manhã de sexta-feira com metade das penas viradas pelo avesso; Harry mal acabara de desprender a resposta de Sirius, a coruja levantou voo, visivelmente receosa de que fosse ser despachada outra vez.

A carta de Sirius era quase tão curta quanto a anterior.

Esteja nos degraus no fim da estrada que sai de Hogsmeade (depois da Dervixes & Bangues) às duas horas da tarde de sábado. Traga o máximo de comida que puder.

– Ele não voltou a Hogsmeade? – perguntou Rony, incrédulo.

– É o que parece, não é? – disse Hermione.

– Não dá para acreditar – disse Harry tenso. – Se ele for apanhado...

– Mas até agora não foi, não é? – disse Rony. – E agora o lugar nem está mais infestado de dementadores.

Harry dobrou a carta, pensativo. Se fosse honesto consigo mesmo admitiria que queria realmente rever Sirius. Seguiu, portanto, para a última aula da tarde – os dois tempos de Poções – sentindo-se muitíssimo mais animado do que era o seu normal quando descia as escadas para as masmorras.

Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados à porta da sala de aula com o grupinho de garotas da Sonserina que andava com Pansy Parkinson. Todas estavam olhando alguma coisa que Harry não pôde ver e davam risadinhas animadas. A cara de buldogue de Pansy espiava excitada por trás das largas costas de Goyle quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram.

– Eles vêm vindo aí, eles vêm vindo aí! – disse ela entre risadinhas e o ajuntamento de alunos da Sonserina se desfez. Harry viu que Pansy tinha nas mãos uma revista – o *Semanário das Bruxas*. A foto animada na capa mostrava uma bruxa de cabelos crespos, com um sorriso cheio de dentes, que apontava com a varinha para um grande bolo de claras.

– Talvez você encontre aí uma coisa do seu interesse, Granger! – disse Pansy em voz alta e atirou a revista para Hermione, que a aparou, fazendo cara de espanto. Naquele momento, a porta da masmorra se abriu e Snape fez sinal para todos entrarem.

Hermione, Harry e Rony se dirigiram a uma mesa no fundo da sala como de costume. Quando Snape deu as costas à turma para escrever no quadro-negro os ingredientes da poção do dia, Hermione folheou rapidamente a revista, por baixo da mesa. Finalmente, nas páginas centrais, ela encontrou o que estava procurando. Harry e Rony se aproximaram. Uma foto colorida de Harry encimava uma pequena notícia intitulada “A MÁGOA SECRETA DE HARRY

POTTER”:

Um garoto excepcional, talvez – mas um garoto que sofre todas as dores comuns da adolescência, escreve Rita Skeeter. *Privado do amor desde o trágico falecimento dos pais, Harry Potter, catorze anos, pensou que tinha achado consolo com sua namorada firme em Hogwarts, a garota nascida trouxa, Hermione Granger. Mal sabia que em breve estaria sofrendo mais um revés emocional numa vida afligida por perdas pessoais.*

A Srta. Granger, uma garota sem atrativos mas ambiciosa, parece ter uma queda por bruxos famosos que somente Harry não basta para satisfazer. Desde que Vítor Krum, o apanhador búlgaro e herói da última Copa Mundial de Quadribol, chegou em Hogwarts a Srta. Granger tem brincado com as afeições dos dois rapazes. Krum, que está visivelmente apaixonado pela dissimulada Srta. Granger, já a convidou para visitá-lo na Bulgária nas férias de verão e insiste que “nunca se sentiu assim com nenhuma outra garota”.

Contudo, talvez não tenham sido os duvidosos encantos naturais da Srta. Granger que conquistaram o interesse desses pobres rapazes.

“Ela é realmente feia”, diz Pansy Parkinson, uma estudante bonita e viva do quarto ano, “mas é bem capaz de preparar uma Poção do Amor, tem bastante inteligência para isso. Acho que foi isso que ela fez.”

As poções do amor são naturalmente proibidas em Hogwarts, e sem dúvida Alvo Dumbledore irá querer apurar essas afirmações. Entrementes, os simpatizantes de Harry Potter fazem votos que, da próxima vez, ele entregue seu coração a uma candidata que o mereça.

– Eu disse a você! – sibilou Rony para Hermione que continuava a olhar o artigo abobada. – Eu *disse* pra você não aborrecer Rita Skeeter! Ela fez você parecer uma espécie de... Jezabel!

Hermione desfez o ar perplexo e soltou uma risada abafada.

– *Jezabel!* – repetiu ela, sacudindo o corpo de tanto conter o riso e olhando para Rony.

– É o que mamãe diz que elas são – murmurou Rony, suas orelhas tornando a corar.

– Se isso é o melhor que Rita é capaz de escrever, então ela está perdendo o jeito – disse Hermione, ainda dando risadinhas e atirando o *Semanário das Bruxas* em uma cadeira vazia do lado. – Que monte de lixo.

Hermione olhou para os colegas da Sonserina, que observavam ela e Harry com atenção, do outro lado da sala, para ver se tinham se chateado com o artigo. A garota deu um sorriso irônico e acenou para o grupinho. Em seguida ela, Harry

e Rony começaram a desempacotar os ingredientes que iriam precisar para a Poção da Sagacidade.

– Mas tem uma coisa engraçada – disse Hermione dez minutos depois, segurando o pilão suspenso sobre uma tigela de escaravelhos. – Como é que a Rita Skeeter poderia ter sabido...?

– Sabido o quê? – perguntou Rony depressa. – Você *não andou* preparando poções de amor, andou?

– Para de ser débil – retorquiu Hermione, recomeçando a pilar os escaravelhos. – Não, é só que... como foi que ela soube que Vítor me convidou para o visitar no verão?

Hermione ficou escarlate ao dizer isso e deliberadamente evitou os olhos de Rony.

– Quê? – exclamou Rony, deixando cair o pilão com estrépito.

– Ele me convidou logo depois de ter me tirado do lago – murmurou Hermione. – Assim que se livrou da cabeça de tubarão. Madame Pomfrey nos deu cobertores e então ele meio que me puxou para longe dos juízes, para eles não ouvirem, e me perguntou, se eu não estivesse fazendo nada no verão, se eu gostaria de...

– E o que foi que você respondeu? – perguntou Rony, que apanhara o pilão e estava amassando a mesa, a bem quinze centímetros do caldeirão, porque não tirava os olhos de Hermione.

– E ele *realmente* disse que nunca se sentira desse jeito com nenhuma garota – continuou ela, tão vermelha agora que Harry até podia sentir o calor que emanava do corpo dela –, mas como é que Rita Skeeter poderia ter ouvido? Ela não estava lá... ou estava? Vai ver ela *tem* uma Capa da Invisibilidade, vai ver entrou escondida na propriedade para assistir à segunda tarefa...

– E que foi que você *respondeu*? – repetiu Rony, batendo o pilão com tanta força que fez uma mossa na mesa.

– Bem, eu estava tão ocupada vendo se você e Harry estavam OK que...

– Por mais fascinante, sem dúvida, que seja sua vida social, Srta. Granger – disse uma voz gélida bem atrás deles –, devo lhe pedir para não discuti-la em minha aula. Dez pontos a menos para Grifinória.

Snape havia deslizado silenciosamente até a mesa dos garotos enquanto eles conversavam. A turma inteira agora foi se virando para olhá-los; Malfoy aproveitou a oportunidade para lampejar o *POTTER FEDE* lá do outro lado da masmorra.

– Ah... e lendo revistas embaixo da mesa? – acrescentou Snape, agarrando o exemplar do *Semanário das Bruxas.* – Outros dez pontos a menos para Grifinória... ah, mas naturalmente... – os olhos negros de Snape brilharam ao

recair sobre o artigo de Rita Skeeter. – Potter tem que manter em dia os seus recortes de jornais e revistas sobre ele...

A masmorra ecoou as risadas dos alunos da Sonserina, e um sorriso desagradável crispou a boca fina de Snape. Para fúria de Harry, o professor começou a ler o artigo em voz alta:

– *A mágoa secreta de Harry Potter*... ai, ai, ai, Potter, onde é que está doendo agora? *Um garoto excepcional, talvez...*

Harry sentia o rosto arder agora. Snape parava ao fim de cada frase para permitir aos alunos da Sonserina rirem à vontade. O artigo parecia dez vezes pior lido pelo professor.

– ... *os simpatizantes de Harry Potter fazem votos que, da próxima vez, ele entregue seu coração a uma candidata que o mereça.* Que coisa comovente – debochou Snape, enrolando a revista ao som das gargalhadas dos garotos da Sonserina. – Bem, acho melhor separar vocês três, para que possam se concentrar nas poções em lugar dos desencontros de suas vidas amorosas. Weasley, fique onde está. Srta. Granger, lá, ao lado da Srta. Parkinson. Potter, naquela carteira em frente à minha escrivaninha. Mexam-se. Agora.

Furioso, Harry jogou seus ingredientes e a mochila no caldeirão e arrastou-o até uma mesa vazia na frente da sala. Snape o acompanhou, sentou-se à própria escrivaninha e observou Harry descarregar o caldeirão. Decidido a não olhar para Snape, Harry retomou a tarefa de pilar os escaravelhos, imaginando que cada um deles tinha a cara do professor.

– Toda essa atenção da imprensa parece ter inchado a sua cabeça que já é demasiado grande, Potter – disse Snape em voz baixa, depois que o restante da turma se aquietou.

Harry não respondeu. Sabia que o professor estava tentando provocá-lo; já fizera isso antes. Sem dúvida esperava ter uma desculpa para descontar cinquenta pontos redondos da Grifinória antes do fim da aula.

– Você talvez esteja vivendo a ilusão de que o mundo da magia inteiro está impressionado com você – continuou Snape, em voz tão baixa que mais ninguém podia ouvi-lo (Harry continuou a pilar os escaravelhos, embora já os tivesse reduzido a um pó muito fino) –, mas eu não me impressiono com o número de vezes que sua foto aparece nos jornais. Para mim, Potter, você não passa de um menininho mau caráter que acha que está acima dos regulamentos.

Harry virou os escaravelhos pulverizados no caldeirão e começou a cortar as raízes de gengibre. Suas mãos tremiam levemente de raiva, mas ele mantinha os olhos baixos, como se nem ouvisse o que Snape dizia.

– Portanto, eu vou lhe dar um aviso, Potter – continuou o professor, num tom de voz mais suave e perigoso –, seja você uma celebridade mirim ou não, se eu o

apanhar invadindo a minha sala outra vez...
– Eu não cheguei nem perto da sua sala! – disse Harry com raiva, esquecendo sua fingida surdez.
– Não minta para mim – sibilou Snape, seus abissais olhos negros perfurando os de Harry. – Araramboia. Guelricho. Ambos saíram do meu estoque particular e eu sei quem foi que os roubou.
Harry sustentou o olhar de Snape, decidido a não piscar, nem fazer cara de culpado. Na verdade, ele não roubara nenhuma das duas coisas de Snape. Hermione tirara a araramboia no segundo ano – tinham precisado dela para a Poção Polissuco –, e embora Snape suspeitasse de Harry na ocasião, nunca pudera comprovar sua suspeita. Dobby, naturalmente, roubara o guelricho.
– Não sei do que o senhor está falando – mentiu Harry com frieza.
– Você estava fora da cama na noite em que a minha sala foi invadida! – sibilou Snape. – Eu sei disso, Potter! Agora talvez Olho-Tonto Moody tenha entrado para o seu fã-clube, mas eu não vou tolerar o seu comportamento! Mais um passeio noturno à minha sala, Potter, e você vai me pagar!
– Certo! – respondeu Harry calmamente, voltando sua atenção para as raízes de gengibre. – Me lembrarei disso se algum dia sentir um impulso de entrar lá.
Os olhos de Snape faiscaram. Ele mergulhou a mão nas vestes negras. Por um segundo delirante Harry pensou que ele ia puxar a varinha e amaldiçoálo – então viu que o professor tirara um frasquinho de cristal com uma poção totalmente cristalina. Harry ficou olhando fixamente para o frasco.
– Sabe o que é isso, Potter? – perguntou Snape, com os olhos mais uma vez brilhando perigosamente.
– Não – respondeu Harry, desta vez com absoluta honestidade.
– É *Veritaserum*, uma Poção da Verdade tão potente que três gotas fariam você confessar os seus segredos mais íntimos para a turma inteira ouvir – disse Snape maldosamente. – Agora, o uso desta poção é controlado por rigorosas diretrizes do Ministério. Mas a não ser que você tome cuidado com o que faz, vai acabar descobrindo que a minha mão pode *escorregar* sem querer – ele sacudiu de leve o frasquinho de cristal – bem em cima do seu suco de abóbora da noite. Então, Potter... então descobriremos se você esteve ou não na minha sala.
Harry não respondeu. Voltou mais uma vez sua atenção para as raízes de gengibre, apanhou uma faca e começou a cortá-las. Não gostou nem um pouco daquela história de Poção da Verdade, nem duvidou que Snape fosse capaz de ministrá-la furtivamente. Conteve um tremor ao pensar no que poderia sair sem querer de sua boca se tomasse a poção... sem falar que deixaria um bocado de gente em apuros – Hermione e Dobby, para começar –, havia ainda todo o resto que ele estava escondendo... como o fato de estar em contato com Sirius... e –

suas entranhas reviraram só de pensar – seus sentimentos por Cho... O garoto acrescentou as raízes de gengibre ao caldeirão e se perguntou se deveria se guiar pela cartilha de Moody e começar a beber apenas de um frasco de bolso só seu.

Houve uma batida na porta da masmorra.

– Entre – disse Snape, com a sua voz habitual.

A turma olhou quando a porta se abriu. O Prof. Karkaroff entrou. Todos o observaram se dirigir à escrivaninha de Snape. Estava enrolando o dedo na barbicha outra vez e parecia agitado.

– Precisamos conversar – disse Karkaroff abruptamente, ao chegar perto de Snape. Parecia tão decidido a não deixar ninguém ouvir o que estava dizendo que mal abria a boca; era como se fosse um ventríloquo medíocre. Harry manteve os olhos nas raízes de gengibre, mas apurou os ouvidos.

– Falarei com você quando terminar a aula, Karkaroff... – murmurou Snape, mas o colega o interrompeu.

– Quero falar agora, que você não pode fugir, Severo. Você tem me evitado.

– Depois da aula – retrucou Snape com rispidez.

Sob o pretexto de erguer uma xícara graduada e ver se medira suficiente bile de tatu, Harry arriscou um olhar de esguelha para os dois. Karkaroff parecia extremamente preocupado e Snape, aborrecido.

Karkaroff ficou rondando atrás da escrivaninha de Snape durante o resto da aula. Parecia decidido a impedir que o colega escapulisse no fim da aula. Interessado em ouvir o que Karkaroff queria dizer, Harry derrubou intencionalmente um frasco de bile de tatu dois minutos antes de tocar a sineta, o que lhe deu uma desculpa para se agachar atrás do caldeirão e limpar o chão, enquanto o restante da turma se deslocava ruidosamente para a porta.

– Que é que é tão urgente assim? – o garoto ouviu Snape sibilar para Karkaroff.

– *Isto* – disse Karkaroff, e Harry, espiando por cima do caldeirão, viu o bruxo levantar a manga esquerda das vestes e mostrar a Snape alguma coisa do lado interno do antebraço.

“Então?”, disse Karkaroff, ainda fazendo esforço para não mexer a boca. “Está vendo? Nunca esteve tão nítida assim, nunca desde...”

– Cubra isso! – rosnou Snape, seus olhos negros percorrendo a sala.

– Mas você deve ter reparado – começou Karkaroff com a voz agitada.

– Podemos conversar mais tarde, Karkaroff! – vociferou Snape. – Potter! Que é que você está fazendo?

– Limpando a minha bile de tatu, professor – disse o garoto inocentemente, se erguendo e mostrando o trapo encharcado que tinha nas mãos.

Karkaroff deu meia-volta e saiu da masmorra. Parecia ao mesmo tempo

preocupado e aborrecido. Não querendo ficar sozinho com um Snape excepcionalmente raivoso, Harry atirou os livros e os ingredientes para dentro da mochila e saiu bem depressinha para contar a Rony e Hermione o que acabara de presenciar.

Os três saíram do castelo ao meio-dia no dia seguinte e depararam com um jardim iluminado por um sol fraco. O tempo estava mais ameno do que estivera o ano inteiro e na altura em que chegaram a Hogsmeade os garotos já haviam despido as capas e jogado-as sobre os ombros. A comida que Sirius pedira para eles trazerem ia na mochila de Harry; tinham surrupiado uma dúzia de coxas de galinha, um pão de fôrma e uma garrafa de suco de abóbora da mesa do almoço.

Foram até a Trapobelo Moda Mágica comprar um presente para Dobby, onde se divertiram escolhendo as meias mais espalhafatosas que conseguiram encontrar, inclusive um par com estrelas douradas e prateadas que piscavam, e outro que berrava quando ficava fedorento demais. Então, à uma e meia eles subiram a rua Principal, passaram a Dervixes & Bangues e saíram em direção aos arredores do povoado.

Harry nunca fora para aqueles lados antes. A estradinha serpeante os levou para os campos sem cultivo em torno de Hogsmeade. As casas ficavam mais espaçadas ali e os jardins maiores; os garotos caminhavam em direção ao morro a cuja sombra se situava Hogsmeade. Então fizeram uma curva e viram a escada no fim da estradinha. À espera deles, as patas dianteiras apoiadas no degrau mais alto, havia um enorme cão preto, que segurava alguns jornais na boca e parecia bastante familiar...

– Olá, Sirius – disse Harry, quando chegaram mais perto.

O cachorro farejou, ansioso, a mochila de Harry, abanou uma vez o rabo, depois deu as costas e começou a se afastar atravessando o mato ralo que subia ao encontro do sopé rochoso do morro. Os garotos subiram os degraus e seguiram o cachorro.

Sirius levou-os exatamente para o sopé do morro, onde o terreno era coberto de pedras e pedregulhos. Era fácil para ele com suas quatro patas, mas os garotos logo ficaram sem fôlego. Continuaram a acompanhar Sirius, que começou a subir o morro propriamente dito. Durante quase meia hora escalaram uma trilha íngreme, serpeante e pedregosa, atrás de Sirius que abanava o rabo, suando ao sol, as tiras da mochila de Harry cortando os ombros do garoto.

Então, finalmente, Sirius desapareceu de vista, e quando eles chegaram ao lugar em que ele desaparecera, viram uma fenda estreita na rocha. Espremeram-se por ela e se viram em uma caverna fresca e fracamente iluminada. Preso a um canto, uma ponta da corda passada em volta de um pedregulho, estava Bicuço, o

hipogrifo. Metade cavalo cinzento, metade enorme águia, os olhos ferozes e alaranjados do animal brilharam ao ver os visitantes. Os três fizeram uma profunda reverência para Bicuço que, depois de fitá-los, imperiosamente, por um momento, dobrou o joelho escamoso e permitiu que Hermione corresse para acariciar o seu pescoço coberto de penas. Harry, porém, observava o cachorro preto que acabara de se transformar em seu padrinho.

Sirius estava usando vestes cinzentas rasgadas; as mesmas que usava quando deixara Azkaban. Os cabelos negros estavam mais compridos do que da última vez que aparecera na lareira, e novamente malcuidados e embaraçados. Parecia muito magro.

– Galinha! – exclamou ele, rouco, depois de tirar os exemplares do *Profeta Diário* da boca e atirá-los ao chão da caverna.

Harry abriu depressa a mochila e lhe entregou o embrulho de coxas de galinha e pão.

– Obrigado – disse Sirius, abrindo-o, agarrando uma coxa, sentando-se no chão da caverna e cortando um bom pedaço com os dentes. – Quase que só tenho comido ratos. Não posso roubar muita comida de Hogsmeade; chamaria atenção para mim.

Ele sorriu para Harry, mas o garoto relutou a retribuir o sorriso.

– Que é que você está fazendo aqui, Sirius? – perguntou.

– Cumprindo minhas obrigações de padrinho – disse Sirius, mordendo o osso de galinha de um jeito muito canino. – Não se preocupe comigo, estou fingindo ser um adorável cão vadio.

Ele ainda sorria, mas, ao ver a ansiedade no rosto de Harry, continuou com mais seriedade:

– Quero estar em cima do lance. A sua última carta... bem, digamos que as coisas estão começando a cheirar pior. E tenho roubado jornais todas as vezes que alguém joga um fora e, pelo que parece, eu não sou o único que está ficando preocupado.

Ele indicou com a cabeça os exemplares amarelados do *Profeta Diário* no chão da caverna, e Rony apanhou uns e abriu-os.

Harry, no entanto, continuou a encarar o padrinho.

– E se eles pegarem você? E se virem você?

– Vocês três e Dumbledore são os únicos por aqui que sabem que eu sou um animago – disse Sirius sacudindo os ombros e continuando a devorar a galinha.

Rony cutucou Harry e lhe passou os exemplares do *Profeta Diário*. Havia dois; o primeiro tinha a manchete *Doença misteriosa de Bartolomeu Crouch*, e o segundo, *Bruxa do Ministério continua desaparecida – o Ministério da Magia agora está pessoalmente envolvido.*

Harry correu os olhos pelo artigo sobre Crouch. Frases soltas destacaramse sob seus olhos: *não é visto em público desde novembro... casa parece deserta... O Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos não quer comentar... Ministério se recusa a confirmar os boatos sobre doença grave...*

– Estão fazendo parecer que ele está à morte – disse Harry lentamente. – Mas não deve estar se conseguiu vir até aqui...

– Meu irmão é assistente pessoal de Crouch – informou Rony a Sirius. – Ele diz que o cara está sofrendo de estresse.

– Veja bem, ele *realmente* parecia doente na última vez que eu o vi de perto – disse Harry devagar, ainda lendo o artigo. – Na noite que o meu nome foi escolhido pelo Cálice...

– Está recebendo o que merecia por despedir Winky, não? – comentou Hermione friamente. Ela acariciava Bicuço, que mastigava os ossos de galinha deixados por Sirius. – Aposto como gostaria de não ter feito isso, aposto como sente a diferença agora que ela não está mais lá para cuidar dele.

– Mione está obcecada por elfos domésticos – murmurou Rony para Sirius, lançando à garota um olhar aborrecido.

Sirius, no entanto, pareceu interessado.

– Crouch despediu o elfo doméstico dele?

– Despediu na Copa Mundial de Quadribol – disse Harry, e começou a contar a história do aparecimento da Marca Negra, de Winky ter sido encontrada com a varinha de Harry na mão e da fúria do Sr. Crouch.

Quando Harry terminou, Sirius se levantou novamente e começou a andar para cima e para baixo na caverna.

– Deixe-me entender isso direito – disse ele depois de algum tempo, brandindo mais uma coxa de galinha. – Primeiro você viu o elfo no camarote de honra. Estava guardando um lugar para Crouch, certo?

– Certo – disseram Harry, Rony e Hermione juntos.

– Mas Crouch não apareceu para assistir ao jogo?

– Não – confirmou Harry. – Acho que ele disse que esteve ocupado demais.

Sirius deu outra volta na caverna em silêncio. Então disse:

– Harry, você procurou sua varinha nos bolsos depois que deixou o camarote de honra?

– Hum... – Harry se concentrou. – Não – respondeu finalmente. – Não precisei usá-la até chegarmos à floresta. Então meti a mão no bolso e só encontrei o meu onióculo. – Ele olhou para Sirius. – Você está dizendo que quem conjurou a Marca furtou minha varinha no camarote de honra?

– É possível – disse Sirius.

– Winky não furtou a varinha! – protestou Hermione com voz aguda.

– O elfo não era o único ocupante do camarote – disse Sirius, enrugando a testa e continuando a andar. – Quem mais estava sentado atrás de você?
– Um monte de gente – respondeu Harry. – Uns ministros búlgaros... Cornélio Fudge... os Malfoy...
– Os Malfoy! – exclamou Rony subitamente, tão alto que sua voz ecoou pelas paredes da caverna o que fez Bicuço agitar a cabeça nervosamente. – Aposto como foi o Lúcio Malfoy!
– Mais alguém? – perguntou Sirius.
– Não.
– Ah, sim, tinha o Ludo Bagman – lembrou Hermione a Harry.
– Ah, foi...
– Não sei nada sobre o Bagman, exceto que costumava bater para os Wimbourne Wasps – disse Sirius, ainda andando. – Que tal é ele?
– OK – disse Harry. – Fica o tempo todo se oferecendo para me ajudar no Torneio Tribruxo.
– Fica, é? – perguntou Sirius, aprofundando as rugas na testa. – Por que será que ele faria isso?
– Disse que se afeiçoou a mim.
– Hum – murmurou Sirius pensativo.
– Nós o vimos na floresta pouco antes da Marca Negra aparecer – contou Hermione a Sirius. – Vocês lembram? – perguntou ela a Harry e Rony.
– Lembramos, mas ele não ficou na floresta, não foi? – disse Rony. – Assim que falamos do tumulto, ele saiu para o acampamento.
– Como é que você sabe? – disparou Hermione. – Como é que você sabe para onde foi que ele desaparatou?
– Pode parar – disse Rony incrédulo –, você está dizendo que acha que Ludo Bagman conjurou a Marca Negra?
– É mais provável que ele tenha feito isso do que Winky – retrucou a menina teimosamente.
– Eu lhe disse – falou Rony dando um olhar significativo para Sirius –, eu lhe disse que ela está obcecada por elfos...
Mas Sirius ergueu a mão para calar Rony.
– Depois que a Marca Negra foi conjurada e o elfo descoberto segurando a varinha de Harry, que foi que o Crouch fez?
– Foi procurar no meio das moitas – disse Harry –, mas não havia mais ninguém lá.
– Claro – murmurou Sirius andando para cima e para baixo –, claro, ele teria querido pôr a culpa em qualquer um menos no próprio elfo... e então o despediu?
– Foi – disse Hermione num tom acalorado –, despediu, só porque ela não

tinha ficado na barraca esperando ser pisoteada...

– Hermione, *será* que você pode dar um tempo com esse elfo? – pediu Rony.

Mas Sirius balançou a cabeça e disse:

– Ela avaliou Crouch melhor do que você, Rony. Se você quer saber como um homem é veja como ele trata os inferiores, e não os seus iguais.

O bruxo passou a mão pelo rosto barbudo, evidentemente se concentrando.

– Todas essas ausências de Bartô Crouch... ele se dá ao trabalho de garantir que seu elfo guarde um lugar para ele na Copa Mundial de Quadribol, mas não se importa de ir assistir. Ele trabalha com afinco para restabelecer o Torneio Tribruxo, e em seguida para de comparecer também... isto não se parece nada com o Crouch. Se ele alguma vez tiver faltado ao trabalho por causa de doença, eu como o Bicuço.

– Você conhece o Crouch, então? – perguntou Harry.

O rosto de Sirius ficou sombrio. Inesperadamente pareceu tão ameaçador quanto na noite em que Harry o viu pela primeira vez, quando o garoto ainda acreditava que o padrinho fosse um assassino.

– Ah, eu conheço Crouch, sim – disse ele em voz baixa. – Foi quem deu a ordem para me mandar para Azkaban, sem julgamento.

– *Quê?* – exclamaram Rony e Hermione juntos.

– Você está brincando! – disse Harry.

– Não, não estou – respondeu Sirius, enchendo a boca de galinha. – Crouch costumava ser chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia, vocês não sabiam?

Harry, Rony e Hermione balançaram as cabeças.

– Previa-se que ele fosse o próximo ministro da Magia. Ele é um grande bruxo, Bartô Crouch, de grande poder mágico, e de grande fome de poder. Ah, nunca foi partidário de Voldemort – acrescentou, ao ver a expressão no rosto de Harry. – Não, Bartô Crouch sempre foi abertamente contra o partido das trevas. Mas, por outro lado, muita gente que era contra o lado das trevas... bem, vocês não entenderiam... são muito jovens...

– Foi isso que papai me disse na Copa Mundial – disse Rony, com um quê de irritação na voz. – Experimente nos contar.

Um sorriso perpassou o rosto magro de Sirius.

– Está bem, vou experimentar...

Ele andou até um lado da caverna, voltou e então disse:

– Imaginem que Voldemort detivesse o poder agora. Vocês não sabem quem são os partidários dele, não sabem quem está e quem não está trabalhando para ele; vocês sabem que ele é capaz de controlar as pessoas para que façam coisas terríveis sem conseguir se conter. Vocês próprios estão apavorados, suas famílias

e amigos, também. Toda semana vocês têm notícias de mais mortes, mais desaparecimentos, mais torturas... o Ministério da Magia está desestruturado, não sabe o que fazer, tenta ocultar dos trouxas o que está acontecendo, mas nesse meio-tempo os trouxas estão morrendo também. Terror por toda parte... pânico... confusão... era assim que costumava ser.

"Bem, tempos assim fazem vir à tona o que alguns têm de melhor e o que outros têm de pior. Os princípios de Crouch podem ter sido bons no início – eu não saberia dizer. Ele subiu rapidamente no Ministério e começou a mandar executar medidas muito severas contra os partidários de Voldemort. Os aurores receberam novos poderes – para matar em vez de capturar, por exemplo. E eu não fui o único a ser entregue diretamente aos dementadores sem julgamento. Crouch combateu violência com violência e autorizou o uso das Maldições Imperdoáveis contra os suspeitos. Eu diria que ele se tornou tão impiedoso e cruel quanto muitos do lado das trevas. Ele tinha os seus partidários, me entendam – muita gente achava que ele estava tratando o problema corretamente, e havia bruxas e bruxos exigindo que ele assumisse o Ministério da Magia. Quando Voldemort sumiu, pareceu que era apenas uma questão de tempo para Crouch assumir o posto maior no Ministério. Mas então aconteceu uma infelicidade..." Sirius sorriu amargurado. "O único filho de Crouch foi apanhado com um grupo de Comensais da Morte que tinham conseguido sair de Azkaban contando uma boa história. Aparentemente pretendiam encontrar Voldemort para reconduzi-lo ao poder."

– O *filho* de Crouch foi apanhado? – exclamou Hermione.

– Foi – disse Sirius, atirando o osso de galinha para Bicuço, e voltando a se sentar ao lado do pão de fôrma, que ele cortou ao meio. – Imagino que tenha sido um choque e tanto para o velho Bartô. Deveria ter passado mais tempo em casa com a família, não acham? Deveria ter saído do escritório mais cedo um dia... procurado conhecer o filho.

Sirius começou a devorar grandes bocados de pão.

– O filho dele *era* mesmo um Comensal da Morte? – perguntou Harry.

– Não faço ideia – respondeu o padrinho, enfiando mais pão na boca. – Eu próprio estava em Azkaban quando o trouxeram. Descobri a maior parte do que estou contando depois que saí. O rapaz foi sem a menor dúvida apanhado em companhia de gente que, posso apostar minha vida, era Comensal da Morte, mas ele talvez estivesse no lugar errado na hora errada, como esse elfo doméstico.

– Crouch tentou e conseguiu livrar o filho? – sussurrou Hermione.

Sirius deu uma risada que pareceu muito mais um latido.

– Crouch livrou o filho? Achei que você o tinha avaliado corretamente, Hermione. Qualquer coisa que ameaçasse manchar a reputação dele precisava

ser afastada, ele dedicou a vida inteira a chegar a ministro da Magia. Vocês viram ele dispensar um dedicado elfo doméstico porque o associou com a Marca Negra, isso não diz a vocês que tipo de pessoa ele é? O máximo a que sua afeição paternal chegou foi dar ao filho um julgamento e, é voz geral, que isso não passou de uma desculpa para Crouch mostrar como detestava o rapaz... depois mandou-o direto para Azkaban.

– Ele entregou o próprio filho aos dementadores? – perguntou Harry em voz baixa.

– Isso mesmo – disse Sirius e ele não parecia estar achando graça alguma então. – Eu vi os dementadores trazerem o rapaz preso, observei-os pelas grades da porta da minha cela. Não devia ter mais de dezenove anos. Foi encarcerado em uma cela perto da minha. Ao cair da noite ele já estava gritando pela mãe. Mas, depois de alguns dias, se calou... no fim todos se calam... exceto quando gritam durante o sono...

Por um momento, a expressão mortiça nos olhos de Sirius se tornou mais acentuada que nunca, como se as janelas tivessem se fechado por trás deles.

– Então ele ainda está em Azkaban? – perguntou Harry.

– Não – disse Sirius sem emoção. – Não, ele não está mais lá. Morreu um ano depois de o levarem para lá.

– *Morreu?*

– Ele não foi o único – disse Sirius com amargura. – A maioria enlouquece lá, e muitos param de comer quando se aproximam do fim. Perdem a vontade de viver. A gente sempre sabia quando a morte estava próxima, porque os dementadores pressentiam e ficavam excitados. O rapaz tinha um ar bem doentio quando chegou. Por ser um importante funcionário do Ministério, Crouch e a mulher receberam permissão para visitá-lo no leito de morte. Foi a última vez que vi Bartô Crouch, meio que carregando a mulher ao passar no corredor diante da minha cela. Parece que ela também morreu pouco depois. Tristeza. Definhou como o filho. Crouch nunca foi buscar o corpo do rapaz. Os dementadores o enterraram do lado de fora da fortaleza, eu fiquei assistindo.

Sirius pôs de lado o pão que acabara de levar à boca e, em lugar disso, apanhou a garrafa de suco de abóbora e a esvaziou.

– Então o velho Crouch perdeu tudo, quando achou que chegara ao topo – continuou ele, limpando a boca com as costas da mão. – Num momento, um herói, pronto a se tornar ministro da Magia... no momento seguinte, o filho morto, a mulher morta, o nome da família desonrado e, pelo que ouvi desde que fugi, uma grande queda na popularidade. Depois que o rapaz morreu, as pessoas começaram a sentir um pouco mais de simpatia por ele, e começaram a indagar como é que um rapaz de boa família tinha entortado daquele jeito. A conclusão

foi de que o pai nunca se preocupara muito com ele. Então Cornélio Fudge ganhou o lugar de ministro e Crouch foi deslocado para o Departamento de Cooperação Internacional em Magia.

Houve um longo silêncio. Harry ficou pensando no jeito com que os olhos de Crouch tinham saltado quando ele encarou o elfo desobediente lá na floresta, no final da Copa Mundial de Quadribol. Isto então devia ter sido a razão da reação exagerada de Crouch ao saber que Winky fora encontrada embaixo da Marca Negra. A cena lhe trouxera lembranças do filho, do antigo escândalo e de sua queda no Ministério.

– Moody diz que Crouch é obcecado para caçar bruxos das trevas – disse Harry a Sirius.

– É, ouvi falar que se tornou uma espécie de mania nele – disse Sirius concordando com a cabeça. – Se você quer saber a minha opinião, ele ainda acha que pode recuperar a antiga popularidade capturando mais um Comensal da Morte.

– E ele veio escondido a Hogwarts para revistar a sala de Snape! – exclamou Rony com ar de triunfo, olhando para Hermione.

– É, e isso não faz o menor sentido – disse Sirius.

– Claro que faz! – disse Rony excitado.

Mas Sirius balançou a cabeça.

– Escute aqui, se Crouch quisesse investigar Snape, por que então não tem ido julgar o torneio? Seria a desculpa ideal para fazer visitas regulares à escola e ficar de olho em Snape.

– Então você acha que Snape pode estar aprontando alguma? – perguntou Harry, mas Hermione os interrompeu.

– Olhem, eu não acredito no que vocês estão dizendo, Dumbledore confia em Snape...

– Ah, corta essa, Hermione – disse Rony impaciente. – Eu sei que Dumbledore é genial e tudo o mais, mas isto não significa que um bruxo das trevas realmente inteligente não possa enganar ele...

– Por que foi, então, que Snape salvou a vida de Harry no primeiro ano? Por que simplesmente não o deixou morrer?

– Não sei, vai ver pensou que Dumbledore lhe daria um chute...

– Que é que você acha Sirius? – perguntou Harry em voz alta, e Rony e Hermione pararam de discutir para escutar.

– Acho que os dois têm uma certa razão – disse Sirius, olhando pensativo para Rony e Hermione. – Desde que descobri que Snape estava ensinando na escola, tenho pensado por que Dumbledore o contratou. Snape sempre foi fascinado pelas artes das trevas, era famoso por isso na escola. Um garoto esquivo, seboso,

os cabelos gordurosos – acrescentou Sirius, e Harry e Rony se entreolharam rindo. – Snape conhecia mais feitiços quando chegou na escola do que metade dos garotos do sétimo ano e fazia parte de uma turma da Sonserina, que, na maioria, acabou virando Comensal da Morte.

Sirius ergueu a mão e começou a contar nos dedos.

– Rosier e Wilkes, os dois foram mortos por aurores um ano antes da queda de Voldemort. Os Lestranges se casaram, estão em Azkaban. Avery, pelo que ouvi dizer livrou a cara dizendo que tinha agido sob o efeito da Maldição *Imperius*, continua solto. Mas até onde sei, Snape nunca foi acusado de ser Comensal da Morte, não que isto signifique grande coisa. Muitos deles jamais foram presos. E Snape certamente é muito inteligente e astuto para conseguir ficar de fora.

– Snape conhece Karkaroff muito bem, mas não quer divulgar isso – disse Rony.

– É, você devia ver a cara de Snape quando Karkaroff apareceu na aula de Poções ontem! – disse Harry depressa. – Karkaroff queria falar com Snape, disse que o professor andava evitando ele. Karkaroff parecia realmente preocupado. Mostrou a Snape alguma coisa no braço, mas não pude ver o que era.

– Ele mostrou a Snape alguma coisa no braço? – exclamou Sirius, parecendo sinceramente espantado. Passou os dedos, distraído, pelos cabelos imundos, depois encolheu os ombros. – Bem, não faço ideia do que possa ser... mas se Karkaroff está genuinamente preocupado, procurou Snape para obter respostas...

Sirius ficou olhando para a parede da caverna, depois fez uma careta de frustração.

– Mas ainda temos o fato de que Dumbledore confia em Snape, sei que Dumbledore confia no que muita gente não confiaria, mas não consigo vê-lo deixando Snape ensinar em Hogwarts se algum dia tivesse trabalhado para Voldemort.

– Então por que Moody e Crouch estão tão interessados em entrar na sala de Snape? – insistiu Rony.

– Bem – respondeu Sirius lentamente –, eu não duvidaria que Olho-Tonto tivesse revistado as salas de todos os professores quando chegou em Hogwarts. Ele leva a sério a Defesa Contra as Artes das Trevas, o Moody. Não tenho certeza de que *ele* confie em alguém, e depois das coisas que tem visto, isto não é surpresa. Mas vou dizer uma coisa a favor do Moody, ele nunca matou ninguém se pudesse evitar. Sempre capturou as pessoas vivas, quando era possível. Ele é durão mas nunca desceu ao nível dos Comensais da Morte. Já Crouch é outra conversa... ele está mesmo doente? Se está, por que fez o esforço de se arrastar até o escritório de Snape? E se não está... o que é que ele anda tramando? Que é que ele estava fazendo de tão importante durante a Copa

Mundial que não apareceu no camarote de honra? Que é que ele está fazendo enquanto devia estar julgando o torneio?
Sirius caiu em silêncio, ainda fitando a parede da caverna. Bicuço fuçava o chão empedrado à procura de ossos que pudesse ter deixado passar.
Finalmente Sirius ergueu os olhos para Rony.
– Você disse que seu irmão é assistente pessoal do Crouch? Você tem jeito de perguntar se ele tem visto Crouch ultimamente?
– Posso tentar – disse Rony em dúvida. – Mas é melhor não parecer que desconfio que Crouch esteja fazendo alguma coisa escondido. Percy adora Crouch.
– E poderia, ao mesmo tempo, tentar descobrir se encontraram alguma pista da Berta Jorkins – disse Sirius, apontando para o segundo exemplar do *Profeta Diário*.
– Bagman me disse que não tinham – informou Harry.
– É, ele é citado no artigo do *Profeta.* Alardeando que a memória de Berta é bem ruizinha. Bem, talvez ela tenha mudado desde que eu a conheci, mas a Berta que conheci não era nada desmemoriada, muito ao contrário. Era um pouco obtusa, mas tinha uma excelente memória para fofocas. Isso costumava metê-la em muita confusão, nunca sabia quando ficar de boca calada. Posso entender que representasse um certo risco para o Ministério da Magia... talvez tenha sido por isso que Bagman não se importou de procurar por ela tanto tempo...
Sirius deu um enorme suspiro e esfregou os olhos contornados de sombras escuras.
– Que horas são?
Harry consultou o relógio, então se lembrou de que não estava funcionando desde que passara uma hora dentro do lago.
– São três e meia – informou Hermione.
– É melhor vocês voltarem para a escola – disse Sirius, se levantando. – Agora, escutem aqui... – E olhou mais insistentemente para Harry. – Não quero vocês saindo escondidos da escola para me ver, certo? Me mandem bilhetes para cá. Continuo querendo saber de qualquer coisa estranha. Mas vocês não devem sair de Hogwarts sem permissão, seria uma oportunidade ideal para alguém atacá-los.
– Até agora ninguém tentou me atacar, exceto o dragão e uns dois *grindylows* – disse Harry.
Mas Sirius amarrou a cara para ele.
– Não quero saber... Vou respirar outra vez em paz quando esse torneio terminar, o que não vai acontecer até junho. E não se esqueçam, se estiverem

falando de mim entre vocês, me chamem de Snuffles, OK?
Ele devolveu a Harry a garrafa e o guardanapo vazios e foi dar uma palmadinha de despedida em Bicuço.
– Acompanho vocês até a entrada do povoado – disse Sirius –, vou ver se consigo catar mais um jornal.
Ele se transformou no enorme cão preto antes de deixarem a caverna, e juntos desceram a encosta do morro, atravessaram o terreno pedregoso e voltaram à escada. Ali ele deixou cada um dos garotos lhe acariciar a cabeça e, em seguida, virou as costas e saiu correndo pela periferia do povoado.
Harry, Rony e Hermione voltaram para Hogsmeade e dali para Hogwarts.
– Será que o Percy conhece toda essa história sobre o Crouch? – comentou Rony quando subiam a estrada do castelo. – Mas vai ver ele não se importa... provavelmente ia admirar o Crouch ainda mais. É, o Percy adora regulamentos. Ia dizer que o Crouch se recusou a infringir os regulamentos em favor do próprio filho.
– Percy não atiraria nenhuma pessoa da família dele aos dementadores – disse Hermione com severidade.
– Não sei, não – respondeu Rony. – Se achasse que estávamos atrapalhando a carreira dele... Percy é realmente ambicioso, sabem...
Eles subiram os degraus de pedra e entraram no saguão do castelo, onde vieram ao seu encontro os cheiros gostosos do jantar no Salão Principal.
– Coitado do velho Snuffles – disse Rony inspirando profundamente. – Ele deve realmente gostar de você, Harry... imagine ter que comer ratos para sobreviver.

— CAPÍTULO VINTE E OITO —

A loucura do Sr. Crouch

No domingo, Harry, Rony e Hermione subiram ao corujal depois do café da manhã, para enviar uma carta a Percy, perguntando, conforme Sirius sugerira, se ele tinha visto o Sr. Crouch ultimamente. Usaram Edwiges, porque fazia muito tempo que ela não recebia uma tarefa. Depois que a viram desaparecer no horizonte pela janela do corujal, desceram à cozinha para dar a Dobby as meias novas.

Os elfos domésticos receberam os garotos com grande alegria, fazendo mesuras e reverências e se apressando em preparar um chá. Dobby ficou extasiado com o presente.

– Harry Potter é bom demais para Dobby! – guinchou ele, secando as grossas lágrimas que marejavam seus olhos enormes.

– Você salvou minha vida com aquele guelricho, Dobby, verdade – disse Harry.

– Alguma chance de terem sobrado bombas de creme? – perguntou Rony, olhando para os elfos sorridentes e cheios de mesuras.

– Você acabou de tomar café! – exclamou Hermione irritada, mas uma grande travessa de prata contendo bombas de creme já vinha voando na direção do garoto, trazida por quatro elfos.

– Devíamos arranjar alguma coisa para mandar a Snuffles – murmurou Harry.

– Boa ideia – aprovou Rony. – Dar a Píchi o que fazer. Vocês poderiam nos dar um pouco mais de comida? – perguntou Rony aos elfos que os rodeavam, e eles se inclinaram prazerosamente e correram a apanhar alguma coisa.

– Dobby, onde está Winky? – perguntou Hermione, olhando para os lados.

– Winky está ali adiante junto ao fogo, senhorita – respondeu Dobby em voz baixa, suas orelhas caindo ligeiramente.

– Essa, não! – exclamou Hermione ao localizar Winky.

Harry também olhou para o fogo. Winky estava sentada no mesmo banquinho que da última vez, mas ficara tão imunda que não se conseguia distingui-la imediatamente dos tijolos enegrecidos de fumaça atrás dela. Suas roupas estavam rasgadas e sujas. Segurava uma garrafa de cerveja amanteigada e cambaleava um pouco no banquinho, olhando fixamente para as chamas do fogão. Enquanto eles a observavam, ela soltou um imenso soluço.

– Winky está entornando seis garrafas por dia agora – Dobby cochichou a Harry.

– Bem, não é uma bebida muito forte – ponderou Harry.

Mas Dobby sacudiu a cabeça.

– É forte para um elfo doméstico, meu senhor.

Winky soltou outro soluço. Os elfos que tinham trazido as bombas de creme lançaram a ela um olhar de censura antes de voltarem aos seus afazeres.

– Winky está definhando, Harry Potter – disse Dobby tristemente. – Winky quer ir para casa. Winky ainda acha que o Sr. Crouch é o amo dela, meu senhor, e nada que Dobby diga consegue convencer ela de que o Prof. Dumbledore é o novo amo da gente.

– Oi, Winky – disse Harry, tomado de súbita inspiração, indo até o fogão e se abaixando para falar com ela –, você por acaso saberia me dizer o que é que o Sr. Crouch pode estar fazendo? Porque ele parou de aparecer para julgar o Torneio Tribruxo.

Os olhos de Winky pestanejaram. Suas enormes pupilas focalizaram Harry. Ela cambaleou ligeiramente e perguntou:

– M-meu amo parou, *hic*, de vir?

– Foi – confirmou Harry –, não o vemos desde a primeira tarefa. O *Profeta Diário* diz que ele está doente.

Winky balançou mais um pouco, encarando Harry com os olhos baços.

– M-meu amo, *hic*, doente?

O lábio inferior do elfo começou a tremer.

– Mas não temos certeza de que seja verdade – acrescentou Hermione depressa.

– Meu amo está precisando da, *hic*, Winky dele! – choramingou o elfo. – Meu amo não, *hic*, sabe, *hic*, se cuidar sozinho...

– Outras pessoas conseguem fazer o trabalho de casa sozinhas, sabe, Winky – lembrou Hermione com severidade.

– Winky, *hic*, não faz só, *hic*, traba lho de casa para o Sr. Crouch! – guinchou Winky indignada, cambaleando mais que nunca e derramando cerveja amanteigada na blusa já bastante suja. – Meu amo, *hic*, confiou a Winky, *hic*, o segredo dele, *hic*, mais importante, o mais secreto...

– Quê? – exclamou Harry.

Mas Winky sacudiu a cabeça com força, derramando mais cerveja amanteigada pela roupa.

– Winky guarda, *hic*, os segredos do amo dela – disse com rebeldia, oscilando fortemente para os lados agora, franzindo a testa para Harry com os olhos vesgos. – Você está, *hic*, bisbilhotando, está sim.

– Winky não deve falar assim com Harry Potter! – disse Dobby aborrecido. – Harry Potter é corajoso e nobre e Harry Potter não é bisbilhoteiro!

– Ele está metendo o nariz, *hic*, nos segredos e particulares, *hic*, do meu amo, *hic*, Winky é um bom elfo doméstico, *hic*, Winky fica calada, *hic*, gente querendo, *hic*, tirar informações, *hic*... – As pálpebras de Winky se fecharam e, de repente, sem aviso, ela escorregou do banquinho e caiu no fogão, roncando alto. A garrafa vazia de cerveja amanteigada rolou pelo chão lajeado.

Meia dúzia de elfos domésticos se adiantaram correndo, com ar de repugnância. Um deles apanhou a garrafa, os outros cobriram Winky com uma grande toalha xadrez de mesa e prenderam os lados e pontas por baixo do corpo para escondê-la de vista.

– A gente lamenta que os senhores e a senhorita tenham que assistir a isso! – guinchou um elfo próximo, balançando a cabeça e parecendo muito envergonhado. – A gente espera que os senhores não julguem a gente pela Winky!

– Ela está infeliz! – exclamou Hermione exasperada. – Por que vocês não tentam animar Winky em vez de a esconder?

– Me perdoa, senhorita – disse um elfo fazendo uma grande reverência –, mas elfos domésticos não têm o direito de ficar infelizes quando têm trabalho a fazer e amos para servir.

– Ora, francamente! – exclamou Hermione enraivecida. – Escutem aqui, vocês todos! Vocês têm tanto direito de se sentir infelizes quanto os bruxos! Vocês têm direito a salário, férias e roupas decentes, não têm que fazer tudo o que mandam, olhem só o Dobby!

– Senhorita, por favor, deixa o Dobby fora disso – murmurou o elfo, com uma expressão amedrontada. Os sorrisos alegres desapareceram dos rostos dos elfos na cozinha. De repente fitaram Hermione como se ela fosse louca e perigosa.

– A gente separou a comida extra! – guinchou um elfo ao cotovelo de Harry empurrando um grande presunto, uma dúzia de bolos e umas frutas nos braços do garoto. – Tchau.

Os elfos domésticos se aglomeraram ao redor de Harry, Rony e Hermione e começaram a levar os garotos lentamente para fora da cozinha, muitas mãozinhas os empurraram pela cintura.

– Obrigado pelas meias, Harry Potter! – gritou Dobby desalentado lá do fogão, onde se achava parado ao lado da toalha que cobria as formas de Winky.

– Você não podia ter ficado calada, não é, Mione? – exclamou Rony enraivecido quando a porta da cozinha se fechou às costas deles. – Agora eles não vão querer receber visitas nossas! Poderíamos ter tentado extrair de Winky mais alguma coisa sobre o Crouch!

– Ah, como se você se importasse com isso! – desdenhou Hermione. – Você só gosta de vir aqui embaixo para comer!

Foi um dia meio irritante depois disso. Harry ficou tão cansado de Rony e Hermione se agredirem durante o dever de casa, na sala comunal, que, naquela noite, levou sozinho a comida de Sirius para o corujal.

Pichitinho era demasiado pequeno para transportar sozinho um presunto inteiro até a montanha, por isso Harry recrutou a ajuda de mais duas corujas-das-torres. Quando o grupo de aves saiu pelo crepúsculo, parecendo esquisitíssimo com aquele enorme pacote entre elas, Harry se apoiou no parapeito da janela para contemplar os jardins ao anoitecer, as copas farfalhantes das árvores da Floresta Proibida, as velas enfunadas no navio de Durmstrang. Um mocho atravessou a serpentina de fumaça que saía da chaminé de Hagrid; voou em direção ao castelo, contornou o corujal e desapareceu de vista. Olhando para baixo, Harry viu Hagrid cavando energicamente a terra diante de sua cabana. E se perguntou o que o amigo estaria fazendo; parecia estar preparando mais um canteiro de hortaliças. Enquanto ele observava, Madame Maxime saiu da carruagem da Beauxbatons e se dirigiu a Hagrid. Pelo jeito estava tentando puxar conversa. Hagrid se apoiou na pá, mas não pareceu estar muito interessado em prolongar o diálogo, porque a bruxa voltou à carruagem pouco depois.

Sem vontade de voltar à Torre da Grifinória e ouvir Rony e Hermione rosnarem um para o outro, o garoto ficou observando Hagrid cavar até a escuridão engoli-lo e as corujas ao seu redor começarem a acordar, passarem por ele e desaparecerem na noite.

No dia seguinte, à hora do café da manhã, o mau humor de Rony e Hermione já se desgastara e, para alívio de Harry, as previsões sombrias de Rony de que os elfos domésticos mandariam comida de qualidade abaixo do normal para a mesa da Grifinória, porque Hermione os ofendera, se provaram falsas; o bacon com ovos e o peixe defumado estavam bons como sempre.

Quando o correio-coruja chegou, Hermione ergueu os olhos, ansiosa; parecia estar à espera de alguma coisa.

– Ainda não deu tempo para Percy responder – disse Rony. – Só despachamos a Edwiges ontem.

– Não, não é isso – falou Hermione. – Fiz uma nova assinatura do *Profeta Diário*, estou cheia de descobrir o que acontece pela boca da turma da Sonserina.
– Bem pensado! – exclamou Harry, também erguendo os olhos para as corujas. – Ei, Mione acho que você está com sorte...
Uma coruja cinzenta vinha descendo em direção à garota.
– Mas ela não está trazendo nenhum jornal – comentou Hermione, com ar de desapontamento. – É...
Mas para seu espanto, a coruja cinzenta pousou diante do seu prato acompanhada de perto por mais quatro corujas-de-igreja, uma coruja parda e uma avermelhada.
– Quantas assinaturas você fez? – perguntou Harry agarrando a taça de Hermione antes que ela fosse derrubada pelo ajuntamento de corujas, todas se empurrando para chegar mais perto e entregar as cartas que traziam primeiro.
– Que diabo...? – exclamou Hermione, tirando a carta da coruja cinzenta e abrindo-a para ler.
“Ora francamente!”, disse ela com veemência, corando.
– Que é? – perguntou Rony.
– É, ora que ridículo... – A garota empurrou a carta para Harry, que observou que não era manuscrita mas composta por letras aparentemente recortadas do *Profeta Diário*.

Você não PresTA. HaRRy PottEr meREce umA gaRotA melhoR. Volte paRa o seu lugAR trOUxa.

– São todas iguais! – exclamou Hermione desesperada, abrindo uma carta atrás da outra. – “Harry Potter pode arranjar uma namorada melhor do que alguém da sua laia...” “Você merece ser cozida com ovas de rã...” *Ai!*
Hermione abrira o último envelope e um líquido verde-amarelado, que cheirava fortemente a gasolina, derramou-se em suas mãos, fazendo irromper nelas grandes tumores amarelos.
– Pus de bubotúbera puro! – disse Rony, apanhando, desajeitado, o envelope e cheirando-o.
– Ai! – exclamou Hermione, as lágrimas enchendo seus olhos quando tentou limpar as mãos em um guardanapo, mas seus dedos agora estavam tão cobertos de feridas dolorosas que ela parecia até estar usando um par de grossas luvas com bolotas.
– É melhor você ir depressa à ala hospitalar – disse Harry, quando as corujas ao redor da amiga levantaram voo –, diremos à Profª Sprout aonde é que você foi...

– Eu avisei a ela! – disse Rony quando Hermione saiu correndo do Salão Principal aninhando as mãos no colo. – Avisei a ela para não aborrecer Rita Skeeter! Olhe só esta aqui... – Ele leu uma das cartas que Hermione tinha deixado para trás. – "*Li no* Semanário das Bruxas *como você está enganando o Harry Potter, um garoto que já teve uma vida bastante atribulada, por isso no próximo correio vou lhe mandar um feitiço, é só eu encontrar um envelope suficientemente grande*." Caracas, é melhor ela se cuidar!

Hermione não apareceu na aula de Herbologia. Quando Harry e Rony deixaram a estufa para a aula de Trato das Criaturas Mágicas, viram Malfoy, Crabbe e Goyle descendo os degraus da entrada do castelo. Pansy Parkinson cochichava e ria atrás deles com a turminha de garotas da Sonserina. Ao avistar Harry, ela gritou:

– Potter, você já brigou com a sua namorada? Por que ela estava tão perturbada no café da manhã?

Harry ignorou-a; não queria dar a Pansy a satisfação de saber quanto mal o artigo do *Semanário das Bruxas* causara.

Hagrid, que avisara na aula anterior que haviam terminado com os unicórnios, estava aguardando os alunos à frente da cabana, com um estoque recém-chegado de caixotes, abertos aos seus pés. O ânimo de Harry afundou ao avistar os caixotes – com certeza não era outra ninhada de explosivins? –, mas quando se aproximou o suficiente para ver dentro, deparou com uma quantidade de bichos peludos e negros com longos focinhos. As patas dianteiras eram curiosamente chatas como pás, e eles erguiam os olhos piscando para a classe, parecendo educadamente intrigados com toda aquela atenção.

– São pelúcios – anunciou Hagrid, quando a turma se agrupou ao seu redor. – São encontrados principalmente em minas. Gostam de coisas brilhantes... aí vêm eles, olhem.

Um dos bichos tinha saltado repentinamente e tentado arrancar o relógio de ouro de Pansy Parkinson do pulso. Ela gritou e deu um pulo para trás.

– São bastante úteis para procurar pequenos tesouros – disse Hagrid satisfeito. – Achei que podíamos nos divertir com eles hoje. Estão vendo ali adiante? – Ele apontou para um terreno em que a terra fora recentemente revolvida e que Harry o vira preparar da janela do corujal. – Enterrei ali algumas moedas de ouro. Tenho um prêmio para quem apanhar o pelúcio que encontrar mais moedas. Guardem as coisas valiosas que estiverem usando, escolham um bicho e se preparem para soltá-lo.

Harry tirou o relógio que ele continuava usando só por hábito, porque não funcionava mais, e enfiou-o no bolso. Depois apanhou um pelúcio. O bicho enfiou o longo focinho na orelha de Harry e cheirou-a entusiasmado. Era

realmente muito fofo.
– Esperem um instante – disse Hagrid olhando para dentro do caixote –, tem um pelúcio sobrando aqui... quem está faltando? Onde está Hermione?
– Ela precisou ir à ala hospitalar – informou Rony.
– A gente explica mais tarde – murmurou Harry; Pansy Parkinson estava escutando.
Foi sem dúvida a maior diversão que já tinham tido em Trato das Criaturas Mágicas. Os pelúcios entravam e saíam da terra como se fossem água, cada qual correndo de volta ao aluno que o soltara e cuspindo ouro em suas mãos. O de Rony foi particularmente eficiente; não tardou a encher seu colo de moedas.
– Pode se comprar um desses como bicho de estimação, Hagrid? – perguntou o garoto excitado, quando o pelúcio dele tornou a mergulhar no solo sujando suas vestes de lama.
– Sua mãe não iria ficar feliz, Rony – disse Hagrid sorrindo –, eles destroem uma casa, esses pelúcios. Calculo que agora eles já encontraram tudo que enterrei – acrescentou, andando pelo terreno, enquanto os bichos continuavam a mergulhar. – Só enterrei cem moedas. Ah, aí está você, Hermione!
A garota vinha atravessando o gramado em direção à turma. Tinha as mãos enfaixadas e parecia bem infeliz. Pansy Parkinson a observou com desconfiança.
– Bem, vamos verificar como foi que vocês se saíram! – disse Hagrid. – Contem suas moedas! E não adianta tentar roubar nenhuma, Goyle – acrescentou ele, estreitando os olhos negros de besouro. – É ouro de duende irlandês, de *leprechaun*. Desaparece depois de algumas horas.
Goyle esvaziou os bolsos, emburradíssimo. O resultado final foi que o pelúcio de Rony tinha sido o mais bem-sucedido, então Hagrid entregou ao garoto o prêmio: uma enorme barra de chocolate da Dedosdemel. A sineta ecoou pelos jardins anunciando o almoço; o restante da turma saiu em direção ao castelo, mas Harry, Rony e Hermione ficaram para ajudar Hagrid a guardar os pelúcios nos caixotes. Harry notou que Madame Maxime os observava da janela da carruagem.
– Que foi que você fez com as suas mãos, Mione? – perguntou Hagrid, com o ar preocupado.
A garota lhe contou sobre as cartas anônimas que recebera àquela manhã e sobre o envelope cheio de pus de bubotúberas.
– Aaah, não se preocupe – disse Hagrid brandamente, fitando-a. – Recebo cartas assim desde que a Rita escreveu sobre minha mãe. “Você é um monstro e devia ser morto.” “Sua mãe matou gente inocente e se você tivesse alguma decência se atiraria no lago.”
– Não! – exclamou Hermione chocada.

– Sim! – respondeu Hagrid, erguendo os caixotes de pelúcios para guardá-los junto à parede da cabana. – É gente que não bate bem, Mione. Não abra mais cartas quando as receber. Jogue todas direto na lareira.

– Você perdeu uma aula realmente boa – comentou Harry com Hermione quando regressavam ao castelo. – São legais, os pelúcios, não são, Rony?

Rony, porém, estava franzindo a testa para o chocolate dado por Hagrid. Parecia absolutamente desapontado com alguma coisa.

– Que foi? – perguntou Harry. – Sabor errado?

– Não – disse Rony com rispidez. – Por que você não me falou do ouro?

– Que ouro? – perguntou Harry.

– O ouro que lhe dei na Copa Mundial de Quadribol – disse Rony. – O ouro de *leprechaun* que lhe paguei pelos meus onióculos. No camarote de honra. Por que você não me contou que ele desapareceu?

Harry teve que pensar um instante para entender do que é que Rony estava falando.

– Ah... – disse, quando finalmente se lembrou. – Não sei... nunca reparei que tinha desaparecido. Eu estava mais preocupado com a minha varinha, não era?

Os três subiram os degraus para o saguão de entrada e foram para o Salão Principal almoçar.

– Deve ser legal – falou Rony abruptamente, depois que se sentaram e começaram a se servir de rosbife e pudim de Yorkshire, massa assada embaixo de carne sangrenta. – Ter tanto dinheiro que nem se repara que os galeões guardados no bolso desapareceram.

– Escuta aqui, eu tinha outras preocupações na cabeça aquela noite! – retrucou Harry com impaciência. – Todos tínhamos, lembra?

– Eu não sabia que ouro de *leprechaun* desaparecia – murmurou Rony. – Achei que estava lhe pagando. Você não devia ter me dado aquele boné do Chudley Cannon no Natal.

– Esquece isso, tá? – disse Harry.

Rony espetou uma batata assada com o garfo e ficou olhando para ela. Depois disse:

– Detesto ser pobre.

Harry e Hermione se entreolharam. Nenhum dos dois sabia realmente o que dizer.

– É uma droga – disse Rony, ainda encarando a batata. – Não posso culpar o Fred e o Jorge por tentarem ganhar um dinheirinho extra. Gostaria de saber fazer o mesmo. Gostaria de ter um pelúcio.

– Bem, então já sabemos o que comprar para você no próximo Natal – disse Hermione animada. Mas vendo que o amigo continuava chateado, acrescentou: –

Vamos Rony, podia ser pior. Pelo menos os seus dedos não estão cheios de pus. – Hermione estava encontrando muita dificuldade para usar os talheres, de tão inchados e duros que seus dedos estavam. – *Odeio* aquela Skeeter! – explodiu a garota com raiva. – Vou me vingar dela nem que seja a última coisa que eu faça!

As cartas anônimas continuaram a chegar para Hermione nas semanas seguintes e, embora ela tivesse seguido o conselho de Hagrid e parado de abri-las, vários remetentes odiosos mandaram berradores, que explodiam à mesa da Grifinória gritando-lhe ofensas que o salão inteiro podia ouvir. Até as pessoas que não liam o *Semanário das Bruxas* agora sabiam tudo sobre o suposto triângulo Harry-Krum-Hermione. Harry estava ficando farto de explicar a todo mundo que Hermione não era sua namorada.

– Mas isso vai passar – disse ele à amiga –, é só a gente ignorar... as pessoas já acharam um tédio o último artigo que ela escreveu sobre mim...

– Quero saber como é que ela está conseguindo escutar conversas particulares se supostamente foi banida dos terrenos da escola! – disse Hermione zangada.

Ela continuou na sala quando terminou a aula seguinte de Defesa Contra as Artes das Trevas para fazer uma pergunta ao Prof. Moody. O restante da turma estava ansioso para sair; o professor lhes dera uma prova tão difícil sobre deflexão de feitiços que alguns alunos estavam cuidando de pequenos ferimentos. Harry teve um caso grave de Comichão nas Orelhas e precisou tampá-las com as mãos ao sair da sala.

– Bem, decididamente Rita não está usando uma Capa da Invisibilidade! – ofegou Hermione ao alcançar Harry e Rony cinco minutos mais tarde, no saguão de entrada, e puxar a mão de Harry para afastá-la de uma orelha que se contorcia sozinha, para que o garoto pudesse ouvi-la. – Moody disse que não viu Skeeter nas proximidades da mesa dos juízes no dia da segunda tarefa, nem em lugar algum perto do lago!

– Hermione, será que adianta lhe dizer para deixar isso para lá? – perguntou Rony.

– Não! – exclamou a garota teimosamente. – Quero saber como foi que ela me ouviu falando com o Vítor! *E* como foi que ela descobriu a história da mãe de Hagrid!

– Talvez ela tenha posto um grampo em você – disse Harry.

– Um grampo? – perguntou Rony sem entender. – O quê... pôs um prendedor no cabelo dela ou outra coisa assim?

Harry começou a explicar os microfones escondidos e os equipamentos de gravação.

Rony ficou fascinado, mas Hermione os interrompeu.

– Será que vocês *nunca* vão ler *Hogwarts: uma história*?
– Para quê? – respondeu Rony. – Você conhece o livro de cor, é só a gente lhe perguntar.
– Todas as alternativas para a magia que os trouxas usam, eletricidade, computadores, radar etc., entram em pane perto de Hogwarts, tem magia demais no ar. Não, Rita está usando magia para escutar conversas, se eu ao menos conseguisse descobrir o que é... aah, se for ilegal, eu pego ela...
– Será que a gente já não tem bastante preocupação? – perguntou Rony à amiga. – Temos que começar também uma vendeta contra a Rita?
– Não estou pedindo a você para ajudar! – retrucou Hermione. – Vou fazer isso sozinha!
E subiu a escadaria de mármore sem sequer olhar para trás. Harry tinha certeza absoluta de que ela estava indo à biblioteca.
– Quer apostar que ela volta com uma caixa cheia de distintivos *Odeio Rita Skeeter*?!
Hermione, porém, não pediu a Harry e Rony para ajudá-la a se vingar de Rita Skeeter, pelo que os dois ficaram muito gratos, porque a carga de deveres dos garotos aumentou muito nos dias que antecederam as férias da Páscoa. Harry ficou maravilhado que Hermione pudesse pesquisar métodos mágicos para a pessoa escutar sem ser vista e ainda dar conta de todas as tarefas que tinha que fazer. Ele mesmo estava trabalhando sem descanso só para conseguir terminar todos os deveres, embora fizesse questão de mandar, regularmente, pacotes de comida para a caverna de Sirius, no morro; depois das férias de verão Harry ainda não esquecera o que era ficar continuamente esfomeado. Incluía neles bilhetes a Sirius informando que não acontecera nada de extraordinário e que continuavam aguardando uma resposta de Percy.
Edwiges só voltou no fim das férias da Páscoa. A carta de Percy veio acompanhando um pacote de ovos de Páscoa enviado pela Sra. Weasley. Os de Harry e Rony eram do tamanho de ovos de dragão e cheios de caramelos caseiros. O de Hermione, porém, era menor do que um ovo de galinha. A garota ficou desapontada ao recebê-lo.
– Por acaso sua mãe lê o *Semanário das Bruxas*, Rony? – perguntou ela baixinho.
– Lê – disse Rony, que tinha a boca cheia de caramelos. – Tem assinatura por causa das receitas de comida.
Hermione ficou olhando tristemente o ovinho recebido.
– Não quer ver o que Percy escreveu? – perguntou Harry a ela, depressa.
A carta de Percy era curta e irritada.

Conforme canso de dizer ao Profeta Diário*, o Sr. Crouch está tirando um merecido descanso. Ele me manda, regularmente, corujas trazendo instruções. Não, na realidade não o tenho visto, mas acho que podem acreditar que conheço a caligrafia do meu superior. Tenho muito que fazer no momento, sem precisar estar desmentindo esses boatos ridículos. Por favor, não me incomodem mais a não ser que seja para alguma coisa importante. Feliz Páscoa*.

O início do trimestre de verão normalmente significava que Harry estaria treinando com vontade para a última partida de quadribol da temporada. Este ano, porém, era para a terceira e última tarefa do Torneio Tribruxo que ele precisava se preparar, mas o garoto ainda não sabia qual ia ser. Finalmente, na última semana de maio, a Profª McGonagall o reteve depois da aula de Transfiguração.

– Você deve ir ao campo de quadribol hoje à noite, às nove horas, Potter – disse ela. – O Sr. Bagman vai estar lá para falar aos campeões sobre a terceira tarefa.

Então, às oito e meia da noite, Harry deixou Rony e Hermione na Torre da Grifinória e desceu a escada. Quando atravessou o saguão de entrada, Cedrico vinha subindo da sala comunal da Corvinal.

– Que é que você acha que vai ser? – perguntou ele a Harry, quando desciam juntos os degraus para o jardim e para a noite nebulosa. – Fleur não para de falar em túneis subterrâneos, acha que vamos ter que encontrar um tesouro.

– Isso não seria nada mau – comentou Harry, pensando que bastaria pedir a Hagrid um pelúcio para realizar sua tarefa.

Eles caminharam pelos gramados escuros até o estádio de quadribol, atravessaram uma abertura sob as arquibancadas e saíram no campo.

– Que foi que fizeram com o campo? – exclamou Cedrico indignado, parando de chofre.

O campo de quadribol deixara de ser plano e liso. Parecia que alguém andara construindo por todo ele muretas longas, que seguiam em meandros e o cruzavam em todas as direções.

– São sebes! – exclamou Harry, se curvando para examinar a mais próxima.

– Alô, vocês aí! – gritou uma voz animada.

Ludo Bagman estava parado no meio do campo em companhia de Krum e Fleur. Harry e Cedrico procuraram chegar até o grupo, saltando por cima das sebes. Fleur abriu um grande sorriso para Harry quando ele se aproximou. Sua atitude para com o garoto mudara completamente desde que ele tirara sua irmã do lago.

– Bem, que é que vocês acham? – perguntou Bagman alegre, quando Harry e Cedrico transpuseram a última sebe. – Estão crescendo bem, não? Deem mais um mês e Hagrid vai fazê-las alcançar cinco metros de altura. Não se preocupem – acrescentou ele ao ver as expressões pouco satisfeitas no rosto de Harry e Cedrico –, vocês vão ter o seu campo de quadribol normal depois que terminarem a tarefa! Agora, imagino que podem adivinhar o que estamos fazendo aqui?

Ninguém falou por um momento. Depois...

– Labirinto – resmungou Krum.

– Acertou! – disse Bagman. – Um labirinto. A terceira tarefa na realidade é muito simples. A taça do Torneio Tribruxo será colocada no centro do labirinto. O primeiro campeão que puser a mão nela recebe a nota máxima.

– Temes samplement que atrravessar o labirrinto? – perguntou Fleur.

– Haverá obstáculos – disse Bagman alegremente, balançando-se sobre a sola dos pés. – Hagrid está providenciando algumas criaturas... e haverá também feitiços que vocês precisarão desfazer... essas coisas que vocês já conhecem. Agora, os campeões que estão liderando a contagem de pontos entrarão primeiro no labirinto. – Bagman sorriu para Harry e Cedrico. – Depois entrará o Sr. Krum... depois a Srta. Delacour. Mas todos terão a mesma possibilidade de vencer, dependendo da perícia com que superarem os obstáculos. Será divertido, não acham?

Harry, que sabia muito bem que tipo de criaturas Hagrid iria arranjar para um evento de tal porte, achou muito improvável que fosse divertido. Contudo, concordou educadamente com a cabeça, como os demais campeões.

– Muito bem... se não tiverem nenhuma pergunta a fazer, vamos voltar para o castelo, está meio frio...

Bagman apressou-se a caminhar ao lado de Harry quando começaram a deixar o labirinto em crescimento. O garoto teve a impressão de que o bruxo ia começar a oferecer ajuda novamente, mas nesse instante, Krum bateu em seu ombro.

– Posso falarr com focê?

– Claro que sim – disse Harry ligeiramente surpreso.

– Focê pode andarr um pouco comigo?

– OK – disse o garoto curioso.

Bagman pareceu ligeiramente perturbado.

– Esperarei por você, Harry, está bem?

– Não, está tudo OK, Sr. Bagman – disse Harry contendo um sorriso. – Acho que posso encontrar o caminho para o castelo sozinho, obrigado.

Harry e Krum saíram juntos do estádio, mas Krum não tomou o rumo do navio de Durmstrang. Em vez disso, dirigiu-se à Floresta.

– Para que estamos indo nesta direção? – perguntou Harry, ao passarem pela cabana de Hagrid e a carruagem iluminada da Beauxbatons.
– Non querro que me ouçam – disse o rapaz secamente.
Quando finalmente chegaram a um trecho sossegado, a poucos passos do picadeiro dos cavalos da Beauxbatons, Krum parou à sombra de um grupo de árvores e se virou para encarar Harry.
– Querro saberr – disse ele amarrando a cara – que é que há entre focê e Hermi-ô-nini.
Harry, que pela maneira sigilosa de Krum esperara algo muito mais sério que aquilo, ergueu os olhos para Krum, admirado.
– Nada – disse ele. Mas Krum amarrou a cara, e Harry, mais uma vez admirado com o tamanho de Krum, explicou melhor. – Somos amigos. Ela não é minha namorada nem nunca foi. Aquela tal da Skeeter está inventando coisas.
– Hermi-ô-nini fala muito de focê – disse Krum, olhando desconfiado para Harry.
– Claro, porque somos *amigos*.
Ele não estava conseguindo acreditar muito bem que estivesse tendo aquela conversa com Vítor Krum, o famoso jogador internacional de quadribol. Era como se o Krum, com seus dezoito anos, achasse que ele, Harry, fosse seu igual – um rival de verdade...
– Focê nunca... focê non...
– Não – disse Harry com firmeza.
Krum pareceu um tantinho mais feliz. Fitou Harry durante alguns segundos, depois disse:
– Focê foa muito bem. Fiquei assistindo a focê durante a primeira tarefa.
– Obrigado – disse Harry com um grande sorriso, se sentindo subitamente muito maior. – Vi você na Copa Mundial de Quadribol. Naquela Finta de Wronski, você realmente...
Mas alguma coisa se mexeu às costas de Krum, entre as árvores, e Harry, que tinha alguma experiência com coisas que rondam a Floresta, instintivamente agarrou Krum pelo braço e o puxou para um lado.
– Que foi?
Harry balançou a cabeça, examinando com atenção o lugar em que percebera o movimento. Meteu a mão dentro das vestes à procura da varinha.
No momento seguinte um homem saiu cambaleando de trás de um alto carvalho. Por um instante Harry não o reconheceu... depois percebeu que era o Sr. Crouch.
Tinha a aparência de quem estava viajando há dias. Os joelhos de suas vestes estavam rasgados e ensanguentados; seu rosto estava arranhado; e, ele, barbudo

e cinzento de exaustão. Os cabelos e bigodes sempre impecáveis estavam precisando de um xampu e de um corte. Sua estranha aparência, porém, não era nada comparada à maneira com que estava agindo. Resmungava e gesticulava, parecia estar falando com alguém que somente ele conseguia ver. Lembrava a Harry vividamente um velho vagabundo que o garoto vira quando fora às compras com os Dursley. O tal homem também conversava, alterado, com o vento; tia Petúnia agarrara Duda pela mão e o arrastara para o outro lado da rua para evitar o homem; tio Válter então brindara a família com um longo discurso sobre o que gostaria de fazer com mendigos e vagabundos.

– Ele non erra um dos juízes? – perguntou Krum de olhos arregalados para o Sr. Crouch. – Non é do seu Ministérrio?

Harry confirmou com um aceno de cabeça, hesitou por um instante, depois se dirigiu lentamente ao Sr. Crouch, que não olhou para ele, mas continuou a falar com uma árvore próxima:

– ... e depois que fizer isso, Weatherby, mande uma coruja a Dumbledore confirmando o número de estudantes de Durmstrang que virão ao torneio, Karkaroff acabou de mandar uma mensagem dizendo que serão doze...

– Sr. Crouch? – chamou Harry cautelosamente.

– ... e depois mande outra coruja à Madame Maxime, porque ela talvez queira aumentar o número de estudantes que vai trazer, agora que Karkaroff arredondou para uma dúzia... faça isso, Weatherby, por favor? Por favor? Por... – Os olhos do Sr. Crouch estavam saltados. Ele continuou encarando a árvore, resmungando silenciosamente para ela. Então, cambaleou para os lados e caiu de joelhos.

– Sr. Crouch? – chamou Harry em voz alta. – O senhor está bem?

Os olhos de Crouch reviravam nas órbitas. Harry olhou para os lados procurando Krum, que o seguira até as árvores e olhava para Crouch assustado.

– Que é que ele tem?

– Não faço ideia – murmurou Harry. – Escuta aqui, é melhor você ir buscar alguém...

– Dumbledore! – arquejou o Sr. Crouch. Ele esticou a mão e agarrou com firmeza as vestes de Harry e arrastou-o para perto, embora seus olhos estivessem olhando por cima da cabeça de Harry. – Preciso... ver... Dumbledore.

– OK – disse Harry –, se o senhor se levantar, Sr. Crouch, podemos ir até...

– Fiz... uma... idiotice... – murmurou o Sr. Crouch. Parecia completamente demente. Revirava os olhos esbugalhados e um fio de saliva escorria pelo seu queixo. Cada palavra que ele dizia parecia custar um esforço terrível. – Preciso... falar... Dumbledore...

– Levante, Sr. Crouch – disse Harry em alto e bom som. – Levante e eu levo o senhor a Dumbledore!

Os olhos de Crouch giraram focalizando Harry.
– Quem é você? – sussurrou o bruxo.
– Sou aluno da escola – disse Harry, olhando para Krum à procura de ajuda, mas o outro mantinha-se um pouco afastado, parecendo extremamente nervoso.
– Você não é... *dele*? – sussurrou Crouch, deixando o queixo cair.
– Não – respondeu Harry, sem ter a menor ideia do que Crouch estava falando.
– De Dumbledore?
– Isso mesmo – disse Harry.
Crouch puxou o garoto mais para perto; Harry tentou soltar a mão do bruxo que agarrava suas vestes, mas ele era demasiado forte.
– Avise... Dumbledore...
– Vou buscar Dumbledore se o senhor me largar – disse Harry. – Me largue, Sr. Crouch, e eu vou buscar o diretor...
– Obrigado, Weatherby, e quando você terminar isso, eu gostaria de tomar uma xícara de chá. Minha mulher e meu filho vão chegar daqui a pouco, vamos assistir a um concerto hoje à noite com o Sr. e a Sra. Fudge. – Crouch voltara a falar fluentemente com a árvore e parecia completamente despercebido da presença de Harry, o que surpreendeu o garoto de tal modo que ele nem reparou que Crouch o soltara. – Meu filho recentemente obteve doze N.O.M.s com boas notas, obrigado, claro, realmente muito orgulhosos. Agora se você puder me trazer aquele memorando do Ministério da Magia de Andorra, acho que terei tempo de preparar uma resposta...
– Você fica aqui com ele! – disse Harry a Krum. – Eu vou buscar Dumbledore, faço isso mais rápido, sei onde é o escritório dele...
– Ele está doido – disse Krum hesitante, olhando para Crouch, que ainda tagarelava com a árvore, aparentemente convencido de que falava com Percy.
– Só precisa ficar aqui com ele – falou Harry começando a se levantar, mas seu movimento pareceu disparar outra mudança súbita no Sr. Crouch, que o agarrou com força pelos joelhos e o puxou de volta ao chão.
– Não... me... deixe! – sussurrou ele, os olhos se esbugalhando outra vez. – Eu... fugi... preciso avisar... preciso contar... ver Dumbledore... minha culpa... tudo minha culpa... Berta... morta... tudo minha culpa... meu filho... minha culpa... diga a Dumbledore... Harry Potter... o Lorde das Trevas... mais forte... Harry Potter...
– Vou buscar Dumbledore se o senhor me deixar ir, Sr. Crouch! – disse Harry. Ele olhou indignado para Krum. – Quer me ajudar, por favor?
Com um ar extremamente apreensivo, Krum se adiantou e se acocorou ao lado do Sr. Crouch.

– Não deixa ele sair daqui – disse Harry se desvencilhando do Sr. Crouch. – Eu volto com Dumbledore.

– Non demorre, por favorr – Krum gritou quando Harry se afastou correndo da Floresta e já ia subindo os gramados na escuridão. Estavam desertos; Bagman, Cedrico e Fleur haviam desaparecido. Harry galgou aos saltos os degraus da entrada, passou pelas portas de carvalho e continuou pela escadaria de mármore acima em direção ao segundo andar.

Cinco minutos depois precipitava-se em direção a uma gárgula de pedra que ficava no meio de um corredor vazio.

– *Sorbet de limão!* – ofegou ele.

Essa era a senha para a escada oculta que levava ao escritório de Dumbledore – ou pelo menos tinha sido dois anos atrás. Porém, a senha evidentemente mudara, porque a gárgula de pedra não criou vida nem saltou para o lado, mas continuou imóvel encarando Harry com malevolência.

– Mexa-se! – Harry gritou para o ornamento. – Anda!

Mas nada em Hogwarts jamais se mexia só porque alguém mandava; ele sabia que não adiantava. Olhou para um lado e outro do corredor. Quem sabe Dumbledore estaria na sala dos professores? Ele começou a correr o mais rápido que pôde em direção à escada...

– POTTER!

Harry parou derrapando e olhou para trás.

Snape acabara de emergir da escada oculta atrás da gárgula de pedra. A parede ia outra vez se fechando atrás dele, na hora exata em que mandou Harry voltar.

– Que é que você está fazendo aqui, Potter?

– Preciso ver o Prof. Dumbledore! – disse Harry, correndo de volta, e novamente derrapando até parar diante de Snape. – É o Sr. Crouch... ele acabou de aparecer... está na Floresta... está pedindo...

– Que tolice é essa? – exclamou Snape, seus olhos negros faiscando. – Do que é que você está falando?

– O Sr. Crouch – gritou Harry. – Do Ministério! Ele está doente ou outra coisa qualquer, está na Floresta, quer ver Dumbledore! Me diga qual é a senha para entrar...

– O diretor está ocupado, Potter – informou Snape, sua boca fina se crispando num sorriso desagradável.

– Tenho que informar a Dumbledore! – berrou Harry.

– Você não escutou o que eu disse, Potter?

Harry podia perceber que Snape estava se divertindo intensamente em recusar o que ele queria ao vê-lo em pânico.

– Olhe – disse Harry com raiva –, Crouch não está bem... ele está... ele está

delirando... diz que precisa prevenir...
A parede de pedra às costas de Snape se abriu. Dumbledore surgiu à entrada, trajando longas vestes verdes e tinha uma expressão de curiosidade no rosto.
– Algum problema? – perguntou ele, olhando de Harry para Snape.
– Professor! – disse Harry, dando um passo para o lado antes que Snape pudesse responder. – O Sr. Crouch está aqui, está lá na Floresta, diz que quer falar com o senhor!
Harry esperava que Dumbledore fizesse perguntas, mas, para seu alívio, ele não fez nada disso.
– Leve-me até lá – disse o diretor prontamente, e saiu para o corredor acompanhando Harry e deixando Snape parado ao lado da gárgula com uma cara duas vezes mais feia.
– Que foi que o Sr. Crouch disse, Harry? – perguntou Dumbledore enquanto desciam apressados a escadaria de mármore.
– Disse que quer prevenir o senhor... disse que fez uma coisa horrível... mencionou o filho... e Berta Jorkins... e... e Voldemort... alguma coisa sobre Voldemort estar ficando mais forte...
– De fato – disse Dumbledore e apertou o passo quando saíram para a escuridão de breu.
– Ele não está agindo normalmente – disse Harry correndo ao lado de Dumbledore. – Parece que não sabe onde está. Fala o tempo todo como se achasse que Percy Weasley está lá e depois muda e diz que precisa ver o senhor. Deixei-o com Vítor Krum.
– Deixou? – exclamou Dumbledore com severidade e começou a dar passadas ainda maiores, de modo que Harry precisou correr para acompanhá-lo. – Você sabe se mais alguém viu o Sr. Crouch?
– Não – respondeu Harry. – Krum e eu estávamos conversando, o Sr. Bagman tinha acabado de nos falar sobre a terceira tarefa, ficamos para trás e então vimos o Sr. Crouch saindo da Floresta...
– Onde é que eles estão? – perguntou Dumbledore ao ver a carruagem da Beauxbatons emergir da escuridão.
– Ali na frente – disse Harry adiantando-se ao diretor Dumbledore e mostrando o caminho entre as árvores. Ele não ouvia mais a voz de Crouch, mas sabia aonde estava indo; não era muito além da carruagem... em algum lugar por aqui...
– Vítor? – chamou Harry.
Ninguém respondeu.
– Deixei os dois aqui – disse Harry a Dumbledore. – Decididamente estavam em algum lugar por aqui...

– *Lumus* – ordenou Dumbledore, acendendo sua varinha e erguendo-a.
O feixe fino de luz se deslocou de um tronco a outro, iluminando o chão. Então recaiu sobre dois pés.
Harry e Dumbledore acorreram. Krum estava estatelado no chão da Floresta. Parecia ter perdido os sentidos. Não havia nem sinal do Sr. Crouch. Dumbledore se curvou para Krum e gentilmente ergueu uma de suas pálpebras.
– Estuporado – comentou baixinho. Seus oclinhos de meia-lua cintilaram à luz da varinha quando ele examinou as árvores que os rodeavam.
– O senhor quer que eu vá buscar alguém? – perguntou Harry. – Madame Pomfrey?
– Não – disse Dumbledore na mesma hora. – Fique aqui.
O diretor ergueu a varinha e apontou-a para a cabana de Hagrid. Harry viu-a disparar uma coisa prateada que voou entre as árvores como um pássaro fantasmagórico. Então Dumbledore tornou a se curvar para Krum, apontou a varinha para o rapaz e murmurou:
– *Enervate*.
Krum abriu os olhos. Parecia atordoado. Quando viu Dumbledore, tentou se sentar, mas o diretor pousou a mão no ombro dele e o fez continuar deitado.
– Ele me atacou! – murmurou Krum, levando a mão à cabeça. – O velho doido me atacou! Eu estava olhando parra os lados parra verr onde Potterr tinha ido e ele me atacou pelas costas!
– Fique deitado um pouco – mandou Dumbledore.
Um reboar de fortes passadas chegou aos ouvidos do grupo e Hagrid apareceu ofegante com Canino nos calcanhares. Trazia o arco.
– Prof. Dumbledore! – disse ele arregalando os olhos. – Harry ... que dia...?
– Hagrid, preciso que você vá buscar o Prof. Karkaroff – disse Dumbledore. – O aluno dele foi atacado. Quando terminar, por favor, alerte o Prof. Moody...
– Não é necessário, Dumbledore – ouviu-se um rosnado asmático –, já estou aqui. – Moody vinha mancando em direção a eles, apoiado na bengala, a varinha acesa.
– Porcaria de perna – reclamou furioso. – Teria chegado mais rápido... que foi que houve? Snape me disse alguma coisa sobre Crouch...
– Crouch? – repetiu Hagrid sem entender.
– Karkaroff, por favor, Hagrid! – disse Dumbledore energicamente.
– Ah, sim... certo, professor... – disse Hagrid e, dando as costas, desapareceu entre as árvores escuras, Canino trotando ao seu lado.
– Não sei aonde foi parar Bartô Crouch – disse Dumbledore a Moody –, mas é essencial que o encontremos.
– Já estou indo – rosnou Moody e, puxando a varinha, saiu coxeando pela

Floresta.
Nem Dumbledore nem Harry tornaram a falar até ouvirem os sons inconfundíveis de Hagrid e Canino voltando. Karkaroff seguia apressado atrás deles. Usava suas elegantes peles prateadas e parecia pálido e agitado.
– Que é isso? – exclamou, quando viu Krum no chão, e Dumbledore e Harry ao lado do rapaz. – Que é que está acontecendo?
– Fui atacado! – informou Krum, agora se sentando e esfregando a cabeça. – O Sr. Crrouch ou que nome tenha...
– Crouch o atacou? *Crouch* atacou você? O juiz do Tribruxo?
– Igor – começou a falar Dumbledore, mas Karkaroff se erguera puxando as peles para perto do corpo, o rosto lívido.
– Traição! – urrou ele apontando para Dumbledore. – É uma conspiração! Você e o seu ministro da Magia me atraíram até aqui sob falsos pretextos, Dumbledore! Isto não é uma competição honesta! Primeiro você sorrateiramente inscreve Potter no torneio, embora ele seja menor de idade! Agora um dos seus amigos do Ministério tenta pôr o *meu* campeão fora de ação! Estou farejando falsidade e corrupção nesse torneio todo e você, Dumbledore, você, com a sua conversa de estreitar os vínculos entre os bruxos estrangeiros, de refazer velhos laços, de esquecer as velhas diferenças, isto é o que penso de *você*!
Karkaroff cuspiu no chão aos pés de Dumbledore. Com um movimento rápido, Hagrid agarrou o bruxo pela gola das peles, ergueu-o no ar e empurrou-o contra uma árvore próxima.
– Peça desculpas! – rosnou Hagrid, enquanto Karkaroff tentava respirar com aquele punho maciço em sua garganta, seus pés balançando no ar.
– Hagrid, *não*! – gritou Dumbledore com os olhos faiscando.
Hagrid soltou a mão que prendia Karkaroff contra a árvore, o bruxo escorregou pelo tronco e desmontou numa massa informe aos seus pés; alguns gravetos caíram em sua cabeça.
– Tenha a bondade de acompanhar Harry até o castelo, Hagrid – disse Dumbledore energicamente.
Respirando ruidosamente, Hagrid lançou a Karkaroff um olhar carrancudo.
– Talvez seja melhor eu ficar aqui, diretor...
– Você vai levar Harry de volta ao castelo, Hagrid – repetiu Dumbledore com firmeza. – Leve-o diretamente à Torre da Grifinória. E Harry, quero que fique lá. Qualquer coisa que queira fazer, corujas que queira despachar, pode esperar até de manhã, está me entendendo bem?
– Hum, sim, senhor – aquiesceu Harry, com os olhos no diretor. Como Dumbledore soubera que naquele exato momento ele estava pensando em mandar Pichitinho direto a Sirius para lhe contar o que acontecera?

– Vou deixar Canino com o senhor, diretor – disse Hagrid, ainda olhando ameaçadoramente para Karkaroff, que continuava caído ao pé da árvore enredado em peles e raízes. – Parado, Canino. Vamos, Harry.

Eles passaram em silêncio pela carruagem da Beauxbatons e subiram em direção ao castelo.

– Como é que ele se atreve – rosnou Hagrid, quando margeavam o lago. – Como é que ele se atreve a acusar Dumbledore. Como se Dumbledore fosse capaz de uma coisa dessas. Como se Dumbledore quisesse que *você* participasse do torneio, para começar. Preocupado! Não me lembro de ter visto Dumbledore mais preocupado do que tem estado ultimamente. E você! – disse Hagrid voltando-se zangado para Harry, que ergueu os olhos para ele, espantado. – Que é que você estava fazendo andando por aí com esse desgraçado do Krum? Ele é aluno de Durmstrang, Harry! Podia ter azarado você ali mesmo, não podia? Será que Moody não lhe ensinou nada? Imagina deixar ele afastar você dos outros...

– Krum é legal! – interrompeu-o Harry, quando subiam os degraus para o saguão de entrada. – Ele não estava tentando me azarar, só queria conversar comigo sobre a Mione...

– Eu é que vou ter uma conversinha com ela – falou Hagrid mal-humorado, subindo os degraus com estrondo. – Quanto menos vocês tiverem contato com esses estrangeiros, melhor vão ficar. Não se pode confiar em nenhum deles.

– Você parece que está se dando muito bem com a Madame Maxime – respondeu Harry, aborrecido.

– Não fale dela comigo! – disse Hagrid, e naquele instante parecia assustador. – Agora já sei quem ela é! Tentando voltar às minhas boas graças para eu contar a ela qual vai ser a terceira tarefa. Ah! Não se pode confiar em nenhum deles!

Hagrid estava tão mal-humorado que Harry ficou feliz de se despedir dele diante do quadro da Mulher Gorda. Passou pelo buraco do retrato, desembocando na sala comunal e correu direto para o canto em que Rony e Hermione estavam sentados, para narrar aos dois o que acontecera.

— CAPÍTULO VINTE E NOVE —

O sonho

– A coisa se resume no seguinte – disse Hermione esfregando a testa –, ou o Sr. Crouch atacou Vítor ou outra pessoa atacou os dois, quando Vítor não estava olhando.

– Deve ter sido o Crouch – disse Rony na mesma hora. – É por isso que ele já tinha desaparecido quando Harry e Dumbledore chegaram lá. Deu no pé.

– Acho que não – disse Harry balançando a cabeça. – Ele parecia realmente fraco, acho que não tinha forças para desaparatar nem nada.

– Ninguém *pode* desaparatar nas terras de Hogwarts, já não disse isso a vocês um montão de vezes? – reclamou Hermione.

– OK... então que tal esta outra teoria – propôs Rony excitado: – Krum atacou Crouch, não, peraí, então se estuporou!

– E o Sr. Crouch se evaporou, não é mesmo? – disse Hermione com frieza.

– Ah, é...

O dia estava amanhecendo. Harry, Rony e Hermione tinham saído muito cedo dos seus dormitórios e corrido até o corujal, juntos, a despachar um bilhete para Sirius. Agora estavam parados contemplando os jardins cobertos de névoa. Os três estavam pálidos, os olhos inchados, porque ficaram conversando até tarde sobre o Sr. Crouch.

– Vamos recapitular, Harry – disse Hermione. – Que foi que o Sr. Crouch realmente disse?

– Já falei que ele não estava fazendo muito sentido – repetiu Harry. – Disse que queria prevenir Dumbledore sobre alguma coisa. Tenho certeza de que ele mencionou Berta Jorkins e parecia achar que ela estava morta. Não parava de repetir que muita coisa era culpa dele... mencionou o filho.

– Bem, isso *foi* culpa dele – disse Hermione irritada.

– Ele estava delirando – continuou Harry. – Metade do tempo dava a

impressão de acreditar que a mulher e o filho ainda estavam vivos, e ele não parava de falar com Percy sobre serviço e de lhe dar instruções.
– E... o que foi mesmo que ele disse sobre Você-Sabe-Quem? – perguntou Rony inseguro.
– Eu já contei – respondeu Harry chateado. – Disse que ele está ficando mais forte.
Houve uma pausa.
Então Rony num tom de falsa segurança disse:
– Mas ele estava delirando, conforme você falou, portanto metade disso provavelmente era só delírio...
– Ele ficava mais sensato quando tentava falar de Voldemort – disse Harry, não dando atenção à careta de Rony. – Estava realmente com dificuldade para formar frases, mas isso era quando parecia que sabia onde estava e o que queria fazer. Ele não parava de dizer que queria ver Dumbledore.
Harry se afastou da janela e olhou para os caibros do telhado. Metade dos numerosos poleiros estava vazia; de vez em quando, mais uma coruja entrava voando por uma das janelas, voltando de uma caçada noturna com um rato no bico.
– Se Snape não tivesse me atrasado – comentou Harry –, talvez a gente tivesse chegado lá a tempo. “O diretor está ocupado, Potter... Que tolice é essa, Potter?” Por que ele simplesmente não saiu do caminho?
– Talvez não quisesse que vocês chegassem lá! – disse Rony depressa. – Talvez, calma aí, com que rapidez você acha que ele poderia ter ido até a Floresta? Você acha que ele podia ter chegado lá antes de você e Dumbledore?
– Não, a não ser que ele seja capaz de se transformar num morcego ou outra coisa do gênero.
– Eu não duvido nada – murmurou Rony.
– Precisamos ver o Prof. Moody – disse Hermione. – Precisamos descobrir se ele encontrou o Sr. Crouch.
– Se tivesse levado o Mapa do Maroto com ele, teria sido fácil – disse Harry.
– A não ser que Crouch já tivesse saído de Hogwarts – lembrou Rony –, porque o mapa só mostra o que está dentro dos limites, não...
– Psiu! – exclamou Hermione de repente.
Alguém estava subindo a escada para o corujal. Harry ouviu duas vozes discutindo, cada vez mais próximas.
– ... isso é chantagem, é o que é, e poderíamos nos meter em uma baita enrascada por causa disso...
– ... tentamos ser gentis, está na hora de jogar sujo com o cara. Ele não ia gostar que o Ministério da Magia soubesse o que ele fez...

– Estou falando, se você puser isto por escrito, será chantagem!
– É, mas você não ia reclamar se conseguíssemos um bom pagamento por isso, ia?
A porta do corujal se abriu com estrondo. Fred e Jorge apareceram no portal e em seguida congelaram ao verem Harry, Rony e Hermione.
– Que é que vocês estão fazendo aqui? – perguntaram Rony e Fred ao mesmo tempo.
– Despachando uma carta – responderam Harry e Jorge em uníssono.
– Quê, a esta hora? – se admiraram Hermione e Fred.
Fred sorriu.
– Ótimo, nós não perguntamos o que vocês estão fazendo, se vocês não nos perguntarem – disse ele.
Ele segurava um envelope fechado na mão. Harry deu uma olhada, mas Fred, fosse por acaso ou de propósito, escorregou a mão, tampando o nome do destinatário.
– Bem, não se prendam por nós – disse ele, fazendo uma reverência cômica e indicando a porta.
Rony não se mexeu.
– Quem é que vocês estão chantageando? – perguntou.
O sorriso desapareceu do rosto de Fred. Harry viu Jorge olhar Fred de relance antes de sorrir para Rony.
– Não seja idiota, eu só estava brincando – disse ele à vontade.
– Não parecia – insistiu Rony.
Fred e Jorge se entreolharam.
Então Fred disse abruptamente:
– Já lhe avisamos antes, Rony, não meta o nariz se gosta do feitio que ele tem. Não vejo por que você iria meter, mas...
– Mas é da minha conta se vocês estiverem chantageando alguém. Jorge tem razão, vocês poderiam acabar numa baita enrascada.
– Já lhe disse, eu estava brincando – disse Jorge. Ele foi até Fred, tirou a carta das mãos do irmão e começou a prendê-la à perna da coruja-de-igreja mais próxima. – Você está começando a falar como o nosso querido irmão mais velho, sabe, Rony. Continue assim e vai acabar monitor-chefe.
– Não, não vou, não! – protestou Rony indignado.
Jorge levou a coruja até a janela e deixou-a levantar voo.
Ele se virou e sorriu para Rony.
– Bem, então pare de dizer às pessoas o que fazer. Até mais tarde.
Ele e Fred saíram do corujal. Harry, Rony e Hermione ficaram se entreolhando.

– Vocês não acham que eles sabem alguma coisa dessa história toda, acham? – sussurrou Hermione. – Do Crouch e todo o resto?

– Não – disse Harry. – Se fosse uma coisa séria assim eles contariam a alguém. Contariam a Dumbledore.

Rony, no entanto, estava com um ar constrangido.

– Que foi? – perguntou Hermione.

– Bem... – respondeu Rony lentamente – não sei se contariam. Eles... ultimamente estão obcecados com a ideia de fazer dinheiro, notei isso quando estava andando com eles, quando... vocês sabem...

– Nós dois não estávamos nos falando – Harry terminou a frase para ele. – É, mas chantagem...

– É essa ideia deles de abrirem uma loja de logros. Pensei que estivessem falando nisso só para aborrecer mamãe, mas estão realmente falando sério, querem abrir uma loja. Só falta um ano para eles terminarem Hogwarts, eles não param de falar que está na hora de pensar no futuro e papai não pode ajudá-los, precisam de ouro para começar um negócio.

Agora era Hermione que estava com um ar constrangido.

– Sei, mas... eles não fariam nada contra a lei para conseguir ouro. Fariam?

– Se fariam? – disse Rony com uma expressão de ceticismo. – Não sei... eles não se importam muito de desrespeitar o regulamento, não é mesmo?

– É, mas estamos falando da *Lei* – disse Hermione, parecendo amedrontada. – Não é de um simples regulamento de escola... vão receber muito mais que detenção por uma chantagem! Rony... talvez seja melhor você contar ao Percy...

– Você ficou maluca? – exclamou Rony. – Contar ao Percy? Ele provavelmente ia fazer como o Crouch, e entregaria os dois. – Ele ficou olhando a janela por onde partira a coruja de Fred e Jorge, depois disse:

“Vamos gente, vamos tomar café.”

– Vocês acham que é muito cedo para procurar o Prof. Moody? – perguntou Hermione quando desciam a escada circular.

– Acho – respondeu Harry. – Ele provavelmente nos detonaria pela porta se nós o acordássemos com o dia nascendo. Ia pensar que estamos querendo atacá-lo dormindo. Vamos esperar até a hora do intervalo.

A aula de História da Magia jamais transcorrera tão lentamente. Harry não parava de consultar o relógio de Rony, tendo finalmente jogado fora o seu, mas o do amigo estava andando tão devagar que ele poderia jurar que parara de funcionar também. Os três garotos estavam tão cansados que teriam gostado de descansar as cabeças nas carteiras e dormir; nem Hermione estava fazendo as anotações de costume, sentava-se com a cabeça apoiada na mão, mirando o Prof. Binns com os olhos fora de foco.

Quando a sineta finalmente tocou, eles saíram correndo pelo corredor em direção à sala de Defesa Contra as Artes das Trevas e encontraram o Prof. Moody de saída. Ele parecia tão cansado quanto os três se sentiam. A pálpebra do seu olho normal estava caída, dando ao seu rosto uma aparência ainda mais torta do que a habitual.

– Prof. Moody? – chamou Harry, enquanto atravessavam o ajuntamento de alunos até o professor.

– Olá, Potter – rosnou Moody. Seu olho mágico acompanhou uns alunos de primeiro ano que iam passando e que aceleraram o passo demonstrando nervosismo; depois o olho girou para a nuca do professor e observou-os virar o canto, só então ele voltou a falar: – Entrem.

Afastou-se, então, para deixá-los entrar em sua sala de aula vazia, entrou em seguida mancando, e fechou a porta.

– O senhor o encontrou? – perguntou Harry sem preâmbulos. – O Sr. Crouch?

– Não – respondeu Moody. Ele foi até a escrivaninha, sentou-se, esticou a perna de pau com um breve gemido e puxou um frasco de bolso.

– O senhor usou o mapa? – perguntou Harry.

– Naturalmente – disse o professor tomando um gole do frasco. – Fiz igualzinho a você, Potter. Convoquei o mapa do meu escritório para a Floresta. O homem não estava em lugar algum.

– Então ele desaparatou? – perguntou Rony.

– *Não se pode desaparatar nos terrenos da escola, Rony!* – disse Hermione. – Não existem outras maneiras que ele poderia ter usado para desaparecer, existem, professor?

O olho mágico de Moody estremeceu ao pousar em Hermione.

– Você é outra que poderia pensar numa carreira de auror – disse ele à garota. – Sua cabeça funciona na direção certa, Granger.

Hermione corou de prazer.

– Bem, ele não estava invisível – falou Harry –, o mapa mostra pessoas invisíveis. Então ele deve ter deixado Hogwarts.

– Mas com as próprias pernas? – perguntou Hermione ansiosa. – Ou alguém o fez deixar?

– É, alguém poderia ter feito isso, montar o Crouch numa vassoura e levar ele embora, não poderia? – perguntou Rony depressa, olhando esperançoso para Moody, como se também quisesse ouvir que tinha talento para auror.

– Não podemos excluir um sequestro – rosnou Moody.

– Então – disse Rony – o senhor acha que ele está em algum lugar de Hogsmeade?

– Poderia estar em qualquer lugar – respondeu Moody balançando a cabeça. –

A única coisa de que temos certeza é que ele não está aqui.
O professor deu um grande bocejo, suas cicatrizes se esticaram e sua boca torta deixou entrever que lhe faltavam vários dentes.
Então disse:
– Agora, Dumbledore me contou que vocês três se imaginam investigadores, mas não há nada que possam fazer por Crouch. O Ministério vai procurá-lo agora, Dumbledore já mandou uma notificação. Potter, e você se concentre na terceira tarefa.
– Quê? – disse Harry. – Ah, sim...
Ele ainda não parara um instante sequer para pensar no labirinto desde que deixara Krum na noite anterior.
– Deve ser bem a sua praia, essa – disse o professor, erguendo os olhos para Harry e coçando o queixo barbado e cheio de cicatrizes. – Pelo que Dumbledore me contou, você já conseguiu fazer coisas parecidas muitas vezes. Venceu uma série de obstáculos que guardavam a Pedra Filosofal no primeiro ano, não foi?
– Nós ajudamos – disse Rony depressa. – Eu e Mione ajudamos.
Moody se riu.
– Bem, então ajude-o a treinar para esse e ficarei muito surpreso se ele não vencer. Nesse meio-tempo... vigilância constante, Potter. Vigilância constante. – Ele tomou mais um longo gole do frasco de bolso e seu olho mágico girou para a janela. Por ali via-se a vela principal do navio de Durmstrang.
– Vocês dois – seu olho normal estava posto em Rony e Hermione – fiquem colados no Potter, sim? Eu estou de olho nas coisas, mas assim mesmo... nunca há olhos demais para se vigiar.

Sirius devolveu a coruja dos garotos na manhã seguinte. Ela esvoaçou ao lado de Harry no mesmo instante em que uma coruja castanho-amarelada pousou diante de Hermione, trazendo um exemplar do *Profeta Diário* no bico. Ela apanhou o jornal, deu uma olhada nas primeiras páginas e disse:
– Ela não ouviu falar do Crouch! – comentou antes de se juntar a Rony e Harry para ler o que Sirius mandara dizer sobre os misteriosos acontecimentos da antevéspera.

> *Harry – que brincadeira é essa de sair para a Floresta Proibida com Vítor Krum? Quero que você jure, na volta deste correio, que não vai sair andando com mais ninguém à noite. Há alguém perigosíssimo em Hogwarts. Para mim está muito claro que esse alguém queria impedir Crouch de ver Dumbledore e você provavelmente esteve a poucos passos dele no escuro. Poderia ter sido morto.*

O seu nome não foi parar no Cálice de Fogo por acaso. Se alguém está tentando atacá-lo, essa é a última chance. Fique perto de Rony e Hermione, não saia da Grifinória tarde da noite e se prepare para a terceira tarefa. Pratique estuporamento e desarmamento. Algumas azarações viriam a calhar. Não há nada que você possa fazer por Crouch. Não se exponha e se cuide. Estarei esperando a carta em que me dará sua palavra de que não vai mais ultrapassar os limites da escola.

Sirius

– Quem é ele para me fazer sermão por ultrapassar os limites da escola? – disse Harry ligeiramente indignado enquanto dobrava a carta de Sirius e a guardava no bolso interno das vestes. – Depois de tudo que ele aprontou na escola!

– Ele está preocupado com você! – lembrou Hermione com rispidez. – E o mesmo se aplica a Moody e Hagrid! Por isso escute o que eles estão lhe dizendo!

– Ninguém nem tentou me atacar este ano – disse Harry. – Ninguém nem me fez absolutamente nada...

– Exceto colocarem o seu nome no Cálice de Fogo – disse Hermione. – E devem ter tido um bom motivo para isso, Harry. Snuffles tem razão. Talvez estejam esperando a hora certa. Talvez a terceira tarefa seja a que vão pegar você.

– Olhem – disse Harry impaciente –, digamos que Snuffles tenha razão e alguém estuporou Krum para sequestrar Crouch. Bem, ele estaria escondido entre as árvores perto de nós, certo? Mas esperou eu estar fora do caminho para agir, não foi? Portanto não está parecendo que eu seja o alvo deles, não é?

– Eles não poderiam fazer parecer um acidente se tivessem matado você na Floresta. Mas se você morresse durante a tarefa...

– Eles não se importaram de atacar Krum, não foi? Por que não aproveitaram para acabar comigo também? Poderiam ter feito parecer que Krum e eu tínhamos duelado ou outra coisa qualquer.

– Harry, eu também não entendo – disse Hermione desesperada. – Só sei que há um monte de coisas estranhas acontecendo e que não estou gostando nada... Moody está certo, Snuffles está certo, você tem que começar a treinar logo para a terceira tarefa. E não se esqueça de responder a Sirius e prometer que não vai sair por aí sozinho outra vez.

Os jardins de Hogwarts nunca pareceram mais convidativos do que quando Harry foi obrigado a permanecer no castelo. Nos dias que se seguiram ele passou quase todo o tempo livre na biblioteca com Hermione e Rony, consultando livros sobre azarações ou então em salas de aula desocupadas, em que eles entravam às

escondidas para praticar. Harry se concentrou no Feitiço Estuporante, que ele nunca usara antes. O problema era que sua prática exigia certos sacrifícios de Rony e Hermione.
– Não podíamos sequestrar Madame Nor-r-ra? – sugeriu Rony durante a hora de almoço na segunda-feira, ainda deitado de barriga para cima no meio da sala de Feitiços, onde acabara de ser estuporado e reanimado por Harry pela quinta vez seguida. – Vamos estuporar a gata para variar. Ou quem sabe você podia usar o Dobby, Harry, aposto que ele faria qualquer coisa para ajudar você. Não estou reclamando nem nada – o garoto se levantou esfregando as costas –, mas estou todo doído...
– Bem, você sempre sai de cima das almofadas, não é? – disse Hermione com impaciência, rearrumando a pilha de almofadas usadas para o Feitiço Expulsório que Flitwick deixara guardadas em um armário. – Experimente cair de costas!
– Quando a gente está sendo estuporado, não consegue mirar muito bem, Hermione! – defendeu-se Rony aborrecido. – Por que você não experimenta uma vez?
– Bem, acho que Harry já pegou o jeito – disse a garota apressada. – E não precisamos nos preocupar com o desarmamento, porque ele já sabe fazer isso há séculos... Acho que hoje à noite devíamos começar algumas azarações.
A garota percorreu com os olhos a lista que tinham feito na biblioteca
– Gosto da cara desta aqui – disse ela –, da Azaração de Impedimento. Deve retardar qualquer coisa que esteja tentando atacar você, Harry. Vamos começar por ela.
A sineta tocou. Apressadamente eles enfiaram as almofadas no armário de Flitwick e saíram com cautela da sala de aula.
– Vejo vocês no jantar! – disse Hermione e foi para a aula de Aritmancia, enquanto Harry e Rony seguiam para a aula de Adivinhação na Torre Norte. Grandes feixes de sol, radiosamente dourados, vindos das altas janelas, cortavam o corredor. O céu lá fora estava tão intensamente azul que parecia esmaltado.
– Vai estar uma sauna na sala da Trelawney, ela nunca apaga aquela lareira – comentou Rony, quando começaram a subir a escada circular que levava à escada prateada e ao alçapão.
E ele estava certo. A sala mal iluminada estava incomodamente quente. A fumaça da lareira perfumada estava mais densa que nunca. Harry sentiu a cabeça tontear ao se dirigir a uma das janelas de cortinas corridas. Enquanto a Profª Sibila estava olhando para o outro lado, tentando soltar o xale de um abajur, ele abriu a janela uns dois dedinhos e tornou a se sentar em sua cadeira forrada de chintz, de modo que uma brisa suave correu pelo seu rosto. Ele se sentiu muitíssimo confortável.

– Meus queridos – disse a professora, sentando-se em sua bergère diante da turma e percorrendo-a com seus olhos estranhamente aumentados –, estamos quase no fim dos nossos estudos sobre adivinhação planetária. Hoje, no entanto, teremos uma excelente oportunidade de examinar os efeitos de Marte, porque ele está em uma posição muitíssimo interessante neste momento. Se vocês todos olharem para cá, eu vou diminuir a luz...

Ela acenou com a varinha e as luzes se apagaram. A lareira ficou sendo a única fonte de claridade. A Profª Sibila se curvou e tirou debaixo da poltrona um modelo do sistema solar, protegido por uma redoma de vidro. Era uma bela peça; cada uma das luas cintilantes estavam dispostas em torno dos nove planetas e do sol esbraseado, todos suspensos no ar sob o vidro. Harry acompanhou indolentemente a professora começar a apontar o ângulo fascinante que Marte formava com Netuno. A fumaça muito perfumada o envolveu e a brisa vinda da janela brincou pelo seu rosto. Ele ouviu um inseto zumbir suavemente em algum lugar atrás da cortina. Suas pálpebras começaram a pesar...

Ele estava cavalgando às costas de um corujão, voando por um claro céu azul em direção a uma casa velha e coberta de hera, situada no alto de uma encosta. Eles foram voando cada vez mais baixo, o vento passando agradavelmente pelo rosto de Harry, até chegarem a uma janela escura e desmantelada no primeiro andar da casa, pela qual entraram. Agora estavam voando por um corredor sombrio e chegaram a um quarto bem no final... cruzaram a porta e entraram nesse quarto escuro cujas janelas estavam pregadas...

Harry desmontara das costas do corujão... e observou-o esvoaçar pelo quarto e pousar em uma poltrona virada de costas para ele... havia duas formas escuras no chão ao lado da cadeira... as duas se mexiam...

Uma era uma enorme cobra... a outra, um homem... um homem baixo, meio careca, um homem com olhos aquosos e um nariz pontudo... ele arfava e soluçava no tapete diante da lareira...

– Você está com sorte, Rabicho – disse uma voz fria e aguda do fundo da poltrona em que o corujão pousara. – Você tem de fato muita sorte. O seu erro não chegou a arruinar tudo. Ele está morto.

– Milorde! – ofegou o homem no chão. – Milorde, estou... estou tão satisfeito... e tão arrependido...

– Nagini – disse a voz fria –, você está sem sorte. Afinal, não é hoje que vou lhe dar Rabicho para comer... mas não se incomode, não se incomode... ainda tem o Harry Potter...

A cobra sibilou. Harry viu a língua dela se agitar.

– Agora, Rabicho – disse a voz fria –, talvez mais um lembrete de por que não vou tolerar mais nenhum erro seu...

– Milorde... não... eu suplico...
A ponta de uma varinha ergueu-se do fundo da poltrona. Mirou Rabicho.
– *Crucio* – disse a voz fria.
Rabicho berrou, berrou como se cada nervo do seu corpo estivesse em fogo, os berros encheram os ouvidos de Harry, ao mesmo tempo que a cicatriz em sua testa queimou de dor; ele estava berrando, também... Voldemort iria ouvi-lo, saberia que ele estava ali...
– Harry! *Harry!*
Harry abriu os olhos. Estava caído no chão da sala da Profª Sibila, cobrindo o rosto com as mãos. Sua cicatriz ardia com tanta intensidade que seus olhos chegavam a lacrimejar. A dor fora real. A turma inteira estava parada à volta dele, e Rony se ajoelhara de um lado, com uma expressão de terror no rosto.
– Você está bem? – perguntou.
– É claro que não está! – disse a professora, parecendo alvoroçadíssima. Seus grandes olhos miraram Harry, ameaçadores. – Que foi, Potter? Uma premonição? Uma aparição? Que foi que você viu?
– Nada – mentiu Harry. Ele se sentou. Sentia os próprios tremores. Não conseguia parar de olhar para todo lado, para as sombras às suas costas. A voz de Voldemort soara tão próxima...
– Você estava apertando sua cicatriz! – disse a professora. – Você estava rolando no chão, apertando sua cicatriz! Ora vamos, Potter, eu tenho experiência nesses assuntos!
Harry levantou a cabeça para olhá-la.
– Preciso ir à ala hospitalar, acho. Dor de cabeça muito forte.
– Meu querido, sem dúvida você foi estimulado pelas extraordinárias vibrações premonitórias da minha sala! Se você sair agora, poderá perder a oportunidade de ver mais longe do que jamais...
– Eu não quero ver nada, a não ser um remédio para minha dor de cabeça.
Harry se levantou. A turma recuou. Todos pareciam nervosos.
– Vejo você mais tarde – murmurou ele para Rony e, apanhando a mochila, rumou para o alçapão, sem dar atenção à Profª Sibila, que revelava no rosto uma grande frustração, como se alguém a tivesse privado de um prazer real.
Quando Harry chegou ao fim da escada, porém, não rumou para a ala hospitalar. Não tinha a menor intenção de ir até lá. Sirius lhe dissera o que fazer se a cicatriz tornasse a doer e ele ia seguir o conselho do padrinho: ir direto ao escritório de Dumbledore. Ele atravessou os corredores, decidido, pensando no que vira no sonho... fora tão vívido como o outro que o despertara na rua dos Alfeneiros... ele repassou mentalmente os detalhes, procurando se certificar de

que não os esqueceria... ouvira Voldemort acusar Rabicho de cometer um erro... mas a coruja trouxera boas notícias, o erro fora consertado, alguém estava morto... por isso Rabicho não ia servir de alimento para a cobra... em seu lugar, Harry é quem iria...

O garoto passou direto pela gárgula que guardava a entrada do escritório de Dumbledore sem reparar. Ele piscou, olhou em volta, percebeu a distração, refez seus passos e parou diante do ornato. Então se lembrou que não conhecia a senha.

– *Sorbet de limão?* – experimentou.

A gárgula não se moveu.

– OK – disse Harry encarando-a. – Drops de pera. Varinha de alcaçuz. Delícia gasosa. Chicle de baba-bola. Feijõezinhos de todos os sabores... ah, não, ele não gosta desses, ou gosta?... Ah, abra logo, será que não pode? – exclamou o garoto aborrecido. – Eu realmente preciso ver o diretor, é urgente!

A gárgula continuou imóvel.

Harry chutou-a, mas não conseguiu nada, exceto sentir uma dor excruciante no dedão do pé.

– Sapo de chocolate! – berrou com raiva, parado num pé só. – Pena de açúcar! Torrão de barata!

A gárgula ganhou vida e saltou para o lado. Harry piscou os olhos.

– Torrão de barata! – exclamou admirado. – Eu estava só brincando...

Ele passou depressa pela abertura nas paredes e pisou no patamar de uma escada em espiral, que se deslocou lentamente para o alto, ao mesmo tempo em que as portas se fechavam às suas costas, levando-o até uma porta de carvalho polido com uma maçaneta de latão.

Ele ouviu vozes no escritório. Saltou da escada em movimento e hesitou, escutando.

– Dumbledore, receio não ver a relação, não a vejo mesmo! – Era a voz do ministro da Magia, Cornélio Fudge. – Ludo diz que Berta é perfeitamente capaz de se perder. Concordo que era de esperar que, a esta altura, ela já tivesse sido encontrada, mas mesmo assim, não temos evidência alguma de crime, Dumbledore, nenhuma. Quanto ao desaparecimento dela estar ligado ao de Bartô Crouch!

– E o que é que o senhor acha que aconteceu com Bartô Crouch, ministro? – perguntou Moody num rosnado.

– Vejo duas possibilidades, Alastor – disse Fudge. – Ou Crouch finalmente enlouqueceu, o que é muito provável e tenho certeza de que você concorda, dada a sua história pessoal, perdeu o juízo e saiu vagando por aí...

– Ele vagou muitíssimo depressa, se esse for o caso, Cornélio – comentou

Dumbledore calmamente.
– Ou então, bem... – Fudge pareceu constrangido. – Bem, não vou julgar até depois de ver o local onde ele foi encontrado, mas você diz que foi um pouco além da carruagem da Beauxbatons? Dumbledore, você sabe quem *é* aquela mulher?
– Considero-a uma diretora competente e uma excelente dançarina – acrescentou Dumbledore rapidamente.
– Ora, vamos Dumbledore! – disse Fudge irritado. – Você não acha que pode estar predisposto a favorecê-la por causa de Hagrid? Nem todos eles são inofensivos, se é que se pode chamar Hagrid de inofensivo, com aquela fixação monstruosa que ele tem...
– Tenho tantas suspeitas de Madame Maxime quanto tenho de Hagrid – disse Dumbledore com a mesma calma. – Acho que é possível que você esteja predisposto a condená-la, Cornélio.
– Será que podemos fechar esta discussão? – rosnou Moody.
– Sim, sim, vamos descer aos jardins, então – disse Cornélio impaciente.
– Não, não é isso – falou Moody –, é que Potter quer dar uma palavra com você, Dumbledore. Ele está aí do outro lado da porta.

— CAPÍTULO TRINTA —

A Penseira

A porta do escritório se abriu.

– Olá, Potter – disse Moody. – Então, entre.

Harry entrou. Já estivera uma vez no escritório de Dumbledore; era uma bela sala circular, coberta de retratos de diretores e diretoras que o antecederam em Hogwarts, os quais dormiam a sono solto, o peito arfando suavemente.

Cornélio Fudge estava em pé do lado da escrivaninha de Dumbledore, usando sua habitual capa listrada e segurando seu chapéu-coco verde-limão.

– Harry! – cumprimentou o ministro jovialmente, adiantando-se. – Como vai?

– Ótimo – mentiu Harry.

– Estávamos justamente falando da noite em que o Sr. Crouch apareceu nos terrenos da escola – disse Fudge. – Foi você quem o encontrou, não foi?

– Foi – confirmou Harry. Depois sentindo que não adiantava fingir que não escutara o que eles estavam dizendo, acrescentou: – Mas não vi Madame Maxime em lugar nenhum, e ela teria uma trabalheira para se esconder, não?

Dumbledore sorriu para Harry pelas costas de Fudge, com os olhos cintilantes.

– Bem, teria – respondeu Fudge constrangido –, íamos sair para dar uma volta pelos terrenos da escola, Harry, se você nos der licença... quem sabe você volta às suas aulas...

– Eu queria falar com o senhor, professor – disse Harry depressa, olhando para Dumbledore, que lhe lançou um olhar breve e penetrante.

– Espere por mim aqui, Harry – disse. – Nosso exame da propriedade não vai demorar.

Os três passaram por ele em silêncio e fecharam a porta. Mais ou menos um minuto depois, Harry ouviu o toque-toque da perna de pau de Moody desaparecendo no corredor embaixo. Olhou para os lados.

– Alô, Fawkes – cumprimentou ele.

Fawkes, a fênix de Dumbledore estava parada em seu poleiro de ouro ao lado da porta. Do tamanho de um cisne, uma magnífica plumagem vermelha e dourada, a ave balançou sua longa cauda e piscou bondosamente para Harry.

Harry se sentou em uma cadeira diante da escrivaninha de Dumbledore. Durante vários minutos, ficou sentado contemplando os velhos diretores e diretoras cochilando em seus quadros, pensando no que acabara de ouvir e acariciando a cicatriz. Parara de doer agora.

O garoto se sentia muito mais calmo agora que se achava no escritório de Dumbledore, pois em breve estaria lhe contando seu sonho. Harry ergueu os olhos para as paredes atrás da escrivaninha. O Chapéu Seletor, remendado e esfiapado, estava pousado em uma prateleira. Ao seu lado, uma redoma protegia uma magnífica espada de prata, com o punho cravejado de grandes rubis, em que Harry reconheceu a que ele próprio tirara do Chapéu Seletor no segundo ano. A espada pertencera outrora a Godrico Gryffindor, fundador da Casa de Harry. Ele a examinava, lembrando como a espada viera em seu auxílio em um momento em que pensara que não havia mais esperanças, quando notou uma malha de luz prateada que dançava e refulgia sobre a redoma. Ele procurou a fonte da luz e viu uma nesga de luz branco-prateada que saía de um armário escuro às suas costas, cuja porta não fora bem fechada. Harry hesitou, olhou para Fawkes, depois se levantou, atravessou a sala e escancarou a porta do armário.

Havia ali uma bacia de pedra rasa, com entalhes estranhos na borda; runas e símbolos que Harry não reconheceu. A luz prateada vinha do conteúdo da bacia, que não lembrava nada que Harry tivesse visto antes. Ele não sabia dizer se a substância era líquida ou gasosa. Era brilhante, branco-prateada e se movia sem cessar; sua superfície se encapelava como água sob a ação do vento e, então, como uma nuvem, se dividia e girava lentamente. Parecia luz liquefeita – ou vento solidificado –, Harry não conseguia decidir.

Teve vontade de tocá-la, de descobrir como era ao tato, mas quase quatro anos de experiência no mundo da magia lhe diziam que meter a mão em uma bacia cheia de uma substância desconhecida era uma grande burrice. Ele, portanto, puxou a varinha de dentro das vestes, lançou um olhar nervoso pelo escritório, tornou a olhar para o conteúdo da bacia e tocou-a. A superfície da substância prateada dentro da bacia começou a girar muito depressa.

Harry se curvou mais para perto, enfiando a cabeça no armário. A substância prateada se tornara transparente; parecia vidro. Ele espiou dentro dela, esperando ver o fundo de pedra da bacia – mas, em vez disso, viu uma sala enorme sob a superfície da misteriosa substância, uma sala para a qual ele aparentemente espiava por uma janela circular no teto.

A sala era mal iluminada; o garoto achou que talvez fosse subterrânea, pois

não havia janelas, apenas archotes presos às paredes como os que iluminavam Hogwarts. Baixando o rosto de modo a ficar com o nariz a apenas dois centímetros da substância vítrea, Harry viu que havia filas e mais filas de bruxos e bruxas sentados ao redor das paredes no que lhe pareceram bancos escalonados. Uma cadeira vazia fora colocada bem no centro da sala. Alguma coisa nela produziu em Harry um mau pressentimento. Havia correntes envolvendo seus braços, como se quem a ocupasse sempre estivesse preso a ela.

Onde seria esse lugar? Certamente não era em Hogwarts, ele nunca vira uma sala igual àquela no castelo. Além do mais, as pessoas reunidas na misteriosa sala no fundo da bacia eram, em sua maioria, adultos e Harry sabia que não havia tantos professores assim em Hogwarts. E pareciam estar aguardando alguma coisa; e, embora o garoto só pudesse ver a ponta dos seus chapéus cônicos, todos davam a impressão de estar olhando para o mesmo lado e ninguém falava com ninguém.

Uma vez que a bacia era redonda e a sala que ele observava, quadrada Harry não conseguia divisar o que estaria acontecendo nos cantos. Ele se curvou para mais perto ainda, inclinou a cabeça, procurou enxergar...

A ponta do seu nariz tocou a estranha substância que ele estava mirando.

O escritório de Dumbledore deu um tremendo solavanco – Harry foi projetado para a frente e mergulhou de cabeça na substância da bacia...

Mas a cabeça do garoto não bateu no fundo de pedra. Ele foi caindo por alguma coisa gelada e escura; era como se estivesse sendo sugado por um redemoinho negro...

E inesperadamente ele se viu sentado em um banco no fundo da sala dentro da bacia, um banco mais acima dos outros. Ergueu os olhos para o alto teto de pedra, esperando ver a janela circular pela qual estivera espiando, mas não havia nada lá exceto a pedra sólida e escura.

Respirando com força e depressa, Harry olhou ao seu redor. Nenhum dos bruxos nem bruxas na sala (e havia pelo menos uns duzentos) estava olhando para ele. Nenhum deles parecia ter reparado que um garoto de catorze anos acabara de cair do teto no meio da reunião. Harry se virou para o bruxo mais próximo no banco e soltou um grito de surpresa que ecoou pela sala silenciosa.

Sentara-se bem ao lado de Alvo Dumbledore.

– Professor! – exclamou Harry, numa espécie de sussurro estrangulado. – Sinto muito, não tive intenção, estava apenas olhando dentro da bacia no seu armário, eu... onde estamos?

Mas Dumbledore não se mexeu nem falou. Ignorou Harry completamente. Como os demais bruxos sentados nos bancos, o diretor tinha os olhos fixos no canto mais afastado da sala, onde havia uma porta.

Harry olhou, confuso, para Dumbledore, depois para os bruxos atentos e silenciosos, e tornou a olhar para Dumbledore. Então compreendeu...

Já tinha havido uma vez em que Harry se vira em um lugar em que ninguém podia vê-lo ou ouvi-lo. Naquela ocasião, ele entrara nas páginas de um diário enfeitiçado, diretamente na memória de alguém... e, a não ser que estivesse muito enganado, alguma coisa assim estava acontecendo de novo...

Harry ergueu a mão direita, hesitou, depois agitou-a energicamente diante do rosto de Dumbledore. O diretor não piscou nem olhou para ele e tampouco se mexeu de modo algum. E isso, na opinião de Harry, resolvia a questão. Dumbledore não o ignoraria daquela maneira. Ele estava dentro de uma lembrança e aquele não era o Dumbledore atual. Contudo, não poderia ter sido há muito tempo... o Dumbledore sentado ao seu lado tinha cabelos prateados, igualzinho ao Dumbledore dos dias de hoje. Mas que lugar era este? Que é que todos aqueles bruxos estavam aguardando?

Harry olhou para os lados mais detidamente. A sala, como ele suspeitara quando a observara do alto, era quase certamente subterrânea – mais uma masmorra do que uma sala, pensou o garoto. A atmosfera era desolada e hostil naquele lugar; não havia quadros nas paredes, nem decorações; apenas as filas de bancos, que subiam em níveis escalonados ao redor da sala, dispostos de maneira a proporcionar uma visão clara da cadeira com correntes nos braços.

Antes que Harry pudesse chegar a alguma conclusão sobre o lugar em que se encontravam, ele ouviu passos. A porta no canto da masmorra se abriu e três pessoas entraram – ou pelo menos um homem, ladeado por dois dementadores.

As entranhas de Harry gelaram. Os dementadores, altos, encapuzados, os rostos ocultos, deslizaram lentamente em direção à cadeira no centro da sala, cada um segurando um braço do homem com suas mãos de cadáver, de aspecto podre. O homem entre os dois parecia prestes a desmaiar e Harry não poderia culpá-lo... sabia que os dementadores não poderiam tocá-lo dentro de uma lembrança, mas se lembrava muito bem do poder que tinham. Os bruxos se encolheram ligeiramente quando os dementadores sentaram o homem na cadeira com correntes e deslizaram para fora da sala. A porta se fechou ao passarem.

Harry olhou para o homem que agora estava sentado na cadeira e viu que era Karkaroff.

Ao contrário de Dumbledore, Karkaroff parecia muito mais novo, seus cabelos e barba eram negros. Não estava vestido com peles elegantes, mas com vestes ralas e esfarrapadas. Tremia. Bem na hora em que Harry o observava, as correntes nos braços da cadeira produziram um reflexo dourado e se enroscaram pelos seus braços, prendendo-os ali.

– Igor Karkaroff – disse uma voz ríspida à esquerda de Harry. O garoto olhou

e viu o Sr. Crouch se levantar no meio do banco ao lado. Seus cabelos eram escuros, seu rosto muito menos enrugado, ele parecia em boa forma e lúcido. – Você foi trazido de Azkaban para prestar depoimento ao Ministério da Magia. Você nos deu a entender que tem importantes informações para nos dar.

Karkaroff se endireitou o melhor que pôde, firmemente preso à cadeira.

– Tenho, sim senhor – respondeu ele e embora sua voz soasse muito temerosa, Harry pôde perceber o quê de untuosidade que tão bem conhecia. – Quero ser útil ao Ministério. Quero ajudar. Sei que o Ministério está tentando prender os últimos seguidores do Lorde das Trevas. Estou ansioso para cooperar de todas as maneiras que puder...

Um murmúrio percorreu os bancos. Alguns bruxos e bruxas examinaram Karkaroff com interesse, outros com acentuada desconfiança. Então Harry ouviu, muito claramente, do outro lado de Dumbledore, uma voz rosnada e familiar exclamar "Gentalha".

Harry se curvou à frente para poder ver além de Dumbledore. Olho-Tonto Moody estava sentado ali – embora houvesse uma nítida diferença em sua aparência. Ele não tinha um olho mágico, mas dois normais. Ambos fixavam Karkaroff e ambos estavam apertados revelando intenso desagrado.

– Crouch vai soltá-lo – murmurou Moody baixinho a Dumbledore. – Fez um trato com ele. Levei seis meses para caçá-lo e Crouch vai soltá-lo se ele tiver um número suficiente de nomes novos. Vamos ouvir suas informações, digo eu, e atirá-lo de volta aos braços dos dementadores.

Dumbledore fez um barulhinho de discordância pelo nariz longo e torto.

– Ah, eu ia me esquecendo... você não gosta de dementadores, não é mesmo, Alvo? – disse Moody com um sorriso sardônico.

– Não – respondeu Dumbledore calmamente. – Receio que não. Há muito tempo venho achando que o Ministério faz mal em se aliar a essas criaturas.

– Mas para uma gentalha dessas... – disse Moody baixinho.

– Você diz que tem nomes para nos informar, Karkaroff – recomeçou o Sr. Crouch. – Por favor, queremos ouvi-los.

– O senhor deve compreender – disse Karkaroff na mesma hora – que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado sempre operou no maior sigilo... ele preferia que nós, quero dizer, seus seguidores, e me arrependo agora, profundamente, de ter-me incluído entre eles...

– Ande logo com isso – disse Moody com desdém.

– ... nunca soubemos os nomes de todos os seus seguidores, somente ele sabia exatamente quem éramos...

– O que era uma atitude sensata, não é, pois impedia que alguém como você, Karkaroff, entregasse todos – murmurou Moody.

– Contudo, você diz que tem *alguns* nomes para nos informar? – disse o Sr. Crouch.

– Tenho... tenho – respondeu Karkaroff sem fôlego. – E note que eram seguidores importantes. Gente que eu vi com os meus próprios olhos cumprindo as ordens dele. Presto estas informações como prova de minha total renúncia a ele, e de que estou tão roído de remorsos que mal...

– Os nomes são? – tornou o Sr. Crouch com rispidez.

Karkaroff inspirou profundamente.

– Antônio Dolohov. Vi-o torturar inúmeros trouxas e... não seguidores do Lorde das Trevas.

– E ajudou-o a fazer isso – murmurou Moody.

– Já prendemos Dolohov – disse Crouch. – Foi capturado pouco depois de você.

– Verdade? – admirou-se Karkaroff arregalando os olhos. – Fico... fico satisfeito em saber!

Mas não parecia nada satisfeito. Harry percebeu que a notícia fora um verdadeiro golpe para ele. Esse nome era, portanto, inútil.

– Mais algum? – perguntou Crouch friamente.

– É claro que sim... havia Rosier – acrescentou Karkaroff depressa. – Evan Rosier.

– Rosier está morto. Foi capturado pouco depois de você, também. Preferiu lutar do que aceitar a prisão, e foi morto ao resistir.

– Mas levou um pedaço de mim com ele – sussurrou Moody, à direita de Harry. O garoto virou mais uma vez a cabeça para olhá-lo e viu que ele apontava o pedaço que lhe faltava no nariz para Dumbledore.

– Era... era o que Rosier merecia! – disse Karkaroff, agora com uma perceptível nota de pânico na voz. Harry percebeu que ele estava começando a se preocupar que nenhuma de suas informações tivesse utilidade para o Ministério. Os olhos de Karkaroff correram para a porta no canto, atrás da qual sem dúvida os dementadores continuavam parados à espera.

– Mais algum? – perguntou Crouch.

– Sim! Havia o Travers, ele ajudou a assassinar os McKinnons! Mulciber era especialista na Maldição *Imperius*, forçou inúmeras pessoas a fazerem coisas horrendas! Rookwood, que era espião e passava Àquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado informações úteis de dentro do Ministério!

Harry percebeu que, desta vez, Karkaroff encontrara ouro. Todos os bruxos presentes começaram a murmurar ao mesmo tempo.

– Rookwood? – disse o Sr. Crouch à bruxa que estava sentada à sua frente e que começou a tomar notas em um pergaminho. – Augusto Rookwood do

Departamento de Mistérios?
– Esse mesmo – confirmou Karkaroff pressuroso. – Creio que ele usava uma rede de bruxos bem colocados, tanto dentro quanto fora do Ministério, para colher informações...
– Mas Travers e Mulciber nós já prendemos. Muito bem Karkaroff, se são só esses, você será reconduzido a Azkaban enquanto decidimos...
– Ainda não! – gritou Karkaroff, parecendo bastante desesperado. – Espere, tenho mais!
Harry observou que ele suava à luz dos archotes, sua pele branca contrastava fortemente com o negro dos cabelos e da barba.
– Snape! – exclamou ele. – Severo Snape!
– Snape já foi inocentado por este conselho – disse Crouch friamente. – Dumbledore testemunhou em favor dele.
– Não! – gritou Karkaroff, forçando as correntes que o prendiam à cadeira. – Garanto ao senhor! Severo Snape é um Comensal da Morte!
Dumbledore se erguera.
– Eu já prestei depoimento sobre esse caso – disse calmamente. – Severo Snape foi de fato um Comensal da Morte. Porém, voltou para o nosso lado antes da queda de Lorde Voldemort e virou nosso espião, se expondo a grande perigo. Hoje ele é tão Comensal da Morte quanto eu.
Harry se virou para olhar Olho-Tonto Moody. Revelava no rosto uma expressão de profundo ceticismo, por trás de Dumbledore.
– Muito bem, Karkaroff – disse Crouch friamente –, você ajudou. Vou rever o seu caso. Entrementes voltará para Azkaban...
A voz do Sr. Crouch foi morrendo. Harry olhou para os lados; a masmorra estava desaparecendo gradualmente como se fosse feita de fumaça; tudo estava desaparecendo, ele só conseguia ver o próprio corpo, todo o resto era um redemoinho de escuridão...
Então, a masmorra reapareceu. Harry estava sentado em outro lugar; ainda no banco mais alto, mas agora à esquerda do Sr. Crouch. A atmosfera parecia bem diferente; descontraída, quase animada. As bruxas e bruxos ao redor conversavam entre si, quase como se estivessem assistindo a um evento esportivo. Uma bruxa no meio dos bancos defronte a Harry chamou a atenção do garoto. Tinha cabelos louros e curtos, usava vestes magenta, e chupava a ponta de uma pena verde-ácido. Era, inconfundivelmente, uma Rita Skeeter mais moça. Harry olhou para os lados; Dumbledore estava outra vez sentado ao seu lado, usando outras vestes. O Sr. Crouch parecia mais cansado, mais feroz, mais descarnado... O garoto compreendeu. Era uma lembrança diferente, um dia diferente... um julgamento diferente.

A porta ao canto se abriu e Ludo Bagman entrou na sala.
Não era, porém, um Ludo Bagman envelhecido, mas um Ludo Bagman que visivelmente se achava no auge de sua forma de jogador de quadribol. Seu nariz não estava quebrado; ele era alto, magro e musculoso. Bagman parecia nervoso quando se sentou na cadeira com as correntes, mas elas não o prenderam, como haviam feito com Karkaroff, e Bagman, talvez animado por isso, correu os olhos pelos bruxos reunidos, acenou para alguns e até deu um sorrisinho.
– Ludo Bagman, você foi trazido perante o Conselho das Leis da Magia para responder às acusações relacionadas com as atividades dos Comensais da Morte – disse o Sr. Crouch. – Já ouvimos as provas contra você e estamos prestes a alcançar um veredicto. Você tem algo mais a acrescentar ao seu depoimento antes de lavrarmos a sentença?
Harry não conseguiu acreditar no que estava ouvindo. *Ludo Bagman, um Comensal da Morte?*
– Apenas que – respondeu o bruxo, sorrindo sem graça –, bem, sei que estive agindo como um idiota...
Uns espectadores nos bancos sorriram com indulgência. O Sr. Crouch não parecia compartir esse sentimento. Encarou Ludo Bagman com uma expressão de grande severidade e desagrado.
– Você nunca disse nada mais verdadeiro, moleque – murmurou alguém secamente a Dumbledore, atrás de Harry. Ele virou a cabeça e viu Moody sentado ali de novo. – Se eu não soubesse que ele sempre foi débil, eu diria que alguns balaços devem ter afetado permanentemente o cérebro dele...
– Ludovico Bagman, você foi apanhado passando informações aos seguidores de Lorde Voldemort – disse o Sr. Crouch. – Por isso, proponho que cumpra sentença de prisão em Azkaban com uma duração mínima de...
Ouviram-se protestos zangados para todos os lados. Vários bruxos e bruxas se levantaram, balançando a cabeça e até mesmo erguendo os punhos contra o Sr. Crouch.
– Mas eu já declarei que não fazia ideia! – disse Bagman com veemência, sobrepondo-se à balbúrdia vinda dos bancos, arregalando seus redondos olhos azuis. – Nenhuma! O velho Rookwood era amigo do meu pai... jamais me passou pela cabeça que ele estivesse com Você-Sabe-Quem! Pensei que estava colhendo informações para o nosso lado! E Rookwood falava o tempo todo em me arranjar um emprego no Ministério mais tarde... quando terminassem meus dias de quadribol, sabem... quero dizer, não podia ficar levando balaços o resto da vida, podia?
Ouviram-se risinhos nervosos entre os presentes.
– Vou levar isso à votação – disse o Sr. Crouch friamente. E, virando-se para o

lado direito da masmorra. – Jurados, por favor, ergam a mão... os que forem a favor da prisão...

Harry olhou para a direita da masmorra. Ninguém levantou a mão. Muitos bruxos e bruxas nos bancos começaram a bater palmas. Uma das bruxas no júri se levantou.

– Pois não? – ladrou Crouch.

– Gostaríamos de cumprimentar o Sr. Bagman por seu esplêndido desempenho no jogo de quadribol da Inglaterra contra a Turquia no sábado passado – disse a bruxa ofegante.

O Sr. Crouch fez uma cara furiosa. A masmorra agora ressoava de aplausos. Bagman se levantou e fez uma reverência, sorrindo.

– Desprezível – vociferou o Sr. Crouch para Dumbledore, sentando-se na hora em que Bagman saía da masmorra. – Rookwood ia lhe arranjar um emprego, francamente... o dia que Ludo Bagman se juntar a nós será um dia muito triste para o Ministério...

E a masmorra tornou a se dissolver. Quando reapareceu, Harry olhou para os lados. Ele e Dumbledore continuavam sentados ao lado do Sr. Crouch, mas a atmosfera não poderia ser mais diferente. Havia um silêncio absoluto, interrompido apenas pelos soluços de uma bruxa miudinha ao lado do Sr. Crouch. Apertava um lenço contra a boca com as mãos trêmulas. Harry ergueu os olhos para Crouch e viu que ele parecia mais descarnado e grisalho que nunca. Um nervo tremia em sua têmpora.

– Pode trazê-los – disse, e sua voz ecoou pela masmorra silenciosa.

A porta no canto abriu-se mais uma vez. E desta, entraram seis dementadores, ladeando um grupo de quatro pessoas. Harry viu os bruxos presentes erguerem os olhos para o Sr. Crouch. Alguns cochicharam entre si.

Os dementadores sentaram cada uma das quatro pessoas nas quatro cadeiras de braços com correntes agora no centro da masmorra. Havia um homem corpulento que fixava Crouch com o olhar parado, outro mais magro e mais nervoso, cujos olhos percorriam ligeiros a assembleia, uma mulher, com cabelos espessos e brilhantes e olhos grandes e semicerrados, sentada à cadeira como se esta fosse um trono e um rapaz adolescente, que parecia no mínimo petrificado. Ele tremia, tinha os cabelos cor de palha espalhados pelo rosto, a pele sardenta e branca como o leite. A bruxa miudinha ao lado de Crouch começou a se balançar para a frente e para trás no banco, abafando o choro com um lenço.

Crouch se levantou. Olhou para os quatro prisioneiros e havia ódio absoluto em seu rosto.

– Vocês foram trazidos aqui perante o Conselho das Leis da Magia – disse ele com clareza – para serem julgados por um crime tão hediondo...

– Pai – disse o rapaz de cabelos cor de palha. – Pai... por favor...
– ... de que raramente se ouviu falar neste tribunal – disse Crouch, alteando a voz, abafando as palavras do filho. – Ouvimos as provas contra vocês. E vocês foram acusados de capturar o auror, Frank Longbottom, e de submetê-lo à Maldição *Cruciatus*, acreditando que ele tivesse conhecimento do paradeiro atual do seu amo exilado, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado...
– Pai, eu não fiz isso! – gritou o rapaz acorrentado à cadeira. – Eu não fiz isso, pai, não me mande de volta aos dementadores...
– Vocês são ainda acusados – berrou o Sr. Crouch – de usar a Maldição *Cruciatus* contra a mulher de Frank Longbottom, quando ele se recusou a dar informações. Vocês planejaram reconduzir Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado ao poder e de retomar a vida de violência que presumivelmente levavam quando ele detinha o poder. Agora peço aos jurados...
– Mãe! – gritou o rapaz, e a bruxa miudinha ao lado de Crouch começou a soluçar, se balançando para a frente e para trás. – Mãe, faz ele parar, mãe, eu não fiz isso, não fui eu!
– Eu agora peço aos jurados – gritou o Sr. Crouch – que levantem as mãos se acreditarem, como eu, que estes crimes merecem uma sentença de prisão perpétua em Azkaban.
Unânimes, as bruxas e bruxos do lado direito da masmorra ergueram as mãos. A assembleia ao redor começou a aplaudir como fizera no julgamento de Bagman, seus rostos expressavam selvagem triunfo. O rapaz começou a gritar.
– Não! Mãe, não! Eu não fiz isso, eu não fiz isso, eu não sabia! Não me mande para lá, não deixe o pai me mandar!
Os dementadores voltaram a deslizar pela sala. Os três companheiros do rapaz se levantaram silenciosamente das cadeiras; a mulher de olhos grandes e semicerrados olhou para Crouch e gritou:
– O Lorde das Trevas voltará a se erguer, Crouch! Joguem-nos em Azkaban, nós esperaremos! Ele se reerguerá e virá nos buscar e nos recompensará mais que aos seus outros seguidores! Somente nós permanecemos fiéis! Somente nós tentamos encontrá-lo.
Mas o rapaz procurava se desvencilhar dos dementadores, embora Harry percebesse que o desumano poder de sugar energia daquelas criaturas começava a afetá-lo. Os bruxos presentes riam e caçoavam, alguns de pé, enquanto a mulher saía majestosamente da masmorra e o rapaz continuava a se debater.
– Sou seu filho! – berrava ele para Crouch. – Sou seu filho!
– Você não é meu filho! – berrou o Sr. Crouch, os olhos saltando subitamente das órbitas. – Não tenho filho!
A bruxa miudinha ao lado de Crouch ficou sem ar e desabou na cadeira.

Desmaiara, o marido pareceu não ter notado.
– Levem-nos embora! – berrou para os dementadores, o cuspe saltando de sua boca. – Levem-nos embora, que eles apodreçam lá!
– Pai, eu não estava envolvido! Não! Não! Pai, por favor!
– Acho, Harry, que já é hora de voltar ao meu escritório – disse baixinho uma voz ao ouvido do garoto.
Ele se assustou. Olhou para um lado. Depois para o outro.
Havia um Alvo Dumbledore sentado à sua direita, observando o filho de Crouch sair arrastado pelos dementadores – e havia um Alvo Dumbledore à sua esquerda, olhando bem para ele.
– Venha – disse o Dumbledore à sua esquerda, segurando o cotovelo de Harry. O garoto sentiu que o erguiam no ar; a masmorra desapareceu à sua volta; por um momento tudo ficou escuro, então teve a impressão de que estava dando uma cambalhota em câmara lenta e, repentinamente, caiu de pé, no que concluiu ser a claridade ofuscante do escritório do diretor. A bacia de pedra tremeluzia no armário à sua frente e Alvo Dumbledore estava parado ao seu lado.
– Professor – exclamou Harry –, eu sei que eu não devia ter... não tive intenção, a porta do armário estava entreaberta e...
– Eu compreendo – disse Dumbledore. E erguendo a bacia, levou-a até a escrivaninha, pousou-a sobre sua superfície reluzente e se sentou na cadeira à escrivaninha. Fez sinal ao garoto para que se sentasse defronte dele.
Harry obedeceu, com os olhos postos na bacia de pedra. O conteúdo voltara ao seu estado original branco-prateado, girando e ondulando ao seu olhar.
– Que é isso? – perguntou Harry trêmulo.
– Isso? Chama-se Penseira, às vezes eu acho, e tenho certeza de que você conhece a sensação, que simplesmente há pensamentos e lembranças demais enchendo minha cabeça.
– Hum – fez Harry, que não podia realmente dizer que já tivesse sentido nada igual.
– Nessas ocasiões – continuou Dumbledore indicando a bacia de pedra – uso a Penseira. Escoo o excesso de pensamentos da mente, despejo-os na bacia e examino-os com vagar. Assim fica mais fácil identificar padrões e ligações, compreende, quando estão sob esta forma.
– O senhor quer dizer... que isso aí são os seus *pensamentos*? – disse Harry, olhando a substância branca que redemoinhava na bacia.
– Sem dúvida. Deixe-me mostrar.
Dumbledore puxou a varinha de dentro das vestes e pousou sua ponta sobre seus cabelos prateados, próximos à têmpora. Quando afastou a varinha, os cabelos pareciam estar grudados nela – mas Harry viu que eram, na realidade,

fios brilhantes da mesma substância estranha e branco-prateada que enchia a Penseira. Dumbledore acrescentou novos pensamentos à bacia, e Harry, espantado, viu seu próprio rosto boiando na superfície da substância.

Dumbledore colocou suas longas mãos dos lados da Penseira e sacudiu-a, como faria um garimpeiro à procura de pepitas de ouro... e o garoto viu o próprio rosto se transformar suavemente no de Snape, que abriu a boca, e falou para o teto, fazendo sua voz ecoar levemente: “Está voltando... a de Karkaroff também... mais clara e forte que nunca...”

– Uma ligação que eu teria feito sem ajuda de ninguém – suspirou Dumbledore –, mas não faz mal. – Por cima dos seus oclinhos de meia-lua, ele mirou Harry, que acompanhou boquiaberto o rosto de Snape girar continuamente na bacia. – Eu estava usando a Penseira quando o Sr. Fudge chegou para a reunião e guardei-a apressado. Com certeza não fechei o armário direito. É natural que ela tenha atraído sua atenção.

– Me desculpe – murmurou Harry.

Dumbledore balançou a cabeça.

– A curiosidade não é um pecado – disse ele. – Mas devemos ser cautelosos com a nossa curiosidade... sem dúvida...

Enrugando ligeiramente a testa, o diretor tornou a empurrar seus pensamentos para dentro da bacia com a ponta da varinha. Instantaneamente, emergiu dela um vulto, uma menina gordinha de cara mal-humorada de uns dezesseis anos, que começou a girar lentamente, com os pés ainda na bacia. Ela não prestou a menor atenção a Harry nem ao Prof. Dumbledore. Quando falou, sua voz ecoou como fizera a de Snape, como se viesse das profundezas da bacia de pedra: “Ele me azarou, Prof. Dumbledore, e eu só estava brincando, só disse que o tinha visto beijando Florência atrás das estufas na quinta-feira passada...”

– Mas por que, Berta – disse Dumbledore tristemente, fitando a menina que agora girava silenciosamente –, por que você teve que segui-lo, para começar?

– Berta? – sussurrou Harry, olhando para a garota. – Ela é... era a Berta Jorkins?

– Era – disse Dumbledore mais uma vez revolvendo os pensamentos na bacia; Berta voltou a afundar neles, e tudo se tornou mais uma vez prateado e opaco. – É a Berta como me lembro dela na escola.

A claridade prateada da Penseira iluminou o rosto de Dumbledore e ocorreu a Harry, repentinamente, que o diretor parecia velhíssimo. Ele sabia, era claro, que Dumbledore estava envelhecendo, mas por alguma razão nunca pensara no diretor como um velho.

– Então, Harry – disse Dumbledore baixinho. – Antes de se perder nos meus pensamentos, você queria me contar alguma coisa.

– Verdade. Professor, eu estava na aula de Adivinhação agorinha e... hum... cochilei.

Ele hesitou neste ponto, imaginando se iria levar uma bronca, mas Dumbledore apenas disse:

– Muito compreensível. Continue.

– Bem, eu tive um sonho. Um sonho com Lorde Voldemort. Ele estava torturando Rabicho... o senhor sabe quem é Rabicho...

– Sei – disse Dumbledore, prontamente. – Por favor, continue.

– Voldemort recebeu uma carta levada por uma coruja. E falou uma coisa mais ou menos assim: que o erro de Rabicho tinha sido reparado. Falou que alguém estava morto. Depois falou que ia atirar Rabicho para servir de comida à cobra, tinha uma cobra ao lado da poltrona dele. Falou também que em vez do Rabicho, ele ia jogar a mim. Depois lançou a Maldição *Cruciatus* em Rabicho, e a minha cicatriz doeu. Doeu tanto que me acordou.

Dumbledore apenas fitou Harry.

– Hum, foi só isso – disse Harry.

– Entendo – disse Dumbledore em voz baixa. – Agora, a sua cicatriz já doeu alguma outra vez este ano, além daquela em que o acordou durante as férias de verão?

– Não, eu... como foi que o senhor soube que ela me acordou no verão? – perguntou Harry espantado.

– Você não é o único que se corresponde com Sirius – disse Dumbledore. – Também tenho estado em contato com ele desde que fugiu de Hogwarts no ano passado. Fui eu quem sugeriu a caverna na encosta da montanha como o lugar mais seguro para ele se esconder.

Dumbledore se levantou e começou a andar para cima e para baixo atrás da escrivaninha. De vez em quando, levava a varinha à têmpora, retirava mais um pensamento prateado e o acrescentava à Penseira. Os pensamentos dentro dela começaram a girar tão rápido que Harry não conseguia distinguir nada muito claramente; apenas um borrão de cor.

– Professor? – disse Harry baixinho, depois de uns minutos.

Dumbledore parou de andar e encarou Harry.

– Perdão – disse ele em voz baixa. E tornou a se sentar em sua cadeira.

– Professor, o senhor sabe por que minha cicatriz dói?

O diretor fitou Harry com muita atenção por um momento, depois disse:

– Eu tenho uma teoria, não é nada mais que isso... Acredito que a sua cicatriz dói quando Lorde Voldemort anda por perto ou quando tem um assomo particularmente intenso de ódio.

– Mas... por quê?

– Porque você e ele estão ligados pelo feitiço que falhou. Isto não é uma cicatriz comum.
– Então o senhor acha... esse sonho... ele realmente aconteceu?
– É possível. Eu diria, provavelmente, Harry, você viu Voldemort?
– Não – respondeu Harry. – Somente as costas da poltrona dele. Mas... não haveria muita coisa que ver, haveria? Quero dizer, ele não tem corpo, tem? Mas... mas por outro lado como é que ele poderia ter segurado a varinha? – disse Harry lentamente.
– Como, não é mesmo? – murmurou o diretor. – Como mesmo...
Nem Dumbledore nem Harry falaram por algum tempo. O diretor tinha o olhar perdido no outro lado da sala, de vez em quando apoiava a ponta da varinha na têmpora e acrescentava mais um pensamento de prata refulgente à massa que fervilhava na Penseira.
– Professor – disse Harry finalmente –, o senhor acha que ele está ficando mais forte?
– Voldemort? – indagou ele, olhando para o garoto por cima da Penseira. Era o olhar penetrante e característico que Dumbledore já lhe dera em outras ocasiões, e sempre fizera o garoto ter a sensação de que o diretor estava enxergando através dele, de uma maneira que nem o olho mágico de Moody seria capaz. – Mais uma vez, Harry, só posso expressar suspeitas.
Dumbledore suspirou outra vez e seu rosto pareceu mais velho e mais cansado que nunca.
– A ascensão de Voldemort ao poder – disse ele – foi marcada por desaparições. Berta Jorkins desapareceu sem deixar vestígio no lugar em que se sabe que Voldemort esteve por último. O Sr. Crouch, também, desapareceu... aqui nos terrenos da escola. E houve uma terceira desaparição, uma que o Ministério, lamento dizer, não considera ser importante, porque diz respeito a um trouxa. O nome dele era Franco Bryce, vivia na aldeia em que o pai de Voldemort se criou, e os habitantes do lugar não o veem desde agosto. Como vê, leio os jornais dos trouxas, ao contrário da maioria dos meus amigos do Ministério.
Dumbledore encarou Harry muito sério.
– Essas desaparições me parecem estar interligadas. O Ministério discorda, como você deve ter ouvido, enquanto esperava do lado de fora do meu escritório.
Harry confirmou com a cabeça. Fez-se novo silêncio entre os dois, Dumbledore extraindo pensamentos de quando em quando. Harry achou que estava na hora de ir, mas sua curiosidade o segurava sentado.
– Professor? – falou ele outra vez.

– Sim, Harry?
– Hum... será que eu posso perguntar ao senhor sobre... aquela cena do tribunal em que eu estive na... Penseira?
– Pode – disse Dumbledore com um peso no coração. – Estive presente muitas vezes, mas alguns julgamentos voltam à lembrança mais claramente que outros... particularmente agora...
– O senhor sabe, o senhor sabe o julgamento em que me encontrou? O do filho de Crouch? Bem... era dos pais de Neville que eles estavam falando?
Dumbledore lançou um olhar muito sagaz a Harry.
– Neville nunca lhe contou por que foi criado pela avó?
Harry balançou a cabeça, imaginando ao mesmo tempo, porque jamais perguntara isso a Neville em quase quatro anos de conhecimento.
– Era, estavam falando dos pais de Neville. O pai, Frank, era auror como o Prof. Moody. Ele e a mulher foram torturados para darem informações sobre o paradeiro de Voldemort depois que ele perdeu os poderes, conforme você ouviu.
– Então estão mortos? – perguntou Harry baixinho.
– Não – disse Dumbledore, a voz cheia de uma amargura que Harry nunca ouvira nele antes –, enlouqueceram. Os dois estão no Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. Creio que Neville os visita, com a avó, durante as férias. Os pais não o reconhecem.
Harry ficou sentado ali, horrorizado. Nunca soubera... nunca, em quatro anos, se preocupara em descobrir...
– Os Longbottom eram um casal muito querido – disse Dumbledore. – Os ataques a eles começaram depois da queda de Voldemort, quando todos pensavam que estavam a salvo. Os ataques causaram uma onda de fúria nunca vista. O Ministério ficou sob grande pressão para capturar quem tinha feito aquilo. Infelizmente, o depoimento dos Longbottom não foi, dada a condição em que estavam, nada confiável.
– Então, talvez o filho do Sr. Crouch não estivesse envolvido? – perguntou Harry lentamente.
Dumbledore balançou a cabeça.
– Quanto a isso não faço ideia.
Harry quedou em silêncio mais uma vez, observando o conteúdo da Penseira redemoinhar. Havia mais duas perguntas que estava em cócegas para fazer... mas diziam respeito à culpa de gente viva...
– Hum – começou ele –, o Sr. Bagman...
– ... nunca mais foi acusado de nenhuma atividade maligna deste então – disse Dumbledore calmamente.
– Certo – apressou-se Harry a dizer, fitando novamente o conteúdo da

Penseira, que girava mais lentamente agora que Dumbledore parara de lhe acrescentar pensamentos. – E... hum...

Mas a Penseira parecia estar fazendo a pergunta por ele. O rosto de Snape apareceu novamente flutuando à superfície. Dumbledore olhou para dentro da bacia e depois ergueu os olhos para Harry.

– Tampouco o Prof. Snape – disse.

Harry fitou os olhos azul-claros de Dumbledore e a coisa que realmente queria saber escapou de sua boca antes que ele pudesse se refrear.

– Que foi que levou o senhor a pensar que ele realmente parou de apoiar Voldemort, professor?

Dumbledore sustentou o olhar de Harry por alguns segundos e então disse:

– Isto, Harry, é um assunto entre mim e o Prof. Snape.

Harry percebeu que a entrevista terminara; Dumbledore não parecia zangado, contudo havia um tom conclusivo em sua voz que informou ao garoto que era hora de se retirar. Ele se levantou e o diretor também.

– Harry – disse ele, quando o garoto chegou à porta. – Por favor, não comente sobre os pais de Neville com mais ninguém. Ele tem o direito de informar às pessoas quando estiver preparado para isso.

– Sim, senhor professor – disse Harry virando-se para ir embora.

– E...

Harry virou a cabeça para trás.

Dumbledore estava parado diante da Penseira, seu rosto iluminado pelos pontos de luz prateada, parecendo mais velho que nunca. O diretor fitou Harry por um momento e em seguida disse:

– Boa sorte na terceira tarefa.

— CAPÍTULO TRINTA E UM —

A terceira tarefa

– Dumbledore também acha que Você-Sabe-Quem está se fortalecendo outra vez? – sussurrou Rony.

Tudo que Harry vira na Penseira, e quase tudo que Dumbledore lhe contara e mostrara depois, ele agora estava dividindo com Rony e Hermione – e, é claro, com Sirius, a quem Harry enviara uma coruja assim que saíra do escritório do diretor. Mais uma vez os três garotos ficaram acordados até tarde na sala comunal, discutindo os acontecimentos até que a cabeça de Harry começou a rodar, até que ele compreendeu o que Dumbledore quisera dizer quando falara em uma cabeça ficar tão cheia de pensamentos que era um alívio esvaziá-la com um sifão.

Rony ficou olhando fixamente para as chamas na lareira. Harry achou que o viu estremecer levemente, embora a noite não estivesse fria.

– E ele confia em Snape? – tornou a perguntar Rony. – Confia realmente em Snape, mesmo que o cara tenha sido um Comensal da Morte?

– Sim – disse Harry.

Hermione não falava havia dez minutos. Estava sentada com a testa apoiada nas mãos, fitando os joelhos. Harry pensou que ela também faria bom uso de uma Penseira.

– Rita Skeeter – murmurou ela finalmente.

– Como é que você pode estar preocupada com ela agora? – indagou Rony, incrédulo.

– Não estou preocupada com ela – respondeu Hermione para os próprios joelhos. – Só estou pensando... lembra o que ela me disse no Três Vassouras? “Sei coisas sobre Ludo Bagman que a deixariam de cabelo em pé.” Era a isso que ela estava se referindo, não é? Ela fez a cobertura do julgamento, sabia que ele tinha passado informações para os Comensais da Morte. E Winky, também,

lembra...“O Sr. Bagman é um bruxo malvado.” O Sr. Crouch provavelmente ficou furioso quando Bagman se livrou da prisão, e provavelmente comentou isso em casa.

– É, mas Bagman não passou informações de propósito, passou?

Hermione deu de ombro.

– E Fudge acha que *Madame Maxime* ata cou Crouch? – perguntou Rony se virando para Harry outra vez.

– É – respondeu Harry –, mas só está dizendo isso porque o Sr. Crouch desapareceu perto da carruagem da Beauxbatons.

– Nunca pensamos nela, não é mesmo? – disse Rony, lentamente. – E olhem que ela positivamente tem sangue de gigante, e não quer nem admitir...

– Claro que não – disse Hermione secamente, erguendo os olhos. – Olha só o que aconteceu com o Hagrid quando a Rita descobriu quem era a mãe dele. Olha só o Fudge tirando conclusões apressadas sobre ela, só porque a mãe é meio giganta. Quem precisa desse tipo de preconceito? Eu provavelmente diria que tinha ossos grandes se soubesse o que me esperava por dizer a verdade.

Hermione consultou seu relógio de pulso.

– Não praticamos nada! – exclamou, chocada. – Íamos fazer a Azaração de Impedimento! Amanhã temos que meter as caras nela pra valer! Vamos Harry, você precisa descansar.

Os dois garotos subiram lentamente para o dormitório. Enquanto vestia o pijama, Harry olhou para a cama de Neville. Fiel à palavra dada a Dumbledore, não falara a Rony e Hermione sobre os pais do garoto. Depois que tirou os óculos e se meteu na cama, ficou imaginando como devia ser a pessoa ter pais vivos, mas incapazes de reconhecê-la. Ele sempre despertava simpatia nos estranhos por ser órfão, mas ao escutar os roncos de Neville, concluiu que o colega a merecia mais do que ele. Deitado no escuro, Harry sentiu um assomo de raiva e ódio contra as pessoas que haviam torturado o Sr. e a Sra. Longbottom... lembrou-se dos risos e caçoadas dos espectadores quando o filho de Crouch e os companheiros foram arrastados para fora do tribunal pelos dementadores... compreendeu o que sentiram... então lembrou-se do rosto extremamente branco do garoto que gritava e percebeu, com um sobressalto, que ele morrera no ano seguinte...

Fora Voldemort, pensou Harry fitando, no escuro, o dossel da cama, tudo acabava apontando para Voldemort... ele é quem tinha separado aquelas famílias, quem tinha arruinado todas aquelas vidas...

Rony e Hermione precisavam estar revisando as matérias para os exames, que terminariam no dia da terceira tarefa, em lugar disso, estavam devotando todas

as energias a ajudar Harry a se preparar.
– Não se preocupe – disse Hermione brevemente, quando Harry comentou isso com eles, e disse que não se importava de continuar a praticar sozinho. – Pelo menos vamos tirar notas máximas em Defesa Contra as Artes das Trevas, nunca teríamos descoberto tantas azarações em aula.
– Bom treinamento para quando formos aurores – comentou Rony excitado, experimentando uma Azaração de Impedimento em uma vespa que entrara zumbindo na sala, e fazendo-a estacar no ar.
Quando entrou o mês de junho, a atmosfera do castelo se tornou mais uma vez elétrica e tensa. Todos aguardavam com ansiedade a terceira tarefa, que se realizaria uma semana antes do fim do trimestre. Harry praticava azarações em todos os momentos de folga. Sentia-se mais confiante com relação a esta tarefa do que a qualquer das anteriores. Mas, apesar de difícil e perigosa, como certamente seria, Moody tinha razão: Harry conseguira passar por criaturas monstruosas e atravessar barreiras mágicas antes, e desta vez, recebera aviso, tivera a chance de se preparar para aquilo que o aguardava.
Cansada de surpreendê-los por toda a escola, a Profª Minerva dera a Harry permissão para usar a sala de Transfiguração vazia à hora do almoço. Ele não tardou a dominar a Azaração de Impedimento, um feitiço para retardar e obstruir atacantes, o Feitiço Redutor lhe permitiria explodir objetos sólidos em seu caminho e o Feitiço dos Quatro Pontos, uma descoberta útil de Hermione, que faria sua varinha apontar para o norte, permitindo-lhe, assim, verificar se estava se deslocando na direção certa dentro do labirinto. Mas ele ainda estava tendo problemas com o Feitiço Escudo. Este lançava uma parede temporária e invisível em torno dele e o protegia de pequenos feitiços; Hermione conseguiu desfazê-la com uma bem colocada Azaração das Pernas Bambas. Harry bambeou pela sala uns bons dez minutos, até a garota ter tido tempo para achar a contra-azaração.
– Mas você continua se saindo realmente bem – disse Hermione encorajando Harry e consultando a lista que fizera para riscar o que ele já aprendera. – Alguns desses devem ser uma mão na roda.
– Venham só dar uma espiada nisso – disse Rony que estava parado junto à janela. Contemplava os jardins. – Que será que o Malfoy está aprontando?
Harry e Hermione foram ver. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados à sombra de uma árvore lá embaixo. Crabbe e Goyle pareciam estar vigiando alguma coisa; os dois abafavam risinhos. Malfoy tampava a boca com a mão e falava para dentro dela.
– Parece até que ele está usando um *walkie-talkie* – disse Harry curioso.
– Não pode estar – lembrou Hermione. – Já disse a vocês dois que esse tipo de coisa não funciona em Hogwarts. Vamos, Harry – acrescentou ela

energicamente, dando as costas à janela e voltando ao meio da sala –, vamos experimentar outra vez o Feitiço Escudo.

Sirius agora mandava corujas diariamente. Do mesmo modo que Hermione, ele parecia querer se concentrar em fazer Harry concluir a última tarefa, antes de se preocupar com outra coisa. Em cada carta ele lembrava ao afilhado que fosse o que fosse que acontecesse fora dos muros de Hogwarts não era responsabilidade do garoto, nem estava em seu poder influenciar nada.

Se Voldemort está realmente voltando a se fortalecer (escreveu ele), *minha prioridade é garantir a sua segurança. Ele não pode sequer alimentar esperanças de pegá-lo enquanto você estiver sob a proteção de Dumbledore, mas mesmo assim, não corra riscos: concentre-se em atravessar esse tal labirinto em segurança, depois poderemos voltar nossa atenção para outros assuntos.*

O nervosismo de Harry foi crescendo à medida que o dia vinte e quatro de junho se aproximava, mas nem tanto quanto nas tarefas anteriores. Por um lado, ele se sentia confiante de que, desta vez, fizera tudo que pudera para se preparar para a tarefa. Por outro, esse era o último esforço e, independentemente de se dar bem ou mal, o torneio enfim terminaria, o que seria um enorme alívio.

O café foi uma reunião barulhenta à mesa da Grifinória, na manhã da terceira tarefa. O correio-coruja apareceu, trazendo para Harry um cartão de boa sorte de Sirius. Era apenas um pedaço de pergaminho, dobrado com a impressão de uma pata enlameada, mas Harry gostou assim mesmo. Uma coruja-das-torres chegou trazendo para Hermione seu exemplar do *Profeta Diário*, como habitualmente. Ela abriu o jornal, deu uma olhada na primeira página e cuspiu a boca cheia de suco de abóbora, sujando todo o jornal.

– Que foi? – exclamaram Harry e Rony juntos, olhando para a garota.

– Nada – disse Hermione depressa, tentando esconder o jornal, mas Rony agarrou-o.

Ele arregalou os olhos para a manchete e disse:

– Nem pensar. Hoje não. Essa *vaca* velha.

– Que foi? – perguntou Harry. – Rita Skeeter de novo?

– Não – respondeu Rony, e do mesmo modo que Hermione, tentou esconder o jornal.

– Fala de mim, não é? – perguntou Harry.

– Não – disse Rony, num tom que não convencia ninguém.

Mas antes que Harry pudesse pedir para ver o jornal, Draco Malfoy gritou lá da mesa da Sonserina, do outro lado do salão:

– Ei, Potter! *Potter!* Como é que está a sua cabeça? Você está se sentindo legal? Tem certeza de que não vai endoidar para cima da gente?

Malfoy segurava um exemplar do *Profeta Diário*, também. Os alunos ao redor da mesa da Sonserina deram risadinhas e se viraram nas cadeiras para ver a reação de Harry.

– Me deixa ver isso – pediu Harry a Rony. – Me dá isso aqui.

Com muita relutância, Rony entregou o jornal. Harry virou-o e deparou com a própria foto, sob uma gigantesca manchete.

HARRY POTTER "PERTURBADO E PERIGOSO"

O garoto que derrotou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado encontra-se instável e possivelmente perigoso, escreve nossa repórter especial Rita Skeeter. *Há poucos dias vieram à luz provas assustadoras do estranho comportamento de Harry Potter, que lançam dúvidas sobre suas qualificações para competir em um torneio rigoroso como o Tribruxo, ou até mesmo para frequentar a Escola de Hogwarts.*

O Profeta Diário *está em condições de afirmar, com exclusividade, que Potter regularmente desmaia na escola, e com frequência se queixa de dor na cicatriz que tem na testa (relíquia de um feitiço com que Você-Sabe-Quem tentou matá-lo). Na última segunda-feira, no meio de uma aula de Adivinhação, a repórter do* Profeta Diário *presenciou a saída intempestiva de Potter da sala de aula, dizendo que sua cicatriz o incomodava em demasia para que pudesse continuar em classe.*

É possível, dizem os maiores especialistas do Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos, que o cérebro de Potter tenha sido afetado pelo ataque que sofreu de Você-Sabe-Quem, e que sua insistência em dizer que a cicatriz continua a doer seja uma expressão de sua arraigada confusão.

"Talvez até esteja fingindo", opinou um especialista, "o que poderia ser um mecanismo para receber atenção."

O Profeta Diário*, no entanto, descobriu fatos preocupantes sobre Harry Potter, que Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, tem cuidadosamente ocultado do público bruxo.*

"Potter é ofidioglota", revela Draco Malfoy, um quartanista de Hogwarts. "Há uns dois anos, houve uma série de ataques a estudantes, e quase todos pensaram que Potter era o responsável depois que o viram perder a cabeça em um Clube de Duelos e açular uma cobra contra um colega. O episódio foi

abafado. Mas ele também faz amizade com lobisomens e gigantes. Achamos que ele é capaz de qualquer coisa para ter algum poder."

Ofidioglossia, ou a capacidade de conversar com as cobras, é tradicionalmente considerada uma Arte das Trevas. Com efeito, o ofidioglota mais famoso dos nossos tempos não é outro senão Você-Sabe-Quem. Um membro da Liga de Defesa Contra as Artes das Trevas, que prefere se manter anônimo, declarou que consideraria qualquer bruxo ofidioglota "merecedor de investigação. Pessoalmente, eu encararia com muita suspeita qualquer pessoa que conversasse com cobras, pois esses animais em geral são usados nos piores tipos de magia negra e, historicamente, são associados com bruxos malignos". Da mesma forma "qualquer um que procure a companhia de criaturas selvagens como lobisomens e gigantes me parece ter inclinação para a violência".

Alvo Dumbledore deveria, sem dúvida, refletir se um garoto desses pode realmente competir no Torneio Tribruxo. Há quem receie que Potter possa apelar para as Artes das Trevas em seu desespero de vencer o torneio, cuja terceira tarefa será realizada hoje à noite.

– Acho que ela está deixando de gostar de mim, não? – comentou Harry despreocupado, dobrando o jornal.

Na mesa da Sonserina, Malfoy, Crabbe e Goyle riam-se dele, davam pancadinhas na cabeça, faziam caretas grotescas imitando loucos e agitavam as línguas como cobras.

– Como foi que ela soube que a sua cicatriz doeu na aula de Adivinhação? – perguntou Rony. – Não havia como ela ter estado presente, não havia como poder ter ouvido...

– A janela estava aberta – disse Harry. – Eu a abri para respirar.

– Você estava no alto da Torre Norte – lembrou Hermione. – Sua voz não podia ter sido ouvida lá embaixo nos jardins!

– Bem, você é quem anda pesquisando métodos mágicos de grampear! – disse Harry. – Me diga você como foi que ela conseguiu!

– Estou tentando – defendeu-se Hermione. – Mas eu... mas...

Uma expressão estranha e sonhadora subitamente apareceu no rosto de Hermione. Ela ergueu uma das mãos e correu os dedos pelos cabelos.

– Você está legal? – perguntou Rony, erguendo as sobrancelhas para a amiga.

– Estou – respondeu Hermione sem fôlego. Ela tornou a correr os dedos pelos cabelos e levou a mão à boca, como se estivesse falando para um *walkie-talkie* invisível. Harry e Rony se entreolharam.

– Tive uma ideia – disse Hermione, olhando para o espaço. – Acho que sei...

porque desse jeito ninguém poderia ver... nem Moody... e ela poderia ter chegado até o peitoril da janela... mas isso é proibido... *decididamente* é proibido... acho que a pegamos! Me deem dois segundinhos na biblioteca, só para ter certeza!

Dizendo isso, Hermione agarrou a mochila e saiu correndo do Salão Principal.

– Oi! – gritou Rony para ela. – Temos exame de História da Magia dentro de dez minutos! Caracas – disse o garoto tornando a se virar para Harry –, ela deve realmente odiar aquela Skeeter para se arriscar a perder o início do exame. Que é que você vai fazer na sala do Binns, reler livros?

Dispensado dos testes de fim de trimestre por ser campeão no torneio, até ali Harry se sentara no fundo das salas de exame, pesquisando novas azarações para a terceira tarefa.

– Acho que sim – respondeu Harry para Rony; mas nesse instante a Profª Minerva vinha contornando a mesa da Grifinória em direção a ele.

– Potter, os campeões vão se reunir na câmara vizinha ao salão depois do café – anunciou ela.

– Mas a tarefa só vai ser à noite! – exclamou Harry, derramando, sem querer, ovos mexidos na roupa, receoso de que tivesse se enganado na hora.

– Eu sei disso, Potter. As famílias dos campeões foram convidadas para assistir à última tarefa, entende. É apenas uma oportunidade para você cumprimentá-los.

Ela se afastou. Harry acompanhou-a com o olhar, boquiaberto.

– Ela não está esperando que os Dursley apareçam, está? – perguntou a Rony sem entender.

– Sei lá. Harry, é melhor eu me apressar ou vou chegar tarde na sala de Binns. A gente se vê depois.

Harry terminou o café da manhã num salão que ia lentamente se esvaziando. Viu Fleur Delacour se levantar da mesa da Corvinal e se juntar a Cedrico, na hora em que o rapaz atravessava o salão para entrar na câmara. Krum saiu daquele seu jeito curvado para se reunir a eles logo depois. Harry continuou onde estava. Na realidade não queria entrar na câmara. Não tinha família – ou pelo menos nenhuma família que fosse aparecer para vê-lo arriscar a vida. Mas no instante em que começou a se levantar, pensando que seria melhor ir à biblioteca reler mais algumas azarações, a porta da câmara se abriu e Cedrico pôs a cabeça para fora.

– Harry, anda, eles estão esperando por você!

Absolutamente perplexo, Harry se levantou. Não era possível que os Dursley estivessem ali, era? O garoto atravessou o salão e abriu a porta que levava à câmara.

Cedrico e os pais estavam logo à entrada. Vítor Krum, a um canto, falava

muito depressa em búlgaro com o pai e a mãe de cabelos escuros. Herdara o nariz adunco do pai. Do outro lado da sala, Fleur algaraviava em francês com a mãe. Sua irmãzinha, Gabrielle, segurava a mão da mãe. Ela acenou para Harry, que retribuiu o aceno. Então ele viu a Sra. Weasley e Gui parados diante da lareira, sorrindo para ele.

– Surpresa! – disse animada a Sra. Weasley, quando Harry, todo sorriso, se encaminhou para eles. – Pensamos em vir ver você, Harry! – Ela se curvou e lhe deu um beijo na bochecha.

– Você está bem? – cumprimentou Gui, sorrindo para o garoto e apertando sua mão. – Carlinhos queria vir, mas não pôde tirar licença. Ele me contou que você esteve incrível na tarefa com o Rabo-Córneo húngaro.

Fleur Delacour, Harry notou, espiava Gui, com grande interesse, por cima do ombro da mãe. O garoto percebeu que ela não fazia objeção alguma a cabelos compridos e brincos com dentes pendurados.

– Foi muita gentileza da senhora – murmurou Harry à Sra. Weasley. – Pensei por um momento... os Dursley...

– Hum – resmungou a Sra. Weasley contraindo os lábios. Ela sempre se abstinha de criticar os Dursley diante de Harry, mas seus olhos faiscavam sempre que eles eram mencionados.

– Estou achando o máximo voltar aqui – comentou Gui, correndo os olhos pela câmara (Violeta, a amiga da Mulher Gorda, piscou para ele lá do seu quadro). – Não revejo a escola há cinco anos. Aquele quadro do cavaleiro doidão ainda está por aí? Sir Cadogan?

– Ah, está – respondeu Harry, que conhecera Sir Cadogan no ano anterior.

– E a Mulher Gorda? – indagou Gui.

– Ela já estava aqui no meu tempo – comentou a Sra. Weasley. – Ela me passou um carão daqueles uma noite em que eu vinha voltando para o dormitório às quatro horas da manhã...

– E o que é que a senhora estava fazendo fora do dormitório às quatro horas da manhã? – perguntou Gui olhando a Sra. Weasley, admirado.

Ela sorriu, os olhos cintilando.

– Seu pai e eu saímos para dar um passeio à noite. Ele foi pego por Apolíneo Pringle, era o zelador naquela época, seu pai ainda tem as marcas.

– Quer fazer o tour da escola com a gente, Harry? – perguntou Gui.

– Ah, OK – disse Harry e os três se dirigiram à porta que levava ao Salão Principal.

Ao passarem por Amos Diggory, o bruxo se virou.

– Aí está você, não é? – disse ele, olhando Harry de alto a baixo. – Aposto como não está se sentindo tão cheio de si agora que Cedrico superou a sua

pontuação, não?

– Quê? – exclamou Harry.

– Não dê atenção a ele – pediu Cedrico a Harry, em voz baixa, erguendo as sobrancelhas para o pai. – Ele anda aborrecido desde o artigo da Rita Skeeter sobre o Torneio Tribruxo, sabe, porque ela fez de conta que você era o único campeão de Hogwarts.

– Mas ele não se deu ao trabalho de corrigi-la, não é? – disse Amos Diggory, em voz suficientemente alta para Harry ouvir quando ia se encaminhando para a porta com a Sra. Weasley e Gui. – Mas... você vai mostrar a ele, Ced. Já o venceu uma vez, não foi?

– Rita Skeeter sai do caminho dela para provocar confusões, Amos! – disse a Sra. Weasley zangada. – Era de se esperar que você soubesse disso, já que trabalha no Ministério!

O Sr. Diggory pareceu que ia dizer alguma coisa, irritado, mas sua mulher pôs a mão em seu braço e ele simplesmente encolheu os ombros e virou as costas.

Harry teve uma manhã muito agradável passeando pela propriedade ensolarada com Gui e a Sra. Weasley, mostrando-lhes a carruagem de Beauxbatons e o navio de Durmstrang. A Sra. Weasley se mostrou intrigada com o Salgueiro Lutador, que fora plantado depois que ela terminara a escola, e lembrou-se longamente do guarda-caça antes de Hagrid, um homem chamado Ogg.

– Como vai o Percy? – perguntou Harry, quando davam a volta às estufas.

– Nada bem – respondeu Gui.

– Ele está muito aborrecido – disse a Sra. Weasley, baixando a voz e olhando para os lados. – O Ministério quer abafar o desaparecimento do Sr. Crouch, e Percy foi convocado para um interrogatório sobre as instruções que o Sr. Crouch tem-lhe mandado. Aparentemente o Ministério pensa que elas talvez não tenham sido escritas por Crouch. Percy está sob uma enorme tensão. Não vão deixá-lo substituir o chefe, como quinto juiz, hoje à noite. Cornélio Fudge virá fazer isso.

Os três voltaram ao castelo para almoçar.

– Mamãe... Gui! – exclamou Rony, fazendo cara de espanto, ao se reunir à mesa da Grifinória. – Que é que vocês estão fazendo aqui?

– Viemos assistir à última tarefa do Harry! – disse a Sra. Weasley animada. – Devo confessar, é uma bela mudança não ter que cozinhar. Como foi o seu exame?

– Ah... OK. Não consegui me lembrar dos nomes de todos os duendes rebeldes, por isso inventei alguns. Tudo bem – acrescentou servindo-se de um pastel galês, sob o olhar severo da mãe –, todos eles têm nomes tipo Bodrode o Barbudo, Urgue o Impuro, não foi difícil.

Fred, Jorge e Gina vieram fazer companhia a eles também e Harry se divertiu tanto que quase se sentiu de volta a Toca; esquecera-se de se preocupar com a tarefa da noite e somente quando Hermione apareceu, já na metade do almoço, foi que ele se lembrou de que a garota tivera uma ideia sobre Rita Skeeter.

– Vai nos contar...?

Hermione balançou a cabeça num aviso e olhou para a Sra. Weasley.

– Olá, Hermione – disse a Sra. Weasley muito mais formalmente do que de costume.

– Olá – respondeu a garota, seu sorriso hesitante diante da expressão fria no rosto da senhora.

Harry olhou para as duas, em seguida disse:

– Sra. Weasley, a senhora não acreditou naquele besteirol que a Rita Skeeter escreveu no *Semanário das Bruxas*, acreditou? Porque Mione não é minha namorada.

– Ah! – exclamou a Sra. Weasley. – Não... é claro que não!

Mas ela se tornou bem mais calorosa para com Hermione depois disso.

Harry, Gui e a Sra. Weasley passaram a tarde em um longo passeio ao redor do castelo, depois voltaram ao Salão Principal para o banquete da noite. Ludo Bagman e Cornélio Fudge haviam se sentado à mesa dos professores. Bagman parecia bem animado, mas Cornélio Fudge, ao lado de Madame Maxime, estava sério e calado. Madame Maxime se concentrava no prato a sua frente, e Harry achou que seus olhos pareciam vermelhos. Hagrid não parava de olhar para os lados dela na mesa.

Havia mais pratos do que de costume, mas o garoto, que estava começando a se sentir realmente nervoso, não comeu muito. Quando o teto encantado no alto começou a desbotar de azul para um violáceo crepuscular, Dumbledore se ergueu à mesa dos professores e fez-se silêncio.

– Senhoras e senhores, dentro de cinco minutos, vou pedir a todos que se encaminhem para o estádio de quadribol para assistir à terceira e última tarefa do Torneio Tribruxo. Os campeões, por favor, queiram acompanhar o Sr. Bagman ao estádio agora.

Harry se levantou. Todos os colegas da Grifinória o aplaudiram; os Weasley e Hermione lhe desejaram boa sorte e ele se dirigiu à porta do Salão Principal com Cedrico, Fleur e Krum.

– Está se sentindo bem, Harry? – perguntou Bagman, quando desciam os degraus da entrada para os jardins. – Confiante?

– Estou OK. – Era um pouco verdade; estava nervoso, mas não parava de repassar mentalmente todas as azarações e feitiços que praticara enquanto andavam, e a ideia de que era capaz de lembrar de todos eles o fazia se sentir

melhor.
Os campeões entraram no estádio de quadribol, que estava totalmente irreconhecível. Uma sebe de seis metros corria a toda volta. Havia uma abertura bem diante deles: a entrada para o imenso labirinto. A passagem além parecia escura e sinistra.
Cinco minutos mais tarde, as arquibancadas começaram a se encher; o ar vibrou com as vozes excitadas e o ruído dos pés de centenas de estudantes que ocupavam seus lugares. O céu se tornara azul profundo e límpido, e as primeiras estrelas começavam a surgir. Hagrid, o Prof. Moody, a Profª Minerva e o Prof. Flitwick entraram no estádio e se aproximaram de Bagman e dos campeões. Usavam grandes estrelas vermelhas e luminosas nos chapéus, todos, exceto Hagrid, que carregava a dele nas costas do colete de pele de toupeira.
– Vamos patrulhar o lado externo do labirinto – disse a professora aos campeões. – Se estiverem em apuros, e quiserem ser socorridos, disparem faíscas vermelhas para o ar e um de nós irá buscá-los, entenderam?
Os campeões confirmaram com um aceno de cabeça.
– Podem começar, então! – disse Bagman, animado, para os quatro patrulheiros.
– Boa sorte, Harry – sussurrou Hagrid, e os quatro saíram em diferentes direções para se postar em torno do labirinto. Bagman, então, apontou a varinha para a garganta e murmurou "*Sonorus*", e sua voz magicamente amplificada ressoou pelas arquibancadas.
"Senhoras e senhores, a terceira e última tarefa do Torneio Tribruxo está prestes a começar! Deixe-me lembrar a todos o placar atual! Empatados em primeiro lugar, com oitenta e cinco pontos cada – o Sr. Cedrico e o Sr. Harry Potter, os dois da Escola de Hogwarts!" Os vivas e as palmas fizeram os pássaros saírem voando da Floresta Proibida para o céu crepuscular. "Em segundo lugar, com oitenta pontos – o Sr. Vítor Krum, do Instituto Durmstrang!" Mais aplausos. "E, em terceiro lugar – a Srta. Fleur Delacour, da Academia de Beauxbatons!"
Harry conseguiu apenas reconhecer a Sra. Weasley, Gui, Rony e Hermione aplaudindo Fleur educadamente, mais ou menos no meio das arquibancadas. Ele acenou para os amigos que retribuíram o aceno, sorrindo.
"Então... quando eu apitar, Harry e Cedrico!", anunciou Bagman. "Três – dois – um..."
O bruxo soprou com força o apito e Harry e Cedrico correram para a entrada do labirinto.
As sebes altaneiras lançavam sombras escuras sobre a trilha e, talvez porque fossem tão altas e densas ou porque fossem encantadas, o barulho dos

espectadores que as cercavam silenciou no instante em que os rapazes entraram no labirinto. Harry quase se sentiu novamente embaixo da água. Puxou a varinha, murmurou "*Lumus*" e ouviu Cedrico fazer o mesmo atrás dele.

Depois de andarem uns cinquenta metros, os garotos chegaram a uma bifurcação. Entreolharam-se.

– Até mais – disse Harry e tomou a trilha da esquerda, enquanto Cedrico tomou a da direita.

Harry ouviu o apito de Bagman uma segunda vez. Krum acabara de entrar no labirinto. Harry se apressou. A trilha que escolhera parecia completamente deserta. Ele se virou à direita e continuou depressa, mantendo a varinha acima da cabeça, tentando ver o mais longe possível. Mesmo assim, não havia nada à vista.

O apito de Bagman soou ao longe uma terceira vez. Todos os campeões agora estavam no interior do labirinto.

Harry não parava de olhar para trás. Tinha a sensação familiar de que alguém o vigiava. O labirinto foi ficando mais escuro a cada minuto que se passava, porque o céu no alto ia ganhando um matiz azul-marinho. Ele chegou a uma segunda bifurcação.

– *Me oriente* – sussurrou ele à varinha, segurando-a deitada na palma da mão.

A varinha fez um giro completo e apontou para a direita, para a sebe maciça. Para ali ficava o norte, e ele sabia que precisava seguir para noroeste para chegar ao centro do labirinto. Faria melhor se tomasse a trilha da esquerda e tornasse a seguir para a direita assim que pudesse.

A trilha à frente também estava vazia e quando Harry chegou a uma curva à direita e entrou por ela, encontrou mais uma vez o caminho livre. Harry não sabia o porquê, mas a falta de obstáculos começava a deixá-lo nervoso. Com certeza já deveria ter encontrado algum a essa altura? Tinha a impressão de que o labirinto o estava induzindo a uma falsa sensação de segurança. Então ouviu um movimento bem atrás dele. Ergueu a varinha, pronto a atacar, mas seu facho de luz recaiu sobre Cedrico, que acabara de sair correndo da trilha do lado direito. Cedrico parecia gravemente abalado. A manga de suas vestes fumegava.

– Os explosivins de Hagrid! – sibilou ele. – Estão enormes, escapei por um triz!

Cedrico sacudiu a cabeça e desapareceu de vista por outra trilha. Interessado em guardar uma boa distância entre ele próprio e os explosivins, Harry retomou depressa o seu caminho. Então, ao fazer uma curva ele viu...

Um dementador deslizava em sua direção. Três metros e meio de altura, o rosto oculto pelo capuz, as mãos podres e cobertas de feridas estendidas à frente, ele avançava às cegas, tateando em direção ao garoto. Harry ouviu sua

respiração vibrante; sentiu um frio pegajoso se apoderar dele, mas sabia o que precisava fazer...

Chamou à mente o pensamento mais feliz que pôde, se concentrou com todas as forças no pensamento de sair do labirinto e comemorar com Rony e Hermione, ergueu a varinha e exclamou: *Expecto Patronum!*

Um veado prateado irrompeu da ponta da varinha de Harry e avançou à galope para o dementador, que recuou e tropeçou na barra das vestes... Harry nunca vira um dementador tropeçar.

– Espere aí! – gritou ele, avançando na cola do seu patrono prateado. – Você é um bicho-papão! *Riddikulus!*

Ouviu-se um grande estalo e o transformista explodiu, deixando atrás apenas uma fumacinha. O veado prateado desapareceu de vista. Harry desejou que ele tivesse podido ficar, seria agradável ter uma companhia... mas continuou o seu caminho o mais depressa e silenciosamente que pôde, apurando os ouvidos, a varinha, mais uma vez, erguida no alto.

Esquerda... direita... novamente à esquerda... em duas ocasiões ele foi dar em trilhas sem saída. Harry executou o Feitiço dos Quatro Pontos mais uma vez e descobriu que se afastara demais para leste. Retrocedeu, tomou a trilha à direita e viu uma estranha névoa dourada flutuando mais adiante.

Aproximou-se cautelosamente, apontando para a névoa o facho de luz da varinha. Parecia algum tipo de encantamento. Ele se perguntou se seria capaz de explodi-la para desimpedir o caminho.

– *Reducto!* – ordenou.

O feitiço atravessou a névoa, deixando-a intacta. O garoto concluiu que devia ter sabido: o Feitiço Redutor só servia para objetos sólidos. Que aconteceria se ele atravessasse a névoa? Valeria a pena arriscar ou deveria retroceder?

Ele ainda hesitava, quando um grito rompeu o silêncio.

– Fleur? – berrou Harry.

Silêncio. Ele olhou para todos os lados. Que acontecera com a garota? Seu grito parecia ter vindo de algum lugar à frente. O garoto inspirou profundamente e atravessou a névoa encantada.

O mundo virou de cabeça para baixo. Harry ficou pendurado no chão, os cabelos em pé, os óculos balançando fora do nariz, ameaçando cair no céu infinito. Ele os segurou na ponta do nariz e continuou pendurado ali, aterrorizado. Tinha a sensação de que seus pés estavam grudados na grama, que agora se transformara em teto. Abaixo, o céu pontilhado de estrelas se estendia infinitamente. Harry sentiu que se tentasse mexer um pé, despencaria da terra de vez.

Pense, disse a si mesmo, enquanto todo o seu sangue afluía à cabeça, *pense*...

Mas nenhum dos feitiços que praticara se destinava a combater uma repentina inversão de terra e céu. Ousaria mexer um pé? Ele ouviu o sangue latejar com força em seus ouvidos. Tinha duas opções – tentar se mexer ou disparar faíscas vermelhas e ser socorrido e desqualificado da tarefa.

Harry fechou os olhos para evitar contemplar o espaço infinito abaixo dele e puxou o pé direito com toda a força que pôde do teto gramado.

Imediatamente o mundo se endireitou. Harry caiu para a frente de joelhos num chão maravilhosamente sólido. Sentiu-se por algum tempo mole de susto. Inspirou profundamente para se firmar, então tornou a se levantar e avançou correndo, lançando olhares para trás por cima do ombro, enquanto fugia da névoa dourada, que piscou para ele inocentemente ao luar.

O garoto parou na junção de duas trilhas e olhou para os lados à procura de algum sinal de Fleur. Tinha certeza de que fora a garota que ouvira gritar. Com que será que ela deparara? Estaria bem? Não havia faíscas vermelhas no alto – será que isto significava que conseguira se livrar do problema ou estaria em tal apuro que nem conseguira apanhar a varinha? Harry tomou a trilha à direita com uma sensação de crescente inquietação... mas, ao mesmo tempo, não conseguiu deixar de pensar, *menos um campeão*...

A Taça estava em algum lugar ali perto e, pelo jeito, Fleur não estava mais competindo. Ele chegara até ali, não chegara? E se, de fato, conseguisse vencer? Por um instante fugaz, e pela primeira vez desde que se fora feito campeão, ele reviu aquela imagem de si mesmo, erguendo a Taça do Tribruxo diante do resto da escola...

Por uns dez minutos não encontrou nada, exceto trilhas sem saída. Duas vezes tomou a mesma trilha errada. Finalmente encontrou um novo caminho e começou a andar depressa por ele, a luz da varinha oscilando, fazendo sua sombra bruxulear e se distorcer pelos lados da sebe. Então ele virou mais uma vez e deu de cara com um explosivim.

Cedrico tinha razão – *era* enorme. Três metros de comprimento, lembrava mais um escorpião gigante do que qualquer outra coisa. Seu longo ferrão estava revirado para trás. A grossa armadura refulgia à luz da varinha, que Harry apontava para ele.

– *Estupefaça!*

O feitiço bateu no escudo do explosivim e ricocheteou; Harry se abaixou bem a tempo, mas sentiu cheiro de cabelos queimados; chamuscara o cocuruto da cabeça. O explosivim soltou um jorro de chamas da cauda e voou para cima do garoto.

– *Impedimenta!* – berrou Harry. O feitiço bateu mais uma vez no escudo do explosivim e voltou; Harry cambaleou alguns passos para trás e caiu. –

IMPEDIMENTA!

O explosivim estava a centímetros dele quando se imobilizou – o garoto conseguira atingi-lo na barriga carnuda e sem escudo. Ofegando, Harry se impeliu para longe e correu, com todas as forças, na direção oposta – a Azaração de Impedimento não era permanente, o explosivim recobraria o uso das pernas a qualquer momento.

Harry seguiu pela trilha da esquerda e não encontrou saída, seguiu pela da direita e tampouco encontrou saída; obrigando-se a parar, com o coração acelerado, ele executou mais uma vez o Feitiço dos Quatro Pontos, retrocedeu e escolheu uma trilha que o levasse para noroeste.

Já ia caminhando apressado pela nova trilha havia alguns minutos, quando ouviu alguma coisa na trilha paralela à sua, que o fez estacar.

– Que é que você está fazendo? – berrou a voz de Cedrico. – Que diabo você pensa que está fazendo?

E então Harry ouviu a voz de Krum.

– *Crucio!*

O ar se encheu repentinamente com os gritos de Cedrico. Horrorizado, Harry avançou correndo por sua trilha, tentando encontrar uma passagem para a de Cedrico. Quando não apareceu nenhuma, ele tentou novamente o Feitiço Redutor. Não foi eficiente, mas queimou um buraquinho na sebe, pelo qual Harry enfiou a perna, chutando os galhos emaranhados até eles cederem deixando uma abertura; com esforço Harry a atravessou, rasgando as vestes e, ao olhar para a direita, viu Cedrico se debatendo e se contorcendo no chão, sob o olhar de Krum.

Harry se endireitou e apontou a varinha para Krum na hora em que o rapaz ergueu a cabeça. Krum deu as costas e começou a correr.

– *Estupefaça!* – berrou Harry.

O feitiço atingiu Krum pelas costas; ele parou instantaneamente, caiu de borco e ficou imóvel, com a cara na grama. Harry correu para Cedrico, que parara de se contorcer mas continuava deitado no chão arfando, as mãos cobrindo o rosto.

– Você está bem? – perguntou Harry rouco, agarrando Cedrico pelo braço.

– Estou – ofegou ele. – É... eu não acredito... ele se aproximou de mim pelas costas... eu o ouvi e, quando me virei, ele estava empunhando a varinha apontada para mim...

Cedrico se levantou. Ainda tremia. Ele e Harry olharam para Krum.

– Eu não acredito... achei que ele era legal – comentou Harry, contemplando Krum.

– Eu também.

– Você ouviu Fleur gritar há algum tempo?

– Ouvi. Você acha que Krum a pegou também?
– Não sei – disse Harry lentamente.
– Vamos deixá-lo aqui? – perguntou Cedrico.
– Não – disse Harry. – Acho que devíamos disparar faíscas vermelhas. Alguém virá apanhá-lo... do contrário ele provavelmente será comido por um explosivim.
– E seria bem merecido – murmurou Cedrico, mas ainda assim, ergueu a varinha e disparou uma chuva de faíscas vermelhas para o ar, que pairaram sobre Krum, marcando o local em que ele se encontrava.
Harry e Cedrico ficaram ali no escuro por um momento, olhando a toda volta. Então Cedrico falou:
– Bem... suponho que seja melhor a gente ir...
– Quê? Ah... sim... certo...
Foi um momento estranho. Ele e Cedrico unidos por breves instantes contra Krum – agora o fato de serem adversários ocorria a ambos. Eles continuaram pela trilha escura sem falar, então Harry virou-se para a esquerda e Cedrico para a direita. O ruído dos passos do rapaz não tardou a desaparecer.
Harry seguiu caminho, continuando a usar o Feitiço dos Quatro Pontos, para se certificar de que caminhava na direção correta. Agora a competição estava entre ele e Cedrico. O desejo de chegar à Taça primeiro ardia em seu peito como nunca antes, mas ele não conseguia acreditar no que acabara de ver Krum fazer. O uso de uma Maldição Imperdoável em um ser humano significava uma sentença de prisão perpétua em Azkaban, fora o que Moody dissera. Krum com certeza não poderia ter desejado a Taça Tribruxo tanto assim... Harry se apressou.
De vez em quando ele chegava a trilhas sem saída, mas a escuridão crescente lhe dava a certeza de que estava se aproximando do centro do labirinto. Então, quando seguia por uma trilha longa e reta, ele mais uma vez percebeu um movimento, e a luz de sua varinha incidiu sobre uma criatura extraordinária, uma que ele só vira sob a forma de ilustração no seu *O livro monstruoso dos monstros*.
Era uma esfinge. Tinha o corpo de um enorme leão; grandes patas com garras e um longo rabo amarelado que terminava em um tufo de pelos castanhos. A cabeça, porém, era de mulher. Ela virou os olhos amendoados para Harry quando ele se aproximou. O garoto ergueu a varinha hesitante. A esfinge não estava agachada como se fosse saltar, mas andava de um lado para outro da trilha, bloqueando seu avanço.
Então falou, com uma voz profunda e rouca:
– Você está muito próximo do seu objetivo. O caminho mais rápido é

passando por mim.

– Então... então será que a senhora podia se afastar, por favor? – disse Harry, sabendo qual seria a resposta.

– Não – disse ela, continuando a sua patrulha. – Não, a não ser que você decifre o meu enigma. Se acertar de primeira, deixo-o passar. Se errar, eu o ataco. Permaneça em silêncio, e eu o deixarei partir, ileso.

O estômago de Harry escorregou alguns centímetros. Hermione é que era boa nesse tipo de coisa e não ele. O garoto avaliou suas chances. Se o enigma fosse muito difícil, ele podia se calar, ir embora sem se machucar e tentar encontrar um caminho alternativo para o centro.

– OK – respondeu ele. – Pode me dizer o enigma?

A esfinge se sentou nos quartos traseiros, bem no meio da trilha e recitou:

“*Primeiro pense no lugar reservado aos sacrifícios,*
Seja em que templo for.
Depois, me diga que é que se desfolha no inverno e torna a brotar na primavera?
E finalmente, me diga qual é o objeto que tem som, luz e ar e flutua na superfície do mar?
Agora junte tudo e me responda o seguinte,
Que tipo de criatura você não gostaria de beijar?”

Harry encarou-a boquiaberto.

– Podia, por favor, repetir... mais devagar? – pediu hesitante.

A esfinge pestanejou, sorriu e repetiu o enigma.

– Todas as pistas levam ao nome da criatura que eu não gostaria de beijar? – perguntou Harry.

A esfinge meramente sorriu, aquele sorriso misterioso. Harry interpretouo como um “sim”. Começou a pensar. Havia muitos animais que ele não gostaria de beijar; seu pensamento imediato foi um explosivim, mas alguma coisa lhe disse que não era a resposta correta. Ele teria que tentar decifrar as pistas...

– O lugar reservado aos sacrifícios – murmurou Harry, encarando a esfinge –, seja em que templo for... hum... seria... um altar. Não, esta não seria a minha resposta! Uma... ara? Vou voltar a isso depois... poderia me dar a pista seguinte, por favor?

O animal fabuloso repetiu as linhas seguintes do enigma.

– A última coisa a desaparecer no inverno e a reaparecer na primavera nas árvores da floresta – repetiu Harry. – Hum... não faço ideia... árvores... galhos... rama... pode me dizer o último trecho outra vez?

Ela repetiu as últimas quatro linhas.
– O objeto que tem som, luz e ar e flutua na superfície do mar... – disse Harry. – Hum.... isso seria... hum... espere aí, uma boia?
A esfinge sorriu.
– Ara... hum... ara... rama... – disse Harry, agora era ele quem estava andando para lá e para cá. – Uma criatura que eu não gostaria de beijar... *uma araramboia!*
A esfinge abriu um sorriso maior. Levantou-se, esticou as pernas dianteiras e então se afastou para um lado e o deixou passar.
– Obrigado! – disse Harry e, admirado com a própria genialidade, prosseguiu correndo.
Tinha que estar perto agora, tinha que estar... a varinha lhe dizia que estava na direção exata; desde que não deparasse com nada horripilante, ele poderia ter uma chance...
À frente precisou escolher entre duas trilhas.
– Me oriente! – sussurrou mais uma vez à varinha, e ela deu um giro e apontou para a da direita. Harry saiu correndo por ela e viu uma luz adiante.
A Taça Tribruxo brilhava num pedestal a menos de cem metros à sua frente. Harry mal saíra correndo quando um vulto escuro se precipitou sobre a trilha à sua frente.
Cedrico ia chegar primeiro. O rapaz estava correndo o mais rápido que podia em direção à Taça, e Harry percebeu que nunca o alcançaria, Cedrico era muito mais alto, tinha pernas muito mais compridas...
Então, Harry viu um vulto imenso por cima da sebe à sua esquerda, deslocando-se ligeiro pela trilha que cortava a sua; ia tão depressa que Cedrico estava prestes a colidir com ele, e com os olhos na Taça, o rapaz não vira o vulto...
– Cedrico! – berrou Harry. – À sua esquerda!
O garoto virou a cabeça em tempo de se atirar para além do vulto e evitar colidir com ele, mas, em sua pressa, tropeçou. Harry viu a varinha voar da mão dele, ao mesmo tempo que uma enorme aranha entrava na trilha e começava a avançar para o rapaz.
– *Estupefaça!* – berrou Harry; o feitiço atingiu o gigantesco corpo da aranha, negro e peludo, mas produziu tanto efeito quanto se o garoto tivesse atirado uma simples pedra nela; a aranha deu um estremeção, virou-se e correu para Harry.
– *Estupefaça! Impedimenta! Estupefaça!*
Mas não adiantou – a aranha ou era demasiado grande ou tão mágica que os feitiços só conseguiam irritá-la –, Harry viu de relance, horrorizado, oito olhos negros e brilhantes e pinças afiadas como navalhas, antes que a aranha estivesse

sobre ele.
O inseto ergueu-o no ar com as patas dianteiras; debatendo-se como louco, Harry tentou chutá-lo; sua perna fez contato com as pinças e no momento seguinte ele sentiu uma dor excruciante – ouviu Cedrico gritar *“Estupefaça!”* também, mas o feitiço do rapaz produziu tanto efeito quanto o de Harry – o garoto ergueu a varinha quando a aranha tornou a abrir as pinças e gritou “*Expelliarmus!”*.
Funcionou – o Feitiço para Desarmar fez a aranha largá-lo, o que significou que Harry caiu três metros e tanto sobre uma perna já machucada, que se dobrou sob seu corpo. Sem parar para pensar, ele mirou bem alto sob a barriga da aranha, como fizera com o explosivim, e gritou “*Estupefaça!*” na mesma hora em que Cedrico gritava o mesmo.
Os dois feitiços combinados fizeram o que um sozinho não conseguira – a aranha tombou de lado, achatando uma sebe próxima e espalhando na trilha um emaranhado de pernas peludas.
– Harry! – ele ouviu Cedrico gritar. – Você está bem? Ela caiu em cima de você?
– Não! – gritou Harry em resposta. Ele examinou a perna. Sangrava muito. Ele viu uma secreção grossa e pegajosa que saíra das pinças da aranha em suas vestes rasgadas. Então, tentou se levantar, mas a perna tremia demais e se recusava a sustentar seu peso. Ele se apoiou na sebe, tentando recuperar o fôlego e olhou para os lados.
Cedrico estava a pouquíssima distância da Taça Tribruxo que refulgia às suas costas.
– Pega a Taça, então – disse Harry arfante para Cedrico. – Pega logo, apanha. Você chegou ao centro.
Mas Cedrico não se mexeu. Continuou parado olhando para Harry. Em seguida virou-se para olhar a Taça. Harry percebeu a expressão desejosa no rosto do rapaz à luz dourada do objeto. Cedrico se virou mais uma vez para Harry, que agora se amparava na sebe para se manter de pé.
Cedrico inspirou profundamente.
– Você pega. Você é que deveria vencer. Você salvou minha vida duas vezes neste labirinto.
– Não é assim que a coisa deve funcionar – disse Harry. Sentiu raiva; sua perna doía muito, seu corpo doía inteiro do esforço para se desvencilhar da aranha e, apesar de tudo isso, Cedrico o vencera, da mesma forma que o vencera na hora de convidar Cho para o baile. – Quem chegar à Taça primeiro ganha os pontos. E foi você. Estou lhe dizendo, não vou vencer nenhuma corrida com essa perna assim.

Cedrico deu alguns passos em direção à aranha estuporada, afastando-se da Taça e balançou a cabeça.
– Não – disse.
– Pare de ser nobre – retrucou Harry irritado. – Pega logo a Taça para a gente poder ir embora daqui.
Cedrico observou Harry se aprumar, segurando-se com força na sebe.
– Você me falou dos dragões – disse Cedrico. – Eu teria perdido a primeira tarefa se você não tivesse me prevenido sobre o que me esperava.
– Tive ajuda nisso – retorquiu Harry, tentando enxugar a perna ensanguentada com as vestes. – Você me ajudou com o ovo, estamos quites.
– Eu tive ajuda com o ovo para começar – disse Cedrico.
– Continuamos quites – repetiu Harry, experimentando a perna, desajeitado; ela tremeu violentamente quando o garoto se apoiou nela; tinha torcido o tornozelo quando a aranha o largara.
– Você devia ter ganhado mais pontos na segunda tarefa – teimou Cedrico. – Você ficou para trás para salvar todos os reféns. Eu é que deveria ter feito isso.
– Eu fui o único campeão suficientemente burro para levar aquela música a sério! – disse Harry com amargura. – Pega a Taça!
– Não.
Cedrico pulou por cima do emaranhado de pernas da aranha para se juntar a Harry, que o encarou. Cedrico falava sério. Estava dando as costas a uma glória que a Casa da Lufa-Lufa não experimentava havia séculos.
– Anda – disse o rapaz. Dava a perceber que aquela atitude estava lhe custando cada centímetro de determinação que possuía, mas havia firmeza em seu rosto, cruzara os braços, parecia decidido.
Harry olhou de Cedrico para a Taça. Por um momento fulgurante ele se viu saindo do labirinto, segurando-a. Viu-se erguendo a Taça Tribruxo no alto, ouviu os berros dos espectadores, viu o rosto de Cho iluminado de admiração, mais claramente do que jamais o vira... e então a imagem se dissolveu e ele se viu encarando o rosto teimoso e sombrio de Cedrico.
– Os dois – disse Harry.
– Quê?
– Levamos a Taça ao mesmo tempo. Ainda é uma vitória de Hogwarts. Empatamos.
Cedrico encarou Harry. Descruzou os braços.
– Você... você tem certeza?
– Tenho. Tenho... nós nos ajudamos, não foi? Nós dois chegamos aqui. Vamos levá-la, juntos.
Por um instante, Cedrico pareceu que não conseguia acreditar no que estava

ouvindo; então seu rosto se abriu num sorriso.

– Negócio fechado. Venha até aqui.

Ele agarrou o braço de Harry pela axila e ajudou-o a mancar até o pedestal onde estava a Taça. Quando a alcançaram, os dois estenderam a mão para cada uma das asas.

– Quando eu disser três, certo? – disse Harry. – Um... dois... três...

Ele e Cedrico apertaram as asas.

Instantaneamente, Harry sentiu um solavanco dentro do umbigo. Seus pés deixaram o chão. Ele não conseguiu soltar a mão da Taça Tribruxo; ela o puxava para diante, num vendaval colorido, Cedrico ao seu lado.

— CAPÍTULO TRINTA E DOIS —

Osso, carne e sangue

Harry sentiu seus pés baterem no chão; a perna machucada cedeu e ele caiu para a frente; por fim, sua mão soltou a Taça Tribruxo. Ele ergueu a cabeça.

– Onde estamos? – perguntou.

Cedrico sacudiu a cabeça. Levantou-se, ajudou Harry a ficar de pé e os dois olharam a toda volta.

Estavam inteiramente fora dos terrenos de Hogwarts; era óbvio que tinham viajado quilômetros – talvez centenas de quilômetros – porque até as montanhas que rodeavam o castelo haviam desaparecido. Em lugar de Hogwarts, os garotos se viam parados em um cemitério escuro e cheio de mato; para além de um grande teixo à direita podiam ver os contornos escuros de uma igrejinha. Um morro se erguia à esquerda. Muito mal, Harry conseguia discernir a silhueta escura de uma bela casa antiga na encosta do morro.

Cedrico olhou para a Taça Tribruxo e depois para Harry.

– Alguém lhe disse que a Taça era uma Chave de Portal? – perguntou.

– Não. – Harry examinou o cemitério. Estava profundamente silencioso e meio fantasmagórico. – Será que isto faz parte da tarefa?

– Não sei – respondeu Cedrico. Sua voz revelava um certo nervosismo. – Varinhas em punho, não acha melhor?

– É – disse Harry, satisfeito de que Cedrico tivesse sugerido isso por ele.

Os dois puxaram as varinhas. Harry não parava de olhar para todo lado. Tinha, mais uma vez, a estranha sensação de que estavam sendo observados.

– Vem alguém aí – disse de repente.

Apertando os olhos para enxergar na escuridão, eles divisaram um vulto que se aproximava, andando entre os túmulos sempre em sua direção. Harry não conseguia distinguir um rosto; mas pelo jeito que o vulto caminhava e mantinha os braços, dava para ver que estava carregando alguma coisa. Fosse quem fosse,

era baixo e usava um capuz que lhe cobria a cabeça e sombreava o rosto. E... vários passos depois, a distância entre eles sempre mais curta – Harry viu que a coisa nos braços do vulto parecia um bebê... ou seria meramente um fardo de vestes?

Harry baixou ligeiramente a varinha e olhou para Cedrico ao seu lado. O rapaz lhe respondeu com um olhar intrigado. Os dois tornaram a se virar para observar o vulto que se aproximava.

Ele parou ao lado de uma lápide alta, a uns dois metros. Por um segundo, Harry, Cedrico e o vulto baixo apenas se entreolharam.

Então, inesperadamente, a cicatriz de Harry explodiu de dor. Foi uma agonia tão extrema como jamais sentira na vida; ao levar a mão ao rosto, a varinha lhe escapou dos dedos; seus joelhos cederam; ele caiu ao chão e não viu mais nada, sua cabeça pareceu prestes a rachar.

De muito longe, acima de sua cabeça, ele ouviu uma voz fria e aguda dizer: "*Mate o outro*."

Um zunido, e uma segunda voz que arranhou o ar da noite:

– *Avada Kedavra!*

Um relâmpago verde perpassou as pálpebras de Harry e ele ouviu alguma coisa pesada cair no chão ao seu lado; a dor de sua cicatriz atingiu tal intensidade que ele teve ânsias de vomitar, em seguida diminuiu; aterrorizado com o que iria ver, ele abriu os olhos ardidos.

Cedrico estava estatelado no chão ao seu lado, os braços e pernas abertos. Morto.

Por um segundo que continha toda a eternidade, Harry fitou o rosto do colega, seus olhos cinzentos abertos, vidrados e inexpressivos como as janelas de uma casa deserta, a boca entreaberta num esgar de surpresa. Então, antes que a mente de Harry pudesse aceitar o que seus olhos viam, antes que pudesse sentir alguma coisa além de atônita incredulidade, ele sentiu que alguém o levantava.

O homem baixo de capa pousara o fardo que carregava no chão, acendeu a varinha e saiu arrastando Harry em direção à lápide de mármore. O garoto viu o nome ali gravado faiscar à luz da varinha, antes de ser virado e atirado contra a pedra.

TOM RIDDLE

O homem da capa agora estava conjurando cordas para prender Harry com firmeza, amarrando-o à lápide, do pescoço aos tornozelos. O garoto ouviu uma respiração rápida e rasa saindo do fundo do capuz; ele se debateu e o homem lhe deu uma bofetada – uma bofetada com uma mão à que faltava um dedo. E Harry

percebeu quem estava sob o capuz. Era Rabicho.
– Você! – exclamou ele.
Mas Rabicho, que acabara de conjurar as cordas, não respondeu; estava ocupado verificando se estavam bem apertadas, seus dedos tremendo descontrolados, apalpando os nós. Uma vez convencido de que Harry estava amarrado à lápide sem a menor folga e que não conseguiria se mexer, Rabicho tirou um pano preto de dentro das vestes e enfiou-o com violência na boca de Harry; depois, sem dizer palavra, virou as costas e se afastou depressa; o garoto não podia emitir som algum nem ver aonde fora Rabicho; não podia virar a cabeça para ver além da lápide; só podia ver o que estava diretamente em frente.
O corpo de Cedrico se encontrava a uns seis metros de distância. Mais adiante, refulgindo à luz das estrelas, jazia a Taça Tribruxo. A varinha de Harry ficara caída no chão aos pés do rapaz. O fardo de roupas que Harry imaginara que fosse um bebê continuava ali perto, junto à lápide. Parecia estar se mexendo incomodado. O garoto observou-o e sua cicatriz queimou de dor... e, de repente, ele concluiu que não queria ver o que estava naquelas roupas... não queria que o fardo se abrisse...
Harry ouviu, então, um ruído aos seus pés. Baixou os olhos e viu uma cobra gigantesca deslizando pelo capim, circulando em torno da lápide a que ele fora amarrado. A respiração asmática e rápida de Rabicho estava se tornando mais ruidosa agora. Parecia que arrastava alguma coisa pesada pelo chão. Então ele tornou a entrar no campo de visão de Harry e o garoto pôde ver que o bruxo empurrava um caldeirão de pedra para perto do túmulo. Continha alguma coisa que parecia água – Harry a ouviu sacudir – e era maior do que qualquer outro caldeirão que Harry já tivesse usado; sua circunferência era suficientemente grande para caber um adulto sentado.
A coisa embrulhada no fardo de vestes no chão se mexeu com mais insistência, como se estivesse tentando se desvencilhar. Agora Rabicho estava mexendo com uma varinha no fundo externo do caldeirão. De repente surgiram chamas sob a vasilha. A enorme cobra deslizou para longe mergulhando nas sombras.
O líquido no caldeirão parecia estar esquentando bem rápido. Sua superfície começou não somente a borbulhar, mas também a atirar para o alto faíscas incandescentes, como se estivesse em chamas. O vapor se adensou e borrou a silhueta de Rabicho que cuidava do fogo. Seus movimentos sob a capa se tornaram mais agitados. E Harry ouviu mais uma vez a voz aguda e fria.
– *Ande depressa!*
Toda a superfície da água estava iluminada pelas faíscas. Parecia cravejada de diamantes.

– Está pronta, meu amo.
– Agora... – disse a voz fria.
Rabicho abriu o fardo de vestes no chão, revelando o que havia nele, e Harry deixou escapar um grito que foi estrangulado pelo chumaço de pano que arrolhava sua boca.
Era como se Rabicho tivesse virado uma pedra e deixado à mostra algo feio, pegajoso e cego – mas pior, cem vezes pior. A coisa que Rabicho andara carregando tinha a forma de uma criança humana encolhida, só que Harry nunca vira nada que se parecesse menos com uma criança. Era pelada, de aparência escamosa, de uma cor preta avermelhada e crua. Os braços e pernas eram finos e fracos e o rosto – nenhuma criança viva jamais tivera um rosto daqueles – era plano e lembrava o de uma cobra, com olhos vermelhos e brilhantes.
A coisa tinha uma aparência quase desamparada; ela ergueu os braços magros e passou-os pelo pescoço de Rabicho e este a ergueu. Ao fazer isso, seu capuz caiu para trás e Harry viu, à claridade do fogo, a expressão de repugnância em seu rosto fraco e pálido, enquanto transportava a criatura para a borda do caldeirão. Por um instante o garoto viu o rosto plano e maligno iluminar-se com as faíscas que dançavam na superfície da poção. Então Rabicho a depositou dentro do caldeirão; ouviu-se um silvo, e ela submergiu; Harry escutou aquele corpinho frágil bater no fundo do caldeirão com um baque suave.
Tomara que se afogue, pensou o garoto, a cicatriz doendo mais do que era possível suportar, por favor... tomara que se afogue...
Rabicho estava falando. Sua voz tremia, ele parecia assustadíssimo. Ergueu a varinha, fechou os olhos e falou para a noite:
– *Osso do pai, dado sem saber, renove filho!*
A superfície do túmulo aos pés do garoto rachou. Horrorizado, Harry observou um fiapo de poeira se erguer no ar à ordem de Rabicho, e cair suavemente no caldeirão. A superfície diamantífera da água se dividiu e chiou; disparou faíscas para todo o lado e ficou um azul vívido e peçonhento.
Rabicho choramingou. Tirou um punhal longo, fino e brilhante de dentro das vestes. Sua voz quebrou em soluços petrificados.
– *Carne... do servo... da-da de bom grado... reanime... o seu amo.*
Ele esticou a mão direita à frente – a mão em que faltava um dedo. Segurou o punhal com firmeza na mão esquerda e ergueu-o.
Harry percebeu o que Rabicho ia fazer um segundo antes de acontecer – fechou os olhos com toda força que pôde, mas não conseguiu bloquear o grito que cortou a noite, e que o atravessou como se ele tivesse sido apunhalado também. Ouviu alguma coisa cair ao chão, ouviu a respiração ofegante e aflita de Rabicho, depois o ruído nauseante de alguma coisa tombar dentro do

caldeirão. Harry não suportou olhar... mas a poção ficou vermelho-vivo e sua claridade atravessou suas pálpebras fechadas...

Rabicho ofegava e gemia de agonia. Somente quando Harry sentiu sua respiração aflita no próprio rosto é que percebeu que o bruxo estava bem diante dele.

– *S-sangue do inimigo... tirado à força... ressuscite... seu adversário.*

Harry nada pôde fazer para impedir isso, estava muito bem amarrado... procurando ver mais embaixo, lutando inutilmente contra as cordas que o prendiam, ele viu o punhal de prata reluzente tremer na mão de Rabicho que restava. Sentiu a ponta da arma furar a dobra do seu braço direito e o sangue fluir pela manga de suas vestes rasgadas. Rabicho, ainda ofegando de dor, apalpou o bolso à procura de um frasquinho que ele aproximou do corte de Harry para recolher o sangue.

O bruxo cambaleou de volta ao caldeirão com o sangue do garoto. Despejou-o ali. O líquido no caldeirão ficou instantaneamente branco ofuscante. Concluída a tarefa, Rabicho se ajoelhou ao lado do caldeirão, depois deixou-se cair de lado e ficou deitado no chão, aninhando o toco sangrento de braço, arquejando e soluçando.

O caldeirão foi cozinhando, disparando faíscas em todas as direções, um branco tão branco que transformava todo o resto num negrume aveludado. Nada aconteceu...

Tomara que tenha se afogado, pensou Harry, tomara que tenha dado errado...

E então, de repente, as faíscas que subiam do caldeirão se extinguiram. Uma nuvem de vapor branco se ergueu, repolhuda e densa, tampando tudo que havia na frente de Harry, impedindo-o de continuar a ver Rabicho, Cedrico ou qualquer outra coisa exceto o vapor pairando no ar... melou, pensou... se afogou... tomara... tomara que tenha morrido...

Mas, através da névoa à sua frente, ele viu, com um assomo gelado de terror, a silhueta escura de um homem, alto e esquelético, emergindo do caldeirão.

– Vista-me – disse a voz aguda e fria por trás do vapor, e Rabicho, soluçando e gemendo, ainda aninhando o braço mutilado, correu a apanhar as vestes negras no chão, levantou-se, ergueu o braço e colocou-as apenas com a mão existente por cima da cabeça do seu amo.

O homem magro saiu do caldeirão, com o olhar fixo em Harry... e o garoto mirou aquele rosto que assombrava seus pesadelos havia três anos. Mais branco do que um crânio, com olhos grandes e vermelhos, um nariz chato como o das cobras e fendas no lugar das narinas...

Lorde Voldemort acabara de ressurgir.

— CAPÍTULO TRINTA E TRÊS —

Os Comensais da Morte

Voldemort desviou o olhar de Harry e começou a examinar o próprio corpo. Suas mãos eram como aranhas grandes e pálidas; seus longos dedos brancos acariciaram o próprio peito, os braços, o rosto; os olhos vermelhos, cujas pupilas eram fendas, como as de um gato, brilhavam ainda mais no escuro. Ele ergueu as mãos e flexionou os dedos com uma expressão arrebatada e exultante. Não deu a menor atenção a Rabicho, que continuou tremendo e sangrando no chão, nem à enorme cobra, que reapareceu em cena e recomeçou a descrever círculos em torno de Harry, sibilando. Voldemort enfiou um dos dedos anormalmente longos em um bolso fundo e tirou uma varinha. Acariciou-a gentilmente, também; depois ergueu-a e apontou-a para Rabicho, e ela o guindou do chão e atirou contra a lápide a que Harry estava amarrado; o bruxo caiu aos pés da lápide e ficou ali, encolhido, chorando. Voldemort voltou seus olhos vermelhos para Harry e soltou uma risada, aquela sua risada aguda, fria e sem alegria.

As vestes de Rabicho agora estavam manchadas de sangue brilhante; o bruxo enrolara nelas o toco de braço.

– Milorde... – disse ele com a voz embargada – milorde... o senhor prometeu... o senhor prometeu...

– Estique o braço – disse Voldemort indolentemente.

– Ah, meu amo... obrigado, meu amo...

Rabicho esticou o toco sangrento, mas Voldemort deu uma gargalhada.

– O outro braço, Rabicho.

– Meu amo, por favor... *por favor*...

Voldemort se curvou e puxou o braço esquerdo de Rabicho; empurrou a manga das vestes do servo acima do cotovelo e Harry viu que havia uma coisa na pele, uma coisa que lembrava uma tatuagem vermelho-vivo – um crânio, com uma cobra saindo da boca –, a mesma imagem que aparecera no céu na Copa

Mundial de Quadribol: a Marca Negra. Voldemort examinou-a demoradamente, sem dar atenção ao choro descontrolado de Rabicho.

– Reapareceu – comentou ele baixinho –, todos deverão ter notado... e agora, veremos... agora saberemos...

Ele comprimiu a marca no braço do servo com seu longo indicador branco.

A cicatriz na testa de Harry ardeu com uma dor aguda e Rabicho deixou escapar um uivo. Voldemort afastou o dedo da marca em Rabicho e Harry viu que ela se tornara muito preta.

Com uma expressão de cruel satisfação no rosto, Voldemort se endireitou, atirou a cabeça para trás e começou a examinar o escuro cemitério.

– Quantos terão suficiente coragem para voltar quando sentirem isso? – sussurrou ele, fixando seus olhos vermelhos e brilhantes nas estrelas. – E quantos serão bastante tolos para ficar longe de mim?

Ele começou a andar de um lado para outro diante de Harry e Rabicho, seus olhos percorrendo o cemitério todo o tempo. Decorrido pouco mais de um minuto, ele tornou a olhar para Harry, um sorriso cruel deformando seu rosto viperino.

– Você está em pé, Harry Potter, sobre os restos mortais do meu pai – sibilou ele baixinho. – Um trouxa e um idiota... muito parecido com a sua querida mãe. Mas os dois tiveram sua utilidade, não? Sua mãe morreu tentando defendê-lo quando criança... e eu matei meu pai e veja como ele se provou útil, depois de morto...

Voldemort soltou outra gargalhada. Para cima e para baixo ele andava, olhando para os lados, e a serpente continuava a circular no meio do capim.

– Você está vendo aquela casa lá na encosta do morro, Potter? Meu pai morava ali. Minha mãe, uma bruxa que vivia no povoado, se apaixonou por ele. Mas foi abandonada quando lhe contou o que era... ele não gostava de magia, meu pai...

“Ele a abandonou e voltou para os pais trouxas antes de eu nascer, Potter, e ela morreu me dando à luz, me deixando para ser criado em um orfanato de trouxas... mas eu jurei encontrá-lo... vinguei-me dele, desse idiota que me deu seu nome... *Tom Riddle*...”

E andava sem parar, seus olhos correndo de um túmulo para outro.

– Me vejam só recordando minha história de família... – comentou ele baixinho. – Ora, ora, estou ficando muito sentimental... Mas veja, Harry! A minha família *verdadeira* está chegando...

O ar se encheu repentinamente com o rumor de capas esvoaçantes. Entre os túmulos, atrás do teixo, em cada espaço escuro, havia bruxos aparatando. Todos usavam capuzes e máscaras. E um por um, eles se adiantaram... lentamente,

cautelosamente, como se mal conseguissem acreditar no que viam. Voldemort ficou parado em silêncio, esperando-os. Então um Comensal da Morte se prostrou de joelhos, arrastou-se até Voldemort, e beijou a barra de suas vestes negras.

– Meu amo... meu amo...

Os Comensais da Morte que vinham atrás o imitaram; um por um, eles se aproximaram de joelhos para beijar as vestes de Voldemort para depois recuar e se levantar, formando um círculo silencioso em torno do túmulo de Tom Riddle, Harry, Voldemort e o monte de vestes que soluçava e sacudia, que era Rabicho. Mas eles deixaram espaços vazios no círculo, como se esperassem mais gente. Voldemort, porém, não parecia esperar mais ninguém. Olhou os rostos encapuzados ao seu redor e, embora não houvesse vento, um rumorejo pareceu percorrer o círculo como se perpassasse por ele um arrepio.

– Bem-vindos, Comensais da Morte – disse Voldemort em voz baixa. – Treze anos... treze anos desde que nos encontramos pela última vez. Contudo, vocês atendem ao meu chamado como se fosse ontem... então continuamos unidos sob a Marca Negra! *Ou será que não?*

Ele retomou sua expressão ameaçadora e farejou, dilatando as narinas em forma de fenda.

– Sinto cheiro de culpa – disse ele. – Há um fedor de culpa no ar.

Um segundo surto de arrepios percorreu o círculo, como se cada membro tivesse o desejo, mas não a coragem, de se afastar dali.

– Vejo todos vocês, inteiros e saudáveis, com os seus poderes intactos, tão desenvoltos!, e me pergunto... por que esse bando de bruxos nunca foi socorrer seu amo, a quem jurou lealdade eterna?

Ninguém falou. Ninguém se mexeu exceto Rabicho, que continuava no chão, chorando, o braço ensanguentado.

– E eu próprio respondo – sussurrou Voldemort –, porque devem ter acreditado que eu estava derrotado, pensaram que eu acabara. Voltaram a se misturar com os meus inimigos e alegaram inocência, ignorância e bruxaria...

“E então eu me pergunto, mas como é que vocês podem ter acreditado que eu não me reergueria? Vocês, que conheciam as providências que eu tomara, há muito tempo, para me proteger da morte humana? Vocês que tiveram provas da imensidão do meu poder, na época em que fui mais poderoso do que qualquer bruxo vivente?

“E eu mesmo respondo, talvez acreditassem que poderia haver um poder ainda maior, um poder capaz de derrotar até Lorde Voldemort... talvez vocês agora prestem lealdade a outro... talvez àquele campeão da plebe, dos trouxas e sangues ruins, Alvo Dumbledore?”

À menção do nome de Dumbledore, os membros do círculo se inquietaram, alguns murmuraram e negaram sacudindo a cabeça.

Voldemort ignorou-os.

– É um desapontamento para mim... confesso que estou desapontado...

Um dos bruxos se atirou subitamente à frente, rompendo o círculo. Tremendo da cabeça aos pés, prostrou-se aos pés de Voldemort.

– Meu amo! – exclamou. – Meu amo, me perdoe! Nos perdoe a todos!

Voldemort começou a rir. Ergueu a varinha.

– *Crucio!*

O Comensal da Morte no chão contorceu-se e gritou; Harry teve certeza de que o som se propagava até as casas vizinhas... tomara que a polícia chegue, desejou ele desesperado... alguém... alguma coisa...

Voldemort ergueu a varinha. O Comensal da Morte torturado se estatelou no chão, arfando.

– Levante-se, Avery – disse Voldemort baixinho. – Ponha-se de pé. Você está me pedindo perdão? Eu não perdoo. Eu não esqueço. Treze longos anos... Quero um pagamento por esses treze anos antes de perdoar-lhes. Rabicho aqui já pagou parte da dívida, não foi, Rabicho?

Ele baixou os olhos para o bruxo mutilado, que continuava a soluçar.

– Você voltou para mim, não por lealdade, mas por medo dos seus antigos amigos. Você merece sentir dor, Rabicho. Você sabe disso, não sabe?

– Sei, meu amo – gemeu Rabicho –, por favor, meu amo... por favor...

– Contudo você me ajudou a recuperar meu corpo – disse Voldemort friamente, observando o servo soluçar no chão. – Mesmo inútil e traiçoeiro como é, você me ajudou... e Lorde Voldemort recompensa quem o ajuda...

Voldemort tornou a erguer a varinha e girou-a no ar. Um fio que parecia feito de prata liquefeita prolongou-se da varinha e pairou no ar. Momentaneamente informe, o fio se agitou e em seguida se transformou na réplica brilhante de uma mão humana, clara como o luar, que saiu voando e foi se prender ao pulso sangrento de Rabicho.

Os soluços do bruxo pararam abruptamente. Com a respiração rascante e falha, ele levantou a cabeça e fitou, incrédulo, a mão prateada, agora ligada sem costura ao seu braço, como se ele estivesse usando uma luva luminosa. O bruxo flexionou os dedos reluzentes, depois, trêmulo, apanhou um graveto no chão e pulverizou-o.

– Milorde – sussurrou ele. – Meu amo... é linda... muito obrigado... *muito obrigado*...

Ele avançou de joelhos e beijou a barra das vestes de Voldemort.

– Que a sua lealdade jamais volte a vacilar, Rabicho – disse Voldemort.

– Não, milorde... nunca, milorde...
Rabicho se levantou e tomou posição no círculo, sem tirar os olhos da mão nova e poderosa, seu rosto lavado de lágrimas. Voldemort se aproximou então do homem à direita de Rabicho.
– Lúcio, meu ardiloso amigo – murmurou ele se detendo diante do bruxo. – Ouço dizer que você não renunciou aos seus hábitos antigos, embora para o mundo você apresente uma imagem respeitável. Acredito que continue pronto para assumir a liderança de uma torturazinha de trouxas? No entanto você nunca tentou me encontrar, Lúcio... as suas aventuras na Copa Mundial de Quadribol foram engraçadas, devo dizer... mas será que suas energias não teriam sido melhor empregadas em procurar ajudar seu amo?
– Milorde, sempre estive constantemente alerta – ouviu-se na mesma hora a voz de Lúcio Malfoy saindo por baixo do capuz. – Se tivesse havido algum sinal do senhor, algum rumor sobre seu paradeiro, eu teria ido imediatamente para o seu lado, nada teria me detido...
– Contudo, você correu da minha marca, quando um leal Comensal da Morte a projetou no céu no verão passado – comentou displicentemente Voldemort, e o Sr. Malfoy parou abruptamente de falar. – É, sei de tudo que aconteceu, Lúcio... você me desapontou... espero serviços mais leais no futuro.
– Naturalmente, milorde, naturalmente... o senhor é misericordioso, obrigado...
Voldemort continuou a andar e parou, reparando no espaço – suficientemente grande para duas pessoas – que separava Malfoy do comensal seguinte.
– Os Lestrange deveriam estar aqui – disse Voldemort baixinho. – Mas estão enterrados vivos em Azkaban. Foram fiéis. Preferiram ir para Azkaban a renunciar a mim... quando Azkaban for aberta, os Lestrange receberão honras que ultrapassarão todos os seus sonhos. Os dementadores se unirão a nós... são nossos aliados naturais... chamaremos de volta os gigantes banidos... todos os meus servos devotados me serão devolvidos e um exército de criaturas que todos temem...
Ele continuou sua caminhada. Passou por alguns comensais em silêncio, mas parou diante de outros para lhes falar.
– Macnair... eliminando animais perigosos para o Ministério da Magia agora, segundo me conta Rabicho. Breve você terá melhores vítimas, Macnair. Lorde Voldemort irá providenciá-las...
– Obrigado, meu amo... obrigado – murmurou Macnair.
– E aqui – Voldemort prosseguiu dirigindo-se aos dois maiores vultos encapuzados – temos Crabbe... você vai trabalhar melhor desta vez, não vai, Crabbe? E você, Goyle?

Os dois fizeram uma reverência desajeitada, murmurando com uma certa lentidão:

– Sim, meu amo...

– Trabalharemos, meu amo...

– O mesmo se aplica a você, Nott – disse Voldemort baixinho, ao passar pelo vulto curvado à sombra do Sr. Goyle.

– Milorde, eu me prostrei diante do senhor, sou o seu mais fiel...

– Basta – disse Voldemort.

Ele chegou, então, à maior lacuna no círculo, e parou contemplando-a com aqueles seus olhos parados e vermelhos, como se pudesse ver pessoas em pé ali.

– E aqui temos seis Comensais da Morte ausentes... três mortos a meu serviço. Um demasiado covarde para voltar... ele me pagará. Um que eu acredito ter me deixado para sempre... este será morto, é claro... e um que continua sendo meu mais fiel servo, e que já reingressou no meu serviço.

Os Comensais da Morte se agitaram; Harry viu que eles se entreolhavam por trás das máscaras.

– Ele está em Hogwarts, esse servo fiel, e foi graças aos seus esforços que o nosso jovem amigo chegou aqui esta noite...

“Sim”, disse Voldemort, um sorriso crispando sua boca sem lábios, quando os olhares do círculo convergiram para Harry. “Harry Potter teve a gentileza de se reunir a nós para comemorar a minha ressurreição. Poderíamos até chamá-lo de meu convidado de honra.”

Fez-se silêncio. Em seguida o Comensal da Morte à direita de Rabicho deu um passo à frente, e a voz de Lúcio Malfoy falou por baixo da máscara:

– Meu amo, é grande o nosso desejo de saber... suplicamos que nos conte... como foi que o senhor conseguiu este... milagre... como conseguiu voltar para nós...

– Ah, que história extraordinária, Lúcio! – disse Voldemort. – E ela começa... e termina... com o meu jovem amigo aqui.

Ele caminhou descansadamente e parou ao lado de Harry, fazendo com que os olhos de todo o círculo se voltassem para os dois. A cobra continuava a rastejar em círculos.

– Vocês sabem, naturalmente, que muitos chamam este garoto de minha perdição! – disse Voldemort baixinho, os olhos fixos em Harry, cuja cicatriz começou a arder tão ferozmente que ele quase gritou de agonia. – Vocês todos sabem que na noite em que perdi meus poderes e o meu corpo, tentei matá-lo. A mãe dele morreu tentando salvá-lo, e, sem saber, o resguardou com uma proteção que, devo admitir, eu não havia previsto... Eu não pude tocar no rapaz.

Voldemort ergueu um longo dedo branco e levou-o até próximo do rosto de

Harry.

– A mãe deixou nele os vestígios do seu sacrifício... isto é magia antiga, de que eu devia ter me lembrado, foi uma tolice tê-la esquecido... mas isso não importa. Eu agora posso tocá-lo.

Harry sentiu a ponta fria do longo dedo branco tocá-lo, e pensou que sua cabeça ia explodir de dor.

Voldemort riu de mansinho na orelha do garoto, depois afastou o dedo e continuou a se dirigir aos Comensais da Morte.

– Eu calculei mal, meus amigos, admito. Minha maldição foi refratada pelo tolo sacrifício da mulher e ricocheteou contra mim. Ah... a dor que ultrapassa a dor, meus amigos; nada poderia ter me preparado para aquilo. Fui arrancado do meu corpo, me tornei menos que um espírito, menos que o fantasma mais insignificante... mas, ainda assim, continuei vivo. Em que me transformei, nem eu mesmo sei... eu que cheguei mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade. Vocês conhecem o meu objetivo, vencer a morte. E agora fui testado, e aparentemente uma, ou mais de uma, das minhas experiências foi bem-sucedida... pois eu não morri, embora a maldição devesse ter me matado. Contudo, fiquei tão impotente quanto a mais fraca criatura viva e sem meios de ajudar a mim mesmo... pois não possuía mais corpo, e qualquer feitiço que pudesse ter me ajudado exigia o uso da varinha...

"Só me lembro de me obrigar, sem dormir, sem cessar, segundo a segundo, a existir... fui morar em um lugar distante, numa floresta e esperei... certamente um dos meus fiéis Comensais da Morte tentaria me encontrar... um deles viria e realizaria por mim a mágica necessária para eu recuperar meu corpo... mas esperei em vão..."

O arrepio tornou a perpassar o círculo de atentos Comensais da Morte. Voldemort deixou o silêncio espiralar de modo terrível antes de prosseguir:

– Só me restara um poder. Eu podia me apossar do corpo de outros. Mas eu não me atrevia a ir aonde viviam muitos humanos, pois eu sabia que os aurores continuavam a viajar pelo exterior à minha procura. Por vezes eu habitava animais, as cobras, é claro, eram minhas preferidas, mas eu não ficava muito melhor dentro delas do que como puro espírito, porque seus corpos eram mal equipados para realizar mágicas... e apossar-me delas encurtava suas vidas; nenhuma delas sobreviveu muito tempo...

"Então... há quatro anos... os meios para o meu retorno me pareceram garantidos. Um bruxo, jovem, tolo e crédulo, cruzou o meu caminho na floresta em que eu vivia. Ah, ele parecia exatamente a chance com que eu sonhara... porque era professor na escola de Dumbledore... era dócil à minha vontade... e me trouxe de volta a este país e, pouco depois, me apoderei do seu corpo para

vigiá-lo de perto enquanto cumpria minhas ordens. Mas meu plano fracassou. Não consegui roubar a Pedra Filosofal. Não pude obter a vida eterna. Fui impedido... fui impedido, mais uma vez, por Harry Potter...”

Novamente o silêncio; nada se movia, nem mesmo as folhas do teixo. Os Comensais da Morte permaneceram muito quietos, os olhos cintilantes em suas máscaras fixos em Voldemort e Harry.

– Meu servo morreu quando abandonei seu corpo, e fiquei mais fraco do que jamais estive. Voltei ao meu esconderijo distante, e não vou fingir que não receei então que talvez jamais recuperasse meus poderes... sim, aquela talvez tenha sido a hora mais negra da minha vida... Eu não poderia esperar que caísse do céu outro bruxo para eu me apoderar... e já perdera as esperanças de que algum Comensal da Morte se importasse com o que me acontecera...

Uns dois bruxos mascarados no círculo se mexeram constrangidos, mas Voldemort não lhes deu a menor atenção.

– Então, há menos de um ano, quando eu praticamente abandonara toda esperança, aconteceu... um servo voltou para mim: o Rabicho aqui, que simulara a própria morte para fugir à justiça, foi forçado a se expor por aqueles que no passado tinham sido seus amigos, e resolveu voltar para o seu amo. Ele me procurou no campo onde houvera boatos de que eu estaria escondido... ajudado, naturalmente, pelos ratos que encontrou em seu caminho. Rabicho tem uma curiosa afinidade por ratos, não é mesmo, Rabicho? Seus imundos amiguinhos lhe contaram que havia um lugar, no meio de uma floresta albanesa que eles evitavam, onde pequenos animais como eles encontravam a morte pelas mãos de um vulto escuro que os possuía...

“Mas a viagem de regresso não correu tranquilamente para mim, não é, Rabicho? Certa noite, esfomeado, na orla da floresta em que esperava me encontrar, ele parou, tolamente, em uma estalagem para comer alguma coisa... e quem ele haveria de encontrar lá, se não Berta Jorkins, uma bruxa do Ministério da Magia?

“Agora vejam como o destino favorece Lorde Voldemort. Isto poderia ter sido o fim de Rabicho e da minha última chance de regeneração. Mas Rabicho – revelando uma presença de espírito que eu jamais esperaria dele – convenceu Berta Jorkins a acompanhá-lo em um passeio noturno. Ele a dominou... e a trouxe até mim. E Berta Jorkins, que poderia ter posto tudo a perder, em vez disso provou ser uma dádiva que superou as minhas expectativas mais extravagantes... pois, com um nadinha de persuasão, tornou-se uma verdadeira mina de informações.

“Ela me contou que este ano seria realizado um Torneio Tribruxo em Hogwarts. E que conhecia um Comensal da Morte fiel que teria muito prazer em

me ajudar, se eu o procurasse. Ela me contou muitas coisas... mas os meios que usei para romper o Feitiço da Memória que a dominava foram fortes, e depois que extraí dela toda informação útil, sua mente e seu corpo ficaram irrecuperavelmente danificados. Ela servira ao seu propósito. Mas eu não poderia me apossar do seu corpo. Descartei-a."

Voldemort sorriu, aquele sorriso medonho, seus olhos vermelhos vidrados e cruéis.

– O corpo de Rabicho, naturalmente, era pouco próprio para uma possessão, já que todos o presumiam morto e ele atrairia demasiada atenção se fosse visto. Contudo, era o servo fisicamente válido de que eu precisava. E, embora fosse um bruxo medíocre, foi capaz de seguir as instruções que lhe dei e que me devolveriam um corpo rudimentar e fraco porém meu, um corpo que eu poderia habitar enquanto esperava os ingredientes essenciais para uma verdadeira ressurreição... uns feitiços de minha própria invenção... uma ajudazinha de Nagini – os olhos de Voldemort se voltaram para a cobra que circulava a lápide sem parar –, uma poção feita com sangue de unicórnio, veneno de cobra fornecido por Nagini... e logo eu recuperei uma forma quase humana e suficientemente forte para viajar.

"Não havia mais esperanças de roubar a Pedra Filosofal, pois eu sabia que Dumbledore teria tomado providências para destruí-la. Mas eu estava disposto a abraçar mais uma vez a vida mortal antes de perseguir a imortal. Estabeleci objetivos mais modestos... aceitei ter o meu antigo corpo e a minha antiga força de volta.

"Eu sabia que para obter isso, que é uma velha peça de Magia Negra a poção que me reanimou hoje à noite, eu precisaria de três poderosos ingredientes. Bem, um deles já estava à mão, não é mesmo, Rabicho? A carne doada por um servo...

"O osso do meu pai, naturalmente, significava que eu teria que vir até aqui, onde ele estava enterrado. Mas o sangue de um inimigo... Rabicho queria que eu usasse um bruxo qualquer, não foi, Rabicho? Um bruxo qualquer que tivesse me odiado... como tantos ainda odeiam. Mas eu sabia do que precisava, se era para me reerguer mais poderoso do que tinha sido antes da queda. Eu queria o sangue de Harry Potter. Eu queria o sangue daquele que tinha me despojado do poder há treze anos, porque a proteção duradoura que a mãe dele tinha lhe dado circularia em minhas veias também...

"Mas como apanhar Harry Potter? Porque ele foi protegido muito mais do que acho que ele sabe, protegido de várias maneiras criadas por Dumbledore há muito tempo, quando recebeu o encargo de cuidar do futuro do garoto. Dumbledore invocou uma mágica antiga para garantir a proteção ao garoto enquanto estivesse aos cuidados dos parentes. Nem mesmo eu posso tocá-lo em

casa deles... depois, naturalmente houve a Copa Mundial de Quadribol... achei que a proteção dele enfraqueceria ali, longe dos parentes e de Dumbledore, mas eu ainda não estava suficientemente forte para tentar sequestrá-lo em meio a uma horda de bruxos do Ministério. Depois, o garoto retornaria a Hogwarts, onde vive debaixo do nariz torto daquele tolo, amante de trouxas, de manhã à noite. Então, como poderia capturá-lo?

"Ora... aproveitando as informações de Berta Jorkins, é claro. Usando o meu fiel Comensal da Morte, baseado em Hogwarts, para garantir que o nome do garoto fosse inscrito no Cálice de Fogo. Usando o meu Comensal da Morte para garantir que o garoto ganhasse o torneio – que tocasse a Taça Tribruxo primeiro, Taça que o meu Comensal da Morte havia transformado em uma Chave de Portal para trazê-lo aqui, longe do socorro e proteção de Dumbledore, até o aconchego dos meus braços abertos para recebê-lo. E aqui está ele... o garoto que vocês todos acreditaram que tinha sido minha ruína..."

Voldemort avançou lentamente e se virou para encarar Harry. Ergueu a varinha.

– *Crucio!*

Foi uma dor que superou qualquer coisa que Harry já sofrera; seus próprios ossos pareciam estar em fogo; sua cabeça, sem dúvida alguma, estava rachando ao longo da cicatriz, seus olhos giravam descontrolados em sua cabeça; ele queria que tudo terminasse... que perdesse os sentidos... morresse...

Então passou. Ele ficou pendurado nas cordas que o prendiam à lápide do pai de Voldemort, olhando aqueles brilhantes olhos vermelhos através de uma espécie de névoa. A noite ressoava com o estrépito das risadas dos Comensais da Morte.

– Estão vendo a tolice que foi vocês suporem que este garoto algum dia pudesse ser mais forte que eu? – ponderou Voldemort. – Mas eu não quero que reste nenhum engano na mente de ninguém. Harry Potter me escapou por pura sorte. E vou provar o meu poder matando-o, aqui e agora, diante de todos vocês, onde não há Dumbledore para ajudá-lo nem mãe para morrer por ele. Vou dar a Harry uma oportunidade. Ele poderá lutar, e vocês não terão mais dúvida alguma sobre qual de nós é mais forte. Espere mais um pouquinho Nagini – sussurrou ele, e a cobra se afastou, deslizando pelo capim, até o local em que os Comensais da Morte estavam parados observando.

"Agora, desamarre-o Rabicho, e devolva sua varinha."

— CAPÍTULO TRINTA E QUATRO —
Priori Incantatem

Rabicho aproximou-se de Harry, que tentou se aprumar para sustentar o corpo antes que as cordas fossem desamarradas. Rabicho ergueu a nova mão prateada, puxou o chumaço de pano que amordaçava Harry e então, com um único movimento, cortou as cordas que prendiam o garoto à lápide.

Houve talvez uma fração de segundo em que Harry poderia ter pensado em fugir, mas sua perna machucada estremeceu sob o peso do corpo quando ele firmou os pés no túmulo malcuidado, ao mesmo tempo que os Comensais da Morte cerraram fileiras, apertando o círculo em torno dele e de Voldemort, e os claros que seriam dos Comensais da Morte ausentes se fecharam. Rabicho saiu do círculo e foi até onde jazia o corpo de Cedrico, e voltou trazendo a varinha de Harry, que ele enfiou com brutalidade na mão do garoto sem sequer olhá-lo. Depois, Rabicho retomou seu lugar no círculo de comensais que observavam.

– Você aprendeu a duelar, Harry Potter? – perguntou Voldemort suavemente, seus olhos vermelhos brilhando no escuro.

Ao ouvir a pergunta Harry se lembrou, como se pertencesse a uma vida anterior, do Clube dos Duelos em Hogwarts que ele frequentara brevemente há dois anos... a única coisa que aprendera tinha sido o Feitiço para Desarmar, "*Expelliarmus*"... e de que adiantaria isso, mesmo que ele pudesse privar Voldemort de sua varinha, quando ele estava rodeado de Comensais da Morte e em desvantagem de, no mínimo, trinta a um? Ele jamais aprendera nada que o tivesse preparado minimamente para uma situação dessas. Sabia que estava enfrentando aquilo contra o qual Moody sempre o alertara... a Maldição *Avada Kedavra*, impossível de bloquear – e Voldemort tinha razão –, desta vez a mãe de Harry não estava ali para morrer por ele... não contava com proteção alguma...

– Nos cumprimentamos com uma curvatura, Harry – disse Voldemort, se

inclinando ligeiramente, mas mantendo o rosto de cobra erguido para Harry. – Vamos, as boas maneiras devem ser observadas... Dumbledore gostaria que você demonstrasse educação... curve-se para a morte, Harry...

Os Comensais da Morte deram novas gargalhadas. A boca sem lábios de Voldemort riu. Harry não se curvou. Não ia deixar o bruxo brincar com ele antes de matá-lo... não ia lhe dar essa satisfação...

– Eu disse, *curve-se* – repetiu Voldemort, erguendo a varinha, e Harry sentiu sua coluna se curvar como se uma mão enorme e invisível o empurrasse impiedosamente para a frente, e os Comensais da Morte se riram com mais gosto que nunca.

“Muito bem”, disse Voldemort suavemente, e quando ele baixou a varinha a pressão que empurrava Harry se aliviou também. “Agora você me enfrenta, como homem... de costas retas e orgulhoso, do mesmo modo que seu pai morreu...

“Agora... vamos ao duelo.”

O bruxo ergueu a varinha antes que Harry pudesse fazer alguma coisa para se defender, antes que pudesse sequer se mexer, e ele foi atingido pela Maldição *Cruciatus*. A dor foi tão intensa, e tão devoradora, que Harry já nem sabia onde estava... facas em brasa perfuravam cada centímetro de sua pele, sua cabeça, sem dúvida alguma, ia explodir de dor; ele gritava mais alto do que jamais gritara na vida...

Então tudo parou. Harry se virou e tentou ficar em pé; tremeu descontrolado, como fizera Rabicho quando decepara a própria mão; cambaleou para os lados na direção dos Comensais da Morte ao redor, e eles o empurraram de volta a Voldemort.

– Uma pequena pausa – disse o bruxo, as narinas de cobra se dilatando de excitação –, uma pequena pausa... isso doeu, não foi, Harry? Você não quer que eu faça isso outra vez, quer?

Harry não respondeu. Ia morrer como Cedrico, era o que aqueles olhos vermelhos e cruéis estavam lhe dizendo... ia morrer, e não havia nada que pudesse fazer para evitá-lo... mas não ia facilitar. Não ia obedecer a Voldemort... não ia suplicar...

– Perguntei se quer que eu faça isso outra vez – disse Voldemort gentilmente. – Responda! *Imperio!*

E Harry teve, pela terceira vez em sua vida, a sensação de que todos os pensamentos tinham se apagado de sua mente... ah, foi uma felicidade, não pensar, foi como se estivesse flutuando, sonhando... *ape nas responda “não”... diga “não”... apenas responda “não”...*

Não direi, falou uma voz mais forte no fundo de sua cabeça, não responderei...

Apenas responda “não”...

Não vou responder, não vou dizer isso...

Apenas responda “não”...

– NÃO VOU RESPONDER!

E essas palavras explodiram da boca de Harry; ecoaram pelo cemitério, e o estado onírico em que mergulhara se dissolveu repentinamente como se tivessem lhe atirado um balde de água fria – renovaram-se as dores que a Maldição *Cruciatus* deixa ra por todo o seu corpo –, renovou-se a consciência de onde estava, do que estava enfrentando...

– Não vai? – disse Voldemort suavemente, e agora os Comensais da Morte não estavam rindo. – Não vai dizer “não”? Harry, a obediência é uma virtude que preciso lhe ensinar antes de você morrer... talvez mais uma dosezinha de dor?

Voldemort ergueu a varinha, mas desta vez Harry estava preparado; com os reflexos nascidos da prática de quadribol, ele se atirou para um lado no chão; rolou para trás da lápide de mármore do pai de Voldemort e a ouviu rachar quando o feitiço errou o alvo.

– Não estamos brincando de esconde-esconde, Harry – disse a voz suave e fria de Voldemort, aproximando-se, enquanto os Comensais da Morte riam. – Você não pode se esconder de mim. Será que isso significa que já se cansou do nosso duelo? Será que significa que você prefere que eu o encerre agora, Harry? Saia daí, Harry... saia e venha brincar, então... será rápido... talvez até indolor... Eu não saberia dizer... eu nunca morri...

Harry continuou agachado atrás da lápide e percebeu que chegara o seu fim. Não havia esperança... nenhuma ajuda de ninguém. Quando ouviu Voldemort chegar ainda mais perto, ele soube apenas uma coisa que transcendeu o medo e a razão – ele não ia morrer agachado ali como uma criança brincando de esconde-esconde; não ia morrer ajoelhado aos pés de Voldemort... ia morrer de pé como seu pai, e ia morrer tentando se defender, mesmo que não houvesse defesa alguma possível...

Antes que Voldemort pudesse meter a cara viperina atrás da lápide, Harry se levantou... agarrou a varinha com força, empunhou-a à frente e saiu rápido de trás da lápide para encarar Voldemort.

O bruxo estava pronto. Quando Harry gritou “*Expelliarmus!*”, Voldemort gritou “*Avada Kedavra!*”.

Um jorro de luz verde saiu da varinha de Voldemort na mesma hora em que um jorro de luz vermelha disparou da de Harry – e os dois se encontraram no ar –, e de repente, a varinha de Harry começou a vibrar como se uma descarga elétrica estivesse entrando por ela; sua mão estava presa à varinha; ele não teria podido soltá-la se quisesse – e um fino feixe de luz agora ligava as duas

varinhas, nem vermelha nem verde, mas um dourado intenso e rico –, e Harry, acompanhando o feixe com o olhar espantado, viu que os dedos longos e brancos de Voldemort também agarravam uma varinha que sacudia e vibrava.

E então – nada poderia ter preparado Harry para isso – ele sentiu seus pés se elevarem do chão. Ele e Voldemort estavam sendo erguidos no ar, as varinhas ainda ligadas por aquele fio de luz dourada e tremeluzente. Os dois estavam se afastando do túmulo do pai de Voldemort e por fim pousaram num trecho de terreno limpo e sem túmulos... Os Comensais da Morte gritavam, pedindo instruções a Voldemort; se aproximavam e se reagrupavam em um círculo em volta dos dois, a cobra em seus calcanhares, alguns bruxos sacando as varinhas...

O fio dourado que ligava Harry e Voldemort se fragmentou: embora as varinhas continuassem ligadas, mil outros fios brotaram e formaram um arco sobre os dois, e foram se entrecruzando a toda volta, até encerrá-los em uma teia dourada como uma redoma, uma gaiola de luz, para além da qual os Comensais da Morte rondavam como chacais, seus gritos estranhamente abafados...

– Não façam nada! – gritou Voldemort para os Comensais da Morte, e Harry viu os olhos vermelhos do bruxo se arregalarem para o que estava acontecendo, viu-o lutar para romper o fio de luz que continuava ligando sua varinha à de Harry; o garoto apertou a varinha com mais força, com as duas mãos, e o fio dourado continuou inteiro. – Não façam nada a não ser que eu mande! – gritou Voldemort para os Comensais da Morte.

Então um som belo e sobrenatural encheu o ar... vinha de cada fio de luz da teia que vibrava em torno de Harry e Voldemort. Era um som que o garoto reconhecia, embora só o tivesse ouvido uma vez na vida... a canção da fênix...

Era o som da esperança para Harry... o mais belo e mais bem-vindo que ele já ouvira na vida... o garoto teve a sensação de que o som estava dentro dele e não apenas à sua volta... era o som que ele associava a Dumbledore, e era quase como se um amigo estivesse falando em seu ouvido...

Não rompa a ligação.

Eu sei, Harry disse à música, eu sei que não devo... mas mal acabara de dizer isso, e a coisa se tornou muito mais difícil de fazer. Sua varinha começou a vibrar mais violentamente do que antes... e agora o fio de luz entre ele e Voldemort mudou também... era como se grandes contas de luz estivessem deslizando para a frente e para trás no fio que ligava as varinhas – Harry sentiu a sua estremecer com força, quando as contas de luz começaram a deslizar lenta e continuamente em sua direção... agora o movimento do feixe de luz vinha de Voldemort para ele, e ele sentiu a varinha vibrar de indignação...

Quando a conta de luz mais à frente se aproximou da ponta da varinha de Harry, a madeira em seus dedos esquentou de tal forma que o garoto receou que

ela fosse romper em chamas. Quanto mais perto chegava a conta, mais violentamente a varinha de Harry vibrava; ele tinha certeza de que sua varinha não sobreviveria a um contato direto com a conta; ela parecia prestes a se esfacelar sob seus dedos...

Harry concentrou cada partícula de sua mente em obrigar a conta a voltar para Voldemort, seus ouvidos tomados pela canção da fênix, seus olhos furiosos, fixos... e lentamente, muito lentamente, as contas estremeceram e pararam, e em seguida, de forma igualmente lenta, começaram a se deslocar para o lado oposto... e foi a varinha de Voldemort que começou a vibrar com muita violência... Voldemort que parecia perplexo e quase temeroso...

Uma das contas de luz estremecia a centímetros da ponta da varinha de Voldemort. Harry não entendia por que estava fazendo aquilo, não sabia o que obteria... mas começou a se concentrar, como nunca fizera na vida, em forçar aquela conta de luz a voltar à varinha de Voldemort... e lentamente... muito lentamente... ela foi se deslocando pelo fio dourado... estremeceu por um momento... e então fez contato...

Na mesma hora, a varinha de Voldemort começou a emitir gritos ressonantes de dor... depois... os olhos vermelhos do bruxo se arregalaram de choque – uma mão, densa e fumegante voou da ponta da varinha e desapareceu... o fantasma da mão que ele fizera para Rabicho... mais gritos de dor... e então algo muito maior começou a brotar da ponta da varinha de Voldemort, algo imenso e acinzentado, algo que parecia ser feito da mais sólida e densa fumaça... era uma cabeça, depois um peito e os braços... o tronco de Cedrico Diggory.

Se em algum momento Harry pudesse ter soltado a varinha de susto, teria sido então, mas o instinto o fez continuar segurando-a com força, de modo que o fio de luz dourada permaneceu intacto, embora o fantasma cinzento e denso de Cedrico Diggory (*seria* um fantasma? Parecia tão sólido) emergisse em sua inteireza da ponta da varinha de Voldemort, como se estivesse se espremendo para fora de um túnel muito estreito... e esta sombra de Cedrico ficou em pé e examinou o fio de luz dourada de uma ponta a outra e falou:

– Aguenta firme, Harry.

Era uma voz distante como um eco, Harry olhou para Voldemort... os olhos vermelhos e arregalados do bruxo ainda expressavam choque... tal qual Harry, ele não esperara uma coisa daquelas... e, muito indistintamente, Harry ouviu os gritos amedrontados dos Comensais da Morte, rodeando a redoma dourada...

Novos gritos de dor da varinha... então mais uma coisa surgiu em sua ponta... a sombra densa de uma segunda cabeça, rapidamente seguida de braços e tronco... um velho que Harry vira uma vez em sonho tentava agora sair da ponta da varinha do mesmo modo que Cedrico o fizera... e seu fantasma, ou sua

sombra, ou o que fosse, caiu ao lado do de Cedrico, examinou Harry e Voldemort, a teia dourada e as varinhas que se tocavam, levemente surpreso, apoiando-se em uma bengala...

– Então ele era um bruxo de verdade? – perguntou o velho, com os olhos em Voldemort. – Me matou, esse aí... enfrenta ele, moleque...

Mas já, outra cabeça vinha surgindo... e esta, grisalha como uma estátua de fumaça, era de uma mulher... Harry, os dois braços trêmulos com o esforço para manter a varinha parada, viu a mulher cair ao chão e se aprumar como tinham feito os outros, examinando tudo com atenção...

A sombra de Berta Jorkins contemplou a luta diante dela de olhos arregalados.

– Não solte! – exclamou, e sua voz ecoou como a de Cedrico, como se viesse de muito longe. – Não deixe ele pegar você, Harry, não solte a varinha!

Ela e as outras duas sombras começaram a rodear as paredes da teia dourada ao mesmo tempo que os Comensais da Morte se moviam rapidamente pelo lado de fora... e, enquanto rodeavam os duelistas, as vítimas de Voldemort sussurravam palavras de estímulo a Harry e sibilavam outras, que Harry não podia ouvir, para Voldemort.

Agora, outra cabeça vinha emergindo da ponta da varinha do bruxo... e Harry soube, ao vê-la, quem seria... ele sabia, como se esperasse isso desde o momento em que Cedrico saíra da varinha... soube porque a mulher que apareceu era aquela em quem ele pensara mais do que em qualquer outra pessoa esta noite...

A sombra esfumaçada de uma mulher jovem de cabelos longos caiu no chão como fizera Berta, se endireitou e olhou para ele... e Harry, com os braços tremendo loucamente agora, retribuiu o olhar do rosto fantasmagórico de sua mãe.

– Seu pai está vindo... – disse ela baixinho. – Ele quer ver você... vai dar tudo certo... aguente firme...

E ele veio... primeiro a cabeça, depois o corpo... alto, os cabelos rebeldes como os de Harry, a sombra esfumaçada de Tiago Potter brotou da ponta da varinha de Voldemort, caiu ao chão e se levantou como havia feito sua mulher. Ele se aproximou de Harry, fitando o filho, e falou na mesma voz distante e ressonante como os demais, mas em tom baixo, de modo que Voldemort, agora com o rosto lívido de medo ao ver suas vítimas a rodeá-lo, não pudesse ouvir...

– Quando a ligação for interrompida, permaneceremos apenas uns momentos... mas vamos lhe dar tempo... você precisa chegar à Chave de Portal, ela o levará de volta a Hogwarts... entendeu, Harry?

– Entendi – ofegou Harry; lutando para manter firme a varinha, que agora começava a escapar e a escorregar sob seus dedos.

– Harry... – sussurrou a figura de Cedrico – por favor, leva o meu corpo com

você? Leva o meu corpo para os meus pais...
– Levo – prometeu Harry, seu rosto contraído com o esforço de aguentar a varinha.
– Faça isso agora – sussurrou seu pai. – Prepare-se para correr... faça isso agora...
– AGORA! – berrou Harry; de qualquer modo, ele não achava que pudesse continuar segurando a varinha nem mais um instante, ergueu-a no ar, com um puxão violento, e o fio dourado se rompeu; a gaiola de luz desapareceu, a música da fênix silenciou, mas as sombras das vítimas de Voldemort não desapareceram, avançaram para o bruxo, escudando Harry do seu olhar...
E Harry correu como nunca correra na vida, derrubando dois Comensais da Morte abobados ao passar; depois ziguezagueou por trás de lápides, sentindo maldições acompanharem-no, ouvindo-as bater nas lápides – evitou maldições e túmulos, correndo em direção ao corpo de Cedrico, sem sequer sentir a perna doer, todo o seu ser se concentrando no que precisava fazer...
– *Estupore-o!* – ele ouviu Voldemort gritar.
A dez passos de Cedrico, Harry mergulhou atrás de um anjo de mármore para evitar os jorros de luz vermelha e viu a ponta da asa do anjo desmoronar ao ser atingida pelos feitiços. Apertando com mais força a varinha, ele saiu ligeiro de trás do anjo...
– *Impedimenta!* – berrou ele, apontando a varinha de qualquer jeito por cima do ombro na direção geral dos Comensais da Morte que corriam em seu encalço.
Por um grito abafado que ouviu, ele achou que conseguira fazer parar pelo menos um, mas não havia tempo para se deter e olhar; ele saltou por cima da Taça e mergulhou ao ouvir mais explosões saírem das varinhas às suas costas; mais jorros de luz voaram por cima de sua cabeça quando ele caiu, esticando a mão para agarrar o braço de Cedrico...
– Afastem-se! Eu o matarei! Ele é meu! – gritou a voz aguda de Voldemort.
A mão de Harry se fechou no pulso de Cedrico; havia uma lápide entre ele e Voldemort, mas Cedrico era demasiado pesado para carregar, e a Taça estava fora do seu alcance...
Os olhos vermelhos de Voldemort chispavam no escuro. Harry viu a boca do bruxo se crispar num sorriso e viu-o erguer a varinha.
– *Accio!* – berrou Harry, apontando a própria varinha para a Taça Tribruxo.
A Taça voou pelo ar em sua direção – Harry agarrou-a pela asa...
Ele ouviu o grito de fúria de Voldemort no mesmo instante em que sentiu o solavanco no umbigo que significava que a Chave de Portal fora acionada... ele se afastou em alta velocidade num turbilhão de vento e cor, levando Cedrico junto... os dois estavam voltando...

— CAPÍTULO TRINTA E CINCO —

Veritaserum

Harry sentiu que caía chapado no chão; seu rosto comprimiu a grama, cujo cheiro invadiu suas narinas. Ele fechara os olhos enquanto a Chave de Portal o transportava, e os mantinha fechados até aquele momento. Não se mexeu. Todo o ar parecia ter sido expulso dos seus pulmões; sua cabeça rodava tanto que ele sentia o chão balançar sob seu corpo como se fosse o convés de um navio. Para se firmar, apertou com mais força as duas coisas que continuava a segurar – a asa lisa e fria da Taça Tribruxo e o corpo de Cedrico. Tinha a sensação de que ia deslizar para a escuridão que se formava na periferia do seu cérebro se largasse qualquer das duas. O choque e a exaustão o mantiveram no chão, inspirando o cheiro de grama, esperando... esperando que alguém fizesse alguma coisa... que alguma coisa acontecesse... e, todo o tempo, sua cicatriz ardia surdamente em sua testa...

Uma enxurrada de sons o ensurdeceu e confundiu, havia vozes por toda parte, passos, gritos... ele continuou onde estava, o rosto contraído contra o barulho, como se aquilo fosse um pesadelo que ia passar...

Então duas mãos o agarraram com uma certa violência e o viraram de barriga para cima.

– Harry! *Harry!*

O garoto abriu os olhos.

Estava olhando para o céu estrelado e Alvo Dumbledore se debruçava sobre ele. As sombras escuras das pessoas que se aglomeravam ao seu redor se aproximavam; Harry sentiu o chão sob sua cabeça vibrar com a aproximação dos seus passos.

Ele voltara ao exterior do labirinto. Via as arquibancadas no alto, os vultos das pessoas que se movimentavam nelas, as estrelas no céu.

Harry largou a Taça, mas segurou Cedrico mais junto dele e com mais força.

Ergueu a mão livre e agarrou o pulso de Dumbledore, enquanto o rosto do bruxo saía de foco e tornava a entrar.

– Ele voltou – sussurrou Harry. – Ele voltou. Voldemort.

– Que está acontecendo? Que está acontecendo?

O rosto de Cornélio Fudge apareceu invertido sobre Harry; parecia pálido e perplexo.

– Meu Deus, Diggory! – murmurou. – Dumbledore, ele está morto!

Essas palavras foram repetidas, as sombras que se comprimiam ao redor deles as exclamaram para as mais próximas... depois outras as gritaram – guincharam – para a noite "Ele está morto!", "Ele está *morto*!", "Cedrico Diggory! *Morto!*".

– Harry, solte-o – ele ouviu Fudge dizer, e sentiu dedos que tentavam forçar os seus a se abrirem para soltar o corpo inerte de Cedrico, mas Harry resistiu.

Então o rosto de Dumbledore, que continuava borrado e difuso, se aproximou.

– Harry, você não pode mais ajudá-lo. Terminou. Solte-o.

– Ele queria que eu o trouxesse de volta – murmurou Harry, pareceu-lhe importante explicar isso. – Ele queria que eu o trouxesse de volta para os pais...

– Certo, Harry... agora solte-o...

Dumbledore se curvou e, com uma força extraordinária para um homem tão velho e magro, ergueu Harry do chão e o pôs de pé. Harry oscilou. Sua cabeça latejava com força. Sua perna machucada não queria mais sustentar o seu peso. As pessoas aglomeradas ao redor se acotovelavam, tentando chegar mais próximo, empurrando sombriamente – "Que foi que houve?", "Que aconteceu com ele?", "*Diggory está morto!*".

– Ele precisa ir para a ala hospitalar! – dizia Fudge em voz alta. – Ele está mal, está ferido, Dumbledore, os pais de Diggory estão aqui, estão nas arquibancadas...

– Eu levo Harry, Dumbledore, eu o levo...

– Não, eu prefiro...

– Dumbledore, Amos Diggory está correndo... está vindo para cá... você não acha que deve lhe contar... antes que ele veja...?

– Harry, fique aqui...

Garotas gritavam, soluçavam, histéricas... a cena lampejava estranhamente diante dos olhos de Harry...

– Está tudo bem, filho, estou com você... vamos... ala hospitalar...

– Dumbledore disse para eu ficar – disse Harry com a fala pastosa, a palpitação na cicatriz fazendo-o sentir vontade de vomitar; sua visão mais borrada que nunca.

– Você precisa se deitar... vamos, agora...

Alguém maior e mais forte do que ele, meio que o puxou, meio que o

carregou entre os espectadores assustados; Harry ouvia as pessoas exclamarem, gritarem e berrarem à medida que o homem que o segurava abria caminho por elas, levando o garoto para o castelo. Atravessaram o gramado, passaram o lago e o navio de Durmstrang; Harry não ouvia nada, exceto a respiração ruidosa do homem que o ajudava a caminhar.

– Que aconteceu, Harry? – perguntou o homem finalmente, erguendo-o para galgar os degraus de pedra da entrada. *Toque. Toque. Toque*. Era Olho-Tonto Moody.

– A Taça era uma Chave de Portal – disse Harry ao atravessarem o saguão de entrada. – Nos levou para um cemitério... e Voldemort estava lá... Lorde Voldemort...

Toque. Toque. Toque. Escadaria de mármore acima...

– O Lorde das Trevas estava lá? Que aconteceu depois?

– Matou Cedrico... mataram Cedrico...

– E então?

Toque. Toque. Toque. Pelo corredor...

– Preparou uma poção... recuperou o corpo dele...

– O Lorde das Trevas recuperou o corpo? Ele voltou?

– E os Comensais da Morte vieram... depois nós duelamos...

– Você duelou com o Lorde das Trevas?

– Escapei... minha varinha... fez uma coisa engraçada... vi meu pai e minha mãe... eles saíram da varinha dele...

– Aqui dentro, Harry... aqui dentro, e sente-se... você vai ficar bom agora... beba isso...

Harry ouviu uma chave girar na fechadura e sentiu que empurravam um copo em suas mãos.

– Beba isso... você vai se sentir melhor... vamos Harry, preciso saber exatamente o que aconteceu...

Moody ajudou a virar a poção na boca de Harry; o garoto tossiu, um gosto apimentado queimou sua garganta. A sala de Moody entrou em foco, bem como o próprio Moody... ele parecia tão pálido quanto Fudge, e seus dois olhos estavam fixos, sem piscar, no rosto de Harry.

– Voldemort voltou, Harry? Você tem certeza de que voltou? Como foi que ele fez isso?

– Ele apanhou uma coisa no túmulo do pai dele, depois do Rabicho e de mim. – Sua cabeça estava clareando; sua cicatriz já não doía tanto; agora conseguia ver o rosto de Moody nitidamente, embora a sala estivesse escura. Ainda se ouviam berros e gritos vindos do distante campo de quadribol.

– Que foi que o Lorde das Trevas tirou de você? – perguntou Moody.

– Sangue – respondeu Harry erguendo o braço. A manga estava rasgada no lugar em que o punhal de Rabicho a cortara.
Moody deixou escapar um assobio longo e baixo.
– E os Comensais da Morte? Voltaram?
– Voltaram. Montes deles...
– Como foi que ele os tratou? – perguntou Moody baixinho. – Ele lhes perdoou?
Mas Harry de repente se lembrou. Devia ter contado a Dumbledore, devia ter dito logo de saída...
– Tem um Comensal da Morte em Hogwarts! Tem um Comensal da Morte aqui, ele pôs o meu nome no Cálice de Fogo, certificou-se de que eu chegasse até o fim...
Harry tentou se levantar, mas Moody o obrigou a sentar-se outra vez.
– Eu sei quem é o Comensal da Morte – disse ele em voz baixa.
– Karkaroff? – disse Harry agitado. – Onde é que ele está? O senhor o pegou? Ele está preso?
– Karkaroff? – disse Moody com uma risada estranha. – Karkaroff fugiu esta noite, quando sentiu a Marca Negra arder no braço. Ele traiu um número grande demais de seguidores fiéis do Lorde das Trevas para querer reencontrá-los... mas duvido que chegue muito longe. O Lorde das Trevas tem maneiras de seguir seus inimigos.
– Karkaroff *foi embora*? Fugiu? Mas então... ele não pôs o meu nome no Cálice de Fogo?
– Não – disse Moody lentamente. – Não, não pôs. Fui eu quem pôs.
Harry ouviu, mas não acreditou.
– Não, o senhor não pôs. O senhor não fez isso... não pode ter feito...
– Garanto a você que fiz – disse Moody e seu olho mágico deu uma volta completa e se fixou na porta, e Harry percebeu que ele estava se certificando de que não havia ninguém do lado de fora. Ao mesmo tempo, Moody puxou a varinha e apontou-a para o garoto.
“E ele lhes perdoou, então? Os Comensais da Morte continuaram livres? Os que escaparam de Azkaban?”
– Quê? – exclamou Harry.
Ele olhou a varinha que Moody apontava para ele. Aquilo era uma piada de mau gosto, tinha que ser.
– Eu lhe perguntei – disse Moody calmamente – se ele perdoou a ralé que jamais foi procurá-lo. Aqueles traidores covardes que sequer arriscaram ser mandados para Azkaban por ele. Os porcos desleais e imprestáveis que tiveram coragem suficiente para desfilar de máscaras na Copa Mundial de Quadribol,

mas fugiram ao ver a Marca Negra quando eu a projetei no céu.
– *O senhor* projetou... do que é que o senhor está falando...?
– Eu já lhe disse, Harry... Eu já lhe disse. Se tem uma coisa que eu detesto mais no mundo é um Comensal da Morte que foi absolvido. Viraram as costas ao meu amo quando ele mais precisava deles. Eu esperei que ele os castigasse. Esperei que ele os torturasse. Me diga que ele os machucou, Harry... – O rosto de Moody se iluminou de repente com um sorriso demente. – Me diga que ele disse a todos que eu, somente eu, permaneci fiel... preparado para arriscar tudo para entregar em suas mãos o que ele mais queria... *você*.
– O senhor não fez... isso, não pode ser o senhor...
– Quem pôs o seu nome no Cálice de Fogo com o nome de uma escola diferente? Fui eu, sim. Quem afugentou cada pessoa que julguei que poderia machucá-lo ou impedir que você ganhasse o torneio? Fui eu, sim. Quem encorajou Hagrid a lhe mostrar os dragões? Fui eu, sim. Quem fez você ver a única maneira de vencer o dragão? *Fui eu, sim*.
O olho mágico de Moody se desviou então da porta. Fixou-se em Harry. Sua boca torta ria mais desdenhosa e abertamente que nunca.
– Não foi fácil, Harry, orientá-lo durante aquelas tarefas sem despertar suspeitas. Tive de usar cada grama de astúcia que possuo para não deixar transparecer o meu dedo no seu sucesso. Dumbledore teria ficado desconfiadíssimo se você conseguisse tudo com muita facilidade. Desde que você entrasse no labirinto, de preferência com uma boa dianteira, então, eu sabia que teria uma chance de me livrar dos outros campeões e deixar o seu caminho desimpedido. Mas tive também de lutar contra a sua burrice. A segunda tarefa... foi a que tive mais medo que você fracassasse. Eu fiquei vigiando-o, Potter. Eu sabia que você não tinha decifrado a pista do ovo, por isso tive que lhe dar mais uma sugestão...
– O senhor não deu – disse Harry rouco. – Cedrico me deu a pista...
– Quem disse a Cedrico para abrir o ovo dentro da água? Fui eu. Confiei que ele passaria a informação a você. Gente decente é tão fácil de manipular, Potter. Eu tinha certeza de que Cedrico iria querer retribuir o favor de tê-lo informado sobre os dragões, e foi o que ele fez. Mas, mesmo assim, Potter, parecia que você ia fracassar. Fiquei vigiando-o o tempo todo... todas aquelas horas na biblioteca. Você não percebeu que o livro de que precisava estava no seu dormitório o tempo todo? Eu o coloquei lá mais cedo, dei-o ao garoto Longbottom, não se lembra? *Plantas mediterrâneas e suas propriedades mágicas*. Ele teria lhe informado tudo que você precisava saber sobre o guelricho. Eu esperava que você pedisse ajuda a qualquer um e a todos. Longbottom teria lhe dito na mesma hora. Mas você não pediu... você não pediu... você tem um traço de orgulho e

independência que poderia ter estragado tudo.

"Então o que é que eu podia fazer? Mandar-lhe a informação por intermédio de outra fonte inocente. Você me contou no Baile de Inverno que um elfo doméstico, chamado Dobby, lhe dera um presente de Natal. Eu chamei o elfo à sala dos professores para apanhar umas vestes para lavar. Encenei uma conversa em voz alta com a Profª McGonagall sobre os reféns que seriam usados na tarefa e se Potter pensaria em comer guelricho. E o seu amiguinho elfo correu direto para o armário de Snape e foi depressa procurar você..."

A varinha de Moody continuava apontada diretamente para o coração de Harry. Por cima do ombro do professor, sombras indistintas se moviam no Espelho-de-Inimigos pendurado na parede.

– Você ficou tanto tempo no lago, Potter, que eu pensei que tinha se afogado. Mas, por sorte, Dumbledore tomou a sua burrice por nobreza e lhe deu uma nota alta. Eu respirei mais uma vez aliviado.

"Esta noite, você teve uma tarefa mais fácil no labirinto do que deveria, é claro", disse Moody. "Isto foi porque eu estava patrulhando do lado de fora, e podia ver as sebes mais externas, e pude destruir muitos obstáculos no seu caminho. Eu estuporei Fleur Delacour quando ela passou. Lancei a Maldição *Imperius* em Krum para ele acabar com Diggory e deixar o seu caminho livre até a Taça."

Harry encarava Moody. Não conseguia entender como podia ser aquilo... o amigo de Dumbledore, o famoso auror... aquele que capturara tantos Comensais da Morte... não fazia sentido... nem um pingo...

As sombras no Espelho-de-Inimigos se acentuavam, se tornando mais nítidas. Harry via, por cima do ombro de Moody, o contorno de três pessoas, que se aproximavam cada vez mais. Mas o professor não as vigiava. Seu olho mágico estava fixo em Harry.

– O Lorde das Trevas não conseguiu matá-lo, Potter, e ele queria *tanto*! – sussurrou Moody. – Imagine a recompensa que me dará, quando descobrir que fiz isso por ele. Entreguei-o a ele, a coisa de que ele mais precisava para se regenerar, e depois matei-o para ele. Vou receber mais honrarias do que todos os outros Comensais da Morte. Serei seu seguidor mais querido, mais chegado... mais próximo do que um filho...

O olho normal de Moody estava esbugalhado, o olho mágico fixo em Harry. A porta continuava trancada e Harry sabia que jamais pegaria a própria varinha a tempo...

– O Lorde das Trevas e eu – disse Moody, e agora parecia completamente enlouquecido, agigantando-se sobre Harry, olhando-o com desdém – temos muito em comum. Nós dois, por exemplo, tivemos pais que nos desapontaram

muito... muito mesmo. Nós dois sofremos a indignidade, Harry, de receber o nome desses pais. E nós dois tivemos o prazer... o imenso prazer... de matar nossos pais para garantir a ascensão contínua da Ordem das Trevas!

– O senhor enlouqueceu – disse Harry, o garoto não conseguiu se conter –, o senhor enlouqueceu!

– Enlouqueci, eu? – a voz de Moody se alteou descontrolada. – Veremos! Veremos quem enlouqueceu, agora que o Lorde das Trevas voltou, comigo ao seu lado! Ele voltou, Harry Potter, você não o derrotou, e agora, eu derroto você!

Moody ergueu a varinha, abriu a boca, Harry mergulhou a mão nas vestes...

– *Estupefaça!* – Houve um lampejo ofuscante de luz vermelha, e, com grande fragor de madeira estilhaçada, a porta da sala de Moody rachou ao meio...

Moody foi atirado de costas ao chão. Harry, ainda fitando o lugar em que estivera o rosto de Moody, viu Alvo Dumbledore, o Prof. Snape e a Profª McGonagall mirando-o do Espelho-de-Inimigos. O garoto virou-se para os lados e viu os três parados à porta, o diretor à frente, a varinha em punho.

Naquele momento, Harry compreendeu totalmente, pela primeira vez, por que as pessoas diziam que Dumbledore era o único bruxo que Voldemort temia. A expressão no rosto dele quando olhou para a forma inconsciente de Olho-Tonto Moody era mais terrível do que Harry poderia jamais imaginar. Não havia sorriso bondoso no rosto do diretor, não havia cintilação nos olhos atrás dos óculos. Havia uma fúria gelada em cada ruga daquele rosto velho; ele irradiava uma aura de poder como se Dumbledore desprendesse um calor de brasas vivas.

O diretor entrou na sala, enfiou um pé sob o corpo inconsciente de Moody e virou-o de barriga para cima, de modo que seu rosto ficasse visível. Snape entrou em seguida, olhando o Espelho-de-Inimigos, no qual seu próprio rosto ainda era visível, examinando a sala.

A Profª McGonagall dirigiu-se imediatamente a Harry.

– Vamos, Potter – sussurrou ela. A linha fina de seus lábios tremia como se ela estivesse à beira das lágrimas. – Vamos... ala hospitalar...

– Não – disse Dumbledore energicamente.

– Dumbledore, ele precisa, olhe só para ele, já sofreu bastante esta noite...

– Ele fica, Minerva, porque precisa compreender – respondeu o diretor secamente. – Compreender é o primeiro passo para aceitar, e somente aceitando ele pode se recuperar. Precisa saber o que o fez passar pela provação desta noite e o porquê.

– Moody – disse Harry. Ele continuava num estado da mais completa descrença. – Como pode ter sido Moody?

– Este não é Alastor Moody – disse Dumbledore em voz baixa. – Você jamais

conheceu Alastor Moody. O verdadeiro Moody não teria retirado você das minhas vistas depois do que aconteceu hoje à noite. No instante em que ele o levou, eu compreendi, e o segui.

Dumbledore se curvou para a forma inerte de Moody e meteu a mão nas vestes do bruxo. Tirou o frasco de bolso de Moody e uma penca de chaves numa argola. Depois se voltou para a Profª McGonagall e Snape.

– Severo, por favor, vá buscar a Poção da Verdade mais forte que você tiver, depois vá à cozinha e me traga aqui o elfo doméstico chamado Winky. Minerva, por favor, desça à casa de Hagrid, onde você encontrará um enorme cão preto sentado no canteiro de abóboras. Leve o cão ao meu escritório, diga-lhe que irei vê-lo daqui a pouco, depois volte aqui.

Se Snape ou Minerva acharam essas instruções estranhas, eles ocultaram sua confusão. Os dois se viraram na mesma hora e saíram da sala. Dumbledore aproximou-se do malão com as sete fechaduras, enfiou a primeira chave na fechadura e abriu-o. O malão continha uma profusão de livros de feitiços. Em seguida o diretor fechou-o, enfiou a segunda chave na segunda fechadura e tornou a abrir o malão. Os livros de feitiços haviam desaparecido; desta vez o malão continha uma variedade de bisbilhoscópios, algumas folhas de pergaminho e penas, e algo que lembrava uma Capa da Invisibilidade. Harry observou, espantado, Dumbledore enfiar a terceira, quarta, quinta e sexta chaves nas fechaduras e reabrir o malão que, a cada vez, revelava conteúdos diferentes. Por fim, enfiou a sétima chave na fechadura, escancarou a tampa e Harry deixou escapar um grito de assombro.

O garoto deparou com uma espécie de poço, uma sala subterrânea e, deitado no chão, bem um metro abaixo, aparentemente em sono profundo, magro e de aparência faminta, encontrava-se o verdadeiro Olho-Tonto Moody. Faltava-lhe a perna de pau, e a órbita em que deveria estar o olho mágico parecia vazia sob a pálpebra e lhe faltavam chumaços de cabelos grisalhos. Harry correu os olhos arregalados e perplexos do Moody que dormia no malão para o Moody inconsciente caído no chão da sala.

Dumbledore entrou no malão, desceu o corpo e caiu de leve no chão ao lado do Moody adormecido. Curvou-se para ele.

– Estuporado, controlado pela Maldição *Imperius*, muito fraco – disse. – Naturalmente, precisariam mantê-lo vivo. Harry me atire a capa do impostor, Alastor está congelando. Madame Pomfrey precisará examiná-lo, mas ele não parece correr perigo imediato.

Harry fez o que o diretor lhe pediu; Dumbledore cobriu Moody com a capa, prendeu-a em volta do corpo do bruxo e tornou a sair do malão. Em seguida apanhou o frasco de bolso que estava sobre a escrivaninha, tirou a tampa e virou-

o. Um líquido espesso e viscoso se espalhou pelo chão da sala.
– Poção Polissuco, Harry. Vê a simplicidade e a genialidade da coisa. Porque Moody jamais bebe nada a não ser do frasco de bolso, todo mundo sabe disso. O impostor precisou, é claro, manter o verdadeiro Moody por perto para poder continuar a preparar a poção. Está vendo os cabelos dele... – Dumbledore olhou para o Moody no malão. – O impostor andou cortandoos o ano inteiro, está vendo as falhas? Mas acho que, na excitação de hoje à noite, o falso Moody talvez tenha esquecido de tomar a poção com a necessária frequência... na hora certa... a cada hora... veremos.
Dumbledore puxou a cadeira atrás da escrivaninha e se sentou, os olhos fixos no Moody inconsciente no chão. Harry também ficou olhando. Os minutos se passaram em silêncio...
Então, diante dos olhos de Harry, o rosto do homem no chão começou a mudar. As cicatrizes foram desaparecendo, a pele foi se tornando lisa; o nariz mutilado ficou inteiro e começou a diminuir de tamanho. A longa juba de cabelos grisalhos foi se retraindo para o couro cabeludo e se alourando. De repente, com um forte baque, a perna de pau caiu e uma perna normal apareceu em seu lugar; no momento seguinte, o olho mágico saltou do rosto do homem e um olho verdadeiro o substituiu; o olho mágico saiu rolando pelo chão e continuou a girar em todas as direções.
Harry viu caído à sua frente um homem de pele muito clara, ligeiramente sardento, com cabelos bastos e louros. O garoto sabia quem era. Vira-o na Penseira de Dumbledore, assistira a ele ser retirado do tribunal pelos dementadores, tentando convencer o Sr. Crouch de que era inocente... mas agora tinha rugas em torno dos olhos, e parecia bem mais velho...
Ouviram-se passos apressados no corredor. Snape retornava com Winky em seus calcanhares. A Profª McGonagall vinha logo atrás.
– Crouch! – exclamou Snape, parando de chofre à porta. – Bartô Crouch!
– Nossa! – exclamou a Profª McGonagall, parando de chofre ao ver o homem no chão.
Imunda, descabelada, Winky espiou por entre as pernas de Snape. Ela abriu uma boca enorme e deixou escapar um grito esganiçado.
– Menino Bartô, menino Bartô, que é que o senhor está fazendo aqui?
Ela se atirou ao peito do rapaz.
– Vocês mataram ele! Vocês mataram ele! Vocês mataram o filho do meu amo!
– Ele está apenas estuporado, Winky – disse Dumbledore. – Afaste-se, por favor. Severo, trouxe a poção?

Snape entregou a Dumbledore um pequeno frasco com um líquido muito transparente; o *Veritaserum* que o professor ameaçara fazer Harry beber na sala dele. Dumbledore se levantou, se debruçou sobre o homem e o aprumou contra a parede sob o Espelho-de-Inimigos, no qual as imagens de Dumbledore, Snape e McGonagall continuavam a observar tudo. Winky permaneceu de joelhos, tremendo, as mãos cobrindo o rosto. Dumbledore abriu a boca do homem à força e despejou nela três gotas da poção. Depois, apontou a varinha para o peito do homem e disse:

– *Enervate!*

O filho de Crouch abriu os olhos. Seu rosto estava flácido, seu olhar desfocado. Dumbledore se ajoelhou diante dele, de modo que seus rostos ficassem no mesmo plano.

– Você está me ouvindo? – perguntou o diretor em voz baixa.

Os olhos do homem piscaram.

– Estou – murmurou.

– Gostaria que nos dissesse – pediu Dumbledore – como veio parar aqui. Como fugiu de Azkaban?

Crouch inspirou profundamente, estremecendo, e em seguida começou a falar numa voz sem inflexões nem emoção.

– Minha mãe me salvou. Ela sabia que estava morrendo. Convenceu meu pai a me tirar de lá como um último favor. Ele a amava como nunca me amara. E concordou. Os dois foram me visitar. Me deram uma dose da Poção Polissuco, contendo um fio de cabelo de minha mãe. Ela tomou uma dose da poção, contendo um fio de cabelo meu. Assumimos a forma um do outro.

Winky balançava a cabeça, tremendo.

– Não diga mais nada Menino Bartô, não diga mais nada, você está metendo seu pai em confusão!

Mas Crouch inspirou mais uma vez profundamente e continuou com a mesma voz sem emoção.

– Os dementadores são cegos. Eles perceberam uma pessoa saudável e uma pessoa doente entrando em Azkaban. Depois, perceberam uma pessoa saudável e uma pessoa doente deixando a prisão. Meu pai me contrabandeou para fora, disfarçado de minha mãe, para o caso de algum prisioneiro estar observando da cela.

“Minha mãe morreu pouco depois em Azkaban. Teve o cuidado de beber a Poção Polissuco até o fim. Foi enterrada com o meu nome e a minha aparência. Todos acreditaram que ela era eu.”

As pálpebras do homem piscaram.

– E o que foi que seu pai fez com você, quando chegaram em casa? –

perguntou Dumbledore.
– Encenou a morte de minha mãe. Um enterro discreto e íntimo. Aquele túmulo está vazio. O elfo doméstico cuidou de mim até eu ficar bom. Depois tive que ser escondido. Tive que ser controlado. Meu pai teve que usar vários feitiços para me dominar. Quando recuperei a saúde, só pensei em encontrar o meu amo... em voltar para o seu serviço.
– Como foi que seu pai o dominou? – perguntou Dumbledore.
– A Maldição *Imperius*. Fiquei sob o domínio do meu pai. Fui forçado a usar uma Capa da Invisibilidade dia e noite. Sempre em companhia do elfo doméstico. Era ela quem me cuidava e guardava. Tinha pena de mim. Convenceu meu pai a me dar regalias ocasionais. Prêmios pelo meu bom comportamento.
– Menino Bartô, Menino Bartô – soluçou Winky entre os dedos. – Você não devia contar a eles, está nos metendo em apuros...
– Alguém descobriu que você continuava vivo? – perguntou Dumbledore brandamente. – Alguém sabia disso, além do seu pai e do elfo doméstico?
– Sabia. – Suas pálpebras tornaram a piscar. – Uma bruxa do escritório do meu pai, Berta Jorkins. Ela veio um dia em casa trazer papéis para o meu pai assinar. Ele não estava. Winky mandou-a entrar e voltou para a cozinha, para mim. Mas Berta Jorkins ouviu o elfo conversando comigo. Foi investigar. Ouviu o suficiente para adivinhar que eu estava escondido sob uma Capa da Invisibilidade. Meu pai chegou em casa. Ela o confrontou. Ele lançou nela um Feitiço da Memória fortíssimo para fazê-la esquecer o que descobrira. Forte demais. Ele disse que danificou permanentemente a memória dela.
– Por que ela foi bisbilhotar os negócios particulares do meu amo? – soluçou Winky. – Por que não deixou a gente em paz?
– Fale-me sobre a Copa Mundial de Quadribol – ordenou Dumbledore.
– Winky convenceu meu pai – disse Crouch, ainda com a mesma voz monótona. – Passou meses persuadindo-o. Eu não saía de casa havia anos. Eu adorava quadribol. “Deixe o rapaz ir”, dizia ela. “Ele vai usar a Capa da Invisibilidade.” “Ele pode assistir. Deixe ele tomar um pouco de ar fresco uma vez.” Ela disse que minha mãe teria gostado disso. Disse ao meu pai que minha mãe morrera para me devolver a liberdade. Não me salvara para viver preso. No fim ele concordou.
“Foi tudo cuidadosamente planejado. Meu pai subiu comigo e Winky ao camarote de honra mais cedo no dia do jogo. Winky devia dizer que estava guardando o lugar para o meu pai. Eu devia ficar sentado ali, invisível. Quando todos tivessem deixado o camarote, nós sairíamos. Winky iria parecer que estava sozinha. Ninguém jamais saberia.

“Mas Winky não sabia que eu estava bem mais forte. Estava começando a resistir à Maldição *Imperius* lançada por meu pai. Havia horas em que eu quase voltava a ser eu mesmo. Havia breves lapsos em que eu parecia me libertar do controle dele. Isto aconteceu lá, no camarote de honra. Foi como se eu estivesse saindo de um longo sono. Eu me vi em público, no meio de um jogo, e vi uma varinha saindo do bolso de um garoto na minha frente. Eu não tinha licença de usar uma varinha desde antes de Azkaban. Eu a roubei. Winky não viu. Ela tem medo de alturas. Ficou com o rosto tampado.”

– Menino Bartô, que menino danado! – sussurrou Winky, as lágrimas escorrendo entre seus dedos.

– Então você se apoderou da varinha – disse Dumbledore –, e o que foi que fez com ela?

– Voltamos à barraca. Então ouvimos os gritos. Ouvimos os Comensais da Morte. Os que nunca tinham ido para Azkaban. Os que nunca tinham sofrido pelo meu amo. Os que tinham lhe virado as costas. Não estavam presos como eu. Estavam livres para ir procurá-lo, mas não fizeram isso. Estavam simplesmente se divertindo com os trouxas. As vozes deles me acordaram. Minha mente estava mais clara do que estivera em anos. Senti raiva. Tinha a varinha. Queria atacá-los pela deslealdade que fizeram ao meu amo. Meu pai saíra da barraca, tinha ido libertar os trouxas. Winky teve medo quando me viu tão furioso. Usou seu próprio tipo de mágica para me prender a ela. Me tirou da barraca, me levou para a floresta, para longe dos Comensais da Morte. Eu tentei impedi-la. Queria voltar para o acampamento. Queria mostrar àqueles Comensais da Morte o que significava lealdade ao Lorde das Trevas, e puni-los por não a terem. Usei a varinha roubada para projetar a Marca Negra no céu.

“Os bruxos do Ministério chegaram. Lançaram Feitiços Estuporantes para todo lado. Um dos feitiços atravessou as árvores até onde eu e Winky estávamos. O vínculo que nos unia se partiu. Nós dois caímos estuporados.

“Quando descobriram Winky, meu pai entendeu que eu devia estar por perto. Me procurou no mato em que ela fora encontrada e me descobriu caído no chão. Ele esperou até os outros funcionários do Ministério deixarem a floresta. Tornou a me sujeitar com a Maldição *Imperius*, e me levou para casa. Despediu Winky. Traíra a confiança dele. Me deixara arranjar uma varinha. Quase me deixara fugir.”

Winky deixou escapar um grito de desespero.

– Agora havia apenas meu pai e eu, sozinhos em casa. E, então... – a cabeça de Crouch girou molemente e um sorriso demente se espalhou por seu rosto. – Meu amo veio me buscar.

“Apareceu lá em casa tarde da noite, nos braços do servo dele, Rabicho. Meu

amo descobrira que eu continuava vivo. Tinha capturado Berta Jorkins na Albânia. Torturou-a. Ela lhe contou muita coisa. Contou sobre o Torneio Tribruxo. Contou que o antigo auror Moody ia ensinar em Hogwarts. Ele a torturou até conseguir romper o Feitiço da Memória que meu pai lançara nela. Berta contou que eu fugira de Azkaban. Contou que meu pai me mantinha prisioneiro para me impedir de procurar meu amo. Então meu amo soube que eu continuava a ser um servo fiel – talvez o mais fiel de todos. Meu amo concebeu um plano baseado nas informações que Berta lhe dera. Precisava de mim. Chegou em nossa casa por volta da meia-noite. Meu pai atendeu a porta.”

O sorriso no rosto de Crouch se alargou, como se ele recordasse o momento mais doce de sua vida. Os olhos castanhos e vidrados de Winky eram visíveis entre seus dedos. Ela parecia assombrada demais para falar.

– Foi muito rápido. Meu amo colocou meu pai sob a Maldição *Imperius*. Agora meu pai era o prisioneiro, o controlado. Meu amo o forçou a continuar a vida como sempre, a agir como se não houvesse nada errado. E eu fui libertado. Acordei. Voltei a ser eu mesmo, vivo, como não me sentia havia anos.

– E o que foi que Lorde Voldemort lhe pediu para fazer? – perguntou Dumbledore.

– Ele me perguntou se eu estava disposto a arriscar tudo por ele. Eu estava. Era o meu sonho, minha maior ambição, servi-lo, me pôr à prova. Ele me disse que precisava colocar um servo fiel em Hogwarts. Um servo que orientasse Harry Potter durante o Torneio Tribruxo sem parecer que estava fazendo isso. Um servo que vigiasse Harry Potter. Que garantisse que o garoto chegasse à Taça Tribruxo. Que transformasse a Taça em uma Chave de Portal, que levasse a primeira pessoa a tocá-la ao meu amo. Mas primeiro...

– Você precisava de Alastor Moody – disse Dumbledore. Seus olhos azuis faiscando, embora sua voz permanecesse calma.

– Rabicho e eu fizemos isso. Preparamos antes uma Poção Polissuco. Viajamos até a casa do auror. Moody resistiu. Houve uma grande confusão. Conseguimos dominá-lo a tempo. Nós o enfiamos à força no malão mágico. Tiramos alguns fios de cabelo e acrescentamos à poção. Eu a bebi e me transformei no duplo de Moody. Apanhei sua perna e seu olho. Estava pronto para enfrentar Arthur Weasley quando ele viesse resolver o caso com os trouxas que ouviram o estardalhaço. Espalhei as latas de lixo pelo quintal. Contei a Arthur Weasley que tinha ouvido intrusos em volta da casa, e que pusera as latas de lixo em movimento. Então reuni as roupas e os detectores das trevas de Moody, guardei tudo no malão e parti para Hogwarts. Conservei-o vivo, dominado pela Maldição *Imperius*. Queria poder interrogá-lo. Descobrir o passado dele, aprender seus hábitos, de modo a enganar Dumbledore. Precisava

também do cabelo dele para a Poção Polissuco. Os outros ingredientes foram fáceis de encontrar. Roubei pele de araramboia das masmorras. Quando o Prof. de Poções me encontrou na sala dele, eu disse que tinha ordens para revistá-la.

– E o que aconteceu com Rabicho depois que vocês atacaram Moody?

– Rabicho voltou para cuidar do meu amo, lá em casa, e para vigiar meu pai.

– Mas o seu pai fugiu – disse Dumbledore.

– Fugiu. Depois de algum tempo ele começou a resistir à Maldição *Imperius*, exatamente como eu tinha feito. Havia períodos em que ele sabia o que estava acontecendo. Meu amo achou que não era mais seguro o meu pai sair de casa. Forçou-o, então, a mandar cartas para o Ministério. Fez meu pai escrever dizendo que estava doente. Mas Rabicho não cumpriu seus deveres direito. Não o vigiou o bastante. Meu pai fugiu. Meu amo adivinhou que ele estaria vindo para Hogwarts. Ia admitir que me contrabandeara para fora de Azkaban.

"Meu amo mandou me avisar da fuga do meu pai. Mandou que eu o detivesse a qualquer custo. Então esperei e fiquei vigiando. Usei o mapa que pedira emprestado a Harry Potter. O mapa que quase pusera tudo a perder."

– Mapa? – perguntou Dumbledore imediatamente. – Que mapa é esse?

– O mapa que Potter tem de Hogwarts. Potter me viu nele. Potter me viu roubando ingredientes para a Poção Polissuco da sala de Snape certa noite. Achou que eu era meu pai porque temos o mesmo nome. Apanhei o mapa de Potter naquela mesma noite. Disse a ele que meu pai odiava bruxos das trevas. Potter acreditou que eu estava atrás de Snape.

"Durante uma semana esperei meu pai aparecer em Hogwarts. Finalmente, uma noite, o mapa me indicou que ele estava entrando na propriedade. Vesti a minha Capa da Invisibilidade e desci ao encontro dele. Ele estava andando pela orla da Floresta. Então chegaram Potter e Krum. Esperei. Não podia machucar Potter, meu amo precisava dele. Potter foi correndo buscar Dumbledore. Eu estuporei Krum. Matei meu pai."

– *Nããããão!* – gritou Winky. – Menino Bartô, menino Bartô, o que é que você está dizendo?

– Você matou seu pai – repetiu Dumbledore, no mesmo tom brando. – Que foi que você fez com o corpo?

– Levei-o para a Floresta. Cobri-o com a Capa da Invisibilidade. Tinha o mapa comigo. Acompanhei Potter entrar correndo no castelo. Ele encontrou Snape. Dumbledore se juntou aos dois. Acompanhei Potter deixar o castelo com Dumbledore. Saí da Floresta, dei a volta por trás deles e fui reencontrálos. Disse a Dumbledore que Snape me informara aonde vir.

"Dumbledore me mandou ir procurar meu pai. Voltei para onde deixara o corpo dele. Fiquei observando o mapa. Quando todos tinham ido embora,

transformei o corpo do meu pai. Virei-o em osso... e, sempre vestindo a Capa da Invisibilidade, eu o enterrei na terra fofa diante da cabana de Hagrid."

Fez-se um silêncio profundo, exceto pelos soluços contínuos de Winky.

Então Dumbledore falou:

– E hoje à noite...

– Eu me ofereci para levar a Taça Tribruxo para o labirinto antes do jantar – sussurrou Bartô Crouch. – Transformei-a em uma Chave de Portal. O plano do meu amo deu resultado. Ele voltou ao poder e eu vou receber honrarias que ultrapassam os sonhos de qualquer bruxo.

O sorriso demente iluminou mais uma vez suas feições e sua cabeça pendeu para o ombro, enquanto Winky continuava a se lamentar e a soluçar ao seu lado.

— CAPÍTULO TRINTA E SEIS —

Os caminhos se separam

Dumbledore ficou em pé. Contemplou Bartô Crouch por um momento com uma expressão de desgosto. Então ergueu sua varinha mais uma vez e dela voaram cordas, cordas que se prenderam em torno do bruxo, amarrando-o apertado.

Ele se dirigiu, então, à Profª McGonagall:

– Minerva, posso pedir a você que fique de guarda aqui enquanto levo Harry para cima?

– Naturalmente. – Ela parecia ligeiramente nauseada, como se tivesse acabado de ver alguém vomitar. Contudo, quando puxou a varinha e a apontou para Bartô Crouch, sua mão estava bem firme.

– Severo – virou-se Dumbledore para Snape –, por favor, peça a Madame Pomfrey para vir até aqui. Precisamos levar Alastor Moody para a ala hospitalar. Depois desça aos jardins, procure Cornélio Fudge e traga-o para esta sala. Com certeza ele vai querer interrogar Crouch pessoalmente. Diga-lhe que estarei na ala hospitalar dentro de meia hora, caso precise de mim.

Snape concordou silenciosamente com um aceno de cabeça e saiu da sala.

– Harry? – chamou Dumbledore gentilmente.

Harry se levantou e cambaleou; a dor na perna, que ele mal sentira todo o tempo em que estivera ouvindo Crouch, agora voltava com força total. O garoto também percebeu que estava tremendo. Dumbledore segurou-o pelo braço e ajudou-o a sair para o corredor escuro.

– Quero que venha primeiro ao meu escritório, Harry – disse ele baixinho, enquanto seguiam pelo corredor. – Sirius está nos esperando lá.

Harry concordou com a cabeça. Uma sensação de dormência e de total irrealidade se apoderara dele, mas o garoto não ligou; ficou até feliz com isso. Não queria ter que pensar em nada que acontecera desde que pusera a mão, pela

primeira vez, na Taça Tribruxo. Não queria ter que examinar as lembranças, frescas e nítidas como fotografias, que não paravam de lampejar em sua mente. Olho-Tonto Moody dentro do malão, Rabicho caído no chão, aninhando o toco do braço. Voldemort ressurgindo do caldeirão fumegante. Cedrico... morto... Cedrico pedindo para ele levar seu corpo para os pais...

– Professor – murmurou Harry –, onde estão o Sr. e a Sra. Diggory?

– Estão com a Profª Sprout. – A voz de Dumbledore que estivera tão calma durante o interrogatório de Bartô Crouch tremeu levemente pela primeira vez. – Ela é a diretora da Casa de Cedrico e o conhecia melhor.

Tinham chegado à gárgula de pedra. Dumbledore disse a senha, ela saltou para o lado, e o diretor e Harry subiram a escada rolante circular até a porta de carvalho. Dumbledore abriu-a.

Sirius estava parado ali. Seu rosto branco e ossudo como estivera quando fugira de Azkaban. Num átimo, ele atravessou a sala.

– Harry, você está bem? Eu sabia... eu sabia que uma coisa assim... que aconteceu?

As mãos dele tremiam ao ajudar Harry a se sentar em uma cadeira diante da escrivaninha.

– Que aconteceu? – perguntou, mais pressuroso.

Dumbledore começou a contar a Sirius tudo que Bartô Crouch dissera. Harry ouvia apenas com metade de sua atenção. Tão cansado que cada osso do seu corpo doía, ele só tinha vontade de ficar sentado ali, sossegado, durante horas e horas, até adormecer e não precisar mais pensar nem sentir nada.

Ouviu-se um leve rumorejo de asas. Fawkes, a fênix, deixara o poleiro, voara pela sala e pousara no joelho de Harry.

– 'Lô, Fawkes – disse o garoto de mansinho. E alisou a bela plumagem vermelha e dourada da ave. Fawkes piscou sem medo para ele. Havia um certo consolo em seu peso morno.

Dumbledore parara de falar. Sentou-se diante de Harry, à escrivaninha. Encarou o menino, que procurou evitar os seus olhos. Dumbledore ia interrogá-lo. Ia fazer Harry desabafar tudo.

– Preciso saber o que foi que aconteceu depois que você tocou a Chave de Portal no labirinto, Harry – disse o diretor.

– Podemos esperar até de manhã para isso, não, Dumbledore? – disse Sirius com aspereza. Ele pousou a mão no ombro de Harry. – Deixe o garoto dormir. Deixe-o descansar.

Harry sentiu um assomo de gratidão com relação ao padrinho, mas Dumbledore não deu atenção às palavras de Sirius. Curvou-se para Harry. De má vontade, o garoto ergueu a cabeça e encarou aqueles olhos azuis.

– Se eu achasse que poderia ajudá-lo – disse Dumbledore brandamente –, mergulhar você em um sono encantado e permitir que adiasse o momento em que terá de pensar no que aconteceu esta noite, eu faria isso. Mas sei que não posso. Amortecer a dor por algum tempo apenas a tornará pior quando você finalmente a sentir. Você demonstrou uma coragem acima da que eu poderia ter esperado. Estou pedindo que a demonstre mais uma vez. Estou pedindo que nos conte o que aconteceu.

A fênix deixou escapar uma nota branda e trêmula. A nota estremeceu no ar, e Harry sentiu como se uma gota de líquido morno tivesse descido por sua garganta até o estômago, aquecendo-o e lhe dando forças.

Ele inspirou profundamente e começou a contar. Enquanto falava, visões de tudo que se passara àquela noite pareciam desfilar diante de seus olhos; ele viu a superfície borbulhante da poção que revivera Voldemort; viu os Comensais da Morte aparatando entre os túmulos em volta deles; viu o corpo de Cedrico, caído no chão ao lado da Taça.

Uma ou duas vezes, Sirius emitiu um som como se fosse falar alguma coisa, sua mão ainda apertando o ombro do afilhado, mas Dumbledore ergueu a mão para fazê-lo calar, e Harry se sentiu grato por isso, porque era mais fácil continuar agora que já começara. Era até um alívio; o garoto teve a sensação de que alguma coisa venenosa estava sendo extraída dele, custavalhe toda a determinação que possuía continuar falando, contudo, ele percebia que uma vez que tivesse terminado, iria se sentir melhor.

Quando Harry contou que Rabicho espetara seu braço com o punhal, porém, Sirius deixou escapar uma exclamação veemente; e Dumbledore se levantou tão depressa que Harry se assustou. O diretor deu a volta à escrivaninha e pediu a Harry que esticasse o braço. O garoto mostrou aos dois o lugar em que suas vestes estavam rasgadas e o corte sob as mesmas.

– Ele falou que o meu sangue o tornaria mais forte do que se usasse o de outro – disse Harry a Dumbledore. – Falou que a proteção que minha... minha mãe tinha deixado em mim, seria dele, também. E estava certo, ele pôde me tocar sem se machucar, ele tocou o meu rosto.

Por um instante fugaz, Harry viu um brilho que lembrava triunfo nos olhos do diretor. Mas no segundo seguinte teve certeza de que imaginara, porque quando Dumbledore voltou à cadeira atrás da escrivaninha, pareceu velho e cansado como Harry jamais o vira.

– Muito bem – disse ao se sentar. – Voldemort superou esta barreira. Continue, Harry, por favor.

Harry prosseguiu; explicou como Voldemort emergira do caldeirão, e repetiu para eles tudo que conseguiu se lembrar do discurso do lorde aos Comensais da

Morte. Então contou como Voldemort o desamarrara, devolvera sua varinha e se preparara para duelar.

Mas quando chegou à parte do raio de luz dourada que ligara sua varinha à de Voldemort, ele descobriu que estava com a garganta embargada. Harry tentou continuar falando, mas as lembranças do que saíra da varinha do bruxo inundavam sua mente. Reviu Cedrico saindo, o velho, Berta Jorkins... sua mãe... seu pai...

Ele ficou feliz quando Sirius rompeu o silêncio.

– As varinhas se ligaram? – perguntou ele, olhando de Harry para Dumbledore. – Por quê?

Harry tornou a erguer os olhos para Dumbledore, em cujo rosto havia uma expressão tensa.

– *Priori Incantatem* – murmurou.

Seus olhos fitaram os de Harry e foi quase como se um raio invisível de compreensão passasse entre os dois.

– A reversão do feitiço? – perguntou Sirius alerta.

– Exatamente – disse Dumbledore. – A varinha de Harry e a de Voldemort têm o mesmo cerne. Cada uma contém uma pena da cauda da mesma fênix. Com efeito, *desta* fênix – acrescentou ele, apontando para a ave vermelha e dourada, empoleirada tranquilamente no joelho de Harry.

– A pena da minha varinha veio de Fawkes? – perguntou Harry, admirado.

– Veio – disse Dumbledore. – O Sr. Olivaras me escreveu dizendo que você comprara a segunda varinha, no instante em que você saiu da loja dele, há quatro anos.

– Então o que acontece quando uma varinha encontra sua irmã? – perguntou Sirius.

– Elas não funcionam bem uma contra a outra. Se, no entanto, o dono de uma das varinhas forçar uma luta entre as varinhas... produzirá um efeito muito raro.

“Uma das varinhas forçará a outra a regurgitar os feitiços que realizou, na ordem inversa. O mais recente primeiro... depois os que o antecederam...”

O diretor olhou interrogativamente para Harry e o garoto confirmou com a cabeça.

– O que significa – disse Dumbledore lentamente, seus olhos no rosto de Harry – que alguma forma de Cedrico deve ter reaparecido.

Harry tornou a confirmar.

– Diggory voltou à vida? – perguntou Sirius abruptamente.

– Nenhum feitiço pode ressuscitar os mortos – disse Dumbledore em tom sentencioso. – Só o que pode ocorrer é uma espécie de eco inverso. Uma sombra do Cedrico vivente teria emergido da varinha... estou certo, Harry?

– Ele falou comigo – disse Harry. De repente o garoto voltou a tremer. – O... o fantasma de Cedrico, ou o que seja, falou.
– Um eco – disse Dumbledore – que reteve a aparência e o caráter de Cedrico. Imagino que outras formas semelhantes tenham aparecido... vítimas menos recentes da varinha de Voldemort...
– Um velho – respondeu Harry, com um aperto na garganta. – Berta Jorkins. E...
– Seus pais? – perguntou Dumbledore calmamente.
– Foi.
A mão de Sirius no ombro de Harry agora o apertava com tanta força que chegava a doer.
– As últimas mortes executadas pela varinha – confirmou Dumbledore com um aceno de cabeça. – Na ordem inversa. Mais teriam aparecido, é claro, se vocês continuassem a manter a ligação. Muito bem, Harry, esses ecos, essas sombras... que foi que elas fizeram?
O garoto descreveu como as figuras que haviam saído da varinha tinham ficado rondando o interior da teia dourada, como Voldemort pareceu temêlas, como a sombra do pai de Harry lhe disse o que fazer, como a de Cedrico fizera um último pedido.
Neste ponto, Harry descobriu que não conseguiria continuar. Olhou para Sirius e viu que o padrinho segurava o rosto nas mãos.
Harry de repente tomou consciência de que Fawkes deixara seu joelho. A ave voara para o chão. E descansou a bela cabeça na perna machucada do menino, grossas lágrimas peroladas caíram dos seus olhos sobre a ferida feita pela aranha. A dor desapareceu. A pele se recompôs. A perna ficou boa.
– Vou repetir mais uma vez – disse Dumbledore, quando a fênix levantou voo e tornou a se acomodar em seu poleiro junto à porta. – Esta noite você revelou uma bravura que ultrapassou o que eu teria esperado de você, Harry. Revelou uma bravura igual à daqueles que morreram combatendo Voldemort no auge do seu poder. Você carregou o fardo de um bruxo adulto e esteve à altura dele, e você agora nos deu tudo o que temos direito a esperar. Você vai me acompanhar à ala hospitalar. Não quero que volte para o dormitório esta noite. Uma Poção do Sono e algum sossego... Sirius, você gostaria de ficar com ele?
Sirius confirmou com a cabeça e se levantou. Tornou a se transformar no enorme cachorro preto e saiu com Harry e Dumbledore do escritório, acompanhando-os por um lance de escadas até a ala hospitalar.
Quando o diretor empurrou a porta, Harry viu a Sra. Weasley, Gui, Rony e Hermione reunidos em torno de uma atarantada Madame Pomfrey. Pareciam estar exigindo saber onde estava Harry e o que lhe acontecera.

Todos se viraram rapidamente quando Harry, Dumbledore e o cachorro preto entraram, e a Sra. Weasley deixou escapar um grito abafado:

– Harry! Ah, Harry!

Ela fez menção de correr para o garoto, mas Dumbledore se colocou entre os dois.

– Molly – disse ele, erguendo a mão –, por favor, ouça-me um momento. Harry passou uma provação terrível esta noite. Acabou de desabafá-la comigo. Do que ele precisa agora é de sono, paz e silêncio. Se ele quiser que vocês todos fiquem com ele – acrescentou o diretor, abrangendo com o olhar Rony, Hermione e Gui –, vocês podem ficar. Mas não quero que lhe façam perguntas até que ele esteja pronto para respondê-las e, certamente, não será hoje à noite.

A Sra. Weasley concordou com a cabeça. Estava muito pálida.

Ela se virou para Rony, Hermione e Gui, como se eles estivessem fazendo barulho, e sibilou:

– Vocês ouviram? Ele precisa de silêncio!

– Diretor – disse Madame Pomfrey, encarando o cachorro preto que era Sirius –, posso perguntar o que...

– Este cachorro vai ficar com Harry por algum tempo – disse Dumbledore com simplicidade. – Posso lhe assegurar que ele é muitíssimo bem treinado. Harry, vou esperar até você se deitar.

Harry sentiu uma inexprimível gratidão a Dumbledore por pedir aos outros que não lhe fizessem perguntas. Não é que não os quisesse ali; mas a ideia de explicar tudo mais uma vez, de reviver tudo mais uma vez, era mais do que ele poderia suportar.

– Voltarei para vê-lo assim que estiver com Fudge, Harry – disse Dumbledore. – Gostaria que você ficasse aqui amanhã também, até eu me dirigir à escola. – E saiu.

Quando Madame Pomfrey levou Harry a uma cama próxima, ele avistou o verdadeiro Moody deitado imóvel em uma cama no fundo da enfermaria. Sua perna de pau e o olho mágico estavam pousados na mesa de cabeceira.

– Ele está OK? – perguntou Harry.

– Ele vai ficar bom – respondeu Madame Pomfrey, entregando ao garoto um pijama e colocando os biombos à sua volta. Ele despiu as vestes, pôs o pijama e entrou na cama. Rony, Hermione, Gui, a Sra. Weasley e o cachorro preto contornaram o biombo e se sentaram em cadeiras dos lados da cama. Rony e Hermione espiaram o amigo quase cautelosamente, como se sentissem medo dele.

– Eu estou bem – disse Harry a eles. – Só cansado.

Os olhos da Sra. Weasley se encheram de lágrimas quando alisou as cobertas

da cama sem a menor necessidade.
Madame Pomfrey, que acabara de sair apressada de sua sala, voltou segurando uma taça e um frasquinho contendo uma poção púrpura.
– Você vai precisar beber tudo isso, Harry. É uma poção para dormir sem sonhar.
O garoto tomou o cálice e bebeu alguns goles. Sentiu-se sonolento na mesma hora. Tudo ao seu redor ficou enevoado; as luzes na enfermaria pareceram piscar para ele de um jeito simpático através do biombo que circundava sua cama; ele teve a sensação de que seu corpo afundava cada vez mais no calor do edredom de penas. Antes que pudesse terminar a poção, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, sua exaustão o adormeceu.

Harry acordou, tão quentinho, tão sonolento, que nem abriu os olhos, sentindo vontade de adormecer outra vez. A enfermaria continuava fracamente iluminada; acreditava que ainda era noite e tinha a impressão de que não poderia ter dormido muito tempo.
Então ouviu cochichos à sua volta.
– Vão acordá-lo se não calarem a boca!
– Por que é que estão gritando? Não pode ter acontecido mais nada ou pode?
Harry abriu os olhos borrados. Alguém tirara seus óculos. Viu os contornos difusos da Sra. Weasley e de Gui ali perto. A bruxa estava em pé.
– É a voz de Fudge – sussurrou ela. – E a outra é da Minerva McGonagall, não é? Mas por que estão discutindo?
Agora Harry os ouvia, também; gente gritando e correndo em direção à ala hospitalar.
– Lamentável, mas mesmo assim, Minerva... – dizia o ministro em voz alta.
– O senhor nunca deveria tê-lo trazido para o interior do castelo! – berrou a professora. – Quando Dumbledore descobrir...
Harry ouviu as portas da enfermaria se escancararem. Sem as pessoas ao redor de sua cama notarem, pois fixaram o olhar na porta quando Gui afastou os biombos, Harry se sentou e tornou a colocar os óculos.
Fudge entrou em grandes passadas pela enfermaria. Os Profs. McGonagall e Snape vinham em seus calcanhares.
– Onde está Dumbledore? – Fudge interpelou a Sra. Weasley.
– Não está aqui – disse a senhora zangada. – Isto é uma enfermaria, ministro, o senhor não acha que faria melhor...
Mas a porta se abriu e Dumbledore entrou decidido.
– Que aconteceu? – perguntou energicamente, olhando de Fudge para McGonagall. – Por que estão incomodando estas pessoas? Minerva, você me

surpreende, eu lhe pedi para ficar vigiando Bartô Crouch...
– Não há necessidade de vigiá-lo mais, Dumbledore! – gritou ela. – O ministro já providenciou isso!
Harry nunca vira a professora se descontrolar daquele jeito. Havia manchas vermelhas de raiva em seu rosto, as mãos estavam fechadas em punhos; ela tremia de fúria.
– Quando informei ao Sr. Fudge que tínhamos apanhado o Comensal da Morte responsável pelos acontecimentos desta noite – disse Snape, em voz baixa –, parece que ele achou que sua segurança pessoal estava ameaçada. Insistiu em chamar um dementador para acompanhá-lo até o castelo. Levou-o para a sala em que Bartô Crouch...
– Avisei a ele que você não concordaria, Dumbledore! – vociferou a Profª Minerva. – Avisei a ele que você não permitiria que dementadores entrassem no castelo, mas...
– Minha cara senhora! – rugiu Fudge, que parecia igualmente mais zangado do que Harry jamais o vira. – Como ministro da Magia, sou eu quem decide se quero trazer uma proteção pessoal quando vou entrevistar alguém possivelmente perigoso...
Mas a voz da Profª McGonagall abafou a de Fudge.
– No momento em que aquela... aquela coisa entrou na sala – berrou ela, apontando para Fudge, o corpo todo tremendo – o dementador avançou para Crouch e... e...
Harry sentiu um frio no estômago, enquanto a professora procurava encontrar palavras para descrever o que acontecera. Harry não precisou que ela terminasse a frase. Sabia o que o dementador devia ter feito. Aplicara o beijo fatal em Bartô Crouch. Sugara a alma do rapaz pela boca. Ele estava pior do que morto.
– Pelo que todos dizem, não se perdeu nada! – vociferou Fudge. – Ele parece ter sido responsável por várias mortes!
– Mas ele agora não pode prestar depoimento, Cornélio – disse Dumbledore, encarando Fudge com insistência, como se o visse direito pela primeira vez. – Ele não pode testemunhar por que matou essas pessoas.
– Por que ele as matou? Ora, isso não é mistério, é? – esbravejou o ministro. – Ele é doido de pedra! Pelo que Severo e Minerva me disseram, ele parecia pensar que tinha feito tudo isso seguindo instruções de Você-Sabe-Quem!
– E ele *estava* seguindo instruções de Lorde Voldemort, Cornélio – respondeu Dumbledore. – A morte dessas pessoas foi apenas um produto secundário do plano para restaurar as forças de Voldemort. O plano foi bemsucedido. Voldemort recuperou seu corpo.

Fudge parecia ter levado uma pancada violenta no rosto. Atordoado e piscando, ele olhou para Dumbledore como se não conseguisse acreditar no que acabara de ouvir.

Começou a balbuciar, ainda de olhos arregalados para o diretor.

– Você-Sabe-Quem... retornou? Absurdo. Ora, vamos, Dumbledore...

– Conforme Minerva e Severo sem dúvida lhe contaram, ouvimos Bartô Crouch confessar. Sob a influência do *Veritaserum*, ele nos disse como foi contrabandeado para fora de Azkaban e como Voldemort, tendo sabido por Berta Jorkins que ele continuava vivo, foi libertá-lo da guarda do pai, e usou-o para capturar Harry. O plano funcionou, posso lhe garantir. Crouch ajudou Voldemort a retornar.

– Olhe aqui, Dumbledore – disse Fudge, e Harry ficou espantado de ver o sorrisinho que apareceu no rosto do ministro –, você... você não acredita seriamente nisso. Você-Sabe-Quem voltou? Ora, vamos, ora, vamos... com certeza Crouch deve ter *acreditado* que estava agindo sob as ordens de Você-Sabe-Quem, mas aceitar a palavra de um doido daqueles, Dumbledore...

– Quando Harry tocou na Taça Tribruxo esta noite, ele foi transportado diretamente até Voldemort – disse Dumbledore com firmeza. – Ele presenciou o renascimento de Lorde Voldemort. Explicarei tudo a você se quiser vir ao meu escritório.

Dumbledore olhou para Harry e viu que o garoto estava acordado, mas sacudiu a cabeça e disse:

– Receio que não possa permitir que você interrogue Harry hoje.

O curioso sorriso de Fudge perdurou.

Ele também olhou para Harry, depois se voltou para Dumbledore:

– Você está... hum... disposto a aceitar a palavra de Harry neste caso, Dumbledore?

Houve um momento de silêncio, interrompido por um rosnado de Sirius. Tinha os pelos do pescoço em pé e seus dentes se arreganharam para Fudge.

– Certamente que acredito em Harry – disse Dumbledore. Seus olhos brilharam de fúria. – Ouvi a confissão de Crouch e ouvi o relato de Harry sobre o que aconteceu quando ele tocou a Taça Tribruxo; as duas histórias fazem sentido, explicam tudo que tem acontecido desde que Berta Jorkins desapareceu no verão passado.

Fudge ainda conservava aquele sorriso estranho no rosto. Olhou mais uma vez para Harry antes de responder.

– Você está disposto a acreditar que Lorde Voldemort voltou, porque assim dizem um assassino louco e um garoto que... bem...

Fudge lançou a Harry mais um olhar, e o garoto subitamente compreendeu.

– O senhor tem andado lendo Rita Skeeter, Sr. Fudge – disse ele calmamente.
Rony, Hermione, a Sra. Weasley e Gui, todos se assustaram. Nenhum deles percebera que Harry estava acordado.
Fudge corou ligeiramente, mas surgiu em seu rosto uma expressão de desafio e obstinação.
– E se tiver? – perguntou, fitando Dumbledore. – E se descobri que você me tem ocultado certos fatos sobre o garoto? Ofidioglota, é? E tem desmaios esquisitos a toda hora?...
– Presumo que você esteja se referindo às dores que Harry tem sentido na cicatriz? – perguntou Dumbledore friamente.
– Você admite que ele tem tido dores, então? – perguntou Fudge depressa. – Dores de cabeça? Pesadelos? Possivelmente... alucinações?
– Escute aqui, Cornélio – disse Dumbledore dando um passo para perto de Fudge, e mais uma vez parecendo irradiar aquela indefinível aura de poder que Harry sentira quando estuporou o jovem Crouch. – Harry é tão mentalmente são quanto eu ou você. Aquela cicatriz na testa não afetou o cérebro dele. Acredito que doa quando Lorde Voldemort está por perto ou experimente sentimentos assassinos.
Fudge se afastara meio passo de Dumbledore, mas não parecia menos obstinado.
– Você vai me perdoar, Dumbledore, mas nunca ouvi falar em uma cicatriz deixada por um feitiço funcionar como uma campainha de alarme antes...
– Olhe, eu vi Voldemort ressurgir! – gritou Harry. Ele tentou novamente se levantar da cama, mas a Sra. Weasley forçou-o a deitar. – Eu vi os Comensais da Morte! Posso dar os nomes! Lúcio Malfoy...
Snape fez um movimento repentino, mas quando Harry se virou, o olhar do professor retornara a Fudge.
– Malfoy foi inocentado! – disse Fudge visivelmente afrontado. – Uma família muito antiga, doações para causas excelentes...
– Mcnair! – continuou Harry.
– Também inocentado! Agora trabalha para o Ministério!
– Avery, Nott, Crabbe, Goyle.
– Você está apenas repetindo os nomes dos que foram absolvidos da acusação de serem Comensais da Morte há treze anos! – disse Fudge zangado. – Poderia ter achado esses nomes em relatórios antigos sobre os julgamentos! Pelo amor de Deus, Dumbledore, o garoto esteve com a cabeça cheia de histórias malucas no fim do ano passado, também, as invencionices dele estão cada vez mais mirabolantes, e você continua a engoli-las, o garoto é capaz de falar com cobras, Dumbledore, e você ainda acha que ele merece confiança?

– Seu tolo! – exclamou a Profª McGonagall. – Cedrico Diggory! O Sr. Crouch! Estas mortes não foram o trabalho aleatório de um doido!

– Não vejo nenhuma evidência em contrário! – gritou Fudge, agora equiparando sua raiva à da professora, o rosto roxo. – Parece-me que vocês estão decididos a começar uma onda de pânico que irá desestabilizar tudo pelo que trabalhamos nesses últimos treze anos!

Harry não conseguiu acreditar no que estava ouvindo. Sempre pensara em Fudge como uma pessoa bondosa, um pouco espalhafatosa, um pouco pomposa, mas de índole essencialmente boa. Mas agora via à sua frente um bruxo baixo e furioso, que se recusava terminantemente a aceitar a perspectiva de um esfacelamento do seu mundo confortável e ordeiro – a acreditar que Voldemort pudesse ter ressurgido.

– Voldemort retornou – repetiu Dumbledore. – Se você aceitar imediatamente este fato, Fudge, e tomar as medidas necessárias, talvez ainda possamos salvar a situação. O primeiro passo, e o mais essencial, é retirar Azkaban do controle dos dementadores...

– Que despropósito! – gritou outra vez Fudge. – Retirar os dementadores! Eu seria chutado do Ministério se sugerisse uma coisa dessas! Metade da população só se sente segura quando se deita à noite porque sabe que os dementadores estão guardando Azkaban!

– A outra metade não dorme tão bem, Cornélio, porque sabe que você deixou os seguidores mais perigosos de Lorde Voldemort aos cuidados de criaturas que irão se juntar a ele no momento em que ele pedir! – retorquiu Dumbledore. – Eles não irão permanecer leais a você, Fudge! Voldemort pode oferecer um espaço muito maior para os poderes e prazeres deles do que você! Com os dementadores a apoiá-lo, e a volta dos seus antigos seguidores, você vai ter muita dificuldade para impedi-lo de reconquistar o poder que tinha há treze anos!

Fudge abria e fechava a boca como se não tivesse palavras para expressar sua indignação.

– A segunda medida que você precisa tomar, e imediatamente – continuou Dumbledore –, é mandar enviados aos gigantes.

– Enviados aos gigantes! – gritou o ministro em tom agudo, afinal recuperando a fala. – Que loucura é essa?

– Estenda-lhes a mão da amizade, agora, antes que seja tarde demais ou Voldemort irá persuadi-los, como já fez antes, que somente ele entre os bruxos concederá aos gigantes direitos e liberdade!

– Você... você não pode estar falando sério! – exclamou Fudge, sacudindo a cabeça e se afastando um pouco mais de Dumbledore. – Se a comunidade

mágica ouvir falar que eu procurei os gigantes, as pessoas os odeiam, Dumbledore... a minha carreira termina...

– Você está cego de amor – disse Dumbledore, sua voz elevando-se agora, a aura de poder palpável ao seu redor, seus olhos mais uma vez esbraseados – pelo cargo que ocupa, Cornélio! Você atribui demasiada importância, como sempre fez, à chamada pureza do sangue! Você não consegue reconhecer que não faz diferença quem a pessoa é ao nascer, mas o que ela vai ser ao crescer! O seu dementador acabou de destruir o último membro de uma família de sangue puro tão antiga quanto a de outros, e veja em que foi que ele transformou a própria vida! Digo-lhe agora, tome as medidas que sugeri e você será lembrado, no cargo ou fora dele, como um dos ministros da Magia mais corajosos e sábios que já conhecemos. Não faça nada, e a história irá lembrá-lo como o homem que se omitiu e permitiu que Voldemort tivesse uma segunda oportunidade de destruir o mundo que tentamos reconstruir!

– Está demente – sussurrou Fudge, ainda se afastando. – Enlouqueceu...

E então, todos se calaram. Madame Pomfrey estava postada, imóvel aos pés da cama de Harry, as mãos cobrindo a boca. A Sra. Weasley continuava curvada para Harry, a mão no ombro do garoto para impedi-lo de se levantar. Gui, Rony e Hermione tinham os olhos arregalados para Fudge.

– Se a sua determinação de fechar os olhos levou você a esse ponto, Cornélio – disse Dumbledore –, chegou o momento em que os nossos caminhos se separam. Você fará o que acha que deve. E eu agirei como acho que devo.

A voz de Dumbledore não continha sequer uma sugestão de ameaça; parecia fazer uma simples constatação, mas Fudge se encrespou como se Dumbledore estivesse avançando para ele com a varinha em punho.

– Agora, escute aqui Dumbledore – disse sacudindo o dedo na cara do diretor. – Eu sempre o deixei agir livremente. Tenho muito respeito por você. Posso não ter concordado com algumas de suas decisões, mas fiquei calado. Não existe muita gente que deixaria você contratar lobisomens ou manter Hagrid ou decidir o que ensinar aos seus alunos, sem consultar o Ministério. Mas se você vai trabalhar contra mim...

– A única pessoa contra quem pretendo trabalhar é Lorde Voldemort. Se você é contra ele, então continuamos, Cornélio, do mesmo lado.

Aparentemente Fudge não conseguiu pensar que resposta dar a Dumbledore. Balançou-se para a frente e para trás sobre os pés diminutos por um momento, girando o chapéu-coco nas mãos.

Finalmente, disse, com um quê de súplica na voz:

– Ele não pode estar de volta, Dumbledore, simplesmente não pode...

Snape se adiantou, passou por Dumbledore, ao mesmo tempo em que

levantava a manga esquerda de suas vestes. Esticou o braço e mostrou-o a Fudge, que se retraiu.
– Olhe – disse Snape asperamente. – Olhe. A Marca Negra. Não está tão nítida quanto estava há pouco mais de uma hora, quando ficou realmente negra, mas o senhor ainda pode vê-la. O Lorde das Trevas marcou com este sinal todos os Comensais da Morte. Era uma maneira de nos reconhecermos e um meio de nos convocar à presença dele. Quando ele tocava a Marca de qualquer comensal, devíamos desaparatar e aparatar instantaneamente ao seu lado. A Marca se tornou mais nítida durante esse ano. A de Karkaroff também. Por que o senhor acha que o professor fugiu esta noite? Nós dois sentimos a Marca queimar. Nós dois sabíamos que ele havia voltado. Karkaroff teme a vingança do Lorde das Trevas. Ele traiu muitos companheiros comensais para ter ilusões de ser bem recebido no seio do rebanho.
Fudge recuou para longe de Snape, também. Sacudiu a cabeça. Não parecia ter absorvido uma única palavra do que Snape dissera. Olhava, aparentemente repugnado, para a feia Marca no braço de Snape, depois ergueu os olhos para Dumbledore e murmurou:
– Não sei do que você e seus professores estão brincando, Dumbledore, mas já ouvi o bastante. Não tenho nada a acrescentar. Entro em contato com você amanhã para discutirmos a administração da escola. Preciso voltar ao Ministério.
Já chegara quase à porta quando parou. Virou-se, voltou para a enfermaria e se deteve junto à cama de Harry.
– Seu prêmio – disse brevemente, tirando uma grande bolsa de ouro do bolso e largando-a na mesa de cabeceira do garoto. – Mil galeões. Deveria ter havido uma cerimônia de premiação, mas nas circunstâncias...
E enfiando seu chapéu-coco na cabeça, ele saiu da enfermaria, batendo a porta ao passar. No instante em que desapareceu, Dumbledore se voltou para o grupo ao redor da cama de Harry.
– Temos trabalho a fazer – disse. – Molly... estou certo em pensar que posso contar com você e Arthur?
– Claro que pode – disse a Sra. Weasley. Estava pálida até nos lábios, mas parecia decidida. – Ele sabe quem Fudge é. É a afeição de Arthur por trouxas que o tem mantido no Ministério todos esses anos. O ministro acha que falta a ele o orgulho que espera de um bruxo.
– Então preciso mandar uma mensagem a ele – disse Dumbledore. – Todos os que pudermos persuadir da verdade devem ser avisados imediatamente, e Arthur está bem colocado para entrar em contato com as pessoas no Ministério que não sejam tão míopes quanto o Cornélio.
– Vou procurar papai – disse Gui, levantando-se. – Vou agora.

– Excelente – exclamou Dumbledore. – Diga-lhe o que aconteceu. Diga-lhe que entrarei em contato com ele em breve. Mas que ele precisa ser discreto. Se Fudge achar que estou interferindo no Ministério...

– Pode deixar comigo – disse Gui.

O rapaz deu uma palmadinha no ombro de Harry, beijou a mãe no rosto, vestiu a capa e saiu rapidamente da enfermaria.

– Minerva – disse Dumbledore virando-se para a Profª McGonagall –, quero ver Hagrid no meu escritório o mais depressa possível. E também, se ela concordar em vir, Madame Maxime.

A professora aquiesceu com um aceno de cabeça e saiu sem dizer nada.

– Papoula – disse Dumbledore a Madame Pomfrey –, será que você me faria a gentileza de ir à sala do Prof. Moody, onde acho que encontrará lá um elfo doméstico chamado Winky em grande sofrimento? Faça o que puder por ela e leve-a de volta à cozinha. Acho que Dobby cuidará dela para nós.

– Claro... claro que sim – respondeu a enfermeira parecendo espantada, e ela também saiu.

Dumbledore certificou-se de que a porta estava trancada e que o ruído dos passos de Madame Pomfrey tinha morrido na distância, antes de tornar a falar.

– E agora – disse ele – está na hora de duas pessoas deste grupo se reconhecerem pelo que são. Sirius... se puder retomar sua forma habitual.

O cachorrão preto ergueu a cabeça para o diretor, depois, num segundo, voltou a ser homem.

A Sra. Weasley gritou e se afastou da cama.

– Sirius Black! – tornou a gritar ela com voz aguda, apontando para o bruxo.

– Mamãe, cala a boca! – berrou Rony. – Está tudo bem!

Snape não gritara nem saltara para trás, mas a expressão do seu rosto era uma mescla de fúria e horror.

– Ele! – rosnou o professor, arregalando os olhos para Sirius, cujo rosto exprimia igual desagrado. – Que é que ele está fazendo aqui?

– Está aqui a meu convite – disse Dumbledore, olhando para ambos – como você, Severo. Confio nos dois. Está na hora de porem de lado as velhas diferenças e confiarem um no outro.

Harry achou que Dumbledore estava pedindo quase um milagre. Sirius e Snape se entreolhavam com a maior repugnância.

– Aceitarei, a curto prazo – disse Dumbledore, com uma certa impaciência na voz –, que suspendam as hostilidades ostensivas. Os dois apertem as mãos. Estão do mesmo lado agora. O tempo é curto e, a não ser que os poucos de nós que conhecem a verdade se mantenham unidos, não haverá esperança para ninguém.

Muito devagar – mas ainda se olhando feio como se não desejassem um ao

outro se não o mal – Sirius e Snape se aproximaram e apertaram as mãos. Mas as soltaram bem rápido.

– Já é o bastante para começar – disse o diretor se interpondo aos dois homens mais uma vez. – Agora tenho trabalho para cada um de vocês. A atitude de Fudge, embora não seja inesperada, muda tudo, Sirius. Preciso que você comece imediatamente. Alerte Remo Lupin, Arabella Figg, Mundungo Fletcher, a turma antiga. Fique escondido com Lupin por enquanto, entrarei em contato com você lá.

– Mas... – começou Harry.

O garoto queria que Sirius ficasse. Não queria dizer adeus novamente tão depressa.

– Você voltará a me ver em breve, Harry – disse Sirius, virando-se para o afilhado. – Prometo. Mas preciso fazer o que posso, você compreende, não?

– Claro. Claro... que sim.

Sirius apertou a mão de Harry brevemente, se despediu de Dumbledore com um aceno da cabeça, voltou a se transformar em cachorro preto e correu para a porta, cuja maçaneta abriu com a pata. Então desapareceu.

– Severo – disse Dumbledore, voltando-se para Snape –, você sabe o que preciso lhe pedir para fazer. Se estiver disposto... se estiver preparado...

– Estou – disse Snape.

O professor parecia um pouco mais pálido do que o habitual, e seus olhos frios e negros brilharam estranhamente.

– Então, boa sorte – e o diretor acompanhou, com uma certa apreensão no rosto, Snape partir em seguida a Sirius sem dizer palavra.

Passaram-se vários minutos até Dumbledore tornar a falar.

– Preciso ir lá embaixo – disse finalmente. – Preciso ver os Diggory. Harry, tome o resto da sua poção. Verei todos vocês mais tarde.

Harry se deixou cair nos travesseiros enquanto Dumbledore desaparecia. Hermione, Rony e a Sra. Weasley ficaram olhando para o garoto. Nenhum deles falou durante muito tempo.

– Você tem que tomar o resto da sua poção, Harry – disse finalmente a Sra. Weasley. Ao apanhar o frasco e a taça, ela bateu com a mão no saco de ouro à mesa de cabeceira. – Durma bastante. Tente pensar em outra coisa por um tempo... pense no que vai comprar com o seu prêmio!

– Não quero esse ouro – falou Harry com a voz sem emoção. – Pode ficar com ele. Qualquer um pode ficar com ele. Eu não deveria ter ganhado Deveria ter sido de Cedrico.

A coisa contra a qual ele estivera lutando intermitentemente, desde que saíra do labirinto, ameaçava engolfá-lo. Sentiu uma ardência, um formiga-mento nos

cantos internos dos olhos. Ele piscou e ficou encarando o teto.
– Não foi sua culpa, Harry – sussurrou a Sra. Weasley.
– Eu disse a ele que apanhasse a Taça comigo.
Agora a sensação de ardência passara à garganta, também. Ele desejou que Rony olhasse para outro lado.
A Sra. Weasley deixou a poção em cima da mesinha, abaixou-se e passou os braços em volta de Harry. O garoto não tinha lembrança de jamais ter sido abraçado assim, como faria uma mãe. Todo o peso do que vira aquela noite pareceu desabar sobre ele quando a Sra. Weasley o apertou contra o peito. O rosto de sua mãe, a voz de seu pai, a visão de Cedrico morto no chão, tudo começou a girar em sua cabeça até ele não conseguir mais aguentar, até seu rosto se contrair todo para conter o uivo de infelicidade que lutava para escapar de dentro dele.
Ouviu-se uma pancada e a Sra. Weasley e Harry se separaram. Hermione estava parada junto à janela. Apertava alguma coisa com força na mão.
– Desculpem – sussurrou.
– Sua poção, Harry – disse a Sra. Weasley depressa, enxugando os olhos com as costas da mão.
Harry bebeu a poção de um só gole. O efeito foi instantâneo. Ondas pesadas e irresistíveis de sono sem sonhos o envolveram, ele tombou sobre os travesseiros e não pensou mais.

— CAPÍTULO TRINTA E SETE —

O começo

Quando relembrou os acontecimentos, mesmo um mês depois, Harry descobriu que havia pouco a se lembrar dos dias que se sucederam. Era como se ele tivesse passado por coisas em excesso para poder absorver mais alguma. As lembranças que guardara eram muito dolorosas. A pior talvez tivesse sido o encontro com os Diggory, que ocorreu na manhã seguinte.

Eles não o culparam pelo que acontecera; pelo contrário, ambos lhe agradeceram por ter trazido o corpo do filho de volta. O Sr. Diggory soluçou a maior parte da entrevista. A dor da Sra. Diggory parecia ter ultrapassado o consolo das lágrimas.

– Ele sofreu pouco, então – disse ela, depois que Harry lhe contou como Cedrico havia morrido. – Afinal, Amos... ele morreu no momento em que venceu o torneio. Devia estar muito feliz.

Ao se levantarem, ela olhou para Harry e disse:

– Cuide-se bem.

Harry apanhou o saco de ouro na mesa de cabeceira.

– Podem levar – murmurou para a senhora. – Deveria ter sido de Cedrico, ele chegou à Taça primeiro, levem...

Mas ela se afastou dele.

– Ah, não, é seu, querido, não poderíamos... fique para você.

Harry voltou à Torre da Grifinória na noite seguinte. Pelo que Hermione e Rony lhe contaram, Dumbledore se dirigira à escola naquela manhã, ao café. Pedira apenas que deixassem Harry em paz, que ninguém lhe fizesse perguntas nem o aborrecesse pedindo que contasse o que acontecera no labirinto. A maioria dos colegas, reparou Harry, estava lhe dando distância nos corredores, evitando olhá-lo. Alguns cochichavam tampando a boca com as mãos quando o garoto passava.

Ele imaginou que muitos teriam acreditado no artigo de Rita Skeeter sobre sua perturbação mental e a possibilidade de ser perigoso. Talvez estivessem formulando as próprias teorias sobre a morte de Cedrico. Ele descobriu que não fazia muita diferença. Gostava mais quando estava com Rony e Hermione e conversavam de outras coisas ou então eles o deixavam ficar calado enquanto jogavam xadrez. Sentia que os três haviam chegado a um entendimento que não precisava ser expresso com palavras; que cada um estava à espera de um sinal, uma palavra, sobre o que estava acontecendo fora dos muros de Hogwarts – e que era inútil especular até que soubessem de alguma coisa ao certo. A única vez em que tocaram no assunto foi quando Rony contou a Harry sobre o encontro que a Sra. Weasley tivera com Dumbledore antes de voltar para casa.

– Ela foi perguntar ao diretor se você poderia ir direto para nossa casa no verão. Mas o diretor quer que você vá para a casa dos Dursley, pelo menos no começo.

– Por quê? – perguntou Harry.

– Ela disse que Dumbledore tem lá as razões dele – explicou Rony, balançando a cabeça sombriamente. – Suponho que temos de confiar nele, não é?

A única pessoa além de Rony e Hermione com quem Harry se sentia capaz de falar era Hagrid. E como não havia mais professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, tinham o tempo dessa aula livre. Usaram o da tarde de quinta-feira para visitar Hagrid em casa. Fazia um dia claro e ensolarado; Canino saltou pela porta aberta quando eles se aproximaram, latindo e abanando o rabo feito louco.

– Quem está aí? – perguntou Hagrid chegando até a porta. – *Harry!*

E saiu ao encontro dos garotos, puxando Harry para um abraço com uma das mãos e despenteando os cabelos dele com a outra disse:

– Que bom ver você companheiro. Que bom ver você.

Os três viram duas xícaras do tamanho de baldes sobre a mesa de madeira diante da lareira quando entraram na cabana.

– Tomando uma xícara de chá com Olímpia – disse Hagrid –, ela acabou de sair.

– Quem? – perguntou Rony curioso.

– Madame Maxime, é claro! – explicou Hagrid.

– Vocês dois fizeram as pazes, então? – perguntou Rony.

– Não sei do que você está falando – disse Hagrid com displicência, indo buscar mais xícaras na cômoda. Depois de preparar o chá e oferecer um prato de biscoitos massudos, ele se sentou e examinou Harry mais de perto com aqueles seus olhos de besouros negros.

“Você está bem?”, perguntou rouco.

– Tô.
– Não, não está. Claro que não está. Mas vai ficar.
Harry não respondeu nada.
– Eu sabia que ele ia voltar – disse Hagrid, e Harry, Rony e Hermione olharam para ele chocados. – Sei há anos, Harry. Sabia que estava lá fora, esperando a hora. Tinha que acontecer. Bom, agora aconteceu, e vamos ter de conviver com isso. Vamos lutar. Talvez a gente consiga deter o homem antes que ele se firme. Pelo menos esse é o plano de Dumbledore. Grande homem. Dumbledore. Enquanto contarmos com ele, não estou muito preocupado.
Hagrid ergueu as sobrancelhas espessas ao ver a expressão de incredulidade nos rostos dos garotos.
– Não adianta a gente ficar sentado se preocupando. O que tiver que ser será, e nós o enfrentaremos quando vier. Dumbledore me contou o que você fez, Harry.
O peito de Hagrid inchou ao fitar Harry.
– Você fez tanto quanto o seu pai teria feito e não posso lhe fazer elogio maior.
Harry retribuiu o sorriso do amigo. Era a primeira vez que sorria em dias.
– Que foi que Dumbledore lhe pediu para fazer, Hagrid? – perguntou o garoto.
– Ele mandou a Profª Minerva convidar você e Madame Maxime para irem à sala dele... naquela noite.
– Tem um trabalhinho para mim durante o verão – disse Hagrid. – Mas é segredo. Não tenho licença para falar, nem para vocês. Olímpia, Madame Maxime para vocês, talvez vá comigo. Acho que irá. Acho que a convenci.
– Tem ligação com Voldemort?
Hagrid fez uma careta ao ouvir aquele nome.
– Talvez – respondeu evasivamente. – Agora... quem gostaria de visitar o último explosivim comigo? Brincadeirinha, brincadeirinha! – acrescentou ele depressa, ao ver a cara dos garotos.

Foi com uma opressão no peito que Harry arrumou seu malão no dormitório, na véspera do seu regresso à rua dos Alfeneiros. Estava com medo da Festa de Despedida, que normalmente era motivo de comemoração, pois nela anunciavam o vencedor do campeonato entre as Casas. Ele andava evitando o Salão Principal quando estava cheio, desde que deixara a ala hospitalar, dando preferência a comer quando ficava quase vazio, para evitar os olhares dos colegas.
Quando ele, Rony e Hermione entraram no salão, notaram imediatamente que não havia as decorações de costume. O Salão Principal em geral era enfeitado com as cores da Casa vencedora na Festa de Despedida. Esta noite, no entanto, havia panos pretos na parede ao fundo onde ficava a mesa dos professores. Harry percebeu instantaneamente que eram um sinal de respeito por Cedrico.

O verdadeiro Olho-Tonto Moody estava à mesa, a perna de pau e o olho mágico nos lugares. Mostrava-se extremamente inquieto e assustadiço todas as vezes que alguém lhe falava. Harry não pôde culpá-lo; o medo que Moody tinha de ser atacado com certeza havia crescido depois de ficar preso no seu próprio malão durante dez meses. O lugar do Prof. Karkaroff estava vazio. Harry se perguntou, ao sentar-se com os colegas da Grifinória, onde andaria o bruxo; se Voldemort já o teria alcançado.

Madame Maxime continuava em Hogwarts. Estava sentada ao lado de Hagrid. Falavam entre si baixinho. Mais adiante na mesa, ao lado da Profª McGonagall, estava Snape. Seus olhos se demoraram em Harry por um momento quando o garoto olhou em sua direção. Sua expressão era difícil de traduzir. Parecia tão amargurado e desagradável como sempre. Harry continuou a observá-lo muito depois do professor ter desviado o olhar.

Que será que Snape fizera por ordem de Dumbledore, na noite em que Voldemort ressurgira? E por que... *por que*... Dumbledore tinha tanta convicção de que Snape estava realmente do lado deles? Espionara para eles, dissera Dumbledore na Penseira. “Snape espionara Voldemort correndo grandes riscos pessoais.” Seria essa a tarefa que retomara? Teria feito contato com os Comensais da Morte, talvez? Fingira que jamais se passara realmente para o lado de Dumbledore, que estivera, a exemplo do próprio Voldemort, aguardando sua hora?

As indagações de Harry foram interrompidas pelo Prof. Dumbledore, que se levantou à mesa dos professores. O Salão Principal, que por sinal tinha estado menos barulhento do que costumava ser em uma Festa de Despedida, ficou muito silencioso.

– O fim – disse Dumbledore olhando para todos – de mais um ano.

Ele fez uma pausa e seu olhar pousou na mesa da Lufa-Lufa. A mais silenciosa de todas antes do diretor se levantar, e continuava a ser a mais triste e de rostos mais pálidos do salão.

– Há muita coisa que eu gostaria de dizer a todos vocês esta noite mas, primeiro, quero lembrar a perda de uma excelente pessoa, que deveria estar sentado aqui – ele fez um gesto em direção à mesa da Lufa-Lufa –, festejando conosco. Eu gostaria que todos os presentes, por favor, se levantassem e fizessem um brinde a Cedrico Diggory.

Todos obedeceram; os bancos se arrastaram e os alunos no salão se levantaram e ergueram seus cálices e ouviu-se um eco uníssono, alto, grave e ressonante: Cedrico Diggory.

De relance, Harry viu Cho entre os colegas. Havia lágrimas silenciosas correndo pelo seu rosto. Ele baixou os olhos para a própria mesa quando todos

tornaram a se sentar.
– Cedrico era o aluno que exemplificava muitas das qualidades que distinguem a Casa da Lufa-Lufa – continuou Dumbledore. – Era um amigo bom e leal, uma pessoa aplicada, valorizava o jogo limpo. Sua morte nos afetou a todos, quer vocês o conhecessem bem ou não. Portanto, creio que vocês têm o direito de saber exatamente como aconteceu.
Harry ergueu a cabeça e encarou Dumbledore.
– Cedrico Diggory foi morto por Lorde Voldemort.
Um murmúrio de pânico varreu o Salão Principal. As pessoas olharam para Dumbledore incrédulas, horrorizadas. Ele parecia perfeitamente calmo ao observar os presentes até pararem de murmurar.
– O ministro da Magia – continuou Dumbledore – não quer que eu lhes diga isto. É possível que alguns pais se horrorizem com o que acabo de fazer, ou porque não acreditam que Lorde Voldemort tenha ressurgido ou porque acham que eu não deva lhes informar isto por serem demasiado jovens. Creio, no entanto, que a verdade é, em geral, preferível às mentiras, e qualquer tentativa de fingir que Cedrico Diggory morreu em consequência de um acidente ou de algum erro que cometeu é um insulto à sua memória.
Atordoados e temerosos, cada rosto no salão voltava-se para Dumbledore agora... ou quase todos. Na mesa da Sonserina, Harry viu Draco Malfoy cochichar alguma coisa para Crabbe e Goyle. O garoto sentiu no estômago um espasmo nauseante e quente de raiva. Forçou-se a olhar para Dumbledore.
– Há mais alguém que deve ser mencionado com relação à morte de Cedrico – continuou Dumbledore. – Estou me referindo, naturalmente, a Harry Potter.
Um murmúrio atravessou o salão e algumas cabeças se viraram em direção ao garoto antes de tornarem a fitar Dumbledore.
– Harry Potter conseguiu escapar de Lorde Voldemort. E arriscou a própria vida para trazer o corpo de Cedrico de volta a Hogwarts. Ele demonstrou, sob todos os aspectos, uma bravura que poucos bruxos jamais demonstraram diante de Lorde Voldemort e, por isso, eu o homenageio.
Dumbledore virou-se solenemente para Harry e ergueu sua taça mais uma vez. Quase todos os presentes no Salão Principal seguiram seu exemplo. E murmuraram seu nome, conforme tinham murmurado o de Cedrico, e beberam em sua homenagem. Mas, por uma brecha entre os que estavam de pé, Harry viu que Malfoy, Crabbe, Goyle e muitos alunos da Sonserina, num gesto de desafio, tinham permanecido sentados, os cálices intocados. Dumbledore, que afinal de contas não possuía olhos mágicos, não os viu.
Quando todos se sentaram mais uma vez, o diretor continuou:
– O objetivo do Torneio Tribruxo era aprofundar e promover o entendimento

no mundo mágico. À luz do que aconteceu, o ressurgimento de Lorde Voldemort, esses laços se tornam mais importantes do que nunca.

O olhar do diretor foi de Madame Maxime e Hagrid a Fleur Delacour e seus colegas de Beauxbatons, daí para Krum e os alunos de Durmstrang à mesa da Sonserina. Krum, Harry observou, parecia preocupado, quase temeroso, como se esperasse Dumbledore dizer alguma coisa desagradável.

– Cada convidado neste salão – disse o diretor e seu olhar se demorou nos alunos de Durmstrang – será bem-vindo se algum dia quiser voltar para cá. Repito a todos, à luz do ressurgimento de Lorde Voldemort, seremos tão fortes quanto formos unidos e tão fracos quanto formos desunidos.

"O talento de Lorde Voldemort para disseminar a desarmonia e a inimizade é muito grande. Só podemos combatê-lo mostrando uma ligação igualmente forte de amizade e confiança. As diferenças de costumes e língua não significam nada se os nossos objetivos forem os mesmos e os nossos corações forem receptivos.

"Creio – e nunca tive tanta esperança de estar enganado – que estamos diante de tempos negros e difíceis. Alguns de vocês, neste salão, já sofreram diretamente nas mãos de Lorde Voldemort. As famílias de muitos já foram despedaçadas. Há apenas uma semana, um aluno foi levado do nosso meio.

"Lembrem-se de Cedrico Diggory. Lembrem-se, se chegar a hora de terem de escolher entre o que é certo e o que é fácil, lembrem-se do que aconteceu com um rapaz que era bom, generoso e corajoso, porque ele cruzou o caminho de Lorde Voldemort. Lembrem-se de Cedrico Diggory."

O malão de Harry estava pronto; Edwiges, presa na gaiola em cima do malão. Harry, Rony e Hermione aguardavam no saguão de entrada lotado, com os demais alunos do quarto ano, as carruagens que deviam levá-los à estação de Hogsmeade. Fazia mais um belo dia de verão. Harry supôs que a rua dos Alfeneiros estaria quente e cheia de folhas, os canteiros de flores em uma profusão de cores, quando ele chegasse lá à noite. O pensamento não lhe trouxe prazer algum.

– Arry!

Ele olhou. Fleur Delacour vinha entrando no castelo correndo. Para além da garota, lá longe no jardim, Harry viu Hagrid ajudando Madame Maxime a atrelar os cavalos à carruagem. A carruagem de Beauxbatons estava prestes a partir.

– Nos verremes utrra vez, esperro – disse Fleur, que estendeu a mão quando o alcançou. – Estou querrendo arranjar um emprrego aqui para melhorrar o meu inglês.

– Já é bastante bom – disse Rony com a voz meio estrangulada. Fleur sorriu para ele; Hermione amarrou a cara para o amigo.

– Adeus, Arry – disse Fleur, virando-se para ir embora. – Foi um prrazer conhecerr você!

O estado de ânimo de Harry não pôde deixar de melhorar um pouquinho ao observar Fleur correr pelos gramados de volta a Madame Maxime, seus cabelos prateados ondeando ao sol.

– Como será que os alunos de Durmstrang vão voltar para casa? – indagou Rony. – Vocês acham que eles são capazes de comandar aquele navio sem o Karkaroff?

– Karkaroff non comandou – disse uma voz ríspida. – Ficou na cabine e deixou o trrabalho conosco. – Krum viera se despedir de Hermione. – Posso lhe darr uma palavrrinha? – pediu ele.

– Ah... claro... tudo bem – respondeu a garota, e parecendo ligeiramente afobada acompanhou Krum pela aglomeração de alunos até desaparecer de vista.

– É melhor você se apressar! – gritou Rony para ela. – As carruagens vão chegar a qualquer momento!

Mas ele deixou com Harry a tarefa de vigiar a chegada das carruagens e passou os minutos seguintes esticando o pescoço por cima dos colegas para tentar ver o que Krum e Hermione poderiam estar fazendo. Os dois voltaram bem depressa, mas o rosto da garota estava impassível.

– Eu gostava de Diggory – disse Krum abruptamente a Harry. – Erra semprre educado comigo. Semprre. Mesmo eu sendo de Durrmstrrang, com Karkaroff – acrescentou ele, fechando a cara.

– Vocês já têm um novo diretor? – perguntou Harry.

Krum sacudiu os ombros. Depois estendeu a mão, como fizera Fleur, apertou a de Harry e em seguida a de Rony.

Rony parecia estar sofrendo um doloroso conflito interior. Krum já começara a se afastar quando ele falou de supetão.

– Pode me dar seu autógrafo?

Hermione se virou rindo para as carruagens sem cavalos, que agora vinham saculejando pelo caminho, quando Krum, com ar de surpresa, mas muito satisfeito, assinou um pedaço de pergaminho para Rony.

O tempo não poderia estar mais diferente na viagem de volta a King’s Cross do que estivera na vinda para Hogwarts, em setembro. Não havia uma única nuvem no céu. Harry, Rony e Hermione tinham conseguido uma cabine só para eles. Pichitinho mais uma vez viajava escondida sob as vestes a rigor de Rony para não ficar piando continuamente. Edwiges cochilava, a cabeça debaixo de uma asa, e Bichento se enroscara em um lugar vazio como uma grande almofada peluda cor de gengibre. Harry, Rony e Hermione conversaram mais longa e

livremente do que haviam feito durante toda a semana, enquanto o trem os levava para o sul. Harry teve a impressão de que o discurso de Dumbledore na Festa de Despedida de alguma forma o desbloqueara. Tornara-se menos doloroso para ele falar sobre o que acontecera. Os amigos somente interromperam a conversa sobre as medidas que Dumbledore poderia estar tomando naquele instante para deter Voldemort, quando o carrinho de comida chegou.

Ao voltar do carrinho, Hermione guardou o troco na mochila e apanhou um exemplar do *Profeta Diário* que levava ali.

Harry olhou para o jornal, pouco seguro se realmente gostaria de saber o que dizia, mas Hermione, vendo-o olhar, disse calmamente:

– Não tem nada aqui. Pode ver por você mesmo, não tem nada aqui. Estive verificando todos os dias. Só uma pequena notícia no dia seguinte à terceira tarefa, dizendo que você ganhou o torneio. O jornal sequer mencionou Cedrico. Nenhum comentário sobre nada. Se vocês me perguntarem, acho que Fudge está obrigando o jornal a se calar.

– Ele jamais faria Rita se calar – disse Harry. – Não sobre uma história dessas.

– Ah, Rita não tem escrito nada desde a terceira tarefa – disse Hermione, com uma voz estranhamente contida. – Aliás – acrescentou, agora com a voz ligeiramente trêmula –, Rita Skeeter não vai escrever nadinha por algum tempo. A não ser que queira que eu ponha a boca no trombone sobre *ela*.

– Do que é que você está falando? – perguntou Rony.

– Descobri como é que ela fazia para escutar conversas particulares já que estava proibida de entrar nos terrenos da escola – explicou a garota depressa.

Harry teve a impressão de que Hermione andava há dias doidinha para contar a eles, mas se contivera por conta de tudo o mais que havia acontecido.

– Como é que ela fazia? – perguntou Harry na mesma hora.

– Como foi que você descobriu? – perguntou Rony, olhando admirado para a amiga.

– Bom, na realidade foi você, Harry, quem me deu a ideia.

– Eu? – exclamou Harry perplexo. – Como?

– *Grampo* – disse a garota satisfeita.

– Mas você disse que não funcionava...

– Ah, não um grampo *ele trônico*. Não, sabe... Rita Skeeter – a voz de Hermione tremeu de silencioso triunfo – é um animago clandestino. Ela pode se transformar...

Hermione tirou um frasco lacrado de dentro da mochila.

– ... em besouro.

– Você está brincando – exclamou Rony. – Você não... ela não está...

– Ah, está – respondeu Hermione com ar de felicidade, mostrando o frasco

para os amigos.

Dentro havia uns gravetos e folhas e um grande e gordo besouro.

– Nunca... você está brincando... – sussurrou Rony, erguendo o frasco à altura dos olhos.

– Não, não estou – disse Hermione, com um largo sorriso. – Apanhei-a no peitoril da janela da enfermaria. Olhe com atenção e você vai notar as marcas em volta das antenas exatamente iguais às daqueles óculos horrorosos que ela usa.

Harry olhou e viu que a garota tinha razão. E ele também se lembrou de uma coisa.

– Havia um besouro em cima da estátua na noite em que ouvimos Hagrid falando com Madame Maxime sobre a mãe dele!

– Exatamente – confirmou Hermione. – E Vítor tirou um besouro dos meus cabelos quando estávamos conversando na beira do lago. E, a não ser que eu esteja muito enganada, Rita estava encarapitada no peitoril da janela da classe de Adivinhação no dia em que sua cicatriz doeu. Ela andou besourando pela escola o ano inteiro.

– Quando vimos Malfoy debaixo daquela árvore... – lembrou Rony lentamente.

– Ele estava falando com a Rita segura na mão – disse Hermione. – Ele sabia, é claro. Foi assim que ela fez aquelas entrevistinhas simpáticas com os alunos da Sonserina. Aqueles garotos não ligariam se ela estivesse fazendo uma coisa ilegal, desde que pudessem contar barbaridades sobre Hagrid e nós.

Hermione apanhou o frasco da mão de Rony e sorriu para o besouro, que zuniu irritado contra o vidro.

– Já avisei a ela que só vou soltá-la quando chegarmos a Londres. Lancei um Feitiço Antiquebra no frasco, entendem, para ela não poder se transformar. E avisei, também, que vai ter que guardar a pena só para ela durante um ano. Vamos ver se ela perde o hábito de escrever mentiras horríveis sobre as pessoas.

Sorrindo serenamente, Hermione tornou a guardar o besouro na mochila.

A porta da cabine se abriu.

– Muito esperta, Granger – exclamou Draco Malfoy.

Crabbe e Goyle vinham atrás dele. Os três pareciam mais satisfeitos com eles mesmos, mais arrogantes e mais ameaçadores, do que Harry jamais os vira.

– Então – disse Malfoy, entrando lentamente na cabine e olhando para os três, um sorrisinho brincando em seus lábios. – Vocês apanharam uma repórter patética, e Potter voltou a ser o aluno favorito de Dumbledore. Grande coisa.

Seu sorriso se alargou. Crabbe e Goyle fizeram cara de desdém.

– Estamos tentando não pensar naquilo, é? – disse ele calmamente, continuando a se dirigir aos três. – Tentando fingir que não aconteceu?

– Dá o fora – disse Harry.
Ele não chegava perto de Malfoy desde que o vira cochichando com Crabbe e Goyle durante o discurso de Dumbledore sobre Cedrico. Sentiu uma espécie de zumbido nos ouvidos. Sua mão agarrou a varinha sob as vestes.
– Você escolheu o lado perdedor, Potter! Eu lhe avisei! Eu lhe disse que devia escolher com quem anda com mais cuidado, lembra? Quando nos encontramos no trem, no primeiro dia de Hogwarts? Eu lhe disse para não andar com ralé desse tipo! – Ele indicou Rony e Hermione com a cabeça. – Tarde demais agora, Potter! Eles serão os primeiros a ir, agora que o Lorde das Trevas voltou! Sangues ruins e amantes de trouxas primeiro! Bom, em segundo lugar, Diggory foi o pr...
Foi como se alguém tivesse explodido uma caixa de fogos na cabine. Cego pelo clarão dos feitiços que voaram em todas as direções, surdo pela série de estampidos, Harry piscou olhando para o chão.
Malfoy, Crabbe e Goyle estavam caídos inconscientes à porta. Ele, Rony e Hermione estavam de pé, depois de cada um ter usado um feitiço diferente. E não tinham sido os únicos a fazer isso.
– Achamos que devíamos dar uma olhada no que os três iam aprontar – disse Fred factualmente, pisando em cima de Goyle, no que foi imitado por Jorge, que teve o cuidado de pisar em Malfoy ao entrar com o irmão na cabine.
– Que efeito interessante! – exclamou Jorge, olhando para Crabbe. – Quem usou o Feitiço *Furnunculus*?
– Eu – respondeu Harry.
– Que estranho! – disse Jorge descontraído. – Eu usei o das Pernas-Bambas. Parece que não se deve misturar os dois. Brotaram pequenos tentáculos pela cara dele toda. Bom, não vamos deixar os três aqui, eles não contribuem nada para a decoração.
Rony, Harry e Jorge chutaram, rolaram e empurraram os inconscientes Malfoy, Crabbe e Goyle – cada um com a aparência pior, dada a mistura de feitiços com que tinham sido atingidos – até o corredor, depois voltaram para a cabine e fecharam a porta.
– Alguém topa um Snap Explosivo? – convidou Jorge puxando um baralho.
Já estavam no meio da quinta partida quando Harry resolveu fazer a eles a pergunta.
– Então vão nos contar? – dirigiu-se ele a Jorge. – Quem é que vocês estavam chantageando?
– Ah – disse Jorge misteriosamente. – *Aquilo*.
– Vamos deixar pra lá – disse Fred, balançando a cabeça impaciente. – Não foi nada importante. Pelo menos a essa altura.

– Desistimos – disse Jorge encolhendo os ombros.
Mas Harry, Rony e Hermione continuaram insistindo e finalmente Fred falou:
– Está bem, está bem, se vocês querem mesmo saber... era Ludo Bagman.
– Bagman? – disse Harry na mesma hora. – Vocês estão dizendo que ele estava envolvido...
– Nããо – disse Jorge desanimado. – Nada a ver. Um debiloide. Não teria cérebro para tanto.
– Então, quem?
Fred hesitou, depois disse:
– Vocês se lembram da aposta que fizemos com ele na Copa Mundial de Quadribol? Que a Irlanda ia ganhar, mas Krum capturaria o pomo?
– Lembro – disseram Harry e Rony lentamente.
– Bom, o babaca nos pagou com aquele ouro de *leprechaun* que os mascotes da Irlanda tinham jogado.
– E daí?
– E daí – disse Fred impaciente – desapareceu, não é? Na manhã seguinte, tinha desaparecido!
– Mas... deve ter sido sem querer, não? – perguntou Hermione.
Jorge riu muito amargurado.
– É, foi o que nós pensamos a princípio. Achamos que se escrevêssemos a ele e disséssemos que tinha havido um engano, ele nos pagaria direito. Mas nada feito. Nem deu bola para a nossa carta. Continuamos tentando falar com ele sobre isso em Hogwarts, mas estava sempre arranjando uma desculpa para se afastar de nós.
– No fim ele começou a engrossar – comentou Fred. – Disse que éramos muito jovens para apostar em jogos de azar e que ele não ia nos dar nada.
– Então pedimos a ele que devolvesse o nosso dinheiro – disse Jorge amarrando a cara.
– Ele não teve a coragem de recusar! – exclamou Hermione.
– Acertou na primeira – disse Fred.
– Mas eram todas as economias de vocês! – disse Rony.
– Me conta uma novidade – disse Jorge. – Claro que acabamos descobrindo o que estava rolando. O pai de Lino Jordan também tinha tido um trabalho danado para receber algum dinheiro de Bagman. O caso é que ele estava encalacrado até o pescoço com os duendes. Tinha pedido emprestado a eles uma montanha de dinheiro. Uma turma encurralou Bagman na floresta depois da Copa Mundial e tirou todo o ouro que ele levava nos bolsos, mas ainda não era suficiente para cobrir as dívidas. Os duendes o seguiram até Hogwarts para ficar de olho nele. O cara tinha perdido tudo no jogo. Não tinha mais nem dois galeões para esfregar

um no outro. E sabe como foi que o idiota tentou pagar aos duendes?
– Como? – perguntou Harry.
– Apostou em você companheiro – disse Fred. – Fez uma aposta enorme que você ganharia o torneio. Apostou com os duendes.
– Então foi por *isso* que ele ficou tentando me ajudar a ganhar! – disse Harry. – Bom, e eu ganhei, não é mesmo? Então ele já pode pagar o ouro de vocês!
– Não – respondeu Jorge, balançando a cabeça. – Os duendes jogaram sujo com ele. Disseram que você ganhou com Diggory, e Bagman tinha apostado que você ganharia sozinho. Então Bagman teve que se mandar para salvar a pele. E foi o que fez logo depois da terceira tarefa.
Jorge deu um profundo suspiro e começou a dar as cartas outra vez.
O resto da viagem foi bem agradável; Harry na verdade desejou que ela pudesse ter continuado pelo verão afora, e que nunca chegassem a King's Cross... mas como aprendera a duras penas aquele ano, o tempo não desacelerava quando alguma coisa desagradável estava à espera da gente, e logo, logo o Expresso de Hogwarts estaria entrando na plataforma nove e meia. O barulho e a confusão de sempre encheram os corredores do trem quando os alunos começaram a desembarcar. Rony e Hermione lutaram para passar com as malas ao largo de Malfoy, Crabbe e Goyle.
Harry, no entanto, ficou parado.
– Fred, Jorge, esperem aí.
Os gêmeos se viraram. Harry abriu o malão e tirou a bolsa com o prêmio do Torneio Tribruxo.
– Para vocês – disse ele, e enfiou a bolsa nas mãos de Jorge.
– Quê? – exclamou Fred, aparvalhado.
– Para vocês – repetiu Harry com firmeza. – Eu não quero.
– Você pirou – disse Jorge, tentando empurrar a bolsa de volta para o garoto.
– Não, não pirei. Fiquem com ele e continuem inventando. É para a loja de logros.
– Ele pirou – disse Jorge, com assombro na voz.
– Escutem – disse Harry decidido. – Se vocês não aceitarem eu vou jogar fora. Não quero o ouro e não preciso dele. Mas dar umas boas gargalhadas bem que ajudaria. Tenho a impressão de que vamos precisar delas mais do que de costume e não vai demorar muito.
– Harry – disse Jorge sem muita convicção, pesando a bolsa de dinheiro nas mãos –, deve ter uns mil galeões aqui.
– Tem – disse Harry sorrindo. – Pensem quantos Cremes de Canário vão poder fabricar.
Os gêmeos ficaram olhando para ele.

– Só não contem à sua mãe onde arranjaram o ouro... embora, pensando bem, ela talvez não esteja mais querendo tanto que vocês entrem para o Ministério...

– Harry – começou Fred, mas o garoto empunhou a varinha.

– Olhem – disse em tom de quem não admite contestação –, ou levam ou azaro vocês. Conheço umas boas azarações agora. Mas me façam um favor, OK? Comprem umas roupas a rigor diferentes para Rony e digam que é presente de vocês.

Harry deixou a cabine antes que os gêmeos pudessem dizer mais alguma coisa, pulando por cima de Malfoy, Crabbe e Goyle, que continuavam caídos no chão, cobertos de feitiços.

Tio Válter estava aguardando do outro lado da barreira. A Sra. Weasley muito próxima dele. Ela deu um abraço apertado em Harry quando o viu e cochichou em seu ouvido:

– Acho que Dumbledore vai deixar você ficar conosco mais para o fim do verão. Fique em contato, Harry.

– A gente se vê, Harry – disse Rony lhe dando uma palmadinha nas costas.

– Tchau, Harry! – disse Hermione e fez uma coisa que nunca fizera antes, deu-lhe um beijo na bochecha.

– Harry, obrigado – murmurou Jorge, enquanto Fred concordava animado acenando com a cabeça, ao lado do irmão.

Harry piscou para os dois, virou-se para o tio Válter e o acompanhou silenciosamente para fora da estação. Não adiantava começar a se preocupar, disse a si mesmo, quando embarcou no banco traseiro do carro dos Dursley.

Conforme dissera Hagrid, o que tiver de ser, será... e ele teria que enfrentar o que fosse quando viesse.

HARRY POTTER

e a

ORDEM *da* FÉNIX

J.K. ROWLING

A Neil, Jessica e David,
que transformam o meu
mundo em magia

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —
Duda dementado

O dia de verão mais quente do ano estava chegando ao fim e um silêncio modorrento pairava sobre os casarões quadrados da rua dos Alfeneiros. Os carros, em geral reluzentes, estavam empoeirados nas entradas das garagens, e os gramados, que tinham sido verde-esmeralda, estavam ressequidos e amarelos – porque o uso de mangueiras fora proibido durante a estiagem. Privados das atividades de lavar carros e cortar gramados, os habitantes da rua dos Alfeneiros haviam se recolhido à sombra de suas casas frescas, as janelas escancaradas na esperança de atrair uma brisa inexistente. A única pessoa do lado de fora era um adolescente deitado de costas em um canteiro de flores à frente do número quatro.

Era um garoto magricela, de cabelos pretos, a aparência macilenta e meio doentia de alguém que cresceu muito em pouco tempo. Suas jeans estavam rotas e sujas, a camiseta larga e desbotada, e as solas dos tênis se soltavam da parte de cima. A aparência de Harry Potter não o recomendava aos vizinhos, que eram do tipo que achava que devia haver uma punição legal para sujeira e desleixo, mas como ele se escondera atrás de uma repolhuda hortênsia, esta noite ele estava invisível aos que passavam. De fato, a única maneira de localizá-lo era se o tio Válter ou a tia Petúnia metessem a cabeça pela janela da sala de estar e olhassem diretamente para o canteiro embaixo.

No todo, Harry achava que devia receber parabéns pela ideia de se esconder ali. Não estava, talvez, muito confortável, deitado na terra quente e dura, mas, por outro lado, ninguém estava olhando para ele, rangendo os dentes tão alto que o impedia de ouvir o noticiário, nem disparando perguntas incômodas, como acontecera todas as vezes em que tentou se sentar na sala de estar para ver televisão com os tios.

Quase como se tais pensamentos tivessem entrado pela janela aberta,

repentinamente Válter Dursley, o tio de Harry, falou:
– Fico contente de ver que o garoto parou de se meter aqui. Por falar nisso, onde será que ele anda?
– Não sei – respondeu tia Petúnia, desinteressada. – Aqui em casa não está.
O tio grunhiu.
– *Assistir ao noticiário...* – comentou com severidade. – Gostaria de saber o que é que ele está realmente aprontando. Como se um garoto normal se interessasse por noticiário; Duda não tem a mínima ideia do que está acontecendo; duvido que saiba quem é o primeiro-ministro! Em todo o caso, não há nada sobre *gente da laia dele* no *nosso* noticiário...
– Válter, psiu! – alertou tia Petúnia. – A janela está aberta!
– Ah... é... desculpe, querida.
Os Dursley se calaram. Harry ouviu o anúncio de um cereal com frutas para o café da manhã enquanto observava a Sra. Figg, uma velhota gagá que adorava gatos e morava ali no bairro, na alameda das Glicínias, que ia passando vagarosamente. Ela franzia a testa e resmungava baixinho. Harry ficou muito feliz de estar escondido atrás do arbusto, porque ultimamente a velhota dera para convidá-lo para tomar chá todas as vezes que o encontrava na rua. Ela acabara de virar a esquina e desaparecer de vista quando a voz do tio Válter tornou a soar pela janela aberta.
– O Dudoca vai tomar chá fora?
– Na casa dos Polkiss – respondeu tia Petúnia com carinho. – Ele tem tantos amiguinhos, é tão popular...
Harry mal conseguiu abafar o riso. Os Dursley eram espantosamente burros quando se tratava do filho. Engoliam todas as mentiras capengas de Duda de que estava tomando chá com alguém da turma a cada noite das férias. Harry sabia perfeitamente bem que o primo não estivera tomando chá em parte alguma; ele e sua turma passavam as noites vandalizando o parque infantil, fumando nas esquinas e atirando pedras nos carros e crianças que passavam. Harry os vira durante seus passeios noturnos por Little Whinging; ele próprio passara a maioria das noites das férias perambulando pelas ruas, recolhendo jornais das lixeiras em seu trajeto.
Os primeiros acordes da música que anunciava o telejornal das sete horas chegaram aos ouvidos de Harry e seu estômago revirou. Talvez aquela noite – depois de um mês de espera – fosse a noite.
“Um número recorde de turistas impedidos de prosseguir viagem lota os aeroportos nessa segunda semana de greve dos carregadores espanhóis...”
– Se fosse eu, mandava essa gente dormir a sesta pelo resto da vida – rosnou tio Válter mal o locutor terminara a frase, mas não fez diferença: do lado de fora,

no canteiro, o estômago do garoto pareceu se descontrair. Se tivesse acontecido alguma coisa, com certeza seria a primeira notícia; morte e destruição eram mais importantes do que turistas retidos em aeroportos.

Ele deixou escapar um longo e lento suspiro e contemplou o céu muito azul. Todos os dias deste verão tinham sido a mesma coisa: a tensão, a expectativa, o alívio temporário, e mais uma vez a tensão crescente... e sempre, a cada dia com maior insistência, a pergunta: *por que* nada acontecera ainda?

O garoto continuou a ouvir, caso houvesse um pequeno indício cujo significado os trouxas não tivessem percebido – um desaparecimento inexplicado, talvez, ou algum acidente estranho... mas, à greve dos carregadores de bagagem, seguiram-se notícias sobre a seca no Sudeste (– Espero que o vizinho esteja escutando! – berrou tio Válter. – Ele e sua mania de ligar os irrigadores do jardim às três da manhã!), depois a notícia de um helicóptero que quase se acidentara em um campo no Surrey, o divórcio de uma famosa atriz de seu famoso marido (– Como se estivéssemos interessados em seus casos sórdidos – fungou tia Petúnia, que acompanhara o caso obsessivamente em todas as revistas em que conseguiu pôr as mãos ossudas).

Harry fechou os olhos para se proteger do céu noturno, agora cintilante, enquanto o locutor continuava:

"... e finalmente, Quito, o periquito australiano, encontrou um jeito novo de se refrescar neste verão. Quito, que mora em Five Feathers, em Barnsley, aprendeu a esquiar na água! Mary Dorkins tem outras informações."

Harry abriu os olhos. Se tinham chegado a periquitos que esquiam, é porque não havia mais nada que valesse a pena ouvir. Virou-se cuidadosamente de barriga e se ergueu sobre os joelhos e cotovelos, preparando-se para engatinhar para longe da janela.

Andara uns cinco centímetros quando várias coisas aconteceram em rápida sucessão.

Um estalo alto e ressonante quebrou o silêncio como um estampido; um gato saiu desabalado de baixo de um carro estacionado e desapareceu de vista; um grito, um palavrão em voz alta e o ruído de louça se espatifando ecoou na sala de estar dos Dursley, e, como se fosse o sinal que estivera aguardando, Harry se pôs de pé com um salto ao mesmo tempo que puxou uma fina varinha do cós da jeans, como se desembainhasse uma espada – mas antes que pudesse erguer completamente o corpo, bateu com o cocuruto na janela aberta dos Dursley. O barulho resultante fez tia Petúnia dar um berro ainda maior.

O garoto teve a sensação de que havia rachado a cabeça ao meio. As lágrimas escorrendo dos olhos, ele cambaleou, tentando focalizar a rua para descobrir a origem do barulho, mas mal conseguira se endireitar quando duas enormes mãos

purpúreas saíram pela janela aberta e o agarraram pelo pescoço.
– *Guarde... isso!* – rosnou tio Válter no ouvido dele. – *Agora...! Antes... que... alguém... veja!*
– Tire... as... mãos... de... cima... de mim! – ofegou Harry. Durante alguns segundos os dois pelejaram. O garoto puxando os dedos do tio, grossos como salsichas, com a mão esquerda, enquanto mantinha a varinha erguida com a direita; então, quando a dor na cabeça de Harry deu mais um latejo particularmente forte, tio Válter soltou um grito e largou o sobrinho como se tivesse recebido um choque elétrico. Uma força invisível parecia ter emanado do garoto, tornando impossível segurá-lo.
Ofegante, Harry cambaleou por cima do pé de hortênsia, ergueu-se e olhou a toda volta. Não havia sinal do causador do forte estampido, mas havia muitos rostos espiando de várias janelas vizinhas. O garoto enfiou depressa a varinha no cós da jeans e tentou fazer uma cara inocente.
– Bela noite! – exclamou tio Válter, acenando para a senhora do número sete, defronte, que o observava atentamente por trás das cortinas. – A senhora ouviu o estouro do escape de um carro agora há pouco? Petúnia e eu levamos um grande susto.
Ele continuou a sorrir daquele seu jeito horrível e maníaco até todos os vizinhos curiosos terem desaparecido das várias janelas, então o sorriso virou um esgar de fúria e ele mandou Harry se aproximar outra vez.
O garoto deu uns passos à frente, tomando o cuidado de parar a uma distância em que as mãos estendidas do tio não pudessem recomeçar a esganá-lo.
– Que *diabos* você está pretendendo com isso, moleque? – perguntou tio Válter com a voz rouca tremendo de fúria.
– Pretendendo com isso o quê? – perguntou Harry com frieza. Não parava de olhar para a esquerda e a direita da rua, na esperança de ver quem produzira o estampido.
– Fazer um barulho desses como se fosse um tiro de partida do lado de fora da nossa...
– Não fui eu que fiz o barulho – respondeu o garoto com firmeza.
A cara magra e cavalar de tia Petúnia apareceu agora ao lado da cara larga e vermelha do tio Válter. Estava lívida.
– Por que você estava escondido embaixo da nossa janela?
– É... é, uma boa pergunta, Petúnia. *Que é que você estava fazendo embaixo da nossa janela, moleque?*
– Ouvindo o noticiário – respondeu Harry, conformado.
O tio e a tia trocaram olhares indignados.
– Ouvindo o noticiário! *De novo?*

– Bom, é que ele muda todos o dias, entende? – respondeu o garoto.
– Não se faça de engraçadinho comigo, moleque! Quero saber que é que você anda realmente tramando... e não me responda outra vez com essa história de que *esta va ouvindo o noticiário*! Você sabe muito bem que gente da *sua laia*...
– Cuidado, Válter! – cochichou tia Petúnia, e o marido baixou tanto a voz que Harry mal conseguiu ouvi-lo.
– ... que gente da *sua laia* não sai no *nosso* noticiário!
– É só isso que o senhor sabe – respondeu Harry.
Os Dursley o encararam por alguns segundos, então a tia falou:
– Você é um mentirozinho sórdido. Que é que aquelas... – e aí ela também baixou a voz, e Harry precisou fazer leitura labial para entender a palavra seguinte – ... *corujas* andam fazendo que não lhe trazem notícias?
– Ah-ah! – exclamou tio Válter com um sussurro triunfante. – Agora sai dessa, moleque! Como se não soubéssemos que você recebe todas as suas notícias por aqueles bichos pestilentos!
Harry hesitou um instante. Custou-lhe algum esforço dizer a verdade desta vez, embora os tios não pudessem saber como se sentia mal em fazê-lo.
– As corujas... não estão me trazendo notícias – respondeu com a voz inexpressiva.
– Não acredito – falou tia Petúnia na mesma hora.
– Nem eu – disse o marido, enfático.
– Sabemos que você está tramando alguma coisa estranha – retorquiu tia Petúnia.
– Não somos burros, sabe – disse o tio.
– Bom, *isso* é novidade para mim – retrucou Harry, que começava a se enraivecer, e antes que os Dursley pudessem chamá-lo de volta, o garoto lhes deu as costas, atravessou a frente da casa, pulou por cima da mureta do jardim e começou a subir a rua.
Agora ele estava em apuros e sabia disso. Teria de enfrentar os tios mais tarde e pagar o preço da grosseria, mas isso não o preocupava muito no momento; tinha assuntos mais urgentes na cabeça.
Harry tinha certeza de que o estampido fora produzido por alguém aparatando ou desaparatando. Era exatamente o som que Dobby, o elfo doméstico, fazia quando desaparecia no ar. Será que Dobby andava por ali, na rua dos Alfeneiros? Será que o elfo o estava seguindo naquele instante? Quando lhe ocorreu este pensamento, ele se virou para examinar a rua, mas ela parecia completamente deserta e o garoto tinha certeza de que Dobby não era capaz de ficar invisível.
Harry continuou a andar, sem prestar muita atenção ao caminho que estava seguindo, porque nos últimos tempos batia essas ruas com tanta frequência que

seus pés o levavam automaticamente aos lugares preferidos. A cada meia dúzia de passos, olhava por cima do ombro. Algum ser mágico estivera por perto quando ele estava deitado entre as begônias moribundas de tia Petúnia, tinha certeza. Por que não falara com ele, por que não fizera contato, por que estava se escondendo agora?

Então, quando sua frustração atingiu o auge, sua certeza foi se esvaindo.

Talvez não tivesse sido um ruído mágico, afinal. Talvez estivesse tão desesperado para detectar o menor sinal de contato do mundo a que pertencia que simplesmente reagia exageradamente a sons muito comuns. Será que podia ter *certeza* de que não fora o som de alguma coisa quebrando na casa do vizinho?

Harry teve a sensação surda de que seu estômago despencava e, antes que percebesse, a desesperança que o atormentara o verão inteiro tornou a se apoderar dele.

Amanhã o despertador o acordaria às cinco da madrugada para ele poder pagar à coruja que entregava o *Profeta Diário* – mas fazia sentido continuar a recebê-lo? Ultimamente Harry apenas corria os olhos pela primeira página e logo atirava o jornal para o lado; quando os idiotas que editavam o *Profeta* finalmente percebessem que Voldemort voltara dariam a notícia em grandes manchetes, e era só isso que interessava a Harry.

Se tivesse sorte, chegariam também corujas com cartas dos seus melhores amigos, Rony e Hermione, embora toda a esperança que alimentara de que essas cartas lhe trouxessem notícias havia muito tinha sido riscada do mapa.

Não podemos dizer muita coisa sobre Você-Sabe-Quem, é óbvio... Nos recomendaram para não dizer nada importante para o caso de nossas cartas se extraviarem... Estamos muito ocupados, mas não posso lhe dar detalhes... Tem muita coisa acontecendo, contaremos quando a gente se vir...

Mas quando é que iam se ver? Ninguém parecia muito preocupado em marcar datas. Hermione escrevera um *Logo iremos nos ver* no cartão que lhe mandara de aniversário, mas quando era esse logo? Pelo que deduzia das vagas insinuações nas cartas dos amigos, Hermione e Rony estavam no mesmo lugar, presumivelmente na casa dos pais de Rony. Mal conseguia suportar a ideia dos dois se divertindo na Toca enquanto ele ficava encalhado na rua dos Alfeneiros. De fato, ficara tão zangado com os amigos que jogara fora, sem abrir, as duas caixas de bombons da Dedosdemel que haviam lhe mandado de presente de aniversário. Arrependera-se depois ao ver a salada murcha que tia Petúnia preparara para o jantar daquela noite.

E com o que Rony e Hermione estavam ocupados? Por que ele, Harry, não estava ocupado? Não se mostrara capaz de dar conta de muito mais do que os

amigos? Será que tinham se esquecido do que fizera? Não fora *ele* que entrara no cemitério e vira matarem Cedrico, e depois fora amarrado a uma lápide de sepultura e quase morrera também?

Não pense nisso, Harry disse a si mesmo com severidade, pela milésima vez naquele verão. Já era bem ruim não parar de revisitar o cemitério em pesadelos, sem ficar remoendo a cena nos momentos de vigília também.

Ele virou a esquina e entrou no largo das Magnólias; no meio do caminho, passou a travessa estreita que margeava a garagem onde vira o padrinho pela primeira vez. Sirius, pelo menos, parecia compreender o que ele estava sentindo. Admitamos que as cartas do padrinho eram tão vazias de notícias interessantes quanto as de Rony e Hermione, mas ao menos continham palavras de alerta e consolo em lugar de insinuações torturantes: *sei como deve ser frustrante para você... Não se meta em confusões e tudo dará certo... Tenha cuidado e não faça nada sem pensar...*

Bom, pensou Harry, ao atravessar o largo das Magnólias para tomar a rua de mesmo nome em direção ao parque, onde já estava escurecendo, de um modo geral atendera à recomendação do padrinho. Pelo menos resistira à tentação de amarrar a mala na vassoura e partir sozinho para a Toca. Achava que se comportara muito bem considerando sua grande raiva e frustração por estar há tanto tempo encalhado na rua dos Alfeneiros, reduzido a se esconder em canteiros na esperança de ouvir alguma coisa que pudesse indicar o que Lorde Voldemort andava fazendo. Contudo, era bem exasperante ser aconselhado a não se precipitar por alguém que cumprira doze anos na prisão dos bruxos, Azkaban, fugira, tentara cometer o homicídio pelo qual fora condenado injustamente e sumira no mundo montado em um hipogrifo roubado.

Harry saltou por cima do portão fechado do parque e saiu andando pelo gramado ressequido. O lugar estava tão vazio quanto as ruas vizinhas. Quando chegou aos balanços, largou-se em um que Duda e os amigos ainda não tinham conseguido quebrar, passou o braço pela corrente e ficou olhando, desanimado, para o chão. Não poderia voltar a se esconder no canteiro dos Dursley. Amanhã, teria de inventar um novo jeito de ouvir o noticiário. Entrementes, não havia nada por que esperar, exceto mais uma noite inquieta e perturbada, porque, mesmo quando escapava dos pesadelos sobre Cedrico, tinha sonhos intranquilos sobre longos corredores escuros, todos sem saída ou terminando em portas trancadas, que ele supunha estarem ligados à mesma sensação de estar preso em uma armadilha que experimentava quando acordado. Com frequência, a velha cicatriz em sua testa formigava desconfortavelmente, mas ele não se enganava que Rony ou Hermione ou Sirius ainda achassem isso muito interessante. No passado, a dor na cicatriz o avisava de que Voldemort estava recobrando forças,

mas, agora que o bruxo voltara, os três provavelmente lembrariam a ele que essa irritação rotineira era esperada... não havia com o que se preocupar... não era novidade...

A injustiça disso tudo crescia tanto em seu peito que lhe dava vontade de gritar de fúria. Se não fosse por ele, ninguém saberia que Voldemort voltara! E sua recompensa era ficar encalhado em Little Whinging quatro semanas inteiras, completamente isolado do mundo da magia, reduzido a se acocorar entre begônias secas para poder ouvir notícias de periquitos australianos que sabiam esquiar! Como Dumbledore podia tê-lo esquecido com tanta facilidade? Por que Rony e Hermione tinham se reunido sem convidálo? Por quanto tempo mais esperavam que ele aturasse Sirius a lhe dizer para ficar quieto e se comportar; ou resistisse à tentação de escrever para aquela droga do *Profeta Diário* informan doque Voldemort voltara? Esses pensamentos indignados giravam em sua cabeça, e suas entranhas se contorciam de raiva, enquanto a noite abafada e veludosa caía à sua volta, o ar se impregnava com o cheiro quente de grama seca, e o único som que se ouvia era o ronco abafado do tráfego na rua além das grades do parque.

Ele não sabia quanto tempo ficara sentado no balanço quando o som de vozes interrompeu seus devaneios e o fez erguer os olhos. Os lampiões das ruas nos arredores projetavam uma claridade nevoenta suficientemente forte para delinear um grupo de pessoas que vinham atravessando o parque. Uma delas cantava alto uma música grosseira. Os outros riam. Ouvia-se o teque-teque suave das bicicletas caras que eles empurravam.

Harry sabia quem eram. O vulto à frente de todos era, sem dúvida, o seu primo Duda Dursley refazendo o lento caminho para casa, acompanhado por sua gangue fiel.

Duda estava mais corpulento que nunca, mas um ano de dieta rigorosa e a descoberta de um novo talento haviam produzido uma grande mudança em seu físico. Como o tio Válter comentava com quem quisesse ouvir, Duda recentemente se tornara campeão de peso-pesado júnior no Torneio de Boxe Interescolar da Região Sudeste. O “nobre esporte”, como o tio costumava dizer, deixara Duda ainda mais formidável do que parecera a Harry nos tempos do ensino fundamental, quando servira de saco de pancadas para o primo. O garoto já não sentia o menor medo de Duda, mas continuava a achar que o fato de ele ter aprendido a socar com mais força e precisão não era motivo para comemorações. A criançada do bairro tinha pavor dele – um pavor ainda maior do que sentia por “aquele garoto Potter”, sobre o qual haviam sido avisados de que era um delinquente da pior espécie e frequentava o Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis.

Harry observou os vultos escuros que atravessavam o gramado e ficou imaginando quem teriam andado surrando aquela noite. *Olhe para o lado*, foi o pensamento que lhe passou pela cabeça enquanto os observava. *Vamos... olhe para o lado... estou sentado aqui sozinho... venha experimentar...*

Se os amigos de Duda o vissem sentado ali, com certeza traçariam uma reta até ele, e o que faria o primo então? Não iria querer fazer papel feio na frente da gangue, mas sentiria muito medo de desafiar Harry... seria realmente divertido observar o dilema de Duda, provocá-lo, observar o primo impotente para reagir... e se um dos outros tentasse acertá-lo, estaria preparado – tinha sua varinha. Que experimentassem... adoraria extravasar um pouco de sua frustração em garotos que no passado tinham infernizado sua vida.

Mas eles não se viraram, não o viram, já estavam quase nas grades. Harry dominou o impulso de chamá-los... procurar briga não era muito inteligente... não devia usar magia... estaria se arriscando outra vez a ser expulso.

As vozes dos companheiros de Duda foram morrendo, eles tinham desaparecido de vista, em direção à rua das Magnólias.

Pronto, Sirius, pensou Harry, desanimado. *Nada de precipitações. Não me meti em encrencas. Exatamente o contrário do que você fez.*

Ele se levantou e se espreguiçou. Tia Petúnia e tio Válter pareciam pensar que a hora que Duda chegasse era a hora certa para se voltar para casa, e qualquer minuto depois disso era tarde demais. O tio ameaçara trancar Harry no barraco de ferramentas se ele tornasse a chegar depois de Duda, por isso, reprimindo um bocejo, e ainda mal-humorado, o garoto saiu em direção ao portão do parque.

A rua das Magnólias, como a dos Alfeneiros, era cheia de grandes casas quadradas com gramados perfeitamente cuidados, todas de propriedade de homens grandes e quadrados que guiavam carros muito limpos, iguais aos do tio Válter. Harry preferia o bairro de Little Whinging à noite, quando as janelas protegidas por cortinas formavam retalhos de cores vivas no escuro, e ele não corria o risco de ouvir comentários censurando sua aparência “delinquente” quando passava pelos donos das casas. Caminhou depressa, por isso, na metade da rua das Magnólias tornou a avistar a turma de Duda; estavam se despedindo na entrada do largo das Magnólias. Harry se abrigou sob a copa de um lilaseiro e esperou.

– ... guinchou feito um porco, não foi? – ia dizendo Malcolm, arrancando risos dos colegas.

– Um bom gancho de direita, Dudão – elogiou Pedro.

– Mesma hora amanhã? – perguntou Duda.

– Lá em casa, meus pais vão sair – respondeu Górdon.

– Então, até lá – concordou Duda.

– Tchau, Duda.
– A gente se vê, Dudão!
Harry esperou o resto dos garotos continuar, antes de recomeçar a andar. Quando as vozes desapareceram na distância, ele entrou de novo no largo das Magnólias e, apressando o passo, não tardou a chegar a uma distância em que o primo, que caminhava descansadamente, desafinando uma canção, pudesse ouvi-lo.
– Ei, Dudão!
Duda se virou.
– Ah – resmungou. – É você.
– Então, há quanto tempo você é o Dudão? – perguntou Harry.
– Não chateia – rosnou o primo dando-lhe as costas.
– Nome legal – comentou Harry, rindo e acompanhando o passo do primo. – Mas para mim você sempre será o Dudiquinho.
– Já falei, NÃO CHATEIA! – repetiu Duda, cujas mãos, que mais pareciam presuntos, tinham se fechado.
– Os garotos não sabem que é assim que a mamãe te chama?
– Cala essa boca.
– Você não diz a *ela* para calar a boca. Então posso usar “Fofinho” e “Duduzinho”?
Duda não respondeu. O esforço para não bater no primo pareceu exigir todo o seu autodomínio.
– Então quem é que vocês andaram espancando esta noite? – indagou Harry, parando de sorrir. – Outro garoto de dez anos? Sei que acertaram o Marco Evans anteontem...
– Ele estava pedindo – rosnou Duda.
– Ah, é?
– Ele me desacatou.
– Ah, foi? Disse que você parecia um porco que aprendeu a andar nas patas traseiras? Porque isso não é desacatar, Duda, isso é verdade.
Um músculo começou a tremer no queixo de Duda. Harry sentiu uma enorme satisfação de ver que estava enfurecendo o primo; teve a sensação de que bombeava a própria frustração para dentro do primo, a única válvula de escape que tinha.
Os dois viraram na travessa estreita onde Harry vira Sirius pela primeira vez, um atalho entre o largo das Magnólias e a alameda das Glicínias. Estava deserta e muito mais escura do que as duas ruas que ligava, porque não tinha lampiões. Os passos dos primos ficaram abafados entre as paredes de uma garagem, a um lado, e uma cerca alta, do outro.

– Você se acha um grande homem carregando essa coisa, não é? – disse Duda depois de alguns segundos.
– Que coisa?
– Essa... essa coisa que você leva escondida.
Harry tornou a rir.
– Não é que você não é tão burro quanto parece, Duda? Mas acho que se fosse não seria capaz de andar e falar ao mesmo tempo.
Harry puxou a varinha. Viu que o primo a olhava de esguelha.
– Você não tem permissão – disse Duda na mesma hora. – Sei que não tem. Seria expulso daquela escola fajuta que você frequenta.
– Como é que você sabe que as regras não mudaram, Dudão?
– Não mudaram – disse o primo, embora não parecesse totalmente seguro.
Harry riu baixinho.
– Você não tem peito para me enfrentar sem essa coisa, não é? – rosnou Duda.
– E você precisa de quatro amigos às suas costas para atacar um garoto de dez anos. Sabe aquele título de boxe que você vive exibindo? Que idade tinha o seu adversário? Sete? Oito?
– Para sua informação, ele tinha dezesseis anos e ficou desacordado vinte minutos depois que acabei com ele, e era duas vezes mais pesado do que você. Espera só eu contar ao papai que você puxou essa coisa...
– Vai correr para o papai agora, é? Será que o Dudinha campeão do papai ficou com medo da varinha do Harry malvado?
– Você não é tão valente à noite, não é? – caçoou Duda.
– Estamos de noite, Dudiquinho. É como a gente chama quando fica escuro assim.
– Estou falando quando você está deitado – vociferou Duda.
Parara de andar. Harry parou também, encarando o primo. Do pouco que conseguia ver do rosto largo de Duda, ele parecia estranhamente triunfante.
– Como assim, não sou valente quando estou deitado? – perguntou Harry inteiramente pasmo. – Do que é que você acha que tenho medo, dos travesseiros ou de outra coisa assim?
– Eu ouvi você à noite passada – disse Duda sem fôlego. – Falando durante o sono. *Gemendo*.
– Como assim? – repetiu Harry, mas com uma sensação de frio e afundamento no estômago. Tornara a visitar o cemitério em sonhos, na noite anterior.
Duda soltou uma gargalhada rouca, depois fez uma voz de falsete e lamúria.
– Não matem Cedrico! Não matem Cedrico! Quem é Cedrico... seu namorado?
– Eu... você está mentindo – contestou Harry maquinalmente. Mas sua boca

secara. Sabia que o primo não estava mentindo; de que outra forma poderia saber o nome de Cedrico?
– Papai! Me ajude, papai! Ele vai me matar, papai! Buuuu!
– Cala a boca – disse Harry em voz baixa. – Cala a boca, Duda, estou te avisando!
– Vem me ajudar, papai! Mamãe, vem me ajudar! Ele matou Cedrico! Papai, me ajude! Ele vai... *Não aponta essa coisa pra mim!*
Duda recuou contra a parede da travessa. Harry estava apontando a varinha diretamente para o seu coração. Ele sentia catorze anos de ódio ao primo palpitarem em suas veias – o que não daria para atacá-lo agora, enfeitiçá-lo de tal jeito que Duda precisaria rastejar até em casa como um inseto, mudo, antenas brotando de sua cabeça...
– Nunca mais volte a falar nisso – rosnou Harry. – Está me entendendo?
– Aponte essa coisa para outro lado!
– Eu perguntei, *você me entendeu?*
– *Aponte isso para outro lado!*
– VOCÊ ME ENTENDEU?
– AFASTE ESSA COISA DE...
Duda soltou uma exclamação estranha e tremida, como se o tivessem mergulhado em água gelada.
Alguma coisa acontecera à noite. O azul anil e estrelado do céu noturno de repente ficou negro e sem luz – as estrelas, a lua, os lampiões enevoados em cada extremo da travessa haviam desaparecido. O ronco distante dos carros e o murmúrio das árvores haviam desaparecido. A tepidez da noite de repente se transformou em um frio cortante. Os garotos se viram envolvidos por uma escuridão silenciosa, impenetrável e total, como se a mão de um gigante tivesse atirado um manto gelado e espesso sobre a travessa, cegando-os.
Por uma fração de segundo Harry pensou que tivesse feito alguma mágica involuntária, apesar de estar resistindo o máximo que podia – em seguida o seu raciocínio emparelhou com os seus sentidos – ele não tinha poder para apagar as estrelas. Virou, então, a cabeça para cá e para lá, tentando ver alguma coisa, mas as trevas cobriam seus olhos como um véu sem peso.
A voz aterrorizada de Duda espocou nos ouvidos de Harry.
– Q-que é que você está f-fazendo? P-para com isso!
– Não estou fazendo nada! Cala a boca e fica parado!
– Não estou v-vendo nada! F-fiquei cego! Eu...
– Eu falei para você calar a boca!
Harry parou, imóvel, virando os olhos enceguecidos para a direita e a esquerda. O frio era tão intenso que ele tremia da cabeça aos pés; arrepios

brotaram em seus braços e os pelos de sua nuca ficaram em pé – ele abriu os olhos o mais que pôde, arregalando-os para todos os lados, sem ver.

Era impossível... eles não podiam estar ali... não em Little Whinging... Harry apurou os ouvidos... pôde ouvi-los antes de vê-los.

– Vou contar ao papai! – choramingou Duda. – C-cadê você? Q-que é que você está f-fa...?

– Quer calar a boca? – sibilou Harry. – Estou tentando esc...

Mas emudeceu. Acabara de ouvir exatamente o que estivera receando.

Havia alguma coisa na travessa além deles, alguma coisa que respirava em arquejos roucos e secos. Harry sentiu um pavor terrível e instantâneo parado ali na noite gélida.

– P-para com isso. Para de fazer isso! Vou socar você, juro que vou!

– Duda, cala...

PAM.

Um punho fez contato com o lado da cabeça de Harry, erguendo-o do chão. Luzinhas brancas cintilaram diante dos seus olhos. Pela segunda vez em uma hora, ele sentiu a cabeça rachar ao meio; no momento seguinte, estatelou-se no chão e a varinha voou de sua mão.

– Seu lesado! – berrou Harry, os olhos marejando de dor, ao mesmo tempo que tentava levantar apoiado nas mãos e nos joelhos, apalpando freneticamente a escuridão. Ele ouviu Duda tentar se afastar, bater na cerca da travessa, tropeçar.

– DUDA, VOLTA AQUI! VOCÊ ESTÁ CORRENDO DIRETO PARA A COISA!

Ouviu-se um guincho horrível e os passos de Duda pararam. No mesmo instante Harry sentiu um frio paralisante às costas que só podia significar uma coisa. E havia mais de uma.

– DUDA, FIQUE DE BOCA FECHADA! FAÇA O QUE QUISER, MAS FIQUE DE BOCA FECHADA! Varinha! – murmurou Harry, nervoso, suas mãos saltando pelo chão como aranhas. – Onde está... varinha... depressa... *lumus!*

Ordenou o feitiço automaticamente, desesperado por uma luz que o ajudasse em sua procura – e, para seu alívio e descrença, a luz acendeu a centímetros de sua mão direita – a ponta da varinha acendeu. Harry agarrou-a, ficou em pé e se virou.

Seu estômago deu voltas.

Um vulto altaneiro, encapuzado, deslizava em sua direção, flutuando sobre o solo, sem pés nem rosto visíveis sob as vestes, sugando a noite à medida que se aproximava.

Cambaleando para trás, o garoto ergueu a varinha.

– *Expecto patronum!*

Um fiapo de fumaça prateada disparou da ponta da varinha e o dementador retardou o passo, mas o feitiço não funcionara direito; tropeçando nos próprios pés, Harry recuou mais, à medida que o dementador avançava para ele e o pânico anuviava seu cérebro – *concentre*...

Um par de mãos cinza, sarnentas e viscosas se estendeu para ele. Um ruído crescente invadiu seus ouvidos.

– *Expecto patronum!*

Sua voz soou abafada e distante. Outro fiapo de fumaça prateada mais tênue que o anterior saiu da varinha – não conseguiu mais do que isso, não conseguiu realizar o feitiço.

Harry ouviu uma risada em sua mente, uma risada desagradável e aguda... sentiu o cheiro podre do dementador, um frio letal encheu seus pulmões, afogando-o – *pense... alguma coisa alegre*...

Mas não havia felicidade nele... os dedos enregelados do dementador começaram a se aproximar de sua garganta – a risada aguda tornou-se cada vez mais alta e uma voz falou em sua mente:

"Curve-se para a morte, Harry... talvez ela seja indolor... eu não saberia dizer... Nunca morri..."

Ele nunca reveria Rony e Hermione...

E os rostos dos amigos surgiram com nitidez em sua mente enquanto ele lutava para respirar.

– *EXPECTO PATRONUM!*

Um enorme veado de prata irrompeu da ponta de sua varinha; a galhada do animal atingiu o dementador na parte do corpo em que deveria estar o coração; o dementador foi atirado para trás, imponderável como a escuridão, e quando o veado avançou ele se precipitou para longe, como um morcego, derrotado.

– POR AQUI! – gritou Harry para o veado. Dando meia-volta, ele saiu correndo pela travessa, segurando no alto a varinha acesa. – DUDA? DUDA!

Harry deu apenas uns dez passos e já os alcançou: Duda estava enroscado no chão, os braços cruzados sobre o rosto. Um segundo dementador agachava-se para ele, agarrando seus pulsos com as mãos escorregadias, forçando-as a se separarem lentamente, quase carinhosamente, aproximando a cabeça encapuzada do rosto de Duda como se fosse beijá-lo.

– PEGA ELE! – berrou Harry, e, com um ruído de força e velocidade, o veado prateado que ele conjurara passou a galope. A cara sem olhos do dementador estava a menos de três centímetros de Duda quando a galhada de prata o atingiu; ele foi atirado para o ar e, como seu companheiro, saiu voando e foi absorvido pela escuridão; o veado se dirigiu a meio galope para um extremo da travessa e se dissolveu em uma névoa argentina.

A luz, as estrelas e os lampiões recobraram vida. Uma brisa morna varreu a travessa. As árvores farfalharam pelos jardins dos arredores e o ruído abafado dos carros no largo das Magnólias encheu mais uma vez o ar.

Harry ficou muito quieto, todos os seus sentidos vibrando, procurando absorver o retorno à normalidade. Passado um instante, ele percebeu que sua camiseta estava grudada ao corpo; ele estava alagado de suor.

Não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Dementadores ali, em Little Whinging.

Duda continuava enroscado no chão, choramingando e tremendo. Harry se abaixou para ver se o primo estava em condições de se levantar, mas neste instante ouviu alguém correndo a suas costas. Instintivamente, ele tornou a erguer a varinha e girou nos calcanhares para enfrentar o recém-chegado.

A Sra. Figg, a velhota gagá, sua vizinha, apareceu ofegante. Seus cabelos grisalhos escapavam por baixo da rede que usava, do seu pulso pendia uma saca de compras de fio metálico e seus calcanhares sobravam para fora nas pantufas de tecido xadrez. Harry procurou esconder rapidamente a varinha, mas...

– Não guarde isso, menino idiota! – gritou ela, esganiçada. – E se houver mais deles por aqui? Ah, eu vou *matar o* Mundungo Fletcher!

— CAPÍTULO DOIS —
Uma revoada de corujas

– Quê? – exclamou Harry sem entender.

– Ele saiu – respondeu a Sra. Figg, torcendo as mãos. – Saiu para ver alguém a propósito de uma remessa de caldeirões que caiu da garupa de uma vassoura! Eu disse que o esfolaria vivo se ele fosse, e agora veja o que aconteceu! Dementadores! Foi uma sorte eu ter posto o Sr. Tibbles no caso! Mas não temos tempo para ficar parados! Corra agora, você tem de voltar para casa! Ah, a confusão que isso vai provocar! Eu vou *matar* aquele homem!

A revelação de que sua vizinha gagá com mania de gatos sabia o que eram dementadores foi quase um choque tão grande para Harry quanto encontrar dois deles na travessa.

– A senhora é *bruxa*?

– Não consegui ser, e Mundungo sabe muito bem disso, então como é que eu ia poder ajudar a espantar os dementadores? Ele deixou você completamente descoberto e eu o *avisei*...

– Esse tal Mundungo andou me seguindo? Espere aí... foi *ele*! Desaparatou na frente da minha casa!

– Isso mesmo, mas por sorte eu tinha mandado o Sr. Tibbles ficar debaixo de um carro, só por precaução, e ele veio me avisar, mas quando cheguei você já tinha saído de casa... e agora... ah, que é que o Dumbledore vai dizer? Você! – gritou ela para Duda, ainda inerte no chão da travessa. – Levanta essa bunda gorda do chão, anda logo!

– A senhora conhece Dumbledore? – perguntou Harry olhando fixamente para a velhota.

– Claro que conheço Dumbledore, quem não conhece Dumbledore? Mas *vamos* logo. Não vou poder ajudar você se eles voltarem. Eu nunca consegui transfigurar nem um saquinho de chá.

Ela se abaixou, agarrou o braço maciço de Duda com as mãos enrugadas e puxou.
– *Levanta,* seu monte de carne inútil, *levanta*!
Mas Duda ou não podia ou não queria se mexer. Continuou no chão, trêmulo, de cara pálida, a boca hermeticamente fechada.
– Eu faço isso. – Harry agarrou Duda pelo braço e puxou. Com enorme esforço, conseguiu pô-lo de pé. Duda parecia prestes a desmaiar. Seus olhos miúdos giravam nas órbitas e o suor gotejava em seu rosto; no momento em que Harry o largou, ele balançou precariamente.
– Anda depressa! – disse a Sra. Figg, nervosa.
O garoto passou um dos braços maciços de Duda por cima dos próprios ombros e arrastou-o em direção à rua, ligeiramente curvado sob o peso. A Sra. Figg acompanhou-os com passos vacilantes, espiando, ansiosa, pela esquina.
– Mantenha a varinha preparada – recomendou a Harry ao entrarem na alameda das Glicínias. – Não se preocupe com o Estatuto de Sigilo agora, de qualquer jeito vai haver uma confusão dos diabos, e é melhor sermos enforcados por causa de um dragão do que por um ovo. E ainda falam da Restrição à Prática de Magia por Menores... era *exatamente* disso que o Dumbledore tinha medo... Que é aquilo ali no fim da rua? Ah, é só o Sr. Prentice... não guarde a sua varinha, menino, quantas vezes já lhe disse que não sirvo para nada?
Não era fácil empunhar a varinha com firmeza e ao mesmo tempo arrastar Duda. Harry deu uma cotovelada impaciente nas costelas do primo, mas ele parecia ter perdido toda a vontade de se movimentar sozinho. Estava derreado no ombro de Harry, arrastando os pés enormes pelo chão.
– Por que a senhora não me contou que era quase bruxa, Sra. Figg? – perguntou Harry, ofegando com o esforço de continuar andando. – Todas aquelas vezes que fui à sua casa... por que a senhora não falou nada?
– Ordens do Dumbledore. Era para eu ficar de olho em você, mas sem dizer nada, você era muito criança. Desculpe ter sido tão chata, Harry, mas os Dursley nunca o teriam deixado me visitar se achassem que você estava se divertindo. Não foi fácil, sabe... mas, minha nossa! – exclamou ela tragicamente, torcendo as mãos –, quando Dumbledore souber... como é que o Mundungo pôde sair, devia ter ficado de serviço até a meia-noite... *onde é que ele se meteu?* Como é que vou contar ao Dumbledore o que aconteceu? Não sei aparatar.
– Eu tenho uma coruja, posso lhe emprestar. – Harry gemeu, receando que sua coluna se partisse sob o peso do primo.
– Harry, você não entende! Dumbledore vai precisar agir o mais rápido possível, o Ministério tem meios próprios de detectar mágicas realizadas por menores, eles já sabem, pode escrever o que estou dizendo.

– Mas eu estava me livrando dos dementadores, tinha de usar magia: com certeza estariam mais preocupados se os dementadores estivessem andando pela alameda das Glicínias.
– Ah, querido, eu gostaria que fosse assim, mas receio... MUNDUNGO FLETCHER, EU VOU MATAR VOCÊ!
Ouviu-se um grande estalo, e um forte cheiro de bebida misturado ao de fumo curtido impregnou o ar quando um homem atarracado, com a barba por fazer, e vestindo um casaco esfarrapado, se materializou diante do grupo. Tinha pernas curtas e arqueadas, cabelos ruivos e desgrenhados, olhos empapuçados e vermelhos que lhe davam a aparência triste de um cão de caçar lebres. Trazia também nas mãos um embrulho prateado que Harry reconheceu na mesma hora como uma Capa da Invisibilidade.
– Alguma novidade, Figgy? – perguntou ele olhando da velhota para Harry e deste para Duda. – Que aconteceu com a sua vigilância secreta?
– Vou lhe mostrar a *vigilância secreta*! – exclamou a Sra. Figg. – *Dementadores*, seu ladrãozinho imprestável e golpista!
– Dementadores? – repetiu Mundungo, horrorizado. – Dementadores, aqui?
– Aqui, seu monte inútil de bosta de morcego, aqui! – gritou ela. – Dementadores atacando o garoto no seu turno de serviço!
– Pombas – praguejou Mundungo baixinho, olhando da Sra. Figg para Harry e de volta à mulher. – Pombas, eu...
– E você à solta pelo mundo comprando caldeirões roubados! Eu não lhe disse para não ir? *Não disse?*
– Eu... bem... – Mundungo parecia profundamente constrangido. – Era um ótimo negócio, entende...
A Sra. Figg ergueu o braço em que trazia pendurada uma saca metálica, deu impulso e meteu-a na cara e no pescoço do bruxo; a julgar pelo barulho que a saca fez, estava cheia de comida de gato.
– Ai... para com isso... para com isso, sua velha caduca! Alguém vai ter de contar ao Dumbledore!
– E... vai... mesmo! – berrou a Sra. Figg, batendo com a saca de comida de gato em todas as partes do corpo de Mundungo ao seu alcance. – E... é... melhor... que... seja... você... e pode contar a ele... por... que... não... estava... aqui... para... ajudar!
– Não precisa se descabelar! – disse Mundungo, erguendo os braços para proteger a cabeça e encolhendo o corpo. – Eu vou, eu vou!
E, com outro estalo forte, ele desapareceu.
– Espero que o Dumbledore *mate* ele! – exclamou a Sra. Figg, furiosa. – Agora *vamos*, Harry, que é que você está esperando?

Harry decidiu não gastar o fôlego que lhe restava para explicar que mal conseguia andar sob o peso de Duda. Puxou o primo semi-inconsciente mais para cima e prosseguiu cambaleando.
– Vou levar você até a porta – disse a Sra. Figg, quando entraram na rua dos Alfeneiros. – Para o caso de haver mais deles por aí... ah, minha nossa, que catástrofe... e você precisou enfrentá-los sozinho... e Dumbledore disse que tínhamos de impedi-lo de fazer mágicas a todo custo... bem, não adianta chorar a poção derramada... agora o gato está solto no meio dos diabretes.
– Então – ofegou Harry – Dumbledore... mandou... gente me seguir?
– É claro – respondeu a velhota, impaciente. – Você esperava que o deixasse andar por aí sozinho depois do que aconteceu em junho? Meu Deus, garoto, me disseram que você era inteligente... certo... agora entre em casa e não saia mais – recomendou ela, quando chegaram ao número quatro. – Imagino que não vai demorar muito para alguém entrar em contato com você.
– Que é que a senhora vai fazer? – perguntou Harry depressa.
– Vou direto para casa – respondeu a velhota, correndo o olhar pela rua e estremecendo. – Preciso aguardar mais instruções. Não saia de casa. Boa-noite.
– Não vá, fique mais um pouco. Eu quero saber...
Mas a Sra. Figg já se fora, apressada, as pantufas batendo contra os calcanhares, a saca retinindo.
– Espere! – gritou o garoto. Tinha mil perguntas para fazer a quem estivesse em contato com Dumbledore; mas em segundos a velhota foi engolida pela escuridão. Contrariado, ele tornou a ajeitar Duda sobre os ombros e continuou, lenta e penosamente, em direção à entrada de casa.
A luz do hall estava acesa. Harry tornou a guardar a varinha no cós das jeans, tocou a campainha e observou a silhueta de tia Petúnia ir crescendo, estranhamente distorcida pelo vidro ondulado da porta.
– Duzinho! Até que enfim, eu já estava ficando muito... muito... *Duzinho, que é que você tem?*
Harry olhou de esguelha para Duda e saiu de baixo dele bem a tempo. O primo oscilou por um momento no mesmo lugar, o rosto verde-pálido... então abriu a boca e vomitou no capacho da entrada.
– DUZINHO! Duzinho!, que é que você tem? Válter? VÁLTER!
O tio de Harry acorreu da sala de estar, gingando o corpo pesado, bigodão de morsa sacudindo para cá e para lá como sempre fazia quando estava agitado.
Válter apressou-se a ajudar Petúnia a manobrar o filho de joelhos bambos pelo portal, ao mesmo tempo que evitava pisar na poça de vômito.
– Ele está passando mal, Válter!
– Que foi, filho? Que aconteceu? A Sra. Polkiss lhe serviu alguma coisa

exótica para o chá?
– Por que é que você está todo sujo, querido? Andou deitando no chão?
– Espere aí: você não foi assaltado, foi, filho?
Tia Petúnia gritou:
– Chame a polícia, Válter! Chame a polícia! Duzinho, querido, fale com a mamãe! Que foi que fizeram com você?
Durante todo esse alvoroço, ninguém pareceu ter reparado em Harry, o que lhe convinha perfeitamente. Conseguiu deslizar pela porta pouco antes do tio Válter batê-la e, enquanto os Dursley avançavam atropeladamente pelo corredor da cozinha, Harry prosseguiu, cauteloso e em silêncio, em direção à escada.
– Quem fez isso, filho? Diga os nomes. Vamos pegá-los, não se preocupe.
– Psiu! Ele está tentando falar alguma coisa, Válter! Que foi, Duzinho? Conte pra mamãe!
O pé de Harry estava no primeiro degrau da escada quando Duda recuperou a voz.
– *Ele*.
Harry congelou, o pé na escada, o rosto contraído, preparando-se para a explosão.
– MOLEQUE! VENHA JÁ AQUI!
Com uma sensação em que se misturavam o medo e a raiva, Harry tirou o pé da escada e se virou para acompanhar os Dursley.
A cozinha escrupulosamente limpa tinha um brilho irreal depois da escuridão da rua. Tia Petúnia levou Duda para uma cadeira; ele continuava verde e suado. Tio Válter parou diante do escorredor de pratos e encarou Harry com seus olhos miúdos apertados.
– Que foi que você fez com o meu filho? – perguntou com um rosnado ameaçador.
– Nada – respondeu o garoto, sabendo perfeitamente bem que o tio não acreditaria.
– Que foi que ele fez com você, Duzinho? – indagou Petúnia com a voz trêmula, agora limpando o vômito da frente do blusão de couro do filho. – Foi... foi você-sabe-o-quê, querido? Ele usou... a *coisa* dele?
Lenta e tremulamente, Duda concordou com a cabeça.
– Não usei! – disse Harry com rispidez, enquanto tia Petúnia deixava escapar um guincho e o marido erguia os punhos. – Eu não fiz nada com ele, não fui eu, foi...
Mas, naquele exato momento, uma coruja-das-torres adentrou a janela da cozinha. Passando de raspão por cima da cabeça do tio Válter, a ave voou pela cozinha, largou aos pés de Harry um grande envelope de pergaminho que trazia

no bico, fez uma volta graciosa, as pontas das asas apenas roçando o topo da geladeira, e, em seguida, tornou a sair para o jardim.

– CORUJAS! – urrou tio Válter, a grossa veia em sua têmpora pulsando de cólera ao bater a janela da cozinha. – CORUJAS OUTRA VEZ! NÃO VOU MAIS PERMITIR CORUJAS EM MINHA CASA!

Mas Harry já estava abrindo o envelope e puxando a carta que havia dentro, seu coração palpitava com força como se estivesse no pomo de adão.

Prezado Sr. Potter,

Chegou ao nosso conhecimento que V. Sª executou o Feitiço do Patrono às vinte e uma horas e vinte e três minutos de hoje em uma área habitada por trouxas e em presença de um deles.

A gravidade dessa violação do Decreto de Restrição à Prática de Magia por Menores acarretará sua expulsão da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Representantes do Ministério irão procurá-lo em sua residência nos próximos dias para destruir sua varinha.

Como V. Sª já recebeu um aviso oficial por uma infração anterior à Seção 13 do Estatuto de Sigilo em Magia da Confederação Internacional de Bruxos, lamentamos informar que deverá comparecer a uma audiência disciplinar no Ministério da Magia às nove horas do dia doze de agosto.

Fazemos votos que esteja bem,

Atenciosamente,

Mafalda Hopkirk

Seção de Controle do Uso Indevido de Magia

Ministério da Magia

Harry leu a carta inteira duas vezes. Tinha apenas uma vaga consciência de que os tios continuavam falando. Em sua cabeça, tudo ficou congelado e insensível. Um único fato penetrara sua consciência como um dardo paralisante. Fora expulso de Hogwarts. Tudo terminara. Nunca mais poderia voltar.

Ele ergueu os olhos para os Dursley. O tio, de cara púrpura, gritava com os punhos ainda erguidos. A tia passara os braços em torno de Duda, que voltara a vomitar.

O cérebro temporariamente estupidificado de Harry pareceu despertar. *Representantes do Ministério irão procurá-lo em sua residência nos próximos dias para destruir sua varinha.* Só havia uma solução. Teria de fugir – agora. Para onde, ele não sabia, mas estava certo de uma coisa: em Hogwarts ou fora da escola, precisava da varinha. Em um estado de quase devaneio, puxou a varinha e virou-se para sair da cozinha.

– Aonde é que você pensa que vai? – berrou o tio Válter. Como o garoto não respondesse, ele avançou decidido pela cozinha para bloquear a saída para o corredor. – Ainda não terminei com você, moleque!
– Sai do meu caminho – disse Harry com a voz controlada.
– Você vai ficar aqui e explicar por que o meu filho...
– Se o senhor não sair do meu caminho vou lhe lançar um feitiço – ameaçou Harry, erguendo a varinha.
– Não pense que me engana com essa conversa – vociferou o tio. – Eu sei que você não tem permissão de usar magia fora daquele hospício que chama de escola!
– O hospício acaba de me expulsar. Por isso posso fazer o que bem entender. O senhor tem três segundos. Um... dois...
Um forte estampido ecoou na cozinha. Tia Petúnia gritou. Tio Válter berrou e se abaixou, e pela terceira vez naquela noite Harry ficou procurando a fonte de um ruído que não fizera. Localizou-a imediatamente: uma corujadas-igrejas, tonta e arrepiada, estava pousada do lado de fora do peitoril da cozinha, pois acabara de colidir com a janela fechada.
Sem se importar com o berro angustiado do tio, "CORUJAS!", Harry atravessou correndo o aposento e escancarou a janela. A ave esticou a perna, à qual estava preso um pequeno rolo de pergaminho, sacudiu as penas e levantou voo assim que Harry desprendeu a carta. As mãos trêmulas, o garoto desenrolou esta segunda mensagem, escrita apressadamente, a tinta preta meio borrada.

Harry,
Dumbledore acabou de chegar ao Ministério e está tentando resolver o problema. NÃO DEIXE A CASA DOS SEUS TIOS. NÃO FAÇA MAIS NENHUMA MÁGICA. NÃO ENTREGUE SUA VARINHA.
Arthur Weasley

Dumbledore estava tentando resolver o problema... que significava isso? Que poder tinha Dumbledore para se sobrepor ao Ministério da Magia? Havia talvez uma chance de voltar a Hogwarts? Um brotinho de esperança começou a nascer no peito de Harry, mas quase imediatamente foi sufocado pelo pânico – como iria se negar a entregar a varinha sem usar a magia? Teria de duelar com os representantes do Ministério e, se fizesse isso, teria sorte de não acabar em Azkaban, isso sem falar na expulsão.
Seus pensamentos voavam... poderia tentar fugir e se arriscar a ser capturado pelo Ministério ou ficar parado e esperar que o encontrassem ali. Sentia-se muito mais tentado pela primeira hipótese, mas sabia que o Sr. Weasley queria o seu

bem... e, afinal de contas, Dumbledore já resolvera antes problemas muito piores.

– Tudo bem – disse Harry –, mudei de ideia, vou ficar.

Largou-se então à mesa da cozinha e encarou Duda e a tia. Os Dursley pareciam surpresos com sua repentina mudança de ideia. A tia olhou desesperada para o marido. A veia na têmpora do tio Válter pulsava mais que nunca.

– De quem são todas essas corujas? – rosnou ele.

– A primeira era do Ministério da Magia, comunicando minha expulsão – explicou Harry calmamente. Apurava os ouvidos para os ruídos lá fora, tentando identificar se os representantes do Ministério estariam chegando, e era mais fácil e mais silencioso responder às perguntas do tio do que fazê-lo se enfurecer e berrar. – A segunda foi do pai do meu amigo Rony, que trabalha no Ministério.

– *Ministério da Magia?* – berrou o tio. – Gente de sua laia no *governo*? Ah, isso explica tudo, tudo mesmo, não admira que o país esteja indo para o brejo.

Como Harry não reagiu, o tio olhou-o zangado e bufou:

– E por que é que você foi expulso?

– Porque usei a magia.

– Ah-ah! – rugiu o tio, dando um murro em cima da geladeira, que se abriu; vários lanchinhos de baixa caloria de Duda caíram e se espatifaram no chão. – Então você admite! *Que foi que você fez com o Duda?*

– Nada – falou Harry um pouco menos calmo. – Não fui eu...

– *Foi* – murmurou Duda inesperadamente e, na mesma hora, os pais fizeram acenos para Harry calar a boca, curvando-se para o filho.

– Vamos, filho – disse tio Válter –, que foi que ele fez?

– Diga pra gente, querido – sussurrou tia Petúnia.

– Apontou a varinha para mim – balbuciou o garoto.

– Foi, fiz isso sim, mas não a usei... – Harry começou a dizer aborrecido, mas...

– CALE A BOCA! – berraram os tios em uníssono.

– Continue, filho – repetiu o tio Válter, sua bigodeira esvoaçando furiosamente.

– Tudo ficou escuro – disse Duda, estremecendo. – Tudo escuro. Então eu ouv-vi... *coisas*. Dentro da minha c-cabeça.

Tio Válter e tia Petúnia se entreolharam cheios de horror. Se a coisa de que menos gostavam na vida era a magia – seguida de perto por vizinhos que burlavam mais do que eles a proibição de usar mangueiras –, gente que ouvia vozes decididamente ficava entre as dez últimas. Obviamente acharam que Duda estava perdendo o juízo.

– Que tipo de coisas você ouviu, fofinho? – sussurrou tia Petúnia, o rosto

muito pálido e lágrimas nos olhos.
Mas Duda parecia incapaz de responder. Estremeceu de novo e sacudiu sua enorme cabeça loura e, apesar da sensação entorpecida de pavor que se instalara em Harry desde a chegada da primeira coruja, ele sentiu uma certa curiosidade. Os dementadores faziam a pessoa reviver os piores momentos da vida. Que é que o mal-acostumado, mimado, implicante Duda fora obrigado a ouvir?
– Como foi que você caiu, filho? – perguntou tio Válter, em um tom calmo e anormal, o tom que se adotaria à cabeceira de alguém muito doente.
– T-tropecei – gaguejou Duda. – E aí...
Ele apontou para o peito maciço. Harry compreendeu que o primo estava revivendo o frio pegajoso que invadira seus pulmões quando a esperança e a felicidade foram arrancadas dele.
– Horrível – comentou com a voz rouca. – Frio. Realmente frio.
– Tudo bem – disse o pai, esforçando-se para falar com calma, enquanto sua mulher, ansiosa, levava a mão à testa de Duda para sentir sua temperatura. – Que aconteceu então, Duda?
– Senti... senti... senti... como se... como se...
– Como se jamais fosse voltar a ser feliz – completou Harry sem emoção.
– Foi – sussurrou o primo, ainda tremendo.
– Então! – disse tio Válter, a voz recuperando seu completo e sonoro volume, endireitando-se. – Você lançou um feitiço maluco no meu filho para que ele ouvisse vozes e acreditasse que estava... condenado a ser infeliz ou outra coisa do gênero, foi isso que fez?
– Quantas vezes vou precisar repetir? – disse Harry, a voz e a raiva aumentando. – *Não fui eu!* Foram dois dementadores!
– Dois o quê?... que tolice é essa?
– De-men-ta-do-res – disse o garoto lenta e claramente. – Dois.
– E que diabo são dementadores?
– São os guardas da prisão dos bruxos, Azkaban – disse tia Petúnia.
Dois segundos de retumbante silêncio seguiram-se a essas palavras antes que tia Petúnia levasse a mão à boca como se tivesse deixado escapar um palavrão. Tio Válter arregalou os olhos para a mulher. O cérebro de Harry rodopiou. A Sra. Figg era uma coisa – mas a *tia Petúnia*?
– Como é que você sabe disso? – perguntou-lhe o marido, perplexo.
Tia Petúnia pareceu muito espantada consigo mesma. Olhou para o marido num pedido mudo de desculpas, depois baixou um pouquinho a mão mostrando seus dentes cavalares.
– Ouvi... aquele rapaz horrível... contando a *ela* sobre os guardas... há muitos anos – respondeu sem jeito.

– Se a senhora está se referindo à minha mãe e ao meu pai, por que não diz o nome deles? – protestou Harry em voz alta, mas a tia não lhe deu atenção. Parecia extremamente embaraçada.

Harry ficou aturdido. Exceto por um desabafo há muitos anos, durante o qual a tia gritara que a mãe dele era anormal, o garoto nunca a ouvira mencionar a irmã. Espantava-se que ela tivesse guardado durante tanto tempo essa pequena informação sobre o mundo da magia, quando em geral concentrava todas as suas energias em fingir que ele não existia.

Tio Válter abriu a boca, tornou a fechá-la, depois, aparentemente se esforçando para se lembrar de como falar, abriu-a uma terceira vez e disse, rouco:

– Então... então... eles... hum... eles... hum... eles realmente existem, esses... hum... esses tais de dementis ou lá o que sejam?

Tia Petúnia concordou com um aceno de cabeça.

Válter olhou da mulher para o filho e dele para o sobrinho, como se esperasse alguém gritar “Primeiro de abril!”. Mas como ninguém gritou, ele tornou a abrir a boca, mas foi-lhe poupado o trabalho de encontrar palavras pela chegada da terceira coruja da noite. Ela entrou com a velocidade de um bólide emplumado pela janela ainda aberta e pousou com estardalhaço na mesa da cozinha, fazendo os três Dursley pularem de susto. Harry puxou um segundo envelope de aspecto oficial do bico da coruja e abriu-o, enquanto a ave arrancava de volta à noite.

– Chega... pombas... dessas *corujas* – resmungou o tio distraído, dirigindose decidido à janela e fechando-a com violência.

Prezado Sr. Potter,

Em aditamento a nossa carta enviada há aproximadamente vinte e dois minutos, o Ministério da Magia revisou a decisão de destruir a sua varinha imediatamente. V. Sª poderá conservá-la até a audiência disciplinar marcada para o dia doze de agosto, ocasião em que tomaremos uma decisão oficial.

Após discutir o assunto com o diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o Ministério concordou que a questão de sua expulsão será igualmente decidida na mesma oportunidade. V. Sª deverá, portanto, considerar-se suspenso da escola até o término das investigações.

Com os nossos melhores votos,

Atenciosamente,

Mafalda Hopkirk

Seção de Controle do Uso Indevido de Magia

Ministério da Magia

Harry leu esta carta do princípio ao fim três vezes seguidas. O aperto de infelicidade em seu peito diminuiu um pouquinho ao saber que não estava definitivamente expulso, embora os seus temores não estivessem de modo algum extintos. Tudo parecia estar dependendo dessa tal audiência do dia doze de agosto.

– E então? – perguntou o tio Válter, chamando o sobrinho de volta à cozinha. – E agora? Eles o condenaram a alguma coisa? Gente de sua laia tem sentença de morte? – perguntou esperançoso.

– Tenho de comparecer a uma audiência – respondeu Harry.

– E lá você vai receber a sentença?

– Imagino que sim.

– Então ainda tenho esperanças – comentou o tio perversamente.

– Bom, se já acabou – disse Harry se levantando. Estava doido para se isolar, pensar, talvez mandar cartas a Rony, Hermione e Sirius.

– NÃO, É CLARO QUE NÃO ACABEI, POMBAS! – berrou o tio. – SENTESE OUTRA VEZ!

– E *agora* é o quê? – perguntou Harry impaciente.

– DUDA! – vociferou o tio. – Quero saber exatamente o que aconteceu com o meu filho!

– ÓTIMO! – berrou Harry, e era tanta a raiva que centelhas vermelhas e douradas dispararam da ponta da varinha que ainda segurava na mão. Os três Dursley se encolheram, parecendo aterrorizados. – Duda e eu íamos pela travessa entre o largo das Magnólias e a alameda das Glicínias – contou Harry depressa, procurando não se zangar. – Duda achou que podia se fazer de engraçadinho comigo, saquei a minha varinha, mas não a usei. Então apareceram dois dementadores...

– Mas o que SÃO dementoides? – perguntou o tio, agressivo. – Que é que eles FAZEM?

– Eu já disse: chupam a felicidade que a pessoa traz dentro dela e, se têm uma chance, lhe dão um beijo...

– Dão um beijo? – repetiu o tio, com os olhos saltando ligeiramente. – Dão um beijo?

– É como se diz quando eles sugam a alma de uma pessoa pela boca.

Tia Petúnia deixou escapar um gritinho.

– A *alma* de Duda? Eles não tiraram... ele ainda tem a alma...

Ela agarrou o filho pelos ombros e sacudiu-o, como se quisesse verificar se ainda conseguia ouvir o barulho da alma chocalhando dentro dele.

– É claro que não tiraram a alma dele, a senhora veria se tivessem feito isso – disse Harry, exasperado.

– Você os afugentou, não foi, filho? – falou tio Válter muito alto, passando a impressão de alguém que lutava para trazer a conversa de volta a um plano que pudesse entender. – Meteu-lhes dois socos seguidos, não foi?
– Não se pode meter dois socos seguidos em um dementador – disse Harry cerrando os dentes.
– Então por que é que ele continua normal? – esbravejou o tio Válter. – Por que é que não ficou completamente oco?
– Porque eu usei o Patrono...
VUUUUUUM. Com um estrépito, um bater de asas e uma chuva fina de poeira, uma quarta coruja precipitou-se da chaminé da cozinha.
– PELO AMOR DE DEUS! – rugiu tio Válter, arrancando grandes chumaços de pelos do bigode, coisa que não o compeliam a fazer havia muito tempo. – NÃO QUERO CORUJAS AQUI DENTRO, NÃO VOU TOLERAR ISSO, JÁ DISSE!
Mas Harry já estava soltando um rolo de pergaminho da perna da coruja. Estava tão convencido de que a carta só podia ser de Dumbledore, explicando tudo – os dementadores, a Sra. Figg, o que o Ministério ia fazer, como ele, Dumbledore, pretendia resolver tudo – que pela primeira vez na vida ficou desapontado ao reconhecer a letra de Sirius. Ignorando o sermão do tio sobre as corujas e apertando os olhos para se proteger de uma segunda nuvem de poeira quando esta última coruja tornou a subir pela chaminé, Harry leu a mensagem do padrinho.

Arthur acabou de nos contar o que aconteceu. Faça o que quiser, mas não saia mais de casa.

Harry achou a mensagem tão insuficiente depois de tudo que acontecera aquela noite que virou o pergaminho, procurando o resto da mensagem, mas não havia mais nada.
E agora sua irritação recomeçava a crescer. Será que *ninguém* ia dizer “muito bem” por ele ter afugentado sozinho dois dementadores? Tanto o Sr. Weasley quanto Sirius estavam agindo como se ele tivesse se comportado mal e estavam guardando a bronca até se certificarem dos estragos que ele fizera.
– ... Uma *vorreada*, quero dizer, uma revoada de corujas entrando e saindo da minha casa. Não quero isso, moleque, não quero...
– Não posso impedir as corujas de virem – retrucou Harry com rispidez, amarrotando a carta de Sirius.
– Quero saber a verdade sobre o que aconteceu hoje à noite! – gritou o tio. – Se foram os demendores que atacaram Duda, como é então que você foi

expulso? Você mesmo admitiu que fez você-sabe-o-quê!

Harry inspirou profundamente para se controlar. Sua cabeça estava começando a doer outra vez. Mais do que tudo no mundo, ele queria sair da cozinha e ficar longe dos Dursley.

– Executei o Feitiço do Patrono para me livrar dos dementadores – respondeu, fazendo força para manter a calma. – É a única coisa que funciona contra eles.

– Mas o que é que os dementoides estavam *fazendo* em Little Whinging? – perguntou tio Válter indignado.

– Não sei lhe responder – disse o menino desgostoso. – Não faço ideia.

Sua cabeça agora latejava à luz neon. Sua raiva ia desaparecendo. Sentiase vazio, exausto. Os Dursley tinham os olhos fixos nele.

– É você – disse o tio com firmeza. – Tem alguma coisa a ver com você, moleque, eu sei que tem. Por que outra razão apareceriam aqui? Por que outra razão estariam naquela travessa? Você deve ser o único... o único... – Evidentemente ele não conseguia se forçar a dizer a palavra "bruxo". – O único *você-sabe-o-quê* em um raio de quilômetros.

– Eu não sei por que eles estavam aqui.

Mas, ao ouvir as palavras do tio, o cérebro exausto de Harry voltou lentamente a entrar em ação. Por que os dementadores *tinham* vindo a Little Whinging? Como *poderia* ser coincidência que tivessem chegado à travessa em que Harry estava? Alguém os teria mandado? O Ministério da Magia teria perdido o controle sobre os dementadores? Eles teriam abandonado Azkaban e se juntado a Voldemort, como Dumbledore previra que fariam?

– Esses demembrados guardam uma prisão de gente esquisita? – perguntou o tio Válter, seguindo penosamente o raciocínio de Harry.

– Guardam.

Se ao menos sua cabeça parasse de doer, se ao menos ele pudesse simplesmente sair da cozinha e ir para o seu quarto escuro e *pensar*...

– Ahh! Eles vieram prender você! – disse o tio, com o ar triunfante de um homem que chega a uma conclusão incontestável. – É isso, não é, moleque? Você é um fugitivo da justiça!

– Claro que não sou – respondeu Harry, sacudindo a cabeça como se quisesse espantar uma mosca, o raciocínio agora em pleno funcionamento.

– Então por quê...?

– Ele deve ter mandado os dementadores – disse o menino em voz baixa, mais para si próprio do que para o tio.

– Que foi que você disse? Quem deve ter mandado os dementadores?

– Lorde Voldemort.

Ele registrou vagamente como era estranho que os Dursley, que faziam caretas

e estrilavam quando ouviam palavras como “bruxo”, “magia” ou “varinha”, pudessem ouvir o nome do bruxo mais diabólico de todos os tempos sem o mínimo tremor.
– Lorde... espere aí – disse tio Válter, o rosto contraído, uma expressão de lento entendimento aparecendo em seus olhinhos suínos. – Já ouvi esse nome... não foi esse que...
– Matou meus pais, foi – respondeu Harry.
– Mas ele já se foi – disse tio Válter impaciente, sem a menor indicação de que a morte dos pais de Harry pudesse ser um assunto doloroso. – Aquele gigante falou. Ele se foi.
– Ele voltou – explicou o garoto, triste.
Era estranho estar parado ali na cozinha cirurgicamente limpa da tia Petúnia, ao lado de uma geladeira de último tipo e uma enorme tela de televisão, conversando calmamente com o tio sobre Lorde Voldemort. A chegada dos dementadores a Little Whinging parecia ter rompido o grande muro invisível que separava o mundo implacavelmente não mágico da rua dos Alfeneiros e o mundo além. As duas vidas de Harry de alguma forma haviam se fundido e tudo virara de cabeça para baixo; os Dursley estavam pedindo detalhes sobre o mundo mágico, e a Sra. Figg conhecia Dumbledore; os dementadores estavam circulando por Little Whinging, e ele talvez nunca mais voltasse a Hogwarts. Sua cabeça latejou com mais força, doendo ainda mais.
– Voltou? – sussurrou tia Petúnia.
Ela olhou para Harry como nunca o fizera antes. E, de repente, pela primeira vez na vida, Harry pôde apreciar inteiramente o fato de que Petúnia era irmã de sua mãe. Ele não sabia dizer por que isto o atingia com tanta força neste momento. Só sabia que não era a única pessoa naquele aposento a suspeitar o que poderia significar a volta de Lorde Voldemort. Tia Petúnia jamais o olhara assim na vida. Seus grandes olhos claros (tão diferentes dos da irmã) não estavam apertados de contrariedade nem de raiva, estavam arregalados e cheios de medo. O fingimento inabalável que mantivera até ali – de que não havia magia e nenhum outro mundo além daquele que habitava com o marido – parecia ter ruído.
– Voltou – respondeu, dirigindo-se agora à tia. – Faz um mês que voltou. Eu o vi.
As mãos dela procuraram os ombros compactos do filho sob o blusão de couro e os apertaram.
– Espere aí – disse o tio, olhando da mulher para o sobrinho e mais uma vez para ela, aparentemente aturdido e confuso pela compreensão sem precedentes que parecia ter nascido entre eles. – Espere aí. Você está dizendo que esse tal

Lord Vol das quantas voltou?
– É.
– O que matou seus pais?
– É.
– E agora está mandando dementadores atrás de você?
– É o que parece.
– Entendo – disse o tio, olhando de Petúnia para Harry e puxando as calças para cima. Parecia estar inchando, seu enorme rosto púrpura começou a dilatar diante dos olhos do sobrinho. – Então está decidido – disse, a frente da camisa se esticando à medida que ele inchava –, *pode sair desta casa, moleque!*
– Quê?! – exclamou Harry.
– Você me ouviu: SAIA! – berrou o tio, e até tia Petúnia e Duda pularam. – FORA! FORA! Eu devia ter feito isso há muito tempo! As corujas tratam esta casa como se fosse um asilo, o pudim explode, metade da sala fica destruída, Duda cria rabo, Guida balança pelo teto e tem Ford Anglia voando... FORA! FORA! Acabou para você! Você agora pertence ao passado! Não vai continuar aqui se tem um maluco caçando você, não vai pôr em perigo a vida da minha mulher e do meu filho, não vai criar problemas para nós. Se vai seguir o mesmo caminho que aqueles inúteis dos seus pais, terminamos AQUI!
Harry ficou pregado no chão. As cartas do Ministério, do Sr. Weasley e de Sirius amarrotadas em sua mão. *Faça o que quiser, mas não saia de casa outra vez. NÃO SAIA DA CASA DOS SEUS TIOS.*
– Você me ouviu! – disse tio Válter, curvando-se para o sobrinho e aproximando tanto o enorme rosto púrpura que Harry chegou a sentir gotas de saliva baterem em seu rosto. – Agora vá andando! Há meia hora você estava muito ansioso para ir embora! Pois estou bem atrás de você! Saia e nunca mais volte a pisar a soleira desta casa! Não sei por que aceitamos você, para começar. Guida tinha razão, você deveria ter ido para um orfanato. Tivemos o coração mole demais para o nosso próprio bem, pensamos que podíamos arrancar essa coisa de dentro de você, que podíamos transformá-lo em um garoto normal, mas você estava bichado desde o começo, e para mim chegou... *corujas*!
A quinta coruja entrou tão vertiginosamente pela chaminé que bateu no chão e soltou um pio forte antes de voltar ao ar. Harry ergueu a mão para agarrar a carta em um envelope vermelho, mas a ave passou por cima dele e voou até tia Petúnia, que deixou escapar um berro e se abaixou protegendo o rosto com os braços. A coruja soltou o envelope na cabeça dela, fez a curva e tornou a voar direto para a chaminé.
Harry correu para apanhar a carta, mas Petúnia chegou primeiro.
– A senhora pode abrir, se quiser, mas de qualquer maneira eu vou ouvir o que

a carta diz. É um berrador.
– Largue isso, Petúnia! – rugiu o tio. – Não toque, pode ser perigoso.
– Está endereçada a mim – disse ela com a voz trêmula. – Está endereçada *a mim*, Válter, olhe! *Sra. Petúnia Dursley, rua dos Alfeneiros, Número Quatro, Cozinha...*
Ela prendeu a respiração, horrorizada. O envelope vermelho começara a fumegar.
– Abre! – apressou-a Harry. – Acaba logo com isso! O envelope vai se abrir mesmo.
– Não.
A mão de tia Petúnia tremia. Ela olhava a esmo pela cozinha como se procurasse uma saída para fugir, mas tarde demais – o envelope pegou fogo. Com um grito, tia Petúnia largou-o no chão.
Uma voz horrível saiu da carta em chamas e ecoou pelo aposento fechado.
– Lembre-se da última, Petúnia.
Petúnia pareceu que ia desmaiar. Afundou na cadeira ao lado de Duda, o rosto nas mãos. A carta se consumiu silenciosamente e só restaram cinzas.
– Que foi isso? – perguntou tio Válter rouco. – Quê... eu não... Petúnia?
Tia Petúnia não respondeu, Duda olhou abobado para a mãe, boquiaberto. O silêncio parecia subir em espirais. Harry observou a tia, atônito, sua cabeça latejando tanto que parecia que ia explodir.
– Petúnia, querida? – chamou tio Válter timidamente. – Petúnia?
Ela ergueu a cabeça. Ainda tremia. Engoliu em seco.
– O garoto... o garoto terá de ficar, Válter – disse ela com a voz fraca.
– Q-quê?
– Ele fica – disse Petúnia sem olhar para Harry. Pôs-se de pé.
– Ele... mas, Petúnia...
– Se nós o atirarmos na rua, os vizinhos vão falar. – Depressa ela foi recuperando os seus modos secos e meio ríspidos, embora continuasse muito pálida. – Vão fazer perguntas embaraçosas, vão querer saber que fim levou. Teremos de ficar com ele.
Tio Válter começou a murchar como um pneu velho.
– Mas, Petúnia, querida...
Petúnia não lhe deu atenção. Virou-se para Harry.
– Você vai ficar no seu quarto – disse. – Não pode sair de casa. Agora vá se deitar.
Harry não se mexeu.
– De quem era o berrador?
– Não faça perguntas – retorquiu asperamente a tia.

– A senhora tem contato com os bruxos?
– Eu disse para você ir se deitar!
– Que queria dizer o berrador? Lembre-se da última o quê?
– Vá se deitar!
– Como...?
– VOCÊ OUVIU O QUE SUA TIA FALOU, AGORA VÁ SE DEITAR!

— CAPÍTULO TRÊS —
A guarda avançada

A abei de ser atacado por dementadores e poderei ser expulso de Hogwarts. Quero saber o que está acontecendo e quando vou sair daqui.

Harry copiou essas palavras em três folhas de pergaminho separadas, no instante em que chegou à escrivaninha de seu quarto às escuras. Endereçou a primeira a Sirius, a segunda a Rony e a terceira a Hermione. Sua coruja, Edwiges, estava fora caçando; a gaiola sobre a escrivaninha estava vazia. O garoto ficou andando para lá e para cá esperando a ave voltar, a cabeça latejando, o cérebro acelerado demais para adormecer, mesmo que seus olhos ardessem e coçassem de cansaço. Suas costas doíam pelo esforço de carregar Duda para casa, e os dois galos em sua cabeça, onde a janela e o primo haviam batido, estavam latejando com muita intensidade.

Ele andava para a frente e para trás, roído de raiva e frustração, rilhando os dentes e fechando os punhos, lançando olhares furiosos para o céu vazio, exceto pelas estrelas, todas as vezes que passava pela janela. Os dementadores enviados para apanhá-lo, a Sra. Figg e Mundungo Fletcher seguindo-o em segredo, depois a suspensão de Hogwarts e a audiência do Ministério da Magia – e ainda assim ninguém lhe contava o que estava acontecendo.

E o quê, *o que* queria dizer aquele berrador? Que voz horrível era aquela que ecoou, de forma tão ameaçadora, pela cozinha?

Por que ele continuava preso ali sem informações? Por que todos o estavam tratando como uma criança malcomportada? *Não faça mais mágicas, não saia de casa...*

Deu um pontapé no malão da escola ao passar, mas, em vez de aliviar a raiva, ele ficou pior, pois agora sentia uma dor aguda no dedão, para somar às outras no resto do corpo.

Ao passar mancando pela janela, Edwiges entrou farfalhando suavemente as

asas, como um fantasminha.
– Já não era sem tempo! – rosnou Harry, quando a ave pousou com leveza em cima da gaiola. – Pode largar isso aí, tenho trabalho para você!
Os grandes olhos redondos e âmbar da coruja o miraram, com uma expressão de censura, por cima do sapo morto que trazia ao bico.
– Vem cá – disse-lhe o dono, apanhando os três rolinhos de pergaminho e uma correia de couro para amarrá-los à perna escamosa da ave. – Leve estas mensagens diretamente a Sirius, Rony e Hermione e não volte aqui sem respostas longas e completas. Se for preciso, não pare de dar bicadas neles até escreverem respostas de tamanho decente. Entendeu?
Edwiges soltou um pio abafado, seu bico ainda cheio de sapo.
– Então vai andando – falou Harry.
Ela partiu imediatamente. No momento em que se foi, Harry se atirou na cama sem se despir e ficou olhando para o teto. Além de todos os outros sentimentos infelizes, ele agora sentia remorso por ter sido tão rabugento com Edwiges; era a única amiga que tinha no número quatro da rua dos Alfeneiros. Mas ele a compensaria quando voltasse com respostas de Sirius, Rony e Hermione.
Seus amigos com certeza iriam responder depressa; não podiam ignorar um ataque de dementadores. Ele provavelmente acordaria no dia seguinte e encontraria três grossas cartas recheadas de solidariedade e planos para sua imediata remoção para A Toca. E com essa ideia reconfortante, o sono o venceu, sufocando outros pensamentos.

Mas Edwiges não regressou na manhã seguinte. Harry passou o dia no quarto, saindo apenas para ir ao banheiro. Três vezes naquele dia, tia Petúnia empurrou comida para dentro do quarto pela aba que tio Válter instalara três verões passados. Todas as vezes que Harry a ouvia se aproximar, tentava interrogá-la sobre o berrador, mas teria sido melhor interrogar a maçaneta, porque não obtinha resposta alguma. Afora isso, os Dursley se mantiveram bem longe do seu quarto. Harry não via sentido em impor a eles sua companhia; mais uma briga não resolveria nada, exceto, talvez, deixá-lo tão aborrecido que acabaria apelando para a magia proibida.
As coisas continuaram nesse ritmo durante três dias inteiros. Harry sentia-se invadido por uma energia excessiva que o impedia de se concentrar em qualquer coisa, momentos em que caminhava pelo quarto furioso com todo o mundo, por deixarem-no remoendo seus problemas sozinho; essa energia se alternava com uma letargia tão absoluta que era capaz de ficar deitado na cama uma hora inteira, olhando atordoado para o teto, sofrendo só de pensar, apavorado, na audiência no Ministério.

E se o condenassem? E se ele *fosse* expulso e sua varinha partida ao meio? Que iria fazer, aonde iria? Não poderia voltar a viver o tempo todo com os Dursley, não agora que conhecia o outro mundo, aquele ao qual pertencia. Será que poderia ir morar com Sirius, como o padrinho oferecera havia um ano, antes de ser forçado a fugir do Ministério? Será que dariam permissão a Harry para morar sozinho, sendo ainda menor de idade? Ou será que decidiriam por ele o local aonde ir? Será que sua infração do Estatuto Internacional de Sigilo fora suficientemente grave para mandá-lo a uma cela em Azkaban? Sempre que tal pensamento lhe ocorria, Harry invariavelmente se levantava da cama e recomeçava a caminhar.

Na quarta noite depois da partida de Edwiges, o garoto estava deitado em uma de suas fases de apatia, mirando o teto, a mente exausta e vazia, quando seu tio entrou no quarto. Harry virou lentamente a cabeça e olhou para ele. Válter estava usando seu melhor terno e tinha uma expressão de enorme presunção.

– Vamos sair – anunciou.

– Como disse?

– Nós, isto é, sua tia, Duda e eu, vamos sair.

– Ótimo – respondeu Harry inexpressivamente, voltando a mirar o teto.

– Você não deverá sair do seu quarto enquanto estivermos fora.

– O.k.

– Você não deverá ligar a televisão, nem o som, nem nada que nos pertence.

– Certo.

– Você não deverá roubar comida da geladeira.

– O.k.

– Vou trancar sua porta.

– Pode trancar.

Tio Válter encarou Harry, abertamente desconfiado dessa falta de oposição, em seguida saiu pisando forte e fechou a porta ao passar. Harry ouviu a chave girar na fechadura e os passos do tio descerem pesadamente a escada. Alguns minutos depois, ouviu as portas do carro baterem, o ruído de um motor e o som inconfundível de um carro deixando rapidamente a entrada da garagem.

Harry ficou indiferente à saída dos Dursley. Tanto fazia os tios estarem ou não em casa. Não conseguia sequer dirigir suas energias para se levantar e acender a luz. O quarto ia escurecendo depressa, mas ele continuava deitado, apurando os ouvidos para escutar os ruídos da noite pela janela que mantinha o tempo todo aberta, esperando o momento abençoado em que Edwiges voltaria.

A casa vazia rangia por inteiro. Os canos de água gargarejavam. Harry permaneceu nessa espécie de estupor, sem pensar em nada, imerso em infelicidade.

Então, com toda a clareza, ele ouviu um estrondo lá embaixo, na cozinha.
Sentou-se imediatamente, escutando com atenção. Os Dursley não poderiam ter voltado, era cedo demais, e, de todo o jeito, ele não ouvira barulho de carro.
Fez-se silêncio por alguns segundos, em seguida vozes.
Ladrões, pensou, deslizando para fora da cama e ficando em pé – mas, uma fração de segundo depois, lhe ocorreu que ladrões falariam em voz baixa, e quem estava andando pela cozinha certamente não estava preocupado com isso.
Ele apanhou a varinha sobre a mesa de cabeceira e ficou de frente para a porta do quarto, escutando com a máxima atenção. No momento seguinte, Harry se sobressaltou ao ouvir um forte estalo e ver sua porta se escancarar.
O garoto ficou parado, imóvel, olhando através da porta aberta para o patamar escuro, fazendo força para ouvir, mas não houve nenhum outro som. Ele hesitou um instante, depois saiu rápida e silenciosamente do quarto e foi até a escada.
Seu coração parecia ter disparado para a garganta. Havia gente parada no hall escuro embaixo, cujas silhuetas a luz da rua recortava ao entrar pelo vidro da porta; oito ou nove pessoas, todas, até onde Harry conseguia ver, olhando para cima.
– Baixe a varinha, garoto, antes que você arranque os olhos de alguém – disse uma voz baixa e rouca.
O coração de Harry bateu descontrolado. Reconhecia aquela voz, mas não baixou a varinha.
– Professor Moody? – perguntou hesitante.
– Não sei bem quanto a "Professor" – rosnou a voz –, nunca cheguei a ensinar muito tempo, não é mesmo? Vem até aqui, queremos ver você direito.
Harry baixou ligeiramente a varinha, mas não afrouxou a mão, nem se mexeu. Tinha muito boas razões para desconfiar. Recentemente passara nove meses em companhia de alguém que achava que era Olho-Tonto Moody e acabou descobrindo que não era ele, mas um impostor, que ainda por cima tentara matá-lo antes de ser desmascarado. Mas, antes que pudesse decidir o que fazer, uma segunda voz, ligeiramente rouca, flutuou até o alto da escada.
– Tudo bem, Harry. Viemos buscar você.
O coração do garoto deu um salto. Reconheceu aquela voz também, embora não a ouvisse havia mais de um ano.
– Professor Lupin?! – exclamou incrédulo. – É o senhor?
– Por que estamos todos parados no escuro – disse uma terceira voz completamente desconhecida, de uma mulher. – *Lumus*.
A ponta de uma varinha acendeu, iluminando o hall com luz mágica. Harry piscou. As pessoas embaixo estavam amontoadas ao pé da escada, olhando-o com atenção, algumas até esticando o pescoço para vê-lo melhor.

Remo Lupin era quem estava mais próximo de Harry. Embora ainda jovem, Lupin parecia cansado e bem doente; tinha mais cabelos brancos do que quando o garoto se despedira dele, e suas vestes estavam mais remendadas e gastas que nunca. Ainda assim, ele olhava para Harry com um grande sorriso, que o garoto tentou retribuir apesar do seu estado de choque.

– Ahhh, ele é igualzinho ao que eu imaginei – disse a bruxa que segurava no alto a varinha acesa. Parecia a mais jovem do grupo; tinha um rosto pálido em feitio de coração, olhos escuros e cintilantes e cabelos curtos e espetados, roxo berrante. – E aí, beleza, Harry!

– É, vejo o que quis dizer, Remo – disse um bruxo negro e careca parado no círculo mais externo do grupo; tinha uma voz grave e lenta e usava um único brinco de ouro na orelha –, ele é a cara do Tiago.

– Exceto pelos olhos – disse a voz asmática de um bruxo de cabelos prateados mais ao fundo. – São os olhos de Lílian.

Olho-Tonto Moody, que possuía longos cabelos grisalhos e um nariz a que faltava um pedaço, observava Harry, desconfiado, apertando os olhos díspares. Um era muito pequeno, escuro e arisco, o outro, grande, redondo, azul elétrico – o olho mágico que podia ver através de paredes, portas e da nuca do próprio Moody.

– Você tem certeza que é ele, Lupin? Seria uma grossa mancada se levássemos um Comensal da Morte fazendo-se passar por Harry. Devíamos perguntar a ele alguma coisa que só o verdadeiro Potter saiba. A não ser que alguém tenha trazido um pouco de soro da verdade.

– Harry... que forma assume o seu Patrono? – perguntou Lupin.

– De veado – respondeu Harry, nervoso.

– É ele mesmo, Olho-Tonto – confirmou Lupin.

Muito consciente de que todos continuavam de olhos fixos nele, Harry desceu as escadas, guardando a varinha no bolso traseiro das jeans enquanto descia.

– Não guarde a varinha aí, garoto! – berrou Moody. – E se pegar fogo? Bruxos mais sabidos que você já perderam as nádegas, sabe!

– Quem é que você ouviu dizer que perdeu a nádega? – perguntou interessada a bruxa de cabelos roxos.

– Não se preocupe com isso, e você guarde a varinha longe do bolso traseiro! – vociferou Olho-Tonto. – Medidas de segurança elementares para o uso da varinha, ninguém se preocupa mais com elas. – E saiu mancando para a cozinha. – E estou vendo você – disse, irritado, quando a mulher girou os olhos para o teto.

Lupin estendeu a mão e apertou a de Harry.

– Como é que você tem andado? – perguntou, examinando Harry atentamente.

– Ó-ótimo...
Harry mal podia acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo. Quatro semanas sem nada, nem o menor indício de um plano para removê-lo da rua dos Alfeneiros e, de repente, um bando de bruxos inesperados em sua casa como se isso já estivesse combinado há séculos. O garoto correu os olhos pelas pessoas que rodeavam Lupin; todos continuavam a observá-lo com avidez. Sentia-se muito consciente de que não penteava os cabelos havia quatro dias.
– Eu... vocês estão realmente com sorte que os Dursley tenham saído... – murmurou.
– Sorte nada! – disse a mulher de cabelos roxos. – Fui eu que os tirei do caminho. Mandei uma carta pelo correio dos trouxas dizendo que estavam entre os finalistas do Concurso do Gramado Mais Bem Cuidado da Grã-Bretanha. Eles estão a caminho da festa de entrega do prêmio neste momento... ou pensam que estão.
Harry teve uma visão passageira da cara do tio Válter quando descobrisse que não havia concurso algum.
– Vamos embora, não vamos? – perguntou ele. – Logo?
– Quase imediatamente – disse Lupin –, vamos só aguardar o sinal verde.
– Aonde vamos? Para A Toca? – perguntou Harry, esperançoso.
– Não, não para A Toca – respondeu Lupin, conduzindo Harry para a cozinha; o grupinho de bruxos os acompanhou, ainda examinando o garoto, cheios de curiosidade. – Arriscado demais. Montamos o quartel-general em um lugar difícil de encontrar. Levou algum tempo...
Olho-Tonto Moody agora estava sentado à mesa da cozinha, tomando goles de um frasco de bolso, seu olho mágico girava em todas as direções, apreciando os muitos aparelhos que os Dursley usavam para poupar trabalho.
– Este é o Alastor Moody, Harry – continuou Lupin, apontando para o bruxo.
– É, eu sei – respondeu Harry pouco à vontade. Dava uma sensação esquisita ser apresentado a alguém que ele achava que conhecia havia um ano.
– E essa é Ninfadora...
– *Não* me chame de Ninfadora – pediu a jovem bruxa com um arrepio –, sou Tonks.
– Ninfadora Tonks, que prefere ser conhecida apenas pelo sobrenome – concluiu Lupin.
– Você também iria preferir se a tonta da sua mãe tivesse lhe dado o nome de *Ninfadora* – murmu rouTonks.
– E esse é Quim Shacklebolt – disse ele indicando o bruxo negro e alto, que fez uma reverência. – Elifas Doge. – O bruxo de voz asmática fez um aceno com a cabeça. – Dédalo Diggle...

– Já nos encontramos antes – esganiçou-se o excitável Diggle, deixando cair a cartola roxa.

– Emelina Vance. – Uma bruxa de ar imponente acenou a cabeça coberta por um xale verde-água. – Estúrgio Podmore. – Um bruxo de queixo quadrado e chapéu cor de palha deu uma piscadela. – E Héstia Jones. – Perto da torradeira, uma bruxa, de faces coradas e cabelos negros, deu um adeusinho.

Harry cumprimentou com um aceno de cabeça cada bruxo, à medida que foram apresentados. Desejou que olhassem para outra coisa ou pessoa que não fosse ele; era como se repentinamente o tivessem feito subir a um palco. Ficou imaginando também por que havia tantos bruxos presentes.

– Um número surpreendente de pessoas se apresentaram como voluntárias para vir buscá-lo – disse Lupin, como se tivesse lido os pensamentos de Harry; os cantos de sua boca mexeram ligeiramente.

– Ah, foi, quanto mais melhor – disse Moody sombriamente. – Somos a sua guarda, Potter.

– Estamos só esperando o sinal de que podemos partir sem perigo – disse Lupin, espiando pela janela da cozinha. – Temos uns quinze minutos.

– Muito *limpos*, não são, esses trouxas? – comentou a bruxa chamada Tonks, que corria os olhos pela cozinha com grande interesse. – Meu pai nasceu trouxa e é um velho porcalhão. Suponho que isto varie como acontece entre os bruxos?

– Hum... é – respondeu Harry. – Escute... – começou virando-se para Lupin – que é que está acontecendo, não recebi uma palavra de ninguém, que é que o Vol...?

Vários bruxos soltaram estranhos assobios; Dédalo Diggle deixou cair a cartola outra vez e Moody vociferou:

– *Cale-se*.

– Quê! – exclamou Harry.

– Não vamos falar nada aqui, é arriscado demais – disse Moody virando o olho normal para o garoto. Seu olho mágico continuava focalizando o teto. – *Pombas* – acrescentou zangado, levando uma das mãos ao olho mágico. – Não para de prender: desde que aquele desgraçado o usou.

E com um ruído grosseiro de arroto, bem parecido com o que se ouve quando se puxa um desentupidor de pia, ele tirou o olho.

– Olho-Tonto, você sabe que isso é nojento, não sabe? – falou Tonks em tom de conversa.

– Me arranje um copo d'água, por favor, Harry – pediu Moody.

O garoto foi até a lavadora de louça, apanhou um copo limpo e encheu-o de água da torneira, ainda seguido pelos olhares dos bruxos. Essa incansável observação estava começando a irritá-lo.

– Saúde – saudou Moody, quando Harry lhe entregou o copo. O bruxo pôs dentro o olho mágico e empurrou-o com o dedo para cima e para baixo; o olho girou em volta do copo, encarando os bruxos, um a um. – Quero ter uma visibilidade de trezentos e sessenta graus na viagem de volta.

– Como vamos chegar... a esse lugar a que a gente está indo? – perguntou Harry.

– Vassouras – disse Lupin. – É o único jeito. Você é jovem demais para aparatar, eles devem estar vigiando a rede de Flu e vai nos custar mais do que a nossa vida montar uma chave de portal sem autorização.

– Remo contou que você é um bom piloto – disse Quim Shacklebolt com sua voz ressonante.

– É excelente – confirmou Lupin, consultando o relógio. – Em todo o caso, é melhor você ir fazer a mala, Harry, queremos estar prontos para partir quando recebermos o sinal.

– Vou ajudá-lo – ofereceu-se Tonks, animada.

Ela acompanhou Harry de volta ao hall e subiu a escada, olhando para tudo com muita curiosidade e interesse.

– Que lugar engraçado – comentou. – É um pouco limpo *demais*, entende o que quero dizer? Um pouco estranho. Ah, agora está melhor – acrescentou quando entraram no quarto de Harry e acenderam a luz.

O quarto do garoto era certamente muito mais desarrumado que o resto da casa. Confinado nele havia quatro dias, de muito mau humor, Harry não se dera o trabalho de arrumá-lo. A maioria dos livros que possuía estavam espalhados pelo chão, onde ele tentara se distrair com cada um deles e os jogara para o lado; a gaiola de Edwiges precisava ser limpa, e estava começando a feder; e seu malão estava aberto, deixando à mostra uma mistura confusa de roupas de trouxa e vestes de bruxo que haviam transbordado por todo o chão à volta.

Harry começou a recolher os livros e a atirá-los apressadamente no malão. Tonks parou diante do armário para olhar criticamente a própria imagem no espelho do lado interno da porta.

– Sabe, acho que roxo não é bem a minha cor – comentou, pensativa, puxando uma mecha dos cabelos espetados. – Você não acha que me dá um ar meio doentio?

– Hum – começou Harry, espiando a bruxa por cima do seu livro *Os times de quadribol da Grã-Bretanha e da Irlanda.*

– É, dá – concluiu definitivamente Tonks. Ela apertou os olhos em uma expressão preocupada, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa. Um segundo depois, seus cabelos tinham mudado para rosa-chiclete.

– Como é que você faz isso? – perguntou Harry, boquiaberto, quando ela

reabriu os olhos.
– Sou metamorfomaga – respondeu ela, voltando a olhar para o espelho e virando a cabeça para poder ver o cabelo de todos os lados. – O que significa que posso mudar minha aparência à vontade – acrescentou ao ver a expressão intrigada de Harry no espelho às suas costas. – Nasci assim. Recebia as melhores notas em Esconderijos e Disfarces durante o treinamento para auror, sem nem precisar estudar, foi muito legal.
– Você é auror? – perguntou Harry, impressionado. Ser caçador de bruxos das trevas era a única carreira em que ele pensara seguir quando terminasse Hogwarts.
– Sou – confirmou Tonks, com orgulho. – Quim também é, mas é mais graduado que eu. Eu só me formei há um ano. Quase levei bomba em Vigilância e Rastreamento. Sou muito trapalhona, você me ouviu quebrar aquele prato quando chegamos lá embaixo?
– Pode-se aprender a ser metamorfomago? – perguntou Harry, se erguendo e esquecendo completamente que estava fazendo a mala.
Tonks deu uma risadinha abafada.
– Aposto que você até gostaria de esconder essa cicatriz, às vezes, hein?
Seus olhos focalizaram a cicatriz em forma de raio na testa do garoto.
– Gostaria – murmurou Harry virando as costas. Não gostava de gente olhando para a cicatriz.
– Bom, acho que você vai ter de aprender pelo método difícil. Os metamorfomagos são realmente raros, a gente nasce com o dom, não o adquire. A maioria dos bruxos precisa de uma varinha ou de poções para mudar a aparência. Mas temos de ir andando, Harry, devíamos estar fazendo as malas – acrescentou ela, se sentindo culpada ao verificar a bagunça que havia no chão.
– Ah... é – concordou o garoto, catando mais alguns livros.
– Não seja burro, vai ser muito mais rápido se eu... *Fazer malas!* – exclamou a bruxa, agitando a varinha com um movimento longo e amplo que abarcou o chão.
Livros, roupas, telescópio e balança, tudo levantou voo e se precipitou rápida e desordenadamente para dentro do malão.
– Não ficou muito arrumado – disse Tonks, se aproximando do malão e espiando a confusão ali dentro. – Minha mãe tem um jeito para fazer as coisas entrarem arrumadinhas... e até consegue que as meias se enrolem sozinhas... mas nunca aprendi como é que ela faz... é uma espécie de sacudida rápida com a varinha. – Ela experimentou esperançosa.
Uma das meias de Harry começou a se ondular lentamente, mas tornou a se achatar em cima da montoeira existente.

– Ah, deixa pra lá – disse Tonks, fechando a tampa do malão –, pelo menos está tudo dentro. Isso aí está pedindo uma limpezinha, também. – Ela apontou para a gaiola de Edwiges. – *Limpar*. – Penas e titicas desapareceram. – Bom, agora está um pouquinho melhor – nunca peguei o jeito desses feitiços domésticos. Certo... está tudo aí? Caldeirão? Vassoura? Uau! Uma Firebolt?

Os olhos da bruxa se arregalaram ao pousar sobre a vassoura na mão direita de Harry. Era o orgulho e a alegria do garoto, um presente de Sirius, uma vassoura de categoria internacional.

– E eu ainda voo numa Comet 260 – comentou Tonks, com inveja. – Ah, deixa pra lá... a varinha continua no bolso da jeans? As duas nádegas continuam inteiras? O.k., vamos. *Locomotor malão*.

O malão de Harry ergueu-se alguns centímetros do chão. Segurando a varinha como se fosse a batuta de um maestro, Tonks fez o objeto atravessar o quarto e sair pela porta à frente deles, a gaiola de Edwiges na mão esquerda. Harry desceu a escada atrás da bruxa levando sua vassoura.

De volta à cozinha, Moody recolocara o olho, que girava tão rápido depois de limpo que Harry se sentiu enjoado só de olhar. Quim Shacklebolt e Estúrgio Podmore examinavam o micro-ondas e Héstia Jones dava risadas com um descascador de batatas que encontrara ao examinar as gavetas. Lupin estava endereçando uma carta aos Dursley.

– Excelente – exclamou ao ver Tonks e Harry entrarem. – Temos mais ou menos um minuto, acho. Talvez fosse bom irmos para o jardim e aguardarmos prontos. Harry, deixei uma carta avisando aos seus tios para não se preocuparem...

– Eles não vão se preocupar – respondeu Harry.

– ... que você não corre perigo...

– Assim eles vão ficar deprimidos.

– ... e que você os verá no próximo verão.

– Preciso?

Lupin sorriu, mas não respondeu.

– Venha aqui, garoto – disse Moody com rispidez, acenando com a varinha para Harry se aproximar. – Preciso desiludir você.

– O senhor precisa o quê? – perguntou o garoto, nervoso.

– Feitiço da Desilusão – explicou Moody erguendo a varinha. – Lupin disse que você tem uma Capa da Invisibilidade, mas ela não vai cobri-lo o tempo todo que estiver voando; o feitiço vai disfarçar você melhor. Agora...

O bruxo deu uma pancada forte no cocuruto de Harry e ele teve a curiosa sensação de que Moody acabara de quebrar um ovo ali; um filete gelado pareceu escorrer pelo seu corpo a partir do ponto em que a varinha batera.

– Bem bom, Olho-Tonto – disse Tonks em tom de admiração, olhando para a cintura de Harry.

O garoto baixou os olhos para seu corpo, ou melhor, para o que fora seu corpo, porque não parecia mais o dele. Não estava invisível; mas simplesmente assumira a cor e a textura exatas do eletrodoméstico às suas costas. Ele parecia ter se transformado em um camaleão humano.

– Vamos – disse Moody, destrancando a porta dos fundos com a varinha.

Todos saíram para o belo gramado do jardim de tio Válter.

– Noite clara – resmungou Moody, seu olho mágico esquadrinhando o céu. – Teria sido melhor se houvesse umas nuvens. Certo, você... – falou o bruxo para Harry com rispidez –, vamos voar em formação cerrada. Tonks irá à sua frente, mantenha-se colado à cauda dela. Lupin vai cobrir você por baixo. Eu vou atrás. O resto ficará circulando em volta. Não saiam da formação para nada, entenderam? Se um de nós for morto...

– E isso pode acontecer? – perguntou Harry apreensivo, mas Moody não lhe deu atenção.

– ... os outros continuarão voando, não parem, não dispersem. Se nos eliminarem e você sobreviver, Harry, há uma guarda recuada de prontidão para assumir, continue a voar para oeste e ela irá se reunir a você.

– Pare de ser tão animador, Olho-Tonto, ele vai pensar que não estamos levando isto a sério – disse Tonks, enquanto prendia o malão de Harry e a gaiola de Edwiges aos arreios que trazia pendurados à vassoura.

– Estou só contando ao garoto qual é o plano – rosnou Moody. – Nossa missão é entregá-lo ileso na sede, e se morrermos na tentativa...

– Ninguém vai morrer – disse Quim Shacklebolt com sua voz grave e calmante.

– Montem as vassouras, esse é o primeiro sinal! – comandou Lupin, apontando para o céu.

No alto, a uma grande distância, uma chuva de faíscas vermelhas brilhara entre as estrelas. Harry identificou-as imediatamente como faíscas produzidas por uma varinha. Passou a perna direita por cima da Firebolt, segurou com firmeza a empunhadura e sentiu-a vibrar muito de leve, como se estivesse tão ansiosa quanto ele para ganhar novamente os ares.

– Segundo sinal, vamos! – disse Lupin em voz alta ao ver mais faíscas, desta vez verdes, explodirem lá no alto.

Harry deu um forte impulso. O ar fresco da noite passava veloz por seus cabelos enquanto os jardins cuidados da rua dos Alfeneiros iam ficando para trás, reduzidos a uma colcha de retalhos verde-escuros e pretos, e todos os pensamentos sobre a audiência no Ministério desapareceram de sua mente como

se uma lufada de vento os tivesse varrido dali. Ele teve a sensação de que seu coração ia explodir de prazer; estava voando outra vez, voando para longe da rua dos Alfeneiros, como passara imaginando o verão inteiro, estava voltando para casa... por uns poucos e gloriosos minutos, todos os seus problemas pareceram ir recuando até desaparecer, insignificantes no vasto céu estrelado.

– Tudo à esquerda, tudo à esquerda, tem um trouxa olhando para o céu! – gritou Moody às costas de Harry. Tonks deu uma guinada e o garoto a acompanhou, observando o malão balançar violentamente sob a vassoura da bruxa. – Precisamos ganhar mais altura... subam mais quatrocentos metros!

Com o frio e a velocidade da subida, os olhos de Harry se encheram de água; ele não conseguia ver nada no solo, exceto os minúsculos pontinhos de luz que eram os faróis dos carros e os lampiões. Duas luzinhas talvez pertencessem ao carro do tio Válter... neste momento, os Dursley estariam voltando para a casa vazia, enfurecidos por causa do concurso inexistente... e Harry soltou uma gargalhada só de pensar na cena, embora sua voz fosse abafada pela agitação das vestes dos bruxos, o rangido das correias que prendiam o malão e a gaiola, e o ruído do vento ao passar em grande velocidade por seus ouvidos. Ele não se sentia vivo assim fazia um mês, nem tão feliz.

– Rumar para o sul! – gritou Olho-Tonto. – Cidade à frente!

Eles viraram para a direita a fim de evitar sobrevoar a cintilante teia de luzes lá embaixo.

– Rumar para sudeste e continuar subindo, há umas nuvens baixas à frente que podem nos esconder! – gritou Moody.

– Não vamos entrar em nuvens! – gritou Tonks zangada. – Vamos nos encharcar, Olho-Tonto!

Harry ficou aliviado de ouvi-la reclamar; suas mãos estavam ficando dormentes na empunhadura da vassoura. Desejou ter se lembrado de vestir um casaco; estava começando a tremer de frio.

Eles alteravam o curso a intervalos, segundo as instruções de Olho-Tonto. Harry conservava os olhos semicerrados para se proteger do vento gelado que começava a fazer suas orelhas arderem; só se lembrava de sentir tanto frio assim montando uma vassoura uma vez, na vida, durante uma partida de quadribol contra Lufa-Lufa, no terceiro ano de escola, que se realizara debaixo de um temporal. A guarda voava ao redor dele, continuamente, como gigantescas aves de rapina. Harry perdeu a noção de tempo. Ficou imaginando quantos minutos fazia que estavam voando, parecia no mínimo uma hora.

– Dobrar para sudeste! – berrou Moody. – Queremos evitar a estrada!

Harry agora estava tão congelado que pensou, saudoso, no aconchego seco do interior dos carros que passavam lá embaixo, depois, ainda mais saudoso, numa

viagem de Flu; talvez fosse desconfortável ficar rodopiando por lareiras, mas pelo menos nas chamas era quentinho... Quim rodeou-o em um mergulho, a careca e o brinco reluzindo ao luar... agora Emelina Vance apareceu à sua direita, a varinha na mão, a cabeça virando para a esquerda e a direita... depois ela também mergulhou por cima dele e foi substituída por Estúrgio Podmore...

– Devíamos retroceder um pouco, para nos certificar de que não estamos sendo seguidos! – gritou Moody.

– VOCÊ FICOU DOIDO, OLHO-TONTO? – berrou Tonks à frente. – Estamos congelados nas vassouras! Se continuarmos a nos desviar da rota, só vamos chegar na semana que vem! Além do mais, já estamos quase chegando!

– Hora de iniciar a descida! – ouviu-se a voz de Lupin. – Siga Tonks, Harry!

O garoto seguiu a bruxa em um mergulho. Estavam rumando para a maior coleção de luzes que ele já vira, uma vasta massa irregular que se entrecruzava, onde brilhavam linhas e redes entremeadas por espaços muito negros. Continuaram voando cada vez mais baixo, até Harry poder distinguir os faróis de cada carro, os lampiões, as chaminés e as antenas de televisão. Ele queria muito chegar ao chão, embora tivesse certeza de que alguém precisaria descongelá-lo da vassoura.

– Aqui vamos nós! – avisou Tonks, e alguns segundos depois ela pousou.

Harry tocou o solo logo em seguida e desmontou em um trecho de grama alta, no centro de uma pequena praça. Tonks já estava desafivelando o malão. Tiritando de frio, o garoto olhou para os lados. Ao seu redor, as fachadas das casas cobertas de fuligem não pareciam convidativas; algumas tinham janelas quebradas que refletiam opacamente a luz dos lampiões, a pintura estava descascando em muitas das portas e havia montes de lixo na entrada das casas.

– Onde estamos? – perguntou Harry, mas Lupin disse baixinho:

– Em um instante.

Moody vasculhava sua capa, as mãos recurvadas insensíveis de frio.

– Achei – murmurou, erguendo bem no alto um objeto que parecia um isqueiro de prata e acionando-o.

A luz do lampião mais próximo apagou; ele não parou de acionar o isqueiro até todas as lâmpadas da praça estarem apagadas, restando apenas a luz de uma janela, protegida por cortinas, e a lua crescente no céu.

– Pedi-o emprestado a Dumbledore – grunhiu Moody, embolsando o apagueiro. – Isto cuidará de qualquer trouxa que esteja espiando pela janela, entende? Agora vamos logo.

Ele tomou Harry pelo braço e o conduziu para longe do gramado, atravessou a rua e subiu a calçada; Lupin e Tonks o seguiram, carregando o malão do garoto, o restante da guarda, empunhava suas varinhas, flanqueando os quatro.

De uma janela do primeiro andar próxima, vinha um som abafado de música. Um cheiro acre de lixo podre desprendia-se de uma pilha de sacas estufadas de lixo logo à entrada do portão quebrado.

– Tome – murmurou Moody, empurrando um pedaço de pergaminho em direção à mão desiludida de Harry, e aproximou sua varinha acesa para iluminar o que estava escrito. – Leia depressa e decore.

Harry olhou para o pedaço de pergaminho. A caligrafia fina lhe era vagamente familiar. Ele leu:

A sede da Ordem da Fênix encontra-se no largo Grimmauld, número doze, Londres.

— CAPÍTULO QUATRO —
Largo Grimmauld, número doze

– Que é a Ordem da...? – começou Harry.

– Aqui não, garoto! – disse Moody com aspereza. – Espere até chegarmos lá dentro! – E, puxando o pedaço de pergaminho da mão de Harry, ateou fogo nele com a ponta da varinha. Enquanto a mensagem se crispava em chamas e flutuava lentamente até o chão, Harry tornou a examinar as casas. Estavam parados diante do número onze; ele olhou para a esquerda e viu o número dez; para a direita, no entanto, o número era treze.

– Mas onde...?

– Pense no que você acabou de ler – disse Lupin em voz baixa.

Harry pensou e, mal chegara à menção do número doze da praça, uma porta escalavrada se materializou entre os números onze e treze, e a ela se seguiram paredes sujas e janelas opacas de fuligem. Era como se uma casa extra tivesse se inflado, empurrando as suas vizinhas para os lados. Harry boquiabriu-se. A música no número onze continuava a tocar com força. Aparentemente, os trouxas que estavam ali dentro não haviam percebido nada.

– Vamos, Harry – rosnou Moody, empurrando-o pelas costas.

O garoto subiu os degraus de pedra gastos, olhando fixamente para a porta que acabara de aparecer. A tinta preta estava desbotada e cheia de arranhões. A maçaneta de prata tinha a forma de uma serpente enroscada. Não havia buraco de fechadura nem caixa de correio.

Lupin puxou a varinha e deu uma batida na porta. Harry ouviu uma sucessão de ruídos metálicos que lembravam correntes retinindo. A porta abriu rangendo.

– Entre depressa, Harry – cochichou Lupin –, mas não se afaste nem toque em nada.

O garoto cruzou a soleira da porta e mergulhou na escuridão quase absoluta do hall. Sentiu o cheiro adocicado de decomposição, poeira e umidade; o local dava

a impressão de ser um prédio condenado. Ele espiou por cima do ombro e viu os outros se enfileirarem às suas costas, Lupin e Tonks trazendo o malão e a gaiola de Edwiges. Moody estava parado no último degrau, devolvendo as bolas de luz que o apagueiro roubara dos lampiões; elas voaram de volta às lâmpadas e a praça brilhou momentaneamente com uma claridade laranja, antes de Moody entrar coxeando na casa e fechar a porta da frente, de modo que a escuridão no hall se tornou completa.

– Agora...

Ele bateu a varinha com força na cabeça de Harry; o garoto desta vez teve a sensação de que uma coisa quente escorria por sua coluna e percebeu que o Feitiço da Desilusão se desmanchara.

– Agora fiquem quietos, todos, enquanto providencio um pouco de luz aqui – sussurrou Moody.

Os murmúrios dos outros estavam dando a Harry uma estranha sensação de agouro; era como se tivessem acabado de entrar na casa de um moribundo. Ele ouviu um assobio suave e em seguida candeeiros antiquados, a gás, ganharam vida ao longo das paredes, lançando uma luz tênue e bruxuleante sobre o papel descascado e o tapete puído de um corredor longo e sombrio, em cujo teto refulgia um lustre coberto de teias de aranha e, nas paredes, quadros tortos e escurecidos pelo tempo. Harry ouviu uma coisa correr pelo rodapé. O lustre e os castiçais sobre uma mesa desengonçada ali perto tinham a forma de serpentes.

Ouviram-se passos apressados e a mãe de Rony, a Sra. Weasley, surgiu por uma porta ao fundo do corredor. Exibia um grande sorriso de boas-vindas ao vir ao encontro deles, embora Harry reparasse que estava mais magra e pálida do que da última vez que a vira.

– Ah, Harry, que bom ver você! – sussurrou ela, puxando-o para um abraço de partir costelas antes de afastá-lo e examiná-lo com um olhar crítico.

– Você está parecendo meio doente; está precisando de boa alimentação, mas acho que terá de esperar um pouco pelo jantar.

Ela se voltou para o bando de bruxos atrás de Harry e cochichou pressurosa:

– Ele acabou de chegar, a reunião começou.

Os bruxos demonstraram interesse e excitação e foram passando por Harry em direção à porta pela qual a Sra. Weasley acabara de sair. O garoto fez menção de acompanhar Lupin, mas ela o deteve.

– Não, Harry, a reunião é só para membros da Ordem. Rony e Hermione estão lá em cima, você pode esperar com eles até a reunião terminar, depois jantaremos. E fale baixo no corredor – acrescentou ela apressada.

– Por quê?

– Não quero despertar ninguém.

– Que é que a senhora...

– Eu explico depois, agora tenho de correr. Preciso participar da reunião... só vou lhe mostrar onde vai dormir.

Levando o dedo aos lábios, ela o conduziu pé ante pé ao longo da parede coberta por altas cortinas comidas por traças, atrás das quais Harry supôs que houvesse outra porta, e, depois de contornar um enorme porta-guarda-chuvas que parecia ter sido feito com perna de trasgo, eles começaram a subir uma escada escura em que havia cabeças encolhidas e montadas sobre placas na parede lateral. Um exame mais atento revelou ao garoto que as cabeças pertenciam a elfos domésticos. Todos tinham o mesmo narigão.

O espanto de Harry crescia a cada passo. Que é que eles estavam fazendo em uma casa que parecia pertencer ao mais tenebroso bruxo das trevas?

– Sra. Weasley, por quê...?

– Rony e Hermione lhe explicarão tudo, querido, eu realmente tenho de correr – explicou a Sra. Weasley distraída. – Chegamos... – tinham alcançado o segundo patamar – a sua é a porta da direita. Chamo você quando terminar.

E tornou a descer as escadas, apressada.

Harry atravessou o patamar encardido, girou a maçaneta em forma de cabeça de serpente e abriu a porta.

Deu uma breve olhada no quarto sombrio de teto alto em que havia duas camas; então ouviu um alvoroço seguido de um grito mais alto, e sua visão foi completamente obscurecida por uma grande quantidade de cabelos muito espessos. Hermione se atirara sobre ele em um grande abraço que quase o derrubou no chão, ao mesmo tempo que a minúscula coruja de Rony, Pichitinho, voava excitada, descrevendo círculos contínuos por suas cabeças.

– HARRY! Rony, ele está aqui, Harry está aqui! Não ouvimos você chegar! Ah, como é que você *vai*? Está bom? Ficou furioso com a gente? Aposto que ficou, eu sei, as nossas cartas não serviam para nada... mas a gente não podia contar nada. Dumbledore nos fez jurar que não contaríamos, ah, temos tanta coisa para lhe contar e você tem coisas para nos contar: os dementadores! Quando soubemos... e aquela audiência no Ministério... é um absurdo, procurei tudo nos livros, eles não podem expulsar você, simplesmente não podem, tem uma cláusula no Decreto de Restrição à Prática de Magia por Menores prevendo situações em que há risco de vida...

– Deixa ele respirar, Mione – disse Rony, fechando a porta às costas do amigo. Ele parecia ter crescido vários centímetros durante o mês de separação, tornara-se mais alto e mais desengonçado do que nunca, embora o nariz comprido, os cabelos ruivos e as sardas continuassem iguais.

Ainda sorridente, Hermione soltou Harry, mas, antes que pudesse falar, ouviu-

se um farfalhar suave e alguma coisa branca saiu voando do alto do armário escuro e pousou gentilmente no ombro de Harry.

– Edwiges!

A coruja muito branca abriu e fechou o bico e mordiscou com carinho a orelha de Harry, enquanto ele acariciava suas penas.

– Ela esteve muito nervosa – contou Rony. – Quase matou a gente de tanta bicada quando trouxe suas últimas cartas. Vê só...

E mostrou a Harry o dedo indicador direito com um corte quase cicatrizado, mas visivelmente profundo.

– Ahhhhh. Desculpe pelo corte, mas eu queria respostas, entende...

– E nós queríamos dar, cara – respondeu Rony. – Hermione estava uma fera, não parava de dizer que você ia fazer uma burrice se ficasse sozinho, sem saída e sem notícias, mas Dumbledore nos fez...

– ... jurar que não contariam – completou Harry. – É, a Mione já me disse isso.

A pequena chama que se acendera em seu peito ao ver os dois maiores amigos se apagou, e uma coisa gelada inundou a boca do seu estômago. De repente – depois de ansiar o mês inteiro para ver os dois – ele sentiu que preferia que Rony e Hermione o deixassem sozinho.

Houve um silêncio tenso em que Harry acariciou Edwiges mecanicamente, sem olhar para os amigos.

– Pelo visto ele pensou que era melhor – disse Hermione ofegante. – Dumbledore, quero dizer.

– Certo – respondeu Harry. Reparou que as mãos da amiga, também, tinham marcas do bico de Edwiges, e descobriu que não sentia a menor pena.

– Acho que ele pensou que você estava mais seguro com os trouxas – começou Rony.

– Ah, é? – retrucou Harry, erguendo as sobrancelhas. – Algum de *vocês* foi atacado por dementadores este verão?

– Bem, não... mas foi por isso que ele mandou gente da Ordem da Fênix seguir você o tempo todo...

Harry sentiu um enorme choque como se tivesse pulado um degrau, sem querer, na descida de uma escada. Então todo o mundo sabia que ele estava sendo seguido, menos ele.

– Não deu muito certo, não foi? – disse Harry, fazendo o possível para manter a voz neutra. – No final, tive de me virar sozinho, não foi?

– Ele estava muito zangado – justificou Hermione, num tom de assombro. – Dumbledore. Nós o vimos. Quando descobriu que Mundungo tinha saído antes de terminar o turno de serviço. Dava até medo.

– Muito bem, fico satisfeito que ele tenha saído – respondeu Harry com frieza.

– Se não tivesse, eu não precisaria usar a magia e Dumbledore provavelmente teria me largado na rua dos Alfeneiros o verão todo.

– Você não está... não está preocupado com a audiência do Ministério da Magia? – perguntou Hermione baixinho.

– Não – mentiu Harry em tom de desafio. E afastou-se deles olhando para os lados, com Edwiges aninhada satisfeita em seu ombro, mas este quarto não ia melhorar seu humor. Era escuro e úmido. Uma tira lisa de lona em uma moldura enfeitada era a única coisa que interrompia a nudez das paredes descascadas, e, ao passar pelo objeto, Harry pensou ter ouvido alguém, que estava escondido, dar uma risadinha.

– Então por que é que Dumbledore estava tão ansioso para me deixar no escuro? – perguntou Harry, ainda tentando parecer displicente. – Vocês... se deram o trabalho de perguntar?

Ele ergueu os olhos em tempo de ver a expressão do olhar que os dois trocaram e que o fez perceber que estava reagindo exatamente do jeito que os amigos temiam. O que não melhorou em nada o seu mau humor.

– Dissemos a Dumbledore que queríamos informar você do que estava acontecendo – disse Rony. – Dissemos, cara. Mas ele anda realmente ocupado, só o vimos duas vezes desde que viemos para cá e sempre com pressa, só nos fez jurar que não contaríamos nada que tivesse importância quando lhe escrevêssemos, disse que as corujas poderiam ser interceptadas.

– Ainda assim, ele poderia me manter informado, se quisesse – disse Harry, impaciente. – Vocês não vão me dizer que ele não conhece outros meios de mandar mensagens sem corujas.

Hermione olhou para Rony e disse:

– Pensei nisso também. Mas ele não queria que você soubesse de *nada*.

– Vai ver ele acha que não mereço confiança – disse Harry, observando o rosto dos amigos.

– Não seja burro – disse Rony, parecendo muito desapontado.

– Ou que não sei cuidar de mim mesmo.

– Claro que não pensa isso! – disse Hermione, ansiosa.

– Então como é que eu tenho de ficar na casa dos Dursley, enquanto vocês dois vêm participar de tudo que está acontecendo aqui? – perguntou Harry, as palavras cascateando num atropelo, a voz se elevando a cada palavra. – Como é que permitem a vocês dois saberem de tudo que está acontecendo?

– Não sabemos! – interrompeu-o Rony. – Mamãe não deixa a gente se aproximar das reuniões, diz que somos muito crianças...

Mas antes que percebesse, Harry estava gritando.

– ENTÃO VOCÊS NÃO TÊM PARTICIPADO DAS REUNIÕES, GRANDE

COISA! ESTIVERAM AQUI O TEMPO TODO, NÃO FOI? ESTIVERAM JUNTOS O TEMPO TODO! AGORA, EU, FIQUEI ENCALHADO NA RUA DOS ALFENEIROS O MÊS INTEIRO! E JÁ RESOLVI MUITO MAIS DO QUE VOCÊS JAMAIS CONSEGUIRAM E DUMBLEDORE SABE DISSO; QUEM SALVOU A PEDRA FILOSOFAL? QUEM SE LIVROU DO RIDDLE? QUEM SALVOU A PELE DE VOCÊS DOS DEMENTADORES?

Cada pensamento amargurado e cheio de rancor que Harry tivera no último mês foi saindo de dentro dele: sua frustração com a falta de notícias, a mágoa de que todos tinham estado juntos sem ele, sua fúria por estar sendo seguido e ninguém lhe informar – todos os sentimentos de que sentia uma certa vergonha extravasaram. Edwiges assustou-se com a gritaria e tornou a voar para cima do armário; Pichitinho, alarmado, soltou vários pios e voou ainda mais depressa ao redor das cabeças dos garotos.

– QUEM FOI QUE TEVE DE PASSAR POR DRAGÕES E ESFINGES E OUTRAS COISAS REPUGNANTES NO ANO PASSADO? QUEM VIU *ELE* VOLTAR? QUEM TEVE DE ESCAPAR DELE? EU!

Rony ficou parado ali, com o queixo meio caído, visivelmente chocado, e sem saber o que responder, enquanto Hermione parecia à beira das lágrimas.

– MAS POR QUE EU DEVERIA SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO? POR QUE ALGUÉM SE DARIA O TRABALHO DE ME DIZER O QUE ANDOU ACONTECENDO?

– Harry, nós queríamos lhe dizer, nós realmente queríamos – começou Hermione.

– NÃO PODEM TER QUERIDO TANTO ASSIM, PODEM, OU TERIAM ME MANDADO UMA CORUJA, MAS *DUMBLEDORE FEZ VOCÊS JURAREM*...

– Fez mesmo...

– DURANTE QUATRO SEMANAS EU FIQUEI ENTALADO NA RUA DOS ALFENEIROS, PESCANDO JORNAIS NAS LIXEIRAS PARA TENTAR DESCOBRIR O QUE ESTAVA ACONTECENDO...

– Nós queríamos...

– SUPONHO QUE VOCÊS TÊM SE DIVERTIDO PARA VALER, NÃO TÊM, ESCONDIDOS AQUI JUNTOS...

– Não, sinceramente...

– Harry, nós realmente sentimos muito! – disse Hermione desesperada, seus olhos agora cintilantes de lágrimas. – Você tem absoluta razão, Harry... se fosse comigo eu ficaria furiosa!

Harry amarrou a cara para os dois, ainda respirando fundo, depois tornou a dar as costas aos amigos e a andar para lá e para cá. Edwiges piou tristemente de

cima do armário. Houve uma longa pausa, interrompida apenas pelo rangido fúnebre das tábuas do soalho sob os pés do garoto.

– Que lugar é esse afinal? – perguntou de repente a Rony e Hermione.

– A sede da Ordem da Fênix – respondeu Rony na hora.

– Alguém vai se dar o trabalho de me dizer o que essa Ordem...?

– É uma sociedade secreta – disse Hermione depressa. – Dumbledore é o responsável, fundou a Ordem. São as pessoas que lutaram contra Você-Sabe-Quem da última vez.

– Quem faz parte dela? – perguntou Harry, parando de repente com as mãos nos bolsos.

– Bastante gente...

– Já conhecemos umas vinte – disse Rony –, mas achamos que tem mais.

Harry olhou zangado para os amigos.

– *Então?* – indagou, olhando de um para outro.

– Hum – disse Rony. – Então o quê?

– *Voldemort!* – falou Harry furioso, e os dois contraíram as feições. – Que está acontecendo? Que é que ele está armando? Onde é que está? Que é que estamos fazendo para impedir?

– Já falamos, a Ordem não deixa a gente assistir às reuniões – respondeu Hermione, nervosa. – Por isso não sabemos os detalhes... mas temos uma ideia geral – acrescentou depressa, vendo a expressão no rosto de Harry.

– Fred e Jorge inventaram Orelhas Extensíveis, entende – contou Rony. – Realmente úteis.

– Extensíveis...?

– Orelhas, é. Só que tivemos de parar de usá-las nos últimos dias porque mamãe descobriu e ficou danada. Fred e Jorge tiveram de esconder o estoque para impedir mamãe de jogar tudo no lixo. Mas usamos bastante as orelhas antes de ela perceber o que estava rolando. Sabemos que tem gente da Ordem seguindo Comensais da Morte conhecidos, marcando eles, sabe...

– Outros estão trabalhando para recrutar mais gente para a Ordem... – acrescentou Hermione.

– E outros tantos estão montando guarda a alguém ou alguma coisa – disse Rony. – Estão sempre falando em serviço de guarda.

– Não poderia ter sido a mim, poderia? – perguntou Harry sarcasticamente.

– Ah, é! – exclamou Rony fazendo cara de quem começava a compreender.

Harry deu uma risadinha desdenhosa. E recomeçou a dar voltas no quarto, olhando para todo lado menos para Rony e Hermione.

– Então, que é que vocês dois têm feito se não podem assistir às reuniões? Vocês disseram que estiveram ocupados.

– Estivemos – respondeu Hermione depressa. – Estivemos descontaminando a casa, passou um tempão vazia e muita coisa estranha proliferando por aqui. Conseguimos limpar a cozinha, a maioria dos quartos e acho que vamos cuidar da sala de visitas ama... ARRRE!

Com dois fortes craques, Fred e Jorge, os irmãos mais velhos de Rony, se materializaram no meio do quarto. Pichitinho piou ainda mais baratinado do que nunca e disparou para se juntar a Edwiges em cima do armário.

– *Parem* com isso! – disse Hermione sem entusiasmo aos gêmeos, que eram tão intensamente ruivos quanto Rony, embora mais fortes e um pouco mais baixos.

– Olá, Harry – saudou-o Jorge, sorridente. – Pensamos ter ouvido sua voz suave.

– Não queremos que reprima sua raiva, Harry, bote tudo para fora – disse Fred, também sorrindo. – Vai ver tem alguém a cem quilômetros de distância que ainda não te ouviu.

– Então vocês dois passaram nos testes de aparatação? – perguntou Harry mal-humorado.

– Com louvor – respondeu Fred, que estava segurando alguma coisa que parecia um pedaço muito comprido de barbante cor de carne.

– Vocês teriam levado só uns trinta segundos para descer pelas escadas – disse Rony.

– Tempo é galeão, maninho – disse Fred. – Em todo o caso, Harry, você está interferindo com a recepção. Orelhas Extensíveis – acrescentou em resposta às sobrancelhas erguidas de Harry, e mostrou o barbante, deixando agora visível que o objeto se alongava em direção ao patamar. – Estamos tentando ouvir o que estão falando lá embaixo.

– Você vai precisar ter cuidado – disse Rony, olhando para a Orelha. – Se mamãe tornar a ver mais uma dessas...

– Vale o risco, é uma reunião importante – justificou Fred.

A porta se abriu e apareceu uma longa juba de cabelos ruivos.

– Ah, olá, Harry! – cumprimentou animada a irmã mais nova de Rony, Gina. – Pensei que tivesse ouvido sua voz.

Virando-se para Fred e Jorge, informou:

– Pode esquecer as Orelhas, ela lançou um Feitiço da Imperturbabilidade na porta da cozinha.

– Como é que você sabe? – indagou Jorge, desapontado.

– Tonks me ensinou como descobrir. A gente atira uma coisa contra a porta e se a coisa não bate é porque a porta foi “imperturbada”. Atirei umas bombas de bosta do alto da escada e elas simplesmente voaram de volta, então não tem

como as Orelhas Extensíveis entrarem por baixo.
Fred soltou um suspiro profundo.
– Que pena. Eu realmente gostaria de descobrir o que é que o Snape está fazendo.
– Snape! – exclamou Harry imediatamente. – Ele está aqui?
– Tá – confirmou Jorge, fechando cuidadosamente a porta e se sentando em uma das camas; Fred e Gina o acompanharam. – Fazendo um relatório. Ultrassecreto.
– Babaca – disse Fred, só por dizer.
– Ele agora está do nosso lado – disse Hermione, desaprovando o amigo.
Rony riu.
– Mas vai continuar sendo babaca. O jeito com que olha para a gente quando nos encontra.
– Gui também não gosta dele – disse Gina, como se isso decidisse a questão.
Harry não tinha muita certeza se sua raiva havia diminuído; mas sua sede de informações começou a suplantar o impulso de continuar gritando. Largou-se na cama em frente aos outros.
– Gui está aqui? – perguntou. – Pensei que estivesse trabalhando no Egito.
– Ele se candidatou a uma função burocrática para poder voltar para casa e trabalhar na Ordem – disse Fred. – Diz que sente falta das tumbas – deu uma risadinha –, mas tem suas compensações.
– Como assim?
– Você se lembra da Fleur Delacour? – perguntou Jorge. – Ela arranjou um emprego no Gringotes para *aperrfeiçoarr o iinglês*...
– E o Gui está dando muitas aulas particulares a ela – caçoou Fred.
– Carlinhos também entrou na Ordem – disse Jorge –, mas continua na Romênia. Dumbledore quer atrair o maior número possível de bruxos estrangeiros, por isso Carlinhos está tentando fazer contatos nos dias de folga.
– O Percy não podia fazer isso? – perguntou Harry. Na última notícia que recebera, o terceiro irmão Weasley estava trabalhando no Departamento de Cooperação Internacional em Magia, no Ministério da Magia.
Ao ouvirem as palavras de Harry, os Weasley e Hermione trocaram olhares carregados de significação.
– Diga o que quiser, mas não mencione o Percy na frente da mamãe e do papai – disse Rony com a voz tensa.
– Por que não?
– Porque todas as vezes que ouvem o nome dele, papai quebra o que estiver segurando e mamãe começa a chorar – explicou Fred.
– Tem sido horrível – comentou Gina com tristeza.

– Acho que podemos passar sem ele – disse Jorge, com uma expressão de ameaça nada característica.
– Que aconteceu? – perguntou Harry.
– Percy e papai brigaram – contou Fred. – Nunca vi papai brigar com alguém daquele jeito. Em geral é mamãe que berra.
– Foi na primeira semana de férias quando terminou o trimestre – disse Rony. – Íamos entrar para a Ordem. Percy chegou e contou que tinha sido promovido.
– Você tá brincando – admirou-se Harry.
Embora soubesse muito bem que ele era extremamente ambicioso, Harry tinha a impressão de que Percy não fizera grande sucesso em seu primeiro emprego no Ministério da Magia. Cometera o grande deslize de não perceber que o chefe estava sendo controlado por Lorde Voldemort (não que o Ministério tivesse acreditado – todos pensaram que o Sr. Crouch enlouquecera).
– Pois é, todos ficamos surpresos – continuou Jorge –, Percy tinha se metido em grandes confusões por causa de Crouch, houve até um inquérito e tudo. A conclusão foi que Percy devia ter percebido que Crouch não estava batendo bem e informado ao seu superior. Mas você conhece Percy, Crouch o tinha deixado na chefia, e ele não ia reclamar.
– Então como foi que ganhou a promoção?
– É exatamente o que nos perguntamos – disse Rony, que parecia muito ansioso para sustentar uma conversa normal, agora que Harry parara de gritar. – Percy voltou para casa realmente satisfeito com ele mesmo... ainda mais satisfeito do que o normal, se é que dá para imaginar... e disse ao papai que tinham lhe oferecido um cargo no gabinete do próprio Fudge. Um cargo realmente bom para alguém que tinha terminado Hogwarts fazia só um ano: assistente júnior do ministro. Acho que esperava que papai ficasse impressionado.
– Só que papai não ficou – disse Fred sério.
– Por que não? – indagou Harry.
– Bom, parece que Fudge tinha percorrido o Ministério enfurecido para se certificar de que os funcionários não tivessem contato com Dumbledore – disse Jorge.
– No Ministério, o nome de Dumbledore virou lixo, ultimamente, entende – esclareceu Fred. – Todos pensam que ele está só criando problemas quando diz que Você-Sabe-Quem voltou.
– Papai falou que Fudge deixou muito claro que qualquer um que estivesse mancomunado com Dumbledore podia desocupar a escrivaninha – disse Jorge.
– O problema é que Fudge suspeita de papai, sabe que é amigo de Dumbledore, e sempre achou papai meio excêntrico por causa da obsessão que

ele tem pelos trouxas.
– Mas que é que isso tem a ver com o Percy? – perguntou Harry, confuso.
– Vou chegar lá. Papai desconfia que Fudge só quer Percy no gabinete, porque quer usar o mano para espionar a família... e Dumbledore.
Harry soltou um assobio.
– Aposto como Percy adorou.
Rony deu uma risada meio rouca.
– Ele perdeu completamente a cabeça. Disse... bem, uma porção de coisas horríveis. Disse que está enfrentando a péssima reputação do papai desde que entrou no Ministério e que papai não tem ambição e que é por isso que sempre fomos, sabe, sempre tivemos pouco dinheiro, quero dizer...
– *Quê?* – disse Harry, incrédulo, ao mesmo tempo que Gina bufava feito um gato enraivecido.
– Eu sei – disse Rony em voz baixa. – E ficou pior. Disse que papai era um idiota de andar com Dumbledore, que Dumbledore ia se meter em uma baita encrenca e papai ia cair junto, e que ele, Percy, sabia a quem devia ser leal, e era ao Ministério. E se mamãe e papai iam trair o Ministério, iria se empenhar para que todo o mundo soubesse que ele não pertencia mais à nossa família. E fez as malas na mesma noite e foi embora. Agora está morando aqui em Londres.
Harry soltou um palavrão baixinho. Dos irmãos de Rony, Percy era o que ele menos gostava, mas nunca imaginara que pudesse dizer essas coisas ao Sr. Weasley.
– Mamãe está danada da vida – disse Rony. – Sabe, chora, essas coisas. Veio a Londres para tentar falar com Percy, mas ele bateu a porta na cara dela. Não sei como ele faz quando encontra papai no trabalho: acho que finge que não vê.
– Mas Percy *deve* saber que Voldemort voltou – disse Harry lentamente. – Ele não é burro, deve saber que sua mãe e seu pai não arriscariam tudo sem provas.
– É, bom, o seu nome também entrou na briga – disse Rony, lançando a Harry um olhar furtivo. – Percy disse que a única prova que havia era a sua palavra e... não sei... ele achava que não era suficiente.
– Percy leva o *Profeta Diário* a sério – comentou Hermione, mordaz, com o que os outros concordaram.
– Do que é que vocês estão falando? – perguntou Harry, passando os olhos por todos. Eles o observavam cautelosos.
– Você não tem recebido o *Profeta Diário*? – perguntou Hermione nervosa.
– Tenho.
– Você não tem lido todas as notícias? – perguntou Hermione ainda mais ansiosa.
– Não da primeira à última página – respondeu Harry na defensiva. – Se

houvesse alguma notícia sobre Voldemort sairia em manchete, não?
Os amigos se contraíram ao ouvir o nome. Hermione continuou depressa:
– Você precisaria ler da primeira à última página para perceber, mas eles, bom, eles mencionam seu nome algumas vezes por semana.
– Mas eu não vi...
– Se andou lendo só a primeira página, não iria ver – disse Hermione, sacudindo a cabeça. – Não estou falando de notícia grande. Eles incluem seu nome aqui e ali, como se você fosse a piada da vez.
– Como as...?
– Na verdade é bem maldoso – disse Hermione procurando manter a voz calma. – Estão usando só o material que a Rita publicou.
– Mas ela não está mais escrevendo para o *Profeta*, está?
– Ah, não, ela tem cumprido a promessa que fez: não que tivesse outra opção – acrescentou Hermione satisfeita. – Mas lançou as bases para o que estão tentando fazer agora.
– E que é *o quê*? – perguntou Harry, impaciente.
– O.k., você sabe que ela escreveu que você estava caindo por aí, se queixando que sua cicatriz estava doendo e tudo o mais?
– Sei – respondeu Harry, que tão cedo não iria esquecer as notícias de Rita Skeeter sobre ele.
– Bom, estão pintando você como uma pessoa fantasiosa e sedenta de atenção, que acha que é um grande herói trágico ou qualquer coisa assim – contou Hermione, muito depressa, como se fosse menos desagradável para o amigo saber desses fatos em menos tempo. – Eles não param de incluir comentários irônicos sobre você. Se aparece uma história mirabolante, escrevem mais ou menos assim: “Uma história digna de Harry Potter”, e se alguém tem um acidente estranho ou coisa parecida dizem: “Vamos fazer votos para que ele não fique com uma cicatriz na testa ou vão nos pedir para venerá-lo”...
– Eu não quero que ninguém me venere... – começou Harry indignado.
– Eu sei que não – disse Hermione depressa, parecendo assustada. – *Eu sei*, Harry. Mas você percebe o que eles estão fazendo? Querem transformar você em uma pessoa em que ninguém acredita. Fudge está por trás de tudo, aposto o que você quiser. Eles querem que o bruxo da rua pense que você não passa de um garoto burro, que é meio engraçado e conta histórias ridículas porque adora ser famoso e quer continuar sendo.
– Eu não pedi... eu não quis... *Voldemort matou meus pais!* – protestou Harry, cuspindo as palavras. – Fiquei famoso porque ele assassinou minha família, mas não conseguiu me matar! Quem quer ser famoso por uma coisa dessas? Será que não pensam que eu preferia que nunca...

– Nós *sabemos*, Harry – disse Gina com sinceridade.
– E, é claro que não publicaram nem uma palavra sobre o ataque dos dementadores a você – acrescentou Hermione. – Alguém mandou abafar o caso. Teria sido uma história e tanto, dementadores escapam ao controle do governo. Nem ao menos noticiaram que você violou o Estatuto Internacional do Sigilo em Magia. Pensamos que noticiariam, porque combinava com a sua imagem de exibicionista idiota. Achamos que estão aguardando você ser expulso, então vão realmente botar pra quebrar, quero dizer, *se* você for expulso, é óbvio – apressou-se Hermione a acrescentar. – Na realidade, não deverá ser, não se o Ministério respeitar as próprias leis, não há caso contra você.
Estavam de volta à audiência e Harry não queria pensar no assunto. Fez força para mudar outra vez o rumo da conversa, mas foi poupado do esforço pelo ruído de passos que subiam a escada.
– Ah, ah.
Fred deu um puxão na Orelha Extensível; ouviu-se outro estalo forte, e ele e Jorge desapareceram. Segundos depois, a Sra. Weasley apareceu à porta do quarto.
– A reunião terminou, podem descer para jantar agora. Todo o mundo está doido para ver você, Harry. E quem foi que largou todas aquelas Bombas de Bosta na porta da cozinha?
– O Bichento – respondeu Gina sem corar. – Ele adora brincar com bombas.
– Ah – disse a Sra. Weasley –, pensei que talvez fosse o Monstro, ele está sempre fazendo essas coisas estranhas. Agora não se esqueçam de falar baixo no corredor. Gina, suas mãos estão imundas, que é que você andou fazendo? Por favor, vá lavá-las antes de jantar.
Gina fez careta para os outros e acompanhou a mãe na saída do quarto, deixando Harry sozinho com Rony e Hermione. Os dois o observaram com apreensão, como se receassem que ele fosse recomeçar a gritar agora que todos já tinham ido embora. A visão dos amigos olhando-o tão nervosos fez Harry se sentir um pouco envergonhado.
– Olhem... – murmurou, mas Rony sacudiu a cabeça e Hermione disse baixinho:
– Nós sabíamos que você ia ficar zangado, Harry, não culpamos você, sério, mas você tem de compreender, nós realmente *tentamos* convencer o Dumbledore...
– É, eu sei – respondeu o garoto, impaciente.
Ele procurou um assunto que não envolvesse o diretor da escola, porque só de pensar em Dumbledore suas entranhas recomeçavam a queimar de raiva.
– Quem é Monstro? – perguntou.

– O elfo doméstico que mora aqui – respondeu Rony. – Doido de pedra. Nunca conheci nenhum igual.

Hermione franziu a testa.

– Ele não é doido de pedra, Rony.

– A ambição da vida dele é ter a cabeça cortada e montada em uma placa como fizeram com a mãe dele – argumentou Rony irritado. – Isso é normal, Mione?

– Bem... bem, ele não tem culpa de ser um pouquinho esquisito.

Rony girou os olhos para Harry.

– Hermione ainda não desistiu do FALE.

– Não é FALE! – retrucou Hermione indignada. – É Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos. E eu não sou a única, Dumbledore também diz que devemos tratar bem o Monstro.

– Sei, sei – disse Rony. – Vamos, estou morto de fome.

Ele foi o primeiro a sair do quarto e alcançar o patamar, mas antes que pudessem descer a escada...

– Calma aí! – sussurrou Rony, esticando um braço para impedir Harry e Hermione de continuarem. – Eles ainda estão no hall, quem sabe a gente consegue ouvir alguma coisa.

Os três espiaram com cautela por cima do balaústre. O corredor sombrio lá embaixo estava apinhado de bruxas e bruxos, inclusive os da guarda de Harry. Cochichavam excitados. Bem no meio do grupo, Harry viu os cabelos escuros e oleosos e o nariz adunco do menos querido dos seus professores em Hogwarts, o Prof. Snape. O garoto estava muito interessado em saber o que Snape estava fazendo na Ordem da Fênix...

Um fio de barbante cor de carne desceu bem diante dos olhos de Harry. Erguendo a cabeça, ele viu Fred e Jorge no patamar acima, baixando cuidadosamente a Orelha Extensível em direção à aglomeração sombria de bruxos. No instante seguinte, porém, todos começaram a se encaminhar para a porta de entrada e desapareceram de vista.

– Droga – Harry ouviu Fred murmurar, recolhendo a Orelha Extensível.

Os três ouviram a porta de entrada abrir e em seguida fechar.

– Snape não come aqui nunca – informou Rony a Harry em voz baixa. – Graças a Deus. Vamos.

– E não se esqueça de falar em voz baixa no corredor, Harry – cochichou Hermione.

Ao passarem pela fileira de cabeças de elfos domésticos na parede, eles viram Lupin, a Sra. Weasley e Tonks à entrada, lacrando magicamente as muitas fechaduras e trancas da porta depois que os outros saíram.

– Vamos comer na cozinha – sussurrou a Sra. Weasley, indo ao encontro dos garotos ao pé da escada. – Harry, querido, se você atravessar em silêncio o corredor, é aquela porta ali.

TRABUM!

– *Tonks!* – exclamou a Sra. Weasley exasperada, virando-se para olhar às suas costas.

– Me desculpe! – lamentou Tonks, que caíra estatelada no chão. – É a droga desse porta-guarda-chuvas, é a segunda vez que tropeço nele...

Mas o fim da frase de Tonks foi abafada por um guincho medonho de furar os ouvidos e congelar o sangue.

As cortinas de veludo roídas de traças, pelas quais Harry passara mais cedo, tinham se aberto, mas não havia porta alguma atrás. Durante uma fração de segundo, o garoto pensou que estava espiando por uma janela, uma janela em que havia uma velha de touca preta que não parava de berrar como se estivesse sendo torturada – então ele compreendeu que era simplesmente um retrato em tamanho natural, dos mais realistas e dos mais incômodos que já vira na vida.

A velha estava babando, seus olhos giravam nas órbitas, a pele amarelada do rosto esticava-se inteiramente enquanto gritava; e, por toda a extensão do corredor, os demais quadros acordaram e começaram a berrar, também, a tal ponto que Harry chegou a apertar os olhos e tampar os ouvidos para não escutar.

Lupin e a Sra. Weasley correram para tentar fechar a cortina que ocultava a velha, mas não conseguiam e ela guinchava com mais vontade, brandindo as mãos em garras como se quisesse estraçalhar os rostos deles.

– *Ralé! Escória! Filhos da sordidez e da maldade! Mestiços, mutantes, monstros, sumam deste lugar! Como se atrevem a macular a casa dos meus antepassados...*

Tonks não parava de pedir desculpas, repondo a pesada perna de trasgo na posição original; a Sra. Weasley desistiu das tentativas para fechar as cortinas e corria de uma ponta a outra do corredor com a varinha em punho, lançando um Feitiço Estuporante em cada quadro; um homem de longos cabelos negros saiu com violência de uma porta defronte a Harry.

– Cale a boca, sua bruxa horrorosa, CALE A BOCA! – berrou ele, agarrando a cortina que a Sra. Weasley abandonara.

A velha empalideceu.

– *Vocêêêêêê!* – urrou ela, os olhos saltando das órbitas ao ver o homem. – *Traidor do próprio sangue, abominação, vergonha da minha carne!*

– Eu... mandei... calar... a... BOCA! – rugiu o homem, e, com um estupendo esforço, ele e Lupin conseguiram fazer as cortinas fecharem.

Os guinchos da velha morreram e sobreveio um silêncio ressonante.

Um pouco ofegante e afastando dos olhos os longos cabelos negros, o padrinho de Harry, Sirius, voltou-se para olhá-lo.

– Olá, Harry – disse muito sério. – Vejo que acabou de conhecer minha mãe.

— CAPÍTULO CINCO —
A Ordem da Fênix

– Sua...?

– É, minha velha e querida mamãe – confirmou Sirius. – Faz um mês que estamos tentando tirá-la daí, mas achamos que ela pôs um Feitiço Adesivo Permanente atrás do quadro. Vamos descer, depressa, antes que os outros acordem novamente.

– Mas o que é que um retrato de sua mãe está fazendo aqui? – perguntou Harry, espantado, quando passaram por uma porta do corredor que dava acesso a uma escada, acompanhados de perto pelos demais.

– Ninguém lhe contou? Esta era a casa dos meus pais. Mas sou o último Black vivo, por isso ela agora é minha. Eu a ofereci a Dumbledore para usar como sede: acho que foi a única coisa útil que pude fazer até o momento.

Harry, que esperara uma recepção mais calorosa, reparou que a voz de Sirius parecia dura e amargurada. Ele acompanhou o padrinho e, ao fim da escada, passaram por uma porta que se abria para a cozinha do porão.

Não era menos sombria do que o corredor acima, um aposento cavernoso com paredes de pedra bruta. Quase toda a iluminação vinha de um grande fogão ao fundo. Fumaça de cachimbo pairava no ar como a névoa escura sobre um campo de batalha, e nela avultavam as formas ameaçadoras de tachos e panelas penduradas no teto escuro. Muitas cadeiras tinham sido amontoadas no aposento para a reunião e no meio havia uma longa mesa de madeira, coalhada de rolos de pergaminho, cálices, garrafas de vinho vazias e algo que parecia uma pilha de trapos. O Sr. Weasley e seu filho mais velho, Gui, estavam conversando em voz baixa com as cabeças juntas a uma ponta da mesa.

A Sra. Weasley pigarreou. O marido, um homem magro, óculos com aros de tartaruga e cabelos ruivos que começavam a ralear, olhou para os lados e imediatamente se levantou.

– Harry! – exclamou o Sr. Weasley, apressando-se a cumprimentar o garoto, cujas mãos apertou com força. – Que bom ver você.

Por cima do ombro dele, Harry viu Gui, que ainda usava cabelos longos presos em um rabo de cavalo, enrolar as folhas de pergaminho deixadas sobre a mesa.

– Boa viagem, Harry? – perguntou Gui, tentando recolher doze pergaminhos de uma só vez. – Então Olho-Tonto não obrigou vocês a passar pela Groenlândia?

– Ele bem que tentou – respondeu Tonks, se aproximando para ajudar Gui, e, logo em seguida, virando uma vela em cima do último rolo. – Ah não... *me desculpe*...

– Aqui, querido – disse a Sra. Weasley, exasperada, consertando o pergaminho com um aceno da varinha. No lampejo de luz produzido pelo feitiço, Harry vislumbrou algo que parecia a planta de uma construção.

A Sra. Weasley o viu olhar. Recolheu com violência a planta da mesa e meteu-a nos braços sobrecarregados de Gui.

– Essas coisas deveriam ser retiradas assim que terminam as reuniões – disse com rispidez, antes de se dirigir em grandes passadas a um armário antigo de onde começou a retirar pratos de jantar.

Gui puxou a própria varinha e murmurou “*Evanesco!*”, ao que os rolos desapareceram.

– Sente-se, Harry – disse Sirius. – Você já conhece Mundungo, não?

A coisa que Harry pensara ser uma pilha de trapos soltou um ronco prolongado, em seguida acordou com um estremeção.

– Alguém falou meu nome? – resmungou Mundungo sonolento. – Concordo com Sirius... – E ergueu a mão encardida no ar como se estivesse votando, as pálpebras pesadas e os olhos vermelhos fora de foco.

Gina abafou umas risadinhas.

– A reunião terminou, Dunga – avisou Sirius, enquanto todos se acomodavam ao redor da mesa. – Harry chegou.

– Hein? – disse Mundungo, espiando malignamente por entre os cabelos ruivos embaraçados. – Não é que chegou mesmo! Caramba... você está bem, Arry?

– Estou.

Mundungo apalpou os bolsos, nervoso, ainda olhando para Harry, e puxou um cachimbo preto recoberto por uma camada de sujeira. Meteu-o na boca, acendeu a ponta com a varinha e chupou-o longamente. Enormes nuvens redondas de fumaça esverdeada o envolveram em segundos.

– Estou devendo desculpas a você – grunhiu uma voz no meio da nuvem de

fumaça fedorenta.
– Pela última vez, Mundungo – chamou a Sra. Weasley –, por favor, *não* fume essa coisa na cozinha, principalmente antes de comermos!
– Ah! – exclamou o bruxo. – Certo. Desculpe, Molly.
A nuvem de fumaça desapareceu no que Mundungo repôs o cachimbo no bolso, mas um cheiro acre de meias queimadas permaneceu no ar.
– E se vocês quiserem comer antes da meia-noite, vou precisar de ajuda – anunciou a Sra. Weasley a todos na cozinha. – Não, você pode ficar onde está, Harry querido, fez uma viagem muito longa.
– Em que posso ajudar, Molly? – perguntou Tonks, adiantando-se entusiasmada.
A Sra. Weasley hesitou, parecendo apreensiva.
– Hum... não, tudo bem, Tonks, você também precisa descansar, já fez o suficiente hoje.
– Não, não, quero ajudar! – insistiu a bruxa, animada, derrubando uma cadeira ao se precipitar para o armário, no qual Gina apanhava talheres.
Logo, uma coleção de facas estava cortando carne e hortaliças sozinhas, supervisadas pela Sra. Weasley, enquanto ela mexia um caldeirão pendurado sobre as chamas e os demais apanhavam, na despensa, pratos, mais cálices e comida. Harry foi deixado à mesa com Sirius e Mundungo, que ainda piscava os olhos pesarosos para o garoto.
– Viu a velha Figg depois daquele dia? – perguntou.
– Não – disse Harry –, não a vi mais.
– Entendo, eu não teria saído – disse Mundungo, curvando-se para a frente, com um tom de súplica na voz –, mas tive uma oportunidade para fazer um negócio...
Harry sentiu uma coisa roçar em seus joelhos e se assustou, mas era só o Bichento, o gato amarelo, de pernas arqueadas, de Hermione, que contornou as pernas do garoto, ronronando, e em seguida saltou para o colo de Sirius e se enroscou. O bruxo, distraído, coçou atrás das orelhas do gato, ao mesmo tempo que se virava ainda sério para o afilhado.
– As férias foram boas até agora?
– Não, uma droga – disse Harry.
Pela primeira vez, a sombra de um sorriso perpassou o rosto de Sirius.
– Eu não sei do que você está se queixando.
– *Que?!* – exclamou Harry, incrédulo.
– Pessoalmente, eu teria recebido com prazer um ataque de dementadores. Uma luta mortal pela minha alma teria quebrado essa monotonia numa boa. Você acha que seu verão foi ruim, mas pelo menos você pôde sair, esticar as pernas, se

meter em brigas... eu fiquei trancado aqui o mês inteiro.
– Como assim? – perguntou Harry, franzindo a testa.
– Porque o Ministério da Magia continua me caçando, e Voldemort, a esta altura, já sabe que sou um animago. Rabicho terá contado a ele, portanto o meu disfarce acabou. Não há muito que eu possa fazer pela Ordem da Fênix... ou pelo menos é o que pensa Dumbledore.
Havia alguma coisa no tom ligeiramente inexpressivo com que Sirius disse o nome de Dumbledore que deixou transparecer que ele também não estava muito feliz com o diretor. O garoto sentiu uma repentina afeição pelo padrinho.
– Pelo menos você acompanhou o que estava acontecendo – disse, à guisa de consolo.
– Ah, com certeza – respondeu Sirius sarcasticamente. – Escutando os relatórios de Snape, aturando as ironias dele de que está lá fora arriscando a vida enquanto eu estou aqui sentado no bem-bom... me perguntando como vai a limpeza...
– Que limpeza? – perguntou Harry.
– Estou procurando deixar a casa em condições de ser habitada por humanos – explicou Sirius, abarcando com um gesto a cozinha sombria. – Ninguém mora aqui há dez anos, ou pelo menos desde que minha querida mãe faleceu, a não ser que se conte o velho elfo doméstico que a servia, e que já perdeu o juízo há muito tempo: não limpa nada há anos.
– Sirius – interrompeu-o Mundungo, que não parecia ter prestado atenção alguma à conversa, mas estivera examinando um cálice vazio. – Isto é prata maciça, cara?
– É – respondeu Sirius, avaliando o cálice com aversão. – A melhor prata lavrada por duendes no século XV, gravada com o brasão da família Black.
– Mas isso sai – murmurou Mundungo, polindo o brasão com o punho do casaco.
– Fred... Jorge... NÃO, É SÓ PARA CARREGAR AS COISAS! – gritou a Sra. Weasley.
Harry, Sirius e Mundungo olharam para os lados e, em uma fração de segundo, mergulharam para longe da mesa. Fred e Jorge tinham enfeitiçado um caldeirão de ensopado, uma jarra de ferro com cerveja amanteigada e uma pesada tábua de cortar, inclusive com a faca, fazendo tudo voar pelo ar em direção à mesa. O caldeirão deslizou por toda a extensão da mesa e parou quase na ponta, deixando uma longa queimadura negra em sua superfície; a jarra caiu com estrépito, espalhando o conteúdo pela cozinha; a faca de pão escorregou da tábua e aterrissou, de ponta para baixo, agitando-se ameaçadoramente, no ponto exato em que a mão de Sirius estivera momentos antes.

– PELO AMOR DE DEUS! – bradou a Sra. Weasley. – NÃO HAVIA A MENOR NECESSIDADE... PARA MIM JÁ CHEGA... SÓ PORQUE AGORA VOCÊS TÊM PERMISSÃO PARA USAR MAGIA, NÃO PRECISAM PUXAR A VARINHA PARA TUDO!

– Só estamos tentando economizar tempo! – respondeu Fred, correndo a arrancar a faca de pão da mesa. – Desculpe, cara – disse a Sirius –, não tive...

Harry e Sirius riram; Mundungo, que caíra para trás, se levantou xingando; Bichento soltou um silvo raivoso e disparou para baixo do armário, de onde seus grandes olhos amarelos brilharam no escuro.

– Meninos – disse o Sr. Weasley, repondo o caldeirão no centro da mesa –, sua mãe tem razão, espera-se que vocês demonstrem responsabilidade, agora que são maiores de idade...

– Nenhum dos seus irmãos criou esse tipo de problema! – ralhou a Sra. Weasley com os gêmeos, batendo uma nova jarra de cerveja amanteigada na mesa com tanta força que quase derramou a mesma quantidade do líquido que os garotos. – Gui não sentia necessidade de aparatar a cada metro! Carlinhos não enfeitiçava tudo que via! Percy...

Ela parou de repente, para tomar fôlego, e lançou um olhar assustado ao marido, cuja expressão enrijecera repentinamente.

– Vamos comer – disse Gui depressa.

– Está com uma cara ótima, Molly – disse Lupin, servindo uma concha do ensopado em um prato e passando-o a ela, sentada à sua frente na mesa.

Durante alguns minutos fez-se silêncio, quebrado apenas pelo ruído dos pratos, talheres e cadeiras à medida que as pessoas se acomodavam para comer. Então a Sra. Weasley se dirigiu a Sirius.

– Estou querendo lhe falar há dias, tem alguma coisa presa na escrivaninha da sala de visitas, não para de chocalhar e vibrar. É claro que pode ser apenas um bicho-papão, mas pensei que talvez devêssemos pedir a Alastor para dar uma espiada antes de soltarmos o que quer que seja.

– Como quiser – respondeu Sirius, indiferente.

– As cortinas de lá também estão cheias de fadas mordentes – continuou a Sra. Weasley. – Pensei que a gente talvez pudesse tentar resolver o problema amanhã.

– Estou ansioso para começar – disse Sirius. Harry percebeu o sarcasmo na voz do padrinho, mas ficou em dúvida se todos o haviam percebido.

Em frente a Harry, Tonks divertia Hermione e Gina transformando o próprio nariz entre uma garfada e outra. Contraindo os olhos com a mesma expressão de dor que revelara no quarto de Harry, o nariz da bruxa inchou, formando uma espécie de protuberância alongada que lembrava o nariz do Snape, encolheu e se arredondou como um champignon e em seguida produziu uma quantidade de

pelos em cada narina. Aparentemente aquilo era uma diversão rotineira à hora da refeição, porque Hermione e Gina logo estavam pedindo que fizesse os narizes de que mais gostavam.

– Faz aquele que parece um focinho de porco, Tonks.

Tonks obedeceu, e Harry, erguendo os olhos, teve a momentânea impressão de que a versão feminina de Duda estava sorrindo para ele do lado oposto da mesa.

O Sr. Weasley, Gui e Lupin mantinham uma animada discussão sobre duendes.

– Eles ainda não estão revelando nada – dizia Gui. – Não cheguei à conclusão se acreditam ou não que ele retornou. Claro que talvez prefiram não tomar partido. Ficar de fora.

– Tenho certeza de que eles nunca se aliariam a Você-Sabe-Quem – falou o Sr. Weasley, balançando a cabeça. – Eles também sofreram perdas; lembra aquela família de duendes que ele assassinou da outra vez, perto de Nottingham?

– Acho que tudo depende do que oferecerem aos duendes – comentou Lupin. – E não estou falando de ouro. Se oferecerem a liberdade que vimos negando a eles há séculos, ficarão tentados. Você ainda não teve sorte com o Ragnok, Gui?

– Ele está se sentindo muito antibruxo no momento – respondeu Gui. – Não parou de esbravejar sobre aquela história do Bagman, acha que o Ministério abafou o caso, os duendes nunca receberam o ouro prometido, sabe...

Uma onda de risadas na parte central da mesa abafou as palavras finais de Gui. Os gêmeos, Rony e Mundungo estavam rolando de rir.

– ... e então – engasgou-se Mundungo, as lágrimas escorrendo pelo rosto –, e então, se dá para acreditar, ele olha para mim, e diz: “Me diz aqui, Dunga, onde foi que você arranjou todos esses sapos? Porque um filho da mãe foi e afanou os meus.” E eu digo: “Afanou os seus sapos, cara, e agora? Então você vai querer mais alguns?” E se quiserem acreditar, rapazes, o burro do gárgula tornou a comprar de mim todos os sapos que tinham sido dele por um preço muito mais alto do que pagou da primeira vez.

– Acho que não precisamos continuar ouvindo os seus negócios, Mundungo – disse a Sra. Weasley rispidamente, enquanto Rony caía debruçado sobre a mesa de tanto rir.

– Desculpe, Molly – disse Mundungo na mesma hora, enxugando as lágrimas e piscando para Harry. – Mas, sabe, para começar o Will tinha afanado os sapos do Verruga, por isso eu não estava realmente fazendo nada errado.

– Não sei onde foi que você aprendeu o que é certo e errado, Mundungo, mas pelo jeito andou perdendo algumas aulas fundamentais – disse a Sra. Weasley com frieza.

Fred e Jorge enfiaram a cara nos cálices de cerveja amanteigada; Jorge estava

com soluço. Por alguma razão, a Sra. Weasley lançou um olhar muito feio a Sirius antes de se levantar para buscar um grande pudim de ruibarbo. Harry virou-se para o padrinho.

– Molly desaprova o Mundungo – murmurou Sirius.

– Então como é que ele faz parte da Ordem? – perguntou Harry no mesmo tom.

– Ele é útil – murmurou Sirius. – Conhece todos os vigaristas – bem, é claro que sim, já que é um deles. Mas é também muito leal a Dumbledore, que certa vez o ajudou a sair de um apuro. Compensa ter alguém como Dunga por perto, ele ouve coisas que não ouvimos. Mas Molly acha que convidá-lo para jantar já é ir longe demais. Não o perdoou por abandonar o serviço em vez de seguir você.

Três porções de pudim de ruibarbo depois, e a cintura das jeans de Harry começou a apertar demais (o que não era pouca coisa, pois as jeans tinham pertencido a Duda). Quando ele finalmente descansou a colher, tinha havido uma pausa na conversa geral à mesa. O Sr. Weasley se recostara na cadeira, parecendo relaxado e satisfeito; Tonks bocejava abertamente, o nariz agora no feitio normal; e Gina, que atraíra Bichento para fora do vão do armário, estava sentada no chão de pernas cruzadas, atirando rolhas de cerveja para o gato ir buscar.

– Acho que está chegando a hora de dormir – disse a Sra. Weasley bocejando.

– Ainda não, Molly – pediu Sirius, afastando o prato para olhar Harry de frente. – Sabe, estou surpreso com você. Pensei que a primeira coisa que faria ao chegar era perguntar sobre o Voldemort.

A atmosfera na sala mudou com a rapidez que Harry associava à chegada de dementadores. Se segundos antes estava sonolenta e descontraída, agora ficara alerta e até tensa. Correu um arrepio pela mesa à menção do nome de Voldemort. Lupin, que ia tomar um gole de vinho, baixou o cálice lentamente, com ar de preocupação.

– Perguntei! – exclamou Harry, indignado. – Perguntei a Rony e Hermione, mas eles disseram que não podíamos participar da Ordem, então...

– E têm toda a razão – disse a Sra. Weasley. – Vocês são muito jovens.

A bruxa se empertigou na cadeira, as mãos fechadas sobre os braços, sem o menor vestígio de sono.

– Desde quando alguém precisa pertencer à Ordem da Fênix para fazer perguntas? – indagou Sirius. – Harry ficou preso naquela casa de trouxas um mês inteiro. Tem o direito de saber o que andou acontecendo...

– Calma aí! – interrompeu-o Jorge, em voz alta.

– Por que é que o Harry recebe respostas às perguntas dele? – protestou Fred

aborrecido.
– Faz um mês que tentamos tirar informações de você e não conseguimos absolutamente nada! – disse Jorge.
– *Você é jovem demais, não pertence à Ordem* – disse Fred, com uma voz esganiçada que lembrava estranhamente a da mãe. – E Harry não é nem maior de idade!
– Não tenho culpa se ninguém lhe contou nada que a Ordem tem feito – respondeu Sirius calmamente. – Isso é uma decisão dos seus pais. Por outro lado, o Harry...
– Não cabe a você decidir o que é bom para o Harry! – retrucou a Sra. Weasley com aspereza. A expressão em seu rosto, normalmente bondoso, parecia perigosa. – Suponho que ainda se lembre do que Dumbledore disse?
– Que parte? – perguntou Sirius educadamente, mas com o ar de um homem que se prepara para uma briga.
– A parte em que disse para não contar a Harry mais do que ele *precisa saber* – disse a Sra. Weasley, sublinhando as duas últimas palavras.
As cabeças de Rony, Hermione, Fred e Jorge giravam de Sirius para a Sra. Weasley como se estivessem acompanhando uma partida de tênis. Gina estava ajoelhada em meio a uma pilha de rolhas de cerveja, observando a conversa com a boca entreaberta. Os olhos de Lupin estavam pregados em Sirius.
– Não tenho intenção de contar mais do que ele *precisa saber*, Molly. Mas como foi ele quem viu Voldemort voltar – mais uma vez houve um estremecimento coletivo ao som daquele nome – tem mais direito do que a maioria de...
– Ele não pertence à Ordem da Fênix! – contrapôs a Sra. Weasley. – Tem apenas quinze anos e...
– E já teve de enfrentar tanto quanto a maioria dos participantes da Ordem e mais do que alguns.
– Ninguém está negando o que ele fez! – disse a Sra. Weasley erguendo a voz, os punhos tremendo nos braços da cadeira. – Mas ainda...
– Ele não é mais criança! – retrucou Sirius, impaciente.
– Tampouco é adulto! – disse a Sra. Weasley, a cor afluindo às suas faces. – Ele não é *Tiago*, Sirius!
– Sei perfeitamente quem ele é, obrigado, Molly – retrucou Sirius com frieza.
– Não tenho muita certeza! Às vezes, pelo jeito com que fala dele passa a impressão de que pensa ter recuperado seu melhor amigo!
– E que é que há de errado nisso? – perguntou Harry.
– O que há de errado, Harry, é que você *não* é o seu pai, por mais que se pareça com ele! – disse a Sra. Weasley, os olhos ainda fixos em Sirius. – Você

ainda está na escola, e os adultos responsáveis por você não deveriam esquecer isso!
– Está dizendo que sou um padrinho irresponsável? – perguntou Sirius, alteando a voz.
– Estou querendo dizer que é conhecido por agir impulsivamente, Sirius, razão pela qual Dumbledore está sempre lembrando a você para ficar em casa e...
– Vamos deixar as instruções que recebi de Dumbledore fora da conversa, quer fazer o favor? – disse Sirius quase gritando.
– Arthur! – chamou a Sra. Weasley, zangando-se com o marido. – Arthur, venha me apoiar!
O Sr. Weasley não falou imediatamente. Tirou os óculos e limpou-os devagar nas vestes, sem olhar para a esposa. Só depois que os recolocou no rosto, começou a responder.
– Dumbledore sabe que houve uma mudança de posição, Molly. Ele aceita que Harry tenha de ser informado, até certo ponto, agora que está hospedado aqui na sede.
– Sei, mas há uma diferença entre isso e convidá-lo a perguntar o que quiser!
– Por mim – disse Lupin em voz baixa, só então afastando o olhar de Sirius, ao mesmo tempo que a Sra. Weasley se virava para ele, na esperança de ter finalmente conseguido um aliado –, acho melhor que Harry conheça, por nosso intermédio, os fatos, não todos, Molly, mas o quadro geral, em vez de ouvir uma versão truncada pela boca de... outros.
Sua expressão era suave, mas Harry teve certeza de que Lupin, pelo menos, sabia que algumas Orelhas Extensíveis haviam sobrevivido ao expurgo da Sra. Weasley.
– Bom – começou ela, dando um longo suspiro e olhando ao redor à procura de um apoio que não veio –, bom... estou vendo que vou perder. Mas vou dizer só uma coisa: Dumbledore deve ter tido suas razões para não querer que Harry soubesse demais, e falando como alguém que quer o melhor para Harry...
– Ele não é seu filho – disse Sirius em voz baixa.
– É como se fosse – respondeu ela ferozmente. – Quem mais ele tem?
– Tem a mim!
– Tem – concordou a Sra. Weasley, crispando a boca –, o problema é que foi bastante difícil para você cuidar dele enquanto esteve trancafiado em Azkaban, não foi?
Sirius começou a se erguer da cadeira.
– Molly, você não é a única pessoa nesta mesa que se importa com o Harry – disse Lupin secamente. – Sirius, *sente-se.*

O lábio inferior da Sra. Weasley estava tremendo. Sirius tornou a se sentar lentamente em sua cadeira, o rosto branco.

– Acho que devíamos deixar Harry dar a opinião dele sobre o assunto – continuou Lupin –, ele já tem idade para decidir sozinho.

– Eu quero saber o que está acontecendo – disse o garoto imediatamente.

Ele não olhou para a Sra. Weasley. Comovera-se quando a ouviu dizer que era como se fosse seu filho, mas também estava impaciente com seus mimos exagerados. Sirius tinha razão, ele *não* era criança.

– Muito bem – disse a Sra. Weasley com a voz falhando. – Gina... Rony... Hermione... Fred... Jorge... quero vocês fora desta cozinha, agora. – Houve um tumulto instantâneo.

– Somos maiores de idade! – berraram Fred e Jorge juntos.

– Se Harry pode, por que eu não posso? – gritou Rony.

– Mamãe, eu *quero* ouvir! – choramingou Gina.

– NÃO! – bradou a Sra. Weasley, pondo-se de pé, os olhos demasiado brilhantes. – Proíbo terminantemente...

– Molly, você não pode impedir Fred e Jorge – disse o Sr. Weasley, cansado. – Eles *são* maiores de idade.

– Ainda são estudantes.

– Mas agora são legalmente adultos – disse o Sr. Weasley, com a mesma voz cansada.

A Sra. Weasley ficou escarlate.

– Eu... ah, está bem, então, Fred e Jorge podem ficar, mas Rony...

– De qualquer jeito Harry vai contar a mim e a Hermione tudo que disserem! – falou o garoto, zangado. – Não vai... não vai? – acrescentou, inseguro, procurando os olhos de Harry.

Por uma fração de segundo, Harry considerou a possibilidade de responder a Rony que não lhe contaria uma única palavra, que iria fazê-lo experimentar o que é ser deixado no escuro para ver se era bom. Mas o impulso maldoso desapareceu quando se encararam.

– Claro que vou – confirmou Harry.

Rony e Hermione abriram largos sorrisos.

– Ótimo! – gritou a Sra. Weasley. – Ótimo! Gina... CAMA!

Gina não foi em silêncio. Todos a ouviram zangando e brigando com a mãe na subida das escadas e, quando alcançaram o corredor, os gritos de furar os tímpanos da Sra. Black vieram se somar ao alvoroço. Lupin correu para o quadro para restaurar a calma. Somente depois que voltou, fechou a porta da cozinha e retomou seu lugar à mesa, foi que Sirius falou.

– Muito bem, Harry... que é que você quer saber?

O garoto inspirou profundamente e fez a pergunta que o obcecara durante todo o mês anterior.

– Onde está o Voldemort? – perguntou, não fazendo caso dos renovados arrepios e caretas à menção daquele nome. – Que é que ele está fazendo? Estive tentando assistir ao noticiário dos trouxas, e não houve nada que parecesse coisa dele, nem mortes estranhas nem nada.

– É que ainda não ocorreram mortes estranhas – respondeu Sirius –, pelo menos até onde sabemos... e sabemos muita coisa.

– Pelo menos mais do que ele pensa que sabemos – acrescentou Lupin.

– Por que é que parou de matar gente? – perguntou Harry. Ele sabia que Voldemort matara mais de uma vez só no ano anterior.

– Porque não quer chamar atenção – respondeu Sirius. – Seria arriscado. O retorno não foi bem como ele esperava, entende. Ele estragou tudo.

– Ou melhor, você estragou tudo – disse Lupin, com um sorriso de satisfação.

– Como? – perguntou Harry, perplexo.

– Você não devia ter sobrevivido! – disse Sirius. – Ninguém além dos Comensais da Morte devia saber que ele havia retornado. Mas você sobreviveu para contar.

– E a última pessoa que ele queria que fosse alertada do retorno era Dumbledore – disse Lupin. – E você garantiu que ele ficasse sabendo imediatamente.

– E como foi que isso ajudou? – perguntou Harry.

– Você está brincando? – perguntou Gui incrédulo. – Dumbledore é a única pessoa de quem Você-Sabe-Quem já teve medo na vida!

– Graças a você, Dumbledore pôde reconvocar a Ordem da Fênix uma hora depois do retorno de Voldemort – disse Sirius.

– Então é isso que a Ordem esteve fazendo? – perguntou o garoto, olhando as pessoas ao seu redor.

– Trabalhando com o máximo empenho para garantir que Voldemort não possa concretizar seus planos – disse Sirius.

– Como é que vocês sabem quais são os planos dele? – perguntou Harry depressa.

– Dumbledore teve uma ideia astuciosa – disse Lupin –, e as ideias astuciosas de Dumbledore em geral se provam verdadeiras.

– Então que é que Dumbledore imagina que ele esteja planejando?

– Bom, para começar, Voldemort quer reoganizar o exército – explicou Sirius. – No passado, ele teve efetivos enormes sob seu comando: bruxas e bruxos que intimidou ou enfeitiçou para segui-lo, os fiéis Comensais da Morte, uma grande variedade de criaturas das trevas. Você o ouviu planejando recrutar os gigantes;

bom, este é apenas um dos grupos que ele quer aliciar. Com certeza ele não vai tentar assumir o Ministério da Magia com meia dúzia de Comensais da Morte.

– Então vocês estão tentando impedi-lo de recrutar mais seguidores?

– Estamos nos esforçando o máximo – disse Lupin.

– Como?

– Bom, o principal é tentar convencer o maior número possível de pessoas de que Você-Sabe-Quem realmente retornou, deixá-las na defensiva – disse Gui. – Mas está sendo complicado.

– Por quê?

– Por causa da atitude do Ministério – esclareceu Tonks. – Você viu Cornélio Fudge depois que Você-Sabe-Quem retornou, Harry. Muito bem, ele não mudou de posição. Continua a se recusar a acreditar que seja verdade.

– Mas por quê? – perguntou Harry desesperado. – Por que é que ele está sendo tão burro? Se Dumbledore...

– Ah, você acabou de pôr o dedo na ferida – disse o Sr. Weasley com um sorriso entre divertido e aborrecido. – *Dumbledore*.

– Fudge tem medo dele, entende – acrescentou Tonks com tristeza.

– Medo de Dumbledore? – repetiu Harry incrédulo.

– Medo do que está pretendendo – disse o Sr. Weasley. – Fudge pensa que Dumbledore está conspirando para derrubá-lo. Acha que Dumbledore quer ser ministro da Magia.

– Mas Dumbledore não quer...

– Claro que não quer – confirmou o Sr. Weasley. – Jamais quis o cargo de ministro, ainda que muita gente quisesse que ele o assumisse quando Emília Bagnold se aposentou. Mas foi Fudge quem assumiu o poder, e ele jamais esqueceu todo o apoio do povo a Dumbledore, ainda que ele jamais tivesse se candidatado ao cargo.

– No fundo, Fudge sabe que Dumbledore é muito mais esperto que ele, um bruxo muito mais poderoso, e no início do mandato Fudge estava sempre pedindo ajuda e conselhos a Dumbledore – falou Lupin. – Mas parece que Fudge gostou do poder e se tornou muito mais confiante. Adora ser ministro da Magia e conseguiu se convencer de que é o mais inteligente e que Dumbledore está criando confusão simplesmente por criar.

– Como é que ele pode pensar uma coisa dessas? – perguntou Harry indignado. – Como pode pensar que Dumbledore vá simplesmente inventar tudo isso... que *eu vá* inventar tudo isso?

– Porque aceitar que Voldemort retornou significaria ter problemas que o Ministério não precisa enfrentar há quase catorze anos – disse Sirius amargurado. – Fudge simplesmente não quer encarar a verdade. É muito mais

cômodo se convencer de que Dumbledore está mentindo para desestabilizá-lo.
– Você está entendendo o problema? – disse Lupin. – Enquanto o Ministério insistir que não há nada a temer da parte de Voldemort, é muito difícil convencer as pessoas de que ele retornou, principalmente se elas, para começar, não querem acreditar nisso. E mais, o Ministério está confiando em que o *Profeta Diário* não noticie o que chama de campanha de boatos de Dumbledore e, assim sendo, a maior parte da comunidade bruxa não tem a menor consciência de que alguma coisa tenha acontecido, e com isto se torna um alvo fácil para os Comensais da Morte, se estiverem usando a Maldição Imperius.
– Mas vocês estão contando às pessoas, não estão? – perguntou Harry, olhando para todos ao redor: o Sr. Weasley, Sirius, Gui, Mundungo, Lupin e Tonks. – Vocês estão informando a todos que ele retornou?
Todos riram amarelo.
– Bom, como todos acham que sou um louco homicida que mata por atacado, e o Ministério está oferecendo uma recompensa de dez mil galeões pela minha cabeça, não dá para eu sair à rua e começar a distribuir panfletos, dá? – comentou Sirius inquieto.
– E eu não sou um convidado muito popular na maior parte da nossa comunidade – disse Lupin. – É um risco ocupacional ser lobisomem.
– Tonks e Arthur perderiam o emprego no Ministério se começassem a dar com a língua nos dentes – disse Sirius –, e é muito importante para nós ter espiões no Ministério, porque você pode apostar que Voldemort os tem.
– Mesmo assim, conseguimos convencer algumas pessoas – disse o Sr. Weasley. – A Tonks aqui, por exemplo: era muito jovem para participar da Ordem da Fênix da outra vez, e é uma enorme vantagem contar com aurores do nosso lado; Quim Shacklebolt também tem sido realmente valioso. É o responsável pela caça ao Sirius, então tem informado ao Ministério que Sirius está no Tibet.
– Mas se nenhum de vocês está divulgando a notícia de que Voldemort retornou... – começou Harry.
– Quem disse que nenhum de nós está divulgando as notícias? – falou Sirius. – Por que é que você acha que Dumbledore está tão encrencado?
– Como assim? – perguntou Harry.
– Estão tentando desacreditá-lo – explicou Lupin. – Você não viu o *Profeta Diário* da semana passada? Noticiaram que a Confederação Internacional de Bruxos votou a dispensa dele da diretoria porque está ficando velho e incapaz, mas não é verdade; votaram a favor da dispensa dele os bruxos funcionários do Ministério depois que ele fez um discurso anunciando o retorno de Voldemort. Ele perdeu o cargo de bruxo-presidente da Suprema Corte dos Bruxos, e estão

falando em cassar sua comenda de primeira classe da Ordem de Merlim.
– Mas Dumbledore diz que não se importa com o que estão fazendo, desde que não tirem o seu retrato do baralho de sapos de chocolate – disse Gui rindo.
– Não é caso para risos – censurou seu pai com rispidez. – Se continuar a desafiar o Ministério abertamente, ele pode acabar em Azkaban, e a última coisa que queremos é ver Dumbledore trancafiado. Enquanto Você-Sabe-Quem souber que Dumbledore está livre e bem informado do que ele está fazendo, agirá com cautela. Se Dumbledore estiver fora do caminho... bom, Você-Sabe-Quem terá o campo livre.
– Mas se Voldemort estiver tentando recrutar mais Comensais da Morte, logo vazará a notícia de que retornou, não é mesmo? – perguntou Harry desesperado.
– Voldemort não vai até à casa das pessoas e bate na porta, Harry – ponderou Sirius. – Ele prepara arapucas, enfeitiça e chantageia. Tem muita prática de agir em segredo. Em todo o caso, reunir seguidores é apenas uma das coisas em que está interessado. Ele também tem outros planos, planos que pode pôr em ação discretamente, e, por ora, tem se concentrado neles.
– Que é que ele está querendo conseguir além dos seguidores? – perguntou Harry depressa. Pareceu-lhe ter visto Sirius e Lupin trocarem um brevíssimo olhar antes do seu padrinho responder.
– Coisas que ele só pode obter na surdina.
Como Harry continuasse a fazer cara de intrigado, Sirius explicou:
– Como armas. Uma coisa que não tinha da última vez.
– Quando era poderoso?
– É.
– Que tipo de armas? – perguntou Harry. – Coisa pior do que a Avada Kedavra...?
– Agora chega!
A Sra. Weasley falou das sombras a um lado da porta. Harry não notara sua chegada depois que fora deixar Gina no andar de cima. Tinha os braços cruzados e parecia furiosa.
– Agora vão dormir. Todos vocês – acrescentou, olhando para Fred, Jorge, Rony e Hermione.
– Você não pode mandar na gente... – começou Fred.
– Então olhe – rosnou a Sra. Weasley. Tremia ligeiramente ao encarar Sirius. – Você já deu ao Harry muita informação. Mais um pouco e será melhor convencê-lo a entrar na Ordem da Fênix de vez.
– Por que não? – perguntou Harry depressa. – Entro para a Ordem, quero entrar, quero lutar.
– Não.

Não foi a Sra. Weasley quem falou desta vez, mas Lupin.
– A Ordem é formada apenas por bruxos de maior idade – explicou ele. – Bruxos que já terminaram a escola – acrescentou, quando Fred e Jorge abriram a boca. – Há perigos em jogo de que vocês não têm a menor ideia, nenhum de vocês... Acho que Molly tem razão, Sirius. Já contamos o suficiente.
Sirius começou a sacudir os ombros, mas não discutiu. A Sra. Weasley acenou autoritariamente para os filhos e Hermione. Um a um, eles se levantaram, e Harry, reconhecendo a derrota, os acompanhou.

— CAPÍTULO SEIS —
A mui antiga e nobre casa dos Black

A Sra. Weasley acompanhou-os ao andar de cima de cara amarrada.

– Todos direto para a cama, nada de conversas – disse quando alcançaram o primeiro patamar –, vamos ter um dia cheio amanhã. Imagino que Gina esteja dormindo – acrescentou para Hermione –, portanto, trate de não acordá-la.

– Dormindo, claro – disse Fred num murmúrio, depois que Hermione desejou a todos boa-noite e eles já subiam para o segundo andar. – Quero ser verme se a Gina não estiver acordada esperando Hermione para contar tudo que foi dito lá embaixo...

– Muito bem, Rony, Harry – disse a Sra. Weasley no segundo patamar, apontando para o quarto dos garotos. – Para a cama os dois.

– Noite – disseram Harry e Rony aos gêmeos.

– Durmam bem – despediu-se Fred com uma piscadela.

A Sra. Weasley esperou Harry passar e fechou a porta com uma batida seca. O quarto parecia, se é que isto era possível, ainda mais úmido, frio, desagradável e sombrio do que parecera à primeira vista. O quadro vazio na parede agora respirava lenta e profundamente, como se seu ocupante invisível estivesse adormecido. Harry vestiu o pijama, tirou os óculos e entrou na cama gelada, enquanto Rony atirava petiscos às corujas no alto do armário para acalmar Edwiges e Píchi, que estavam fazendo um estardalhaço e sacudiam as asas, inquietas.

– Não podemos soltá-las toda noite para caçar – explicou Rony, vestindo o pijama marrom. – Dumbledore não quer muitas corujas voando pelo largo, acha que vai parecer suspeito. Ah, sim... ia me esquecendo.

Ele foi até a porta e trancou-a.

– Para que está fazendo isso?

– Monstro – respondeu Rony apagando a luz. – Na noite que cheguei, ele

entrou pelo quarto às três da manhã. Confie em mim, você não vai querer acordar e dar de cara com ele andando pelo quarto. Em todo o caso... – Rony entrou na cama, ajeitou-se sob as cobertas e se virou de frente para encarar Harry no escuro; Harry via o contorno do amigo à claridade do luar que se filtrava pela janela suja – *que é que você achou?*

Harry não precisou perguntar o que o amigo Rony queria saber.

– Bom, não nos contaram muita coisa que não pudéssemos ter adivinhado sozinhos, não é mesmo? – comentou, repassando mentalmente tudo que fora discutido na cozinha. – Quero dizer, só o que realmente nos disseram foi que a Ordem está tentando impedir as pessoas de se reunirem a Vol...

Rony prendeu bruscamente a respiração.

– ... *demort* – disse Harry com firmeza. – Quando é que você vai começar a usar o nome dele? Sirius e Lupin usam.

Rony fingiu não ter ouvido o comentário.

– É, você tem razão, já sabíamos quase tudo que nos contaram, usando as Orelhas Extensíveis. A única novidade foi...

Craque.

– AI!

– Fale baixo, Rony, ou mamãe volta já, já aqui.

– Vocês dois aparataram em cima dos meus joelhos!

– Ah, bom, é que é mais difícil no escuro.

Harry percebeu os vultos de Fred e Jorge saltando da cama de Rony. As molas gemeram e o colchão de Harry afundou alguns centímetros quando Jorge se sentou nos pés da cama.

– Então, já chegaram lá? – perguntou Jorge ansioso.

– Na arma que Sirius mencionou? – disse Harry.

– Deixou escapar, é mais provável – disse Fred com prazer, agora sentado ao lado de Rony. – Não escutamos nada sobre *isso* com as Orelhas, não foi?

– Que é que vocês acham que é? – perguntou Harry.

– Pode ser qualquer coisa – respondeu Fred.

– Mas não pode haver nada pior do que a Maldição Avada Kedavra, pode? – perguntou Rony. – Que é que pode ser pior do que a morte?

– Talvez seja alguma coisa que pode matar muita gente de uma vez – sugeriu Jorge.

– Talvez seja algum modo bem doloroso de matar gente – disse Rony, assustado.

– Ele já tem a Maldição Cruciatus para causar dor – disse Harry – e não precisa de nada mais eficiente.

Fez-se uma pausa e o garoto percebeu que os outros, como ele, estavam

imaginando os horrores que a tal arma poderia perpetrar.
– Então quem é que vocês acham que já tem a arma? – perguntou Jorge.
– Espero que seja o nosso lado – disse Rony, com a voz ligeiramente nervosa.
– Se for, provavelmente está sob a guarda de Dumbledore – disse Fred.
– Onde? – perguntou Rony depressa. – Hogwarts?
– Aposto que sim – arriscou Jorge. – Foi onde ele escondeu a Pedra Filosofal.
– Mas a arma vai ser bem maior que a pedra! – disse Rony.
– Não vejo por quê – retrucou Fred.
– É, tamanho não é garantia de potência – disse Jorge. – Olhe só a Gina.
– Como assim? – perguntou Harry.
– Ela nunca lançou em você a azaração que usa para rebater bicho-papão?
– Psss! – fez Fred, semierguendo-se da cama. – Ouçam!
Todos se calaram. Havia passos subindo a escada.
– Mamãe – disse Jorge e, sem mais demora, ouviu-se um forte *craque* e Harry sentiu um peso sumir dos pés de sua cama. Segundos depois, os garotos ouviram as tábuas do soalho rangerem do lado de fora da porta; sem disfarces, a Sra. Weasley estava escutando à porta para verificar se conversavam. Edwiges e Píchi piaram tristemente. As tábuas tornaram a ranger e os dois meninos a ouviram subir mais um andar, para verificar Fred e Jorge.
– Ela não confia nadinha na gente, sabe – lamentou Rony.
Harry estava certo de que não conseguiria adormecer; a noite fora tão cheia de informações sobre as quais refletir que ele não duvidava de que iria passar horas acordado tentando digeri-las. Queria continuar a conversar com Rony, mas a Sra. Weasley fez as escadas rangerem na descida, e depois dela Harry ouviu distintamente outros virem subindo... na realidade, criaturas de muitas pernas galopavam para cima e para baixo do lado externo da porta, e Hagrid, o professor de Trato das Criaturas Mágicas, ia dizendo "*Umas lindezas, não são? Este semestre vamos estudar armas...*", e Harry viu que as criaturas tinham canhões em lugar de cabeças e estavam manobrando para enfrentá-lo... ele se abaixou...
A próxima coisa de que teve consciência foi que estava enrolado como uma bola, aquecido sob as cobertas, e a voz forte de Jorge enchia o quarto.
– Mamãe falou para vocês se levantarem, que o café da manhã está na cozinha, e que depois ela precisa de todos nós na sala de visitas, tem um número muito maior de fadas mordentes do que ela imaginou, e que encontrou um ninho de pufosos mortos embaixo do sofá.
Meia hora depois, Harry e Rony, que se vestiram e tomaram café, apressados, chegaram à sala de visitas no primeiro andar, um aposento comprido de teto alto, com paredes verde-oliva cobertas por tapeçarias sujas. O tapete soltava

nuvenzinhas de poeira cada vez que alguém pisava nele, e as longas cortinas de veludo verde-musgo zumbiam como se nelas houvesse enxames de abelhas invisíveis. Gina, Fred e Jorge estavam agrupados, todos com caras estranhas, pois usavam um pano amarrado sobre o nariz e a boca. Cada um deles segurava um garrafão de líquido preto com um esguicho no bocal.

– Protejam o rosto e apanhem um borrifador – disse a Sra. Weasley a Harry e Rony no instante em que os viu, apontando para mais dois garrafões cheios de um líquido preto, em cima de uma mesa de pernas finas. – É Fadicida. Nunca vi uma infestação tão séria: *que* será que o elfo doméstico desta casa andou fazendo nos últimos dez anos...

O rosto de Hermione estava semioculto por uma toalha, mas Harry notou perfeitamente o olhar de censura que ela lançou à Sra. Weasley.

– O Monstro está muito velho e provavelmente não pôde...

– Você ficaria surpresa com o que o Monstro pode fazer quando quer, Hermione – disse Sirius, que acabara de entrar na sala trazendo uma saca ensanguentada que parecia conter ratos mortos. – Estive alimentando o Bicuço – acrescentou em resposta ao olhar indagador de Harry. – Guardo-o lá em cima no quarto da minha mãe. Em todo o caso... essa escrivaninha...

Ele largou a saca de ratos em uma poltrona, depois se curvou para examinar o armário trancado, o qual Harry reparava pela primeira vez que estava vibrando.

– Bom, Molly, tenho certeza de que isso é um bicho-papão – disse Sirius, espiando pelo buraco da fechadura –, mas talvez fosse bom o Olho-Tonto dar uma espiada antes que o soltemos: conhecendo minha mãe, pode ser coisa muito pior.

– Você tem razão, Sirius – disse a Sra. Weasley.

Ambos se falavam em um tom intencionalmente leve e educado, que deixou muito claro a Harry que nenhum dos dois esquecera o desentendimento da noite anterior.

Uma campainha forte e ressonante tocou no térreo, seguida imediatamente pela cacofonia de berros e guinchos que na noite anterior haviam sido provocados por Tonks ao derrubar o porta-guarda-chuvas.

– Vivo dizendo a eles para não tocarem a campainha! – exclamou Sirius exasperado e saiu correndo da sala. Ouviram-no descer com estrondo as escadas, ao mesmo tempo que os guinchos da Sra. Black ecoavam mais uma vez por toda a casa.

“*Símbolos da desonra, mestiços sórdidos, traidores do próprio sangue, filhos da imundície...*”

– Por favor, feche a porta, Harry – pediu a Sra. Weasley.

Harry demorou o máximo que ousou para fechar a porta da sala de visitas;

queria ouvir o que estava acontecendo lá embaixo. Sirius obviamente conseguira fechar as cortinas que cobriam o retrato da mãe, porque ela parara de berrar. O garoto ouviu os passos do padrinho no corredor, depois o tinido da corrente da porta de entrada e, por fim, a voz grave que ele reconheceu pertencer a Quim Shacklebolt:

– Héstia acabou de me substituir, a capa de Moody ficou com ela, mas eu gostaria de deixar um relatório para o Dumbledore...

Sentindo o olhar da Sra. Weasley em sua nuca, Harry, penalizado, fechou cuidadosamente a porta da sala e tornou a se juntar ao grupo de limpeza.

A Sra. Weasley curvou-se para consultar a página sobre as fadas mordentes no *Guia de pragas domésticas de Gilderoy Lockhart,* aberto sobre o sofá.

– Certo, meninos, vocês precisam ter cuidado, porque as fadas mordentes mordem e os dentes delas são venenosos. Tenho um vidro de antídoto aqui, mas preferiria que ninguém precisasse usá-lo.

Ela endireitou o corpo, tomou posição bem diante das cortinas e fez sinal para os garotos avançarem.

– Quando eu mandar, comecem a borrifar imediatamente. Elas vão voar pra cima de nós, imagino, mas segundo as instruções do Fadicida, uma boa esguichada pode paralisá-las. Quando isto acontecer é só atirá-las neste balde.

A Sra. Weasley saiu cuidadosamente da linha de fogo dos garotos e ergueu o próprio garrafão.

– Muito bem... *agora!*

Harry estava borrifando havia alguns segundos quando uma fada mordente adulta saiu voando da dobra da cortina, vibrando as asas reluzentes como as de um besouro, os dentinhos afiados à mostra, o corpo coberto de espessos pelos pretos e os quatro punhos miúdos apertados com fúria. Harry acertou o Fadicida em cheio na cara da fada. Ela parou no ar e caiu sobre o tapete puído que cobria o chão, com um baque surpreendentemente forte. Harry recolheu-a e atirou-a no balde.

– Fred, que é que você está fazendo? – perguntou a Sra. Weasley com aspereza. – Borrife logo e jogue essa coisa fora.

Harry se virou para olhar. Fred segurava entre o indicador e o polegar uma fada que se debatia.

– Certo – respondeu Fred animado, borrifando depressa a cara da fada para fazê-la desmaiar, mas, no instante em que a Sra. Weasley virou as costas, ele a enfiou no bolso com uma piscadela.

– Queremos testar o veneno das fadas mordentes para o nosso kit Mata-Aula – murmurou Jorge para Harry.

Borrifando com perícia, e ao mesmo tempo, duas fadas que voavam para o seu

nariz, Harry se aproximou de Jorge e cochichou pelo canto da boca:
– Que é um kit Mata-Aula?
– Um kit com docinhos para deixar o aluno doente – sussurrou Jorge, mantendo um olho preocupado nas costas da Sra. Weasley. – Não é doente para valer, entenda, só o suficiente para o cara sair da sala de aula na hora que quiser. Fred e eu estivemos fazendo experiências nessas férias. São de mastigar e têm extremidades de cores diferentes. Se o cara come a metade laranja da Vomitilha, ele vomita. Na hora em que for levado depressa para a ala hospitalar, ele engole a metade roxa...
– ... que "restaura o seu bem-estar e lhe permite curtir a atividade que escolher durante aquela hora que, do contrário, seria ocupada por um tédio inútil". Pelo menos é como estamos anunciando – cochichou Fred, que havia se aproximado para fugir da linha de visão da Sra. Weasley e agora ia varrendo algumas fadas dispersas e guardando-as no bolso. – Mas ainda é preciso um pouco de pesquisa. No momento, os nossos provadores ainda têm achado meio difícil parar de vomitar o tempo suficiente para comer a parte roxa.
– Provadores?
– Nós – explicou Fred. – Nós nos revezamos. Jorge provou as Fantasias Debilitantes, nós dois experimentamos o Nugá SangraNariz...
– Mamãe pensou que a gente tivesse andado duelando – disse Jorge.
– A Loja de Logros e Brincadeiras ainda está valendo, então? – murmurou Harry, fingindo ajustar o esguicho do borrifador.
– Bom, ainda não tivemos chance de arranjar um local – disse Fred, baixando ainda mais a voz, enquanto a Sra. Weasley enxugava a testa com a echarpe para voltar ao ataque –, por isso estamos operando na base de remessas postais, por enquanto. Pusemos anúncios no *Profeta Diário* na semana passada.
– Tudo graças a você, cara – disse Jorge. – Mas não se preocupe... mamãe não tem a menor ideia. Ela não lê mais o *Profeta Diário* porque anda contando mentiras sobre você e Dumbledore.
Harry riu. Obrigara os gêmeos Weasley a aceitarem o seu prêmio de mil galeões pela vitória no Torneio Tribruxo, para ajudá-los a realizar a ambição de abrir uma loja de logros e brincadeiras, mas continuava satisfeito que a Sra. Weasley não soubesse de sua contribuição para incentivar os planos dos gêmeos. Ela achava que dirigir uma loja de logros e brincadeiras não era uma carreira digna para os dois filhos.
A desfadização das cortinas ocupou a maior parte da manhã. Já passava de meio-dia quando a Sra. Weasley finalmente tirou a echarpe que a protegia, deixou-se cair em uma poltrona com as molas afundadas e de repente levantou-se outra vez, soltando um grito de nojo, pois se sentara em cima da saca de ratos

mortos. As cortinas haviam parado de zumbir; pendiam moles e úmidas com o intenso borrifamento. No balde aos pés deles, jaziam amontoadas as fadas mordentes paralisadas, ao lado de uma bacia com seus ovos negros; Bichento agora os farejava e Fred e Jorge lançavam olhares de cobiça.

– Acho que vamos cuidar *daqueles* depois do almoço. – A Sra. Weasley apontou para os armários de portas de vidro empoeiradas a cada lado do console da lareira. Estavam abarrotados com uma estranha variedade de objetos: uma coleção de adagas enferrujadas, garras, uma pele de cobra enrolada, algumas caixas de prata oxidada com inscrições em línguas que Harry não reconheceu e, o mais desagradável de todos, uma garrafa de cristal lapidado com uma grande opala engastada na rolha, contendo o que Harry tinha certeza que era sangue.

A campainha barulhenta da porta tornou a soar. Todos olharam para a Sra. Weasley.

– Fiquem aqui – disse ela com firmeza, agarrando a saca de ratos na hora em que recomeçavam os gritos da Sra. Black no andar de baixo. – Vou trazer uns sanduíches.

Saiu da sala, fechando cuidadosamente a porta ao passar. Na mesma hora, todos acorreram à janela para espiar a entrada. Viram o cocuruto de alguém de cabelos ruivos e malcuidados e uma pilha de caldeirões precariamente equilibrados.

– Mundungo! – exclamou Hermione. – Para que será que ele trouxe todos aqueles caldeirões?

– Provavelmente está procurando um lugar seguro para guardá-los – disse Harry. – Não era isso que estava fazendo na noite em que devia estar me seguindo? Apanhando caldeirões suspeitos?

– É, você tem razão! – disse Fred, quando a porta de entrada foi aberta; Mundungo entrou com o carregamento de caldeirões e desapareceu de vista. – Caramba, mamãe não vai gostar disso...

Ele e Jorge foram até a porta e pararam para escutar. Os berros da Sra. Black haviam parado.

– Mundungo está conversando com o Sirius e o Quim – murmurou Fred, franzindo a testa concentrado. – Não consigo ouvir direito... Vocês acham que podíamos arriscar as Orelhas Extensíveis?

– Talvez valha a pena – disse Jorge. – Eu podia ir escondido até lá em cima e apanhar um par...

Mas naquele exato momento ouviram tal explosão sonora no térreo que as Orelhas Extensíveis se tornaram dispensáveis. Todos puderam ouvir exatamente o que a Sra. Weasley estava berrando a plenos pulmões.

– NÃO ESTAMOS OPERANDO UM ESCONDERIJO PARA OBJETOS

ROUBADOS!
– Adoro ouvir mamãe gritando com os outros – disse Fred, com um sorriso de satisfação no rosto, abrindo uma fresta na porta para permitir que a voz da Sra. Weasley entrasse melhor pela sala –, é muito bom para variar!
– ... COMPLETAMENTE IRRESPONSÁVEL, COMO SE NÃO TIVÉSSEMOS O BASTANTE PARA NOS PREOCUPAR SEM VOCÊ TRAZER CALDEIRÕES ROUBADOS PARA DENTRO DA CASA...
– Os idiotas estão deixando ela ganhar impulso – comentou Jorge, sacudindo a cabeça. – É preciso cortar logo o papo dela, senão vai se enchendo de vapor e não para mais. E anda doida para ter uma chance de desancar o Mundungo, desde que ele saiu escondido quando devia estar seguindo você, Harry... e lá vai a mãe do Sirius outra vez.
A voz da Sra. Weasley foi abafada pelos novos guinchos e gritos dos retratos no corredor.
Jorge fez menção de fechar a porta para abafar o barulho, mas, antes que pudesse fazê-lo, um elfo doméstico esgueirou-se para dentro.
Exceto pelo trapo imundo amarrado como uma tanga nos quadris, ele estava completamente nu. Parecia muito velho. Sua pele dava a impressão de ser maior do que o corpo e, embora fosse careca, como todos os elfos domésticos, uma boa quantidade de pelos brancos saía de suas orelhas enormes como as de um morcego. Seus olhos injetados eram de um cinzento aquoso e seu nariz, bulboso, grande e meio trombudo.
O elfo não prestou a menor atenção em Harry nem nos demais. Agindo como se não pudesse vê-los, avançou arrastando os pés, o corpo curvado, mas lenta e decididamente, para o fundo do aposento, resmungando baixinho numa voz rouca e sonora como a de uma rã-touro.
– ... cheira a esgoto e ainda por cima criminoso, mas ela não é melhor, traidora perversa do próprio sangue com esses pirralhos que emporcalham a casa da minha senhora, ah, minha pobre senhora, se ela soubesse, se soubesse a ralé que deixaram entrar em sua casa, que é que ela diria ao velho Monstro, ah, que vergonha, sangues-ruins e lobisomens e traidores e ladrões, coitado do velho Monstro, que é que ele pode fazer...
– Olá, Monstro – disse Fred em voz muito alta, fechando a porta com um estalo.
O elfo doméstico ficou imóvel, parou de resmungar, e encenou um sobressalto muito forte e pouco convincente.
– Monstro não viu o jovem senhor – disse, virando-se e fazendo uma reverência para Fred. Ainda com os olhos no tapete, acrescentou, em tom perfeitamente audível: – É um pirralho desagradável e traidor do próprio sangue,

sim.
– Desculpe? – disse Jorge. – Não entendi essa última parte.
– Monstro não disse nada – repetiu o elfo, com uma segunda reverência, e acrescentou em um claro murmúrio: – E aqui temos os gêmeos, ferinhas desnaturadas que são.
Harry não sabia se ria ou não. O elfo se endireitou, olhando-os malignamente e, pelo jeito, convencido de que os garotos não podiam ouvi-lo continuar a resmungar.
– ... e olhem a Sangue ruim, parada ali insolente, ah, se a minha senhora soubesse, ah, como iria chorar, e tem um garoto novo, Monstro não sabe o nome dele. Que é que ele está fazendo aqui? Monstro não sabe...
– Este é o Harry, Monstro – disse Hermione, hesitante. – Harry Potter.
Os olhos claros de Monstro se arregalaram e ele resmungou mais depressa e mais furioso que nunca.
– A Sangue ruim está falando com Monstro como se fosse minha amiga, se a senhora de Monstro o visse em tal companhia, ah, o que iria dizer...
– Não chame Hermione de Sangue ruim! – disseram ao mesmo tempo Rony e Gina, muito zangados.
– Não tem importância – sussurrou a garota –, ele não bate bem da cabeça, não sabe o que está...
– Não se engane, Hermione, ele sabe *exatamente* o que está dizendo – falou Fred, encarando Monstro com grande aversão.
Monstro continuava resmungando, com os olhos fixos em Harry.
– É verdade? Esse é o Harry Potter? Monstro está vendo a cicatriz, deve ser verdade, foi o garoto que deteve o Lorde das Trevas, Monstro queria saber como foi que ele fez...
– E não queremos todos, Monstro? – falou Fred.
– Afinal que é que você está querendo? – perguntou Jorge.
Os enormes olhos de Monstro voltaram-se depressa para Jorge.
– Monstro está limpando – respondeu, fugindo à pergunta.
– Dá mesmo para acreditar! – disse uma voz atrás de Harry.
Sirius voltara; da porta, olhava aborrecido para o elfo. O barulho no corredor diminuíra; talvez a Sra. Weasley e Mundungo tivessem transferido a discussão para a cozinha. Ao ver Sirius, Monstro mergulhou em uma reverência ridiculamente profunda que achatou o seu nariz trombudo no chão.
– Fique em pé direito – disse Sirius impaciente. – Agora, que é que você está aprontando?
– Monstro está limpando – repetiu o elfo. – Monstro vive para servir a nobre casa dos Black...

– Que está ficando cada dia mais preta, está imunda.
– Meu senhor sempre gostou de brincar – disse Monstro, curvando-se outra vez, e continuando a murmurar: – O senhor sempre foi um porco mau e ingrato que partiu o coração de sua mãe...
– Minha mãe não tinha coração, Monstro – retorquiu Sirius. – Sobrevivia de puro rancor.
Monstro tornou a se curvar e falou:
– O que o senhor disser – resmungou furiosamente. – O senhor não é digno de limpar a lama das botas de sua mãe, ah, minha pobre senhora, que diria se visse Monstro servindo esse filho, que odiava tanto, que desapontamento teve com ele...
– Perguntei o que estava aprontando – falou Sirius com a voz cortante. – Todas as vezes que você aparece fingindo que está limpando, esconde alguma coisa no seu quarto para não podermos jogá-la fora.
– Monstro nunca tiraria nada do seu lugar na casa do senhor – disse o elfo, e então murmurou depressa: – A senhora jamais perdoaria Monstro se a tapeçaria fosse jogada fora, faz sete séculos que está na família, Monstro precisa salvá-la, Monstro não vai deixar que o senhor e os traidores do próprio sangue e seus pirralhos a destruam...
– Achei que talvez fosse isso – respondeu Sirius, lançando um olhar desdenhoso à parede oposta. – Ela deve ter posto mais um Feitiço Adesivo Permanente atrás da peça, não duvido nada, mas se houver um jeito com certeza vou me livrar dela. Agora, vá embora, Monstro.
Aparentemente Monstro não ousava desobedecer a uma ordem direta, contudo o olhar que lançou ao passar por Sirius arrastando os pés era do mais profundo desprezo, e ele saiu resmungando sem parar.
– ... volta de Azkaban dando ordens a Monstro, ah, minha pobre senhora, que diria se visse a casa agora, habitada por uma ralé, tesouros atirados no lixo, minha senhora jurou que ele não era mais seu filho, mas ele voltou, dizem que também é assassino...
– Continue a resmungar e vou virar mesmo assassino! – disse Sirius irritado, batendo a porta na cara do elfo.
– Sirius, ele não está com o juízo perfeito – Hermione defendeu-o. – Acho que não tem consciência de que podemos ouvi-lo.
– Ele passou tempo demais sozinho – disse Sirius –, recebendo ordens malucas do retrato de minha mãe e sem ter com quem falar, mas sempre foi safado...
– E se você o libertasse – sugeriu Hermione esperançosa –, quem sabe...
– Não podemos libertá-lo, ele sabe demais sobre a Ordem – disse Sirius

secamente. – De qualquer modo, o choque o mataria. Proponha a ele ir embora dessa casa, e veja a reação.

Sirius atravessou a sala até onde estava pendurada a tapeçaria que Monstro tentara proteger, ocupando toda a parede. Harry e os outros o seguiram.

A tapeçaria parecia imensamente velha; desbotada e, pelo aspecto, as fadas mordentes a haviam roído em alguns pontos. Mesmo assim, o fio de ouro com que fora bordada conservava brilho suficiente para mostrar uma enorme árvore genealógica que remontava (até onde Harry pôde ver) à Idade Média. Bem no alto da tapeçaria, lia-se em grandes letras:

A Mui Antiga e Nobre Casa dos Black
"Toujours pur"

– Você não está aí! – admirou-se Harry, depois de examinar a parte inferior da árvore.

– Costumava estar aqui – respondeu Sirius, apontando para um buraquinho redondo e carbonizado na tapeçaria, que lembrava uma queimadura de cigarro. – Minha meiga e querida mãe me detonou depois que fugi de casa... Monstro gosta muito de resmungar essa história.

– Você fugiu de casa?

– Quando tinha uns dezesseis anos. Já estava cheio.

– Aonde você foi? – perguntou Harry, mirando o padrinho.

– Para a casa do seu pai – respondeu Sirius. – Seus avós foram muito compreensivos; meio que me adotaram como um segundo filho. É, eu acampava na casa do seu pai durante as férias escolares, e quando fiz dezessete anos montei casa própria. Meu tio Alfardo me deixara um bom dinheiro, ele também foi removido da tapeçaria, provavelmente por essa razão, em todo o caso, a partir daí cuidei de mim mesmo. Mas eu era sempre bem-vindo na casa dos Potter para o almoço de domingo.

– Mas... por que você...?

– Saí de casa? – Sirius sorriu com amargura e passou os dedos pelos cabelos longos e maltratados. – Porque odiava todos eles: meus pais, com a mania de sangue puro, convencidos de que ser um Black tornava a pessoa praticamente régia... meu irmão idiota, frouxo suficiente para acreditar neles... olhe ele ali.

Sirius enfiou um dedo bem na base da árvore, indicando "Régulo Black". Uma data de falecimento (há uns quinze anos) seguia-se à do nascimento.

– Ele era mais novo e um filho muito melhor do que eu, meus pais não se cansavam de me lembrar.

– Mas ele morreu – disse Harry.

– Morreu. Um idiota... juntou-se aos Comensais da Morte.
– Você está brincando!
– Ora vamos, Harry, você já não viu o suficiente nesta casa para saber que tipo de bruxos era a minha família? – disse Sirius irritado.
– Eles eram... os seus pais, Comensais da Morte também?
– Não, não, mas pode acreditar, eles achavam que Voldemort estava certo, eram totalmente a favor de purificar a raça bruxa, de nos livrar dos nascidos trouxas e entregar o comando aos puros-sangues. E não estavam sozinhos, havia muita gente antes de Voldemort mostrar sua verdadeira cara que acreditava nele... se acovardaram quando viram a que extremos ele estava disposto a ir para assumir o poder. Mas aposto que meus pais achavam que Régulo era o perfeito heroizinho quando se alistou logo no começo.
– Ele foi morto por um auror? – perguntou Harry tentando adivinhar.
– Oh, não. Ele foi morto por Voldemort. Ou por ordens de Voldemort, o que é mais provável; duvido que Régulo tenha se tornado bastante importante para ser morto por Voldemort em pessoa. Pelo que descobri depois de sua morte, ele acompanhou o movimento até certo ponto, então entrou em pânico com o que lhe pediam para fazer e tentou recuar. Bem, ninguém simplesmente entrega um pedido de demissão a Voldemort. É um serviço para a vida toda.
– Almoço – anunciou a voz da Sra. Weasley. Ela vinha empunhando a varinha bem no alto, equilibrando na ponta uma enorme bandeja carregada de sanduíches e bolos. Estava com a cara muito vermelha e ainda parecia zangada. Os outros se aproximaram, ansiosos para comer, mas Harry continuou em companhia de Sirius, que se curvou para a tapeçaria.
– Faz anos que não olho isso. Veja o Fineus Nigellus, meu tetravô... o diretor menos querido que Hogwarts já teve... e Araminta Melíflua... prima de minha mãe... tentou aprovar à força uma lei ministerial que tornava legal a caça aos trouxas... e a querida tia Eladora... deu início à tradição familiar de decapitar os elfos domésticos quando ficavam velhos demais para carregar as bandejas de chá... é claro que sempre que a família gerava alguém razoavelmente decente, ele era repudiado. Estou vendo que Tonks não está aqui. Talvez seja por isso que Monstro não recebe ordens dela: a obrigação dele é atender a tudo que alguém da família pedir...
– Você e Tonks, são parentes? – perguntou Harry surpreso.
– Ah, claro, a mãe dela, Andrômeda, era minha prima favorita – disse, examinando a tapeçaria com cuidado. – Não, Andrômeda também não está aqui, olhe...
E apontou para mais uma queimadurazinha redonda entre dois nomes, Belatriz e Narcisa.

– As irmãs de Andrômeda continuam aí porque fizeram casamentos belos e respeitáveis com puros-sangues, mas Andrômeda se casou com Ted Tonks, que nasceu trouxa, então...

Sirius encenou detonar a tapeçaria com a varinha e riu amargamente. Harry, porém, não achou graça; estava ocupado demais examinando os nomes à direita da queimadura de Andrômeda. Uma linha dupla de ouro ligava o nome de Narcisa Black com Lúcio Malfoy e uma única linha vertical que saía dos seus nomes ao nome de Draco.

– Você é parente dos Malfoy!

– As famílias de sangue puro são todas entrelaçadas – declarou Sirius. – Se alguém deixar os filhos e filhas casarem apenas com puros-sangues, a escolha fica muito reduzida; sobram muito poucos. Molly e eu somos primos por casamento e Arthur parece que é um primo em segundo grau. Mas não adianta procurá-los aqui: se um dia houve uma família de traidores do próprio sangue foram os Weasley.

Mas Harry agora estava lendo o nome à esquerda da queimadura de Andrômeda: Belatriz Black, que era ligada por uma linha dupla a Rodolfo Lestrange.

– Lestrange... – disse Harry em voz alta. O nome despertara alguma coisa em sua memória; ele o conhecia de algum lugar, mas por um instante não conseguiu lembrar de onde, embora tenha tido uma sensação estranha e sorrateira no fundo do estômago.

– Estão em Azkaban – disse Sirius brevemente.

Harry mirou-o com curiosidade.

– Belatriz e o marido Rodolfo foram junto com Bartô Crouch júnior – esclareceu Sirius, no mesmo tom brusco. – O irmão de Rodolfo, Rabastan, também.

Então Harry se lembrou. Vira Belatriz na Penseira de Dumbledore, o estranho objeto em que era possível guardar pensamentos e lembranças: uma mulher alta e morena de pálpebras caídas, que se levantara no julgamento e declarara sua lealdade inabalável a Lorde Voldemort, o orgulho que sentira em procurá-lo depois de sua queda e sua convicção de que um dia seria recompensada por essa lealdade.

– Você nunca disse que ela era sua...

– Faz diferença se é minha prima? – retrucou Sirius. – No que me diz respeito, nenhum deles é minha família. E ela menos de todos. Não a vejo desde que tinha sua idade, a não ser que se conte a visão de relance quando chegou a Azkaban. Você acha que tenho orgulho de ter uma parenta como ela?

– Desculpe – disse Harry depressa. – Eu não quis... fiquei surpreso, foi só...

– Não faz mal, não precisa se desculpar – disse o padrinho num murmúrio. Afastou-se então da tapeçaria, as mãos enterradas nos bolsos. – Não gosto de ter voltado – disse olhando pela sala. – Nunca pensei que voltaria a ficar preso nesta casa.

Harry entendeu perfeitamente. Sabia como iria se sentir quando crescesse e achasse que tinha se livrado da casa dos Dursley para sempre e precisasse voltar a viver na rua dos Alfeneiros número quatro.

– Naturalmente é perfeita para uma sede – continuou Sirius. – Meu pai instalou nela todas as medidas de segurança conhecidas na bruxidade, quando morávamos aqui. Não é localizável, por isso os trouxas nunca podem aparecer para visitar, como se algum dia tivessem querido fazer isso, e agora que Dumbledore acrescentou novas medidas de proteção, seria difícil encontrar uma casa mais segura no mundo. Dumbledore é o Fiel do Segredo da Ordem, sabe, ninguém pode encontrar a sede a não ser que ele diga pessoalmente como fazer; aquele bilhete que Moody lhe mostrou, ontem à noite, era de Dumbledore... – Sirius deu uma risadinha curta. – Se meus pais vissem para que está servindo a casa deles agora... bom, o quadro da minha mãe já pode dar a vocês uma ideia...

Ele amarrou a cara por um momento, em seguida suspirou.

– Eu não me importaria se pudesse ao menos sair de vez em quando para fazer alguma coisa útil. Já perguntei a Dumbledore se posso acompanhar você à audiência, como cachorro, é claro, para poder lhe dar algum apoio moral, que é que você acha?

Harry sentiu o estômago despencar e atravessar o tapete empoeirado. Não pensava na audiência desde o jantar da noite anterior; com a excitação de estar outra vez com as pessoas de quem mais gostava, de receber informações sobre tudo que estava acontecendo, a audiência fugira completamente de sua lembrança. Ao ouvir as palavras de Sirius, porém, a sensação esmagadora de pavor tornou a invadi-lo. Olhou para Hermione e os Weasley, todos devorando sanduíches, e pensou o que sentiria se voltassem a Hogwarts sem ele.

– Não se preocupe – disse Sirius. Harry levantou a cabeça e percebeu que Sirius estivera observando-o. – Tenho certeza de que vão inocentá-lo, decididamente há alguma coisa no Estatuto Internacional de Sigilo em Magia que prevê o uso da magia para salvar a própria vida.

– Mas e se eles me expulsarem? – perguntou Harry em voz baixa. – Posso voltar para cá e morar com você?

Sirius sorriu com tristeza.

– Veremos.

– Eu me sentiria muito melhor sobre a audiência se soubesse que não precisaria voltar para a casa dos Dursley – Harry pressionou o padrinho.

– Lá deve ser bem ruim para você preferir este lugar – disse o padrinho sombriamente.

– Andem logo, vocês dois, ou não vai sobrar comida – chamou a Sra. Weasley.

Sirius deu mais um grande suspiro, lançou um olhar mal-humorado à tapeçaria, então ele e Harry foram se juntar aos outros.

O garoto fez o possível para não pensar na audiência, enquanto esvaziavam os armários de portas de vidro naquela tarde. Felizmente para ele, era uma tarefa que exigia concentração, porque um grande número de objetos ali dentro parecia muito relutante em deixar as prateleiras empoeiradas. Sirius aguentou uma mordida séria de uma caixa de rapé de prata; em poucos segundos sua mão se cobrira de uma crosta desagradável que lembrava uma grossa luva marrom.

– Tudo bem – falou, examinando a mão com interesse antes de lhe dar um toque de varinha e restaurar a pele ao normal –, deve ter pó de furafrunco aí dentro.

Atirou a caixa no saco em que estavam depositando os escombros dos armários; pouco depois, Harry viu Jorge enrolar a mão com todo o cuidado e esconder a caixa no bolso, já cheio de fadas mordentes.

Eles encontraram um instrumento de prata de aparência desagradável, algo semelhante a uma pinça de muitas pernas, que subiu como uma aranha pelo braço de Harry e, quando o garoto quis apanhá-la, tentou furar sua pele. Sirius agarrou-a e a esmagou com um livro pesado intitulado *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*. Havia uma caixa musical que emitiu uma toada tilintante ligeiramente sinistra quando lhe deram corda, e eles logo descobriram que estavam ficando curiosamente fracos e sonolentos, até que Gina teve o bom-senso de bater a tampa da caixa; um camafeu pesado que ninguém conseguiu abrir; vários selos antigos e, em uma caixa coberta de pó, uma Ordem de Merlim, primeira classe, que fora concedida ao avô de Sirius por “serviços prestados ao Ministério”.

– O que significa que deve ter doado a eles um carregamento de ouro – disse Sirius com desprezo, atirando a medalha no saco de lixo.

Várias vezes Monstro entrou timidamente na sala e tentou contrabandear alguma coisa sob a tanga, murmurando maldições terríveis sempre que alguém o surpreendia no ato. Quando Sirius tirou à força da mão dele um grande anel de ouro com o brasão dos Black, Monstro chegou a debulharse num choro furioso e abandonou a sala soluçando baixinho e xingando Sirius de nomes que Harry nunca ouvira.

– Pertenceu ao meu pai – disse Sirius atirando o anel no saco. – Monstro não era *tão* dedicado a ele quanto à minha mãe, mas ainda assim eu o apanhei

abraçando uma calça velha do meu pai na semana passada.

A Sra. Weasley os fez trabalhar muito pesado durante os dias seguintes. A sala de visitas levou três dias para ser descontaminada. Por fim, as únicas coisas indesejáveis que restaram foram a tapeçaria com a árvore da família Black, que resistiu a todas as tentativas de baixá-la da parede, e a escrivaninha desconjuntada. Moody ainda não aparecera na sede, para se certificarem do que havia lá dentro.

Eles passaram da sala de visitas para uma sala de jantar no andar térreo, onde encontraram aranhas do tamanho de pires escondidas no armário (Rony saiu da sala apressado para fazer uma xícara de chá e só voltou uma hora e meia depois). Sem a menor cerimônia, Sirius atirou a porcelana com o brasão e o lema dos Black no saco, e deu o mesmo destino a uma coleção de velhas fotos com molduras de prata oxidadas, cujos ocupantes soltaram guinchos agudos quando os vidros sobre as fotos se partiram.

Snape talvez se referisse ao trabalho deles como “uma limpeza”, mas, na opinião de Harry, o fato é que estavam travando uma guerra com a casa que resistia bravamente, ajudada e acobertada por Monstro. O elfo doméstico não parava de aparecer quando estavam todos reunidos, seus resmungos cada vez mais ofensivos quando tentava retirar o que pudesse dos sacos de lixo. Sirius chegou até a ameaçá-lo com roupas, mas Monstro fixou-o com um olhar lacrimoso e disse: “O senhor deve fazer o que desejar”, antes de se afastar resmungando muito alto, “mas o senhor não vai mandar Monstro embora, não, porque Monstro sabe o que estão tramando, ah, se sabe, ele está conspirando contra o Lorde das Trevas, ah, sim, com esses sangues-ruins e traidores e gentalha...”

Ao que Sirius, não se importando com os protestos de Hermione, agarrou Monstro pela tanga e atirou-o para fora da sala.

A campainha da porta tocava várias vezes por dia, o que era a deixa para a mãe de Sirius começar a berrar, e para Harry e os outros tentarem entreouvir o que dizia o visitante, embora pouco descobrissem nos breves relances e fragmentos de conversa que conseguiam captar, antes que a Sra. Weasley os chamasse de volta ao trabalho. Snape entrava e saía da casa com mais frequência, embora, para alívio de Harry, os dois nunca se encontrassem cara a cara; o garoto também avistou a professora de Transfiguração McGonagall, com uma aparência muito estranha usando vestido e casaco de trouxa, e pelo jeito muito atarefada para se demorar. Por vezes, no entanto, os visitantes ficavam para ajudar. Tonks se reuniu aos garotos para uma tarde memorável, em que encontraram um velho vampiro homicida escondido em um banheiro do segundo

andar, e Lupin, que estava morando na casa com Sirius, mas saía por longos períodos para realizar misteriosos mandados para a Ordem, ajudou-os a consertar um relógio de carrilhão que desenvolvera o desagradável hábito de atirar parafusos pesados em quem passava. Mundungo se redimiu um pouco aos olhos da Sra. Weasley ao salvar Rony de uma coleção antiga de vestes púrpura que tentaram estrangulá-lo, quando ele quis removê-las do guarda-roupa.

Embora ainda dormisse mal, e ainda tivesse sonhos com corredores e portas trancadas que faziam sua cicatriz formigar, Harry estava conseguindo se divertir pela primeira vez naquele verão. Enquanto trabalhava, estava feliz; quando a atividade diminuía, porém, e ele baixava a guarda ou se deitava exausto na cama, observando sombras difusas correrem pelo teto, o pensamento na iminente audiência no Ministério voltava a assediá-lo. O medo agulhava suas entranhas, quando se punha a imaginar o que ia acontecer com ele se fosse expulso. A ideia era tão terrível que não ousava verbalizá-la, nem mesmo para Rony e Hermione, e embora Harry os visse cochichando e lançando olhares ansiosos em sua direção, os amigos seguiam o seu exemplo e não a mencionavam. Às vezes, ele não conseguia impedir sua imaginação de produzir um funcionário do Ministério sem rosto que quebrava sua varinha e o mandava retornar à casa dos Dursley... mas ele não queria ir. Estava decidido. Voltaria ao largo Grimmauld para morar com Sirius.

Harry teve a sensação de que engolira um tijolo quando a Sra. Weasley se virou para ele durante o jantar de quarta-feira e disse em voz baixa:

– Passei as suas melhores roupas para amanhã, Harry, e quero que lave o cabelo hoje à noite também. Uma primeira impressão boa pode fazer milagres.

Rony, Hermione, Fred, Jorge e Gina, todos pararam de conversar e olharam para ele. Harry concordou com a cabeça e tentou continuar a comer a costeleta de porco, mas sua boca ficara tão seca que não conseguiu mastigar.

– Como é que eu vou até lá? – perguntou à Sra. Weasley, tentando não demonstrar preocupação.

– Arthur vai levar você para o trabalho – respondeu com gentileza a Sra. Weasley, que sorriu, procurando animar Harry defronte a ela na mesa.

– Você pode esperar na minha sala até a hora da audiência – disse o Sr. Weasley.

Harry olhou para Sirius, mas, antes que pudesse fazer a pergunta, a Sra. Weasley a respondeu.

– O Prof. Dumbledore acha que não é uma boa ideia o Sirius ir com você, e devo dizer que...

– ... acho que ele *tem toda razão* – respondeu Sirius entre os dentes.

A Sra. Weasley contraiu os lábios.

– Quando foi que Dumbledore lhe disse isso? – perguntou Harry, encarando Sirius.

– Ele veio à noite passada, quando você já estava deitado – disse a Sra. Weasley.

Sirius furou uma batata com o garfo, pensativo. Harry baixou os olhos para o próprio prato. O pensamento de que Dumbledore estivera na casa, na véspera da audiência, e não pedira para falar com ele fez com que o garoto se sentisse ainda pior, se é que isto era possível.

— CAPÍTULO SETE —
O Ministério da Magia

Harry acordou às cinco e meia na manhã seguinte tão brusca e definitivamente como se alguém tivesse gritado em seu ouvido. Por alguns instantes, continuou deitado e imóvel, enquanto a perspectiva de uma audiência disciplinar invadia cada partícula do seu cérebro, depois, incapaz de suportar, ele pulou fora da cama e pôs os óculos. A Sra. Weasley arrumara suas jeans recém-lavadas e sua camiseta aos pés da cama. Harry vestiu-se depressa. O retrato vazio na parede deu uma risadinha debochada.

Rony estava esparramado na cama, com a boca escancarada, dormindo profundamente. Nem sequer se mexeu quando Harry cruzou o quarto, saiu para o patamar e fechou a porta suavemente ao passar. Tentando não pensar na próxima vez que veria Rony, quando talvez já não fossem colegas de Hogwarts, o garoto desceu silenciosamente a escada, passou pelas cabeças dos antepassados do Monstro e se dirigiu à cozinha.

Tinha esperado encontrá-la vazia, mas quando chegou à porta ouviu um ressoar suave de vozes no outro lado. Abriu-a e viu o Sr. e a Sra. Weasley, Sirius, Lupin e Tonks sentados ali, quase como se estivessem à sua espera. Todos estavam inteiramente vestidos, exceto a Sra. Weasley, que trajava um roupão de acolchoado roxo. Ela se levantou no momento em que o viu entrar.

– Café da manhã – disse ao mesmo tempo que puxava a varinha e corria para o fogão.

– B-b-dia, Harry – bocejou Tonks. Esta manhã seus cabelos estavam amarelos e crespos. – Dormiu bem?

– Dormi – disse Harry.

– P-p-passei a noite acordada – informou a bruxa, dando mais um bocejo de estremecer. – Venha se sentar...

Ela puxou uma cadeira e ao fazer isso derrubou a que estava ao lado.

– Que é que você quer, Harry? – perguntou a Sra. Weasley. – Mingau? Bolinhos? Arenque? Ovos com bacon? Torrada?

– Só... só torrada, obrigado.

Lupin olhou para Harry e em seguida perguntou a Tonks:

– Que é que você estava dizendo sobre o Scrimgeour?

– Ah... sim... bem, precisamos ter um pouco mais de cuidado, ele tem feito a Quim e a mim perguntas engraçadas...

Harry se sentiu vagamente grato por não ter de participar da conversa. Suas entranhas se contorciam. A Sra. Weasley colocou umas torradas com geleia à frente dele; tentou comer, mas era como mastigar tapete. A bruxa se sentou a seu lado e começou a mexer em sua camiseta, pôs a etiqueta para dentro e alisou os vincos nos ombros. Ele desejou que a Sra. Weasley não fizesse isso.

– ... e terei de dizer ao Dumbledore que não posso fazer o turno da noite amanhã, estou simplesmente cansada d-d-demais – concluiu Tonks dando novamente um imenso bocejo.

– Eu cubro o seu turno – ofereceu-se o Sr. Weasley. – Estou bem, de qualquer modo tenho um relatório para terminar...

Ele não estava usando vestes de bruxo, mas calças de risca de giz e um velho blusão de aviador. Virou-se de Tonks para Harry.

– Como é que você está se sentindo?

Harry encolheu os ombros.

– Vai terminar logo – disse o bruxo encorajando-o. – Dentro de algumas horas você estará inocentado.

Harry não respondeu.

– A audiência é no meu andar, na sala da Amélia Bones. É a chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia, e é quem vai interrogá-lo.

– Amélia Bones é legal, Harry – disse Tonks, séria. – É justa, e vai escutar tudo que você tiver a dizer.

Harry concordou com a cabeça, ainda incapaz de pensar em alguma coisa para dizer.

– Não perca a calma – disse Sirius, de repente. – Seja educado e se atenha aos fatos.

Harry tornou a acenar com a cabeça.

– A lei está do seu lado – disse Lupin em voz baixa. – Até bruxos menores de idade podem usar magia em situações em que há risco de vida.

Alguma coisa muito fria escorreu pela nuca de Harry, fazendo-o pensar por um momento que alguém estivesse lançando nele um Feitiço da Desilusão. Então percebeu que a Sra. Weasley estava atacando seus cabelos com um pente molhado. Ela pressionou com força no alto da cabeça.

– Eles não baixam nunca? – perguntou desesperada.
Harry fez que não.
O Sr. Weasley verificou o relógio e olhou para o garoto.
– Acho que temos de ir agora. Estamos um pouco adiantados, mas acho que será melhor você esperar no Ministério do que aqui.
– O.k. – disse Harry automaticamente, largando a torrada e se levantando.
– Vai dar tudo certo – disse Tonks, dando-lhe uma palmadinha no braço.
– Boa sorte – desejou Lupin. – Tenho certeza de que tudo correrá bem.
– E se não correr – disse Sirius muito sério –, pode deixar que cuido da Amélia Bones para você...
Harry deu um sorrisinho. A Sra. Weasley abraçou-o.
– Estamos todos fazendo figa.
– Certo – disse o garoto. – Então, até mais tarde.
Ele acompanhou o Sr. Weasley até o térreo e ao longo do corredor, ouviu a mãe de Sirius resmungar durante o seu sono atrás das cortinas. O Sr. Weasley destrancou a porta e eles saíram para a madrugada fria e cinzenta.
– O senhor normalmente não vai para o trabalho a pé, vai? – perguntou Harry, enquanto caminhavam apressados pelo largo.
– Não, em geral aparato, mas obviamente você não pode, e acho que é melhor chegarmos de maneira inteiramente não mágica... passa uma impressão melhor, já que você está sendo disciplinado por...
O Sr. Weasley manteve a mão dentro do blusão enquanto caminhavam. Harry sabia que segurava a varinha. As ruas decadentes estavam quase desertas, mas quando chegaram à pequena e desconfortável estação do metrô já a encontraram repleta de passageiros madrugadores. Como sempre acontecia quando se via muito próximo dos trouxas em seus afazeres cotidianos, o Sr. Weasley mal conseguia controlar o seu entusiasmo.
– É simplesmente fabuloso – sussurrou, indicando as máquinas de vender bilhetes. – Fantasticamente engenhosas.
– Elas não estão funcionando – disse Harry, apontando para um cartaz.
– É, mas mesmo assim... – disse o bruxo sorrindo, carinhoso, para as máquinas.
Eles compraram os bilhetes de um guarda sonolento (Harry cuidou da transação, porque o Sr. Weasley não era muito esperto quando lidava com dinheiro dos trouxas), e cinco minutos depois estavam embarcando no trem subterrâneo que saiu sacolejando em direção ao centro de Londres. O Sr. Weasley não parava de verificar e tornar a verificar, ansioso, o mapa do metrô acima da janela.
– Mais quatro paradas, Harry... Faltam três paradas agora... Duas, Harry...

Desceram em uma estação no coração de Londres, e foram carregados do trem por uma onda de homens e mulheres, de ternos e terninhos, segurando suas maletas. Subiram a escada rolante, passaram pelos torniquetes (o Sr. Weasley ficou encantado ao ver seu bilhete ser engolido pela fenda de introdução) e saíram finalmente em uma rua larga, ladeada de edifícios imponentes, em que o tráfego já era intenso.

– Onde estamos? – perguntou o Sr. Weasley, perdido, e, por um instante em que seu coração parou, Harry pensou que tivessem descido na estação errada, apesar das contínuas consultas do bruxo ao mapa; mas um segundo depois o Sr. Weasley exclamou: – Ah, sim... por aqui, Harry. – E seguiram por uma rua lateral. – Desculpe – disse –, mas nunca venho de metrô, e tudo parece diferente quando se olha da perspectiva dos trouxas. Aliás, eu nunca usei a entrada do Ministério para visitantes antes.

Quanto mais andavam, menores e menos imponentes os edifícios se tornavam, até que finalmente chegaram a uma rua em que havia vários prédios de escritórios de mau aspecto, um bar e uma caçamba transbordando lixo. Harry esperara um local mais atraente para o Ministério da Magia.

– Chegamos – disse o Sr. Weasley animado, apontando para uma velha cabine telefônica vermelha, em que faltavam vários vidros nos caixilhos e que fora instalada em frente a uma parede toda grafitada. – Primeiro você, Harry.

O Sr. Weasley abriu a porta da cabine.

Harry entrou, imaginando o que seria aquilo. O bruxo apertou-se ao lado dele e fechou a porta. Quase não deu; Harry ficou entalado contra o aparelho de telefone que pendia torto da parede, como se algum vândalo tivesse tentado arrancá-lo. O Sr. Weasley esticou o braço à frente de Harry para apanhar o fone.

– Sr. Weasley, acho que isso também não deve estar funcionando.

– Não, não, tenho certeza de que está perfeito – respondeu, segurando o fone no alto e espiando o disco. – Vejamos... seis... – discou ele – dois... quatro... e mais um quatro... e mais um dois...

Quando o disco voltou suavemente à posição inicial, ouviu-se uma voz tranquila de mulher, dentro da cabine, não no fone que o Sr. Weasley segurava, mas uma voz alta e clara como se houvesse uma mulher invisível ali ao lado deles.

– Bem-vindos ao Ministério da Magia. Por favor, informem seus nomes e o objetivo da visita.

– Hum... – começou o Sr. Weasley, visivelmente inseguro se devia ou não falar com o fone. Decidiu-se por encostar o ouvido no bocal: – Arthur Weasley, Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas, estou acompanhando Harry Potter, que foi convidado a comparecer a uma audiência disciplinar...

– Obrigada – disse a voz tranquila de mulher. – Visitante, por favor, apanhe o crachá e prenda-o ao peito de suas vestes. – Ouviu-se um clique e um rumorejo, e Harry viu alguma coisa sair pela ranhura de metal por onde normalmente saem as moedas excedentes. Apanhou-a: era um quadrado prateado em que se lia *Harry Potter, Audiência Disciplinar*. Prendeu-a ao peito da camiseta, e a voz feminina tornou a falar.

– Visitante ao Ministério, o senhor deve se submeter a uma revista e apresentar sua varinha, para registro, à mesa da segurança, localizada ao fundo do Átrio.

O piso da cabine telefônica estremeceu e eles começaram a afundar lentamente. Harry observou com apreensão a calçada ir subindo pelas vidraças da cabine e, por fim, a escuridão se fechar sobre suas cabeças. Então não conseguiu ver mais nada; ouviu apenas um ruído abafado de trituração, enquanto a cabine continuava a entrar pela terra. Decorrido mais ou menos um minuto, embora parecesse a Harry muito mais, uma claridade dourada banhoulhe os pés e foi se ampliando, subindo pelo seu corpo até bater em cheio no rosto e ele precisou piscar para os olhos não lacrimejarem.

– O Ministério da Magia deseja ao senhor um dia muito agradável – disse a voz feminina.

A porta da cabine telefônica se escancarou e o Sr. Weasley saiu, acompanhado por Harry, cujo queixo caíra. Estavam parados a um extremo de um saguão muito longo e suntuoso, com um soalho de madeira escuro e extremamente polido. O teto azul-pavão era entalhado com símbolos dourados que se moviam e se alternavam como um enorme quadro celeste de avisos. As paredes de cada lado eram forradas de painéis de madeira escura e lustrosa, e nelas havia, engastadas, muitas lareiras douradas. A intervalos de segundos, bruxos e bruxas emergiam de uma das lareiras à esquerda com um suave ruído de deslocamento de ar. Na parede da direita, iam se formando diante de cada lareira pequenas filas de gente que aguardava o momento da partida.

No meio do saguão havia uma fonte. Um grupo de estátuas de ouro, maiores que o tamanho natural, estavam dispostas no centro de um espelho de água circular. A mais alta era de um bruxo de aparência aristocrática, com a varinha apontando para o ar. Agrupados a seu redor, havia uma bela bruxa, um centauro, um duende e um elfo doméstico. Os três últimos olhavam com adoração para o casal de bruxos. Das pontas de suas varinhas, saíam jorros de água cintilante, bem como da ponta da flecha do centauro, da ponta do chapéu do duende e de cada orelha do elfo doméstico, de tal modo que o silvo e o tilintar da água que caía se misturavam aos *popes* e *craques* dos bruxos aparatando e ao ressoar dos passos de centenas de outros, a maioria com a cara de poucos amigos de quem

acabara de acordar, dirigindo-se a uma fileira de portões dourados no fundo do saguão.

– Por aqui – disse o Sr. Weasley.

Eles se juntaram à multidão e continuaram a caminhar entre os funcionários do Ministério, alguns dos quais carregavam pilhas instáveis de pergaminhos, outros, maletas surradas; e, outros ainda liam o *Profeta Diário* enquanto andavam. Ao passarem pela fonte, Harry viu sicles de prata e nuques de bronze brilhando no fundo da água. Um pequeno cartaz ao lado da fonte informava:

TODO O DINHEIRO RECOLHIDO NA FONTE DOS IRMÃOS MÁGICOS SERÁ DOADO AO HOSPITAL ST. MUNGUS PARA DOENÇAS E ACIDENTES MÁGICOS

"Se eu não for expulso de Hogwarts, vou jogar dez galeões aí", Harry se apanhou pensando com desespero.

– Aqui, Harry – disse o Sr. Weasley, e eles se separaram do fluxo de funcionários do Ministério que se encaminhavam para as portas douradas. Sentado a uma mesa à esquerda, sob a placa *Segurança*, um bruxo mal barbeado de vestes azul-pavão parou de ler o seu *Profeta Diário* e ergueu a cabeça quando os dois se aproximaram.

– Estou acompanhando um visitante – disse o Sr. Weasley, indicando o garoto.

– Venha até aqui – disse o bruxo com voz entediada.

Harry se aproximou e o bruxo ergueu uma longa vara dourada, fina e flexível como uma antena de carro, e correu-a pelo corpo do garoto, de alto a baixo, de frente e costas.

– Varinha – grunhiu o segurança para Harry, baixando o instrumento dourado e estendendo a mão.

Harry apanhou a varinha. O bruxo largou-a em cima de um estranho instrumento de latão, que lembrava uma balança de um único prato. A coisa começou a vibrar. Uma tira fina de pergaminho foi saindo instantaneamente de uma ranhura na base. O bruxo destacou-a e leu o que estava escrito.

– Vinte e oito centímetros, cerne de pena de fênix, em uso há quatro anos. Correto?

– Correto – respondeu Harry nervoso.

– Fico com ela – disse o bruxo, enfiando a tira de pergaminho em um pequeno espeto de latão. – Eu a devolvo depois – acrescentou, apontando a varinha para o garoto.

– Obrigado.

– Um momento – disse lentamente o bruxo.

Seus olhos correram do crachá prateado de visitante no peito de Harry para sua testa.

– Obrigado, Érico – disse o Sr. Weasley com firmeza e, segurando o garoto pelos ombros, afastaram-se da mesa e reingressaram na torrente de bruxos e bruxas que cruzavam o portão dourado.

Meio empurrado pela multidão, Harry acompanhou o Sr. Weasley, atravessou o portão e saiu em um saguão menor, onde havia no mínimo vinte elevadores por trás de grades douradas ornamentadas. Os dois se juntaram às pessoas paradas diante de um dos elevadores. Perto, havia um bruxo corpulento e barbudo segurando uma grande caixa de papelão que emitia um ruído de raspagem.

– Tudo bem, Arthur? – perguntou o bruxo, cumprimentando-o com um aceno de cabeça.

– Que é que você traz aí, Beto? – quis saber o Sr. Weasley olhando para a caixa.

– Não temos muita certeza – respondeu o bruxo muito sério. – Achávamos que era uma galinha-do-brejo comum até ela começar a soltar fogo pelas fossas nasais. Agora está me parecendo uma séria violação da Proibição de Criar Animais Experimentalmente.

Com uma barulheira de ferragens, um elevador desceu diante deles; a grade dourada se recolheu, Harry e o Sr. Weasley entraram no elevador com os demais, e o garoto se viu esmagado contra a parede dos fundos. Vários bruxos e bruxas o olharam com curiosidade; ele encarava os próprios pés e alisava a franja para evitar encontrar o olhar das pessoas. As grades tornaram a fechar com estrondo e o elevador subiu lentamente, as correntes se entrechocando, enquanto a mesma voz tranquila de mulher que Harry ouvira na cabine telefônica tornava a falar:

“Nível sete, Departamento de Jogos e Esportes Mágicos, que inclui a Sede das Ligas Britânica e Irlandesa de Quadribol, o Clube de Bexiga Oficial e a Seção de Patentes Absurdas.”

As portas do elevador se abriram. Harry deu uma olhada rápida no corredor de aspecto sujo, onde havia vários cartazes de times de quadribol pregados tortos nas paredes. Um dos bruxos no elevador, que carregava uma braçada de vassouras, desvencilhou-se com dificuldade e desapareceu pelo corredor. As portas se fecharam, o elevador retomou sua subida acidentada e a voz feminina anunciou:

“Nível seis, Departamento de Transportes Mágicos, que inclui a Autoridade da Rede de Flu, o Controle de Aferição de Vassouras, a Seção de Chaves de Portais e o Centro de Testes de Aparatação.”

Mais uma vez as portas do elevador se abriram e quatro ou cinco bruxos desembarcaram; ao mesmo tempo, vários aviõezinhos de papel entraram voando

no elevador. Harry ficou olhando os aviões planarem preguiçosamente acima de sua cabeça; eram violeta-claro, e ele leu as palavras *Ministério da Magia* estampadas no bordo das asas.

– São apenas memorandos interdepartamentais – murmurou o Sr. Weasley. – Costumávamos usar corujas, mas a sujeira era inacreditável... excrementos caindo sobre as escrivaninhas...

Quando recomeçaram a subir, os memorandos ficaram flutuando em torno da lâmpada do elevador.

“Nível cinco, Departamento de Cooperação Internacional em Magia, incorporando o Organismo de Padrões de Comércio Mágico Internacional, o Escritório Internacional de Direito em Magia e a Confederação Internacional de Bruxos, sede britânica.”

Quando as portas se abriram, dois memorandos saíram voando ao mesmo tempo que mais bruxos e bruxas desembarcavam, mas outros tantos memorandos entraram voando, de modo que a luz piscou e lampejou com o movimento dos aviõezinhos ao seu redor.

“Nível quatro, Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, que inclui as Divisões das Feras, Seres e Espíritos, Seção de Ligação com os Duendes, Escritório de Orientação sobre Pragas.”

– Licença – pediu o bruxo que levava a galinha venta-fogo, e saiu do elevador seguido por um pequeno bando de memorandos. As portas fecharam mais uma vez com estrépito.

“Nível três, Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicas, incluindo o Esquadrão de Reversão de Mágicas Acidentais, Central de Obliviação e Comissão de Justificativas Dignas de Trouxas.”

Todos desembarcaram do elevador nesse andar, exceto o Sr. Weasley, Harry e uma bruxa que estava lendo um pergaminho tão longo que arrastava pelo chão. Os memorandos restantes continuaram a flutuar em torno da lâmpada, e o elevador continuou sua agitada subida, então as portas abriram e a voz anunciou:

“Nível dois, Departamento de Execução das Leis da Magia, que inclui a Seção de Controle do Uso Indevido da Magia, o Quartel-General dos Aurores e os Serviços Administrativos da Suprema Corte dos Bruxos.”

– É conosco, Harry – disse o Sr. Weasley, e eles acompanharam a bruxa por um corredor ladeado de portas. – Minha sala é do outro lado do andar.

– Sr. Weasley – perguntou Harry, ao passarem por uma janela pela qual entrava o sol –, nós não estamos mais embaixo da terra?

– Estamos. As janelas são encantadas. A Manutenção Mágica decide todo o dia qual é o tempo que vai fazer. Tivemos dois meses de furacões, da última vez que estivemos reivindicando um aumento de salário... É virando aqui, Harry.

Dobraram um canto, passaram por pesadas portas de carvalho e saíram em uma área aberta subdividida em cubículos, que fervilhava de conversas e risos. Os memorandos entravam e saíam dos cubículos como foguetes em miniatura. Um letreiro torto no cubículo mais próximo informava: *Quartel-General dos Aurores*.

Harry espiou disfarçadamente pela porta ao passar. Os aurores haviam coberto as paredes de seus cubículos com tudo que se pode imaginar, desde retratos de bruxos procurados e fotos de suas famílias a pôsteres dos seus times de quadribol preferidos e artigos do *Profeta Diário*. Um homem de vestes vermelhas, com um rabo de cavalo mais comprido que o do Gui, estava sentado com as botas em cima da escrivaninha, ditando um relatório para sua pena. Um pouco adiante, uma bruxa com uma venda sobre um dos olhos conversava por cima da divisória do seu cubículo com Quim Shacklebolt.

– 'Dia, Weasley – cumprimentou Quim, descontraído, quando o bruxo se aproximou. – Ando querendo falar com você, tem um segundo?

– Tenho, se realmente for um segundo – disse o Sr. Weasley. – Estou um pouco apressado.

Falavam como se mal se conhecessem, e quando Harry abriu a boca para cumprimentar Quim, o Sr. Weasley lhe deu uma piscadela. Eles acompanharam Quim até o último cubículo do corredor.

Harry teve um ligeiro choque; piscando para ele de todas as direções, havia o rosto de Sirius. Recortes de jornal e velhas fotos – até aquela em que ele aparecia como padrinho do casamento dos Potter – forravam as paredes. O único espaço em que não havia Sirius estava ocupado por um mapa-múndi em que brilhavam alfinetes vermelhos como pedras preciosas.

– Tome – disse Quim bruscamente ao Sr. Weasley, enfiando um rolo de pergaminho em sua mão. – Preciso do máximo de informação possível sobre veículos voadores dos trouxas avistados nos últimos doze meses. Recebemos informação de que Black talvez continue usando sua velha moto.

Quim deu a Harry uma enorme piscadela e acrescentou em um sussurro:

– Dê essa revista a ele, talvez ache interessante. – Então, retomando o tom normal: – E não demore muito, Weasley, o atraso no relatório sobre as *pernas de fogo* paralisou as nossas investigações por um mês.

– Se você tivesse lido o meu relatório saberia que o termo é *armas de fogo* – disse o Sr. Weasley tranquilo. – E receio que terá de esperar pelas informações sobre motocicletas; estamos ocupadíssimos no momento. – Baixou a voz: – Se você conseguir sair antes das sete, Molly está preparando almôndegas.

E, fazendo sinal a Harry, deixaram o cubículo, passaram por outras portas de carvalho, saíram em outro corredor, viraram à direita para um corredor mal

iluminado e ainda assim visivelmente encardido, que terminava em uma parede-cega, mas havia uma porta entreaberta à esquerda deixando à mostra o interior de um armário de vassouras, e uma porta à direita com uma placa de latão oxidado com os dizeres: *Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas*.

A sala escura e suja do Sr. Weasley parecia ligeiramente menor que o armário de vassouras. Duas escrivaninhas tinham sido apertadas ali e mal havia espaço para contorná-las, por causa dos arquivos abarrotados que ocupavam as paredes, com pilhas de pastas por cima. O pouco espaço de parede disponível testemunhava as obsessões do Sr. Weasley: vários pôsteres de carros, inclusive o de um motor desmontado; duas ilustrações de caixas de correio que pareciam ter sido recortadas de livros para crianças trouxas; e um diagrama mostrando como pôr fio em tomada.

Por cima de sua apinhada caixa de entrada, havia uma velha torradeira que soluçava em tom desconsolado e um par de luvas de couro que girava dois dedos vazios. Ao lado da caixa havia uma foto da família Weasley. Harry reparou que aparentemente Percy abandonara a foto.

– Não temos janela – desculpou-se o Sr. Weasley, despindo o blusão de aviador e pendurando-o no espaldar de sua cadeira. – Pedimos, mas pelo visto eles acham que não precisamos de uma. Sente-se, Harry, parece que Perkins ainda não chegou.

Harry apertou-se na cadeira ao lado da mesa de Perkins, enquanto o Sr. Weasley folheava rapidamente o maço de pergaminhos que Quim Shacklebolt lhe entregara.

– Ah – comentou sorrindo, ao puxar do meio um exemplar da revista *O Pasquim* –, sim... – Folheou-a. – Sim, ele tem razão, com certeza Sirius vai achar muito engraçado... Ah, meu Deus, que é isso agora?

Um memorando acabara de disparar pela porta aberta e pousar em cima da torradeira soluçante. O Sr. Weasley abriu-o e leu em voz alta:

“Recebemos informações de um terceiro vaso sanitário regurgitando em banheiro público em Bethnal Green, queira investigar imediatamente.”

– Isto está ficando ridículo...

– Um vaso sanitário que regurgita?

– Brincadeiras de gaiatos antitrouxas – disse o Sr. Weasley, franzindo a testa. – Tivemos dois na semana passada, um em Wimbledon, um em Elephant and Castle. Os trouxas acionam a descarga e em vez das coisas desaparecerem... bem, você pode imaginar. Os coitados ficam chamando os... *encadores*, acho que é o nome que dão... sabe, os homens que consertam canos e coisas do gênero.

– Encanadores?

– Exatamente, mas é claro que eles não sabem como explicar. Só espero que a

gente consiga pegar quem anda fazendo isso.
– Os aurores é que vão pegá-los?
– Ah, não, isto é banal demais para aurores, será uma patrulha normal para Execução das Leis da Magia... ah, Harry, esse é o Perkins.
Um velho bruxo, encurvado e tímido, de cabelos brancos e fofos, acabara de entrar na sala, ofegante.
– Ah, Arthur! – exclamou desesperado, sem olhar para Harry. – Que bom, eu não sabia o que seria melhor, se esperar ou não aqui por você. Acabei de despachar uma coruja para sua casa, mas é óbvio que você já tinha saído: chegou uma mensagem urgente há uns dez minutos...
– Já sei, do vaso sanitário que regurgita – disse o Sr. Weasley.
– Não, não é o vaso sanitário, é a audiência do menino Potter... mudaram a data e o local... agora vai começar às oito horas e vai ser no velho Décimo Tribunal...
– No velho... mas me disseram... pelas barbas de Merlim!
O Sr. Weasley consultou o relógio, deixou escapar um grito e pulou de sua cadeira.
– Depressa, Harry, devíamos ter chegado lá há cinco minutos!
Perkins se achatou contra os arquivos para deixar o Sr. Weasley sair correndo da sala com Harry em seus calcanhares.
– Por que é que eles mudaram a hora? – perguntou Harry sem fôlego, ao passarem desabalados pelas salas dos aurores; as pessoas se esticavam e paravam para olhar a correria dos dois. Harry teve a sensação de que deixara as entranhas na mesa de Perkins.
– Não faço a menor ideia, mas foi bom termos chegado aqui tão cedo, se você perdesse a audiência, teria sido uma catástrofe.
O Sr. Weasley parou derrapando diante dos elevadores e apertou com impaciência o botão de descida.
– ANDA LOGO!
O elevador apareceu sacudindo e eles entraram depressa. Todas as vezes que paravam, o Sr. Weasley xingava furiosamente e socava o botão de número nove.
– Esses tribunais não são usados há anos – disse o Sr. Weasley zangado. – Não posso imaginar por que vão fazer a audiência aqui embaixo... a não ser que... mas não...
Uma bruxa gorducha, carregando um cálice fumegante, entrou no elevador nesse momento e o Sr. Weasley se calou.
“O Átrio”, disse a tranquila voz de mulher, e as grades douradas se abriram, permitindo a Harry um vislumbre distante das estátuas de ouro na fonte. A bruxa saiu e um bruxo de pele macilenta e expressão muito pesarosa a substituiu.

– ‘Dia, Arthur – disse ele, em tom sepulcral, quando o elevador começou a descer. – Não é sempre que o vejo aqui embaixo.

– Negócios urgentes, Bode – respondeu o Sr. Weasley, que se balançava para a frente e para trás nos calcanhares, lançando a Harry olhares ansiosos.

– Ah, sim – disse Bode, examinando o garoto sem pestanejar. – É claro.

Não restava a Harry quase nenhuma emoção para gastar com Bode, mas aquele olhar fixo não o fez se sentir mais confortável.

“Departamento de Mistérios”, disse a voz de mulher sem pressa e sem nada acrescentar.

– Anda, Harry – disse o Sr. Weasley, quando as portas do elevador se abriram com estrépito, e eles saíram apressados por um corredor que era muito diferente dos outros acima. As paredes eram nuas; não havia janelas nem portas, exceto uma preta e lisa no finzinho do corredor. Harry pensou que fossem entrar, mas em lugar disso o Sr. Weasley o agarrou pelo braço e o arrastou para a esquerda, onde havia uma abertura para uma escada.

– Aqui embaixo, aqui embaixo – ofegou ele, dando duas passadas de cada vez. – O elevador nem desce até aí... *por que* vão fazer a audiência aí embaixo, eu...

Chegaram ao último degrau e entraram por mais um corredor, muito semelhante ao que levava à masmorra de Snape, em Hogwarts, com paredes de pedra bruta e tochas em suportes. As portas pelas quais passavam aqui eram de madeira maciça, com trancas e fechaduras.

– Décimo... Tribunal... acho... estamos quase... sim.

O Sr. Weasley parou cambaleante em frente a uma porta escura e encardida, com uma enorme fechadura de ferro, e encostou-se à parede, comprimindo a pontada que sentia no peito.

– Continue – ofegou ele, apontando a porta com o polegar. – Entre aí.

– O senhor não... não vem com...?

– Não, não, não é permitido. Boa sorte!

O coração de Harry bateu violentamente contra o seu pomo de adão. Ele engoliu com força, girou a maçaneta de ferro da pesada porta e entrou no tribunal.

— CAPÍTULO OITO —
A audiência

Harry sufocou um grito; não conseguiu se conter. A grande masmorra em que entrara parecia-lhe terrivelmente familiar. Não somente a vira antes, mas *estivera* ali antes. Era o lugar que visitara com a Penseira de Dumbledore, o lugar em que assistira ao Lestrange serem condenados à prisão perpétua em Azkaban.

As paredes eram de pedra escura, fracamente iluminadas por archotes. Havia arquibancadas vazias de cada lado dele, mas, à frente, as mais altas estavam ocupadas por muitos vultos escuros. Tinham estado conversando, mas quando a pesada porta se fechou à entrada de Harry fez-se um silêncio agourento.

Uma voz masculina cortante ecoou pelo tribunal.

– O senhor está atrasado.

– Sinto muito – disse Harry nervoso –, eu não sabia que a hora da audiência tinha sido mudada.

– Isto não é culpa da Suprema Corte dos Bruxos – disse a voz. – Despachamos uma coruja para o senhor esta manhã. Sente-se no seu lugar.

O olhar de Harry recaiu sobre a cadeira no centro da sala, cujos braços eram equipados com correntes. Vira aquelas correntes ganharem vida e prenderem quem ali sentasse. Seus passos ecoaram fortemente quando avançou pelo chão de pedra. No momento em que se sentou, pouco à vontade, na borda da cadeira, as correntes retiniram ameaçadoras, mas não o prenderam. Sentindo-se bastante mal, ele olhou para as pessoas sentadas no banco acima.

Havia umas cinquenta, até onde sua vista alcançava, usavam vestes cor de ameixa com um W bordado em fio de prata do lado esquerdo do peito, e olhavam para ele com ar de superioridade, algumas com expressões bem austeras, outras, francamente curiosas.

Bem no meio da primeira fila sentava-se Cornélio Fudge, o ministro da Magia. Era um homem corpulento que costumava usar um chapéu-coco verde-

limão, embora hoje o tivesse dispensado; dispensara, também, aquele sorriso de indulgência que no passado usara ao falar com Harry. Uma bruxa de ossos largos, queixo quadrado, cabelos grisalhos muito curtos, sentava-se à esquerda de Fudge; usava um monóculo e parecia assustadora. Do lado direito do ministro, havia outra bruxa, mas estava sentada tão atrás no banco que seu rosto ficava na sombra.

– Muito bem – disse Fudge. – O acusado tendo finalmente chegado, podemos começar. – Os senhores estão prontos? – perguntou aos demais bruxos.

– Estamos, sim senhor – respondeu uma voz ansiosa que Harry conhecia. O irmão de Rony, Percy, estava sentado em uma das extremidades do banco da frente. Harry olhou para Percy, esperando algum sinal de reconhecimento, mas não recebeu nenhum. Os olhos do rapaz, por trás dos óculos de aros de tartaruga, estavam fixos em um pergaminho, e segurava uma pena à mão.

– Audiência disciplinar do dia doze de agosto – anunciou Fudge com voz ressonante, e Percy começou imediatamente a anotar – para apurar violações ao Decreto de Restrição à Prática de Magia por Menores e ao Estatuto Internacional de Sigilo cometidas por Harry Tiago Potter, residente na rua dos Alfeneiros, número quatro, Little Whinging, Surrey.

"Inquiridores: Cornélio Oswaldo Fudge, ministro da Magia; Amélia Susana Bones, chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia; Dolores Joana Umbridge, subsecretária sênior do ministro. Escriba da corte, Percy Inácio Weasley..."

– Testemunha de defesa, Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore – disse uma voz baixa atrás de Harry e ele virou a cabeça tão rápido que estalou o pescoço.

Dumbledore vinha entrando serenamente pela sala usando vestes longas azul-petróleo e exibindo uma expressão perfeitamente calma. Suas barbas longas e brancas e seus cabelos refulgiram à luz dos archotes, quando ele emparelhou com Harry e ergueu os olhos para Fudge através dos seus oclinhos de meia-lua, pousados bem no meio do nariz muito torto.

Os membros da Suprema Corte dos Bruxos murmuraram. Todos os olhares se concentraram agora em Dumbledore. Alguns pareciam aborrecidos, outros ligeiramente receosos; duas bruxas idosas no último banco, no entanto, ergueram a mão e lhe acenaram as boas-vindas.

Ao ver Dumbledore, uma intensa emoção despertou no peito de Harry, um sentimento de fortalecida esperança muito semelhante à que o canto da fênix lhe propiciara. Ele queria chamar a atenção de Dumbledore, mas o diretor não estava olhando para o seu lado; continuava com os olhos erguidos para o obviamente constrangido Fudge.

– Ah! – exclamou Fudge, que parecia completamente desconcertado. – Dumbledore. Então, você... hum... recebeu a nossa... mensagem que a hora e... o local da audiência foram mudados?

– Não chegou a tempo – respondeu Dumbledore animado. – Porém, graças a um feliz engano cheguei ao Ministério três horas mais cedo, por isso não houve prejuízo.

– Ah... bem... suponho que iremos precisar de mais uma cadeira... eu... Weasley, será que você poderia...?

– Não se preocupe, não se preocupe – disse Dumbledore gentilmente; puxou então a varinha, fez um breve aceno, e uma confortável poltrona de chintz apareceu ao lado de Harry. Dumbledore se sentou, juntou as pontas dos longos dedos e ficou olhando Fudge por cima deles com uma expressão de educado interesse. Os bruxos da corte continuaram a murmurar e a se inquietar; somente quando Fudge retomou a palavra é que eles se aquietaram.

– Sim – repetiu Fudge, folheando suas anotações. – Bom, então. Portanto. As acusações. Sim.

Ele retirou um pergaminho da pilha à sua frente, inspirou longamente e leu:

– As acusações são as seguintes:

"Que ele intencionalmente, deliberadamente e com plena consciência da ilegalidade dos seus atos, já tendo recebido anteriormente um aviso do Ministério da Magia, por escrito, por uma acusação semelhante, executou o Feitiço do Patrono em uma área habitada por trouxas, na presença de um trouxa, no dia dois de agosto às nove horas e vinte e três minutos, o que constitui uma violação ao parágrafo C do Decreto de Restrição à Prática de Magia por Menores, de 1875, e também à Seção 13 do Estatuto de Sigilo da Confederação Internacional dos Bruxos.

"O senhor é Harry Tiago Potter, da rua dos Alfeneiros, número quatro, Little Whinging, Surrey?", perguntou Fudge, lançando a Harry um olhar penetrante por cima do pergaminho.

– Sim, senhor – respondeu Harry.

– O senhor recebeu um aviso oficial do Ministério por ter feito uso ilegal de magia há três anos, não foi?

– Sim, senhor, mas...

– E ainda assim conjurou um Patrono na noite do dia dois de agosto? – perguntou Fudge.

– Sim, senhor, mas...

– Sabendo que não tem permissão para usar magia fora da escola enquanto for menor de dezessete anos?

– Sim, senhor, mas...

– Sabendo que se encontrava em uma área povoada por trouxas?
– Sim, senhor, mas...
– Inteiramente consciente de que estava muito próximo de um trouxa naquele momento?
– Sim, senhor – disse Harry zangado –, mas só usei magia porque estávamos...
A bruxa de monóculo interrompeu-o com uma voz trovejante:
– Você produziu um Patrono inteiramente desenvolvido?
– Sim, senhora, porque...
– Um Patrono corpóreo?
– Um... o quê? – perguntou Harry.
– O seu Patrono tinha uma forma claramente definida? Quero dizer, era mais do que vapor ou fumaça?
– Sim, senhora – disse Harry, sentindo-se ao mesmo tempo impaciente e levemente desesperado. – É um veado, sempre foi um veado.
– Sempre? – trovejou Madame Bones. – Você já havia produzido um Patrono antes?
– Sim, senhora. Venho fazendo isso há um ano.
– E o senhor tem quinze anos?
– Sim, senhora, e...
– O senhor aprendeu isso na escola?
– Sim, senhora, o Prof. Lupin me ensinou a produzir um Patrono no terceiro ano, por causa do...
– Impressionante – disse Madame Bones, olhando-o com altivez –, um Patrono verdadeiro na sua idade... realmente impressionante.
Alguns bruxos e bruxas ao redor dela recomeçaram a murmurar; alguns faziam sinais de concordância, outros franziam a testa e sacudiam a cabeça.
– A questão não é até que ponto a mágica é impressionante – lembrou Fudge num tom rabugento. – De fato, quanto mais impressionante for, pior é, penso eu, uma vez que o rapaz realizou o Patrono bem à vista de um trouxa!
Os que tinham franzido a testa havia pouco agora murmuravam sua concordância, mas foi a visão do virtuoso e discreto aceno de cabeça de Percy que compeliu Harry a falar.
– Fiz isso por causa dos dementadores! – disse em voz alta, antes que alguém pudesse interrompê-lo.
Harry esperava que houvesse mais murmúrios, mas o silêncio que sobreveio pareceu-lhe de alguma forma mais denso que antes.
– Dementadores? – exclamou Madame Bones passado um momento, suas espessas sobrancelhas se erguendo até o monóculo parecer que ia cair. – Que quer dizer com isso, garoto?

– Quero dizer que havia dois dementadores na travessa, e que eles atacaram a mim e ao meu primo!

– Ah – disse Fudge mais uma vez, olhando os membros da corte a toda volta com um sorriso antipático, como se os convidasse a compartir com ele o gracejo. – Sim. Sei. Pensei ter ouvido alguma coisa assim.

– Dementadores em Little Whinging? – exclamou Madame Bones extremamente surpresa. – Não estou entendendo...

– Não está, Amélia? – respondeu Fudge, ainda sorrindo. – Deixe-me explicar. O garoto andou pensando e decidiu que dementadores dariam realmente uma bela reportagem de capa. Trouxas não podem ver dementadores, não é mesmo garoto? Muito conveniente, muito conveniente... então é apenas a sua palavra e nenhuma testemunha...

– Eu não estou mentindo – disse Harry em voz alta, abafando mais um surto de murmúrios entre os membros da corte. – Havia dois, vindos de lados opostos da travessa, tudo ficou escuro e frio, e meu primo sentiu a presença deles e procurou fugir...

– Basta, basta! – disse Fudge, com uma expressão de grande superioridade no rosto. – Lamento interromper o que certamente seria uma história muito bem ensaiada...

Dumbledore pigarreou. Os membros da corte tornaram a fazer silêncio.

– Na realidade, temos uma testemunha da presença dos dementadores naquela travessa, além de Dudley Dursley, quero dizer.

A cara gorda de Fudge pareceu murchar, como se alguém a tivesse esvaziado. Ele encarou Dumbledore por alguns momentos, dando a impressão de alguém que procura se controlar, e disse:

– Receio que não tenhamos tempo para ouvir mais lorotas, Dumbledore. Quero cuidar desse caso sem delongas.

– Posso estar errado – disse Dumbledore agradavelmente –, mas tenho certeza de que, pela Carta de Direitos da Suprema Corte dos Bruxos, o acusado tem direito a apresentar testemunhas para a defesa do seu caso, não? Não é essa a diretriz do Departamento de Execução das Leis da Magia, Madame Bones? – continuou ele, dirigindo-se à bruxa de monóculo.

– É verdade. Inteiramente verdade.

– Ah, muito bem, muito bem – retrucou Fudge. – Onde está essa pessoa?

– Trouxe-a comigo – disse Dumbledore. – Está ali fora à porta. Devo...?

– Não... Weasley, vá você – disse Fudge com rispidez a Percy, que se levantou imediatamente, desceu correndo os degraus de pedra da bancada dos juízes e passou na mesma velocidade por Dumbledore e Harry sem olhar para eles.

Um momento depois, voltou acompanhado pela Sra. Figg. Ela parecia

apavorada e mais caduca que nunca. Harry desejou que a velhota tivesse se lembrado de trocar as pantufas.

Dumbledore se levantou e cedeu sua poltrona à recém-chegada, conjurando outra para si mesmo.

– Nome completo? – perguntou Fudge em voz alta, depois que a Sra. Figg se encarrapitou, nervosa, na borda da poltrona.

– Arabela Dora Figg – respondeu a bruxa, com a voz trêmula.

– E quem é a senhora exatamente? – perguntou Fudge, com uma voz arrogante e cheia de tédio.

– Sou residente em Little Whinging, próximo à casa onde mora Harry Potter.

– Não temos registro de nenhuma bruxa ou bruxo residindo em Little Whinging, a não ser Harry Potter – disse Madame Bones imediatamente. – A situação ali sempre foi acompanhada com muita atenção, em vista dos... em vista dos acontecimentos passados.

– Sou uma bruxa abortada – disse a Sra. Figg. – Neste caso, a senhora não teria um registro meu, teria?

– Uma bruxa abortada, eh? – comentou Fudge, olhando-a, desconfiado. – Verificaremos isso. Deixe as informações sobre seus pais com o meu assistente Weasley. Em tempo, bruxos abortados são capazes de ver dementadores? – perguntou, olhando para os bruxos sentados de um lado e outro do banco.

– Claro que podemos! – disse a Sra. Figg indignada.

Fudge tornou a olhar a bruxa, com as sobrancelhas erguidas.

– Muito bem – disse com superioridade. – Qual é a sua história?

– Eu tinha saído para comprar comida para gatos na loja da esquina, no fim da alameda das Glicínias, por volta das nove horas, na noite de dois de agosto – tagarelou a Sra. Figg sem pestanejar, como se tivesse decorado o que estava dizendo –, então ouvi uma perturbação na travessa entre o largo das Magnólias e a alameda das Glicínias. Quando me aproximei da entrada da travessa, vi dementadores correndo...

– Correndo? – perguntou Madame Bones rispidamente. – Dementadores não correm, deslizam.

– Foi isso que quis dizer – corrigiu a Sra. Figg rapidamente, manchas rosadas surgindo em suas bochechas murchas. – Deslizando pela travessa em direção ao que me pareceram dois garotos.

– Que aparência tinham? – perguntou Madame Bones, apertando os olhos de modo que o contorno do monóculo desapareceu sob sua carne.

– Bem, um era bem grande e o outro um tanto magricela.

– Não, não – disse Madame Bones impaciente. – Os dementadores. Descreva-os.

– Ah – disse a Sra. Figg, o rubor subindo-lhe agora pelo pescoço. – Eram grandes. Grandes e usavam capas.
Harry sentiu um afundamento horrível no estômago. O que quer que a Sra. Figg pudesse dizer, passava a ele a impressão de que o máximo que ela vira fora um desenho de um dementador, e um desenho não era suficiente para transmitir a verdade sobre esses seres: o modo fantasmagórico com que se deslocavam, flutuando alguns centímetros acima do chão; ou o cheiro de podridão que exalavam; ou aquele horrível som de matraca que faziam quando sugavam o ar à sua volta...
Na segunda fila, um bruxo atarracado, com um bigodão preto, aproximou-se para cochichar ao ouvido de sua vizinha, uma bruxa de cabelos muito crespos. Ela riu e concordou com a cabeça.
– Grandes e usavam capas – repetiu Madame Bones tranquilamente, enquanto Fudge dava uma risadinha desdenhosa. – Entendo. Mais alguma coisa?
– Sim, senhora – disse a Sra. Figg. – Senti a presença deles. Tudo ficou frio e era uma noite bem quente de verão, veja bem. E senti... como se toda a felicidade tivesse desaparecido do mundo... e me lembrei... de coisas medonhas...
A voz da bruxa tremeu e emudeceu.
Os olhos de Madame Bones se arregalaram ligeiramente. Harry viu as marcas vermelhas sob a sobrancelha, onde o monóculo comprimira seu rosto.
– Que foi que os dementadores fizeram? – perguntou Madame Bones, e Harry sentiu uma infusão de esperança.
– Eles avançaram sobre os garotos – disse a Sra. Figg, a voz mais forte e confiante agora, o rubor se esvaindo do rosto. – Um deles caíra. O outro estava recuando, tentando repelir o dementador. Era Harry. Por duas vezes, ele tentou, mas só produziu um vaporzinho prateado. Na terceira tentativa, produziu um Patrono, que investiu contra o primeiro dementador e depois, encorajado por ele, afugentou o segundo de cima do primo. E isso... isso foi o que aconteceu – encerrou a Sra. Figg, de forma pouco conclusiva.
A Sra. Bones mirou a Sra. Figg em silêncio. Fudge não olhava para ela agora, mexia nos seus documentos. Finalmente, ergueu a cabeça e disse, um tanto agressivamente:
– Foi isso que a senhora viu?
– Foi isso que aconteceu – repetiu a Sra. Figg.
– Muito bem – disse Fudge. – Pode se retirar.
A Sra. Figg lançou um olhar medroso de Fudge para Dumbledore, depois se levantou e saiu arrastando as pantufas. Harry ouviu a porta fechar depois que a bruxa passou.

– Não foi uma testemunha muito convincente – disse Fudge com altivez.
– Ah, não sei – disse a Sra. Bones com sua voz de trovão. – Ela certamente descreveu os efeitos de um ataque de dementadores com muita precisão. E não posso imaginar por que diria que eles estiveram lá se não tivessem estado.
– Dementadores perambulando por um subúrbio de trouxas simplesmente encontram um bruxo *por acaso*? – caçoou Fudge. – As probabilidades disto acontecer devem ser muito, muito remotas. Nem mesmo Bagman teria apostado...
– Ah, não acho que algum de nós acredite que os dementadores estiveram lá por coincidência – disse Dumbledore em um tom de voz leve.
A bruxa sentada à direita de Fudge, com o rosto na sombra, mexeu-se ligeiramente, mas os demais ficaram muito quietos e silenciosos.
– E que é que você quer dizer com isso? – perguntou Fudge com a voz gélida.
– Quero dizer que foram mandados até lá – disse Dumbledore.
– Creio que teríamos um registro se alguém tivesse mandado dois dementadores passearem em Little Whinging! – vociferou Fudge.
– Não, se ultimamente os dementadores andarem recebendo ordens de alguém que não o ministro da Magia – disse Dumbledore calmamente. – Já lhe dei a minha opinião sobre este assunto, Cornélio.
– Já deu, sim – disse Fudge a contragosto –, e não tenho razão alguma para acreditar que sua opinião valha alguma coisa, Dumbledore. Os dementadores permanecem em seus postos em Azkaban e estão fazendo tudo que os mandamos fazer.
– Então – respondeu Dumbledore, em voz baixa, mas muito clara –, precisamos indagar por que alguém no Ministério teria mandado dois dementadores àquela travessa no dia dois de agosto.
No silêncio absoluto que recebeu suas palavras, a bruxa à direita de Fudge se inclinou para a frente de modo que Harry a viu pela primeira vez.
Achou-a igualzinha a um grande sapo claro. Era baixa e gorda, tinha uma cara larga e flácida, o pescoço era quase tão inexistente quanto o do tio Válter e a boca, frouxa. Os olhos eram enormes, redondos e ligeiramente saltados. Até mesmo o lacinho de veludo preto encarrapitado no alto de seus cabelos curtos e crespos fez o garoto imaginar um moscão que ela estivesse prestes a apanhar com sua língua comprida e pegajosa.
– O presidente reconhece Dolores Joana Umbridge, subsecretária sênior do ministro – disse Fudge.
A bruxa falou numa voz aguda, aflautada e infantil, que espantou Harry; esperara que ela coaxasse.
– Tenho certeza de que devo ter compreendido mal o que o senhor disse, Prof.

Dumbledore – começou ela com um sorriso afetado que deixou frios os seus olhos enormes e redondos. – Que tolice a minha. Mas me pareceu por um átimo que o senhor estava sugerindo que o ministro da Magia tivesse ordenado o ataque contra esse garoto!

Ela deu uma risada argentina que fez os pelos na nuca de Harry ficarem em pé. Alguns membros da corte acompanharam a risada da bruxa. Não poderia ter ficado mais claro que a maioria não achou a menor graça.

– Se for verdade que os dementadores estão recebendo ordens somente do ministro da Magia, e igualmente verdade que dois dementadores atacaram Harry e seu primo há uma semana, então seria lógico concluir que alguém no Ministério pode ter ordenado os ataques – disse Dumbledore polidamente. – É claro que esses dementadores em particular poderiam estar fora do controle do Ministério.

– Não há dementadores fora do controle do Ministério! – retrucou Fudge rispidamente, ficando cor de tomate.

Dumbledore fez uma pequena reverência com a cabeça.

– Então o ministro certamente irá mandar instaurar um inquérito para determinar por que dois dementadores estavam tão longe de Azkaban e por que atacaram sem autorização.

– Não cabe a você decidir o que o Ministério da Magia faz ou deixa de fazer, Dumbledore! – retrucou Fudge, agora exibindo no rosto um tom de magenta que teria sido o orgulho do tio Válter.

– Claro que não – disse Dumbledore suavemente. – Eu estava apenas expressando a minha confiança de que este assunto não deixará de ser investigado.

E olhou para Madame Bones, que reajustou o monóculo e o encarou, franzindo ligeiramente a testa.

– Eu gostaria de lembrar a todos que o comportamento desses dementadores, se não foram realmente imaginados por este garoto, não são o tema desta audiência! – disse Fudge. – Estamos reunidos aqui para examinar as violações ao Decreto de Restrição à Prática de Magia por Menores cometidas por Harry Potter!

– Naturalmente que estamos – disse Dumbledore –, mas a presença de dementadores naquela travessa é muito relevante. A Cláusula Sete do decreto prevê que a magia pode ser usada diante de trouxas em circunstâncias excepcionais, e, na medida em que essas circunstâncias excepcionais incluem situações que ameaçam a vida dos próprios bruxos ou de quaisquer outros bruxos ou trouxas presentes na ocasião em que...

– Conhecemos a Cláusula Sete, muito obrigado! – vociferou Fudge.

– Naturalmente que conhece – disse Dumbledore cortesmente. – Então concordamos que o fato de Harry ter usado o Feitiço do Patrono se enquadra precisamente nas circunstâncias especiais que a cláusula descreve?
– Se é que havia dementadores, o que duvido.
– Você ouviu a testemunha ocular – interrompeu Dumbledore. – Se ainda duvida da veracidade do depoimento dela, torne a chamá-la, torne a interrogá-la, tenho certeza de que ela não faria objeção.
– Eu... isso... não... – atrapalhou-se Fudge, mexendo nos documentos à sua frente. – É que... quero terminar com isso hoje, Dumbledore!
– Mas naturalmente você não se importaria de ouvir muitas vezes um depoimento, se a alternativa fosse tomar uma decisão injusta – ponderou Dumbledore.
– Decisão injusta, uma ova! – disse Fudge aos berros. – Você algum dia se deu ao trabalho de contar o número de histórias fantasiosas que esse garoto inventa, Dumbledore, quando tenta encobrir seu flagrante mau uso da magia fora da escola? Suponho que tenha esquecido o Feitiço da Levitação que ele usou há três anos...
– Não fui eu, foi um elfo doméstico! – disse Harry.
– ESTÁ VENDO? – rugiu Fudge, fazendo um gesto largo em direção a Harry. – Um elfo doméstico! Numa casa de trouxas! Francamente.
– O elfo doméstico em questão está presentemente no serviço da Escola de Hogwarts – disse Dumbledore. – Posso convocá-lo aqui instantaneamente para depor, se você quiser.
– Eu... não... eu não tenho tempo para ouvir elfos domésticos! Em todo o caso, esta não foi a única... ele transformou a tia em um balão de gás, ora tenha paciência! – Fudge berrava, socando a mesa do juiz e virando um tinteiro.
– E você bondosamente não fez acusações naquela ocasião, aceitando, suponho, que mesmo os melhores bruxos nem sempre podem controlar as emoções – disse Dumbledore calmamente, enquanto Fudge tentava limpar a tinta de suas anotações.
– E nem ao menos comecei a falar do que ele apronta na escola.
– Mas como o Ministério não tem autoridade para punir os alunos de Hogwarts por faltas cometidas na escola, o comportamento de Harry naquela instituição não é relevante para esta audiência – disse Dumbledore, educadamente como sempre, mas agora com um toque de frieza em suas palavras.
– Oh-ho! – exclamou Fudge. – Não é de nossa competência o que ele faz na escola, eh? É o que você pensa.
– O Ministério não tem o poder de expulsar alunos de Hogwarts, Cornélio,

como lembrei a você na noite de dois de agosto – disse Dumbledore. – Tampouco tem o direito de confiscar varinhas até que as acusações tenham sido comprovadas; tal como lembrei a você na mesma noite. Na sua admirável pressa de garantir o respeito à lei, você parece, inadvertidamente tenho certeza, ter esquecido algumas leis.

– As leis podem ser mudadas – respondeu Fudge com ferocidade.

– Claro que podem – disse Dumbledore, inclinando a cabeça. – E, sem dúvida, parece que você está fazendo muitas mudanças, Cornélio. Porque, nas poucas semanas desde que fui convidado a deixar a Suprema Corte dos Bruxos, já se tornou normal promover um julgamento criminal para tratar de um simples caso de magia praticada por menor!

Alguns bruxos sentados mais para o alto se mexeram em seus lugares, manifestando desconforto. Fudge assumiu um tom ligeiramente mais intenso de marrom-arroxeado. A bruxa que parecia uma sapa à sua direita, no entanto, apenas olhou para Dumbledore, seu rosto vazio de expressão.

– Até onde sei – continuou Dumbledore –, ainda não está em vigor lei alguma definindo que a tarefa desta corte é punir Harry a cada ato de magia que ele já realiza. Ele foi acusado de uma violação específica e apresentou sua defesa. Tudo o que ele e eu podemos fazer agora é aguardar o seu veredicto.

Dumbledore tornou a juntar as pontas dos dedos e se calou. Fudge encarou-o com um olhar penetrante obviamente exasperado. Harry olhou de esguelha para Dumbledore, procurando reafirmação; não tinha muita certeza se o seu diretor fizera bem em dizer à corte que já estava na hora de seus membros tomarem uma decisão. Mais uma vez, porém, Dumbledore pareceu não perceber a tentativa de Harry de chamar a sua atenção. Continuou virado para os bancos acima, onde todos os membros da corte se ocupavam em urgentes consultas em voz baixa.

Harry ficou admirando os próprios pés. Seu coração, que parecia ter inchado desmedidamente, batia com força sob as costelas. Esperara que a audiência fosse demorar mais do que aquilo. Não estava nem um pouco seguro de que tivesse causado uma boa impressão. Não dissera realmente muita coisa. Devia ter detalhado melhor a questão dos dementadores, como ele caíra, como ele e Duda quase tinham sido beijados...

Duas vezes ele olhou para Fudge e abriu a boca para falar, mas seu coração inchado agora comprimia as passagens de ar e, nas duas vezes, ele apenas inspirou profundamente e voltou a admirar os sapatos.

Então os murmúrios cessaram. Harry queria olhar para os juízes lá no alto, mas descobriu que era, realmente, muito, mas muito mais fácil continuar a estudar os cordões dos seus sapatos.

– Os que são a favor de inocentar o acusado de todas as imputações? – soou a

voz trovejante de Madame Bones.

Harry ergueu a cabeça com um movimento rápido. Havia mãos erguidas, muitas... mais da metade! Respirando muito rápido, ele tentou contar, mas antes que conseguisse terminar, Madame Bones já dizia:

– E os que são a favor da condenação?

Fudge ergueu a mão; o mesmo fizeram meia dúzia de bruxos, inclusive o bruxo bigodudo, a bruxa à sua direita e a outra de cabelos muito crespos na segunda fila.

Fudge correu os olhos pela corte, com cara de que tinha alguma coisa entalada na garganta, então baixou a mão. Inspirou duas vezes profundamente e disse, com a voz distorcida pela raiva reprimida:

– Muito bem, muito bem... inocente de todas as imputações.

– Excelente – disse Dumbledore com energia, pondo-se de pé, tirando a varinha e fazendo as duas poltronas de chintz desaparecerem. – Bom, tenho de ir andando. Bom-dia para todos.

E sem olhar nem uma vez para Harry, ele se retirou com rapidez e imponência da masmorra.

— CAPÍTULO NOVE —
As tribulações da Sra. Weasley

A inesperada partida de Dumbledore pegou Harry completamente de surpresa. O garoto continuou sentado na cadeira equipada com correntes, debatendo-se com os seus sentimentos, que mesclavam choque e alívio. Os juízes foram se levantando, conversando entre si, recolhendo seus documentos e guardando-os. Harry ficou em pé. Ninguém parecia estar lhe prestando a mínima atenção, a não ser a bruxa bufonídea à direita de Fudge, que agora passara a contemplá-lo em vez de a Dumbledore. Sem lhe fazer caso, o garoto tentou chamar a atenção de Fudge ou de Madame Bones, querendo perguntar se estava dispensado, mas Fudge parecia muito decidido a não ligar para Harry, e Madame Bones estava ocupada com sua maleta, então ele deu alguns passos hesitantes em direção à saída e, ao ver que ninguém o mandava voltar, começou a andar bem depressa.

Deu os últimos passos quase correndo, abriu a porta com violência e quase colidiu com o Sr. Weasley, que estava parado ali, com o rosto pálido e apreensivo.

– Dumbledore não disse...

– Inocente – disse Harry puxando a porta atrás de si –, de todas as acusações!

Abrindo um largo sorriso, o Sr. Weasley agarrou-o pelos ombros.

– Harry, é maravilhoso! Bom, é claro que eles não poderiam ter considerado você culpado, não com as provas que tinham, mas, mesmo assim, não posso fingir que não me senti...

Mas o Sr. Weasley parou de falar, porque a porta do tribunal se abriu. Os juízes começaram a sair.

– Pelas barbas de Merlim! – exclamou, admirado, puxando Harry de lado para deixar os juízes passarem. – Você foi julgado por um tribunal completo?

– Acho que sim – disse Harry em voz baixa.

Um ou dois bruxos cumprimentaram Harry, com a cabeça, ao passar e alguns,

inclusive Madame Bones, disseram “Bom-dia, Arthur”, mas a maioria desviou o olhar. Cornélio Fudge e a bruxa bufonídea foram quase os últimos a deixar a masmorra. Fudge agiu como se o Sr. Weasley e Harry fizessem parte da parede, mas outra vez a bruxa, ao passar, encarou o garoto quase como se o avaliasse. O último a sair foi Percy. A exemplo de Fudge, ele ignorou completamente o pai e Harry; passou direto, sobraçando um grande rolo de pergaminho e um punhado de penas sobressalentes, as costas empertigadas e o nariz empinado. As linhas ao redor da boca do Sr. Weasley se contraíram ligeiramente, mas ele não deu nenhuma outra mostra de ter visto seu terceiro filho.

– Vou levá-lo direto para casa, assim, você pode contar aos outros as boas notícias – disse ele, fazendo sinal a Harry para prosseguirem no momento em que os calcanhares de Percy desapareceram na escada para o nível nove. – Vou acompanhá-lo, a caminho daquele banheiro público em Bethnal Green. Vamos...

– Então, que é que o senhor vai ter de fazer com relação àquele banheiro? – perguntou Harry, sorrindo. De repente tudo lhe parecia cinco vezes mais engraçado do que o normal. Começava a penetrar na sua cabeça a ideia de que fora inocentado, *ia voltar a Hogwarts*.

– Ah, é um antifeitiço bastante simples – disse o Sr. Weasley ao subirem as escadas –, mas não é tanto o problema de consertar o estrago, é mais a atitude que está por trás desse vandalismo. Alguns bruxos podem achar engraçado armar arapucas para trouxas, mas isso é uma manifestação de algo mais profundo e perverso, e na minha opinião...

O bruxo não continuou a frase. Tinham acabado de chegar ao corredor do nível nove, e Cornélio Fudge estava parado a uma pequena distância, conversando em voz baixa com um homem alto de cabelos louros e lisos, e um rosto pontudo e pálido.

O segundo homem se virou ao som dos passos dos recém-chegados. Também interrompeu o que ia dizendo, seus frios olhos cinzentos se estreitaram e se fixaram no rosto de Harry.

– Ora, ora, ora... o Potter Patrono – exclamou Lúcio Malfoy com frieza.

Harry se sentiu sem fôlego, como se tivesse acabado de penetrar em uma coisa sólida. A última vez que vira aqueles olhos cinzentos e frios fora pelas fendas do capuz de um Comensal da Morte, e a última vez que ouvira a voz daquele homem ele fazia caçoadas em um cemitério escuro enquanto Lorde Voldemort o torturava. Harry não conseguia acreditar que Lúcio Malfoy tivesse coragem de encará-lo; não conseguia acreditar que estivesse ali no Ministério da Magia, ou que Cornélio Fudge estivesse conversando com ele, pois Harry contara ao ministro havia poucas semanas que Malfoy era um Comensal da Morte.

– O ministro estava justamente me contando a sorte que você teve, Potter –

disse o Sr. Malfoy com sua voz arrastada. – É surpreendente como você consegue se livrar de apertos tão extremos... na verdade, parece até um *ofídio*.

O Sr. Weasley apertou o ombro de Harry, alertando-o.

– É – disse Harry –, sou bom em fugas.

Lúcio Malfoy ergueu os olhos para o rosto do Sr. Weasley.

– E Arthur Weasley também! Que é que você está fazendo aqui, Arthur?

– Trabalho aqui – respondeu ele secamente.

– Não *aqui*, com certeza? – admirou-se o Sr. Malfoy, erguendo as sobrancelhas e olhando em direção à porta, por cima do ombro do Sr. Weasley. – Pensei que sua sala fosse no segundo andar... você não faz alguma coisa que envolve furtar artefatos de trouxas e enfeitiçá-los?

– Não – retorquiu o Sr. Weasley, os dedos agora furando o ombro de Harry.

– Mas o que é que *o senhor* está fazendo aqui, afinal? – perguntou Harry a Lúcio Malfoy.

– Acho que os meus assuntos particulares com o ministro não são da sua conta, Potter – disse Malfoy alisando a frente das vestes. Harry ouviu distintamente o tilintar suave como o de um bolso cheio de ouro. – Francamente, só porque você é o garoto favorito de Dumbledore, não deve esperar a mesma indulgência dos demais... vamos à sua sala, então, ministro?

– Certamente – respondeu Fudge, dando as costas para Harry e o Sr. Weasley. – Por aqui, Lúcio.

Eles se afastaram juntos, falando em voz baixa. O Sr. Weasley não soltou o ombro de Harry até que os bruxos tivessem entrado no elevador.

– Por que é que ele não estava esperando à porta do escritório de Fudge, se tinham negócios a resolver? – explodiu Harry furioso. – Que é que ele estava fazendo aqui embaixo?

– Tentando entrar no tribunal sem ser visto, se quer minha opinião – respondeu o Sr. Weasley, parecendo extremamente agitado e espiando por cima do ombro como se quisesse se certificar de que ninguém o ouvia. – Tentando descobrir se você tinha ou não sido expulso. Vou deixar um bilhete para Dumbledore quando passarmos em casa; ele precisa saber que Malfoy esteve conversando com Fudge outra vez.

– Que negócios particulares eles podem ter a tratar?

– Ouro, imagino – respondeu o Sr. Weasley, zangado. – Malfoy há anos faz doações generosas para todo tipo de coisa... ajuda-o a travar amizade com as pessoas certas... depois pode pedir favores... atrasar leis que não quer que sejam aprovadas... ah, ele é muito bem relacionado, esse Lúcio Malfoy.

O elevador chegou; estava vazio, exceto por um bando de memorandos que esvoaçaram em volta da cabeça do Sr. Weasley quando ele apertou o botão para

o Átrio e as portas se fecharam. Afastou-os, irritado.
– Sr. Weasley – disse Harry lentamente –, se Fudge está se encontrando com Comensais da Morte como Malfoy, se está conversando com eles a sós, como vamos saber se não lançaram a Maldição Imperius sobre o ministro?
– Não pense que isso não tenha nos ocorrido, Harry – disse o Sr. Weasley em voz baixa. – Mas Dumbledore acha que, no momento, Fudge está agindo por conta própria, o que, como diz Dumbledore, não é muito consolo. É melhor não falarmos mais nisso, por enquanto.
As portas se abriram e eles desembarcaram no Átrio quase deserto. Érico, o bruxo-segurança, estava outra vez escondido atrás do *Profeta Diário*. Já haviam passado direto pela fonte de ouro quando Harry se lembrou.
– Espere... – pediu ao Sr. Weasley e, tirando a bolsa de dinheiro do bolso, voltou à fonte. Ergueu os olhos para o rosto bonito do bruxo, mas, assim de perto, Harry achou-o fraco e tolo. O sorriso da bruxa era insosso como o de uma candidata a miss, e, pelo que o garoto conhecia de duendes e centauros, era pouco provável que fossem surpreendidos olhando tão idiotamente para um ser humano. Somente a atitude de abjeto servilismo do elfo doméstico lhe pareceu convincente. Sorrindo, ao pensar no que Hermione diria se visse a estátua do elfo, Harry virou a bolsa de dinheiro de boca para baixo e despejou não apenas dez galeões, mas todo o seu conteúdo na fonte.

– Eu sabia! – berrou Rony, dando socos no ar. – Você sempre consegue se safar!
– Eles tinham de inocentar você – disse Hermione, que parecera que ia desmaiar de ansiedade quando Harry entrou na cozinha, e agora levava a mão trêmula aos olhos –, não tinham um caso contra você, nenhum.
– Mas vocês todos parecem bem aliviados, considerando que já sabiam que eu ia me livrar das acusações – disse Harry sorrindo.
A Sra. Weasley enxugou o rosto no avental, e Fred, Jorge e Gina executaram uma espécie de dança de guerra, cantando:
“*Ele conseguiu, ele conseguiu, ele conseguiu...*”
– Chega! Sosseguem! – gritou o Sr. Weasley, embora sorrisse. – Escute aqui, Sirius, Lúcio Malfoy estava no Ministério.
– Quê? – exclamou Sirius ríspido.
“*Ele conseguiu, ele conseguiu, ele conseguiu...*”
– Quietos, vocês três! Nós o vimos conversando com Fudge no nível nove, depois foram juntos para a sala de Fudge. Dumbledore precisa saber disso.
– Com certeza. Vamos contar a ele, não se preocupe.
– Bem, é melhor eu ir andando, tem um vaso sanitário vomitando em Bethnal Green à minha espera. Molly, vou chegar tarde, precisarei cobrir a ausência de

Tonks, mas o Quim talvez venha jantar...
“*Ele conseguiu, ele conseguiu, ele conseguiu...*”
– Agora chega... Fred... Jorge... Gina – disse a Sra. Weasley, quando o marido deixou a cozinha. – Harry, querido, venha se sentar, almoce alguma coisa, você quase não comeu no café da manhã.
Rony e Hermione se sentaram à frente do amigo, parecendo mais felizes do que nos dias que sucederam à chegada dele ao largo Grimmauld, e o alívio eufórico que Harry sentira, um pouco afetado pelo encontro com Lúcio Malfoy, tornou a crescer. A casa sombria parecia de repente mais calorosa e mais hospitaleira; até Monstro pareceu menos feio quando meteu seu nariz trombudo na cozinha para investigar a razão de todo aquele barulho.
– É claro que uma vez que Dumbledore apareceu em sua defesa, não havia jeito de condenarem você – disse Rony, feliz, agora servindo enormes colheradas de purê de batatas nos pratos de todos.
– É, ele virou a corte a meu favor – disse Harry. Achou, porém, que ia parecer muita ingratidão, para não dizer infantilidade, comentar: “Mas eu gostaria que ele tivesse falado comigo. Ou pelo menos *olhado* para mim.”
Ao pensar nisso, sua cicatriz ardeu com tanta intensidade que ele levou depressa a mão à testa.
– Que foi? – perguntou Hermione, assustada.
– Cicatriz – murmurou Harry. – Mas não é nada... acontece o tempo todo agora...
Nenhum dos outros reparara em nada; todos agora se serviam e se regozijavam que Harry tivesse escapado por um triz; Fred, Jorge e Gina ainda cantavam, Hermione demonstrava uma certa ansiedade, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Rony falou alegremente:
– Aposto como Dumbledore vai aparecer hoje à noite para festejar com a gente, sabe?
– Não acho que ele vá poder, Rony – disse a Sra. Weasley, pousando uma enorme travessa de galinha assada à frente de Harry. – Ele está realmente muito ocupado no momento.
“*ELE CONSEGUIU, ELE CONSEGUIU, ELE CONSEGUIU...*”
– CALEM A BOCA! – berrou a Sra. Weasley.

Nos dias que se seguiram Harry não pôde deixar de reparar que havia uma pessoa no largo Grimmauld, número doze, que não parecia muito feliz com a sua volta a Hogwarts. Sirius encenara uma grande demonstração de felicidade logo que recebeu a notícia, apertou a mão de Harry e deu grandes sorrisos como todos os outros. Mas, não demorou muito, foi ficando mais triste e mais carrancudo do

que antes, falando menos com as pessoas, até mesmo com Harry, e passando cada vez mais tempo trancado no quarto da mãe, com Bicuço.

– Pare de se sentir culpado! – disse Hermione com severidade, depois que Harry desabafou seus sentimentos com ela e Rony, enquanto faxinavam um armário mofado no terceiro andar, alguns dias mais tarde. – O seu lugar é em Hogwarts, e Sirius sabe disso. Na minha opinião, ele está sendo egoísta.

– Você está sendo um pouco dura, Hermione – disse Rony, franzindo a testa enquanto tentava retirar um pouco do mofo agarrado em seu dedo –, *você* não gostaria de ficar presa nesta casa sem ter companhia.

– Ele vai ter muita companhia! – disse Hermione. – Aqui é a sede da Ordem da Fênix, não é? Ele é que andou alimentando esperanças de que Harry viesse morar aqui.

– Não acho que seja verdade – disse Harry, torcendo o pano de limpeza. – Ele não quis me dar uma resposta direta quando perguntei se podia.

– Ele não queria era aumentar ainda mais as esperanças dele – respondeu Hermione sensatamente. – E é provável que se sentisse um pouco culpado, porque acho que em parte estava realmente desejando que você fosse expulso. Então os dois seriam marginalizados juntos.

– Ah, para com isso! – exclamaram Harry e Rony ao mesmo tempo, mas Hermione meramente encolheu os ombros.

– Como quiserem. Mas às vezes acho que a mãe de Rony está certa, e Sirius se confunde, sem saber se você é você mesmo ou seu pai, Harry.

– Então você acha que ele está meio biruta? – indagou Harry, inflamado.

– Não, só acho que passou muito tempo sozinho – respondeu Hermione com simplicidade.

Neste ponto da conversa, a Sra. Weasley entrou no quarto por trás dos meninos.

– Ainda não acabaram? – perguntou, metendo a cabeça no armário.

– Pensei que a senhora estivesse aqui para mandar a gente fazer uma pausa! – disse Rony com amargura. – Sabe quanto mofo nós limpamos desde que chegamos aqui?

– Vocês estavam tão dispostos a ajudar a Ordem – respondeu a Sra. Weasley –, que tal fazerem a sua parte, deixando a sede decente para podermos viver nela?

– Estou me sentindo um elfo doméstico – resmungou Rony.

– Bem, agora que você conhece a vida horrível que eles levam, quem sabe vai querer participar mais ativamente do FALE! – disse Hermione esperançosa, quando a Sra. Weasley saiu e os deixou continuar. – Sabe, talvez não fosse má ideia mostrar às pessoas o horror que é viver limpando as coisas, poderíamos promover o patrocínio de uma faxina da sala comunal da Grifinória, em que toda

a renda revertesse para o FALE; isso ampliaria a consciência e os fundos do movimento.

– Vou patrocinar é o seu silêncio a respeito do FALE – resmungou Rony irritado, mas somente Harry pôde ouvi-lo.

Harry viu-se devaneando cada vez mais sobre Hogwarts à medida que o fim das férias se aproximava; mal podia esperar para rever Hagrid, jogar quadribol e até andar pelas hortas a caminho da estufa de Herbologia; já seria uma festa e tanto deixar essa casa poeirenta e mofada, onde metade dos armários continuava trancada e Monstro chiava desaforos, escondido nas sombras quando alguém passava, embora Harry tivesse o cuidado de não comentar nada disso onde Sirius pudesse ouvi-lo.

O fato era que morar na sede do movimento anti-Voldemort não era nem de longe interessante ou excitante como Harry teria esperado que fosse antes de experimentar. Embora os membros da Ordem entrassem e saíssem regularmente, por vezes ficassem para comer, e outras vezes gastassem apenas uns minutinhos conversando aos cochichos, a Sra. Weasley tomava providências para que Harry e os outros estivessem bem longe para não ouvir (fosse com os ouvidos desarmados, fosse armados com as Orelhas Extensíveis) e ninguém, nem mesmo Sirius, parecia achar que Harry precisasse saber nada além do que já ouvira na noite da chegada.

No último dia de férias, Harry estava retirando a titica de Edwiges do topo do armário quando Rony entrou no quarto trazendo uns envelopes.

– Chegaram as listas de material – anunciou, atirando um dos envelopes para Harry, que estava em cima de uma cadeira.

– Já não era sem tempo, pensei que tivessem esquecido, em geral mandam as listas muito mais cedo...

Harry varreu a última titica para dentro de um saco de lixo e atirou-o, por cima da cabeça de Rony, na lixeira a um canto, que o engoliu e soltou um sonoro arroto. Abriu então sua carta. Continha duas folhas de pergaminho: uma era o aviso habitual de que o trimestre começaria em primeiro de setembro; a outra listava os livros de que iria precisar durante o ano letivo.

– Somente dois livros novos – comentou ele passando os olhos na lista. – *O livro padrão de feitiços*, 5ª. série, de Miranda Goshawk, e *Teoria da defesa* em magia, de Wilberto Slinkhard.

Craque.

Fred e Jorge aparataram bem ao seu lado. O garoto agora já estava tão acostumado com esse hábito dos gêmeos que nem ao menos caiu da cadeira.

– Estávamos justamente imaginando quem teria escolhido o livro de Slinkhard

– disse Fred em tom de conversa.
– Porque isto significa que Dumbledore arranjou um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas – disse Jorge.
– E já não era sem tempo – comentou Fred.
– Como assim? – perguntou Harry, saltando da cadeira para o lado deles.
– Bom, ouvimos, com as Orelhas, mamãe e papai conversando há umas semanas – explicou Fred a Harry –, e, pelo que diziam, Dumbledore estava tendo muita dificuldade de encontrar alguém para o cargo este ano.
– O que não é nenhuma surpresa, quando a gente se lembra do que aconteceu com os últimos quatro – disse Jorge.
– Um foi despedido, um morreu, um teve a memória apagada e um passou nove meses trancado em um malão – disse Harry, contando nos dedos. – É, dá para entender o que você quer dizer.
– Que é que há com você, Rony? – indagou Fred.
Rony não respondeu. Harry virou a cabeça. Seu amigo estava muito quieto, com a boca meio aberta, olhando para a carta de Hogwarts.
– Qual é o problema? – perguntou Fred impaciente, dando a volta para espiar o pergaminho por cima do ombro do irmão.
A boca de Fred escancarou-se também.
– Monitor?! – exclamou, olhando incrédulo para a carta. – *Monitor?*
Jorge deu um pulo à frente, puxou a carta da mão de Rony e virou-a de cabeça para baixo. Harry viu uma coisa vermelha e dourada cair na palma da mão de Jorge.
– Nem pensar – disse Jorge em voz baixa.
– Houve um engano – disse Fred, arrebatando a carta da mão de Rony e segurando-a contra a luz, como se procurasse a marca-d’água. – Ninguém com o juízo perfeito nomearia Rony monitor.
As cabeças dos gêmeos se viraram ao mesmo tempo, e juntos encararam Harry.
– Achamos que só poderia ser você! – disse Fred num tom que sugeria que Harry os havia enganado.
– Achamos que Dumbledore *teria* de escolher você! – exclamou Jorge indignado.
– Depois de vencer o Tribruxo e tudo o mais – disse Fred.
– Suponho que toda essa história de loucura deve ter contado pontos contra ele – comentou Jorge para Fred.
– É – concordou Fred lentamente. – É, você criou muita confusão, cara. Bem, pelo menos um de vocês entendeu as prioridades deles corretamente.
E, aproximando-se de Harry, deu-lhe uma palmada nas costas, ao mesmo

tempo que lançava a Rony um olhar fulminante.
– *Monitor*... Roniquinho, o Monitor.
– Ah, mamãe vai dar náuseas – gemeu Jorge, atirando o distintivo de volta a Rony como se quisesse evitar contaminação.
Rony, que ainda não dissera uma palavra, apanhou o distintivo, contemplou-o por um momento, então estendeu-o, calado, para Harry, como se pedisse uma confirmação de que era autêntico. Harry o recebeu. Havia um grande “M” sobreposto ao leão de Grifinória. Vira um distintivo exatamente igual no peito de Percy em seu primeiro dia de Hogwarts.
A porta se abriu com estrondo. Hermione entrou correndo no quarto, as bochechas vermelhas e os cabelos esvoaçando. Trazia um envelope na mão.
– Você... você recebeu...?
Ela viu o distintivo na mão de Harry e soltou um grito agudo.
– Eu sabia! – exclamou, excitada, brandindo a carta na mão. – Eu também, Harry, eu também!
– Não – apressou-se Harry a dizer, devolvendo o distintivo a Rony. – Foi o Rony e não eu.
– É... o quê?
– Rony é o monitor e não eu – explicou Harry.
– *Rony?* – admirou-se Hermione, de queixo caído. – Mas... você tem certeza? Quero dizer...
A garota ficou muito vermelha quando Rony se virou para ela com uma expressão de desafio no rosto.
– É o meu nome que está na carta.
– Eu... – começou Hermione totalmente perplexa. – Eu... bem... uau! Parabéns, Rony. É realmente...
– Inesperado – concluiu Jorge, confirmando com a cabeça.
– Não – disse Hermione, ficando mais vermelha que nunca –, não, não é que... Rony fez montes de... ele realmente...
A porta às costas dos garotos se abriu um pouco mais e a Sra. Weasley entrou de marcha a ré no quarto, trazendo uma pilha de vestes recém-lavadas.
– Gina me disse que as listas de material afinal chegaram – disse ela, vendo todos aqueles envelopes ao se dirigir à cama onde começou a separar as vestes em duas pilhas. – Se vocês me entregarem as listas, irei até o Beco Diagonal hoje à tarde e comprarei tudo, enquanto vocês fazem as malas. Rony, terei de comprar mais pijamas para você, estes estão no mínimo quinze centímetros mais curtos do que deveriam. Não consigo acreditar como você está crescendo tão depressa... que cor você gostaria?
– Compre vermelho e dourado para combinar com o distintivo – disse Jorge,

rindo.
– Combinar com o quê? – perguntou a Sra. Weasley, distraída, enrolando um par de meias castanho-avermelhadas e depositando-as na pilha de Rony.
– O *distintivo* dele – repetiu Fred, com ar de quem quer acabar depressa com a pior parte. – O novo, belo e reluzente *distinti vo de monitor*dele.
A preocupação com os pijamas impediu que a Sra. Weasley entendesse imediatamente as palavras de Fred.
– Dele... mas... Rony, você não é...?
Rony mostrou o distintivo.
A Sra. Weasley soltou um grito agudo igual ao de Hermione.
– Eu não acredito! Eu não acredito! Ah, Rony, que maravilha! Monitor! Como todos na família!
– Que é que Fred e eu somos, filhos do vizinho? – perguntou Jorge indignado, enquanto a mãe o empurrava para o lado e abria os braços para apertar o filho mais novo.
– Espere só até o seu pai saber! Rony, estou tão orgulhosa de você, que notícia maravilhosa, você pode acabar monitor-chefe como Gui e Percy, esse é o primeiro passo. Ah, que coisa para acontecer no meio de toda essa preocupação, estou encantada, ah, *Roninho*...
Fred e Jorge estavam fingindo grandes ânsias de vômito às costas da mãe, mas a Sra. Weasley nem reparou: os braços apertados em torno do pescoço de Rony, ela o beijava por todo o rosto, que se tornara vermelho mais intenso do que o distintivo.
– Mamãe... não... mamãe, se controla... – murmurava ele, tentando afastá-la.
Ela o soltou, e disse ofegante:
– Bom, então o que vai ser? Demos a Percy uma coruja, mas naturalmente você já tem uma.
– Q-que é que você quer dizer? – perguntou o garoto, com cara de quem não ousa acreditar no que está ouvindo.
– Você tem de ganhar uma recompensa por isso! – disse a Sra. Weasley carinhosamente. – Que tal um belo conjunto de vestes a rigor?
– Já compramos isso para ele – disse Fred com amargura, parecendo sinceramente arrependido de sua generosidade.
– Ou um caldeirão novo, o velho caldeirão de Carlinhos está todo enferrujado, ou um rato novo, você sempre gostou do Perebas...
– Mamãe – pediu Rony esperançoso –, posso ganhar uma vassoura nova?
A Sra. Weasley pareceu ligeiramente desapontada; vassouras eram caras.
– Não precisa ser uma realmente boa! – Rony se apressou a acrescentar. – Só... só nova para variar...

A Sra. Weasley hesitou, em seguida sorriu.
– *Claro* que pode... bem, então é melhor eu ir andando se tenho de comprar uma vassoura também. Vejo vocês mais tarde... meu Roniquinho, monitor! E não se esqueça de fazer suas malas... monitor... ah, estou vibrando!
Ela deu mais um beijo na bochecha de Rony, fungou alto e saiu apressada do quarto.
Fred e Jorge se entreolharam.
– Você não se incomoda se a gente não beijar você, não é, Rony? – perguntou Fred, num tom de fingida ansiedade.
– Podemos fazer uma reverência, se você quiser – sugeriu Jorge.
– Ah, calem a boca – disse Rony, amarrando a cara para os irmãos.
– Se não? – disse Fred, com um sorriso maligno se espalhando pelo rosto. – Vai nos tascar uma detenção?
– Eu adoraria que ele tentasse – debochou Jorge.
– E ele pode, se vocês não se cuidarem! – disse Hermione aborrecida.
Os gêmeos caíram na gargalhada, e Rony murmurou:
– Deixa pra lá, Mione.
– Vamos ter de tomar cuidado com o que fizermos, Jorge – disse Fred, fingindo tremer –, com esses dois atrás da gente...
– É, parece que os nossos dias de desrespeito à lei finalmente terminaram – disse Jorge, sacudindo a cabeça.
E, com mais um barulhento *craque*, os gêmeos desaparataram.
– Esse dois – exclamou Hermione furiosa, olhando para o teto, pelo qual eles agora ouviam Fred e Jorge rir às gargalhadas no quarto de cima. – Não ligue para eles, Rony, só estão com ciúmes!
– Não acho que estejam – disse Rony em dúvida, olhando para o teto. – Eles sempre disseram que só babacas viram monitores... ainda assim – acrescentou mais alegre –, eles nunca tiveram vassouras novas! Eu gostaria de ir com mamãe escolher... ela nunca terá dinheiro para uma Nimbus, mas saiu uma Cleansweep que seria ótima... é, acho que vou dizer a ela que gostaria de ganhar uma Cleansweep, só para ela saber...
E saiu correndo do quarto, deixando Harry e Hermione sozinhos.
Por alguma razão, Harry achou que não queria olhar para a amiga. Virouse para sua cama, apanhou a pilha de vestes limpas que a Sra. Weasley tinha deixado ali e levou-as para o outro lado do quarto onde estava o seu malão.
– Harry? – chamou Hermione hesitante.
– Parabéns, Mione – disse ele, tão efusivamente que nem parecia sua voz, e ainda sem olhar –, genial. Monitora. Legal.
– Obrigada – disse a garota. – Hum... Harry... posso pedir a Edwiges

emprestada para mandar dizer à mamãe a ao papai? Eles vão ficar realmente satisfeitos... quero dizer, *monitor*

é uma coisa que eles conseguem entender.

– Pode, sem problema – respondeu, ainda com aquela horrível cordialidade na voz que não era sua. – Pode levar!

Harry se inclinou para o malão, depositou as vestes no fundo e fingiu estar procurando alguma coisa, enquanto Hermione ia até o armário e pedia a Edwiges para descer. Alguns minutos se passaram; Harry ouviu a porta fechar, mas continuou curvado, escutando; os únicos sons que ouvia eram os do retrato vazio na parede dando risadinhas e a cesta de lixo no canto regurgitando a titica de coruja.

Ele se endireitou e olhou para trás. Hermione saíra e levara com ela Edwiges. Harry voltou vagarosamente até sua cama e se largou nela, fixando o olhar, sem ver, na parte inferior do armário.

Esquecera completamente que os monitores eram escolhidos no quinto ano. Estivera demasiado ansioso com a possibilidade de ser expulso para sequer pensar que os distintivos deviam estar sendo enviados para certas pessoas. Mas se ele *tivesse* lembra do... *tivesse* pensado... que teria esperado?

Não isso, disse uma vozinha sincera dentro de sua cabeça.

Harry amarrou a cara e enterrou-a nas mãos. Não podia mentir para si mesmo; se tivesse sabido que o distintivo de monitor estava a caminho, teria esperado que viesse para ele e não para Rony. Será que isto o fazia tão arrogante quanto Draco Malfoy? Será que se achava superior a todos? Será que realmente acreditava que era *melhor* do que Rony?

Não, disse a vozinha desafiando-o.

– Seria verdade? – Harry se perguntou, sondando ansiosamente os próprios sentimentos.

Sou melhor em quadribol, disse a voz. *Mas não sou melhor em mais nada.*

O que decididamente era verdade, pensou Harry; não era melhor que Rony nas aulas. Mas e nas aulas externas? E naquelas aventuras que ele, Rony e Hermione viviam juntos desde que entraram para Hogwarts, muitas vezes correndo riscos maiores que a expulsão?

Bom, Rony e Hermione estiveram comigo na maior parte do tempo, disse a voz na cabeça de Harry.

Mas não o tempo todo, argumentou Harry. Eles não lutaram contra Quirrell. Eles não enfrentaram o Riddle nem o basilisco. Eles não se livraram dos dementadores na noite em que Sirius fugiu. Eles não estiveram no cemitério, na noite em que Voldemort voltou...

E o mesmo sentimento de estar sendo usado, que o invadira na noite em que

chegara, tornou a despertar. Decididamente eu fiz mais, pensou indignado. Fiz mais do que qualquer um deles!

Mas talvez, disse a vozinha com imparcialidade, *tal vez Dumbledore não escolha os monitores porque eles vivam se metendo em situações perigosas... talvez ele os escolha por outras razões... Rony deve ter alguma coisa que você não tem...*

Harry abriu os olhos e fixou, por entre os dedos, os pés de garra do armário, lembrando-se do que Fred dissera: “Ninguém com o juízo perfeito nomearia Rony monitor...”

Harry soltou uma risada abafada. Um segundo depois sentiu nojo de si mesmo.

Rony não pedira a Dumbledore para lhe dar o distintivo de monitor. Não era culpa de Rony. Será que ele, Harry, o melhor amigo de Rony no mundo, ia ficar emburrado porque não ganhara um distintivo, ia rir com os gêmeos às costas do amigo, estragar, para Rony, este momento em que, pela primeira vez, ele levava a melhor sobre Harry em alguma coisa?

Neste ponto, ele ouviu os passos de Rony subindo a escada. Ficou em pé, ajeitou os óculos e engrenou um sorriso quando Rony embarafustou pela porta.

– Apanhei-a bem em tempo! – disse feliz. – Ela disse que vai comprar a Cleansweep, se puder.

– Legal! – exclamou Harry, e sentiu alívio ao perceber que sua voz perdera a falsa cordialidade. – Escute aqui... Rony... parabéns, cara.

O sorriso desapareceu do rosto de Rony.

– Eu nunca pensei que seria eu! – disse, sacudindo a cabeça. – Pensei que seria você!

– Nah, eu criei muitos problemas – disse Harry, fazendo coro a Fred.

– É, é, suponho... bom, é melhor a gente fazer as malas, não acha?

Era estranho como os pertences dos dois pareciam ter-se espalhado desde que haviam chegado ali. Levaram quase a tarde inteira para reunir os livros e outras coisas largadas pela casa e guardá-las de volta nos malões de escola. Harry reparou que o amigo não parava de mexer no distintivo, primeiro colocou-o sobre a mesa de cabeceira, depois guardou-o no bolso da jeans, por fim tirou-o e ajeitou-o sobre as vestes dobradas, como se quisesse ver o efeito do vermelho sobre o negro. Somente quando Fred e Jorge apareceram e se ofereceram para prendê-lo à testa dele com um Feitiço Adesivo Permanente, é que ele o embrulhou carinhosamente nas meias castanhas e trancou-o no malão.

A Sra. Weasley voltou do Beco Diagonal por volta de seis horas, carregada de livros e mais um embrulho comprido, de papel pardo grosso, que Rony tirou das mãos dela com um gemido de desejo.

– Não precisa desembrulhar agora, as pessoas estão chegando para o jantar, quero todos lá embaixo – disse a mãe; mas, no instante em que ela desapareceu de vista, o garoto rasgou o papel num frenesi e examinou cada centímetro da vassoura nova, com uma expressão de êxtase no rosto.

Embaixo, no porão, a Sra. Weasley pendurou uma flâmula vermelha sobre a mesa de jantar coberta de iguarias, em que se lia:

PARABÉNS RONY E HERMIONE OS NOVOS MONITORES

Ela parecia muito mais animada do que Harry a vira durante todo o período das férias.

– Pensei em fazer uma festinha e não um jantar à mesa – disse a Harry, Rony, Hermione, Fred, Jorge e Gina quando eles entraram no aposento. – Seu pai e Gui estão a caminho, Rony. Despachei corujas para os dois, e eles ficaram *entusiasmados* – acrescentou sorridente.

Fred girou os olhos para o teto.

Sirius, Lupin, Tonks e Quim Shacklebolt já estavam ali, e Olho-Tonto Moody chegou, batendo a perna de pau, logo depois de Harry se servir de uma cerveja amanteigada.

– Ah, Alastor, que bom que você está aqui – cumprimentou a Sra. Weasley animada, quando Olho-Tonto sacudiu do corpo a capa de viagem. – Há séculos que andamos querendo pedir a você: será que podia dar uma olhada na escrivaninha da sala de visitas e nos dizer o que é que tem lá dentro? Não quisemos abri-la, porque pode ser alguma coisa realmente ruim.

– Pode deixar comigo, Molly...

O olho azul elétrico de Moody girou para o alto e fixou-se no teto da cozinha, transpassando-o.

– Sala de visitas... – rosnou à medida que sua pupila se contraía. – Escrivaninha no canto? É, estou vendo... é, é um bicho-papão... quer que eu suba e me livre dele, Molly?

– Não, não, eu mesma farei isso mais tarde – sorriu a Sra. Weasley –, tome a sua bebida. Na verdade estamos fazendo uma pequena comemoração... – disse, indicando a flâmula vermelha. – O quarto monitor na família! – disse com carinho, arrepiando os cabelos de Rony.

– Monitor, eh? – resmungou Moody, seu olho normal fixando-se em Rony e o mágico girando para olhar um lado da própria cabeça. Harry teve a sensação muito desagradável de que ele o observava, e afastou-se em direção a Sirius e Lupin. – Bem, então meus parabéns – disse Moody, ainda olhando para Rony com o olho normal –, figuras de autoridade sempre atraem problemas, mas

suponho que Dumbledore o considere capaz de resistir à maioria das principais azarações, ou não o teria nomeado...

Rony pareceu bastante espantado com esta opinião, mas não foi preciso responder graças à chegada do pai e do irmão mais velho. A Sra. Weasley estava de tão bom humor que nem sequer reclamou de terem trazido Mundungo com eles; o bruxo usava um casaco longo que parecia estranhamente volumoso em lugares improváveis, e não aceitou o oferecimento de tirá-lo e guardá-lo junto à capa de viagem de Moody.

– Bom, acho que a ocasião pede um brinde – disse o Sr. Weasley, depois que todos se serviram de bebidas. Ele ergueu o cálice. – A Rony e Hermione, os novos monitores da Grifinória!

Os dois garotos sorriram enquanto todos brindavam e em seguida os aplaudiam.

– Eu nunca fui monitora – disse Tonks animada, às costas de Harry, quando os convidados se aproximaram da mesa para se servir. Seus cabelos hoje estavam vermelho-tomate e batiam na cintura; ela parecia a irmã mais velha de Gina. – A diretora da minha casa disse que me faltavam certas qualidades necessárias.

– Quais, por exemplo? – perguntou Gina, que estava escolhendo uma batata assada.

– A capacidade de me comportar – disse Tonks.

Gina riu; Hermione parecia não saber se ria ou não, e escolheu um meio-termo, servindo-se de um gole exagerado de cerveja amanteigada e se engasgando.

– E você, Sirius? – perguntou Gina, batendo nas costas de Hermione.

Sirius, que estava bem ao lado de Harry, soltou a risada de sempre, que lembrava um latido.

– Ninguém teria me nomeado monitor, eu passava tempo demais detido com Tiago. Lupin era o garoto bem-comportado, ele ganhou o distintivo.

– Acho que Dumbledore talvez tivesse esperanças de que eu fosse capaz de exercer algum controle sobre os meus melhores amigos – disse Lupin. – Não preciso dizer que falhei miseravelmente.

O estado de ânimo de Harry subitamente melhorou. Seu pai também não fora monitor. De repente, a festa pareceu muito mais divertida; encheu seu prato, sentindo gostar duas vezes mais de todos que estavam presentes.

Rony elogiava com entusiasmo as qualidades de sua vassoura nova para quem quisesse ouvi-lo.

– ... de zero a cem quilômetros em dez segundos, nada mal, hein? Quando se pensa que a Comet 290 só atingia noventa e cinco, e isso com um bom vento de cauda, segundo o *Que Vassoura?*.

Hermione estava conversando muito séria com Lupin sobre suas ideias a respeito dos direitos dos elfos.

– Quero dizer, é o mesmo tipo de absurdo que a segregação de lobisomens, não é? Tudo isso parece nascer dessa horrível maneira dos bruxos se acharem superiores aos outros seres...

A Sra. Weasley e Gui requentavam a mesma discussão de sempre sobre o cabelo do rapaz.

– ... está realmente passando dos limites, e você é tão bonito, ficaria muito melhor se os cortasse mais curtos, você não acha, Harry?

– Ah... não sei... – disse Harry, ligeiramente assustado por perguntarem sua opinião; afastou-se discretamente e foi em direção a Fred e Jorge, que estavam agrupados em um canto com Mundungo.

O bruxo parou de falar quando avistou Harry, mas Fred deu uma piscadela e fez sinal para o garoto se aproximar.

– Tudo bem – disse ele a Mundungo –, podemos confiar no Harry, é ele quem nos dá suporte financeiro.

– Olha só o que o Dunga arranjou para nós – disse Jorge, estendendo a mão para Harry. Estava cheia de alguma coisa que lembrava vagens murchas. Produziam um barulhinho abafado de chocalho, embora estivessem completamente paradas.

– Sementes de tentáculos venenosos – esclareceu Jorge. – Precisamos delas para o kit Mata-Aula, mas são substâncias não comerciáveis classe C, por isso estamos tendo dificuldade para comprá-las.

– Dez galeões a partida então, Dunga? – perguntou Fred.

– Com todo o trabalho que tive para conseguir essas? – exclamou Mundungo, seus olhos empapuçados e vermelhos se arregalando ainda mais. – Lamento, rapazes, mas não estou aceitando nem um nuque menos de vinte.

– Dunga gosta de fazer piadinhas – disse Fred a Harry.

– É, a melhor até agora foi pedir seis sicles por um saco de espinhos de ouriço – disse Jorge.

– Cuidado – alertou-os Harry em voz baixa.

– Quê? – admirou-se Fred. – Mamãe está ocupada, arrulhando em volta do monitor Rony, estamos seguros.

– Mas Moody pode estar de olho em vocês – lembrou Harry.

Mundungo espiou nervoso por cima do ombro.

– Bem lembrado – resmungou. – Tudo bem, rapazes, dez então, se levarem tudo depressa.

– Valeu, Harry! – exclamou Fred, encantado, enquanto Mundungo esvaziou os bolsos nas mãos estendidas dos gêmeos e saía rápido em direção à comida. – É

melhor levarmos isso para cima...

Harry observou os garotos se afastarem, sentindo-se ligeiramente apreensivo. Acabara de lhe ocorrer que o Sr. e a Sra. Weasley iam querer saber como é que Fred e Jorge estavam financiando os artigos para sua loja quando finalmente descobrissem – o que era inevitável – que a loja já estava funcionando. Doar aos gêmeos o prêmio do Tribruxo parecera a Harry, na época, uma coisa simples, mas e se isso acabasse provocando outra briga de família e um rompimento como o de Percy? Será que a Sra. Weasley ainda consideraria Harry como um filho se descobrisse que ele possibilitara a Fred e Jorge iniciar uma carreira que ela achava inadequada?

Parado onde os gêmeos o haviam deixado, tendo por companhia apenas a culpa que lhe pesava na boca do estômago, Harry ouviu alguém dizer seu nome. A voz grave e ressonante de Quim Shacklebolt era audível mesmo no meio de toda a conversa.

– ... por que Dumbledore não promoveu Potter a monitor? – indagava Quim.

– Deve ter tido suas razões – respondeu Lupin.

– Mas teria demonstrado sua confiança nele. É o que eu teria feito – insistiu Quim –, principalmente com o *Profeta Diário* a atacá-lo com tanta frequência...

Harry não virou a cabeça; não queria que Lupin nem Quim soubessem que entreouvira. Embora não sentisse a menor fome, acompanhou Mundungo de volta à mesa. Seu prazer na festa se evaporara com a mesma velocidade com que surgiu; ele desejou estar deitado em seu quarto.

Olho-Tonto Moody cheirava uma coxa de galinha com o que lhe sobrara do nariz; evidentemente não conseguiu perceber vestígio algum de veneno, porque em seguida arrancou um naco com uma dentada.

– ... o punho é feito de carvalho americano com um verniz antiazaração e tem controle antivibração embutido – dizia Rony a Tonks.

A Sra. Weasley deu um grande bocejo.

– Bem, acho que vou dar um jeito naquele bicho-papão antes de ir dormir... Arthur, não quero esse pessoalzinho acordado até tarde, está bem? Boa-noite, Harry, querido.

Ela saiu da cozinha. Harry pousou o prato e se perguntou se conseguiria segui-la sem chamar atenção.

– Você está bem, Potter? – perguntou Moody.

– Tô, ótimo – mentiu Harry.

Moody tomou um gole do frasco de bolso, seu olho azul elétrico olhando de esguelha para o garoto.

– Vem cá, tenho uma coisa que talvez lhe interesse – disse.

De um bolso interno das vestes, Moody tirou uma velha foto-bruxa muito

danificada.
– A Ordem da Fênix original – rosnou. – Encontrei-a à noite passada quando estava procurando a minha Capa da Invisibilidade sobressalente e, como Podmore ainda não teve a boa educação de devolver a minha boa..., pensei que o pessoal talvez gostasse de ver isso.
Harry apanhou a foto. Um pequeno grupo de bruxos, alguns acenando para ele, outros erguendo os copos, retribuindo seu olhar.
– Aquele sou eu – disse Moody, apontando a própria imagem sem necessidade. O Moody na foto era inconfundível, embora o cabelo estivesse um pouco menos grisalho e o nariz, intacto. – E ali é Dumbledore ao meu lado, Dédalo Diggle do outro lado... essa é Marlene McKinnon, foi morta duas semanas depois de tirarmos a foto, pegaram toda a família dela. Estes são Franco e Alice Longbottom...
O estômago de Harry, já meio embrulhado, contraiu-se ao olhar para Alice Longbottom; conhecia aquele rosto redondo e simpático muito bem, embora nunca a tivesse visto, porque era a cara do filho, Neville.
– ... coitados – resmungou Moody. – Melhor morrer do que passar pelo que passaram... e essa é Emelina Vance, você já a conheceu, e aquele é Lupin, obviamente... Beijo Fenwick, ele também sofreu muito, só encontramos pedacinhos dele... cheguem para lá – acrescentou, metendo o dedo na foto, e as pessoas fotografadas se deslocaram para o lado, para que outras, que estavam parcialmente na sombra, pudessem passar ao primeiro plano.
– Esse é Edgar Bones... irmão de Amélia Bones, pegaram ele e a família também, era um grande bruxo... Estúrgio Podmore, pombas, como está jovem... Carátaco Dearborn desapareceu seis meses depois da foto, nunca encontramos seu corpo... Hagrid, naturalmente, parece exatamente o que é... Elifas Doge, você o conheceu, tinha me esquecido que usava esse chapéu idiota... Gideão Prewett, foram precisos cinco Comensais da Morte para matá-lo e matar o irmão Fábio, lutaram como heróis... mexam-se, mexam-se...
As figurinhas na foto se misturaram, e as que estavam escondidas bem atrás apareceram à frente.
– Esse é o irmão de Dumbledore, Aberforth, a única vez que o vi, sujeito esquisito... essa é Dorcas Meadowes, Voldemort a matou pessoalmente... Sirius, quando ainda usava cabelos curtos... e... estão todos aí, achei que você se interessaria!
O coração de Harry deu uma cambalhota. Seu pai e sua mãe estavam sorrindo para ele, sentados um de cada lado de um homenzinho de olhos aguados que Harry reconheceu imediatamente como Rabicho, o que havia denunciado o paradeiro dos dois a Voldemort e com isso provocara a morte deles.

– Eh?! – exclamou Moody.

Harry ergueu os olhos para o rosto cheio de cicatrizes e marcas de Moody. Ele evidentemente tinha a impressão de que acabara de mostrar a Harry uma coisa boa.

– É – disse o garoto, mais uma vez tentando sorrir. – Hum... escute, acabei de me lembrar, ainda não guardei o meu...

Ele foi poupado do trabalho de inventar um objeto que ainda não tivesse guardado. Sirius acabara de dizer.

– Que é isso que você tem aí Olho-Tonto?

E Moody voltou sua atenção para Sirius. Harry atravessou a cozinha, saiu discretamente pela porta e subiu as escadas antes que alguém o chamasse de volta.

Não sabia dizer por que ficara tão chocado; afinal, já vira fotos dos seus pais antes e já conhecera Rabicho... mas o fato de alguém mostrá-los assim, de repente, quando menos esperava... ninguém gostaria disso, pensou enraivecido...

E ainda por cima, vê-los cercados por todas aquelas caras felizes... Beijo Fenwick, que fora encontrado em pedacinhos, e Gideão, que morrera como herói, e os Longbottom, que foram torturados até enlouquecer... todos acenando, felizes, na foto, para sempre, sem saber que estavam condenados... bom, Moody talvez achasse isso interessante... ele, Harry, achava perturbador...

O garoto subiu as escadas, pé ante pé, até o corredor, passou pelas cabeças empalhadas dos elfos, satisfeito de estar sozinho, mas, ao se aproximar do primeiro patamar, ouviu ruídos. Alguém estava soluçando na sala de visitas.

– Olá? – chamou.

Não houve resposta, mas os soluços continuaram. Harry subiu os degraus restantes, de dois em dois, cruzou o patamar e abriu a porta da sala de visitas.

Alguém estava encolhido contra a parede escura, a varinha na mão, todo o corpo sacudido por soluços. Esparramado no velho tapete empoeirado, em uma mancha de luar, visivelmente morto, encontrava-se Rony.

Todo o ar pareceu fugir dos seus pulmões; Harry teve a sensação de que estava atravessando o chão; seu cérebro congelou – Rony morto, não, não era possível...

Mas, espere um momento, *não podia ser* – Rony estava lá embaixo...

– Sra. Weasley? – chamou Harry com a voz embargada.

– *R... r... riddikulus!* – soluçava a bruxa, apontando a varinha, trêmula, para o corpo do filho.

Craque.

O corpo de Rony se transformou no de Gui, de barriga para cima, braços e pernas abertos, olhos abertos e vidrados. A Sra. Weasley voltou a soluçar.

Craque.
O corpo do Sr. Weasley substituiu o de Gui, seus óculos tortos, um filete de sangue escorrendo pelo rosto.
– Não! – gemia a Sra. Weasley. – Não... *riddikulus! Riddikulus! RIDDIKULUS!*
Craque. Gêmeos mortos. *Craque*. Percy morto. *Craque*. Harry morto...
– Sra. Weasley, saia daqui! – gritou Harry, contemplando o próprio cadáver estirado no chão. – Deixe outra pessoa...
– Que está acontecendo?
Lupin subira correndo à sala, seguido de perto por Sirius e Moody, que fechava a fila, batendo a perna de pau. Lupin olhava da Sra. Weasley para o cadáver de Harry no chão, e pareceu compreender tudo no mesmo instante. Puxando a varinha, disse, em tom muito claro e firme.
– *Riddikulus!*
O corpo de Harry desapareceu. Um globo de prata pairou no ar sobre o local em que estivera o cadáver. Lupin sacudiu a varinha mais uma vez e o globo desapareceu em uma baforada de fumaça.
– Ah... ah... ah! – engoliu a Sra. Weasley em seco e tornou a se desmanchar numa torrente de lágrimas com o rosto entre as mãos.
– Molly – disse Lupin desolado, aproximando-se dela. – Molly, não...
No segundo seguinte, ela soluçava de se acabar no ombro de Lupin.
– Molly, foi apenas um bicho-papão – disse ele consolando-a, dando-lhe palmadinhas na cabeça. – Apenas um bicho-papão idiota...
– Eu os vejo m–m-mortos o tempo todo! – gemeu a Sra. Weasley no ombro do bruxo. – Todo o t-t-tempo! T-t-tenho sonhos...
Sirius ficou olhando fixamente para o pedaço do tapete em que estivera deitado o bicho-papão fingindo ser Harry. Moody olhava para o garoto, que evitou seu olhar. Tinha a estranha sensação de que o olho mágico de Moody o acompanhara desde a cozinha.
– Não d-d-diga ao Arthur – pedia a Sra. Weasley, agora engolindo o choro e enxugando nervosamente os olhos com os punhos. – Não q-q-quero que ele saiba... fui boba...
Lupin lhe deu um lenço, e ela assoou o nariz.
– Harry, sinto muito. Que é que você vai pensar de mim? – perguntou trêmula. – Não consigo nem me livrar de um bicho-papão...
– Bobagem – disse Harry, tentando sorrir.
– Estou t-t-tão preocupada – disse ela, as lágrimas mais uma vez saltandolhe dos olhos. – Metade da f-f-família está na Ordem, será uma b-b-bênção se todos sobreviverem... e P-P-Percy não está falando conosco... e se alguma coisa t-t-

terrível acontecer antes de termos feito as p-p-pazes com ele? E o que vai acontecer se Arthur e eu morrermos, quem é que vai t-t-tomar conta de Rony e Gina?

– Molly, chega – disse Lupin com firmeza. – Agora não é como da última vez. A Ordem está mais bem preparada, contamos com uma dianteira, sabemos o que Voldemort pretende...

A Sra. Weasley soltou um gritinho de medo ao ouvir esse nome.

– Ah, Molly, vamos, já é tempo de você se acostumar a ouvir o nome dele... escute, não posso prometer que ninguém vai sair ferido, ninguém pode prometer isso, mas estamos muito melhor do que estávamos da última vez. Você não fazia parte da Ordem naquele tempo, por isso não compreende. Da última vez havia vinte Comensais da Morte para cada um de nós, e eles foram nos matando um a um...

Harry lembrou-se da fotografia, dos seus pais sorridentes. Sabia que Moody ainda o observava.

– Não se preocupe com Percy – disse Sirius abruptamente. – Ele vai mudar de opinião. É apenas uma questão de tempo, e Voldemort vai sair das sombras; e quando isto acontecer, o Ministério inteiro vai nos pedir perdão. E não tenho muita certeza se vamos aceitar o pedido deles – acrescentou com amargura.

– Agora, quanto a quem vai cuidar de Rony e Gina se você e Arthur morrerem – disse Lupin com um leve sorriso –, que é que você acha que vamos fazer, deixá-los morrer de fome?

A Sra. Weasley deu um sorriso trêmulo.

– Estou sendo boba – murmurou outra vez, enxugando os olhos.

Mas Harry, fechando a porta do quarto atrás de si uns dez minutos depois, não conseguiu achar que a Sra. Weasley fosse boba. Via seus pais sorrindo para ele na velha foto danificada, sem saber que suas vidas, como a de tantos outros à sua volta, estavam chegando ao fim. A imagem do bicho-papão se transformando no cadáver de cada membro da família da Sra. Weasley não parava de lampejar diante dos seus olhos.

Sem aviso, a cicatriz em sua testa queimou de dor e seu estômago revirou horrivelmente.

– Para com isso – disse com firmeza, esfregando a cicatriz à medida que a dor foi diminuindo.

– Primeiro sinal de loucura, falar com a própria cabeça – disse a voz sonsa do quadro vazio na parede.

Harry não lhe deu atenção. Sentiu-se mais velho do que jamais se sentira na vida e parecia-lhe extraordinário que há pouco menos de uma hora estivesse preocupado com uma loja de logros e com quem ganhara um distintivo de

monitor.

— CAPÍTULO DEZ —
Luna Lovegood

Harry teve uma noite inquieta. Seus pais entravam e saíam dos seus sonhos, sempre calados; a Sra. Weasley soluçava sobre o cadáver de Monstro, observada por Rony e Hermione, que estavam usando coroas, e mais uma vez Harry se viu descendo por um corredor que terminava em uma porta fechada. Acordou bruscamente com a cicatriz formigando e encontrou Rony já vestido e falando com ele.

– ... é melhor se apressar, mamãe está furiosa, diz que vamos perder o trem...

Havia grande confusão e barulho na casa. Pelo que ouviu enquanto se vestia rapidamente, Harry conseguiu entender que Fred e Jorge tinham enfeitiçado seus malões para voar escada abaixo, a fim de economizar o trabalho de carregá-los, e, em consequência, eles haviam colidido diretamente com Gina e feito a irmã rolar dois lances de escada até o corredor; a Sra. Black e a Sra. Weasley estavam ambas berrando a plenos pulmões.

– ... PODERIAM TÊ-LA MACHUCADO SERIAMENTE, SEUS IDIOTAS...

– MESTIÇOS IMUNDOS, EMPORCALHANDO A CASA DOS MEUS PAIS...

Hermione entrou correndo no quarto com o rosto afogueado, na hora em que Harry estava calçando os tênis. Edwiges se equilibrava no ombro da garota, que carregava Bichento a se debater em seus braços.

– Mamãe e papai acabaram de mandar Edwiges de volta. – A coruja saiu esvoaçando docilmente e foi se empoleirar no teto de sua gaiola. – Você já está pronto?

– Quase. A Gina está bem? – perguntou Harry, pondo os óculos no rosto.

– A Sra. Weasley já cuidou dela – disse Hermione. – Mas agora Olho-Tonto está protestando que não podemos sair até Estúrgio chegar, ou ficará faltando uma pessoa na guarda.

– Guarda? – perguntou Harry. – Temos de ir a King’s Cross com uma guarda?
– *Você* tem de ir a King’s Cross com uma guarda – corrigiu-o Hermione.
– Por quê? – perguntou Harry, irritado. – Pensei que Voldemort estivesse agindo nas sombras ou será que você está me dizendo que ele vai pular de dentro de um latão de lixo e tentar me matar?
– Eu não sei, foi o que Olho-Tonto disse – respondeu Hermione desatenta, olhando para o relógio –, mas se não sairmos logo decididamente vamos perder o trem...
– SERÁ QUE VOCÊS PODEM DESCER AQUI, AGORA, POR FAVOR! – berrou a Sra. Weasley, e Hermione deu um salto como se tivesse se escaldado, e saiu correndo do quarto. Harry agarrou Edwiges, enfiou-a sem cerimônia na gaiola e saiu atrás da amiga, arrastando seu malão.
O retrato da Sra. Black uivava de fúria, mas ninguém se preocupava em fechar as cortinas sobre seu retrato para fazê-la calar; todo aquele estardalhaço no corredor com certeza iria tornar a despertá-la.
– Harry, você vem comigo e com Tonks – gritou a Sra. Weasley, tentando abafar os repetidos guinchos de “SANGUES-RUINS! RALÉ! CRIATURAS DA IMUNDÍCIE!” – Deixe o malão e a coruja, Alastor vai cuidar da bagagem... ah, pelo amor de Deus, Sirius, Dumbledore disse *não*!
Um cachorrão peludo aparecera ao lado de Harry quando ele tentava escalar os vários malões que atravancavam o hall e chegar à Sra. Weasley.
– Ah, francamente... – respondeu a Sra. Weasley, desesperada. – Bom, que seja mas por sua conta e risco!
Ela abriu com violência a porta de entrada e saiu para o dia palidamente iluminado de setembro. Harry e o cachorro a acompanharam. A porta bateu às costas deles, e os guinchos da Sra. Black cessaram instantaneamente.
– Cadê a Tonks? – perguntou Harry, olhando a toda volta, enquanto descia os degraus de pedra do número doze, que sumiram no instante em que eles pisaram a calçada.
– Está nos esperando ali adiante – respondeu a Sra. Weasley secamente, evitando olhar o cachorro preto que se sacudia ao lado de Harry.
Uma velha cumprimentou-os na esquina. Tinha cabelos grisalhos muito crespos e usava um chapéu roxo em feitio de torta de porco.
– Aí, beleza, Harry! – cumprimentou Tonks, com uma piscadela. – É melhor a gente se apressar, não acha, Molly? – acrescentou, verificando a hora.
– Eu sei, eu sei – gemeu a Sra. Weasley, apertando o passo –, mas Olho-Tonto queria esperar por Estúrgio... se ao menos Arthur tivesse nos arranjado carros do Ministério outra vez... mas Fudge ultimamente não o deixa pedir emprestado nem um tinteiro vazio... *como* é que os trouxas conseguem viajar sem magia...

Mas o cachorrão preto deu um latido alegre e correu animado ao redor deles, assustando os pombos e caçando o próprio rabo. Harry não pôde deixar de rir. Sirius ficara preso em casa por muito tempo. A Sra. Weasley contraiu os lábios de um jeito quase igual ao de tia Petúnia.

Levaram vinte minutos para chegar a King's Cross a pé, e nada mais excitante aconteceu durante esse tempo, exceto Sirius ter espantado uns gatos para divertir Harry. Uma vez na estação, eles pararam displicentemente ao lado da barreira entre as plataformas nove e dez até não haver ninguém à vista, depois, um a um, atravessaram para a plataforma nove e meia, onde o Expresso de Hogwarts aguardava, arrotando fumaça escura sobre a plataforma apinhada de alunos que iam embarcar e suas famílias. Harry aspirou aqueles cheiros familiares e sentiu seu ânimo fortalecer... ia realmente regressar...

– Espero que os outros cheguem a tempo – comentou a Sra. Weasley, ansiosa, olhando para o arco de ferro trabalhado que abarcava a plataforma e por onde chegariam os novos passageiros.

– Belo cão, Harry! – disse um rapaz alto com cachos rastafári.

– Obrigado, Lino – disse Harry sorrindo, enquanto Sirius sacudia a cauda freneticamente.

– Ah, que bom! – exclamou a Sra. Weasley, parecendo aliviada. – Aí vem Alastor com a bagagem, vejam...

Com um boné de carregador cobrindo os olhos díspares, Moody passou mancando pelo arco, atrás de um carrinho carregado com as malas dos garotos.

– Tudo bem – murmurou ele para a Sra. Weasley e Tonks –, acho que ninguém nos seguiu...

Segundos depois, o Sr. Weasley surgiu na plataforma com Rony e Hermione. Tinham praticamente descarregado o carrinho de bagagem quando Fred, Jorge e Gina apareceram com Lupin.

– Nenhum problema? – rosnou Moody.

– Nada – respondeu Lupin.

– Ainda assim, vou dar parte de Estúrgio a Dumbledore – disse Moody –, é a segunda vez em uma semana que ele não aparece. Está ficando tão irresponsável quanto Mundungo.

– Bom, cuidem-se bem – desejou Lupin, apertando a mão de todos. Despediu-se de Harry por último e lhe deu uma palmada no ombro. – Você também, Harry. Tenha cuidado.

– É, cabeça baixa e olhos alertas – disse Moody, apertando a mão do garoto também. – E não se esqueçam, todos vocês: cuidado com o que escrevem. Se tiverem dúvida sobre alguma coisa, não a mencionem em carta.

– Foi ótimo conhecer vocês – disse Tonks, abraçando Hermione e Gina. –

Logo nos reveremos, espero.
Soou um primeiro apito; os alunos, ainda na plataforma, correram para o trem.
– Depressa, depressa – disse a Sra. Weasley, distraída, abraçando-os a esmo, e segurando Harry duas vezes. – Escrevam... se comportem... se esqueceram alguma coisa nós mandaremos... agora subam no trem, depressa...
Por um breve momento, o enorme cão negro ergueu-se nas patas traseiras e apoiou as dianteiras nos ombros de Harry, mas a Sra. Weasley empurrou o garoto em direção à porta do trem.
– Pelo amor de Deus, Sirius, comporte-se mais como um cachorro! – sibilou ela.
– Até mais! – gritou Harry pela janela aberta, quando o trem começou a andar, enquanto Rony, Hermione e Gina acenavam ao seu lado. As silhuetas de Tonks, Lupin, Moody e do Sr. e da Sra. Weasley foram encolhendo rapidamente, mas o cachorro preto continuou saltando ao lado da janela, abanando o rabo; gente na plataforma agora pouco visível ria de ver o cão correndo atrás do trem, então contornaram uma curva, e Sirius desapareceu.
– Ele não devia ter vindo com a gente – comentou Hermione, manifestando preocupação na voz.
– Ah, anime-se – disse Rony –, ele não vê a luz do dia há meses, coitado.
– Bom – disse Fred, batendo palmas –, não podemos ficar aqui conversando o dia inteiro, temos negócios a discutir com o Lino. Vemos vocês mais tarde. – E ele e Jorge desapareceram pelo corredor à direita.
O trem continuou a ganhar velocidade, fazendo os garotos que continuavam em pé balançarem, e transformando as casas em imagens fugidias.
– Então, vamos arranjar uma cabine? – convidou Harry.
Rony e Hermione se entreolharam.
– Hum – falou Rony.
– Nós... bem... Rony e eu temos de ir para o carro dos monitores – disse Hermione, sem jeito.
Rony não estava olhando para Harry; parecia vivamente interessado nas unhas da mão esquerda.
– Ah – respondeu Harry. – Certo. Ótimo.
– Acho que não temos de ficar lá a viagem inteira – acrescentou Hermione depressa. – Nossas cartas dizem que vamos receber instruções dos monitores-chefes e depois patrulhar os corredores de tempos em tempos.
– Ótimo – repetiu Harry. – Bom, eu... eu talvez veja vocês mais tarde, então.
– É, com certeza – disse Rony, lançando um olhar esquivo e ansioso ao amigo. – É chato ter de ir para lá, eu preferia... mas temos de ir... quero dizer, não estou me divertindo, não sou o Percy – concluindo em tom de desafio.

– Sei que você não é – disse Harry, rindo. Mas quando Hermione e Rony arrastaram os malões, Bichento e Píchi, engaiolada, em direção à frente do trem, Harry teve uma estranha sensação de perda. Nunca viajara no Expresso de Hogwarts sem Rony.

– Anda – disse-lhe Gina –, se formos logo, poderemos guardar lugares para eles.

– Certo – concordou Harry, pegando a gaiola de Edwiges com uma das mãos e a alça do seu malão com a outra. Eles avançaram com dificuldade pelo corredor, espiando pelas vidraças das cabines e descobrindo que já estavam ocupadas. Harry não pôde deixar de notar que muitos garotos o olharam com grande interesse e que vários cutucaram os vizinhos e apontaram para ele. Depois de registrar esse comportamento em cinco carros consecutivos, ele lembrou que, durante o verão inteiro, o *Profeta Diário* andara informando aos seus leitores que ele era um mentiroso exibicionista. Perguntou-se, desolado, se as pessoas que agora o olhavam e cochichavam teriam acreditado naquelas histórias.

No último carro, eles encontraram Neville Longbottom, o garoto do quinto ano, colega de Harry na Grifinória, o rosto redondo brilhando com o esforço de arrastar o malão e segurar, com apenas uma das mãos, o seu sapo Trevo, que se debatia.

– Oi, Harry – ofegou. – Oi Gina... está tudo cheio... não consegui encontrar um lugar!

– Do que é que você está falando? – respondeu Gina, que se espremera para passar por Neville e espiar a cabine atrás dele. – Tem lugar nesse aí, só tem a Di-lua/Luna Lovegood...

Neville murmurou alguma coisa sobre não querer incomodar ninguém.

– Não seja bobo – disse Gina dando risadas. – Ela é legal.

Gina abriu a porta e puxou seu malão para dentro. Harry e Neville a seguiram.

– Oi, Luna – cumprimentou ela –, tudo bem se a gente ocupar esses lugares?

A garota ao lado da janela ergueu os olhos. Tinha cabelos louros, sujos e mal cortados, até a cintura, sobrancelhas muito claras e olhos saltados, que lhe davam um ar de permanente surpresa. Harry entendeu na hora por que Neville preferira procurar outra cabine. A garota emanava uma aura de nítida birutice. Talvez fosse porque guardara a varinha atrás da orelha esquerda, por medida de segurança, ou porque tivesse decidido usar um colar de rolhas de cerveja amanteigada, ou ainda porque estivesse lendo a revista de cabeça para baixo. Seus olhos estudaram Neville e se fixaram em Harry.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Obrigada – disse Gina, sorrindo para ela.

Harry e Neville guardaram os três malões e a gaiola de Edwiges no bagageiro

e se sentaram. Luna observou-os por cima da revista invertida, que se chamava *O Pasquim*. Aparentemente, ela não piscava com tanta frequência quanto as pessoas normais. Não parava mais de olhar para Harry, que se acomodara no assento defronte, e agora desejava não ter feito aquilo.

– Boas férias, Luna? – perguntou Gina.

– Boas – disse Luna sonhadora, sem tirar os olhos de Harry. – É, foram bem divertidas, sabe. *Você* é Harry Potter – acrescentou.

– Eu sei que sou – respondeu Harry.

Neville riu. Luna voltou então seus olhos claros para ele.

– Eu não sei quem você é.

– Não sou ninguém – respondeu Neville, apressado.

– Não, não é não – disse Gina com rispidez. – Neville Longbottom, Luna Lovegood. Luna está no mesmo ano que eu, mas é da Corvinal.

– *O espírito sem limites é o maior tesouro do homem* – disse Luna entoando o ditado.

E erguendo a revista o suficiente para esconder o rosto, ela se calou. Harry e Neville se entreolharam com as sobrancelhas erguidas. Gina reprimiu uma risadinha.

O trem avançou barulhento, levando-os em velocidade para o campo aberto. O dia estava estranho, meio instável; em um momento o carro se inundava de sol e no seguinte passavam sob agourentas nuvens escuras.

– Adivinhem o que ganhei de aniversário? – perguntou Neville.

– Mais um Lembrol? – perguntou Harry, lembrando-se do dispositivo em forma de bola de gude que a avó de Neville lhe mandara na tentativa de melhorar sua incrível falta de memória.

– Não – respondeu o garoto. – Até que um Lembrol viria a calhar, perdi o antigo há séculos... não, olhe só isso...

Ele enfiou na mochila a mão livre – a outra segurava Trevo firmemente – e, depois de procurar um pouco, tirou um vaso contendo algo parecido com um pequeno cacto cinzento, exceto que era recoberto de pústulas, em vez de espinhos.

– *Mimbulus mimbletonia* – disse orgulhoso.

Harry olhou para a coisa. Pulsava levemente, o que lhe dava a aparência sinistra de um órgão interno avariado.

– É uma escrofulária realmente rara – comentou Neville radiante. – Nem sei se na estufa de Hogwarts tem uma. Mal posso esperar para mostrar à Profª Sprout. Meu tio-avô Algie conseguiu-a para mim na Assíria. Vou ver se consigo multiplicá-la.

Harry sabia que o assunto favorito de Neville era Herbologia, mas, por mais

que se esforçasse, não conseguia imaginar o que o garoto poderia querer com aquela plantinha nanica.

– Ela... hum... ela faz alguma coisa? – perguntou.

– Muita coisa! – respondeu Neville, orgulhoso. – Tem um fantástico mecanismo de defesa. Tome, segure o Trevo aqui para mim...

Ele largou o sapo no colo de Harry e tirou uma pena da mochila. Os olhos saltados de Luna Lovegood tornaram a aparecer por cima da borda da revista invertida, para espiar o que Neville estava fazendo. O garoto segurou a escrofulária próxima dos olhos, a língua entre os dentes, escolheu um ponto e espetou com força a planta.

A planta espirrou líquido de todas as pústulas; jatos verde-escuros, malcheirosos, espessos. Eles bateram no teto, nas janelas, e salpicaram a revista de Luna Lovegood; Gina, que erguera os braços para proteger o rosto bem em tempo, ficou parecendo que usava um chapéu verde pegajoso, mas Harry, cujas mãos tinham estado ocupadas com Trevo para impedir que o sapo fugisse, recebeu o jato em cheio no rosto. Cheirava a estrume rançoso.

Neville, cujo rosto e tronco também estavam encharcados, sacudiu a cabeça para limpar o excesso dos olhos.

– D-desculpem – disse gaguejando. – Eu não tinha experimentado isso antes... não pensei que seria tão... mas não se preocupem, esta escrofulária não é venenosa – acrescentou ele, nervoso, enquanto Harry cuspia um bocado de seiva no chão.

Neste exato momento, a porta da cabine se abriu.

– Ah... olá, Harry – disse uma voz agitada. – Hum... cheguei em má hora?

Harry limpou as lentes dos óculos com a mão livre. Uma garota bonita, de cabelos negros e brilhantes, estava parada à porta sorrindo para ele: Cho Chang, apanhadora do time de quadribol de Corvinal.

– Ah... oi – disse Harry, desconcertado.

– Hum... – respondeu Cho. – Bem... pensei em dar um alô... então tchau.

Corando um pouco, a garota fechou a porta e foi embora. Harry se largou no banco e gemeu. Gostaria que Cho o encontrasse sentado com um grupo muito legal, se acabando de rir de uma piada que tivessem acabado de contar; e não ali, com Neville e Luna Lovegood, segurando um sapo e pingando escrofulária.

– Tudo bem – disse Gina, procurando consolar o garoto. – Olhe, podemos nos livrar de tudo isso facilmente. – E puxando a varinha ordenou: *Limpar!*

A escrofulária desapareceu.

– Desculpe – tornou a dizer Neville, com uma vozinha tímida.

Rony e Hermione só apareceram depois de uma hora, altura em que o carrinho de comida já passara. Harry, Gina e Neville já haviam comido as tortinhas de

abóbora e se entretinham em trocar os cartões dos sapos de chocolate, quando a porta da cabine se abriu e os dois entraram acompanhados por Bichento e Píchi, que soltava pios agudos em sua gaiola.

– Estou morto de fome – disse Rony, guardando Píchi ao lado de Edwiges, passando a mão num sapo de chocolate de Harry e se atirando no lugar a seu lado. Abriu, então, a embalagem, arrancou a cabeça do sapo com uma dentada e se recostou, com os olhos fechados, como se tivesse tido uma manhã exaustiva.

– Bom, tem dois monitores do quinto ano de cada casa – disse Hermione, parecendo completamente desapontada quando se sentou. – Um garoto e uma garota.

– E adivinhem quem é o monitor da Sonserina? – disse Rony, mantendo os olhos fechados.

– Malfoy – respondeu Harry na mesma hora, certo de que seus piores receios teriam se confirmado.

– Claro – disse Rony amargurado, enfiando o resto do sapo na boca e apanhando mais um.

– E aquela completa *vaca* Pansy Parkinson – disse Hermione com ferocidade. – Como foi que chegou à monitora, sendo mais obtusa que um trasgo lesado...

– Quem são os da Lufa-Lufa? – perguntou Harry.

– Ernesto Macmillan e Ana Abbott – respondeu Rony com a voz empastada.

– E Antônio Goldstein e Padma Patil da Corvinal – continuou Hermione.

– Você foi ao Baile de Inverno com Padma Patil – disse uma voz imprecisa.

Todos se viraram para Luna Lovegood, que olhava sem piscar para Rony, por cima de *O Pasquim*. Ele engoliu o sapo de uma vez.

– É, eu sei que fui – disse ele, parecendo ligeiramente surpreso.

– Ela não gostou muito – informou-lhe Luna. – Acha que você não a tratou bem, porque não quis dançar com ela. Acho que eu não teria me importado – acrescentou pensativa. – Não gosto muito de dançar.

Luna tornou a se esconder atrás de *O Pasquim*. Rony ficou olhando para a capa da revista de boca aberta por alguns segundos, depois procurou Gina com o olhar para obter uma explicação, mas a irmã havia enterrado os nós dos dedos na boca para sufocar um acesso de riso. Rony sacudiu a cabeça, confuso, depois olhou para o relógio.

– Temos de patrulhar os corredores a intervalos – disse a Harry e Neville –, e podemos castigar os alunos que não estiverem se comportando. Mal posso esperar para apanhar Crabbe e Goyle fazendo alguma coisa...

– Você não pode abusar da sua posição, Rony! – ralhou Hermione.

– Certo, porque o Malfoy não vai abusar nem um pouquinho da dele – respondeu Rony com sarcasmo.

– Então você vai se rebaixar ao nível dele?
– Não, só vou garantir que apanho os amigos dele antes que ele apanhe os meus.
– Pelo amor de Deus, Rony...
– Vou fazer Goyle escrever cem vezes a mesma frase, ele vai morrer, odeia escrever – disse Rony alegremente. E baixando a voz para imitar os grunhidos de Goyle, contraiu o rosto fingindo dolorosa concentração e escreveu no ar. – “Eu... não... devo... ter... cara... de... bunda... de macaco.”
Todos riram, mas ninguém riu mais do que Luna Lovegood. Soltou um grito de alegria que fez Edwiges acordar e bater as asas, e Bichento pular para o alto do bagageiro, sibilando. Luna riu tanto que a revista escapou-lhe das mãos, escorregou pelas pernas e foi parar no chão.
– Essa foi boa!
Seus olhos marejados de lágrimas fixavam Rony, enquanto tentava recuperar o fôlego. Completamente aparvalhado, ele olhava para os amigos, que agora riam da expressão em seu rosto e do riso absurdamente prolongado de Luna, se balançando para a frente e para trás, comprimindo os lados do corpo.
– Você está tentando me fazer de bobo? – perguntou Rony enrugando a testa.
– Bunda... de macaco! – ela engasgava, segurando as costelas.
Todos apreciavam Luna rir, exceto Harry, que, batendo os olhos na revista ainda no chão, reparou em alguma coisa que o fez abaixar-se rapidamente para apanhá-la. De cabeça para baixo, fora difícil dizer qual era a foto da capa, mas Harry agora percebia que era uma charge malfeita de Cornélio Fudge, apenas reconhecível por causa do chapéu-coco verde-limão. Uma das mãos do ministro apertava uma bolsa de ouro; a outra esganava um duende. A legenda da charge perguntava: *Até onde irá Fudge para se apoderar de Gringotes?*
Abaixo, uma chamada para os outros títulos da revista.

Corrupção na Liga de Quadribol:
Como os Tornados estão assumindo o controle
Segredos das antigas runas revelados
Sirius Black: Vítima ou Vilão?

– Posso dar uma olhada? – perguntou ele ansioso a Luna.
A garota concordou com a cabeça, ainda de olhos em Rony, ofegante de tanto rir.
Harry abriu a revista e correu os olhos pelo índice. Até aquele momento esquecera-se completamente da revista que Quim entregara ao Sr. Weasley para Sirius, mas devia ser essa mesma edição de *O Pasquim*.

Ele localizou a página e voltou sua atenção para o artigo, excitado.
Era também ilustrado por uma charge bem ruinzinha; de fato, Harry nem teria percebido que representava Sirius, se não houvesse legenda. O padrinho estava em pé no alto de uma pilha de ossos humanos, empunhando a varinha. O título do artigo era:

SIRIUS – NEGRO COMO O PINTAM?
Famoso assassino em massa ou inocente sensação musical?

Harry precisou ler a primeira linha várias vezes para se convencer de que entendera corretamente. Desde quando Sirius era uma sensação musical?

Durante catorze anos acreditou-se que Sirius Black fosse culpado do assassinato em massa de doze trouxas inocentes e um bruxo. Sua audaciosa fuga de Azkaban há dois anos desencadeou a maior caçada humana que o Ministério da Magia já conduziu. Nenhum de nós jamais questionou que ele merece ser recapturado e devolvido aos dementadores.
MAS SERÁ QUE ELE MERECE?
Recentemente vieram a público novas e surpreendentes provas de que Black pode não ter cometido os crimes pelos quais foi mandado para Azkaban. De fato, diz Dóris Purkiss, da via Acântia, 18, Little Norton, Black talvez nem tenha presenciado a matança.
"O que as pessoas não percebem é que Sirius Black é um nome falso", diz a Sra. Purkiss. "O homem que elas pensam ser Sirius Black é na realidade Toquinho Boardman, vocalista do popular conjunto Os Duendeiros, e que se retirou da vida pública depois de ser atingido na orelha, por um nabo, em um concerto, em Little Norton Church Hall, há quase quinze anos. Reconheci-o no instante em que vi sua foto no jornal. Ora, Toquinho não poderia ter cometido aqueles crimes, porque no dia em questão estava, por acaso, saboreando um jantar romântico à luz de velas em minha companhia. Já escrevi ao ministro da Magia e estou aguardando que muito breve concedam perdão total a Toquinho, ou melhor, Sirius."

Harry terminou de ler e ficou olhando a página, incrédulo. Talvez fosse uma piada, pensou, talvez a revista publicasse invencionices com frequência. Ele folheou as páginas anteriores e encontrou a notícia sobre Fudge.

Cornélio Fudge, ministro da Magia, há cinco anos quando foi eleito negou que tivesse planos para assumir a administração do banco dos bruxos, o

Gringotes. Ele sempre insistiu em afirmar que quer apenas cooperar pacificamente com os guardiões do nosso ouro. MAS SERÁ QUE QUER MESMO?

Fontes ligadas ao ministro revelaram recentemente que a mais cara ambição de Fudge é assumir o controle da reserva de ouro dos duendes e que não hesitará em usar a força se for preciso.

"E não seria a primeira vez, tampouco", declarou um funcionário bem informado. "Cornélio Fudge o Mata-Duendes é como seus amigos o chamam. Se os leitores pudessem ouvi-lo quando ele pensa que não há ninguém por perto, ah, não para de falar nos duendes que matou; mandou afogar, mandou atirar do alto de edifícios, mandou envenenar, mandou cozinhar para rechear tortas..."

Harry não quis continuar a ler. Fudge podia ter muitos defeitos, mas o garoto achava extremamente difícil imaginá-lo dando ordens para assar duendes para rechear tortas. Ele folheou o resto da revista. Parando aqui e ali, leu uma acusação de que os Tornados de Tutshill estavam vencendo o campeonato da Liga de Quadribol, combinando chantagem, envenenamento de vassouras e tortura; uma entrevista com um bruxo que dizia ter voado até a lua em uma Cleansweep 6 e trazido um saco de sapos lunares para provar o seu feito; e um artigo sobre runas antigas que ao menos explicava o motivo de Luna estar lendo *O Pasquim* de cabeça para baixo. Segundo a revista, se a pessoa observasse as runas de cabeça para baixo elas revelariam um feitiço para transformar as orelhas de um inimigo em cunquates. De fato, comparada com os demais artigos de *O Pasquim*, a insinuação de que Sirius pudesse realmente ser o vocalista dos Duendeiros parecia até bastante sensata.

– Alguma coisa que preste aí? – perguntou Rony, quando Harry fechou a revista.

– Claro que não – respondeu Hermione criticamente, antes que Harry pudesse responder. – *O Pasquim* só tem bobagens, todo o mundo sabe disso.

– Desculpe – disse Luna; sua voz perdeu momentaneamente a vagueza. – Meu pai é o editor.

– Eu... ah – disse Hermione, visivelmente constrangida. – Bem... tem coisas interessantes... quero dizer, é bem...

– Pode me devolver, obrigada – disse Luna com frieza, e, curvando-se para a frente, puxou-a das mãos de Harry. Folheando rapidamente até a página cinquenta e sete, tornou a segurá-la de cabeça para baixo, decidida, e desapareceu por trás da revista, no momento em que a porta da cabine se abriu pela terceira vez.

Harry olhou; já esperava por isso, o que não tornou mais agradável a visão de Draco Malfoy ladeado por seus dois comparsas Crabbe e Goyle.
– Que é? – disse agressivamente, antes que Malfoy pudesse abrir a boca.
– Modos, Potter, ou terei de lhe dar uma detenção – entoou Malfoy, cujos cabelos lisos e louros e o queixo pontudo eram exatamente iguais aos do pai. – Como está vendo, ao contrário de você, fui promovido a monitor, o que quer dizer que, ao contrário de você, tenho o poder de distribuir castigos.
– É – disse Harry –, mas, ao contrário de mim, você é um babaca, por isso se manda e deixa a gente em paz.
Rony, Hermione, Gina e Neville riram. Malfoy crispou o lábio.
– Vem cá, Potter, como é que você se sente perdendo a liderança para o Weasley?
– Cala a boca, Malfoy – mandou Hermione rispidamente.
– Parece que toquei num ponto sensível – disse ele, sorrindo com afetação. – Bom, trate de se cuidar, Potter, porque vou estar na sua cola como um *cão* de caça, caso você saia da linha.
– Fora daqui! – disse Hermione, ficando de pé.
Abafando o riso, Malfoy lançou um último olhar malicioso a Harry e saiu da cabine com os dois amigos pesadões em sua esteira. Hermione bateu a porta da cabine e virou-se para Harry, que percebeu imediatamente que a amiga, como ele, registrara o que Malfoy dissera e ficara igualmente abatida.
– Joga mais um sapo para nós – disse Rony, que pelo jeito nada percebera.
Harry não podia falar com franqueza na frente de Neville e Luna. Trocou mais um olhar nervoso com Hermione, depois ficou olhando para fora da janela.
Achara engraçada a ideia de Sirius tê-lo acompanhado à estação, mas de repente achou-a irresponsável, se não positivamente perigosa... Hermione estava certa... Sirius não devia ter vindo. E se o Sr. Malfoy tivesse reparado no cão preto e comentasse com Draco? E se tivesse deduzido que os Weasley, Lupin, Tonks e Moody sabiam onde Sirius estava escondido? Ou será que o fato de Malfoy ter usado a palavra “cão” fora coincidência?
O tempo permaneceu indefinido à medida que rumavam sempre para o norte. A chuva salpicou as janelas de má vontade, depois o sol fez uma pálida aparição e logo as nuvens o encobriram. Quando anoiteceu e as luzes foram acesas nos carros, Luna enrolou *O Pasquim*, guardou-o cuidadosamente na mochila e passou a encarar, um a um, os colegas de cabine.
Harry estava sentado com a testa encostada na janela do trem, tentando captar um vislumbre distante de Hogwarts, mas era uma noite sem luar e a janela riscada de chuva estava suja.
– É melhor nos trocarmos – disse Hermione. Ela e Rony prenderam no peito

os distintivos de monitor. Harry viu Rony apreciando a própria imagem na janela escura.

Finalmente o trem começou a reduzir a velocidade e eles ouviram a zoeira que sempre havia quando os alunos corriam a preparar a bagagem e os animais de estimação para o desembarque. Como Rony e Hermione deviam supervisar a movimentação, eles desapareceram da cabine, deixando para Harry e os outros cuidarem de Bichento e Píchi.

– Eu levo essa coruja, se você quiser – disse Luna a Harry, estendendo a mão para Píchi, enquanto Neville guardava Trevo cuidadosamente no bolso interno das vestes.

– Ah... hum... obrigado – disse o garoto, entregando-lhe a gaiola e erguendo Edwiges com mais firmeza nos braços.

O grupo saiu lentamente da cabine, sentindo o primeiro impacto do ar noturno em seus rostos ao engrossarem a confusão de alunos no corredor. Aos poucos, foram se deslocando para as portas. Harry sentiu o cheiro dos pinheiros que ladeavam a trilha até o lago. Desceu para a plataforma e olhou ao redor, procurando ouvir a chamada familiar de “alunos do primeiro ano aqui... primeiro ano...” .

Mas a chamada não veio. Em vez disso, uma voz bem diferente, uma voz feminina enérgica gritava: “Alunos do primeiro ano façam fila aqui, por favor! Todos os alunos de primeiro ano para cá!”

Uma lanterna veio balançando em direção a Harry, e, à sua luz o garoto viu o queixo proeminente e o severo corte dos cabelos da Profª Grubbly-Plank, a bruxa que assumira o Trato das Criaturas Mágicas no lugar de Hagrid, por uns tempos, no ano anterior.

– Onde está Hagrid? – perguntou ele em voz alta.

– Não sei – disse Gina –, mas é melhor a gente sair do caminho, estamos bloqueando a porta.

– Ah, é...

Harry e Gina se separaram enquanto caminhavam pela plataforma para se afastar da estação. Empurrado pela aglomeração de alunos, Harry procurou divisar, no escuro, um relance de Hagrid; ele tinha de estar ali, contara com isso – rever Hagrid era uma das coisas que mais desejara. Mas não havia sinal do amigo.

Ele não pode ter ido embora, disse Harry a si mesmo enquanto avançava lentamente pelo estreito portal da saída, para se juntar aos outros na rua. *Vai ver apanhou uma gripe ou outra coisa qualquer...*

Ele procurou Rony ou Hermione com os olhos, querendo saber o que

pensavam da reaparição da Profª Grubbly-Plank, mas nenhum dos dois estava por perto. Então ele se deixou impelir para a estrada escura e lavada de chuva, à saída da Estação de Hogsmeade.

Ali se encontravam aguardando mais ou menos cem carruagens, sem cavalos, que sempre levavam os alunos mais adiantados até o castelo. Harry deu uma olhada rápida, afastou-se um pouco para vigiar a chegada dos amigos, então deu uma segunda olhada.

As carruagens não eram mais sem cavalos. Havia animais parados entre os varais dos carros. Se precisasse designá-los por algum nome, ele supunha que os teria chamado de cavalos, embora possuíssem alguma coisa reptiliana também. Eram completamente descarnados, com os couros negros colados ao esqueleto, no qual cada osso era visível. As cabeças semelhavam a de dragões, e os olhos, sem pupilas, eram brancos e fixos. Da junção das espáduas saíam asas – imensas e negras, coriáceas, que pareciam pertencer a morcegos gigantes. Imóveis e quietos na escuridão, os bichos eram estranhos e sinistros. Harry não conseguia entender por que as carruagens seriam puxadas por esses cavalos horrorosos quando eram perfeitamente capazes de se mover sozinhas.

– Cadê o Píchi? – indagou a voz de Rony logo atrás de Harry.

– A Luna vem trazendo ele aí – disse Harry, virando-se depressa, ansioso para consultar o amigo sobre Hagrid. – Onde é que você acha que...

– ... o Hagrid está? Não sei – disse Rony, parecendo preocupado. – Tomara que esteja bem...

A uma pequena distância, Draco Malfoy, seguido por um pequeno grupo de comparsas, inclusive Crabbe, Goyle e Pansy Parkinson, afastava do caminho alguns alunos de segundo ano, de ar tímido, para poderem apanhar uma carruagem. Segundos depois, Hermione emergiu ofegante da multidão.

– Malfoy estava agindo de maneira absolutamente revoltante com um garoto de primeiro ano lá atrás. Juro que vou dar parte dele; ele só está usando o distintivo há três minutos e já está abusando mais do que nunca das pessoas... onde está o Bichento?

– Está com a Gina – disse Harry. – Olhe ela ali...

Gina acabara de surgir do ajuntamento, segurando um Bichento que esperneava.

– Obrigada – disse Hermione, substituindo Gina na tarefa. – Vamos logo, vamos pegar uma carruagem juntos, antes que lotem todas...

– Ainda não apanhei Píchi! – disse Rony, mas Hermione já ia se adiantando em direção à carruagem desocupada mais próxima. Harry ficou para trás com Rony.

– Que é que você acha que *são* essas coisas? – perguntou Harry, indicando

com a cabeça os horrendos cavalos, enquanto os outros alunos passavam por eles em bando.

– Que coisas?

– Esses cavalos...

Luna apareceu segurando a gaiola de Píchi nos braços; a corujinha pipilava excitada, como de costume.

– Pronto, aqui está – disse ela. – É uma corujinha bem simpática, não?

– Hum... é... ela é legal – disse Rony com maus modos. – Bem, vamos então, vamos entrar... que é que você estava dizendo, Harry?

– Eu estava perguntando que bichos horríveis são esses que parecem cavalos? – E continuou andando com Rony e Luna para a carruagem em que Hermione e Gina já estavam sentadas.

– Que bichos que parecem cavalos?

– Esses bichos que estão puxando as carruagens! – disse Harry impaciente. Afinal, eles estavam a menos de um metro do mais próximo; e o bicho os observava com aqueles olhos brancos e fixos. Rony, no entanto, se virou para Harry com um ar perplexo.

– Do que é que você está falando?

– Estou falando daquilo... olhe!

Harry agarrou Rony pelo braço e girou seu corpo de modo a obrigá-lo a ficar cara a cara com o cavalo alado. Rony olhou direto para o cavalo durante um segundo, depois tornou a olhar para Harry.

– Para o que é que eu devo olhar?

– Para... ali, entre os varais! Atrelados à carruagem! Bem ali na frente...

Mas, como Rony continuava a parecer confuso, ocorreu a Harry um estranho pensamento.

– Você... você não está vendo nada?

– Vendo o *quê*?

– Você não está vendo a coisa que está puxando a carruagem?

Rony agora começou a se assustar seriamente.

– Você está bem, Harry?

– Eu... é...

Harry sentiu-se completamente desnorteado. O cavalo estava ali, diante dele, um sólido reluzente à luz que vinha da janela da estação às costas deles, o vapor saía de suas narinas no ar frio da noite. No entanto, a não ser que Rony estivesse fingindo – e se estivesse seria uma brincadeira muito sem graça –, ele não estava vendo nada.

– Vamos entrar, então? – convidou Rony hesitante, olhando para Harry como se estivesse preocupado com o amigo.

– É – disse Harry. – É, entre...

– Está tudo bem – disse uma voz sonhadora ao lado de Harry, quando Rony desapareceu no interior escuro da carruagem. – Você não está ficando maluco nem nada. Eu também vejo.

– Vê?! – exclamou desesperado, virando-se para Luna. Ele via os cavalos de asas de morcegos refletidos nos grandes olhos prateados da garota.

– Ah, vejo. Sempre os vi desde o meu primeiro dia de escola. Eles sempre puxaram as carruagens. Não se preocupe. Você é tão normal quanto eu.

Sorrindo suavemente, ela entrou no interior mofado da carruagem. Harry a acompanhou, mas nem tão tranquilo assim.

— CAPÍTULO ONZE —
A nova canção do Chapéu Seletor

Harry não quis contar aos outros que ele e Luna estavam tendo o mesmo tipo de alucinação, se é que era o caso, por isso não voltou a mencionar os cavalos quando se sentou na carruagem e bateu a porta. Ainda assim, ele não conseguiu evitar olhar pela vidraça as silhuetas dos animais do lado de fora.

– Todo mundo viu a tal Grubbly-Plank? – perguntou Gina. – Que é que ela está fazendo aqui de novo? Hagrid não pode ter ido embora, pode?

– Eu vou ficar bem satisfeita se ele tiver ido, ele não é um professor muito bom, é? – disse Luna.

– É, sim! – exclamaram Harry, Rony e Gina, zangados.

Harry lançou um olhar incisivo a Hermione. Ela pigarreou e disse depressa:

– Hum... é... ele é muito bom.

– Bom, lá na Corvinal achamos que ele é uma piada – respondeu Luna, sem se surpreender.

– Então vocês têm um senso de humor bem idiota – retorquiu Rony, no momento em que as rodas rangeram, entrando em movimento.

Luna não pareceu se perturbar com a grosseria de Rony; muito ao contrário, mirou-o durante algum tempo, como se ele fosse um programa de televisão levemente interessante.

Balançando com estrondo, as carruagens avançaram em comboio até a estrada. Quando cruzaram os altos pilares de pedra com os javalis alados, que ladeavam o portão para os terrenos da escola, Harry se inclinou para a frente tentando ver se havia luzes na cabana de Hagrid junto à Floresta Proibida, mas os terrenos estavam na mais completa escuridão. O castelo de Hogwarts, porém, se aproximava cada vez mais: um conjunto altaneiro de torreões, muito negro, recortado contra o céu escuro, em que resplandecia, alaranjada, aqui e ali, uma janela no alto.

As carruagens pararam, tilintando, perto da escadaria de pedra que levava às portas de carvalho, e Harry foi o primeiro a descer. Virou-se novamente para procurar janelas iluminadas na orla da floresta, mas decididamente não havia sinal de vida na cabana de Hagrid. Com relutância, porque alimentara uma esperançazinha de que tivessem desaparecido, o garoto se virou para os bichos estranhos e esqueléticos parados e quietos no ar frio da noite, em que refulgiam seus olhos brancos e vazios.

No passado, Harry já vivera a experiência de ver algo que Rony não via, mas fora uma imagem no espelho, uma coisa com muito menos substância do que cem bichos de aparência muito sólida e suficientemente fortes para puxar uma frota de carruagens. Se pudesse acreditar em Luna, os bichos sempre haviam existido, só que invisíveis.

Por que, então, de repente Harry podia vê-los e Rony não?

– Você vem com a gente ou não? – perguntou Rony ao seu lado.

– Ah, estou indo – disse Harry, depressa, e se juntou ao grande número de alunos que subiam rapidamente as escadas para entrar no castelo.

O saguão flamejava à luz dos archotes, ecoando os passos dos que atravessavam o piso de lajotas em direção às portas duplas, à direita, que davam acesso ao Salão Principal e ao banquete de abertura do ano letivo.

As quatro mesas compridas dispostas no salão foram se enchendo sob um céu escuro sem estrelas, que era exatamente igual ao céu que podia ser visto pelas altas janelas do aposento. As velas flutuavam à meia altura ao longo das mesas, iluminando os fantasmas prateados que pontilhavam o salão e os rostos dos alunos que conversavam, pressurosos, trocando notícias sobre as férias, cumprimentando os colegas das outras casas, aos gritos, observando os cortes de cabelo e as vestes uns dos outros. Mais uma vez, Harry reparou nas pessoas que juntavam as cabeças para cochichar quando ele passava; trincou os dentes e tentou agir como se não visse tampouco se importasse.

Luna se separou deles ao passarem pela mesa da Corvinal. Quando chegaram à da Grifinória, Gina foi saudada por alguns quartanistas e saiu para se sentar com eles; Harry, Rony, Hermione e Neville encontraram lugares juntos, mais ou menos no meio da mesa, entre Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Grifinória, e Parvati Patil e Lilá Brown – as duas o cumprimentaram com tanta leveza e excessiva simpatia que Harry teve a certeza de que haviam acabado de falar dele uma fração de segundo antes. Mas tinha coisas mais importantes com que se preocupar; olhou por cima das cabeças dos colegas, diretamente para a mesa dos professores que ocupava a parede principal do salão.

– Ele não está lá.

Rony e Hermione também correram os olhos pela mesa, embora isso não

fosse necessário; o porte de Hagrid o tornava instantaneamente óbvio em qualquer fila.

– Ele não pode ter ido embora – disse Rony, levemente ansioso.

– Claro que não – afirmou Harry.

– Vocês não acham que ele está... *ferido*, nem nada parecido, acham? – perguntou Hermione.

– Não – respondeu Harry, na mesma hora.

– Mas, então, onde é que ele está?

Houve uma pausa, depois Harry disse muito baixinho, para Neville, Parvati e Lilá não poderem ouvir.

– Talvez ele ainda não tenha voltado. Sabe, da missão, da coisa que esteve fazendo durante o verão para o Dumbledore.

– É... é, deve ser isso – disse Rony, parecendo mais tranquilo, mas Hermione mordeu o lábio, examinando a mesa dos professores de uma ponta à outra, como se esperasse alguma explicação conclusiva para a ausência de Hagrid.

– Quem é *aquela*? – perguntou bruscamente, apontando para o meio da mesa dos professores.

Os olhos de Harry acompanharam os da amiga. Pousaram primeiro no Prof. Dumbledore, sentado na cadeira dourada de espaldar alto ao centro da longa mesa, trajando vestes roxo-escuras pontilhadas de estrelas prateadas e um chapéu igual. A cabeça do diretor estava inclinada para a mulher sentada ao seu lado, a qual lhe falava ao ouvido. Ela parecia, pensou Harry, com a tia solteirona de alguém: atarracada, com os cabelos curtos, crespos, castanhoacinzentados, presos por uma horrível faixa rosa à Alice que combinava com o casaquinho cor-de-rosa peludo que trazia sobre as vestes. Então ela virou ligeiramente o rosto para tomar um golinho do cálice, e ele reconheceu, com grande choque, a cara de sapo pálida com bolsas sob os olhos saltados.

– É a tal da Umbridge!

– Quem? – perguntou Hermione.

– Estava na minha audiência, trabalha para o Fudge!

– Bonito casaquinho – debochou Rony.

– Ela trabalha para o Fudge! – repetiu Hermione, franzindo a testa. – Que é que ela está fazendo aqui, então?

– Não sei...

Hermione esquadrinhou a mesa dos professores, com os olhos apertados.

– Não – murmurou ela –, não, com certeza que não...

Harry não entendeu o que a amiga estava dizendo, mas não perguntou; sua atenção fora atraída pela Profª Grubbly-Plank, que acabara de aparecer por trás da mesa dos professores; ela foi andando até a ponta da mesa e ocupou o lugar

que deveria ser de Hagrid. Isto significava que os alunos do primeiro ano já deviam ter atravessado o lago e chegado ao castelo, e, de fato, alguns segundos depois, as portas para o saguão se abriram. Uma longa fila de garotos de cara assustada entrou, encabeçada pela Profª McGonagall, que vinha trazendo o banquinho em que repousava o velho chapéu de bruxo, cheio de remendos e cerzidos, com um largo rasgo na copa esfiapada.

O vozerio no Salão Principal foi cessando. Os calouros se enfileiraram diante da mesa dos professores, de frente para os demais estudantes, a Profª McGonagall colocou cuidadosamente o banquinho diante deles, e recuou um pouco.

Os rostos dos aluninhos refulgiam palidamente à luz das velas. Um garotinho bem no meio da fila dava a impressão de estar tremendo. Harry se lembrou, por um instante, do que sentira quando estava ali, esperando o teste desconhecido que iria determinar a Casa a que pertenceria.

A escola inteira aguardava, prendendo a respiração. Então, o rasgo junto à copa do chapéu escancarou-se como uma boca, e o Chapéu Seletor prorrompeu a cantar:

Antigamente quando eu era novo
E Hogwarts apenas alvorecia
Os criadores de nossa nobre escola
Pensavam que jamais iriam se separar:
Unidos por um objetivo comum,
Acalentavam o mesmo desejo,
Ter a melhor escola de magia do mundo
E transmitir seus conhecimentos.
“Juntos construiremos e ensinaremos!”
Decidiram os quatro bons amigos
Jamais sonhando que chegasse um dia
Em que poderiam se separar,
Pois onde se encontrariam amigos iguais
A Salazar Slytherin e Godrico Gryffindor?
A não ser em outro par semelhante
Como Helga Hufflepuff e Rowena Ravenclaw?
Então como pôde malograr a ideia
E toda essa amizade fraquejar?
Ora estive presente e posso narrar
Uma história triste e deplorável.
Disse Slytherin: “Ensinaremos só

Os da mais pura ancestralidade.”
Disse Ravenclaw: “Ensinaremos os
De inegável inteligência.”
Disse Gryffindor: “Ensinaremos os
De nomes ilustres por grandes feitos.”
Disse Hufflepuff: “Ensinarei todos,
E os tratarei com igualdade.”
Diferenças que pouco pesaram
Quando no início vieram à luz,
Pois cada fundador ergueu para si
Uma casa em que podia admitir
Apenas os que quisesse, por isso
Slytherin, aceitou apenas os bruxos
De sangue puro e grande astúcia,
Que a ele pudessem vir a igualar,
E somente os de mente mais aguda
Tornaram-se alunos de Ravenclaw,
Enquanto os mais corajosos e ousados
Foram para o destemido Gryffindor.
A boa Hufflepuff recebeu os restantes
E lhes ensinou tudo que conhecia,
Assim casas e idealizadores
Mantiveram amizade firme e fiel.
Hogwarts trabalhou em paz e harmonia
Durante vários anos felizes,
Mas então a discórdia se insinuou
Nutrida por nossas falhas e medos.
As casas que, como quatro pilares,
Tinham sustentado o nosso ideal,
Voltaram-se umas contra as outras e
Divididas buscaram dominar.
Por um momento pareceu que a escola
Em breve encontraria um triste fim,
Os duelos e lutas constantes
Os embates de amigo contra amigo
E finalmente chegou uma manhã
Em que o velho Slytherin se retirou
E embora a briga tivesse cessado
Deixou-nos todos muito abatidos.

E nunca desde que reduzidos
A três seus quatro fundadores
As Casas retomaram a união
Que de início pretenderam manter.
E agora o Chapéu Seletor aqui está
E todos vocês sabem para quê:
Eu divido vocês entre as casas
Pois esta é a minha razão de ser
Mas este ano farei mais do que escolher
Ouçam atentamente a minha canção:
Embora condenado a separá-los
Preocupa-me o erro de sempre assim agir
Preciso cumprir a obrigação, sei
Preciso quarteá-los a cada ano
Mas questiono se selecionar
Não poderá trazer o fim que receio.
Ah, conheço os perigos, os sinais
Mostra-nos a história que tudo lembra,
Pois nossa Hogwarts corre perigo
Que vem de inimigos externos, mortais
E precisamos nos unir em seu seio
Ou ruiremos de dentro para fora
Avisei a todos, preveni a todos...
Daremos agora início à seleção.

O Chapéu voltou à imobilidade inicial; prorromperam aplausos, embora pontilhados, pela primeira vez na lembrança de Harry, por murmúrios e cochichos. Por todo o salão os estudantes trocavam comentários com seus vizinhos, e Harry, aplaudindo como todo o mundo, sabia exatamente o que eles estavam falando.

– Se expandiu um pouco este ano, não? – comentou Rony, com as sobrancelhas erguidas.

– Sem a menor dúvida – respondeu Harry.

O Chapéu Seletor em geral se limitava a descrever as diferentes qualidades procuradas pelas Casas de Hogwarts, e o seu próprio papel na seleção dos alunos. Harry não se lembrava jamais de tê-lo ouvido dar conselhos à escola.

– Será que ele já deu avisos no passado? – indagou Hermione, em tom ligeiramente nervoso.

– Certamente que sim – respondeu Nick Quase Sem Cabeça, transpirando

experiência, debruçando-se sobre Neville para responder à garota (Neville fez uma careta; era muito desagradável ter um fantasma se debruçando por dentro da gente). – O Chapéu sente que é sua obrigação de honra alertar a escola sempre que acha...

Mas a Profª McGonagall, que estava querendo ler em voz alta a lista dos nomes dos alunos do primeiro ano, lançou aos estudantes que cochichavam aquele tipo de olhar que chamusca. Nick Quase Sem Cabeça levou um dedo transparente aos lábios e tornou a se sentar empertigado, no mesmo instante em que os murmúrios cessaram bruscamente. Com um último olhar de censura que percorreu as quatro mesas, a Profª McGonagall baixou os olhos para o longo pergaminho que segurava e chamou o primeiro nome:

– Abercrombie, Euan.

O garoto de olhar aterrorizado em que Harry reparara anteriormente avançou aos arrancos e colocou o Chapéu na cabeça; a única coisa que impediu a peça de descer direto até os seus ombros foram as suas orelhas de abano. O Chapéu refletiu um momento, depois o rasgo junto à copa tornou a se abrir e gritou:

– *Grifinória!*

Harry aplaudiu entusiasticamente com o restante dos alunos da casa quando Euan Abercrombie se dirigiu cambaleando à mesa deles e se sentou, dando a impressão de que gostaria muito de afundar chão adentro e nunca mais ser visto por ninguém.

Lentamente, a longa fila de calouros foi encurtando. Nas pausas entre as chamadas dos nomes e as decisões do Chapéu Seletor, Harry ouvia os roncos fortes na barriga de Rony. Finalmente, “Zeller, Rosa” foi selecionada para Lufa-Lufa, a Profª McGonagall recolheu o Chapéu e o banquinho e levou-os embora, ao mesmo tempo que o Prof. Dumbledore se levantava.

Quaisquer que tivessem sido as suas mágoas com relação ao diretor, Harry se sentiu reconfortado de ver Dumbledore em pé diante da escola. Entre a ausência de Hagrid e a presença daqueles cavalos dragontinos, sentia que seu regresso a Hogwarts, tão esperado, estava repleto de impensáveis surpresas, como notas dissonantes em uma música familiar. Mas isto agora, pelo menos, era exatamente como devia ser: o diretor se levantava para dar boas-vindas a todos antes de iniciar o banquete que abria o ano letivo.

– Aos nossos recém-chegados – começou Dumbledore com uma voz ressonante, os braços muito abertos e um enorme sorriso nos lábios –, bem-vindos! Aos nossos antigos alunos: um bom regresso! Há um momento para discursos, mas ainda não é este: atacar!

Ouviram-se risos de apreciação e uma explosão de aplausos, enquanto

Dumbledore se sentava elegantemente e atirava as longas barbas por cima do ombro para mantê-las longe do prato – pois a comida aparecera do nada, e as cinco longas mesas gemiam sob o peso dos pernis e tortas e travessas de legumes, pães e molhos e jarras de suco de abóbora.

– Excelente! – exclamou Rony, com uma espécie de gemido de saudades, e passou a mão na travessa mais próxima com costeletas e começou a empilhá-las em seu prato, observado tristonhamente por Nick Quase Sem Cabeça.

– Que é que o senhor ia dizendo antes da Seleção? – perguntou Hermione ao fantasma. – Sobre os conselhos do Chapéu?

– Ah, sim – disse Nick, que pareceu satisfeito de ter uma razão para desviar o rosto de Rony, que agora comia batatas assadas com um entusiasmo quase indecente. – Sim, já ouvi o Chapéu dar conselhos várias vezes antes, sempre em momentos em que percebe grande perigo para a escola. E sempre, é claro, seu conselho é o mesmo: unam-se, fortaleçam-se por dentro.

– Comele sacascó taapigo senchpéu? – perguntou Rony.

Sua boca estava tão cheia que Harry achou que já era um feito ele conseguir produzir algum som.

– Como disse? – perguntou Nick Quase Sem Cabeça educadamente, enquanto Hermione fazia cara de indignação. Rony deu uma enorme engolida e disse:

– Como é que ele pode saber que a escola está em perigo sendo um Chapéu?

– Não faço a menor ideia – respondeu Nick Quase Sem Cabeça. – Naturalmente ele vive no escritório de Dumbledore, então imagino que perceba o que está se passando.

– E ele quer que todas as Casas sejam amigas? – perguntou Harry, olhando para a mesa da Sonserina, onde Draco Malfoy presidia a corte. – É ruim, hein?

– Bem, você não deveria tomar essa atitude – disse Nick, censurando-o. – Cooperação pacífica é a chave. Nós, fantasmas, embora pertençamos a Casas diferentes, mantemos laços de amizade. Apesar da concorrência entre Grifinória e Sonserina, eu jamais sonharia em puxar uma discussão com o Barão Sangrento.

– Porque o senhor tem pavor dele! – disse Rony.

Nick Quase Sem Cabeça pareceu extremamente ofendido.

– Pavor? Espero que eu, Sir Nicolas de Mimsy-Porpington, nunca tenha sido autor de uma covardia na vida! O nobre sangue que corre em minhas veias...

– Que sangue? – perguntou Rony. – Certamente o senhor não tem mais...?

– É uma figura de linguagem! – disse Nick Quase Sem Cabeça, agora tão aborrecido que sua cabeça tremia agourentamente no pescoço semidecapitado. – Presumo que ainda tenha o privilégio de usar as palavras que quiser, mesmo que os prazeres da mesa me sejam negados! Mas estou muito acostumado a

estudantes fazerem piadas com a minha morte, posso lhe assegurar!
– Nick, ele não estava realmente caçoando de você! – disse Hermione, atirando um olhar furioso a Rony.
Infelizmente a boca de Rony estava novamente cheia a ponto de explodir, e só o que ele conseguiu dizer foi:
– Nam quis aorre cecê. – O que Nick não pareceu achar que fosse um pedido de desculpas apropriado. Erguendo-se no ar, ajeitou o chapéu emplumado e afastou-se deles, deslizando para o outro extremo da mesa, indo pousar entre os irmãos Creevey, Colin e Dênis.
– Parabéns, Rony – disse Hermione rispidamente.
– Que foi? – perguntou o garoto indignado, tendo conseguido finalmente engolir a comida que tinha na boca. – Não tenho o direito de fazer uma simples pergunta?
– Ah, esquece – disse Hermione irritada, e os dois passaram o resto da refeição num silêncio amuado.
Harry estava por demais acostumado às implicâncias entre os dois para se dar ao trabalho de reconciliá-los; achou que era melhor empregar o seu tempo a comer diligentemente sua torta de carne com rins e depois um pratarraz de torta de caramelo.
Quando todos os alunos terminaram de comer e o nível de barulho no salão recomeçou a aumentar, Dumbledore tornou a se levantar. As conversas morreram imediatamente e todos se viraram para o diretor. Harry estava se sentindo agradavelmente sonolento agora. Sua cama de dossel o esperava em algum lugar lá em cima, maravilhosamente quente e macia...
– Bem, agora que estamos todos digerindo mais um magnífico banquete, peço alguns minutos de sua atenção para os habituais avisos de início de trimestre – anunciou Dumbledore. – Os alunos do primeiro ano precisam saber que o acesso à floresta em nossa propriedade é proibido aos estudantes... e a esta altura alguns dos nossos antigos estudantes já devem ter aprendido isso também. – (Harry, Rony e Hermione trocaram sorrisinhos.)
“O Sr. Filch, o zelador, me pediu, segundo ele pela quadricentésima sexagésima segunda vez, para lembrar a todos que não é permitido praticar magia nos corredores durante os intervalos das aulas, nem fazer outras tantas coisas, que podem ser lidas na extensa lista afixada à porta da sala dele.
“Houve duas mudanças em nosso corpo docente este ano. Temos o grande prazer de dar as boas-vindas à Profª Grubbly-Plank, que retomará a direção das aulas de Trato das Criaturas Mágicas; estamos também encantados em apresentar a Profª Umbridge, nossa nova responsável pela Defesa Contra as Artes das

Trevas.”
Houve uma rodada de aplausos educados, mas pouco entusiásticos, durante a qual Harry, Rony e Hermione trocaram olhares ligeiramente alarmados; Dumbledore não dissera por quanto tempo Grubbly-Plank iria ensinar.
O diretor continuou:
– Os testes para entrar para os times de quadribol das casas serão realizados...
Ele interrompeu o que ia dizendo, com um olhar indagador à Profª Umbridge. Como ela não era muito mais alta em pé do que sentada, por um momento ninguém entendeu por que Dumbledore parara de falar, mas então a professora pigarreou:
– *Hem, hem.* – E ficou claro que se levantara e pretendia falar.
Dumbledore pareceu surpreso apenas por um instante, então, sentou-se com elegância e olhou atento para a Profª Umbridge, como se ouvi-la fosse a coisa que mais desejasse na vida. Os outros membros do corpo docente não foram tão competentes em esconder sua surpresa. As sobrancelhas da Profª Sprout chegaram a desaparecer por baixo dos cabelos rebeldes, e Harry nunca vira a boca da Profª McGonagall mais fina. Nenhum professor novo jamais interrompera Dumbledore antes. Muitos estudantes sorriam abobados; era óbvio que essa mulher não conhecia os hábitos de Hogwarts.
– Obrigada, diretor – disse a professora, sorrindo afetadamente –, pelas bondosas palavras de boas-vindas.
Sua voz era aguda, soprada e meio infantil, e, mais uma vez, Harry sentiu uma onda de aversão que não conseguia explicar; só sabia que tudo nela o enojava, desde a voz tola ao casaquinho peludo cor-de-rosa. Ela tossiu mais uma vez para clarear a voz (*hem, hem*), e continuou:
– Bem, devo dizer que é um prazer voltar a Hogwarts! – Ela sorriu, revelando dentes muito pontiagudos. – E ver rostinhos tão felizes voltados para mim!
Harry olhou para os lados. Nenhum dos rostinhos que viu pareciam felizes. Pelo contrário, todos pareciam meio chocados ao ouvir alguém se dirigir a eles como se tivessem cinco anos.
– Estou muito ansiosa para conhecer todos vocês, e tenho certeza de que seremos bons amigos!
Os estudantes se entreolharam ao ouvir isso; alguns mal conseguiram esconder os sorrisos.
– Serei amiga dela desde que não tenha de pedir emprestado aquele casaquinho – sussurrou Parvati para Lilá, e as duas desataram a rir em silêncio.
A Profª. Umbridge tornou a pigarrear (*hem, hem*), mas, quando continuou, um pouco do modo soprado de falar desaparecera de sua voz. Pareceu muito mais

objetiva, e suas palavras tinham um tom monótono de discurso decorado.
– O ministro da Magia sempre considerou a educação dos jovens bruxos de vital importância. Os dons raros com que vocês nasceram talvez não frutifiquem se não forem nutridos e aprimorados por cuidadosa instrução. As habilidades antigas, um privilégio da comunidade bruxa, devem ser transmitidas às novas gerações ou se perderão para sempre. O tesouro oculto de conhecimentos mágicos acumulados pelos nossos antepassados deve ser preservado, suplementado e polido por aqueles que foram chamados à nobre missão de ensinar.

A Profª Umbridge fez uma pausa e uma reverência aos seus colegas, mas nenhum deles lhe retribuiu o cumprimento. As sobrancelhas escuras da Profª McGonagall tinham se contraído de tal modo que ela decididamente parecia um falcão, e Harry a viu trocar um olhar significativo com a Profª Sprout quando Umbridge fez mais um *hem, hem*, e continuou o discurso:
– Todo diretor e diretora de Hogwarts trouxe algo novo à pesada tarefa de dirigir esta escola histórica, e assim deve ser, pois sem progresso haverá estagnação e decadência. Por outro lado, o progresso pelo progresso não deve ser estimulado, pois as nossas tradições comprovadas raramente exigem remendos. Então um equilíbrio entre o velho e o novo, entre a permanência e a mudança, entre a tradição e a inovação...
Harry percebeu que sua atenção estava oscilando, como se seu cérebro estivesse entrando e saindo de sintonia. O silêncio que sempre prevalecia no salão quando Dumbledore falava ia se rompendo à medida que os alunos aproximavam as cabeças, cochichando e abafando risinhos. Na mesa da Corvinal, Cho Chang conversava animadamente com as amigas. Alguns lugares adiante de Cho, Luna Lovegood puxara o seu *Pasquim*. Entrementes, na mesa de Lufa-Lufa Ernesto Macmillan era um dos poucos que ainda olhavam para a Profª Umbridge, de olhar vidrado, e Harry tinha certeza de que estava apenas fingindo ouvir, numa tentativa de honrar o novo distintivo de monitor que reluzia em seu peito.

A Profª Umbridge não parecia notar o desassossego da plateia. Harry teve a impressão de que uma revolta de grandes proporções poderia ter estourado bem embaixo do nariz dela e a bruxa teria continuado a discursar. Os professores, porém, ainda ouviam com muita atenção, e Hermione parecia estar bebendo cada palavra que Umbridge dizia, embora, a julgar por sua expressão, a desagradasse totalmente.
– ... porque algumas mudanças serão para melhor, enquanto outras virão, na plenitude do tempo, a ser reconhecidas como erros de julgamento. Entrementes,

alguns velhos hábitos serão conservados, e muito acertadamente, enquanto outros, antigos e desgastados, precisarão ser abandonados. Vamos caminhar para a frente, então, para uma nova era de abertura, eficiência e responsabilidade, visando a preservar o que deve ser preservado, aperfeiçoando o que precisa ser aperfeiçoado e cortando, sempre que encontrarmos, práticas que devem ser proibidas.

A bruxa se sentou. Dumbledore aplaudiu. O corpo docente acompanhou a sua deixa, embora Harry reparasse que vários professores bateram as mãos apenas uma ou duas vezes antes de parar. Alguns alunos secundaram os aplausos, mas a maioria foi apanhada de surpresa pelo fim do discurso, porque não ouvira mais do que umas poucas palavras do todo, e antes que eles pudessem começar a aplaudir devidamente, Dumbledore tornou a se erguer.

– Muito obrigado, Profª Umbridge, foi um discurso muito esclarecedor – disse, curvando-se para a bruxa. – Agora, como eu ia dizendo, os testes de quadribol serão realizados...

– Certamente que foi esclarecedor – disse Hermione em voz baixa.

– Você está me dizendo que gostou? – perguntou Rony baixinho, virando o rosto, perplexo, para ela. – Foi o discurso mais chato que já ouvi, e olha que *eu* fui criado com o Percy.

– Eu disse esclarecedor e não agradável. Explicou muita coisa.

– Foi? – admirou-se Harry. – Me pareceu uma grande enrolação.

– Mas havia coisas importantes no meio da enrolação – disse Hermione, séria.

– Havia? – perguntou Rony, sem entender.

– Que tal "o progresso pelo progresso não deve ser estimulado"? Ou então "cortando sempre que encontrarmos práticas que devem ser proibidas"?

– Bom, e o que é que isso significa? – perguntou Rony impaciente.

– Vou-lhe dizer o que significa – disse Hermione agourentamente. – Significa que o Ministério está interferindo em Hogwarts.

Houve um grande estardalhaço ao redor deles; obviamente Dumbledore dispensara a escola, porque todos estavam se levantando, prontos para abandonar o salão. Hermione levantou-se de um pulo, parecendo agitada.

– Rony, temos de mostrar aos alunos do primeiro ano aonde ir!

– Ah, é – disse Rony, que obviamente se esquecera. – Ei... Ei, vocês aí! Anõezinhos!

– *Rony!*

– Ora, eles são, são nanicos...

– Eu sei, mas você não pode chamá-los de anões!... Alunos do primeiro ano! – chamou Hermione com autoridade, correndo o olhar ao longo da mesa. – Por aqui, por favor!

Um grupo de alunos novos passou timidamente pelo vão entre as mesas da Grifinória e Lufa-Lufa, todos se esforçando o máximo para não serem os primeiros. Pareciam realmente muito pequenos; Harry tinha certeza de que não era tão jovem assim quando chegara ali. Sorriu para eles. Um garoto louro ao lado de Euan Abercrombie pareceu petrificar; cutucou o colega e cochichou alguma coisa em seu ouvido. Euan se apavorou também e lançou um olhar de horror a Harry, que sentiu o sorriso escorregar pelo seu rosto como a seiva da escrofulária.

– Vejo vocês mais tarde – disse a Rony e Hermione, e saiu do Salão Principal sozinho, fazendo o possível para ignorar novos cochichos, olhares e as pessoas que apontavam quando ele passou. Manteve os olhos em um ponto fixo à frente enquanto se deslocava pelo ajuntamento no saguão, depois subiu correndo a escadaria de mármore, tomou uns atalhos secretos e não tardou a deixar a maior parte das pessoas para trás.

Fora burro em não prever isso, pensou com raiva ao caminhar pelos corredores bem mais vazios do andar superior. Naturalmente que todos o encaravam; ele saíra do labirinto Tribruxo dois meses antes agarrado ao corpo de um colega morto dizendo que vira Lorde Voldemort voltar ao poder. Não tinha havido muito tempo no último trimestre para ele se explicar antes de todos partirem para as férias – mesmo que tivesse se sentido à altura de relatar para toda a escola detalhadamente os terríveis acontecimentos naquele cemitério.

Harry chegara ao fim do corredor que levava à sala comunal da Grifinória e parara diante do retrato da Mulher Gorda, antes de se dar conta de que não conhecia a nova senha.

– Hum... – disse sombriamente, olhando para a Mulher Gorda, que alisava as dobras do vestido de cetim rosa e retribuía seu olhar com severidade.

– Não tem senha, não entra – sentenciou ela com ar superior.

– Harry, eu sei! – Alguém vinha ofegando às suas costas e, quando ele se virou, viu Neville que se aproximava em passo de marcha. – Adivinhe qual é? Uma vez na vida eu vou ser capaz de me lembrar... – Ele acenou com o cacto anão que mostrara no trem. – *Mimbulus mimbletonia!*

– Certo – disse a Mulher Gorda, e seu retrato girou para o lado dos garotos como se fosse uma porta, deixando à mostra um buraco redondo na parede, pelo qual Harry e Neville entraram.

A sala comunal da Grifinória tinha a aparência hospitaleira de sempre, uma sala aconchegante e circular na torre da Casa, repleta de poltronas fofas e velhas mesas desconjuntadas. Um fogo muito vivo crepitava na lareira e uns poucos alunos aqueciam nele as mãos, antes de subir para os dormitórios; do outro lado da sala, Fred e Jorge Weasley estavam espetando alguma coisa no quadro de

avisos. Harry acenou para eles e continuou seu caminho em direção à porta dos dormitórios dos garotos; não estava disposto a conversar naquele momento. Neville o acompanhou.

Dino Thomas e Simas Finnigan haviam chegado ao dormitório primeiro, e estavam ocupados em cobrir as paredes ao lado de suas camas com pôsteres e fotografias. Estavam conversando, quando Harry empurrou a porta, mas pararam bruscamente no instante em que o viram. Harry ficou imaginando se teriam estado conversando sobre ele, e em seguida se estaria ficando paranoico.

– Oi – disse Harry, andando em direção ao seu malão e abrindo-o.

– Oi, Harry – respondeu Dino, que estava vestindo um pijama com as cores do West Ham. – Boas férias?

– Nada más – murmurou, uma vez que um relato fiel das suas férias teria levado a maior parte da noite, e ele não estava com disposição para tanto.

– É, foi legal – riu Dino. – Pelo menos foi melhor que a de Simas, ele estava me contando.

– Ora, que foi que aconteceu, Simas? – perguntou Neville enquanto colocava seu *Mimbulus mimbletonia* carinhosamente sobre o armário à cabeceira.

Simas não respondeu imediatamente; estava demorando todo o tempo do mundo para garantir que o seu pôster do time de quadribol Francelhos de Kenmare ficasse perfeitamente enquadrado. Então falou, ainda de costas para Harry:

– Minha mãe não queria que eu voltasse.

– Quê?! – exclamou Harry, parando em meio ao gesto de despir as vestes.

– Ela não queria que eu voltasse a Hogwarts.

Simas afastou-se do pôster e apanhou o próprio pijama no malão, ainda sem encarar Harry.

– Mas... por quê? – perguntou Harry espantado. Ele sabia que a mãe de Simas era bruxa e não conseguia entender, portanto, por que teria assumido a mesma atitude dos Dursley.

Simas não respondeu até ter acabado de abotoar o pijama.

– Bom – disse medindo as palavras. – Suponho que... por sua causa.

– Que é que você quer dizer com isso? – perguntou Harry depressa.

Seu coração estava disparando. Tinha a vaga sensação de que alguma coisa estava acossando-o.

– Bom – continuou Simas, ainda evitando olhar para Harry –, ela... hum... bom não é só você, é o Dumbledore também...

– Ela acredita no *Profeta Diário*? – perguntou Harry. – Ela acha que sou um mentiroso e Dumbledore um velho caduco?

Simas ergueu os olhos para ele.

– É mais ou menos isso.
Harry não disse nada. Atirou a varinha sobre a sua mesa de cabeceira, despiu as vestes, enfiou-as com raiva no malão e vestiu o pijama. Estava farto daquilo; farto de ser a pessoa para quem todos olham e de quem falam o tempo todo. Se algum deles soubesse, se algum deles tivesse a mais pálida ideia do que era se sentir a pessoa a quem todas aquelas coisas aconteciam... A Sra. Finnigan não fazia ideia, aquela burra, pensou com ferocidade.
Ele entrou na cama e começou a fechar o cortinado à volta, mas, antes que pudesse completar o gesto, Simas disse:
– Vem cá... que *foi* que aconteceu realmente naquela noite em que... você sabe, em que... com Cedrico Diggory e tudo?
Simas parecia ao mesmo tempo nervoso e ansioso. Dino que estivera debruçado sobre o próprio malão, tentando encontrar um chinelo, ficou tão estranhamente imóvel que Harry percebeu que estava com os ouvidos na conversa.
– Para que é que você está me perguntando? – retrucou Harry. – Você não lê o *Profeta Diário* como a sua mãe, por que não o lê? O jornal vai lhe dizer tudo que você precisa saber.
– Não comece a atacar minha mãe – respondeu Simas com rispidez.
– Ataco qualquer um que me chame de mentiroso – disse Harry.
– Não fale assim comigo!
– Falo com você como quiser – respondeu Harry, sua irritação aumentando tão rápido que ele agarrou com violência a varinha que estava na mesa de cabeceira. – Se você tem algum problema em dividir o dormitório comigo, vá pedir à McGonagall para transferir você... assim sua mamãe vai parar de se preocupar...
– Deixe a minha mãe fora disso, Potter!
– Que é que está acontecendo?
Rony aparecera à porta. Seus olhos arregalados correram de Harry, que estava ajoelhado na cama com a varinha apontada para Simas, a este, parado ali com os punhos erguidos.
– Ele está atacando a minha mãe! – berrou Simas.
– Quê? – falou Rony. – Harry não faria isso... conhecemos sua mãe, gostamos dela...
– Isto foi antes de ela começar a acreditar em cada palavra que aquele *Profeta Diário* nojento escreve sobre mim! – gritou Harry a plenos pulmões.
– Ah – disse Rony, a compreensão se espalhando pelo seu rosto sardento. – Ah... certo.
– Você sabe do que mais? – disse Simas, com raiva, lançando a Harry um olhar venenoso. – Ele tem razão, eu não quero mais dormir no mesmo

dormitório que ele, ele é doido.
– Você está errado, Simas – disse Rony, cujas orelhas estavam começando a ficar vermelhas: sempre um sinal de perigo.
– Estou errado, é? – gritou Simas, que ao contrário de Rony começava a ficar branco. – Você acredita naquela baboseira que ele contou sobre Você-Sabe-Quem, é, você acha que ele está dizendo a verdade?
– Acho sim! – respondeu Rony com raiva.
– Então você é doido também – disse Simas com repugnância.
– Ah, é? Bom, infelizmente para você, companheiro, eu também sou monitor! – disse Rony, apontando para o peito. – Portanto, a não ser que você queira receber uma detenção, é melhor ter cuidado com o que diz!
Simas ficou olhando por uns segundos, avaliando se a detenção seria um preço razoável a pagar pelo que ia em sua cabeça, mas, com uma interjeição de desprezo, deu as costas, pulou na cama e correu as cortinas com tanta violência que elas se romperam do dossel e caíram em um monte empoeirado no chão. Rony olhou aborrecido para Simas, e em seguida para Dino e Neville.
– Os pais de mais alguém têm alguma coisa contra o Harry? – perguntou com agressividade.
– Meus pais são trouxas, cara – disse Dino, sacudindo os ombros. – Não sabem nada sobre mortes em Hogwarts, porque não sou idiota de contar a eles.
– Você não conhece a minha mãe, ela extrai qualquer coisa de qualquer um! – retrucou Simas. – E, de qualquer forma, seus pais não recebem *o Profeta Diário*. Não sabem que o nosso diretor foi dispensado da Corte Suprema dos Bruxos e da Confederação Internacional dos Bruxos porque está ficando caduco...
– Minha avó diz que isso tudo é tolice – disse Neville com a sua voz aguda. – Ela diz que o *Profeta Diário* é que está em decadência, e não Dumbledore. Ela cancelou a nossa assinatura. Acreditamos em Harry – encerrou Neville. E entrou na cama, puxou as cobertas até o queixo e ficou espiando Simas por cima delas, como uma corujinha. – Minha avó sempre disse que Você-Sabe-Quem voltaria um dia. Ela diz que se Dumbledore diz que ele voltou, então ele voltou.
Harry sentiu um arroubo de gratidão por Neville. Ninguém disse mais nada. Simas apanhou a varinha, consertou as cortinas e desapareceu por trás delas. Dino entrou na cama, virou para o outro lado e se calou. Neville, que aparentemente não tinha mais nada a dizer, ficou admirando com carinho o seu cacto iluminado pelo luar.
Harry recostou-se em seus travesseiros enquanto Rony se ocupava com a cama ao lado, guardando o que era seu. Sentia-se abalado com a discussão que tivera com Simas, de quem sempre gostara muito. Quantas outras pessoas iam insinuar que ele estava mentindo ou era desequilibrado?

Será que Dumbledore sofrera assim o verão inteiro, quando primeiro a Corte dos Bruxos e depois a Confederação Internacional o excluíram de suas fileiras? Será que era raiva o que sentia de Harry, talvez, que impedira Dumbledore de se comunicar com ele durante meses? Afinal, os dois estavam nisso juntos; Dumbledore tinha acreditado em Harry, anunciado sua versão dos fatos à escola inteira e depois à comunidade bruxa. Qualquer um que achasse que Harry era mentiroso tinha de pensar que Dumbledore também o era, ou então que Dumbledore fora enganado...

No fim eles saberão que estamos certos, pensou Harry, infeliz, quando Rony entrou na cama e apagou a última vela do dormitório. Mas restou a indagação: quantos outros ataques como o de Simas ele teria de suportar até que aquele momento chegasse?

— CAPÍTULO DOZE —
A professora Umbridge

Simas vestiu-se correndo na manhã seguinte e saiu do dormitório, antes que Harry tivesse sequer calçado as meias.

– Será que ele acha que vai pirar se ficar muito tempo comigo no mesmo quarto? – perguntou Harry em voz alta, quando a bainha das vestes de Simas desapareceu de vista.

– Não se preocupe, Harry – murmurou Dino, guindando a mochila aos ombros –, ele só está...

Mas aparentemente não foi capaz de dizer o que era que Simas estava, e, após uma ligeira pausa constrangida, acompanhou-o na saída do quarto.

Neville e Rony fizeram aquela cara de o problema-é-dele-e-não-nosso, para Harry, mas isto não o consolou. Quanto mais ele teria de suportar?

– Que foi que aconteceu? – perguntou Hermione cinco minutos depois, alcançando Harry e Rony, que atravessavam a sala comunal a caminho do café da manhã, como os demais. – Você está com uma cara absolutamente... Ah, pelo amor de Deus.

Ela acabara de olhar para o quadro de avisos da sala comunal, onde fora afixado um enorme aviso.

GALEÕES DE GALEÕES!
Sua mesada não está acompanhando suas saídas?
Gostaria de ganhar um extra?
Procure Fred e Jorge Weasley,
sala comunal da Grifinória,
para trabalhos simples, meio expediente e virtualmente indolores.
(Lamentamos informar que todo o trabalho será realizado por conta e risco do candidato.)

– Eles são o fim – disse Hermione séria, retirando o aviso que Fred e Jorge haviam pregado por cima do cartaz, informando a data do primeiro fim de semana em Hogsmeade em outubro. – Vamos ter de falar com eles, Rony.

Rony pareceu decididamente assustado.

– Por quê?

– Porque somos monitores! – respondeu Hermione, enquanto saíam pelo buraco do retrato. – É nossa obrigação acabar com esse tipo de coisa!

Rony não respondeu; Harry percebeu, por sua expressão contrariada, que a perspectiva de impedir Fred e Jorge de fazer exatamente o que gostavam não era uma coisa que o amigo achasse convidativa.

– Em todo o caso, que aconteceu, Harry? – continuou Hermione, enquanto desciam a escada com a coleção de retratos de velhos bruxos e bruxas, que não lhes deram a menor atenção, absortos que estavam nas próprias conversas. – Você parece realmente zangado com alguma coisa.

– Simas acha que Harry está mentindo sobre Você-Sabe-Quem – resumiu Rony, ao ver que Harry não respondia.

Hermione, de quem Harry esperara uma reação indignada em sua defesa, suspirou.

– É, a Lilá também acha isso – comentou tristonha.

– Andou batendo um papinho agradável com ela, em que o assunto foi se Harry é ou não um idiota em busca de atenção, foi? – perguntou o garoto em voz alta.

– Não – respondeu Hermione calmamente. – Na verdade eu disse a ela para parar de ficar falando bobagens sobre você. E seria bem simpático se você parasse de reagir furiosamente com a gente, Harry, porque, caso você não tenha reparado, Rony e eu estamos do seu lado.

Fez-se uma breve pausa.

– Desculpem – disse Harry em voz baixa.

– Tudo bem – respondeu Hermione com dignidade. Balançou então a cabeça: – Você não se lembra do que o Dumbledore disse na festa de encerramento do ano passado?

Harry e Rony, os dois, olharam-na sem entender, e Hermione tornou a suspirar.

– Sobre Você-Sabe-Quem. Ele disse que “o dom que ele tem de disseminar a discórdia e a inimizade é muito grande. E só podemos combatê-lo criando laços igualmente fortes de amizade e confiança...”.

– Como é que você se lembra dessas coisas? – perguntou Rony, olhando a amiga com admiração.

– Eu presto atenção – respondeu ela, com uma ligeira rispidez.
– Eu também, mas ainda assim não conseguiria repetir exatamente o que...
– A questão – continuou Hermione em voz alta – é que isto é exatamente o tipo de coisa a que Dumbledore estava se referindo. Você-Sabe-Quem só voltou há dois meses e já estamos brigando entre nós. E o alerta do Chapéu Seletor foi o mesmo: fiquem juntos, fiquem unidos...
– E Harry entendeu certo ontem à noite – retorquiu Rony. – Se isto significa que teremos de ser amiguinhos do pessoal de Sonserina... *pode esquecer*.
– Bom, acho que é uma pena que a gente não esteja procurando se unir ao pessoal das outras casas – respondeu Hermione irritada.
Os três tinham chegado ao pé da escadaria de mármore. Uma fila de quartanistas da Corvinal ia atravessando o saguão; ao avistarem Harry, agruparam-se depressa, como se tivessem medo de que ele atacasse os retardatários.
– É, devíamos realmente estar tentando fazer amizade com gente como essa – disse Harry sarcasticamente.
0 os alunos da Corvinal que entravam no Salão Principal, e instintivamente olharam para a mesa dos professores. A Profª Grubbly-Plank conversava com a Profª Sinistra, de Astronomia, e Hagrid mais uma vez esteve conspícuo apenas por sua ausência. O teto encantado refletia o estado de ânimo de Harry: era um cinza-chuva deprimente.
– Dumbledore nem mencionou por quanto tempo aquela Grubbly-Plank vai ficar – comentou, ao se dirigirem à mesa da Grifinória.
– Talvez... – disse Hermione pensativa.
– Quê? – perguntaram Harry e Rony ao mesmo tempo.
– Bom... talvez ele não quisesse chamar atenção para o fato de Hagrid não estar aqui.
– Que é que você quer dizer com chamar atenção? – perguntou Rony, meio rindo. – Como é possível a gente não notar?
Antes que Hermione pudesse responder, uma garota alta e negra, com longos cabelos trançados, veio diretamente até Harry.
– Oi, Angelina.
– Oi – disse ela animada –, boas férias? – E sem esperar resposta: – Escute, fui nomeada capitã da equipe de quadribol da Grifinória.
– Boa! – exclamou Harry, sorrindo para a garota; suspeitava que os papos antes dos jogos talvez não fossem mais tão longos quanto os de Olívio Wood costumavam ser, o que só poderia ser uma melhora.
– É, bem, precisamos de um novo goleiro agora que Olívio foi embora. Os

testes vão ser na sexta-feira, às cinco horas, e eu gostaria que o time todo estivesse lá, está bem? Então veremos como o jogador novo vai se ajustar.
– O.k. – concordou Harry.
Angelina sorriu para ele e se afastou.
– Eu tinha esquecido que Wood se formou – disse Hermione, distraída, quando se sentou ao lado de Rony e puxou um prato de torradas para perto. – Suponho que isso vá fazer uma grande diferença para o time?
– Suponho que sim – concordou Harry, sentando no banco defronte. – Era um bom goleiro...
– Ainda assim, não vai ser ruim receber sangue novo, vai? – perguntou Rony.
Com um forte deslocamento de ar e ruídos de batidas, centenas de corujas entraram voando pelas janelas superiores. Desceram por todo o salão, trazendo cartas e pacotes para seus donos, e deixando cair uma verdadeira chuva de pingos sobre as pessoas que tomavam café; sem a menor dúvida estava chovendo pesado lá fora. De Edwiges nem sinal, mas Harry não se surpreendeu; seu único correspondente era Sirius, e ele duvidava que o padrinho tivesse alguma novidade para lhe contar apenas vinte e quatro horas depois de se separarem. Hermione, porém, teve de afastar depressa o seu suco de laranja para abrir espaço para uma enorme coruja-de-igreja molhada, que trazia um encharcado *Profeta Diário* no bico.
– Para que é que você ainda está recebendo isso? – perguntou Harry irritado, pensando em Simas, enquanto Hermione colocava um nuque na bolsinha de couro presa à perna da coruja que em seguida levantou voo. – Eu não estou mais... é um monte de baboseiras.
– É melhor saber o que o inimigo está dizendo – respondeu Hermione sombriamente, e, desdobrando o jornal, desapareceu por trás dele, só reaparecendo quando Harry e Rony tinham terminado a refeição.
– Nada – disse simplesmente, enrolando o jornal e guardando-o ao lado do prato. – Nada sobre você nem Dumbledore nem nada.
A Profª McGonagall agora vinha passando pela mesa distribuindo os horários.
– Olhem só hoje! – gemeu Rony. – História da Magia, dois tempos de Poções, Adivinhação e dois tempos de Defesa Contra as Artes das Trevas... Binns, Snape, Trelawney e a tal Umbridge, tudo no mesmo dia! Gostaria que Fred e Jorge trabalhassem mais rápido para aprontar aqueles kits Mata-Aulas...
– Será que os meus ouvidos me enganam? – perguntou Fred, que vinha chegando com Jorge e se apertou no banco de Harry. – Com certeza os monitores de Hogwarts não desejam matar aulas!
– Olhe só o que temos hoje – disse Rony rabugento, metendo o horário embaixo do nariz de Fred. – É a pior segunda-feira que já vi na vida.

– Um argumento válido, maninho – disse Fred, examinando a coluna do dia. – Posso lhe ceder um pouco de Nugá Sangra-Nariz baratinho, se quiser.
– Por que baratinho? – perguntou Rony, desconfiado.
– Porque você não vai parar de sangrar até murchar inteiro, ainda não temos um antídoto – disse Jorge, servindo-se de um arenque.
– Obrigado – disse Rony, mal-humorado, guardando o horário no bolso –, mas acho que fico com as aulas.
– E por falar nos seus kits Mata-Aulas – disse Hermione encarando os gêmeos com um olhar penetrante –, vocês não podem pôr anúncios pedindo cobaias no quadro de avisos da Grifinória.
– Quem disse? – perguntou Jorge, espantado.
– Digo eu – respondeu Hermione. – E Rony.
– Me deixe fora disso – disse Rony na mesma hora.
Hermione olhou feio para ele. Fred e Jorge deram risadinhas debochadas.
– Você vai mudar esse seu tom muito breve, Hermione – disse Fred, enchendo de manteiga um pãozinho de minuto. – Você vai começar o quinto ano, e não vai demorar muito para nos suplicar por um kit Mata-Aula.
– E por que começar o quinto ano significa que vou querer um kit Mata-Aula? – perguntou Hermione.
– O quinto ano é o ano dos exames para obter os Níveis Ordinários em Magia – disse Jorge.
– E daí?
– E daí que os seus exames vêm aí, não é? E os professores vão esfregar o nariz de vocês com tanta força naquela pedra de amolar que ele vai ficar em carne viva – disse Fred com satisfação.
– Metade da nossa turma teve probleminhas nervosos quando estavam se aproximando os exames – disse Jorge satisfeito. – Crises de choro e chiliques... Patrícia Stimpson não parava de desmaiar...
– O Ken Towler ficou cheio de furúnculos, lembra? – perguntou Fred, recordando.
– Mas foi porque você pôs pó de fura-frunco no pijama dele – retrucou Jorge.
– Ah, foi mesmo – disse Fred, rindo. – Tinha me esquecido... às vezes é difícil lembrar de tudo, não é?
– Em todo o caso, é um ano de pesadelo, o quinto – concluiu Jorge. – Pelo menos se você costuma se preocupar com os resultados de exames. Bem ou mal, Fred e eu conseguimos manter nosso moral.
– É... vocês conseguiram, quanto foi mesmo, três N.O.M.s cada um? – disse Rony.
– Foi – respondeu Fred, despreocupadamente. – Mas achamos que o nosso

futuro não será no mundo das realizações acadêmicas.
– Debatemos seriamente se íamos nos dar ao trabalho de voltar e completar o sétimo ano – disse Jorge, animado –, agora que temos...
Calou-se a um olhar de Harry, que percebera que Jorge estava a ponto de mencionar o prêmio Tribruxo que ele dera aos gêmeos.
– ... agora que conseguimos os nossos N.O.M.s – continuou Jorge, depressa. – Quero dizer, será que realmente precisamos dos N.I.E.M.s? Mas achamos que mamãe não iria aguentar ver a gente abandonando a escola cedo, não depois de Percy ter virado o maior imbecil do mundo.
– Mas não vamos desperdiçar o nosso último ano aqui – disse Fred, correndo os olhos com carinho pelo Salão Principal. – Vamos usá-lo para pesquisar um pouco o mercado, descobrir exatamente o que o aluno médio de Hogwarts precisa comprar em uma loja de logros, avaliar cuidadosamente os resultados da nossa pesquisa, e então fabricar a mercadoria exata para atender à demanda.
– Mas onde é que vocês vão arranjar o ouro para abrir uma lo-ja de logros? – perguntou Hermione, sem acreditar. – Vocês vão precisar de muitos ingredientes e materiais... e de um local também, suponho...
Harry não olhou para os gêmeos. Sentiu o rosto quente; intencionalmente, deixou cair o garfo no chão e mergulhou embaixo da mesa para apanhá-lo. Ouviu Fred dizer lá no alto:
– Não nos faça perguntas e não diremos mentiras, Hermione. Vamos, Jorge, se chegarmos cedo, talvez a gente consiga vender umas Orelhas Extensíveis antes da aula de Herbologia.
Harry saiu de baixo da mesa e viu Fred e Jorge se afastando, cada um levando uma pilha de torradas.
– Que foi que ele quis dizer com isso? – perguntou Hermione, olhando de Harry para Rony. – “Não nos faça perguntas...” Isso quer dizer que eles já têm algum ouro para começar a loja de logros?
– Sabe, eu tenho pensado nisso – disse Rony, com a testa enrugada. – Eles me compraram um conjunto de vestes a rigor este verão e não consegui entender onde arranjaram o dinheiro.
Harry resolveu que estava na hora de mudar o rumo da conversa para águas menos perigosas.
– Vocês acham que é verdade que o ano vai ser realmente duro? Por causa dos exames?
– Ah, vai – respondeu Rony. – Com certeza, não acham? Os N.O.M.s são muito importantes, afetam os empregos a que a gente vai poder se candidatar e tudo. Recebemos orientação profissional também, mais para o fim do ano, o Gui me contou. Assim a gente pode escolher os N.I.E.M.s que vai querer fazer no

ano seguinte.

– Vocês sabem o que vão querer fazer quando terminarem Hogwarts? – perguntou Harry aos outros dois, quando deixavam o Salão Principal, pouco depois, para assistir à aula de História da Magia.

– Não tenho muita certeza – disse Rony lentamente. – Exceto que... bom...

Ele pareceu ligeiramente encabulado.

– Quê? – insistiu Harry.

– Bom, seria legal ser auror – disse Rony, em tom displicente.

– Ah, isso seria – apoiou Harry, com fervor.

– Mas eles são, tipo, a elite – disse Rony. – É preciso ser realmente fera. E você, Mione?

– Não sei. Acho que gostaria de fazer alguma coisa que realmente valesse a pena.

– Ser auror vale a pena! – disse Harry.

– É, claro que vale, mas não é a única coisa que vale a pena – disse Hermione, pensativa –, quero dizer, se eu pudesse levar o FALE adiante...

Harry e Rony tomaram o cuidado de evitar se olhar.

A História da Magia era, por consenso, a disciplina mais chata que a bruxidade inventara. Binns, o professor fantasma, tinha uma voz asmática e monótona que era quase uma garantia de provocar grave sonolência em dez minutos, cinco em tempo de calor. Ele jamais variava a maneira de dar aulas, falava sem fazer uma única pausa, enquanto a turma anotava suas palavras, ou melhor, mirava sonolentamente o vazio. Harry e Rony até agora tinham conseguido passar raspando, copiando as anotações de Hermione antes dos exames; somente ela parecia capaz de resistir ao poder soporífico da voz de Binns.

Hoje, eles sofreram quarenta e cinco minutos de cantilena sobre as guerras dos gigantes. Harry ouviu o bastante em apenas dez minutos para perceber, mesmo vagamente, que nas mãos de outro professor o assunto poderia ter tido algum interesse, depois o seu cérebro se desligou, e ele passou os trinta e cinco minutos restantes jogando forca com Rony em um canto de pergaminho, enquanto Hermione lançava aos dois olhares de censura pelo canto do olho.

– E como seria – perguntou ela friamente, quando os três saíam da sala para o intervalo (Binns desaparecia através do quadro-negro) – se este ano eu me recusasse a emprestar as minhas anotações a vocês?

– Não passaríamos no N.O.M. Se você quiser ter isso pesando na sua consciência, Mione...

– Ora, seria bem merecido. Vocês nem ao menos tentam escutar o que ele diz, tentam?

– Tentamos – disse Rony. – Só que não temos o seu cérebro nem a sua memória nem a sua concentração... você é simplesmente mais inteligente do que nós... você acha bonito esfregar isso na cara da gente?
– Ah, não me venha com essa baboseira – disse Hermione, mas pareceu um pouco menos zangada quando saiu à frente deles para o pátio molhado.
Caía uma chuvinha fina e nevoenta, que fazia os contornos das pessoas paradas em grupos ao redor do pátio parecerem esfumados. Harry, Rony e Hermione escolheram um canto isolado sob uma sacada que pingava abundantemente, virando para cima as golas das vestes para se protegerem do ar gelado de setembro, enquanto conversavam sobre o dever que Snape pediria na primeira aula do ano. Tinham chegado a concordar que, muito provavelmente, seria algo de extrema dificuldade para apanhá-los desprevenidos ao fim de dois meses de férias, quando alguém entrou no pátio e veio na direção deles.
– Olá, Harry!
Era Cho Chang e, mais, vinha sozinha outra vez. Isto era muito incomum. Quase sempre Cho estava cercada por um bando de garotas risonhas; Harry se lembrou da agonia por que passara para encontrá-la sozinha e convidá-la para o Baile de Inverno.
– Oi – disse Harry, sentindo seu rosto esquentar. *Pelo menos desta vez você não está coberto de seiva de escrofulária*, disse a si mesmo. Cho parecia estar pensando mais ou menos a mesma coisa.
– Você conseguiu limpar aquela coisa, então?
– Claro – disse Harry, tentando sorrir, como se a lembrança do último encontro fosse engraçada e não mortificante. – Então, você teve... hum... as férias foram boas?
No momento em que disse isso ele desejou que não o tivesse dito – Cedrico era o namorado de Cho e a lembrança de sua morte devia ter afetado as férias dela tão fortemente quanto afetara as de Harry. Alguma coisa pareceu retesar em seu rosto, mas ela respondeu:
– Ah, foram bem, você sabe...
– Isso é um emblema dos Tornados? – perguntou Rony de repente, apontando para a frente das vestes de Cho, onde havia um emblema azul-celeste brasonado com um T duplo dourado. – Você não torce por eles, torce?
– Torço – respondeu Cho.
– Você sempre torceu por eles, ou só depois que começaram a ganhar destaque na divisão? – perguntou Rony, no que Harry considerou um tom desnecessariamente inquisitivo.
– Torço por eles desde que tinha seis anos – respondeu Cho tranquilamente. – Em todo o caso... a gente se vê, Harry.

Ela se afastou, e Hermione aguardou até Cho ter atravessado metade do pátio para brigar com Rony.

– Você não tem um pingo de sensibilidade!

– Quê? Eu só perguntei a ela se...

– Você não percebeu que ela queria falar com Harry sozinha?

– E daí? Podia ter falado, eu não estava impedindo...

– Droga, por que você estava atacando a garota por causa do time de quadribol?

– Atacando? Eu não estava atacando a Cho, estava só...

– Quem se *importa* se ela torce pelos Tornados?

– Ah, nem vem, metade das pessoas que a gente vê usando esses emblemas só os compraram na última temporada...

– E que *diferença faz*?

– Quer dizer que não são fãs de verdade, só estão aproveitando a onda...

– A sineta – disse Harry desanimado, porque Rony e Hermione estavam alterados demais para ouvi-la. Os dois não pararam de discutir durante todo o caminho para a masmorra de Snape, o que deu a Harry muito tempo para refletir que, entre Neville e Rony, ele teria muita sorte se um dia conseguisse conversar com Cho dois minutos, de que ele pudesse lembrar sem ter vontade de fugir do país.

E, no entanto, pensou, ao entrarem na fila que se formava do lado de fora da porta da sala de Snape, Cho tinha resolvido vir falar com ele, não tinha? Fora namorada de Cedrico; podia muito bem ter odiado Harry por sair vivo do labirinto do Tribruxo enquanto Cedrico morrera, ainda assim, estava falando com ele de maneira perfeitamente amigável e não como se o achasse doido, nem mentiroso nem responsável, de alguma maneira sinistra, pela morte do namorado... sim, sem a menor dúvida, ela resolvera vir falar com ele, e pela segunda vez em dois dias... e, com este pensamento, Harry começou a se animar. Até mesmo o som agourento da porta da masmorra de Snape rangendo ao abrir não estourou a bolhinha de esperança que parecia ter crescido em seu peito. Ele entrou na sala atrás de Rony e Mione, e os acompanhou à mesa de sempre, no fundo da sala, ignorando os ruídos ríspidos e irritados que ambos produziam.

– Quietos – disse Snape friamente, fechando a porta ao passar.

Não havia real necessidade de dar essa ordem; no momento em que a turma ouviu a porta fechar, o silêncio se instalou e todo o bulício terminou. A mera presença de Snape era, em geral, suficiente para garantir o silêncio da classe.

– Antes de começarmos a aula de hoje – disse o professor, caminhando imponente até a escrivaninha e correndo os olhos pelos alunos –, acho oportuno lembrar a todos que em junho próximo prestarão um importante exame, no qual

provarão o quanto aprenderam sobre a composição e o uso das poções mágicas. Por mais debiloides que sejam alguns alunos desta turma, eu espero que obtenham no mínimo um “Aceitável” no seu N.O.M., ou terão de enfrentar o meu... desagrado.

O seu olhar recaiu desta vez sobre Neville, que engoliu em seco.

– Quando terminar este ano, naturalmente, muitos de vocês deixarão de estudar comigo – continuou Snape. – Só aceito os melhores na minha turma de Poções preparatória para o N.I.E.M., o que significa que alguns de nós certamente vamos dizer adeus.

Seu olhar pousou em Harry e seu lábio se crispou. O garoto encarou-o de volta, sentindo um prazer sinistro em pensar que poderia desistir de Poções depois do quinto ano.

– Mas ainda teremos um ano antes do feliz momento das despedidas – disse Snape suavemente –, portanto, pretendam ou não tentar os exames dos N.I.E.M.s, aconselho a todos que se concentrem em obter a nota alta que sempre espero dos meus alunos de N.O.M.

“Hoje vamos aprender a misturar uma poção que sempre é pedida no exame dos Níveis Ordinários em Magia: a Poção da Paz, uma beberagem para acalmar a ansiedade e abrandar a agitação. Mas fiquem avisados: se pesarem muito a mão nos ingredientes, vão mergulhar quem a beber em um sono pesado e por vezes irreversível, por isso prestem muita atenção no que vão fazer.”

À esquerda de Harry, Hermione sentou-se mais reta, com uma expressão de extrema atenção.

– Os ingredientes e o método – Snape fez um gesto rápido com a varinha – estão no quadro-negro – (eles apareceram ali) –, encontrarão tudo de que precisam – ele tornou a agitar a varinha – no armário do estoque – (a porta do armário mencionado se abriu) –, e vocês têm uma hora e meia... podem começar.

Exatamente como Harry, Rony e Hermione haviam previsto, Snape não poderia ter passado para os alunos uma poção mais difícil e demorada. Os ingredientes tinham de ser acrescentados ao caldeirão na ordem e quantidade precisas; a mistura tinha de ser mexida o número exato de vezes, primeiro no sentido horário, depois no anti-horário; o calor e as chamas em que a poção ia cozinhar tinham de ser reduzidos a um nível exato, por um número específico de minutos antes do último ingrediente ser adicionado.

– Um vapor claro e prateado deve se desprender da poção – avisou Snape – dez minutos antes de ficar pronta.

Harry, que suava profusamente, correu o olhar desesperado pela masmorra. Seu caldeirão estava liberando uma enorme quantidade de vapor cinza-escuro; o de Rony cuspia fagulhas verdes. Simas cutucava febrilmente as chamas na base

do caldeirão com a ponta da varinha, pois elas pareciam estar se apagando. A superfície da poção de Hermione, no entanto, apresentava uma névoa prateada de vapor, e quando Snape passou por ela olhou do alto do seu narigão sem fazer comentários, o que significava que não conseguira encontrar nada a criticar. Junto ao caldeirão de Harry, porém, o professor parou, e olhou-o com um horrível sorriso de afetação no rosto.

– Potter, que é que você acha que isto é?

Os alunos da Sonserina sentados na frente da sala ergueram a cabeça, pressurosos: adoravam ouvir Snape implicar com Harry.

– A Poção da Paz – respondeu o garoto, tenso.

– Diga-me, Potter – perguntou Snape baixinho –, você sabe ler?

Draco Malfoy deu uma risada.

– Sei, sim senhor – disse Harry, os dedos apertando a varinha.

– Leia a terceira linha das instruções para mim, Potter.

Harry apertou os olhos para ver o quadro-negro; não era fácil ler as instruções através da névoa de vapor multicolorido que agora enchia a masmorra.

– Acrescente a pedra da lua moída, mexa três vezes no sentido anti-horário, deixe cozinhar durante sete minutos, depois junte duas gotas de xarope de heléboro.

Seu ânimo despencou. Ele não juntara o heléboro, passara direto para a quarta linha das instruções, depois de cozinhar a poção durante sete minutos.

– Você fez tudo que estava na terceira linha, Potter?

– Não, senhor – respondeu Harry baixinho.

– Como disse?

– Não – repetiu o garoto mais alto. – Esqueci o heléboro.

– Eu sei que esqueceu, Potter, o que significa que essa porcaria não serve para nada. *Evanesco!*

O conteúdo do caldeirão de Harry desapareceu; ele ficou parado como um tolo ao lado do caldeirão vazio.

– Os alunos que *conseguiram* ler as instruções encham um frasco com uma amostra de sua poção, colem uma etiqueta com o seu nome escrito com clareza e tragam-no à minha escrivaninha para verificação – disse Snape. – Dever de casa: trinta centímetros de pergaminho sobre as propriedades da pedra da lua e seus usos no preparo de poções, a ser entregue na terça-feira.

Enquanto todos a sua volta enchiam os frascos, Harry guardou o que era seu, espumando de raiva. Sua poção não estava pior do que a de Rony, que agora exalava um cheiro horrível de ovo podre; ou a de Neville, que atingira a consistência de cimento recém-misturado, e agora ele tentava extrair do caldeirão; mas era apenas ele, Harry, que iria receber zero no trabalho do dia. Ele

guardou a varinha na mochila e se largou na carteira, observando os demais se dirigirem à escrivaninha de Snape com frascos cheios e arrolhados. Quando finalmente a sineta tocou, Harry foi o primeiro a sair da masmorra, e já começara a almoçar quando Rony e Hermione vieram se juntar a ele no Salão Principal. O teto se transformara em um cinza ainda mais sujo durante a manhã. A chuva fustigava as janelas.

– Foi realmente injusto – disse Hermione, consolando-o e, sentando-se ao seu lado, serviu-se do empadão de batata com carne moída. – A sua poção estava quase tão ruim quanto a de Goyle; quando ele a despejou no frasco a coisa explodiu e incendiou as vestes dele.

– É, fazer o quê – disse Harry, olhando carrancudo para o prato –, desde quando Snape foi justo comigo?

Os outros não responderam; os três sabiam que a inimizade de Snape e Harry fora absoluta desde o momento em que o amigo pusera os pés em Hogwarts.

– Eu realmente pensei que talvez ele fosse melhorar um pouquinho este ano – disse Hermione, desapontada. – Quero dizer... sabe... – ela olhou para os lados cautelosamente; havia meia dúzia de lugares vazios de cada lado deles e ninguém passava pela mesa – agora que ele está na Ordem e tudo.

– Cogumelos venenosos não mudam sua natureza – disse Rony sabiamente. – Em todo o caso, eu sempre achei Dumbledore meio matusquela por confiar em Snape. Onde está a prova de que ele realmente parou de trabalhar para Você-Sabe-Quem?

– Acho que Dumbledore provavelmente tem muitas provas, mesmo que não as revele a você – retorquiu Hermione.

– Ah, calem a boca, vocês dois – disse Harry, rudemente, quando Rony abriu a boca para responder. Hermione e Rony congelaram, demonstrando estar zangados e ofendidos. – Será que não podem dar um tempo? Sempre brigando um com o outro, estão me enlouquecendo. – E, largando o empadão pela metade, atirou a mochila às costas e deixou os dois sentados ali.

Harry subiu dois degraus de cada vez da escadaria de mármore, passando pelos numerosos estudantes que corriam para almoçar. A raiva que acabara de extravasar tão inesperadamente ainda queimava dentro dele, e a visão dos rostos chocados de Rony e Hermione lhe proporcionou uma sensação de profunda satisfação. *Bem feito para eles*, pensou, *será que não podem dar um descanso... brigam o tempo todo... é suficiente para fazer qualquer um subir pelas paredes...*

Em um dos patamares, ele passou pelo grande retrato de Sir Cadogan; o cavalheiro desembainhou a espada e brandiu-a ferozmente contra Harry, que não lhe deu atenção.

– Volte aqui seu cão pestilento! Fique parado e lute! – berrou com a voz

abafada pelo visor da armadura, mas Harry simplesmente continuou o seu caminho e, quando Sir Cadogan tentou segui-lo, correndo para o retrato do lado, foi repelido por seu dono, um cachorrão de cara feroz.

Harry passou o resto do intervalo para o almoço sentado sozinho sob o alçapão, no alto da Torre Norte. Em consequência disso, foi o primeiro a subir a escada prateada que levava à sala de aula de Sibila Trelawney, quando a sineta tocou.

Depois de Poções, Adivinhação era a aula de que Harry menos gostava, principalmente por causa do hábito que tinha a Profª Trelawney de predizer sua morte prematura com frequência. Uma mulher magra, envolta em pesa dos xales e refulgente de colares, ela sempre lembrara a Harry uma espécie de inseto, cujos óculos ampliavam enormemente seus olhos. Estava atarefada, colocando exemplares de livros encadernados em couro, mas muito usados, sobre cada uma das mesinhas instáveis que atravancavam sua sala, quando Harry entrou. Porém, a luz refletida pelos abajures cobertos por lenços de seda e pelo fogo baixo e nauseante da lareira era tão fraca que a professora pareceu não ter notado a presença do garoto quando ele se sentou nas sombras. Os demais alunos foram chegando nos cinco minutos seguintes. Rony apareceu no alçapão, olhou atentamente a toda volta, localizou Harry e se encaminhou direto para ele, ou o mais diretamente que pôde, depois de contornar mesas, cadeiras e pufes repolhudos.

– Hermione e eu paramos de discutir – disse ele, sentando-se ao lado do amigo.

– Ótimo – resmungou Harry.

– Mas Hermione diz que acha que seria legal se você parasse de descontar sua raiva na gente.

– Eu não estou...

– Eu estou só transmitindo o recado – disse Rony, interrompendo-o. – Mas acho que ela tem razão. Não é nossa culpa o modo do Simas e do Snape tratarem você.

– Eu nunca disse isso...

– Bom-dia – saudou a Profª Trelawney, com a voz difusa e sonhadora de sempre, e Harry parou de falar, sentindo-se mais uma vez chateado e ligeiramente envergonhado. – E bom retorno à Adivinhação. Eu estive naturalmente acompanhando o destino de vocês com a maior atenção durante as férias, e estou felicíssima que todos tenham voltado a Hogwarts sãos e salvos, como, aliás, eu sabia que aconteceria.

“Vocês vão encontrar nas mesas à sua frente exemplares do *Oráculo dos*

sonhos, da autoria de Inigo Imago. A interpretação dos sonhos é um meio dos mais importantes para adivinhar o futuro, e que por isso pode muito provavelmente ser exigido no seu N.O.M. Não que eu acredite, é claro, que ser aprovado ou não em um exame tenha a mais remota importância, quando tratamos da arte sagrada da adivinhação. Se a pessoa tem o Olho que Vê, os certificados e as séries concluídas não vêm ao caso. Contudo, o diretor gosta que vocês prestem exames, portanto...”

A voz da professora foi baixando delicadamente, não deixando aos alunos a menor dúvida de que ela considerava a sua disciplina acima de detalhes sórdidos como exames.

– Abram, por favor, na Introdução, e leiam o que Imago tem a dizer sobre a interpretação de sonhos. Depois, quero que se dividam em pares e usem o *Oráculo dos sonhos* para interpretar os sonhos mais recentes um do outro. Comecem.

Uma coisa boa a dizer desta aula é que não durava dois tempos. Na altura em que todos terminaram de ler a introdução ao livro, restavam menos de dez minutos para a interpretação de sonhos. Na mesa ao lado da de Harry e Rony, Dino fizera par com Neville, que imediatamente embarcou em uma interminável explicação sobre um pesadelo que envolvia uma tesoura gigantesca usando o melhor chapéu de sua avó; Harry e Rony apenas se entreolharam sombriamente.

– Nunca me lembro dos meus sonhos – disse Rony. – Conta você.

– Você deve lembrar pelo menos um deles – disse Harry, impaciente.

Ele não ia dividir seus sonhos com ninguém. Sabia perfeitamente bem o que significava o pesadelo frequente com um cemitério, e não precisava de Rony nem da Profª Trelawney, nem daquele livro idiota para lhe dizer.

– Bom, uma noite dessas eu sonhei que estava jogando quadribol – disse Rony, contraindo o rosto num esforço para se lembrar. – Que é que você acha que isso significa?

– Provavelmente que você vai ser devorado por um marshmallow gigante ou outra coisa assim – disse Harry, folheando as páginas do *Oráculo dos sonhos,* sem interesse. Era um trabalho muito sem graça procurar fragmentos de sonhos no *Oráculo,* e Harry não se sentiu mais animado quando a professora mandou preparar um diário com os sonhos de um mês, como dever de casa. Quando a sineta tocou, ele e Rony foram os primeiros a descer pela escada, Rony resmungando em voz alta.

– Você já percebeu quanto dever de casa já temos? Binns mandou fazer um trabalho de quarenta e cinco centímetros sobre as guerras dos gigantes, Snape quer trinta centímetros sobre o uso das pedras da lua, e agora temos de fazer um diário de sonhos durante um mês para Trelawney! Fred e Jorge não estavam

errados sobre o ano dos exames, sabe? É melhor aquela tal Umbridge não nos dar nada...

Quando os dois entraram na sala de aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, encontraram a Profª Umbridge já sentada à escrivaninha, usando o casaquinho peludo cor-de-rosa da noite anterior e o laço de veludo preto na cabeça. Novamente Harry se lembrou, sem querer, de um moscão encarrapitado insensatamente na cabeça de um sapo ainda maior.

A turma entrou na sala em silêncio; a Profª Umbridge era, até aquele momento, uma incógnita, e ninguém sabia se seria ou não adepta da disciplina rigorosa.

– Bom, boa-tarde! – disse ela finalmente, quando a turma inteira acabou de sentar.

Alguns alunos murmuraram “boa-tarde” em resposta.

– Tss-tss – muxoxou a professora. – *Assim* não vai dar, concordam? Eu gostaria que os senhores, por favor, respondessem: “Boa-tarde, Profª Umbridge.” Mais uma vez, por favor. Boa-tarde, classe!

– Boa-tarde, Profª Umbridge – entoaram os alunos monotonamente.

– Agora sim – disse a professora com meiguice. – Não foi muito difícil, foi? Guardem as varinhas e apanhem as penas.

Muitos alunos trocaram olhares sombrios; nunca antes à ordem “guardem as varinhas” se seguira uma aula que eles achassem interessante. Harry enfiou a varinha de volta na mochila e apanhou pena, tinta e pergaminho. A Profª Umbridge abriu a bolsa e tirou a própria varinha, que era excepcionalmente curta, e com ela deu uma pancada forte no quadro-negro; imediatamente apareceu ali escrito:

Defesa Contra as Artes das Trevas
Um Retorno aos Princípios Básicos

– Bom, o ensino que receberam desta disciplina foi um tanto interrompido e fragmentário, não é mesmo? – afirmou a Profª Umbridge, virando-se para encarar a turma, com as mãos perfeitamente cruzadas diante do corpo. – A mudança constante de professores, muitos dos quais não parecem ter seguido nenhum currículo aprovado pelo Ministério, infelizmente teve como consequência os senhores estarem muito abaixo dos padrões que esperaríamos ver no ano dos N.O.M.s.

“Os senhores ficarão satisfeitos de saber, porém, que tais problemas agora serão corrigidos. Este ano iremos seguir um curso de magia defensiva, aprovado

pelo Ministério e cuidadosamente estruturado em torno da teoria. Copiem o seguinte, por favor.”

Ela tornou a bater no quadro; a primeira mensagem desapareceu e foi substituída por “Objetivos do Curso”.

1. Compreender os princípios que fundamentam a magia defensiva.

2. Aprender a reconhecer as situações em que a magia defensiva pode legalmente ser usada.

3. Inserir o uso da magia defensiva em contexto de uso.

Por alguns minutos o som de penas arranhando pergaminhos encheu a sala. Depois que todos copiaram os três objetivos do curso da Profª Umbridge, ela perguntou:

– Todos têm um exemplar de *Teoria da magia defensiva* de Wilbert Slinkhard?

Ouviu-se um murmúrio baixo de concordância por toda a sala.

– Acho que vou tentar outra vez – disse ela. – Quando eu fizer uma pergunta, gostaria que os senhores respondessem: “Sim, senhora, Profª Umbridge” ou “Não, senhora, Profª Umbridge”. Então: todos têm um exemplar de *Teoria da magia defensiva* de Wilbert Slinkhard?

– Sim, senhora, Profª Umbridge – ecoou a resposta pela sala.

– Ótimo. Eu gostaria que os senhores abrissem na página cinco e lessem o Capítulo Um, “Elementos Básicos para Principiantes”. Não precisarão falar.

A Profª Umbridge deu as costas ao quadro e se acomodou na cadeira, à escrivaninha, observando todos os alunos, com aqueles olhos empapuçados de sapo. Harry abriu à página cinco do seu exemplar de *Teoria da magia defensiva* e começou a ler.

Era desesperadamente monótono, tão ruim quanto escutar o Prof. Binns. Sentiu sua concentração ir fugindo; logo tinha lido a mesma linha meia dúzia de vezes, sem absorver nada além das primeiras palavras. Vários minutos se passaram em silêncio. Ao seu lado, Rony virava e revirava a pena entre os dedos distraidamente, os olhos fixos no mesmo ponto da página. Harry olhou para a direita e teve uma surpresa que sacudiu o seu torpor. Hermione nem sequer abrira seu exemplar de *Teoria da magia defensiva*. Olhava fixamente a Profª Umbridge com a mão levantada.

Harry não se lembrava de Hermione jamais ter deixado de ler quando a mandavam fazê-lo, ou resistir à tentação de abrir qualquer livro que passasse embaixo do seu nariz. Olhou-a, indagador, mas ela meramente balançou a

cabeça, a indicar que não ia responder perguntas, e continuou a encarar a professora, que olhava com igual resolução para o outro lado.

Depois de se passarem vários minutos, porém, Harry já não era o único que olhava para Hermione. O capítulo que a professora os mandara ler era tão tedioso que um número cada vez maior de alunos estava preferindo observar a muda tentativa de Hermione de ser notada pela professora a continuar penando para ler os “Elementos Básicos para Principiantes”.

Quando mais da metade da classe estava olhando para Hermione e não para os livros, a professora pareceu decidir que não podia continuar a ignorar a situação.

– Queria me perguntar alguma coisa sobre o capítulo, querida? – perguntou ela a Hermione, como se tivesse acabado de reparar nela.

– Não, não é sobre o capítulo – respondeu Hermione.

– Bem, é o que estamos lendo agora – disse a professora, mostrando seus dentinhos pontiagudos. – Se a senhorita tem outras perguntas, podemos tratar delas no final da aula.

– Tenho uma pergunta sobre os objetivos do curso – disse Hermione.

A Profª Umbridge ergueu as sobrancelhas.

– E como é o seu nome?

– Hermione Granger.

– Muito bem, Srta. Granger, acho que os objetivos do curso são perfeitamente claros se lidos com atenção – respondeu em um tom de intencional meiguice.

– Bem, eu não acho que estejam – concluiu Hermione secamente. – Não há nada escrito no quadro sobre *o uso* de feitiços defensivos.

Houve um breve silêncio em que muitos alunos da turma viraram a cabeça para reler, de testa franzida, os três objetivos do curso ainda escritos no quadro-negro.

– *O uso* de feitiços defensivos? – repetiu a Profª Umbridge, dando uma risadinha. – Ora, não consigo imaginar nenhuma situação que possa surgir nesta sala de aula que exija o uso de um feitiço defensivo, Srta. Granger. Com certeza não está esperando ser atacada durante a aula, está?

– Não vamos usar magia? – exclamou Rony, em voz alta.

– Os alunos levantam a mão quando querem falar na minha aula, Sr...?

– Weasley – respondeu Rony, erguendo a mão no ar.

A Profª Umbridge, ampliando o seu sorriso, virou as costas para ele. Harry e Hermione imediatamente ergueram as mãos também. Os olhos empapuçados da professora se detiveram por um momento em Harry, antes de se dirigir a Hermione.

– Sim, Srta. Granger? Quer me perguntar mais alguma coisa?

– Quero. Certamente a questão central na Defesa Contra as Artes das Trevas é a prática de feitiços defensivos.
– A senhorita é uma especialista educacional do Ministério da Magia, Srta. Granger?
– Não, mas...
– Bem, então, receio que não esteja qualificada para decidir qual é a “questão central” em nenhuma disciplina. Bruxos mais velhos e mais inteligentes que a senhorita prepararam o nosso novo programa de estudos. A senhorita irá aprender a respeito dos feitiços defensivos de um modo seguro e livre de riscos...
– Para que servirá isso? – perguntou Harry, em voz alta. – Se formos atacados, não será em um...
– *Mão*, Sr. Potter! – entoou a Profª Umbridge.
Harry empunhou o dedo no ar. Mais uma vez, a professora prontamente lhe deu as costas, mas agora vários outros alunos tinham erguido as mãos.
– E o seu nome é? – perguntou a professora a Dino.
– Dino Thomas.
– Diga, Sr. Thomas.
– Bem, é como disse o Harry, não é? Se vamos ser atacados, então não será livre de riscos.
– Repito – disse a professora, sorrindo para Dino de modo muito irritante –, o senhor espera ser atacado durante as minhas aulas?
– Não, mas...
A Profª Umbridge interrompeu-o.
– Não quero criticar o modo como as coisas têm sido conduzidas nesta escola – disse ela, um sorriso pouco convincente distendendo sua boca rasgada –, mas os senhores foram expostos a alguns bruxos muito irresponsáveis nesta disciplina, de fato muito irresponsáveis, isto para não falar – ela deu uma risadinha desagradável – em mestiços extremamente perigosos.
– Se a senhora está se referindo ao Prof. Lupin – disse Dino, zangado, esganiçando a voz –, ele foi o melhor que já...
– *Mão*, Sr. Thomas! Como eu ia dizendo: os senhores foram apresentados a feitiços muito complexos, impróprios para a sua faixa etária e potencialmente letais. Alguém os amedrontou, fazendo-os acreditar na probabilidade de depararem com ataques das trevas com frequência...
– Não, isto não aconteceu – protestou Hermione –, só que...
– *Sua mão não está erguida, Srta. Granger!*
Hermione ergueu a mão. A Profª Umbridge virou-lhe as costas.
– Pelo que entendi, o meu antecessor não somente realizou maldições ilegais

em sua presença, como chegou a aplicá-las nos senhores.

– Ora, no fim ficou provado que ele era um maníaco, não foi? – respondeu Dino, acalorado. – E veja bem, ainda assim aprendemos um bocado.

– *Sua mão não está erguida, Sr. Thomas!* – gor jeoua professora. – Agora o Ministério acredita que um estudo teórico será mais do que suficiente para prepará-los para enfrentar os exames, que, afinal, é para o que existe a escola. E o seu nome é? – acrescentou ela, fixando o olhar em Parvati, que acabara de erguer a mão.

– Parvati Patil, e não tem uma pequena parte prática no nosso N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas? Não temos de demonstrar que somos capazes de realizar contrafeitiços e coisas assim?

– Desde que tenham estudado a teoria com muita atenção, não há razão para não serem capazes de realizar feitiços sob condições de exame cuidadosamente controladas – respondeu a professora, encerrando o assunto.

– Sem nunca ter praticado os feitiços antes? – perguntou Parvati, incrédula. – A senhora está nos dizendo que a primeira vez que poderemos realizar feitiços será durante o exame?

– Repito, desde que tenham estudado a teoria com muita atenção...

– E para que vai servir a teoria no mundo real? – perguntou Harry em voz alta, seu punho mais uma vez no ar.

A Profª Umbridge ergueu a cabeça.

– Isto é uma escola, Sr. Potter, não é o mundo real – disse mansamente.

– Então não devemos nos preparar para o que estará nos aguardando lá fora?

– Não há nada aguardando lá fora, Sr. Potter.

– Ah, é? – A raiva de Harry, que parecia estar borbulhando sob a superfície o dia todo, agora começou a atingir o ponto de ebulição.

– Quem é que o senhor imagina que queira atacar crianças de sua idade? – perguntou a professora, num tom horrivelmente meloso.

– Humm, vejamos... – disse Harry numa voz fingidamente pensativa. – Talvez... *Lorde Voldemort?*

Rony ofegou. Lilá Brown soltou um gritinho. Neville escorregou pela lateral do banco. A Profª Umbridge, porém, nem sequer piscou. Estava encarando Harry com uma expressão de sinistra satisfação no rosto.

– Dez pontos perdidos para a Grifinória, Sr. Potter.

A sala ficou parada e em silêncio. Todos olhavam para Umbridge ou para Harry.

– Agora gostaria de deixar algumas coisas muito claras.

A Profª Umbridge ficou em pé e se curvou para a turma, suas mãos de dedos

grossos e curtos abertas sobre a escrivaninha.
– Os senhores foram informados de que um certo bruxo das trevas retornou do além...
– Ele não estava morto – protestou Harry zangado –, mas, sim senhora, ele retornou!
– Sr. Potter-o-senhor-já-fez-sua-casa-perder-dez-pontos-não-piore-ascoisas-para-si-mesmo – disse a professora sem parar para respirar e sem olhar para ele. – Como eu ia dizendo, os senhores foram informados de que um certo bruxo das trevas está novamente solto. *Isto é mentira*.
– NÃO é mentira! – disse Harry. – Eu o vi, lutei com ele.
– Detenção, Sr. Potter! – disse a Profª Umbridge, em tom de triunfo. – Amanhã à tarde. Cinco horas. Na minha sala. Repito, *isto é uma mentira*. O Ministério da Magia garante que não estamos ameaçados por nenhum bruxo das trevas. Se os senhores continuam preocupados, não se acanhem, venham me ver quando estiverem livres. Se alguém está alarmando os senhores com lorotas sobre bruxos das trevas renascidos, eu gostaria de ser informada. Estou aqui para ajudar. Sou sua amiga. E agora, por favor, continuem sua leitura. Página cinco. “Elementos Básicos para Principiantes”.
A Profª Umbridge sentou-se à escrivaninha. Harry, no entanto, ficou em pé. Todos o olhavam; Simas parecia meio apavorado, meio fascinado.
– Harry, não! – sussurrou Hermione, em tom de alerta, puxando-o pela manga, mas ele desvencilhou o braço da mão da amiga.
– Então, segundo a senhora, Cedrico Diggory caiu morto porque quis, foi? – perguntou Harry, com a voz tremendo.
A turma prendeu coletivamente a respiração, porque nenhum colega, exceto Rony e Hermione, jamais ouvira Harry falar do que acontecera na noite em que Cedrico morrera. Todos olhavam avidamente de Harry para a professora, que erguera os olhos e encarava o garoto sem o menor vestígio de falso sorriso no rosto.
– A morte de Cedrico Diggory foi um trágico acidente – disse ela, com frieza.
– Foi assassinato – disse Harry. Ele sentia seu corpo tremer. Pouco falara com outras pessoas sobre isso, e muito menos com trinta colegas que o escutavam ansiosos. – Voldemort o matou, e a senhora sabe disso.
O rosto da Profª Umbridge estava inexpressivo. Por um momento, Harry pensou que fosse berrar com ele. Então ela falou, com a sua voz mais macia, mais meiga e mais infantil:
– Venha cá, Sr. Potter, querido.
Ele chutou sua cadeira para o lado, contornou Rony e Hermione e foi à

escrivaninha da professora. Podia sentir o resto da classe prendendo a respiração. Estava tão furioso que não se importava com o que fosse acontecer.

A Profª Umbridge puxou um pequeno rolo de pergaminho cor-de-rosa da bolsa, esticou-o sobre a escrivaninha, molhou a pena no tinteiro e começou a escrever, curvada sobre o pergaminho para que Harry não pudesse ver o que estava escrevendo. Ninguém falava. Passado um minuto e pouco, ela enrolou o pergaminho e lhe deu um toque com a varinha; ele se selou, sem emendas, de modo que o garoto não o pudesse abrir.

– Leve isto à Profª McGonagall, querido – disse estendendo a ele o bilhete.

Harry apanhou-o sem dizer palavra e saiu da sala, sem sequer olhar para Rony e Hermione, batendo a porta ao passar. Andou muito depressa pelo corredor, o bilhete para McGonagall apertado na mão, mas, ao virar um canto, deu de cara com Pirraça, o poltergeist, um homenzinho de boca grande que flutuava de costas no ar, fazendo malabarismos com vários tinteiros.

– Ora, é o Pirado do Potter! – gargalhou Pirraça, deixando dois tinteiros caírem no chão, onde se estilhaçaram, salpicando tinta nas paredes; Harry pulou para trás para escapar, e rosnou.

– Dá o fora, Pirraça.

– ÔÔÔÔ, o Pirado está irritado – exclamou Pirraça, perseguindo Harry pelo corredor, caçoando enquanto o sobrevoava. – Que foi desta vez, meu querido amigo Pirado? Ouvindo vozes? Tendo visões? Falando – Pirraça produziu um ruído porco com a boca – *línguas*?

– Eu disse, me deixa em PAZ! – berrou Harry, descendo o lance mais próximo de escadas a correr, mas Pirraça simplesmente escorregou de costas pelo corrimão da escada.

Ah, muitos acham que ele está rosnando, o pobre Pottinho,
Mas outros são mais caridosos e dizem que está só triste,
Mas Pirraça sabe das coisas e diz que é pura piração...

– CALA A BOCA!

Uma porta à sua esquerda escancarou-se e a Profª McGonagall saiu de sua sala parecendo implacável e ligeiramente estressada.

– Afinal por que é que você está gritando, Potter? – perguntou com rispidez, enquanto Pirraça dava divertidas gargalhadas e desaparecia de vista. – Por que não está em aula?

– Me mandaram ver a senhora – disse Harry formalmente.

– Mandaram? Que é que você quer dizer com *mandaram*?

Ele estendeu o bilhete da Profª Umbridge. A Profª McGonagall apanhou-o, franzindo a testa, abriu-o com um toque de varinha, desenrolou-o e começou a ler. Seus olhos correram de um lado a outro por trás dos óculos quadrados enquanto lia o que Umbridge escrevera, e a cada linha se tornavam mais apertados.

– Venha aqui, Potter.

Ele entrou atrás dela na sala. A porta se fechou automaticamente.

– Então? – perguntou-lhe a professora, zangada. – É verdade?

– É verdade o quê? – perguntou Harry, um pouco mais agressivamente do que pretendera. – Professora? – acrescentou tentando parecer mais educado.

– É verdade que você gritou com a Profª Umbridge?

– Sim, senhora.

– Chamou-a de mentirosa?

– Chamei.

– Disse a ela que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado retornou?

– Sim, senhora.

A Profª McGonagall sentou-se à escrivaninha, observando Harry com a testa enrugada. Então disse:

– Coma um biscoito, Harry.

– Coma... o quê?

– Coma um biscoito – repetiu ela impaciente, apontando uma lata com estampa escocesa em cima de uma das pilhas de papéis sobre sua mesa. – E sente-se.

Tinha havido uma outra ocasião em que Harry esperara levar umas bastonadas da professora, mas, em lugar disso, fora indicado por ela para a equipe de quadribol da Grifinória. Ele se deixou afundar na cadeira à frente da escrivaninha e se serviu de um tritão de gengibre, sentindo-se tão confuso e atrapalhado quanto na ocasião anterior.

A Profª McGonagall depositou o bilhete sobre a escrivaninha e olhou muito séria para Harry.

– Potter, você precisa ter cuidado.

Harry engoliu o biscoito e encarou a professora.

Seu tom de voz não se parecia com o que ele estava acostumado a ouvir; não era enérgico, seco nem severo; era baixo e ansioso e, de alguma forma, muito mais humano do que o habitual.

– O mau comportamento na classe de Dolores Umbridge poderá lhe custar muito mais do que a perda de pontos e uma detenção.

– Que é que a senhora...

– Potter, use o bom-senso – retorquiu a Profª McGonagall, com um brusco retorno à sua maneira usual. – Você sabe de onde ela vem, você deve saber a quem ela está se reportando.

A sineta tocou anunciando o fim da aula. No andar de cima e por todos os lados, ouviu-se o tropel elefantino de centenas de estudantes em marcha.

– Diz aqui que ela lhe deu uma detenção para cada noite desta semana a começar amanhã – disse McGonagall, tornando a consultar o bilhete.

– Todas as noites desta semana! – repetiu Harry horrorizado. – Mas, professora, será que a senhora não poderia...?

– Não poderia – respondeu ela taxativamente.

– Mas...

– Ela é sua professora e tem todo o direito de lhe dar detenções. Você se apresentará na sala dela amanhã às cinco horas para a primeira. Lembre-se, pise mansinho perto de Dolores Umbridge.

– Mas eu estava dizendo a verdade! – disse Harry, indignado. – Voldemort voltou, a senhora sabe que sim; o Prof. Dumbledore sabe que sim...

– Pelo amor de Deus, Potter! – exclamou a Profª McGonagall, acertando os óculos, muito zangada (contraíra horrivelmente o rosto quando ele usara o nome de Voldemort). – Você acha realmente que o que está em jogo são verdades ou mentiras? O que está em jogo é manter a sua cabeça baixa e a sua irritação sob controle!

Ela se levantou, as narinas abertas e a boca muito fina, e Harry fez o mesmo.

– Coma outro biscoito – disse, irritada, empurrando a lata para o garoto.

– Não, muito obrigado – disse Harry, com frieza.

– Não seja ridículo – ralhou McGonagall.

Ele tirou mais um.

– Obrigado – agradeceu de má vontade.

– Você não escutou com atenção o discurso de Dolores Umbridge no banquete de abertura do ano letivo, Potter?

– Escutei, sim. Eu a escutei... dizer... o progresso será proibido ou... bem, queria dizer que... o Ministério da Magia está tentando interferir em Hogwarts.

A Profª McGonagall mirou-o por um momento, depois fungou, contornou a escrivaninha e segurou a porta aberta para ele.

– Bem, fico contente que pelo menos você escute a Hermione Granger – disse, mandando-o sair com um gesto.

— CAPÍTULO TREZE —
A detenção com Dolores

O jantar no Salão Principal àquela noite não foi uma experiência agradável para Harry. A notícia sobre o seu torneio de gritos com Umbridge se espalhara com excepcional velocidade, mesmo para os padrões de Hogwarts. Ele ouviu cochichos a toda volta enquanto comia, sentado entre Rony e Hermione. O engraçado é que nenhum dos colegas que cochichavam parecia se importar que ele ouvisse o que diziam a seu respeito. Muito ao contrário, pareciam esperar que ele se zangasse e recomeçasse a gritar, para poder ouvir a história em primeira mão.

– Ele diz que viu Cedrico Diggory ser assassinado...

– Ele acha que enfrentou Você-Sabe-Quem...

– Ah, qual é...

– Quem é que ele acha que está enganando?

– Nem vem...

– O que não entendo – disse Harry, com a voz vacilante, descansando a faca e o garfo (suas mãos tremiam demais para segurá-los com firmeza) – é por que todos acreditaram na história há dois meses quando Dumbledore a contou...

– A questão é, Harry, que não tenho muita certeza de que acreditaram – disse Hermione muito séria. – Ah, vamos sair daqui.

Ela bateu com os próprios talheres na mesa; Rony olhou cobiçoso para a torta de maçã que ainda não terminara, mas acompanhou-os. As pessoas ficaram olhando os três saírem do salão.

– O que quis dizer com essa história de não ter certeza de que tenham acreditado em Dumbledore? – perguntou Harry a Hermione, quando chegaram ao patamar do primeiro andar.

– Olhe, você não entende como foi depois que a coisa aconteceu – explicou Hermione em voz baixa. – Você chegou no meio do gramado segurando o

cadáver do Cedrico... nenhum de nós viu o que aconteceu no labirinto... Só tínhamos a palavra do Dumbledore de que Você-Sabe-Quem tinha retornado, matado Cedrico e lutado com você.

– O que é verdade! – disse Harry em voz alta.

– Eu sei que é, Harry, por isso será que pode, *por favor*, parar de se enfurecer comigo? – pediu Hermione, cansada. – Só que antes de poderem assimilar a verdade, todos foram embora, passar as férias em casa, lendo durante dois meses que você é pirado e Dumbledore está ficando senil!

A chuva martelava as vidraças enquanto voltavam, pelos corredores vazios, à Torre da Grifinória. Harry teve a sensação de que seu primeiro dia havia durado uma semana, mas ainda restava uma montanha de deveres para fazer antes de deitar. Uma dor latejante começou a se fixar sobre seu olho direito. Ele espiou pelas janelas, lavadas de chuva, os terrenos da escola, agora escuros, antes de virar para o corredor da Mulher Gorda. A cabana de Hagrid continuava apagada.

– *Mimbulus mimbletonia* – disse Hermione, antes que a Mulher Gorda pudesse perguntar. O quadro girou, expondo o buraco que ocultava, e os três passaram.

A sala comunal estava quase vazia; a maioria dos alunos ainda jantava no salão. Bichento se desenroscou e deixou a poltrona para ir ao encontro deles, ronronando alto, e quando Harry, Rony e Hermione se acomodaram em suas cadeiras favoritas, diante da lareira, ele saltou com leveza para o colo da dona e se aconchegou ali como uma almofadinha laranja e peluda. Harry pôs-se a contemplar as chamas, sentindo-se vazio e exausto.

– *Como* Dumbledore pôde ter deixado isso acontecer?! – exclamou Hermione de repente, fazendo Harry e Rony se sobressaltarem. Bichento pulou do colo dela, parecendo ofendido. Ela socou os braços da poltrona, furiosa, fazendo pedacinhos do enchimento escaparem pelos puídos. – Como é que ele pôde deixar aquela mulher horrível dar aulas para nós? E justamente no ano em que temos de prestar os N.O.M.s?

– Bom, nunca tivemos grandes professores de Defesa Contra as Artes das Trevas, tivemos? – disse Harry. – Você sabe qual é a situação, Hagrid nos contou, ninguém quer o cargo, dizem que está azarado.

– É, mas daí a empregar alguém que se recusa a nos deixar praticar magia! *Qual é* a do Dumbledore?

– E ainda por cima está tentando convencer as pessoas a espionarem para ela – disse Rony sombriamente. – Estão lembrados de quando ela disse que queria que a gente fosse contar se ouvisse alguém dizendo que Você-Sabe-Quem voltou?

– É claro que ela está aqui para espionar, isto é óbvio, por que outra razão Fudge iria querer que ela viesse? – retorquiu Hermione.

– Não comecem a discutir outra vez – disse Harry, cansado, quando Rony abriu a boca para revidar. – Será que não podemos... vamos só fazer os deveres, tirá-los do caminho...

Eles apanharam as mochilas a um canto e tornaram a sentar nas poltronas diante da lareira. As pessoas estavam voltando do jantar agora. Harry manteve o rosto desviado do buraco do retrato, mas ainda assim sentia os olhares que estava atraindo.

– Vamos fazer o do Snape primeiro? – perguntou Rony, mergulhando a pena no tinteiro. – "*As propriedades... da pedra da lua... e seus usos... na preparação de poções*" – murmurou ele, escrevendo as palavras no topo do pergaminho, ao mesmo tempo que as enunciava. – Pronto.

Ele sublinhou o título, depois ergueu os olhos para Hermione, cheio de expectativa.

– Então, quais são as propriedades da pedra da lua e seus usos na preparação de poções?

Mas Hermione não estava ouvindo; tinha os olhos apertados, tentando ver o canto mais distante da sala, onde Fred, Jorge e Lino Jordan estavam sentados no meio de um grupinho de calouros de ar inocente, todos mastigando alguma coisa que parecia ter sido tirada de um grande saco de papel na mão de Fred.

– Não, sinto muito, mas agora eles foram longe demais – disse ela se levantando com um ar decididamente furioso. – Vamos, Rony.

– Eu... quê? – perguntou Rony, procurando visivelmente ganhar tempo. – Não... vamos, Hermione... não podemos repreender os caras por estarem distribuindo doces.

– Você sabe perfeitamente bem que são pedaços de Nugá Sangra-Nariz ou... ou Vomitilhas ou...

– Fantasias Debilitantes? – sugeriu Harry em voz baixa.

Um a um, como se uma marreta invisível tivesse acertado uma pancada na cabeça deles, os calouros começaram a desmaiar nas poltronas; alguns escorregaram direto para o chão, outros caíram por cima dos braços da poltrona, com as línguas penduradas para fora. A maioria dos colegas que observavam a cena ria; mas Hermione aprumou os ombros e marchou diretamente para onde estavam Fred e Jorge agora em pé, pranchetas na mão, observando atentamente os calouros. Rony fez um esforço parcial para se levantar da poltrona, hesitou um instante e em seguida murmurou para Harry:

– Ela está controlando a situação. – E afundou na poltrona o máximo que os seus ossos compridos permitiram.

– Já basta! – disse Hermione com autoridade a Fred e Jorge, fazendo os dois erguerem a cabeça ligeiramente surpresos.

– É, você tem razão – disse Jorge, confirmando com a cabeça –, essa dosagem parece bastante forte, não é?
– Eu disse a vocês hoje de manhã que não podiam testar suas porcarias nos estudantes!
– Nós estamos pagando a eles! – respondeu Fred, indignado.
– Não me interessa, isso pode ser perigoso!
– Bobagem – disse Fred.
– Calma aí, Hermione, eles estão bem! – tranquilizou-a Lino, enquanto ia de calouro em calouro, enfiando doces roxos em suas bocas abertas.
– Estão sim, olhe, estão recuperando os sentidos – disse Jorge.
Alguns dos calouros estavam de fato voltando a si. Vários deles pareciam tão chocados de se ver caídos no chão, ou pendurados nas poltronas, que Harry teve a certeza de que Fred e Jorge não lhes explicara o efeito dos doces.
– Está se sentindo legal? – perguntou Jorge carinhosamente a uma menininha de cabelos escuros caída aos seus pés.
– Acho... acho que estou – respondeu ela, trêmula.
– Excelente! – exclamou Fred muito feliz, mas, no segundo seguinte, Hermione arrebatara de suas mãos a prancheta e o saco de papel com Fantasias Debilitantes.
– NÃO, não é excelente!
– Claro que é, eles estão vivos, não estão? – respondeu Fred, zangado.
– Você não pode fazer isso, e se tivesse deixado os garotos realmente doentes?
– Não vamos deixar ninguém doente, já testamos os doces em nós mesmos, isto é só para verificar se todo o mundo reage igual...
– Se vocês não pararem com isso, eu vou...
– Nos dar uma detenção? – perguntou Fred, em tom de quem diz quero-ver-você-tentar.
– Mandar a gente escrever frases? – perguntou Jorge, debochando.
Todos os que acompanhavam a cena estavam rindo. Hermione se empertigou; seus olhos se estreitaram e sua cabeleira densa pareceu estalar de eletricidade.
– Não – disse, com a voz tremendo de raiva –, mas vou escrever para sua mãe.
– Você não faria isso – disse Jorge horrorizado, recuando um passo.
– Ah, faria, sim – confirmou ela, séria. – Não posso impedir vocês de comerem essas porcarias, mas vocês não vão dá-las aos calouros.
Fred e Jorge ficaram aterrados. Estava claro que, em sua opinião, a ameaça de Hermione era um golpe muito baixo. Com um último olhar de ameaça aos gêmeos, ela atirou a prancheta e o saco de Fantasias Debilitantes nos braços de Fred e voltou à sua poltrona junto à lareira.
Rony agora se enfiara tão no fundo da poltrona que seu nariz encostava nos

joelhos.
– Obrigada pelo apoio, Rony – disse Hermione causticamente.
– Você resolveu a situação muito bem sozinha – murmurou ele.
Hermione olhou por alguns segundos para o pergaminho que deixara em branco, depois disse, nervosa:
– Ah, não adianta, agora não consigo mais me concentrar. Vou me deitar.
Ela abriu a mochila com violência; Harry pensou que fosse guardar os livros, mas, em lugar disso, tirou dois objetos de lã informes, colocou-os cuidadosamente sobre a mesa junto à lareira, cobriu-os com alguns pedaços de pergaminho amarrotados e uma pena quebrada e deu alguns passos atrás para admirar o efeito.
– Em nome de Merlim, que é que você está fazendo? – perguntou Rony, observando-a como se temesse que a amiga estivesse perdendo o juízo.
– São gorros para os elfos domésticos – esclareceu ela, animada, agora enfiando os livros na mochila. – Fiz durante o verão. Sou uma tricoteira bem lenta, sem magia, mas agora que estou de volta à escola vou poder fazer muitos mais.
– Você vai deixar gorros para os elfos domésticos? – perguntou Rony vagarosamente. – E vai cobri-los com lixo?
– É – respondeu Hermione em tom de desafio, atirando a mochila às costas.
– Isto não é direito – disse Rony zangado. – Você está induzindo-os a apanharem os gorros. Está liberando os elfos sem saber se eles querem ser liberados.
– Claro que eles querem ser liberados! – respondeu Hermione na mesma hora, embora seu rosto começasse a corar. – Não se atreva a tocar nesses gorros, Rony!
Ela saiu da sala. Rony esperou até Hermione desaparecer pela porta que levava ao dormitório das garotas, depois tirou o lixo de cima dos gorros de lã.
– Eles precisam ao menos ver o que estão apanhando – disse com firmeza. – Em todo o caso... – e enrolou o pergaminho em que escrevera o título do trabalho para Snape –, não tem sentido tentar terminar o dever agora, não sou capaz de fazê-lo sem a Mione. Não tenho a menor ideia do que se deve fazer com pedras da lua, e você?
Harry balançou a cabeça, reparando, ao fazer esse movimento, que a dor em sua têmpora direita piorava. Pensou no longo trabalho sobre as guerras dos gigantes e sentiu uma pontada forte. Sabendo perfeitamente que, quando amanhecesse, iria se arrepender de não ter terminado os deveres, empilhou os livros e os guardou na mochila.
– Vou me deitar também.

Passou por Simas a caminho da porta para o dormitório dos garotos, mas não o olhou. Harry teve a impressão fugaz de que o colega começara a abrir a boca para falar, mas ele apressou o passo e alcançou a paz reconfortante da escada circular sem ter de suportar mais nenhuma provocação.

O dia seguinte amanheceu tão escuro e chuvoso quanto o anterior. Hagrid continuava ausente da mesa dos professores durante o café da manhã.

– Mas, do lado positivo, hoje não teremos Snape – disse Rony para animar.

Hermione deu um enorme bocejo e se serviu de café. Parecia bem satisfeita com alguma coisa, e quando Rony lhe perguntou qual era o motivo de tanta satisfação, ela respondeu simplesmente:

– Os gorros desapareceram. Parece que os elfos domésticos afinal querem ser liberados.

– Eu não confiaria nisso – disse Rony, em tom cortante. – Talvez não contem os gorros como roupas. Eu não achei que parecessem gorros, pareciam mais bexigas de lã.

Hermione não falou mais com ele o resto da manhã.

Aos dois tempos de Feitiços, seguiram-se outros dois de Transfiguração. O Prof. Flitwick e a Profª McGonagall passaram os primeiros quinze minutos de suas aulas falando à turma sobre a importância dos N.O.M.s.

– O que vocês precisam lembrar – disse o pequeno Prof. Flitwick, com sua voz de ratinho, encarrapitado como sempre em uma pilha de livros para poder ver por cima do tampo da mesa – é que esses exames podem influenciar o seu futuro durante muitos anos! Se vocês ainda não pensaram seriamente em suas carreiras, agora é o momento de o fazerem. Entrementes, receio que iremos trabalhar com mais afinco que nunca, para garantir que vocês possam provar o que valem!

Depois dessa introdução, eles passaram mais de uma hora recordando os Feitiços Convocatórios, que, segundo o Prof. Flitwick, cairiam com certeza nos exames, e ele arrematou a aula passando a maior quantidade de deveres de Feitiços que seus alunos já haviam recebido.

Em Transfiguração, foi igual, se não pior.

– Vocês não podem passar nos exames – disse a Profª McGonagall muito séria – sem se aplicarem seriamente ao estudo e à prática. Não vejo razão alguma para alguém nesta classe deixar de passar no N.O.M. de Transfiguração, se trabalhar como deve. – Neville fez um muxoxinho de descrença. – E você também, Longbottom. Não há nenhum problema com o seu trabalho a não ser sua falta de confiança. Então... hoje vamos começar a estudar os Feitiços de Desaparição. São mais fáceis do que os Conjuratórios, que normalmente vocês não

experimentariam até os N.I.E.M.s, mas estão incluídos entre as mágicas mais difíceis que serão exigidas nos N.O.M.s.

McGonagall tinha toda razão; Harry achou os Feitiços de Desaparição dificílimos. No final do segundo tempo de aula, nem ele nem Rony tinham conseguido fazer desaparecer as lesmas com que estavam praticando, embora Rony anunciasse, esperançoso, que achava que a dele ficara um pouco mais pálida. Por outro lado, Hermione fez desaparecer, com êxito, a sua lesma, na terceira tentativa, ganhando, da professora, dez pontos para Grifinória. Foi a única pessoa que não recebeu dever de casa; todos os outros receberam ordem de praticar o feitiço e se preparar para uma nova tentativa com as lesmas na tarde seguinte.

Agora, ligeiramente em pânico com a quantidade de deveres de que precisavam dar conta, Harry e Rony passaram a hora do almoço na biblioteca, pesquisando os usos das pedras da lua no preparo de poções. Ainda zangada com a calúnia de Rony sobre seus gorros de lã, Hermione não os acompanhou. Quando chegaram à aula de Trato das Criaturas Mágicas, à tarde, a cabeça de Harry voltou a doer.

O dia se tornara frio e ventoso, e quando desciam o gramado em direção à cabana de Hagrid, na orla da Floresta Proibida, sentiram pingos de chuva no rosto. A Profª Grubbly-Plank aguardava a turma a uns dez metros da porta de entrada de Hagrid, em pé diante de uma longa mesa de cavalete cheia de gravetos. Quando Harry e Rony chegaram mais perto, ouviram grandes gargalhadas às suas costas; ao se virarem, viram Draco Malfoy, que vinha em sua direção, cercado pela gangue de sempre de colegas da Sonserina. Obviamente, dissera algo muito engraçado, porque Crabbe, Goyle, Pansy Parkinson e os demais continuaram a rir gostosamente ao se reunirem em torno da mesa, e, a julgar pelo modo insistente de olhar para Harry, ele não teve muita dificuldade em adivinhar quem era o alvo da graça.

– Todos presentes? – perguntou em tom seco a Profª Grubbly-Plank, quando os alunos da Sonserina e Grifinória finalmente chegaram. – Vamos começar logo, então. Quem é capaz de me dizer o nome dessas coisas?

A professora indicou o montinho de gravetos sobre a mesa. A mão de Hermione se ergueu. Atrás dela, Malfoy fez uma imitação dentuça de Hermione dando pulinhos de ansiedade para responder a perguntas. Pansy teve um acesso de riso que se transformou quase num grito, quando os gravetos sobre a mesa saltaram no ar e revelaram se parecer com minúsculos diabretes de madeira, cada um com nodosos braços e pernas marrons, dois dedos de graveto na ponta das mãos e uma cara gaiata e achatada que lembrava cortiça, em que brilhavam

dois olhinhos de besouro.
– Uhhhhh! – exclamaram Parvati e Lilá, irritando Harry completamente. Qualquer um pensaria que Hagrid jamais mostrara às duas outros seres impressionantes; confessadamente, os vermes foram meio sem graça, mas as salamandras e os hipogrifos tinham sido bem interessantes, e os explosivins talvez até demais.

– Por favor, falem baixo, meninas! – disse a Profª Grubbly-Plank energicamente, espalhando um punhado de algo parecido com arroz integral entre os bichos-gravetos, que imediatamente atacaram a comida. – Então... alguém sabe o nome desse bichos? Srta. Granger?

– Tronquilhos – respondeu Hermione. – São guardiões de árvores, em geral vivem em árvores próprias para varinhas.

– Cinco pontos para a Grifinória – disse a Profª Grubbly-Plank. – São tronquilhos, como disse corretamente a Srta. Granger, em geral vivem em árvores que fornecem material de qualidade para varinhas. Alguém sabe o que eles comem?

– Bichos-de-conta – respondeu prontamente Hermione, o que explicava por que aquilo que Harry pensara serem grãos de arroz integral estava se mexendo. – E também ovos de fada, quando conseguem encontrá-los.

– Muito bem, garota, fique com mais cinco pontos. Portanto, sempre que precisarem da madeira de uma árvore em que há um tronquilho alojado, é bom levar um presente de bichos-de-conta à mão para distrair ou aplacar seu guardião. Eles podem não parecer perigosos, mas, se forem irritados, tentarão arrancar os olhos da pessoa com os dedos, que, como vocês veem, são muito afiados e nem um pouco desejáveis perto dos olhos. Então, se vocês quiserem se aproximar um pouco mais, apanhem uns bichos-de-conta e um tronquilho. Tenho aqui o suficiente para dividi-los por grupos de três, vocês podem estudá-los com mais atenção. Quero que façam individualmente um esboço com todas as partes do corpo identificadas, até o final da aula.

A turma avançou para a mesa. Harry intencionalmente deu a volta por trás, de modo a terminar ao lado da Profª Grubbly-Plank.

– Aonde foi o Hagrid? – perguntou ele, enquanto os outros escolhiam os tronquilhos.

– Não é da sua conta – respondeu a professora, reprimindo-o, a mesma atitude da última vez que Hagrid não aparecera para dar aula. Com um sorriso afetado espalhado pelo rosto pontudo, Draco Malfoy debruçou-se por cima de Harry e apanhou o maior tronquilho que havia.

– Quem sabe – disse Malfoy a meia-voz, de modo que somente Harry pudesse

ouvi-lo – aquele retardadão não acabou se machucando pra valer?
– Quem sabe o que vai lhe acontecer se não calar a boca? – respondeu Harry pelo canto da boca.
– Vai ver ele anda se metendo com coisa *grande* demais para ele, se é que está me entendendo.
Malfoy se afastou rindo, por cima do ombro, para Harry, que repentinamente se sentiu mal. Será que Malfoy sabia de alguma coisa? Afinal, o pai dele era um Comensal da Morte; e se tivesse informação de que algo sucedera a Hagrid, e que ainda não chegara ao conhecimento da Ordem? Ele tornou a dar a volta à mesa depressa e foi se juntar a Rony e Hermione, que estavam acocorados na grama a alguma distância, tentando persuadir um tronquilho a parar quieto, tempo suficiente para poderem desenhá-lo. Harry puxou o pergaminho e a pena, agachou-se ao lado dos outros e contou, aos sussurros, o que Malfoy acabara de falar.
– Dumbledore saberia se alguma coisa tivesse acontecido ao Hagrid – disse Hermione na mesma hora. – Mostrar preocupação é fazer o jogo do Malfoy; é dizer a ele que não sabemos exatamente o que está acontecendo. Temos de ignorá-lo, Harry. Tome aqui, segure o tronquilho um instante, para eu poder desenhar a cara dele...
– É – ouviram a voz clara e arrastada de Malfoy no grupo mais próximo –, papai esteve conversando com o ministro há uns dois dias, sabe, e parece que o Ministério está realmente decidido a agir com rigor para acabar com o ensino de segunda classe desta escola. Por isso, *mesmo que* aquele retardado supernutrido reapareça, ele provavelmente será despedido na hora!
– AI!
Harry apertara o tronquilho com tanta força que quase o partira, e o bicho acabara de revidar, golpeando-lhe a mão com os dedos afiados, produzindo dois cortes longos e profundos. Harry largou-o no chão. Crabbe e Goyle, que já estavam dando gargalhadas com a ideia de Hagrid ser despedido, riram com mais vontade ao ver o tronquilho disparar em direção à floresta, um homenzinho de graveto, logo engolido pelas raízes das árvores. Quando a sineta tocou ao longe, ecoando pelos terrenos da escola, Harry enrolou o seu desenho manchado de sangue e foi para a aula de Herbologia, com a mão enrolada no lenço de Hermione, o riso zombeteiro de Malfoy ainda ressoando em seus ouvidos.
– Se ele chamar Hagrid de retardado mais uma vez... – disse enfurecido.
– Harry, não vá brigar com Malfoy, não se esqueça de que agora ele é monitor e poderia fazer sua vida muito difícil...
– Uau, como seria uma vida muito difícil? – perguntou Harry sarcasticamente. Rony riu, mas Hermione franziu a testa. Juntos, eles foram andando pelos

canteiros de hortaliças. O céu continuava incapaz de decidir se queria ou não chover.

– Eu só gostaria que Hagrid não demorasse a voltar, nada mais – disse Harry em voz baixa, quando chegaram às estufas. – E *não* me diga que a tal Grubbly-Plank é melhor como professora! – acrescentou em tom de ameaça.

– Eu não ia dizer – respondeu Hermione calmamente.

– Porque ela nunca vai ser tão boa quanto o Hagrid – afirmou ele, muitíssimo consciente de que acabara de presenciar uma aula exemplar de Trato das Criaturas Mágicas, e estava absolutamente aborrecido com isso.

A porta da estufa mais próxima se abriu e alguns alunos do quarto ano saíram, inclusive Gina.

– Oi – disse ela, alegremente, ao passar. Alguns segundos depois, saiu Luna Lovegood, atrás do resto da turma, o nariz sujo de terra e os cabelos amarrados em um nó no alto da cabeça. Quando viu Harry, seus olhos salientes pareceram se arregalar de excitação, e ela traçou uma reta até ele. Muitos colegas de Harry se viraram curiosos para olhar. Luna inspirou profundamente e anunciou, sem sequer dar um alô preliminar: – Acredito que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado retornou, e acredito que você lutou com ele e conseguiu fugir.

– Hum... certo – disse Harry, sem jeito. Luna estava usando brincos que pareciam rabanetes cor de laranja, algo que Parvati e Lilá pareciam ter notado, porque davam risadinhas e apontavam para as orelhas dela.

– Podem rir – disse Luna, erguendo a voz, aparentemente sob a impressão de que Parvati e Lilá estavam rindo do que ela dissera e não do que estava usando –, mas as pessoas achavam que Blibbering Humdinger e Crumple-Horned Snorkack também não existiam.

– Ora, e tinham razão, não? – perguntou Hermione, impaciente. – *Não havia* Blibbering Humdinger nem Crumple-Horned Snorkack.

Luna lançou-lhe um olhar de secar planta e foi embora, com um movimento de impaciência que fazia os rabanetes balançarem loucamente. Parvati e Lilá agora não eram as únicas a cair na gargalhada.

– Você se importa de não ofender as únicas pessoas que acreditam em mim? – pediu Harry a Hermione a caminho da aula.

– Ah, pelo amor de Deus, Harry, você pode arranjar gente melhor que *ela*. Gina me contou tudo sobre a Luna; pelo jeito, ela só acredita nas coisas quando não há provas de sua existência. Bem, eu não esperaria outra coisa de alguém cujo pai edita *O Pasquim*.

Harry pensou nos sinistros cavalos alados que vira na noite da chegada, e em Luna lhe dizendo que também era capaz de vê-los. Seu ânimo minguou ligeiramente. Será que ela mentira? Mas, antes que pudesse dedicar muito tempo

ao assunto, Ernesto Macmillan se aproximara dele.
– Eu quero que você saiba, Potter – disse alto e bom som –, que não são apenas os excêntricos que apoiam você. Eu, pessoalmente, acredito em você cem por cento. Minha família sempre se manteve firme ao lado de Dumbledore, e eu também.
– Hum... muito obrigado, Ernesto – disse Harry, surpreso mas satisfeito. Ernesto podia ser pomposo em ocasiões como aquela, mas Harry estava disposto a apreciar profundamente um voto de confiança de alguém que não usava rabanetes pendurados nas orelhas. As palavras do colega sem dúvida apagaram o sorriso do rosto de Lilá Brown e, quando Harry se virou para falar com Rony e Hermione, ele vislumbrou a expressão no rosto de Simas, que parecia ao mesmo tempo confusa e desafiadora.

Não foi surpresa para ninguém que a Profª Sprout começasse a aula fazendo uma preleção sobre a importância dos N.O.M.s. Harry gostaria que todos os professores parassem com aquilo; estava começando a sentir ansiedade e contorções no estômago cada vez que se lembrava da quantidade de deveres que tinha a fazer, uma sensação que piorou dramaticamente quando a Profª Sprout passou para os alunos mais um trabalho no final da aula. Cansados e exalando um forte cheiro de bosta de dragão, o adubo favorito da professora, os alunos da Grifinória marcharam de volta ao castelo, sem querer muita conversa; fora mais um longo dia.

Como Harry estava faminto, e teria sua primeira detenção com Umbridge às cinco horas, rumou direto para o salão, sem deixar a mochila na Torre da Grifinória, na esperança de engolir alguma coisa antes de enfrentar o que ela lhe reservara. Mal alcançara a entrada para o Salão Principal, porém, ouviu uma voz zangada berrando:
– Ei, Potter!
– Que é agora? – murmurou, cansado, e ao se virar deu de cara com Angelina Johnson, que parecia estar barbaramente irritada.
– Vou lhe dizer o *que é agora* – disse, caminhando decidida ao seu encontro e metendo o dedo com força em seu peito. – Como foi que você arranjou uma detenção para as cinco horas na sexta-feira?
– Quê? Por que... ah, sim, os testes para goleiro!
– Ah, a*gora* ele se lembra! – vociferou Angelina. – Eu não avisei que queria fazer um teste com o *time completo*, para escolher alguém que *se ajustasse com todos*? Eu não avisei que fiz reserva especial para o campo de quadribol? E agora você decidiu que não vai comparecer!
– Eu não decidi que não vou comparecer! – defendeu-se Harry, mordido com

a injustiça daquelas palavras. – Recebi uma detenção daquela Umbridge, só porque disse a ela a verdade sobre Você-Sabe-Quem.

– Muito bem, pois pode ir direto a ela e pedir para dispensar você na sexta-feira – disse Angelina com ferocidade –, e não quero nem saber como vai fazer isso. Diga a ela que Você-Sabe-Quem é produto de sua imaginação, se quiser, mas *dê um jeito de estar lá*!

Angelina se afastou enfurecida.

– Sabe de uma coisa? – disse Harry a Rony e Hermione ao entrarem no Salão Principal. – Acho que é melhor a gente checar com o União de Puddlemere se o Olívio Wood por acaso morreu durante um treinamento, porque a Angelina parece que está encarnando o espírito dele.

– Você acha que tem alguma probabilidade da Umbridge liberar você na sexta-feira? – perguntou Rony, cético, quando se sentaram à mesa da Grifinória.

– Menos que zero – disse Harry deprimido, virando umas costeletas de cordeiro no prato e começando a comer. – Mas é melhor eu tentar, não é? Vou me oferecer para cumprir mais duas detenções ou outra coisa assim, não sei... – Ele engoliu a batata que enchia sua boca e acrescentou: – Espero que ela não me segure muito tempo hoje à noite. Você tem consciência de que temos de escrever três trabalhos, praticar os Feitiços de Desaparição para a McGonagall, treinar um contrafeitiço para o Flitwick, terminar o desenho do tronquilho e começar aquele diário idiota de sonhos para a Trelawney?

Rony gemeu e, por alguma razão, ergueu os olhos para o teto.

– *E* parece que vai chover.

– Que é que isso tem a ver com os nossos deveres de casa? – perguntou Hermione, erguendo as sobrancelhas.

– Nada – disse Rony na mesma hora, as orelhas corando.

Às cinco para as cinco, Harry despediu-se dos amigos e rumou para a sala da Umbridge, no terceiro andar. Quando bateu na porta, ouviu uma voz melosa:

– Entre. – Ele entrou cautelosamente, olhando a toda volta.

Conhecera essa sala à época dos seus três ocupantes anteriores. Quando Gilderoy Lockhart a usara, tinha as paredes cobertas de fotos dele sorridente. Quando Lupin a ocupara, parecia que a pessoa ia deparar com alguma fascinante criatura das trevas em uma gaiola ou em um tanque, se aparecesse para visitá-lo. Na época do Moody impostor, a sala se enchera de instrumentos e artefatos para a detecção de malfeitos e dissimulações.

Agora, porém, estava completamente irreconhecível. As superfícies tinham sido protegidas por capas de rendas e tecidos. Havia vários vasos de flores secas, cada um sobre um paninho, e, em uma parede, havia uma coleção de pratos decorativos, estampados com enormes gatos em tecnicolor, cada um com um

laço diferente ao pescoço. Eram tão hediondos que Harry ficou mirando-os, paralisado, até a Profª Umbridge tornar a falar.
– Boa-noite, Sr. Potter.
Harry se assustou e olhou para os lados. A princípio não a notara, porque ela estava usando vestes de flores de tons pálidos que se fundiam perfeitamente com a toalha de mesa sobre a escrivaninha às suas costas.
– Noite, Profª Umbridge – respondeu Harry formalmente.
– Muito bem, sente-se – disse ela, apontando para uma mesinha forrada com uma toalha de renda, junto a qual ela colocara uma cadeira de espaldar reto. Havia sobre a mesa uma folha de pergaminho em branco, aparentemente à sua espera.
– Hum – começou Harry sem se mexer –, Profª Umbridge. Hum... antes de começarmos, eu... eu gostaria de lhe pedir um... favor.
Os olhos saltados da professora se estreitaram.
– Ah, é?
– Bem, eu sou... eu sou do time de quadribol da Grifinória. E eu devia participar dos testes para escolher um novo goleiro às cinco horas na sexta-feira e eu estava... estava pensando se poderia faltar à detenção nessa noite e cumprir... cumprir outra noite... trocar...
Ele percebeu muito antes de chegar ao fim do pedido que não ia adiantar.
– Ah, não – disse Umbridge, dando um sorriso tão grande que parecia ter acabado de engolir uma mosca particularmente suculenta. – Ah, não, não, não. Este é o seu castigo por espalhar histórias nocivas, maldosas, para atrair atenções, Sr. Potter, e com certeza os castigos não podem ser ajustados para atender à conveniência do culpado. Não, o senhor estará aqui às cinco horas amanhã, depois de amanhã, e na sexta-feira também, e cumprirá as suas detenções conforme programado. Acho muito bom o senhor estar sendo privado de alguma coisa que realmente queira fazer. Isto irá reforçar a lição que estou querendo lhe ensinar.
Harry sentiu o sangue afluir à cabeça e ouviu um tambor tocando nos ouvidos. Então ele contava histórias nocivas, maldosas, para atrair atenções, era?
A professora o observava com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, mantendo o largo sorriso no rosto, como se soubesse exatamente o que ele estava pensando, e esperasse para ver se ele recomeçaria a gritar. Com um esforço concentrado, Harry desviou os olhos dela, largou a mochila ao lado da cadeira de espaldar reto e se sentou.
– Pronto – disse a professora com meiguice. – Já estamos começando a controlar melhor o nosso gênio, não estamos? Agora o senhor vai escrever

algumas linhas para mim, Sr. Potter. Não, não com a sua pena – acrescentou, quando Harry se curvou para abrir a mochila. – O senhor vai usar uma especial que tenho. Tome aqui.

E lhe entregou uma pena longa e preta, com a ponta excepcionalmente aguda.

– Quero que o senhor escreva: *Não devo contar mentiras* – disse a professora brandamente.

– Quantas vezes? – perguntou Harry, com uma imitação bastante crível de boa educação.

– Ah, o tempo que for preciso para a frase *penetrar* – disse Umbridge com meiguice. – Pode começar.

A professora foi para sua escrivaninha, se sentou e se debruçou sobre uma pilha de pergaminhos que pareciam deveres para corrigir. Harry ergueu a pena preta e afiada, e então percebeu o que estava faltando.

– A senhora não me deu tinta.

– Ah, você não vai precisar de tinta – disse ela, com um leve tom de riso na voz.

Harry encostou a ponta da pena no pergaminho e escreveu: *Não devo contar mentiras*.

E soltou uma exclamação de dor. As palavras apareceram no pergaminho em tinta brilhante e vermelha. Ao mesmo tempo, elas se replicaram nas costas de sua mão direita, gravadas na pele como se tivessem sido riscadas por um bisturi – contudo, mesmo enquanto observava o corte brilhante, a pele tornou a fechar, deixando o lugar um pouco mais vermelho que antes, mas, de outra forma, inteiro.

Harry virou a cabeça para olhar a Umbridge. Ela o observava, a boca rasgada e bufonídea distendida em um sorriso.

– Pois não?

– Nada – disse Harry em voz baixa.

Ele tornou a voltar sua atenção para o pergaminho, tocou-o com a pena, escreveu *Não devo contar mentiras,* e sentiu a ardência nas costas da mão pela segunda vez; e de novo as palavras cortaram sua pele; e, de novo, sararam segundos depois.

E assim a tarefa prosseguiu. Repetidamente Harry escreveu as palavras no pergaminho, não com tinta, como logo veio a perceber, mas com o próprio sangue. E sucessivamente as palavras eram gravadas nas costas de sua mão, fechavam e reapareciam da próxima vez que ele tocava o pergaminho com a pena.

A noite desceu à janela da Umbridge. Harry não perguntou quando teria permissão de parar. Nem sequer consultou seu relógio. Sabia que ela o observava

à procura de sinais de fraqueza, e ele não iria manifestar nenhum, nem mesmo se tivesse de se sentar ali a noite inteira, cortando a própria mão com aquela pena...

– Venha cá – disse ela, depois do que lhe pareceram muitas horas.

Ele se levantou. Sua mão ardia dolorosamente. Quando baixou os olhos, viu que o corte fechara, mas a pele estava em carne viva.

– Mão – disse ela.

Ele a estendeu. Umbridge a segurou nas dela. Harry reprimiu um estremecimento quando ela o tocou com seus dedos grossos e curtos, que exibiam vários anéis velhos e feios.

– Tss, tss, parece que ainda não gravou fundo o bastante – disse sorrindo. – Bom, teremos de tentar outra vez amanhã à noite, não é mesmo? Pode ir.

Harry saiu da sala sem dizer uma palavra. A escola estava bem deserta; com certeza passara da meia-noite. Caminhou lentamente pelo corredor, então, ao virar um canto, e certo de que ela não o ouviria, saiu correndo.

Ele não tivera tempo de praticar os Feitiços de Desaparição, não escrevera um único sonho em seu diário e não terminara o desenho do tronquilho, tampouco fizera os trabalhos. Harry dispensou o café da manhã no dia seguinte para poder escrever uns dois sonhos que inventou para o diário da Adivinhação, a primeira aula do dia, e ficou surpreso de ver que um Rony desgrenhado lhe fazia companhia.

– Por que é que você não fez isso ontem à noite? – perguntou Harry, enquanto o amigo corria os olhos pela sala comunal, transtornado, à procura de inspiração. Rony, que estivera ferrado no sono, quando Harry voltou ao dormitório, murmurou alguma coisa como “estava fazendo outra coisa”, curvou-se para o seu pergaminho e escreveu algumas palavras.

– Vai ter de servir – concluiu, fechando o diário com violência. – Disse que sonhei que estava comprando sapatos novos, ela não pode encontrar nada esquisito nisso, pode?

Os dois correram para a Torre Norte juntos.

– E como é que foi a detenção com a Umbridge? Que foi que ela mandou você fazer?

Harry hesitou por uma fração de segundo, depois respondeu:

– Escrever.

– Então não foi tão ruim, hein?

– Não.

– Ei... ia me esquecendo... ela liberou você na sexta-feira?

– Não.

Rony deu um gemido de solidariedade.

Foi mais um dia péssimo para Harry; um dos piores em Transfiguração, pois não havia praticado nenhum dos Feitiços de Desaparição. Teve de abrir mão da hora do almoço para terminar o desenho do tronquilho e, nesse meio-tempo, as professoras McGonagall e Grubbly-Plank passaram mais deveres que ele não tinha a menor perspectiva de terminar aquela noite, por causa de sua segunda detenção com a Umbridge. E, para coroar, Angelina Johnson foi procurá-lo outra vez na hora do jantar e, ao saber que não poderia participar dos testes para a escolha do goleiro na sexta-feira, disse-lhe que não estava nem um pouco impressionada com a atitude dele e que esperava que os jogadores que pretendiam continuar na equipe pusessem os treinamentos acima dos demais compromissos.

– Estou cumprindo uma detenção! – berrou Harry quando ela ia se afastando. – Você acha que eu prefiro ficar trancado em uma sala com aquela sapa velha a jogar quadribol?

– Pelo menos ela só lhe mandou escrever – disse Hermione, consolando-o, quando Harry afundou de novo no banco e olhou para o empadão de carne e rins, que já não lhe apetecia tanto. – Sinceramente, não é um castigo tão horrível.

Harry abriu a boca, tornou a fechá-la e concordou com a cabeça. Não tinha muita certeza realmente dos motivos para não contar a Rony e Hermione exatamente o que estava acontecendo na sala de Umbridge: só sabia que não queria ver os seus olhares de horror; isto faria a coisa toda parecer pior e, portanto, mais difícil de enfrentar. Sentia também, muito vagamente, que isto era entre ele e Umbridge, uma luta particular de vontades, e não ia dar à professora a satisfação de saber que se queixara do castigo.

– Não consigo acreditar na quantidade de deveres de casa que temos – comentou Rony infeliz.

– Bem, por que você não os fez ontem à noite? – perguntou-lhe Hermione. – Afinal aonde é que você foi?

– Fui... me deu vontade de caminhar – disse Rony sonsamente.

Harry teve a nítida impressão de que ele não era o único que estava omitindo informações naquele momento.

A segunda detenção foi tão ruim quanto a anterior. A pele nas costas da mão de Harry se irritou mais rapidamente, e dali a pouco estava vermelha e inflamada. Ele achou pouco provável que os cortes continuassem a sarar com tanta eficiência por muito tempo. Logo, o corte ficaria gravado em sua mão e Umbridge, talvez, se desse por satisfeita. Mas Harry não deixou escapar nenhuma exclamação de dor e, do momento em que entrou na sala ao momento em que foi dispensado, novamente após a meia-noite, ele nada disse além de

“boa-noite” ao entrar e ao sair.
A situação dos seus deveres, no entanto, agora estava desesperadora, e quando ele voltou à sala comunal de Grifinória, embora exausto, não foi para a cama, mas abriu os livros e começou o trabalho de Snape sobre a pedra da lua. Eram duas e meia quando terminou. Sabia que não fizera um bom trabalho, mas não havia como remediar; a não ser que entregasse alguma coisa, sofreria, a seguir, uma detenção de Snape. Então respondeu rapidamente às perguntas que a Profª McGonagall passara para os alunos,
improvisou alguma coisa sobre a forma correta de tratar os tronquilhos para a Profª Grubbly-Plank e se arrastou para a cama, onde se largou inteiramente vestido por cima das cobertas e adormeceu imediatamente.

A quinta-feira transcorreu em um atordoamento de cansaço. Rony parecia muito sonolento também, embora Harry não conseguisse imaginar o porquê. A terceira noite de detenção se passou do mesmo jeito que as duas anteriores, exceto que, depois de duas horas, as palavras *Não devo contar mentiras* não desapareceram das costas da mão de Harry, permanece ramali, escorrendo gotículas de sangue. A pausa no ruído da pena afiada fez a Profª Umbridge erguer a cabeça.
– Ah – disse ela brandamente, dando a volta à escrivaninha para examinar a mão. – Ótimo. Isto deve lhe servir de lembrete, não? Pode ir por hoje.
– Ainda tenho de voltar amanhã? – perguntou Harry, apanhando a mochila com a mão esquerda em lugar da direita dolorida.
– Ah, claro – disse a professora, com um sorriso tão amplo quanto antes. – Acho que podemos gravar a mensagem um pouco mais fundo, com mais uma noite de trabalho.
Harry jamais considerara antes a possibilidade de que poderia haver um professor no mundo que ele odiasse mais do que Snape, mas quando voltava para a Torre da Grifinória teve de admitir que encontrara uma forte concorrente. Ela é maligna, pervertida, louca, velha...
– Rony?
Ele alcançara o alto da escada, virara à direita e quase colidira com Rony, que estava escondido atrás de uma estátua de Lachlan, o Desengonçado, agarrado à sua vassoura. Rony deu um grande salto, surpreso de ver Harry, e tentou esconder a nova Cleansweep Onze às suas costas.
– Que é que você está fazendo?
– Hum... nada. Que é que *você* está fazendo?
Harry amarrou a cara para ele.
– Anda, pode me contar! Para que você está se escondendo aqui?

– Estou me escondendo de Fred e Jorge, se é que precisa saber. Eles acabaram de passar com um bando de calouros. Aposto que estão testando coisas nos garotos outra vez. Quero dizer, eles não podem mais fazer isso na sala comunal, não é, não com a Hermione presente.

Ele falava rápido e de um modo febril.

– Mas você está carregando a vassoura, você não tem voado, tem? – perguntou Harry.

– Eu... bem... bem... tá bem, vou lhe contar mas não ria, tá? – disse defensivamente, e ficando mais vermelho a cada segundo. – Eu... eu pensei em fazer um teste para goleiro da Grifinória, agora que tenho uma vassoura decente. Pronto. Agora vai. Pode rir.

– Não estou rindo – disse Harry. Rony piscou os olhos. – É uma ideia genial! Seria realmente legal se você entrasse para a equipe! Nunca vi você jogar de goleiro, você é bom?

– Não sou ruim – respondeu Rony, imensamente aliviado com a reação de Harry. – Carlinhos, Fred e Jorge sempre me fizeram atuar de goleiro para eles, quando treinavam durante as férias.

– Então você está praticando hoje à noite?

– Toda noite, desde terça-feira... mas sozinho. Tenho tentado enfeitiçar umas goles para me atacar, mas não tem sido fácil e não sei se vai adiantar muito. – Rony parecia agitado e ansioso. – Fred e Jorge vão rir de se acabar quando eu aparecer para os testes. Ainda não pararam de curtir com a minha cara desde que fui nomeado monitor.

– Eu gostaria de estar lá – disse Harry amargurado, quando os dois saíram caminhando em direção à sala comunal.

– É, eu tam... Harry, que é isso nas costas da sua mão?

Harry, que acabara de coçar o nariz com a mão direita livre, tentou escondê-la, mas foi tão bem-sucedido quanto Rony escondendo a Cleansweep.

– É só um corte... não é nada... é...

Mas Rony agarrara o braço dele e o erguera à altura dos olhos. Houve uma pausa, durante a qual ele ficou olhando fixamente as palavras gravadas na pele, com ar de náusea, e em seguida soltou o braço de Harry.

– Pensei que você tivesse dito que ela estava só mandando você escrever!

Harry hesitou, mas afinal de contas Rony fora sincero com ele, então contou-lhe a verdade sobre as horas que estava passando na sala de Umbridge.

– A megera velha! – exclamou Rony num sussurro de revolta quando pararam diante da Mulher Gorda, que dormitava tranquilamente com a cabeça encostada na moldura do quadro. – Ela é doente! Vai procurar a McGonagall, diga alguma coisa!

– Não – disse Harry na mesma hora. – Não vou dar a ela a satisfação de saber que me atingiu.

– *Atingiu?* Você não pode deixá-la escapar impune!

– Não sei qual é o poder que McGonagall tem sobre ela – disse Harry.

– Dumbledore, então, conte ao Dumbledore!

– Não – disse Harry categoricamente.

– Por que não?

– Ele já tem muita coisa na cabeça – disse Harry, mas este não era o motivo verdadeiro. Não ia procurar Dumbledore para pedir ajuda, se desde junho o diretor não falara com ele nem uma vez.

– Bom, eu acho que você devia – começou Rony, mas foi interrompido pela Mulher Gorda, que estivera a observá-los sonolenta, e agora explodia:

– Vocês vão me dar a senha ou terei de ficar acordada a noite inteira esperando que acabem de conversar?

A sexta-feira amanheceu sombria e encharcada como o resto da semana. Embora Harry olhasse automaticamente para a mesa dos professores quando entrava no Salão Principal, foi sem muita esperança de ver Hagrid, e ele logo voltou seus pensamentos para problemas mais urgentes, como a momentânea pilha de deveres que precisava dar conta e a perspectiva de mais uma detenção com a Umbridge.

Duas coisas o sustentaram naquele dia. Uma foi o pensamento de que já era quase o fim de semana; a outra era que, por mais horrenda que certamente seria sua última detenção com a Umbridge, ele teria uma visão do campo de quadribol da janela da sala e poderia, com sorte, ver alguma coisa do treino de Rony. Eram raios muito pálidos de sol, na verdade, mas Harry era grato por qualquer coisa que pudesse atenuar sua presente escuridão; nunca tivera uma primeira semana pior em Hogwarts.

Às cinco horas daquela tarde ele bateu à porta da sala da Profª Umbridge para o que sinceramente esperava que fosse a última vez, e ela o mandou entrar. O pergaminho estava preparado sobre a mesa com a toalha de renda, a caneta preta afiada do lado.

– O senhor sabe o que fazer, Sr. Potter – disse Umbridge, com um sorriso meigo.

Harry apanhou a pena e espiou pela janela. Se empurrasse a cadeira uns três centímetros para a direita... sob o pretexto de ficar mais próximo à mesa, ele conseguiria. Tinha agora uma vista distante da equipe de quadribol da Grifinória, voando no campo para cima e para baixo, e havia meia dúzia de vultos escuros parados junto às três altas balizas, aparentemente esperando a vez de serem

testados. Era impossível dizer qual era o Rony a essa distância.

Não devo contar mentiras, escreveu Harry. O corte nas costas de sua mão direita abriu e recomeçou a sangrar.

Não devo contar mentiras. O corte ficou mais fundo, aferroando, ardendo.

Não devo contar mentiras. O sangue escorreu pelo seu pulso.

Ele arriscou mais uma espiada pela janela. Quem defendia o gol agora estava fazendo um trabalho realmente medíocre. Katie Bell marcou duas vezes nos poucos segundos que Harry se atreveu a olhar. Desejando muito que o goleiro não fosse Rony, ele voltou sua atenção para o pergaminho pontilhado de sangue.

Não devo contar mentiras.

Não devo contar mentiras.

Ele erguia a cabeça sempre que achava que podia arriscar: quando ouvia a pena de Umbridge arranhando ou uma gaveta se abrindo. O terceiro candidato foi muito bem, o quarto, terrível, o quinto se desviou de um balaço excepcionalmente bem, mas se atrapalhou com uma defesa fácil. O céu foi escurecendo e Harry duvidou de que pudesse ver o sexto e o sétimo.

Não devo contar mentiras.

Não devo contar mentiras.

O pergaminho agora brilhava com as gotas de sangue de sua mão, que queimava de dor. Quando ele tornou a erguer a cabeça, a noite caíra e o campo de quadribol já não era visível.

– Vamos ver se você já absorveu a mensagem? – disse a voz branda de Umbridge, meia hora depois.

Encaminhou-se para ele, esticando os dedos curtos e cheios de anéis para o seu braço. Então, quando ela o segurou para examinar as palavras gravadas na pele, a dor o queimou, não nas costas da mão, mas na cicatriz em sua testa. Ao mesmo tempo, Harry teve uma sensação extremamente peculiar na região do estômago.

Desvencilhou o braço das mãos da professora e ficou em pé de um salto, encarando-a. Ela o encarou de volta, um sorriso distendendo sua boca rasgada e frouxa.

– É, dói, não é? – disse baixinho.

Ele não respondeu. Seu coração batia muito forte e acelerado. Será que estava se referindo à mão dele ou sabia o que ele acabara de sentir na testa?

– Bom, acho que cheguei ao ponto que queria, Sr. Potter. O senhor pode ir.

Harry apanhou a mochila e saiu da sala o mais rápido que pôde.

Fique calmo, disse a si mesmo, ao subir correndo a escada. *Fique calmo, pode ser que não signifique necessariamente o que você pensa que significa...*

– *Mimbulus mimbletonia!* – ofegou para a Mulher Gorda, que mais uma vez

girou para a frente.

Uma gritaria o acolheu. Rony veio correndo ao seu encontro, o rosto radiante e derramando na frente das vestes a cerveja amanteigada do cálice que segurava.

– Harry, consegui! Entrei, sou o goleiro!

– Quê? Ah... genial! – exclamou Harry, tentando sorrir naturalmente, enquanto seu coração continuava a disparar e sua mão, a latejar e doer.

– Tome uma cerveja amanteigada. – Rony empurrou uma garrafa para ele. – Nem posso acreditar... aonde foi a Hermione?

– Ali – disse Fred, que também bebia cerveja amanteigada, apontando para uma poltrona junto à lareira. Hermione estava cochilando, a bebida balançando precariamente na mão.

– Bom, ela disse que estava contente quando contei – comentou Rony, parecendo ligeiramente desapontado.

– Deixe a Hermione dormir – disse Jorge, depressa. Somente uns momentos depois é que Harry reparou que vários calouros à volta deles traziam sinais inconfundíveis de sangramentos nasais recentes.

– Venha aqui, Rony, veja se uma das vestes antigas de Olívio cabe em você – chamou-o Cátia. – Podemos tirar o nome dele e colocar o seu no lugar...

Quando Rony se afastou, Angelina se aproximou de Harry.

– Desculpe se fui um pouco grossa com você hoje mais cedo, Potter – disse de chofre. – Essa coisa de administrar é muito estressante, sabe. Estou começando a pensar que fui um pouco dura com o Olívio, às vezes. – Ela estava observando Rony por cima da borda do cálice, com a testa ligeiramente franzida.

"Escute, eu sei que ele é o seu melhor amigo, mas não é fabuloso", disse, sem rodeios. "Acho que com um pouco de treinamento ele vai ficar legal. Vem de uma família de bons jogadores de quadribol. Estou apostando que tem um pouco mais de talento do que demonstrou hoje, para ser sincera. Vitória Frobisher e Godofredo Hooper voaram melhor hoje à noite, mas Hooper é um chorão, está sempre se lamentando sobre uma coisa ou outra e a Vitória faz parte de tudo que é tipo de sociedade. Ela mesma admitiu que, se os treinos coincidirem com o Clube de Feitiços, o clube viria em primeiro lugar. Em todo o caso, vamos ter um treino às duas horas, amanhã, veja se dá um jeito de aparecer desta vez. E me faça um favor, ajude o Rony o mais que puder, o.k.?"

Ele concordou com a cabeça, e Angelina voltou para a companhia de Alícia Spinnet. Harry foi se sentar ao lado de Hermione, que acordou com um sobressalto quando ele descansou a mochila.

– Ah, Harry, é você... que bom para o Rony, não é? – disse ela com o olhar turvo. – Estou tão... tão... tão cansada. – E bocejou. – Fiquei acordada até uma hora da manhã fazendo mais gorros. Estão desaparecendo que é uma loucura!

E sem a menor dúvida, agora que olhava com atenção, Harry viu que havia gorros de lã escondidos por toda a sala, onde elfos desatentos poderiam acidentalmente apanhá-los.
– Que legal! – comentou distraído; se não contasse a alguém logo, iria explodir. – Escute, Hermione, eu estava na sala da Umbridge e ela segurou o meu braço...
Ela o escutou com atenção. Quando Harry terminou, disse lentamente:
– Você está preocupado que Você-Sabe-Quem esteja controlando a Umbridge como fazia com o Quirrell?
– Bem – respondeu ele, baixando a voz –, é uma possibilidade, não?
– Suponho que sim – disse Hermione, embora não parecesse convencida. – Mas acho que não de estar *possuindo* a Umbridge do mesmo jeito que possuía Quirrell, quero dizer, ele agora está vivo de verdade, não está? Tem corpo próprio, não precisaria partilhar o de alguém. Mas suponho que pudesse ter dominado a Umbridge com a Maldição Imperius...
Harry observou Fred, Jorge e Lino fazendo malabarismos com garrafas vazias de cerveja amanteigada durante uns instantes. Então Hermione falou:
– Mas no ano passado a sua cicatriz doeu quando ninguém estava tocando você, e Dumbledore não disse que isso estava ligado ao que Você-Sabe-Quem estava sentindo naquele momento? Quero dizer, talvez isto não tenha nenhuma ligação com a Umbridge, talvez seja só uma coincidência que aconteceu na hora em que você estava com ela.
– Ela é maligna – disse Harry categoricamente. – Pervertida.
– Ela é horrorosa, concordo, mas... Harry, acho que você devia dizer a Dumbledore que sua cicatriz doeu.
Era a segunda vez em dois dias que alguém o aconselhava a procurar Dumbledore, e sua resposta a Hermione foi exatamente igual à que dera a Rony.
– Não vou incomodá-lo com isso. Como você acabou de dizer, não é nada muito importante. Tem doído intermitentemente o verão inteiro... foi um pouco pior hoje à noite, só isso...
– Harry, eu tenho certeza de que Dumbledore iria *querer* ser incomodado com isso...
– É – respondeu antes que pudesse se controlar –, é a única parte minha com que Dumbledore se importa, a minha cicatriz, não é mesmo?
– Não diga isso, não é verdade!
– Acho que vou escrever a Sirius e ver o que ele acha...
– Harry, você não pode mencionar uma coisa dessas numa carta! – disse Hermione alarmada. – Não lembra que Moody falou para termos cuidado com o que escrevemos? Não podemos garantir que as corujas não sejam mais

interceptadas!

– Tudo bem, tudo bem, então não vou contar a ele, tampouco! – disse Harry irritado. E se levantou. – Vou me deitar. Por favor, avise ao Rony para mim, sim?

– Ah, não – disse Hermione, parecendo aliviada –, se você está indo, então quer dizer que também posso ir, sem ser mal-educada. Estou absolutamente exausta e quero fazer mais gorros amanhã. Escute, você pode me ajudar se quiser, é bem divertido, e estou pegando prática, já sei fazer desenhos e pompons e todo o tipo de enfeites agora.

Harry olhou bem para o rosto da amiga, que irradiava felicidade, e tentou parecer que se sentia vagamente tentado pela oferta.

– Hum... não, acho que não vou querer, obrigado. Hum... amanhã não. Tenho montes de deveres para fazer...

E dirigiu-se lentamente para a escada do dormitório dos garotos, deixando-a ligeiramente desapontada.

— CAPÍTULO CATORZE —
Percy e Almofadinhas

Harry foi o primeiro a acordar em seu dormitório na manhã seguinte. Continuou deitado por um momento, observando a poeira rodopiar no raio de sol que entrava pela fresta do cortinado de sua cama, e saboreou o pensamento de que era sábado. A primeira semana do trimestre parecia ter se arrastado uma eternidade, como uma gigantesca aula de História da Magia.

A julgar pelo silêncio modorrento e o frescor do raio de sol, devia ter acabado de amanhecer. Ele abriu o cortinado, levantou-se e começou a se vestir. O único som, além do pipilar distante dos passarinhos, era a respiração lenta e profunda dos seus colegas da Grifinória. Ele abriu a mochila sem fazer barulho, tirou o pergaminho e a pena, saiu do dormitório e rumou para a sala comunal.

Indo direto a sua poltrona velha e macia junto à lareira, agora apagada, Harry se acomodou confortavelmente e desenrolou o pergaminho, ao mesmo tempo que corria os olhos pela sala. Os pedaços de pergaminho amarrotados, as bexigas, as jarras vazias e as embalagens de doces, que em geral juncavam a sala ao fim de cada dia, haviam desaparecido, bem como todos os gorros que Hermione tricotara para os elfos. Imaginando vagamente quantos elfos teriam sido liberados, quisessem ou não, Harry destampou o tinteiro, mergulhou a pena e, em seguida, a manteve suspensa alguns centímetros acima da superfície amarelada e lisa, se concentrando... mas decorrido mais ou menos um minuto, ele se viu contemplando a grade da lareira vazia, sem ter a menor ideia do que iria dizer.

Pôde, então, avaliar como teria sido difícil para Rony e Hermione lhe escreverem cartas durante as férias. Como é que iria contar a Sirius tudo que acontecera na última semana, e fazer todas aquelas perguntas que estava ansioso para fazer, sem dar aos possíveis ladrões de cartas muita informação que não gostaria que obtivessem?

Sentou-se imóvel por algum tempo, mirando a lareira, então, finalmente, tomando uma decisão, mergulhou a pena no tinteiro mais uma vez e apoiou-a com firmeza no pergaminho.

Querido Snuffles,
Espero que esteja bem, a primeira semana aqui foi horrível, estou realmente feliz que o fim de semana tenha chegado.
Temos uma nova professora de Defesa Contra a Arte das Trevas, a Profª Umbridge. Ela é quase tão simpática quanto a sua mãe. Estou lhe escrevendo porque aquela coisa sobre a qual lhe escrevi no verão passado tornou a acontecer ontem à noite, quando eu estava cumprindo uma detenção com a Umbridge.
Estamos todos com saudades do nosso maior amigo, e gostaríamos que ele não demorasse a voltar.
Responda logo, por favor.
Tudo de bom,
Harry

Ele releu, então, a carta várias vezes, tentando analisá-la do ponto de vista de uma pessoa de fora. Não conseguiu ver como alguém poderia saber do que ele estava falando – ou com quem estava falando – só pela leitura de sua carta. Tinha esperança de que Sirius percebesse a insinuação sobre Hagrid, e dissesse quando ele voltaria. Harry não quis perguntar diretamente para não chamar muita atenção para o que Hagrid poderia estar fazendo, enquanto ausente de Hogwarts.
Considerando que era uma carta muito curta, levara muito tempo para ser escrita; trabalhava seu texto, enquanto o sol fora entrando até a metade da sala e ele agora ouvia, ao longe, a movimentação nos dormitórios do andar de cima. Lacrando o pergaminho com cuidado, ele passou pelo buraco do retrato e se dirigiu ao corujal.
– Eu *não* tomaria esse caminho se fosse você – disse Nick Quase Sem Cabeça, atravessando de maneira desconcertante uma parede um pouco além, quando Harry seguia pelo corredor. – Pirraça está planejando pregar uma peça na próxima pessoa que passar pelo busto de Paracelso, ali adiante.
– Tem a ver com Paracelso caindo na cabeça da pessoa? – perguntou Harry.
– Por mais engraçado que pareça, *tem* sim – respondeu Nick Quase Sem Cabeça entediado. – A sutileza nunca foi um ponto forte do Pirraça. Estou indo procurar o Barão Sangrento... talvez ele possa pôr um fim nisso... até mais, Harry...

– Ah, tchau – disse o garoto e, em lugar de virar à direita, virou à esquerda, tomando um caminho mais longo, porém mais seguro, para o corujal. Seu ânimo foi crescendo à medida que passava por janela após janela em que se via um céu muito azul; tinha treino mais tarde, finalmente ia voltar ao campo de quadribol.

Alguma coisa se esfregou em seus tornozelos. Ele olhou e viu a gata cinzenta e esquelética do zelador, Madame Nor-r-ra, se esgueirando pelo corredor. Ela fixou em Harry os olhos amarelos feito lâmpadas, por um momento, antes de desaparecer atrás de uma estátua de Vilfredo, o Melancólico.

– Não estou fazendo nada errado – gritou Harry para o bichano. Madame Nor-r-ra tinha o ar inconfundível de quem vai denunciar um aluno para o seu chefe, contudo Harry não conseguia entender o porquê; estava perfeitamente em seu direito de ir ao corujal em um sábado de manhã.

O sol já ia alto quando Harry entrou no corujal, e a falta de vidros nas janelas ofuscou sua visão; grossos raios prateados de sol cortavam em todos os sentidos o recinto circular, em que centenas de corujas se aninhavam nas traves, um tanto incomodadas com a luz matinal, algumas visivelmente recém-chegadas da caça. O chão coberto de palha produzia um ruído de tri-turação quando ele caminhava sobre pequenos ossos de animais, à procura de Edwiges.

– Ah, aí está você! – exclamou ao localizá-la perto do teto abobadado. – Desça, tenho uma carta para você.

Com um pio suave, ela abriu as grandes asas brancas e voou para o ombro dele.

– Muito bem, eu sei que aqui diz Snuffles por fora – disse ao entregar a carta para a coruja prender no bico e, sem saber exatamente por quê, cochichou –, mas é para Sirius, o.k.?

Edwiges piscou os olhos cor de âmbar uma vez, e ele tomou o gesto como entendimento.

– Faça um voo seguro, então – desejou-lhe Harry, e levou-a até uma das janelas; fazendo uma pressão momentânea em seu braço, Edwiges levantou voo para o céu excepcionalmente claro. Ele observou a ave até ela se transformar num pontinho negro e desaparecer, então voltou seu olhar para a cabana de Hagrid, perfeitamente visível desta janela, e perfeitamente desabitada, a chaminé sem fumaça, as cortinas corridas.

As copas das árvores da Floresta Proibida balançavam à brisa suave, e Harry parou para contemplá-las, saboreando o ar fresco que batia em seu rosto, pensando no quadribol mais tarde... então, ele o viu. Um cavalo alado e reptiliano, igual aos que puxavam as carruagens de Hogwarts, com as asas negras e coriáceas abertas como as de um pterodáctilo, saiu do meio das árvores como um pássaro enorme e grotesco. Fez um grande círculo no ar e tornou a

mergulhar entre as árvores. A coisa toda ocorreu com tal rapidez que Harry mal pôde acreditar no que vira, exceto que seu coração estava batendo descontrolado.

A porta do corujal se abriu às suas costas. Ele pulou assustado e, virando-se depressa, viu Cho Chang segurando uma carta e um embrulho nas mãos.

– Oi – disse Harry automaticamente.

– Ah... oi – respondeu ela ofegante. – Não achei que houvesse alguém aqui em cima tão cedo... Só me lembrei há cinco minutos que é aniversário da minha mãe.

Ela mostrou o embrulho.

– Certo – comentou ele. Seu cérebro parecia ter emperrado. Queria dizer alguma coisa engraçada e interessante, mas a visão daquele horrível cavalo alado continuava fresca em sua mente. – Dia bonito – disse, fazendo um gesto abrangendo as janelas. Suas entranhas pareciam estar encolhendo de vergonha. O tempo. Ele estava falando do *tempo*...

– É – concordou Cho, procurando uma coruja adequada. – Boas condições para o quadribol. Não saí a semana toda, e você?

– Também não – disse Harry.

Cho escolheu uma das corujas-de-igreja. Induziu-a a descer e pousar em seu braço, onde a ave esticou a perna de boa vontade para ela poder prender o embrulho.

– Ah, Grifinória já tem um novo goleiro?

– Tem. É o meu amigo Rony Weasley, você o conhece?

– Aquele que odeia torcedores dos Tornados? – perguntou Cho, sem se alterar. – Ele é bom?

– É, acho que é. Mas não vi o teste dele, estava cumprindo uma detenção.

Cho ergueu a cabeça, ainda sem terminar de prender o embrulho à perna da coruja.

– Aquela tal Umbridge não presta – disse, baixando a voz. – Lhe dar uma detenção só porque você disse a verdade sobre... sobre a morte dele. Todo o mundo soube, a escola inteira comentou. Você foi realmente corajoso ao enfrentá-la daquele jeito.

As entranhas de Harry tornaram a inchar tão rapidamente que ele sentiu que seria até capaz de flutuar acima do chão sujo de titica. Quem se importava com um cavalo alado idiota? Cho achava que ele tinha sido realmente corajoso. Por um instante, refletiu se devia mostrar sem querer, propositadamente, sua mão cortada, enquanto a ajudava a atar o embrulho à coruja... mas na mesma hora que lhe ocorreu esse pensamento excitante, a porta do corujal tornou a se abrir.

Filch, o zelador, entrou chiando no aposento. Havia marcas roxas em suas bochechas fundas e riscadas de pequenas veias, seu queixo tremia e seus cabelos

grisalhos estavam despenteados; obviamente viera correndo até ali. Madame Nor-r-ra seguia-o, colada aos seus calcanhares, espiando as corujas no alto e miando com fome. Houve um esvoaçar inquieto nas traves e uma grande coruja marrom clicou o bico de forma ameaçadora.

– Ah-ah – disse Filch, dando um passo em direção a Harry, sacudindo as bochechas moles de raiva. – Tive uma dica de que você estava pretendendo despachar um grande pedido de Bombas de Bosta!

Harry cruzou os braços e encarou o zelador.

– Quem lhe disse que eu estava fazendo um pedido de Bombas de Bosta?

Cho olhou de Harry para Filch, também franzindo a testa; a coruja-de-igreja em seu braço, cansada de se equilibrar em uma perna só, deu um pio de aviso, mas a garota fingiu não ouvir.

– Tenho minhas fontes – disse Filch, com um sibilo presunçoso. – Agora me entregue o que está despachando.

Sentindo-se imensamente grato de que não tivesse demorado a despachar sua carta, Harry disse:

– Não posso, já foi.

– *Foi?!* – exclamou Filch, com o rosto contraído de raiva.

– Foi – disse Harry calmamente.

O zelador abriu a boca furioso, contorceu-a por alguns segundos, depois varreu com o olhar as vestes de Harry.

– Como é que posso saber que você não está com o pedido no bolso?

– Porque...

– Eu o vi despachar – disse Cho, aborrecida.

Filch virou-se para ela.

– Você o viu...?

– Isto mesmo, eu o vi – confirmou ela com ferocidade.

Houve uma pausa momentânea em que Filch encarou Cho com um olhar penetrante, e Cho o retribuiu com a mesma intensidade, então o zelador deu as costas e saiu arrastando os pés em direção à porta. Parou com a mão na maçaneta, e olhou mais uma vez para Harry.

– Se eu sentir o menor cheirinho de Bomba de Bosta...

E desceu as escadas pisando forte. Madame Nor-r-ra lançou um olhar desejoso para as corujas e seguiu o dono.

Harry e Cho se entreolharam.

– Obrigado – disse Harry.

– Não foi nada – disse ela, terminando finalmente de prender o embrulho à outra perna da coruja, corando ligeiramente. – Você *não estava* fazendo um pedido de Bombas de Bosta, estava?

– Não.
– Então, por que será que ele achou que você estava? – perguntou Cho enquanto levava a coruja até a janela.
Harry encolheu os ombros. Sentia-se tão perplexo quanto ela, embora, estranhamente, o caso não o preocupasse muito naquele momento.
Os dois deixaram o corujal, juntos. À entrada do corredor que levava para a ala oeste do castelo, Cho disse:
– Vou virar aqui. Bom, voltaremos... voltaremos a nos ver, Harry.
– É... voltaremos.
Cho sorriu para ele e foi embora. Harry continuou seu caminho, sentindo uma grande alegria interior. Conseguira manter uma conversa inteira com ela sem se atrapalhar nem uma vez... *você foi realmente corajoso ao enfrentá-la daquele jeito*... Cho o chamara de corajoso... não o odiava por estar vivo...
Naturalmente, ela preferira o Cedrico, ele sabia disso... embora se ele ao menos tivesse convidado Cho para o Baile antes do Cedrico, as coisas poderiam ter sido diferentes... ela parecera lamentar com sinceridade que precisasse recusar o seu convite...
– Dia – disse Harry, animado, para Rony e Hermione, ao se juntar a eles à mesa da Grifinória no Salão Principal.
– Por que é que você está com esse ar tão satisfeito? – perguntou Rony surpreso, observando Harry.
– Hum... quadribol mais tarde – respondeu ele, feliz, puxando para perto uma grande travessa de bacon com ovos.
– Ah... é... – disse Rony. Ele descansou no prato a torrada que estava comendo e tomou um grande gole de suco de abóbora. Depois disse: – Escute... você toparia sair mais cedo comigo? Só para... hum... me ajudar a praticar um pouco antes do treino? Assim você poderia, sabe, me ajudar a focalizar melhor minha visão.
– Tá, o.k. – disse Harry.
– Olhe, acho que vocês não deviam – disse Hermione séria. – Os dois já estão realmente atrasados com os deveres de casa...
Mas interrompeu o que ia dizer; o correio matinal estava chegando e, como sempre, o *Profeta Diário* veio voando em sua direção no bico de uma coruja-das-torres, que pousou perigosamente próxima do açucareiro, e estendeu a perna. Hermione meteu um nuque na bolsinha de couro, apanhou o jornal e esquadrinhou a primeira página, criticamente, enquanto a coruja levantava voo.
– Alguma coisa interessante? – perguntou Rony. Harry riu, sabendo que o amigo estava interessado em impedir que Hermione continuasse a falar sobre os deveres.

– Não – suspirou ela –, só uma bobagem sobre o baixista da banda As Esquisitonas que vai casar.

Hermione abriu o jornal e desapareceu atrás de suas páginas. Harry concentrou-se em se servir de uma nova porção de ovos com bacon. Rony examinava as janelas superiores do salão, parecendo ligeiramente preocupado.

– Espere um instante – disse Hermione de repente. – Ah, não... Sirius!

– Que aconteceu? – disse Harry, puxando o jornal com tanta violência que o rasgou ao meio, ficando uma metade na mão da amiga e a outra na dele.

– "*O Ministério da Magia recebeu uma informação de fonte fidedigna que Sirius Black, notório assassino de massa... blá-blá-blá... está presentemente escondido em Londres!*" – leu Hermione em sua metade, com um sussurro angustiado.

– Lúcio Malfoy, aposto que foi – disse Harry em tom baixo e indignado. – Ele reconheceu Sirius na plataforma...

– Quê? – disse Rony, parecendo alarmado. – Você não disse...

– Psiu! – fizeram os outros dois.

– "*... o Ministério da Magia alerta a comunidade bruxa que Black é muito perigoso... matou treze pessoas... evadiu-se de Azkaban...*" as bobagens de sempre – concluiu Hermione, pousando sua metade do jornal e olhando amedrontada para Harry e Rony. – Bom, ele simplesmente não poderá sair de casa outra vez, é só – sussurrou. – Dumbledore avisou-o para não sair.

Harry baixou os olhos, deprimido, para o pedaço do *Profeta* que rasgara. A maior parte da página estava tomada por um anúncio da Madame Malkin Roupas para Todas as Ocasiões que, pelos dizeres, estava em liquidação.

– Ei! – exclamou ele, esticando o jornal na mesa para que Hermione e Rony pudessem ver: – Olhem só isso!

– Já tenho todas as vestes que quero – disse Rony.

– Não – tornou Harry. – Olhe... esse pedacinho de notícia aqui...

Rony e Hermione se curvaram para ler; a notícia não chegava a três centímetros e estava no fim de uma coluna. Seu título era:

INVASÃO NO MINISTÉRIO

> *Estúrgio Podmore, 38 anos, residente nos jardins Laburnum 2, Clapham, compareceu perante a Suprema Corte dos Bruxos sob a acusação de invadir o Ministério da Magia e tentar roubar o bruxo-vigia Érico Munch, que o encontrou tentando forçar uma porta de segurança máxima à uma hora da manhã. Podmore, que se recusou a se defender, foi considerado culpado das duas acusações e sentenciado a seis meses em Azkaban.*

– Estúrgio Podmore? – repetiu Rony lentamente. – Ele é aquele cara que parece que tem a cabeça coberta de palha, não é? É dos que pertencem à Ord...

– Rony, psiu! – disse Hermione lançando um olhar aterrorizado em volta.

– Seis meses em Azkaban! – sussurrou Harry, chocado. – Só por tentar passar por uma porta!

– Não seja bobo, não foi só por tentar passar por uma porta. Afinal, que é que ele estava fazendo no Ministério da Magia à uma da madrugada? – murmurou Hermione.

– Você acha que ele estava fazendo alguma coisa para a Ordem? – perguntou Rony baixinho.

– Esperem um instante... – disse Harry lentamente. – Estúrgio devia ter ido nos levar ao embarque, lembram?

Os dois olharam para ele.

– É, devia fazer parte da guarda que ia nos levar a King's Cross, lembra? E Moody ficou todo aborrecido porque ele não apareceu; então será que não estaria fazendo um serviço para eles?

– Bom, talvez não esperassem que ele fosse pego – ponderou Hermione.

– Poderia ser um flagrante forjado! – exclamou Rony excitado. – Não... escutem aqui! – continuou, baixando a voz teatralmente ao ver a expressão ameaçadora no rosto de Hermione. – O Ministério suspeitava que ele fosse um dos seguidores de Dumbledore... não sei... então o *atraíram* ao Ministério, e ele não estava tentando forçar porta alguma! Talvez tenham inventado alguma coisa para apanhá-lo!

Houve uma pausa enquanto Harry e Hermione consideravam a ideia. Harry achou que parecia muito forçada. Hermione, por sua vez, pareceu bem impressionada.

– Sabem, eu não ficaria nada surpresa se isso fosse verdade.

Ela dobrou sua metade do jornal pensativa. Quando Harry descansou os talheres, ela pareceu despertar do devaneio.

– Certo, muito bem, acho que primeiro devemos encarar aquele trabalho para a Sprout sobre os arbustos autofertilizantes e, se tivermos sorte, poderemos começar o Feitiço para Conjurar a Vida antes do almoço...

Harry sentiu uma pontadinha de remorso ao pensar na pilha de deveres que o aguardava no andar de cima, mas o céu estava claro, estimulantemente azul, e ele não montava sua Firebolt havia uma semana...

– Quero dizer, podemos fazer isso hoje à noite – disse Rony, quando os dois desceram os gramados em direção ao campo de quadribol, com as vassouras aos ombros e o alerta calamitoso de Hermione de que não iriam passar nos N.O.M.s ainda ressoando em seus ouvidos. – E temos amanhã. Ela se preocupa demais

com o trabalho, esse é que é o problema dela... – Rony fez uma pausa e acrescentou num tom um pouco mais ansioso: – Você acha que ela estava falando sério quando disse que não nos deixaria copiar as anotações dela?

– Acho – respondeu Harry. – Ainda assim, treinar também é importante, temos de praticar se quisermos continuar na equipe de quadribol...

– É verdade – disse Rony, num tom mais esperançoso. – E temos tempo suficiente para fazer tudo...

Ao se aproximarem do campo de quadribol, Harry olhou para sua direita, onde as árvores da Floresta Proibida balançavam sombriamente. Nada saía voando dali; o céu estava vazio, exceto por umas poucas corujas distantes esvoaçando em torno da torre do corujal. Ele tinha bastante com que se preocupar; o cavalo alado não estava lhe fazendo mal algum; tirou-o da cabeça.

Os dois apanharam bolas no armário do vestiário e foram trabalhar, Rony guardando as três altas balizas, Harry ocupando a posição de artilheiro e tentando fazer a goles passar por Rony. Harry achou que o amigo era bom; bloqueou três quartos dos gols que Harry tentou marcar, e foi jogando melhor à medida que continuavam a praticar. Depois de umas duas horas, eles voltaram ao castelo para o almoço – durante o qual Hermione deixou bem claro que achava os dois irresponsáveis –, em seguida voltaram ao campo de quadribol para o treino marcado. Todos os companheiros de equipe, exceto Angelina, já se encontravam no vestiário quando eles entraram.

– Tudo bem, Rony? – cumprimentou-o Jorge com uma piscadela.

– Tudo – respondeu Rony, que fora ficando cada vez mais quieto a caminho do campo.

– Pronto para nos fazer dar vexame, Roniquinho monitor? – disse Fred, ao emergir descabelado da abertura das vestes de quadribol, um sorriso ligeiramente malicioso no rosto.

– Cala a boca – respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. Ficaram boas nele, considerando que tinham pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.

– O.k., todos – disse Angelina saindo da sala do capitão, já de uniforme. – Vamos começar; Alícia e Fred, se puderem, tragam o caixote de bolas. Ah, tem um pessoal lá fora que veio assistir, mas quero que vocês finjam que não estão vendo, tá?

Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando saíram do vestiário para a claridade do campo, ouviram uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina e de mais alguns, agrupados no meio das arquibancadas vazias; suas vozes ecoavam ruidosamente

pelo estádio.
– Que é aquilo que o Weasley está montando? – berrou Malfoy, debochando com o seu jeito arrastado de falar. – Por que alguém lançaria um feitiço de voo num pedaço de pau velho e mofado como aquele?
Crabbe, Goyle e Pansy davam escandalosas gargalhadas. Rony montou sua vassoura e deu impulso do chão, e Harry o seguiu, observando as orelhas do amigo ficarem vermelhas.
– Não ligue para eles – disse acelerando para alcançar Rony –, veremos quem vai rir depois que jogarmos contra eles...
– É exatamente a atitude que quero, Harry – aprovou Angelina, voando em torno deles com a goles embaixo do braço, e desacelerando para planar diante de toda a equipe já no ar. – O.k., todos, vamos começar com alguns passes só para esquentar, o time todo, por favor...
– Ei, Johnson, afinal que penteado é esse? – esganiçou-se Pansy da arquibancada. – Por que alguém iria querer parecer que tem minhocas saindo do crânio?
Angelina afastou suas longas tranças do rosto e continuou calmamente:
– Então se espalhem e vamos ver o que conseguimos fazer.
Harry deu meia-volta e se afastou dos outros em direção à extremidade do campo. Rony recuou para o gol oposto. Angelina ergueu a goles com uma das mãos e atirou-a com força para Fred, que a passou a Jorge, que a passou a Harry, que a passou a Rony, que a deixou cair.
Os garotos da Sonserina, liderados por Malfoy, urraram de tanto rir. Rony, que mergulhara em direção ao solo para apanhar a goles antes que ela tocasse o chão, saiu mal do mergulho e escorregou pelo lado da vassoura, em seguida voltou à altura normal de jogo, corando. Harry viu Fred e Jorge se entreolharem, mas, o que não era normal, nenhum dos dois disse nada, pelo que ele se sentiu grato.
– Passe adiante, Rony – gritou Angelina, como se nada tivesse acontecido.
Rony atirou a goles para Alícia, que a passou a Harry, que a passou a Jorge...
– Ei, Potter, como está sua cicatriz? – gritou Malfoy. – Tem certeza de que não precisa se deitar um pouco? Já deve fazer, o quê, uma semana que você esteve na ala hospitalar, isso é um recorde para você, não é, não?
Jorge passou a bola para Angelina; ela inverteu o passe para Harry, pegando-o desprevenido, mas ele apanhou a bola nas pontinhas dos dedos e emendou rapidamente o passe para Rony, que mergulhou para apanhar a bola, mas perdeu-a por pouco.
– Assim não dá, Rony – disse Angelina, aborrecida, quando ele tornou a mergulhar em direção ao solo atrás da goles. – Se liga!
Seria difícil dizer o que estava mais escarlate; se a goles ou a cara de Rony,

quando ele mais uma vez recuperou a altura normal. Malfoy e o resto dos colegas da Sonserina uivaram de tanto rir.

Na terceira tentativa, Rony apanhou a goles; talvez por alívio, ele a passou com tanto entusiasmo para Cátia que a bola vazou pelas mãos estendidas da jogadora e bateu com força em seu rosto.

– Desculpe! – gemeu Rony, precipitando-se para a frente a ver se a machucara.

– Volte à sua posição, ela está ótima – vociferou Angelina. – Mas, quando estiver passando a bola para uma companheira de equipe, tente não derrubá-la da vassoura, tá? Deixa isso para os balaços!

O nariz de Cátia estava sangrando. Lá embaixo, os garotos da Sonserina batiam os pés e caçoavam. Fred e Jorge correram para Cátia.

– Aqui, tome isso – disse Fred entregando à jogadora alguma coisa pequena e roxa que tirara do bolso –, vai parar o sangramento rapidinho.

– Tudo bem – gritou Angelina. – Fred e Jorge, vão buscar seus bastões e um balaço. Rony vá para as balizas. Harry, solte o pomo quando eu mandar. Vamos visar o gol do Rony, é óbvio.

Harry disparou atrás dos gêmeos para apanhar o pomo.

– Rony está melando tudo, não tá? – murmurou Jorge, quando os três pousaram junto ao caixote das bolas e o abriram para tirar um dos balaços e o pomo.

– É só nervoso – disse Harry –, ele estava ótimo quando praticamos hoje de manhã.

– Ah, bem, espero que ele não tenha dado o melhor antes do treino – comentou Fred desalentado.

Eles voltaram ao ar. Quando Angelina apitou, Harry parou o pomo, e Fred e Jorge deixaram o balaço voar. Daquele momento em diante, Harry parou de perceber o que os outros estavam fazendo. Sua tarefa era recapturar a minúscula bola dourada de asas que valia cento e cinquenta pontos para o time do apanhador, e realizar isso exigia enorme velocidade e destreza. Ele acelerou, descrevendo círculos, indo ao encontro dos artilheiros e se desviando deles, o ar cálido do outono fustigando seu rosto, os gritos distantes da turma da Sonserina um ronco sem sentido em seus ouvidos... mas, cedo demais, o toque do apito o fez parar.

– Para... *para*... PARA! – berrou Angelina. – Rony... você não está cobrindo a baliza do meio!

Harry se virou para olhar Rony, que estava planando diante do aro da esquerda, deixando os outros dois completamente descobertos.

– Ah... desculpe...

– Você não pode ficar parado, observando os artilheiros! – disse Angelina. – Ou fica na posição central até que precise se mexer para defender um aro, ou então fica circulando os aros, não sai vagando para o lado, foi assim que você deixou passar os últimos três gols!

– Desculpe... – repetiu Rony, seu rosto vermelho brilhando como um farol contra o azul-claro do céu.

– E Cátia, será que você não pode dar um jeito no sangramento desse nariz?

– Está piorando! – disse a garota com a voz embargada, tentando estancar o sangue com a manga do uniforme.

Harry olhou para Fred, que parecia ansioso, verificando os bolsos. Viu-o tirar uma coisa roxa, examiná-la por um segundo e então procurar Cátia com o olhar, evidentemente horrorizado.

– Bom, vamos experimentar outra vez. – Angelina fingia não ouvir o pessoal da Sonserina, que agora inventara uma cantilena de "Grifinória é freguês", "Grifinória é freguês", mas apesar disso havia uma certa rigidez na maneira com que montava sua vassoura.

Desta vez, a equipe não chegara a completar três minutos de voo quando o apito de Angelina tornou a soar. Harry, que acabara de avistar o pomo orbitando a baliza oposta, parou sentindo-se visivelmente aborrecido.

– Que foi agora? – perguntou, impaciente, à Alícia, que estava mais próxima.

– Cátia.

Harry virou-se e viu Angelina, Fred e Jorge voando a toda velocidade em direção a Cátia. Harry e Alícia acorreram também. Era claro que Angelina parara o treino bem em tempo; Cátia estava branco-gesso e coberta de sangue.

– Ela precisa ir para a ala hospitalar – disse Angelina.

– Nós a levaremos – disse Fred. – Ela... hum... talvez tenha engolido uma Vagem Bolha-de-Sangue por engano...

– Bem, não adianta continuar sem dois batedores e uma artilheira – anunciou Angelina, mal-humorada, quando Fred e Jorge dispararam para o castelo, amparando Cátia. – Anda gente, vamos trocar de roupa.

A turma da Sonserina continuou a cantilena enquanto eles se dirigiam ao vestiário.

– Como foi o treino? – perguntou Hermione, com indiferença, meia hora mais tarde quando Harry e Rony passaram pelo buraco do retrato e entraram na sala comunal da Grifinória.

– Foi... – começou Harry.

– Uma meleca – disse Rony com a voz cava, afundando numa poltrona ao lado de Hermione. Ela ergueu os olhos para Rony, e o gelo que estivera lhe dando pareceu derreter.

– Bom, foi só o seu primeiro treino – disse em tom de consolo –, leva tempo para...

– Quem disse que fui eu que melei tudo? – retorquiu Rony.

– Ninguém – respondeu ela, espantada. – Pensei...

– Você pensou que eu só podia estragar tudo?

– Não, é claro que não! Olhe, você disse que foi uma meleca, então eu só...

– Vou começar a fazer os deveres – anunciou Rony, enfurecido, e saiu pisando forte em direção à escada para o dormitório dos garotos, e desapareceu. Hermione se virou para Harry.

– Ele foi uma meleca?

– Não – disse Harry lealmente.

Hermione ergueu as sobrancelhas.

– Bem, suponho que podia ter jogado melhor – murmurou Harry –, mas foi só o primeiro treino, como você mesmo disse...

Aparentemente, nem Harry nem Rony conseguiram adiantar muito os seus deveres naquela noite. Harry sabia que o amigo estava preocupado demais com seu péssimo desempenho no treino de quadribol, e ele próprio estava achando difícil tirar da cabeça aquela cantilena de “Grifinória é freguês”.

Os garotos passaram o domingo inteiro enterrados nos livros na sala comunal, que se enchia e se esvaziava ao seu redor. Fazia mais um belo dia de sol, e a maioria dos colegas da casa passou o tempo nos terrenos da escola, aproveitando o que bem poderia ser a última aparição do sol daquele ano. Quando anoiteceu, Harry teve a impressão de que alguém andara malhando o seu cérebro contra sua caixa craniana.

– Sabe, provavelmente devíamos tentar adiantar os deveres durante a semana – murmurou Harry para Rony, quando finalmente puseram de lado o longo trabalho pedido pela Profª McGonagall sobre o Feitiço para Conjurar a Vida, e se voltaram infelizes para o trabalho igualmente longo e difícil da Profª Sinistra, sobre as várias luas de Júpiter.

– É – respondeu Rony, esfregando os olhos ligeiramente congestionados, e atirando a quinta folha de pergaminho que estragava na lareira ao lado. – Escuta... vamos perguntar a Mione se podemos dar uma olhada no que ela fez?

Harry olhou para a amiga, que estava sentada com Bichento ao colo; conversava alegremente com Gina, segurando à sua frente um par de agulhas de tricô que lampejava no ar, e agora tecia um par de meias informes para elfos.

– Não – respondeu deprimido –, você sabe que ela não vai deixar.

Então continuaram a estudar enquanto o céu lá fora se tornava gradualmente mais escuro. Aos poucos, o número de colegas na sala comunal recomeçou a

diminuir. Às onze e meia, Hermione se aproximou deles, bocejando.
– Quase no fim?
– Não – disse Rony secamente.
– A lua maior de Júpiter é Ganimedes e não Calisto – disse ela, apontando para uma linha no trabalho de Astronomia de Rony, por cima do seu ombro –, e é Io que tem os vulcões.
– Obrigado – agradeceu ele asperamente, riscando as frases erradas.
– Desculpe, eu só...
– Eu sei, ótimo, você só veio até aqui para criticar...
– Rony...
– Não tenho tempo para ouvir sermão, tá, Hermione. Estou até o pescoço...
– Não... olhe!
Hermione estava apontando para a janela mais próxima. Harry e Rony olharam. Uma bela coruja-das-torres estava pousada no parapeito da janela, olhando para Rony dentro da sala.
– Aquela não é Hermes? – perguntou Hermione, parecendo espantada.
– Caracas, é mesmo! – respondeu Rony baixinho, largando a pena e se levantando. – Para que será que o Percy está me escrevendo?
Ele foi até a janela e a abriu; Hermes entrou, pousou sobre o trabalho de Rony e estendeu a perna em que estava presa a carta. O garoto desamarrou-a, e a coruja partiu imediatamente, deixando pegadas de tinta no desenho que Rony fizera da Lua.
– Decididamente é a letra de Percy – disse Rony, afundando de volta na poltrona e fixando as palavras no exterior do pergaminho: *Ronald Weasley, Grifinória, Hogwarts*. Ele olhou para os outros dois: – Que é que vocês acham?
– Abre! – pediu Hermione, ansiosa, e Harry concordou com a cabeça.
Rony desenrolou o pergaminho e começou a ler. À medida que seu olhar descia pelo pergaminho, mais carrancudo ele ia ficando. Quando terminou de ler, parecia absolutamente enojado. Atirou a carta para Harry e Hermione, que juntaram as cabeças e leram:

Caro Rony:

Acabei de saber (por ninguém menos que o ministro da Magia em pessoa, que soube por sua nova professora, Profª Umbridge) que você foi nomeado monitor em Hogwarts.

Fiquei agradavelmente surpreso quando ouvi a notícia, e primeiramente preciso lhe dar os meus parabéns. Devo admitir que sempre receei que você tomasse o que poderíamos chamar de "caminho do Fred e do Jorge", em lugar de seguir os meus passos, por isso pode imaginar o que senti quando

soube que você parou de zombar da autoridade e decidiu assumir uma responsabilidade de peso.

Mas quero lhe dar mais do que os parabéns, Rony, quero lhe dar um conselho, razão pela qual estou preferindo mandar esta carta à noite em vez de mandá-la pelo correio matinal. Esperemos que você possa lê-la longe de olhares curiosos e evitar perguntas embaraçosas.

Por uma coisa que o ministro deixou escapar quando me contou que você agora é monitor, deduzo que você ainda esteja vendo o Harry Potter com muita frequência. Preciso lhe dizer, Rony, que nada pode torná-lo mais vulnerável de perder seu distintivo do que continuar se confraternizando com esse garoto. Tenho certeza de que você está surpreso com isso – sem dúvida você dirá que Potter sempre foi o favorito de Dumbledore –, mas me sinto na obrigação de lhe informar que Dumbledore talvez não continue por muito tempo à frente de Hogwarts, e as pessoas realmente influentes têm uma opinião diferente – e provavelmente mais exata – do comportamento de Potter. Não direi muito mais do que isso, mas se você ler o Profeta Diário *amanhã terá uma boa ideia para que lado estão soprando os ventos – e veja se consegue reconhecer o seu caro irmão!*

Seriamente, Rony, você não quer ser igualado a Potter, poderia ser muito prejudicial para os seus projetos futuros, e estou me referindo aqui à sua vida depois de terminar a escola também. Como você deve saber, uma vez que o nosso pai acompanhou Potter ao tribunal, ele compareceu a uma audiência disciplinar este verão, perante toda a Corte Suprema, e não saiu com uma boa imagem. Foi inocentado por uma mera tecnicalidade, se quer saber, e muitas pessoas com quem falei continuam convencidas de que ele é culpado.

Talvez você tenha receio de cortar seus vínculos com Potter – sei que ele pode ser desequilibrado e violento –, mas se isso o preocupar de alguma forma, ou se observou mais alguma coisa no comportamento de Potter que o possa estar incomodando, peço que vá procurar Dolores Umbridge, uma mulher realmente encantadora que estou certo que terá muito prazer em aconselhá-lo.

Isto me leva a lhe dar mais conselhos. Como já insinuei acima, o regime de Dumbledore em Hogwarts talvez esteja no fim. Sua lealdade, Rony, não deve ser a ele, mas à escola e ao ministro. Lamento muito saber que, até o momento, a Profª Umbridge está encontrando muito pouca cooperação dos professores em seu esforço para realizar as mudanças necessárias em Hogwarts que o ministro tão ardentemente deseja (embora sua tarefa deva ficar mais fácil a partir da próxima semana – leia o Profeta Diário *amanhã!). Só lhe adiantarei uma coisa – um estudante que se mostrar disposto a ajudar*

a Profª Umbridge agora talvez fique bem colocado para se candidatar à função de monitor-chefe dentro de mais uns dois anos!

Sinto muito não ter podido vê-lo com mais frequência durante o verão. Dói-me criticar os nossos pais, mas receio que não possa continuar a viver sob o teto deles enquanto insistirem em se misturar com o grupo perigoso que cerca Dumbledore. (Se você estiver escrevendo à mamãe uma hora dessas, talvez possa lhe dizer que um tal Estúrgio Podmore, que é um grande amigo de Dumbledore, recentemente foi mandado para Azkaban por invadir o Ministério. Talvez isto abra os olhos deles para o tipo de ralé com que presentemente estão convivendo.) Considero-me uma pessoa de muita sorte por ter escapado do estigma de me associar com gente dessa laia – o ministro não poderia ter sido mais generoso comigo – e realmente espero, Rony, que você também não permita que os laços de família o ceguem para a natureza equivocada das crenças e atos dos nossos pais. Com sinceridade, espero que, em tempo, eles percebam como estavam enganados, e naturalmente estarei pronto a aceitar desculpas formais quando esse dia chegar.

Por favor, reflita com muita atenção sobre o que eu disse, particularmente quanto ao Harry Potter, e parabéns mais uma vez por ser agora monitor.

Seu irmão,

Percy

Harry ergueu os olhos para Rony.

– Então – disse, tentando dar a impressão de que achava a coisa toda uma piada. – Se você quiser... hum... como é mesmo? – Ele consultou a carta de Percy. – Ah, sim... cortar os vínculos comigo, juro que não serei violento.

– Me dá isso aqui – disse Rony, estendendo a mão. – Ele é – disse Rony gaguejando e rasgando a carta de Percy ao meio – a maior – e rasgou-a em quartos – anta – e mais uma vez em oitavos – do mundo. – E atirou os pedaços no fogo.

– Vamos, precisamos terminar esse dever antes do dia amanhecer – disse a Harry com renovada energia, tornando a puxar o trabalho da Profª Sinistra para perto.

Hermione olhava Rony com uma estranha expressão no rosto.

– Ah, me dá isso aqui – disse de repente.

– Quê? – perguntou Rony.

– Me dá esses deveres, vou dar uma lida e corrigi-los.

– Você está falando sério? Ah, Hermione, você é uma salvação – disse Rony –, que é que eu...

– O que vocês podem dizer é o seguinte: Prometemos que nunca mais

deixaremos os deveres para a última hora – disse ela, estendendo as duas mãos para receber os trabalhos dos garotos, mas, ainda assim, tinha o ar de quem estava achando uma certa graça.

– Mil vezes obrigado, Hermione – disse Harry com a voz fraca, entregando o seu texto e tornando a afundar na poltrona, esfregando os olhos.

Passava agora da meia-noite e a sala comunal estava deserta, exceto pelos três garotos e Bichento. O único som era o da pena de Hermione riscando frases aqui e ali nos trabalhos, e o farfalhar das páginas dos livros de referência espalhados pela mesa em que ela conferia os vários dados. Harry estava exausto. Sentia-se também estranho, doente, com um vazio no estômago que não tinha ligação alguma com o cansaço, mas tudo a ver com a carta que agora enegrecia e se encrespava em meio às chamas.

Ele sabia que metade das pessoas em Hogwarts o considerava estranho, e até doido; sabia que o *Profeta Diário* andara fazendo insinuações falsas a seu respeito durante meses, mas havia alguma coisa diferente em vê-las escritas daquele jeito, na letra de Percy, em saber que estava aconselhando Rony a terminar a amizade com ele e até a contar histórias sobre ele a Umbridge, o que tornava sua situação mais real aos seus olhos como nada antes o fizera. Conhecia Percy havia quatro anos, se hospedara em sua casa durante as férias de verão, dividira uma barraca com ele durante a Copa Mundial de Quadribol, chegara a receber dele o número de pontos totais pela segunda tarefa no Torneio Tribruxo no ano anterior, no entanto, agora, Percy o achava desequilibrado e possivelmente violento.

E, sentindo uma onda de simpatia pelo padrinho, Harry pensou que Sirius provavelmente era a única pessoa que ele conhecia que, de fato, seria capaz de compreender o que estava sentindo naquele momento, porque se encontrava na mesma situação. Quase todas as pessoas no mundo bruxo achavam que ele era um perigoso homicida e um grande seguidor de Voldemort, e ele precisara conviver com isso durante catorze anos...

Harry piscou os olhos. Acabara de ver uma coisa no fogo que não poderia estar ali. Tornara-se visível em um lampejo e desaparecera imediatamente. Não... não poderia estar ali... ele imaginara porque estivera pensando em Sirius...

– O.k., escreva aí – disse Hermione a Rony, empurrando-lhe o trabalho e uma folha escrita com sua letra –, e depois acrescente a conclusão que fiz.

– Hermione, sinceramente, você é a pessoa mais maravilhosa que eu já conheci – disse Rony com a voz fraca –, e se eu tornar a ser grosseiro com você...

– Saberei que você voltou ao normal – completou ela. – Harry, o seu está bom, exceto o pedacinho final. Acho que você deve ter entendido mal a Profª Sinistra.

A lua Europa é coberta de gelo, não de grelos... Harry?

Harry escorregara da poltrona sobre os joelhos e agora estava agachado no tapete puído e chamuscado, espiando as chamas.

– Hum... Harry? – chamou Rony inseguro. – Por que é que você está aí embaixo?

– Porque acabei de ver a cabeça de Sirius no fogo – disse Harry.

Falou isso calmamente; afinal, vira a cabeça de Sirius nesse mesmo fogo no ano anterior, e falara com ele; contudo não tinha muita certeza se realmente a vira desta vez... e desaparecera tão depressa...

– A cabeça de Sirius? – repetiu Hermione. – Você quer dizer como na vez em que ele quis falar com você durante o Torneio Tribruxo? Mas ele não faria isso agora, seria... *Sirius!*

Ela exclamou, os olhos fixos na lareira; Rony deixou cair a pena. Ali, no meio das línguas de fogo, estava parada a cabeça de Sirius, os cabelos longos e escuros emoldurando o seu rosto sorridente.

– Eu estava começando a pensar que você iria se deitar antes de todos os outros terem desaparecido – disse ele. – Tenho verificado de hora em hora.

– Você tem aparecido no fogo de hora em hora? – perguntou Harry com um ar de riso no rosto.

– Só por uns segundos para ver se a barra estava limpa...

– Mas e se alguém o tivesse visto? – perguntou Hermione, ansiosa.

– Bom, acho que uma garota... caloura pelo jeito... talvez tenha me visto de relance mais cedo, mas não se preocupe – apressou-se Sirius a dizer, quando Hermione levou a mão à boca –, desapareci no instante em que ela me encarou, e aposto que deve ter pensado que eu era uma tora de madeira de forma esquisita ou outra coisa qualquer.

– Mas, Sirius, isto é um risco enorme – começou Hermione.

– Você está parecendo a Molly. Esta foi a única maneira que pude imaginar de responder à carta de Harry sem recorrer a um código: os códigos são decifráveis.

À menção da carta de Harry, Hermione e Rony se viraram para encarar o amigo.

– Você não contou que tinha escrito a Sirius! – disse Hermione em tom de acusação.

– Me esqueci. – O que era absolutamente verdade; seu encontro com Cho no corujal varrera todo o resto de sua cabeça. – Não me olhe assim, Hermione, não havia nenhuma maneira de alguém ter extraído informações secretas da carta, havia, Sirius?

– Não, estava muito boa – disse ele sorrindo. – Em todo o caso, é melhor nos apressarmos, caso alguém venha nos perturbar... a sua cicatriz.

– O quê...? – perguntou Rony, mas Hermione o interrompeu.
– Nós lhe falaremos depois. Continue, Sirius.
– Bom, eu sei que não tem a menor graça quando dói, mas achamos que não há realmente nada com que se preocupar. Ela doeu o tempo todo no ano passado, não foi?
– Foi, e Dumbledore disse que isso acontecia toda vez que Voldemort estava sentindo uma emoção muito intensa – confirmou Harry, ignorando, como sempre, as caretas de Rony e Hermione. – Então, talvez ele estivesse apenas, sei lá, realmente furioso ou outra coisa qualquer na noite em que cumpri aquela detenção.
– Bem, agora que ele voltou deverá doer com mais frequência – disse Sirius.
– Então você acha que não teve nenhuma ligação com o fato da Umbridge me tocar quando eu estava cumprindo a detenção? – perguntou Harry.
– Duvido. Conheço a reputação dela, e tenho certeza de que não é uma Comensal da Morte...
– Ela é maligna bastante para ser – disse Harry em tom sombrio, e Rony e Hermione concordaram vigorosamente com a cabeça.
– É, mas o mundo não está dividido entre os bons e os Comensais da Morte – disse Sirius com um sorriso enviesado. – Mas sei que ela não é flor que se cheire... você devia ouvir o que o Remo diz dela.
– Lupin a conhece? – perguntou Harry, lembrando-se dos comentários da Umbridge sobre mestiços perigosos na primeira aula.
– Não, mas ela apresentou um projeto de lei contra lobisomens há dois anos, que torna quase impossível para ele arranjar um emprego.
Harry se lembrou da aparência mais andrajosa de Lupin ultimamente, e a sua raiva da Umbridge aumentou ainda mais.
– Que é que ela tem contra lobisomens? – perguntou Hermione, indignada.
– Tem medo, imagino – disse Sirius, sorrindo da indignação da garota. – Aparentemente, ela tem aversão a semi-humanos; no ano passado também fez campanha para que os sereianos fossem arrebanhados e etiquetados. Imagine desperdiçar tempo e energia perseguindo sereianos quando há biltres como o Monstro à solta por aí.
Rony riu, mas Hermione pareceu aborrecida.
– Sirius! – disse em tom de censura. – Francamente, se você fizesse um mínimo esforço com o Monstro, tenho certeza de que ele corresponderia. Afinal de contas, você é o único membro da família dele que restou, e o Prof. Dumbledore disse...
– Então, como são as aulas da Umbridge? – interrompeu-a Sirius. – Está treinando vocês para matar mestiços?

– Não – respondeu Harry, ignorando a cara de ofendida de Hermione por ter sido interrompida em sua defesa do Monstro. – Ela não está deixando a gente usar magia.

– Só o que fazemos é ler livros-texto idiotas – disse Rony.

– Ah, bom, era de esperar. A informação que temos de dentro do Ministério é que Fudge não quer que vocês recebam treinamento de combate.

– *Treinamento de combate!* – repetiu Harry incrédulo. – Que é que ele acha que estamos fazendo aqui, formando um exército bruxo?

– É exatamente o que ele acha que vocês estão fazendo – disse Sirius –, ou melhor, é exatamente o que ele receia que Dumbledore esteja fazendo, formando seu exército particular, com o qual poderá tomar de assalto o Ministério da Magia.

Ao ouvir isso, os garotos fizeram uma pausa, depois Rony disse:

– Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi, mesmo levando em conta todas as que Luna Lovegood inventa.

– Então estamos sendo impedidos de aprender Defesa Contra as Artes das Trevas porque Fudge tem medo que a gente use os feitiços contra o Ministério? – perguntou Hermione, furiosa.

– É – confirmou Sirius. – Fudge acha que Dumbledore não se deterá diante de nada para tomar o poder. Está ficando cada dia mais paranoico com relação a Dumbledore. É uma questão de tempo ele mandar prendê-lo sob alguma acusação fajuta.

Isto lembrou a Harry a carta de Percy.

– Você sabe se vai sair alguma coisa sobre o Dumbledore no *Profeta Diário* amanhã? Percy, o irmão de Rony, acha que sairá...

– Não sei. Não vi ninguém da Ordem o fim de semana inteiro, estão todos ocupados. Ficamos somente o Monstro e eu...

Havia uma nítida nota de amargura na voz de Sirius.

– Então você também não teve nenhuma notícia de Hagrid?

– Ah... – disse Sirius – bom, ele já devia estar de volta, ninguém tem muita certeza do que aconteceu. – Então, notando a expressão chocada dos garotos, acrescentou depressa: – Mas Dumbledore não está preocupado, então vocês não precisam ficar nervosos. Tenho certeza de que Hagrid está ótimo.

– Mas se ele já devia estar de volta – comentou Hermione com uma vozinha ansiosa.

– Ele e Madame Maxime estavam juntos, estivemos em contato com ela e soubemos que os dois tiveram de se separar na volta... mas não há nada que sugira que ele esteja machucado ou... bem, nada que sugira que ele não esteja perfeitamente bem.

Pouco convencidos, Harry, Rony e Hermione se entreolharam preocupados.

– Escute, não saia por aí fazendo perguntas sobre a ausência de Hagrid – acrescentou Sirius. – Assim, irá atrair mais atenção para o fato de ele não ter voltado, e sei que Dumbledore não quer isso. Hagrid é durão, vai se sair bem. – E quando viu que os garotos não pareceram se animar, Sirius perguntou: – E, afinal, quando é o próximo fim de semana de vocês em Hogsmeade? Estive pensando, nos saímos muito bem com o disfarce de cachorro na estação, não foi? Achei que podia...

– NÃO! – exclamaram Harry e Hermione juntos, muito alto.

– Sirius, você não leu o *Profeta Diário*? – perguntou Hermione, nervosa.

– Ah, aquilo – comentou Sirius rindo –, sempre estão adivinhando onde estou, mas não têm realmente a menor ideia...

– É, mas acho que desta vez eles têm – disse Harry. – O Malfoy disse uma coisa no trem que nos fez pensar que ele sabia que era você, e o pai dele estava na plataforma, Sirius... você sabe, o Lúcio Malfoy... então não apareça por aqui em hipótese alguma. Se Malfoy o reconhecer de novo...

– Está bem, está bem, entendi o recado. – Ele pareceu desgostoso. – Foi só uma ideia, pensei que você talvez gostasse de se encontrar comigo.

– Gostaria, só não quero ver você atirado de volta em Azkaban!

Houve uma pausa em que Sirius olhou para Harry, uma ruga entre seus olhos fundos.

– Você parece menos com o seu pai do que eu pensei – disse finalmente, com uma inconfundível frieza na voz. – O risco teria sido a arte mais divertida para o Tiago.

– Olhe...

– Bom, é melhor eu ir andando. Estou ouvindo Monstro descer as escadas – disse Sirius, mas Harry teve certeza de que ele estava mentindo. – Vou lhe escrever dizendo quando poderei voltar ao fogo, então, está bem? Se você puder arriscar.

Ouviu-se um estalido mínimo e o ponto em que estivera a cabeça de Sirius foi retomado pelas chamas saltitantes.

— CAPÍTULO QUINZE —
A Alta Inquisidora de Hogwarts

Os garotos pensaram que na manhã seguinte teriam de esquadrinhar meticulosamente o *Profeta Diário* da Hermione para encontrar o artigo que Percy mencionara em sua carta. No entanto, a coruja-entregadora mal levantara voo da jarra de leite em que pousara quando Hermione já deixava escapar uma enorme exclamação e abria o jornal todo para mostrar uma grande foto de Dolores Umbridge com um enorme sorriso, piscando lentamente para eles sob a manchete.

MINISTÉRIO QUER REFORMA NA EDUCAÇÃO DOLORES UMBRIDGE NOMEADA PRIMEIRA ALTA INQUISIDORA DA HISTÓRIA

– Umbridge... Alta Inquisidora?! – Foi a exclamação sombria de Harry, deixando escorregar da ponta dos dedos a torrada meio comida. – Que é que eles querem dizer com *isso*?

Hermione leu em voz alta:

> *– Ontem à noite, o Ministério da Magia surpreendeu a todos aprovando uma lei que concede ao próprio órgão um nível de controle sem precedentes sobre a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.*
>
> *"Já há algum tempo, o ministro tem se mostrado apreensivo com o que acontece em Hogwarts", comentou seu assistente-júnior, Percy Weasley. "O decreto é uma resposta às preocupações expressadas por pais ansiosos que sentem que a escola está trilhando um caminho que desaprovam."*
>
> *Não é a primeira vez nas últimas semanas que o ministro Cornélio Fudge tem usado novas leis para realizar aperfeiçoamentos na escola de magia. Em 30 de agosto recente, foi aprovado o Decreto de Educação n.º 22, para*

assegurar que, na eventualidade do atual diretor não conseguir apresentar um candidato a uma vaga de professor, o Ministério selecione uma pessoa habilitada.

"Foi assim que Dolores Umbridge acabou sendo indicada para o corpo docente de Hogwarts", disse Weasley ontem à noite. "Dumbledore não conseguiu encontrar ninguém, então o Ministério nomeou Umbridge e, naturalmente, ela alcançou imediato sucesso..."

– Ela o QUÊ?! – exclamou Harry em voz alta.
– Espere, ainda tem mais – disse Hermione séria:

– *"... imediato sucesso, revolucionando inteiramente o ensino da Defesa Contra as Artes das Trevas e informando em primeira mão ao ministro o que está realmente ocorrendo em Hogwarts."*

É esta função que o Ministério está formalizando agora ao aprovar o Decreto de Educação n.º 23, que cria o cargo de Alta Inquisidora de Hogwarts.

"Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda nos padrões *de Hogwarts", diz Weasley. "A Inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e se assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados. O cargo foi oferecido à Prof.ª Umbridge, que aceitou a nova incumbência e a irá acumular com o cargo docente que ora exerce."*

As novas medidas do Ministério receberam o apoio entusiástico dos pais dos alunos de Hogwarts.

"Eu me sinto muito mais tranquilo agora que sei que Dumbledore está sujeito a avaliações justas e objetivas", declarou o Sr. Lúcio Malfoy, 41, à noite passada de sua mansão de Wiltshire. "Muitos de nós, que no fundo queremos que nossos filhos sejam felizes e bem-sucedidos, estávamos preocupados com algumas decisões excêntricas que Dumbledore andou tomando nos últimos anos, e ficamos contentes de saber que o Ministério está atento à situação."

Sem dúvida, entre as decisões excêntricas *mencionadas encontram-se as nomeações controversas apontadas pelo nosso jornal, entre as quais se incluem a contratação do lobisomem Remo Lupin, do meio-gigante Rúbeo Hagrid e do ex-auror delirante Olho-Tonto Moody.*

Naturalmente, correm muitos boatos de que Alvo Dumbledore, que no passado foi o Chefe Supremo da Confederação Internacional de Bruxos e Bruxo-presidente da Suprema Corte, não está mais à altura de administrar a

prestigiosa Escola de Hogwarts.

“Acho que a nomeação da Inquisidora é o primeiro passo para assegurar que Hogwarts tenha um diretor em quem possamos depositar nossa confiança”, declarou uma fonte do Ministério à noite passada.

Os juízes da Suprema Corte, Griselda Marchbanks e Tibério Ogden, renunciaram aos seus mandatos, em protesto à criação do cargo de Inquisidora de Hogwarts.

“Hogwarts é uma escola e não um posto avançado do gabinete de Cornélio Fudge”, declarou Madame Marchbanks. “Trata-se de mais uma tentativa repugnante de desacreditar Alvo Dumbledore.”

(Leiam a história completa das supostas ligações de Madame Marchbanks com grupos de duendes subversivos na p. 17.)

Hermione terminou de ler e olhou para os dois garotos sentados à sua frente.

– Então agora sabemos como foi que acabamos alunos da Umbridge! Fudge aprovou o “Decreto de Educação” e forçou a sua contratação! Agora lhe concedeu o poder de inspecionar os outros professores! – Hermione ofegava e tinha os olhos muito brilhantes. – Não consigo acreditar. É um *absurdo*!

– Sei que é – disse Harry. E olhou para sua mão direita, agarrada ao tampo da mesa, e viu o leve contorno branco das palavras que Umbridge o forçara a gravar na pele.

Mas no rosto de Rony começou a se abrir um sorriso.

– Que foi? – perguntaram Harry e Hermione juntos, olhando para ele.

– Ah, mal posso esperar para ver a McGonagall ser inspecionada – disse feliz. – A Umbridge não vai saber nem o que foi que a acertou.

– Ah, vamos – disse Hermione, levantando-se de um salto –, é melhor irmos andando, se ela estiver inspecionando a classe de Binns não vamos querer chegar atrasados...

Mas a Profª Umbridge não estava inspecionando a aula de História da Magia, que foi tão desinteressante quanto a da segunda-feira anterior, tampouco estava na masmorra de Snape, quando eles chegaram para os dois tempos de Poções, em que o trabalho de Harry sobre a pedra da lua foi-lhe devolvido com um enorme e garranchoso “D” no canto superior.

– Dei a vocês as notas que teriam recebido se tivessem apresentado esses trabalhos no seu N.O.M. – disse Snape com um sorriso afetado, ao passar pelos alunos devolvendo os deveres. – Isto deverá lhes dar uma ideia realista do que esperar no exame.

Snape foi até a frente da classe e se voltou para a turma.

– O nível geral dos deveres foi abissal. A maioria de vocês não teria passado

se fosse um exame real. Espero observar um esforço bem maior no trabalho desta semana sobre as variedades de antídotos para venenos ou terei de começar a distribuir detenções para os tapados que receberem “D”.

O professor riu com afetação quando Malfoy deu uma risadinha e disse num sussurro ressonante:

– Teve gente que recebeu um “*D*”? Ha!

Harry percebeu que Hermione estava olhando de esguelha para ver que nota o garoto recebera; mas Malfoy escorregou o trabalho para dentro da mochila o mais depressa que pôde, sentindo que preferia guardar essa informação só para ele.

Decidido a não dar a Snape um pretexto para anular seu exercício, Harry leu e releu cada linha de instrução no quadro-negro pelo menos três vezes antes de segui-la. Sua Solução para Fortalecer não ficou exatamente um turquesa-claro como a da Hermione, mas, pelo menos, ficou azul e não rosa, como a de Neville, e ele depositou o seu frasco na mesa de Snape ao final da aula, com uma sensação em que se mesclaram o desafio e o alívio.

– Bom, não foi tão ruim quanto na semana passada, não é? – comentou Hermione quando subiam as escadas das masmorras para atravessar o Saguão de Entrada e ir almoçar. – E o dever de casa também não foi nada mau, não é?

Ao ver que nem Rony nem Harry respondiam, ela insistiu:

– Quero dizer, tudo bem, eu não esperava a nota máxima, não se Snape estiver corrigindo pelos padrões do N.O.M., mas um “aprovado” é bastante animador nesse estágio, não acham?

Harry produziu um som indistinto com a garganta.

– Claro, muita coisa pode acontecer entre agora e o exame, temos bastante tempo para melhorar, mas as notas que estamos recebendo são uma espécie de base, não acham? A partir delas podemos ir construindo...

Os três se sentaram à mesa da Grifinória.

– É óbvio que eu teria *vibrado* se tivesse recebido a nota máxima...

– Hermione – disse Rony com rispidez –, se você quiser saber que notas nós tiramos é só perguntar.

– Eu não... eu não tive intenção... bom, se vocês quiserem me dizer...

– Tirei um “P” – disse Rony, servindo uma concha de sopa em seu prato. – Contente?

– Ora, não tem do que se envergonhar – disse Fred, que acabara de chegar à mesa com Jorge e Lino Jordan, e estava se sentando à direita de Harry. – Não há nada de errado com um saudável “P”.

– Mas – perguntou Hermione – “P” não significa...

– “Passável”, isso mesmo – disse Lino. – Mas ainda é melhor do que um “D”,

não é? “Deplorável”?
Harry sentiu o rosto esquentar, e fingiu um pequeno acesso de tosse provocado pelo pão. Quando se recuperou do acesso, lamentou ver que Hermione continuava falando sobre as notas do N.O.M.
– Então a melhor nota é “O” de “Ótimo” – ia dizendo –, depois tem o “A”.
– Não, o “E” – Jorge a corrigiu. – “E” de “Excede Expectativas”. Sempre achei que Fred e eu devíamos ter recebido “E” em tudo, porque excedemos as expectativas só de comparecer para prestar os exames.
Todos riram, exceto Hermione, que insistiu.
– Então, depois do “E” tem o “A”, de “Aceitável”, e esta é a última nota para aprovação, não é?
– É – respondeu Fred, enfiando um pãozinho inteiro na sopa, transferindo-o para a boca e o engolindo de uma só vez.
– Aí vem o “P” de “Passável” – Rony ergueu os dois braços fingindo comemorar – e “D” de “Deplorável”.
– E por fim o “T” – Jorge lembrou ao irmão.
– “T”? – perguntou Hermione, parecendo admirada. – Ainda abaixo de “D”? Que é que significa “T”?
– “Trasgo” – disse Jorge imediatamente.
Harry tornou a rir, embora não tivesse muita certeza se Jorge estaria ou não brincando. Ele imaginou tentar esconder de Hermione que recebera “Ts”em todos os seus N.O.M.s, e decidiu imediatamente se esforçar mais dali em diante.
– Vocês já tiveram uma aula inspecionada? – perguntou Fred.
– Não – respondeu Hermione na hora. – Vocês já?
– Acabamos de ter uma, antes do almoço – disse Jorge. – Feitiços.
– E como foi? – perguntaram Harry e Hermione juntos.
Fred sacudiu os ombros.
– Nada mau. Umbridge só ficou escondida em um canto, tomando notas em uma prancheta. Vocês conhecem o Flitwick, ele a tratou como convidada, e não pareceu se incomodar. Ela não disse muita coisa. Fez umas perguntas a Alícia, para saber como são normalmente as aulas, Alícia respondeu que eram realmente boas, e foi só.
– Não consigo ver o velho Flitwick recebendo nota baixa – comentou Jorge –, ele normalmente consegue fazer todo o mundo passar bem nos exames.
– Com quem vocês têm aula hoje à tarde? – perguntou Fred a Harry.
– Trelawney...
– Um “T” se é que já vi algum.
– ... e a própria Umbridge.
– Vai, seja bonzinho e fica calmo com a Umbridge hoje – disse Jorge. –

Angelina vai enlouquecer a mulher se você perder mais um treino de quadribol.

Mas Harry não precisou esperar até a Defesa Contra as Artes das Trevas para encontrar a Profª Umbridge. Estava sentado em uma cadeira no fundo da sombria sala de Adivinhação, tirando da mochila o seu diário de sonhos, quando Rony lhe deu uma cotovelada nas costelas e, ao olhar para o lado, ele viu a Profª Umbridge surgir pelo alçapão no piso. A turma, que estivera conversando alegre, calou-se imediatamente. A queda abrupta no nível do barulho fez a Profª Trelawney, que vagava pela sala distribuindo exemplares do *Oráculo dos sonhos*, virar-se para olhar.

– Boa-tarde, professora – disse a Profª Umbridge com seu largo sorriso. – Você recebeu o meu bilhete, espero? Informando a hora e a data da sua inspeção?

A Profª Trelawney fez um breve aceno com a cabeça e, parecendo muito descontente, deu as costas à recém-chegada, e continuou a distribuir os livros. Ainda sorridente, a Profª Umbridge agarrou o espaldar da poltrona mais próxima e puxou-a até a frente da classe, de modo a colocá-la alguns centímetros atrás da cadeira da Profª Trelawney. Sentou-se, então, apanhou a prancheta na bolsa florida e ergueu a cabeça em atitude de expectativa, aguardando o início da aula.

A Profª Trelawney apertou os xales em volta do corpo, com as mãos ligeiramente trêmulas, e inspecionou a turma através das enormes lentes de aumento dos seus óculos.

– Hoje continuaremos o nosso estudo dos sonhos proféticos – disse, numa corajosa tentativa de reproduzir o seu tom místico habitual, embora sua voz tremesse um pouco. – Dividam-se em pares, por favor, e interpretem as últimas visões noturnas do colega com a ajuda do *Oráculo*.

Ela fez um movimento largo para retomar o seu lugar, viu a Profª Umbridge sentada bem ao lado, e imediatamente se desviou para a esquerda, em direção a Parvati e Lilá, que já discutiam absortas o sonho mais recente de Parvati.

Harry abriu o seu exemplar do *Oráculo dos sonhos*, observando Umbridge veladamente. Ela já estava tomando notas na prancheta. Decorridos alguns minutos, levantou-se e começou a andar pela sala, acompanhando Trelawney, escutando suas conversas com os alunos e fazendo perguntas aqui e ali. Harry baixou, ligeiro, a cabeça para o seu livro.

– Pense num sonho depressa – pediu a Rony –, caso a sapa velha venha para o nosso lado.

– Já fiz isso da última vez – protestou Rony –, agora é a sua vez, você me conta um.

– Ah, não sei... – disse Harry desesperado, que não conseguia se lembrar de ter sonhado coisa alguma nos últimos dias. – Vamos dizer que eu tenha sonhado que estava... afogando Snape no meu caldeirão. É, esse deve servir...

Rindo, Rony abriu o seu *Oráculo dos sonhos*.

– O.k., temos de somar a sua idade à data em que você teve o sonho, o número de letras que tem o tema do sonho... seria “afogar”, “caldeirão” ou “Snape”?

– Não importa, escolha qualquer um – disse Harry, arriscando um olhar para trás. Umbridge estava agora colada ao ombro de Trelawney, tomando notas enquanto a professora de Adivinhação interrogava Neville sobre o seu diário de sonhos.

– Em que noite você tornou a sonhar com isso? – perguntou Rony imerso em cálculos.

– Não sei, à noite passada, quando você quiser – respondeu Harry, tentando escutar o que Umbridge dizia à Profª Trelawney.

Agora as duas estavam apenas a uma mesa de distância. A Profª Umbridge anotava mais alguma coisa na prancheta e a Profª Trelawney parecia extremamente aborrecida.

– Agora – perguntou Umbridge, erguendo os olhos para Trelawney –, exatamente há quanto tempo você vem ocupando este cargo?

A Profª Trelawney encarou a outra zangada, os braços cruzados e os ombros curvados para a frente, como se quisesse se proteger ao máximo da possível indignidade da inspeção. Após uma breve pausa em que parecia decidir se a pergunta não era ofensiva, se era razoável deixá-la passar, respondeu em um tom profundamente ofendido:

– Quase dezesseis anos.

– Um bom tempo – comentou a Profª Umbridge, fazendo outra anotação na prancheta. – Então foi o Prof. Dumbledore que a nomeou?

– Correto – respondeu secamente.

Umbridge fez mais uma anotação.

– E você é tetraneta da famosa vidente Cassandra Trelawney?

– Sou – confirmou ela erguendo um pouco mais a cabeça.

Mais um registro na prancheta.

– Mas acho... corrija-me se eu estiver enganada... que você é a primeira em sua família desde Cassandra Trelawney a ser dotada de Segunda Visão?

– Esses dons muitas vezes saltam... hum... três gerações – disse a Profª Trelawney.

O sorriso bufonídeo da Profª Umbridge se ampliou.

– Naturalmente – disse com meiguice, fazendo mais um registro. – Bem,

então será que poderia profetizar alguma coisa para mim? – E ergueu os olhos com ar indagador, ainda sorridente.

A Profª Trelawney ficou tensa, como se não conseguisse acreditar no que ouvia.

– Não estou entendendo – disse agarrando convulsivamente o xale em torno do pescoço muito magro.

– Gostaria que você fizesse uma profecia para mim – disse a Profª Umbridge muito claramente.

Harry e Rony agora não eram as únicas pessoas que observavam e escutavam furtivamente por trás dos livros. A maioria da turma observava paralisada a Profª Trelawney quando ela se empertigou toda, os colares e as pulseiras tilintando.

– O Olho Interior não vê quando recebe ordem! – disse em tom escandalizado.

– Entendo – respondeu a outra brandamente fazendo mais uma anotação.

– Eu... mas... mas... *espere*! – disse a Profª Trelawney de repente, tentando falar no seu tom habitualmente etéreo, embora o efeito místico ficasse um tanto arruinado pelo modo com que tremia de raiva. – Eu... eu acho que estou *vendo* alguma coisa... alguma coisa que diz respeito a *você*... uma coisa *escura*... um grave perigo...

A Profª Trelawney apontou um dedo trêmulo para Umbridge que continuou a sorrir brandamente para ela, de sobrancelhas erguidas.

– Receio... receio que você esteja correndo um grave perigo! – terminou Trelawney dramaticamente.

Houve uma pausa. As sobrancelhas de Umbridge continuaram erguidas.

– Certo – disse com suavidade, anotando mais uma vez alguma coisa. – Bom, se isto é realmente o melhor que consegue fazer...

E virou as costas, deixando a Profª Trelawney pregada no chão, com o peito arfante. Harry olhou para Rony e percebeu que o amigo estava pensando exatamente o mesmo que ele: os dois sabiam que a Profª Trelawney era uma velha charlatona, mas, por outro lado, tinham tal aversão a Umbridge que se viram tomando o partido de Trelawney – isto é, até ela cair em cima deles alguns segundos depois.

– Muito bem? – disse, estalando os longos dedos embaixo do nariz de Harry, de forma estranhamente enérgica. – Deixe-me ver o progresso que vocês fizeram no diário de sonhos, por favor.

E quando terminou de interpretar os sonhos de Harry alto e bom som (os quais, até mesmo os que envolviam comer mingau de aveia, pelo visto profetizavam para ele uma morte precoce e horripilante), o garoto estava se sentindo muito menos solidário com Trelawney. Durante todo o tempo, a Profª

Umbridge se manteve afastada alguns passos, tomando notas na prancheta e, quando a sineta tocou, foi a primeira a descer pela corda prateada, e já os aguardava quando eles chegaram à classe de Defesa Contra as Artes das Trevas, dez minutos depois.

Ela sorria e cantarolava baixinho quando os alunos entraram. Harry e Rony contaram a Hermione, que estivera na aula de Aritmancia, exatamente o que acontecera em Adivinhação, enquanto apanhavam os seus exemplares de *Teoria da defesa em magia*, mas, antes que Hermione pudesse fazer alguma pergunta, a Profª Umbridge chamara a atenção dos alunos e todos se calaram.

– Guardem as varinhas – mandou ela com um sorriso, e aqueles que esperançosamente haviam apanhado as varinhas, com tristeza as repuseram nas mochilas. – Como terminamos o capítulo um na aula passada, hoje eu gostaria que abrissem na página dezenove e começassem a ler o capítulo dois “Teorias de defesa comuns e suas derivações”. Não haverá necessidade de conversar.

Ainda sorrindo, aquele sorriso amplo e presunçoso, ela se sentou à escrivaninha. A turma deu um suspiro audível quando abriu, como se fossem um só aluno, a página dezenove. Harry ficou imaginando, entediado, se haveria no livro capítulos suficientes para mantê-los lendo durante todas as aulas do ano, e ia verificar o índice quando reparou que Hermione erguera novamente a mão no ar.

A professora também reparou e, além disso, parecia ter preparado uma estratégia para essa eventualidade. Em lugar de tentar fingir que não reparara em Hermione, ela se levantou e deu a volta na primeira fila de carteiras até ficar cara a cara com a garota, então se inclinou e murmurou, de modo que o restante da classe não pudesse ouvi-la:

– O que é agora, Srta. Granger?

– Já li o capítulo dois.

– Então passe para o capítulo três.

– Já li também. Já li o livro todo.

A Profª Umbridge piscou os olhos, mas recuperou sua pose quase instantaneamente.

– Bem, então, você deverá poder me dizer o que Slinkhard escreveu sobre as contra-azarações no capítulo quinze.

– Ele escreveu que a denominação contra-azarações é imprópria – respondeu Hermione imediatamente. – E que contra-azaração é apenas o nome que as pessoas dão às suas azarações quando querem fazê-las parecer mais aceitáveis.

A Profª Umbridge, ergueu as sobrancelhas, e Harry percebeu que estava impressionada, ainda que a contragosto.

– Mas eu discordo – continuou Hermione.
As sobrancelhas da professora subiram um pouco mais, e seu olhar se tornou visivelmente frio.
– A senhorita discorda?
– É, discordo – confirmou Hermione, que, ao contrário de Umbridge, não murmurava, falava em uma voz alta e clara, que a essa altura já atraíra a atenção do resto da turma. – O Sr. Slinkhard não gosta de azarações, não é? Mas acho que podem ser muito úteis quando são usadas defensivamente.
– Ah, então essa é a sua opinião? – disse a professora, se esquecendo de murmurar e endireitando o corpo. – Bom, receio que seja a opinião do Sr. Slinkhard que conte nesta sala de aula, e não a sua, Srta. Granger.
– Mas... – recomeçou Hermione.
– Agora basta – disse a professora. Voltou, então, para a frente da sala e se postou ali, mas toda a segurança que exibira no início da aula se perdera. – Srta. Granger, vou tirar cinco pontos da Grifinória.
Houve uma eclosão de murmúrios.
– Por quê? – perguntou Harry indignado.
– Não se meta! – cochichou Hermione para ele, ansiosa.
– Por perturbar minha aula com interrupções sem sentido – disse a Profª Umbridge suavemente. – Estou aqui para lhes ensinar, usando um método aprovado pelo Ministério que não inclui convidar alunos a darem suas opiniões sobre assuntos de que pouco entendem. Os professores anteriores desta disciplina podem ter permitido aos senhores maior liberdade, mas como nenhum deles... com a possível exceção do Prof. Quirrell, que pelo menos parece ter se restringido a assuntos apropriados para sua idade... teria passado em uma inspeção do Ministério...
– É, Quirrell foi um grande professor – disse Harry em voz alta –, exceto pelo pequeno problema de ter Lorde Voldemort saindo pela nuca.
Este pronunciamento foi seguido de um dos mais retumbantes silêncios que Harry já ouvira. Então...
– Acho que mais uma semana de detenção lhe faria bem, Sr. Potter – disse Umbridge com voz sedosa.

O corte nas costas da mão de Harry mal sarara e, na manhã seguinte, já voltava a sangrar. Ele não se queixou durante a detenção da noite; estava decidido a não dar a Umbridge essa satisfação; repetidamente ele escreveu *não devo contar mentiras*, e nenhum som escapou de seus lábios, embora o corte se aprofundasse a cada letra.
A pior parte desta segunda semana de detenções foi, exatamente como Jorge

predisse, a reação de Angelina. Ela encostou-o contra a parede na hora em que ele chegou à mesa da Grifinória para o café da manhã de terça-feira, e gritava tão alto que a Profª McGonagall se levantou da mesa dos professores e correu para os dois.

– Srta. Johnson, como *se atreve* a fazer um estardalhaço desses no Salão Principal? Cinco pontos a menos para Grifinória!

– Mas, professora, ele arranjou *outra* detenção...

– Que história é essa, Potter? – perguntou a professora rispidamente, virando-se para Harry. – Detenção? De quem?

– Da Profª Umbridge – murmurou Harry, sem encarar os olhos penetrantes por trás dos óculos de aros quadrados.

– Você está me dizendo – perguntou ela, baixando a voz para que o grupo de alunos curiosos da Corvinal atrás deles não pudesse ouvir – que depois do aviso que lhe dei na segunda-feira passada você se descontrolou outra vez na aula da Profª Umbridge?

– Sim, senhora – murmurou Harry, olhando para o chão.

– Potter, você precisa se controlar! Você está caminhando para uma séria encrenca! Menos cinco pontos para Grifinória outra vez!

– Mas... quê... professora, não! – exclamou Harry, indignado com a injustiça. – Já estou sendo castigado por *ela*, por que a senhora precisa nos tirar pontos também?

– Porque as detenções parecem não produzir o menor efeito em você! – respondeu a professora, azeda. – Não, nem mais uma palavra de reclamação, Potter! E quanto à Srta. Johnson, no futuro restrinja os seus gritos ao campo de quadribol ou se arriscará a perder a função de capitã do time!

A Profª McGonagall voltou à mesa dos professores. Angelina lançou a Harry um olhar de profundo descontentamento e foi embora, ao que Harry se atirou no banco ao lado de Rony, espumando.

– Ela tirou cinco pontos da Grifinória porque minha mão está sendo fatiada todas as noites! Como é que isso pode ser justo, *como*?

– Eu sei, cara – disse Rony solidário, servindo bacon no prato do amigo. – Ela está completamente baralhada.

Hermione, porém, meramente folheou as páginas do *Profeta Diário* e não fez nenhum comentário.

– Você acha que McGonagall estava com a razão, não é? – perguntou Harry, zangado, à foto de Cornélio Fudge que tampava o rosto de Hermione.

– Eu gostaria que ela não tivesse descontado pontos de você, mas acho que tem razão quando o avisa para não perder a cabeça com a Umbridge – disse a

voz de Hermione, enquanto Fudge gesticulava com energia, na primeira página, obviamente fazendo um discurso.

Harry não falou com Hermione durante toda a aula de Feitiços, mas, quando entraram em Transfiguração, ele esqueceu que estava zangado com a amiga. A Profª Umbridge achava-se sentada a um canto, com sua prancheta, e essa visão apagou a cena do café da manhã de sua lembrança.

– Excelente – sussurrou Rony, quando se sentaram nos lugares de sempre. – Vamos ver se a Umbridge recebe o que merece.

A Profª McGonagall entrou decidida na sala, sem dar a menor indicação de que sabia que a Profª Umbridge se achava presente.

– Agora chega – disse ela, e os alunos fizeram imediato silêncio. – Sr. Finnigan, tenha a bondade de vir até aqui e entregar esses deveres aos seus colegas... Srta. Brown, por favor, apanhe esta caixa de ratinhos... não seja tola, menina, eles não vão lhe fazer mal... e dê um a cada aluno...

– *Hem, hem* – fez a Profª Umbridge, usando a mesma tossezinha boba que usara para interromper Dumbledore na primeira noite do ano letivo. A Profª McGonagall fingiu não ouvir. Simas devolveu a Harry o trabalho dele, que o apanhou sem olhar para o colega e viu, para seu alívio, que conseguira um “A”.

– Muito bem, ouçam todos com atenção... Dino Thomas, se fizer isto outra vez com o ratinho lhe darei uma detenção... a maioria da turma conseguiu fazer desaparecer as lesmas, e mesmo aqueles que as deixaram com vestígios do caracol entenderam o objetivo do feitiço. Hoje, vamos...

– *Hem, hem* – fez a Profª Umbridge.

– *Sim?* – disse a Profª McGonagall se virando, as sobrancelhas tão juntas que pareciam formar uma linha única e severa.

– Eu estava me perguntando, professora, se a senhora teria recebido o meu bilhete avisando a data e a hora da sua insp...

– Obviamente que a recebi, ou teria lhe perguntado o que está fazendo na minha sala de aula – disse ela, dando as costas com firmeza à Profª Umbridge. Muitos estudantes trocaram olhares de alegria. – Como eu ia dizendo: hoje, vamos praticar o Feitiço da Desaparição em ratinhos, que é bem mais difícil. Bem, o Feitiço da Desaparição...

– *Hem, hem*.

– Eu me pergunto – disse a Profª McGonagall numa fúria gélida, virando-se para a outra – como é que você espera avaliar os meus métodos de ensino habituais se continua a me interromper? Em geral, eu não permito que as pessoas falem quando eu estou falando, entende?

A Profª Umbridge pareceu que tinha levado uma bofetada no rosto. Não falou, mas endireitou o pergaminho em sua prancheta e começou a escrever furiosamente.

Parecendo supremamente indiferente, a Profª McGonagall se dirigiu mais uma vez à turma.

– Como eu ia dizendo: o Feitiço da Desaparição se torna mais difícil quanto maior a complexidade do animal a se fazer desaparecer. A lesma, como invertebrado, não apresenta grande desafio; o ratinho, como mamífero, oferece um desafio muito maior. Não é, portanto, um feitiço que se possa realizar com a cabeça no jantar. Vocês já conhecem a fórmula cabalística, então vejamos o que são capazes de fazer...

– Como é que ela pode me fazer preleção de que não devo me descontrolar com a Umbridge! – resmungou Harry para Rony, baixinho, mas estava sorrindo; sua raiva da Profª McGonagall tinha praticamente evaporado.

A Profª Umbridge não acompanhou McGonagall pela sala como fizera com a Trelawney; talvez tenha percebido que a colega não permitiria. Fez, no entanto, um número muito maior de anotações, sentada em seu canto, e quando McGonagall finalmente disse aos alunos para guardarem o material e sair, ela se levantou com uma expressão muito séria no rosto.

– Bom, é um começo – disse Rony, erguendo um rabo de rato comprido e retorcido e largando-o de volta na caixa que Lilá estava passando pela classe.

Quando os alunos saíram enfileirados da sala, Harry viu a Profª Umbridge se aproximar da escrivaninha da McGonagall; ele cutucou Rony, que, por sua vez cutucou Hermione, e os três intencionalmente ficaram para trás para escutar.

– Há quanto tempo você está ensinando em Hogwarts? – perguntou a Profª Umbridge.

– Trinta e nove anos, agora em dezembro – respondeu McGonagall bruscamente, fechando sua bolsa com um estalo.

Umbridge fez uma anotação.

– Muito bem, você receberá o resultado da inspeção dentro de dez dias.

– Mal posso esperar – respondeu McGonagall, com uma voz fria e indiferente, e se encaminhou para a porta. – Andem depressa vocês três – acrescentou, empurrando Harry, Rony e Hermione à sua frente.

Harry não pôde deixar de lhe dar um leve sorriso, e seria capaz de jurar que recebeu outro em resposta.

Ele pensou que só tornaria a ver Umbridge à noite, na detenção, mas estava muito enganado. Quando iam descendo os gramados em direção à Floresta, para assistir à aula de Trato das Criaturas Mágicas, encontraram-na, com a prancheta,

ao lado da Profª Grubbly-Plank.

– Normalmente não é você que ensina esta disciplina, correto? – Harry a ouviu perguntar quando se aproximaram da mesa de cavalete, onde o grupo de tronquilhos capturados se atropelava para apanhar bichos-de-conta como se fossem gravetos vivos.

– Correto – respondeu a Profª Grubbly-Plank, com as mãos nas costas e o corpo balançando sobre a planta dos pés. – Sou uma professora substituta, ocupando o lugar do Prof. Hagrid.

Harry trocou olhares apreensivos com Rony e Hermione. Malfoy estava cochichando com Crabbe e Goyle; ele certamente adoraria essa oportunidade para contar histórias sobre Hagrid a uma funcionária do Ministério.

– Humm – fez a Profª Umbridge, baixando a voz, embora Harry ainda pudesse ouvi-la muito claramente. – Eu estive pensando... o diretor me parece estranhamente relutante em fornecer informações: *você* poderia me dizer o que está causando a prolongada licença de afastamento do Prof. Hagrid?

Harry viu Malfoy erguer a cabeça.

– Creio que não – disse a professora em tom despreocupado. – Sei tanto quanto você. Recebi uma coruja do Dumbledore, gostaria que eu desse aulas durante umas duas semanas. Aceitei. É tudo que sei. Bom... posso começar, então?

– Claro, por favor – disse a Profª Umbridge, escrevendo em sua prancheta.

Umbridge adotou uma abordagem diferente nesta aula e caminhou entre os alunos, fazendo perguntas sobre criaturas mágicas. A maioria soube responder bem, e Harry se animou um pouco; pelo menos a turma não estava deixando Hagrid mal.

– De um modo geral – perguntou a Profª Umbridge, voltando para perto da Profª Grubbly-Plank depois de interrogar Dino Thomas longamente –, o que é que você, como membro temporário do quadro docente, uma observadora externa, suponho que poderíamos dizer, que é que você acha de Hogwarts? Você acha que recebe apoio suficiente da diretoria da escola?

– Ah, sim, Dumbledore é excelente – disse a Profª Grubbly-Plank com entusiasmo. – Estou muito feliz com o modo com que a escola é administrada, realmente muito feliz.

Com um ar de educada incredulidade, Umbridge fez uma minúscula anotação na prancheta e continuou:

– E o que é que você está planejando cobrir em suas aulas durante o ano, presumindo é claro, que o Prof. Hagrid não volte?

– Ah, repassarei com os alunos as criaturas que são pedidas com maior

frequência no N.O.M. Não há muito mais a fazer: eles já estudaram os unicórnios e os pelúcios. Pensei em abordar os pocotós e os amassos, me certificar de que são capazes de reconhecer os crupes e os ouriços, entende...

– Bem, em todo o caso *você* parece saber o que está fazendo – concluiu a Profª Umbridge, ticando muito enfaticamente o pergaminho na prancheta. Harry não gostou da ênfase que ela deu ao “você”, e gostou menos ainda quando a professora fez a pergunta seguinte a Goyle. – Agora, ouvi dizer que tem havido alunos feridos nesta classe.

Goyle deu um sorriso idiota. Malfoy se apressou a responder:

– Foi comigo. Levei uma lambada de um hipogrifo.

– Hipogrifo? – repetiu a Profª Umbridge, agora escrevendo freneticamente.

– Só porque ele foi burro demais e não deu ouvidos às instruções de Hagrid – comentou Harry, zangado.

Rony e Hermione gemeram. A Profª Umbridge virou a cabeça lentamente na direção de Harry.

– Mais uma noite de detenção, creio eu – disse brandamente. – Bem, muito obrigada, Grubbly-Plank, acho que é tudo que preciso saber. Você receberá o resultado de sua inspeção dentro de dez dias.

– Que bom! – disse a Profª Grubbly-Plank, e a Profª Umbridge começou a subir o gramado para voltar ao castelo.

Era quase meia-noite quando Harry deixou a sala de Umbridge aquela noite, sua mão agora sangrava tanto que manchava o lenço em que ele a enfaixara. Esperava que a sala comunal estivesse vazia quando voltasse, mas Rony e Hermione estavam acordados à sua espera. Ficou feliz em vê-los, principalmente porque Hermione estava disposta a se solidarizar com ele em vez de criticá-lo.

– Tome – disse, ansiosa, estendendo uma tigelinha com um líquido amarelo –, encharque a mão nisso, é uma solução de tentáculos de murtisco em salmoura e depois peneirados, deve ajudar.

Harry colocou a mão, que sangrava e doía, na tigela e experimentou uma maravilhosa sensação de alívio. Bichento se enrolou em suas pernas, ronronando alto, depois saltou para o seu colo e se acomodou.

– Obrigado – disse, agradecido, coçando atrás das orelhas do gato com a mão esquerda.

– Eu ainda acho que você devia reclamar – disse Rony em voz baixa.

– Não – disse Harry categoricamente.

– McGonagall ia endoidar se soubesse...

– Provavelmente ia. E quanto tempo você acha que levaria para Umbridge

aprovar outro decreto dizendo que quem reclamar da Alta Inquisidora será imediatamente despedido?

Rony abriu a boca para retorquir, mas não emitiu som algum e, passado um instante, tornou a fechar a boca, derrotado.

– Ela é uma mulher horrível – disse Hermione baixinho. – *Horrível*. Sabe, eu estava dizendo ao Rony quando você entrou... temos de fazer alguma coisa a respeito dela.

– Eu sugiro veneno – disse Rony com ferocidade.

– Não... quero dizer, alguma coisa para divulgar que é uma péssima professora, e que não vamos aprender Defesa alguma com ela – explicou Hermione.

– Bom, e o que é que podemos fazer? – perguntou Rony bocejando. – Já é tarde à beça, não é não? Ela foi nomeada e veio para ficar, Fudge vai garantir isso.

– Bom – disse Hermione hesitante. – Sabe, estive pensando hoje... – Lançou um olhar nervoso a Harry, e então prosseguiu: – Estive pensando... talvez tenha chegado a hora de simplesmente... simplesmente nos virarmos sozinhos.

– Nos virarmos sozinhos fazendo o quê? – perguntou Harry, desconfiado, mantendo a mão flutuando na essência de murtisco.

– Bom... aprendendo Defesa Contra as Artes das Trevas sozinhos – concluiu Hermione.

– Ah, corta essa – gemeu Rony. – Você quer que a gente faça trabalho extra? Você tem ideia do quanto Harry e eu estamos outra vez atrasados com os nossos deveres e só estamos na segunda semana de aulas?

– Mas isto é muito mais importante do que os deveres de casa.

Harry e Rony arregalaram os olhos para ela.

– Pensei que não houvesse nada mais importante no universo do que os deveres de casa! – caçoou Rony.

– Não seja bobo, claro que há – rebateu Hermione, e Harry notou, com um mau presságio, que o rosto da amiga se tornara inesperadamente radioso, com aquele tipo de fervor que o FALE normalmente lhe inspirava. – Trata-se de nos prepararmos, como disse o Harry na primeira aula da Umbridge, para o que nos aguarda lá fora. Trata-se de garantir que realmente possamos nos defender. Se não aprendermos nada o ano inteiro...

– Não podemos fazer muita coisa sozinhos – disse Rony com um quê de derrota na voz. – Quero dizer, tudo bem, podemos ir procurar azarações na biblioteca e tentar praticá-las, suponho...

– Não, concordo, já passamos da fase em que podemos aprender apenas com livros – disse Hermione. – Precisamos de um professor, de verdade, que possa

nos mostrar como usar os feitiços e nos corrigir quando errarmos.
– Se você está falando do Lupin... – começou Harry.
– Não, não, não estou falando de Lupin. Ele está ocupado demais com a Ordem e, de qualquer jeito, o máximo que poderíamos vê-lo seria nos fins de semana em Hogsmeade, e eles não acontecem com tanta frequência assim.
– Quem, então? – perguntou Harry, franzindo a testa para a amiga.
Hermione deu um suspiro muito profundo.
– Será que não está óbvio? Estou falando de *você*, Harry.
Houve um momento de silêncio. Uma leve brisa noturna sacudiu as vidraças atrás de Rony, e o fogo oscilou.
– Falando de mim, o quê? – perguntou Harry.
– Estou falando de *você* nos ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas.
Harry encarou Hermione. Depois se virou para Rony, pronto para trocar os olhares exasperados que às vezes trocavam quando Hermione detalhava esquemas fora da realidade como o FALE, mas, para seu desânimo, Rony não parecia exasperado.
Estava com a testa ligeiramente enrugada, em aparente reflexão. Então disse:
– É uma ideia.
– O que é uma ideia? – perguntou Harry.
– Você. Nos ensinar.
– Mas...
Harry estava sorrindo agora, certo de que os dois estavam gozando com a cara dele.
– Mas eu não sou professor, não sei...
– Harry, você foi o melhor do ano em Defesa Contra as Artes das Trevas – disse Hermione.
– Eu? – Harry agora estava com um sorriso maior que nunca. – Não, não fui, você me bateu em todos os testes...
– Não é verdade – respondeu Hermione calmamente. – Você me bateu no terceiro ano: o único ano em que nós dois prestamos exames e tivemos um professor que realmente conhecia o assunto. E não estou falando de notas, Harry. Pense no que você já *fez*!
– Como assim?
– Sabe de uma coisa, não tenho certeza se quero alguém burro assim como professor – disse Rony a Hermione, com um sorriso afetado. Em seguida virou-se para Harry. – Vamos raciocinar – disse, fazendo uma cara igual à de Goyle quando se concentrava. – Uh... primeiro ano: você salvou a Pedra Filosofal de Você-Sabe-Quem.
– Mas aquilo foi sorte – retrucou Harry. – Não foi habilidade...

– Segundo ano – interrompeu-o Rony –, você matou o basilisco e destruiu Riddle.
– É, mas se Fawkes não tivesse aparecido, eu...
– Terceiro ano – disse Rony, ainda mais alto –, você enfrentou e pôs para correr uns cem Dementadores de uma vez só...
– Você sabe que aquilo foi por acaso, se o Viratempo não tivesse...
– No ano passado – continuou Rony, agora quase aos gritos –, você *tornou* a enfrentar Você-Sabe-Quem...
– Escutem aqui! – disse Harry, quase com raiva, porque agora os dois, Rony e Hermione, estavam rindo tolamente. – Querem me escutar um instante? Parece muito legal quando vocês falam, mas foi tudo sorte: metade do tempo eu nem sabia o que estava fazendo, não planejei nada, fiz apenas o que me ocorreu na hora, e quase sempre tive ajuda...
Rony e Hermione continuavam a rir tolamente, e a irritação de Harry começou a crescer; nem ele sabia por que estava ficando tão zangado.
– Não fiquem aí sentados com esse sorriso bobo como se soubessem mais do que eu, era eu quem estava lá, ou não? – perguntou, indignado. – Eu sei o que aconteceu, está bem? E não me safei de nada porque era genial em Defesa Contra as Artes das Trevas, me safei porque... porque recebi ajuda na hora certa ou porque tive um palpite certo... mas fiz tudo às cegas, não tinha a menor ideia do que estava fazendo... E PAREM DE RIR!
A tigela de essência de murtisco caiu no chão e se partiu. Harry percebeu que estava em pé, embora não conseguisse se lembrar de ter se levantado. Bichento disparou para baixo de um sofá. Os sorrisos de Rony e Hermione tinham sumido.
– *Vocês não sabem como é!* Vocês, nenhum dos dois, vocês nunca tiveram de encarar Voldemort, não é? Vocês pensam que é só decorar uma pá de feitiços e lançar contra ele, como se estivessem na sala de aula ou coisa parecida? O tempo todo você sabe que não tem nada entre você e a morte a não ser o seu... o seu cérebro ou sua garra ou o que seja... como se alguém pudesse pensar direito quando sabe que está a um nanossegundo de ser morto ou torturado, ou está vendo seus amigos morrerem... nunca nos ensinaram isso nas aulas, como é que se lida com essas coisas... e vocês dois ficam aí sentados, achando que sou um garotinho sabido por estar em pé aqui, vivo, como se Diggory fosse burro, como se tivesse feito besteira; vocês não entendem, podia muito bem ter sido eu, e teria sido se Voldemort não precisasse de mim...
– Não estávamos falando nada disso, cara – disse Rony, estupefato. – Não estávamos falando mal do Diggory, não... você entendeu tudo ao contrário...
Ele olhou desamparado para Hermione, cujo rosto exibia uma expressão de

choque.

– Harry – disse ela timidamente –, você não está vendo? É por isso... por isso mesmo que precisamos de você... precisamos saber como é realmente... enfrentar ele... enfrentar o V-Voldemort.

Era a primeira vez que ela dizia o nome de Voldemort e isso, mais do que qualquer outro argumento, foi o que acalmou Harry. Ainda ofegante, ele tornou a se sentar na poltrona, percebendo, ao fazê-lo, que sua mão voltara a latejar barbaramente. Desejou não ter quebrado a tigela com a essência de murtisco.

– Bom... pense no assunto – disse Hermione baixinho. – Por favor?

Harry não conseguiu pensar em nada para responder. Já estava se sentindo envergonhado por ter explodido. Concordou com a cabeça, sem ter perfeita noção com o que estava concordando.

Hermione se levantou.

– Bom, vou me deitar – disse, no tom mais natural que pôde. – Hum... noite.

Rony se levantou também.

– Você vem? – perguntou, sem jeito, ao amigo.

– Vou. Num... num minuto. Vou limpar essa sujeira.

Ele indicou a tigela partida no chão. Rony assentiu com a cabeça e foi embora.

– *Reparo* – murmurou Harry, apontando a varinha para os cacos de porcelana. Eles se juntaram, a tigela ficou como nova, mas não havia como fazer a essência de murtisco voltar à tigela.

De repente, sentia-se tão cansado que ficou tentado a se largar na poltrona e dormir ali, mas, em vez disso, fez um esforço para se levantar e seguiu o exemplo de Rony. Sua noite inquieta foi mais uma vez pontuada por sonhos de longos corredores e portas fechadas, e ele acordou no dia seguinte com a cicatriz formigando outra vez.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —
No Cabeça de Javali

Hermione não mencionou sua sugestão para Harry ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas durante duas semanas inteiras. Finalmente as detenções do garoto com a Umbridge terminaram (ele duvidava de que as palavras agora gravadas nas costas de sua mão viessem a desaparecer totalmente). Rony tivera mais quatro treinos de quadribol e não levara nenhum grito nos últimos dois, e os três amigos tinham conseguido fazer desaparecer seus ratinhos em Transfiguração (aliás, Hermione já se adiantara e estava fazendo desaparecer gatinhos), quando o assunto foi novamente abordado, em uma noite de violenta tempestade, no final de setembro, quando os três estavam sentados na biblioteca procurando ingredientes de poções para um dever passado por Snape.

– Eu estive me perguntando – disse Hermione, de repente – se você já voltou a pensar na Defesa Contra as Artes das Trevas, Harry.

– Claro que pensei – disse Harry rabugento –, não consigo esquecer, e não daria mesmo, com aquela megera ensinando a gente...

– Estou falando da ideia que Rony e eu tivemos... – Rony lançou a Hermione um olhar assustado e ameaçador. Ela fechou a cara para ele. – Ah, tudo bem então, a ideia que eu tive... de você nos ensinar.

Harry não respondeu imediatamente. Fingiu estar examinando uma página de *Contravenenos asiáticos*, porque não queria dizer o que estava pensando.

Refletira bastante sobre o assunto nos últimos quinze dias. Por vezes lhe pareceu uma ideia maluca, tal como na noite em que Hermione a propusera, mas em outras ele se surpreendera pensando nos feitiços que o haviam ajudado mais em seus vários encontros com criaturas das trevas e Comensais da Morte – de fato, surpreendera-se planejando, subconscientemente as aulas...

– Bom – disse lentamente, quando não dava mais para fingir que estava achando *Contravenenos asiáticos* interessante –, é, eu... pensei um pouco.

– E? – perguntou Hermione pressurosa.
– Não sei – disse o garoto procurando ganhar tempo. E olhou para Rony.
– Achei uma boa ideia desde o começo – interveio Rony, que parecia mais interessado em entrar na conversa agora que tinha certeza de que o amigo não ia recomeçar a gritar.
Harry mexeu-se pouco à vontade na cadeira.
– Vocês prestaram atenção quando eu disse que muita coisa foi sorte?
– Prestamos, Harry – confirmou Hermione gentilmente –, mas não adianta fingir que você não é bom em Defesa Contra as Artes das Trevas, porque é. Você foi a única pessoa no ano passado que conseguiu se livrar completamente da Maldição Imperius, você é capaz de produzir um Patrono, você sabe fazer uma quantidade de coisas que bruxos adultos não conseguem, o Vítor sempre disse...
Rony se virou tão depressa para Hermione que pareceu dar um mau jeito no pescoço. Esfregando-o, falou:
– É? Que foi que o Vitinho disse?
– Ho, ho – caçoou Hermione com a voz entediada. – Disse que Harry sabia fazer coisas que nem ele sabia, e olha que estava cursando o último ano de Durmstrang.
Rony ficou olhando Hermione desconfiado.
– Você continua em contato com ele?
– E se continuar? – perguntou Hermione, calmamente, embora seu rosto estivesse um pouco corado. – Posso ter um correspondente se...
– Ele não queria ser só seu correspondente – Rony a contradisse em tom de acusação.
Hermione sacudiu a cabeça exasperada e, ignorando Rony que continuava a observá-la, dirigiu-se a Harry:
– Então, que é que você acha? Vai nos ensinar?
– Só você e Rony, está bem?
– Bom – disse Hermione, tornando a parecer um tantinho ansiosa. – Bom... agora não vai perder as estribeiras outra vez, Harry, por favor... mas acho realmente que você devia ensinar qualquer um que quisesse aprender. Quero dizer, estamos falando em nos defender de V-Voldemort. Ah, não seja patético, Rony. Não parece justo que a gente não ofereça essa oportunidade a outras pessoas.
Harry refletiu por um momento, depois disse:
– Tá, mas duvido que mais alguém além de vocês dois me queira como professor. Sou pirado, lembram?
– Bom, acho que você ficaria surpreso com o número de pessoas que estariam interessadas em ouvir o que você tem a dizer – disse Hermione séria. – Escute –

ela se curvou para Harry; Rony, que continuava a observá-la de cara amarrada, curvou-se para a frente também para escutar –, você sabe que o primeiro fim de semana de outubro é o da visita a Hogsmeade? E se dissermos a quem estiver interessado para se encontrar com a gente na vila e discutir o assunto?

– Por que temos de fazer isso fora da escola? – perguntou Rony.

– Porque sim – respondeu Hermione, voltando ao diagrama do Repolho Chinês Glutão que estava copiando. – Acho que a Umbridge não ficaria muito feliz se descobrisse o que estamos tramando.

Harry aguardava com ansiedade a viagem de fim de semana a Hogsmeade, mas uma coisa o preocupava. Sirius mantivera um silêncio absoluto desde que aparecera no fogo, no começo de setembro; Harry sabia que o deixara aborrecido quando disse que não queria que ele fosse – mas ainda se preocupava, de tempos em tempos, com que Sirius pudesse jogar a cautela para o alto e aparecer. Que iriam fazer se o enorme cachorro preto aparecesse correndo pela rua em sua direção, em Hogsmeade, talvez até debaixo do nariz de Draco Malfoy?

– Bom, você não pode culpá-lo por querer passear – disse Rony, quando Harry discutiu o seu receio com eles. – Quero dizer, Sirius está foragido há mais de dois anos, não é, e sei que não deve ter sido moleza, mas pelo menos ele estava livre, não é? Agora está trancado o tempo todo com aquele elfo horrendo.

Hermione olhou feio para Rony, mas ignorou a desfeita ao Monstro.

– O problema é que – disse ela a Harry – enquanto V-Voldemort... ah, Rony, pelo amor de Deus... não sair em campo aberto, Sirius vai ter de continuar escondido, não é? Quero dizer, aquele Ministério idiota não vai reconhecer que Sirius é inocente até aceitar que Dumbledore esteve dizendo a verdade o tempo todo. E, quando os patetas recomeçarem a capturar os verdadeiros Comensais da Morte, ficará óbvio que Sirius não é um deles... Quero dizer, para começar ele nem tem a Marca.

– Acho que ele não é idiota de aparecer – disse Rony apoiando Hermione. – Dumbledore ficaria furioso se isso acontecesse, e Sirius ouve Dumbledore, mesmo que não concorde com o que ouve.

Como Harry continuava com um ar preocupado, Hermione falou:

– Escute, Rony e eu andamos sondando gente que achamos que poderia querer aprender Defesa Contra as Artes das Trevas, e uns colegas pareceram interessados. Dissemos a eles para se encontrarem com a gente em Hogsmeade.

– Certo – disse Harry, distraído, seus pensamentos ainda em Sirius.

– Não se preocupe, Harry – disse Hermione baixinho. – Você já tem um prato cheio sem o Sirius.

Naturalmente a garota estava certa, ele mal conseguia se manter em dia com

os deveres, embora estivesse se saindo muito melhor agora que não passava todas as noites detido na sala de Umbridge. Rony estava mais atrasado com os deveres do que ele, porque embora ambos tivessem treinos de quadribol duas vezes por semana, Rony ainda tinha as obrigações de monitor. Mas Hermione, que estava cursando mais disciplinas do que os dois, não somente terminara todos os deveres como também encontrava tempo para tricotar mais roupas para elfos. Harry tinha de admitir que o tricô de Mione estava melhorando; quase sempre, agora, já era possível diferençar os gorros das meias.

O dia da visita a Hogsmeade amanheceu claro, mas ventoso. Depois do café da manhã, eles se enfileiraram perante Filch, que conferiu seus nomes na longa lista de alunos que tinham permissão dos pais ou guardiões para visitar a vila. Com uma ligeira pontada de remorso, Harry se lembrou de que, se não fosse por Sirius, ele nem poderia ir.

Quando chegou a vez de Harry, Filch, o zelador, cheirou-o longamente, procurando algum cheiro diferente. Depois fez-lhe um breve aceno com a cabeça e segurou a tremedeira do queixo, e Harry foi em frente, desceu a escada de pedra e saiu para o dia frio e ensolarado.

– Hum... por que o Filch estava cheirando você? – perguntou Rony, quando ele, Harry e Hermione saíram, decididos, pela estrada que levava aos portões.

– Imagino que estivesse procurando cheiro de Bombas de Bosta – disse Harry com uma risadinha. – Esqueci de contar a vocês...

E narrou o que acontecera no dia em que fora despachar a carta para Sirius, e Filch embarafustou pelo corujal segundos depois, exigindo ver a carta. Para sua surpresa, Hermione achou a história interessantíssima, de fato, muito mais do que ele próprio.

– Ele falou que alguém lhe dera uma dica de que você estava encomendando Bombas de Bosta. Mas quem terá sido?

– Não sei – disse Harry, dando de ombros. – Talvez Malfoy, ele acharia isso uma grande piada.

Os três passaram entre os altos pilares de pedra, encimados pelos javalis alados, e viraram à esquerda, tomando a estrada para a vila, a força do vento fazendo os cabelos fustigarem seus olhos.

– Malfoy? – disse Hermione cética. – Bom... é... talvez...

E ela continuou absorta em seus pensamentos durante todo o caminho até a periferia de Hogsmeade.

– Aonde é que estamos indo, afinal? – perguntou Harry. – Ao Três Vassouras?

– Ah... não – respondeu Hermione, despertando do seu devaneio –, não, está sempre lotado e muito barulhento. Disse aos outros para nos encontrarem no Cabeça de Javali, o outro *pub*, sabe qual é, fora da estrada principal. Acho que é

um pouco... sabe... *suspeito*... mas os estudantes em geral não vão lá, por isso acho que não seremos ouvidos.

Eles desceram a rua principal, passaram pela Zonko's – Logros e Brincadeiras, onde não se surpreenderam de encontrar Fred, Jorge e Lino, passaram pelo correio, de onde as corujas saíam em intervalos regulares, e viraram para uma ladeira lateral, no alto da qual havia uma pequena estalagem. Um letreiro maltratado de madeira estava pendurado sobre a porta, em um suporte enferrujado, com o desenho da cabeça decepada de um javali, pingando sangue na toalha branca que o envolvia. O letreiro rangia ao vento quando eles se aproximaram. Os três hesitaram à porta.

– Bem, vamos – disse Hermione, ligeiramente nervosa. Harry entrou à frente.

Não era nada parecido com o Três Vassouras, cujo grande bar dava a impressão de calor e reluzente limpeza. O Cabeça de Javali compreendia uma salinha mal mobiliada e muito suja, e tinha um cheiro forte, talvez de cabras. As janelas curvas eram tão incrustadas de fuligem que pouquíssima luz solar conseguia chegar à sala, iluminada com tocos de velas postos sobre mesas de madeira tosca. O chão, à primeira vista, parecia ser de terra batida, mas, quando Harry o pisou, deu para perceber que havia pedra sob o que concluiu ser uma camada secular de sujeira acumulada.

Harry lembrou-se de Hagrid ter mencionado o *pub* no seu primeiro ano de escola. "É, a gente vê muita gente esquisita no Cabeça de Javali", dissera para explicar como havia ganhado o ovo de dragão de um estranho encapuzado que encontrara ali. À época, Harry se perguntara por que Hagrid não tinha achado curioso que o forasteiro mantivesse o rosto oculto durante o encontro; agora ele via que manter o rosto oculto era uma espécie de moda no Cabeça de Javali. Havia um homem no bar que trazia a cabeça toda envolta em sujas bandagens cinzentas, embora ainda conseguisse engolir incontáveis copos de uma substância ardente e fumegante por uma fenda no lugar da boca; dois vultos encapuzados se achavam sentados a uma mesa junto a uma janela; Harry julgaria que fossem Dementadores se não estivessem conversando com um forte sotaque de Yorkshire, e em um canto sombrio junto à lareira havia uma bruxa com um véu negro e espesso que lhe caía até os pés. Só era possível ver a ponta do seu nariz porque seu volume fazia o véu levantar um pouco.

– Não sei como está se sentindo, Hermione – murmurou Harry, quando atravessaram o recinto até o bar. Ele olhava especialmente para a bruxa com o pesado véu. – Não lhe ocorreu que a Umbridge possa estar embaixo daquilo?

Hermione lançou um olhar de avaliação para a figura velada.

– A Umbridge é mais baixa do que aquela mulher – murmurou. – E, de qualquer forma, mesmo que venha aqui não há nada que possa fazer para nos

impedir, Harry, porque verifiquei mais de duas vezes as regras da escola. Não estamos fora do perímetro permitido; perguntei especificamente ao Prof. Flitwick se os estudantes tinham permissão para entrar no Cabeça de Javali e ele disse que sim, mas recomendou várias vezes que trouxéssemos os nossos copos. E consultei tudo em que pude pensar sobre grupos de estudo e deveres, e decididamente estamos cobertos. Só não acho que seja uma boa ideia a gente ficar *alardeando* o que está fazendo.

– Não – disse Harry –, principalmente porque não é bem um grupo para fazer deveres que estamos organizando, não é?

O *barman* saiu de um aposento nos fundos e se aproximou deles. Era um velho de ar rabugento, com uma espessa cabeleira e barbas grisalhas. Era alto e magro, e Harry achou-o vagamente familiar.

– Quê? – resmungou ele.

– Três cervejas amanteigadas, por favor – disse Hermione.

O homem meteu a mão sob o balcão e tirou três garrafas muito empoeiradas, muito sujas, e bateu-as em cima do bar.

– Seis sicles.

– Eu pago – disse Harry, entregando-lhe, depressa, a moeda de prata. Os olhos do homem fotografaram Harry, e se detiveram uma fração de segundo em sua cicatriz. Então ele virou as costas e guardou o dinheiro numa velha registradora de madeira, cuja gaveta se abriu automaticamente para recebê-lo. Harry, Rony e Hermione se retiraram para a mesa mais afastada do bar e se sentaram, correndo o olhar ao seu redor. Então, o homem com as bandagens cinzentas e sujas bateu no balcão com os nós dos dedos e recebeu mais uma bebida fumegante do *barman*.

– Querem saber de uma coisa? – murmurou Rony, olhando para o bar entusiasmado. – Poderíamos pedir qualquer coisa que quiséssemos aqui. Aposto como aquele sujeito nos venderia qualquer coisa, não ia nem ligar. Eu sempre quis experimentar uísque de fogo...

– Você... é... *monitor* – lembrou Hermione com rispidez.

– Ah! – exclamou Rony, o sorriso sumindo do rosto. – É...

– Então, quem foi que você disse que viria encontrar a gente? – perguntou Harry, abrindo a tampa enferrujada da cerveja amanteigada e tomando um gole.

– Meia dúzia de pessoas – repetiu Hermione, verificando o relógio e olhando para a porta, ansiosa. – Pedi para chegarem por volta dessa hora, e tenho certeza de que todos sabem onde fica... ah, veja, talvez sejam elas agora.

A porta do *pub* se abrira. Uma faixa larga de poeira e luz dividiu momentaneamente o recinto, e em seguida desapareceu, bloqueada pela chegada de várias pessoas.

Primeiro entrou Neville com Dino e Lilá, seguidos de perto por Parvati e Padma Patil com (e aqui o estômago de Harry deu uma volta completa) Cho e uma de suas amigas risonhas, então (sozinha e parecendo tão sonhadora que poderia ter entrado por acaso) Luna Lovegood; depois Katie Bell, Alícia Spinnet e Angelina Johnson, Cólin e Dênis Creevey, Ernesto Macmillan, Justino Finch-Fletchley, Ana Abbott, e uma garota da Lufa-Lufa, com uma longa trança descendo pelas costas, cujo nome Harry não sabia; três garotos da Corvinal que ele tinha certeza de que se chamavam Antônio Goldstein, Miguel Corner e Terêncio Boot, Gina, seguida de um garoto louro e magricela de nariz arrebitado, que Harry reconheceu vagamente como jogador do time de quadribol da Lufa-Lufa e, fechando a fila, Fred e Jorge Weasley com o amigo Lino Jordan, todos três carregando grandes sacas de papel, cheias de artigos da Zonko's.

– Meia dúzia de pessoas?! – exclamou Harry, rouco, para Hermione. – *Meia dúzia de pessoas?*

– É, bom, a ideia pareceu muito popular – respondeu Hermione, feliz. – Rony, quer puxar mais umas cadeiras para cá?

O *barman* congelara no ato de limpar mais um copo, com um trapo tão imundo que parecia nunca ter sido lavado. Possivelmente nunca vira seu bar tão cheio.

– Oi – disse Fred, chegando primeiro ao bar e contando rapidamente seus companheiros –, pode nos servir... vinte e cinco cervejas amanteigadas, por favor?

O *barman* o encarou por um momento, então, jogando no chão o seu trapo, irritado, como se tivesse sido interrompido no meio de alguma coisa importante, começou a passar as cervejas amanteigadas cheias de poeira de baixo para cima do balcão.

– Obrigado – disse Fred, distribuindo-as. – Pessoal, pode ir se coçando, não tenho ouro para tudo isso...

Harry observava, entorpecido, enquanto o enorme grupo apanhava as cervejas com Fred e procurava moedas nos bolsos para pagá-las. Não conseguia imaginar para que toda essa gente aparecera até lhe ocorrer o horrível pensamento de que poderiam estar esperando uma espécie de discurso, ao que ele se virou para Hermione.

– Que foi que você andou dizendo a essas pessoas? – perguntou em voz baixa. – Que é que elas estão esperando?

– Eu já falei, só querem ouvir o que você tem a dizer – disse Hermione para acalmá-lo, mas Harry continuou a olhar tão zangado que ela acrescentou depressa: – Você não tem de fazer nada por enquanto, eu vou falar com eles primeiro.

– Oi, Harry – cumprimentou Neville, sorrindo e se sentando em frente a ele.

Harry tentou retribuir o sorriso, mas não respondeu; sua boca estava excepcionalmente seca. Cho acabara de sorrir para ele e se sentara à direita de Rony. A amiga dela, que tinha cabelos louro-avermelhados e crespos, não sorriu, mas deu a Harry um olhar cheio de desconfiança, indicando que, se tivesse tido escolha, não estaria ali.

Em pares e trios, os recém-chegados se acomodaram em volta de Harry, Rony e Hermione, alguns parecendo muito excitados, outros curiosos, Luna mirando sonhadoramente o espaço. Quando todos terminaram de puxar cadeiras e se sentar, a conversa morreu. Todos os olhares se concentraram em Harry.

– Hum – começou Hermione, a voz ligeiramente mais alta do que normalmente, nervosa. – Bom... hum... oi.

O grupo transferiu as atenções para ela, embora os olhares continuassem a se voltar a intervalos para Harry.

– Bom... hum... bom, vocês sabem por que estão aqui. Hum... bom, Harry, aqui, teve a ideia, quero dizer – (Harry lhe lançara um olhar cortante) – eu tive a ideia... que seria bom se as pessoas que quisessem estudar Defesa Contra as Artes das Trevas, e quero dizer realmente estudar, sabem, e não as bobagens que a Umbridge está fazendo com a gente... – (A voz de Hermione de repente se tornou mais forte e mais confiante.) – Porque ninguém pode chamar aquilo de Defesa Contra as Artes das Trevas. ("Apoiado, apoiado", disse Antônio Goldstein, e Hermione pareceu se animar.) – Bom, eu pensei que seria bom se nós, bom, nos encarregássemos de resolver o problema.

Ela parou, olhou de esguelha para Harry e continuou:

– Com isso, eu quero dizer aprender a nos defender direito, não somente em teoria, mas praticando realmente os feitiços...

– Mas acho que você também quer passar no N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas, não? – perguntou Miguel Corner.

– Claro que quero – respondeu Hermione imediatamente. – Mas, mais do que isso, quero receber treinamento em defesa adequado porque... porque... – ela tomou fôlego e concluiu – porque Lorde Voldemort retornou.

A reação foi imediata e previsível. A amiga de Cho guinchou e derramou cerveja amanteigada na roupa; Terêncio Boot teve uma contração involuntária; Padma Patil se arrepiou; e Neville deu um ganido estranho, que ele conseguiu transformar em uma tossida. Todos, porém, olharam fixamente, e até mesmo pressurosamente, para Harry.

– Bom... pelo menos este é o plano – disse Hermione. – Se vocês quiserem se juntar a nós, precisamos resolver como vamos...

– E cadê a prova de que Você-Sabe-Quem retornou? – perguntou o jogador

louro da Lufa-Lufa, num tom bem agressivo.
– Bom, Dumbledore acredita que sim... – começou Hermione.
– Você quer dizer que Dumbledore acredita *nele* – interrompeu o garoto louro, indicando Harry com a cabeça.
– Quem é você? – perguntou Rony, sem muita polidez.
– Zacarias Smith, e acho que tenho o direito de saber exatamente o que faz você afirmar que Você-Sabe-Quem retornou.
– Olhe – respondeu Hermione, intervindo rapidamente –, não foi bem para tratar desse assunto que organizamos a reunião...
– Tudo bem, Hermione – disse Harry.
Acabara de lhe ocorrer por que havia tantas pessoas ali. E achou que Hermione devia ter previsto. Algumas daquelas pessoas, talvez até a maioria, aparecera na esperança de ouvir a história de Harry em primeira mão.
– O que me faz afirmar que Você-Sabe-Quem retornou? – ele repetiu a pergunta, encarando Zacarias nos olhos. – Eu o vi. Mas Dumbledore contou a toda a escola o que aconteceu no ano passado, e, se você não acreditou nele, também não vai acreditar em mim, e não vou perder a tarde tentando convencer ninguém.
O grupo inteiro pareceu ter prendido a respiração enquanto Harry falava. Ele teve a impressão de que até o *barman* estava ouvindo; continuara a limpar o mesmo copo com o trapo imundo, deixando-o cada vez mais sujo.
Zacarias falou, mudando de tom:
– Só o que Dumbledore nos contou no ano passado foi que Cedrico Diggory foi morto por Você-Sabe-Quem, e que você trouxe o cadáver de volta a Hogwarts. Ele não nos deu detalhes, não nos contou exatamente como Cedrico foi morto, acho que todos gostariam de ouvir...
– Se você veio ouvir, exatamente, como é que Voldemort mata alguém, eu não vou poder ajudá-lo. – Sua irritação, ultimamente sempre tão à flor da pele, estava mais uma vez crescendo. Não tirou os olhos do rosto agressivo de Zacarias Smith, e estava decidido a não olhar para Cho. – Não quero falar sobre Cedrico Diggory, está bem? Portanto, se é para isto que você veio, é melhor ir embora.
Ele lançou um olhar zangado em direção a Hermione. Achava que aquilo era culpa dela; resolvera pintá-lo como uma espécie de aberração, e é claro que todos tinham aparecido só para saber até que ponto chegava sua história delirante. Mas nenhum deles se levantou, nem mesmo Zacarias Smith, embora continuasse a observar Harry atentamente.
– Então – recomeçou Hermione, com a voz novamente muito esganiçada. – Então, como eu ia dizendo... se vocês quiserem aprender alguma defesa, então precisamos resolver como vamos fazer isso, com que frequência vamos nos

encontrar e aonde vamos nos...
– É verdade – interrompeu a garota, com a longa trança nas costas, olhando para Harry – que você é capaz de produzir um Patrono?
Correu um murmúrio de interesse pelo grupo quando ela disse isso.
– Sou – confirmou Harry, ligeiramente na defensiva.
– Um Patrono corpóreo?
A frase despertou uma lembrança na cabeça de Harry.
– Hum... você conhece Madame Bones? – perguntou ele.
A garota sorriu.
– É minha tia. Sou Susana Bones. Ela me contou como foi a sua audiência. Então... é verdade mesmo? Você conjura um Patrono em forma de veado?
– Conjuro.
– Caramba, Harry! – exclamou Lino, parecendo profundamente impressionado. – Eu não sabia disso!
– Mamãe disse a Rony para não espalhar – comentou Fred, sorrindo para Harry. – Disse que Harry já chamava muita atenção sem isso.
– Ela não está errada – murmurou Harry, e algumas pessoas deram risadas.
A bruxa de véu, sentada sozinha, mexeu-se ligeiramente na cadeira.
– E você matou um basilisco com aquela espada que fica na sala de Dumbledore? – perguntou Terêncio Boot. – Foi o que um dos quadros na parede me contou quando estive lá no ano passado...
– Hum... é, matei, sim.
Justino Finch-Fletchley assobiou, os irmãos Creevey se entreolharam, assombrados, e Lilá Brown exclamou baixinho: “Uau!” Harry estava se sentindo um pouco quente em volta do pescoço agora; e determinado a olhar para qualquer lugar menos para Cho.
– E no nosso primeiro ano – contou Neville ao grupo –, ele salvou a Pedra *Teosofal*...
– Filosofal – sibilou Hermione.
– Isso... das mãos de Você-Sabe-Quem – concluiu Neville.
Os olhos de Ana Abbott estavam redondos como dois galeões.
– E isso para não mencionar – disse Cho (Harry se virou instantaneamente para ela; Cho estava olhando para ele e sorrindo; seu estômago deu mais uma cambalhota) – todas as tarefas que ele precisou realizar no Torneio Tribruxo no ano passado: passar por dragões, sereianos e acromântulas e outros seres...
Houve um murmúrio de concordância favorável em torno da mesa. As entranhas de Harry se reviravam. Ele tentou acertar sua expressão para não parecer demasiado presunçoso. O fato de que Cho acabara de elogiá-lo tornara muitíssimo mais difícil dizer o que jurara que diria aos colegas.

– Escutem – disse ele e todos silenciaram na mesma hora –, não quero parecer que estou tentando ser modesto nem nada, mas... tive muita ajuda em tudo que fiz...

– Não, com o dragão você não teve – disse Miguel Corner imediatamente. – Aquilo foi um voo superirado...

– É... bom – concordou Harry, sentindo que seria grosseiro discordar.

– E ninguém ajudou você a se livrar dos Dementadores, agora no verão – disse Susana Bones.

– Não – concordou Harry –, não, o.k., eu sei que fiz algumas coisas sem ajuda, mas o que estou tentando dizer é que...

– Você está tentando fugir do compromisso de nos mostrar tudo isso? – perguntou Zacarias.

– Tenho uma ideia – disse Rony em voz alta, antes que Harry pudesse falar –, por que você não cala a boca?

– Ora, todos viemos para aprender com Harry, e agora ele está dizendo que, no duro, não sabe fazer nada disso.

– Não foi isso que ele disse – reagiu Fred.

– Quer que a gente limpe seus ouvidos para você? – perguntou Jorge, tirando um longo instrumento metálico de aspecto letal, de dentro de uma das sacas da Zonko’s.

– Ou enfie isso em qualquer outra parte do seu corpo, para falar a verdade, não somos muito luxentos – acrescentou Fred.

– Bom – disse Hermione depressa –, continuando... a questão é: estamos de acordo que queremos tomar aulas com o Harry?

Houve um murmúrio de aprovação geral. Zacarias cruzou os braços e se manteve calado, talvez porque estivesse ocupado demais em prestar atenção ao instrumento na mão de Fred.

– Certo – disse Hermione, parecendo aliviada de que alguma coisa tivesse sido finalmente decidida. – Bom, então, a próxima questão é: com que frequência vamos ter essas aulas? Na verdade, eu acho que não adianta nada nos encontrarmos menos de uma vez por semana...

– Calma aí – disse Angelina –, precisamos ter certeza de que não vão se chocar com o nosso treino de quadribol.

– Não – disse Cho –, nem com o nosso.

– Nem com o nosso – acrescentou Zacarias.

– Tenho certeza de que vamos encontrar uma noite que sirva para todos – disse Hermione, com leve impaciência –, mas, sabem, as aulas são muito importantes, estamos falando de aprender a nos defender dos Comensais da Morte de V-Voldemort...

– Muito bem! – bradou Ernesto Macmillan, que Harry esperara que falasse muito antes disso. – Pessoalmente, eu acho que as aulas são realmente importantes, possivelmente mais importantes do que qualquer outra coisa que vamos fazer este ano, até mesmo os N.O.M.s que vêm aí!

Ernesto olhou para os lados ostensivamente, como se esperasse que os colegas fossem gritar: "Claro que não são!", mas ninguém disse nada, então ele continuou:

– Pessoalmente, não consigo entender por que o Ministério nos impingiu uma professora inútil como essa, em um período tão crítico. É óbvio que se recusam a admitir o retorno de Você-Sabe-Quem, mas daí a nos mandar uma professora que está tentando nos impedir por todos os meios de usar feitiços defensivos...

– Nós achamos que a razão por que Umbridge não quer que treinemos Defesa Contra as Artes das Trevas – disse Hermione – é que ela tem uma ideia alucinada de que Dumbledore pode usar os alunos da escola como um exército particular. Acha que ele poderia fazer uma mobilização contra o Ministério.

Quase todos pareceram perplexos com essa notícia: todos, exceto Luna, que começou a falar:

– Bom, isso faz sentido. Afinal de contas, Cornélio Fudge tem um exército particular.

– Quê?! – exclamou Harry, completamente perturbado com a inesperada informação.

– É, ele tem um exército de heliopatas – confirmou ela, solenemente.

– Não, não tem – retorquiu Hermione com rispidez.

– Tem sim.

– E o que são heliopatas? – perguntou Neville, sem entender.

– São espíritos do fogo – explicou Luna, arregalando os olhos saltados e parecendo mais maluca que nunca –, figuras altas, grandes e flamejantes que galopam pela terra queimando tudo que encontram...

– Isso não existe, Neville – disse Hermione com azedume.

– Ah, existe, existe, sim! – repetiu Luna, zangada.

– Me desculpe, mas onde está a prova de que existe? – retorquiu Hermione.

– Há muitos depoimentos de testemunhas oculares. Só porque você tem a mentalidade tão tacanha que precisa que se enfie as coisas embaixo do seu nariz...

– *Hem, hem* – fez Gina, numa imitação tão perfeita da Profª Umbridge que várias pessoas se viraram assustadas, mas em seguida caíram na gargalhada. – Nós não estávamos decidindo quantas vezes vamos nos encontrar para tomar aulas de defesa?

– Estávamos – disse Hermione na mesma hora –, sim, estávamos, você tem

razão, Gina.

– Bom, uma vez por semana parece legal – sugeriu Lino.

– Desde que... – começou Angelina.

– Tá, tá, o treino de quadribol – disse Hermione em tom tenso. – Bom, a outra coisa é decidir onde vamos nos encontrar...

Isso já era mais difícil; o grupo todo se calou.

– Na biblioteca? – sugeriu Katie Bell, após alguns instantes.

– Não consigo imaginar Madame Pince muito satisfeita vendo a gente fazer azarações na biblioteca – disse Harry.

– Talvez uma sala fora de uso? – sugeriu Dino.

– É – concordou Rony. – Talvez a McGonagall nos ceda a sala dela, já fez isso quando Harry estava praticando para o Tribruxo.

Mas Harry tinha certeza de que, desta vez, McGonagall não seria tão cordata. Apesar de tudo que Hermione dissera sobre a legalidade de estudos e trabalhos em grupo, ele tinha a nítida impressão de que esta atividade poderia ser considerada muito mais rebelde.

– Certo, vamos tentar encontrar um lugar – disse Hermione. – Mandaremos um recado para todos quando tivermos acertado a hora e o local do primeiro encontro.

Ela vasculhou a bolsa e tirou um pergaminho e uma pena, então hesitou, como se estivesse criando coragem para dizer alguma coisa.

– Acho... acho que todos deviam escrever seus nomes para sabermos quem está presente. Mas acho também – e inspirou profundamente – que todos devemos concordar em não sair por aí anunciando o que estamos fazendo. Então, se vocês assinarem estarão concordando em não contar a Umbridge nem a mais ninguém o que pretendemos fazer.

Fred estendeu a mão para o pergaminho e o assinou com animação, mas Harry reparou na mesma hora que várias pessoas pareciam bem menos satisfeitas com a perspectiva de colocar os nomes na lista.

– Hum... – disse Zacarias lentamente, sem receber o pergaminho que Jorge tentava lhe passar –, bom... tenho certeza de que Ernesto vai me avisar quando souber da reunião.

Mas Ernesto parecia bem hesitante em assinar, também. Hermione ergueu as sobrancelhas para ele.

– Eu... bom, nós somos *monitores* – desabafou. – E se descobrirem essa lista... bom, quero dizer... você mesma disse, se a Umbridge descobrir...

– Você acabou de dizer ao grupo que era a coisa mais importante que você ia fazer este ano – lembrou-lhe Harry.

– Eu... certo – disse Ernesto –, acredito realmente nisso, só que...

– Ernesto, você realmente acha que eu deixaria essa lista largada por aí? – perguntou Hermione, irritada.
– Não. Não, claro que não – disse Ernesto, perdendo um pouco da ansiedade. – Eu... é claro, vou assinar.
Ninguém mais fez objeções depois de Ernesto, embora Harry tenha visto a amiga de Cho lançar a ela um olhar de censura, antes de acrescentar o nome à lista. Quando a última pessoa – Zacarias – assinou, Hermione recolheu o pergaminho e guardou-o com cuidado na bolsa. Havia um clima estranho no grupo agora. Era como se tivessem acabado de assinar uma espécie de contrato.
– Bom, o tempo está correndo – disse Fred com vivacidade, ficando em pé. – Jorge, Lino e eu temos uns artigos de natureza delicada para comprar, veremos vocês depois.
Novamente em trios e pares, o restante do grupo também se despediu. Cho transformou o ato de fechar a bolsa para sair em um verdadeiro ritual, seus longos cabelos negros, balançando à frente do rosto e ocultando-o como um véu, mas a amiga permaneceu ao seu lado, de braços cruzados, estalando a língua, de modo que Cho não teve outra escolha senão sair com ela. Quando a amiga abriu a porta do *pub*, Cho olhou para trás e acenou para Harry.
– Bom, acho que tudo correu bastante bem – comentou Hermione feliz, enquanto ela, Harry e Rony saíam do Cabeça de Javali, para o dia ensolarado, alguns minutos mais tarde. Harry e Rony iam agarrados às suas garrafas de cerveja amanteigada.
– Aquele Zacarias é um chato – disse Rony, olhando de cara feia para o vulto de Smith, apenas discernível a distância.
– Também não gosto muito dele – admitiu Hermione –, mas ele me ouviu conversando com Ernesto e Ana na mesa da Lufa-Lufa, e pareceu realmente interessado em vir, e aí, que é que eu podia dizer? Mas, na verdade, quanto maior o número de pessoas melhor será, quero dizer, Miguel Corner e os amigos dele não teriam vindo se ele não estivesse saindo com a Gina...
Rony, que estava bebendo as últimas gotas da sua cerveja amanteigada, engasgou-se e cuspiu cerveja nas vestes.
– Ele está O QUÊ? – engrolou Rony, indignado, suas orelhas agora parecendo cachinhos de carne crua. – Ela está saindo com... minha irmã está saindo... que é que você quer dizer, com Miguel Corner?
– Bom, é por isso que ele e os amigos vieram, acho, bom, é claro que estão interessados em aprender defesa, mas se Gina não tivesse contado a Miguel o que estava acontecendo...
– Quando foi que isso... quando foi que ela...?
– Eles se conheceram no Baile de Inverno e se reencontraram no fim do ano

passado – disse Hermione muito conciliadora. Os três tinham acabado de entrar na rua Principal, e ela parou à porta da Escriba Penas Especiais, onde havia um bonito arranjo de penas de faisão na vitrina.

– Humm... eu bem que gostaria de comprar uma pena nova. – Ela entrou na loja. Harry e Rony a acompanharam.

– Qual deles era o Miguel? – Rony exigiu saber, furioso.

– O moreno – disse Hermione.

– Não gostei dele.

– Grande novidade – resmungou Hermione baixinho.

– Mas – Rony seguiu Hermione por uma fileira de penas dispostas em potes de cobre – pensei que Gina gostasse do Harry!

Hermione olhou-o penalizada e sacudiu a cabeça.

– Gina *costumava* gostar do Harry, mas desistiu já faz meses. Não que ela não *goste* de você, claro – acrescentou gentilmente para Harry, enquanto examinava uma longa pena preta e dourada.

Harry, cuja cabeça ainda estava tomada pelo aceno de despedida de Cho, não achou o assunto tão interessante quanto Rony, que positivamente tremia de indignação, mas levou-o a perceber uma coisa que até ali não havia registrado.

– Então é por isso que ela agora fala? – perguntou a Hermione. – Ela não costumava falar na minha frente.

– Exato. Acho que vou levar esta...

Hermione foi até o balcão e pagou quinze sicles e dois nuques, com Rony bafejando em seu pescoço.

– Rony – disse ela com severidade ao se virar e sentir que pisava o pé do amigo –, é exatamente por isso que Gina não lhe disse que está se encontrando com o Miguel, ela sabia que você não ia aceitar. Então, por favor, pare de *insistir* no assunto, pelo amor de Deus.

– Que é que você quer dizer com isso? Quem é que não está aceitando alguma coisa? Não vou ficar falando de nada... – Mas continuou resmungando baixinho pelo caminho.

Hermione girou os olhos para Harry e então comentou em voz baixa, enquanto Rony continuava a murmurar imprecações contra Miguel Corner.

– E por falar em Miguel e Gina... e a Cho e você?

– Como assim? – perguntou Harry depressa.

Foi como se a água estivesse fervendo e subisse rapidamente dentro dele: uma sensação escaldante que fez seu rosto arder no frio. Será que fora assim tão óbvio?

– Bom – disse Hermione com um leve sorriso –, ela simplesmente não conseguia tirar os olhos de você.

Harry nunca apreciara antes como a vila de Hogsmeade era bonita.

— CAPÍTULO DEZESSETE —
Decreto da Educação Número Vinte e Quatro

Harry se sentiu mais feliz pelo resto do fim de semana do que se sentira até ali. Ele e Rony passaram a maior parte do domingo mais uma vez recuperando o atraso nos deveres, e, embora isso não pudesse ser considerado diversão, em vez de ficarem debruçados sobre as mesas da sala comunal, os dois levaram o trabalho para o jardim e se recostaram à sombra de uma frondosa faia à margem do lago, para aproveitar a despedida do sol outonal. Hermione, que naturalmente estava em dia com os deveres, levou com ela uns novelos de lã e encantou as agulhas de tricô, que clicavam e brilhavam no ar ao seu lado, produzindo mais gorros e cachecóis.

Saber que estavam fazendo alguma coisa para resistir a Umbridge e ao Ministério, e que ele era uma parte importante dessa rebeldia, dava a Harry uma sensação de imenso contentamento. Ele não parava de reviver em sua mente a reunião de sábado: toda aquela gente acorrendo ao seu encontro para aprender Defesa Contra as Artes das Trevas... e as expressões em seus rostos quando ouviram algumas das coisas que ele havia feito... e *Cho* elogiando o seu desempenho no Torneio Tribruxo – saber que todas aquelas pessoas não o achavam um pirado mentiroso, mas alguém que merecia admiração, inflou de tal forma o seu ego que ele continuava animado na manhã de segunda-feira, apesar da perspectiva iminente de assistir a todas as aulas de que menos gostava.

Ele e Rony desceram do dormitório, discutindo a ideia proposta por Angelina de que deviam trabalhar uma nova jogada chamada Giro da Preguiça, no treino de quadribol daquela noite, e, somente quando já estavam no meio da sala banhada de sol, eles repararam na novidade que já atraíra a atenção de um grupinho de alunos.

Um grande aviso fora afixado ao quadro da Grifinória; tão grande que cobria tudo que ali estava: as ofertas de livros de feitiço de segunda mão, os lembretes

sobre o regulamento da escola pregados por Argo Filch, o horário de treinamento do time de quadribol, as propostas para trocar certos cartões de sapos de chocolate por outros, os últimos anúncios dos Weasley pedindo testadores, as datas dos fins de semana em Hogsmeade, e os avisos de achados e perdidos. O novo aviso estava impresso em grandes letras pretas e tinha um selo de aspecto muito oficial embaixo, ao lado de uma assinatura rebuscada e clara.

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos.

Uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube é aqui definido como uma reunião regular de três ou mais estudantes.

A permissão para reorganizá-los deverá ser solicitada à Alta Inquisidora (Profª Umbridge).

Nenhuma organização, sociedade, nenhum time, grupo ou clube estudantil poderá existir sem o conhecimento e a aprovação da Alta Inquisidora.

O estudante que tiver organizado ou pertencer a uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube não aprovado pela Alta Inquisidora será expulso.

O acima disposto está em conformidade com o Decreto da Educação Número Vinte e Quatro

Assinado: Dolores Joana Umbridge, Alta Inquisidora

Harry e Rony leram o aviso por cima das cabeças de alguns segundanistas ansiosos.

– Isto quer dizer que vão fechar o Clube das Bexigas? – perguntou um deles ao amigo.

– Acho que vai ficar tudo bem com as Bexigas – comentou Rony sombriamente, fazendo o garoto se sobressaltar. – Porém, acho que não teremos tanta sorte, e você? – perguntou a Harry quando os segundanistas se afastaram rapidamente.

Harry estava relendo o aviso todo. A felicidade que se apossara dele no sábado desapareceu. Suas entranhas pulsavam de raiva.

– Isto não é coincidência – disse, fechando os punhos com força. – Ela sabe.
– Não pode saber – disse Rony imediatamente.
– Havia umas pessoas escutando naquele *pub*. E, vamos encarar os fatos, não sabemos em quantos dos que apareceram podemos confiar... qualquer um poderia ter ido correndo contar a Umbridge...
E pensara que haviam acreditado nele, que até o admiravam...
– Zacarias Smith! – disse Rony na mesma hora, dando um soco na mão. – Ou... achei que aquele Miguel Corner tinha realmente um olhar maroto, também...
– Será que a Hermione já viu isso? – perguntou Harry, olhando para a porta que levava ao dormitório das garotas.
– Vamos contar pra ela – disse Rony. De um salto, ele abriu a porta e começou a subir a escada em espiral.
Estava no sexto degrau quando ouviu uma buzina alta e triste, e os degraus se fundiram formando um escorrega comprido e liso, como o de um parque de diversões. Por um breve instante, Rony tentou continuar correndo, seus braços e pernas se agitaram como as pás de um moinho, então caiu para trás e deslizou, ligeiro, pelo escorrega recém-criado, indo cair de costas aos pés de Harry.
– Hum... acho que não querem a gente no dormitório das meninas – disse Harry, ajudando Rony a se levantar e tentando não rir.
Duas garotas do quarto ano desceram a toda pelo escorrega, muito contentes.
– Ôôôôô, quem tentou subir? – riam, pulando em pé, e olhando curiosas para Harry e Rony.
– Eu – respondeu Rony, ainda bastante amarrotado. – Não tinha ideia de que isso poderia acontecer. E não é justo! – acrescentou para Harry, quando as garotas saíram em direção ao buraco do retrato, ainda rindo feito loucas. – Hermione pode ir ao nosso dormitório, como é que não podemos...?
– Bom, é uma regra antiquada – disse Hermione, que acabara de escorregar tranquilamente até eles, sentada em um tapete, e agora se levantava –, mas *Hogwarts: uma história* conta que os fundadores acharam que os meninos mereciam menos confiança do que as meninas. Em todo o caso, por que vocês estavam tentando entrar lá?
– Para falar com você... vem ver isso! – disse Rony, arrastando-a até o quadro de avisos.
Os olhos de Hermione relancearam pelo aviso. Sua expressão petrificou.
– Alguém deve ter contado a ela! – disse Rony, zangado.
– Não podem ter feito isso – contestou Hermione, em voz baixa.
– Você é tão ingênua! Acha que só porque é honrada e digna de confiança...
– Não, eles não podem ter feito isso, porque lancei um feitiço no pergaminho

que todos assinamos – disse Hermione, séria. – Pode crer, se alguém foi correndo contar a Umbridge, nós saberemos exatamente quem foi, e a pessoa vai realmente se arrepender.

– Que é que vai acontecer? – perguntou Rony, ansioso.

– Bom, vamos dizer que a acne da Heloísa Midgeon vai parecer umas sardas engraçadinhas. Anda, vamos descer para tomar café e ver o que os outros acham... será que isso foi afixado em todas as casas?

Ficou imediatamente óbvio ao entrarem no Salão Principal que o aviso de Umbridge não aparecera apenas na Torre da Grifinória. Havia uma intensidade peculiar nas conversas, e uma multiplicação das idas e vindas de alunos correndo às mesas e se consultando sobre o que haviam lido. Harry, Rony e Hermione tinham acabado de sentar quando Neville, Dino, Fred, Jorge e Gina caíram em cima deles.

– Vocês viram?

– Acham que ela sabe?

– Que vamos fazer?

Todos olhavam para Harry. Ele passou os olhos pelo salão para ter certeza de que não havia professores por perto.

– Claro que vamos continuar do mesmo jeito – confirmou em voz baixa.

– Eu sabia que você ia dizer isso – disse Jorge, abrindo um grande sorriso e dando pancadinhas no braço de Harry.

– Os monitores também? – perguntou Fred, olhando curioso para Rony e Hermione.

– Claro – disse Hermione calmamente.

– Aí vêm Ernesto e Ana Abbott – disse Rony, olhando por cima do ombro. – *E* aque lescaras da Corvinal e Smith... e nenhum deles parece ter marcas no rosto.

Hermione teve uma reação de alarme.

– Esqueça as marcas, os idiotas não podem vir aqui agora, vai parecer realmente suspeito; vão sentar! – vociferou Hermione para Ernesto e Ana, fazendo gestos frenéticos para voltarem à mesa da Lufa-Lufa. – Mais tarde! Falaremos... com... vocês... *depois*!

– Vou dizer ao Miguel – disse Gina, impaciente, deslizando para fora do banco –, o boboca, francamente...

Ela correu para a mesa da Corvinal; Harry observou-a afastando-se. Cho estava sentada não muito longe, conversando com a amiga de cabelos crespos que levara ao Cabeça de Javali. Será que o aviso da Umbridge a faria recear novos encontros?

Mas eles só perceberam a amplitude das repercussões do aviso quando estavam saindo do Salão Principal para a aula de História da Magia.

– Harry! *Rony!*

Era Angelina que corria em seu encalço, com um ar absolutamente desesperado.

– Tudo bem – disse Harry baixinho, quando ela se aproximou o suficiente para ouvi-lo. – Vamos continuar...

– Você não está entendendo que ela incluiu o quadribol nisso? Teremos de procurá-la e pedir permissão para reorganizar a equipe da Grifinória!

– *Quê?* – disse Harry.

– Nem pensar – disse Rony, estarrecido.

– Vocês leram o aviso, ela menciona os times também! Então, escute aqui, Harry... estou dizendo isso pela última vez... por favor, *por favor,* não perca a cabeça com a Umbridge de novo ou ela pode não deixar a gente jogar mais!

– O.k., o.k. – concordou Harry, porque Angelina parecia à beira das lágrimas. – Não se preocupe. Vou me comportar...

– Aposto como a Umbridge vai estar na História da Magia – disse Rony com ferocidade, quando se encaminhavam para a aula de Binns. – Ela ainda não o inspecionou... aposto que vai estar lá.

Mas se enganou; o único professor presente quando entraram era Binns, flutuando alguns centímetros acima de sua cadeira, como sempre, preparando-se para continuar sua monótona lenga-lenga sobre a guerra dos gigantes. Harry nem sequer tentou acompanhar o que ele estava dizendo; rabiscava a esmo em seu pergaminho, fingindo não entender os olhares e cutucadas frequentes de Hermione, até que uma, particularmente dolorosa, nas costelas, o fez erguer os olhos aborrecido.

– *Que foi?*

Ela apontou para a janela. Harry olhou. Edwiges estava encarrapitada no estreito peitoril, olhando fixamente para ele pela grossa vidraça, uma carta amarrada à perna. Harry não entendeu; tinham acabado de tomar o café da manhã; por que ela não entregara a carta então, como sempre? Muitos dos seus colegas estavam apontando Edwiges uns para os outros também.

– Ah, eu sempre adorei essa coruja, é tão linda – Harry ouviu Lilá suspirar para Parvati.

Ele olhou para o Prof. Binns, que continuava a ler suas anotações, serenamente inconsciente de que a atenção da turma estava ainda menos concentrada nele do que o normal. Harry saiu discretamente da carteira, abaixou-se e percorreu a fila até a janela, onde soltou o trinco, e a abriu muito devagarinho.

Esperou que Edwiges esticasse a perna para ele remover a carta e depois voasse para o corujal, mas, no instante em que a janela abriu o suficiente, ela

pulou para dentro, piando triste. Ele fechou a janela lançando um olhar ansioso ao Prof. Binns, tornou a se abaixar e a voltar correndo para sua carteira, com Edwiges ao ombro. Sentou-se de novo, transferiu a coruja para o colo e fez menção de remover a carta amarrada à sua perna.

Só então percebeu que as penas da coruja estavam estranhamente arrepiadas, algumas tinham sido dobradas para trás e ela mantinha as asas em um ângulo esquisito.

– Ela está ferida! – sussurrou Harry, curvando-se para a ave. Hermione e Rony se inclinaram para mais perto; Hermione chegou mesmo a descansar a pena. – Olhem... tem alguma coisa errada com a asa dela...

Edwiges estava tremendo; quando Harry fez menção de tocar sua asa, ela se assustou, eriçando as penas como se estivesse se enchendo de ar, e deu ao dono um olhar de censura.

– Prof. Binns – chamou Harry em voz alta, e todos na classe se viraram para olhá-lo. – Não estou me sentindo bem.

O professor ergueu os olhos de seus papéis, parecendo espantado, como sempre, de ver diante dele uma sala cheia de gente.

– Não está se sentindo bem? – repetiu nebulosamente.

– Nada bem – disse Harry com firmeza, levantando-se com Edwiges escondida às costas. – Acho que preciso ir à ala hospitalar.

– Sei – disse o professor, nitidamente muito constrangido. – Sei... sei, ala hospitalar... bem, vá então, Perkins...

Uma vez fora da sala, Harry repôs Edwiges no ombro e saiu apressado pelo corredor, somente se detendo para pensar quando a porta de Binns já desaparecera de vista. A primeira pessoa que ele escolheria para tratar de Edwiges teria sido Hagrid, naturalmente, mas como não fazia ideia de onde andava, a única opção que lhe restava era encontrar a Profª Grubbly-Plank e esperar que ela o ajudasse.

Ele espiou os terrenos ventosos e nublados da escola pela janela. Não viu sinal da professora próximo à cabana de Hagrid; se não estava dando aulas, provavelmente estaria na sala dos professores. Ele resolveu descer com Edwiges balançando em seu ombro e piando fraco.

Duas gárgulas de pedra ladeavam a sala dos professores. Quando Harry se aproximou, uma delas crocitou:

– Você devia estar na aula, filhinho.

– É urgente – disse Harry com rispidez.

– Ôôôôô, *urgente* é? – comentou a segunda gárgula, numa voz esganiçada. – Bom, isto *nos* põe em nosso lugar, não é?

Harry bateu à porta. Ouviu passos, a porta se abriu, e deparou com a Profª McGonagall.
– Você não recebeu mais uma detenção! – exclamou ao vê-lo, seus óculos quadrados faiscando assustadoramente.
– Não, professora! – apressou-se a tranquilizá-la.
– Então, por que não está na aula?
– Pelo jeito é *urgente* – comentou a segunda gárgula em tom de crítica.
– Estou procurando a Profª Grubbly-Plank – explicou Harry. – A minha coruja está ferida.
– Coruja ferida, foi o que disse?
A Profª Grubbly-Plank apareceu ao ombro da McGonagall, fumando um cachimbo e trazendo nas mãos um exemplar do *Profeta Diário*.
– Foi – confirmou Harry, retirando Edwiges cuidadosamente do ombro –, apareceu depois das outras corujas de correio com a asa esquisita, veja...
A professora prendeu o cachimbo firmemente entre os dentes e recebeu a coruja de Harry, observada pela Profª McGonagall.
– Humm – fez a professora, o cachimbo balançando ligeiramente enquanto falava. – Parece que alguma coisa a atacou. Mas não imagino o que poderia ter sido. Os Testrálios às vezes caçam pássaros, mas Hagrid treinou os de Hogwarts muito bem para não tocarem em corujas.
Harry não sabia nem se importava com o que seriam Testrálios; só queria saber se Edwiges ia ficar boa. A Profª McGonagall, porém, olhou para o garoto com perspicácia, e perguntou:
– Você sabe que distância essa coruja viajou, Potter?
– Hum, acho que veio de Londres.
Seus olhos encontraram os dela brevemente e ele percebeu, pelo jeito com que as sobrancelhas da professora se juntaram sobre o nariz, que compreendia que Londres significava o largo Grimmauld, doze.
A Profª Grubbly-Plank tirou um monóculo de dentro das vestes e encaixou-o no olho para examinar mais atentamente a asa de Edwiges.
– Devo poder resolver isso se você deixá-la comigo, Potter, em todo o caso ela não deve voar muito longe por alguns dias.
– Hum... certo... obrigado – disse Harry, na hora em que a sineta anunciava o intervalo.
– Tudo bem – disse a Profª Grubbly-Plank, tornando a entrar na sala dos professores.
– Um momento, Guilhermina! – chamou McGonagall. – A carta de Potter!
– Ah, é! – exclamou Harry, que momentaneamente esquecera o pergaminho

atado à perna de Edwiges. A Profª Grubbly-Plank entregou-a e desapareceu no interior da sala de professores, levando a coruja que olhava fixamente para Harry, como se não pudesse acreditar que o dono fosse abandoná-la assim. Sentindo um ligeiro remorso, ele se virou para sair, mas a Profª McGonagall o chamou.

– Potter!

– Sim, senhora professora.

Ela olhou para os dois lados do corredor; havia estudantes vindo de ambas as direções.

– Não se esqueça – disse depressa em voz baixa, seus olhos no pergaminho que ele segurava – de que os canais de comunicação, de e para Hogwarts, podem estar sendo vigiados, sim?

– Eu... – começou a dizer Harry, mas as ondas de estudantes que vinham pelo corredor estavam quase alcançando-os. A professora lhe fez um breve aceno com a cabeça e se retirou, deixando Harry ser empurrado para o pátio pela multidão. Ele localizou Rony e Hermione, já parados em um canto abrigado, as golas das capas viradas para cima para protegê-los do vento. Harry abriu o pergaminho, correu para os amigos e leu cinco palavras na caligrafia de Sirius.

Hoje, mesma hora, mesmo lugar.

– Edwiges está bem? – perguntou Hermione ansiosa, assim que a distância permitiu que ele a ouvisse.

– Aonde foi que você a levou? – perguntou Rony.

– Para a Grubbly-Plank. Encontrei a McGonagall... escutem...

E contou-lhes o que a professora dissera. Para sua surpresa, nenhum dos dois pareceu se abalar. Ao contrário, trocaram olhares muito significativos.

– Quê? – disse Harry, olhando de Rony para Hermione e novamente para o amigo.

– Bom, eu estava justamente dizendo ao Rony... e se alguém tivesse tentado interceptar Edwiges? Quero dizer, ela nunca se machucou em um voo antes, não é?

– Afinal, de quem é a carta? – perguntou Rony, tirando o bilhete da mão de Harry.

– Snuffles – disse Harry baixinho.

– “Mesma hora, mesmo lugar?” Ele quer dizer a lareira na sala comunal?

– É óbvio – disse Hermione, lendo também o pergaminho. Mas manifestou sua apreensão. – Só espero que ninguém mais tenha lido isso...

– Mas ainda estava lacrado e tudo – disse Harry, tentando convencer a si mesmo e a Hermione. – E ninguém ia entender o que quer dizer se não soubesse

que falei com ele antes, ia?
– Não sei – disse Hermione nervosa, pendurando a mochila às costas, quando a sineta tornou a tocar –, não seria difícil tornar a lacrar um pergaminho usando magia... e se alguém estiver vigiando a Rede de Flu... mas não vejo como podemos avisá-lo para não vir sem interceptarem o aviso também!
Eles desceram a escada para as masmorras onde tinham aula de Poções, os três absortos em seus pensamentos, mas, ao chegarem ao último degrau, foram chamados à realidade pela voz de Draco Malfoy, que estava parado bem à porta da sala de Snape, sacudindo um pergaminho de aspecto oficial e falando mais alto do que necessário para que eles pudessem ouvir todas as palavras que dizia.
– É, na mesma hora a Umbridge deu à equipe da Sonserina permissão para continuar a jogar. Fui pedir a ela logo que acordei. Bom, seria automático, quero dizer, ela conhece meu pai muito bem, ele está sempre entrando e saindo do Ministério... vai ser interessante ver se a Grifinória vai ganhar permissão para continuar a jogar, não acham?
– Não aceitem provocação – cochichou Hermione, implorando a Harry e Rony, que observavam Malfoy, os rostos tensos e os punhos fechados. – É o que ele quer.
– Quero dizer – continuou Malfoy, alteando um pouco mais a voz, os olhos cinzentos brilhando malevolamente para Harry e Rony –, se é uma questão de influência com o Ministério, acho que eles não têm muita chance... pelo que diz meu pai, há anos que estão procurando uma desculpa para despedir o Arthur Weasley... e quanto a Potter... meu pai diz que é apenas uma questão de tempo, logo o Ministério vai mandar despachá-lo para o Hospital St. Mungus... parece que lá tem uma enfermaria especial para gente que teve o cérebro fundido por magia.
Malfoy fez uma careta grotesca com a boca aberta e os olhos girando nas órbitas. Crabbe e Goyle deram os seus habituais grunhidos de riso, e Pansy Parkinson guinchou de prazer.
Alguma coisa colidiu com força contra o ombro de Harry, empurrando-o para o lado. Uma fração de segundo depois, ele percebeu que Neville, às suas costas, acabara de avançar diretamente contra Malfoy.
– Neville, *não*!
Harry saltou para a frente e agarrou Neville pelas vestes; o garoto lutou freneticamente, os punhos sacudindo no ar, tentando desesperadamente chegar a Malfoy, que pareceu, por um instante, extremamente espantado.
– Me ajude! – gritou Harry para Rony, conseguindo passar um braço pelo pescoço de Neville e puxá-lo para trás, afastando-o dos alunos da Sonserina. Crabbe e Goyle flexionaram os braços colocando-se à frente de Malfoy, prontos

para brigar. Rony agarrou os braços de Neville e juntos, ele e Harry, conseguiram arrastar o garoto para junto dos alunos da Grifinória. O rosto dele estava escarlate; a pressão que Harry fazia sobre sua garganta deixava-o ininteligível, saltavam palavras estranhas de sua boca.

– Não... graça... não... Mungus... mostre... a ele...

A porta da masmorra se abriu. Apareceu Snape. Seus olhos negros correram pelos alunos da Grifinória até o ponto em que Harry e Rony lutavam com Neville.

– Brigando, Potter, Weasley, Longbottom? – indagou, com sua voz fria e desdenhosa. – Dez pontos a menos para a Grifinória. Solte Longbottom, Potter, ou receberá uma detenção. Para dentro todos vocês.

Harry largou Neville, que ficou ofegando, de cara amarrada para ele.

– Tive de segurar você! – exclamou Harry, apanhando sua mochila. – Crabbe e Goyle iam estraçalhar você.

Neville não disse nada, apenas agarrou a própria mochila e entrou na masmorra.

– Em nome de Merlim – perguntou Rony lentamente, ao acompanharem Neville –, o que foi *aquilo*?

Harry nada respondeu. Sabia exatamente por que o assunto de pessoas confinadas em St. Mungus, vítimas de danos ao cérebro produzidos por magia, perturbava Neville fortemente, mas jurara a Dumbledore que não contaria a ninguém o segredo de Neville. Nem mesmo Neville imaginava que ele soubesse.

Harry, Rony e Hermione ocuparam seus lugares habituais no fundo da sala, tiraram seus pergaminhos, penas e exemplares de *Mil ervas e fungos mágicos*. À sua volta, a turma murmurava sobre o que Neville acabara de fazer, mas, quando Snape fechou a porta da masmorra com uma pancada ressonante, todos imediatamente se calaram.

– Vocês irão notar – disse Snape, com sua voz baixa e desdenhosa – que hoje temos uma convidada conosco.

Ele indicou, com um gesto, um canto sombrio da masmorra, e Harry viu a Profª Umbridge sentada, com a prancheta sobre os joelhos. Olhou de esguelha para Rony e Hermione, as sobrancelhas erguidas. Snape e Umbridge, os dois professores que mais detestava. Ficava difícil decidir qual ele queria que vencesse qual.

– Hoje vamos continuar a nossa Solução para Fortalecer. Vocês encontrarão suas misturas como as deixaram na última aula; se forem feitas corretamente, elas deverão ter maturado a contento durante o fim de semana... as instruções... – ele acenou com a varinha – ... no quadro. Podem começar.

A Profª Umbridge passou a primeira meia hora da aula tomando notas em seu canto. Harry estava muito interessado em ouvi-la questionar Snape; tão interessado que começou a descuidar de sua poção outra vez.
– Sangue de salamandra, Harry! – gemeu Hermione, agarrando o pulso dele para impedi-lo de adicionar o ingrediente errado pela terceira vez –, e não suco de romã!
– Certo – respondeu Harry distraído, pondo o frasco de lado e continuando a observar o canto. Umbridge acabara de se levantar. – Ah! – exclamou baixinho, quando ela passou entre duas filas de carteiras em direção a Snape, que estava curvado para o caldeirão de Dino Thomas.
– Bom, a turma parece bastante adiantada para seu nível – disse ela, animada, para as costas de Snape. – Embora eu questione se é aconselhável lhes ensinar uma poção como a Solução para Fortalecer. Acho que o Ministério preferiria que fosse retirada do programa.
Snape se endireitou, lentamente, e se virou para encarar Umbridge.
– Agora... há quanto tempo você está ensinando em Hogwarts? – perguntou ela, com a pena em posição sobre a prancheta.
– Catorze anos. – A expressão de Snape era indefinível. Com os olhos em Snape, Harry acrescentou algumas gotas à sua poção; o líquido sibilou ameaçadoramente e mudou de turquesa para laranja.
– Você se candidatou primeiro ao cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, não foi? – perguntou a professora a Snape.
– Foi – respondeu ele em voz baixa.
– Mas não foi aceito?
O lábio de Snape se crispou.
– É óbvio.
A Profª Umbridge fez uma anotação na prancheta.
– E você tem se candidatado regularmente àquele cargo desde que foi admitido na escola?
– Sim – respondeu Snape, quase sem mover os lábios, a voz baixa. Parecia muito irritado.
– Tem alguma ideia por que Dumbledore tem se recusado consistentemente a nomeá-lo? – perguntou Umbridge.
– Sugiro que pergunte a ele – respondeu Snape aos arrancos.
– Ah, perguntarei – disse a professora com um sorriso meigo.
– Suponho que isto seja relevante? – perguntou Snape, estreitando os olhos negros.
– Ah é, é, sim, o Ministério quer ter uma compreensão abrangente dos

professores... hum... sua vida pregressa.
Ela virou as costas, saiu em direção a Pansy Parkinson e começou a interrogá-la sobre as aulas. Snape olhou para Harry, e seus olhos se encontraram por um segundo. O garoto baixou os olhos depressa para sua poção, que agora congelava abominavelmente, soltando um cheiro forte de borracha queimada.
– Então, sem nota outra vez, Potter – disse Snape maliciosamente, esvaziando o caldeirão de Harry com um aceno da varinha. – Você vai me fazer um trabalho escrito sobre a composição correta desta poção, indicando como e por que errou, para me entregar na próxima aula, entendeu?
– Sim, senhor – respondeu Harry furioso. Snape já passara dever de casa para a turma e havia um treino de quadribol à noite; isto significaria mais umas duas noites sem dormir. Parecia impossível que tivesse acordado àquela manhã se sentindo muito feliz. Só o que sentia agora era um desejo ardente de ver o fim deste dia.
– Talvez eu mate a aula de Adivinhação – disse, deprimido, quando chegaram ao pátio depois do almoço, o vento açoitando as barras das vestes e dos chapéus. – Vou fingir que estou doente e fazer o trabalho do Snape na hora da aula, então não terei de ficar acordado metade da noite.
– Você não pode matar a aula de Adivinhação – disse Hermione severamente.
– Olhem quem está falando, você abandonou Adivinhação e detesta a Trelawney! – disse Rony indignado.
– Eu não *detesto* a Trelawney – contestou Hermione, com ar superior. – Acho simplesmente que ela é uma professora apavorante e uma charlatona velha das boas. Mas Harry já faltou à História da Magia e acho que ele não devia perder mais nenhuma aula hoje!
Havia verdade demais no argumento para não escutá-lo, então, meia hora depois, Harry ocupou o seu lugar no ambiente excessivamente perfumado e quente da aula de Adivinhação, sentindo-se aborrecido com todos. A Profª Trelawney estava mais uma vez distribuindo os exemplares do *Oráculo dos sonhos*. Harry achou que seu tempo seria mais bem empregado no ensaio pedido por Snape, por castigo, do que sentado ali, tentando encontrar sentido em sonhos inventados.
Mas, pelo visto, ele não era a única pessoa em Adivinhação que estava de mau humor. A Profª Trelawney bateu com um exemplar do *Oráculo* na mesa entre Harry e Rony e se afastou majestosa, os lábios contraídos; jogou o exemplar seguinte em Simas e Dino, que passou de raspão pela cabeça de Simas, e empurrou o último exemplar no peito de Neville com tanta força que ele escorregou do pufe.

– Muito bem, podem começar! – disse a professora alto, a voz aguda e meio histérica –, vocês sabem o que fazer! Ou será que sou uma professora tão subcapacitada que vocês nunca aprenderam a abrir um livro?

A turma olhou para ela perplexa, depois se entreolhou, embora Harry soubesse qual era o problema. Quando a professora voltou num movimento brusco para sua cadeira de espaldar alto, os olhos, aumentados pelas lentes, cheios de lágrimas de raiva, ele inclinou a cabeça para Rony e murmurou:

– Acho que ela recebeu o resultado da inspeção.

– Professora? – disse Parvati Patil com a voz abafada (ela e Lilá sempre haviam admirado a Profª Trelawney). – Professora, há algum... hum... problema?

– Problema! – exclamou ela com a voz pulsante de emoção. – Certamente que não! Fui insultada, certamente... fizeram insinuações contra mim... acusações infundadas... mas, não, não há nenhum problema, certamente que não!

Ela tomou fôlego, estremecendo, e desviou o olhar de Parvati, as lágrimas de raiva vazando por baixo dos óculos.

– Nem quero falar – sua voz embargou – dos dezesseis anos de serviço dedicado... eles passaram, aparentemente, despercebidos... mas não vou admitir insultos... não, não vou admitir!

– Mas, professora, quem está insultando a senhora? – perguntou Parvati timidamente.

– A Instituição – respondeu ela numa voz grave, dramática e trêmula. – Aqueles que têm os olhos demasiado nublados pelas coisas mundanas para Ver o que Vejo, Saber o que Sei... naturalmente, nós, Videntes, sempre fomos temidos, sempre perseguidos... é, infelizmente, a nossa sina.

Ela engoliu em seco, enxugou as faces molhadas com a ponta do xale, depois puxou um lencinho bordado de dentro da manga e assoou o nariz com força, fazendo um barulho parecido com o de Pirraça soprando puns com a boca.

Rony deu uma risadinha. Lilá lançou-lhe um olhar de censura.

– Professora – disse Parvati –, a senhora está se referindo... é alguma coisa que a Profª Umbridge...?

– Não me fale nessa mulher! – exclamou Trelawney, pondo-se repentinamente de pé, suas contas tilintando e seus óculos soltando lampejos. – Faça o favor de continuar o seu trabalho!

E ela passou o resto da aula caminhando entre os alunos, as lágrimas ainda escorrendo por baixo dos óculos, resmungando baixinho palavras que pareciam ameaças.

– ... posso muito bem preferir me retirar... a indignidade da coisa... em observação... veremos... como é que ela ousa...

– Você e Umbridge têm alguma coisa em comum – disse Harry a Hermione, baixinho, quando tornaram a se encontrar em Defesa Contra as Artes das Trevas. – Ela obviamente também considera Trelawney uma charlatã velha... parece que a pôs em observação.

Umbridge entrou na sala nesse instante, usando seu laço de veludo preto e uma expressão de grande satisfação íntima.

– Boa-tarde, turma.

– Boa-tarde, Profª Umbridge – repetiram eles sem entusiasmo.

– Guardem as varinhas, por favor.

Mas, desta vez, não houve nenhuma agitação em resposta; ninguém se dera o trabalho de tirar a varinha da mochila.

– Por favor, abram na página trinta e quatro de *Teoria da defesa em magia,* e leiam o terceiro capítulo, intitulado "O Caso das Respostas Não Ofensivas ao Ataque Mágico". Não haverá...

– ... necessidade de conversar – disseram, baixinho, Harry, Rony e Hermione.

– *Não* tem treino de quadribol – disse Angelina em tom cavo, quando Harry, Rony e Hermione entraram na sala comunal depois do jantar daquela noite.

– Mas eu me controlei! – disse Harry, horrorizado. – Não disse nada pra ela, Angelina, juro, eu...

– Eu sei, eu sei – respondeu Angelina, infeliz. – Ela simplesmente falou que precisava de um tempo para pensar.

– Pensar o quê? – perguntou Rony zangado. – Ela deu permissão a Sonserina, por que não a nós?

Mas Harry podia imaginar o quanto Umbridge estava se deliciando em manter sobre a cabeça deles a ameaça de não haver uma equipe de quadribol da Grifinória, e podia facilmente compreender por que tão cedo ela não iria querer abrir mão dessa arma que mantinha apontada para eles.

– Bem – disse Hermione –, olhe o lado bom da coisa, pelo menos agora você vai ter tempo de fazer o trabalho do Snape!

– E isso é um lado bom, é? – retrucou Harry, enquanto Rony olhava incrédulo para Hermione. – Nada de quadribol e uma dose extra de Poções?

Harry se largou em uma cadeira, puxou com relutância o trabalho de Poções para fora da mochila e começou a trabalhar. Foi muito difícil se concentrar; mesmo sabendo que Sirius só apareceria na lareira muito mais tarde, não conseguia deixar de olhar o fogo, a intervalos de minutos, só para ter certeza. Havia ainda uma zoeira incrível na sala. Fred e Jorge, aparentemente, haviam aperfeiçoado um tipo de kit Mata-Aula, e se alternavam em demonstrá-lo para uma turma que dava vivas e gritos.

Primeiro, Fred dava uma mordida na ponta laranja de um doce, e em seguida vomitava espetacularmente em um balde que colocara à sua frente. Depois, ele se forçava a engolir a ponta roxa do doce, ao que a vontade de vomitar cessava imediatamente. Lino Jordan, que estava ajudando na demonstração, fazia desaparecer o vômito a intervalos regulares, sem pressa, com o mesmo Feitiço da Desaparição que Snape vivia usando para as poções de Harry.

Com a repetição regular dos vômitos e aplausos, e o barulho que Fred e Jorge faziam, anotando os pedidos antecipados dos colegas, Harry estava achando excepcionalmente difícil se concentrar no método correto para preparar a Solução para Fortalecer. Hermione não estava ajudando a melhorar nada; os aplausos e ruídos do vômito batendo no fundo do balde eram pontuados por seus sonoros resmungos de desaprovação, que para Harry, no mínimo, tinham o poder de desconcentrá-lo ainda mais.

– Então vai lá e faz eles pararem! – disse irritado, depois de riscar o peso da garra de grifo em pó que errara pela quarta vez.

– Não posso, *tecnicamente* eles não estão fazendo nada errado – disse Hermione trincando os dentes. – Eles têm todo o direito de comer as porcarias que quiserem, e não encontro nenhuma regra que diga que os outros idiotas não têm o direito de comprá-las, não até que fique provado que elas sejam de alguma maneira perigosas, e pelo visto não são.

Ela, Harry e Rony assistiram a Jorge projetar o vômito no balde, engolir o resto do doce e se erguer, sorrindo, com os braços abertos, para receber os prolongados aplausos.

– Sabem, eu não entendo por que Fred e Jorge só foram aprovados em três N.O.M.s cada um – disse Harry, observando como Fred, Jorge e Lino recebiam ouro dos colegas pressurosos. – Eles realmente sabem das coisas.

– Eles só sabem coisas espalhafatosas que não têm real utilidade para ninguém – disse Hermione depreciando.

– Não têm real utilidade? – disse Rony em tom tenso. – Hermione, eles já ganharam uns vinte e seis galeões!

Levou muito tempo para o ajuntamento em volta dos gêmeos Weasley se dispersar, depois Fred, Lino e Jorge ficaram acordados, ainda um bom tempo, contando o dinheiro, por isso já passava muito da meia-noite quando Harry, Rony e Hermione conseguiram ficar sozinhos na sala comunal. Finalmente, Fred fechou a porta para os dormitórios dos meninos, sacudindo sua caixa de galeões, com estardalhaço, para ver Hermione amarrar a cara. Harry, que fizera pouquíssimo progresso com o trabalho de Poções, decidiu parar por aquela noite. Ao guardar os livros, Rony, que tirava um cochilo na poltrona, deu um ronco abafado, acordou e olhou com a vista ainda turva para a lareira.

– Sirius! – exclamou.
Harry se virou depressa. O rosto e a cabeleira negra e desgrenhada de Sirius pairavam nas chamas.
– Oi – saudou-os sorridente.
– Oi – responderam Harry, Rony e Hermione em coro, e se ajoelharam no tapete diante da lareira. Bichento ronronou alto e chegou perto do fogo, tentando, apesar do calor, aproximar o focinho de Sirius.
– Como vão as coisas?
– Não muito boas – respondeu Harry, enquanto Hermione afastava Bichento, para impedi-lo de chamuscar os bigodes. – O Ministério nos impôs mais um decreto, o que significa que não podemos ter equipes de quadribol...
– Nem grupos secretos de Defesa Contra as Artes das Trevas? – perguntou Sirius.
Houve uma breve pausa.
– Como é que você soube? – indagou Harry.
– Vocês precisam escolher com mais cuidado o local onde se reúnem – disse Sirius, dando um sorriso ainda maior. – Logo o Cabeça de Javali, eu lhe pergunto?
– Bom, era melhor do que o Três Vassouras – disse Hermione defensivamente. – Está sempre lotado...
– O que significa que seria mais difícil ouvir vocês – disse Sirius. – Você tem muito que aprender, Hermione.
– Quem nos ouviu? – perguntou Harry.
– Mundungo, é claro. – E quando todos fizeram cara de espanto, ele deu uma risada. – Era a bruxa de véu.
– Aquela era Mundungo?! – exclamou Harry atordoado. – Que é que ele estava fazendo no Cabeça de Javali?
– Que é que você acha que ele estava fazendo? – perguntou Sirius impaciente. – Vigiando você, é claro.
– Eu continuo sendo seguido? – indagou Harry, aborrecido.
– Continua, sim, e ainda bem, não é, se a primeira coisa que você faz no fim de semana de folga é organizar um grupo ilegal de Defesa!
Mas ele não parecia zangado nem preocupado. Pelo contrário, olhava Harry com visível orgulho.
– Por que Dunga estava se escondendo da gente? – perguntou Rony, desapontado. – Teríamos gostado de revê-lo.
– Ele foi expulso do Cabeça de Javali há vinte anos – disse Sirius –, e o *barman* tem boa memória. Perdemos a Capa da Invisibilidade sobressalente de Moody quando Estúrgio foi preso, então ultimamente o Dunga tem se vestido

muitas vezes de bruxa... em todo o caso... primeiro, Rony, jurei lhe passar um recado de sua mãe.
– Foi?! – exclamou Rony, apreensivo.
– Ela manda dizer que em hipótese alguma você deve tomar parte em um grupo secreto e ilegal de Defesa Contra as Artes das Trevas. Manda dizer que, sem a menor dúvida, você será expulso e o seu futuro arruinado. Ela manda dizer que mais tarde haverá muito tempo para você aprender a se defender e que ainda é muito criança para estar se preocupando com isso agora. Ela também aconselha – (os olhos de Sirius se voltaram para os outros dois) – Harry e Hermione a não continuarem com o grupo, embora reconheça que não tem autoridade alguma sobre nenhum dos dois, e simplesmente suplica que se lembrem de que ela quer o bem de ambos. Ela teria escrito tudo isso, mas, se a coruja fosse interceptada, vocês estariam realmente enrascados, e não pôde vir falar pessoalmente porque está de serviço hoje à noite.
– Como de serviço hoje à noite? – perguntou Rony depressa.
– Não se preocupe, coisas da Ordem – disse Sirius. – Por isso fiquei sendo o mensageiro, não se esqueça de dizer a ela que transmiti a mensagem completa, porque acho que ela não confia em mim.
Houve mais uma pausa em que Bichento, miando, tentou alcançar a cabeça de Sirius com a pata, e Rony brincou com um buraco no tapete.
– Então, você quer que eu diga que não vou tomar parte no grupo de Defesa? – murmurou ele finalmente.
– Eu? Com certeza que não! – exclamou Sirius fazendo uma cara surpresa. – Acho uma ideia excelente!
– Acha mesmo? – disse Harry, sentindo o peito aliviado.
– Claro que sim! Você acha que seu pai e eu teríamos baixado a cabeça e aceitado ordens de uma megera velha como a Umbridge?
– Mas... no período passado você só fez me dizer para ter cuidado e não correr riscos...
– No ano passado, todos os indícios mostravam que alguém dentro de Hogwarts estava tentando matar você, Harry! – disse Sirius impaciente. – Este ano, sabemos que tem alguém fora de Hogwarts que gostaria de matar todos nós, por isso acho que aprender a se defender corretamente é uma excelente ideia!
– E se formos expulsos? – perguntou Hermione, com uma expressão intrigada no rosto.
– Mas, Hermione, essa história toda foi ideia sua! – exclamou Harry olhando para a amiga.
– Eu sei que foi. Eu só queria saber a opinião de Sirius – disse ela sacudindo os ombros.

– Bom, é melhor ser expulso e capaz de se defender do que se sentar em segurança na escola sem ter ideia de nada.
– Apoiado, apoiado! – exclamaram Harry e Rony entusiasticamente.
– Então, como é que vocês estão organizando o grupo? Onde vão se encontrar?
– Bom, isso é um probleminha – disse Harry. – Não sei onde vamos poder nos encontrar.
– Que tal a Casa dos Gritos? – sugeriu Sirius.
– Ei, seria ideal! – exclamou Rony, excitado, mas Hermione manifestou seu ceticismo, e os três olharam para ela, a cabeça de Sirius girando nas chamas.
– Bom, Sirius, é que vocês eram só quatro a se encontrar na Casa dos Gritos quando estavam na escola – comentou Hermione –, e todos eram capazes de se transformar em animais e suponho que pudessem se espremer embaixo de uma única Capa da Invisibilidade, se quisessem. Mas nós somos vinte e oito e nenhum é animago, por isso iríamos precisar não de uma capa, mas de um toldo da invisibilidade...
– Um bom argumento – disse Sirius, parecendo ligeiramente desapontado. – Bom, tenho certeza que vocês vão arranjar algum lugar. Costumava haver uma passagem secreta bem espaçosa atrás daquele espelho grande no quarto andar, talvez vocês tivessem bastante espaço para praticar azarações ali.
– Fred e Jorge me disseram que foi bloqueada – disse Harry, balançando a cabeça. – Ruiu ou coisa assim.
– Ah... – disse Sirius, enrugando a testa. – Bom, terei de pensar e voltar...
Ele parou de falar. Seu rosto tornou-se de repente tenso. Virou-se de lado, parecendo olhar para a parede sólida da lareira.
– Sirius? – chamou Harry ansioso.
Mas ele desaparecera. Harry ficou olhando boquiaberto para as chamas por um instante, depois se voltou para Rony e Hermione.
– Por que será...?
Hermione soltou uma exclamação de horror e ficou em pé de um pulo, ainda fixando o fogo.
Aparecera uma mão entre as chamas, tateando como se quisesse agarrar alguma coisa: uma mão gorducha de dedos curtos, coberta de anéis feios e antiquados.
Os três saíram correndo. À porta do dormitório dos meninos, Harry olhou para trás. A mão de Umbridge ainda gesticulava entre as chamas, como se soubesse exatamente onde estivera momentos antes a cabeleira de Sirius, e continuava decidida a agarrá-la.

— CAPÍTULO DEZOITO —
A Armada de Dumbledore

– Umbridge anda lendo suas cartas, Harry. Não há outra explicação. – Você acha que Umbridge atacou Edwiges? – perguntou ele, indignado.

– Tenho quase certeza – disse Hermione, séria. – Cuidado, o seu sapo está fugindo.

Harry apontou a varinha para o sapo que estava saltando, esperançoso, em direção à outra ponta da mesa:

– *Accio!* – E o bicho voou acabrunhado para a mão dele.

Feitiços era uma das melhores aulas para se bater um papinho particular; em geral, havia tanto movimento e atividade que o perigo de ser ouvido era mínimo. Hoje, com a sala cheia de sapos a coaxar e corvos a crocitar, além de um aguaceiro que bateu com força nas vidraças da sala, a conversa de Harry, Rony e Hermione, aos cochichos, sobre o quase sucesso de Umbridge em agarrar Sirius, passou despercebida.

– Ando suspeitando desde que Filch acusou você de ter encomendado Bombas de Bosta, porque achei aquilo uma mentira muito idiota – murmurou Hermione. – Quero dizer, uma vez que sua carta fosse lida, teria ficado muito claro que você *não estava* encomendando nada, então estava limpo: seria uma piada meio sem graça, não acha não? Então pensei: e se alguém quisesse apenas uma desculpa para ler suas cartas? Bom, então teria sido uma saída perfeita para a Umbridge fazer isso... dava a dica a Filch, deixava-o fazer o trabalho sujo de confiscar a carta, então, ou arranjava um jeito de roubar a carta dele ou exigia vê-la... acho que Filch não teria feito objeção. Quando foi que ele levantou a voz para defender o direito de um estudante? Harry, você está esganando seu sapo.

Harry olhou para baixo; estava de fato apertando o sapo com tanta força que os olhos do bicho saltavam das órbitas; ele o repôs imediatamente na mesa.

– Ontem à noite foi por um triz – disse Hermione. – Fico imaginando se a

Umbridge sabe como chegou perto. *Silencio!*

O sapo em que ela estava praticando o Feitiço Silenciador ficou mudo no meio de uma coaxada, e lhe lançou um olhar de censura.

– Se ela tivesse apanhado o Snuffles...

Harry terminou a frase pela amiga.

– ... Ele provavelmente estaria de volta a Azkaban hoje pela manhã. – E acenou a varinha sem realmente se concentrar; seu sapo inchou como um balão verde, e emitiu um silvo agudo.

– *Silencio!* – ordenou Hermione apontando depressa sua varinha para o sapo de Harry, que se esvaziou silenciosamente diante dos olhos deles. – Bom, ele não devia tentar de novo, é só isso. Só não sei é como vamos avisá-lo. Não podemos lhe mandar uma coruja.

– Acho que ele não se arriscaria outra vez – comentou Rony. – Sirius não é burro, sabe que ela quase o pegou. *Silencio!*

O enorme e feio corvo diante dele soltou um crocito debochado.

– *Silencio! SILENCIO!*

O corvo crocitou ainda mais alto.

– É o modo como você está usando sua varinha – disse Hermione, observando Rony criticamente. – Você não quer fazer um aceno, é mais uma *estocada*.

– Os corvos são mais difíceis do que os sapos – retrucou Rony, irritado.

– Ótimo, vamos trocar – disse Hermione, apanhando o corvo de Rony e substituindo-o pelo próprio sapo gordo. – *Silencio!* – O corvo continuou a abrir e fechar o bico afiado, mas não emitiu som algum.

– Muito bem, Srta. Granger! – exclamou a voz fraquinha do Prof. Flitwick, sobressaltando Harry, Rony e Hermione. – Agora, deixe-me ver o senhor experimentar, Sr. Weasley.

– Qu..? Ah... sim, senhor – disse Rony, muito atrapalhado. – Hum... *Silencio!*

Ele deu uma estocada tão forte no sapo que o espetou no olho: o sapo deu um crocito ensurdecedor e saltou fora da mesa.

Ninguém se surpreendeu que Harry e Rony tivessem recebido ordem de praticar o Feitiço Silenciador como dever de casa.

Os alunos tiveram permissão para continuar no interior da escola durante o intervalo, por força do temporal que desabava lá fora. Eles encontraram um lugar para sentar em uma sala barulhenta e cheia no primeiro andar, onde Pirraça flutuava, como se sonhasse, próximo ao lustre, soprando, a intervalos, uma pelota de tinta na cabeça de alguém. Nem bem haviam sentado quando Angelina apareceu, tentando passar pelos grupos de estudantes que conversavam, para se aproximar deles.

– Conseguimos a permissão! – anunciou. – Para reorganizar a equipe de

quadribol!

– *Ótimo!* – disseram Rony e Harry juntos.

– Não é? – disse Angelina radiante. – Fui à McGonagall e *acho* que ela deve ter apelado para o Dumbledore. Em todo o caso, a Umbridge teve de ceder. Ah! Então, quero vocês no campo às sete horas hoje à noite, está bem? Precisamos recuperar o tempo perdido. Vocês têm consciência de que faltam só três semanas para o nosso primeiro jogo?

Angelina se afastou, se espremendo entre os colegas, escapou por um triz de uma pelota de tinta de Pirraça, que acabou atingindo um calouro próximo, e desapareceu de vista.

O sorriso de Rony esmoreceu um pouco ao espiar pela janela, que agora estava opaca tal o volume de chuva que caía.

– Espero que a chuva passe. Que é que você tem, Hermione?

Ela também estava olhando para a janela, mas não parecia que realmente a visse. Seus olhos estavam desfocados e havia rugas em sua testa.

– Estava só pensando... – respondeu, enrugando a testa para a janela lavada de chuva.

– Em Siri... Snuffles? – perguntou Harry.

– Não... não é bem nele... – disse Hermione lentamente. – Estou mais me questionando... Suponho que a gente esteja fazendo a coisa certa... acho... não está?

Harry e Rony se entreolharam.

– Bom, isso esclarece tudo – disse Rony. – Teria sido muito chato se você não tivesse se explicado com clareza.

Hermione olhou para Rony como se acabasse de perceber que ele estava presente.

– Eu estava pensando – disse com a voz mais forte agora – se estamos fazendo a coisa certa, criando esse grupo de Defesa Contra as Artes das Trevas.

– Hermione, a ideia foi sua, para começar! – lembrou Rony, indignado.

– Eu sei – disse ela, torcendo os dedos. – Mas depois de falar com Snuffles...

– Mas ele é completamente a favor – retorquiu Harry.

– Eu sei – disse Hermione, voltando a contemplar a janela. – Foi isso que me fez pensar que talvez não seja uma boa ideia...

Pirraça flutuava por cima deles de barriga para baixo, a pelota preparada; automaticamente, os três ergueram as mochilas para proteger a cabeça até ele passar.

– Vamos entender bem isso – disse Harry, aborrecido, quando repuseram as mochilas no chão. – Sirius concorda conosco, então você acha que não devemos prosseguir?

Hermione pareceu tensa e bastante infeliz. Olhando para as próprias mãos, disse:

– Sinceramente, você confia no julgamento dele?

– Confio! – respondeu Harry na mesma hora. – Ele sempre nos deu ótimos conselhos!

Uma pelota de tinta passou voando pelos três e atingiu Katie Bell em cheio na orelha. Hermione observou Cátia se levantar depressa e começar a atirar coisas em Pirraça; passou-se algum tempo até Hermione recomeçar a falar, e parecia estar escolhendo as palavras com muito cuidado.

– Você não acha que ele ficou... assim meio... irresponsável... desde que ficou preso no largo Grimmauld? Você não acha que ele está... assim meio que... vivendo através da gente?

– Que é que você quer dizer com "vivendo através da gente"? – retorquiu Harry.

– Quero dizer... bom, acho que ele adoraria estar formando sociedades secretas de Defesa bem embaixo do nariz de alguém do Ministério... acho que está realmente frustrado com o pouco que pode fazer onde está... então acho que está meio que... nos instigando.

Rony parecia absolutamente perplexo.

– Sirius tem razão, você fala igualzinho à minha mãe.

Hermione mordeu o lábio e não respondeu. A sineta tocou na hora em que Pirraça mergulhou sobre Cátia e despejou um tinteiro cheio na cabeça dela.

O tempo não melhorou até o fim do dia, de modo que às sete horas, àquela noite, quando Harry e Rony desceram para o treino no campo de quadribol, ficaram encharcados em poucos minutos, seus pés escorregavam na grama empapada. O céu estava um cinzento escuro e tempestuoso, e foi um alívio receber o calor e a luz dos vestiários, mesmo sabendo que a trégua seria apenas temporária. Já encontraram Fred e Jorge debatendo se deveriam usar um dos seus próprios doces Mata-Aula para fugir ao treino.

– ... mas aposto como ela saberia o que fizemos – disse Fred pelo canto da boca. – Se ao menos eu não tivesse oferecido uma Vomitilha a ela ontem.

– Poderíamos tentar o Febricolate – murmurou Jorge –, ninguém viu ainda...

– Funciona? – indagou Rony esperançoso, quando as marteladas da chuva no telhado se intensificaram e o vento uivou ao redor do prédio.

– Bom, funciona – disse Fred –, sua temperatura subiria na hora.

– Mas você também ganharia uns enormes furúnculos cheios de pus – explicou Jorge –, e ainda não descobrimos como nos livrar deles.

– Não estou vendo nenhum furúnculo – disse Rony olhando bem para os

gêmeos.
– Não, bem, você não veria – disse Fred sinistramente –, eles não saem em lugares que a gente normalmente expõe ao público.
– Mas montar em uma vassoura literalmente pela o...
– Muito bem, escutem todos – disse Angelina em voz alta, saindo da sala do capitão. – Sei que o tempo não está ideal, mas há uma possibilidade de precisarmos jogar contra a Sonserina em condições muito parecidas, então é uma boa ideia descobrir como vamos enfrentá-los. Harry, você não fez alguma coisa com os seus óculos para eles não embaçarem na chuva quando jogamos contra a Lufa-Lufa naquele temporal?
– Foi a Hermione que fez – disse Harry. Ele puxou a varinha, deu um toque nos óculos e ordenou: – *Impervius!*
– Acho que devíamos experimentar isso – disse Angelina. – Se ao menos pudéssemos deixar a chuva fora do rosto, melhoraria realmente a nossa visibilidade, então todos juntos: *Impervius!* O.k. Vamos!
Todos guardaram as varinhas no bolso interno das vestes, puseram a vassoura ao ombro e seguiram Angelina para fora dos vestiários.
Eles chapinharam pela lama cada vez mais funda até o meio do campo; a visibilidade continuava muito ruim mesmo com o Feitiço para Impermeabilizar; a claridade ia desaparecendo depressa, e verdadeiras cortinas de chuva varriam os terrenos da escola.
– Muito bem, quando eu apitar – gritou Angelina.
Harry deu impulso do chão, espalhando lama em todas as direções, e disparou para o alto, com o vento a desviá-lo ligeiramente do rumo. Ele não fazia ideia de como ia ver o pomo com aquele tempo; já estava tendo bastante dificuldade em ver o único balaço com que estavam praticando; com apenas um minuto de treino, a bola quase o desmontou e ele precisou usar o Giro da Preguiça para evitá-la. Infelizmente Angelina não viu. Na verdade, ela não parecia capaz de ver nada; nenhum deles tinha a menor ideia do que o outro estava fazendo. O vento aumentava; mesmo àquela distância, Harry podia ouvir o ruído da chuva castigando a superfície do lago.
Angelina manteve o treino por quase uma hora antes de se declarar derrotada. Levou a equipe, molhada e desolada, de volta aos vestiários, insistindo que o treino não fora um desperdício de tempo, embora sem convicção na voz. Fred e Jorge estavam com um ar particularmente chateado; os dois tinham as pernas arqueadas e faziam caretas a cada movimento. Harry os ouvia reclamar, em voz baixa, enquanto enxugava o cabelo.
– Acho que alguns dos meus se romperam – disse Fred com a voz cava.
– Os meus não – disse Jorge, fazendo uma careta. – Estão latejando pra

caramba... parece que incharam.

– AI! – gritou Harry.

Ele comprimiu o rosto com a toalha, seus olhos contraídos de dor. Sentira a cicatriz na testa queimar intensa e dolorosamente, como não sentia havia semanas.

– Que foi? – perguntaram várias vozes.

Harry saiu de trás da toalha; viu o vestiário borrado porque não estava usando óculos, mas, ainda assim, percebia que os rostos de todos se voltavam para ele.

– Nada – murmurou –, enfiei o dedo no olho, foi só.

Mas lançou a Rony um olhar expressivo e os dois se deixaram ficar para trás, quando os companheiros de equipe saíram, um a um, bem agasalhados em suas capas, os chapéus enterrados na cabeça para cobrir as orelhas.

– Que aconteceu? – perguntou Rony, no momento em que Alícia desapareceu pela porta. – Foi a cicatriz?

Harry concordou com a cabeça.

– Mas... – Apavorado, Rony foi até a janela e olhou para a chuva lá fora – ele... ele não pode estar perto da gente agora, pode?

– Não – murmurou Harry, afundando em um banco e esfregando a testa. – Provavelmente está a quilômetros de distância. Doeu porque ele está com raiva.

Harry não pretendera dizer aquilo, e, aos seus ouvidos, as palavras pareceram ter sido pronunciadas por um estranho – contudo, percebeu imediatamente que eram verdadeiras. Ele não sabia como sabia, mas o fato é que sabia; Voldemort, onde quer que estivesse, o que quer que estivesse fazendo, estava enfurecido.

– Você viu? – perguntou Rony, horrorizado. – Você teve uma visão, ou coisa parecida?

Harry ficou muito quieto, olhando para os pés, deixando sua mente e sua lembrança relaxarem depois da dor.

Um emaranhado confuso de formas, um clamor de vozes...

– Ele quer ver alguma coisa concluída, mas isto não está acontecendo na velocidade que ele quer.

Novamente, surpreendeu-se ao ouvir as palavras saindo-lhe da boca, mas tinha plena certeza de que eram verdadeiras.

– Mas... como é que você sabe? – perguntou Rony.

Harry sacudiu a cabeça e cobriu os olhos com as mãos, comprimindo-os com as palmas. Explodiram estrelinhas. Sentiu Rony se sentar no banco ao lado dele e percebeu que o amigo o observava.

– Foi isso que aconteceu da outra vez? – perguntou Rony num sussurro. – Quando sua cicatriz doeu na sala da Umbridge? Você-Sabe-Quem estava zangado?

Harry sacudiu a cabeça.
– Que foi então?
Harry relembrou. Estava olhando para a cara da Umbridge... sua cicatriz doera... sentira aquela coisa esquisita no estômago... uma sensação estranha e saltitante... uma sensação de *felicidade*... mas, naturalmente, ele não a reconhecera pelo que era, pois se sentira, até aquele momento, muito infeliz...
– Da última vez foi porque ele estava satisfeito. Realmente satisfeito. Pensou que... ia acontecer uma coisa boa. E na véspera de voltarmos para Hogwarts... – Harry lembrou do momento em que sua cicatriz doera barbaramente, no quarto que dividia com Rony, no largo Grimmauld – ele estava furioso...
Ele se virou para Rony, que o olhava boquiaberto.
– Você podia substituir Trelawney, cara – disse o amigo assombrado.
– Não estou fazendo profecias.
– Não, você sabe o que você está fazendo? – perguntou Rony, ao mesmo tempo temeroso e impressionado. – Harry, *você está lendo a mente de Você-Sabe-Quem*!
– Não – disse Harry, sacudindo a cabeça. – É mais o que ele está sentindo, suponho. Estou recebendo imagens dos sentimentos dele. Dumbledore falou que uma coisa assim estava acontecendo no ano passado. Disse que quando Voldemort se aproximava de mim, ou quando sentia ódio, eu sabia. Bom, agora eu estou sentindo quando ele se alegra também...
Houve uma pausa. O vento e a chuva açoitavam o prédio.
– Você tem de contar isso para alguém – disse Rony.
– Contei ao Sirius da última vez.
– Bom, então conte desta vez!
– Não posso, posso? – disse Harry deprimido. – Umbridge está vigiando as corujas e as lareiras, lembra?
– Bom, então ao Dumbledore.
– Acabei de dizer que ele já sabe – respondeu Harry com rispidez, levantando-se, apanhando a capa no cabide e se embrulhando nela. – Não adianta falar outra vez.
Rony fechou a própria capa, observando Harry, pensativo.
– Dumbledore ia gostar de saber.
Harry sacudiu os ombros.
– Anda logo... ainda temos de praticar o Feitiço Silenciador.
Eles voltaram apressados pelo terreno escuro, escorregando e tropeçando nos gramados lamacentos, em silêncio. Harry não parava de pensar. Que é que Voldemort queria que fosse feito e que não estavam fazendo com suficiente rapidez?

"... ele tem outros planos... planos que pode executar realmente na surdina... coisas que pode obter furtivamente... como uma arma. Algo que ele não possuía da última vez."

Harry não pensava nessas palavras havia semanas; estivera por demais absorto no que acontecia em Hogwarts, por demais ocupado nas batalhas com a Umbridge, na injustiça de toda a interferência do Ministério... mas agora elas voltavam à sua lembrança e o faziam pensar... A cólera de Voldemort faria sentido se ele não estivesse mais perto de pôr as mãos na *arma*, qualquer que fosse. Será que a Ordem o frustrara, o impedira de obtê-la? Onde a guardavam? Na posse de quem estaria agora?

– *Mimbulus mimbletonia* – disse a voz de Rony, e Harry voltou à realidade bem em tempo de passar pelo buraco do retrato.

Pelo visto, Hermione fora se deitar cedo, deixando Bichento enroscado em uma poltrona próxima e uma variedade de gorros para elfos, feitos em malha com bolinhas em relevo, sobre a mesa junto à lareira. Harry ficou contente que a amiga não estivesse ali, pois não estava com muita vontade de discutir a dor na cicatriz e de ouvi-la insistir, também, que ele devia procurar Dumbledore. Rony não parava de lhe lançar olhares ansiosos, mas Harry apanhou os livros de Feitiços e se aplicou em terminar o trabalho, embora, como só estivesse fingindo se concentrar, quando Rony anunciou que ia dormir, ele ainda não escrevera muita coisa.

A meia-noite chegou e se foi enquanto Harry lia e relia o trecho sobre os usos da cocleária, ligústica e do botão-de-prata, sem entender uma única palavra.

Estas prantas son mas efficaces para enframar o cellebro e, por tanto, munto uzadas em Poçans para Confonder e Entontecer, coamdo el bruxo dezeja produzir quemtura en a cabeza e inquyetaçon...

... Hermione disse que Sirius estava se tornando irresponsável, confinado no largo Grimmauld...

... *mas efficaces para enframar o cellebro e, por tanto, munto uzadas...*

... o *Profeta Diário* acharia que seu cérebro estava inflamado se descobrisse que ele sabia o que Voldemort estava pensando...

... *por tanto, munto uzadas em Poçans para Confonder e Entontecer*...

... a palavra era mesmo confundir; por que ele sabia o que Voldemort estava sentindo? Que ligação esquisita era essa entre os dois, que Dumbledore nunca fora capaz de explicar satisfatoriamente?

... *coamdo el bruxo dezeja*...

... como Harry gostaria de dormir...

... *dezeja produzir quemtura en a cabeza e inquyetaçon*...

... estava quente e confortável na poltrona diante da lareira, a chuva que

continuava a bater com força nas vidraças, Bichento ronronava, e as chamas estalavam...

O livro escorregou das mãos frouxas de Harry e caiu com um baque surdo no tapete da lareira. A cabeça do garoto rolou para o lado...

Ele estava mais uma vez andando por um corredor sem janelas, seus passos ecoavam no silêncio. À medida que a porta no fim do corredor ia parecendo maior, seu coração foi batendo mais forte de excitação... se ele ao menos pudesse abri-la... passar para o outro lado...

Esticou a mão... as pontas dos dedos estavam apenas a centímetros...

– Harry Potter, meu senhor!

Ele acordou sobressaltado. As velas todas haviam se apagado na sala comunal, mas alguma coisa se movia ali perto.

– Quem está aí? – indagou Harry, sentando-se reto na cadeira. O fogo quase se extinguira, a sala estava muito escura.

– Dobby trouxe sua coruja, meu senhor! – disse uma voz esganiçada.

– Dobby? – perguntou Harry, com a voz engrolada, tentando enxergar, no escuro da sala, a origem da voz.

Dobby, o elfo doméstico, estava parado junto à mesa em que Hermione deixara meia dúzia dos gorros de tricô. Suas enormes orelhas pontudas espetavam para fora do que pareceu a Harry a coleção de gorros que Hermione tricotara até ali; ele usava uns sobre os outros, de modo que sua cabeça parecia ter alongado mais de meio metro, e, bem no topo do último, vinha Edwiges, piando com serenidade e obviamente curada.

– Dobby se ofereceu para devolver a coruja de Harry Potter – disse o elfo, com sua voz fina e uma expressão de inegável adoração no rosto. – A Profª Grubbly-Plank diz que está completamente curada, meu senhor. – Ele fez uma reverência tão profunda que seu nariz fino como um lápis roçou a superfície puída do tapete da lareira, e Edwiges, soltando um pio indignado, voou para o braço da poltrona de Harry.

– Obrigado, Dobby! – disse Harry, acariciando a cabeça de Edwiges e piscando com força, procurando se livrar da imagem da porta em seu sonho... fora muito vívido. Voltando sua atenção para Dobby, ele reparou que o elfo também estava usando vários cachecóis e incontáveis pares de meia, de modo que seus pés pareciam demasiado grandes para o seu corpo.

– Hum... você tem recolhido *todas* as roupas que Hermione deixa na sala?

– Ah, não, meu senhor – disse Dobby feliz. – Dobby tem levado algumas para Winky também, meu senhor.

– Sei, como vai a Winky?

As orelhas do elfo baixaram ligeiramente.

– Winky continua bebendo muito, meu senhor – disse ele triste, seus enormes olhos verdes, grandes feito bolas de tênis, baixos. – Ela continua a não ligar para roupas, Harry Potter. Os outros elfos domésticos também não. Nenhum deles quer mais limpar a Torre da Grifinória, não com os gorros e meias escondidos por toda parte, acham isso insultante, meu senhor. Dobby limpa tudo sozinho, meu senhor, mas Dobby não se importa, porque sempre tem esperança de encontrar Harry Potter e, hoje à noite, meu senhor, ele realizou este desejo! – Dobby tornou a mergulhar até o chão em nova reverência. – Mas Harry Potter não parece feliz – disse o elfo, se erguendo e olhando timidamente para o garoto. – Dobby o ouviu resmungar durante o sono. Harry Potter estava tendo pesadelos?

– Não eram realmente pesadelos – disse Harry, bocejando e esfregando os olhos. – Já tive sonhos piores.

O elfo examinou Harry com seus grandes globos. Então disse muito sério, baixando as orelhas:

– Dobby gostaria de poder ajudar Harry Potter, porque Harry Potter libertou Dobby e Dobby é muito, mas muito mais feliz agora.

Harry sorriu.

– Você não pode me ajudar, Dobby, mas obrigado pelo oferecimento.

Harry se inclinou e apanhou o livro de feitiços. Teria de tentar concluir o trabalho no dia seguinte. Ao fechar o livro, a luz das chamas iluminou as finas cicatrizes nas costas de sua mão – o resultado de suas detenções com a Umbridge...

– Espere um instante, tem uma coisa que você pode fazer por mim, Dobby – disse lentamente.

O elfo olhou ao redor, radiante.

– Diz, Harry Potter, meu senhor!

– Preciso encontrar um lugar onde vinte e oito pessoas possam praticar Defesa Contra as Artes das Trevas sem serem descobertas por nenhum dos professores. Principalmente – Harry apertou o livro que segurava de modo que as cicatrizes brilharam brancas como pérolas –, a Profª Umbridge.

Ele esperou que o sorriso do elfo fosse desaparecer, suas orelhas caírem; esperou que Dobby dissesse que era impossível, ou então que tentaria encontrar, mas não tinha grandes esperanças. O que não esperava é que o elfo fosse dar um saltinho, abanar alegremente as orelhas e bater palmas.

– Dobby conhece o lugar perfeito, meu senhor! – disse satisfeito. – Dobby ouviu os outros elfos falarem quando chegou a Hogwarts. Nós o conhecemos com o nome de Sala Vem e Vai, meu senhor, ou então a Sala Precisa.

– Por quê? – perguntou Harry, curioso.

– Porque é uma sala em que a pessoa só pode entrar – disse Dobby, sério – quando tem real necessidade dela. Às vezes existe, às vezes não, mas quando aparece está sempre equipada para atender à necessidade de quem a procura. Dobby já a usou, meu senhor – disse o elfo, baixando a voz com cara de culpa –, quando Winky estava muito bêbada; ele a escondeu na Sala Precisa e encontrou lá antídotos para cerveja amanteigada, e uma boa cama para elfos, onde deitou Winky até ela curar a bebedeira... e Dobby sabe que o Sr. Filch encontrou lá materiais de limpeza de reserva quando acabou os que tinha, meu senhor, e...

– E se você realmente precisasse de um banheiro – perguntou Harry de repente, lembrando-se de um comentário que Dumbledore fizera no Baile de Inverno no Natal anterior –, a sala se encheria de penicos?

– Dobby imagina que sim, meu senhor – disse ele, concordando vigorosamente com a cabeça. – É uma sala fantástica, meu senhor.

– Quantas pessoas sabem que ela existe? – tornou a perguntar Harry, sentando-se mais reto na poltrona.

– Muito poucas, meu senhor. A maioria tropeça nela quando precisa, mas muitas vezes nunca a encontra outra vez, porque não sabe que ela está sempre lá, esperando ser necessária, meu senhor.

– Parece genial! – exclamou Harry, com o coração disparando. – Parece perfeita, Dobby. Quando você pode me mostrar onde fica?

– Quando quiser, Harry Potter, meu senhor – disse Dobby, parecendo encantado com o entusiasmo de Harry. – Podemos ir agora, se quiser.

Por um instante o garoto se sentiu tentado a acompanhar Dobby. Já ia se levantando, pensando em correr ao dormitório para apanhar a Capa da Invisibilidade quando uma voz que já ouvira antes, muito parecida com a de Hermione, cochichou em seu ouvido: *irresponsável*. Era, afinal, muito tarde, e ele estava exausto.

– Hoje não, Dobby – disse Harry, relutante, tornando a se sentar. – Isto é realmente importante... Não quero estragar a oportunidade, vai precisar de planejamento. Escute, você pode me dizer exatamente onde fica essa tal Sala Precisa e como se chega lá?

As vestes dos garotos se enfunavam e giravam em torno do corpo enquanto eles chapinhavam pela horta inundada, a caminho da aula de Herbologia, onde mal se conseguia ouvir o que a Profª Sprout dizia, tal a chuva que batia no teto da estufa, com a força do granizo. A aula da tarde de Trato das Criaturas Mágicas ia ser transferida dos terrenos varridos pela tempestade para uma sala livre no andar térreo, e, para intenso alívio dos garotos, Angelina procurara a equipe na hora do almoço para avisar que cancelara o treino de quadribol.

– Que bom – disse Harry baixinho, ao ouvir a notícia –, porque encontramos um lugar para o nosso primeiro encontro de Defesa. Hoje à noite, oito horas, sétimo andar, em frente àquela tapeçaria do Barnabás, o Amalucado, sendo abatido a cacetadas pelos trasgos. Você pode avisar a Cátia e a Alícia?

Ela pareceu ligeiramente surpresa, mas prometeu avisar as outras. Harry, esfomeado, voltou a atenção para o seu purê com salsichas. Quando ergueu os olhos para tomar um gole de suco de abóbora, viu Hermione observando-o.

– Que foi? – perguntou guturalmente.

– Bom... é que nem sempre os planos de Dobby são seguros. Não está lembrado quando ele fez você perder todos os ossos do braço?

– Essa sala não é só uma ideia maluca do Dobby; Dumbledore a conhece também, me falou nela no Baile de Inverno.

A expressão de Hermione se desanuviou.

– Dumbledore lhe falou da sala?

– De passagem.

– Ah, bom, então, tudo bem – disse imediatamente, sem fazer mais objeções.

Acompanhados por Rony, eles gastaram a maior parte do dia procurando as pessoas que tinham assinado a lista no Cabeça de Javali, para avisar onde se encontrariam àquela noite. Para um certo desapontamento de Harry, foi Gina quem conseguiu encontrar Cho Chang e a amiga primeiro; mas, até o fim do jantar, o garoto estava confiante de que a notícia fora passada a cada um dos vinte e cinco colegas que haviam aparecido no Cabeça de Javali.

Às sete e meia, Harry, Rony e Hermione deixaram a sala comunal da Grifinória, Harry segurando um certo pergaminho antigo. Os quintanistas tinham permissão para circular nos corredores até às nove horas, mas os três não paravam de olhar para o lado, nervosos, ao se dirigir ao sétimo andar.

– Guenta aí – pediu Harry, desdobrando o pergaminho no alto da última escada, batendo nele com a varinha e murmurando: – *Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom*.

Apareceu um mapa de Hogwarts na superfície do pergaminho em branco. Minúsculos pontos negros se moviam nele identificados por nomes, mostrando onde estavam as várias pessoas.

– Filch está no segundo andar – disse Harry segurando o mapa perto dos olhos –, e Madame Nor-r-ra, no quarto andar.

– E a Umbridge? – perguntou Hermione ansiosa.

– Na sala dela – respondeu, apontando para o mapa. – O.k., vamos.

Os três saíram apressados pelo corredor, até o local que Dobby descrevera, um trecho de parede lisa defronte à enorme tapeçaria retratando a insensata tentativa de Barnabás, o Amalucado, ensinar balé aos trasgos.

– O.k. – disse Harry em voz baixa, enquanto um trasgo roído de traças fazia uma pausa no gesto contínuo de dar cacetadas na futura professora de balé para observá-los –, Dobby disse para passar por este trecho de parede três vezes, nos concentrando muito no que precisamos.

Os garotos assim fizeram, girando nos calcanhares ao chegar à janela pouco adiante da parede vazia, e seguindo até o vaso do tamanho de um homem na outra extremidade. Rony apertou os olhos e se concentrou; Hermione murmurou alguma coisa; os punhos de Harry estavam fechados quando fixou o olhar em frente.

Precisamos de um lugar para aprender a lutar... pensou ele. *Dê-nos um lugar para praticar... um lugar em que não possam nos encontrar...*

– Harry! – exclamou Hermione com vivacidade, ao retornarem depois da terceira passagem.

Uma porta muito lustrosa aparecera na parede. Rony ficou olhando um tanto desconfiado. Harry estendeu a mão, segurou a maçaneta de latão, abriu a porta e foi o primeiro a entrar em uma sala espaçosa, iluminada com archotes bruxuleantes como os que iluminavam as masmorras oito andares abaixo.

As paredes estavam cobertas de estantes e, em lugar de cadeiras, havia grandes almofadas de seda no chão. Um conjunto de prateleiras no fundo da sala continha uma série de instrumentos como Bisbilhoscópios, Sensores de Segredos e um grande Espelho-de-Inimigos rachado, que Harry tinha certeza de ter visto pendurado, no ano anterior, na sala do falso Moody.

– Elas vão ser ótimas quando estivermos praticando Estuporamento – comentou Rony entusiasmado, batendo em uma das almofadas com o pé.

– E olhem só esses livros! – exclamou Hermione excitada, passando um dedo pelas lombadas de grandes tomos encadernados em couro. *Compêndio de feitiços comuns e seus contrafeitiços*... *Vencendo as artes das trevas pela astúcia*... *Feitiços autodefensivos*... uau... – Ela olhou para Harry, o rosto radiante, e ele viu que a presença de centenas de livros finalmente convencera Hermione de que o que estavam fazendo era certo. – Harry, que maravilha, aqui tem tudo de que precisamos!

E, sem perder tempo, ela puxou *Azarações para os azarados* da prateleira, sentou-se na almofada mais próxima e começou a ler.

Ouviram, então, uma leve batida na porta. Harry olhou para os lados. Gina, Neville, Lilá, Parvati e Dino haviam chegado.

– Opa! – exclamou Dino, correndo os olhos pela sala, impressionado. – Que lugar é esse?

Harry começou a explicar, mas, antes que terminasse, chegava mais gente, e ele precisava recomeçar a história. Quando finalmente deu oito horas, todas as

almofadas estavam ocupadas. Harry foi até a porta e experimentou a chave que havia na fechadura; ela girou com um ruído convincente e todos se calaram, de olhos nele. Hermione marcou cuidadosamente a página de *Azarações para os azarados,* e pôs o livro de lado.

– Bom – disse Harry, ligeiramente nervoso. – Esta foi a sala que encontramos para as aulas práticas e vocês... hum... obviamente a acharam boa.

– É fantástica! – exclamou Cho, e várias pessoas murmuraram em concordância.

– É estranho – disse Fred, examinando-a com a testa enrugada. – Uma vez nos escondemos do Filch aqui, lembra, Jorge? Mas era só um armário de vassouras.

– Ei, Harry, que é isso? – perguntou Dino do fundo da sala, indicando os Bisbilhoscópios e o Espelho-de-Inimigos.

– Detectores de bruxaria das trevas – disse Harry passando entre as almofadas para se aproximar. – Basicamente eles mostram quando bruxos das trevas ou inimigos estão por perto, mas você não pode confiar neles totalmente porque podem ser enganados...

Ele mirou por instantes o Espelho-de-Inimigos rachado; havia vultos escuros se movendo, embora não desse para reconhecer nenhum. Deu, então, as costas ao espelho.

– Bom, estive pensando no tipo de coisa que devíamos fazer primeiro e... hum... – Ele reparou que havia uma mão erguida. – Que foi, Hermione?

– Acho que devemos eleger um líder – disse ela.

– Harry é o líder – disse Cho, olhando para Hermione como se ela tivesse enlouquecido.

O estômago de Harry deu uma cambalhota para trás.

– É, mas acho que devíamos votar isso como deve ser – respondeu Hermione sem se perturbar. – Torna a coisa formal e dá a ele autoridade. Então: todos acham que Harry deve ser o nosso líder?

Todos ergueram as mãos, até mesmo Zacarias Smith, embora o fizesse de má vontade.

– Hum... certo, obrigado – disse Harry, que sentia o rosto arder. – E... *que foi* Hermione?

– Acho também que devemos ter um nome – disse ela, animada, a mão ainda no ar. – Incentivaria o espírito de equipe e a união, que é que vocês acham?

– Será que podemos ser a Liga Anti-Umbridge? – perguntou Angelina, esperançosa.

– Ou o Grupo Ministério da Magia Só Tem Retardados? – sugeriu Fred.

– Eu estive pensando – disse Hermione franzindo a testa para Fred – mais em um nome que não anunciasse a todo o mundo o que pretendemos fazer, de modo

que a gente possa se referir ao grupo fora das reuniões sem correr perigo.
– A Associação de Defesa? – arriscou Cho. – A AD, para que ninguém saiba do que estamos falando?
– É, a AD é bom – concordou Gina. – Só que devia significar a Armada de Dumbledore, porque o maior medo do Ministério é uma força armada de Dumbledore.
Ouviram-se vários murmúrios de agrado e gargalhadas à sugestão.
– Todos a favor da AD? – perguntou Hermione com um ar autoritário, ajoelhando-se na almofada para contar. – Há uma maioria a favor... moção aprovada!
Ela prendeu o pergaminho com as assinaturas de todos na parede e escreveu em cima, em letras garrafais:

ARMADA DE DUMBLEDORE

– Certo – disse Harry, quando voltou a se sentar –, vamos começar a praticar então? Eu estive pensando, devíamos começar pelo *Expelliarmus*, sabem, o Feitiço para Desarmar. Sei que é bem básico, mas eu o achei realmente útil...
– Ah, *corta essa* – disse Zacarias, virando os olhos para o alto e cruzando os braços. – Não acho que o *Expelliarmus* vá nos ajudar a enfrentar Você-Sabe-Quem, vocês acham?
– Usei-o contra ele – disse Harry calmamente. – Salvou minha vida em junho.
Zacarias boquiabriu-se feito bobo. O resto da sala ficou muito silenciosa.
– Mas, se você acha que não está à sua altura, pode se retirar.
O garoto não se mexeu. Nem os demais.
– O.k. – disse Harry, a boca um pouco mais seca do que o normal ao sentir todos os olhares nele. – Acho que todos deviam se dividir em pares para praticar.
Era uma sensação estranha estar dando ordens, mas não tão estranha quanto vê-las obedecidas. Todos se levantaram na mesma hora e se dividiram. Previsivelmente, Neville acabou sem par.
– Você pode praticar comigo – disse-lhe Harry. – Certo... então quando eu contar três, então... um, dois, três...
A sala se encheu repentinamente de gritos de “*Expelliarmus!*”. Varinhas voaram em todas as direções; os feitiços sem pontaria atingiram livros e prateleiras, mandando-os pelos ares. Harry era por demais rápido para Neville, cuja varinha saiu rodopiando de sua mão, bateu no teto em meio a uma chuva de faíscas e caiu com estrépito em cima de uma prateleira, de onde Harry a recuperou com um Feitiço Convocatório. Olhando à volta, ele achou que agira

bem sugerindo que praticassem primeiro os feitiços básicos; havia muito feitiço malfeito; vários colegas não estavam conseguindo desarmar os oponentes, meramente os faziam pular para trás ou fazer caretas quando os feitiços passavam por cima de suas cabeças.

– *Expelliarmus!* – exclamou Neville, e Harry, apanhado de surpresa, sentiu sua varinha voar da mão. – CONSEGUI! – gritou Neville, cheio de alegria. – Eu nunca tinha feito isso antes... CONSEGUI!

– Boa! – disse Harry, encorajando-o em lugar de lembrar que, em um duelo verdadeiro, seu oponente provavelmente não estaria olhando na direção oposta com a varinha pendurada ao lado do corpo. – Escute, Neville, você pode revezar com o Rony e a Hermione por alguns minutos, para eu poder andar pela sala e ver como os outros estão se virando?

Harry foi para o meio da sala. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo com Zacarias Smith. Toda vez que ele abria a boca para desarmar Antônio Goldstein, a varinha voava de sua mão, mas Antônio não parecia estar emitindo som algum. Harry não precisou olhar muito longe para solucionar o mistério; Fred e Jorge estavam a vários passos do garoto e se revezavam apontando as varinhas para as costas de Zacarias.

– Desculpe, Harry – apressou-se Jorge a dizer, quando seus olhos se encontraram. – Não pudemos resistir.

Harry andou em volta dos pares, tentando corrigir os que estavam realizando mal o feitiço. Gina fazia dupla com Miguel Corner; estava se saindo muito bem, enquanto o namorado ou era muito ruim ou não estava querendo enfeitiçá-la. Ernesto Macmillan acenava desnecessariamente com a varinha, dando ao parceiro tempo para se pôr em guarda; os irmãos Creevey agiam com entusiasmo, mas sem pontaria, e eram os principais responsáveis pelos livros que saltavam das prateleiras ao redor; Luna Lovegood era igualmente instável, por vezes fazia a varinha de Justino Finch-Fletchley sair rodopiando da mão, mas, em outras, fazia apenas os cabelos dele ficarem em pé.

– O.k., parar! – gritou Harry. – *Parar! PARAR!*

Preciso de um apito, pensou, e imediatamente localizou um em cima da fileira de livros mais próxima. Apanhou-o e apitou com força. Todos baixaram as varinhas.

– Não foi nada mau – disse Harry –, mas decididamente há margem para melhorar. – Zacarias amarrou a cara para ele. – Vamos experimentar outra vez.

Ele tornou a circular pela sala, parando aqui e ali para fazer sugestões. Lentamente, o desempenho geral melhorou. Harry evitou se aproximar de Cho e da amiga por algum tempo, mas, depois de dar duas voltas pelos outros pares da sala, sentiu que não podia continuar a ignorá-las.

– Ah, não! – exclamou Cho um tanto alterada quando ele se aproximou. – *Expelliarmious!* Eu... quero dizer *Expellimellius!*, ah, desculpe, Marieta!
A manga da amiga de cabelos crespos pegara fogo; Marieta apagou-o com a própria varinha e amarrou a cara para Harry, como se tivesse sido culpa dele.
– Você me deixou nervosa, eu estava fazendo tudo direito antes! – disse Cho a Harry, se lastimando.
– Foi bastante bom – mentiu Harry, mas, quando a garota ergueu as sobrancelhas, ele acrescentou: – Bom, não, foi uma droga, mas eu sei que você sabe fazer direito, estive observando de longe.
Ela riu. A amiga Marieta olhou para os dois meio azeda e virou as costas.
– Não ligue para ela – murmurou Cho. – Na realidade, não queria estar aqui, mas eu a obriguei a vir. Os pais dela a proibiram de fazer qualquer coisa que possa aborrecer a Umbridge. Você entende... a mãe dela trabalha para o Ministério.
– E os seus pais? – perguntou Harry.
– Bom, eles me proibiram de desagradar a Umbridge, também – disse Cho, aprumando o corpo com orgulho. – Mas se eles acham que não vou combater Você-Sabe-Quem, depois do que aconteceu com o Cedrico...
Ela se calou, parecendo um tanto confusa, e seguiu-se um silêncio constrangido entre os dois; a varinha de Terêncio passou zunindo pela orelha de Harry e atingiu com força o nariz de Alícia.
– Bom, meu pai dá *muito* apoio a qualquer ação antiministério! – disse Luna, com orgulho, atrás de Harry; evidentemente estivera escutando a conversa, enquanto Justino tentava se desembaraçar das vestes que cobriam sua cabeça. – Ele está sempre dizendo que acreditaria em qualquer coisa sobre Fudge; quero dizer, o número de duendes que Fudge mandou assassinar! E é claro que ele usa o Departamento de Mistérios para desenvolver venenos terríveis, que secretamente dá a qualquer um que discorde dele. E depois tem o Umgubular Slashkilter...
– Não pergunte – murmurou Harry para Cho quando ela abriu a boca, parecendo intrigada. A garota riu.
– Ei, Harry – chamou Hermione do outro extremo da sala –, você viu que horas são?
Ele olhou para o relógio e se assustou ao ver que já eram nove e dez, o que significava que precisavam voltar às suas salas comunais imediatamente ou se arriscar a ser punidos por Filch por estar fora da área permitida. Ele apitou; todos pararam de gritar “*Expelliarmus!*”, e o último par de varinhas bateu no chão.
– Bom, foi bastante bom – disse Harry –, mas passamos da hora, é melhor pararmos por aqui. Mesma hora, mesmo lugar, na semana que vem?

– Antes! – pediu Dino, ansioso, e muitos concordaram com a cabeça.
Angelina, porém, apressou-se a dizer.
– A temporada de quadribol já vai começar, as equipes também precisam treinar!
– Digamos, na próxima quarta à noite, então – sugeriu Harry –, aí podemos decidir se queremos mais reuniões. Vamos, é melhor ir andando.
Ele puxou o Mapa do Maroto e examinou-o, cuidadosamente, procurando sinal de professores no sétimo andar. Deixou, então, os colegas saírem em grupos de três e quatro, observando os pontinhos, ansiosamente, a ver se voltavam em segurança aos seus dormitórios: os da Lufa-Lufa no corredor do porão que também levava às cozinhas; os da Corvinal na torre do lado oeste do castelo; e os da Grifinória no corredor do retrato da Mulher Gorda.
– Foi realmente bom, realmente bom, Harry – disse Hermione, quando finalmente restaram apenas ela, ele e Rony.
– É, foi mesmo! – disse Rony entusiasmado, quando passaram pela porta e a viram se confundir com a pedra às costas deles. – Você me viu desarmando a Hermione, Harry?
– Só uma vez – disse Hermione mordida. – Peguei você muito mais vezes do que você me pegou...
– Eu não peguei você só uma vez, foram pelo menos três...
– Bom, se você está contando a vez em que tropeçou nos pés e derrubou a varinha da minha mão...
Eles discutiram todo o caminho de volta à sala comunal, mas Harry não estava ouvindo. Tinha um olho no Mapa do Maroto, e pensava também em Cho dizendo que ele a deixava nervosa.

— CAPÍTULO DEZENOVE —
O Leão e a Cobra

Harry teve a sensação de que estava carregando uma espécie de talismã no peito, nas duas semanas seguintes, um segredo luminoso que o ajudou a suportar as aulas de Umbridge e até tornou-lhe possível sorrir insossamente ao encarar os olhos horríveis e saltados da professora. Ele e a AD estavam resistindo debaixo do nariz dela, fazendo exatamente o que Umbridge e o Ministério mais temiam, e sempre que devia estar lendo o livro de Wilberto Slinkhard, durante as aulas, ele se regalava com as agradáveis lembranças das reuniões mais recentes, revendo como Neville conseguira desarmar Hermione, como Cólin dominara a Azaração de Impedimento depois de se esforçar três reuniões seguidas, como Parvati executara um Feitiço Redutor com tanta perfeição que reduzira a pó a mesa em que estavam os bisbilhoscópios.

Ele estava achando quase impossível fixar uma noite por semana para as reuniões da AD, porque precisavam acomodar os treinos de três equipes de quadribol diferentes, em geral remarcadas por causa das más condições do tempo; mas Harry não lamentava; sentia que provavelmente era melhor manter os horários de suas reuniões imprevisíveis. Se alguém os estivesse vigiando, ficaria difícil distinguir um padrão.

Hermione não tardou a inventar um método muito inteligente de comunicar o dia e a hora da reunião seguinte a todos os membros, caso precisassem mudá-los de um momento para o outro, porque pareceria suspeito se os alunos das diferentes Casas fossem vistos atravessando o Salão Principal para conversar uns com os outros com muita frequência. Ela deu a cada membro da AD um galeão falso (Rony ficou muito excitado quando viu a cesta de moedas e convenceu-se de que Hermione estava realmente distribuindo ouro).

– Vocês estão vendo os números na borda das moedas? – explicou Hermione ao final da quarta reunião, erguendo uma para mostrar. A moeda brilhava maciça

e amarela à luz dos archotes. – Nos galeões verdadeiros, este é apenas o número de série referente ao duende que cunhou a moeda. Mas, nas moedas falsas, os números vão ser trocados para informar o dia e a hora da reunião seguinte. As moedas ficarão quentes quando a data mudar, então se vocês as carregarem no bolso poderão sentir. Cada um vai levar uma, e quando Harry mudar os números na moeda *dele*, porque eu usei um Feitiço de Proteu, todas mudarão para se igualar à dele.

Um silêncio total acolheu suas palavras, e Hermione olhou desapontada os rostos que a encaravam.

– Bom... achei que era uma boa ideia – disse insegura –, quero dizer, mesmo que a Umbridge nos mande virar os bolsos pelo avesso, não há nada suspeito em carregar um galeão, há? Mas... bom, se vocês não quiserem usar as moedas...

– Você sabe fazer um Feitiço de Proteu? – admirou-se Terêncio Boot.

– Sei.

– Mas isso... isso é nível de N.I.E.M. – comentou pouco convencido.

– Ah – respondeu Hermione, tentando parecer modesta. – Ah... bom... é, suponho que seja.

– Como é que você não pertence à Corvinal? – perguntou Boot, fixando-a com um olhar próximo ao assombro. – Com uma inteligência dessa?

– Bom, o Chapéu Seletor pensou seriamente em me mandar para Corvinal – contou Hermione, animada –, mas acabou se decidindo pela Grifinória. Então, isso quer dizer que vamos usar os galeões?

Houve um murmúrio de concordância e todos se adiantaram para apanhar uma moeda na cesta. Harry olhou de esguelha para Hermione.

– Sabe o que essas moedas me lembram?

– Não, o quê?

– As cicatrizes dos Comensais da Morte. Voldemort toca em uma delas e todas ardem, e seus seguidores sabem que devem se reunir a ele.

– Bom... é – disse Hermione em voz baixa –, foi de onde copiei a ideia... mas você vai notar que decidi gravar a data em metal em vez de gravá-la na pele dos nossos colegas.

– É... prefiro do seu jeito – disse Harry, sorrindo ao enfiar a moeda no bolso. – Imagino que o único perigo é que a gente possa gastar a moeda sem querer.

– Não tem a menor chance – disse Rony, que estava examinando o seu galeão falso com tristeza –, não tenho um galeão verdadeiro para confundir com este.

Quando o primeiro jogo da temporada, Grifinória contra Sonserina, começou a se aproximar, as reuniões da AD foram suspensas porque Angelina insistiu em fazer treinos quase diários. O fato de que a Copa de Quadribol não se realizava havia tanto tempo aumentava o interesse e a excitação que cercava o próximo

jogo; os alunos da Corvinal e da Lufa-Lufa estavam vivamente interessados no resultado, porque eles, é claro, estariam jogando com as duas equipes no ano seguinte; e os diretores das Casas das equipes competidoras, embora tentassem disfarçar sob um falso espírito esportivo, estavam decididos a ver o seu próprio time vitorioso. Harry percebeu o quanto a Profª McGonagall queria derrotar a Sonserina quando ela se absteve de passar dever de casa na semana que antecedeu ao jogo.

– Acho que no momento já temos muito com que nos ocupar – disse com altivez. Ninguém quis acreditar no que estava ouvindo até vê-la olhando diretamente para Harry e Rony, e dizer muito séria: – Me acostumei a ver a Taça de Quadribol na minha sala, rapazes, e realmente não quero ser obrigada a entregá-la ao Prof. Snape, então usem o tempo extra para treinar, sim?

Snape não foi um partidário menos óbvio; reservou o campo de quadribol para a Sonserina com tanta frequência que a equipe da Grifinória teve dificuldade em encontrá-lo livre para treinar. Fazia-se também de surdo com relação às muitas queixas de que os alunos da Sonserina estavam tentando azarar os jogadores da Grifinória nos corredores da escola. Quando Alícia Spinnet apareceu na ala hospitalar com as sobrancelhas crescendo tão densa e rapidamente que obscureciam sua visão e tampavam sua boca, Snape insistiu que a garota devia ter experimentado nela mesma um Feitiço para Engrossar os Cabelos, e se recusou a ouvir as catorze testemunhas que confirmavam ter visto o goleiro da Sonserina, Milo Bletchley, lançar o feitiço nas costas da garota quando ela estava estudando na biblioteca.

Harry se sentia otimista quanto às chances da Grifinória; afinal de contas, jamais haviam perdido para a equipe de Malfoy. Era verdade que o desempenho de Rony ainda não chegara no nível do de Olívio, mas ele estava se esforçando o máximo para melhorar. Sua maior fraqueza era a tendência a perder a confiança quando fazia uma bobagem; se deixava passar um gol, se atrapalhava e, com isso, se tornava mais vulnerável a deixar passar vários. Em contrapartida, Harry vira Rony fazer algumas defesas espetaculares quando estava em forma; durante um treino memorável, ficara pendurado na vassoura por uma das mãos e chutara a goles com tanta força para longe do aro que ela percorrera toda a extensão do campo e atravessara o aro do meio na extremidade oposta; a equipe achara que essa defesa se comparava favoravelmente com uma outra, feita recentemente por Barry Ryan, o goleiro da seleção da Irlanda, contra o melhor artilheiro da Polônia, Ladislau Zamojski. Até mesmo Fred dissera que Rony ainda poderia fazer com que ele e o irmão se orgulhassem dele, e que estavam pensando seriamente em admitir seu parentesco com ele, coisa que, garantiam-lhe, vinham tentando negar havia quatro anos.

A única preocupação real de Harry era que Rony estava deixando que as táticas da Sonserina o perturbassem mesmo antes de entrarem em campo. Harry, naturalmente, aturava os comentários maldosos deles havia mais de quatro anos, por isso, murmúrios como: “Oi, Potty, ouvi dizer que Warrington jurou derrubar você da vassoura no sábado”, em vez de gelar seu sangue, o faziam rir. “A pretensão de Warrington é tão patética que eu ficaria mais preocupado se ele estivesse mirando na pessoa ao meu lado”, retrucava ele, o que fazia Rony e Hermione rirem e apagava o sorriso presunçoso da cara de Pansy Parkinson.

Mas Rony nunca estivera sujeito a uma campanha incansável de desaforos, caçoadas e intimidações. Quando os alunos da Sonserina, alguns do sétimo ano e consideravelmente maiores que ele, murmuravam ao passar nos corredores: “Reservou seu leito na ala hospitalar, Weasley?”, ele não ria, e seu rosto adquiria um delicado tom verde. Quando Draco Malfoy o imitava largando a goles (o que ele fazia sempre que os dois se avistavam), as orelhas de Rony irradiavam um fulgor vermelho e suas mãos tremiam tanto que ele seria capaz de deixar cair também o que estivesse segurando na hora.

Outubro terminou numa investida de ventos uivantes e chuvas impiedosas, e novembro chegou, frio como uma barra de ferro congelada, com espessas geadas matinais e correntes de ar cortantes que queimavam as mãos e os rostos desprotegidos. O céu e o teto do Salão Principal estavam um perolado cinza pálido, os picos das montanhas que cercavam Hogwarts, cobertos de neve, e a temperatura do castelo caíra tanto que muitos estudantes usavam grossas luvas de pele de dragão para se proteger quando saíam para os corredores no intervalo das aulas.

A manhã do jogo alvoreceu clara e fria. Quando Harry acordou, olhou para a cama de Rony e o viu sentado, muito reto, abraçando os joelhos, olhando fixamente para o espaço.

– Você está bem? – perguntou Harry.

Rony respondeu afirmativamente com a cabeça, mas não falou. Harry se lembrou sem querer da ocasião em que o amigo acidentalmente lançara nele mesmo um feitiço que o fez vomitar lesmas; estava tão pálido e suado como naquele dia, para não falar na relutância em abrir a boca.

– Você só precisa tomar café – disse Harry para animá-lo. – Vamos.

O Salão Principal estava se enchendo depressa quando eles chegaram, a conversa mais alta e o clima mais exuberante do que o normal. Quando passaram pela mesa da Sonserina, o barulho aumentou. Harry olhou e viu que, além dos habituais cachecóis e gorros verde e prata, cada um deles estava usando um distintivo prateado, que, na forma, lembrava uma coroa. Por alguma razão, muitos deles acenaram para Rony, às gargalhadas. Harry tentou ver o que estava

escrito nos distintivos, mas estava tão preocupado em fazer Rony passar rápido pela mesa que não quis se deter tempo suficiente para ler.

Eles foram recebidos entusiasticamente na mesa da Grifinória, onde todos usavam vermelho e ouro, mas, em lugar de animar Rony, os vivas pareceram acabar de minar o seu moral; ele se largou no banco mais próximo, parecendo estar diante da última refeição da vida.

– Eu devia estar maluco quando fiz isso – disse num sussurro rouco. – *Maluco*.

– Não seja tapado – disse Harry com firmeza, passando-lhe uma seleção de cereais –, você vai ficar ótimo. É normal se sentir nervoso.

– Sou uma meleca – crocitou ele em resposta. – Sou um trapalhão. Não sou capaz de jogar nem para salvar a pele. Onde é que eu estava com a cabeça?

– Controle-se – disse Harry com severidade. – Olhe aquela defesa que você fez com o pé ainda outro dia, até o Fred e o Jorge disseram que foi genial.

Rony voltou um rosto torturado para Harry.

– Aquilo foi por acaso – sussurrou infeliz. – Não era minha intenção, escorreguei da vassoura quando vocês não estavam olhando e, quando tentei me endireitar, chutei acidentalmente a goles.

– Bom – disse Harry, recuperando-se rapidamente da desagradável surpresa –, mais alguns acasos iguais àquele e o jogo está no papo, não acha?

Hermione e Gina sentaram-se defronte aos dois usando cachecóis, luvas e rosetas vermelho e ouro.

– Como é que você está se sentindo? – Gina perguntou a Rony, que agora contemplava o resto de leite no fundo da tigela vazia de cereal, como se considerasse seriamente a possibilidade de se afogar ali.

– Ele está só nervoso – disse Harry.

– Bom, é um bom sinal, acho que a pessoa nunca se sai tão bem nos exames se não estiver um pouco nervosa – disse Hermione com entusiasmo.

– Alô – cumprimentou uma voz vaga e sonhadora às costas deles. Harry olhou: Luna Lovegood viera da mesa da Corvinal. Muitos estudantes a seguiam com os olhos, alguns davam gargalhadas e a apontavam sem disfarces; Luna conseguira arranjar um chapéu em forma de cabeça de leão em tamanho natural, e o colocara precariamente na cabeça. – Estou torcendo pela Grifinória – disse, apontando sem necessidade para o chapéu. – Olhe só o que ele faz...

Ela ergueu a mão e deu um toque de varinha no chapéu. O leão escancarou a boca e soltou um rugido extremamente real, que sobressaltou todos que estavam por perto.

– É ótimo, não é? – disse Luna, feliz. – Eu queria que ele estivesse mastigando uma cobra para representar a Sonserina, entendem, mas o tempo foi pouco. Em

todo o caso... boa sorte, Ronald!
Ela se afastou como se flutuasse. Os garotos ainda não tinham se recuperado do choque que fora o chapéu de Luna quando Angelina se aproximou correndo, acompanhada por Cátia e Alícia, cujas sobrancelhas tinham sido misericordiosamente restauradas por Madame Pomfrey.
– Quando vocês estiverem prontos – disse ela –, vamos direto para o campo, verificar as condições e trocar de roupa.
– Estaremos lá daqui a pouco – Harry a tranquilizou. – O Rony precisa comer alguma coisa.
Mas, passados dez minutos, ficou claro que Rony não conseguiria comer mais nada, e Harry achou melhor levá-lo para os vestiários. Ao se levantarem da mesa, Hermione os acompanhou, e, segurando o braço de Harry, puxou-o para um lado.
– Não deixe Rony ver o que tem naqueles distintivos do pessoal da Sonserina – cochichou pressurosa.
Harry olhou-a curioso, mas ela sacudiu a cabeça num gesto de aviso; Rony vinha em direção a eles, parecendo perdido e desesperado.
– Boa sorte, Rony – disse Hermione, ficando na ponta dos pés e lhe dando um beijo na bochecha. – E para você também, Harry...
Rony pareceu se reanimar ligeiramente quando tornaram a cruzar o Salão Principal. Ele encostou a mão no lugar em que Hermione o beijara, parecendo intrigado, como se não tivesse muita certeza do que acabara de acontecer. Parecia distraído demais para reparar nas coisas ao seu redor, mas Harry lançou um olhar curioso para os distintivos em forma de coroa quando passaram pela mesa da Sonserina, e desta vez distinguiu as palavras gravadas:

Weasley é o nosso rei

Com uma sensação desagradável de que aquilo não podia significar nada de bom, ele apressou Rony na travessia do saguão e na descida da escada de pedra, e saíram para o ar gelado.
A grama coberta de gelo produzia um ruído de trituração sob seus pés ao caminharem pelos gramados em direção ao estádio. Não havia vento algum e o céu estava um branco perolado uniforme, o que significava que a visibilidade seria boa, sem o transtorno de receber a luz do sol direto nos olhos. Harry apontou esses dados animadores para Rony, mas não tinha muita certeza de que o amigo o ouvisse.
Angelina já se trocara e estava falando com o resto da equipe quando eles entraram. Harry e Rony vestiram os uniformes (Rony tentou fazer isso de trás

para a frente durante vários minutos até Alícia se apiedar dele e ajudá-lo), depois se sentaram para ouvir a preleção pré-jogo, enquanto lá fora o vozerio não parava de aumentar à medida que os espectadores saíam em um fluxo contínuo do castelo para o campo.

– O.k., acabei de descobrir a escalação final da Sonserina – disse Angelina, consultando um pedaço de pergaminho. – Os batedores do ano passado, Derrick e Bole, saíram, mas parece que o Montague os substituiu pelos gorilas de sempre, em vez de escolher alguém que saiba voar particularmente bem. São dois caras chamados Crabbe e Goyle, não sei muita coisa sobre eles...

– Nós sabemos – disseram Harry e Rony juntos.

– Bom, eles não parecem ter inteligência suficiente para diferenciar as extremidades da vassoura – continuou Angelina, embolsando o pergaminho –, mas, por outro lado, eu sempre me surpreendi que Derrick e Bole conseguissem encontrar o caminho do campo sem precisar de placas de sinalização.

– Crabbe e Goyle são iguais – garantiu-lhe Harry.

Ouviam-se centenas de passos subindo as arquibancadas do campo. Alguns espectadores cantavam, embora Harry não conseguisse entender as palavras. Estava começando a se sentir nervoso, mas sabia que as borboletas em seu estômago não eram nada se comparadas às de Rony, que apertava a barriga e olhava reto em frente outra vez, de queixo duro e a pele cinza-claro.

– Está na hora – avisou Angelina com a voz abafada, consultando o relógio. – Vamos, galera... boa sorte.

A equipe se levantou, pôs as vassouras nos ombros e saiu em fila indiana do vestiário para a claridade ofuscante do dia. Foram saudados por um grande clamor, no qual Harry continuava a ouvir um canto, embora abafado pelos aplausos e vaias.

A equipe da Sonserina já os aguardava formada. Seus jogadores também usavam os tais distintivos em forma de coroa. O novo capitão, Montague, tinha a forma física de Duda Dursley, braços maciços que lembravam presuntos peludos. Atrás dele, rondavam Crabbe e Goyle, quase tão grandes como ele, piscando idiotamente no céu, balançando os bastões novos de batedores. Malfoy estava parado de um lado, a cabeça louro-prateada refletindo o sol. Seus olhos encontraram os de Harry, e ele deu um sorriso debochado, batendo no distintivo que levava ao peito.

– Capitães, apertem as mãos – ordenou Madame Hooch, quando Angelina e Montague se aproximaram. Harry pôde ver que Montague estava tentando quebrar o dedos de Angelina, embora ela nada demonstrasse. – Montem as vassouras...

Madame Hooch levou o apito à boca e soprou.

As bolas foram soltas no ar, e os catorze jogadores dispararam para o alto. Pelo canto do olho, Harry viu Rony passar como um raio em direção às balizas. Harry continuou a subir em alta velocidade, se esquivou de um balaço, e começou a dar uma grande volta pelo campo, procurando no ar um brilho dourado; do outro lado do estádio, Draco Malfoy fazia exatamente a mesma coisa.

"E é Johnson – Johnson com a goles, que jogadora é essa garota, é o que venho dizendo há anos, mas ela continua a não querer sair comigo..."

– JORDAN! – berrou a Profª McGonagall.

"... é só uma gracinha, professora, um toque de interesse humano – e ela se livra de Warrington, passa por Montague, ela – ai – foi atingida nas costas por um balaço lançado por Crabbe... Montague apanha a goles, Montague torna a subir pelo campo e – belo balaço agora de Jorge Weasley, um balaço na cabeça de Montague, que larga a goles, quem a apanha é Katie Bell, Katie Bell da Grifinória atrasa a bola para Alícia Spinnet e Spinnet se afasta..."

Os comentários de Lino Jordan ecoavam pelo estádio, e Harry fazia esforço para escutá-los apesar do assobio do vento em seus ouvidos e do vozerio do público, que berra, vaia e canta.

"... foge de Warrington, evita um balaço – esse foi por pouco, Alícia –, e o público está adorando o jogo, ouçam, que é que eles estão cantando?"

E Lino parou para escutar, a cantoria soou alta e clara na seção verde e prata da Sonserina nas arquibancadas.

Weasley não pega nada
Não bloqueia aro algum
Ei, Ei, Ei, Ei,
Weasley é o nosso rei.

Weasley nasceu no lixo
Sempre deixa a bola entrar
A vitória já é nossa,
Weasley é o nosso rei.

"... e Alícia passa outra vez para Angelina!", gritou Lino, e quando Harry mudou de direção, suas entranhas fervendo com o que acabara de ouvir, percebeu que Lino estava tentando abafar a cantoria.

"Vai Angelina – agora ela só precisa passar pelo goleiro! – ELA CHUTA – ELA – aaah..."

Bletchley, o goleiro de Sonserina, defendeu bem; lançou a goles para

Warrington, que saiu em velocidade, ziguezagueando entre Alícia e Cátia; a cantoria das arquibancadas se tornava cada vez mais alta e ele foi se aproximando de Rony.

Weasley é o nosso rei,
Weasley é o nosso rei,
Sempre deixa a bola entrar
Weasley é o nosso rei.

Harry não conseguiu se conter: abandonando a busca do pomo, virou sua Firebolt para Rony, uma figura solitária na extremidade do campo, planando diante das três balizas enquanto o troncudo Warrington avançava para ele.

"Warrington tem a goles, Warrington vai em direção aos aros, está fora do alcance dos balaços e tem apenas o goleiro pela frente..."

Uma grande onda sonora se elevou das arquibancadas da Sonserina:

Weasley não pega nada
Não bloqueia aro algum...

"... é o primeiro teste do novo goleiro da Grifinória, Weasley, irmão dos batedores Fred e Jorge... é um talento que promete – vamos, garoto!"

Mas o grito de alegria veio do lado da Sonserina: Rony dera um mergulho às cegas, de braços muito abertos, e a goles passara entre eles, atravessando direto o seu aro central.

"Ponto para Sonserina! – entrou a voz de Lino entre os aplausos e vaias do público embaixo – dez a zero para Sonserina – que pouca sorte, Rony!"

Os alunos de Sonserina cantaram ainda mais alto:

WEASLEY NASCEU NO LIXO
EI, EI, EI, EI...

"... e a Grifinória retoma a posse e temos Katie Bell atravessando o campo com energia...", gritou Lino se enchendo de coragem, embora a cantoria agora estivesse tão ensurdecedora que ele mal conseguia se fazer ouvir.

A VITÓRIA JÁ É NOSSA
WEASLEY É-O NOSSO REI...

– Harry, QUE É QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? – berrou Angelina, sobrevoando-o para acompanhar Katie Bell. – MEXA-SE!

Harry se deu conta de que parara no ar por mais de um minuto, observando o andamento da partida sem pensar um instante onde estaria o pomo; horrorizado ele mergulhou e recomeçou a circular o campo, tentando ignorar o coro que agora atroava o estádio:

WEASLEY É O NOSSO REI,
WEASLEY É O NOSSO REI...

Não viu sinal do pomo em lugar algum; Malfoy continuava a circular o estádio como ele. Cruzaram na metade da volta pelo campo, seguindo em direções opostas e Harry ouviu Malfoy cantando em voz alta:

WEASLEY NASCEU NO LIXO...

"... e aí vem Warrington de novo", berrou Lino, "que passa para Pucey, Pucey ultrapassa Alícia, vamos Angelina, dá para pegar ele, afinal não deu, mas foi um belo balaço de Fred Weasley, quero dizer, Jorge Weasley, ah, que diferença faz, foi um dos gêmeos, e Warrington larga a goles e Katie Bell... hum... larga também... então a goles sobra para Montague que sai voando pelo campo, vamos Grifinória, bloqueia ele agora!"

Harry contornou veloz a extremidade do campo por trás das balizas da Sonserina, fazendo força para não olhar para o que estava acontecendo na extremidade do campo defendida por Rony. Quando passou pelo goleiro da Sonserina, ouviu Bletchley acompanhando o coro do público embaixo.

WEASLEY NÃO PEGA NADA...

"... e Pucey se livra mais uma vez de Alícia e ruma diretamente para o gol, segura a bola, Rony!"

Harry não precisou olhar para saber o que acontecera: ouviu-se um gemido terrível no lado da Grifinória, acompanhado de novos gritos e aplausos dos alunos da Sonserina. Olhando para baixo, Harry viu a cara de buldogue de Pansy Parkinson bem na frente da arquibancada, de costas para o campo, regendo a torcida da Sonserina que urrava:

EI, EI, EI, EI
WEASLEY É O NOSSO REI

Mas vinte a zero não era problema, ainda havia tempo para a Grifinória igualar o placar ou capturar o pomo. Uns três gols e eles tomariam a dianteira

como sempre, Harry procurou se tranquilizar, subindo, descendo e entrecruzando com os demais jogadores em busca de um brilho que vira e que, afinal, era a correia do relógio de Montague.

Mas Rony deixou entrar mais dois gols. Havia um toque de pânico no desejo que Harry sentia de encontrar o pomo imediatamente. Se conseguisse capturá-lo logo, terminaria o jogo de uma vez.

“... e Katie Bell da Grifinória escapa de Pucey, se abaixa para fugir de Montague, bela virada, Cátia, e atira para Angelina, que agarra a goles, ultrapassa Warrington, está voando para o gol, vamos, é agora Angelina... E É PONTO PARA GRIFINÓRIA! Quarenta a dez, quarenta a dez para Sonserina, e Pucey tem a posse da goles...”

Harry ouviu o ridículo chapéu de leão de Luna rugir no meio dos vivas da Grifinória e se sentiu fortalecido; apenas trinta pontos de diferença, isso não era nada, podiam se recuperar facilmente. Harry evitou um balaço que Crabbe disparara em sua direção e retomou a varredura frenética do campo em busca do pomo, vigiando, caso Malfoy desse indicação de que o localizara, mas Malfoy, como ele, continuava a voar à volta do estádio, procurando sem sucesso.

“... Pucey atira para Warrington, Warrington para Montague, Montague devolve a Pucey... Johnson intercepta, Johnson toma a goles, atira para Bell, a coisa parece boa – quero dizer – ruim – Bell é atingida por um balaço de Goyle, da Sonserina, e é Pucey quem retoma a...”

WEASLEY NASCEU NO LIXO
SEMPRE DEIXA A BOLA ENTRAR
A VITÓRIA JÁ É NOSSA...

Finalmente Harry o viu: o minúsculo pomo de ouro esvoaçava a poucos metros do chão no campo da Sonserina.

Ele mergulhou...

Em questão de segundos, Malfoy veio varando o céu à esquerda de Harry, um borrão verde e prata deitado sobre a vassoura...

O pomo contornou a base de uma das balizas e saiu para o outro lado das arquibancadas; sua mudança de direção beneficiou Malfoy, que estava mais próximo; Harry inverteu o rumo da sua Firebolt, e ele e Malfoy estavam agora emparelhados.

À curta distância do chão, Harry ergueu a mão direita da vassoura, esticou-a para o pomo... à direita, o braço estendido de Malfoy também esticou, tateou...

Tudo terminou em dois segundos desesperados, esbaforidos, vertiginosos – os dedos de Harry se fecharam sobre a bolinha minúscula e rebelde – as unhas de

Malfoy tentaram agarrá-la inutilmente nas costas da mão do oponente – Harry empinou a vassoura, apertando na mão a bola que se debatia, e os espectadores da Grifinória gritaram sua aprovação ao lance...

Estavam salvos, não importava que Rony tivesse deixado entrar aqueles gols, ninguém se lembraria desde que a Grifinória tivesse ganhado...

TAPUM.

Um balaço atingiu Harry nos rins e ele foi lançado para fora da vassoura. Por sorte, estava a menos de dois metros do chão, pois mergulhara muito baixo para apanhar o pomo, mas ficou sem ar e caiu com as costas chapadas no chão congelado. Ele ouviu o apito agudo de Madame Hooch, um clamor nas arquibancadas em que se misturavam assobios, berros furiosos e vaias, um baque e, então, a voz frenética de Angelina.

– Você está bem?

– Claro que estou – respondeu Harry carrancudo, segurando sua mão e deixando que ela o ajudasse a se levantar. Madame Hooch voava velozmente em direção a um dos jogadores da Sonserina acima, embora, do ângulo em que estava, ele não conseguisse ver quem era.

– Foi aquele bandido do Crabbe – disse Angelina, furiosa –, atirou o balaço no momento em que viu que você tinha capturado o pomo... mas nós ganhamos, Harry, nós ganhamos!

Harry ouviu um bufo às costas e se virou, ainda apertando o pomo na mão: Draco Malfoy pousara ali perto. O rosto branco de fúria, ainda assim conseguia desdenhar.

– Salvou o pescoço do Weasley, não foi? Nunca vi um goleiro pior... mas também, *nasceu no lixo*... gostou da minha letra, Potter?

Harry não respondeu. Virou-se para se reunir ao resto de sua equipe que agora aterrissava, um a um, berrando e dando socos no ar; todos, exceto Rony, que desmontara da vassoura próximo às balizas e parecia estar caminhando lentamente para os vestiários, sozinho.

– Queríamos acrescentar mais uns versos! – gritou Malfoy, enquanto Cátia e Alícia abraçavam Harry. – Mas não encontramos rimas para gorda e feia, queríamos cantar alguma coisa sobre a mãe dele, sabe...

– Inveja mata – disse Angelina, lançando a Malfoy um olhar enojado.

– ... também não conseguimos encaixar “*fracassado inútil*”... para o pai dele, sabe...

Fred e Jorge perceberam o que Malfoy estava dizendo. A meio caminho de apertar a mão de Harry, eles se retesaram, encarando Malfoy.

– Deixa para lá! – disse Angelina na mesma hora, segurando o braço de Fred. – Deixa para lá, Fred, deixa ele gritar, ele só está frustrado porque perdeu, o

metido...

– ... mas você gosta dos Weasley, não é Potter? – continuou Malfoy, caçoando. – Passa as férias lá e tudo, não é? Não sei como você aguenta o fedor, mas suponho que para alguém criado por trouxas, até o pardieiro dos Weasley cheira bem...

Harry agarrou Jorge. Entrementes, eram necessários os esforços conjuntos de Angelina, Alícia e Cátia para impedir Fred de pular em cima de Malfoy, que ria abertamente. Harry olhou para os lados procurando Madame Hooch, mas ela ainda estava brigando com Crabbe por seu ataque ilegal com o balaço.

– Ou vai ver – disse Malfoy, recuando com um sorriso debochado – você se lembra de como a casa da sua mãe fedia, Potter, e o chiqueiro dos Weasley faz lembrar dela...

Harry não percebeu que largara Jorge, só soube é que um segundo depois os dois estavam atracados com Malfoy. Esquecera-se completamente de que todos os professores estavam assistindo; tudo que queria era infligir a Malfoy o máximo de dor possível; sem tempo para puxar a varinha, ele apenas recuou, o punho fechado sobre o pomo, e enterrou-o com toda a força que pôde no estômago de Malfoy...

– Harry! HARRY! JORGE! *NÃO!*

Ele ouvia as garotas gritando, Malfoy berrando, Jorge xingando, um apito tocando e os urros do público, mas ele não deu atenção a nada. Até alguém próximo gritar *Impedimenta!*, e ele ser derrubado de costas no chão por força do feitiço, não desistiu da tentativa de socar cada centímetro de Malfoy ao alcance de sua mão.

– Que é que você acha que está fazendo? – berrou Madame Hooch, quando Harry se levantou de um salto. Aparentemente fora ela quem o atingira com a Azaração de Impedimento; a juíza segurava o apito em uma das mãos e a varinha na outra; largara a vassoura a alguns passos de distância. Malfoy estava dobrado no chão, choramingando e gemendo, o nariz ensanguentado; Jorge exibia um lábio inchado; Fred ainda estava sendo contido à força por três artilheiros, e Crabbe dava gargalhadas mais atrás. – Nunca vi um comportamento igual, já para o castelo, os dois, e direto para a sala da diretora de sua Casa! Vão! *Agora!*

Harry e Jorge saíram do campo, ofegantes, sem trocar palavra. Os uivos e as vaias do público foram se tornando mais fracos à medida que se aproximavam do saguão de entrada, onde não ouviam nada exceto o som dos próprios passos. Harry se deu conta de que alguma coisa ainda se debatia em sua mão direita, cujos nós ele ferira ao bater no queixo de Malfoy. Baixando os olhos, viu as asas de prata do pomo saindo por entre seus dedos, tentando se libertar.

Haviam acabado de chegar à porta da sala da Profª McGonagall quando ela apareceu marchando pelo corredor atrás deles. Usava o cachecol da Grifinória, mas arrancou-o do pescoço com as mãos trêmulas ao se aproximar, com o rosto lívido.

– Entrem! – ordenou furiosa, apontando para a porta. Harry e Jorge obedeceram. Ela deu a volta à escrivaninha e os encarou, tremendo de raiva, atirando o cachecol ao chão. – *Então?* Nunca vi uma exibição tão vergonhosa. Dois contra um! Expliquem-se!

– Malfoy nos provocou – disse Harry formalmente.

– Provocou vocês? – gritou a professora, batendo na mesa com tanta força que uma lata escorregou para um lado e se abriu, enchendo o chão de lagartos de gengibre. – Ele tinha acabado de perder, não tinha? Claro que queria provocar vocês! Mas o que pode ter dito para justificar o que vocês dois...

– Ele insultou meus pais – vociferou Jorge. – E a mãe de Harry.

– Mas em vez de deixarem Madame Hooch resolver vocês dois decidiram fazer uma exibição de duelo de trouxas, não foi? – urrou a Profª McGonagall. – Vocês têm ideia do que...

– *Hem, hem.*

Harry e Jorge se viraram rápido. Dolores Umbridge estava parada à porta da sala, envolta em uma capa de *tweed* verde que enfatizava enormemente sua semelhança com um sapo gigante, e sorria daquele jeito horrível, doentio e agourento que Harry aprendera a associar com desgraça iminente.

– Posso ajudar, Profª McGonagall? – perguntou ela com sua voz meiga mas venenosa.

O sangue afluiu ao rosto de McGonagall.

– Ajudar? – repetiu, num tom de voz controlado. – Que é que você quer dizer com *ajudar*?

A Profª Umbridge entrou na sala, ainda exibindo seu sorriso doentio.

– Ora, achei que poderia agradecer um reforço de autoridade.

Harry não teria se surpreendido de ver faíscas saltarem das narinas da Profª McGonagall.

– Pois se enganou – disse ela voltando as costas à Umbridge. – Agora, é bom os dois me ouvirem com atenção. Não sei qual foi a provocação que Malfoy fez, não quero saber se ele ofendeu cada membro das suas famílias, o seu comportamento foi vergonhoso e vou dar a cada um uma semana de detenção! Não olhe assim para mim, Potter, você mereceu! E se um dos dois voltar...

– *Hem, hem.*

A Profª McGonagall fechou os olhos como se rezasse pedindo paciência

quando tornou a voltar o rosto para a Profª Umbridge.
– *Sim?*
– Acho que eles merecem muito mais do que detenções – disse Umbridge ampliando o sorriso.
Os olhos de McGonagall se abriram de repente.
– Mas, infelizmente – disse, tentando retribuir o sorriso, o que fazia parecer que estivesse acometida de tétano –, o que conta é o que eu penso, porque eles pertencem à minha Casa, Dolores.
– Bom, Minerva, *na realidade* – disse Umbridge afetando um sorriso –, acho que você vai descobrir que o que eu penso *realmente* conta. Vejamos, onde está? Cornélio acabou de me enviar... quero dizer – ela deu uma risa-dinha fingida enquanto remexia na bolsa – o *ministro* acabou de me enviar... ah, sim...
Puxou um pergaminho que agora começava a desdobrar, pigarreando com exagero antes de começar a lê-lo.
– *Hem, hem...* Decreto Educacional nº. 25.
– Mais um, não! – explodiu a Profª McGonagall.
– É, mais um – respondeu a outra ainda sorrindo. – Aliás, Minerva, foi você que me fez ver que *preci sávamos* de mais uma emenda... lembra-se de como você passou por cima da minha cabeça, quando eu não quis deixar a equipe de quadribol da Grifinória se reorganizar? Como você levou o caso a Dumbledore, que insistiu que a equipe tivesse permissão de jogar? Então, agora eu não poderia permitir isso. Entrei imediatamente em contato com o ministro, e ele concordou comigo que a Alta Inquisidora precisa ter o poder de retirar privilégios de alunos, ou ela, ou seja, eu, teria menos autoridade que os professores comuns. E você está vendo agora, não está, Minerva, como eu tinha razão em tentar impedir a equipe da Grifinória de se reorganizar? Temperamentos *violentos*... em todo o caso, eu estava lendo a emenda para você... *hem, hem...* "Doravante a Alta Inquisidora terá autoridade suprema sobre todas as punições, sanções e cortes de privilégios referentes aos estudantes de Hogwarts, e o poder de alterar tais punições, sanções e cortes de privilégios que tiverem sido ordenados por outros membros do corpo docente. Assinado, Cornélio Fudge, ministro da Magia, Ordem de Merlim Primeira Classe etc. etc."
Ela enrolou o pergaminho e tornou a guardá-lo na bolsa, ainda sorrindo.
– Portanto... eu realmente acho que terei de proibir esses dois de voltarem a jogar quadribol para sempre – disse ela, olhando de Harry para Jorge e de volta a McGonagall.
Harry sentiu o pomo se debater enlouquecido em sua mão.
– Nos proibir? – disse ele, e sua voz lhe pareceu estranhamente distante. – De

voltar a jogar... para sempre?
– É, Potter, acho que uma proibição definitiva deve funcionar – disse Umbridge, ampliando o seu sorriso ao observar o esforço do garoto para compreender o que ela acabara de dizer. – O senhor *e* o Sr. Weasley aqui. E acho que, para ficarmos seguros, o gêmeo deste rapaz também deve ser proibido, se os seus companheiros de equipe não o tivessem contido, estou certa de que teria atacado o jovem Sr. Malfoy também. Quero que suas vassouras sejam confiscadas, naturalmente. E as guardarei em segurança na minha sala para ter certeza de que não desobedecerão à minha proibição. Mas não sou injusta, Profª McGonagall – continuou ela, voltando-se para a colega, que agora olhava para ela de pé e tão imóvel que parecia esculpida em gelo. – O resto do time pode continuar jogando, não vi sinais de violência em nenhum *deles*. Bom... boa-tarde para todos.
E com uma expressão satisfeitíssima, Umbridge saiu da sala, deixando atrás de si um silêncio horrorizado.

– Proibidos – ressoou a voz de Angelina, mais tarde naquela noite na sala comunal. – *Proibidos*. Sem apanhador e sem batedores... que meleca é que nós vamos fazer?
Nem parecia que haviam ganhado o jogo. Para todo o lado que Harry olhava havia rostos desolados e enfurecidos; os jogadores da equipe estavam largados em volta da lareira, todos menos Rony, que não era visto desde o final da partida.
– É tão injusto – disse Alícia, atordoada. – Quero dizer, e Crabbe e aquele balaço que ele lançou depois que o apito já tinha tocado? Ela proibiu o *Crabbe*?
– Não – respondeu Gina, infeliz; ela e Hermione estavam sentadas de cada lado de Harry. – Crabbe recebeu frases para escrever, ouvi Montague contar isso às gargalhadas na hora do jantar.
– E proibir o Fred quando ele nem fez nada! – admirou-se Alícia furiosa, batendo com o punho no joelho.
– Não é minha culpa se não fiz – disse Fred, com uma expressão feroz no rosto –, eu teria quebrado aquele merdinha todo se vocês três não estivessem me segurando.
Harry contemplava, infeliz, a vidraça escura. A neve caía. O pomo que ele apanhara mais cedo voava sem parar pela sala comunal; as pessoas acompanhavam sua trajetória como se estivessem hipnotizadas, e Bichento saltava de uma cadeira para outra, tentando apanhá-lo.
– Vou me deitar – disse Angelina, levantando-se devagar. – No final, a gente talvez descubra que tudo isso não passou de um sonho mau... talvez eu acorde amanhã e descubra que ainda não jogamos...

Logo Alícia e Cátia a acompanharam. Fred e Jorge subiram algum tempo depois, fechando a cara para todos por quem passavam, e Gina não se demorou muito mais. Somente Harry e Hermione continuaram ao pé da lareira.

– Você viu Rony? – perguntou Hermione em voz baixa.

Harry balançou a cabeça.

– Acho que ele está nos evitando. Onde é que você acha que ele...

Mas, neste exato momento, ouviram um rangido, o retrato da Mulher Gorda girou e Rony atravessou o buraco do retrato. Estava de fato muito pálido e havia neve em seus cabelos. Quando viu Harry e Hermione, ele parou de chofre.

– Onde você esteve? – perguntou Hermione, ansiosa, se erguendo.

– Andando – murmurou. Ele ainda usava o uniforme de quadribol.

– Você parece enregelado – disse Hermione. – Vem sentar aqui com a gente!

Rony foi até a lareira e se largou na poltrona mais distante de Harry, sem olhá-lo. O pomo roubado sobrevoava suas cabeças.

– Sinto muito – murmurou ele, olhando para os pés.

– Pelo quê? – perguntou Harry.

– Por pensar que sabia jogar quadribol. Vou pedir demissão logo de manhã.

– Se você pedir demissão – disse Harry irritado –, só sobrarão três jogadores na equipe. – E quando Rony o olhou intrigado, ele informou: – Fui proibido de jogar definitivamente. Fred e Jorge também.

– Quê? – gritou Rony.

Hermione contou-lhe a história toda. Harry não suportaria repeti-la. Quando terminou, Rony pareceu mais agoniado que nunca.

– Tudo isso foi minha culpa...

– Você não me *fez* bater em Malfoy – respondeu Harry, zangado.

– ... se eu não fosse tão ruim em quadribol...

– Não tem nada a ver.

– ... foi aquela música que me deixou nervoso...

– ... teria deixado qualquer um nervoso.

Hermione se levantou e foi até a janela, para se afastar da discussão, olhar os flocos de neve caírem em rodopios contra a vidraça.

– Olha aqui, para com isso, tá! – explodiu Harry. – Já tá bem ruim sem você se culpar por tudo!

Rony se calou, mas ficou sentado olhando infeliz para a barra molhada das vestes. Passado algum tempo, disse, sem graça:

– Nunca me senti tão mal na vida.

– Entre para o nosso clube – respondeu Harry com amargura.

– Bom – disse Hermione, a voz ligeiramente trêmula: – Sei de uma coisa que pode animar os dois.

– Ah, é? – disse Harry, incrédulo.

– É – respondeu ela se afastando da janela escuríssima, salpicada de flocos, um grande sorriso a iluminar seu rosto: – Hagrid voltou.

— CAPÍTULO VINTE —
A história de Hagrid

Harry correu ao dormitório dos meninos para apanhar a Capa da Invisibilidade e o Mapa do Maroto em seu malão; foi tão rápido, que ele e Rony se aprontaram para sair pelo menos cinco minutos antes de Hermione voltar apressada do dormitório das meninas, usando cachecol, luvas e um dos gorros que fizera para os elfos.

– Ora, está frio lá fora! – defendeu-se, quando Rony deu um muxoxo de impaciência.

Passaram sorrateiros pelo buraco do retrato, e se cobriram depressa com a capa – Rony crescera tanto que agora precisava se encolher para impedir que os pés aparecessem –, então, andando devagar e cautelosamente, eles desceram as várias escadas, parando a intervalos para verificar no mapa sinais de Filch ou de Madame Nor-r-ra. Tiveram sorte; não viram ninguém exceto Nick Quase Sem Cabeça, que flutuava distraído, cantarolando de boca fechada algo que lembrava horrivelmente "Weasley é nosso rei". Eles se esquivaram pelo saguão de entrada e daí para os terrenos nevados e silenciosos da escola. Com o coração batendo forte, Harry viu quadradinhos de luz dourados à frente e fumaça saindo em espirais pela chaminé de Hagrid. Saiu em passo acelerado, os outros dois se acotovelando e dando encontrões para acompanhá-lo. Excitados, esmagavam ao caminhar a neve que se adensava, e finalmente chegaram à porta de madeira da cabana. Quando Harry levantou o punho e bateu três vezes, um cachorro começou a latir excitado dentro da casa.

– Hagrid, somos nós! – disse Harry pelo buraco da fechadura.

– Eu devia saber! – exclamou uma voz rouca.

Os garotos sorriram um para o outro sob a capa; podiam adivinhar pela voz de Hagrid que ele estava satisfeito.

– Cheguei há três minutos... *sai da frente,* Canino... sai da frente, cachorro

burro...

A tranca foi retirada, a porta se abriu com um rangido e a cabeça de Hagrid apareceu na fresta.

Hermione gritou.

– Pelas barbas de Merlim, fale baixo! – disse Hagrid depressa, olhando assustado por cima da cabeça dos garotos. – Debaixo da capa, é? Vamos, entrem, entrem!

– Desculpe! – exclamou Hermione, enquanto os três se espremiam para entrar na casa de Hagrid e puxavam a capa para ele poder vê-los. – Eu só... ah, *Hagrid*!

– Não foi nada, não foi nada! – apressou-se Hagrid a dizer, fechando a porta e correndo para fechar todas as cortinas, mas Hermione continuava a contemplá-lo horrorizada.

Os cabelos dele estavam empastados de sangue e o olho esquerdo fora reduzido a uma fenda inchada, no meio de uma massa roxa e preta. Havia muitos cortes em seu rosto e em suas mãos, alguns ainda sangrando, e ele andava desengonçado, fazendo Harry suspeitar de que tivesse quebrado algumas costelas. Era óbvio que acabara de chegar; uma grossa capa de viagem estava jogada por cima de uma cadeira e uma mochila suficientemente grande para caber várias criancinhas estava apoiada na parede ao lado da porta. Hagrid, duas vezes o tamanho de um homem normal, agora mancava até a lareira para pendurar nela uma chaleira de cobre.

– Que foi que aconteceu com você? – quis saber Harry, enquanto Canino dançava em volta dos três, tentando lamber seus rostos.

– Já disse, *nada* – respondeu Hagrid com firmeza. – Quer uma xícara?

– Para com isso – disse Rony –, você está todo arrebentado.

– Estou dizendo, estou bem – insistiu Hagrid, se erguendo e tentando sorrir para os garotos, mas fazendo caretas. – Caramba, como é bom ver vocês três de novo, foram boas as férias, eh?

– Hagrid você foi atacado! – comentou Rony.

– Pela última vez, não foi nada! – repetiu Hagrid.

– Você diria que não foi nada se um de nós aparecesse com um quilo de carne moída no lugar da cara? – perguntou Rony.

– Você devia procurar Madame Pomfrey – disse Hermione com ansiedade na voz –, alguns desses cortes estão bem feios.

– Vou cuidar deles, está bem? – retrucou ele, desencorajando perguntas.

Hagrid foi até a enorme mesa de madeira que ficava no centro da cabana e puxou para o lado uma toalha de chá que a cobria. Embaixo, havia um pedaço de carne crua, sangrenta e levemente esverdeada, um pouco maior que um pneu normal.

– Você não vai comer isso, vai, Hagrid? – perguntou Rony se aproximando da carne para ver melhor. – Parece envenenada.

– É assim que deve parecer, é carne de dragão. E não a trouxe para comer.

Ele apanhou a carne e chapou-a do lado esquerdo do rosto. Sangue esverdeado escorreu para sua barba, e ele deu um gemido de satisfação.

– Assim está melhor. Alivia a dor, sabem.

– Então, vai nos contar o que aconteceu com você? – perguntou Harry.

– Não posso, Harry. Ultraconfidencial. Vai custar mais do que o meu emprego se eu lhe contar.

– Foram os gigantes que o espancaram, Hagrid? – perguntou Hermione baixinho.

Os dedos de Hagrid afrouxaram sobre a carne de dragão, e ela escorregou sumarenta para o seu peito.

– Gigantes?! – exclamou ele, segurando o enorme bife antes que chegasse ao cinto e repondo-o no rosto. – Quem foi que falou em gigantes? Com quem vocês andaram conversando? Quem disse a vocês que eu estive... quem disse que eu estive... eh?

– Adivinhamos – disse Hermione em tom de quem se desculpa.

– Ah, foi é, foi é? – tornou Hagrid, fixando-a severamente com o olho que não estava tapado pela carne.

– Foi meio... óbvio – disse Rony. Harry confirmou com a cabeça.

Hagrid arregalou os olhos para eles, em seguida bufou, atirou a carne de volta à mesa e foi ver a chaleira, que agora assobiava.

– Nunca vi garotos para saber mais do que devem como vocês – murmurou, derramando água fervendo em três dos seus canecões em forma de balde. – E isso não é um elogio, não. Abelhudos, é como chamam. Intrometidos.

Mas sua barba tremeu.

– Então você foi procurar os gigantes? – disse Harry, sorridente, sentando-se à mesa.

Hagrid pôs o chá diante de cada um, sentou-se, tornou a apanhar a carne e a chapá-la no rosto.

– Está bem – resmungou. – Fui.

– E encontrou-os? – perguntou Hermione, abafando a voz.

– Bom, eles não são difíceis de encontrar, para ser sincero – disse Hagrid. – Bem grandinhos, sabem.

– Onde é que eles ficam? – perguntou Rony.

– Nas montanhas – disse Hagrid de má vontade.

– Então por que os trouxas não...?

– Encontram, sim – disse Hagrid sombriamente. – Só que as mortes deles

sempre são divulgadas como acidentes de montanhismo, não é mesmo?
Ele ajeitou melhor a carne de modo a fazê-la cobrir a parte mais machucada.
– Vamos, Hagrid, conte pra gente o que você andou fazendo! – disse Rony. – Conte pra gente como foi atacado pelos gigantes e Harry pode lhe contar como foi atacado pelos Dementadores...
Hagrid engasgou dentro da caneca e largou a carne, tudo ao mesmo tempo: uma grande quantidade de cuspe, chá e sangue de dragão salpicou a mesa, enquanto o gigante tossia e tentava falar e a carne escorregava devagarinho e batia com suavidade no chão.
– Como assim, atacado por Dementadores? – rosnou Hagrid.
– Você não soube? – perguntou-lhe Hermione, arregalando os olhos.
– Não sei nada do que andou acontecendo desde que viajei. Estive em uma missão secreta, e não queria corujas me seguindo por toda parte. Dementadores desgraçados! Você não está falando sério!
– Estou, sim, apareceram em Little Whinging e atacaram a mim e meu primo, e então o Ministério da Magia me expulsou...
– QUÊ?
– ... e tive de comparecer a uma audiência e tudo, mas conte à gente sobre os gigantes, primeiro.
– Você foi *expulso*?
– Conte as suas férias de verão e lhe contarei as minhas.
Hagrid lhe deu um olhar penetrante com o único olho aberto. Harry sustentou esse olhar, com uma expressão de inocente determinação no rosto.
– Ah, tá bem – conformou-se Hagrid.
Ele se abaixou e arrancou a carne de dragão da boca de Canino.
– Ah, Hagrid, não faz isso, não é higiê... – começou Hermione, mas Hagrid já tacara a carne no olho inchado.
Tomou outro gole restaurador de chá, depois contou:
– Bom, viajamos assim que o ano letivo terminou...
– Madame Maxime foi com você, então? – interrompeu Hermione.
– É, foi – confirmou Hagrid, e uma expressão branda apareceu nos poucos centímetros de rosto que não estavam sombreados pela barba ou pela carne verde. – É, fomos só nós dois. E vou dizer uma coisa, ela não tem medo de dureza, a Olímpia. Sabem, é uma mulher fina e bem vestida, e, sabendo aonde íamos, fiquei imaginando como iria se sentir escalando montanhas e dormindo em grutas e tudo, mas ela não reclamou nem uma vez.
– Você sabia aonde estavam indo? – perguntou Harry. – Sabia onde os gigantes estavam?
– Bom, Dumbledore sabia e nos disse.

– Eles ficam escondidos? – perguntou Rony. – É segredo onde eles moram?
– Não, não é – respondeu Hagrid, sacudindo a cabeça peluda. – É só que a maioria dos bruxos não tem interesse em saber, desde que estejam bem longe. Mas o lugar em que eles moram é bem difícil de se alcançar, pelo menos para os humanos, então precisávamos das instruções de Dumbledore. Levamos um mês para chegar lá...
– Um *mês*?! – exclamou Rony, como se nunca tivesse ouvido falar em uma viagem que durasse um tempo tão ridiculamente longo. – Mas por que você não podia simplesmente pegar uma Chave de Portal ou outro transporte qualquer?
Passou uma expressão curiosa pelo olho destampado de Hagrid ao fitar Rony; era quase um olhar de pena.
– Estávamos sendo vigiados, Rony – respondeu rouco.
– Como assim?
– Você não entende. O Ministério está de olho em Dumbledore e em todo o mundo que acha que é partidário dele, e...
– Nós sabemos disso – Harry apressou-se a dizer, interessado em ouvir o resto da história –, nós sabemos que o Ministério está vigiando Dumbledore.
– Por isso você não podia usar magia para chegar lá? – perguntou Rony, perplexo. – Vocês tiveram de agir como trouxas *o caminho todo*?
– Bom, não foi bem o caminho todo – explicou Hagrid com ar astuto. – Só precisamos ter cuidado, porque Olímpia e eu damos um pouco na vista...
Rony fez um ruído entre um bufo e uma fungada, e tomou depressa um gole de chá.
– ... então não somos difíceis de seguir. Fingimos que estávamos tirando umas férias juntos, então chegamos à França e agimos como se estivéssemos indo para o lugar onde fica a escola de Olímpia, porque sabíamos que estávamos sendo seguidos por alguém do Ministério. Tivemos de viajar devagar, porque não tenho permissão de usar magia, e sabíamos que o Ministério estava procurando uma desculpa para nos prender. Mas conseguimos enganar a anta que estava nos seguindo nos arredores de Di-Jão...
– Aaaah, Dijon?! – exclamou Hermione, excitada. – Estive lá nas férias. Você viu...?
Calou-se ao ver a cara de Rony.
– Depois disso, nos arriscamos a usar um pouco de magia e não foi uma viagem ruim. Demos de cara com uns trasgos malucos na fronteira com a Polônia e tive uma ligeira discordância com um vampiro em um *pub* de Minsk, mas, fora isso, não poderia ter sido mais tranquila.
"Então, chegamos ao lugar e começamos a subir as montanhas procurando sinais deles..."

“Tivemos de abandonar a magia quando nos aproximamos mais. Em parte, porque eles não gostam de bruxos e não queríamos deixá-los irritados muito cedo e, em parte, porque Dumbledore nos prevenira que Você-Sabe-Quem devia estar atrás dos gigantes e tudo. Disse que era quase certo que já tivesse despachado um mensageiro. Disse que tivéssemos muito cuidado para não chamar atenção quando nos aproximássemos, para o caso de haver Comensais da Morte por perto.”

Hagrid fez uma pausa para tomar um grande gole de chá.

– Continua! – pediu Harry pressuroso.

– Encontrei eles – disse Hagrid, resumindo. – Passamos por uma crista de montanha uma noite e lá estavam eles, acampados do outro lado. Pequenas fogueiras acesas embaixo e enormes sombras... parecia que estávamos vendo partes da montanha se mexendo.

– Que tamanho eles têm? – perguntou Rony com a voz abafada.

– Uns seis metros – disse Hagrid com displicência. – Alguns dos maiores talvez tivessem uns sete metros.

– E quantos havia? – perguntou Harry.

– Calculo que uns setenta ou oitenta.

– Só? – admirou-se Hermione.

– É – respondeu Hagrid com tristeza –, restam oitenta e havia muitos mais, devia ter umas cem tribos diferentes em todo o mundo. Mas já faz muito tempo que estão morrendo. Os bruxos mataram alguns, é claro, mas principalmente os gigantes se mataram uns aos outros e agora estão morrendo mais rápido que nunca. Não foram feitos para viver agrupados. Dumbledore diz que a culpa é nossa, foram os bruxos que os forçaram a morar bem longe, e que eles não tiveram escolha senão ficar juntos para a própria proteção.

– Então, você os viu e aí?

– Bom, esperamos até amanhecer, não queríamos nos aproximar no escuro, escondidos, para nossa própria segurança – disse Hagrid. – Lá pelas três horas da manhã, eles dormiram onde estavam sentados mesmo. Não tivemos coragem de dormir. Primeiro porque queríamos ter certeza de que nenhum deles ia acordar e subir até onde estávamos, e segundo porque os roncos eram incríveis. Provocaram uma avalanche pouco antes do dia clarear.

“Em todo o caso, quando clareou descemos para falar com eles.”

– Assim? – perguntou Rony, parecendo assombrado. – Vocês simplesmente entraram em um acampamento de gigantes?

– Bom, Dumbledore disse à gente como fazer. Dar presentes ao Gurgue, apresentar os respeitos, vocês sabem.

– Dar presentes ao *quê*?

– Ah, ao Gurgue, quer dizer, chefe.
– Como é que você sabia qual era o Gurgue? – perguntou Rony.
Harry achou graça.
– Sem problema. Era o maior, o mais feio e o mais preguiçoso. Sentado ali, esperando que os outros lhe levassem comida. Cabras mortas e coisas do gênero. O nome era Karkus, calculo que tivesse uns vinte e dois, vinte e três anos, e o peso de um elefante macho adulto. A pele feito couro de rinoceronte e tudo.
– E você simplesmente foi até ele? – perguntou Hermione, ofegante.
– Bom... *desci* até ele, até onde estava deitado no vale. Os gigantes acamparam nessa depressão entre quatro montanhas bastante altas, entendem, à margem de um lago, e Karkus estava deitado ali, bradando para os outros alimentarem ele e a mulher. Olímpia e eu descemos a encosta da montanha...
– Mas eles não tentaram matar vocês quando os viram? – perguntou Rony incrédulo.
– Com certeza era o que estava na cabeça de alguns – disse Hagrid, encolhendo os ombros –, mas fizemos o que Dumbledore nos tinha dito para fazer, erguer o presente bem alto, manter os olhos no Gurgue e não dar atenção aos outros. Então, foi o que fizemos. E eles ficaram quietos, observando a gente passar, chegamos até os pés de Karkus, nos curvamos e colocamos o nosso presente na frente dele.
– Que é que se dá a um gigante? – perguntou Rony curioso. – Comida?
– Nam, ele não tem problema para arranjar comida. Levamos uma coisa mágica. Gigantes gostam de magia, só não gostam quando a usamos contra eles. Em todo o caso, naquele primeiro dia demos um ramo de fogo gubraiciano.
Hermione exclamou baixinho:
– Uau! – Mas Harry e Rony enrugaram a testa intrigados.
– Um ramo de...?
– Fogo perpétuo – disse Hermione, irritada. – Vocês já deviam conhecer. O Prof. Flitwick já mencionou esse tal fogo no mínimo duas vezes em aula.
– Bom, em todo o caso – disse Hagrid depressa, intervindo antes que Rony pudesse responder. – Dumbledore enfeitiçou o ramo para arder para sempre, o que não é coisa que qualquer bruxo possa fazer, então eu o depositei na neve aos pés de Karkus e disse: Um presente para o Gurgue dos gigantes de Alvo Dumbledore, que lhe envia respeitosos cumprimentos.
– E que foi que Karkus disse? – perguntou Harry, ansioso.
– Nada. Não falava inglês.
– Tá brincando!
– Não fez diferença – continuou Hagrid, imperturbável. – Dumbledore tinha avisado que isso podia acontecer. Karkus sabia o suficiente para dar um berro e

chamar uns gigantes que sabiam a nossa língua, e eles traduziram para nós.

– E ele gostou do presente? – perguntou Rony.

– Ah, sim, fizeram um alvoroço quando entenderam o que era – disse Hagrid, virando o pedaço de carne para pôr o lado mais frio sobre o olho inchado. – Ficou muito satisfeito. Então eu disse: “Alvo Dumbledore pede ao Gurgue para falar com o seu mensageiro quando ele voltar amanhã com outro presente.”

– Por que você não podia falar naquele dia mesmo? – perguntou Hermione.

– Dumbledore queria que a gente fosse muito devagar. Deixasse eles verem que cumprimos nossas promessas. *Voltaremos amanhã com outro presente*, e então voltar com outro presente, dá uma boa impressão, entende? E dá tempo a eles para experimentarem o primeiro presente e descobrir que é bom, e fazer eles quererem mais. Em todo o caso, gigantes como Karkus... se a gente dá informações demais, nos matam só para simplificar as coisas. Então, recuamos com uma reverência e fomos embora, arranjamos uma pequena gruta para passar a noite e, na manhã seguinte, voltamos e desta vez encontramos Karkus sentado esperando por nós e demonstrando ansiedade.

– E você falou com ele?

– Ah, sim. Primeiro lhe demos de presente um bonito elmo de guerra, indestrutível, feito por duendes, sabem, e então sentamos e conversamos.

– Que foi que ele disse?

– Não falou muito. Ouviu a maior parte do tempo. Mas fez sinais positivos. Ele já ouvira falar de Dumbledore, ouvira que ele fora contra matar os últimos gigantes na Inglaterra. Karkus pareceu estar muito interessado no que Dumbledore tinha a dizer. E alguns dos outros, principalmente os que sabiam algum inglês, se reuniram a nossa volta e também escutaram. Estávamos muito esperançosos quando nos despedimos naquele dia. Prometemos voltar no dia seguinte com outro presente.

“Mas naquela noite tudo desandou.”

– Como assim? – perguntou Rony depressa.

– Bom, como eu disse, eles não nasceram para viver juntos, os gigantes – disse Hagrid tristemente. – Não em grupos grandes como aquele. Não conseguem se refrear, quase se matam uns aos outros a intervalos de semanas. Os homens lutam entre eles e as mulheres lutam entre elas; os que sobram das antigas tribos lutam entre si, e isso sem falar nas disputas por comida e melhores fogueiras e lugares para dormir. Seria de se esperar, já que a raça toda está quase desaparecendo, que parassem com isso, mas...

Hagrid deu um profundo suspiro.

– Naquela noite houve uma briga, assistimos da entrada da nossa caverna, de onde se via o vale. Durou horas, você não acreditaria no barulho. E, quando o sol

nasceu, a neve estava vermelha e a cabeça dele no fundo do lago.
– A cabeça de quem?! – exclamou Hermione.
– De Karkus – disse Hagrid, pesaroso. – Havia um novo Gurgue, Golgomate. – Ele tornou a suspirar. – Bom, não tínhamos contado com um novo Gurgue dois dias depois de fazer contato amigável com o primeiro, e tínhamos a estranha impressão de que Golgomate não estaria tão interessado em nos escutar, mas precisávamos tentar.
– Vocês foram falar com ele? – perguntou Rony, incrédulo. – Depois de terem visto ele arrancar a cabeça de outro gigante?
– Claro que fomos – disse Hagrid –, não tínhamos viajado tão longe para desistir em dois dias! Descemos com o presente que pretendíamos dar a Karkus.
“Percebi que não ia adiantar antes mesmo de abrir a boca. Ele estava sentado lá com o elmo de Karkus na cabeça, rindo da gente, quando nos aproximamos. Ele é vigoroso, um dos maiores do grupo. Cabelos pretos e dentes da mesma cor e um colar de ossos. Alguns dos ossos me pareceram humanos. Bom, resolvi tentar, entreguei a ele um enorme rolo de couro de dragão, e disse: ‘Um presente para o Gurgue dos gigantes.’ No instante seguinte eu estava pendurado no ar de cabeça para baixo, agarrado por dois companheiros dele.”
Hermione levou as duas mãos à boca.
– E como foi que você saiu *dessa*? – perguntou Harry.
– Não teria saído se Olímpia não estivesse lá – disse Hagrid. – Ela puxou a varinha e executou feitiços com a maior velocidade que já vi alguém executar. Fantástico. Atingiu os dois que estavam me segurando bem no olho, com Feitiços Conjunctivitus, e eles me largaram na mesma hora no chão, mas aí entramos em uma roubada porque tínhamos usado magia contra eles, e isso é o que os gigantes odeiam nos bruxos. Tivemos de dar no pé e sabíamos que depois disso não poderíamos voltar ao acampamento deles.
– Caramba, Hagrid! – exclamou Rony baixinho.
– Então como é que você levou tanto tempo para voltar pra casa se só passou três dias lá? – admirou-se Hermione.
– Não partimos três dias depois! – disse Hagrid, indignado. – Dumbledore estava confiando na gente!
– Mas você acabou de dizer que não poderiam voltar lá!
– Não de dia, não poderíamos, não. Tivemos de repensar a coisa toda. Passamos uns dois dias escondidos em uma gruta, observando. E o que vimos não foi nada bom.
– Eles arrancaram mais cabeças? – perguntou Hermione com repugnância.
– Não. Gostaria que sim.
– Como assim?

– Não tardamos a descobrir que ele não fazia objeções a todos os bruxos: só a nós.
– Comensais da Morte? – indagou Harry depressa.
– É – disse Hagrid sombriamente. – Uns dois apareciam para visitá-lo todos os dias, levando presentes para o Gurgue, e ele não pendurava essas visitas pelos pés.
– Como é que você sabe que eram Comensais da Morte? – perguntou Rony.
– Porque reconheci um deles – respondeu em voz baixa e zangada. – Macnair, se lembram? O cara que mandaram vir sacrificar o Bicuço? É tarado, ele. Gosta de matar tanto quanto o Golgomate; não admira que estejam se dando tão bem.
– Então Macnair convenceu os gigantes a se unirem a Você-Sabe-Quem? – perguntou Hermione, desesperada.
– Calma aí, ainda não terminei minha história! – exclamou Hagrid, indignado, e, considerando que não queria contar nada aos garotos, agora parecia estar gostando. – Eu e Olímpia discutimos o problema e concordamos que só porque o Gurgue parecia estar favorecendo Você-Sabe-Quem não significava que todos iriam segui-lo. Tínhamos de tentar convencer alguns dos outros, os que não tinham querido Golgomate para Gurgue.
– Como é que vocês iam saber quem eram? – perguntou Rony.
– Ora, eram os que estavam sendo espancados, ou não? – disse Hagrid paciente. – Os que tinham juízo estavam saindo do caminho de Golgomate, se escondendo nas grutas em torno da ravina exatamente como nós. Então, resolvemos explorar as grutas à noite, e ver se não conseguiríamos convencer alguns.
– Vocês saíram explorando as grutas à procura de gigantes? – disse Rony, com assombro na voz.
– Bom, não eram os gigantes que nos preocupavam mais. Estávamos mais preocupados com os Comensais da Morte. Dumbledore nos recomendara que não nos metêssemos com eles se pudéssemos evitar, e o problema era que sabiam que andávamos por perto, imagino que Golgomate tenha contado. À noite, quando os gigantes estavam dormindo e queríamos sair rondando as grutas, Macnair e o outro estavam explorando as montanhas à nossa procura. Foi difícil impedir Olímpia de saltar em cima deles – disse Hagrid, os cantos da boca repuxando para cima sua barba desgrenhada –, ela estava doida para atacá-los... tem uma coisa quando se encrespa, a Olímpia... impetuosa, sabem, imagino que seja o sangue francês dela...
Hagrid contemplou o fogo com os olhos embaçados. Harry lhe permitiu trinta segundos de reminiscências antes de pigarrear alto.
– Então, que foi que aconteceu? Você chegou a se aproximar de algum dos

outros gigantes?
– Quê? Ah... ah, claro que sim. Na terceira noite depois que mataram Karkus, nos esgueiramos para fora da gruta em que estávamos escondidos e voltamos à ravina, mantendo os olhos muito abertos para os Comensais da Morte. Entramos em algumas grutas, mas nada, então, lá pela sexta gruta, encontramos três gigantes escondidos.
– A gruta devia estar apertada – comentou Rony.
– Não tinha lugar nem para um amasso – disse Hagrid.
– Eles não atacaram vocês quando os viram? – perguntou Hermione.
– Provavelmente teriam atacado se tivessem condições, mas estavam muito feridos, os três; o bando de Golgomate deixou-os desacordados de tanta pancada; eles tinham recuperado a consciência e se arrastado até o abrigo mais próximo que encontraram. Em todo o caso, um deles sabia um pouquinho de inglês e traduziu para os outros, e o que tínhamos a dizer parece que não caiu muito mal. Então voltamos várias vezes para visitar os feridos... calculo que em um determinado momento tínhamos convencido uns seis ou sete.
– Seis ou sete?! – exclamou Rony ansioso. – Não é nada mal, eles vêm ajudar a gente a lutar contra Você-Sabe-Quem?
Mas Hermione perguntou:
– O que você quis dizer com “em um determinado momento”, Hagrid?
Hagrid olhou-a entristecido.
– O grupo de Golgomate tomou a gruta de assalto. Depois disso, os que sobreviveram não quiseram mais nada conosco.
– Então não virá gigante nenhum? – perguntou Rony, parecendo desapontado.
– Não – confirmou Hagrid, soltando um grande suspiro e tornando a virar o pedaço de carne para aplicar o lado mais frio no rosto –, mas cumprimos o que fomos fazer, levamos a mensagem de Dumbledore, e alguns a ouviram, e espero que um dia se lembrem. Talvez, os que não quiserem ficar perto de Golgomate se mudem das montanhas e é até possível que se lembrem que Dumbledore é a favor deles... talvez eles venham então.
A neve agora cobria a janela. Harry percebeu que os joelhos de suas vestes estavam encharcados. Canino estava babando em seu colo.
– Hagrid? – disse Hermione, baixinho, passado algum tempo.
– Humm?
– Você ouviu... viu algum sinal de... descobriu alguma coisa sobre su... sua... mãe enquanto esteve lá?
O olho destampado de Hagrid se fixou nela, e Hermione sentiu medo.
– Desculpe... eu... esquece...
– Morta. Há anos. Eles me contaram.

– Ah... eu... realmente lamento – disse Hermione, com a voz fraquinha.

Hagrid encolheu os ombros enormes.

– Não precisa – disse brusco. – Não me lembro muito dela. Não foi uma boa mãe.

Eles ficaram em silêncio. Hermione olhou nervosa para Harry e Rony, claramente querendo que dissessem alguma coisa.

– Mas você ainda não nos explicou como foi que ficou nesse estado, Hagrid – disse Rony, indicando o rosto manchado de sangue de Hagrid.

– Ou por que demorou tanto a voltar – acrescentou Harry. – Sirius falou que Madame Maxime voltou há séculos...

– Quem atacou você? – perguntou Rony.

– Não fui atacado! – respondeu Hagrid enfaticamente. – Eu...

Mas o restante de sua frase foi abafada por uma sucessão de batidas na porta. Hermione prendeu a respiração; sua caneca escorregou por entre os dedos e se espatifou no chão; Canino latiu. Os quatro se voltaram para a janela ao lado da porta. A sombra de um vulto pequeno e atarracado se mexeu por trás da cortina fina.

– É *ela*! – sussurrou Rony.

– Entrem aqui embaixo! – disse Harry depressa; agarrando a Capa da Invisibilidade, ele a rodou no ar para cobrir Hermione e ele, enquanto Rony dava a volta na mesa e mergulhava sob a capa também. Agarrados, os três recuaram para um canto. Canino latia nervoso para a porta. Hagrid parecia completamente confuso.

– Hagrid, esconda nossas canecas!

Hagrid apanhou as canecas de Harry e Rony e escondeu-as sob a almofada da cesta de Canino, que agora saltava contra a porta; Hagrid empurrou-o para o lado com o pé e a abriu.

A Profª Umbridge estava parada ali, trajando o seu casaco de *tweed* verde e o gorro combinando, com abas sobre as orelhas. Os lábios contraídos, ela recuou para olhar o rosto de Hagrid; mal chegava ao seu umbigo.

– Então – disse ela devagar e em voz alta, como se estivesse falando com alguém surdo. – Você é o Hagrid, não é?

Sem esperar pela resposta, ela entrou na sala, os olhos saltados girando em todas as direções.

– Sai para lá! – exclamou ela com rispidez, sacudindo a bolsa contra Canino, que saltara em cima dela e tentava lamber seu rosto.

– Hum... não quero ser mal-educado – disse Hagrid, encarando-a –, mas, diabos, quem é a senhora?

– Meu nome é Dolores Umbridge.

Seus olhos esquadrinhavam a cabana. Duas vezes, olhou diretamente para o canto em que Harry estava, espremido entre Rony e Hermione.

– Dolores Umbridge?! – exclamou Hagrid, parecendo inteiramente confuso. – Pensei que a senhora fosse do Ministério, a senhora não trabalha com Fudge?

– Eu era subsecretária sênior do ministro – confirmou ela, agora andando pela cabana e absorvendo cada mínimo detalhe, desde a mochila de viagem encostada à parede até a capa de viagem largada sobre a cadeira. – Agora sou professora de Defesa Contra as Artes das Trevas...

– Tem muita coragem – disse Hagrid. – Não tem mais muita gente que queira aceitar esse cargo.

– ... e Alta Inquisidora de Hogwarts – continuou ela, não demonstrando que o ouvira.

– E o que é isso? – perguntou Hagrid, franzindo a testa.

– É exatamente o que eu ia perguntar – disse Umbridge, apontando para os cacos de louça no chão que restavam da caneca de Hermione.

– Ah – disse Hagrid, com um olhar contrariado para o canto em que Harry, Rony e Hermione estavam escondidos –, ah, isso foi... foi o Canino. Ele quebrou a caneca. Então tive de usar esta outra.

Hagrid apontou para a caneca da qual estava bebendo, uma das mãos ainda comprimindo a carne de dragão sobre o olho. Umbridge estava de frente para ele agora, examinando cada detalhe de sua aparência, como fizera com a cabana.

– Ouvi vozes – disse ela em voz baixa.

– Eu estava conversando com o Canino – respondeu Hagrid corajosamente.

– E ele estava conversando com você?

– Bom... de certa maneira – respondeu Hagrid, parecendo pouco à vontade. – Às vezes digo que Canino é quase humano...

– Há três pares de pegadas na neve que vêm do castelo à sua cabana – disse Umbridge com astúcia.

Hermione ofegou; Harry tampou a boca da amiga com a mão. Por sorte, Canino estava farejando alto em volta da barra da saia da Profª Umbridge, e ela não pareceu ter ouvido.

– Bom, eu acabei de voltar – explicou Hagrid, indicando com sua manzorra a mochila. – Talvez alguém tenha vindo me visitar mais cedo e não tenha me encontrado.

– Não há pegadas saindo de sua cabana.

– Bom, eu... eu não sei por que seria... – respondeu Hagrid, puxando nervosamente a barba e tornando a olhar para o canto em que estavam os garotos, como se pedisse ajuda. – Hum...

Umbridge se virou e andou pela cabana estudando tudo atentamente.

Abaixou-se para espiar embaixo da cama. Abriu os armários de Hagrid. Passou a cinco centímetros de onde Harry, Rony e Hermione estavam colados contra a parede; Harry chegou a encolher a barriga quando ela passou. Depois de espiar dentro do enorme caldeirão que Hagrid usava para cozinhar, ela se virou e disse:

– Que foi que aconteceu com você? Como foi que se feriu dessa maneira?

Hagrid retirou depressa a carne de dragão do rosto, o que na opinião de Harry foi um erro, porque o hematoma preto e roxo em volta do seu olho agora estava claramente visível, sem falar no sangue recente que congelara em seu rosto.

– Ah... tive um pequeno acidente – disse pouco convincente.

– Que tipo de acidente?

– Aaa... tropecei.

– Tropeçou – repetiu ela calmamente.

– É, foi. Na... na vassoura de um amigo. Eu não voo. Bom, olhe bem o meu tamanho, acho que não haveria vassoura que aguentasse comigo. Um amigo meu cria cavalos abraxanos. Não sei se a senhora já viu algum, bichos enormes, alados, sabe, eu tinha dado uma volta em um deles e estava...

– Onde é que você esteve? – perguntou Umbridge interrompendo calmamente a tagarelice de Hagrid.

– Onde é que eu...?

– Esteve, isso mesmo. O trimestre começou há dois meses. Outra professora precisou cobrir suas aulas. Nenhum dos seus colegas soube me dar informação alguma sobre o seu paradeiro. Você não deixou endereço. Onde esteve?

Houve uma pausa em que Hagrid encarou Umbridge com o olho que acabara de destampar. Dava quase para Harry ouvir seu cérebro trabalhando furiosamente.

– Estive... estive fora tratando da saúde.

– Tratando da saúde – repetiu a Profª Umbridge. Seus olhos perpassaram o rosto descolorido e inchado de Hagrid; o sangue de dragão pingava lenta e silenciosamente em seu colete. – Entendo.

– É – continuou Hagrid –, um pouco de ar fresco, a senhora entende...

– Entendo, como guarda-caça deve ser difícil encontrar ar fresco – disse Umbridge meigamente. A pequena área do rosto de Hagrid, que não estava preta ou roxa, corou.

– Bom... mudança de cenário, a senhora sabe...

– Cenário de montanhas? – tornou Umbridge rápida.

Ela sabe, pensou Harry desesperado.

– Montanhas? – repetiu Hagrid, claramente pensando rápido. – Não, preferi o sul da França. Um pouco de sol e... e mar.

– Verdade? Você não parece ter se bronzeado muito.

– Não... bom... pele sensível – respondeu Hagrid, tentando sorrir insinuante. Harry reparou que ele havia perdido dois dentes. Umbridge olhou-o com frieza; o sorriso dele vacilou. Então ela ergueu a bolsa para abraçá-la contra o corpo e disse:

– Naturalmente, vou informar ao ministro o seu atraso em voltar.

– Certo – respondeu Hagrid, confirmando com um aceno de cabeça.

– Você precisa saber também que, como Alta Inquisidora, tenho o dever espinhoso mas necessário de inspecionar os meus colegas. Portanto, é provável que muito breve nos vejamos de novo.

Ela se virou bruscamente e se dirigiu à porta.

– A senhora está nos inspecionando? – repetiu Hagrid sem entender, olhando para as costas da bruxa.

– Ah, sim – respondeu Umbridge mansamente, virando-se para olhá-lo, a mão na maçaneta. – O Ministério está resolvido a extirpar os professores incompetentes, Hagrid. Boa-noite.

Ela saiu, fechando a porta com um estalo. Harry fez menção de tirar a Capa da Invisibilidade, mas Hermione agarrou seu pulso.

– Ainda não – cochichou em seu ouvido. – Talvez ela ainda não tenha ido embora.

Hagrid parecia estar pensando a mesma coisa; atravessou a sala mancando e abriu uma fresta na cortina.

– Está voltando para o castelo – disse em voz baixa. – Caramba... inspecionando as pessoas, é-é?

– É – confirmou Harry retirando a capa. – Trelawney já está em observação...

– Hum... que tipo de coisa você está planejando fazer com a gente em aula, Hagrid? – perguntou Hermione.

– Ah, não se preocupe, tenho um monte de aulas preparadas – disse Hagrid entusiasmado, recolhendo a carne de dragão da mesa e chapando-a novamente em cima do olho. Tenho uns dois bichos que andei criando para o ano do N.O.M.; esperem para ver, são realmente especiais.

– Hum... especiais de que maneira? – perguntou Hermione sondando.

– Não vou dizer – respondeu ele, feliz. – Não quero estragar a surpresa.

– Escute, Hagrid – disse Hermione com urgência, deixando de lado todo o fingimento –, a Profª Umbridge não vai ficar nada satisfeita se você trouxer para a aula alguma coisa que seja perigosa demais.

– Perigosa? – disse Hagrid jovialmente, sem entender. – Não seja boba, eu não traria para vocês nada que fosse perigoso! Quero dizer, tudo bem, eles sabem se defender...

– Hagrid, você precisa passar na inspeção da Umbridge, e para conseguir isso

seria realmente melhor que ela o visse nos ensinando a cuidar de pocotós, como diferenciar ouriços de porcos-espinhos, coisas desse gênero – disse Hermione, séria.

– Mas isso não é muito interessante, Mione – replicou Hagrid. – O que eu tenho é muito mais impressionante. Venho criando eles há anos. Calculo que eu tenha o único rebanho domesticado da Grã-Bretanha.

– Hagrid... por favor... – pediu Hermione, com uma nota de verdadeiro desespero na voz. – Umbridge está procurando qualquer desculpa para se livrar de professores que ela acha que são muito próximos de Dumbledore. Por favor, Hagrid, ensine a gente alguma coisa sem graça que vai ser pedida no nosso exame.

Mas Hagrid meramente deu um enorme bocejo e lançou um olhar ansioso de um único olho para a vasta cama a um canto.

– Escute, foi um dia comprido e está tarde – disse ele, dando uma palmadinha carinhosa no ombro de Hermione, que fez os joelhos da garota dobrarem e bater no chão com um ruído surdo. – Ah... desculpe... – E puxou-a para cima pela gola das vestes. – Olhe, pare de se preocupar comigo, juro que tenho material realmente bom programado para as aulas, agora que voltei... é melhor vocês voltarem para o castelo e não se esqueçam de apagar as pegadas por onde vão passar, eh?

– Não sei se Hagrid conseguiu entender o seu recado – comentou Rony um pouco mais tarde quando, depois de verificarem que a barra estava limpa, voltaram para o castelo pela neve que se acumulava, sem deixar vestígios, graças ao Feitiço que Hermione lançava ao passarem.

– Então voltarei amanhã – disse Hermione, decidida. – Vou planejar as aulas para ele, se for preciso. Não me importo que mande a Trelawney embora, mas ela não vai se livrar de Hagrid, não!

— CAPÍTULO VINTE E UM —
O Olho da Cobra

Hermione voltou à cabana de Hagrid no domingo pela manhã, avançando com dificuldade pela neve de meio metro de altura. Harry e Rony queriam acompanhá-la, mas a montanha de deveres de casa tornara a atingir uma altura alarmante, por isso, contrariados, eles ficaram na sala comunal, tentando ignorar os gritos alegres que chegavam lá de fora, onde os estudantes se divertiam patinando no lago gelado, andando de tobogã e, o que era pior, enfeitiçando bolas de neve para voar até a Torre da Grifinória e bater com força nas janelas.

– Oi! – berrou Rony, finalmente perdendo a paciência e metendo a cabeça para fora da janela: – Sou monitor, e se mais uma bola de neve bater nesta janela... AI!

Ele recuou com um movimento brusco, o rosto coberto de neve.

– É o Fred e o Jorge – comentou com amargura, batendo a janela. – Babacas...

Hermione voltou da casa de Hagrid pouco antes do almoço, tremendo um pouco de frio, as vestes úmidas até os joelhos.

– Então? – perguntou Rony, erguendo a cabeça quando ela entrou. – Conseguiu planejar todas as aulas com ele?

– Bom, eu tentei – respondeu ela desanimada, afundando na poltrona ao lado de Harry. Puxou, então, a varinha e, com um floreio, fez sair ar quente da ponta; em seguida apontou-a para as vestes, que começaram a desprender vapor à medida que foram secando. – Ele nem estava lá quando cheguei, bati no mínimo meia hora. E quando saiu mancando da Floresta...

Harry gemeu. A Floresta Proibida estava apinhada com o tipo de animais com maior probabilidade de causar a demissão de Hagrid.

– Que é que ele está criando lá? Ele disse?

– Não – respondeu Hermione, infeliz. – Disse que quer fazer surpresa. Tentei explicar o papel da Umbridge, mas ele simplesmente não entende. Repetiu o

tempo todo que ninguém com o juízo perfeito iria preferir estudar ouriços em vez de quimeras... ah, não acho que ele *tenha* uma quimera – acrescentou ao ver a expressão de espanto nos rostos de Harry e Rony. – Mas não é por falta de tentar, pelo comentário que fez sobre a dificuldade de obter ovos. Não sei quantas vezes eu repeti que ele faria melhor se seguisse o programa da Grubbly-Plank, sinceramente acho que não ouviu nem metade do que eu disse. E está meio estranho, sabe? Continua sem querer dizer onde arranjou aqueles ferimentos.

O reaparecimento de Hagrid à mesa dos professores na manhã do dia seguinte não foi recebido com entusiasmo por todos os alunos. Alguns, como Fred, Jorge e Lino, gritaram de alegria e saíram correndo pelo corredor entre as mesas da Grifinória e Lufa-Lufa para apertar sua mão enorme; outros, como Parvati e Lilá, trocaram olhares sombrios e balançaram a cabeça. Harry sabia que muitos preferiam as aulas da Profª Grubbly-Plank, e o pior é que uma pequena parte dele, imparcial, sabia que os colegas tinham boas razões: para Grubbly-Plank uma aula interessante era aquela em que ninguém corria o risco de ter a cabeça arrancada.

Foi com uma certa apreensão que os três amigos se encaminharam para a aula de Hagrid na terça-feira, bem agasalhados contra o frio. Harry estava preocupado, não somente com o que Hagrid decidira ensiná-los, mas também com o comportamento do restante da turma, particularmente o de Malfoy e seus comparsas, se Umbridge estivesse observando.

No entanto, a Alta Inquisidora não estava visível enquanto venciam com dificuldade a neve em direção a Hagrid, que os esperava na orla da Floresta. Sua aparência não tranquilizava; os hematomas que estavam roxos no sábado à noite agora estavam matizados de verde e amarelo, e alguns dos seus cortes ainda pareciam sangrar. Harry não conseguia entender: será que Hagrid fora atacado por alguma criatura cujo veneno impedia os ferimentos de sararem? E, como para completar sua figura sinistra, Hagrid carregava por cima do ombro uma coisa que parecia a metade de uma vaca morta.

– Vamos trabalhar aqui hoje! – anunciou alegremente aos estudantes que se aproximavam, indicando com a cabeça as árvores escuras às suas costas. – Um pouco mais protegidos! De qualquer maneira, eles preferem o escuro.

– Que é que prefere o escuro? – Harry ouviu Malfoy perguntar rispidamente a Crabbe e Goyle, com um indício de pânico na voz. – Que foi que ele disse que prefere o escuro: vocês ouviram?

Harry lembrou-se da única outra ocasião em que Malfoy entrara na Floresta; tampouco fora muito corajoso então. Ele sorriu por dentro; depois do jogo de quadribol achava ótimo qualquer coisa que causasse mal-estar a Malfoy.

– Prontos? – perguntou Hagrid animado, olhando para os alunos. – Bom, então, estive guardando uma viagem à Floresta para o seu quinto ano. Pensei em irmos ver os bichos em seu hábitat natural. Agora, o que vamos estudar hoje é bem raro. Calculo que eu seja a única pessoa na Grã-Bretanha que conseguiu domesticá-los.

– Você tem mesmo certeza de que eles estão domesticados? – disse Malfoy, o pânico em sua voz era ainda mais pronunciado. – Não seria a primeira vez que você traz bichos selvagens para a aula, não é?

Os alunos da Sonserina murmuravam concordando, e alguns da Grifinória também pareciam achar que Malfoy tinha uma certa razão.

– Claro que estão domesticados – garantiu Hagrid, fechando a cara e erguendo um pouco a vaca morta para ajeitá-la no ombro.

– Então, que foi que aconteceu com o seu rosto? – quis saber Malfoy.

– Cuide da sua vida! – disse Hagrid, zangado. – Agora, se acabaram de fazer perguntas bobas, me sigam!

Ele se virou e entrou na Floresta Proibida. Ninguém parecia muito disposto a segui-lo. Harry olhou para Rony e Hermione, que suspiraram, mas concordaram com a cabeça, e os três entraram atrás de Hagrid, liderando o resto da turma.

Caminharam uns dez minutos até chegar a um ponto em que as árvores cresciam tão juntas que era sombrio como ao anoitecer, e não havia neve no chão. Com um gemido, Hagrid depositou a metade da vaca no chão, recuou e se virou para olhar os alunos, a maioria dos quais se esgueirava de árvore em árvore em sua direção, espiando para os lados nervosamente como se esperassem ser atacados a qualquer momento.

– Cheguem mais, cheguem mais – encorajou-os Hagrid. – Agora eles vão ser atraídos pelo cheiro da carne, mas de qualquer maneira vou chamá-los, porque vão gostar de saber que sou eu.

Ele se virou, sacudiu a cabeça desgrenhada para tirar os cabelos do rosto e soltou um grito estranho e agudo que ecoou por entre as árvores escuras como o chamado de uma ave monstruosa. Ninguém riu: a maioria estava apavorada demais para emitir qualquer som.

Hagrid deu novo grito agudo. Passou-se um minuto em que a turma continuou a espiar nervosamente sobre os ombros e por trás das árvores para avistar o que quer que estivesse a caminho. Então, quando Hagrid jogou os cabelos para trás mais uma vez e encheu o enorme peito, Harry cutucou Rony e apontou para o espaço vazio entre dois teixos nodosos.

Dois olhos vidrados, brancos, brilhantes, foram crescendo na penumbra, depois surgiram a cara draconina, o pescoço e, em seguida, o corpo esquelético de um enorme cavalo alado negro emergiu da escuridão. O animal correu os

olhos pela turma por alguns segundos, balançando a longa cauda negra, então começou a arrancar pedaços da vaca morta com seus caninos pontiagudos.

Harry foi invadido por uma grande onda de alívio. Ali, finalmente, estava a prova de que não imaginara esses bichos, de que eram reais: Hagrid conhecia a existência deles também. Olhou animado para Rony, mas o amigo continuava a espiar entre as árvores e, passados alguns segundos, cochichou:

– Por que é que Hagrid não chama outra vez?

A maioria dos outros alunos expressava no rosto uma ansiedade confusa e nervosa, como a de Rony, e continuava a olhar para todos os lados, exceto para o cavalo, a pouco mais de um metro deles. Havia apenas mais duas pessoas que pareciam capazes de vê-los: um garoto magricela da Sonserina, parado logo atrás de Goyle, que observava o cavalo comer com uma cara de intenso nojo; e Neville, cujo olhar acompanhava o balanço da longa cauda negra.

– Ah, e aí vem mais um! – anunciou Hagrid orgulhoso, quando viu aparecer do meio das árvores escuras um segundo cavalo, que fechou as asas contra o corpo e mergulhou a cabeça para devorar a carne.

– Agora... levantem as mãos... quem consegue vê-los?

Imensamente satisfeito de que finalmente fosse entender o mistério desses cavalos, Harry ergueu a mão. Hagrid fez um aceno para ele.

– Sim... sim, eu sabia que você seria capaz de vê-los – disse sério. – E você também, Neville, eh? E...

– Com licença – perguntou Malfoy com a voz desdenhosa –, mas que é exatamente que eu devia estar vendo?

Em resposta, Hagrid apontou para a carcaça da vaca no chão. A turma inteira contemplou-a com espanto por alguns segundos, então várias pessoas exclamaram, e Parvati soltou um grito agudo. Harry entendeu por quê: os pedaços de carne se soltando dos ossos e desaparecendo no ar deviam parecer realmente estranhos.

– Que é que está fazendo isso? – perguntou Parvati, aterrorizada, recuando para trás da árvore mais próxima. – Que é que está comendo a vaca?

– Testrálios – disse Hagrid, orgulhoso, e Hermione soltou em voz baixa um “Ah!” de compreensão ao ombro de Harry. – Hogwarts tem um rebanho deles aqui na Floresta. Agora, quem sabe...?

– Mas eles realmente trazem má sorte! – interrompeu Parvati, parecendo assustada. – Dizem que dão todo o tipo de azar às pessoas que os veem. A Profª Trelawney me contou uma vez...

– Não, não, não – contestou Hagrid rindo –, isso é pura superstição, isto é, eles são muito inteligentes e úteis! É claro que esses daqui não trabalham muito, só puxam as carruagens da escola, a não ser que Dumbledore vá fazer uma viagem

longa e não queira aparatar... e aí vêm mais dois, olhem...

Mais dois cavalos saíram silenciosamente de trás das árvores, um deles passou muito perto de Parvati, que estremeceu e se encostou mais perto da árvore, dizendo:

– Senti alguma coisa, acho que está perto de mim!

– Não se preocupe, ele não vai machucar você – disse Hagrid paciente. – Certo, agora, quem é capaz de me dizer por que alguns de vocês veem os Testrálios e outros não?

Hermione ergueu a mão.

– Diga, então – pediu Hagrid, sorrindo para a garota.

– Só podem ver os Testrálios – respondeu ela – as pessoas que já viram a morte.

– Exatamente – disse Hagrid, muito solene –, dez pontos para a Grifinória. Agora, os Testrálios...

– *Hem, hem.*

A Profª Umbridge chegara. Estava a alguns passos de Harry, usando novamente a capa e o chapéu verdes, a prancheta à mão. Hagrid, que nunca ouvira o pigarro fingido da Umbridge, olhou com certa preocupação para o Testrálio mais próximo, evidentemente pensando que ele produzira o som.

– *Hem, hem.*

– Ah, olá! – disse Hagrid sorrindo, ao localizar a origem do ruído.

– Você recebeu o bilhete que mandei à sua cabana hoje pela manhã? – perguntou Umbridge, no mesmo tom alto e pausado que usara com ele anteriormente, como se estivesse se dirigindo a alguém ao mesmo tempo estrangeiro e retardado. – Avisando que eu viria inspecionar sua aula?

– Ah, sim – respondeu Hagrid, animado. – Fico satisfeito que tenha encontrado o local sem dificuldade! Bom, como pode ver ou, não sei, será que a senhora pode? Hoje estamos estudando Testrálios...

– Desculpe? – disse a Profª Umbridge em voz alta, levando a mão em concha à orelha e franzindo a testa: – Que foi que você disse?

Hagrid pareceu um pouco confuso.

– Ah... *Testrálios!* – disse, elevando a voz. – Cavalos alados... hum... grandes, sabe!

Ele agitou os braços gigantescos, esperançoso. A Profª Umbridge ergueu as sobrancelhas para ele e resmungou alguma coisa enquanto anotava na prancheta: *Tem... de... recorrer... a... grosseira... gesticulação.*

– Bom... em todo o caso... – disse Hagrid voltando-se para a turma e parecendo ligeiramente atrapalhado – hum... que é que eu ia dizendo?

– *Parece... esquecer... o... que...* estava dizendo – murmurou Umbridge, suficientemente alto para todos ouvirem. Draco Malfoy parecia sentir que o Natal chegara um mês antes; Hermione, por outro lado, ficara escarlate de fúria reprimida.

– Ah, sim – disse Hagrid, lançando um olhar preocupado à prancheta de Umbridge, mas prosseguindo valorosamente. – Eu ia contar a vocês como foi que formamos um rebanho. Então, começamos com um macho e cinco fêmeas. Este – ele deu uma palmadinha carinhosa no primeiro cavalo que aparecera –, de nome Tenebrus, treva, o meu grande favorito, foi o primeiro a nascer na Floresta...

– Você tem ciência – disse Umbridge em voz alta, interrompendo-o – que o Ministério da Magia classificou os Testrálios como "perigosos"?

O ânimo de Harry afundou como uma pedra, mas Hagrid meramente deu uma risadinha.

– Os Testrálios não são perigosos! Tudo bem, são capazes de tirar um pedaço de alguém que realmente os importunar...

– *Manifesta... prazer... à... ideia... de... violência* – murmurou Umbridge, registrando em sua prancheta.

– Ora... vamos! – exclamou Hagrid, parecendo um pouco ansioso agora. – Quero dizer, um cão morde se a pessoa o açula, não?... mas os Testrálios somente ganharam má reputação por causa dessa história de morte... as pessoas costumavam pensar que traziam mau agouro, não é mesmo? Simplesmente não entendiam, não é?

Umbridge não respondeu; terminou de fazer a última anotação, então olhou para Hagrid e disse, mais uma vez alteando a voz e enunciando as palavras devagar:

– Por favor, continue sua aula como sempre, eu vou andar um pouco – ela imitou uma pessoa andando (Malfoy e Pansy Parkinson tiveram acessos silenciosos de riso) entre os alunos (ela apontou cada integrante da turma) – e fazer perguntas. – Ela apontou para a boca indicando o ato de falar.

Hagrid arregalou os olhos para ela, visivelmente incapaz de compreender por que estava agindo como se não soubesse inglês normal. Hermione agora tinha lágrimas de fúria nos olhos.

– Sua megera, sua megera maligna! – sussurrou ela, enquanto Umbridge andava em direção a Pansy Parkinson. – Eu sei o que você está fazendo, sua bruxa horrível, pervertida, malévola...

– Hum... em todo o caso – disse Hagrid, tentando nitidamente recuperar o fio de sua aula –, então... os Testrálios. Sim. Bom, há muitas coisas boas sobre eles...

– Você acha – perguntou a Profª Umbridge a Pansy com voz ressonante – que é capaz de entender o Prof. Hagrid quando ele fala?

Tal como Hermione, Pansy tinha lágrimas nos olhos, mas eram lágrimas de riso, na verdade, e sua resposta foi quase incoerente na tentativa de conter o riso.

– Não... porque... bom... muitas vezes... parecem grunhidos.

Umbridge registrou a resposta em sua prancheta. As poucas partes sãs do rosto de Hagrid coraram, mas ele tentou agir como se não tivesse ouvido a resposta da aluna.

– Hum... sim... coisas boas sobre os Testrálios. Uma vez que sejam domesticados, como este rebanho, as pessoas nunca mais se perderão. Eles têm um espantoso senso de direção, é só dizer aonde se quer ir...

– Supondo que eles consigam entender você, naturalmente – disse Malfoy alto, e Pansy desatou em um novo acesso de riso. A Profª Umbridge sorriu indulgentemente para os dois e se dirigiu a Neville.

– Você consegue ver os Testrálios, Longbottom, verdade?

Neville assentiu com a cabeça.

– Quem foi que você viu morrer? – perguntou ela, seu tom indiferente.

– Meu... meu avô – disse Neville.

– E o que acha deles? – perguntou a professora, indicando com a mão curta e grossa os cavalos, que a essa altura tinham limpado uma boa parte da carcaça até os ossos.

– Hum – disse Neville, nervoso, lançando um olhar a Hagrid. – Bom... eles... aah... tudo bem.

– *Os... alunos... se... sentem... demasiado... intimidados... para... admitir... que... têm... medo* – murmurou Umbridge, fazendo mais uma anotação na prancheta.

– Não! – protestou Neville, parecendo aborrecido. – Não, não tenho medo deles!

– Está tudo bem – disse Umbridge, lhe dando palmadinhas no ombro, com o que ela pretendia que fosse um sorriso de compreensão, embora parecesse a Harry mais um esgar maldoso. – Bom, Hagrid – Umbridge tornou a olhar para ele, falando mais uma vez alta e lentamente: – Acho que tenho o suficiente para trabalhar. Você receberá (ela imitou o gesto de apanhar alguma coisa a sua frente) os resultados de sua inspeção (ela apontou para a prancheta) dentro de dez dias. – Ergueu os dez dedos curtos das mãos, e, com o sorriso mais largo e bufonídeo que já dera sob aquele gorro verde, ela saiu apressada, deixando Malfoy e Pansy Parkinson tendo acessos de risos, Hermione tremendo de fúria e Neville parecendo confuso e aborrecido.

– Aquela gárgula velha, nojenta, mentirosa, deturpadora! – explodiu Hermione meia hora depois, quando voltavam ao castelo pelo caminho que haviam aberto na neve mais cedo. – Vocês estão vendo o que ela está tramando? É aquele preconceito contra mestiços outra vez: está tentando pintar Hagrid como uma espécie de trasgo retardado, só porque a mãe dele era giganta, e, ah, não é justo, na realidade nem foi uma aula ruim, quero dizer, tudo bem, se tivessem sido explosivins, mas os Testrálios são bem aceitáveis: de fato, tratando-se de Hagrid, são realmente ótimos!

– A Umbridge disse que eles são perigosos – lembrou Rony.

– Bom, é como disse o Hagrid, eles sabem se cuidar sozinhos – retrucou Hermione, impaciente –, e suponho que uma professora como a Grubbly-Plank normalmente não nos apresentaria a eles antes dos N.I.E.M.s, mas, bom, eles *são* muito interessantes, não acharam? Como tem gente que pode vê-los e gente que não pode! Eu gostaria de poder.

– Gostaria? – perguntou Harry calmamente.

De repente ela fez uma cara de horror.

– Ah, Harry... desculpe... não, claro que não... foi realmente uma burrice dizer isso.

– Tudo bem – disse ele depressa –, não se preocupe.

– É de surpreender que tanta gente *pudesse* vê-los – comentou Rony. – Três em uma turma...

– É, Weasley, nós estávamos mesmo imaginando – comentou uma voz maliciosa. Sem que fossem pressentidos, Malfoy, Crabbe e Goyle vinham logo atrás, o ruído dos seus passos abafado pela neve. – Você acha que se visse alguém sentindo o cheiro deles você conseguiria ver melhor a goles?

Ele, Crabbe e Goyle deram grandes gargalhadas ao ultrapassá-los a caminho do castelo, depois começaram a cantar “Weasley é o nosso rei”. As orelhas de Rony ficaram vermelho vivo.

– Não ligue para eles, não ligue – disse Hermione, puxando a varinha e executando o feitiço para produzir ar quente e assim poder abrir mais facilmente um caminho pela neve intacta entre eles e as estufas.

Dezembro chegou, trazendo mais neve e uma decidida avalanche de deveres de casa para os quintanistas. As tarefas de monitor de Rony e Hermione também se tornaram mais pesadas com a aproximação do Natal. Eles foram chamados para supervisar a decoração do castelo (“Tenta pendurar festões com o Pirraça segurando a outra ponta e tentando estrangular você com ela”, disse Rony), tomar conta dos alunos de primeiro e segundo anos que passam os intervalos das aulas dentro do castelo por causa do frio cortante (“E eles são uns melequentos

atrevidos, sabe, decididamente não éramos mal-educados assim quando frequentávamos o primeiro ano”, comentou Rony), e patrulhar os corredores dividindo turnos com Argo Filch, que suspeitava que o espírito natalino pudesse se manifestar numa eclosão de duelos de bruxos (“Ele tem bosta nos miolos”, disse Rony, furioso). Enfim, andavam tão ocupados que Hermione precisou parar de tricotar gorros para elfos e ficou preocupada que só lhe sobrassem três.

– Todos esses elfos, coitados, que eu não pude liberar ainda, terei de passar o Natal aqui porque não há gorros suficientes!

Harry, que não tivera coragem de contar a ela que Dobby estava levando tudo, curvou-se ainda mais para o seu dever de História da Magia. Em todo o caso, ele não queria pensar no Natal. Pela primeira vez em sua carreira escolar, queria muito passar as festas longe de Hogwarts. Entre a proibição de jogar quadribol e a preocupação se Hagrid seria ou não posto em observação, ele sentia muita raiva da escola naquele momento. A única coisa que antegozava eram os encontros da AD, e estes teriam de ser interrompidos durante as festas, porque quase toda a turma iria passar as férias com a família. Hermione ia esquiar com os pais, uma coisa que Rony achava muito engraçado, pois nunca ouvira falar de trouxas que atavam pranchas finas de madeira aos pés para deslizar montanha abaixo. Rony ia para A Toca. Harry amargara muitos dias de inveja até Rony dizer em resposta à sua pergunta como iria para casa passar o Natal: “Mas você também vai! Eu não falei? Já faz semanas que mamãe me escreveu dizendo para convidar você!”

Hermione ergueu os olhos para o teto, mas o ânimo de Harry foi ao céu: achava que o Natal na Toca era realmente maravilhoso, embora ligeiramente prejudicado pelo remorso de que não fosse poder passar as festas com Sirius. Pôs-se a imaginar se não seria possível convencer a Sra. Weasley a convidar seu padrinho para passá-las juntos. Ainda que duvidasse de que Dumbledore fosse permitir que Sirius deixasse o largo Grimmauld, ele não podia deixar de pensar que a Sra. Weasley talvez não o quisesse; os dois viviam se desentendendo. Sirius não entrara em contato com Harry desde sua última aparição no fogo, e, embora o garoto soubesse que com a Umbridge em constante vigilância seria insensato tentar se comunicar, não lhe agradava imaginar Sirius sozinho na antiga casa da mãe, talvez estourando um solitário saquinho surpresa com o Monstro.

Harry chegou cedo à Sala Precisa para a última reunião antes das festas, e ficou contente de ter feito isso, porque quando os archotes se acenderam ele viu que Dobby se encarregara de decorar a sala para o Natal. Sabia que fora o elfo, porque ninguém mais penduraria cem bolas douradas no teto, todas com o rosto de Harry Potter e a legenda “HARRY CHRISTMAS!”.

Harry tinha acabado de baixar a última delas quando a porta se entreabriu e Luna Lovegood entrou, com a cara de sonhadora de sempre.

– Olá – disse distante, olhando para o que restara das decorações. – Estão bonitas, foi você quem as pendurou?

– Não, foi Dobby o elfo doméstico.

– Visgo – disse ela sonhadoramente, apontando para um cacho de frutinhos brancos pendurados quase em cima da cabeça de Harry. Ele saltou para longe dos frutos. – Bem pensado – disse Luna, muito séria. – Muitas vezes está infestado de Narguilés.

Harry foi salvo da necessidade de perguntar o que eram Narguilés pela chegada de Angelina, Cátia e Alícia. As três estavam sem fôlego e pareciam sentir muito frio.

– Bom – disse Angelina maquinalmente, tirando a capa e atirando-a a um canto –, finalmente conseguimos substituir você.

– Me substituir? – perguntou Harry sem entender.

– Você, Fred e Jorge – disse ela, impaciente. – Temos um novo apanhador.

– Quem? – perguntou Harry depressa.

– Gina Weasley – informou Cátia.

Harry boquiabriu-se.

– É, eu sei – disse Angelina, puxando a varinha e flexionando o braço –, mas ela é realmente boa. Não se compara a você, é claro – acrescentou amarrando a cara –, mas como não podemos ter você...

Harry engoliu a resposta que gostaria de dar; será que ela imaginava por um segundo sequer que ele não lamentava sua expulsão da equipe cem vezes mais do que ela?

– E os batedores? – perguntou, tentando manter a voz calma.

– André Kirke – respondeu Alícia, sem entusiasmo – e Juca Sloper. Nenhum dos dois é genial, mas comparados aos outros que apareceram...

A chegada de Rony, Hermione e Neville encerrou essa conversa deprimente, e cinco minutos depois a sala estava bastante cheia para impedir que Harry visse os eloquentes olhares de censura de Angelina.

– O.k. – disse ele, chamando todos à ordem. – Achei que hoje deveríamos repassar o que já fizemos até agora, porque é a última reunião antes das férias e não tem sentido começar nada novo antes de uma pausa de três semanas...

– Não vamos fazer nada novo?! – exclamou Zacarias, resmungando, insatisfeito, suficientemente alto para ser ouvido por toda a sala. – Se eu soubesse nem teria vindo.

– Então todos lamentamos muito que Harry não tenha lhe avisado – retrucou Fred em voz alta.

Várias pessoas abafaram risinhos. Harry viu Cho rindo, e teve a sensação já conhecida de que seu estômago estava despencando, como se tivesse pulado sem querer um degrau de escada.

– ... podemos praticar aos pares – continuou Harry. – Vamos começar com a Azaração de Impedimento durante dez minutos, então podemos apanhar as almofadas e experimentar o Feitiço Estuporante mais uma vez.

Todos se dividiram obedientemente, Harry fez par com Neville como sempre. Logo a sala se encheu de gritos intermitentes de "Impedimenta!". As pessoas ficavam paralisadas por mais ou menos um minuto, enquanto o parceiro olhava a esmo pela sala, observando o trabalho dos outros pares, depois recuperava os movimentos e era sua vez de azarar.

Neville estava irreconhecível, tal o seu progresso. Depois de ter se recuperado três vezes seguidas, Harry mandou Neville se reunir a Rony e Hermione para poder andar pela sala e observar os outros. Quando passou, Cho deu-lhe um grande sorriso; ele resistiu à tentação de passar mais vezes por ela.

Transcorridos os dez minutos da Azaração de Impedimento, eles espalharam as almofadas pelo chão e começaram a praticar mais uma vez o Estuporante. O espaço era realmente muito limitado para permitir que todos trabalhassem ao mesmo tempo; metade do grupo observava a outra metade por alguns minutos, depois se revezavam.

Harry sentiu-se decididamente orgulhoso ao observar o grupo. É verdade que Neville estuporou Padma Patil em vez de Dino, a quem estava visando, mas errou por muito menos do que antes, e todos os outros tinham feito enormes progressos.

Ao final de uma hora, Harry anunciou um intervalo.

– Vocês estão ficando ótimos – disse sorrindo. – Quando voltarmos das férias, poderemos começar com os feitiços mais importantes, talvez até com o Patrono.

Ouviram-se murmúrios de excitação. A sala começou a se esvaziar, como sempre aos pares e trios; a maioria desejou a Harry um "Feliz Natal" ao sair. Sentindo-se animado, ele recolheu as almofadas com Rony e Hermione, e empilhou-as em ordem. Os dois saíram antes; ele se demorou mais um pouco, porque Cho ainda não saíra, e tinha esperança de ouvir dela votos de boas-festas.

– Não, pode ir andando – ouviu-a dizer à amiga Marieta, e seu coração deu um salto que pareceu empurrá-lo para a região do pomo de adão.

Ele fingiu estar arrumando a pilha de almofadas. Tinha certeza de que estavam completamente a sós agora, e esperava que ela falasse. Em vez disso, ouviu uma fungada sentida.

Ele se virou e viu Cho parada no meio da sala, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Qu...?
Não soube o que fazer. Ela simplesmente estava parada ali, chorando em silêncio.
– Que foi? – perguntou com a voz fraca.
Cho balançou a cabeça e enxugou os olhos na manga.
– Desculpe... – disse com a voz pastosa. – Imagino que... é só que... aprendendo tudo isso... me deixa... pensando que se... se ele soubesse tudo isso... talvez ainda estivesse vivo.
O coração de Harry afundou, saiu da posição normal e foi se alojar em algum ponto próximo ao umbigo. Devia ter imaginado. Ela queria conversar sobre Cedrico.
– Ele sabia tudo isso – disse Harry, pesaroso. – Era realmente bom, ou jamais teria chegado à metade daquele labirinto. Mas se Voldemort de fato quer matar uma pessoa, ela não tem a menor chance.
Cho soluçou ao ouvir o nome de Voldemort, mas encarou Harry sem piscar.
– *Você* sobreviveu quando era só um bebê – disse baixinho.
– Foi – disse Harry, preocupado, encaminhando-se para a porta. – Eu não sei por quê, nem ninguém sabe, então não é nada de que eu possa me orgulhar.
– Ah, não comece! – disse Cho, voltando a chorar. – Realmente me desculpe por me comover assim... eu não tive intenção...
E tornou a soluçar. Era muito bonita até quando os olhos estavam vermelhos e inchados. Harry se sentiu completamente infeliz. Teria ficado muito contente com um simples “Feliz Natal”.
– Sei que deve ser horrível para você – disse, enxugando os olhos na manga. – Mencionar o Cedrico, quando você o viu morrer... Suponho que queira esquecer tudo.
Harry não respondeu; era verdade, mas se sentiria desalmado se dissesse isso.
– Você é um professor realmente bom, sabe – disse Cho, com um sorriso lacrimoso. – Nunca consegui estuporar ninguém antes.
– Obrigado – disse Harry sem jeito.
Eles se olharam por um longo momento. Harry sentiu um desejo ardente de correr pela sala e, ao mesmo tempo, uma completa incapacidade de mover os pés.
– Azevinho – disse Cho em voz baixa, apontando para o teto acima da cabeça dele.
– É – disse Harry. Sua boca estava muito seca. – Mas provavelmente deve estar cheio de Narguilés.
– Que são Narguilés?
– Não faço a menor ideia – disse Harry. Ela foi chegando mais perto. Seu

cérebro parecia ter sido estuporado. – Você teria de perguntar a Di-lua. A Luna, quero dizer.
Cho fez um som engraçado entre um soluço e uma risada. Estava mais perto agora. Ele poderia ter contado as sardas no nariz dela.
– Eu gosto de você de verdade, Harry.
Ele não conseguia pensar. Um formigamento se espalhava pelo seu corpo, paralisando seus braços, pernas e cérebro.
Estava próxima demais. Ele podia ver cada lágrima pendurada em suas pestanas...

Harry voltou à sala comunal meia hora depois, e encontrou Hermione e Rony ocupando as melhores poltronas diante da lareira; quase todos os colegas já tinham ido dormir. Hermione estava escrevendo uma longa carta. Já enchera metade de um pergaminho, que caía pela borda da mesa. Rony estava deitado no tapete da lareira, tentando terminar um dever de Transfiguração.
– Por que demorou? – perguntou o amigo, quando Harry afundou na cadeira ao lado de Hermione.
Harry não respondeu. Estava em estado de choque. Metade dele queria contar a Rony e Hermione o que acontecera, mas a outra metade queria levar o segredo para o túmulo.
– Você está se sentindo bem, Harry? – perguntou Hermione examinando-o por cima da ponta da pena.
Harry encolheu os ombros indiferente. Na verdade, ele não sabia se estava ou não se sentindo bem.
– Que foi? – perguntou Rony se erguendo nos cotovelos para olhar melhor o amigo. – Que aconteceu?
Harry não sabia muito bem como começar a contar, e continuava a não saber se queria contar. Quando acabara de decidir que não ia dizer nada, Hermione decidiu por ele.
– Foi a Cho? – perguntou muito objetivamente. – Ela encostou você na parede depois da reunião?
Abobalhado, Harry confirmou com a cabeça. Rony deu risadinhas, só parando quando seu olhar encontrou o de Hermione.
– Então... ah... que é que ela queria? – perguntou ele fingindo displicência.
– Ela... – começou Harry, meio rouco; pigarreou e tentou novamente. – Ela... ah...
– Vocês se beijaram? – perguntou Hermione sem rodeios.
Rony se sentou tão depressa que arremessou o tinteiro pelo tapete. Inteiramente alheio ao que fizera, olhou para Harry com grande interesse.

– Então? – quis saber.
Harry olhou de Rony, cujo rosto expressava um misto de curiosidade e hilaridade, para a testa levemente enrugada de Hermione, e confirmou com a cabeça.
– HA!
Rony fez um gesto de vitória com o punho e desatou a rir tão estridentemente que sobressaltou vários segundanistas tímidos sentados junto à janela. Um sorriso relutante se espalhou pelo rosto de Harry ao ver Rony rolar pelo tapete. Hermione lançou a Rony um olhar de profundo desgosto, e voltou a sua carta.
– E aí? – perguntou Rony finalmente, encarando Harry. – Como foi?
Harry refletiu por um momento.
– Úmido – disse com sinceridade.
Rony emitiu um som que poderia indicar alegria ou nojo, era difícil dizer.
– Porque ela estava chorando – continuou Harry, pesaroso.
– Ah! – exclamou Rony, o sorriso se atenuando em seu rosto. – Você é ruim assim de beijo?
– Não sei – respondeu Harry, que não havia pensado na possibilidade, e se sentiu imediatamente preocupado. – Vai ver sou.
– Claro que não é – disse Hermione, distraída, ainda escrevendo a carta.
– Como é que você sabe? – perguntou Rony rispidamente.
– Porque ultimamente Cho passa metade do tempo chorando – respondeu distraidamente. – Chora na hora da comida, no banheiro, por toda parte.
– Mas era de esperar que uns beijinhos a animassem – disse Rony sorrindo.
– Rony – disse Hermione em tom muito solene, molhando a ponta da pena no tinteiro –, você é o legume mais insensível que já tive a infelicidade de conhecer.
– Que é que você quer dizer com isso? – perguntou Rony, indignado. – Que tipo de pessoa chora quando está sendo beijada?
– É – disse Harry sentindo um ligeiro desespero –, que tipo?
Hermione olhou para os dois com uma expressão no rosto que beirava a piedade.
– Vocês não compreendem como a Cho está se sentindo neste momento?
– Não! – responderam Harry e Rony juntos.
Hermione suspirou e descansou a pena.
– Bom, obviamente ela está se sentindo muito triste, porque Cedrico morreu. Depois, imagino que esteja se sentindo confusa porque gostava do Cedrico e agora gosta do Harry, e não consegue entender de qual dos dois gosta mais. Depois, está se sentindo culpada, achando que é um insulto à memória do Cedrico beijar o Harry, e deve estar preocupada com o que as outras pessoas vão dizer quando começar a sair com ele. E provavelmente não consegue entender

seus sentimentos com relação a Harry, porque era ele quem estava junto quando Cedrico morreu, então tudo isso é muito confuso e doloroso. Ah, e está com medo de ser expulsa do time de quadribol da Corvinal porque está voando muito mal.

O fim de sua fala foi recebido com um silêncio de breve aturdimento, então Rony falou:

– Uma pessoa não pode sentir tudo isso ao mesmo tempo, explodiria.

– Só porque você tem a amplitude emocional de uma colher de chá isto não significa que sejamos todos iguais – disse Hermione maldosamente, retomando sua pena.

– Foi ela quem começou – disse Harry. – Eu não teria... ela meio que me procurou... e no momento seguinte estava derramando lágrimas em cima de mim... eu não sabia o que fazer...

– Não é sua culpa, cara – disse Rony, parecendo assustado só de pensar.

– Você tinha de ser legal com ela – disse Hermione, erguendo os olhos ansiosa. – Você foi, não?

– Bom – respondeu Harry, um calor desagradável subindo pelo rosto –, eu meio que dei umas palmadinhas nas costas dela.

Hermione parecia estar se controlando com extrema dificuldade para não olhar para o teto.

– Bom, suponho que poderia ter sido pior. Vai voltar a vê-la?

– Terei, não é? Temos os encontros da AD, não temos?

– Você me entendeu – disse Hermione, impaciente.

Harry não respondeu. As palavras da amiga descortinavam um cenário de possibilidades assustadoras. Tentou se imaginar indo a algum lugar com Cho – Hogsmeade, talvez – e passando muitas horas sozinho com ela. Claro, ela estaria esperando que ele a convidasse depois do que acabara de acontecer... o pensamento provocou-lhe um aperto doloroso no estômago.

– Ah, bom – disse Hermione distante, absorta outra vez em sua carta –, você terá muitas oportunidades para convidá-la.

– E se ele não quiser? – indagou Rony, que estivera observando Harry com uma expressão incomumente perspicaz.

– Não seja bobo – disse Hermione distraída. – Harry gosta dela há séculos, não é, Harry?

Ele não respondeu. Verdade, gostava de Cho há séculos, mas sempre que imaginava uma cena envolvendo os dois era uma Cho se divertindo e não uma Cho soluçando desconsolada em seu ombro.

– Afinal para quem é que você está escrevendo, Hermione? – perguntou Rony, tentando ler o pergaminho que agora arrastava pelo chão. Hermione puxou-o

para longe dele.
– Vítor.
– *Krum?*
– Quantos Vítor nós conhecemos?
Rony não respondeu, mas pareceu aborrecido. Os três ficaram em silêncio os vinte minutos seguintes, Rony terminando o trabalho de Transfiguração dando bufos de impaciência e riscando as frases; Hermione escrevendo sem parar até o fim do pergaminho, enrolando-o e lacrando-o; e Harry contemplando o fogo, desejando mais do que nunca que a cabeça de Sirius aparecesse ali para lhe dar uns conselhos sobre garotas. Mas as chamas foram gradualmente baixando até só restarem brasas que se desfizeram em cinzas e, olhando ao seu redor, Harry viu que eram, mais uma vez, os últimos a se retirarem da sala comunal.
– Boa-noite – disse Hermione, dando um enorme bocejo a caminho da escada do dormitório das meninas.
– Que é que ela vê no Krum? – perguntou Rony, quando ele e Harry subiam a escada do dormitório dos meninos.
– Bom – disse Harry, considerando a pergunta. – Acho que ele é mais velho, não é... e é um jogador internacional de quadribol...
– É, mas tirando isso – disse Rony, em tom irritado. – Quero dizer, ele é um babaca rabugento, não é?
– É um pouquinho rabugento – disse Harry, cujos pensamentos continuavam em Cho.
Eles despiram as vestes e puseram os pijamas em silêncio. Dino, Simas e Neville já estavam dormindo. Harry guardou os óculos sobre a mesinha de cabeceira e se meteu na cama, mas não fechou o cortinado; em vez disso, ficou contemplando o pedaço estrelado de céu que via pela janela junto à cama de Neville. Se soubesse, na noite anterior, que em vinte e quatro horas iria beijar Cho Chang...
– Noite – resmungou Rony, de algum ponto à direita.
– Noite – respondeu Harry.
Talvez da próxima vez... se houver uma próxima vez... ela esteja um pouquinho mais feliz. Devia ter convidado Cho a sair; provavelmente ela esperasse por isso e agora estava realmente zangada com ele... ou será que estava deitada na cama, ainda chorando por Cedrico? Não sabia o que pensar. As explicações de Hermione tinham feito tudo parecer mais complicado em lugar de mais fácil de compreender.
Isso é o que eles deviam nos ensinar aqui, pensou, virando-se para o outro lado, *como funciona o cérebro das garotas... pelo menos seria mais útil do que Adivinhação...*

Neville fungou dormindo. Uma coruja piou lá fora na noite.
Harry sonhou que estava de novo na sala da AD. Cho o acusava de tê-la atraído ali sob falsos pretextos; disse que ele lhe prometera cento e cinquenta cartões de Sapos de Chocolate se ela aparecesse. Harry protestou... Cho gritava: "*Cedrico me dava montes de cartões de Sapos de Chocolate, olhe aqui!*" E ela tirava de dentro das vestes a mão cheia de cartões e os atirava no ar. Então, Cho se transformou em Hermione, que disse: "*Você prometeu, sim, Harry... acho que é melhor dar outra coisa a ela... que tal a sua Firebolt?*" E Harry protestava que não podia dar a Cho a Firebolt, porque Umbridge a confiscara, e, afinal de contas, aquilo tudo era ridículo, ele só viera à sala da AD para pendurar algumas bolas de Natal com o formato da cabeça de Dobby...
O sonho mudou...
Ele sentiu seu corpo liso, forte e flexível. Estava deslizando entre barras de metal brilhante, pela pedra fria e escura... colado no chão, deslizando de barriga... estava escuro, contudo podia ver objetos à sua volta que refulgiam em cores estranhas e vibrantes... ele estava virando a cabeça... ao primeiro relance via um corredor vazio... mas não... havia um homem sentado no chão mais adiante, o queixo caído sobre o peito, seu contorno brilhando no escuro...
Harry estirou a língua... provou o cheiro do homem no ar... estava vivo mas atordoado... sentado à porta no fim do corredor...
Harry sentia vontade de morder o homem... mas precisava controlar o impulso... tinha coisa mais importante a fazer...
O homem estava se mexendo... uma capa prateada caiu de suas pernas quando ele se pôs em pé; e Harry viu seu contorno vibrante e difuso elevarse acima de sua cabeça, viu-o tirar uma varinha do cinto... não teve escolha... recuou ganhando altura do chão e atacou-o uma vez, duas, três, enterrando suas presas na carne do homem, sentindo as costelas se partirem sob suas mandíbulas, sentindo o sangue jorrar quente...
O homem gritou de dor... depois se calou... tombou de costas contra a parede... o sangue manchou o chão...
Sua cicatriz doía horrivelmente... parecia que ia se romper...
– Harry! HARRY!
Ele abriu os olhos. Cada centímetro do seu corpo estava coberto de suor gelado; sua roupa de cama se enrolara nele como uma camisa de força; tinha a sensação de que um ferro em brasa estava marcando sua testa.
– *Harry!*
Rony estava parado junto dele, parecia extremamente assustado. Havia mais vultos ao pé da cama de Harry. Ele apertou a cabeça com as mãos; a dor o cegava... ele se virou e vomitou no chão.

– Ele está passando mal de verdade – disse uma voz cheia de pavor. – Não devíamos chamar alguém?

– Harry! *Harry!*

Ele precisava contar a Rony, era muito importante contar a ele... respirando o ar em grandes sorvos, Harry se levantou da cama, fazendo força para não vomitar outra vez, a dor embaçando sua visão.

– Seu pai – ofegou, seu peito subia e descia. – Seu pai... foi atacado...

– Quê?! – exclamou Rony sem compreender.

– Seu pai! Foi mordido, é grave, tinha sangue por toda parte...

– Vou buscar ajuda – disse a mesma voz apavorada, e Harry ouviu alguém sair correndo do dormitório.

– Harry, cara – disse Rony inseguro –, você... foi só um sonho...

– Não! – protestou Harry enfurecido; era fundamental que Rony entendesse.

– Não foi um sonho... não foi um sonho comum... eu estava lá, vi acontecer... fui eu que o *ataquei*...

Ele ouvia Simas e Dino resmungando, mas não se importou. A dor em sua testa diminuiu um pouco, embora ele ainda suasse e tremesse febrilmente. Ele tornou a vomitar, e Rony deu um salto para trás para sair do caminho.

– Harry, você não está bem – disse com a voz hesitante. – Neville foi buscar ajuda.

– Eu estou ótimo! – engasgou-se Harry, limpando a boca no pijama e tremendo descontrolado. – Não tem nada errado comigo, é com o seu pai que você tem de se preocupar... precisamos descobrir onde é que ele está... está sangrando feito louco... eu era... foi uma cobra enorme.

Ele tentou sair da cama, mas Rony o empurrou de volta. Dino e Simas continuavam a cochichar ali perto. Harry não sabia se passara um minuto ou dez; simplesmente ficou sentado tremendo, sentindo a dor na cicatriz diminuir muito lentamente... então ouviu passos apressados subindo as escadas e tornou a ouvir a voz de Neville.

– Aqui, professora.

A Profª McGonagall entrou correndo no dormitório, trajando o seu roupão escocês, os óculos tortos na ponte do nariz ossudo.

– Que foi, Potter? Onde está doendo?

Ele nunca sentira tanto prazer em vê-la; era de um membro da Ordem da Fênix que estava precisando, e não de alguém que cuidasse dele e receitasse poções inúteis.

– É o pai de Rony – disse ele, tornando a se sentar. – Foi atacado por uma cobra e é grave, eu vi acontecer.

– Como assim, você viu acontecer? – perguntou a professora, contraindo as

sobrancelhas escuras.

– Não sei... eu estava dormindo e então estava lá...

– Você quer dizer que sonhou com isso?

– Não! – disse Harry zangado; será que ninguém entendia? – Primeiro eu estava sonhando uma coisa completamente diferente, uma coisa boba... então o sonho foi interrompido. Foi real, eu não imaginei nada. O Sr. Weasley estava adormecido no chão e foi atacado por uma cobra gigantesca, tinha muito sangue, ele desmaiou, alguém tem de descobrir onde é que ele está...

A Profª McGonagall olhava para ele através dos óculos tortos, como se horrorizada com o que via.

– Eu não estou mentindo e não estou enlouquecendo – disse Harry, alteando a voz até gritar. – Estou dizendo que vi acontecer!

– Eu acredito em você, Potter – disse McGonagall brevemente. – Vista o seu roupão: vamos ver o diretor.

— CAPÍTULO VINTE E DOIS —
O Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos

Harry ficou tão aliviado que ela o tivesse levado a sério que nem hesitou, saltou da cama imediatamente, vestiu o roupão e repôs os óculos no nariz.

– Weasley, venha você também – disse a Profª McGonagall.

Eles passaram com a professora pelas figuras silenciosas de Neville, Dino e Simas, saíram do dormitório, desceram a escada em espiral até a sala comunal, atravessaram o buraco do retrato e foram pelo corredor da Mulher Gorda iluminado pelo luar. Harry sentiu que o pânico em seu estômago extravasaria a qualquer momento; queria correr, gritar por Dumbledore; o Sr. Weasley estava sangrando enquanto eles percorriam calmamente o corredor, e se aquelas presas (Harry fez força para não pensar em "minhas presas") contivessem veneno? Passaram por Madame Nor-r-ra, que virou seus olhos de holofote para eles e bufou levemente, mas a Profª McGonagall disse "Xô", e a gata se enfurnou nas sombras, e poucos minutos depois chegavam à gárgula de pedra que guardava a entrada dos aposentos de Dumbledore.

– Delícia Gasosa – disse a professora.

A gárgula ganhou vida e saltou para o lado; a parede atrás se dividiu em duas e revelou uma escada de pedra que se movia continuamente para o alto, como uma escada rolante em espiral. Os três subiram; a porta se fechou com um baque surdo e eles subiram em círculos fechados até alcançar uma porta de carvalho excepcionalmente lustrosa com uma maçaneta de latão em forma de grifo.

Embora passasse muito da meia-noite, ouviam-se vozes no interior da sala, uma verdadeira babel. Parecia que Dumbledore estava recebendo no mínimo umas doze pessoas.

A Profª McGonagall bateu três vezes com a aldrava em forma de grifo e as

vozes cessaram abruptamente como se alguém as tivesse desligado. A porta se abriu sozinha e a professora entrou com Harry e Rony.

A sala estava mergulhada em sombras; os estranhos instrumentos sobre as mesas estavam silenciosos e imóveis em vez de zumbir e expelir baforadas de fumaça como habitualmente faziam; os antigos diretores e diretoras nos retratos que cobriam as paredes dormiam contidos em suas molduras. Atrás da porta, um magnífico pássaro vermelho e dourado do tamanho de um cisne cochilava no poleiro com a cabeça sob uma das asas.

– Ah, é a senhora, Profª McGonagall... e... *ah*.

Dumbledore estava sentado em uma cadeira de espaldar alto, à escrivaninha; inclinou-se para o círculo de luz das velas que iluminavam os papéis à sua frente. Usava um magnífico roupão bordado em púrpura e dourado sobre uma camisa de dormir muito branca, mas parecia bem acordado, seus penetrantes olhos azuis fixavam atentamente a professora.

– Prof. Dumbledore, Potter teve um... bom, um pesadelo – começou McGonagall. – Ele diz que...

– Não foi um pesadelo – completou Harry depressa.

A professora olhou para Harry, franzindo ligeiramente a testa.

– Muito bem, então, Potter, conte ao Prof. Dumbledore.

– Eu... bom, eu *estava* dormindo... – disse Harry e, mesmo em seu desespero de fazer Dumbledore compreender, sentia-se levemente irritado que o diretor não olhasse para ele, mas examinasse os próprios dedos entrelaçados. – Mas não foi um sonho comum... foi real... eu vi acontecer... – Harry tomou fôlego. – O pai de Rony, o Sr. Weasley, foi atacado por uma cobra gigantesca.

As palavras pareceram ecoar depois que ele as pronunciou, soando ligeiramente ridículas, até cômicas. Fez-se uma pausa em que Dumbledore se recostou e contemplou o teto, meditativo. Rony olhava de Harry para Dumbledore, o rosto pálido e chocado.

– Como foi que você viu isso? – perguntou Dumbledore calmamente, ainda sem olhar para Harry.

– Bom... não sei – disse Harry, meio zangado; que diferença fazia? – Na minha cabeça, suponho...

– Você não me entendeu – disse Dumbledore, mantendo a voz calma. – Quero dizer... você se lembra... ah... em que posição você estava enquanto assistia a esse ataque? Você estava talvez parado ao lado da vítima, ou contemplava a cena do alto?

A pergunta era tão curiosa que Harry boquiabriu-se com Dumbledore; era quase como se ele soubesse...

– Eu era a cobra. Vi tudo do ponto de vista da cobra.

Ninguém falou por um momento, então Dumbledore, agora olhando para Rony, que continuava cor de coalhada, perguntou em um novo tom mais enérgico:

– Arthur ficou gravemente ferido?

– Ficou – respondeu Harry enfaticamente, por que eram tão lentos para compreender, será que não sabiam como uma pessoa sangrava quando presas daquele tamanho furavam o corpo dela? E por que Dumbledore não podia fazer a gentileza de encará-lo?

Mas o diretor se ergueu tão depressa que deu um susto em Harry, e se dirigiu a um dos antigos retratos pendurados muito próximo do teto:

– Everardo? – chamou repentinamente em voz alta. – E você também Dilys!

Um bruxo de cara pálida, com uma franja preta curta, e uma bruxa idosa, com longos cachos prateados, no quadro ao lado, ambos parecendo profundamente adormecidos, abriram os olhos imediatamente.

– Vocês estavam escutando? – perguntou Dumbledore.

O bruxo assentiu e a bruxa respondeu:

– Naturalmente.

– O homem tem cabelos ruivos e usa óculos – disse Dumbledore. – Everardo, você precisa dar o alarme, providencie para que ele seja encontrado pelas pessoas certas...

Os dois confirmaram com a cabeça e se deslocaram lateralmente de seus quadros, mas, em vez de surgirem nos quadros vizinhos (como normalmente acontecia em Hogwarts), nenhum dos dois reapareceu. Um quadro agora exibia apenas um pano de fundo escuro, o outro, uma bela poltrona de couro. Harry reparou que vários dos outros diretores e diretoras nas paredes, embora roncassem e babassem convincentemente, não paravam de espiá-lo por baixo das pálpebras fechadas, e de repente ele entendeu quem estava falando quando bateram na porta.

– Everardo e Dilys foram dois dos diretores mais famosos de Hogwarts – explicou Dumbledore, agora contornando Harry, Rony e a Profª McGonagall para se aproximar do magnífico pássaro adormecido no poleiro ao lado da porta. – A fama deles foi tão grande que ambos têm retratos pendurados em outras importantes instituições bruxas vizinhas. Como têm liberdade de se deslocar entre os próprios retratos, podem nos contar o que pode estar acontecendo em outros lugares...

– Mas o Sr. Weasley poderia estar em qualquer lugar! – exclamou Harry.

– Por favor, sentem-se, os três – pediu Dumbledore, como se Harry não tivesse falado. – Everardo e Dilys talvez demorem a voltar. Profª McGonagall,

se puder providenciar mais umas cadeiras.
McGonagall puxou a varinha do bolso do roupão e acenou; do nada, apareceram três cadeiras, de madeira e espaldar reto, muito diferentes das confortáveis poltronas de chintz que Dumbledore conjurara na audiência de Harry. O garoto se sentou, espiando o diretor por cima do ombro. O diretor agora acariciava com o dedo a cabeça dourada de Fawkes. A fênix acordou imediatamente. Esticou a bela cabeça para o alto, e ficou observando Dumbledore com seus olhos brilhantes e escuros.
– Vamos precisar – disse ele à ave em voz baixa – de um aviso.
Uma labareda lampejou no ar e a fênix desapareceu.
Em seguida, Dumbledore se encaminhou para um dos frágeis instrumentos de prata cuja função Harry não conhecia, levou-o para a escrivaninha, sentou-se em frente e tocou o instrumento com a ponta da varinha.
O instrumento ganhou vida, imediatamente, produzindo tinidos rítmicos. Pequeninas baforadas de fumaça verde pálido saíram de um minúsculo tubo de prata em cima. Dumbledore mirou a fumaça com atenção, a testa profundamente vincada. Passados alguns segundos, a fumacinha se transformou em um jorro constante de fumaça que espiralou pelo ar... e surgiu na ponta uma cabeça de cobra, com a boca muito aberta. Harry ficou se perguntando se o instrumento estaria confirmando sua história: olhou pressuroso para Dumbledore, buscando um sinal de que estava certo, mas o diretor não ergueu a cabeça.
– Naturalmente, naturalmente – murmurou Dumbledore, ainda observando a fumaça, sem manifestar o menor sinal de surpresa. – Mas dividida na essência?
Para Harry, aquela pergunta não tinha pé nem cabeça. A cobra de fumaça, porém, se dividiu instantaneamente em duas cobras, que se enroscaram e ondearam no aposento mal iluminado. Com uma expressão de penosa satisfação, Dumbledore deu mais um leve toque com a varinha no instrumento; o tinido foi se tornando mais lento até morrer, e as cobras de fumaça empalideceram, viraram uma névoa difusa e desapareceram.
Dumbledore repôs o instrumento na mesinha frágil em que estava. Harry viu muitos dos diretores nos retratos acompanharem seus gestos com os olhos, então, percebendo que Harry os observava, depressa fingiram que estavam dormindo como antes. Harry queria perguntar para que servia aquele curioso instrumento, mas, antes que pudesse fazê-lo, ouviram um grito vindo do alto da parede à direita; o bruxo chamado Everardo reaparecera em seu quadro, ligeiramente ofegante.
– Dumbledore!
– Quais são as notícias? – indagou o diretor imediatamente.
– Gritei até alguém aparecer – disse o bruxo, que enxugava a testa com a

cortina ao fundo –, falei que tinha ouvido alguma coisa andando no andar de baixo; eles não sabiam se deviam acreditar em mim, mas desceram para verificar; você sabe, não há quadros lá embaixo de onde se possa espiar. Seja como for, eles o trouxeram para cima alguns minutos depois. Não parecia nada bem, estava coberto de sangue; corri para o retrato de Elfrida Cragg para poder ver melhor quando saíram.

– Bom – disse Dumbledore ao mesmo tempo que Rony fazia um movimento convulsivo. – Suponho que Dilys o tenha visto chegar, então...

E, momentos depois, a bruxa de cachos prateados reapareceu em seu quadro, também; tossindo, ela afundou na poltrona e disse:

– Eles o levaram para o St. Mungus, Dumbledore... passaram pelo meu retrato carregando-o... ele me pareceu mal...

– Obrigado. – Dumbledore olhou para a Profª McGonagall. – Minerva, preciso que você vá acordar os outros garotos Weasley.

– É claro...

A professora se levantou e se dirigiu apressada à porta. Harry lançou um olhar de esguelha para Rony, que parecia aterrorizado.

– Dumbledore... e a Molly? – perguntou McGonagall, parando à porta.

– Será uma tarefa para Fawkes quando ela terminar de vigiar se há alguém se aproximando – disse Dumbledore. – Mas Molly talvez já saiba... aquele relógio maravilhoso que tem...

Harry sabia que o diretor estava se referindo ao relógio que informava não as horas, mas o paradeiro e a condição dos vários membros da família Weasley, e, com uma pontada, lembrou que o ponteiro correspondente ao Sr. Weasley devia, ainda agora, estar apontando para *perigo mortal*. Mas era muito tarde. A Sra. Weasley provavelmente estava dormindo e não olhando para o relógio. Harry sentiu um frio ao lembrar do bicho-papão que se transformara no corpo sem vida do Sr. Weasley, seus óculos tortos, o sangue escorrendo pelo seu rosto... mas ele não ia morrer... não podia...

Dumbledore agora remexia em um armário às costas de Harry e Rony. Voltou carregando uma velha chaleira escurecida, que colocou cuidadosamente sobre a escrivaninha. Ergueu a varinha e murmurou: "*Portus!*" Por um momento, a chaleira estremeceu, emitindo uma estranha luz azul; em seguida deu um último estremeção e parou, escura como antes.

Dumbledore se dirigiu a outro retrato, desta vez o de um bruxo de cara inteligente e barba em ponta, que fora pintado usando as cores verde e prata da Sonserina, e, pelo jeito, dormia tão profundamente que não ouvira a voz do diretor tentando acordá-lo.

– Fineus. *Fineus*.

Os retratados que cobriam as paredes do aposento já não fingiam estar dormindo; mexiam-se em suas molduras para ver melhor o que estava acontecendo. Quando o bruxo inteligente continuou a fingir que dormia, alguns deles gritaram o seu nome também.

– Fineus! *Fineus!* FINEUS!

Ele não pôde mais fingir; estremeceu teatralmente e arregalou os olhos.

– Alguém me chamou?

– Preciso que você visite outra vez o seu outro quadro, Fineus – disse Dumbledore. – Tenho outra mensagem.

– Visitar meu outro quadro?! – exclamou Fineus com voz aguda, fingindo um longo bocejo (seu olhar correu pelo aposento e se fixou em Harry). – Ah, não, Dumbledore, estou cansado demais esta noite.

Alguma coisa na voz de Fineus pareceu familiar a Harry; onde a ouvira? Mas, antes que pudesse se lembrar, os retratos nas paredes à volta prorromperam em protestos.

– Insubordinação, senhor! – bradou um corpulento bruxo de nariz vermelho, erguendo os punhos. – Negligência para com o dever!

– Temos o compromisso de honra de prestar serviços ao atual diretor de Hogwarts! – exclamou um bruxo velho de aparência frágil em quem Harry reconheceu o antecessor de Dumbledore, Armando Dippet. – Que vergonha, Fineus!

– Devo persuadi-lo, Dumbledore? – perguntou uma bruxa de olhos de verruma, erguendo uma varinha incomumente grossa que lembrava um bastão de vidoeiro.

– Ah, muito *bem* – concordou o bruxo chamado Fineus, espiando a varinha com uma ligeira apreensão –, embora, a essa altura, ele talvez já tenha destruído o meu retrato, já se desfez da maioria da minha família...

– Sirius não sabe destruir o seu retrato – disse Dumbledore, e Harry percebeu imediatamente onde ouvira a voz de Fineus antes: saía da moldura aparentemente vazia em seu quarto no largo Grimmauld. – Dê a ele o recado de que Arthur Weasley foi gravemente ferido e que a esposa dele, filhos e Harry Potter chegarão a sua casa daqui a pouco. Entendeu?

– Arthur Weasley, ferido, mulher, filhos e Harry Potter se hospedarão – recitou Fineus, entediado. – Sim, sim... muito bem.

Ele tornou a entrar na moldura do retrato e desapareceu de vista no mesmo instante em que a porta do aposento se abriu. Fred, Jorge e Gina vieram acompanhados pela Profª McGonagall, os três parecendo amarfanhados e em estado de choque, ainda vestindo as roupas de dormir.

– Harry... que é que está acontecendo? – perguntou Gina, que parecia

amedrontada. – A Profª McGonagall disse que você viu papai ser ferido...
– Seu pai foi ferido durante um serviço para a Ordem da Fênix – informou Dumbledore antes que Harry pudesse falar. – Foi levado para o Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. Vou mandar vocês para a casa de Sirius, que é muito mais próxima do hospital do que A Toca. Vocês vão se encontrar com sua mãe lá.
– Como é que nós vamos? – perguntou Fred, abalado. – Pó de Flu?
– Não. No momento o Pó de Flu não é seguro, a rede está sendo vigiada. Vocês vão usar uma Chave de Portal. – Ele indicou a velha chaleira que descansava inocentemente sobre a escrivaninha. – Estamos apenas aguardando as informações de Fineus Nigellus... quero ter certeza de que não há perigo para despachar vocês...
Apareceu uma labareda bem no meio do aposento, depois uma única pena dourada que flutuou suavemente até o chão.
– É o aviso de Fawkes – disse Dumbledore, recolhendo a pena quando caiu. – A Profª Umbridge já deve saber que vocês estão fora de suas camas... Minerva, vá distraí-la, conte-lhe qualquer história...
A Profª McGonagall saiu num ruge-ruge de tecido escocês.
– Ele diz que ficará encantado – disse uma voz cheia de tédio atrás de Dumbledore; o bruxo chamado Fineus reaparecera diante de sua bandeira da Sonserina. – Meu trineto sempre teve um gosto esquisito em termos de hóspedes.
– Venham aqui, então – falou Dumbledore a Harry e aos Weasley. – E depressa, antes que mais alguém apareça.
Harry e os outros se agruparam em torno da escrivaninha de Dumbledore.
– Vocês já usaram uma Chave de Portal antes? – perguntou ele, e os garotos confirmaram com a cabeça, cada um esticando a mão para tocar em alguma parte da chaleira enegrecida. – Ótimo. Quando eu contar três, então... um... dois...
Aconteceu em uma fração de segundo: na pausa infinitesimal antes de Dumbledore dizer “três”, Harry olhou para ele, estavam todos muito juntos, e os olhos azul-claros do diretor passaram da Chave do Portal para o rosto do garoto.
Na mesma hora, a cicatriz de Harry queimou como se fosse tocada por um ferro em brasa, como se a velha cicatriz tivesse se rompido – e involuntário, indesejado, mas apavorantemente forte, nasceu em Harry um ódio tão poderoso que o fez sentir naquele instante que só queria atacar – morder – enterrar as presas no homem à frente dele...
– *... três.*
Harry sentiu um forte puxão atrás do umbigo, o chão sumiu sob seus pés, sua mão colada à chaleira; colidiu com os outros enquanto avançavam velozmente

em uma voragem de cores e uma lufada de vento, a chaleira puxando-os para diante... até que seus pés bateram no chão com tanta força que seus joelhos dobraram, a chaleira caiu no chão com estrépito, e em algum lugar ali perto alguém falou:
– De volta, os pirralhos do traidor do sangue. É verdade que o pai deles está morrendo?
– FORA! – vociferou uma segunda voz.
Harry se levantou depressa e olhou à volta; tinham chegado à sombria cozinha do porão do largo Grimmauld, doze. As únicas fontes de luz eram o fogão e uma vela derretida, que iluminavam os restos de um jantar solitário. Monstro ia desaparecendo pela porta do corredor, lançando-lhes olhares malévolos ao mesmo tempo que repuxava a tanga; Sirius veio correndo ao seu encontro, parecendo ansioso. Estava barbado e com as roupas que usara durante o dia; havia nele também um ligeiro bafo de bebida que lembrava Mundungo.
– Que é que está acontecendo? – perguntou, estendendo a mão para ajudar Gina a se levantar. – Fineus Nigellus falou que Arthur está gravemente ferido...
– Pergunte ao Harry – respondeu Fred.
– É, quero ouvir isso com os meus próprios ouvidos – disse Jorge.
Os gêmeos e Gina olhavam fixamente para o amigo. Os passos de Monstro haviam parado na escada.
– Foi – começou Harry, isso era pior do que contar a McGonagall e a Dumbledore. – Tive uma... uma espécie de... visão...
E contou a todos o que vira, embora alterasse a história para parecer que assistira dos bastidores quando a cobra atacou, e não através dos olhos da própria cobra. Rony, que continuava muito pálido, lançou a Harry um olhar fugaz, mas não fez comentários. Quando Harry terminou, Fred, Jorge e Gina continuaram de olhos nele. Harry não sabia se estava ou não imaginando, mas achou que havia um quê de acusação no olhar dos garotos. Bom, se iam culpá-lo só por ver o ataque, estava contente de não ter contado que na hora ele estava dentro da cobra.
– Mamãe já chegou? – perguntou Fred, virando-se para Sirius.
– Provavelmente ela ainda nem sabe o que aconteceu – disse Sirius. – O importante era vocês virem antes que a Umbridge pudesse interferir. Espero que Dumbledore esteja avisando a Molly agora.
– Temos de ir ao St. Mungus – disse Gina em tom urgente. E olhou para os irmãos; eles, é claro, ainda estavam de pijama. – Sirius, você pode nos emprestar capas ou outra coisa qualquer para vestir?
– Esperem, vocês não podem sair correndo para o St. Mungus! – falou Sirius.
– Claro que podemos ir ao St. Mungus se quisermos – disse Fred, com uma

expressão obstinada. – Ele é nosso pai!
– E como é que vocês vão explicar como souberam que Arthur foi atacado antes mesmo de o hospital avisar a mulher dele?
– Que diferença faz? – perguntou Jorge, exaltado.
– Faz diferença, porque não queremos chamar atenção para o fato de que Harry está tendo visões de coisas que acontecem a quilômetros de distância! – disse Sirius aborrecido. – Vocês têm ideia do que o Ministério faria com essa informação?
Fred e Jorge fizeram cara de quem não se importava nem um pouco com o que o Ministério pudesse fazer com coisa alguma. Rony continuava extremamente pálido e silencioso.
Gina disse:
– Alguém poderia ter nos contado... poderíamos ter sabido o que aconteceu por outra pessoa que não o Harry.
– Quem, por exemplo? – perguntou Sirius, impaciente. – Escutem, seu pai foi ferido a serviço da Ordem da Fênix e as circunstâncias já são bastante suspeitas sem os filhos dele saberem o que aconteceu segundos depois, vocês poderiam prejudicar seriamente a Ordem...
– Não estamos interessados nessa Ordem idiota! – gritou Fred.
– Estamos falando do nosso pai, que está morrendo! – berrou Jorge.
– Seu pai sabia no que estava se metendo e não vai agradecer a vocês por estragarem as coisas para a Ordem! – retorquiu ele, igualmente zangado. – É assim que é, e é por isso que vocês não pertencem à Ordem, vocês não entendem, há coisas pelas quais vale a pena morrer!
– É fácil para você falar, preso aqui! – urrou Fred. – Não vejo você arriscando o seu pescoço!
O pouco colorido que restava no rosto de Sirius desapareceu. Por um momento, pareceu que sua vontade era bater em Fred, mas quando voltou a falar, foi em um tom deliberadamente calmo.
– Sei que é difícil, mas todos temos de agir como se ainda não soubéssemos de nada. Temos de ficar quietos, pelo menos até sua mãe dar notícias, está bem?
Fred e Jorge continuavam rebelados. Gina, porém, foi até a cadeira mais próxima e se afundou nela. Harry olhou para Rony, que fez um movimento engraçado entre um aceno de cabeça e uma sacudidela de ombros, e sentaram-se também. Os gêmeos continuaram a olhar feio para Sirius por mais um minuto, então se acomodaram um de cada lado de Gina
– Muito bem – disse Sirius animando-os –, andem, vamos todos tomar alguma coisa enquanto esperamos. *Accio cerveja amanteigada!*
Ele ergueu a varinha, e meia dúzia de garrafas vieram voando da despensa em

direção a eles, espalhando os restos da refeição de Sirius e parando em ordem diante de cada um dos seis. Todos beberam e por algum tempo os únicos sons foram a crepitação das chamas no fogão da cozinha e as batidas surdas das garrafas na mesa.

Harry só estava bebendo para ocupar as mãos com alguma coisa. Seu estômago estava cheio de remorsos que ferviam e borbulhavam. Não estariam aqui se não fosse ele; todos ainda estariam dormindo em suas camas. E não adiantava dizer a si mesmo que ao dar o alarme permitira que encontrassem o Sr. Weasley, porque havia ainda a questão inevitável de ter sido ele quem atacara o Sr. Weasley, para começar.

Não seja idiota, você não tem presas, disse mentalmente, tentando se acalmar, embora a mão que segurava a garrafa de cerveja tremesse, *você estava deitado na cama, não estava atacando ninguém...*

Mas, então, que foi que aconteceu na sala de Dumbledore?, perguntou-se. *Senti vontade de atacá-lo também...*

Repôs a garrafa na mesa, com um pouco mais de força do que pretendia, e derramou-a. Ninguém lhe prestou atenção. Então uma erupção de chamas no ar iluminou os pratos sujos diante deles e, enquanto gritavam assustados, um pergaminho caiu com um baque surdo na mesa, acompanhado por uma única pena da cauda da fênix.

– Fawkes! – exclamou Sirius na mesma hora, apanhando o pergaminho. – Não é a letra de Dumbledore: deve ser uma mensagem de sua mãe, tome...

Ele entregou a carta na mão de Jorge, que rompeu o lacre e leu em voz alta: "*Papai ainda está vivo. Estou indo para o St. Mungus agora. Fiquem onde estão. Mandarei notícias assim que puder. Mamãe.*"

Jorge olhou para todos.

– Ainda está vivo... – disse lentamente. – Mas dá a impressão que...

Ele não precisou terminar a frase. Harry também teve a impressão de que o Sr. Weasley estava entre a vida e a morte. Ainda excepcionalmente pálido, Rony ficou olhando para o verso da carta da mãe como se o pergaminho pudesse dizer alguma coisa que o consolasse. Fred puxou-o da mão de Jorge e leu, depois olhou para Harry, que sentindo novamente a mão tremer na garrafa de cerveja amanteigada, apertou-a com mais força para parar o tremor.

Não se lembrava de ter jamais feito uma vigília noturna mais longa. Sirius sugeriu uma vez, sem muita convicção, que fossem todos dormir, mas os olhares de desagrado dos Weasley foram resposta suficiente. A maior parte do tempo ficaram em silêncio ao redor da mesa, observando o pavio da vela minguar aos poucos até desaparecer na cera líquida, levando ocasionalmente uma garrafa à boca, falando apenas para saber as horas, perguntar em voz alta o que estaria

acontecendo, e tranquilizar um ao outro que se houvesse más notícias eles as saberiam na hora, porque a Sra. Weasley já devia ter chegado havia muito tempo no St. Mungus.
Fred cochilou, a cabeça balançando frouxamente sobre o pescoço. Gina se enroscou como um gato na cadeira, mas mantinha os olhos abertos; Harry os via refletir as chamas do fogão. Rony deitara-se com a cabeça nas mãos, era impossível dizer se acordado ou adormecido. Harry e Sirius se entreolhavam de vez em quando, intrusos no pesar da família, esperando... esperando...
Às cinco e dez da manhã, pelo relógio de Rony, a porta da cozinha abriu e a Sra. Weasley entrou. Estava muito pálida, mas quando todos se viraram e Fred, Rony e Harry fizeram menção de se levantar das cadeiras, ela deu um sorriso abatido.
– Ele vai ficar bom – disse com a voz enfraquecida pelo cansaço. – Agora está dormindo. Podemos ir vê-lo mais tarde. Gui está lhe fazendo companhia no momento; vai tirar a manhã de folga.
Fred tornou a se sentar com as mãos no rosto. Jorge e Gina se levantaram, correram a abraçar a mãe. Rony deu uma risada muito trêmula e virou o resto de sua cerveja amanteigada de uma vez.
– Café da manhã! – anunciou Sirius em voz alta e feliz, levantando-se de um salto. – Onde anda aquele maldito elfo doméstico? Monstro! MONSTRO!
Mas Monstro não atendeu ao seu chamado.
– Ah, esquece – resmungou Sirius, contando as pessoas presentes. – Então, é café da manhã para... vejamos... sete... bacon e ovos, acho, chá e torradas...
Harry se levantou depressa e foi para o fogão ajudar. Não queria se intrometer na alegria dos Weasley e temia o momento em que a Sra. Weasley iria lhe pedir para contar sua visão. Porém, mal acabara de apanhar os pratos no armário e ela já os tirava de sua mão e o puxava para um abraço.
– Não sei o que teria acontecido se não fosse você, Harry – disse Molly com a voz abafada. – Não teriam encontrado Arthur tão cedo, e então seria tarde demais, mas graças a você ele está vivo e Dumbledore pôde pensar em uma boa desculpa para Arthur estar onde estava, senão você nem faz ideia da encrenca em que ele se meteria, veja o que aconteceu com o coitado do Estúrgio...
Harry mal conseguia suportar essa gratidão, mas felizmente ela o soltou e se virou para Sirius para lhe agradecer ter tomado conta dos seus filhos a noite inteira. Sirius disse que se alegrava de poder ajudar, e esperava que todos ficassem ali até o Sr. Weasley sair do hospital.
– Ah, Sirius, fico tão agradecida... acham que ele vai ficar hospitalizado durante algum tempo, e seria maravilhoso estar mais perto... naturalmente isto talvez signifique passar o Natal aqui.

– Quanto mais melhor! – disse Sirius, com uma sinceridade tão óbvia que a Sra. Weasley sorriu para ele radiante, vestiu um avental e começou a ajudá-lo a fazer o café da manhã.

– Sirius – murmurou Harry, incapaz de aguentar nem mais um minuto sequer. – Posso dar uma palavrinha? Ah... *agora*?

Ele entrou na despensa escura e Sirius o seguiu. Sem preâmbulo, contou ao padrinho cada detalhe da visão que tivera, inclusive o fato de que ele próprio fora a cobra que atacara o Sr. Weasley.

Quando parou para tomar fôlego, Sirius perguntou:

– Você contou isso a Dumbledore?

– Contei – disse Harry, impaciente –, mas ele não me disse o que significava. Bom, ele não me diz mais nada.

– Tenho certeza de que teria dito se fosse caso para se preocupar – disse Sirius com firmeza.

– Mas não é só isso – disse Harry, num tom só um pouquinho acima de um sussurro. – Sirius, acho... acho que estou ficando doido. Na sala de Dumbledore, pouco antes de embarcarmos na Chave de Portal... por uns dois segundos pensei que era uma cobra, me *senti* como uma cobra, minha cicatriz doeu muito quando eu olhei para Dumbledore, Sirius, tive vontade de atacá-lo!

Ele só conseguia enxergar uma nesga do rosto de Sirius; o resto estava escuro.

– Isso deve ter sido consequência da visão, nada mais – disse Sirius. – Você ainda estava pensando no sonho ou qualquer coisa assim...

– Não foi isso, não – replicou Harry balançando a cabeça –, foi como se uma coisa despertasse dentro de mim, como se houvesse uma *cobra* dentro de mim.

– Você precisa dormir – falou Sirius com firmeza. – Você vai tomar café e subir para dormir, depois do almoço poderá ir ver o Arthur com os outros. Você está em estado de choque, Harry; está se culpando por uma coisa que apenas presenciou, e foi uma sorte ter presenciado ou Arthur teria morrido. Pare de se preocupar.

Ele deu uma palmada no ombro de Harry e saiu da despensa, deixando o afilhado sozinho no escuro.

Todos menos Harry passaram o resto da manhã dormindo. Ele subiu para o quarto que dividira com Rony nas últimas semanas de férias, mas enquanto seu amigo se enfiou na cama e adormeceu em poucos minutos, ele se sentou completamente vestido, encostou-se nas frias barras metálicas da cama, intencionalmente sem conforto, decidido a não cochilar, aterrorizado com a perspectiva de se transformar em cobra durante o sono e quando acordasse descobrir que atacara Rony, ou então de sair rastejando pela casa em busca de

mais alguém...
Quando Rony acordou, Harry fingiu ter dado um cochilo restaurador também. Os malões dos garotos chegaram de Hogwarts enquanto estavam almoçando, para poderem se vestir de trouxas e ir ao hospital. Todos menos Harry estavam desmedidamente felizes e tagarelas quando trocaram as vestes por jeans e camisetas. Quando Tonks e Olho-Tonto chegaram para acompanhá-los a Londres, os garotos os receberam com alegria, achando graça no chapéu-coco que Olho-Tonto usava, desabado para o lado para esconder o olho mágico, e lhe garantiram que Tonks, cujos cabelos estavam curtos e rosa vivo outra vez, atrairia muito menos atenção do que ele na viagem de metrô.
Tonks estava muito interessada na visão que Harry tivera do ataque ao Sr. Weasley, assunto que ele não estava nem remotamente interessado em discutir.
– Não há sangue de *Vidente* em sua família, há? – perguntou ela curiosa, quando se sentaram lado a lado no trem que sacudia em direção ao centro da cidade.
– Não – respondeu Harry, pensando na Profª Trelawney e se sentindo insultado.
– Não – disse Tonks pensativa –, não, suponho que não seja realmente profecia o que você está fazendo, não é? Quero dizer, você não está vendo o futuro, está vendo o presente... é esquisito, não é, não? Mas é útil...
Harry não respondeu; felizmente eles desembarcaram na estação seguinte, uma estação bem no centro de Londres, e, na afobação de descerem do trem, ele conseguiu deixar Fred e Jorge se colocarem entre ele e Tonks, que ia à frente do grupo. Todos a seguiram na subida da escada rolante, Moody mancando atrás, o chapéu-coco inclinado e uma das mãos nodosas enfiada entre os botões do casaco, apertando a varinha. Harry pensou sentir o olho tampado fixo nele. Tentando evitar mais perguntas sobre seu sonho, perguntou a Olho-Tonto onde ficava escondido o St. Mungus.
– Não é muito longe, não – resmungou Moody, quando saíam para o ar gélido de inverno em uma rua larga, cheia de lojas apinhadas de gente que fazia compras de Natal. Ele empurrou Harry para sua frente, e se colocou imediatamente atrás do garoto; Harry sabia que o olho estava girando em todas as direções sob a aba inclinada do chapéu. – Não foi fácil encontrar um bom local para um hospital. Não havia nenhum bastante grande no Beco Diagonal e não podíamos construí-lo embaixo da terra como fizemos com o Ministério: não seria saudável. Por fim, conseguiram encontrar um edifício à superfície. Em teoria, os bruxos doentes poderiam ir e vir e se misturar com a multidão.
Ele segurou o ombro de Harry para impedir que fossem separados por um grupo animado que fazia compras e tinha a visível intenção de chegar a uma loja

de material elétrico próxima.
– Aqui vamos nós – disse Moody logo depois.
Haviam chegado a uma loja de departamentos, grande, antiquada, em um edifício de tijolos aparentes, chamada Purga & Sonda Ltda. O lugar tinha um aspecto malcuidado, miserável; as vitrines exibiam meia dúzia de manequins lascados com as perucas tortas, dispostos aleatoriamente, vestindo roupas de pelo menos dez anos atrás. Grandes letreiros em todas as portas empoeiradas avisavam: "Fechado para Reforma." Harry ouviu uma mulher corpulenta carregada de sacas plásticas comentar com a amiga ao passar: "Esse lugar não abre *nunca*..."
– Muito bem – disse Tonks, chamando-os para uma vitrine onde não havia nada, exceto um manequim feminino particularmente feio. Suas pestanas estavam soltando e ela vestia uma bata de náilon verde: – Todos preparados?
Todos assentiram, agrupando-se em torno dela. Moody deu mais um empurrão nas costas de Harry para ele ficar mais à frente, e Tonks se encostou no vidro, olhando para o manequim horroroso, sua respiração embaçando o vidro:
– E aí, beleza! – cumprimentou. – Estamos aqui para visitar Arthur Weasley.
Harry achou um absurdo Tonks esperar que o manequim a ouvisse falando tão baixo através do vidro, com ônibus rodando às suas costas e a poeira de uma rua cheia de gente. Então lembrou que, de qualquer modo, manequins não ouviam. No momento seguinte sua boca se abriu de espanto quando o manequim fez um leve aceno com a cabeça e um sinal com o indicador, e Tonks segurou Gina e a Sra. Weasley pelos cotovelos, atravessou o vidro e desapareceu.
Fred, Rony e Jorge entraram em seguida. Harry deu uma olhada na multidão que se acotovelava ao seu redor; aparentemente nenhum transeunte se dava o trabalho de olhar para vitrines feias como as do Purga & Sonda Ltda., nem reparavam em seis pessoas que tinham acabado de se dissolver à sua frente.
– Vamos – rosnou Moody, dando mais uma cutucada nas costas de Harry, e juntos atravessaram algo que lhes lembrou uma cortina de água fria, embora emergissem secos e aquecidos do outro lado.
Não havia sinal do feio manequim ou do espaço que ocupara. Encontravam-se em uma recepção movimentada, em que havia filas de bruxos e bruxas sentados em instáveis cadeiras de madeira, alguns pareciam perfeitamente normais e folheavam exemplares antigos do *Semanário das Bruxas*, outros exibiam medonhas deformações como trombas de elefante ou mãos sobressalentes saindo do peito. A sala não era menos barulhenta do que a rua lá fora, porque vários pacientes faziam ruídos muito estranhos: uma bruxa de rosto suado no meio da primeira fila, que se abanava energicamente com um exemplar do *Profeta Diário*, não parava de soltar um silvo agudo e vapor pela boca, um bruxo com

cara encardida a um canto badalava como um sino toda

a vez que se mexia e, a cada badalada, sua cabeça vibrava horrivelmente e ele precisava levar a mão às orelhas para fazê-las parar.

Bruxos e bruxas de vestes verde-claras iam e vinham pelas filas fazendo perguntas e anotações em pranchetas como a da Umbridge. Harry reparou que usavam um emblema bordado no peito: uma varinha e um osso cruzados.

– Eles são médicos? – perguntou a Rony, com ar de espanto.

– Médicos? Aqueles trouxas doidos que cortam o corpo das pessoas? Nam, são Curandeiros.

– Aqui! – chamou a Sra. Weasley, tentando se sobrepor às renovadas badaladas do bruxo no canto, e eles a acompanharam até a fila que se formara diante de uma bruxa gordinha e loura, a uma mesa marcada *Informações*. Na parede atrás dela, havia uma quantidade de avisos e cartazes do tipo: UM CALDEIRÃO LIMPO IMPEDE QUE AS POÇÕES VIREM VENENO e NÃO SE DEVEM USAR ANTÍDOTOS A NÃO SER APROVADOS POR UM CURANDEIRO QUALIFICADO. Havia ainda um grande retrato de uma bruxa com longos cachos prateados com uma placa:

Dilys Derwent
Curandeira do St. Mungus 1722-1741
Diretora da Escola de Magia e Bruxaria
de Hogwarts 1741-1768

Dilys examinava o grupo dos Weasley como se os contasse; quando seu olhar encontrou o de Harry, a bruxa lhe deu uma piscadela, deslocou-se para o quadro ao lado e desapareceu.

Entrementes, na fila à frente, um jovem bruxo executava um estranho improviso de jiga e tentava, entre ganidos de dor, explicar sua situação à bruxa da recepção.

– São esses... ui... sapatos que meu irmão me deu... ai... estão comendo os meus... UI... pés... olhe só para eles, devem ter algum tipo de... ARRRRE... azaração neles e não consigo ARRRRRRE... tirá-los. – Ele pulava de um pé para o outro como se dançasse sobre carvões em brasa.

– Os sapatos não o impedem de ler, ou impedem? – disse a bruxa loura, apontando irritada para um quadro à esquerda de sua mesa. – Você precisa ir a Danos Causados por Feitiços, no quarto andar. Exatamente como está listado no quadro dos andares. Próximo!

Quando o bruxo saiu dançando e mancando de lado, os Weasley avançaram alguns passos e Harry leu o quadro:

ACIDENTES COM ARTEFATOS
Térreo
Explosão de caldeirão, retroversão de feitiço, acidentes com vassouras etc.

FERIMENTOS CAUSADOS POR BICHOS
1º andar
Mordidas, picadas, queimaduras, espinhas encravadas etc.

VÍRUS MÁGICOS
2º andar
Doenças contagiosas, tais como varíola dragonina, doenças evanescentes, escrofúngulos etc.

ENVENENAMENTO POR PLANTAS E POÇÕES
3º andar
Urticárias, regurgitação, acessos contínuos de riso etc.

DANOS CAUSADOS POR FEITIÇOS
4º andar
Azarações e feitiços irreversíveis, feitiços malfeitos etc.

SALÃO DE CHÁ DOS VISITANTES/LOJA DO HOSPITAL
5º andar

SE NÃO TIVER CERTEZA AONDE SE DIRIGIR, NÃO CONSEGUIR FALAR NORMALMENTE OU NÃO SE LEMBRAR DE QUEM É, A NOSSA BRUXA-RECEPCIONISTA TERÁ PRAZER EM ORIENTÁ-LO.

Um bruxo muito velho e curvado com uma trompa para surdos arrastara-se até o primeiro lugar da fila.

– Estou aqui para visitar Broderico Bode – disse num sussurro asmático.

– Enfermaria quarenta e nove, mas receio que esteja perdendo o seu tempo – respondeu ela, dispensando-o. – Está completamente confuso, entende, ainda acha que é uma chaleira. Próximo.

Um bruxo atarantado segurava pelo tornozelo a filhinha, que se agitava em volta de sua cabeça usando imensas asas de penas que saíam das costas da roupa.

– Quarto andar – disse a bruxa com a voz entediada sem perguntar nada, e o

homem desapareceu pelas portas duplas ao lado da mesa, segurando a filha como se fosse um balão de formato extravagante. – Próximo!

A Sra. Weasley se aproximou da mesa.

– Olá, meu marido, Arthur Weasley, deveria ter sido transferido para outra enfermaria hoje pela manhã, pode nos dizer...?

– Arthur Weasley? – repetiu a bruxa, correndo o dedo por uma longa lista à sua frente. – Foi, primeiro andar, segunda porta à direita, Enfermaria Dai Llewellyn.

– Obrigada. Vamos gente.

Eles a seguiram pelas portas duplas e pelo corredor longo e estreito enfeitado com mais retratos de bruxos famosos, iluminados por bolhas de cristal cheias de velas que flutuavam junto ao teto e lembravam gigantescas bolhas de sabão. Mais bruxas e bruxos de vestes verde-claras entravam e saíam pelas portas por onde passavam; um gás amarelo e malcheiroso invadiu o corredor quando emparelharam com uma das portas, e de vez em quando eles ouviam gritos distantes. Subiram um lance de escadas e chegaram ao corredor de Ferimentos Causados por Bichos, onde a segunda porta à direita estava sinalizada com o letreiro: *Enfermaria Dai Llewellyn para Acidentes "Perigosos": Mordidas Graves.* Logo abaixo, havia um cartão em uma moldura de latão no qual alguém escrevera: *Curandeiro Responsável: Hipócrates Smethwyck. Curandeiro Estagiário: Augusto Pye.*

– Vamos aguardar aqui fora, Molly – disse Tonks. – Arthur não vai gostar de receber tantas visitas ao mesmo tempo... primeiro entra a família.

Olho-Tonto resmungou sua aprovação à ideia e se postou à porta com as costas apoiadas na parede do corredor, o olho mágico girando em todas as direções. Harry se afastou também, mas a Sra. Weasley esticou o braço e puxou-o pela porta, dizendo:

– Não seja tolo, Harry, Arthur quer lhe agradecer.

A enfermaria era pequena e um tanto escura, porque a única janela era estreita e ficava no alto da parede oposta à porta. A maior parte da iluminação vinha de mais bolhas de cristal agrupadas no meio do teto. As paredes eram forradas de painéis de carvalho, e havia na parede um retrato de um bruxo de cara maligna em cuja placa se lia *Urquhart Rackharrow, 1612-1697, Inventor do Feitiço para Expelir Tripas.*

Só havia três pacientes. O Sr. Weasley ocupava a cama ao fundo da enfermaria ao lado da janelinha. Harry ficou satisfeito e aliviado ao ver que ele estava recostado em vários travesseiros lendo o *Profeta Diário,* à luz do solitário raio de sol que incidia sobre sua cama. Arthur ergueu os olhos quando o grupo se encaminhou para ele e, vendo quem eram, abriu um grande sorriso.

– Olá! – falou, pondo o *Profeta* de lado. – Gui acabou de sair, Molly, precisou voltar ao trabalho, mas diz que passa para vê-la mais tarde.

– Como é que você está, Arthur? – perguntou a Sra. Weasley, curvandose para lhe dar um beijo na bochecha, e examinando com ansiedade o seu rosto. – Você ainda está bem abatido.

– Estou me sentindo perfeitamente bem – respondeu o marido animado, esticando o braço ileso para abraçar Gina. – Se pudessem retirar as bandagens, eu estaria pronto para ir para casa.

– Por que é que não podem retirá-las, papai? – perguntou Fred.

– Bom, começo a sangrar como louco todas as vezes que tentam – explicou o Sr. Weasley animado, apanhando a varinha sobre o armário ao lado da cama e acenando para conjurar seis cadeiras do lado de sua cama, e acomodar todos. – Parece que havia um veneno incomum nas presas daquela cobra que mantém as feridas abertas. Mas eles têm certeza de que encontrarão um antídoto, dizem que já tiveram casos piores do que o meu, nesse meio-tempo só preciso beber uma Poção para Repor o Sangue de hora em hora. Já aquele sujeito ali – disse baixando a voz e indicando com a cabeça a cama do lado oposto, na qual um homem de aspecto verdoso e doentio olhava fixamente para o teto. – Foi mordido por um *lobisomem*, coitado. Não tem cura.

– Lobisomem? – sussurrou a Sra. Weasley, fazendo uma cara assustada. – Não tem perigo ele ficar em uma enfermaria coletiva? Não devia estar num quarto particular?

– Faltam duas semanas para a lua cheia – lembrou-lhe o Sr. Weasley, calmo. – Estiveram conversando com ele hoje de manhã, os Curandeiros, sabem, tentando convencê-lo de que poderá levar uma vida quase normal. Eu disse a ele, não mencionei nomes, é claro, mas disse que conhecia pessoalmente um lobisomem, um sujeito muito bom, que acha fácil administrar esse problema.

– E que foi que ele respon deu? – perguntou Jorge.

– Que me daria mais uma mordida se eu não calasse a boca – disse o Sr. Weasley tristemente. – E aquela mulher *lá* adiante – ele indicou a outra cama ocupada ao lado da porta – não quis contar aos Curandeiros o que foi que a mordeu, o que faz a gente pensar que devia estar mexendo com alguma coisa ilegal. Mas, fosse o que fosse, arrancou-lhe um pedaço da perna, o cheiro é *muito* ruim quando removem os curativos.

– Então, o senhor vai nos contar o que aconteceu, papai? – perguntou Fred, aproximando a cadeira da cama.

– Bom, vocês já sabem, não? – disse o Sr. Weasley, dando um sorriso expressivo para Harry. – É muito simples, eu tive um dia muito longo, cochilei, fui apanhado e mordido.

– Saiu no *Profeta* que você foi atacado? – perguntou Fred apontando para o jornal que o pai pusera de lado.
– Não, é claro que não – respondeu o Sr. Weasley com um sorriso amargurado –, o Ministério não iria querer que todos soubessem que uma enorme cobra me...
– Arthur! – alertou-o a Sra. Weasley.
– ... me... ah... mordeu – completou ele apressadamente, embora Harry não tivesse muita certeza de que era aquilo que ele pretendia dizer.
– Então onde é que você estava quando isso aconteceu, papai? – perguntou Jorge.
– Isso é só da minha conta – respondeu o pai, embora dando um sorrisinho. E apanhando o jornal, sacudiu-o para abrir as páginas e disse: – Eu estava lendo sobre a prisão de Willy Widdershins quando vocês chegaram. Sabem que descobriram que era ele quem estava por trás daqueles banheiros que regurgitaram no verão? Uma das azarações saiu pela culatra, o vaso sanitário explodiu e ele foi encontrado, inconsciente, nos destroços que o cobriram dos pés à cabeça em...
– Quando você diz que estava "em serviço" – interrompeu-o Fred em voz baixa –, que é que você estava fazendo?
– Você ouviu o que seu pai disse – sussurrou a Sra. Weasley. – Não vamos discutir isto aqui! Continue a história do Willy Widdershins, Arthur.
– Bom, não me pergunte como, mas o fato é que ele se livrou da acusação do banheiro – comentou o Sr. Weasley, carrancudo. – Só posso supor que correu ouro...
– Você estava guardando ela, não era? – perguntou Jorge em voz baixa. – A arma? A coisa que Você-Sabe-Quem está procurando?
– Jorge, cale a boca! – repreendeu-o a Sra. Weasley.
– Em todo o caso – disse o Sr. Weasley alteando a voz – agora Willy foi apanhado vendendo a trouxas maçanetas que mordem, e acho que desta vez ele não vai conseguir se livrar tão fácil porque, segundo o jornal, dois trouxas perderam os dedos e agora estão no St. Mungus para recuperar os ossos e apagar a memória. Imagine só, trouxas no St. Mungus! Em que enfermaria será que estão?
E ele olhou a toda volta, como se esperasse ver um letreiro.
– Você não disse que Você-Sabe-Quem tem uma cobra, Harry? – perguntou Fred, com os olhos no pai para observar sua reação. – Uma cobra enorme? Você a viu na noite em que ele voltou, não foi?
– Já chega – disse a Sra. Weasley, aborrecida. – Olho-Tonto e Tonks estão no corredor, Arthur, querem entrar para vê-lo. E vocês podem esperar lá fora – acrescentou ela para os filhos e Harry. – Podem vir se despedir depois. Vão

andando.

Os garotos saíram em fila para o corredor. Olho-Tonto e Tonks entraram e fecharam a porta da enfermaria ao passar. Fred ergueu as sobrancelhas.

– Ótimo – disse calmamente, vasculhando os bolsos –, que assim seja. Não nos contem nada.

– Está procurando isso? – indagou Jorge, mostrando um emaranhado de fios cor de carne.

– Você leu meus pensamentos – disse Fred, sorrindo. – Vamos ver se o St. Mungus põe Feitiços de Imperturbabilidade nas portas das enfermarias?

Ele e Jorge desembaraçaram os fios, separaram cinco Orelhas Extensíveis e as distribuíram entre todos. Harry hesitou em apanhar a sua.

– Vamos, Harry, apanhe uma! Você salvou a vida de papai. Se alguém tem o direito de escutar atrás da porta é você.

Sorrindo contrafeito, Harry apanhou uma ponta do fio e inseriu-a no ouvido, como haviam feito os gêmeos.

– O.k., agora! – sussurrou Fred.

Os fios cor de carne se agitaram como longos fiapos de vermes e deslizaram por baixo da porta. A princípio, Harry não ouviu nada, em seguida se assustou quando escutou Tonks sussurrando claramente como se estivesse ao seu lado.

– ... eles vasculharam a área toda, mas não conseguiram encontrar a cobra em lugar algum. Parece ter desaparecido depois de atacar você, Arthur... mas Você-Sabe-Quem não poderia ter esperado que uma cobra entrasse, poderia?

– Calculo que a tenha mandado para vigiar – rosnou Moody –, porque até agora ele não teve sorte, não é? Imagino que esteja tentando formar um quadro mais claro do que precisa enfrentar, e, se Arthur não estivesse lá, a fera teria tido muito mais tempo para espionar. Então, Potter diz que viu tudo acontecer?

– É – respondeu a Sra. Weasley. Parecia bastante inquieta. – Sabe, Dumbledore chegou a me dar a impressão de que estava aguardando que Harry visse uma coisa dessas.

– Ah, bom – disse Moody –, tem alguma coisa estranha no menino Potter, todos sabemos.

– Dumbledore se mostrou preocupado com Harry quando falei com ele hoje de manhã – cochichou a Sra. Weasley.

– Claro que está preocupado – engrolou Moody. – O garoto está vendo coisas de dentro da cobra de Você-Sabe-Quem. Obviamente, Potter não compreende o que isso significa, mas se Você-Sabe-Quem estiver possuindo ele...

Harry arrancou a Orelha Extensível do ouvido, o coração martelando disparado e o calor afluindo ao seu rosto. Ele olhou para os outros. Todos o encaravam, os fios ainda pendurados nas orelhas, os rostos repentinamente

amedrontados.

— CAPÍTULO VINTE E TRÊS —
Natal na enfermaria fechada

Era por isso que Dumbledore não queria mais olhar Harry nos olhos? Será que esperava ver Voldemort olhando através deles, receoso talvez que o verde vivo de repente pudesse virar vermelho, com pupilas estreitas e verticais como as de um gato? Harry se lembrava de como o rosto ofídico de Voldemort uma vez irrompera da nuca do Prof. Quirrell e passara os dedos pela própria cabeça, e se perguntava agora como seria se Voldemort irrompesse do seu crânio.

Sentiu-se sujo, contaminado como se fosse portador de um vírus letal, indigno de se sentar na viagem de volta ao lado de gente inocente e limpa, cujos corpos e mentes não estavam maculados por Voldemort... ele não apenas vira a cobra, ele *fora* a cobra, sabia disso agora...

Ocorreu-lhe então um pensamento, uma lembrança que emergira em sua mente, e que fazia suas entranhas se contorcerem como cobras.

Que é que ele queria, além de seguidores?

Uma coisa que só poderia obter escondido... como uma arma. Algo que não possuía da última vez.

"*Eu* sou a arma", pensou Harry, era como se estivessem injetando veneno em suas veias, enregelando-o, fazendo-o suar no balanço do trem ao atravessar o túnel escuro. "Sou eu que Voldemort está tentando usar, é por isso que existem guardas à minha volta aonde vou, não é para me proteger, é para proteger as outras pessoas, só que não está funcionando, não podem pôr gente me guardando o tempo todo em Hogwarts... Eu ataquei o Sr. Weasley ontem à noite, fui eu. Voldemort me levou a fazer isso e pode estar dentro de mim neste instante, escutando os meus pensamentos..."

– Você está bem, Harry, querido? – cochichou a Sra. Weasley, inclinando-se por cima de Gina para falar com ele, enquanto o trem sacudia túnel afora. – Você não está me parecendo muito bem. Está enjoado?

Todos olharam para ele. Harry balançou a cabeça violentamente e ergueu a cabeça para ler um anúncio de seguro de casas.

– Harry, querido, você tem *certeza* de que está bem? – a Sra. Weasley repetiu a pergunta preocupada, quando contornavam a relva malcuidada no centro do largo Grimmauld. – Você está ficando cada vez mais pálido... tem certeza de que dormiu hoje de manhã? Suba logo para o seu quarto e durma umas duas horas antes do jantar, está bem?

Ele concordou com a cabeça; ali estava uma desculpa de bandeja para não conversar com ninguém, que era exatamente o que ele queria, então, quando abriram a porta, ele passou correndo pelo porta-guarda-chuvas de perna de trasgo, subiu as escadas e entrou no quarto que dividia com Rony.

Ali, começou a andar de um lado para outro, passando pelas camas e a moldura vazia do retrato de Fineus Nigellus, seu cérebro borbulhante de perguntas e ideias sempre mais assustadoras.

Como foi que ele virara cobra? Talvez fosse um animago... não, não podia ser, ele saberia... talvez *Voldemort* fosse um animago... é, pensou Harry, isto encaixaria, ele naturalmente se transformaria em cobra... e quando está me possuindo, então nós dois... mas isso ainda não explica como fui a Londres e voltei para a minha cama num espaço de cinco minutos... mas, por outro lado, Voldemort é o bruxo mais poderoso do mundo, excluindo Dumbledore, provavelmente não seria problema para ele transportar alguém nessa velocidade.

E então, com uma horrível pontada de pânico, pensou: *mas isto é uma insanidade – se Voldemort está me possuindo, eu estou dando a ele uma visão nítida da sede da Ordem da Fênix neste momento! Ele saberá quem pertence à Ordem e onde Sirius está... e ouvi um monte de coisas que não deveria ter ouvido, tudo que Sirius me contou na noite em que cheguei...*

Só havia uma coisa a fazer: teria de abandonar o largo Grimmauld neste instante. Passaria o Natal em Hogwarts sem os outros, o que pelo menos os manteria sãos e salvos durante as festas... mas não, não adiantaria, ainda havia muita gente em Hogwarts para ele aleijar e ferir... E se fosse Simas, Dino ou Neville da próxima vez? Ele interrompeu a caminhada e parou, olhando para a moldura vazia de Fineus Nigellus. Uma sensação de peso estava assentando no fundo do seu estômago. Não tinha alternativa, teria de voltar para a rua dos Alfeneiros, cortar completamente seus vínculos com outros bruxos.

Bom, se tinha de fazer isso, pensou, não adiantava continuar ali. Esforçando-se ao máximo para não pensar como os Dursley iriam reagir quando o encontrassem à porta de entrada seis meses antes do esperado, ele se encaminhou para o seu malão, bateu a tampa e trancou-o à chave, depois automaticamente correu os olhos pelo quarto à procura de Edwiges antes de

lembrar que ela ficara em Hogwarts – bom, a gaiola seria uma coisa a menos a carregar –, passou então a mão em uma extremidade da mala e já a arrastara metade do caminho até a porta quando uma voz debochada perguntou:

– Está fugindo, é?

Ele se virou. Fineus Nigellus apareceu na tela do seu quadro, apoiado na moldura, e olhava Harry com uma expressão divertida no rosto.

– Não, não estou fugindo – respondeu Harry secamente, arrastando o malão mais alguns passos pelo quarto.

– Pensei – disse Fineus Nigellus, acariciando a barba em ponta – que para pertencer à Grifinória a pessoa precisava ser *corajosa*. Está me parecendo que você teria se dado melhor na minha casa. Nós da Sonserina somos corajosos, sim, mas não somos burros. Por exemplo, se nos derem opção, sempre escolheremos salvar a pele.

– Não é a minha pele que estou salvando – disse Harry tenso, puxando o malão por um trecho do tapete roído de traças particularmente irregular em frente à porta.

– Ah, estou *entendendo* – disse o bruxo, ainda acariciando a barba –, isso não é uma fuga covarde, você está sendo *nobre*.

Harry ignorou-o. Sua mão já estava na maçaneta quando Fineus Nigellus disse indolentemente:

– Tenho um recado de Alvo Dumbledore para você.

Harry se virou totalmente.

– Qual é?

– Fique onde está.

– Eu não me mexi! – exclamou Harry, a mão ainda na maçaneta. – Então, qual é o recado?

– Eu acabei de lhe dar, bobalhão – disse Fineus Nigellus serenamente. – Dumbledore manda dizer: *Fique onde está*.

– Por quê? – perguntou Harry, ansioso, deixando cair o malão. – Por que ele quer que eu fique? Que mais ele disse?

– Só isso – respondeu Fineus, erguendo uma sobrancelha fina e negra, como se achasse Harry impertinente.

A irritação de Harry veio à tona como uma cobra emergindo da relva alta. Estava exausto, estava confuso além da conta, experimentara terror, alívio, e novamente terror nas últimas doze horas, e ainda assim Dumbledore não queria falar com ele!

– Então é só isso? – disse em voz alta. – *Fique onde está*. Foi só o que me disseram também quando fui atacado por aqueles Dementadores! Fique parado enquanto os adultos resolvem o problema, Harry! Mas não vamos nos dar ao

trabalho de lhe dizer nada, porque o seu pequeno cérebro talvez não possa entender!

– Sabe – disse Fineus Nigellus, em tom ainda mais alto do que Harry –, era exatamente por isso que eu *detestava* ser professor! Os jovens são tão infernalmente convencidos de que têm absoluta razão em tudo. Será que ainda não lhe ocorreu, meu pobre presunçoso empolado, que pode haver uma excelente razão para o diretor de Hogwarts não confiar a você cada pequeno detalhe dos planos dele? Você nunca parou, ao se sentir desprezado, a observar que a obediência às ordens de Dumbledore nunca o colocou em perigo? Não. Não, como todos os jovens, você tem certeza de que só você sente e pensa, só você reconhece o perigo, só você é bastante inteligente para perceber o que o Lorde das Trevas está planejando...

– Então ele está planejando alguma coisa com relação a mim? – perguntou Harry depressa.

– Foi isso que eu disse? – retorquiu Fineus Nigellus, examinando indolentemente suas luvas de seda. – Agora, se me dá licença, tenho mais a fazer do que escutar as agonias de um adolescente... um bom dia para você.

E ele deslizou para a borda da moldura e desapareceu de vista.

– Ótimo, então vá! – berrou Harry para a moldura vazia. – E diga ao Dumbledore que eu agradeço por nada!

A tela vazia continuou silenciosa. Espumando, Harry arrastou o malão de volta aos pés da cama, e se atirou de cara para baixo nas cobertas roídas de traças, de olhos fechados, seu corpo pesado e dolorido.

Tinha a sensação de ter viajado quilômetros sem fim... parecia impossível que havia menos de vinte e quatro horas Cho Chang se aproximara dele sob o ramo de visgo... ele estava tão cansado... tinha medo de adormecer... mas não sabia quanto tempo resistiria ao sono... Dumbledore lhe dissera para ficar... isto devia significar que podia dormir... mas tinha medo... e se acontecesse outra vez?

Ele foi afundando nas sombras...

Parecia que havia um filme em sua cabeça esperando para começar. Ele se viu andando por um corredor deserto em direção a uma porta preta e simples, passando por paredes de pedra tosca, archotes, e um portal aberto para um lance de escada de pedra que descia à esquerda...

Chegou à porta fechada, mas não conseguiu abri-la... ficou parado olhando, desesperado para entrar... alguma coisa que ele desejava de todo o coração estava atrás da porta... um prêmio que superava todos os seus sonhos... se ao menos sua cicatriz parasse de formigar... então ele seria capaz de pensar com maior clareza...

– Harry – disse a voz de Rony muito, muito distante: – Mamãe mandou dizer

que o jantar está pronto, mas que guarda alguma coisa se você quiser continuar deitado.

Harry abriu os olhos, mas Rony já saíra do quarto.

Ele não quer ficar sozinho comigo, pensou Harry. *Não depois do que ouviu Moody dizer*.

Supunha que nenhum deles quisesse que ele continuasse ali, agora que sabiam o que havia dentro dele.

Não desceria para jantar, não iria impor sua companhia a ninguém. Virou-se para o outro lado, e uns minutos depois voltou a adormecer. Acordou muito mais tarde, nas primeiras horas da manhã, suas entranhas doendo de fome, e Rony roncando na cama ao lado. Apertando os olhos para enxergar, ele viu o contorno escuro de Fineus Nigellus outra vez no quadro e lhe ocorreu que Dumbledore provavelmente mandara o bruxo para vigiá-lo, caso atacasse alguém.

A sensação de estar sujo se intensificou. Quase desejou não ter obedecido a Dumbledore... se era assim que ia ser sua vida no largo Grimmauld, talvez ele estivesse melhor na rua dos Alfeneiros.

Todos os outros passaram a manhã seguinte pendurando decorações de Natal. Harry não se lembrava de jamais ter visto Sirius tão bem-humorado; estava até cantando músicas natalinas, aparentemente satisfeito porque iria ter companhia para o Natal. Harry ouvia a voz do padrinho ecoando através do soalho na fria sala de visitas onde se sentara sozinho, observando pelas janelas o céu empalidecer cada vez mais, ameaçando nevar, sentindo o tempo todo um prazer selvagem de estar dando aos outros a oportunidade de continuarem a falar dele, como deviam estar fazendo. Quando ouviu a Sra. Weasley chamar seu nome baixinho ao pé da escada, por volta da hora do almoço, ele se retirou para mais longe no andar de cima e ignorou o seu chamado.

Por volta das seis horas, a campainha tocou e a Sra. Black recomeçou a gritar. Supondo que Mundungo ou outro membro da Ordem estivesse à porta, Harry simplesmente se acomodou mais confortavelmente contra a parede do quarto de Bicuço onde se escondera, tentando não ligar para a fome que sentia enquanto dava ratos mortos ao hipogrifo. Levou um certo susto quando alguém bateu com força na porta alguns minutos depois.

– Sei que você está aí. – Ouviu a voz de Hermione. – Quer fazer o favor de sair? Quero falar com você.

– Que é que *você* está fazendo aqui? – perguntou Harry, abrindo a porta enquanto Bicuço recomeçava a arranhar o chão coberto de palha à procura de pedacinhos de rato que pudesse ter deixado cair. – Pensei que estivesse esquiando com seus pais.

– Bom, para dizer a verdade, esquiar não é *bem* a minha praia – respondeu Hermione. – Então vim passar o Natal aqui. – Havia neve em seus cabelos e seu rosto estava corado de frio. – Mas não conte ao Rony. Eu disse que esquiar era muito bom porque ele ficou rindo muito. Meus pais estão um pouco desapontados, mas eu falei que todos os alunos que estão levando os exames a sério ficaram em Hogwarts para estudar. Eles querem que eu me dê bem, vão compreender. Em todo o caso – disse com energia –, vamos para o seu quarto, a mãe de Rony acendeu a lareira de lá e mandou sanduíches.

Harry acompanhou-a de volta ao segundo andar. Quando entrou no quarto ficou muito surpreso de ver Rony e Gina à sua espera, sentados na cama de Rony.

– Vim no Nôitibus Andante – disse Hermione despreocupada, tirando o casaco antes que Harry tivesse tempo de falar. – Dumbledore me contou o que aconteceu ontem de manhã, mas precisei esperar o encerramento oficial do trimestre para viajar. A Umbridge já está lívida de raiva porque vocês desapareceram bem debaixo do nariz dela, embora Dumbledore tenha lhe explicado que o Sr. Weasley estava no St. Mungus, e dera a todos vocês permissão para visitá-lo. Então...

Ela se sentou ao lado de Gina, e as duas e Rony olharam para Harry.

– Como é que você está se sentindo? – perguntou Hermione.

– Ótimo – disse Harry, rígido.

– Ah, não mente, Harry – disse ela com impaciência. – Rony e Gina contaram que você está se escondendo de todo o mundo desde que voltaram do hospital.

– Disseram, foi? – comentou Harry olhando feio para Rony e Gina. Rony olhou para os pés, mas Gina continuou impassível.

– E está mesmo! E não quer olhar para nenhum de nós!

– Vocês é que não querem olhar para mim! – respondeu Harry, zangado.

– Quem sabe vocês estão se revezando para olhar e por isso se desencontram – arriscou Hermione, os cantos da boca tremendo.

– Muito engraçado – retorquiu Harry, virando as costas.

– Ah, pare de se sentir incompreendido – disse Hermione com rispidez. – Olha, os outros me contaram o que você ouviu ontem à noite com as Orelhas Extensíveis...

– É? – rosnou Harry, as mãos enfiadas nos bolsos olhando a neve cair em densos flocos lá fora. – Todos ficaram falando de mim, é? Muito bem, estou me acostumando.

– Nós queríamos falar *com você* – disse Gina –, mas você ficou se escondendo desde que voltamos...

– Eu não queria que ninguém falasse comigo – respondeu Harry, sentindo-se

cada vez mais exasperado.
– Pois foi burrice sua – disse Gina, zangada –, uma vez que não conhece ninguém que tenha sido possuído por Você-Sabe-Quem além de mim, e eu posso lhe dizer como é que a pessoa se sente.
Harry ficou muito quieto quando o impacto dessas palavras o atingiu. Então girou nos calcanhares para encarar Gina.
– Eu me esqueci.
– Sorte sua – disse Gina calmamente.
– Me desculpe – pediu ele, e estava sendo sincero. – Então... então, você acha que eu não estou possuído?
– Bom, você consegue se lembrar de tudo que faz? Você tem longos períodos de ausência em que não é capaz de dizer o que andou fazendo?
Harry tentou se lembrar.
– Não.
– Então Você-Sabe-Quem nunca possuiu você – disse Gina com simplicidade. – Quando ele fez isso comigo, eu não conseguia me lembrar onde tinha estado durante horas. Dava por mim em algum lugar, e não sabia como tinha ido parar lá.
Harry nem ousava acreditar, sentiu diminuir o peso em seu peito independentemente de sua vontade.
– Mas o sonho que tive sobre seu pai e a cobra...
– Harry, você já teve esses sonhos antes – disse Hermione. – Você teve visões do que Voldemort estava tramando no ano passado.
– Esta foi diferente – contestou ele balançando a cabeça. – Eu estava *dentro* daquela cobra. Era como se eu *fosse* a cobra... e se Voldemort tiver me transportado para Londres?
– Um dia – disse Hermione muito exasperada – você vai ler *Hogwarts: uma história*, e talvez se lembre de que não é possível aparatar nem desaparatar na escola. Nem mesmo Voldemort poderia fazer você sair voando do seu dormitório, Harry.
– Você não saiu de sua cama, cara – disse Rony. – Eu vi você se debatendo no sono pelo menos um minuto antes de conseguirmos acordá-lo.
Harry recomeçou a andar de um lado para outro do quarto, refletindo. O que estavam lhe dizendo não consolava apenas, fazia sentido... sem pensar, ele tirou um sanduíche do prato em cima da cama e estufou-o vorazmente na boca.
Então eu não sou uma arma, pensou Harry. Seu peito inchou de felicidade e alívio e ele teve vontade de fazer coro a Sirius quando o ouviram passar pela porta do quarto em direção ao de Bicuço, cantando: “Deus lhes dê a paz, alegres hipogrifos”, a plenos pulmões.

Como é que ele poderia ter sonhado em voltar à rua dos Alfeneiros para passar o Natal? O prazer de Sirius em ter de novo a casa cheia, e principalmente em ter Harry de volta, foi contagioso. Deixara de ser o anfitrião carrancudo do verão; agora parecia resolvido que todos deviam se alegrar tanto quanto ele, se não mais do que teriam se alegrado em Hogwarts, enquanto trabalhava sem descanso nos preparativos para o Dia de Natal, limpando e decorando a casa com a ajuda dos garotos, de modo que, quando finalmente todos foram se deitar na véspera do Natal, a casa estava quase irreconhecível. Os lustres oxidados não tinham mais teias de aranha, mas guirlandas de azevinho e serpentinas douradas e prateadas; neve mágica brilhava em montes sobre os tapetes gastos; uma grande árvore de Natal obtida por Mundungo, e decorada com fadinhas vivas, ocultava a árvore genealógica da família de Sirius, e até as cabeças empalhadas de elfos na parede do corredor usavam gorros e barbas de Papai Noel.

Harry acordou na manhã de Natal e encontrou uma pilha de presentes ao pé da cama, Rony já estava abrindo a segunda metade de uma pilha bem maior.

– Boa safra este ano – informou a Harry, através de uma nuvem de papel. – Obrigado pela Bússola para Vassouras, é excelente; melhor que o presente da Hermione: ela me deu uma *agen da para anotar deveres*...

Harry procurou entre os seus presentes e encontrou um com a caligrafia de Hermione. A amiga lhe dera também um livro que parecia um diário, exceto que todas as vezes que ele abria uma página ouvia coisas do tipo: *Faça hoje ou pague o preço!*

Sirius e Lupin haviam presenteado Harry com uma coleção de excelentes livros, *A magia defensiva na prática e seu uso contra as artes das trevas,* conten doesplêndidas e comoventes ilustrações coloridas de todos as contra-azarações e os feitiços descritos. Harry folheou o primeiro volume, curioso; dava para ver que seria extremamente útil nos seus planos para a AD. Hagrid lhe mandara uma carteira de pele marrom que tinha presas, que ele supunha fosse um Feitiço Antiladrão, mas que infelizmente o impediu de usá-la para guardar dinheiro sem perder os dedos. O presente de Tonks foi um pequeno modelo de Firebolt, que ele fez voar pelo quarto desejando ainda ter a sua versão em tamanho natural; Rony lhe dera uma enorme caixa de Feijõezinhos de Todos os Sabores, o Sr. e a Sra. Weasley, o costumeiro suéter tricotado à mão e algumas tortas de frutas secas e especiarias, e Dobby um quadro realmente horrendo que Harry suspeitava ter sido pintado pelo próprio elfo. Acabara de virá-lo para ver se ficava melhor de cabeça para baixo quando ouviram um *craque,* e Fred e Jorge aparataram aos pés de sua cama.

– Feliz Natal – desejou-lhe Jorge. – Não desça agora.

– Por que não? – perguntou Rony.

– Mamãe está chorando outra vez – comentou Fred, pesaroso. – Percy devolveu o pulôver de Natal.
– Sem nem um bilhete – acrescentou Jorge. – Não perguntou como vai o papai nem o visitou nem nada.
– Tentamos consolá-la – disse Fred, contornando a cama para espiar o quadro de Harry. – Eu disse a ela que Percy não passa de um monte de bosta de rato metido a besta.
– Não adiantou – comentou Jorge, se servindo de um Sapo de Chocolate. – Então Lupin nos substituiu. Acho que é melhor deixar que ele a console antes de descermos para o café.
– Afinal, que é que isso pretende retratar? – perguntou Fred apertando os olhos para entender o quadro de Dobby. – Parece um gibão com dois olhos negros.
– É o Harry! – exclamou Jorge, apontando para as costas do quadro. – É o que diz aqui!
– Está bem parecido – comentou Fred rindo. Harry atirou nele a nova agenda de deveres; ela bateu na parede oposta e caiu no chão dizendo alegremente: *Se você pôs os pingos nos is e cortou os tês então pode fazer o que quiser!*
Eles se levantaram e se vestiram. Ouviam os vários moradores da casa desejando "Feliz Natal" uns aos outros. Na descida, encontraram Hermione.
– Obrigada pelo livro, Harry – disse ela feliz. – Há séculos que eu andava querendo essa *Nova teoria de numerologia*! E aquele perfume é realmente diferente, Rony.
– Nem por isso – disse Rony. – Para quem é esse aí? – perguntou, indicando com a cabeça o presente muito bem embrulhado que Hermione carregava.
– Monstro – disse ela animada.
– É melhor não ser roupa! – preveniu-a Rony. – Você lembra o que o Sirius disse: o Monstro sabe demais, não pode ser libertado.
– Não é roupa – respondeu Hermione –, embora, se eu pudesse, certamente lhe daria outra coisa para usar em vez daquele trapo imundo. Não, é uma colcha de retalhos, achei que poderia alegrar o quarto dele.
– Que quarto? – perguntou Harry, baixando a voz para cochichar pois estavam passando pelo retrato da mãe de Sirius.
– Bom, o Sirius diz que não é bem um quarto, é mais uma *toca* – explicou Hermione. – Pelo que sei, ele dorme embaixo do aquecedor naquele armário junto à cozinha.
A Sra. Weasley era a única pessoa no porão quando eles chegaram. Estava parada ao lado do fogão e parecia ter tido uma forte gripe quando lhes desejou "Feliz Natal", e todos desviaram o olhar.

– Ah, então esse é o quarto do Monstro? – disse Rony, indo até uma porta encardida no canto oposto à despensa. Harry nunca a vira aberta.
– É – disse Hermione, agora um pouco nervosa. – Hum... acho que é melhor batermos.
Rony bateu na porta com os nós dos dedos, mas não houve resposta.
– Deve andar bisbilhotando lá em cima – disse ele, e, sem maior hesitação, escancarou a porta. – *Irra!*
Harry espiou para dentro. A maior parte do armário estava ocupada por um enorme aquecedor antigo, mas no espacinho embaixo da tubulação Monstro arrumara para ele um lugar que se assemelhava a um ninho. Um emaranhado de trapos variados e cobertores velhos malcheirosos em que Monstro se aconchegava para dormir toda noite. Aqui e ali, entre as roupas, havia pão dormido e farelos embolorados de queijo. Em um canto, brilhavam pequenos objetos e moedas que Harry imaginava que o elfo tivesse salvo, como uma pega, do expurgo que Sirius estava fazendo na casa, e também conseguira salvar as fotografias de família que Sirius jogara fora durante o verão. Os vidros podiam estar partidos, mas as pessoas em preto e branco olhavam-no com arrogância, inclusive – ele sentiu um solavanco no estômago – a mulher de cabelos negros e pálpebras caídas a cujo julgamento ele assistira na Penseira de Dumbledore: Belatriz Lestrange. Pelo jeito, a fotografia dela era a favorita de Monstro; ele a colocara à frente das demais e colara o vidro inabilmente com fita adesiva.
– Acho que vou deixar o presente dele aí – disse Hermione, colocando o embrulho bem-feito no côncavo dos trapos e cobertas, e fechando silenciosamente a porta. – Ele o encontrará mais tarde, isto resolverá.
– Pensando bem – disse Sirius saindo da despensa com um enorme peru na hora em que eles fechavam a porta do armário –, alguém tem visto o Monstro ultimamente?
– Não o vejo desde a noite em que voltamos – respondeu Harry. – Você estava expulsando o Monstro da cozinha.
– É... – disse Sirius franzindo a testa. – Sabe, acho que essa foi a última vez que o vi também... deve estar escondido em algum lugar lá fora.
– Ele não poderia ter ido embora? – perguntou Harry. – Quero dizer, quando você disse “fora”, será que ele não pensou que você queria dizer fora da casa?
– Não, não, elfos domésticos não podem ir embora a não ser que ganhem roupas. Estão presos à casa da família.
– Eles podem sair de casa se realmente quiserem – contrapôs Harry. – Dobby saiu da casa dos Malfoy para me dar avisos há três anos. Tinha de se castigar depois, mas ainda assim saía.
Sirius pareceu ligeiramente desconcertado por um momento, então disse:

– Vou procurá-lo depois, imagino que o encontre lá em cima, se acabando de chorar em cima dos calções velhos da minha mãe ou coisa parecida. Naturalmente pode ter se escondido no armário de ventilação e morrido... mas não devo alimentar esperanças.

Fred, Jorge e Rony riram; Hermione, porém, pareceu censurá-lo.

Depois do almoço natalino, os Weasley, Harry e Hermione estavam programando visitar mais uma vez o Sr. Weasley, acompanhados por Olho-Tonto e Lupin. Mundungo apareceu em tempo de provar o pudim de Natal e a sobremesa, tendo conseguido pedir um carro “emprestado” para a ocasião, pois o metrô não funcionava no dia de Natal. O carro, que Harry duvidava muito que tivesse sido obtido com o consentimento do dono, fora ampliado por dentro com um feitiço, como o do velho Ford Anglia da família Weasley. Embora externamente tivesse tamanho normal, dez pessoas, afora Mundungo no lugar do motorista, podiam se acomodar com conforto dentro dele. A Sra. Weasley hesitou antes de entrar – Harry sabia que sua desaprovação a Mundungo conflitava com o seu desagrado em viajar sem auxílio da magia –, mas, finalmente, o frio que fazia na rua e as súplicas dos filhos venceram, e ela se sentou de boa vontade no banco traseiro, entre Fred e Gui.

A viagem até o St. Mungus foi muito rápida porque quase não havia tráfego nas ruas. Um punhadinho de bruxas e bruxos andava furtivamente pela rua, de outro modo deserta, a caminho do hospital. Harry e os outros desceram do carro, e Mundungo virou a esquina para aguardá-los. Eles foram displicentemente até a vitrine onde havia o manequim vestido de náilon verde, então, um a um, atravessaram o vidro.

A recepção assumira um ar agradavelmente festivo: os globos de cristal que iluminavam o St. Mungus haviam sido coloridos de vermelho e dourado, transformando-se em gigantescas bolas natalinas iluminadas; ramos de azevinho emolduravam todas as portas; e árvores de Natal brancas cintilavam em todos os cantos, cobertas de neve mágica e pingentes de gelo, e no alto uma estrela dourada. O local estava menos cheio do que da última vez, embora, a meio caminho do quarto, Harry se visse empurrado para o lado por uma bruxa com uma laranjinha entalada na narina esquerda.

– Briga de família, eh? – disse a bruxa da recepção dando um sorriso pretensioso. – A senhora é a terceira que vejo hoje... Danos Causados por Feitiços, quarto andar.

Encontraram o Sr. Weasley recostado na cama com os restos do almoço de Natal em uma bandeja sobre o colo e uma expressão acanhada no rosto.

– Tudo bem, Arthur? – perguntou a Sra. Weasley, depois que todos o cumprimentaram e entregaram os presentes.

– Ótimo, ótimo – respondeu ele, um pouco animado demais. – Você... hum... não viu o Curandeiro Smethwyck, viu?
– Não – respondeu sua mulher, desconfiada –, por quê?
– Nada, nada – tornou ele aereamente, começando a desembrulhar a pilha de presentes. – Bom, todos passaram um bom dia? Que foi que vocês ganharam de Natal? Ah, *Harry*... isto é absolutamente *maravilhoso*! – Acabara de abrir o presente de chaves de parafuso e fio de solda que o garoto lhe dera.
A Sra. Weasley não parecia inteiramente satisfeita com a resposta do marido. Quando ele se inclinou para apertar a mão de Harry, ela deu uma espiada nas ataduras sob sua camisa.
– Arthur, trocaram suas ataduras! Por que trocaram suas ataduras um dia antes, Arthur? Me disseram que não precisariam trocá-las até amanhã.
– Quê?! – exclamou o Sr. Weasley, parecendo um tanto assustado e puxando as cobertas para cobrir o peito. – Não, não... não é nada... é... eu...
Ele pareceu esvaziar como um balão sob o olhar penetrante da Sra. Weasley.
– Bom... não se aborreça, Molly, mas Augusto Pye teve uma ideia... ele é o Curandeiro Estagiário, sabe, um rapaz ótimo e muito interessado em... hum... medicina complementar... quero dizer, alguns remédios tradicionais dos trouxas... eles chamam de *pontos*, Molly e dão muito certo nos... nos ferimentos dos trouxas...
A Sra. Weasley deixou escapar um grito agourento, algo entre um grito e um rosnado. Lupin se afastou da cama em direção ao lobisomem, que não tinha visitas e observava tristemente o grupo que rodeava o Sr. Weasley; Gui resmungou alguma coisa, pretextando ir apanhar uma xícara de chá, e Fred e Jorge se levantaram de um pulo para acompanhá-lo, sorrindo.
– Você está querendo me dizer – ela elevava a voz a cada palavra, aparentemente sem se dar conta de que seus acompanhantes estavam procurando um lugar para sumir – que anda se metendo com remédios de trouxas?
– Me metendo não, Molly, querida – disse ele em tom de súplica –, foi só... só uma coisa que Pye e eu quisemos experimentar... só que, infelizmente... bom, nesses tipos de ferimentos... não parece funcionar tão bem quanto esperávamos...
– *O que significa...?*
– Bom... bom, não sei se você sabe o que... o que são pontos.
– Parece que você andou tentando costurar a sua pele – disse a Sra. Weasley com uma risada seca –, mas nem você, Arthur, poderia ser *tão* burro...
– Acho que também vou querer uma xícara de chá – disse Harry ficando em pé.
Hermione, Rony e Gina quase correram para a porta com Harry. Quando a porta se fechou, eles ouviram a Sra. Weasley gritar: “COMO ASSIM, ESSA É A

IDEIA GERAL?”

– É típico do papai – disse Gina balançando a cabeça quando seguiam pelo corredor. – Pontos... é mole...

– Bem, sabe, eles funcionam com ferimentos não mágicos – disse Hermione, querendo ser justa. – Suponho que alguma coisa no veneno daquela cobra os dissolve ou coisa parecida. Onde será que fica o salão de chá?

– Quinto andar – disse Harry, lembrando-se do letreiro atrás da bruxa na recepção.

Eles foram andando pelo corredor, passaram por portas duplas e descobriram uma escada desconjuntada ladeada de mais retratos de Curandeiros de cara cruel. Quando subiam, os vários Curandeiros chamaram os garotos, diagnosticando males estranhos e sugerindo remédios horríveis. Rony ficou seriamente ofendido quando um bruxo medieval gritou que ele tinha um caso grave de sarapintose.

– E o que é isso? – perguntou ele, zangado, enquanto o Curandeiro o perseguia por mais seis quadros, empurrando os ocupantes para o lado.

– É uma doença gravíssima da pele, jovem senhor, que vai deixá-lo marcado de bexigas e ainda mais horrendo do que já é...

– Olha só quem está falando! – exclamou Rony com as orelhas ficando vermelhas.

– ... o único remédio é tirar o fígado de um sapo, atá-lo firmemente ao seu pescoço, e na lua cheia o jovem senhor fica nu em uma barrica de olhos de enguia...

– Eu não tenho sarapintose!

– Mas as feias marcas em seu rosto, jovem senhor...

– São sardas! – disse Rony, furioso. – Agora volte para o seu quadro e me deixe em paz! – Ele se virou para os outros, que estavam decididos a se manter impassíveis.

– Que andar é esse?

– Acho que é o quinto – disse Hermione.

– Nam, é o quarto – contestou Harry –, mais um...

Mas, ao chegar ao patamar, ele parou de chofre, arregalando os olhos para uma pequena janela recortada nas portas duplas que marcavam o início de um corredor com o letreiro DANOS CAUSADOS POR FEITIÇOS. Um homem os espiava com o nariz colado no vidro. Tinha cabelos louros ondulados, olhos azul-vivos e um grande sorriso fixo que revelava dentes ofuscantemente brancos.

– Caracas! – exclamou Rony, olhando também para o homem.

– Ah, minha nossa! – exclamou Hermione de repente, parecendo ofegar. – Prof. Lockhart!

O antigo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas abriu as portas e se

encaminhou para eles, usando um longo roupão lilás.
– Ora, alô, vocês aí! – chamou. – Imagino que queiram o meu autógrafo, não é?
– Ele não mudou nadinha! – murmurou Harry para Gina, que sorriu.
– Hum... como vai, professor? – falou Rony, se sentindo um pouco culpado. Fora sua varinha defeituosa que afetara assim a memória de Lockhart, e ele fora parar no St. Mungus, mas como, na hora do acidente, o bruxo estava tentando apagar permanentemente as memórias dos garotos, a pena que Harry sentia era limitada.
– Estou muito bem, obrigado – respondeu o professor exuberante puxando do bolso uma pena de pavão já muito amassada. – Então, quantos autógrafos vocês querem? Agora aprendi a fazer escrita simultânea, sabem!
– Hum... no momento não queremos nenhum, obrigado – disse Rony, erguendo as sobrancelhas para Harry, que perguntou:
– Professor, o senhor pode ficar passeando pelos corredores? Não devia estar na enfermaria?
O sorriso desapareceu gradualmente do rosto de Lockhart. Por alguns momentos, ele mirou atentamente o rosto de Harry, depois disse:
– Nós já nos encontramos antes, não?
– Ah... encontramos. O senhor costumava ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas em Hogwarts, lembra?
– Ensinar? – repetiu ele, parecendo ligeiramente perturbado. – Eu? Ensinando?
Então o sorriso reapareceu em seu rosto tão inesperadamente que assustou.
– Ensinei tudo que você sabe, espero, não? Bom, que tal aqueles autógrafos, então? Vamos dizer uma dúzia, para vocês poderem distribuir aos amiguinhos, e ninguém ser esquecido?
Mas nesse instante apareceu uma cabeça à porta no fim do corredor e uma voz chamou:
– Gilderoy, seu garoto travesso, onde é que você anda?
Uma Curandeira de aspecto maternal, usando uma guirlanda de pingentes de Natal nos cabelos, saiu depressa pelo corredor, sorrindo calorosamente para Harry e os outros.
– Ah, Gilderoy, você tem visitas! Que *beleza*, e no dia de Natal! Sabem, ele *nunca* recebe visitas, coitadinho, e não consigo imaginar por quê, ele é tão gracinha, não é?
– Estou dando autógrafos! – disse Gilderoy à Curandeira, com outro sorriso cintilante. – Eles querem muitos, e não aceitam não como resposta! Só espero que tenhamos fotografias suficientes!

– Escutem só ele – falou a Curandeira, segurando o braço de Lockhart e sorrindo carinhosamente para o bruxo como se ele fosse uma criança precoce de dois anos. – Ele era muito conhecido há alguns anos; temos esperanças de que esse gosto pelos autógrafos seja um sinal de que sua memória esteja voltando. Querem vir por aqui? Ele está em uma enfermaria fechada, sabem, deve ter escapulido enquanto eu entrava com os presentes de Natal, normalmente a porta fica trancada... não que ele seja perigoso! Mas – e ela baixou a voz e sussurrou: – é um perigo para ele mesmo, Deus o abençoe... não sabe quem é, entendem, sai por aí e não consegue se lembrar como voltar... que bom vocês terem vindo vê-lo.

– Ah – fez Rony, apontando inutilmente para o andar de cima –, na verdade, estávamos... ah...

Mas a Curandeira sorria para eles ansiosa, e o murmúrio com que Rony disse "tomar uma xícara de chá" se perdeu. Os garotos se entreolharam impotentes e acompanharam Lockhart e a Curandeira pelo corredor.

– Não vamos nos demorar – disse Rony em voz baixa.

A Curandeira apontou a varinha para a porta da Enfermaria Jano Thickey e murmurou: "*Alohomora.*" A porta se abriu e ela entrou à frente, segurando com firmeza o braço de Gilderoy, e o acomodou em uma poltrona ao lado da cama.

– Esta é a nossa enfermaria para doenças prolongadas – informou a Harry, Hermione e Gina em voz baixa. – Para danos permanentes causados por feitiços. É claro que com tratamento intensivo, com poções e feitiços e um pouco de sorte, podemos obter alguma melhora. Gilderoy parece estar recuperando alguma consciência; e conseguimos uma melhora sensível no Sr. Bode, parece estar recuperando a capacidade de falar bastante bem, embora ainda não fale uma língua reconhecível. Bem, preciso terminar de entregar os presentes de Natal, vou deixar vocês conversarem.

Harry olhou ao seu redor. A enfermaria apresentava sinais inconfundíveis de ser uma casa permanente para seus pacientes. Havia um número maior de pertences pessoais perto das camas do que na enfermaria do Sr. Weasley; a parede em torno da cabeceira da cama de Gilderoy, por exemplo, estava empapelada com fotos dele, todas sorrindo com dentes à mostra, acenando para os recém-chegados. Ele autografara várias delas em uma caligrafia infantil e desajeitada. No momento em que a Curandeira o deixou na poltrona, Gilderoy puxou para perto uma pilha de fotos, apanhou uma pena e começou a assiná-las febrilmente.

– Você pode colocá-las no envelope – disse Gilderoy atirando no colo de Gina, uma a uma, as fotos autografadas, à medida que as assinava. – Não estou esquecido, sabe, não, ainda recebo muitas cartas de fãs... Gladis Gudgeon

escreve semanalmente... eu só queria saber por quê. – Ele se calou, parecendo ligeiramente intrigado, em seguida sorriu e voltou a assinar as fotos com renovado vigor. – Suspeito que seja apenas pela minha beleza...

Um bruxo de rosto macilento e ar triste estava deitado na cama oposta contemplando fixamente o teto; resmungava sozinho e parecia inconsciente de tudo o mais. Duas camas adiante havia uma mulher com a cabeça inteira coberta de pelos; Harry lembrou-se de uma coisa parecida que acontecera a Hermione no segundo ano de escola, embora, felizmente em seu caso, o dano não tivesse sido permanente. A um extremo da enfermaria, tinham corrido cortinas floridas em torno de duas camas para proporcionar aos ocupantes e suas visitas um pouco de privacidade.

– Tome, Agnes – disse a Curandeira animada à mulher de cara peluda, entregando-lhe uma pequena pilha de presentes de Natal. – Está vendo, você não foi esquecida. E seu filho mandou uma coruja avisando que vem visitá-la hoje à noite, então, é uma coisa boa, não é?

Agnes soltou vários latidos fortes.

– E, olhe só, Broderico, mandaram-lhe um vaso de planta e um lindo calendário com um hipogrifo diferente para cada mês; isso vai alegrar as coisas, não acha? – disse a Curandeira, e se aproximando do homem que resmungava, colocou uma planta muito feia, com longos tentáculos, sobre o seu armário de cabeceira, e pregou o calendário na parede com a varinha. – E... ah, Sra. Longbottom, a senhora já está indo embora?

Harry virou a cabeça depressa. As cortinas em torno das duas camas no extremo da enfermaria tinham sido abertas e dois visitantes vinham pelo corredor que dividia as camas; uma velha bruxa de aparência formidável, usando um longo vestido verde, uma pele de raposa comida de traças e um chapéu cônico enfeitado com o que era, sem erro, um urubu empalhado, e, acompanhando-a com uma expressão totalmente deprimida... *Neville*.

Com um clarão de instantânea compreensão, Harry percebeu quem deviam ser as pessoas nas camas do fim da enfermaria. Olhou para todos os lados aflito procurando uma maneira de distrair os outros para que Neville pudesse sair da enfermaria sem que o vissem nem lhe perguntassem nada, mas Rony também erguera a cabeça ao ouvir o nome “Longbottom”, e, antes que Harry pudesse impedi-lo, chamou:

– *Neville!*

Neville se assustou e se encolheu como se uma bala tivesse acabado de passar por ele de raspão.

– Somos nós, Neville! – disse Rony, animado, levantando-se. – Você viu...? O Lockhart está aqui! Quem é que você estava visitando?

– Seus amigos, Neville, querido? – perguntou gentilmente a avó do garoto, examinando os três.

Neville pareceu desejar que estivesse em qualquer outro lugar do mundo, menos ali. Um colorido vermelho-arroxeado foi subindo pelo seu rosto gorducho, e ele tentou evitar fazer contato visual com qualquer um deles.

– Ah, sim – disse a avó, fitando Harry e estendendo a mão enrugada que lembrava uma garra para ele apertá-la. – Sim, sim, eu sei quem você é, é claro, Neville fala muito bem de você.

– Hum... obrigado – disse Harry apertando a mão estendida. Neville não ergueu os olhos, fixava os próprios pés, o rubor em seu rosto aumentando sem parar.

– E vocês dois são obviamente os Weasley – continuou a Sra. Longbottom, oferecendo regiamente a mão a Rony e depois à Gina. – Eu conheço seus pais... não muito bem, é claro... são boa gente, boa gente... e você deve ser Hermione Granger?

Hermione parecia muito surpresa que a Sra. Longbottom soubesse seu nome, mas apertou-lhe a mão assim mesmo.

– Neville me contou tudo sobre você. Ajudou-o a sair de alguns apuros, não foi? Ele é um bom menino – disse lançando ao neto um olhar de severa apreciação do alto do nariz –, mas receio dizer que não tem o talento do pai. – E ela indicou com um aceno brusco de cabeça as duas camas no fim da enfermaria, fazendo o urubu empalhado no chapéu tremer assustadoramente.

– Quê?! – exclamou Rony, parecendo admirado. (Harry queria pisar o pé do amigo, mas isso é muito mais difícil de fazer sem ninguém notar quando se está usando jeans em vez de vestes.) – É o seu *pai* que está ali, Neville?

– Que é isso! – exclamou a Sra. Longbottom com severidade. – Você não contou aos seus amigos o que aconteceu com seus pais, Neville?

Neville deu um suspiro profundo, olhou para o teto e balançou a cabeça. Harry não se lembrava de ter sentido mais pena de alguém, mas não conseguia pensar em algum jeito para ajudar Neville a sair daquela situação.

– Ora, não é nenhuma vergonha! – disse a Sra. Longbottom, zangada. – Você devia sentir orgulho, Neville, orgulho! Eles não deram a saúde e a sanidade para seu único filho ter vergonha deles, entende!

– Eu não sinto vergonha – explicou Neville com a voz fraquinha, ainda olhando para qualquer lado menos para Harry e os outros. Rony agora estava nas pontas dos pés para espiar os pacientes nas duas camas.

– Bom, você tem uma maneira engraçada de demonstrar! – disse a Sra. Longbottom. – Meu filho e a mulher – continuou ela virando-se com arrogância para Harry, Rony, Hermione e Gina – foram torturados até a insanidade pelos

seguidores de Você-Sabe-Quem.
Hermione e Gina levaram as mãos à boca. Rony parou de esticar o pescoço para dar uma espiada nos pais de Neville, e pareceu mortificado.
– Eles eram aurores, sabem, e muito respeitados na comunidade bruxa. Excepcionalmente talentosos, os dois. Eu... sim, Alice, querida, que foi?
A mãe de Neville viera andando lentamente pela enfermaria de camisola. Já não tinha o rosto cheio e feliz que Harry vira na velha fotografia de Moody com os participantes da Ordem da Fênix inicial. Seu rosto estava fino e cansado agora, os olhos pareciam grandes demais e seus cabelos tinham ficado brancos, ralos e sem vida. Ela não parecia querer falar, ou talvez não fosse capaz, mas fez gestos tímidos em direção a Neville, segurando alguma coisa na mão estendida.
– Outra vez? – disse a Sra. Longbottom, parecendo um tantinho cansada. – Muito bem, Alice querida, muito bem... Neville, apanhe, o que quer que seja.
Mas Neville já esticara a mão, em que a mãe deixou cair uma embalagem de Chicles de Baba e Bola.
– Muito bem, querida – tornou a avó de Neville num tom falsamente animado, dando palmadinhas no ombro da mãe do garoto.
Mas Neville disse baixinho:
– Obrigado, mamãe.
A mãe voltou vacilante para o fundo da enfermaria, cantarolando para si mesma. Neville olhou para os outros, uma expressão de rebeldia no rosto, como se os desafiasse a rir, mas Harry achava que nunca vira nada menos engraçado na vida.
– Bom, é melhor irmos andando – suspirou a Sra. Longbottom, calçando longas luvas verdes. – Foi um prazer conhecer vocês. Neville, ponha a embalagem na cesta, a esta altura ela já deve ter-lhe dado o suficiente para empapelar o seu quarto.
Mas, quando saíram, Harry tinha certeza de ter visto Neville guardar a embalagem do chicle no bolso.
A porta se fechou.
– Eu nunca soube – disse Hermione com cara de choro.
– Nem eu – disse Rony com a voz meio rouca.
– Nem eu – sussurrou Gina.
Todos olharam para Harry.
– Eu sabia – confirmou ele, abatido. – Dumbledore me contou, mas eu prometi não repetir para ninguém... foi por isso que Belatriz Lestrange foi mandada para Azkaban, por usar a Maldição Cruciatus nos pais de Neville até eles enlouquecerem.
– Belatriz Lestrange fez isso? – sussurrou Hermione, horrorizada. – Aquela

mulher de quem o Monstro guarda a fotografia na toca?

Fez-se um longo silêncio, interrompido pela voz zangada de Lockhart.

– Olhem, eu não aprendi escrita simultânea à toa, sabem!

— CAPÍTULO VINTE E QUATRO —
Oclumência

Monstro, acabou-se sabendo, andara escondido no sótão. Sirius contou que o encontrara lá em cima, coberto de pó, sem dúvida procurando mais relíquias da família Black para esconder em seu armário. Embora Sirius parecesse satisfeito com essa história, Harry se sentiu inquieto. Monstro parecia estar mais bem-humorado quando reapareceu, seus resmungos azedos tinham diminuído bastante e passara a obedecer às ordens mais docilmente do que de costume, embora uma ou duas vezes Harry o tivesse surpreendido encarando-o com avidez, mas sempre desviando rapidamente o olhar quando via que o garoto percebera.

Harry não mencionou suas vagas suspeitas a Sirius, cuja alegria começara a evaporar muito rapidamente agora que passara o Natal. À medida que se aproximava o dia da partida dos garotos a Hogwarts, ele foi se tornando mais inclinado ao que a Sra. Weasley chamava de “macambuzice”, quando ficava taciturno e resmungão e muitas vezes se retirava para o quarto de Bicuço durante horas. Sua tristeza infiltrava-se na casa, por baixo das portas, como um gás venenoso, e infectando a todos.

Harry não queria deixar Sirius outra vez apenas em companhia de Monstro; de fato, pela primeira vez na vida, não estava contando os dias que faltavam para regressar a Hogwarts. Voltar à escola significava colocar-se mais uma vez sob a tirania de Dolores Umbridge, que, sem dúvida, conseguira passar à força mais uma dúzia de decretos na ausência dos garotos; não havia partidas de quadribol pelas quais ansiar, agora que fora expulso; havia toda a probabilidade de que a carga de deveres de casa aumentasse à medida que os exames se aproximavam; e Dumbledore continuava distante como sempre. De fato, se não fosse pela AD, Harry achava que teria suplicado a Sirius para deixá-lo abandonar Hogwarts e continuar no largo Grimmauld.

Então, no último dia de férias, aconteceu uma coisa que fez Harry positivamente temer o regresso à escola.

– Harry, querido – disse a Sra. Weasley, metendo a cabeça no quarto que ele ocupava com Rony, onde os dois estavam jogando xadrez de bruxo observados por Hermione, Gina e Bichento –, pode vir à cozinha? O Prof. Snape quer dar uma palavrinha com você.

Harry não registrou imediatamente o que ouvira; uma de suas torres estava travando uma violenta batalha com um peão de Rony, e ele o incentivava com entusiasmo.

– Achata ele... *achata ele*, é só um peão, seu idiota. Desculpe, Sra. Weasley, que foi que a senhora disse?

– O Prof. Snape, querido. Na cozinha. Gostaria de lhe falar.

O queixo de Harry caiu de terror. Olhou para Rony, Hermione e Gina, todos igualmente boquiabertos para ele. Bichento, a quem Hermione vinha contendo com dificuldade nos últimos quinze minutos, saltou alegremente sobre o tabuleiro fazendo as peças correrem a se proteger, guinchando a plenos pulmões.

– Snape? – repetiu Harry sem entender.

– *Professor* Snape, querido – corrigiu a Sra. Weasley. – Vamos logo, depressa, ele diz que não pode se demorar.

– Que é que ele quer com você? – indagou Rony, parecendo nervoso quando a Sra. Weasley se retirou do quarto. – Você não fez nada, fez?

– Não! – retrucou Harry indignado, vasculhando os miolos para tentar lembrar o que poderia ter feito que levasse Snape a segui-lo até o largo Grimmauld. Será que o seu último dever merecera um “I”?

Um minuto e pouco depois, ele empurrou a porta da cozinha e encontrou Sirius e Snape sentados à longa mesa do aposento, olhando em direções opostas. O silêncio entre os dois estava carregado de mútua intolerância. Havia uma carta aberta sobre a mesa diante de Sirius.

– Hã – fez Harry para anunciar sua presença.

Snape se virou para olhá-lo, o rosto emoldurado por cortinas de cabelos oleosos.

– Sente-se, Potter.

– Sabe – disse Sirius em voz alta, se recostando e se apoiando nas pernas traseiras da cadeira, e falando para o teto –, acho que eu preferia que você não desse ordens aqui. É a minha casa, sabe.

Um rubor ameaçador afluiu ao rosto pálido de Snape. Harry sentou-se na cadeira ao lado de Sirius e defronte do professor.

– Eu devia vê-lo sozinho, Potter – disse Snape, o riso desdenhoso crispando sua boca –, mas Black...

– Sou o padrinho dele – disse Sirius, ainda mais alto.
– Estou aqui por ordem de Dumbledore – continuou Snape, cuja voz, em contraposição, ficava cada vez mais baixa e sibilante –, mas, sem dúvida, fique, Black, eu sei que você gosta de se sentir... participante.
– Que é que você quer dizer com isso? – retorquiu Sirius, deixando a cadeira recair nos quatro pés com um forte baque.
– Simplesmente que tenho certeza de que você deve se sentir... ah... frustrado pelo fato de não poder fazer nada de *útil* – Snape enfatizou delicadamente a frase – “pela Ordem”.
Foi a vez de Sirius corar. A boca de Snape se crispou em triunfo ao se dirigir a Harry.
– O diretor me mandou dizer, Potter, que quer que você estude Oclumência neste trimestre.
– Estude o quê? – perguntou Harry sem entender.
O desdém de Snape se tornou mais pronunciado.
– Oclumência, Potter. A defesa mágica da mente contra penetração externa. Um ramo obscuro da magia, mas extremamente útil.
O coração de Harry começou a bater realmente forte. Defesa contra penetração externa? Mas ele não estava sendo possuído, todos tinham concordado com isso...
– Por que tenho de estudar essa Oclu...? – deixou escapar.
– Porque o diretor acha que é uma boa ideia – disse Snape suavemente. – Você receberá aulas particulares uma vez por semana, mas não contará a ninguém o que está fazendo, muito menos a Dolores Umbridge. Entendeu?
– Sim, senhor – disse Harry. – E quem é que vai me ensinar?
Snape ergueu uma sobrancelha.
– Eu – respondeu.
Harry teve a terrível sensação de que suas entranhas estavam derretendo. Aulas extras com Snape: que é que ele fizera para merecer isso? Olhou rápido para Sirius buscando apoio.
– Por que Dumbledore não pode ensinar ao Harry? – perguntou Sirius agressivamente. – Por que você?
– Porque suponho que seja uma prerrogativa do diretor delegar as tarefas menos agradáveis – disse Snape suavemente. – Posso lhe garantir que não pedi esse encargo. – Levantou-se. – Espero você às seis horas da tarde na segunda-feira, Potter. Minha sala. Se alguém lhe perguntar, diga que está tomando aulas particulares de Poções. Ninguém que tenha visto você em minhas aulas poderia negar que precisa de reforço.
Ele se virou para ir embora, a capa preta de viagem se enfunando como uma

cauda.
– Espere um momento – pediu Sirius, sentando-se mais reto na cadeira.
Snape se virou para encarar os dois, desdenhoso.
– Estou com muita pressa, Black. Ao contrário de você, tenho um tempo limitado de lazer.
– Irei direto ao assunto, então – falou Sirius ficando em pé. Era bem mais alto do que Snape, que, Harry reparou, fechou um punho no bolso da capa, segurando, sem dúvida, o punho da varinha. – Se eu souber que você está usando essas aulas de Oclumência para infernizar a vida de Harry, terá de acertar contas comigo.
– Que comovente! – debochou Snape. – Mas você com certeza já notou que Potter se parece muito com o pai dele, não é?
– Já – respondeu Sirius com orgulho.
– Bom, então sabe que ele é tão arrogante que as críticas simplesmente resvalam nele – disse Snape com voz de seda.
Sirius empurrou a cadeira bruscamente para o lado e contornou a mesa em direção ao outro, ao mesmo tempo que puxava a varinha. Snape puxou a dele. Pararam se medindo, Sirius furioso, Snape calculista, seus olhos correndo da ponta da varinha para o rosto do oponente.
– Sirius! – chamou Harry, mas o padrinho não pareceu ouvi-lo.
– Eu lhe avisei, *Ranhoso* – disse Sirius, seu rosto a menos de meio metro do de Snape –, não me interessa se Dumbledore acha que você se regenerou, eu sei que não...
– Ah, então por que não diz isso a ele? – sussurrou Snape. – Ou tem medo de que ele não leve a sério o conselho de um homem que está há seis meses se escondendo na casa da mãe?
– Me diga, como anda Lúcio Malfoy ultimamente? Imagino que encantado com o fato do seu cachorrinho de estimação estar trabalhando em Hogwarts, não?
– Por falar em cachorros – disse Snape mansamente –, você sabia que Lúcio Malfoy o reconheceu da última vez que arriscou uma escapulida? Ideia brilhante, Black, deixar que o vissem em uma segura plataforma de trem... arranjou uma desculpa irrefutável para nunca mais deixar o buraco em que se esconde, não?
Sirius ergueu a varinha.
– NÃO! – berrou Harry, pulando por cima da mesa para se interpor aos dois. – Sirius, não!
– Você está me chamando de covarde? – berrou Sirius, tentando tirar Harry da frente, mas o garoto não se mexeu.
– Ora, suponho que sim.

– Harry... saia... da... frente! – vociferou Sirius, empurrando-o para o lado com a mão livre.

A porta da cozinha se abriu e toda a família Weasley mais Hermione entraram, todos parecendo muito felizes, trazendo um orgulhoso Sr. Weasley vestindo um pijama e por cima uma capa de chuva.

– Curado! – anunciou animadamente para todos na cozinha. – Completamente curado!

Ele e os outros Weasley ficaram paralisados à porta, contemplando a cena na cozinha, também suspensa, em que Sirius e Snape olhavam para a porta com as varinhas apontadas uma para a cara do outro e Harry, imóvel entre os dois, tentando separá-los.

– Pelas barbas de Merlim! – exclamou o Sr. Weasley, o sorriso desaparecendo do rosto. – Que é que está acontecendo aqui?

Sirius e Snape baixaram as varinhas. Harry olhou de um para outro. Ambos tinham no rosto uma expressão de extremo desprezo, contudo a entrada repentina de tantas testemunhas pareceu tê-los chamado à razão. Snape embolsou a varinha e atravessou a cozinha, passando pelos Weasley sem fazer comentário. À porta, olhou para trás.

– Seis horas da tarde, segunda-feira, Potter.

E foi-se embora. Sirius seguiu-o com um olhar mal-humorado, a varinha segura ao lado do corpo.

– Que é que estava acontecendo? – tornou a indagar o Sr. Weasley.

– Nada, Arthur – respondeu Sirius, ofegante como se tivesse acabado de correr uma longa distância. – Só uma conversa amigável entre dois velhos amigos de escola. – Aparentemente com imenso esforço, ele sorriu. – Então... está curado? Ótima notícia, realmente ótima.

– Não é? – disse a Sra. Weasley, conduzindo o marido até uma cadeira. – Enfim o Curandeiro Smethwyck fez sua mágica, encontrou um antídoto para o que quer que fosse que a cobra tinha nas presas, e Arthur aprendeu a lição de não se meter com medicina de trouxas, *não foi, querido*? – acrescentou ela um tanto ameaçadoramente.

– Foi, Molly, querida – disse o Sr. Weasley, com humildade.

A refeição daquela noite deveria ter sido muito alegre, com a volta do Sr. Weasley. Harry via que Sirius procurava fazer com que assim fosse, mas o padrinho não se esforçava para dar gargalhadas com as piadas de Fred e Jorge nem oferecia aos outros mais comida; seu rosto se fechara numa expressão melancólica e reflexiva. Harry acabou separado dele por Mundungo e Olho-Tonto, que tinham passado para dar os parabéns ao Sr. Weasley. Ele queria dizer a Sirius que não devia dar ouvidos a nada que Snape dissera, que o colega estava

instigando-o deliberadamente e que os outros não pensavam que o padrinho fosse um covarde por obedecer a Dumbledore e ficar quieto no largo Grimmauld. Mas não teve oportunidade e, vendo a expressão fechada no rosto de Sirius, Harry chegou a duvidar se teria se atrevido a dizer alguma coisa mesmo se tivesse tido oportunidade. Em vez disso, cochichou para Rony e Hermione sobre a ordem que recebera de tomar aulas de Oclumência com Snape.

– Dumbledore quer evitar que você tenha aqueles sonhos com Voldemort – disse Hermione imediatamente. – Bom, você não vai lamentar se não os tiver, vai?

– Aulas particulares com Snape?! – exclamou Rony, perplexo. – Eu preferia ter os pesadelos!

Os garotos deveriam regressar a Hogwarts de Nôitibus no dia seguinte, acompanhados mais uma vez por Tonks e Lupin, que já se achavam tomando café da manhã na cozinha quando Harry, Rony e Hermione desceram. Os adultos pareciam estar cochichando quando Harry abriu a porta; todos olharam depressa e se calaram.

Depois de um café da manhã apressado, eles vestiram os casacos e cachecóis para se proteger da gélida manhã de janeiro. Harry sentiu um aperto desagradável no peito; não queria dizer adeus a Sirius. Teve uma sensação ruim com relação a essa despedida; não sabia quando voltariam a se ver e se sentiu na obrigação de dizer alguma coisa ao padrinho para impedi-lo de fazer alguma tolice – Harry se preocupava que a acusação de covardia que Snape fizera a Sirius o tivesse ferido tão seriamente que ele pudesse mesmo agora estar planejando alguma saída insensata do largo Grimmauld. Mas antes que conseguisse pensar no que dizer Sirius o chamou para junto dele.

– Quero que você leve isto – disse baixinho, empurrando para Harry um embrulho malfeito com o tamanho aproximado de um livro.

– Que é? – perguntou Harry.

– Um modo de me avisar se Snape estiver infernizando sua vida. Não, não abra aqui! – disse Sirius, lançando um olhar preocupado à Sra. Weasley, que tentava persuadir os gêmeos a calçar luvas de tricô. – Duvido que Molly aprove, mas quero que você o use se precisar de mim, está bem?

– O.k. – disse o garoto, guardando o embrulho no bolso interno do casaco, mas sabia que jamais usaria o que quer que fosse. Não seria ele, Harry, quem iria tirar Sirius do lugar em que estava seguro, por pior que Snape o tratasse nas futuras aulas de Oclumência.

– Vamos, então – disse Sirius, dando uma palmada no ombro do afilhado e sorrindo triste, e antes que Harry pudesse dizer mais alguma coisa, já haviam

subido e parado à porta da frente, cheia de trancas, cercados pelos Weasley.
– Adeus, Harry, cuide-se – disse a Sra. Weasley abraçando-o.
– Até outro dia, Harry, e fique de olho nas cobras para mim! – falou o Sr. Weasley, cordialmente apertando sua mão.
– Certo... – respondeu Harry, distraído; era sua última chance de dizer a Sirius para ter cuidado; ele se virou, encarou o padrinho e abriu a boca para falar, mas, antes que o fizesse, Sirius estava lhe dando um breve abraço e dizendo com a voz rouca:
– Cuide-se bem, Harry. – No momento seguinte, o garoto se viu conduzido para o inverno gélido lá fora, com Tonks (hoje disfarçada de mulher alta e magra da aristocracia rural, com cabelos grisalhos) apressando-o a descer os degraus.
A porta do número doze bateu às costas do último a sair. Eles acompanharam Lupin. Quando chegaram à calçada, Harry olhou para os lados. O número doze foi encolhendo rapidamente ao mesmo tempo que as casas laterais se ampliavam para o seu lado, fazendo-o desaparecer de vista. Uma piscadela de olhos depois, já não existia.
– Vamos, quanto mais depressa entrarmos no ônibus melhor – disse Tonks, e Harry achou que havia nervosismo no olhar que ela lançou pela praça. Lupin esticou o braço direito.
BANG.
Um ônibus violentamente roxo de três andares materializou-se, tirando um fino do poste de iluminação mais próximo, que saltou para trás para sair do caminho.
Um rapaz magro, de orelhas de abano e espinhas, trajando um uniforme roxo, saltou para a calçada e disse:
– Bem-vindos ao...
– Sei, sei, já sabemos – disse Tonks brevemente. – Subam, subam, subam...
E ela empurrou Harry em direção aos degraus, para além do motorista, que arregalou os olhos quando o garoto passou.
– É... é Arry...!
– Se gritar o nome dele faço você perder a memória – murmurou Tonks, ameaçando-o, e empurrando Gina e Hermione para dentro.
– Eu sempre quis andar nesse ônibus – disse Rony, alegre, juntando-se a Harry e examinando tudo.
Fora de noite a última vez que Harry viajara de Nôitibus, e os três andares estavam ocupados por camas de metal. Agora, de manhã cedo, estava mobiliado com uma variedade de cadeiras desparelhadas e dispostas a esmo em torno das janelas. Algumas pareciam ter tombado quando o ônibus parou abruptamente no largo Grimmauld; uns poucos bruxos e bruxas ainda estavam se levantando,

resmungando, e a saca de compras de alguém deslizara por toda a extensão do veículo: uma mistura de ovas de sapo, baratas e cremes de ovos espalhara-se pelo chão.

– Parece que vamos ter de nos separar – disse Tonks brevemente, procurando poltronas vazias. – Fred, Jorge e Gina, vão para aquelas poltronas lá no fundo... Remo pode ficar com vocês.

Ela, Harry, Rony e Hermione subiram para o último andar, onde havia duas poltronas vazias bem na frente e duas no fundo. Lalau Shunpike, o condutor, acompanhou pressurosamente os dois garotos até o fundo. As cabeças se voltaram quando Harry passou, mas, ao se sentar, viu todos os rostos tornarem a virar para a frente.

Quando Harry e Rony estavam pagando a Lalau onze sicles cada, o ônibus tornou a partir, balançando sinistramente. Contornou ruidosamente o largo Grimmauld, subindo e descendo pelas calçadas, depois, com outro BANG estrondoso, os passageiros foram atirados para trás; a poltrona de Rony virou, e Píchi, que estava em seu colo, saiu da gaiola voando espavorida para a frente do ônibus onde preferiu pousar no ombro de Hermione. Harry, que escapara de cair agarrando-se a uma arandela, espiou pela janela: o ônibus agora corria pelo que lhe pareceu ser uma rodovia.

– Estamos na periferia de Birmingham – informou Lalau alegremente, em resposta à pergunta muda de Harry, enquanto Rony tentava se erguer do chão. – Você está bem, então, Arry? Vi o seu nome um monte de vezes no jornal durante o verão, mas nunca não era nada de bom. Eu disse ao Ernesto, disse mesmo, ele não parecia pirado quando o conhecemos, o que é uma prova, não é?

Ele entregou os bilhetes aos garotos e continuou a contemplar Harry, fascinado. Pelo jeito, Lalau não se importava que alguém fosse pirado, desde que fosse famoso bastante para aparecer no jornal. O Nôitibus balançava assustadoramente, ultrapassando os carros pelo lado de dentro. Quando olhou para a frente do veículo, Harry viu Hermione cobrir os olhos com as mãos, e Píchi se equilibrar alegremente em seu ombro.

BANG.

As poltronas tornaram a correr para trás quando o Nôitibus saltou da estrada de Birmingham para uma tranquila estradinha campestre cheia de curvas fechadas. As cercas vivas que ladeavam a via saltaram para longe quando o ônibus avançou sobre as cercaduras. Dali, entraram na rua principal de uma cidade movimentada, depois subiram um viaduto cercado por altas montanhas, desceram para uma estrada assolada pelo vento entre altos prédios de apartamentos, produzindo um estrondo a cada mudança de rumo.

– Mudei de ideia – murmurou Rony, levantando-se do chão pela sexta vez. –

Nunca mais quero viajar nessa coisa.
– Escutem, a próxima parada é Ogwarts – anunciou Lalau, animado, cambaleando em direção aos garotos. – A mulher mandona lá na frente que subiu com vocês deu uma gorjeta à gente para passar vocês para o começo da fila. Só vamos deixar Madame Marsh descer primeiro... – eles ouviram alguém vomitando no andar de baixo, e em seguida um horrível barulho de líquido batendo no chão –, ela não está se sentindo muito bem.
Alguns minutos depois, o Nôitibus parou cantando pneus à frente de um pequeno bar, que se espremeu para sair do caminho e evitar uma colisão. Eles ouviram Lalau ajudando a pobre Madame Marsh a desembarcar do ônibus e os murmúrios de alívio dos companheiros de viagem no segundo andar. O ônibus tornou a partir, ganhando velocidade até...
BANG.
E estavam rodando por uma Hogsmeade coberta de neve. Harry viu de relance o Cabeça de Javali na rua lateral, o letreiro com a cabeça cortada rangendo ao vento invernoso. Flocos de neve batiam na enorme janela dianteira do ônibus. E finalmente pararam nos portões de Hogwarts.
Lupin e Tonks ajudaram os garotos a desembarcar com a bagagem, e então desceram também para se despedir. Harry ergueu os olhos para os três andares do Nôitibus e viu todos os passageiros espiando-os com o nariz colado às janelas.
– Vocês estarão seguros quando entrarem – disse Tonks, lançando um olhar cauteloso para a estrada deserta. – Um bom trimestre, o.k.?
– Cuidem-se bem – recomendou-lhes Lupin, apertando as mãos de todos e chegando a Harry por último. – E escute... – ele baixou a voz enquanto os demais trocavam adeuses de último minuto com Tonks – Harry, eu sei que você não gosta de Snape, mas ele é um magnífico Oclumente, e todos nós, inclusive Sirius, queremos que você aprenda a se proteger, então estude para valer, está bem?
– É, tá – disse Harry a custo, olhando para o rosto prematuramente enrugado de Lupin. – Até mais, então.
Os seis subiram penosamente a estrada escorregadia até o castelo, arrastando os malões. Hermione já estava falando em tricotar uns gorros para elfos antes de dormir. Harry olhou para trás quando chegaram às portas de carvalho da entrada; o Nôitibus já partira e ele chegou a desejar, à vista do que o esperava na noite seguinte, que ainda estivesse a bordo.

Harry passou a maior parte do dia seguinte com medo do anoitecer. Os dois tempos de Poções pela manhã nada fizeram para dissipar sua agitação, pois

Snape foi desagradável como sempre. Seu desânimo se acentuou porque os membros da AD o procuraram constantemente pelos corredores durante os intervalos das aulas, perguntando, esperançosos, se haveria reunião àquela noite.
– Avisarei a vocês como de costume quando marcar a próxima – repetiu Harry várias vezes –, mas não pode ser hoje à noite, tenho que ir... hum... a uma aula de reforço de Poções.
– Você tem *aula de reforço em Poções*? – perguntou Zacarias com ar de superioridade, abordando-o no Saguão de Entrada, depois do almoço. – Puxa vida, você deve ser péssimo. Snape não costuma dar aulas particulares, ou costuma?
Quando Zacarias se afastou com irritante vivacidade, Rony acompanhou-o de cara feia.
– Devo azará-lo?, ainda dá para acertar daqui – disse, erguendo a varinha e mirando entre as espáduas de Zacarias.
– Deixa pra lá – disse Harry, deprimido. – É o que todos vão pensar, não é? Que sou realmente bur...
– Oi, Harry – disse uma voz a suas costas. Ele se virou e deparou com Cho.
– Ah! – exclamou, seu estômago dando um salto desconfortável. – Oi.
– Vamos estar na biblioteca, Harry – disse Hermione com firmeza, agarrando Rony acima do cotovelo e arrastando-o em direção à escadaria de mármore.
– Teve um bom Natal? – perguntou Cho.
– Nada mau.
– O meu foi muito tranquilo. – Por alguma razão, ela parecia um pouco encabulada. – Aah... tem outro passeio a Hogsmeade no mês que vem, você viu o aviso?
– Quê? Ah, não, ainda não dei uma olhada no quadro de avisos desde que cheguei.
– Tem, no Dia dos Namorados...
– Certo – respondeu Harry, se perguntando por que ela estava dizendo isso. – Bom, suponho que você queira...
– Só se você quiser – disse ela, ansiosa.
Harry arregalou os olhos. Estivera a ponto de dizer: “Suponho que você queira saber quando é a próxima reunião da AD?”, mas a resposta dela não parecia se encaixar.
– Eu... aah...
– Ah, tudo bem se você não quiser – retrucou ela, parecendo mortificada. – Não se preocupe. Eu... vejo você por aí.
Ela se afastou. Harry ficou parado olhando, seu cérebro trabalhando freneticamente. Então a ficha caiu.

– Cho! Ei... CHO!
Correu atrás da garota, alcançando-a na subida da escadaria de mármore.
– Aah... você quer ir comigo a Hogsmeade no Dia dos Namorados?
– Ahhh, quero! – respondeu ela, corando e sorrindo.
– Certo... bom... então está combinado – disse Harry, e sentindo que, enfim, o dia não seria uma perda total, ele virtualmente saiu aos pulos até a biblioteca para apanhar Rony e Hermione antes das aulas da tarde.
Às seis da tarde, no entanto, nem o clarão de ter conseguido convidar Cho Chang para sair foi suficiente para desanuviar a sensação agourenta que se intensificava a cada passo que Harry dava em direção à sala de Snape.
Parou à porta ao chegar, desejando estar em qualquer outro lugar, então, tomando fôlego, bateu e entrou.
A sala sombria estava forrada de estantes ocupadas por centenas de frascos de vidro em que flutuavam pedaços viscosos de plantas e bichos, em várias poções coloridas. A um canto, havia um armário cheio de ingredientes, o qual Snape certa vez acusara Harry – com razão – de assaltar. Mas a atenção do garoto foi atraída para a escrivaninha, onde uma bacia rasa, de pedra gravada com runas e símbolos, estava iluminada por um círculo de luz projetado por velas. Harry reconheceu-a na mesma hora – era a Penseira de Dumbledore. Perguntando-se o que estaria tal objeto fazendo ali, ele se sobressaltou ao ouvir a voz fria de Snape saindo das sombras.
– Feche a porta, Potter.
Harry obedeceu, com a horrível sensação de estar se fechando em uma prisão. Quando se virou, Snape se deslocara para a luz e apontava silenciosamente para a cadeira diante de sua escrivaninha. Harry se sentou e o professor também, seus olhos frios e negros fixando-se no aluno sem piscar, a antipatia gravada em cada linha do seu rosto...
– Muito bem, Potter, você sabe por que está aqui. O diretor me pediu para lhe ensinar Oclumência. Só espero que você se mostre mais competente nisso do que em Poções.
– Certo – concordou Harry brevemente.
– Esta aula talvez seja diferente, Potter – disse Snape, seus olhos se estreitando malevolamente –, mas continuo sendo seu professor e, portanto, você me chamará sempre de “senhor” ou de “professor”.
– Sim... *senhor*.
– Vamos à Oclumência. Como eu lhe disse na cozinha do seu querido padrinho, este ramo da magia fecha a mente à intrusão e à influência mágicas.
– E por que o Prof. Dumbledore acha que eu preciso aprendê-la, professor? – perguntou Harry, encarando Snape diretamente nos olhos e imaginando se

receberia uma resposta.
Snape mirou-o por um momento e em seguida disse com a voz carregada de desprezo:
– Certamente até você poderia ter chegado à resposta sozinho, não, Potter? O Lorde das Trevas é excepcionalmente competente em Legilimência...
– Que é isso? Professor?
– É a capacidade de extrair sentimentos e lembranças da memória de outras pessoas...
– Ele é capaz de ler pensamentos? – perguntou depressa, seus piores receios se confirmando.
– Você não tem sutileza, Potter – comentou Snape, seus olhos negros cintilando. – Você não entende distinções pouco perceptíveis. É um dos defeitos que o torna um lamentável preparador de poções.
Snape fez uma pausa, aparentemente para saborear o prazer de insultar Harry, antes de continuar:
– Somente os trouxas falam de "ler mentes". A mente não é um livro que se abre quando se quer e se examina ao bel-prazer. Os pensamentos não estão gravados no interior do crânio, para serem examinados por qualquer invasor. A mente é algo complexo e multiestratificado, Potter, ou pelo menos a maioria das mentes é. – Deu um sorrisinho. – Mas é verdade que aqueles que dominam a Legilimência são capazes, sob determinadas condições, de penetrar as mentes de suas vítimas e interpretar suas conclusões corretamente. O Lorde das Trevas, por exemplo, quase sempre sabe quando alguém está mentindo para ele. Somente os peritos em Oclumência podem ocultar os sentimentos e lembranças que contradiriam a mentira, e conseguem dizer falsidades em sua presença sem serem apanhados.
Snape podia dizer o que quisesse, mas, para Harry, Legilimência parecia leitura da mente, e a ideia não lhe agradava nem um pouco.
– Então ele poderia saber o que estamos pensando neste momento, professor?
– O Lorde das Trevas se encontra a uma considerável distância, e as paredes e terrenos de Hogwarts são guardados por muitos feitiços e encantamentos antigos, para garantir a segurança física e mental dos que vivem aqui. O tempo e o espaço contam na magia, Potter. O contato visual é muitas vezes essencial à Legilimência.
– Bom, então, por que é que eu tenho de aprender Oclumência?
Snape encarou Harry, ao mesmo tempo que passava um dedo fino nos lábios.
– As regras normais não parecem se aplicar a você, Potter. A maldição que não conseguiu matá-lo parece ter forjado algum tipo de ligação entre você e o Lorde das Trevas. As evidências sugerem que por vezes, quando sua mente está

mais relaxada e vulnerável, quando você está dormindo, por exemplo, você compartilha os pensamentos e emoções do Lorde das Trevas. O diretor acha que é desaconselhável que isto continue a acontecer. E quer que eu lhe ensine como fechar a mente ao Lorde das Trevas.

O coração de Harry batia acelerado agora. Nada disso fazia sentido.

– Mas por que o Prof. Dumbledore quer fazer isto parar? – perguntou inesperadamente. – Não gosto muito, mas tem sido útil, não? Quero dizer... eu vi a cobra atacar o Sr. Weasley e, se não tivesse visto, o Prof. Dumbledore não poderia ter salvado a vida dele, poderia? Professor?

Snape encarou Harry durante uns minutos, ainda passando o dedo nos lábios. Quando tornou a falar, foi devagar e decididamente, como se pesasse cada palavra.

– Pelo que parece o Lorde das Trevas não tinha tomado consciência dessa ligação entre você e ele até muito recentemente. Parece que você sentia as emoções dele e partilhava seus pensamentos, sem ele saber. Contudo, a visão que você teve pouco antes do Natal...

– A da cobra com o Sr. Weasley?

– Não me interrompa, Potter – disse Snape em tom ameaçador. – Como eu ia dizendo, a visão que você teve pouco antes do Natal representou uma incursão tão poderosa nos pensamentos do Lorde das Trevas...

– Eu vi de dentro da cabeça da cobra, e não da dele!

– Acho que acabei de lhe dizer para não me interromper, não foi, Potter?

Mas Harry não se importou que Snape estivesse aborrecido, pelo menos parecia estar chegando ao fundo dessa história; sentara mais para a frente na cadeira de modo que, sem perceber, estava encarrapitado na borda, tenso como se estivesse prestes a voar.

– Como é possível eu ter visto através dos olhos da cobra se são os pensamentos de Voldemort que estou partilhando?

– *Não pronuncie o nome do Lorde das Trevas!* – ralhou Snape.

Fez-se um silêncio desagradável. Os dois se encararam por cima da Penseira.

– O Prof. Dumbledore diz o nome dele – contestou Harry calmamente.

– Dumbledore é um bruxo extremamente poderoso – murmurou Snape. – Embora *ele* possa se sentir seguro em usar o nome... os demais... – Ele esfregou o braço esquerdo, aparentemente sem perceber, no lugar em que Harry sabia que a Marca Negra estava gravada a fogo em sua pele.

– Eu só queria saber – recomeçou Harry, se esforçando para falar com polidez – por que...

– Você parece ter visitado a mente da cobra porque era onde o Lorde das Trevas estava naquele determinado momento – vociferou Snape. – Estava

possuindo a cobra na hora, então você sonhou que estava dentro dela, também.
– E Vol... ele... percebeu que eu estava ali?
– Parece que sim – respondeu Snape, tranquilo.
– Como é que sabe? – perguntou o garoto pressuroso. – Essa é a suposição do Prof. Dumbledore ou...?
– Já lhe pedi – disse Snape, empertigado na cadeira, os olhos apertados – para me chamar de "senhor".
– Sim, senhor – disse Harry impaciente –, mas como é que o senhor sabe...?
– É suficiente que nós saibamos – disse Snape cortando a conversa. – O importante é que o Lorde das Trevas agora tem consciência de que você está conseguindo ter acesso aos seus pensamentos e emoções. Ele também deduziu que o processo provavelmente pode ser invertido; ou seja, percebeu que talvez possa acessar os seus pensamentos e emoções...
– E ele poderia tentar me levar a fazer coisas? – perguntou Harry. – *Professor?* – acrescentou precipitadamente.
– Poderia – respondeu Snape, em tom aparentemente frio e desinteressado. – O que nos traz de volta à Oclumência.
Snape puxou a varinha do bolso interno das vestes e Harry se enrijeceu na cadeira, mas o professor meramente a ergueu e apontou para a raiz dos seus cabelos oleosos. Quando a retirou, escorreu uma substância prateada da têmpora à varinha como um grosso fio de teia de aranha, que se partiu quando ele a afastou, e caiu graciosamente na Penseira, onde girou branco-prateada, nem gasosa nem líquida. Mais duas vezes, Snape levou a varinha à têmpora e depositou a substância prateada na bacia de pedra, depois, sem oferecer nenhuma explicação para os seus gestos, apanhou a Penseira com cuidado, removeu-a para uma prateleira fora do caminho e voltou a encarar Harry com a varinha em posição.
– Levante-se e apanhe sua varinha, Potter.
Harry obedeceu se sentindo nervoso. Os dois se encararam por cima da escrivaninha.
– Você pode usar sua varinha para tentar me desarmar, ou para se defender de qualquer outra maneira que consiga pensar.
– E o que é que o senhor vai fazer? – perguntou Harry, acompanhando a varinha de Snape com os olhos, apreensivo.
– Vou tentar penetrar sua mente – disse Snape mansamente. – Vamos ver até que ponto você resiste. Me disseram que você já demonstrou aptidão para resistir à Maldição Imperius. Você vai descobrir que precisará de poderes semelhantes para resistir... em guarda, agora: *Legilimens!*
Snape atacara antes de Harry se aprontar, antes mesmo que tivesse começado

a recorrer a qualquer força para resistir. A sala flutuou diante dos seus olhos e desapareceu; imagem após imagem perpassou sua mente em alta velocidade como um filme de cinema mudo, tão vívido que o cegava para o ambiente ao redor.

Tinha cinco anos, e observava Duda andar na nova bicicleta vermelha, e seu peito explodia de inveja... tinha nove anos, e Estripador, o buldogue, acuava-o em uma árvore, e os Dursley riam muito embaixo, no jardim... estava sentado e tinha na cabeça o Chapéu Seletor, que lhe dizia que poderia ter êxito na Sonserina... Hermione estava deitada na ala hospitalar, o rosto coberto por grossos pelos negros... cem Dementadores avançavam contra ele à margem do lago escuro... Cho Chang se aproximava dele embaixo do ramo de visgo...

Não, disse uma voz na cabeça de Harry quando a lembrança de Cho se tornou mais nítida, *você não está assistindo a isto, é uma lembrança íntima*...

Sentiu uma dor aguda no joelho, a sala de Snape reaparecera e ele se viu caído no chão; um dos joelhos batera dolorosamente na perna da escrivaninha do professor. Ele ergueu os olhos para Snape, que baixara a varinha e esfregava o punho. Havia um feio vergão ali, como uma marca de queimadura.

– Você teve intenção de produzir uma Azaração Ferreteante? – perguntou Snape calmamente.

– Não – respondeu Harry com rancor, erguendo-se do chão.

– Achei que não – retorquiu Snape com desprezo. – Você me deixou penetrar longe demais. Perdeu o controle.

– O senhor viu tudo que eu vi? – perguntou Harry, inseguro se queria ouvir a resposta.

– Vislumbres – disse Snape, crispando os lábios. – A quem pertencia o cachorro?

– A minha tia Guida – murmurou Harry, odiando Snape.

– Bom, para uma primeira tentativa não foi tão ruim quanto poderia ter sido – disse o professor erguendo novamente a varinha. – Você conseguiu finalmente me paralisar, embora tenha desperdiçado tempo e energia gritando. Precisa se manter concentrado. Me repila com o seu cérebro e não precisará recorrer à varinha.

– Estou tentando – disse Harry, zangado –, mas o senhor não está me dizendo como fazer!

– Tenha modos, Potter – disse Snape, ameaçador. – Agora, quero que feche os olhos.

O garoto lançou-lhe um olhar zangado antes de obedecer. Não lhe agradava a ideia de ficar parado ali, de olhos fechados, enquanto Snape o encarava, segurando uma varinha.

– Esvazie sua mente, Potter – disse a voz fria de Snape. – Ponha de lado toda emoção...

Mas a raiva de Harry contra Snape continuava a pulsar em suas veias como veneno. Ponha de lado toda emoção? Era mais fácil pôr de lado as pernas...

– Você não está obedecendo, Potter... vai precisar de mais disciplina... concentre-se, agora...

Harry tentou esvaziar a mente, tentou não pensar, nem lembrar, nem sentir...

– Vamos outra vez... quando eu contar três... um... dois... três... *Legilimens!*

Um enorme dragão negro se empinou diante dele... seu pai e sua mãe lhe acenaram do espelho encantado... Cedrico Diggory caíra no chão de olhos vidrados olhando para ele...

– NÃÃÃÃÃÃÃO!

Harry estava mais uma vez de joelhos, o rosto nas mãos, o cérebro doendo como se alguém estivesse tentando arrancá-lo do crânio.

– Levante-se! – mandou Snape com rispidez. – Levante-se! Você não está tentando, não está fazendo esforço algum. Está me deixando acessar lembranças de que tem medo, está me dando armas!

Harry tornou a se levantar, seu coração batendo descontrolado como se tivesse realmente acabado de ver Cedrico morto no cemitério. Snape estava mais pálido do que o normal, e mais zangado, embora não tão zangado quanto Harry.

– Eu... estou... me... esforçando – disse entre os dentes.

– Eu o mandei se esvaziar de emoções!

– É? Bom, estou achando difícil neste momento – vociferou Harry.

– Então vai descobrir que será uma presa fácil para o Lorde das Trevas! – disse Snape com selvageria. – Tolos que têm orgulho em mostrar seus sentimentos, que não sabem controlar suas emoções, que chafurdam em lembranças tristes e se deixam provocar com tanta facilidade... em outras palavras, gente fraca... não têm a menor chance contra os poderes dele! Ele penetrará sua mente com uma facilidade absurda, Potter!

– Eu não sou fraco – disse Harry em voz baixa, a fúria agora perpassando-o de tal modo que achou que poderia atacar Snape dali a pouco.

– Então prove! Domine-se! – falou Snape com violência. – Controle sua raiva, discipline sua mente! Vamos tentar outra vez! Preparar, agora! *Legilimens!*

Ele observava o tio Válter pregar a fenda que havia na porta para cartas... cem Dementadores atravessavam o lago da escola em sua direção... ele estava correndo por uma passagem sem janelas com o Sr. Weasley... se aproximaram da porta preta e simples no fim do corredor... Harry esperava que entrassem... mas o Sr. Weasley o desviou para a esquerda, desceram um lance de escadas de pedra...

– EU SEI! EU SEI!

Estava novamente de quatro no chão da sala de Snape, a cicatriz formigando incomodamente, mas a voz que saíra de sua boca era triunfante. Ele se levantou e deparou com Snape encarando-o, de varinha levantada. Parecia que, desta vez, Snape suspendera o feitiço antes mesmo de Harry sequer tentar repeli-lo.

– Que aconteceu então, Potter? – perguntou, observando o garoto atentamente.

– Eu vi... me lembrei – ofegou Harry. – Acabei de perceber...

– Perceber o quê? – perguntou Snape asperamente.

Harry não respondeu imediatamente; ainda estava saboreando o momento da ofuscante percepção enquanto esfregava a testa...

Andava sonhando havia meses com um corredor sem janelas que terminava em uma porta trancada, sem se dar conta de que era um lugar real. Agora, revivendo a lembrança, entendeu que o tempo todo estivera sonhando com o corredor pelo qual correra com o Sr. Weasley no dia doze de agosto, quando se dirigiam apressados para os tribunais no Ministério; era o corredor que levava ao Departamento de Mistérios, e era onde o Sr. Weasley estivera na noite em que a cobra de Voldemort o atacara.

Ele ergueu a cabeça para Snape.

– Que é que tem no Departamento de Mistérios?

– Que foi que você disse? – perguntou Snape em voz baixa e Harry viu, com profunda satisfação, que Snape ficara assustado.

– Eu perguntei o que é que tem no Departamento de Mistérios, *professor*? – repetiu Harry.

– E por que – perguntou Snape lentamente – você perguntaria isso?

– Porque – disse Harry observando-o atentamente para ver sua reação – aquele corredor que acabei de ver... com que estou sonhando há meses... eu acabei de reconhecê-lo: leva ao Departamento de Mistérios... e acho que Voldemort quer alguma coisa de...

– *Já lhe disse para não pronunciar o nome do Lorde das Trevas!*

Os dois se encararam. A cicatriz de Harry tornou a queimar, mas ele não ligou. Snape parecia agitado, mas quando falou foi como se estivesse tentando aparentar calma e indiferença.

– Há muitas coisas no Departamento de Mistérios, Potter, poucas das quais você entenderia e nenhuma das quais é da sua conta. Estou sendo claro?

– Está – respondeu Harry, ainda esfregando a cicatriz que doía cada vez mais.

– Quero você aqui à mesma hora na quarta-feira. Continuaremos a trabalhar então.

– Ótimo – disse Harry. Ele estava desesperado para sair da sala de Snape e se reunir a Rony e Hermione.

– Você deve esvaziar sua mente de toda emoção antes de dormir; esvazie-a,

deixe-a limpa e calma, compreendeu?
– Sim – assentiu Harry, pouco atento.
– E fique avisado, Potter... eu saberei se você não praticou...
– Certo – murmurou. E apanhando a mochila, atirou-a sobre o ombro e correu para a porta da sala. Ao abri-la, virou-se para olhar Snape, que estava de costas e retirava os pensamentos da Penseira com a ponta da varinha, repondo-os cuidadosamente na própria cabeça. Harry saiu sem dizer nada, fechando a porta cuidadosamente ao passar, a cicatriz ainda latejando dolorosamente.
Harry encontrou Rony e Hermione na biblioteca, onde preparavam uma verdadeira resma de dever que Umbridge passara recentemente. Outros alunos, quase todos do quinto ano, estavam sentados às mesas próximas, iluminadas por abajures, com o nariz grudado nos livros, as penas arranhando o papel febrilmente, enquanto o céu emoldurado pelas janelas de caixilhos escurecia sempre mais. O único outro som que havia era o ligeiro rangido dos sapatos de Madame Pince, que percorria os corredores entre as estantes ameaçadoramente, bufando no pescoço dos que tocavam seus preciosos livros.
Harry sentia arrepios; sua cicatriz ainda doía, sentia-se quase febril. Quando se sentou defronte a Rony e a Hermione, viu seu reflexo na janela; estava muito branco e a cicatriz parecia mais visível do que o normal.
– Como foi? – sussurrou Hermione, e então com o ar preocupado: – Você está bem, Harry?
– Tô... ótimo... não sei – respondeu impaciente, fazendo careta quando tornou a sentir uma pontada na cicatriz. – Escutem... acabei de compreender uma coisa...
E contou aos dois o que acabara de ver e deduzir.
– Então... então você está dizendo... – sussurrou Rony, quando Madame Pince passava, rangendo os sapatos – que a arma, a coisa que Você-Sabe-Quem está procurando... está no Ministério da Magia?
– No Departamento de Mistérios, tem de estar – cochichou Harry. – Vi a porta quando o seu pai me levou à audiência nos tribunais, e decididamente é a mesma que ele estava guardando quando a cobra o mordeu.
Hermione deixou escapar um suspiro longo e lento.
– Claro – sussurrou.
– Claro o quê? – perguntou Rony, meio impaciente.
– Rony, pare e pense... Estúrgio Podmore estava tentando passar por uma porta no Ministério da Magia... deve ter sido a mesma, seria coincidência demais!
– Como é que o Estúrgio estava tentando arrombar a porta se ele está do nosso lado? – perguntou Rony.

– Bom, não sei – admitiu Hermione. – É meio estranho...
– Então o que é que tem no Departamento de Mistérios? – perguntou Harry a Rony. – Seu pai alguma vez disse alguma coisa?
– Eu sei que eles chamam as pessoas que trabalham lá de “Inomináveis” – disse Rony, franzindo a testa. – Porque ninguém parece saber realmente o que elas fazem, um lugar esquisito para guardar uma arma.
– Não é nada esquisito, faz absoluto sentido – retrucou Hermione. – Deverá ser alguma coisa ultrassecreta que o Ministério está desenvolvendo, imagino... Harry, você tem certeza de que está se sentindo bem?
Harry acabara de correr as duas mãos com força pela testa, como se estivesse tentando passá-la a ferro.
– Tô... ótimo... – respondeu, baixando as mãos, que tremiam. – Só estou me sentindo um pouco... não gosto muito dessa tal Oclumência.
– Acho que qualquer um se sentiria abalado se tivesse a mente atacada tantas vezes seguidas – consolou-o Hermione. – Olhe, vamos voltar à sala comunal, ficaremos um pouco mais confortáveis lá.
Mas encontraram a sala comunal lotada, cheia de gritos, risos e agitação; Fred e Jorge estavam demonstrando sua última invenção para a loja de logros e brincadeiras.
– Chapéus sem Cabeças! – anunciava Jorge, enquanto Fred apontava para um chapéu cônico decorado com uma pluma cor-de-rosa para os colegas que assistiam a ele. – Dois galeões cada, olhem só o Fred, agora!
Fred levou o chapéu à cabeça com um gesto largo, sorrindo. Por um segundo, ele pareceu realmente idiota; então ambos, chapéu e cabeça, desapareceram.
Várias meninas soltaram gritinhos, mas todos os outros deram gostosas gargalhadas.
– Tire o chapéu! – gritou Jorge, e a mão de Fred apalpou por um momento o que parecia ser apenas vento sobre o seu ombro; então a cabeça reapareceu quando, com um novo gesto largo, ele tirou o chapéu emplumado.
– Qual é a mágica desses chapéus, então? – perguntou Hermione, distraindo-se do dever que estava fazendo para apreciar Fred e Jorge. – Quero dizer, obviamente usaram algum tipo de Feitiço da Invisibilidade, mas é muito criativo ampliar o campo da invisibilidade para além dos limites do objeto enfeitiçado... Mas imagino que o feitiço não dure muito tempo.
Harry não respondeu; estava se sentindo mal.
– Vou ter de fazer isso amanhã – murmurou, tornando a enfiar na mochila os livros que acabara de tirar.
– Bom, anote na sua agenda de deveres então! – disse Hermione animando-o. – Para não esquecer.

Harry e Rony se entreolharam quando ele meteu a mão na mochila, tirou a agenda e abriu-a hesitante.

"*Não deixe o dever para mais tarde, seu grande preguiçoso!*", ralhou o livro enquanto Harry anotava o dever da Umbridge. Hermione sorriu.

– Acho que vou me deitar – disse Harry, guardando a agenda na mochila e registrando mentalmente a intenção de jogá-la na lareira na primeira oportunidade que tivesse.

Atravessou então a sala comunal, fugindo de Jorge, que tentava colocar nele o Chapéu sem Cabeça, e alcançou a paz e o frescor da escada de pedra para o dormitório dos meninos. Sentiu-se novamente mal, como no dia em que tivera a visão da cobra, mas achou que se pudesse deitar um pouco melhoraria.

Abriu a porta do dormitório e dera apenas um passo para dentro quando sentiu uma dor tão forte que parecia que alguém cortara fora o topo de sua cabeça. Não sabia onde estava, se em pé ou deitado, nem sequer sabia o próprio nome.

Uma gargalhada maníaca ecoava em seus ouvidos... fazia muito tempo que ele não se sentia tão feliz... jubiloso, extático, triunfante... uma coisa muito maravilhosa acontecera...

– Harry? HARRY!

Alguém lhe dava tapas no rosto. A gargalhada demente foi pontuada com um grito de dor. A felicidade estava se esvaindo, mas a gargalhada continuava...

Ele abriu os olhos e, ao fazê-lo, tomou consciência de que a gargalhada alucinada saía de sua própria boca. No instante em que percebeu isso, ela cessou; Harry estava caído no chão, arquejante, olhando para o teto, sua cicatriz latejando barbaramente. Rony se curvava para ele, parecendo muito preocupado.

– Que aconteceu? – perguntou.

– Eu... não sei... – ofegou Harry, sentando-se. – Ele está realmente feliz... realmente feliz...

– Você-Sabe-Quem?

– Alguma coisa boa aconteceu – balbuciou Harry. E tremia tanto quanto depois de ver a cobra atacar o Sr. Weasley, além de sentir-se muito enjoado. – Alguma coisa que ele esperava que acontecesse.

As palavras foram saindo de sua boca, exatamente como acontecera no vestiário da Grifinória, como se um estranho falasse através dele, contudo Harry sabia que eram verdadeiras. Ele inspirou profundamente várias vezes, desejando não vomitar em cima de Rony. Ficou satisfeito que desta vez Dino e Simas não estivessem ali para presenciar.

– Hermione me mandou vir ver como você estava – disse Rony em voz baixa, ajudando o amigo a se levantar. – Diz que suas defesas deviam estar muito baixas neste momento, depois do Snape ter mexido com a sua mente... ainda

assim, suponho que vá ser útil a longo prazo, não?

Ele olhou para Harry com ar de dúvida enquanto o ajudava a alcançar a cama. Harry concordou com um aceno de cabeça, sem convicção, e se largou sobre os travesseiros, o corpo doendo por ter caído tantas vezes naquela noite, sua cicatriz ainda formigando dolorosamente. Não pôde deixar de sentir que a sua primeira incursão em Oclumência enfraquecera a resistência de sua mente, ao invés de fortalecê-la, e se perguntou, extremamente agitado, o que deixara Lorde Voldemort na maior felicidade dos últimos catorze anos.

— CAPÍTULO VINTE E CINCO —
O besouro acossado

A pergunta de Harry foi respondida logo na manhã seguinte. Quando chegou o *Profeta Diário* de Hermione, ela o abriu, deu uma espiada na primeira página e soltou um gritinho que fez com que todos ao seu redor a olhassem.

– Quê? – perguntaram Harry e Rony juntos.

Em resposta, ela abriu o jornal na mesa diante dos garotos e apontou para dez fotografias em preto e branco que ocupavam toda a primeira página, nove caras de bruxos e, a décima, de uma bruxa. Alguns deles zombavam em silêncio; outros tamborilavam os dedos nas molduras dos retratos, com insolência. Cada foto trazia uma legenda com um nome e o crime pelo qual a pessoa fora mandada para Azkaban.

Antônio Dolohov, informava a legenda sob o bruxo com o rosto pálido e torto que sorria troçando para Harry, *condena do pelo brutal homicídio de Gideão e Fábio Prewett*.

Augusto Rookwood, lia-se sob a foto do homem com o rosto marcado por bexigas e os cabelos oleosos, que se apoiava na borda da foto com ar de tédio, *condenado por passar Àquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado segredos do Ministério da Magia*.

Mas o olhar de Harry foi atraído para a foto da bruxa. Seu rosto se destacara no momento em que ele vira a página. Tinha longos cabelos escuros que pareciam malcuidados e desgrenhados, embora ele os tivesse visto sedosos, espessos e brilhantes. Ela o encarou sob as pesadas pálpebras, um sorriso arrogante e desdenhoso brincando em seus lábios. Como Sirius, ela conservava feições atraentes, mas alguma coisa – talvez Azkaban – levara a maior parte da sua beleza.

Belatriz Lestrange, condenada pela tortura e incapacitação permanente de Franco e Alice Longbottom.

Hermione cutucou Harry e apontou para a manchete no alto das fotos, que ele, concentrado em Belatriz, ainda não lera.

FUGA EM MASSA DE AZKABAN
MINISTÉRIO TEME QUE BLACK SEJA O "PONTO DE REUNIÃO" PARA ANTIGOS COMENSAIS DA MORTE

– Black?! – exclamou Harry em voz alta. – Não...?
– Psiu! – sussurrou Hermione desesperada. – Não fale tão alto... só leia!

O Ministério da Magia anunciou à noite passada que houve uma fuga em massa em Azkaban.
Em entrevista aos repórteres em seu gabinete, Cornélio Fudge, ministro da Magia, confirmou que dez prisioneiros de segurança máxima escaparam no início da noite de ontem, e que ele já informou ao primeiro-ministro dos trouxas a natureza perigosa dos fugitivos.
"Nós nos encontramos, infelizmente, na mesma posição de dois anos e meio atrás quando o assassino Sirius Black fugiu", comentou Fudge. "E achamos que as duas fugas estão relacionadas. Uma fuga nessa escala aponta para ajuda externa, e devemos nos lembrar que Black, a primeira pessoa a escapar de Azkaban, estaria em posição ideal para ajudar outros a seguirem seus passos. Cremos que muito provavelmente esses indivíduos, entre os quais se inclui a prima de Black, Belatriz Lestrange, se agruparam em torno de Black como seu líder. Estamos, no entanto, envidando todos os esforços para capturar os criminosos, e pedimos à comunidade bruxa que se mantenha alerta e cautelosa. Em nenhuma circunstância devem se aproximar desses indivíduos."

– Está tudo aí, Harry – disse Rony, assombrado. – É por isso que ele estava tão feliz ontem à noite.
– Não acredito – vociferou Harry. – Fudge está culpando Sirius pela fuga?
– Que outra opção ele tem? – disse Hermione, amargurada. – Não vai poder dizer: "Desculpe, pessoal, Dumbledore me avisou que isto poderia acontecer, os guardas de Azkaban se uniram a Voldemort", pare de choramingar, Rony, "e agora seus piores seguidores também fugiram." Quero dizer, ele passou uns seis meses anunciando para todo o mundo que você e Dumbledore eram mentirosos, não?
Hermione abriu com violência o jornal e começou a ler a notícia nas páginas internas enquanto Harry corria os olhos pelo Salão Principal. Não conseguia

entender por que seus colegas não estavam apavorados nem sequer discutiam a terrível notícia na primeira página, mas poucos tinham assinatura diária do jornal como Hermione. Estavam todos conversando sobre os deveres e o quadribol – e quem sabe que outras tolices –, quando fora dos muros da escola mais dez Comensais da Morte haviam engrossado as fileiras de Voldemort.

Ele ergueu os olhos para a mesa dos professores. Ali, a situação era diferente: Dumbledore e a Profª McGonagall conversavam absortos, ambos parecendo extremamente sérios. A Profª Sprout apoiara o *Profeta Diário* em um vidro de ketchup e lia a primeira página com tal concentração que nem reparava nos pingos de gema de ovo que caíam em seu colo da colher que segurava no ar. Entrementes, na extremidade da mesa, a Profª Umbridge comia com entusiasmo sua tigela de mingau de aveia. Uma vez na vida seus empapuçados olhos de sapo não estavam varrendo o Salão Principal à procura de alunos malcomportados. Engolia o mingau com ar aborrecido, e de vez em quando lançava um olhar malévolo para o lado da mesa em que Dumbledore e McGonagall conversavam tão concentrados.

– Nossa! – exclamou Hermione com ar de dúvida, continuando a ler o jornal.

– Que foi agora? – perguntou Harry depressa; estava assustado...

– É... *horrível* – disse, abalada. Ela dobrou a página dez do jornal e passou-o a Harry e Rony.

MORTE TRÁGICA DE FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA

O Hospital St. Mungus prometeu um inquérito rigoroso sobre a morte do funcionário do Ministério da Magia, Broderico Bode, 49 anos, encontrado em sua cama, estrangulado por uma planta envasada. Os Curandeiros chamados não conseguiram reanimar o Sr. Bode, que fora ferido em um acidente de trabalho algumas semanas antes.

A Curandeira Miriam Strout, que se encontrava de serviço na enfermaria do Sr. Bode na hora do incidente, foi suspensa de suas funções, sem perda de remuneração, e não foi encontrada ontem para comentar a notícia, mas um porta-voz do hospital declarou:

"O Hospital St. Mungus lamenta profundamente a morte do Sr. Bode, que estava em plena recuperação antes deste trágico acidente. Temos diretrizes rigorosas para as decorações permitidas em nossas enfermarias, mas, aparentemente, a Curandeira Strout, muito atarefada durante o período natalino, não percebeu o perigo da planta à cabeceira do Sr. Bode. À medida que sua fala e mobilidade melhoravam, a Curandeira Strout encorajou o Sr.

Bode a cuidar sozinho da planta, sem saber que não era uma inocente diafanina, mas uma muda de visgo-do-diabo que, ao ser tocada pelo convalescente Sr. Bode, estrangulou-o instantaneamente."

O St. Mungus ainda não soube explicar a presença da planta, e pede a quem tiver alguma informação para se apresentar.

– Bode – repetiu Rony. – *Bode*. Me lembra alguma coisa...

– Nós o vimos – cochichou Hermione. – No St. Mungus, lembra? Estava na cama defronte a Lockhart, deitado, olhando para o teto. E vimos o visgo-do-diabo chegar. Ela, a Curandeira, disse que era presente de Natal!

Harry foi se lembrando da história. Uma sensação de horror começou a subir como bile à sua boca.

– Como foi que não reconhecemos o visgo? Nós já o vimos antes... poderíamos ter impedido isso de acontecer.

– Quem espera que um visgo-do-diabo apareça em um hospital disfarçado de plantinha ornamental? – perguntou Rony asperamente. – Não é nossa culpa, quem a mandou para o cara é que é culpado! Deve ter sido uma perfeita anta, por que não verificou o que estava comprando?

– Ah, Rony, nem vem! – disse Hermione, trêmula. – Não acho que alguém envasasse o visgo sem saber que tentaria matar quem o tocasse! Isso foi homicídio... e um homicídio engenhoso... se a planta foi enviada anonimamente, como é que alguém vai descobrir quem a mandou?

Harry não estava pensando no visgo-do-diabo. Estava se lembrando de um homem de rosto macilento que entrara no nível do Átrio, quando tomaram o elevador para o nível nove do Ministério no dia de sua audiência.

– Eu conheci Bode – disse lentamente. – Eu o vi no Ministério quando fui com o seu pai.

O queixo de Rony caiu.

– Eu ouvi papai falar dele em casa! Era um Inominável: trabalhava no Departamento de Mistérios!

Os garotos se entreolharam por um momento, então Hermione tornou a puxar o jornal para ela, estudou por um momento as fotos dos dez Comensais da Morte fugitivos na primeira página e então ficou em pé de repente.

– Aonde é que você vai? – perguntou Rony, surpreso.

– Enviar uma carta – disse Hermione, atirando a mochila por cima do ombro. – Bom, não sei se... mas vale a pena tentar... eu sou a única que pode.

– *Detesto* quan doela faz isso – resmungou Rony ao se levantar com Harry para saírem sem pressa do Salão Principal. – Será que ia morrer se nos dissesse o que pretende fazer ao menos uma vez? Só levaria mais dez segundos... eh,

Hagrid!

Hagrid estava parado à porta do Salão Principal, esperando uma turma de alunos da Corvinal passar. Continuava tão machucado quanto no dia em que voltara de sua missão aos gigantes, e havia um novo corte na ponta do seu nariz.

– Tudo bem, vocês dois? – disse, fazendo um esforço para sorrir, mas só conseguindo produzir uma careta de dor.

– Você está o.k., Hagrid? – perguntou Harry, acompanhando-o nas esteiras dos alunos da Corvinal.

– Ótimo, ótimo – respondeu Hagrid, assumindo sem sucesso um tom displicente; acenou e por pouco não bateu na assustada Profª Vector que ia passando. – Ocupado, você sabe, o de sempre, aulas para preparar, umas salamandras tiveram podridão nas escamas, e estou em observação – murmurou.

– Está *em observação*? – repetiu Rony em voz alta, de modo que vários alunos próximos olharam curiosos. – Desculpe... quero dizer... você está em observação? – sussurrou.

– Eu não esperava outra coisa, para falar a verdade. Vocês talvez não tenham percebido, mas a inspeção não correu muito bem, entendem... em todo o caso. – Ele deu um profundo suspiro. – Melhor eu ir esfregar mais um pouco de pimenta nas salamandras ou os rabos delas vão cair. Até mais, Harry... Rony...

Ele saiu pesadamente pela porta da frente e desceu a escada em direção aos terrenos molhados. Harry ficou observando-o se afastar, imaginando quantas más notícias ele poderia suportar.

O fato de Hagrid estar em observação tornou-se conhecido em toda a escola nos dias seguintes, mas, para indignação de Harry, quase ninguém pareceu se incomodar; na verdade, algumas pessoas, entre as quais se destacava Draco Malfoy, pareciam decididamente felizes. Quanto à morte estranha de um obscuro funcionário do Ministério da Magia no St. Mungus, Harry, Rony e Hermione pareciam ser as únicas pessoas que sabiam ou se importavam. Havia apenas um tópico de conversa nos corredores agora: os dez Comensais da Morte fugitivos, cuja história finalmente se filtrara pela escola através dos poucos que liam jornais. Voavam boatos de que alguns dos condenados tinham sido vistos em Hogsmeade, que deviam estar escondidos na Casa dos Gritos e que iam invadir Hogwarts, tal como haviam dito sobre Sirius um dia.

Os que pertenciam a famílias bruxas tinham sido criados ouvindo os nomes dos Comensais da Morte com quase tanto medo quanto o de Voldemort; os crimes que haviam cometido durante o reinado de terror do Lorde das Trevas eram lendários. Havia parentes das vítimas entre os alunos de Hogwarts, que agora se viam transformados em involuntários objetos de uma fama indireta e

sinistra quando passavam pelos corredores: Susana Bones, cujos tio, tia e primos tinham morrido pela mão de um dos dez, comentou, infeliz, durante uma aula de Herbologia que agora tinha uma boa ideia de como Harry se sentia.

– E não sei como você suporta: é horrível – disse ela sem rodeios, despejando estrume demais em sua bandeja de mudinhas de bocas-de-guincho, fazendo-as se torcerem e estrilarem incomodadas.

É verdade que Harry ultimamente voltara a ser comentado aos sussurros e apontado nos corredores, contudo achava ter percebido uma ligeira diferença no tom dos colegas. Agora pareciam curiosos em vez de hostis, e uma ou duas vezes teve certeza de ouvir fragmentos de conversas que sugeriam que as pessoas não estavam satisfeitas com a versão do *Profeta* de como e por que dez Comensais da Morte tinham conseguido escapar da fortaleza de Azkaban. Em sua confusão e medo, os que duvidavam estavam se voltando para a única explicação que conheciam: a que Harry e Dumbledore vinham apresentando desde o ano anterior.

Não era apenas a atitude dos estudantes que havia mudado. Agora era bem comum deparar com dois ou três professores conversando em sussurros urgentes nos corredores, interrompendo a conversa no momento em que viam alunos se aproximarem.

– Obviamente eles não podem mais conversar na sala de professores – comentou Hermione em voz baixa, quando ela, Harry e Rony passaram um dia por McGonagall, Flitwick e Sprout agrupados à porta da sala de Feitiços. – Não com a Umbridge por lá.

– Você acha que eles sabem de alguma novidade? – perguntou Rony, espiando por cima do ombro para os três professores.

– Se souberem, não vamos saber, não é? – falou Harry, irritado. – Não depois do decreto... em que número estamos agora? – Pois havia aparecido um novo aviso nos quadros das Casas na manhã seguinte à fuga de Azkaban:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Doravante, os professores estão proibidos de passar informações aos estudantes que não estejam estritamente relacionadas com as disciplinas que são pagos para ensinar.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Seis

Assinado: Dolores Joana Umbridge, Alta Inquisidora

Este último decreto fora tema de um grande número de piadas entre os alunos. Lino Jordan havia lembrado a Umbridge que, pelos termos da nova lei, ela não podia ralhar com Fred e Jorge por brincarem com Snap Explosivo no fundo da sala.

– Snap Explosivo não tem relação alguma com Defesa Contra as Artes das Trevas, professora! Não é uma informação pertinente à sua disciplina!

Da vez seguinte que Harry encontrou Lino, as costas de uma das mãos do amigo sangravam muito. Recomendou-lhe essência de murtisco.

Harry achara que a fuga de Azkaban pudesse deixar Umbridge mais humilde, que ela fosse se envergonhar do desastre que ocorrera bem debaixo do nariz do seu querido Fudge. Parecia, porém, que a fuga apenas intensificara o seu desejo furioso de submeter cada aspecto da vida de Hogwarts ao seu controle pessoal. Parecia decidida a obter pelo menos uma demissão sem muita demora, a única dúvida era quem iria primeiro, se a Profª Trelawney ou Hagrid.

Cada aula de Adivinhação e Trato das Criaturas Mágicas era dada em presença de Umbridge e sua prancheta. Ela rondava a lareira na sala da torre intensamente perfumada, interrompendo as aulas cada vez mais histéricas da Profª Trelawney com perguntas difíceis sobre ornitomancia e heptomologia, insistindo que ela previsse as respostas dos alunos antes de recebê-las e exigindo que ela demonstrasse sua perícia com a bola de cristal, as folhas de chá e as runas, uma a uma. Harry achou que em breve Trelawney sucumbiria sob tanta pressão. Várias vezes ele passou pela professora nos corredores – o que era em si uma ocorrência incomum, pois em geral ela permanecia na sala da torre – murmurando tresloucada, torcendo as mãos e lançando olhares aterrorizados por cima do ombro, exalando o tempo todo um forte cheiro de xerez ordinário. Se não estivesse tão preocupado com Hagrid, teria sentido pena dela, mas se alguém ia perder o emprego, só poderia haver uma opção para Harry quanto a quem devia continuar.

Infelizmente, Harry não conseguia imaginar Hagrid dando um espetáculo melhor do que Trelawney. E embora ele parecesse estar seguindo o conselho de Hermione e não tivesse mostrado aos alunos mais nada assustador do que um Crupe – um bicho que pouco diferia de um cão terrier exceto pela cauda bifurcada –, desde antes do Natal, Hagrid também parecia ter se acovardado. Estava curiosamente distraído e nervoso durante as aulas, perdia o fio do que estava ensinando à turma, respondia errado às perguntas, e todo o tempo olhava ansioso para Umbridge. Estava também mais distante de Harry, Rony e Hermione do que jamais estivera, e os proibira expressamente de visitá-lo depois do escurecer.

– Se ela pegar vocês, os nossos pescoços serão cortados – disse sem rodeios. E como os garotos não quisessem fazer nada que pudesse pôr em risco o emprego do amigo, os três se abstiveram de ir até sua cabana à noite.

Parecia a Harry que Umbridge estava constantemente privando-o de tudo que fazia sua vida em Hogwarts valer a pena: as visitas à casa de Hagrid, as cartas de Sirius, sua Firebolt e o quadribol. Ele se vingou da única maneira que sabia – redobrando seus esforços na AD.

Harry ficou satisfeito de constatar que todos, até mesmo Zacarias, tinham se sentido incentivados a trabalhar com mais vigor que nunca ao saberem que mais dez Comensais da Morte estavam agora soltos. Mas em ninguém essa melhoria foi mais pronunciada do que em Neville. A notícia da fuga dos atacantes dos seus pais produzira nele uma alteração estranha e até ligeiramente assustadora. Nunca mencionara o seu encontro com Harry, Rony e Hermione na enfermaria fechada do St. Mungus e, seguindo sua deixa, os garotos tinham se calado também. Tampouco comentara a fuga de Belatriz e dos colegas torturadores. De fato, Neville quase não falava mais durante as reuniões da AD, trabalhava sem descanso em cada nova azaração e contra-azaração que Harry ensinava, seu rosto gorducho contorcido de concentração, aparentemente insensível aos ferimentos ou acidentes, se esforçando mais do que qualquer outro na sala. Estava melhorando tão depressa que chegava a assustar, e quando Harry lhes ensinou o Feitiço Escudo – um meio de desviar pequenos feitiços e fazê-los ricochetear contra o atacante – somente Hermione dominou o feitiço mais depressa do que Neville.

Harry teria dado o céu para fazer tanto progresso em Oclumência quanto Neville nas reuniões da AD. As sessões de Harry com Snape, que tinham começado bastante mal, não melhoraram. Pelo contrário, Harry sentia que estava piorando a cada aula.

Antes de começar a estudar Oclumência, sua cicatriz formigava ocasionalmente durante a noite, ou então em seguida a um dos estranhos vislumbres dos pensamentos ou emoções de Voldemort que captava de vez em quando. Agora, no entanto, sua cicatriz quase nunca parava de formigar, e muitas vezes ele sentia súbitos assomos de irritação ou alegria, alheios ao que estava lhe acontecendo no momento, que eram sempre acompanhados por uma ferroada particularmente dolorosa na cicatriz. Ele tinha a terrível impressão de que estava se transformando aos poucos em uma espécie de antena alinhada com as mínimas flutuações do humor de Voldemort, e tinha certeza de poder remontar esse aumento de sensibilidade à primeira aula com Snape. Além do mais, agora estava sonhando quase toda a noite que caminhava pelo corredor em direção à entrada do Departamento de Mistérios, sonhos esses que sempre culminavam

com ele parado cobiçoso diante da porta preta sem enfeites.
– Talvez seja como uma doença – disse Hermione, parecendo preocupada, quando ele confidenciou seus pensamentos aos dois amigos. – Uma febre ou coisa assim. Tem de piorar antes de melhorar.
– As aulas com Snape estão fazendo piorar – afirmou Harry. – Estou cansado de sentir minha cicatriz doer e farto de andar pelo mesmo corredor toda noite. – Ele esfregou a testa com raiva. – Gostaria que a porta se abrisse, estou cheio de ficar parado olhando para ela...
– Isso não tem graça – disse Hermione com aspereza. – Dumbledore não quer que você tenha sonhos com aquele corredor, ou não teria pedido ao Snape que lhe ensinasse Oclumência. Você vai ter é que se esforçar mais nas suas aulas.
– Estou trabalhando! – respondeu Harry, exasperado. – Experimente você uma vez... Snape tentando entrar na sua cabeça... não dá para gargalhar, sabe!
– Talvez... – começou Rony lentamente.
– Talvez o quê? – perguntou Hermione cortando-o.
– Talvez não seja culpa de Harry que ele não consiga fechar a mente – arriscou Rony sombriamente.
– Que é que você está querendo dizer? – perguntou Hermione.
– Bom, talvez Snape não esteja realmente querendo ajudar Harry...
Harry e Hermione o encararam. Rony olhou um e outro com uma expressão misteriosa e assustadora.
– Talvez – repetiu baixando mais a voz – ele esteja, na verdade, tentando abrir mais a mente de Harry... facilitar a entrada de Você-Sabe...
– Cala a boca, Rony – disse Hermione, zangada. – Quantas vezes você suspeitou de Snape, e quando *foi* que teve razão? Dumbledore confia nele, ele trabalha para a Ordem, isso deveria ser suficiente.
– Ele costumava ser um Comensal da Morte – teimou Rony. – E nunca vimos prova de que tenha *realmente* trocado de lado.
– Dumbledore confia nele – repetiu Hermione. – E se não pudermos confiar em Dumbledore, então não poderemos confiar em mais ninguém.

Com tanto com que se preocupar e tanto para fazer – uma assustadora quantidade de deveres que frequentemente mantinham os quintanistas trabalhando até depois da meia-noite, as reuniões secretas da AD e as aulas regulares de Snape –, o mês de janeiro parecia estar passando com alarmante rapidez. Antes que Harry desse por isso, fevereiro chegara, trazendo um tempo mais úmido e mais quente e a perspectiva da segunda visita do ano a Hogsmeade. Harry tivera muito pouco tempo para gastar em conversas com Cho desde que haviam concordado em visitar a vila juntos, mas de repente viu-se

diante da perspectiva de passar o Dia dos Namorados todo em sua companhia.
Na manhã do dia 14 de fevereiro vestiu-se com especial cuidado. Ele e Rony chegaram ao salão para tomar café na hora em que pousavam as corujas trazendo o correio. Edwiges não apareceu – não que Harry a esperasse –, mas Hermione ia puxando uma carta do bico de uma coruja castanha desconhecida, quando eles se sentaram.
– E já não era sem tempo! Se não tivesse vindo hoje... – comentou ela ansiosa, abrindo o envelope de onde tirou um pequeno pergaminho. Seus olhos correram da esquerda para a direita quando leu a mensagem, e uma expressão de sinistra satisfação se espalhou pelo seu rosto.
– Escute, Harry – disse ela erguendo os olhos –, isto é realmente importante. Você acha que pode se encontrar comigo no Três Vassouras por volta do meio-dia?
– Bom... não sei – disse Harry em dúvida. – Cho talvez esteja esperando que eu passe o dia com ela. Não combinamos o que íamos fazer.
– Bom, se precisar leve ela junto – disse Hermione com urgência. – Mas você vai?
– Bom... tudo bem, mas por quê?
– Agora não tenho tempo de lhe contar, tenho de responder logo essa mensagem.
E saiu correndo do Salão Principal, a carta apertada em uma das mãos e um pedaço de torrada na outra.
– Você vai? – Harry perguntou a Rony, que sacudiu a cabeça, com um ar deprimido.
– Nem posso ir a Hogsmeade; Angelina quer que a gente treine o dia todo. Como se isso fosse ajudar; somos o pior time que já vi. Você devia ver o Sloper e o Kirke, são patéticos, piores que eu. – Ele deu um profundo suspiro. – Não sei por que a Angelina não me deixa pedir demissão de uma vez.
– Porque você é bom quando está em forma, só por isso – retrucou Harry, irritado.
Tinha muita dificuldade em manifestar simpatia pela situação de Rony, quando ele próprio teria dado quase tudo para participar do próximo jogo contra a Lufa-Lufa. Rony pareceu perceber o tom do amigo, porque não tornou a mencionar a partida durante o café, e houve uma certa frieza na maneira como se despediram pouco depois. Rony saiu para o campo de quadribol e Harry, depois de tentar assentar os cabelos, mirando-se no côncavo da colher, rumou sozinho para o Saguão de Entrada para se encontrar com Cho, sentindo-se muito apreensivo e se perguntando sobre o que iriam conversar.
Ela o aguardava ao lado da porta de carvalho, muito bonita com os cabelos

presos atrás em um belo rabo de cavalo. Os pés de Harry lhe pareceram grandes demais para o seu corpo enquanto caminhava ao encontro dela, e de repente tomou consciência dos seus braços e como deviam parecer idiotas balançando dos lados.

– Oi – disse Cho ligeiramente sem ar.

– Oi – disse Harry.

Eles se olharam por um momento e Harry então falou:

– Bom... ah... então vamos?

– Ah... claro...

Os dois entraram na fila de alunos a serem liberados por Filch, seus olhos se encontrando ocasionalmente, dando sorrisos esquivos, mas não conversaram. Harry sentiu alívio quando chegaram lá fora, achando mais fácil caminharem em silêncio do que ficar parados constrangidos. Era um dia fresco, do tipo em que sopra uma brisa, e, ao passarem pelo estádio de quadribol, Harry viu de relance Rony e Gina sobrevoando as arquibancadas e sentiu uma terrível angústia por não estar lá no alto com eles.

– Você realmente sente falta, não é? – perguntou Cho.

Harry virou-se e notou que ela o observava.

– Sinto – suspirou Harry. – Sinto mesmo.

– Lembra da primeira vez que jogamos como adversários no terceiro ano?

– Lembro – disse Harry sorrindo. – Você me bloqueou o tempo todo.

– E Olívio disse para você parar de bancar o cavalheiro e me derrubar da vassoura se precisasse – disse Cho, sorrindo com a lembrança. – Ouvi dizer que ele foi contratado pelo Orgulho de Portree, é verdade?

– Nam, foi pelo União de Puddlemere; eu o vi jogando na Copa do Mundial no ano passado.

– Ah, também vi você lá, lembra? Estávamos no mesmo acampamento. Foi realmente bom, não achou?

O assunto Copa Mundial de Quadribol levou-os pela estrada da escola e além das grades. Harry mal conseguia acreditar como era fácil conversar com ela – de fato, não era mais difícil do que conversar com Rony e Hermione – e estava começando a se sentir confiante e feliz quando uma enorme turma de garotas da Sonserina passou por eles, inclusive Pansy Parkinson.

– Potter e Chang! – guinchou Pansy, que puxou um coro de risinhos de deboche. – Eca, Chang, que mau gosto... pelo menos o Diggory era bonito!

As garotas aceleraram o passo, falando e dando gritinhos críticos, lançando olhares exagerados para Harry e Cho atrás, e deixando ao passar um silêncio constrangido. Harry não conseguia pensar em mais nada para dizer sobre quadribol, e Cho, levemente corada, olhava para os pés.

– Então... aonde é que você quer ir? – perguntou Harry quando entraram em Hogsmeade. A rua Principal estava cheia de estudantes que caminhavam olhando vitrines e tumultuando as calçadas.
– Ah... não faz diferença – disse Cho encolhendo os ombros. – Hum... vamos dar uma olhada nas vitrines ou outra coisa qualquer?
Eles foram andando em direção à Dervixes & Bangues. Um grande cartaz fora afixado à vitrine, e alguns moradores de Hogsmeade o liam. Eles se afastaram para um lado quando Harry e Cho se aproximaram, e o garoto se viu, mais uma vez, diante das fotos dos dez Comensais da Morte fugitivos. O cartaz, "Por Ordem do Ministério da Magia", oferecia uma recompensa de mil galeões a qualquer bruxo ou bruxa com informações que possibilitassem a recaptura dos condenados retratados.
– É engraçado, não é – comentou Cho em voz baixa, olhando as fotos dos Comensais da Morte –, lembra quando Sirius Black fugiu e havia Dementadores por toda Hogsmeade à procura dele? E agora dez Comensais da Morte estão soltos e não há Dementadores em lugar nenhum...
– É – concordou Harry, desviando os olhos do rosto de Belatriz Lestrange para os dois lados da rua Principal. – É, é bem esquisito.
Ele não lamentava que não houvesse Dementadores por ali, mas agora, pensando bem, a ausência deles era extremamente significativa. Não somente haviam deixado os Comensais da Morte escapar, como nem estavam se dando o trabalho de procurá-los... parecia que agora haviam realmente escapado ao controle do Ministério.
Os dez fugitivos estavam em todas as vitrines pelas quais eles passaram. Na altura da Loja de Penas Escriba, começou a chover; pingos grossos e frios batiam no rosto e na nuca de Harry.
– Ah... quer tomar um café? – perguntou Cho hesitante, quando a chuva começou a cair com mais intensidade.
– Ah, vamos – disse Harry olhando ao redor. – Aonde?
– Ah, tem um lugar realmente gostoso ali adiante; você nunca esteve no Madame Puddifoot? – perguntou ela, animada, conduzindo-o, por uma rua lateral, a uma pequena casa de chá em que Harry nunca reparara antes. Era um lugarzinho apertado e cheio de vapor, onde tudo parecia ter sido decorado com laços e babadinhos. Lembrou a Harry desagradavelmente a sala da Umbridge.
"Bonitinho, não é?", perguntou Cho alegre.
– Ah... é – respondeu Harry sem sinceridade.
– Olhe, ela preparou uma decoração para o Dia dos Namorados! – disse Cho, apontando para os querubins dourados que pairavam sobre as mesinhas circulares, e que a intervalos deixavam cair confetes sobre os fregueses.

– Aaah...
Os dois se sentaram à última mesa que restava, ao lado da janela embaçada. Rogério Davies, capitão do time da Corvinal, estava sentado a menos de meio metro com uma lourinha bonita. De mãos dadas. A cena fez Harry se sentir pouco à vontade, particularmente quando, ao correr os olhos pela loja, viu que só havia casais, todos de mãos dadas. Talvez Cho esperasse que ele segurasse a mão *dela*.
– Que posso servir a vocês, queridos? – perguntou Madame Puddifoot, uma mulher muito corpulenta com um coque negro e brilhante, espremendo-se entre a mesa deles e a de Rogério com grande dificuldade.
– Dois cafés, por favor – pediu Cho.
No intervalo que levou para os cafés chegarem, Rogério Davies e a namorada começaram a se beijar por cima do açucareiro. Harry gostaria que não o tivessem feito; sentia que Davies estava estabelecendo um padrão com o qual Cho logo iria querer que ele competisse. Sentiu seu rosto começar a esquentar e tentou olhar pela janela, mas estava tão embaçada que não dava para ver a rua lá fora. Para adiar o momento em que teria de olhar para Cho, Harry ergueu os olhos como se estivesse examinando a pintura e recebeu um punhado de confete no rosto, lançado pelos querubins.
Passados mais alguns minutos penosos, Cho mencionou Umbridge. Harry aproveitou a oportunidade com alívio, e passaram alguns momentos divertidos xingando-a, mas, como o assunto já fora examinado tão plenamente durante as reuniões da AD, não durou muito tempo. O silêncio tornou a cair. Harry estava muito consciente dos barulhos de mastigar e engolir da mesa ao lado, e procurou desesperadamente mais alguma coisa para falar.
– Ah... escute aqui, você quer ir comigo ao Três Vassouras na hora do almoço? Preciso me encontrar com Hermione Granger lá.
Cho ergueu as sobrancelhas.
– Você precisa se encontrar com Hermione Granger? Hoje?
– É. Bom, ela me pediu, então achei que tudo bem. Você quer ir comigo? Ela disse que tudo bem se você fosse.
– Ah... bom... que simpática!
Mas Cho não parecia ter achado nada simpático. Pelo contrário, seu tom foi frio e, de repente, ela assumiu um ar hostil.
Mais alguns minutos se passaram em total silêncio, Harry tomando seu café tão depressa que logo precisaria de outro. Ao lado, Rogério e a namorada pareciam estar colados pelos lábios.
A mão de Cho estava em cima da mesa, ao lado do seu café, e Harry começou a sentir um impulso crescente de segurá-la. *Então segure-a*, disse a si mesmo,

enquanto uma fonte de pânico e excitação jorrava em seu peito, *estique a mão e segure-a*. Surpreendente, como era muito mais difícil esticar o braço trinta centímetros e tocar a mão dela do que capturar um pomo passando veloz no ar...
Mas, na hora em que estendeu a mão, Cho retirou a dela da mesa. Estava agora observando Rogério beijar a namorada com uma expressão levemente interessada.
– Ele me convidou para sair, sabe – disse em voz baixa. – Há umas duas semanas, o Rogério. Mas eu não aceitei.
Harry, que agarrara o açucareiro para justificar o seu gesto repentino, não conseguiu entender por que Cho estava lhe dizendo aquilo. Se queria estar sentada na mesa ao lado, sendo calorosamente beijada por Rogério Davies, então por que concordara em vir com ele?
Continuou calado. O querubim sobre a mesa atirou mais um punhado de confetes neles; alguns caíram no restinho frio de café na xícara que Harry ia beber.
– Vim aqui com Cedrico no ano passado – disse Cho.
No segundo, ou pouco mais, que Harry levou para entender o que Cho dissera, suas entranhas congelaram. Não conseguia acreditar que quisesse falar de Cedrico neste momento, com casais se beijando ao seu redor e querubins sobrevoando suas cabeças.
A voz de Cho estava bem mais alta quando tornou a falar.
– Há um tempão que estou querendo perguntar a você... o Cedrico... ele f-f-falou em mim antes de morrer?
Este era o último assunto no mundo que Harry queria discutir, e menos ainda com Cho.
– Bom... não... – disse calmamente. – Não... não houve tempo para ele dizer nada. Hum... então... você... assiste a muitas partidas de quadribol durante as férias? Você torce pelos Tornados, certo?
Sua voz parecia falsamente animada e feliz. Para seu horror, os olhos dela estavam mais uma vez marejados de lágrimas, como depois da última reunião da AD antes do Natal.
– Olhe – disse ele, desesperado, curvando-se para ninguém mais ouvir –, não vamos falar de Cedrico agora... vamos falar de outra coisa...
Mas, aparentemente, dissera a coisa errada.
– Pensei – disse Cho com as lágrimas salpicando a mesa. – Pensei que *você* en-en-entenderia! *Preciso* falar nisso! Com certeza você também p-precisa falar! Quero dizer, você viu acontecer, não v-viu?
Tudo estava saindo errado como em um pesadelo; a namorada de Rogério até descolara dele para apreciar.

– Bom... eu falei nisso – disse Harry num sussurro – com Rony e Hermione, mas...
– Ah, você fala com Hermione Granger! – disse Cho com voz aguda, o rosto agora brilhante de lágrimas. Outros tantos casais que se beijavam pararam para olhar. – Mas não quer falar comigo! T-talvez fosse melhor se a gente simplesmente p-pagasse a conta e você fosse se encontrar com Hermione G-Granger, como é óbvio que quer fazer!
Harry encarou-a, absolutamente perplexo, enquanto ela apanhava o guardanapo de babadinhos e secava o rosto.
– Cho! – disse ele com a voz fraquinha, desejando que Rogério agarrasse a namorada e recomeçasse a beijá-la para impedi-la de ficar encarando os dois.
– Vá embora, então! – disse ela, agora chorando no guardanapo. – Não sei por que você me convidou para sair, para começar, se combinou se encontrar com outras garotas depois de mim... quantas mais você vai encontrar depois da Hermione?
– Não é nada disso! – disse Harry, e estava tão aliviado de finalmente compreender o motivo do aborrecimento de Cho que riu, o que percebeu, uma fração de segundo depois, tarde demais, que também fora um erro.
Cho se levantou. A sala estava silenciosa e todos os observavam.
– A gente se vê por aí, Harry – disse ela teatralmente, e, soluçando um pouco, precipitou-se para a porta, abriu-a com violência e saiu para a chuva intensa.
– Cho! – Harry chamou, mas a porta já se fechara com um tilintar musical.
Fez-se absoluto silêncio na casa de chá. Todos os olhares convergiram para Harry. Ele atirou um galeão na mesa, sacudiu o confete dos cabelos e saiu atrás de Cho.
Chovia pesado e ela não estava à vista. Harry simplesmente não entendia o que acontecera; há meia hora eles estavam se entendendo bem.
– Mulheres! – resmungou com raiva, chapinhando pela rua lavada de chuva com as mãos nos bolsos. – Afinal, para que é que ela queria falar do Cedrico? Por que está sempre querendo puxar um assunto que a faz agir como se fosse uma mangueira humana?
Ele virou à direita e saiu correndo, espadanando água, e alguns minutos depois chegava à porta do Três Vassouras. Sabia que era cedo demais para se encontrar com Hermione, mas achou que provavelmente haveria alguém lá com quem ele pudesse passar o tempo. Sacudiu os cabelos molhados para afastá-los e relanceou o olhar pela sala. Hagrid estava sentado sozinho em um canto, parecendo infeliz.
– Oi, Hagrid! – chamou Harry, espremendo-se entre as mesas cheias e puxando uma cadeira para sentar ao lado do amigo.

Hagrid deu um pulo e olhou para baixo como se mal o reconhecesse. O garoto notou que havia dois novos cortes e vários hematomas em seu rosto.
– Ah, é você, Harry. Você está bom?
– Estou ótimo – mentiu Harry; mas ao lado do maltratado e tristonho Hagrid sentiu que não tinha muito do que se queixar. – Ah... você está o.k.?
– Eu? Ah, estou ótimo, Harry, ótimo.
Ele olhou para o fundo do caneco de estanho, do tamanho de um balde, e suspirou. Harry não sabia o que dizer. Ficaram lado a lado em silêncio por um momento. Então Hagrid disse abruptamente.
– No mesmo barco, você e eu, não estamos, Arry?
– Ah...
– É... já disse isso antes... os dois forasteiros, por assim dizer – comentou Hagrid acenando a cabeça sensatamente. – E os dois órfãos. É... os dois órfãos.
Ele tomou um longo gole.
– Faz diferença ter uma família decente. Meu pai era decente. E seu pai e sua mãe eram decentes. Se tivessem vivido, a vida teria sido diferente, hein?
– É... suponho que sim – concordou Harry com cautela. Hagrid parecia estar num estado de ânimo muito estranho.
– Família – disse sombriamente. – Podem dizer o que quiserem, o sangue é importante...
E enxugou um fio de lágrima que escorria do olho.
– Hagrid – perguntou Harry, incapaz de se conter –, onde é que você está arranjando todos esses ferimentos?
– Eh?! – exclamou Hagrid parecendo assustado. – Que ferimentos?
– Todos esses aí! – disse Harry apontando para o seu rosto.
– Ah... são só pancadas e arranhões normais – disse ele desencorajando perguntas –; é um trabalho espinhoso.
Ele esvaziou o caneco, descansou-o na mesa e se levantou.
– A gente se vê, Harry... cuide-se bem.
Ele saiu pesadamente do bar com um ar deprimido, e desapareceu na chuva torrencial. Harry acompanhou-o com o olhar, sentindo-se no fundo do poço. Hagrid estava infeliz e escondia alguma coisa, mas parecia decidido a não aceitar ajuda. Que estaria acontecendo? Antes que Harry pudesse continuar a refletir, ouviu alguém chamando-o.
– Harry! Harry, aqui!
Hermione acenava para ele do outro lado da sala. Ele se levantou e atravessou o *pub* cheio. Ainda estava a algumas mesas de distância quando percebeu que a amiga não estava sozinha. Estava sentada à mesa com os companheiros de copos mais improváveis que ele poderia imaginar: Luna Lovegood e ninguém menos

que Rita Skeeter, ex-jornalista do *Profeta Diário* e uma das pessoas de quem Hermione menos gostava no mundo.

– Você chegou cedo! – disse Hermione puxando a cadeira para abrir espaço para ele sentar. – Pensei que estivesse com a Cho, só esperava você daqui a uma hora!

– Cho?! – exclamou Rita na mesma hora, se virando na cadeira para encarar Harry com avidez. – Uma *garota*?

Ela agarrou a bolsa de couro de crocodilo e procurou alguma coisa dentro.

– Não é da *sua* conta se Harry estava com cem garotas – disse Hermione a Rita calmamente. – Então pode guardar isso agora mesmo.

Rita já ia tirando uma pena verde ácido da bolsa. Fazendo cara de quem fora obrigada a engolir Palha-fede, ela tornou a fechar a bolsa com um estalo.

– Que é que vocês estão tramando? – perguntou Harry, sentando-se e olhando de Rita para Luna e desta para Hermione.

– A Srta. Perfeição ia me dizer quando você chegou – disse Rita tomando um grande gole de sua bebida. – Imagino que eu tenha permissão de *falar* com ele, não? – disparou contra Hermione.

– Imagino que sim – respondeu a outra com frieza.

O desemprego não fazia bem a Rita. Seus cabelos, que antigamente eram penteados com cachos caprichosos, agora caíam lisos e malcuidados em torno do rosto. A tinta escarlate nas garras de cinco centímetros estava lascada e faltavam umas pedrinhas nos seus óculos de asas. Ela tomou outro grande gole e perguntou a Harry pelo canto da boca:

– É uma garota bonita, Harry?

– Mais uma palavra sobre a vida amorosa de Harry e o trato está desfeito, eu juro – disse Hermione, irritada.

– Que trato? – perguntou Rita, enxugando a boca com as costas da mão. – Você ainda não tinha falado em trato, Srta. Certinha, só me disse para aparecer. Ah, um dia desses... – Ela inspirou profundamente estremecendo.

– Sei, sei, um dia desses você vai escrever mais histórias horrorosas sobre Harry e mim – retorquiu Hermione com indiferença. – Procure alguém que se interesse, por que não faz isso?

– Publicaram muitas histórias horrorosas sobre Harry este ano sem a minha ajuda – retrucou Rita, olhando-o enviesado por cima dos óculos e acrescentando num sussurro rouco. – Como foi que você se sentiu, Harry? Traído? Incompreendido?

– Harry sente raiva, é claro – respondeu Hermione com a voz dura e clara. – Porque ele disse a verdade ao ministro da Magia e o ministro é idiota demais para acreditar.

– Então você na realidade continua a afirmar que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado retornou? – perguntou Rita, baixando o copo e submetendo Harry a um olhar penetrante, enquanto seu dedo procurava ansiosamente o fecho da bolsa de crocodilo. – Você sustenta todas as bobagens que Dumbledore tem dito sobre Você-Sabe-Quem ter retornado e você ser a única testemunha?

– Eu não fui a única testemunha – vociferou Harry. – Havia mais de uma dúzia de Comensais da Morte presentes. Quer saber o nome deles?

– Adoraria saber – sussurrou Rita, agora tornando a mexer na bolsa, sem tirar os olhos de Harry como se o garoto fosse a coisa mais bonita que ela já vira. Uma enorme manchete: "*Potter acusa...*" Um subtítulo "*Harry Potter cita os nomes dos Comensais da Morte entre nós*". E embaixo uma bela fotografia "*Adolescente perturbado que sobreviveu a um ataque de Você-Sabe-Quem, Harry Potter, 15 anos, provocou indignação ontem ao acusar membros respeitáveis e destacados da comunidade bruxa de serem Comensais da Morte...*"

A Pena de Repetição Rápida já estava na mão da repórter e a meio caminho da boca, quando a expressão arrebatada em seu rosto se desfez.

– Mas, naturalmente – disse baixando a pena e fuzilando Hermione com o olhar –, a Srta. Perfeição não iria querer ver essa história divulgada, não?

– Na verdade – disse Hermione com meiguice –, é exatamente o que a Srta. *Perfeição* deseja.

Rita arregalou os olhos para Hermione. E Harry também. Luna, por outro lado, cantarolou baixinho como se sonhasse "Weasley é nosso rei", e mexeu sua bebida com uma cebola de coquetel na ponta de um palito.

– Você *quer* que eu noticie o que ele diz a respeito de Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado? – perguntou Rita a Hermione em tom abafado.

– Quero. A história verdadeira. Todos os fatos. Exatamente como Harry os conta. Ele lhe dará todos os detalhes, lhe dirá os nomes dos Comensais da Morte não conhecidos do público que ele viu lá, lhe dirá que aparência tem Voldemort agora; ah, controle-se – acrescentou com desdém, atirando o guardanapo sobre a mesa, pois, ao som do nome de Voldemort, Rita se assustara tanto que derramara metade do copo de uísque de fogo na roupa.

Rita enxugou a frente da capa de chuva encardida, ainda encarando Hermione. Então disse capengamente:

– O *Profeta* não publicaria isso. Caso você não tenha notado, ninguém acredita nessa conversa fiada. Todos acham que ele é delirante. Agora, se você me deixar escrever a notícia daquele ângulo...

– Não precisamos de outra notícia contando como foi que Harry ficou biruta! – exclamou Hermione, zangada. – Já lemos muitas dessas, muito obrigada!

Quero que ele tenha a oportunidade de contar a verdade!
– Não há mercado para uma notícia dessas – respondeu Rita com frieza.
– Você quer dizer que o *Profeta* não publicará porque Fudge não vai deixar – disse Hermione, irritada.
Rita lançou a Hermione um olhar longo e duro. Então, curvando-se sobre a mesa se dirigiu à garota em tom objetivo.
– Muito bem, Fudge está ameaçando o *Profeta*, o que dá no mesmo. O jornal não vai publicar uma reportagem favorável a Harry. Ninguém quer lê-la. É contra o sentimento público. Essa última fuga de Azkaban já deixou as pessoas bem preocupadas. Ninguém quer acreditar que Você-Sabe-Quem retornou.
– Então o *Profeta Diário* existe para dizer às pessoas o que elas querem ouvir, é isso? – perguntou Hermione criticamente.
Rita tornou a se endireitar, as sobrancelhas erguidas, e virou seu copo de Uísque de Fogo.
– O *Profeta* existe para vender exemplares, sua tolinha – disse com frieza.
– Meu pai acha que é um péssimo jornal – comentou Luna, entrando inesperadamente na conversa. Chupando a cebolinha do seu coquetel, ela fixou em Rita seus olhos enormes, protuberantes, ligeiramente alucinados. – Meu pai divulga notícias importantes que acha que o público quer ler. Não está interessado em ganhar dinheiro.
Rita olhou depreciativamente para Luna.
– Dá para adivinhar que seu pai publica um jornaleco idiota de interior, não é? Provavelmente *Vinte e Cinco Maneiras de se Misturar com os Trouxas* e as datas dos próximos bazares.
– Não – respondeu Luna, tornando a mergulhar a cebolinha na água de gilly –, ele é o editor do *Pasquim*.
Rita soltou um bufo tão alto que as pessoas nas mesas próximas olharam assustadas.
– Notícias importantes que ele acha que o público deve saber, hein? – fulminou. – Eu poderia estrumar o meu jardim com o conteúdo daquele trapo.
– Bom, então esta é a sua chance de melhorar o conteúdo da revista, não? – sugeriu Hermione com gentileza. – Luna diz que o pai dela ficaria muito contente em fazer uma entrevista com Harry. Ele é quem irá publicá-la.
Rita encarou as garotas por um momento, então soltou gargalhadas.
– O *Pasquim*! – exclamou com um cacarejo. – Vocês acham que as pessoas vão levar Harry a sério se ele aparecer no *Pasquim*!
– Algumas pessoas não – disse Hermione com a voz controlada. – Mas a versão que o *Profeta* publicou da fuga de Azkaban tinha furos enormes. Acho que muita gente deverá estar se perguntando se não há uma explicação melhor

para o que aconteceu, e se há uma história alternativa, mesmo que seja publicada por um... – olhou para Luna de esguelha – em um... bom, uma revista *incomum*... acho que essa gente poderia gostar de lê-la.

Rita ficou em silêncio por algum tempo, mas mirou Hermione astutamente, a cabeça um pouco inclinada para um lado.

– Tudo bem, vamos dizer por um momento que eu aceite – disse subitamente. – Que tipo de remuneração vou receber?

– Acho que papai não chega exatamente a pagar as pessoas para escreverem para a revista – disse Luna, sonhadora. – Escrevem porque é uma honra e, naturalmente, para ver o nome delas em letra de imprensa.

A cara de Rita Skeeter ao se virar para Hermione era de quem achou outra vez forte o gosto do Palha-fede na boca.

– É para eu fazer isso *de graça*?

– Bom, é – disse Hermione calmamente, tomando um golinho da bebida. – Do contrário, como você já sabe, informarei às autoridades que você nunca se registrou como animago. Naturalmente, o *Profeta Diário* talvez lhe pague um bom cachê por uma reportagem em primeira mão da vida em Azkaban.

Pela reação pareceu que nada daria mais prazer a Rita do que agarrar a sombrinha de papel que saía da bebida de Hermione e enfiá-la pelo nariz da garota adentro.

– Suponho que não tenha outra opção, não é? – disse com a voz ligeiramente trêmula. Abriu, então, a bolsa de crocodilo mais uma vez, apanhou um pergaminho e ergueu a Pena de Repetição Rápida.

– Papai vai ficar satisfeito – disse Luna, animada. Um músculo tremeu no queixo de Rita.

– O.k., Harry? – perguntou Hermione, virando-se para o garoto. – Pronto para contar a verdade ao público?

– Suponho que sim – disse Harry observando Rita pôr em posição a Pena de Repetição Rápida sobre o pergaminho que os separava.

– Então, pode começar, Rita – disse Hermione serenamente, pescando uma cereja do fundo do copo.

— CAPÍTULO VINTE E SEIS —
Visto e imprevisto

Luna disse vagamente que não sabia quando a entrevista de Harry com Rita apareceria no *Pasquim*, pois seu pai estava esperando um longo e interessante artigo sobre as recentes aparições de Bufadores de Chifre Enrugado, e, naturalmente, seria uma história muito importante, então a entrevista de Harry talvez tivesse de aguardar o próximo número.

Harry não achou uma experiência fácil falar sobre a noite em que Voldemort retornara. Rita extraiu dele cada mínimo detalhe e ele lhe passou tudo que lembrava, sabendo que era uma grande oportunidade de contar a verdade para o mundo. Perguntava-se como as pessoas reagiriam. Imaginou que a história confirmaria para muita gente a visão de que ele era completamente doido, especialmente porque apareceria ao lado de uma absoluta tolice sobre Bufadores de Chifre Enrugado. Mas a fuga de Belatriz Lestrange e seus companheiros Comensais da Morte tinha dado a Harry um desejo ardente de fazer *alguma coisa*, produzisse ou não resultados...

– Mal posso esperar para ver o que a Umbridge pensa de você falar publicamente – comentou Dino, parecendo assombrado no jantar de segunda-feira à noite. Simas despejava goela abaixo grandes garfadas de torta de frango com presunto, sentado do outro lado de Dino, mas Harry sabia que ele estava escutando.

– É o certo, Harry – disse Neville, sentado defronte. Estava muito pálido, mas continuou em voz baixa. – Deve ter sido... dureza... falar disso... não foi?

– Foi – balbuciou Harry –, mas as pessoas precisam saber do que Voldemort é capaz, não?

– Com certeza – disse Neville concordando com a cabeça –, e os Comensais da Morte também... as pessoas precisam saber...

Neville deixou a frase no ar e voltou a atenção para sua batata assada. Simas

ergueu a cabeça, mas quando seu olhar encontrou o de Harry ele tornou a baixá-lo depressa para o prato. Transcorrido algum tempo, Dino, Simas e Neville saíram para a sala comunal, deixando Harry e Hermione à mesa esperando por Rony, que ainda não viera jantar por causa do treino de quadribol.

Cho Chang entrou no salão com a amiga Marieta. O estômago de Harry deu uma sacudida desagradável, mas a garota não olhou para a mesa da Grifinória, e se sentou de costas para ele.

– Ah, me esqueci de perguntar – disse Hermione, animada, dando uma olhada rápida na mesa da Corvinal –, que aconteceu no seu encontro com Cho? Por que você voltou tão cedo?

– Aah... bom, foi... – começou Harry puxando um prato de doce de ruibarbo para perto e se servindo mais uma vez – um completo fiasco, já que você está perguntando.

E contou a ela o que acontecera na casa de chá de Madame Puddifoot.

– ... então – concluiu alguns minutos depois, quando o último bocadinho de doce desapareceu –, ela se levanta de repente, certo, e diz: A gente se vê por aí, Harry... e sai correndo da loja! – Ele descansou a colher e olhou para Hermione. – Quero dizer, por que foi tudo isso? Que é que aconteceu?

Hermione olhou para a nuca de Cho e suspirou.

– Ah, Harry – disse tristonha. – Bom, sinto muito, mas você não teve muito tato.

– *Eu* não tive tato?! – exclamou Harry indignado. – Em um momento estávamos nos dando bem, e no momento seguinte ela estava me dizendo que Rogério Davies a convidou para sair e como costumava ir à droga daquela casa de chá para ficar beijando o Cedrico: como é que você acha que eu devia reagir?

– Bom, sabe – disse Hermione com o ar paciente de alguém que explica a uma criança temperamental que um mais um é igual a dois –, você não devia ter dito a ela que queria se encontrar comigo no meio do namoro.

– Mas, mas – tartamudeou Harry – ... você me pediu para encontrá-la ao meio-dia e até levar Cho junto, como é que eu ia fazer isso sem dizer a ela?

– Você devia ter dito de maneira diferente – explicou Hermione, ainda com aquele exasperante ar de paciência. – Devia ter dito que era uma chatice, mas que eu tinha *feito* você prometer ir ao Três Vassouras, e que você na verdade não queria ir, que preferia passar o dia inteiro com ela, mas infelizmente achava que era importante se encontrar comigo e se ela, por favor, por um grande favor, pudesse ir com você e, assim, quem sabe, daria para você sair mais depressa. E também teria sido uma boa ideia mencionar que você me acha feia – acrescentou Hermione refletindo.

– Mas eu não acho você feia! – exclamou Harry, confuso.

Hermione deu uma risada.
– Harry, você é pior do que o Rony... bom, não, não é não – suspirou, na hora em que Rony entrava no salão sujo de lama e parecendo mal-humorado. – Você aborreceu a Cho quando disse que ia se encontrar comigo, então ela tentou fazer ciúmes. Foi uma maneira de tentar descobrir se você gostava dela.
– Era isso que ela estava fazendo? – admirou-se Harry, enquanto Rony se sentava no banco defronte, e puxava para perto todos os pratos que conseguiu alcançar. – Bom, não teria sido mais fácil se me perguntasse se eu gostava mais dela ou de você?
– As garotas muitas vezes não fazem perguntas desse tipo.
– Pois deviam! – disse Harry com veemência. – Então eu podia ter simplesmente respondido que gosto mais dela, e ela não precisaria ficar outra vez nervosa com a morte do Cedrico!
– Eu não estou dizendo que Cho foi sensata – disse Hermione quando Gina se reuniu a eles, tão enlameada quanto Rony e igualmente chateada. – Estou só tentando mostrar como ela estava se sentindo naquele momento.
– Você devia escrever um livro – sugeriu Rony a Hermione enquanto cortava as batatas em seu prato –, traduzindo as maluquices que as garotas fazem para os garotos poderem entendê-las.
– É – apoiou Harry com sinceridade e fervor, olhando para a mesa da Corvinal, onde Cho se levantara, e, ainda sem olhar para ele, saiu do salão. Sentindo-se meio deprimido, voltou-se para Rony e Gina: – Então, como foi o treino de quadribol?
– Um pesadelo – respondeu Rony, mal-humorado.
– Ah, qual é? – disse Hermione, olhando para Gina. – Tenho certeza de que não foi tão...
– Foi, sim – confirmou Gina. – Foi um espanto. Angelina quase se desmanchou em lágrimas mais para o final.
Rony e Gina saíram para tomar banho depois do jantar; Harry e Hermione voltaram para a movimentada sala comunal da Grifinória e a montanha habitual de deveres de casa. Harry estava havia meia hora às voltas com uma nova carta estelar para Astronomia quando Fred e Jorge apareceram.
– Rony e Gina não estão aqui? – perguntou Fred, correndo os olhos pela sala ao mesmo tempo que puxava uma cadeira, e quando Harry sacudiu negativamente a cabeça, falou: – Que bom. Estivemos assistindo ao treino deles. Vão ser massacrados. A equipe ficou um lixo sem a gente.
– Ah, peraí, Gina não é ruim – disse Jorge querendo ser justo, sentando-se ao lado do irmão. – Aliás, nem sei como conseguiu ser tão boa, já que a gente nunca a deixou jogar conosco.

– Ela arrombava o barraco em que vocês guardam vassouras no jardim desde os seis anos e tirava ora uma vassoura ora outra quando vocês não estavam por perto – disse Hermione de trás de sua pilha instável de livros de Runas Antigas.

– Ah! – exclamou Jorge levemente impressionado. – Bom: isso explica.

– Rony já defendeu algum gol? – perguntou Hermione, espiando por cima de *Hieróglifos e logogramas mágicos*.

– Bom, ele é capaz de defender quando acha que não tem ninguém observando – disse Fred olhando para o teto. – Então no sábado só o que a gente precisa fazer é pedir aos espectadores para virarem as costas e baterem um papo todas as vezes que a goles for arremessada para o lado dele.

Ele tornou a se levantar inquieto e foi até a janela espiar os terrenos escuros da escola.

– Sabe, o quadribol era quase a única coisa que fazia este lugar valer a pena.

Hermione lançou-lhe um olhar sério.

– Seus exames estão chegando.

– Já lhe disse antes, não estamos preocupados com os N.I.E.M.s – retorquiu Fred. – Os kits Mata-Aula estão prontos para o lançamento, descobrimos como nos livrar daqueles furúnculos, basta umas gotas de essência de murtisco para resolver o problema. Foi Lino quem nos sugeriu.

Jorge deu um grande bocejo e olhou desconsolado para o céu nublado da noite.

– Nem sei se quero assistir a esse jogo. Se Zacarias Smith nos derrotar, terei de me matar.

– Ou, mais provavelmente, matar ele – disse Fred com firmeza.

– Esse é o problema do quadribol – disse Hermione distraidamente, mais uma vez debruçada sobre sua tradução das Runas –; cria essa animosidade e tensão entre as Casas.

Ela ergueu a cabeça para procurar o exemplar do *Silabário de Spellman* e surpreendeu Fred, Jorge e Harry, os três olhando-a com expressões nos rostos em que se mesclavam a aversão e a incredulidade.

– E é mesmo! – exclamou ela com impaciência. – É só um jogo ou não é?

– Hermione – disse Harry, sacudindo a cabeça –, você é boa em sentimentos e outras coisas, mas simplesmente não entende de quadribol.

– Talvez não – disse ela, ameaçadora, voltando à tradução –, mas pelo menos a minha felicidade não depende da habilidade de Rony defender gols.

E embora Harry preferisse ter de se atirar da Torre de Astronomia a admitir isso para a amiga, depois de assistir ao jogo no sábado seguinte ele teria dado os galeões que lhe pedissem para não gostar de quadribol.

A melhor coisa que se poderia dizer sobre a partida é que foi curta; os

espectadores da Grifinória só precisaram suportar vinte e dois minutos de agonia. Era difícil dizer o que foi pior: Harry achou o páreo duro entre o décimo quarto frango de Rony, Sloper acertar a boca de Angelina em vez do balaço e Kirke gritar e cair para trás, quando Zacarias Smith passou veloz por ele carregando a goles. O milagre foi que a Grifinória só perdeu por dez pontos: Gina conseguiu capturar o pomo bem embaixo do nariz do apanhador da Lufa-Lufa, Summerby, de modo que o placar final foi duzentos e quarenta a duzentos e trinta.

– Boa captura – disse Harry a Gina já na sala comunal, onde a atmosfera lembrava a de um enterro particularmente desanimado.

– Tive sorte – disse encolhendo os ombros. – Não era um pomo muito veloz e Summerby está gripado, espirrou e fechou os olhos exatamente na hora errada. Em todo o caso, quando você tiver voltado à equipe...

– Gina, fui proibido de jogar para *sempre*.

– Você foi proibido enquanto Umbridge estiver na escola – corrigiu a garota. – Faz diferença. De qualquer maneira, quando você tiver voltado, acho que vou me candidatar a artilheira. Angelina e Alícia vão sair no ano que vem, e eu prefiro marcar gols a apanhar o pomo.

Harry olhou para Rony, que estava encolhido a um canto, contemplando os próprios joelhos, uma garrafa de cerveja amanteigada na mão.

– Angelina continua a não querer que ele se demita – disse Gina, como se lesse os pensamentos de Harry. – Diz que sabe que ele tem jeito para a coisa.

Harry gostava de Angelina pela fé que demonstrava ter em Rony, mas, ao mesmo tempo, achava que seria realmente mais caridoso permitir que ele saísse da equipe. Rony deixara o campo sob outro coro atroador de “Weasley é nosso rei”, cantado com o maior gosto pelos alunos da Sonserina, casa que agora era a favorita para a Copa de Quadribol.

Fred e Jorge se aproximaram.

– Não tenho nem coragem de curtir com a cara dele – disse Fred, olhando para o irmão encolhido. – Veja bem... quando ele perdeu o décimo quarto...

E fez gestos desencontrados como se fosse um cachorrinho nadando.

– ... bom, vou guardar para as festinhas, eh?

Rony arrastou-se para a cama depois disso. Por respeito aos seus sentimentos, Harry aguardou um pouco antes de subir para o dormitório, para que o amigo pudesse fingir que estava dormindo, se quisesse. Dito e feito, quando finalmente entrou no quarto Rony estava roncando um pouquinho alto demais para ser inteiramente plausível.

Harry se deitou pensando no jogo. Fora imensamente frustrante assistir a ele da lateral do campo. Estava muito impressionado com o desempenho de Gina,

mas sabia que se estivesse jogando teria capturado o pomo antes... tinha havido um momento em que a bolinha esvoaçara perto do tornozelo de Kirke; se Gina não tivesse hesitado, poderia ter conquistado a vitória para a Grifinória.
Umbridge assistia sentada alguns níveis abaixo de Harry e Hermione. Uma ou duas vezes virara-se para espiá-lo, sua boca larga de sapo distendida no que ele imaginara ser um sorriso de triunfo. Só de lembrar, sentia-se quente de raiva deitado ali no escuro. Depois de alguns minutos, porém, lembrou-se de que devia esvaziar a mente de toda emoção antes de dormir, conforme Snape não parava de recomendar ao fim de cada aula de Oclumência.
Harry tentou por uns momentos, mas pensar em Snape, depois de se lembrar da Umbridge, meramente aumentava sua sensação de surdo rancor, e, em vez disso, viu-se focalizando o quanto detestava os dois. Aos poucos, os roncos de Rony foram se perdendo na distância e sendo substituídos pelo som de uma respiração lenta e profunda. Harry levou muito mais tempo para adormecer; sentia o corpo cansado, mas seu cérebro demorou a se fechar.
Sonhou que Neville e a Profª Sprout estavam valsando na Sala Precisa ao som de uma gaita de foles que a Profª McGonagall tocava. Ele os observou por uns momentos, então resolveu ir procurar os outros membros da AD.
Mas, quando saiu da sala deparou, não com a tapeçaria de Barnabás, o Amalucado, mas com um archote ardendo em seu suporte na parede de pedra. Ele virou a cabeça lentamente para a esquerda. Lá, na extremidade do corredor sem janelas, havia uma porta comum preta.
Caminhou em sua direção com uma crescente excitação. Teve a estranha sensação de que desta vez ia finalmente ter sorte e descobrir o jeito de abri-la... já bem próximo, viu, com um súbito aumento nessa excitação, que havia uma réstia de claridade azul para o lado direito... a porta estava entreaberta... ele esticou a mão para abri-la e...
Rony soltou um ronco autêntico, forte e rascante, e Harry acordou de repente com a mão direita estendida à sua frente no escuro, querendo abrir uma porta a centenas de quilômetros de distância. Ele a deixou cair sentindo ao mesmo tempo desapontamento e culpa. Sabia que não deveria ter visto a porta, mas ao mesmo tempo se sentia tão devorado pela curiosidade de saber o que havia por trás dela que não pôde deixar de se sentir aborrecido com Rony... se ele ao menos pudesse ter segurado aquele ronco por mais um minuto.

Os dois entraram no Salão Principal para tomar o café da manhã exatamente na hora em que as corujas chegavam com o correio na segunda-feira. Hermione não era a única pessoa que esperava ansiosa pelo *Profeta Diário*: quase todos ansiavam por ler mais notícias sobre os Comensais da Morte fugitivos, que,

apesar de avistados várias vezes, ainda não tinham sido recapturados. Ela pagou à coruja o nuque da entrega e desdobrou o jornal depressa enquanto Harry se servia de suco de laranja; como ele recebera apenas um bilhete o ano inteiro, teve certeza, quando a primeira coruja pousou com um baque à sua frente, de que era engano.

– Quem é que você está procurando? – perguntou ele, puxando languidamente o seu suco debaixo do bico da ave e se curvando para verificar o nome e o endereço do destinatário:

Harry Potter
Salão Principal
Escola de Hogwarts

Enrugando a testa, ele fez menção de tirar a carta da coruja, mas, antes que o fizesse, mais três, quatro, cinco corujas pousaram ao lado da primeira e procuraram uma posição, pisando na manteiga, derrubando o saleiro, tentando entregar a carta antes das outras.

– Que é que está acontecendo? – indagou Rony espantado, quando a mesa da Grifinória inteira se inclinou para olhar, e outras sete corujas pousaram entre as primeiras, berrando, piando e batendo as asas.

– Harry! – disse Hermione sem fôlego, enfiando as mãos naquele ajuntamento de penas e retirando uma coruja-das-torres que trazia um embrulho comprido e cilíndrico. – Acho que sei o que significa isso: abra este aqui primeiro!

Harry abriu o embrulho pardo. Dele rolou um exemplar compactamente dobrado da edição de março do *Pasquim*. Ele o desenrolou e viu o próprio rosto sorrindo acanhado para ele na capa da revista. Enormes letras vermelhas atravessadas na foto anunciavam:

HARRY POTTER ENFIM REVELA: A VERDADE SOBRE AQUELE-QUE-NÃO-DEVE-SER-NOMEADO E A NOITE EM QUE VIU O SEU RETORNO

– Parece bom, não? – comentou Luna, que vagara até a mesa da Grifinória e agora se apertava no banco entre Fred e Rony. – Saiu ontem, pedi ao papai para lhe mandar um exemplar de cortesia. Imagino que tudo isso – ela acenou abarcando as corujas que se empurravam sobre a mesa diante de Harry – sejam cartas dos leitores.

– Foi o que pensei – disse Hermione, ansiosa. – Harry você se importa se a gente...?

– Sirvam-se – respondeu ele, parecendo um pouco confuso.

Rony e Hermione começaram a abrir os envelopes.

– Esta é de um cara que acha que você pirou – disse Rony correndo os olhos pela carta. – Ah, bom...

– Esta mulher aqui recomenda que você experimente uma série de Feitiços de Choque no St. Mungus – disse Hermione, parecendo desapontada e amassando uma segunda.

– Mas esta aqui parece o.k. – disse Harry lentamente, lendo uma longa carta de uma bruxa em Paisley. – Ei, ela diz que acredita em mim!

– Este aqui está dividido – disse Fred, que se juntara com entusiasmo à tarefa de abrir as cartas. – Diz que você não passa a impressão de ser maluco, mas que ele realmente não acredita que Você-Sabe-Quem tenha retornado, então, agora não sabe o que pensar. Caracas, que desperdício de pergaminho.

– Tem um aqui que você convenceu, Harry! – disse Hermione excitada. – *Tendo lido a sua versão da história, sou forçado a concluir que o* Profeta Diário *tem sido injusto com você... por menos que eu queira pensar que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado retornou, sou forçado a aceitar que você está falando a verdade*... Ah, é maravilhoso!

– Outra acha que você está só ladrando – disse Rony atirando a carta que amassara por cima do ombro – ... mas esta outra diz que você a converteu e ela agora acha que você é um verdadeiro herói: e manda junto uma foto, uau!

– Que é que está acontecendo aqui? – perguntou uma voz falsamente meiga e infantil.

Harry ergueu a cabeça com as mãos cheias de envelopes. A Profª Umbridge estava em pé atrás de Fred e Luna, seus olhos de sapo esbugalhados esquadrinhando a confusão de corujas e cartas em cima da mesa diante de Harry. Às suas costas, ele viu muitos alunos observando-os com avidez.

– Por que recebeu todas essas cartas, Sr. Potter? – perguntou ela lentamente.

– Isso agora é crime?! – exclamou Fred em voz alta. – Receber cartas?

– Cuidado, Sr. Weasley, ou será que terei de lhe dar uma detenção? – disse Umbridge. – Então, Sr. Potter?

Harry hesitou, mas não via como poderia abafar o que fizera; agora era apenas uma questão de tempo até um exemplar do *Pasquim* chegar à atenção de Umbridge.

– As pessoas estão me escrevendo porque dei uma entrevista. Sobre o que me aconteceu em junho passado.

Por alguma razão ele olhou para a mesa dos professores ao dizer isso. Harry tinha a estranhíssima impressão de que Dumbledore estivera observando-o um segundo antes, mas, quando se virou, o diretor parecia absorto em conversa com o Prof. Flitwick.

– Uma entrevista? – repetiu Umbridge, sua voz mais fina e aguda que nunca. – Como assim?
– Uma repórter me fez perguntas e eu respondi – disse Harry. – Aqui...
E atirou à professora o exemplar do *Pasquim*. Ela o apanhou e arregalou os olhos para a capa. Seu rosto, cor de massa de pão, ficou malhado de violeta.
– Quando foi que você fez isso? – perguntou ela, sua voz ligeiramente trêmula.
– No último fim de semana em Hogsmeade.
Ela o encarou, incandescente de fúria, a revista tremendo em seus dedos curtos e grossos.
– Não haverá mais passeios a Hogsmeade para o senhor, Sr. Potter – sussurrou ela. – Como se atreveu... como pôde... – Ela tomou fôlego. – Tenho tentado repetidamente ensinar você a não contar mentiras. A mensagem, pelo visto, ainda não entrou em sua cabeça. Cinquenta pontos a menos para a Grifinória e mais uma semana de detenções.
Ela se afastou, apertando o exemplar do *Pasquim* contra o peito, seguida pelos olhares de muitos alunos.
No meio da manhã, enormes avisos haviam sido afixados por toda a escola, não apenas nos quadros das Casas, mas nos corredores e salas de aula também.

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

O estudante que for encontrado de posse da revista O Pasquim *será expulso*.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Sete.

Assinado: Dolores Joana Umbridge, Alta Inquisidora

Por alguma razão, toda as vezes que Hermione avistava um desses avisos seu rosto se iluminava de prazer.
– Com que é, exatamente, que você está tão satisfeita? – perguntou-lhe Harry.
– Ah, Harry, você não está vendo? – sussurrou Hermione. – Se ela quisesse fazer uma única coisa para garantir que todo aluno da escola lesse a sua entrevista, era exatamente proibir sua leitura!
E parece que Hermione tinha toda a razão. Até o fim do dia, embora Harry não tivesse visto nem um pedacinho do *Pasquim* em lugar algum da escola, todos pareciam estar citando a entrevista uns para os outros. Harry os ouviu cochichando nas filas às portas das salas de aulas, discutindo-a no almoço e no fundo das salas, e Hermione chegou a contar que as meninas que estavam

usando os boxes nos banheiros falavam nisso quando ela passou por lá antes da aula de Runas Antigas.

– Então elas me viram, e obviamente sabem que sei, então me bombardearam com perguntas – contou Hermione a Harry, com os olhos brilhando –, e Harry, acho que elas acreditam em você, realmente, acho que enfim você as convenceu!

Entrementes, a Profª Umbridge rondava a escola, parando alunos a esmo e mandando-os mostrar os livros e os bolsos. Harry sabia que a professora procurava exemplares do *Pasquim,* mas os estudantes estavam muito à frente dela. As páginas que continham a entrevista de Harry tinham sido reformatadas por meio de feitiços para parecer cópias de livros-texto se mais alguém as lesse, ou apagadas por magia até que seus donos quisessem tornar a lê-las. Logo pareceu que todo o mundo na escola vira a entrevista.

Os professores obviamente tinham sido proibidos de mencionar a entrevista pelo Decreto Educacional Número Vinte e Seis, mas assim mesmo encontraram maneiras de expressar suas opiniões. A Profª Sprout concedeu à Grifinória vinte pontos quando Harry lhe passou o regador de água; um sorridente Prof. Flitwick deu a Harry uma caixa de ratinhos de açúcar que guinchavam, ao fim da aula de Feitiços, fazendo: “Psiu!”, e se afastando depressa; e a Profª Trelawney irrompeu em soluços nervosos durante a aula de Adivinhação e anunciou à turma surpresa, e a uma Umbridge extremamente desaprovadora, que Harry *não* ia morrer cedo, viveria até uma velhice madura, seria ministro da Magia e teria doze filhos.

Mas o que deixou Harry mais feliz foi Cho alcançá-lo quando ia correndo para a aula de Transfiguração no dia seguinte. Antes que ele entendesse o que estava acontecendo, suas mãos se uniram e ela sussurrou em seu ouvido: “Lamento muito, muito mesmo. Aquela entrevista foi tão corajosa... me fez chorar.”

Ele ficou triste ao saber que a entrevista a fizera derramar outras tantas lágrimas, mas muito alegre por voltarem a se falar, e ainda mais satisfeito quando Cho lhe deu um beijinho no rosto e se afastou correndo. E, o inacreditável, assim que chegou à porta da sala de Transfiguração, aconteceu outra coisa igualmente boa. Simas saiu da fila para lhe falar.

– Eu só queria dizer – murmurou, fixando com os olhos apertados o joelho esquerdo de Harry – que acredito em você. E mandei um exemplar da revista para minha mãe.

E se ainda fosse preciso mais alguma coisa para completar sua felicidade, vieram as reações de Malfoy, Crabbe e Goyle. Harry os viu de cabeças juntas na biblioteca mais para o fim da tarde; estavam em companhia de um garoto franzino que Hermione murmurou se chamar Teodoro Nott. Os quatro se viraram para olhar Harry, que procurava nas prateleiras um livro sobre Sumiço Parcial:

Goyle estalou as juntas dos dedos ameaçadoramente e Malfoy cochichou alguma coisa sem dúvida ruim para Crabbe. Harry sabia muito bem por que estavam agindo assim: ele citara os pais deles como Comensais da Morte.

– E o melhor – sussurrou Hermione alegremente quando saíram da biblioteca – é que eles não podem contradizer você, porque não podem admitir que leram o artigo!

E, para coroar, Luna lhe disse ao jantar que nunca uma tiragem do *Pasquim* se esgotara tão rápido.

– Papai vai fazer uma segunda tiragem! – contou ela a Harry, com os olhos arregalados de excitação. – Ele nem consegue acreditar, diz que as pessoas parecem ainda mais interessadas na entrevista do que nos Bufadores de Chifre Enrugado!

Harry foi herói na sala comunal da Grifinória àquela noite. Atrevidos, Fred e Jorge tinham lançado um Feitiço Ampliador na capa do *Pasquim* e a penduraram na parede, para que a cabeça gigantesca de Harry contemplasse os colegas do alto e ocasionalmente dissesse frases do tipo: O MINISTÉRIO É RETARDADO e COMA BOSTA, UMBRIDGE em voz ressonante. Hermione não achou isso muito divertido; disse que interferia com sua concentração e acabou indo se deitar cedo, irritada. Harry teve de admitir que o cartaz perdeu a graça uma ou duas horas depois, principalmente quando o Feitiço da Fala começou a se desgastar e se ouviam apenas palavras desconexas como “BOSTA” e “UMBRIDGE”, a intervalos sempre mais frequentes, em um tom progressivamente mais alto. De fato, começou a lhe dar dor de cabeça, e sua cicatriz recomeçou a formigar incomodamente. Para os gemidos de desapontamento dos muitos colegas que estavam sentados ao seu redor, lhe pedindo que recontasse a entrevista pela milésima vez, ele também anunciou que precisava dormir cedo.

O dormitório estava vazio quando chegou lá. Por um momento ele descansou a testa no vidro frio da janela ao lado de sua cama; o gesto pareceu aliviar a queimação na cicatriz. Então ele se despiu e se deitou, desejando que a dor de cabeça passasse. Sentia-se também um pouco enjoado. Virou-se de lado, fechou os olhos e adormeceu quase instantaneamente.

Estava parado em uma sala escura com cortinas, iluminada por um único candelabro. Suas mãos apertavam o encosto de uma poltrona à frente. Eram mãos de dedos finos e brancos como se não vissem sol havia anos, e lembravam aranhas grandes e descoradas contra o veludo escuro da poltrona.

Mais além, em um círculo de luz projetado no chão pelo candelabro, achava-se ajoelhado um homem de vestes negras.

– Fui mal aconselhado, pelo que parece – disse Harry num tom de voz agudo e

frio que vibrava de raiva.
– Senhor, peço o seu perdão – disse rouco o homem ajoelhado no chão. A parte de trás de sua cabeça refulgia à luz das velas. Ele parecia tremer.
– Não estou culpando você, Rookwood – disse Harry naquela voz fria e cruel.
Largou então a poltrona e contornou-a, aproximando-se do homem encolhido no chão, e parou diretamente sobre ele, ainda na sombra, olhando de uma altura muito maior do que a normal.
– Você tem certeza de suas informações, Rookwood? – perguntou Harry.
– Tenho sim, milorde... afinal... afinal eu costumava trabalhar no departamento.
– Avery me disse que Bode poderia retirá-la.
– Bode jamais poderia ter feito isso, milorde... Bode sabia que não poderia... sem dúvida foi essa a razão por que lutou tanto contra a Maldição Imperius lançada por Malfoy.
– Levante-se, Rookwood – sussurrou Harry.
O homem ajoelhado quase tropeçou na pressa de obedecer. Seu rosto era bexiguento; as marcas se destacavam à luz das velas. Ele continuou um pouco curvado, mesmo em pé, como em uma meia reverência, e lançava olhares aterrorizados ao rosto de Harry.
– Você fez bem em me informar – disse Harry. – Muito bem... Pelo visto, desperdicei meses em planos infrutíferos... mas não importa... recomeçaremos a partir de agora. Você tem a gratidão de Lorde Voldemort, Rookwood...
– Milorde... sim, milorde... – exclamou Rookwood, sua voz rouca de alívio.
– Precisarei de sua ajuda. Precisarei de todas as informações que puder me dar.
– Naturalmente, milorde, naturalmente... o que precisar.
– Muito bem... pode se retirar. Mande Avery falar comigo.
Rookwood recuou apressado, de costas, se curvando, e desapareceu pela porta.
Deixado só no aposento escuro, Harry se virou para a parede. Havia um espelho rachado e manchado pelo tempo na parede sombreada. Harry encaminhou-se para ele. Sua imagem se tornou maior e mais clara no escuro... um rosto mais branco do que uma caveira... os olhos vermelhos com fendas em lugar de pupilas.
– NÃÃÃÃÃÃÃÃO!
– Quê! – berrou uma voz próxima.
Harry se debateu como um louco, se enrolou nas cortinas e caiu da cama. Por alguns segundos não soube onde estava; convencido de que iria rever o rosto branco e escaveirado assomando das sombras, então muito perto dele falou a voz

de Rony.
– Quer parar de agir feito um maníaco para eu poder tirar você daqui?
Rony puxou as cortinas e, à claridade do luar, Harry arregalou os olhos para ele, deitado de costas, a cicatriz queimando de dor. Pelo jeito, Rony estava se preparando para deitar; tinha um braço fora do roupão.
– Alguém foi atacado outra vez? – perguntou, erguendo Harry, com esforço, do chão. – Foi o papai? Foi aquela cobra?
– Não... estão todos bem... – ofegou Harry, cuja testa parecia em fogo. – Bom... Avery não está... está enrascado... passou para ele informações erradas... Voldemort está furioso...
Harry gemeu e afundou na cama, tremendo, esfregando a cicatriz.
– Mas Rookwood vai ajudá-lo agora... ele está outra vez no caminho certo...
– Do que é que você está falando? – perguntou Rony, amedrontado. – Você está dizendo... você acabou de ver Você-Sabe-Quem?
– Eu *era* Você-Sabe-Quem – disse Harry, esticando as mãos no escuro e erguendo-as diante do rosto, para ver se continuavam mortalmente pálidas e com os dedos longos. – Ele estava com Rookwood, um dos fugitivos de Azkaban, lembra? Rookwood acabou de contar a ele que Bode não poderia ter feito.
– Feito o quê?
– Retirado alguma coisa... disse que Bode sabia que não poderia... Bode estava sob a influência da Maldição Imperius... acho que ele disse que foi o pai de Malfoy quem a lançou.
– Bode foi enfeitiçado para retirar alguma coisa? – confirmou Rony. – Mas, Harry, tem de ser...
– A arma. – Harry terminou a frase por ele. – Eu sei.
A porta do dormitório se abriu; Dino e Simas entraram. Harry puxou as pernas para cima da cama. Não queria dar a impressão de que acabara de acontecer algo estranho, pois Simas só recentemente parara de achar que ele era pirado.
– Você disse – murmurou Rony, aproximando a cabeça de Harry a pretexto de ajudá-lo a se servir da água da jarra sobre a mesa de cabeceira – que *era* o Você-Sabe-Quem?
– Disse – confirmou Harry baixinho.
Rony tomou um gole de água exagerado e desnecessário; Harry viu a água escorrer do queixo para o peito do amigo.
– Harry – disse ele, enquanto Dino e Simas andavam pelo quarto fazendo barulho, tirando os roupões e conversando –, você tem de contar...
– Não tenho de contar a ninguém – cortou-o Harry. – Não teria visto nada se soubesse usar a Oclumência. Já devia ter aprendido a fechar minha mente a tudo isso. É o que eles querem.

Por eles, Harry se referia a Dumbledore. Tornou a se meter embaixo das cobertas e a se virar para o lado, dando as costas a Rony, e pouco depois ouviu o colchão do amigo ranger, quando ele também se deitou. A cicatriz de Harry recomeçou a queimar; ele mordeu o travesseiro para não fazer barulho. Em algum lugar, sentia, Avery estava sendo castigado.

Harry e Rony esperaram até de manhã para contar a Hermione exatamente o que acontecera; queriam ter absoluta certeza de que ninguém os ouviria. Parados no canto habitual do pátio frio e ventoso, Harry lhe contou cada detalhe do sonho de que pôde se lembrar. Quando terminou, ela continuou calada por um momento, mas fixou com uma intensidade penosa Fred e Jorge, que estavam sem cabeça vendendo seus chapéus mágicos por baixo das capas, do outro lado do pátio.

– Então foi por isso que o mataram – concluiu em voz baixa, desviando finalmente o olhar de Fred e Jorge. – Quando Bode tentou roubar a arma, lhe aconteceu alguma coisa estranha. Acho que deve haver feitiços defensivos na arma, ou em volta dela, para impedir que as pessoas a peguem. Era por isso que ele estava no St. Mungus, com o cérebro destrambelhado, sem conseguir falar. Mas lembram do que a Curandeira nos disse? Bode estava se recuperando. E não podiam arriscar que ele melhorasse, não é? Quero dizer, o choque do que aconteceu quando ele tocou naquela arma provavelmente desfez a Maldição Imperius. Quando recuperasse a voz, ele explicaria o que estivera fazendo, não é? Então saberiam que ele fora enviado para roubar a arma. Naturalmente, teria sido fácil para Lúcio Malfoy lançar a maldição sobre Bode. Nunca sai do Ministério, não é?

– E ele andava por lá no dia da minha audiência – disse Harry. – No... calma aí... – disse lentamente. – Estava no corredor do Departamento de Mistérios naquele dia! Seu pai comentou que ele provavelmente estava querendo bisbilhotar e descobrir o que tinha acontecido na minha audiência, mas e se...

– Estúrgio! – exclamou Hermione, estupefata.

– Como disse? – perguntou Rony, parecendo confuso.

– Estúrgio Podmore – disse Hermione sem fôlego. – Preso por tentar passar por uma porta! Lúcio Malfoy deve ter pego ele também! Aposto que fez isso no dia em que você o viu lá, Harry. Estúrgio estava usando a Capa da Invisibilidade de Moody, certo? Então, e se ele estivesse guardando a porta, invisível, e Malfoy o ouvisse mexer, ou adivinhasse que tinha alguém ali, ou simplesmente tivesse lançado a Maldição Imperius contando que houvesse alguém guardando a sala? Portanto, quando Estúrgio teve oportunidade, quando foi novamente sua vez de tirar serviço, ele tentou entrar no Departamento de Mistérios para roubar a arma para Voldemort, Rony, fique quieto, mas foi apanhado e mandado para

Azkaban...
Ela olhou para Harry.
– E agora Rookwood disse a Voldemort como conseguir a arma?
– Eu não ouvi a conversa toda, mas foi o que me pareceu – disse Harry. – Rookwood costumava trabalhar lá... quem sabe Voldemort vai mandar o Rookwood fazer o serviço?
Hermione acenou a cabeça, aparentemente com os pensamentos ainda longe. Então, de repente, falou:
– Mas você não devia ter visto isso, Harry, de jeito nenhum.
– Quê?! – exclamou ele, surpreso.
– Você devia estar aprendendo a fechar a mente a esse tipo de coisa – disse Hermione, com inesperada severidade.
– Sei que devia – disse Harry. – Mas...
– Bom, acho que você devia tentar esquecer o que viu – falou com firmeza. – E de agora em diante se esforçar mais para aprender sua Oclumência.
A semana não melhorou com o passar dos dias. Harry recebeu outros dois "D" em Poções; e continuou aflito com a perspectiva de Hagrid ser demitido; e não conseguiu parar de pensar no sonho em que fora Voldemort, embora não tornasse a mencioná-lo para Rony e Hermione; não queria receber outro passa-fora da amiga. Desejou muito conversar com Sirius, mas isso estava fora de questão, então tentou afastar o assunto para o fundo da cabeça.
Infelizmente o fundo de sua cabeça já não era o lugar seguro que fora no passado.
– Levante-se, Potter.
Umas duas semanas depois do sonho com Rookwood, Harry se veria, mais uma vez, ajoelhado no chão da sala de Snape, tentando esvaziar a mente. Acabara de ser forçado, mais uma vez, a aliviar um fluxo de lembranças infantis que nem sequer sabia que ainda guardava, a maior parte ligada a humilhações que Duda e sua turma lhe haviam infligido no ensino fundamental.
– A última lembrança – disse Snape. – Qual foi?
– Não sei – respondeu Harry, levantando-se cansado. Estava encontrando uma dificuldade crescente em separar lembranças distintas do fluxo de imagens e sons que Snape não parava de suscitar. – O senhor se refere àquela em que meu primo tentou me fazer ficar em pé no vaso sanitário?
– Não – disse Snape suavemente. – Me refiro à do homem ajoelhado no meio de um aposento mal iluminado...
– Não é... nada.
Os olhos escuros de Snape perfuraram os de Harry. Lembrando-se do que o professor dissera sobre a extrema importância do contato visual para a

Legilimência, Harry piscou e desviou os olhos.
– Como é que aquele homem e aquele aposento foram parar em sua mente, Potter? – perguntou Snape.
– Foi... – respondeu Harry, olhando para todo lado menos para Snape – foi só... só um sonho que eu tive.
– Um sonho?
Houve uma pausa em que Harry se fixou em um enorme sapo morto dentro de um frasco de líquido roxo.
– Você sabe para que estamos aqui, não sabe, Potter? – disse o professor em um tom baixo e perigoso. – Você sabe para que estou cedendo as minhas noites e ocupando-as com essa tarefa monótona?
– Sei – disse Harry formalmente.
– Então lembre-me por que estamos aqui, Potter.
– Para eu aprender Oclumência – disse Harry, agora olhando para uma enguia morta.
– Correto, Potter. E por mais obtuso que você seja – Harry olhou para Snape odiando-o –, seria de esperar que após dois meses de aulas você tivesse feito algum progresso. Quantos outros sonhos você teve com o Lorde das Trevas?
– Somente este – mentiu Harry.
– Talvez – disse Snape, apertando ligeiramente seus olhos escuros e frios –, talvez você sinta prazer em ter essas visões e sonhos, Potter. Talvez eles o façam se sentir especial... importante?
– Não, não fazem – respondeu Harry de queixo duro e com os dedos apertando o punho da varinha.
– Ainda bem, Potter – disse Snape friamente –, porque você não é especial nem importante, e não cabe a você descobrir o que o Lorde das Trevas está dizendo aos seus Comensais da Morte.
– Não... essa é a sua tarefa, não é? – disparou Harry.
Não tivera intenção de dizer isso; escapara de sua boca com a raiva. Durante muito tempo os dois se encararam, Harry convencido de que fora longe demais. Mas surgira uma expressão curiosa, quase satisfeita no rosto de Snape quando ele respondeu.
– É, Potter – disse ele com os olhos brilhando. – É a minha tarefa. Agora, se estiver pronto, recomeçaremos.
Ele ergueu a varinha:
– Um... dois... três... *Legilimens!*
Cem Dementadores precipitavam-se sobre o lago em direção a Harry... ele fez uma careta de concentração... estavam se aproximando... via os buracos escuros sob os capuzes... contudo. Via também Snape à sua frente, os olhos fixos em seu

rosto, resmungando... e por alguma razão Snape foi se tornando mais nítido e os Dementadores mais difusos...
Harry ergueu a própria varinha.
– *Protego!*
Snape cambaleou – sua varinha voou para longe de Harry – e de repente a mente do garoto estava apinhada de lembranças que não eram dele: um homem de nariz adunco gritava com uma mulher encolhida, enquanto um garotinho de cabelos escuros chorava a um canto... um adolescente de cabelos oleosos estava sentado sozinho em um quarto escuro apontando a varinha para o teto, abatendo moscas... uma garota estava rindo das tentativas de um menino magricela que tentava montar uma vassoura corcoveante...
– CHEGA!
Harry teve a sensação de que levara um empurrão no peito; cambaleou vários passos para trás, bateu em algumas prateleiras que cobriam as paredes de Snape e ouviu alguma coisa se partir. Snape tremia ligeiramente e tinha o rosto muito pálido.
As costas das vestes de Harry estavam úmidas. Um dos frascos às suas costas quebrara na colisão; a coisa viscosa em conserva que havia dentro girava no restinho da poção derramada.
– *Reparo* – sibilou Snape, e o frasco tornou a se fechar imediatamente. – Bom, Potter... sem dúvida isto foi um progresso... – Um pouco ofegante, Snape endireitou a Penseira em que ele mais uma vez guardara os pensamentos antes de começar a aula, quase como se ainda estivesse verificando se continuavam ali. – Não me lembro de ter-lhe dito para usar um Feitiço Escudo... mas sem dúvida foi eficiente...
Harry não falou; sentiu que dizer qualquer coisa poderia ser perigoso. Tinha certeza de que acabara de invadir as lembranças de Snape, que acabara de ver cenas da infância do professor. Era assustador pensar que o garotinho que chorava ao assistir a uma briga dos pais agora estava diante dele revelando tanto desprezo no olhar.
– Vamos tentar outra vez? – disse Snape.
Harry sentiu uma excitação de temor; estava prestes a pagar pelo que acabara de acontecer, com certeza. Eles voltaram à posição em que a mesa se interpunha aos dois, Harry achando que desta vez ia ter muito mais dificuldade para esvaziar a mente.
– Quando eu contar três, então – disse Snape erguendo a varinha. – Um... dois...
Harry não tinha tido tempo de se dominar e tentar esvaziar a mente e Snape já gritava: “*Legilimens!*”

Ele estava correndo pelo corredor do Departamento de Mistérios, deixando para trás as paredes vazias, os archotes – a porta preta e simples ia crescendo; estava correndo tão depressa que ia colidir com a porta, estava a um metro dela e mais uma vez via a réstia de luz azulada...

A porta se abrira! Ele a atravessou finalmente, e entrou em uma sala circular de piso e paredes pretas, iluminada por velas de chamas azuis, e havia outras portas a toda volta – ele precisava prosseguir –, mas que porta deveria escolher...?

– POTTER!

Harry abriu os olhos. Estava caído de costas outra vez, sem lembrança de ter chegado à sala; ofegava como se tivesse corrido toda a extensão do corredor do Departamento de Mistérios, realmente varado a porta preta e encontrado a sala circular.

– Explique-se! – disse Snape, que estava em pé ao lado dele, parecendo furioso.

– Não sei o que aconteceu – disse Harry com sinceridade, levantando-se. Havia um galo na parte de trás de sua cabeça no ponto em que batera no chão e ele se sentia febril. – Nunca vi isso antes, quero dizer, eu lhe disse, sonhei com a porta... mas nunca esteve aberta antes...

– Você não está se esforçando bastante!

Por alguma razão, Snape estava ainda mais furioso do que há dois minutos, quando Harry vira suas lembranças.

– Você é preguiçoso e desleixado, Potter, é de admirar que o Lorde das Trevas...

– Será que *o senhor* pode me dizer uma coisa? – disse, disparando mais uma vez. – Por que chama Voldemort de Lorde das Trevas? Até hoje só ouvi Comensais da Morte o chamarem assim.

Snape abriu a boca em um esgar – uma mulher gritou em algum lugar fora da sala.

O professor virou a cabeça abruptamente para o alto e ficou observando o teto.

– Que d...? – resmungou.

Harry ouviu uma agitação abafada no Saguão de Entrada. Snape olhou para os lados, franzindo a testa.

– Você viu alguma coisa anormal quando veio, Potter?

Harry sacudiu a cabeça negativamente. Em algum lugar acima a mulher tornou a gritar. Snape se dirigiu a passos largos para a porta, a varinha em riste, e desapareceu de vista. Harry hesitou um momento, então seguiu-o.

Os gritos vinham de fato do Saguão de Entrada; tornaram-se mais fortes à medida que Harry corria em direção aos degraus de pedra das masmorras.

Quando chegou ao alto, encontrou o saguão cheio; os alunos tinham acorrido em massa do Salão Principal, onde o jantar ainda estava sendo servido, para ver o que estava acontecendo; outros lotavam a escadaria de mármore. Harry abriu caminho por um grupo compacto de alunos altos da Sonserina, e viu que os espectadores haviam formado um grande círculo, uns pareciam chocados, outros até temerosos. A Profª McGonagall estava defronte a Harry do outro lado do saguão; dava a impressão de estar se sentindo ligeiramente nauseada com o que via.

A Profª Trelawney encontrava-se no meio do Saguão de Entrada com a varinha em uma das mãos e uma garrafa vazia de xerez na outra, parecendo completamente tresloucada. Seus cabelos estavam em pé, os óculos de tal maneira tortos que um olho estava mais aumentado do que o outro; seus inúmeros xales e cachecóis caíam desalinhados dos ombros, dando a impressão de que ela própria estava se rompendo. Havia dois malões no chão aos seus pés, um deles de tampa para baixo; dava a impressão de que fora atirado atrás dela. A Profª Trelawney olhava fixamente, cheia de terror, para alguma coisa que Harry não podia ver, mas que parecia estar parada ao pé da escadaria.

– Não! – gritava ela. – NÃO! Isto não pode estar acontecendo... não posso... me recuso a aceitar!

– Você não viu que isso ia acontecer? – perguntou uma voz infantil e aguda, parecendo insensivelmente risonha, e Harry deslocando-se ligeiramente para a direita, constatou que a visão aterrorizante de Trelawney era nada mais que a Profª Umbridge. – Incapaz como você é de prever até o tempo que vai fazer amanhã, certamente deve ter percebido que o seu lamentável desempenho durante as minhas inspeções, e a ausência de melhoria, tornaria inevitável a sua demissão?

– Você não p-pode! – berrou a Profª Trelawney, as lágrimas escorrendo pelo rosto por baixo das lentes enormes. – Você não pode me demitir! Est-tou aqui há dezesseis anos! H-Hogwarts é a minha c...c-casa!

– *Era* sua casa... – disse a Profª Umbridge, e Harry sentiu revolta de ver o prazer que distendia a cara de sapo da Umbridge enquanto apreciava a Trelawney afundar, soluçando descontrolada, sobre um dos malões – ... até uma hora atrás, quando o ministro da Magia contra-assinou a ordem para sua demissão. Agora, tenha a bondade de se retirar do saguão. Você está nos constrangendo.

Mas ela continuou contemplando, com uma expressão de prazer triunfante, a Profª Trelawney tremer e gemer, balançando-se para a frente e para trás em seu malão, tomada de paroxismos de pesar. Harry ouviu um soluço abafado à sua

esquerda e se virou. Lilá e Parvati choravam baixinho, abraçadas. Ouviu então passos. A Profª McGonagall se destacava dos espectadores, marchara direto para Trelawney e estava lhe dando palmadinhas firmes nas costas, ao mesmo tempo que puxava um enorme lenço de dentro das vestes.

– Pronto, pronto, Sibila... se acalme... assoe o nariz no lenço... não é tão ruim quanto você está pensando, agora... você não vai precisar sair de Hogwarts...

– Ah, sério, Profª McGonagall?! – exclamou Umbridge em tom letal, dando alguns passos à frente. – E a sua autoridade para afirmar isso é...?

– A minha – disse uma voz grave.

As portas de carvalho da entrada tinham se aberto. Os estudantes de ambos os lados se afastaram depressa, e Dumbledore apareceu na entrada. O que ele andara fazendo lá fora Harry nem podia imaginar, mas havia algo impressionante naquela visão recortada contra a noite estranhamente brumosa. Deixando as portas escancaradas, ele atravessou o círculo de espectadores em direção à trêmula Profª Trelawney, sentada no malão com o rosto manchado de lágrimas, e à Profª McGonagall ao seu lado.

– Sua, Prof. Dumbledore? – disse Umbridge com uma risadinha particularmente desagradável. – Receio que o senhor não esteja entendendo a situação. Tenho aqui... – ela puxou um pergaminho de dentro das vestes – uma ordem de demissão assinada por mim e pelo ministro da Magia. De acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Três, a Alta Inquisidora de Hogwarts tem o poder de inspecionar, colocar sob observação e demitir qualquer professor que ela, isto é, eu, ache que não está desempenhando suas funções conforme exige o Ministério da Magia. Eu decidi que a Profª Trelawney está abaixo do padrão esperado. Eu a demiti.

Para grande surpresa de Harry, Dumbledore continuou a sorrir. Ele baixou os olhos para a Profª Trelawney, que continuava a soluçar e a engasgar em cima do malão, e disse:

– A senhora está certa, é claro, Profª Umbridge. Como Alta Inquisidora, a senhora tem todo o direito de despedir meus professores. No entanto, não tem autoridade para expulsá-los do castelo. Receio – continuou ele com uma leve reverência – que o poder de fazer isto ainda pertença ao diretor, e é meu desejo que a Profª Trelawney continue a residir em Hogwarts.

Ao ouvir isso, Trelawney deu uma risadinha tresloucada que mal escondia um soluço.

– Não... não, eu v-vou, Dumbledore! V-vou embora de Hogwarts p-procurar minha fortuna algures...

– Não – afirmou Dumbledore com severidade. – É meu desejo que você

permaneça, Sibila.

Ele se virou então para a Profª McGonagall.

– Será que posso lhe pedir para acompanhar Sibila de volta aos aposentos dela?

– É claro – disse McGonagall. – Vamos, levante-se, Sibila...

A Profª Sprout saiu correndo da aglomeração e segurou o outro braço de Trelawney. Juntas, elas passaram por Umbridge e subiram a escadaria de mármore. O Prof. Flitwick se apressou em segui-las, empunhando a varinha à frente; disse com a vozinha esganiçada: “*Locomotor malas!*”, e a bagagem da Profª Trelawney se ergueu no ar e subiu as escadas atrás dela, o Prof. Flitwick fechou o cortejo.

A Profª Umbridge estava paralisada, encarando Dumbledore, que continuava a sorrir bondosamente.

– E o que – perguntou ela com um sussurro que ecoou pelo saguão – você vai fazer com Sibila quando eu nomear uma nova professora de Adivinhação e precisar dos aposentos dela?

– Ah, isso não será problema – disse Dumbledore em tom agradável. – Sabe, já encontrei um novo professor de Adivinhação, e ele prefere ficar no andar térreo.

– Você encontrou...?! – exclamou Umbridge estridentemente. – *Você encontrou?* Permita-me lembrar-lhe, Dumbledore, que, de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Dois...

– O ministro tem o direito de indicar um candidato adequado se, e apenas se, o diretor não puder encontrar um – citou Dumbledore. – Tenho o prazer de lhe informar que desta vez o encontrei. Posso apresentá-lo a você?

E se virou para as portas abertas, pelas quais agora entrava a névoa noturna. Harry ouviu o ruído de cascos. Correu um murmúrio de espanto pelo saguão e os que estavam mais próximos das portas rapidamente recuaram mais, alguns tropeçando na pressa de abrir caminho para o recém-chegado.

Em meio à névoa surgiu um rosto que Harry já vira em uma noite escura e tempestuosa na Floresta Proibida: cabelos louro-prateados e surpreendentes olhos azuis; a cabeça e o tronco de um homem se completavam com o corpo de um cavalo baio.

– Este é Firenze – disse Dumbledore, feliz, a uma assombrada Umbridge. – Creio que você o aprovará.

— CAPÍTULO VINTE E SETE —
O centauro e o dedo-duro

– Agora, aposto como você gostaria de não ter desistido de Adivinhação, não é, Hermione? – perguntou Parvati, sorrindo presunçosa.

Era a hora do café da manhã, dois dias depois da demissão da Prof[a] Trelawney, e Parvati estava enrolando os cílios na varinha e examinando o efeito nas costas de uma colher. Iam ter a primeira aula com Firenze naquela manhã.

– Nem tanto – disse Hermione com indiferença, lendo o *Profeta Diário*. – Jamais gostei realmente de cavalos.

Ela virou a página do jornal e passou os olhos pelas colunas.

– Ele não é cavalo, é centauro! – disse Lilá, chocada.

– Um *lindo* centauro... – suspirou Parvati.

– Ainda assim, continua a ter quatro patas – replicou Hermione calmamente. – Seja como for, pensei que vocês duas estivessem muito chateadas por Trelawney ter ido embora.

– Estamos! – confirmou Lilá. – Fomos à sala dela visitá-la; levamos uns narcisos: não daqueles que grasnam como os da Sprout, dos bonitos.

– Como é que ela está? – perguntou Harry.

– Nada bem, coitadinha – disse Lilá, penalizada. – Estava chorando e dizendo que preferia deixar o castelo para sempre a continuar no mesmo lugar que a Umbridge, e não a culpo, a Umbridge foi horrível com ela, não foi?

– Tenho um pressentimento de que a Umbridge só está começando a ser horrível – comentou Hermione sombriamente.

– Impossível – disse Rony devorando seu pratarraz de ovos com bacon. – Ela não pode ficar pior do que é.

– Pois escreva o que estou dizendo, ela vai querer se vingar do Dumbledore por nomear um novo professor sem consultá-la – disse Hermione fechando o jornal. – Principalmente um semi-humano. Você viu a cara que ela fez quando

viu o Firenze.
Depois do café, Hermione foi para a aula de Aritmancia enquanto Harry e Rony seguiam com Parvati e Lilá para o Saguão de Entrada, caminho para a aula de Adivinhação.
– Não vamos para a Torre Norte? – perguntou Rony, intrigado ao ver Parvati passar pela escadaria de mármore sem subir.
Parvati lhe lançou um olhar de desdém por cima do ombro.
– Como é que você espera que Firenze suba aquela escada? Estamos na sala onze agora, não viu no quadro de avisos ontem?
A sala onze era no térreo, no corredor que saía do saguão para o lado oposto ao Salão Principal. Harry sabia que era uma daquelas salas que não eram usadas com regularidade, e por isso dava uma impressão de abandono como o de um armário ou quarto de guardados. Quando ele entrou logo atrás de Rony e se viu no meio de uma clareira florestal, ficou momentaneamente atordoado.
– Que di...?
O piso da sala se revestira de um musgo primaveril no qual se erguiam árvores; seus ramos folhosos balançavam no teto e nas janelas, fazendo com que a sala se enchesse de raios de uma luz verde suave e malhada. Os alunos que já haviam chegado se acomodaram no piso terroso, com as costas apoiadas nos troncos das árvores e pedregulhos, e abraçavam as pernas dobradas ou cruzadas com força sobre o peito, todos parecendo muito nervosos. No meio da clareira, onde não havia árvores, estava Firenze.
– Harry Potter – disse ele, estendendo a mão quando o garoto entrou.
– Aah... oi – cumprimentou Harry, apertando a mão do centauro, que o examinou sem piscar com aqueles olhos espantosamente azuis, mas não sorriu. – Aah... que bom ver você.
– E você – disse o centauro, inclinando a cabeça louro-prateada. – Estava escrito que tornaríamos a nos encontrar.
Harry reparou que havia no peito de Firenze a sombra de um hematoma em forma de casco. Quando se virou para se reunir ao resto da turma sentada no chão, viu que todos o olhavam assombrados, aparentemente muito impressionados que ele falasse com Firenze, que eles acharam assustador.
Quando a porta foi fechada e o último aluno se sentou em um toco de árvore ao lado da cesta de papéis, Firenze fez um gesto englobando a sala toda.
– O Prof. Dumbledore teve a bondade de providenciar esta sala de aula para nós – disse o centauro, quando todos se calaram –, imitando o meu hábitat natural. Eu teria preferido ensinar a vocês na Floresta Proibida, que foi, até segunda-feira, a minha morada... mas isto já não é possível.
– Por favor... aah... professor... – disse Parvati, ofegante, erguendo a mão – por

que não? Já estivemos lá com Hagrid, não temos medo!
– O problema não é a sua coragem – disse Firenze –, mas a minha situação. Não posso voltar à Floresta Proibida. O meu rebanho me baniu.
– Rebanho?! – exclamou Lilá confusa, e Harry percebeu que ela estava pensando em vacas. – Quê... ah!
A compreensão se espalhou em seu rosto.
– Há *outros iguais* ao senhor? – perguntou atordoada.
– Hagrid o criou, como fez com os Testrálios? – perguntou Dino, curioso.
Firenze virou lentamente a cabeça para encarar Dino, que pareceu perceber na hora que acabara de dizer uma coisa muito ofensiva.
– Não... quis dizer... me desculpe – terminou o garoto com a voz abafada.
– Os centauros não são servidores nem brinquedos dos humanos – disse Firenze com calma.
Fez-se uma pausa, então Parvati tornou a erguer a mão.
– Por favor, professor... por que os outros centauros o baniram?
– Porque eu concordei em trabalhar para o Prof. Dumbledore. E eles encaram isso como uma traição à nossa espécie.
Harry se lembrou de que, havia quase quatro anos, o centauro Agouro ralhara com Firenze por permitir que Harry o cavalgasse até um lugar seguro; chamara-o de “mula”. Ficou imaginando se teria sido Agouro quem escoiceara o peito de Firenze.
– Vamos começar – disse o centauro. Ele balançou a longa cauda baia, ergueu a mão para o dossel de folhas no alto, então baixou-a lentamente e, ao fazer isso, a claridade da sala diminuiu; agora pareciam que estavam sentados em uma clareira ao crepúsculo, e surgiram estrelas no teto. Ouviram-se exclamações e gritos sufocados, e Rony exclamou audivelmente: “Caracas!”
– Deitem-se no chão – disse Firenze calmamente – e observem o céu. Ali está escrito, para os que sabem ler, o destino das nossas raças.
Harry se deitou e olhou para o céu. Uma estrela vermelha piscou para ele lá do alto.
– Sei que vocês aprenderam os nomes dos planetas e de suas luas em Astronomia, e que já mapearam o curso das estrelas no céu. Os centauros foram desvendando os mistérios desses movimentos durante séculos. Nossas descobertas nos ensinam que o futuro pode ser vislumbrado no céu que nos cobre...
– A Profª Trelawney estudou Astrologia conosco! – disse Parvati, excitada, erguendo a mão à frente do corpo para que o professor a visse no ar, uma vez que estava deitada de costas. – Marte causa acidentes e queimaduras e outros problemas, e quando faz ângulo com Saturno, como agora – ela desenhou um

ângulo reto no ar –, significa que as pessoas precisam ter extremo cuidado ao lidar com coisas quentes...

– Isso – disse Firenze, calmo – são tolices humanas.

A mão de Parvati caiu frouxamente ao lado do corpo.

– Ferimentos banais, pequeninos acidentes humanos – tornou Firenze, pateando o chão coberto de musgo. – No universo, eles não têm maior significação do que formigas correndo, e não são afetados pelos movimentos dos planetas.

– A Profª Trelawney... – começou Parvati em tom ofendido e indignado.

– É um ser humano – disse Firenze com simplicidade. – E, portanto, tem os olhos toldados e as mãos tolhidas pelas limitações de sua espécie.

Harry virou muito ligeiramente a cabeça para olhar Parvati que parecia muito ofendida, assim como vários colegas que a rodeavam.

– Sibila Trelawney pode ter visto, eu não sei – continuou Firenze, e Harry tornou a ouvir sua cauda balançando enquanto caminhava diante da turma –, mas desperdiça seu tempo, principalmente, com a vaidade tola a que os humanos chamam adivinhar o futuro. Eu estou aqui para explicar a sabedoria dos centauros, que é impessoal e imparcial. Contemplamos o céu à procura das grandes ondas de maldade ou de mudança, que por vezes estão ali assinaladas. Pode levar dez anos para termos certeza do que estamos contemplando.

Firenze apontou para a estrela vermelha diretamente acima de Harry.

– Na última década, as estrelas têm indicado que a bruxidade está vivendo apenas uma breve calmaria entre duas guerras. Marte, anunciador de conflitos, brilha intensamente sobre nós, sugerindo que a luta não tardará a recomeçar. Quando ocorrerá, os centauros podem tentar adivinhar por meio da queima de certas ervas e folhas, pela observação de fumaça e chamas...

Foi a aula mais incomum a que Harry já assistira. É verdade que eles queimaram artemísia e malva no chão da sala, e Firenze mandou-os procurar certas formas e símbolos na fumaça acre, mas não pareceu nada preocupado que nenhum dos alunos visse os sinais que ele descrevera, comentando que os humanos em geral não eram muito bons nisso e que levara anos para os centauros se tornarem competentes; e concluiu dizendo que, de todo modo, era uma tolice acreditar demais nessas coisas, porque até os centauros por vezes as interpretavam erroneamente. Ele não lembrava nenhum professor humano que Harry já tivesse tido. Sua prioridade não parecia ser ensinar o que sabia, mas infundir nos alunos a ideia de que nada, nem mesmo o conhecimento dos centauros, era à prova de erro.

– Ele não é muito afirmativo sobre nada, não é? – comentou Rony baixinho, quando apagavam o fogo da malva. – Quero dizer, eu gostaria de saber mais

detalhes sobre a tal guerra que estamos em vésperas de travar, você não?

A sineta tocou do lado de fora da sala e todos se assustaram; Harry esquecera completamente que continuava dentro do castelo, convencido de que estava realmente na Floresta. Os alunos saíram em fila, com o ar um tanto perplexo.

Harry já ia segui-los com Rony quando Firenze o chamou:

– Harry Potter, uma palavrinha, por favor.

O garoto se virou. O centauro se adiantou para ele. Rony hesitou.

– Pode ficar. Mas feche a porta, por favor.

Rony se apressou a obedecer.

– Harry Potter, você é amigo de Hagrid, não é? – perguntou o centauro.

– Sou – disse Harry.

– Então dê-lhe um aviso meu. A tentativa dele não está dando certo. Seria melhor que a abandonasse.

– A tentativa dele não está dando certo? – repetiu Harry sem entender.

– E seria melhor que a abandonasse – repetiu Firenze confirmando com a cabeça. – Eu próprio avisaria a ele, mas fui banido, não seria prudente me aproximar da Floresta agora, Hagrid já tem problemas suficientes sem uma “guerra de centauros”.

– Mas... que é que Hagrid está tentando fazer? – perguntou Harry nervoso.

Firenze olhou-o impassível.

– Hagrid recentemente me prestou um grande serviço e há muito tempo conquistou o meu respeito pelo cuidado que demonstra com todos os seres vivos. Não trairei o seu segredo. Mas ele precisa ouvir a voz da razão. A tentativa não está dando certo. Diga isso a ele, Harry Potter. Um bom dia para vocês.

A felicidade que Harry sentira na esteira da entrevista ao *Pasquim* havia muito tempo se evaporara. Quando um março monótono passou despercebido para um abril tempestuoso, sua vida pareceu ter se transformado mais uma vez em uma sucessão de preocupações e problemas.

Umbridge continuara a assistir a todas as aulas de Trato das Criaturas Mágicas, tornando muito difícil passar o aviso de Firenze a Hagrid. Finalmente, Harry conseguiu, fingindo que perdera seu exemplar de *Animais fantásticos & onde habitam*, e voltando depois da aula. Quando transmitiu a mensagem de Firenze, Hagrid fixou nele seus olhos inchados e roxos por um momento, aparentemente espantado. Então pareceu se controlar.

– Cara legal, o Firenze – disse rouco –, mas não sei do que ele está falando. A tentativa está dando certo.

– Hagrid, que é que você está aprontando? – perguntou Harry, sério. – Porque você precisa ter cuidado, a Umbridge já demitiu Trelawney e, se você quer saber,

ela continua prestigiada no Ministério. Se estiver fazendo alguma coisa que não deve, você vai...

– Tem coisas mais importantes do que manter o emprego – comentou Hagrid, embora suas mãos tremessem levemente ao dizer isso, fazendo uma bacia cheia de excrementos de ouriços cair no chão. – Não se preocupe comigo, Harry, agora vamos andando, seja um bom menino.

Harry não teve escolha senão deixar Hagrid limpando a bosta do chão, mas se sentiu totalmente desanimado ao se arrastar de volta ao castelo.

Entrementes, tal como os professores e Hermione insistiam em lembrar, os N.O.M.s estavam cada dia mais próximos. Todos os quintanistas se sentiam de alguma forma estressados, mas Ana Abbott foi a primeira a receber uma Poção Calmante de Madame Pomfrey depois de cair no choro durante uma aula de Herbologia e soluçar, dizendo que era burra demais para prestar os exames e que queria deixar a escola naquele instante.

Se não fosse pelas sessões na AD, Harry tinha a impressão de que estaria profundamente infeliz. Às vezes tinha o sentimento de que vivia para as horas que passava na Sala Precisa, onde se esforçava muito, mas ao mesmo tempo se divertia imensamente, inchando de orgulho ao contemplar os companheiros da AD e constatar seu progresso. De fato, Harry às vezes se perguntava como é que Umbridge iria reagir quando visse todos os participantes da AD receberem "Excelente" no N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas.

Eles tinham finalmente começado a trabalhar o Patrono, que todos queriam muito praticar, embora Harry não parasse de lembrar a todos que produzir um Patrono no meio de uma sala de aula iluminada quando ninguém os ameaçava era muito diferente de produzi-lo quando estivessem enfrentando, por exemplo, um Dementador.

– Ah, não seja desmancha-prazeres! – exclamou Cho, animada, apreciando o seu Patrono em forma de cisne prateado voar pela Sala Precisa durante a última aula antes da Páscoa. – Eles são tão bonitos!

– Eles não têm de ser bonitos, têm é que proteger você – disse Harry, paciente. – O que realmente precisamos é de um bicho-papão ou coisa parecida; foi assim que aprendi, tinha de conjurar o Patrono enquanto o bicho-papão fingia ser um Dementador...

– Mas isso seria realmente apavorante! – exclamou Lilá, que soltava baforadas de vapor prateado pela ponta da varinha. – E ainda não... consigo... fazer! – completou ela com raiva.

Neville estava encontrando dificuldade também. Seu rosto se contraía ao se concentrar, mas apenas tênues fiapinhos de fumaça prateada saíam da ponta de sua varinha.

– Você tem de pensar em alguma coisa feliz – Harry lembrava ao garoto.
– Estou tentando – disse Neville, infeliz, cujo empenho era tanto que seu rosto redondo chegava a brilhar de suor.
– Harry, acho que estou conseguindo! – berrou Simas, que fora trazido por Dino à sua primeira reunião da AD. – Olha... ah... desapareceu... mas era decididamente alguma coisa peluda, Harry!
O Patrono de Hermione, uma reluzente lontra prateada, brincava à sua volta.
– Eles são bonitinhos, não são? – comentou ela, olhando-o com carinho.
A porta da Sala Precisa se abriu e fechou. Harry se virou para ver quem entrara, mas não parecia haver ninguém. Passou-se um momento até ele perceber que as pessoas próximas à porta haviam se calado. No instante seguinte, alguma coisa puxava suas vestes na altura do joelho. Ele olhou e viu, para seu grande espanto, Dobby, o elfo doméstico, mirando-o por baixo dos seus oito gorros de lã habituais.
– Oi, Dobby! Que é que você... Que aconteceu?
Os olhos do elfo se arregalavam de terror e ele tremia. Os participantes da AD mais próximos de Harry tinham se calado; todos observavam Dobby. Os poucos Patronos que as pessoas tinham conseguido conjurar desapareceram em fumaça prateada, deixando a sala bem mais escura do que antes.
– Harry Potter, meu senhor... – esganiçou-se o elfo, tremendo da cabeça aos pés. – Harry Potter, meu senhor... Dobby veio avisar... mas os elfos foram avisados para não contar...
Ele correu a bater a cabeça na parede. Harry, que tinha alguma experiência com os hábitos de se castigar de Dobby, fez menção de agarrá-lo, mas o elfo meramente quicou na pedra graças aos seus oito gorros. Hermione e algumas outras garotas soltaram gritinhos de medo e pena.
– Que aconteceu, Dobby? – perguntou Harry, agarrando o bracinho do elfo e mantendo-o afastado de qualquer coisa que ele pudesse encontrar para se machucar.
– Harry Potter... ela... ela...
Dobby deu um forte soco no nariz com o punho livre. Harry agarrou-o também.
– Quem é “ela”, Dobby?
Mas ele achava que sabia; certamente só havia uma “ela” capaz de induzir tal pavor em Dobby. O elfo ergueu os olhos, ligeiramente vesgo, e pronunciou silenciosamente.
– Umbridge? – perguntou Harry, horrorizado.
Dobby confirmou, e em seguida tentou bater a cabeça nos joelhos de Harry. O garoto o segurou à distância dos braços.

– Que tem a Umbridge? Dobby... ela não descobriu isso... nós... a AD?
Ele leu a resposta no rosto aflito do elfo. Com as mãos presas por Harry, ele tentou se chutar e caiu de joelhos.
– Ela está vindo? – perguntou Harry calmamente.
Dobby deixou escapar um uivo.
– Está, Harry Potter, está!
Harry se endireitou e olhou para os colegas, imóveis e aterrorizados, que contemplavam o elfo a se debater.
– QUE É QUE VOCÊS ESTÃO ESPERANDO! – berrou Harry. – CORRAM!
Todos se arremessaram para a saída na mesma hora, embolando na porta, então passaram num ímpeto. Harry ouviu-os correndo pelos corredores e desejou que tivessem o bom-senso de não tentar ir direto para os dormitórios. Eram apenas dez para as nove; se ao menos se refugiassem na biblioteca ou no corujal, que eram mais próximos...
– Harry, anda logo! – gritou Hermione em meio ao bolo de gente que se empurrava para sair.
Ele pegou Dobby, que continuava tentando se machucar seriamente, e correu com o elfo nos braços para o fim da fila.
– Dobby, isto é uma ordem, volte para a cozinha com os outros elfos e, se ela perguntar se você me avisou, minta e diga que não! E proíbo você de se machucar! – acrescentou, largando o elfo no chão quando finalmente cruzou o portal e bateu a porta.
– Obrigado, Harry Potter – disse Dobby com a sua vozinha esganiçada, e afastou-se desabalado. Harry olhou para a esquerda e a direita, os outros andavam tão depressa que ele viu apenas vislumbre dos calcanhares que voavam em cada ponta do corredor antes de desaparecer; ele começou a correr para a direita; havia um banheiro de meninos um pouco adiante, poderia fingir que estivera ali o tempo todo se conseguisse chegar lá...
– AAARRR!
Alguma coisa o apanhou pelos tornozelos e ele caiu espetacularmente, deslizando quase dois metros pelo chão antes de parar. Alguém atrás dele gargalhou. Ele se virou de frente e viu Malfoy escondido em um nicho atrás de um feio vaso em forma de dragão.
– Azaração do Tropeço, Potter! Eh, Professora... PROFESSORA! Peguei um!
Umbridge surgiu depressa em uma extremidade, ofegante, mas sorrindo satisfeita.
– É ele! – exclamou jubilante ao ver Harry no chão. – Excelente, Draco, excelente, ah, muito bom: cinquenta pontos para Sonserina! Eu me encarrego dele a partir daqui... levante-se, Potter!

Harry se pôs de pé, olhando para os dois. Nunca vira Umbridge com um ar tão feliz. Ela imobilizou seu braço e se virou, toda sorrisos, para Malfoy.
– Vá andando e veja se consegue apanhar mais algum, Draco. Diga aos outros para procurar na biblioteca alguém que esteja ofegando, verifiquem os banheiros. A Srta. Parkinson pode examinar os banheiros das meninas, vamos, vá andando, e você – acrescentou ela com a voz mais suave e mais perigosa, enquanto Malfoy se afastava –, você vai comigo à sala do diretor, Potter!
Chegaram à gárgula de pedra em minutos. Harry ficou imaginando quantos dos outros teriam sido apanhados. Pensou em Rony, a Sra. Weasley o mataria, e como se sentiria Hermione se fosse expulsa antes de prestar os N.O.M.s. E fora a primeira reunião do Simas... e Neville estava progredindo tanto...
– Delícia Gasosa – entoou Umbridge; a gárgula de pedra saltou para o lado, a parede se abriu em duas metades e eles subiram a escada rolante de pedra. Chegaram à porta polida com a aldrava de grifo, mas Umbridge não se deu ao trabalho de bater, entrou direto, ainda segurando Harry com firmeza.
A sala estava cheia de gente. Dumbledore encontrava-se à escrivaninha, a expressão serena, as pontas dos longos dedos juntas. A Profª McGonagall empertigada ao seu lado, o rosto extremamente tenso. Cornélio Fudge, ministro da Magia, se balançava para a frente e para trás sem sair do lugar, ao lado da lareira, pelo visto imensamente satisfeito com a situação; Quim Shacklebolt e um bruxo com uma carranca e cabelos muito curtos e crespos, que Harry não reconheceu, estavam postados de cada lado da porta como guardas, e a figura de sardas e óculos de Percy Weasley pairava excitada junto à parede, uma pena e um pesado rolo de pergaminho nas mãos, aparentemente preparado para tomar notas.
Os retratos dos velhos diretores e diretoras não estavam fingindo dormir esta noite. Estavam atentos e sérios, observando o que acontecia embaixo. Quando Harry entrou, alguns fugiram para quadros vizinhos e cochicharam com urgência aos ouvidos dos colegas.
Harry se desvencilhou do aperto de Umbridge quando a porta se fechou. Cornélio Fudge o olhou com uma espécie de maligna satisfação no rosto.
– Ora! – exclamou. – Ora, ora, ora...
Harry respondeu com o olhar mais sujo que conseguiu dar. Seu coração batia descontrolado no peito, mas o cérebro estava estranhamente claro e tranquilo.
– Ele estava voltando à Torre da Grifinória – disse Umbridge. Havia uma excitação obscena em sua voz, o mesmo prazer perverso que Harry ouvira quando a Profª Trelawney se desintegrava de infelicidade no Saguão de Entrada. – O menino Malfoy o encurralou.

– Foi mesmo, foi mesmo?! – exclamou Fudge, admirado. – Preciso me lembrar de contar ao Lúcio. Muito bem, Potter... espero que saiba por que está aqui.

Harry tinha toda a intenção de responder com um atrevido “sim”: sua boca abrira e a palavra começara a se formar quando ele percebeu a expressão de Dumbledore. O diretor não olhava diretamente para ele – tinha os olhos fixos em um ponto por cima do seu ombro –, mas, quando Harry o encarou, mexeu a cabeça uma fração de segundo para cada lado.

Harry mudou de ideia no meio da palavra.

– É... não.

– Como disse? – perguntou Fudge.

– Não – repetiu Harry com firmeza.

– Você *não* sabe por que está aqui?

– Não, senhor, não sei.

Fudge olhou incrédulo de Harry para a Profª Umbridge. O garoto se aproveitou da desatenção momentânea para lançar outro olhar rápido a Dumbledore, que deu um aceno mínimo e a sombra de uma piscadela para o tapete.

– Então você não faz ideia – disse o ministro com a voz positivamente pesada de sarcasmo – por que a Profª Umbridge o trouxe a esta sala? Você não sabe que infringiu o regulamento da escola?

– Regulamento da escola? Não.

– Nem os decretos do Ministério? – acrescentou Fudge, irritado.

– Não que eu tenha consciência – respondeu Harry brandamente.

Seu coração continuava a bater acelerado. Quase valia a pena dizer mentiras para ver a pressão sanguínea de Fudge subir, mas não conseguia ver como iria dizê-las impunemente; se alguém informara a Umbridge sobre a AD, então ele, o líder, poderia começar a arrumar as malas agora mesmo.

– Então, é novidade para você – disse Fudge, sua voz agora pastosa de raiva – que foi descoberta uma organização estudantil ilegal nesta escola?

– É, sim senhor – disse Harry, exibindo um olhar de inocência e de surpresa pouco convincente.

– Acho, ministro – disse Umbridge atrás do garoto com a voz sedosa –, que faríamos maior progresso se eu trouxesse a nossa informante.

– É, faça isso – disse Fudge com um aceno, e olhou maliciosamente para Dumbledore quando Umbridge saiu. – Nada como uma boa testemunha, não é, Dumbledore?

– Nada mesmo, Cornélio – concordou Dumbledore gravemente, inclinando a

cabeça.

Houve uma espera de vários minutos, em que ninguém se entreolhou, então Harry ouviu a porta se abrir às suas costas. Umbridge entrou e passou por ele segurando pelo ombro a amiga de cabelos crespos de Cho, Marieta, que escondia o rosto nas mãos.

– Não se apavore, querida, não tema – disse a Profª Umbridge com suavidade, dando-lhe palmadinhas nas costas –, está tudo bem agora. Você agiu certo. O ministro está muito satisfeito com você. Dirá à sua mãe que boa menina você foi. A mãe de Marieta, ministro – acrescentou, erguendo os olhos para Fudge –, é Madame Edgecombe, do Departamento de Transportes Mágicos, seção da Rede de Flu, tem nos ajudado a policiar as lareiras de Hogwarts, sabe.

– Muito bom, muito bom! – disse Fudge cordialmente. – Tal mãe, tal filha, eh? Bom, vamos então, querida, erga a cabeça, não seja tímida, vamos ver o que você tem a... gárgulas galopantes!

Quando Marieta ergueu a cabeça, Fudge deu um salto para trás chocado, quase se estatelando na lareira. Em seguida praguejou e sapateou na bainha da capa que começara a fumegar. Marieta deu um guincho e puxou o decote das vestes até os olhos, mas não antes de todos verem que seu rosto estava terrivelmente desfigurado por uma quantidade de pústulas roxas muito juntas que cobriam seu nariz e suas faces formando a palavra “DEDO-DURO”.

– Não se incomode com as marcas agora, querida – disse Umbridge, impaciente –, tire as vestes de cima da boca e conte ao ministro.

Mas Marieta soltou outro guincho abafado e sacudiu a cabeça freneticamente.

– Ah, muito bem, sua tolinha, *eu* contarei – disse Umbridge com rispidez. Tornando a refazer o sorriso doentio no rosto, disse: – Bom, ministro, a Srta. Edgecombe aqui veio à minha sala pouco depois do jantar hoje à noite e me disse que queria me contar uma coisa. Contou que se eu fosse a uma sala secreta no sétimo andar, às vezes conhecida como Sala Precisa, eu descobriria algo que me interessaria. Fiz-lhe mais algumas perguntas, e ela admitiu que haveria uma reunião ali. Infelizmente, naquela altura, a azaração – ela acenou impaciente para o rosto escondido de Marieta – produziu efeito, e, ao ver seu rosto no meu espelho, a menina ficou aflita demais para me fornecer maiores detalhes.

– Bom, agora – disse Fudge, fixando Marieta com o que evidentemente imaginava que fosse um olhar paternal –, é muita coragem sua, querida, ir contar à Profª Umbridge. Você agiu certo. Agora, pode me dizer o que aconteceu na reunião? Qual era a finalidade? Quem mais estava presente?

Mas Marieta não quis falar; meramente tornou a sacudir a cabeça, os olhos muito abertos e receosos.

– Você não tem uma contra-azaração para isso? – perguntou Fudge a Umbridge, impaciente, indicando o rosto de Marieta. – Para ela poder falar livremente?

– Ainda não consegui descobrir uma – admitiu Umbridge a contragosto, e Harry sentiu um assomo de orgulho pelas habilidades de Hermione em azaração. – Mas não faz diferença se ela não quiser falar, eu posso continuar a história a partir deste ponto. O senhor deve se lembrar, ministro, que lhe enviei um relatório em outubro informando que Potter se encontrara com vários colegas no Cabeça de Javali, em Hogsmeade...

– E qual é a sua prova disso? – interrompeu-a a Profª McGonagall.

– Tenho o testemunho de Willy Widdershins, Minerva, que por acaso estava no bar naquela ocasião. Usava muitas bandagens, é verdade, mas sua audição estava perfeita – disse Umbridge cheia de si. – Ele ouviu cada palavra que Potter disse e veio direto à escola me relatar...

– Ah, então *foi por isso* que ele não foi processado por ter feito todos aqueles vasos sanitários regurgitarem! – exclamou a Profª McGonagall, erguendo as sobrancelhas. – Que visão interessante do nosso sistema judiciário!

– Corrupção descarada! – bradou o retrato de um corpulento bruxo de nariz vermelho na parede atrás da escrivaninha de Dumbledore. – No meu tempo o Ministério não negociava com criminosos baratos, não, senhor, não negociava!

– Obrigado, Fortescue, já chega – disse Dumbledore suavemente.

– A finalidade do encontro de Potter com esses estudantes – continuou a Umbridge – era persuadi-los a formar uma sociedade ilegal, com o fito de aprender feitiços e maldições que o Ministério declarou inadequados para a idade escolar...

– Acho que você vai descobrir que está enganada, Dolores – disse Dumbledore calmamente, espiando por cima dos oclinhos de meia-lua encarrapitados no meio do nariz adunco.

Harry olhou para o diretor. Não entendia como é que Dumbledore ia livrá-lo dessa; se Willy Widdershins tivesse de fato ouvido tudo que ele dissera no Cabeça de Javali, simplesmente não haveria escapatória.

– Oho! – exclamou Fudge, recomeçando a se balançar sobre os pés. – Sim, vamos ouvir a última lorota inventada para tirar Potter de uma confusão! Vamos, então, Dumbledore, vamos... Willy Widdershins estava mentindo, é isso? Ou era o gêmeo idêntico de Potter que estava no Cabeça de Javali naquele dia? Ou a explicação costumeira que envolve a reversão do tempo, um morto que retorna à vida e uns Dementadores invisíveis?

Percy Weasley deixou escapar uma gostosa gargalhada.

– Ah, essa é muito boa, ministro, muito boa!
Harry poderia ter dado um chute nele. Então viu, para seu espanto, que Dumbledore também sorria gentilmente.
– Cornélio, eu não nego, e tenho certeza de que Harry também não, que ele estivesse no Cabeça de Javali naquele dia, nem que estivesse procurando recrutar estudantes para um grupo de Defesa Contra as Artes das Trevas. Estou apenas dizendo que Dolores está muito enganada de que tal grupo fosse, à época, ilegal. Se você se lembra, o Decreto Educacional que proibiu todas as associações de estudantes só entrou em vigor dois dias depois da reunião de Harry em Hogsmeade, portanto ele não estava infringindo regulamento algum no Cabeça de Javali.
Percy parecia ter sido atingido no rosto por alguma coisa muito pesada. Fudge se imobilizou no meio do seu balanço, boquiaberto.
Umbridge se recuperou primeiro.
– Tudo isso está muito bem, diretor – disse sorrindo meigamente –, mas agora já faz seis meses que o Decreto Número Vinte e Quatro entrou em vigor. Se o primeiro encontro não foi ilegal, todos os que ocorreram depois certamente o são.
– Bom – replicou Dumbledore, estudando-a com educado interesse por cima dos dedos entrelaçados –, eles certamente *seriam*, se *tivessem* continuado depois que o decreto entrou em vigor. Você tem alguma prova de que os encontros continuaram?
Enquanto Dumbledore falava, Harry ouviu um rumorejo atrás, e achou que Quim cochichara alguma coisa. Podia jurar, também, que sentira alguma coisa roçar o lado do seu corpo, alguma coisa suave como um sopro ou as asas de um pássaro, mas olhando para baixo não viu nada.
– Prova? – repetiu Umbridge, abrindo aquele sorriso bufonídeo. – Você não esteve prestando atenção, Dumbledore? Por que acha que a Srta. Edgecombe está aqui?
– Ah, e ela pode nos falar dos seis meses de encontros? – perguntou Dumbledore, erguendo as sobrancelhas. – Tive a impressão de que ela estava meramente relatando uma reunião hoje à noite.
– Srta. Edgecombe – disse imediatamente –, conte-nos há quanto tempo essas reuniões vêm acontecendo, querida. Você pode simplesmente acenar ou balançar a cabeça, tenho certeza de que isso não vai piorar as manchas. Elas têm se realizado regularmente nos últimos seis meses?
Harry sentiu seu estômago despencar. Era o fim, tinham chegado a uma muralha de provas inegáveis que nem mesmo Dumbledore seria capaz de remover.

– Só precisa acenar ou balançar a cabeça, querida – disse Umbridge, tentando persuadir Marieta. – Vamos, agora, isso não vai reativar a azaração.

Todos na sala olharam para o topo da cabeça da garota. Apenas seus olhos estavam visíveis entre as vestes repuxadas e a franja crespa. Talvez fosse um efeito das chamas, mas seus olhos pareciam estranhamente vidrados. Então, para absoluto assombro de Harry, Marieta balançou negativamente a cabeça.

Umbridge olhou depressa para Fudge, e de novo para Marieta.

– Acho que você não entendeu a pergunta, entendeu, querida? Estou perguntando se você tem ido a essas reuniões nos últimos seis meses? Você tem, não tem?

Mais uma vez, Marieta balançou a cabeça.

– Que é que você quer dizer balançando a cabeça, querida? – perguntou Umbridge impaciente.

– Eu diria que o significado do gesto da menina foi muito claro – disse a Profª McGonagall com aspereza. – Não houve reuniões secretas nos últimos seis meses. Estou certa, Srta. Edgecombe?

Marieta acenou a cabeça afirmativamente.

– Mas houve uma reunião hoje à noite! – exclamou Umbridge, furiosa. – Houve uma reunião, Srta. Edgecombe, a senhorita me falou nela, na Sala Precisa! E Potter era o líder, não era, Potter a organizou, Potter... *por que você está balançando a cabeça, menina?*

– Bom, normalmente quando uma pessoa balança a cabeça – disse McGonagall friamente – ela quer dizer “não”. Então, a não ser que a Srta. Edgecombe esteja usando uma linguagem de sinais ainda desconhecida dos seres humanos...

A Profª Umbridge agarrou Marieta, virou-a de frente e começou a sacudi-la violentamente. Uma fração de segundo depois, Dumbledore estava em pé, a varinha erguida; Quim se adiantou e Umbridge se afastou de Marieta, sacudindo a mão no ar como se tivesse se queimado.

– Não posso permitir que você brutalize os meus estudantes, Dolores – disse Dumbledore e, pela primeira vez, pareceu aborrecido.

– Queira se acalmar, Madame Umbridge – disse Quim com sua voz profunda e lenta. – A senhora não quer se envolver em confusões.

– Não – disse Umbridge, ofegante, erguendo os olhos para a figura im ponente de Quim. – Quero dizer, sim, você tem razão, Shacklebolt... eu... eu... perdi a cabeça.

Marieta estava parada exatamente onde Umbridge a largara. Não parecia nem perturbada pelo inesperado ataque da professora nem aliviada por ter sido solta;

continuava a segurar as vestes na altura dos olhos vidrados e fixos em algum ponto à sua frente.

Uma repentina suspeita, ligada ao cochicho de Quim e à coisa que sentira passar por ele, nasceu na mente de Harry.

– Dolores – disse Fudge, com ar de quem tentava determinar algo de uma vez por todas –, a reunião de hoje à noite... a que sabemos que decididamente se realizou...

– Sim – disse Umbridge, recuperando-se –, sim... bom, a Srta. Edgecombe me informou e eu imediatamente me dirigi ao sétimo andar, acompanhada por certos estudantes *dignos de confiança*, para apanhar em flagrante os participantes da reunião. Parece, no entanto, que eles foram avisados, porque quando chegamos ao sétimo andar corriam em todas as direções. Mas não faz diferença. Tenho todos os nomes aqui, a Srta. Parkinson entrou na Sala Precisa a meu pedido para ver se haviam esquecido alguma coisa ao sair. Precisávamos de provas e a sala nos forneceu.

E, para horror de Harry, ela puxou do bolso a lista de nomes que Hermione havia prendido na parede da Sala Precisa e entregou-o a Fudge.

– No instante em que vi o nome de Potter na lista, percebi o que tínhamos nas mãos.

– Excelente – disse Fudge, um sorriso se espalhando pelo rosto. – Excelente, Dolores. E... pelo trovão...

Ele ergueu os olhos para Dumbledore, que continuava parado ao lado de Marieta, segurando a varinha frouxamente na mão.

– Está vendo o nome que escolheram para o grupo? – disse Fudge calmo. – *Armada de Dumbledore*.

Dumbledore estendeu a mão e apanhou o pergaminho que Fudge segurava. Olhou para o cabeçalho escrito por Hermione meses antes, e por um momento pareceu incapaz de falar. Então, ergueu a cabeça e sorriu.

– Bom, o plano fracassou – disse com simplicidade. – Quer que eu escreva uma confissão, Cornélio, ou basta uma declaração diante dessas testemunhas?

Harry viu McGonagall e Quim se entreolharem. Havia medo nos rostos de ambos. Ele não entendia o que estava acontecendo e, pelo visto, Fudge também não.

– Declaração? – perguntou o ministro lentamente. – Que... eu não...?

– A Armada de Dumbledore, Cornélio – disse Dumbledore, ainda sorrindo ao agitar a lista de nomes diante dos olhos de Fudge. – Não é a Armada de Potter. É a *Armada de Dumbledore*.

– Mas... mas...

A compreensão iluminou subitamente o rosto de Fudge. Ele recuou um passo,

horrorizado, soltou um ganido e pulou outra vez para longe da lareira.
– Você? – sussurrou, sapateando na capa em chamas.
– Isso mesmo – confirmou Dumbledore em tom agradável.
– Você organizou isso?
– Organizei.
– Você recrutou esses estudantes para... para uma armada?
– Hoje à noite seria a primeira reunião – disse Dumbledore, acenando com a cabeça. – Somente para saber se eles estariam interessados em se unir a mim. Vejo agora que obviamente foi um erro convidar a Srta. Edgecombe.
Marieta confirmou com a cabeça. Fudge olhou da garota para Dumbledore, seu peito inchando.
– Então você *tem* conspirado contra mim! – berrou.
– Isto mesmo – respondeu Dumbledore alegremente.
– NÃO! – gritou Harry.
Quim lançou um olhar de advertência a ele, McGonagall arregalou os olhos ameaçadoramente, mas Harry compreendera de repente o que Dumbledore ia fazer, e não podia deixar isso acontecer.
– Não... Prof. Dumbledore...!
– Fique quieto, Harry, ou receio que terá de sair da minha sala – disse Dumbledore calmamente.
– É, cale-se, Potter! – vociferou Fudge, que continuava a devorar Dumbledore com os olhos com uma espécie de prazer horrorizado. – Ora, ora, ora... vim aqui esta noite esperando expulsar Potter e em vez disso...
– Em vez disso consegue me prender – concluiu Dumbledore, sorridente. – É como perder um nuque e encontrar um galeão, não é mesmo?
– Weasley! – chamou Fudge, agora positivamente tremendo de prazer. – Weasley, você anotou tudo, tudo que ele disse, a confissão, está tudo aí?
– Sim, senhor, penso que sim! – respondeu Percy pressuroso, com o nariz sujo de tinta tal a velocidade com que fizera suas anotações.
– A parte em que diz que está tentando organizar uma armada contra o Ministério, que está trabalhando para me desestabilizar?
– Sim, senhor, anotei, sim, senhor – respondeu Percy verificando as anotações exultante.
– Muito bem, então – disse o ministro, agora irradiando felicidade – reproduza suas notas, Weasley, e mande uma cópia para o *Profeta Diário* imediatamente. Se despacharmos uma coruja veloz chegará em tempo para a edição matutina! – Percy saiu correndo da sala, batendo a porta ao passar, e Fudge voltou sua atenção para Dumbledore. – Você será agora escoltado ao Ministério, onde será formalmente acusado, e escoltado a Azkaban para aguardar julgamento!

– Ah – disse Dumbledore educadamente –, sim. Sim, achei que chegaríamos a este pequeno transtorno.
– Transtorno?! – exclamou Fudge, a voz vibrando de felicidade. – Não vejo nenhum transtorno, Dumbledore!
– Bom – replicou Dumbledore desculpando-se –, receio dizer que vejo.
– Ah, verdade?
– Bom... parece que você tem a ilusão de que irei... como é mesmo a expressão? Que irei *sem fazer barulho*. Receio dizer que não vou sem fazer barulho, Cornélio. Não tenho absolutamente a intenção de ser mandado para Azkaban. Eu poderia fugir, é claro, mas que perda de tempo, e francamente, posso pensar em inúmeras coisas que prefiro fazer.
O rosto de Umbridge corava sem parar; parecia que ela estava sendo enchida com água fervendo. Fudge olhou para Dumbledore com uma expressão muito tola no rosto, como se estivesse aturdido por um golpe repentino e não conseguisse acreditar no que estava acontecendo. Teve um pequeno engasgo, depois olhou para Quim e o homem de cabelos curtos e grisalhos, o único na sala que permanecera totalmente em silêncio até então. Este deu a Fudge um aceno de confirmação e se adiantou uns passos, afastando-se da parede. Harry viu sua mão deslizar, quase displicentemente, em direção ao bolso.
– Não seja bobo, Dawlish – disse Dumbledore em tom bondoso. – Estou certo de que você é um excelente auror, tenho a impressão de que obteve “Excepcional” em todos os seus N.I.E.M.s, mas se tentar... ah... *me levar à força* terei de machucá-lo.
O homem chamado Dawlish piscou meio abobado. Tornou a olhar para Fudge, mas desta vez parecia esperar uma dica sobre o que fazer a seguir.
– Então – caçoou Fudge recuperando-se –, você pretende enfrentar Dawlish, Shacklebolt, Dolores e a mim sozinho, é, Dumbledore?
– Pelas barbas de Merlim, não! – disse Dumbledore sorrindo. – Não, a não ser que vocês sejam suficientemente insensatos de me obrigar a isso.
– Ele não estará sozinho! – exclamou a Profª McGonagall em voz alta, metendo a mão nas vestes.
– Ah, estará sim, Minerva – tornou Dumbledore rápido. – Hogwarts precisa de você!
– Chega de disparates! – disse Fudge, puxando a própria varinha. – Dawlish! Shacklebolt! *Prendam-no!*
Um raio prateado lampejou pela sala; ouviu-se um estrondo como o de um tiro e o chão tremeu; uma mão agarrou Harry pelo cangote e forçou-o a se deitar no chão quando o segundo raio disparou; vários retratos berraram, Fawkes guinchou e uma nuvem de fumaça encheu o ar. Tossindo por causa da poeira,

Harry viu um vulto escuro desabar com estrépito no chão na frente dele; ouviu-se um grito agudo e um baque e alguém exclamando: “Não!”; seguiu-se o ruído de vidro quebrando, de pés se arrastando freneticamente, um gemido... e silêncio.

Harry tentou virar para os lados a ver quem o estrangulava, e viu a Profª McGonagall encolhida ao seu lado; ela o livrara e a Marieta, afastando-os do perigo. A poeira ainda caía devagarinho do alto em cima deles. Ligeiramente ofegante, Harry viu uma figura alta vindo em sua direção.

– Vocês estão bem? – perguntou Dumbledore.

– Estamos! – respondeu a Profª McGonagall, erguendo-se e arrastando com ela Harry e Marieta.

A poeira foi se dissipando. A destruição no escritório tornou-se visível: a escrivaninha de Dumbledore fora virada, todas as mesinhas de pernas finas tinham tombado no chão, os instrumentos de prata estavam partidos. Fudge, Umbridge, Quim e Dawlish estavam imóveis, caídos no chão. Fawkes, a fênix, sobrevoava-os em círculos amplos, cantando baixinho.

– Infelizmente, tive de azarar Quim também ou teria parecido muito suspeito – disse o diretor em voz baixa. – Ele entendeu extraordinariamente rápido, modificando a memória da Srta. Edgecombe quando os outros não estavam olhando; agradeça a ele por mim, por favor, Minerva.

“Agora, eles não tardarão a acordar e será melhor que não saibam que tivemos tempo de nos comunicar; vocês devem agir como se o tempo não tivesse passado, como se eles tivessem apenas sido derrubados, eles não se lembrarão...”

– Aonde é que você vai, Dumbledore? – sussurrou McGonagall. – Largo Grimmauld?

– Ah, não – respondeu com um sorriso triste. – Não vou sair para me esconder. Fudge logo irá desejar nunca ter me tirado de Hogwarts, prometo.

– Prof. Dumbledore... – começou Harry.

Não sabia o que dizer primeiro: que sentia muito ter começado a AD e causado toda essa confusão, ou como se sentia mal que Dumbledore estivesse partindo para salvá-lo da expulsão? Mas o diretor interrompeu-o antes que pudesse continuar.

– Escute, Harry – disse com urgência. – Você precisa estudar Oclumência o máximo que puder, está me entendendo? Faça tudo que o Prof. Snape mandar e pratique particularmente toda noite antes de dormir para poder fechar sua mente aos pesadelos: você vai entender a razão muito em breve, mas precisa me prometer...

O homem chamado Dawlish começou a se mexer. Dumbledore agarrou o

pulso de Harry.
– Lembre-se... feche sua mente...
Mas quando os dedos de Dumbledore se fecharam sobre sua pele, Harry sentiu novamente aquele terrível desejo ofídico de atacar o diretor, de mordê-lo, de feri-lo...
– ... você vai compreender – sussurrou Dumbledore.
Fawkes deu uma volta na sala e mergulhou em direção ao diretor. Dumbledore soltou Harry, ergueu a mão e segurou a longa cauda dourada da fênix. Houve uma labareda e os dois desapareceram.
– Aonde é que ele foi? – bradou Fudge, levantando-se do chão. – *Aonde é que ele foi?*
– Não sei! – berrou Quim, também se pondo de pé.
– Ora, ele não pode ter desaparatado! – exclamou Umbridge. – Não se pode fazer isso aqui na escola...
– As escadas! – gritou Dawlish, e precipitou-se para a porta, escancarou-a e desapareceu, seguido de perto por Quim e Umbridge. Fudge hesitou, então ficou em pé lentamente, espanando a poeira da frente das vestes. Houve um longo e penoso silêncio.
– Bom, Minerva – disse Fudge desagradavelmente, endireitando a manga rasgada. – Receio dizer que este é o fim do seu amigo Dumbledore.
– Você acha mesmo? – desdenhou a professora.
Fudge pareceu não ouvi-la. Corria os olhos pela sala destruída. Alguns retratos o vaiaram; um ou dois até fizeram gestos obscenos com as mãos.
– É melhor você levar esses dois para a cama – disse Fudge, tornando a olhar para McGonagall com um aceno de dispensa em direção a Harry e Marieta.
A Profª McGonagall não respondeu, mas se encaminhou com os garotos para a porta. Quando ela se fechou, Harry ouviu a voz de Fineus Nigellus:
– Sabe, ministro, discordo de Dumbledore em muita coisa... mas não se pode negar que ele tem classe...

— CAPÍTULO VINTE E OITO —
A pior lembrança de Snape

POR ORDEM DO MINISTÉRIO DA MAGIA

Dolores Joana Umbridge (Alta Inquisidora) substituiu Alvo Dumbledore na diretoria da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Oito

Assinado: Cornélio Oswaldo Fudge, ministro da Magia

Os avisos foram afixados por toda a escola da noite para o dia, mas não explicavam como é que todas as pessoas que ali viviam pareciam saber que Dumbledore dominara dois aurores, a Alta Inquisidora, o ministro da Magia e seu assistente júnior para fugir. Por onde quer que Harry andasse no castelo, o único tema das conversas era a fuga de Dumbledore e, embora alguns detalhes tivessem sido alterados nas repetições (Harry ouviu uma segundanista garantir a outra que Fudge estaria agora acamado no St. Mungus com uma abóbora no lugar da cabeça), era surpreendente como o restante da informação era exata. Todos sabiam, por exemplo, que Harry e Marieta eram os estudantes que haviam presenciado a cena na sala de Dumbledore e, como agora Marieta se achava na ala hospitalar, Harry se viu assediado com pedidos para contar a história em primeira mão.

– Dumbledore não vai demorar a voltar – disse Ernesto Macmillan, confiante, ao sair da aula de Herbologia, depois de ouvir com atenção a história de Harry. – Eles não puderam mantê-lo afastado no nosso segundo ano e também não vão poder agora. O Frei Gorducho me disse – e aqui ele baixou a voz conspirativamente, obrigando Harry, Rony e Hermione a se inclinarem para

ouvir – que aquela Umbridge tentou voltar à sala de Dumbledore na noite passada depois de terem vasculhado o castelo e a propriedade à procura dele. Não conseguiu passar pela gárgula. A sala do diretor se lacrou para impedir sua entrada. – Riu Ernesto. – Pelo que contam, ela teve um bom acesso de raiva.

– Ah, tenho certeza de que ela realmente se imaginou sentada lá em cima na sala do diretor – disse Hermione maldosamente, quando subiam a escada para o Saguão de Entrada. – Reinando sobre todos os professores, aquela velha burra, presunçosa e ávida de poder que é...

– Ora, você *realmente* quer terminar essa frase, Granger?

Draco Malfoy saíra de trás de uma porta, seguido por Crabbe e Goyle. Seu rosto pálido e fino iluminava-se de malícia.

– Receio que vou ter de cortar alguns pontos da Grifinória e da Lufa-Lufa – falou do seu jeito arrastado.

– Só os professores podem tirar pontos das Casas, Malfoy – replicou Ernesto na hora.

– Eu sei que *monitores* não podem tirar pontos uns dos outros – retrucou Malfoy. Crabbe e Goyle deram risadinhas. – Mas os membros da Brigada Inquisitorial...

– Os o quê? – perguntou Hermione com rispidez.

– Brigada Inquisitorial, Granger – disse Malfoy apontando para um minúsculo “I” no peito, logo abaixo do distintivo de monitor. – Um grupo seleto de estudantes que apoia o Ministério da Magia, escolhidos a dedo pela Profª Umbridge. Em todo o caso, os membros da Brigada Inquisitorial *têm* o poder de tirar pontos... então, Granger, vou tirar de você cinco por ter sido grosseira com a nossa nova diretora. Do Macmillan, cinco por me contradizer. E cinco porque não gosto de você, Potter. Weasley, a sua camisa está para fora, por isso vou ter de tirar mais cinco. Ah, é, me esqueci, e você é uma Sangue ruim, Granger, então menos dez por isso.

Rony puxou a varinha, mas Hermione afastou-a, sussurrando:

– Não!

– Muito sensato, Granger – murmurou Malfoy. – Nova diretora, novos tempos... agora comporte-se, Potter Pirado... Rei Banana...

Dando boas gargalhadas, Malfoy se afastou com Crabbe e Goyle.

– Ele estava blefando – comentou Ernesto estarrecido. – Não pode ter o direito de descontar pontos... isso seria ridículo... subverteria completamente o sistema monitório.

Mas Harry, Rony e Hermione tinham se virado automaticamente para as gigantescas ampulhetas, dispostas em nichos na parede às costas deles, que registravam o número de pontos das Casas. Naquela manhã, Grifinória e

Corvinal estavam disputando a liderança quase empatadas. Enquanto olhavam, subiram algumas pedrinhas, reduzindo seu total nas bolhas inferiores. De fato, a única que parecia inalterada era a ampulheta cheia de esmeraldas da Sonserina.

– Já reparou? – perguntou a voz de Fred.

Ele e Jorge tinham acabado de descer a escadaria de mármore e se reuniram a Harry, Rony, Hermione e Ernesto diante das ampulhetas.

– Malfoy acabou de nos descontar uns cinquenta pontos – disse Harry, furioso; enquanto observavam, viram mais pedrinhas subirem na ampulheta da Grifinória.

– É, o Montague tentou nos prejudicar durante o intervalo – contou Jorge.

– Como assim “tentou”? – perguntou Rony na mesma hora.

– Ele não chegou a enunciar todas as palavras – disse Fred –, nós o empurramos de cabeça no Armário Sumidouro do primeiro andar.

Hermione pareceu muito chocada.

– Mas vocês vão se meter numa confusão horrível!

– Não até o Montague reaparecer, e isso pode levar semanas, não sei aonde o mandamos – disse Fred, descontraído. – Em todo o caso... decidimos que não vamos mais ligar se nos metemos ou não em confusão.

– E algum dia vocês ligaram? – indagou Hermione.

– Mas é claro – protestou Jorge. – Nunca fomos expulsos, não é?

– Sempre soubemos onde parar – acrescentou Fred.

– Às vezes ultrapassávamos um dedinho – disse Jorge.

– Mas sempre paramos em tempo de evitar um caos total – completou Fred.

– Mas e agora? – perguntou Rony hesitante.

– Bom, agora... – começou Jorge.

– ... com a partida de Dumbledore – continuou Fred.

– ... concluímos que um certo caos... – disse Jorge.

– ... é exatamente o que a nossa querida diretora merece – disse Fred.

– Pois não deviam! – sussurrou Hermione. – Realmente não deviam! Ela adoraria ter uma razão para expulsar vocês!

– Você não está entendendo, Hermione, não é? – perguntou Fred, sorrindo para ela. – Não fazemos mais questão de ficar. Sairíamos agora se não estivéssemos decididos a fazer alguma coisa por Dumbledore primeiro. Então, assim sendo – ele consultou o relógio –, a fase um está prestes a começar. Eu iria para o Salão Principal almoçar, se fosse vocês, para os professores verem que não têm nada a ver com a coisa.

– Nada a ver com o quê? – indagou Hermione, ansiosa.

– Vocês verão – respondeu Jorge. – Agora, vão andando.

Fred e Jorge desapareceram na massa crescente de alunos que descia a

escadaria para almoçar. Com o ar muito desconcertado, Ernesto murmurou alguma coisa sobre terminar um dever de Transfiguração, e saiu apressado.
– Acho que *devíamos* sair daqui, sabe – disse Hermione, nervosa. – Só por precaução...
– É, vamos – concordou Rony, e os três se dirigiram às portas do Salão Principal, mas Harry mal avistara o céu do dia, com nuvens brancas sopradas pelo vento, quando alguém lhe bateu no ombro e, ao se virar, ele deparou quase nariz com nariz com Filch, o zelador. O garoto recuou vários passos; Filch era melhor visto de longe.
– A diretora quer ver você, Potter – disse malicioso.
– Não fui eu – disse Harry tolamente, pensando no que Fred e Jorge estavam planejando. As bochechas caídas de Filch sacudiram de riso inarticulado.
– Consciência pesada, eh?! – exclamou asmático. – Venha comigo.
Harry olhou para Rony e Hermione, que pareciam preocupados. Ele sacudiu os ombros, e acompanhou Filch de volta ao Saguão de Entrada, na direção contrária à maré de estudantes esfomeados.
O zelador parecia estar de excelente humor; cantarolava desafinado em voz baixa enquanto subiam a escadaria de mármore. Quando chegaram ao primeiro andar, disse:
– As coisas estão mudando por aqui, Potter.
– Já reparei – respondeu o garoto com frieza.
– Veja... faz anos que digo a Dumbledore que ele é muito frouxo com vocês – disse Filch, com uma risadinha maldosa. – Suas ferinhas nojentas, vocês nunca soltariam Bombas de Bosta se soubessem que eu tinha poder para arrancar o couro de vocês a chicotadas, não é mesmo? Ninguém teria pensado em jogar Frisbees-dentados nos corredores se eu pudesse pendurar vocês pelos tornozelos na minha sala, não é? Mas, quando chegar o Decreto Educacional Número Vinte e Nove, Potter, vou poder fazer tudo isso... e *ela* pediu ao ministro para assinar uma ordem expulsando o Pirraça... ah, as coisas vão ser diferentes aqui com *ela* na diretoria...
Era óbvio que Umbridge se esmerara em conquistar Filch, pensou Harry, e o pior era que ele provaria ser uma arma importante; seu conhecimento das passagens secretas e esconderijos provavelmente só perdia para o dos gêmeos Weasley.
– Chegamos – disse ele, olhando de esguelha para Harry enquanto batia três vezes na porta da Profª Umbridge antes de abri-la. – O garoto Potter para vê-la, Madame.
A sala de Umbridge, tão conhecida de Harry por suas muitas detenções, não mudara, exceto por um grande bloco de madeira na escrivaninha em que dizeres

dourados informavam: DIRETORA. E também por sua Firebolt e as Cleansweeps de Fred e Jorge que, ele reparou com uma pontada de dor, estavam presas por correntes e cadeados a um grosso gancho de ferro na parede atrás dela.

Umbridge se encontrava sentada à escrivaninha, escrevendo diligentemente em um pergaminho cor-de-rosa, mas ergueu a cabeça e abriu um sorriso ao vê-los entrar.

– Muito obrigada, Argo – disse ela com meiguice.

– Nem por isso, Madame, nem por isso – respondeu ele, curvando-se até onde seu reumatismo permitia, e saindo de costas.

– Sente-se – disse Umbridge secamente, apontando uma cadeira. Harry obedeceu, e ela continuou a escrever mais algum tempo. Ele ficou observando os horríveis gatos que brincavam ao redor dos pratos por cima da cabeça da diretora, imaginando que novo horror estaria preparando para ele.

“Muito bem”, disse Umbridge finalmente, pousando a pena e fazendo uma cara de sapo prestes a engolir uma mosca particularmente suculenta. “Que é que você gostaria de beber?”

– Quê?! – exclamou Harry, certo de que não ouvira direito.

– Beber, Sr. Potter – disse ela, abrindo mais o sorriso. – Chá? Café? Suco de abóbora?

À medida que oferecia cada bebida, fazia um breve aceno com a varinha e um copo cheio aparecia sobre a escrivaninha.

– Nada, muito obrigado.

– Eu gostaria que você bebesse alguma coisa comigo – disse ela, sua voz assumindo um tom perigosamente meigo. – Escolha uma.

– Ótimo... chá, então – disse o garoto encolhendo os ombros.

Ela se levantou e fez uma grande cena para acrescentar o leite, de costas para Harry. Depois, apressou-se a lhe levar a bebida, sorrindo de maneira sinistramente meiga.

– Pronto! – exclamou, entregando-a a ele. – Beba antes que esfrie, sim? Bom, Sr. Potter... achei que devíamos ter uma conversinha, depois dos acontecimentos angustiantes de ontem à noite.

Harry continuou calado. Ela se acomodou na cadeira e aguardou. Passado um longo momento de silêncio, falou alegremente:

– Você não está bebendo?

Ele levou a xícara à boca e então, igualmente depressa, tornou a baixá-la. Um dos horríveis gatos pintados atrás da diretora tinha olhos grandes, redondos e azuis como o olho mágico de Olho-Tonto Moody, e acabara de lhe ocorrer o que o bruxo diria se soubesse que ele bebera alguma coisa oferecida por uma inimiga

declarada.
– Que foi? – perguntou a nova diretora, que ainda o observava. – Você quer açúcar?
– Não.
Ele tornou a levar a xícara à boca e fingiu tomar um gole, embora mantendo a boca bem fechada. O sorriso de Umbridge se ampliou.
– Muito bem – sussurrou. – Muito bom. Então agora... – Ela se curvou um pouco para a frente. – *Onde está Alvo Dumbledore?*
– Não faço a menor ideia – respondeu Harry prontamente.
– Beba, beba – incentivou ela ainda sorrindo. – Agora, Sr. Potter, não vamos fazer joguinhos infantis. Sei que o senhor sabe aonde ele foi. O senhor e Dumbledore sempre estiveram metidos nisso juntos desde o começo. Reflita sobre a sua posição, Sr. Potter...
– Não sei onde ele está.
Harry fingiu beber mais um pouco.
– Muito bem – disse ela parecendo descontente. – Neste caso... queira ter a bondade de me dizer o paradeiro de Sirius Black.
O estômago de Harry deu uma volta completa e a mão que segurava a xícara tremeu tanto que a fez vibrar no pires. Ele virou a xícara na boca com os lábios comprimidos, de modo que um pouco do líquido quente escorreu para suas vestes.
– Não sei – respondeu depressa demais.
– Sr. Potter – disse Umbridge –, deixe-me lembrar-lhe de que fui eu que quase agarrei o criminoso Black na lareira da Grifinória em outubro. Sei perfeitamente bem que era com o senhor que ele estava se encontrando, e se eu tivesse a menor prova disso nenhum dos dois estaria à solta hoje, juro. Vou repetir, Sr. Potter... onde está Sirius Black?
– Não faço ideia – disse Harry em voz alta. – Não tenho a menor pista.
Os dois se encararam por tanto tempo que Harry sentiu seus olhos lacrimejarem. Então, Umbridge se levantou.
– Muito bem, Potter, desta vez vou aceitar sua palavra, mas esteja avisado: o poder do Ministério está comigo. Todos os canais de comunicação que entram na escola ou saem dela estão sendo monitorados. Um controlador da Rede de Flu está vigiando cada lareira de Hogwarts, exceto a minha, é claro. Minha Brigada Inquisitorial está abrindo e lendo toda a correspondência que entra no castelo e dele sai por via coruja. E o Sr. Filch está observando todas as passagens secretas de entrada e saída para o castelo. Se eu encontrar um fiapo de evidência...
BUUM!
O próprio piso da sala sacudiu. Umbridge escorregou para um lado e se

agarrou à escrivaninha para não cair, fazendo cara de espanto.
– Que foi...?
Ela ficou olhando a porta. Harry aproveitou a oportunidade para esvaziar a xícara de chá quase cheia no vaso de flores secas mais próximo. Ouvia gente correndo e gritando vários andares abaixo.
– Volte para o seu almoço, Potter! – ordenou Umbridge, empunhando a varinha e saindo apressada da sala. Harry deu-lhe alguns segundos de dianteira e, então, correu atrás dela para ver a origem de todo aquele estardalhaço.
Não foi difícil saber. Um andar abaixo, reinava um pandemônio. Alguém (e Harry tinha uma boa ideia de quem) aparentemente tocara fogo em uma enorme caixa de fogos mágicos.
Dragões formados inteiramente por faíscas verdes e douradas voavam para cima e para baixo nos corredores, produzindo explosões e labaredas pelo caminho; rodas rosa-choque de mais de um metro de diâmetro zumbiam letalmente pelo ar como discos voadores; foguetes com longas caudas de estrelas de prata cintilantes ricocheteavam pelas paredes; centelhas escreviam palavrões no ar sem ninguém acioná-las; rojões explodiam como minas para todo lado que Harry olhava e, em vez de se queimarem e desaparecerem de vista ou pararem crepitando, quanto mais ele olhava essas maravilhas pirotécnicas mais elas pareciam aumentar em energia e ímpeto.
Filch e Umbridge estavam parados no meio da escada, parecendo pregados no chão. Enquanto Harry assistia, uma das rodas maiores pareceu decidir que precisava de mais espaço para manobrar: saiu rodando em direção a Umbridge e Filch com um ruído sinistro. Os dois berraram de susto e se abaixaram, e a roda voou direto pela janela às costas deles e atravessou os terrenos da escola. Entrementes, vários dragões e um grande morcego roxo que fumegava agourentamente aproveitaram a porta aberta no fim do corredor e escaparam para o segundo andar.
– Depressa, Filch, depressa! – gritou Umbridge. – Eles vão se espalhar pela escola toda se não fizermos alguma coisa: *Estupefaça!*
Um jorro de luz vermelha projetou-se da ponta de sua varinha e bateu em um dos foguetes. Em vez de se imobilizar no ar, o artefato explodiu com tal força que fez um furo no retrato de uma bruxa piegas no meio de um relvado; ela fugiu bem a tempo, e reapareceu segundos depois no quadro vizinho, onde dois bruxos que jogavam cartas se levantaram rapidamente e abriram espaço para acomodá-la.
– Não os estupore, Filch! – bradou Umbridge furiosa, como se ele fosse o responsável pelo feitiço.
– Pode deixar, diretora! – chiou Filch, que, sendo um aborto, não poderia ter

estuporado os fogos nem tampouco os engolido. Ele correu para um armário próximo, tirou uma vassoura e começou a bater nos fogos que voavam; em poucos segundos a vassoura estava em chamas.

Harry já vira o suficiente; abaixou-se e correu para uma porta que ele sabia existir atrás de uma tapeçaria mais à frente no corredor, e ao entrar deu de cara com Fred e Jorge que estavam ali escondidos, ouvindo os gritos de Umbridge e Filch, sacudindo de riso reprimido.

– Impressionante – cochichou Harry sorrindo. – Impressionante... vocês levariam o Dr. Filibusteiro à falência, podem crer...

– Falou – sussurrou Jorge, enxugando as lágrimas de riso do rosto. – Ah, espero que ela experimente agora fazê-los desaparecer... eles se multiplicam por dez todas as vezes que alguém tenta.

Os fogos continuaram a queimar e a se espalhar pela escola toda durante a tarde. Embora causassem muitos estragos, particularmente os rojões, os outros professores não pareceram se importar muito com isso.

– Ai, ai! – exclamou a Profª McGonagall ironicamente, quando um dos dragões entrou voando em sua sala, emitindo fortes ruídos e soltando chamas. – Srta. Brown, se importa de procurar a diretora para informá-la que temos um dragão errante em nossa sala?

O resultado de tudo isso foi que a Profª Umbridge passou sua primeira tarde como diretora correndo pela escola para atender aos chamados dos professores, que não pareciam capazes de livrar suas salas dos fogos sem a sua ajuda. Quando a última sineta tocou e todos iam voltando à Torre da Grifinória com suas mochilas, Harry viu, com imensa satisfação, uma Umbridge desarrumada e suja de fuligem saindo com passos vacilantes e o rosto suado da sala do Prof. Flitwick.

– Muito obrigado, professora! – disse Flitwick na sua vozinha esganiçada. – Eu poderia ter me livrado dos fogos, é claro, mas não estava muito seguro se teria *autoridade* para tanto.

Sorrindo, ele fechou a porta da sala na cara da Umbridge, que parecia prestes a rosnar.

Fred e Jorge foram heróis naquela noite na sala comunal da Grifinória. Até Hermione se esforçou para atravessar a aglomeração de colegas excitados e dar parabéns aos gêmeos.

– Foram fogos maravilhosos – disse com admiração.

– Obrigado – agradeceu Jorge, ao mesmo tempo surpreso e contente. – Fogos Espontâneos Weasley. O único problema é que gastamos todo o nosso estoque; agora vamos ter de recomeçar do zero.

– Mas valeu a pena – disse Fred, que anotava os pedidos dos colegas aos berros. – Se quiser acrescentar o seu nome à lista de espera, Hermione, custa cinco galeões uma caixa de Fogos Básicos e vinte uma Deflagração de Luxo...

Hermione voltou à mesa em que Harry e Rony estavam sentados, contemplando as mochilas como se esperassem que os deveres de casa fossem saltar de dentro delas e começar a se fazer sozinhos.

– Ah, por que não tiramos a noite de folga? – perguntou a garota, animada, quando um rojão Weasley de cauda prateada coriscou pela janela. – Afinal, as férias da Páscoa começam na sexta-feira, e teremos muito tempo então.

– Você está se sentindo bem? – perguntou Rony, encarando a amiga sem acreditar no que ouvia.

– Por falar nisso – continuou Hermione alegremente –, sabem... acho que estou me sentindo um pouquinho... *rebelde*.

Harry ainda ouvia os estampidos distantes das bombas fugitivas quando ele e Rony foram se deitar uma hora mais tarde; e enquanto se despia passaram umas estrelinhas pela torre, ainda formando insistentemente a palavra “COCÔ”.

Ele se enfiou na cama, bocejando. Sem óculos, os fogos que passavam de raro em raro pela janela se tornaram borrados, lembrando nuvens cintilantes, belas e misteriosas contra o fundo escuro do céu. Ele se virou para o lado, imaginando como a Umbridge estaria se sentindo em seu primeiro dia no lugar de Dumbledore, e como Fudge reagiria quando soubesse que a escola passara a maior parte do dia num estado de avançada desintegração. Sorrindo com seus botões, Harry fechou os olhos...

Os zunidos e estampidos dos fogos que escaparam para os terrenos da escola pareciam se distanciar... ou, talvez, ele estivesse apenas se afastando dos fogos em alta velocidade...

Caíra exatamente no corredor que levava ao Departamento de Mistérios. Precipitava-se agora em direção à porta preta e simples... *toma ra que abra... tomara que abra...*

Abriu. Ele se viu na sala circular com muitas portas... atravessou-a, pôs a mão em outra porta igual, que abriu para dentro...

Agora se encontrava em uma sala retangular muito comprida, cheia de ruídos mecânicos. Partículas de luz dançavam nas paredes, mas ele não parou para investigar... precisava prosseguir...

Havia uma porta ao fundo... que também se abriu quando ele a tocou...

E agora estava em uma sala mal iluminada alta e larga como uma igreja, em que não havia nada exceto prateleiras e mais prateleiras nas paredes, cada uma delas carregada de pequenas esferas empoeiradas de vidro repuxado... o coração de Harry batia rápido de excitação... ele sabia aonde ir... avançou correndo, mas

seus passos não ecoavam na enorme sala deserta...

Havia alguma coisa na sala que ele queria muito, muito mesmo...

Algo que ele queria... ou mais alguém queria...

Sua cicatriz estava doendo...

BANGUE!

Harry acordou instantaneamente, confuso e zangado. O som de risadas enchia o dormitório escuro.

– Irado! – exclamou Simas, cuja silhueta se recortava contra a janela. – Acho que uma daquelas rodas bateu em um rojão, e os dois cruzaram, vem cá ver!

Harry ouviu Rony e Dino se levantarem da cama depressa para ver melhor. Ele continuou quieto e em silêncio enquanto a dor em sua cicatriz diminuía e o desapontamento o invadia. Era como se algo muito bom lhe tivesse sido arrebatado no último instante... desta vez chegara muito perto.

Porquinhos alados e brilhantes cor-de-rosa e prata passavam voando pelas janelas da Torre da Grifinória. Harry permaneceu deitado, ouvindo os gritos de alegria dos colegas da Grifinória nos dormitórios abaixo. Seu estômago deu uma sacudidela nauseante ao se lembrar de que teria Oclumência na noite seguinte.

Harry passou todo o dia com medo do que Snape iria dizer se descobrisse até onde Harry penetrara no Departamento de Mistérios no último sonho. Com um assomo de culpa, deu-se conta de que não praticara Oclumência nem uma vez desde a última aula: acontecera tanta coisa desde que Dumbledore partira; decerto não teria conseguido esvaziar a mente mesmo que tentasse. Duvidava, porém, que Snape aceitasse tal desculpa.

Ele tentou fazer um treino de última hora durante as aulas do dia, mas não adiantou. Hermione não parava de lhe perguntar qual era o problema sempre que ele tentava esvaziar a mente de todos os pensamentos e emoções e, afinal, o melhor momento para isso não era enquanto os professores disparavam perguntas de revisão para os alunos.

Conformado com o pior, ele se dirigiu à sala de Snape depois do jantar. No meio do saguão, porém, Cho veio correndo ao seu encontro.

– Estou aqui – disse Harry, satisfeito de ter uma razão para adiar o seu encontro com Snape, acenando para ela do lado oposto do saguão onde ficavam as ampulhetas. A da Grifinória agora estava quase vazia. – Você está bem? Umbridge não andou lhe perguntando sobre a AD, andou?

– Ah, não – respondeu Cho, apressada. – Não, foi só que... bom, eu queria dizer... Harry, eu nunca sonhei que a Marieta fosse contar...

– Ah, bom – respondeu Harry, mal-humorado. Ele realmente achava que Cho podia ter escolhido uma amiga com um pouco mais de cuidado; não era muito

consolo saber que a Marieta continuava na ala hospitalar e Madame Pomfrey não conseguira obter a mínima melhora com suas espinhas.

– Mas na verdade ela é uma boa pessoa. Só cometeu um erro...

Harry encarou-a com incredulidade.

– *Uma boa pessoa que cometeu um erro?* Ela nos delatou, inclusive a você!

– Bom... nós todos escapamos, não foi? – disse Cho em tom de súplica. – Você sabe, a mãe dela trabalha no Ministério, é realmente difícil para...

– O pai de Rony trabalha no Ministério também! – disse Harry, furioso. – E caso você não tenha reparado, ele não tem *dedo-duro* escrito na cara...

– Isso foi realmente um truque horrível da Hermione Granger – comentou Cho impulsivamente. – Ela devia ter nos avisado que azarou aquela lista...

– Acho que foi uma ideia brilhante – respondeu ele com frieza. Cho corou e seus olhos ficaram mais brilhantes.

– Ah, sim, me esqueci, é claro, foi ideia da sua querida Hermione...

– E não comece a chorar outra vez – preveniu-a Harry.

– Eu não ia chorar! – gritou a garota.

– Então... ótimo. Já tenho muito que aguentar no momento.

– Então que aguente! – concluiu Cho furiosa, dando as costas e indo embora.

Espumando, Harry desceu as escadas para a masmorra de Snape e, embora soubesse, por experiência, que seria muito mais fácil para Snape penetrar em sua mente se ele chegasse cheio de raiva e rancor, não conseguiu fazer nada exceto pensar em mais umas coisinhas que deveria ter dito a Cho sobre Marieta antes de chegar à porta da sala.

– Você está atrasado, Potter – disse o professor friamente, quando o garoto fechou a porta ao passar.

Snape estava em pé de costas para Harry, removendo, como sempre, certos pensamentos e colocando-os cuidadosamente na Penseira de Dumbledore. Deixou cair o último fio prateado na bacia de pedra e se virou para encarar o garoto.

– Então. Praticou?

– Sim, senhor – mentiu Harry, olhando atentamente para uma das pernas da escrivaninha de Snape.

– Bom, logo saberemos, não é? – disse ele suavemente. – Varinha na mão, Potter.

Harry tomou sua posição habitual, de frente para Snape, com a escrivaninha entre os dois. Seu coração estava pulsando acelerado com raiva de Cho e ansiedade quanto ao que o professor estava prestes a extrair de sua mente.

– Quando eu contar três então – disse Snape sem pressa. – Um... dois...

A porta da sala se abriu com força e Draco Malfoy entrou depressa.

– Prof. Snape, senhor... ah... me desculpe...
Malfoy olhava Snape e Harry meio surpreso.
– Tudo bem, Draco – disse Snape, baixando a varinha. – Potter está aqui para fazer uma aula de reforço em Poções.
Harry não via Malfoy tão alegre desde que Umbridge aparecera para inspecionar Hagrid.
– Eu não sabia – disse ele, olhando enviesado para Harry, que sentia o rosto arder. Teria dado muita coisa para poder gritar a verdade para Malfoy, ou, ainda melhor, para atacá-lo com um bom feitiço.
– Bom, Draco, que foi? – perguntou Snape.
– É a Profª Umbridge, professor, está precisando da sua ajuda. Encontraram Montague, professor, apareceu entalado em um vaso sanitário no quarto andar.
– Como foi que ele se entalou?
– Não sei não, senhor, está um pouco atordoado.
– Muito bem, muito bem. Potter, retomaremos a aula amanha à noite.
Ele se virou e saiu da sala. Malfoy falou silenciosamente para Harry pelas costas de Snape, antes de acompanhá-lo: “Reforço em Poções?”
Fervendo de raiva, Harry guardou a varinha no bolso das vestes e fez menção de sair da sala. Tinha no mínimo mais vinte e quatro horas para praticar; sabia que devia se sentir grato por ter escapado por um triz, embora fosse duro isto ter acontecido às custas de ouvir Malfoy contar para toda a escola que ele precisava de aulas de reforço em Poções.
Estava à porta da sala quando viu uma réstia de luz trêmula dançando no portal. Parou e ficou olhando, aquilo lhe lembrava alguma coisa... então a lembrança lhe ocorreu: parecia um pouco como as luzinhas que vira em sonho na noite anterior, as luzes na segunda sala que atravessara no Departamento de Mistérios.
Ele se virou. A luz vinha da Penseira em cima da escrivaninha de Snape. Seu conteúdo branco-prateado fluía e girava. Os pensamentos de Snape... coisas que ele não queria que Harry visse, se por acaso penetrasse suas defesas...
Harry olhou para a Penseira, a curiosidade crescendo... Que era que Snape queria tanto esconder?
As luzes prateadas tremulavam na parede... Harry deu dois passos em direção à escrivaninha, refletindo. Poderiam ser informações sobre o Departamento de Mistérios que Snape estivesse decidido a ocultar dele?
Harry espiou por cima do ombro, seu coração agora batia mais forte e mais depressa que nunca. Quanto tempo levaria para Snape tirar Montague do vaso? Voltaria depois diretamente para a sala ou acompanharia o garoto à ala hospitalar? Com certeza, a segunda possibilidade... Montague era capitão da

equipe da Sonserina, o professor ia querer verificar se ele estava bem.

Harry venceu os poucos passos até a Penseira e parou diante dela, contemplando suas profundezas. Hesitou, apurando o ouvido, então, tornou a tirar a varinha. A sala e o corredor além estavam completamente silenciosos. Ele deu uma batidinha no conteúdo da Penseira com a ponta da varinha.

O líquido prateado começou a girar velozmente. Harry se inclinou para a bacia e viu que o líquido se tornara transparente. Estava, mais uma vez, contemplando uma sala de uma janela circular no teto... de fato, a não ser que estivesse muito enganado, estava vendo o Saguão de Entrada.

Sua respiração embaçava a superfície dos pensamentos de Snape... seu cérebro parecia estar em um estado de indefinição... seria loucura fazer o que se sentia tão tentado a fazer... ele tremia... Snape poderia voltar a qualquer momento... mas Harry pensou na raiva de Cho, na cara debochada de Malfoy, e uma ousadia imprudente o dominou.

Ele inspirou um grande sorvo de ar e mergulhou o rosto na superfície dos pensamentos de Snape. Na mesma hora, o chão da sala sacudiu, empurrando Harry de cabeça para dentro da Penseira...

Ele começou a cair por uma escuridão fria, rodopiando vertiginosamente e então...

Encontrou-se parado no meio do Salão Principal, mas as mesas das quatro Casas haviam desaparecido. Em seu lugar, havia mais de cem mesinhas, todas dispostas da mesma maneira, e a cada uma delas se sentava um estudante, de cabeça baixa, escrevendo em um rolo de pergaminho. O único som era o arranhar das penas e o rumorejar ocasional de alguém ajeitando o pergaminho. Era visivelmente uma cena de exame.

O sol entrava pelas janelas altas e incidia sobre as cabeças inclinadas, refletindo tons castanhos, acobreados e dourados na luz ambiente. Harry olhou atentamente a toda volta. Snape devia estar por ali em algum lugar... era a lembrança *dele*...

E lá estava ele, a uma mesa bem atrás de Harry. O garoto se admirou. Snape adolescente tinha um ar pálido e estiolado, como uma planta mantida no escuro. Seus cabelos eram moles e oleosos e pendiam sobre a mesa, seu nariz aquilino a menos de cinco centímetros do pergaminho enquanto ele escrevia. Harry se deslocou para as costas de Snape e leu o cabeçalho da prova: DEFESA CONTRA AS ARTES DAS TREVAS – NÍVEL ORDINÁRIO EM MAGIA.

Portanto Snape devia ter uns quinze ou dezesseis anos, aproximadamente a idade de Harry. Sua mão voava sobre o pergaminho; já escrevera pelo menos mais trinta centímetros do que os vizinhos mais próximos, e sua caligrafia era minúscula e apertada.

– Mais cinco minutos!
A voz sobressaltou Harry. Virando-se, ele viu o cocuruto do Prof. Flitwick movendo-se entre as mesas a uma pequena distância. O professor passava agora por um garoto com cabelos negros e despenteados... muito despenteados...
Harry se movia tão depressa que, se fosse sólido, teria atirado as mesas pelo ar. Em vez disso, parecia deslizar, como em sonho, atravessar dois corredores e entrar em um terceiro. A nuca do garoto de cabelos negros se aproximou cada vez mais... e ele ia se endireitando agora, descansando a pena, puxando o rolo de pergaminho para perto para poder ler o que escrevera...
Harry parou diante da carteira e contemplou o seu pai com quinze anos.
A excitação explodiu no fundo do seu estômago: era como se estivesse olhando para si mesmo, mas com erros intencionais. Os olhos de Tiago eram castanho-esverdeados, seu nariz era mais comprido do que o de Harry e não havia cicatriz em sua testa, mas ambos tinham o mesmo rosto magro, a mesma boca, as mesmas sobrancelhas; os cabelos deTiago levantavam atrás exatamente como os do filho, suas mãos poderiam ser as dele e Harry não saberia a diferença; quando o pai se levantasse, os dois teriam quase a mesma altura.
Tiago deu um enorme bocejo e arrepiou os cabelos, deixando-os mais despenteados do que antes. Então, olhando para o Prof. Flitwick, virou-se e sorriu para outro menino sentado quatro mesas atrás.
Com um novo choque de excitação, Harry viu Sirius erguer o polegar para Tiago. Sirius sentava-se descontraído na cadeira, inclinando-a sobre as pernas traseiras. Era muito bonito; seus cabelos negros caíam sobre os olhos com uma espécie de elegância displicente que nem Tiago nem Harry jamais poderiam ter tido, e uma garota sentada atrás dele o mirava esperançosa, embora ele não parecesse ter notado. E duas mesas para o lado – o estômago de Harry se virou gostosamente – encontrava-se Remo Lupin. Parecia muito pálido e doente (a lua cheia estaria se aproximando?), e absorto no exame: ao reler suas respostas, coçara o queixo com a ponta da pena, franzindo ligeiramente a testa.
Isto significava que Rabicho devia estar por ali também... e, sem erro, Harry localizou-o em segundos: um garoto franzino, os cabelos cor de pelo de rato e um nariz arrebitado. Rabicho parecia ansioso: roía as unhas, olhava fixamente para a prova, arranhando o chão com os dedos dos pés. De vez em quando espiava esperançoso para a prova do vizinho. Harry observou Rabicho por um momento, depois o próprio pai, que agora brincava com um pedacinho de pergaminho. Desenhara um pomo e agora acrescentava as letras “L.E.”. Que significariam?
– Descansem as penas, por favor! – esganiçou-se o Prof. Flitwick. – Você também, Stebbins! Por favor, continuem sentados enquanto recolho os

pergaminhos. *Accio!*

Mais de cem rolos de pergaminho voaram para os braços estendidos do Prof. Flitwick, derrubando-o para trás. Várias pessoas riram. Uns dois estudantes nas primeiras mesas se levantaram, seguraram o professor pelos cotovelos e o levantaram.

– Obrigado... obrigado – ofegou ele. – Muito bem, todos podem sair!

Harry olhou para o pai, que riscou depressa as letras que estava desenhando, levantou-se de um salto e enfiou a pena e as perguntas do exame na mochila, atirou-a sobre as costas, e ficou parado esperando Sirius.

Harry olhou para os lados e viu de relance, a uma pequena distância, Snape, que caminhava entre as mesas em direção à porta para o Saguão de Entrada, ainda absorto no próprio exame. De ombros curvos mas angulosos, andava de um jeito retorcido, que lembrava uma aranha, e seus cabelos oleosos sacudiam pelo rosto.

Uma turma de garotas separou Snape de Tiago, Sirius e Lupin e, plantando-se entre elas, Harry conseguiu ficar de olho em Snape enquanto apurava os ouvidos para captar as vozes de Tiago e seus amigos.

– Você gostou da décima pergunta, Aluado? – perguntou Sirius quando saíram no saguão.

– Adorei – respondeu Lupin imediatamente. "*Cite cinco sinais que identifiquem um lobisomem*." Uma excelente pergunta.

– Você acha que conseguiu citar todos os sinais? – perguntou Tiago, caçoando com fingida preocupação.

– Acho que sim – respondeu Lupin, sério, quando se reuniram aos alunos aglomerados às portas de entrada para chegar ao jardim ensolarado. – Primeiro: ele está sentado na minha cadeira. Dois: ele está usando minhas roupas. Três: o nome dele é Remo Lupin.

Rabicho foi o único que não riu.

– Eu citei a forma do focinho, as pupilas dos olhos e o rabo peludo – disse ansioso –, mas não consegui pensar em mais nada...

– Como pode ser tão obtuso, Rabicho?! – exclamou Tiago, impaciente. – Você anda com um lobisomem uma vez por mês...

– Fale baixo – implorou Lupin.

Harry tornou a olhar para trás ansioso. Snape continuava próximo, ainda absorto nas perguntas do exame – mas esta era a lembrança de Snape, e Harry tinha certeza de que se Snape decidisse sair andando em outra direção quando chegasse lá fora, ele, Harry, não poderia continuar a seguir o pai. Para seu profundo alívio, porém, quando Tiago e os três amigos começaram a descer os gramados na direção do lago, Snape os seguiu, ainda verificando as questões da

prova e aparentemente sem ideia fixa aonde ia. Mantendo-se um pouco à frente, Harry conseguia vigiar Tiago e os outros.

– Bom, achei que o exame foi moleza – ouviu Sirius comentar. – Vai ser uma surpresa se eu não tirar no mínimo um “Excepcional”.

– Eu também – disse Tiago. Enfiou a mão no bolso e tirou um pomo de ouro que se debatia.

– Onde você conseguiu isso?

– Afanei – disse Tiago, displicente. E começou a brincar com o pomo, deixando-o voar uns trinta centímetros e recapturando-o em seguida; seus reflexos eram excelentes. Rabicho o observava assombrado.

Os amigos pararam à sombra da mesmíssima faia à beira do lago, onde Harry, Rony e Hermione haviam passado um domingo terminando os deveres, e se atiraram na grama. Harry tornou a espiar por cima do ombro e viu, para sua alegria, que Snape se acomodara na grama à sombra densa de um grupo de arbustos. Estava profundamente absorto em seu exame como antes, o que deixou Harry livre para se sentar na grama entre a faia e os arbustos, e observar os quatro sob a árvore. O sol ofuscava na superfície lisa do lago, à margem do qual o grupo de garotas risonhas que acabara de deixar o Salão Principal se sentara, sem sapatos nem meias, refrescando os pés na água.

Lupin apanhara um livro e estava lendo. Sirius passava os olhos pelos estudantes que andavam pelo gramado, parecendo um tanto arrogante e entediado, mas ainda assim bonitão. Tiago continuava a brincar com o pomo, deixando-o voar cada vez mais longe, quase fugir, mas sempre recapturando-o no último segundo. Rabicho o observava boquiaberto. Todas as vezes que Tiago fazia uma captura particularmente difícil, Rabicho exclamava e aplaudia. Passados cinco minutos de repetições desta cena, Harry se perguntou por que o pai não mandava Rabicho se controlar, mas Tiago parecia estar gostando da atenção. Harry reparou que o pai tinha o hábito de assanhar os cabelos, como se quisesse impedi-los de ficar muito arrumados, e que também não parava de olhar para as garotas junto à água.

– Quer guardar isso? – disse Sirius finalmente, quando Tiago fez uma boa captura e Rabicho deixou escapar um viva –, antes que Rabicho molhe as calças de excitação?

Rabicho corou ligeiramente, mas Tiago riu.

– Se estou incomodando – retrucou e guardou o pomo no bolso. Harry teve a nítida impressão de que Sirius era o único para quem Tiago teria parado de se exibir.

– Estou chateado. Gostaria que já fosse lua cheia.

– Você gostaria – disse Lupin, sombrio, por trás do livro que lia. – Ainda

temos Transfiguração, se está chateado poderia me testar. Pegue aqui... – E estendeu o livro.

Mas Sirius deu uma risada abafada.

– Não preciso olhar para essas bobagens, já sei tudo.

– Isso vai animar você um pouco, Almofadinhas – comentou Tiago em voz baixa. – Olhem quem é que...

Sirius virou a cabeça. Ficou muito quieto, como um cão que farejou um coelho.

– Excelente – disse baixinho. – *Ranhoso*.

Harry se virou para ver o que Sirius estava olhando.

Snape estava novamente em pé, e guardava as perguntas do exame na mochila. Quando deixou a sombra dos arbustos e começou a atravessar o gramado, Sirius e Tiago se levantaram.

Lupin e Rabicho continuaram sentados: Lupin lendo o livro, embora seus olhos não estivessem se movendo e uma ligeira ruga tivesse aparecido entre suas sobrancelhas; Rabicho olhava de Sirius e Tiago para Snape, com uma expressão de ávido antegozo no rosto.

– Tudo certo, Ranhoso? – falou Tiago em voz alta.

Snape reagiu tão rápido que parecia estar esperando um ataque: deixou cair a mochila, meteu a mão dentro das vestes e sua varinha já estava metade para fora quando Tiago gritou:

– *Expelliarmus!*

A varinha de Snape voou quase quatro metros de altura e caiu com um pequeno baque no gramado às suas costas. Sirius soltou uma gargalhada.

– *Impedimenta!* – disse, apontando a varinha para Snape, que foi atirado no chão ao mergulhar para recuperar a varinha caída.

Os estudantes ao redor se viraram para assistir. Alguns haviam se levantado e foram se aproximando. Outros pareciam apreensivos, ainda outros, divertidos.

Snape estava no chão, ofegante. Tiago e Sirius avançaram empunhando as varinhas, Tiago, ao mesmo tempo espiando por cima do ombro as garotas à beira do lago. Rabicho se levantara assistindo à cena avidamente, contornando Lupin para ter uma perspectiva melhor.

– Como foi o exame, Ranhoso? – perguntou Tiago.

– Eu vi, o nariz dele estava quase encostando no pergaminho – disse Sirius maldosamente. – Vai ter manchas enormes de gordura no exame todo, não vão poder ler nem uma palavra.

Várias pessoas que acompanhavam a cena riram; Snape era claramente impopular. Rabicho soltava risadinhas agudas. Snape tentava se erguer, mas a azaração ainda o imobilizava; ele lutava como se estivesse amarrado por cordas

invisíveis.
– Espere... para ver – arquejava, encarando Tiago com uma expressão de mais pura aversão –, espere... para ver!
– Espere para ver o quê? – retrucou Sirius calmamente. – Que é que você vai fazer, Ranhoso, limpar o seu nariz em nós?
Snape despejou um jorro de palavrões e azarações, mas com a varinha a três metros de distância nada aconteceu.
– Lave sua boca – disse Tiago friamente. – *Limpar!*
Bolhas de sabão cor-de-rosa escorreram da boca de Snape na hora; a espuma cobriu seus lábios, fazendo-o engasgar, sufocar...
– Deixem ele em PAZ!
Tiago e Sirius se viraram. Tiago levou a mão livre imediatamente aos cabelos.
Era uma das garotas à beira do lago. Tinha cabelos espessos e ruivos que lhe caíam pelos ombros e olhos amendoados sensacionalmente verdes – os olhos de Harry.
A mãe de Harry.
– Tudo bem, Evans? – disse Tiago, e o seu tom de voz se tornou imediatamente agradável, mais grave e mais maduro.
– Deixem ele em paz – repetiu Lílian. Ela olhava para Tiago com todos os sinais de intenso desagrado. – Que foi que ele lhe fez?
– Bom – explicou Tiago, parecendo pesar a pergunta –, é mais pelo fato de existir, se você me entende...
Muitos estudantes que os rodeavam riram, Sirius e Rabicho inclusive, mas Lupin, ainda aparentemente absorto em seu livro, não riu, nem Lílian tampouco.
– Você se acha engraçado – disse ela com frieza. – Mas você não passa de um cafajeste, tirano e arrogante, Potter. Deixe ele em *paz*.
– Deixo se você quiser sair comigo, Evans – respondeu Tiago depressa. – Anda... sai comigo e eu nunca mais encostarei uma varinha no Ranhoso.
Às costas dele, a Azaração de Impedimento ia perdendo efeito. Snape estava começando a se arrastar pouco a pouco em direção à sua varinha caída, cuspindo espuma enquanto se deslocava.
– Eu não sairia com você nem que tivesse de escolher entre você e a lula-gigante – replicou Lílian.
– Mau jeito, Pontas – disse Sirius, animado, e se voltou para Snape. – OI!
Mas tarde demais; Snape tinha apontado a varinha diretamente para Tiago; houve um lampejo e um corte apareceu em sua face, salpicando suas vestes de sangue. Ele girou: um segundo lampejo depois, Snape estava pendurado no ar de cabeça para baixo, as vestes pelo avesso revelando pernas muito magras e brancas e cuecas encardidas.

Muita gente na pequena aglomeração aplaudiu: Sirius, Tiago e Rabicho davam gargalhadas.

Lílian, cuja expressão se alterara por um instante como se fosse sorrir, disse:

– Ponha ele no chão!

– Perfeitamente. – E Tiago acenou com a varinha para o alto; Snape caiu embolado no chão. Desvencilhou-se das vestes e se levantou depressa, com a varinha na mão, mas Sirius disse: "*Petrificus Totalus*", e Snape emborcou outra vez, duro como uma tábua.

– DEIXE ELE EM PAZ! – berrou Lílian. Puxara a própria varinha agora. Tiago e Sirius a olharam preocupados.

– Ah, Evans, não me obrigue a azarar você – pediu Tiago, sério.

– Então desfaça o feitiço nele!

Tiago suspirou profundamente, então se virou para Snape e murmurou um contrafeitiço.

– Pronto – disse, enquanto Snape procurava se levantar. – Você tem sorte de que Evans esteja aqui, Ranhoso...

– Não preciso da ajuda de uma Sangue ruim imunda como ela!

Lílian pestanejou.

– Ótimo – respondeu calmamente. – No futuro, não me incomodarei. E eu lavaria as cuecas se fosse você, *Ranhoso*.

– Peça desculpa a Evans! – berrou Tiago para Snape, apontando-lhe a varinha ameaçadoramente.

– Não quero que *você* o obrigue a se desculpar – gritou Lílian, voltando-se contra Tiago. – Você é tão ruim quanto ele.

– Quê? Eu NUNCA chamaria você de... você sabe o quê!

– Despenteando os cabelos só porque acha que é legal parecer que acabou de desmontar da vassoura, se exibindo com esse pomo idiota, andando pelos corredores e azarando qualquer um que o aborreça só porque é capaz... até surpreende que a sua vassoura consiga sair do chão com o peso dessa cabeça cheia de titica. Você me dá NÁUSEAS.

E, virando as costas, ela se afastou depressa.

– Evans! – gritou Tiago. – Ei, EVANS!

Mas Lílian não olhou para trás.

– Qual é o problema dela? – perguntou Tiago, tentando, mas não conseguindo fazer parecer que fosse apenas uma pergunta sem real importância para ele.

– Lendo nas entrelinhas, eu diria que ela acha você metido, cara – disse Sirius.

– Certo – respondeu Tiago, que parecia furioso agora –, certo...

Houve outro lampejo, e Snape, mais uma vez, ficou pendurado no ar de cabeça para baixo.

– Quem quer ver eu tirar as cuecas do Ranhoso?
Mas se Tiago realmente as tirou, Harry nunca chegou a saber. Uma mão agarrou-o com força pelo braço, fechando-se como uma tenaz. Fazendo uma careta de dor, Harry se virou para ver quem o agarrava e deparou, com uma sensação de horror, com um Snape totalmente crescido, um Snape adulto, parado bem ao lado dele, lívido de raiva.
– Está se divertindo?
Harry se sentiu erguido no ar; o dia de verão se evaporou à sua volta; flutuou por uma escuridão gelada, a mão de Snape ainda apertando seu braço. Então, com uma sensação de desmaio, como se tivesse dado uma cambalhota no ar, seus pés bateram no piso de pedra da masmorra de Snape, e ele se viu mais uma vez ao lado da Penseira sobre a escrivaninha do bruxo, no escritório atual e sombrio do professor de Poções.
– Então – disse Snape apertando tanto o braço de Harry que a mão do garoto estava começando a ficar dormente. – *Então*... andou se divertindo, Potter?
– N-não – respondeu Harry, tentando soltar seu braço.
Era apavorante: os lábios de Snape tremiam, seu rosto estava branco, seus dentes arreganhados.
– Um homem divertido, o seu pai, não era? – perguntou Snape, sacudindo-o tanto que seus óculos escorregaram pelo nariz.
– Eu... não...
Snape atirou Harry para longe com toda a força. O garoto caiu pesadamente no piso da masmorra.
– Você não vai contar a ninguém o que viu! – berrou Snape.
– Não – disse Harry, pondo-se em pé o mais longe do professor que pôde. – Não, claro que...
– Fora daqui, fora daqui, nunca mais quero ver você na minha sala!
E quando Harry se precipitava em direção à porta, um frasco de baratas mortas estourou por cima de sua cabeça. Ele puxou a porta com força e voou pelo corredor afora, parando apenas quando já estava a três andares de distância de Snape. Ali encostou-se na parede, arquejando e esfregando o braço machucado.
Não tinha o menor desejo de voltar à Torre da Grifinória tão cedo, nem de contar a Rony e Hermione o que acabara de ver. O que o fazia sentir-se horrorizado e infeliz não era Snape ter gritado nem atirado frascos; mas saber o que era ser humilhado em público, saber exatamente como Snape se sentira quando seu pai o atormentara, e a julgar pelo que acabara de presenciar, seu pai fora tão arrogante quanto Snape sempre o acusara de ser.

— CAPÍTULO VINTE E NOVE —
Orientação vocacional

– Mas por que você não tem mais aulas de Oclumência? – perguntou Hermione, enrugando a testa.

– Eu já *falei* – resmungou Harry. – Snape acha que posso continuar sozinho, agora que já aprendi o básico.

– Quer dizer que você parou de ter sonhos esquisitos? – perguntou Hermione, incrédula.

– Quase – respondeu Harry, sem olhar para ela.

– Bom, acho que Snape não devia parar até você ter certeza absoluta de que é capaz de controlá-los! – disse Hermione, indignada. – Harry, acho que você devia voltar lá e pedir...

– Não – disse Harry enfaticamente. – Esquece, Hermione, o.k.?

Era o primeiro dia dos feriados de Páscoa e Hermione, como era seu hábito, passara uma grande parte do dia preparando horários de revisão para os três. Harry e Rony a deixaram preparar; era mais fácil do que discutir com a amiga e, em todo o caso, poderiam ser úteis.

Rony se assustara ao descobrir que só faltavam seis semanas para os exames.

– Como isso pode ser surpresa para você? – perguntou Hermione enquanto coloria cada quadradinho do horário de Rony com um toque de varinha de acordo com a disciplina.

– Não sei – comentou Rony –, tem acontecido muita coisa.

– Bom, terminei – disse ela, entregando-lhe o horário. – Se seguir o que está aí vai se dar bem.

Rony examinou o pergaminho deprimido, mas logo se animou.

– Você me deu uma noite de folga por semana!

– Para o treino de quadribol.

O sorriso desapareceu do seu rosto.

– De que adianta? – disse desanimado. – A nossa chance de ganhar a Copa de Quadribol este ano é a mesma de papai virar ministro da Magia.

Hermione não respondeu, observava Harry, que fixava imóvel a parede oposta da sala comunal enquanto Bichento dava patadinhas em sua mão pedindo para o garoto lhe coçar as orelhas.

– Que foi, Harry?

– Quê? – disse depressa. – Nada.

Ele apanhou seu exemplar de *Teoria da defesa em magia* e fingiu estar procurando alguma coisa no índice. Bichento considerou-o um mau negócio, e foi se esconder embaixo da poltrona de Hermione.

– Vi Cho hoje cedo – disse Hermione sondando. – Parecia muito infeliz, também... vocês brigaram outra vez?

– Qu... ah, foi, brigamos – disse Harry, agarrando a desculpa, agradecido.

– Por quê?

– Aquela dedo-duro amiga dela, a Marieta.

– É, bom, eu faria o mesmo! – disse Rony zangado, baixando o horário de revisões. – Se não fosse ela...

Rony saiu desfiando reclamações sobre Marieta Edgecombe, que Harry achou útil; só precisava amarrar a cara, confirmar com a cabeça e dizer: “É” e “Certo”, sempre que Rony parava para tomar fôlego, deixando a mente livre para refletir, sempre mais infeliz, no que vira na Penseira.

Sentia que a lembrança daquelas cenas o devorava por dentro. Tivera tanta certeza de que seus pais eram pessoas maravilhosas que nunca hesitara em descrer das acusações que Snape fazia sobre o caráter do seu pai. Gente como Hagrid e Sirius não havia lhe dito que seu pai fora maravilhoso? (*É, veja como era o próprio Sirius à época,* disse uma voz insistente na cabeça de Harry... *ele era tão ruim quanto o outro, não era?*) Verdade, escutara uma vez a Profª McGonagall comentar que o pai dele e Sirius tinham sido criadores de casos na escola, mas os descrevera como precursores dos gêmeos Weasley, e Harry não conseguia imaginar Fred e Jorge pendurando alguém de cabeça para baixo só para se divertirem... a não ser que realmente o detestassem... talvez Malfoy, ou alguém que realmente merecesse...

Harry tentara argumentar que Snape talvez tivesse merecido o que sofrera nas mãos de Tiago, mas Lílian perguntara: “Que foi que ele lhe fez?” E seu pai respondera: “É mais pelo fato de *existir*, se você me entende.” Tiago não começara tudo simplesmente porque Sirius dissera que estava chateado? Harry se lembrava de Lupin ter comentado no largo Grimmauld que Dumbledore o nomeara monitor na esperança de que pudesse exercer algum controle sobre Tiago e Sirius... mas, na Penseira, ele ficara sentado ali e deixara tudo

acontecer...
Harry não parava de se recordar de que Lílian interferira: sua mãe fora decente. Contudo, a lembrança da expressão em seu rosto quando ela gritara com Tiago o perturbara mais que qualquer outra coisa; era visível que ela o detestava, e Harry simplesmente não conseguia entender como é que tinham acabado se casando. Uma ou duas vezes chegara a se perguntar se Tiago a teria forçado...
Durante quase cinco anos pensar em seu pai havia sido uma fonte de consolo, de inspiração. Sempre que alguém dizia que ele era igual ao pai, ele se iluminava intimamente de orgulho. E agora... agora sentia frieza e infelicidade ao pensar nele.
O tempo se tornou mais ventoso, claro e quente com a passagem das férias da Páscoa, mas Harry e os demais alunos do quinto e do sétimo ano estavam prisioneiros, revisando as matérias, indo e voltando da biblioteca. Harry fingia que seu mau humor não tinha outra causa senão a proximidade dos exames, e, como seus colegas da Grifinória também estavam fartos de estudar, sua desculpa não era questionada.
– Harry, estou falando com você, está me ouvindo?
– Hum?
Ele olhou. Gina Weasley, parecendo ter saído de um vendaval, tinha se juntado a ele na mesa da biblioteca em que se encontrava sozinho. Era domingo, tarde da noite, Hermione voltara à Torre da Grifinória para revisar Runas Antigas, e Rony tinha treino de quadribol.
– Ah, oi – disse Harry, puxando os livros para perto. – Por que você não está no treino?
– Já acabou. Rony teve de levar Juca Sloper à ala hospitalar.
– Por quê?
– Bom, não temos muita certeza, mas *achamos* que ele se derrubou com o próprio bastão. – Ela soltou um pesado suspiro. – Em todo o caso... chegou uma encomenda, e acabou de passar pelo novo processo de verificação da Umbridge.
Ela levantou um embrulho de papel pardo e o colocou sobre a mesa; fora claramente desembrulhado e descuidadamente reembrulhado. Trazia uma anotação em tinta vermelha com os dizeres: *Inspecionado e Aprovado pela Alta Inquisidora de Hogwarts*.
– São ovos de Páscoa mandados pela mamãe. Tem um para você... pegue.
Gina lhe entregou um belo ovo de chocolate enfeitado com pequeninos pomos de glacê e, segundo dizia na embalagem, continha um saquinho de Delícias Gasosas. Harry contemplou o presente por um momento, então, para seu horror, sentiu um nó na garganta.
– Você está o.k., Harry? – perguntou a garota, calma.

– Tô, tô ótimo – disse Harry, rouco. O nó em sua garganta doía. Ele não entendeu por que um ovo de Páscoa o teria feito se sentir assim.
– Você parece realmente deprimido esses dias – insistiu Gina. – Sabe, tenho certeza de que se você *falasse* com a Cho...
– Não é com a Cho que quero falar – respondeu ele bruscamente.
– Com quem é então? – perguntou Gina.
– Eu...
Harry olhou para os lados para verificar se havia alguém ouvindo. Madame Pince estava a várias estantes de distância, carimbando a saída de uma pilha de livros para uma nervosa Ana Abbott.
– Gostaria de poder falar com o Sirius – murmurou. – Mas sei que não posso.
Mais para se ocupar com alguma coisa do que porque estivesse com vontade, Harry abriu seu ovo de Páscoa, partiu um bom pedaço e enfiou-o na boca.
– Bom – disse Gina lentamente, servindo-se de um pedacinho também –, se você quer mesmo falar com Sirius, imagino que poderíamos pensar em um jeito.
– Nem vem – disse Harry, sem esperanças. – Com a Umbridge policiando as lareiras e lendo toda a nossa correspondência?
– O bom de ser criada com Fred e Jorge – disse a garota, pensativa – é que a gente meio que começa a achar que tudo é possível desde que se tenha coragem.
Harry olhou para a garota. Talvez fosse o efeito do chocolate – Lupin sempre recomendara comer chocolate depois de enfrentar Dementadores – ou simplesmente porque ele enfim expressara em voz alta o desejo que ardia em seu íntimo havia uma semana, mas ele se sentiu mais esperançoso.
– QUE É QUE VOCÊS ACHAM QUE ESTÃO FAZENDO?
– Que droga – sussurrou Gina ficando em pé imediatamente. – Me esqueci...
Madame Pince veio em direção aos garotos, seu rosto enrugado contorcido de fúria.
– *Chocolate na biblioteca!* – berrou. – Fora... *fora*... FORA!
E, puxando a varinha, fez os livros, a mochila e o tinteiro de Harry expulsarem os dois da biblioteca, batendo na cabeça deles enquanto corriam.

Como se quisessem enfatizar a importância dos exames, agora próximos, um pacote de panfletos, folhetos e avisos, abordando as várias carreiras para bruxos, apareceu nas mesas da Torre da Grifinória pouco antes do término das férias, ao mesmo tempo que um aviso no quadro dizia o seguinte:

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Todos os quintanistas deverão ter uma breve reunião com a diretora de sua Casa durante a primeira semana do trimestre de verão para discutir suas

futuras carreiras. Os horários das consultas individuais estão listados abaixo.

Harry correu os olhos pela lista e descobriu que era esperado na sala da Profª McGonagall às duas e meia da tarde de segunda-feira, o que significaria perder a maior parte da aula de Adivinhação. Ele e outros quintanistas passaram uma boa parte do último fim de semana das férias de Páscoa lendo todas as informações sobre carreiras que haviam sido deixadas em sua Casa.

– Bom, não estou interessado em ser Curandeiro – declarou Rony na última noite das férias. Lia concentrado um folheto que tinha na capa um osso e uma varinha cruzados, o emblema do St. Mungus. – Diz aqui que preciso no mínimo de um "E" nos N.O.M.s de Poções, Herbologia, Transfiguração, Feitiços e Defesa Contra as Artes das Trevas. Quero dizer... caracas... não estão querendo nada, não é?

– Bom, é uma profissão de muita responsabilidade, não acha? – falou Hermione, distraída. Ela examinava atentamente um folheto rosa e laranja intitulado: "ENTÃO VOCÊ ACHA QUE GOSTARIA DE TRABALHAR EM RELAÇÕES COM OS TROUXAS?" – Parece que não é preciso muita qualificação para fazer a ligação com trouxas; só pedem um N.O.M. em Estudos dos Trouxas: *Muito mais importante é o seu entusiasmo, paciência e um bom-senso de humor!*

– Você precisaria muito mais do que um bom-senso de humor para fazer a ligação com o meu tio – comentou Harry sombriamente. – Bom-senso para saber a hora de se proteger, o que é mais provável. – Ele estava na metade de um panfleto sobre o sistema bancário bruxo. – Escutem só isso: *Você está procurando uma carreira estimulante que oferece viagens, aventuras e substanciais abonos do tesouro para compensar os riscos? Então pense em trabalhar para o Banco Bruxo Gringotes, que no momento está recrutando desfazedores de feitiços para emocionantes cargos no exterior*... Mas exigem Aritmancia: você poderia se candidatar, Hermione!

– Não gosto muito de bancos – respondeu ela vagamente, agora absorta na leitura de: "VOCÊ TEM AS QUALIDADES NECESSÁRIAS PARA TREINAR TRASGOS DE SEGURANÇA?"

– Ei – chamou uma voz ao ouvido de Harry. O garoto se virou: Fred e Jorge tinham vindo se reunir a eles. – Gina nos deu uma palavrinha sobre você – disse Fred, esticando as pernas na mesa em frente e fazendo vários livretos sobre carreiras no Ministério da Magia escorregarem para o chão. – Ela diz que você precisa falar com Sirius?

– Quê? – disse Hermione na hora, parando no ar a mão que estendia para apanhar "ESTOURE NO DEPARTAMENTO DE ACIDENTES E

CATÁSTROFES MÁGICAS”.
– É... – disse Harry tentando parecer displicente –, é, achei que gostaria...
– Não seja ridículo – disse Hermione se levantando e encarando-o como se não conseguisse acreditar no que ouvia. – Com a Umbridge metendo a mão nas lareiras e revistando as corujas?
– Bom, achamos que podemos contornar isso – disse Jorge, se espreguiçando sorridente. – Basta simplesmente promover uma distração. Ora, você talvez tenha notado que andamos muito quietos no front do caos nas férias de Páscoa?
– De que adiantava, nós nos perguntamos, estragar a temporada de lazer? – continuou Fred. – De nada, respondemos. E, naturalmente, estaríamos também atrapalhando as revisões dos colegas, o que seria a última coisa que íamos querer fazer.
Fred sacudiu a cabeça fazendo cara de santo para Hermione. Ela ficou bastante surpresa com a sua consideração.
– Mas amanhã recomeçamos vida normal – continuou ele animado. – E se vamos causar um certo tumulto, por que não fazer isso de modo que Harry possa bater um papo com o Sirius?
– Sei, mas *ainda* assim – falou Hermione, com ar de quem explica uma coisa muito simples a alguém muito obtuso –, mesmo que vocês promovam uma distração, como é que Harry vai falar com o padrinho?
– Na sala da Umbridge – disse Harry baixinho.
Andava pensando nisso havia quinze dias e não encontrara nenhuma alternativa. A própria Umbridge lhe dissera que a única lareira que não estava sendo vigiada era a dela.
– Você... enlouqueceu?! – exclamou Hermione num sussurro.
Rony baixara o folheto sobre carreiras no Comércio de Fungos Cultivados, e observava a conversa desconfiado.
– Acho que não – respondeu Harry sacudindo os ombros.
– E como é que você vai chegar lá, para começar?
Harry estava preparado para a pergunta.
– O canivete de Sirius.
– Como?
– No Natal do ano retrasado Sirius me deu um canivete que abre qualquer fechadura – explicou Harry. – Então, mesmo que a Umbridge tenha enfeitiçado a porta com um *Alohomora*, o que aposto que fez, não vai adiantar...
– Que é que você acha? – perguntou Hermione a Rony, e Harry se lembrou irresistivelmente da Sra. Weasley apelando para o marido durante o primeiro jantar de Harry no largo Grimmauld.
– Não sei – disse Rony, assustado que alguém lhe pedisse para dar uma

opinião. – Se é o que Harry quer fazer, ele é quem decide, não é?
– Você falou como um verdadeiro amigo e um autêntico Weasley – disse Fred, dando um forte tapa nas costas do irmão. – Certo, então. Estamos pensando em fazer isso amanhã, logo depois das aulas, porque causará maior impacto se todos estiverem nos corredores; Harry, vamos começar em algum ponto da ala leste para tirar a Umbridge imediatamente da sala; imagino que poderemos lhe garantir, o quê, uns vinte minutos? – perguntou olhando para Jorge.
– Fácil.
– Que tipo de distração vai ser? – perguntou Rony.
– Você verá, maninho – disse Fred enquanto se levantava com Jorge. – Ou pelo menos verá se estiver andando pelo corredor do Gregório o Lambe-botas amanhã por volta das cinco da tarde.

Harry acordou muito cedo no dia seguinte, sentindo-se quase tão ansioso quanto na manhã da audiência disciplinar no Ministério da Magia. Não era apenas a perspectiva de arrombar a sala de Umbridge e usar a lareira para falar com Sirius que o deixava nervoso, embora isso já fosse bastante ruim; hoje também seria a primeira vez que Harry chegaria perto de Snape desde que o bruxo o expulsara de sua sala.
Depois de continuar na cama por um tempinho, pensando no dia que o esperava, Harry se levantou sem fazer barulho, foi até a janela ao lado da cama de Neville e contemplou a manhã realmente gloriosa. O céu estava azul-claro, enevoado, opalescente. Bem em frente, Harry viu a faia altaneira embaixo da qual seu pai um dia atormentara Snape. Não tinha muita certeza se Sirius iria dizer alguma coisa que pudesse neutralizar o que ele vira na Penseira, mas estava desesperado para ouvir a versão do padrinho sobre a cena, conhecer as atenuantes que houvesse, qualquer desculpa para o comportamento do pai...
Uma coisa chamou a atenção de Harry: um movimento na orla da Floresta Proibida. Harry apertou os olhos contra a claridade do sol e viu Hagrid saindo de entre as árvores. Parecia mancar. Enquanto Harry observava, ele cambaleou até a porta da cabana e desapareceu em seu interior. O garoto continuou a observar a cabana durante vários minutos. Hagrid não reapareceu, mas saiu uma espiral de fumaça de sua chaminé, o que indicava que não poderia estar tão machucado que não fosse capaz de acender o fogão.
Harry se afastou da janela, voltou-se para o seu malão e começou a se vestir.
Ante a perspectiva de forçar a porta da sala de Umbridge para entrar, Harry não esperara que o dia fosse tranquilo, mas não levara em conta as quase contínuas tentativas de Hermione de dissuadi-lo do que pretendia fazer às cinco horas. Pela primeira vez na vida, ela estava, no mínimo, tão desatenta ao que o

Prof. Binns dizia em História da Magia quanto Harry e Rony, não parando de cochichar recomendações que ele fez grande esforço para ignorar.
– ... e se ela apanhar você lá dentro, além de expulsá-lo, poderá concluir que você andou falando com Snuffles, e, desta vez, imagino que o *força rá* a beber a Poção da Verdade e a responder às perguntas dela...
– Hermione – disse Rony em voz baixa e indignada –, você vai parar de brigar com o Harry e escutar o que o Binns diz ou vou ter de fazer minhas próprias anotações?
– Faça você as anotações para variar, não vai morrer por isso!
Na altura em que chegaram às masmorras, nem Harry nem Rony estavam falando com Hermione. Sem se importar, ela se aproveitou do silêncio dos amigos para manter um fluxo ininterrupto de sérios alertas, falando em voz baixa e sibilando com veemência, o que levou Simas a perder cinco minutos inteiros procurando furos em seu caldeirão.
Entrementes, Snape parecia resolvido a agir como se Harry fosse invisível. O garoto estava, naturalmente, habituado a essa tática, porque era uma das preferidas do seu tio Válter, e, de um modo geral, se sentiu grato por não ter de sofrer nada pior. Aliás, comparado ao que normalmente precisava aturar de Snape em matéria de ironias e indiretas, achou a nova atitude um progresso, e ficou contente ao descobrir que, quando era deixado em paz, conseguia preparar uma Poção Revigorante sem problemas. No fim da aula, ele recolheu um pouco da poção em um frasco, arrolhou-o e o levou à mesa de Snape para nota, sentindo que talvez tirasse finalmente um “E”.
Acabara de se virar quando ouviu o barulho de alguma coisa quebrando. Malfoy deu um grito de alegria. Harry se virou. A amostra de sua poção estava em pedaços no chão e Snape o observava com uma expressão de triunfante satisfação.
– Upa – disse suavemente. – Mais um zero, então, Potter.
Harry se sentiu indignado demais para falar. Voltou ao seu caldeirão, com a intenção de encher outro frasco e forçar Snape a lhe dar nota, mas, para seu horror, a sobra desaparecera.
– Sinto muito! – disse Hermione, levando as mãos à boca. – Sinto muito mesmo, Harry. Pensei que você tivesse terminado, então limpei o caldeirão.
Harry não conseguiu responder. Quando a sineta tocou, saiu correndo da masmorra, sem olhar para trás, e fez questão de arranjar um lugar entre Neville e Simas para almoçar, para evitar que Hermione recomeçasse a atormentá-lo por causa do uso da sala da Umbridge.
Seu mau humor era tanto quando chegou à Adivinhação que se esquecera da orientação vocacional com a Profª McGonagall, só lembrando quando Rony lhe

perguntou por que não estava na sala dela. Tornou a subir desabalado, e chegou sem fôlego alguns minutos depois.

– Desculpe, professora – arquejou, fechando a porta. – Me esqueci.

– Não tem importância, Potter. – Mas, quando falou, alguém fungou a um canto. Harry olhou.

A Profª Umbridge se achava sentada ali, com a prancheta sobre os joelhos, um babadinho exagerado em torno do pescoço e um sorrisinho medonho no rosto.

– Sente-se, Potter – disse a Profª McGonagall secamente. Suas mãos tremiam um pouco enquanto rearrumava os muitos panfletos que se amontoavam em sua mesa.

Harry se sentou de costas para a Umbridge e fez o possível para fingir que não a ouvia arranhando a pena na prancheta.

– Bom, Potter, esta reunião é para discutirmos as ideias sobre carreiras que você já tenha, e ajudá-lo a decidir que disciplinas você deve fazer no sexto e sétimo anos – começou McGonagall. – Você já pensou no que gostaria de fazer quando terminasse Hogwarts?

– Ah...

Ele estava achando aquele ruído da pena arranhando o papel muito incômodo.

– Sim? – incentivou a professora.

– Bom, pensei, talvez, em ser auror – murmurou Harry.

– Você precisaria de notas excelentes para isso – disse a Profª McGonagall, puxando uma folhinha escura de baixo dos papéis em sua mesa e abrindo-a. – Exige-se um mínimo de cinco N.I.E.M.s, e nenhuma nota abaixo de "Excepcional", pelo que vejo. Depois você teria de passar por uma série de testes rigorosos de caráter e aptidão, na Seção de Aurores. É uma carreira difícil, Potter, em que somente se aceitam os melhores. De fato, não me lembro de terem aceitado ninguém nos últimos três anos.

Neste momento, a Profª Umbridge deu um pigarrinho, como se estivesse experimentando para ver se era possível dá-lo bem baixo. McGonagall ignorou-a.

– Suponho que queira saber que disciplinas precisará estudar, não? – continuou a professora elevando um pouco a voz.

– Quero. Suponho que Defesa Contra as Artes das Trevas, não?

– Naturalmente – disse a Profª McGonagall com vivacidade. – Eu também aconselharia...

A Profª Umbridge tossiu outra vez, mais audivelmente agora. McGonagall fechou os olhos um instante, reabriu-os e continuou como se nada tivesse acontecido.

– Eu também aconselharia Transfiguração, porque os aurores muitas vezes precisam se transfigurar e destransfigurar em seu trabalho. E devo preveni-lo, Potter, que não aceito alunos nas minhas turmas de N.I.E.M que não tenham obtido “Excede as Expectativas” ou notas mais altas no N.O.M. Eu diria que sua média é “Aceitável” no momento, então irá precisar se esforçar muito antes dos exames para ter uma chance de prosseguir. Depois, terá de estudar Feitiços, sempre útil, e Poções – acrescentou, com um sorriso quase imperceptível. – Venenos e antídotos são disciplinas essenciais para os aurores. E devo lhe dizer que o Prof. Snape absolutamente se recusa a aceitar alunos que não tenham obtido “Excepcional” nos N.O.M.s, portanto...

A Profª Umbridge deu a tossida mais forte até aquele momento.

– Posso lhe oferecer uma pastilha para tosse, Dolores? – perguntou McGonagall, secamente, sem olhá-la.

– Ah, não, muito obrigada – disse Umbridge com aquele sorrisinho afetado que Harry tanto odiava. – Estive pensando, será que posso fazer uma mínima interrupçãozinha, Minerva?

– Acho que você vai descobrir que pode – disse a Profª McGonagall por entre os dentes cerrados.

– Eu estava me perguntando se o Sr. Potter tem o temperamento certo para ser auror – disse meigamente.

– Estava é? – disse a Profª McGonagall, insolente. – Bom, Potter – continuou, como se não tivesse havido interrupção –, se a sua ambição é séria, eu o aconselharia a se preparar em Transfiguração e Poções à altura das exigências. Vejo que o Prof. Flitwick tem lhe dado “Aceitável” e “Excede as Expectativas” nos últimos dois anos, então parece que em Feitiços o seu preparo é satisfatório. Quanto à Defesa Contra as Artes das Trevas, suas notas têm sido em geral altas, o Prof. Lupin particularmente achou você... *tem certeza de que não gostaria de uma pastilha para tosse, Dolores?*

– Ah, não precisa, muito obrigada, Minerva – disse sorrindo afetadamente a Profª Umbridge, que acabara de tossir ainda mais alto que das últimas vezes. – Estava preocupada que você talvez não tivesse as notas mais recentes de Harry em Defesa Contra as Artes das Trevas. Tenho quase certeza de que incluí um bilhete.

– O quê, essa coisa? – perguntou McGonagall num tom de repugnância, puxando uma folha de pergaminho cor-de-rosa da pasta de Harry. Ela a leu, as sobrancelhas ligeiramente erguidas, e em seguida tornou a guardá-la na pasta, sem fazer comentários.

– Bom, como eu ia dizendo, Potter, o Prof. Lupin achou que você

demonstrava uma acentuada aptidão para a disciplina e, obviamente, para ser auror...

– Você entendeu o meu bilhete, Minerva? – perguntou Umbridge docemente, esquecendo de tossir.

– Claro que entendi – respondeu McGonagall, com os dentes tão cerrados que as palavras saíram um pouco abafadas.

– Bom, então, estou confusa... Receio não entender como é que você pode dar ao Sr. Potter a falsa esperança de que...

– Falsa esperança? – repetiu a Profª McGonagall, ainda se recusando a olhar para a outra. – Ele obteve notas altas em todos os exames de Defesa Contra as Artes das Trevas...

– Sinto muito ter de contradizê-la, Minerva, mas, como pode ver no meu bilhete, Harry tem obtido resultados muito fracos nas minhas aulas...

– Eu devia ter falado com mais clareza – retrucou a Profª McGonagall, finalmente se virando para encarar Umbridge nos olhos. – Ele obteve notas altas em todos os exames de Defesa Contra as Artes das Trevas aplicados por um professor competente.

O sorriso de Umbridge desapareceu com a mesma rapidez de uma lâmpada queimando. Ela se recostou na cadeira, virou uma folha na prancheta e começou a escrever realmente muito depressa, seus olhos saltados correndo de um lado para outro. A Profª McGonagall tornou a se voltar para Harry, suas narinas estreitas arreganhadas, seus olhos em chamas.

– Alguma pergunta, Potter?

– Sim. Que tipo de testes de caráter e aptidão o Ministério aplica no candidato, se ele tiver N.O.M.s suficientes?

– Bom, você precisará demonstrar capacidade de reagir bem às pressões, perseverança e dedicação, porque o treinamento para auror leva mais três anos, para não falar na habilidade excepcional em defesa prática. Significará muito estudo mesmo depois de ter terminado a escola, por isso a não ser que você esteja disposto a...

– Acho que você também descobrirá – disse Umbridge, a voz muito fria agora – que o Ministério examina a ficha dos que se candidatam a auror. A ficha policial.

– ... a fazer outros tantos exames depois de Hogwarts, você deveria realmente considerar outra...

– O que significa que este garoto tem tanta chance de se tornar auror quanto Dumbledore de algum dia voltar a esta escola.

– Então, é uma ótima chance.

– Potter tem ficha policial – disse Umbridge alto.
– Potter foi absolvido de todas as acusações – disse McGonagall ainda mais alto.
A Profª Umbridge se levantou. Era tão baixa que isso não fazia muita diferença, mas sua atitude meticulosa e afetada cedera lugar a uma fúria implacável que fazia seu rosto largo e flácido parecer estranhamente sinistro.
– Potter não tem a menor chance de se tornar auror!
A Profª McGonagall se levantou também, e, no seu caso, o movimento foi muito mais impressionante; era bem mais alta que a outra.
– Potter – disse em tom retumbante –, eu o ajudarei a se tornar auror nem que seja a última coisa que eu faça na vida! Nem que eu tenha de lhe dar aulas todas as noites, garantirei que você obtenha as notas exigidas!
– O ministro da Magia jamais empregará Harry Potter! – exclamou Umbridge, sua voz se elevando furiosa.
– Poderá muito bem haver um novo ministro da Magia até Potter estar pronto para se candidatar! – gritou a Profª McGonagall.
– Aha! – berrou a Profª Umbridge apontando o dedo curto e grosso para a colega. – Éééééé! Com certeza! Isso é o que você quer, não é, Minerva McGonagall? Você quer ver Cornélio Fudge substituído por Alvo Dumbledore! Você pensa que chegará aonde estou, não é: subsecretária sênior do ministro e diretora também!
– Você está delirando – respondeu McGonagall, soberbamente desdenhosa. – Potter, terminamos a nossa orientação vocacional.
Harry jogou a mochila sobre o ombro e se precipitou para fora da sala, sem se atrever a olhar para a Profª Umbridge. Ouviu as duas continuarem a gritar uma com a outra por todo o corredor.
A Profª Umbridge ainda estava respirando como se tivesse participado de uma corrida, quando entrou na aula de Defesa Contra as Artes das Trevas naquela tarde.
– Espero que você tenha pensado duas vezes sobre o que está planejando fazer, Harry – sussurrou Hermione, no momento em que abriram os livros no capítulo trinta e quatro, “Não retaliação e negociação”. – Umbridge parece que já está bastante mal-humorada...
De vez em quando Umbridge lançava olhares incandescentes a Harry, que mantinha a cabeça baixa e os olhos desfocados na *Teoria da defesa em magia*, pensando...
Podia bem imaginar a reação da Profª McGonagall se ele fosse apanhado invadindo a sala da Umbridge, poucas horas depois de ter se empenhado por

ele... não havia nada que o impedisse de voltar simplesmente à Torre da Grifinória e esperar que um dia, nas próximas férias de verão, tivesse a chance de questionar Sirius sobre a cena que presenciara na Penseira... nada, exceto que a ideia de tomar essa atitude sensata lhe dava a sensação de que caíra um peso de chumbo em seu estômago... e ainda havia o problema de Fred e Jorge, cuja distração já estava planejada, para não falar do canivete que Sirius lhe dera, no momento guardado em sua mochila com a velha Capa da Invisibilidade de seu pai.

Mas permanecia o fato de que se fosse apanhado...

– Dumbledore se sacrificou para mantê-lo na escola, Harry! – sussurrou Hermione, erguendo o livro para esconder o rosto da Umbridge. – E se você for expulso hoje, ele terá se sacrificado em vão!

Harry poderia abandonar o plano e simplesmente aprender a conviver com a lembrança do que seu pai fizera num dia de verão há mais de vinte anos...

E então se lembrou de Sirius na lareira da sala comunal da Grifinória...

Você parece menos com o seu pai do que eu pensei... O risco teria sido a diversão para o Tiago...

Mas será que ele ainda queria ser igual ao pai?

– Harry, não faça isso, por favor não faça! – disse Hermione em tom aflito quando a sineta tocou ao fim da aula.

Ele não respondeu, não sabia o que fazer.

Rony parecia decidido a não dar opinião nem conselho; não queria olhar para o amigo, embora, quando Hermione abriu a boca para retomar a tentativa de dissuadir Harry, ele tenha dito em voz baixa.

– Dá um tempo, o.k.? Ele sabe decidir sozinho.

O coração de Harry batia acelerado quando saiu da sala de aula. Estava na metade do corredor quando ouviu o inconfundível barulho da distração começando ao longe. Havia gritos e berros ecoando em algum lugar acima; gente que saía das salas ao redor de Harry parava de chofre e olhava para o teto com medo...

Umbridge precipitou-se da sala de aula o mais rápido que suas pernas curtas podiam levá-la. Puxando a varinha, correu na direção contrária: era agora ou nunca.

– Harry... por favor! – pediu Hermione sem ânimo.

Mas ele se decidira; prendendo a mochila com mais firmeza no ombro, saiu correndo, desviando-se dos estudantes que agora corriam em direção oposta para ver qual era a confusão na ala leste.

Harry chegou ao corredor da sala de Umbridge e encontrou-o deserto. Escondendo-se depressa atrás de uma grande armadura, cujo elmo se entreabriu

com um rangido para observá-lo, ele abriu a mochila, apanhou o canivete de Sirius e cobriu-se com a Capa da Invisibilidade. Saiu, então, sorrateira e cautelosamente de trás da armadura, e retomou o corredor até a porta da Umbridge.

Inseriu a lâmina do canivete mágico na fresta de contorno da porta e deslizou-a para cima e para baixo com delicadeza, em seguida puxou-a para fora. Ouviu um estalido mínimo, e a porta se abriu. Ele entrou na sala, fechou a porta e olhou à volta.

Nada se movia exceto os horrorosos gatinhos que continuavam a brincar nos pratos de parede acima das vassouras confiscadas.

Harry tirou a capa e, dirigindo-se à lareira, encontrou em segundos o que procurava: uma caixinha contendo Pó de Flu.

Agachou-se, então, diante da grade vazia da lareira, as mãos tremendo. Nunca fizera isso antes, embora achasse que sabia como funcionava. Metendo a cabeça dentro da lareira, apanhou uma boa pitada do pó e deixou-a cair nas achas cuidadosamente empilhadas atrás dele. Na mesma hora elas espocaram em chamas verde-esmeralda.

– Largo Grimmauld doze! – ordenou alto e bom som.

Foi uma das sensações mais curiosas que já experimentara. Já viajara usando Pó de Flu antes, é claro, mas então todo o seu corpo girara muitas vezes nas chamas atravessando a rede de lareiras bruxas que cobria o país. Desta vez, seus joelhos continuaram firmes na sala da Umbridge, e somente sua cabeça se arremessou pelo fogo esmeraldino...

Então, tão abruptamente quanto se iniciara, a rotação cessou. Sentindo-se bastante enjoado como se estivesse usando um abafador excepcionalmente quente na cabeça, Harry abriu os olhos e se viu olhando para fora da lareira da cozinha e para a comprida mesa de madeira, onde um homem estudava um pergaminho.

– Sirius?

O homem se sobressaltou e olhou para os lados. Não era Sirius, mas Lupin.

– Harry! – exclamou muito chocado. – Que é que você... que aconteceu, está tudo bem?

– Está. Pensei... quero dizer, tive vontade... de bater um papo com o Sirius.

– Vou chamá-lo – disse Lupin se levantando, ainda perplexo –, ele foi lá em cima procurar o Monstro, parece que anda se escondendo no sótão outra vez...

E Harry viu Lupin sair correndo da cozinha. Agora não tinha nada para olhar exceto as pernas das cadeiras e da mesa. Ficou imaginando por que Sirius jamais mencionara como era desconfortável falar entre as chamas; seus joelhos já estavam protestando dolorosamente contra o contato prolongado com o duro

chão de pedra da sala da Umbridge.
Lupin voltou com Sirius em seu encalço momentos depois.
– Que foi? – perguntou Sirius com urgência, tirando os cabelos compridos e escuros dos olhos e se ajoelhando diante da lareira, de modo a ficar no mesmo nível que Harry. Lupin também se ajoelhou, parecendo muito preocupado. – Você está bem? Precisa de ajuda?
– Não – disse Harry –, não é nada disso... eu só queria falar... sobre o meu pai.
Eles se entreolharam com grande surpresa, mas Harry não tinha tempo para se sentir sem jeito ou envergonhado; seus joelhos doíam mais a cada segundo, e ele calculava que já haviam passado cinco minutos desde o início da distração; Jorge lhe garantira apenas vinte. Portanto, mergulhou imediatamente na história que presenciara na Penseira.
Quando terminou, nem Sirius nem Lupin falaram por um momento. Então Lupin disse em voz baixa:
– Eu não gostaria que você julgasse o seu pai pelo que viu, Harry. Ele só tinha quinze anos...
– Eu tenho quinze anos! – disse Harry com veemência.
– Olhe, Harry – disse Sirius querendo conciliar –, Tiago e Snape se odiaram desde o primeiro momento em que se viram, foi uma dessas coisas, dá para você entender, não dá? Acho que Tiago era tudo que Snape queria ser, era popular, era bom em quadribol, bom em quase tudo. E Snape era apenas uma figurinha difícil, metido até o nariz nas Artes das Trevas enquanto Tiago, com todos os defeitos que você pode ter visto, Harry, sempre odiou as Artes das Trevas.
– É, mas ele atacou Snape sem a menor razão, só porque, bom só porque você disse que estava chateado – terminou com um ligeiro tom de pedido de desculpas na voz.
– Não me orgulho disso – apressou-se Sirius a dizer.
Lupin olhou de lado para Sirius, então falou:
– Olhe, Harry, o que você tem de entender é que seu pai e Sirius eram os melhores alunos da escola em tudo que faziam, todos achavam os dois o máximo, se por vezes eles se deixavam levar...
– Se por vezes bancávamos uns idiotas arrogantes, você quer dizer – completou Sirius.
Lupin sorriu.
– Ele não parava de despentear os cabelos – disse Harry, constrangido.
Sirius e Lupin riram.
– Eu tinha me esquecido de que ele costumava fazer isso – disse Sirius carinhosamente.
– Ele estava brincando com o pomo? – perguntou Lupin, ansioso.

– Estava – respondeu Harry, vendo Sirius e Lupin sorrirem saudosos. – Bom... achei que ele era meio idiota.
– Claro que ele era meio idiota! – disse Sirius na defensiva. – Éramos todos idiotas! Bom, Aluado não era tanto – disse ele honestamente, olhando para o amigo.
Mas Lupin balançou a cabeça.
– Algum dia eu disse a vocês para não atormentarem o Snape? Algum dia eu tive coragem de dizer a vocês que estavam agindo mal?
– Bom – disse Sirius –, às vezes você fazia a gente se sentir envergonhado... já era alguma coisa...
– E – disse Harry, insistente, decidido a dizer tudo que estava pensando já que estava ali – ele não parava de olhar as garotas na beira do lago, na esperança de que estivessem olhando para ele!
– Ah, bom, ele sempre fazia papel ridículo quando Lílian estava por perto – disse Sirius encolhendo os ombros –, não conseguia parar de se exibir sempre que se aproximava dela.
– E por que ela casou com ele? – perguntou Harry, infeliz. – Odiava ele!
– Não, não odiava – disse Sirius.
– Ela começou a sair com ele no sétimo ano – explicou Lupin.
– Depois que Tiago murchou um pouco a bola – tornou Sirius.
– E parou de azarar as pessoas só para se divertir – completou Lupin.
– Até o Snape?
– Bom – disse Lupin lentamente –, Snape era um caso especial. Quero dizer, ele nunca perdia uma oportunidade de azarar Tiago, então você não podia esperar que ele aguentasse calado, não é?
– E minha mãe não se importava com isso?
– Ela não ficava sabendo, para falar a verdade – disse Sirius. – Quero dizer, Tiago não levava Snape quando ia se encontrar com ela nem o azarava na frente de Lílian, não é mesmo?
Sirius enrugou a testa para Harry, que ainda não parecia convencido.
– Olhe, seu pai foi o melhor amigo que tive e era uma boa pessoa. Muita gente é idiota aos quinze anos. Ele amadureceu.
– É, o.k. – disse Harry, pesaroso. – Só que nunca pensei que sentiria pena de Snape.
– Agora que você está falando – perguntou Lupin com uma ligeira ruga entre as sobrancelhas –, como foi que Snape reagiu quando descobriu que você tinha visto tudo isso?
– Disse que nunca mais me ensinaria Oclumência – disse Harry com indiferença –, como se isso fosse um grande desapon...

– Ele O QUÊ? – gritou Sirius, fazendo Harry se sobressaltar e engolir um bocado de cinzas.
– Você está falando sério, Harry? – perguntou Lupin depressa. – Ele parou de lhe dar aulas?
– Parou – respondeu Harry, surpreso com o que considerou uma reação exagerada. – Mas tudo bem, não faz mal, é até um alívio para dizer a...
– Vou até lá dar uma palavrinha com o Snape! – disse Sirius vigorosamente, e chegou a fazer menção de se levantar, mas Lupin puxou-o de volta.
– Se alguém vai dizer alguma coisa a Snape sou eu! – disse com firmeza. – Mas, Harry, primeiro, você vai procurar o Snape e dizer que em hipótese alguma ele deve parar de lhe dar aulas... quando Dumbledore souber...
– Não posso dizer isso, ele me mataria! – disse Harry, indignado. – Você não viu a cara dele quando saímos da Penseira.
– Harry, não há nada mais importante no mundo do que você aprender Oclumência! – disse Lupin com severidade. – Você está me entendendo? Nada!
– O.k., o.k. – respondeu o garoto, completamente desconsolado, para não dizer aborrecido. – Vou tentar... vou tentar dizer alguma coisa a ele... mas não vai ser...
Calou-se. Ouvia passos a distância.
– É o Monstro descendo?
– Não – respondeu Sirius, olhando para trás. – Deve ser alguém do seu lado.
O coração de Harry parou vários segundos.
– É melhor eu ir embora! – disse apressado, e recuou a cabeça para sair da lareira do largo Grimmauld. Por um momento sua cabeça pareceu estar girando sobre os ombros, no momento seguinte ele estava ajoelhado diante da lareira da Umbridge, com a cabeça assentada firmemente observando as chamas esmeraldinas piscarem e morrer.
– Rápido, rápido! – Ele ouviu uma voz asmática do lado de fora da porta da sala. – Ah, ela a deixou aberta...
Harry mergulhou para apanhar a Capa da Invisibilidade e conseguiu se cobrir bem na hora em que Filch adentrava a sala. Ele parecia absolutamente encantado com alguma coisa, e murmurava febril ao atravessar a sala, abriu uma gaveta na escrivaninha de Umbridge e começou a mexer nos papéis ali dentro.
– Aprovação para Açoitar... Aprovação para Açoitar... finalmente vou poder... faz anos que eles estão pedindo para ser açoitados...
Ele puxou um pergaminho, beijou-o, depois saiu depressa arrastando os pés e apertando-o contra o peito.
Harry ficou em pé depressa e, verificando se a Capa da Invisibilidade cobria completamente tanto ele quanto a mochila, abriu a porta e saiu correndo da sala

atrás de Filch, que mancava mais depressa do que Harry jamais o vira fazer.
Um andar abaixo da sala de Umbridge, Harry achou que seria seguro voltar a ficar visível. Tirou a capa, enfiou-a na mochila e continuou depressa o seu caminho. Havia muita gritaria e movimentação vindo do Saguão de Entrada. Ele desceu correndo pela escadaria de mármore e encontrou reunida ali o que lhe pareceu a maior parte da escola.
Era igual à noite em que Trelawney fora demitida. Os estudantes estavam parados junto às paredes formando um grande círculo (alguns deles, Harry reparou, cobertos de uma substância que parecia palha-fede); professores e fantasmas também faziam parte da multidão. Destacavam-se entre eles os membros da Brigada Inquisitorial, todos parecendo excepcionalmente satisfeitos, e Pirraça, que flutuava no alto, observava Fred e Jorge no meio do saguão com o ar inconfundível de pessoas que acabavam de ser encurraladas.
– Então! – disse Umbridge triunfalmente. Harry se deu conta de que a diretora estava parada a poucos degraus à frente dele, contemplando do alto suas presas. – Então... vocês acham divertido transformar o corredor da escola em um pântano?
– Achei bastante divertido – respondeu Fred, encarando-a sem o menor sinal de medo.
Filch abriu caminho para se aproximar de Umbridge, quase chorando de felicidade.
– Apanhei o documento, diretora – disse rouco, acenando o pergaminho que Harry acabara de vê-lo retirar da escrivaninha. – Tenho o documento e tenho as chibatas prontas... ah... me deixe fazer isso agora...
– Muito bem, Argo. Vocês dois – continuou ela, olhando para Fred e Jorge –, vocês vão aprender o que acontece com malfeitores na minha escola.
– A senhora sabe de uma coisa? – disse Fred. – Acho que não vamos não.
Ele se virou para o irmão.
– Jorge, acho que já passamos da idade de receber educação em tempo integral.
– É, tenho sentido isso também – comentou Jorge alegremente.
– Está na hora de testarmos os nossos talentos no mundo real, você não acha?
– Decididamente.
E, antes que Umbridge dissesse uma palavra, eles ergueram as varinhas e falaram juntos:
– *Accio vassouras!*
Harry ouviu um estrondo ao longe. Olhando para a esquerda, abaixou-se bem em tempo. As vassouras de Fred e Jorge, uma delas ainda arrastando a pesada corrente e o gancho de ferro com que Umbridge as pregara na parede, voaram

velozes ao encontro dos seus donos; viraram à esquerda e pararam bruscamente diante dos gêmeos, a corrente batendo com estrépito no chão lajeado.

– Não a veremos mais – disse Fred à Profª Umbridge, passando a perna por cima da vassoura.

– É, e não precisa mandar notícias – disse Jorge, montando a própria vassoura.

Fred correu o olhar pelos estudantes reunidos, para a multidão que assistia silenciosa à cena.

– Se alguém tiver vontade de comprar um Pântano Portátil, conforme demonstramos lá em cima, pode nos procurar no Beco Diagonal, número noventa e três: Gemialidades Weasley – disse em voz alta. – Nossas novas instalações.

– Descontos especiais para os alunos de Hogwarts que jurarem que vão usar os nossos produtos para se livrar dessa morcega velha – acrescentou Jorge, apontando para a Profª Umbridge.

– IMPEÇA-OS! – gritou Umbridge, mas tarde demais. Quando a Brigada Inquisitorial se aproximou, Fred e Jorge deram impulso no chão e se projetaram quase cinco metros no ar, o gancho de ferro balançando perigosamente embaixo. Fred olhou para o poltergeist que flutuava do outro lado do saguão no mesmo nível que os gêmeos acima da multidão.

– Infernize ela por nós, Pirraça.

E Pirraça, que Harry nunca vira obedecer ordem de nenhum estudante antes, tirou o chapéu em forma de sino que usava e saudou os garotos, ao mesmo tempo que Fred e Jorge faziam a volta sob os aplausos dos estudantes e saíam em alta velocidade pelas portas de entrada abertas para um glorioso pôr de sol.

— CAPÍTULO TRINTA —
O gigante Grope

A história da fuga de Fred e Jorge para a liberdade foi narrada tantas vezes nos dias que se seguiram que Harry pôde prever que logo se tornaria um episódio da história de Hogwarts: ao fim de uma semana, até os que haviam presenciado a cena estavam meio convencidos de ter visto os gêmeos mergulharem com as vassouras sobre Umbridge e a bombardearem com Bombas de Bosta antes de atravessar velozmente as portas. Em decorrência de sua partida, houve uma grande vontade de imitá-los. Harry com frequência ouvia estudantes dizerem coisas do tipo: “Francamente, tem dias que simplesmente tenho vontade de montar minha vassoura e ir embora deste lugar”, ou então: “Mais uma aula dessas e vou querer dar uma de Weasley.”

Fred e Jorge tomaram providências para ninguém esquecê-los cedo demais. Primeiro, porque não haviam deixado instruções sobre o modo de remover o pântano que ainda enchia o corredor do quinto andar na ala leste. Umbridge e Filch tinham sido vistos experimentando diferentes métodos para removê-lo, mas sem sucesso. Com o tempo, a área foi fechada e Filch, rilhando os dentes furiosamente, recebeu a tarefa de carregar, através do pântano, os estudantes às suas salas de aula. Harry tinha certeza de que professores como McGonagall e Flitwick poderiam ter removido o pântano em um instante, mas, tal como no caso dos Fogos Espontâneos, eles preferiam assistir a Umbridge se descabelar.

Depois, havia os dois grandes rombos em forma da vassoura na porta da sala da Umbridge, que as Cleansweeps de Fred e Jorge haviam feito ao sair para se reunir aos seus donos. Filch substituíra a porta e levara a Firebolt de Harry para as masmorras onde, comentava-se, Umbridge postara um trasgo de segurança armado para guardá-la. Mas os problemas da diretora estavam longe de terminar.

Inspirados no exemplo dos gêmeos, muitos estudantes agora competiam pelos lugares de chefes dos Criadores de Caso que eles haviam deixado vagos. Apesar

da nova porta, alguém conseguira escorregar para dentro da sala de Umbridge um pelúcio de nariz peludo, que imediatamente destruiu o local à procura de objetos brilhantes, saltou sobre a diretora quando ela entrou e tentou arrancar, a dentadas, os anéis em seus dedos curtos e grossos. Bombas de Bosta e Chumbinhos Fedorentos eram atirados com tanta frequência nos corredores que se tornou moda os estudantes se protegerem com Feitiços Cabeça-de-Bolha antes de sair das salas de aula, o que lhes garantia um suprimento de ar fresco, ainda que lhes desse a aparência esquisita de estarem usando aquários invertidos na cabeça.

Filch patrulhava os corredores com um açoite nas mãos, desesperado para apanhar vilões, mas o problema é que agora havia tantos deles que ele nunca sabia para que lado se virar. A Brigada Inquisitorial tentava ajudá-lo, mas não paravam de acontecer coisas estranhas aos seus membros. Warrington, da equipe de quadribol da Sonserina, procurou a ala hospitalar com um terrível problema na pele, que parecia ter sido coberta de cornflakes; Pansy Parkinson, para alegria de Hermione, faltou a todas as aulas do dia seguinte porque havia lhe crescido uma galhada na cabeça.

Entrementes, tornou-se conhecido o número de kits Mata-Aula que Fred e Jorge tinham conseguido vender antes de deixar Hogwarts. Umbridge só precisava entrar na sala de aula para os estudantes ali reunidos começarem a desmaiar, vomitar, sentir febres perigosas ou, então, deitar sangue pelas narinas. Gritando de raiva e frustração, ela procurou descobrir a origem dos misteriosos sintomas, mas os alunos teimavam em lhe dizer que estavam sofrendo de “Umbridgetite”. Depois de pôr em detenção quatro turmas sucessivas, ela, incapaz de descobrir o segredo, foi forçada a desistir e deixar os estudantes que sangravam, desmaiavam, vomitavam e suavam abandonarem sua sala em bandos.

Mas nem os usuários dos kits conseguiam competir com o senhor do caos, Pirraça, que parecia ter levado profundamente a sério as palavras de despedida de Fred. Gargalhando alucinado, ele voava pela escola, virando mesas, irrompendo de quadros-negros, derrubando estátuas e vasos; duas vezes ele prendeu Madame Nor-r-ra dentro de uma armadura, de onde foi resgatada, miando alto, pelo furioso zelador. Pirraça quebrou lanternas e apagou velas, fez malabarismos com archotes acesos por cima das cabeças de estudantes aos berros, fez pilhas bem-arrumadas de pergaminho caírem dentro das lareiras ou fora das janelas; inundou o segundo andar, arrancando todas as torneiras dos banheiros, deixou cair um saco de tarântulas no meio do Salão Principal durante o café da manhã e, sempre que lhe dava na telha fazer uma pausa, passava horas seguidas flutuando atrás de Umbridge, imitando o ruído de puns com a boca

todas as vezes que ela falava.

Nenhum funcionário de Hogwarts, exceto Filch, parecia estar se mexendo para ajudá-la. Na verdade, uma semana depois de Fred e Jorge partirem, Harry viu a Profª McGonagall passar por Pirraça, que estava decidido a soltar um lustre de cristal, e ele poderia jurar que a ouviu dizer ao poltergeist pelo canto da boca: "Desenrosca para o outro lado."

Para completar, Montague ainda não se recuperara da temporada no vaso sanitário; continuava confuso e desorientado, e seus pais foram vistos em uma manhã de terça-feira subindo a estrada da escola extremamente zangados.

– Será que devíamos dizer alguma coisa? – arriscou Hermione, preocupada, comprimindo o rosto contra a janela da sala de Feitiços, o que lhe permitiu ver o casal Montague entrar. – Sobre o que aconteceu com ele? Caso ajude Madame Pomfrey a curá-lo?

– Claro que não, ele se recuperará – disse Rony, indiferente.

– Em todo o caso, mais problemas para a Umbridge, não é? – disse Harry em tom satisfeito.

Ele e Rony bateram de leve com a varinha nas xícaras que deveriam enfeitiçar. A de Harry ganhou quatro pernas curtas que não conseguiam alcançar a escrivaninha e se sacudiam em vão no ar. A de Rony ganhou quatro perninhas finas que ergueram a xícara com grande dificuldade, tremeram por alguns segundos, então se dobraram, fazendo a xícara se partir em dois.

– *Reparo* – disse Hermione depressa, consertando a xícara de Rony com um aceno da varinha. – Tudo está muito bem, mas e se o Montague ficar permanentemente lesado?

– Quem se importa?! – exclamou Rony, irritado, enquanto sua xícara se erguia como bêbeda, os joelhos tremendo violentamente. – Montague não devia ter tentado tirar todos aqueles pontos da Grifinória, não é? Se você quiser se preocupar com alguém, Hermione, se preocupe comigo!

– Com você? – admirou-se ela, apanhando a xícara que fugia precipitadamente pela mesa com as quatro perninhas robustas com textura de salgueiro, e recolocando-a à sua frente. – Por que eu deveria me preocupar com você?

– Quando a próxima carta da mamãe acabar de passar pelo processo de censura da Umbridge – disse Rony, amargurado, agora segurando sua xícara, cujas perninhas tentavam suportar o próprio peso –, vou estar bem enrolado. Não ficarei surpreso se ela me mandar outro Berrador.

– Mas...

– Vai me culpar por Fred e Jorge terem ido embora, espere só – disse sombriamente. – Vai dizer que eu devia ter impedido os gêmeos de ir, devia ter

agarrado as vassouras deles pelas pontas... é, vai ser minha culpa.
– Bom, se ela realmente disser isso, vai ser uma baita injustiça, você não poderia ter feito nada! Mas tenho certeza de que ela não fará isso, quero dizer, se é verdade que eles arranjaram uma loja no Beco Diagonal, devem estar planejando isso há séculos.
– É, mas isto é outra coisa, como foi que eles arranjaram uma loja? – disse Rony, batendo a varinha com tanta força na xícara que as pernas dela tornaram a ceder e ficaram se torcendo à sua frente. – É meio suspeito, não é não? Precisarão de uma montanha de galeões para alugar uma loja em um lugar como o Beco Diagonal. Ela vai querer saber o que andaram fazendo para pôr as mãos em tanto ouro.
– Bom, é, isso também me ocorreu – comentou Hermione, deixando sua xícara correr em círculos precisos em torno da de Harry, cujas pernas curtas continuavam incapazes de alcançar o tampo da mesa. – Estive me perguntando se Mundungo teria convencido os gêmeos a vender mercadoria roubada ou qualquer outra coisa horrível.
– Ele não fez isso – disse Harry brevemente.
– Como é que você sabe? – perguntaram Rony e Hermione juntos.
– Porque... – Harry hesitou, mas o momento de confessar parecia ter finalmente chegado. Não havia nada a ganhar em continuar calado, se isto levasse as pessoas a suspeitarem que Fred e Jorge eram criminosos. – Porque receberam o dinheiro de mim. Entreguei a eles o meu prêmio no Torneio Tribruxo em junho passado.
Houve um silêncio de perplexidade, em seguida a xícara de Hermione saiu correndo pela borda da mesa e se espatifou no chão.
– Ah, Harry, você *não fez* isso! – exclamou ela.
– Fiz, sim – respondeu ele com rebeldia. – E não me arrependo, tampouco. Eu não precisava do ouro, e eles serão um sucesso com uma loja de logros.
– Mas que ótimo! – exclamou Rony, vibrando. – Então a culpa é toda sua, Harry, mamãe não pode me culpar de nada! Posso contar para ela?
– Pode, acho que é melhor – respondeu desanimado –, principalmente se ela pensar que eles estão recebendo caldeirões roubados ou coisas do gênero.
Hermione não falou mais nada até o fim da aula, mas Harry suspeitou com perspicácia que o controle dela não fosse resistir por muito tempo. E acertou, quando deixaram o castelo no intervalo e pararam sob o fraco sol de maio, ela fixou em Harry um olhar penetrante e abriu a boca com um ar decidido.
Harry interrompeu-a antes que chegasse a falar.
– Não adianta ralhar comigo, está feito – disse com firmeza. – Fred e Jorge têm o ouro, já gastaram um bocado, pelo que parece, e não posso pedi-lo de

volta nem quero fazer isso. Portanto, poupe o seu fôlego, Hermione.
– Eu não ia falar nada sobre Fred e Jorge! – disse ela, sentida.
Rony reprimiu uma risadinha, incrédulo, e Hermione lhe lançou um olhar feio.
– Não, não ia não! – protestou zangada. – Na verdade, ia perguntar a Harry quando é que ele vai procurar o Snape e pedir mais aulas de Oclumência!
Harry se sentiu deprimido. Uma vez esgotado o assunto da partida dramática de Fred e Jorge, que sem dúvida rendera muitas horas, Rony e Hermione quiseram saber notícias de Sirius. Como Harry não lhes contara por que queria falar com o padrinho, ficara difícil pensar no que responder; acabou dizendo, sinceramente, que Sirius queria que ele retomasse as aulas de Oclumência. Arrependia-se desde então; Hermione não deixava o assunto morrer, e o retomava quando Harry menos esperava.
– Você não vai me dizer que parou de ter sonhos esquisitos, porque Rony me contou que você estava outra vez resmungando durante o sono ontem à noite.
Harry lançou a Rony um olhar furioso. Rony teve o decoro de parecer envergonhado.
– Você só estava resmungando um pouquinho – murmurou ele em tom de desculpa. – Algo como “só um pouquinho mais”.
– Sonhei que estava assistindo a vocês jogarem quadribol – mentiu Harry descaradamente. – Eu estava tentando fazer você se esticar mais um pouquinho para agarrar a goles.
As orelhas de Rony ficaram vermelhas. Harry sentiu um certo prazer vingativo; é claro que não sonhara com nada parecido.
À noite passada, ele percorrera mais uma vez o corredor do Departamento de Mistérios. Atravessara a sala circular, depois a sala com os estalidos e a luz tremulante, até se encontrar novamente na sala cavernosa, cheia de estantes, em que se alinhavam as esferas de vidro empoeiradas.
Correra diretamente para a estante número noventa e sete, virara à esquerda e continuara a correr ao longo dela... fora provavelmente então que falara alto... *só um pouquinho mais*... porque sentira o seu eu consciente lutando para acordar... e, antes que tivesse chegado ao fim da estante, vira-se novamente deitado, olhando para o dossel da sua cama de pilares.
– Você está *tentando* bloquear sua mente, não está? – perguntou Hermione, lançando um olhar penetrante a Harry. – Você está continuando a praticar Oclumência?
– Claro que estou – respondeu Harry, tentando demonstrar que a pergunta era ofensiva, mas sem encarar Hermione nos olhos. A verdade é que sentia uma curiosidade tão intensa sobre o que estava escondido na sala cheia de globos empoeirados que queria muito que os sonhos continuassem.

O problema era que, faltando apenas um mês para a realização dos exames, e com todos os momentos livres dedicados às revisões, sua mente parecia tão saturada de informação que quando ia se deitar tinha dificuldade até para dormir; e, quando dormia, seu cérebro esgotado o presenteava na maioria das noites com sonhos bobos sobre os exames. Ele suspeitava também que parte de sua mente, a parte que sempre falava com a voz da Hermione, agora se sentia culpada nas noites em que andava pelo corredor da porta preta, e procurava acordá-lo antes que chegasse ao fim da jornada.

– Sabe – falou Rony, cujas orelhas ainda estavam vermelhíssimas –, se Montague não se recuperar antes da Sonserina jogar contra a Lufa-Lufa, poderíamos ter chance de ganhar a copa.

– É, imagino que sim – disse Harry, contente com a mudança de assunto.

– Quero dizer, ganhamos uma, perdemos uma... se a Sonserina perder para a Lufa-Lufa no próximo sábado...

– É, verdade – disse Harry, já sem saber com o que estava concordando. Cho Chang acabara de atravessar o pátio, evitando olhar para ele de propósito.

A partida final da temporada de quadribol, Grifinória contra Corvinal, teria lugar no último fim de semana de maio. Embora Lufa-Lufa tivesse tido uma vitória apertada sobre Sonserina no último jogo, Grifinória não se atrevia a esperar uma vitória, principalmente por causa da abissal quantidade de frangos que Rony já engolira (embora é claro ninguém lhe dissesse isso). Ele, no entanto, parecia ter encontrado uma razão para otimismo.

– Quero dizer, não posso piorar, posso? – disse a Harry e Hermione sombriamente ao café da manhã no dia da partida. – Não há nada a perder agora, há?

– Sabe – disse Hermione, quando ela e Harry desciam para o campo um pouco mais tarde em meio a uma multidão excitável –, acho que Rony talvez jogue melhor sem Fred e Jorge por perto. Eles nunca demonstraram muita confiança nele.

Luna Lovegood alcançou-os com algo que parecia uma águia viva encarrapitada na cabeça.

– Puxa, me esqueci! – exclamou Hermione, vendo a águia bater as asas quando Luna passou serenamente por um grupo de alunos da Sonserina que riam e apontavam. – Cho vai jogar, não vai?

Harry, que não se esquecera disso, meramente grunhiu.

Eles encontraram lugares na penúltima fila das arquibancadas. Fazia um dia claro e bonito; Rony não poderia desejar um dia melhor e, contra todas as probabilidades, Harry se viu desejando que Rony não desse aos alunos da

Sonserina motivo para mais coros crescentes de “Weasley é nosso rei”.
Lino Jordan, que andava muito desanimado desde a partida de Fred e Jorge, era como sempre o locutor. Quando as equipes entraram em campo ele anunciou o nome dos jogadores com menos prazer do que o seu normal.
“... Bradley... Davies... Chang”, disse, e Harry sentiu seu estômago se manifestar, foi menos que um salto para trás, mais uma guinadinha quando Cho apareceu em campo, os cabelos negros e brilhantes ondeando à leve brisa. Ele não tinha mais certeza do que queria que acontecesse, exceto que não poderia aguentar mais brigas. Até mesmo a visão da garota conversando animadamente com Rogério Davies ao se prepararem para montar as vassouras lhe causava apenas uma fisgadinha de ciúmes.
“E começou a partida!”, anunciou Lino. “E Davies agarra a goles imediatamente. O capitão da Corvinal, Davies, detém a posse da goles, dribla Johnson, dribla Bell e dribla Spinnet também... está voando direto para o gol! Vai atirar... e... e...”, Lino soltou um sonoro palavrão, “... foi gol.”
Harry e Hermione gemeram com os demais colegas da Grifinória. Previsivelmente, horrivelmente, os torcedores da Sonserina do lado oposto das arquibancadas começaram a cantar:

Weasley não pega nada
Não defende aro algum...

– Harry – disse uma voz rouca no ouvido dele. – Hermione...
Harry se virou e viu o enorme rosto barbudo de Hagrid destacando-se na arquibancada. Pelo visto, ele se espremera pela carreira de trás, porque os alunos do primeiro e segundo anos pelos quais ele acabara de passar pareciam agitados e amassados. Por alguma razão, Hagrid se curvara à frente, como que ansioso para não ser visto, embora continuasse a ter pelo menos um metro a mais que todo o mundo.
– Escutem – sussurrou –, vocês podem vir comigo? Agora? Enquanto o pessoal está assistindo ao jogo?
– Ah... não dá para esperar, Hagrid? – perguntou Harry. – Até acabar o jogo?
– Não. Não, Harry, tem de ser agora... enquanto estão olhando para outro lado... por favor?
O nariz de Hagrid escorria sangue lentamente. Os dois olhos estavam roxos. Harry não o via tão perto desde sua volta à escola; parecia absolutamente desconsolado.
– Claro – disse Harry na mesma hora –, claro que iremos.
Ele e Hermione saíram, provocando muita reclamação dos estudantes que

precisaram se levantar. As pessoas na fileira de Hagrid não estavam apenas reclamando, mas tentando se encolher o máximo possível.
– Eu agradeço aos dois, realmente agradeço – disse Hagrid ao chegarem às escadas. Ele não parava de olhar para os lados, nervoso, enquanto desciam em direção aos gramados. – Espero que ela não note a saída da gente.
– Você quer dizer a Umbridge? – disse Harry. – Não vai notar, não, a Brigada Inquisitorial está toda sentada ao lado dela, você não viu? Deve estar prevendo alguma confusão durante o jogo.
– É, bom, uma confusãozinha não faria mal – disse Hagrid, parando para espiar em torno das arquibancadas para ter certeza de que o gramado até sua cabana estava deserto. – Nos daria mais um tempo.
– Para o quê, Hagrid? – perguntou Hermione, olhando para ele com uma expressão preocupada no rosto, enquanto caminhavam apressados em direção à orla da Floresta.
– Vocês... vocês vão ver daqui a pouco – disse espiando por cima do ombro na hora em que uma enorme gritaria se erguia das arquibancadas. – Ei... será que alguém acabou de fazer gol?
– Deve ter sido a Corvinal – comentou Harry, pesaroso.
– Bom... bom... – falou Hagrid, distraído. – Que bom...
Os garotos tiveram de correr para acompanhá-lo enquanto atravessava o gramado olhando para os lados a cada passo. Quando chegaram à cabana, Hermione virou automaticamente para a esquerda, em direção à porta de entrada. Hagrid, porém, passou direto e entrou sob as árvores que contornavam a Floresta, onde apanhou um arco encostado a uma árvore. Quando percebeu que os meninos não estavam com ele, virou-se.
– Vamos entrar aqui – disse ele, indicando com a cabeça lanzuda a Floresta às suas costas.
– Na Floresta? – perguntou Hermione, perplexa.
– É. Vamos agora, depressa, antes que nos vejam!
Harry e Hermione se entreolharam, então entraram rapidamente sob as árvores, atrás de Hagrid, que já se afastava a passos largos na penumbra esverdeada, o arco por cima do braço. Harry e Hermione correram para acompanhá-lo.
– Hagrid, por que você está armado? – perguntou Harry.
– Só uma precaução – respondeu, sacudindo os ombros maciços.
– Você não trouxe o arco no dia em que nos mostrou os Testrálios – comentou Hermione timidamente.
– Nam, bom, não íamos nos embrenhar tão fundo naquele dia. E de qualquer jeito, aquilo foi antes de Firenze ir embora da Floresta, não foi?

– Por que a saída de Firenze faz diferença? – perguntou Hermione, curiosa.
– Porque os centauros estão bem irritados comigo, por isso – disse em voz baixa, olhando para os lados. – Eles costumavam ser... bom, não posso dizer que fossem amigáveis... mas convivíamos bem. Ficavam na deles, mas sempre apareciam se eu queria dar uma palavrinha. Isso acabou.
Ele suspirou profundamente.
– Firenze disse que estão aborrecidos porque ele foi trabalhar para Dumbledore – disse Harry, tropeçando em uma raiz saliente porque estava olhando para Hagrid.
– É – disse Hagrid tristemente. – Bom, aborrecidos não é bem o termo. Lívidos de fúria. Se eu não tivesse me metido, calculo que teriam matado Firenze aos coices...
– Eles o atacaram? – disse Hermione, parecendo chocada.
– Atacaram – disse Hagrid, rouco, abrindo caminho entre vários ramos baixos. – Metade do rebanho caiu em cima dele.
– E você impediu? – perguntou Harry, surpreso e impressionado. – Sozinho?
– Claro que sim, não podia ficar parado assistindo a morte de Firenze, podia? Por sorte, eu ia passando, e acho que ele deveria ter se lembrado disso antes de começar a me mandar avisos idiotas! – acrescentou inesperadamente, inflamado.
Harry e Hermione se entreolharam, espantados, mas Hagrid, franzindo a testa, não explicou.
– Em todo o caso – continuou, respirando com mais dificuldade do que o normal –, desde então os centauros ficaram danados comigo, e o problema é que eles têm muita influência na Floresta... são os mais inteligentes por aqui.
– É por isso que estamos aqui, Hagrid? – perguntou Hermione. – Os centauros?
– Não, não – disse Hagrid, sacudindo a cabeça negativamente –, não, não são eles. Bom, naturalmente, eles poderiam complicar o problema, verdade... mas vocês vão ver o que quero dizer daqui a pouco.
Com essa nota enigmática, ele se calou e continuou avançando à frente, dando um passo para cada três dos garotos, tornando muito difícil acompanhá-lo.
A trilha foi se adensando, as árvores crescendo mais juntas à medida que se aprofundavam na Floresta, e foi escurecendo como se anoitecesse. Não tardaram a se distanciar da clareira em que Hagrid lhes mostrara os Testrálios, mas Harry não se sentiu apreensivo até vê-lo sair abruptamente da trilha e começar a serpear entre as árvores rumo ao centro escuro da Floresta.
– Hagrid! – chamou Harry, abrindo caminho por silvados muito trançados, por cima dos quais o amigo passava sem problemas, e lembrando muito vividamente o que lhe acontecera na vez anterior em que saíra da trilha da Floresta. – Aonde

estamos indo?
– Um pouquinho mais adiante – disse Hagrid por cima do ombro. – Vamos, Harry... precisamos ficar juntos agora.
Era um grande esforço acompanhar o passo de Hagrid, ainda mais com ramos e espinheiros sobre os quais ele marchava como se fossem apenas teias de aranha, mas que se prendiam nas vestes de Harry e Hermione, muitas vezes com tanta firmeza que eles precisavam parar durante alguns minutos para se desvencilhar. Os braços e pernas de Harry logo se cobriram de pequenos cortes e arranhões. Aprofundaram-se tanto na Floresta que Harry por vezes só conseguia distinguir Hagrid como um vulto maciço à sua frente. Qualquer som parecia ameaçador no silêncio abafado. A quebra de um graveto produzia um enorme eco, e o menor movimento, mesmo partindo de um inocente pardal, fazia Harry procurar na penumbra o responsável. Ocorreu-lhe que jamais conseguira penetrar tão fundo na Floresta sem encontrar algum tipo de bicho; a ausência deles parecia-lhe muito agourenta.
– Hagrid, será que poderíamos acender nossas varinhas? – perguntou Hermione em voz baixa.
– Aah... tudo bem – sussurrou em resposta. – Na verdade...
Ele parou de repente e se virou; Hermione só parou ao colidir com ele e cair de costas. Harry segurou-a quando estava prestes a bater no chão da Floresta.
– Talvez fosse melhor a gente parar um momento, para eu poder... contar a vocês – disse Hagrid. – Antes de chegarmos lá.
– Ótimo! – exclamou Hermione, enquanto Harry a ajudava a levantar. Os dois murmuraram: “*Lumus!*”, e as pontas de suas varinhas se iluminaram. O rosto de Hagrid flutuou na penumbra à luz trêmula dos dois feixes de luz, e Harry notou mais uma vez que o amigo parecia nervoso e triste.
– Certo – disse Hagrid. – Bom... entendem... o caso é que...
E tomou fôlego.
– Bom, tem uma boa chance de que eu vá ser despedido qualquer dia desses.
Harry e Hermione se entreolharam e tornaram a olhar para Hagrid.
– Mas você conseguiu se manter até agora – disse Hermione hesitante. – O que faz você pensar...
– Umbridge calcula que fui eu que pus o pelúcio na sala dela.
– E foi? – perguntou Harry, antes que pudesse se refrear.
– Não, a droga é que não fui! – respondeu ele, indignado. – Basta uma coisa ter a ver com criaturas mágicas para a Umbridge achar que deve ter sido eu. Vocês sabem que ela está procurando uma chance de se livrar de mim desde que voltei. Não quero ir embora, é claro, mas se não fossem... bom... circunstâncias especiais que vou explicar a vocês, eu iria embora agora mesmo, antes que ela

pudesse fazer isso na frente de toda a escola, como fez com a Trelawney.

Harry e Hermione soltaram exclamações de protesto, mas Hagrid ignorou-as com um aceno da sua mão enorme.

– Não é o fim do mundo, poderei ajudar Dumbledore depois que sair daqui, posso ser útil à Ordem. E vocês terão a Grubbly-Plank, terão... e vão passar bem no exame.

Sua voz tremeu e falhou.

– Não se preocupem comigo – acrescentou imediatamente, quando Hermione fez menção de lhe dar uma palmadinha no braço. Puxou, então, um enorme lenço manchado do bolso do colete e enxugou os olhos. – Olhem, eu nem estaria contando isso a vocês se não fosse obrigado. Vejam, se eu for... bom, não posso ir embora sem... sem contar para alguém... porque eu... eu vou precisar que vocês dois me ajudem. E Rony, se ele quiser.

– Claro que ele vai ajudar – disse Harry na mesma hora. – Que é que você quer da gente?

Hagrid fungou com força e, em silêncio, deu uma palmada no ombro de Harry com tal força que o garoto bateu de lado em uma árvore.

– Eu sabia que você ia dizer sim – falou Hagrid para dentro do lenço –, mas não vou... esquecer... jamais... bom... vamos... só mais um pouquinho adiante, por aqui... cuidado, agora, tem urtigas...

Eles andaram em silêncio mais uns quinze minutos; Harry ia abrindo a boca para perguntar quanto ainda faltava, quando Hagrid levantou o braço direito para sinalizar que deviam parar.

– Muita calma – disse baixinho. – Bem quietos agora...

Eles avançaram com muita cautela, e Harry viu que estavam diante de um monte de terra, liso e grande, quase da altura de Hagrid, que ele achou, com um sobressalto de temor, que devia ser a toca de um animal enorme. A toda a volta do monte, as árvores haviam sido arrancadas pelas raízes, de modo que ele se erguia em um trecho nu do terreno, protegido por pilhas de troncos e galhos que formavam uma espécie de cerca ou barricada, atrás da qual Harry, Hermione e Hagrid agora se encontravam.

– Dormindo – sussurrou Hagrid.

Sem dúvida, Harry podia ouvir um ronco distante e ritmado que parecia vir de pulmões em atividade. Ele olhou de lado para Hermione, que contemplava o monte com a boca ligeiramente aberta. Tinha uma expressão de absoluto terror.

– Hagrid – perguntou em um murmúrio quase inaudível face ao ruído da criatura adormecida –, quem é?

Harry achou a pergunta estranha... “*Que* é?” era a que pretendera fazer.

– Hagrid, você nos disse... – falou Hermione, a varinha agora tremendo na

mão – você nos disse que nenhum deles quis vir!
Harry olhou da amiga para Hagrid e, então, compreendeu e virou-se para o monte com uma exclamação de horror.
O grande monte de terra, em que ele, Hermione e Hagrid podiam ter facilmente subido, arfava lentamente no mesmo ritmo que a respiração profunda e ruidosa. Não era monte algum. Eram sem dúvida as costas curvadas de um...
– Bom... não... ele não queria vir – disse Hagrid, parecendo desesperado. – Mas tive de trazê-lo, Hermione, simplesmente tive!
– Mas por quê? – perguntou Hermione, que dava a impressão de querer chorar. – Por que... que... ah, Hagrid!
– Eu sabia que se o trouxesse comigo – disse Hagrid, que também parecia prestes a chorar – e... e o ensinasse a se comportar... poderia mostrar ao mundo que ele é inofensivo!
– Inofensivo! – exclamou Hermione se esganiçando, e Hagrid fez gestos frenéticos quando a enorme criatura à frente deles resmungou alto e mudou de posição dormindo... – Esse tempo todo ele tem batido em você, não é? É por isso que você está nesse estado!
– Ele não sabe a força que tem! – disse Hagrid, convicto. – E está melhorando, não está mais brigando tanto...
– Então foi por isso que você levou dois meses para chegar! – disse Hermione, espantada. – Ah, Hagrid, por que você o trouxe se ele não queria vir? Ele não teria sido mais feliz com o povo dele?
– Estavam abusando dele, Hermione, porque ele é muito pequeno!
– Pequeno? – disse Hermione. – *Pequeno?*
– Hermione, eu não poderia deixá-lo – disse Hagrid, as lágrimas agora escorrendo pelo rosto ferido, e se perdendo na barba. – Entende... ele é meu irmão!
Hermione simplesmente arregalou os olhos para ele, boquiaberta.
– Hagrid, quando você diz “irmão” – perguntou Harry lentamente –, você quer dizer...?
– Bom... meio-irmão – corrigiu Hagrid. – Acabou que minha mãe foi viver com outro gigante quando deixou meu pai, e foi e teve Grope...
– Grope? – repetiu Harry.
– É... bom, é o som que se ouve quando diz o nome dele – disse Hagrid, ansioso. – Ele não fala muito inglês... Andei tentando ensinar... em todo o caso, minha mãe parece que não gostou mais dele do que de mim. Entende, entre as gigantas, o que conta é procriar filhos grandes, e ele sempre foi meio nanico para um gigante: tem menos de cinco metros...
– Ah, é, pequenininho! – disse Hermione com uma espécie de ironia histérica.

– Absolutamente minúsculo!
– Estava sendo maltratado por todos... eu simplesmente não podia deixar Grope lá.
– Madame Maxime queria trazê-lo? – perguntou Harry.
– Ela... bom, ela viu que era muito importante para mim – disse Hagrid, torcendo as mãos enormes. – Mas... mas se cansou um pouco depois de algum tempo, devo confessar... então nos separamos na viagem de volta... mas ela prometeu não contar a ninguém...
– Nossa, como foi que você voltou com ele sem ninguém notar? – perguntou Harry.
– Bom, foi por isso que demorou tanto, entende. Só podia viajar à noite e por terra despovoada e outras coisas. Claro que ele cobre uma boa distância quando quer, mas passou o tempo todo querendo voltar.
– Ah, Hagrid, nossa, por que você não o deixou lá? – perguntou Hermione, se largando em cima de uma árvore arrancada e escondendo o rosto nas mãos. – Que é que você acha que vai fazer com um gigante violento que nem ao menos quer ficar aqui!?
– Bom, violento é um pouco exagerado – protestou Hagrid, ainda torcendo as mãos, agitado. – Admito que ele tentou me acertar umas duas vezes quando estava de mau humor, mas está melhor, muito melhor, está se ajustando bem.
– Então para que são essas cordas? – perguntou Harry.
Harry acabara de reparar nas cordas grossas como pernas que haviam sido esticadas do tronco das árvores próximas maiores até o lugar em que Grope estava enroscado no chão, de costas para eles.
– Você tem de mantê-lo amarrado? – perguntou Hermione com a voz fraca.
– Bom... é... – disse Hagrid, parecendo ansioso. – Entende... é como eu digo... ele não sabe realmente a força que tem.
Harry entendia agora por que achara suspeita a falta de outros seres vivos nesta parte da Floresta.
– Então, que é que você quer que a gente faça? – perguntou Hermione, apreensiva.
– Que cuide dele – disse Hagrid, rouco. – Depois que eu for embora.
Harry e Hermione trocaram olhares angustiados, ele incomodamente consciente de que já prometera a Hagrid que faria o que o amigo pedisse.
– E que é que a gente teria de fazer, exatamente? – indagou Hermione.
– Não é comida nem nada! – disse Hagrid, ansioso. – Ele sabe caçar a própria comida sem problema. Aves e veados e outras coisas... não, é de companhia que ele precisa. Se eu soubesse que alguém estava continuando o esforço de ajudá-lo um pouco... ensinar a ele, sabem.

Harry não disse nada, mas se virou para dar uma espiada no vulto gigantesco que dormia no chão da Floresta. Ao contrário de Hagrid, que parecia apenas um ser humano grande demais, Grope parecia estranhamente deformado. O que Harry pensara ser um vasto pedregulho musgoso à esquerda do monte de terra, reconhecia agora ser a cabeça do gigante. Era proporcionalmente muito maior que uma cabeça humana, era uma esfera quase perfeita coberta de cabelos muito crespos e densos cor de samambaia. A borda de uma única orelha grande e carnuda era visível no alto da cabeça, que parecia assentar, à semelhança da do tio Válter, diretamente sobre os ombros, com pouco ou quase nenhum pescoço de permeio. As costas, sob uma peça de roupa que lembrava uma bata parda e suja feita de peles de animais toscamente costuradas, eram muito largas; e enquanto Grope dormia, a roupa parecia repuxar um pouco nas costuras. As pernas estavam encolhidas sob o corpo. Harry via as solas de pés descalços, enormes, sujos, do tamanho de trenós, descansando um sobre o outro na terra.

– Você quer que a gente ensine a ele? – perguntou Harry com a voz cava. Agora entendia o aviso de Firenze. *A tentativa dele não está dando certo. Seria melhor que a abandonasse*. Naturalmente, os outros habitantes da Floresta deviam ter ouvido as infrutíferas tentativas de Hagrid de ensinar inglês a Grope.

– É... mesmo que vocês só falem um pouco com ele – disse Hagrid, esperançoso. – Porque calculo que, se ele puder falar com gente, vai compreender melhor que todos gostamos dele realmente, e queremos que fique.

Harry se virou para Hermione, que o espiou por entre os dedos que cobriam seu rosto.

– Até faz a gente desejar que tivesse o Norberto de volta, não? – comentou Harry, e Hermione deu uma risada vacilante.

– Vocês vão fazer isso, então? – perguntou Hagrid, que não parecia ter entendido o que Harry acabara de dizer.

– Bom... – disse o garoto, já preso por sua promessa. – Vamos tentar.

– Eu sabia que podia contar com vocês, Harry – disse Hagrid, sorrindo de um jeito lacrimejante e secando o rosto com o lenço. – E não quero que vocês saiam muito do seu caminho... sei que têm exames... se vocês puderem dar uma corridinha aqui com a Capa da Invisibilidade talvez uma vez por semana para bater um papo com ele. Vou acordar Grope então... apresentar vocês...

– Qu... não! – exclamou Hermione se levantando de um salto. – Hagrid, não, não o acorde, sinceramente, não precisamos...

Mas Hagrid já passara por cima do grande tronco à frente e se encaminhava para Grope. Quando chegou a uns três metros de distância, ergueu do chão um longo galho partido, sorrindo de forma tranquilizadora para Harry e Hermione por cima do ombro, então deu um cutucão no meio das costas do irmão com a

ponta do galho.
O gigante deu um urro que ecoou pela Floresta silenciosa; os passarinhos no topo das árvores saíram dos poleiros, piando, e voaram para longe. À frente dos garotos, o gigante foi se levantando do chão, que vibrou quando ele apoiou a mão descomunal para se ajoelhar. Grope virou a cabeça para ver quem o incomodara.
– Tudo bem, Gropinho? – perguntou Hagrid com pretensa animação, recuando com o longo galho em riste, pronto para cutucar o irmão. – Tirou uma boa soneca, eh?
Harry e Hermione recuaram o mais longe que puderam, mantendo o gigante à vista. Grope se ajoelhou entre duas árvores que ainda não arrancara. Os garotos ergueram os olhos para o seu rosto espantosamente grande, que lembrava uma lua cheia acinzentada, flutuando na penumbra da clareira. Era como se suas feições tivessem sido talhadas em uma grande bola de pedra. O nariz era curto e sem forma, a boca enviesada e cheia de dentes amarelos e tortos do tamanho de meios tijolos; os olhos, pequenos pelos padrões dos gigantes, eram um castanho-esverdeado e opaco, e no momento estavam meio colados de sono. Grope levou os nós dos dedos sujos, do tamanho de uma bola de críquete, aos olhos, esfregou-os vigorosamente, então, sem aviso, pôs-se de pé com surpreendente agilidade e rapidez.
– Puxa vida! – Harry ouviu Hermione guinchar aterrorizada, ao seu lado.
As árvores, às quais estavam presas as pontas das cordas amarradas aos tornozelos e pulsos de Grope, rangeram agourentamente. Ele tinha, conforme Hagrid dissera, no mínimo uns cinco metros de altura. Relanceando ao redor com a vista turva, o gigante esticou a mão grande como uma barraca de praia, agarrou um ninho nos galhos mais altos de um altíssimo pinheiro e virou-o para baixo com um rugido de aparente insatisfação porque não havia passarinho algum dentro; os ovos caíram no chão como granadas e Hagrid levou os braços à cabeça para se proteger.
– Em todo o caso, Gropinho – gritou Hagrid, erguendo a cabeça apreensivo para ver se caíam mais ovos –, trouxe uns amigos para conhecer você. Lembra que eu disse que talvez fizesse isso? Lembra que eu disse que poderia ter de viajar e deixar eles cuidando de você um tempinho? Lembra, Gropinho?
Mas o gigante meramente soltou um rugido baixo; era difícil saber se estava escutando Hagrid ou se sequer reconhecia os sons que o irmão fazia como uma linguagem. Agarrava agora o topo do pinheiro e o puxava contra o corpo, evidentemente pelo simples prazer de ver até onde a árvore iria quando ele a largasse.
– Vamos, Grope, não faça isso! – berrou Hagrid. – Foi assim que você acabou

arrancando as outras...

E de fato, Harry viu a terra em volta das raízes do pinheiro começar a rachar.

– Trouxe visitas para você! – berrou Hagrid. – Visitas, veja! Olhe para baixo, seu grande palhaço, trouxe uns amigos para você!

– Ah, Hagrid, não – gemeu Hermione, mas ele já reerguera o galho que segurava e cutucava com força o joelho do irmão.

O gigante soltou o pinheiro, que balançou assustadoramente, despejando sobre Hagrid uma chuva de agulhas, e olhou para baixo.

– *Este* – disse Hagrid, correndo para onde Harry e Hermione estavam parados – é Harry, Grope! Harry Potter! Ele talvez venha visitar você se eu precisar viajar, entendeu?

O gigante acabara de perceber a presença dos garotos. Eles acompanharam, com grande apreensão, Grope baixar sua descomunal cabeça de pedregulho para examiná-los com a vista ainda turva.

– E esta é Hermione, entende? Her... – Hagrid hesitou. Virando-se para a garota, perguntou: – Se incomoda se ele chamar você de Hermi, Hermione? Porque é um nome difícil para ele lembrar.

– Não, imagine – esganiçou-se Hermione.

– Esta é Hermi, Grope! Ela vai vir aqui e tudo o mais! Não é bom? Eh? Dois amigos para você... GROPINHO, NÃO?

A mão do gigante se deslocou de repente em direção a Hermione; Harry agarrou a amiga e puxou-a para trás de uma árvore, de modo que a mão de Grope arranhou o tronco, mas não pegou nada.

– QUE FEIO, GROPE! – eles ouviram Hagrid berrar, enquanto Hermione se abraçava a Harry atrás da árvore, tremendo e choramingando. – MUITO FEIO! NÃO AGARRE AS PESSOAS... AI!

Harry pôs a cabeça para fora de trás do tronco e viu Hagrid caído de costas, a mão cobrindo o nariz. O irmão, aparentemente perdendo o interesse, tornara a se erguer e mais uma vez estava ocupado em vergar o pinheiro até o limite.

– Certo – disse Hagrid com a voz pastosa, e se levantou, apertando o nariz para estancar o sangue, empunhando na outra mão o arco –, bom, então é isso... vocês já o conheceram e... e agora ele vai reconhecê-los quando vocês voltarem. É... bom...

E ergueu o olhar para o irmão, que agora estava puxando o pinheiro com uma expressão de prazer alienado no rosto de pedregulho; as raízes estalaram quando ele as arrancou da terra.

– Bom, imagino que seja suficiente por hoje – disse Hagrid. – Bom... ah... vamos voltar agora, está bem?

Harry e Hermione concordaram com a cabeça. Hagrid tornou a pôr o arco no

ombro e, ainda apertando o nariz, foi indicando o caminho entre as árvores.
Ninguém falou por algum tempo, nem mesmo quando ouviram o estrondo distante que significava que Grope finalmente arrancara a árvore. Hermione tinha o rosto pálido e contraído. Harry não conseguia pensar em nada para dizer. Caramba, o que iria acontecer quando alguém descobrisse que Hagrid escondera Grope na Floresta Proibida? E Harry prometera que ele, Rony e Hermione continuariam as tentativas totalmente inúteis de civilizar o gigante. Como é que Hagrid podia, mesmo com a sua imensa capacidade de se iludir que monstros com presas eram amoráveis e inofensivos, pensar que o irmão algum dia estaria em condições de conviver com seres humanos?
– Esperem – pediu Hagrid de repente, na hora em que Harry e Hermione iam atravessando com dificuldade um trecho em que a sanguinária era alta e densa. Ele puxou uma flecha da aljava presa ao ombro e encaixou-a no arco. Harry e Hermione ergueram as varinhas; agora que tinham parado de andar, eles também ouviram um movimento próximo.
– Ah, caramba! – exclamou Hagrid baixinho.
– Pensei que tínhamos avisado, Hagrid – disse uma voz grave masculina –, que você não é mais bem-vindo aqui?
O tronco nu de um homem pareceu por um momento estar flutuando em direção a eles na semiobscuridade malhada de verde; depois, eles viram que a cintura se ligava suavemente a um corpo castanho de cavalo. Este centauro tinha um rosto soberbo de malares altos e longos cabelos negros. Como Hagrid, estava armado; trazia uma aljava cheia de flechas e um arco pendurados em seus ombros.
– Como vai, Magoriano? – cumprimentou Hagrid, preocupado.
As árvores atrás do centauro farfalharam, e mais quatro ou cinco centauros surgiram às suas costas. Harry reconheceu o barbudo Agouro, de corpo negro, a quem encontrara quase quatro anos antes na mesma noite em que conhecera Firenze. Agouro não demonstrou ter encontrado Harry antes.
– Então – disse com uma inflexão desagradável na voz, antes de se virar imediatamente para Magoriano. – Acho que tínhamos concordado sobre o que faríamos se este humano voltasse a mostrar a cara na Floresta...
– “Este humano” é como me chama agora? – disse Hagrid, irritado. – Só porque impedi vocês de cometerem um assassinato?
– Você não devia ter se metido, Hagrid – disse Magoriano. – Os nossos costumes não são os seus, nem as nossas leis. Firenze nos traiu e desonrou.
– Não sei como vocês chegaram a essa conclusão – retrucou Hagrid, impaciente. – Ele não fez nada além de ajudar Alvo Dumbledore.
– Firenze se tornou servo dos humanos – disse um centauro cinzento com um

rosto duro e rugas profundas.
– *Servo!* – exclamou Hagrid sarcasticamente. – Ele está prestando um favor a Dumbledore, e é só...
– Ele está mascateando o nosso conhecimento e os nossos segredos para os humanos – disse Magoriano. – Não há como reverter uma vergonha dessas.
– Se você diz que é assim – replicou Hagrid, sacudindo os ombros –, mas pessoalmente acho que estão cometendo um grande erro...
– Tal como você, humano – disse Agouro –, voltando à nossa Floresta quando o prevenimos...
– Agora, escutem aqui – disse Hagrid, zangado. – Se não se importarem, vamos falar menos em “nossa” Floresta. Não são vocês quem decidem quem entra e sai daqui...
– Nem você, tampouco – respondeu Magoriano suavemente. – Deixarei você passar hoje porque está acompanhado dos seus filhotes...
– Não são dele! – interrompeu Agouro, desdenhoso. – Estudantes, Magoriano, da escola! Provavelmente já se beneficiaram dos ensinamentos do traidor Firenze.
– Ainda assim – falou Magoriano calmamente –, a matança de crias é um crime terrível: não tocamos nos inocentes. Hoje, Hagrid, você passa. Doravante, fique longe deste lugar. Você traiu a amizade dos centauros quando ajudou o traidor Firenze a fugir.
– Não vou ser expulso da Floresta por um bando de mulas velhas como vocês! – bradou Hagrid.
– Hagrid – chamou Hermione com a voz aguda e aterrorizada, quando Agouro e o centauro cinzento começaram a patear o chão –, vamos embora, por favor, vamos!
Hagrid começou a andar, mas seu arco continuava erguido e seus olhos ameaçadoramente fixos em Magoriano.
– Nós sabemos o que você está guardando na Floresta, Hagrid! – gritou Magoriano quando os centauros desapareciam de vista. – E nossa tolerância está se esgotando!
Hagrid se virou e deu impressão de querer voltar diretamente para Magoriano.
– Vocês vão tolerá-lo enquanto ele estiver aqui, a Floresta pertence tanto a ele quanto a vocês! – berrou, enquanto Harry e Hermione o empurravam com todas as forças pela cintura, procurando impedi-lo de avançar. Ainda de cara amarrada, ele olhou para baixo; sua expressão se alterou para demonstrar surpresa ao ver os dois a empurrá-lo; parecia não ter sentido nada antes. – Se acalmem, os dois – disse, virando-se para continuar a caminhada enquanto os garotos ofegavam atrás dele. – Não passam de mulas velhas.

– Hagrid – disse Hermione sem ar, contornando o trecho das urtigas pelo qual haviam passado na ida –, se os centauros não querem humanos na Floresta, realmente parece que Harry e eu não vamos poder...
– Ah, vocês ouviram o que eles disseram – respondeu Hagrid contestando –, não machucariam filhotes, quero dizer, garotos. Em todo o caso, não podemos permitir que mandem na gente.
– Boa tentativa – murmurou Harry para Hermione, que parecia desconcertada.
Finalmente eles retomaram a trilha e uns dez minutos depois as árvores começaram a ficar mais espaçadas; já dava para ver outra vez pedaços do céu azul e, a distância, ouvir os sons inegáveis de vivas e gritos.
– Será que foi outro gol? – indagou Hagrid, parando sob o abrigo das árvores quando avistaram o campo de quadribol. – Ou vocês acham que o jogo acabou?
– Não sei – respondeu Hermione, desconsolada. Harry reparou que a amiga estava com um aspecto péssimo; os cabelos cheios de gravetos e folhas, as vestes rasgadas em vários lugares e havia numerosos arranhões em seu rosto e nos braços. Sabia que não devia estar muito melhor.
– Calculo que terminou, sabem! – disse Hagrid apertando os olhos para ver o estádio. – Olhem... já tem gente saindo... e se vocês dois se apressarem poderão se misturar aos espectadores, e ninguém vai saber que não estiveram lá!
– Boa ideia – disse Harry. – Bom... a gente se vê, então, Hagrid.
– Eu não acredito – disse Hermione com a voz muito vacilante, no momento em que se distanciaram o suficiente de Hagrid para não ser ouvidos. – Eu não acredito. *Realmente* não acredito.
– Calma – pediu Harry.
– Calma! – exclamou ela, febril. – Um gigante! Um gigante na Floresta! E Hagrid espera que a gente dê aulas de inglês a ele! Sempre supondo, é claro, que conseguiremos passar por um rebanho de centauros assassinos para entrar e sair! Eu... não... *acredito*!
– Ainda não temos de fazer nada! – Harry tentou tranquilizá-la, ao se reunirem à torrente de alunos da Lufa-Lufa, que falavam agitados voltando para o castelo. – Ele não está nos pedindo para fazer nada a não ser que seja demitido, e isso talvez não aconteça.
– Ah, pare com isso, Harry! – disse Hermione, zangada, estacando subitamente e obrigando as pessoas que vinham atrás a se desviar dela. – Claro que vai ser demitido e, para ser perfeitamente sincera, depois do que acabamos de ver, quem pode culpar a Umbridge?
Houve uma pausa em que Harry a encarou com ferocidade, e os olhos dela se encheram de lágrimas.
– Você não está falando sério – disse ele em voz baixa.

– Não... bom... tudo bem... não falei – respondeu Hermione enxugando os olhos com raiva. – Por que é que ele tem de criar dificuldades para ele... para nós?
– Não sei...

Weasley é nosso rei,
Weasley é nosso rei,
Não deixou a bola entrar
Weasley é nosso rei...

– E eu gostaria que parassem de cantar essa música idiota – disse Hermione, infeliz –, será que ainda não tripudiaram bastante?
Uma grande onda de estudantes vinha saindo do estádio e subia os gramados.
– Ah, vamos entrar antes que a gente dê de cara com o pessoal da Sonserina – disse Hermione.

Weasley defende qualquer bola
Nunca deixa o aro livre
É por isso que a Grifinória canta
Weasley é o nosso rei.

– Hermione... – disse Harry lentamente.
A cantoria estava aumentando, mas não vinha da multidão de alunos da Sonserina, vestida de verde e prata, mas de uma massa de vermelho e ouro que se deslocava gradualmente para o castelo, levando uma figura solitária nos ombros.

Weasley é nosso rei,
Weasley é nosso rei,
Não deixou a bola entrar
Weasley énosso rei...

– Não! – exclamou Hermione aos sussurros.
– SIM! – falou Harry em voz alta.
– HARRY, HERMIONE! – berrou Rony, balançando a taça de prata do quadribol no ar, parecendo fora de si de felicidade. – CONSEGUIMOS! GANHAMOS!
Os dois sorriram para o amigo que passava. Houve um rolo na porta do castelo e a cabeça de Rony bateu com força na viga superior, mas ninguém

parecia querer colocá-lo no chão. Ainda cantando, a multidão se comprimiu no Saguão de Entrada e desapareceu de vista. Harry e Hermione ficaram vendo os colegas se afastarem, sorrindo, até que os últimos ecos do refrão "Weasley é nosso rei" morreram ao longe. Então viraram-se um para o outro e seus sorrisos se desfizeram.

– Vamos guardar as nossas notícias para amanhã, não é? – disse Harry.

– É, certo – disse Hermione, preocupada. – Não estou com a menor pressa.

Os dois subiram os degraus juntos. À porta, instintivamente se voltaram para contemplar a Floresta Proibida. Harry não teve certeza se era ou não sua imaginação, mas pensou ter visto uma pequena nuvem de pássaros irrompendo no ar por cima das árvores distantes, quase como se aquela em que se aninhavam tivesse acabado de ser arrancada pela raiz.

— CAPÍTULO TRINTA E UM —
N. O. M. s

A euforia de Rony por ter ajudado a Grifinória a ganhar a taça de quadribol era tal que ele não conseguiu se concentrar em nada no dia seguinte. Só queria comentar o jogo, por isso Harry e Hermione acharam muito difícil encontrar uma vaga para mencionar Grope. Não que eles tivessem se empenhado muito; nenhum dos dois queria ser responsável por trazer Rony de volta à realidade de maneira tão brutal. Como fazia outro belo dia de calor, eles o convenceram a acompanhá-los na revisão de matérias embaixo da faia à beira do lago, onde teriam menor chance de ser escutados do que na sala comunal. A princípio Rony não gostou muito da ideia – estava adorando levar palmadinhas nas costas de todo aluno da Grifinória que passava por sua poltrona, para não mencionar os coros repentinos de "Weasley é nosso rei" –, mas, passado algum tempo, ele concordou que um pouco de ar fresco lhe faria bem.

Os garotos espalharam os livros à sombra da faia e se sentaram, enquanto Rony contava sua primeira defesa na partida, ele próprio percebeu que pela décima segunda vez.

– Bom, quero dizer, eu já tinha deixado entrar um gol do Davies, então não estava me sentindo nada confiante, mas, não sei, quando Bradley veio na minha direção, sem eu nem saber de onde tinha saído, pensei: *Você é capaz de fazer essa defesa!* E tive um segundo para decidir para que lado voar, sabe, porque pelo jeito ele estava visando ao aro da direita, minha direita, obviamente a esquerda dele, mas eu tive a estranha sensação de que estava fingindo, então arrisquei e voei para a esquerda, a direita dele... quero dizer... e... bom... vocês viram o que aconteceu – concluiu ele modestamente, jogando os cabelos para trás à toa, fazendo-os parecer curiosamente despenteados pelo vento, e olhando para os lados para ver se as pessoas mais próximas, um grupo de terceiranistas da Lufa-Lufa, tinham-no ouvido. – Então, quando Chambers avançou para mim

uns cinco minutos depois... Quê? – perguntou Rony, parando no meio da frase ao ver a expressão no rosto de Harry. – Por que é que você está sorrindo?

– Não estou – disse Harry depressa, e baixou os olhos para suas notas de Transfiguração, tentando ficar sério. A verdade é que o amigo acabara de lhe recordar claramente outro jogador de quadribol da Grifinória que um dia se sentara despenteando os cabelos embaixo dessa mesmíssima árvore. – Estou feliz porque ganhamos, é só.

– É – disse Rony, saboreando a palavra *ganhamos*. – Você viu a cara da Chang quando Gina capturou o pomo bem debaixo do nariz dela?

– Imagino que tenha chorado, não? – comentou Harry, amargurado.

– Bom, é... mais de raiva do que de outra coisa... – Rony enrugou ligeiramente a testa. – Mas você viu quando ela aterrissou e jogou a vassoura no chão, não viu?

– Ah... – começou Harry.

– Bom, na verdade... não, Rony – disse Hermione com um pesado suspiro, baixando o livro e encarando o amigo com ar de quem se desculpa. – De fato, a única parte do jogo a que eu e Harry assistimos foi o primeiro gol de Davies.

Os cabelos de Rony cuidadosamente despenteados pareceram murchar de desapontamento.

– Vocês não assistiram? – disse ele com a voz fraca, olhando de um para outro. – Vocês não me viram fazer nenhuma dessas defesas?

– Bom... não – disse Hermione, conciliadora, estendendo a mão para ele. – Mas, Rony, nós não queríamos sair: tivemos de sair!

– Ah é?! – exclamou Rony cujo rosto começou a ficar vermelho. – E por quê?

– Foi o Hagrid – disse Harry. – Ele resolveu nos contar por que está todo machucado desde que voltou da terra dos gigantes. Queria que a gente o acompanhasse à Floresta, não tivemos opção, você sabe como ele fica. De qualquer jeito...

A história foi contada em cinco minutos, ao final dos quais a indignação de Rony deu lugar a uma expressão de total incredulidade.

– *Ele trouxe um gigante e o escondeu na Floresta?*

– Foi – confirmou Harry, carrancudo.

– Não – disse Rony, como se ao dizer isso pudesse mudar a realidade em irrealidade. – Não, ele não pode ter feito isso.

– Mas fez – confirmou Hermione. – *Grope* tem quase cinco metros, se diverte arrancando pinheiros de seis metros, e me conhece – ela deu uma risadinha desgostosa – como “Hermi”.

Rony riu, nervoso.

– E Hagrid quer que a gente...?

– Ensine inglês a ele, é – completou Harry.
– Ficou maluco – protestou Rony num tom próximo ao assombro.
– É – falou Hermione, irritada, virando uma página de *Transfiguração para o curso médio* e examinando uma série de diagramas que ilustravam a transformação de uma coruja em um binóculo de teatro. – É, estou começando a pensar que ficou. Mas, infelizmente, ele fez a gente, Harry e eu, prometer.
– Bom, então o jeito é vocês quebrarem a promessa – disse Rony com firmeza. – Quero dizer, vamos... temos exames e estamos assim – ele ergueu a mão mostrando o polegar e o indicador quase juntos – de sermos expulsos sem fazer mais nada. Além disso... vocês se lembram do Norberto? Lembram Aragogue? Algum dia lucramos alguma coisa por nos meter com os monstros do Hagrid?
– Eu sei, é só que... prometemos – disse Hermione com a voz fraquinha.
Rony tornou a alisar os cabelos, parecendo preocupado.
– Bom – suspirou –, Hagrid ainda não foi despedido, não é? Se aguentou até aqui, quem sabe aguenta até o final do trimestre e a gente nem tem que chegar perto do tal *Grope*?

Os jardins e terras do castelo refulgiam ao sol como se tivessem sido recémpintados; o céu sem nuvens sorria para o seu reflexo no lago liso e cintilante; o verde acetinado dos gramados ondeava ocasionalmente à brisa mansa. Junho chegara, mas para os quintanistas isto significava apenas uma coisa: estavam às vésperas dos N.O.M.s.
Seus professores não passavam mais deveres de casa; as aulas eram dedicadas a revisar os tópicos que eles achavam que mais provavelmente cairiam nos exames. A atmosfera premeditada e febril varreu quase tudo da cabeça de Harry, exceto os N.O.M.S., embora ele se perguntasse ocasionalmente, durante as aulas de Poções, se Lupin chegara a dizer a Snape que ele devia continuar a lhe dar aulas particulares de Oclumência. Se dissera, então Snape ignorara Lupin completamente como agora o ignorava. Isto convinha a Harry; estava bastante ocupado e tenso sem aulas extras com Snape, e, para seu alívio, Hermione andava ultimamente preocupada demais para aborrecê-lo com a Oclumência; passava muito tempo falando sozinha, e fazia dias que não deixava roupas para elfos.
Ela não era a única pessoa a se comportar estranhamente à medida que se aproximavam dos exames. Ernesto Macmillan adquirira o irritante hábito de interrogar as pessoas sobre a maneira de fazerem revisões.
– Quantas horas vocês acham que estão gastando por dia? – perguntou a Harry e Rony na fila à porta da aula de Herbologia, com um brilho obsessivo nos

olhos.
– Não sei – respondeu Rony. – Algumas.
– Mais ou menos de oito?
– Suponho que menos – disse Rony, parecendo ligeiramente alarmado.
– Estou gastando oito – informou ele estufando o peito. – Oito ou nove. E estou encaixando mais uma hora antes do café da manhã todos os dias. Oito tem sido a minha média. Posso chegar a dez em um bom dia no fim de semana. Fiz nove e meia na segunda-feira. Não fui tão bem na terça: só sete e quinze. Depois, na quarta-feira...

Harry se sentiu profundamente grato que neste momento a Profª Sprout os tivesse mandado entrar na estufa número três, obrigando Ernesto a abandonar sua enumeração.

Entrementes, Draco Malfoy encontrava um modo novo de induzir o pânico.
– Naturalmente, não é o que você sabe – ouviram-no comentar com Crabbe e Goyle à porta de Poções poucos dias antes dos exames começarem –, mas quem você conhece. Agora, meu pai é amigo da chefe da Autoridade de Exames Bruxos há anos, a velha Griselda Marchbanks, ela já foi jantar lá em casa e tudo...
– Vocês acham que isso é verdade? – sussurrou Hermione, alarmada, para Harry e Rony.
– Se for não há nada que se possa fazer – comentou Rony tristemente.
– Acho que não é verdade – disse Neville calmamente às costas deles. – Porque a Griselda Marchbanks é amiga da minha avó, e ela jamais mencionou os Malfoy.
– Como é que ela é, Neville? – perguntou Hermione na mesma hora. – É rigorosa?
– Na verdade lembra um pouco a minha avó – disse Neville em voz baixa.
– Mas o fato de conhecê-la não vai prejudicar você, vai? – perguntou Rony animando-o.
– Não acho que vá fazer diferença – retrucou ele, ainda mais infeliz. – Vovó está sempre dizendo à Profª Marchbanks que não sou tão bom quanto o meu pai... bom... vocês viram como ela é lá no St. Mungus...

Neville ficou olhando fixamente para o chão. Harry, Rony e Hermione se entreolharam, mas não souberam o que dizer. Era a primeira vez que Neville mencionava que haviam se encontrado no hospital dos bruxos.

Nesse meio-tempo, nascera entre os alunos de quinto e sétimo ano um florescente mercado negro de produtos para aumentar a concentração, a agilidade mental e a atenção. Harry e Rony se sentiram muito tentados a comprar

a garrafa de Elixir Baruffio para o Cérebro oferecida pelo sextanista da Corvinal, Edu Carmichael, que jurou que o elixir fora o único responsável pelos seus nove “Excepcionais” nos N.O.M.s do verão anterior, e do qual estava vendendo meio litro por apenas doze galeões. Rony garantiu a Harry que lhe pagaria a sua metade assim que terminasse Hogwarts e arranjasse um emprego, mas, antes que pudesse fechar o negócio, Hermione confiscou a garrafa de Carmichael e despejou o conteúdo num vaso sanitário.

– Hermione, nós queríamos comprar o elixir! – gritou Rony.

– Não seja burro – rosnou ela. – Você poderá tomar o pó de garra de dragão de Harold Dingle que faria o mesmo efeito.

– Dingle tem pó de garra de dragão? – indagou Rony, ansioso.

– Não tem mais. Confisquei o pó também. Nenhuma dessas coisas faz realmente efeito, entende.

– Garra de dragão faz! – exclamou Rony. – Dizem que é incrível, realmente dá uma injeção de reforço no cérebro, a pessoa fica superperspicaz durante algumas horas... Hermione, me dá uma pitada, vai, não pode fazer mal...

– Essa droga faz – disse Hermione sombriamente. – Dei uma examinada, e descobri que na realidade é excremento de Fada Mordente...

A informação tirou a vontade dos garotos de comprar estimulantes para o cérebro.

Eles receberam os horários dos exames e os detalhes de como proceder na aula de Transfiguração seguinte.

– Como vocês podem ver – disse a Profª McGonagall à classe enquanto os alunos copiavam as datas e os horários dos exames do quadro-negro –, os seus N.O.M.s estão distribuídos por duas semanas sucessivas. Vocês farão os exames de teoria pela manhã e os de prática à tarde. O exame prático de Astronomia, naturalmente, será realizado à noite.

“Agora, devo prevenir a vocês que os seus exames receberam os feitiços anticola mais fortes que existem. Não são permitidos na sala de exame Penas de Resposta Automática, nem tampouco Lembróis, Punhos-de-Cola Destacáveis nem Tinta Autocorretora. Todo ano, é preciso dizer, aparece no mínimo um estudante que acha que pode contornar o regulamento da Autoridade de Exames Bruxos. Minha esperança é que não seja ninguém da Grifinória. Nossa nova... diretora... – a Profª McGonagall pronunciou o nome com a mesma expressão no rosto com que tia Petúnia sempre encarava um sujinho particularmente renitente – pediu aos diretores das Casas para avisar aos estudantes que a cola será punida com o máximo rigor, porque, naturalmente, os resultados dos seus exames refletirão o novo regime implantado pela diretora na escola...”

A professora deu um pequeno suspiro. Harry viu as narinas do seu nariz de linhas fortes se dilatarem.

– ... contudo, não há razão para vocês não se esforçarem ao máximo. Têm que pensar no seu futuro.

– Professora, por favor – disse Hermione erguendo a mão –, quando vamos saber os resultados dos nossos exames?

– Vocês receberão uma coruja em julho.

– Excelente – comentou Dino Thomas, em um sussurro audível –, então não teremos de nos preocupar com isso até as férias.

Harry se imaginou sentado em seu quarto na rua dos Alfeneiros dali a seis semanas, esperando os resultados dos N.O.M.s. Bom, pensou, pelo menos era certo receber uma carta naquele verão.

O primeiro exame, Teoria dos Feitiços, estava programado para a segunda-feira pela manhã. Harry concordou em testar Hermione depois do almoço de domingo, mas arrependeu-se quase imediatamente: a amiga muito agitada não parava de puxar o livro das mãos dele para verificar se respondera totalmente certo, e acabou lhe dando uma pancada no nariz com a borda afiada de *Sucesso em feitiços*.

– Por que é que você não se testa sozinha? – disse ele com firmeza, devolvendo-lhe o livro com lágrimas nos olhos.

Enquanto isso, Rony seguia lendo dois anos de anotações sobre Feitiços com os dedos nos ouvidos, movendo os lábios silenciosamente; Simas Finnigan deitara-se de costas no chão, e repetia a definição de Feitiço Substantivo enquanto Dino verificava a resposta no *Livro padrão de feitiços*, 5ª série; e Parvati e Lilá praticavam Feitiços de Locomoção apostando corrida entre seus estojos de lápis em volta de uma mesa.

O jantar foi uma refeição calma àquela noite. Harry e Rony não falaram muito, mas comeram com apetite depois de tanto estudo a tarde inteira. Por sua vez, Hermione não parava de descansar o garfo e a faca e mergulhar embaixo da mesa para apanhar a mochila, na qual pegava um livro para verificar algum fato ou número. Rony acabara de dizer que ela devia fazer uma refeição decente ou não conseguiria dormir àquela noite, quando o garfo escorregou de seus dedos dormentes e caiu com estrépito no prato.

– Ah, minha nossa – disse ela com a voz fraca, arregalando os olhos para o Saguão de Entrada. – São eles? São os examinadores?

Harry e Rony viraram-se imediatamente. Pelas portas que se abriam para o Saguão de Entrada, eles viram Umbridge com um pequeno grupo de bruxos e bruxas de aparência idosa. Umbridge, Harry se alegrou de ver, parecia muito nervosa.

– Vamos olhar mais de perto? – convidou Rony.
Harry e Hermione assentiram e correram para a porta, abrandando a marcha ao cruzar o portal e continuando mais calmamente para passar pelos examinadores. Harry achou que a Profª Marchbanks devia ser a bruxa miúda e curvada com o rosto tão enrugado que parecia coberto de teias de aranha; Umbridge se dirigia a ela com deferência. A examinadora parecia um pouco surda; respondia à Profª Umbridge em voz muito alta, considerando que estavam a menos de meio metro de distância.
– A viagem foi ótima, a viagem foi ótima, já a fizemos muitas vezes antes! – respondeu com impaciência. – Agora, não tenho tido notícias de Dumbledore ultimamente! – acrescentou, correndo o olhar pelo saguão como se esperasse ver o bruxo sair de repente de um armário de vassouras. – Suponho que não tenha ideia de onde ele esteja?
– Nenhuma – respondeu a diretora, lançando um olhar malévolo a Harry, Rony e Hermione, que agora se demoravam ao pé da escadaria enquanto Rony fingia amarrar os sapatos. – Mas ouso afirmar que em breve o ministro da Magia descobrirá seu paradeiro.
– Duvido – gritou a Profª Marchbanks –, não se Dumbledore não quiser ser encontrado! Eu sei... examinei-o pessoalmente em Transfiguração e Feitiços quando ele prestou os N.I.E.M.s... fez coisas com uma varinha que eu nunca tinha visto antes.
– É... bom... – disse a diretora quando Harry, Rony e Hermione subiram a escadaria de mármore arrastando os pés, o mais lentamente que se atreviam –, deixe-me levá-la à sala dos professores. Imagino que queira uma xícara de chá depois dessa viagem.
Foi uma noite meio tensa. Todos tentavam fazer alguma revisão de última hora, mas ninguém parecia estar conseguindo. Harry foi se deitar cedo, e teve a impressão de continuar acordado durante horas. Lembrou-se da orientação vocacional e da declaração furiosa de McGonagall de que o ajudaria a se tornar auror nem que fosse a última coisa que fizesse. Ele gostaria de ter manifestado uma ambição mais realizável agora que chegara a hora dos exames. Sabia que não era o único acordado, mas nenhum dos colegas de dormitório falou e, finalmente, um a um, todos adormeceram.
Nenhum dos quintanistas conversou muito durante o café na manhã seguinte, tampouco: Parvati praticava encantamentos em voz baixa, fazendo o saleiro à sua frente se mexer; Hermione relia *Sucesso em feitiços* tão rápido que seus olhos pareciam se turvar; e Neville não parava de deixar cair os talheres e derrubar a geleia.

Quando terminaram, os alunos de quinto e sétimo anos se deixaram ficar pelo Saguão de Entrada enquanto os outros estudantes foram para as aulas; então, às nove e meia, eles foram chamados, turma por turma, a reentrar no Salão Principal, que tinha sido rearrumado exatamente como Harry o vira na Penseira, quando seu pai, Sirius e Snape estavam prestando os N.O.M.s; as mesas das quatro Casas tinham sido retiradas e substituídas por muitas mesas individuais, de frente para a mesa dos professores no fundo do salão, à qual estava a Profª McGonagall, por sua vez, de frente para as mesas dos alunos. Depois que todos se sentaram e sossegaram, ela disse:

– Podem começar. – E virou uma enorme ampulheta na mesa ao lado, sobre a qual havia ainda penas, tinteiros e rolos de pergaminho de reserva.

Harry virou a folha do exame, o coração batendo forte – três fileiras à sua direita e quatro cadeiras à frente, Hermione já estava escrevendo –, e ele baixou os olhos para ler a primeira pergunta: *a) cite o encantamento e b) descreva o movimento da varinha exigido para fazer os objetos voarem*.

Harry teve uma lembrança fugaz de uma maça voando no ar e aterrissando com estrondo na cabeça dura de um trasgo... com um ligeiro sorriso, ele se curvou para o exame e começou a escrever.

– Bom, não foi muito ruim, foi? – perguntou Hermione ansiosa no Saguão de Entrada duas horas mais tarde, ainda segurando as perguntas do exame. – Acho que não fiz justiça ao que sei com Feitiços para Animar, esgotou-se o tempo. Vocês puseram o contrafeitiço para soluços? Não tive certeza se precisava, achei informação demais... e na pergunta vinte e três...

– Hermione – disse Rony com severidade –, já passamos por isso... não vamos repassar cada exame ao terminar, já é bastante ruim fazer uma vez.

Os quintanistas almoçaram com o restante da escola (as mesas das quatro Casas reapareceram na hora do almoço), depois marcharam para uma pequena sala ao lado do Salão Principal, onde deviam esperar a chamada para o exame prático. À medida que pequenos grupos de alunos eram chamados, os que ficavam murmuravam encantamentos e praticavam movimentos com a varinha, ocasionalmente espetando o colega nas costas ou no olho, por engano.

Chamaram Hermione. Tremendo, ela deixou a sala com Antônio Goldstein, Gregório Goyle e Dafne Greengrass. Os estudantes que eram testados não voltavam à sala, por isso Harry e Rony não sabiam como Hermione se saíra.

– Ela se saiu bem, lembra que tirou cento e doze por cento em um dos testes de Feitiços? – perguntou Rony.

Dez minutos depois, o Prof. Flitwick chamou:

– Parkinson, Pansy... Patil, Padma... Patil, Parvati... Potter, Harry.

– Boa sorte – desejou Rony em voz baixa. Harry entrou no Salão Principal, segurando a varinha com tanta força que sua mão tremia.
– O Prof. Tofty está livre, Potter – esganiçou-se o Prof. Flitwick, que estava em pé à porta. E orientou Harry para um bruxo que parecia o examinador mais velho e mais careca, sentado a uma mesinha no canto mais distante, a uma pequena distância da Profª Marchbanks, que, por sua vez, já estava na metade do exame de Draco Malfoy.
– Potter, não é? – perguntou o Prof. Tofty, consultando suas anotações e espiando por cima do pincenê à aproximação de Harry. – O famoso Potter?
Pelo canto do olho, Harry viu claramente Malfoy lhe lançar um olhar fulminante; a taça de vinho que ele estava fazendo levitar caiu ao chão e se espatifou. Harry não pôde conter um sorriso; o Prof. Tofty retribuiu-lhe o sorriso, encorajando-o.
– Isso – disse com a voz trêmula de velho –, não precisa ficar nervoso. Agora, gostaria de pedir que você pegasse esse porta-ovo e o fizesse dar saltos mortais para mim.
No todo, Harry achou que o exame correu muito bem. Seu Feitiço de Levitação foi muito melhor que o de Malfoy, embora ele desejasse não ter confundido os Feitiços de Mudança de Cor e o de Crescimento, fazendo o rato que devia estar colorindo de laranja inchar de maneira chocante e ficar do tamanho de um texugo antes que pudesse corrigir o seu engano. Ficou feliz que Hermione não estivesse no Salão Principal na hora e se esqueceu depois de mencionar o ocorrido para a amiga. Mas pôde contar a Rony; ele fizera um prato se transformar em um grande cogumelo e não tinha a mínima ideia de como isso acontecera.
Não houve tempo para relaxar naquela noite; os garotos foram diretamente para a sala comunal depois do jantar e mergulharam na revisão de Transfiguração para o dia seguinte; Harry foi se deitar sentindo a cabeça zunir com os complexos modelos e teorias de feitiços.
E esqueceu a definição de um Feitiço de Substituição durante o exame teórico na manhã seguinte, mas achou que no prático poderia ter sido bem pior. Pelo menos ele conseguiu fazer desaparecer por inteiro a sua iguana, enquanto Ana Abbott na mesa ao lado perdeu a cabeça e conseguiu, inexplicavelmente, multiplicar seu furão em um bando de flamingos, obrigando os professores a interromper o exame durante dez minutos enquanto as aves eram capturadas e retiradas do salão.
Os alunos fizeram o exame de Herbologia na quarta-feira (e, a não ser por uma pequena mordida de um gerânio dentado, Harry achou que se saiu razoavelmente bem); depois, na quinta-feira, tiveram Defesa Contra as Artes das

Trevas. Ali, pela primeira vez, Harry teve certeza de que passara. Não teve problema com nenhuma questão escrita, e teve especial prazer, durante o exame prático, de realizar todas as contra-azarações e feitiços defensivos bem diante da Umbridge, que observava calmamente, próxima às portas para o Saguão de Entrada.

– Bravo! – exclamou o Prof. Tofty, que estava mais uma vez examinando Harry, quando o garoto demonstrou com perfeição um feitiço para fazer desaparecer bichos-papões. – Realmente, muito bem! Bom, acho que já chega, Potter... a não ser...

Ele se curvou um pouco para a frente.

– Meu querido amigo Tibério Ogden me contou que você é capaz de produzir um Patrono? Para ganhar mais um ponto...?

Harry ergueu a varinha, olhou diretamente para Umbridge e imaginou-a sendo expulsa.

– *Expecto patronum!*

Seu Patrono prateado irrompeu da ponta da varinha e saiu a meio galope pelo salão. Todos os examinadores se viraram para observar a demonstração, e quando ele se dissolveu em uma névoa prateada o Prof. Tofty ergueu as mãos, com juntas e veias grossas, e aplaudiu entusiasmado.

– Excelente! Muito bem, Potter, pode ir.

Quando Harry passou por Umbridge junto à porta, seus olhares se encontraram. Um sorriso desagradável brincava em torno da boca enorme e frouxa da diretora, mas ele não se importou. A não ser que estivesse muito enganado (e ele não pretendia contar a ninguém, caso estivesse), ele acabara de receber um "Excepcional" no exame.

Na sexta-feira, Harry e Rony tiveram um dia livre enquanto Hermione prestava seu exame de Runas Antigas, e com o fim de semana à frente, eles se permitiram tirar uma folga das revisões. Enquanto jogavam xadrez de bruxo se espreguiçaram e bocejaram sentados ao lado da janela aberta, pela qual entrava um ar cálido de verão. Harry viu Hagrid a distância, dando aula a uma turma na orla da Floresta. Tentou adivinhar que bichos estariam estudando – achou que deviam ser unicórnios, porque os alunos pareciam estar um pouco recuados –, quando o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou parecendo muitíssimo mal-humorada.

– Como foram as Runas? – perguntou Rony, bocejando e se espreguiçando.

– Traduzi *ehwaz* errado – disse a garota, furiosa. – A palavra quer dizer *parceria* e não *defesa*. Confundi com *eihwaz*.

– Ah, bom – disse Rony, cheio de preguiça –, foi só um errinho, não foi, você ainda vai tirar...

– Ah, cala a boca! – replicou a garota com raiva. – Pode ser o errinho que fará a diferença entre ser aprovada e reprovada. E tem mais, alguém pôs outro pelúcio na sala da Umbridge. Não sei como conseguiram enfiá-lo por aquela porta nova, mas acabei de passar por lá e a Umbridge está aos berros, pelo jeito, parece que o bicho tentou arrancar um pedaço da perna dela...

– Que bom! – exclamaram Harry e Rony juntos.

– Não é *nada* bom! – retrucou Hermione, indignada. – Ela acha que é o Hagrid que está fazendo isso, lembram? E *não queremos* que ele seja despedido!

– Hagrid está dando aulas neste momento; ela não pode culpá-lo – disse Harry, apontando pela janela.

– Ah, às vezes você é tão ingênuo, Harry. Você acha realmente que a Umbridge vai esperar ter alguma prova? – perguntou Hermione, que parecia decidida a ficar de mau humor, e saiu rodando as vestes para o dormitório das meninas, batendo a porta ao passar.

– Que garota adorável e meiga! – disse Rony, baixinho, avançando com sua rainha para comer um dos cavalos de Harry.

O mau humor de Hermione durou a maior parte do fim de semana, embora Harry e Rony achassem fácil ignorá-lo, pois passaram a maior parte de sábado e domingo revisando Poções para segunda-feira, o exame que Harry aguardava com menos ansiedade – e que tinha certeza de que seria a ruína de sua ambição de se tornar Auror. De fato, considerou o exame escrito difícil, embora achasse possível ter ganhado os pontos da pergunta sobre a Poção Polissuco; foi capaz de descrever seus efeitos com precisão, pois a tomara ilegalmente em seu segundo ano de escola.

O exame prático à tarde não foi tão horrível quanto esperava. Com Snape ausente do exame, ele percebeu que estava muito mais relaxado do que costumava ficar ao preparar poções. Neville, sentado muito próximo dele, também parecia mais feliz do que Harry já o vira em uma aula de Poções. Quando a Profª Marchbanks disse: “Afastem-se dos seus caldeirões, por favor, o exame terminou”, Harry arrolhou sua amostra com a sensação de que talvez não tivesse tirado uma boa nota, mas conseguira, com sorte, evitar uma reprovação.

– Só faltam quatro exames – comentou Parvati Patil, preocupada, ao voltarem à sala comunal da Grifinória.

– Só! – retorquiu logo Hermione. – *Eu* tenho Aritmancia, e provavelmente é a disciplina mais difícil que existe!

Ninguém foi tolo de contestar, de modo que ela não pôde extravasar sua irritação em nenhum deles, e ficou reduzida a ralhar com uns alunos de primeiro ano por rirem muito alto na sala comunal.

Harry estava decidido a fazer um bom exame de Trato das Criaturas Mágicas

para não deixar Hagrid mal. O exame prático foi realizado à tarde no gramado em frente à Floresta Proibida, onde os examinadores pediram aos estudantes para identificar corretamente o ouriço escondido no meio de uma dúzia de porcos-espinhos (o truque era oferecer leite a cada um individualmente; os ouriços, bichos extremamente desconfiados, cujas cerdas têm propriedades mágicas, geralmente ficavam furiosos diante do que imaginavam ser uma tentativa de envenená-los); depois pediram para demonstrar como manusear corretamente um tronquilho; alimentar e limpar um caranguejo-de-fogo sem sofrer queimaduras graves; e escolher, em uma ampla variedade de alimentos, a dieta apropriada para um unicórnio doente.

Harry podia ver Hagrid observando ansioso da janela de sua cabana. Quando sua examinadora, desta vez uma bruxinha gorducha, sorriu para ele e disse que podia ir embora, o garoto ergueu rapidamente o polegar para Hagrid antes de voltar ao castelo.

O exame teórico de Astronomia na quarta-feira de manhã correu bastante bem. Harry não estava convencido de que tivesse acertado os nomes de todas as luas de Júpiter, mas pelo menos estava confiante de que nenhuma delas era habitada por ratinhos. Tiveram de esperar até a noite para fazer o exame prático de Astronomia; a tarde foi então dedicada à Adivinhação.

Mesmo pelos padrões baixos de Harry em Adivinhação, o exame foi bem ruim. Teria feito melhor se tentasse ver imagens em movimento no tampo da mesa do que numa bola de cristal que teimava em nada mostrar; perdeu a cabeça durante a leitura de folhas de chá, dizendo que lhe parecia que a Profª Marchbanks iria encontrar em breve um estranho moreno gorducho e pegajoso, e completou o fracasso total confundindo as linhas da vida e da cabeça na palma da mão da professora e afirmando que ela deveria ter morrido na terça-feira anterior.

– Bom, sempre achamos que íamos ser reprovados nesse – comentou Rony sombriamente ao subirem a escadaria de mármore. Ele acabara de fazer Harry se sentir bem melhor contando em detalhe que dissera ao seu examinador estar vendo um homem feio com uma verruga no nariz em sua bola de cristal, e quando ergueu os olhos percebeu que estava apenas descrevendo o reflexo do examinador.

– Não devíamos ter nos matriculado nessa disciplina idiota, para começar – disse Harry.

– Mas pelo menos podemos desistir dela agora.

– É – apoiou Harry. – Não precisamos mais fingir que nos interessa o que acontece quando Júpiter e Urano ficam muito próximos.

– E de agora em diante não vou me incomodar se as minhas folhas de chá

soletrarem *morra, Rony*, vou simplesmente jogá-las na lata do lixo, que é o lugar delas.

Harry estava rindo na hora em que Hermione veio correndo atrás deles. Parou de rir instantaneamente, para não aborrecê-la.

– Bom, acho que me dei bem em Aritmancia – anunciou, e Harry e Rony suspiraram de alívio. – Ainda temos tempo para uma olhada rápida nas nossas cartas estelares antes do jantar, então...

Quando chegaram ao alto da Torre de Astronomia, às onze horas, encontraram uma noite perfeita para ver estrelas, calma e sem nuvens. Os jardins e terrenos da escola estavam banhados de luar prateado e o ar, mais para frio. Cada aluno montou o próprio telescópio e, quando a Profª Marchbanks deu a ordem, começaram a preencher as cartas estelares em branco que haviam recebido.

Os professores Marchbanks e Tofty caminharam entre eles, observando-os marcarem as posições exatas das estrelas e planetas que viam. Tudo estava silencioso exceto pelo farfalhar dos pergaminhos, o rangido ocasional de um telescópio ao ser ajustado no suporte, e o ruído de muitas penas escrevendo. Passou-se meia hora, depois uma hora; os quadradinhos de luz dourada refletida que lampejavam no solo abaixo começaram a desaparecer à medida que as luzes das janelas do castelo foram se apagando.

Quando Harry completou a constelação Órion em sua carta, porém, as portas do castelo se abriram sob o parapeito em que estava, fazendo com que a luz jorrasse pelos degraus de pedra e um pouco além. Harry olhou para baixo ao fazer um pequeno ajuste na posição do telescópio, e viu cinco ou seis sombras alongadas se deslocarem pelo gramado bem iluminado antes das portas se fecharem e o jardim voltar a ser um mar de escuridão.

Harry voltou a encostar o olho ao telescópio e reajustou-o agora para examinar Vênus. Baixou os olhos para a carta para registrar ali o planeta, mas alguma coisa o distraiu; ele parou com a pena suspensa sobre o pergaminho, apertou os olhos para ver melhor o terreno na sombra e distinguiu cinco vultos andando. Se não estivessem se movendo, e o luar não estivesse refletindo em suas cabeças, eles teriam sido indistinguíveis do chão escuro em que caminhavam. Mesmo a esta distância, Harry teve a sensação engraçada de que reconhecera o modo de andar do mais atarracado, que parecia liderar o grupo.

Ele não conseguia imaginar por que Umbridge estaria dando um passeio depois da meia-noite, e menos ainda acompanhada por outros. Então alguém tossiu às suas costas, e ele se lembrou de que estava no meio de um exame. Esquecera completamente a posição de Vênus. Comprimindo o olho no telescópio, reencontrou o planeta e mais uma vez ia registrá-lo na carta quando, atento a ruídos estranhos, ouviu uma batida distante que ecoou pelos terrenos

desertos, seguida imediatamente pelos latidos abafados de um cão de grande porte.

Ele ergueu a cabeça, o coração batendo forte. Havia luzes nas janelas de Hagrid, e as pessoas que ele observara atravessando o gramado estavam agora recortadas na claridade. A porta abriu e ele viu nitidamente cinco figuras bem definidas cruzarem o portal. A porta tornou a fechar e fez-se silêncio.

Harry se sentiu inquieto. Olhou ao redor para ver se Rony ou Hermione haviam notado a movimentação, mas a Profª Marchbanks veio andando às suas costas naquele momento e, não querendo parecer que estivesse espiando o trabalho dos colegas, Harry rapidamente se curvou para o seu mapa estelar e fingiu estar acrescentando informações enquanto realmente espiava por cima do parapeito para a cabana de Hagrid. Os vultos agora passavam diante das janelas, bloqueando temporariamente a claridade.

Harry sentiu os olhos da Profª Marchbanks em sua nuca e tornou a apertar o olho contra o telescópio, olhando para a lua, embora já tivesse marcado sua posição há uma hora, mas quando a professora recomeçou a andar ele ouviu um rugido na cabana distante que ecoou pela noite até o alto da Torre de Astronomia. Várias pessoas em volta de Harry saíram de trás dos telescópios e foram espiar em direção à cabana de Hagrid.

O Prof. Tofty deu uma tossidinha seca.

– Tentem se concentrar, vamos, garotos – disse ele suavemente.

A maioria voltou aos telescópios. Harry olhou para a esquerda. Hermione contemplava petrificada a cabana de Hagrid.

– Hã-hã... faltam apenas vinte minutos – lembrou o professor.

Hermione se assustou e voltou imediatamente para sua carta estelar; Harry olhou para a dele, e reparou que legendara Vênus como Marte. Curvou-se para corrigir o engano.

Ouviu-se um estampido forte vindo dos jardins. Várias pessoas gritaram “Ai!”, ao espetarem o rosto nas pontas dos telescópios, no afã de ver o que estava acontecendo lá embaixo.

A porta de Hagrid se escancarou com violência e, à luz que saía da cabana, eles o viram claramente, uma figura maciça urrando e brandindo os punhos, cercado por cinco pessoas, todas, a julgar pelos finos fios de luz vermelha lançados em sua direção, aparentemente tentando estuporá-lo.

– Não! – exclamou Hermione.

– Minha nossa! – disse o Prof. Tofty em tom escandalizado. – Estamos em um exame!

Mas ninguém estava mais prestando a menor atenção às cartas estelares. Jatos

de luz vermelha continuavam a voar pelo ar junto à cabana de Hagrid, mas, por alguma razão, pareciam ricochetear em seu corpo; ele continuava ereto e imóvel, e, pelo que Harry conseguia ver, resistindo. Gritos e berros ecoavam pelos gramados; um homem bradou:

– Seja razoável, Hagrid!

Hagrid urrou:

– Razoável uma ova, vocês não vão me levar assim, Dawlish!

Harry via a pequena silhueta de Canino procurando proteger o dono, saltando repetidamente contra os bruxos que o cercavam até que um Feitiço Estuporante o atingiu, fazendo-o tombar no chão. Hagrid deu um uivo de fúria, ergueu o responsável do chão e atirou-o longe; o homem voou uns três metros e não tornou a se levantar. Hermione prendeu a respiração, as duas mãos na boca; Harry se virou para Rony e viu que o amigo, também, estava apavorado. Nenhum deles jamais vira Hagrid realmente enfurecido.

– Olhem! – esganiçou-se Parvati, que estava debruçada no parapeito e apontava para o castelo embaixo, onde as portas de entrada haviam tornado a se abrir; novamente a luz se derramou pelo jardim escuro e uma sombra preta e solitária ondeava agora pelos gramados.

– Francamente! – exclamou o Prof. Tofty, ansioso. – Sabem, restam dezesseis minutos!

Mas ninguém lhe prestou a menor atenção; todos observavam a pessoa que corria em direção à batalha ao lado da cabana de Hagrid.

– Como é que você se atreve! – gritava a figura enquanto corria. – Como se *atreve*!

– É McGonagall! – sussurrou Hermione.

– Deixem-no em paz! *Em paz*, estou dizendo. – Ouviu-se a voz da Profª McGonagall no escuro. – Por que razão vocês o estão atacando? Ele não fez nada, nada que justifique essa...

Hermione, Parvati e Lilá gritaram ao mesmo tempo. Os vultos junto à cabana haviam lançado nada menos de quatro raios Estuporantes contra a professora. A meio caminho entre a cabana e o castelo, os feixes de luz vermelha a atingiram; por um momento ela pareceu emitir uma luz vermelha e fantasmagórica, então subiu no ar, caiu pesadamente de costas e não se mexeu mais.

– Gárgulas galopantes! – gritou o Prof. Tofty, que parecia ter esquecido totalmente o exame. – Não deram nem aviso! Que comportamento chocante!

– COVARDES! – berrou Hagrid; sua voz se propagou limpidamente até o alto da torre, e várias luzes se acenderam no castelo. – COVARDÕES! TOMEM ISSO... E MAIS ISSO.

– Nossa! – exclamou Hermione.

Hagrid deu dois golpes pesados em seus atacantes mais próximos; a julgar por sua queda imediata, foram nocauteados. Harry viu Hagrid se dobrar e pensou que finalmente ele fora dominado por um feitiço. Mas, muito ao contrário, no momento seguinte ele estava de pé com uma espécie de saco nas costas – então o garoto percebeu que o amigo havia passado o corpo inerte de Canino por cima dos ombros.

– Peguem-no, peguem-no! – berrou Umbridge, mas o auxiliar que restara parecia extremamente relutante em se aproximar dos punhos de Hagrid; de fato, recuou com tanta pressa que tropeçou em um dos colegas desacordados e caiu por cima deles. Hagrid se virara e começara a correr com Canino ainda pendurado em volta do pescoço. Umbridge lançou um último Feitiço Estuporante nas costas dele, mas não acertou; e Hagrid, numa corrida desabalada em direção aos portões distantes, desapareceu na escuridão.

Seguiu-se um longo minuto palpitante enquanto todos contemplavam boquiabertos os jardins. Então o Prof. Tofty disse com a voz fraca:

– Hum... faltam cinco minutos, garotos.

Embora tivesse preenchido apenas dois terços de sua carta estelar, Harry estava louco para o exame terminar. Quando isso finalmente aconteceu, ele, Rony e Hermione encaixaram os telescópios de qualquer jeito nos suportes e desceram correndo a escada circular. Nenhum dos estudantes ia se deitar; todos falavam excitados, em altas vozes, ao pé da escada, sobre o que tinham acabado de presenciar.

– Aquela mulher maligna! – exclamou Hermione, que tinha dificuldade em falar de tanta raiva. – Tentando surpreender Hagrid na calada da noite!

– Ela quis claramente evitar outra cena como a da Trelawney – disse Ernesto Macmillan sensatamente, comprimindo-se para se reunir aos colegas.

– Hagrid se defendeu bem, não foi? – comentou Rony, que parecia mais assustado do que impressionado. – Por que é que todos os feitiços ricocheteavam nele?

– Deve ser o sangue de gigante – disse Hermione, trêmula. – É muito difícil estuporar um gigante, eles são como os trasgos, muito resistentes... mas a coitada da Profª McGonagall... quatro ataques diretos no peito, e ela não é mais jovem, não é?

– Pavoroso, pavoroso – disse Ernesto, balançando a cabeça pomposamente. – Bom, eu vou dormir. Boa-noite a todos.

As pessoas em volta começaram a dispersar, ainda comentando excitadamente o que tinham acabado de ver.

– Pelo menos não conseguiram levar Hagrid para Azkaban – disse Rony. – Espero que ele tenha ido se juntar a Dumbledore, será?

– Suponho que sim – disse Hermione, que parecia lacrimosa. – Ah, isto é horrível, pensei realmente que Dumbledore não demoraria a voltar, mas agora perdemos Hagrid também.

Voltaram sem pressa para a sala comunal da Grifinória, e a encontraram cheia. A confusão nos jardins acordara várias pessoas, que correram a acordar os amigos. Simas e Dino, que haviam chegado antes de Harry, Rony e Hermione, agora contavam a todos o que tinham visto e ouvido do alto da Torre de Astronomia.

– Mas por que demitir Hagrid agora? – perguntou Angelina Johnson, balançando a cabeça. – Não é como a Trelawney; ele tem ensinado muito melhor do que o normal este ano!

– Umbridge detesta gente que é parte-humana – disse Hermione, amargurada, largando-se em uma poltrona. – Sempre ia tentar expulsar Hagrid.

– E ela achou que Hagrid estava pondo pelúcios na sala dela – disse a vozinha fina de Katie Bell.

– Caracas! – exclamou Lino Jordan, tampando a boca. – Fui eu que andei pondo pelúcios na sala dela. Fred e Jorge me deixaram uns dois; e eu os fiz levitar e entrar pela janela.

– Ela o teria despedido de qualquer jeito – falou Dino. – Hagrid é muito chegado a Dumbledore.

– Isso é verdade – concordou Harry, afundando em uma poltrona ao lado de Hermione.

– Só espero que a Profª McGonagall esteja bem – disse Lilá, lacrimosa.

– Eles a carregaram para o castelo, assistimos da janela do dormitório – disse Cólin Creevey. – Não parecia muito bem.

– Madame Pomfrey dará um jeito – comentou Alícia Spinnet com firmeza. – Ela até hoje nunca falhou.

Eram quase quatro horas da manhã quando a sala comunal se esvaziou. Harry se sentia completamente acordado; a imagem de Hagrid fugindo no escuro o atormentava; estava com tanta raiva da Umbridge que não conseguia pensar num castigo suficientemente ruim para ela, embora a sugestão de Rony de dá-la de comer a explosivins famintos tivesse seu mérito. Ele adormeceu imaginando vinganças medonhas e se levantou três horas depois sentindo nitidamente que não descansara.

O exame final de História da Magia não deveria se realizar até a tarde. Harry teria gostado muito de voltar para a cama depois do café da manhã, mas contara em fazer uma revisãozinha de última hora pela manhã, então sentou-se com a cabeça apoiada nas mãos ao lado da janela da sala comunal, fazendo um grande esforço para não cochilar enquanto relia algumas anotações da pilha de quase

meio metro de altura que Hermione lhe emprestara.

Os quintanistas entraram no Salão Principal às duas horas e se sentaram em seus lugares diante do exame virado para baixo. Harry se sentia exausto. Só queria que aquilo terminasse para poder dormir; então amanhã, ele e Rony iam descer ao campo de quadribol – ele ia dar uma voltinha na vassoura de Rony e saborear o término das revisões.

– Desvirem o exame – disse a Profª Marchbanks à frente do salão, invertendo a gigantesca ampulheta. – Podem começar.

Harry olhou fixamente para a primeira pergunta. Passaram-se vários segundos até lhe ocorrer que não entendera nem uma palavra do enunciado; havia uma vespa perturbativa zumbindo de encontro a uma das altas janelas. Lenta, tortuosamente, ele começou, por fim, a escrever uma resposta.

Estava achando muito difícil lembrar os nomes, e toda a hora confundia as datas. Saltou simplesmente a pergunta quatro (*Em sua opinião, a legislação sobre varinhas contribuiu para um melhor controle das revoltas dos duendes no século XVIII ou levou a esse controle?*), pensando em voltar no fim, se houvesse tempo. Tentou responder à pergunta cinco (*Como foi violado o Estatuto de Sigilo em 1749 e que medidas foram introduzidas para impedir que o fato se repetisse?*), mas sentiu uma suspeita insistente de que omitira vários pontos importantes; teve a impressão de que os vampiros haviam participado em algum momento do episódio.

Harry leu mais adiante procurando uma pergunta a que decididamente pudesse responder, e seus olhos bateram na décima: *Descreva as circunstâncias que levaram à formação da Confederação Internacional de Bruxos e explique por que os bruxos de Liechtenstein se recusaram a aderir*.

Eu sei essa, pensou Harry, embora sentisse o cérebro entorpecido e sem energia. Visualizava um título, na caligrafia de Hermione: *A formação da Confederação Internacional de Bruxos*... lera as anotações ainda esta manhã.

E começou a escrever, erguendo os olhos de vez em quando para verificar a grande ampulheta ao lado da Profª Marchbanks. Estava sentado logo atrás de Parvati Patil, cujos longos cabelos negros caíam abaixo do espaldar da cadeira. Uma ou duas vezes ele se surpreendeu contemplando as luzes douradas que brilhavam nos cabelos quando ela mexia levemente a cabeça e teve de sacudir a própria cabeça para clareá-la.

... o primeiro chefe supremo da Confederação Internacional de Bruxos foi Pierre Bonaccord, mas sua nomeação foi contestada pela comunidade bruxa de Liechtenstein, porque...

Ao redor de Harry as penas arranhavam os pergaminhos como ratinhos que

corressem para se esconder. O sol estava muito quente em sua nuca. Que fizera Bonaccord para ofender os bruxos de Liechtenstein? Harry teve uma sensação de que fora alguma coisa ligada aos trasgos... e tornou a fixar o olhar vazio na cabeça de Parvati. Se ao menos pudesse usar a Legilimência e abrir uma janela na nuca da colega para ver que ligação tinham os trasgos com o rompimento entre Pierre Bonaccord e Liechtenstein...

Harry fechou os olhos e enterrou o rosto nas mãos, fazendo com que o fulgor avermelhado de suas pálpebras se tornasse escuro e fresco. Bonaccord tinha querido impedir a caça aos trasgos e conceder-lhes direitos... mas Liechtenstein estava enfrentando problemas com uma tribo particularmente violenta de trasgos montanheses... era isso.

Ele abriu os olhos; sentiu-os arderem e lacrimejarem à vista do pergaminho demasiado branco. Devagar, escreveu duas linhas sobre os trasgos, e leu o que já fizera até ali. Não lhe pareceu muito informativo nem detalhado, no entanto tinha certeza de que as anotações de Hermione sobre a Confederação tinham ocupado páginas.

Ele tornou a fechar os olhos, tentando vê-las, tentando se lembrar... a Confederação se reunira pela primeira vez na França, sim, já escrevera isso...

Os duendes tinham tentado participar, mas foram expulsos... já escrevera isso também...

E ninguém de Liechtenstein tinha querido ir...

Pense, disse a si mesmo, com o rosto nas mãos, enquanto ao seu redor as penas arranhavam os pergaminhos em respostas intermináveis, e a areia se escoava na ampulheta lá na frente...

Ele estava novamente andando pelo corredor fresco e escuro em direção ao Departamento de Mistérios, com passos firmes e deliberados, por vezes correndo, decidido a alcançar finalmente o seu destino... a porta preta se escancarou como sempre, e ele se viu na sala circular com suas muitas portas...

Atravessou direto o piso de pedra e passou pela segunda porta... nesgas de luz dançavam nas paredes e no chão, e ele ouvia aquela estranha crepitação mecânica, mas não tinha tempo para investigar, precisava se apressar...

Correu a pequena distância que faltava para a terceira porta, que se abriu tal como as outras...

Mais uma vez chegou à sala do tamanho de uma catedral, cheia de prateleiras e esferas de vidro... seu coração batia muito rápido agora... ia chegar lá desta vez... quando alcançou o número noventa e sete, virou à esquerda e continuou apressado pelo corredor entre as estantes...

Mas havia uma forma bem no finzinho, uma forma escura que se movia pelo chão como um animal ferido... o estômago de Harry se contraiu de medo... de

excitação...

Uma voz saiu de sua própria boca, uma voz aguda, fria, sem nenhum calor humano...

– Apanhe-a para mim... erga-a, agora... não posso tocá-la... mas você pode...

A forma escura no chão moveu-se um pouco. Harry viu uma mão branca de longos dedos empunhando uma varinha erguer-se na ponta do seu braço... ouviu a voz aguda e fria dizer: *“Crucio!”*

O homem no chão soltou um berro de dor, tentou se levantar, mas caiu em contorções. Harry ria. Ergueu a varinha, a maldição foi retirada, e a figura gemeu e se imobilizou.

– Lorde Voldemort está esperando...

Muito lentamente, com os braços tremendo, o homem no chão ergueu os ombros alguns centímetros e em seguida o rosto. Estava manchado de sangue e magro, contorcido de dor, contudo, rígido de rebeldia...

– Você terá de me matar – sussurrou Sirius.

– Sem dúvida é o que farei quando terminar – disse a voz fria. – Mas primeiro você a apanhará para mim, Black... você acha que sentiu dor até agora? Pense outra vez... temos horas à nossa frente e ninguém para ouvir os seus gritos...

Mas alguém gritou quando Voldemort tornou a baixar a varinha; alguém berrou e escorregou pelo lado de uma mesa quente para o chão de pedra frio; Harry acordou ao bater no chão, ainda berrando, sua cicatriz em fogo, enquanto o Salão Principal explodia a seu redor.

— CAPÍTULO TRINTA E DOIS —
De mal a pior

– Não vou... Não preciso de ala hospitalar... Não quero...

Harry balbuciava ao mesmo tempo que tentava se desvencilhar do Prof. Tofty, que o observava muito preocupado depois de ajudá-lo a andar até o Saguão de Entrada sob os olhares de todos os estudantes.

– Estou... estou ótimo – gaguejou Harry, enxugando o suor do rosto. – Verdade... eu só adormeci... tive um pesadelo...

– A pressão dos exames! – disse o velho bruxo simpaticamente, dando palmadinhas trêmulas no ombro do garoto. – Acontece, meu rapaz, acontece! Agora, uma bebida refrescante, e talvez você possa voltar ao Salão Principal? O exame está quase terminando, mas você talvez consiga concluir satisfatoriamente a última pergunta?

– Sim – respondeu Harry sem pensar. – Quero dizer... não... já fiz... fiz tudo que pude, acho...

– Muito bem, muito bem – disse o velho bruxo gentilmente. – Então vou recolher o seu exame e sugiro que vá se deitar um pouco.

– Vou fazer isso – disse Harry, acenando a cabeça com vigor. – Muitíssimo obrigado.

No segundo que os calcanhares do velho desapareceram pela porta do Salão Principal, Harry subiu correndo a escadaria de mármore, precipitou-se pelos corredores com tal velocidade que os retratos pelos quais passava resmungavam censuras, subiu outras tantas escadas e finalmente irrompeu como um furacão pelas portas duplas da ala hospitalar, fazendo Madame Pomfrey – que estava levando uma colher com um líquido azul à boca de Montague – gritar assustada.

– Potter, que é que você pensa que está fazendo?

– Preciso ver a Profª McGonagall – ofegou Harry, a respiração ferindo seus pulmões. – Agora... é urgente!

– Ela não está aqui, Potter – respondeu a enfermeira tristonha. – Foi transferida para o St. Mungus hoje de manhã. Quatro Feitiços Estuporantes no peito na idade dela? É de admirar que não tenha morrido!

– Ela... não está? – perguntou Harry, chocado.

A sineta tocou do lado de fora da enfermaria e ele ouviu o ronco distante habitual, os estudantes saindo para os corredores acima e abaixo da ala. Ele ficou muito quieto, olhando Madame Pomfrey. O terror invadiu-lhe o peito.

Não havia mais ninguém a quem contar, Dumbledore se fora, Hagrid se fora, mas sempre podia contar que a Profª McGonagall estivesse lá, irascível e inflexível, talvez, mas sempre confiável, concretamente presente...

– Não me admiro que você esteja chocado, Potter – disse Madame Pomfrey, com uma espécie de feroz aprovação no rosto. – Como se algum deles pudesse ter estuporado Minerva McGonagall de frente, à luz do dia! Covardia, é o que foi... covardia desprezível... se eu não estivesse preocupada com o que aconteceria com os estudantes sem mim, eu me demitiria em protesto.

– Sim, senhora – concordou Harry sem pensar.

E saiu às cegas da ala hospitalar para o corredor apinhado onde parou, empurrado pela multidão, o pânico se expandindo dentro dele como um gás venenoso fazendo sua cabeça girar e impedindo-o de pensar no que fazer...

Rony e Hermione, disse uma voz em sua cabeça.

Recomeçou a correr, empurrando os estudantes para os lados, surdo aos seus protestos indignados. Tornou a descer correndo dois andares e já estava no alto da escadaria de mármore quando viu os amigos que vinham apressados em sua direção.

– Harry! – chamou Hermione na mesma hora, parecendo muito assustada. – Que aconteceu? Você está bem? Está doente?

– Onde você esteve? – quis saber Rony.

– Venham comigo – disse Harry depressa. – Depressa, tenho de falar uma coisa para vocês.

Ele os levou para o corredor do primeiro andar, espiando pelos portais, e finalmente encontrou uma sala de aula vazia em que mergulhou, fechando a porta logo que Rony e Hermione entraram, e se apoiou na porta para encarar os amigos.

– Voldemort pegou Sirius.

– *Quê?*

– Como é que você...?

– Vi. Agorinha. Quando adormeci no exame.

– Mas... onde? Como? – perguntou Hermione, cujo rosto estava branco.

– Não sei como – falou Harry. – Mas sei exatamente onde. Tem uma sala no

Departamento de Mistérios cheia de estantes com pequenas esferas de vidro, e eles estão no fim do corredor noventa e sete... ele está tentando usar Sirius para apanhar alguma coisa que quer lá de dentro... está torturando ele... diz que quando terminar vai matá-lo!

Harry achou que sua voz estava tremendo, como seus joelhos. Foi até uma carteira e se sentou, tentando se controlar.

– Como é que vamos chegar lá? – perguntou aos amigos.

Fez-se um momento de silêncio. Então Rony perguntou:

– Ch-chegar lá?

– Chegar ao Departamento de Mistérios para poder salvar Sirius! – disse Harry em voz alta.

– Mas... Harry... – disse Rony com a voz fraca.

– Quê? *Quê?* – exclamou Harry.

Não conseguia entender por que os dois estavam boquiabertos como se ele estivesse lhes pedindo alguma coisa irracional.

– Harry – disse Hermione com a voz muito assustada –, ah... como... como foi que Voldemort entrou no Ministério da Magia sem ninguém perceber a presença dele?

– Como é que eu vou saber? – urrou Harry. – A questão é como *nós* vamos entrar lá!

– Mas... Harry, pense – disse Hermione, chegando mais perto dele –, são cinco horas da tarde... o Ministério da Magia deve estar cheio de funcionários... como é que Voldemort e Sirius entraram lá sem serem vistos? Harry... eles são provavelmente os dois bruxos mais procurados do mundo... você acha que poderiam entrar em um prédio cheio de Aurores sem ninguém perceber?

– Eu não sei, Voldemort usou uma Capa da Invisibilidade ou qualquer outra coisa! – gritou Harry. – De qualquer maneira, o Departamento de Mistérios sempre esteve completamente vazio nas vezes que estive...

– Você nunca esteve lá, Harry – disse Hermione com a voz calma. – Você sonhou com aquele lugar, foi só.

– Não são sonhos normais! – gritou Harry para ela, se levantando e por sua vez se aproximando mais dela. Tinha vontade de sacudi-la. – Como é que você explica, então, o pai de Rony, o que foi aquilo, como é que eu soube o que tinha acontecido a ele?

– Ele tem razão – disse Rony baixinho, olhando para Hermione.

– Mas isto é simplesmente... simplesmente tão *impro vável*! – disse Hermione, desesperada. – Harry, como é que Voldemort poderia ter pegado Sirius se ele tem ficado o tempo todo no largo Grimmauld?

– Sirius pode ter pirado e tido vontade de tomar um ar fresco – disse Rony,

parecendo preocupado. – Está desesperado para sair daquela casa há séculos...
– Mas por que – insistiu Hermione – Voldemort iria querer usar *Sirius* para apanhar a arma, ou seja lá o que for a tal coisa?
– Não sei, haveria um monte de razões! – berrou Harry. – Vai ver Sirius é só alguém que Voldemort não se importa de ferir...
– Sabe de uma coisa, acabou de me ocorrer – disse Rony aos sussurros. – O irmão de Sirius não era um Comensal da Morte? Talvez tenha contado a Sirius o segredo para conseguir a arma!
– É... e é por isso que Dumbledore tem insistido tanto em manter o Sirius trancado o tempo todo! – disse Harry.
– Olhe, sinto muito – disse Hermione –, mas nenhum de vocês dois está fazendo sentido, e não temos provas de nada disso, nem mesmo uma prova de que Voldemort e Sirius estejam lá...
– Hermione, Harry viu os dois! – disse Rony, se voltando para ela.
– O.k. – disse a garota, parecendo assustada, mas decidida. – Mas tenho que lhe dizer uma coisa...
– O quê?
– Você... e isto não é uma crítica, Harry! Mas você tem... meio que... quero dizer... você não acha que tem um pouco a... a... mania de *salvar as pessoas*?
Harry lançou a Hermione um olhar feroz.
– E o que quer dizer com “mania de salvar as pessoas”?
– Bom... você... – Ela parecia mais apreensiva que nunca. – Quero dizer... no ano passado, por exemplo... no lago... durante o Torneio... você não devia... quero dizer, você não precisava salvar a menininha Delacour... você se... se empolgou um pouco...
Uma onda de raiva quente e incômoda percorreu o corpo de Harry; como é que Hermione podia lembrá-lo dessa mancada agora?
– Quero dizer, foi realmente legal de sua parte e tudo – acrescentou Hermione depressa, parecendo positivamente petrificada com a expressão no rosto de Harry –, todos acharam que foi um gesto maravilhoso...
– Que engraçado – disse Harry com a voz trêmula –, porque me lembro com certeza de ter ouvido Rony dizer que perdi tempo *bancando o herói*... é isso que você acha que é? Você supõe que eu queira agir como herói outra vez?
– Não, não, não! – disse Hermione, estupefata. – Eu não quis dizer nada disso!
– Bom, então desembucha logo o que você quer dizer, porque estamos perdendo tempo aqui! – gritou Harry.
– Estou tentando dizer: Voldemort conhece você, Harry! Ele levou Gina para a Câmara Secreta para atraí-lo, é o tipo de coisa que ele faz, ele sabe que você é... uma pessoa que iria em socorro de Sirius! E se agora estiver só tentando atrair

você ao Departamento de Mist...?

– Hermione, não faz diferença se ele fez isso para me atrair ou não, levaram McGonagall para o St. Mungus, não restou ninguém da Ordem em Hogwarts a quem a gente possa contar nada, e se não formos, Sirius morre!

– Mas, Harry... e se o seu sonho foi... foi apenas isso: um sonho?

Harry deixou escapar um urro de frustração. Hermione chegou a recuar para longe, assustada.

– Você não está entendendo! – gritou Harry para ela. – Não estou tendo pesadelos, não estou apenas sonhando! Para que você acha que foi toda aquela Oclumência, por que você acha que Dumbledore queria me impedir de ver essas coisas? Porque elas são REAIS, Hermione: Sirius caiu em uma armadilha, eu vi. Voldemort o pegou, e mais ninguém sabe disso, o que significa que somos os únicos que podemos salvá-lo, e se você não quiser me acompanhar, ótimo, mas eu vou, entendeu? E se me lembro corretamente, você não fez nenhuma objeção à minha mania de *salvar pessoas* quando eu estava salvando você dos Dementadores ou – e se virou para Rony – quando eu estava salvando sua irmã do basilisco...

– Eu nunca disse que fazia objeção! – replicou Rony, indignado.

– Mas, Harry, você acabou de dizer – lembrou Hermione, zangada –, Dumbledore queria que você aprendesse a fechar sua mente a essas visões, e se você tivesse aprendido Oclumência direito nunca teria visto nada.

– SE VOCÊ ACHA QUE EU VOU AGIR COMO SE NÃO TIVESSE VISTO...

– Sirius lhe disse que não havia nada mais importante do que aprender a fechar sua mente!

– BOM, ACHO QUE ELE DIRIA OUTRA COISA SE SOUBESSE O QUE ACABEI DE...

A porta da sala de aula se abriu. Harry, Rony e Hermione se viraram depressa. Gina entrou, curiosa, acompanhada por Luna que, como sempre, parecia que fora parar ali por acaso.

– Oi – disse Gina, insegura. – Reconhecemos a voz de Harry. Por que é que você está gritando?

– Não é da sua conta – respondeu Harry grosseiramente.

Gina ergueu as sobrancelhas.

– Não precisa usar esse tom de voz comigo – disse tranquila. – Eu só pensei que talvez pudesse ajudar.

– Pois não pode – respondeu ele secamente.

– Você está sendo muito grosseiro, sabe? – disse Luna com serenidade.

Harry disse um palavrão e deu as costas. A última coisa que ele queria agora

era conversar com Luna Lovegood.
– Espere – disse Hermione de repente. – Espere... Harry, elas *podem* ajudar.
Harry e Rony olharam para Hermione.
– Escute – disse ela com urgência. – Harry, precisamos determinar se Sirius realmente deixou a sede.
– Eu já lhe disse que...
– Harry, estou lhe suplicando, por favor! – insistiu Hermione, desesperada. – Por favor, vamos verificar se Sirius está em casa antes de sair correndo para Londres. Se descobrirmos que ele não está lá, então juro que não vou tentar impedir você. Vou junto, f-farei o que for preciso para tentar salvá-lo.
– Sirius está sendo torturado AGORA! – gritou Harry. – Não temos tempo a perder.
– Mas, se isso for um truque de Voldemort, Harry, precisamos verificar, simplesmente precisamos.
– Como? – quis saber Harry. – Como é que vamos verificar?
– Teremos de usar a lareira da Umbridge e ver se conseguimos falar com ele – disse Hermione, que agora parecia decididamente aterrorizada com sua ideia. – Vamos afastar Umbridge da sala outra vez, precisaremos de vigias, e é aí que podemos usar Gina e Luna.
– Nós faremos. – Embora fosse visível que Gina se esforçava para entender o que estava acontecendo, ela concordou imediatamente.
– Quando você diz “Sirius”, você está se referindo ao Toquinho Boardman? – disse Luna.
Ninguém lhe respondeu.
– O.k. – disse Harry agressivamente a Hermione. – O.k., se você puder pensar em um jeito de fazer isso rápido, estou com você, do contrário estou indo para o Departamento de Mistérios agora mesmo.
– O Departamento de Mistérios? – perguntou Luna, parecendo ligeiramente surpresa. – Mas como é que você vai chegar lá?
De novo, Harry a ignorou.
– Certo – disse Hermione, torcendo as mãos e andando para cima e para baixo entre as carteiras. – Certo... bom... um de nós tem de ir procurar a Umbridge e despachá-la na direção oposta, para mantê-la afastada da sala dela. Podiam dizer... sei lá... que Pirraça está fazendo alguma barbaridade como sempre...
– Farei isso – disse Rony na mesma hora. – Direi que Pirraça está destruindo o departamento de Transfiguração ou outra coisa qualquer que fique a quilômetros do escritório dela. Pensando bem, eu provavelmente poderia convencer Pirraça a fazer isso se o encontrasse pelo caminho.
Foi um sinal da gravidade da situação que Hermione não fizesse objeções a

destruir o departamento de Transfiguração.
– O.k. – disse a garota, a testa enrugada, enquanto continuava a andar para lá e para cá. – Agora precisamos afastar imediatamente os estudantes da sala da Umbridge enquanto forçamos a entrada, ou algum aluno da Sonserina vai acabar informando a ela.
– Luna e eu podemos ficar uma em cada ponta do corredor – disse Gina prontamente –, e avisar às pessoas para não descerem até lá porque alguém soltou uma carga de Gás Garroteante. – Hermione pareceu surpresa com a rapidez com que Gina inventara essa mentira; a garota encolheu os ombros e disse: – Fred e Jorge estavam planejando fazer isso antes de ir embora.
– O.k. – concordou Hermione. – Bom, então, Harry, você e eu vamos usar a Capa da Invisibilidade e entrar na sala da Umbridge, e você pode falar com o Sirius.
– Ele não está lá, Hermione!
– Quero dizer, você pode... pode verificar se Sirius está ou não em casa enquanto eu vigio, acho que você não devia ficar na sala sozinho. Lino já provou que a janela é um ponto fraco, mandando aqueles pelúcios por lá.
Mesmo em sua raiva e impaciência, Harry reconheceu no oferecimento de Hermione para acompanhá-lo à sala da Umbridge um sinal de solidariedade e lealdade.
– Eu... o.k., obrigado – murmurou.
– Certo, bom, mesmo se fizermos tudo isso, acho que não vamos poder contar com mais de cinco minutos – disse Hermione, com um ar de alívio ao ver que Harry parecia ter aceitado o plano –, não com o Filch e a maldita Brigada Inquisitorial soltos pelos corredores.
– Cinco minutos serão suficientes – disse Harry. – Vamos andando, então...
– *Agora?!* – exclamou Hermione, parecendo chocada.
– Claro que é agora! – disse Harry, zangado. – Que é que você pensou, que íamos esperar até depois do jantar ou outra hora qualquer? Hermione, Sirius está sendo torturado *neste momento*!
– Eu... ah, tudo bem – disse a garota, desesperada. – Vai apanhar a Capa da Invisibilidade e encontraremos você no fim do corredor da Umbridge, o.k.?
Harry não respondeu, precipitou-se para fora da sala e começou a abrir caminho pela multidão que transitava ali. Dois andares acima ele encontrou Simas e Dino, que o cumprimentaram jovialmente e avisaram que estavam programando uma comemoração do fim dos exames, do anoitecer ao alvorecer, na sala comunal. Harry mal ouviu o que diziam. Trepou pelo buraco do retrato enquanto eles continuavam a discutir quantas cervejas amanteigadas do mercado negro iriam precisar e já estava de volta trazendo a Capa da Invisibilidade e o

canivete de Sirius bem guardados na mochila, antes que os colegas notassem que ele os abandonara.
– Harry, você quer contribuir com uns dois galeões? O Haroldo Dingle calcula que poderia nos vender um pouco de uísque de fogo...
Mas Harry já voltava correndo pelo corredor, e uns dois minutos mais tarde saltava as últimas escadas para se encontrar com Rony, Hermione, Gina e Luna, já agrupados no fim do corredor da Umbridge.
– Estão comigo – ofegou ele. – Pronta para ir, então?
– Vamos – cochichou Hermione, quando passava uma turma de sextanistas barulhentos. – Então Rony... você vai despistar a Umbridge... Gina e Luna, podem começar a tirar as pessoas do corredor... Harry e eu vamos pôr a Capa da Invisibilidade e esperar até a barra ficar limpa...
Rony se afastou, seus cabelos muito ruivos visíveis até o fim do corredor; ao mesmo tempo, a cabeça igualmente colorida de Gina subia e descia entre os estudantes que se acotovelavam ao redor, indo na direção oposta, seguida pela cabeça loura de Luna.
– Entre aqui – murmurou Hermione, puxando o pulso de Harry e fazendo-o recuar para um recesso onde a cabeça de pedra de um feio bruxo medieval resmungava em um pedestal. – Tem... tem... tem certeza de que você está o.k., Harry? Você ainda está muito pálido.
– Estou ótimo – respondeu ele com brevidade, tirando a Capa da Invisibilidade da mochila. Na verdade, a cicatriz estava doendo, mas não tão forte que o levasse a pensar que Voldemort já dera em Sirius o golpe fatal; doera muito mais quando Voldemort estava castigando Avery...
“Aqui”, disse ele; atirou, então, a capa sobre os dois e ficaram escutando atentamente, apesar dos murmúrios em latim do busto do bruxo.
– Vocês não podem vir por aqui! – Gina gritava para a multidão. – Não, me desculpem, vocês vão ter de dar a volta pela escada giratória, alguém soltou Gás Garroteante por aqui...
Eles ouviam as pessoas reclamando; uma voz mal-humorada disse: “Não estou vendo gás algum.”
– É porque ele é incolor – disse Gina em tom exasperado e convincente –, mas se você quer passar pelo gás, sirva-se, aí teremos o seu corpo para provar ao próximo idiota que não acreditar em nós.
Lentamente, a multidão se dispersou. A notícia sobre o Gás Garroteante parecia ter se espalhado; as pessoas não estavam mais vindo. Quando finalmente a área circunvizinha ficou deserta, Hermione disse baixinho:
– Acho que isso é o melhor que a gente vai conseguir, Harry, anda, vamos logo.

Eles se adiantaram, cobertos pela capa. Luna estava parada de costas para eles no extremo do corredor. Ao passarem por Gina, Hermione sussurrou:

– Bruxinha... não esqueça de dar o sinal.

– Qual é o sinal? – murmurou Harry, ao se aproximarem da porta de Umbridge.

– Um coro em altas vozes de "Weasley é nosso rei", se virem a Umbridge se aproximar – respondeu Hermione, enquanto Harry enfiava a lâmina do canivete de Sirius na fresta entre a porta e a parede. A fechadura se abriu com um estalo e eles entraram.

Os gatinhos espalhafatosos estavam aproveitando o sol de fim de tarde que aquecia seus pratos, mas, tirando isso, a sala estava silenciosa e desocupada como da última vez. Hermione deu um suspiro de alívio.

– Pensei que ela tivesse reforçado as medidas de segurança depois do segundo pelúcio.

Eles tiraram a capa; Hermione correu para a janela e ficou escondida, espiando para os terrenos da escola com a varinha na mão. Harry se precipitou para a lareira, agarrou o pote de Pó de Flu e atirou uma pitada na grade, fazendo irromper as chamas cor de esmeralda. Ajoelhou-se depressa, e disse: "Largo Grimmauld, número doze!"

Sua cabeça começou a girar como se ele tivesse acabado de descer de um carrossel, embora os joelhos continuassem firmemente plantados no chão frio da sala. Harry manteve os olhos bem fechados para protegê-los do redemoinho de cinzas e, quando parou de girar, ele os abriu e deparou com a cozinha longa e fria do largo Grimmauld.

Não havia ninguém lá. Esperara que isso acontecesse, mas não estava preparado para a onda de medo e pânico que pareceu ter açoitado o seu estômago à vista do aposento deserto.

– Sirius? – gritou. – Sirius, você está aí?

Sua voz ecoou pelo aposento, mas não houve resposta exceto um ruidinho de passos à direita do fogão.

– Quem está aí? – chamou, em dúvida se poderia ser um ratinho.

Monstro, o elfo doméstico, apareceu. Tinha um ar extremamente satisfeito, embora parecesse ter sofrido recentemente graves ferimentos nas duas mãos, envoltas em pesadas bandagens.

– É a cabeça do garoto Potter no fogão – Monstro informou à cozinha vazia, lançando olhares furtivos e estranhamente triunfantes a Harry. – O que terá vindo fazer, Monstro se pergunta?

– Onde está Sirius, Monstro? – indagou Harry.

O elfo doméstico deu uma risada asmática.

– O senhor saiu, Harry Potter.
– Aonde é que ele foi? *Aonde é que ele foi, Monstro?*
Monstro meramente gargalhou.
– Estou lhe avisando! – disse Harry, consciente de que o espaço de que dispunha para castigar o elfo era quase inexistente na presente posição. – E Lupin? Olho-Tonto? Algum deles, tem alguém aqui?
– Ninguém aqui a não ser Monstro – disse o elfo alegremente e dando as costas a Harry, se dirigiu lentamente para a porta no fundo da cozinha. – Monstro acha que vai conversar com a senhora dele agora, sim, há muito tempo que não tem uma chance. O senhor do Monstro não deixa ele se aproximar da senhora...
– Aonde é que Sirius foi? – berrou Harry para o elfo. – *Monstro, ele foi para o Departamento de Mistérios?*
Monstro parou de chofre. Harry conseguia divisar apenas sua nuca pelada através da floresta de pernas de cadeiras à sua frente.
– O senhor não diz ao pobre Monstro aonde vai – respondeu o elfo em voz baixa.
– Mas você sabe! – gritou Harry. – Não sabe? Você sabe onde ele está.
Houve um momento de silêncio, e então o elfo soltou uma gargalhada ainda mais alta do que as anteriores.
– O senhor não vai voltar do Departamento de Mistérios! – disse alegremente. – Monstro e sua senhora estão outra vez sozinhos!
Então saiu correndo e desapareceu pela porta do corredor.
– Seu...!
Mas antes que pudesse lançar um único feitiço ou dizer um único palavrão, Harry sentiu uma grande dor no topo da cabeça; inspirou uma quantidade de cinzas e, engasgando, sentiu que o puxavam de costas pelas chamas, até que de maneira terrivelmente instantânea ele se viu diante da cara larga e pálida da Profª Umbridge, que o arrastara para fora da lareira pelos cabelos e agora virava o seu pescoço para trás até o limite, como se pretendesse cortar sua garganta.
– Você acha – sussurrou ela, forçando o pescoço do garoto para trás, obrigando-o a olhar para o teto – que depois de dois pelúcios eu ia deixar mais algum bichinho imundo, comedor de carniça, entrar na minha sala sem o meu conhecimento? Mandei instalar Feitiços Sensores de Atividade Furtiva ao redor da minha porta depois do último, seu tolo. Tire a varinha dele – vociferou a diretora para alguém que ele não pôde ver, e Harry sentiu uma mão tatear o bolso superior de suas vestes e apanhar sua varinha. – A dela também.
Harry ouviu um rebuliço ao lado da porta, e concluiu que tinham acabado de arrancar a varinha da mão de Hermione.

– Quero saber por que você está na minha sala – disse Umbridge, sacudindo a mão que agarrava seus cabelos e o fazendo cambalear.
– Eu estava tentando recuperar a minha Firebolt! – respondeu Harry rouco.
– Mentiroso. – Ela tornou a sacudi-lo. – Sua Firebolt está sob rigorosa vigilância nas masmorras, como sabe muito bem, Potter. Você estava com a cabeça metida na minha lareira. Com quem você esteve se comunicando?
– Com ninguém – disse Harry tentando se desvencilhar. Sentiu vários fios de cabelo darem adeus à sua cabeça.
– *Mentiroso!* – gritou Umbridge. Atirou-o para longe e ele bateu na escrivaninha. Dali pôde ver Hermione manietada na parede por Emília Bulstrode. Malfoy estava encostado no parapeito da janela, e sorria afetadamente brincando de atirar a varinha de Harry no ar com uma das mãos.
Ouviu-se um tumulto do lado de fora e alguns alunos corpulentos da Sonserina entraram, cada um, por sua vez, segurando, Rony, Gina, Luna e – para perplexidade de Harry – Neville, que, imobilizado por uma gravata de Crabbe, parecia correr o risco iminente de sufocar. Os quatro tinham sido amordaçados.
– Apanhei todos – disse Warrington, empurrando Rony com violência para dentro da sala. – *Aquele* ali – e indicou Neville com um dedo grosso – tentou me impedir de apanhar *essa outra* – e indicou Gina, que tentava chutar as canelas da garotona da Sonserina que a prendia –, então trouxe-o também.
– Ótimo, ótimo – aprovou Umbridge, observando a resistência de Gina. – Bom, parece que em breve Hogwarts será uma zona livre dos Weasley, não?
Malfoy soltou uma risada alta de puxa-saco. Umbridge lançou à menina um sorriso largo e indulgente, e se acomodou em sua poltrona forrada de chintz, piscando para os prisioneiros como um sapo em um canteiro de flor.
– Então, Potter, você colocou vigias ao redor da minha sala e mandou esse palhaço – ela acenou para Rony, Malfoy riu ainda mais alto – me dizer que o poltergeist estava fazendo uma destruição no departamento de Transfiguração, quando eu sabia muito bem que ele estava ocupado em borrar de tinta as lentes dos telescópios: o Sr. Filch acabara de me informar isso.
“Pelo visto era muito importante para você falar com alguém. Era Alvo Dumbledore? Ou o mestiço Hagrid? Duvido que fosse Minerva McGonagall, soube que continua doente demais para falar.”
Malfoy e alguns membros da Brigada Inquisitorial deram mais risadas. Harry descobriu que sentia tanta raiva e tanto ódio que estava tremendo.
– Não é de sua conta com quem eu falo – vociferou.
O rosto flácido de Umbridge pareceu se contrair.
– Muito bem – disse em seu tom mais perigoso e falsamente meigo. – Muito bem, Sr. Potter... Ofereci-lhe uma chance de me contar voluntariamente. O

senhor a recusou. Não me resta alternativa senão forçá-lo. Draco, vá buscar o Prof. Snape.

Malfoy guardou a varinha de Harry no bolso interno das vestes e saiu da sala rindo, mas Harry nem reparou. Acabara de perceber uma coisa; não conseguia acreditar que tivesse sido tão burro de esquecê-la. Pensara que todos os membros da Ordem, todos os que poderiam ajudá-lo a salvar Sirius, tivessem partido – mas se enganara. Ainda havia um membro da Ordem da Fênix em Hogwarts – Snape.

Fez-se silêncio na sala exceto pela inquietação e o arrastar de pés dos alunos da Sonserina se esforçando para conter Rony e os outros. A boca de Rony sangrava no tapete da Umbridge, empenhado que estava em se livrar da chave de nuca que Warrington lhe aplicava; Gina ainda tentava pisar os pés da sextanista que prendia seus braços. O rosto de Neville ia se tornando mais roxo enquanto o garoto fazia força para se desvencilhar da chave de Crabbe; e Hermione tentava, em vão, jogar Emília Bulstrode longe. Luna, porém, estava parada e descontraída ao lado do seu captor, olhando distraidamente pela janela, como se a cena a entediasse.

Harry olhou para Umbridge, que o observava com atenção. Mantinha o rosto deliberadamente sem rugas e vazio de expressão, quando ouviram passos no corredor e Draco Malfoy entrou na sala e ficou segurando a porta aberta para Snape passar.

– A senhora queria me ver, diretora? – disse Snape olhando para os pares de estudantes que se debatiam com uma expressão de completa indiferença.

– Ah, Prof. Snape – disse Umbridge, abrindo um grande sorriso e se erguendo da mesa. – Sim, gostaria que me desse mais um frasco de Veritaserum, o mais depressa possível, por favor.

– A senhora trouxe o meu último frasco para interrogar Potter – informou ele, estudando-a calmamente através de suas cortinas de cabelos negros oleosos. – Certamente a senhora não o gastou todo? Eu a preveni que três gotas seriam suficientes.

Umbridge corou.

– O senhor pode preparar mais um pouco, não pode? – perguntou, sua voz mais meiga e mais infantil como sempre acontecia quando estava furiosa.

– Com certeza – respondeu Snape crispando os lábios. – Leva um ciclo de plenilúnio para maturar, portanto eu o terei pronto mais ou menos dentro de um mês.

– Um mês? – grasnou Umbridge, inchando como um sapo. – Um *mês*? Mas preciso para hoje à noite, Snape! Acabei de encontrar Potter usando a minha lareira para se comunicar com uma pessoa ou pessoas desconhecidas!

– Sério? – admirou-se Snape, mostrando seu primeiro e pálido sinal de interesse e se virando para Harry. – Bom, não me surpreende. Potter jamais manifestou grande respeito pelo regulamento da escola.

Seus olhos frios e escuros perfuraram os de Harry, que sustentou o seu olhar sem piscar, fazendo força para se concentrar no que vira em seu sonho, desejoso que Snape lesse sua mente e compreendesse...

– Gostaria de interrogá-lo! – gritou Umbridge, zangada, e Snape desviou o olhar de Harry, para o rosto furioso e trêmulo da diretora. – Gostaria que o senhor me fornecesse uma poção que o force a me contar a verdade!

– Eu já lhe disse – respondeu Snape suavemente – que acabou o meu estoque de Veritaserum. A não ser que a senhora tencione envenenar Potter, e posso lhe garantir que teria a minha solidariedade se fizesse isso, não posso ajudá-la. O único problema é que a maioria dos venenos age com rapidez excessiva e não deixa à vítima muito tempo para contar a verdade.

Snape tornou a olhar para Harry, que retribuiu o olhar, louco para se comunicar sem falar.

Voldemort está com o Sirius no Departamento de Mistérios, pensou ele desesperadamente. *Voldemort está com o Sirius*...

– O senhor está em observação! – guinchou Umbridge, e Snape tornou a olhá-la, com as sobrancelhas ligeiramente erguidas. – O senhor está sendo deliberadamente imprestável! Eu esperava mais, Lúcio Malfoy sempre me fala muitíssimo bem do senhor! Agora saia da minha sala!

Snape fez uma curvatura irônica para a diretora e se virou para sair. Harry sabia que a última oportunidade de informar à Ordem o que estava acontecendo ia saindo pela porta.

– Ele tem Almofadinhas! – gritou. – Tem Almofadinhas no lugar em que está escondido!

Snape parara com a mão na maçaneta da porta.

– Almofadinhas! – exclamou a Profª Umbridge, olhando ansiosa de Harry para Snape. – Que é Almofadinhas? Onde o que está escondido? Que é que ele está dizendo, Snape?

Snape se virou para Harry. Seu rosto estava inescrutável. O garoto não sabia dizer se ele entendera, mas não ousava falar mais claramente na presença de Umbridge.

– Não faço ideia – respondeu o professor com frieza. – Potter, quando eu quiser que você grite bobagens, lhe darei uma Poção da Incoerência. E Crabbe, afrouxe o seu golpe um pouco. Se Longbottom sufocar teremos muitos documentos para preencher e receio que serei obrigado a mencionar isso em suas referências, se algum dia você se candidatar a um emprego.

Snape fechou a porta com um estalo ao passar, deixando Harry mais perturbado do que antes. O professor fora sua última chance. Ele olhou para Umbridge, que parecia estar em situação igual; seu peito arfava de raiva e frustração.

– Muito bem – disse a diretora e puxou a varinha. – Muito bem... você não me deixa alternativa... isto é mais do que um caso de disciplina escolar... é uma questão de segurança ministerial... sim... sim...

Parecia estar querendo se convencer de alguma coisa. Mudava o apoio do corpo nervosamente de um pé para o outro, encarando Harry, batendo a varinha na palma da mão vazia e respirando com esforço. Ao observá-la, Harry se sentiu barbaramente impotente sem a própria varinha.

– Você está me obrigando... eu não quero – disse Umbridge, ainda se mexendo inquieta no mesmo lugar –, mas às vezes as circunstâncias justificam o uso... Tenho certeza de que o ministro entenderá que não tive escolha...

Malfoy a observava com uma expressão voraz no rosto.

– A Maldição Cruciatus deverá soltar a sua língua – disse Umbridge em voz baixa.

– Não! – gritou Hermione. – Profª Umbridge: isto é ilegal.

Mas Umbridge não lhe deu atenção. Tinha uma expressão maligna, ansiosa, excitada no rosto que Harry nunca vira antes. Ergueu a varinha.

– O ministro não iria querer que a senhora desrespeitasse a lei, Profª Umbridge! – exclamou Hermione.

– O que Cornélio não sabe não lhe tira pedaço – disse Umbridge, que agora ofegava levemente ao apontar a varinha para uma parte diferente do corpo de Harry de cada vez, aparentemente tentando se decidir onde doeria mais. – Ele nunca soube que mandei Dementadores atrás de Potter no verão passado, mas ainda assim ficou encantado de ter a oportunidade de expulsá-lo.

– Foi *a senhora*? – admirou-se Harry. – *A senhora* mandou os Dementadores atrás de mim?

– *Alguém* tinha de agir – sussurrou Umbridge, a varinha apontada diretamente para a testa de Harry. – Estavam todos se queixando que queriam silenciá-lo, desacreditá-lo, mas eu fui a pessoa que realmente *fez* alguma coisa... mas você *conseguiu* se livrar, não foi, Potter? Mas não hoje, nem agora. – E inspirando profundamente, ordenou: – *Cruc*...

– NÃO! – gritou Hermione com a voz entrecortada por trás de Emília Bulstrode. – Não... Harry... teremos de contar a ela!

– Nem pensar! – berrou Harry, encarando o pedacinho de Hermione que conseguia ver.

– Teremos, Harry, ela obrigará você a falar, de... de que adianta?
E Hermione começou a chorar baixinho nas costas das vestes de Emília. A garota parou imediatamente de querer esmagá-la contra a parede e se afastou com nojo.
– Ora, ora, ora! – disse Umbridge, com uma expressão triunfante. – A Senhorita Perguntadeira vai nos dar algumas respostas. Vamos, então, menina, fale!
– Her... mi... ni... não! – gritou Rony através da mordaça.
Gina arregalava os olhos para Hermione como se nunca a tivesse visto antes. Neville, ainda tentando respirar, encarava-a também. Mas Harry acabara de reparar em uma coisa. Embora Hermione estivesse soluçando desesperadamente com o rosto nas mãos, não havia nem sinal de lágrimas.
– Desculpe... desculpe, gente – disse Hermione. – Mas... não dá para aguentar...
– Certo, certo, garota! – disse Umbridge, agarrando Hermione pelos ombros, atirando-a no cadeirão de chintz e se curvando para ela. – Agora, então... com quem Potter estava se comunicando ainda há pouco?
– Bom – Hermione engoliu em seco, ainda com as mãos no rosto –, bom, ele estava *tentando* falar com o Prof. Dumbledore.
Rony congelou, os olhos arregalados; Gina parou de tentar pisar os dedos dos pés de sua captora; e até Luna pareceu meio surpresa. Felizmente, a atenção de Umbridge e seus policiais estava concentrada muito exclusivamente em Hermione para reparar nesses indícios suspeitos.
– Dumbledore! – exclamou Umbridge, ansiosa. – Você sabe onde Dumbledore está, então?
– Bom... não! – soluçou Hermione. – Experimentamos o Caldeirão Furado, no Beco Diagonal e o Três Vassouras e até o Cabeça de Javali...
– Menina idiota... Dumbledore não vai ficar sentado em um *pub* com o Ministério todo à procura dele! – gritou Umbridge, o desapontamento gravado em cada ruga frouxa de seu rosto.
– Mas... mas precisava contar a ele uma coisa importante! – gemeu Hermione, apertando ainda mais as mãos contra o rosto, não, sabia Harry, de aflição, mas para disfarçar a contínua ausência de lágrimas.
– Então? – perguntou Umbridge com um súbito arroubo de excitação. – Que é que vocês queriam contar a ele?
– Nós... nós queríamos contar que está p-pronta! – engasgou-se Hermione.
– Que é que está pronta! – Umbridge exigiu saber, e tornou a agarrar Hermione pelos ombros e a sacudi-la de leve. – Que é que está pronta, menina?
– A... a arma.

– Arma? Arma? – repetiu Umbridge, e seus olhos saltaram de excitação. – Vocês estiveram pesquisando algum método de defesa? Uma arma que poderiam usar contra o Ministério? Por ordem do Prof. Dumbledore, é claro.
– S-s-im – ofegou Hermione –, mas ele teve de partir antes de terminar, e ag-g-ora terminamos e não c-c-conseguimos encontrá-lo p-p-para avisar!
– Que tipo de arma é? – perguntou Umbridge asperamente, suas mãos curtas ainda apertando os ombros de Hermione.
– Não sabemos r-r-realmente – disse Hermione fungando alto. – Só f-f-fizemos o que o P-P-Prof. Dumbledore nos disse p-p-para fazer.
Umbridge se endireitou, parecendo exultante.
– Me leve até a arma – disse.
– Não vou mostrar a... *eles* – disse Hermione com a voz aguda, olhando para os alunos da Sonserina por entre os dedos.
– Não cabe a você impor condições – disse a professora com aspereza.
– Ótimo – argumentou Hermione, agora soluçando, o rosto nas mãos. – Ótimo... deixe eles verem, espero que a usem contra a senhora! Na verdade, eu gostaria que a senhora convidasse uma multidão para vir ver! S-seria bem feito... ah, eu adoraria que a escola t-toda soubesse onde está e como usá-la, e quando a senhora aborrecesse alguém, ele poderia d-dar um jeito na senhora!
Essas palavras produziram um forte impacto em Umbridge: ela olhou com rapidez e desconfiança para sua Brigada Inquisitorial, seus olhos saltados detendo-se por um momento em Malfoy, que foi lento demais para disfarçar a expressão de ansiedade e cobiça que apareceu em seu rosto.
Umbridge estudou Hermione por outro longo momento, então falou num tom que claramente pensava ser maternal.
– Muito bem, querida, então vamos só você e eu... e levaremos Potter também, está bem? Levante-se agora.
– Professora – chamou Malfoy, ansioso –, Profª Umbridge, acho que alguns membros da Brigada deveriam ir com a senhora para cuidar...
– Eu sou funcionária credenciada do Ministério, Malfoy, você acha realmente que não posso cuidar de dois adolescentes sem varinha? – perguntou com rispidez. – De qualquer modo, não me parece que essa arma deva ser vista por alunos. Você vai ficar aqui até a minha volta garantindo que nenhum desses – ela fez um gesto abarcando Rony, Gina, Neville e Luna – fuja.
– Certo – disse Malfoy, parecendo ofendido e desapontado.
– E vocês dois podem ir à minha frente para indicar o caminho – disse Umbridge, apontando Harry e Hermione com a varinha. – Andem então.

— CAPÍTULO TRINTA E TRÊS —
Luta e fuga

Harry não fazia ideia do que Hermione estava planejando, nem mesmo se teria um plano. Manteve-se meio passo atrás dela enquanto seguiam pelo corredor da sala de Umbridge, sabendo que pareceria muito suspeito se ele desse a impressão de não saber aonde iam. Não se atreveu a falar com a amiga; Umbridge estava tão colada às suas costas que era possível ouvir sua respiração descompassada.

Hermione, à frente, desceu as escadas para o Saguão de Entrada, o vozerio e o estrépito dos talheres nos pratos ecoavam pelas portas abertas do Salão Principal – parecia a Harry inacreditável que a uns seis metros de distância as pessoas saboreassem o jantar, comemorando o fim dos exames, sem a menor preocupação...

Hermione passou direto do saguão para os degraus de pedra e o ar cálido da noite. O sol agora estava se pondo em direção às copas das árvores na Floresta Proibida e, enquanto Hermione atravessava deliberadamente o gramado – Umbridge quase correndo para acompanhá-la –, suas sombras escuras, longas como capas, ondulavam pela grama à sua passagem.

– Está escondida na cabana de Hagrid? – perguntou Umbridge, ansiosa, ao ouvido de Harry.

– Claro que não – respondeu Hermione em tom irônico –, Hagrid poderia dispará-la sem querer.

– É mesmo – concordou Umbridge, cuja excitação parecia crescer. – Ele teria feito isso, é claro, o mestiço retardado.

Ela riu. Harry sentiu um forte impulso de se virar e agarrá-la pelo pescoço, mas resistiu. Sua cicatriz latejava no ar ameno da noite, mas ainda não queimara em brasa, como sabia que iria acontecer quando Voldemort se preparasse para atacar.

– Então... onde está? – perguntou Umbridge, com um quê de incerteza na voz,

pois Hermione continuava a rumar decidida para a Floresta.
– Lá dentro, é claro – respondeu a garota, apontando para as árvores escuras. – Tinha de ficar em algum lugar onde os estudantes não a encontrassem por acaso, não é mesmo?
– Naturalmente – concordou Umbridge, embora parecesse agora um pouco apreensiva. – Naturalmente... muito bem então... vocês dois se mantenham à minha frente.
– Podemos ficar com a sua varinha, então, se vamos na frente? – perguntou Harry.
– Não, acho que não, Sr. Potter – respondeu ela meigamente, espetando as costas do garoto com a varinha. – Receio que o Ministério dê mais valor à minha vida do que à sua.
Quando alcançaram a sombra fresca das primeiras árvores, Harry tentou captar a atenção de Hermione; caminhar pela Floresta sem varinhas parecia-lhe a coisa mais imprudente que eles já tinham feito até aquela noite. Ela, no entanto, apenas lançou um olhar desdenhoso a Umbridge e mergulhou entre as árvores, andando com tanta rapidez que a professora, com suas pernas mais curtas, teve dificuldade em acompanhá-la.
– É muito para dentro? – perguntou Umbridge a Hermione, quando suas vestes se prenderam e rasgaram em um espinheiro.
– Ah, é, está muito bem escondida.
As apreensões de Harry aumentaram. Hermione não tomou a trilha que haviam seguido para visitar Grope, mas a que ele tomara três anos antes para ir à toca do monstro Aragogue. A amiga não estava em sua companhia na ocasião, e ele duvidou que Hermione tivesse ideia do perigo que os aguardava no fim da trilha.
– Ah... você tem certeza de que estamos no caminho certo? – perguntou Umbridge incisivamente.
– Ah, tenho – respondeu a garota com firmeza, pisando no mato rasteiro e produzindo o que ele julgou ser um barulho desnecessário. Atrás deles, Umbridge tropeçou numa arvoreta caída. Nenhum dos dois parou para ajudá-la a se levantar; Hermione meramente continuou o caminho, avisando em voz alta por cima do ombro. – É um pouco mais adiante!
– Hermione, fale baixo – murmurou Harry, apressando o passo para alcançá-la. – Qualquer coisa poderia estar nos ouvindo aqui.
– Quero que nos ouçam – respondeu ela em voz baixa, enquanto Umbridge corria com estardalhaço atrás deles. – Você vai ver...
Eles continuaram a caminhar por um tempo aparentemente longo, até penetrarem mais uma vez tão profundamente na Floresta que a abóbada de

árvores bloqueava toda a claridade. Harry teve a mesma sensação que já experimentara antes na Floresta, a de que estavam sendo vigiados por olhos invisíveis.

– Quanto falta ainda? – perguntou Umbridge, zangada.

– Não muito agora! – gritou Hermione, ao saírem em uma clareira escura e úmida. – Só mais um pouquinho...

Uma flecha voou pelo ar e caiu com um impacto ameaçador pouco acima da cabeça da garota. O ar se encheu repentinamente com o ruído de cascos; Harry sentiu o chão da Floresta tremer; Umbridge soltou um gritinho e o empurrou para a frente dela como um escudo...

Ele se desvencilhou e se virou. Uns cinquenta centauros emergiram de todos os lados, seus arcos erguidos e armados apontando para Harry, Hermione e Umbridge. Os três recuaram lentamente para o centro da clareira, enquanto Umbridge balbuciava estranhos gemidos de terror. Harry olhou de esguelha para Hermione. Ela exibia um sorriso triunfante.

– Quem é você? – perguntou uma voz.

Harry olhou para a esquerda. O corpo castanho do centauro chamado Magoriano destacava-se do círculo em direção a eles; seu arco, como o dos outros, estava erguido. À direita de Harry, Umbridge ainda gemia, sua varinha tremendo violentamente apontada para o centauro que avançava.

– Eu perguntei quem é você, humana – tornou a perguntar Magoriano com aspereza.

– Sou Dolores Umbridge! – respondeu ela, em tom agudo e aterrorizado. – Subsecretária sênior do ministro da Magia, diretora e Alta Inquisidora de Hogwarts!

– A senhora é do Ministério da Magia? – confirmou Magoriano, enquanto muitos centauros no círculo ao redor se moveram inquietos.

– Exatamente! – disse ela, elevando a voz. – Então, tenha cuidado! Pelas leis baixadas pelo Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, qualquer ataque de mestiços como vocês a um humano...

– *Do que* foi que a senhora nos chamou? – gritou um centauro negro com ar feroz em quem Harry reconheceu Agouro. Ouviram-se muitos murmúrios indignados e arcos esticando a toda volta.

– Não se refira a eles assim! – disse Hermione furiosa, mas Umbridge não pareceu tê-la ouvido. Ainda apontando a varinha trêmula para Magoriano, continuou:

– A Lei Quinze B diz claramente que “qualquer ataque de uma criatura mágica presumivelmente dotada de inteligência quase humana, e portanto responsável por seus atos...”

– Inteligência quase humana? – repetiu Magoriano, ao mesmo tempo que Agouro e os outros rugiam de raiva e pateavam o chão. – Consideramos isso uma grande ofensa, humana! Nossa inteligência, felizmente, supera em muito a sua.

– Que é que a senhora está fazendo em nossa Floresta? – bradou um centauro cinzento de rosto severo, que Harry e Hermione tinham visto na última ida. – Por que está aqui?

– *Sua* Floresta?! – exclamou Umbridge, tremendo agora não somente de medo, mas, ao que parecia, de indignação. – Gostaria de lembrar que vocês vivem aqui porque o Ministério da Magia permite que ocupem certas áreas de terra...

Uma flecha passou voando tão perto de sua cabeça que prendeu uns fios dos seus cabelos cor de rato; ela soltou um berro de furar os tímpanos e levou as mãos à cabeça, enquanto alguns centauros apoiavam o ataque aos gritos e outros riam estridentemente. O som de suas risadas ferozes e relinchantes a ecoar pela clareira sombria e a visão de suas patas batendo no chão eram extremamente assustadores.

– De quem é a Floresta agora, humana? – berrou Agouro.

– Mestiços imundos! – gritou Umbridge, as mãos ainda apertando a cabeça. – Feras! Animais descontrolados!

– Fique quieta! – gritou Hermione, mas foi tarde demais: Umbridge apontou a varinha para Magoriano e ordenou: “*Incarcerous!*”

Cordas voaram pelo ar como grossas cobras, enrolando-se firmemente no tronco do centauro e prendendo seus braços: ele soltou um grito de fúria e se empinou nas patas traseiras, tentando se libertar, enquanto os outros centauros atacavam.

Harry agarrou Hermione e puxou-a para o chão; de cara no chão da Floresta, ele conheceu um momento de terror enquanto os cascos estrondavam ao seu redor, mas os centauros saltavam por cima e em volta dos garotos, berrando e gritando encolerizados.

– Nããããããão! – ele ouviu Umbridge gritar. – Nããããããão... sou subsecretária sênior... vocês não podem: me larguem, seus animais... nããããão!

Harry viu um lampejo vermelho e percebeu que ela tentara estuporar um deles; então Umbridge gritou muito alto. Erguendo a cabeça alguns centímetros, Harry viu que fora agarrada por trás por Agouro e guindada para o alto, esperneando e gritando de medo. Sua varinha caiu no chão, e o coração de Harry deu um salto. Se ao menos pudesse alcançá-la...

Mas, quando esticou a mão para a varinha, o casco de um centauro desceu sobre o objeto e partiu-o exatamente no meio.

– Agora! – rugiu uma voz no ouvido de Harry, e um braço grosso e peludo o pôs em pé. Hermione também foi levantada. Por cima das costas e cabeças coloridas dos centauros que arremetiam, Harry viu Umbridge ser carregada entre as árvores por Agouro. Gritando sem parar, sua voz foi se distanciando até que já não podiam ouvi-la com o barulho dos cascos na clareira.
– E esses aqui? – perguntou o centauro cinzento de expressão dura que segurava Hermione.
– São jovens – disse uma voz lenta e pesarosa atrás de Harry. – Não atacamos filhotes.
– Eles a trouxeram aqui, Ronan – replicou o centauro que segurava Harry firmemente. – E não são tão filhotes... é quase adulto, este aqui.
Ele sacudiu Harry pelo colarinho das vestes.
– Por favor – pediu Hermione sem fôlego –, não nos ataquem, não pensamos como ela, não somos funcionários do Ministério da Magia! Só viemos para cá porque tínhamos esperança de que vocês a afugentassem.
Harry percebeu imediatamente, pela expressão no rosto do centauro cinzento que segurava Hermione, que ela cometera um terrível engano ao dizer isso. O centauro cinzento jogou a cabeça para trás, as pernas traseiras bateram furiosamente, e ele bradou:
– Está vendo, Ronan? Eles já têm a arrogância da espécie! Então era para nós fazermos o seu trabalho sujo, era, menina humana? Era para agirmos como seus criados, afugentarmos seus inimigos como cães obedientes?
– Não! – negou Hermione com um guincho de terror. – Por favor... não quis dizer isso! Só tive esperança que vocês talvez pudessem nos... ajudar.
Mas ela parecia estar indo de mal a pior.
– Não ajudamos humanos! – vociferou o centauro que segurava Harry, apertando-o e ao mesmo tempo empinando um pouco, fazendo os pés do garoto saírem momentaneamente do chão. – Somos uma raça à parte e temos orgulho disso. Não iremos permitir que vocês saiam daqui se gabando que cumprimos suas ordens!
– Não vamos dizer nada disso! – gritou Harry. – Sabemos que não fizeram o que fizeram porque queríamos que fizessem...
Mas ninguém parecia escutá-lo.
Um centauro barbudo mais ao fundo da aglomeração gritou:
– Eles vieram sem ser convidados, precisam arcar com as consequências!
Suas palavras foram recebidas com um rugido de aprovação, e um centauro pardo gritou:
– Eles podem se juntar à mulher!
– Vocês disseram que não feriam inocentes! – gritou Hermione, lágrimas

verdadeiras agora escorrendo pelo rosto. – Não fizemos nada para agredi-los, não usamos varinhas nem ameaças, só queremos voltar para a escola, por favor nos deixem ir...

– Não somos todos como o traidor Firenze, menina humana! – gritou o centauro cinzento, recebendo mais aplausos dos companheiros. – Talvez você achasse que éramos belos cavalos falantes? Somos um povo antigo que não vai tolerar invasões nem insultos de bruxos! Não reconhecemos suas leis, não aceitamos sua superioridade, somos...

Mas eles não ouviram o que mais seriam os centauros, pois naquele momento ouviu-se um estrondo na orla da clareira tão poderoso que todos, Harry e Hermione e os cinquenta e tantos centauros que ali estavam se viraram. O centauro de Harry deixou-o cair no chão e suas mãos voaram para o arco e a aljava de flechas. Hermione fora largada também, e Harry correu para a amiga na hora em que dois grossos troncos se afastaram sinistramente e pela abertura surgia a figura monstruosa de Grope, o gigante.

Os centauros mais próximos dele recuaram para junto dos que estavam mais atrás; a clareira agora era uma floresta de arcos e flechas preparados para disparar, todas apontando para a cara acinzentada que agora assomava no alto sob a densa abóbada de ramos. A boca torta de Grope abria-se tolamente; eles viam seus dentes amarelos semelhantes a tijolos brilhando na penumbra, seus olhos opacos cor de lama apertados, tentando enxergar as criaturas aos seus pés. Cordas partidas caíam dos seus tornozelos.

Ele abriu ainda mais a boca.

– Hagger.

Harry não sabia o que “hagger” significava, ou a que língua pertencia, nem estava muito interessado; observava os pés de Grope, quase tão longos quanto o corpo todo do garoto. Hermione agarrou seu braço com força; os centauros estavam muito silenciosos, observando o gigante, cuja cabeça enorme se movia de um lado para outro, ainda espiando entre eles como se procurasse alguma coisa que tivesse deixado cair.

– *Hagger!* – chamou outra vez, com maior insistência.

– Saia daqui, gigante! – gritou Magoriano. – Você não é bem-vindo entre nós!

Aparentemente, essas palavras não causaram impressão alguma em Grope. Ele se curvou um pouco (os braços dos centauros se retesaram nos arcos), e tornou a berrar:

– HAGGER!

Alguns centauros agora pareceram preocupados. Hermione, no entanto, ofegou.

– Harry! – sussurrou ela. – Acho que ele está tentando dizer “Hagrid”!

Neste exato momento Grope os avistou, os únicos humanos em um mar de centauros. Baixou a cabeça mais um pouco, examinando-os com atenção. Harry sentiu Hermione tremer quando o gigante tornou a escancarar a boca e a dizer, numa voz trêmula e grave:

– Hermi.

– Nossa! – exclamou Hermione, apertando o braço de Harry com tanta força que o deixava dormente, e parecendo prestes a desmaiar –, ele... ele se lembrou!

– HERMI! – rugiu Grope. – ONDE HAGGER?

– Não sei! – esganiçou-se Hermione, aterrorizada. – Desculpe, Grope, não sei!

– GROPE QUER HAGGER!

O gigante baixou uma das mãos maciças. Hermione deixou escapar um grito muito alto, correu uns passos para trás e caiu. Sem varinha, Harry se preparou para socar, chutar, morder e o que fosse preciso, quando a mão mergulhou em sua direção e derrubou um centauro branco.

Era o que os centauros estavam esperando: os dedos esticados de Grope estavam a menos de meio metro de Harry quando cinquenta flechas voaram pelo ar em direção ao gigante, pontilhando sua caraça, fazendo-o uivar de dor e raiva e aprumar o corpo, esfregando a cara com as manzorras, partindo a haste das flechas, mas empurrando as pontas mais fundo.

Ele berrou e bateu os pés no chão, e os centauros saíram de sua frente correndo; gotas de sangue do tamanho de seixos choveram sobre Harry enquanto ele ajudava Hermione a se levantar, e os dois correram o mais depressa que puderam para o abrigo das árvores. Olharam uma vez para trás; Grope tentava agarrar os agressores às cegas, o sangue escorrendo de seu rosto; os centauros bateram em retirada desordenadamente, afastando-se a galope entre as árvores do lado oposto da clareira. Harry e Hermione viram Grope dar outro urro de fúria e mergulhar atrás dos centauros, derrubando mais árvores em seu caminho.

– Ah, não! – exclamou Hermione, tremendo tanto que seus joelhos cederam. – Ah, que coisa horrível. E ele talvez mate todos.

– Para ser sincero, não estou tão preocupado assim – disse Harry com amargura.

O ruído dos cascos dos centauros a galope e o do gigante às cegas foram se distanciando. Enquanto Harry procurava ouvi-los, sua cicatriz latejou com força e uma onda de terror o envolveu.

Tinham perdido tanto tempo – estavam ainda mais longe de resgatar Sirius do que quando tivera a visão. Não somente Harry conseguira perder a varinha, mas os dois se achavam encalhados no meio da Floresta Proibida, sem meios de transporte.

– Beleza de plano – disse com rispidez para Hermione, precisando extravasar

um pouco sua fúria. – Realmente uma beleza. Aonde vamos agora?
– Precisamos voltar ao castelo – respondeu Hermione com a voz débil.
– Até fazermos isso, provavelmente Sirius já estará morto! – disse Harry, chutando com raiva uma árvore próxima. Um vozerio agudo irrompeu nas copas das árvores e ele olhou para cima e viu um tronquilho flexionando os longos dedos de gravetos para ele.
– Bom, não podemos fazer nada sem varinhas – disse Hermione, desconsolada, recomeçando a caminhar. – Mas, afinal, Harry, como era exatamente que você estava planejando chegar a Londres?
– É, era o que estávamos nos perguntando – disse uma voz conhecida às costas dela.
Harry e Hermione se viraram juntos, instintivamente, e espiaram entre as árvores.
Rony apareceu com Gina, Neville e Luna, que caminhavam apressados atrás dele. Todos pareciam um pouco maltratados – havia compridos arranhões na bochecha de Gina; um grande calombo roxo sobre o olho direito de Neville; o lábio de Rony sangrava como nunca –, mas pareciam muito satisfeitos com eles mesmos.
– Então – disse Rony, afastando um ramo baixo e entregando a varinha de Harry –, tem alguma ideia?
– Como foi que vocês conseguiram fugir? – perguntou Harry, assombrado, apanhando a varinha estendida.
– Uns dois Feitiços Estuporantes, outro para Desarmar, e Neville executou uma Azaração de Impedimento lindinha – disse Rony, descontraído, agora devolvendo a varinha de Hermione. – Mas Gina foi a melhor, ela pegou o Malfoy com uma Azaração para Rebater Bicho-papão, foi magnífica, a cara dele ficou toda coberta de coisas enormes e esvoaçantes. Então vimos vocês pela janela andando em direção à Floresta e viemos atrás. Que foi que vocês fizeram com a Umbridge?
– Foi levada embora – disse Harry. – Por um rebanho de centauros.
– E eles deixaram vocês aqui? – perguntou Gina, espantada.
– Não, foram afugentados pelo Grope – informou Harry.
– Quem é Grope? – perguntou Luna, interessada.
– O irmãozinho de Hagrid – disse Rony prontamente. – Isso não importa agora. Harry, que foi que você descobriu na lareira? Você-Sabe-Quem pegou o Sirius ou...?
– Pegou – disse Harry, sua cicatriz dando mais uma fisgada dolorosa –, e tenho certeza de que Sirius ainda está vivo, mas não vejo como iremos até lá ajudá-lo.

Todos se calaram, parecendo muito assustados; o problema que os confrontava parecia insolúvel

– Bom, teremos de voar, não? – disse Luna, com o tom mais próximo do prosaico que Harry já a vira usar.

– Tudo bem – disse Harry, irritado, virando-se para a garota. – Primeiro, “nós” não vamos fazer nada, se você está se incluindo no grupo, e, segundo, Rony é o único que tem uma vassoura que não está guardada por um trasgo de segurança, portanto...

– Eu tenho vassoura! – lembrou Gina.

– É, mas você não vai – disse Rony, zangado.

– Com licença, mas eu me importo tanto com o que acontece a Sirius quanto vocês! – replicou Gina, endurecendo o queixo e fazendo com que sua semelhança com Fred e Jorge repentinamente se acentuasse.

– Você é muito... – começou Harry, mas Gina o interrompeu com veemência.

– Sou três anos mais velha do que você era quando enfrentou Você-Sabe-Quem pela posse da Pedra Filosofal, e fui eu que deixei Malfoy sem ação na sala da Umbridge atacado por papões voadores.

– É, mas...

– Estivemos todos juntos na AD – disse Neville em voz baixa. – A ideia era combater Você-Sabe-Quem, não? E esta é a primeira oportunidade que temos de fazer alguma coisa de verdade... ou será que aquilo tudo foi uma brincadeira ou o quê?

– Não... claro que não foi... – retrucou Harry, impaciente.

– Então devíamos ir também – concluiu Neville com simplicidade. – Queremos ajudar.

– Certo – apoiou Luna, sorrindo feliz.

O olhar de Rony encontrou o de Harry. Ele sabia que Rony estava pensando o mesmo que ele: se tivesse podido escolher algum membro da AD, além dele, Rony e Hermione para acompanhá-lo na tentativa de resgatar Sirius, ele não teria escolhido Gina, Neville nem Luna.

– Bom, afinal não importa – disse Harry, frustrado – porque ainda não sabemos como iremos para lá...

– Pensei que já tivéssemos definido isso – falou Luna de modo exasperante. – Vamos voando!

– Olhe aqui – disse Rony, mal contendo sua contrariedade –, talvez você possa voar sem uma vassoura, mas nós não podemos criar asas sempre que...

– Há outras maneiras de voar além de vassouras – retorquiu Luna serenamente.

– Suponho que vamos cavalgar no lombo do Chifre Bofudo ou que nome

tenha.
– Bufadores de Chifre Enrugado não voam – disse Luna com dignidade –, mas *eles* voam, e Hagrid diz que são muito bons para encontrar os lugares que seus cavaleiros estão procurando.
Harry se virou. Parados entre duas árvores, os olhos brancos refulgindo fantasmagóricos, havia dois Testrálios, escutando a conversa sussurrada como se entendessem cada palavra.
– É mesmo! – murmurou Harry, indo em direção aos bichos. Eles sacudiram a cabeça reptiliana, jogaram para trás as crinas escuras e longas, e o garoto estendeu uma das mãos, pressuroso, e deu umas palmadinhas no pescoço reluzente do mais próximo; como é que pôde achá-los feios?
– São aqueles cavalos malucos? – perguntou Rony, inseguro, fixando um ponto ligeiramente à esquerda do Testrálio que Harry acariciava. – Aqueles que a gente não pode ver a não ser que alguém os fareje antes?
– É – confirmou Harry.
– Quantos?
– Só dois.
– Bom, precisamos de três – lembrou Hermione, que ainda parecia um pouco abalada, mas ainda assim decidida.
– Quatro, Hermione – corrigiu Gina, trombuda.
– Acho que na realidade somos seis – falou Luna calmamente, contando-os.
– Não seja idiota, não podemos ir todos! – disse Harry, zangado. – Olhem, vocês três – ele apontou para Neville, Gina e Luna –, vocês não estão metidos nisso, vocês não...
Eles prorromperam em mais protestos. A cicatriz de Harry deu outra fisgada mais dolorosa. Cada minuto de atraso era precioso; ele não tinha tempo para discutir.
– O.k., ótimo a escolha é sua – disse secamente –, mas, a não ser que encontremos mais Testrálios, vocês não poderão...
– Ah, vão aparecer mais – disse Gina, confiante, que, como Rony, estava procurando enxergar na direção oposta, aparentemente pensando que olhava para os cavalos.
– Por que é que você acha isso?
– Porque, caso vocês não tenham notado, você e Hermione estão cobertos de sangue – disse ela calmamente –, e sabemos que Hagrid atrai Testrálios com carne crua. Provavelmente é por isso que esses dois apareceram.
Naquele momento Harry sentiu um ligeiro puxão em suas vestes e, ao baixar os olhos, viu que o Testrálio mais próximo estava lambendo sua manga úmida com o sangue de Grope.

– Tudo bem, então – disse ele, pois acabava de lhe ocorrer uma ideia luminosa. – Rony e eu vamos levar esses dois e ir andando, e Hermione pode ficar aqui com vocês três e atrair mais Testrálios...

– Eu não vou ficar para trás! – falou Hermione, furiosa.

– Não precisa – disse Luna sorrindo. – Olhe, vem vindo mais agora... vocês dois devem estar realmente fedendo...

Harry se virou: nada menos de seis ou sete Testrálios vinham se aproximando cautelosos entre as árvores, suas grandes asas coriáceas bem fechadas junto ao corpo, seus olhos brilhando na escuridão. Ele não tinha mais desculpa.

– Tudo bem – disse aborrecido –, cada um pegue o seu e vamos, então.

— CAPÍTULO TRINTA E QUATRO —
O Departamento de Mistérios

Harry enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. O bicho não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lamber as vestes do garoto.

Harry descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. Neville se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. Luna já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. Rony, Hermione e Gina, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

– Que foi? – perguntou ele.

– Como é que você espera que a gente monte? – perguntou Rony com a voz fraca. – Se não conseguimos ver essas coisas?

– Ah, é fácil – falou Luna, descendo de boa vontade do seu Testrálio e se encaminhando para Rony, Hermione e Gina. – Venham aqui...

Luna os levou até os outros Testrálios que estavam parados e ajudou os amigos, um a um, a montarem neles. Os três pareceram extremamente nervosos quando a garota enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com firmeza; depois voltou para a própria montaria.

– Isto é loucura – murmurou Rony, passando a mão livre desajeitadamente pelo pescoço do cavalo. – Loucura... se eu ao menos pudesse ver o bicho...

– É melhor você desejar que ele continue invisível – disse Harry sombriamente. – Estamos prontos, então?

Todos confirmaram, e ele viu cinco pares de joelhos se tensionarem sob as vestes.

– O.k...

Harry olhou para a cabeça negra e reluzente do Testrálio que montava e engoliu em seco.

– Ministério da Magia, entrada de visitantes, Londres – disse, então, hesitante. – Ah... se souber... aonde ir...

Por um momento o Testrálio de Harry não reagiu; então, com um movimento amplo que quase o desmontou, abriu as asas; encolheu-se lentamente, e em seguida subiu como um foguete, tão rápido e tão abruptamente que Harry teve de apertar as pernas e os braços em torno dele para evitar escorregar por suas ancas ossudas. O garoto fechou os olhos e apertou o rosto contra a crina sedosa do cavalo ao romperem pelos ramos mais altos das árvores e saírem voando em direção ao poente vermelho-sangue.

Harry achou que nunca se deslocara com tanta rapidez: o Testrálio passou veloz sobre o castelo, suas grandes asas mal se movendo; o ar frio fustigava o rosto dele; os olhos apertados contra o vento, o garoto olhou para os lados e viu seus cinco companheiros acompanhando-o, cada qual mais achatado possível sobre o pescoço do Testrálio para se proteger do turbilhão de ar produzido pelo bicho.

Sobrevoaram os terrenos de Hogwarts, passaram por Hogsmeade; Harry viu montanhas e vales profundos no solo. Quando a luz do dia começou a desaparecer, Harry viu surgirem pequenas coleções de luzes à medida que passavam sobre outras tantas cidadezinhas, depois uma estrada tortuosa em que um único carro subia com esforço as montanhas a caminho de casa...

– Que coisa bizarra! – Harry ouviu Rony berrar indistintamente de algum ponto às suas costas, e ficou imaginando como a pessoa devia se sentir voando em tal velocidade, a tal altura, sem meios visíveis de sustentação.

O crepúsculo caiu: o céu foi mudando para um arroxeado melancólico pontilhado de minúsculas estrelas prateadas, e não tardou que apenas as luzes das cidades trouxas indicassem a distância a que se encontravam do chão, ou a velocidade a que estavam viajando. Os braços de Harry abraçavam com força o pescoço do cavalo como se quisesse vê-lo voar ainda mais rápido. Quanto tempo teria decorrido desde que vira Sirius caído no chão do Departamento de Mistérios? Quanto tempo mais seu padrinho poderia resistir a Voldemort? A única certeza de Harry é que ele não fizera o que o lorde queria, nem morrera, pois estava convencido de que qualquer dos dois desenlaces o faria sentir o júbilo ou a fúria de Voldemort perpassando seu próprio corpo, fazendo sua cicatriz queimar tão dolorosamente como na noite em que o Sr. Weasley fora atacado.

Eles continuaram avançando pela escuridão que se adensava; Harry sentiu o rosto tenso e frio, e, as pernas, dormentes de comprimir com tanta força os

flancos do Testrálio, mas ele não ousava mudar de posição para não escorregar... ensurdecera com o ronco do frio vento noturno em suas orelhas, e sua boca estava seca e gelada. Perdera toda noção da distância que haviam percorrido; toda a sua fé estava no animal embaixo dele, que continuava a cortar a noite deliberadamente, quase sem bater as asas em seu avanço veloz.

Se chegassem tarde demais...

Ele ainda está vivo, ainda está resistindo, sinto isso...

Se Voldemort decidisse que Sirius não ia ceder...

Eu saberia...

Seu estômago deu um solavanco; a cabeça do Testrálio de repente começou a apontar para o solo, e Harry chegou a deslizar alguns centímetros pelo pescoço do animal. Estavam finalmente descendo... ele pensou ter ouvido um grito às suas costas e torceu perigosamente o corpo, mas não viu sinal de ninguém caindo... supôs que, como ele, todos tivessem sentido um choque com a mudança de direção.

E agora fortes luzes cor de laranja iam se tornando maiores e mais redondas por todos os lados; podiam ver os altos dos edifícios, cadeias de faróis que lembravam olhos de insetos, quadrados amarelo-claros assinalando as janelas. Subitamente, pareceu a Harry, estavam se precipitando em direção à calçada; Harry se agarrou ao Testrálio com as suas últimas forças, preparando-se para um impacto repentino, mas o cavalo pousou no chão escuro com a leveza de uma sombra e Harry escorregou do seu dorso, espiando a rua ao seu redor, onde a caçamba transbordando lixo continuava a uma pequena distância da cabine telefônica depredada, ambas descoradas à claridade uniforme e laranja dos lampiões da rua.

Rony aterrissou um pouco adiante, e imediatamente caiu do Testrálio para a calçada.

– Nunca mais – disse, esforçando-se para se erguer. Fez menção de se afastar do cavalo, mas, incapaz de vê-lo, colidiu com seus quartos traseiros e quase caiu outra vez. – Nunca, nunca mais... foi a pior...

Hermione e Gina desceram uma a cada lado dele; as duas escorregaram da montaria um pouco mais graciosamente do que Rony, embora com expressões semelhantes de alívio por voltar à terra firme; Neville saltou, tremendo; e Luna desmontou suavemente.

– Então, aonde vamos agora? – perguntou ela a Harry num tom cortês e interessado, como se tudo aquilo fosse uma curiosa excursão de um só dia.

– Por aqui. – Ele deu uma palmadinha breve de agradecimento em seu Testrálio, depois conduziu os amigos rapidamente para a cabine telefônica e abriu a porta. – Andem *logo*! – apressou os que hesitavam.

Rony e Gina entraram obedientes; Hermione, Neville e Luna se apertaram na cabine atrás deles; Harry deu uma última olhada nos Testrálios, agora procurando restos de comida podre na caçamba, depois comprimiu-se atrás de Luna.

– Quem estiver mais próximo do telefone, disque seis dois quatro quatro dois! – disse ele.

Rony discou, seu braço estranhamente dobrado para alcançar o disco; quando este voltou ao ponto inicial, a voz tranquila de mulher ecoou na cabine.

"Bem-vindos ao Ministério da Magia. Por favor, informem seus nomes e o objetivo da visita."

– Harry Potter, Rony Weasley, Hermione Granger – disse Harry imediatamente –, Gina Weasley, Neville Longbottom, Luna Lovegood... estamos aqui para salvar a vida de alguém, a não ser que o seu Ministério possa fazer isso primeiro!

"Obrigada", disse a voz tranquila. "Visitantes, por favor, apanhem os crachás e os prendam no peito das vestes."

Meia dúzia de crachás saíram da fenda de devolução de moedas. Hermione recolheu-os e os entregou em silêncio a Harry, por cima da cabeça de Gina; ele olhou o de cima: *Harry Potter, Missão de Salvamento*.

"Visitantes ao Ministério, os senhores devem se submeter a uma revista e apresentar suas varinhas para registro na mesa da segurança, localizada ao fundo do Átrio."

– Ótimo! – exclamou Harry em voz alta, sentindo a cicatriz dar mais uma fisgada. – Agora podemos *descer*?

O piso da cabine estremeceu e a calçada se elevou passando por suas vidraças; os Testrálios que catavam restos foram desaparecendo de vista; a escuridão se fechou sobre as cabeças dos garotos e, com um ruído surdo de trituração, eles desceram às profundezas do Ministério da Magia.

Uma réstia de suave luz dourada iluminou seus pés e ampliou-se para os seus corpos. Harry dobrou os joelhos e empunhou sua varinha da melhor maneira que pôde em condições tão exíguas, espiando pelo vidro a ver se alguém os esperava no Átrio, mas o local parecia completamente deserto. A luz estava mais fraca do que de dia; não havia lareiras acesas sob os consoles engastados nas paredes, mas, à medida que o elevador foi parando suavemente, ele observou que os símbolos dourados continuavam a se mover sinuosamente no escuro teto azul.

"O Ministério da Magia deseja aos senhores uma noite agradável", disse a voz de mulher.

A porta da cabine telefônica se escancarou; Harry saiu tropeçando, seguido por Neville e Luna. O único som no Átrio era a torrente contínua de água na

fonte dourada, que jorrava das varinhas da bruxa e do bruxo, da ponta da flecha do centauro, do gorro do duende e das orelhas dos elfos domésticos para o tanque ao redor.

– Vamos – disse Harry baixinho, e os seis saíram correndo pelo saguão, Harry à frente, passaram pela fonte e se dirigiram à mesa onde o bruxo-vigia, que pesara a varinha de Harry, se sentara, e que agora estava deserta.

Harry tinha certeza de que devia haver um segurança ali, certamente sua ausência era um mau sinal, e seu pressentimento se intensificou quando cruzaram os portões dourados para o elevador. Ele apertou o botão de descida mais próximo e um elevador apareceu com enorme ruído, quase imediatamente, as grades douradas se abriram produzindo um grande eco metálico, e eles embarcaram depressa. Harry apertou o botão de número nove; as grades se fecharam com estrépito e o elevador começou a descer, balançando com grande ruído. Harry não percebera como esses elevadores eram barulhentos no dia em que viera com o Sr. Weasley; tinha certeza de que despertariam cada segurança no edifício, porém, quando o elevador parou, a voz tranquila de mulher anunciou: “Departamento de Mistérios”, e as grades se abriram. Eles saíram para o corredor onde nada se movia exceto as chamas dos archotes mais próximos, bruxuleando na corrente de ar produzida pelo elevador.

Harry se virou para a porta preta e simples. Depois de sonhar meses com essa imagem, ele finalmente estava ali.

– Vamos – sussurrou, e saiu à frente pelo corredor, Luna logo atrás, olhando para tudo com a boca ligeiramente aberta.

– O.k., ouçam – disse Harry, parando outra vez a menos de dois metros da porta. – Talvez... talvez umas duas pessoas devessem ficar aqui para... para vigiar e...

– E como é que vamos avisar se tiver alguma coisa vindo? – perguntou Gina, as sobrancelhas erguidas. – Você poderia estar a quilômetros de distância.

– Vamos com você, Harry – disse Neville.

– Vamos logo – disse Rony com firmeza.

Harry continuava a não querer levar todos, mas parecia que não tinha escolha. Virou-se então para a porta e prosseguiu... exatamente como fizera em sonho, a porta se abriu e ele cruzou o portal à frente dos outros.

Estavam em uma grande sala circular. Tudo ali era preto, inclusive o piso e o teto; a intervalos, havia portas pretas idênticas, sem letreiros, nem maçanetas, separadas por candelabros de chamas azuis, a toda volta das paredes; a claridade fria e tremeluzente refletida no piso de mármore polido dava a impressão de que havia água escura no chão.

– Alguém feche a porta – murmurou Harry.

Ele se arrependeu de ter dado a ordem no momento em que Neville a obedeceu. Sem a longa réstia de luz que vinha do corredor iluminado pelos archotes, a sala se tornou tão escura que por um instante as únicas coisas que os garotos conseguiam ver eram os candelabros de chamas trêmulas e azuladas nas paredes e seu reflexo fantasmagórico no chão.

Em seu sonho, Harry sempre atravessara esta sala, decidido, em direção à porta imediatamente oposta à entrada, e continuava a andar. Mas havia umas doze portas ali. Enquanto estava olhando para as portas defronte, tentando resolver qual seria a certa, ouviu-se um ribombar prolongado e as velas começaram a se deslocar para o lado. A sala circular estava girando.

Hermione agarrou o braço de Harry como se temesse que o chão fosse mexer também, mas isto não aconteceu. Durante alguns segundos, as chamas azuis ao redor deles ficaram borradas, lembrando linhas de neon, à medida que a parede ganhou velocidade; então, com a mesma brusquidão com que o movimento começara, o ronco parou e tudo se imobilizou outra vez.

As retinas de Harry tinham riscos azuis gravados nelas; era só o que o garoto conseguia ver.

– Que foi isso? – sussurrou Rony, cheio de medo.

– Acho que foi para nos impedir de saber por que porta entramos – disse Gina com a voz abafada.

Harry percebeu na hora que a amiga tinha razão: identificar a porta de saída seria tão difícil quanto localizar uma formiga naquele piso muito negro; *e* a porta pela qual deviam prosseguir podia ser qualquer uma das doze que os cercavam.

– Como é que vamos sair na volta? – perguntou Neville pouco à vontade.

– Bom, isso agora não tem importância – disse Harry, convincente, piscando para tentar apagar as linhas azuis de sua vista, e apertando a varinha com mais força que nunca –, não vamos precisar sair até termos encontrado Sirius...

– Mas não comece a chamar por ele! – disse Hermione em tom urgente; mas Harry nunca precisara menos de tal conselho, seu instinto era fazer o mínimo de barulho possível.

– Aonde vamos então, Harry? – perguntou Rony.

– Eu não... – começou Harry. Engoliu em seco. – Nos sonhos, eu passava pela porta no fim do corredor, vindo dos elevadores, e entrava em uma sala escura, esta aqui, então atravessava por outra porta e entrava em uma sala que meio que... cintilava. Temos de experimentar algumas portas – disse ele depressa. – Saberei o caminho certo quando o vir. Vamos.

Ele rumou direto para a porta agora à sua frente, os outros seguindo-o de perto, encostou a mão em sua superfície fresca e brilhante, ergueu a varinha pronto para atacar no instante em que a porta se abrisse, e a empurrou.

Ela se abriu facilmente.
Depois do escuro da primeira sala, as luminárias baixas, presas ao teto por correntes douradas, davam a impressão de que esta sala comprida e retangular era muito mais clara, embora não houvesse luzes cintilantes nem tremeluzentes como Harry vira em sonhos. O lugar estava bem vazio, exceto por algumas escrivaninhas e, bem no centro da sala, um enorme tanque de vidro com um líquido muito verde, suficientemente espaçoso para todos nadarem nele; vários objetos branco-pérola flutuavam nele lentamente.
– Que coisas são essas? – sussurrou Rony.
– Não sei – respondeu Harry.
– São peixes? – murmurou Gina.
– Larvas aquovirentes! – exclamou Luna, excitada. – Papai disse que o Ministério estava criando...
– Não – disse Hermione. Sua voz estava estranha. Ela se aproximou para espiar pelo lado do tanque. – São cérebros.
– *Cérebros?*
– É... que será que estão fazendo com eles?
Harry foi até junto do tanque. Sem a menor dúvida, não podia haver engano agora que os via de perto. Tremeluzindo fantasmagoricamente, os cérebros apareciam e desapareciam flutuando nas profundezas do líquido verde, lembrando couves-flores lodosas.
– Vamos embora daqui – disse Harry. – Não é a sala certa, precisamos experimentar outra porta.
– Há portas aqui também – disse Rony, apontando para as paredes. Harry se sentiu desanimar; que tamanho tinha esse lugar?
– No meu sonho, eu atravessava aquela sala escura e em seguida outra. Acho que devíamos voltar e tentar novamente de lá.
Então eles voltaram depressa à sala escura e circular; as sombras fantasmais dos cérebros agora nadavam diante dos olhos de Harry no lugar das chamas azuis das velas.
– Esperem! – disse Hermione, enérgica, quando Luna fez menção de fechar a porta da sala dos cérebros, às costas deles. – *Flagrate!*
Ela fez um desenho no ar com a varinha e um X de fogo apareceu na porta. Mal a porta acabara de se fechar com um estalido, ouviu-se um grande ronco e mais uma vez a parede começou a girar muito rápido, mas agora havia um borrão vermelho e ouro no meio do azul pálido e, quando tudo tornou a parar, a cruz de fogo ainda ardia, mostrando a porta que eles já haviam experimentado.
– Bem pensado – disse Harry. – O.k., vamos experimentar esta aqui...
Novamente, ele rumou para a porta diretamente em frente e a empurrou, com

a varinha ainda erguida, os outros nos seus calcanhares.

Esta sala era maior do que a anterior, fracamente iluminada e retangular, e seu centro era afundado, formando um grande poço de pedra com mais de cinco metros de profundidade. Os garotos estavam no nível mais alto de uma série de bancos de pedra que corriam a toda volta da sala e desciam em degraus íngremes como em um anfiteatro, ou o tribunal em que Harry fora julgado pela Suprema Corte dos Bruxos. No lugar de uma cadeira com correntes, porém, havia um estrado no centro do poço e sobre ele um arco de pedra que parecia tão antigo, rachado e corroído que Harry se admirou que ainda se sustentasse em pé. Sem se apoiar em parede alguma, o arco estava fechado por uma cortina ou véu preto esfarrapado que, apesar da total imobilidade do ar frio circundante, esvoaçava muito levemente como se alguém o tivesse acabado de tocar.

– Quem está aí? – perguntou Harry, saltando para o banco abaixo. Não houve resposta, mas o véu continuou a esvoaçar e balançar.

– Cuidado! – sussurrou Hermione.

Harry desceu depressa pelos bancos, um a um, até chegar ao fundo de pedra do poço. Seus passos ecoaram fortemente quando se encaminhou devagar para o estrado. O arco pontiagudo parecia muito mais alto de onde ele estava agora do que quando o contemplara do alto. O véu continuava a balançar suavemente, como se alguém tivesse acabado de passar.

– Sirius? – Harry tornou a chamar, mas em voz mais baixa agora que estava mais próximo.

Tinha a estranha sensação de que havia alguém parado além do véu do outro lado do arco. Apertando com força a varinha na mão, ele contornou o estrado, mas não havia ninguém; só o que se via era o outro lado do véu preto e esfarrapado.

– Vamos embora – chamou Hermione do meio da escadaria. – Não é a sala certa, Harry, anda, vamos logo.

Ela parecia amedrontada, muito mais do que estivera na sala onde os cérebros flutuavam, mas Harry achou que o arco possuía uma certa beleza, por mais velho que fosse. O véu ondulando suavemente o intrigava; ele sentiu um forte impulso de subir no estrado e atravessá-lo.

– Harry, vamos embora, o.k.? – insistiu Hermione com maior veemência.

– O.k. – respondeu ele, mas não se mexeu. Acabara de ouvir alguma coisa. Sussurros fracos, sons de murmúrios vinham do outro lado do véu.

“Que é que você está dizendo?”, perguntou ele, muito alto, fazendo suas palavras ecoarem pelos bancos de pedra.

– Ninguém está falando, Harry! – disse Hermione, agora se aproximando.

– Alguém está sussurrando ali atrás – disse ele, fugindo do alcance de

Hermione e continuando a franzir a testa para o véu. – É você, Rony?
– Estou aqui, cara – disse Rony, aparecendo do outro lado do arco.
– Ninguém mais está ouvindo? – perguntou Harry, porque os sussurros e murmúrios estavam se tornando mais altos; sem ter intenção de pisar ali, ele viu que seu pé estava em cima do estrado.
– Eu também estou ouvindo – cochichou Luna, reunindo-se a eles pela lateral do arco e observando o véu ondular. – Tem gente *aí dentro*!
– Que é que você quer dizer com esse *aí dentro*? – Hermione exigiu saber, saltando do último degrau e parecendo muito mais zangada do que a ocasião exigia. – Não tem ninguém *aí dentro*, é apenas um arco, não tem espaço para ninguém dentro dele. Harry, pare com isso, vamos embora...
Ela o agarrou pelo braço, mas ele resistiu.
– Harry, a gente veio aqui por causa do Sirius! – disse ela com a voz tensa e aguda.
– Sirius – repetiu Harry, ainda fitando, hipnotizado, o véu que balançava sem parar. – É...
Alguma coisa finalmente voltou ao lugar em seu cérebro; *Sirius*, capturado, amarrado e torturado, e ele ali olhando para esse arco...
Harry se afastou vários passos do estrado e desviou com esforço o olhar do véu.
– Vamos – disse.
– É isso que estive tentando... bom, vamos, então! – falou Hermione, e saiu à frente, contornando o estrado. Do outro lado, Gina e Neville estavam parados olhando o véu também, aparentemente em transe. Sem falar, Hermione segurou o braço de Gina, e Rony o de Neville, e eles conduziram os amigos com firmeza ao primeiro banco de pedra e subiram em direção à porta.
– Que é que você acha que aquele arco era? – perguntou Harry a Hermione quando chegaram à sala circular e escura.
– Não sei, mas, fosse o que fosse, era perigoso – afirmou ela, marcando a porta com uma cruz de fogo.
Mais uma vez, a parede girou e parou. Harry se dirigiu a mais uma porta ao acaso e a empurrou. Ela não cedeu.
– Que foi? – perguntou Hermione.
– Está... trancada... – disse Harry, jogando o peso contra a porta, mas ela não se moveu.
– Então é essa, não é? – disse Rony, excitado, juntando-se a Harry na tentativa de forçar a porta a abrir. – Tem de ser.
– Saiam da frente! – mandou Hermione. Ela apontou a varinha para o lugar normal da fechadura em uma porta comum e disse: – *Alohomora!*

Nada aconteceu.
– O canivete de Sirius! – lembrou Harry. Ele o tirou do bolso interno das vestes e inseriu na fresta entre a porta e a parede. Os outros o observaram ansiosos deslizar o canivete de alto a baixo, retirá-lo e, então, tornar a empurrar o ombro contra a porta. Ela continuou tão fechada quanto antes. E, mais ainda, quando Harry olhou para o canivete, viu que a lâmina derretera.
– Certo, vamos sair dessa sala – disse Hermione, decidida.
– Mas e se for a tal? – perguntou Rony, olhando-a ao mesmo tempo com apreensão e desejo.
– Não pode ser, Harry passou por todas as portas em sonho – disse Hermione, marcando a porta com outra cruz de fogo enquanto Harry repunha no bolso o canivete inutilizado do padrinho.
– Você sabe o que poderia haver aí dentro? – perguntou Luna, ansiosa, quando a parede recomeçou a girar mais uma vez.
– Alguma coisa estridulosa, com certeza – disse Hermione baixinho, e Neville soltou uma risadinha nervosa.
A parede foi parando e Harry, com uma sensação de crescente desespero, empurrou a porta seguinte.
– *É essa!*
Reconheceu-a imediatamente pelas belas luzes que dançavam e cintilavam como diamantes. Quando os olhos de Harry se acostumaram à claridade intensa, ele viu relógios refulgindo em cada superfície, grandes e pequenos, relógios de estojo e alça, e de pêndulo, expostos nos intervalos das estantes ou sobre as escrivaninhas, por toda a extensão da sala, e cujo tiquetaquear incessante enchia o ambiente como se fossem milhares de pés em marcha. A fonte da luz que dançava e cintilava era um vidro alto de cristal, em forma de sino, a uma extremidade da sala.
– Por aqui!
O coração de Harry começou a bater freneticamente, agora que sabia que estava no caminho certo; ele saiu à frente pelo pequeno espaço entre as escrivaninhas, dirigindo-se, como fizera em sonho, à fonte de luz, o vidro de cristal em forma de sino, que era quase de sua altura e parecia estar cheio de um vento luminoso que soprava em ondas.
– Ah, *olhem*! – exclamou Gina, quando se aproximaram, apontando para o interior do vidro.
Flutuando ali, na correnteza luminosa, havia um minúsculo ovo que brilhava como uma joia. Quando subia, o ovo se abria e dele emergia um beija-flor, que era impelido para o alto, mas ao ser apanhado pela corrente de ar voltava a molhar e amarrotar as penas, e quando chegava ao fundo do vidro encerrava-se

mais uma vez em seu ovo.
– Não parem! – disse Harry com rispidez, porque Gina demonstrava querer parar para apreciar a transformação do ovo em pássaro.
– Você demorou bastante naquele arco velho! – respondeu ela, zangada, mas seguiu-o além do vidro em direção à única porta que havia.
– É essa – repetiu Harry, e seu coração agora batia com tanta força e rapidez que ele sentiu que devia interferir com a sua fala –, é por aqui...
Harry olhou para os amigos; tinham as varinhas na mão e pareciam de repente sérios e ansiosos. Tornou a se voltar para a porta e empurrou-a. Ela se abriu.
Era a sala, eles a haviam encontrado: da altura de uma catedral, contendo apenas estantes elevadas e cobertas de pequenas esferas de vidro cheias de pó. Elas bruxuleavam fracamente à luz dos candelabros presos a intervalos ao longo das estantes. Como os da sala circular que haviam deixado para trás, suas chamas eram azuis. A sala era muito fria.
Harry avançou cautelosamente e espiou por um dos corredores sombrios entre duas fileiras de estantes. Não ouviu nada nem viu o menor sinal de movimento.
– Você disse que era no corredor noventa e sete – cochichou Hermione.
– É – murmurou Harry, erguendo a cabeça para examinar a fileira mais próxima. Sob o candelabro de chamas azuis, que dela se destacava, via-se o número cinquenta e três em prata.
– Precisamos ir para a direita, acho – sussurrou Hermione, apertando os olhos para enxergar a fileira seguinte. – É... essa é a cinquenta e quatro...
– Mantenham as varinhas preparadas – recomendou Harry baixinho.
Eles seguiram devagarzinho, olhando para trás enquanto percorriam os longos corredores de estantes, cuja parte final estava imersa em quase total escuridão. Minúsculas etiquetas amareladas estavam coladas sob cada esfera de vidro nas prateleiras. Algumas possuíam um estranho brilho líquido; outras eram opacas e escuras por dentro como lâmpadas queimadas.
Passaram pela fileira oitenta e quatro... oitenta e cinco... Harry procurava escutar o menor movimento, mas Sirius poderia estar amordaçado agora, ou até inconsciente... *ou*, disse uma voz intrometida em sua cabeça, *poderia já estar morto*...
Eu teria sentido, disse a si mesmo, seu coração agora batendo no pomo de adão, eu saberia...
– Noventa e sete! – sussurrou Hermione.
Os garotos pararam agrupados no fim de uma fileira, espiando para o corredor ao lado. Não havia ninguém ali.
– Ele está bem no final – disse Harry, cuja boca ficara ligeiramente seca. – Não se consegue ver direito daqui.

E Harry os conduziu entre as estantes muito altas com as esferas de vidro, algumas das quais refulgiam suavemente quando eles passaram...
– Ele deve estar perto – sussurrou Harry, convencido de que cada passo iria trazer a visão de Sirius em farrapos no chão escuro. – Em algum lugar por aqui... muito perto...
– Harry! – disse Hermione, hesitante, mas ele não quis responder. Sua boca estava muito seca.
– Em algum lugar por... aqui...
Haviam chegado ao fim do corredor e saíram para a claridade fraca das velas. Não havia ninguém ali. Tudo era um silêncio ressonante e empoeirado.
– Ele poderia estar... – sussurrou Harry, rouco, espiando para o próximo corredor. – Ou talvez... – E correu a olhar o corredor além.
– Harry? – tornou a chamar Hermione.
– Quê? – vociferou ele.
– Eu... eu acho que Sirius não está aqui.
Ninguém falou. Harry não quis olhar para ninguém. Sentiu-se nauseado. Não entendia por que Sirius não estava ali. Tinha de estar. Fora ali que ele, Harry, o vira...
Ele percorreu o espaço no final das fileiras de estantes, espiando cada um. Um corredor após outro passou pelos seus olhos, vazios. Correu no sentido oposto, e tornou a passar pelos companheiros que o observavam. Não havia sinal de Sirius em parte alguma, nem qualquer vestígio de luta.
– Harry? – chamou Rony.
– Quê?
Ele não queria ouvir o que Rony tinha a dizer; não queria ouvi-lo dizer que ele fora idiota ou sugerir que deviam voltar para Hogwarts, mas o calor começou a subir para o seu rosto e Harry sentiu que gostaria de se esconder ali no escuro por um bom tempo, antes de encarar a claridade do Átrio acima e os olhares acusadores dos outros...
– Você viu isso? – perguntou Rony.
– Quê? – disse Harry, mas desta vez ansioso. Tinha de ser um sinal de que Sirius estivera ali, uma pista. Ele voltou ao lugar em que os amigos estavam parados, um pouco adiante da fileira noventa e sete, mas não encontrou nada, exceto Rony olhando para uma das esferas empoeiradas na prateleira.
– Quê? – repetiu Harry mal-humorado.
– Tem... tem o seu nome escrito aqui – disse Rony.
Harry se aproximou um pouco mais. O amigo estava apontando para uma das pequenas esferas de vidro que fulgurava com uma fraca luz interior, embora estivesse muito empoeirada e não parecesse ser tocada havia muitos anos.

– Meu nome? – disse Harry sem entender.
Ele se adiantou. Não sendo tão alto quanto Rony, precisou esticar o pescoço para ler a etiqueta amarela afixada na prateleira logo abaixo da esfera coberta de pó. Em letra garranchosa, havia escrita uma data há dezesseis anos, e embaixo:

S.P.T. para A.P.W.B.D.
Lorde das Trevas
e (?) Harry Potter

Harry arregalou os olhos.
– Que é isso? – perguntou Rony, parecendo nervoso. – Que é que seu nome está fazendo aqui?
Rony correu o olhar pelas outras etiquetas naquela prateleira.
– Eu não estou aqui – disse ele, perplexo. – Nenhum de nós está.
– Harry, acho que você não devia tocar nisso – disse Hermione, enérgica, quando o garoto esticou a mão.
– Por que não? – disse ele. – É alguma coisa ligada a mim, não é?
– Não, Harry – disse Neville repentinamente. Harry olhou para o amigo. O suor brilhava levemente no seu rosto redondo. E dava a impressão de que não podia aguentar mais tanto suspense.
– Tem o meu nome nela – disse Harry.
E sentindo-se um pouco afoito, ele fechou os dedos em torno da superfície empoeirada da peça. Esperava que fosse fria, mas não. Ao contrário, parecia que estivera no sol durante horas, como se o seu fulgor interno a aquecesse. Esperando, e até ansiando, que alguma coisa dramática fosse acontecer, alguma coisa excitante que pudesse afinal justificar sua longa e perigosa viagem, Harry tirou a esfera da prateleira e examinou-a.
Nada aconteceu. Os outros se aproximaram mais de Harry, mirando o globo enquanto ele limpava a poeira que o recobria.
Então, às costas deles, uma voz arrastada falou:
– Muito bem, Potter. Agora se vire, muito devagarzinho, e me entregue isso.

— CAPÍTULO TRINTA E CINCO —
Para além do véu

Vultos escuros surgiam de todos os lados, bloqueando o caminho dos garotos à esquerda e à direita; olhos brilhavam nas fendas dos capuzes, uma dúzia de pontas de varinhas acesas apontavam diretamente para seus corações; Gina soltou uma exclamação de horror.

– A mim, Potter – repetiu a voz arrastada de Lúcio Malfoy enquanto estendia a mão, de palma para cima.

As entranhas de Harry despencaram, provocando náuseas. Eles estavam encurralados e em inferioridade numérica de dois para um.

– A mim – repetiu Malfoy ainda uma vez.

– Onde está Sirius? – perguntou Harry.

Vários Comensais da Morte riram; uma voz estridente de mulher, no meio das figuras sombrias à esquerda de Harry, disse triunfante:

– O Lorde das Trevas sempre tem razão!

– Sempre – repetiu Malfoy suavemente. – Agora, me dê a profecia, Potter.

– Eu quero saber onde está o Sirius!

– *Eu quero saber onde está o Sirius!* – imitou a mulher à esquerda.

Ela e seus companheiros Comensais tinham se aproximado, e estavam a pouco mais de um metro de Harry e dos outros, a luz de suas varinhas cegava os olhos do garoto.

– Vocês o pegaram – disse Harry, ignorando o pânico que crescia em seu peito, o pavor com que vinha lutando desde que haviam entrado no corredor noventa e sete. – Ele está aqui. Eu sei que está.

– *O bebezinho acordou com medo e pensou que seu sonho era realidade* – disse a mulher numa horrível imitação de voz de bebê. Harry sentiu Rony se mexer ao seu lado.

– Não faça nada – murmurou Harry. – Ainda não...

A mulher que o imitara soltou uma gargalhada rouca.
– Vocês o ouviram? *Vocês o ouviram?* Dando instruções às outras crianças como se pensasse em nos enfrentar!
– Ah, você não conhece Potter como eu, Belatriz – disse Malfoy mansamente. – Ele tem um grande fraco por heroísmos: o Lorde das Trevas conhece essa mania dele. *Agora me entregue a profecia, Potter*.
– Eu sei que Sirius está aqui – disse Harry, embora o pânico comprimisse seu peito e ele se sentisse incapaz de respirar direito. – Eu sei que vocês o pegaram!
Mais Comensais da Morte riram, embora a mulher risse mais alto que todos.
– Já está na hora de você aprender a diferença entre vida e sonho, Potter – disse Malfoy. – Agora me entregue a profecia, ou vamos começar a usar as varinhas.
– Use, então – disse Harry, erguendo a própria varinha à altura do peito. Ao fazer isso, as cinco varinhas de Rony, Hermione, Neville, Gina e Luna se ergueram a cada lado dele. O nó no estômago de Harry apertou. Se Sirius não estivesse realmente ali, teria, então, trazido seus amigos para a morte à toa...
Mas os Comensais da Morte não atacaram.
– Entregue a profecia e ninguém precisará se machucar – disse Malfoy tranquilamente.
Foi a vez de Harry rir.
– É, certo! Eu lhe entrego essa... profecia, é? E o senhor nos deixa ir embora para casa, não é mesmo?
As palavras ainda não haviam acabado de sair de sua boca quando a Comensal mulher gritou:
– *Accio prof...*
Harry estava preparado: gritou “*Protego!*” antes que ela terminasse de lançar o feitiço, e, embora a esfera de vidro tivesse escorregado para a ponta dos seus dedos, ele conseguiu segurá-la.
– Ah, ele sabe brincar, o bebezinho Potter – disse a mulher, seus olhos desvairados encarando-o pelas fendas do capuz. – Muito bem, então...
– EU JÁ DISSE A VOCÊ, NÃO! – berrou Lúcio Malfoy para a mulher. – Se você quebrá-la...!
O cérebro de Harry trabalhava em alta velocidade. Os Comensais da Morte queriam essa esfera de vidro empoeirada. Ele não tinha o menor interesse nela. Só queria tirar todos dali vivos, garantir que nenhum dos seus amigos pagasse um preço terrível por sua burrice...
A mulher se adiantou, afastando-se dos companheiros, e tirou o capuz. Azkaban descarnara o rosto de Belatriz Lestrange, tornando-o feio e escaveirado, mas estava vivo com um fulgor fanático e febril.

– Você precisa de mais persuasão? – disse ela, o peito arfando rápido. – Muito bem: pegue a menor – ordenou Belatriz a um Comensal da Morte. – Deixe que ele veja torturarmos a menininha. Eu faço isso.

Harry sentiu os companheiros rodearem Gina; ele deu um passo para o lado de modo a ficar na frente dela, a profecia segura contra o peito.

– Você terá de quebrar isto se quiser atacar um de nós – disse ele a Belatriz. – Acho que o seu chefe não vai ficar muito satisfeito se você voltar sem a esfera, ou vai?

Ela não se mexeu; meramente encarou-o, umedecendo a boca fina com a ponta da língua.

– Então – disse Harry –, afinal que profecia é essa de que estamos falando?

Não conseguia pensar no que mais fazer, exceto continuar a falar. O braço de Neville estava colado ao dele, e Harry sentia o amigo tremer; sentia também a respiração curta de mais alguém atrás de sua cabeça. Esperava que todos estivessem pensando em maneiras de saírem desse impasse, porque sua mente estava vazia.

– Que profecia? – repetiu Belatriz, o sorriso se apagando do rosto. – Você está brincando, Harry Potter.

– Não, não estou brincando – disse Harry, seu olhar saltando de um Comensal da Morte para outro, procurando um elo fraco, uma brecha por onde escapar. – Por que Voldemort a quer?

Vários Comensais da Morte deixaram escapar assobios baixinho.

– Você se atreve a dizer o nome dele? – sussurrou Belatriz.

– Claro – disse Harry, mantendo as mãos firmes na esfera de vidro, esperando um novo ataque para tirá-la dele. – Claro, não tenho problema algum em dizer Vol...

– Cale a boca! – gritou Belatriz. – Você se atreve a dizer o nome dele com a sua boca indigna, você se atreve a manchá-lo com a sua língua mestiça, você se atreve...

– Você sabia que ele também é mestiço? – disse imprudentemente. Hermione gemeu em sua orelha. – Voldemort? É, a mãe dele era bruxa, mas o pai era trouxa: ou será que ele andou dizendo para vocês que é sangue puro?

– *ESTUPEF...*

– *NÃO!*

Um jato de luz vermelha saíra da ponta da varinha de Belatriz Lestrange, mas Malfoy o desviou; o feitiço dele fez a bruxa bater na prateleira a menos de meio metro à esquerda de Harry e várias esferas de vidro se estilhaçaram.

Dois vultos, branco-perolados como fantasmas, fluidos como fumaça, subiram em espirais dos cacos de vidro no chão e começaram a falar; suas vozes

competiam entre si, de modo que se ouviam apenas fragmentos do que diziam em meio aos gritos de Malfoy e Belatriz.

– *... no solstício virá um novo*... – disse a figura de um velho barbudo.

– NÃO ATAQUEM! PRECISAMOS DA PROFECIA!

– Ele se atreveu... ele se atreve... – gritava Belatriz incoerentemente –, ele fica aí... esse mestiço imundo...

– ESPERE ATÉ TERMOS A PROFECIA! – berrou Malfoy.

– *... e não virá outro depois*... – disse a figura de uma jovem.

As duas figuras que haviam irrompido das esferas partidas se dissolveram no ar. Nada restou delas ou de suas anti gasmoradas, exceto caquinhos de vidro no chão. Mas haviam dado a Harry uma ideia. O problema seria comunicá-la aos outros.

– O senhor não me disse o que tem de tão especial nessa profecia que devo lhe entregar – disse o garoto procurando ganhar tempo. Harry deslizou o pé lentamente para o lado, procurando o pé de mais alguém.

– Não brinque conosco, Potter – falou Malfoy.

– Não estou brincando – disse Harry, parte de sua mente na conversa, parte no pé que tateava o chão. Então, ele encontrou os dedos de alguém e pisou-os. Uma súbita sucção de ar atrás o fez saber que pertenciam a Hermione.

– Quê? – sussurrou a garota.

– Dumbledore nunca lhe contou que a razão de você carregar essa cicatriz estava escondida nas entranhas do Departamento de Mistérios? – caçoou Malfoy.

– Eu... quê?! – exclamou Harry. E por um momento esqueceu completamente o seu plano. – Que tem a minha cicatriz?

– *Quê?* – sussurrou Hermione com maior urgência atrás dele.

– Será possível? – disse Malfoy, parecendo maldosamente deliciado; alguns Comensais da Morte recomeçaram a rir, e, acobertado pelas risadas, Harry sibilou para Hermione, mexendo o mínimo possível os lábios:

– Quebre prateleiras...

– Dumbledore nunca lhe contou? – repetiu Malfoy. – Bom, isso explica por que você não veio antes, Potter, o Lorde das Trevas estava intrigado...

– ... quando eu disser *agora*...

– ... que você não viesse correndo quando ele lhe mostrou em sonho onde a profecia estava escondida. Ele pensou que a curiosidade natural o faria querer ouvir as palavras exatas...

– Pensou, é? – disse Harry. Às suas costas, ele sentiu mais do que ouviu Hermione passar sua mensagem aos outros, e procurou continuar falando para distrair os Comensais da Morte. – Então ele queria que eu viesse apanhá-la, era? Por quê?

– *Por quê?* – Malfoy parecia incredulamente deliciado. – Porque as únicas pessoas que têm permissão de retirar a profecia do Departamento de Mistérios, Potter, são aqueles de quem ela fala, como descobriu o Lorde das Trevas quando tentou usar terceiros para a roubarem por ele.
– E por que ele queria roubar uma profecia sobre mim?
– Sobre vocês dois, Potter, sobre vocês dois... você nunca se perguntou por que o Lorde das Trevas tentou matá-lo quando criança?
Harry encarou as fendas no capuz onde os olhos cinzentos de Malfoy brilhavam. A profecia era a razão pela qual os pais de Harry haviam morrido, a razão por que ele carregava a cicatriz em forma de raio? A resposta a tudo isso estava segura em sua mão?
– Alguém fez uma profecia sobre mim e Voldemort? – falou ele calmamente, olhando para Lúcio Malfoy, seus dedos apertando a esfera morna na mão. Não era maior do que um pomo e continuava áspera de poeira. – E ele me fez vir aqui para apanhá-la para ele? Por que não pôde vir apanhá-la pessoalmente?
– Apanhá-la pessoalmente? – gritou Belatriz, gargalhando alucinada. – O Lorde das Trevas entrar no Ministério da Magia, quando todos estão gentilmente ignorando o seu retorno? O Lorde das Trevas se revelar aos aurores, quando no momento estão perdendo tempo com o meu querido primo?
– Então, o lorde mandou vocês fazerem o trabalho sujo para ele, foi? Como tentou obrigar Estúrgio a roubar a profecia... e Bode?
– Muito bom, Potter, muito bom... – disse Malfoy lentamente. – Mas o Lorde das Trevas sabe que você não é desprovido de in...
– AGORA! – berrou Harry.
Cinco vozes diferentes bradaram às suas costas: “*REDUCTO!*” – Cinco feitiços voaram em diferentes direções, e as prateleiras defronte explodiram ao serem atingidas; a enorme estrutura balançou ao mesmo tempo que cem esferas de vidros estouraram, vultos branco-perolados se desdobraram no ar e flutuaram, suas vozes ecoando de um passado já morto, em meio a uma chuva de estilhaços de vidro e madeira que agora caía no chão...
– CORRAM! – berrou Harry, quando as prateleiras balançaram precariamente e mais esferas de vidro começaram a cair. Ele agarrou as vestes de Hermione e a puxou para a frente, erguendo um braço para proteger a cabeça dos cacos de vidro que estrondeavam sobre eles. Um Comensal da Morte atirou-se contra eles através da nuvem de poeira e Harry lhe deu uma cotovelada com força no rosto mascarado; todos berravam, havia gritos de dor e estrondos de prateleiras desabando sobre eles, ecos estranhamente fragmentados dos Videntes libertados de suas esferas...
Harry encontrou livre o caminho à frente e viu Rony, Gina e Luna passarem

correndo por ele, os braços sobre a cabeça; alguma coisa pesada golpeou sua face, mas ele meramente abaixou a cabeça e continuou a correr; uma mão agarrou-o pelo ombro; ele ouviu Hermione gritar: "*ESTUPEFAÇA!*" A mão o soltou imediatamente...

Estavam no fim da fileira noventa e sete; Harry virou à direita e começou a correr a toda velocidade; ouvia passos logo atrás e a voz de Hermione apressando Neville; diretamente à frente, a porta por que haviam passado estava entreaberta; Harry viu a luz faiscante do vidro em forma de sino; ele cruzou a porta de um salto, a profecia ainda a salvo em sua mão, e esperou os outros passarem pela porta antes de batê-la...

– *Colloportus!* – exclamou Hermione, e a porta se lacrou com um estranho ruído de esmagamento.

– Onde... onde estão os outros? – ofegou Harry.

Pensara que Rony, Luna e Gina tinham ido mais à frente, que estariam à espera nesta sala, mas não havia ninguém.

– Eles devem ter tomado o caminho errado! – sussurrou Hermione, o terror em seu rosto.

– Escute! – murmurou Neville.

Passos e gritos ecoavam do outro lado da porta que Hermione tinha acabado de lacrar; Harry encostou o ouvido à porta para escutar melhor e ouviu Lúcio Malfoy berrar:

– Deixe, Nott, *deixe-o* aí: os ferimentos dele não significarão nada para o Lorde das Trevas diante da perda da profecia. Jugson, volte aqui, precisamos nos organizar! Vamos nos dividir em pares e fazer uma busca, e não se esqueçam, sejam gentis com Potter até termos a profecia, podem matar os outros se precisarem... Belatriz, Rodolfo, vocês vão para a esquerda; Crabbe, Rabastan, para a direita... Jugson. Dolohov, pela porta em frente... Macnair e Avery, por aqui... Rookwood lá... Mulciber, venha comigo!

– Que faremos? – perguntou Hermione a Harry, tremendo dos pés à cabeça.

– Bom, para começar, não ficaremos aqui parados esperando eles nos encontrarem. Vamos nos afastar desta porta.

Eles correram o mais silenciosamente que puderam, passaram pelo sino fulgurante onde o minúsculo ovo incubava e desincubava, em direção à saída para a sala circular ao fundo. Estavam quase chegando quando Harry ouviu uma coisa pesada colidir contra a porta que Hermione fechara com um feitiço.

– Afastem-se! – disse uma voz ríspida. – *Alohomora!*

Quando a porta se escancarou, Harry, Hermione e Neville mergulharam embaixo de escrivaninhas. Podiam ver a barra das vestes de dois Comensais da Morte que se aproximaram, seus pés se movendo com rapidez.

– Eles podem ter corrido direto para o corredor – falou a voz rascante.
– Veja embaixo das escrivaninhas – disse outra.
Harry viu os joelhos dos Comensais da Morte se dobrarem; metendo a varinha para fora, ele gritou:
– *ESTUPEFAÇA!*
Um jato de luz vermelha atingiu o Comensal da Morte mais próximo; ele tombou para trás em cima de um relógio de pêndulo, derrubando-o; o segundo Comensal, porém, saltara para o lado para evitar o feitiço de Harry e estava apontando a própria varinha para Hermione, que se arrastava de sob a escrivaninha para poder mirar melhor.
– *Avada*...
Harry se atirou pelo chão e agarrou o Comensal da Morte pelos joelhos, fazendo-o cair e desviando sua pontaria. Neville derrubou uma escrivaninha na ansiedade de ajudar; e, apontando a varinha sem mira para os dois, gritou:
– *EXPELLIARMUS!*
As varinhas de Harry e do Comensal saíram voando de suas mãos para a entrada da Sala da Profecia; os dois se levantaram depressa e se arremessaram atrás delas, o Comensal à frente, Harry em seus calcanhares e Neville mais atrás, visivelmente horrorizado com o que fizera.
– Saia do caminho, Harry! – berrou Neville, claramente decidido a consertar seu erro.
Harry se atirou para o lado, Neville tornou a mirar e ordenou:
– *ESTUPEFAÇA!*
O jato de luz vermelha passou por cima do ombro do Comensal da Morte e atingiu um armário de portas de vidro na parede cheio de ampulhetas de vários formatos; o armário caiu no chão e se abriu, vidros voaram para todo lado, voltou a se aprumar na parede, inteiramente restaurado, e tornou a cair, e se espatifar...
O Comensal da Morte agarrara sua varinha, caída no chão ao lado do vidro cintilante em forma de sino. Harry se abaixou atrás de outra escrivaninha quando o homem se virou; sua máscara escorregara impedindo-o de ver. Ele a arrancou com a mão livre e gritou:
– *ESTUP*...
– *ESTUPEFAÇA!* – bradou Hermione, que acabara de alcançá-los. A luz da varinha atingiu o Comensal da Morte no meio do peito: ele se imobilizou, o braço ainda erguido, sua varinha caiu no chão com estrépito e ele desabou para trás na direção do vidro em forma de sino; Harry esperou ouvir uma pancada, o homem bater no vidro sólido e escorregar para o chão, mas, em vez disso, sua cabeça afundou para dentro do vidro como se este fosse apenas uma bolha de

sabão, e ele acabou parando, esparramado de costas sobre a mesa, com a cabeça dentro do vidro cheio de vento cintilante.

– *Accio varinha!* – ordenou Hermione. A varinha de Harry voou de um canto escuro para a mão de Hermione, que a atirou para ele.

– Obrigado. Certo, vamos dar o fora...

– Cuidado! – disse Neville, horrorizado. Olhava fixamente para a cabeça do Comensal da Morte no vidro.

Os três ergueram as varinhas, mas nenhum deles a usou: olhavam boquiabertos, estarrecidos para o que estava acontecendo com a cabeça do homem.

Estava encolhendo rapidamente, ficando cada vez mais pelada, os cabelos e a barba raspada se retraindo para dentro do crânio; as bochechas ficando lisas, a cabeça redonda recobrindo-se de uma penugem como a do pêssego...

Havia agora uma cabeça de bebê encaixada grotescamente no pescoço grosso e musculoso do Comensal da Morte, que se esforçava para se levantar; mas enquanto os garotos olhavam, de boca aberta, a cabeça começou a retomar as proporções anteriores; cabelos negros e espessos recomeçaram a crescer em seu cocuruto e queixo...

– É o Tempo – disse Hermione com assombro na voz. – *O Tempo*...

O Comensal da Morte sacudiu a cabeça feia mais uma vez, tentando clareá-la, mas, antes que pudesse se recuperar, ela recomeçou a encolher e remoçar mais uma vez...

Ouviram, então, um grito de uma sala próxima, um estrondo e um berro.

– RONY? – bradou Harry, dando as costas depressa à monstruosa transformação que se operava diante de seus olhos. – GINA? LUNA?

– Harry! – gritou Hermione.

O Comensal da Morte puxara a cabeça de dentro do vidro. Sua aparência era absolutamente bizarra, a minúscula cabeça de bebê berrando e os braços grossos se agitando perigosamente em todas as direções, por pouco não acertando Harry que se abaixara. O garoto ergueu a varinha mas, para seu espanto, Hermione segurou o seu braço.

– Você não pode machucar um bebê!

Não havia tempo para discutir a questão; Harry ouviu passos cada vez mais fortes na Sala da Profecia e percebeu, tarde demais, que não deveria ter gritado, pois denunciara sua posição.

– Vamos! – disse e, deixando o Comensal da Morte a cambalear com sua feia cabeça de bebê, os garotos correram para a porta que estava aberta na outra extremidade da sala e que os reconduziria de volta à sala escura.

Tinham coberto metade da distância quando Harry viu pela porta aberta mais

dois Comensais da Morte correndo pela sala escura em sua direção; virando à esquerda, ele embarafustou para dentro de um pequeno escritório escuro e cheio de móveis, e bateu a porta.

– *Collo*... – começou Hermione, mas, antes que pudesse completar o feitiço, a porta se escancarou e os dois Comensais da Morte se precipitaram para dentro.

Com um grito de triunfo, os dois bradaram:

– *IMPEDIMENTA!*

Harry, Hermione e Neville foram derrubados de costas; Neville foi atirado por cima da escrivaninha e desapareceu de vista; Hermione colidiu com uma estante e foi prontamente soterrada por uma avalanche de pesados livros; a cabeça de Harry bateu contra a parede de pedra atrás, luzinhas espocaram diante de seus olhos e por um momento ele ficou atordoado e desconcertado demais para reagir.

– PEGAMOS ELE! – berrou o Comensal da Morte mais próximo de Harry. – EM UM ESCRITÓRIO DO LADO...

– *Silencio!* – exclamou Hermione, e a voz do homem emudeceu. Ele continuou a falar pelo buraco da máscara, mas não saía som algum. Seu companheiro o empurrou para o lado.

– *Petrificus Totalus!* – bradou Harry, quando o segundo Comensal da Morte ergueu a varinha. Seus braços e pernas se juntaram e ele caiu de borco no tapete ao pé de Harry, duro como uma pedra e incapaz de se mexer.

– Muito bom, Ha...

Mas o Comensal da Morte que Hermione acabara de silenciar fez um repentino gesto horizontal com a varinha; um risco de chamas roxas cortou o peito de Hermione de lado a lado. Ela soltou uma exclamação mínima como alguém surpreso e desmontou no chão, onde permaneceu imóvel.

– HERMIONE!

Harry caiu de joelhos ao seu lado e Neville se arrastou rapidamente de baixo da escrivaninha em direção à amiga, a varinha erguida à frente. O Comensal da Morte deu um forte chute na cabeça de Neville quando ele ia saindo – seu pé partiu a varinha do garoto em dois e atingiu seu rosto. Neville soltou um uivo de dor e se encolheu, agarrando o nariz e a boca. Harry se virou com a varinha no alto, e viu que o Comensal da Morte arrancara a máscara e apontava a varinha diretamente para ele, reconhecendo o rosto comprido, pálido e torto que vira no *Profeta Diário*: Antônio Dolohov, o bruxo que assassinara os Prewett.

Dolohov sorriu. Com a mão livre, apontou da profecia ainda segura na mão de Harry, para ele próprio, depois para Hermione. Embora não pudesse mais falar, seu gesto não poderia ser mais claro. Me entregue a profecia ou você vai ficar igual a ela...

– Como se você não fosse nos matar de qualquer jeito no momento em que eu

a entregar! – disse Harry.

Um zumbido de pânico em sua cabeça o impedia de pensar direito: tinha uma das mãos no ombro de Hermione, que ainda estava quente, mas não ousava olhá-la direito. *Faça com que ela não morra, faça com que ela não morra, é minha culpa se tiver morrido*...

– Faça o que fizer, Harry – disse Neville com ferocidade de baixo da mesa, baixando as mãos para mostrar o nariz visivelmente quebrado e o sangue escorrendo da boca e do queixo –, mas não entregue.

Ouviu-se então um estrondo do lado de fora da porta e Dolohov olhou por cima do ombro – o Comensal da Morte de cabeça de bebê apareceu no portal, a cabeça berrando, os enormes punhos ainda se agitando a esmo para tudo ao seu redor. Harry aproveitou a oportunidade:

– *PETRIFICUS TOTALUS!*

O feitiço atingiu Dolohov antes que ele pudesse bloqueá-lo, e o bruxo tombou para a frente por cima do seu companheiro, os dois rígidos como tábuas e incapazes de se mover.

– Hermione – disse Harry imediatamente, sacudindo a cabeça dela enquanto o Comensal da Morte de cabeça de bebê sumia outra vez de vista. – Hermione, acorde...

– *Gue foi gue ele fez com ela?* – perguntou Neville saindo de baixo da escrivaninha e se ajoelhando do outro lado, o sangue escorrendo sem parar do nariz que inchava rapidamente.

– Não sei...

Neville procurou o pulso de Hermione.

– *Dem bulsação, Harry, denho cerdeza gue é*.

Uma onda tão grande de alívio invadiu Harry que por um momento ele se despreocupou.

– Ela está viva?

– *Dá, acho que dá*.

Houve uma pausa em que Harry procurou escutar a aproximação de mais passos, mas só conseguiu identificar o berreiro e os desencontros do Comensal da Morte de cabeça de bebê na sala vizinha.

– Neville, não estamos longe da saída – sussurrou Harry –, estamos bem do lado da sala circular... se pudermos atravessá-la e descobrir a porta certa antes que outros Comensais da Morte apareçam, aposto como você pode carregar Hermione pelo corredor e tomar o elevador... depois você podia procurar alguém... dar o alarme...

– *E gue é gue você vai fazer?* – perguntou Neville, enxugando o nariz sangrento na manga e franzindo a testa para Harry.

– Tenho de procurar os outros.
– *Endão, vou brocurar com você* – disse Neville com firmeza.
– Mas Hermione...
– Levamos com a gente – contrapôs Neville, decidido. – *Caeego Hermione... você luda melhor gom eles gue eu...*
Ele ficou em pé e segurou um braço da garota, olhando para Harry, que hesitou, então agarrou o outro braço e ajudou a guindar o corpo inerte de Hermione para os ombros de Neville.
– Espere – disse Harry, apanhando a varinha de Hermione do chão e enfiando-a na mão do garoto –, é melhor levar isso.
Neville chutou para o lado os pedaços da própria varinha ao saírem andando lentamente em direção à porta.
– *Minha avó vai me madar* – disse ele com a voz pastosa, o sangue saltando do nariz enquanto falava –, *aguela eea a varinha velha do meu bai*.
Harry meteu a cabeça para fora da porta e olhou para os lados cauteloso. O Comensal da Morte com cabeça de bebê estava gritando e batendo nas coisas, derrubando relógios de pêndulo e virando escrivaninhas, chorando confuso, enquanto o armário com portas de vidro, que Harry agora suspeitava conter Viratempos, continuava a cair, se espatifar e se restaurar na parede às costas.
– Ele nunca vai reparar na gente – sussurrou Harry. – Vamos... fique logo atrás de mim...
Eles saíram furtivamente do escritório em direção à sala negra, que agora parecia completamente deserta. Avançaram alguns passos, Neville cambaleando ligeiramente sob o peso de Hermione; a porta para a Sala do Tempo se fechou quando passaram, e as paredes recomeçaram a girar. A recente pancada na cabeça de Harry pareceu tê-lo desequilibrado; ele apertou os olhos, oscilou um pouco, até as paredes pararem de rodar. Com desânimo, ele viu que as cruzes de fogo que Hermione fizera nas portas tinham se apagado.
– Então para que lado você cal...?
Mas antes que ele pudesse decidir quanto ao caminho a experimentar, uma porta se escancarou à sua direita e três pessoas despencaram por ela.
– Rony! – exclamou Harry rouco, correndo para os amigos. – Gina... você está...?
– Harry – disse Rony rindo frouxamente, se atirando para a frente, agarrando as vestes de Harry e fixando nele os olhos desfocados –, ah, aqui está você... ha ha ha... está com a cara engraçada Harry... está todo amarrotado...
O rosto de Rony estava muito pálido e uma coisa escura escorria do canto de sua boca. No momento seguinte, seus joelhos cederam, mas ele continuou agarrado às vestes de Harry, fazendo-o se inclinar numa espécie de reverência.

– Gina? – disse Harry, receoso. – Que aconteceu?
Mas Gina sacudiu a cabeça e escorregou pela parede até se sentar, ofegando e segurando o tornozelo.
– Acho que ela quebrou o tornozelo... ouvi alguma coisa rachando – sussurrou Luna, que se curvava para a garota e era a única que parecia inteira. – Quatro deles nos perseguiram por uma sala escura cheia de planetas; era um lugar muito esquisito, parte do tempo ficamos só flutuando no escuro...
– Harry, vimos Urano de perto! – disse Rony, ainda dando risadinhas frouxas. – Sacou, Harry? Vimos Urano... ha ha ha...
Uma bolha de sangue apareceu no canto da boca de Rony e estourou.
– ... então, um deles agarrou o pé de Gina, eu usei o Feitiço Redutor e explodi Plutão na cara dele, mas...
Luna fez um gesto desanimado para Gina, que respirava superficialmente, seus olhos ainda fechados.
– E o Rony? – perguntou Harry, receoso, pois o garoto continuava a rir, ainda agarrado às suas vestes.
– Não sei com que o acertaram – respondeu Luna, triste –, mas ficou meio esquisito, mal consegui fazê-lo nos acompanhar.
– Harry – disse Rony puxando o ouvido do amigo para perto de sua boca, e continuando a rir –, sabe quem é essa garota, Harry? Ela é a Di-lua... Di-lua Lovegood... ha ha ha...
– Temos de sair daqui – disse Harry com firmeza. – Luna, você pode ajudar a Gina?
– Claro – respondeu ela, enfiando a varinha atrás da orelha para guardá-la, e passando o braço pela cintura da amiga para levantá-la.
– É só o meu tornozelo, posso fazer isso sozinha! – disse Gina, impaciente, mas no momento seguinte desabou para o lado e agarrou Luna para se apoiar. Harry puxou o braço de Rony por cima do ombro como fizera tantos meses antes quando carregara Duda. Olhou ao redor: tinham uma chance em doze de escolher a porta certa de primeira...
Ele carregou Rony em direção a uma porta; estava a poucos passos quando outra, do lado oposto da sala, se escancarou, e três Comensais da Morte entraram correndo, liderados por Belatriz Lestrange.
– *Eles estão aqui!* – gritou ela.
Feitiços Estuporantes cortaram velozmente a sala: Harry adentrou a porta em frente, atirou Rony sem cerimônia no chão e voltou abaixado para ajudar Neville com Hermione; passaram todos pela porta em tempo de batê-la na cara de Belatriz.
– *Colloportus!* – gritou Harry, e ouviu três corpos baterem contra a porta do

outro lado.

– Não faz mal! – disse uma voz masculina. – Há outras maneiras de entrar: ACHAMOS ELES, ESTÃO AQUI!

Harry se virou; estavam de novo na Sala do Cérebro e, realmente, havia portas a toda volta. Ele ouviu passos na sala anterior quando mais Comensais da Morte acorreram para se juntar aos primeiros.

– Luna... Neville... me ajudem!

Os três correram pela sala, selando as portas; Harry bateu contra uma mesa e rolou por cima dela na pressa de chegar à porta seguinte.

– *Colloportus!*

Havia passos correndo atrás das portas, de vez em quando outro corpo pesado se atirava contra elas, fazendo-as ranger e estremecer; Luna e Neville enfeitiçavam as portas ao longo da parede oposta – então, ao atingir Harry o fundo da sala, ouviu Luna exclamar:

– *Collo... aaaaaaaaah!...*

Virou-se em tempo de vê-la voar pelo ar; cinco Comensais da Morte invadiam a sala pela porta que ela não conseguira alcançar em tempo; Luna bateu em uma escrivaninha, escorregou por sua superfície e caiu, estatelada, no chão do outro lado, mais imóvel que Hermione.

– Pegue o Potter! – gritou Belatriz correndo para o garoto; ele se desviou e correu para o outro lado da sala; estava seguro enquanto achassem que poderiam atingir a profecia...

– Ei! – disse Rony, que se pusera em pé cambaleando, e agora vinha como um bêbado em direção a Harry, dando risadinhas. – Ei, Harry, tem *cérebros* aqui, ha ha ha, não é esquisito, Harry?

– Rony, saia do caminho, se abaixe...

Mas Rony já apontara a varinha para o tanque.

– Sério, Harry, são cérebros... olhe... *Accio cérebro!*

A cena pareceu congelar por um momento. Harry, Gina e Neville e cada um dos Comensais da Morte se viraram involuntariamente para olhar o alto do tanque na hora em que um cérebro saltou do líquido verde como um peixe para fora da água: por um instante ele pareceu suspenso no ar, então voou em direção a Rony, girando, e algo que lembrava fitas de imagens animadas foi saindo dele, desenrolando como um rolo de filme...

– Ha ha ha, Harry, olhe só isso – disse Rony, observando o cérebro expelir suas entranhas coloridas. – Harry, vem, pega nele; aposto como é estranho...

– RONY, NÃO!

Harry não sabia o que podia acontecer se Rony tocasse nos tentáculos que agora voavam na esteira do cérebro, mas tinha certeza de que não seria nada

bom. Ele correu, mas Rony já agarrara o cérebro nas mãos estendidas.
No momento em que entraram em contato com sua pele, os tentáculos começaram a se enrolar em torno dos braços de Rony como cordas.
– Harry, olhe só o que acontece... Não... não... não gosto disso... não, parem... *parem*...
Mas as fitas finas giravam agora em torno do peito do garoto; ele puxou e tentou arrancá-las ao mesmo tempo que o cérebro foi apertado contra Rony como um corpo de polvo.
– *Diffindo!* – berrou Harry, tentando cortar os tentáculos que se enroscavam em seu amigo bem diante de seus olhos, mas eles não se partiam. Rony tombou, ainda lutando contra as amarras.
– Harry, o cérebro vai sufocá-lo! – berrou Gina, imobilizada no chão pelo tornozelo quebrado... então um jorro de luz vermelha voou da varinha de um Comensal da Morte e a atingiu em cheio no rosto. Ela adernou para um lado e caiu ali inconsciente.
– *ESDUBEVAÇA!* – gritou Neville, rodando o corpo e acenando a varinha de Hermione contra os Comensais da Morte atacantes –, *ESDUBEVAÇA, ESDUBEVAÇA!*
Mas nada aconteceu.
Um dos Comensais disparou seu próprio Feitiço Estuporante contra Neville; errou por centímetros. Harry e Neville eram os únicos que restavam na luta contra os Comensais da Morte, dois dos quais lançaram jorros de luz prateada como flechas que não atingiram o alvo, mas deixaram crateras na parede atrás deles. Harry fugiu, mas Belatriz correu atrás dele: segurando a profecia acima da cabeça, ele correu para o outro lado da sala; a única coisa que lhe ocorria fazer era afastar os Comensais da Morte uns dos outros.
Aparentemente deu resultado; eles o perseguiram, mandando cadeiras e mesas pelo ar, mas não ousaram enfeitiçá-lo com receio de danificar a profecia, e ele se precipitou para a única porta ainda aberta, aquela por onde os Comensais da Morte haviam entrado; no íntimo, rezava para que Neville ficasse com Rony e encontrasse algum meio de libertá-lo. Ele correu alguns passos pela nova sala e sentiu o chão sumir...
Estava caindo pelos degraus de pedra, um a um, quicando em cada nível, até que, finalmente, com uma pancada que lhe tirou o fôlego, aterrissou chapado de costas no poço em que havia o arco de pedra sobre o estrado. A sala toda ecoava com as risadas dos Comensais da Morte: ele olhou para o alto e viu os cinco que estavam na Sala do Cérebro descer em sua direção, enquanto outros tantos surgiam pelas outras portas e começavam a saltar de nível em nível para alcançá-lo. Harry se levantou, embora com as pernas tão trêmulas que mal conseguiam

sustentá-lo: a profecia continuava milagrosamente inteira em sua mão esquerda, a varinha apertada com força na direita. Ele recuou, olhando para os lados, tentando manter todos os Comensais da Morte no seu campo de visão. A parte de trás de suas pernas bateu em alguma coisa sólida: ele chegara ao estrado onde se erguia o arco. Subiu-o de costas.

Todos os Comensais da Morte pararam com os olhos fixos em Harry. Alguns arquejavam tanto quanto o garoto. Um sangrava bastante; Dolohov, livre do Feitiço do Corpo Preso, tinha um olhar malicioso e apontava a varinha direto para o rosto de Harry.

– Potter, terminou a sua corrida – disse a voz arrastada de Lúcio Malfoy, tirando o capuz –, agora me entregue a profecia como um bom menino.

– Mande... mande os outros embora e a entregarei ao senhor! – disse Harry, desesperado.

Alguns Comensais da Morte soltaram risadas.

– Você não está em posição de barganhar, Potter – disse o bruxo, seu rosto pálido corado de prazer. – Como vê, há dez de nós contra você sozinho... ou será que Dumbledore nunca lhe ensinou a contar?

– Ele não *esdá* sozinho! – gritou uma voz do alto. – Ainda *dem* a mim!

Harry sentiu um aperto no coração: Neville estava descendo os degraus de pedra em direção a eles, a varinha de Hermione apertada na mão trêmula.

– Neville... não... volte para o Rony.

– *ESDUBEVAÇA!* – gritou Neville outra vez, apontando a varinha para cada um dos Comensais da Morte. – *ESDUBE! ESDUB*...

Um dos Comensais mais corpulentos agarrou Neville por trás e prendeu seus braços dos lados do corpo. O garoto se debateu e chutou; vários Comensais da Morte riram.

– É o Longbottom, não é? – perguntou Lúcio Malfoy desdenhoso. – Bom, sua avó está acostumada a perder membros da família para a nossa causa... sua morte não será nenhum choque...

– Longbottom? – repetiu Belatriz, e um sorriso realmente maligno iluminou o seu rosto ossudo. – Ora, tive o prazer de conhecer seus pais, garoto.

– SEI QUE DEVE! – urrou Neville, e se debateu com tanta força contra o abraço do seu captor que o Comensal exclamou:

– Alguém quer estuporar este garoto?!

– Não, não, não – pediu Belatriz. Ela parecia arrebatada, viva de excitação ao olhar para Harry e depois para Neville. – Não, vamos ver quanto tempo Longbottom resiste antes de enlouquecer como os pais... a não ser que Potter nos entregue a profecia.

– NÃO DÊ A ELES! – bradou Neville, que parecia fora de si, chutando e se

contorcendo ao ver Belatriz se aproximar dele e de seu captor, com a varinha erguida. – NÃO DÊ A ELES, HARRY!

Belatriz ergueu a varinha.

– *Crucio!*

Neville gritou, as pernas erguidas contra o peito de modo que o Comensal da Morte que o prendia segurou-o momentaneamente fora do chão. O homem largou-o e ele caiu, se torcendo e gritando em tormento.

– Foi só um aperitivo! – exclamou Belatriz, erguendo a varinha e assim interrompendo os gritos de Neville, deixando-o soluçante a seus pés. Ela se virou e olhou para Harry. – Agora, Potter, ou nos entrega a profecia ou vai ver o seu amiguinho morrer sofrendo!

Harry não precisou pensar; não tinha opção. A profecia se aquecera com o calor de sua mão quando a estendeu. Malfoy se adiantou depressa para recebê-la.

Então, no alto, mais duas portas se escancararam e mais cinco pessoas entraram correndo na sala: Sirius, Lupin, Moody, Tonks e Quim.

Malfoy se virou e ergueu a varinha, mas Tonks já disparara um Feitiço Estuporante nele. Harry não esperou para ver se o bruxo fora atingido, mergulhou para longe do estrado e dos disparos. Os Comensais da Morte foram completamente distraídos pela aparição dos membros da Ordem, que agora faziam chover feitiços sobre os adversários enquanto saltavam degrau por degrau em direção ao poço. Através dos corpos que voavam e dos lampejos, Harry viu Neville se arrastando. Ele se desviou de mais um jato de luz vermelha e se atirou de corpo inteiro no chão para alcançar o amigo.

– Você está o.k.? – berrou, quando voou mais um feitiço a centímetros de suas cabeças.

– *Dou* – disse Neville tentando se levantar.

– E Rony?

– *Acho gue esdá bem... ainda esdava ludando com o cérebro guando vim...*

O piso de pedra entre os dois explodiu ao ser atingido por um feitiço que produziu uma cratera onde a mão de Neville estivera segundos antes; os dois saíram depressa dali, então um braço grosso se materializou e agarrou Harry pelo pescoço, pondo-o de pé de tal modo que seus pés mal tocavam o chão.

– Me dê isso – rosnou uma voz em sua orelha –, me dê a profecia...

O homem apertava tanto sua traqueia que Harry não conseguia respirar. Através dos olhos marejados de lágrimas, ele viu Sirius duelando com um Comensal da Morte a uns três metros de distância, Quim lutava com dois ao mesmo tempo; Tonks, ainda na metade da descida, disparava feitiços contra Belatriz – ninguém parecia perceber que Harry estava morrendo. Ele virou a varinha para trás em direção ao lado do corpo do homem, mas não teve ar para

enunciar o encantamento, e a mão livre do homem tentou alcançar a mão em que o garoto segurava a profecia...

– ARRR!

Neville se precipitara de algum lugar; incapaz de articular um feitiço, enfiou a varinha de Hermione na fenda da máscara do Comensal da Morte. O homem largou Harry imediatamente, soltando um uivo de dor. Harry se virou para enfrentá-lo e exclamou:

– *ESTUPEFAÇA!*

O Comensal da Morte tombou de costas e sua máscara caiu: era Macnair, o quase carrasco de Bicuço, um dos seus olhos agora inchado e injetado.

– Obrigado! – disse Harry a Neville, puxando-o para o lado, no momento em que Sirius e seu Comensal da Morte passaram por eles, duelando com tanta ferocidade que suas varinhas pareciam borrões; então, o pé de Harry bateu em alguma coisa redonda e dura e ele escorregou. Por um momento, pensou que tivesse deixado cair a profecia, então viu o olho de Moody rolando pelo chão.

Seu dono estava deitado de lado, a cabeça sangrando, e o atacante agora avançava para Harry e Neville: Dolohov, seu rosto pálido e comprido torcido de prazer.

– *Tarantallegra!* – gritou ele, a varinha apontada para Neville, cujas pernas iniciaram imediatamente um sapateado frenético, que o desequilibrou e o fez cair de novo no chão. – Agora, Potter...

Ele fez o mesmo movimento cortante com a varinha que usara contra Hermione na hora em que Harry berrou:

– *Protego!*

O garoto sentiu alguma coisa correr de um lado a outro de seu rosto como uma faca cega; a força do golpe derrubou-o para o lado e ele caiu em cima das pernas dançantes de Neville, mas o Feitiço Escudo impedira o feitiço de se completar.

Dolohov tornou a erguer a varinha.

– *Accio prof...!*

Sirius se precipitara de algum lugar, batera em Dolohov com o ombro fazendo-o voar para longe. A profecia mais uma vez escorregara para as pontas dos dedos de Harry, mas ele conseguiu retê-la. Agora Sirius e Dolohov duelavam, suas varinhas cortando o ar como espadas, faíscas voando de suas pontas.

Dolohov puxou a varinha para fazer o mesmo movimento cortante que usara contra Harry e Hermione. Pondo-se em pé de um salto, Harry berrou:

– *Petrificus Totalus!* – Mais uma vez, os braços e pernas de Dolohov se juntaram e ele adernou para trás, caindo com estrondo.

– Boa! – gritou Sirius, empurrando a cabeça de Harry para baixo quando uns dois Feitiços Estuporantes voaram em direção a eles. – Agora quero que vocês saiam d...

Os dois tornaram a se abaixar; um jato de luz verde quase atingiu Sirius. Do outro lado da sala, Harry viu Tonks cair na subida dos degraus, seu corpo inerte rolou de degrau em degrau e Belatriz, triunfante, voltar correndo para a briga.

– Harry, leve a profecia, agarre Neville e corra! – berrou Sirius, correndo ao encontro de Belatriz. Harry não viu o que aconteceu a seguir: Quim passou pelo seu campo de visão, lutando contra o bexiguento Rookwood, já sem capuz; outro jato de luz verde voou por cima da cabeça de Harry quando ele se atirou em direção a Neville...

– Você consegue ficar em pé? – berrou no ouvido do garoto, enquanto as pernas de Neville sacudiam e torciam descontroladas. – Apoie o braço no meu pescoço...

Neville obedeceu – Harry arquejou –, as pernas do amigo continuavam a sacudir para todos os lados, não o sustentariam, e então, sem que vissem, um homem se atirou sobre eles: os dois tombaram de costas. As pernas de Neville se agitavam sem direção como as de um besouro de barriga para cima, Harry com o braço esquerdo erguido no ar tentava impedir que a bolinha de vidro se quebrasse.

– A profecia, me dê a profecia, Potter! – vociferou Malfoy em seu ouvido, e Harry sentiu a ponta de uma varinha cutucá-lo com força nas costelas.

– Não... me... largue... Neville... apanha!

Harry atirou a profecia pelo chão, o garoto se virou para ficar de costas e aparou a bolinha no peito. Malfoy, então, apontou a varinha para Neville, mas Harry espetou a própria varinha por cima do ombro e berrou:

– *Impedimenta!*

Malfoy voou para longe. Quando Harry conseguiu se levantar, olhou ao redor e viu o bruxo colidir com o estrado em que Sirius e Belatriz agora duelavam. Malfoy tornou a apontar a varinha para Harry e Neville, mas, antes que pudesse tomar ar para atacar, Lupin pulou entre eles.

– Harry, reúna os outros e VÁ!

Harry agarrou Neville pelos ombros das vestes e o ergueu até o primeiro degrau de pedra; as pernas do garoto se torciam e sacudiam, e não suportavam seu peso; Harry tornou a erguê-lo com todas as forças que tinha e subiram mais um degrau...

Um feitiço atingiu o degrau de pedra junto ao calcanhar de Harry; o degrau desmoronou e ele caiu no degrau abaixo. Neville afundou no chão, as pernas ainda entortando e se agitando, e ele enfiou a profecia no bolso.

– Vamos! – disse Harry, desesperado, puxando Neville pelas vestes. – Tente empurrar com as pernas...

Ele deu mais um puxão descomunal e as vestes de Neville se rasgaram ao longo da costura lateral – a bolinha de vidro caiu do seu bolso e, antes que um dos dois pudesse pegá-la, o pé descontrolado de Neville a chutou: a bolinha voou uns três metros para a direita e se espatifou no degrau abaixo. Quando os dois olharam para o lugar em que ela se quebrara, aterrados com o acontecido, um vulto branco-pérola de olhos enormemente aumentados se ergueu no ar, sem ninguém reparar.

Harry viu a boca do vulto se mover, mas com todas as colisões e gritos e berros que os rodeavam, não conseguiu ouvir uma só palavra da profecia. O vulto parou de falar e se evaporou.

– *Harry, sindo muido!* – exclamou Neville, seu rosto aflito e as pernas ainda se contorcendo. – *Sindo, Harry não dive indenção de*...

– Não faz mal! – gritou Harry. – Tente ficar em pé, vamos dar o fora...

– *Dubbledore!* – disse Neville, seu rosto suarento subitamente arrebatado fixando alguma coisa por cima do ombro de Harry.

– Quê!

– *DUBBLEDORE!*

Harry se virou para ver o que Neville olhava. Diretamente no alto, emoldurado pela porta da Sala do Cérebro, achava-se Alvo Dumbledore, a varinha no ar, seu rosto pálido e enfurecido. Harry sentiu uma espécie de choque elétrico em cada partícula do seu corpo – *estavam salvos*.

Dumbledore desceu depressa os degraus passando por Neville e Harry, que não pensava mais em ir embora. Dumbledore já estava ao pé dos degraus quando o Comensal da Morte mais próximo percebeu sua presença e berrou para os outros. Um dos Comensais da Morte correu o mais que pôde, trepando como um macaco pelos degraus de pedra do lado oposto. Um feitiço de Dumbledore o trouxe de volta com a maior facilidade, como se o tivesse fisgado com uma linha invisível...

Somente um par continuava a lutar, aparentemente sem notar o recém-chegado. Harry viu Sirius se desviar de um raio vermelho de Belatriz: ria dela.

– Vamos, você sabe fazer melhor que isso! – berrou ele, sua voz ecoando pela sala cavernosa.

O segundo jato de luz o atingiu bem no peito.

O riso ainda não desaparecera do seu rosto, mas seus olhos se arregalaram de choque.

Harry soltou Neville, embora nem tivesse consciência do que fazia. Estava novamente descendo os degraus aos saltos, puxando a varinha, ao mesmo tempo

que Dumbledore também se voltava para o estrado

Sirius pareceu levar uma eternidade para cair: seu corpo descreveu um arco gracioso e ele mergulhou de costas no véu esfarrapado que pendia do arco.

Harry viu a expressão de medo e surpresa no rosto devastado e outrora bonito do seu padrinho quando ele atravessou o arco e desapareceu além do véu, que esvoaçou por um momento como se soprado por um vento forte, depois retomou a posição inicial.

Harry ouviu o grito triunfante de Belatriz Lestrange, mas sabia que não significava nada – Sirius simplesmente atravessara o arco, reapareceria do outro lado a qualquer segundo...

Mas Sirius não reapareceu.

– SIRIUS! – berrou Harry. – SIRIUS!

Ele alcançara o poço, sua respiração ofegante e dolorosa. Sirius devia estar logo além do véu, ele, Harry, o puxaria de volta...

Mas quando chegou ao poço e saltou para o estrado, Lupin o agarrou pelo peito, detendo-o.

– Não há nada que você possa fazer, Harry...

– Apanhá-lo, salvá-lo, ele só atravessou o véu!

– ... é tarde demais, Harry.

– Ainda podemos alcançá-lo... – Harry lutou com força e violência, mas Lupin não o largou.

– Não há nada que você possa fazer, Harry... nada... ele se foi.

— CAPÍTULO TRINTA E SEIS —
O único a quem ele temeu na vida

– Não se foi, não! – bradou Harry.

Ele não acreditava; não queria acreditar; continuava a lutar contra Lupin com todas as suas forças. Lupin não entendia; as pessoas se escondiam atrás daquele véu; Harry os ouvira sussurrando na primeira vez que entrara na sala; Sirius estava se escondendo, simplesmente emboscado fora de vista...

– SIRIUS! – berrou. – SIRIUS!

– Ele não pode voltar, Harry – disse Lupin, a voz embargando enquanto se esforçava para conter Harry. – Ele não pode voltar porque está m...

– ELE... NÃO... ESTÁ... MORTO! – bradou Harry. – SIRIUS!

Havia movimento em volta deles, alvoroço inútil, lampejos de feitiços. Para Harry, eram ruídos sem significação, os feitiços com as trajetórias desviadas que passavam por eles não importavam, nada importava exceto que Lupin precisava parar de fingir que Sirius – que estava a alguns passos deles atrás daquela cortina velha – não ia reaparecer a qualquer momento, sacudindo para trás os cabelos negros e ansioso para retornar à luta.

Lupin puxou Harry para longe do estrado. O garoto, ainda olhando fixamente para o arco, estava zangado com Sirius, agora, por deixá-lo esperando...

Mas uma parte dele compreendia, mesmo enquanto lutava para se desvencilhar de Lupin, que Sirius nunca o deixara esperando antes... Sempre arriscara tudo para ver Harry, para ajudá-lo... se não saía do arco quando gritava por ele como se sua vida dependesse disso, a única explicação possível era que não podia voltar... era que realmente estava...

Dumbledore reunira a maioria dos Comensais da Morte restantes no meio da sala, aparentemente imobilizados por cordas invisíveis; Olho-Tonto se arrastara pela sala até onde Tonks caíra e tentava reanimá-la; atrás do estrado, ainda havia clarões momentâneos, grunhidos e gritos – Quim avançara correndo para

continuar o duelo de Sirius com Belatriz.
– Harry?
Neville deslizara pelos degraus, um a um, até onde ele se encontrava. Harry parara de lutar com Lupin, que continuava a segurar seu braço por precaução.
– Harry... *Sindo muido*... – disse Neville. Suas pernas prosseguiam dançando descontroladas. – *Aguele homem... Sirius Blagg*... era seu... seu amigo?
Harry confirmou com a cabeça.
– Aqui – disse Lupin baixinho, e apontando a varinha para as pernas de Neville: – *Finite*. – O feitiço se desfez: as pernas de Neville voltaram ao chão e pararam. O rosto de Lupin estava pálido. – Vamos... vamos procurar os outros. Onde é que eles estão, Neville?
Lupin se afastou do arco enquanto falava. Parecia que cada palavra lhe causava dor.
– *Esdão lá em cima. Um cérebro adagou Rony mas acho gue ele esdá bem... e Hermione desacordada, mas sendimos um pulso*...
Ouviu-se um forte estampido e um berro vindo de trás do estrado. Harry viu Quim tombar no chão, berrando de dor: Belatriz Lestrange deu meia-volta e fugiu correndo, e Dumbledore se virou depressa. Ele atirou um feitiço contra ela, mas Belatriz o desviou; agora estava na metade da escadaria...
– Harry... não! – exclamou Lupin, mas o garoto já se desvencilhara de seu aperto já frouxo.
– ELA MATOU SIRIUS! – bradou Harry. – ELA O MATOU... ELA O MATOU!
E o garoto saiu correndo, subindo os degraus; as pessoas gritavam para ele, mas Harry não deu atenção. A barra das vestes de Belatriz desapareceu à frente, e eles estavam novamente na sala em que os cérebros flutuavam...
Ela lançou um feitiço por cima do ombro. O tanque se ergueu no ar e virou. Harry recebeu um dilúvio de líquido malcheiroso: os cérebros se desprenderam e escorregaram por cima dele, girando os longos tentáculos coloridos, mas ele gritou “*Wingardium Leviosa!*” e eles voaram para longe. Tropeçando e escorregando, Harry correu para a porta; saltou por cima de Luna, que gemia no chão, passou por Gina, que exclamou “Harry... quê?”, por Rony, que ria bobamente, e Hermione, ainda inconsciente. Abriu com violência a porta para a sala preta circular e viu Belatriz desaparecendo por uma porta do lado oposto; para além ficava o corredor para os elevadores.
Ele correu, mas a bruxa batera a porta ao passar e as paredes já estavam girando. Mais uma vez, ele foi rodeado pelos riscos de luz azul produzidos pelos candelabros em movimento.
– Onde é a saída? – gritou desesperado, quando a parede parou com um ronco.

– Por onde se sai?
A sala parecia estar esperando a pergunta. A porta às suas costas se escancarou e ele viu se estender à sua frente o longo corredor dos elevadores, iluminado por archotes e deserto. Correu...
Ouviu um elevador descendo com estrépito; disparou pelo corredor, dobrou o canto e esmurrou o botão para chamar um segundo elevador. O veículo balançava e batia cada vez mais próximo; as grades se abriram e Harry precipitou-se para dentro, agora esmurrando o botão marcado “Átrio”. As portas se fecharam e o elevador começou a subir...
Ele forçou as grades para sair do elevador antes que elas acabassem de abrir, e olhou a toda volta. Belatriz estava quase chegando à cabine telefônica na outra extremidade do saguão, mas ela olhou para trás quando Harry correu em sua direção e mirou outro feitiço contra o garoto. Ele se abrigou atrás da Fonte dos Irmãos Mágicos; o feitiço passou voando por ele e atingiu as grades douradas do outro lado do Átrio, fazendo-as retinir como sinos. Não se ouviram mais passos. Belatriz parara de correr. Ele se agachou atrás das estátuas, atento.
– *Saia daí, saia Harryzinho!* – chamou ela imitando voz de bebê, e seu chamado ecoou no soalho encerado. – Para que foi que você me seguiu então? Pensei que estivesse aqui para vingar o meu querido primo!
– E estou! – gritou Harry, e um coro de Harrys fantasmagóricos pareceu repetir *Estou! Estou! Estou!* por todo o aposento.
– Aaaaaah... você o *amava*, bebezinho Potter?
Harry se sentiu invadido por um ódio que jamais conhecera; atirou-se de trás da fonte e berrou: “*Crucio!*”
Belatriz gritou: o feitiço a derrubara, mas ela não se contorceu nem gritou de dor como fizera Neville – já estava outra vez de pé, ofegante, parara de rir. Harry tornou a se resguardar atrás da fonte dourada. O contrafeitiço dela atingiu a bela cabeça do bruxo, arrancou-a e projetou-a a mais de cinco metros, produzindo longos arranhões no soalho.
– Nunca usou uma Maldição Imperdoável antes, não é menino? – gritou ela. Abandonara a vozinha de bebê. – É preciso *querer* usá-las, Potter! É preciso realmente querer causar dor, ter prazer nisso, raiva justificada não faz doer por muito tempo. Vou lhe mostrar como se faz, está bem? Vou lhe dar uma aula...
Harry ia contornando a fonte pelo outro lado quando ela bradou “*Crucio!*”, e ele foi forçado a se abaixar outra vez na hora em que o braço do centauro, que segurava o arco, saiu rodopiando e desabou com estrondo no chão, a uma curta distância da cabeça dourada do bruxo.
– Potter, você não pode me vencer!
Ele podia ouvi-la se deslocando para a direita, para obter uma visão

desimpedida dele. Harry contornou a estátua para se afastar de Belatriz, agachando-se atrás das pernas do centauro, a cabeça na mesma altura que a do elfo doméstico.

– Fui e sou a mais leal servidora do Lorde das Trevas. Aprendi com ele as Artes das Trevas e conheço feitiços tão fortes com que você, menininho patético, não tem a menor esperança de competir...

– *Estupefaça!* – berrou Harry. Ele contornara a fonte até o lugar em que o duende sorria para o bruxo, agora sem cabeça, e apontara para as costas de Belatriz enquanto ela espiava pelo outro lado da fonte. A bruxa reagiu tão depressa que ele mal teve tempo de se abaixar.

– *Protego!*

O jato de luz vermelha, seu próprio Feitiço Estuporante, se voltou contra ele. Harry correu a se proteger atrás da fonte e uma das orelhas do duende saiu voando pelo saguão.

– Potter, vou lhe dar uma única chance! – gritou Belatriz. – Me entregue a profecia, faça-a rolar pelo chão na minha direção, e talvez eu lhe poupe a vida!

– Bom, você vai ter de me matar, porque ela não existe mais! – urrou Harry e, ao fazer isso, a dor queimou sua cicatriz; mais uma vez ela ardia como se estivesse em fogo, e o garoto sentiu um ímpeto de fúria completamente divorciado de sua própria raiva. – E ele já sabe! – disse Harry, com uma risada desvairada que se igualava à de Belatriz. – Seu velho e amado companheiro Voldemort sabe que não existe mais! Ele não vai ficar nada satisfeito com você, vai?

– Quê? Que é que você quer dizer? – disse ela, e pela primeira vez havia medo em sua voz.

– A profecia se quebrou quando eu estava tentando subir os degraus com Neville. Então, que é que você acha que Voldemort vai dizer disso?

Sua cicatriz ficou em brasa e queimou... a dor fez seus olhos lacrimejarem...

– MENTIROSO! – gritou Belatriz, mas ele percebia o terror por trás da raiva agora. – ESTÁ COM A PROFECIA, POTTER, E VAI ME ENTREGÁ-LA! *Accio profecia! ACCIO PROFECIA!*

Harry soltou outra risada porque sabia que isso a irritaria, a dor aumentava em sua cabeça com tal intensidade que ele achou que seu crânio poderia estourar. Ele acenou a mão vazia por trás do duende de uma orelha só e retirou-a rapidamente quando Belatriz lançou mais um jato de luz verde contra ele.

– Não tem nada aqui! – gritou ele. – Nada para convocar! Ela quebrou e ninguém ouviu o que disse, pode informar ao seu chefe!

– Não! – ela gritou. – Não é verdade, você está mentindo! MILORDE, EU TENTEI, EU TENTEI... NÃO ME CASTIGUE...

– Não perca seu fôlego! – berrou Harry, os olhos apertados com a dor na cicatriz, agora mais terrível que nunca. – Ele não pode ouvir você daqui!

– Não posso, Potter? – disse uma voz aguda e fria.

Harry abriu os olhos.

Alto, magro e encapuzado, sua medonha cara ofídica pálida e magra, seus olhos vermelhos de pupilas verticais encarando-o... Lorde Voldemort aparecera no meio do saguão, a varinha apontada para Harry, que ficou paralisado, incapaz de se mover.

– Então, você destruiu minha profecia? – perguntou Voldemort mansamente, encarando Harry com aqueles olhos cruéis e vermelhos. – Não, Bela, ele não está mentindo... vejo a verdade me encarando de sua mente inútil... meses de preparação, meses de esforço... e os meus Comensais da Morte deixaram Harry Potter me frustrar mais uma vez...

– Milorde, sinto muito, eu não sabia, eu estava lutando com o animago Black! – soluçou Belatriz, atirando-se aos pés de Voldemort quando ele se aproximou lentamente. – Milorde, o senhor devia saber...

– Fique quieta, Bela – disse Voldemort, ameaçador. – Cuidarei de você em um momento. Você acha que entrei no Ministério da Magia para ouvir você choramingar desculpas?

– Mas, milorde... ele está aqui... está lá embaixo.

Voldemort não lhe deu atenção.

– Não tenho mais nada a lhe dizer, Potter – falou ele calmamente. – Você tem me aborrecido muitas vezes, por tempo demais. *AVADA KEDAVRA!*

Harry nem sequer abriu a boca para resistir; sua mente estava vazia, sua varinha apontava inutilmente para o chão.

Mas a estátua dourada do bruxo, agora sem cabeça, ganhou vida na fonte, saltou do pedestal e aterrissou com estrépito no soalho entre Harry e Voldemort. Assim, o feitiço apenas ricocheteou no peito da estátua quando ela abriu os braços para proteger o garoto.

– Quê...?! – exclamou Voldemort, olhando para os lados. E então sussurrou: – *Dumbledore!*

Harry olhou para trás, seu coração batendo com violência. Dumbledore estava parado à frente das grades douradas.

Voldemort ergueu a varinha e um segundo jato de luz verde coriscou no ar contra Dumbledore, que se virou e desapareceu com um rodopio da capa... No segundo seguinte, ele reapareceu atrás de Voldemort e acenou a varinha em direção ao que restara da fonte. As outras estátuas ganharam vida. A da bruxa correu para Belatriz, que gritou e lançou feitiços, mas estes deslizaram inutilmente pelo peito da estátua, que se atirou sobre a bruxa e a pregou no chão.

Entrementes, o duende e o elfo doméstico correram para as lareiras ao longo da parede e o centauro sem braço galopou de encontro a Voldemort, que desapareceu e reapareceu ao lado da fonte. A estátua decapitada empurrou Harry para trás, afastando-o da luta, quando Dumbledore avançou para Voldemort, e o centauro dourado iniciou um meio galope em torno dos dois.

– Foi uma tolice vir aqui hoje à noite, Tom – disse Dumbledore calmamente. – Os aurores estão a caminho...

– Altura em que estarei longe e você morto! – vociferou Voldemort. Ele lançou outra maldição letal contra Dumbledore, mas errou o alvo atingindo a mesa do guarda de segurança, que incendiou.

Dumbledore agitou sua varinha: a força do feitiço que dela emanou foi tal que Harry, embora escudado por seu guarda dourado, sentiu os cabelos ficarem em pé, quando o raio passou, e desta vez Voldemort foi forçado a conjurar do nada um reluzente escudo de prata para desviá-lo. O feitiço, qualquer que fosse, não causou nenhum dano visível ao escudo, embora produzisse uma nota grave como a de um gongo – um som estranhamente enregelante.

– Você não está procurando me matar, Dumbledore? – gritou Voldemort, seus olhos vermelhos apertados e visíveis por cima do escudo. – Está acima de tal brutalidade?

– Ambos sabemos que há outras maneiras de destruir um homem, Tom – disse Dumbledore calmamente, continuando a andar em direção a Voldemort como se nada temesse no mundo, como se nada tivesse acontecido para interromper o seu passeio pelo saguão. – Admito que meramente tirar sua vida não me satisfaria...

– Não há nada pior do que a morte, Dumbledore! – rosnou Voldemort.

– Você está muito enganado – disse Dumbledore, ainda avançando para Voldemort e falando naturalmente como se estivessem discutindo a questão enquanto tomavam um drinque. Harry se sentiu apavorado ao vê-lo caminhar, sem defesa, sem escudo; quis dar um grito de alerta, mas seu guarda decapitado não parava de empurrá-lo para trás em direção à parede, bloqueando todas as suas tentativas de sair de trás dele. – Na verdade, sua incapacidade de compreender que há coisas muito piores do que a morte sempre foi sua maior fraqueza...

Mais um jato de luz verde voou de trás do escudo de prata. Desta vez foi o centauro de um só braço, galopando na frente de Dumbledore, quem recebeu o impacto e se partiu em mil pedaços, mas, antes mesmo que os fragmentos batessem no chão, Dumbledore recuara a varinha e a vibrara como se brandisse um chicote. De sua ponta voou uma chama longa e fina que se enrolou em Voldemort, com escudo e tudo. Por um momento, pareceu que Dumbledore vencera, mas então a corda de fogo se transformou em uma serpente, que se

desprendeu de Voldemort na mesma hora e se virou, sibilando furiosamente para enfrentar Dumbledore.

Voldemort desapareceu; a serpente se empinou no soalho, pronta para atacar...

Surgiu uma labareda no ar acima de Dumbledore ao mesmo tempo que Voldemort reaparecia sobre o pedestal no meio da fonte, onde até recentemente havia cinco estátuas.

– *Cuidado!* – berrou Harry.

Mas, enquanto gritava, outro jato de luz verde voou da varinha de Voldemort contra Dumbledore e a serpente deu o bote...

Fawkes mergulhou à frente de Dumbledore, abriu o bico e engoliu o jato de luz verde inteiro: então rompeu em chamas e tombou no chão, pequena, enrugada e incapaz de voar. No mesmo instante, Dumbledore brandiu a varinha em um movimento fluido e longo – a serpente, que estava prestes a enterrar as presas nele, voou muito alto e desapareceu em um fiapo de fumaça negra: e a água na fonte subiu e cobriu Voldemort como um casulo de vidro derretido.

Durante alguns segundos, Voldemort continuou visível apenas como uma figura ondeada, escura e sem rosto, tremeluzente e difusa sobre o pedestal, tentando visivelmente se livrar da massa sufocante...

Então desapareceu e a água caiu com estrondo na fonte, extravasando impetuosamente pelas bordas, encharcando o chão encerado.

– MILORDE! – gritou Belatriz.

Com certeza terminara, com certeza Voldemort batera em retirada, Harry fez menção de correr de trás de sua estátua-guarda, mas Dumbledore bradou:

– Fique onde está, Harry!

Pela primeira vez, Dumbledore pareceu temeroso. Harry não via por quê: o saguão estava vazio, exceto pelos dois, a soluçante Belatriz ainda presa sob a estátua da bruxa, e a fênix recém-nascida crocitando debilmente no chão...

Então a cicatriz de Harry estourou e ele sentiu que estava morto: era uma dor que superava a imaginação, uma dor que superava a capacidade de sofrer...

Ele foi levado do saguão, preso nas espirais de uma criatura de olhos vermelhos tão apertadas que ele não sabia onde terminava o seu corpo e começava o da criatura: estavam fundidos, unidos pela dor e não havia saída...

E quando a criatura falou, usou a boca de Harry, fazendo com que, em sua agonia, o garoto sentisse o queixo mexer.

– *Me mate agora, Dumbledore...*

Cego e moribundo, cada parte do seu corpo gritando por alívio, Harry sentiu a criatura usando-o mais uma vez...

– *Se a morte não é nada, Dumbledore, mate o garoto...*

Faça a dor passar, pensou Harry... faça ele nos matar... acabe com isso,

Dumbledore... a morte não é nada em comparação...
E reverei Sirius.
E o coração de Harry se encheu de emoção, as espirais da criatura se afrouxaram, a dor desapareceu; ele estava deitado de borco no chão, sem óculos, tremendo como se estivesse deitado sobre gelo e não madeira...
E havia vozes ecoando pelo saguão, mais vozes do que deveria haver... Harry abriu os olhos, viu seus óculos junto ao calcanhar da estátua sem cabeça que o guardava, mas que agora estava caída de costas no chão, rachada e imóvel. Pôs os óculos, ergueu ligeiramente a cabeça e descobriu o nariz torto de Dumbledore a centímetros do dele.
– Você está bem, Harry?
– Estou – disse Harry, tremendo com tanta violência que não conseguia manter a cabeça em pé direito. – Estou... onde está Voldemort, onde... quem são esses... que é...
O Átrio estava cheio de gente; o soalho refletia as chamas verde-esmeralda que explodiram em todas as lareiras ao longo de uma das paredes; delas emergiam torrentes de bruxas e bruxos. Quando Dumbledore o ajudou a se levantar, Harry viu as minúsculas estatuetas douradas do elfo doméstico e do duende, conduzindo um aturdido Cornélio Fudge.
– Ele estava ali! – gritou um homem de vestes vermelhas e rabo de cavalo, apontando para um monte de destroços dourados do outro lado do saguão, onde Belatriz estivera presa momentos antes. – Eu o vi, Sr. Fudge, juro que era Você-Sabe-Quem, ele agarrou uma mulher e desaparatou!
– Eu sei, Williamson, eu sei, eu também o vi! – balbuciou Fudge, que estava usando pijama sob a capa de risca de giz e ofegava como se tivesse corrido quilômetros. – Pelas barbas de Merlim... aqui... *aqui*!... no Ministério da Magia!... Céus... não parece possível... palavra de honra... como pode ser...?
– Se você for ao Departamento de Mistérios, Cornélio – disse Dumbledore, aparentemente satisfeito de que Harry estivesse bem, e se adiantando para que os recém-chegados vissem que ele se encontrava ali pela primeira vez (alguns ergueram as varinhas; outros simplesmente fizeram caras surpresas; as estátuas do elfo e do duende aplaudiram e Fudge se assustou tanto que seus pés calçados de chinelos se ergueram do chão) –, você encontrará vários Comensais da Morte fugitivos amarrados na Câmara da Morte, por um Feitiço Antidesaparatação, aguardando sua decisão sobre o destino a dar a eles.
– Dumbledore! – exclamou Fudge, sem conter o seu espanto. – Você... aqui... eu... eu...
Ele olhou agitado procurando os aurores que trouxera, e não poderia ter ficado mais claro que estava indeciso se deveria ordenar: “Prendam-no!”

– Cornélio, estou pronto a enfrentar seus homens: e vencê-los mais uma vez! – disse Dumbledore com voz tonitruante. – Mas há uns minutos você viu, com seus próprios olhos, a comprovação de que há um ano venho lhe dizendo a verdade. Lorde Voldemort retornou, você esteve perseguindo o homem errado durante doze meses, e já está na hora de ouvir a voz da razão!

– Eu... não... bom – atropelou-se Fudge, olhando para os lados, como se esperasse alguém lhe dizer o que fazer. Mas como todos continuaram calados, falou: – Muito bem... Dawlish! Williamson! Desçam ao Departamento de Mistérios e vejam... Dumbledore, você... você terá de me contar exatamente... a Fonte dos Irmãos Mágicos... que aconteceu? – acrescentou lamurioso, correndo o olhar pelo chão, onde estavam espalhados os restos das estátuas da bruxa, do bruxo e do centauro.

– Podemos discutir isso depois de eu mandar Harry de volta a Hogwarts – disse Dumbledore.

– Harry... *Harry Potter?*

Fudge virou-se e encarou Harry, ainda encostado à parede ao lado da estátua caída que o guardara durante o duelo entre Dumbledore e Voldemort.

– Ele... aqui? – espantou-se Fudge. – Por que... afinal que aconteceu?

– Explicarei tudo – repetiu Dumbledore – quando Harry tiver regressado à escola.

Dumbledore se afastou da fonte em direção à cabeça dourada do bruxo no chão. Apontou a varinha para ela e murmurou “*Portus*”. A cabeça brilhou azulada, vibrou ruidosamente contra o chão de madeira por alguns segundos, então tornou a se imobilizar.

– Agora, escute aqui, Dumbledore! – disse Fudge, quando ele apanhou a cabeça e voltou a Harry, carregando-a. – Você não tem autorização para usar essa Chave de Portal! Você não pode agir assim diante do ministro da Magia, você... você...

Sua voz falhou sob o olhar professoral que Dumbledore lhe atirava por cima dos oclinhos de meia-lua.

– Você dará ordem para transferir Dolores Umbridge de Hogwarts – disse Dumbledore. – Mandará os seus aurores pararem de perseguir o meu professor de Trato das Criaturas Mágicas, para ele poder voltar ao trabalho. Concederei a você... – Dumbledore puxou do bolso um relógio de doze ponteiros e o consultou – meia hora do meu tempo hoje à noite, na qual poderei folgadamente abordar os pontos mais importantes do que aconteceu aqui. Depois, terei de retornar à minha escola. Se precisar de mais alguma ajuda, naturalmente, será bem-vindo se entrar em contato comigo em Hogwarts. As cartas endereçadas ao diretor chegarão às minhas mãos.

Fudge arregalou mais que nunca os olhos; sua boca se abriu e o rosto redondo se tornou mais corado sob os cabelos grisalhos e despenteados.
– Eu... você...
Dumbledore deu-lhe as costas.
– Pegue esta Chave de Portal, Harry.
Ele estendeu a cabeça dourada da estátua e Harry pousou a mão nela, sem se importar com o que faria a seguir nem aonde iria.
– Verei você em meia hora – disse Dumbledore brandamente. – Um... dois... três...
Harry sentiu a conhecida sensação de que um gancho o puxava por trás do umbigo. O soalho polido desapareceu sob os seus pés; o Átrio, Fudge e Dumbledore, tudo desapareceu e ele estava voando num redemoinho de cor e som...

— CAPÍTULO TRINTA E SETE —

A profecia perdida

Os pés de Harry bateram em chão firme; seus joelhos se dobraram ligeiramente e a cabeça dourada do bruxo caiu com um baque metálico no chão. Ele olhou ao redor e constatou que chegara ao escritório de Dumbledore.

Tudo parecia ter se consertado na ausência do diretor. Os delicados instrumentos de prata se encontravam mais uma vez sobre as mesinhas de pernas finas, soprando e zunindo serenamente. Os retratos dos diretores e diretoras cochilavam em seus quadros, as cabeças caídas molemente no encosto das poltronas ou apoiadas nas molduras. Harry espiou pela janela. Havia uma fria linha verde-clara no horizonte: o dia ia despontando.

O silêncio e a imobilidade, interrompidos apenas por um raro grunhido ou fungada de um retrato adormecido, eram insuportáveis. Se o ambiente pudesse ter refletido os sentimentos que o dominavam, os quadros estariam gritando de dor. Ele andou pelo escritório silencioso e belo, respirando depressa, tentando não pensar. Mas precisava pensar... não tinha saída...

Era sua culpa que Sirius tivesse morrido; inteiramente sua culpa. Se ele, Harry, não tivesse sido burro de cair na esparrela de Voldemort, se não estivesse tão convencido de que o que vira em sonho era real, se ao menos tivesse aberto a mente à possibilidade de que Voldemort, conforme dissera Hermione, estivesse apostando no *prazer de Harry de bancar o herói*...

Era insuportável, ele não pensaria no assunto, não conseguiria suportar... havia um terrível vazio em seu peito que ele não queria sentir nem examinar, um buraco negro em que Sirius estivera, em que Sirius desaparecera; ele não queria ter de ficar sozinho com aquele enorme espaço silencioso, não conseguiria suportar...

Um quadro às suas costas soltou um ronco particularmente alto, e uma voz calma exclamou:

– Ah... Harry Potter!...

Fineus Nigellus deu um longo bocejo, se espreguiçando enquanto observava Harry com seus olhos apertados e astutos.

– E o que o traz aqui nas primeiras horas da manhã? – perguntou o bruxo passado algum tempo. – O escritório está interditado a todos, exceto ao seu legítimo diretor. Ou foi Dumbledore que o mandou aqui? Ah, não me diga nada... – Ele deu outro bocejo estremecido. – Mais uma mensagem para o meu indigno bisneto?

Harry não pôde responder. Fineus Nigellus não sabia que Sirius estava morto, mas Harry não poderia lhe contar. Dizê-lo em voz alta seria tornar a morte final, absoluta, irrecuperável.

Mais alguns retratos se mexiam agora. O terror de ser interrogado fez Harry atravessar a sala e segurar a maçaneta.

Ela não girou. Ele estava trancado.

– Espero que isto signifique – disse um corpulento bruxo de nariz vermelho pendurado a uma parede atrás da escrivaninha do diretor – que em breve Dumbledore estará entre nós?

Harry se virou. O bruxo o fitava com grande interesse. O garoto confirmou com a cabeça. E tornou a puxar a maçaneta com as mãos às costas, mas ela permaneceu imóvel.

– Ah, que bom – disse o bruxo. – Tem sido muito monótono sem ele, muito monótono mesmo.

O bruxo se acomodou no cadeirão semelhante a um trono, no qual fora retratado, e sorriu bondosamente para Harry.

– Dumbledore tem uma opinião elogiosa sobre você, como estou certo de que sabe – disse satisfeito. – Ah, sim. Tem você em alta estima.

A sensação de culpa que enchia o peito de Harry como um parasita monstruoso e pesado agora se torcia e virava. Harry não conseguia suportar isso, não conseguia mais suportar ser quem era... nunca se sentira tão encurralado dentro do próprio corpo, nunca desejara tão intensamente poder ser outra pessoa, qualquer pessoa, ou...

A lareira vazia irrompeu em chamas verde-esmeralda, fazendo Harry saltar para longe da porta, e olhar para o homem que girava no interior da grade. Quando a figura alta de Dumbledore deixou o fogo, os bruxos e bruxas, nas paredes, acordaram de repente, muitos deles soltando exclamações de boas-vindas.

– Obrigado – disse Dumbledore brandamente.

Ele não olhou imediatamente para Harry, mas encaminhou-se para o poleiro ao lado da porta e retirou, do bolso interno das vestes, a minúscula e feiosa

Fawkes, que ele colocou com gentileza no borralho morno embaixo do suporte dourado em que a fênix adulta habitualmente ficava.

– Bom, Harry – disse Dumbledore, finalmente afastando-se do filhote de fênix –, você vai ficar contente em saber que nenhum dos seus colegas vai sofrer danos permanentes em decorrência dos acontecimentos desta noite.

Harry tentou dizer "Bom", mas a voz não saiu. Pareceu-lhe que o diretor estava lembrando-o da extensão dos danos que causara, e embora Dumbledore, para variar, estivesse olhando para ele, e embora sua expressão fosse bondosa em vez de acusatória, Harry não conseguiu olhá-lo nos olhos.

– Madame Pomfrey está remendando todos. Ninfadora Tonks talvez precise passar algum tempo no St. Mungus, mas parece que irá se recuperar totalmente.

Harry se contentou em assentir para o tapete, que se tornava mais claro à medida que o céu lá fora empalidecia. Tinha certeza de que os quadros na sala estavam escutando ansiosamente cada palavra que Dumbledore dizia, perguntando-se onde o diretor e o garoto tinham estado e por que teria havido danos físicos.

– Sei como está se sentindo, Harry – disse Dumbledore mansamente.

– Não, o senhor não sabe, não. – E sua voz saiu repentinamente alta e forte; uma raiva incandescente saltava dentro dele; Dumbledore não sabia *nada* a respeito dos seus sentimentos.

– Está vendo, Dumbledore? – disse Fineus Nigellus sonsamente. – Nunca tente compreender os estudantes. Eles odeiam. Preferem muito mais ser tragicamente incompreendidos, chafurdar em autocomiseração, pagar seus próprios...

– Chega, Fineus – disse Dumbledore.

Harry deu as costas ao diretor e ficou olhando decidido pela janela. Via o campo de quadribol ao longe. Sirius aparecera ali uma vez, disfarçado de cachorro preto e peludo, para poder vê-lo jogar... provavelmente viera ver se o filho era tão bom quanto o pai fora... Harry nunca lhe perguntara...

– Não há vergonha no que você está sentindo, Harry – disse a voz de Dumbledore. – Pelo contrário... o fato de ser capaz de sentir dor com tal intensidade é a sua maior força...

Harry sentiu a raiva incandescente lamber suas entranhas, transformarse em labareda, no terrível vácuo, enchendo-o com o desejo de ferir Dumbledore por sua calma e suas palavras vazias.

– Minha grande força, é? – retorquiu Harry, sua voz trêmula, o olhar ainda fixo no estádio de quadribol, mas sem vê-lo. – O senhor não faz a menor ideia... o senhor não sabe...

– Que é que eu não sei? – perguntou Dumbledore calmamente.

Era demais. Harry se virou, tremendo de raiva.
– Não quero falar sobre o que estou sentindo, está bem?
– Harry, sofrer assim prova que você continua a ser homem! Esta dor faz parte da sua humanidade...
– ENTÃO EU... NÃO... QUERO... SER... HUMANO! – urrou Harry, e arrebatando um instrumento delicado de prata de cima de uma mesinha de pernas finas ao lado arremessou-o pela sala: o objeto se estilhaçou em mil pedacinhos contra a parede. Vários quadros deixaram escapar gritos de raiva e susto, e o retrato de Armando Dippet exclamou "*Francamente!*".
– NÃO QUERO MAIS SABER! – berrou Harry para eles, agarrando um lunascópio e atirando-o na lareira. – PARA MIM CHEGA, JÁ VI O SUFICIENTE, QUERO SAIR, QUERO QUE ISTO ACABE, NÃO QUERO MAIS SABER...
E agarrando a mesa em que estivera o instrumento de prata, atirou-a também. Ela bateu no chão, e se partiu, suas pernas rolaram em várias direções.
– Você quer saber, sim – disse Dumbledore. Não piscara nem fizera um único movimento para impedir que Harry demolisse o seu escritório. Sua expressão era serena, quase indiferente. – Você quer saber tanto que sente que irá morrer sangrando de dor.
– NÃO! – gritou Harry, tão alto que achou que sua garganta poderia rasgar, e por um segundo teve vontade de avançar em Dumbledore e quebrar o bruxo também; quebrar aquele rosto velho e calmo, sacudi-lo, machucá-lo, fazê-lo sentir um pedacinho do horror que carregava em seu íntimo.
– Ah, quer saber sim – disse o diretor, ainda mais tranquilo. – Você agora já perdeu sua mãe, seu pai e a pessoa mais próxima de um parente que já conheceu. É claro que você quer saber.
– O SENHOR NÃO SABE COMO ESTOU ME SENTINDO! – urrou Harry. – O SENHOR... FICA PARADO AÍ... SEU...
Mas as palavras já não eram suficientes, quebrar coisas já não adiantava; ele queria fugir, queria fugir sem parar, sem nunca olhar para trás, queria ir para algum lugar em que não visse aqueles olhos azul-claros encarando-o, aquele rosto velho odiosamente calmo. Ele correu para a porta, tornou a agarrar a maçaneta e puxou-a com força.
Mas a porta não abriu.
Harry tornou a se virar para Dumbledore.
– Me deixe sair – disse ele. Estava tremendo dos pés à cabeça.
– Não – disse Dumbledore com simplicidade.
Por alguns segundos eles se encararam.
– Me deixe sair – repetiu o garoto.

– Não – repetiu Dumbledore.
– Se o senhor não deixar... se o senhor me prender aqui... se o senhor não me deixar...
– Perfeitamente, continue a destruir os meus pertences – disse Dumbledore serenamente. – Reconheço que os tenho em excesso.
Ele contornou a escrivaninha e se sentou, contemplando Harry.
– Me deixe sair – pediu o garoto ainda uma vez, numa voz fria e quase tão calma quanto a de Dumbledore.
– Não, até que eu tenha dito o que quero.
– O senhor... o senhor acha que eu quero... o senhor acha que eu dou a... NÃO ME INTERESSA O QUE O SENHOR TEM A DIZER! – urrou Harry. – Não quero ouvir *nada* que o senhor tenha a dizer!
– Vai querer, sim – disse o diretor com firmeza. – Porque você está longe de sentir a raiva de mim que deveria estar sentindo. Se você me atacar, como sei que está prestes a fazer, eu gostaria de ter merecido inteiramente.
– Do que é que o senhor está falando?
– Foi por *minha* culpa que Sirius morreu – disse o diretor claramente. – Ou será que devo dizer, quase exclusivamente por minha culpa: não serei tão arrogante a ponto de assumir a responsabilidade por tudo. Sirius era um homem corajoso, inteligente e dinâmico, e homens assim em geral não se contentam em ficar escondidos em casa, sabendo que outros estão correndo perigo. Ainda assim, você nunca deveria ter acreditado por um instante que havia a menor necessidade de ter ido ao Departamento de Mistérios hoje à noite. Se eu tivesse sido franco com você, Harry, como deveria ter sido, você já saberia há muito tempo que Voldemort poderia tentar atraí-lo ao Departamento de Mistérios, e você nunca teria caído na esparrela de ir lá hoje à noite. E Sirius não teria tido de sair atrás de você. Esta culpa é minha, e somente minha.
Harry continuava parado com a mão na maçaneta, mas não tinha consciência disso. Olhava para Dumbledore, quase sem respirar, prestando atenção, mas quase sem entender o que estava ouvindo.
– Por favor, sente-se – disse Dumbledore. Não era uma ordem, era um pedido.
Harry hesitou, então atravessou lentamente a sala, agora coalhada de pedacinhos de engrenagens de prata e fragmentos de madeira, e se sentou na cadeira diante da escrivaninha do diretor.
– Devo entender – disse Fineus Nigellus lentamente à esquerda de Harry – que o meu bisneto, o último dos Black, morreu?
– Sim, Fineus – respondeu Dumbledore.
– Eu não acredito – disse Fineus bruscamente.
Harry virou a cabeça em tempo de ver o bruxo sair decidido do quadro, e

entendeu que ele estava indo visitar seu outro retrato no largo Grimmauld. Iria se deslocar talvez de quadro em quadro chamando por Sirius por toda a casa...

– Harry, eu lhe devo uma explicação. Uma explicação para os erros de um velho. Porque vejo agora que o que fiz e o que não fiz, com relação a você, tem todas as marcas de deslizes da velhice. Os jovens não podem saber como os idosos pensam e sentem. Mas os velhos são culpados quando se esquecem do que era ser jovem... e parece que ultimamente andei me esquecendo...

O sol estava realmente nascendo agora; havia uma linha laranja ofuscante acima das montanhas e para o alto o céu estava descolorido e pálido. A luz incidia sobre Dumbledore, sobre suas sobrancelhas e barbas prateadas, sobre as rugas profundas em seu rosto.

– Adivinhei, há quinze anos... quando vi a cicatriz em sua testa, o que poderia significar. Adivinhei que poderia ser o sinal de uma ligação entre você e Voldemort.

– O senhor já me disse isso, professor – interpôs Harry sem rodeios. Pouco se importava que estivesse sendo grosseiro. Pouco se importava com qualquer coisa que fosse.

– Eu sei – falou Dumbledore em tom de quem pede desculpas. – Eu sei, mas entenda, preciso começar por sua cicatriz. Porque se tornou aparente, logo depois de você se reintegrar ao mundo mágico, que eu tinha razão, e que a cicatriz estava lhe dando avisos quando Voldemort se aproximava de você ou sentia alguma emoção forte.

– Eu sei – disse Harry, cansado.

– E esta sua habilidade, de perceber a presença de Voldemort, mesmo sob disfarce, e saber o que ele está sentindo quando suas emoções o comovem, tornou-se cada vez mais pronunciada desde que Voldemort retomou o próprio corpo e seus plenos poderes.

Harry não se deu o trabalho de assentir. Já sabia de tudo aquilo.

– Mais recentemente – continuou Dumbledore –, eu me preocupei que Voldemort pudesse perceber a existência desta ligação entre vocês. De fato, chegou um momento em que você penetrou tão fundo em sua mente que ele sentiu sua presença. Estou me referindo, é claro, à noite em que você testemunhou o ataque ao Sr. Weasley.

– Sei, o Snape me disse – murmurou Harry.

– *Professor* Snape, Harry – corrigiu-o Dumbledore em tom brando. – Mas você não se perguntou por que não fui eu que lhe expliquei isso? Por que não lhe ensinei Oclumência? Por que nem sequer olhei para você durante meses?

Harry ergueu a cabeça. Via agora que Dumbledore parecia triste e cansado.

– Claro – murmurou –, claro que me perguntei.

– Sabe – continuou Dumbledore –, achei que não iria demorar muito para Voldemort forçar entrada em sua mente, manipular e desviar seus pensamentos, e eu não estava querendo lhe dar mais incentivos para isso. Eu tinha certeza que se percebesse que o nosso relacionamento era, ou sempre fora, mais íntimo do que o de diretor e aluno, ele aproveitaria a oportunidade para usá-lo como um meio para me espionar. Temi as maneiras com que ele poderia usá-lo, a possibilidade de que poderia tentar possuí-lo. Harry, creio que eu estava certo em pensar que Voldemort teria usado você assim. Nas raras ocasiões em que estivemos em contato, pensei ter visto a sombra dele se mover por trás dos seus olhos...

Harry se lembrou da sensação de que uma cobra adormecida despertara dentro dele, pronta para atacar, nos momentos em que ele e Dumbledore faziam contato visual.

– O objetivo de Voldemort em possuí-lo, conforme ficou demonstrado esta noite, não seria a minha destruição. Seria a sua. Ele esperou, quando o possuiu por breves momentos ainda há pouco, que eu sacrificaria você na esperança de matá-lo. Então, como vê, Harry, estive tentando me manter longe de você, para protegê-lo, Harry, um erro de um velho...

Ele suspirou profundamente. Harry estava deixando as palavras resvalarem por ele. Teria se interessado muito em saber dessas coisas há alguns meses, mas agora haviam perdido o sentido se comparadas ao imenso abismo em seu íntimo, representado pela perda de Sirius; nada tinha importância...

– Sirius me contou que você sentiu Voldemort despertar dentro de você na própria noite em que teve a visão do ataque a Arthur Weasley. Percebi na mesma hora que os meus piores temores se confirmavam: Voldemort sentira que poderia usá-lo. Na tentativa de armá-lo contra os assaltos de Voldemort à sua mente, eu combinei com o Prof. Snape para lhe dar aulas de Oclumência.

Ele fez uma pausa. Harry contemplava o nascimento do sol, que veio deslizando vagarosamente pela superfície polida da escrivaninha de Dumbledore, iluminou um tinteiro de prata e uma bela pena vermelha. Harry sabia que os retratos nas paredes estavam acordados e escutavam arrebatados a explicação de Dumbledore; ele ouvia o farfalhar ocasional de vestes, um ligeiro pigarro. Fineus Nigellus ainda não regressara...

– O Prof. Snape descobriu – Dumbledore retomou a palavra – que você andava sonhando com a porta do Departamento de Mistérios há meses. Voldemort, naturalmente, estivera obcecado com a possibilidade de ouvir a profecia desde que recuperara o corpo; e quando ele pensava na porta, você também o fazia, embora não soubesse o que significava.

“E então você viu Rookwood, que trabalhava no Departamento de Mistérios antes de ser preso, contando a Voldemort o que sempre soubéramos, que as

profecias guardadas no Ministério da Magia são fortemente protegidas. Somente as pessoas a quem elas se referem podem tirá-las das prateleiras sem enlouquecerem: neste caso, ou Voldemort em pessoa teria de entrar no Ministério da Magia, e se arriscar a finalmente revelar sua presença, ou então você teria de fazer isso por ele. Tornou-se, então, uma questão de urgência ainda maior que você aprendesse Oclumência.”

– Mas eu não aprendi – murmurou Harry. Disse isso em voz alta para tentar aliviar o contrapeso de culpa em seu íntimo: uma confissão com certeza reduziria um pouco da terrível pressão que apertava seu coração. – Eu não pratiquei, não me esforcei, poderia ter parado com aqueles sonhos, Hermione me dizia o tempo todo para estudar, se eu tivesse atendido ele jamais poderia ter me mostrado aonde ir e... Sirius não estaria... Sirius não estaria...

Alguma coisa estava eclodindo na cabeça de Harry: uma necessidade de se justificar, de explicar...

– Eu tentei verificar se ele realmente prendera Sirius, fui à sala da Umbridge, falei com Monstro nas chamas do fogão e ele me disse que Sirius não estava em casa, que tinha saído!

– Monstro mentiu – disse Dumbledore calmamente. – Você não é o dono dele, podia lhe mentir sem precisar se castigar. Monstro queria que você fosse ao Ministério da Magia.

– Ele... ele me mandou de propósito?

– Mandou. Monstro, receio dizer, estava servindo a dois senhores havia meses.

– Como? – perguntou Harry sem entender. – Ele não sai do largo Grimmauld há anos.

– Monstro aproveitou a oportunidade pouco antes do Natal – disse Dumbledore –, quando Sirius, pelo que soube, gritou-lhe que fosse embora. Ele tomou a ordem ao pé da letra e a interpretou como uma ordem para sair da casa. Procurou, então, a única pessoa da família Black por quem ainda tinha algum respeito... a prima de Black, Narcisa, irmã de Belatriz e esposa de Lúcio Malfoy.

– Como é que o senhor sabe de tudo isso? – perguntou Harry com o coração batendo muito depressa. Sentia-se mal. Lembrou-se de ter se preocupado com a estranha ausência de Monstro durante o Natal, lembrou-se do elfo ter reaparecido no sótão...

– Monstro me contou ontem à noite – disse Dumbledore. – Sabe, quando você deu ao Prof. Snape aquele aviso enigmático, ele percebeu que você tivera uma visão de Sirius prisioneiro nas entranhas do Departamento de Mistérios. Ele, como você, tentou contatar Sirius imediatamente. Devo explicar que os membros da Ordem da Fênix têm métodos mais confiáveis de se comunicar do que a

lareira na sala de Dolores Umbridge. O Prof. Snape descobriu que Sirius se encontrava são e salvo no largo Grimmauld.

"Quando, porém, você não voltou da ida à Floresta Proibida com Dolores Umbridge, o Prof. Snape ficou preocupado que você talvez continuasse a achar que Sirius estava prisioneiro de Lorde Voldemort. E alertou outros membros da Ordem na mesma hora."

Dumbledore deu um grande suspiro e continuou:

– Alastor Moody, Ninfadora Tonks, Quim Shacklebolt e Remo Lupin estavam na sede quando ele entrou em contato. Todos concordaram prontamente em ir em seu auxílio. O Prof. Snape pediu a Sirius para não ir, porque precisava que alguém ficasse na sede para me contar o que acontecera, pois eu estava sendo esperado a qualquer momento. Nesse meio-tempo, o Prof. Snape pretendia procurar você na Floresta.

"Mas Sirius não quis ficar para trás quando os outros foram procurá-lo. Incumbiu o Monstro de me contar o que sucedera. Então, quando cheguei ao largo Grimmauld pouco depois de todos terem saído para o Ministério, foi o elfo quem me contou, às gargalhadas, aonde Sirius fora."

– Ele estava às gargalhadas? – perguntou Harry com a voz cava.

– Ah, estava. Veja, Monstro não conseguiu nos trair inteiramente. Ele não é Fiel do Segredo da Ordem, não poderia informar aos Malfoy o nosso paradeiro, tampouco os planos confidenciais da Ordem que ele fora proibido de revelar. Estava impedido por encantamentos próprios a sua espécie, o que quer dizer que não podia desobedecer a uma ordem direta do seu dono, Sirius. Mas deu a Narcisa informações valiosas para Voldemort, do tipo que deve ter parecido a Sirius demasiado trivial para proibi-lo de repetir.

– Como o quê? – perguntou Harry.

– Como o fato de que a pessoa que Sirius mais gostava no mundo era você – disse Dumbledore em voz baixa. – Como o fato de que você estava começando a encarar Sirius como uma espécie de pai e irmão.

"Voldemort já sabia, é claro, que Sirius fazia parte da Ordem, e que você sabia onde encontrá-lo; mas a informação de Monstro o fez perceber que a única pessoa que você não mediria esforços para salvar era Sirius Black."

Os lábios de Harry estavam frios e insensíveis.

– Então... quando perguntei ao Monstro se Sirius estava lá ontem à noite...

– Os Malfoy, sem dúvida por ordem de Voldemort, tinham dito a ele que precisava encontrar um meio de manter Sirius fora do caminho, quando você tivesse a visão de que ele estava sendo torturado. Então, se você resolvesse verificar se seu padrinho estava ou não em casa, Monstro poderia fingir que ele não estava. Monstro machucou o hipogrifo ontem à noite, e, no momento em que

você apareceu nas chamas, Sirius estava no andar de cima cuidando do bicho.
Parecia haver pouco ar nos pulmões de Harry; sua respiração era rápida e superficial.
– E Monstro contou tudo isso ao senhor e... deu gargalhadas? – perguntou ele rouco.
– Ele não queria me contar. Mas sou suficientemente bom em Legilimência para saber quando estão mentindo para mim, e persuadi-o a me contar a história toda, antes de sair para o Departamento de Mistérios.
– E – sussurrou Harry, as mãos fechadas e frias sobre os joelhos –, e Hermione vivia nos dizendo para sermos bonzinhos com ele...
– E estava certa, Harry. Alertei Sirius quando adotamos o largo Grimmauld doze como nossa sede, que Monstro devia ser tratado com bondade e respeito. Disse-lhe também que Monstro poderia ser perigoso para nós. Acho que Sirius não me levou a sério, nem nunca encarou Monstro como um ser com sentimentos tão apurados quanto os de um humano...
– Não venha culpar... não venha... me falar de Sirius como se... – A respiração de Harry estava presa, não conseguia enunciar as palavras claramente; mas a raiva que diminuíra momentaneamente tornou a arrebatá-lo: não deixaria Dumbledore criticar Sirius. – Monstro é um mentiroso... sujo... merecia...
– Monstro é o que os bruxos fizeram dele, Harry – disse Dumbledore. – Ele merece compaixão. A vida dele tem sido tão infeliz quanto a do seu amigo Dobby. Foi forçado a obedecer a Sirius porque era o último da família de quem era escravo, mas não sentia a real lealdade pelo dono. E quaisquer que sejam os defeitos do Monstro, devemos admitir que Sirius não fez nada para amenizar a vida dele...
– NÃO FALE DE SIRIUS ASSIM! – berrou Harry.
Estava mais uma vez em pé, furioso, pronto para se atirar contra Dumbledore, que claramente não entendera nada de Sirius, como era corajoso, o quanto sofrera...
– E Snape? – atirou Harry. – O senhor não fala dele, não é? Quando lhe contei que Voldemort tinha prendido Sirius, ele apenas me deu um sorriso desdenhoso como sempre...
– Harry, você sabe que o Prof. Snape não tinha opção senão fingir que não estava levando você a sério, na frente de Dolores Umbridge – disse Dumbledore com firmeza –, mas, conforme lhe expliquei, ele informou à Ordem o mais rápido que pôde o que você havia dito. Foi ele quem deduziu aonde você teria ido quando não o viu retornar da Floresta. Foi ele, também, que deu à Profª Umbridge um Veritaserum adulterado quando ela quis forçá-lo a dizer o paradeiro de Sirius.

Harry fingiu não ouvir isso; sentia um prazer selvagem em culpar Snape, parecia aliviar sua horrível sensação de culpa, e queria ouvir Dumbledore concordar com ele.

– Snape... Snape at-atormentava Sirius por ficar em casa... fazia Sirius se sentir covarde...

– Sirius tinha maturidade e inteligência suficientes para não permitir que essas implicâncias tolas o atormentassem.

– Snape parou de me dar aulas de Oclumência! – vociferou Harry. – Me expulsou da sala!

– Estou ciente disso – disse Dumbledore pesaroso. – Já disse que foi um erro não ter me encarregado de ensiná-lo pessoalmente, embora tivesse certeza, à época, que nada poderia ser mais perigoso do que abrir mais sua mente a Voldemort na minha presença...

– Snape fez pior, minha cicatriz sempre doía mais depois das aulas dele... – Harry lembrou-se dos comentários de Rony sobre o assunto e prosseguiu: – Como é que o senhor sabe se ele não estava tentando me amaciar para Voldemort, tornar mais fácil ele penetrar minha...

– Eu confio em Severo Snape – disse Dumbledore com simplicidade. – Mas me esqueci, outro erro de velho... que algumas feridas são profundas demais para sarar. Pensei que o Prof. Snape pudesse superar os sentimentos por seu pai... estava enganado.

– Mas tudo bem, não é? – berrou Harry, ignorando as expressões escandalizadas e os murmúrios de desaprovação dos retratos nas paredes. – Tudo bem Snape odiar meu pai, mas nada bem Sirius odiar o Monstro?

– Sirius não odiava Monstro. Considerava-o um servo indigno de interesse ou atenção. A indiferença e o abandono muitas vezes causam mais danos do que a aversão direta... a fonte que destruímos esta noite representava uma mentira. Nós, bruxos, temos maltratado e abusado dos nossos companheiros por um tempo longo demais, e agora estamos colhendo o que semeamos.

– ENTÃO SIRIUS MERECEU O QUE RECEBEU, É ISSO? – berrou Harry.

– Eu não disse isso, nem nunca você me ouvirá dizer isso – respondeu Dumbledore calmamente. – Sirius não era um homem cruel, era bondoso com elfos domésticos em geral. Não gostava de Monstro, porque ele era uma lembrança viva da casa que Sirius odiava.

– E como a odiava! – exclamou Harry, sua voz falhando, dando as costas a Dumbledore, e se afastando. O sol iluminava a sala agora e os olhos de todos os retratos acompanharam o garoto se afastar, sem perceber o que estava fazendo nem ver o escritório. – O senhor o obrigou a ficar trancado naquela casa e ele odiou, foi por isso que quis sair ontem à noite...

– Eu estava tentando manter Sirius vivo – respondeu Dumbledore brandamente.
– As pessoas não gostam de ficar trancafiadas! – disse Harry, enfurecido, virando-se para ele. – O senhor fez isso comigo no verão passado...
Dumbledore fechou os olhos e escondeu o rosto nas mãos de dedos longos. Harry o observava, mas esse sinal pouco característico de exaustão, de tristeza, ou do que quer que fosse que Dumbledore sentia, não o enterneceu. Pelo contrário, o garoto sentiu ainda mais raiva que Dumbledore estivesse dando sinais de fraqueza. Não tinha nada de ser fraco quando Harry queria se enfurecer e esbravejar com ele.
Dumbledore baixou as mãos, estudou Harry através dos seus oclinhos de meia-lua, e falou:
– Está na hora de lhe dizer o que deveria ter-lhe dito há cinco anos, Harry. Sente-se, por favor. Vou lhe contar tudo. Peço que tenha um pouco de paciência. Você terá oportunidade de se enfurecer comigo, de fazer o que quiser, quando eu terminar. Não irei impedi-lo.
Harry encarou-o com ar feroz um momento, então atirou-se de volta à cadeira em frente ao diretor e aguardou.
Dumbledore contemplou por um momento os terrenos ensolarados do lado de fora da janela, depois voltou a olhar para Harry e disse:
– Há cinco anos, você chegou a Hogwarts, Harry, são e salvo, como eu planejara e queria que tivesse sido. Bom, não totalmente são. Você sofrera. Eu sabia que isso aconteceria quando o deixei à porta dos seus tios. Sabia que o estava condenando a dez anos sombrios e difíceis.
Ele fez uma pausa. Harry continuou calado.
– Você poderia perguntar, e com toda razão, por que tinha de ser assim. Por que uma família bruxa não poderia tê-lo criado? Muitos teriam feito isso mais do que satisfeitos, teriam se sentido honrados e encantados em criá-lo como filho.
"Minha resposta é que a prioridade era manter você vivo. Você corria muito mais perigo do que as pessoas, à exceção de mim, compreendiam. Voldemort fora vencido horas antes, mas seus seguidores, e muitos são quase tão terríveis quanto ele, continuavam soltos, enfurecidos, desesperados e violentos. E tive de me decidir, também, com relação aos anos futuros. Será que eu acreditava que Voldemort se fora para sempre? Não. Eu não sabia se levaria dez, vinte ou cinquenta anos para ele retornar, mas tinha certeza de que o faria, e tinha certeza também, conhecendo-o como conheço, de que ele não descansaria enquanto não matasse você.
"Eu sabia que o conhecimento que Voldemort tem de magia talvez seja mais amplo do que o de qualquer outro bruxo vivo. Eu sabia que os meus feitiços de

proteção mais complexos e poderosos provavelmente não seriam invencíveis se ele algum dia recuperasse seus plenos poderes.

"Mas eu sabia, também, qual era o ponto fraco de Voldemort. Então, tomei minha decisão. Você seria protegido por uma magia antiga de que ele tem conhecimento, mas que despreza e, portanto, sempre subestimou, para seu prejuízo. Estou me referindo, naturalmente, ao fato de que sua mãe morreu para salvá-lo. Ela lhe conferiu uma proteção duradoura que ele jamais esperou, uma proteção que até hoje corre em suas veias. Confio, portanto, no sangue de sua mãe. Entreguei você à irmã dela, sua única parenta viva."

– Ela não me ama – disse Harry na mesma hora. – Ela não liga a mínima...

– Mas ela o aceitou – interrompeu-o Dumbledore. – Pode tê-lo aceitado de má vontade, enfurecida, contrariada, amargurada, mas, ainda assim, o aceitou, e, ao fazer isso, selou o feitiço que lancei sobre você. O sacrifício de sua mãe transformou o vínculo de sangue no escudo mais forte que eu poderia lhe dar.

– Mas continuo sem...

– Enquanto você ainda puder chamar de sua a casa em que vive o sangue de sua mãe, ali você não pode ser tocado nem ferido por Voldemort. Lílian derramou seu sangue, mas ele continua vivo em você e em sua tia. O sangue dela se tornou o seu refúgio. Você precisa voltar lá apenas uma vez por ano, mas enquanto puder chamar aquela casa de sua, enquanto estiver lá, ele não poderá atingi-lo. Sua tia sabe disso. Expliquei-lhe o que tinha feito na carta que deixei com você à porta dela. Ela sabe que ao acolher você ela talvez o tenha mantido vivo nos últimos quinze anos.

– Espere – disse Harry. – Espere um momento.

Ele se endireitou na cadeira, encarando Dumbledore.

– Foi o senhor que mandou aquele berrador. O senhor disse a ela que se lembrasse... foi a sua voz...

– Pensei – disse Dumbledore, inclinando ligeiramente a cabeça – que ela poderia precisar de um lembrete sobre o pacto que selara ao acolher você. Suspeitei que o ataque do Dementador pudesse tê-la despertado para os perigos de ter você como filho de criação.

– Despertou – disse Harry em voz baixa. – Bom... o meu tio mais do que ela. Ele queria me mandar embora, mas depois que o Berrador chegou, ela... ela disse que eu tinha de ficar.

Harry contemplou o chão por um momento, então perguntou:

– Mas o que é que isso tem a ver com...

Ele não conseguia dizer o nome de Sirius.

– Há cinco anos, então – continuou Dumbledore, como se não tivesse feito pausa alguma em sua história –, você chegou em Hogwarts, talvez nem tão feliz

nem tão bem nutrido como eu gostaria que estivesse, mas vivo e saudável. Não era um principezinho mimado, mas um menino tão normal quanto eu poderia esperar nas circunstâncias. Até ali o meu plano correra bem.

"Então... bom, você se lembra dos acontecimentos do seu primeiro ano em Hogwarts tão claramente quanto eu. Você enfrentou magnificamente o desafio que se apresentou e mais cedo, muito mais cedo do que eu previra, você se viu frente a frente com Voldemort. Mais uma vez você sobreviveu. E fez mais do que isso. Atrasou a recuperação dos poderes dele e de sua força. Você lutou como um homem adulto. Senti mais orgulho de você do que sou capaz de expressar.

"Contudo, havia uma falha nesse meu plano maravilhoso. Uma falha óbvia, que eu sabia, já então, que poderia pôr tudo a perder. No entanto, sabendo como era importante que o meu plano tivesse êxito, disse a mim mesmo que não permitiria que aquela falha o arruinasse. Somente eu poderia impedir isso, então somente eu precisava ser forte. E veio o meu primeiro teste, quando você estava deitado na ala hospitalar, enfraquecido pela luta com Voldemort."

– Não entendo o que o senhor está dizendo – falou Harry.

– Você não se lembra de ter me perguntado, quando estava na ala hospitalar, por que Voldemort tentara matá-lo ainda bebê?

Harry confirmou com a cabeça.

– Será que eu deveria ter lhe contado então?

Harry encarou os olhos azuis e não respondeu, mas seu coração disparou mais uma vez.

– Você ainda não está percebendo a falha do plano? Não... talvez não. Bom, como você sabe, eu preferi não lhe responder. Onze anos, disse a mim mesmo, era muito cedo para saber. Nunca pretendera lhe contar aos onze anos. O conhecimento seria uma carga pesada demais em uma idade tão tenra.

"Eu deveria ter reconhecido os sinais de perigo então. Deveria ter me perguntado por que não me sentia mais perturbado com o fato de você já ter feito a pergunta a que eu sabia que um dia precisava dar uma resposta terrível. Eu deveria ter reconhecido que estava me sentindo excessivamente feliz em pensar que não precisava respondê-la naquele dia... você era criança, criança demais.

"Então entramos no seu segundo ano em Hogwarts. E mais uma vez você enfrentou desafios que nem bruxos adultos tinham enfrentado; mais uma vez você se desincumbiu melhor do que no meu sonho mais ambicioso. Mas você não tornou a me perguntar por que Voldemort deixara aquela marca em você. Falamos sobre sua cicatriz, ah, sim... estivemos muitíssimo perto de tocar na questão principal. Por que não lhe contei tudo?

"Bom, me pareceu que doze anos eram, afinal, pouco mais que onze para

receber uma informação dessas. Permiti que você deixasse a minha presença, sujo de sangue, exausto mas eufórico, e senti um pequeno mal-estar porque talvez devesse ter lhe contado então, mas logo o mal-estar passou. Você ainda era tão jovem, entende, e não tive coragem de estragar aquela noite de triunfo...

"Você está vendo, Harry? Está vendo agora a falha do meu brilhante plano? Eu caíra na armadilha que previra, que dissera a mim mesmo que poderia evitar, que precisava evitar."

– Eu não...

– Eu me preocupava demais com você – disse Dumbledore com simplicidade. – Me preocupava mais com a sua felicidade do que com o seu conhecimento da verdade, mais com a sua paz de espírito do que com o meu plano, mais com a sua vida do que com as vidas que seriam perdidas se o plano fracassasse. Agi exatamente como Voldemort espera que nós, tolos, que amamos, façamos.

"Tenho defesa? Desafio qualquer um que tenha observado você como eu – e eu o tenho observado mais atentamente do que você pode ter imaginado – a não querer lhe poupar mais dor do que você já tem sofrido. Que me importavam as inúmeras pessoas e bichos sem nome nem rosto sacrificados em um futuro difuso, se no aqui e agora você estava vivo, bem e feliz? Nunca sonhei que seria responsável por alguém assim.

"Entramos no seu terceiro ano. Observei de longe você lutar para repelir Dementadores, quando encontrou Sirius, descobrir quem era ele e salvá-lo. Será que eu deveria ter lhe dito então, no momento em que triunfalmente arrebatara seu padrinho das garras do Ministério? Mas agora, aos treze anos, as minhas desculpas estavam se esgotando. Você poderia ser jovem, mas provara que era excepcional. Minha consciência se inquietou, Harry. Eu sabia que em breve a hora teria de chegar...

"Mas você saiu do labirinto no ano passado, depois de presenciar Cedrico Diggory morrer, de você mesmo ter escapado da morte por um triz... e eu não lhe contei, embora soubesse que agora que Voldemort retornara, precisava fazer isso sem demora. E hoje à noite, sei que está pronto há muito tempo para saber o que lhe escondi durante tanto tempo, porque você provou que eu já deveria ter colocado essa carga sobre seus ombros. Minha única defesa é que tenho observado você carregar mais pesos do que qualquer outro estudante que já passou por esta escola, e não tive coragem de acrescentar mais um: o maior de todos."

Harry esperou, mas Dumbledore não falou.

– Ainda não consigo entender.

– Voldemort tentou matá-lo quando você era criança por causa de uma profecia feita pouco antes do seu nascimento. Ele sabia da existência dessa

profecia, embora não conhecesse todo o seu conteúdo. Dispôs-se a matá-lo ainda bebê, acreditando que estava cumprindo os dizeres da profecia. Descobriu, à própria custa, que estava enganado, quando a maldição que ele lançara para matá-lo saiu pela culatra. Então, desde que recuperou o corpo, e particularmente desde a sua extraordinária fuga de suas mãos no ano passado, ele decidiu ouvir aquela profecia inteira. Esta é a arma que ele tem buscado com tanta diligência desde o seu retorno: o conhecimento de como destruí-lo.

O sol acabara de nascer totalmente agora: o escritório de Dumbledore estava banhado em luz. A redoma de vidro em que a espada de Godrico Gryffindor era guardada brilhava esbranquiçada e opaca, os cacos dos instrumentos que Harry atirara no chão refulgiam como gotas de chuva e, às suas costas, a pequenina fênix chilreava em seu ninho de cinzas.

– A profecia quebrou – disse Harry, confuso. – Eu estava puxando Neville para cima naqueles degraus de pedra na... na sala onde fica o arco, rasguei as vestes dele e a profecia caiu...

– A coisa que quebrou foi apenas o registro da profecia guardada pelo Departamento de Mistérios. Mas ela foi feita para alguém, e essa pessoa tem meios de lembrá-la perfeitamente.

– Quem a ouviu? – perguntou Harry, embora já conhecesse a resposta.

– Eu – disse Dumbledore. – Em uma noite fria e chuvosa, há dezesseis anos, em uma sala do primeiro andar no Cabeça de Javali. Eu tinha ido lá para ver uma candidata ao cargo de professora de Adivinhação, embora fosse contra o meu pensamento que se continuasse a ensinar essa disciplina. A candidata, porém, era trineta de uma Vidente muito famosa, muito talentosa, e achei que tinha o dever de cortesia de conhecê-la. Fiquei desapontado. Pareceu-me que a moça não tinha o menor vestígio daquele talento. Disse-lhe, gentilmente, espero, que não a achava qualificada para o cargo. E me virei para sair.

Dumbledore se levantou e passou por Harry em direção ao armário preto que ficava ao lado do poleiro de Fawkes. Curvou-se, correu um trinco e apanhou dentro do armário a bacia rasa de pedra, com as runas gravadas na borda, em que Harry vira seu pai atormentando Snape. O diretor voltou, colocou a Penseira em cima da escrivaninha e levou a varinha à têmpora. Dela, retirou fios sedosos, diáfanos e prateados de pensamentos e os depositou na bacia. Acomodou-se outra vez à escrivaninha e observou seus pensamentos rodopiarem flutuando na Penseira por um momento. Então, com um suspiro, ergueu a varinha e tocou, com a ponta, a substância prateada.

Ergueu-se da Penseira uma figura envolta em xales, os olhos enormes por trás dos óculos que girou lentamente, os pés dentro da bacia. Mas quando Sibila Trelawney falou, não foi com sua voz normal, etérea e mística, mas no tom

áspero e rouco que Harry a ouvira usar uma vez.

“Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar...”

A Profª Trelawney girando lentamente tornou a afundar no líquido prateado e desapareceu.

O silêncio no escritório era absoluto. Nem Dumbledore nem Harry, nem nenhum dos quadros, faziam o menor som. Até Fawkes silenciara.

– Prof. Dumbledore? – disse Harry baixinho, porque o diretor, ainda contemplando a Penseira, parecia completamente absorto em pensamentos. – ... Isso... isso significava... que significava isso?

– Significava que a pessoa que tem a única chance de vencer Lorde Voldemort para sempre nasceu no fim de julho, há quase dezesseis anos. Este menino nasceria de pais que já haviam desafiado Voldemort três vezes.

Harry sentiu como se alguma coisa se fechasse sobre ele. Sua respiração parecia outra vez penosa.

– Significa... eu?

Dumbledore respirou profundamente.

– O estranho, Harry – disse ele mansamente –, é que talvez nem significasse você. A profecia de Sibila poderia se aplicar a dois meninos bruxos, ambos nascidos no mês de julho daquele ano, os dois com pais na Ordem da Fênix, os pais de ambos tendo escapado por um triz de Voldemort três vezes. Um, é claro, era você. O outro era Neville Longbottom.

– Mas então... então, por que era o meu nome e não o de Neville que estava na profecia?

– O registro oficial foi rotulado de novo depois que Voldemort o atacou na infância. Pareceu claro para o encarregado da Sala da Profecia que Voldemort só poderia ter tentado matá-lo porque sabia que você era aquele a quem Sibila se referia.

– Então... talvez não fosse eu?

– Receio – disse Dumbledore lentamente, como se cada palavra lhe custasse um grande esforço – não haver dúvidas de que seja você.

– Mas o senhor disse... Neville nasceu no fim de julho também... e a mãe e o pai dele...

– Você está se esquecendo do resto da profecia, do sinal que identifica o menino capaz de vencer Voldemort... o próprio Voldemort *o marcaria como seu*

igual. E ele fez isso, Harry. Ele escolheu você, e não Neville. Marcou-o com essa cicatriz que tem provado ser uma bênção e uma maldição.

– Mas ele pode ter escolhido errado! Pode ter marcado a pessoa errada!

– Ele escolheu o menino que considerou ter maior probabilidade de lhe oferecer perigo. E repare, Harry: ele não escolheu o Sangue puro (que, de acordo com o credo dele, é o único tipo de bruxo que vale a pena ser ou conhecer), mas o mestiço, como ele próprio. Viu-se em você antes mesmo de ter visto você, e, ao marcá-lo com essa cicatriz, ele não o matou conforme pretendia, mas lhe concedeu poderes e um futuro, que o equiparam para escapar dele, não uma mas quatro vezes até o momento... algo que nem os seus pais nem os de Neville jamais conseguiram.

– Por que ele fez isso então? – perguntou Harry, que se sentia entorpecido e gelado. – Por que tentou me matar ainda bebê? Ele deveria ter esperado para ver se Neville ou eu parecíamos mais perigosos quando estivéssemos mais velhos e tentado matar quem fosse então...

– Este teria sido, de fato, o caminho mais prático, exceto que a informação que Voldemort tinha sobre a profecia estava incompleta. O Cabeça de Javali, que Sibila escolheu por ser mais barato, há muito tempo atrai, digamos, uma clientela mais interessante do que o Três Vassouras. Como você e seus amigos descobriram às próprias custas, e eu à minha, àquela noite, é um lugar em que jamais é seguro supor que ninguém está nos ouvindo. Naturalmente, eu nem sonhava, quando saí para me encontrar com Sibila Trelawney, que fosse ouvir alguma coisa que valesse a pena. Minha... nossa... única sorte foi que a pessoa que nos ouvia foi descoberta, quando a profecia mal se iniciara, e expulsa do prédio.

– Então só ouviu...?

– Ele só ouviu o início, a parte que predizia o nascimento de um menino em julho, cujos pais haviam desafiado Voldemort três vezes. Em consequência, ele não pôde avisar ao seu senhor que atacá-lo seria correr o risco de transferir poderes para você e marcá-lo como seu igual. Então Voldemort nunca soube que poderia ser perigoso atacá-lo, que poderia ser mais sensato esperar, saber mais. Ele não sabia que você teria o *poder que o Lorde das Trevas desconhece*...

– Mas eu não tenho – protestou Harry com a voz estrangulada. – Não tenho nenhum poder que o lorde não tenha, eu não poderia lutar como ele lutou esta noite, não sou capaz de possuir pessoas nem... nem matá-las...

– Há uma sala no Departamento de Mistérios – interrompeu-o Dumbledore – que está sempre trancada. Contém uma força mais maravilhosa e mais terrível do que a morte, do que a inteligência humana, do que as forças da natureza. E talvez seja também o mais misterioso dos muitos objetos de estudo que são guardados

lá. É o poder guardado naquela sala que você possui em grande quantidade, e que Voldemort não possui. Esse poder o levou a tentar salvar Sirius hoje à noite. Esse poder também o salvou de ser possuído por Voldemort, porque ele não poderia suportar residir em um corpo tomado por uma força que ele detesta. No fim, não teve importância que você não pudesse fechar sua mente. Foi o seu coração que o salvou.

Harry fechou os olhos. Se não tivesse ido salvar Sirius, o padrinho não teria morrido... Mais para adiar o momento que teria de pensar nele outra vez, Harry perguntou, sem se preocupar muito com a resposta:

– O final da profecia... falava... *nenhum poderá viver*...

– ... *enquanto o outro sobreviver*... – completou Dumbledore.

– Então – disse Harry, retirando do peito as palavras do que lhe parecia um poço de profundo desespero –, então isso significa que... que um de nós terá de matar o outro... no fim?

– Sim.

Durante muito tempo, nenhum dos dois falou. Em algum lugar muito distante das paredes do escritório, Harry ouviu o som de vozes, de estudantes descendo para o Salão Principal para tomar café cedo, talvez. Parecia impossível que houvesse gente no mundo que ainda desejasse comer, que risse, que não soubesse nem ligasse que Sirius Black tivesse partido para sempre. O padrinho parecia já estar a milhões de quilômetros; mesmo agora, uma parte de Harry ainda acreditava que se ao menos tivesse afastado aquele véu, teria encontrado Sirius olhando para ele, cumprimentando-o talvez, com aquela risada rouca feito um latido...

– Sinto que lhe devo mais uma explicação, Harry – disse Dumbledore hesitante. – Você talvez tenha se perguntado por que nunca o escolhi para monitor? Devo confessar... que preferi... você já tinha responsabilidade suficiente.

Harry ergueu a cabeça para ele e viu uma lágrima escorrer pelo rosto de Dumbledore e desaparecer em suas longas barbas prateadas.

— CAPÍTULO TRINTA E OITO —
Começa a Segunda Guerra

RETORNA AQUELE-QUE-NÃO-DEVE-SER-NOMEADO

Em breve declaração na sexta-feira à noite, o ministro da Magia Cornélio Fudge confirmou que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado retornou ao país e já começou a agir.

"É com grande pesar que confirmo que o bruxo que se autodenomina Lorde, bom, vocês sabem a quem me refiro, está vivo e mais uma vez entre nós", disse Fudge, parecendo cansado e nervoso ao se dirigir aos repórteres. "É quase com igual pesar que informamos a ocorrência de uma rebelião em massa dos Dementadores de Azkaban, que demonstraram sua insatisfação em continuar a servir ao Ministério. Acreditamos que os Dementadores estão presentemente recebendo ordens do Lorde... das quantas.

"Pedimos à população mágica que se mantenha vigilante. O Ministério está presentemente publicando guias de defesa doméstica e pessoal que serão distribuídos gratuitamente em todas as residências bruxas no próximo mês."

A declaração do ministro foi recebida com consternação e sobressalto pela comunidade bruxa, que ainda na quarta-feira recebia garantias do Ministério de que não havia "fundamento algum nos persistentes boatos de que Você-Sabe-Quem estivesse mais uma vez agindo entre nós".

Os detalhes dos acontecimentos que provocaram essa reviravolta ministerial ainda são nebulosos, embora se acredite que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado e um seleto grupo de seguidores (conhecidos como Comensais da Morte) conseguiram entrar no próprio Ministério da Magia na noite de quinta-feira...

Alvo Dumbledore, reconduzido ao cargo de diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, e igualmente ao de membro da Confederação Internacional de Bruxos e de presidente da Suprema Corte dos Bruxos, ainda não fez declarações à imprensa. Durante o último ano ele insistiu que Você-

Sabe-Quem não estava morto, como todos desejavam e acreditavam, mas andava novamente recrutando seguidores para outra tentativa de tomar o poder. Entrementes, "O-Menino-Que-Sobreviveu"...

– Taí, Harry, eu sabia que iam arranjar um jeito de meter você nessa história – disse Hermione, olhando por cima do jornal para o amigo.

Os garotos estavam na ala hospitalar. Harry se sentara na ponta da cama de Rony, e os dois ouviam Hermione ler a primeira página do *Profeta Dominical*. Gina, cujo tornozelo fora curado num instante por Madame Pomfrey, estava encolhida aos pés da cama de Hermione; Neville, cujo nariz fora igualmente restaurado ao tamanho e forma naturais, se acomodara em uma cadeira entre as duas camas; e Luna, que aparecera para visitá-los, trazendo a última edição do *Pasquim*, estava lendo a revista de cabeça para baixo, aparentemente sem ouvir uma palavra do que Hermione dizia.

– Mas ele voltou a ser o "menino que sobreviveu" não é? – disse Rony sombriamente. – Não é mais um exibicionista delirante, eh?

Ele se serviu de um punhado de Sapos de Chocolate na imensa pilha ao lado do seu armário de cabeceira, atirou alguns para Harry, Gina e Neville, e cortou a embalagem do seu com os dentes. Ainda havia fundos vergões em seus braços, onde os tentáculos do cérebro tinham se enrolado. Segundo Madame Pomfrey, os pensamentos podiam deixar marcas mais profundas do que qualquer outra coisa, embora, depois que ela começara a aplicar generosas quantidades do Unguento do Olvido do Dr. Ubbly, parecesse ter havido alguma melhora.

– É, eles agora falam de você elogiosamente, Harry – disse Hermione, passando os olhos pelo artigo. *Uma voz solitária da verdade... considerado desequilibrado, mas que jamais vacilou em sua história... forçado a suportar a ridicularia e a calúnia...* – Hummm! – exclamou ela franzindo a testa: – Pelo visto esqueceram de mencionar que foi o próprio *Profeta* que ridicularizou e caluniou você...

Ela fez uma pequena careta e levou a mão às costelas. O feitiço que Dolohov usara contra ela, embora menos eficaz do que teria sido se o bruxo tivesse podido dizer o encantamento em voz alta, ainda assim causara, nas palavras de Madame Pomfrey, "estragos suficientes para ocupá-la". Hermione precisava tomar dez tipos de poções todos os dias, melhorava visivelmente, e já se sentia chateada na ala hospitalar.

– *A última tentativa de Você-Sabe-Quem para assumir o poder (pp. 2, 3, 4), O que o ministro devia nos ter dito (p. 5), Por que ninguém deu ouvidos a Alvo Dumbledore (pp. 6, 7, 8), Entrevista exclusiva com Harry Potter (p. 9)...* Bom – comentou Hermione, fechando o jornal e atirando-o para o lado –, não há dúvida

de que tiveram muito assunto para comentar. E a entrevista com Harry não é exclusiva, é a que foi publicada no *Pasquim* há meses...

– Papai a vendeu ao *Profeta* – disse Luna vagamente, virando a página do seu exemplar do *Pasquim*. – E conseguiu um bom preço, então vamos fazer uma expedição à Suécia no verão para ver se capturamos um Bufador de Chifre Enrugado.

Hermione pareceu se debater intimamente por um momento, então disse:

– Parece uma ótima ideia.

O olhar de Gina encontrou o de Harry, e ela o desviou depressa com um sorriso.

– Então – disse Hermione, se sentando mais reta e fazendo outra careta. – Que é que está acontecendo na escola?

– Bom, Flitwick fez desaparecer o pântano de Fred e Jorge – disse Gina. – Em uns três segundos. Mas deixou um pedacinho debaixo da janela e passou um cordão de isolamento...

– Por quê? – perguntou Hermione, espantada.

– Ah, ele diz que foi uma mágica realmente muito boa – disse Gina, encolhendo os ombros.

– Acho que deixou como um monumento a Fred e Jorge – disse Rony, com a boca cheia de chocolate. – Eles é que me mandaram tudo isso, sabe – disse a Harry, apontando para a pilha de Sapos. – Devem estar faturando bem com aquela loja de logros, eh?

Hermione fez uma cara de censura e perguntou:

– Então, todas as confusões terminaram agora que Dumbledore voltou?

– Terminaram – disse Neville –, tudo voltou ao normal.

– Suponho que Filch esteja feliz, não? – perguntou Rony, apoiando o cartão do Sapo de Chocolate com a cara de Dumbledore em sua jarra de água.

– Que nada – disse Gina. – Está realmente muito, mas muito infeliz mesmo... – Ela baixou a voz e sussurrou: – Não para de repetir que Umbridge foi a melhor coisa que já aconteceu a Hogwarts...

Os seis garotos olharam para o lado. A Profª Umbridge estava deitada na cama oposta, contemplando o teto. Dumbledore entrara sozinho na Floresta para salvá-la dos centauros; como fizera isso – como saíra do meio das árvores amparando a Profª Umbridge, sem nem um arranhão –, ninguém soube, e Umbridge com certeza não iria contar. Desde que voltara ao castelo, e até onde eles sabiam, não dissera uma única palavra. Ninguém realmente sabia qual era o problema dela, tampouco. Os cabelos cor de rato, em geral cuidadosamente penteados, estavam revoltos e ainda havia pedacinhos de gravetos e folhas presos neles, mas, de

outro modo, parecia estar inteira.
– Madame Pomfrey diz que está sofrendo de choque – sussurrou Hermione.
– Parece mais rabugice – arriscou Gina.
– É, mas ela dá sinal de vida se você fizer isso – disse Rony, imitando o som de um galope com a língua. Umbridge se sentou imediatamente, olhando para os lados alucinada.
– Algum problema, professora? – perguntou Madame Pomfrey, metendo a cabeça para fora da porta do seu consultório.
– Não... não... – respondeu Umbridge, tornando a afundar nos travesseiros. – Não, devo ter sonhado...
Hermione e Gina abafaram as risadas nas cobertas.
– E por falar em centauros – disse Hermione quando se recuperou um pouco do acesso de riso –, quem é o professor de Adivinhação agora? Firenze vai continuar?
– Tem de continuar – respondeu Harry –, os outros centauros não querem aceitá-lo de volta, ou querem?
– Parece que ele e Trelawney vão ensinar a disciplina – comentou Gina.
– Aposto como Dumbledore gostaria de ter conseguido se livrar da Trelawney para sempre – comentou Rony, agora mastigando o décimo quarto Sapo. – Mas, veja bem, a disciplina não serve para nada, se querem saber a minha opinião, Firenze não é muito melhor...
– Como pode dizer uma coisa dessas? – Hermione o interpelou. – Depois de termos acabado de descobrir que *existem* profecias verdadeiras?
O coração de Harry começou a disparar. Não contara a Rony, Hermione nem a ninguém o que dizia a profecia. Neville tinha falado a eles que a profecia se espatifara quando Harry o arrastava para o alto na Sala da Morte, e Harry ainda não corrigira essa impressão. Não estava preparado para ver a expressão no rosto dos amigos quando dissesse que teria de ser ou assassino ou vítima, que não havia opção.
– Foi uma pena ter quebrado – comentou Hermione em voz baixa, balançando a cabeça.
– Foi – concordou Rony. – Mas pelo menos Você-Sabe-Quem também não descobriu o que dizia... aonde é que você vai? – acrescentou, parecendo ao mesmo tempo surpreso e desapontado ao ver Harry se levantar.
– Aa... à cabana de Hagrid. Sabe, ele acabou de chegar e prometi que iria até lá para vê-lo e dar notícias de vocês.
– Ah, tudo bem então – resmungou Rony, olhando pela janela da enfermaria para o pedaço de céu muito azul além. – Gostaria que a gente pudesse ir também.

– Dá um alô a ele por nós! – falou Hermione, quando Harry ia saindo da enfermaria. – E pergunta a ele o que está acontecendo com... com o amiguinho dele!

Harry fez um aceno para indicar que ouvira e entendera, e foi embora.

O castelo parecia muito silencioso mesmo para um domingo. Era evidente que todos estavam nos jardins ensolarados, aproveitando o fim dos exames e a perspectiva de um finalzinho de trimestre sem revisões nem deveres de casa. Harry caminhou lentamente pelo corredor deserto, espiando pelas janelas no caminho; viu alguns alunos brincando por cima do campo de quadribol e outros nadando no lago, acompanhados pela lula-gigante.

Estava achando difícil decidir se queria ou não a companhia das pessoas; sempre que estava acompanhado queria ir embora e sempre que estava sozinho queria companhia. Achou que era melhor ir realmente visitar Hagrid, porque ainda não falara com ele direito desde a sua volta...

Harry acabara de descer o último degrau de mármore para o Saguão de Entrada quando Malfoy, Crabbe e Goyle surgiam por uma porta da direita que ele sabia levar à sala comunal da Sonserina. Harry se imobilizou; o mesmo fizeram Malfoy e os outros. Os únicos sons que se ouviam eram os gritos, as risadas e os mergulhos que entravam no saguão pelas portas abertas.

Malfoy olhou para os lados – Harry sabia que o garoto estava verificando se havia sinal de professores – e depois para Harry, e disse em voz baixa.

– Você está morto, Harry.

Harry ergueu as sobrancelhas.

– Engraçado, então eu deveria ter parado de circular por aí...

Malfoy parecia mais furioso do que Harry jamais o vira; sentiu uma espécie de satisfação distante à vista daquele rosto pontudo e pálido contorcido de raiva.

– Você vai me pagar – disse Malfoy em um tom que era quase um sussurro. – *Vou* fazer você pagar pelo que fez ao meu pai...

– Bom, agora fiquei aterrorizado – disse Harry sarcasticamente. – Suponho que Lorde Voldemort tenha sido apenas um aquecimento comparado a vocês três... qual é o problema? – acrescentou, pois Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam chocados ao ouvir aquele nome. – Ele é um companheiro do seu pai, não é? Você não tem medo dele, tem?

– Você se acha um grande homem, Potter – disse Malfoy avançando agora, ladeado por Crabbe e Goyle. – Espere só. Vou arrebentar você. Pensa que pode meter meu pai na prisão...

– Pensei que tivesse acabado de fazer isso.

– Os Dementadores abandonaram Azkaban – disse Malfoy sem se alterar. – Meu pai e os outros vão sair logo, logo.

– É, imagino que sim. Mas pelo menos agora todo o mundo sabe os canalhas que eles são...

A mão de Malfoy voou para a varinha, mas Harry foi mais rápido; puxara a própria varinha antes que os dedos de Malfoy sequer tivessem entrado no bolso das vestes.

– Potter!

A voz ecoou pelo Saguão de Entrada. Snape aparecera no alto da escada que levava ao seu escritório e, ao vê-lo, Harry sentiu um grande assomo de ódio que superou qualquer sentimento com relação a Malfoy... Dumbledore dissesse o que dissesse, ele jamais perdoaria Snape... jamais...

– Que está fazendo, Potter? – interpelou-o Snape, frio como sempre, ao caminhar decidido para os quatro meninos.

– Estou tentando me decidir que feitiço lançar no Malfoy, professor – disse com ferocidade.

Snape encarou-o.

– Guarde essa varinha agora – disse secamente. – Dez pontos a menos para Grif...

Snape olhou para as gigantescas ampulhetas nas paredes e sorriu com desdém.

– Ah, estou vendo que não restaram pontos na ampulheta da Grifinória para se subtrair nada. Neste caso, Potter, teremos simplesmente de...

– Acrescentar mais alguns?

A Profª McGonagall acabara de subir mancando os degraus de entrada do castelo; trazia uma maleta de tecido escocês em uma das mãos e se apoiava pesadamente em uma bengala com a outra, mas de outro modo parecia bastante bem.

– Profª McGonagall! – exclamou Snape, se adiantando. – Vejo que teve alta do St. Mungus!

– Tive, Prof. Snape – disse ela, tirando a capa de viagem com um trejeito de ombro. – Estou quase nova. Vocês dois... Crabbe... Goyle...

Com um gesto autoritário, ela mandou que os garotos se aproximassem e eles obedeceram, desajeitados, arrastando os enormes pés.

– Tomem – disse a professora, atirando a maleta no peito de Crabbe e a capa no de Goyle –, levem isso para o meu escritório.

Eles se viraram e se foram escada acima.

– Muito bem, então – disse a Profª McGonagall, olhando para as ampulhetas na parede. – Bom, acho que Potter e seus amigos devem receber cada um cinquenta pontos por alertarem o mundo para o retorno de Você-Sabe-Quem! Que é que o senhor diz, professor?

– Quê? – retorquiu Snape, embora Harry soubesse que ele ouvira perfeitamente. – Ah... bom... suponho...

– Então, são cinquenta para Potter, para os dois Weasley, para Longbottom e a Srta. Granger. – E uma chuva de rubis desceu para a bolha inferior na ampulheta da Grifinória enquanto ela falava. – Ah... e cinquenta pontos para a Srta. Lovegood, suponho – acrescentou, e o número mencionado de safiras caiu na ampulheta da Corvinal. – Agora, o senhor queria descontar dez do Sr. Potter, Prof. Snape... então aí estão...

Alguns rubis voltaram ao bulbo superior, mas deixaram embaixo uma respeitável quantidade.

– Bom, Potter, Malfoy, acho que vocês deviam estar lá fora em um belo dia como este – continuou a professora com energia.

Harry não precisou que ela falasse duas vezes; meteu a varinha no bolso das vestes e rumou para as portas de entrada, sem mais olhar para Snape nem Malfoy.

O sol forte o atingiu com impacto quando atravessou os gramados em direção à cabana de Hagrid. Os estudantes que estavam deitados na grama tomando banho de sol, conversando, lendo o *Profeta Dominical* e comendo doces, se viraram para olhá-lo quando ele passou; alguns o chamaram, ou então acenaram, claramente pressurosos em mostrar que, tal como o *Profeta*, haviam decidido que ele era uma espécie de herói. Harry não falou com ninguém. Não fazia ideia do quanto eles sabiam sobre o que acontecera há três dias, mas evitara até ali que o interrogassem e preferia continuar assim.

Quando bateu na porta de Hagrid, achou primeiro que ele estivesse fora, mas Canino surgiu pelo canto da cabana e quase o derrubou, no entusiasmo de lhe dar boas-vindas. Hagrid, veio a descobrir, estava colhendo legumes em sua horta.

– Tudo bem, Harry! – disse ele, sorridente, quando o garoto se aproximou da cerca. – Entre, entre, vamos tomar um copo de suco de dente-de-leão... Como vão as coisas? – perguntou Hagrid ao se sentarem à mesa de madeira com seus copos de suco gelado. – Você... ah... está se sentindo bem, não está?

Harry entendeu, pela expressão preocupada no rosto de Hagrid, que ele não estava se referindo à sua saúde física.

– Estou ótimo – apressou-se a responder, porque não suportaria discutir o que sabia estar na cabeça de Hagrid. – Então, onde andou?

– Estive escondido nas montanhas. Em uma caverna, como Sirius quando...

Hagrid interrompeu a frase, pigarreou sem disfarces, olhou para Harry e tomou um longo gole do suco.

– De qualquer jeito, agora estou de volta – concluiu debilmente.

– Você... você está com uma cara melhor – continuou, decidido a manter a

conversa afastada de Sirius.
– Quê?! – exclamou Hagrid, erguendo a mão enorme e apalpando o rosto. – Ah... ah, estou. Bom, Grope está muito mais comportado agora, muito mais. Ficou bem feliz de me ver quando voltei, para dizer a verdade. Na verdade, ele é um bom rapaz... Tenho até pensado em arranjar uma namorada para ele...
Normalmente Harry teria tentado convencer Hagrid a abandonar a ideia na mesma hora; a perspectiva de um segundo gigante vir morar na Floresta, talvez mais selvagem e brutal do que Grope, era positivamente alarmante, mas Harry não conseguiu reunir a energia necessária para discutir o problema. Começava outra vez a desejar estar sozinho e, com a ideia de apressar a partida, tomou vários goles do suco de dente-de-leão, esvaziando metade do copo.
– Agora todo o mundo sabe que você andou contando a verdade, Harry – disse Hagrid branda e inesperadamente. – Assim vai ser melhor, não?
Harry encolheu os ombros.
– Escute... – Hagrid se curvou para ele por cima da mesa – conheci Sirius mais tempo do que você... ele morreu lutando, e é assim que teria querido partir...
– Ele não queria partir! – disse Harry, zangado.
Hagrid baixou a cabeça desgrenhada.
– Não, acho que não queria – disse em voz baixa. – Mas ainda assim, Harry... ele nunca foi de ficar sentado em casa deixando os outros lutarem por ele. Não teria se perdoado se não tivesse ido ajudar...
Harry se ergueu de repente.
– Tenho que ir visitar Rony e Hermione na ala hospitalar – disse maquinalmente.
– Ah! – exclamou Hagrid parecendo muito perturbado. – Ah... tudo bem então, Harry... cuide-se, então, e dê uma passada por aqui se tiver um mo...
– É... certo...
Ele rumou para a porta o mais rápido que pôde e a abriu; estava fora da cabana e atravessava os gramados ensolarados antes que Hagrid terminasse de se despedir. De novo, as pessoas o chamaram quando passou. Fechou os olhos por um instante, desejando que todos sumissem, que ele pudesse reabri-los e se ver sozinho nos jardins...
Alguns dias atrás, antes dos exames terminarem e ele ter tido a visão que Voldemort plantara em sua mente, Harry teria dado quase tudo que lhe pedissem para o mundo bruxo admitir que estivera dizendo a verdade, para acreditar que Voldemort retornara e reconhecer que ele não era mentiroso nem louco. Agora, porém...
Ele acompanhou a curva do lago por algum tempo, sentou-se na margem,

abrigando-se dos olhares dos que passavam atrás de um emaranhado de arbustos, e ficou contemplando a água cintilante, refletindo...

Talvez a razão pela qual queria estar só fosse a sensação de isolamento desde a sua conversa com Dumbledore. Uma barreira invisível o separava do resto do mundo. Era – e sempre fora – um homem marcado. Apenas nunca entendera realmente o que isto significava...

E, no entanto, sentado ali à beira do lago, com o peso terrível da dor a oprimi-lo, com a perda de Sirius ainda tão sangrenta e recente em seu peito, ele não conseguia sentir nenhum grande temor. Fazia um dia ensolarado, os jardins à sua volta estavam cheios de gente que ria e, embora se sentisse distante deles como se pertencesse a uma raça à parte, ainda era muito difícil acreditar que sua vida tinha de incluir o assassinato ou nele terminar...

Ficou sentado ali muito tempo, contemplando a água, tentando não pensar no padrinho, nem lembrar que fora na outra margem diretamente oposta que Sirius uma vez tombara, tentando afastar cem Dementadores...

O sol já se pusera quando ele percebeu que sentia frio. Levantou-se e voltou ao castelo, enxugando o rosto na manga pelo caminho.

Rony e Hermione deixaram a ala hospitalar completamente curados, três dias antes de terminar o trimestre. Hermione não parava de sinalizar que desejava falar sobre Sirius, mas Rony quase sempre a fazia calar com “psius”, sempre que ela mencionava aquele nome. Harry ainda não tinha certeza se já queria ou não falar sobre o padrinho; seu desejo variava com o seu humor. Mas sabia de uma coisa: por mais que estivesse infeliz no momento, sentiria uma enorme falta de Hogwarts dentro de alguns dias, quando voltasse ao número quatro da rua dos Alfeneiros. Ainda que agora compreendesse exatamente a necessidade de voltar lá todo verão, não se sentia melhor. De fato, nunca receara tanto voltar.

A Profª Umbridge deixou Hogwarts um dia antes do fim do trimestre. Aparentemente, tinha saído escondida da ala hospitalar durante o jantar, com a evidente esperança de partir despercebida, mas, por azar, encontrara Pirraça no caminho, que aproveitou essa última oportunidade para fazer o que Fred mandara e correra com ela alegremente do castelo, batendo-lhe ora com uma bengala ora com uma meia cheia de giz. Muitos estudantes acorreram ao Saguão de Entrada para vê-la fugir estrada abaixo, e os diretores das Casas fizeram apenas meios esforços para contê-los. De fato, a Profª McGonagall recostara-se em sua cadeira à mesa dos professores depois de fazer algumas advertências, mas teve quem a ouvisse dizer claramente que lamentava não poder correr aos vivas atrás da Umbridge, porque Pirraça pedira emprestada sua bengala.

Chegou a última noite na escola; a maioria dos alunos terminara de fazer as

malas e já estava descendo para o banquete de encerramento, mas Harry nem sequer começara.

– Faça as malas amanhã! – disse Rony, que o aguardava à porta do dormitório. – Anda, estou faminto.

– Não vou demorar... olha, vai andando...

Mas quando a porta do dormitório fechou atrás de Rony, Harry não fez esforço para apressar a arrumação das malas. A última coisa que queria fazer era participar do banquete de encerramento. Estava preocupado que Dumbledore fizesse alguma referência a ele em seu discurso. Com certeza mencionaria o retorno de Voldemort; afinal fizera isso no ano anterior...

Harry puxou algumas roupas amarrotadas do fundo do malão para dar espaço às que dobrara e, ao fazer isso, reparou em um embrulho malfeito em um canto. Não conseguia imaginar o que aquilo estaria fazendo ali. Abaixou-se, tirou-o de baixo dos tênis e o examinou.

Em segundos percebeu o que era. Sirius lhe dera à porta do largo Grimmauld número doze. *"Use se precisar de mim, está bem?"*

Harry afundou na cama e desfez o embrulho. De dentro, caiu um pequeno espelho quadrado. Parecia antigo; sem dúvida estava sujo. Harry aproximou-o do rosto e viu a própria imagem a mirá-lo.

Virou o espelho. Atrás havia um bilhete com a letra de Sirius.

> *Este é um espelho de dois sentidos, tenho o par. Se você precisar falar comigo, diga a ele o meu nome; você aparecerá no meu espelho e poderei falar no seu. Tiago e eu costumávamos usá-los quando estávamos cumprindo detenções separados.*

O coração de Harry disparou. Lembrou-se de ter visto seus pais mortos no Espelho de Ojesed, há quatro anos. Ia poder falar outra vez com Sirius neste instante, sentia...

Olhou para os lados para verificar se haveria mais alguém ali; o dormitório estava vazio. Ele voltou sua atenção para o espelho, aproximou-o do rosto com as mãos trêmulas e disse em voz alta e clara:

– Sirius.

Seu hálito embaçou a superfície do espelho. Trouxe-o mais para perto, a excitação invadindo-o, mas os olhos que piscavam para ele difusamente eram decididamente os seus.

Ele tornou a limpar o espelho e disse, de modo que cada sílaba ecoasse claramente pelo quarto:

– Sirius Black!

Nada aconteceu. O rosto frustrado que o mirou no espelho continuava a ser, sem dúvida, o próprio...

Sirius não levou o espelho com ele quando cruzou o arco, disse uma vozinha em sua cabeça. Por *isso é* que não está funcionando...

Harry ficou muito quieto por um momento, depois atirou o espelho de volta ao malão, onde se estilhaçou. Estivera convencido por todo um fulgurante minuto de que iria ver Sirius, falar outra vez com ele...

O desapontamento queimava sua garganta; ele se levantou e começou a atirar suas coisas de qualquer jeito no malão, por cima do espelho quebrado...

Mas então ocorreu-lhe uma ideia... uma ideia melhor do que a do espelho... uma ideia muito maior e mais importante... como não pensara nisso antes – por que nunca perguntara?

Saiu correndo do dormitório, desceu a escada circular batendo nas paredes sem reparar; precipitou-se pela sala comunal deserta, atravessou o buraco do retrato e continuou correndo pelo corredor, ignorando a Mulher Gorda que gritou para ele: "O banquete vai começar, sabe, você está em cima da hora!"

Mas Harry não tinha a menor intenção de ir ao banquete...

Como era possível que o castelo estivesse cheio de fantasmas quando não se precisava deles, e agora...

Ele correu pelas escadas e corredores e não encontrou ninguém, nem vivo nem morto. Estavam todos, era claro, no Salão Principal. À porta da sala de Feitiços, ele parou, ofegante, pensando desconsolado que teria de esperar até mais tarde, até depois do banquete...

Mas quando acabara de desistir, ele o viu: alguém translúcido flutuando no fim do corredor.

– Eu... ei, Nick! NICK!

O fantasma puxou a cabeça para fora da parede, revelando um extravagante chapéu emplumado e a cabeça precariamente equilibrada de Sir Nicholas de Mimsy-Porpington.

– Boa-noite – cumprimentou ele, puxando o restante do corpo para fora da pedra sólida, e sorrindo para Harry. – Então não sou o único que está atrasado? Embora – suspirou –, em um sentido diferente, é claro.

– Nick, posso lhe perguntar uma coisa?

Uma expressão muito estranha perpassou o rosto de Nick Quase Sem Cabeça, ao mesmo tempo que inseria um dedo na gola de babados engomados ao pescoço e a endireitava, aparentemente para se dar um tempo de pensar. Só desistiu quando seu pescoço parcialmente decapitado pareceu prestes a desabar.

– Ah... agora, Harry? – perguntou sem jeito. – Não pode esperar até acabar o banquete?

– Não... Nick... por favor. Preciso realmente falar com você. Podemos entrar aqui?
Harry abriu a porta da sala de aula mais próxima, e Nick Quase Sem Cabeça suspirou.
– Ah, muito bem – disse ele, conformado. – Não posso fingir que não estivesse esperando.
Harry segurou a porta aberta para ele, mas o fantasma atravessou a parede da sala de aula.
– Esperando o quê? – perguntou Harry, fechando a porta.
– Você vir me procurar – disse ele, agora deslizando até a janela e contemplando os jardins onde caía a noite. – Acontece às vezes... quando alguém sofreu uma... perda.
– Bom – disse Harry, recusando-se a se desviar do assunto. – Você estava certo, vim... vim procurá-lo.
Nick não respondeu.
– É... – começou Harry, que estava achando a situação mais desconfortável do que previra – é que... você está morto. Mas continua aqui, não é?
Nick suspirou e continuou a contemplar os jardins.
– Estou certo, não? – insistiu Harry. – Você morreu, mas estou falando com você... você pode andar por Hogwarts e tudo, não é?
– É – disse Nick Quase Sem Cabeça em voz baixa. – Eu ando e falo, é verdade.
– Então você voltou, não? As pessoas podem voltar, certo? Como fantasmas. Não têm de desaparecer completamente. *Então?* – acrescentou impaciente, ao ver que Nick continuava calado.
O fantasma hesitou, então disse:
– Não é todo o mundo que pode voltar como fantasma.
– Como assim? – Harry se apressou a perguntar.
– Só... só bruxos.
– Ah! – exclamou Harry, e quase riu de alívio. – Bom, então tudo bem, a pessoa de quem estou falando é um bruxo. Então ele pode voltar, certo?
Nick se afastou da janela e fitou Harry, pesaroso.
– Ele não voltará.
– Quem?
– Sirius Black.
– Mas você voltou! – disse Harry, zangado. – Você voltou... você está morto e não desapareceu...
– Bruxos podem deixar uma impressão deles na terra, deslizar palidamente por onde andaram quando vivos – explicou Nick, infeliz. – Mas muito poucos

bruxos fazem essa opção.
– Por que não? – perguntou Harry. – De qualquer maneira... não é importante... Sirius não vai se importar de ser diferente, ele vai voltar, eu sei que vai!
E tão forte era sua crença, que Harry virou a cabeça para a porta, certo, por uma fração de segundo, de que ia ver Sirius, branco-pérola e transparente, mas sorrindo, atravessar a porta ao seu encontro.
– Ele não voltará – repetiu Nick. – Terá prosseguido.
– Que quer dizer com "prosseguido"? – perguntou Harry depressa. – Para onde? Escute... afinal, o que acontece quando a pessoa morre? Aonde vai? Por que nem todos voltam? Por que o castelo não está cheio de fantasmas? Por que...
– Não sei responder.
– Você está morto, não está? – disse Harry, exasperado. – Quem pode responder melhor do que você?
– Eu tive medo da morte – disse Nick brandamente. – Preferi ficar. Às vezes me pergunto se não deveria... bom, isto que você vê não é cá nem lá... de fato, *eu* não estou cá nem lá... – Ele deu uma risadinha triste. – Não conheço os segredos da morte, Harry, porque escolhi uma fraca imitação da vida. Acredito que bruxos cultos estudem essa questão no Departamento de Mistérios...
– Não fale daquele lugar para mim! – exclamou Harry com ferocidade.
– Lamento não ter podido ajudar mais – disse Nick com gentileza. – Bom... bom... por favor, agora me dê licença... o banquete, sabe...
E ele saiu da sala, deixando Harry sozinho, contemplando, sem ver, a parede pela qual Nick desaparecera.
Harry sentiu-se quase como se tivesse perdido o padrinho outra vez, ao perder a esperança de que pudesse tornar a ver ou falar com ele. Caminhou em passos lentos pelo castelo deserto, se perguntando se voltaria a sentir alegria.
Acabara de virar em direção ao corredor da Mulher Gorda quando viu alguém mais adiante, pregando uma nota em um quadro de avisos na parede. Olhando de novo, viu que era Luna. Não havia nenhum bom esconderijo por perto, ela certamente teria ouvido os seus passos, e Harry não conseguiria reunir energia para evitar ninguém naquele momento.
– Alô – disse Luna vagamente, virando a cabeça para ele ao se afastar do quadro.
– Por que é que você não está no banquete? – perguntou Harry.
– Bom, perdi a maior parte dos meus pertences – disse Luna serenamente. – As pessoas os apanham e escondem, entende. Mas como é a última noite, eu realmente preciso deles, então estou pregando avisos.
Ela indicou com um gesto o quadro de avisos, no qual, de fato, pregara uma

lista com todos os livros e roupas desaparecidos, pedindo que lhe fossem devolvidos.

Uma sensação estranha nasceu em Harry; uma emoção bem diferente da raiva e da dor que o dominavam desde a morte de Sirius. Levou algum tempo até perceber que estava sentindo pena de Luna.

– Por que as pessoas escondem suas coisas? – perguntou ele, enrugando a testa.

– Ah... bom... – Luna encolheu os ombros. – Acho que pensam que sou meio excêntrica, entende. De fato, algumas pessoas me chamam Di-lua Lovegood.

Harry olhou para Luna e a nova sensação de pena se intensificou dolorosamente.

– Isto não é razão para tirarem o que é seu – concluiu ele. – Você quer ajuda para encontrá-los?

– Ah, não – disse ela sorrindo. – As coisas voltam, sempre voltam no fim. É só que eu queria fazer as malas hoje à noite. De qualquer jeito... por que é que *você* não está no banquete?

Harry sacudiu os ombros.

– Não estava a fim.

– Não – disse Luna, observando-o com aqueles olhos estranhamente enevoados e protuberantes. – Suponho que não. O homem que os Comensais da Morte mataram era seu padrinho, não era? Gina me contou.

Harry fez um breve aceno, mas descobriu que por alguma razão não se incomodava que Luna falasse de Sirius. Acabara de lembrar que ela também via Testrálios.

– Você já... – começou ele. – Quero dizer, quem... alguém que você conhecia morreu?

– Morreu – disse Luna com simplicidade –, minha mãe. Era uma bruxa extraordinária, entende, mas gostava de fazer experiências e um dos seus feitiços um dia deu errado. Eu tinha nove anos.

– Lamento – murmurou Harry.

– É, foi horrível – disse Luna informalmente. – Eu me sinto muito triste às vezes. Mas ainda tenho o meu pai. De qualquer jeito, ainda vou rever minha mãe um dia, não é?

– Ah... não é? – concordou Harry, inseguro.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

– Ah, vamos. Você os ouviu atrás do véu, não ouviu?

– Você quer dizer...

– Na sala do arco. Estavam só se escondendo, só isso. Você os ouviu.

Os dois se entreolharam. Luna sorria levemente. Harry não sabia o que dizer

nem pensar. Luna acreditava em coisas tão extraordinárias... contudo, ele tivera certeza de ouvir vozes para além do véu também.

– Você tem certeza de que não quer que eu a ajude a procurar suas coisas? – perguntou ele.

– Ah, não – disse Luna. – Não, acho que vou descer e comer um pudim, e esperar que elas reapareçam... sempre acabam reaparecendo... bom, boas férias, Harry.

– É... é, para você também.

Luna se afastou e, ao acompanhá-la com o olhar, ele achou que o terrível peso em seu estômago diminuíra um pouco.

A viagem para casa no Expresso de Hogwarts no dia seguinte foi memorável de várias maneiras. Primeiro, Malfoy, Crabbe e Goyle, que claramente tinham passado a semana inteira à espera de uma oportunidade para atacar sem a presença de professores, tentaram emboscar Harry no trem quando ele voltava do banheiro. O ataque talvez tivesse sido bem-sucedido se não fosse o fato de que, sem saber, eles tinham escolhido encená-lo ao lado de uma cabine cheia de integrantes da AD, que viram o que estava acontecendo pelo vidro e acorreram juntos para socorrer Harry. Na altura em que Ernesto Macmillan, Ana Abbott, Susana Bones, Justino Finch-Fletchley, Antônio Goldstein e Terêncio Boot terminaram de usar a ampla variedade de feitiços e azarações que Harry lhes ensinara, Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam simplesmente três lesmas gigantescas apertadas em uniformes de Hogwarts que Harry, Ernesto e Justino penduraram no porta-bagagem e deixaram ali para esvaziar.

– Devo dizer que estou doido para ver a cara da mãe de Malfoy quando ele descer do trem – disse Ernesto, satisfeito, observando Malfoy se contorcer no alto. O garoto nunca chegara a esquecer a indignidade cometida por Malfoy de tirar pontos da Lufa-Lufa durante o breve período em que fora membro da Brigada Inquisitorial.

– Mas a mãe de Goyle vai ficar realmente satisfeita – disse Rony, que viera investigar a origem do tumulto. – Ele está muito mais bonito agora... mas, a propósito, Harry, o carrinho de comida acabou de chegar, se você quiser comprar alguma coisa...

Harry agradeceu aos colegas e acompanhou Rony de volta à cabine, onde comprou uma pilha de bolos de caldeirão e tortinhas de abóbora. Hermione estava lendo o *Profeta Diário* outra vez, Gina, fazendo as palavras cruzadas do *Pasquim*, e Neville acariciava sua *Mimbulus mimbletonia*, que crescera muito durante aquele ano e agora fazia estranhos arrulhos quando alguém a tocava.

Harry e Rony passaram a maior parte da viagem jogando xadrez de bruxo

enquanto Hermione lia trechos do *Profeta*. O jornal vinha agora repleto de artigos ensinando a repelir Dementadores, noticiava as tentativas do Ministério para caçar os Comensais da Morte e reproduzia cartas histéricas em que o missivista dizia ter visto Lorde Voldemort passando por sua casa naquela manhã...

– Ainda não começou para valer – suspirou Hermione, deprimida, tornando a fechar o jornal. – Mas não falta muito agora...

– Ei, Harry – disse Rony baixinho, indicando com a cabeça a janela de vidro para o corredor.

Harry olhou. Cho ia passando, em companhia de Marieta Edgecombe, que tinha o rosto oculto por uma balaclava. Os olhos dele e os de Cho se encontraram por um momento. A garota corou e continuou seu caminho. Harry voltou sua atenção para o tabuleiro de xadrez bem em tempo de ver um dos seus peões ser posto em fuga por um cavalo de Rony.

– Afinal, que... ah... está acontecendo entre você e ela? – perguntou Rony em voz baixa.

– Nada – respondeu Harry sinceramente.

– Eu... ah... ouvi falar que está saindo com outra pessoa agora – disse Hermione, hesitante.

Harry ficou surpreso ao descobrir que a informação não o magoava. A vontade de impressionar Cho parecia pertencer a um passado que já não tinha muita ligação com ele; tantas coisas que ele desejara antes da morte de Sirius ultimamente lhe davam essa sensação... a semana que passara desde que vira Sirius pela última vez parecia ter se prolongado muitíssimo; estendia-se por dois universos, um com Sirius e outro sem ele.

– Ainda bem que você está fora, cara – disse Rony com veemência. – Quero dizer, ela é bem bonita e tudo o mais, mas a gente quer alguém um pouco mais alegre.

– Provavelmente ela é bastante alegre com outro qualquer – disse Harry, sacudindo os ombros.

– Afinal, com quem ela está saindo agora? – perguntou Rony a Hermione, mas foi Gina quem respondeu.

– Miguel Corner.

– Miguel... mas... – disse Rony esticando-se no banco para encarar a irmã. – Mas era você que estava saindo com ele!

– Não estou mais – disse Gina, decidida. – Ele não gostou da Grifinória ter vencido a Corvinal no quadribol, e ficou realmente mal-humorado, então dei o fora nele e ele correu para consolar a Cho. – Gina coçou o nariz distraidamente com a pena, virou o *Pasquim* de cabeça para baixo e começou a marcar as

respostas. Rony pareceu encantado da vida.
– Bom, eu sempre achei que ele era meio idiota – disse, avançando sua rainha em direção à torre abalada de Harry. – Que bom para você. Escolha alguém... melhor... da próxima vez.
E lançou um olhar estranhamente furtivo a Harry ao dizer isso.
– Bom, escolhi o Dino Thomas, você diria que é melhor? – perguntou Gina, distraída.
– QUÊ? – berrou Rony, virando o tabuleiro de xadrez. Bichento mergulhou atrás das peças, e Edwiges e Píchi piaram zangados do porta-bagagem.
Quando o trem começou a diminuir a velocidade, próximo à estação de King's Cross, Harry pensou que nunca tivera tão pouca vontade de desembarcar. Chegou a considerar por um momento o que aconteceria se ele simplesmente se recusasse a sair e insistisse em continuar sentado ali, até o dia primeiro de setembro, quando o trem o levaria de volta a Hogwarts. Quando o veículo soltou sua baforada final e parou, porém, ele baixou a gaiola de Edwiges e se preparou para arrastar o malão para fora do trem, como de costume.
Quando o inspetor de bilhetes fez sinal para Harry, Rony e Hermione que era seguro atravessar a barreira mágica entre as plataformas nove e dez, porém, ele encontrou uma surpresa à sua espera do outro lado: estava parado ali um grupo de pessoas que ele jamais imaginara encontrar.
Entre eles, Olho-Tonto Moody, parecendo tão sinistro de chapéu-coco puxado sobre o olho mágico quanto pareceria sem ele, as mãos nodosas segurando um longo bastão, o corpo envolto em uma volumosa capa de viagem. Tonks vinha logo atrás dele, seus cabelos de um rosa chicle de bola berrante refulgindo à luz do sol que se filtrava pela cobertura de vidro sujo da estação, usando uma jeans cheia de remendos e uma camiseta roxo vibrante com os dizeres *As Esquisitonas*. Ao lado de Tonks estava Lupin, seu rosto pálido, os cabelos grisalhos, um longo casacão puído sobre calça e suéter velhos. À frente do grupo, o Sr. e a Sra. Weasley, vestidos com roupas domingueiras de trouxas, e Fred e Jorge usando jaquetas novas de um tecido verde e escamoso de causar espanto.
– Rony, Gina! – chamou a Sra. Weasley, correndo para apertar os filhos nos braços. – Ah, e Harry querido... como vai você?
– Ótimo – mentiu Harry, quando ela o puxou para um abraço também. Por cima do ombro da bruxa, ele viu Rony de olhos arregalados para as roupas novas dos gêmeos.
– De que tecido *eles* são feitos? – perguntou ele, apontando para os blusões.
– Da mais fina pele de dragão, maninho – disse Fred, dando uma puxadinha no zíper. – Os negócios estão prosperando e achamos que podíamos nos dar um

trato.

– Olá, Harry – disse Lupin, quando a Sra. Weasley o largou e se virou para cumprimentar Hermione.

– Oi – disse Harry. – Eu não esperava... que é que vocês todos estão fazendo aqui?

– Bom – disse Lupin com um leve sorriso –, achamos que talvez pudéssemos dar uma palavrinha com seus tios antes de permitir que eles o levassem para casa.

– Não sei se é uma boa ideia – disse Harry na mesma hora.

– Ah, eu acho que é – rosnou Moody, que se aproximara mais, sempre mancando. – São eles ali, não, Potter?

O bruxo apontou com o polegar por cima do ombro; seu olho mágico evidentemente os espiava pela nuca e pelo chapéu-coco. Harry se inclinou uns centímetros para a esquerda e viu para quem Olho-Tonto estava apontando e, sem dúvida, eram os três Dursley, que pareciam decididamente aterrados com o comitê de recepção de Harry.

– Ah, Harry! – disse o Sr. Weasley dando as costas aos pais de Hermione, a quem ele acabara de cumprimentar entusiasticamente, e que agora se revezavam para abraçar a filha. – Bom... vamos então?

– Acho que sim, Arthur – concordou Moody.

Ele e o Sr. Weasley avançaram pela estação em direção aos Dursley, que aparentemente estavam pregados no chão. Hermione se desembaraçou gentilmente da mãe para acompanhar o grupo.

– Boa-tarde – disse o Sr. Weasley em tom agradável ao tio Válter, parando diante dele. – O senhor talvez se lembre de mim, o meu nome é Arthur Weasley.

Como o Sr. Weasley demolira sozinho a maior parte da sala de estar dos Dursley, há dois anos, Harry teria se admirado muito se o tio o tivesse esquecido. De fato, o tio ficou um tom mais escuro de marrom arroxeado e olhou aborrecido para o Sr. Weasley, mas preferiu não dizer nada, em parte, talvez, porque os Dursley estivessem em minoria de dois por um. Tia Petúnia parecia ao mesmo tempo assustada e constrangida; não parava de olhar para os lados, como se estivesse aterrorizada que alguém a visse em tal companhia. Nesse meio-tempo, Duda dava a impressão de querer parecer pequeno e insignificante, um feito em que estava tendo um fracasso retumbante.

– Achamos que gostaríamos de dar uma palavrinha com o senhor a respeito de Harry – disse o Sr. Weasley ainda sorrindo.

– É – rosnou Moody. – A respeito da maneira com que ele é tratado quando está em sua casa.

Os bigodes do tio Válter pareceram se eriçar de indignação. Possivelmente

porque o chapéu-coco lhe dera a impressão inteiramente equivocada de estar tratando com uma alma afim, ele se dirigiu a Moody.

– Não tenho ciência de que seja de sua conta o que acontece em minha casa...

– Imagino que tudo de que você não tem ciência poderia encher vários livros, Dursley – rosnou Moody.

– Em todo o caso, isto não está em questão – interpôs Tonks, cujos cabelos cor-de-rosa pareciam agredir tia Petúnia mais do que todo o resto junto, pois ela preferiu fechar os olhos a encarar a moça. – A questão é que achamos que vocês têm sido abomináveis com o Harry...

– E não se enganem, saberemos o que fizerem – acrescentou Lupin em tom agradável.

– Verdade – disse o Sr. Weasley. – Mesmo que não deixem Harry usar o *felitone*.

– *Telefone* – sussurrou Hermione.

– É, se tivermos a menor suspeita de que Harry foi maltratado de alguma forma, vocês terão de se ver conosco – disse Moody.

Tio Válter inchou agourentamente. Sua indignação pareceu ultrapassar até o seu medo de um bando de excêntricos.

– O senhor está me ameaçando? – disse em voz tão alta que alguns transeuntes chegaram a parar para olhar.

– Estou – confirmou Olho-Tonto, que parecia muito satisfeito de que tio Válter tivesse entendido tão rapidamente.

– E eu pareço o tipo de homem que se deixa intimidar? – vociferou ele.

– Bom... – disse Moody, afastando o chapéu-coco da testa para mostrar o olho mágico que girava sinistramente. Tio Válter saltou para trás horrorizado e colidiu dolorosamente com um carrinho de bagagem. – Eu teria de dizer que sim, Dursley.

Deu as costas ao tio Válter para examinar Harry.

– Então, Potter... dê um grito se precisar de nós. Se não soubermos notícias suas três dias seguidos, mandaremos alguém...

Tia Petúnia choramingou lastimavelmente. Não poderia estar mais claro que estava pensando no que os vizinhos diriam se avistassem alguma dessas pessoas entrando pelo seu jardim.

– Tchau, então, Potter – disse Moody, segurando com a mão nodosa o ombro de Harry por um momento.

– Cuide-se, Harry – disse Lupin em voz baixa. – Mande notícias.

– Harry, tiraremos você de lá assim que pudermos – sussurrou a Sra. Weasley, abraçando-o mais uma vez.

– Veremos você em breve, cara – disse Rony, ansioso, apertando a mão de

Harry.

– Muito breve, Harry – disse Hermione, séria. – Prometemos.

Harry sacudiu a cabeça. Por alguma razão não conseguia encontrar palavras para dizer o que significava para ele vê-los ali enfileirados, ao seu lado. Em lugar de falar, sorriu, ergueu a mão num gesto de despedida, virou-se e saiu da estação para a rua ensolarada, com tio Válter, tia Petúnia e Duda andando depressa para acompanhá-lo.

HARRY POTTER

e o

ENIGMA *do* PRÍNCIPE

6

J.K. ROWLING

A Makenzie,
minha linda filha,
dedico o seu gêmeo
de tinta e papel.

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —
O outro ministro

Era quase meia-noite e o primeiro-ministro estava sentado sozinho em seu gabinete, lendo um longo memorando que resvalava pelo seu cérebro sem deixar o menor registro. Aguardava um telefonema do presidente de um país longínquo e, entre a preocupação se o infeliz iria telefonar e a tentativa de reprimir lembranças do que fora uma semana difícil, longa e cansativa, não sobrava muito espaço em sua mente. Quanto mais tentava focalizar as palavras na página diante dele, tanto mais claramente via o rosto triunfante de um dos seus adversários políticos. O homem aparecera no telejornal daquele dia não somente para enumerar os terríveis acontecimentos da semana anterior (como se alguém precisasse de lembretes) como também para explicar que a culpa de cada um deles e de todos, sem exceção, cabia ao governo.

O pulso do primeiro-ministro acelerou só de pensar nessas acusações, porque não eram justas nem verdadeiras. Como é que o seu governo poderia ter impedido aquela ponte de ruir? Era um absurdo insinuarem que não estava gastando o suficiente na conservação de pontes. Essa tinha menos de dez anos, e os maiores especialistas não sabiam explicar por que rachara exatamente ao meio, projetando dezenas de carros nas profundezas do rio. E como ousavam sugerir que aqueles dois homicídios bárbaros divulgados com estardalhaço eram consequência da falta de policiamento? Ou que o governo deveria ter previsto o furacão inesperado que ocorrera no oeste do país e causara tantos prejuízos a pessoas e propriedades? E seria culpa *sua* que um dos ministros de segundo escalão, Herberto Chorley, tivesse escolhido logo esta semana para agir tão bizarramente que agora iria passar um bom tempo em casa?

"Uma sensação de perigo se apoderou do país", concluíra seu adversário, ocultando a custo um largo sorriso.

E, infelizmente, era a pura verdade. O próprio ministro sentia isso; o povo realmente parecia mais infeliz do que de costume. Até o tempo estava lúgubre;

toda essa névoa gélida em pleno verão... não era certo, não era normal...

Ele virou a segunda página do memorando, verificou o quanto ainda faltava e achou que seria inútil se esforçar. Espreguiçando-se, contemplou pesaroso o seu gabinete. Era uma bela sala, com uma elegante lareira de mármore defronte às janelas de guilhotina, muito bem fechadas para evitar o frio atípico da estação. Com um leve arrepio, o primeiro-ministro se levantou, foi até a janela e contemplou a névoa fina que colava nos vidros. Foi então, quando estava de costas para a sala, que ouviu um leve pigarro.

Ele congelou, encarando o próprio rosto apavorado refletido na vidraça escura. Conhecia aquele pigarro. Já o ouvira antes. Virou-se, muito lentamente, e confrontou a sala vazia.

– Alôô! – disse, tentando aparentar mais coragem do que sentia.

Por um breve momento permitiu-se a esperança impossível de que ninguém lhe respondesse. Mas ouviu imediatamente uma voz seca e decidida que parecia estar lendo um texto pronto. Vinha – e o primeiro-ministro soube assim que ouviu o primeiro pigarro – do homenzinho bufonídeo de longa peruca prateada, retratado em um pequeno quadro a óleo encardido do outro lado da sala.

– Para o primeiro-ministro dos trouxas. É urgente que nos encontremos. Favor responder imediatamente. Atenciosamente, Fudge. – O homem no quadro lançou um olhar de indagação ao primeiro-ministro.

– Ehh – começou o primeiro-ministro –, ouça... não é um bom momento... estou esperando um telefonema, sabe... do presidente do...

– Isto pode ser remarcado – respondeu logo o quadro. O primeiro-ministro desanimou. Era o que receava.

– Mas eu realmente tinha esperanças de falar...

– Faremos com que o presidente esqueça o telefonema. Ele não ligará hoje, ligará amanhã à noite – disse o homenzinho. – Tenha a bondade de responder imediatamente ao sr. Fudge.

– Eu... ah... está bem – disse o primeiro-ministro vencido. – Receberei Fudge.

Voltou, então, depressa à sua escrivaninha, endireitando a gravata. Mal se sentara e se recompusera para aparentar uma expressão descontraída e impassível, ou assim esperava, um clarão de chamas muito verdes apareceu na abertura sob o console da lareira de mármore. Ele observou, tentando não demonstrar surpresa nem preocupação, um homem corpulento emergir das chamas, rodopiando rápido como um pião. Segundos depois, ele engatinhava da lareira para um bonito tapete antigo, sacudindo as cinzas das mangas de sua longa capa listrada, segurando um chapéu-coco verde-limão.

– Ah... primeiro-ministro – disse Cornélio Fudge, adiantando-se em largos passos, com a mão estendida. – Que bom revê-lo!

O primeiro-ministro não poderia retribuir o cumprimento com sinceridade, então nada respondeu. Não sentia o mais remoto prazer de ver Fudge, cujas raras aparições, além de serem em si decididamente alarmantes, em geral significavam que ele estava prestes a ouvir notícias muito ruins. Além do mais, Fudge parecia inegavelmente aflito. Estava mais magro, mais calvo, mais grisalho, e seu rosto parecia amarrotado. O primeiro-ministro já vira políticos com essa aparência antes, e nunca tinha sido um bom augúrio.

– Em que posso servi-lo? – perguntou, apertando brevemente a mão de Fudge e indicando a cadeira mais dura diante da escrivaninha.

– É difícil saber por onde começar – murmurou Fudge, puxando a cadeira, sentando-se e apoiando o chapéu sobre os joelhos. – Que semana, que semana...

– Também teve uma semana ruim? – perguntou o primeiro-ministro secamente, esperando, assim, deixar implícito que já tinha um prato cheio nas mãos sem precisar de mais colheradas de Fudge.

– É claro que tive – respondeu o bruxo, esfregando os olhos num gesto cansado e olhando mal-humorado para o primeiro-ministro. – Tive a mesma semana que o senhor, primeiro-ministro. A ponte de Brockdale... os assassinatos de Bones e Vance... sem falar nas confusões no oeste...

– O senhor... ehh... sua... o senhor está querendo me dizer que gente do seu mundo esteve... esteve envolvida... nesses acontecimentos, é isso?

Fudge fixou no primeiro-ministro um olhar severo.

– Claro que esteve. Certamente o senhor percebeu o que está acontecendo, não?

– Eu... – hesitou o primeiro-ministro.

Era exatamente esse tipo de atitude que o fazia detestar as visitas de Fudge. Afinal de contas, era o primeiro-ministro e não gostava que ninguém o fizesse sentir-se como um escolar ignorante. Mas sempre fora assim desde o primeiro encontro com Fudge, em sua primeiríssima noite como primeiro-ministro. Lembrava como se fosse ontem, e sabia que isto o atormentaria até morrer.

Encontrava-se sozinho neste mesmo gabinete, saboreando o seu triunfo depois de tantos anos de sonho e armações, quando ouvira um pigarro às suas costas, exatamente como hoje à noite, e, ao se virar, dera de cara com aquele feio quadrinho que se dirigia a ele, anunciando que o ministro da Magia estava a caminho para vir se apresentar.

Naturalmente, pensara que a longa campanha e a tensão da eleição o tivessem enlouquecido. Ficara absolutamente aterrorizado ao ver um quadro falando com ele, embora isso não fosse nada comparado ao que sentira quando um homem que anunciou ser bruxo projetou-se da lareira e lhe apertou a mão. Permaneceu mudo enquanto Fudge cortesmente explicava que ainda havia bruxos e bruxas

vivendo em segredo no mundo inteiro, e reafirmava que ele não precisava se preocupar, pois o ministro da Magia responsabilizava-se por toda a comunidade bruxa e impedia que a população não bruxa soubesse de sua existência. Era, dissera Fudge, uma tarefa difícil que abrangia tudo, desde leis sobre o uso responsável de vassouras à manutenção da população de dragões sob controle (o primeiro-ministro se lembrava de ter procurado se agarrar na escrivaninha ao ouvir isso). Fudge, então, paternalmente, dera uns tapinhas no ombro do atônito primeiro-ministro.

– Não se preocupe – dissera –, provavelmente o senhor não tornará a me ver. Só o incomodarei se houver alguma coisa realmente grave ocorrendo do nosso lado, alguma coisa que possa afetar os trouxas... a população não bruxa, melhor dizendo. Não ocorrendo nada, é viver e deixar viver. E devo dizer, o senhor está aceitando a notícia bem melhor do que o seu antecessor. *Aquele* ten tou me atirar pela janela, achou que eu era uma peça pregada pela oposição.

Ao ouvir isso, o primeiro-ministro recuperou finalmente a voz.

– Então, o senhor *não* é uma peça?

Fora a sua última e desesperada esperança.

– Não – respondeu Fudge gentilmente. – Receio que não. Olhe.

E transformou a xícara de chá do primeiro-ministro em um gerbo.

– Mas – ofegou o primeiro-ministro, ao ver a xícara começar a roer o canto do seu próximo discurso –, mas por que... por que ninguém me disse nada...?

– O ministro da Magia só aparece para o primeiro-ministro dos trouxas em exercício – respondeu Fudge, repondo a varinha no bolso interno do paletó. – Achamos que é melhor assim, para resguardar o sigilo.

– Mas, então – baliu o primeiro-ministro –, por que o primeiro-ministro anterior não me avisou?

Ao ouvir isso, Fudge deu uma gargalhada.

– Meu caro primeiro-ministro, será que o *senhor* algum dia contará a alguém?

Ainda rindo, Fudge lançara um pó na lareira, entrara nas chamas verde-esmeralda e desaparecera com um barulhinho surdo. O primeiro-ministro ficara ali parado, imóvel, e percebeu que jamais enquanto vivesse se atreveria a mencionar tal encontro a alguém, porque, afinal, quem iria acreditar?

Ele levara algum tempo para se recuperar do choque. A princípio, tentara se convencer de que Fudge fora de fato uma alucinação provocada pelas noites em claro durante a exaustiva campanha eleitoral. Na inútil tentativa de ser livrar de todos os vestígios desse desagradável encontro, ele dera o gerbo a uma sobrinha, que adorou o presente, e instruiu o seu secretário particular para retirar o quadro do feio homenzinho que anunciara a chegada de Fudge. Para sua grande aflição, no entanto, o quadro se mostrou impossível de remover. Depois que vários

marceneiros, uns dois construtores, um historiador de arte e o ministro da Fazenda tentaram inutilmente arrancá-lo da parede, o primeiro-ministro desistira e simplesmente se conformara em torcer para que o quadro permanecesse imóvel e silencioso pelo resto do seu mandato. Ocasionalmente, ele poderia jurar que vislumbrava pelo canto do olho o ocupante do quadro bocejar ou, então, coçar o nariz; e, uma ou duas vezes, saíra da moldura sem nada deixar além de um pedaço de tela encardida. No entanto, ele havia se condicionado a não olhar muito para o quadro e sempre repetir para si mesmo, com firmeza, que os seus olhos o iludiam quando via uma coisa dessas.

Então, havia três anos, em uma noite muito semelhante a de hoje, o primeiro-ministro estava sozinho em seu gabinete quando o quadro mais uma vez anunciara a chegada iminente de Fudge, que irrompera da lareira com as roupas encharcadas e tomado de intenso pânico. Antes que o primeiro-ministro pudesse perguntar por que estava pingando água em cima do tapete, Fudge começara um discurso sobre uma prisão de que o primeiro-ministro jamais ouvira falar, um tal "Sério" Black, alguma coisa cuja pronúncia lembrava Hogwarts e um menino chamado Harry Potter, coisas que para ele não faziam o menor sentido.

– ... Acabei de chegar de Azkaban – ofegara Fudge, deixando cair da aba do chapéu-coco para o bolso uma quantidade de água. – Meio do mar do Norte, sabe, um voo horrível... os dementadores estão furiosos – e estremeceu –, nunca tiveram uma fuga antes. Seja como for, eu precisava vir procurá-lo, primeiro-ministro. Black é um conhecido assassino de trouxas e pode estar planejando se reunir a Você-Sabe-Quem... mas, naturalmente, o senhor nem sabe quem é Você-Sabe-Quem! – Por um momento Fudge olhou desamparado para o primeiro-ministro, depois acrescentou:

– Bem, sente-se, sente-se, é melhor eu lhe explicar... tome um uísque...

O primeiro-ministro não gostou nem um pouco que o mandassem sentar em seu próprio gabinete, e menos ainda que lhe oferecessem o seu próprio uísque, mesmo assim sentou-se. Fudge puxara a varinha, conjurara dois enormes copos cheios de um líquido âmbar, empurrara um deles na mão do primeiro-ministro e puxara uma cadeira.

Fudge falara mais de uma hora. Num determinado momento, recusara-se a pronunciar um certo nome em voz alta e, em vez disso, escrevera-o em um pedaço de pergaminho, que enfiara na mão livre do primeiro-ministro. Quando finalmente Fudge fez menção de se retirar, o primeiro-ministro também se levantou.

– Então o senhor acha que... – e apertara os olhos para ler o nome que segurava na mão esquerda – o tal Lord Vol...

– Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado! – rosnou Fudge.

– Desculpe... Então o senhor acha que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado continua vivo?

– Bem, Dumbledore diz que sim – respondeu ele, abotoando o colarinho de sua capa listrada –, mas nunca o encontramos. Se quer saber, ele não é perigoso a não ser que consiga apoio, por isso é que devemos nos preocupar com Black. Então, o senhor divulgará aquele aviso? Excelente. Bem, espero que não tornemos a nos ver, primeiro-ministro! Boa-noite.

Mas eles tornaram a se ver. Menos de um ano depois, um Fudge atormentado se materializara na sala do gabinete ministerial para informar ao primeiro-ministro que tinha havido um probleminha na Copa do Mundo de Catrebol (ou pelo menos fora isso que entendera), em que vários trouxas tinham sido "envolvidos", mas que o primeiro-ministro não se preocupasse, o fato de que Você-Sabe-Quem fora mais uma vez avistado nada significava. Fudge estava seguro de que era um incidente isolado, e a Seção de Ligação com os Trouxas já estava fazendo as alterações de memória necessárias naquele mesmo instante.

– Ah, e ia quase me esquecendo – acrescentou Fudge. – Estamos importando três dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio Tribruxo, uma operação rotineira, mas o Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas diz que, segundo as normas, temos de informá-los quando trazemos animais perigosos do exterior.

– Eu... que... *dragões*? – gaguejou o primeiro-ministro.

– É, três – disse Fudge. – E uma esfinge. Bem, um bom-dia para o senhor.

O primeiro-ministro tivera a inútil esperança de que os dragões e a esfinge fossem o pior, mas não. Menos de dois anos depois, Fudge irrompera pela lareira, dessa vez, com a notícia de que houvera uma fuga em massa de Azkaban.

– Uma fuga *em massa*? – repetira o primeiro-ministro roucamente.

– Não precisa se preocupar, não precisa se preocupar! – bradara Fudge, já com um pé nas chamas. – Vamos recapturá-los sem perda de tempo... só achei que o senhor devia saber!

E, antes que o primeiro-ministro tivesse tempo de gritar: "Espere um instante!", Fudge se fora em uma chuva de fagulhas verdes.

Seja o que for que a imprensa e a oposição pudessem dizer, o primeiro-ministro não era tolo. Não escapara à sua atenção que, apesar das palavras tranquilizadoras de Fudge no primeiro encontro, ultimamente andavam se vendo bastante, e a cada visita Fudge parecia mais atrapalhado. Por menos que gostasse de pensar no ministro da Magia (ou como sempre o chamava mentalmente, o *outro* ministro), o primeiro-ministro não podia deixar de temer que a próxima vez que ele aparecesse as notícias seriam bem mais preocupantes. A visão de

Fudge emergindo novamente da lareira, desalinhado, apreensivo e muito surpreso que o primeiro-ministro não soubesse exatamente por que viera, era o pior acontecimento de uma semana extremamente frustrante.

– Como iria saber o que está acontecendo na comunidade... eh... bruxa? – retorquiu o primeiro-ministro. – Tenho um país para governar e preocupações suficientes neste momento sem...

– Temos as mesmas preocupações – interrompeu-o Fudge. – A ponte de Brockdale não ruiu por desgaste natural. Aquilo não foi realmente um furacão. Os homicídios não foram obra de trouxas. E a família de Herberto Chorley estaria mais segura sem ele. Neste momento, estamos providenciando sua remoção para o Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. Será removido hoje à noite.

– Que é que o senhor... receio... *quê*? – engrolou o primeiro-ministro.

Fudge inspirou profundamente e disse:

– Primeiro-ministro, sinto muito ter de lhe informar que ele voltou. Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado voltou.

– Voltou? Quando o senhor diz "voltou"... significa que está vivo? Quero dizer...

O primeiro-ministro vasculhou a memória procurando detalhes da terrível conversa que tinham tido três anos antes, quando Fudge lhe falara do bruxo a quem todos mais temiam, o bruxo que cometera centenas de crimes pavorosos antes de desaparecer misteriosamente há quinze anos.

– Exatamente, vivo. Isto é... não sei... será que está vivo um homem que não pode ser morto? Não compreendo muito bem, e Dumbledore não quer me explicar direito... mas, enfim, sem dúvida ele tem um corpo e está andando e falando e matando, então suponho, para os efeitos desta conversa, que, sim, está vivo.

O primeiro-ministro não sabia o que dizer, mas o hábito arraigado de querer parecer bem informado qualquer que fosse o assunto que alguém abordasse o fez rebuscar na memória detalhes das conversas que tinham tido anteriormente.

– O Sério Black está com... eh... Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado?

– Black? Black? – repetiu Fudge, desatento, girando velozmente o chapéu-coco nos dedos.

– O senhor quer dizer o Sirius Black? Pelas barbas de Merlim, não. Black morreu. Afinal, estávamos... eh... enganados a respeito de Black. Era inocente. E tampouco estava mancomunado com Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Quero dizer – acrescentou, em sua defesa, girando o chapéu ainda mais rápido –, todas as pistas apontavam para ele, tínhamos mais de cinquenta testemunhas oculares, mas, de qualquer forma, como disse, ele morreu. Aliás, foi assassinado.

Dentro do Ministério da Magia. Mandei instaurar um inquérito...

Para sua grande surpresa, ao ouvir isto, o primeiro-ministro sentiu momentânea compaixão por Fudge. Mas o sentimento foi logo ofuscado por um lampejo de presunção ao lembrar que, por maior que fosse sua incapacidade de se materializar em lareiras, nunca tinha havido nenhum homicídio em nenhum dos departamentos do governo sob *sua* responsabilidade... pelo menos até agora...

Enquanto o primeiro-ministro disfarçadamente batia três vezes na madeira de sua escrivaninha, Fudge continuou:

– Mas Black agora é passado. A questão é que estamos em guerra, primeiro-ministro, e é preciso tomar algumas medidas.

– Em guerra? – repetiu o primeiro-ministro, nervoso. – Sem dúvida, o senhor está exagerando um pouco, não?

– Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado agora recebeu reforços dos seus seguidores que fugiram de Azkaban em janeiro – informou Fudge, falando cada vez mais rápido e girando o chapéu com tal fúria que em seu lugar só se via um borrão verde-limão. – Desde que saíram da clandestinidade, eles estão provocando o caos. A ponte de Brockdale: foi ele, primeiro-ministro, ameaçou fazer um massacre de trouxas se eu não lhe entregasse o meu cargo e...

– Céus, então a morte daquelas pessoas é culpa *sua*, e sou eu que estou tendo de responder por treliças enferrujadas e juntas de expansão corroídas, e sabe-se lá o que mais! – exclamou o primeiro-ministro, furioso.

– *Minha* culpa! – exclamou Fudge corando. – O senhor está me dizendo que teria cedido a uma chantagem dessas?

– Talvez não – respondeu o primeiro-ministro, levantando-se e caminhando pela sala –, mas eu teria envidado todos os esforços para prender o chantagista antes que ele cometesse uma atrocidade igual!

– O senhor realmente acha que eu não me esforcei? – perguntou Fudge encolerizado. – Todos os aurores do Ministério estavam, e estão, tentando encontrar Você-Sabe-Quem e capturar seus seguidores, mas acontece que estamos falando de um dos bruxos mais poderosos de todos os tempos, um bruxo que nos escapa há quase trinta anos!

– Então suponho que o senhor vá me dizer que ele também provocou o furacão no oeste do país? – perguntou o primeiro-ministro, sentindo sua irritação crescer a cada passo que dava. Enfurecia-o descobrir a razão de todos esses terríveis acidentes e não poder revelar nada publicamente; isto era quase pior do que levar a culpa de tudo.

– Aquilo não foi um furacão – confirmou Fudge, infeliz.

– Faça-me o favor! – vociferou o primeiro-ministro, agora decididamente

pisando forte pela sala. – Árvores arrancadas, telhados destruídos, postes vergados, ferimentos pavorosos...

– Foram os Comensais da Morte – disse Fudge. – Os seguidores d’Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. E suspeitamos da participação dos gigantes.

O primeiro-ministro estacou como se tivesse batido em um muro invisível.

– Participação do *quê*?

Fudge fez uma careta.

– Ele usou os gigantes da última vez, queria causar uma grande impressão. A Seção de Contrainformação tem trabalhado vinte e quatro horas por dia, equipes de obliviadores estão em campo tentando alterar a memória de todos os trouxas que viram o que realmente aconteceu, a maior parte do Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas está percorrendo Somerset, mas não conseguimos encontrar gigantes, tem sido um fracasso.

– Não me diga! – exclamou o primeiro-ministro furioso.

– Não negarei que o moral está muito baixo no Ministério. Com tudo isso acontecendo, e ainda por cima perdemos Amélia Bones.

– Perderam quem?

– Amélia Bones. A chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia. Achamos que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado pode ter sido o assassino, porque era uma bruxa muito talentosa e... e tudo indica que resistiu o máximo.

Fudge pigarreou e, aparentemente com esforço, parou de girar o chapéu-coco.

– Mas este homicídio saiu nos jornais – disse o primeiro-ministro, momentaneamente distraído de sua raiva. – *Nossos* jor nais. Amélia Bones... disseram apenas que era uma mulher de meia-idade que morava sozinha. Foi um... um homicídio bárbaro, não? Muito divulgado. A polícia está tonta, sabe.

Fudge suspirou.

– Claro que está. Ela foi encontrada morta em um aposento trancado por dentro, não foi? Mas nós sabemos exatamente quem foi, não que isso adiante muito para sua captura. E teve também o da Emelina Vance, talvez o senhor não tenha ouvido falar deste...

– Ouvi, sim! – respondeu o primeiro-ministro. – Aliás, aconteceu aqui perto. Os jornais deitaram e rolaram: *Nem no quintal do primeiro-ministro vigoram a lei e a ordem...*

– E, como se tudo isso não bastasse – continuou Fudge, mal ouvindo o que dizia o primeiro-ministro –, os dementadores estão por toda parte, atacando as pessoas a torto e a direito...

Em um passado mais feliz, a frase teria sido ininteligível ao primeiro-ministro, mas, agora, estava mais bem informado.

– Pensei que os dementadores guardassem prisioneiros em Azkaban – arriscou

cauteloso.
– Guardavam – confirmou Fudge, cansado. – Não mais. Desertaram e se juntaram a Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Não vou fingir que não foi um sério revés.
– Mas – contrapôs o primeiro-ministro, com uma crescente sensação de horror – o senhor não me contou que eles são criaturas que roubam a esperança e a felicidade das pessoas?
– Certo. E estão se reproduzindo. É isto que está provocando a névoa.
O primeiro-ministro, sentindo os joelhos amolecerem, largou-se na cadeira mais próxima. A ideia de criaturas invisíveis voando pelas cidades e pelos campos, espalhando o desespero e a desolação entre seus eleitores, fez com que se sentisse muito fraco.
– Escute aqui, Fudge: você tem de tomar uma providência! É sua responsabilidade como ministro da Magia!
– Meu caro primeiro-ministro, o senhor não pode realmente pensar que ainda sou ministro da Magia depois de tudo que aconteceu! Fui exonerado há três dias. Toda a comunidade bruxa vinha exigindo a minha renúncia nas últimas duas semanas. Nunca a vi tão unida durante todo o meu mandato! – disse Fudge, fazendo uma corajosa tentativa de sorrir.
O primeiro-ministro ficou mudo por uns instantes. Apesar de sua revolta pela posição em que fora colocado, ainda simpatizava com o homem envelhecido que estava à sua frente.
– Lamento muito – disse por fim. – Tem alguma coisa que eu possa fazer?
– É muita gentileza sua, primeiro-ministro, mas não há. Fui mandado aqui hoje à noite para colocá-lo a par dos acontecimentos recentes e lhe apresentar o meu sucessor. Pensei até que já estivesse aqui, mas naturalmente anda muito ocupado no momento com tantos problemas.
Fudge se virou para o retrato do homenzinho feio, com sua longa peruca de cachos prateados, e naquele momento cutucando o ouvido com a ponta de uma pena.
Ao encontrar o olhar de Fudge, o quadro falou:
– Ele não tardará a chegar, está só terminando uma carta para Dumbledore.
– Desejo-lhe boa sorte – disse Fudge, pela primeira vez em tom amargurado. – Tenho escrito a Dumbledore duas vezes por dia nos últimos quinze dias, mas ele não quer se mexer. Se ao menos quisesse persuadir o garoto, eu talvez ainda fosse... bem, talvez Scrimgeour tenha mais sucesso. – Fudge deixou-se cair em um silêncio visivelmente ofendido, que foi quebrado quase em seguida pela voz seca e formal do retrato.
– Ao primeiro-ministro dos trouxas. Solicito uma entrevista. Urgente. Favor

responder imediatamente. Rufo Scrimgeour, ministro da Magia.
– Sim, sim, ótimo – respondeu o primeiro-ministro, desatento, e, mal piscou, as chamas na lareira tornaram a se esverdear e cresceram, revelando um segundo bruxo aos rodopios e projetando-o instantes depois no tapete antigo. Fudge se ergueu e, após breve hesitação, o primeiro-ministro acompanhou-o, observando o recém-chegado se endireitar, sacudir a poeira de suas longas vestes negras e olhar ao redor.
O primeiro pensamento do primeiro-ministro, uma tolice, foi que Rufo Scrimgeour parecia um leão velho. Havia fios grisalhos em sua juba aloura-da e nas sobrancelhas espessas; tinha olhos amarelados e argutos por trás de óculos de arame e uma certa graça em sua magreza, embora mancasse um pouco ao andar. Transmitiu uma imediata impressão de sagacidade e firmeza; o primeiro-ministro julgou compreender por que a comunidade bruxa preferia a liderança de Scrimgeour nestes tempos perigosos.
– Como está? – cumprimentou o primeiro-ministro, educadamente, estendendo a mão.
Scrimgeour apertou-a brevemente, os olhos esquadrinhando o aposento, e em seguida puxou a varinha de dentro das vestes.
– Fudge contou-lhe tudo? – perguntou, indo até a porta e tocando-a com a varinha. O primeiro-ministro ouviu a fechadura trancar.
– Eh... sim – respondeu o primeiro-ministro. – Mas, se o senhor não se importar, eu preferia que a porta continuasse destrancada.
– E eu preferia não ser interrompido – retorquiu secamente Scrimgeour – nem observado – acrescentou, apontando a varinha para as janelas e fechando as cortinas. – Muito bem. Sou um homem ocupado, então vamos direto ao nosso assunto. Em primeiro lugar, precisamos discutir a sua segurança.
O primeiro-ministro empertigou-se todo e respondeu:
– Estou perfeitamente satisfeito com a segurança que tenho, muito obr...
– Mas nós não estamos – interrompeu-o Scrimgeour. – Será uma péssima perspectiva para os trouxas se o seu primeiro-ministro for dominado por uma Maldição Imperius. O novo secretário em sua antessala...
– Não vou despedir Kingsley Shacklebolt, se é o que está sugerindo! – disse o primeiro-ministro indignado. – Ele é muitíssimo eficiente, trabalha duas vezes mais que os outros...
– Porque é um bruxo – disse Scrimgeour, sem sequer sorrir. – Um auror de grande experiência que destacamos para protegê-lo.
– Espere aí! – exclamou o primeiro-ministro. – O senhor não pode simplesmente colocar gente sua no meu gabinete. Eu decido quem trabalha para mim...

– Pensei que o senhor estivesse satisfeito com Shacklebolt – contrapôs Scrimgeour friamente.
– Estou... quero dizer, estava...
– Então, não há problema, há?
– Eu... bem, enquanto o trabalho de Shacklebolt continuar... eh... excelente – disse o primeiro-ministro sem argumento, mas o bruxo mal pareceu ouvi-lo.
– Agora, quanto a Herberto Chorley, seu ministro de segundo escalão. Esse que tem divertido o público imitando um pato.
– Que tem ele? – perguntou o primeiro-ministro.
– É claro que está reagindo a uma Maldição Imperius mal executada – afirmou Scrimgeour. – Baralhou o seu cérebro, mas ele ainda oferece perigo.
– Ele só faz grasnar! – disse o primeiro-ministro, sem convicção. – Com certeza uns dias de descanso... talvez menos bebida...
– Uma equipe do Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos está examinando-o neste exato momento. E ele já tentou estrangular três bruxos. Acho melhor retirá-lo da sociedade dos trouxas por uns tempos.
– Eu... bem... ele vai ficar bom, não vai? – perguntou o primeiro-ministro ansioso. Scrimgeour simplesmente encolheu os ombros, já recuando em direção à lareira.
– Bem, era realmente o que eu tinha a dizer. Manterei o senhor informado dos desdobramentos, primeiro-ministro... ou, caso eu esteja demasiado ocupado para vir, mandarei o Fudge. Ele concordou em continuar trabalhando como meu assessor.
Fudge tentou sorrir, mas não conseguiu; sua expressão era a de alguém com dor de dente. Scrimgeour começou a procurar no bolso o misterioso pó que esverdeava as chamas. O primeiro-ministro observou desalentado os dois bruxos por um momento, então as palavras que lutara para reprimir a noite toda finalmente saíram de sua boca.
– Mas pelo amor de Deus... vocês são *bruxos*! Podem fazer *bruxarias*! Com certeza são capazes de resolver... bem... *qualquer coisa*!
Scrimgeour girou nos calcanhares lentamente e trocou um olhar incrédulo com Fudge, que desta vez conseguiu sorrir ao dizer com bondade:
– O problema é que o outro lado também sabe fazer bruxarias, primeiro-ministro.
E, dizendo isso, os dois entraram, um após outro, nas chamas muito verdes e desapareceram.

— CAPÍTULO DOIS —

A rua da fiação

A muitos quilômetros de distância, a névoa gelada que comprimia as vidraças do primeiro-ministro flutuava sobre um rio sujo que serpeava entre barrancos cobertos de mato e lixo. Uma enorme chaminé, relíquia de uma fábrica fechada, erguia-se sombria e agourenta. O silêncio total era quebrado apenas pelo rumorejo da água escura, e não havia vestígio de vida exceto por uma raposa esquelética que descera até o barranco na esperança de farejar um saco de peixe com fritas descartado no capim alto.

Então, com um leve estalo, uma figura magra e encapuzada se materializou na margem do rio. A raposa congelou, fixando os olhos assustados no estranho fenômeno. A figura pareceu se orientar por alguns instantes, então saiu andando com passos leves e ligeiros, sua longa capa farfalhando no capim.

Com um segundo estalo mais forte, outra figura encapuzada materializou-se.

– Espere!

O grito rouco alarmou a raposa, agora quase achatada no mato. Saltou do seu esconderijo e subiu o barranco. Houve um lampejo verde, um ganido, e o animal caiu ao chão, morto.

A segunda figura virou o corpo do animal com a ponta do pé.

– É só uma raposa – disse sumariamente uma voz feminina por baixo do capuz. – Pensei que fosse um auror... Ciça, espere!

Mas a outra, que parara para olhar para trás ao perceber o lampejo, já estava subindo pelo barranco em que a raposa acabara de tombar.

– Ciça... Narcisa... escute...

A segunda mulher alcançou a primeira e agarrou-a pelo braço, mas esta se desvencilhou.

– Volte, Bela!

– Você precisa me escutar!

– Já escutei. Já me decidi. Me deixe em paz!

A mulher chamada Narcisa chegou ao alto do barranco, onde um gradil velho separava o rio de uma rua estreita calçada com pedras. A outra, Bela, continuou seguindo-a. Lado a lado, elas pararam, examinando na escuridão as fileiras de casas de tijolos aparentes, em ruínas, as janelas opacas e sem luz.

– Ele mora aqui? – perguntou Bela com desprezo na voz. – *Aqui?* Neste monturo dos trouxas? Devemos ser os primeiros da nossa raça a pisar...

Mas Narcisa não estava escutando; passara por uma abertura no gradil enferrujado e já atravessava a rua, apressada.

– Ciça, *espere*!

Bela acompanhou-a, sua capa enfunando às costas, e viu Narcisa embarafustar por um beco em meio ao casario e sair em outra rua quase idêntica. Alguns dos lampiões estavam quebrados, e as duas mulheres percorriam alternadamente trechos de luz e sombra profunda. Bela alcançou Narcisa quando virava mais uma esquina, conseguindo desta vez segurá-la e virá-la de modo a ficarem frente a frente.

– Ciça, você não deve fazer isso, não pode confiar nele...

– O Lorde das Trevas confia nele, não é?

– O Lorde das Trevas está... acho... enganado – ofegou Bela, e seus olhos brilharam momentaneamente sob o capuz quando correu um olhar a toda volta para verificar se estavam de fato sozinhas. – Seja como for, recebemos ordens para não discutir o plano com ninguém. Isto é uma traição à diretriz...

– Me largue, Bela! – bradou Narcisa, puxando uma varinha de dentro da capa e apontando-a ameaçadoramente para o rosto da outra. Bela apenas sorriu.

– Ciça, sua própria irmã? Você não faria...

– Não há mais nada que eu não faça! – sussurrou Narcisa, com uma nota de histeria na voz, e, quando baixou a varinha como se fosse uma faca, houve mais um lampejo. Bela soltou o braço da irmã como se houvesse recebido uma queimadura.

– *Narcisa!*

Narcisa, contudo, prosseguira seu caminho, apressada. Esfregando a mão, a irmã perseguiu-a, mantendo distância enquanto se aprofundavam no labirinto deserto de casas de tijolos aparentes. Por fim, Narcisa precipitou-se pela rua da Fiação, sobre a qual pairava a alta chaminé fabril como um gigantesco dedo em riste. Seus passos ecoaram nas pedras do calçamento ao passar por janelas partidas e fechadas com tábuas, até chegar à última casa, onde uma luz fraca se filtrava pelas cortinas de um aposento térreo.

Ela batera na porta antes que Bela, xingando baixinho, a alcançasse. Juntas, esperaram ligeiramente ofegantes, respirando o mau cheiro do rio sujo que a brisa noturna trazia às suas narinas. Passados alguns segundos, ouviram um

movimento do lado de dentro da porta que se entreabriu. Viram um homem mirrado espiando-as, um homem com longos cabelos pretos repartidos ao meio que formavam cortinas emoldurando-lhe o rosto emaciado e os olhos pretos.

Narcisa baixou o capuz. Era tão pálida que parecia refulgir na escuridão; a cabeleira loura descia pelas costas, dando-lhe a aparência de uma mulher afogada.

– Narcisa! – exclamou o homem, abrindo um pouco mais a porta, de modo que a luz incidisse sobre ela e a irmã. – Que surpresa agradável!

– Severo – ela sussurrou tensa. – Posso falar com você? É urgente.

– Mas é claro.

Ele recuou para deixá-la entrar. A irmã, ainda encapuzada, acompanhou-a mesmo sem convite.

– Snape – cumprimentou secamente ao passar.

– Belatriz – respondeu ele, os lábios finos encrespando-se em um sorriso ligeiramente zombeteiro, ao fechar a porta, depois que as mulheres passaram.

Tinham entrado diretamente em uma pequena sala de visitas, que dava a impressão de uma cela acolchoada e escura. As paredes eram inteiramente cobertas de livros, a maioria encadernada em couro preto ou castanho; um sofá puído, uma poltrona velha e uma mesa bamba estavam agrupados no círculo de luz projetado por um candeeiro preso no teto. O lugar tinha um ar de abandono, como se não fosse normalmente habitado.

Snape indicou o sofá a Narcisa. Ela despiu a capa, atirou-a para um lado e se sentou, olhando para as mãos brancas e trêmulas que cruzara ao colo. Belatriz baixou o capuz mais lentamente. Tão morena quanto a irmã era clara, as pálpebras pesadas e o maxilar pronunciado, ela não desviou os olhos de Snape quando foi se postar atrás de Narcisa.

– Então, em que posso lhe ser útil? – perguntou Snape, acomodando-se na poltrona defronte às duas irmãs.

– Nós... nós estamos sozinhos? – perguntou Narcisa em voz baixa.

– Claro que sim. Bem, Rabicho está aqui, mas não estamos contando os vermes, não é mesmo?

Ele apontou a varinha para a parede revestida de livros às suas costas e, com um estampido, uma porta oculta se escancarou, revelando uma escada estreita onde estava parado um homem pequeno.

– Como você já percebeu claramente, Rabicho, temos visitas – disse Snape sem pressa.

O homem desceu encurvado os últimos degraus e entrou na sala. Tinha olhos miúdos e lacrimosos, um nariz arrebitado e um sorrizinho incômodo. Sua mão esquerda acariciava a direita, que parecia estar calçada com uma reluzente luva

prateada.
– Narcisa! – cumprimentou com uma vozinha aguda. – E Belatriz! Que prazer...
– Rabicho vai nos servir uma bebida, se aceitarem – disse Snape. – Depois voltará para o quarto.
Rabicho fez uma careta, como se Snape tivesse atirado alguma coisa nele.
– Não sou seu empregado! – guinchou, evitando olhar para o outro.
– Sério? Tive a impressão de que o Lorde das Trevas colocou-o aqui para me ajudar.
– Ajudar, sim, mas não preparar bebidas nem limpar sua casa!
– Eu não fazia ideia, Rabicho, que você sonhasse com tarefas mais arriscadas – respondeu Snape melosamente. – Podemos providenciar isso sem demora: falarei com o Lorde das Trevas...
– Posso falar com ele eu mesmo, se quiser!
– Claro que pode – debochou Snape. – Mas enquanto não faz isso, traga as bebidas. Bastará um pouco de vinho dos elfos.
Rabicho hesitou um momento, como se fosse protestar, mas, então, virou-se e entrou por outra porta oculta. Ouviram-se algumas batidas e o tilintar de copos. Segundos depois ele retornava, trazendo em uma bandeja uma garrafa empoeirada e três copos. Depositou-os na mesa bamba e se retirou depressa, batendo a porta recoberta de livros ao passar.
Snape serviu o vinho vermelho-sangue nos três copos e entregou dois às irmãs. Narcisa murmurou um agradecimento e Belatriz nada disse, mas continuou a encarar Snape mal-humorada. Isto não pareceu perturbá-lo; muito ao contrário, dava a impressão de diverti-lo.
– Ao Lorde das Trevas – brindou ele, erguendo o copo e esvaziando-o de um gole.
As irmãs o imitaram. Snape tornou a encher os copos.
Quando Narcisa recebeu o dela, falou ansiosa:
– Severo, me desculpe vir aqui dessa maneira, mas precisava ver você. Acho que é o único que pode me ajudar...
Snape ergueu a mão para interrompê-la, então tornou a apontar a varinha para a porta oculta que abria para a escada. Ouviu-se um estampido forte e um guincho, seguido do ruído dos passos apressados de Rabicho subindo a escada.
– Peço desculpas – disse Snape. – Ultimamente ele deu para ficar escutando às portas. Não sei o que pretende... mas o que era que você ia dizendo, Narcisa?
– Severo, sei que não devia estar aqui, recebi ordens para não comentar nada com ninguém, mas...
– Então deveria segurar sua língua! – vociferou Belatriz. – Principalmente

diante de quem estamos!
– De quem estamos? – repetiu Snape em tom de zombaria. – E que devo entender por essa ressalva, Belatriz?
– Que eu não confio em você, Snape, e você sabe muito bem disso!
Narcisa deixou escapar um som que poderia ser um soluço seco e cobriu o rosto com as mãos. Snape descansou seu copo na mesa e tornou a se acomodar, as mãos nos braços da poltrona, sorrindo para o rosto zangado de Belatriz.
– Narcisa, acho que devíamos escutar o que Belatriz está doida para dizer; assim pouparemos monótonas interrupções. Bem, continue, Belatriz – incentivou Snape. – Por que não confia em mim?
– Por centenas de razões! – respondeu a mulher em voz alta, saindo de trás do sofá e batendo o copo na mesa. – Por onde devo começar? Onde é que você estava quando o Lorde das Trevas caiu? Por que não fez o menor esforço para encontrá-lo quando desapareceu? Que esteve fazendo todos esses anos em que viveu no bolso de Dumbledore? Por que impediu o Lorde das Trevas de obter a Pedra Filosofal? Por que não voltou imediatamente quando ele ressuscitou? Onde estava há umas semanas, quando travamos uma batalha para recuperar a profecia para o Lorde das Trevas? E, Snape, por que Harry Potter continua vivo, quando você o tem nas mãos há cinco anos?
A mulher fez uma pausa, o rosto muito vermelho, o peito arfando em movimentos rápidos. Atrás dela, Narcisa sentava-se imóvel, o rosto ainda escondido nas mãos.
Snape sorriu.
– Antes de lhe responder... ah, sim, vou lhe responder, Belatriz! E você pode repetir minhas palavras para os outros que cochicham às minhas costas e levam ao Lorde das Trevas histórias mentirosas sobre a minha traição! Mas, antes de responder, me permita uma pergunta. Você realmente acredita que o Lorde das Trevas já não me fez cada uma dessas perguntas? E realmente acredita que, se eu não as tivesse respondido satisfatoriamente, estaria aqui falando com você?
A mulher hesitou.
– Eu sei que ele acredita em você, mas...
– Você acha que ele está enganado? Ou que consegui cegá-lo de alguma maneira? Que iludi o Lorde das Trevas, o maior bruxo do mundo, o Legilimens mais talentoso que o mundo já viu?
Belatriz não respondeu, mas pareceu, pela primeira vez, um pouco desconcertada. Snape não insistiu. Tornou a apanhar sua bebida, tomou um golinho e continuou:
– Você me pergunta onde eu estava quando o Lorde das Trevas caiu. Eu estava onde ele tinha me mandado ficar, na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts,

porque queria que eu espionasse Alvo Dumbledore. Sabe, eu suponho que tenha sido por ordem do Lorde das Trevas que eu assumi esse posto, não?

Belatriz fez um aceno quase imperceptível com a cabeça e abriu a boca para falar, mas Snape antecipou-se.

– Você pergunta por que não tentei encontrá-lo quando ele desapareceu. Pela mesma razão que Avery, Yaxley, os Carrow, Greyback, Lúcio – ele indicou Narcisa com um curto aceno de cabeça – e muitos outros não tentaram encontrá-lo. Acreditamos que tivesse sido liquidado. Não me orgulho disso, errei, mas veja como são as coisas... se ele não tivesse perdoado aos que perderam a fé nele, teriam lhe restado muito poucos seguidores.

– Ele teria a mim! – exclamou Belatriz apaixonadamente. – Eu, que passei tantos anos em Azkaban por causa dele!

– De fato, é admirável – disse Snape entediado. – Naturalmente você não teve muita utilidade para ele na prisão, mas foi sem dúvida um belo gesto...

– Gesto! – guinchou ela, que parecia enlouquecida de fúria. – Enquanto eu suportava os dementadores, você continuava em Hogwarts confortavelmente, brincando de bichinho de estimação de Dumbledore.

– Não foi bem assim – retorquiu Snape calmamente. – Ele não quis me dar o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, sabe. Deve ter pensado que isso pudesse provocar em mim uma, ah, recaída... me seduzisse a retomar minhas crenças anteriores.

– Foi esse o seu sacrifício pelo Lorde das Trevas, ser privado de ensinar a sua disciplina favorita? – zombou Belatriz. – E por que você permaneceu em Hogwarts todo esse tempo? Continuou espionando Dumbledore para um senhor que você acreditava morto?

– É pouco provável, mas o Lorde das Trevas se mostrou satisfeito que eu nunca tenha desertado o meu posto: acumulei dezesseis anos de informação sobre Dumbledore para lhe passar quando voltou, um presente de boas-vindas bem mais útil do que as infindáveis lembranças sobre Azkaban e tudo que tinha de desagradável...

– Mas você ficou...

– Sim, Belatriz, fiquei – confirmou Snape, pela primeira vez traindo um quê de impaciência. – Recebi uma tarefa confortável que achei preferível a uma temporada em Azkaban. Estavam capturando os Comensais da Morte, sabe. A proteção de Dumbledore me manteve fora da prisão, foi muito conveniente e me aproveitei disso. Repito: o Lorde das Trevas não reclama de eu ter ficado, portanto não vejo por que você há de se queixar.

"E acho que você também queria saber", continuou ele, alteando a voz porque Belatriz fazia menção de interrompê-lo, "por que me interpus ao Lorde das

Trevas e à Pedra Filosofal. É fácil responder. Ele não sabia se podia confiar em mim. Achou, como você, que de fiel Comensal da Morte eu me transformara em espião de Dumbledore. Ele estava em condição deplorável, muito fraco, compartilhava o corpo de um bruxo medíocre. Não ousou se mostrar a um antigo aliado, temendo que esse aliado pudesse entregá-lo a Dumbledore ou ao Ministério. Lamento profundamente que não confiasse em mim. Ele teria recuperado o poder três anos antes. Do jeito que foi, vi apenas o ambicioso e indigno Quirrell tentando roubar a Pedra e, admito, fiz tudo que pude para impedir."

Belatriz entortou a boca como se tivesse tomado um remédio de gosto ruim.

– Mas você não foi ao encontro dele quando ele voltou, não se reuniu a ele imediatamente quando sentiu a Marca Negra arder...

– Verdade. Fui duas horas depois. E por ordem de Dumbledore.

– Por ordem de Dum...? – começou ela em tom indignado.

– Pense! – disse Snape, impacientando-se de novo. – Pense! Esperando duas horas, apenas duas horas, garanti minha permanência em Hogwarts como espião! Deixando Dumbledore pensar que eu só estava retornando para o lado do Lorde das Trevas por ordem dele, pude passar informações sobre Dumbledore e a Ordem da Fênix desde então! Reflita Belatriz: a Marca Negra foi se acentuando durante meses, eu sabia que a volta do Lorde era iminente, todos os Comensais da Morte sabiam disso! Tive muito tempo para pensar no que queria fazer, planejar o meu lance seguinte, me safar como fez Karkaroff, não?

"Posso lhe garantir que o desagrado inicial do Lorde das Trevas com o meu atraso desapareceu completamente, quando lhe expliquei que eu ainda era fiel, e Dumbledore continuou achando que eu era o seu homem de confiança. O Lorde das Trevas de fato pensou que eu o tivesse abandonado para sempre, mas viu que estava errado."

– Mas no que é que você tem sido útil? – desdenhou Belatriz. – Que informações úteis você tem nos passado?

– Minhas informações têm sido transmitidas diretamente ao Lorde das Trevas. Se ele prefere não dividi-las com você...

– Ele divide tudo comigo! – disse Belatriz, inflamando-se. – Diz que sou a mais leal, mais fiel...

– Diz? – perguntou Snape, a voz subindo levemente para insinuar sua descrença. – E *ainda* divide, depois do fiasco no Ministério da Magia?

– Aquilo não foi minha culpa! – protestou Belatriz corando. – No passado, o Lorde das Trevas me confiou seu mais precioso... se Lúcio não tivesse...

– Não se atreva... não *se atreva* a culpar meu marido! – disse Narcisa em tom baixo e letal, erguendo os olhos para a irmã.

– Não vale a pena atribuir culpas – disse Snape com suavidade. – O que foi feito está feito.

– Mas não por você! – bradou Belatriz furiosa. – Não, você esteve mais uma vez ausente enquanto nós corríamos riscos, não é mesmo, Snape?

– Recebi ordens para permanecer na retaguarda. Quem sabe você discorda do Lorde das Trevas, quem sabe você acha que Dumbledore não teria reparado se eu fosse me reunir aos Comensais da Morte para combater a Ordem da Fênix? E... me desculpe... mas você fala de riscos... você esteve enfrentando seis adolescentes, não?

– Aos quais foi se juntar, logo em seguida, e não finja que não sabe, metade da Ordem! – rosnou Belatriz. – E, por falar nisso, você continua a insistir que não pode revelar onde é o quartel-general da Ordem, não é mesmo?

– Não sou o fiel do segredo, não posso dizer o nome do lugar. Acho que você sabe como funcionam os feitiços, não? O Lorde das Trevas está satisfeito com as informações que lhe passei sobre a Ordem. Permitiram, como você talvez tenha imaginado, a captura recente de Emelina Vance, e, sem sombra de dúvida, a eliminação de Sirius Black, embora eu dê a você todo o crédito pela execução dele.

Snape inclinou a cabeça e fez um brinde à Belatriz. A expressão da mulher não se abrandou.

– Você está evitando a minha última pergunta, Snape. Harry Potter. Você poderia ter matado o garoto em qualquer momento nos últimos cinco anos. Mas não matou. Por quê?

– Você já discutiu este assunto com o Lorde das Trevas?

– Ele... ultimamente... estou perguntando a *você*, Snape.

– Se eu tivesse matado Harry Potter, o Lorde das Trevas não poderia ter usado o sangue dele para se regenerar e se tornar invencível...

– Você está afirmando que previu o uso que ele faria do garoto? – caçoou Belatriz.

– Não estou afirmando; eu não tinha a menor ideia dos planos dele; já confessei que julgava o Lorde das Trevas morto. Estou meramente tentando explicar por que o Lorde das Trevas não lamentou que Potter tenha sobrevivido, pelo menos até um ano atrás...

– Mas por que você o deixou vivo?

– Você ainda não me entendeu? Foi a proteção de Dumbledore que me manteve fora de Azkaban. Você discorda que se eu tivesse matado seu aluno favorito ele teria se voltado contra mim? Mas havia outras razões. Devo lembrar-lhe que quando Potter chegou a Hogwarts ainda circulavam muitas histórias a respeito dele, boatos de que era um grande bruxo das trevas, e por isso tinha

sobrevivido ao ataque do Lorde das Trevas. De fato, muitos dos antigos seguidores do Lorde das Trevas pensavam que talvez fosse uma bandeira em torno da qual poderíamos nos reagrupar. Admito que fiquei curioso e nada inclinado a matá-lo quando desembarcou no castelo.

"É claro que rapidamente percebi que ele não possuía nenhum talento extraordinário. Conseguiu sair de muitos apertos graças a uma simples combinação de pura sorte e a ajuda de amigos mais talentosos. Ele é medíocre ao extremo, e detestável e presunçoso como foi o pai. Fiz tudo para que fosse expulso de Hogwarts, onde acredito não ser o seu lugar, mas matá-lo ou permitir que o matassem na minha frente? Eu teria sido idiota de me arriscar com o Dumbledore por perto."

– E dizendo isso você quer nos fazer acreditar que Dumbledore nunca suspeitou de você? Não faz a menor ideia de sua verdadeira lealdade; continua a confiar irrestritamente em você?

– Representei bem o meu papel – afirmou Snape. – E você está se esquecendo da maior fraqueza de Dumbledore: acreditar no melhor das pessoas. Contei-lhe uma história de profundo remorso quando entrei para o seu quadro docente, recém-saído dos meus dias de Comensal da Morte, e ele me recebeu de braços abertos... embora, como disse, sem deixar que eu me aproximasse das artes das trevas até onde pôde impedir. Dumbledore foi um grande bruxo, ah, sim, foi (porque Belatriz deixara escapar um ruído sarcástico), e o próprio Lorde das Trevas reconhece isso. Mas fico feliz de poder afirmar que está envelhecendo. O duelo com o Lorde das Trevas no mês passado abalou-o. Deve ter sofrido um grave ferimento porque suas reações estão mais lentas do que no passado. Mas, durante todos esses anos, ele nunca deixou de confiar em Severo Snape e nisto reside o meu grande valor para o Lorde das Trevas.

Belatriz continuava insatisfeita, embora insegura quanto à melhor maneira de continuar atacando Snape. Aproveitando-se do seu silêncio, o bruxo se dirigiu à irmã.

– Agora... você veio me pedir ajuda, Narcisa?

A bruxa ergueu os olhos para ele, seu rosto eloquente de desespero.

– Vim, Severo. Acho... acho que você é o único que pode me ajudar. Não tenho mais ninguém a quem recorrer. Lúcio está preso e...

Ela fechou os olhos e duas grandes lágrimas escorreram por baixo de suas pálpebras.

– O Lorde das Trevas me proibiu de falar nisso – continuou, com os olhos ainda fechados. – Não quer que ninguém saiba do plano. É... muito secreto. Mas...

– Se ele proibiu, você não deve falar – disse Snape imediatamente. – A

palavra do Lorde das Trevas é lei.
Narcisa ofegou como se tivesse recebido um esguicho de água fria. Belatriz pareceu satisfeita pela primeira vez desde que entrara na casa.
– Ouviu? – disse triunfante à irmã. – Até Snape diz isso: você recebeu ordem de não falar, então fique calada!
Snape, porém, tinha se levantado e ido até a pequena janela. Espiou a rua deserta entre as cortinas e tornou a fechá-las com um puxão. Virou-se, então, para encarar Narcisa muito sério.
– Por acaso, eu conheço o plano – disse em voz baixa. – Sou um dos poucos a quem o Lorde das Trevas o contou. Mas, se eu não estivesse a par do segredo, Narcisa, você teria cometido uma grande traição.
– Achei que você devia conhecer! – exclamou Narcisa, respirando mais aliviada. – Ele confia tanto em você, Severo...
– Você conhece o plano? – admirou-se Belatriz, sua momentânea expressão de prazer substituída pela mais pura indignação. – *Você* conhece?
– Com certeza – afirmou Snape. – Mas qual é a ajuda de que você precisa, Narcisa? Se está imaginando que posso persuadir o Lorde das Trevas a mudar de ideia, receio que não haja a menor esperança.
– Severo – sussurrou ela, as lágrimas deslizando pelo rosto pálido. – Meu filho... meu único filho...
– Draco devia se orgulhar – disse Belatriz com indiferença. – O Lorde das Trevas está lhe concedendo uma grande honra. E direi uma coisa em favor do seu filho: ele não está fugindo ao dever, parece contente com a oportunidade de ser posto à prova, excitado com a perspectiva...
Narcisa começou a chorar com vontade, sem tirar os olhos suplicantes de Snape.
– É porque ele tem apenas dezesseis anos e não faz ideia do que o espera! Por que, Severo? Por que o meu filho? É perigoso demais! É vingança pelo erro de Lúcio, eu sei que é!
Snape não respondeu. Desviou o olhar das lágrimas da mulher como se fossem indecentes, mas não pôde fingir que não a ouvia.
– Foi por isso que ele escolheu o Draco, não foi? – insistiu. – Para punir Lúcio?
– Se Draco for bem-sucedido – respondeu Snape, ainda sem olhar para Narcisa –, será mais prestigiado que todos os outros.
– Mas ele não será bem-sucedido! – soluçou Narcisa. – Como pode ser quando o próprio Lorde das Trevas...?
Belatriz soltou uma exclamação; Narcisa pareceu perder a coragem.
– Só quis dizer... que ninguém teve êxito até agora... Severo... por favor... você

é, e sempre foi, o professor favorito de Draco... você é um velho amigo de Lúcio... eu lhe suplico... você é o favorito do Lorde, o conselheiro em quem ele mais confia... quer falar com ele, persuadi-lo...?

– O Lorde das Trevas não se deixa persuadir, e não sou bastante tolo para tentar – disse Snape sem emoção. – Não posso fingir que ele não esteja aborrecido com Lúcio. Seu marido controlava a operação. Ele se deixou capturar juntamente com os demais e, ainda por cima, não conseguiu recuperar a profecia. Com certeza o Lorde das Trevas está irritado, Narcisa, muito irritado mesmo.

– Então tenho razão, ele escolheu Draco para se vingar! – disse Narcisa com a voz sufocada. – Não quer que ele seja bem-sucedido, quer que ele morra tentando.

Não ouvindo resposta de Snape, Narcisa pareceu perder o pouco controle que lhe restava. Levantando-se, cambaleou até Snape e agarrou-o pelas vestes. Com o rosto muito próximo ao dele, as lágrimas caindo no peito do bruxo, ela exclamou:

– Você poderia fazer isso. *Você* em vez de Draco, Severo. Você teria sucesso, e ele o recompensaria mais do que a qualquer um...

Snape segurou-a pelos pulsos e afastou as mãos que agarravam suas vestes. Baixando os olhos para o rosto manchado de lágrimas, disse lentamente:

– Acho que a intenção dele é me mandar tentar depois. Mas decidiu que Draco deve tentar primeiro. Sabe, no improvável acaso de Draco se sair bem, eu poderei permanecer em Hogwarts por mais algum tempo, desempenhando o meu proveitoso papel de espião.

– Em outras palavras, não faz diferença para ele se Draco morrer!

– O Lorde das Trevas está muito irritado – repetiu Snape em voz baixa. – Não conseguiu ouvir a profecia. Você sabe tão bem quanto eu que ele não perdoa facilmente.

Ela desmoronou aos pés dele, soluçando e gemendo.

– Meu único filho... meu único filho...

– Você devia se orgulhar! – exclamou Belatriz sem se apiedar. – Se eu tivesse filhos, eu os daria para servir o Lorde das Trevas!

Narcisa soltou um grito de desespero e agarrou os próprios cabelos com força. Snape se curvou, segurou a mulher pelos braços, levantou-a e sentou-a no sofá. Serviu mais um pouco de vinho e empurrou o copo na mão dela.

– Narcisa, chega. Beba isso. E me escute.

Ela se acalmou um pouco; deixando cair vinho nas vestes, tomou um golinho, trêmula.

– Talvez seja possível... ajudar o Draco.

Ela se empertigou, o rosto branco como uma folha de papel, os olhos arregalados.

– Severo... ah, Severo... você o ajudaria? Você o protegeria, cuidaria para que não sofresse nenhum mal?

– Posso tentar.

Ela largou o copo, que deslizou pelo tampo da mesa, ao mesmo tempo que, escorregando do sofá e se ajoelhando aos pés de Snape, segurou suas mãos e levou-as aos lábios.

– Se você estiver lá para protegê-lo... Severo, você jura? Você fará o Voto Perpétuo?

– O Voto Perpétuo? – O rosto de Snape se tornou impassível, impenetrável. Belatriz, porém, soltou uma gargalhada vitoriosa.

– Você ouviu bem, Narcisa? Ah, ele *tentará*, com certeza... as palavras vazias de sempre de quem tira o corpo fora... ah, e por ordem do Lorde das Trevas, é claro!

Snape não olhou para Belatriz. Seus olhos negros estavam fixos nos olhos azuis marejados de lágrimas de Narcisa, que ainda lhe apertava as mãos.

– Certamente, Narcisa, farei o Voto Perpétuo – disse baixinho. – Talvez, sua irmã aceite ser a nossa Avalista.

O queixo de Belatriz caiu. Snape se ajoelhou à frente de Narcisa. Diante do olhar assombrado de Belatriz, eles uniram as mãos direitas.

– Você vai precisar de sua varinha, Belatriz – disse Snape friamente.

A bruxa, ainda espantada, puxou a varinha.

– E vai precisar chegar um pouco mais perto – acrescentou ele.

Belatriz se aproximou dos dois, e colocou a ponta da varinha sobre as mãos unidas.

Narcisa falou:

– Você, Severo, cuidará do meu filho Draco quando ele estiver tentando realizar o desejo do Lorde das Trevas?

– Cuidarei.

Uma fina língua de fogo-vivo saiu da varinha e envolveu as mãos como um arame em brasa.

– E fará todo o possível para protegê-lo do mal?

– Farei.

Uma segunda língua de fogo saiu da varinha e se entrelaçou com a primeira, formando uma fina corrente luminosa.

– E se necessário for... se parecer que Draco falhará – sussurrou Narcisa (a mão de Snape estremeceu, mas ele não a soltou) –, você terminará a tarefa que o Lorde das Trevas incumbiu Draco de realizar?

Houve um momento de silêncio. Com a varinha sobre as mãos unidas dos dois, Belatriz observava de olhos arregalados.

– Terminarei – jurou Snape.

O rosto estarrecido de Belatriz se avermelhou, refletindo o clarão da terceira língua de fogo que saiu da varinha, enrolou-se nas outras e se fechou em torno das mãos, grossa como uma corda, como uma serpente de fogo.

— CAPÍTULO TRÊS —

Querer é poder

Harry Potter roncava sonoramente. Estivera sentado em uma poltrona à janela do seu quarto durante quase quatro horas, contemplando a rua que escurecia, e acabara adormecendo com um lado do rosto encostado na vidraça fria, os óculos tortos e a boca aberta. O bafo que ele exalava refulgia à claridade alaranjada do lampião da rua, e a luz artificial absorvia todo o colorido do seu rosto, fazendo-o parecer fantasmagórico sob seus cabelos pretos e rebeldes.

O quarto estava juncado com seus pertences e uma boa quantidade de lixo. Penas de coruja, miolos de maçãs e papéis de bala amontoavam-se pelo soalho, vários livros de feitiços estavam embolados com as vestes sobre sua cama, e havia uma confusão de jornais no círculo iluminado sobre sua escrivaninha. A manchete de um deles indagava:

HARRY POTTER: SERÁ ELE O Eleito?

Continua a boataria sobre acontecimentos recentes e misteriosos no Ministério da Magia, durante os quais Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado foi mais uma vez avistado.

"Não podemos comentar, não me pergunte nada", disse um agitado obliviador que se recusou a informar o seu nome quando saía ontem à noite do Ministério.

Ainda assim, fontes ministeriais confirmam que o foco do distúrbio foi a famosa Sala da Profecia.

Embora os porta-vozes oficiais continuem a se recusar sequer a confirmar a existência de tal sala, um número cada vez maior de pessoas na comunidade bruxa acredita que os Comensais da Morte, ora cumprindo pena em Azkaban por invasão e tentativa de roubo, tentaram se apoderar da profecia, cujo teor é desconhecido. Especula-se abertamente, no entanto, que deve dizer respeito a Harry Potter, a única pessoa que

sabidamente sobreviveu à Maldição da Morte, e dizem ter estado no Ministério na noite em questão. Há quem se aventure a chamar Potter de "O Eleito", acreditando que a profecia o nomeie como o único que poderá nos livrar de Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado.

Não se conhece o atual paradeiro da profecia, se é que de fato existe, embora *(cont. p. 2, coluna 5)*

Havia um segundo jornal ao lado do primeiro. A manchete era:

SCRIMGEOUR SUBSTITUI FUDGE

A maior parte da primeira página esta va tomada por uma grande foto em preto e branco de um homem com uma juba leonina e um rosto maltratado. A foto era comovente – ele estava acenando para o teto.

Rufo Scrimgeour, ex-chefe da Seção de Aurores, no Departamento de Execução das Leis da Magia, substitui Cornélio Fudge no Ministério da Magia. A nomeação foi recebida com entusiasmo pela maioria na comunidade bruxa, embora corram boatos de um sério desentendimento entre o novo ministro e Alvo Dumbledore – reconduzido ao cargo de bruxo-presidente da Suprema Corte dos Bruxos – ocorrido algumas horas depois de Scrimgeour ter assumido o Ministério.

Os representantes de Scrimgeour admitem que o ministro se encontrou com Dumbledore logo depois de sua posse no mais alto cargo da comunidade, mas recusaram-se a comentar a pauta da reunião. Sabe-se que Alvo Dumbledore *(cont. p. 3, coluna 2)*

Mais à esquerda deste jornal, havia outro, dobrado de modo a deixar visível o título da notícia: Ministro GARANTE A SEGURANÇA DOS ESTUDANTES.

O recém-nomeado ministro da Magia, Rufo Scrimgeour, falou hoje sobre as rigorosas medidas tomadas pelo seu Ministério para garantir a segurança dos estudantes que retornam agora, no outono, à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

"Por motivos óbvios, o Ministério não poderá entrar em detalhes sobre seu rigoroso projeto de segurança", disse o ministro, embora um funcionário bem informado confirme que as medidas incluem feitiços e encantamentos defensivos, um complexo conjunto de contrafeitiços e uma pequena força-tarefa de aurores, dedicados unicamente à proteção da

Escola de Hogwarts.

A maioria dos cidadãos parece tranquilizada pela firme atitude do ministro com relação à segurança estudantil. Comentou a sra. Augusta Longbottom: "Meu neto Neville, por sinal um grande amigo de Harry Potter, que lutou ao lado dele em junho no Ministério contra os Comensais da Morte e..."

Mas o resto desta história ficou sombreada por uma enorme gaiola deixada em cima do jornal, dentro da qual havia uma magnífica coruja de penas muito brancas. Seus olhos cor de âmbar examinavam o quarto autoritariamente, a cabeça virando de vez em quando para olhar o dono que roncava. Uma ou duas vezes, ela abriu e fechou o bico com estalos, impaciente, mas Harry estava dormindo profundamente demais para ouvi-la.

Havia, ainda, um malão bem no meio do quarto, com a tampa aberta, parecendo aguardar alguma coisa. Estava quase vazio, exceto por umas cuecas velhas, balas, tinteiros vazios e penas quebradas que forravam o seu fundo. No chão, à pequena distância, via-se caído um folheto roxo com um brasão em que se lia:

Por ordem do Ministério da Magia

PARA PROTEGER SUA CASA E SUA FAMÍLIA DAS FORÇAS DAS TREVAS

Atualmente a comunidade bruxa está sendo ameaçada por uma organização que se autodenomina Comensais da Morte. Observando simples diretrizes de segurança, você poderá proteger a si mesmo, a sua família e a sua casa de qualquer ataque.

1. *Recomendamos que você não saia de casa sozinho.*
2. *Tome especial cuidado durante a noite. Sempre que possível, programe suas viagens para começarem e terminarem antes do anoitecer.*
3. *Repasse as medidas de segurança que cercam a sua casa, cuidando para que todos os membros de sua família conheçam os procedimentos de emergência, tais como os feitiços Escudo e da Desilusão e, em caso de familiares de menor idade, a Aparatação Acompanhada.*
4. *Combine senhas com seus familiares e amigos íntimos para detectar Comensais da Morte que se façam passar por outras pessoas após a ingestão da Poção Polissuco (veja p. 2).*
5. *Se você sentir que um familiar, colega, amigo ou vizinho está agindo de*

modo estranho, entre imediatamente em contato com o Esquadrão de Execução das Leis da Magia. Ele ou ela talvez esteja dominado/a pela Maldição Imperius (veja p. 4).

6. *Se a Marca Negra aparecer pairando sobre qualquer prédio, NÃO ENTRE. Contate imediatamente a Seção de Aurores.*
7. *A visão de objetos não identificados sugere que os Comensais da Morte talvez estejam usando Inferi (veja p. 10). Se avistar ou encontrar algum, reporte ao Ministério IMEDIATAMENTE.*

Harry resmungou enquanto dormia, e seu rosto escorregou uns centímetros pela vidraça, deixando os óculos ainda mais tortos, mas nem assim ele acordou. Um despertador, consertado por ele mesmo, há tempos, tiquetaqueava sonoramente no parapeito da janela, indicando que faltava um minuto para as onze horas. Ao lado do despertador, segura na mão frouxa de Harry, havia uma folha de pergaminho escrita com uma caligrafia fina e inclinada. Harry lera esta carta tantas vezes desde que chegara havia três dias que, embora fosse um pergaminho bem enrolado, ficara completamente esticado.

Caro Harry,

Se for conveniente para você, farei uma visita à rua dos Alfeneiros, número 4, na próxima sexta-feira, às onze horas da noite, para acompanhá-lo À Toca, onde você está convidado a passar o resto de suas férias escolares.

Se concordar, eu gostaria também de poder contar com sua ajuda em um assunto que espero tratar a caminho d'A Toca. Explicarei melhor quando nos virmos.

Por favor, mande sua resposta pela mesma coruja. Espero vê-lo na sexta-feira.

Muito atenciosamente,
Alvo Dumbledore

Embora já a soubesse de cor, Harry não parava de relancear a carta desde as sete horas daquela noite, quando se instalara junto à janela do quarto, porque esta lhe oferecia uma visão razoável dos dois lados da rua dos Alfeneiros. Ele sabia que não adiantava ficar relendo as palavras de Dumbledore; mandara o seu "sim" pela coruja, conforme pedido, e agora só lhe restava esperar: ou ele viria ou não.

Mas Harry ainda não aprontara as malas. Parecia-lhe bom demais para ser verdade que fossem tirá-lo da casa dos Dursley após quinze dias em companhia da família. Não conseguia se livrar da sensação de que alguma coisa ia desandar

– a resposta à carta de Dumbledore poderia ter se extraviado; o bruxo poderia ser impedido de vir buscá-lo; a carta poderia não ser de Dumbledore e não passar de um truque, uma piada ou uma arapuca. Harry não teve coragem de aprontar as malas e depois ficar na mão e precisar desfazer tudo. A única concessão que fizera à possibilidade de viajar fora fechar Edwiges na gaiola.

O ponteiro menor do relógio chegou ao número doze e, neste exato momento, o lampião da rua apagou.

Harry acordou como se a repentina escuridão fosse um despertador. Endireitou, apressado, os óculos e, descolando a bochecha da vidraça para, em seu lugar, encostar o nariz, apertou os olhos para enxergar a calçada. Um vulto alto com uma longa capa esvoaçante estava entrando pelo jardim.

Harry levantou-se de um pulo como se tivesse levado um choque elétrico, derrubou a cadeira e começou a pegar todas as coisas ao seu alcance e jogá-las no malão. Na hora em que arremessava as vestes, dois livros de feitiços e uma embalagem de salgadinhos para o outro lado do quarto, a campainha tocou.

Lá embaixo, na sala de estar, seu tio Válter exclamou com impaciência:

– Quem será que está tocando a uma hora dessas?!

Harry congelou, com um telescópio de latão em uma das mãos e um par de tênis na outra. Esquecera-se completamente de avisar os Dursley de que Dumbledore talvez viesse. Sentindo ao mesmo tempo pânico e vontade de rir, saltou por cima do malão e escancarou a porta do quarto, em tempo de ouvir uma voz grave cumprimentar:

– Boa-noite. O senhor deve ser o sr. Dursley. Será que Harry não o preveniu que eu viria buscá-lo?

Harry desceu a escada de dois em dois degraus e parou abruptamente a alguns passos do hall, pois a longa experiência o ensinara a ficar longe do alcance do tio sempre que possível. Parado à porta, estava um homem alto e magro, com barbas e cabelos prateados até a cintura. Usava oclinhos de meia-lua encarrapitados no nariz torto, uma longa capa de viagem e um chapéu cônico. Vestido com um roupão cor de vinho, Válter Dursley, cujo bigode era preto mas tão farto quanto o de Dumbledore, encarava o visitante como se não pudesse acreditar nos seus olhinhos miúdos.

– A julgar pelo seu ar aturdido e descrente, Harry *não* o avisou da minha vinda – disse Dumbledore em tom amável. – Mas vamos presumir que o senhor tenha me convidado, cordialmente, a entrar. Não é sensato demorar demais à soleira das portas nestes tempos perturbados.

O bruxo cruzou o portal com elegância e fechou a porta ao passar.

– Faz muito tempo desde a minha última visita – falou Dumbledore, olhando por cima dos óculos para o tio Válter. – Devo dizer que os seus agapantos estão

bem floridos.

Válter continuou calado. Harry não duvidou que o tio logo recuperasse a fala – a veia que latejava em sua têmpora estava quase explodindo. Mas alguma coisa em Dumbledore parecia ter-lhe roubado temporariamente o fôlego. Talvez fosse a sua inegável aparência bruxa ou o fato de que mesmo o tio Válter podia perceber que ali estava um homem muito difícil de intimidar.

– Ah, boa-noite, Harry – cumprimentou Dumbledore, erguendo a cabeça para olhá-lo através dos óculos com ar de satisfação. – Ótimo, ótimo.

Tais palavras pareceram despertar o tio Válter. Em sua opinião, era óbvio que qualquer homem que pudesse olhar para Harry e dizer “ótimo” era alguém com quem ele jamais concordaria.

– Não quero ser grosseiro... – começou ele, em um tom que ameaçava se tornar grosseiro a cada sílaba.

– ... contudo, a grosseria acidental ocorre com alarmante frequência – Dumbledore terminou a frase sério. – É melhor não dizer nada, meu caro. Ah, e esta deve ser Petúnia.

A porta da cozinha se abrira, revelando a tia de Harry, de luvas de borracha e um robe por cima da camisola, visivelmente interrompendo sua costumeira limpeza das superfícies da cozinha antes de ir se deitar. Seu rosto cavalar expressava apenas choque.

– Alvo Dumbledore – informou o bruxo, já que o tio Válter não o apresentara. – Temos nos correspondido, é claro. – Harry achou que era um modo esquisito do diretor lembrar à tia Petúnia que certa vez lhe enviara uma carta explosiva, mas ela não protestou. – E esse deve ser o seu filho Duda, não?

Naquele instante, Duda espiara à porta da sala de estar. Sua cabeça grande e loura, emergindo da gola listrada do pijama, parecia estranhamente separada do corpo, a boca aberta de espanto e medo. Dumbledore esperou um momento, aparentemente para ver se os Dursley iam dizer alguma coisa, mas, como o silêncio se prolongasse, ele sorriu.

– Posso presumir que os senhores tenham me convidado a sentar em sua sala de estar?

Duda afastou-se depressa do caminho quando Dumbledore passou. Harry, ainda segurando o telescópio e os tênis, saltou os últimos degraus e acompanhou Dumbledore, que se acomodou na poltrona mais próxima da lareira e se deteve a reconhecer o ambiente com uma expressão de educado interesse. Parecia extraordinariamente deslocado.

– Não vamos embora, professor? – perguntou Harry ansioso.

– Certamente, mas primeiro há umas questões que precisamos discutir. E preferia não fazer isto ao ar livre. Por isso, vamos abusar da hospitalidade do

seus tios por mais uns minutinhos.
– E como vão!
Válter Dursley entrara na sala, Petúnia ao seu lado e Duda, mal-humorado, atrás deles.
– É – disse Dumbledore com simplicidade. – Abusaremos.
E sacou a varinha com tanta rapidez que Harry mal chegou a vê-la; a um gesto displicente, o sofá arremessou-se para a frente, atingiu os joelhos dos Dursley e os fez perder o equilíbrio e desmontar nele. A um segundo gesto com a varinha, o sofá voltou rapidamente à posição inicial.
– E é melhor fazermos isso com conforto – disse o bruxo cordialmente.
Quando Dumbledore guardou a varinha no bolso, Harry notou que sua mão estava escura e enrugada; a pele parecia ter sido destruída por uma queimadura.
– Professor... que aconteceu com sua...?
– Mais tarde, Harry. Sente-se, por favor.
O garoto ocupou a poltrona que sobrara, fazendo questão de não olhar para os Dursley, todos mudos de espanto.
– Presumi que fossem me oferecer uma bebida – disse Dumbledore ao tio Válter –, mas, pelo visto, tanto otimismo seria tolice.
Um terceiro gesto com a varinha fez aparecer no ar uma garrafa empoeirada e cinco copos. A garrafa se inclinou e serviu uma generosa dose de um líquido cor de mel em cada copo, que, então, flutuou até cada uma das pessoas na sala.
– É o melhor hidromel envelhecido em barris de carvalho por Madame Rosmerta – explicou Dumbledore, fazendo um brinde a Harry, que apanhou o copo e bebeu. Nunca provara nada parecido antes, mas gostou imensamente. Os Dursley, depois de trocarem olhares rápidos e apavorados, tentaram fingir que não viam seus copos, o que era difícil porque eles davam pancadinhas em suas cabeças. Harry não conseguiu afastar a suspeita de que Dumbledore estava se divertindo.
– Bom, Harry – disse o bruxo dirigindo-se a ele –, surgiu uma dificuldade que espero que você possa resolver para nós. Por nós, eu me refiro à Ordem da Fênix. Antes de mais nada, porém, preciso lhe dizer que encontraram o testamento de Sirius há uma semana, e ele deixou todos os seus bens para você.
No sofá, tio Válter se virara, mas Harry não olhou para ele nem conseguiu pensar em nada para dizer, exceto:
– Certo.
– No geral, é um testamento bem simples. Você acrescenta uma boa quantidade de ouro à sua conta no Gringotes e herda todos os bens pessoais de Sirius. A parte ligeiramente problemática do documento...
– O padrinho dele morreu? – perguntou tio Válter, em voz alta, lá do sofá.

Dumbledore e Harry se viraram para olhá-lo. O copo de hidromel agora batia insistentemente em sua cabeça; ele tentava afastá-lo. – Morreu? O padrinho dele?

– Morreu – confirmou Dumbledore, sem perguntar a Harry por que não contara aos tios. – Nosso problema – continuou falando com Harry, como se não tivesse havido interrupção – é que Sirius também deixou para você a casa número doze do largo Grimmauld.

– Deixou uma casa para ele? – perguntou tio Válter, ganancioso, apertando os olhos miúdos, mas ninguém lhe respondeu.

– Podem continuar a usar a casa como quartel-general – disse Harry. – Não me importo. Podem ficar com ela. Não a quero. – Se dependesse dele, não queria nunca mais pisar na casa do largo Grimmauld. Achava que a lembrança de Sirius, vagando solitário pelos aposentos escuros e mofados, prisioneiro de um lugar que tinha tentado desesperadamente abandonar, o atormentaria para sempre.

– É um gesto generoso. Mas desocupamos o imóvel temporariamente.

– Por quê?

– Bem – respondeu Dumbledore, não dando atenção aos resmungos do tio Válter, que agora levava na cabeça batidas dolorosas do insistente copo de hidromel –, segundo a tradição da família Black, a casa passa ao descendente masculino mais próximo, em linha direta que tenha o nome Black. Sirius foi o último da linhagem, porque seu irmão mais novo, Régulo, faleceu antes, e nenhum dos dois teve filhos. Embora o testamento deixe perfeitamente claro que Sirius desejava que a casa fosse sua, é possível que tenham lançado nela algum encantamento ou feitiço para garantir que não pertença a alguém de sangue impuro.

A imagem nítida do quadro da mãe de Sirius berrando e cuspindo, no corredor da casa número doze no largo Grimmauld, passou pela cabeça de Harry.

– Aposto que lançaram.

– Sem dúvida – disse Dumbledore. – E, se tal encantamento existir, é muito provável que a propriedade da casa passe ao parente vivo mais velho de Sirius, ou seja, sua prima Belatriz Lestrange.

Sem perceber o que fazia, Harry levantou-se de um pulo; o telescópio e os tênis em seu colo rolaram pelo chão. Belatriz Lestrange, a assassina de Sirius, herdar a casa dele?

– Não – protestou ele.

– Bem, é óbvio que também preferimos que ela não herde – respondeu Dumbledore calmamente. – A situação é bem complicada. Por exemplo, não sabemos se os encantamentos que nós mesmos lançamos sobre a casa, para

impossibilitar sua localização, persistirão, agora que deixou de pertencer a Sirius. Belatriz pode aparecer à porta a qualquer momento. É claro que fomos obrigados a nos mudar até termos esclarecido a nossa posição.

– Mas como é que vamos descobrir se tenho direito a casa?

– Felizmente há um teste bem simples. – Dumbledore depositou o copo em cima de uma mesinha ao lado de sua poltrona, mas, antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, o tio Válter berrou:

– *Quer tirar essas porcarias de cima da gente?*

Harry se virou; os três Dursley estavam encolhidos com os braços para o alto enquanto os copos batiam em suas cabeças, fazendo voar hidromel para todo lado.

– Ah, sinto muito – disse Dumbledore, atencioso, e tornou a erguer sua varinha. Os três copos desapareceram. – Mas, sabem, teria sido mais educado aceitarem a bebida.

Pelo jeito, tio Válter estava explodindo de vontade de dar várias respostas malcriadas, mas apenas voltou a se afundar nas almofadas com tia Petúnia e Duda, sem dizer nada, nem tirar seus olhinhos de porco da varinha de Dumbledore.

– Entende – continuou Dumbledore, voltando sua atenção para Harry, como se o tio Válter não tivesse se manifestado –, se você tiver de fato herdado a casa, também terá herdado...

Ele acenou com a varinha pela quinta vez. Ouviu-se um forte estalo e apareceu, agachado no tapete peludo dos Dursley, um elfo doméstico, com um nariz focinhudo, grandes orelhas de morcego e enormes olhos avermelhados, vestido de trapos encardidos. Tia Petúnia soltou um urro de arrepiar os cabelos: não havia lembrança de nada imundo assim ter algum dia entrado em sua casa; Duda tirou do chão os enormes pés rosados e descalços e levantou-os quase acima da cabeça, como se imaginasse que a criatura pudesse subir pelas calças do seu pijama, e tio Válter berrou:

– Que *diabo* é isso?

– ... o Monstro – apresentou Dumbledore.

– Monstro não quer, Monstro não quer. Monstro não quer – grasnou o elfo doméstico, berrando quase tão alto quanto o tio Válter, batendo no chão os pés nodosos e puxando as orelhas. – Monstro é da senhorita Belatriz, ah, sim, Monstro é dos Black. Monstro quer sua nova dona, Monstro não quer o pirralho Potter, Monstro não quer, não quer, não quer...

– Como você está vendo, Harry – disse Dumbledore alteando a voz acima dos grasnidos ininterruptos do Monstro de “não quer, não quer, não quer” –, Monstro está demonstrando uma certa relutância em passar às suas mãos.

– Eu não me importo – repetiu Harry, olhando enojado para o elfo, que se contorcia e batia os pés. – Eu não o quero.

– *Não quer, não quer, não quer...*

– Você prefere que passe às mãos de Belatriz Lestrange? Mesmo lembrando que ele morou todo o último ano no quartel-general da Ordem da Fênix?

– *Não quer, não quer, não quer...*

Harry encarou Dumbledore. Sabia que não poderia deixar o Monstro ir morar com Belatriz Lestrange, mas a ideia de ser dono dele, de assumir responsabilidade pela criatura que traíra Sirius, era repugnante.

– Dê-lhe uma ordem – disse Dumbledore. – Se ele for seu, terá de obedecer. Se não, teremos de pensar em outros meios de mantê-lo longe de sua legítima dona.

– Não quer, não quer, não quer, NÃO QUER!

Monstro agora urrava. Harry não conseguiu pensar no que dizer, exceto:

– Monstro, cala a boca!

Por um instante pareceu que o Monstro fosse engasgar. Levou as mãos à garganta, a boca ainda mexendo furiosamente, os olhos saltando das órbitas. Passados alguns segundos de engolidas em seco, ele se atirou de cara no tapete (tia Petúnia gemeu) e bateu no chão com as mãos e os pés, entregando-se a um violento, mas silencioso, acesso de raiva.

– Bem, isto simplifica a questão – disse Dumbledore animado. – Parece que Sirius sabia o que estava fazendo. Você é o legítimo proprietário da casa número doze no largo Grimmauld e de Monstro.

– Será que tenho de... de ficar com ele? – perguntou Harry, horrorizado, enquanto Monstro continuava a se debater a seus pés.

– Não, se não quiser – disse Dumbledore. – Se aceita uma sugestão, você poderia mandá-lo trabalhar na cozinha de Hogwarts. Desta maneira, os outros elfos domésticos poderiam vigiá-lo.

– É – exclamou Harry aliviado –, é o que vou fazer. Ãa... Monstro... quero que vá para as cozinhas de Hogwarts trabalhar com os outros elfos.

Monstro, que agora estava com as costas achatadas contra o chão, e os pés e as pernas no ar, lançou a Harry, de baixo para cima, um olhar do mais profundo desprezo e, com outro forte estalo, desapareceu.

– Bom – disse Dumbledore. – Temos também o problema do hipogrifo. Hagrid tem cuidado dele desde que Sirius morreu, mas o Bicuço agora é seu, por isso, se preferir tomar outras providências...

– Não – respondeu Harry imediatamente –, ele pode continuar com Hagrid. Bicuço gostaria mais assim.

– Hagrid vai adorar – disse Dumbledore sorrindo. – Ficou contente de rever

Bicuço. Por falar nisso, para garantir a segurança dele, decidimos, por ora, rebatizá-lo de Asafugaz, embora eu duvide que o Ministério possa concluir que é o mesmo hipogrifo condenado à morte. Agora, Harry, suas malas estão prontas?
– Ãăã...
– Duvidou que eu apareceria? – insinuou Dumbledore astutamente.
– Num minuto... eh... eu termino – apressou-se Harry a dizer, catando o telescópio e os tênis que tinham caído.
Ele gastou pouco mais de dez minutos para encontrar tudo de que precisava; por fim, conseguiu tirar a Capa da Invisibilidade de baixo da cama, vedou o frasco de Tinta Muda-Cor e forçou a tampa do malão a fechar sobre seu caldeirão. Depois, arrastando o malão com uma das mãos e segurando a gaiola de Edwiges com a outra, desceu.
Harry ficou desapontado ao descobrir que Dumbledore não o esperava no hall, o que significava que teria de voltar à sala de estar.
Ninguém conversava. Dumbledore cantarolava de boca fechada, aparentemente muito à vontade, mas a atmosfera estava densa e gelada, e Harry não se atreveu a olhar para os Dursley quando anunciou:
– Professor... estou pronto.
– Bom – disse Dumbledore. – Uma última coisa, então. – E se virou para falar com os Dursley. – Como os senhores sem dúvida sabem, dentro de um ano Harry atinge a maioridade...
– Não – interrompeu-o a tia Petúnia, falando pela primeira vez desde a chegada de Dumbledore.
– Perdão? – disse o bruxo, educadamente.
– Não. Ele é um mês mais novo que o Duda, e meu filho só vai fazer dezoito anos daqui a dois anos.
– Ah! – exclamou Dumbledore cordialmente –, mas, no mundo dos bruxos, atingimos a maioridade aos dezessete.
Tio Válter resmungou “que absurdo”, mas Dumbledore não lhe deu atenção.
– Então, como os senhores sabem, o bruxo chamado Lorde Voldemort voltou ao país. Atualmente a nossa comunidade está em guerra declarada. Harry, a quem Lorde Voldemort já tentou matar em várias ocasiões, está passando por um perigo muito maior do que no dia em que o deixei à sua porta, há quinze anos, com uma carta explicando que seus pais tinham sido assassinados e manifestando a esperança de que os senhores cuidassem dele como se fosse um filho.
Dumbledore fez uma pausa, e, embora sua voz continuasse leve e calma, e não deixasse transparecer sua raiva, Harry sentiu que emanava uma certa frieza. Notou também que os Dursley se aconchegaram uns aos outros quase

imperceptivelmente.

– Os senhores não fizeram o que pedi. Nunca trataram Harry como um filho. Nas suas mãos, ele só conheceu o descaso e muitas vezes a crueldade. O máximo que se pode dizer a seu favor é que ele escapou do enorme dano que os senhores causaram a esse pobre menino sentado entre os dois.

Tio Válter e tia Petúnia se viraram instintivamente, como se esperassem ver mais alguém além de Duda espremido entre eles.

– Nós... tratamos mal o Dudoca? Que conversa...? – começou tio Válter furioso, mas Dumbledore ergueu um dedo mandando-o silenciar, e o silêncio sobreveio como se o bruxo o tivesse emudecido.

– A mágica que invoquei há quinze anos significa que Harry contará com uma forte proteção enquanto puder considerar esta casa dele. Por mais infeliz que tenha sido aqui, por mais mal recebido, por mais destratado, os senhores lhe concederam pelo menos abrigo, ainda que de má vontade. A mágica cessará no momento em que Harry fizer dezessete anos; em outras palavras, no momento em que se tornar homem. Então só peço uma coisa: que os senhores deixem Harry voltar mais uma vez a esta casa, antes do seu aniversário de dezessete anos, o que garantirá que a proteção se manterá em vigor até aquela data.

Nenhum dos Dursley disse coisa alguma. Duda tinha a testa ligeiramente enrugada, como se ainda tentasse entender quando fora maltratado. Tio Válter parecia ter alguma coisa entalada na garganta. Tia Petúnia, no entanto, parecia estranhamente corada.

– Bem, Harry... está na hora de irmos andando – falou, por fim, Dumbledore, levantando-se e acertando a longa capa preta. – Até a próxima – disse aos Dursley, que, pelo jeito, pareciam desejar que a próxima não chegasse nunca. E, cumprimentando-os com um aceno do chapéu, saiu teatralmente da sala.

– Tchau – despediu-se Harry, apressado, e acompanhou Dumbledore, que parou junto ao malão com a gaiola em cima.

– Não queremos nos sobrecarregar com isso agora – disse, puxando mais uma vez a varinha. – Vou despachar esta bagagem para A Toca. Mas gostaria que você levasse sua Capa da Invisibilidade... caso precise.

A muito custo, Harry tirou a capa do malão, tentando esconder do diretor a bagunça que havia lá dentro. Depois que a enfiou de qualquer jeito em um bolso interno do blusão, Dumbledore acenou com a varinha, e o malão, a gaiola e Edwiges desapareceram. Fez um novo aceno, e a porta da casa se abriu para a escuridão fresca e enevoada.

– E agora, Harry, vamos sair para a noite em busca dessa sedutora volúvel, a aventura.

— CAPÍTULO QUATRO—

Horácio Slughorn

Ainda que, nos últimos dias, tivesse passado todos os momentos de vigília desejando desesperadamente que Dumbledore viesse buscá-lo, Harry se sentiu pouco à vontade quando partiram juntos da rua dos Alfeneiros. Nunca tivera uma conversa para valer com o diretor, fora de Hogwarts; lá havia sempre uma escrivaninha entre os dois. Além disso, a lembrança do seu último encontro não parava de lhe ocorrer, e aumentava o seu constrangimento; gritara muito naquela ocasião, isto sem falar em seus esforços para destruir vários objetos de estimação de Dumbledore.

O diretor, porém, parecia completamente descontraído.

– Mantenha sua varinha à mão, Harry – disse, animado.

– Mas pensei que não tinha licença para usar a magia fora da escola, professor.

– Se houver um ataque, eu lhe darei permissão para usar qualquer contrafeitiço ou contramaldição que lhe ocorra. Mas acho que hoje à noite não vai precisar se preocupar com ataques.

– Por que não, professor?

– Porque você está comigo – respondeu Dumbledore com simplicidade. – Aqui já está bom, Harry.

O bruxo parou bruscamente ao fim da rua dos Alfeneiros.

– Naturalmente, você ainda não passou no teste de Aparatação, não é?

– Não. Pensei que precisava ter dezessete anos.

– Precisa. Então, segure com força no meu braço. No esquerdo, se não se importar... você deve ter reparado que o braço com que seguro a varinha está um pouco sensível no momento.

Harry agarrou o braço oferecido por Dumbledore.

– Bem, então vamos.

Harry sentiu o braço do bruxo torcer e fugir-lhe, e redobrou o seu aperto; no momento seguinte tudo escureceu; teve a impressão de estar sendo fortemente

puxado em todas as direções; não conseguia respirar, tiras de ferro envolviam seu peito, comprimindo-o; suas órbitas estavam sendo empurradas para o fundo da cabeça; seus tímpanos entravam crânio adentro; então...

Ele aspirou grandes golfadas do ar frio da noite e abriu os olhos lacrimejantes. Teve a sensação de que o enfiavam por uma mangueira de borracha apertada. Passaram-se alguns segundos até ele entender que a rua dos Alfeneiros desaparecera. Viu que ele e Dumbledore estavam, agora, parados na praça deserta de algum povoado, no centro da qual havia um memorial de guerra e alguns bancos. O entendimento finalmente alcançou os seus sentidos, e Harry percebeu que acabara de aparatar pela primeira vez na vida.

– Você está bem? – perguntou Dumbledore, olhando-o, solícito. – Leva algum tempo para acostumar com a sensação.

– Estou ótimo – respondeu Harry, esfregando as orelhas, que pareciam ter deixado a rua dos Alfeneiros com uma certa relutância. – Mas acho que prefiro as vassouras.

Dumbledore sorriu, aconchegou melhor a capa em torno do pescoço e disse:

– Vamos por aqui.

E, andando rapidamente, passou por uma estalagem vazia e algumas casas. Segundo o relógio de uma igreja vizinha, era quase meia-noite.

– Agora me diga, Harry, a sua cicatriz... tem doído?

Harry levou a mão à testa inconscientemente e esfregou a marca em forma de raio.

– Não, e tenho me perguntado o porquê. Pensei que iria arder o tempo todo, agora que Voldemort está recuperando o poder.

Ele olhou para Dumbledore e notou que tinha uma expressão satisfeita.

– Já eu pensei o contrário – disse Dumbledore. – Lorde Voldemort finalmente percebeu como é perigoso o acesso que você tem tido aos pensamentos e emoções dele. Imagino que agora esteja usando a Oclumência contra você.

– Por mim, tudo bem – comentou Harry, que não sentia falta dos sonhos perturbadores nem dos vislumbres intuitivos da mente de Voldemort.

Eles viraram uma esquina, passaram por uma cabine telefônica e uma parada de ônibus. Harry tornou a olhar Dumbledore pelo canto dos olhos.

– Professor?

– Harry?

– Ãã... onde é que nós estamos exatamente?

– No encantador povoado de Budleigh Babberton.

– E que estamos fazendo aqui?

– Ah sim, claro. Não lhe contei. Já perdi a conta do número de vezes que repeti isso nos últimos anos, mas estamos novamente desfalcados de um

funcionário nos nossos quadros. Estamos aqui para convencer um velho colega meu a suspender a aposentadoria e voltar a Hogwarts.

– E como vou ajudar o senhor?

– Ah, acho que encontraremos uma maneira – respondeu o diretor vagamente. – À esquerda aqui, Harry.

Eles tomaram uma rua íngreme e estreita ladeada de casas. Todas as janelas estavam escuras. A friagem estranha que pairara sobre a rua dos Alfeneiros nessas duas semanas persistia ali. Lembrando-se dos dementadores, Harry deu uma espiada por cima do ombro e segurou a varinha em seu bolso com firmeza.

– Professor, por que não aparatamos diretamente na casa do seu ex-colega?

– Porque seria tão grosseiro quanto derrubar a porta da casa a pontapés. A cortesia exige que demos aos colegas bruxos a oportunidade de nos negar entrada. Em todo caso, a maioria das casas bruxas são magicamente protegidas de pessoas indesejáveis que aparatem. Em Hogwarts, por exemplo...

– ... não se pode aparatar nos prédios nem nos terrenos – completou Harry depressa. – Foi a Hermione Granger quem me disse.

– E está certa. Viramos à esquerda outra vez.

Às suas costas, o relógio da igreja bateu meia-noite. Harry se perguntou se Dumbledore não considerava falta de educação visitar um colega tão tarde, mas, agora que a conversa começara a fluir, ele tinha perguntas mais urgentes a fazer.

– Professor, li no *Profeta Diário* que Fudge foi demitido...

– É verdade – confirmou Dumbledore, agora virando para uma ladeira secundária. – Foi substituído, e tenho certeza que você também leu isso, por Rufo Scrimgeour, que costumava chefiar a Seção de Aurores.

– Ele é... o senhor acha que ele é bom? – perguntou Harry.

– Uma pergunta interessante. Sem dúvida, ele é competente. Mais decidido e enérgico do que Cornélio.

– Sei, mas eu quis dizer...

– Entendi o que você quis dizer. Rufo é um homem de ação e, tendo combatido bruxos das trevas a maior parte da sua vida profissional, não subestima Lorde Voldemort.

Harry esperou, mas Dumbledore não mencionou o desentendimento que o *Profeta Diário* noticia ra, e, como não teve coragem de insistir, mudou de assunto.

– E... senhor... e Madame Bones?

– É – disse Dumbledore baixinho. – Uma perda funesta. Era uma grande bruxa. É logo aqui, acho... aí!

Apontara com a mão machucada.

– Professor, que aconteceu com a sua...?

– Não tenho tempo para explicar agora. É uma história eletrizante, e quero contá-la como merece ser contada.

Ele sorriu para Harry, que compreendeu que aquilo não era uma negativa e que tinha permissão para continuar com as perguntas.

– Senhor... recebi um folheto do ministro da Magia por correio-coruja, sobre as medidas de segurança que devemos tomar para nos proteger dos Comensais da Morte...

– Eu também recebi – continuou Dumbledore, ainda sorrindo. – Você achou o folheto útil?

– Não muito.

– Não, eu achei que não. Você não me perguntou, por exemplo, qual é o sabor de geleia que prefiro, para verificar se sou realmente o professor Dumbledore, e não um impostor.

– Não perguntei... – começou Harry, um pouco inseguro quanto a estar ou não sendo repreendido.

– Para sua referência futura, é amora... embora, é claro, se eu fosse um Comensal da Morte, teria tido o cuidado de pesquisar minhas geleias preferidas antes de me fazer passar por mim mesmo.

– Ãa... certo. Bem, o folheto dizia alguma coisa sobre Inferi. Que vem a ser isso? Não ficou muito claro.

– São defuntos – respondeu Dumbledore calmamente. – Defuntos enfeitiçados para cumprir ordens de um bruxo das trevas. Mas não vemos Inferi há muito tempo, pelo menos desde a última vez que Voldemort teve o poder... ele matou gente suficiente para formar um exército deles, é claro. É aqui, Harry, bem aqui...

Aproximavam-se de uma casinha de pedra, bem cuidada, no meio do jardim. Harry estava ocupado demais, digerindo a pavorosa ideia de mortos-vivos, para dar atenção a qualquer outra coisa, mas, quando alcançaram o portão da casa, Dumbledore estacou e Harry colidiu com ele.

– Que lástima! Que lástima!

O garoto acompanhou o olhar do diretor pela entrada bem conservada e sentiu um aperto no coração. A porta da casa fora arrancada das dobradiças.

Dumbledore olhou para cima e para baixo da rua. Parecia deserta.

– Pegue a varinha e me siga, Harry – disse em voz baixa.

Abriu o portão e entrou pelo jardim, rápida e silenciosamente, o garoto em seus calcanhares, então empurrou a porta da casa bem devagar, com a varinha erguida e pronta.

– *Lumus*.

A ponta da varinha do diretor acendeu, iluminando um corredor estreito. À

esquerda, havia outra porta aberta. Empunhando a varinha acesa, Dumbledore entrou na sala de estar com Harry logo atrás.

Depararam com uma cena de total devastação. Um relógio de carrilhão jazia aos seus pés, o mostrador estilhaçado, o pêndulo, mais adiante, como uma espada abandonada. O piano estava virado de lado, as teclas espalhadas pelo chão. Os destroços de um lustre caído brilhavam à pequena distância. Almofadas murchas, as penas do enchimento saindo pelos rasgos laterais; cacos de vidro e louça cobriam tudo como se fossem pó. Dumbledore ergueu a varinha mais alto, para a luz clarear as paredes, cujo papel tinha manchas vermelho-escuras e gelatinosas. O ruído da inspiração de Harry fez Dumbledore virar a cabeça.

– Nada bonito, não é – disse oprimido. – Alguma coisa terrível aconteceu aqui.

O diretor avançou cuidadosamente até o meio da sala, examinando os destroços pelo chão. Harry acompanhou-o, olhando para os lados, meio apavorado com o que poderia ver escondido sob o piano ou o sofá virados e destruídos, mas não viu sinal de cadáver.

– Talvez tenha havido uma luta... e o levaram embora, professor? – sugeriu Harry, tentando não imaginar a gravidade dos ferimentos de um homem que pudesse deixar aquelas manchas espalhadas até a metade das paredes.

– Acho que não – respondeu Dumbledore em voz baixa, espiando atrás de uma poltrona excessivamente estofada e tombada de lado.

– O senhor quer dizer que ele...

– Ainda está por aqui? Isto mesmo.

E, inesperadamente, Dumbledore se curvou, e enfiou a ponta da varinha no assento da poltrona, que gritou:

– Ai!

– Boa-noite, Horácio – cumprimentou Dumbledore, tornando a se erguer.

O queixo de Harry caiu. Onde, uma fração de segundo antes, havia uma poltrona, agora via-se encolhido um velho imensamente gordo e careca que massageava o baixo-ventre e apertava os olhos para enxergar Dumbledore com um olhar lacrimejante e ofendido.

– Não precisava enfiar a varinha com tanta força – reclamou mal-humorado, pondo-se de pé. – Doeu.

A luz da varinha cintilou em sua careca, seus olhos protuberantes, sua bigodeira prateada que lembrava a de um leão-marinho e os botões muito polidos do roupão cor de vinho que usava sobre o pijama de seda lilás. Sua cabeça mal alcançava o queixo de Dumbledore.

– Que foi que me denunciou? – resmungou, erguendo-se com dificuldade e ainda esfregando o baixo-ventre. Parecia excepcionalmente descarado para um

homem que acabara de ser descoberto fingindo-se de poltrona.
– Meu caro Horácio – respondeu Dumbledore, parecendo divertir-se –, se realmente os Comensais da Morte lhe tivessem feito uma visita, a Marca Negra teria sido deixada sobre sua casa.
O bruxo deu um tapinha na enorme testa.
– A Marca Negra – murmurou. – Eu sabia que havia uma coisa... ah, bem. Seja como for, eu não teria tido tempo. Tinha acabado de dar os últimos retoques no estofamento quando você entrou na sala.
E deu um profundo suspiro que fez as pontas dos seus bigodes esvoaçarem.
– Quer minha ajuda para arrumar a sala? – perguntou Dumbledore educadamente.
– Por favor – disse o outro.
Eles se postaram de costas um para o outro, o bruxo alto e magro e o baixo e gordo, e acenaram com as varinhas, num gesto amplo e idêntico.
Os móveis voltaram instantaneamente aos seus lugares; os enfeites se recompuseram no ar; as penas flutuaram para dentro das almofadas; os livros rasgados se emendaram e tomaram seus lugares nas prateleiras; os candeeiros a óleo voaram para as mesinhas e reacenderam; uma vasta coleção de molduras de prata quebradas deslocara-se, refulgindo pela sala, e pousara, intacta e polida, com seus respectivos retratos, sobre uma escrivaninha; rasgos, rachaduras e buracos se consertaram por toda parte e as paredes se limparam.
– A propósito, que tipo de sangue era aquele? – perguntou Dumbledore em voz alta, para abafar o carrilhão do relógio recém-consertado.
– Nas paredes? Dragão – gritou o bruxo chamado Horácio enquanto o lustre tornava a se prender ao teto, com ensurdecedores ruídos metálicos.
O piano tocou uma nota final, e tudo silenciou.
– É, de dragão – repetiu o bruxo, dando seguimento à conversa. – Meu último vidro, e os preços andam na estratosfera. Mas quem sabe ainda consiga usá-lo?
Ele se dirigiu aborrecido ao móvel em que estava uma garrafinha de cristal e ergueu-a à luz, examinando o líquido espesso que continha.
– Hum. Um pouco de borra.
Repôs a garrafa sobre o móvel e suspirou. Foi então que seu olhar recaiu sobre Harry.
– Oho! – exclamou, os grandes olhos redondos fixando a testa de Harry e a cicatriz em forma de raio. – *Oho!*
– Este – disse Dumbledore, adiantando-se para fazer as apresentações – é Harry Potter. Harry, este é um velho amigo e colega, Horácio Slughorn.
O bruxo virou-se para Dumbledore, com uma expressão astuta no olhar.
– Então foi assim que você pensou que ia me convencer? Pois bem, a resposta

é não, Alvo.

Ele passou por Harry, com o rosto resolutamente virado e o ar de um homem que tenta resistir à tentação.

– Suponho que pelo menos possamos tomar uma bebida? – perguntou Dumbledore. – Para lembrar os velhos tempos?

Slughorn hesitou.

– Tudo bem, então, um drinque – concedeu de má vontade.

Dumbledore sorriu para Harry e conduziu-o a uma poltrona parecida com a que Slughorn tão recentemente encarnara, que ficava ao lado da lareira recém-acesa e da luz forte de um candeeiro a óleo. Harry sentou com a nítida impressão de que o diretor, por alguma razão, queria que ele ficasse bem visível. E acertou. Quando Slughorn, que estivera ocupado com garrafas e copos, se virou de frente para a sala, seus olhos bateram imediatamente em Harry.

– Hum – resmungou, desviando os olhos como se tivesse medo de ferilos. – Tome... – Entregou a bebida a Dumbledore, que sentara sem convite, empurrou a bandeja para o garoto e, em seguida, afundou nas almofadas do sofá restaurado, em um silêncio contrariado. Suas pernas eram tão curtas que não tocavam o chão.

– Bem, e como tem andado, Horácio? – perguntou Dumbledore.

– Não muito bem – respondeu Slughorn imediatamente. – Fraqueza no peito. Asma. E reumatismo também. Não consigo me mexer como antigamente. Bem, é o normal. Velhice. Cansaço.

– Contudo, você deve ter se mexido bem rápido para improvisar aquela recepção para nós. Não deve ter tido mais de três minutos de aviso, não é?

Slughorn respondeu, entre irritado e orgulhoso:

– Dois. Não ouvi o meu Feitiço contra Intrusos disparar, estava tomando banho. Ainda assim – acrescentou circunspecto, parecendo se controlar –, o fato é que estou velho, Alvo. Um velho cansado que conquistou o direito a uma vida tranquila e a alguns confortos materiais.

E esses não faltavam, pensou Harry, percorrendo a sala com o olhar. Era abafada e excessivamente atravancada. Ninguém, porém, poderia dizer que fosse desconfortável; havia poltronas macias e descansos para os pés, bebidas e livros, caixas de bombons e almofadas fofas. Se Harry não soubesse quem morava ali, teria pensado que era uma velhota rica e exigente.

– Você ainda não tem a minha idade, Horácio – replicou Dumbledore.

– Bem, então você também deveria pensar em se aposentar – disse Slughorn sem rodeios. Seus olhos verde-claros tinham registrado a mão machucada de Dumbledore. – Estou vendo que as reações já não são o que eram.

– Você tem toda a razão – respondeu o diretor tranquilamente, jogando a

manga para trás e revelando as pontas dos dedos queimados e enegrecidos; a visão fez os pelos da nuca de Harry se eriçarem desagradavelmente. – Sem dúvida, estou mais lento. Mas por outro lado...

Ele sacudiu os ombros e espalmou as mãos, como se dissesse que a idade trazia compensações, e Harry notou um anel, na mão machucada, que nunca vira Dumbledore usar: era grande e incômodo, aparentemente de ouro, engastado com uma pesada pedra negra que parecia rachada ao meio. O olhar de Slughorn se demorou um momento na pedra também, e Harry percebeu uma pequena ruga marcar momentaneamente a larga testa.

– Então, todas essas precauções contra intrusos, Horácio... são para segurar os Comensais da Morte ou a mim? – perguntou Dumbledore.

– Que é que os Comensais da Morte iriam querer com um velhote incompetente e alquebrado como eu?

– Imagino que iriam querer que você empregasse o seu considerável talento para coagir, torturar e matar. Você está realmente me dizendo que eles ainda não vieram recrutá-lo?

Por um momento Slughorn encarou Dumbledore com hostilidade, então murmurou:

– Não lhes dei chance. Não parei de viajar nesse último ano. Nunca me demoro mais de uma semana no mesmo lugar. Mudo de uma casa de trouxa para outra, os donos desta casa estão de férias nas ilhas Canárias. Tem sido muito agradável, terei pena de partir. É bem fácil uma vez que se aprende, um simples Feitiço Paralisante nesses absurdos alarmes que usam em vez de bisbilhoscópios garante que os vizinhos não vejam ninguém entrar carregando um piano.

– Engenhoso. Mas está me parecendo muito cansativo para um velhote incompetente e alquebrado que procura uma vida calma. Agora, se você retornasse a Hogwarts...

– Se você vai me dizer que eu teria mais paz naquela escola pestilenta, pode poupar o seu fôlego, Alvo! Eu posso estar me escondendo, mas chegaram aos meus ouvidos uns boatos engraçados desde que a Dolores Umbridge saiu! Se é assim que você agora está tratando os professores...

– A professora Umbridge se meteu em confusões com o nosso rebanho de centauros – disse Dumbledore. – Acho que você, Horácio, teria tido o bom-senso de não entrar na Floresta e chamar uma horda de centauros de “mestiços nojentos”.

– Então foi isso que ela fez? Que mulher idiota! Jamais gostei dela.

Harry riu baixinho, e os dois bruxos se viraram para ele.

– Desculpem – apressou-se o garoto a dizer. – É que... eu também não gostava dela.

Dumbledore levantou-se de repente.
– Você já está indo? – perguntou Slughorn depressa, esperançoso.
– Não, será que eu poderia usar o seu banheiro?
– Ah – respondeu Slughorn, visivelmente desapontado. – Segunda porta à esquerda, seguindo pelo corredor.
Dumbledore atravessou a sala. Depois que fechou a porta ao passar, fez-se silêncio. Logo em seguida, Slughorn se levantou, mas pareceu não saber muito bem o que fazer. Lançou um olhar furtivo a Harry, foi até a lareira e virou-se de costas para aquecer seu grande traseiro.
– Não pense que não sei por que ele o trouxe até aqui – disse bruscamente.
Harry apenas olhou para Slughorn. Os olhos lacrimosos do bruxo deslizaram pela cicatriz do garoto, desta vez examinando-lhe todo o rosto.
– Você se parece muito com o seu pai.
– É o que dizem.
– Exceto nos olhos. Você tem...
– Os olhos de minha mãe, eu sei. – Harry já ouvira esse comentário tantas vezes que o achava aborrecido.
– Hum-hum. Bem. Um professor não devia ter alunos favoritos, mas ela era um dos meus. Sua mãe – acrescentou Slughorn em resposta ao olhar de indagação de Harry. – Lílian Evans. Uma das mais inteligentes a quem lecionei. Viva, sabe. Uma menina encantadora. Eu costumava dizer a ela que deveria ter ido para a minha Casa. E, sabe, costumava me dar respostas petulantes.
– Qual era a sua Casa?
– Eu era diretor da Sonserina. Ah, vamos – apressou-se a dizer, vendo a expressão no rosto de Harry, apontando o dedo em riste para o garoto –, não deixe que isto o influencie contra mim! Você deve ser da Grifinória como ela, não? É, em geral, está no sangue. Mas nem sempre. Já ouviu falar de Sirius Black? Deve ter ouvido... tem sido notícia de jornal nos últimos dois anos... morreu faz umas semanas...
Foi como se uma garra invisível tivesse torcido e apertado os intestinos de Harry.
– Bem, em todo caso, foi um grande companheiro do seu pai na escola. Toda a família Black pertenceu à minha casa, mas Sirius acabou na Grifinória! Uma vergonha... era um garoto talentoso. Fiquei com o irmão dele, Régulo, quando apareceu, mas eu teria preferido a família toda.
Ele falava como se fosse um colecionador entusiasmado que tivesse perdido um lance em um leilão. Olhava para a parede oposta, parecendo absorto em lembranças, girando o corpo lentamente, sem sair do lugar, para permitir um aquecimento uniforme do traseiro.

– Sua mãe, naturalmente, nasceu trouxa. Não consegui acreditar quando soube. Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!
– Uma das minhas melhores amigas é trouxa – comentou Harry –, e é a melhor aluna da nossa série.
– Engraçado como isso às vezes acontece, não é?
– Não acho – retrucou Harry friamente.
Slughorn olhou para ele surpreso.
– Você não deve pensar que sou preconceituoso! Não, não e não! Não acabei de dizer que sua mãe foi uma das minhas alunas favoritas? E tive também Dirk Cresswell, uma série acima, agora chefe da Seção de Ligação com os Duendes, naturalmente, outro trouxa, um estudante muito bom que ainda hoje me passa excelentes informações sobre o que acontece internamente no Gringotes!
O bruxo mexeu-se um pouco para cima e para baixo, sorrindo satisfeito consigo mesmo, e apontou para as muitas fotografias em molduras reluzentes sobre o aparador, cada qual com pequeninos ocupantes agitados.
– São todas de ex-alunos, todas com dedicatórias. Você pode ver Barnabás Cuffe, editor do *Profeta Diário*, sempre interessado em conhecer a minha leitura das notícias do dia. E Ambrósio Flume, da Dedosdemel, um cestão todo aniversário, e tudo porque o apresentei a Cícero Harkiss, que lhe deu o primeiro emprego! E mais atrás... pode vê-la, se esticar o pescoço... Gwenog Jones, que é a capitã do Harpias de Holyhead... as pessoas sempre se surpreendem quando me ouvem chamando os jogadores do Harpias pelo primeiro nome, e ganho entradas grátis sempre que quero!
Este pensamento pareceu animá-lo enormemente.
– E todas essas pessoas sabem onde encontrar o senhor para lhe mandar presentes? – perguntou Harry, que não pôde deixar de se perguntar por que os Comensais da Morte ainda não tinham rastreado Slughorn se cestas de doces, bilhetes de quadribol e visitantes desejosos de ouvir seus conselhos e opiniões conseguiam encontrá-lo.
O sorriso desapareceu do rosto de Slughorn com a mesma rapidez que o sangue das paredes da sala.
– Claro que não – protestou, olhando para Harry. – Há um ano que não tenho contato com ninguém.
Harry teve a impressão de que Slughorn se chocara com o que tinha acabado de dizer; por um momento pareceu bastante perturbado. Depois sacudiu os ombros.
– Entretanto... o bruxo prudente procura não deixar a cabeça de fora em tempos como esses. Dumbledore pode dizer o que quiser, mas aceitar um cargo em Hogwarts agora seria o mesmo que declarar publicamente a minha lealdade à

Ordem da Fênix! E, embora eu acredite que eles sejam admiráveis e corajosos e tudo o mais, não me agrada muito o seu índice de mortalidade.

– O senhor não precisa pertencer à Ordem para ensinar em Hogwarts – respondeu Harry, que não conseguiu esconder um tom de desdém na voz; era difícil simpatizar com a vida cheia de confortos de Slughorn quando se lembrava de Sirius, escondido em uma gruta, se alimentando de ratos. – A maioria dos professores não pertence, e nenhum deles foi morto... bem, a não ser que o senhor esteja contando Quirrell, mas ele recebeu o que merecia, considerando que trabalhava para o Voldemort.

Harry tinha certeza de que Slughorn era um daqueles bruxos que não suportavam ouvir o nome de Voldemort em alto e bom som, e não se desapontou: Slughorn estremeceu e soltou um grasnido de protesto, a que o garoto não deu atenção.

– Imagino que os funcionários estarão mais seguros que a maioria das pessoas enquanto Dumbledore for diretor; acredita-se que ele seja o único de quem Voldemort tem medo, não é? – continuou Harry.

Por uns momentos o olhar de Slughorn pareceu distante: provavelmente refletia sobre as palavras do garoto.

– Bem, é verdade que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado nunca procurou lutar com Dumbledore – murmurou contrafeito. – E imagino que alguém possa argumentar que se não me uni aos Comensais da Morte, tampouco Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado pode me incluir entre seus amigos... caso em que eu talvez estivesse mais seguro perto de Alvo... não posso fingir que a morte de Amélia Bones não tenha me abalado... se ela, com todos os seus contatos e proteção no Ministério...

Dumbledore voltou à sala, sobressaltando Slughorn, que parecia ter esquecido que o amigo estava na casa.

– Ah, aí está, Alvo. Ausentou-se por um bom tempo. Ruim do estômago?

– Não, estava apenas lendo revistas trouxas. Adoro as receitas de tricô. Bem, Harry, já abusamos demais da hospitalidade do Horácio; acho que está na hora de partir.

Não demonstrando a menor relutância em obedecer, Harry pulou da poltrona. Slughorn ficou surpreso.

– Vocês já estão indo?

– Estamos. Acho que sei reconhecer uma causa perdida quando a vejo.

– Perdida...?

Slughorn pareceu nervoso. Girou os polegares gordos e agitou-se enquanto observava Dumbledore abotoar a capa de viagem e Harry fechar o blusão.

– Bem, lamento que não queira o emprego, Horácio – disse Dumbledore,

erguendo a mão perfeita em um gesto de adeus. – Hogwarts teria se alegrado com o seu retorno. Apesar das medidas mais rigorosas de segurança que tomamos, você será sempre bem-vindo se quiser nos visitar.

– Ah... bem... muito gentil... como digo...

– Adeus, então.

– Tchau – disse Harry.

Estavam à porta da casa quando ouviram um grito às suas costas.

– Muito bem, muito bem, eu vou!

Dumbledore virou-se e viu Slughorn ofegante à porta da sala de estar.

– Vai interromper a aposentadoria?

– Vou, vou – respondeu Slughorn impaciente. – Devo estar louco, mas vou.

– Maravilhoso – disse um sorridente Dumbledore. – Então, Horácio, veremos você no primeiro dia de setembro.

– Com certeza verão – resmungou Slughorn.

Quando os visitantes já atravessavam o jardim, a voz de Slughorn acompanhou-os.

– Vou querer um aumento no salário, Dumbledore!

O diretor riu baixinho. O portão do jardim se fechou, e eles começaram a descer a ladeira em meio ao torvelinho de névoa escura.

– Muito bom, Harry – elogiou Dumbledore.

– Eu não fiz nada – respondeu Harry, surpreso.

– Ah, fez, sim. Mostrou ao Horácio exatamente o que ele tem a ganhar se retornar a Hogwarts. Você gostou dele?

– Ããh...

Harry não tinha certeza se tinha gostado ou não de Slughorn. Supunha que o bruxo fora agradável a seu jeito, mas também lhe parecera vaidoso e, apesar dos seus protestos, demasiado surpreso que alguém nascido trouxa pudesse dar um bom bruxo.

– Horácio – disse Dumbledore, aliviando Harry da responsabilidade de opinar – gosta de conforto. E também gosta da companhia dos famosos, bem-sucedidos e poderosos. Gosta de sentir que influencia essas pessoas. Nunca quis ocupar o trono; preferiu ficar em segundo plano, onde tem mais espaço para se espalhar, entende. Costumava escolher a dedo os seus favoritos em Hogwarts, às vezes por suas ambições ou inteligência, outras por seu encanto ou talento, e tinha uma habilidade incrível de eleger os que futuramente se tornariam excepcionais em seus campos. Horácio formou uma espécie de clube de favoritos em torno dele, fazendo apresentações, promovendo contatos úteis entre os membros e sempre colhendo algum tipo de benefício, fosse uma caixa de seu abacaxi cristalizado preferido ou uma oportunidade de recomendar o próximo funcionário júnior para

a Seção de Ligação com os Duendes.
Ocorreu a Harry a nítida imagem de uma grande aranha inchada, tecendo a teia em torno dele, torcendo um fio aqui e outro ali para trazer mais perto suas moscas gordas e sumarentas.
– Digo tudo isso – continuou Dumbledore – não para indispor você contra Horácio, ou como o chamaremos de hoje em diante, professor Slughorn, mas para alertá-lo. Ele certamente tentará aliciá-lo, Harry. Você seria o diamante da coleção dele: O-Menino-Que-Sobreviveu... ou como o chamam ultimamente, O Eleito.
Ao ouvir isso, Harry sentiu um arrepio que não tinha relação com a névoa que os cercava. Lembrou-se das palavras que ouvira havia algumas semanas, palavras que para ele tinham um significado terrível e particular.
Nenhum dos dois pode viver enquanto o outro sobreviver...
Dumbledore parara em frente à igreja pela qual tinham passado mais cedo.
– Aqui está bom, Harry. Se você puder segurar o meu braço.
Experiente, desta vez, Harry não se esquivou da Aparatação, embora continuasse a achá-la desagradável. Quando a pressão cessou, e ele sentiu que conseguia respirar de novo, estava parado em uma estrada rural ao lado de Dumbledore, diante da silhueta torta do segundo prédio de que mais gostava no mundo: A Toca. Apesar do medo que acabara de experimentar, não podia deixar de se animar à vista da casa. Rony estava ali dentro... e também a sra. Weasley, que cozinhava melhor do que qualquer outra pessoa que ele conhecia...
– Se não se importar, Harry – disse Dumbledore, ao cruzarem o portão –, gostaria de dar umas palavrinhas com você antes de nos despedirmos. Em particular. Talvez ali?
O diretor apontou para uma casinha de pedra desmantelada onde os Weasley guardavam as vassouras. Um pouco intrigado, Harry acompanhou o bruxo e entraram por uma porta rangedora em um espaço menor do que um guarda-roupa normal. Dumbledore acendeu a ponta da varinha, fazendo-a brilhar como um archote, e sorriu para Harry.
– Espero que me perdoe por dizer isto, Harry, mas estou contente e até orgulhoso com o seu comportamento depois de tudo que aconteceu no Ministério. Permita-me dizer que Sirius teria sentido admiração por você.
Harry engoliu em seco; sua voz parecia tê-lo abandonado. Achava que não suportaria discutir Sirius. Já fora bastante doloroso ouvir o tio Válter se admirar, “O padrinho dele morreu?”, e mais doloroso ainda ouvir o nome de Sirius dito displicentemente por Slughorn.
– Foi cruel – disse Dumbledore baixinho – que você e Sirius tivessem convivido tão pouco tempo. Um fim brutal para o que poderia ter sido uma

amizade feliz e duradoura.

Harry concordou com a cabeça, seus olhos resolutamente fixos na aranha que agora subia pelo chapéu do diretor. Sentia que Dumbledore compreendia, e mesmo suspeitava que, até a chegada de sua carta, ele tivesse passado quase todo o tempo deitado na cama, em casa dos Dursley, se recusando a comer, com os olhos fixos na janela enevoada, tomado pelo vazio gélido que passara a associar com os dementadores.

– É duro – disse Harry finalmente, em voz baixa – saber que ele não escreverá mais para mim.

Seus olhos arderam de repente, e ele piscou. Sentiu-se idiota admitindo isso, mas o fato de ter alguém fora de Hogwarts que se importava com o que lhe acontecia, quase como um parente, tinha sido uma das melhores coisas de ter aquele padrinho... e agora a chegada do correio-coruja nunca mais o confortaria...

– Sirius representou muita coisa que você não tinha conhecido antes – disse Dumbledore com suavidade. – Naturalmente, a perda é devastadora.

– Mas enquanto estava na casa dos Dursley – interrompeu Harry, sua voz tornando-se mais firme – percebi que não posso me isolar de tudo, senão vou ficar maluco. Sirius não teria gostado disso, não é? De qualquer jeito, a vida é curta demais... vê a Madame Bones, vê a Emelina Vance... eu poderia ser o próximo, não é? Mas, se eu for – disse com ferocidade, agora encarando os olhos azuis de Dumbledore, brilhando à luz da varinha –, vou fazer questão de levar comigo o maior número de Comensais da Morte que puder, e Voldemort também, se tiver forças.

– Você falou como filho de Lílian e Tiago e um legítimo afilhado de Sirius! – disse Dumbledore dando uma palmadinha de aprovação em suas costas. – Tiro o chapéu para você, ou tiraria se não fosse o receio de provocar uma chuva de aranhas em sua cabeça. E agora, Harry, falando de outro assunto muito próximo... imagino que você tenha recebido *O Profeta Diário* nessas duas últimas semanas?

– Recebi. – Seu coração acelerou um pouquinho.

– Então deve ter visto que houve não só vazamentos mas verdadeiras inundações sobre a sua aventura na Sala da Profecia?

Harry confirmou.

– E agora todo o mundo sabe que eu sou o...

– Não, não sabe – interrompeu Dumbledore. – Só há duas pessoas no mundo inteiro que conhecem toda a profecia sobre você e Lorde Voldemort, e as duas estão aqui neste barraco de vassouras, mal-cheiroso e cheio de aranhas. É verdade, porém, que muita gente adivinhou corretamente que Voldemort mandou

os seus Comensais da Morte roubarem a profecia, e que ela se referia a você.

“Agora, acho que estou certo em pensar que você não contou a nenhum conhecido seu o que dizia a profecia?”

– Está – respondeu Harry.

– Uma decisão sensata em termos gerais. Embora eu ache que pode abrandá-la em favor dos seus amigos, o sr. Ronald Weasley e a srta. Hermione Granger. Sim – continuou o diretor, ao ver Harry se espantar –, acho que eles devem saber. Seria um desserviço aos seus amigos se não contasse a eles uma coisa tão importante.

– Eu não queria...

– Preocupar ou assustar os dois? – disse Dumbledore, estudando Harry por cima dos oclinhos de meia-lua. – Ou talvez admitir que está preocupado e assustado? Você precisa dos seus amigos, Harry. E, como disse com tanto acerto, Sirius não teria querido que você se isolasse.

Harry não respondeu, mas Dumbledore não precisava, de fato, de uma resposta. Prosseguiu:

– Sobre um assunto diferente, mas correlato, este ano quero que tenha aulas particulares comigo.

– Particulares... com o senhor? – repetiu Harry, surpreso, quebrando o seu silêncio tenso.

– É. Acho que está na hora de participar mais da sua educação.

– Que é que o senhor vai me ensinar?

– Uma coisa aqui e outra ali – respondeu Dumbledore vagamente.

Harry aguardou, esperançoso, mas o diretor não explicou; então aproveitou para perguntar uma coisa que o preocupava havia algum tempo.

– Se vou ter aulas com o senhor, não terei de frequentar aulas de Oclumência com Snape, terei?

– *Professor* Snape, Harry... e não, não terá.

– Que bom! – exclamou Harry aliviado –, porque elas foram um...

E parou, cuidando para não dizer o que realmente pensava.

– Acho que a palavra “fiasco” caberia bem – sugeriu Dumbledore, assentindo com a cabeça.

Harry riu.

– Bem, isto quer dizer que de agora em diante não verei o professor Snape muitas vezes, porque ele não vai me deixar continuar em Poções a não ser que eu tire um “Ótimo” nos meus N.O.M.s, e sei que não tirei.

– Não conte com os ovos que as corujas ainda não botaram – disse Dumbledore sentencioso. – O que, se não me engano, deve acontecer ainda hoje. Agora, mais duas coisas antes de nos separarmos.

“Primeiro, quero que, a partir deste momento, carregue sempre a Capa da Invisibilidade com você. Até mesmo em Hogwarts. Só para se precaver, está me entendendo?”

Harry confirmou com a cabeça.

– E, por último, enquanto estiver aqui, A Toca estará recebendo a maior segurança que o Ministério da Magia pode oferecer. Isto causou uma certa inconveniência a Arthur e Molly; toda a correspondência deles, por exemplo, é verificada pelo Ministério antes de ser entregue. Eles não se incomodam, porque a única preocupação que têm é a sua segurança. Mas seria uma péssima retribuição se você arriscasse seu pescoço enquanto estiver aqui.

– Entendo – apressou-se Harry a dizer.

– Muito bem, então – disse Dumbledore, abrindo a porta do barraco de vassouras e saindo. – Vejo luz na cozinha. Não vamos privar Molly, nem mais um instante, da oportunidade de lamentar como você está magro.

— CAPÍTULO CINCO —

Fleuma demais

Harry e Dumbledore se aproximaram da porta dos fundos d'A Toca, cercada pela tralha habitual de botas velhas e caldeirões enferrujados; Harry ouviu o cacarejo abafado de galinhas sonolentas vindo de um telheiro distante. Dumbledore bateu três vezes, e Harry percebeu um movimento repentino por trás da janela da cozinha.

– Quem é? – perguntou uma voz nervosa, que ele reconheceu ser a da sra. Weasley. – Identifique-se!

– Dumbledore trazendo Harry.

A porta se abriu imediatamente. E apareceu a dona da casa, baixa e gorducha, usando um velho robe verde.

– Harry, querido! Nossa, Alvo, você me assustou, não disse para não esperar vocês antes de amanhecer?

– Tivemos sorte – disse o diretor, fazendo Harry entrar. – Slughorn foi mais fácil de persuadir do que imaginei. Um feito de Harry, é claro. Ah, olá, Ninfadora!

Harry se virou e viu que a sra. Weasley não estava sozinha, apesar da hora tardia. Uma jovem bruxa de rosto pálido, em forma de coração, e cabelos castanhos sem vida, estava sentada à mesa segurando uma caneca entre as mãos.

– Olá, professor. E aí, beleza, Harry?

– Oi, Tonks.

Harry achou que ela parecia muito cansada, e até doente, e que havia algo forçado em seu sorriso. Sem dúvida, sua aparência estava mais desbotada do que de costume, sem os cabelos rosa-chiclete.

– É melhor eu ir andando – disse depressa, levantando-se e cobrindo os ombros com a capa. – Obrigada pelo chá e a simpatia, Molly.

– Por favor, não vá embora por minha causa – disse Dumbledore gentilmente. – Não posso ficar, tenho assuntos urgentes a tratar com Rufo Scrimgeour.

– Não, não, preciso ir mesmo – respondeu Tonks, sem retribuir o olhar de Dumbledore. – Noite...
– Querida, por que não vem jantar no fim de semana, Remo e Olho-Tonto virão...?
– Sério, Molly, não... mas, obrigada assim mesmo... boa-noite para todos.
Tonks passou ligeira por Dumbledore e Harry, e saiu para o quintal; a alguns passos da porta, rodopiou e desapareceu no ar. Harry reparou que a sra. Weasley parecia preocupada.
– Bem, verei você em Hogwarts, Harry – despediu-se Dumbledore. – Cuide-se bem. Molly, às suas ordens.
Ele fez uma reverência à sra. Weasley e saiu atrás de Tonks, desaparecendo exatamente no mesmo lugar. A sra. Weasley fechou a porta para o quintal vazio, segurou Harry pelos ombros e o conduziu até a luz do candeeiro sobre a mesa para vê-lo melhor.
– Você é igual ao Rony – suspirou ela olhando-o de cima a baixo. – Parece que alguém lançou em vocês um Feitiço Esticador. Juro que Rony cresceu dez centímetros desde a última vez que comprei uniformes para ele. Está com fome, Harry?
– Estou – confirmou o garoto, percebendo de repente que estava faminto.
– Sente-se, querido, vou preparar alguma coisa.
Quando Harry sentou, um gato peludo e ruço, de cara amassada, pulou para os seus joelhos e se acomodou ali, ronronando.
– Então a Hermione está aqui? – perguntou Harry contente, fazendo cócegas atrás da orelha do Bichento.
– Ah, está, chegou anteontem – respondeu a sra. Weasley, batendo com a varinha em um panelão de ferro, que aterrissou no fogão com um baque sonoro e começou imediatamente a borbulhar. – É claro que todos já foram dormir, só esperávamos vocês amanhã. Pronto...
Ela deu outra batida na panela que se ergueu no ar, voou até Harry e se inclinou; a sra. Weasley encaixou sob a panela uma tigela bem em tempo de aparar o caldo grosso e fumegante da sopa de cebola.
– Pão, querido?
– Obrigado, sra. Weasley.
Ela acenou a varinha por cima do ombro: um pão e uma faca voaram graciosamente até a mesa. Quando o pão se fatiou e a panela de sopa voltou ao fogão, a bruxa sentou diante do garoto.
– Então foi você que convenceu Horácio Slughorn a aceitar o emprego?
Harry confirmou com a cabeça, a boca tão cheia de sopa quente que não conseguia falar.

– Ele foi nosso professor, meu e de Arthur. Esteve um tempão em Hogwarts, começou mais ou menos na mesma época que Dumbledore, acho. Você gostou dele?

Agora com a boca cheia de pão, Harry encolheu os ombros e acenou a cabeça com indiferença.

– Sei o que quer dizer – tornou a sra. Weasley, confirmando, séria. – É claro que ele sabe ser charmoso quando quer, mas Arthur jamais gostou muito dele. O Ministério está cheio de antigos favoritos de Slughorn, sempre os ajudou a subir na vida, mas nunca teve muito tempo para Arthur, talvez não achasse que ele chegaria tão longe. Bom, o que mostra que até Slughorn se engana. Não sei se Rony lhe contou em alguma carta, acabou de acontecer, mas Arthur foi promovido!

Não poderia ser mais evidente que a sra. Weasley estava doida para contar a novidade. Harry engoliu uma grande bocada de sopa escaldante e teve a sensação de que sua garganta estava empolando.

– Que máximo! – ofegou.

– Você é muito gentil – disse sorrindo a sra. Weasley, possivelmente tomando as lágrimas nos olhos de Harry por emoção com a notícia. – Sim, Rufo Scrimgeour criou várias seções novas para enfrentar a situação atual, e Arthur está chefiando a Seção para Detecção e Confisco de Feitiços Defensivos e Objetos de Proteção Forjados. É um trabalho de grande peso, e ele agora tem dez subordinados!

– Que é exatamente...?

– Bem, sabe, com todo esse pânico gerado por Você-Sabe-Quem, estão aparecendo objetos estranhos à venda, coisas que dizem proteger a pessoa contra Você-Sabe-Quem e os Comensais da Morte. Você pode imaginar que tipo de coisa: poções protetoras, que na realidade são molho com um pouco de pus de bubotúberas, ou instruções para feitiços defensivos que fazem as orelhas caírem... bem, os responsáveis principais são gente como Mundungo Fletcher, que nunca trabalhou honestamente um só dia na vida, e que se aproveita do pavor das pessoas; mas de vez em quando aparece alguma coisa realmente perigosa. Ainda outro dia, Arthur confiscou uma caixa de bisbilhoscópios enfeitiçados, muito provavelmente plantados por um Comensal da Morte. Então, como você vê, é um trabalho muito importante, e vivo dizendo a ele que é uma bobagem sentir falta das velas para motores e torradeiras e toda aquela quinquilharia dos trouxas com que se ocupava. – A sra. Weasley encerrou seu discurso com um olhar severo, como se Harry é quem tivesse sugerido que era natural sentir falta de velas.

– O sr. Weasley ainda está no trabalho? – indagou Harry.

– Está. Aliás está um pouquinho atrasado... me disse que estaria em casa por volta da meia-noite...

Molly se virou para olhar um grande relógio mal equilibrado em cima de uma pilha de lençóis no cesto de roupas deixado na ponta da mesa. Harry reconheceu-o imediatamente: tinha nove ponteiros, cada um deles com o nome de um membro da família, e costumava ficar pendurado em uma parede na sala de estar dos Weasley. Sua posição atual, porém, indicava que a sra. Weasley passara a carregá-lo com ela por toda a casa. No momento, os nove ponteiros apontavam para *peri go mortal*.

– Ele tem estado assim – explicou a sra. Weasley em um tom descontraído, muito pouco convincente – desde que Você-Sabe-Quem saiu da clandestinidade. Suponho que todo o mundo esteja correndo perigo mortal... acho que não pode ser só a nossa família... mas não conheço ninguém que tenha um relógio igual, por isso não posso verificar. Ah!

Com uma exclamação repentina, ela apontou para o mostrador do relógio. O ponteiro do sr. Weasley se movera para "*em trânsito*".

– Ele está a caminho!

E, confirmando, um instante depois ouviu-se uma batida na porta dos fundos. A sra. Weasley levantou-se depressa e correu a atendê-la. Com uma das mãos na maçaneta e o rosto encostado na madeira, perguntou baixinho:

– Arthur, é você?

– Sou – tornou a voz cansada do sr. Weasley. – Mas eu diria isto, querida, mesmo que fosse um Comensal da Morte. Faça a pergunta correta!

– Ah, francamente...

– Molly!

– Está bem, está bem... qual é a maior ambição de sua vida?

– Descobrir como os aviões se sustentam no ar.

A sra. Weasley assentiu e girou a maçaneta, mas pelo visto o sr. Weasley estava segurando-a com firmeza pelo outro lado, porque a porta continuou fechada.

– Molly! Sou em quem pergunta primeiro!

– Arthur, realmente, que tolice...

– Como é que você gosta que eu a chame quando estamos sozinhos?

Mesmo à luz fraca do candeeiro, deu para Harry ver que a sra. Weasley ficara muito vermelha; ele próprio sentiu um calor em torno das orelhas e do pescoço, e engoliu a sopa depressa, batendo com a colher na tigela o mais alto que pôde.

– Moliuóli – sussurrou a mortificada sra. Weasley pela fresta da porta.

– Correto – disse o sr. Weasley. – Agora pode me deixar entrar.

A sra. Weasley abriu a porta revelando o marido, um bruxo magro, os cabelos

ruivos já rareando, óculos de aros de tartaruga e uma longa capa de viagem empoeirada.
– Continuo sem entender por que temos de fazer isso todas as vezes que você chega em casa – protestou a sra. Weasley, com o rosto ainda corado, ajudando o marido a tirar a capa. – Quero dizer, um Comensal da Morte poderia ter obrigado você a dar a resposta antes de se disfarçar!
– Eu sei, querida, mas são as regras do Ministério, e tenho de dar o exemplo. Estou sentindo um cheiro bom: sopa de cebola?
O sr. Weasley virou-se esperançoso na direção da mesa.
– Harry! Só esperávamos você amanhã!
Os dois se apertaram as mãos, e o sr. Weasley se largou em uma cadeira ao lado de Harry enquanto sua mulher punha uma tigela de sopa para ele também.
– Obrigado, Molly. Foi uma noite pesada. Um idiota começou a vender Medalhas-Metamórficas. A pessoa pendura uma no pescoço e pode mudar de aparência à vontade. Cem mil disfarces por dez galeões!
– E o que realmente acontece quando se pendura a medalha?
– A maioria das pessoas fica com uma feia cor alaranjada, mas em outras surgem verrugas em forma de tentáculos no corpo inteiro. Como se o St. Mungus já não tivesse muito o que fazer.
– Está me parecendo o tipo de coisa que Fred e Jorge achariam engraçado – comentou a sra. Weasley hesitante. – Você tem certeza...
– Claro que tenho! Os meninos não fariam uma coisa dessas justamente agora que as pessoas estão desesperadas para se proteger!
– Então foi por isso que você se atrasou, Medalhas-Metamórficas?
– Não, soubemos de um Feitiço às Avessas, em Elephant and Castle, mas, felizmente, quando chegamos lá, o Esquadrão de Execução das Leis da Magia já tinha resolvido o caso...
Harry ergueu a mão para abafar um bocejo.
– Cama – disse uma sra. Weasley sem se deixar enganar. – Já arrumei o quarto de Fred e Jorge para você, será todo seu.
– Por que, aonde eles foram?
– Ah, estão no Beco Diagonal, dormindo no apartamentinho em cima da loja de logros, porque estão muito ocupados – disse a sra. Weasley. – Confesso que a princípio não aprovei, mas realmente parecem ter jeito para o negócio! Vamos, querido, o seu malão já está lá em cima.
– Noite, sr. Weasley – disse Harry, recuando a cadeira. Bichento saltou com leveza de seu colo e desapareceu da cozinha.
– B’noite, Harry.
O garoto viu a sra. Weasley olhar para o relógio no cesto de roupas quando

saíram da cozinha. Todos os ponteiros estavam mais uma vez marcando *peri go mortal*.

O quarto de Fred e Jorge era no segundo andar. A sra. Weasley apontou a varinha para uma lâmpada na mesinha de cabeceira e imediatamente ela acendeu, inundando o quarto com uma agradável claridade dourada. Embora houvesse um grande vaso de flores sobre uma escrivaninha diante de uma pequena janela, seu perfume não conseguia disfarçar o cheiro que impregnava o quarto e que, para Harry, era de pólvora. Uma grande parte do chão estava ocupada por várias caixas de papelão lacradas, mas sem identificação, entre as quais se encontrava o malão de Harry. Aparentemente o quarto estava sendo usado como um depósito provisório.

Edwiges piou alegremente em seu poleiro em cima de um grande guarda-roupa, e em seguida saiu voando pela janela; Harry sabia que a coruja estava esperando para vê-lo antes de sair à caça. Harry desejou boa noite à sra. Weasley, vestiu o pijama e se meteu entre as cobertas de uma das camas. Havia um objeto duro na fronha. Ele apalpou-a por dentro e puxou um doce pegajoso, roxo e laranja, que reconheceu como Vomitilha. Sorrindo, virou-se para o outro lado e adormeceu instantaneamente.

Segundos depois, ou assim pareceu a Harry, ele acordou com tiros que imaginou serem de canhão, ao mesmo tempo que a porta se escancarava. Ao sentar-se na cama, ouviu alguém abrindo as cortinas: era como se a claridade ofuscante do sol lhe golpeasse os olhos com força. Protegendo-os com uma das mãos, ele tateou inutilmente com a outra, à procura dos óculos.

– Que é isso?

– Nós não sabíamos que você já estava aqui! – disse uma voz alta e excitada, e Harry sentiu um soco no cocuruto da cabeça.

– Rony, não bata nele! – ralhou uma voz de garota.

Harry encontrou os óculos e colocou-os, embora o excesso de claridade não lhe permitisse enxergar quase nada. Um vulto longo agigantou-se à sua frente por um momento; ele piscou e Rony Weasley entrou em foco, sorrindo.

– Tudo bem?

– Nunca estive melhor – respondeu Harry, esfregando o cocuruto e se largando em cima dos travesseiros. – Você?

– Nada mal – replicou o amigo, puxando uma caixa e sentando-se nela. – Quando foi que você chegou? Mamãe acabou de nos contar!

– Mais ou menos à uma hora da manhã.

– Foi tudo bem com os trouxas? Trataram você direito?

– Do jeito de sempre – respondeu Harry, enquanto Hermione se empoleirava na beira da cama. – Não falaram muito comigo, mas gosto mais assim. E você

como vai, Mione?
– Ah, estou ótima – respondeu a garota, que o examinava atentamente, como se ele estivesse doente.
Harry achava que sabia o porquê e, como não tinha o menor desejo de discutir a morte de Sirius ou qualquer outro assunto triste naquele momento, perguntou:
– Que horas são? Perdi o café da manhã?
– Não se preocupe, mamãe está trazendo uma bandeja para você; ela acha que está desnutrido – tranquilizou-o Rony, revirando os olhos para o teto. – Então, quais são as novidades?
– Muito poucas, até agora estive encalhado na casa dos meus tios, não é?
– Fala sério, cara! – exclamou Rony. – Você esteve viajando com Dumbledore!
– Não foi tão excitante assim. Ele só queria que eu convencesse um antigo professor a interromper a aposentadoria. Um tal Horácio Slughorn.
– Ah. – Rony pareceu desapontado. – Pensamos que...
Hermione lançou-lhe um olhar de advertência, e na mesma hora Rony mudou de assunto.
– ... pensamos que poderia ser uma coisa dessas.
– Pensaram? – Harry achou graça.
– É... é, já que a Umbridge foi embora, é óbvio que precisaremos de um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, não acha? Então, hum, como é que ele é?
– Lembra um pouco um leão-marinho e foi diretor da Sonserina – informou Harry. – Alguma coisa errada, Hermione?
A garota observava o amigo como se esperasse que ele manifestasse sintomas estranhos a qualquer instante. Mas se recompôs depressa e deu um sorriso nada convincente.
– Não, claro que não! E aí, você acha que o Slughorn vai dar um bom professor?
– Não sei. Não pode ser pior do que a Umbridge, pode?
– Eu conheço alguém que é pior do que a Umbridge. – A irmã mais nova de Rony adentrou o quarto, irritada. – Oi, Harry.
– Qual é o problema? – perguntou Rony.
– *Ela*. – Gina se largou na cama de Harry. – Está me deixando pirada.
– Que foi que ela fez agora? – perguntou Hermione, solidária.
– É o modo como fala comigo, como se eu tivesse três anos de idade!
– Eu sei – concordou Hermione baixando a voz. – Ela é tão sebosa!
Harry ficou espantado de ouvir Hermione se referir à sra. Weasley daquele jeito, e não pôde culpar Rony por retrucar com raiva:

– Será que vocês duas não podem parar de implicar com ela por cinco minutos?

– Ah, vai, defende – retrucou Gina. – A gente sabe que você não se cansa dela.

Era um comentário estranho sobre a mãe de Rony; começando a achar que perdera alguma coisa, Harry perguntou:

– De quem vocês...?

A pergunta foi respondida antes que ele a terminasse. A porta do quarto tornou a se escancarar, e o garoto instintivamente puxou as cobertas até o queixo com tanta força que Hermione e Gina foram parar no chão.

Havia uma jovem parada no portal, e sua beleza era tão sufocante que o quarto pareceu ficar estranhamente abafado.

Era alta e esguia, e tinha cabelos compridos e louros que davam a impressão de refletir um leve fulgor prateado. Para completar a visão, a jovem trazia uma pesada bandeja com o café da manhã de Harry.

– Arry – disse com uma voz gutural. – Faz tante tempe! – Quando cruzou o portal e foi em direção a Harry, a sra. Weasley surgiu logo atrás, parecendo muito aborrecida.

– Não precisava trazer a bandeja. Eu mesma já vinha trazer!

– Nam foi trrabalhe nenhum – disse Fleur Delacour, apoiando a bandeja nos joelhos de Harry e curvando-se num movimento ágil para lhe dar um beijo em cada bochecha: ele sentiu uma queimação onde a moça encostara os lábios. – Estave doide parra verr ele. Lembrra minhe irman, Gabrielle? Não parra de falarr em Arry Potter. Vai ficarr encantade de reverr você.

– Ah... ela também está aqui? – grasnou Harry.

– Nam, nam, bobin – retrucou Fleur com um sorriso tilintante. – Querr dizerr ne prróxime verrão, quande nós... mas você ainde nam sabe?

Seus grandes olhos se arregalaram e, com ar de censura, fixaram a sra. Weasley, que disse:

– Ainda não tivemos tempo de contar.

Fleur voltou sua atenção para Harry, sacudindo a cabeleira prateada contra o rosto da sra. Weasley.

– Gui e eu vamos nos casar!

– Ah! – exclamou Harry sem entender. Não pôde deixar de notar que a sra. Weasley, Hermione e Gina evitavam deliberadamente se olhar. – Uau. Ah... felicidades!

Fleur deu outro mergulho para beijá-lo outra vez.

– Gui stá muite ocupade ne momente, trrabalhande muite, eu só trrabalho parrte de dia ne Grringotes parra melhorrar meu inglês, entam ele me trrouxe prra passarr uns dies e conhecerr a família dele dirreite. Fique tam feliz que você

vinhe... nam tem muite que fazerr aqui se a gente nam goste de cozinha e galinhes! Beim: bom apetite, Arry!

E, dizendo isso, ela se virou graciosamente, como se flutuasse, e saiu do quarto, fechando a porta sem fazer ruído.

A sra. Weasley soltou uma exclamação que soou como um “tcha”.

– Mamãe detesta ela – comentou Gina baixinho.

– Eu não detesto a moça! – protestou a sra. Weasley num sussurro irritado. – Acho que se apressaram demais para noivar, só isso.

– Eles já se conhecem há um ano – justificou Rony, que parecia estranhamente tonto com os olhos pregados na porta fechada.

– Ora, não é tanto tempo assim! Obviamente eu sei por que foi. Com toda essa incerteza por causa da volta de Você-Sabe-Quem, as pessoas acham que podem estar mortas amanhã, então tomam decisões precipitadas que normalmente demorariam a tomar. Foi o mesmo que aconteceu da última vez que ele se tornou poderoso, gente fugindo para casar a torto e a direito...

– Inclusive você e papai – concluiu Gina astutamente.

– Verdade, mas seu pai e eu fomos feitos um para o outro, por que iríamos esperar? – justificou-se a sra. Weasley. – Enquanto no caso de Gui e Fleur... bem... que é que eles têm realmente em comum? Ele é um rapaz trabalhador, uma pessoa que tem os pés no chão, enquanto ela é...

– Uma vaca – emendou Gina, confirmando o que dizia com a cabeça. – Mas Gui não tem os pés no chão. É um desfazedor de feitiços, não é?, gosta de um pouco de aventura, um pouco de glamour... imagino que tenha sido por isso que se apaixonou pela Fleuma.

– Pare de chamar a moça assim, Gina – falou com rispidez a sra. Weasley, enquanto Harry e Hermione riam. – Bem, é melhor eu continuar... coma os ovos enquanto estão quentes, Harry.

Com um ar apreensivo, ela saiu do quarto. Rony continuava com cara de quem levara um soco; sacudia a cabeça como um cachorro que quisesse sacudir a água dos ouvidos.

– Você não se acostuma com ela nem morando na mesma casa? – perguntou Harry.

– Bem, me acostumo – explicou Rony –, mas se ela aparece de repente, como agora há pouco...

– É patético – explodiu Hermione, tomando distância de Rony e virando-se de frente para enfrentá-lo, de braços cruzados, ao deparar com a parede.

– Você não quer realmente que ela fique aqui para sempre, não é? – perguntou Gina ao irmão, incrédula. Ao notar que ele apenas encolhia os ombros, continuou: – A mamãe vai dar um basta nessa história, se puder, aposto o que

você quiser.
– E como ela vai conseguir isso? – perguntou Harry.
– Ela não para de convidar a Tonks para almoçar. Acho que tem esperança de que Gui se apaixone por ela. Torço para que isso aconteça, prefiro muito mais a Tonks em nossa família.
– Estou mesmo vendo isso acontecer – comentou Rony com sarcasmo. – Escute aqui, nenhum cara com o juízo perfeito vai preferir a Tonks se a Fleur estiver por perto. Quero dizer, a Tonks é legal quando não faz bobagens com o cabelo e o nariz, mas...
– Ela é muito mais bonita do que a *Fleuma* – teimou Gina.
– E é mais inteligente, é uma auror! – falou Hermione lá do seu canto.
– A Fleur não é burra, teve mérito suficiente para participar do Torneio Tribruxo – disse Harry.
– Ah, você também, Harry?! – exclamou Hermione desapontada.
– Suponho que você goste do jeito com que a Fleuma diz “Arry”, é isso? – perguntou Gina com desprezo.
– Não – respondeu Harry, desejando não ter aberto a boca. – Eu só estava dizendo que a Fleuma, quero dizer, a Fleur...
– Pois eu prefiro ter a Tonks na nossa família. Pelo menos ela é divertida.
– Ela não tem sido muito divertida ultimamente – retrucou Rony. – Todas as vezes que a vi, estava parecendo mais a Murta Que Geme.
– Isto não é justo – protestou Hermione rispidamente. – Ela ainda não superou o que aconteceu... sabe... quero dizer, ele era primo dela!
Harry sentiu um aperto no coração. Tinham chegado a Sirius. Ele apanhou um garfo e começou a encher a boca de ovos mexidos, esperando evitar convites para participar daquela conversa.
– Tonks e Sirius mal se conheciam! – lembrou Rony. – Sirius esteve preso em Azkaban metade da vida dela e antes disso as famílias dos dois nem se encontravam...
– A questão não é essa – disse Hermione. – Ela acha que foi a responsável pela morte de Sirius!
– E como é que ela chegou a essa conclusão? – perguntou Harry, mesmo sem querer.
– Bem, ela estava enfrentando Belatriz Lestrange, concorda? A minha impressão é que Tonks sente que, se a tivesse liquidado, Belatriz não poderia ter matado Sirius.
– Que idiotice – comentou Rony.
– É o sentimento de culpa de quem sobrevive. Sei que Lupin tentou argumentar, mas ela continua deprimida. Está tendo até problemas para se

metamorfosear!
– Para o quê...?
– Não consegue mais mudar a aparência como costumava fazer – explicou Hermione. – Acho que os poderes dela devem ter sido afetados pelo choque ou coisa do gênero.
– Eu não sabia que isso era possível – admirou-se Harry.
– Nem eu – falou Hermione –, mas suponho que se a pessoa ficar realmente deprimida...
A porta tornou a abrir e a sra. Weasley meteu a cabeça no quarto.
– Gina – sussurrou –, desce e vem me ajudar a preparar o almoço.
– Estou conversando com a galera! – reclamou Gina indignada.
– Agora! – mandou a sra. Weasley, e se retirou.
– Ela só quer a minha companhia para não ter de ficar sozinha com a Fleuma! – continuou Gina enfurecida. E agitou os longos cabelos ruivos para os lados, em uma boa imitação de Fleur, andando pelo quarto com os braços erguidos como se fosse uma bailarina.
– E galera, é melhor vocês descerem logo também – disse ao sair.
Harry aproveitou o silêncio momentâneo para comer mais. Hermione espiava dentro das caixas de Fred e Jorge, embora, de tempos em tempos, lançasse um olhar de esguelha para Harry. Rony agora estava se servindo da torrada de Harry, ainda contemplando sonhadoramente a porta.
– Que é isso? – perguntou por fim Hermione, erguendo um objeto que parecia um pequeno telescópio.
– Sei lá – respondeu Rony. – Fred e Jorge deixaram isso aí, provavelmente ainda não está pronto para ser vendido na loja, cuidado.
– Sua mãe diz que a loja está indo bem – comentou Harry. – Que Fred e Jorge realmente têm jeito para o negócio.
– Isto é dizer pouco – comentou Rony. – Eles estão se enchendo de galeões! Nem posso esperar para ver a loja. Ainda não fomos ao Beco Diagonal, porque mamãe diz que papai tem de ir também por medida de segurança, e ele tem andado muito ocupado no trabalho. Parece que a loja vai bem demais.
– E o Percy? – quis saber Harry. Ele tinha se afastado do resto da família. – Já voltou a falar com seu pai e sua mãe?
– Não.
– Mas ele sabe que o seu pai tinha razão sobre o retorno de Voldemort...
– Dumbledore diz que as pessoas acham mais fácil perdoar os outros quando estão errados do que quando estão certos – lembrou Hermione. – Eu o ouvi dizendo isso à sua mãe, Rony.
– Parece o tipo de frase “cabeça” que Dumbledore diria – sentenciou ele.

– Este ano ele vai me dar aulas particulares – informou Harry em tom descontraído.
Rony engasgou com a torrada e Hermione ofegou.
– E você ficou na moita! – exclamou Rony.
– Só me lembrei agora – respondeu Harry com sinceridade. – Ele me disse ontem à noite no barracão das vassouras.
– Caramba... aulas particulares com Dumbledore! – Rony ficou impressionado. – Por que será que ele...
Sua voz foi sumindo. Harry viu os dois amigos se entreolharem. O garoto descansou a faca e o garfo, o coração acelerado, considerando que estava apenas sentado numa cama. Dumbledore o aconselhara a contar... por que não agora? Ele fixou o olhar no garfo que refletia os raios de sol sobre o seu colo e disse:
– Não sei exatamente por que ele vai me dar aulas, mas acho que deve ser por causa da profecia.
Nem Rony nem Hermione falaram. Harry teve a impressão de que os dois tinham congelado. Ele continuou, ainda se dirigindo ao garfo:
– Aquela que estavam tentando roubar do Ministério.
– Mas ninguém sabe o que dizia – argumentou Hermione. – Quebrou-se.
– Embora o *Profeta* diga que... – começou Rony, mas Hermione pediu silêncio.
– O *Profeta* acer tou – confirmou Harry, fazendo um grande esforço para encarar os amigos; Hermione parecia assustada e Rony admirado. – O globo de vidro que quebrou não era o único registro da profecia. Eu a ouvi completa no gabinete de Dumbledore, foi para ele que fizeram a profecia, daí ele pôde me contar. Pelo que dizia – Harry tomou fôlego –, sou eu que tenho de liquidar o Voldemort... pelo menos ela dizia que nenhum dos dois poderia viver enquanto o outro sobrevivesse.
Os três se fitaram em silêncio por um momento. Ouviram, então, um estampido forte e Hermione desapareceu em uma baforada de fumaça negra.
– Hermione! – gritaram Harry e Rony; a bandeja com o café da manhã escorregou e bateu no chão com estrondo.
Hermione reapareceu, tossindo, envolta em fumaça, ainda segurando o telescópio e exibindo um olho roxo berrante.
– Eu apertei isso e... e recebi um soco! – arquejou a garota.
E sem a menor dúvida, eles viam agora um punho minúsculo preso a uma comprida mola que saía da ponta do telescópio.
– Não se preocupe – tranquilizou-a Rony, tentando visivelmente não cair na gargalhada. – Mamãe dará um jeito no seu olho, ela é ótima para curar pequenos machucados...

– Ah, esqueçam isso agora! – apressou-se Hermione a dizer. – Harry, ah, Harry...

Ela tornou a sentar na beira da cama.

– Ficamos imaginando, quando voltamos do Ministério... é óbvio que não quisemos lhe dizer nada, mas, pelo que Lúcio Malfoy disse sobre a profecia, que era sobre você e o Voldemort, bem, achamos que devia ser uma coisa assim... ah, Harry... – Ela encarou-o e sussurrou: – Você está apavorado?

– Não tanto quanto já estive. Quando ouvi a profecia pela primeira vez, sim... mas agora tenho a sensação de que já sabia que no fim eu teria de enfrentar Voldemort...

– Quando ouvimos dizer que Dumbledore ia apanhar você pessoalmente, achamos que talvez fosse lhe dizer alguma coisa, ou mostrar alguma coisa com relação à profecia – disse Rony ansioso. – E tínhamos uma certa razão, não é? Ele não iria lhe dar aulas se achasse que você já era, não iria perder tempo: então deve achar que você tem uma chance!

– É verdade – disse Hermione. – Que será que ele vai lhe ensinar, Harry? Magia defensiva muito avançada, provavelmente... contramaldições poderosas... contrafeitiços...

Harry não estava realmente ouvindo. Sentia-se invadir por um calor que não vinha do sol; um bloqueio em seu peito parecia estar se dissolvendo. Sabia que Rony e Hermione estavam mais chocados do que demonstravam, mas o fato de continuarem a seu lado, consolando-o com palavras animadoras, sem fugir dele como se pudesse contagiá-los ou oferecer perigo, valia mais do que jamais poderia dizer a eles.

– ... e encantamentos evasivos de maneira geral – concluiu Hermione. – Bem, pelo menos você já sabe uma das matérias que vai estudar este ano, o que é mais do que o Rony e eu sabemos. Quando será que vão chegar os resultados dos nossos N.O.M.s?

– Devem estar chegando, já faz um mês – disse Rony.

– Calma aí – atalhou Harry, lembrando-se de mais uma parte da conversa da noite anterior. – Acho que Dumbledore falou que os resultados iriam chegar hoje!

– Hoje! – esganiçou-se Hermione. – *Hoje?* Mas por que você não... ah, meu Deus... você devia ter dito...

Ela se levantou depressa.

– Vou ver se chegou alguma coruja...

Mas quando Harry chegou ao térreo, dez minutos depois, todo vestido e carregando a bandeja vazia do café, encontrou Hermione sentada à mesa da cozinha muito agitada, enquanto a sra. Weasley tentava dar um jeito em sua cara

de urso panda de um olho só.
– Não quer sair – dizia ansiosa a sra. Weasley, ao lado de Hermione, com a varinha na mão e um exemplar de *O curandeiro aprendiz* aberto no capítulo "Hematomas, cortes e escoriações". – Isto sempre funcionou antes, não consigo entender.
– Deve ser a ideia de brincadeira engraçada de Fred e Jorge, garantir que não saia – comentou Gina.
– Mas tem de sair! – guinchou Hermione. – Não posso andar por aí com uma cara dessa para sempre.
– Você não vai, querida, vamos encontrar um antídoto, não se preocupe – tranquilizou-a a sra. Weasley.
– Gui me contu que Frred e Jorrge son muite engrraçades! – disse Fleur, sorrindo calmamente.
– São, sim, nem consigo respirar de tanto rir – retrucou Hermione.
Ela se pôs de pé de repente e começou a dar voltas e mais voltas pela cozinha, girando os dedos.
– Sra. Weasley, a senhora tem absoluta certeza de que não chegou nenhuma coruja hoje de manhã?
– Claro, querida, eu teria visto – respondeu a bruxa pacientemente. – Mas mal acabou de dar nove horas, tem muito tempo ainda...
– Eu sei que fiz besteira em Runas Antigas – murmurou Hermione febril. – Decididamente fiz no mínimo um erro grave de tradução. E o exame prático de Defesa Contra as Artes das Trevas foi péssimo. No dia, achei que tinha me dado bem em Transfiguração, mas pensando melhor...
– Hermione, quer fazer o favor de calar a boca, você não é a única que está nervosa! – falou Rony com rispidez. – E quando receber os seus onze "ótimos" nos N.O.M.s...
– Não, não, não! – exclamou Hermione, agitando as mãos histericamente. – Sei que não passei em nada!
– E o que acontece se a gente não passar? – perguntou Harry, sem se dirigir a ninguém em particular, mas Hermione respondeu outra vez.
– Discutimos as opções com a diretora da Casa, perguntei à professora McGonagall no fim do trimestre passado.
Harry sentiu o estômago revirar. Gostaria de ter comido menos ao café da manhã.
– An Beaubattons – disse Fleur com superioridade –, fazems tude diferrante. Ache qu erra melhorr. Prrestávams exams depôs de sês ans de estude e non cinque come aqui, e depôs...
As palavras de Fleur foram abafadas por um grito. Hermione estava

apontando para a janela da cozinha. Viam-se três pontos negros no céu, cada vez maiores.

– Positivamente são corujas – falou Rony rouco, pulando da mesa para se juntar à amiga na janela.

– E são três – acrescentou Harry, correndo para o outro lado da amiga.

– Uma para cada um de nós – disse Hermione num sussurro aterrorizado. – Ah, não... ah, não... ah, não...

Ela agarrou os cotovelos de Harry e Rony.

As aves estavam voando diretamente para A Toca, três belas corujas pardas, cada uma – tornou-se visível quando sobrevoaram a entrada da casa – trazia um grande envelope quadrado.

– Ah, *não*! – guinchou Hermione.

A sra. Weasley tomou a frente dos garotos e abriu a janela da cozinha. Uma, duas, três corujas entraram voando e pousaram na mesa em fila. As três estenderam a perna direita.

Harry se adiantou. A carta endereçada a ele estava presa à perna da coruja do meio. Ele desamarrou-a, atrapalhado. À sua esquerda, Rony tentava soltar as próprias notas; à direita, as mãos de Hermione tremiam tanto que ela fazia a coruja inteira tremer.

Ninguém na cozinha falou. Por fim, Harry conseguiu desprender o envelope. Abriu-o ligeiro e desdobrou o pergaminho que havia dentro.

RESULTADOS NOS NÍVEIS ORDINÁRIOS EM MAGIA

Notas de aprovação:

Ótimo (O)
Excede Expectativas (E)
Aceitável (A)

Notas de reprovação:

Péssimo (P)
Deplorável (D)
Trasgo (T)

RESULTADOS OBTIDOS POR HARRY POTTER

Adivinhação	*P*
Astronomia	*A*
Defesa Contra as Artes das Trevas	*O*
Feitiços	*E*

Herbologia	*E*
História da Magia	*D*
Poções	*E*
Transfiguração	*E*
Trato das Criaturas Mágicas	*E*

Harry leu o pergaminho todo várias vezes, começando a respirar aliviado a cada leitura. Tudo bem: sempre soube que não iria passar em Adivinhação, e não tivera chance de passar em História da Magia, uma vez que desmaiara no meio do exame, mas passara em todo o resto! Correu o dedo pelas notas... fora bem em Transfiguração e Herbologia, e até excedera a expectativa em Poções! E o melhor de tudo, recebera "Ótimo" em Defesa Contra as Artes das Trevas!

Olhou para os lados. Hermione estava de costas e cabeça baixa, mas Rony parecia muito feliz.

– Só não passei em Adivinhação e História da Magia, mas quem se importa – comentou alegremente com Harry. – Aqui... vamos trocar...

Harry passou os olhos pelas notas de Rony: não havia nenhum "Ótimo"...

– Eu sabia que você ia tirar a nota máxima em Defesa Contra as Artes das Trevas – disse ele, dando um soco no ombro de Harry. – Nos saímos bem, não?

– Parabéns! – exclamou a sra. Weasley orgulhosa, arrepiando os cabelos de Rony. – Sete N.O.M.s, é mais do que Fred e Jorge tiraram juntos!

– Hermione? – perguntou Gina hesitante, porque a amiga ainda não se virara. – E você, como foi?

– Eu... nada mal – respondeu Hermione muito baixinho.

– Ah, corta essa – rebateu Rony se aproximando e puxando os resultados da mão dela. – É: nove "Ótimo" e um "Excede Expectativas" em Defesa Contra as Artes das Trevas. – E, encarando-a meio risonho, meio exasperado. – Você está realmente desapontada, não é?

Hermione sacudiu negativamente a cabeça, mas Harry riu.

– Bem, agora somos alunos do N.I.E.M.! – exclamou Rony sorridente. – Mamãe, ainda tem salsichas?

Harry tornou a ler os seus resultados. Eram tão bons quanto poderia ter esperado. Só sentia uma pontadinha de arrependimento... era o fim de sua ambição de ser auror. Não obtivera a nota exigida em Poções. Soubera o tempo todo que não conseguiria, mas sentiu o estômago afundar ao olhar mais uma vez para o pequeno "E" preto.

Era bem estranho, visto que tinha sido um Comensal da Morte disfarçado quem dissera pela primeira vez que Harry daria um bom auror, que a ideia o

tivesse conquistado e ele não conseguisse realmente pensar em outra profissão futura. Além disso, tinha lhe parecido o destino certo para ele desde que ouvira a profecia há um mês... *nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver*... não estaria assim cumprindo a profecia e dando a si mesmo a melhor chance de sobreviver, se entrasse para o grupo de bruxos altamente treinados cuja função era encontrar e matar Voldemort?

— CAPÍTULO SEIS —

A fugida de Draco

Harry permaneceu dentro dos limites do jardim d'A Toca nas semanas seguintes. Passava a maior parte dos dias jogando quadribol em duplas no pomar dos Weasley (ele e Hermione contra Rony e Gina; Hermione era péssima e Gina boa, portanto estavam razoavelmente equilibrados) e, as noites, repetindo três vezes tudo que a sra. Weasley punha à sua frente para comer.

Teriam sido umas férias felizes e tranquilas se não fossem os casos de desaparecimentos, acidentes estranhos e até mortes que agora eram noticiados quase diariamente no *Profeta*. Por vezes Gui e o sr. Weasley traziam para casa notícias que ainda não tinham chegado ao jornal. Para desgosto da sra. Weasley, a festa do décimo sexto aniversário de Harry foi perturbada pelos espantosos relatos feitos por Remo Lupin, que parecia magro e deprimido, os cabelos castanhos fartamente embranquecidos, suas roupas mais rotas e remendadas que nunca.

– Tinha havido mais dois ataques de dementadores – anunciou ele, quando a sra. Weasley lhe ofereceu uma grossa fatia de bolo de aniversário. – E encontraram o corpo de Igor Karkaroff em um barraco no norte do país. Sobre o local pairava a Marca Negra, aliás, para ser franco, fico surpreso que ele tenha sobrevivido quase um ano depois de desertar os Comensais da Morte; lembro que o irmão de Sirius, Régulo, durou poucos dias.

– Foi – disse a sra. Weasley –, mas quem sabe devíamos mudar o rumo dessa...

– Você soube o que aconteceu com o Florean Fortescue, Remo? – perguntou Gui, a quem Fleur não parava de servir vinho. – O cara que dirigia...

– ... a sorveteria no Beco Diagonal? – interrompeu Harry, sentindo um vazio desagradável no fundo do estômago. – Ele costumava me servir sorvetes de graça. Que aconteceu com ele?

– Foi levado à força, pelo estado em que ficou a sorveteria.

– Por quê? – indagou Rony; a sra. Weasley olhou irritada para Gui.
– Quem vai saber? Deve ter aborrecido os caras. Era um bom sujeito, o Florean.
– Por falar em Beco Diagonal – lembrou o sr. Weasley –, parece que o Olivaras também desapareceu.
– O fabricante de varinhas?! – exclamou Gina surpresa.
– O próprio. A loja está vazia. Não há sinais de luta. Ninguém sabe se foi embora porque quis ou se foi sequestrado.
– Mas e as varinhas: onde é que as pessoas vão conseguir varinhas?
– Terão de se arranjar com os outros fabricantes – respondeu Lupin. – Mas o Olivaras era o melhor, e se o outro lado o tiver levado não será bom para nós.
No dia seguinte a essa sombria festa de aniversário, chegaram cartas de Hogwarts e as listas de material escolar. As de Harry incluíam uma surpresa: fora nomeado capitão de quadribol.
– Isto equipara você aos monitores! – exclamou Hermione alegre. – Agora vai poder usar o nosso banheiro particular e todo o resto!
– Uau, eu me lembro de quando Carlinhos usava um desses – disse Rony examinando, satisfeito, o crachá. – Harry, que legal, você vai ser o meu capitão, se me deixar voltar ao time, imagino, ha ha...
– Bem, acho que não podemos adiar mais a ida ao Beco Diagonal, agora que receberam as cartas – suspirou a sra. Weasley, passando os olhos pela lista de Rony. – Iremos no sábado se o seu pai não precisar, outra vez, ir trabalhar. Não quero ir sem ele.
– Mamãe, a senhora acha sinceramente que Você-Sabe-Quem vai estar escondido atrás de uma estante na Floreios e Borrões? – falou Rony rindo.
– Fortescue e Olivaras saíram de férias, não foi? – respondeu a sra. Weasley se irritando mais uma vez. – Se você acha que a segurança é motivo para risadas, pode ficar em casa que eu mesma compro o seu material...
– Não, eu quero ir, quero ver a loja de Fred e Jorge! – Rony interrompeu-a rapidamente.
– Então guarde as suas opiniões para si mesmo, rapazinho, antes que eu decida que é imaturo demais para ir conosco! – retrucou a mãe com raiva, agarrando o relógio com os nove ponteiros, que continuavam a indicar *perigo mortal*, e equilibrando-o sobre a pilha de toalhas lavadas. – E isso se aplica à volta a Hogwarts também!
Rony virou-se para Harry, incrédulo, enquanto sua mãe erguia nos braços o cesto de roupas e o relógio mal equilibrado, e saía, brava, do aposento.
– Caracas... não se pode mais nem brincar nesta casa...
Mas, nos dias que se seguiram, Rony tomou cuidado para não falar

levianamente de Voldemort. O sábado amanheceu sem outros rompantes da sra. Weasley, embora ela parecesse muito tensa ao café da manhã. Gui, que ia ficar em casa com Fleur (para grande alegria de Hermione e Gina), passou uma bolsa cheia de dinheiro para Harry.

– E cadê o meu? – perguntou Rony, na mesma hora, de olhos arregalados.

– Já está com o Harry, idiota – replicou Gui. – Saquei do cofre para você, Harry, porque está levando cinco horas para o público acessar os depósitos em ouro, tão rigorosas estão as medidas de segurança. Dois dias atrás, enfiaram, vocês sabem onde, um honestímetro no Arkie Philpott... bem, confiem em mim, assim foi mais fácil.

– Obrigado, Gui – disse Harry, embolsando seu ouro.

– Ele é sempre tam atenciose – ronronou Fleur com ar de adoração, acariciando o nariz de Gui. Gina fingiu que vomitava na tigela de cereal por trás de Fleur. Harry se engasgou com seu cornflakes, e Rony deu-lhe tapas nas costas.

Fazia um dia nublado e escuro. Um dos carros especiais do Ministério da Magia, em que Harry já andara, estava aguardando à frente da casa quando eles saíram ainda vestindo as capas.

– Que bom que papai pode requisitar carros outra vez – comentou Rony grato, espreguiçando-se com prazer enquanto o carro saía suavemente d’A Toca; Gui e Fleur acenavam da janela da cozinha. Rony, Harry, Hermione e Gina estavam confortavelmente acomodados no largo banco traseiro.

– É melhor não se acostumarem, é só por causa do Harry – lembrou o sr. Weasley por cima do ombro do garoto. Ele e a mulher iam no banco dianteiro com o motorista do Ministério; o banco se desdobrara obsequiosamente em uma espécie de sofá de dois lugares. – Ele é considerado de máxima segurança. E vamos receber reforços no Caldeirão Furado.

Harry não fez comentário algum; não lhe agradava fazer compras cercado de um batalhão de aurores. Guardara a Capa da Invisibilidade na mochila e achava que, se bastava para Dumbledore, deveria bastar para o Ministério, embora, pensando melhor, ele não tivesse muita certeza se o Ministério sabia da existência de sua capa.

– Chegamos – anunciou o motorista, após um tempo surpreendentemente rápido, falando pela primeira vez ao reduzir a marcha em Charing Cross e parar à porta do Caldeirão Furado. – Tenho ordens de esperar pelos senhores, têm ideia do quanto tempo vão demorar?

– Umas duas horas, espero – respondeu o sr. Weasley. – Ah, que bom, ele está aqui!

Harry imitou o sr. Weasley e espiou pela janela; seu coração deu um pulo. Não

havia aurores à porta da estalagem, e, no lugar deles, reconheceu a forma barbuda de Rúbeo Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts, vestindo um longo casaco de pele de castor e sorrindo ao ver o rosto de Harry, indiferente aos olhares assustados dos trouxas que passavam.

– Harry! – trovejou ele, arrebatando o garoto num abraço de moer os ossos, no momento em que Harry desceu do carro. – Bicuço, quero dizer, Asafugaz, você devia ver Harry, está tão feliz de voltar ao ar livre...

– Que bom que está feliz – respondeu Harry, rindo e massageando as costelas. – Não sabíamos que "reforços" queria dizer você!

– Eu sei, como nos velhos tempos, né? Sabe, o Ministério queria mandar um bando de aurores, mas Dumbledore disse que bastava eu – explicou Hagrid orgulhoso, estufando o peito e enfiando os polegares nos bolsos. – Então, vamos andando... vocês primeiro, Molly, Arthur...

Pela primeira vez na lembrança de Harry, o Caldeirão Furado estava completamente vazio. Do pessoal antigo, só restava Tom, o estalajadeiro, enrugado e sem dentes. Ergueu a cabeça esperançoso quando o grupo entrou, mas, antes que pudesse falar, Hagrid anunciou cheio de importância:

– Só estamos de passagem, Tom, você compreende. Assuntos de Hogwarts, sabe como é.

Tom assentiu com tristeza e continuou a enxugar copos; Harry, Hermione, Hagrid e os Weasley atravessaram o bar e saíram para o pequeno pátio frio nos fundos, onde ficavam as latas de lixo. Hagrid ergueu seu guarda-chuva cor-de-rosa e deu uma pancadinha em um certo tijolo no muro, que instantaneamente se abriu em arco, revelando uma tortuosa rua de pedras.

Eles atravessaram e pararam olhando para todos os lados.

O Beco Diagonal mudara. Os arranjos coloridos e brilhantes nas vitrinas exibindo livros de feitiços, ingredientes e caldeirões para poções estavam ocultos por grandes cartazes do Ministério da Magia. A maioria, sombria e roxa, era uma versão ampliada dos panfletos sobre segurança que tinham sido distribuídos pelo Ministério durante o verão, mas outros continham fotos animadas em preto e branco dos Comensais da Morte que se sabiam estar foragidos. Belatriz Lestrange sorria desdenhosamente na fachada do boticário mais próximo. Algumas vitrines estavam fechadas com tábuas, inclusive a da Sorveteria Florean Fortescue. Em contraposição, tinham surgido várias barracas de aspecto miserável ao longo da rua. A mais próxima, instalada à porta da Floreios e Borrões sob um toldo de listras manchado, exibia um letreiro de papelão:

Amuletos: Contra Lobisomens, Dementadores e Inferi

Um bruxo miúdo e mal-encarado sacudia braçadas de correntes com símbolos prateados para os transeuntes.

– Uma para sua garotinha, madame? – ofereceu à sra. Weasley quando passaram, sorrindo lascivamente para Gina. – Para proteger esse lindo pescocinho?

– Se eu estivesse de serviço... – disse o sr. Weasley, olhando com raiva o vendedor de amuletos.

– Sei, mas não vai sair prendendo ninguém agora, querido, estamos com pressa – replicou a sra. Weasley, nervosa, consultando uma lista. – Acho que é melhor irmos à Madame Malkin primeiro, Hermione quer vestes de festa novas e os uniformes de Rony não estão mais nem cobrindo os tornozelos dele, e você também deve estar precisando de novos, Harry, cresceu tanto... vamos, todos...

– Molly, não faz sentido irmos todos à Madame Malkin – ponderou o sr. Weasley. – Por que os três não vão com Hagrid, e nós vamos comprar todos os livros escolares na Floreios e Borrões?

– Não sei – respondeu a sra. Weasley ansiosa, visivelmente dividida entre o desejo de terminar as compras rápido e o de manter o grupo unido. – Hagrid, você acha...?

– Não se preocupe, eles vão ficar bem comigo, Molly – disse Hagrid, tranquilizando-a e fazendo um aceno vago com a mão enorme, do tamanho de uma tampa de latão. A sra. Weasley não pareceu inteiramente convencida, mas permitiu a separação, apressando-se em direção à Floreios e Borrões, com o marido e Gina, enquanto Harry, Rony, Hermione e Hagrid seguiam para a Madame Malkin.

Harry reparou que muitas pessoas que passavam por eles tinham a mesma expressão mortificada da sra. Weasley, e que ninguém mais parava para conversar; os compradores se mantinham em grupos coesos, absortos em seus próprios afazeres. Aparentemente ninguém estava fazendo compras sozinho.

– Acho que vai ficar meio apertado lá dentro com todos nós – falou Hagrid, parando à porta da Madame Malkin e se abaixando para espiar pela vitrine. – Vou ficar de guarda aqui fora, tá?

Então Harry, Rony e Hermione entraram juntos na lojinha. No primeiro momento parecia vazia, mas, assim que a porta se fechou atrás deles, ouviram uma voz conhecida que vinha de trás de uma arara de vestes formais verdes e azuis com brilhos.

– ... não sou criança, caso a senhora não tenha reparado, mãe. Sou perfeitamente capaz de fazer minhas compras *sozinho*.

Ouviram, então, um muxoxo e uma voz que Harry reconheceu ser da Madame Malkin falou:

– Bem, querido, sua mãe tem razão, ninguém deve ficar andando por aí sozinho, não é uma questão de ser ou não criança...

– Vê se olha onde está enfiando esse alfinete!

Um adolescente pálido, de rosto pontudo e cabelos louro-brancos apareceu por trás da arara usando um belo conjunto de vestes verde-escuras, em que cintilavam alfinetes na barra da saia e das mangas. Ele caminhou até o espelho e estudou o efeito; demorou um momento para notar Harry, Rony e Hermione refletidos por cima do seu ombro. Seus olhos cinza-claro se estreitaram.

– Se você queria saber a razão do mau cheiro, mãe, uma Sangue Ruim acabou de entrar – disse Draco Malfoy.

– Acho que não há necessidade de falar assim! – disse Madame Malkin, saindo ligeira de trás da arara, segurando uma fita métrica e uma varinha. – E também não quero ninguém empunhando varinhas na minha loja! – apressou-se a acrescentar, porque, ao olhar em direção da porta, viu Harry e Rony parados ali com as varinhas apontadas para Malfoy.

Hermione, que estava um pouco atrás, sussurrou:

– Não, não façam nada, sinceramente, não vale a pena...

– É, como se vocês se atrevessem a usar magia fora da escola – debochou Malfoy. – Quem lhe deu o olho roxo, Granger? Quero mandar flores para eles.

– Agora basta! – disse Madame Malkin energicamente, olhando por cima do ombro em busca de apoio. – Madame, por favor...

Narcisa Malfoy saiu de trás da arara de roupas.

– Guardem isso – disse friamente para Harry e Rony. – Se vocês atacarem o meu filho outra vez, vou garantir que seja a última coisa que farão na vida.

– Verdade? – retrucou Harry dando um passo à frente e observando o rosto ligeiramente arrogante que, mesmo pálido, ainda lembrava o da irmã. Ele estava da altura dela agora. – Vai mandar uns coleguinhas Comensais nos matar, vai?

Madame Malkin soltou um guincho e levou as mãos ao coração.

– Francamente, você não devia fazer acusações... dizer uma coisa perigosa dessas... Guardem as varinhas, por favor!

Mas Harry não baixou a varinha. Narcisa Malfoy deu um sorriso antipático.

– Estou vendo que o fato de ser o favorito de Dumbledore lhe deu uma falsa sensação de segurança, Harry. Mas Dumbledore não estará sempre aqui para protegê-lo.

Harry correu os olhos por toda a loja com um ar zombeteiro.

– Uau... quem diria... ele não está aqui agora! Então, por que não experimentar? Talvez lhe arranjem uma cela de casal em Azkaban para fazer companhia ao perdedor do seu marido!

Malfoy fez um movimento agressivo em direção a Harry, mas tropeçou nas

vestes muito longas. Rony soltou uma sonora gargalhada.
– Não se atreva a falar com a minha mãe assim, Potter! – vociferou Malfoy.
– Tudo bem, Draco – disse Narcisa segurando o ombro do filho com os dedos finos e pálidos. – Prevejo que Potter irá se reunir ao querido Sirius antes de eu me reunir ao Lúcio.
Harry ergueu sua varinha mais alto.
– Harry, não! – gemeu Hermione, agarrando o braço do amigo e tentando baixá-lo. – Pensa... você não deve... vai se meter em uma encrenca...
Madame Malkin agitou-se um momento sem sair do lugar, então resolveu agir como se nada estivesse acontecendo, na esperança de que de fato não acontecesse. Curvou-se para Malfoy, que ainda encarava Harry com ferocidade.
– Acho que essa manga esquerda devia ser um pouquinho mais curta, querido, me deixe...
– Ai! – berrou Malfoy, dando-lhe um tapa na mão. – Olhe onde enfia os alfinetes, mulher! Mãe... acho que não quero mais essas vestes...
E, puxando as vestes pela cabeça, atirou-as no chão aos pés de Madame Malkin.
– Você tem razão, Draco – disse Narcisa, lançando um olhar de desprezo a Hermione –, agora sei o tipo de ralé que compra aqui... será melhor comprarmos na Talhejusto e Janota.
Dito isto, os dois saíram da loja, Malfoy fazendo questão de esbarrar com toda a força em Rony, a caminho da porta.
– *Francamente!* – exclamou Madame Malkin, apanhando as roupas e passando a ponta da varinha por cima para remover o pó, como se fosse um aspirador.
A bruxa se mostrou aturdida durante toda a prova das vestes de Rony e Harry, e tentou vender modelos masculinos para Hermione em lugar de femininos, e, quando finalmente acompanhou-os à porta da loja, exibia o ar de quem estava contente de vê-los pelas costas.
– Compraram tudo? – perguntou Hagrid animado quando os garotos reapareceram ao seu lado.
– Quase tudo – respondeu Harry. – Você viu os Malfoy?
– Vi – confirmou Hagrid indiferente. – Mas eles não iam se atrever a provocar confusões no meio do Beco Diagonal, Harry, não se preocupe.
Harry, Rony e Hermione se entreolharam, mas, antes que pudessem desiludir Hagrid de ideia tão reconfortante, o casal Weasley e Gina chegaram, carregando pesados pacotes de livros.
– Vocês estão bem? – indagou a sra. Weasley. – Compraram as vestes? Ótimo, então, podemos dar uma passada no boticário e no Empório das Corujas, a

caminho da loja do Fred e Jorge... fiquem juntos...

Nem Harry nem Rony compraram ingredientes no boticário, porque não iam mais estudar Poções, mas, no empório, compraram grandes caixas de nozes para Edwiges e Píchi. Então, com a sra. Weasley consultando o relógio a cada minuto, desceram a rua à procura da Gemialidades Weasley, a loja de logros de Fred e Jorge.

– Não temos realmente muito tempo – alertou a sra. Weasley. – Então vamos dar uma olhada rápida e voltar logo para o carro. Devemos estar bem perto, estamos no noventa e dois... noventa e quatro...

– *Eh!* – exclamou Rony parando de chofre.

Encaixada entre fachadas sem graça, cobertas de cartazes, as vitrines de Fred e Jorge chamavam a atenção como uma queima de fogos. Transeuntes distraídos olhavam por cima do ombro para as vitrines, e alguns muito espantados chegavam a parar, petrificados. A vitrine da esquerda ofuscava a vista tal a variedade de artigos que giravam, espocavam, piscavam, quicavam e gritavam; os olhos de Harry começaram a lacrimejar só de olhar. A vitrine da direita estava tomada por um gigantesco cartaz, roxo como os do Ministério, mas enfeitado com letras amarelas pulsantes.

Para que se preocupar com Você-Sabe-Quem?
DEVIA mais era se preocupar com
O-APERTO-VOCÊ-SABE-ONDE
a prisão de ventre que acometeu a nação!

Harry caiu na gargalhada. Ouviu um gemido fraquinho ao seu lado e, ao se virar, deparou com a sra. Weasley olhando estarrecida para o cartaz. Seus lábios se moviam, silenciosamente, enunciando as palavras “O-Aperto-Você-Sabe-Onde”.

– Vão matar esses dois! – murmurou ela.

– Não, não vão! – contestou Rony, que, como Harry, estava às gargalhadas! – É genial!

E ele e Harry entraram na loja. Estava apinhada de fregueses: Harry não conseguia chegar às prateleiras. Ficou examinando tudo, olhando as caixas empilhadas até o teto: ali estavam o kit Mata-Aula que os gêmeos tinham aperfeiçoado no ano em que abandonaram Hogwarts, sem concluir o curso; Harry reparou que o Nugá Sangra-Nariz era o que saía mais, e restava apenas uma caixa arrebentada na prateleira. Havia latões cheios de varinhas de brinquedo. As mais baratas faziam aparecer galinhas de borracha ou calças compridas quando agitadas; as mais caras batiam no pescoço ou na cabeça do

usuário desavisado; caixas de penas de escrever, nas opções Caneta-Tinteiro, Autorrevisora e Resposta-Esperta. Abriu-se um espaço na multidão e Harry pôde chegar ao balcão, onde um bando de crianças de dez anos observavam felizes um homenzinho de madeira subir lentamente os degraus de um patíbulo com duas forcas de verdade em cima de um caixote, onde se lia: Forca Reciclável – Soletre certo ou se enforque!

“Feitiços Patenteados para Devanear...”

Hermione conseguira se apertar até um grande mostruário junto ao balcão, e estava lendo a informação no verso de uma caixa com a foto muito colorida de um belo rapaz e uma moça desmaiando no tombadilho de um navio pirata.

“Um simples encantamento e você mergulhará em um devaneio de trinta minutos excepcionalmente realista. Fácil de usar em uma aula normal e virtualmente imperceptível (efeitos colaterais: olhar vago e ligeira baba). Venda proibida a menores de dezesseis anos.”

– Sabe – comentou Hermione, erguendo os olhos para Harry –, esta mágica é realmente extraordinária!

– Só por causa disso, Hermione – disse uma voz atrás deles –, você pode levar uma de graça.

Um Fred sorridente estava diante deles, usando um conjunto de vestes magenta que contrastavam magnificamente com seus cabelos muito ruivos.

– Como vai, Harry? – Eles se apertaram as mãos. – E que aconteceu com o seu olho, Hermione?

– Foi o seu telescópio esmurrador – respondeu a garota pesarosa.

– Ah, caramba, esqueci os telescópios – disse Fred. – Tome...

E entregou a Hermione uma bisnaga que puxou do bolso; quando ela tirou a tampa, desajeitada, apareceu uma pasta amarela.

– É só passar que o roxo desaparecerá em uma hora – disse Fred. – Temos de achar um removedor decente para hematomas, estamos testando a maioria dos produtos em nós mesmos.

Hermione pareceu apreensiva.

– É *seguro*?

– Claro que é – respondeu Fred tranquilizando-a. – Vamos, Harry, quero lhe mostrar a loja.

Harry deixou Hermione passando a pasta no olho roxo e acompanhou Fred em direção aos fundos do salão, onde viu um mostruário com cartas e truques com cordas.

– Truques de magia dos trouxas – explicou contente, apontando os artigos. – Para excêntricos feito papai, sabe, que adoram coisas dos trouxas. Não são campeões de vendas, mas têm saída constante, são grandes novidades... Ah, aí

vem o Jorge...
O gêmeo de Fred apertou a mão de Harry com energia.
– Fazendo o tour pela loja? Venha até os fundos, Harry, é onde está o nosso lucro, *você aí, se meter alguma coisa no bolso, vai pagar mais do que dez galeões!* – ele advertiu um garotinho que largou depressa um tubinho rotulado: Marcas Negras Comestíveis: Deixam qualquer um doente!
Jorge afastou uma cortina ao lado das mágicas dos trouxas e Harry viu uma sala mais escura e mais vazia. As embalagens dos produtos nas prateleiras eram mais discretas.
– Acabamos de desenvolver esta linha mais séria – disse Fred. – Foi engraçado como aconteceu...
– Você não acreditaria quantas pessoas, até mesmo funcionários do Ministério não conseguem fazer um Feitiço-Escudo decente – explicou Jorge. – É claro que não tiveram você como professor, Harry.
– Sério... bem, achamos que os chapéus-escudo eram uma piada. Sabe, você põe o chapéu e desafia o colega a lançar um feitiço e fica olhando a cara dele quando o feitiço simplesmente não funciona. Mas o Ministério com prou quinhentos para todo o pessoal de apoio! E continuamos recebendo pedidos enormes!
– Então ampliamos a linha para incluir capas-escudo, luvas-escudo...
– ... quer dizer, não serviriam para proteger o cara das Maldições Imperdoáveis, mas para feitiços e encantamentos de leves a moderados...
– E pensamos em cobrir toda a área de Defesa Contra as Artes das Trevas, porque é uma mina de ouro – continuou Jorge entusiasmado. – Este aqui é legal. Veja, Pó Escurecedor Instantâneo, estamos importando do Peru. Maneiro para quem quer desaparecer rápido.
– E os Detonadores-Chamariz estão praticamente fugindo das nossas prateleiras, olhe. – Fred apontou para uma quantidade de objetos pretos esquisitos, dotados de apito que de fato tentavam sumir de vista. – A pessoa deixa cair um, sem ninguém ver, e ele sai correndo e apitando até sumir, e com isso desvia as atenções se precisar.
– Maneiro – comentou Harry impressionado.
– Leve alguns – ofereceu Jorge, apanhando uns dois e atirando-os para Harry.
Uma jovem bruxa de cabelos louros e curtos enfiou a cabeça por um lado da cortina; Harry notou que ela também usava o uniforme magenta da loja.
– Tem um freguês lá fora querendo um caldeirão de mentira, senhores Weasley – avisou a moça.
Harry achou muito estranho ouvir alguém chamar Fred e Jorge de senhores Weasley, mas eles aceitavam o tratamento com naturalidade.

– Certo, Vera, já estou indo – disse Jorge prontamente. – Harry, apanhe o que quiser, está bem? Oferta da casa.
– Não posso fazer isso! – protestou Harry, que já puxara a bolsa para pagar pelos Detonadores-Chamariz.
– Aqui você não paga – disse Fred com firmeza, dispensando o ouro de Harry.
– Mas...
– Você nos doou o capital inicial, não esquecemos – lembrou Jorge, sério. – Leve o que quiser e basta dizer às pessoas onde encontrou, caso perguntem.
Jorge passou rápido pela cortina e foi ajudar a atender a freguesia, e Fred voltou com Harry para o salão principal, onde encontraram Hermione e Gina ainda examinando a caixa dos Feitiços para Devanear.
– Vocês ainda não descobriram os nossos produtos Bruxa Maravilha? – perguntou Fred. – Sigam-me, senhoras...
Próximo à vitrine, havia um arranjo de produtos rosa berrante em torno do qual jovens excitadas davam risadinhas entusiásticas. Hermione e Gina se detiveram mais atrás, cautelosas.
– Aí estão – anunciou Fred orgulhoso. – Melhor linha de poções de amor que vocês podem encontrar no mundo.
Gina ergueu a sobrancelha descrente.
– E funcionam?
– Claro que funcionam, por um período de até vinte e quatro horas de cada vez, dependendo do peso corporal do rapaz em questão...
– ... e a atração exercida pela moça – completou Jorge, reaparecendo de repente ao lado deles. – Mas não vamos vendê-las à nossa irmã – acrescentou, ficando inesperadamente sério. – Não quando já existem cinco rapazes no circuito.
– Se foi o Rony que lhe informou isso é uma baita mentira – retrucou Gina calmamente, curvando-se para tirar um potinho rosa da prateleira. – E isso o que é?
– O Infalível Removedor de Espinhas em Dez Segundos – disse Fred. – Excelente para tudo, de furúnculos a cravos, mas não mude de assunto. No momento você está ou não está saindo com um rapaz chamado Dino Thomas?
– Estou. E da última vez que o vi, ele era um rapaz e não cinco. E aquilo ali?
Gina apontou para umas bolas redondas e felpudas em tons de rosa e roxo que giravam no fundo de uma gaiola emitindo guinchos agudos.
– Mini-pufes – informou Jorge. – Pufosos miniatura, não conseguimos reproduzi-los com a velocidade necessária. E o Miguel Corner?
– Acabei com ele, era mau perdedor – respondeu Gina, enfiando um dedo pela grade da gaiola e observando os mini-pufes se aglomerarem em volta. – São

muito fofinhos!
– É, dão vontade de apertar – admitiu Fred. – Mas você está trocando de namorado meio rápido, não?
Gina virou-se para encarar o irmão, com as mãos nos quadris. Em seu rosto, havia uma expressão, “sra. Weasley”, que surpreendeu Harry. Fred não se intimidou.
– Não é da sua conta. E ficarei muito agradecida a *você* – acrescentou com raiva para Rony, que acabara de aparecer ao lado de Jorge, carregado de mercadorias –, se parar de contar a esses dois mentiras a meu respeito!
– São três galeões, nove sicles e um nuque – somou Fred, examinando as muitas caixas que Rony trazia nos braços. – Pode se coçar.
– Sou seu irmão!
– E o que você está levando é nosso. Três galeões, nove sicles, não precisa pagar o nuque.
– Mas eu não tenho três galeões e nove sicles!
– Então é melhor devolver tudo, e para as prateleiras certas.
Rony deixou cair várias caixas e fez um gesto obsceno para Fred; por azar, foi visto pela sra. Weasley, que escolhera aquele momento para reaparecer.
– Se eu vir você fazendo isso outra vez, colo os seus dedos com um feitiço – avisou ela com rispidez.
– Mamãe, posso comprar um mini-pufe? – perguntou Gina sem perder tempo.
– Um o quê? – perguntou a mãe desconfiada.
– Olha, são tão bonitinhos...
A sra. Weasley deu um passo para examinar os mini-pufes, e Harry, Rony e Hermione momentaneamente puderam ver a rua através da vitrine. Draco Malfoy ia subindo a rua depressa e sozinho. Ao passar pela Gemialidades Weasley, olhou por cima do ombro. Segundos depois, saiu do campo de visão dos três.
– E cadê a mãe dele? – indagou Harry, enrugando a testa.
– Pelo jeito, Malfoy a despistou – respondeu Rony.
– Mas por quê? – admirou-se Hermione.
Harry não respondeu; ficou muito pensativo. Voluntariamente, Narcisa Malfoy não deixaria seu precioso filho fora de suas vistas; ele devia ter se empenhado para fugir de suas garras. Harry, conhecendo e desprezando Malfoy, tinha certeza de que havia segundas intenções naquilo.
Ele olhou ao redor. A sra. Weasley e Gina estavam curvadas para os mini-pufes. O sr. Weasley examinava encantado um baralho trouxa com as cartas marcadas. Fred e Jorge estavam atendendo a fregueses. Do outro lado da vitrine, Hagrid estava parado de costas para a loja, vigiando os dois lados da rua.

– Entrem depressa aqui embaixo – disse Harry tirando a Capa da Invisibilidade da mochila.

– Ah... não sei, Harry. – Hermione olhou insegura para a sra. Weasley.

– Anda *logo*! – insistiu Rony.

Ela hesitou mais um segundo, e entrou embaixo da capa com Harry e Rony. Ninguém reparou no desaparecimento deles; estavam muito interessados nos produtos de Fred e Jorge. Harry, Rony e Hermione se apertaram entre os fregueses para sair da loja o mais ligeiro possível, mas, quando finalmente alcançaram a rua, Malfoy também conseguira desaparecer.

– Ele estava indo naquela direção – murmurou Harry baixinho, para evitar que Hagrid, que cantarolava, os ouvisse.

– Vamos.

Os três saíram apressados, olhando para a direita e a esquerda, passaram por vitrines e portas, e por fim Hermione apontou em frente.

– Não é ele ali? – cochichou ela. – Virando à esquerda?

– Grande surpresa – respondeu Rony também cochichando.

Porque Malfoy olhara para os lados e entrara na Travessa do Tranco.

– Depressa senão o perdemos – disse Harry, acelerando o passo.

– Vão ver os nossos pés – comentou Hermione ansiosa, sentindo a capa esvoaçar e bater nos tornozelos deles; hoje em dia era muito mais difícil esconder os três.

– Não faz mal – impacientou-se Harry –, se apressem!

Mas a Travessa do Tranco, a rua lateral dedicada às artes das trevas, parecia completamente vazia. Eles espiaram pelas vitrines ao passar, mas não havia fregueses nas lojas. Harry supunha que nesses tempos perigosos e suspeitos seria bandeiroso comprar artigos das trevas ou, pelo menos, ser visto comprando algum.

Hermione beliscou o braço do amigo com força.

– Ai!

– Shh! Olha ele ali! – sussurrou a garota no ouvido de Harry.

Tinham chegado à única loja da Travessa do Tranco que Harry já visitara: a Borgin & Burkes, que homenageava um ladrão e um envenenador famosos, e era especializada em uma grande variedade de objetos sinistros. Ali, no meio de caixotes cheios de crânios e garrafas velhas, encontrava-se Draco Malfoy, de costas para eles, mal discernível além do mesmíssimo armário grande e escuro em que Harry se escondera para evitar os Malfoy, pai e filho. A julgar pelo movimento das mãos, Malfoy falava animadamente. O dono da loja, o sr. Borgin, um homem untuoso e encurvado, estava diante dele. O bruxo tinha uma curiosa expressão em que se misturavam o rancor e o medo.

– Se ao menos a gente pudesse ouvir o que estão dizendo! – lamentou Hermione.
– Podemos! – exclamou Rony excitado. – Calma aí... pô...
Ele deixou cair umas caixas, que ainda estava carregando, enquanto remexia na maior delas.
– Orelhas Extensíveis, veja!
– Fantástico! – admirou-se Hermione, enquanto Rony desenrolava os compridos fios cor de carne e começava a apontá-los em direção à parte inferior da porta. – Ah, espero que a porta não esteja Imperturbável...
– Não está! – respondeu Rony com alegria. – Escute!
Eles juntaram as cabeças para escutar atentamente as pontas dos fios, pelos quais ouviam a voz de Malfoy em alto e bom som, como se tivessem ligado um rádio.
– ... o senhor sabe como consertar?
– É possível – respondeu Borgin, indicando, pelo seu tom, que não queria se comprometer. – Mas primeiro preciso vê-la. Por que não traz aqui à loja?
– Não posso – argumentou Malfoy. – Tem de ficar onde está. Só preciso que me diga como consertar.
Harry viu Borgin umedecer nervosamente os lábios.
– Bem, sem ver, devo dizer que é uma tarefa muito difícil, talvez impossível. Não posso garantir nada.
– Não? – retrucou o rapaz, e, só pelo seu tom, Harry percebeu que sorria com desdém. – Talvez isto lhe dê mais segurança.
Malfoy aproximou-se de Borgin e desapareceu atrás do armário. Harry, Rony e Hermione chegaram para o lado tentando mantê-lo em seu campo visual, mas só conseguiram ver Borgin, que parecia muito amedrontado.
– Comente isto com alguém – disse Malfoy – e sofrerá o castigo merecido. O senhor conhece Fenrir Greyback? É um amigo de família, e virá visitá-lo de vez em quando para verificar se o senhor está dedicando total atenção ao problema.
– Não há necessidade de...
– Eu é que decido isso – respondeu Malfoy. – Bem, é melhor eu ir andando. E não se esqueça de guardar *isso* em lugar seguro. Vou precisar dela.
– Talvez queira levá-la agora?
– Não, claro que não, seu homenzinho burro, como é que eu ficaria carregando isso pela rua? Mas não a venda.
– Claro que não... senhor.
Borgin fez uma reverência tão profunda quanto Harry o vira fazer para Lúcio Malfoy.
– E nem uma palavra para ninguém, Borgin, nem mesmo minha mãe,

entendeu?
– Naturalmente, naturalmente – murmurou Borgin, curvando-se mais uma vez.
No momento seguinte, a sineta da porta tilintou sonoramente, indicando a saída de Malfoy da loja, demonstrando grande satisfação consigo mesmo. Passou tão perto de Harry, Rony e Hermione que eles sentiram a capa esvoaçar em torno dos seus joelhos. Dentro da loja, Borgin permaneceu paralisado; seu sorriso untuoso desaparecera; parecia preocupado.
– Do que é que eles estavam falando? – sussurrou Rony, recolhendo as Orelhas Extensíveis.
– Não sei – respondeu Harry pensativo. – Ele quer que consertem alguma coisa... e quer que reservem outra aí dentro... você viu o que foi que ele apontou quando disse “isso”?
– Não, ele estava escondido por aquele armário...
– Vocês dois fiquem aqui – cochichou Hermione.
– Que é que você vai...?
Mas a garota já tinha saído de baixo da capa. Verificou o penteado na imagem refletida na vitrine e entrou decidida na loja, fazendo a sineta tocar. Ligeiro, Rony fez as Orelhas Extensíveis passarem novamente por baixo da porta e deu um fio a Harry.
– Olá, que manhã horrível, não é? – disse Hermione, animada, a Borgin, mas o homem, sem responder, lançou-lhe um olhar desconfiado. Cantarolando alegre, a garota saiu caminhando entre a confusão de objetos à mostra.
– Esse colar está à venda? – perguntou, parando ao lado de um balcãovitrine.
– Se a senhorita tiver mil e quinhentos galeões – respondeu o bruxo com frieza.
– Ah... eh... não, não tenho tanto – disse a garota prosseguindo. – E... esse lindo... hum... crânio?
– Dezesseis galeões.
– Então está à venda? Não está reservado para ninguém?
Borgin examinou-a apertando os olhos. Harry teve a desagradável impressão de que o bruxo percebeu exatamente aonde Hermione queria chegar. Pelo jeito, a garota também percebeu que tinha sido descoberta, porque de repente abandonou a cautela.
– O caso é o seguinte... eh... o rapaz que esteve agora há pouco aqui, Draco Malfoy, bem, ele é meu amigo, e quero lhe comprar um presente de aniversário, mas, se ele já deixou alguma coisa reservada, obviamente não quero lhe dar a mesma coisa, então, ãh...
– Fora – disse o bruxo com rispidez. – Vá embora!

Hermione não esperou ser convidada pela segunda vez, correu para a porta com o bruxo em seus calcanhares. Quando a sineta tornou a soar e a garota saiu, ele bateu a porta e pendurou um aviso de “Fechada”.

– Ah, bem – consolou-a Rony atirando a capa sobre a amiga. – Valeu a tentativa, mas você foi um pouco óbvia...

– Bem, da próxima vez você pode me mostrar como se faz, Mestre dos Mistérios! – retorquiu ela.

Os dois brigaram durante todo o percurso até a Gemialidades Weasley, onde foram forçados a se calar para passar despercebidos por Hagrid e uma sra. Weasley muito ansiosa, que claramente notara a ausência deles. Uma vez na loja, Harry despiu a Capa da Invisibilidade, escondeu-a na mochila e se reuniu aos dois quando insistiram, em resposta às acusações da sra. Weasley, que tinham estado o tempo todo na sala dos fundos, e que ela é que não tinha olhado direito.

— CAPÍTULO SETE —

O clube do Slugue

Harry passou grande parte da Última semana de férias refletindo sobre o significado do comportamento de Malfoy na Travessa do Tranco. O que mais o intrigava era o ar de satisfação que ele exibia ao sair da loja. Nada que o fizesse parecer tão feliz podia ser boa notícia. Para seu aborrecimento, porém, nem Rony nem Hermione pareciam sentir a mesma curiosidade pelas atividades de Malfoy; ou, pelo menos, pareciam achar chato discutir o assunto ao fim de alguns dias.

– Eu já concordei que foi suspeito, Harry – impacientou-se Hermione. Ela estava sentada no parapeito da janela do quarto de Fred e Jorge, com os pés apoiados em uma das caixas de papelão, e foi contrariada que ergueu os olhos do seu novo livro *Tradução avançada das runas*. – E não acabamos concordando, também, que poderia haver muitas explicações?

– Talvez ele tenha quebrado a Mão da Glória dele – disse Rony distraidamente, consertando as cerdas tortas da cauda de sua vassoura. – Lembra aquele braço murcho que Malfoy tinha?

– Mas e quando ele disse "E não se esqueça de guardar isso em lugar seguro"? – perguntou Harry pela enésima vez. – Tive a impressão de que Borgin tinha o par do objeto quebrado e Malfoy queria os dois.

– É o que você acha? – quis saber Rony, agora tentando raspar uma sujeira do punho da vassoura.

– É – confirmou Harry. Mas não recebendo resposta nem de Rony nem de Hermione, acrescentou: – O pai de Malfoy está em Azkaban. Vocês não acham que ele gostaria de se vingar?

Rony ergueu a cabeça, piscando.

– Malfoy, se vingar? Que é que ele pode fazer?

– Esse é o problema, eu não sei! – respondeu Harry frustrado. – Mas ele está armando alguma, e acho que devíamos levar isso a sério. O pai dele é um

Comensal da Morte e...

Harry parou de falar, seu olhar se fixou na janela atrás de Hermione, sua boca abriu. Acabara de lhe ocorrer uma ideia espantosa.

– Harry? – chamou Hermione ansiosa. – Que aconteceu?

– Sua cicatriz está doendo outra vez? – perguntou Rony nervoso.

– Ele é um Comensal da Morte – disse Harry lentamente. – Substituiu o pai como Comensal da Morte!

Fez-se um silêncio, e então Rony explodiu em uma gargalhada.

– *Malfoy?* Ele tem dezesseis anos, Harry! Você acha que Você-Sabe-Quem deixaria *Malfoy* se alistar?

– Acho muito improvável, Harry – comentou Hermione em um tom meio repressor. – Que é que faz você pensar...?

– Na loja da Madame Malkin. Ela nem chegou a tocar nele, Malfoy gritou e puxou o braço quando ela quis enrolar a manga da roupa dele. Era o braço esquerdo. Tatuaram a fogo a Marca Negra.

Rony e Hermione se entreolharam.

– Bem... – disse Rony, ainda sem convicção.

– Acho que ele só queria sair da loja, Harry – argumentou Hermione.

– Ele mostrou a Borgin uma coisa que não pudemos ver – contrapôs Harry com teimosia. – Uma coisa que deixou Borgin apavorado. Foi a Marca, sei que foi... ele mostrou ao bruxo com quem ele estava falando, e vocês viram que Borgin o levou muito a sério!

Rony e Hermione tornaram a se entreolhar.

– Não tenho certeza, Harry...

– É, continuo achando que Você-Sabe-Quem não deixaria Malfoy se alistar...

Contrariado, mas absolutamente convencido de que tinha razão, Harry passou a mão em uma pilha de uniformes de quadribol sujos e saiu do quarto. Fazia dias que a sra. Weasley estava pedindo que não deixassem a roupa suja e a arrumação das malas para o último instante. No patamar da escada, Harry colidiu com Gina, que subia para o próprio quarto levando uma pilha de roupa lavada.

– Eu não entraria na cozinha neste momento – alertou-o a garota. – Tem muita Fleuma no pedaço...

– Vou tomar cuidado para não escorregar – brincou Harry.

Realmente, quando entrou na cozinha, Harry viu Fleur sentada à mesa, falando animada sobre seus planos para o casamento com Gui, enquanto a sra. Weasley vigiava de cara feia uma pilha de brotos que se descascavam.

– ... Gui e eu prraticamente decidimes que querremos só duas damas de honra, Gina e Gabrrielle vam ficarr uma grraças juntes. Stou pensande em vestirr as duas de ourro clarre... naturralmente rrose ficarrie horrívell com os *cabeles* da

Gina.

– Ah, Harry! – exclamou em voz alta a sra. Weasley, interrompendo o monólogo de Fleur. – Que bom, eu queria lhe explicar as medidas de segurança para a viagem a Hogwarts amanhã. Teremos carros do Ministério e aurores aguardando na estação...

– Tonks vai estar lá? – perguntou Harry, entregando-lhe as roupas de quadribol.

– Não, acho que não, ela foi designada para outro posto, pelo que me disse o Arthur.

– Ela se entrregou à depresson, aquele Tonks – admirou-se Fleur, examinando sua imagem estonteante nas costas de uma colher. – Um grrande erre, se querrem saber...

– Queremos, *muito obrigada* – disse a sra. Weasley acidamente, atalhando Fleur outra vez. – É melhor você se apressar Harry, quero os malões prontos hoje à noite, se possível, para não termos a correria de última hora de sempre.

E, de fato, a partida na manhã seguinte transcorreu mais tranquila do que o normal. Quando os carros do Ministério pararam suavemente à frente d'A Toca, encontraram tudo à espera: os malões, o gato de Hermione, Bichento – bem acomodado em seu cesto de viagem –, Edwiges, a coruja de Rony, Pichitinho e Arnaldo, o recente mini-pufe roxo de Gina, nas gaiolas.

– Au revoir, Arry – disse Fleur com sua voz gutural, dando-lhe um beijo de despedida. Rony adiantou-se rápido, esperançoso, mas Gina esticou a perna e o irmão caiu esparramado no chão aos pés de Fleur. Furioso, com a cara vermelha e suja de terra, ele entrou ligeiro no carro, sem se despedir.

Não encontraram o bem-humorado Hagrid aguardando na estação de King's Cross. Dois aurores barbudos, muito sérios e vestindo ternos de trouxas, se aproximaram no instante em que os carros pararam e flanquearam o grupo, sem dizer uma palavra, para conduzi-lo à estação.

– Andem, andem, atravessem a barreira – apressou-os a sra. Weasley, que parecia um pouco nervosa com aquela eficiência formal. – É melhor Harry ir primeiro, com...

E lançou um olhar de indagação a um dos aurores, que fez um breve aceno de cabeça, agarrou Harry pelo braço e tentou guiá-lo em direção à barreira entre as plataformas nove e dez.

– Sei andar, obrigado – falou Harry irritado, desvencilhando o braço do aperto do auror. Empurrou, então, o carrinho de bagagem diretamente para a barreira, ignorando seu companheiro silencioso, e viu-se, um segundo depois, na plataforma nove e meia, onde já se encontrava o expresso vermelho de Hogwarts, lançando fumaça sobre a multidão.

Segundos depois, Hermione e os Weasley se reuniram a ele. Sem consultar o auror carrancudo, Harry fez sinal a Rony e Hermione para acompanhá-lo, à procura de um compartimento vazio.

– Não podemos, Harry – disse Hermione, desculpando-se. – Rony e eu temos de ir ao carro dos monitores primeiro e depois patrulhar os corredores por um tempo.

– Ah, é, me esqueci.

– É melhor vocês irem direto para o trem, só faltam alguns minutos – avisou a sra. Weasley, consultando o relógio. – Bem, um bom trimestre, Rony...

– Sr. Weasley, posso dar uma palavrinha com o senhor? – perguntou Harry, tomando uma repentina decisão.

– Claro – respondeu o bruxo, ligeiramente surpreso, mas acompanhou Harry até um ponto da plataforma em que não podiam ser ouvidos.

Harry refletira longamente e chegara à conclusão de que, se ia contar a alguém, o sr. Weasley seria a pessoa certa; primeiro porque ele trabalhava no Ministério e, portanto, estava em melhor posição de aprofundar as investigações; e, segundo, porque achava que o risco do sr. Weasley ter uma explosão de raiva era pequeno.

Quando se afastaram, ele viu a sra. Weasley e o auror sério lançarem aos dois olhares desconfiados.

– Quando estávamos no Beco Diagonal... – começou Harry, mas o sr. Weasley antecipou-se a ele com uma careta.

– Será que estou prestes a descobrir aonde você, Rony e Hermione foram enquanto pensávamos que estivessem na sala dos fundos da loja de Fred e Jorge?

– Como foi que o senhor...?

– Por favor, Harry. Você está falando com o homem que criou Fred e Jorge.

– Ãh... sim, tudo bem, não estávamos na sala dos fundos.

– Muito bem, então, vamos ouvir o pior.

– Bem, seguimos o Draco Malfoy. Usamos a minha Capa da Invisibilidade.

– Vocês tiveram alguma razão para fazer isso ou foi só um capricho?

– Achei que o Malfoy estava armando alguma coisa – respondeu Harry, fingindo não ver a cara do sr. Weasley em que se misturavam a irritação e o divertimento. – Ele tinha despistado a mãe, e eu queria saber por quê.

– E naturalmente ficou sabendo – disse o bruxo resignado. – Então? Descobriu por quê?

– Ele foi a Borgin & Burkes e começou a intimidar o cara lá, o Borgin, para ajudá-lo a consertar alguma coisa. E disse que queria que reservasse uma coisa para ele. Falou de um jeito que pareceu que era o mesmo tipo de coisa que precisava de conserto. Como se formassem um par. E...

Harry tomou fôlego.
– E tem mais uma coisa. Vimos o Malfoy subir nas paredes quando a Madame Malkin tentou tocar seu braço esquerdo. Acho que ele foi tatuado com a Marca Negra. Acho que substituiu o pai como Comensal da Morte.
O sr. Weasley pareceu confuso. Passado um momento, disse:
– Harry, duvido que Você-Sabe-Quem permitisse que um garoto de dezesseis anos...
– Será que alguém sabe realmente o que Você-Sabe-Quem faria ou não faria? – perguntou Harry zangado. – Sr. Weasley, me desculpe, mas será que não vale a pena investigar? Se Malfoy quer mandar consertar alguma coisa e precisa ameaçar Borgin para conseguir, provavelmente é alguma coisa das trevas ou perigoso, não é?
– Para ser sincero, eu duvido, Harry – respondeu o sr. Weasley lentamente. – Sabe, quando Lúcio Malfoy foi preso, revistamos a casa dele. Removemos tudo que pudesse ser perigoso.
– Acho que deixaram escapar alguma coisa na revista – teimou Harry.
– Bem, talvez – disse o sr. Weasley, mas Harry percebeu que o bruxo estava apenas tentando não contrariá-lo.
Um apito soou às suas costas; quase todos já tinham embarcado e as portas do trem estavam fechando.
– É melhor se apressar – disse o sr. Weasley, quando a sra. Weasley gritou:
– Harry, se apresse!
Ele correu para o trem, e o casal Weasley ajudou-o a embarcar o malão.
– Lembre-se querido, vem passar o Natal conosco, já combinamos com o Dumbledore, então logo o veremos – disse a sra. Weasley pela janela, enquanto Harry batia a porta e o trem começava a se mover. – Não se esqueça de se cuidar e...
O trem ganhou velocidade.
– ... comporte-se e...
Ela agora corria para acompanhar o trem.
– ... não se exponha!
Harry acenou até o trem fazer a primeira curva, e o sr. Weasley e a sra. Weasley desaparecerem de vista. Então, se virou para localizar os amigos. Supunha que Rony e Hermione estivessem enclausurados no carro dos monitores, mas Gina estava mais adiante no corredor, conversando com alguns amigos. Encaminhou-se para ela, arrastando o malão.
As pessoas o encararam abertamente quando ele se aproximou. Chegavam a colar os rostos nas janelas dos compartimentos para espiar melhor. Imaginara que haveria um crescimento no número de bocas abertas e olhares de curiosidade

que teria de suportar neste trimestre depois da boataria sobre “O Eleito”, publicada no *Profeta Diário*, mas não gostava da sensação de estar parado sob holofotes. Bateu de leve no ombro de Gina.

– Quer procurar outro compartimento?

– Não posso, Harry, prometi me encontrar com o Dino – respondeu a garota animada. – Vejo você depois.

– Certo. – Harry sentiu uma estranha fisgada de contrariedade quando ela se afastou, os longos cabelos ruivos dançando nas suas costas. Ele se acostumara de tal maneira à sua presença no verão que quase se esquecera de que Gina não andava com ele, Rony e Hermione quando estavam na escola. Piscou e olhou ao seu redor: estava cercado de garotas hipnotizadas.

– Oi, Harry! – disse uma voz conhecida atrás dele.

– Neville! – exclamou Harry aliviado, virando-se para olhar o garoto de rosto redondo que tentava se aproximar.

– Olá, Harry – cumprimentou uma garota de cabelos longos e olhos sonhadores, que vinha logo atrás de Neville.

– Luna, oi, como vai?

– Ótima, obrigada. – Apertava uma revista contra o peito; letras garrafais anunciavam que dentro dela havia um par de Espectrocs.

– *O Pasquim* continua firme e forte? – perguntou Harry, que sentia um certo carinho pela revista, à qual dera uma entrevista exclusiva no ano anterior.

– Ah, sim, a circulação aumentou muito – respondeu Luna, feliz.

– Vamos procurar um lugar para sentar? – convidou Harry, e os três atravessaram o trem em meio à curiosidade silenciosa de hordas de alunos. Por fim, encontraram um compartimento vazio em que, agradecido, Harry entrou rapidamente.

– Estão olhando até para *nós* – comentou Neville, incluindo Luna em seu gesto. – Só porque estamos com você!

– Estão olhando para você porque também esteve no Ministério – lembrou Harry, enquanto erguia o malão para guardá-lo no bagageiro. – A nossa pequena aventura por lá esteve nas páginas do *Profeta Diário*, você deve ter visto.

– Vi, achei que vovó ficaria danada com aquela publicidade toda – contou Neville –, mas ela ficou realmente satisfeita. Diz que demorei, mas que, enfim, estou começando a honrar o meu pai. E até me comprou uma varinha nova, veja!

E tirou a varinha para mostrá-la a Harry.

– Cerejeira e pelo de unicórnio – anunciou orgulhoso. – Achamos que foi uma das últimas que Olivaras vendeu, ele desapareceu no dia seguinte... ei, volta aqui, Trevo!

Neville mergulhou embaixo do banco para recuperar o sapo que fazia mais

uma tentativa de ganhar a liberdade.
– Vamos continuar com as reuniões da AD este ano, Harry? – perguntou Luna, destacando um par de óculos psicodélicos das páginas do *Pasquim*.
– Não faz muito sentido agora que nos livramos da Umbridge, não é? – indagou Harry, sentando-se. Neville bateu com a cabeça ao sair de baixo do banco. Parecia muito desapontado.
– Eu gostava da AD! Aprendi um montão de coisas com você!
– Eu gostei das reuniões também – concordou Luna, serenamente. – Era como se eu tivesse amigos.
Foi um daqueles comentários inconvenientes que Luna fazia com frequência e que produziam em Harry uma sensação de pena e constrangimento, ao mesmo tempo. Antes que pudesse responder, porém, houve uma agitação à porta do compartimento; um grupo de garotas do quarto ano estava cochichando e rindo bobamente junto à janela.
– Você pergunta!
– Eu não, você!
– Eu pergunto!
Uma delas, então, com ar decidido, queixo saliente, grandes olhos e cabelos negros, abriu a porta e entrou.
– Oi, Harry, eu sou Romilda, Romilda Vane – apresentou-se em voz alta e confiante. – Por que não vem se reunir a nós em nosso compartimento? Não precisa se sentar com *eles* – acrescentou com um sussurro teatral, apontando para o traseiro que Neville deixara de fora ao tatear embaixo do banco, à procura do Trevo, e para Luna, agora usando seus Espectrocs promocionais, que lhe davam a aparência de uma coruja demente e multicolorida.
– Eles são meus amigos – respondeu Harry com frieza.
– Ah! – exclamou a garota, fazendo ar de grande surpresa. – Ah. O.k.
E retirou-se, fechando a porta ao sair.
– As pessoas esperam que você tenha amigos mais legais que nós – comentou Luna, demonstrando mais uma vez o seu talento para a rude franqueza.
– Vocês são legais – disse Harry resumindo. – Nenhuma delas esteve no Ministério. Não combateram comigo.
– Que coisa gostosa de se ouvir – comentou uma sorridente Luna, que ajeitou os Espectrocs na ponte do nariz e se acomodou para ler *O Pasquim*.
– Mas não enfrentamos *ele* – disse Neville, levantando-se com os cabelos cheios de cotão e poeira e um Trevo com ar resignado na mão. – Você sim. Devia ouvir minha avó falando de você. “*Aquele Harry tem mais coragem do que todo o Ministério da Magia junto!*” Ela daria tudo para ter você como neto...
Harry riu, sem graça, e mudou de assunto assim que pôde, comentando os

resultados dos N.O.M.s. Enquanto Neville recitava suas notas e se perguntava em voz alta se poderia fazer o curso avançado de Transfiguração tendo tirado apenas um “Aceitável”, Harry o observava sem realmente escutar.

A infância de Neville fora arruinada por Voldemort tal como a de Harry, mas o amigo não fazia a menor ideia de como chegara perto de ter o destino dele. A profecia poderia ter se referido a qualquer um dos dois, contudo, por motivos próprios e insondáveis, Voldemort preferira acreditar que se referia a Harry.

Se Voldemort tivesse escolhido Neville, ele é quem estaria sentado diante de Harry com a cicatriz em forma de raio e o peso da profecia... ou será que não? Será que a mãe de Neville teria morrido para salvá-lo, como Lílian morrera por Harry? Com certeza que sim... mas e se não tivesse conseguido se interpor entre Voldemort e o filho? Então, será que não haveria “Eleito” algum? Só um banco vazio onde Neville se sentava agora e um Harry sem cicatriz que teria recebido um beijo de despedida de sua mãe e não da de Rony?

– Você está bem, Harry? Está com uma cara estranha – comentou Neville.

Harry se assustou.

– Desculpe... eu...

– Foi atacado por um zonzóbulo? – perguntou Luna gentilmente, observando Harry através de seus enormes Espectrocs multicoloridos.

– Eu... fui o quê?

– Um zonzóbulo... são invisíveis, entram pelos ouvidos e baralham o cérebro da gente – explicou ela. – Pensei ter pressentido um voando por aqui.

Ela agitou as mãos no ar, como se espantasse enormes mariposas invisíveis. Harry e Neville se entreolharam e começaram depressa a discutir quadribol.

Das janelas do trem, entrevia-se o tempo enevoado aqui e claro mais adiante, como estivera o verão inteiro; eles passavam por trechos de névoa enregelante seguidos por outros em que o sol brilhava fracamente. Foi em um desses em que aparecia o sol, quase a pino, que Rony e Hermione finalmente entraram no compartimento.

– Gostaria que o carrinho do lanche viesse logo, estou faminto – anunciou Rony ansioso, largando-se no banco ao lado de Harry esfregando a barriga. – Oi, Neville, oi, Luna. Querem saber da novidade? – acrescentou ele, virando-se para Harry. – Malfoy não está cumprindo as tarefas de monitor. Está sentado no compartimento dele com colegas da Sonserina, vimos quando passamos.

Harry sentou-se direito, interessado. Não era do feitio de Malfoy perder uma oportunidade de exercer o seu poder de monitor, função de que usara e abusara durante todo o ano anterior.

– Que foi que ele fez quando viu vocês?

– O de sempre – respondeu Rony com indiferença, ilustrando com um gesto

obsceno. – Mas não é do feitio dele, não é? Bem, *isto aqui* é – e repetiu o gesto –, mas por que não está nos corredores intimidando os alunos do primeiro ano?

– Sei lá – retrucou Harry, mas sua cabeça estava a mil por hora. Será que isto não indicaria que Malfoy tinha coisas mais importantes em que pensar do que implicar com alunos mais novos?

– Vai ver ele preferia a Brigada Inquisitorial – sugeriu Hermione. – Vai ver que, depois da brigada, não tem mais graça ser monitor.

– Acho que não – falou Harry –, acho que ele...

Mas, antes que pudesse expor sua teoria, a porta do compartimento tornou a se abrir e entrou uma garota do terceiro ano.

– Mandaram entregar isto a Neville Longbottom e Harry P-Potter – gaguejou ela corando, quando seus olhos encontraram os de Harry. Estendeu a mão em que segurava dois rolos de pergaminho presos por uma fita violeta. Perplexos, Harry e Neville apanharam cada um o seu e a garota saiu aos tropeços do compartimento.

– Que é isso? – perguntou Rony, enquanto Harry desenrolava o pergaminho.

– Um convite.

Harry,

Eu teria grande prazer se você me fizesse companhia ao almoço no compartimento C.

Sinceramente, professor H.E.F. Slughorn

– Quem é o professor Slughorn? – perguntou Neville, olhando o convite com ar de espanto.

– Novo professor – respondeu Harry. – Bem, acho que teremos de ir, não é?

– Mas por que ele me convidou? – indagou Neville nervoso, como se esperasse uma detenção.

– Não faço a menor ideia. – O que não era bem verdade, embora não tivesse provas de que o seu palpite estivesse certo. – Escute aqui – acrescentou, tomado por repentina intuição –, vamos usar a Capa da Invisibilidade, e a caminho a gente talvez possa dar uma boa olhada no Malfoy, ver o que ele anda tramando.

A ideia, porém, não foi adiante: era impossível atravessar os corredores, cheios de gente à espera do carrinho do lanche, usando a Capa da Invisibilidade. Frustrado, Harry guardou-a na mochila, refletindo que teria sido uma boa ideia usá-la ao menos para evitar os olhares curiosos, que pareciam ter se multiplicado desde a última vez que percorrera o trem. De vez em quando, estudantes se atiravam no corredor para dar uma boa olhada nele. A exceção foi Cho Chang, que se enfurnou depressa no compartimento ao ver Harry se aproximando.

Quando passou pela janela, ele a viu muito entretida conversando com a amiga Marieta, que, embora usasse uma grossa camada de maquiagem, não conseguia disfarçar completamente a estranha formação de espinhas no rosto. Com um leve sorriso, Harry seguiu em frente.

Quando chegaram ao compartimento C, viram que não eram os únicos convidados de Slughorn, embora, a julgar pela recepção entusiástica do professor, Harry fosse o mais esperado.

– Harry, meu rapaz! – exclamou Slughorn, erguendo-se rápido e de tal jeito que sua enorme barriga coberta de veludo pareceu ocupar o espaço que restava no compartimento. Sua careca lisa e a bigodeira prateada refulgiam tão intensamente à luz do sol quanto os botões dourados do seu colete. – Que bom vê-lo, que bom vê-lo! E o senhor deve ser o sr. Longbottom!

Neville assentiu, com ar amedrontado. A um gesto de Slughorn, eles se sentaram um defronte ao outro nos dois únicos lugares vazios, e mais próximos da porta. Harry correu o olhar pelos convidados. Reconheceu um aluno da Sonserina da mesma série que ele, um negro alto com os malares salientes e olhos muito puxados; havia ainda dois rapazes da sétima série que Harry não conhecia e, espremida a um canto junto a Slughorn, Gina, parecendo não saber muito bem como chegara ali.

– Bem, vocês conhecem todo o mundo? – perguntou Slughorn aos recém-chegados. – Blásio Zabini, da mesma série que você, é claro...

Zabini não fez sinal algum de reconhecimento nem de cumprimento, no que foi imitado por Harry e Neville: por princípio, alunos da Grifinória e da Sonserina se detestavam.

– Este é Córmaco McLaggen, talvez já tenham se visto? Não?

McLaggen, um jovem corpulento de cabelos crespos e armados, ergueu a mão, e Harry e Neville retribuíram com um aceno de cabeça.

– ... e este é Marcos Belby, não sei se...

Belby, que era magro e nervoso, sorriu tenso.

– ... e *esta* encantadora jovem me diz que já os conhece! – terminou Slughorn.

Gina fez uma careta para Harry e Neville por trás do professor.

– Bem, isto é muito agradável – comentou Slughorn acolhedoramente. – Uma oportunidade de conhecê-los um pouco melhor. Aqui, apanhem um guardanapo. Trouxe o meu próprio almoço; o carrinho, segundo me lembro, tem muita Varinha de Alcaçuz, e o aparelho digestivo de um pobre velho não dá mais conta dessas coisas... faisão, Belby?

Belby se sobressaltou e aceitou algo que parecia a metade de um faisão.

– Eu estava contando ao jovem Marcos aqui que tive o prazer de ser professor do seu tio Dâmocles – disse Slughorn a Harry e Neville, passando agora uma

cesta de pães. – Um bruxo excepcional que mereceu de fato a Ordem de Merlim. Você vê o seu tio com frequência, Marcos?
Infelizmente, Belby acabara de encher a boca de faisão; na pressa de responder a Slughorn, engoliu rápido demais, arroxeou e começou a sufocar.
– *Anapneo* – ordenou Slughorn calmamente, apontando a varinha para o rapaz, cujas vias respiratórias desobstruíram na mesma hora.
– Não... não muita, não – arquejou Belby, as lágrimas escorrendo.
– Bem, naturalmente, imagino que esteja ocupado – replicou Slughorn, lançando um olhar indagador a Belby. – Duvido que tenha inventado a Poção de Acônito sem considerável esforço!
– Suponho que sim... – concordou Belby, que pareceu receoso de comer outra garfada de faisão até ter certeza de que o professor terminara a conversa. – Ãh... ele e o meu pai não se dão muito bem, entende, então realmente não sei muita coisa sobre...
Sua voz foi sumindo quando Slughorn lhe deu um sorriso frio e se virou para McLaggen.
– Agora, *você*, Córmaco – disse o professor –, por acaso sei que sempre vê o seu tio Tibério, porque ele tem uma esplêndida foto de vocês dois caçando rabicurtos em Norfolk, presumo.
– Ah, sim, foi divertida, aquela caçada – comentou McLaggen. – Fomos com Berto Higgs e Rufo Scrimgeour, antes que se tornasse ministro, obviamente...
– Ah, você também conhece Berto e Rufo? – disse o sorridente Slughorn, agora oferecendo aos convidados uma pequena travessa de tortinhas; mas pulando Belby. – Agora me diga...
Era o que Harry suspeitava. Todos ali pareciam ter sido convidados porque estavam ligados a alguém famoso ou influente – todos exceto Gina. Zabini, interrogado depois de McLaggen, era filho de uma bruxa famosa por sua beleza (pelo que Harry pôde entender, ela casara sete vezes e cada marido morrera misteriosamente, deixando-lhe montanhas de ouro). A seguir foi a vez de Neville: foram dez minutos muito desconfortáveis, porque os pais de Neville, aurores muito conhecidos, tinham sido torturados até enlouquecer por Belatriz Lestrange e seus companheiros Comensais da Morte. Quando terminou a entrevista de Neville, Harry teve a impressão de que Slughorn ainda não formara uma opinião sobre ele, e isso dependia de Neville possuir algum dos talentos dos pais.
– E agora – disse Slughorn, virando o corpo no banco com a pose de um apresentador de TV anunciando sua principal atração. – Harry Potter! *Por onde* come çar? Sinto que mal cheguei aconhecê-lo quando nos encontramos no verão!

Ele contemplou Harry Potter por um momento, como se ele fosse um pedaço particularmente grande e suculento de faisão, então disse:
– "O Eleito", é como estão chamando-o agora!
Harry ficou calado. Belby, McLaggen e Zabini, todos o encaravam.
– Naturalmente – continuou Slughorn, observando Harry com atenção –, correm boatos há muitos anos... lembro-me quando, bem, depois daquela noite *terrível*, Lílian, Tiago, mas você sobreviveu e diziam que devia ter poderes extraordinários...
Zabini deu uma tossidinha, nitidamente indicando sua debochada incredulidade. Uma voz zangada interveio inesperadamente às costas de Slughorn.
– É, Zabini, porque você *tem* tanto talento... para fazer pose...
– Minha nossa! – brincou Slughorn rindo, e virou a cabeça para Gina, que encarava Zabini do outro lado da enorme pança do bruxo. – É melhor ter cuidado, Blásio! Vi esta mocinha executar uma maravilhosa azaração para rebater bicho-papão quando estava passando pelo compartimento dela! Eu não a irritaria!
Zabini simplesmente fez um ar de desprezo.
– Seja como for – continuou Slughorn, dirigindo-se novamente a Harry –, os *boatos* que correram neste verão! Naturalmente, não se sabe em que acreditar, o *Profeta Diário* já publicou muitas inverdades, cometeu enganos, mas parece não haver muita dúvida, dado o número de testemunhas, que houve no Ministério um grande tumulto, e que você esteve no meio dele!
Harry, que não viu como sair desse aperto sem pregar uma deslavada mentira, concordou com um aceno de cabeça, mas continuou calado. Slughorn sorriu para ele.
– Tão modesto, tão modesto, não admira que Dumbledore goste tanto... você *esteve* lá, então? Mas as outras histórias... tão sensacionais, é claro, a pessoa não sabe bem em que acreditar... a famosa profecia, por exemplo...
– Não ouvimos nenhuma profecia. – Neville ficou rosado como um gerânio ao dizer isso.
– Verdade – confirmou Gina, lealmente. – Neville e eu também estivemos lá, e essa baboseira de "O Eleito" é invenção do *Profeta* como sempre.
– Vocês dois também estiveram lá? – perguntou Slughorn muito interessado, seu olhar indo de Gina para Neville. Os dois, no entanto, ficaram calados frente ao seu sorriso encorajador. – É... é bem verdade que o *Profeta* muitas vezes exagera, sem dúvida – continuou Slughorn, um pouco desapontado. – Eu me lembro de Gwenog Jones, quero dizer, claro, a capitã do Harpias de Holyhead...
E o professor se perdeu em uma longa reminiscência, mas Harry teve a nítida

impressão de que Slughorn ainda não dera por encerrada a conversa com ele e que não se deixara convencer por Neville e Gina.

A tarde foi passando com um desfile de histórias sobre bruxos ilustres dos quais Slughorn fora professor, todos encantados em participar do "Clube do Slugue", em Hogwarts. Harry mal conseguia esperar para ir embora, mas não via como fazer isso educadamente. Por fim, o trem passou de mais um longo trecho de névoa para um rubro pôr de sol, e Slughorn se virou para os lados piscando na penumbra.

– Santo Deus, já está escurecendo! Não notei que já tinham acendido as luzes! É melhor vocês irem trocar de roupa, todos vocês. McLaggen, passe na minha sala para eu lhe emprestar o livro sobre os rabicurtos. Harry, Blásio, a qualquer hora que estiverem nas redondezas. O mesmo vale para a senhorita. – Ele piscou para Gina. – Muito bem, vão andando, vão andando!

Quando passou por Harry para alcançar o corredor sombrio, Zabini lançou-lhe um olhar feio que Harry retribuiu com interesse. Ele, Gina e Neville acompanharam o rapaz ao longo do trem.

– Que bom que terminou – murmurou Neville. – Cara estranho, não é?

– É, um pouco – respondeu Harry com os olhos em Zabini. – Como foi que você acabou convidada, Gina?

– Ele me viu azarando Zacarias Smith, lembra aquele idiota da Lufa-Lufa que estava na AD? Ele não parava de me perguntar o que aconteceu no Ministério, e no fim me aborreceu tanto que o azarei; quando Slughorn entrou, pensei que ia ganhar uma detenção, mas ele achou que tinha sido uma ótima azaração e me convidou para almoçar. Piração, né?

– É uma razão melhor para se convidar alguém do que ter mãe famosa – respondeu Harry, lançando um olhar mal-humorado para a nuca de Zabini – ou ter um tio que...

Ele interrompeu o que ia dizendo. Acabara de lhe ocorrer uma ideia, imprudente mas potencialmente maravilhosa... em um minuto, Zabini ia tornar a entrar no compartimento do sexto ano da Sonserina, onde Malfoy estaria sentado, achando que ninguém mais o ouvia exceto os colegas da Casa... se Harry pudesse entrar sem ser visto, atrás de Zabini, que poderia ver ou ouvir? É verdade que faltava pouco para terminar a viagem – a estação de Hogsmeade devia estar a menos de meia hora, a julgar pela rusticidade do cenário que passava pelas janelas –, mas ninguém mais parecia disposto a levar a sério suas suspeitas. Portanto, cabia a ele comprová-las.

– Vejo vocês depois – murmurou, puxando a Capa da Invisibilidade e atirando-a sobre o corpo.

– Mas que é que você...? – perguntou Neville.

– Depois! – sussurrou Harry, disparando atrás de Zabini o mais silenciosamente que pôde, embora o barulho do trem tornasse tal cautela quase sem sentido.

Os corredores estavam praticamente vazios agora. A maioria dos estudantes voltara aos seus carros para vestir os uniformes escolares e juntar seus pertences. Embora estivesse o mais próximo que podia de Zabini, sem tocá-lo, Harry não foi ágil o suficiente para entrar no compartimento quando o rapaz abriu a porta. Zabini já ia fechando-a quando ele esticou depressa o pé para travá-la.

– Que aconteceu com essa coisa?! – exclamou Zabini, zangado, batendo a porta várias vezes no obstáculo.

Harry agarrou a porta e abriu-a com força; Zabini, que ainda segurava a maçaneta, caiu de lado no colo de Gregório Goyle e, na confusão que se seguiu, Harry invadiu o compartimento, pulou para o lugar de Zabini, naquele momento vazio, e dali se guindou para o bagageiro. Foi uma sorte que Goyle e Zabini estivessem rosnando um para o outro, atraindo os olhares dos presentes, porque Harry tinha certeza de que deixara os pés e os tornozelos de fora quando a capa esvoaçou; de fato, por um terrível instante, ele pensou ter visto o olhar de Malfoy acompanhar seu tênis quando subiu e desapareceu de vista; mas Goyle bateu a porta e empurrou Zabini. Este caiu no lugar que era seu, irritado, Vicente Crabbe voltou a ler sua revistinha e Malfoy, rindo, tornou a esticar-se em dois bancos e a descansar a cabeça no colo de Pansy Parkinson. Harry se encolheu, desconfortável, sob a capa, preocupado em cobrir cada centímetro do seu corpo, e ficou observando Pansy alisar para longe da testa os cabelos louros e sedosos de Draco, sorrindo satisfeita como se qualquer um no mundo adorasse estar em seu lugar. Os lampiões pendurados no teto do trem lançavam uma luz forte sobre a cena: Harry podia ler cada palavra da revistinha de Crabbe diretamente abaixo dele.

– Então, Zabini – perguntou Malfoy –, que é que o Slughorn queria?

– Puxar o saco de gente bem relacionada – respondeu o rapaz ainda olhando feio para Goyle. – Não que tivesse encontrado muita gente.

A informação aparentemente não agradou a Malfoy.

– Quem mais ele convidou?

– McLaggen, da Grifinória.

– Ah, sei, ele tem um tio importante no Ministério – disse Malfoy.

– ... outro chamado Belby, da Corvinal...

– Não, esse é um retardado! – exclamou Pansy.

– ... e Longbottom, Potter e aquela garota Weasley – concluiu Zabini.

Malfoy sentou-se de repente, empurrando a mão de Pansy para o lado.

– Ele convidou *Longbottom*?

– Suponho que sim, porque o Longbottom estava lá – respondeu Zabini, indiferente.
– Que é que o Longbottom tem que possa interessar o Slughorn?
Zabini sacudiu os ombros.
– Potter, o precioso Potter, obviamente ele queria dar uma olhada no “*Eleito*” – desdenhou Malfoy. – Mas e a garota Weasley? Que é que *ela* tem de especial?
– Tem muito rapaz que gosta dela – comentou Pansy, observando Malfoy de esguelha para ver sua reação. – Até você acha que ela é atraente, não é, Blásio, e todos sabemos como você é difícil de agradar!
– Eu não tocaria numa traidora do sangue nojenta como ela, por mais atraente que fosse – retrucou Zabini com frieza, o que satisfez Pansy. Malfoy tornou a se deitar no colo dela e deixou-a retomar as carícias em seus cabelos.
– Bem, lamento o mau gosto de Slughorn. Quem sabe ele está ficando senil. Que pena, meu pai sempre disse que no seu tempo ele era um bom bruxo. Meu pai era uma espécie de favorito dele. Slughorn provavelmente não soube que eu estava no trem, ou...
– Eu não esperaria um convite – disse Zabini. – Ele me pediu notícias do pai de Nott quando embarquei. Pelo visto, os dois eram bons amigos, mas quando soube que o velho Nott foi apanhado pelo Ministério não ficou nada feliz, e não convidou Nott, não é? Acho que Slughorn não está interessado em Comensais da Morte.
Malfoy pareceu se zangar, mas forçou uma risada particularmente amarela.
– Bem, quem se importa com os seus interesses? Quem é ele na ordem das coisas? Apenas um professor idiota. – Malfoy deu um bocejo exagerado. – Quero dizer, talvez eu nem esteja em Hogwarts no ano que vem, que diferença me faz se um velho gordo e decadente gosta ou não de mim?
– Como assim, você talvez não esteja em Hogwarts no ano que vem? – perguntou Pansy indignada, parando de ajeitar os cabelos de Malfoy na mesma hora.
– Ora, nunca se sabe – respondeu ele com um ar de riso. – Eu talvez venha... ãh... a me dedicar a coisas maiores e melhores.
Encolhido no bagageiro embaixo da capa, o coração de Harry disparou. Que é que Rony e Hermione diriam disso? Crabbe e Goyle olhavam boquiabertos para Malfoy; pelo jeito não tinham conhecimento de nenhum plano de dedicação a coisas maiores e melhores. Até Zabini deixou uma expressão de curiosidade anuviar suas feições arrogantes. Pansy voltou a alisar os cabelos de Malfoy, pasma.
– Você está se referindo a... *ele*?
Malfoy sacudiu os ombros.

– Mamãe quer que eu complete a minha educação, mas, pessoalmente, acho que nos dias de hoje isso não seja tão importante. Quero dizer, pensem um instante... quando o Lorde das Trevas tomar o poder, será que vai se importar com quantos N.O.M.s e quantos N.I.E.M.s a pessoa obteve? Claro que não... tudo vai girar em torno dos serviços que prestou, a dedicação que demonstrou a ele.

– E você acha que será realmente capaz de fazer alguma coisa por ele? – perguntou Zabini, sarcástico. – Com dezesseis anos e sem ter completado sua qualificação?

– Foi o que acabei de dizer, não foi? Quem sabe ele não se importa se tenho qualificações. Talvez eu não precise ter qualificações para o trabalho que ele quer que eu faça – replicou Malfoy em voz baixa.

Crabbe e Goyle estavam sentados de bocas escancaradas como gárgulas. Pansy olhava Malfoy como se nunca tivesse visto nada tão digno de assombro.

– Já estou vendo Hogwarts – disse Malfoy, deliciando-se abertamente com o efeito que causara, apontando para a janela escura. – É melhor trocarmos de roupa.

Harry estava tão ocupado em observar Malfoy que não reparou que Goyle se esticara para alcançar seu malão; ao puxá-lo, o objeto bateu com força na cabeça de Harry. Ele deixou escapar um gemido de dor e Malfoy olhou para o bagageiro, enrugando a testa.

Harry não tinha medo dele, mas não gostava muito da ideia de ser descoberto escondido sob a Capa da Invisibilidade, por um grupo de colegas hostis da Sonserina. Com os olhos ainda lacrimejando e a cabeça doendo, ele empunhou a varinha, tomando cuidado para não desarrumar a capa, e aguardou, prendendo a respiração. Para seu alívio, Malfoy pareceu concluir que imaginara o ruído; trocou de roupa como os colegas, trancou o malão e, quando o trem reduziu a velocidade para um sacolejo lento, ele prendeu a capa nova e grossa ao pescoço.

Harry viu os corredores se encherem mais uma vez e teve esperança de que Hermione e Rony levassem seus pertences para a plataforma; estaria preso ali até o compartimento esvaziar. Por fim, com um solavanco final, o trem parou. Goyle abriu a porta com violência e saiu empurrando um grupo de alunos do segundo ano; Crabbe e Zabini o acompanharam.

– Você pode ir andando – disse Malfoy a Pansy, que o aguardava com a mão estendida como se esperasse que ele a segurasse. – Quero verificar uma coisa.

Pansy saiu. Agora Harry e Malfoy estavam sozinhos no compartimento. As pessoas passavam, desembarcavam na plataforma escura. Malfoy foi até a porta e desceu a cortina, para que as pessoas no corredor não pudessem espiar para dentro. Então curvou-se para o seu malão e abriu-o.

Harry espiou pela borda do bagageiro com o coração batendo mais rápido. Que é que Malfoy queria esconder de Pansy? Estaria prestes a ver o misterioso objeto partido que era tão importante consertar?

– *Petrificus Totalus!*

De repente Malfoy apontou a varinha para Harry, que ficou instantaneamente paralisado. Em câmera lenta, ele rolou do bagageiro e caiu, com um baque extremamente doloroso, de fazer o chão estremecer, aos pés de Malfoy, a Capa da Invisibilidade presa por baixo dele, todo o seu corpo exposto, as pernas ainda absurdamente dobradas nos joelhos e cheias de cãibras. Não conseguia mover um músculo; só conseguia olhar para Malfoy, que exibia um grande sorriso.

– Foi o que pensei – disse eufórico. – Ouvi o malão de Goyle bater em você. E pensei ter visto uma coisa branca riscar o ar quando Zabini voltou... – Seu olhar se demorou nos tênis de Harry. – Suponho que tenha sido você quem travou a porta quando Zabini entrou, não?

Ele estudou Harry por alguns instantes.

– Você não ouviu nada que me preocupe, Potter. Mas aproveitando que está aqui...

E pisou com força o rosto de Harry, que sentiu o nariz quebrar e o sangue espirrar para todos os lados.

– Isto foi pelo meu pai. Agora, vamos ver...

Malfoy puxou a Capa da Invisibilidade de baixo do corpo imóvel de Harry e atirou-a por cima dele.

– Calculo que só vão encontrar você quando o trem tiver chegado a Londres – comentou baixinho. – Até mais, Potter... ou não.

E, fazendo questão de pisar nos dedos de Harry, Malfoy deixou o compartimento.

— CAPÍTULO OITO —

O triunfo de Snape

Ele não conseguia mover um músculo. Ficou ali no chão, coberto pela Capa da Invisibilidade, sentindo o sangue, quente e líquido, escorrer do nariz para o rosto, ouvindo as vozes e os passos no corredor. Seu primeiro pensamento foi que alguém, com certeza, verificaria os compartimentos antes do trem tornar a partir. Mas logo lembrou desanimado que, mesmo que alguém desse uma espiada no compartimento, ele não seria visto nem ouvido. O máximo que poderia esperar era que alguém entrasse e pisasse nele.

Harry nunca detestara tanto Malfoy quanto naquele momento, deitado ali como uma ridícula tartaruga de pernas para o ar, o sangue nauseante pingando em sua boca aberta. Em que situação estúpida ele se metera... e agora ouvia os últimos passos se distanciarem; todos estavam se arrastando pela plataforma escura; ouvia os malões raspando o chão e o vozerio das conversas.

Rony e Hermione pensariam que desembarcara do trem sem esperar por eles. Uma vez que chegassem a Hogwarts e ocupassem seus lugares no Salão Principal, olhassem algumas vezes para um lado e outro da mesa da Grifinória e finalmente percebessem que Harry não estava ali, ele, sem dúvida, estaria a meio caminho de Londres.

Harry tentou fazer algum ruído, mesmo que fosse um grunhido, mas era impossível. Então lembrou que alguns bruxos, como Dumbledore, conseguiam realizar feitiços sem falar, e tentou convocar a varinha, que lhe caíra da mão, dizendo mentalmente: *Accio varinha!*, várias vezes, mas nada aconteceu.

Imaginou ouvir a agitação das árvores que rodeavam o lago, e o pio distante de uma coruja, mas nem sinal de que estivessem fazendo uma busca, e nem mesmo (e se desprezou por sentir tal esperança) vozes muito assustadas, indagando aonde fora Harry Potter. Invadiu-o um sentimento de desesperança ao fantasiar o comboio de carruagens puxadas por testrálios subindo lenta e pesadamente em direção à escola, e os gritos e risadas abafadas que saíam

daquela em que ia Malfoy, narrando para os colegas da Sonserina o seu ataque a Harry.

O trem deu um solavanco, fazendo Harry rolar para um lado. Agora, em vez do teto, via a parte de baixo dos bancos, cheia de poeira. O chão começou a vibrar e a máquina, com um ronco, entrou em funcionamento. O Expresso estava partindo, e ninguém sabia que ele continuava a bordo...

Sentiu, então, que lhe arrancavam a capa e ouviu uma voz exclamar:

– E aí, Harry, beleza?!

Uma luz vermelha brilhou um instante e seu corpo descongelou; conseguiu sentar-se em uma posição mais digna, limpar depressa o sangue no rosto pisado com as costas da mão e erguer a cabeça para ver Tonks, segurando a Capa da Invisibilidade que acabara de puxar.

– É melhor sairmos rápido daqui – disse, ao ver a fumaça escurecer as janelas e o trem começar a abandonar a estação. – Anda, vamos pular.

Harry seguiu-a correndo para fora do compartimento. Tonks abriu a porta do trem e saltou para a plataforma, que parecia estar deslizando embaixo deles à medida que o trem ganhava impulso. Harry imitou-a, cambaleou ligeiramente ao aterrissar e recuperou-se em tempo de ver a reluzente maria-fumaça acelerar, fazer a curva e desaparecer de vista.

O ar frio da noite aliviou o latejamento no nariz. Tonks parara observando-o; ele se sentia furioso e constrangido por ter sido encontrado em posição tão ridícula. Em silêncio, ela lhe devolveu a Capa da Invisibilidade.

– Quem fez isso?

– Draco Malfoy – respondeu Harry amargurado. – Obrigado por... bem...

– Tudo bem – disse Tonks, séria. Pelo que conseguia enxergar no escuro, a bruxa continuava com os cabelos sem vida e a fisionomia infeliz da última vez em que tinham se encontrado n’A Toca. – Posso endireitar o seu nariz, se você ficar parado.

Harry não gostou muito da ideia; pretendia fazer uma visita a Madame Pomfrey, a enfermeira-chefe, em quem tinha mais confiança em termos de feitiços curativos, mas pareceu-lhe grosseiro dizer isso, então ficou imóvel e fechou os olhos.

– *Episkey* – ordenou Tonks.

O nariz de Harry ficou muito quente e, em seguida, muito frio. Ele ergueu a mão e apalpou-o desajeitado. Parecia inteiro.

– Muito obrigado!

– É melhor usar a Capa da Invisibilidade para podermos andar até a escola – disse Tonks ainda séria. Quando Harry se cobriu com a capa, ela agitou a varinha fazendo surgir um enorme quadrúpede, que voou célere pela escuridão.

– Aquilo era um Patrono? – perguntou Harry, que já vira Dumbledore enviar mensagens assim.
– Era, mandei avisar no castelo que você está comigo, para não se preocuparem. Anda, é melhor não perdermos tempo.
Eles saíram em direção à estrada que levava à escola.
– Como foi que você me encontrou?
– Notei que você não tinha desembarcado do trem e sabia que levava a Capa da Invisibilidade. Achei que podia estar se escondendo por alguma razão. Quando vi a cortina baixada naquele compartimento, resolvi investigar.
– Mas que você está fazendo aqui? – perguntou Harry.
– Estou baseada em Hogsmeade, para reforçar a proteção à escola.
– É só você que está lá ou...?
– Não, Proudfoot, Savage e Dawlish também.
– Dawlish, aquele auror que Dumbledore atacou no ano passado?
– Esse mesmo.
Eles caminharam pesadamente pela estrada deserta, seguindo os sulcos frescos deixados pelas carruagens. De baixo da capa, Harry olhava de esguelha para Tonks. No ano anterior, ela demonstrava muita curiosidade (a ponto de ser, às vezes, inconveniente), ria sem esforço e fazia brincadeiras. Agora, parecia mais velha e muito mais séria e decidida. Será que tudo isso era consequência do que acontecera no Ministério? Refletiu, constrangido, que Hermione iria sugerir que dissesse uma palavrinha de consolo sobre Sirius, que não fora sua culpa, mas Harry não conseguiu fazer isso. Em hipótese alguma responsabilizava a auror pela morte do seu padrinho; não tinha sido culpa de Tonks nem de qualquer outro (e muito menos dele), mas, podendo evitar, não gostava de falar de Sirius. E assim continuaram a avançar pela noite fria em silêncio, a longa capa de Tonks farfalhando no chão, a cada passo.
Como sempre fizera esse percurso de carruagem, Harry nunca avaliara como Hogwarts era longe da estação de Hogsmeade. Com grande alívio, avistou finalmente os dois altos pilares que ladeavam os portões da escola, encimados por javalis alados. Sentia frio, sentia fome, e bem gostaria de abandonar essa nova Tonks tristonha. Mas, quando esticou a mão para abrir os portões, viu que estavam fechados com uma corrente.
– *Alohomora!* – ordenou confiante, apontando a varinha para o cadeado, mas nada aconteceu.
– Não faz efeito nesses portões – disse Tonks. – Dumbledore enfeitiçou-os pessoalmente.
Harry olhou para os lados.
– Eu poderia pular o muro – sugeriu.

– Não, não poderia – respondeu a bruxa, categoricamente. – Feitiços anti-intrusos em todos os muros. A segurança está cem vezes mais rigorosa este verão.

– Bem, então – concluiu Harry, começando a se sentir incomodado com a má vontade de Tonks –, suponho que eu vá ter de dormir aqui fora e esperar amanhecer.

– Está vindo alguém buscar você. Olhe.

Um lampião balançava à entrada do distante castelo. Harry ficou tão feliz ao vê-lo que sentiu que seria capaz até de suportar os comentários asmáticos de Filch sobre o seu atraso e as reclamações sobre a sua falta de pontualidade, que melhoraria bastante com o uso de anéis de ferro para apertar os seus polegares. Somente quando a luz amarela estava a três metros deles, e Harry despira a Capa da Invisibilidade para ser visto, foi que reconheceu, com uma onda de pura aversão, o nariz curvo e comprido e os cabelos pretos e oleosos de Severo Snape.

– Ora, ora, ora – debochou o professor, e, puxando a varinha, deu um toque no cadeado, fazendo as correntes soltarem e os portões abrirem, rangendo. – Que prazer você ter aparecido, Potter, embora seja evidente que, em sua opinião, o uso do uniforme da escola desmerece a sua aparência.

– Não pude me trocar, não tinha o meu... – começou Harry, mas Snape interrompeu-o.

– Não precisa esperar, Ninfadora, Potter está bem... ah... seguro em minhas mãos.

– Enviei minha mensagem a Hagrid – replicou Tonks, enrugando a testa.

– Hagrid se atrasou para o banquete inaugural, como o Potter aqui, então eu a recebi. E a propósito – disse Snape, afastando-se para deixar Harry passar –, achei interessante conhecer o seu novo Patrono.

Ele bateu os portões com estrépito na cara de Tonks e deu um novo toque de varinha nas correntes, que deslizaram, retinindo, à posição inicial.

– Acho que você estava mais bem servida com o antigo – comentou Snape, com inconfundível malícia na voz. – O novo parece fraco.

Quando Snape se virou com o lampião, Harry viu, por um breve instante, uma expressão de choque e raiva no rosto de Tonks. Depois, a escuridão tornou a envolvê-la.

– Boa-noite – gritou Harry, por cima do ombro, quando começou a andar com Snape em direção à escola. – Obrigado por... tudo.

– A gente se vê, Harry.

Snape ficou calado por um momento. Harry sentiu que seu corpo estava gerando ondas de ódio tão poderosas que parecia inacreditável que o professor não as sentisse queimando-o. Sentira aversão a Snape desde a primeira vez em

que se encontraram, mas o professor inviabilizara para sempre a possibilidade de ser perdoado por sua atitude com relação a Sirius. Apesar da conversa com Dumbledore, Harry tivera tempo de refletir durante o verão, e concluíra que os comentários ferinos de Snape, de que Sirius ficava escondido e seguro enquanto os outros membros da Ordem da Fênix lutavam contra Voldemort, provavelmente tinham contribuído de modo decisivo para o padrinho correr para o Ministério na noite em que morrera. Harry se aferrava a essa ideia, porque lhe permitia culpar Snape, o que lhe dava satisfação e também a consciência de que se havia alguém que não lamentava a morte de Sirius era o homem que agora caminhava a seu lado na escuridão.

– Cinquenta pontos a menos para a Grifinória pelo atraso – disse o professor. – E, vejamos, mais vinte por sua roupa de trouxa. Sabe, creio que nunca houve uma Casa com pontos negativos no início do trimestre, e ainda nem chegamos à sobremesa. Você talvez tenha estabelecido um recorde, Potter.

A fúria e o ódio dentro de Harry chamejavam intensamente, mas ele preferia ter continuado hirto até Londres a contar ao professor por que se atrasara.

– Imagino que quisesse causar sensação, certo? – continuou Snape. – E, não dispondo de um carro voador, decidiu que adentrar o Salão Principal no meio do banquete teria um impacto dramático.

Ainda assim, Harry permanecia em silêncio, embora achasse que seu peito ia explodir. Sabia que Snape fora buscá-lo para isso, para ter uns poucos minutos em que alfinetar e atormentar Harry sem ninguém ouvir.

Por fim, chegaram à entrada do castelo e, quando as grandes portas de carvalho se abriram para o amplo saguão lajeado, foram saudados pela zoada de conversas e risos, e tinidos de pratos e copos que ecoavam através das portas abertas do Salão Principal. Harry se perguntou se poderia usar a Capa da Invisibilidade e, assim, chegar à comprida mesa da Grifinória (que, para seu azar, era a mais distante do saguão) sem ser notado.

Como se tivesse lido os pensamentos de Harry, Snape o advertiu:

– Nada de capa. Pode entrar à vista de todos que, tenho certeza, era o que você queria.

Harry virou-se e, sem hesitar, cruzou o portal do salão: qualquer coisa para se ver livre de Snape. O Salão Principal, com as quatro longas mesas das Casas e a dos professores ao fundo, estava decorado, como sempre, com velas no ar que faziam os pratos refletir e faiscar. Harry, porém, enxergou apenas um borrão tremeluzente. Caminhava tão depressa que passou pela mesa da Lufa-Lufa antes que as pessoas tivessem tempo de olhá-lo, e, quando por fim elas se levantaram para satisfazer sua curiosidade, Harry já localizara Rony e Hermione, e, seguindo em sua direção, passou rápido pelos bancos e se apertou entre os dois.

– Onde é que você... caramba, que foi que fez no rosto? – indagou Rony, arregalando os olhos, como todos que estavam por perto.
– Por que, tem alguma coisa errada? – admirou-se Harry, apanhando uma colher e espiando sua imagem distorcida.
– Você está coberto de sangue! – disse Hermione. – Vem cá...
Ela ergueu a varinha e ordenou:
– *Tergeo!* – E a varinha aspirou todo o sangue seco.
– Obrigado – agradeceu ele, apalpando o rosto agora limpo. – Como é que está o meu nariz?
– Normal – respondeu Hermione ansiosa. – Por que não estaria? Que aconteceu, Harry, ficamos apavorados!
– Conto depois – respondeu Harry, lacônico. Sabia que Gina, Neville, Dino e Simas estavam prestando atenção; até Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Grifinória, se aproximara flutuando ao longo dos bancos para escutar.
– Mas... – protestou Hermione.
– Agora, não, Hermione – replicou, em um tom sombrio cheio de subentendidos. Desejava muito que todos imaginassem que participara de algum feito heroico, de preferência envolvendo Comensais da Morte e um dementador. Naturalmente Malfoy espalharia a história aos quatro ventos, mas havia sempre uma chance de que não chegasse aos ouvidos de muitos colegas da Grifinória.
Ele se esticou por cima de Rony para apanhar umas coxas de galinha e um punhado de batatas fritas, mas, antes que pudesse comê-las, elas desapareceram e foram substituídas pelas sobremesas.
– Pelo menos você perdeu a seleção – comentou Hermione, enquanto Rony mergulhava para se servir de uma torta de chocolate.
– O Chapéu disse alguma coisa interessante? – perguntou Harry, servindo-se de um pedaço de torta de caramelo.
– Nada que ainda não tenha dito... aconselhou a nos unirmos frente aos nossos inimigos, você sabe.
– Dumbledore mencionou Voldemort?
– Ainda não, mas ele sempre guarda o discurso sério para depois do banquete, não é? Não deve demorar muito agora.
– Snape disse que Hagrid se atrasou para o banquete...
– Você viu Snape? Como assim? – perguntou Rony entre garfadas frenéticas de torta.
– Topei com ele – respondeu Harry evasivamente.
– Hagrid só se atrasou uns minutinhos – comentou Hermione. – Olhe, ele está acenando para você.
Harry olhou para a mesa dos professores e sorriu para Hagrid que de fato

acenava. O amigo jamais conseguira se comportar com a mesma dignidade da professora McGonagall, diretora da Casa da Grifinória, cuja cabeça batia mais ou menos entre o cotovelo e o ombro de Hagrid – estavam sentados lado a lado –, e que manifestava desaprovação a esse cumprimento entusiástico. Harry se surpreendeu ao ver a professora de Adivinhação, Trelawney, sentada do outro lado de Hagrid; ela raramente saía de sua torre, e Harry nunca a vira em um banquete inaugural. Tinha a aparência esquisita de sempre, faiscando com seus colares e longos xales, os olhos ampliados pelos enormes óculos. Harry, que sempre a considerara uma charlatã, ficara chocado ao descobrir, no fim do trimestre anterior, que ela fora a autora da profecia que fizera Lorde Voldemort matar os seus pais e atacá-lo. Saber disso deixou-o ainda menos desejoso de ficar em sua companhia, mas, por sorte, este ano ele não estudaria Adivinhação. Os enormes olhos da professora, que lembravam faróis, viraram em sua direção; ele desviou os seus depressa para a mesa da Sonserina. Draco Malfoy estava encenando como partir um nariz provocando risos e aplausos estridentes. Harry baixou os olhos para a torta, sentindo outra vez suas entranhas escaldarem. O que não daria para enfrentar Malfoy de homem para homem...

– Então, que é que o professor Slughorn queria? – perguntou Hermione.

– Saber o que realmente aconteceu no Ministério.

– Ele e o mundo inteiro – fungou Hermione. – O pessoal não parou de interrogar a gente no trem, não foi, Rony?

– Foi. Todos queriam saber se você é realmente O Eleito...

– Tem havido muita discussão sobre o assunto até entre os fantasmas – interrompeu-os Nick Quase Sem Cabeça, inclinando para Harry a cabeça mal presa, fazendo-a balançar perigosamente, sobre a gola de tufos engomados. – Sou considerado uma espécie de autoridade em Potter; todos sabem que somos amigos. Mas afirmei à comunidade dos espíritos que não o incomodaria com perguntas. “Harry Potter sabe que pode confiar inteiramente em mim”, falei. “Prefiro morrer a trair sua confiança.”

– O que não me parece grande coisa, porque você já morreu – observou Rony.

– Mais uma vez, você demonstra ter a agudeza de um machado cego – retrucou Nick Quase Sem Cabeça em tom ofendido e, deixando o chão, retornou voando à extremidade oposta da mesa da Grifinória, no momento exato em que Dumbledore se levantava à mesa dos professores. As conversas e risos que ecoavam pelo salão cessaram quase imediatamente.

– Uma grande noite para todos! – começou ele sorridente, abrindo os braços como se quisesse abarcar o salão.

– Que aconteceu à mão dele? – ofegou Hermione.

Ela não foi a única a notar. A mão direita de Dumbledore continuava escura e

sem vida como na noite em que ele fora apanhar Harry na casa dos Dursley.

Os sussurros percorreram a sala; Dumbledore, interpretando-os corretamente, apenas sorriu e ocultou a lesão, sacudindo a manga roxa e dourada.

– Não há motivo para preocupação – disse em tom suave. – Agora... as boas-vindas aos alunos novos; bom retorno aos alunos antigos! Mais um ano de muita educação mágica aguarda a todos...

– A mão dele já estava assim quando o vi no verão – cochichou Harry para Hermione. – Mas pensei que por esta altura ele já a tivesse curado... ele ou Madame Pomfrey.

– Parece morta – comentou Hermione, com uma expressão de repugnância no rosto. – Mas há lesões que não têm cura... feitiços antigos... e há venenos sem antídotos...

– ... e o sr. Filch, nosso zelador, me pediu para avisar que estão banidos todos os artigos de logros e brincadeiras comprados na loja chamada Gemialidades Weasley.

“Os que quiserem jogar nas equipes de quadribol das Casas devem se inscrever com os diretores das Casas, como sempre. Estamos também procurando novos locutores de quadribol, que são convidados a fazer a mesma coisa.”

“Este ano temos o prazer de dar as boas-vindas a um novo membro do corpo docente. O professor Slughorn”, o bruxo ficou em pé, a careca brilhando à luz das velas, a grande pança sob o colete sombreando a mesa, “é um antigo colega meu que aceitou retomar o cargo de mestre das Poções.”

– Poções?

– *Poções?*

A palavra ressoou por todo o salão enquanto as pessoas se perguntavam se teriam ouvido direito.

– Poções? – repetiram juntos Rony e Hermione, virando-se para Harry. – Mas você disse...

– Por sua vez, o professor Snape – continuou Dumbledore, alteando a voz para abafar os murmúrios – assumirá o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas.

– Não! – exclamou Harry tão alto que muitas cabeças se viraram em sua direção. Ele não se importou; olhava fixamente para a mesa dos professores, indignado. Como é que Snape podia ser nomeado professor de Defesa Contra as Artes das Trevas depois de tanto tempo? Será que todos não sabiam que Dumbledore não confiava nele para assumir essa função?

– Mas, Harry, você disse que Slughorn ia ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas! – questionou Hermione.

– Pensei que fosse! – respondeu Harry, vasculhando o cérebro para lembrar quando Dumbledore dissera isso, mas, agora que voltava a pensar no assunto, não conseguia recordar que Dumbledore tivesse mencionado o que Slughorn iria ensinar.

Snape, que estava sentado à direita de Dumbledore, não se ergueu ao ouvir seu nome, apenas elevou a mão displicentemente para agradecer os aplausos da mesa da Sonserina; Harry, contudo, teve certeza de identificar uma expressão de triunfo nas feições que tanto detestava.

– Bem, tem uma coisa boa – disse com selvageria. – Snape irá embora até o fim do ano.

– Como assim? – perguntou Rony.

– O cargo é azarado. Ninguém aguentou mais de um ano... Quirrell até morreu. Pessoalmente, vou torcer para que haja outra morte...

– Harry! – exclamou Hermione, demonstrando surpresa e desaprovação.

– Mas talvez ele simplesmente volte a ensinar Poções no fim do ano – argumentou Rony. – O tal Slughorn pode não querer ficar muito tempo. O Moody não quis.

Dumbledore pigarreou. Harry, Rony e Hermione não eram os únicos que conversavam; o salão todo explodira em murmúrios à notícia de que Snape, enfim, realizara o seu mais acalentado desejo. Dumbledore, parecendo indiferente à natureza sensacional da notícia que acabara de dar, nada falou sobre outras designações e esperou alguns segundos até obter absoluto silêncio antes de prosseguir.

– Nem todos os presentes neste salão sabem que Lorde Voldemort e seus seguidores estão mais uma vez em liberdade e cada vez mais fortes.

O silêncio pareceu se expandir e retrair enquanto Dumbledore discursava. Harry olhou para Malfoy. Mas o rapaz, em vez de olhar para o diretor, fazia o seu garfo pairar no ar com a varinha, como se achasse as palavras de Dumbledore indignas de atenção.

– Não posso enfatizar suficientemente o perigo da presente situação, e o cuidado que cada um de nós, em Hogwarts, precisa tomar para garantir que continuemos seguros. As fortificações mágicas do castelo foram reforçadas durante o verão, estamos protegidos de maneiras novas e mais poderosas, mas ainda assim precisamos nos defender escrupulosamente dos descuidos de estudantes e funcionários. Peço, portanto, que respeitem as restrições de segurança que os professores possam impor a vocês, por mais incômodas que lhes pareçam, particularmente a norma de não sair da cama depois do toque de recolher. Imploro que, ao notarem alguma coisa estranha ou suspeita dentro ou fora do castelo, comuniquem imediatamente a um funcionário. Confio que

agirão sempre com o maior respeito pela segurança dos outros e pela sua própria.
Os olhos azuis de Dumbledore percorreram os rostos dos estudantes e, por fim, ele tornou a sorrir.
– Mas no momento suas camas estão à sua espera, quentes e confortáveis como poderiam desejar, e sei que a sua maior prioridade é descansar para as aulas de amanhã. Vamos, portanto, dizer boa-noite. Pip pip!
Com o atrito ensurdecedor habitual, os bancos foram afastados e centenas de estudantes começaram a sair do Salão Principal em direção aos dormitórios. Harry, que não estava com a menor pressa de acompanhar a multidão curiosa nem de se aproximar de Malfoy para lhe dar a chance de repetir a história da pisada no nariz, retardou sua saída, fingindo amarrar o cordão do tênis, deixando a maioria dos colegas da Grifinória seguirem à frente. Hermione saíra correndo um pouco antes para, cumprindo a tarefa de monitora, arrebanhar os alunos do primeiro ano, mas Rony ficou com Harry.
– Que aconteceu realmente com o seu nariz? – perguntou, quando chegaram ao final do ajuntamento que procurava sair do Salão, e ninguém mais podia ouvi-los.
Harry contou-lhe. Rony não riu, demonstrando a força de sua amizade.
– Vi Malfoy imitando alguma coisa com relação a nariz – comentou sombriamente.
– É, bem, deixa isso para lá – disse Harry amargurado. – Escuta só o que ele estava dizendo antes de me descobrir lá...
Harry calculara que Rony ficasse chocado com as bravatas de Malfoy. Mas, com o que Harry considerava uma demonstração de puro cabeça-durismo, o amigo não se deixou impressionar.
– Ora, Harry, ele estava só se exibindo para a Parkinson... que tipo de missão Você-Sabe-Quem daria a ele?
– Como é que você sabe que Voldemort não precisa de uma pessoa em Hogwarts? Não seria a primeira...
– Eu gostaria que você parasse de falar esse nome, Harry – repreendeu-o uma voz às suas costas. Ele espiou por cima do ombro e viu Hagrid balançando a cabeça.
– É o nome que Dumbledore usa – insistiu Harry.
– É, mas isso é o Dumbledore! – disse Hagrid com ar misterioso. – Então, por que foi que se atrasou, Harry? Fiquei preocupado.
– Tive um imprevisto no trem. E por que *você* se atrasou?
– Estive com o Grope – respondeu Hagrid satisfeito. – Não vi o tempo passar. Ele agora tem uma casa nas montanhas, foi Dumbledore que arranjou, uma bela caverna. Ele está muito mais feliz do que na Floresta. Estivemos batendo um

bom papo.
– Sério?! – exclamou Harry, tomando o cuidado de não olhar para Rony; a última vez que encontrara o meio-irmão de Hagrid, um gigante selvagem com talento para arrancar árvores pela raiz, seu vocabulário tinha apenas cinco palavras, duas das quais ele não conseguia pronunciar direito.
– Ah, ele melhorou muito – explicou Hagrid orgulhoso. – Você ficaria espantado. Estou pensando em treinar Grope para ser meu assistente.
Rony abafou uma gargalhada pelo nariz, fazendo parecer que era um violento espirro. Os três estavam agora diante das portas do castelo.
– Então, vejo você amanhã, a primeira aula logo depois do almoço. Se chegar mais cedo, vai poder dar um alô ao Bic... quero dizer ao Asafugaz!
E, erguendo o braço em alegre despedida, o gigante saiu em direção à escuridão.
Harry e Rony se entreolharam. Harry sabia que o amigo estava sentindo o mesmo desânimo que ele.
– Você não se matriculou em Trato das Criaturas Mágicas, não é?
Rony sacudiu a cabeça.
– Nem você, né?
Harry sacudiu a cabeça, também.
– E a Hermione – disse Rony –, não, né?
Harry tornou a sacudir a cabeça. Nem queria pensar no que diria Hagrid quando percebesse que seus três alunos favoritos tinham desistido da sua matéria.

— CAPÍTULO NOVE —

O Príncipe mestiço

No dia seguinte, Harry e Rony se encontraram com Hermione no salão comunal, antes do café da manhã. Na esperança de obter algum apoio para sua teoria, Harry não perdeu tempo e contou à amiga o que ouvira Malfoy dizer no Expresso de Hogwarts.

– Mas é óbvio que ele estava se exibindo para a Parkinson, não é? – aparteou Rony, rápido, antes que Hermione pudesse responder.

– Bem – hesitou ela –, não sei... é bem coisa do Malfoy querer parecer mais importante do que é... mas assim é exagero...

– Exatamente – disse Harry, mas não pôde argumentar porque havia muita gente querendo ouvir a conversa, sem falar naqueles que o encaravam e cochichavam cobrindo a boca com a mão.

– É falta de educação apontar – Rony ralhou com um aluno do primeiro ano particularmente pequeno quando entraram na fila para passar pelo buraco do retrato. O garoto, que, disfarçadamente, estivera murmurando alguma coisa para o amigo, ficou escarlate e, assustado, caiu pelo buraco no corredor. Rony deu uma risadinha.

– Adoro estar no sexto ano. *E* o melhor é que vamos ter tempo livre este ano. Períodos inteiros para sentar e relaxar.

– Vamos precisar desse tempo para estudar, Rony! – lembrou Hermione, quando caminhavam pelo corredor.

– É, mas não hoje – respondeu Rony. – Hoje vai ser moleza pura.

– Espere aí! – exclamou Hermione, esticando o braço e fazendo parar um aluno do quarto ano, que tentava passar por ela segurando com firmeza um disco verde-limão. – Os Frisbees-dentados são proibidos, me dê isso aqui – pediu com severidade. O garoto, amarrando a cara, entregou o disco que rosnava, passou por baixo do braço de Hermione e saiu no encalço dos amigos. Rony esperou que ele desaparecesse e roubou o Frisbee da mão de Hermione.

– Ótimo, sempre quis ter um.

O protesto de Hermione foi abafado por uma risadinha alta. Pelo visto, Lilá Brown achara o comentário de Rony engraçadíssimo. E passou por ele ainda rindo, olhando-o por cima do ombro. Rony pareceu muito satisfeito.

O teto do Salão Principal estava serenamente azul, raiado de leves farrapos de nuvens, como nos quadrados de céu que se viam pelas janelas de caixilhos. Enquanto comiam mingau de aveia e ovos com bacon, Harry e Rony contaram a Hermione a conversa constrangedora que tinham tido com Hagrid, na véspera.

– Mas ele não pode realmente pensar que continuaríamos a cursar Trato das Criaturas Mágicas! – comentou ela perturbada. – Quero dizer, quando foi que algum de nós manifestou... sabe... algum entusiasmo?

– É isso aí, né? – disse Rony, engolindo um ovo frito inteiro. – Nós fazíamos o maior esforço nas aulas porque gostamos do Hagrid. Mas ele achou que gostávamos daquela *matéria* idiota. Será que alguém vai continuar até o N.I.E.M.?

Nem Harry nem Hermione responderam; não carecia. Sabiam perfeitamente que ninguém de sua turma iria querer continuar em Trato das Criaturas Mágicas. Evitaram olhar para Hagrid e retribuíram seu aceno cordial sem animação quando o amigo deixou a mesa dos professores dez minutos depois.

Terminada a refeição, eles continuaram sentados aguardando a professora McGonagall descer da mesa dos professores. Este ano a distribuição dos horários estava mais complicada do que o normal, porque ela precisava primeiro confirmar que cada aluno tivesse obtido as notas mínimas nos N.O.M.s para continuar as matérias escolhidas nos N.I.E.M.s.

Hermione foi prontamente liberada para continuar Feitiços, Defesa Contra as Artes das Trevas, Transfiguração, Herbologia, Aritmancia, Runas Antigas e Poções e, sem demora, partiu correndo para assistir ao primeiro período de Runas Antigas. Os horários de Neville exigiram mais tempo para destrinchar; seu rosto redondo expressava ansiedade enquanto a professora examinava o seu pedido e consultava os resultados dos N.O.M.s.

– Herbologia pode – disse ela. – A professora Sprout ficará encantada de ver você retomar a matéria com um “Ótimo” no N.O.M. E qualificou-se para Defesa Contra as Artes das Trevas com um “Excede Expectativas”. O problema está em Transfiguração. Sinto muito, Longbottom, mas um “Aceitável” não é suficiente para continuar no nível de N.I.E.M. Acho que você não conseguiria dar conta dos deveres do curso.

Neville baixou a cabeça. A professora fitou-o através dos óculos quadrados.

– Mas por que quer continuar em Transfiguração? Você nunca me deu a impressão de gostar tanto assim da matéria.

Neville fez uma cara infeliz e murmurou alguma coisa como “minha avó quer”.
– Hum – bufou a professora. – Já está mais do que na hora de sua avó aprender a ter orgulho do neto que tem, em vez do neto que gostaria de ter, particularmente depois do que aconteceu no Ministério.
Neville corou fortemente e piscou atordoado; a professora McGonagall nunca lhe fizera um elogio antes.
– Lamento, Longbottom, não posso aceitá-lo na minha classe de N.I.E.M. Mas vejo que você recebeu um “Excede Expectativas”em Feitiços; por que não tenta um N.I.E.M. em Feitiços?
– Minha avó acha que Feitiços é uma opção muito fácil – murmurou Neville.
– Matricule-se em Feitiços – disse a professora –, e vou mandar uma palavrinha a Augusta lembrando que só porque *ela* não passou no N.O.M. de Feitiços... não significa que a matéria seja inútil. – Com um leve sorriso ao ver a expressão de incrédula satisfação no rosto de Neville, McGonagall bateu com a ponta da varinha em um formulário em branco e entregou-o ao garoto, já impresso, com os detalhes de suas novas matérias.
Em seguida, ela se voltou para Parvati Patil, cuja primeira pergunta foi se Firenze, aquele centauro bonitão, continuaria a ensinar Adivinhação.
– Ele e a professora Trelawney vão dividir as turmas este ano – respondeu a professora McGonagall, com um quê de desaprovação na voz; todos sabiam que ela desprezava a matéria. – O sexto ano ficará por conta da professora Trelawney.
Parvati saiu para a aula de Adivinhação cinco minutos depois, parecendo um pouco desconcertada.
– Então, Potter, Potter... – disse a professora, consultando suas anotações ao se dirigir a Harry. – Feitiços. Defesa Contra as Artes das Trevas, Herbologia, Transfiguração... tudo bem. E devo dizer que fiquei satisfeita com a sua nota na minha matéria, Potter, muito satisfeita. Mas por que não pediu para continuar em Poções? Pensei que sua ambição fosse se tornar auror.
– Era, mas a senhora me disse que eu precisava de um “Ótimo” no meu N.O.M.
– E realmente precisava quando o professor Snape ensinava a matéria. O professor Slughorn, porém, fica perfeitamente feliz em aceitar no N.I.E.M alunos que tenham obtido “Excede Expectativas” no N.O.M. Você quer continuar em Poções?
– Quero – respondeu Harry –, mas não comprei os livros nem os ingredientes, nem nada...
– Tenho certeza de que o professor Slughorn poderá lhe emprestar o material.

Muito bem, Potter, aqui estão os seus horários. Ah, sim, vinte aspirantes já se inscreveram para a equipe de quadribol da Grifinória. Passarei a lista a você por esses dias, e poderá marcar os testes quando quiser.

Alguns minutos mais tarde, Rony foi liberado para cursar as mesmas matérias que Harry, e os dois deixaram a mesa juntos.

– Veja – exclamou Rony muito feliz, conferindo o seu horário –, temos um período livre agora... e outro depois do recreio... e depois do almoço... *excelente*!

Os dois voltaram à sala comunal, que estava vazia exceto por meia dúzia de alunos do sétimo ano, inclusive Katie Bell, a única jogadora que restava da equipe original de quadribol da Grifinória, para a qual Harry entrara no primeiro ano.

– Achei que você ganharia isso, parabéns – disse a garota, apontando para a insígnia de capitão no peito de Harry. – Me avise quando começarem os testes!

– Não seja retardada – respondeu Harry –, você não precisa de testes, há cinco anos que vejo você jogar...

– Você não pode começar assim – alertou a garota. – Pelo que sei, tem gente melhor que eu fora do time. Boas equipes já acabaram mal porque os capitães simplesmente continuaram a jogar com caras conhecidos, ou deixaram os amigos entrarem...

Rony pareceu meio constrangido, e começou a jogar com o Frisbee que Hermione confiscara do aluno do quarto ano. O brinquedo voou pela sala comunal, rosnando e tentando morder a tapeçaria. Bichento acompanhou-o com seus olhos amarelos e bufou quando o Frisbee se aproximou demais.

Uma hora depois eles deixaram, relutantes, a sala ensolarada para assistir à aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, quatro andares abaixo. Hermione já estava na fila, carregando uma braçada de pesados livros, e com um ar de quem fora usada.

– A professora de Runas nos passou tantos deveres! – exclamou ansiosa, quando Harry e Rony se reuniram a ela. – Um trabalho de quase quatro metros, duas traduções, e preciso ler tudo isto para quarta-feira.

– Que pena – bocejou Rony.

– Espere para ver – disse ela com raiva. – Aposto como o Snape também vai passar um montão. – Quando ia dizendo isso, a porta da sala abriu e o professor saiu para o corredor, o rosto macilento emoldurado pelas eternas cortinas de cabelos pretos oleosos. A fila silenciou imediatamente.

– Para dentro – disse ele.

Harry olhou a toda volta quando entraram. Snape já impusera sua personalidade à sala; estava mais sombria do que antes, pois ele fechara as cortinas e a iluminara com velas. Novos quadros adornavam as paredes, vários

deles mostravam pessoas sofrendo com pavorosos ferimentos ou partes do corpo estranhamente torcidas. Ninguém falou enquanto os alunos se acomodavam, admirando os sinistros quadros escuros.

– Não pedi a vocês para apanharem seus livros – começou Snape, fechando a porta e virando-se para encarar a turma de sua escrivaninha. Hermione devolveu depressa à mochila o seu exemplar de *Frente ao irreconhecível* e guardou-a embaixo da cadeira. – Quero conversar com os senhores e exijo sua total e absoluta atenção.

Seus olhos negros percorreram os rostos voltados para ele, demorandose uma fração de segundo a mais no rosto de Harry.

– Creio que já tiveram cinco professores nesta matéria.

Você crê... como se não tivesse acompanhado todos virem e irem, Snape, na esperança de ser o próximo, pen sou Harry com desprezo.

– Naturalmente, cada um teve o seu método e suas prioridades. Diante dessa confusão, é uma surpresa que tantos tenham obtido nota para passar nesta matéria. E surpresa maior será se todos conseguirem dar conta dos deveres do N.I.E.M, que serão bem mais complexos.

Snape começou a andar em volta da sala, falando agora mais baixo; os alunos esticaram o pescoço para conseguir vê-lo.

– As Artes das Trevas são muito variadas, inconstantes e eternas. Combatê-las é como combater um monstro de muitas cabeças, no qual, cada vez que cortamos uma cabeça, surge outra ainda mais feroz e inteligente do que a anterior. Vocês estão combatendo algo que é instável, mutável e indestrutível.

Harry encarou Snape. Sem dúvida, uma coisa era respeitar as Artes das Trevas como um inimigo perigoso, outra era se referir a elas como Snape estava fazendo, acariciando-as amorosamente com a voz.

– Suas defesas – disse Snape alteando a voz –, portanto, têm de ser flexíveis e inventivas como as Artes que vocês querem neutralizar. Esses quadros – ele apontou alguns à medida que passava – são uma boa representação do que acontece com quem, por exemplo, sofre a Maldição Cruciatus – (ele fez um gesto indicando uma bruxa que visivelmente urrava de dor) –, sente o beijo do dementador – (um bruxo de olhos vidrados encolhido contra uma parede) – ou provoca a agressão de um Inferius – (uma massa sangrenta no chão).

– Então já foi avistado algum Inferius? – perguntou Parvati Patil com voz aguda. – Então é oficial, ele está usando Inferi?

– O Lorde das Trevas usou Inferi no passado – respondeu Snape –, o que significa que seria sensato presumir que pode tornar a usá-los. Agora...

Ele recomeçou a andar pelo outro lado da sala em direção à própria escrivaninha, suas vestes escuras enfunando a cada passo e, mais uma vez, a

classe acompanhou-o com os olhos.
– ... creio que os senhores são absolutamente novatos no uso de feitiços mudos. Qual é a vantagem de um feitiço mudo?
A mão de Hermione se ergueu no ar. Snape aguardou calmamente olhando os outros alunos, certificando-se de que não tinha outra escolha, antes de dizer secamente:
– Muito bem... srta. Granger?
– O adversário não pode prever que tipo de feitiço a pessoa vai realizar – respondeu Hermione –, o que lhe dá uma fração de segundo de vantagem.
– Uma resposta decorada quase palavra por palavra do *Livro padrão de feitiços, 6ª série* – comentou Snape com menosprezo (no canto Malfoy riu) –, mas correta em sua essência. Sim, aqueles que se aperfeiçoam e aprendem a usar a magia sem proferir os encantamentos, passam a contar com o elemento surpresa em sua arte. Nem todos os bruxos conseguem fazer isso, é claro; é uma questão de concentração e poder mental que alguns – seu olhar recaiu demoradamente em Harry – não possuem.
Harry sabia que o professor estava pensando nas desastrosas aulas de Oclumência do ano anterior. Recusou-se a baixar os olhos e encarou Snape até este desviar o olhar.
– Os senhores agora vão se dividir em pares. Um parceiro tentará enfeitiçar o outro *sem falar*. O outro vai tentar repelir o feitiço *em igual silêncio*. Comecem.
Embora Snape não soubesse, no ano anterior, Harry ensinara pelo menos à metade dos alunos (os que tinham participado da AD) como executar um Feitiço-Escudo. Nenhum deles, porém, jamais realizara o feitiço sem falar. Seguiu-se uma boa dose de enrolação; muitos alunos simplesmente murmuravam o encantamento em vez de dizê-lo em voz alta. Como era de esperar, aos dez minutos de aula, Hermione conseguiu repelir o Feitiço das Pernas Bambas, murmurado por Neville, sem enunciar uma única palavra, um feito que certamente teria rendido vinte pontos à Grifinória na aula de qualquer professor justo, pensou Harry com amargura, mas Snape ignorou-o. Passeava imponente enquanto os alunos praticavam, parecendo mais do que nunca um morcego exageradamente grande, detendo-se a observar Harry e Rony se esfalfarem para cumprir a tarefa.
Rony, que devia enfeitiçar Harry, tinha o rosto púrpura, os lábios fortemente comprimidos para não cair na tentação de murmurar o encantamento. Harry mantinha a varinha erguida, aguardando, aflito, para repelir um feitiço que provavelmente jamais viria.
– Patético, Weasley – comentou Snape depois de algum tempo. – Deixeme mostrar a você...

Snape virou a varinha para Harry tão ligeiro que este reagiu instintivamente; esqueceu a recomendação de não pronunciar o feitiço e gritou: “*Protego!*”

Seu Feitiço-Escudo foi tão forte que o professor se desequilibrou e bateu em uma carteira. A classe inteira tinha virado a cabeça e agora observava Snape se levantar de cara amarrada.

– Você está lembrado que eu disse para praticar feitiços *não verbais*, Potter?

– Sim – respondeu Harry, inflexivelmente.

– Sim, *senhor*.

– Não é preciso me chamar de “senhor”, professor.

As palavras escaparam de sua boca antes que soubesse o que estava dizendo. Vários alunos ofegaram, inclusive Hermione. Às costas de Snape, no entanto, Rony, Dino e Simas riram aprovadoramente.

– Detenção, sábado à noite, meu escritório – disse Snape. – Não admito atrevimento de ninguém, Potter... nem mesmo dO *Eleito*.

– Foi genial, Harry! – disse Rony às gargalhadas, quando já estavam bem longe, a caminho do recreio, pouco depois.

– Você realmente não devia ter dito aquilo – comentou Hermione, franzindo a testa para Harry. – Por que disse?

– Ele tentou me lançar um feitiço, caso você não tenha reparado! – irritou-se Harry. – Me enchi disso nas aulas de Oclumência! Por que ele não usa um porquinho-da-índia para variar? Afinal, que é que o Dumbledore está querendo para deixar o Snape ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas? Você ouviu bem o que ele disse? Ele adora essas artes! Todo aquele papo de *instá vel, indestrutível*...

– Bem – contestou Hermione –, achei que lembrava um pouco você falando.

– Eu?

– É, quando estava nos contando como era enfrentar Voldemort. Você disse que não era uma questão de decorar um monte de feitiços, disse que era apenas você e seu cérebro e sua coragem... bem, não era isso que Snape estava dizendo? Que a arte se resumia em ter bravura e agilidade mental?

Harry se sentiu tão desarmado ante a amiga que achava que suas palavras mereciam ser memorizadas como as do *Livro padrão de feitiços* que não discutiu.

– Harry! Ei, Harry!

Harry olhou para os lados; Juca Sloper, um dos batedores da equipe de quadribol da Grifinória no ano anterior, vinha correndo em sua direção com um pergaminho na mão.

– Para você – ofegou Sloper. – Escute, soube que é o novo capitão. Quando vai fazer os testes?

– Ainda não tenho certeza – respondeu Harry, pensando que Sloper teria muita sorte se voltasse à equipe. – Aviso você.
– Ah, certo. Eu tinha esperança de que fosse neste fim de semana...
Mas Harry não estava escutando; acabara de reconhecer a caligrafia fina e inclinada no pergaminho. Deixou Sloper no meio da frase e se afastou depressa com Rony e Hermione, desenrolando o pergaminho enquanto andava.

Caro Harry,
Gostaria de começar as nossas aulas particulares no sábado. Por favor, venha ao meu escritório às oito horas da noite. Espero que esteja apreciando o seu primeiro dia de escola.
Atenciosamente.
Alvo Dumbledore
P.S. Gosto de Acidinhas.

– Ele gosta de Acidinhas? – estranhou Rony, que leu o bilhete por cima do ombro do amigo, perplexo.
– É a senha para passar pela gárgula na porta da sala dele – respondeu Harry em voz baixa. – Ah! Snape não vai gostar... Não vou poder cumprir a detenção!
Ele, Rony e Hermione passaram todo o recreio especulando o que Dumbledore iria ensinar. Rony achou mais provável que fossem feitiços e azarações desconhecidos dos Comensais da Morte. Hermione argumentou que isso era ilegal, e achou mais provável que Dumbledore quisesse ensinar a Harry magia defensiva avançada. Terminado o recreio, ela seguiu para a aula de Aritmancia enquanto Harry e Rony voltavam à sala comunal, onde, de má vontade, começaram a fazer os deveres passados por Snape. Eram tão complexos que ainda não tinham terminado quando Hermione foi encontrá-los para o período livre depois do almoço (embora ela tivesse ajudado a acelerar bastante o processo). Mal concluíram os deveres, tocou a sineta para a aula dupla de Poções e eles fizeram o já conhecido trajeto para a sala na masmorra que, durante tanto tempo, pertencera a Snape.
Quando chegaram ao corredor, viram que apenas uns doze alunos haviam continuado no nível de N.I.E.M. Crabbe e Goyle evidentemente não tinham obtido a nota exigida no N.O.M., mas quatro alunos da Sonserina tinham passado, inclusive Malfoy. Aguardavam também quatro alunos da Corvinal e um da Lufa-Lufa, Ernesto Macmillan, de quem Harry gostava, apesar do seu jeito pomposo.
– Harry – saudou Ernesto, auspiciosamente, estendendo a mão quando ele se aproximou –, não tive chance de falar com você hoje de manhã na Defesa Contra

as Artes das Trevas. Achei uma boa aula, mas Feitiços-Escudo é, obviamente, uma velharia para veteranos da AD como nós... e vocês como vão, Rony... Hermione?

Mal os dois responderam "ótimo", a porta da masmorra se abriu e a pança de Slughorn o precedeu no corredor. Quando entraram na sala, seus enormes bigodes de leão-marinho se curvaram nos cantos da boca sorridente e ele cumprimentou Harry e Zabini com particular entusiasmo.

A masmorra estava, como nunca antes, impregnada de vapores e odores estranhos. Harry, Rony e Hermione aspiraram, interessados, ao passar por grandes caldeirões borbulhantes. Os quatro alunos da Sonserina ocuparam juntos uma das mesas, o mesmo tendo feito os da Corvinal. Sobraram, assim, Harry, Rony e Hermione para dividir a terceira mesa com Ernesto. Escolheram a mais próxima a um caldeirão dourado que exalava um dos aromas mais fascinantes que Harry já sentira na vida: lembrava ao mesmo tempo torta de caramelo, resina de madeira em cabo de vassoura e algo floral que ele pensava ter sentido n`A toca. Viu que respirava muito lenta e profundamente e que a fumaça da poção o satisfazia como uma bebida. Ele foi arrebatado por um grande contentamento; sorriu para Rony à sua frente, e o amigo retribuiu indolentemente o seu sorriso.

– Ora muito bem, ora muito bem, ora muito bem – começou Slughorn, cuja silhueta maciça parecia tremeluzir em meio aos variados vapores.

– Apanhem as balanças e os kits de poções e não esqueçam o manual de *Estudos avançados no preparo de poções*...

– Senhor – disse Harry, erguendo a mão.

– Harry, meu rapaz?

– Não tenho livro, nem balança nem nada... o Rony também não... não sabíamos que poderíamos fazer o N.I.E.M., o senhor entende...

– Ah, sim, de fato a professora McGonagall me falou... não se preocupe, meu caro rapaz, não se preocupe. Use os ingredientes do armário hoje, e estou certo de que podemos lhe emprestar uma balança, e temos um estoque de livros usados, eles servirão até que você possa escrever para a Floreios e Borrões...

Slughorn foi até um armário de canto e instantes depois virou-se com dois exemplares muito gastos de *Estudos avançados no preparo de poções*, de Libatius Borage, e entregou a Harry e Rony, juntamente com duas balanças oxidadas.

– Ora, muito bem – disse voltando para a frente da turma e enchendo o peito, já bastante volumoso, o que por um triz não fez os botões do seu colete saltarem. – Preparei algumas poções para vocês verem, apenas pelo interesse que encerram, entendem? São o tipo de coisa que deverão ser capazes de fazer ao fim dos N.I.E.M.s. Já devem ter ouvido falar de algumas, ainda que não saibam

prepará-las. Alguém pode me dizer qual é esta aqui?

O professor indicou o caldeirão mais próximo à mesa da Sonserina. Harry levantou ligeiramente da cadeira e viu algo que lhe pareceu água pura em ebulição.

A mão bem treinada de Hermione subiu antes de qualquer outra; Slughorn apontou para ela.

– É Veritaserum, uma poção sem cor nem odor que força quem a bebe a dizer a verdade – respondeu Hermione.

– Muito bem, muito bem! – elogiou o professor, feliz. – Agora – continuou, apontando para o caldeirão mais próximo da mesa da Corvinal –, essa outra é bem conhecida... e também apareceu em alguns folhetos do Ministério ultimamente... quem sabe...?

A mão de Hermione foi novamente a mais rápida.

– É a Poção Polissuco, senhor.

Harry também reconheceu a substância com aspecto de lama que fervia lentamente no segundo caldeirão, mas não se aborreceu que Hermione recebesse o crédito por responder à pergunta; afinal, fora ela quem conseguira preparar a poção, quando estavam no segundo ano.

– Excelente, excelente! Agora, esta outra aqui... sim, minha cara? – interrompeu-se Slughorn, parecendo ligeiramente tonto ao ver a mão de Hermione perfurar mais uma vez o ar.

– É Amortentia!

– De fato. Parece quase tolice perguntar – comentou o professor muito impressionado –, mas presumo que você saiba que efeito produz, não?

– É a poção de amor mais poderosa do mundo! – disse a garota.

– Certo! E você a reconheceu, presumo, pelo brilho perolado?

– E o vapor subindo em espirais características – respondeu Hermione animada –, e dizem que tem um cheiro diferente para cada um de nós, de acordo com o que nos atrai, e eu estou sentindo cheiro de grama recémcortada e pergaminho e...

Mas ela corou ligeiramente e não completou a frase.

– Posso saber o seu nome, minha cara? – perguntou Slughorn, não dando atenção ao constrangimento de Hermione.

– Hermione Granger, senhor.

– Granger? Granger? Será que você é parenta de Hector Dagworth-Granger, que fundou a Mui Extraordinária Sociedade dos Preparadores de Poções?

– Não. Creio que não, senhor. Nasci trouxa, sabe.

Harry viu Malfoy se inclinar para perto de Nott e cochichar alguma coisa, os dois riram, mas Slughorn não se mostrou desapontado, pelo contrário, abriu um

largo sorriso e olhou de Hermione para Harry, sentado ao seu lado.
– Oho! “*Uma das minhas melhores amigas é trouxa e é a melhor da nossa série!*” Presumo que seja esta a amiga de quem me falou, Harry!
– É, sim, senhor.
– Ora muito bem, vinte pontos muito merecidos para a Grifinória, srta. Granger! – exclamou Slughorn cordialmente.
Malfoy tinha no rosto a mesma expressão do dia em que Hermione lhe dera um soco na cara. A garota virou-se para Harry radiante e sussurrou:
– Você realmente disse a ele que sou a melhor da série? Ah, Harry!
– Ora, grande coisa! – cochichou Rony que, por alguma razão, parecia aborrecido. – Você é a melhor da série: eu teria dito isso se ele tivesse me perguntado!
Hermione sorriu, mas pediu silêncio com um gesto para poderem ouvir o que Slughorn estava dizendo. Rony pareceu um pouco desapontado.
– A Amortentia na realidade não gera o amor, é claro. É impossível produzir ou imitar o amor. Não, a poção apenas causa uma forte paixonite ou obsessão. Provavelmente é a poção mais poderosa e perigosa nesta sala. Ah, sim – confirmou solenemente com a cabeça para Malfoy e Nott, que riam descrentes. – Quando vocês tiverem visto tanto da vida quanto eu, não subestimarão o poder do amor obsessivo...
“E agora, está na hora de começarmos a trabalhar.”
– Professor, o senhor não nos disse o que tem neste aqui – lembrou Ernesto Macmillan, apontando para um pequeno caldeirão preto em cima da mesa de Slughorn. A poção espirrava vivamente para todo o lado; era cor de ouro derretido, e dela saltavam enormes gotas como peixinhos à superfície, embora nem uma só partícula extravasasse.
– Oho! – exclamou novamente o professor. Harry tinha certeza de que o professor não esquecera a poção, mas esperou que lhe perguntassem para produzir um efeito teatral. – Sim. Aquela. Bem, *aquela* ali, senhoras e senhores, é uma poçãozinha curiosa chamada Felix Felicis. Suponho – e ele se voltou sorridente para Hermione, que deixara escapar uma exclamação audível – que a senhorita saiba o que faz a Felix Felicis, srta. Granger?
– É sorte líquida – respondeu Hermione excitada. – Faz a pessoa ter sorte!
A classe inteira pareceu sentar mais aprumada. Agora Harry só conseguia ver os cabelos louros e sedosos de Malfoy, porque finalmente ele estava prestando total atenção ao professor.
– Correto, mais dez pontos para a Grifinória. É uma poçãozinha engraçada a Felix Felicis – explicou Slughorn. – Dificílima de fazer e catastrófica se errarmos. Contudo, se a prepararmos corretamente, como no caso, vocês irão

descobrir que os seus esforços serão recompensados... pelo menos até passar o efeito.

– Por que as pessoas não a bebem o tempo todo, senhor? – perguntou Terêncio Boot, pressuroso.

– Porque ingerida em excesso causa tonteiras, irresponsabilidade e perigoso excesso de confiança. Tudo que é bom demais, sabe... extremamente tóxica em quantidade. Mas tomada com parcimônia e muito ocasionalmente...

– O senhor já a experimentou? – perguntou Miguel Corner muito interessado.

– Duas vezes na vida. Uma aos vinte e quatro anos e outra aos cinquenta e sete. Duas colheres de sopa ao café da manhã. Dois dias perfeitos.

Ele deixou o olhar se perder na distância sonhadoramente. Se estava representando ou não, pensou Harry, o efeito era bom.

– E a poção – disse Slughorn aparentemente voltando a terra – é o que vou oferecer de prêmio nesta aula.

Houve um grande silêncio em que cada borbulha e gargarejo das poções na sala pareceram se multiplicar dez vezes.

– Um frasquinho de Felix Felicis – explicou Slughorn, tirando do bolso um minúsculo vidro com rolha e mostrando-o a todos. – Suficiente para doze horas de sorte. Do amanhecer ao anoitecer, vocês terão sorte em tudo que tentarem.

“Agora, preciso avisar que a Felix Felicis é uma substância proibida nas competições oficiais, eventos esportivos, por exemplo, exames e eleições. Por isso quem a ganhar deve usá-la somente em um dia comum... e observar como esse dia comum se torna um dia extraordinário!

“Então”, disse o professor repentinamente enérgico, “como irão ganhar esse prêmio fabuloso? Bem, abrindo a página dez de *Estudos avançados no preparo de poções*. Ainda nos resta pouco mais de uma hora, que deve ser suficiente para vocês fazerem uma tentativa válida de preparar a Poção do Morto-Vivo. Sei que é mais complexa do que qualquer outra que tenham tentado antes e não espero que ninguém faça uma poção perfeita. Mas aquele que a fizer melhor ganhará a pequena Felix aqui. Podem começar!”

Houve muito barulho quando os alunos arrastaram objetos e puxaram seus caldeirões para perto, e batidas estridentes à medida que acrescentavam pesos aos pratos das balanças, mas ninguém falou. A concentração na sala era quase tangível. Harry viu Malfoy folheando febrilmente seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções*. Não podia ficar mais evidente que ele realmente desejava ganhar aquele dia de sorte. Harry debruçou-se ligeiro para o exemplar esfrangalhado do livro que Slughorn lhe emprestara.

Para seu aborrecimento, viu que o antigo dono escrevera em todas as páginas, de tal modo que as margens estavam tão pretas quanto as partes impressas. Ele

se curvou mais para decifrar os ingredientes (até mesmo ali o antigo dono fizera anotações e riscara palavras) e correu em seguida ao armário para procurar o que precisava. Ao voltar depressa ao seu caldeirão, viu que Malfoy estava picando raízes de valeriana o mais rápido que podia.

Todos olhavam para os lados a ver o que o resto da turma fazia; essa era ao mesmo tempo a vantagem e a desvantagem na aula de Poções: a dificuldade de trabalhar sozinho. Em dez minutos, a sala toda se encheu de fumaça azulada. Hermione, naturalmente, parecia ter ido mais longe. Sua poção apresentava-se lisa e cor de groselha como o livro dizia ser o ideal ao chegar à metade do processo.

Ao terminar de picar as raízes, Harry debruçou-se outra vez sobre o livro. Era realmente muito irritante tentar decifrar todos os rabiscos bobos do antigo dono, que, por alguma razão, implicara com a instrução para cortar a Vagem Soporífera e anotara uma alternativa:

Amassar com o lado plano da adaga de prata faz escorrer mais seiva do que cortar.

– Professor, acho que o senhor conheceu o meu avô, Abraxas Malfoy.

Harry levantou a cabeça; Slughorn ia passando pela mesa da Sonserina.

– Conheci – confirmou o professor, sem olhar para Malfoy. – Lamentei quando soube do seu falecimento, embora não tenha sido inesperado; varíola dragonina na idade dele...

Quando Slughorn se afastou, Harry voltou a atenção para o seu caldeirão, rindo. Compreendeu que Malfoy esperara ser tratado como ele ou Zabini; talvez até receber um tratamento privilegiado do tipo que Snape normalmente lhe dispensara. Pelo visto, Malfoy teria de depender apenas do seu talento para ganhar o frasco de Felix Felicis.

A Vagem Soporífera mostrava-se difícil de cortar. Harry virou-se para Hermione.

– Pode me emprestar a sua faca de prata?

Ela concordou impaciente, sem tirar os olhos de sua poção, que continuava muito púrpura, embora o livro dissesse que já deveria estar lilás-clara.

Harry amassou sua vagem com o lado plano da adaga. Para sua surpresa, a planta imediatamente exsudou tanta seiva que ele se admirou que uma vagem seca pudesse conter tanta umidade. Ele a raspou depressa para dentro do caldeirão e constatou, espantado, que a poção imediatamente adquiriu o exato tom lilás descrito no livro.

O seu aborrecimento com o antigo dono desapareceu na hora, Harry agora fazia força para ler a linha seguinte das instruções. Segundo o livro, ele precisava mexer o caldeirão no sentido anti-horário até que a poção ficasse clara

como água. Mas, segundo a anotação do antigo dono, ele deveria dar uma mexida no sentido horário para cada sete no sentido anti-horário. Será que o dono anterior estaria mais uma vez certo?

Harry mexeu a poção no sentido anti-horário, prendeu a respiração e deu a mexida no sentido horário. O efeito foi imediato. A porção tornou-se rosa muito claro.

– Como é que você está conseguindo isso? – quis saber Hermione, o rosto muito corado e os cabelos cada vez mais volumosos com o vapor que subia do caldeirão; sua poção continuava decididamente púrpura.

– Dê uma mexida no sentido horário...

– Não, não, o livro diz anti-horário! – retorquiu ela.

Harry encolheu os ombros e continuou o que estava fazendo. Sete mexidas no sentido anti-horário, uma no sentido horário, pausa... sete mexidas no sentido anti-horário, uma no sentido horário...

Do lado oposto da mesa, Rony xingava baixinho sem parar; a poção dele parecia alcaçuz líquido. Harry olhou para os lados. Aparentemente, nenhuma outra poção ficara clara como a dele. Sentiu-se eufórico, coisa que jamais lhe acontecera naquela masmorra.

– E acabou-se... o tempo! – anunciou Slughorn. – Por favor, parem de mexer!

O professor caminhou lentamente entre as mesas, examinando o conteúdo dos caldeirões. Não fez comentários, mas ocasionalmente mexia ou cheirava uma das poções. Por fim, chegou à mesa onde estavam Harry, Rony, Hermione e Ernesto. Sorriu ao ver a substância densa e escura no caldeirão de Rony. Passou rapidamente pela preparação de Ernesto. Deu um aceno de aprovação à de Hermione. Então viu a de Harry, e uma expressão de prazer e incredulidade espalhou-se pelo seu rosto.

– Sem dúvida, o vencedor! – exclamou para a masmorra. – Excelente, Harry! Deus do céu, é inegável que você herdou o talento de sua mãe que tinha uma mão ótima para Poções, a Lílian. Tome aqui, então, tome aqui: um frasco de Felix Felicis, conforme prometi, e use-o bem!

Harry guardou o frasquinho de líquido dourado no bolso interno das vestes, sentindo uma estranha mescla de prazer ao ver os olhares furiosos dos alunos da Sonserina e remorso frente à expressão de desapontamento de Hermione. Rony estava simplesmente estarrecido.

– Como foi que você fez aquilo? – sussurrou para o amigo, ao deixarem a masmorra.

– Tive sorte, presumo – respondeu Harry preocupado que Malfoy os ouvisse.

Uma vez, porém, refestelados à mesa da Grifinória para jantar, ele se sentiu seguro para contar aos amigos. O rosto de Hermione foi endurecendo a cada

palavra que ele dizia.
– Suponho que você esteja achando que colei? – concluiu ele, incomodado com sua expressão.
– Bem, não foi exatamente trabalho seu, não é? – disse tensa.
– Ele apenas seguiu instruções diferentes das nossas – defendeu-o Rony. – Poderia ter sido uma catástrofe, não é? Mas ele arriscou e se deu bem. – Ele suspirou. – Slughorn bem podia ter dado aquele livro para mim, mas não, me deu um em que ninguém escreveu nada. *Vomitou*, pela aparência da página cinquenta e dois, mas...
– Calma aí – disse uma voz ao ouvido esquerdo de Harry, que sentiu a repentina presença do aroma floral que reconhecera na masmorra de Slughorn. Ele se virou e viu Gina ao lado deles. – Será que ouvi direito? Você andou seguindo ordens que alguém escreveu em um livro, Harry?
Ela estava assustada e zangada. Harry entendeu imediatamente o que passava pela cabeça da amiga.
– Não foi nada importante – tranquilizou-a, baixando a voz. – Sabe, não foi como no caso do diário de Riddle. Era só um livro-texto velho em que alguém fez anotações.
– Mas você seguiu o que estava escrito?
– Só experimentei umas dicas escritas à margem, verdade, Gina, não tem nada suspeito...
– Gina tem razão – disse Hermione, empertigando-se instantaneamente. – Temos de verificar se não há nada esquisito com o livro. Quero dizer, todas aquelas instruções engraçadas, quem sabe?
– Ei! – exclamou Harry indignado, ao ver Hermione tirar o exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* da mochila dele e erguer a varinha.
– *Specialis revelio!* – ordenou ela, dando uma pancadinha rápida na capa do livro.
Nada aconteceu. O livro continuou imóvel, apenas velho, sujo e cheio de orelhas.
– Terminou? – perguntou Harry irritado. – Ou quer esperar para ver se o livro dá umas cambalhotas?
– Parece normal – concluiu Hermione, ainda mirando o livro desconfiada. – Quero dizer, parece que é realmente... um simples livro.
– Que bom. Então posso guardá-lo – concluiu Harry, apanhando na mesa o livro, que escorregou de sua mão e caiu aberto no chão.
Ninguém mais estava olhando. Harry se abaixou para recolher o livro e, ao fazer isto, viu uma coisa escrita ao pé da quarta capa, na mesma caligrafia pequena e apertada que as instruções que tinham obtido para ele o frasco de

Felix Felicis, agora guardado no malão em seu quarto, muito bem escondido dentro de um par de meias.

Este livro pertence ao Príncipe Mestiço.

— CAPÍTULO DEZ —

A casa de Gaunt

Nas demais aulas de Poções da semana, Harry continuou a seguir as instruções do Príncipe Mestiço sempre que divergiam das de Libatius Borage, e, em consequência, por volta da quarta aula, Slughorn estava delirante com a capacidade de Harry, e comentava que raramente ensinara a alguém tão talentoso. Nem Rony nem Hermione ficaram muito satisfeitos com isso. Embora Harry oferecesse compartilhar o livro com ambos, Rony teve mais dificuldade em decifrar a caligrafia do que ele, e não poderia ficar pedindo ao amigo que lesse o texto em voz alta sem levantar suspeitas. Nesse meio-tempo, Hermione enfrentava resolutamente o que ela chamava de instruções "oficiais", mas tornava-se cada vez mais mal-humorada, pois obtinha resultados mais medíocres do que os do Príncipe.

Harry se perguntava sem grande interesse quem teria sido o tal Príncipe Mestiço. Embora a quantidade de deveres de casa que tinham recebido o impedisse de ler todo o exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções*, ele o folheara o suficiente para ver que não havia praticamente página alguma em que o Príncipe não tivesse feito anotações, que nem sempre se referiam ao preparo de poções. Aqui e ali havia instruções para feitiços que pareciam inventados por ele mesmo.

– Ou ela mesma – rebateu Hermione irritada, escutando Harry mostrar alguns para Rony na sala comunal, sábado à noite. – Pode ter sido uma garota, acho que a letra parece mais feminina do que masculina.

– Chamava-se o Príncipe Mestiço – disse Harry. – Quantas meninas são príncipes?

Hermione não soube responder. Apenas amarrou a cara e puxou o trabalho que estava fazendo sobre "Os princípios da rematerialização", para longe de Rony, que tentava lê-lo de cabeça para baixo.

Harry consultou seu relógio e guardou depressa na mochila o velho exemplar

de *Estudos avançados no preparo de poções*.
– São cinco para as oito, é melhor eu ir andando ou vou chegar atrasado no Dumbledore.
– Ooooh! – exclamou Hermione, erguendo imediatamente a cabeça. – Boa sorte! Vamos esperar acordados, queremos saber o que ele vai lhe ensinar!
– Espero que tudo corra bem – disse Rony, e os dois ficaram observando Harry passar pelo buraco do retrato.
Harry atravessou os corredores desertos, embora tenha precisado se esconder ligeiro atrás de uma estátua quando a professora Trelawney surgiu, de repente, numa curva do corredor, murmurando e misturando as cartas de um baralho ensebado que lia enquanto andava.
– Dois de espadas: conflito – murmurou ao passar pelo lugar em que Harry se escondera agachado. – Sete de espadas: mau augúrio. Dez de espadas: violência. Valete de espadas: um rapaz moreno, possivelmente perturbado, que não gosta da consulente.
Ela parou de repente, do lado oposto da estátua de Harry.
– Bem, não pode estar certo – disse contrariada, e Harry ouviu-a embaralhar energicamente ao recomeçar a caminhada, deixando atrás de si apenas um aroma de xerez barato para uso culinário. Harry esperou até se certificar de que ela se fora, então recomeçou a correr até chegar ao ponto do corredor do sétimo andar em que havia apenas uma gárgula na parede.
– Acidinhas – disse Harry. A gárgula saltou para o lado; a parede oculta se abriu, e surgiu uma escada circular de pedra, na qual Harry pôs os pés para ser levado até a porta com a aldrava de latão que dava acesso ao escritório de Dumbledore.
Harry bateu.
– Entre – ouviu-se a voz do diretor.
– Boa-noite, senhor – cumprimentou Harry, entrando no escritório.
– Ah, boa-noite, Harry. Sente-se – disse Dumbledore, sorrindo. – Espero que sua primeira semana na escola tenha sido prazerosa.
– Foi, obrigado, senhor.
– Deve ter andado muito ocupado, já recebeu uma detenção!
– Ãa... – começou Harry sem jeito, mas Dumbledore não parecia muito severo.
– Combinei com o professor Snape que você cumprirá sua detenção no próximo sábado.
– Certo – respondeu Harry, que tinha assuntos mais urgentes em sua cabeça do que a detenção de Snape, e agora procurava disfarçadamente alguma indicação do que Dumbledore pretendia fazer com ele naquela noite. O escritório circular

tinha a aparência de sempre: os delicados instrumentos de prata sobre mesinhas de pernas finas soltavam fumaça e zumbiam; os antigos diretores e diretoras cochilavam em seus quadros; e a magnífica fênix do diretor, Fawkes, no poleiro atrás da porta, observava Harry com vivo interesse. Pelo visto, Dumbledore nem sequer abrira um espaço para duelar.

– Então, Harry – disse o diretor em tom objetivo. – Você certamente tem se perguntado o que planejei para as suas... por falta de uma palavra melhor... aulas.

– Tenho, senhor.

– Bem, agora que você sabe o que induziu Lorde Voldemort a tentar matá-lo há quinze anos, concluí que já é tempo de lhe passar certas informações.

Houve uma pausa.

– O senhor disse, no fim do último trimestre, que ia me contar tudo – lembrou Harry. Era difícil eliminar um quê de acusação em sua voz. – Senhor – acrescentou.

– E de fato contei – concordou Dumbledore placidamente. – Contei-lhe tudo que sei. Daqui para frente, estaremos deixando o terreno firme dos fatos para viajar juntos pelos turvos alagados da memória e nos embrenhar pelo matagal das suposições mais absurdas. Deste ponto em diante, Harry, posso estar lamentavelmente tão enganado como Humphrey Belcher, que acreditou que havia aceitação para caldeirões de queijo.

– Mas o senhor acha que está certo?

– Naturalmente que sim, mas como já provei a você também, erro como qualquer outro homem. De fato, sendo, perdoe-me, bem mais inteligente do que a maioria, os meus erros tendem a ser proporcionalmente maiores.

– Senhor – perguntou Harry hesitante –, o que vai me contar tem a ver com a profecia? Vai me ajudar a... sobreviver?

– Muita relação com a profecia – respondeu Dumbledore, displicentemente, como se Harry tivesse lhe perguntado que tempo faria no dia seguinte –, e tenho esperanças de que o ajude a sobreviver.

O diretor ergueu-se, contornou a escrivaninha e passou por Harry; este se virou pressuroso e viu Dumbledore curvar-se para o armário ao lado da porta. Quando o diretor se endireitou, segurava uma conhecida bacia de pedra, com estranhas marcas na borda. O bruxo colocou a Penseira na escrivaninha, diante de Harry.

– Você parece preocupado.

Realmente Harry observava a bacia com apreensão. Suas experiências anteriores com o estranho objeto que guardava e revelava pensamentos e lembranças, embora extremamente instrutivas, tinham sido bastante desconfortáveis. A última vez em que ele agitara o seu conteúdo, vira muito mais

do que teria desejado. Mas Dumbledore estava sorrindo.
– Desta vez, você vai entrar na Penseira comigo... e, o que é ainda mais incomum, tem permissão para isso.
– Aonde vamos, senhor?
– Fazer uma viagem pelos caminhos da memória de Beto Ogden – respondeu Dumbledore, tirando do bolso um frasco de cristal contendo uma substância branco-prata que rodopiava.
– Quem foi Beto Ogden?
– Foi funcionário do Departamento de Execução das Leis da Magia. Morreu há algum tempo, mas não antes que eu o tivesse localizado e convencido a me confidenciar essas lembranças. Vamos acompanhá-lo em uma visita que fez no desempenho de suas funções. Se puder se levantar, Harry...
Mas Dumbledore estava tendo dificuldade para destampar o frasco de cristal: sua mão machucada parecia rígida e dolorida.
– Me dá... me dá licença, senhor?
– Não se incomode, Harry.
Dumbledore apontou a varinha para o frasco e a rolha saltou fora.
– Senhor... como foi que machucou a mão? – Harry perguntou mais uma vez, olhando os dedos escurecidos com uma sensação de horror e dó.
– Agora não é hora de contar essa história, Harry. Ainda não. Temos um encontro com Beto Ogden.
Dumbledore despejou na Penseira o conteúdo do frasco, que girou e refulgiu, nem líquido nem gasoso.
– Primeiro você – disse ele, indicando a bacia.
Harry se inclinou, inspirou profundamente e mergulhou de cara na substância prateada. Sentiu seus pés deixarem o piso do escritório; foi caindo, caindo, por um torvelinho escuro, e então, inesperadamente, se viu piscando sob um sol ofuscante. Antes que seus olhos se acostumassem, Dumbledore aterrissou ao seu lado.
Estavam de pé em uma estradinha rural ladeada por cercas vivas emaranhadas, sob um céu de verão vivo e azul como miosótis. A uns três metros deles, achava-se um homem baixo e gorducho que usava óculos com lentes tão grossas que reduziam seus olhos a sinaizinhos de nascença. Estava lendo um letreiro de madeira que se projetava da cerca selvática do lado esquerdo da estrada. Harry sabia que aquele devia ser o Ogden; era a única pessoa à vista, e usava a estranha variedade de roupas que muitas vezes os bruxos inexperientes escolhem para se disfarçar de trouxas; no caso, casaca e polainas por cima de uma roupa de banho listrada e inteiriça. Antes, porém, que Harry tivesse tempo para outra coisa que não registrar sua bizarra aparência, Ogden saiu andando com rapidez pela

estrada.
Dumbledore e Harry seguiram-no. Ao passarem pelo letreiro de madeira, Harry olhou para as duas setas. Na que apontava para o lado de onde tinham vindo leu: Great Hangleton, 8km. Na que apontava para Ogden leu: Little Hangleton, 1,6km.
Caminharam uma pequena distância sem nada ver exceto as cercas, a vastidão do céu azul e a figura de casaca à frente; então, a estrada fez uma curva para a esquerda e despencou, íngreme, descendo a encosta do morro, permitindo que, inesperadamente, descortinassem o panorama de um vale inteiro. Harry viu uma aldeia, sem dúvida Little Hangleton, aninhada entre dois morros escarpados, a igreja e o cemitério bem aparentes. Do outro lado do vale, engastada na falda do morro oposto, havia uma bela casa senhorial rodeada por um vasto e veludoso gramado.
Ogden diminuiu a marcha diante do acentuado declive da ladeira. Dumbledore aumentou seus passos e Harry tentou acompanhá-lo. Imaginou que Little Hangleton fosse o destino final e se perguntou, como fizera na noite em que localizaram Slughorn, por que tinham de começar de tão longe. Logo, porém, descobriu que se enganara em pensar que se dirigiam à aldeia. A estrada fazia uma curva para a direita e, quando a contornaram, viram a ponta da aba da casaca de Ogden desaparecendo por uma abertura na cerca.
Dumbledore e Harry continuaram a segui-lo por uma trilha estreita, ladeada de cercas vivas ainda mais altas e mais desordenadas do que as que tinham deixado para trás. O caminho era torto, rochoso e esburacado, descia o morro como o anterior e parecia conduzir a um arvoredo, sombrio um pouco mais abaixo. De fato, o caminho logo desembocou no arvoredo, e Dumbledore e Harry pararam atrás de Ogden, que se detivera para puxar a varinha.
Apesar do céu desanuviado, as velhas árvores projetavam sombras profundas, escuras e frescas, e Harry levou alguns segundos para enxergar a casa semioculta entre seus troncos. Pareceu-lhe um lugar estranho para se construir uma casa, ou então uma decisão curiosa a de deixar as árvores crescerem próximas, bloqueando toda a luz e a visão do vale. Ele se perguntou se seria habitada; as paredes estavam cobertas de musgo e havia caído tantas telhas que em alguns pontos as traves estavam visíveis. Cresciam urtigas a toda volta e suas hastes alcançavam as janelas pequenas e grossas de sujeira. Quando acabara de concluir que era impossível que fosse habitada, uma das janelas se abriu com estrépito e deixou sair um fio de vapor ou de fumaça, como se alguém estivesse cozinhando.
Ogden se adiantou em silêncio e, pareceu a Harry, com cautela. Quando as sombras escuras das árvores o encobriram, ele tornou a parar com os olhos fixos

na porta de entrada, à qual tinham pregado uma cobra morta.
Ouviu-se, então, um farfalhar e um estalo, e um homem andrajoso despencou da árvore mais próxima, caindo de pé diante de Ogden; este pulou para trás tão rápido que pisou nas abas da casaca e se desequilibrou.
– *Você não é bem-vindo*.
O homem à frente deles tinha cabelos espessos tão entremeados de sujeira que não dava para distinguir a cor. Faltavam-lhe vários dentes na boca; e os olhos, pequenos e escuros, olhavam em direções opostas. Sua aparência poderia ter sido cômica, mas não era; produzia um efeito assustador, e Harry não podia censurar Ogden por recuar mais alguns passos antes de falar.
– Ãh... bom-dia. Sou do Ministério da Magia...
– *Você não é bem-vindo*.
– Ãh... desculpe... não estou entendendo – respondeu Ogden nervoso.
Harry achou que Ogden estava sendo extremamente obtuso; em sua opinião, o estranho fora muito claro, principalmente porque brandia uma varinha em uma das mãos e uma faca de lâmina curta, ensanguentada, na outra.
– Você com certeza está entendendo, não, Harry? – indagou Dumbledore em voz baixa.
– Claro que estou – respondeu ele um pouco confuso. – Por que Ogden não...?
Mas quando tornou a olhar a cobra na porta, repentinamente compreendeu.
– Ele está falando a linguagem das cobras?
– Muito bom – assentiu Dumbledore, sorrindo.
O homem andrajoso agora avançava para Ogden, a faca em uma das mãos e a varinha na outra.
– Escute aqui – começou Ogden, mas tarde demais: ouviu-se um estampido e ele foi parar no chão, apertando o nariz, que espirrava entre os seus dedos uma gosma amarelada e feia.
– Morfino! – gritou uma voz.
Um homem mais velho saiu depressa da casa batendo a porta ao passar e fazendo a cobra balançar pateticamente. Este homem era mais baixo do que o primeiro e tinha estranhas proporções; os ombros eram muito largos e os braços compridos demais, o que, juntamente com os olhos vivos e castanhos, os cabelos espessos e curtos e o rosto enrugado, dava-lhe a aparência de um macaco idoso e forte. Parou ao lado do homem com a faca, que agora soltava gargalhadas ao ver Ogden no chão.
– Ministério é? – perguntou o homem mais velho, olhando Ogden com arrogância.
– Correto! – confirmou ele com raiva, limpando o rosto. – E o senhor, presumo, é o sr. Gaunt?

– Isso. Ele acertou seu rosto, foi?
– Foi! – retorquiu Ogden.
– O senhor não deveria ter anunciado sua presença? – perguntou Gaunt agressivamente. – Isto é uma propriedade privada. Ninguém pode ir entrando e esperar que o meu filho não se defenda.
– Defenda de quê, homem? – contestou Ogden, se levantando.
– Bisbilhoteiros. Invasores. Trouxas e ralé.
Ogden apontou a varinha para o próprio nariz, de onde continuava a escorrer uma abundante secreção semelhante a pus, e estancou o corrimento. O sr. Gaunt disse a Morfino, pelo canto da boca.
– *Entre*. *Não discuta*.
Desta vez, alertado, Harry reconheceu a língua que o homem falava; ao mesmo tempo que entendia o que era dito, distinguia o estranho sibilado que era só o que Ogden podia ouvir. Morfino deu a impressão de que ia discordar, mas, quando o pai ameaçou-o com um olhar, ele mudou de ideia; saiu em direção à casa com uma estranha ginga e bateu a porta, fazendo a cobra balançar tristemente.
– Foi o seu filho que vim ver, sr. Gaunt – explicou Ogden, enxugando o resto de pus da frente da casaca. – Aquele era o Morfino, não?
– Ãh, era o Morfino – confirmou o velho, indiferente. – O senhor tem sangue puro? – perguntou repentinamente agressivo.
– Isto não vem ao caso – respondeu Ogden com frieza, e Harry sentiu o seu respeito pelo bruxo crescer.
Aparentemente isto fazia diferença para Gaunt. Ele estudou o rosto de Ogden e resmungou em um tom decididamente ofensivo.
– Pensando bem, já vi narizes iguais ao seu na aldeia.
– Não duvido nada, se o senhor costuma soltar seu filho contra eles. Que tal continuarmos essa discussão dentro de casa?
– Dentro?
– É, sr. Ogden. Já disse que estou aqui por causa de Morfino. Enviamos uma coruja...
– Não estou interessado em corujas. Não abro cartas.
– Então o senhor não tem razão para reclamar que as visitas apareçam sem avisar – retrucou Ogden, mordaz. – Estou aqui porque ocorreu uma séria violação das leis bruxas nas primeiras horas desta manhã...
– Está bem, está bem, está bem! – berrou Gaunt. – Entre na maldita casa, então, mas não vai lhe adiantar muito!
A casa parecia conter três cômodos minúsculos. Havia duas portas no cômodo principal, que servia de sala e cozinha. Morfino estava sentado em uma poltrona

imunda ao lado do fogão enfumaçado, enrolando uma cobra entre os dedos grossos enquanto cantava baixinho em sua linguagem.

Silva, silva, serpinha,
Serpeia pelo soalho
Seja sempre boazinha
Ou Morfino crava você.

Ouviu-se um arrastar de pés no canto ao lado da janela aberta, e Harry notou que havia mais alguém na sala, uma garota cujo vestido cinzento e rasgado era exatamente da cor da parede de pedra encardida às suas costas. Estava em pé ao lado de uma panela que fumegava em um fogão negro, e mexia na prateleira com panelas e caçarolas de aspecto miserável mais acima. Seus cabelos eram escorridos e sem vida e o rosto comum, pálido e feioso. Seus olhos, como os do irmão, eram divergentes. Parecia um pouco mais limpa do que os dois homens, mas Harry avaliou que nunca vira ninguém tão arrasado.

– Minha filha Mérope – Gaunt apresentou-a de má vontade, quando Ogden lançou à garota um olhar indagador.

– Bom-dia – cumprimentou-a Ogden.

Ela não respondeu; lançando um olhar assustado ao pai, deu as costas à sala e continuou a trocar as panelas de lugar na prateleira.

– Bem, sr. Gaunt, para ir direto ao assunto, temos razões para acreditar que seu filho Morfino executou um feitiço diante de um trouxa no final da noite de ontem.

Ouviu-se um estrondo metálico. Mérope deixara cair uma panela.

– *Apanhe isso!* – berrou Gaunt para a filha. – Isso, fuce o chão como uma trouxa porca, para que serve a sua varinha, seu saco de estrume?

– Sr. Gaunt, por favor! – pediu Ogden em tom chocado, enquanto Mérope, que já apanhara a panela, com o rosto malhado de rubor, tornou a soltá-la e puxou a varinha do bolso; apontou-a para o objeto e murmurou um feitiço apressado e inaudível que fez a panela voar para longe dela, bater na parede oposta e rachar ao meio.

Morfino soltou sua gargalhada demente. Gaunt gritou:

– Conserte isso, sua imprestável, conserte isso!

Mérope saiu tropeçando pela sala, mas, antes que tivesse tempo de erguer a varinha, Ogden empunhou a dele e ordenou com firmeza:

– *Reparo*. – E a panela se consertou instantaneamente.

Por um momento, pareceu que Gaunt ia gritar com Ogden, mas deve ter pensado melhor; em vez disso, caçoou da filha:

– Que sorte o homem bonzinho do Ministério está aqui, não é? Quem sabe ele tira você das minhas mãos, quem sabe ele não se incomoda com abortos nojentos...
Sem olhar para ninguém ou agradecer a Ogden, Mérope apanhou a panela e devolveu-a, com as mãos trêmulas, à prateleira. Postou-se, então, muito quieta, as costas apoiadas na parede entre a janela muito suja e o fogão, como se o seu único desejo fosse afundar na pedra e sumir.
– Sr. Gaunt – recomeçou Ogden –, como eu ia dizendo, a razão da minha visita...
– Ouvi da primeira vez! – retrucou Gaunt. – E daí? Morfino deu a um trouxa o que estava merecendo; o que é que o senhor vai fazer?
– Morfino violou a lei bruxa – disse Ogden com severidade.
– *Morfino violou a lei bruxa*. – Gaunt imitou a voz de Ogden, num tom pomposo e cantado. Morfino gargalhou outra vez. – Deu uma lição a um trouxa nojento, isso agora é ilegal, é?
– É. Receio que seja.
Ogden tirou do bolso interno um pequeno rolo de pergaminho e abriu-o.
– E isso aí, é o quê, a sentença dele? – perguntou Gaunt, alteando a voz inflamado.
– É uma intimação para comparecer a uma audiência no Ministério...
– Intimação! *Intimação?* Quem o senhor pensa que é para intimar meu filho a comparecer a algum lugar?
– Sou o chefe do Esquadrão de Execução das Leis da Magia.
– E o senhor acha que somos ralé, é isso? – gritou Gaunt, e avançou para Ogden, com o dedo de unha suja e amarela apontando para o seu peito. – Ralé que se apresenta correndo quando o Ministério manda? Sabe com quem está falando, seu Sangue Ruim nojento?
– Eu tinha a impressão de que estava falando com o sr. Gaunt – respondeu ele cauteloso, mas irredutível.
– Exatamente! – urrou Gaunt. Por um instante, Harry pensou que ele fazia um gesto obsceno, mas percebeu que apenas mostrava o feio anel de pedra negra que usava no dedo médio, e que agitava na cara de Ogden. – Está vendo isso aqui? Está vendo isso aqui? Sabe de onde veio? Está há séculos na nossa família, tão antiga ela é, e de sangue sempre puro! Sabe quanto já me ofereceram por isso, com o brasão dos Peverell gravado na pedra?
– Não faço a menor ideia – replicou Ogden, piscando para o anel a centímetros do seu nariz –, e não é pertinente, sr. Gaunt. O seu filho cometeu...
Com um uivo de fúria, Gaunt correu para a filha. Por uma fração de segundo, Harry pensou que ia esganá-la, quando o viu agarrá-la pelo pescoço; mas ele

apenas arrastou-a até Ogden pela corrente de ouro que usava.
– Está vendo isso aqui? – berrou, sacudindo o pesado medalhão para Ogden, enquanto Mérope engasgava e procurava respirar.
– Eu estou vendo, eu estou vendo! – apressou-se ele a dizer.
– Vem de Slytherin! – gritou Gaunt. – De Salazar Slytherin! Somos os seus últimos descendentes vivos. Que me diz disso, eh?
– Sr. Gaunt, sua filha! – avisou Ogden assustado, mas o bruxo já largara Mérope; ela se afastou cambaleando de volta ao seu canto, massageando o pescoço e engolindo em seco para respirar.
– É o que eu queria dizer! – exclamou Gaunt triunfante, como se tivesse acabado de provar de modo irrefutável uma complicada questão. – Não venha falar conosco como se não chegássemos aos seus pés! Gerações de sangue puro, todos bruxos, o que, tenho certeza, é mais do que o *senhor* pode dizer!
E cuspiu no chão aos pés de Ogden. Morfino soltou mais gargalhadas. Mérope, encolhida ao lado da janela, a cabeça oculta pelos cabelos escorridos, permaneceu calada.
– Sr. Gaunt – insistiu Ogden –, receio que nem os seus antepassados nem os meus tenham a menor relação com o nosso caso. Estou aqui por causa do Morfino, Morfino e o trouxa que ele abordou ontem à noite. A informação que temos é que Morfino lançou um feitiço ou uma azaração no tal trouxa, causando-lhe uma urticária extremamente dolorosa.
Morfino riu.
– *Quieto menino* – rosnou Gaunt em linguagem de cobra, e Morfino tornou a se calar. – E se lançou, qual é o problema? – retorquiu Gaunt em tom de desafio. – Espero que o senhor tenha limpado a pele do trouxa e, de quebra, a memória dele...
– O problema é bem outro, não é, sr. Gaunt? Foi um ataque gratuito a um indefeso...
– Ah, achei que o senhor tinha cara de amigo dos trouxas assim que o vi – desdenhou Gaunt, tornando a cuspir no chão.
– Esta discussão não está nos levando a nada – disse Ogden com firmeza. – Pela atitude do seu filho, está muito claro que não sente remorso algum pelo que fez. – E olhando para o rolo de pergaminho. – Morfino deverá comparecer a uma audiência no dia 14 de setembro, para responder às acusações de usar magia diante de um trouxa e causar ao dito trou...
Ogden calou-se. Entravam pela janela ruídos de metal, cascos de cavalos e risos humanos. Aparentemente, a estrada tortuosa para a aldeia passava muito próxima do arvoredo onde se situava a casa. Gaunt congelou, escutando de olhos arregalados. Morfino sibilou e virou o rosto para o lado dos ruídos, a expressão

voraz. Mérope ergueu a cabeça. Seu rosto, Harry viu, estava absolutamente branco.

– Meu Deus, que monstruosidade! – ouviu-se uma voz de garota, claramente audível pela janela aberta como se estivesse na sala. – Será que seu pai não podia mandar remover esse casebre, Tom?

– Não é nosso – respondeu uma voz jovem. – Tudo do outro lado do vale nos pertence, mas essa casa pertence a um velho pobretão chamado Gaunt e aos filhos dele. O rapaz é bem maluco, você devia ouvir as histórias que contam na aldeia...

A moça riu. Os sons de metal e cascos aumentaram. Morfino fez menção de levantar da poltrona.

– *Fique sentado* – disse o pai em tom de aviso, em linguagem de cobra.

– Tom – falou a moça, agora tão próximo que deviam estar ao lado da casa –, será que me enganei ou alguém pregou uma cobra naquela porta?

– Santo Deus, você tem razão! – disse a voz masculina. – Deve ter sido o filho, eu não disse que ele não era bom da cabeça? Não olhe, Cecília, querida.

Os sons de metal e cascos foram se distanciando.

– *Querida* – murmurou Morfino naquela linguagem, olhando para a irmã. – *Chamou a moça de querida. Então não ia mesmo querer você.*

Mérope estava tão pálida que Harry teve certeza de que ela ia desmaiar.

– *Que foi, Morfino?* – perguntou Gaunt rispidamente, na mesma linguagem, seus olhos indo do filho para a filha. – *Que foi que você disse, Morfino?*

– *Ela gosta de olhar o trouxa*. – Com uma expressão cruel, Morfino encarou a irmã, que agora parecia aterrorizada. – *Sempre no jardim quando ele passa, espiando pela cerca, não é? E a noite passada...*

Mérope sacudiu a cabeça freneticamente, implorando, mas Morfino continuou sem se condoer:

– *... Pendurada na janela esperando ele voltar para casa, não é?*

– P*endurada na janela para olhar um trouxa?* – disse Gaunt em voz baixa.

Os três Gaunt pareciam ter se esquecido de Ogden, que assistia ao mesmo tempo pasmo e irritado a essa nova erupção de silvos e estridências.

– *É verdade?* – perguntou Gaunt implacável, dando uns passos em direção à filha apavorada. – *Minha filha, uma pura descendente de Salazar Slytherin, suspirando por um trouxa nojento de veias imundas?*

Mérope sacudiu a cabeça com veemência, comprimindo-se contra a parede, aparentemente incapaz de falar.

– *Mas eu peguei ele, pai!* – disse Morfino às gargalhadas. – *Peguei quando passou por aqui e ele não ficou nada bonito coberto de urticária, ficou, Mérope?*

– *Sua bruxinha abortada nojenta, sua traidorazinha do sangue!* – urrou

Gaunt, descontrolado, apertando o pescoço da filha.
Harry e Ogden berraram “Não!” ao mesmo tempo; Ogden ergueu a varinha e ordenou:
– *Relaxo!* – Gaunt foi lançado para longe da filha; tropeçou em uma cadeira e estatelou-se de costas. Com um rugido de fúria, Morfino saltou da poltrona e avançou para Ogden, brandindo a faca ensanguentada e disparando, indiscriminadamente, azarações com a varinha.
Ogden fugiu desabalado. Dumbledore fez sinal que deviam segui-lo, e Harry obedeceu, os gritos de Mérope ecoando em seus ouvidos.
Ogden disparou pela trilha e irrompeu pela estrada principal, os braços protegendo a cabeça, e colidindo com o lustroso cavalo de um rapaz muito bonito, de cabelos castanhos. Ele e a linda moça que cavalgava ao seu lado caíram na risada ao verem Ogden bater na ilharga do cavalo, quicar e retomar a corrida errante pela estrada, a casaca voando, coberto de pó da cabeça aos pés.
– Acho que já basta, Harry – disse Dumbledore, batendo em seu braço. No momento seguinte, os dois estavam voando imponderáveis pela escuridão; por fim, aterrissaram de pé no escritório de Dumbledore, agora iluminado pelo crepúsculo.
– Que aconteceu com a garota na casa? – foi a primeira pergunta de Harry quando Dumbledore acendia mais lâmpadas com um toque de varinha. – Mérope, ou o nome que fosse.
– Ah, ela sobreviveu – respondeu o diretor, se acomodando à escrivaninha e fazendo sinal para que Harry se sentasse também. – Ogden aparatou até o Ministério e voltou, quinze minutos depois, com reforços. Morfino e o pai tentaram lutar, mas os dois foram subjugados, levados da casa e, mais tarde, condenados pela Suprema Corte dos Bruxos. Morfino, já fichado por ataques a trouxas, foi condenado a três anos em Azkaban. Servolo, que ferira vários funcionários do Ministério além de Ogden, recebeu uma pena de seis meses de prisão.
– Servolo? – repetiu Harry em tom de indagação.
– Exato – respondeu Dumbledore, aprovando-o com um sorriso. – Fico satisfeito que esteja acompanhando.
– O velho era...?
– O avô de Voldemort. Servolo, seu filho Morfino e sua filha Mérope foram os últimos Gaunt, uma família bruxa muito antiga conhecida por sua índole instável e violenta que se transmitiu através de gerações devido ao hábito de casarem entre primos. A falta de juízo associada à mania de grandeza redundou na dissipação do ouro da família muitas gerações antes de Servolo nascer. Ele viveu, como você bem viu, em condições sórdidas e miseráveis, dono de um

péssimo gênio e uma arrogância e um orgulho desmedidos, além de alguns objetos de família que ele valorizava tanto quanto o filho e muito mais do que a filha.

– Então Mérope – perguntou Harry, curvando-se para a frente e encarando Dumbledore –, então Mérope era... senhor, quer dizer que Mérope era... a mãe de *Voldemort*?

– Exato. E por acaso vimos de relance o pai de Voldemort. Você registrou?

– O trouxa que Morfino atacou? O homem a cavalo?

– Muito bem – elogiou Dumbledore com um largo sorriso. – Aquele era Tom Riddle, pai, o trouxa bonitão que passava cavalgando pela casa dos Gaunt e por quem Mérope nutria uma paixão ardente e secreta.

– E eles acabaram se casando? – perguntou Harry, incrédulo e incapaz de imaginar duas pessoas com menos probabilidade de se apaixonarem.

– Acho que você está esquecendo – acrescentou Dumbledore – que Mérope era bruxa. Acredito que os seus poderes mágicos não se manifestassem favoravelmente enquanto esteve aterrorizada pelo pai. Mas uma vez que Servolo e Morfino foram trancafiados em Azkaban, uma vez que ela se viu livre e sozinha pela primeira vez na vida, estou certo que pôde dar rédeas à sua capacidade e planejar sua fuga da vida desesperada que levara durante dezoito anos.

“Você não consegue pensar em nada que Mérope pudesse ter feito para obrigar Tom Riddle a esquecer a companheira trouxa e se apaixonar por ela?”

– A Maldição Imperius? – arriscou Harry. – Ou uma poção de amor?

– Muito bom. Pessoalmente, me inclino mais para a poção de amor. Estou certo de que teria parecido a Mérope mais romântico e não teria sido muito difícil, em um dia de calor, quando Riddle estivesse cavalgando sozinho, persuadi-lo a beber uma água. Em todo caso, alguns meses depois da cena que acabamos de presenciar, a aldeia de Little Hangleton deliciou-se com um espantoso escândalo. Você pode imaginar o falatório que houve quando o filho do senhor das terras locais fugiu com Mérope, a filha do vagabundo.

“Mas o choque dos aldeões não se comparou ao de Servolo. Ele voltou de Azkaban, imaginando que encontraria a filha aguardando obediente o seu retorno, com uma refeição quente à mesa. Em vez disso, encontrou bem uns três centímetros de poeira e um bilhete de adeus, em que ela explicava o que fizera.

“Pelo que pude descobrir, daquele dia em diante ele nunca mais mencionou o nome da filha ou a sua existência. O choque de sua deserção talvez tenha contribuído para sua morte prematura – ou talvez ele simplesmente nunca tivesse aprendido a preparar a própria comida. Azkaban o enfraquecera muito, e Servolo não viveu o bastante para ver o regresso de Morfino a casa.”

– E Mérope? Ela... ela morreu, não foi? Voldemort não foi criado em um orfanato?
– É verdade. Aqui, temos de usar um pouco a imaginação, embora não ache que seja difícil deduzir o que aconteceu. Alguns meses depois de fugir para casar, Tom Riddle reapareceu na casa senhorial de Little Hangleton sem a mulher. Correu pela vizinhança o boato de que alegava ter sido “ludibriado” e “abusado em sua boa-fé”. O que quis dizer, sem dúvida, é que estivera enfeitiçado e finalmente se libertara, embora eu presuma que não se atrevesse a usar os termos exatos com medo de que o julgassem louco. Quando souberam da sua história, os aldeões imaginaram que Mérope tivesse mentido a Tom Riddle, fingindo que ia ter um filho dele, razão pela qual o rapaz se casara.
– Mas ela teve *realmente* um filho dele.
– Teve, mas somente um ano depois de casarem. Tom Riddle deixou-a quando ainda estava grávida.
– Qual foi o problema? – perguntou Harry. – Por que passou o efeito da poção de amor?
– Mais uma vez, estou imaginando – explicou Dumbledore –, mas acredito que Mérope, que estava profundamente apaixonada pelo marido, não suportou a ideia de continuar a escravizá-lo por artes mágicas. Acredito que tenha decidido parar de lhe dar a poção. Talvez estivesse convencida de que, àquela altura, a paixão já fosse mútua. Talvez pensasse que ele não a deixaria por causa do bebê. Se assim foi, enganou-se em ambos os casos. Ele a abandonou, nunca mais a viu e nunca se preocupou em descobrir o que acontecera ao filho.
O céu lá fora estava nanquim, e as luzes no escritório de Dumbledore pareciam brilhar mais fortemente do que antes.
– Acho que já é o suficiente, por hoje, Harry – disse Dumbledore instantes depois.
– Sim, senhor.
Harry se pôs de pé, mas não se retirou.
– Senhor... é importante conhecer tudo isso sobre o passado de Voldemort?
– Muito importante, acho.
– E... tem alguma coisa a ver com a profecia?
– Tem tudo a ver com a profecia.
– Certo – aceitou Harry um pouco confuso, mas ainda assim mais tranquilo.
Virou-se para sair, então lhe ocorreu mais uma pergunta, e ele deu meia-volta.
– Senhor, tenho permissão para contar a Rony e Hermione tudo que o senhor me contou?
Dumbledore estudou-o por um momento e em seguida respondeu:
– Tem, acho que o sr. Weasley e a srta. Granger se provaram dignos de

confiança. Mas, Harry, vou pedir que recomende a eles para não repetirem nada disso para mais ninguém. Não seria uma boa ideia se vazasse o quanto sei ou suspeito dos segredos de Lorde Voldemort.

– Não, senhor, vou garantir que apenas Rony e Hermione saibam. Boa-noite.

Ele deu as costas e estava quase na porta quando o viu. Em cima de uma das mesinhas de pernas finas que suportavam tantos objetos de prata de aparência frágil havia um feio anel de ouro com uma enorme pedra negra e rachada.

– Senhor – comentou Harry fixando o objeto. – Aquele anel...

– Sim?

– O senhor estava usando-o na noite em que visitamos o professor Slughorn.

– De fato estava – concordou o bruxo.

– Mas não é... senhor, não é o mesmo anel que Servolo Gaunt mostrou a Ogden?

Dumbledore assentiu.

– O mesmíssimo.

– Então como é...? O senhor sempre o teve?

– Não, eu o adquiri muito recentemente. Aliás, poucos dias antes de ir buscá-lo na casa de seus tios.

– Teria sido mais ou menos na época em que o senhor feriu sua mão, senhor?

– Mais ou menos naquela época, sim, Harry.

Harry hesitou. Dumbledore estava sorrindo.

– Senhor, como foi exatamente...?

– É muito tarde, Harry. Você ouvirá a história outro dia. Boa-noite.

– Boa-noite, senhor.

— CAPÍTULO ONZE —

A ajudinha de Hermione

Tal como Hermione previra, os períodos livres do sexto ano não eram as horas de abençoada descontração imaginadas por Rony, mas aquelas em que se tentava dar conta da vasta quantidade de deveres que eram passados. Não somente eles estavam estudando como se tivessem exames diariamente, mas as aulas em si estavam exigindo mais do que nunca. Harry mal entendia metade do que a professora McGonagall dizia ultimamente; até Hermione precisava lhe pedir para repetir as instruções uma ou duas vezes. Por incrível que pudesse parecer, e para a raiva crescente de Hermione, de repente Poções se tornara a matéria em que Harry se saía melhor, graças ao Príncipe Mestiço.

Agora esperavam que os alunos realizassem feitiços não verbais, não apenas em Defesa Contra as Artes das Trevas, mas em Feitiços e Transfiguração também. Era frequente Harry olhar para os colegas na sala comunal, ou à hora das refeições, e constatar que o esforço os deixava púrpura, como se tivessem exagerado em O-aperto-você-sabe-onde, embora ele soubesse que, na realidade, estavam tentando realizar feitiços sem pronunciar os encantamentos em voz alta. Era um alívio ir para as estufas; em Herbologia estavam lidando com plantas mais perigosas que nunca, mas pelo menos tinham permissão de xingar em voz alta se um dos Tentáculos Venenosos os agarrasse inesperadamente pelas costas.

Um dos resultados da enorme carga de trabalho e das horas frenéticas em que praticavam feitiços não verbais foi que Harry, Rony e Hermione não tinham arranjado tempo para visitar Hagrid até aquele momento. Ele parara de fazer refeições à mesa dos professores, um mau sinal, e, nas poucas ocasiões em que tinham se encontrado nos corredores ou nos jardins, misteriosamente ele não os vira nem ouvira seus cumprimentos.

– Precisamos ir nos explicar – disse Hermione, olhando para a enorme cadeira vazia de Hagrid, à mesa dos professores, ao café da manhã do sábado seguinte.

– Hoje de manhã temos os testes de quadribol! – lembrou Rony. – *E* devíamos

estar praticando o Feitiço *Aguamenti* para o Flitwick! Mas, afinal, explicar o quê? Como é que vamos dizer a ele que detestávamos aquela matéria idiota?

– Não detestávamos! – protestou Hermione.

– Fale por você, eu ainda não me esqueci dos explosivins – replicou Rony de mau humor. – E vou dizer uma coisa, escapamos por pouco. Você não ouviu Hagrid falando daquele irmão retardado dele: se tivéssemos ficado, íamos acabar ensinando o Grope a amarrar os cordões dos sapatos.

– Odeio essa história de não falar com o Hagrid! – exclamou Hermione aborrecida.

– Iremos até lá depois dos testes de quadribol – Harry tranquilizou-a. Ele também sentia falta de Hagrid, embora, como Rony, achasse que estavam melhor sem o Grope em suas vidas. – Mas, pelo número de pessoas que se inscreveram, os testes podem levar a manhã toda. – Sentia-se ligeiramente nervoso com a ideia de enfrentar sua primeira tarefa como capitão. – Não sei por que de repente a equipe ficou tão popular.

– Ah, fala sério, Harry – impacientou-se Hermione. – Não foi o *Quadribol* que ficou popular, foi você! Você nunca foi tão interessante e, para ser sincera, nunca foi tão desejável.

Rony engasgou com um pedaço grande demais de peixe salgado. Hermione lançou-lhe um olhar de desprezo e retomou a conversa com Harry.

– Agora todo o mundo sabe que você esteve dizendo a verdade, não é? O mundo bruxo teve de admitir que você estava certo sobre o retorno de Voldemort e que realmente o enfrentou duas vezes nos últimos dois anos, e sobreviveu às duas. E agora estão chamando você de “O Eleito”: bem, fala sério, você não entende por que as pessoas estão fascinadas por você?

De repente Harry começou a achar o Salão Principal muito quente, embora o teto ainda se apresentasse frio e chuvoso.

– *E* sofreu toda aquela perseguição do Ministério que tentou passar a imagem de que você era instável e mentiroso. Ainda dá para ver as marcas das detenções em que aquela mulher maligna fez você escrever com o próprio sangue, mas você sustentou sua história...

– Ainda dá para ver as marcas deixadas pelos miolos que me agarraram no Ministério, olhe – disse Rony, sacudindo as mangas para cima.

– E não foi nada mal você ter crescido uns trinta centímetros no verão – concluiu Hermione, sem dar atenção a Rony.

– Eu sou alto – insistiu Rony ilogicamente.

O correio-coruja chegou, as aves mergulharam pelas janelas salpicadas de chuva, espalhando pingos de água em todo o mundo. A maioria dos alunos estava recebendo mais correspondência que o normal; pais ansiosos queriam

saber notícias dos filhos e, por sua vez, tranquilizá-los de que tudo corria bem em casa. Harry não recebera nada desde o início do trimestre; seu único correspondente habitual agora estava morto e, embora ele tivesse alimentado esperanças de que Lupin fosse lhe escrever ocasionalmente, até ali tinha se desapontado. Ficou, portanto, muito surpreso, ao ver a alvíssima Edwiges circular entre as corujas castanhas e cinzentas. A ave pousou diante dele trazendo um embrulho grande e quadrado. Um instante depois, um embrulho idêntico foi deixado à frente de Rony, esmagando sob o seu peso sua coruja minúscula e exausta, Pichitinho.

– Ah! – exclamou Harry abrindo o embrulho e encontrando um exemplar novo de *Estudos avançados no preparo de poções* enviado pela Floreios e Borrões.

– Que bom – disse Hermione, satisfeita. – Agora você pode devolver aquele exemplar rabiscado.

– Ficou maluca? Não vou devolver nada! Olhe, estive pensando...

Harry tirou o exemplar velho de dentro da mochila e deu um toque de varinha na capa, murmurando: "*Diffindo!*" A capa se soltou. Ele fez o mesmo com o exemplar novo (Hermione ficou escandalizada). Trocou então as capas, deu um toque de varinha em cada uma e disse: "*Reparo!*"

Ali estava o exemplar do Príncipe, disfarçado de livro novo, e o exemplar novo da Floreios e Borrões, parecendo de segunda mão.

– Vou devolver o novo a Slughorn. Ele não pode se queixar, custou nove galeões.

Hermione comprimiu os lábios, expressando sua raiva e desaprovação, mas foi distraída por uma terceira coruja que pousou à sua frente trazendo o exemplar do *Profeta Diário*. Abriu-o depressa e correu os olhos pela primeira página.

– Morreu alguém conhecido? – perguntou Rony num tom deliberadamente displicente; fazia a mesma pergunta toda vez que a amiga abria o jornal.

– Não, mas houve novos ataques de dementadores. E uma prisão.

– Excelente, de quem? – perguntou Harry, pensando em Belatriz Lestrange.

– Stanislau Shunpike – informou Hermione.

– Quê?! – exclamou Harry pasmo.

– "*Stanislau Shunpike, condutor do popular transporte bruxo Nôitibus, foi preso sob suspeita de atividades ligadas aos Comensais da Morte. O sr. Shunpike, 21 anos, foi detido ontem à noite após uma blitz na casa dos Clapham*..."

– O Lalau, Comensal da Morte? – admirou-se Harry lembrando o rapaz espinhento que conhecera três anos antes. – Nem pensar!

– Ele podia estar dominado por uma Maldição Imperius – argumentou Rony. –

Nunca se sabe.
– Parece que não – replicou Hermione, que continuava lendo. – Diz aqui que ele foi preso depois que o ouviram conversar sobre os planos secretos dos Comensais da Morte em um bar. – Ela ergueu a cabeça com uma expressão perturbada no rosto. – Se estivesse mesmo dominado por uma Maldição Imperius, ele jamais ficaria por aí fofocando sobre os planos deles, não é?
– Pelo jeito, ele estava tentando fingir que sabia mais do que realmente sabia – falou Rony. – Não foi ele que disse que ia ser ministro da Magia quando estava paquerando aquelas veelas?
– É, foi – respondeu Harry. – Não sei que brincadeira é essa de levarem o Lalau a sério.
– Provavelmente o Ministério quer mostrar serviço – comentou Hermione franzindo a testa. – As pessoas estão aterrorizadas: você soube que os pais das gêmeas Patil querem que elas voltem para casa? E já tiraram Heloísa Midgeon da escola. O pai a levou ontem à noite.
– Quê! – exclamou Rony arregalando os olhos para Hermione. – Mas Hogwarts é mais segura do que a casa dos alunos, tem de ser! Temos aurores e todos aqueles feitiços de proteção a mais, e temos Dumbledore!
– Acho que não temos Dumbledore o tempo todo – replicou Hermione muito baixinho, olhando para a mesa dos professores por cima do *Profeta*. – Você ainda não reparou? Na semana passada a cadeira dele esteve vazia tantas vezes quanto a de Hagrid.
Harry e Rony olharam para a mesa dos professores. A cadeira do diretor estava de fato desocupada. Agora que parava para pensar, Harry não via Dumbledore desde a aula particular da semana anterior.
– Acho que ele saiu para resolver algum assunto na Ordem – arriscou Hermione em voz baixa. – Quero dizer... as coisas parecem bem sérias, não é?
Harry e Rony não responderam, mas Harry sabia que estavam pensando a mesma coisa. Acontecera um incidente horrível na véspera: tinham chamado Ana Abbott na aula de Herbologia para lhe informar que a mãe fora encontrada morta. Desde então, não tinham mais visto a colega.
Quando deixaram a mesa da Grifinória, cinco minutos depois, para ir ao campo de quadribol, passaram por Lilá Brown e Parvati Patil. Harry, lembrando o comentário de Hermione de que os pais das gêmeas Patil queriam tirá-las de Hogwarts, não se surpreendeu ao ver as duas grandes amigas cochichando, aflitas. O que o surpreendeu foi ver Parvati de repente cutucar Lilá, quando Rony emparelhou com elas, e Lilá se virar e dar um enorme sorriso para o garoto. Rony piscou e, hesitante, retribuiu o sorriso. Instantaneamente, mudou o seu modo de andar, empertigando-se como um pavão. Harry resistiu à tentação

de rir, lembrando que o amigo também se controlara quando Malfoy lhe quebrara o nariz; Hermione, no entanto, assumiu um ar frio e distante durante a descida para o estádio sob a chuva fria e nevoenta, e saiu para procurar um lugar nas arquibancadas, sem desejar boa sorte a Rony.

Conforme Harry previra, os testes ocuparam a maior parte da manhã. Metade dos alunos da Grifinória parecia ter comparecido, desde os do primeiro ano, que seguravam nervosos uma seleção de horríveis vassouras velhas de escola, até os do sétimo, que, por serem muito mais altos que os demais, aparentavam um ar tranquilo e superior. Este último grupo incluía um rapaz robusto de cabelos duros que Harry imediatamente reconheceu do Expresso de Hogwarts.

– A gente se encontrou no trem, no compartimento do velho Slugue – disse ele, confiante, destacando-se da multidão para apertar a mão de Harry. – Córmaco McLaggen, goleiro.

– Você não fez teste o ano passado, fez? – perguntou Harry, notando a corpulência de McLaggen e considerando que ele provavelmente bloquearia os três aros de gol sem sequer se mexer.

– Eu estava na ala hospitalar quando fizeram os testes – disse McLaggen, expressando segurança. – Comi meio quilo de ovos de fada mordente para ganhar uma aposta.

– Certo – disse Harry. – Bem... se puder esperar lá...

Ele apontou para a lateral do campo, perto do lugar em que Hermione estava sentada. Pensou ter visto uma ligeira contrariedade perpassar a fisionomia de McLaggen, e ficou imaginando se o colega esperava um tratamento preferencial pelo fato de serem ambos favoritos do "velho Sluguinho".

Harry resolveu começar por um teste básico, pedindo aos candidatos para se dividirem em grupos de dez e voarem uma vez em volta do campo. Foi uma boa decisão: os dez primeiros eram calouros e não poderia ter ficado mais claro que não estavam habituados a voar. Apenas um dos garotos conseguiu se manter no ar por mais de alguns segundos, e foi tal a sua surpresa que ele em seguida bateu em uma das balizas.

O segundo grupo era formado por dez das garotas mais bobas que Harry já encontrara na vida e que, quando ele apitou, simplesmente ficaram rindo demais e se agarrando umas nas outras. Entre elas, Romilda Vane. Quando mandou-as sair do campo, obedeceram muito contentes e foram sentar nas arquibancadas, de onde ficaram perturbando todo o mundo.

O terceiro grupo engavetou na metade da volta em torno do campo. A maior parte do quarto grupo não tinha trazido vassouras. O quinto grupo era formado por alunos da Lufa-Lufa.

– Se tiver mais alguém aqui que não seja da Grifinória – berrou Harry, que

estava começando a se sentir seriamente aborrecido –, por favor, se retire agora!

Fez-se silêncio e logo dois aluninhos da Corvinal saíram correndo do campo, abafando risadinhas.

Depois de duas horas, muitas reclamações e vários acessos de raiva, um deles envolvendo uma Comet 260 acidentada e vários dentes partidos, Harry descobrira três artilheiros: Katie Bell, que voltava ao time após um excelente teste, uma novata, Demelza Robins, particularmente ágil em se desviar de balaços, e Gina Weasley, que voara melhor que todos os candidatos e, de quebra, marcara dezessete gols. Harry, embora satisfeito com suas escolhas, ficara rouco de tanto gritar com os muitos descontentes, e agora estava enfrentando batalha semelhante com os batedores recusados.

– Esta é a minha decisão final, e se não desimpedirem o campo para os goleiros, vou azarar todos vocês – urrou ele.

Nenhum dos batedores selecionados possuía a antiga genialidade de Fred e Jorge, mas Harry ficou razoavelmente satisfeito: Jaquito Peakes, um terceiranista baixo, mas de peito largo que conseguira fazer um galo do tamanho de um ovo na nuca de Harry batendo um balaço com ferocidade, e Cadu Coote, que parecia franzino mas tinha boa pontaria. Eles agora tinham ido se reunir aos outros nas arquibancadas para acompanhar a seleção do último membro da equipe.

De propósito, Harry deixara o teste dos goleiros para o fim, na esperança de ter um estádio menos cheio e menos pressão sobre os envolvidos. Infelizmente, porém, todos os candidatos recusados e um bom número de pessoas que aparecera para assistir aos testes depois de um demorado café da manhã tinham engrossado a multidão, agora maior que nunca. Quando um goleiro voava até as balizas, a multidão incentivava ou vaiava com igual disposição. Harry olhou para Rony, que não conseguia controlar seu nervosismo: tivera esperança de que a vitória na partida decisiva do semestre anterior o curasse, mas agora via que não: um delicado tom de verde coloria o rosto do amigo.

Nenhum dos primeiros cinco candidatos pegou mais de dois gols cada. Para grande desapontamento de Harry, Córmaco McLaggen defendeu quatro dos cinco lançamentos. No último, no entanto, voou exatamente na direção oposta; a multidão riu e vaiou, e o rapaz voltou para o chão rangendo os dentes.

Rony parecia prestes a desmaiar, quando montou a sua Cleansweep Onze.

– Boa sorte! – gritou uma voz das arquibancadas. Harry se virou esperando ver Hermione, mas era Lilá Brown. Ele teria gostado muito de tapar o rosto com as mãos, como fez a garota pouco depois, mas achou que, como capitão, devia demonstrar um pouco mais de coragem, e preparou-se para assistir ao teste de Rony.

Não precisava ter se preocupado: o amigo defendeu uma, duas, três, quatro,

cinco penalidades seguidas. Feliz e se contendo a custo para não fazer coro aos gritos da multidão, Harry se voltou para McLaggen para lhe comunicar que, infelizmente, Rony o vencera, mas deparou com a cara vermelha do rapaz a centímetros da sua. Recuou rápido.

– A irmã dele não se empenhou de verdade – disse McLaggen em tom de ameaça. Havia uma veia latejando em sua têmpora como a que Harry muitas vezes admirara no tio Válter. – Ela facilitou para o irmão.

– Besteira – replicou Harry friamente. – Esse foi o que ele quase perdeu.

McLaggen chegou mais perto de Harry, que desta vez enfrentou-o.

– Me dá outra chance.

– Não, você teve a sua chance. Defendeu quatro. Rony defendeu cinco. Rony é o goleiro, ele conquistou o lugar honestamente. Saia da minha frente.

Harry pensou por um momento que o rapaz fosse lhe dar um soco, mas ele se contentou em fazer uma careta e se afastou, enfurecido, aparentemente vociferando ameaças para o ar.

Quando Harry se virou, encontrou a nova equipe sorrindo para ele.

– Parabéns – disse rouco. – Vocês voaram realmente bem...

– Você foi genial, Rony!

Desta vez era realmente Hermione que vinha correndo das arquibancadas; Harry viu Lilá sair do campo com Parvati, com uma expressão mal-humorada no rosto. Rony parecia extremamente prosa e até mais alto do que o normal ao se virar sorrindo para a equipe e para Hermione.

Depois de marcar o primeiro treino para a quinta-feira seguinte, Harry, Rony e Hermione se despediram do resto da equipe e se dirigiram à casa de Hagrid. Um sol aguado tentava romper as nuvens, agora que finalmente parara de chuviscar. Harry sentia muita fome; esperava que houvesse alguma coisa para comer na casa de Hagrid.

– Pensei que ia perder o quarto pênalti – comentou Rony contente. – Foi um arremesso esperto da Demelza, você viu, com um ligeiro efeito...

– Foi, foi, você foi magnífico – disse Hermione, parecendo achar graça.

– Fui melhor que o McLaggen – disse ele em tom muito satisfeito. – Vocês viram ele saindo na direção oposta no quinto? Parecia que tinha sido confundido...

Para surpresa de Harry, Hermione ficou muito vermelha ao ouvir isso. Rony não notou; estava ocupado demais descrevendo carinhosamente cada uma das penalidades em detalhe.

O enorme hipogrifo cinzento, Bicuço, estava amarrado à frente da cabana de Hagrid. Bateu o afiadíssimo bico quando os garotos se aproximaram virando a cabeçorra para eles.

– Nossa! – exclamou Hermione nervosa. – Ele ainda dá medo, não acham?
– Fala sério, você já montou nele! – disse Rony.
Harry se adiantou e fez uma profunda reverência para o hipogrifo, mantendo o contato visual com o animal, sem piscar. Segundos depois, Bicuço se curvou também.
– Como vai indo? – perguntou Harry em voz baixa, aproximando-se para acariciar as penas de sua cabeça. – Sente falta dele? Mas você está bem aqui com o Hagrid, não é verdade?
– Oi! – gritou uma voz.
Hagrid saíra de um canto da cabana usando um grande avental florido e trazendo um saco de batatas na mão. Seu enorme cão, Canino, que o acompanhava de perto, deu um tremendo latido e avançou para os garotos.
– Para trás! Ele vai comer seus dedos... ah, são vocês.
Canino cumprimentava Hermione e Rony aos pulos, tentando lamber suas orelhas. Hagrid parou, olhou-os por uma fração de segundo, e depois virou as costas e entrou na cabana batendo a porta.
– Ah, não! – exclamou Hermione, apreensiva.
– Não se preocupem – disse Harry mal-humorado, indo até a porta e batendo com força.
– Hagrid! Abre, queremos falar com você!
Não houve resposta dentro da casa.
– Se você não abrir a porta, vamos arrombá-la! – ameaçou Harry puxando a varinha.
– Harry! – exclamou Hermione chocada. – Não é possível...
– É, sim! – retrucou Harry. – Cheguem para trás...
Mas, antes que pudesse continuar a falar, a porta se escancarou e Hagrid surgiu com um ar agressivo e, apesar do avental florido, decididamente assustador.
– Sou um professor! – urrou para Harry. – Um professor, Potter! Como se atreve a ameaçar arrombar minha porta!
– Peço desculpas, *senhor* – disse Harry, sublinhando a última palavra enquanto guardava a varinha no bolso interno das vestes.
Hagrid pareceu confuso.
– Desde quando *você* me chama de “senhor”?
– Desde quando você me chama de “Potter”?
– Ah, muito esperto – rosnou Hagrid. – Muito engraçado. Ganhou, não é? Muito bem, então entrem, seus ingratinhos...
Resmungando sombriamente, ele recuou para deixá-los passar. Hermione entrou depressa atrás de Harry, muito assustada.

– Então – disse Hagrid rabugento, enquanto Harry, Rony e Hermione se sentavam à sua enorme mesa de madeira. Canino descansou imediatamente a cabeça no joelho de Harry, babando-lhe as vestes. – Que foi? Sentiram pena de mim? Concluíram que eu estava solitário ou outra coisa qualquer?

– Não – retorquiu Harry. – Queríamos ver você.

– Sentimos saudades de você – disse Hermione, trêmula.

– Sentiram saudades, foi? – perguntou Hagrid, bufando. – Tá. Tá bem.

Ele andou pisando forte pela casa, preparando o chá em sua enorme chaleira de cobre, entre resmungos. Por fim, bateu na mesa, diante dos garotos, três canecas, verdadeiros baldes, cheias de chá escuro, e um prato de bolinhos duros com frutas secas. A fome de Harry era suficiente até para encarar a comida de Hagrid, e ele se serviu logo.

– Hagrid – arriscou Hermione timidamente, quando ele veio se sentar à mesa e começou a descascar batatas com uma violência tal que sugeria que cada uma lhe fizera uma grande afronta –, nós queríamos continuar a estudar Trato das Criaturas Mágicas, sabe.

Hagrid deu outro enorme bufo pelo nariz. Harry pensou ter visto algumas melecas irem parar nas batatas e intimamente agradeceu que não fosse ficar para jantar.

– Queríamos, sim! – insistiu Hermione. – Mas não conseguimos encaixar sua matéria nos nossos horários!

– É, sei – tornou a concordar Hagrid.

Houve um estranho ruído de sucção e todos se viraram para olhar: Hermione deixou escapar um gritinho, e Rony saltou da cadeira, deu a volta à mesa e foi examinar uma barrica a um canto, em que tinham acabado de reparar. Estava cheia de bichos que se contorciam e lembravam larvas de trinta centímetros de comprimento, brancas e viscosas.

– Que é isso, Hagrid? – perguntou Harry, tentando parecer interessado em vez de enojado, mas largando o seu bolinho.

– Vermes gigantes – respondeu ele.

– E quando eles crescem viram...? – indagou Rony, apreensivo.

– Não viram nada, comprei esses para alimentar Aragogue.

E, inesperadamente, ele caiu no choro.

– Hagrid! – exclamou Hermione, levantando-se e contornando a mesa para evitar a barrica e abraçar o amigo pelos ombros trêmulos. – Que aconteceu?

– Ele... – Hagrid engoliu em seco, seus olhos de besouro vertendo lágrimas ao mesmo tempo que enxugava o rosto com o avental. – ... Aragogue... acho que está morrendo... ficou doente no verão e não melhorou... Não sei o que vou fazer se ele... se ele... estamos juntos há tanto tempo...

Hermione deu palmadinhas carinhosas no ombro de Hagrid, parecendo completamente perdida, sem saber o que dizer. Harry sabia como ela estava se sentindo. Já tinha visto Hagrid presentear um dragão-bebê feroz com um ursinho de pelúcia, já o tinha visto ninar enormes escorpiões com sugadores e ferrões, tentar argumentar com o brutamontes estúpido que era seu irmão, mas esta agora talvez fosse a sua fantasia com monstros mais incompreensível: Aragogue, a gigantesca aranha falante que morava no âmago da Floresta Proibida e da qual ele e Rony tinham escapado por um triz fazia quatro anos.

– Tem alguma... tem alguma coisa que a gente possa fazer? – perguntou Hermione, desconsiderando os frenéticos acenos de cabeça e caretas de Rony.

– Acho que não, Hermione – respondeu Hagrid com a voz sufocada, tentando conter o dilúvio de lágrimas. – Sabe, o resto da tribo... da família de Aragogue... está ficando meio esquisita, agora que ele está doente... meio intratável...

– Sei, acho que conhecemos um pouco esse lado deles – insinuou Rony.

– ... acho que não seria seguro para ninguém, a não ser eu, se aproximar da colônia neste momento – concluiu Hagrid, assoando o nariz com força no avental e levantando a cabeça. – Mas obrigado pelo oferecimento, Hermione... significa muito...

Depois disso a atmosfera ficou bem mais leve, porque ainda que Harry e Rony não tivessem manifestado a menor disposição de levar os gigantescos vermes para a aranha assassina e gargantuélica, Hagrid pareceu acreditar que teriam gostado de fazê-lo, e voltou ao seu natural.

– Ãh, eu sempre soube que vocês teriam dificuldade em me encaixar nos seus horários – disse rouco, servindo-os de mais um pouco de chá. – Mesmo que requisitassem vira-tempos...

– O que não poderíamos ter feito – explicou Hermione. – Destruímos o estoque inteiro de vira-tempos do Ministério quando estivemos lá no verão. Deu no *Profeta Diário*.

– Ah, então. Não tinha jeito de encaixar... Desculpe eu ter sido... entendem... andei muito preocupado com Aragogue... e me passou pela cabeça que se o professor fosse a Grubbly-Plank...

Ao que os três afirmaram categórica e mentirosamente que a professora Grubbly-Plank, que substituíra Hagrid algumas vezes, era uma péssima professora; em consequência, quando se despediram, ao anoitecer, Hagrid parecia muito contente.

– Estou morto de fome – disse Harry depois que a porta se fechou e eles saíram apressados pelos jardins escuros e desertos; ele largara o bolinho duro quando ouviu um ruído agourento de rachadura em um dente molar. – E tenho aquela detenção com o Snape hoje à noite. Não vai sobrar muito tempo para

jantar.
Quando chegaram ao castelo viram Córmaco McLaggen entrando no Salão Principal. O garoto fez duas tentativas de passar pelas portas; na primeira, ricocheteou no portal. Rony meramente riu, pretensioso, e entrou no salão atrás do colega, mas Harry pegou Hermione pelo braço e a fez parar.
– Que foi?! – exclamou ela em tom defensivo.
– Se alguém me perguntasse – disse ele em voz baixa –, eu diria que pelo visto McLaggen *foi* confundido. E ele estava bem diante do lugar em que você se sentou.
Hermione corou.
– Ah, tudo bem, fiz isso, sim – sussurrou ela. – Mas você devia ter ouvido o que ele estava falando de Rony e Gina! De qualquer modo, ele é genioso, você viu a reação dele quando não entrou para a equipe: você não ia querer um jogador assim.
– Não. Não, suponho que não. Mas não foi uma desonestidade, Hermione? Quero dizer, você é monitora, não é?
– Ah, calado! – protestou ela, fazendo-o rir.
– Que é que vocês dois estão fazendo? – quis saber Rony, reaparecendo à porta do Salão Principal, desconfiado.
– Nada – responderam os dois juntos apressando-se a seguir Rony. O cheiro do rosbife fez o estômago de Harry doer de fome, mas não tinham chegado a dar três passos em direção à mesa da Grifinória quando o professor Slughorn apareceu, bloqueando o seu caminho.
– Harry, Harry, exatamente a pessoa que eu queria ver – cumprimentou o professor cordialmente com o seu vozeirão, enrolando as pontas dos bigodes de leão-marinho e empinando a enorme barriga. – Eu estava na esperança de encontrá-lo antes do jantar! Que é que você me diz de fazer uma pequena ceia nos meus aposentos? Vamos dar uma festinha com meia dúzia de astros e estrelas em ascensão. Estarão lá o McLaggen, o Zabini e a encantadora Melinda Bobbin, não sei se você a conhece. A família é proprietária de uma grande cadeia de farmácias; e, naturalmente, gostaria muito que a srta. Granger me desse o prazer de comparecer também.
Slughorn fez uma breve reverência para Hermione ao concluir. Era como se Rony não estivesse presente; o professor nem olhou para ele.
– Não posso ir – apressou-se a dizer Harry. – Tenho de cumprir uma detenção com o professor Snape.
– Ai, ai, ai! – exclamou Slughorn com uma cômica expressão de desapontamento. – Que pena, eu estava contando com você! Bom, então vou dar uma palavrinha com o Snape explicando a situação, tenho certeza de que

conseguirei convencê-lo a adiar a detenção. É, vejo vocês dois mais tarde!
E saiu rápido do salão.
– Ele não tem a menor chance de convencer Snape – comentou Harry, assim que o professor se afastou o suficiente para não ouvir. – Essa detenção já foi adiada uma vez; Snape fez um favor a Dumbledore, mas não fará a mais ninguém.
– Ah, eu gostaria que você fosse. Não quero ir sozinha! – disse Hermione ansiosa. Harry sabia que ela estava pensando em McLaggen.
– Duvido que você fique sozinha. Gina provavelmente será convidada – retorquiu Rony, que não aceitou de boa vontade o fato de ter sido ignorado por Slughorn.
Depois do jantar, os três voltaram à Torre da Grifinória. A sala comunal estava apinhada, porque a maioria dos alunos já terminara o jantar, mas os garotos conseguiram arranjar uma mesa desocupada e se sentaram; Rony, que ficara mal-humorado desde o encontro com Slughorn, cruzou os braços e ficou olhando para o teto de testa franzida. Hermione apanhou um exemplar do *Profeta Vespertino* que alguém largara em uma cadeira.
– Alguma notícia nova? – perguntou Harry.
– Nova mesmo, não... – Hermione abriu o jornal e passou os olhos pelas páginas internas. – Ah, olhe, o seu pai está aqui, Rony, mas não é nada de ruim! – acrescentou depressa, porque o garoto olhara assustado. – Só diz que ele foi visitar a casa dos Malfoy. *"A segunda busca na residência dos Comensais da Morte aparentemente não produziu resultados. Arthur Weasley, da Seção para Detecção e Confisco de Feitiços Defensivos e Objetos de Proteção Forjados diz que sua equipe agiu em função de uma informação confidencial."*
– Foi minha! – disse Harry. – Contei a ele na estação de King's Cross sobre o Malfoy e aquela coisa que ele estava tentando fazer o Borgin consertar! Bom, se não está na casa deles, então o Malfoy deve ter trazido o tal objeto para Hogwarts...
– Mas como poderia ter feito isso, Harry? – perguntou Hermione, baixando o jornal, surpresa. – Todos fomos revistados quando chegamos, não é?
– Você foi? – admirou-se Harry. – Eu não!
– Claro que você não foi, esqueci que chegou mais tarde... bem, Filch fez uma varredura em todos nós com sensores de segredos quando pisamos no Saguão de Entrada. Qualquer objeto das Trevas teria sido encontrado, sei que ele confiscou uma cabeça mumificada do Crabbe. Então, Malfoy não pode ter trazido nada perigoso!
Momentaneamente desarmado, Harry ficou apreciando Gina brincar com Arnaldo, o mini-pufe, até poder contornar aquela objeção.

– Então alguém mandou o objeto por correio-coruja. A mãe ou outra pessoa qualquer.

– Todas as corujas estão sendo verificadas também – replicou Hermione. – Foi o que Filch nos disse quando estava enfiando aqueles sensores em todo lugar ao seu alcance.

Realmente atordoado, Harry não encontrou o que dizer. Parecia não haver meios de Malfoy ter trazido um objeto perigoso ou das Trevas para a escola. Ele olhou esperançoso para Rony, que estava sentado de braços cruzados, olhando para Lilá Brown.

– Você consegue pensar em algum meio de Malfoy...?

– Ah, esquece, Harry – disse Rony.

– Escute aqui, não é minha culpa que Slughorn só tenha convidado nós dois para essa festinha idiota, nem queríamos ir, sabe! – exclamou Harry se irritando.

– Bom, como não sou convidado para festa nenhuma – retrucou Rony se levantando –, acho que vou dormir.

E saiu mal-humorado em direção à porta do dormitório dos garotos, deixando Harry e Hermione de olhos arregalados.

– Harry? – chamou a nova artilheira Demelza Robins, aparecendo de repente ao seu lado. – Tenho um recado para você.

– Do professor Slughorn? – perguntou Harry, esticando-se esperançoso.

– Não. Do professor Snape. – Harry desapontou-se. – Ele manda dizer para você ir ao escritório dele às oito e meia para cumprir sua detenção... ah... não interessa quantos convites para festas você tenha recebido. E ele quer que você saiba que vai separar vermes bons dos podres para serem usados na aula de Poções, e... e diz também que não precisa levar luvas de proteção.

– Certo – disse Harry chateado. – Muito obrigado, Demelza.

— CAPÍTULO DOZE —

Pratas e Opalas

Onde estava Dumbledore e o que andava fazendo? Nas semanas seguintes, Harry avistou o diretor apenas duas vezes. Agora era raro ele comparecer às refeições, e Harry acreditou que Hermione tivera razão ao afirmar que Dumbledore se ausentava da escola por vários dias de cada vez. Será que ele se esquecera das aulas que Harry esperava que desse? Dumbledore dissera que as aulas teriam uma ligação com a profecia; Harry se sentira mais confiante, reconfortado, mas agora se sentia posto de lado.

Em meados de outubro, aconteceu o primeiro passeio do trimestre a Hogsmeade. Harry se perguntara se ainda seriam permitidos, dadas as medidas cada vez mais rigorosas em torno da escola, e ficou contente em saber que continuariam; era sempre bom sair dos terrenos do castelo por algumas horas.

Harry acordou cedo no dia do passeio, que amanhecera tempestuoso, e matou o tempo até a hora do café da manhã lendo o seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções*. Não tinha o hábito de ficar na cama lendo livros escolares; tal comportamento, dizia Rony com toda a razão, seria indecoroso em qualquer pessoa exceto Hermione, que era mesmo esquisita. Harry, porém, tinha a sensação de que o exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* do Príncipe Mestiço não era bem um livro escolar. Quanto mais o lia, mais se conscientizava da quantidade de informações que havia ali; não somente dicas providenciais e atalhos para o preparo de poções que lhe conquistavam uma reputação tão brilhante com Slughorn, como também pequenos feitiços e azarações anotadas à margem que Harry tinha certeza, a julgar pelos cortes e revisões, o próprio Príncipe inventara.

Harry já tentara realizar alguns desses feitiços inventados. Havia um que fazia as unhas do pé crescerem com assustadora rapidez (experimentara esse em Crabbe, quando ele passara no corredor, com resultados divertidos); outro que colava a língua no céu da boca (usara duas vezes, sob aplausos gerais, no incauto

Filch); e, talvez, o mais útil deles, o *Abaffiato*, um feitiço que invadia os ouvidos de quem estivesse próximo com um zumbido indefinível, permitindo que se pudesse conversar longamente em aula sem ser ouvido. A única pessoa que não achava graça em nada disso era Hermione, que fazia uma cara de rígida desaprovação durante as demonstrações e se recusava sequer a falar quando Harry usava o *Abaffiato* em alguém por perto.

Harry sentou-se na cama e virou o livro de lado para poder examinar mais atentamente as anotações referentes a um feitiço que parecia ter dado trabalho ao Príncipe. Havia muitos cortes e alterações, mas, finalmente, espremido em um canto da página, ele encontrou o rabisco:

Levicorpus (n vbl)

Enquanto o vento e o granizo martelavam incessantemente as janelas e Neville dormia dando fortes roncos, Harry fitava as letras entre parênteses. *N vbl*... isso tinha de significar não verbal. Harry duvidava um pouco que pudesse executá-lo; ainda encontrava dificuldade com feitiços não verbais, coisa que Snape se apressava em comentar a cada aula de DCAT. Em compensação, o Príncipe tinha se mostrado um professor mais eficiente do que Snape fora até aquele momento.

Apontando a varinha a esmo, Harry fez um curto gesto para o alto e disse mentalmente: *Levicorpus!*

– Aaaaaaaarre!

Houve um lampejo e o quarto se encheu de vozes: todos acordaram com o berro de Rony. Em pânico, Harry varejou longe o *Estudos avançados no preparo de poções*; seu amigo estava pendurado no ar de cabeça para baixo, como se tivesse sido guindado pelo tornozelo por um gancho invisível.

– Desculpe! – gritou Harry, enquanto Dino e Simas davam grandes gargalhadas, e Neville se levantava do chão pois caíra da cama. – Calma aí... vou fazer você descer...

Ele catou o livro de poções e folheou-o, em pânico, tentando encontrar a página certa; por fim, localizou-a e decifrou a palavra apertadinha sob o feitiço: rezando para que fosse o contrafeitiço, mentalizou: *Liberacorpus!*, com toda a concentração.

Houve um segundo lampejo e Rony despencou no colchão.

– Desculpe – repetiu Harry tolamente, enquanto Dino e Simas continuavam a dar gargalhadas.

– Amanhã – disse Rony com a voz abafada –, eu prefiro que você use o despertador.

Quando eles finalmente terminaram de se vestir, protegendo-se com vários dos suéteres tricotados pela sra. Weasley e levando capas, cachecóis e luvas, o

susto de Rony se abrandara e ele concluíra que o novo feitiço do amigo era engraçadíssimo; tão engraçado, de fato, que ele não perdeu tempo em brindar Hermione com o episódio à mesa do café da manhã.

– ... aí houve um segundo lampejo e eu aterrissei de novo na cama! – contou ele rindo, enquanto se servia de salsichas.

Hermione não dera um único sorriso durante a narrativa, e agora assumia uma expressão de gélida censura a Harry.

– Por acaso, esse foi mais um feitiço daquele seu livro de poções? – perguntou.

Harry fechou a cara para a amiga.

– Você sempre tira a pior conclusão, não é?

– Foi?

– Bem... foi, mas e daí?

– Então você simplesmente resolveu experimentar um encantamento desconhecido, escrito à mão, e ver o que acontecia?

– Que diferença faz se está escrito à mão? – retrucou Harry, preferindo não responder à pergunta.

– Porque provavelmente não é aprovado pelo Ministério da Magia – tornou Hermione. – E mais – continuou, enquanto Harry e Rony olhavam para o teto –, estou começando a achar que esse tal Príncipe era meio suspeito.

Os dois garotos abafaram aos gritos os protestos de Hermione.

– Foi só uma brincadeira! – disse Rony, virando um vidro de ketchup nas salsichas. – Só uma brincadeira, Hermione, nada mais!

– Pendurar gente de cabeça para baixo pelo tornozelo? – replicou Hermione. – Quem é que gasta tempo e energia para inventar feitiços como esse?

– Fred e Jorge – respondeu Rony, encolhendo os ombros –, é bem a cara deles. E, ãh...

– Meu pai – disse Harry, que acabara de se lembrar.

– Quê?! – exclamaram Rony e Hermione juntos.

– Meu pai usou esse feitiço. Eu... Lupin me contou.

A segunda parte não era verdade; de fato, Harry vira o pai usar o feitiço contra Snape, mas jamais contara aos amigos sua rápida excursão pela Penseira. Agora, no entanto, ocorria-lhe uma possibilidade fantástica. Seria possível que o Príncipe Mestiço fosse...?

– Talvez o seu pai tenha usado, Harry – contrapôs Hermione –, mas não foi o único. Já vimos muita gente usar esse feitiço, caso você tenha esquecido. Pendurar gente no ar. Fazer gente flutuar, adormecida, indefesa.

Harry arregalou os olhos para ela. Com uma sensação de desânimo, ele, também, se lembrou do comportamento dos Comensais da Morte na Copa

Mundial de Quadribol. Rony veio em seu auxílio.
– Lá foi diferente – disse com firmeza. – Estavam abusando. Harry e o pai dele só estavam brincando. Você não gosta do Príncipe, Hermione – acrescentou Rony, apontando uma salsicha para a amiga, sério –, porque ele é melhor do que você em Poções.
– Não tem nada a ver! – retrucou Hermione corando. – Só acho que é muito irresponsável ficar realizando feitiços sem nem saber para que servem, e pare de falar em "o Príncipe" como se fosse um título, aposto que é só um apelido idiota e acho que, pelo jeito, ele nem era uma pessoa muito legal!
– Não sei como você chegou a essa conclusão – contestou Harry inflamado. – Se ele tivesse sido um futuro Comensal da Morte, não estaria se gabando de ser mestiço e sim de ser puro, não é?
Ao dizer isso, Harry se lembrou de que seu pai tinha sangue puro, mas afastou o pensamento da mente; mais tarde se preocuparia com isso...
– Não é possível que todos os Comensais da Morte tenham sangue puro, não existem mais tantos bruxos de sangue puro – insistiu Hermione. – Imagino que a maioria seja mestiça e finja ser pura. Só odeiam os que nasceram trouxas, e ficariam muito felizes em deixar você e Rony se alistarem.
– Nunca me deixariam ser um Comensal da Morte! – respondeu Rony indignado, brandindo um garfo para Hermione e arremessando no ar um pedaço de salsicha que foi bater na cabeça de Ernesto Macmillan. – Toda a minha família é traidora do sangue! Para os Comensais da Morte, isto é tão ruim quanto ter nascido trouxa!
– E eles adorariam que eu me alistasse – comentou Harry, sarcástico. – Seríamos grandes companheiros se eles não insistissem em me liquidar.
O comentário fez Rony rir; até Hermione sorriu de má vontade, mas foram interrompidos pela chegada de Gina.
– Ei, Harry, me mandaram lhe entregar isso. – Era um rolo de pergaminho com o seu nome escrito em uma caligrafia conhecida, fina e inclinada.
– Obrigado, Gina... é a próxima aula de Dumbledore! – disse Harry a Rony e Hermione, abrindo o pergaminho e lendo-o em silêncio. – Segunda à noite! – Sentiu-se de repente leve e feliz. – Quer se encontrar com a gente em Hogsmeade, Gina?
– Estou indo com o Dino, talvez a gente se veja lá – respondeu Gina, acenando para os três ao se afastar.
Filch estava parado às portas de carvalho, como sempre, verificando os nomes dos alunos que tinham permissão de ir a Hogsmeade. O processo demorou ainda mais do que o normal porque o zelador estava verificando todo o mundo três vezes com o seu sensor de segredos.

– Que diferença faz se estamos contrabandeando objetos das Trevas para FORA da escola? – quis saber Rony, olhando apreensivo para o sensor de segredos. – Deviam era verificar o que trazemos para DENTRO, não?

O atrevimento lhe custou umas cutucadas a mais do sensor, e ele ainda fazia caretas de dor quando saíram para enfrentar o vento e o granizo.

A caminhada até Hogsmeade não foi agradável. Harry cobriu o maxilar com o cachecol; as partes expostas do corpo logo ficaram ardidas e dormentes. A estrada para a aldeia estava repleta de estudantes curvados contra o vento cortante. Mais de uma vez, Harry se perguntou se não teriam se divertido mais na sala comunal aquecida; e quando, por fim, chegaram a Hogsmeade e encontraram a Zonko's – Logros e Brincadeiras fechada com tábuas, ele achou que era uma confirmação de que o passeio não seria divertido. Rony apontou com a mão protegida por uma grossa luva para a Dedosdemel, que felizmente estava aberta, e Harry e Hermione entraram em sua esteira na loja apinhada de gente.

– Graças a Deus – estremeceu Rony, quando foram envolvidos pelo ar quente recendendo a caramelos. – Vamos passar a tarde inteira aqui.

– Harry, meu rapaz! – trovejou uma voz às suas costas.

– Ah, não – murmurou Harry. Os três se viraram e deram com o professor Slughorn, com um enorme gorro de peles e um sobretudo com uma gola igual; o professor ocupava, no mínimo, um quarto da loja e segurava uma sacola de abacaxi cristalizado.

– Harry, você já faltou a três dos meus pequenos jantares! – disse Slughorn, dando-lhe um cutucão cordial no peito, com o dedo. – Não vai adiantar, meu rapaz, estou decidido a fazê-lo comparecer. A srta. Granger adora os jantares, não é verdade?

– É – concordou Hermione indefesa –, são realmente...

– Então por que você não vem também, Harry? – quis saber Slughorn.

– Bem, tenho tido treino de quadribol, professor – respondeu Harry, que, na verdade, andava marcando treinos todas as vezes que Slughorn lhe enviava o pequeno convite com a fita roxa. Com essa estratégia, Rony não se sentia excluído e, em geral, eles davam boas risadas com Gina, imaginando Hermione trancada com McLaggen e Zabini.

– Bem, depois de tanto esforço espero que vocês ganhem o primeiro jogo! Mas uma diversãozinha nunca fez mal a ninguém. Então, que tal segunda à noite, é impossível que você queira treinar com esse tempo...

– Não posso, professor, tenho... ah... um compromisso com o professor Dumbledore para a mesma noite.

– Que falta de sorte outra vez! – exclamou Slughorn dramaticamente. – Ah,

bem... você não pode me escapar eternamente, Harry!
E, com um aceno régio, o professor saiu da loja, dando a Rony a mesma atenção que daria a um Torrão de Barata.
– Não acredito que você tenha se livrado de mais um – comentou Hermione, sacudindo a cabeça. – Não são *tão* ruins assim, sabe... às vezes são até divertidos... – Então, viu a expressão no rosto de Rony. – Ah, olhem... eles têm Penas de Açúcar de Luxo... devem durar horas!
Feliz que Hermione tivesse mudado de assunto, Harry mostrou muito mais interesse nas novas Penas de Açúcar extragrandes do que normalmente mostrava, mas Rony continuou cismado e apenas sacudiu os ombros quando Hermione lhe perguntou aonde queria ir em seguida.
– Vamos ao Três Vassouras – sugeriu Harry. – Deve estar aquecido.
Eles tornaram a proteger o rosto com os cachecóis e saíram da loja de doces. O vento cortou-lhes a pele como facas ao deixarem o calor açucarado da Dedosdemel. A rua não estava muito movimentada; as pessoas não paravam para conversar, simplesmente andavam rápido para chegar ao seu destino. As exceções eram dois homens um pouco à frente, parados à porta do Três Vassouras. Um deles era muito alto e magro; apertando os olhos para enxergar através dos óculos que a chuva lavava, Harry reconheceu o empregado do outro pub de Hogsmeade, o Cabeça de Javali. Quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram, ele aconchegou a capa ao pescoço e se afastou, deixando o homem mais baixo atrapalhado com alguma coisa que carregava nos braços. Estavam a menos de meio metro quando Harry o reconheceu.
– Mundungo!
O bruxo atarracado, de pernas arqueadas e cabelos ruivos, longos e maltratados, sobressaltou-se e deixou cair uma valise muito velha, que se abriu, soltando objetos que lembravam o conteúdo de uma vitrine de brechó.
– Ah, lô, Arry – disse Mundungo Fletcher, tentando assumir um ar de descontração pouco convincente. – Bem, não quero prender vocês. – E o bruxo se agachou para recolher o conteúdo da valise, mostrando-se ansioso para sumir dali.
– Você está vendendo essas coisas? – perguntou Harry, observando Mundungo catar do chão uma variedade de objetos sujos.
– Ah, bem, preciso sobreviver – disse o bruxo. – Me dá isso!
Rony se abaixara para apanhar alguma coisa de prata.
– Calma aí – disse ele lentamente. – Acho que já vi isso...
– Muito obrigado! – agradeceu Mundungo, arrebatando a taça da mão de Rony e metendo-a na mala. – Bem, a gente se vê... AI!
Harry agarrara Mundungo pelo pescoço e prendera-o contra a parede do bar.

Segurando-o firmemente com uma das mãos, puxou a varinha.
– Harry! – guinchou Hermione.
– Você tirou isso da casa de Sirius! – exclamou Harry, cujo nariz quase encostava no do bruxo, aspirando um fedor de bebida e fumo curtido. – A taça tinha o brasão da família Black.
– Eu... não... quê? – gaguejou Mundungo, que foi ficando gradualmente púrpura.
– Que foi que você fez, voltou lá na noite em que ele morreu e limpou a casa? – rosnou Harry.
– Eu... não...
– Me entregue isso!
– Harry, não faz isso! – esganiçou-se Hermione, quando o rosto de Mundungo começou a azular.
Ouviu-se um estampido, e Harry sentiu suas mãos voarem para longe do pescoço de Mundungo. O bruxo, ofegando e cuspindo, passou a mão na mala caída e em seguida – CRAQUE! – desaparatou.
Harry xingou aos berros, girando o corpo para ver aonde fora Mundungo.
– VOLTE AQUI, SEU LADRÃO...!
– Não adianta, Harry.
Tonks se materializara do nada, seus cabelos sem cor molhados de granizo.
– A essa altura, Mundungo provavelmente já está em Londres. Não adianta gritar.
– Ele afanou as coisas de Sirius! Afanou!
– Entendo, mas mesmo assim – disse Tonks, que parecia não ter se perturbado com a informação – você devia sair do frio.
E ficou observando-os cruzar a entrada do Três Vassouras. No instante em que entrou, Harry explodiu:
– *Ele estava afanando as coisas de Sirius!*
– Eu sei, Harry, mas, por favor, não grite, as pessoas estão olhando – sussurrou Hermione. – Vai sentar, eu apanho uma bebida para você.
Harry ainda espumava quando Hermione voltou à mesa alguns minutos depois, trazendo três garrafas de cerveja amanteigada.
– Será que a Ordem não pode controlar o Mundungo? – Harry perguntou aos outros dois, num sussurro enfurecido. – Não podem ao menos impedi-lo de roubar tudo que não está pregado quando ele está na sede?
– Psiu! – exclamou Hermione desesperada, virando-se para os lados a ver se ninguém os escutava; havia uns bruxos sentados perto que observavam Harry com grande interesse, e Zabini estava encostado em uma coluna, à toa, à pequena distância.

– Harry, eu também me zangaria, sei que são as suas coisas que ele está roubando...

Harry engasgou com a cerveja; momentaneamente esquecera que era o dono da casa doze do largo Grimmauld.

– É, são as minhas coisas! Não admira que ele não tenha gostado de me ver! Bem, vou contar ao Dumbledore o que está acontecendo, ele é o único que mete medo em Mundungo.

– Boa ideia – sussurrou Hermione, visivelmente satisfeita que Harry estivesse se acalmando. – Rony, que é que você está olhando tanto?

– Nada – respondeu Rony, desviando depressa o olhar do balcão do bar, mas Harry sabia que ele estava tentando atrair a atenção de Madame Rosmerta, a sedutora e curvilínea dona do Três Vassouras, por quem tinha uma queda, havia muito tempo.

– Presumo que "nada" esteja lá nos fundos apanhando mais uísque de fogo – ironizou Hermione.

Rony fingiu não ouvir a alfinetada, e continuou a beber sua cerveja em um silêncio que ele evidentemente considerou digno. Harry ficou se lembrando de Sirius e de como o padrinho detestava aquelas taças de prata. Hermione tamborilava na mesa, seus olhos correndo de Rony para o bar.

No instante em que Harry tomou os últimos goles de sua cerveja, a amiga disse:

– Então, vamos encerrar o dia e voltar para a escola?

Os outros dois concordaram; não tinha sido um passeio divertido, e quanto mais se demoravam, pior ficava o tempo. Mais uma vez eles se enrolaram bem nas capas, ajeitaram os cachecóis, calçaram as luvas; saíram do bar em seguida a Katie Bell e uma amiga, e tornaram a subir a rua principal. Os pensamentos de Harry se desviaram para Gina enquanto avançavam pela estrada de Hogwarts em meio à lama congelada. Com certeza não tinham encontrado a garota, concluiu Harry, porque ela e Dino deviam estar aconchegados no salão de chá de Madame Puddifoot, aquele refúgio de casais felizes. De cara amarrada, ele baixou a cabeça para enfrentar o torvelinho de granizo e continuou andando.

Levou algum tempo para perceber que as vozes de Katie Bell e sua amiga, que o vento trazia até ele, tinham se tornado mais altas e esganiçadas. Harry apertou os olhos para ver melhor seus vultos indistintos. As duas discutiam a respeito de alguma coisa que Katie segurava na mão.

– Não é da sua conta, Liane! – Harry ouviu Katie dizer.

Eles contornaram a curva da estrada, o granizo caía denso e rápido, embaçando os óculos de Harry. No instante em que ele ergueu a mão enluvada para limpá-los, Liane tentou agarrar o pacote que Katie levava; esta resistiu, e o

pacote caiu no chão.
Na mesma hora, a garota se ergueu no ar, não como Rony fizera, suspenso comicamente pelo tornozelo, mas graciosamente, com os braços estendidos como se fosse voar. Contudo, havia alguma coisa errada, alguma coisa esquisita... o vento forte fazia seus cabelos chicotearem, mas seus olhos estavam fechados e o rosto, vidrado. Harry, Rony, Hermione e Liane pararam instantaneamente para observar.
Então, a quase dois metros do chão, Katie soltou um grito pavoroso. Seus olhos estavam arregalados, e o que quer que estivesse vendo ou sentindo causou-lhe visivelmente uma terrível angústia. Ela gritava sem parar; Liane começou a gritar também e agarrou Katie pelos tornozelos, tentando puxá-la para o chão. Harry, Rony e Hermione correram para ajudar, mas, na hora em que a agarraram pelas pernas, a garota desabou em cima deles; Harry e Rony conseguiram apará-la, mas ela se contorcia de tal modo que mal conseguiam contê-la. Por isso, deitaram-na no chão onde ela ficou se debatendo e gritando, aparentemente incapaz de reconhecê-los.
Harry olhou para os lados; a paisagem parecia deserta.
– Fiquem aí! – gritou para que o ouvissem naquela ventania. – Vou buscar ajuda!
Ele começou a correr em direção à escola; nunca vira ninguém agir como Katie, e não conseguia imaginar o que podia ter desencadeado aquilo; arremessou-se por uma curva da estrada e colidiu com um obstáculo que parecia um enorme urso apoiado nas pernas traseiras.
– Hagrid! – ofegou, desvencilhando-se da cerca viva em que caíra.
– Harry! – exclamou Hagrid, cujas sobrancelhas e barba estavam duras de granizo; trajava seu espesso casacão de pele de castor. – Acabei de visitar o Grope, está progredindo tanto que você não...
– Hagrid, tem uma garota passando mal lá atrás, ou enfeitiçada ou sei lá...
– Quê? – perguntou Hagrid, curvando-se para ouvir o que Harry estava dizendo naquela ventania enfurecida.
– Alguém foi enfeitiçado! – berrou Harry.
– Enfeitiçado? Quem foi enfeitiçado... não foi o Rony? A Hermione?
– Não, não foram eles, a Katie Bell... por aqui...
Juntos, eles voltaram correndo pela estrada. Sem demora, encontraram o grupinho de pessoas em volta da garota, que continuava a se contorcer e a gritar no chão; Rony, Hermione e Liane tentavam acalmá-la.
– Para trás! – gritou Hagrid. – Me deixem ver a garota!
– Aconteceu alguma coisa com ela! – soluçou Liane. – Não sei o quê.
Hagrid olhou para Katie por um segundo, então, sem dizer uma palavra,

abaixou-se, apanhou-a nos braços e correu em direção ao castelo. Segundos depois, os gritos lancinantes de Katie morriam ao longe e eles ouviam apenas o rugido do vento.

Hermione correu para a amiga de Katie em prantos e abraçou a garota pelos ombros.

– Você é a Liane, não é?

A garota confirmou.

– Aconteceu de repente ou...?

– Foi quando aquele embrulho rasgou – soluçou Liane, apontando para o embrulho de papel pardo agora empapado no chão, que se abrira revelando um brilho esverdeado. Rony se abaixou com a mão estendida, mas Harry agarrou-o pelo braço e puxou-o para trás.

– *Não mexe nisso!*

Ele se agachou. Pelo rasgão, via-se um requintado colar de opalas.

– Já vi esse colar antes – disse Harry, olhando-o com atenção. – Esteve exposto na Borgin & Burkes há séculos. Estava escrito na etiqueta que era amaldiçoado. Katie deve ter tocado nele. – Ele olhou para Liane, que começara a tremer descontroladamente. – Como foi que Katie arranjou isso?

– Bem, era por isso que estávamos discutindo – explicou Liane. – Ela voltou do banheiro do Três Vassouras trazendo o colar, disse que era uma surpresa para alguém em Hogwarts que precisava entregar. Estava muito esquisita quando falou isso... ah, não, ah, não, aposto como foi amaldiçoada com a Imperius e eu nem percebi!

Liane foi sacudida por novos soluços. Hermione deu palmadinhas gentis em seu ombro.

– Ela não contou quem tinha lhe dado o embrulho, Liane?

– Não... não quis me contar... e eu disse que estava sendo burra, que não levasse aquilo para a escola, mas ela não quis me escutar... então tentei tirar o embrulho da mão dela... e... e... – Liane soltou um grito de desespero.

– É melhor irmos para a escola – disse Hermione, ainda abraçando Liane –, poderemos saber como ela está. Vamos...

Harry hesitou um instante, então, puxando o cachecol que protegia seu rosto e ignorando a exclamação de Rony, cobriu cuidadosamente o colar e apanhou-o.

– Precisaremos mostrar isso a Madame Pomfrey.

Enquanto seguiam Hermione e Liane pela estrada, Harry pensava freneticamente. Tinham acabado de penetrar os terrenos da escola quando ele falou, incapaz de calar os seus pensamentos por mais tempo.

– Malfoy conhece esse colar. Estava em um estojo na Borgin & Burkes há quatro anos, vi Malfoy dando uma boa olhada no colar enquanto eu estava

escondido dele e do pai. Era *isso* que ele estava comprando naquele dia em que o seguimos! Ele se lembrou do colar e voltou para buscá-lo.
– Nã... não sei, Harry – disse Rony hesitante. – Um monte de gente vai à Borgin & Burkes... e aquela garota não disse que Katie pegou o colar no banheiro?
– Ela disse que a Katie voltou do banheiro trazendo o colar, o que não significa necessariamente que tenha apanhado o embrulho lá...
– McGonagall! – alertou-os Rony.
Harry levantou a cabeça. De fato, a professora vinha ao seu encontro descendo, ligeira, os degraus de pedra da entrada em um redemoinho de granizo.
– Hagrid diz que vocês quatro viram o que aconteceu com a Katie Bell... já para a minha sala, por favor! Que é isso que você está levando, Potter?
– É a coisa que ela segurou.
– Santo Deus! – exclamou a professora, parecendo alarmada ao tomar o colar de Harry. – Não, não, Filch, eles estão comigo! – acrescentou rapidamente ao ver o zelador atravessar pressuroso o saguão de entrada empunhando o seu sensor de segredos. – Leve este colar ao professor Snape agora, mas tenha cuidado para não tocá-lo, deixe-o embrulhado no cachecol!
Harry e os outros acompanharam a professora à sua sala no primeiro andar. As janelas respingadas de cristais de gelo sacudiam ruidosamente em suas molduras e a sala estava gélida, apesar do fogo que crepitava na lareira. McGonagall fechou a porta e contornou a escrivaninha para ficar de frente para Harry, Rony, Hermione e a soluçante Liane.
– Então? – disse com rispidez. – Que aconteceu?
Vacilante, fazendo muitas pausas nas quais tentava controlar o choro, Liane contou à professora que Katie tinha ido ao banheiro no Três Vassouras e voltara trazendo um embrulho sem identificação, que a amiga parecera meio esquisita e que tinham discutido sobre a sensatez de aceitar entregar objetos desconhecidos, que a discussão culminara em uma luta em que o embrulho se rasgou. Nessa altura, Liane estava tão emocionada que não foi possível arrancar mais nenhuma palavra dela.
– Muito bem – disse a professora McGonagall, quase bondosamente –, suba à ala hospitalar, por favor, Liane, e peça a Madame Pomfrey para lhe dar alguma coisa para o choque.
Quando a garota se retirou, a professora McGonagall voltou sua atenção para Harry, Rony e Hermione.
– Que aconteceu quando Katie tocou o colar?
– Ela subiu no ar – respondeu Harry, antes que os outros dois pudessem falar. – E então começou a berrar e perdeu os sentidos. Professora, posso ver o

professor Dumbledore, por favor?
– O diretor estará ausente até segunda-feira, Potter – informou ela, parecendo surpresa.
– Fora? – repetiu ele com raiva.
– É, Potter, fora! – enfatizou a professora com sarcasmo. – Mas qualquer coisa que você tenha a dizer sobre este horrível incidente certamente poderá ser dito a mim!
Por uma fração de segundo, Harry hesitou. A professora McGonagall não inspirava confidências; embora Dumbledore fosse, sob muitos aspectos, assustador, parecia menos inclinado a desprezar uma teoria, por mais mirabolante que fosse. Mas era uma questão de vida ou morte, e não era hora de se preocupar que rissem dele.
– Acho que Draco Malfoy deu aquele colar à Katie, professora.
A um lado dele, Rony coçou o nariz visivelmente constrangido; do outro, Hermione arrastou os pés como se quisesse dar distância entre ela e Harry.
– É uma acusação muito séria, Potter – disse a professora McGonagall, depois de uma pausa escandalizada. – Você tem alguma prova?
– Não, mas... – e ele contou que seguira Malfoy à Borgin & Burkes e escutara a conversa entre o garoto e Borgin.
Quando terminou de falar, a professora McGonagall parecia estar ligeiramente confusa.
– Malfoy levou alguma coisa para consertar na Borgin & Burkes?
– Não, professora, ele queria que Borgin o ensinasse a consertar alguma coisa que não tinha levado com ele. Mas isso não é importante, o fato é que ele comprou alguma coisa naquela hora, e acho que foi o colar...
– Você viu Malfoy sair da loja com um embrulho igual?
– Não, professora, ele mandou Borgin guardar a compra na loja.
– Mas Harry – interrompeu-o Hermione. – Borgin perguntou se queria levar com ele e Malfoy disse “não”...
– Porque não queria tocar no colar, é óbvio! – contrapôs Harry, aborrecido.
– O que Malfoy realmente disse foi: “Como é que eu ficaria carregando isso pela rua?” – contou Hermione.
– Bem, ele iria parecer meio retardado levando um colar – interpôs Rony.
– Ah, Rony – disse Hermione com desespero –, o colar estaria embrulhado para ele não precisar tocar e seria fácil esconder embaixo da capa, e ninguém veria nada! Acho que o que ele deixou reservado na Borgin & Burkes era barulhento ou volumoso; alguma coisa que Malfoy sabia que chamaria atenção se saísse carregando pela rua, e, seja como for – continuou Hermione alteando a voz para impedir que Harry a interrompesse –, eu perguntei ao Borgin sobre o

colar, não se lembra? Quando entrei para tentar descobrir o que Malfoy tinha pedido para reservar, eu o vi. E Borgin só me disse quanto custava, não falou que já estava vendido nem nada...

– Ora, você foi muito óbvia, ele percebeu qual era a sua jogada em cinco segundos, claro que não ia lhe dizer, mas Malfoy poderia ter mandado buscar uma vez que...

– Já chega – disse a professora McGonagall, quando Hermione abriu a boca para retorquir, furiosa. – Potter, eu agradeço ter me contado isso, mas não podemos acusar Malfoy simplesmente porque ele visitou a loja onde o colar poderia ser comprado. Isto provavelmente se aplicaria a centenas de pessoas...

– ... foi o que eu falei – murmurou Rony.

– ... e, seja como for, este ano implantamos medidas de segurança rigorosas na escola, não creio que o colar pudesse ter entrado sem o nosso conhecimento...

– ... mas...

– ... e além disso – disse a professora McGonagall com um ar inabalável –, o sr. Malfoy não esteve em Hogsmeade hoje.

Harry olhou-a boquiaberto e menos seguro.

– Como é que a senhora sabe, professora?

– Porque ele estava cumprindo uma detenção comigo. É a segunda vez seguida que não termina os deveres de casa. Portanto, obrigada por ter me contado suas suspeitas, Potter – concluiu passando decidida pelos três –, mas preciso ir à ala hospitalar me informar sobre Katie Bell. Bom-dia para todos.

Ela segurou aberta a porta da sala. Os garotos não tiveram escolha senão sair calados.

Harry ficou zangado com os outros dois por se aliarem a McGonagall; no entanto, sentiu-se compelido a entrar na conversa quando começaram a discutir o que acontecera.

– Então, a quem vocês acham que a Katie tinha de entregar o colar? – perguntou Rony, enquanto subiam as escadas para a sala comunal.

– Só Deus sabe! – exclamou Hermione. – Mas quem quer que tenha sido escapou por pouco. Ninguém poderia ter aberto aquele embrulho sem tocar nele.

– A um monte de gente – disse Harry. – Dumbledore: os Comensais da Morte teriam adorado se livrar dele, deve ser um dos seus alvos preferidos. Ou Slughorn: Dumbledore acha que Voldemort realmente o queria, e os Comensais não devem ter ficado satisfeitos quando ele se aliou a Dumbledore. Ou...

– Ou você – lembrou Hermione, perturbando-se.

– Não podia ter sido ou, na estrada, a Katie simplesmente se viraria e o entregaria a mim, não é? Eu estava atrás dela o tempo todo desde que saímos do TrêsVassouras. Faria muito mais sentido entregar o embrulho fora da escola, já

que o Filch está revistando todo o mundo que entra e sai. Por que será que o Malfoy a mandou levar o embrulho para o castelo?

– Harry, Malfoy não esteve em Hogsmeade! – lembrou Hermione, dessa vez batendo o pé de frustração.

– Então deve ter usado um cúmplice, Crabbe ou Goyle... ou, pensando bem, até outro Comensal da Morte, deve ter um montão de companheiros melhores que Crabbe e Goyle agora que se alistou...

Rony e Hermione trocaram olhares que diziam claramente “não adianta discutir com ele”.

– Sopa da coroação – disse Hermione com firmeza ao chegarem à Mulher Gorda.

O retrato girou, admitindo-os à sala comunal. Estava repleta e cheirava a roupas úmidas; muitas pessoas pareciam ter regressado a Hogwarts cedo por causa do mau tempo. Mas não havia burburinho de medo nem de especulação: obviamente, a notícia do que acontecera a Katie ainda não tinha se espalhado.

– Mas, quando a gente para e pensa, não foi um ataque muito inteligente – comentou Rony, arrancando com displicência um calouro de uma das confortáveis poltronas junto à lareira, para poder se sentar. – O feitiço nem chegou ao castelo. Não é o que a gente poderia chamar de infalível.

– Tem razão – concordou Hermione, empurrando Rony para fora da poltrona e tornando a oferecê-la ao calouro. – Não foi muito bem pensado.

– E desde quando Malfoy é um dos grandes pensadores do mundo? – perguntou Harry.

Nem Rony nem Hermione lhe responderam.

— CAPÍTULO TREZE —

Riddle, o Enigma

Katie foi removida no dia seguinte para o Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos, altura em que já havia se espalhado por toda a escola a notícia do feitiço que a atingira, embora os detalhes fossem confusos e ninguém, exceto Harry, Rony, Hermione e Liane, parecesse saber que Katie não fora o alvo visado.

– Ah, e naturalmente Malfoy sabe – disse Harry a Rony e Hermione, que continuaram sua nova política de fingir surdez sempre que o amigo mencionava a sua teoria de que Malfoy era um Comensal da Morte.

Harry se perguntava se Dumbledore voltaria, de onde quer que estivesse, em tempo para a aula de segunda-feira à noite, mas, não tendo recebido notícia em contrário, apresentou-se à porta do escritório às oito horas, bateu e Dumbledore mandou-o entrar. Ali estava o diretor com um ar anormalmente cansado; sua mão estava mais escura e queimada que nunca, mas ele sorriu quando convidou Harry a sentar. A Penseira encontrava-se, mais uma vez, em cima da mesa, projetando reflexos prateados no teto.

– Você andou muito ocupado enquanto estive fora – disse Dumbledore. – Creio que presenciou o acidente com a Katie.

– Presenciei, senhor. Como vai ela?

– Ainda bem mal, embora tenha tido sorte. Parece que roçou no colar apenas uma parte ínfima da pele: havia um buraco em sua luva. Se tivesse usado ou se tivesse segurado o colar com a mão desprotegida, teria morrido, talvez instantaneamente. Por sorte, o professor Snape pôde tomar providências para impedir que o feitiço se espalhasse...

– Por que ele? – perguntou Harry imediatamente. – Por que não Madame Pomfrey?

– Impertinente – disse uma voz branda que vinha de um dos retratos na parede; Fineus Nigellus Black, bisavô de Sirius, ergueu a cabeça dos braços

onde parecia estar dormindo. – No meu tempo, eu não teria permitido a um aluno questionar o funcionamento de Hogwarts.

– Muito obrigado, Fineus – replicou Dumbledore acalmando-o. – O professor Snape conhece muito mais sobre as Artes das Trevas do que Madame Pomfrey, Harry. Em todo caso, a equipe do hospital St. Mungus está me enviando um boletim de hora em hora, e tenho esperança de que, com o tempo, Katie irá se recuperar plenamente.

– Onde é que o senhor esteve esse fim de semana, senhor? – perguntou Harry, desprezando uma forte sensação de que estava abusando e que, pelo visto, era partilhada por Fineus Nigellus, que assobiou baixinho.

– Eu preferia não revelar neste momento – respondeu Dumbledore. – Mas lhe contarei no devido tempo.

– Contará? – admirou-se Harry.

– Espero que sim – disse o diretor, tirando de dentro das vestes um novo frasco de lembranças prateadas e desarrolhando-o com um toque de varinha.

– Senhor – começou Harry hesitante –, encontrei Mundungo em Hogsmeade.

– Ah, sim, já estou ciente de que Mundungo andou tratando sua herança com dedos leves e pouco respeito – disse Dumbledore enrugando ligeiramente a testa. – Ele se escondeu depois que você o abordou à porta do Três Vassouras; creio que está com medo de me enfrentar. Mas fique tranquilo que ele não vai mais tirar o que pertenceu a Sirius.

– Aquele mestiço velho e sarnento anda roubando objetos da família Black? – perguntou Fineus indignado; e saiu silenciosamente da moldura, sem dúvida para visitar o seu quadro no número doze do largo Grimmauld.

– Professor – recomeçou Harry depois de uma breve pausa –, a professora McGonagall lhe contou o que falei depois que a Katie foi enfeitiçada? Sobre Draco Malfoy?

– Ela me contou suas suspeitas.

– E o senhor...

– Tomarei as medidas adequadas para investigar qualquer um que possa ter participado do acidente com Katie. Mas o que me interessa agora, Harry, é a nossa aula.

Harry não gostou muito da resposta: se as aulas eram tão importantes, então por que tinha havido um intervalo tão grande entre a primeira e a segunda? Contudo, não falou mais em Draco Malfoy, e ficou observando Dumbledore despejar lembranças frescas na Penseira e começar a girar a bacia de pedra nas mãos longas.

– Você certamente se lembra de que deixamos a história dos primeiros tempos de Lorde Voldemort no ponto em que o trouxa bonitão, Tom Riddle, abandonou

a esposa bruxa, Mérope, e retornou à casa da família em Little Hangleton. Mérope foi abandonada sozinha em Londres, esperando o filho que um dia se tornaria Lorde Voldemort.

– Como sabe que ela estava em Londres, senhor?

– Pelo testemunho de um tal Caráταco Burke que, por uma estranha coincidência, ajudou a fundar a mesmíssima loja de onde veio o colar de que acabamos de falar.

Dumbledore girou o conteúdo da Penseira como Harry já o vira fazer antes, como um garimpeiro peneirando à procura de ouro. Do redemoinho prateado, emergiu um velhinho que girou lentamente na Penseira, prateado como um fantasma, porém muito mais sólido, com uma cabeleira que encobria totalmente os seus olhos.

– Sim, adquirimos o medalhão em circunstâncias curiosas. Foi trazido por uma jovem bruxa pouco antes do Natal, ah, há muitos anos. Ela disse que precisava urgentemente de ouro, o que era visível. Bonita e coberta de trapos, em adiantado... estado de gravidez, entende. Disse ainda que o medalhão tinha pertencido à família Slytherin. Bem, sempre ouvimos este tipo de história. “Ah, isto pertenceu a Merlim, era o seu bule de chá favorito”, e quando eu ia examinar, tinha realmente o sinete dele, mas alguns feitiços simples bastavam para me revelar a verdade. É claro que aquela circunstância tornava o medalhão quase inestimável. A moça não parecia ter ideia do seu valor. Ficou feliz em receber dez galeões pelo objeto. A melhor pechincha que já fizemos!

Dumbledore deu à Penseira uma sacudida mais vigorosa e Carátaco Burke foi reabsorvido pela massa espiralante de memórias de onde saíra.

– Ele deu à bruxa apenas dez galeões? – comentou Harry indignado.

– Carátaco Burke não ficou famoso por sua generosidade. Sabemos, então, que, próximo ao fim da gravidez, Mérope estava sozinha em Londres precisando desesperadamente de ouro, desesperada o bastante para vender seu único bem com valor, o medalhão que era uma preciosa herança da família.

– Mas ela podia usar a magia! – exclamou Harry impaciente. – Podia arranjar comida e tudo de que precisasse usando a magia, não podia?

– Ah, talvez pudesse. Mas acredito, e novamente estou imaginando, embora seja quase uma certeza, que, quando foi abandonada pelo marido, Mérope parou de recorrer à magia. Acho que não quis mais ser bruxa. Claro que também é possível que o seu amor não correspondido e o consequente desespero tenham minado seus poderes, isto pode acontecer. De qualquer modo, e você está prestes a ver, Mérope se recusou a empunhar a varinha até mesmo para salvar a própria vida.

– Não quis viver nem para o filho?

Dumbledore ergueu as sobrancelhas.
– Será possível que você esteja sentindo pena de Lorde Voldemort?
– Não – apressou-se Harry a negar –, mas ela teve escolha, não é, não foi como a minha mãe...
– Sua mãe também teve escolha – disse Dumbledore, gentilmente. – Mérope Riddle preferiu morrer apesar do filho que precisava dela, mas não a julgue com tanta severidade, Harry. Ela estava enfraquecida pelo longo sofrimento e nunca teve a coragem de sua mãe. E, agora, se você ficar de pé...
– Aonde vamos? – perguntou Harry, quando Dumbledore se juntou a ele à frente da escrivaninha.
– Desta vez, vamos entrar na *minha* memória. Penso que lhe parecerá ao mesmo tempo rica em detalhes e satisfatoriamente exata. Primeiro você...
Harry se inclinou para a Penseira; seu rosto cortou a fresca superfície das lembranças e ele se viu mais uma vez caindo pela escuridão... segundos depois, seus pés bateram no chão firme, ele abriu os olhos e viu que estavam parados em uma antiga e movimentada rua de Londres.
– Aquele sou eu – disse Dumbledore, animado, apontando para um vulto que atravessava a rua à frente de uma carroça de leite puxada por um cavalo.
A barba e os cabelos longos do jovem Alvo Dumbledore eram acaju. Ao chegar do lado oposto da rua, seguiu pela calçada, atraindo muitos olhares curiosos por causa do vistoso terno de veludo cor de ameixa que estava usando.
– Belo terno, senhor – comentou Harry sem conseguir se conter, mas Dumbledore simplesmente riu e os dois foram acompanhando o seu eu mais jovem, a curta distância, até um pátio vazio defronte a um prédio quadrado e sinistro cercado por altas grades. Ele subiu uma pequena escada que levava à porta de entrada e bateu uma vez. Passado um momento, a porta foi aberta por uma moça desleixada, de avental.
– Boa-tarde. Tenho hora marcada com uma sra. Cole, que acredito ser a governanta daqui.
– Ah! – exclamou a moça de ar espantado, registrando a excêntrica aparência de Dumbledore. – Hum... um momentinho... SRA. COLE! – berrou por cima do ombro.
Harry ouviu uma voz distante gritando alguma coisa em resposta. A moça tornou a falar com Dumbledore.
– Entre, ela está vindo.
Dumbledore entrou por um corredor azulejado de preto e branco; o lugar era pobre, mas imaculadamente limpo. Harry e o velho Dumbledore o seguiram. Antes que a porta se fechasse, às suas costas, uma mulher muito magra e aflita veio caminhando depressa em sua direção. Tinha um rosto bem delineado, que

parecia mais ansioso do que mau, e, enquanto ia ao encontro de Dumbledore, falava por cima do ombro com outra ajudante de avental.

– ... e leve o iodo para Marta lá em cima, Carlinhos Stubbs andou descascando as perebas outra vez e Erico Whalley está se esvaindo nos lençóis, e ainda por cima com catapora – comentou, sem se dirigir a ninguém em particular, e então o seu olhar recaiu em Dumbledore e ela parou instantaneamente, admirada, como se uma girafa tivesse acabado de cruzar a entrada da casa.

– Boa-tarde – disse Dumbledore, estendendo a mão.

A sra. Cole simplesmente boquiabriu-se.

– Meu nome é Alvo Dumbledore. Enviei uma carta pedindo para marcar uma hora, e a senhora gentilmente me convidou para vir aqui hoje.

A senhora piscou os olhos. Com jeito de quem procurava decidir se Dumbledore não seria uma alucinação, ela disse com voz fraquinha:

– Ah, sim. Bem... bem, então, é melhor vir à minha sala. É.

Ela conduziu Dumbledore a uma salinha que aparentemente se dividia em sala e escritório. Era tão pobre quanto o hall, e a mobília era velha e desparelhada. A senhora convidou, então, Dumbledore a sentar em uma cadeira bamba e se acomodou à escrivaninha atravancada, observando-o nervosamente.

– Estou aqui, conforme disse em minha carta, para discutir sobre o menino Tom Riddle e as providências para o seu futuro – começou Dumbledore.

– O senhor é da família? – perguntou a sra. Cole.

– Não, sou professor. Vim oferecer a Tom uma vaga em minha escola.

– E que escola é essa?

– Chama-se Hogwarts.

– E por que se interessou por Tom?

– Acreditamos que tenha qualidades que procuramos.

– O senhor quer dizer que ele ganhou uma bolsa? Como pode ter ganhado? Nunca pedimos uma bolsa para ele.

– Bem, o nome dele está inscrito em nossa escola desde que nasceu.

– Quem o inscreveu? Os pais?

Não havia dúvidas de que a sra. Cole era uma mulher inconvenientemente astuta. E, pelo visto, Dumbledore teve a mesma opinião, porque Harry o viu tirar discretamente a varinha do bolso do terno de veludo, ao mesmo tempo que apanhava uma folha de papel em branco da escrivaninha da sra. Cole.

– Veja – disse Dumbledore fazendo um aceno com a varinha e passando o papel à senhora. – Acho que isto esclarecerá tudo.

Os olhos da sra. Cole saíram de foco e tornaram a entrar enquanto examinava, atenta, a folha de papel por um momento.

– Parece perfeitamente em ordem – disse calma, devolvendo o papel. Então

seu olhar recaiu sobre uma garrafa de gim e dois copos, que com certeza não estavam ali alguns segundos antes.

– Ah... o senhor aceita um cálice de gim? – perguntou a mulher em tom elegante.

– Muito obrigado – aceitou Dumbledore sorridente.

Logo se tornou claro que a sra. Cole não era nenhuma principiante quando se tratava de beber gim. Servindo para ambos uma generosa dose, ela bebeu o seu cálice de um gole. Estalando os lábios sem constrangimento, sorriu para Dumbledore pela primeira vez, e ele não hesitou em aproveitar a vantagem.

– Eu estava imaginando se a senhora não poderia me contar alguma coisa da história de Tom Riddle? Creio que ele nasceu aqui no orfanato, não?

– Certo – confirmou a sra. Cole, servindo-se de mais gim. – Lembro muito claramente, porque estava começando a trabalhar aqui. Era véspera de Ano-Novo, fazia muito frio, nevava, sabe. Uma noite tempestuosa. E essa moça, que não era muito mais velha do que eu, chegou com dificuldade à nossa porta. Bem, ela não foi a primeira. Nós a acolhemos e ela teve o bebê em menos de uma hora. E na hora seguinte morreu.

A sra. Cole acenou a cabeça solenemente e tomou mais um gole de gim.

– Ela disse alguma coisa antes de morrer? – perguntou Dumbledore. – Alguma coisa sobre o pai do garoto, por exemplo?

– Por acaso, disse – confirmou a sra. Cole, que parecia estar se divertindo, com o gim na mão e uma plateia ansiosa para ouvir sua história.

“Lembro que ela me disse: ‘Espero que ele pareça com o pai’, e não vou mentir, a moça tinha razão em desejar isso, porque ela não era nenhuma beleza... e então me falou que o bebê deveria receber o nome de Tom em homenagem ao pai e Servolo em homenagem ao pai *dela*... é, eu sei, é um nome engraçado, não é? Ficamos imaginando que tivesse vindo de um circo... e ela disse que o sobrenome do garoto era Riddle. E sem dizer mais nada, morreu pouco depois.

“Bem, demos ao bebê o nome que a mãe tinha pedido, parecia tão importante para a coitada, mas nunca nenhum Tom nem Servolo nem Riddle veio procurar a criança, nem família nenhuma apareceu, então ele ficou no orfanato e está aqui desde aquela época.”

A sra. Cole serviu-se, quase sem se dar conta, de mais uma saudável dose de gim. Duas manchas rosadas apareceram nas maçãs do seu rosto. E então ela continuou:

– É um garoto engraçado.

– Sei – disse Dumbledore. – Achei que fosse.

– Foi um bebê engraçado também. Quase nunca chorava, sabe. Depois, quando foi crescendo ficou... esquisito.

– Esquisito, como? – perguntou Dumbledore gentilmente.
– Bem, ele...
Mas a sra. Cole se calou, e não havia nada confuso ou vago no olhar inquisitivo que lançou a Dumbledore por cima do cálice de gim.
– O senhor diz que ele tem vaga garantida em sua escola?
– Certamente.
– E nada que eu disser pode mudar isso?
– Nada.
– O senhor o levará seja qual for a informação que lhe dê?
– Seja qual for a informação – respondeu Dumbledore solenemente.
A mulher encarou-o apertando os olhos como se decidisse se podia ou não confiar nele. Aparentemente, achou que podia, porque disse apressada:
– Ele mete medo às outras crianças.
– A senhora quer dizer que ele as intimida?
– Acho que deve intimidar – respondeu a sra. Cole, franzindo ligeiramente a testa –, mas é muito difícil pegá-lo em flagrante. Tem havido incidentes... bem desagradáveis...
Dumbledore não a pressionou, embora Harry percebesse que estava interessado. A mulher tomou mais um gole de gim e suas bochechas rosadas ficaram ainda mais rosadas.
– O coelho de Carlinhos Stubbs... bem, Tom *disse* que não fez nada e não vejo como poderia ter feito, mas o bicho não se enforcou nas traves do teto sozinho, não é?
– Eu diria que não – concordou Dumbledore em voz baixa.
– Mas o diabo é saber como foi que ele subiu lá no alto para fazer isso. O que sei é que Tom e Carlinhos tinham discutido no dia anterior. – E então, a sra. Cole tomou mais um gole, que desta vez escorreu um pouco pelo seu queixo. – No passeio do verão... saímos com eles, sabe, uma vez por ano, vamos ao campo ou à praia... bem, Amada Benson e Dênis Bishop nunca tiveram muita certeza, e só o que conseguimos extrair deles foi que tinham ido a uma caverna com Tom Riddle. Ele jurou que só foram explorar o lugar, mas *alguma coisa* aconteceu lá dentro, tenho certeza. E, bem, têm acontecido muitas coisas, coisas engraçadas...
Ela tornou a encarar Dumbledore, e, embora seu rosto estivesse corado, o olhar era firme.
– Acho que muito pouca gente vai lamentar ver este garoto pelas costas.
– Estou certo de que a senhora compreende que não vamos mantê-lo na escola o ano inteiro, não? – lembrou Dumbledore. – Ele terá de voltar para aqui, no mínimo, a cada verão.
– Ah, bem, isso é menos ruim do que levar uma pancada no nariz com um

ferro enferrujado – respondeu a mulher com um leve soluço. Ela se levantou e Harry ficou impressionado de ver que estava bem firme, embora dois terços do gim tivessem desaparecido. – Presumo que o senhor gostaria de ver o garoto, não?

– Muito – disse Dumbledore se erguendo.

A sra. Cole saiu com o diretor da sala, subiu uma escada de pedra, dando ordens e chamando a atenção dos seus auxiliares e das crianças que passavam. Todos os órfãos, Harry notou, usavam o mesmo tipo de bata acinzentada. Pareciam razoavelmente bem cuidados, mas não havia como negar que era um lugar sinistro para educar uma criança.

– É aqui – anunciou a sra. Cole, ao virarem no segundo patamar e pararem à primeira porta de um comprido corredor. Ela bateu duas vezes e entrou. – Tom? Tem uma visita para você. Este é o sr. Dumberton... desculpe, Dunderbore. Ele veio lhe dizer... bem, vou deixar que ele mesmo diga.

Harry e os dois Dumbledore entraram no quarto, e a sra. Cole fechou a porta. Era um pequeno cômodo vazio exceto por um guarda-roupa velho e uma cama de ferro. Um garoto estava sentado em cima dos cobertores cinzentos, as pernas esticadas à frente, segurando um livro.

Não havia traços dos Gaunt no rosto de Tom Riddle. Mérope realizara o seu último desejo: ele era uma miniatura do pai bonitão, alto para os seus onze anos, pálido e de cabelos escuros. Seus olhos se estreitaram ligeiramente ao registrar a excêntrica aparência de Dumbledore. Houve um momento de silêncio.

– Como vai, Tom? – perguntou Dumbledore adiantando-se e estendendo a mão.

O garoto hesitou, aceitou a mão e se cumprimentaram. Dumbledore puxou uma cadeira de madeira para junto de Riddle, fazendo-os parecer um paciente e a sua visita em um hospital.

– Sou o professor Dumbledore.

– Professor? – repetiu Riddle. Mostrou-se preocupado. – É como um "doutor"? Por que está aqui? *Ela* trouxe o senhor para me examinar?

O garoto apontava para a porta pela qual a sra. Cole acabara de sair.

– Não, não – respondeu Dumbledore sorrindo.

– Não acredito no senhor. Ela quer que me examine, não é? Fale a verdade!

O garoto disse as três últimas palavras com uma força tão altissonante que era quase assustadora. Era uma ordem, e, pelo jeito, ele já a dera muitas vezes antes. Seus olhos tinham se esbugalhado e fixavam, sérios, Dumbledore, cuja única reação foi continuar sorrindo agradavelmente. Decorridos alguns segundos, Riddle parou de encarar o professor, embora parecesse ainda mais desconfiado.

– Quem é o senhor?

– Eu já lhe disse. Meu nome é Dumbledore, e trabalho em uma escola chamada Hogwarts. Vim lhe oferecer uma vaga em minha escola, sua nova escola, se quiser ir.

A reação de Riddle ao ouvir isso foi surpreendente. Ele pulou da cama e se afastou de Dumbledore, furioso.

– O senhor não me engana! O hospício, é de lá que o senhor é, não é? "Professor", claro, pois eu não vou, entende? Aquela gata velha é que deveria estar no hospício. Nunca fiz nada a Amadinha nem ao Dênis Bishop, e o senhor pode perguntar, eles dirão ao senhor!

– Eu não sou do hospício – replicou Dumbledore pacientemente. – Sou professor e, se você sentar e se acalmar, posso lhe falar sobre Hogwarts. É claro que se você preferir não ir, ninguém irá forçá-lo...

– Gostaria de ver alguém tentar – desdenhou Riddle.

– Hogwarts – continuou Dumbledore, como se não tivesse ouvido as últimas palavras do garoto – é uma escola para pessoas com talentos especiais...

– Eu não sou louco!

– Sei que não é. Hogwarts não é uma escola para loucos. É uma escola de magia.

Fez-se silêncio. Riddle congelara, seu rosto vazio de expressão, mas o olhar correndo de um olho de Dumbledore para o outro, como se tentasse apanhar um deles mentindo.

– Magia? – repetiu num sussurro.

– Exato.

– É... é magia, o que eu sei fazer?

– Que é que você sabe fazer?

– Muita coisa – sussurrou. Um rubor de excitação subiu do seu pescoço para as faces encovadas; parecia febril. – Sei fazer as coisas se mexerem sem tocar nelas. Sei fazer os bichos me obedecerem sem treinamento. Sei fazer coisas ruins acontecerem a quem me aborrece. Sei fazer as pessoas sentirem dor, se quiser.

Suas pernas tremiam. Ele se adiantou cambaleando e tornou a se sentar na cama, olhando para as mãos, a cabeça baixa como se rezasse.

– Eu sabia que era diferente – murmurou para os seus dedos trêmulos. – Sabia que era especial. Sempre soube que havia alguma coisa.

– Bem, você estava certo – disse Dumbledore, que já não sorria, mas observava Riddle com atenção. – Você é um bruxo.

Riddle ergueu a cabeça. Seu rosto se transfigurou: havia nele uma felicidade irreprimível, mas por alguma razão isso não o tornava mais bonito; pelo contrário, suas feições finas pareciam mais brutas, sua expressão quase bestial.

– O senhor também é bruxo?

– Sou.
– Prove – replicou Riddle imediatamente, no mesmo tom de comando que usara quando dissera “fale a verdade”.
Dumbledore ergueu as sobrancelhas.
– Se, como imagino, você estiver aceitando a vaga em Hogwarts...
– Claro que estou!
– Então, vai se dirigir a mim, chamando-me de “professor” ou de “senhor”.
As feições de Riddle endureceram por um instante fugaz antes que ele respondesse, em um tom irreconhecivelmente educado:
– Desculpe, senhor. Eu quis dizer: por favor, professor, pode me mostrar...?
Harry estava certo de que Dumbledore ia recusar, que ia responder a Riddle que haveria muito tempo para demonstrações práticas em Hogwarts, que naquele momento estavam em um prédio cheio de trouxas e, portanto, precisavam tomar cuidado. Para sua grande surpresa, porém, Dumbledore tirou a varinha do bolso interno do paletó, apontou-a para o guarda-roupa velho a um canto e fez um aceno displicente.
O guarda-roupa pegou fogo.
O garoto pulou da cama. Harry não podia censurá-lo por urrar de choque e fúria; todos os seus bens deviam estar ali dentro; mas, quando Riddle avançou para Dumbledore, as chamas desapareceram, deixando o guarda-roupa intacto.
Riddle olhou do móvel para Dumbledore, então, com uma expressão cobiçosa, apontou para a varinha.
– Onde posso arranjar uma dessas?
– Tudo a seu tempo – respondeu Dumbledore. – Acho que tem alguma coisa querendo sair do seu guarda-roupa.
De fato, ouvia-se alguma coisa chocalhando baixinho. Pela primeira vez, Riddle pareceu amedrontado.
– Abra a porta – ordenou Dumbledore.
Riddle hesitou, mas atravessou o quarto e escancarou a porta do armário. Na prateleira mais alta, acima de um trilho com umas poucas roupas, uma caixinha sacudia e chocalhava como se contivesse ratinhos frenéticos.
– Tire-a daí – disse Dumbledore.
Riddle apanhou a caixa trepidante. Pareceu nervoso.
– Tem alguma coisa nessa caixa que você não deveria ter? – perguntou Dumbledore.
Riddle lançou a Dumbledore um olhar demorado, penetrante e astuto.
– Suponho que sim, senhor – disse finalmente com uma voz inexpressiva.
– Abra-a.
Riddle tirou a tampa e virou o conteúdo em cima da cama, sem olhar. Harry,

que esperara alguma coisa mais excitante, viu uma confusão de pequenos objetos comuns: um ioiô, um dedal de prata e uma gaita de boca oxidada. Uma vez fora da caixa, eles pararam de tremer e mexer sobre os cobertores finos.

– Você os devolverá aos donos com suas desculpas – disse Dumbledore calmamente, tornando a guardar a varinha no paletó. – Saberei se fez isso. – E alertou: – Em Hogwarts, não toleramos roubos.

Riddle não pareceu sequer remotamente envergonhado; continuou a encarar Dumbledore com um olhar frio e avaliador. Por fim, disse com uma voz monótona:

– Sim, senhor.

– Em Hogwarts – continuou Dumbledore –, ensinamos não apenas a usar a magia, mas a controlá-la. Você tem usado os seus poderes, decerto sem saber, de um modo que não é ensinado nem tolerado em nossa escola. Você não é o primeiro nem será o último a deixar que a sua magia fuja ao seu controle. Mas é preciso que saiba que Hogwarts pode expulsar alunos e o Ministério da Magia, porque existe um Ministério, castiga os que desrespeitam as leis, ainda mais severamente. Todos os novos bruxos têm de aceitar que, ao entrar em nosso mundo, se submetem às nossas leis.

– Sim, senhor – repetiu o garoto.

Era impossível saber o que ele estava pensando; manteve o rosto impassível ao tornar a guardar os objetos roubados na caixa de papelão. Quando terminou, virou-se para Dumbledore e disse com atrevimento:

– Não tenho dinheiro.

– Isto é facilmente remediável – disse Dumbledore, tirando uma bolsa de couro do bolso. – Há um fundo em Hogwarts para os que precisam de ajuda para comprar livros e vestes. Você talvez tenha de comprar alguns livros de feitiços e outras coisas de segunda mão, mas...

– Onde se compram livros de feitiços? – interrompeu-o Riddle, que tinha apanhado a pesada bolsa de dinheiro sem agradecer, e agora examinava um maciço galeão de ouro.

– No Beco Diagonal. Trouxe a sua lista de livros e materiais escolares. Posso ajudá-lo a encontrar tudo...

– O senhor vai me acompanhar? – perguntou Riddle erguendo a cabeça.

– Certamente, se você...

– Não preciso do senhor – retrucou Riddle. – Estou acostumado a fazer tudo sozinho. Ando por toda a Londres desacompanhado. Como se chega a esse Beco Diagonal... senhor? – acrescentou ele, ao surpreender o olhar de Dumbledore.

Harry achou que Dumbledore fosse insistir em acompanhar Riddle, mas surpreendeu-se outra vez. Dumbledore lhe entregou o envelope contendo a lista

de materiais e, depois de orientar o garoto exatamente como ir do orfanato ao Caldeirão Furado, acrescentou:

– Você o verá, embora à sua volta os trouxas, as pessoas que não são bruxas, não o vejam. Pergunte por Tom, o dono do bar, é fácil lembrar, porque tem o mesmo nome que você...

Riddle fez um movimento de irritação, como se tentasse espantar uma mosca insistente.

– Você não gosta do nome “Tom”?

– Tem muita gente com esse nome – murmurou. Então, como se não conseguisse se conter, como se a pergunta escapasse de sua boca involuntariamente: – Meu pai era bruxo? Ele também se chamava Tom Riddle, me disseram.

– Receio não saber dizer – respondeu Dumbledore em tom gentil.

– Minha mãe não deve ter sido bruxa ou não teria morrido – disse o garoto mais para si mesmo do que para Dumbledore. – Deve ter sido ele. Muito bem, depois de comprar o que preciso, quando vou para essa tal Hogwarts?

– Todos os detalhes estão na segunda folha de pergaminho no seu envelope – informou Dumbledore. – Você embarcará na estação de King’s Cross no primeiro dia de setembro. Há também um bilhete de trem aí dentro.

Riddle assentiu. Dumbledore se levantou e estendeu mais uma vez a mão. Segurando-a, Riddle disse:

– Posso falar com as cobras. Descobri isso quando fui ao campo, nos passeios, elas me acham, sussurram para mim. Isto é normal nos bruxos?

Harry entendeu que ele evitara mencionar o mais estranho dos seus poderes até aquele momento, com a intenção de impressionar.

– Não é normal – respondeu Dumbledore, após breve hesitação –, mas há ocorrências.

Seu tom era displicente, mas os olhos estudaram curiosos o rosto de Riddle. Homem e garoto se encararam por um momento. Então, o aperto de mão se desfez. Dumbledore estava à porta.

– Até mais, Tom. Verei você em Hogwarts.

– Acho que já basta – anunciou o Dumbledore de cabelos brancos ao lado de Harry e, segundos depois, estavam voando mais uma vez, imponderáveis, pela escuridão, antes de aterrissarem com firmeza no escritório atual.

– Sente-se – disse Dumbledore, descendo ao lado de Harry.

O garoto obedeceu, sua mente ainda ocupada com o que acabara de presenciar.

– Ele acreditou muito mais depressa que eu, quero dizer, quando o senhor o informou de que era um bruxo – disse Harry. – Não acreditei em Hagrid, a

princípio, quando ele me contou.
– É, Riddle estava absolutamente pronto para acreditar que era, para usar as palavras dele, “especial”.
– O senhor sabia... na época? – perguntou Harry.
– Se eu sabia que acabara de conhecer o bruxo das Trevas mais perigoso de todos os tempos? Não, eu não fazia ideia de que ele iria crescer e se tornar o que é. Mas fiquei certamente intrigado com ele. Voltei a Hogwarts com a intenção de vigiá-lo, coisa que, de qualquer modo, era minha obrigação, uma vez que ele não tinha família nem amigos, mas que, já então, eu sentia que devia fazer não somente por ele, mas pelos outros.
“Seus poderes, como você mesmo ouviu, eram surpreendentemente bem desenvolvidos para um bruxo tão jovem e, o que é mais curioso e ameaçador, ele já havia descoberto que conseguia controlá-los até certo ponto, e começou a usá-los de forma consciente. E como você viu, não eram as experiências aleatórias típicas de um bruxo jovem. Ele já estava usando a magia contra outras pessoas, para amedrontar, castigar e dominar. Os episódios do coelho enforcado e do garoto e da garota atraídos para uma caverna foram muito sugestivos... *Sei fazer as pessoas sentirem dor, se quiser...*”
– E ele era ofidioglota – interpôs Harry.
– É verdade, um talento raro e supostamente ligado às Artes das Trevas, embora, como já sabemos, também haja ofidioglotas entre os bruxos grandes e bons. De fato, sua capacidade para falar com as cobras me deixou tão preocupado quanto os seus instintos óbvios para a crueldade, o sigilo e a dominação.
“O tempo está nos enganando outra vez – comentou Dumbledore, indicando o céu escuro fora das janelas. – Mas, antes de nos despedirmos, quero chamar sua atenção para certos detalhes da cena que acabamos de presenciar, porque têm muita pertinência para os assuntos que iremos discutir nas próximas reuniões.
“Primeiro, espero que tenha reparado na reação de Riddle quando mencionei que outra pessoa tinha o mesmo nome que ele, ‘Tom’.”
Harry confirmou.
– Ali ele mostrou seu desprezo por qualquer coisa que o ligasse a outra pessoa, qualquer coisa que o tornasse comum. Já então ele queria ser diferente, isolado, famoso. Ele abandonou o nome próprio, conforme você sabe, poucos anos depois daquela conversa, e criou a máscara de “Lorde Voldemort” por trás da qual se esconde há tanto tempo.
“Confio que você também tenha notado que Tom Riddle já era muito autossuficiente, cheio de segredos e aparentemente sem amigos. Não quis ajuda nem companhia para ir ao Beco Diagonal. Preferiu agir sozinho. O Voldemort

adulto é igual. Você ouvirá muitos Comensais da Morte dizerem que gozam de sua confiança, que somente eles são íntimos e até que o compreendem. Estão iludidos. Lorde Voldemort nunca teve amigos e creio que jamais quis ter um.

"E, por último, e espero que não esteja sonolento demais para prestar atenção ao que vou dizer, Harry: o jovem Tom Riddle gostava de colecionar troféus. Você viu a caixa de objetos roubados que tinha escondido no quarto. Foram tirados das vítimas de sua intimidação, suvenires de momentos de magia particularmente desagradáveis. Não se esqueça dessa mania de apropriação, porque, mais tarde, ela será particularmente importante.

"E, agora, está realmente na hora de ir dormir."

Harry se levantou. Ao atravessar o aposento, o seu olhar recaiu sobre a mesinha sobre a qual estivera o anel de Servolo Gaunt na aula anterior, mas o anel não estava mais ali.

– Sim, Harry? – indagou Dumbledore, ao ver Harry parar de repente.

– O anel desapareceu – disse ele olhando à sua volta. – Mas achei que talvez tivesse a gaita de boca ou outro objeto.

Dumbledore abriu um largo sorriso para ele, mirando-o por cima dos oclinhos de meia-lua.

– Muito sagaz, Harry, mas a gaita de boca era apenas uma gaita de boca.

E, com essa nota enigmática, ele acenou para Harry, que entendeu que o diretor o dispensara.

— CAPÍTULO CATORZE —

Felix Felicis

Herbologia foi a primeira aula de Harry na manhã seguinte. No café da manhã não pudera comentar com Rony e Hermione a aula com Dumbledore, com medo de ser ouvido, mas foi contando enquanto caminhavam pela horta em direção às estufas. A ventania violenta do fim de semana finalmente cessara; a estranha névoa tinha voltado, e gastaram mais tempo do que o habitual para encontrar a estufa certa.

– Uau, que pensamento apavorante, esse garoto Você-Sabe-Quem – disse Rony baixinho, quando tomaram seus lugares ao redor de um dos tocos nodosos de Arapucosos, que faziam parte do programa do trimestre, e começaram a calçar as luvas de proteção. – Mas continuo a não entender por que Dumbledore está lhe mostrando tudo isso. Quero dizer, é muito interessante e tudo o mais, mas para que serve?

– Não sei – respondeu Harry, encaixando um protetor de gengivas. – Mas ele diz que é importantíssimo e vai me ajudar a sobreviver.

– Acho fascinante – opinou Hermione séria. – Faz todo sentido conhecer o que for sobre o Voldemort. De que outro modo você vai descobrir os pontos fracos dele?

– Então, como foi a última festinha de Slughorn? – perguntou Harry com voz pastosa por causa do protetor de gengivas.

– Ah, foi até divertida – respondeu Hermione, colocando os óculos protetores. – Quero dizer, ele fala um pouco sobre os ex-alunos famosos, e simplesmente *baba* em cima do McLaggen por que ele é bem relacionado, mas nos serviu uma comida realmente gostosa e nos apresentou a Guga Jones.

– Guga Jones? – admirou-se Rony, arregalando os olhos por baixo dos óculos protetores. – *A Guga Jones, c*apitã das Harpias de Holyhead?

– A própria – confirmou Hermione. – Pessoalmente, achei que ela é um pouco metida, mas...

– Chega de conversa aí! – disse a professora Sprout, em tom enérgico, aproximando-se com ar severo. – Vocês estão se atrasando, todos já começaram e Neville já colheu a primeira vagem!

Eles se viraram para olhar; de fato, lá estava Neville com os lábios ensanguentados e vários arranhões feios na bochecha, mas apertando um objeto verde, do tamanho aproximado de uma toranja, que pulsava hostilmente.

– Certo, professora, já estamos começando! – disse Rony, acrescentando baixinho, quando ela se afastou: – Devíamos ter usado o *Abaffiato*, Harry.

– Não, não devíamos! – discordou Hermione na mesma hora, parecendo, como sempre, aborrecidíssima só de pensar no Príncipe Mestiço e nos seus feitiços. – Ora, vamos... é melhor nos apressarmos...

Ela lançou aos outros dois um olhar preocupado: os três tomaram fôlego e atacaram o toco nodoso.

A planta imediatamente ganhou vida; galhos longos, urticantes e espinhosos saíram do toco e chicotearam o ar. Um deles se enganchou nos cabelos de Hermione, e Rony o repeliu com uma tesoura de poda; Harry conseguiu conter uns dois galhos e prendê-los com um nó; abriu-se um buraco no meio desses tentáculos; Hermione enfiou o braço corajosamente no buraco, que fechou como uma armadilha em torno do seu cotovelo; Harry e Rony puxaram e torceram os galhos, obrigando o buraco a reabrir, e Hermione desvencilhou o braço, trazendo entre os dedos uma vagem igualzinha à de Neville. Na mesma hora, os galhos urticantes tornaram a se recolher e o toco nodoso se imobilizou, parecendo um inocente pedaço de madeira seca.

– Sabe, acho que não vou querer essa planta no jardim quando tiver a minha casa – comentou Rony, empurrando os óculos para a testa e enxugando o suor do rosto.

– Me passa uma tigela – pediu Hermione, segurando a vagem pulsante com o braço estendido; foi o que Harry fez e ela largou a vagem dentro da vasilha com cara de nojo.

– Não seja supersensível, esprema a vagem, é melhor quando está fresca! – falou a professora Sprout.

– Como eu ia dizendo – Hermione retomou a conversa interrompida como se não tivessem sido atacados pelo toco de madeira –, Slughorn vai dar uma festa de Natal, Harry, e dessa você não vai ter jeito de escapar, porque ele me pediu para verificar as suas noites livres, e vai marcar a festa numa noite em que você possa ir.

Harry gemeu. Nesse meio-tempo, Rony, que estava em pé tentando abrir a vagem na tigela, segurando-a com as duas mãos e apertando-a com toda a força, disse aborrecido:

– E essa é mais uma festa para os favoritos de Slughorn?
– É só para o Clube do Slugue – respondeu Hermione.
A vagem voou para longe dos dedos de Rony, atingiu o vidro da estufa, ricocheteou e foi bater na nuca da professora, derrubando seu velho chapéu remendado. Harry foi recuperar a vagem; quando voltou, Hermione estava dizendo:
– Olhe aqui, não fui *eu* que inventei o nome “Clube do Slugue”...
– *Clube do Slugue* – repetiu Rony com um desprezo digno de Malfoy. – É patético. Ora, eu espero que você se divirta na festa. Por que não experimenta namorar o McLaggen, aí o Slughorn pode proclamar vocês dois Rei e Rainha do Clu...
– Ele nos deu permissão para levar convidados – disse Hermione, que, por alguma razão, ficara escarlate escaldante –, e eu *ia* convidar você, mas, se acha que é bobeira, então nem vou me incomodar!
Harry de repente desejou que a vagem tivesse voado mais longe, para não precisar ficar sentado ali com aqueles dois. Sem que percebessem, ele agarrou a tigela com a vagem e tentou abri-la da maneira mais barulhenta e enérgica que pôde pensar: infelizmente, continuou ouvindo cada palavra que eles diziam.
– Você ia me convidar? – perguntou Rony, em um tom completamente diferente.
– Ia – respondeu Hermione zangada. – Mas é óbvio que se você prefere que eu *namore o McLaggen*...
Houve uma pausa em que Harry continuou a bater na vagem resistente com uma colher de jardineiro.
– Não, não prefiro – retrucou Rony, em voz muito baixa.
Harry errou o alvo e bateu na tigela, quebrando-a.
– *Reparo* – disse depressa, empurrando os cacos com a varinha, e a tigela se recompôs. O barulho, porém, pareceu ter despertado Rony e Hermione para a presença de Harry. A garota parecia embaraçada, e começou a consultar o seu exemplar de *Árvores do mundo que se alimentam de carne*, para descobrir o modo correto de espremer as vagens de Arapucosos. Rony, por sua vez, parecia envergonhado, mas, ao mesmo tempo, muito satisfeito consigo mesmo.
– Me dá isso, Harry – disse Hermione apressada –, diz aqui que precisamos furá-las com uma coisa afiada...
Harry passou-lhe a vagem e a tigela, ele e Rony tornaram a baixar os óculos sobre os olhos e mergulharam mais uma vez no toco.
Não é que estivesse realmente surpreso, pensou Harry, enquanto lutava com um galho espinhoso decidido a esganá-lo; tinha uma intuição de que aquilo poderia acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas não sabia como se sentia a esse

respeito... ele e Cho agora estavam constrangidos demais para se olhar, quanto mais para se falar; e se Rony e Hermione começassem a sair juntos e depois acabassem o namoro? Será que a amizade deles sobreviveria? Harry se lembrou das poucas semanas em que tinham deixado de se falar no terceiro ano; não gostara de ficar tentando reaproximar os dois. Mas e se não acabassem o namoro? E se acabassem como o Gui e a Fleur, e ficar em companhia deles se tornasse extremamente constrangedor, e, desse modo, Harry fosse excluído para sempre?

– Peguei! – berrou Rony, puxando uma segunda vagem do toco na hora em que Hermione conseguia partir a primeira, fazendo a tigela se encher de tubérculos que se torciam como vermes verde-claros.

O restante da aula passou sem que se mencionasse a festa de Slughorn. Embora nos dias seguintes Harry observasse seus dois amigos com mais atenção, Rony e Hermione não pareciam diferentes, exceto que se tratavam com mais gentileza do que o normal. Harry presumiu que teria de esperar para ver o que aconteceria sob a influência da cerveja amanteigada na penumbra da sala de Slughorn, na noite da festa. Até lá, porém, ele tinha preocupações mais urgentes.

Katie Bell continuava no Hospital St. Mungus sem perspectiva de alta, o que significava que a promissora equipe da Grifinória que Harry andara treinando com tanto carinho desde setembro perdera um artilheiro. Ele adiava a substituição da garota na esperança de que ela voltasse, mas a partida de abertura contra a Sonserina se aproximava, e ele finalmente teve de admitir que a garota não voltaria em tempo de jogar.

Harry achava que não aguentaria outro teste geral. Com uma sensação de desânimo que não combinava com o quadribol, ele encurralou Dino Thomas depois de uma aula de Transfiguração. A maior parte da turma já havia saído, embora vários passarinhos amarelos pipilantes ainda voassem pela sala, todos criações de Hermione; ninguém mais conseguira conjurar coisa alguma além de uma pena.

– Você está interessado em jogar como artilheiro?

– Quê...? Claro que estou! – exclamou Dino agitado. Por cima do ombro do garoto, Harry viu Simas Finnigan enfiar violentamente os livros na mochila, de mau humor. Uma das razões por que Harry teria preferido não convidar Dino para jogar é que sabia que Simas não ia gostar. Por outro lado, precisava fazer o que era melhor para a equipe, e Dino tinha voado melhor que Simas nos testes.

– Bem, então você está na equipe – disse Harry. – Temos um treino hoje à noite, às sete horas.

– Certo. Valeu, Harry! Caramba, nem posso esperar para contar a Gina.

Ele saiu correndo da sala, deixando Harry e Simas sozinhos, um momento de

mal-estar que não ficou melhor quando um dos passarinhos de Hermione sobrevoou os dois e deixou cair uma titica na cabeça de Simas.

Simas não foi o único descontente por Harry ter escolhido dois colegas da própria série para a equipe. Já tendo suportado falatórios muito piores em sua carreira escolar, Harry não se sentiu particularmente incomodado, mas, ainda assim, crescia a pressão para ganharem a partida contra a Sonserina dali a alguns dias. Se a Grifinória ganhasse, Harry sabia que a casa inteira esqueceria as críticas e juraria que sempre acreditara que tinham uma grande equipe. Se perdesse... bem, Harry concluiu ironicamente, ele já tinha suportado falatórios piores...

Harry não teve razão para se arrepender de sua escolha quando viu Dino voando naquela noite; ele se entrosou bem com Gina e Demelza. Os batedores, Peakes e Coote, melhoravam a cada treino. O único problema era Rony.

Harry sempre soubera que o amigo era um jogador irregular, que sofria dos nervos e de falta de confiança e, infelizmente, a perspectiva iminente do jogo que abria a temporada parecia acentuar todas as velhas inseguranças. Depois de deixar entrar meia dúzia de gols, a maioria deles marcados por Gina, sua técnica foi piorando, e por fim ele meteu um soco na boca de Demelza Robins quando ela se aproximou.

– Foi um acidente, lamento, Demelza, eu realmente lamento! – Rony gritou para a garota que ziguezagueava de volta ao chão, pingando sangue pelo caminho. – Foi só que eu...

– Entrou em pânico – disse Gina com raiva, aterrissando ao lado de Demelza e examinando seus lábios carnudos. – Seu retardado, olhe só o que você fez!

– Posso dar um jeito nisso. – Harry pousou ao lado das duas garotas, e apontando a varinha para a boca de Demelza, disse: – *Episkey*. E, Gina, não xingue o Rony de retardado, você não é o capitão da equipe...

– Bem, pelo visto você estava ocupado demais para xingá-lo de retardado, então achei que alguém devia...

Harry fez força para não rir.

– Voando, todo o mundo, vamos...

De um modo geral, foi um dos piores treinos que fizeram naquele trimestre, embora Harry não achasse que a franqueza fosse a melhor política quando estavam tão próximos da partida.

– Bom treino, pessoal, vamos arrasar a Sonserina – disse para incentiválos, e os artilheiros e batedores saíram do vestiário parecendo razoavelmente felizes consigo mesmos.

– Joguei como uma saca de bosta de dragão! – exclamou Rony com a voz sumida quando Gina saiu e a porta se fechou.

– Não, não jogou – retrucou Harry com firmeza. – Você é o melhor goleiro que testei, Rony. Seu único problema são os nervos.

Harry sustentou um fluxo incansável de encorajamento a caminho do castelo e, quando finalmente chegaram ao segundo andar, Rony estava parecendo um pouco mais animado. Mas quando Harry afastou a tapeçaria para tomar o atalho habitual para a Torre da Grifinória, depararam com Dino e Gina, enlaçados em um apertado abraço, se beijando vorazmente como se estivessem colados.

Foi como se uma coisa grande e escamosa tivesse despertado no estômago de Harry, e enterrado as garras em suas entranhas: um afluxo de sangue quente pareceu inundar seu cérebro, extinguindo todo o pensamento e substituindo-o pelo impulso selvagem de azarar Dino, transformando-o em geleia. Lutando contra esta súbita loucura, ele ouviu a voz de Rony muito longe.

– Oi!

Dino e Gina se separaram e viraram para olhar.

– Que foi? – perguntou Gina.

– Não quero encontrar a minha irmã se agarrando em público!

– Estávamos em um corredor deserto até você se intrometer! – retrucou Gina.

Dino pareceu constrangido. Lançou um sorriso evasivo a Harry, que não o retribuiu, porque o monstro recém-nascido dentro dele urrava, pedindo imediatamente a exclusão de Dino da equipe.

– Ãh... vamos, Gina – convidou Dino –, vamos voltar para a sala comunal...

– Vai indo! – respondeu Gina. – Quero dar uma palavrinha com o meu querido irmão!

Dino foi embora, parecendo não lamentar sua saída de cena.

– Certo – disse Gina, jogando os longos cabelos ruivos para trás e encarando Rony, aborrecida –, vamos entender de uma vez por todas. Não é da sua conta com quem eu saio e o que faço, Rony...

– É, sim! – retrucou Rony no mesmo tom zangado. – Você acha que eu quero que as pessoas digam que minha irmã é uma...

– Uma o quê? – gritou a garota, puxando a varinha. – Uma o *quê*, exatamente?

– Ele não quis dizer nada, Gina – interpôs Harry automaticamente, embora o monstro estivesse rugindo sua aprovação às palavras de Rony.

– Ah, quis, sim! – explodiu ela com Harry. – Só porque *ele* ainda não se agarrou com ninguém na vida, só porque o melhor beijo que *ele* já ganhou foi da tia Muriel...

– Cala essa boca! – berrou Rony, o rosto passando de rosado direto para o castanho-avermelhado.

– Não calo, não! – gritou Gina, fora de si. – Vejo você com a Fleuma, esperando que ela lhe dê um beijo na bochecha toda vez que a vê, é patético! Se

você saísse por aí dando uns amassos, não iria se importar tanto que os outros fizessem isso!

Rony também puxara a varinha; Harry se meteu rapidamente entre os dois.

– Você não sabe o que está dizendo! – rugiu Rony, tentando acertar em Gina pelos lados de Harry, que agora se interpunha aos dois de braços abertos. – Só porque não faço isso em público...!

Gina gargalhou debochadamente, tentando tirar Harry do caminho.

– Andou beijando o Pichitinho, foi? Ou tem uma foto da tia Muriel guardada embaixo do travesseiro?

– Sua...

Um lampejo laranja voou por baixo do braço esquerdo de Harry e por centímetros não atingiu Gina; Harry empurrou Rony contra a parede.

– Não seja burro...

– Harry deu uns amassos na Cho Chang! – berrou Gina, que parecia à beira das lágrimas agora. – E, Hermione, no Vítor Krum; só você se comporta como se isso fosse feio, Rony, porque você tem a experiência de um garotinho de doze anos!

E, dizendo isso, retirou-se enfurecida. Harry soltou depressa Rony, que tinha no rosto uma expressão homicida. Os dois ficaram parados ali, arquejando, até que Madame Nor-r-ra, a gata de Filch, entrou no corredor, rompendo a tensão.

– Vamos – disse Harry, ao ouvirem os passos arrastados de Filch.

Eles subiram, apressados, as escadas e seguiram pelo corredor do sétimo andar.

– Oi, sai da frente! – falou Rony com rispidez para uma garotinha que se assustou e deixou cair no chão um vidro de ovas de sapo.

Harry mal escutou o barulho do vidro partindo; sentia-se desorientado, tonto; ser atingido por um raio deveria ser parecido. *Só porque ela é irmã do Rony*, pensou. *Você não gostou de ver Gina beijando o Dino porque ela é irmã do Rony...*

Involuntariamente, porém, sua mente foi invadida pela imagem daquele mesmo corredor deserto, e ele beijando Gina em vez de... o monstro em seu peito ronronou... então viu Rony rasgando a tapeçaria e puxando a varinha contra ele, gritando coisas como “traiu a confiança”... “acreditei que era meu amigo”...

– Você acha que Hermione deu uns amassos no Krum? – perguntou Rony, subitamente, ao se aproximarem da Mulher Gorda. Harry teve um sobressalto de remorso e arrancou sua imaginação do corredor onde Rony não entrara, onde ele e Gina estavam sozinhos...

– Quê!... – exclamou confuso. – Ah... ãh...

A resposta franca seria “acho”, mas não quis dá-la. Rony, contudo, pareceu ter entendido o pior, pela expressão no rosto de Harry.

– *Sopa da coroação* – disse mal-humorado à Mulher Gorda, e eles passaram pelo retrato e entraram na sala comunal.

Nenhum dos dois tornou a mencionar Gina nem Hermione; de fato, quase não se falaram aquela noite e foram dormir em silêncio, cada um absorto nos próprios pensamentos.

Harry ficou acordado durante muito tempo, contemplando o dossel da cama e tentando se convencer de que seus sentimentos por Gina eram inteiramente fraternais. Tinham vivido, não tinham, como irmão e irmã o verão todo, jogando quadribol, implicando com Rony e rindo de Gui e Fleuma. Conhecia Gina havia anos... era natural que quisesse protegê-la... natural que prestasse atenção nela... quisesse despedaçar Dino por tê-la beijado... não... teria de controlar particularmente este sentimento fraternal...

Rony soltou um ronco gutural.

Ela é irmã de Rony, disse a si mesmo com firmeza. *Irmã de Rony. É fruto proibido*... Ele não arriscaria sua amizade com Rony por nada. Deu uns socos no travesseiro para deixá-lo mais confortável e esperou o sono chegar, fazendo o possível para não deixar seus pensamentos vagarem nem próximo de Gina.

Harry acordou na manhã seguinte se sentindo meio tonto e confuso em consequência de uma série de sonhos em que Rony o perseguira com um bastão de quadribol. Mas, por volta do meio-dia, ele teria trocado de boa vontade o Rony do sonho pelo amigo, que não somente estava dando um gelo em Gina e Dino, como ainda estava tratando Hermione, magoada e perplexa, com uma indiferença mortal e desdenhosa. E mais, Rony parecia ter se tornado, da noite para o dia, sensível e pronto para agredir como um explosivim. Harry passou o dia tentando manter a paz entre Rony e Hermione sem sucesso: por fim, a garota foi dormir amuada, e Rony se retirou para o dormitório dos garotos depois de xingar enraivecido uns calouros apavorados, só porque olharam para ele.

Para desânimo de Harry, a nova agressividade de Rony não abrandou nos dias seguintes. E, pior, coincidiu com uma queda no seu desempenho como goleiro, o que o deixou ainda mais agressivo, fazendo com que, no último treino de quadribol antes do jogo de sábado, ele não conseguisse defender um único dos gols que os artilheiros lançaram contra ele, e berrasse tanto com todos que reduziu Demelza Robins às lágrimas.

– Cala a boca e deixa a garota em paz! – gritou Peakes, que tinha dois terços da altura de Rony, embora fosse incontestável que segurava um pesado bastão.

– CHEGA! – berrou Harry, que vira o olhar feio de Gina para Rony e, lembrando-se de sua reputação de talentosa azaradora de bichos-papões, voou

até lá para intervir, antes que as coisas fugissem ao seu controle. – Peakes, vai encaixotar os balaços. Demelza, não fique nervosa, você jogou realmente bem hoje. Rony... – Ele esperou os demais jogadores se afastarem o suficiente antes de continuar: – você é o meu melhor amigo, mas continue a tratar os outros assim e vou expulsá-lo da equipe.

Harry realmente pensou, por um instante, que Rony fosse bater nele, mas aconteceu coisa muito pior: Rony pareceu murchar em cima da vassoura; toda a agressividade abandonou-o, e ele disse:

– Estou fora. Sou patético.

– Você não é patético nem vai desistir de nada! – contestou Harry ferozmente, agarrando Rony pela frente das vestes. – Você é capaz de defender qualquer coisa quando está em forma, você tem é um problema mental!

– Você está me chamando de maluco?

– É, talvez esteja!

Eles se enfrentaram por um momento, então Rony balançou a cabeça, deprimido.

– Sei que você não tem tempo para arranjar outro goleiro, por isso vou jogar amanhã, mas se perdermos, e vamos perder, vou me retirar da equipe.

Nada que Harry dissesse faria a menor diferença. Ele tentou reforçar a confiança do amigo durante todo o jantar, mas Rony estava ocupado demais fazendo desfeitas a Hermione para notar. À noite, na sala comunal, Harry insistiu, mas sua afirmação de que a equipe inteira ficaria arrasada se Rony saísse foi prejudicada pelo fato de que os demais jogadores ficaram agrupados a um canto distante, visivelmente cochichando sobre Rony e lhe lançando olhares irritados. Finalmente, Harry tentou se enfurecer mais uma vez na esperança de instigar Rony a adotar uma atitude de desafio que redundasse na defesa de gols, mas sua estratégia pareceu não dar melhor resultado do que a de encorajamento; Rony foi se deitar mais abatido e desesperançado que nunca.

Deitado no escuro, Harry ficou acordado um longo tempo. Não queria perder a partida que se avizinhava; não somente era a sua primeira como capitão, como também ele estava decidido a vencer Draco Malfoy no quadribol, ainda que não conseguisse comprovar suas desconfianças a respeito do colega. Contudo, se Rony jogasse como nos últimos treinos, as chances de vencerem seriam mínimas.

Se ao menos ele pudesse fazer alguma coisa para Rony se reanimar... para fazê-lo jogar em sua melhor forma... alguma coisa que garantisse a Rony um dia realmente bom...

E a resposta ocorreu a Harry em um súbito e glorioso acesso de inspiração.

Na manhã seguinte, o café da manhã foi aquela excitação de sempre; os

alunos da Sonserina assoviavam e vaiavam alto cada jogador da Grifinória que entrava no Salão Principal. Harry olhou para o teto e viu um céu claro e azulado: um bom sinal.
A mesa da Grifinória, uma mancha compacta vermelha e ouro, aplaudiu quando Harry e Rony se aproximaram. Harry sorriu e acenou; Rony fez uma espécie de careta e agradeceu com a cabeça.
– Anime-se, Rony! – gritou Lilá. – Sei que você vai ser genial!
Rony fingiu não ouvir.
– Chá? – ofereceu-lhe Harry. – Café? Suco de abóbora?
– Qualquer coisa – respondeu Rony, infeliz, mordendo a torrada de mau humor.
Alguns minutos depois, Hermione, que, de tão cansada com a antipatia de Rony nos últimos dias, nem descera para tomar café com eles, parou a caminho da mesa.
– Como é que vocês dois estão se sentindo? – perguntou, hesitante, com os olhos na nuca de Rony.
– Ótimos – respondeu Harry, que estava se concentrando em passar para Rony um copo de suco de abóbora. – Pronto, Rony. Beba.
Rony tinha acabado de levar o copo à boca quando Hermione falou com rispidez.
– Não beba isso, Rony!
Os dois olharam para ela.
– Por que não? – perguntou Rony.
Hermione agora encarava Harry como se não conseguisse acreditar no que via.
– Você acabou de pôr alguma coisa nesse suco.
– Que foi que você disse?
– Você me ouviu. Eu vi. Você acabou de virar alguma coisa no copo de Rony. O frasco ainda está em suas mãos!
– Não sei do que você está falando – disse Harry, guardando depressa o frasquinho no bolso.
– Rony, estou avisando-o, não beba isso! – repetiu Hermione, alarmada, mas Rony apanhou o copo, virou-o de um gole e disse:
– Pare de ficar mandando em mim, Hermione.
A garota se escandalizou. Abaixando-se de modo que somente Harry a ouvisse, sibilou:
– Você poderia ser expulso por isso, eu nunca pensei que fosse capaz, Harry!
– Veja só quem está falando – sussurrou ele em resposta. – Tem confundido alguém recentemente?

Hermione afastou-se bruscamente para a outra ponta da mesa. Harry observou-a ir sem lamentar. Hermione jamais entendera realmente que quadribol era um assunto sério. Virou-se, então, para Rony, que estalava os lábios.

– Quase na hora – comentou, descontraído.

Na descida para o estádio, a grama congelada rangia sob seus pés.

– Que sorte o tempo estar bom, eh? – falou Harry.

– É – concordou Rony, que parecia pálido e nauseado.

Gina e Demelza já tinham vestido os uniformes de quadribol e aguardavam no vestiário.

– As condições parecem ideais – comentou Gina, ignorando o irmão. – E sabem da última? Aquele artilheiro da Sonserina, Vaisey, levou um balaço na cabeça ontem durante o treino, e está machucado demais para jogar! E melhor ainda: Malfoy também não vai jogar, está doente!

– *Quê!* – exclamou Harry, virando-se para olhar para Gina. – Está doente? Que é que ele tem?

– Não tenho a menor ideia, mas é ótimo para nós – respondeu ela animada. – Vão jogar com o Harper; ele está no mesmo ano que eu, e é um idiota.

Harry retribuiu com um sorriso distante, mas, ao vestir o uniforme vermelho, seus pensamentos estavam longe do quadribol. Uma vez Malfoy alegara que não podia jogar por causa de um ferimento, mas naquela ocasião conseguira que a partida fosse remarcada para uma data mais conveniente à equipe da Sonserina. Por que agora estava deixando um substituto jogar? Estaria mesmo doente ou era fingimento?

– Suspeito, não é? – comentou em voz baixa para Rony. – Malfoy não jogar?

– Chamo isso de sorte – respondeu Rony, parecendo ligeiramente mais animado. – E Vaisey está fora também, é o melhor artilheiro da equipe, eu não queria... ei! – exclamou de repente, parando de calçar as luvas de goleiro e olhando espantado para Harry.

– Que foi?

– Eu... você... – Rony baixou a voz; ele parecia sentir ao mesmo tempo medo e excitação. – Minha bebida... meu suco de abóbora... você não...

Harry ergueu as sobrancelhas, mas disse apenas:

– Vamos começar em cinco minutos, é melhor calçar suas botas.

Eles entraram em campo sob gritos e vaias. Uma parte do estádio era totalmente vermelho e ouro; a outra, um mar verde e prata. Muitos alunos da Corvinal e da Lufa-Lufa também tinham tomado partido; entre berros e palmas, Harry podia distinguir o rugido do famoso chapéu-leão de Luna Lovegood.

Ele se dirigiu a Madame Hooch, a árbitra, que estava em posição para soltar as bolas do caixote.

– Capitães, apertem as mãos – disse ela, e Harry sentiu a mão esmagada pelo novo capitão da Sonserina, Urquhart. – Montem suas vassouras. Quando eu apitar... três... dois... um...

Soou o apito, Harry e os outros deram impulso do chão congelado, e partiram.

Harry sobrevoou o perímetro do campo procurando o pomo, de olho em Harper, que ziguezagueava muito abaixo dele. E então ouviu uma voz de locutor que destoava da que estavam habituados.

– Ora, começou a partida e acho que todos estamos surpresos com a equipe que Potter reuniu este ano. Muitos acharam que, pelo desempenho desigual do goleiro Rony Weasley no ano passado, ele não retornaria à equipe, mas é claro que uma forte amizade pessoal com o capitão ajuda...

Essas palavras foram recebidas com vaias e aplausos do lado do estádio ocupado pela Sonserina. Harry se esticou na vassoura para ver o pódio de transmissão. Um rapaz alto, magricela e louro, de nariz arrebitado, estava em pé ali, falando para o megafone mágico que no passado fora de Lino Jordan; Harry reconheceu Zacarias Smith, um jogador da Lufa-Lufa por quem sentia grande antipatia.

– Ah, e aí vem a Sonserina em sua primeira tentativa de marcar um gol, é Urquhart que mergulha em direção ao campo e...

O estômago de Harry embrulhou.

– ... Weasley defende bem, todo o mundo tem o seu dia de sorte, suponho...

– Isso mesmo, Smith, hoje é o dia dele – resmungou Harry com um sorriso, mergulhando entre os artilheiros com os olhos atentos à procura de um sinal do ilusório pomo.

Decorrida meia hora de jogo, a Grifinória estava ganhando por sessenta pontos a zero, Rony tendo feito defesas verdadeiramente espetaculares, algumas com as pontas das luvas, e Gina tendo marcado quatro dos seis gols da equipe. Isto realmente fez Zacarias parar de perguntar em voz alta se os dois Weasley estavam ali porque Harry gostava deles, e passar a implicar com Peakes e Coote.

– É óbvio que Coote não tem realmente o físico de um batedor – comentou Zacarias com arrogância –, em geral eles têm mais força muscular...

– Manda um balaço nele! – gritou Harry quando Coote passou disparado, mas o garoto, dando um largo sorriso, preferiu mirar o balaço seguinte em Harper, que ia cruzando com o capitão. Harry ficou satisfeito ao ouvir o baque surdo indicando que o balaço atingira o alvo.

Parecia que a Grifinória não podia errar. Repetidamente a equipe goleava, e repetidamente, no extremo oposto do campo, Rony defendia com visível facilidade. Estava até sorrindo agora, e quando a multidão saudou uma defesa particularmente boa com um coro crescente daquele velho refrão *Weasley é o*

nosso rei, ele fingiu regê-los do alto.

– Ele está se achando muito especial hoje, não é? – disse uma voz debochada a Harry, que quase foi derrubado da vassoura quando Harper se chocou violenta e intencionalmente com ele. – O seu amigo traidor do sangue...

Madame Hooch estava de costas, e, embora a torcida da Grifinória nas arquibancadas gritasse enraivecida, quando ela finalmente se virou, Harper já tinha se afastado velozmente. Com o ombro doendo, Harry saiu no encalço dele, decidido a revidar...

– E acho que Harper da Sonserina avistou o pomo! – anunciou Zacarias Smith pelo megafone. – Sim, senhores, ele decididamente viu alguma coisa que Potter não viu!

Smith era realmente um idiota, pensou Harry, será que não tinha reparado que os dois tinham colidido? Mas, no momento seguinte, sentiu seu estômago desabar das nuvens – Smith estava certo e ele errado; Harper não disparara para o alto à toa; vira o que Harry não vira: o pomo estava voando em alta velocidade acima deles, brilhando intensamente contra o claro céu azul.

Harry acelerou; o vento assoviava em seus ouvidos abafando o som do comentário de Smith e o da multidão, mas Harper continuava à frente, e a Grifinória tinha apenas cem pontos de vantagem; se Harper chegasse ao pomo primeiro, Grifinória perderia... e agora Harper estava bem perto, com a mão estendida...

– Oi, Harper! – berrou Harry desesperado. – Quanto Malfoy lhe pagou para jogar no lugar dele?

Não sabia o que o fizera dizer isso, mas Harper deu uma parada; se atrapalhou com o pomo, deixou-o escorregar entre os dedos e, na velocidade em que estava, ultrapassou-o: Harry abriu o braço em direção à bolinha esvoaçante e agarrou-a.

– PEGUEI! – berrou Harry. Fazendo a volta, mergulhou em direção ao solo, erguendo o pomo no alto. Quando a multidão percebeu o que acontecera, subiu um grito das arquibancadas que quase abafou o som do apito sinalizando o fim da partida.

– Gina, aonde você está indo? – berrou Harry, que se viu preso, ainda no ar, por um abraço coletivo dos jogadores da equipe, mas Gina passou veloz por eles, indo colidir, com um baita estrondo, contra o pódio do locutor. Entre gritos e risos da multidão, a equipe da Grifinória aterrissou ao lado dos destroços de madeira sob os quais Zacarias se mexia debilmente; Harry ouviu Gina dizer descaradamente à furiosa professora McGonagall:

– Me esqueci de frear, professora, desculpe.

Rindo, Harry se desvencilhou da equipe e abraçou Gina, mas muito rápido soltou-a. Não olhou mais para ela, em vez disso deu tapinhas nas costas de um

Rony aos gritos; esquecendo as desavenças, a equipe da Grifinória deixou o campo de braços dados, dando socos no ar e acenando para a torcida. A atmosfera no vestiário era de intensa alegria.

– Comemoração na sala comunal, o Simas falou! – berrou Dino exuberante. – Vamos, Gina, Demelza!

Rony e Harry foram os últimos no vestiário. Quando estavam prestes a sair, Hermione entrou. Torcia o lenço da Grifinória nas mãos e parecia transtornada, mas decidida.

– Quero dar uma palavrinha com você, Harry. – Ela tomou fôlego. – Você não devia ter feito isso. Você ouviu o que Slughorn disse, é ilegal.

– Que é que você vai fazer, nos denunciar? – quis saber Rony.

– Do que é que vocês estão falando? – indagou Harry, virando-se de costas para pendurar as vestes para que os dois não o vissem rindo.

– Você sabe perfeitamente do que estamos falando! – esganiçou-se Hermione. – Você incrementou o suco de Rony no café da manhã com a poção da felicidade! Felix Felicis!

– Não, não fiz isso – respondeu Harry, desvirando-se para encarar os dois.

– Fez, sim, Harry, e foi por isso que tudo deu certo, jogadores da Sonserina faltaram e Rony defendeu todas as bolas!

– Não pus nada no suco! – retrucou Harry, agora rindo abertamente. Ele meteu a mão no bolso do paletó e tirou o frasquinho que Hermione vira em sua mão naquela manhã. Estava cheio de uma poção dourada, e a rolha continuava lacrada com cera. – Eu queria que Rony pensasse que eu tinha posto, por isso fingi quando percebi que você estava olhando. – E, dirigindo-se a Rony: – Você defendeu tudo porque se sentiu sortudo. Você fez tudo sozinho. – Harry tornou a guardar a poção no bolso.

– Não havia realmente nada no meu suco de abóbora? – perguntou ele, pasmo. – Mas o tempo está bom... e Vaisey não pôde jogar... Sinceramente você não me deu a poção da sorte?

Harry sacudiu a cabeça. Rony olhou-o boquiaberto por um momento, então ele se voltou contra Hermione, imitando sua voz.

– *Você pôs Felix Felicis no suco do Rony hoje de manhã, foi por isso que ele defendeu tudo!* Está vendo! Consigo pegar bolas sem ajuda, Hermione!

– Eu nunca disse que você não conseguia... Rony, *você* também achou que tinha bebido!

Mas Rony já tinha passado por ela decidido e saía pela porta com a vassoura no ombro.

– Ah – exclamou Harry no repentino silêncio; não imaginara que o seu plano saísse às avessas –, vamos... vamos andando para a festa, então?

– Vai você! – disse Hermione, tentando conter as lágrimas. – Estou *farta* do Rony, no momento, não sei o que ele pensa que eu fiz...
E ela também saiu bruscamente do vestiário.
Harry foi subindo lentamente em direção ao castelo em meio à multidão, muita gente lhe deu os parabéns, mas ele teve uma grande sensação de desapontamento; tivera a certeza de que, se Rony ganhasse a partida, ele e Hermione voltariam imediatamente a ser amigos. Não via como poderia explicar a Hermione que a ofensa feita a Rony tinha sido beijar o Vítor Krum, considerando que isto acontecera havia tanto tempo.
Harry não viu Hermione na comemoração da Grifinória, que estava no auge quando ele chegou. Novos gritos e palmas saudaram sua chegada, e logo ele foi cercado por uma multidão que o cumprimentava. Na tentativa de se desvencilhar dos irmãos Creevey, que queriam uma análise da partida, lance a lance, e o numeroso grupo de garotas que o rodeava, pestanejando e rindo até dos seus comentários menos engraçados, transcorreu algum tempo antes que ele pudesse procurar Rony. Por fim, Harry se livrou de Romilda Vane, que insinuava abertamente que gostaria de ir com ele à festa de Natal de Slughorn. Quando ia se esquivando em direção à mesa de bebidas, deparou com Gina, com Arnoldo, o mini-pufe encaixado no ombro, e Bichento, miando esperançoso aos seus calcanhares.
– Procurando Rony? – perguntou ela, rindo bobamente. – Está ali adiante, o hipócrita nojento.
Harry olhou para o lado que ela apontava. Lá, à vista de toda a sala, estava Rony enroscado de tal forma em Lilá Brown que era difícil dizer que mãos eram de quem.
– Parece que está devorando a cara dela, não é? – disse Gina sem emoção. – Mas presumo que precise aprimorar a técnica. Boa partida, Harry.
Ela lhe deu uma palmadinha no braço; Harry sentiu um abalo no estômago, mas em seguida ela se afastou para se servir de mais cerveja amanteigada. Bichento saiu atrás, seus olhos amarelos fixos em Arnaldo.
Harry deu as costas para Rony, que aparentemente não ia voltar à superfície tão cedo, bem em tempo de ver o buraco do retrato se fechando. Desanimado, ele julgou ter visto uma juba de cabelos castanhos desaparecendo por ali.
Correu, então, desviando-se mais uma vez de Romilda Vane, e empurrou o retrato da Mulher Gorda. O corredor parecia deserto.
– Hermione?
Harry a encontrou na primeira sala de aula destrancada que experimentou abrir. Estava sentada em cima da escrivaninha do professor, sozinha, exceto por um pequeno círculo de passarinhos amarelos que piavam em torno de sua cabeça

e que visivelmente ela acabara de conjurar. Harry não pôde deixar de sentir admiração por sua capacidade de realizar feitiços numa hora daquela.

– Oh, olá, Harry – disse ela com a voz dura. – Eu estava praticando.

– Estou vendo... são... ãh... realmente bons... – disse Harry.

Não tinha ideia do que dizer à amiga. Perguntava-se se haveria uma chance de Hermione não ter visto Rony, de ter simplesmente saído da sala porque a comemoração estava muito barulhenta, quando ela comentou, em um tom anormalmente estridente:

– Rony parece estar se divertindo na comemoração.

– Ah... está?

– Não finja que não viu. Ele não estava bem se escondendo, estava...

A porta às costas dos dois se escancarou. Para horror de Harry, Rony entrou, rindo e puxando Lilá pela mão.

– Ah! – exclamou ele, parando imediatamente ao ver Harry e Hermione.

– Opa! – disse Lilá, recuando com um acesso de risinhos. A porta tornou a se fechar.

Houve um silêncio horrível, que se avolumou como um vagalhão. Hermione encarou Rony, que se recusou a retribuir o olhar, mas disse com uma estranha mistura de bravata e constrangimento:

– Oi, Harry! Estava me perguntando aonde você teria ido!

Hermione desceu da escrivaninha. O bando de passarinhos dourados continuou a pipilar rodeando sua cabeça, fazendo-a parecer uma estranha maquete do sistema solar com penas.

– Você não devia deixar a Lilá esperando lá fora – disse baixinho. – Ela vai se perguntar aonde você terá ido.

Ela foi andando muito devagar e ereta em direção à porta. Harry olhou para Rony, que parecia aliviado por não ter acontecido nada pior.

– *Oppugno!* – veio um grito da porta.

Harry se virou e viu Hermione apontando a varinha para Rony, uma expressão alucinada no rosto: o pequeno bando de passarinhos voou como uma saraivada de grossas balas douradas contra Rony, que ganiu e cobriu o rosto com as mãos, mas os pássaros atacaram, bicando e arranhando cada pedaço do corpo dele que puderam alcançar.

– *Melivradisso!* – berrou ele, mas, com um último olhar de fúria vingativa, Hermione escancarou a porta e desapareceu. Harry pensou ter ouvido um soluço antes de a porta bater.

— CAPÍTULO QUINZE —

O voto perpétuo

Mais uma vez, as espirais de neve batiam nas janelas geladas; o Natal estava se aproximando. Hagrid, sozinho, já tinha feito a entrega das habituais doze árvores de Natal para o Salão Principal; guirlandas de azevinho e franjas metálicas enfeitavam os balaústres das escadas; velas perpétuas brilhavam por dentro dos elmos das armaduras e a intervalos grandes ramos de visgo pendiam do teto, nos corredores. Grupos de garotas convergiam para baixo dos ramos de visgo quando Harry passava, o que causava engarrafamento nas passagens; mas, por sorte, seus frequentes passeios noturnos tinham lhe dado um conhecimento excepcional dos atalhos secretos do castelo, e faziam com que pudesse, sem muita dificuldade, navegar entre as aulas por rotas em que não havia visgos.

Rony, que em tempos passados poderia ter achado a necessidade desses desvios uma razão para ciúmes em vez de hilaridade, simplesmente rolava de rir com tudo isso. Harry, embora preferisse esse novo amigo risonho e brincalhão ao Rony cismado e agressivo que vinha aturando nas últimas semanas, pagava um alto preço por tal melhora. Primeiro, Harry tinha de tolerar a presença assídua de Lilá Brown, que parecia achar cada momento em que não estivesse beijando Rony um momento perdido; e segundo, Harry se encontrava mais uma vez na posição de melhor amigo de duas pessoas com pouca probabilidade de voltarem a se falar.

Rony, cujos braços e mãos ainda exibiam os arranhões e cortes do ataque dos passarinhos de Hermione, adotava um tom defensivo e rancoroso.

– Ela não pode reclamar – disse a Harry. – Andou aos beijos com o Krum. Agora achou alguém que quer andar aos beijos comigo. Bem, estamos em um país livre. Não estou fazendo nada de mais.

Harry não respondeu, fingiu estar concentrado no livro que deveriam ler para a aula de Feitiços na manhã seguinte (*Quintessência: uma busca*). Decidido como estava a continuar amigo de ambos, Rony e Hermione, ele passava grande

parte do tempo muito calado.

– Nunca prometi nada a Hermione – resmungou Rony. – Quero dizer, tudo bem, eu ia à festa de Natal do Slughorn com ela, mas ela nunca disse... era só como amigo... não tenho compromisso...

Harry virou uma página do *Quintessência*, consciente de que o amigo o observava. A voz de Rony foi se tornando quase inaudível, abafada pelos fortes estalos do fogo na lareira, embora Harry pensasse ter ouvido as palavras “Krum” e “não pode reclamar” mais de uma vez.

O horário de Hermione era tão apertado que Harry só conseguia falar direito com a amiga à noite, quando Rony ficava tão grudado em Lilá que nem notava o que Harry estava fazendo. Hermione se recusava a sentar na sala comunal enquanto Rony ali estivesse, então Harry, em geral, ia ao seu encontro na biblioteca, o que significava que conversavam aos sussurros.

– Ele tem toda liberdade de beijar quem quiser – disse Hermione enquanto a bibliotecária, Madame Pince, rondava pelas estantes às suas costas. – Não estou nem aí.

Ergueu a pena e pôs um pingo no “i” com tanta ferocidade que perfurou o pergaminho. Harry ficou calado, e refletiu que logo sua voz desapareceria por falta de uso. Curvou-se um pouco mais para o *Estudos avançados no preparo de poções* e continuou a tomar notas sobre os Elixires Perenes, parando de vez em quando para decifrar os adendos tão úteis do Príncipe ao texto de Libatius Borage.

– E por falar nisso – lembrou Hermione passado algum tempo –, você precisa se cuidar.

– Pela última vez – respondeu Harry, num sussurro ligeiramente rouco depois de quarenta e cinco minutos de silêncio –, não vou devolver este livro, aprendi mais com o Príncipe Mestiço do que Snape e Slughorn me ensinaram em...

– Não estou falando desse idiota que se intitula Príncipe – replicou Hermione, lançando um olhar irritado ao livro como se ele lhe tivesse feito uma grosseria. – Estou falando de hoje mais cedo. Entrei no banheiro pouco antes de vir para cá e tinha umas doze garotas lá, inclusive aquela Romilda Vane, discutindo meios de dar a você uma poção de amor. Todas têm esperança de fazer você levá-las à festa do Slughorn, e todas parecem ter comprado as poções de amor de Fred e Jorge, que, lamento dizer, provavelmente funcionam...

– Por que você não as confiscou? – quis saber Harry. Parecia extraordinário que a mania de Hermione de defender o regulamento pudesse tê-la abandonado nesse momento crítico.

– Elas não tinham levado as poções para o banheiro – respondeu com desdém. – Estavam apenas discutindo táticas. E, como duvido que mesmo o *Príncipe*

Mestiço – ela lançou outro olhar irritado ao livro – pudesse inventar um antídoto que neutralizasse doze poções diferentes, se eu fosse você convidaria alguém para acompanhá-lo: isto faria as outras pararem de pensar que têm chance. É amanhã à noite, e as garotas estão ficando desesperadas.

– Não tem ninguém que eu queira convidar – murmurou Harry, que ainda tentava não pensar em Gina mais do que era inevitável, ainda que a garota não parasse de aparecer em seus sonhos em tais situações que ele agradecia aos céus que Rony não fosse apto em Legilimência.

– Bem, tenha cuidado com o que beber, porque, pelo jeito, a Romilda Vane não estava brincando – disse Hermione séria.

Ela puxou para cima da mesa um longo pergaminho em que estava fazendo o trabalho de Aritmancia, e continuou a arranhá-lo com a pena. Harry a observava com o pensamento muito distante.

– Calma aí um instante – disse ele lentamente. – Pensei que Filch tivesse proibido artigos comprados na Gemialidades Weasley.

– E algum dia alguém ligou para o que Filch proíbe? – perguntou Hermione, ainda concentrada no seu trabalho.

– Mas pensei que todas as corujas estivessem sendo revistadas. Como é que essas garotas conseguem trazer poções de amor para a escola?

– Fred e Jorge despacham as poções camufladas de perfume ou xarope para tosse. Faz parte do seu Serviço de Encomenda-Coruja.

– Você está por dentro, hein?

Hermione lhe lançou o mesmo olhar irritado que acabara de dar ao livro de *Estudos avançados no preparo de poções.*

– Estava tudo impresso no verso das garrafas que eles mostraram a Gina e a mim no verão – informou ela com frieza. – Não ando por aí pondo poções nas bebidas das pessoas... nem fingindo que ponho, o que é igualmente sério...

– É, bem, deixa isso para lá – disse Harry depressa. – A questão é que estão enganando o Filch. Essas garotas estão trazendo artigos para a escola camuflados de outra coisa! Então por que Malfoy não poderia ter trazido o colar...?

– Ah, Harry... outra vez...?

– Responde por que não, vai?

– Olha – suspirou Hermione –, sensores de segredos detectam feitiços, maldições e azarações lançados para ocultar, não é? São usados para descobrir magia das Trevas e objetos das Trevas. Teriam apanhado em segundos uma maldição poderosa como a daquele colar. Mas não registrariam uma coisa que foi posta em um frasco diferente... e, de qualquer modo, as poções de amor não são das Trevas nem perigosas...

– Para você é fácil falar – murmurou Harry, pensando em Romilda Vane.

– ... então Filch é quem teria de perceber se era ou não era um xarope para tosse, e ele não é um bruxo muito competente, duvido que saiba diferenciar uma poção de...

Hermione parou de repente; Harry pressentiu também. Alguém se aproximara entre as estantes escuras. Eles aguardaram e, um momento depois, o rosto rapineiro de Madame Pince surgiu no fim da estante, as faces encovadas, a pele de pergaminho e o longo nariz curvo iluminados desfavoravelmente pelo lampião que ela segurava.

– A biblioteca acabou de fechar – anunciou ela. – Cuide de devolver o que apanhou emprestado à prateleira corret... *que é que você andou fazendo com esse livro, seu garoto depravado?*

– Não é da biblioteca, é meu! – apressou-se a explicar Harry, arrebatando o *Estudos avançados no preparo de poções* quan do ela estendeu para o livro a mão que lembrava uma garra.

– Espoliado! – sibilou Madame Pince. – Profanado! Conspurcado!

– É só um livro em que alguém escreveu! – disse Harry, arrancando-o das mãos dela.

A bruxa parecia que ia ter uma apoplexia; Hermione, que recolhera apressadamente suas coisas, agarrou Harry pelo braço e arrastou-o à força para longe dali.

– Ela expulsa você da biblioteca, se não se cuidar. Por que foi trazer esse livro idiota?

– Não é minha culpa que ela seja doida de pedra, Hermione. Ou será que ela ouviu você falando mal do Filch? Sempre achei que houvesse alguma coisa entre os dois...

– Oh, ah, ah...

Aproveitando que podiam falar normalmente outra vez, eles voltaram à sala comunal pelos corredores desertos e iluminados por lampiões, discutindo se Filch e Madame Pince estariam secretamente apaixonados.

– *Bolas Festivas* – Harry disse à Mulher Gorda a nova senha natalina.

– Igualmente – respondeu a Mulher Gorda com uma risadinha marota e girando para admitir os dois.

– Oi, Harry! – exclamou Romilda Vane, no instante em que ele entrou pelo buraco do retrato. – Quer tomar uma água de gilly?

Hermione lançou ao amigo um olhar “Que-foi-que-eu-disse?”, por cima do ombro.

– Não, obrigado – respondeu Harry ligeiro. – Não gosto muito.

– Bem, então aceite uns bombons – disse a garota, empurrando em suas mãos caldeirões de chocolate recheados com uísque de fogo. – Minha avó mandou

para mim, mas não gosto.
– Ah, tá, muito obrigado – agradeceu Harry, que não conseguia pensar em nada mais para dizer. – Ah... vou um instante ali com...
Deixando a frase morrer, ele correu atrás de Hermione.
– Eu falei – resumiu ela. – Quanto mais cedo convidar alguém, mais cedo elas vão deixar você em paz e então vai poder...
Mas seu rosto repentinamente vidrou; acabara de ver Rony e Lilá, entrelaçados na mesma poltrona.
– Bem, boa-noite, Harry – disse, embora fossem apenas sete horas da noite, e seguiu para o dormitório das garotas sem dizer mais nada.
Harry foi se deitar, consolando-se com o pensamento de que faltava aguentar apenas um dia de aulas e a festa de Slughorn, depois do que ele e Rony poderiam viajar para A Toca. Parecia agora impossível que Rony e Hermione fizessem as pazes antes do início das férias, mas, quem sabe, o intervalo desse para eles se acalmarem, refletirem sobre sua maneira de agir...
Mas sua esperança não era grande, e se tornou ainda menor depois de aturar uma aula de Transfiguração com os dois, no dia seguinte. A turma tinha acabado de entrar no tópico extremamente difícil da transfiguração humana; trabalhando diante de espelhos, deviam mudar a cor das próprias sobrancelhas. Hermione riu sem piedade dos insucessos iniciais de Rony, durante os quais ele conseguiu se presentear com um espetacular bigode em forma de guidão; Rony retaliou, fazendo uma imitação cruel, mas exata, de Hermione levantando e sentando sem parar cada vez que a professora McGonagall fazia uma pergunta, coisa que Lilá e Parvati acharam engraçadíssima e que, mais uma vez, levou Hermione quase às lágrimas. Ela saiu correndo da sala quando ouviram a sineta, largando metade do material; Harry decidiu que, naquele momento, Hermione precisava mais dele do que Rony. Então, recolheu as coisas da amiga e seguiu-a.
Alcançou-a finalmente quando ela saía do banheiro das garotas um andar abaixo. Vinha em companhia de Luna Lovegood, que lhe dava palmadinhas distraídas nas costas.
– Ah, olá, Harry – disse Luna. – Você está sabendo que uma de suas sobrancelhas está amarelona?
– Oi, Luna. Hermione, você deixou seu material...
E estendeu-lhe os livros.
– Ah, sim – falou Hermione com a voz embargada, apanhando as coisas e dando as costas depressa para esconder que estava secando os olhos com o estojo de lápis. – Obrigada, Harry. Bem, é melhor eu ir andando...
E se afastou ligeiro, sem dar a Harry tempo para dizer umas palavrinhas de consolo, embora ele tivesse que admitir que não conseguia pensar em nenhuma.

– Ela está meio chateada – disse Luna. – A princípio, pensei que fosse a Murta Que Geme no banheiro, mas era a Hermione. Ela falou alguma coisa sobre aquele Rony Weasley...

– É, eles brigaram.

– Ele às vezes diz coisas muitos engraçadas, não acha? – comentou Luna, quando saíram juntos pelo corredor. – Mas sabe ser grosseiro. Reparei isso no ano passado.

– Suponho que sim – disse Harry. Luna estava manifestando o seu talento para dizer verdades incômodas; Harry jamais conhecera alguém como ela. – Então, teve um bom trimestre?

– Ah, foi bom. Um pouco solitário sem a AD. Gina tem sido legal. Outro dia ela fez dois garotos pararem de me chamar de Di-lua na aula de Transfiguração...

– Você gostaria de ir comigo à festa de Slughorn hoje à noite?

As palavras escaparam da boca de Harry antes que pudesse contê-las; ouviu-as como se um desconhecido as falasse.

Luna virou aqueles seus olhos saltados para ele, surpresa.

– A festa de Slughorn? Com você?

– É. Ele pediu para levarmos convidados, então achei que você talvez... quero dizer... – Ele queria deixar suas intenções perfeitamente claras. – Quero dizer, como amigos, sabe. Mas se você não quiser...

Ele já estava desejando que ela não quisesse.

– Ah, não, adoraria ir com você como amiga! – respondeu Luna, sorrindo como ele jamais a vira fazer. – Ninguém nunca me convidou para uma festa antes, como amiga! Foi por isso que você tingiu a sobrancelha, para a festa? Devo tingir a minha também?

– Não – replicou Harry com firmeza –, foi um engano, vou pedir a Hermione para consertar para mim. Então, encontro você no saguão de entrada às oito horas.

– AH-AH! – berrou uma voz do alto, e eles se sobressaltaram; sem perceber, tinham passado bem embaixo de Pirraça, que estava pendurado de cabeça para baixo em um lustre e sorria maliciosamente para os dois.

– *Pirado convidou Luna para ir à festa! Pirado ama Di-lua! Pirado aaaaama Di-luuuuuua!*

E afastou-se, veloz, gargalhando e gritando: “Pirado ama Di-lua!”

– É legal ter privacidade – comentou Harry. E, de fato, em pouco tempo a escola inteira parecia saber que Harry Potter ia levar Luna Lovegood à festa de Slughorn.

– Você podia ter levado *qual quer garota*! – disse Rony, incrédulo, ao jantar. – *Qualquer garota!* E você escolheu a Di-lua Lovegood?

– Não chame a Luna assim, Rony – falou Gina asperamente, parando atrás de Harry quando ia se reunir aos seus amigos. – Fico realmente feliz que você esteja levando a Luna, Harry, ela está tão animada!

E continuou andando ao longo da mesa, para se sentar com o Dino. Harry tentou se alegrar que Gina tivesse gostado do seu convite à Luna, mas não conseguiu. A uma boa distância, Hermione estava sozinha à mesa, brincando com o picadinho no prato. Harry percebeu que Rony lhe dava olhadelas furtivas.

– Você podia pedir desculpas – sugeriu ele bruscamente.

– Quê, para ser atacado por outro bando de canários? – murmurou Rony.

– Para que você foi imitar Hermione?

– Ela riu do meu bigode!

– Eu também ri, foi a coisa mais burra que eu já vi.

Mas Rony não pareceu ter ouvido; Lilá acabara de chegar com Parvati. Apertando-se entre Harry e Rony, Lilá atirou os braços no pescoço de Rony.

– Oi, Harry – cumprimentou Parvati, que, como ele, parecia meio constrangida e chateada com o comportamento dos dois amigos.

– Oi – respondeu Harry. – Como vai? Vai ficar em Hogwarts, então? Soube que seus pais queriam que você saísse da escola.

– Por ora, consegui convencê-los a desistir – respondeu Parvati. – Aquela coisa com a Katie deixou os dois apavorados, mas como não aconteceu mais nada... ah, oi, Hermione!

Parvati sem dúvida sorria. Harry achou que estava sentindo remorsos por ter rido de Hermione na aula de Transfiguração. Virou-se e viu que sua amiga retribuía o sorriso, se é que isso era possível, ainda mais animadamente. As garotas às vezes eram muito estranhas.

– Oi, Parvati! – respondeu Hermione, ignorando totalmente Rony e Lilá. – Você vai à festa do Slughorn hoje à noite?

– Nenhum convite – resumiu Parvati tristemente. – Mas adoraria ir, parece que vai ser realmente boa... você vai, não é?

– Vou, marquei com Córmaco às oito, e nós...

Houve um ruído semelhante ao de alguém puxando um desentupidor de uma pia entupida, e Rony voltou à tona. Hermione agiu como se não tivesse visto nem ouvido nada.

– ... vamos à festa juntos.

– Córmaco? – repetiu Parvati. – Você quer dizer o Córmaco McLaggen?

– O próprio – disse Hermione com meiguice. – Aquele que *quase* – ela deu grande ênfase à palavra – foi goleiro da Grifinória.

– Então vocês estão namorando? – perguntou Parvati, de olhos arregalados.

– Ah... estamos... você não sabia? – falou Hermione, com uma risadinha que

não parecia sua.
– Não! – exclamou Parvati, manifestando curiosidade pela fofoca. – Uau, você gosta mesmo de jogadores de quadribol, não é? Primeiro o Krum, agora o McLaggen...
– Eu gosto de jogadores de quadribol *muito bons* – corrigiu-a Hermione, ainda sorrindo. – Bem, a gente se vê... tenho de me arrumar para a festa...
Ela saiu. Na mesma hora, Lilá e Parvati juntaram as cabeças para discutir o novo acontecimento, repassando tudo que já tinham ouvido falar de McLaggen e tudo que tinham imaginado sobre Hermione. Rony pareceu estranhamente inexpressivo, e nada disse. Harry viu-se refletindo em silêncio sobre as profundezas a que descem as garotas para se vingar.
Quando ele chegou ao saguão de entrada às oito horas, encontrou um número anormal de garotas por ali, todas olhando-o com visível ressentimento quando se aproximou de Luna. Ela estava usando vestes prateadas com estrelas que atraíram risinhos das outras, mas, afora isto, estava bem bonita. De qualquer forma, Harry ficou contente que ela não estivesse usando os brincos de nabos, o colar de rolhas de cerveja amanteigada e os espectrocs.
– Oi – cumprimentou ele. – Vamos andando, então?
– Ah, vamos – respondeu ela feliz. – Onde é a festa?
– Na sala de Slughorn – disse ele, conduzindo-a para longe dos olhares e cochichos pela escadaria de mármore. – Você ouviu falar que deve ir um vampiro?
– Rufo Scrimgeour?
– ... quê?! – exclamou Harry desconcertado. – Você quer dizer o ministro da Magia?
– É, ele é um vampiro – disse Luna banalmente. – Papai escreveu um artigo bem longo sobre isso quando Rufo Scrimgeour assumiu o cargo de Cornélio Fudge, mas foi obrigado por alguém do Ministério a não publicar. Obviamente eles não gostariam que a verdade fosse revelada!
Harry, que achava muito improvável que Rufo Scrimgeour fosse um vampiro, mas estava acostumado ao hábito de Luna de repetir as bizarras opiniões do pai como se fossem fatos, não respondeu; já estavam se aproximando da sala de Slughorn e os sons de risos, música e conversas em voz alta aumentavam a cada passo.
Fosse porque tivesse sido construída assim, fosse porque ele tivesse usado a magia para deixá-la assim, a sala de Slughorn era muito maior do que o escritório normal de um professor. O teto e as paredes tinham sido forrados com panos esmeralda, carmim e dourado, para dar a impressão de que se encontravam no interior de uma vasta tenda. A sala estava cheia e abafada,

imersa na luz vermelha que o ornamentado lampião dourado projetava do centro do teto, onde esvoaçavam fadinhas de verdade, cada qual um pontinho brilhante de luz. Uma cantoria, aparentemente acompanhada por bandolins, subia de um canto distante; uma névoa de fumaça de cachimbo pairava sobre vários bruxos idosos absortos em conversa, e numerosos elfos domésticos se deslocavam entre uma floresta de joelhos, sombreados pelas pesadas travessas de prata com comida que seguravam, parecendo mesinhas móveis.

– Harry, meu rapaz! – trovejou Slughorn, quase na mesma hora em que Harry e Luna espremiam-se pela porta para entrar. – Entre, entre, há tanta gente que eu gostaria que você conhecesse!

Slughorn usava um chapéu de veludo com borlas combinando com o smoking. Apertando o braço de Harry com tanta força que parecia querer desaparatar com ele, Slughorn o conduziu, decidido para a festa; Harry agarrou a mão de Luna e arrastou-a com ele.

– Harry, gostaria que você conhecesse Eldred Worple, um ex-aluno meu, autor de *Irmãos de sangue: minha vida entre os vampiros*... e, é claro, seu amigo Sanguini.

Worple, que era um homem pequeno, de óculos, agarrou a mão de Harry e sacudiu-a com entusiasmo; o vampiro Sanguini, alto e emaciado, com escuras olheiras sob os olhos, fez apenas um aceno com a cabeça. Parecia entediado. Havia um bando de garotas por perto, demonstrando curiosidade e excitação.

– Harry Potter, estou simplesmente encantado! – exclamou Worple, fitando miopemente o rosto de Harry. – Ainda outro dia comentei com o professor Slughorn: “Onde está a biografia de Harry Potter pela qual todos estamos esperando?”

– Ãh – atrapalhou-se Harry –, o senhor está?

– Modesto como Horácio o descreveu! – comentou Worple. – Mas falando seriamente... – e sua atitude mudou, de repente, tornando-se objetiva –, eu teria prazer de escrevê-la... as pessoas estão ansiosas por conhecer você melhor, meu caro rapaz, ansiosas! Se você se dispusesse a me conceder algumas entrevistas, digamos, quatro ou cinco sessões, ora, poderíamos concluir o livro em poucos meses. E isso com muito pouco esforço de sua parte, posso lhe assegurar; pergunte a Sanguini aqui se não é... *Sanguini, fique aqui!* – acrescen tou Worple, com súbita severidade, porque o vampiro estava se esgueirando em direção ao grupo de garotas próximo, com uma certa voracidade no olhar. – Tome aqui uma empadinha – disse Worple, apanhando uma da travessa de um elfo que passava e metendo-a na mão de Sanguini antes de voltar sua atenção a Harry.

– Meu caro rapaz, o ouro que poderia ganhar, você nem faz ideia...

– Decididamente não estou interessado – respondeu Harry com firmeza –, e

acabei de ver uma amiga minha, lamento.
Ele puxou Luna pela multidão; acabara realmente de ver uma longa juba de cabelos castanhos desaparecer, entre dois componentes do grupo As Esquisitonas, ou assim lhe pareceu.
– Hermione! *Hermione!*
– Harry! Aí está você, que bom! Oi, Luna!
– Que aconteceu com você? – perguntou Harry, porque Hermione parecia visivelmente desarrumada, como se tivesse acabado de lutar para se livrar de uma moita de visgo-do-diabo.
– Ah, acabei de fugir... quero dizer, acabei de deixar o Córmaco. Debaixo do visgo – acrescentou, à guisa de explicação, porque Harry continuava a fitá-la com um ar de curiosidade.
– Bem feito por ter vindo com ele – disse ele severamente.
– Achei que era quem mais aborreceria o Rony – disse Hermione, sem emoção. – Fiquei um instante em dúvida se convidaria o Zacarias Smith, mas achei que, de modo geral...
– *Você pensou em vir com o Smith?!* – exclamou Harry revoltado.
– Pensei, e estou começando a desejar que tivesse vindo; McLaggen faz Grope parecer um cavalheiro. Vamos por aqui, poderemos ver quando ele vier, é tão alto...
Os três se dirigiram ao lado oposto da sala, apanhando taças de hidromel no caminho, mas perceberam, tarde demais, que a professora Trelawney estava parada ali sozinha.
– Olá – Luna cumprimentou-a gentilmente.
– Boa-noite, minha querida – disse a professora, focalizando a garota com alguma dificuldade. Novamente Harry sentiu cheiro de xerez culinário. – Não tenho visto você nas minhas aulas ultimamente...
– Não, fiquei com Firenze este ano – disse Luna.
– Ah, é claro – replicou a professora, com raiva, dando uma risadinha bêbada. – Ou Dobbin, como prefiro imaginá-lo. Seria de pensar, não é mesmo, que, agora que voltei para a escola, o professor Dumbledore se livrasse do cavalo. Mas não... dividimos as turmas... é um insulto, francamente, um insulto. Você sabe que...
A professora Trelawney parecia tonta demais para reconhecer Harry. Aproveitando as furiosas críticas a Firenze, ele chegou mais perto de Hermione e disse:
– Vamos nos entender. Você está pretendendo dizer ao Rony que interferiu nos testes para goleiro?
Hermione ergueu as sobrancelhas.

– Você realmente acha que eu me rebaixaria a tanto?
Harry lançou-lhe um olhar astuto.
– Hermione, se você tem coragem de convidar McLaggen...
– Há uma diferença – respondeu ela com dignidade. – Não tenho a menor intenção de contar a Rony o que poderia ou não ter acontecido nos testes.
– Ótimo – replicou Harry com fervor. – Porque ele ficaria arrasado de novo, e perderíamos o próximo jogo...
– Quadribol! – exclamou Hermione zangada. – É só nisso que vocês garotos pensam? Córmaco não fez uma única pergunta sobre mim, não, me brindou com Cem Grandes Defesas Feitas por Córmaco McLaggen sem intervalos... ah, não, lá vem ele!
Ela se mexeu com tanta rapidez que parecia ter desaparatado; num momento estava ali e no momento seguinte se espremera entre duas bruxas às gargalhadas e sumira.
– Viram Hermione? – perguntou McLaggen um minuto depois, forçando caminho por um grupo compacto.
– Não, lamento – disse Harry, e virou-se depressa para participar da conversa de Luna, esquecendo-se, por uma fração de segundo, de com quem ela estava conversando.
– Harry Potter! – exclamou a professora em tons graves e vibrantes, reparando nele pela primeira vez.
– Oh, olá – respondeu ele sem entusiasmo.
– Meu querido rapaz! – disse Trelawney, com um sussurro muito audível. – Os boatos! As histórias! O Eleito! É claro que sei disso há muito tempo... os augúrios nunca foram favoráveis, Harry... mas por que você não voltou às aulas de Adivinhação? Para você, mais do que para os demais, a matéria é da máxima importância!
– Ah, Sibila, todos achamos que a nossa matéria é da máxima importância! – disse uma voz alta, e Slughorn apareceu ao lado da professora Trelawney, o rosto muito vermelho, o chapéu de veludo um pouco enviesado na cabeça, um copo de hidromel em uma das mãos e uma enorme torta de frutas secas e especiarias na outra. – Mas acho que jamais conheci alguém com tanto talento para Poções! – comentou o professor, lançando a Harry um olhar carinhoso, embora com os olhos injetados. – Instintivo, sabe, como a mãe! Poucas vezes na vida tive alunos com tal habilidade, posso lhe afirmar, Sibila... ora, nem Severo...
E, para horror de Harry, Slughorn fez um gesto amplo com o braço e pareceu materializar Snape, que veio em sua direção.
– Pare de se esquivar e venha se reunir a nós, Severo! – disse, alegre, Slughorn entre soluços. – Eu estava justamente falando sobre a excepcional

preparação de Poções de Harry! Parte do crédito é seu, naturalmente, já que foi seu professor durante cinco anos!

Preso pelo braço de Slughorn em seus ombros, Snape olhou do alto do seu nariz curvo para Harry, apertando seus olhos negros.

– Engraçado, jamais tive a impressão de ter conseguido ensinar alguma coisa a Potter.

– Então é uma habilidade natural! – gritou Slughorn. – Você devia ter visto o que ele me entregou na primeira aula, a Poção do Morto-Vivo, nunca um estudante se saiu melhor na primeira tentativa, acho que nem mesmo você, Severo...

– Sério? – admirou-se Snape em voz baixa, seus olhos perfurando Harry, que sentiu uma certa inquietação. A última coisa que queria no mundo era Snape investigando a fonte de sua recém-descoberta genialidade em Poções.

– Que outras matérias você está estudando mesmo, Harry? – perguntou Slughorn.

– Defesa Contra as Artes das Trevas, Feitiços, Transfiguração, Herbologia...

– Em suma, todas as exigidas para ser auror – concluiu Snape, com leve desdém.

– É, bem, é o que eu gostaria de ser – respondeu Harry em tom de desafio.

– E dará um grande auror! – trovejou Slughorn.

– Acho que você não deveria ser auror, Harry – interpôs Luna, inesperadamente. Todos olharam para ela. – Os aurores fazem parte da Conspiração Dentepodre. Pensei que todo o mundo soubesse. Estão trabalhando por dentro para derrubar o Ministério da Magia, usando uma combinação de Artes das Trevas e gomose.

Harry inalou metade do seu hidromel pelo nariz quando começou a rir. Sem dúvida, valera a pena trazer Luna só por aquilo.

Tirando o rosto da taça, tossindo e molhado, mas ainda rindo, ele viu algo que era certo elevar sua animação às nuvens: Argo Filch vinha em direção ao grupo arrastando Draco Malfoy pela orelha.

– Professor Slughorn – chiou o zelador, as bochechas tremendo e nos olhos saltados o brilho maníaco ao descobrir malfeitos. – Encontrei este rapaz se esgueirando por um corredor lá de cima. Ele diz que foi convidado para a sua festa e se atrasou na saída. O senhor lhe mandou convite?

Malfoy se desvencilhou do aperto de Filch, furioso.

– Está bem, não fui convidado – respondeu com raiva. – Eu estava tentando penetrar na festa, satisfeito?

– Não, não estou! – retrucou Filch, uma afirmação em total desacordo com a alegria em seu rosto. – Você está encrencado, ora se está! O diretor não avisou

que não queria ninguém nos corredores à noite, a não ser que a pessoa tivesse permissão, não avisou, eh?
– Tudo bem, Argo, tudo bem – disse Slughorn, com um aceno de mão. – Hoje é Natal, e não é crime ter vontade de ir a uma festa. Só desta vez, vamos esquecer o castigo; você pode ficar, Draco.
A expressão de indignação e desapontamento de Filch era perfeitamente previsível, mas por que, perguntou-se Harry, observando o colega, Malfoy pareceu igualmente infeliz? E por que Snape estava olhando para Malfoy como se sentisse ao mesmo tempo raiva... e seria possível?... um pouco de receio?
Mas, antes que Harry registrasse o que vira, Filch deu as costas e se afastou, arrastando os pés, resmungando baixinho; Malfoy conseguiu produzir um sorriso e agradeceu a Slughorn por sua generosidade, a expressão de Snape suavemente retomou sua impenetrabilidade.
– De nada, de nada – disse Slughorn, dispensando os agradecimentos de Malfoy. – Afinal, eu conheci o seu avô...
– Ele sempre o elogiou muito, senhor – apressou-se em dizer Malfoy. – Dizia que o senhor era o melhor preparador de poções que ele tinha conhecido...
Harry encarou Malfoy. Não era o puxa-saquismo que o intrigava; vira-o fazer isso com Snape durante anos. Era o fato de que Malfoy parecia doente. Era a primeira vez em muito tempo que via o colega bem de perto; e notava que apresentava olheiras escuras sob os olhos e um nítido tom acinzentado na pele.
– Gostaria de dar uma palavra com você, Draco – disse Snape subitamente.
– Ora, vamos Severo – falou Slughorn, com mais soluços. – É Natal, não seja tão duro...
– Sou o diretor da Casa dele e cabe a mim decidir se devo ou não ser duro – retrucou rispidamente. – Venha comigo, Draco.
Os dois se retiraram, Snape à frente, Malfoy parecia ressentido. Harry hesitou um momento, então disse:
– Volto em um instante, Luna... ã... banheiro.
– Tudo bem – respondeu Luna, animada, e Harry, ao sair ligeiro entre os convidados, pensou tê-la ouvido retomar a Conspiração Dentepodre com a professora Trelawney, que parecia sinceramente interessada.
Foi fácil, uma vez fora da festa, tirar do bolso a Capa da Invisibilidade e se cobrir, porque o corredor estava deserto. O mais difícil foi encontrar Snape e Malfoy. Harry saiu correndo, o ruído de seus passos mascarado pela música e as conversas altas que vinham da sala de Slughorn. Talvez Snape o tivesse levado à sua sala nas masmorras... ou talvez o acompanhasse de volta à sala comunal da Sonserina... Harry encostou o ouvido a cada porta do corredor pela qual passou apressado até que, muito surpreso e excitado, curvou-se para o buraco da

fechadura da última sala e ouviu vozes.
– ... não pode se dar ao luxo de errar, Draco, porque se você for expulso...
– Não tive nada a ver com isso, está bem?
– Espero que esteja dizendo a verdade, porque foi malfeito e tolo. Já suspeitam que você tenha um dedo no incidente.
– Quem suspeita de mim? – perguntou Malfoy com raiva. – Pela última vez, não fui eu, entende? Aquela garota, Bell, deve ter um inimigo que ninguém conhece... não me olhe assim! Sei o que você está fazendo. Não sou burro, mas não vai funcionar... posso impedi-lo!
Houve uma pausa, e então Snape disse baixinho:
– Ah... tia Belatriz tem lhe ensinado Oclumência, entendo. Que pensamentos você está tentando esconder do seu senhor, Draco?
– Não estou tentando esconder nada *dele*, só não quero que *você* penetre a minha mente!
Harry comprimiu mais o ouvido no buraco da fechadura... que acontecera para Malfoy falar desse jeito com Snape, o professor que ele sempre demonstrara respeitar e até gostar?
– Então é por isso que você tem me evitado este trimestre? Tem medo da minha interferência? Você percebe que se outro aluno não fosse à minha sala quando eu mandasse, e mais de uma vez, Draco...
– Então me dê uma detenção! Dê queixa de mim ao Dumbledore! – caçoou Malfoy.
Houve outra pausa. Então Snape falou:
– Você sabe perfeitamente que não quero fazer nenhuma das duas coisas.
– Então é melhor parar de me mandar ir à sua sala!
– Escute aqui – disse Snape, a voz tão baixa que Harry teve de comprimir o ouvido com força contra o buraco para ouvir. – Estou tentando ajudá-lo. Jurei a sua mãe que o protegeria. Fiz um Voto Perpétuo, Draco...
– Pois parece que vai ter de quebrá-lo, porque não preciso da sua proteção! A tarefa é minha, eu a recebi dele e estou cumprindo-a. Tenho um plano que vai dar resultado, só está levando um pouco mais de tempo do que pensei!
– Qual é o seu plano?
– Não é da sua conta!
– Se me contar o que está tentando fazer, posso ajudá-lo...
– Tenho toda a ajuda de que preciso, obrigado, não estou sozinho!
– Mas certamente estava hoje à noite, no que foi extremamente tolo, andar pelos corredores sem vigias nem cobertura. São erros elementares...
– Eu teria Crabbe e Goyle comigo, se você não tivesse detido os dois!
– Fale baixo! – disse Snape com violência, porque Malfoy alteara a voz

agitado. – Se os seus amigos Crabbe e Goyle pretendem passar no N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas desta vez, terão de se esforçar mais do que estão fazendo no momen...

– Que diferença faz isso? – interrompeu-o Malfoy. – Defesa Contra as Artes das Trevas é uma piada, não é, uma encenação? Como se algum de nós precisasse se proteger contra as Artes das Trevas...

– É uma encenação decisiva para o sucesso, Draco! – lembrou Snape. – Onde é que você pensa que eu estaria todos esses anos se eu não soubesse como representar? Agora me escute! Você está sendo imprudente, andando pela escola à noite e sendo apanhado, e se está confiando na ajuda de Crabbe e Goyle...

– Eles não são os únicos. Tenho mais gente do meu lado, gente melhor!

– Então por que não confiar em mim, posso...

– Sei o que está pretendendo! Você quer roubar a minha glória!

Houve mais uma pausa, então Snape disse com frieza:

– Você está falando como uma criança. Compreendo que a captura e a prisão do seu pai o tenham deixado perturbado, mas...

Harry teve menos de um segundo de aviso; ouviu os passos de Malfoy do outro lado da porta e se atirou para fora do caminho na hora em que a porta se escancarava; Malfoy afastou-se em passos largos pelo corredor, passou pela porta aberta da sala de Slughorn, contornou um canto distante e desapareceu de vista.

Mal ousando respirar, Harry continuou agachado vendo Snape sair lentamente da sala de aula. Com uma expressão insondável, ele voltou à festa. Harry permaneceu ali, oculto pela capa com os pensamentos em disparada.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

Um Natal muito gelado

– Então Snape estava se oferecendo para ajudar Malfoy? Sem a menor dúvida ele *esta va se oferecendo para ajudar Malfoy*?

– Se você perguntar isso mais uma vez, vou enfiar este talo de couve...

– Só estou confirmando! – exclamou Rony. Os dois estavam sozinhos junto à pia da cozinha d'A Toca, limpando um monte de couves-de-bruxelas para a sra. Weasley. A neve passava voando pela janela à sua frente.

– *Exatamente, Snape estava se oferecendo para ajudar ele!* Disse que tinha prometido à mãe de Malfoy proteger ele, que tinha feito um Juramento Perpétuo ou coisa parecida...

– Um Voto Perpétuo? – admirou-se Rony. – Nah, não pode ser... você tem certeza?

– Claro que tenho. Que quer dizer isso?

– Bem, a gente não pode quebrar um Voto Perpétuo...

– Até aí eu concluí sozinho, por estranho que pareça. E o que acontece se a gente quebra?

– Morre – disse Rony com simplicidade. – Fred e Jorge tentaram me convencer a fazer um quando eu tinha cinco anos. E quase que fiz, eu estava segurando as mãos de Fred e tudo, quando papai nos encontrou. Ele pirou – contou Rony, recordando a cena com um brilho no olhar. – Foi a única vez que vi papai tão furioso como a mamãe. Fred diz que depois disso a nádega esquerda dele nunca mais foi a mesma.

– É, bem, deixando de lado a nádega esquerda de Fred...

– Perdão? – Ouviu-se a voz de Fred, e os gêmeos entraram na cozinha. – Aaah, Jorge, olha só isso. Eles estão usando facas e tudo. Deus os abençoe.

– Vou fazer dezessete anos dentro de dois meses e uns dias – retrucou Rony mal-humorado –, então vou poder usar magia para fazer isto.

– Mas, nesse meio-tempo – comentou Jorge, sentando-se à mesa da cozinha e

descansando os pés em cima do móvel –, podemos apreciar a sua demonstração do uso correto de uma... epa!
– A culpa foi sua! – exclamou Rony zangado, chupando o corte no polegar. – Espere até eu fazer dezessete anos...
– Tenho certeza de que vai nos deixar deslumbrados com suas insuspeitadas habilidades em magia – concluiu Fred bocejando.
– E, por falar em insuspeitadas habilidades em magia, Ronald – aproveitou Jorge –, que história é essa, que estamos sabendo pela Gina, entre você e uma jovem chamada... a não ser que a informação esteja errada, Lilá Brown?
Rony corou um pouco, mas não pareceu aborrecido quando voltou a dar atenção às couves.
– Cuide da sua vida.
– Que resposta malcriada – disse Fred. – Não sei aonde vai buscá-las. Não, o que eu queria saber era... como foi que aconteceu?
– Que é que você quer dizer com isso?
– Ela teve um acidente ou coisa parecida?
– Quê?
– Bem, como foi que ela sofreu um dano cerebral tão extenso? Cuidado com isso!
A sra. Weasley entrou na cozinha em tempo de ver Rony atirando a faca de descascar legumes em Fred, que a transformou em um aviãozinho de papel, com um piparote displicente de varinha.
– *Rony!* – exclamou a bruxa furiosa. – Nunca mais me deixe ver você atirando facas!
– Não vou deixar – disse Rony – você ver – acrescentou baixinho, voltando ao monte de couves-de-bruxelas.
– Fred, Jorge, lamento, queridos, mas Remo vai chegar hoje à noite e Gui vai ter de se apertar no quarto de vocês!
– Não esquenta – respondeu Jorge.
– E, como Carlinhos não vem, isto deixa Harry e Rony no sótão, e se Fleur dividir o quarto com Gina...
– ... isso é que é um Feliz Natal! – murmurou Fred.
– ... e todos ficarão confortáveis. Bem, pelo menos terão uma cama – acrescentou a sra. Weasley, um pouco cansada e ansiosa.
– Então Percy não vai mesmo mostrar a carranca dele por aqui? – perguntou Fred.
A sra. Weasley virou de costas antes de responder.
– Não, ele está ocupado, imagino, no Ministério.
– Ah, ele é o maior babaca do mundo – comentou Fred, quando a mãe se

retirou da cozinha. – Um dos dois maiores. Bem, vamos indo então, Jorge.
– Que é que vocês vão fazer? – perguntou Rony. – Será que não podiam ajudar a gente a limpar essas couves? É só usarem a varinha e ficaremos livres, também!
– Não, acho que não podemos fazer isso – respondeu Fred sério. – É bom para a formação do caráter, aprender a limpar couves-de-bruxelas sem recorrer à magia, faz você entender como é difícil para os trouxas e bruxos abortados...
– ... e se quiser que as pessoas o ajudem, Rony – acrescentou Jorge, atirando no irmão um aviãozinho de papel –, não deve ficar arremessando facas nelas. É só uma dica. Nós vamos à aldeia, tem uma garota bonita trabalhando na papelaria que acha que os meus truques com cartas são maravilhosos... até parecem magia de verdade...
– Debiloides – xingou Rony, sombriamente, observando Fred e Jorge atravessarem o quintal coberto de neve. – Gastariam só dez segundos, e então poderíamos sair também.
– Não eu – disse Harry. – Prometi a Dumbledore que não sairia enquanto estivesse aqui.
– Ah, é. – Rony limpou mais algumas couves, então perguntou: – Você vai contar ao Dumbledore o que ouviu Snape e Malfoy conversando?
– Vou. Vou contar a todo o mundo que puder acabar com isso, e Dumbledore é o primeiro da lista. Talvez eu dê mais uma palavrinha com o seu pai também.
– Pena que você não tenha ouvido o que Malfoy está realmente fazendo.
– Não foi possível, não é? Esse é o problema, ele estava se recusando a contar ao Snape.
Por um momento fez-se silêncio, em seguida Rony comentou:
– É claro que você sabe o que todos vão dizer, não? Papai, Dumbledore e todo o resto. Vão dizer que Snape não está realmente tentando ajudar Malfoy, estava só tentando descobrir o que Malfoy vai fazer.
– Eles não ouviram o que ele disse – disse Harry, sem emoção. – Ninguém representa tão bem, nem mesmo o Snape.
– É... só estou lembrando – disse Rony.
Harry virou-se para encarar o amigo, franzindo a testa.
– Mas você acha que eu tenho razão?
– Claro que acho! – apressou-se Rony a confirmar. – Estou falando sério! Mas eles estão convencidos de que Snape faz parte da Ordem, não é mesmo?
Harry não respondeu. Já lhe ocorrera que aquela seria a objeção mais provável ao novo indício; podia até ouvir Hermione dizendo:
“É óbvio, Harry, que ele estava fingindo ajudar para poder fazer Malfoy contar o que está fazendo...”

Isto era pura imaginação, porque ele não tinha tido oportunidade de contar a Hermione o que ouvira. A amiga tinha sumido da festa de Slughorn antes que ele voltasse, ou assim lhe informara um irado McLaggen, e já tinha ido dormir quando ele retornou à sala comunal. Quando ele e Rony viajaram para A Toca, cedo no dia seguinte, Harry mal tivera tempo para lhe desejar um Feliz Natal e dizer que tinha notícias muito importantes para contar quando voltassem das férias. Não estava muito seguro, porém, se Hermione o ouvira; Rony e Lilá estavam fazendo uma despedida totalmente não verbal às suas costas naquele momento.

Contudo, nem Hermione poderia negar: decididamente Malfoy estava fazendo alguma coisa, e Snape sabia disso, portanto Harry se sentia plenamente justificado em dizer "Eu bem que falei", como já fizera várias vezes para Rony.

Até a noite de Natal, Harry não teve oportunidade de conversar com o sr. Weasley, que estava trabalhando até mais tarde no Ministério. Os Weasley e seus convidados estavam sentados na sala de estar; Gina a decorara com tanto exagero que tinham a impressão de estar no meio de uma explosão de papel em cadeia. Fred, Jorge, Harry e Rony eram os únicos que sabiam que o anjo no alto da árvore era, na realidade, um gnomo de jardim que mordera o calcanhar de Fred quando ele arrancava cenouras para a ceia de Natal. Estupidificado, pintado de ouro, apertado em um minitutu, com asinhas coladas às costas, ele olhava de cara amarrada para todos, o anjo mais feio que Harry já vira, com uma cabeçorra pelada como uma batata e pés bem cabeludos.

Todos deviam estar ouvindo o programa de Natal apresentado pela cantora favorita da sra. Weasley, Celestina Warbeck, cuja voz saía tremida de um grande rádio com a caixa de madeira. Fleur, que aparentemente achava Celestina muito chata, falava tão alto a um canto que a sra. Weasley, aborrecida, a toda hora apontava a varinha para o botão do volume, fazendo com que Celestina berrasse cada vez mais. Aproveitando um número particularmente animado, "Um caldeirão cheio de amor quente e forte", Fred e Jorge começaram um joguinho de Snap Explosivo com Gina. Rony não parava de lançar olhares sorrateiros a Gui e Fleur, como se esperasse aprender umas dicas. Enquanto isso, Remo Lupin, mais magro e mais roto que nunca, estava sentado à lareira, contemplando suas profundezas como se não ouvisse a voz de Celestina.

"Ah, vem mexer o meu caldeirão,
E se mexer como deve ser
Faço procê um amor quente e forte
Para sua noite aquecer."

– Dançamos ao som dessa música quando tínhamos dezoito anos! – exclamou a sra. Weasley, enxugando os olhos no seu tricô. – Você lembra, Arthur?

– Hum? – respondeu o sr. Weasley, que estivera cochilando enquanto descascava uma tangerina. – Ah, sim... uma canção maravilhosa...

Com esforço, ele se sentou mais aprumado e olhou para Harry, que estava ao seu lado.

– Desculpe isso aí – disse ele, indicando com a cabeça o rádio no qual Celestina desatava a entoar o refrão. – Já vai terminar.

– Não se preocupe – respondeu Harry sorrindo. – O senhor tem tido muito trabalho no Ministério?

– Muito. Eu não me incomodaria se estivéssemos obtendo algum resultado, mas, nas três prisões que fizemos nos últimos dois meses, duvido que algum dos suspeitos fosse um autêntico Comensal da Morte... mas não repita isso, Harry – acrescentou ele depressa, parecendo subitamente bem mais acordado.

– Mas já soltaram o Lalau Shunpike, não? – perguntou Harry.

– Receio que não. Sei que Dumbledore tentou apelar diretamente para Scrimgeour no caso do Lalau... quero dizer, qualquer um que de fato tenha entrevistado o garoto concorda que ele é tão Comensal da Morte quanto esta tangerina... mas os figurões querem passar a imagem de que estamos fazendo progressos, e “três prisões” parecem melhor do que “três prisões equivocadas seguidas de solturas”... mas, repito, tudo isso é ultrassecreto...

– Não direi nada. – Harry hesitou um momento, imaginando a melhor maneira de abordar o que queria dizer; enquanto organizava seus pensamentos, Celestina Warbeck começou uma balada intitulada “Seu feitiço arrancou meu coração”.

– Sr. Weasley, o senhor se lembra do que lhe contei na estação quando estávamos indo para a escola?

– Eu verifiquei, Harry – respondeu ele na mesma hora. – Revistei a casa dos Malfoy. Não encontrei nada, nem quebrado nem inteiro, que não devesse estar lá.

– É, eu sei, li no *Profeta* que o senhor tinha revistado... mas isto é diferente... bem, uma coisa mais...

E ele contou ao sr. Weasley a conversa que escutara entre Malfoy e Snape. Enquanto falava, viu a cabeça de Lupin virar um pouco para o seu lado, absorvendo cada palavra. Quando Harry terminou, fez-se silêncio, exceto pela cantoria de Celestina.

“Ah, onde foi parar o meu pobre coração?
Abandonou-me por um feitiço...”

– Já lhe ocorreu, Harry – perguntou o sr. Weasley –, que Snape estivesse simplesmente fingindo...

– Fingindo oferecer ajuda, para poder descobrir o que Malfoy está fazendo? – completou Harry depressa. – É, achei que o senhor iria dizer isso. Mas como vamos saber?

– Não temos de saber – disse Lupin inesperadamente. Tinha dado as costas à lareira e encarava Harry do outro lado do sr. Weasley. – Dumbledore é quem tem. Ele confia em Severo, e isto deve ser suficiente para todos nós.

– Mas digamos... digamos que Dumbledore esteja enganado a respeito do Snape...

– Muita gente tem dito isso muitas vezes. A questão se resume em confiar ou não confiar no julgamento de Dumbledore. Eu confio; portanto, eu confio em Severo.

– Mas Dumbledore pode errar – argumentou Harry. – Ele mesmo diz isso. E você...

Ele olhou Lupin diretamente nos olhos.

– ... sinceramente, você gosta do Snape?

– Não gosto nem desgosto do Severo – respondeu Lupin. – Não, Harry, estou falando a verdade – acrescentou, ao ver a expressão descrente de Harry. – Talvez nunca sejamos amigos do peito; depois de tudo que aconteceu entre Tiago, Sirius e Severo, restou muita amargura. Mas não esqueço que, durante o ano que ensinei em Hogwarts, Severo preparou a Poção de Acônito para mim todos os meses, e com perfeição, para eu não precisar sofrer como normalmente sofro na lua cheia.

– Mas deixou escapar “sem querer” que você era um lobisomem, e você teve de ir embora! – lembrou Harry com raiva.

Lupin sacudiu os ombros.

– A notícia teria vazado de qualquer maneira. Nós dois sabemos que ele queria o meu lugar, mas ele poderia ter me causado mais mal se tivesse adulterado a poção. Ele me manteve saudável. Devo ser grato.

– Talvez ele não se atrevesse a adulterar a poção com Dumbledore de olho nele!

– Você está decidido a odiá-lo, Harry – disse Lupin com um leve sorriso. – E eu compreendo; tendo Tiago por pai e Sirius por padrinho, você herdou um velho preconceito. Não se detenha, conte a Dumbledore o que contou ao Arthur e a mim, mas não espere que ele concorde com seu ponto de vista; nem mesmo que se surpreenda com o que ouvir. Talvez Severo tenha até recebido ordem de Dumbledore para interrogar Draco.

“... e você agora o despedaçou.
Agradeço que devolva o meu coração!”

Celestina terminou a canção com uma nota muito longa e aguda, e ouviram-se estrondosos aplausos no rádio aos quais a sra. Weasley fez um coro entusiamado.
– Terrminô? – perguntou Fleur em voz alta. – Grraças a Dês qu’ cois horrro...
– Vamos tomar mais uma para encerrar? – ofereceu o sr. Weasley também em voz alta, levantando-se, ligeiro. – Quem aceita uma gemada?
– Que é que você tem feito ultimamente? – Harry perguntou a Lupin, enquanto o sr. Weasley se encarregava de apanhar a gemada, e os demais convidados recomeçavam a conversar.
– Ah, ando na clandestinidade. Quase literalmente. Por isso não tenho podido escrever; mandar cartas seria o mesmo que me denunciar.
– Como assim?
– Tenho vivido entre companheiros, meus iguais – respondeu Lupin. – Lobisomens – acrescentou ao ver o olhar de incompreensão de Harry. – Quase todos estão do lado de Voldemort. Dumbledore queria um espião e eu estava ali... pronto.
Sua voz pareceu um pouco amargurada, e talvez ele percebesse, porque sorriu mais calorosamente ao continuar:
– Não estou me queixando, é um trabalho necessário, e quem melhor do que eu para executá-lo? Mas tem sido difícil ganhar a confiança deles. Trago comigo sinais inconfundíveis de que tentei viver entre os bruxos, entende, enquanto eles evitaram a sociedade normal e vivem na marginalidade, roubando e por vezes matando, para comer.
– E por que eles gostam de Voldemort?
– Acham que, sob o domínio dele, terão uma vida melhor – respondeu Lupin. – É difícil argumentar com o Greyback lá fora...
– Quem é Greyback?
– Você nunca ouviu falar? – as mãos de Lupin se fecharam convulsivamente no colo. – Fenrir Lobo Greyback talvez seja o lobisomem mais selvagem que existe hoje. Encara como missão de sua vida morder e contaminar o maior número possível de pessoas; quer criar um número suficiente de lobisomens para superar os bruxos. Voldemort lhe prometeu vítimas como pagamento pelos seus serviços. Greyback se especializa em crianças... morda-as enquanto pequenas, diz, e as crie longe dos pais, faça com que odeiem os bruxos normais. Voldemort tem ameaçado lançá-lo contra os filhos das pessoas; é uma ameaça que normalmente produz bons resultados.
Lupin fez uma pausa, e então continuou:

– Foi Greyback quem me mordeu.
– Quê?! – exclamou Harry, perplexo. – Você quer dizer, quando você era criança?
– É. Meu pai o ofendeu. Durante muito tempo eu não soube a identidade do lobisomem que tinha me atacado; cheguei a sentir pena dele, achando que não pudera se controlar, já sabendo, então, o que a pessoa sentia quando se transformava. Mas Greyback não é assim. Na lua cheia, ele se coloca a curta distância da vítima para garantir que esteja bem próximo para atacar. Planeja cada detalhe. E é esse homem que Voldemort está usando para liderar os lobisomens. Não posso fingir que a argumentação que adoto esteja dando resultado contra a insistência de Greyback de que os lobisomens merecem sangue, que devem se vingar de quem é normal.
– Mas você é normal! – exclamou Harry com veemência. – Só tem um... um problema...
Lupin caiu na gargalhada.
– Às vezes você me lembra muito o Tiago. Quando havia pessoas por perto, ele dizia que eu tinha um "probleminha peludo". Muita gente pensava que eu tinha um coelhinho malcomportado.
Lupin aceitou um copo de gemada do sr. Weasley, agradecendo, e pareceu um pouco mais alegre. Harry sentiu uma onda de excitação: a menção do pai lembrou-lhe que havia uma coisa que estava querendo perguntar a Lupin.
– Você já ouviu falar de alguém que se intitula Príncipe Mestiço?
– Príncipe quê?
– Mestiço – disse Harry, observando-o com atenção, à procura de sinais de reconhecimento.
– Não há príncipes bruxos – respondeu Lupin, agora sorrindo. – Esse é o título que você está pensando em adotar? Eu teria achado que "O Eleito" já era o suficiente.
– Não, não tem nada a ver comigo! – exclamou ele indignado. – O Príncipe Mestiço é alguém que frequentou Hogwarts, tenho o livro de Poções que ele usou. Tem anotações sobre feitiços no livro todo, feitiços que ele inventou. Um deles foi o *Levicorpus*...
– Ah, esse aí esteve em grande moda em Hogwarts, no meu tempo – disse Lupin, lembrando-se. – Durante alguns meses, no meu quinto ano, a pessoa não podia andar sem ser pendurada no ar pelo tornozelo.
– Meu pai o usou. Vi na Penseira quando o usou contra Snape.
Harry tentou parecer displicente, como se aquele fosse um comentário sem real importância, mas não teve certeza de que obtivera o efeito pretendido; o sorriso de Lupin foi compreensivo demais.

– Usou, mas ele não foi o único. Como disse, foi muito popular... você sabe como esses feitiços vêm e vão...

– Mas parece que foi inventado enquanto você esteve na escola – insistiu Harry.

– Não necessariamente. Azarações entram e saem de moda como tudo o mais. – Ele encarou Harry e disse em voz baixa: – Tiago tinha sangue puro, Harry, e juro a você, ele nunca nos pediu para chamá-lo de “Príncipe”.

Harry, abandonando os rodeios, perguntou:

– E não foi Sirius? Nem você?

– Decididamente não.

– Ah. – Harry contemplou as chamas da lareira. – Pensei... bem, ele me ajudou muito nas aulas de Poções, o Príncipe.

– Que idade tem o livro, Harry?

– Não sei, nunca olhei.

– Bem, talvez lhe dê uma pista da época em que o Príncipe esteve em Hogwarts.

Pouco depois, Fleur resolveu imitar Celestina cantando “Um caldeirão cheio de amor quente e forte”, que todos entenderam, ao ver a expressão da sra. Weasley como uma deixa para se retirarem. Harry e Rony subiram até o quarto de Rony no sótão, onde tinha sido posta uma cama de armar para Harry.

Rony adormeceu quase imediatamente, mas Harry, antes de se deitar, foi procurar no malão, de onde tirou o exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções*. Na cama, folheou as páginas com atenção, até encontrar, no início do livro, a data em que fora publicado. Tinha quase cinquenta anos. Nem seu pai nem seus amigos tinham frequentado Hogwarts há cinquenta anos. Desapontado, Harry atirou o livro de volta ao malão, apagou o lampião e se virou para o lado oposto da cama, pensando em lobisomens e Snape, em Lalau Shunpike e no Príncipe Mestiço, mergulhando, por fim, em um sono inquieto, cheio de sombras furtivas e gritos de crianças mordidas...

– Ela tem de estar brincando...

Harry acordou assustado e deparou com uma meia estufada nos pés de sua cama. Pôs os óculos e olhou ao seu redor; a janela minúscula estava quase totalmente escurecida pela neve e diante dela estava Rony, sentado muito reto na cama, examinando um objeto que parecia um cordão de ouro.

– Que é isso? – perguntou Harry.

– É da Lilá – respondeu ele, parecendo revoltado. – Ela não pode pensar seriamente que eu usaria...

Harry se aproximou para olhar e soltou uma grande gargalhada. Pendurada no cordão, em grandes letras de ouro, havia a frase “Meu Namorado”.

– Legal – comentou ele. – Estiloso. Decididamente, você tem de usar isso na frente de Fred e Jorge.
– Se você contar a eles – ameaçou Rony, fazendo o colar desaparecer embaixo do travesseiro –, eu... eu... eu vou...
– Gaguejar para mim? – respondeu Harry, rindo. – Ah, vai, você acha que eu faria isso?
– Mas como é que ela pôde pensar que eu ia gostar de uma coisa dessas? – perguntou Rony, parecendo muito chocado.
– Bem, procure se lembrar. Alguma vez você deixou escapar que gostaria de aparecer em público com as palavras “Meu Namorado” penduradas no pescoço?
– Bem... na realidade não conversamos muito – disse Rony. – Ficamos mais...
– Dando uns amassos – completou Harry.
– Bem, é. – Ele hesitou um momento, então perguntou: – A Hermione está realmente namorando o McLaggen?
– Não sei. Eles estiveram na festa de Slughorn juntos, mas acho que não foi muito legal.
Rony pareceu um pouco mais animado ao enfiar a mão no fundo da meia.
Os presentes de Harry incluíam uma suéter com um grande pomo de ouro no peito, tricotado à mão pela sra. Weasley, uma grande caixa com produtos da Gemialidades Weasley, dada pelos gêmeos, e um embrulho ligeiramente úmido, cheirando a mofo, com uma etiqueta em que se lia: “Ao Senhor, do Monstro.”
Harry arregalou os olhos.
– Você acha que é seguro abrir? – perguntou.
– Não pode ser nada perigoso, toda a nossa correspondência continua a ser verificada pelo Ministério – respondeu Rony, embora olhasse o embrulho com desconfiança.
– Não pensei em dar nada ao Monstro! Normalmente as pessoas dão presentes de Natal aos elfos domésticos? – tornou Harry, cutucando o embrulho com cautela.
– Hermione daria. Mas vamos esperar para ver o que é, antes de você começar a sentir remorsos.
Um instante depois, Harry dava um berro e pulava da cama; o pacote continha numerosas larvas de varejeira.
– Legal! – exclamou Rony às gargalhadas. – Quanta consideração!
– Prefiro as larvas a esse colar – disse Harry, fazendo Rony parar de rir na mesma hora.
Todos estavam usando suéteres novos quando se sentaram para o almoço de Natal, todos exceto Fleur (em quem, pelo visto, a sra. Weasley não quisera desperdiçar um) e a própria sra. Weasley, com um chapéu de bruxa novo, azul-

noite, que brilhava com minúsculos diamantes estrelados, e um espetacular colar de ouro.
– Foram presentes de Fred e Jorge! Não são lindos?
– Bem, descobrimos que gostamos cada vez mais de você, mamãe, agora que temos de lavar as nossas meias – disse Jorge, com um leve aceno de mão. – Pastinaca, Remo?
– Harry, tem uma larva no seu cabelo – disse Gina alegre, debruçando-se sobre a mesa para retirá-la; Harry sentiu subirem pelo seu pescoço arrepios que não tinham relação alguma com a larva.
– Qu' horrrivell – exclamou Fleur, afetando um arrepio.
– É, não é, Fleur? – concordou Rony. – Molho, Fleur?
Em sua ânsia de ajudar, ele lançou o molho pelos ares; Gui fez um gesto com a varinha, e o molho pairou no ar e voltou obedientemente à molheira.
– Você é ton desastrrade quanto a Tonks – disse Fleur a Rony, quando terminou de beijar Gui para lhe agradecer. – Ela stá semprre derrrubande...
– Convidei a *querida* Tonks para vir hoje aqui – anunciou a sra. Weasley, pondo na mesa as cenouras, com desnecessária violência, e encarando Fleur. – Mas ela não aceitou. Você tem falado com ela ultimamente, Remo?
– Não, não tenho tido muito contato com ninguém – disse Lupin. – Mas Tonks tem família para visitar, não?
– Hummm. Talvez. Na realidade, tive a impressão de que estava planejando passar o Natal sozinha.
Molly lançou a Lupin um olhar irritado, como se fosse culpa dele que sua futura nora fosse Fleur em vez de Tonks. Ocorreu a Harry, ao olhar Fleur – que agora oferecia a Gui pedacinhos de peru com o próprio garfo –, que a sra. Weasley estava travando uma batalha há muito tempo perdida. Lembrou-se, no entanto, de uma pergunta que queria fazer sobre Tonks, e quem melhor para responder a ela do que Lupin, o homem que conhecia tudo sobre Patronos?
– O Patrono de Tonks mudou de forma – disse Harry a ele. – Pelo menos foi o que disse Snape. Eu não sabia que isto podia acontecer. Por que razão um Patrono mudaria?
Lupin demorou algum tempo mastigando o peru, e engoliu-o antes de responder lentamente.
– Às vezes... um grande choque... uma perturbação emocional...
– Parecia grande e era quadrúpede – comentou Harry, tendo uma súbita ideia e baixando a voz. – Ei... não poderia ser...?
– Arthur! – chamou a sra. Weasley de repente. Levantara-se da cadeira; sua mão apertava o peito e tinha os olhos fixos na janela da cozinha. – Arthur... é o Percy!

– *Quê?*
O sr. Weasley se virou. Todos olharam depressa para a janela; Gina ficou em pé para ver melhor. De fato, era Percy Weasley, avançando pelo quintal coberto de neve, seus óculos de aros de tartaruga refletindo o sol. Não vinha, porém, sozinho.
– Arthur, ele está... está com o ministro!
De fato, o homem que Harry vira no *Profeta Diário* acompanhava os passos de Percy, mancando levemente, a cabeleira grisalha e a capa negra salpicadas de neve. Antes que qualquer um pudesse dizer alguma coisa, antes que o sr. e a sra. Weasley pudessem trocar mais que um olhar surpreso, a porta dos fundos se abriu e ali estava Percy. Fez-se um momento de doloroso silêncio. Em seguida, Percy disse formalmente:
– Feliz Natal, mamãe.
– Ah, *Percy*! – exclamou a sra. Weasley, atirando-se em seus braços.
Rufo Scrimgeour parou à porta, apoiando-se na bengala e sorrindo, enquanto observava a comovente cena.
– Perdoem-me a intromissão – disse, quando a sra. Weasley virou-se para ele, sorrindo e enxugando as lágrimas. – Percy e eu estávamos nas vizinhanças, a trabalho, e ele não pôde resistir à tentação de passar para ver todos vocês.
Mas Percy não deu sinal algum de querer cumprimentar ninguém mais da família. Ficou parado, rígido, sem jeito, olhando por cima das cabeças de todos. O sr. Weasley, Fred e Jorge o observavam, impassíveis.
– Por favor, entre, ministro, sente! – alvoroçou-se a sra. Weasley, endireitando o chapéu. – *Voma* um pouco de *teru* ou um pouco de *tudim*..., quero dizer...
– Não, não, minha cara Molly – respondeu Scrimgeour. Harry imaginou que ele tivesse perguntado o nome dela a Percy antes de entrarem na casa. – Não quero incomodar, não estaria aqui se Percy não tivesse querido tanto ver vocês...
– Ah, Percy! – exclamou a sra. Weasley chorosa, aproximando-se para beijá-lo.
– ... é só uma passadinha de cinco minutos, vou dar uma volta pelo quintal enquanto vocês põem a conversa em dia. Não, não, torno a afirmar que não quero ser inconveniente! Bem, alguém gostaria de me mostrar o seu encantador jardim... ah, aquele jovem já terminou, por que ele não me acompanha no passeio?
A atmosfera em volta da mesa mudou perceptivelmente. Todos olharam de Scrimgeour para Harry. Ninguém parecia achar convincente o ministro fingir que não sabia o nome de Harry, nem natural que o escolhesse para acompanhá-lo pelo jardim quando Gina, Fleur e Jorge também tinham os pratos vazios.
– Ah, eu vou – disse Harry no silêncio que se seguiu.

Ele não se deixara enganar; apesar de toda aquela conversa de Scrimgeour de que estavam nas proximidades, que Percy queria visitar a família, esta devia ser a verdadeira razão por que tinham vindo, para o ministro poder falar a sós com Harry.

– Tudo bem – disse Harry baixinho ao passar por Lupin, que fizera menção de se levantar da cadeira. – Tudo bem – acrescentou, quando o sr. Weasley abriu a boca para falar.

– Excelente! – disse Scrimgeour, afastando-se para deixar Harry passar primeiro pela porta. – Só vamos dar uma volta pelo jardim, e então Percy e eu vamos embora. Podem continuar!

Harry atravessou o quintal em direção ao jardim descuidado e coberto de neve, com Scrimgeour mancando ao seu lado. O garoto sabia que ele tinha sido chefe da Seção de Aurores; parecia durão e marcado pelas lutas, muito diferente do corpulento Fudge com o seu chapéu-coco.

– Encantador – comentou Scrimgeour, parando junto à cerca do jardim e contemplando o gramado coberto de neve e as plantas indistinguíveis. – Encantador.

Harry ficou calado. Sabia que o ministro o observava.

– Há muito tempo que queria conhecê-lo – disse Scrimgeour após alguns instantes. – Você sabia?

– Não – respondeu Harry com sinceridade.

– Ah, sim, há muito tempo. Mas Dumbledore o protege muito. O que é natural, depois de tudo por que você passou... principalmente o que aconteceu no Ministério...

Ele esperou que Harry dissesse alguma coisa, mas o garoto não correspondeu, então continuou.

– Estou esperando uma oportunidade para conversar com você desde que assumi, mas Dumbledore tem, e, como digo, é compreensível, me impedido.

Ainda assim, Harry nada disse, aguardou.

– Os boatos que têm corrido! Bem, é claro que sabemos que as histórias acabam distorcidas... todos os rumores de uma profecia... de você ser “O Eleito”...

Estavam chegando mais perto agora, pensou Harry, da razão que levara Scrimgeour até ali.

– ... presumo que Dumbledore tenha discutido essas questões com você, não?

Harry debateu mentalmente se devia ou não mentir. Olhou para as pegadinhas dos gnomos em volta dos canteiros, e para um trecho pisoteado que assinalava o lugar onde Fred apanhara o gnomo que agora enfeitava o alto da árvore de Natal, vestido com um tutu. Por fim, decidiu-se pela verdade... ou por parte dela.

– É, temos discutido.
– Têm, têm... – animou-se Scrimgeour. Harry via pelo canto do olho que o ministro o observava de olhos semicerrados, então fingiu estar muito interessado em um gnomo que acabara de pôr a cabeça para fora de um rodo-dendro congelado. – E que é que Dumbledore tem lhe dito, Harry?
– Desculpe, mas isto é só entre nós.
Ele procurou manter a voz a mais agradável possível, e o tom de Scrimgeour também foi leve e simpático quando disse:
– Ah, claro, são confidências, eu não iria querer que você as revelasse... não, não... e, de qualquer forma, faz diferença se você é ou não “O Eleito”?
Harry precisou remoer a pergunta alguns segundos antes de responder.
– Não sei o que o senhor quer realmente dizer, ministro.
– Bem, naturalmente, para *você*, fez uma enorme diferença – disse Scrimgeour dando uma risada. – Mas para a comunidade bruxa como um todo... é uma questão de percepção, não é? É aquilo em que as pessoas acreditam que é importante.
Harry não disse nada. Pensou ter percebido difusamente aonde iriam chegar, mas não ia ajudar Scrimgeour a chegar lá. O gnomo sob o rododendro agora escavava à procura de minhocas nas raízes da planta, e Harry manteve os olhos fixos nele.
– As pessoas acreditam que você *é* “O Eleito”, entende? Acham que você é um herói, o que é claro, você é, Harry, eleito ou não! Quantas vezes você enfrentou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado até agora? Bem, seja como for – ele prosseguiu sem esperar resposta –, a questão é que você é um símbolo de esperança para muitos, Harry. A ideia de que tem alguém de sentinela que talvez possa, ou até talvez esteja *destinado* a destruir Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado... bem é natural que isto revigore as pessoas. E não posso deixar de sentir que, quando perceber isto, você talvez considere, bem, quase como um dever, apoiar o Ministério e dar alento a todos.
O gnomo tinha acabado de pegar uma minhoca. Agora puxava-a com muita força, tentando extraí-la da terra gelada. Harry guardou silêncio por tanto tempo que Scrimgeour comentou, desviando o olhar dele para o gnomo:
– São umas criaturinhas engraçadas, não? Mas que me diz, Harry?
– Não compreendo exatamente o que o senhor quer – respondeu ele vagaroso. – Apoiar o Ministério... que quer dizer com isso?
– Ah, bem, nada muito oneroso, posso lhe assegurar. Se você fosse visto entrando e saindo do Ministério de vez em quando, por exemplo, daria a impressão correta. E, naturalmente, enquanto estivesse lá, você teria ampla oportunidade de conversar com Gawain Robards, meu sucessor na chefia da

Seção de Aurores. Dolores Umbridge me disse que você alimenta a ambição de se tornar auror. Bem, isso poderia ser facilmente arranjado...

Harry sentiu a raiva borbulhar no fundo do estômago: então Dolores Umbridge continuava no Ministério?

– Então, basicamente – falou Harry, como se quisesse apenas esclarecer alguns pontos –, o senhor gostaria de dar a impressão de que estou trabalhando para o Ministério?

– Daria mais ânimo a todos pensar que você participa mais, Harry – disse Scrimgeour, parecendo aliviado que o garoto tivesse entendido tão rápido. – "O Eleito" sabe... é uma questão de dar esperança às pessoas, a sensação de que há coisas emocionantes acontecendo...

– Mas se eu ficar entrando e saindo do Ministério – perguntou Harry, ainda se esforçando para manter um tom amigável –, não irá parecer que eu aprovo o que o Ministério está fazendo?

– Bem – respondeu Scrimgeour, franzindo ligeiramente a testa –, bem, sim, em parte é por isso que gostaríamos...

– Não, acho que não vai dar certo – disse Harry gentilmente. – Veja o senhor, não gosto de algumas coisas que o Ministério está fazendo. Prender o Lalau Shunpike, por exemplo.

Scrimgeour calou-se por um momento, mas sua expressão endureceu instantaneamente.

– Eu não esperaria que você compreendesse – disse ele, mas não foi tão bem-sucedido quanto Harry em ocultar sua raiva. – Vivemos tempos perigosos, e é preciso tomar certas medidas. Você tem dezesseis anos...

– Dumbledore tem muito mais de dezesseis anos e também acha que Lalau não devia estar em Azkaban. O senhor está transformando Lalau em bode expiatório do mesmo modo que quer me transformar em mascote.

Eles se encararam demorada e inflexivelmente. Por fim, Scrimgeour falou, sem fingir cordialidade:

– Entendo. Você prefere, como o seu herói Dumbledore, se desassociar do Ministério?

– Não quero ser usado.

– Alguns diriam que é seu dever se deixar usar pelo Ministério!

– É, e outros diriam que é seu dever verificar se as pessoas são realmente Comensais da Morte antes de metê-las na prisão – respondeu Harry se encolerizando. – O senhor está fazendo o mesmo que Bartô Crouch fez. Os senhores nunca entendem muito bem, não é? Ou temos Fudge, fingindo que tudo está ótimo enquanto as pessoas são assassinadas debaixo do nariz dele, ou temos o senhor, metendo as pessoas erradas na prisão e querendo fingir que "O Eleito"

está trabalhando para o Ministério!
– Então você não é “O Eleito”? – indagou Scrimgeour.
– Pensei ter ouvido o senhor dizer que não faria diferença – respondeu Harry com uma risada amargurada. – Pelo menos, não para o senhor.
– Eu não devia ter dito isso – interpôs ligeiro Scrimgeour. – Foi falta de tato...
– Não, foi sincero. Uma das poucas coisas sinceras que o senhor me disse. O senhor não se importa que eu viva ou morra, mas faz questão que eu o ajude a convencer a todos que está ganhando a guerra contra Voldemort. Não esqueci, ministro...
Harry ergueu a mão direita. Ali, nas costas de sua mão fria, destacavamse, lívidas, as cicatrizes que Dolores Umbridge o obrigara a gravar na própria carne: *Não devo contar mentiras.*
– Não me lembro do senhor ter corrido em minha defesa quando eu estava tentando dizer a todos que Voldemort tinha retornado. O Ministério não esteve tão interessado em ser meu amigo no ano que passou.
Os dois ficaram parados em um silêncio gelado como o chão sob seus pés. O gnomo finalmente conseguira retirar a minhoca e agora a chupava feliz, encostado nos galhos mais baixos do rododendro.
– Que anda fazendo o Dumbledore? – perguntou Scrimgeour bruscamente. – Aonde vai quando se ausenta de Hogwarts?
– Não faço a menor ideia – respondeu Harry.
– E não me diria se fizesse, não é?
– Não, não diria.
– Bem, então, terei de ver se descubro por outros meios.
– Pode tentar – disse Harry com indiferença. – Mas o senhor parece mais inteligente do que Fudge, por isso seria de imaginar que tivesse aprendido com os erros dele. Fudge tentou interferir em Hogwarts. O senhor deve ter reparado que ele não é mais ministro, mas Dumbledore continua a ser diretor. Eu deixaria Dumbledore em paz, se fosse o senhor.
Houve uma longa pausa.
– Bem, é evidente que ele fez um excelente trabalho com você – disse Scrimgeour, com o olhar frio e duro por trás dos óculos de aros de arame. – Você é por inteiro um homem de Dumbledore, não, Potter?
– Sou. Que bom que deixamos isto claro.
E dando as costas ao ministro da Magia, Harry saiu em direção a casa.

— CAPÍTULO DEZESSETE —

Uma lembrança relutante

No final da tarde, poucos dias depois do Ano-Novo, Harry, Rony e Gina se enfileiraram ao lado do fogão da cozinha para regressar a Hogwarts. O Ministério providenciara essa conexão com a Rede de Flu para os estudantes poderem se transportar à escola com rapidez e segurança. Apenas a sra. Weasley estava presente para se despedir, porque o marido, Fred, Jorge, Gui e Fleur estavam no trabalho. A sra. Weasley debulhou-se em lágrimas no momento da separação. Nos últimos tempos, era preciso muito pouco para fazê-la chegar às lágrimas; andava chorando a toda hora desde que Percy se retirara bruscamente de casa no dia de Natal, com os óculos sujos de purê de pastinaca (pelo que Fred, Jorge e Gina se diziam responsáveis).

– Não chore, mamãe – consolava-a Gina, dando palmadinhas nas costas da mãe chorosa ao seu ombro. – Tá tudo bem.

– É, não se preocupe conosco – disse Rony, deixando a mãe plantar-lhe um beijo muito molhado na bochecha – nem com o Percy. Ele é tão babaca que não se perde grande coisa, não é?

A sra. Weasley soluçou ainda mais forte ao abraçar Harry.

– Prometa que vai se cuidar... não se meta em confusões...

– Eu sempre me cuido, sra. Weasley. Gosto de levar uma vida tranquila, a senhora me conhece.

Ela deu uma risada lacrimosa e se afastou.

– Comportem-se, então, todos vocês...

Harry entrou nas chamas verde-esmeralda e gritou:

– Hogwarts! – Ele teve uma última e fugaz visão da cozinha da sra. Weasley e do seu rosto molhado de lágrimas antes de ser envolvido pelas chamas; rodopiando velozmente, captou vislumbres difusos de outros aposentos de bruxos, que sumiam de vista antes que ele pudesse vê-los direito; por fim desacelerou e parou alinhado com a lareira da sala da professora McGonagall.

Ela mal ergueu os olhos do seu trabalho quando ele saiu engatinhando da lareira.

– Noite, Potter. Procure não deixar muita cinza no tapete.

– Sim, professora.

Harry ajeitou os óculos e achatou os cabelos na hora em que Rony surgiu, rodopiando. Quando Gina chegou, os três saíram da sala de McGonagall e tomaram a direção da Torre da Grifinória. No caminho, Harry espiou pelas janelas do corredor; o sol já estava se pondo nos terrenos da escola cobertos por um tapete de neve mais alto do que o d'A Toca. Ao longe, viu Hagrid alimentando Bicuço na frente da cabana.

– *Bolas festivas* – disse Rony, confiante, quando chegaram ao quadro da Mulher Gorda, que estava bem mais pálida do que o normal e fez uma careta à voz alta do garoto.

– Não – respondeu ela.

– Como assim "não"?

– Há uma nova senha. E, por favor, não grite.

– Mas estivemos fora, como é que...?

– Harry! Gina!

Hermione corria em sua direção, de rosto muito corado, trajando capa, chapéu e luvas.

– Cheguei há umas duas horas, dei um pulinho lá embaixo para visitar Hagrid e Bicuço, quero dizer, Asafugaz – disse sem fôlego. – Tiveram um bom Natal?

– Tivemos – respondeu Rony na mesma hora –, bem movimentado, Rufo Scrimgeour...

– Tenho uma coisa para você, Harry – falou Hermione sem olhar para Rony, nem dar sinal de que o ouvira. – Ah, calma aí, a senha. *Abstinência*.

– Exatamente – confirmou a Mulher Gorda com voz fraca, e girou abrindo o buraco do retrato.

– Que é que ela tem? – perguntou Harry.

– Aparentemente exagerou no Natal – informou Hermione, olhando para o teto e abrindo caminho para a sala comunal repleta de alunos. – Ela e a amiga Violeta acabaram com aquele vinho no quadro dos monges bêbados junto ao corredor de Feitiços. Então...

Ela remexeu no bolso um instante e tirou um rolo de pergaminho com a caligrafia de Dumbledore.

– Legal! – exclamou Harry, desenrolando-o imediatamente e descobrindo que sua próxima aula com Dumbledore estava marcada para a noite seguinte. – Tenho um monte de coisas para contar a ele... e a você. Vamos sentar...

Mas naquele momento ouviram um guincho de "Uon-Uon!", e Lilá Brown apareceu correndo, ninguém sabe de onde, e atirou-se nos braços de Rony.

Muitas pessoas ao redor abafaram risinhos. Hermione soltou uma risada tilintante e disse:
– Tem uma mesa ali adiante... você vem, Gina?
– Não, obrigada, prometi me encontrar com o Dino – respondeu a garota, embora Harry não pudesse deixar de notar que não parecia muito entusiasmada. Deixando Rony e Lilá atracados em uma espécie de luta livre vertical, Harry conduziu Hermione para a mesa vazia.
– Então, como foi o Natal?
– Ah, bom. – Ela sacudiu os ombros. – Nada especial. E como foi na casa do Uon-Uon?
– Conto num minuto – disse Harry. – Olhe, Hermione, será que você não pode...
– Não, não posso – respondeu ela taxativamente. – Por isso nem me peça.
– Pensei que talvez, sabe, durante as férias de Natal...
– Foi a Mulher Gorda que bebeu um barril de vinho de quinhentos anos, Harry, e não eu. Então, que notícias importantes eram essas que você queria me contar?
No momento ela parecia agressiva demais para discussões, então Harry deixou de lado o assunto Rony e relatou o que escutara Malfoy e Snape dizerem.
Quando ele terminou, Hermione refletiu por um instante e disse:
– Você não acha...?
– ... que ele estava fingindo oferecer ajuda para poder induzir Malfoy a lhe contar o que estava fazendo?
– Bem, é isso.
– O pai de Rony e Lupin acham que sim – concedeu Harry de má vontade. – Mas isto só prova que Malfoy está tramando alguma coisa, isto você não pode negar.
– Não, não posso – respondeu ela lentamente.
– E ele está agindo por ordens de Voldemort, exatamente como falei!
– Hum... algum dos dois chegou a mencionar o nome de Voldemort?
Harry franziu a testa, tentando lembrar.
– Não tenho certeza... Snape disse “o seu senhor”, quem mais poderia ser?
– Não sei – respondeu Hermione mordendo o lábio. – Talvez o pai dele?
Ela fixou o olhar do lado oposto da sala, aparentemente perdida em pensamentos, sem sequer reparar que Lilá fazia cócegas em Rony.
– Como vai o Lupin?
– Nenhuma maravilha – respondeu Harry contando-lhe a missão de Lupin entre os lobisomens e as dificuldades que estava enfrentando. – Você já ouviu falar de Lobo Greyback?

– Já! – exclamou Hermione levando um susto. – E você também, Harry!
– Quando, em História da Magia? Você sabe muito bem que nunca prestei atenção...
– Não, não, não foi em História da Magia: Malfoy usou o Lobo para ameaçar Borgin! Lá na Travessa do Tranco, não se lembra? Ele disse que o Lobo Greyback era um velho amigo da família e que iria verificar o andamento do serviço!
Harry ficou boquiaberto.
– Eu tinha me esquecido! Mas isto *comprova* que Malfoy é um Comensal da Morte, de que outro modo ele poderia estar em contato com Greyback, e lhe dizer o que fazer?
– É muito suspeito – sussurrou Hermione. – A não ser que...
– Ah, fala sério – exclamou Harry exasperado –, não dá para você justificar essa!
– Bem... há uma possibilidade de que tenha sido uma falsa ameaça.
– Você é inacreditável, ah, é – disse Harry balançando a cabeça. – Você vai ver quem tem razão... você vai engolir o que está dizendo, Hermione, como fez o Ministério. Ah, sim, e também tive uma briga com Rufo Scrimgeour...
E o resto da noite se passou amigavelmente, com os dois xingando o ministro da Magia, porque Hermione, tal como Rony, achou que, depois de tudo que o Ministério tinha feito Harry sofrer no ano anterior, era muita cara de pau agora lhe pedir ajuda.
O novo trimestre começou na manhã seguinte com uma surpresa agradável para o sexto ano: um grande aviso fora pregado durante a noite nos quadros da sala comunal.

AULAS DE APARATAÇÃO

Se você tem dezessete anos, ou vai completá-los até 31 de agosto, inclusive, poderá se inscrever em um curso de Aparatação de doze aulas semanais com um instrutor do Ministério da Magia.
Se quiser participar, assine abaixo, por favor.
Custo: 12 galeões

Harry e Rony se juntaram à multidão que se acotovelava em volta do aviso, revezando-se para se inscrever no local indicado. Rony ia apanhando a caneta para assinar em seguida a Hermione quando Lilá se aproximou sorrateiramente pelas costas dele, cobriu seus olhos com as mãos e cantarolou “Adivinha quem é, Uon-Uon?”. Harry virou-se e viu Hermione se afastar discretamente; foi em

seu encalço porque não tinha o menor desejo de ficar para trás com Rony e Lilá, mas, para sua surpresa, Rony os alcançou um pouco adiante do buraco do retrato, com as orelhas em fogo e uma expressão aborrecida no rosto. Sem dizer uma palavra, Hermione se apressou para caminhar com Neville.

– Então, Aparatação – começou Rony, deixando perfeitamente claro pelo seu tom de voz que Harry não devia mencionar o que acabara de acontecer. – Deve ser maneiro, eh?

– Não sei, não – disse Harry. – Talvez seja melhor quando a gente aparata sozinho, eu não gostei muito quando Dumbledore me levou de carona.

– Esqueci que você já aparatou... É bom eu passar no teste da primeira vez – comentou Rony parecendo ansioso. – Fred e Jorge passaram.

– Mas Carlinhos levou bomba, não foi?

– É, mas Carlinhos é maior do que eu – Rony esticou os braços para os lados como se fosse um gorila –, e com isso Fred e Jorge não gozaram muito com a cara dele... pelo menos não pela frente...

– Quando é que podemos fazer o teste real?

– Assim que completarmos dezessete anos. Para mim, isto quer dizer em março!

– É, mas você não poderia aparatar aqui, não no castelo...

– Não é o que está em jogo. Todo o mundo ia ficar sabendo que eu *poderia* aparatar se quisesse.

Rony não foi o único a ficar excitado com a perspectiva de aparatar. Durante todo o dia falou-se muito sobre as futuras aulas; deu-se muita importância à habilidade de desaparecer e reaparecer à vontade.

– Vai ser maneiro quando a gente puder... – Simas estalou os dedos para indicar sumiço. – Meu primo Fergus faz isso só para implicar comigo, espere até eu poder fazer o mesmo... ele nunca mais vai ter um momento de paz na vida...

Perdido em visões dessa feliz perspectiva, ele agitou a varinha com excessivo entusiasmo, e em vez de produzir a fonte de água pura que era o objeto da aula de Feitiços daquele dia, materializou um jato de mangueira que ricocheteou no teto e derrubou o professor Flitwick de cara no chão.

– Harry já aparatou – Rony contou ao espantado Simas, depois que o professor se enxugou com um aceno da varinha e mandou-o escrever uma frase várias vezes (“*Sou um bruxo e não um babuíno empunhando uma varinha.*”). – Dum... ah... uma pessoa fez uma Aparatação-acompanhada com ele, sabe.

– Pô! – sussurrou Simas, e ele, Dino e Neville juntaram as cabeças para escutar como era uma Aparatação. Pelo resto do dia, Harry foi assediado com pedidos de outros sextanistas para descrever como alguém se sentia quando aparatava. Todos manifestavam assombro em vez de desapontamento quando

contava o desconforto que era, e, ele ainda respondia a perguntas detalhadas às dez para as oito da noite, quando foi obrigado a inventar que precisava devolver um livro à biblioteca, para se livrar em tempo de ir à aula de Dumbledore.

Os lampiões no escritório do diretor estavam acesos, os retratos dos diretores anteriores roncavam suavemente em suas molduras e a Penseira estava mais uma vez pronta sobre a escrivaninha. As mãos de Dumbledore estavam dos lados da Penseira, a direita escura e queimada como sempre. Não parecia ter sarado, e Harry ficou imaginando, talvez pela centésima vez, o que teria causado aquele ferimento singular, mas não perguntou nada; Dumbledore dissera que lhe contaria no momento certo e, seja como for, havia outro assunto que ele queria discutir. Antes, porém, que Harry pudesse mencionar qualquer coisa sobre Snape e Malfoy, Dumbledore falou:

– Ouvi dizer que você se encontrou com o ministro da Magia no Natal.

– Verdade – respondeu Harry. – Ele não ficou muito satisfeito comigo.

– Não – suspirou Dumbledore. – Ele também não está muito satisfeito comigo. É preciso tentar não sucumbir sob o peso de nossas angústias, Harry, e continuar a lutar.

O garoto sorriu.

– Ele queria que eu dissesse à comunidade bruxa que o Ministério está fazendo um trabalho maravilhoso.

Dumbledore sorriu.

– Originalmente, essa ideia foi de Fudge, sabe. Nos últimos dias de Ministério, quando ele ainda tentava desesperadamente se manter no cargo, quis se encontrar com você, na esperança de receber seu apoio...

– Depois de tudo que ele fez no ano passado?! – exclamou Harry irritado. – Depois da *Umbridge*?

– Eu disse ao Cornélio que não havia a menor chance, mas a ideia não morreu quando ele deixou o cargo. Horas depois de Scrimgeour ser nomeado, nos encontramos e ele exigiu que eu marcasse uma reunião com você...

– Então foi por isso que os senhores se desentenderam! – deixou escapar Harry. – Deu no *Profeta Diário*.

– O *Profeta Diário* às vezes acaba noticiando a verdade, ainda que por acaso. Certo, foi por isso que discutimos. Bem, parece que finalmente Rufo descobriu um jeito de encurralar você.

– Ele me acusou de ser “por inteiro um homem de Dumbledore”.

– Que grosseria a dele.

– Eu respondi a ele que era.

Dumbledore abriu a boca para falar e tornou a fechá-la. Às costas de Harry, Fawkes, a fênix, soltou um pio baixo, suave e melodioso. Para seu intenso

constrangimento, Harry percebeu repentinamente que os olhos muito azuis de Dumbledore pareciam marejados, e depressa começou a encarar os próprios joelhos. Quando o diretor falou, porém, sua voz estava bem firme.

– Fico muito comovido, Harry.

– Scrimgeour queria saber aonde o senhor vai quando não está em Hogwarts – tornou Harry, ainda fixando os joelhos.

– É, ele anda muito curioso a respeito disso – disse Dumbledore, agora com a voz animada, e Harry achou que já era seguro erguer os olhos. – Chegou a tentar mandar me seguir. Na realidade, é engraçado. Pôs Dawlish no meu rastro. Não foi nada gentil. Já fui obrigado a azarar Dawlish uma vez; tive de fazer isto outra vez, lamentando muito.

– Então eles continuam sem saber aonde o senhor vai? – perguntou Harry esperando obter mais informações sobre sua intrigante ausência, mas os olhos de Dumbledore meramente sorriram por cima dos oclinhos de meia-lua.

– Continuam, e ainda não chegou a hora de você saber. Agora sugiro que nos apressemos, a não ser que tenha mais alguma coisa...?

– Na realidade tenho, sim, senhor. É sobre Malfoy e Snape.

– *Professor* Snape, Harry.

– Sim, senhor. Eu escutei os dois durante a festa do professor Slughorn... bem, para dizer a verdade, eu os segui...

Dumbledore ouviu impassível a história de Harry. Quando o garoto terminou, ele permaneceu calado por alguns momentos, depois disse:

– Obrigado por me contar, Harry, mas sugiro que você esqueça esse assunto. Acho que não tem grande importância.

– Não tem grande importância? – repetiu Harry incrédulo. – Professor, o senhor entendeu...?

– Claro, Harry, abençoado como sou com uma extraordinária capacidade intelectual, entendi tudo que me contou – disse Dumbledore, com uma certa rispidez. – Acho mesmo que você talvez devesse considerar a possibilidade de eu ter entendido mais do que você. Mais uma vez fico satisfeito que tenha confiado em mim, mas asseguro que você não me disse nada que possa me inquietar.

Harry ficou parado em furioso silêncio, olhando zangado para Dumbledore. Que estava acontecendo? Será que isto significava que, de fato, o diretor dera ordem a Snape para descobrir o que Malfoy estava fazendo, caso em que já teria sabido de tudo que Harry acabava de lhe contar pela boca do próprio Snape? Ou será que estava realmente preocupado com o que ouvira e fingia não estar?

– Então, senhor – perguntou Harry num tom que desejava que fosse educado e calmo –, o senhor decididamente ainda confia...?

– Já fui bastante tolerante em ter respondido a essa pergunta – replicou Dumbledore, mas sua voz já não parecia muito tolerante. – Minha resposta não mudou.

– Eu acharia que não – falou uma voz irônica; evidentemente era Fineus Nigellus que apenas fingia estar dormindo. Dumbledore não lhe deu atenção.

– E agora, Harry, devo insistir que nos apressemos. Tenho coisas mais importantes a discutir com você hoje à noite.

Harry sentiu-se revoltado. Que aconteceria se ele não permitisse a mudança de assunto, se insistisse em sua suspeita contra Malfoy? Como se tivesse lido a mente de Harry, Dumbledore balançou a cabeça.

– Ah, Harry, com que frequência isso ocorre até entre os melhores amigos! Cada qual acredita que o que tem a dizer é muito mais importante do que qualquer coisa que o outro tenha a contribuir!

– Eu não acho que seja pouco importante o que o senhor tem a dizer – disse Harry, formal.

– Bem, você tem toda razão, porque não é – respondeu o diretor com energia. – Tenho mais duas lembranças para lhe mostrar esta noite, ambas obtidas com enorme dificuldade, e creio que a segunda seja a mais importante que já recolhi.

Harry não fez comentários; ainda sentia raiva pela reação de Dumbledore às suas confidências, mas não via o que poderia ganhar se continuasse a discutir.

– Então – disse o diretor em tom ressonante –, na reunião desta noite daremos prosseguimento à história de Tom Riddle, que na última aula deixamos no limiar de sua entrada em Hogwarts. Você lembrará como ele ficou excitado ao ouvir que era bruxo, que recusou a minha companhia para ir ao Beco Diagonal e que eu, por minha vez, o alertei contra a prática de furtos quando chegasse à escola.

“Bem, chegou o início do ano escolar e com ele veio Tom Riddle, um garoto quieto, com vestes de segunda mão, que se enfileirou com os outros calouros para a Seleção. Quase no instante em que o Chapéu Seletor tocou sua cabeça, ele foi colocado na Sonserina” continuou Dumbledore, indicando com a mão escurecida a prateleira acima de sua cabeça onde estava o Chapéu Seletor, antigo e imóvel. “Não sei em que momento Riddle soube que o famoso fundador da Casa era capaz de falar com as cobras, talvez naquela mesma noite. Este conhecimento só pode tê-lo alvoroçado e incentivado o seu senso de importância.

“Contudo, se estava assustando ou impressionando os colegas da Sonserina com demonstrações de ofidioglossia na sala comunal, os professores de nada souberam. Ele não manifestava nenhum sinal de arrogância ou agressividade. Sendo um órfão talentoso e muito bonito, é claro que atraiu a atenção e a solidariedade dos professores quase na hora em que chegou. Parecia educado,

quieto e sedento de saber. Deixou praticamente todos bem impressionados."

– O senhor não contou a eles como era o Tom quando o conheceu no orfanato? – perguntou Harry.

– Não, não contei. Embora ele não tivesse demonstrado o menor remorso, era possível que estivesse arrependido pelo seu comportamento anterior e resolvido a virar a página. Preferi lhe dar essa oportunidade.

Dumbledore fez uma pausa e olhou curioso para Harry, que abrira a boca para falar. Ali estava novamente a sua tendência a confiar nas pessoas, apesar dos indícios avassaladores de que não mereciam sua confiança! Mas Harry então se lembrou de uma coisa...

– Mas o senhor não confiava nele *realmente*, não é? Ele me disse... o Riddle que saiu daquele diário disse: "Dumbledore nunca pareceu gostar tanto de mim quanto os outros professores."

– Digamos que eu não pressupus que ele fosse confiável – respondeu Dumbledore. – Conforme já mencionei, eu tinha decidido vigiá-lo de perto, e foi o que fiz. Não posso fingir que, a princípio, tenha conseguido grande coisa com as minhas observações. Ele era muito reservado comigo; percebia, sem dúvida, que, na emoção de descobrir sua verdadeira identidade falara demais. Cuidava-se para não tornar a revelar tanto, mas não podia retirar o que deixara escapar em sua empolgação nem o que a sra. Cole me confidenciara. Tinha, no entanto, o bom-senso de jamais tentar me cativar como fazia com tantos colegas meus.

"À medida que progredia na vida escolar, ele foi reunindo ao seu redor um grupo de 'amigos dedicados'; eu os chamo assim, na falta de um termo melhor, embora eu já tenha mencionado que inegavelmente Riddle não sentia afeto por nenhum deles. O grupo exercia uma espécie de fascinação sombria no castelo. Era uma coleção variada; uma mistura de fracos em busca de proteção, ambiciosos em busca de partilhar sua glória, e violentos que gravitavam em torno de um líder capaz de ensinar formas mais requintadas de crueldade. Em outras palavras, eles foram os precursores dos Comensais da Morte, e, na verdade, quando terminaram Hogwarts, alguns deles se tornaram os primeiros Comensais.

"Controlados com rigor por Riddle, nunca foram apanhados agindo mal abertamente, embora os sete anos que passaram em Hogwarts tivessem sido marcados por numerosos incidentes desagradáveis a que eles jamais foram comprovadamente ligados, entre os quais a abertura da Câmara Secreta – sem dúvida, o mais sério deles – que resultou na morte de uma garota. Hagrid, como você sabe, foi injustamente acusado desse crime.

"Não consegui encontrar muitas lembranças de Riddle em Hogwarts – disse Dumbledore, pousando a mão murcha na Penseira. – Poucos que o conheceram

naquele tempo querem falar sobre ele; estão aterrorizados demais. Descobri o que sei depois de sua saída de Hogwarts, depois de penosos esforços, depois de localizar os poucos que poderiam ser induzidos a falar, depois de pesquisar em registros antigos e interrogar testemunhas bruxas e trouxas.

"Aqueles que consegui convencer a falar me contaram que Riddle tinha obsessão por sua ascendência. O que, naturalmente, é compreensível; tinha sido criado em um orfanato e naturalmente queria saber como fora parar lá. Parece que procurou em vão algum vestígio de Tom Riddle pai nos brasões da sala de troféus, nas listas de monitores nos antigos registros da escola, e até mesmo em livros de história bruxa. Por fim, foi forçado a aceitar que seu pai jamais pusera os pés em Hogwarts. Creio ter sido então que ele abandonou o seu nome para sempre, assumiu a identidade de Lorde Voldemort e começou a investigar a família de sua desprezada mãe – a mulher que, você lembrará, ele achava que não podia ser bruxa porque sucumbira à vergonhosa fraqueza humana da morte.

"Sua única pista era o nome 'Servolo', que, segundo soubera pelos que dirigiam o orfanato, era o nome do pai de sua mãe. Finalmente, depois de penosas pesquisas em velhos livros de famílias bruxas, ele descobriu a existência do ramo sobrevivente da família Slytherin. No verão de seu décimo sexto aniversário, saiu do orfanato ao qual retornava todo ano e foi procurar seus parentes Gaunt. E agora, Harry, se você se levantar..."

Dumbledore ergueu-se, e Harry viu que de novo segurava um frasquinho de cristal em que revolvia uma lembrança perolada.

– Tive muita sorte em recolher esta – disse, despejando a massa refulgente na Penseira. – Você entenderá a razão quando a tiver vivenciado. Vamos?

Harry se aproximou da bacia de pedra e se inclinou obedientemente até seu rosto afundar na superfície da lembrança; teve a conhecida sensação de cair no vácuo, e em seguida aterrissou em um piso de pedra suja envolto em quase total escuridão.

Ele precisou de vários segundos para reconhecer o lugar, tempo que levou para Dumbledore aterrissar ao seu lado. A casa dos Gaunt agora estava indescritivelmente mais imunda do que qualquer lugar que Harry já vira. O teto estava coalhado de teias de aranha, o chão coberto por uma camada de sujeira; havia comida mofada e podre sobre a mesa, em meio a várias panelas com crostas. A única luz vinha de uma vela derretida, colocada aos pés de um homem com cabelos e barba tão crescidos que Harry não conseguia distinguir nem olhos nem boca. Ele estava largado em uma poltrona junto à lareira, e o garoto se perguntou por um momento se estaria morto. Ouviu-se, então, uma forte batida na porta e o homem despertou instantaneamente, empunhando uma varinha na mão direita e uma faca curta na esquerda.

A porta se entreabriu, rangendo. Na soleira, segurando um lampião antiquado, encontrava-se um garoto que Harry reconheceu na hora: alto, pálido, os cabelos escuros, bonito – o Voldemort adolescente.

Seu olhar percorreu lentamente o casebre e deparou com o homem na poltrona. Por alguns segundos eles se encararam, então o homem se pôs de pé com dificuldade, as muitas garrafas a seus pés tombaram e retiniram no chão.

– VOCÊ! – berrou ele. – VOCÊ!

E ele se arremessou ebriamente contra Riddle, a varinha e a faca erguidas.

– *Pare*.

Riddle falou em linguagem de cobra. O homem derrapou e bateu na mesa, lançando as panelas emboloradas no chão, onde caíram com estrépito. Ele encarou Riddle. Fez-se um longo silêncio enquanto se estudavam. O homem perguntou:

– *Você sabe falar?*

– *Sei falar* – respondeu Riddle. Ele entrou na sala permitindo que a porta se fechasse às suas costas. Harry não pôde deixar de sentir uma admiração mesclada de ressentimento pelo completo destemor de Voldemort. Seu rosto expressava apenas desagrado e, talvez, desapontamento.

– *Onde está Servolo?* – perguntou ele.

– *Morreu. Morreu há anos, não foi?*

Riddle franziu a testa.

– *Quem é você, então?*

– *Sou Morfino, não sou?*

– *O filho de Servolo?*

– *Claro que sou, então...*

Morfino afastou os cabelos do rosto sujo, para enxergar Riddle melhor, e Harry notou que ele usava o anel de pedra negra na mão direita.

– *Pensei que você fosse aquele trouxa* – sussur rou Morfino. – *Você é a cara daquele trouxa*.

– *Que trouxa?* – perguntou Riddle com rispidez.

– *Aquele trouxa que minha irmã gostava, aquele trouxa que mora na casa grande mais adiante na estrada* – respondeu Morfino, e inesperadamente cuspiu no chão entre os dois. – *Você é igualzinho a ele. Riddle. Mas ele está mais velho agora, não é? Mais velho do que você, agora que estou pensando...*

Morfino pareceu ligeiramente atordoado e oscilou um pouco, ainda se apoiando na borda da mesa.

– *Ele voltou, sabe* – acrescentou tolamente.

Voldemort mirava Morfino como se avaliasse suas possibilidades. Aproximou-se um pouco mais e perguntou:

– Riddle voltou?

– Ar, deixou ela, e foi bem feito, casar com ralé! – explicou Morfino, e tornou a cuspir no chão. – *E roubou a gente, veja bem, antes de fugir! Onde está o medalhão, eh, onde está o medalhão de Slytherin?*

Voldemort não respondeu. Morfino foi se enraivecendo outra vez; brandiu a faca e gritou:

– Ela desonrou a gente, foi o que ela fez, a vadia! E quem é você para entrar aqui e ficar fazendo perguntas sobre isso? Já acabou, não é... acabou...

Ele desviou o olhar, cambaleando um pouco, e Voldemort se adiantou. Ao fazer isso, sobreveio uma escuridão anormal, que apagou a luz do lampião de Voldemort e a vela de Morfino, apagou tudo...

Os dedos de Dumbledore apertaram o braço de Harry e eles tornaram a voar para o presente. A claridade suave e dourada do escritório de Dumbledore pareceu ofuscar os olhos de Harry depois daquela escuridão impenetrável.

– É só isso? – perguntou o garoto imediatamente. – Por que ficou escuro, que aconteceu?

– Porque Morfino não conseguiu lembrar mais nada daquele ponto em diante – respondeu Dumbledore, fazendo um gesto para que Harry tornasse a sentar. – Quando ele acordou na manhã seguinte, estava deitado no chão, sozinho. O anel de Servolo desaparecera.

“Nesse meio-tempo, na aldeia de Little Hangleton, uma empregada corria pela rua principal gritando que havia três corpos caídos na sala de visitas da casa grande: Tom Riddle pai, e a mãe e o pai dele.

“As autoridades trouxas ficaram perplexas. Pelo que sei, até hoje não sabem como os Riddle morreram, porque a Maldição Avada Kedavra normalmente não produz dano visível... a exceção acha-se à minha frente”, acrescentou Dumbledore, indicando a cicatriz de Harry. “Por outro lado, o Ministério percebeu na mesma hora que se tratava de um homicídio bruxo. Percebeu também que um sentenciado que odiava trouxas morava no vale do lado oposto à casa dos Riddle, um bruxo que já fora preso por atacar uma das pessoas assassinadas.

“Então o Ministério fez uma visita a Morfino. Não precisaram interrogá-lo nem usar Veritaserum nem Legilimência. Ele confessou o homicídio imediatamente, fornecendo detalhes que somente o assassino poderia conhecer. Disse que sentia orgulho de ter matado os trouxas, havia anos que esperava essa oportunidade. Ele entregou a varinha, e logo se comprovou que fora usada para matar os Riddle. E Morfino se deixou levar para Azkaban sem resistir. A única coisa que o perturbava era que o anel de seu pai desaparecera. ‘Ele vai me matar por ter perdido o anel’, repetia, sem parar, aos seus captores. E, aparentemente,

isso foi tudo que voltou a dizer. Ele viveu o resto da vida em Azkaban, lamentando a perda da última peça herdada por Servolo, e foi enterrado ao lado da prisão com outros pobres coitados que expiraram em seu interior.”

– Então Voldemort roubou a varinha de Morfino e a usou? – perguntou Harry, sentando-se ereto.

– Exatamente – respondeu Dumbledore. – Não temos lembranças para confirmar isto, mas acho que podemos ter razoável certeza do que aconteceu. Voldemort estupeficou o tio, apanhou sua varinha e atravessou o vale em direção “à casa grande mais adiante na estrada”. Lá, ele matou o trouxa que abandonara sua mãe bruxa, e, por precaução, os avós trouxas, suprimindo, assim, os últimos membros da indigna família Riddle e vingando-se do pai que jamais o quisera. Voltou, então, ao casebre dos Gaunt, realizou o complexo feitiço de implantar uma falsa lembrança na mente do tio, colocou a varinha de Morfino ao lado do seu dono inconsciente, guardou o anel antigo que ele usava e partiu.

– E Morfino nunca percebeu que não tinha sido ele?

– Nunca. Como digo, ele fez uma confissão vaidosa e completa.

– Mas durante todo esse tempo guardou a lembrança verdadeira!

– Guardou, mas foi necessária uma boa dose de competente Legilimência para fazê-la aflorar. E por que alguém iria se deter mais tempo examinando a mente de Morfino se ele já confessara o crime? Contudo, consegui permissão para visitá-lo em suas últimas semanas de vida, época em que eu estava tentando descobrir o máximo possível sobre o passado de Voldemort. Extraí a lembrança com dificuldade. Quando vi o que continha, tentei usá-la para obter a libertação de Morfino de Azkaban. Mas, antes que o Ministério tomasse uma decisão, ele morreu.

– Mas por que o Ministério não percebeu que Voldemort tinha feito tudo isso a Morfino? – perguntou Harry indignado. – Ele era menor de idade à época, não era? Pensei que fossem capazes de detectar o uso de magia por menores.

– Você está certo... eles podem detectar a magia, mas não o seu autor: você está lembrado que o Ministério o culpou pelo Feitiço de Levitação que na verdade foi realizado por...

– Dobby – resmungou Harry; a injustiça ainda o exasperava. – Então, se um menor de idade usa a magia em um bruxo adulto ou na casa de um bruxo, o Ministério não fica sabendo?

– Certamente não saberá dizer quem realizou o feitiço – respondeu Dumbledore com ar de riso ao ver a grande indignação no rosto de Harry. – O Ministério confia que os pais bruxos exijam dos filhos que moram sob seu teto o cumprimento das leis.

– Ora que bobagem – retorquiu Harry. – Veja o que aconteceu neste caso, veja

o que aconteceu a Morfino!
– Concordo. Por pior que fosse Morfino, ele não merecia morrer como morreu, culpado por crimes que não tinha cometido. Mas está ficando tarde, e quero que você veja mais uma lembrança antes de nos separarmos...
Dumbledore tirou de um bolso interno outro frasquinho de cristal, e Harry se calou mais uma vez, lembrando que o diretor lhe dissera que era a lembrança mais importante que tinha recolhido. O garoto reparou que foi difícil esvaziar o conteúdo do frasco na Penseira, como se estivesse levemente congelado; será que as lembranças talhavam?
– Esta vai ser rápida – disse Dumbledore, quando finalmente esvaziou o frasco. – Estaremos de volta antes que você perceba. Mais uma vez, mergulhe na Penseira, então...
E Harry atravessou mais uma vez a superfície prateada, aterrissando desta vez diante de um homem que ele reconheceu imediatamente.
Era um Horácio Slughorn mais jovem. Harry estava tão habituado a vê-lo careca que achou a visão de Slughorn com uma basta e brilhante cabeleira cor de palha muito desconcertante; dava a impressão de que mandara cobrir a cabeça de sapê, embora no topo já fosse visível uma tonsura calva e reluzente. Os bigodes, menos compactos do que os atuais, eram louroavermelhados. Ele não era tão gordo quanto o Slughorn que Harry conhecia, embora os botões dourados do seu colete ricamente bordado já estivessem sob tensão. Com os pezinhos apoiados sobre um pufe de veludo, ele se encontrava sentado em uma confortável bergère, tendo um cálice de vinho em uma das mãos e a outra enfiada em uma caixa de abacaxi cristalizado.
Harry olhou ao redor quando Dumbledore apareceu ao seu lado e percebeu que estavam no escritório de Slughorn. Havia meia dúzia de garotos sentados ao redor do professor, todos em cadeiras mais duras e baixas do que a dele, e todos aparentando uns dezesseis anos. Harry reconheceu Riddle imediatamente. Tinha o rosto mais bonito, e parecia o mais descontraído dos garotos. Sua mão direita estava pousada negligentemente sobre o braço da cadeira; com um sobressalto, Harry viu que ele estava usando o anel ouro e negro de Servolo; já tinha matado o pai.
– Senhor, é verdade que a professora Merrythought está se aposentando? – perguntou Riddle.
– Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer – respondeu Slughorn, sacudindo um dedo açucarado para Riddle, num gesto de censura, embora estragasse esse efeito com uma ligeira piscadela. – Confesso que gostaria de saber onde você obtém suas informações, rapaz; sabe mais do que metade dos professores.

Riddle sorriu; os outros garotos riram e lhe lançaram olhares de admiração.
– Com a sua fantástica habilidade para saber o que não deve e a sua cuidadosa bajulação das pessoas certas... aliás, obrigado pelo abacaxi, você acertou, é o meu preferido...
Enquanto vários garotos abafavam risinhos, aconteceu algo muito estranho. A sala foi repentinamente tomada por uma densa névoa branca, impedindo Harry de ver outra coisa além do rosto de Dumbledore, que estava parado ao seu lado. Então, a voz de Slughorn ecoou através da névoa, anormalmente alta:
– *... você vai acabar mal, rapaz, escute bem o que estou dizendo*.
A névoa desapareceu tão repentinamente quanto surgira, embora ninguém fizesse qualquer alusão nem parecesse ter visto nada diferente acontecer. Intrigado, Harry correu os olhos pela sala no mesmo instante em que um pequeno relógio de ouro em cima da escrivaninha de Slughorn batia onze horas.
– Santo Deus, já é tão tarde assim?! – exclamou o professor. – É melhor irem andando, rapazes, ou vamos todos nos meter em confusão. Lestrange, quero o seu trabalho até amanhã ou receberá uma detenção. O mesmo se aplica a você, Avery.
Slughorn levantou-se da poltrona com esforço e levou seu cálice vazio até a escrivaninha enquanto os garotos saíam. Riddle, no entanto, ficou para trás. Harry percebeu que o garoto se demorava de propósito, querendo ser o último na sala com o professor.
– Ande logo, Tom – disse Slughorn se virando e ainda encontrando-o ali. – Você não quer ser apanhado fora da cama depois da hora, ainda mais sendo monitor...
– Senhor, eu queria lhe perguntar uma coisa.
– Pois pergunte, meu rapaz, pergunte...
– Senhor, estive me perguntando o que o senhor sabe sobre... sobre Horcruxes?
E o mesmo fenômeno tornou a acontecer: o denso nevoeiro invadiu a sala de modo que Harry não pôde mais ver Slughorn nem Riddle; apenas Dumbledore sorrindo serenamente ao seu lado. Então a voz do professor ecoou exatamente como acontecera antes.
– *Não sei nada sobre Horcruxes e não lhe diria se soubesse! Agora saia daqui imediatamente e não me deixe apanhá-lo mencionando isso outra vez!*
– Bem, é só – anunciou Dumbledore placidamente ao lado de Harry. – Hora de partir.
E os pés de Harry saíram do chão e bateram, segundos depois, no tapete defronte à escrivaninha de Dumbledore.
– A lembrança é só isso? – perguntou Harry sem entender.

Dumbledore dissera que essa lembrança era a mais importante de todas, mas ele não conseguia ver o que tinha de tão significativo. Sem dúvida, o nevoeiro e o fato de que ninguém parecia tê-lo percebido eram esquisitos, mas afora isso nada mais acontecera além de Riddle ter feito uma pergunta e não ter recebido resposta.

– Você talvez tenha notado – disse Dumbledore tornando a se sentar à escrivaninha – que essa lembrança foi alterada.

– Alterada? – repetiu Harry, sentando-se também.

– Certamente. O professor Slughorn modificou as próprias recordações.

– Mas por que faria isso?

– Porque, em minha opinião, tem vergonha do que lembra. E tentou retrabalhar a lembrança para aparecer sob uma luz mais favorável, apagando as partes que não quer que eu veja. Fez isto, como você deve ter reparado, de modo muito tosco, o que foi muito bom, porque mostra que a lembrança verdadeira persiste sob as alterações.

"Então, pela primeira vez, vou lhe passar um dever de casa, Harry. Você deverá persuadir o professor Slughorn a revelar a lembrança verdadeira, que sem dúvida será a nossa informação mais crucial."

Harry arregalou os olhos para o diretor.

– Mas, com certeza, senhor – respondeu no tom de voz mais respeitoso possível –, o senhor não precisa de mim... o senhor pode usar Legilimência... ou Veritaserum...

– O professor Slughorn é um bruxo extremamente competente que estará prevenido contra ambos os recursos. Ele é muito mais competente em Oclumência do que o pobre Morfino Gaunt, e eu não me espantaria se estivesse carregando um antídoto contra o soro da verdade desde que o obriguei a me contar este arremedo de recordação.

"Não, acho que seria tolice tentar extrair a verdade do professor Slughorn à força, faria mais mal do que bem; não quero que ele abandone Hogwarts. Contudo, ele tem fraquezas como todos nós, e acredito que você seja o único que talvez possa penetrar suas defesas. É muito importante obtermos a lembrança verdadeira, Harry... e sua real importância nós só saberemos quando virmos o que de fato aconteceu. Então, boa sorte... e boa-noite."

Um pouco surpreso ante a dispensa abrupta, Harry se pôs de pé ligeiro.

– Boa-noite, senhor.

Ao fechar a porta atrás de si, ouviu distintamente o comentário de Fineus Nigellus:

– Não vejo por que o garoto seria capaz de fazer isso melhor que você, Dumbledore.

– Eu não esperaria que visse, Fineus – replicou Dumbledore, e Fawkes soltou outro pio baixo e melodioso.

— CAPÍTULO DEZOITO —

Surpresas de aniversário

No dia seguinte, Harry confidenciou a Rony e Hermione o dever que Dumbledore lhe passara, a cada um, separadamente, porque Hermione ainda se recusava a permanecer na presença de Rony mais tempo do que o necessário para lhe lançar um olhar de desprezo.

Rony achou que era pouco provável que Harry tivesse alguma dificuldade com Slughorn.

– Ele adora você – disse durante o café da manhã, gesticulando com o garfo cheio de ovo frito. – Não vai lhe recusar nada, não é? Não ao seu pequeno Príncipe das Poções. É só ficar depois da aula hoje à tarde e perguntar a ele.

Hermione, no entanto, foi menos otimista.

– Ele deve estar decidido a esconder o que realmente aconteceu, se Dumbledore não conseguiu extrair nada dele – disse a amiga em voz baixa, quando estavam no pátio deserto e coberto de neve na hora do recreio. – Horcruxes... *Horcruxes*... nunca ouvi falar nisso...

– Não?

Harry ficou desapontado; esperara que Hermione pudesse lhe dar uma pista do que seriam Horcruxes.

– Deve ser magia das Trevas realmente avançada ou, então, por que Voldemort iria querer saber? Acho que vai ser difícil obter a informação, Harry, você vai precisar de muita cautela quando abordar Slughorn, pense em uma estratégia...

– Rony acha que eu devia ficar na sala depois da aula de Poções hoje à tarde...

– Ah, bem, se Uon-Uon acha isso, então é melhor você fazer – retrucou ela, irritando-se. – Afinal, quando foi que a opinião de Uon-Uon esteve errada?

– Hermione, será que você não pode...

– *Não!* – exclamou ela com raiva e saiu bruscamente, deixando Harry sozinho com os pés enfiados na neve até os tornozelos.

As aulas de Poções eram bem constrangedoras ultimamente, uma vez que Harry, Rony e Hermione tinham de dividir a mesma mesa. Naquele dia, Hermione mudou a posição do caldeirão de modo a ficar perto de Ernesto, e ignorou os dois amigos.

– Que foi que *você* fez? – murmurou Rony para Harry, olhando para o perfil arrogante de Hermione.

Mas, antes que Harry pudesse responder, Slughorn pediu silêncio à frente da turma.

– Acomodem-se, acomodem-se, por favor! E depressa, temos muito o que fazer hoje à tarde! A Terceira Lei de Golpalott... quem sabe me dizer...? A srta. Granger sabe, é claro!

Hermione recitou-a em grande velocidade:

– A-Terceira-Lei-de-Golpalott-diz-que-o-antídoto-para-uma-misturavenenosa-será-maior-do-que-a-soma-dos-antídotos-para-cada-um-de-seuselementos.

– Exatamente! – exclamou sorridente o professor. – Dez pontos para a Grifinória. Agora, se considerarmos a Terceira Lei de Golpalott verdadeira...

Harry teria de aceitar a palavra de Slughorn de que a Terceira Lei de Golpalott era verdadeira porque não entendera nada. Ninguém, exceto Hermione, parecia estar acompanhando o que Slughorn disse a seguir.

– ... o que significa, naturalmente, que, supondo que tenhamos identificado corretamente os ingredientes da poção, com o Revelencanto de Scarpin, o nosso objetivo primário não é a simples seleção de antídotos para os ingredientes por si e de si, mas encontrar o componente adicional que, por um processo quase alquímico, transformará esses elementos díspares...

Rony estava sentado ao lado de Harry com a boca entreaberta, babando distraído sobre o seu exemplar novo de *Estudos avançados no preparo de poções*. Ele vivia esquecendo que não podia mais depender de Hermione para ajudá-lo a sair das dificuldades quando não conseguia entender o que estava acontecendo.

– ... e portanto – terminou Slughorn –, quero que cada um de vocês venha apanhar um dos frascos sobre a minha escrivaninha. E deverão criar um antídoto para o veneno que o frasco contém antes do fim da aula. Boa sorte, e não se esqueçam das luvas protetoras!

Hermione deixara o seu banco e estava a meio caminho da escrivaninha de Slughorn, antes que o restante da turma tivesse entendido que era hora de se mexer; e quando, finalmente, Harry, Rony e Ernesto voltaram à mesa, a garota já tinha despejado o conteúdo do frasco e estava acendendo um fogo sob o caldeirão.

– É uma pena que o Príncipe não vá lhe adiantar muito, Harry – disse ela

animada ao se levantar. – Desta vez é preciso compreender os princípios envolvidos. Não existem atalhos nem colas!

Aborrecido, Harry desarrolhou o veneno rosa berrante que apanhara na escrivaninha de Slughorn, despejou-o no caldeirão e acendeu um fogo embaixo. Não tinha a menor ideia do que deveria fazer a seguir. Olhou para Rony, que agora estava parado ali com cara de bobo, depois de copiar tudo que Harry fizera.

– Você tem certeza de que o Príncipe não dá nenhuma dica? – murmurou Rony para Harry.

Harry apanhou seu confiável exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* e abriu-o no capítulo sobre antídotos. Ali estava a Terceira Lei de Golpalott, palavra por palavra, tal como Hermione a recitara, mas nem uma anotação esclarecedora na caligrafia do Príncipe explicando o seu significado. Pelo visto, o Príncipe, tal como Hermione, não tivera dificuldade em compreendê-la.

– Nada – respondeu Harry com tristeza.

Hermione agora acenava a varinha com entusiasmo sobre o caldeirão. Infelizmente, os dois não poderiam copiar o feitiço que ela estava executando porque agora se tornara tão boa em feitiços não verbais que não precisava pronunciar as palavras em voz alta. Ernesto Macmillan, porém, estava murmurando "*Specialis revelio!*" sobre o caldeirão, e o som parecia impressionante, por isso Harry e Rony se apressaram a imitá-lo.

Harry levou apenas cinco minutos para perceber que sua reputação de melhor preparador de poções da turma estava desmoronando à sua volta. Slughorn dera uma espiada esperançosa dentro do seu caldeirão, em sua primeira ronda pela masmorra, preparado para soltar exclamações de prazer como geralmente fazia, mas, em vez disso, erguera a cabeça depressa, tossindo, porque o cheiro de ovos estragados o sufocara. A expressão de Hermione não poderia ser mais presunçosa; ela detestava ficar em segundo lugar nas aulas de Poções. Agora, ela decantava os ingredientes do seu veneno, misteriosamente separados, em dez diferentes frasquinhos de cristal. Mais para evitar contemplar visão tão irritante do que por outro motivo, Harry se debruçou sobre o livro do Príncipe Mestiço e virou algumas páginas com desnecessária violência.

E ei-la, escrita em diagonal sobre uma longa lista de antídotos.

Meta-lhes um bezoar goela abaixo.

Harry fixou as palavras por um momento. Havia muito tempo, não ouvira falar em bezoares? Snape não os mencionara na primeira aula de Poções? "*Uma pedra tirada do estômago do bode, que o protegerá da maioria dos venenos?*"

Não era uma resposta ao problema de Golpalott, e, se Snape ainda fosse seu

professor, Harry não teria se atrevido a fazer isso, mas o momento exigia medidas desesperadas. Ele correu ao armário de classe e procurou ali, afastando chifres de unicórnio e entrelaçados de ervas secas até encontrar, bem no fundo, uma caixinha de papelão em que havia escrita a palavra “Bezoares”.

Abriu a caixa na hora em que Slughorn avisou: “Faltam dois minutos, turma!” Dentro dela havia meia dúzia de objetos castanhos e enrugados, parecendo mais rins secos do que pedras de verdade. Harry apanhou um deles, repôs a caixa no armário e voltou correndo ao seu caldeirão.

– Tempo... ENCERRADO! – anunciou Slughorn cordialmente. – Vamos ver como vocês se saíram! Blásio... que é que você tem aí?

Lentamente, Slughorn foi se deslocando pela sala, examinando os vários antídotos. Ninguém terminara o dever, embora Hermione estivesse tentando forçar mais alguns ingredientes para dentro do seu frasco antes de Slughorn passar. Rony desistira completamente, e apenas tentava evitar inalar os vapores fétidos que emanavam do seu caldeirão. Harry ficou parado aguardando, o bezoar apertado na mão ligeiramente suada.

Slughorn foi à sua mesa por último. Ele cheirou a poção de Ernesto e passou à de Rony com uma careta. Não se demorou sobre o caldeirão de Rony, antes recuou depressa, com uma ligeira ânsia de vômito.

– E você, Harry. Que tem para me mostrar?

O garoto estendeu a palma da mão com o bezoar.

Slughorn contemplou-o por longos dez segundos. Harry se perguntou, por um momento, se iria levar um berro do professor. Então, ele atirou a cabeça para trás às gargalhadas.

– Você é atrevido, rapaz! – trovejou ele, apanhando o bezoar e erguendo-o no ar para que toda a turma o visse. – Ah, você é como sua mãe... bem, não posso dizer que está errado... um bezoar certamente agiria como antídoto para todas essas poções!

Hermione, que tinha o rosto suado e fuligem no nariz, ficou lívida. Seu antídoto, ainda pela metade, que compreendia cinquenta e dois ingredientes inclusive uma mecha dos próprios cabelos, borbulhava devagarinho às costas de Slughorn, que não via mais ninguém senão Harry.

– E você pensou no bezoar sozinho, foi, Harry? – perguntou a amiga entre dentes.

– Esse é o espírito individual imprescindível a um verdadeiro preparador de poções! – exclamou Slughorn alegre, antes que Harry pudesse responder. – Igualzinho à mãe, Lílian tinha a mesma compreensão intuitiva do preparo de poções, sem dúvida ele herdou da mãe... certo, Harry, certo, se você tivesse um bezoar à mão, é claro que resolveria... mas, como bezoares não servem para tudo

e são bem raros, ainda vale a pena saber preparar antídotos...
A única pessoa na sala que parecia mais irritada do que Hermione era Malfoy, que, para satisfação de Harry, derramara na roupa algo que lembrava vômito de gato. Antes, porém, que qualquer dos dois pudesse expressar sua fúria por Harry ter sido o melhor da turma sem se esforçar, a sineta tocou.
– Hora de guardar tudo! – disse Slughorn. – E mais dez pontos para Grifinória pela ousadia!
Ainda rindo, ele voltou gingando à sua escrivaninha à frente da masmorra.
Harry se demorou, levando um tempo excessivo para arrumar a mochila. Nem Rony nem Hermione lhe desejaram boa sorte ao sair; os dois pareciam muito aborrecidos. Por fim, restaram apenas Harry e Slughorn na sala.
– Depressa, Harry, ou vai se atrasar para a próxima aula – disse Slughorn afavelmente, fechando com um estalo as presilhas de ouro de sua maleta de pele de dragão.
– Senhor – disse Harry, lembrando-se irresistivelmente de Voldemort –, eu queria lhe perguntar uma coisa.
– Pergunte, então, meu caro rapaz, pergunte...
– Senhor, será que o senhor saberia alguma coisa sobre... sobre Horcruxes?
Slughorn congelou. Seu rosto redondo pareceu afundar. Ele umedeceu os lábios com a língua e respondeu roucamente:
– Que foi que você disse?
– Perguntei se o senhor saberia alguma coisa sobre Horcruxes, senhor. O senhor entende...
– Dumbledore mandou você fazer isso – sussurrou Slughorn.
Sua voz mudara completamente. Já não era afável, mas chocada, aterrorizada. Ele apalpou o bolso do peito e puxou um lenço, enxugando a testa suada.
– Dumbledore lhe mostrou aquela... aquela lembrança – afirmou Slughorn. – Então, mostrou?
– Mostrou – respondeu Harry, decidindo imediatamente que era melhor não mentir.
– É, é claro – comentou Slughorn em voz baixa, ainda enxugando o rosto pálido. – É claro... bem, se você viu aquela lembrança, Harry, então sabe que eu não sei nada... *nada*... – e repetiu a palavra enfatizando-a – ... sobre Horcruxes.
E, apanhando a maleta, repôs o lenço no bolso e saiu em direção à porta da masmorra.
– Senhor – disse Harry, desesperado –, eu só achei que o senhor talvez pudesse acrescentar alguma coisa à lembrança...
– Achou? Pois enganou-se, não é? ENGANOU-SE!
Ele berrou a última palavra e, antes que Harry pudesse dizer mais alguma

coisa, saiu batendo a porta da masmorra.

Nem Rony nem Hermione foram compreensivos quando Harry lhes contou a catastrófica entrevista. Hermione ainda estava espumando com o modo com que Harry saíra vitorioso sem ter feito realmente o trabalho. Rony estava chateado porque Harry não lhe oferecera um bezoar.

– Pareceria idiota se nós dois tivéssemos feito a mesma coisa! – respondeu Harry irritado. – Olhe, eu tinha de tentar amaciar o professor para poder lhe perguntar sobre Voldemort, não é? Ah, *se controla*! – acrescentou exasperado quando viu Rony estremecer ao som daquele nome.

Enfurecido com o seu fracasso e as atitudes de Rony e Hermione, nos dias que se seguiram Harry ficou remoendo o que fazer a respeito de Slughorn. Decidiu que por ora deixaria o professor pensar que ele esquecera as Horcruxes; com certeza seria melhor deixar Slughorn se acalmar e pensar que estava seguro antes de voltar à carga.

Ao ver que Harry não tornava a interrogá-lo, o professor de Poções reverteu ao tratamento afetuoso que lhe dispensava, e pareceu ter afastado o assunto de sua mente. O garoto esperou um convite para uma de suas festinhas noturnas, decidido desta vez a aceitá-lo, mesmo que tivesse de remarcar um treino de quadribol. Infelizmente, não veio convite algum. Harry verificou com Hermione e Gina: nenhuma das duas recebera convite e, pelo que sabiam, ninguém mais o recebera tampouco. Harry não pôde deixar de se perguntar se isto significaria que Slughorn não era tão esquecido quanto parecia ou simplesmente decidira não dar a Harry novas oportunidades para fazer perguntas.

Nesse meio-tempo, a biblioteca de Hogwarts, pela primeira vez na memória, deixara Hermione na mão. A garota ficou tão chocada, que até esqueceu que estava aborrecida com Harry por causa do bezoar.

– Não encontrei uma única explicação sobre o efeito das Horcruxes! – disse ela. – Nem umazinha! Consultei toda a Seção Reservada e até os livros mais horripilantes, que ensinam a preparar as poções mais *sinistras*... nada! A única coisa que encontrei foi isto aqui, na introdução de *Magia mui maligna*... escute só: “Sobre Horcruxes, a invenção mais perversa da magia, não falaremos, nem daremos instruções...” Então, para que mencionaram? – indagou com impaciência, fechando com força o velho livro que soltou um gemido fantasmagórico. – Ah, cala essa boca – disse com rispidez, enfiando-o na mochila.

A neve em torno da escola derreteu com a chegada de fevereiro e foi substituída por uma umidade fria e monótona. Nuvens cinza-arroxeadas pairavam à baixa altitude sobre o castelo, e uma chuva gelada contínua deixava os gramados escorregadios e lamacentos. O resultado disso foi que a primeira

aula de Aparatação do sexto ano, programada para a manhã de sábado, para os alunos não faltarem às aulas normais, foi realizada no Salão Principal e não ao ar livre.

Quando Harry e Hermione chegaram ao Salão (Rony descera com Lilá), descobriram que as mesas tinham desaparecido. A chuva chicoteava as janelas altas e o teto encantado girava sombriamente no alto, quando eles se reuniram diante dos professores McGonagall, Snape, Flitwick e Sprout – diretores das quatro Casas –, e um bruxo miúdo que Harry acreditou ser o instrutor de Aparatação do Ministério. O bruxo era estranhamente descorado, com pestanas transparentes, cabelos ralos e um ar incorpóreo, como se uma única lufada de vento pudesse levá-lo. Harry ficou imaginando se as constantes Aparatações e Desaparatações teriam reduzido a sua solidez, ou se a sua frágil compleição seria a ideal para alguém que quisesse sumir.

– Bom-dia – disse o bruxo do Ministério, quando todos os alunos haviam chegado e os diretores das Casas pediram silêncio. – Meu nome é Wilkie Twycross, e serei o seu instrutor ministerial de Aparatação nas próximas doze semanas. Espero poder prepará-los para o teste de Aparatação, neste prazo...

– Malfoy, sossegue e preste atenção! – vociferou a professora McGonagall.

Todos se viraram. Malfoy ficara rosa-escuro; estava enfurecido quando se afastou de Crabbe, com quem, pelo jeito, estivera discutindo aos cochichos. Harry olhou de relance para Snape, que também parecia irritado, embora tivesse fortes suspeitas de que fosse menos pela grosseria de Malfoy do que pelo fato de McGonagall ter repreendido alguém de sua Casa.

– ... prazo em que muitos de vocês talvez estejam prontos para fazer o teste – continuou Twycross, como se não tivesse havido interrupção.

– Como vocês talvez saibam, normalmente é impossível aparatar ou desaparatar em Hogwarts. O diretor suspendeu este encantamento, apenas no Salão Principal, por uma hora, para que vocês possam praticar. Aproveito para enfatizar que não poderão aparatar fora das paredes deste Salão, e que seria imprudente tentar.

“Gostaria agora que cada um se posicionasse deixando um metro e meio de espaço livre à frente.”

Houve um grande empurra-empurra durante o qual as pessoas se separaram, colidiram e mandaram os colegas dar distância. Os diretores das Casas andavam entre os alunos, enfileirando-os em posição e interrompendo discussões.

– Harry, aonde você vai? – quis saber Hermione.

Mas Harry não respondeu; atravessou rápido a multidão, passou pelo lugar em que o professor Flitwick se esganiçava, fazendo tentativas de posicionar uns alunos da Corvinal que queriam ficar mais à frente, passou pela professora

Sprout que aos gritos apressava os alunos da Lufa-Lufa a se enfileirarem, e por, fim, contornando Ernesto Macmillan, conseguiu se colocar atrás de todo mundo, bem perto de Malfoy, que aproveitava a confusão geral para continuar sua discussão com Crabbe, a metro e meio dele e parecendo revoltado.

– Não sei quanto tempo vai demorar, tá bem? – disparou Malfoy para ele, ignorando a presença de Harry postado às suas costas. – Está levando mais tempo do que pensei.

Crabbe abriu a boca, mas Malfoy pareceu adivinhar o que ele ia dizer.

– Escuta aqui, não é de sua conta o que estou fazendo, Crabbe, você e Goyle façam o que eu mando e fiquem de olhos abertos!

– Eu digo aos meus amigos o que estou fazendo, se quero que eles fiquem vigiando para mim – comentou Harry, suficientemente alto para que Malfoy ouvisse.

Malfoy girou nos calcanhares, a mão voando para a varinha, mas naquele exato momento os quatro diretores das Casas gritaram:

– Quietos! – E fez-se novamente silêncio. Malfoy virou-se lentamente para a frente.

– Obrigado – disse Twycross. – Agora então...

Ele acenou a varinha. Instantaneamente apareceram aros antiquados de madeira no chão em frente a cada estudante.

– É importante lembrar dos três Ds quando aparatamos! Destinação, Determinação e Deliberação!

“Primeiro: concentrem a mente na *destinação* desejada”, disse Twycross. “No caso, o interior do seu aro. Agora, façam o favor de se concentrar nesta destinação.”

Os alunos olharam para os lados furtivamente, para verificar se todos estavam olhando para o próprio aro, então obedeceram depressa. Harry fixou o espaço circular no chão empoeirado circunscrito pelo aro e fez força para não pensar em mais nada. Não foi possível porque não conseguia parar de imaginar o que Malfoy estaria fazendo para precisar de vigias.

– Segundo – disse Twycross –, focalizem a sua *determinação* de ocupar o espaço visualizado! Deixe este desejo fluir da mente para todas as partículas do seu corpo!

Harry olhou sorrateiramente ao redor. Um pouco à esquerda, Ernesto contemplava o aro com tanto empenho que seu rosto estava cor-de-rosa; parecia que estava tentando botar um ovo do tamanho de uma goles. Harry sufocou uma risada e voltou depressa o olhar para o próprio arco.

– Três – disse Twycross –, e somente quando eu der a ordem... girem o corpo, sentindo-o penetrar o vácuo, mexendo-se com *deliberação*! Quando eu mandar...

um...

Harry tornou a olhar para os lados; muita gente estava decididamente assustada com a ordem de aparatar tão depressa.

– ... dois...

Harry tentou fixar seu pensamento novamente no aro; já esquecera o que significavam os três Ds.

– ... TRÊS!

Harry girou o corpo, desequilibrou-se e quase caiu. Não foi o único. O salão inteiro de repente se encheu de pessoas que cambaleavam; Neville estatelou-se de costas; Ernesto, por outro lado, atravessara o aro com uma espécie de pirueta e pareceu momentaneamente impressionado até ver Dino Thomas rindo dele às gargalhadas.

– Não faz mal, não faz mal – disse secamente Twycross, que não parecia ter esperado nada melhor. – Acertem os seus aros, por favor, e voltem à posição inicial...

A segunda tentativa não foi melhor do que a primeira. A terceira foi igualmente ruim. Somente na quarta aconteceu algo excitante. Ouviu-se um terrível guincho de dor e todos se viraram, aterrorizados; viram Susana Bones, da Lufa-Lufa, bamboleando no arco com a perna esquerda ainda parada, a um metro e meio de distância, onde começara.

Os diretores das Casas correram para a garota; houve um forte estampido e uma baforada de fumaça púrpura que, ao se dissolver, revelou Susana soluçante, reintegrada à sua perna, mas horrorizada.

– Estrunchamento, ou separação casual de partes do corpo – explicou Twycross, sem demonstrar emoção –, ocorre quando a mente não tem *determinação* suficien te. É preciso concentrar continuamente em sua *destinação* e se mexer sem pressa, mas com *deliberação*... assim.

Twycross deu um passo à frente, girou o corpo com elegância mantendo os braços estendidos e sumiu em um rodopio de vestes, reaparecendo no fundo do Salão.

– Lembrem-se dos três Ds – disse o instrutor – e tentem outra vez... um... dois... três...

Mas uma hora depois, o Estrunchamento de Susana ainda era a coisa mais interessante que tinha acontecido. Twycross não pareceu desanimar. Abotoando a capa ao pescoço, disse com simplicidade:

– Até o próximo sábado, e não se esqueçam: *destinação, determinação e deliberação.*

E, dizendo isso, acenou a varinha fazendo os aros desaparecerem e saiu do Salão acompanhado pela professora McGonagall. Imediatamente as pessoas

começaram a conversar e a se deslocar em direção ao Saguão de Entrada.
– Como foi com você? – perguntou Rony, correndo a se reunir a Harry. – Acho que senti alguma coisa da última vez que tentei: uma espécie de formigamento nos pés.
– Acho que os seus tênis estão pequenos demais, Uon-Uon – disse uma voz às suas costas, e Hermione passou, risonha.
– Não senti nada – comentou Harry, ignorando a interrupção. – Mas não estou ligando para isso agora...
– Você quer dizer que não está ligando... que não quer aprender a aparatar? – perguntou Rony incrédulo.
– Não estou realmente preocupado. Prefiro voar – disse Harry, espiando por cima do ombro para ver onde estava Malfoy, e apressando o passo quando alcançaram o Saguão de Entrada. – Olha, quer fazer o favor de andar mais depressa, tem uma coisa que quero fazer...
Perplexo, Rony acompanhou Harry de volta à Torre da Grifinória, correndo. Foram temporariamente detidos por Pirraça, que emperrara a porta do quarto andar e se recusava a deixar as pessoas passarem a não ser que ateassem fogo às próprias calças, mas Harry e Rony simplesmente deram meia-volta e tomaram um dos seus atalhos confiáveis. Em cinco minutos, estavam passando pelo buraco do retrato.
– Então, vai me dizer o que estamos fazendo? – perguntou Rony um pouco ofegante.
– Lá em cima – respondeu Harry, atravessando a sala comunal e entrando pela porta que levava ao dormitório dos garotos.
O dormitório estava vazio, como Harry previra. Ele abriu o malão e começou a procurar alguma coisa, enquanto Rony observava impaciente.
– Harry...
– Malfoy está usando Crabbe e Goyle como vigias. Ele esteve brigando com Crabbe agora há pouco. Quero saber... ah-ah.
Ele o encontrara, um quadrado de pergaminho dobrado e aparentemente limpo, que em seguida abriu e tocou com a ponta da varinha.
– *Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom*... ou pelo menos é o que o Malfoy não pretende
Na mesma hora, o Mapa do Maroto se tornou visível na superfície do pergaminho. Ali estava uma planta detalhada de cada andar do castelo e, deslocando-se por ela, os minúsculos pontinhos negros com rótulos que indicavam cada um dos ocupantes do castelo.
– Me ajude a localizar Malfoy – pediu Harry em tom de urgência.
Ele esticou o mapa em cima da cama, e os dois se debruçaram para procurar.

– *Ali!* – exclamou Rony depois de um minuto e pouco. – Ele está na sala comunal da Sonserina, olhe... com Parkinson e Zabini e Crabbe e Goyle...

Harry olhou desapontado, mas reanimou-se quase imediatamente.

– Bem, vou ficar de olho nele daqui para frente – disse com firmeza. – E, na hora em que o vir rondando por algum lugar com Crabbe e Goyle vigiando do lado de fora, vou vestir minha Capa da Invisibilidade e sair para descobrir o que ele...

Harry parou de falar quando Neville entrou no dormitório, espalhando um cheiro forte de tecido queimado, e começou a procurar calças limpas no malão.

Apesar de sua determinação de apanhar Malfoy em flagrante, Harry não teve sorte nas duas semanas seguintes. E, embora consultasse o mapa sempre que podia, por vezes fazendo visitas desnecessárias ao banheiro entre as aulas para dar uma olhada, nem uma vez viu Malfoy em qualquer lugar suspeito. É verdade que ele localizou Crabbe e Goyle andando sozinhos pelo castelo com maior frequência do que a normal, por vezes parando em corredores desertos, mas, nessas ocasiões, Malfoy nem sequer se encontrava por perto, e era até impossível localizá-lo no mapa. O que era um grande mistério. Harry brincou com a possibilidade de Malfoy estar saindo dos limites da escola, mas não conseguia ver como poderia fazer isso, dado o alto nível das medidas de segurança em vigor no castelo. Só poderia supor que não estava identificando Malfoy entre as centenas de minúsculos pontos pretos que apareciam no mapa. Quanto ao fato de Malfoy, Crabbe e Goyle darem a impressão de tomar caminhos diferentes quando costumavam ser inseparáveis, era comum isto acontecer quando as pessoas ficavam mais velhas: Rony e Hermione, refletiu Harry com tristeza, eram uma prova viva disso.

O mês de fevereiro foi se aproximando de março sem alteração no tempo, exceto que passou a ventar mais além de chover. Para indignação geral, foi afixado um aviso em todas as salas comunais: o passeio seguinte a Hogsmeade fora cancelado. Rony ficou furioso.

– Era no dia do meu aniversário! – exclamou. – Eu estava aguardando, ansioso!

– Mas não é uma surpresa tão grande, não é? – comentou Harry. – Não depois do que aconteceu com Katie.

A garota ainda não voltara do St. Mungus. Além disso, o *Profeta Diário* andara noticiando novos desaparecimentos, inclusive de parentes de alunos de Hogwarts.

– Agora só me resta aguardar aquela aula idiota de Aparatação! – replicou Rony rabugento. – Grande presente de aniversário...

Três aulas depois, a Aparatação continuava difícil como sempre, embora mais

alguns alunos tivessem conseguido se Estrunchar. Havia muita frustração e uma certa má vontade com relação a Twycross e seus três Ds, que tinham inspirado numerosos apelidos, entre os quais os mais gentis eram Destrambelhado e Despirocado.

– Feliz aniversário, Rony – desejou-lhe Harry, quando foram acordados no primeiro dia de março com o barulho que fizeram Simas e Dino ao sair para o café da manhã. – Toma o seu presente.

Ele atirou na cama de Rony um embrulho que foi se juntar a uma pequena pilha que devia ter sido entregue pelos elfos domésticos durante a noite, supôs Harry.

– Falou – disse Rony sonolento, e, enquanto ele rasgava o papel, Harry se levantou, abriu o malão e começou a procurar o Mapa do Maroto, que sempre escondia, depois de usar. Tirou metade do conteúdo do malão antes de encontrá-lo, escondido sob as meias enroladas onde ainda guardava o frasco da poção da felicidade, a Felix Felicis.

– Certo – murmurou, e, levando-o para a cama, tocou-o com a varinha e sussurrou: – *Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom...* – Tão baixinho que Neville, que ia passando ao lado de sua cama, não ouviu.

– Beleza, Harry! – exclamou Rony entusiasmado, agitando o novo par de luvas de goleiro que o amigo lhe dera.

– Não esquenta – disse Harry, distraído, enquanto examinava atentamente o dormitório da Sonserina à procura de Malfoy. – Ei... acho que ele não está na cama dele...

Rony não respondeu, estava ocupado demais desembrulhando presentes, e soltando de vez em quando uma exclamação de prazer.

– Maior arrastão este ano! – anunciou, erguendo um pesado relógio de ouro com símbolos estranhos em volta do mostrador e estrelinhas móveis em vez de ponteiros. – Viu o que minha mãe e meu pai compraram para mim? Caramba, acho que vou me emancipar no ano que vem também...

– Legal – resmungou Harry, olhando o relógio de relance e voltando a estudar o mapa com mais atenção. Onde estava o Malfoy? Pelo jeito, não estava à mesa da Sonserina no Salão Principal, tomando o café da manhã... nem perto de Snape, sentado em seu escritório... nem nos banheiros, nem na ala hospitalar.

– Quer um? – perguntou Rony com a voz empastada, estendendo uma caixa de caldeirões de chocolate.

– Não, obrigado – respondeu Harry erguendo os olhos. – Malfoy desapareceu outra vez!

– Não pode ser – disse Rony, enfiando um segundo caldeirão na boca ao mesmo tempo que saía da cama para se vestir. – Anda, se você não se apressar

terá de aparatar com a barriga vazia... quem sabe é mais fácil...

Rony olhou pensativo para a caixa de caldeirões de chocolate, depois sacudiu os ombros e se serviu de um terceiro bombom.

Harry tocou o mapa com a varinha, e resmungou: “Malfeito feito”, embora não o tivesse feito, e se vestiu pensativo. Tinha de haver uma explicação para os sumiços periódicos de Malfoy, mas ele simplesmente não conseguia saber qual era. A melhor maneira de descobrir seria segui-lo, mas, mesmo com a Capa da Invisibilidade, a ideia não era prática; ele tinha aulas, treino de quadribol, deveres de casa e Aparatação; não poderia seguir Malfoy pela escola o dia inteiro sem que sua ausência fosse notada.

– Pronto? – perguntou a Rony.

Harry estava a meio caminho da porta do dormitório quando percebeu que Rony não se mexera, estava apoiado no pilar da cama com os olhos fixos na janela lavada de chuva e um olhar estranhamente desfocado no rosto.

– Rony! Café da manhã.

– Não estou com fome.

Harry encarou-o.

– Achei que você tinha acabado de dizer...?

– Bem, tudo bem, eu desço com você – suspirou Rony –, mas não quero comer.

Harry examinou-o desconfiado.

– Você acabou de comer metade de uma caixa de caldeirões de chocolate, não foi?

– Não é isso – Rony tornou a suspirar. – Você... não entenderia.

– Então tá... – respondeu Harry, embora intrigado, virando-se para abrir a porta.

– Harry! – Rony chamou de repente.

– Quê?

– Harry, não consigo suportar!

– Não consegue suportar o quê? – indagou Harry, agora decididamente começando a se assustar. Rony estava muito pálido como se fosse enjoar.

– Não consigo parar de pensar nela! – respondeu ele rouco.

Harry olhou-o boquiaberto. Não esperava uma coisa dessas e não estava muito seguro de que queria ouvi-la. Eram amigos, mas se Rony começasse a chamar Lilá de “Lá-lá”, ele teria de resistir com firmeza.

– E em que isso impede você de tomar café? – perguntou Harry, tentando introduzir uma dose de bom-senso na negociação.

– Acho que ela não sabe que eu existo – respondeu o amigo com um gesto desesperado.

– Decididamente, ela sabe que você existe – replicou Harry, espantado. – Ela não para de agarrar você, não é?
Rony abriu e fechou os olhos.
– De quem é que você está falando?
– De quem é que *você* está falando? – perguntou Harry, com a sensação crescente de que a conversa deixara de ser racional.
– Romilda Vane – respondeu Rony baixinho, e todo o seu rosto pareceu iluminar ao dizer este nome, como se um puríssimo raio de sol o tivesse atingido.
Os dois se encararam por quase um minuto e, por fim, Harry falou:
– Isto é uma brincadeira, certo? Você está brincando.
– Acho... Harry, acho que estou apaixonado por ela – disse Rony com a voz estrangulada.
– O.k. – concordou Harry, aproximando-se de Rony para examinar melhor os seus olhos vidrados e o rosto pálido. – O.k... diz isso outra vez de cara séria.
– Amo a Romilda – repetiu Rony de um fôlego. – Você notou os cabelos dela, são negros e brilhantes e macios... e os olhos? Aqueles olhos enormes, negros? E...
– É muito engraçado e tudo o mais – disse Harry impaciente –, mas chega de brincadeira, tá? Acabou.
Ele se virou para sair do dormitório; dera dois passos em direção à porta quando um golpe demolidor atingiu-o na orelha direita. Cambaleando, ele se virou. Rony já recuara o punho, seu rosto estava distorcido de raiva; ia dar outro murro.
Harry reagiu instintivamente; a varinha saiu do bolso e o encantamento aflorou à sua mente sem que ele percebesse: *Levicorpus!*
Rony urrou quando sentiu o seu calcanhar ser novamente puxado para o alto; ficou pendurado sem ação, de cabeça para baixo, as vestes caindo pelo avesso.
– *Por que isso?* – berrou Harry.
– Você a ofendeu, Harry! Você disse que era uma brincadeira! – gritou Rony, cujo rosto foi ficando gradualmente púrpura à medida que o sangue descia para a cabeça.
– Isso é uma piração! Que é que deu em...
E então ele viu a caixa aberta na cama de Rony, e a verdade o atingiu com a força de um trasgo desembestado.
– Onde você arranjou esses caldeirões de chocolate?
– Foram presente de aniversário! – gritou Rony, girando lentamente no ar tentando se desvencilhar. – Eu lhe ofereci um, não foi?
– Você simplesmente os apanhou no chão, não foi?

– Caíram da minha cama, tá bem? Me solte!
– Não caíram da sua cama, seu retardado, você não entende? Eles são meus, eu os atirei fora do malão quando estava procurando o mapa. São os caldeirões de chocolate que a Romilda me deu antes do Natal, e estão incrementados com uma poção de amor!
Mas apenas uma palavra de tudo que Harry dissera parecia ter penetrado a cabeça de Rony.
– Romilda? – repetiu ele. – Você disse Romilda? Harry... eu conheço ela? Você pode me apresentar?
Harry ficou olhando para o amigo pendurado, cujo rosto agora transparecia esperança, e refreou um intenso desejo de rir. Uma parte dele, a parte mais próxima da orelha direita que latejava, era favorável à ideia de deixar Rony descer e ficar assistindo às suas loucuras até os efeitos da poção passarem... mas, por outro lado, eles eram amigos; Rony estava fora de si quando o atacara, e Harry achou que mereceria outro soco, se o deixasse declarar seu imorredouro amor a Romilda Vane.
– É, vou lhe apresentar – disse Harry pensando rápido. – Vou descer você agora, o.k.?
Ele fez Rony despencar de volta ao chão (sua orelha doía à beça), mas Rony simplesmente se levantou ágil e sorridente.
– Ela deve estar no escritório de Slughorn – informou Harry com segurança, saindo primeiro em direção à porta.
– Por que ela deve estar lá? – perguntou Rony ansioso, correndo para alcançar o amigo.
– Ah, ela tem aulas extras de Poções com ele – respondeu Harry, fantasiando.
– Quem sabe eu também posso ter aulas junto com ela? – sugeriu Rony ansioso.
– Ótima ideia.
Lilá estava esperando ao lado do buraco do retrato, uma complicação que Harry não previra.
– Você está atrasado Uon-Uon! – disse, fazendo beicinho. – Comprei um presente de...
– Me deixa em paz – disse Rony impaciente. – Harry vai me apresentar a Romilda Vane.
E, sem dizer mais nada, saiu pelo buraco do retrato. Harry tentou fazer cara de quem pede desculpas, mas talvez tenha feito cara de riso porque Lilá parecia mais ofendida do que nunca quando a Mulher Gorda tornou a fechar a passagem.
Harry ficou um pouco apreensivo que Slughorn pudesse estar tomando café, mas o professor atendeu a porta do escritório à primeira batida, usando um

roupão de veludo verde e um gorro igual, com olhos de quem não dormira direito.

– Harry – murmurou ele. – É muito cedo para fazer visitas... em geral durmo até tarde no sábado.

– Professor, lamento realmente incomodar o senhor – disse Harry com a voz mais baixa possível, enquanto Rony se erguia nas pontas dos pés tentando espiar a sala que o professor bloqueava –, mas o meu amigo Rony engoliu uma poção de amor por engano. Será que o senhor poderia preparar um antídoto para ele? Eu o levaria a Madame Pomfrey, mas é proibido ter artigos da Gemialidades Weasley e, o senhor entende... perguntas embaraçosas...

– Eu teria pensado que você fosse capaz de preparar um remédio em um minuto, Harry, um exímio preparador de poções como você, não? – questionou Slughorn.

– Ãh – começou Harry, meio distraído, porque Rony agora o acotovelava tentando forçar entrada no aposento –, bem, eu nunca preparei um antídoto para uma poção de amor, senhor, e até que eu acertasse, Rony poderia ter feito alguma coisa grave...

Por sorte, Rony escolheu esse momento para gemer:

– Não estou vendo ela, Harry... o professor está escondendo a Romilda?

– A poção estava dentro da validade? – perguntou Slughorn, examinando Rony com interesse profissional. – Ficam mais concentradas, sabe, quando guardadas por muito tempo.

– Isto explicaria muita coisa – ofegou Harry, agora positivamente resistindo a Rony para não deixá-lo derrubar Slughorn. – É aniversário dele, professor – acrescentou o garoto em tom de súplica.

– Ah, está bem, entrem, então, entrem – concordou Slughorn. – Tenho o que preciso aqui na bolsa, não é um antídoto trabalhoso...

Rony embarafustou pela porta do escritório superaquecido e supermobiliado de Slughorn, tropeçou em um tamborete com borlas para os pés, recobrou o equilíbrio agarrando Harry pelo pescoço e murmurou:

– Ela não viu isso, não é?

– Ela ainda não chegou – disse Harry, observando Slughorn abrir o estojo de poções e misturar umas pitadinhas disto e daquilo em um pequeno frasco de cristal.

– Que bom! – exclamou Rony com fervor. – Como é que estou?

– Bonitão – respondeu Slughorn sem hesitar, entregando a Rony um copo de líquido claro. – Agora beba, é um tônico para os nervos, para mantê-lo calmo quando ela chegar, sabe.

– Genial – Rony falou com ansiedade e engoliu ruidosamente o antídoto.

Harry e Slughorn o observaram. Por um momento, Rony sorriu para ambos. Depois, aos poucos, seu sorriso murchou e desapareceu, e foi substituído por uma expressão de total horror.

– Então, voltou ao normal? – perguntou Harry sorrindo. Slughorn deu uma risada discreta. – Obrigado, professor.

– Não foi nada, meu rapaz, não foi nada – disse Slughorn, enquanto Rony desmontava em uma cadeira próxima, parecendo arrasado. – Um tônico, é do que ele precisa – continuou Slughorn, agora indo até uma mesa repleta de bebidas. – Tenho cerveja amanteigada, tenho vinho, tenho uma última garrafa de hidromel envelhecido em barril de carvalho... hum... ia presenteá-la a Dumbledore no Natal... ah bem... – sacudiu os ombros – ele não pode sentir falta do que nunca recebeu! Por que não a abrimos agora para comemorar o aniversário do sr. Weasley? Nada como uma boa bebida para curar as dores de um desapontamento amoroso...

Ele riu de novo, e Harry o acompanhou. Esta era a primeira vez que ele se encontrava quase sozinho com Slughorn desde a desastrosa tentativa de extrair do professor a lembrança verdadeira. Talvez, se ele pudesse manter Slughorn de bom humor... talvez se tomassem suficiente hidromel envelhecido em carvalho...

– Pronto, aqui têm – disse Slughorn, entregando a cada garoto uma taça de hidromel, antes de erguer a própria.

– Bem, um ótimo aniversário para você, Ralph...

– Rony... – sussurrou Harry.

Mas Rony, que não pareceu estar ouvindo o brinde, já virara o hidromel de um gole.

Transcorreu um segundo, pouco mais que uma pulsação, em que Harry notou que havia alguma coisa terrivelmente errada, e Slughorn, pelo visto, não percebeu.

– ... e que esta data se repita por muitos...

– *Rony!*

Rony tinha deixado cair a taça; fez menção de se levantar da cadeira e desmontou frouxamente, suas extremidades sacudindo descontroladas. Ele babava espuma e seus olhos saltavam das órbitas.

– Professor! – berrou Harry. – Faça alguma coisa!

Slughorn, porém, parecia paralisado pelo choque. Rony se contorceu e engasgou: sua pele começou a azular.

– Que... mas... – gaguejou Slughorn.

Harry saltou por cima de uma mesinha baixa em direção ao estojo de poções aberto, tirou frascos e bolsinhas, enquanto o medonho ruído da respiração gorgolejante de Rony enchia a sala. Então Harry a encontrou: a pedra com

aspecto de rim murcho que entregara a Slughorn na aula de Poções.
Tornou a correr para junto de Rony, abriu sua boca e jogou dentro o bezoar. O amigo deu um estremeção, um arquejo estertorante, e seu corpo ficou mole e imóvel.

— CAPÍTULO DEZENOVE —

Campana de Elfos

– Então, no geral, NÃO FOI um dos melhores aniversários do Rony, não é? – comentou Fred.

Era noite; a ala hospitalar estava silenciosa, as cortinas fechadas, as luzes acesas. A cama de Rony era a única ocupada. Harry, Hermione e Gina estavam sentados à sua volta; tinham passado o dia inteiro esperando do lado de fora das portas duplas, tentando espiar lá para dentro, sempre que alguém entrava ou saía. Madame Pomfrey só os deixara entrar às oito horas da noite. Fred e Jorge tinham chegado dez minutos depois.

– Não foi bem assim que imaginamos entregar nosso presente – disse Jorge, sério, deixando um grande embrulho na mesa de cabeceira de Rony e se sentando ao lado de Gina.

– É, quando imaginamos a cena, ele estava consciente – confirmou Fred.

– Estávamos em Hogsmeade, esperando para fazer uma surpresa a ele – falou Jorge.

– Vocês estavam em Hogsmeade? – admirou-se Gina, erguendo a cabeça.

– Estivemos pensando em comprar a Zonko's – respondeu Fred triste. – Uma filial em Hogsmeade, sabe, mas não vai nos adiantar nada, se vocês não tiverem mais permissão de sair nos fins de semana e comprar os nossos artigos... mas deixa isso para lá.

Ele puxou uma cadeira ao lado de Harry e contemplou o rosto pálido de Rony.

– Como foi exatamente que isso aconteceu, Harry?

O garoto tornou a contar a história que tinha a impressão de já ter repetido cem vezes a Dumbledore, a McGonagall, a Madame Pomfrey, a Hermione e a Gina.

– ... então enfiei o bezoar na boca de Rony e a respiração dele melhorou um pouco, Slughorn correu para buscar ajuda, McGonagall e Madame Pomfrey apareceram e o trouxeram aqui para cima. Acham que vai se curar. Madame

Pomfrey diz que terá de ficar aqui mais ou menos uma semana... tomando Essência de Arruda.

– Caramba, foi sorte você ter se lembrado do bezoar – disse Jorge em voz baixa.

– Sorte que tivesse um na sala – respondeu Harry, que gelava só de pensar no que teria acontecido se não tivesse conseguido obter a pedrinha.

Hermione deu uma fungada quase inaudível. Tinha estado excepcionalmente quieta o dia todo. Tendo se precipitado, lívida, ao encontro de Harry, à porta da ala hospitalar, e exigido saber o que acontecera, ela praticamente não participara da discussão obsessiva entre Harry e Gina sobre o modo como Rony fora envenenado; meramente se postara ao lado deles, com os dentes cerrados e uma expressão de medo até que, finalmente, receberam autorização para vê-lo.

– Mamãe e papai sabem? – perguntou Fred a Gina.

– Eles já viram o Rony, chegaram há uma hora; estão no escritório de Dumbledore, agora, mas vão voltar logo...

Houve uma pausa durante a qual todos ficaram observando Rony, adormecido, resmungar um pouco.

– Então o veneno estava na garrafa? – perguntou Jorge em voz baixa.

– Estava – respondeu Harry imediatamente; não conseguia pensar em nada mais, e a oportunidade de retomar a discussão o deixava feliz. – Slughorn serviu o hidromel...

– Ele poderia ter posto alguma coisa na taça de Rony sem você ver?

– Provavelmente, mas por que Slughorn iria querer envenenar Rony?

– Não faço a menor ideia – respondeu Fred, enrugando a testa. – Você acha que ele poderia ter trocado as taças por engano? Querendo envenenar você?

– Por que Slughorn iria querer envenenar Harry? – indagou Gina.

– Não sei – replicou Fred –, mas deve haver muita gente que gostaria de envenenar Harry, não? “O Eleito” e tudo o mais?

– Então você acha que Slughorn é um Comensal da Morte? – perguntou Gina.

– Tudo é possível – respondeu Fred sombriamente.

– Ele poderia estar dominado pela Maldição Imperius – sugeriu Jorge.

– Ou poderia ser inocente – tornou Gina. – O veneno poderia estar na garrafa, caso em que provavelmente era destinado ao próprio Slughorn.

– Quem iria querer matar Slughorn?

– Dumbledore acha que Voldemort queria o apoio de Slughorn – disse Harry. – O professor esteve escondido durante um ano antes de vir para Hogwarts. E... – ele pensou na lembrança que Dumbledore ainda não conseguira extrair dele – ... e talvez Voldemort queira tirar Slughorn do caminho, talvez ache que ele pode ser valioso para Dumbledore.

– Mas você disse que Slughorn tinha pensado em dar a garrafa a Dumbledore no Natal – Gina lembrou a Harry. – Então o envenenador poderia muito bem estar atrás do Dumbledore.
– Então o envenenador não conhecia Slughorn muito bem – falou Hermione pela primeira vez em horas, com voz de quem pegara um forte resfriado. – Qualquer um que conhecesse Slughorn saberia que havia grande probabilidade do professor guardar uma coisa gostosa daquela para si mesmo.
– Her-mi-o-ne – crocitou Rony inesperadamente.
Todos se calaram, observando-o ansiosos, mas, depois de resmungar palavras incompreensíveis por um momento, ele simplesmente começou a roncar.
As portas da enfermaria se escancararam, sobressaltando a todos: Hagrid entrou e se encaminhou para o grupo, sua cabeleira salpicada de chuva, o casaco de pelo de urso ondulando aos seus passos, um arco na mão, deixando no chão um rastro de pegadas lamacentas do tamanho de boias.
– Passei o dia todo na Floresta! – ofegou. – Aragogue piorou, estive lendo para ele... só me levantei para jantar agora há pouco, e a professora Sprout me contou o que aconteceu ao Rony. Como é que ele está?
– Nada mal – respondeu Harry. – Dizem que vai ficar bom.
– Somente seis visitas de cada vez! – avisou Madame Pomfrey, saindo depressa de sua sala.
– Com o Hagrid são seis – salientou Jorge.
– Ah... é... – concordou Madame Pomfrey, que, pelo jeito, contara Hagrid como várias pessoas, diante de sua corpulência. Para disfarçar seu embaraço, ela correu a limpar as pegadas com a varinha.
– Não acredito – disse Hagrid rouco, sacudindo a cabeça peluda enquanto olhava para Rony. – Simplesmente não acredito... olha só ele deitado aí... quem iria querer fazer mal a ele, eh?
– É justamente o que estamos discutindo – disse Harry. – Não sabemos.
– Será que alguém poderia estar com raiva da equipe de quadribol da Grifinória? – perguntou Hagrid ansioso. – Primeiro a Katie, agora o Rony...
– Não consigo ver ninguém tentando liquidar uma equipe de quadribol – comentou Jorge.
– Wood teria acabado com os jogadores da Sonserina se não tivesse de pagar pelo crime – respondeu Fred, querendo ser justo.
– Bem, acho que o motivo não é o quadribol, mas acho que há uma ligação entre os ataques – disse Hermione, baixinho.
– Como é que você chegou a essa conclusão? – perguntou Fred.
– Bem, primeiro, os dois casos deviam ter sido fatais, mas não foram, embora tenha sido por pura sorte. Por outro lado, nem o veneno nem o colar parecem ter

atingido a pessoa que deviam matar. É claro – acrescentou ela pensativa – que de certa forma isto torna o mandante dos atentados ainda mais perigoso, porque parece que não se importa com o número de pessoas que liquida até realmente chegar à sua vítima.

Antes que alguém pudesse reagir a essa afirmação agourenta, as portas tornaram a se abrir, e o casal Weasley entrou apressado na enfermaria. Em sua última visita, tinham apenas se assegurado de que Rony se recuperaria totalmente: agora a sra. Weasley agarrou Harry e lhe deu um abraço apertado.

– Dumbledore nos contou como você salvou Rony com o bezoar – soluçou a bruxa. – Ah, Harry, que podemos dizer? Você salvou Gina... salvou Arthur... agora salvou Rony...

– Não precisa... eu não... – murmurou Harry sem jeito.

– Parece que metade da nossa família lhe deve a vida, agora que paro para pensar – falou o sr. Weasley com a voz embargada. – Bem, só o que posso dizer é que foi um dia de sorte para os Weasley quando Rony resolveu sentar no seu compartimento no Expresso de Hogwarts, Harry.

O garoto não soube o que responder e quase se alegrou quando Madame Pomfrey tornou a ralhar com eles porque só podiam permanecer seis visitas em torno da cama de Rony; ele e Hermione se levantaram na mesma hora para sair e Hagrid decidiu acompanhá-los, deixando Rony com a família.

– É terrível – resmungou Hagrid, quando os três caminhavam pelo corredor em direção à escadaria de mármore. – Todas essas novidades na segurança e os garotos continuam a ser atingidos... Dumbledore está morto de preocupação... ele não fala muito, mas dá para sentir...

– Ele não tem nenhuma ideia, Hagrid? – perguntou Hermione desesperada.

– Acho que tem centenas de ideias, um cérebro como o dele – disse Hagrid lealmente. – Mas não sabe quem mandou aquele colar nem quem envenenou o vinho, ou eles já teriam sido pegos, não acha? O que me preocupa – continuou ele baixando a voz e espiando por cima do ombro (Harry, por precaução, verificou se Pirraça estaria no teto) – é quanto tempo Hogwarts pode continuar aberta se os garotos não param de ser atacados. É a Câmara Secreta outra vez, não é mesmo? Vai haver pânico, muitos pais vão tirar os filhos da escola e, quando a gente der pela coisa, o conselho diretor...

Hagrid se calou enquanto o fantasma de uma mulher de longos cabelos passava serenamente por eles, então retomou o que dizia num sussurro rouco:

– ... o conselho diretor vai começar a falar em nos fechar para sempre.

– Com certeza que não – contestou Hermione, preocupada.

– Temos que ver o ponto de vista deles – replicou Hagrid pesaroso. – Quero dizer, sempre foi meio arriscado mandar um garoto para Hogwarts, não acham?

A gente espera que haja acidentes, não é, centenas de bruxos de menor idade trancados juntos, mas tentativa de homicídio é outra coisa. Não admira que Dumbledore esteja aborrecido com o Sn...

Hagrid parou de repente, e uma expressão de culpa que os garotos conheciam tão bem tornou-se visível acima da emaranhada barba negra.

– Quê? – perguntou Harry depressa. – Dumbledore está aborrecido com o Snape?

– Eu nunca disse isso – protestou Hagrid, embora sua expressão de pânico não pudesse ser maior confirmação. – Olhem como é tarde, já é quase meia-noite, preciso...

– Hagrid, por que Dumbledore está aborrecido com Snape? – perguntou Harry em voz alta.

– Chiii! – disse Hagrid, parecendo ao mesmo tempo nervoso e zangado. – Não grite essas coisas, Harry, você quer que eu perca o meu emprego? Não que eu ache que você se importaria, não é, agora que desistiu de estudar Trato das...

– Não tente me fazer sentir culpado, não vai funcionar! – exclamou Harry energicamente. – Que foi que Snape fez?

– Não sei, Harry, eu não devia nem ter ouvido! Ah... bem, eu ia saindo da Floresta uma noite dessas e ouvi os dois conversando... bem, discutindo. Não quis chamar atenção para a minha pessoa, então meio que me escondi e tentei não ouvir, mas foi uma... bem uma discussão inflamada, e foi difícil não ouvir.

– E aí? – insistiu Harry, enquanto o amigo arrastava os enormes pés pouco à vontade.

– Bem... eu só ouvi Snape dizer que o Dumbledore contava com muita coisa e talvez ele... Snape... não quisesse continuar a...

– O quê?

– Não sei, Harry, pareceu que o Snape estava se sentindo sobrecarregado, foi só... em todo caso, Dumbledore disse, sem rodeios, que ele tinha concordado em fazer alguma coisa e que era assunto encerrado. Foi bastante firme com ele. E então ele falou algo sobre Snape fazer investigações na Casa dele, na Sonserina. Bem, não vejo nada estranho nisso! – Hagrid apressou-se a acrescentar, enquanto Harry e Hermione trocavam olhares muito significativos. – Todos os diretores de Casas receberam ordem de investigar o caso do colar...

– É, mas Dumbledore não andou brigando com os outros, não é? – replicou Harry.

– Olhe – Hagrid torceu o arco nas mãos sem jeito; ouviu-se um forte estalo de madeira e o arco se partiu em dois –, eu sei o que você pensa do Snape, Harry, e não quero que entenda nessa história mais do que tem para entender.

– Cuidado – avisou Hermione bruscamente.

Eles se viraram em tempo de ver a sombra de Argo Filch se avultar na parede às suas costas antes que o homem, corcunda, de queixo trêmulo, aparecesse no canto do corredor.
– Oho! – exclamou num chiado. – Fora da cama tão tarde, isto vai significar detenção!
– Não vai, não, Filch – disse Hagrid secamente. – Eles estão comigo, não é mesmo?
– E que diferença faz isso? – perguntou Filch desaforado.
– Pombas, sou professor, não é mesmo, seu aborto fofoqueiro! – retrucou Hagrid, irritando-se.
Ouviu-se um sibilo agressivo à medida que Filch inchava de fúria; Madame Nor-r-ra apareceu, sem ninguém perceber, e se enroscou, sinuosa, nos tornozelos magros do dono.
– Vão andando – disse Hagrid pelo canto da boca.
Harry não precisou ouvir a segunda vez; ele e Hermione saíram ligeiros, ouvindo os ecos da altercação de Hagrid e Filch às suas costas enquanto corriam. Passaram por Pirraça antes de virarem para a Torre da Grifinória, mas o poltergeist voava feliz em direção à fonte da gritaria, rindo e cantarolando:

Quando tem conflito e quando tem barulho,
Chamem o Pirraça, ele dobra a confusão!

A Mulher Gorda estava tirando um cochilo e não gostou de ser acordada, mas girou, resmungando, para permitir que os garotos entrassem na sala comunal, felizmente vazia e tranquila. Pelo visto, as pessoas ainda não sabiam o que acontecera a Rony; Harry sentiu um grande alívio, já fora suficientemente interrogado aquele dia. Hermione lhe deu boa-noite e foi para o dormitório das garotas. Harry, porém, ficou na sala, e se sentou junto à lareira, contemplando as brasas que iam se apagando.
Então Dumbledore discutira com Snape. Apesar de tudo que dissera a Harry, apesar de insistir que confiava inteiramente em Snape, perdera a paciência com ele... achava que Snape não se empenhara o suficiente para investigar os alunos da Sonserina... ou, talvez, investigar um único aluno: Malfoy?
Será que Dumbledore não queria que Harry fizesse uma tolice, resolvesse agir por conta própria, por isso fingira que não havia fundamento nas suspeitas do garoto? Era plausível. Podia até ser que Dumbledore quisesse evitar que Harry se desviasse de suas aulas ou de obter aquela lembrança de Slughorn. Talvez Dumbledore não achasse direito confiar suas suspeitas sobre professores a adolescentes de dezesseis anos...

– Aí está você, Potter!
Harry saltou, assustado, empunhando a varinha. Estava certo de que não havia ninguém na sala comunal; não estava preparado para ver um vulto colossal se erguer de repente de uma cadeira distante. Um olhar mais atento mostrou-lhe que era Córmaco McLaggen.
– Estive esperando você voltar – disse McLaggen, ignorando a varinha de Harry. – Devo ter adormecido. Olha, vi quando levaram Weasley para a ala hospitalar hoje cedo. E, pelo jeito, não estará em condições de jogar a partida da semana que vem.
Harry levou uns momentos para compreender o que McLaggen estava dizendo.
– Ah... certo... quadribol – disse, guardando a varinha no cós do jeans e passando a mão, cansado, pelos cabelos. – É... talvez ele não possa jogar.
– Bem, então, eu serei o goleiro, não é?
– É. É, presumo que sim...
Não conseguia pensar em nenhum argumento em contrário; afinal, McLaggen fora, sem dúvida, o segundo melhor nos testes.
– Excelente – disse McLaggen satisfeito. – Então, quando vai ser o treino?
– Quê? Ah... haverá um amanhã à noite.
– Ótimo. Escute aqui, Potter, acho que devíamos ter uma conversa antes. Tenho algumas ideias sobre estratégia que podem lhe ser úteis.
– Certo – concordou Harry sem entusiasmo. – Bem, você me fala amanhã então. Estou muito cansado agora... a gente se vê...
A notícia de que Rony fora envenenado se espalhou rapidamente no dia seguinte, mas não causou a mesma sensação do ataque a Katie. Aparentemente, as pessoas pensaram que poderia ter sido um acidente, e, considerando que ele estava na sala do professor de Poções naquele momento e que recebera logo um antídoto, não acontecera realmente mal algum. De fato, os alunos da Grifinória, de um modo geral, se mostravam bem mais interessados no jogo iminente contra a Lufa-Lufa, porque muitos queriam ver Zacarias Smith, que era o artilheiro da equipe, receber um bom castigo pelos seus comentários durante a partida de abertura da temporada contra a Sonserina.
Harry, no entanto, nunca estivera menos interessado em quadribol; estava se tornando aceleradamente obcecado por Draco Malfoy. Ainda observando o Mapa do Maroto sempre que podia, ele por vezes saía do seu caminho para ir onde Malfoy estivesse, sem, contudo, encontrá-lo fazendo qualquer coisa fora do comum. E continuava a haver aqueles momentos inexplicáveis em que Malfoy simplesmente desaparecia do mapa.
O garoto, porém, não teve muito tempo para refletir sobre o problema em face

dos treinos de quadribol, dos deveres e do fato de que ele estava sendo perseguido aonde quer que fosse por Córmaco McLaggen e Lilá Brown.

Ele não conseguia decidir qual era o mais importuno. McLaggen despejava um fluxo constante de insinuações de que seria um goleiro titular melhor para a equipe do que Rony e que agora que Harry o veria jogar regularmente, com certeza, acabaria pensando o mesmo; Córmaco também gostava de criticar os outros jogadores e de fornecer a Harry esquemas detalhados de treinamento, forçando Harry, mais de uma vez, a lembrar-lhe quem era o capitão.

Enquanto isso, Lilá não parava de abordá-lo para falar sobre Rony, o que Harry achava mais estressante do que as preleções de McLaggen sobre quadribol. A princípio, Lilá ficara muito aborrecida que ninguém tivesse pensado em avisá-la de que Rony estava hospitalizado ("quero dizer, eu *sou* a namorada dele!"), mas, infelizmente, ela resolvera perdoar a Harry este lapso de memória, e estava preferindo manter com ele conversas frequentes e profundas sobre os sentimentos de Rony, uma experiência extremamente desconfortável que o garoto teria dispensado com prazer.

– Olha, por que você não conversa com Rony sobre tudo isso? – perguntou Harry, depois de um interrogatório particularmente longo de Lilá, que incluiu desde o que Rony dissera sobre suas novas vestes até a opinião de Harry se Rony estaria levando a "sério" o namoro dos dois.

– Bem, eu faria isso, mas ele está sempre dormindo quando vou à enfermaria! – respondeu Lilá impaciente.

– É mesmo?! – exclamou Harry, surpreso, pois encontrara Rony completamente acordado todas as vezes em que estivera na ala hospitalar, muito interessado em saber notícias da discussão entre Dumbledore e Snape, e em xingar McLaggen sempre que podia.

– Hermione Granger continua visitando Rony? – quis saber Lilá inesperadamente.

– Acho que sim. Bem, eles são amigos, não é? – respondeu Harry constrangido.

– Amigos, não me faça rir – comentou Lilá com desdém. – Ela deixou de falar com Rony durante semanas quando ele começou a sair comigo! Mas imagino que queira reatar agora que ele se tornou tão *interessante*...

– Você chama interessante alguém ser envenenado? De qualquer modo... me desculpe, tenho de ir andando... aí vem McLaggen para falar de quadribol – disse Harry, apressado, e se precipitou por uma porta lateral disfarçada de parede sólida e desceu por um atalho que o levaria à aula de Poções onde, felizmente, nem Lilá nem McLaggen poderiam segui-lo.

Na manhã do jogo de quadribol contra a Lufa-Lufa, Harry passou na ala

hospitalar antes de seguir para o campo. Encontrou Rony muito agitado; Madame Pomfrey não queria deixá-lo ir assistir ao jogo, achando que poderia perturbá-lo demais.

– Então, como é que McLaggen está se saindo? – perguntou nervoso a Harry, aparentemente esquecido de que já fizera a mesma pergunta duas vezes.

– Já lhe disse – respondeu Harry pacientemente –, ele poderia ser um goleiro de primeira linha e, ainda assim, eu não iria querer ele na equipe. Ele não para de dizer a todo o mundo o que fazer, acha que poderia jogar em qualquer posição melhor do que a gente. Mal posso esperar para me livrar dele. E, por falar em se livrar de pessoas – acrescentou Harry, levantando-se e apanhando sua Firebolt –, quer parar de fingir que está dormindo quando a Lilá vem visitar você? Ela é outra que está me deixando maluco.

– Ah! – exclamou Rony, sem graça. – Tudo bem.

– Se você não quer mais namorar, é só dizer a ela.

– É... bem... não é tão fácil, não é? – Rony fez uma pausa. – Hermione vai passar aqui antes do jogo? – acrescentou displicente.

– Não, ela já foi para o campo com a Gina.

– Ah – tornou Rony, parecendo deprimido. – Certo. Bem, boa sorte. Espero que você dê uma surra no McLag... quero dizer, no Smith.

– Vou tentar – disse Harry, levando a vassoura ao ombro. – A gente se vê depois do jogo.

Ele saiu apressado pelos corredores desertos; a escola inteira estava lá fora ou sentada no estádio ou a caminho. Harry foi espiando pelas janelas ao passar, tentando avaliar quanto vento iam enfrentar, quando um barulho mais à frente chamou sua atenção; ele viu Malfoy andando em sua direção em companhia de duas garotas, ambas com ar de contrariedade e raiva.

Malfoy parou imediatamente ao ver Harry, então soltou uma risada curta e seca e continuou a andar.

– Aonde é que você vai? – quis saber Harry.

– É, vou mesmo lhe dizer, Potter, porque é da sua conta – debochou Malfoy. – É melhor você correr, devem estar esperando o “Capitão Eleito”, o “Rapaz que fez Gol”, ou sei lá qual é o nome que lhe dão ultimamente.

Uma das garotas riu, contrafeita. Harry encarou-a. Ela corou. Malfoy passou por Harry, e ela e a amiga o seguiram quase correndo, viraram num canto e desapareceram de vista.

Harry ficou pregado ali, observando-os desaparecer. Isto era de enfurecer; estava em cima da hora para chegar ao estádio em tempo e via Malfoy, rondando pelos corredores enquanto o restante da escola estava ausente: a melhor chance que Harry tivera até o momento para descobrir o que Malfoy andava fazendo. Os

segundos silenciosos passaram lentos e Harry continuou onde estava, paralisado, olhando para o lugar onde vira Malfoy desaparecer...

– Aonde é que você andou? – indagou Gina, quando Harry entrou correndo no vestiário. A equipe inteira estava uniformizada e pronta; Coote e Peakes, os batedores, balançavam os bastões nervosamente contra as pernas.

– Encontrei Malfoy – respondeu ele em voz baixa, enquanto enfiava as vestes vermelhas pela cabeça.

– E daí?

– E daí eu queria saber por que ele estava no castelo com duas garotas enquanto todo o mundo está aqui embaixo...

– E isso faz diferença agora?

– Bem, provavelmente não vou descobrir, não é mesmo? – respondeu ele, apanhando a Firebolt e endireitando os óculos. – Andem, vamos!

E sem dizer mais nada, entrou em campo sob vaias e aplausos ensurdecedores. Ventava pouco; as nuvens estavam esgarçadas; a intervalos, deixavam passar lampejos ofuscantes de sol.

– Condições enganosas! – disse McLaggen para estimular a equipe. – Coote, Peakes, vocês terão de voar evitando o sol, para eles não verem vocês se aproximando...

– Eu sou o capitão, McLaggen, pare de dar instruções! – exclamou Harry irritado. – Vai logo para junto das balizas!

Quando McLaggen se afastou, Harry se dirigiu a Cootes e Peakes.

– Procurem *realmente* voar evitando o sol – repetiu para os jogadores de má vontade.

Harry apertou a mão do capitão da Lufa-Lufa e, quando Madame Hooch apitou, deu impulso e levantou voo, ganhando uma altitude maior do que o resto da equipe, para sobrevoar os limites do campo à procura do pomo. Se conseguisse agarrá-lo bem cedo, talvez pudesse voltar ao castelo, apanhar o Mapa do Maroto e descobrir o que Malfoy estava fazendo...

“E lá vai Smith da Lufa-Lufa levando a goles”, ecoou uma voz sonhadora pelos terrenos de Hogwarts. “Da última vez, foi ele quem narrou o jogo, é claro, e Gina Weasley colidiu com o pódio, provavelmente de propósito: ou assim me pareceu. Smith foi muito grosseiro nos comentários sobre a Grifinória, imagino que esteja arrependido agora que tem de enfrentar a equipe da Casa... ah, olhem, ele perdeu a posse da goles, Gina roubou-a dele, gosto dela, é muito boa...”

Harry olhou admirado para o pódio do locutor. Decerto, ninguém com o juízo perfeito deixaria Luna Lovegood narrar o jogo! Mas, mesmo ali do alto, não havia como confundir aqueles longos cabelos louro-sujos nem aquele colar de rolhas de cerveja amanteigada... Ao lado de Luna, a professora McGonagall

parecia meio constrangida, como se de fato estivesse refletindo sobre tal escolha.

“... mas agora aquele grandalhão da Lufa-Lufa tirou a goles de Gina, não estou conseguindo lembrar o nome dele, é alguma coisa parecida com Bibble... não, Buggins...”

– É Cadwallader! – exclamou a professora McGonagall em voz alta ao lado de Luna. A multidão riu.

Harry correu os olhos ao redor, procurando o pomo; nem sinal. Instantes depois, Cadwallader marcou. McLaggen estivera aos berros, criticando Gina por perder a posse da goles, e, em consequência, não vira a grande bola vermelha passar voando por sua orelha direita.

– McLaggen, quer prestar atenção no que você devia estar fazendo e deixar os outros em paz?! – berrou Harry, dando meia-volta para ficar de frente para o seu goleiro.

– Grande exemplo você está dando! – gritou McLaggen em resposta, a cara vermelha de fúria.

“E Harry Potter agora está discutindo com o seu goleiro”, irradiou Luna calmamente, enquanto as torcidas da Lufa-Lufa e da Sonserina, entre os espectadores, aplaudiam e vaiavam. “Acho que isso não vai ajudá-lo a localizar o pomo, mas talvez seja um estratagema bem sacado...”

Xingando enraivecido, Harry tornou a girar e recomeçou a contornar o campo, varrendo o céu à procura de um sinal da bolinha de ouro alada.

Gina e Demelza marcaram cada uma o seu gol, dando à torcida vermelho e ouro, lá embaixo, um motivo para se alegrar. Cadwallader tornou a golear, empatando o placar, mas Luna não pareceu notar; narrava como se não tivesse interessada em detalhes mundanos como o marcador, e todo o tempo tentava chamar a atenção da multidão para nuvens de formas curiosas e a possibilidade de Zacarias Smith, que até o momento não conseguira manter a posse da goles por mais de um minuto, estar sofrendo de uma doença chamada “fiascurgia”.

“Setenta a quarenta para Lufa-Lufa!”, anunciou a professora McGonagall ao megafone de Luna.

“Já?!”, exclamou Luna distraída. “Ah, vejam! O goleiro da Grifinória arrancou o bastão de um dos batedores.”

Harry se virou no ar. De fato, McLaggen, por motivos que só ele sabia, tirara o bastão de Peakes e parecia estar demonstrando como bater um balaço em Cadwallader, que se aproximava.

– *Quer devolver o bastão dele e voltar às balizas?!* – rugiu Harry, voando em direção a McLaggen, exatamente na hora em que ele golpeava com ferocidade um balaço e errava o alvo.

Uma dor nauseante de cegar... um lampejo... gritos distantes... e a sensação de

despencar por um longo túnel...
Quando recuperou os sentidos, Harry se viu deitado em uma cama extraordinariamente quente e confortável, olhando para um lampião, no alto, que projetava um círculo de luz dourada no teto escuro. Harry ergueu a cabeça desajeitado. À sua esquerda, estava alguém de sardas e cabelos ruivos que lhe pareceu familiar.
– Que bom que veio me visitar – disse Rony rindo.
Harry piscou os olhos e olhou ao redor. Claro: encontrava-se na ala hospitalar. O céu lá fora estava azul-anil raiado de vermelho. O jogo devia ter acabado havia horas... tal como a esperança de encurralar Malfoy. Sua cabeça parecia estranhamente pesada; ele ergueu a mão e sentiu um turbante compacto de bandagens.
– Que aconteceu?
– Fratura no crânio – respondeu Madame Pomfrey, aproximando-se, enérgica, e obrigando-o a deitar de novo nos travesseiros. – Não precisa se preocupar, emendei tudo na hora, mas vou mantê-lo aqui até amanhã. Você não deve fazer maiores esforços por algumas horas.
– Não quero ficar aqui até amanhã – respondeu Harry, aborrecido, sentando-se e atirando as cobertas para longe. – Quero achar o McLaggen e matar ele.
– Creio que isso se enquadre entre “maiores esforços” – disse Madame Pomfrey, empurrando-o, com firmeza, na cama e erguendo sua varinha ameaçadoramente. – Você vai ficar aqui até que eu lhe dê alta, Potter, ou chamarei o diretor.
A bruxa voltou depressa para a sua sala, e Harry afundou nos travesseiros, espumando.
– Você sabe de quanto perdemos? – perguntou a Rony entre os dentes.
– Bem, sei – respondeu Rony em tom de quem pede desculpas. – O placar final foi trezentos e vinte a sessenta.
– Genial! – exclamou Harry com ferocidade. – Realmente genial! Quando eu pegar o McLaggen...
– Você não quer pegar o McLaggen, ele é do tamanho de um trasgo – argumentou Rony. – Pessoalmente, sou mais a favor de azarar ele com aquele feitiço do Príncipe, na unha do pé. De qualquer modo, quem sabe o resto da equipe já terá cuidado dele quando você sair daqui, ninguém ficou feliz...
Havia uma nota de mal contida alegria na voz de Rony; Harry percebeu que ele estava simplesmente vibrando que McLaggen tivesse metido os pés pelas mãos. Harry ficou ali, contemplando o retalho de luz no teto, sua cabeça recém-emendada não estava exatamente doída, mas parecia sensível sob aquelas bandagens.

– Ouvi a narração da partida daqui – disse Rony, a voz trêmula de riso. – Espero que seja sempre a Luna a comentar daqui para frente... *Fiascurgia*...

Harry, no entanto, continuava zangado demais para achar muita graça na situação, e pouco depois Rony parou de rir.

– Gina veio fazer uma visita quando você estava inconsciente – disse ele depois de uma longa pausa, e instantaneamente a imaginação de Harry disparou, montando uma cena em que Gina, chorando sobre o seu corpo sem vida, confessava sentir uma forte atração por ele enquanto Rony os abençoava... – Ela acha que você chegou em cima da hora para o jogo. Que aconteceu? Você saiu daqui bem cedo.

– Ah... – começou Harry enquanto a cena implodia em sua mente. – É... bem, vi Malfoy se esgueirando pelo corredor com duas garotas que pareciam não estar querendo a companhia dele, e esta é a segunda vez que ele dá um jeito de não estar no estádio com o resto da escola. E ele também faltou ao último jogo, lembra? – suspirou Harry. – Eu gostaria de ter seguido o Malfoy, já que o jogo foi aquele fiasco...

– Não seja idiota – replicou Rony com rispidez. – Você não podia faltar a um jogo de quadribol só para seguir Malfoy, você é o capitão!

– Quero saber o que ele anda fazendo. E não me diga que isso é coisa da minha imaginação, não depois da conversa que escutei entre ele e o Snape...

– Eu nunca disse que você estava imaginando coisas – protestou Rony, erguendo-se sobre um cotovelo e franzindo a testa para Harry –, mas não existe regra que diga que somente uma pessoa de cada vez pode tramar coisas neste lugar! Você está ficando meio obcecado pelo Malfoy, Jerry. Quero dizer, pensar em faltar um jogo só para seguir o cara...

– Quero apanhar Malfoy com a mão na massa! – respondeu Harry frustrado. – Quero dizer, aonde é que ele vai quando desaparece do mapa?

– Não sei... Hogsmeade? – sugeriu Rony, bocejando.

– Nunca o vi andando por nenhuma passagem secreta no mapa. Aliás, achei que todas elas estavam sendo vigiadas agora, não?

– Bem, então, não sei.

Fez-se silêncio entre os dois. Harry ficou olhando para o círculo de luz no alto, refletindo...

Se ao menos ele tivesse o poder de Rufo Scrimgeour, poderia mandar seguir Malfoy, mas infelizmente não tinha uma Seção de Aurores sob seu comando... ele pensou por um breve instante em montar alguma coisa com a AD, mas, de novo, haveria o problema de darem por falta dos alunos nas aulas; afinal, a maioria deles tinha horários apertados...

Ouviu-se um ronco surdo vindo da cama de Rony. Passado um tempo,

Madame Pomfrey saiu de sua sala, desta vez trajando um grosso roupão. Era mais fácil fingir que estava dormindo; Harry virou para o lado e ouviu as cortinas se fecharem quando a bruxa acenou com a varinha. As luzes diminuíram e ela voltou à sua sala; ele ouviu o clique da porta ao fechar, e entendeu que ela se recolhera.

Esta, refletiu Harry no escuro, era a terceira vez que o traziam para a ala hospitalar por conta de um acidente de quadribol. Da última vez, ele caíra da vassoura por causa da presença dos dementadores em torno do campo, e, da vez anterior, perdera todos os ossos do braço pela incompetência incurável do professor Lockhart... fora de longe o seu acidente mais doloroso... ele se lembrou da agonia de restaurar todos os ossos do braço em uma noite, um mal-estar que só fez aumentar com a chegada de um visitante inesperado no meio da...

Harry se sentou de repente, o coração batendo forte, o turbante de bandagens enviesado. Finalmente encontrara a solução: *havia* uma maneira de seguir Malfoy... como podia ter esquecido, por que não pensara nisso antes?

Mas a questão era: como chamá-lo? Como se fazia isso?

Em voz baixa, hesitante, Harry falou para a noite:

– Monstro?

Ouviu um forte estalo e o ruído de guinchos e pés arrastados encheram a enfermaria. Rony acordou com um ganido.

– Que está...?

Harry apontou a varinha depressa para a porta da sala de Madame Pomfrey e murmurou *Abaffiato!*, para impedir que ela viesse correndo. Então, ele se arrastou até os pés da cama para ver melhor o que estava acontecendo.

Dois elfos domésticos estavam embolados no chão, no meio da enfermaria, um usava um pulôver castanho-avermelhado que encolhera e vários gorros de lã; o outro, um trapo velho e imundo preso nos quadris como uma tanga. Ouviu-se, então, mais um estalo e Pirraça, o Poltergeist, apareceu sobrevoando os elfos engalfinhados.

– Eu estava assistindo, Potty! – disse indignado a Harry, apontando para os lutadores, e em seguida soltou uma grande gargalhada. – Olhe essas criaturinhas brigando, mordidinha, murrinho...

– Monstro não vai insultar Harry Potter na frente de Dobby, não vai, não, ou Dobby vai fechar a boca dele! – exclamou Dobby com a voz muito aguda.

– Chutinho, arranhãozinho! – exclamou Pirraça, alegre, agora atirando pedaços de giz nos elfos para enraivecê-los. – Torcidinha, cutucadinha!

– Monstro dirá o que quiser sobre o senhor dele, ah, dirá, e que senhor ele tem, um amigo nojento de Sangues-Ruins, ah, o que diria a pobre senhora do Monstro...?

Exatamente o que a senhora de Monstro diria ninguém chegou a saber, porque naquele instante Dobby meteu o punho nodoso na boca de Monstro, fazendo saltar metade dos seus dentes. Harry e Rony pularam de suas camas e separaram os elfos, embora eles continuassem tentando chutar e esmurrar um ao outro, incentivados por Pirraça, que dançava em torno do lampião aos guinchos:

– Enfia os dedos no nariz dele, tira sangue e arranca as orelhinhas dele...

Harry apontou a varinha para Pirraça e disse:

– *Travalíngua!* – Pirraça levou as mãos à garganta, engoliu em seco e saiu voando da enfermaria, fazendo gestos obscenos, mas sem fala, porque sua língua acabara de grudar no céu da boca.

– Legal esse! – aprovou Rony, erguendo Dobby no ar para impedir que suas pernas agitadas continuassem a atingir o Monstro. – Mais um dos feitiços do Príncipe, não é?

– É – confirmou Harry, torcendo o braço fino de Monstro com uma chave de braço. – Certo: proíbo você de lutar com o Dobby. Dobby, eu sei que não posso lhe dar ordens...

– Dobby é um elfo doméstico livre e pode obedecer a quem ele quiser, e Dobby fará tudo que Harry Potter quiser! – disse o elfo, as lágrimas agora escorrendo pelo seu rosto enrugado e pingando no suéter.

– O.k., então – disse Harry, e ele e Rony soltaram os elfos, que caíram ao chão, mas não continuaram a lutar.

– O Senhor me chamou? – crocitou Monstro, fazendo uma profunda reverência a Harry ao mesmo tempo que seu olhar lhe desejava claramente uma morte dolorosa.

– É, chamei – disse Harry, olhando de relance a porta de Madame Pomfrey para verificar se o *Abaffiato* continuava fazendo efeito; não viu sinal de que ela tivesse ouvido a agitação. – Tenho uma tarefa para você.

– Monstro fará o que o seu senhor mandar – e fez uma curvatura tão profunda que seus lábios quase tocaram os dedos de seus pés nodosos –, porque Monstro não tem opção, mas Monstro sente vergonha de ter um senhor assim, ora se tem...

– Dobby fará a tarefa, Harry Potter! – guinchou Dobby, seus olhos do tamanho de bolas de tênis ainda marejados de lágrimas. – Dobby se sentiria honrado de ajudar Harry Potter!

– Pensando bem, seria melhor que os dois fizessem – disse Harry. – O.k., então... quero que sigam o Draco Malfoy.

Sem dar atenção à expressão de simultânea surpresa e exasperação no rosto de Rony, ele continuou:

– Quero saber aonde ele vai, com quem se encontra e o que faz. Quero que o

sigam vinte e quatro horas por dia.
– Sim, Harry Potter! – concordou Dobby imediatamente, seus olhos brilhando de excitação. – E se Dobby errar, Dobby se atirará da torre mais alta, Harry Potter!
– Não precisará fazer nada disso – apressou-se Harry a dizer.
– O senhor quer que eu siga o mais jovem dos Malfoy? – crocitou Monstro. – O senhor quer que eu espione o sobrinho-neto de sangue puro da minha antiga senhora?
– Esse mesmo – disse Harry, prevendo um grande perigo, e decidido a impedi-lo imediatamente: – E você está proibido de avisar a ele, Monstro, ou mostrar a ele o que está fazendo, ou falar com ele, ou escrever mensagens para ele, ou... ou entrar em contato com ele de alguma forma. Entendeu?
Harry pensou perceber que Monstro se esforçava para encontrar uma brecha nas instruções que acabara de receber, e aguardou. Após alguns momentos, e para grande satisfação de Harry, Monstro se curvou e disse com amargurado rancor:
– O senhor pensa em tudo e Monstro tem de obedecer, mas Monstro preferia muito mais ser servo do rapaz Malfoy, ah, isto ele preferia...
– Então está acertado. Quero receber relatórios regularmente, mas verifiquem se estou sozinho quando vierem me procurar. Rony e Hermione são de confiança. E não comentem com ninguém o que estão fazendo. Colem em Malfoy como se fossem adesivos para remover verrugas.

— CAPÍTULO VINTE —

O pedido de Lorde Voldemort

Harry e Rony deixaram a ala hospitalar bem cedo na manhã de segunda-feira, com a saúde perfeita, graças aos cuidados de Madame Pomfrey, prontos para gozar os benefícios de terem sido, respectivamente, fraturado e envenenado, e, o que era melhor, Hermione rea-tara a amizade com Rony. A garota chegou a acompanhá-los quando desceram para o café da manhã, trazendo a notícia de que Gina tinha discutido com Dino. O animal adormecido no peito de Harry instantaneamente ergueu a cabeça e farejou o ar, esperançoso.

– E qual foi o motivo da discussão? – perguntou ele, tentando parecer desinteressado, quando entraram por um corredor deserto do sétimo andar, exceto por uma garotinha que estava examinando uma tapeçaria com trasgos usando tutus. Ela fez uma cara de terror ao ver os sextanistas se aproximarem, e deixou cair a pesada balança que estava carregando.

– Tudo bem! – disse Hermione gentilmente, correndo para ajudá-la. – Veja... – E tocou a balança partida com a varinha dizendo *Reparo*!.

A garota não agradeceu, continuou pregada no chão enquanto eles passavam, acompanhando, com o olhar, o grupo desaparecer de vista; Rony virou a cabeça para espiá-la.

– Juro que cada dia elas estão ficando menores – comentou.

– Esqueça a garota – disse Harry, um pouco impaciente. – Por que foi que Gina e Dino brigaram, Hermione?

– Ah, Dino estava rindo de McLaggen ter acertado aquele balaço em você – respondeu Hermione.

– Deve ter sido engraçado – comentou Rony sensatamente.

– Não foi nada engraçado! – replicou Hermione indignada. – Foi horrível, e se Coote e Peakes não tivessem agarrado Harry ele poderia ter se machucado seriamente!

– É, bem, Gina e Dino não precisavam ter rompido o namoro por causa disso

– tornou Harry, ainda tentando parecer displicente. – Ou eles continuam juntos?
– Continuam... mas por que você está tão interessado? – perguntou Hermione, lançando a Harry um olhar penetrante.
– Não quero ver a equipe de quadribol bagunçada outra vez! – apressou-se a justificar, mas Hermione continuou desconfiada, e ele sentiu um grande alívio quando uma voz às suas costas gritou “Harry!”, dando-lhe uma desculpa para virar as costas para ela.
– Ah, oi, Luna.
– Fui procurar você na ala hospitalar – disse Luna vasculhando a mochila. – Mas disseram que você já tinha saído...
Ela empurrou nas mãos de Rony uma coisa que parecia uma cebola verde, um grande chapéu-de-cobra e uma bolada de outra coisa que lembrava argila absorvente para caixa de dejetos de gatos, e, por fim, tirou um pergaminho meio sujo que entregou a Harry.
– ... mandaram lhe entregar isto.
Era um rolinho de pergaminho no qual Harry reconheceu imediatamente outro convite para uma aula com Dumbledore.
– Hoje à noite – informou ele a Rony e Hermione, quando abriu o pergaminho.
– Legal a sua narração no último jogo! – disse Rony a Luna, quando ela pegou de volta a cebola verde, o chapéu-de-cobra e a argila. A garota deu um sorriso indefinido.
– Você está caçoando de mim, não é? Todo o mundo disse que foi péssima.
– Não, estou falando sério! – replicou Rony com sinceridade. – Não me lembro de ter gostado tanto de uma narração! A propósito, que é isso? – acrescentou, erguendo a tal cebola à altura dos olhos.
– Ah, é raiz-de-cuia – disse ela, devolvendo a argila e o cogumelo à sua mochila. – Pode ficar com ela se quiser, tenho muito. É excelente para a gente se proteger das Dilátex Vorazes.
E ela se afastou, deixando Rony ainda segurando a raiz-de-cuia na mão e rindo.
– Sabe, ela acabou me conquistando, a Luna – comentou ele, quando recomeçaram a andar para o Salão Principal. – Sei que é maluca, mas é no bom...
Ele parou repentinamente de falar. Lilá Brown estava parada ao pé da escadaria de mármore com um ar tempestuoso.
– Oi – cumprimentou Rony nervoso.
– Vamos – murmurou Harry para Hermione, e eles deixaram os dois para trás depressa, mas não sem antes ter ouvido Lilá dizer:
– Por que você não me avisou que estava saindo hoje? E por que *ela* estava

com você?

Rony parecia esquivo e aborrecido quando chegou para tomar café meia hora mais tarde e, embora sentasse com Lilá, Harry não os viu trocarem uma única palavra à mesa. Hermione agia como se estivesse indiferente à cena, mas uma ou duas vezes Harry percebeu um inexplicável ar de riso perpassar seu rosto. Durante todo aquele dia, ela pareceu particularmente bem-humorada e, à noite, na sala comunal, ela até consentiu em dar uma lida (em outras palavras, terminar de escrever) no trabalho de Herbologia de Harry, coisa que se recusara terminantemente a fazer até então, porque sabia que Harry deixaria Rony copiar seu trabalho.

– Valeu, Hermione – disse Harry, dando-lhe uma palmadinha apressada nas costas ao mesmo tempo em que consultava o relógio e constatava que já eram quase oito horas. – Escute, tenho de correr ou vou chegar atrasado à aula do Dumbledore...

Ela não respondeu, apenas cortou algumas frases menos adequadas com um ar cansado. Harry, rindo, passou rápido pelo buraco do retrato e saiu em direção ao escritório do diretor. A gárgula saltou para o lado ao ouvir falar em bombas de caramelo, e Harry, subindo a escada de dois em dois degraus, bateu na porta na hora em que o relógio marcou oito horas.

– Entre – falou Dumbledore, mas quando Harry estendeu a mão para empurrar a porta ela foi escancarada pelo lado de dentro. À sua frente estava a professora Trelawney.

– Ah-ah! – exclamou ela, apontando dramaticamente para Harry e piscando os olhos por trás das lentes que aumentavam seus olhos. – Então esta é a razão por que fui expulsa sem a menor cerimônia de seu escritório, Dumbledore!

– Minha cara Sibila – respondeu o diretor ligeiramente exasperado –, não é uma questão de expulsá-la sem a menor cerimônia de lugar algum, Harry tem uma hora marcada comigo, e realmente acho que já terminamos a nossa conversa...

– Muito bem – retrucou a professora Trelawney profundamente magoada. – Se você não quer banir o pangaré usurpador, então seja... talvez eu encontre uma escola onde os meus talentos sejam melhor apreciados...

Ela passou por Harry e desapareceu pela escada em espiral; eles a ouviram tropeçar na descida, e Harry imaginou que tivesse tropeçado em um dos seus longos xales.

– Por favor, feche a porta e sente, Harry – ordenou Dumbledore com a voz cansada.

O garoto obedeceu, reparando, ao sentar na cadeira habitual à frente da escrivaninha, que a Penseira estava mais uma vez entre os dois, bem como dois

frasquinhos de cristal em que giravam lembranças.
– Então a professora Trelawney continua infeliz porque Firenze está dando aulas? – perguntou Harry.
– Continua – respondeu Dumbledore. – Adivinhação está me saindo uma disciplina bem mais complicada do que pude prever, uma vez que eu mesmo nunca a estudei. Não posso pedir a Firenze para retornar à Floresta, onde agora ele é um proscrito, nem posso pedir a Sibila Trelawney para sair. Aqui entre nós, ela não faz ideia do perigo que correria fora do castelo. A professora não sabe, e acho que não seria prudente esclarecer, que foi ela quem fez a profecia sobre você e Voldemort, entende.
Dumbledore deu um grande suspiro e disse:
– Mas vamos esquecer os meus problemas com os professores. Temos assuntos bem mais importantes a discutir. Primeiro: você cumpriu a tarefa que lhe dei ao concluirmos a nossa aula anterior?
– Ah – respondeu Harry, pego de surpresa. Com as aulas de Aparatação e o quadribol e o envenenamento de Rony e a fratura da própria cabeça, além da determinação em descobrir o que Draco Malfoy andava fazendo, ele quase se esquecera da lembrança que Dumbledore tinha lhe pedido que extraísse do professor Slughorn... – Bem, falei com o professor Slughorn sobre a lembrança, no final da aula de Poções, senhor, mas, ãh, ele não quis me dar.
Fez-se um breve silêncio.
– Entendo – respondeu por fim Dumbledore, fitando-o por cima dos oclinhos de meia-lua e dando a Harry a habitual sensação de que estava sendo radiografado. – E você acha que dedicou todos os seus esforços à questão? Que exerceu toda a sua enorme inventividade? Que não deixou de explorar nenhuma possibilidade em sua busca para recuperar a lembrança?
– Bem. – Harry procurou ganhar tempo, sem saber o que responder. Sua única tentativa de obter a lembrança pareceu-lhe, de repente, embaraçosamente medíocre. – Bem... no dia em que Rony tomou a poção do amor por engano, eu o levei ao professor Slughorn. Pensei que talvez, se deixasse o professor de muito bom humor...
– E isso deu resultado? – perguntou Dumbledore.
– Bem, não, senhor, porque Rony foi envenenado...
– ... o que naturalmente o fez esquecer completamente a tentativa de recuperar a lembrança; eu não teria esperado outra atitude enquanto o seu melhor amigo corria perigo. Mas, uma vez que ficou claro que o sr. Weasley ia se recuperar totalmente, eu teria esperado que você retomasse a tarefa que lhe dei. Pensei que tivesse deixado muito clara a importância daquela lembrança. De fato, fiz tudo que pude para convencê-lo de que essa é a lembrança mais crucial, e que sem ela

estaremos perdendo o nosso tempo.
Uma sensação quente e incômoda de vergonha espalhou-se da cabeça aos pés de Harry. Dumbledore não erguera a voz, nem sequer falara aborrecido, mas Harry teria preferido que gritasse; este frio desapontamento era pior do que qualquer outra coisa.
– Senhor – disse ele, meio desesperado –, não é que eu não tenha me importado nem nada, é só que tive outras... outras coisas...
– Outras coisas na cabeça – Dumbledore concluiu a frase para ele. – Entendo.
Os dois ficaram novamente em silêncio, o mais constrangedor de sua vivência com o diretor; o silêncio parecia se prolongar indefinidamente, pontuado apenas pelos breves roncos que vinham do retrato de Armando Dippet, no alto da parede, às costas de Dumbledore. Harry se sentiu estranhamente pequeno, como se tivesse encolhido um pouco desde que entrara na sala.
Quando não conseguiu mais aguentar, ele disse:
– Professor Dumbledore, lamento sinceramente. Eu devia ter me esforçado mais... devia ter compreendido que o senhor não me pediria isso se não fosse realmente importante.
– Obrigado por dizer isso, Harry – falou Dumbledore em voz baixa. – Posso, então, esperar que de hoje em diante você dará ao assunto maior prioridade? Não fará muito sentido nos reunirmos depois desta noite a não ser que tenhamos aquela lembrança.
– Pode, sim, senhor, obterei a lembrança – disse Harry honestamente.
– Então, por ora, não falaremos mais nisso – disse o diretor mais brandamente –, continuaremos a nossa história do ponto em que paramos. Você lembra onde foi?
– Lembro, sim, senhor – respondeu Harry prontamente. – Voldemort matou o pai e os avós e fez parecer que o culpado era o seu tio Morfino. Voltou, então, a Hogwarts e perguntou... perguntou ao professor Slughorn a respeito das Horcruxes – murmurou envergonhado.
– Muito bem. Agora, você lembra, espero que sim, de que falei logo no início das nossas reuniões que entraríamos no terreno da adivinhação e da especulação, certo?
– Sim, senhor.
– Até aqui, espero que concorde, mostrei-lhe fontes razoavelmente seguras para as minhas deduções sobre os passos de Voldemort até os dezessete anos.
Harry concordou com a cabeça.
– Agora, no entanto, Harry, as coisas se tornam mais obscuras e estranhas. Se foi difícil encontrar indícios sobre o garoto Riddle, tem sido quase impossível encontrar quem se disponha a se lembrar do homem Voldemort. De fato, duvido

que haja um único ser vivente, além dele mesmo, que possa nos fornecer um relato completo de sua vida desde que deixou Hogwarts. Contudo, tenho duas últimas lembranças que gostaria de partilhar com você. – Dumbledore indicou os dois frasquinhos de cristal que refulgiam ao lado da Penseira. – Depois, gostaria muito de saber se você acha prováveis as conclusões que extraí dessas lembranças.

A ideia de que Dumbledore desse tanto valor à sua opinião fez Harry se sentir mais profundamente envergonhado de não ter se desincumbido da tarefa de recuperar a lembrança sobre a Horcrux, e ele se mexeu na cadeira, constrangido, quando o diretor ergueu o primeiro dos dois frascos para examiná-lo contra a luz.

– Espero que você não esteja cansado de mergulhar nas lembranças de outras pessoas, porque estas duas são curiosas. A primeira vem de uma elfo doméstica muito velha, chamada Hóquei. Antes de vermos o que ela presenciou, preciso resumir rapidamente como foi a saída de Lorde Voldemort de Hogwarts.

"Ele concluiu o sétimo ano da escola, como seria de esperar, tendo obtido nota máxima em cada exame que prestou. Em sua volta, os colegas de turma estavam decidindo que empregos iriam procurar quando deixassem a escola. Quase todos esperavam feitos espetaculares de Tom Riddle, monitor, monitor-chefe, ganhador do Prêmio Especial por Serviços Prestados à Escola. Sei que vários professores, entre eles Slughorn, sugeriram que ele entrasse para o Ministério da Magia, se ofereceram para marcar entrevistas, apresentarem-lhe contatos úteis. Voldemort recusou todos os oferecimentos. Pouco depois, os professores souberam que ele estava trabalhando na Borgin & Burkes."

– Na Borgin & Burkes? – repetiu Harry atordoado.

– Na Borgin & Burkes – confirmou Dumbledore calmamente. – Acho que você entenderá as atrações que o lugar lhe oferecia quando entrarmos na lembrança da Hóquei. Esta, porém, não foi a primeira opção de emprego de Voldemort. Muito pouca gente soube, eu era um dos poucos em quem o diretor daquela época confiava, mas Voldemort procurou o professor Dippet e perguntou se poderia continuar em Hogwarts como professor.

– Ele quis continuar aqui? Por quê? – perguntou Harry, ainda mais espantado.

– Creio que houvesse vários motivos para isso, embora não tivesse confidenciado nenhuma delas ao professor Dippet. A primeira, e mais importante, creio que Voldemort era mais apegado à escola do que jamais foi a pessoa alguma. Hogwarts era o lugar em que fora mais feliz; o primeiro e único lugar em que tinha se sentido em casa.

Harry se sentiu ligeiramente incomodado ao ouvir essas palavras, porque era exatamente o que ele sentia com relação a Hogwarts.

– Segundo, o castelo é um reduto de magia antiga. Sem dúvida, Voldemort penetrara um número muito maior de segredos do que a maioria dos estudantes que passaram por aqui, mas ele talvez tivesse percebido que ainda havia mistérios a desvendar, fontes de magia a explorar.

"E terceiro, como professor, ele teria tido grande poder e influência sobre os jovens bruxos e bruxas. Talvez tenha adquirido esta noção com Slughorn, o professor com quem melhor se relacionava, que lhe mostrara o papel influente que um professor pode desempenhar. Não imagino, nem por um instante, que Voldemort tencionasse passar o resto da vida em Hogwarts, mas acho que viu na escola um valioso campo de recrutamento e um lugar onde poderia começar a reunir para si um exército."

– Mas ele não conseguiu o emprego, senhor?

– Não, não conseguiu. O professor Dippet lhe disse que era demasiado jovem aos dezoito anos, mas convidou-o a tornar a se candidatar dali a alguns anos, se ainda quisesse ensinar.

– Como é que ele se sentiu ao ouvir isso, senhor? – perguntou Harry hesitante.

– Muito contrafeito. Eu tinha alertado Armando contra a contratação, não lhe dei as razões que dei a você, porque o professor Dippet gostava muito de Voldemort e estava convencido de sua sinceridade, mas eu não queria que Lorde Voldemort voltasse a esta escola, principalmente em uma posição de poder.

– Qual era o cargo que ele queria, senhor? Qual era a disciplina que ele queria ensinar?

Por alguma razão, Harry sabia qual era a resposta mesmo antes que Dumbledore a desse.

– Defesa Contra as Artes das Trevas. Naquele tempo, era ensinada por uma professora antiga chamada Galateia Merrythought, que estava em Hogwarts havia quase cinquenta anos.

"Então Voldemort foi para a Borgin & Burkes, e todos os professores que o admiravam comentaram o desperdício que era, um jovem bruxo brilhante como ele trabalhar em uma loja. Contudo, Voldemort não era um mero balconista. Educado, bonitão e inteligente, logo passaram a encarregá-lo de certas tarefas que só existem em um lugar como a Borgin & Burkes, que se especializa, como você sabe, Harry, em objetos com propriedades poderosas e incomuns. Voldemort foi instruído a persuadir as pessoas a cederem seus tesouros aos sócios, para venda, e ele era, segundo todos dizem, muito talentoso nisso."

– Aposto que era – comentou Harry, incapaz de se conter.

– Bem, era mesmo – disse Dumbledore com um leve sorriso. – E agora chegou a hora de ouvir o que diz Hóquei, a elfo doméstica que trabalhou para uma bruxa muito velha e riquíssima chamada Hepzibá Smith.

Dumbledore tocou em um dos frascos com a varinha, a rolha saltou e ele despejou a lembrança espiralante na Penseira dizendo:

– Primeiro você, Harry.

O garoto se levantou e se curvou mais uma vez para o conteúdo prateado e ondulante da bacia de pedra até encostar o rosto nele. Despencou pelo vácuo escuro e aterrissou em uma sala de estar diante de uma velha imensamente gorda, de peruca ruiva, com um caprichoso penteado e um conjunto de brilhantes vestes cor-de-rosa que caíam à sua volta, dando-lhe a aparência de um bolo com o glacê derretido. Mirava-se em um espelhinho cravejado de pedras e passava ruge nas faces, já escarlates, com uma grande esponja de pó de arroz; enquanto isso, a elfo doméstica menor e mais velha que Harry já vira na vida calçava, nos pés carnudos da bruxa, apertadas pantufas de cetim.

– Depressa, Hóquei! – falou Hepzibá, autoritária. – Ele disse que viria às quatro horas, faltam só uns minutinhos, e até hoje ele nunca se atrasou!

Ela guardou a esponja quando a elfo doméstica se levantou. A cabeça dela mal chegava ao assento da cadeira de Hepzibá, e sua pele papirácea parecia pender dos ossos tal como o lençol engomado de linho que ela usava, drapejado, como uma toga.

– Que tal estou? – perguntou Hepzibá, virando a cabeça para se admirar de vários ângulos no espelho.

– Linda, madame – respondeu Hóquei esganiçada.

Harry só pôde supor que constava do contrato de Hóquei mentir descaradamente quando a dona lhe fizesse essa pergunta, porque, em sua opinião, Hepzibá Smith estava longe de ser linda.

Uma campainha tilintou, e a senhora e a elfo se sobressaltaram.

– Depressinha, Hóquei, ele chegou! – exclamou Hepzibá e a elfo saiu correndo da sala, tão atulhada de móveis e objetos que era difícil imaginar como alguém era capaz de navegar entre eles sem derrubar pelo menos uma dúzia de coisas: havia armários cheios de pequenas caixas de charão, estantes repletas de livros gravados em ouro, prateleiras de esferas e globos celestes, e muitas plantas verdejantes em cachepôs de latão; de fato, a sala parecia uma cruza de antiquário de magia e estufa de plantas.

A elfo doméstica voltou minutos depois, seguida por um rapaz alto em quem, sem a menor dificuldade, Harry reconheceu Voldemort. Vestia um terno preto muito simples; seus cabelos estavam um pouco mais compridos do que no tempo de escola e suas faces encovadas, mas tudo isso lhe assentava bem: parecia mais bonito que nunca. Atravessou a sala, desviando-se dos objetos com um ar de quem já estivera ali muitas vezes, e segurando a mão de Hepzibá fez uma profunda reverência e tocou-a levemente com os lábios.

– Trouxe flores para a senhora – disse ele em voz baixa, materializando um buquê.
– Menino levado, você não precisava! – guinchou a velha Hepzibá, embora Harry reparasse que havia um vaso pronto na mesinha mais próxima. – Você realmente estraga esta velha, Tom... sente-se, sente-se... onde foi a Hóquei... ah...
A elfo voltou correndo à sala, trazendo uma bandeja de bolinhos, que depositou ao lado do cotovelo de sua senhora.
– Sirva-se, Tom, sei como gosta dos meus bolos. Agora, como vai? Parece pálido. Fazem você trabalhar demais naquela loja, já disse isso mil vezes...
Voldemort sorriu mecanicamente, e Hepzibá retribuiu com um sorrisinho afetado.
– Bem, desta vez qual é a desculpa para sua visita? – perguntou ela pestanejando.
– O sr. Burke gostaria de fazer uma oferta melhor pela armadura fabricada pelos duendes – respondeu Voldemort. – Quinhentos galeões, ele acha mais do que justo...
– Ora, ora, vamos com calma ou pensarei que você só veio aqui por causa das minhas bugigangas! – disse Hepzibá, fazendo beicinho.
– Sou mandado aqui por causa delas – respondeu Voldemort em voz baixa. – Sou apenas um pobre balconista, madame, que precisa cumprir ordens. O sr. Burke quer que eu indague...
– Ah, fiau para o sr. Burke! – exclamou Hepzibá, fazendo um gesto de descaso com sua mãozinha. – Tenho uma coisa para lhe mostrar que jamais mostrei ao sr. Burke! Você é capaz de guardar um segredo, Tom? Promete que não contará ao sr. Burke o que tenho? Ele não me daria mais descanso se soubesse que lhe mostrei, e não quero vender nem ao Burke nem a ninguém! Mas você, Tom, você saberá apreciar a peça por sua história, não pelos galeões que poderá obter com sua venda...
– Teria prazer em ver qualquer coisa que a srta. Hepzibá me mostrasse – respondeu Tom sem altear a voz, e a bruxa deu mais uma risadinha juvenil.
– Mandei Hóquei buscar... Hóquei, cadê você? Quero mostrar ao sr. Riddle o nosso mais *belo* tesouro... na verdade, aproveite e traga os dois...
– Aqui estão, madame – guinchou a elfo, e Harry viu dois estojos de couro, sobrepostos, deslocando-se pela sala como se tivessem vontade própria, embora ele soubesse que a minúscula elfo os carregava à cabeça, contornando mesas, pufes e banquinhos.
– Agora! – exclamou Hepzibá alegremente, recebendo os estojos da elfo e apoiando-os no colo para abrir o de cima. – Acho que você vai gostar, Tom... ah, se a minha família soubesse o que estou lhe mostrando... mal podem esperar para

pôr as mãos nisso!
A bruxa abriu a tampa. Harry chegou um pouquinho à frente para poder ver melhor e deparou com um objeto que parecia uma tacinha de ouro com duas asas finamente lavradas.
– Será que você sabe o que é isso, Tom? Pegue, dê uma boa olhada! – sussurrou Hepzibá; Voldemort esticou seus dedos compridos e retirou a taça, pela asa, do encaixe de seda franzida. Harry achou ter percebido um fulgor vermelho em seus olhos escuros. Sua expressão cobiçosa refletiu-se curiosamente no rosto de Hepzibá, exceto que os olhinhos da bruxa estavam fixos nas belas feições de Voldemort.
– Uma insígnia – murmurou Voldemort, examinando a gravação na taça. – Então isto era...
– De Helga Hufflepuff, como você sabe muito bem, seu danadinho! – exclamou Hepzibá, inclinando-se para a frente, produzindo fortes estalos em seu espartilho e dando um beliscão na bochecha magra de Voldemort. – Eu não lhe disse que era uma descendente distante de Helga? A taça vem passando de uma geração a outra em nossa família há anos. Linda, não é? E possui vários poderes também, segundo dizem, mas não experimentei todos, me contento em guardá-la bem segura aqui...
Ela soltou a taça do longo indicador de Voldemort e devolveu-a gentilmente ao estojo, absorta demais em repô-la na posição correta para notar a sombra que perpassou o rosto de Voldemort quando tirou a taça da mão dele.
– Agora – disse Hepzibá alegre –, onde foi a Hóquei? Ah, sim, aí está você... leve isto para guardar, Hóquei...
A elfo apanhou obedientemente o estojo, e Hepzibá voltou sua atenção para a outra caixa bem mais fina em seu colo.
– Acho que você vai gostar deste ainda mais, Tom – sussurrou ela. – Chegue mais perto, caro rapaz, para poder vê-lo... é claro que Burke sabe que tenho isto, comprei-o na mão dele e acho que ele adoraria recomprá-lo quando eu me for...
Ela empurrou o delicado fecho de filigrana e abriu a caixa. Ali, sobre o macio forro de veludo vermelho, havia um pesado medalhão de ouro.
Desta vez Voldemort estendeu a mão sem esperar convite e ergueu a peça à luz para examiná-la.
– É a marca de Slytherin – disse baixinho, quando a luz incidiu sobre um S floreado e serpentino.
– Exatamente! – exclamou Hepzibá, revelando-se encantada com a visão de Voldemort a admirar, fascinado, o seu medalhão. – Tive de pagar um braço e uma perna por ele, mas não podia deixar passar a ocasião, não de adquirir um verdadeiro tesouro como este, precisava tê-lo na minha coleção. Pelo que soube,

Burke o comprou de uma mulher esfarrapada que pelo jeito o roubara, mas não tinha a menor ideia do seu real valor...

Desta vez não havia engano: os olhos de Voldemort produziram um lampejo vermelho ao ouvir essas palavras, e Harry viu os nós dos seus dedos, que seguravam a corrente do medalhão, embranquecerem.

– ... acho que Burke pagou à mulher uma ninharia, mas aí o tem... bonito, não é? E como o outro, atribuem a este todo o tipo de poder, embora eu apenas o guarde em segurança...

Ela estendeu a mão para retomar o medalhão. Por um momento, Harry pensou que Voldemort não ia deixar, mas logo o medalhão escorregava entre seus dedos e estava de volta ao acolchoado de veludo vermelho.

– Eis aí, Tom, querido, e espero que você tenha gostado!

A bruxa olhou-o diretamente no rosto e, pela primeira vez, Harry viu o sorriso tolo dela vacilar.

– Você está bem, querido?

– Ah, sim – respondeu Voldemort, quieto. – Estou muito bem...

– Pensei... deve ter sido uma ilusão de ótica – disse Hepzibá, parecendo nervosa, e Harry imaginou que a bruxa, também, vira o momentâneo brilho vermelho nos olhos de Voldemort. – Tome aqui, Hóquei, leve e tranque-os outra vez... os feitiços de sempre...

– Hora de partir, Harry – disse Dumbledore calmamente, e, quando a pequena elfo saía balançando o estojo na cabeça, Dumbledore mais uma vez segurou o braço de Harry e juntos atravessaram o olvido de volta ao escritório de Dumbledore.

– Hepzibá Smith morreu dois dias depois dessa breve cena – comentou Dumbledore, retomando seu lugar e indicando que Harry fizesse o mesmo. – Hóquei, a elfo doméstica foi condenada pelo Ministério por ter envenenado o chocolate noturno de sua senhora, por engano.

– Nem pensar! – exclamou Harry enraivecido.

– Vejo que concordamos inteiramente. Com certeza há muitas semelhanças entre essa morte e a dos Riddle. Nos dois casos, outra pessoa levou a culpa, alguém que tinha perfeita lembrança de ter causado a morte...

– Hóquei confessou?

– Ela se lembrou de ter posto alguma coisa no chocolate de sua senhora, e descobriram que não era açúcar mas um veneno letal e pouco conhecido – explicou Dumbledore. – Concluíram que não houve intenção, mas por ser velha e confusa...

– Voldemort alterou a memória dela, exatamente como fez com Morfino!

– Foi o que concluí também – disse Dumbledore. – E tal como no caso de

Morfino, o Ministério estava predisposto a suspeitar de Hóquei...

– ... porque era uma elfo doméstica – concluiu Harry. Poucas vezes sentira tanta simpatia pela sociedade que Hermione fundara, o F.A.L.E.

– Precisamente – disse Dumbledore. – Ela era velha, admitiu ter misturado a bebida, e ninguém no Ministério se deu ao trabalho de indagar mais nada. Como no caso do Morfino, quando finalmente localizei-a e consegui extrair esta lembrança, estava praticamente à morte... mas a lembrança, é claro, não prova nada exceto que Voldemort sabia da existência da taça e do medalhão.

“Quando finalmente Hóquei foi condenada, a família de Hepzibá já dera por falta de dois dos seus mais valiosos tesouros. Mas os herdeiros levaram algum tempo para se certificarem, porque a bruxa tinha muitos esconderijos e sempre guardara com muito zelo sua coleção. Antes, porém, que estivessem absolutamente seguros de que a taça e o medalhão haviam desaparecido, o balconista que trabalhara para a Borgin & Burkes, o jovem que visitara Hepzibá com tanta regularidade e a impressionara tão bem, tinha se demitido e se eclipsado. Seus empregadores não faziam ideia aonde fora; ficaram tão surpresos quanto os demais, com o seu sumiço. E, durante muito tempo, essa foi a última vez que alguém viu ou ouviu falar de Tom Riddle.

“Agora”, continuou Dumbledore, “se você não se opuser, Harry, quero fazer outro parêntese para destacar certos pontos de nossa história. Voldemort tinha cometido mais um homicídio; se era o primeiro desde que matara os Riddle, eu não sei, mas acho que sim. Desta vez, como você deve ter percebido, ele não matou para se vingar, mas para lucrar. Queria os dois fabulosos troféus que aquela pobre mulher vaidosa lhe mostrou. Da mesma forma que, no passado, roubara as outras crianças no orfanato, da mesma forma que roubara o anel de seu tio Morfino, ele agora fugia com a taça e o medalhão de Hepzibá.”

– Mas – interpôs Harry, franzindo a testa – me parece loucura... arriscar tudo, jogar o emprego para o alto, só para obter...

– Loucura para você, talvez, mas não para Voldemort. Espero que, com o tempo, você compreenda exatamente o que esses objetos significavam para ele, Harry, mas admita que não é difícil imaginar que ele considerou que pelo menos o medalhão era legitimamente dele.

– O medalhão talvez, mas por que levar a taça também?

– Tinha pertencido a outro dos fundadores de Hogwarts. Acho que ele ainda sentia uma grande atração pela escola e que não poderia resistir a um objeto tão impregnado com sua história. Penso que havia outras razões... e espero, com o tempo, poder comprová-las a você.

“E agora vamos à última lembrança que tenho para mostrar, pelo menos até que você consiga obter para nós a do professor Slughorn. Dez anos separam a

lembrança de Hóquei desta outra, dez anos durante os quais podemos apenas imaginar o que Lorde Voldemort esteve fazendo...”

Harry se levantou mais uma vez enquanto Dumbledore esvaziava a última lembrança na Penseira.

– De quem é a lembrança? – perguntou ele.

– Minha – disse Dumbledore.

E Harry mergulhou depois de Dumbledore na instável massa de prata para aterrissar, em seguida, no mesmo escritório que acabara de deixar. Lá estava Fawkes, dormindo feliz em seu poleiro, e lá estava Dumbledore, à sua escrivaninha, muito parecido com este ao lado de Harry, embora tivesse as duas mãos sadias e o rosto talvez um pouco menos enrugado. A única diferença entre o escritório atual e este outro era que estava nevando no da lembrança; flocos azulados passavam flutuando pela janela escura e se acumulavam na aba externa da janela.

O Dumbledore mais jovem parecia estar à espera de alguém e, de fato, momentos depois de chegarem, ouviram uma batida na porta.

– Entre – disse Dumbledore.

Harry deixou escapar uma exclamação imediatamente reprimida. Voldemort entrara na sala. Suas feições não eram as que Harry vira emergir do grande caldeirão de pedra quase dois anos antes: não eram tão ofídias, os olhos ainda não eram vermelhos, o rosto ainda não era uma máscara, mas ele deixara de ser o bonito Tom Riddle. Era como se suas feições tivessem queimado e embaçado; estavam macilentas e estranhamente distorcidas, e o branco dos olhos parecia estar permanentemente injetado, embora as pupilas ainda não fossem as fendas que Harry sabia que viriam a ser. Ele trajava uma longa capa preta, e seu rosto estava branco como a neve que brilhava em seus ombros.

O Dumbledore à escrivaninha não demonstrou surpresa alguma. Evidentemente a visita fora marcada com antecedência.

– Boa-noite, Tom – disse o diretor com simplicidade. – Não quer sentar?

– Obrigado – agradeceu Voldemort, e se sentou na cadeira que Dumbledore indicara: pelo visto, a mesma que Harry acabara de deixar no presente. – Soube que se tornou diretor – sua voz estava um pouco mais aguda e mais fria do que antes –, uma escolha merecida.

– Fico satisfeito que você aprove – disse Dumbledore sorridente. – Posso lhe oferecer uma bebida?

– Seria bem-vinda. Vim de muito longe.

Dumbledore se levantou e foi até o armário onde agora guardava a Penseira, e que, então, estava cheio de garrafas. Tendo dado a Voldemort uma taça de vinho, e em seguida se servido, voltou ao seu lugar à escrivaninha.

– Então, Tom... a que devo o prazer?
Voldemort não respondeu de imediato, apenas tomou um golinho do vinho.
– Não me chamam mais de Tom. Hoje em dia sou conhecido como...
– Eu sei como você é conhecido – interrompeu-o Dumbledore com um sorriso agradável. – Mas, para mim, receio que você sempre será o Tom Riddle. É uma das coisas irritantes nos antigos professores, eles nunca chegam a esquecer a juventude dos seus pupilos.
Ele ergueu a taça como se brindasse a Voldemort, cujo rosto permaneceu inexpressivo. Harry, no entanto, sentiu a atmosfera no aposento mudar sutilmente: a recusa de Dumbledore em usar o nome escolhido por Voldemort era uma recusa a permitir que ditasse os termos do encontro, e Harry percebeu que Voldemort assim entendera.
– Estou surpreso que tenha permanecido aqui tanto tempo – recomeçou Voldemort após uma breve pausa. – Eu sempre me perguntei por que um bruxo como você jamais quis deixar a escola.
– Bem – respondeu Dumbledore, ainda sorrindo –, para um bruxo como eu, não pode haver nada mais importante do que transmitir artes antigas, ajudar a afinar a mente dos jovens. Se me lembro corretamente, no passado você também se sentiu atraído pelo ensino.
– Ainda me sinto – disse Voldemort. – Simplesmente me perguntei por que você, a quem tantas vezes o Ministério tem pedido conselhos, e a quem já foi oferecido duas vezes, acho, o posto de ministro...
– Na realidade já foram três vezes. Mas o Ministério nunca me atraiu como carreira. Mais uma coisa que temos em comum, acho.
Voldemort curvou a cabeça sem sorrir e tomou mais um golinho do vinho. Dumbledore não quebrou o silêncio que se alongou entre os dois, antes aguardou que Voldemort falasse primeiro com uma expressão de cordial expectativa.
– Voltei – disse ele depois de algum tempo –, talvez mais tarde do que o professor Dippet esperava... mas voltei, mesmo assim, para tornar a solicitar o que ele certa vez me recusou dizendo que eu era jovem demais para ser. Vim procurá-lo para pedir que me permita retornar a este castelo como professor. Acho que você deve saber que vi e fiz muita coisa desde que saí. Poderia mostrar e contar coisas aos seus estudantes que não poderiam aprender com nenhum outro bruxo.
Dumbledore fitou Voldemort por cima de sua taça por um tempo antes de falar.
– Certamente sei que você viu e fez muita coisa desde que nos deixou – disse calmo. – Os rumores dos seus feitos alcançaram sua antiga escola, Tom. E eu lamentaria ter de acreditar sequer em metade deles.

A expressão de Voldemort não se alterou ao responder:
– A grandeza inspira a inveja, a inveja engendra o despeito, o despeito produz a mentira. Você deve saber disso, Dumbledore.
– Você chama de “grandeza” o que tem feito? – perguntou o diretor gentilmente.
– Sem dúvida. – Os olhos de Voldemort pareciam rutilar. – Fiz experiências; levei as possibilidades da magia a extremos a que jamais alguém levou...
– De alguns tipos de magia – corrigiu-o Dumbledore tranquilamente. – De alguns. De outros você continua... me desculpe dizer... lamentavelmente ignorante.
Pela primeira vez Voldemort sorriu. Foi um esgar tenso, maligno, mais ameaçador do que uma expressão de cólera.
– O velho argumento – disse brandamente. – Mas nada que vi no mundo respaldou as suas famosas declarações de que o amor é mais poderoso do que o meu tipo de magia, Dumbledore.
– Talvez você tenha procurado nos lugares errados – sugeriu o diretor.
– Bem, então que melhor lugar para começar novas pesquisas do que aqui, em Hogwarts? – contrapôs Voldemort. – Você me deixará voltar? Você me deixará dividir meus conhecimentos com os seus estudantes? Coloco a minha pessoa e os meus talentos à sua disposição. Estou às suas ordens.
Dumbledore ergueu as sobrancelhas.
– E o que acontecerá àqueles que recebem as *suas* ordens? Que acontecerá àqueles que se intitulam, ou assim corre o boato, Comensais da Morte?
Harry percebeu que Voldemort não esperava que Dumbledore conhecesse esse nome; viu os olhos do bruxo tornarem a rutilar e suas narinas finas se alargarem.
– Meus amigos – respondeu ele após breve pausa – prosseguirão sem mim, tenho certeza.
– Fico contente em ouvir que os considera seus amigos. Tive a impressão de que eram mais seus servos.
– Está enganado.
– Então se eu fosse ao Cabeça de Javali hoje à noite, não encontraria um grupo deles, Nott, Rosier, Mulciber, Dolohov, aguardando a sua volta? Amigos verdadeiramente dedicados, que fazem com você uma viagem tão longa em uma noite de nevasca, meramente para lhe desejar boa sorte em sua tentativa de obter um cargo de professor.
Não poderia haver dúvida de que o conhecimento detalhado de Dumbledore sobre o grupo com quem Voldemort estava viajando foi ainda mais mal recebido; ele, porém, replicou quase imediatamente.
– Você continua onisciente como sempre, Dumbledore.

– Ah, não, apenas tenho boas relações com os donos de bares locais – respondeu ele descontraído. – Agora, Tom...

Dumbledore pousou o copo vazio e se empertigou na cadeira, unindo as pontas dos dedos em um gesto muito seu.

– ... vamos falar francamente. Por que veio aqui hoje, cercado de capangas, para pedir um emprego que ambos sabemos que você não quer?

Voldemort mostrou-se friamente surpreso.

– Um emprego que não quero? Pelo contrário, Dumbledore, quero e muito.

– Ah, você quer voltar a Hogwarts, mas quer tanto ensinar aqui quanto queria aos dezoito anos. Que é que você está procurando, Tom? Por que não experimenta pedir abertamente uma vez na vida?

Voldemort riu com desdém.

– Se você não quiser me dar um emprego...

– Claro que não quero. E não acho nem por um minuto que você esperava outra resposta. Contudo, você veio e pediu, logo deve ter uma razão.

Voldemort se levantou. Parecia menos que nunca o Tom Riddle, suas feições inchadas de fúria.

– Esta é a sua resposta definitiva?

– É – disse o diretor levantando-se também.

– Então não temos mais nada a conversar.

– Não, nada. – E uma grande tristeza se espalhou pelo rosto de Dumbledore. – Já se foi o tempo em que eu podia assustá-lo com um guarda-roupa em chamas e forçá-lo a compensar os seus crimes. Mas quem me dera poder, Tom... quem me dera poder.

Por um segundo, Harry esteve a ponto de gritar um aviso inútil: tinha certeza de que a mão de Voldemort tremera em direção ao bolso e à varinha; mas o momento passou, Voldemort deu as costas, a porta foi se fechando e ele partiu.

Harry sentiu a mão de Dumbledore fechar sobre o seu braço e momentos depois estavam parados quase no mesmo lugar, mas não havia neve se acumulando na aba da janela, e a mão do diretor estava escura e sem vida.

– Por quê? – perguntou Harry em seguida, encarando Dumbledore no rosto. – Por que ele voltou? O senhor chegou a descobrir?

– Tenho algumas ideias, mas não mais que ideias.

– Que ideias, senhor?

– Contarei a você quando tiver recuperado aquela lembrança do professor Slughorn. Quando você tiver aquela última peça do quebra-cabeça, tudo ficará claro, assim espero... para nós dois.

Harry continuava a arder de curiosidade e, embora Dumbledore tivesse ido até a porta e a mantivesse aberta para ele, o garoto não se mexeu logo.

– Ele queria novamente o cargo de Defesa Contra as Artes das Trevas, senhor? Ele não disse...

– Ah, sem a menor dúvida ele queria o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. O rescaldo do nosso breve encontro comprova isso. Observe que nunca conseguimos manter um professor de Defesa Contra as Artes das Trevas por mais de um ano desde que recusei o cargo a Lorde Voldemort.

— CAPÍTULO VINTE E UM —

A sala impenetrável

Na semana seguinte, Harry deu tratos à imaginação buscando um meio de convencer Slughorn a entregar a lembrança verdadeira, mas não lhe ocorreu nada parecido com uma tempestade cerebral, e ele foi compelido a fazer o que ultimamente fazia, e com crescente frequência, quando se sentia perdido: examinava com atenção o livro de Poções, na esperança de que o Príncipe tivesse feito às margens alguma anotação útil, como tantas vezes antes.

– Você não vai achar nada aí – disse Hermione com firmeza, já tarde, no domingo à noite.

– Não começa, Hermione. Se não fosse o Príncipe, Rony não estaria sentado aqui agora.

– Estaria, se você tivesse prestado atenção ao Snape no primeiro ano – retrucou Hermione conclusivamente.

Harry ignorou-a. Acabara de encontrar um encantamento (*Sectumsempra!)* escrito à margem, acima da surpreendente frase "Para os inimigos", e ficou em cócegas para experimentá-lo, mas achou melhor não fazê-lo na frente de Hermione. Então, dobrou discretamente o canto da página.

Os três estavam sentados junto à lareira na sala comunal; além deles, as únicas pessoas acordadas eram outros sextanistas. Mais cedo, ocorrera certo alvoroço quando voltavam do jantar e encontraram um novo aviso no quadro, marcando a data para o teste de Aparatação. Os que completassem dezessete anos até a data do primeiro teste, inclusive, vinte e um de abril, poderiam se inscrever para aulas práticas suplementares, que teriam lugar (sob rigorosa supervisão) em Hogsmeade.

Rony entrara em pânico ao ler o aviso: ainda não conseguira aparatar, e temia que não estivesse pronto para o teste. Hermione, que até então já conseguira aparatar duas vezes, sentia-se um pouco mais confiante, mas Harry, que só completaria dezessete anos em quatro meses, não poderia fazer o teste, quer

estivesse pronto ou não.
– Mas pelo menos você consegue aparatar! – exclamou Rony tenso. – Não terá problema em julho!
– Só consegui uma vez – lembrou Harry; ele finalmente desaparecera e reaparecera dentro do aro uma vez na aula anterior.
Depois de ter gasto um bom tempo comentando suas preocupações em voz alta, Rony agora se empenhava em terminar um trabalho barbaramente difícil passado por Snape, que Harry e Hermione já haviam concluído. Harry tinha plena certeza de que receberia uma nota baixa, porque discordara de Snape quanto à melhor maneira de enfrentar dementadores, mas nem ligava: no momento, a lembrança de Slughorn era o mais importante.
– Estou dizendo que esse Príncipe idiota não vai ajudar você Harry! – falou Hermione em voz mais alta. – Só tem uma maneira de forçar alguém a fazer o que a gente quer, é a Maldição Imperius, que é ilegal...
– É, eu sei, obrigado – disse Harry, sem tirar os olhos do livro. – É por isso que estou procurando alguma coisa diferente. Dumbledore diz que o Veritaserum não resolve, mas talvez haja outra coisa, uma poção ou um feitiço...
– Você está abordando o problema pelo ângulo errado – explicou Hermione. – Dumbledore diz que somente você pode obter a lembrança. Isto deve significar que você pode persuadir Slughorn enquanto as outras pessoas não. Não é uma questão de dar a ele uma poção, pois qualquer um poderia fazer isso...
– Como é que se escreve “beligerante”? – perguntou Rony, sacudindo com força sua pena sem tirar os olhos do seu pergaminho. – Não pode ser B-U-M.
– Não, não é – respondeu Hermione, puxando para perto o trabalho de Rony. – E “augúrio” também não começa com O-R-G. Que tipo de pena você está usando?
– Uma das Penas Autorrevisoras de Fred e Jorge... mas acho que o feitiço deve estar enfraquecendo...
– Talvez – disse Hermione, apontando para o título do trabalho –, porque o trabalho era descrever como enfrentaríamos dementadores e não “cava-charcos”, e também não me lembro de você ter mudado seu nome para “Roonil Wazlib”.
– Ah, não! – exclamou Rony, olhando horrorizado para o pergaminho. – Não me diga que vou ter de escrever tudo de novo!
– Não esquenta, a gente pode dar um jeito – disse Hermione, trazendo o trabalho para mais perto e tirando a varinha.
– Adoro você, Hermione – disse Rony, recostando-se na poltrona e esfregando os olhos, cansado.
Hermione ficou ligeiramente rosada, mas respondeu apenas:
– Não deixe a Lilá ouvir você dizendo isso.

– Não deixarei – falou ele, cobrindo a boca com as mãos. – Ou talvez deixe... aí ela me dá o fora...
– Por que você não dá o fora nela, se quer terminar? – indagou Harry.
– Você nunca terminou com ninguém, não é? – replicou Rony. – Você e Cho simplesmente...
– Meio que nos afastamos, sei – concordou Harry.
– Eu gostaria que isso acontecesse comigo e a Lilá – disse Rony sombriamente, enquanto observava Hermione tocar com a ponta da varinha cada uma das palavras erradas, fazendo com que se corrigissem. – Mas quanto mais insinuo que quero terminar, mais ela se agarra em mim. É como se eu estivesse namorando a lula-gigante.
– Pronto – disse Hermione, uns vinte minutos depois, devolvendo o trabalho de Rony.
– Valeu. Me empresta a sua pena para eu escrever a conclusão?
Harry, que até então não encontrara nada que lhe servisse nas anotações do Príncipe Mestiço, correu os olhos pela sala; agora só restavam os três ali, Simas tinha acabado de subir, xingando Snape e o trabalho. Os únicos ruídos eram as chamas crepitando e Rony arranhando o último parágrafo sobre os dementadores, com a pena de Hermione. Harry tinha acabado de fechar o livro do Príncipe Mestiço com um bocejo quando...
Craque.
Hermione soltou um gritinho; Rony respingou tinta por todo o pergaminho e Harry exclamou:
– Monstro!
O elfo doméstico fez uma profunda reverência e falou, encarando os próprios pés nodosos:
– O senhor disse que queria relatórios regulares sobre o que o garoto Malfoy está fazendo, por isso Monstro veio apresentar...
Craque.
Dobby apareceu ao lado de Monstro, o abafador de chá enviesado na cabeça.
– Dobby esteve ajudando também, Harry Potter! – guinchou, lançando a Monstro um olhar rancoroso. – E Monstro deve avisar a Dobby quando vem ver Harry Potter para podermos fazer os relatórios juntos!
– Que é isso? – perguntou Hermione ainda assustada com as repentinas aparições. – Que está acontecendo, Harry?
Ele hesitou antes de responder, porque não contara à amiga que mandara Monstro e Dobby seguirem Malfoy; elfos domésticos eram sempre um assunto muito melindroso com Hermione.
– Bem... eles estão seguindo Malfoy para mim – respondeu ele.

– Dia e noite – crocitou Monstro.
– Dobby não dorme há uma semana, Harry Potter! – informou Dobby com orgulho, balançando o corpo.
Hermione mostrou-se indignada.
– Você não tem dormido, Dobby? Mas, Harry, com certeza você não disse a ele para não...
– Não, é claro que não disse. Dobby, você pode dormir, certo? Mas algum de vocês descobriu alguma coisa? – apressou-se a perguntar antes que Hermione pudesse intervir novamente.
– O senhor Malfoy anda com uma nobreza que condiz com o seu sangue puro – crocitou imediatamente Monstro. – As feições dele lembram a ossatura delicada da minha senhora, e suas maneiras são as de...
– Draco Malfoy é um garoto mau! – esganiçou-se Dobby enraivecido. – Um garoto mau que... que...
Ele estremeceu da borla do abafador de chá às pontas das meias e correu para a lareira, como se quisesse mergulhar nela; Harry, pego de surpresa, agarrou-o pela cintura e segurou-o firme. Durante alguns segundos Dobby se debateu e, em seguida, afrouxou o corpo.
– Obrigado, Harry Potter – ofegou o elfo. – Dobby ainda acha difícil falar mal dos seus antigos senhores...
Harry soltou-o; Dobby endireitou o abafador de chá e desafiou Monstro:
– Mas o Monstro devia saber que Draco Malfoy não é um bom senhor para um elfo doméstico!
– É, não precisamos ouvir você falar de sua paixão pelo Malfoy – disse Harry a Monstro. – Vamos passar adiante e falar sobre o que ele anda realmente fazendo.
Monstro tornou a se curvar, furioso e relatou:
– O senhor Malfoy come no Salão Principal, dorme no dormitório nas masmorras, assiste às aulas sobre vários...
– Dobby, me informe você – ordenou Harry, interrompendo o Monstro. – Ele tem ido a algum lugar aonde não deveria ir?
– Harry Potter, senhor – guinchou Dobby, seus enormes olhos redondos refletindo a luz das chamas –, o rapaz Malfoy não está desrespeitando nenhuma regra que Dobby conheça, mas continua procurando evitar que o vejam. Tem feito visitas frequentes ao sétimo andar com uma variedade de estudantes que ficam vigiando enquanto ele entra...
– Na Sala Precisa! – exclamou Harry, dando uma forte pancada na testa com o *Estudos avançados no preparo de poções*. Hermione e Rony olharam-no espantados. – É aonde ele tem ido! É lá que está fazendo... seja lá o que for! E

aposto que é por isso que vive desaparecendo do mapa: pensando bem, nunca vi a Sala Precisa lá!

– Vai ver os Marotos nunca souberam que a sala existia – disse Rony.

– Acho que deve fazer parte da magia da Sala – comentou Hermione. – Se você quer que não seja localizável, então não será.

– Dobby, você conseguiu entrar para ver o que Malfoy está fazendo? – perguntou Harry ansioso.

– Não, Harry Potter, isto é impossível.

– Não, não é – respondeu Harry imediatamente. – Malfoy entrou na nossa sede no ano passado, então posso entrar e espioná-lo também, sem problema.

– Mas acho que você não vai poder, Harry – disse Hermione lentamente. – Malfoy sabia exatamente para que usávamos a Sala, não é, porque a burra da Marieta deu com a língua nos dentes. Ele precisou que a Sala se transformasse na sede da AD, e isto aconteceu. Mas você não sabe em que se transforma a Sala quando Malfoy entra lá, então não vai poder pedir que a Sala se transforme.

– Encontrarei um jeito de contornar isso – respondeu Harry, sem fazer caso. – Você foi genial, Dobby.

– O Monstro também se saiu bem – aparteou Hermione gentilmente; mas longe de demonstrar gratidão, Monstro desviou seus enormes olhos injetados e crocitou para o teto:

– A Sangue Ruim está falando com o Monstro, o Monstro vai fingir que é surdo...

– Cai fora – mandou Harry com rispidez, e Monstro fez uma última reverência profunda e desaparatou. – É melhor você ir dormir um pouco também, Dobby.

– Obrigado, Harry Potter, senhor! – Dobby guinchou feliz e também sumiu.

– Que acham disso? – perguntou Harry entusiasmado, virando-se para Rony e Hermione no instante em que se livraram dos elfos. – Sabemos aonde Malfoy está indo! Agora nós o encurralamos!

– É, legal – respondeu Rony mal-humorado, tentando enxugar a papa de tinta em cima do que fora, até alguns instantes, um dever de casa quase concluído. Hermione puxou o pergaminho e começou a aspirar a tinta com a varinha.

– Mas que história é essa do Malfoy subir com uma “variedade de estudantes”? – perguntou Hermione. – Quantas pessoas estão sabendo do que acontece? Ninguém imaginaria que ele fosse confiar o que faz a tanta gente...

– É, é esquisito – concordou Harry, franzindo a testa. – Ouvi Malfoy dizendo ao Crabbe que não era da conta dele o que estava fazendo... então o que está dizendo a todos esses... todos esses...

A voz de Harry foi morrendo; ele olhava fixamente para as chamas.

– Deus, que burrice a minha – comentou baixinho. – É óbvio, não é? Tinha

um grande barril de poção lá embaixo na masmorra... ele pode ter afanado um pouco durante a aula...

– Afanado o quê? – perguntou Rony.

– Poção Polissuco. Ele roubou um pouco da Poção Polissuco que Slughorn nos mostrou na primeira aula... não tem uma variedade de estudantes montando guarda para Malfoy... É só o Crabbe e o Goyle, como sempre... é, agora tudo se encaixa! – exclamou Harry se levantando de um salto e começando a caminhar de lá para cá diante da lareira. – Eles são suficientemente burros para fazer o que são mandados fazer, mesmo que Malfoy não conte a eles do que se trata... mas, como não quer que sejam vistos rondando a Sala Precisa, fez os dois tomarem a Poção Polissuco para parecerem outras pessoas... aquelas duas garotas que vi com Malfoy quando ele faltou à partida de quadribol: ah! Crabbe e Goyle!

– Você quer dizer – falou Hermione baixinho –, que aquela garotinha da balança que eu consertei...?

– É, claro! – confirmou Harry em voz alta, olhando para a amiga. – Óbvio! Malfoy devia estar dentro da Sala naquele momento, então ela... que foi que eu disse?... *ele* dei xou cair a balança avisando a Malfoy para não sair, porque tinha gente ali! E teve também a outra garota que largou no chão as ovas de sapo. Passamos por eles o tempo todo sem perceber!

– Ele está obrigando Crabbe e Goyle a se transformarem em garotas? – perguntou Rony às gargalhadas. – Caramba... não admira que eles não andem nada felizes ultimamente... Fico surpreso que não mandem o Malfoy tomar...

– Bem, eles não mandariam, não é, se Malfoy tiver mostrado a Marca Negra que tem – lembrou Harry.

– A Marca Negra que não sabemos se existe – contrapôs Hermione, descrente, enrolando o trabalho de Rony antes que mais alguma coisa acontecesse, e devolvendo-o ao garoto.

– Veremos – disse Harry confiante.

– É, veremos – replicou Hermione levantando e se espreguiçando. – Mas, Harry, antes que você fique todo animado, continuo achando que não vai conseguir entrar na Sala Precisa se não souber primeiro o que tem lá dentro. E acho que você não devia esquecer – Hermione pôs a mochila no ombro e olhou muito séria para Harry – que você *devia* estar se concentrando em obter a lembrança do Slughorn. Boa-noite.

Harry observou Hermione se retirar, sentindo uma ligeira irritação. Quando a porta do dormitório das garotas se fechou, ele se virou para Rony.

– Que é que você acha?

– Que eu gostaria de desaparatar como um elfo doméstico – respondeu, olhando para o lugar em que Dobby sumira. – Aquele teste de Aparatação estaria

no papo.

Harry não dormiu bem aquela noite. Teve a sensação de ficar acordado horas, imaginando para que Malfoy estaria usando a Sala Precisa e o que ele, Harry, veria quando entrasse lá no dia seguinte, porque, a despeito do que Hermione dissera, era certo que, se Malfoy pudera ver a sede da AD, ele também poderia ver a sala de Malfoy... e seria o quê? Um local de encontro? Um esconderijo? Um depósito? Uma oficina? A mente de Harry trabalhou febrilmente, e seus sonhos, quando ele finalmente adormeceu, foram interrompidos e perturbados por imagens de Malfoy, que se transformava em Slughorn, que se transformava em Snape...

Harry estava num estado de grande ansiedade no café da manhã seguinte; tinha um período livre antes de Defesa Contra as Artes das Trevas e estava decidido a usá-lo para tentar entrar na Sala Precisa. Hermione mostrava ostensivo desinteresse por seus cochichos sobre os planos para arrombar a Sala Precisa, o que o irritou, porque Harry achava que ela poderia ajudar muito, se quisesse.

– Olhe – disse ele baixinho, inclinando-se para a frente e pondo a mão no *Profeta Diário* que ela acabara de tirar de uma coruja-correio, procurando impedir que Hermione o abrisse e desaparecesse atrás dele. – Não esqueci o Slughorn, mas não faço ideia de como vou obter aquela lembrança e, até que me ocorra uma tempestade cerebral, por que não posso descobrir o que Malfoy está fazendo?

– Já lhe disse, você precisa *persuadir* Slughorn. Não é uma questão de induzir ou enfeitiçar o professor, ou Dumbledore poderia ter feito isso em um segundo. Em vez de ficar rondando a Sala Precisa – ela puxou o *Profeta* que Harry segurava e abriu-o para olhar a primeira página –, você deveria procurar o Slughorn e começar a apelar para os bons instintos dele.

– Alguém que conhecemos...? – perguntou Rony, enquanto Hermione passava os olhos pelas manchetes.

– Sim! – exclamou Hermione fazendo Harry e Rony se engasgarem com a comida –, mas está tudo bem, ele não morreu: é sobre o Mundungo, ele foi preso e mandado para Azkaban! Parece que andou fingindo ser morto-vivo em uma tentativa de arrombamento... e alguém chamado Otávio Pepper desapareceu... ah, que coisa horrível, um garoto de nove anos foi preso por tentar matar os avós, acham que ele estava dominado pela Maldição Imperius...

Eles terminaram o café da manhã em silêncio. Hermione seguiu imediatamente para a aula de Runas Antigas, Rony, para a sala comunal, onde ainda precisava redigir a conclusão do trabalho sobre dementadores para Snape, e, Harry, para o corredor do sétimo andar e o trecho de parede defronte à

tapeçaria de Barnabás, o Amalucado ensinando balé a trasgos.
Harry cobriu-se com a Capa da Invisibilidade quando encontrou um corredor vazio, mas não precisava ter se preocupado. Quando chegou ao destino, não havia ninguém. Ficou em dúvida se suas chances de entrar na Sala seriam melhores com Malfoy dentro ou fora dela, mas pelo menos sua primeira tentativa não ia ser atrapalhada pela presença de Crabbe ou de Goyle travestidos de garotas de onze anos.
Ele fechou os olhos ao se aproximar do local onde se ocultava a porta da Sala Precisa. Sabia o que era necessário fazer; especializara-se nisso no ano anterior. Concentrando-se com todas as suas forças, pensou: *Preciso ver o que Malfoy está fazendo aí dentro... Preciso ver o que Malfoy está fazendo aí dentro... Preciso ver o que Malfoy está fazendo aí dentro*...
Três vezes ele passou pela porta, então, com o coração batendo forte de tanta excitação, ele abriu os olhos e olhou... mas continuou vendo uma comuníssima parede lisa.
Ele se aproximou e experimentou empurrá-la.
– O.k. – disse Harry em voz alta. – O.k... pensei a coisa errada...
Ele refletiu por um momento e, então, recomeçou de olhos fechados, concentrando-se o máximo possível.
Preciso ver o lugar aonde Malfoy sempre vem secretamente...
Depois de ir e vir três vezes, ele abriu os olhos, ansioso.
Não havia porta alguma.
– Ah, pode parar – disse ele à parede, irritado. – Dei uma ordem bem clara... ótimo...
Ele se concentrou durante vários minutos antes de sair andando mais uma vez.
Preciso que você se transforme no lugar que se transforma para Draco Malfoy...
Harry não abriu os olhos imediatamente ao terminar de ir e vir; apurou os ouvidos como se fosse possível ouvir a porta se materializar com um estalo. Mas não ouviu nada, exceto os pios distantes dos passarinhos lá fora. Abriu os olhos.
Continuava a não haver porta alguma.
Harry xingou. Alguém gritou. Ele se virou para olhar e viu um bando de calouros barulhentos voltando depressa para o corredor de onde vinham, aparentemente acreditando ter acabado de topar com um fantasma de boca muito suja.
Harry tentou todas as variações do “preciso ver o que Draco Malfoy está fazendo aí dentro” que lhe ocorreram em uma hora, ao fim da qual foi forçado a concordar que Hermione talvez estivesse certa: a Sala simplesmente não queria se abrir para ele. Frustrado e aborrecido, foi para a aula de Defesa Contra as

Artes das Trevas, tirando a Capa da Invisibilidade e enfiando-a na mochila durante o trajeto.

– Outra vez atrasado, Potter – disse Snape friamente, quando Harry entrou, apressado, na sala iluminada por velas. – Menos dez pontos para a Grifinória.

Harry amarrou a cara para o professor ao se atirar no assento ao lado de Rony; metade da turma ainda estava em pé, apanhando livros e se organizando; seu atraso não podia ser muito maior do que o dos outros colegas.

– Antes de começarmos, quero ver os seus trabalhos sobre dementadores – ordenou o professor, acenando displicentemente com a varinha e fazendo vinte e cinco pergaminhos levantarem voo e aterrissar em uma pilha ordeira sobre sua escrivaninha. – E espero, em seu benefício, que estejam melhores do que o chorrilho que tive de ler sobre a resistência à Maldição Imperius. Agora, queiram abrir seus livros na página... que foi, sr. Finnigan?

– Senhor – disse Simas –, como é que se pode diferenciar um morto-vivo ou Inferius de um fantasma? Por que saiu no *Profeta* uma notícia sobre um Inferius...

– Não, não saiu – respondeu Snape entediado.

– Mas, senhor, ouvi comentários...

– Se o senhor tivesse lido realmente a notícia em questão, sr. Finnigan, saberia que o assim chamado Inferius não passava de um ladrãozinho infecto chamado Mundungo Fletcher.

– Pensei que Snape e Mundungo estivessem do mesmo lado, não? – murmurou Harry para Rony e Hermione. – Ele não deveria estar aborrecido com a prisão de Mundungo...?

– Mas Potter parece ter muito a dizer sobre o assunto – falou Snape, apontando subitamente para o fundo da sala, seus olhos negros fixos em Harry. – Vamos perguntar a Potter como ele descreveria a diferença entre um morto-vivo e um fantasma.

A turma inteira se virou para Harry, que tentou rapidamente lembrar o que Dumbledore lhe dissera na noite em que tinham ido visitar Slughorn.

– Ah... bem... fantasmas são transparentes... – respondeu ele.

– Oh, muito bem – interrompeu-o Snape, encrespando desdenhosamente os lábios. – Sim, é fácil verificar que não desperdiçamos quase seis anos de estudos de magia com você, Potter. *Fantasmas são transparentes*.

Pansy Parkinson soltou uma risadinha aguda. Vários outros alunos sorriam debochados. Harry inspirou fundo e continuou calmamente, embora fervesse por dentro:

– Sim, fantasmas são transparentes, mas Inferi são corpos sem vida, certo? Então seriam sólidos...

– Uma criança de cinco anos poderia ter nos dito isso – zombou Snape. – Um Inferius é um morto que foi reanimado por meio de um feitiço das Trevas. Não está vivo, é meramente usado como uma marionete para cumprir as ordens do bruxo. Um fantasma, como espero que a esta altura todos saibam, é uma impressão deixada por um morto na terra... e é claro, como diz Potter tão sabiamente, é *transparente*.

– Bem, o que Harry disse é muito útil para diferenciarmos os dois! – comentou Rony. – Quando nos defrontarmos com uma aparição em um beco escuro, vamos olhar depressa para ver se é sólido, não é, não vamos perguntar: “Com licença, o senhor é uma impressão deixada por uma alma que partiu?”

Uma onda de risos percorreu a sala, mas foi imediatamente paralisada pelo olhar que Snape lançou à turma.

– Outros dez pontos a menos para a Grifinória – disse o professor. – Eu não esperaria nada mais sofisticado do senhor, Ronald Weasley, um rapaz tão sólido que é incapaz de aparatar dois centímetros em uma sala.

– *Não!* – sussurrou Hermione, agarrando Harry pelo braço, quando ele abriu a boca, enfurecido. – Não vale a pena, você vai acabar cumprindo mais uma detenção, deixa para lá!

– Agora abram os livros na página duzentos e treze – disse o professor com um sorrisinho – e leiam os primeiros dois parágrafos sobre a Maldição Cruciatus...

Rony ficou anormalmente quieto durante toda a aula. Quando por fim ouviram a sineta, Lilá alcançou Rony e Harry (Hermione sumira misteriosamente de vista à sua aproximação), e xingou Snape indignada por seu comentário maldoso sobre a Aparatação de Rony, mas, pelo visto, conseguiu apenas irritar o garoto, que se livrou dela entrando pelo banheiro masculino com Harry.

– Mas Snape tem razão, não é? – comentou Rony após se mirar em um espelho rachado por uns dois minutos. – Não sei se vale a pena fazer o teste. Simplesmente não consigo pegar o jeito da Aparatação.

– Seria bom você frequentar as aulas suplementares em Hogsmeade e ver se faz algum progresso – sugeriu Harry sensatamente. – Pelo menos, será mais interessante do que tentar entrar em um arco ridículo. E, se mesmo assim você não estiver... sabe... tão bom quanto gostaria de estar, pode adiar o teste, fazer comigo no ver... Murta, isso é um banheiro de garotos!

O fantasma de uma menina tinha se erguido de um boxe às costas deles e agora flutuava no ar, encarando os dois através de seus óculos grossos, brancos e redondos.

– Ah! – exclamou ela mal-humorada. – São vocês dois.

– Quem é que você estava esperando? – perguntou Rony, olhando-a pelo

espelho.
– Ninguém – respondeu Murta, cutucando pensativa uma espinha no queixo. – Ele disse que voltaria para me ver, mas *você* também disse que daria uma passadinha para me visitar... – ela lançou a Harry um olhar de censura – ... e não vejo você há meses sem conta. Já aprendi a não esperar muita coisa dos garotos.
– Pensei que você morava naquele banheiro das meninas – disse Harry, que havia anos tomara o cuidado de dar bastante distância daquele lugar.
– Moro – respondeu Murta encolhendo os ombros, sentida –, mas isso não quer dizer que não possa *visitar* outros lugares. Eu vim uma vez e vi você tomando banho, se lembra?
– Como se fosse hoje.
– Mas pensei que ele gostava de mim – continuou a fantasma queixosa. – Quem sabe se vocês dois saíssem, ele voltaria... temos muito em comum... com certeza ele sentiu isso...
E ela olhou esperançosa para a porta.
– Quando diz que vocês têm muito em comum – perguntou Rony achando muita graça –, você quer dizer que ele também frequenta o hospício?
– Não – protestou Murta em tom de desafio, que ecoou sonoramente pelo velho banheiro azulejado. – Quero dizer que ele é sensível, as pessoas implicam com ele também, e ele se sente solitário e não tem com quem conversar, e ele não tem medo de mostrar seus sentimentos e chorar!
– Esteve aqui um menino chorando? – perguntou Harry curioso. – Um garotinho?
– Não é da sua conta! – retrucou Murta, seus olhos miúdos e lacrimosos fixos em Rony, que agora não escondia o riso. – Prometi que não contaria a ninguém e vou levar o segredo dele para o...
– ... não para o túmulo, não é? – debochou ele, abafando uma risada. – Para a tubulação talvez...
Murta soltou um uivo de dor e tornou a mergulhar no vaso, fazendo a água transbordar no chão. Implicar com a fantasma pareceu ter dado a Rony um novo ânimo.
– Você tem razão – disse ele jogando a mochila sobre o ombro –, vou me inscrever nas aulas práticas de Hogsmeade e depois decidir se vou fazer o teste.
Assim, no fim de semana seguinte, Rony se reuniu a Hermione e aos outros sextanistas que completariam dezessete anos em tempo de fazer o teste dali a quinze dias. Harry sentiu certa inveja de vê-los se aprontar para ir a Hogsmeade; sentia falta dos passeios até a aldeia, e fazia um dia particularmente belo de primavera, um dos primeiros de céu claro nos últimos tempos. Ele resolvera, no entanto, aproveitar o tempo para tentar mais um assalto à Sala Precisa.

– Você faria melhor – retrucou Hermione quando o amigo confessou sua ideia a ela e Rony no Saguão de Entrada – se fosse direto ao escritório de Slughorn e tentasse obter a lembrança.

– Estou tentando! – defendeu-se Harry irritado, porque era a absoluta verdade. No fim de cada aula de Poções daquela semana demorara-se na masmorra tentando encurralar Slughorn, mas o professor sempre saía tão rápido que Harry não conseguia alcançá-lo. Duas vezes Harry fora ao seu escritório e batera na porta, mas não recebera resposta, embora na segunda vez ele tivesse certeza de que ouvira o som de um velho gramofone, em seguida abafado. – Ele não quer falar comigo, Hermione! Já percebeu que andei tentando ficar a sós com ele e não vai deixar que isto aconteça!

– Bem, você vai ter de continuar insistindo, não é mesmo?

A pequena fila de alunos aguardando passar por Filch, que fazia o seu costumeiro número de cutucar todo o mundo com o Sensor de Segredos, avançou alguns passos, e Harry não respondeu para evitar que o zelador o ouvisse. Desejou boa sorte a Rony e Hermione, então se virou para subir a escadaria de mármore, decidido, apesar dos conselhos de Hermione, a dedicar umas duas horas à Sala Precisa.

Uma vez longe do Saguão de Entrada, Harry apanhou o Mapa do Maroto e a sua Capa da Invisibilidade na mochila. Ocultando-se, deu um toque de varinha no mapa e murmurou: “Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom”, e examinou-o com atenção.

Por ser domingo de manhã, quase todos os alunos estavam em suas salas comunais, os da Grifinória em uma torre, os da Corvinal em outra, os da Sonserina nas masmorras e os da Lufa-Lufa no porão próximo às cozinhas. Aqui e ali, uma pessoa andava pela biblioteca ou por um corredor... havia pouca gente nos jardins... e ali, sozinho no corredor do sétimo andar, estava Gregório Goyle. Não havia sinal da Sala Precisa, mas Harry não estava preocupado com isto; se Goyle estava montando guarda, a Sala estava aberta, quer o mapa registrasse o fato ou não. Ele, portanto, subiu correndo as escadas e só diminuiu a marcha quando alcançou o canto do corredor, ponto em que começou a se esgueirar muito lentamente ao encontro da mesmíssima garotinha com a pesada balança que Hermione tão gentilmente ajudara quinze dias atrás. Ele esperou chegar às costas dela antes de se curvar e sussurrar:

– Olá... você é bem bonitinha, não é?

Goyle soltou um grito agudo de terror, atirou a balança para o ar e saiu desembalado, desaparecendo de vista antes que o estrondo da balança ao bater no chão parasse de ecoar no corredor. Às gargalhadas, Harry se virou para estudar a parede lisa atrás da qual Draco Malfoy certamente estaria agora

paralisado, consciente de que havia alguém indesejável lá fora, mas sem ousar aparecer. Isto deu a Harry uma agradável sensação de poder, enquanto tentava lembrar quais as frases que ainda não experimentara.

Contudo, sua esperança não durou muito. Meia hora depois, tendo experimentado outras tantas variações do seu pedido para ver o que Malfoy estava fazendo, a parede continuava sólida. Harry se sentiu incrivelmente frustrado; Malfoy talvez estivesse a poucos passos, e ele continuava a não ter o menor indício do que o garoto fazia lá dentro. Perdendo completamente a paciência, Harry avançou para a parede e chutou-a.

– Ai!

Ele achou que talvez tivesse quebrado o dedo do pé; enquanto o segurava dando pulos com o outro pé, a Capa da Invisibilidade escorregou do seu corpo.

– Harry?

Ele se virou ainda num pé só e desabou. E ali, para seu absoluto espanto, vinha Tonks caminhando em sua direção como se habitualmente frequentasse aquele corredor.

– Que é que você está fazendo aqui? – perguntou ele, erguendo-se depressa; por que será que ela sempre o encontrava caído no chão?

– Vim ver Dumbledore.

Harry achou que ela estava com uma aparência horrível; mais magra do que o normal, seus cabelos baços e lambidos.

– O escritório dele não é aqui – informou Harry –, é do outro lado do castelo, atrás da gárgula...

– Eu sei – respondeu Tonks. – Ele não está lá. Aparentemente viajou outra vez.

– Viajou? – admirou-se Harry, tornando a apoiar o pé machucado cuidadosamente no chão. – Ei, por acaso você não sabe aonde ele vai?

– Não.

– Que é que você queria com o Dumbledore?

– Nada importante – respondeu Tonks, brincando, aparentemente sem perceber, com a manga das vestes. – Pensei que ele talvez soubesse o que está acontecendo... ouvi boatos... teve gente machucada...

– É, eu sei, saiu nos jornais. O garotinho que tentou matar os...

– O *Profeta* mui tas vezes dá notícias com atraso – disse Tonks, que parecia não estar ouvindo Harry. – Você recebeu cartas de alguém da Ordem recentemente?

– Ninguém da Ordem me escreve mais, desde que Sirius...

Ele notou que os olhos de Tonks se encheram de lágrimas.

– Desculpe – murmurou sem graça. – Quero dizer... eu também sinto falta

dele...

– Quê?! – exclamou Tonks sem entender, como se não o tivesse ouvido. – Bem... a gente se vê por aí, Harry...

Ela deu as costas de repente, e saiu andando pelo corredor, deixando Harry sem resposta. Passado pouco mais de um minuto, ele tornou a se cobrir com a Capa da Invisibilidade e retomou seus esforços para entrar na Sala Precisa, mas perdera o interesse. Por fim, uma sensação de vazio no estômago e a noção de que Rony e Hermione logo voltariam para almoçar levaram-no a abandonar a tentativa e deixar o corredor livre para Malfoy, que, na melhor das hipóteses, continuaria apavorado demais para sair durante algumas horas.

Ele encontrou Rony e Hermione no Salão Principal, e eles já estavam na metade de um almoço antecipado.

– Consegui... bem, mais ou menos! – Rony contou entusiasmado a Harry assim que o avistou. – Eu tinha de aparatar até a porta do salão de chá de Madame Puddifoot e errei por pouco, fui parar próximo à Loja de Penas Escriba, mas pelo menos me desloquei!

– Legal! – exclamou Harry. – E você, como foi, Hermione?

– Ah, ela foi perfeita, é óbvio – informou Rony antes que Hermione pudesse responder. – Deliberação, Divinação e Desesperação, ou que nome tenham as cacas, perfeitas... depois a turma foi tomar um drinque rápido no Três Vassouras, e você devia ouvir o que o Twycross disse dela... vai ser uma surpresa se ele não fizer aquela pergunta logo, logo...

– E você? – perguntou Hermione, ignorando Rony. – Ficou lá em cima na Sala Precisa esse tempão?

– Fiquei, e adivinhe quem eu encontrei lá? Tonks!

– Tonks? – repetiram Rony e Hermione juntos, admirados.

– É, ela disse que tinha vindo visitar Dumbledore...

– Se você quer saber a minha opinião – disse Rony quando Harry acabou de relatar a conversa que tivera com Tonks –, ela está pirando. Perdeu a coragem depois do que aconteceu no Ministério.

– É meio estranho – comentou Hermione, que por alguma razão pareceu muito preocupada. – Ela devia estar guardando a escola, por que é que abandonou de repente o posto para vir ver Dumbledore se ele nem está aqui?

– Pensei numa coisa – disse Harry hesitante. Era estranho estar dizendo isso; era muito mais a área de Hermione do que a dele. – Você acha que ela talvez fosse... sabe... apaixonada pelo Sirius?

Hermione arregalou os olhos para ele.

– De onde foi que você tirou essa ideia?

– Não sei – respondeu Harry sacudindo os ombros –, mas ela estava quase

chorando quando mencionei o nome dele... e o Patrono dela agora é um quadrúpede... fiquei pensando se não teria se transformado... sabe... nele.

– É uma ideia – disse Hermione lentamente. – Mas continuo sem saber por que ela adentraria o castelo de repente para ver Dumbledore, se este era realmente o motivo por que estava aqui...

– O que nos traz de volta ao que eu disse, não é? – falou Rony, que agora enchia a boca de purê de batatas. – Ela ficou esquisita. Se acovardou. Mulheres – sentenciou ele para Harry. – Elas se perturbam à toa.

– Ainda assim – continuou Hermione despertando de suas divagações –, duvido que você encontre uma *mulher* que fique meia hora emburrada porque Madame Rosmerta não riu da piada que ela contou sobre a bruxa, o curandeiro e a *Mimbulus mimbletonia*.

Rony amarrou a cara.

— CAPÍTULO VINTE E DOIS —

Depois do enterro

Retalhos de céu muito azul estavam começando a aparecer sobre as torres do castelo, mas estes indícios da aproximação do verão não melhoraram o humor de Harry. Ele se frustrara tanto nas tentativas de descobrir o que fazia Malfoy quanto em seus esforços para iniciar uma conversa com Slughorn que pudesse levar o professor a lhe entregar a lembrança que aparentemente vinha reprimindo havia muitas décadas.

– Pela última vez, esquece o Malfoy – disse Hermione a Harry com firmeza.

Os três amigos estavam sentados a um canto ensolarado do pátio depois do almoço. Hermione e Rony seguravam um panfleto do Ministério da Magia: *Como evitar erros comuns em Aparatação,* porque iam fazer o teste naquela tarde, mas, em geral, os panfletos não tinham se mostrado eficazes para acalmar os nervos. Rony assustou-se e tentou se esconder atrás de Hermione ao ver uma garota entrar no pátio.

– Não é a Lilá – disse Hermione, impaciente.

– Ah, bom! – exclamou Rony relaxando.

– Harry Potter? – perguntou a garota. – Me pediram para lhe entregar isso.

– Obrigado...

Harry sentiu-se apreensivo ao receber o rolinho de pergaminho. Quando a garota se distanciou, ele comentou:

– Dumbledore disse que não teríamos mais aulas até eu conseguir a lembrança!

– Talvez ele queira saber como você está indo? – arriscou Hermione, enquanto Harry desenrolava o pergaminho; mas, em vez da letra longa, fina e inclinada de Dumbledore, ele deparou com uma caligrafia irregular e espalhada, muito difícil de se ler devido à presença de grandes borrões nos lugares em que a tinta escorrera.

Caros Harry, Rony e Hermione,

Aragogue morreu ontem à noite. Harry e Rony, vocês o conheceram, e sabem como ele era especial. Hermione, eu sei que você teria gostado dele. Significaria muito para mim se vocês dessem uma passada aqui mais tarde para o enterro. Pretendo fazer isso ao crepúsculo, que era a hora do dia que ele mais gostava. Sei que é proibido saírem tão tarde, mas podem usar a Capa. Eu não pediria se pudesse enfrentar esse momento sozinho.

Hagrid

– Dá uma olhada nisso – disse Harry, entregando o bilhete a Hermione.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou ela, correndo os olhos pelo bilhete e passando-o a Rony, que o leu com uma expressão de crescente incredulidade.

– Ele é *maluco*! – exclamou furioso. – Aquela coisa mandou a turma dele nos devorar! Disse para se servirem! E agora Hagrid espera que a gente vá lá embaixo chorar por aquele defunto peludo!

– E não é só isso – acrescentou Hermione. – Ele está nos pedindo para sair do castelo à noite, sabendo que a segurança está mil vezes mais rigorosa e que nos meteríamos em uma baita encrenca se fôssemos apanhados.

– Já descemos para ver Hagrid à noite antes – lembrou Harry.

– Mas por um motivo desse? – replicou Hermione. – Já nos arriscamos muito para ajudar o Hagrid, afinal o Aragogue morreu. Se fosse uma questão de salvar a vida dele...

– Eu teria ainda menos vontade de ir – interpôs Rony com firmeza. – Você não o conheceu, Hermione. Pode acreditar, morto ele deve estar bem melhor.

Harry recolheu o bilhete e olhou para os borrões de tinta. Sem dúvida, tinham caído lágrimas no pergaminho, grossas e sucessivas...

– Harry, você *não pode* estar pensando em ir – falou Hermione. – Não tem o menor sentido pegar uma detenção por uma coisa dessas.

Harry suspirou.

– É, sei disso. Presumo que o Hagrid vá ter de enterrar Aragogue sem a nossa presença.

– Vai – disse Hermione aliviada. – Olhem, a aula de Poções vai estar quase vazia hoje à tarde, todos estaremos fazendo os testes... aproveite para amaciar o Slughorn um pouco!

– Sorte na quinquagésima sétima vez, é isso? – perguntou Harry amargurado.

– Sorte! – exclamou Rony de repente. – Harry, é isso aí: mude a sorte!

– Como assim?

– Use a sua poção da sorte!

– Rony, é isso... isso aí! – concordou Hermione, com voz de espanto. – Claro! Por que não pensei nisso antes?

Harry encarou os dois.
– Felix Felicis? Não sei... estava meio que guardando...
– Para quê? – indagou Rony, incrédulo.
– Que pode ser mais importante do que essa lembrança, Harry? – perguntou Hermione.
O garoto não respondeu. A ideia daquele frasquinho dourado tinha pairado na periferia de sua imaginação por um bom tempo; planos vagos e não formulados que envolviam Gina romper o namoro com Dino, e Rony se alegrar de vê-la com um novo namorado, tinham fermentado nas profundezas do seu cérebro, inconfessados exceto em sonhos ou durante a sonolência que antecede o sono e o despertar...
– Harry? Você ainda está com a gente? – perguntou Hermione.
– Quê...? Claro – respondeu ele, voltando ao presente. – Bem... o.k. Se eu não conseguir fazer Slughorn falar hoje à tarde, vou tomar um pouco da Felix e tentar novamente à noite.
– Está decidido, então – aprovou Hermione com energia, ficando em pé e executando uma graciosa pirueta. – Destinação... determinação... deliberação – murmurou.
– Ah, pode parar – pediu Rony a ela. – Eu já estou até nauseado... rápido, me esconde!
– Não é a Lilá! – disse Hermione, impaciente, quando mais duas garotas chegaram ao pátio e Rony mergulhou atrás dela.
– Legal – disse o garoto, espiando por cima do ombro de Hermione para verificar. – Caramba, elas não parecem nada felizes, não é?
– São as irmãs Montgomery, e é claro que não estão nada felizes, você não soube o que aconteceu com o irmãozinho delas? – perguntou Hermione.
– Para ser sincero, já perdi a conta do que está acontecendo com os parentes de todo o mundo – disse Rony.
– Bem, o irmão delas foi atacado por um lobisomem. Corre o boato de que a mãe se recusou a ajudar os Comensais da Morte. O garoto só tinha cinco anos e morreu no St. Mungus, não conseguiram salvá-lo.
– Morreu? – repetiu Harry, chocado. – Mas com certeza os lobisomens não matam, só transformam a pessoa em um deles.
– Às vezes matam – disse Rony, que parecia anormalmente sério agora. – Ouvi falar que isso acontece quando o lobisomem se empolga.
– Qual era o nome do lobisomem? – perguntou Harry imediatamente.
– Bem, dizem que foi o Lobo Greyback – disse Hermione.
– Eu sabia: o maníaco que gosta de atacar crianças, o Lupin me falou dele! – comentou Harry com indignação.

Hermione olhou-o triste.
– Harry, você precisa obter aquela lembrança. Vai servir para paralisar o Voldemort, não é? Essas coisas horrendas que estão acontecendo são culpa dele...
A sineta tocou no castelo, e Hermione e Rony se ergueram de um salto com um ar apavorado.
– Vocês vão se sair bem – disse Harry aos dois quando se dirigiam ao Saguão de Entrada para se reunir aos outros alunos que iam fazer o teste de Aparatação. – Boa sorte.
– E para você também! – disse Hermione com um olhar expressivo quando Harry tomou a direção das masmorras.
Só havia três alunos na sala de Poções aquela tarde; Harry, Ernesto e Draco Malfoy.
– Todos jovens demais para aparatar? – perguntou Slughorn cordialmente. – Ainda não fizeram dezessete anos?
Eles sacudiram a cabeça.
– Ah, bem – disse Slughorn animado –, como somos tão poucos, vamos nos *divertir*. Quero que vocês preparem alguma coisa engraçada!
– Parece uma boa ideia, senhor – bajulou Ernesto, esfregando as mãos. Malfoy, por sua vez, nem ao menos sorriu.
– Que é que o senhor quer dizer com alguma coisa “engraçada”? – perguntou com irritação.
– Ah, me façam uma surpresa – respondeu Slughorn, despreocupado.
Malfoy abriu seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* de mau humor. Não podia ser mais evidente que, em sua opinião, a aula seria um desperdício de tempo. Sem dúvida, pensou Harry, observando-o por cima do próprio livro, Malfoy estava cedendo de má vontade o tempo que poderia gastar na Sala Precisa.
Era sua imaginação ou Malfoy, como Tonks, parecia mais magro? Com certeza, estava mais pálido, sua pele conservava aquele tom acinzentado, provavelmente porque nos últimos tempos era raro ele ver a luz do dia. Mas não havia presunção, nem excitação, nem superioridade em seu rosto; tampouco a segurança que aparentara no Expresso de Hogwarts, quando se gabara abertamente da missão que tinha recebido de Voldemort... só podia haver uma conclusão, na opinião de Harry: a missão, qualquer que fosse, não estava indo bem.
Animado por este pensamento, correu os olhos pelo seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* e descobriu uma versão do Elixir para Induzir Euforia cheia de anotações do Príncipe, que parecia não somente corresponder às

instruções de Slughorn, como também (e o coração de Harry deu um salto só de pensar) deixaria o professor tão bem-humorado que ele ficaria no ponto de entregar a lembrança, se Harry o persuadisse a provar um pouquinho da poção...

– Ora, então, esta poção parece absolutamente maravilhosa! – exclamou Slughorn batendo palmas, hora e meia depois, ao inspecionar o conteúdo amarelo-sol do caldeirão de Harry. – Euforia, presumo. E que cheiro é esse que estou sentindo? Hummm... você acrescentou um galhinho de menta, não foi? Heterodoxo, mas que sopro de inspiração, Harry. Claro, poderia compensar os efeitos colaterais, as excessivas cantorias e coceiras no nariz... eu realmente não sei onde você arranja essas ideias luminosas, meu rapaz... a não ser...

Harry empurrou o livro do Príncipe com o pé, mais para dentro da mochila.

– ... que sejam os genes de sua mãe se revelando em você!

– Ah... é, quem sabe – disse Harry aliviado.

Ernesto estava com um ar muito rabugento; decidido a brilhar mais que Harry ao menos uma vez, apressadamente inventara uma poção que talhara e formara uns grumos roxos no fundo do caldeirão. Malfoy já estava guardando seu material, de cara amarrada; Slughorn declarara a sua Solução dos Soluços apenas "passável".

A sineta tocou, e Ernesto e Malfoy saíram logo.

– Senhor – começou Harry, mas Slughorn imediatamente espiou por cima do ombro do garoto; ao ver a sala vazia, exceto por ele e Harry, apressou-se o máximo que pôde.

– Professor... professor... o senhor não quer provar a minha po...? – chamou o garoto desesperado.

Mas Slughorn se fora. Desapontado, Harry esvaziou o caldeirão e guardou o material, em seguida saiu da masmorra e se dirigiu lentamente à sala comunal.

Rony e Hermione retornaram no final da tarde.

– Harry! – exclamou Hermione ao passar pelo buraco do retrato. – Harry, passei!

– Parabéns! – disse ele. – E Rony?

– Ele... ele não passou *por pouco* – sussurrou Hermione ao ver Rony entrar na sala de ombros caídos e mal-humorado. – Foi realmente falta de sorte, uma coisinha à toa, o examinador notou que ele tinha deixado metade de uma sobrancelha para trás... como foi com o Slughorn?

– Melou – respondeu Harry, quando Rony ia chegando. – Você deu azar, cara, mas da próxima vez vai passar... podemos fazer o teste juntos.

– É, presumo que sim – respondeu o amigo, rabugento. – Mas por *meia sobrancelha*! Como se isso fizesse diferença!

– Eu sei – consolou-o Hermione –, parece realmente rigoroso demais...

Os três passaram a maior parte do jantar xingando sem meias palavras o examinador de Aparatação, e Rony parecia um tantinho mais animado quando voltaram à sala comunal, agora discutindo o problema, ainda sem solução, de Slughorn e sua lembrança.

– Então, Harry, você vai ou não vai usar a Felix Felicis? – perguntou Rony.

– É, presumo que é o jeito. Acho que não vou precisar tomar toda, não a dose para doze horas, não pode levar a noite inteira... Vou tomar só um gole. Duas ou três horas devem ser suficientes.

– É uma sensação incrível quando a gente toma – comentou Rony lembrando-se. – Como se não fosse possível fazer nada errado.

– Do que é que você está falando? – perguntou Hermione rindo. – Você nunca tomou!

– É, mas *pensei* que tinha tomado, não é? – replicou Rony como se explicasse o óbvio. – Dá no mesmo...

Como tinham acabado de ver Slughorn entrar no Salão Principal e sabiam que o professor gostava de se demorar à mesa, eles fizeram uma horinha na sala comunal; o plano era Harry ir ao escritório de Slughorn depois de lhe darem tempo de voltar para lá. Quando o sol poente atingiu as copas das árvores da Floresta Proibida, os garotos resolveram que chegara o momento e, depois de verificar que Neville, Dino e Simas estavam na sala comunal, subiram discretamente ao dormitório dos garotos.

Harry tirou do fundo do malão as meias enroladas e apanhou o minúsculo frasco cintilante.

– Bom, lá vai! – exclamou Harry, erguendo o frasquinho e tomando uma dose cuidadosamente medida.

– Qual é a sensação? – cochichou Hermione.

Harry não respondeu logo. Então, gradual mas inegavelmente, invadiu-o a sensação de euforia em que tudo é possível; sentiu que poderia fazer qualquer coisa, qualquer coisa no mundo... e extrair a lembrança de Slughorn pareceu de repente não apenas possível, mas decididamente fácil...

Ele se levantou sorrindo, transbordando confiança.

– Excelente. Realmente excelente. Certo... vou até a cabana do Hagrid.

– Quê!? – exclamaram Rony e Hermione, perplexos.

– Não, Harry: você tem de ir ver o Slughorn, lembra? – disse Hermione.

– Não – respondeu ele seguro. – Vou à cabana do Hagrid, este pensamento produz em mim uma sensação boa.

– Pensar em enterrar uma aranha gigante produz em você uma sensação boa? – perguntou Rony estarrecido.

– Produz – respondeu Harry tirando a Capa da Invisibilidade da mochila. –

Sinto que é o lugar onde devo estar hoje à noite, entendem o que quero dizer?
– Não! – exclamaram os dois amigos ao mesmo tempo, parecendo agora positivamente alarmados.
– Isto aqui *é* a Felix Felicis, presumo? – perguntou Hermione, ansiosa, segurando o frasco contra a luz. – Você não apanhou outro frasquinho cheio de... sei lá...
– Essência de Insanidade? – sugeriu Rony quando Harry jogou a Capa nos ombros.
Harry deu uma risada, e Rony e Hermione ficaram ainda mais alarmados.
– Confiem em mim. Sei o que estou fazendo... ou pelo menos... – ele rumou para a porta, confiante – a Felix Felicis sabe.
Ele puxou a Capa da Invisibilidade sobre a cabeça e desceu as escadas, com Rony e Hermione acompanhando-o, apressados. Ao pé da escada, Harry se esgueirou pela porta aberta.
– Que é que você estava fazendo lá em cima com *ela*? – guinchou Lilá Brown, sem ver Harry, encarando Rony e Hermione que emergiam juntos do dormitório dos garotos. Harry ouviu Rony gaguejar enquanto disparava pela sala, deixando os amigos para trás.
Passar pelo buraco do retrato foi simples; ao se aproximar, Gina e Dino entravam e Harry pôde sair entre os dois. Ao fazer isso, roçou sem querer em Gina.
– *Não* me empurra, Dino, por favor – disse a garota em tom aborrecido. – Você sempre faz isso, posso perfeitamente entrar sozinha...
O retrato girou, fechando a abertura à passagem de Harry, mas não antes que ele ouvisse a resposta enraivecida de Dino... com a sensação de euforia aumentando, Harry saiu pelo castelo. Não precisou ter cautela porque não encontrou ninguém no caminho, mas isto não o surpreendeu: esta noite, ele era o indivíduo mais sortudo de Hogwarts.
Por que sabia que ir à cabana de Hagrid era a coisa certa, Harry não fazia a menor ideia. É como se a poção estivesse iluminando uns poucos passos do seu caminho de cada vez: ele não conseguia ver seu destino final, não conseguia ver onde entrava Slughorn, mas sabia que estava agindo corretamente para obter a lembrança. Quando chegou ao Saguão de Entrada, descobriu que Filch se esquecera de trancar a porta da entrada do castelo. Sorrindo, Harry escancarou-a e inspirou o cheiro de ar puro e grama por um momento, antes de descer as escadas e sair para a noite que caía.
Foi quando chegou ao último degrau que lhe ocorreu que seria muito agradável passar pela horta a caminho da cabana de Hagrid. Não ficava exatamente no caminho, mas lhe pareceu claro que era um capricho a que devia

obedecer, então dirigiu imediatamente os seus passos para a horta, e ficou satisfeito, embora não de todo surpreso, ao topar com o professor Slughorn conversando com a professora Sprout. Harry se escondeu atrás de uma mureta de pedra, sentindo-se em paz com o mundo e escutando a conversa dos dois.

– ... agradeço muito por me ceder seu tempo, Pomona – dizia Slughorn educadamente. – A maioria das autoridades concorda que elas são mais eficazes quando colhidas ao crepúsculo.

– Ah, concordo inteiramente – respondeu a professora Sprout cordial. – Essas são suficientes?

– São mais do que suficientes – respondeu Slughorn; Harry viu que o professor carregava uma braçada de plantas folhosas. – Dará para distribuir algumas folhas a cada aluno do terceiro ano e ainda sobrará para quem as cozinhar demais... bem, boa-noite para você, e, mais uma vez, muito obrigado!

A professora Sprout saiu pela escuridão que se adensava em direção às suas estufas, e Slughorn foi andando para o lugar em que estava Harry, invisível.

Tomado de um desejo imediato de se revelar, Harry despiu a Capa com um gesto dramático.

– Boa-noite, professor.

– Pelas barbas de Merlim, você me assustou – disse Slughorn, parando de súbito, com ar cauteloso. – Como foi que saiu do castelo?

– Filch deve ter esquecido de trancar as portas – respondeu Harry, animado, e ficou satisfeito de ver Slughorn amarrar a cara.

– Vou dar parte desse homem, ele se preocupa mais com bobagens do que com a verdadeira segurança, se você quer saber... mas por que está aqui fora, Harry?

– Bem, senhor, é o Hagrid – respondeu Harry, sabendo que o certo naquele momento era dizer a verdade. – Ele está muito chateado... mas o senhor não vai contar a ninguém, não é professor? Não quero criar problema para ele...

Evidentemente Slughorn ficou curioso.

– Bem, não posso lhe prometer isso – respondeu com impaciência. – Mas sei que Dumbledore confia em Hagrid até a medula dos ossos, por isso tenho certeza de que não pode estar fazendo nada muito ruim...

– Bem, é uma aranha gigante que ele tinha há anos... vivia na Floresta... falava e tudo...

– Ouvi rumores de que havia acromântulas na Floresta – comentou Slughorn baixinho, olhando para a massa de árvores escuras. – É verdade, então?

– É. Mas a tal, Aragogue, a primeira que Hagrid conseguiu, morreu ontem à noite. Ele está arrasado. Quer companhia para fazer o enterro, e eu disse que iria.

– Comovente, comovente – disse Slughorn distraído, seus grandes olhos de pálpebras enrugadas fixos nas luzes distantes da cabana de Hagrid. – Mas o

veneno da acromântula é muito valioso... se o artrópode acabou de morrer, talvez ainda não tenha secado... claro, eu não gostaria de fazer nada desrespeitoso se Hagrid está perturbado... mas se houvesse algum meio de obter algum... quero dizer, é quase impossível obter veneno de uma acromântula viva...

Slughorn parecia estar falando mais para si do que para Harry agora.

– ... parece um terrível desperdício não recolhê-lo... pode chegar a alcançar cem galeões por meio litro... para ser franco, o meu salário não é alto...

E Harry viu claramente o que precisava fazer.

– Bem – disse ele, hesitando de modo convincente –, bem, se o senhor quiser ir, professor, Hagrid provavelmente ficaria muito satisfeito... fazer uma despedida melhor, entende...

– Claro! – exclamou Slughorn, seus olhos agora faiscando de entusiasmo. – Faremos o seguinte, Harry, encontro você lá embaixo com umas duas garrafas... beberemos... não à saúde da pobre criatura... bem... mas, em todo caso, faremos uma despedida em grande estilo, depois do enterro. E vou trocar a minha gravata, esta é um pouco berrante para a ocasião...

Ele voltou ligeiro para o castelo, e Harry correu para a cabana de Hagrid, satisfeitíssimo.

– Você veio! – exclamou Hagrid rouco, quando abriu a porta e viu à sua frente Harry, emergindo da Capa da Invisibilidade.

– É... mas Rony e Hermione não puderam vir – disse Harry. – Eles realmente lamentam.

– Não faz... não faz mal... ele teria ficado sensibilizado por você ter vindo, Harry...

Hagrid deixou escapar um grande soluço. Tinha feito uma braçadeira preta, que parecia uma tira de pano mergulhada em graxa de sapato, e seus olhos estavam inchados e vermelhos. Harry consolou-o com palmadinhas no cotovelo, que era a altura máxima do amigo que ele conseguia atingir sem esforço.

– Onde vamos enterrá-lo? – perguntou. – Na Floresta?

– Caramba, não – protestou Hagrid, enxugando os olhos que não paravam de lacrimejar com a fralda da camisa. – As outras aranhas não me deixarão nem chegar perto das teias, agora que Aragogue partiu. Fiquei sabendo que só as ordens dele evitavam que me comessem. Dá para acreditar, Harry?

A resposta sincera seria “sim”; Harry lembrou, sem dificuldade, a cena em que ele e Rony se viram cara a cara com a acromântula: ficara bem evidente que Aragogue era a única coisa que as impedia de devorar Hagrid.

– Nunca teve antes uma área da Floresta a que eu não pudesse ir – comentou Hagrid balançando a cabeça. – Não foi nada fácil tirar o cadáver de Aragogue de lá, acredite... elas costumam comer os mortos, entende... mas eu queria dar a ele

um enterro decente... uma despedida digna...
Ele desatou a soluçar, e Harry recomeçou a afagar seu cotovelo, dizendo (porque a poção parecia indicar que era o que devia ser feito) ao mesmo tempo:
– O professor Slughorn me encontrou quando eu ia descendo, Hagrid.
– Você não se encrencou, não? – perguntou Hagrid, alarmado. – Não devia estar fora do castelo à noite, eu sei, a culpa é minha...
– Não, não, quando ele soube aonde eu ia, disse que também gostaria de vir prestar as últimas homenagens a Aragogue. Ele foi vestir uma roupa mais apropriada, acho... e disse que traria umas garrafas para podermos beber à memória de Aragogue...
– Verdade?! – exclamou Hagrid, parecendo ao mesmo tempo espantado e comovido. – É... é muita bondade dele, é sim, e também não entregar você. Eu nunca tive realmente muito contato com Horácio Slughorn antes... mas ele vem se despedir do velho Aragogue, eh? Bem... ele teria gostado disso, o Aragogue...
Harry pensou com seus botões que o que Aragogue teria gostado mais em Slughorn era a fartura de carne comestível que ele oferecia, mas limitou-se a ir até a janela dos fundos da cabana de Hagrid, de onde teve a sinistra visão da enorme aranha que jazia de costas com as pernas encolhidas e entrelaçadas.
– Vamos enterrar Aragogue aqui, Hagrid, na sua horta?
– Logo depois do canteiro de abóboras, pensei – respondeu ele com a voz embargada. – Já cavei a... entende... sepultura. Para podermos dizer alguma coisa simpática sobre ele... lembranças felizes, entende...
Sua voz tremeu e falhou. Houve uma batida na porta e ele se virou para atender, assoando o nariz no grande lenço manchado. Slughorn apressou-se a entrar, trazendo várias garrafas nos braços e usando um sóbrio lenço preto ao pescoço.
– Hagrid – disse ele com voz grave e profunda. – Lamento muito a sua perda.
– É muita gentileza sua – respondeu Hagrid. – Muito obrigado. E muito obrigado por não dar uma detenção a Harry...
– Eu nem sonharia. Noite triste, noite triste... onde está o coitado?
– Lá fora – informou Hagrid com a voz trêmula. – Vamos... vamos começar, então?
Os três saíram para o quintal. A lua brilhava palidamente entre as árvores e sua claridade se misturava à luz que saía da janela de Hagrid para iluminar o cadáver de Aragogue, à beira de uma enorme cova ladeada por um monte de terra recém-cavada, de três metros.
– Magnífico – disse Slughorn, aproximando-se da cabeça da aranha, onde oito olhos leitosos contemplavam inutilmente o céu e duas enormes pinças curvas brilhavam imóveis ao luar. Harry pensou ouvir o tinido de frascos quando

Slughorn se curvou para as pinças, aparentemente examinando a enorme cabeça peluda.

– Não é todo o mundo que sabe apreciar como elas são bonitas – comentou Hagrid às costas de Slughorn, as lágrimas escorrendo dos seus olhos enrugados. – Eu não sabia que você tinha interesse em criaturas como o Aragogue, Horácio.

– Interesse? Meu caro Hagrid, tenho veneração por elas – respondeu o professor, afastando-se do corpo. Harry viu o reflexo de um frasco desaparecer sob sua capa, embora Hagrid, secando os olhos mais uma vez, não notasse nada. – Agora... vamos prosseguir com o enterro?

Hagrid acenou a cabeça concordando, e se adiantou. Ergueu a gigantesca aranha nos braços e, com um enorme gemido, derrubou-a na cova escura. O corpo bateu no fundo, com um baque feio e triturante. Hagrid recomeçou a chorar.

– Claro, é difícil para você que o conhecia melhor – disse Slughorn, que, como Harry, só conseguia alcançar o cotovelo de Hagrid, mas deu-lhe umas palmadinhas assim mesmo. – Que tal eu dizer umas palavrinhas?

Ele devia ter retirado muito veneno de boa qualidade de Aragogue, pensou Harry, porque tinha um ar satisfeito quando se aproximou da cova e disse, em voz lenta e comovente:

– Adeus, Aragogue, rei dos aracnídeos, cuja longa e fiel amizade os que o conheceram jamais esquecerão! Embora o seu corpo se desintegre, o seu espírito permanecerá nas teias tranquilas de sua Floresta natal. Que os seus descendentes multioculares prosperem e seus amigos humanos encontrem consolo pela perda que sofreram.

– Foi... foi... lindo! – berrou Hagrid, desmontando em cima da estrumeira aos prantos.

– Vamos, vamos – disse Slughorn, e acenou com a varinha, fazendo uma grande quantidade de terra se elevar e cair com um ruído abafado sobre a aranha morta, formando um monte liso. – Vamos entrar e beber alguma coisa. Pegue do outro lado dele, Harry... isso... em pé, Hagrid... muito bem...

Eles sentaram Hagrid em uma cadeira à mesa. Canino, que estivera escondido em seu cesto durante o enterro, agora veio pisando macio até eles e descansou a pesada cabeça no colo de Harry, como sempre fazia. Slughorn desarrolhou uma das garrafas de vinho que trouxera.

– Testei *todas* à procura de veneno – garantiu ele a Harry, servindo a primeira garrafa quase toda em uma das canecas tamanho-balde de Hagrid e entregando-a a ele. – Mandei um elfo doméstico provar cada garrafa depois do que aconteceu ao coitado do seu amigo Rupert.

Harry imaginou a expressão de Hermione se algum dia ela viesse a saber deste

abuso contra elfos domésticos, e decidiu que jamais o mencionaria à amiga.
– Uma para Harry... – disse Slughorn, dividindo uma segunda garrafa em duas canecas – ... e uma para mim. Bem – ele ergueu a caneca –, ao Aragogue.
– Aragogue – repetiram juntos, Harry e Hagrid.
Slughorn e Hagrid tomaram um grande gole. Harry, porém, com o seu próximo passo iluminado pela Felix Felicis, percebeu que não devia beber, então fingiu apenas tomar um gole e em seguida devolveu a caneca à mesa.
– Eu o criei a partir de um ovo, sabem – disse Hagrid sombriamente. – Uma coisinha à toa quando saiu da casca. Mais ou menos do tamanho de um pequinês.
– Que encanto – comentou Slughorn.
– Eu costumava guardar Aragogue em um armário na escola até que... bem...
Passou uma sombra pelo rosto de Hagrid, e Harry entendeu o porquê: Tom Riddle tinha tramado para Hagrid ser expulso da escola, culpado de ter aberto a Câmara Secreta. Slughorn, porém, não parecia estar ouvindo; contemplava o teto, de onde pendiam vários tachos de latão, bem como uma sedosa mecha de pelos muito brancos.
– Isso não pode ser pelo de unicórnio, Hagrid, pode?
– Ah, é – respondeu ele com indiferença. – Arrancado da cauda deles, os pelos se agarram nos galhos e plantas da Floresta, entende...
– Mas, meu caro, você sabe quanto *vale* isso?
– Uso para prender bandagens e outras coisas, quando algum bicho se machuca – disse Hagrid sacudindo os ombros. – É útil à beça... muito forte, mesmo.
Slughorn tomou mais um grande gole da caneca, seus olhos agora percorrendo a cabana atentamente, à procura, Harry percebeu, de mais tesouros que ele pudesse converter em um copioso suprimento de hidromel envelhecido em carvalho, abacaxi cristalizado e paletós de smoking de veludo. Ele tornou a encher a caneca de Hagrid e a sua própria, e interrogou-o sobre as criaturas que viviam na Floresta atualmente, e como viviam, e se ele dava conta de cuidar de todas. Hagrid, tornando-se expansivo sob a influência da bebida e do interesse lisonjeiro de Slughorn, parou de enxugar os olhos e embarcou feliz em uma longa explicação sobre a criação de tronquilhos.
A essa altura, a Felix Felicis deu um toque em Harry, e ele reparou que o suprimento de bebida que Slughorn trouxera estava se esgotando com rapidez. Harry ainda não conseguira realizar o Feitiço de Reposição sem pronunciar o encantamento em voz alta, mas a ideia de que fosse incapaz de realizá-lo esta noite era risível: de fato, Harry riu interiormente quando, sem que Hagrid nem Slughorn (agora trocando casos sobre o comércio clandestino de ovos de dragão) o vissem, apontou a varinha por baixo da mesa para as garrafas vazias e elas

imediatamente tornaram a encher.

Decorrida mais ou menos uma hora, os dois professores começaram a fazer brindes extravagantes: a Hogwarts, a Dumbledore, ao vinho dos elfos e a...

– Harry Potter! – berrou Hagrid, babando um pouco do vinho no queixo, ao esvaziar sua décima quarta caneca.

– Com certeza! – exclamou Slughorn com a voz meio pastosa. – Parry Otter, o Garoto Eleito Que... bem... alguma coisa assim – murmurou ele esvaziando sua caneca também.

Não demorou muito, Hagrid recomeçou a chorar e insistiu que Slughorn ficasse com a cauda do unicórnio inteira, que o professor embolsou aos gritos de "À amizade! À generosidade! A dez galeões o pelo!".

E durante algum tempo, Hagrid e Slughorn se sentaram lado a lado, abraçados, cantando uma música lenta e triste sobre um bruxo moribundo chamado Odo.

– Arre, os bons morrem jovens – murmurou Hagrid, debruçando-se sobre a mesa, um pouco vesgo, enquanto Slughorn continuava a gorjear o refrão "Meu pai não tinha idade para morrer... nem a sua mãe nem o seu pai, Harry...".

Lágrimas enormes tornaram a vazar dos cantos dos olhos enrugados de Hagrid; ele agarrou o braço de Harry e sacudiu-o.

– ... melhor bruxo e bruxa da idade deles que já conheci... uma desgraça... uma desgraça...

Slughorn cantava melancolicamente:

"E Odo o herói foi levado para casa
Para o lugar que jovem conhecera
E sepultado com o chapéu pelo avesso
E a varinha partida ao meio, que tristeza."

– ... uma desgraça – resmungou Hagrid, e sua enorme cabeça desgrenhada rolou para o lado sobre os braços cruzados, e ele adormeceu roncando profundamente.

– Desculpe – disse Slughorn com um soluço. – Não consigo cantar afinado nem para salvar a vida.

– Hagrid não estava falando do seu modo de cantar – explicou Harry em voz baixa. – Estava falando da morte dos meus pais.

– Ah! – exclamou Slughorn reprimindo um grande arroto. – Ah, nossa. Aquilo foi... foi de fato terrível. Terrível... terrível...

Parecia não encontrar o que dizer e optou por tornar a encher as canecas.

– Suponho que você... não se lembre, não é, Harry? – perguntou ele sem jeito.

– Não... bem eu só tinha um ano quando eles morreram – respondeu Harry, seus olhos fixos na chama da vela que bruxuleava com os fortes roncos de Hagrid. – Mas descobri com bastante exatidão o que aconteceu. Meu pai morreu primeiro. O senhor sabia?

– Não... não sabia – disse Slughorn com a voz abafada.

– É... Voldemort matou-o e em seguida passou por cima do cadáver dele em direção a minha mãe.

Slughorn estremeceu violentamente, mas não parecia capaz de despregar o olhar horrorizado do rosto de Harry.

– Disse a ela para sair do caminho – continuou Harry, sem piedade. – Voldemort me contou que minha mãe não precisava ter morrido. Ele só queria a mim. Ela poderia ter fugido.

– Nossa – murmurou Slughorn. – Ela podia ter... ela não precisava... que horror...

– Não é mesmo? – concordou Harry, num sussurro quase inaudível. – Mas ela não se mexeu. Papai já estava morto, mas ela não queria que eu morresse também. Tentou suplicar ao Voldemort... mas ele apenas riu...

– Basta! – exclamou Slughorn repentinamente, erguendo a mão trêmula. – Realmente, meu caro rapaz, basta... Sou um velho... não preciso ouvir... não quero ouvir...

– Me esqueci – mentiu Harry, a Felix Felicis orientando-o. – O senhor gostava dela, não?

– Gostava dela? – repetiu Slughorn, seus olhos tornando a se encher de lágrimas. – Não consigo imaginar alguém que a conhecesse e não gostasse dela... muito corajosa... muito engraçada... foi pavoroso.

– Mas o senhor não quer ajudar o filho dela – continuou Harry. – Ela deu a vida por mim, mas o senhor não quer me dar uma lembrança.

Os roncos trovejantes de Hagrid ecoavam pela cabana. Harry encarava sem vacilar os olhos lacrimosos de Slughorn. O professor de Poções parecia incapaz de desviar o olhar.

– Não diga isso – sussurrou ele. – Não é uma questão... se fosse para ajudá-lo, é claro... mas não vai adiantar nada...

– Vai – disse Harry em voz alta e clara. – Dumbledore precisa de informações. Eu preciso de informações.

Ele sabia que estava seguro: a Felix lhe dizia que o professor não lembraria nada pela manhã. Olhando direto nos olhos de Slughorn, Harry se inclinou ligeiramente para ele.

– Eu sou O Eleito. Tenho de matá-lo. Preciso daquela lembrança.

Slughorn ficou mais pálido que nunca; o suor brilhava em sua testa lisa.

– Você *é* O Eleito?
– Claro que sou – respondeu Harry calmamente.
– Mas então... meu caro rapaz... você está me pedindo muito... você está me pedindo, de fato, que o ajude em sua tentativa de destruir...
– O senhor não quer se livrar do bruxo que matou Lílian Evans?
– Harry, Harry, claro que quero, mas...
– O senhor tem medo que ele descubra que me ajudou?
Slughorn não respondeu; estava aterrorizado.
– Seja corajoso como a minha mãe, professor...
Slughorn ergueu a mão gorducha e levou os dedos trêmulos à boca; por um instante pareceu um bebê que crescera demais.
– Não me orgulho – sussurrou ele entre os dedos. – Tenho vergonha do que... do que aquela lembrança mostra... acho que eu talvez tenha causado um grande estrago naquele dia...
– O senhor compensaria o que fez me entregando aquela lembrança. Seria um ato de grande coragem e nobreza.
Hagrid, adormecido, se mexeu e continuou a roncar. Slughorn e Harry olhavam-se fixamente por cima da vela gotejante. Fez-se um silêncio extremamente longo, mas a Felix Felicis disse a Harry que não o quebrasse, que aguardasse.
Então, muito lentamente, Slughorn levou a mão ao bolso e puxou sua varinha. Enfiou a outra mão por dentro da capa e tirou um frasquinho vazio. Ainda sustentando o olhar de Harry, Slughorn tocou a têmpora com a ponta da varinha e retirou-a, fazendo com que o longo fio prateado de lembrança saísse, também, preso na ponta da varinha. A lembrança foi se esticando, se esticando, até partir, e balançar luminosa e prateada da varinha. O professor colocou-a no frasco onde ela se enroscou, depois se expandiu espiralando como um gás. Ele arrolhou o vidro com a mão trêmula e passou-o por cima da mesa para Harry.
– Muito obrigado, professor.
– Você é um bom rapaz – disse Slughorn, com as lágrimas escorrendo pelas bochechas gordas e entrando em seus bigodes de leão-marinho. – E você tem os olhos dela... só não pense muito mal de mim depois que vir...
E ele também descansou a cabeça sobre os braços, deu um profundo suspiro e adormeceu.

— CAPÍTULO VINTE E TRÊS —
Horcruxes

Harry sentiu o efeito da Felix Felicis começar a passar enquanto se esgueirava sorrateiro de volta ao castelo. A porta da frente permanecia destrancada, mas, no terceiro andar, encontrou Pirraça, e por pouco evitou ser detido mergulhando em um dos seus atalhos laterais. Quando finalmente chegou ao quadro da Mulher Gorda e despiu a Capa da Invisibilidade, não se surpreendeu com a sua grande má vontade em atendê-lo.

– Que horas você acha que são?

– Eu realmente lamento... tive de sair para uma coisa importante...

– Bem, a senha mudou à meia-noite, e você terá de dormir no corredor, não é assim?

– A senhora está brincando – replicou Harry. – Por que mudaram a senha à meia-noite?

– Porque mudaram – respondeu a Mulher Gorda. – Se não gostou, vá reclamar com o diretor, foi ele que reforçou a segurança.

– Fantástico – retrucou Harry com amargura, examinando o chão duro à sua volta. – Realmente genial. É, eu iria realmente reclamar com Dumbledore se ele estivesse aqui, porque foi ele quem quis que eu...

– Ele está aqui – disse uma voz às suas costas. – O professor Dumbledore retornou à escola há uma hora...

Nick Quase Sem Cabeça flutuou em direção a Harry, sua cabeça balançando como sempre em cima da gola de tufos engomados.

– Soube pelo Barão Sangrento que o viu chegar – informou Nick. – Parecia muito animado, segundo o Barão, embora um pouco cansado, é claro.

– E onde ele está? – perguntou Harry, com o coração aos saltos.

– Ah, gemendo e arrastando correntes na Torre de Astronomia, é um dos seus passatempos preferidos...

– Não, não o Barão Sangrento, Dumbledore!

– Ah... no escritório dele. Acredito, pelo que me disse o Barão, que tem de cuidar de uns assuntos antes de se recolher...

– É, tem mesmo – disse Harry, a excitação incendiando o seu peito ante a perspectiva de contar a Dumbledore que obtivera a lembrança. Ele deu meia-volta e saiu correndo, sem dar atenção à Mulher Gorda que o chamava.

– Volte aqui! Está bem, eu menti! Fiquei aborrecida porque você me acordou! A senha ainda é “solitária”!

Harry, porém, já disparava pelo corredor, e, minutos depois, estava dizendo “bombas de caramelo” à gárgula do diretor, que saltou para o lado e admitiu-o à escada em espiral.

– Entre – mandou Dumbledore, quando Harry bateu. Pela voz, parecia exausto.

Harry empurrou a porta. Ali estava o escritório de Dumbledore com a aparência de sempre, exceto pela vista do céu escuro e estrelado através das janelas.

– Céus, Harry – disse o diretor surpreso. – A que devo este prazer tão tardio?

– Senhor... consegui. Consegui a lembrança de Slughorn.

Harry tirou o frasquinho e mostrou-o a Dumbledore. Por um momento, o diretor pareceu aturdido. Então, seu rosto se iluminou com um grande sorriso.

– Harry, que notícia espetacular! Muito bem mesmo! Eu sabia que você conseguiria!

Aparentemente esquecido da hora tardia, rapidamente ele contornou a escrivaninha, apanhou o frasco com a lembrança de Slughorn com a mão boa e foi até o armário onde guardava a Penseira.

– E agora – disse Dumbledore, colocando a bacia de pedra em cima da escrivaninha e despejando nela o conteúdo do frasco –, agora finalmente veremos, Harry, vamos...

Harry se curvou obedientemente para a Penseira e sentiu os pés abandonarem o chão do escritório... mais uma vez ele caiu pelo vácuo escuro e aterrissou na antiga sala de Horácio Slughorn muitos anos atrás.

Ali estava o professor muito mais jovem, com seus cabelos cor de palha, espessos e brilhantes, e seus bigodes arruivados, sentado na confortável bergère em sua sala, os pés apoiados no pufe de veludo, uma das mãos segurando uma tacinha de vinho e a outra enfiada em uma caixa de abacaxi cristalizado. E ali estavam, ao redor de Slughorn, meia dúzia de adolescentes, Tom Riddle entre eles, com o anel ouro e preto de Servolo brilhando no dedo.

Dumbledore aterrissou ao lado de Harry na hora em que Riddle perguntava:

– Senhor, é verdade que a professora Merrythought está se aposentando? – perguntou Riddle.

– Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer – respondeu Slughorn, sacudindo um dedo açucarado para Riddle, num gesto de censura, embora estragasse esse efeito com uma ligeira piscadela. – Confesso que gostaria de saber onde você obtém suas informações, rapaz; sabe mais do que metade dos professores.

Riddle sorriu; os outros garotos riram e lhe lançaram olhares de admiração.

– Com a sua fantástica habilidade para saber o que não deve e a sua cuidadosa bajulação das pessoas certas... aliás, obrigado pelo abacaxi, você acertou, é o meu preferido...

Vários meninos tornaram a rir.

– ... estou seguro que chegará a Ministro da Magia em vinte anos. Quinze, se continuar a me mandar abacaxis. Tenho *excelentes* contatos no Ministério.

Tom Riddle apenas sorriu enquanto os colegas davam gostosas risadas. Harry reparou que ele não era de modo algum o mais velho do grupo, mas todos os garotos pareciam considerá-lo seu líder.

– Não sei se a política me conviria, senhor – respondeu ele quando cessaram as risadas. – Primeiro porque não pertenço às famílias bem-nascidas.

Uns dois garotos trocaram sorrisos debochados. Harry teve certeza de que se divertiam com uma piada secreta: sem dúvida ligada ao que sabiam, ou suspeitavam, a respeito do famoso antepassado do líder da gangue.

– Tolice – replicou Slughorn energicamente –, não poderia ser mais evidente que você descende de boa família bruxa, com as habilidades que tem. Não, você irá longe, Tom, até hoje jamais me enganei a respeito de um aluno.

O pequeno relógio de ouro sobre a escrivaninha de Slughorn bateu onze horas às suas costas, e ele se virou.

– Céus, já é tão tarde assim? – exclamou o professor. – É melhor irem andando, rapazes, ou todos ficaremos encrencados. Lestrange, quero o seu trabalho até amanhã ou receberá uma detenção. O mesmo se aplica a você, Avery.

Um a um, os garotos saíram da sala. Slughorn levantou-se da poltrona com esforço e levou seu cálice vazio até a escrivaninha. Um movimento atrás do professor o fez virar-se; Riddle continuava parado ali.

– Ande logo, Tom, você não quer ser apanhado fora da cama depois da hora, ainda mais sendo monitor...

– Senhor, eu queria lhe perguntar uma coisa.

– Então pergunte, meu rapaz, pergunte...

– Senhor, estive imaginando o que o senhor saberia sobre... sobre Horcruxes.

Slughorn encarou-o, acariciando distraidamente a haste da taça de vinho com os dedos grossos.

– Um trabalho para a Defesa Contra as Artes das Trevas, eh?
Mas Harry percebeu que Slughorn sabia perfeitamente bem que não era trabalho escolar.
– Não exatamente, senhor. Encontrei o termo em um livro, e não entendi muito bem.
– Não... bem... você estaria num apuro para encontrar em Hogwarts um livro com detalhes sobre Horcruxes, Tom. É feitiço das Trevas, realmente das Trevas.
– Mas obviamente o senhor conhece bem todos eles, não? Quero dizer, um bruxo como o senhor... me desculpe, quero dizer, se o senhor não puder me falar, obviamente... achei que se alguém pudesse, seria o senhor... então pensei em perguntar...
A coisa foi muito bem-feita, pensou Harry, a hesitação, o tom descontraído, a adulação discreta, nada excessivo. Ele, Harry, tinha experiência demais em tentativas para extrair informações de gente relutante, para não reconhecer um mestre em ação. Percebia que Riddle queria a informação, e muito; talvez tivesse gasto semanas se preparando para aquele momento.
– Bem – falou Slughorn sem olhar para Riddle, mas brincando com a fita da caixa de abacaxis cristalizados –, bem, é claro que não pode haver mal algum em lhe dar uma ideia geral. Só para você entender o termo. Horcrux é a palavra usada para um objeto em que a pessoa ocultou parte da própria alma.
– Mas não entendo muito bem como se faz isso, senhor.
A voz de Riddle estava cuidadosamente controlada, mas Harry sentiu sua excitação.
– Bem, a pessoa divide a alma, entende – explicou Slughorn –, e esconde uma metade dela em um objeto externo ao corpo. Então, mesmo que seu corpo seja atacado ou destruído, a pessoa não poderá morrer, porque parte de sua alma continuará presa à terra, intacta. Mas, naturalmente, a existência sob tal forma...
O rosto de Slughorn murchou, e Harry se viu relembrando palavras que ouvira havia quase dois anos.
“Fui arrancado do meu corpo, me tornei menos que um espírito, menos que o fantasma mais insignificante... mas ainda assim, continuei vivo.”
– ... pou cas pessoas iriam querer, Tom, muito poucas. A morte seria preferível.
Mas a sofreguidão de Riddle naquele momento era visível; sua expressão era ávida, ele já não conseguia esconder seu desejo.
– E como é que se divide a alma?
– Bem – respondeu Slughorn, constrangido –, você precisa compreender que a alma deve permanecer intocada e una. A divisão é um ato de violação, é contra a natureza.

– Mas como é que se faz?
– Por meio de uma ação maligna: a suprema maldade. Matando alguém. Matar rompe a alma. O bruxo que desejasse criar uma Horcrux usaria essa ruptura em seu proveito: encerraria a parte que se rompeu...
– Encerraria? Mas como...?
– Há um feitiço, não me pergunte, eu não conheço! – respondeu Slughorn, sacudindo a cabeça como um velho elefante importunado por mosquitos. – Tenho cara de quem já experimentou isso... tenho cara de homicida?
– Não, senhor, naturalmente que não – apressou-se a dizer Riddle. – Desculpe... não pretendi ofender o senhor...
– Tudo bem, tudo bem, não me ofendi – disse o professor bruscamente. – É natural sentir alguma curiosidade por essas coisas... bruxos de certo calibre sempre se sentiram atraídos por este aspecto da magia...
– Sim, senhor. Mas o que não entendo... só por curiosidade... quero dizer será que uma Horcrux serve para alguma coisa? Pode-se dividir a alma apenas uma vez? Não seria melhor, fortaleceria mais a pessoa, se ela dividisse a alma em várias partes? Quero dizer, por exemplo, sete não é o número mágico mais poderoso, será que sete...?
– Pelas barbas de Merlim, Tom! – ganiu Slughorn. – Sete! Já não é bastante ruim pensar em matar uma pessoa? E em todo caso... bastante ruim romper a alma uma vez... mas rompê-la em sete partes...
Slughorn parecia agora profundamente perturbado: fitava Riddle como se nunca o tivesse visto direito, e Harry percebia que estava começando a se arrepender de ter entrado naquela conversa.
– É claro – murmurou –, isto é uma hipótese, o que estamos discutindo, não é mesmo? Uma questão acadêmica...
– É claro que sim, senhor – concordou Riddle imediatamente.
– Ainda assim, Tom... não repita para ninguém o que eu disse... ou seja, o que discutimos. As pessoas não gostariam de pensar que estivemos conversando sobre Horcruxes. É um assunto proibido em Hogwarts, sabe... Dumbledore é particularmente rigoroso nisso...
– Não direi uma palavra, senhor – prometeu Riddle se retirando, mas não antes de Harry ter visto de relance o seu rosto, em que se espalhava aquela mesma felicidade delirante do dia em que descobrira que era bruxo, o tipo de felicidade que não realçava suas bonitas feições, mas, por alguma razão, as tornava menos humanas...
– Obrigado, Harry – disse Dumbledore em voz baixa. – Vamos.
Quando Harry voltou ao escritório, Dumbledore já estava sentado à escrivaninha. O garoto sentou-se, também, e esperou o diretor falar.

– Há muito tempo estou esperando obter esta prova – disse ele por fim. – Confirma a teoria em que venho trabalhando, me diz que tenho razão, e também quanto chão ainda precisamos percorrer...

Harry de repente reparou que cada um dos retratos dos antigos diretores e diretoras nas paredes estava acordado e atento à conversa. Um bruxo corpulento, de nariz vermelho, chegara a apanhar uma corneta acústica.

– Bem, Harry – recomeçou o diretor. – Estou certo de que você compreendeu o significado do que acabou de ouvir. À mesma idade que você, com uma diferença de poucos meses a mais ou a menos, Tom Riddle estava fazendo tudo que podia para descobrir como se tornar imortal.

– O senhor, então, acha que ele conseguiu? Ele fez uma Horcrux? E foi por isso que não morreu, quando me atacou? Tinha uma Horcrux escondida em algum lugar? Um pedacinho de sua alma estava segura?

– Um pedacinho... ou muitos. Você ouviu Voldemort: o que ele queria de Slughorn era uma opinião sobre o que aconteceria ao bruxo que criasse mais de uma Horcrux, que aconteceria ao bruxo tão decidido a evitar a morte que se dispusesse a matar muitas vezes, romper a alma seguidamente, para poder guardá-la em várias Horcruxes secretas e separadas. Nenhum livro teria lhe dado tal informação. Até onde sei, até onde estou certo que Voldemort sabia, nenhum bruxo jamais rompera a alma em mais de dois pedaços.

Dumbledore fez uma pausa momentânea para coordenar os pensamentos, então disse:

– Há quatro anos, recebi o que considero uma prova decisiva de que Voldemort dividiu sua alma.

– Onde? – perguntou Harry. – Como?

– Recebi-a de você, Harry. O diário de Riddle, o que dava instruções para reabrir a Câmara Secreta.

– Não compreendo, senhor.

– Bem, embora eu não tivesse visto o Riddle que saiu do diário, o que você me descreveu foi um fenômeno que eu jamais presenciara. Uma simples lembrança começar a agir e pensar por conta própria? Uma simples lembrança exaurir a vida da menina em cujas mãos fora parar? Não, alguma coisa muito mais sinistra vivia naquele livro... um fragmento de alma, disso eu estava quase seguro. O diário era uma Horcrux. Mas isto levantava o mesmo número de perguntas que respondia. O que mais me intrigava e assustava é que o diário tinha sido planejado não apenas como uma arma, mas como uma salvaguarda.

– Continuo sem entender – disse Harry.

– Bem, ele produzia o efeito que se espera de uma Horcrux; em outras palavras, o fragmento de alma oculto no diário foi resguardado e, sem dúvida,

desempenhou o seu papel de impedir a morte do dono. Mas não podia restar dúvida de que Riddle realmente queria que alguém lesse aquele diário, queria que aquela parte de sua alma habitasse ou possuísse outra pessoa, de modo que o monstro de Slytherin pudesse mais uma vez ser solto.

– Bem, ele não queria desperdiçar todo o seu esforço. Queria que as pessoas soubessem que ele era herdeiro de Slytherin, coisa que ele não pôde assumir naquela época.

– Correto – disse Dumbledore, assentindo com a cabeça. – Mas você não percebe, Harry, que se ele pretendia que futuramente o diário passasse a um aluno de Hogwarts ou fosse plantado nele, estava sendo extraordinariamente insensível com relação ao precioso fragmento de sua alma ali escondido? Uma Horcrux, como explicou o professor Slughorn, serve para guardar uma parte do eu em lugar secreto e seguro, não para o bruxo atirá-la aos pés de alguém correndo o risco de vê-la destruída, como de fato ocorreu: aquele determinado fragmento de alma não existe mais; você cuidou dele.

"O pouco caso com que Voldemort tratou essa Horcrux me pareceu um péssimo agouro. Pareceu-me um indício de que ele devia ter, ou planejava ter, mais Horcruxes, por isso a perda da primeira não causaria grande prejuízo. Eu não queria acreditar, mas nada mais parecia fazer sentido.

"Então você me contou, dois anos depois, que, na noite em que Voldemort retomou seu corpo, ele tinha feito uma afirmação alarmante e muito esclarecedora aos Comensais da Morte: '*Eu que cheguei mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade.*' Foram essas as palavras que você me relatou. '*Mais longe do que qualquer outro.*' E pensei ter entendido o que isto queria dizer, embora os Comensais da Morte não tenham. Ele estava se referindo às suas Horcruxes, no plural, Harry, o que acredito que nenhum outro bruxo jamais tenha possuído. Contudo, se encaixava perfeitamente: com a passagem do tempo, Lorde Voldemort parecia ter se tornado menos humano, e as transformações que ele sofrera só me pareciam explicáveis se sua alma estivesse mutilada além da esfera do que chamaríamos de maldade normal..."

– Então ele se tornou imperecível matando outras pessoas? – perguntou Harry. – Por que ele não fez uma Pedra Filosofal, ou roubou uma, se estava tão interessado na imortalidade?

– Bem, sabemos que foi exatamente isto que ele tentou fazer, cinco anos atrás – afirmou Dumbledore. – Mas há várias razões pelas quais, em minha opinião, a Pedra Filosofal seria menos desejável por Lorde Voldemort do que Horcruxes.

"Embora o Elixir da Vida de fato prolongue a vida, precisa ser tomado regularmente, para sempre, se quem o beber quiser conservar a imortalidade. Portanto, Voldemort ficaria inteiramente dependente do Elixir, mas, se ele se

esgotasse ou fosse contaminado, ou se a Pedra fosse roubada, Voldemort morreria como qualquer outro homem. Lembre-se de que ele gosta de agir sozinho. Acredito que teria achado a ideia de depender, ainda que fosse do Elixir, intolerável. Naturalmente estava disposto a bebê-lo, se isso o livrasse da semivida a que tinha sido condenado depois que atacou você, apenas para recuperar um corpo. A partir daí, estou convencido de que ele pretendia continuar a depender de suas Horcruxes: nada mais seria necessário, se ao menos pudesse recuperar a forma humana. Já era imortal, entende... ou quase tão imortal quanto um homem pode ser.

"Mas agora, Harry, munido desta informação, a lembrança crucial que você conseguiu obter para nós, estamos mais próximos do segredo para liquidar Lorde Voldemort do que alguém já esteve antes. Você ouviu o que ele disse, Harry: 'Não seria melhor, fortaleceria mais a pessoa, se ela dividisse a alma em várias partes... sete não é o número mágico mais poderoso... *Sete não é o número mágico mais poderoso?'* Sim, acho que a ideia de uma alma em sete partes agradaria muito a Lorde Voldemort."

– Ele fez *sete* Horcruxes? – questionou Harry, horrorizado, enquanto vários retratos nas paredes soltaram exclamações semelhantes, de susto e indignação. – Mas elas poderiam estar em qualquer parte do mundo... escondidas... enterradas ou invisíveis...

– Fico satisfeito que você avalie a amplitude do problema – disse Dumbledore calmamente. – Mas, primeiro, não, Harry, não são sete Horcruxes: são seis. A sétima parte da alma, por mais desfigurada que esteja, habita o seu corpo regenerado. Foi a parte dele que viveu uma existência espectral por tantos anos durante o seu exílio; sem essa, ele não possui eu algum. Essa sétima parte é a última que quem quiser matar Lorde Voldemort deverá atacar: a parte que vive em seu corpo.

– Mas as seis Horcruxes, então – perguntou Harry meio desesperado –, como é que vamos encontrá-las?

– Está esquecendo... você já destruiu uma. E eu destruí outra.

– Foi? – perguntou o garoto ansioso.

– Sem dúvida – respondeu Dumbledore, erguendo a mão escura, que parecia queimada. – O anel, Harry. O anel de Servolo. E também uma terrível maldição que havia nele. Se não fosse, me desculpe a aparente falta de modéstia, a minha prodigiosa habilidade e a oportuna intervenção do professor Snape quando retornei a Hogwarts, desesperadamente ferido, eu não teria sobrevivido para contar a história. Contudo, a mão murcha não me parece um preço exorbitante a pagar por um sétimo da alma de Voldemort. O anel deixou de ser uma Horcrux.

– Mas como foi que o senhor descobriu?

– Bem, como você sabe, faz muitos anos que me incumbi de descobrir o máximo possível sobre o passado de Voldemort. Viajei extensamente, visitando os lugares que ele conheceu. Encontrei, por acaso, o anel escondido nas ruínas da casa de Gaunt. Parece que, ao conseguir encerrar uma parte de sua alma no anel, ele não quis mais usá-lo. Escondeu-o, protegido por vários encantamentos poderosos, no casebre em que seus antepassados tinham vivido (Morfino já fora levado para Azkaban, é claro), sem nunca suspeitar que eu pudesse um dia me dar ao trabalho de visitar a ruína, ou estar atento a vestígios de ocultamento mágico.

"No entanto, não devemos nos felicitar com excessivo entusiasmo. Você destruiu o diário e, eu, o anel, mas, se estivermos certos em nossa teoria de uma alma dividida em sete partes, restam quatro Horcruxes."

– E elas poderiam ser qualquer coisa? Poderiam ser latas velhas ou, sei lá, frascos de poções vazios...?

– Você está pensando em Chaves de Portal, Harry, que devem ser objetos comuns, que não chamem atenção. Mas Lorde Voldemort usaria latas ou velhos frascos de poção para guardar sua preciosa alma? Você está esquecendo o que lhe mostrei. Lorde Voldemort gostava de colecionar troféus, e preferia objetos com uma convincente história mágica. Seu orgulho, sua crença na própria superioridade, sua determinação de abrir para si um lugar surpreendente na história da magia; tudo isto me sugere que Voldemort escolheria suas Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos que merecessem tal honra.

– O diário não era tão especial assim.

– O diário, como você mesmo disse, provava que ele era o herdeiro de Slytherin; tenho certeza de que Voldemort considerava isto de extraordinária importância.

– E as outras Horcruxes? O senhor acha que sabe o que são?

– Só posso imaginar – respondeu Dumbledore. – Pelas razões que já lhe dei, acredito que Lorde Voldemort daria preferência a objetos que, em si, possuíssem certo esplendor. Portanto, repassei a vida de Voldemort procurando provas do desaparecimento de certos artefatos à sua volta.

– O medalhão! – exclamou Harry em voz alta. – A taça de Hufflepuff!

– Certo – disse Dumbledore sorrindo. – Eu estaria pronto a apostar, talvez não a minha outra mão, mas uns dois dedos, que esses foram transformados nas Horcruxes três e quatro. As duas restantes, presumindo mais uma vez que ele tenha criado seis totais, são mais problemáticas, mas eu arriscaria o palpite de que, uma vez que obteve objetos de Hufflepuff e Slytherin, ele saiu em busca de outros que tivessem pertencido a Gryffindor ou Ravenclaw. Estou certo de que quatro objetos dos quatro fundadores teriam exercido uma forte atração na

imaginação de Voldemort. Não sei dizer se ele conseguiu achar alguma coisa de Ravenclaw. Atrevo-me a afirmar, porém, que a única relíquia conhecida de Gryffindor continua a salvo.

Dumbledore apontou os dedos escuros para a parede às suas costas, onde uma espada incrustada de rubis descansava em uma caixa de vidro.

– O senhor acha que essa é a verdadeira razão por que ele queria voltar a Hogwarts: para tentar encontrar alguma coisa de um dos outros fundadores?

– Exatamente o que pensei. Mas, infelizmente, isso não nos leva muito longe, porque ele foi recusado, ou assim acredito, sem ter tido oportunidade de dar uma busca na escola. Sou forçado a concluir que ele nunca satisfez a sua ambição de colecionar objetos dos quatro fundadores. Inegavelmente possuía dois, talvez tenha encontrado um terceiro, isto é o melhor que podemos afirmar por ora.

– Mesmo que ele tenha encontrado alguma coisa de Ravenclaw ou de Gryffindor, ainda falta a sexta Horcrux – disse Harry, contando nos dedos. – A não ser que tenha conseguido as duas?

– Creio que não – replicou Dumbledore. – Acho que sei qual é a sexta Horcrux. Fico imaginando o que você dirá se eu confessar que há algum tempo sinto curiosidade pelo comportamento da cobra Nagini.

– A cobra? – espantou-se Harry. – Pode-se usar animais como Horcruxes?

– Bem, não é aconselhável fazer isso, porque confiar uma parte da alma a algo que pode pensar e se locomover, obviamente, é muito arriscado. Contudo, se o meu cálculo estiver correto, faltava a Voldemort pelo menos uma Horcrux para completar as seis que pretendia, quando entrou na casa de seus pais com a intenção de matar você.

"Ele parece ter reservado o processo de criar Horcruxes a mortes particularmente significantes. Você certamente estaria neste caso. Ele acreditava que matando-o eliminaria o perigo descrito na profecia. Acreditava que se tornaria invencível. Tenho certeza de que pretendia fazer a última Horcrux com a sua morte.

"Sabemos que ele fracassou. Mas, depois de um intervalo de alguns anos, Voldemort usou Nagini para matar um velho trouxa e talvez lhe ocorresse transformá-la em sua última Horcrux. A cobra enfatiza a ligação com Slytherin, que, por sua vez, realça a mística de Lorde Voldemort. Acho que ele talvez goste tanto dela quanto é capaz de gostar de alguma coisa; sem dúvida gosta de mantê-la por perto, e parece exercer um controle incomum sobre ela, até mesmo para um ofidioglota."

– Então – disse Harry –, o diário já foi, o anel também. A taça, o medalhão e a cobra continuam intactos, e o senhor acha que talvez haja uma Horcrux que, no passado, pertenceu a Ravenclaw ou Gryffindor?

– Um resumo admiravelmente sucinto e exato – aprovou Dumbledore, inclinando a cabeça.

– Então... o senhor ainda está procurando as Horcruxes? É atrás delas que o senhor tem ido quando se ausenta da escola?

– Correto. Faz muito tempo que as procuro. Acho... talvez... eu esteja próximo de encontrar mais uma. Há sinais promissores.

– E se encontrar – perguntou Harry ligeiro –, posso ir com o senhor e ajudá-lo a se livrar dela?

Dumbledore fitou Harry atentamente por um momento antes de responder:

– Acho que sim.

– Posso?! – exclamou Harry muito surpreso.

– Pode – confirmou o diretor, com um leve sorriso. – Acho que você conquistou esse direito.

Harry criou ânimo novo. Era muito bom não ouvir palavras acautelatórias e protetoras, para variar. Os diretores e diretoras nas paredes pareceram menos impressionados com a decisão de Dumbledore; Harry viu alguns deles balançarem negativamente a cabeça e Fineus Nigellus rir pelo nariz.

– Voldemort sabe quando uma Horcrux é destruída, senhor? É capaz de sentir? – perguntou Harry, não dando atenção aos quadros.

– Uma pergunta muito interessante, Harry. Acredito que não. Acredito que Voldemort esteja tão impregnado de maldade, e essas partes essenciais tenham sido destacadas dele há tanto tempo, que ele não sinta como nós. Talvez, quando estiver à beira da morte, ele tome consciência de sua perda... mas ele não percebeu, por exemplo, que o diário tinha sido destruído até obrigar Lúcio Malfoy a confessar a verdade. Quando Voldemort descobriu que o diário fora mutilado e perdera todos os poderes, me contaram que foi horrível presenciar a sua cólera.

– Mas pensei que ele queria que Lúcio Malfoy trouxesse o diário para Hogwarts.

– É verdade, ele quis quando estava certo de que poderia criar mais Horcruxes; mas, ainda assim, Lúcio devia aguardar uma ordem dele que jamais chegou, porque Voldemort desapareceu pouco depois de lhe entregar o diário. Sem dúvida, ele achou que Lúcio Malfoy não se atreveria a fazer nada com a Horcrux exceto guardá-la com cuidado, mas ele confiou demais no medo que Lúcio teria de um senhor ausente havia anos e que Lúcio pensava estar morto. Naturalmente, Lúcio não sabia o que era aquele diário. Pelo que sei, Voldemort tinha lhe dito que o diário faria a Câmara Secreta reabrir, porque fora engenhosamente encantado. Se Lúcio soubesse que tinha em mãos uma porção da alma do seu senhor sem dúvida a teria tratado com maior respeito; ao invés,

ele deu prosseguimento ao plano antigo para seus próprios fins: ao plantar o diário na filha de Arthur Weasley, ele esperava desacreditar Arthur, me ver demitido de Hogwarts e se livrar de um objeto muito incriminador de um único golpe. Ah, coitado do Lúcio... com a fúria de Voldemort por ele ter se desfeito da Horcrux para seu lucro pessoal e o fiasco do ano passado no Ministério, eu não me surpreenderia se, no momento, ele estivesse secretamente feliz de se ver seguro em Azkaban.

Harry ficou pensativo por um momento, então perguntou:

– Então, se todas as Horcruxes fossem destruídas, Voldemort *poderia* ser morto?

– Acho que sim – respondeu Dumbledore. – Sem as Horcruxes, Voldemort será um homem mortal, com uma alma mutilada e diminuída. Mas não se esqueça jamais que, embora a alma dele esteja irrecuperavelmente danificada, seu cérebro e seus poderes mágicos permanecem intactos. Serão necessários perícia e poder incomuns para matar um bruxo como Voldemort, mesmo sem as Horcruxes.

– Mas eu não tenho perícia e poder incomuns – protestou Harry, sem conseguir se refrear.

– Tem, sim – disse Dumbledore com firmeza. – Você tem um poder que Voldemort nunca teve. Você pode...

– Eu sei! – interpôs Harry impaciente. – Sou capaz de amar! – E foi com extrema dificuldade que deixou de acrescentar: "Grande coisa!"

– É, Harry, você é capaz de amar – replicou Dumbledore, que parecia saber perfeitamente o que Harry acabara de calar. – O que, considerando tudo que lhe aconteceu, é um sentimento poderoso e notável. Você ainda é jovem demais, Harry, para compreender a pessoa extraordinária que você é.

– Então, quando a profecia diz que terei "um poder que o Lorde das Trevas desconhece", quer dizer apenas... amor? – perguntou Harry, um pouco desapontado.

– Isso mesmo... apenas amor. Mas, Harry, nunca esqueça que os dizeres da profecia só têm significação porque Voldemort fez com que tivessem. Eu lhe disse isto no final do ano passado. Voldemort destacou você como a pessoa que ofereceria maior perigo para ele; e, ao fazer isso, *transformou-o* na pessoa que ofereceria maior perigo para ele!

– Mas isto acaba dando no...

– Não, não acaba! – disse Dumbledore, agora parecendo impaciente. E, apontando a mão escura e murcha para Harry: – Você está valorizando demais a profecia!

– Mas – engrolou Harry –, mas o senhor falou que a profecia quer dizer...

– Se Voldemort nunca tivesse sabido da profecia, será que ela teria se cumprido? Será que teria tido alguma significação? Claro que não! Você acha que todas as profecias na Sala da Profecia se cumpriram?

– Mas – replicou Harry aturdido –, mas no ano passado o senhor falou que um de nós teria de matar o outro...

– Harry, Harry, só porque Voldemort cometeu um grave erro e agiu segundo as palavras da professora Trelawney! Se ele nunca tivesse matado seu pai, será que teria despertado em você um furioso desejo de vingança? Claro que não! Se ele não tivesse forçado sua mãe a morrer por você, será que teria lhe conferido uma proteção mágica que ele não poderia penetrar? Claro que não, Harry. Você não está entendendo? O próprio Voldemort criou seu pior inimigo, como fazem os tiranos em todo o mundo! Você tem ideia do medo que os tiranos sentem do povo que eles oprimem? Todos eles percebem que, um dia, entre suas muitas vítimas, com certeza haverá uma que se rebelará e revidará! Voldemort não é diferente! Ele sempre esteve atento ao aparecimento daquele que o desafiaria. Ele soube da profecia e entrou imediatamente em ação, e, em consequência, não apenas escolheu o homem com maior probabilidade de liquidá-lo, mas lhe deu armas singularmente letais!

– Mas...

– É essencial que você compreenda o que ocorreu! – disse Dumbledore se erguendo e começando a andar pelo escritório, suas vestes fulgurantes farfalhando a cada passo; Harry nunca o vira tão agitado. – Ao tentar matá-lo, Voldemort destacou a pessoa notável que está sentada à minha frente e lhe deu os instrumentos para a tarefa! É culpa de Voldemort que você seja capaz de ler seus pensamentos, suas ambições, e até mesmo que você entenda a linguagem das cobras em que ele transmite suas ordens; contudo, Harry, apesar da visão privilegiada que você tem do mundo dele (que, por sinal, é uma dádiva que qualquer Comensal da Morte mataria para ter), você nunca se deixou seduzir pelas Artes das Trevas, nunca, nem por um segundo, manifestou o menor desejo de se tornar um dos seguidores de Voldemort!

– Claro que não! – confirmou Harry indignado. – Ele matou os meus pais!

– Resumindo, você está protegido por sua capacidade de amar! – disse Dumbledore em voz alta. – A única proteção eficaz contra a fascinação por um poder como o de Voldemort! Apesar de todas as tentações que você suportou, de todo o sofrimento, o seu coração permanece puro, tão puro quanto era aos onze anos, quando você se mirou no espelho que refletia o maior desejo de seu coração, e ele lhe mostrou apenas o caminho para frustrar Lorde Voldemort em vez de imortalidade ou riqueza. Harry, você faz ideia de como são raros os bruxos que poderiam ter visto o que você viu naquele espelho? Voldemort

deveria ter percebido, então, com quem estava lidando, mas não percebeu!

"Mas ele agora sabe. Você perpassou a mente de Lorde Voldemort sem sofrer o menor dano, mas ele não pode possuir a sua sem sofrer uma agonia mortal, como descobriu no Ministério. Acho que ele não compreende por quê, Harry, ele teve tanta pressa de mutilar a própria alma, que nem sequer parou para compreender o poder incomparável de uma alma imaculada e inteira."

– Mas, senhor – disse Harry, fazendo valentes esforços para não parecer que argumentava –, no final dá tudo no mesmo, não? Eu tenho de tentar matá-lo ou...

– Tem? – perguntou Dumbledore. – Claro que tem! Mas não por causa da profecia! Mas porque você, no íntimo, jamais descansará enquanto não tentar! Nós dois sabemos disso! Imagine, por favor, apenas por um momento que você nunca tivesse sabido daquela profecia! Quais seriam os seus sentimentos com relação a Voldemort agora? Pense!

Harry ficou observando Dumbledore andar para lá e para cá à sua frente, e pensou. Pensou em sua mãe, em seu pai e em Sirius. Pensou em Cedrico Diggory. Pensou em todos os terríveis feitos de Lorde Voldemort que conhecia. Uma labareda pareceu saltar do seu peito e queimar sua garganta.

– Eu iria querer que Voldemort fosse liquidado. E iria querer fazer isso pessoalmente.

– Claro que sim! – exclamou Dumbledore. – A profecia não significa que você *tem* de fazer nada, entende! Mas a profecia levou Lorde Voldemort a *marcá-lo como seu igual*... em outras palavras, você é livre para escolher o próprio caminho, livre para dar as costas à profecia! Voldemort, no entanto, continua a valorizar a profecia. E continuará a persegui-lo... o que de, fato, transforma em certeza que...

– Que um de nós vai acabar matando o outro – completou Harry. – Eu sei.

Mas ele finalmente entendeu o que Dumbledore estivera tentando lhe dizer. Era, pensou Harry, a diferença entre ser arrastado para a arena para enfrentar uma luta mortal e entrar na arena de cabeça erguida. Algumas pessoas diriam, talvez, que a escolha era mínima, mas Dumbledore sabia – e eu também, pensou Harry, com súbito orgulho, bem como meus pais – que aí residia toda a diferença do mundo.

— CAPÍTULO VINTE E QUATRO —
Sectumsempra

Exausto, mas feliz, com o trabalho daquela noite, Harry contou tudo o que acontecera a Rony e Hermione durante a aula de Feitiços na manhã seguinte (tendo primeiro lançado o feitiço *Abaffiato* sobre os colegas que estavam mais próximos). Os dois ficaram bem impressionados com o modo com que ele extraíra a memória de Slughorn, e decididamente assombrados com o seu relato sobre as Horcruxes de Voldemort e a promessa de Dumbledore de levá-lo em sua companhia, se encontrasse outra.

– Uau! – exclamou Rony, quando o amigo finalmente terminou de contar tudo; Rony acenava com a varinha em direção ao teto, sem prestar a mínima atenção ao que estava fazendo. – Uau. Você vai realmente acompanhar Dumbledore... e tentar destruir... uau.

– Rony, você está fazendo nevar – avisou Hermione, pacientemente, agarrando o pulso do garoto e desviando sua varinha do teto, de onde, de fato, tinham começado a cair grandes flocos de neve. Harry notou que Lilá Brown, de uma das mesas vizinhas, observava Hermione com raiva e olhos muito vermelhos, e que Hermione largou imediatamente o braço de Rony.

– Ah, é! – exclamou Rony, olhando para seus ombros vagamente surpreso. – Desculpem... parece que agora todos estamos com uma caspa horrível...

Ele espanou um pouco da falsa neve dos ombros de Hermione. Lilá caiu no choro. Rony pareceu sentir uma imensa culpa e deu as costas para a garota.

– Nós terminamos – disse ele a Harry pelo canto da boca. – Na noite passada. Quando me viu saindo do dormitório com a Hermione. Obviamente, ela não pôde ver você, então pensou que estávamos sozinhos.

– Ah! – exclamou Harry. – Bem... você não está ligando para isso, está?

– Não – admitiu Rony. – Foi bem chato ouvir os gritos dela, mas pelo menos eu não precisei terminar.

– Covarde – disse Hermione, embora parecesse achar graça. – Bem, foi uma

noite ruim para os namoros em geral. Gina e Dino também terminaram, Harry.

Harry achou que havia uma expressão de entendimento nos olhos de Hermione ao dizer aquilo, mas era impossível que ela soubesse que suas entranhas repentinamente começaram a dançar uma conga; mantendo os músculos do rosto imóveis e a voz o mais indiferente possível, ele perguntou:

– Por quê?

– Ah, por uma coisa realmente boba... Gina falou que ele estava sempre querendo ajudar na hora de passar pelo buraco do retrato, como se ela não soubesse subir sozinha... mas o namoro já estava balançando há um tempão.

Harry olhou para Dino do lado oposto da sala de aula. Certamente o garoto parecia muito infeliz.

– Claro que isto deixa você num dilema, não é?

– Como assim? – perguntou Harry imediatamente.

– A equipe de quadribol. Se Gina e Dino não estão se falando...

– Ah... ah, é – concordou Harry.

– Flitwick – alertou Rony. O minúsculo professor de Feitiços vinha saltitando em direção a eles, e Hermione era a única que conseguira transformar vinagre em vinho; seu balão de ensaio estava cheio de um líquido muito vermelho, enquanto os de Harry e Rony continuavam castanho-turvos.

– Vamos, vamos, rapazes – censurou-os o professor Flitwick com sua voz fininha. – Menos conversa e um pouco mais de ação... quero ver vocês experimentarem.

Juntos, eles ergueram as varinhas, concentrando-se ao máximo, e apontaram-nas para os balões. O vinagre de Harry virou gelo; o balão de Rony explodiu.

– Então... para casa... – disse o professor Flitwick, saindo de baixo da mesa e tirando estilhaços de vidro do chapéu – *praticar*.

Os três amigos tiveram um dos seus raros períodos livres em comum depois de Feitiços, e voltaram juntos para a sala comunal. Rony parecia estar positivamente descontraído com o fim do seu relacionamento com Lilá, e Hermione também parecia animada, embora, quando lhe perguntassem por que estava sorrindo, ela respondesse simplesmente: “Está fazendo um belo dia.” Nenhum dos dois parecia notar que uma feroz batalha devastava o cérebro de Harry.

Ela é irmã do Rony.

Mas ela deu o fora no Dino!

Ela continua sendo irmã do Rony.

Eu sou o melhor amigo dele!

Isso só vai piorar as coisas.

E se eu falasse com ele primeiro...

Ele bateria em você.
E se eu não ligar?
Ele é o seu melhor amigo!
Harry nem reparou que estavam passando pelo buraco do retrato para entrar na ensolarada sala comunal, e apenas registrou vagamente a rodinha de alunos do sétimo ano até que Hermione gritou:
– Katie! Você voltou! Você está o.k.?
Harry arregalou os olhos: era de fato Katie Bell, parecendo completamente saudável e cercada por amigos radiantes.
– Estou realmente boa! – disse ela feliz. – Eles me deram alta no St. Mungus na segunda-feira, passei uns dias em casa com meus pais e voltei para Hogwarts hoje de manhã. Liane acabou de me contar o que o McLaggen fez no último jogo, Harry...
– É, bem, agora que você já voltou e Rony está em forma, teremos uma chance decente de dar uma surra na Corvinal, o que significa que ainda poderíamos estar na disputa pela Copa. Escuta, Katie...
Harry não pôde esperar para lhe fazer a pergunta; a curiosidade chegou a varrer temporariamente Gina do seu cérebro. Ele baixou a voz quando os amigos de Katie começaram a juntar seus pertences; pelo jeito estavam atrasados para a aula de Transfiguração.
– ... aquele colar... você agora lembra quem lhe deu?
– Não – respondeu Katie, sacudindo a cabeça pesarosa. – Todo o mundo está me perguntando, mas não faço a menor ideia. A última coisa de que me lembro é que entrei no banheiro feminino no Três Vassouras.
– Então, definitivamente você entrou no banheiro? – indagou Hermione.
– Bem, eu sei que abri a porta, então imagino que quem me lançou a Maldição Imperius estava parado ali atrás. Depois disso, minha memória apagou tudo até as duas últimas semanas no St. Mungus. Escutem, é melhor eu ir andando, a McGonagall é bem capaz de me passar uma frase de castigo, mesmo sendo o primeiro dia da minha volta...
Katie apanhou a mochila e seus livros e correu atrás dos amigos, deixando Harry, Rony e Hermione se sentarem a uma das mesas junto à janela para pensar no que ela acabara de contar.
– Então deve ter sido uma garota ou uma mulher quem deu o colar a Katie – arriscou Hermione –, para estar no banheiro feminino...
– Ou alguém com a aparência de uma garota ou de uma mulher – interpôs Harry. – Não esqueça que existe um caldeirão de Polissuco em Hogwarts. Sabemos que roubaram um pouco...
Mentalmente, Harry viu um desfile de Crabbes e Goyles passando, todos

transformados em garotas.
– Acho que vou tomar outra dose de Felix – anunciou Harry –, e fazer uma nova tentativa para entrar na Sala Precisa.
– Isto seria um completo desperdício de poção – disse Hermione taxativamente, descansando o exemplar do *Silabário de Spellman* que acabara de retirar da mochila. – A sorte só pode levar uma pessoa até certo ponto, Harry. A situação com Slughorn foi diferente; você sempre teve habilidade para convencer o professor, só precisou dar um empurrãozinho nas circunstâncias. Mas não basta sorte para você passar por um poderoso encantamento. Não gaste à toa o resto da sua poção! Vai precisar de toda a sorte que puder arranjar, se Dumbledore levar mesmo você com ele... – Sua voz transformou-se num sussurro.
– Será que não podíamos preparar mais um pouco? – Rony perguntou a Harry ignorando Hermione. – Seria o máximo ter um estoque de poção... dê uma olhada no livro...
Harry apanhou seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* na mochila e procurou a Felix Felicis.
– Caramba, é a maior complicação! – exclamou, correndo os olhos pela lista de ingredientes. – E leva seis meses... é preciso deixar cozinhar em fogo lento...
– Só podia ser – comentou Rony.
Harry ia guardando o livro de novo quando notou o canto de página dobrado; abrindo-a, viu o feitiço *Sectumsempra*, com a legenda “Para inimigos”, que ele marcara algumas semanas antes. Ainda não descobrira para que servia, principalmente porque não queria testá-lo perto de Hermione, mas estava pensando em experimentar em McLaggen da próxima vez que encontrasse o garoto de costas, distraído.
A única pessoa que não ficou muito feliz ao ver Katie Bell voltar à escola foi Dino Thomas, porque não precisaria mais substituí-la como artilheiro. Ele suportou o golpe estoicamente quando Harry lhe deu a notícia, limitando-se a resmungar e sacudir os ombros, mas Harry teve a nítida impressão, ao se afastar, de que Dino e Simas estavam reclamando, inconformados, às suas costas.
A quinzena seguinte registrou os melhores treinos de quadribol que Harry conhecera como capitão. Sua equipe estava tão satisfeita de se livrar de McLaggen, tão contente de ter Katie finalmente de volta, que todos estavam voando excepcionalmente bem.
Gina não parecia nem um pouco chateada com o fim do namoro com Dino; pelo contrário, era a vida e a alma da equipe. Suas imitações de Rony, subindo e descendo na frente das balizas quando a goles vinha em sua direção, ou de Harry, berrando ordens a McLaggen antes de ser nocauteado, divertiam

constantemente os jogadores. Harry, rindo com os outros, ficava satisfeito de ter um motivo inocente para olhar Gina; ele recebera outros tantos balaços durante os treinos porque não estava mantendo os olhos no pomo.

A batalha continuava a devastar o seu cérebro: Gina ou Rony? Por vezes, ele achava que o Rony pós-Lilá talvez não se importasse tanto se ele convidasse Gina para sair, então se lembrava da expressão do amigo quando vira a irmã beijando Dino, e tinha certeza de que Rony consideraria uma vil traição se ele sequer segurasse a mão de Gina...

Contudo, Harry não podia deixar de falar com Gina, rir com ela e voltar do treino, caminhando, com a garota; por mais que sua consciência doesse, ele vivia imaginando a melhor maneira de encontrá-la a sós: o ideal teria sido Slughorn dar uma de suas festinhas, onde Rony não estaria por perto. Infelizmente, o professor parecia ter desistido das reuniões. Uma ou duas vezes, Harry considerou pedir a ajuda de Hermione, mas achou que não aguentaria o ar de presunção que veria no rosto da amiga; pensou já tê-lo visto quando Hermione o surpreendia olhando para Gina ou rindo de suas brincadeiras. E, para complicar, havia a preocupação insistente de que, se não a convidasse, logo alguém certamente o faria: pelo menos, ele e Rony estavam de acordo que Gina era popular demais para seu próprio bem.

De um modo geral, a tentação de tomar outro gole de Felix Felicis tornava-se mais forte a cada dia que passava, porque, sem dúvida, este era um caso, segundo dissera Hermione, de “dar um empurrãozinho nas circunstâncias”, não? Os dias mornos e agradáveis foram desfilando mansamente pelo mês de maio, e Rony parecia estar colado em seu ombro toda vez que ele via Gina. Harry viu-se desejando um feliz acaso que fizesse Rony perceber que nada lhe agradaria mais do que seu melhor amigo e sua irmã se apaixonarem e deixar os dois sozinhos por mais do que uns poucos segundos. Parecia, no entanto, não haver chance de nada disso acontecer nas vésperas da última partida de quadribol da temporada; Rony queria discutir táticas com Harry o tempo todo, e praticamente não pensava em outra coisa.

Neste particular, Rony não era original; o interesse pela partida Grifinória-Corvinal aumentava extraordinariamente em toda a escola, porque o confronto decidiria o campeonato, que continuava em aberto. Se a Grifinória vencesse a Corvinal por uma margem de trezentos pontos (uma tarefa difícil, embora Harry nunca tivesse visto sua equipe voar melhor), o campeonato seria deles. Se vencessem por menos de trezentos pontos, terminariam em segundo lugar, atrás da Corvinal; se perdessem por uma diferença de até cem pontos, chegariam em terceiro lugar, atrás da Lufa-Lufa, e, se perdessem por mais de cem pontos, ficariam em quarto lugar e ninguém, pensava Harry, nunca, jamais o deixaria

esquecer que fora o capitão que levara a Grifinória à lanterna do campeonato nos últimos dois séculos.

Os dias que precederam essa partida crítica apresentaram todos os problemas costumeiros: os jogadores das Casas rivais tentavam intimidar as equipes adversárias nos corredores; cantavam refrões grosseiros sobre os jogadores à sua passagem; os membros das equipes se exibiam pela escola, deliciando-se com as atenções ou correndo ao banheiro nos intervalos das aulas para vomitar. Por alguma razão, na mente de Harry, o jogo se tornara indissociável do sucesso ou fracasso de seus planos em relação a Gina. Ele não podia deixar de sentir que, se ganhassem por mais de trezentos pontos, as cenas de euforia e uma estrondosa comemoração pós-jogo seriam tão eficazes quanto uma boa dose de Felix Felicis.

Em meio a toda essa preocupação, Harry não se esquecera de sua outra ambição: descobrir o que Malfoy fazia na Sala Precisa. Ele ainda consultava o Mapa do Maroto e, como muitas vezes não conseguia localizar o garoto, deduzia que ele ainda passasse um bom tempo na Sala. E, embora estivesse perdendo a esperança de conseguir um dia entrar ali, sempre que estava nas vizinhanças fazia nova tentativa; mas, por mais que refraseasse o seu pedido, a parede permanecia sólida.

Poucos dias antes da partida com a Corvinal, Harry viu-se descendo sozinho da sala comunal para jantar, Rony saíra correndo outra vez para vomitar no banheiro mais próximo, e Hermione dera uma fugida para consultar a professora Vector a respeito de um possível erro no último trabalho de Aritmancia. Mais por hábito do que por outro motivo, Harry fez o desvio habitual pelo sétimo andar, verificando o Mapa do Maroto enquanto andava. Por um momento, não conseguiu localizar Malfoy em parte alguma, e presumiu que ele estivesse na Sala Precisa. Então, viu o pontinho do garoto em um banheiro masculino no andar abaixo, acompanhado, não de Crabbe ou Goyle, mas da Murta Que Geme.

Harry só parou de olhar fixamente para esta improvável parceria quando colidiu em cheio com uma armadura. O estrondo o despertou do seu devaneio; fugindo da cena antes que Filch aparecesse, ele desceu correndo a escadaria de mármore e entrou pelo corredor abaixo. Do lado de fora do banheiro, colou o ouvido à porta. Não conseguiu ouvir nada. Então, empurrou-a silenciosamente.

Draco Malfoy estava parado de costas, com as mãos apoiadas dos lados da pia e a cabeça loura curvada.

– Não – murmurou a Murta Que Geme, de um dos boxes. – Não... me conte qual é o problema... posso ajudar você...

– Ninguém pode me ajudar – respondeu Malfoy. Todo o seu corpo tremia. – Não posso fazer isso... não posso... não vai dar certo... e se eu não fizer logo...

ele diz que vai me matar...
E Harry percebeu, com um choque tão colossal que pareceu pregá-lo no chão, que o garoto estava chorando, realmente chorando, as lágrimas escorriam do seu rosto pálido para a pia encardida. Malfoy ofegou e engoliu em seco e, então, com um estremeção, olhou para o espelho rachado e viu Harry encarando-o por cima do seu ombro.
Malfoy girou nos calcanhares puxando a varinha. Instintivamente, Harry sacou a dele. O feitiço de Malfoy passou a centímetros dele e quebrou um lampião na parede ao seu lado; Harry se atirou para um lado, mentalizou *Levicorpus!* e acenou com a varinha, mas Malfoy bloqueou o feitiço e ergueu a varinha para revidar...
– Não! Não! Parem com isso! – guinchou a Murta Que Geme, sua voz ecoando nos azulejos do banheiro. – Parem! PAREM!
Houve um forte estampido, e a lata de lixo atrás de Harry explodiu; Harry experimentou um Feitiço da Perna Presa, que ricocheteou na parede do lado da orelha de Malfoy e partiu a cisterna embaixo da Murta, fazendo-a berrar; a água vazou para todo lado, e Harry escorregou na hora em que Malfoy, de rosto contorcido, exclamou:
– *Cruci!...*
– SECTUMSEMPRA! – urrou Harry do chão, agitando a varinha freneticamente.
O sangue espirrou do rosto e do peito de Malfoy como se ele tivesse sido cortado por uma espada invisível. Ele recuou, vacilante, e caiu no chão inundado, espalhando água e deixando cair a varinha da mão direita frouxa.
– Não!... – exclamou Harry.
Ele se levantou, escorregando e cambaleando, e se precipitou para Malfoy, cujo rosto agora brilhava escarlate, suas mãos pálidas apalpavam o peito encharcado de sangue.
– Não... eu não...
Harry não sabia o que estava dizendo; caiu de joelhos ao lado de Malfoy, que tremia, descontrolado, em uma poça do próprio sangue. A Murta Que Geme soltou um urro ensurdecedor.
– CRIME! CRIME! CRIME NO BANHEIRO! CRIME!
A porta se escancarou e Harry ergueu a cabeça, aterrorizado: Snape invadira o banheiro com o rosto lívido. Empurrando Harry com violência, ajoelhou-se ao lado de Malfoy, tirou a varinha e passou-a por cima dos profundos cortes que o feitiço de Harry produzira, murmurando um encantamento que parecia quase uma canção. O fluxo de sangue pareceu diminuir; Snape limpou o coágulo do rosto do garoto e repetiu o encantamento. Agora os cortes pareciam estar

fechando.
Harry continuava a olhar horrorizado o que fizera, sem se dar conta de que ele também estava empapado de água e sangue. A Murta Que Geme soluçava e gemia. Depois de executar o contra-feitiço pela terceira vez, Snape ajudou Malfoy a se levantar.
– Você precisa da ala hospitalar. Talvez fiquem muitas cicatrizes, mas, se tomar ditamno imediatamente, talvez possamos evitar até isso... venha...
Ele amparou Malfoy pelo banheiro, virando-se à porta para dizer com a voz gelada de fúria:
– E você, Potter... você espere por mim aqui.
Nem por um segundo ocorreu a Harry desobedecer. Ergueu-se lentamente, trêmulo, e olhou para o chão molhado. Havia manchas de sangue boiando como flores carmim à superfície. Ele nem sequer conseguiu arranjar forças para mandar a Murta Que Geme sossegar, pois ela continuava a chorar e soluçar, com visível e crescente prazer.
Snape voltou dez minutos mais tarde. Entrou no banheiro e fechou a porta ao passar.
– Saia – disse à Murta, e imediatamente ela mergulhou de volta em seu vaso, deixando um silêncio ressonante à sua saída.
– Não tive intenção – disse Harry na mesma hora. Sua voz ecoou pelo espaço frio e molhado. – Eu não sabia qual era o efeito daquele feitiço.
Mas Snape fingiu não ouvir.
– Aparentemente eu o subestimei, Potter – disse suavemente. – Quem teria pensado que você conhecia magia das trevas? Quem lhe ensinou aquele feitiço?
– Eu... li em algum lugar.
– Onde?
– Foi... num livro da biblioteca – inventou Harry. – Não me lembro do título...
– Mentiroso – retrucou o professor. A garganta de Harry secou. Ele sabia o que Snape ia fazer, e nunca fora capaz de impedir...
O banheiro pareceu tremeluzir ao seu olhar; ele lutou para bloquear todos os pensamentos, porém, por mais que tentasse, o exemplar do *Estudos avançados no preparo de poções* que pertencia ao Príncipe Mestiço flutuava indistinto para o primeiro plano de sua mente...
E então ele voltara a encarar Snape, no meio do banheiro destruído e encharcado. Fixou os olhos negros do professor, esperando, desesperado, que não tivesse visto o que ele, Harry, receava, mas...
– Vá apanhar sua mochila – disse o professor baixinho – e todos os seus livros escolares. *Todos*. Traga-os para mim aqui. Agora!
Não adiantava discutir. Harry virou-se prontamente e saiu do banheiro

espalhando água. Uma vez no corredor, começou a correr para a Torre da Grifinória. A maioria das pessoas vinha em direção contrária; admiravam-se ao vê-lo encharcado de água e sangue, mas ele não respondeu a nenhuma das perguntas que lhe fizeram quando passou desembalado.

Sentia-se aturdido; era como se um bicho muito estimado tivesse de repente se tornado feroz. Em que o Príncipe estava pensando ao copiar um feitiço daquele em seu livro? E que aconteceria quando Snape visse? Será que contaria a Slughorn – o estômago de Harry embrulhou – como ele obtivera resultados tão bons em Poções o ano inteiro? Será que o professor confiscaria ou destruiria o livro que lhe ensinara tanta coisa... o livro que se tornara uma espécie de guia e amigo? Harry não podia deixar isso acontecer... simplesmente não podia...

– Onde é que você...? Por que está todo molhado...? Isso é *sangue*?

Rony estava parado no alto da escada, espantado de ver o amigo.

– Preciso do seu livro – ofegou Harry. – O seu livro de Poções. Depressa... me dá aqui...

– E o do Príncipe Mestiço?

– Depois eu explico!

Rony tirou o seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* da mochila e entregou-o ao amigo; Harry disparou de volta à sala comunal. Ali, pegou sua mochila, ignorando os olhares espantados dos colegas que já haviam terminado de jantar, atirou-se pelo buraco do retrato e desembestou pelo corredor do sétimo andar.

Parou, derrapando, ao lado da tapeçaria dos trasgos dançarinos, fechou os olhos e começou a caminhar.

Preciso de um lugar para esconder o meu livro... preciso de um lugar para esconder o meu livro... preciso de um lugar para esconder o meu livro...

Três vezes ele foi e voltou diante da parede lisa. Quando abriu os olhos, ali estava finalmente: a porta para a Sala Precisa. Harry escancarou-a, atirou-se para dentro e bateu a porta.

Ficou sem fôlego. Apesar da pressa, do pânico e do medo do que o aguardava no retorno ao banheiro, não pôde deixar de se assombrar com o que via. Achava-se em uma sala do tamanho de uma grande catedral, cujas altas janelas lançavam raios de luz sobre uma verdadeira cidade de elevadas muralhas construídas com objetos, percebia Harry, escondidos por gerações de habitantes de Hogwarts. Havia travessas e ruas margeadas por pilhas mal equilibradas de móveis gastos e partidos, guardados, talvez, para esconder provas de magia malfeita, ou então por elfos domésticos orgulhosos de seus castelos. Havia alguns milhares de livros, sem dúvida, proibidos ou rabiscados ou roubados. Havia catapultas aladas e Frisbees-dentados, alguns com suficiente energia para pairar indiferentes sobre

montanhas de outros objetos proibidos; havia frascos lascados com poções congeladas, chapéus, joias, capas; havia coisas que pareciam cascas de ovos de dragão, garrafas arrolhadas cujos conteúdos ainda refulgiam malignamente, várias espadas enferrujadas e um machado sujo de sangue.

Harry avançou ligeiro por uma das muitas travessas entre tantos tesouros escondidos. Virou à direita depois de um enorme trasgo empalhado, correu uma pequena distância, embicou para a esquerda junto ao Armário Sumidouro quebrado, onde Montague se perdera no ano anterior, e finalmente parou em frente a um grande armário que dava a impressão de ter recebido ácido em sua superfície cheia de bolhas. Ele abriu uma das portas emperradas do armário: já fora usada como esconderijo para algum bicho engaiolado que morrera muito tempo atrás; o esqueleto tinha cinco pernas. Ele enfiou o livro do Príncipe Mestiço atrás da gaiola e bateu a porta. Parou um instante, com o coração barbaramente acelerado, e correu o olhar pela montoeira... será que conseguiria reencontrar este lugar no meio de todo esse lixo? Apanhando o busto lascado de um bruxo velho e feio de cima de um caixote próximo, colocou-o no alto do armário em que escondera o livro, encarrapitou uma velha peruca empoeirada e uma tiara oxidada na cabeça da estátua para poder distingui-la, então voltou correndo pelas travessas de guardados o mais rápido que pôde, refez o caminho até a porta, saiu e, ao batê-la, às suas costas, viu-a transformar-se mais uma vez em pedra.

Harry correu sem parar em direção ao banheiro do andar abaixo, enfiando o exemplar de Rony de *Estudos avançados no preparo de poções* na mochila, enquanto corria. Um minuto depois, estava novamente diante de Snape, que estendeu a mão em silêncio para receber a mochila de Harry. O garoto entregou-a, ofegando, sentindo uma dor ardida no peito, e aguardou.

Snape tirou os livros de Harry, um a um, e examinou-os. Por fim, restou apenas o livro de poções, que ele olhou muito atentamente antes de perguntar:

– Este é o seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções*, é, Potter?

– É – respondeu Harry, ainda respirando com esforço.

– Você tem certeza, não é, Potter?

– Tenho – respondeu o garoto em tom mais atrevido.

– Este é o exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* que você comprou na Floreios e Borrões?

– É – respondeu ele com firmeza.

– Então, por que tem o nome “Roonil Wazlib” escrito na segunda capa?

O coração de Harry parou um instante.

– Esse é o meu apelido.

– Seu apelido – repetiu Snape.
– É... é assim que meus amigos me chamam.
– Eu sei o que é um apelido. – Os olhos frios e escuros de Snape perfuravam mais uma vez os de Harry; o garoto tentou não encarar os do professor. *Feche sua mente... feche sua mente*... mas ele nunca aprendera a fazer isso direito...
– Você sabe o que eu acho, Potter? – disse Snape, muito calmamente. – Acho que você é um mentiroso e um trapaceiro, e merece ficar detido comigo todos os sábados até o final do trimestre. Que é que você acha, Potter?
– Eu... eu não concordo, senhor – disse Harry, ainda se recusando a encarar Snape nos olhos.
– Bem, veremos o que sente depois de suas detenções. Dez horas, sábado de manhã, Potter. Meu escritório.
– Mas, senhor... – protestou Harry, erguendo os olhos desesperado. – Quadribol... o último jogo da...
– Dez horas – sussurrou Snape, com um sorriso que revelou seus dentes amarelados. – Coitada da Grifinória... a lanterna deste ano, receio que seja...
E saiu do banheiro sem dizer mais nada, deixando Harry diante do espelho partido, sentindo-se mais enjoado do que Rony jamais se sentira na vida, disto ele tinha plena certeza.
– Não vou dizer “Eu bem que disse” – lembrou Hermione, uma hora depois na sala comunal.
– Não encarna, Hermione – retrucou Rony com raiva.
Harry não chegara a tempo para jantar; não sentia fome alguma. Acabara de contar a Rony, Hermione e Gina o que acontecera, não que isso fosse necessário. As notícias tinham corrido muito rápido: aparentemente a Murta Que Geme se encarregara de aparecer em cada banheiro do castelo para contar a história; Malfoy já fora visitado na ala hospitalar por Pansy Parkinson, que não perdera tempo e saíra difamando Harry por toda a escola, e Snape informara aos professores exatamente o que acontecera: Harry já fora chamado na sala comunal para enfrentar quinze minutos extremamente desagradáveis na presença da professora McGonagall, que lhe dissera que tinha sorte em não ser expulso, e que ela apoiava integralmente a decisão de detê-lo todos os sábados até o fim do trimestre.
– Eu disse que tinha alguma coisa errada com aquele tal Príncipe – comentou Hermione, evidentemente incapaz de se conter. – E tinha razão, não é?
– Não, acho que não – teimou Harry.
Ele já estava se sentindo péssimo sem os sermões de Hermione, a cara dos jogadores da Grifinória quando ele contou que não poderia jogar no sábado fora o pior castigo. Sentia o olhar de Gina agora, mas evitou-o; não queria ver nele

desapontamento nem raiva. Acabara de lhe dizer que ia jogar de apanhadora no sábado, e que Dino voltaria à equipe, no lugar dela, como artilheiro. Talvez, se a Grifinória vencesse, Gina e Dino fizessem as pazes durante a euforia pós-jogo... a ideia atravessou a mente de Harry como uma faca gelada...

– Harry – recomeçou Hermione –, como você ainda pode defender aquele livro quando o feitiço...

– Quer parar de falar naquele livro? – retrucou Harry. – O Príncipe apenas copiou o feitiço! Não é o mesmo que aconselhar alguém a usar! E, pelo que sabemos, ele podia até estar anotando uma coisa que foi usada contra ele.

– Eu não acredito! – exclamou Hermione. – Você está mesmo defendendo...

– Não estou defendendo o que fiz! – protestou Harry imediatamente. – Gostaria de não ter feito, e não só porque recebi uma tonelada de detenções. Você sabe que eu não teria usado um feitiço daqueles, nem mesmo contra o Malfoy, mas você não pode culpar o Príncipe, ele não escreveu “Experimente este, é realmente bom”... eram anotações pessoais, não é? Não era para mais ninguém...

– Você está me dizendo – perguntou Hermione – que você vai voltar...?

– Para apanhar o livro? Vou – disse Harry com energia. – Escuta aqui, sem o Príncipe eu jamais teria ganhado a Felix Felicis. Jamais saberia como salvar Rony do envenenamento, jamais...

– ... conquistaria a reputação de gênio em Poções que não merece – concluiu Hermione maldosamente.

– Dá um tempo, Hermione! – exclamou Gina, e Harry ficou tão admirado, tão agradecido, que ergueu a cabeça. – Pelo jeito, Malfoy estava tentando usar uma Maldição Imperdoável, você devia ficar feliz que Harry tivesse um trunfo na manga!

– Bem, é claro que estou contente que Harry não tenha sido amaldiçoado! – respondeu Hermione, visivelmente ofendida. – Mas você não pode dizer que aquele *Sectumsempra* é um trunfo, Gina, olhe só a confusão em que meteu o Harry! E eu imaginaria, vendo as consequências para suas chances no jogo...

– Ah, não começa a agir como se entendesse de quadribol – respondeu Gina com aspereza –, você só vai se complicar.

Harry e Rony olharam espantados: Hermione e Gina, que sempre tinham se dado tão bem, agora estavam sentadas de braços cruzados e cara amarrada, olhando em direções opostas. Rony lançou um olhar nervoso para Harry, então apanhou um livro qualquer e se escondeu atrás dele. Harry, embora soubesse que não merecia, sentiu, de repente, uma inacreditável animação, embora nenhum deles voltasse a falar o resto da noite.

Sua animação durou pouco. Teve de aturar insultos dos alunos da Sonserina

no dia seguinte, sem falar na raiva dos colegas da Grifinória, que se sentiam infelicíssimos que o seu capitão tivesse provocado a própria suspensão do jogo de final da temporada. Quando chegou a manhã de sábado, apesar do que ele pudesse ter dito a Hermione, Harry teria trocado de boa vontade toda a Felix Felicis do mundo para estar a caminho do campo de quadribol com Rony, Gina e os outros. Foi quase insuportável dar as costas à massa de estudantes que saía para o sol, todos usando rosetas e chapéus e agitando estandartes e echarpes, e descer a escada de pedra para as masmorras e ir andando até que os ruídos distantes da multidão se extinguissem, sabendo que não conseguiria ouvir nem uma palavra da narração, nem aplauso, nem protesto.

– Ah, Potter – disse Snape, quando Harry bateu à porta e entrou no escritório desagradavelmente familiar que o professor, apesar de dar aulas andares acima, ainda não desocupara; estava mal iluminado como sempre, e os mesmos objetos viscosos e mortos flutuavam em poções coloridas nas paredes. E, mau sinal, havia muitas caixas cobertas de teias de aranha empilhadas sobre a mesa à que Harry deveria sentar; emanavam uma aura de trabalho monótono, árduo e inútil.

– O sr. Filch esteve procurando alguém para limpar esses arquivos antigos – disse Snape brandamente. – São os registros de outros transgressores de Hogwarts e os castigos que receberam. Onde a tinta desbotou, ou os cartões foram danificados por ratos, gostaríamos que você copiasse os crimes e castigos de novo e, depois de verificar se estão em ordem alfabética, tornasse a guardá-los nas caixas. Não deverá usar magia.

– Certo, professor – respondeu Harry, com o maior desprezo que conseguiu colocar nas três últimas sílabas.

– Achei que podia começar – disse Snape, com um sorriso malicioso nos lábios – com as caixas que vão de mil e doze a mil e cinquenta e seis. Encontrará aí alguns nomes conhecidos, o que deve emprestar interesse à sua tarefa. Veja aqui...

O professor retirou um cartão de uma das caixas no alto da pilha com um gesto teatral e leu:

– “*Tiago Potter e Sirius Black. Detidos pelo uso de azaração ilegal em Bertram Aubrey. A cabeça de Aubrey está o dobro do tamanho normal. Detenção dupla*.” – Snape deu um sorriso desdenhoso. – Deve ser um consolo pensar que, embora já tenham partido, reste um registro dos seus grandes feitos...

Harry sentiu a familiar sensação fervendo no fundo do estômago. Mordendo a língua para não retorquir, sentou-se à frente das caixas e puxou uma para perto.

Era, como Harry previra, um trabalho monótono e inútil, pontuado (o que fora visivelmente planejado por Snape) por um constante solavanco no estômago, ao ler os nomes do pai e de Sirius, em geral associados em vários delitos menores,

por vezes acompanhados por Remo Lupin e Pedro Pettigrew. E, enquanto transcrevia as várias transgressões e os castigos, ficou imaginando o que estaria acontecendo lá fora, onde a partida devia estar iniciando... Gina jogando na posição de apanhadora contra Cho...

Harry olhou várias vezes para o grande relógio que tiquetaqueava na parede. Parecia trabalhar com a metade da velocidade de um relógio normal; será que Snape o teria enfeitiçado para andar bem devagar? Não podia estar ali apenas há meia hora... uma hora... uma hora e meia...

O estômago de Harry começou a roncar quando o relógio marcou meio-dia e meia. Snape, que se mantinha calado desde que passara a tarefa para Harry, finalmente ergueu a cabeça a uma hora e dez minutos.

– Acho que já basta – anunciou friamente. – Marque o ponto em que parou. Continuará no próximo sábado, às dez horas.

– Sim, senhor.

Harry enfiou aleatoriamente um cartão dobrado na caixa e saiu depressa, porta afora, antes que Snape pudesse mudar de ideia; subiu correndo a escada, apurando os ouvidos para algum ruído do campo, mas estava tudo silencioso... então o jogo acabara...

Ele hesitou à porta do Salão Principal lotado, e subiu correndo a escadaria de mármore; quer a Grifinória tivesse ganhado ou perdido, a equipe costumava comemorar ou lamentar na sala comunal.

– *Quid agis?* – experimentou Harry dizer à Mulher Gorda, imaginando o que encontraria lá dentro.

Sua expressão estava indecifrável quando ela respondeu:

– Você verá.

E o quadro girou.

Um urro de comemoração explodiu do buraco às suas costas. Harry parou boquiaberto quando, ao avistá-lo, as pessoas começaram a gritar; várias mãos puxaram-no para dentro.

– Vencemos! – berrou Rony, pulando à sua frente, sacudindo a taça de prata. – Vencemos! Quatrocentos e cinquenta a cento e quarenta! Vencemos!

Harry olhou para os lados; lá estava Gina correndo ao seu encontro; tinha uma expressão dura e intensa no rosto ao atirar os braços ao seu pescoço. E, sem pensar, sem planejar, sem se preocupar com o fato de que cinquenta pessoas estavam olhando, Harry a beijou.

Decorridos longos minutos, ou talvez tenha sido meia hora, ou possivelmente vários dias ensolarados, eles se separaram. A sala ficara muito silenciosa. Várias pessoas assoviaram e houve uma erupção de risadinhas nervosas. Harry olhou por cima da cabeça de Gina e viu Dino Thomas segurando um copo esmagado

na mão, e Romilda Vane com cara de quem queria atirar alguma coisa neles. Hermione sorria exultante, mas o olhar de Harry procurou Rony. Encontrou-o finalmente, ainda segurando a taça com a expressão de quem levara uma bordoada na cabeça. Por uma fração de segundo eles se olharam, então Rony fez um discreto aceno com a cabeça que Harry entendeu como “Bem, se não tem jeito”.

A criatura em seu peito rugiu triunfante, Harry sorriu para Gina e fez um gesto mudo indicando a saída do buraco do retrato. Um longo passeio pelos jardins parecia o mais indicado, durante o qual, se tivessem tempo, poderiam discutir o jogo.

— CAPÍTULO VINTE E CINCO —

A vidente entreouvida

O fato de Harry Potter estar saindo com Gina Weasley parecia interessar a muitas pessoas, a maioria garotas, Harry, porém, sentiu-se, de uma forma nova e feliz, indiferente às fofocas, nas semanas que se seguiram. Afinal de contas, era bem agradável ser assunto de conversas por algo que o deixava mais contente do que lembrava haver sido em muito tempo, em vez de por sua participação em terríveis cenas de magia das trevas.

– Eu achava que as pessoas teriam mais o que fofocar – comentou Gina, no chão da sala comunal, recostada nas pernas de Harry e lendo o *Profeta Diário*. – Três ataques de dementadores em uma semana, e só o que a Romilda Vane me pergunta é se é verdade que você tem um hipogrifo tatuado no peito.

Rony e Hermione caíram na gargalhada. Harry fingiu não ouvir.

– Que foi que você respondeu?

– Que era um rabo-córneo húngaro – informou Gina, virando lentamente a página do jornal. – Muito mais macho.

– Obrigado – disse Harry rindo. – E o que foi que você disse a ela que o Rony tem?

– Um mini-pufe, mas eu não disse onde.

Rony ficou sério, enquanto Hermione rolava de rir.

– Olha – ameaçou ele, apontando para Harry e Gina. – Só porque dei licença não quer dizer que não possa retirar...

– "Licença" – caçoou Gina. – Desde quando você dá licença para eu fazer alguma coisa? Aliás, foi você mesmo que disse que preferia o Harry ao Miguel ou o Dino.

– Preferia mesmo – concordou Rony de má vontade. – E desde que vocês não comecem a se agarrar em público...

– Seu hipócrita nojento! E você e a Lilá que ficavam se enroscando feito um par de enguias por toda a escola? – quis saber Gina.

Mas a tolerância de Rony não seria posta à prova porque começou junho, e o tempo de Harry e Gina juntos foi se tornando mais limitado. Os N.O.M.s dela estavam próximos e, com isto, ela era obrigada a rever a matéria noite adentro. Em uma dessas noites, em que Gina se recolhera à biblioteca e Harry se sentou junto à janela da sala comunal, supostamente para terminar o dever de Herbologia, mas na realidade revivendo uma hora muito feliz que passara com Gina à beira do lago na hora do almoço, Hermione largou-se na cadeira entre ele e Rony com uma expressão desagradavelmente decidida no rosto.

– Quero falar com você, Harry.

– Sobre o quê? – perguntou ele, desconfiado. Ainda na véspera, Hermione o censurara por distrair Gina, quando ela devia estar estudando a sério para os exames.

– O tal do Príncipe Mestiço.

– Ah, outra vez, não – gemeu ele. – Quer esquecer isso?

Harry não ousara voltar à Sala Precisa para recuperar o livro, e o seu desempenho em Poções estava sofrendo proporcionalmente (embora Slughorn, que aprovava Gina, atribuísse isso, brincando, ao fato de Harry estar apaixonado). Mas ele tinha certeza de que Snape ainda não perdera a esperança de pôr as mãos no livro do Príncipe, por isso resolvera deixá-lo onde o guardara, enquanto o professor estivesse vigiando.

– Não vou esquecer – respondeu Hermione com firmeza – enquanto você não escutar tudo. Então, estive investigando um pouco quem poderia ter o passatempo de inventar feitiços das Trevas...

– Não era um passatempo para ele...

– Ele, ele... quem disse que era ele?

– Já discutimos isso – retrucou Harry irritado. – *Príncipe*, Hermione, *Príncipe*!

– Certo! – disse Hermione, manchas vermelhas afogueando seu rosto enquanto tirava uma notícia de jornal muita antiga do bolso e a batia na mesa diante de Harry. – Olhe isto aqui! Olhe a foto!

Harry apanhou o pedaço de papel quebradiço e estudou a foto animada, que o tempo amarelara; Rony se inclinou para ver também. A foto mostrava uma garota magricela de uns quinze anos. Não era bonita; seu rosto expressava, ao mesmo tempo, raiva e mau humor, com sobrancelhas grossas e um rosto pálido e comprido. Sob a foto, havia a legenda: *Eileen Prince, Capitã do Time de Bexigas*.

– E daí? – perguntou Harry, passando os olhos pela pequena notícia que a foto ilustrava; era uma história meio sem graça sobre competições interescolares.

– O nome dela era Eileen Prince. *Príncipe*, Harry.

Os dois se entreolharam, e Harry entendeu o que Hermione estava tentando dizer. Ele caiu na gargalhada.

– Nem pensar.

– Quê?

– Você acha que *ela* era o Príncipe...? Ah, qual é?

– E por que não? Harry, não existem príncipes de verdade no mundo bruxo. Ou é um apelido, um título que alguém inventou, ou até mesmo o sobrenome verdadeiro, não? Não, escute! Vamos dizer que o pai dela fosse um bruxo com o sobrenome "Prince", e a mãe fosse uma trouxa, isso faria dela um "Príncipe Mestiço"!

– Ah, muito engenhoso, Hermione...

– Mas faria! Talvez ela sentisse orgulho de ser meio Príncipe!

– Escute aqui, Hermione, sei que não é uma garota. Simplesmente sei a diferença.

– A verdade é que você acha que uma garota não seria inteligente o bastante – retrucou Hermione, zangada.

– Como é que eu poderia conviver com você durante cinco anos e achar que garotas não são inteligentes? – perguntou Harry ofendido. – É o jeito de ele escrever. Sei que o Príncipe era um cara, sei a diferença. Essa garota não tem nada a ver com a história. Mas, afinal, onde foi que você arranjou esta notícia?

– Na biblioteca – respondeu Hermione previsivelmente. – Tem uma coleção completa de *Profetas* antigos. Bem, vou descobrir mais sobre a Eileen Prince, se puder.

– Divirta-se – desejou Harry irritado.

– Pode deixar – respondeu Hermione. – E o primeiro lugar onde vou procurar – atirou para Harry, ao chegar ao buraco do retrato – é nos registros dos prêmios de Poções!

Harry acompanhou-a com um olhar feio por um momento, então voltou à contemplação do céu que escurecia.

– Hermione jamais conseguiu se conformar que você seja melhor do que ela em Poções – disse Rony, retomando a leitura do seu exemplar de *Mil ervas e fungos mágicos*.

– Você não acha que eu sou maluco por querer o livro de volta, acha?

– Claro que não – respondeu Rony lealmente. – Ele era um gênio, o Príncipe. Aliás... sem aquela dica do bezoar... – ele riscou a garganta com o dedo significativamente –, eu não estaria aqui para discutir isso, não é? Quero dizer, não estou dizendo que aquele feitiço que você usou contra o Malfoy foi legal...

– Nem eu – Harry se apressou em concordar.

– Mas ele se recuperou, não foi? Pronto para outra num instante.

– É – concordou Harry. Era a pura verdade, embora sua consciência continuasse a doer um pouquinho. – Graças ao Snape...

– Você ainda tem uma detenção com ele nesse sábado? – continuou Rony.

– Tenho, e no sábado seguinte e no sábado depois do sábado seguinte – suspirou Harry. – E, agora, ele anda insinuando que, se eu não terminar todas as caixas até o fim do trimestre, continuaremos no próximo ano.

Harry estava achando essas detenções particularmente chatas porque consumiam o tempo já limitado que ele poderia passar com Gina. Na verdade, ultimamente ele tinha se perguntado muitas vezes se Snape não saberia disso, porque estava liberando Harry cada vez mais tarde e fazia comentários mordazes de que Harry estava deixando de aproveitar o tempo claro e as várias oportunidades que oferecia.

Harry foi despertado dessas amargas reflexões pelo aparecimento de Jaquito Peakes, que lhe estendia um rolinho de pergaminho.

– Obrigado, Jaquito... ei, é do Dumbledore! – exclamou Harry excitado, desenrolando e lendo o pergaminho. – Ele quer que eu vá ao escritório dele o mais rápido que puder!

Os garotos se entreolharam.

– Caramba – sussurrou Rony. – Você supõe que... será que ele achou...?

– É melhor ir ver, não é? – disse Harry, pondo-se em pé de um salto.

Ele saiu correndo da sala comunal e continuou pelo corredor do sétimo andar o mais rápido que pôde, sem encontrar ninguém exceto Pirraça, que passou voando na direção oposta, atirando pedacinhos de giz em Harry, de um jeito meio rotineiro, e soltando grandes gargalhadas ao se desviar das azarações defensivas do garoto. Quando Pirraça desapareceu, o silêncio voltou aos corredores; faltando apenas quinze minutos para o toque de recolher, a maioria das pessoas já voltara para suas salas comunais.

Então Harry ouviu um grito e um baque. Ele parou abruptamente e apurou os ouvidos.

– Como... é... que... você... *se*... *atreve*... aaaaarre!

O estardalhaço vinha de um corredor vizinho; Harry acorreu, empunhando a varinha, virou um canto e viu a professora Trelawney esparramada no chão, a cabeça coberta com seus muitos xales, várias garrafas de xerez caídas a um lado, uma delas quebrada.

– Professora...

Harry adiantou-se depressa e ajudou a professora Trelawney a se pôr de pé. Alguns de seus colares cintilantes tinham embaraçado em seus óculos. Ela soluçou alto, ajeitou os cabelos e se levantou apoiada no braço que Harry oferecia.

– Que aconteceu, professora?
– É mesmo de se perguntar! – respondeu ela esganiçada. – Eu estava andando, refletindo sobre certos portentos das Trevas que por acaso vislumbrei...
Mas Harry não estava prestando muita atenção. Acabara de reparar onde estavam parados: ali, à direita, encontrava-se a tapeçaria dos trasgos dançarinos e, à esquerda, aquele trecho liso e impenetrável de parede que ocultava...
– Professora, a senhora estava tentando entrar na Sala Precisa?
– ... oráculos que me foram confiados... quê?
Ela pareceu repentinamente esquiva.
– A Sala Precisa – repetiu Harry. – A senhora estava tentando entrar aí?
– Eu... bem... não sabia que alunos tinham conhecimento...
– Nem todos. Mas que aconteceu? A senhora gritou... como se tivesse se machucado...
– Eu... bem – disse a professora, cobrindo-se defensivamente com os xales, e fixando em Harry os olhos imensamente aumentados pelas lentes. – Eu queria... ah... depositar... hum... certos pertences meus na Sala... – E murmurou alguma coisa sobre “acusações perversas”.
– Certo – concordou Harry, olhando para as garrafas de xerez dela. – Mas a senhora não conseguiu entrar para escondê-los?
Harry achou isto muito estranho; afinal, a Sala abrira-se para ele, quando quisera esconder o livro do Príncipe Mestiço.
– Ah, eu entrei sem problema – explicou a professora Trelawney, olhando aborrecida para a parede. – Mas já havia alguém lá dentro.
– Alguém lá...? Quem? – quis saber o garoto. – Quem estava lá dentro?
– Não faço ideia – respondeu a professora, parecendo um pouco assustada com a urgência na voz de Harry. – Entrei na Sala e ouvi uma voz, o que nunca me aconteceu em todos esses anos em que escondi... em que usei a Sala, quero dizer.
– Uma voz? Dizendo o quê?
– Não sei se estava dizendo alguma coisa. Estava dando... vivas.
– *Vivas?*
– Gritos de alegria. – Ela confirmou com a cabeça.
Harry olhou-a espantado.
– Homem ou mulher?
– Eu arriscaria dizer que era homem.
– E parecia feliz?
– Muito feliz – disse a professora fungando.
– Como se estivesse comemorando?
– Sem a menor dúvida.

– E então...?
– Então perguntei: “Quem está aí?”
– A senhora não poderia descobrir sem perguntar? – questionou-a Harry, ligeiramente frustrado.
– O Olho Interior – replicou a professora com dignidade, ajeitando seus xales e os muitos fios de contas reluzentes – estava contemplando questões muito distantes da esfera mundana de vozes que gritam de alegria.
– Certo – apressou-se Harry a dizer; já ouvira falar demais no Olho Interior da professora Trelawney. – E a voz respondeu quem era?
– Não, não respondeu. Ficou tudo escuro como breu e, no momento seguinte, eu estava sendo arremessada de cabeça para fora da Sala!
– E a senhora não previu isso?! – exclamou Harry, incapaz de se conter.
– Não, não previ, como disse, ficou tudo escuro como... – A professora parou e olhou-o desconfiada.
– Acho melhor a senhora contar ao professor Dumbledore – sugeriu Harry. – Ele precisa saber que Malfoy está comemorando... quero dizer, que alguém arremessou a senhora para fora da Sala.
Para sua surpresa, a professora Trelawney empertigou-se ao ouvir sua sugestão, com ar de superioridade.
– O diretor insinuou que preferia receber menos visitas minhas – disse ela friamente. – Não sou pessoa de impor a minha presença àqueles que não a apreciam. Se Dumbledore prefere ignorar os avisos dados pelas cartas...
Sua mão ossuda agarrou subitamente o pulso de Harry.
– Repetidamente, seja qual for o modo com que eu as ponha...
E, dramaticamente, Trelawney puxou uma carta de baixo dos xales.
– ... A Torre atingida pelo raio – sussurrou ela. – Calamidade. Catástrofe. Cada dia mais próxima...
– Certo – concordou Harry outra vez. – Bem... continuo achando que a senhora deveria contar a Dumbledore sobre a voz e a Sala escurecer de repente e a senhora ser arremessada para fora...
– Você acha? – A professora Trelawney pareceu considerar a questão por um momento, mas Harry percebeu que ela gostara da ideia de tornar a contar sua pequena aventura.
– Estou indo vê-lo agora – disse Harry. – Tenho uma reunião com ele. Poderíamos ir juntos.
– Ah, bem, neste caso – replicou a professora Trelawney com um sorriso. Ela se abaixou, recolheu suas garrafas de xerez e atirou-as sem cerimônia dentro de um grande vaso azul e branco em um nicho próximo.
– Sinto falta de você nas minhas aulas, Harry – disse ela comovida, quando

começaram a andar. – Você nunca foi grande coisa como vidente... mas era um Objeto de estudo maravilhoso...

Harry não respondeu; detestara ser o Objeto de estudo dos contínuos vaticínios catastróficos da professora Trelawney.

– Receio – continuou ela – que aquele pangaré... desculpe, centauro... não saiba nada de cartomancia. Perguntei-lhe, de um vidente para outro, se também não tinha sentido as distantes vibrações do advento da catástrofe. Mas, pelo jeito, ele me acha quase cômica. Isso mesmo, cômica!

Sua voz alteou-se histericamente, e Harry sentiu uma forte baforada de xerez, embora as garrafas tivessem sido deixadas para trás.

– Talvez o cavalo tenha ouvido pessoas dizerem que não herdei o dom das minhas tataravós. Há anos os invejosos têm espalhado esses boatos. Sabe qual a minha resposta para essa gente, Harry? Será que Dumbledore teria me deixado ensinar nesta grande escola, confiado em mim todos esses anos, se eu não tivesse comprovado o meu valor?

Harry murmurou alguma coisa inaudível.

– Lembro-me muito bem da minha primeira entrevista com Dumbledore – continuou a professora Trelawney, com a voz rouca. – Ele ficou profundamente impressionado, é claro, profundamente impressionado... eu estava hospedada no Cabeça de Javali, que, aliás, não recomendo... percevejos, meu caro rapaz... mas eu estava sem recursos. Dumbledore fez a gentileza de ir até o meu quarto na estalagem. Interrogou-me... devo confessar que, a princípio, achei que parecia pouco favorável à Adivinhação... e lembro que comecei a me sentir meio estranha, não tinha comido quase nada naquele dia... mas então...

E agora, pela primeira vez, Harry estava realmente prestando atenção, porque sabia o que tinha acontecido: a professora Trelawney fizera uma profecia que alterara o curso de toda a sua vida, a profecia sobre ele e Voldemort.

– ... então fomos rudemente interrompidos por Severo Snape!

– Quê?

– Sim, houve uma agitação no corredor, a porta do quarto se escancarou, e lá estava aquele barman rude, parado com Snape, que tentava confundilo, dizendo que se enganara ao subir, embora eu ache que ele foi apanhado escutando a minha entrevista com Dumbledore; você entende, ele próprio estava procurando emprego à época, e com certeza esperava ouvir umas dicas! Bem, depois disso, entende, Dumbledore pareceu bem mais disposto a me contratar, e não pude deixar de pensar, Harry, que ele deve ter percebido o violento contraste entre o meu jeito modesto e o meu talento discreto comparados aos do rapaz cavador e intrometido, que se dispunha a escutar às portas... Harry, querido?

Trelawney olhou por cima do ombro, pois acabara de perceber que Harry não

estava mais com ela; o garoto parara e agora havia três metros de distância entre eles.

– Harry? – repetiu a professora insegura.

Talvez o rosto dele estivesse branco, para fazê-la parecer tão preocupada e assustada. Harry estava paralisado, sentindo o impacto de ondas de choque, onda após onda, que obliteravam tudo, exceto a informação que lhe haviam negado por tanto tempo...

Snape é quem tinha ouvido a profecia. Snape é quem tinha levado a notícia da profecia a Voldemort. Snape e Pedro Pettigrew, juntos, tinham feito Voldemort sair caçando Lílian, Tiago e seu filho...

Nada mais importava a Harry no momento.

– Harry? – chamou de novo a professora. – Harry... pensei que íamos ver o diretor juntos?

– A senhora fica aqui – disse Harry, com os lábios dormentes.

– Mas, querido... eu ia contar a ele que fui atacada na Sala...

– A senhora fica aqui! – repetiu Harry com raiva.

Trelawney fez um ar assustado quando ele passou correndo por ela, entrou pelo corredor de Dumbledore, onde a gárgula solitária montava guarda. Harry gritou a senha para a gárgula e subiu correndo a escada móvel em espiral, três degraus de cada vez. Ele não bateu à porta de Dumbledore, esmurrou-a; e a voz calma respondeu “Entre”, depois que Harry já se precipitara para dentro da sala.

Fawkes, a fênix, girou a cabeça, seus olhos vivos e negros refletindo o dourado do sol poente. Dumbledore estava parado à janela, contemplando os terrenos da escola, uma longa capa de viagem nos braços.

– Bem, Harry, prometi que você poderia vir comigo.

Por um momento, Harry não compreendeu; a conversa com Trelawney varrera tudo o mais de sua cabeça, e seu cérebro parecia estar funcionando muito vagarosamente.

– Ir... com o senhor...?

– Somente se você quiser, é claro.

– Se eu...

E então Harry se lembrou por que inicialmente estivera ansioso para vir ao escritório de Dumbledore.

– O senhor encontrou uma? Encontrou uma Horcrux?

– Creio que sim.

A fúria e o ressentimento entraram em conflito com o choque e a excitação: por um longo momento, Harry não conseguiu falar.

– É natural ter medo – disse Dumbledore.

– Não estou apavorado! – retrucou Harry imediatamente, e era a absoluta

verdade: medo não era uma emoção que ele estivesse sentindo. – Qual é a Horcrux? Onde está?
– Não tenho certeza qual é, embora pense que podemos excluir a cobra... acredito que esteja escondida em uma caverna na costa, a muitos quilômetros daqui, uma caverna que venho tentando localizar há muito tempo: a caverna em que, no passado, Tom Riddle aterrorizou duas crianças do orfanato no passeio anual que faziam, lembra-se?
– Lembro. Como está protegida?
– Não sei; tenho algumas suspeitas que talvez estejam completamente erradas. – Dumbledore hesitou, em seguida disse: – Harry, prometi que você poderia vir comigo, e mantenho a promessa, mas seria um grande erro se eu não o prevenisse de que será excepcionalmente perigoso.
– Eu vou – disse Harry, quase antes de Dumbledore terminar de falar. Enfurecido com Snape, seu desejo de fazer alguma coisa extrema e insensata redobrara nos últimos minutos. Isto talvez tenha transparecido em seu rosto, porque Dumbledore se afastou da janela e olhou mais atentamente para Harry, uma leve ruga entre suas sobrancelhas prateadas.
– Que aconteceu com você?
– Nada – mentiu Harry prontamente.
– Que foi que o perturbou?
– Não estou perturbado.
– Harry, você nunca foi um bom Oclumente...
A palavra foi a faísca que desencadeou a fúria de Harry.
– Snape! – disse ele muito alto, e Fawkes soltou um leve grasnido às suas costas. – Snape foi o que me aconteceu! Ele contou a Voldemort sobre a profecia, foi *ele*, *ele* escutou à porta do quarto, Trelawney me contou!
A expressão de Dumbledore não se alterou, mas Harry teve a impressão de que seu rosto empalidecia à claridade avermelhada do sol poente. Por um longo momento, o diretor nada disse.
– Quando foi que descobriu isso? – perguntou ele por fim.
– Agora! – respondeu Harry, que, com enorme dificuldade, reprimia a vontade de gritar. Então, de repente, não conseguiu mais se conter: – E O SENHOR DEIXOU ELE ENSINAR AQUI E ELE DISSE A VOLDEMORT PARA ATACAR OS MEUS PAIS!
Ofegando como se lutasse, Harry se afastou de Dumbledore, que ainda não movera um único músculo, e começou a andar para cima e para baixo no escritório, esfregando os nós dos dedos nas mãos e exercendo todo o seu controle para não derrubar nada. Queria explodir com Dumbledore, mas também queria acompanhá-lo para tentar destruir a Horcrux; queria dizer ao diretor que

ele era um velho tolo por confiar em Snape, mas estava aterrorizado que Dumbledore não o levasse se não dominasse sua raiva...

– Harry – disse Dumbledore em voz baixa. – Por favor, me escute.

Era tão difícil parar de andar quanto se conter para não gritar. Harry hesitou, mordendo o lábio, e encarou o rosto enrugado de Dumbledore.

– O professor Snape cometeu um terrível...

– Não me diga que foi um engano, senhor, ele estava escutando à porta!

– Por favor, me deixe terminar. – Dumbledore aguardou até ver Harry assentir bruscamente com a cabeça, então prosseguiu: – O professor Snape cometeu um terrível engano. Ele ainda estava a serviço de Voldemort na noite em que ouviu a primeira metade da profecia da professora Trelawney. Naturalmente, correu a contar o que ouvira, porque afetava profundamente o seu senhor. Mas ele não sabia, não tinha a menor possibilidade de saber, qual era o garoto que Voldemort iria perseguir daquele dia em diante ou que os pais que ele destruiria em sua busca homicida eram pessoas que ele próprio conhecia, que eram seu pai e sua mãe...

Harry soltou uma gargalhada sombria.

– Ele odiava meu pai como odiava Sirius! O senhor não reparou, professor, como as pessoas a quem Snape odeia têm uma tendência a aparecer mortas?

– Você não faz ideia do remorso que o professor Snape sentiu quando percebeu como Lorde Voldemort interpretara a profecia, Harry. Acredito que tenha sido o maior arrependimento da vida dele, e o motivo por que voltou...

– Mas *ele* é um Oclumente muito bom, não é, senhor? – contrapôs Harry, cuja voz tremia com o esforço de mantê-la firme. – E, Voldemort não está convencido de que Snape está do lado dele, ainda hoje? Professor... como o senhor pode ter *certeza* de que o Snape está do nosso lado?

Dumbledore ficou calado por um momento; parecia estar tentando tomar uma decisão. Por fim, disse:

– Tenho certeza. Confio plenamente em Severo Snape.

Harry respirou fundo por alguns momentos, esforçando-se para se controlar. Não adiantou.

– Bem, eu não! – bradou ele como antes. – Ele está tramando alguma coisa com Draco Malfoy neste instante, bem debaixo do seu nariz, e o senhor continua...

– Já discutimos isso antes, Harry. – E seu tom retomou a severidade anterior. – Dei-lhe a minha opinião.

– O senhor vai sair da escola esta noite, e aposto como nem considerou que Snape e Malfoy podem decidir...

– O quê? – perguntou Dumbledore, com as sobrancelhas erguidas. – Que é

que você suspeita que eles estejam fazendo, exatamente?
– Eles estão armando alguma coisa! – insistiu Harry, fechando os punhos ao dizer isso. – A professora Trelawney acabou de entrar na Sala Precisa, tentando esconder garrafas de xerez, e ouviu Malfoy dando vivas, comemorando! Ele está tentando consertar alguma coisa perigosa lá dentro e, se o senhor quer saber, ele finalmente conseguiu, e o senhor daqui a pouco vai sair porta afora sem...
– Basta. – Dumbledore falou calmo, mas Harry calou-se imediatamente; percebeu que enfim ultrapassara alguma linha invisível. – Você acha que deixei a escola desprotegida uma única vez nas minhas ausências deste ano? Não. Hoje à noite, quando eu viajar, mais uma vez teremos proteção adicional instalada. Por favor, não insinue que eu não levo a sério a segurança dos meus estudantes, Harry.
– Eu não... – murmurou Harry, um pouco envergonhado, mas Dumbledore interrompeu-o.
– Não quero mais discutir este assunto.
Harry engoliu o que ia dizer, receoso de que tivesse ido longe demais, de que tivesse estragado sua chance de acompanhar o diretor, mas este prosseguiu:
– Você quer ir comigo hoje à noite?
– Quero – respondeu Harry prontamente.
– Muito bem, então ouça.
Dumbledore aprumou-se.
– Levo você com uma condição: que você obedeça a qualquer ordem que eu lhe dê, imediatamente e sem fazer perguntas.
– Claro.
– Entenda bem, Harry. Estou dizendo que deverá obedecer até a ordens como “corra”, “se esconda” ou “volte”. Você me dá sua palavra?
– Eu... é claro.
– Se eu mandar que se esconda, você fará isso?
– Farei.
– Se eu o mandar fugir, você obedecerá?
– Obedecerei.
– Se eu lhe disser para me abandonar e se salvar, você fará o que mandei?
– Eu...
– Harry?
Eles se encararam por um momento.
– Farei, sim, senhor.
– Muito bem. Então, quero que você vá buscar a sua Capa da Invisibilidade e me encontre no Saguão de Entrada dentro de cinco minutos.
Dumbledore voltou a contemplar a janela flamejante; o sol era um clarão

vermelho-rubi na linha do horizonte. Harry saiu depressa do escritório e desceu a escada espiral. De repente, sua mente ficou estranhamente clara. Sabia o que fazer.

Rony e Hermione estavam sentados juntos na sala comunal quando ele retornou.

– Que é que o Dumbledore quer? – perguntou Hermione ao vê-lo. – Harry, você está o.k.? – acrescentou ela, ansiosa.

– Estou ótimo – respondeu ele brevemente, passando apressado. Correu escada acima e entrou no dormitório; ali, escancarou o malão e tirou o Mapa do Maroto e um par de meias enroladas. Então, tornou a se precipitar pela escada e voltar à sala comunal, derrapando diante de Rony e Hermione, que observavam perplexos.

– Não tenho muito tempo – ofegou Harry. – Dumbledore acha que estou só apanhando a Capa da Invisibilidade, escutem...

Em poucas palavras, contou-lhes aonde estava indo e por quê. Não parou nem diante das exclamações de horror de Hermione nem das perguntas apressadas de Rony; eles poderiam deduzir os detalhes sozinhos depois.

– ... estão entendendo o que isto significa? – Harry terminou ligeiro. – Dumbledore não estará aqui hoje à noite, portanto Malfoy estará livre para tentar o que quer que esteja tramando. *Não, me escutem!* – sibilou ele zangado, quando Rony e Hermione deram sinais de querer interrompê-lo. – Sei que era o Malfoy comemorando na Sala Precisa. Tomem... – Ele empurrou o Mapa do Maroto na mão de Hermione. – Vocês têm de vigiá-lo e têm de vigiar Snape também. Usem quem puderem reunir da AD. Hermione, aqueles galeões de contato ainda estão funcionando, certo? Dumbledore diz que instalou proteção adicional na escola, mas, se Snape estiver envolvido, ele saberá qual foi a proteção e como evitá-la... mas ele não estará esperando que vocês estejam de guarda, não é?

– Harry – começou Hermione, seus olhos arregalados de medo.

– Não tenho tempo para discutir – cortou-a Harry. – Tome isto também... – Ele empurrou as meias nas mãos de Rony.

– Obrigado – disse Rony. – Ãh... para que preciso de meias?

– Precisa do que está embrulhado nelas, é a Felix Felicis. Dividam entre vocês e a Gina também. Se despeçam dela por mim. É melhor eu ir, Dumbledore está me esperando...

– Não! – exclamou Hermione, quando Rony desembrulhou o frasquinho de poção dourada, parecendo assombrado. – Não queremos a poção, leve com você, quem sabe o que irá enfrentar.

– Estarei bem, estarei com o Dumbledore – respondeu Harry. – Quero ter certeza de que vocês estejam o.k... não me olhe assim, Hermione, vejo vocês

mais tarde...
E ele se foi, atravessou o buraco do retrato e rumou para o Saguão de Entrada.
Dumbledore aguardava-o junto às portas de carvalho. Virou-se quando Harry apareceu derrapando e pisou o degrau mais alto da escadaria, muito ofegante, sentindo uma pontada ardida do lado.
– Gostaria que você usasse sua Capa da Invisibilidade, por favor – pediu o diretor, e esperou até Harry se cobrir, antes de dizer: – Muito bem. Vamos?
Dumbledore começou a descer imediatamente os degraus de pedra, sua capa de viagem quase imóvel no ar parado do verão. Harry corria a seu lado, sob a Capa da Invisibilidade, ainda ofegando e suando muito.
– Mas que é que as pessoas vão pensar quando o virem saindo, professor? – perguntou Harry, pensando em Malfoy e Snape.
– Que vou a Hogsmeade beber alguma coisa – respondeu Dumbledore brincando. – Às vezes, dou preferência a Rosmerta, outras visito o Cabeça de Javali... ou finjo visitar. É uma boa maneira de disfarçar o verdadeiro destino.
Eles foram descendo pela estrada da escola à claridade crepuscular. O ar estava impregnado de aromas de capim aquecido, água do lago e fumaça de madeira da cabana de Hagrid. Era difícil acreditar que estavam caminhando para algo perigoso ou assustador.
– Professor – disse Harry baixinho, quando avistaram os portões no início da estrada –, vamos aparatar?
– Vamos. Você já sabe aparatar, creio eu.
– Sei, mas ainda não tenho licença.
Harry achou melhor ser honesto; e se estragasse tudo desaparatando a quilômetros do lugar onde devia?
– Não faz mal – disse o diretor. – Posso ajudá-lo novamente.
À saída dos portões, eles viraram para a estrada deserta de Hogsmeade. A escuridão foi descendo rapidamente durante a caminhada e, quando por fim alcançaram a rua principal, já era quase noite. As luzes brilhavam nas janelas sobre as lojas, e, assim que se aproximaram do Três Vassouras, ouviram gritos estridentes.
– ... e fique fora daqui! – gritava Madame Rosmerta, expulsando, à força, um bruxo malvestido. – Ah, olá, Alvo... saindo tarde...
– Boa-noite, Rosmerta, boa-noite... me desculpe, estou indo ao Cabeça de Javali... não se ofenda, mas gostaria de um ambiente mais tranquilo hoje à noite...
Um minuto mais tarde, eles viraram para uma rua lateral onde o letreiro do Cabeça de Javali balançava, rangendo, suavemente, embora não houvesse brisa. Ao contrário do Três Vassouras, o bar parecia estar completamente vazio.

– Não precisaremos entrar – murmurou Dumbledore, olhando para os lados. – Desde que as pessoas não nos vejam desaparecendo... agora, apoie a mão no meu braço, Harry. Não precisa apertar com muita força, vou apenas guiá-lo. Quando eu contar três: um... dois... três...

Harry se virou. Na mesma hora teve aquela horrível sensação de que o empurravam à força para dentro de um grosso cano de borracha; não conseguia respirar, cada parte de seu corpo comprimia-se insuportavelmente, então, quando pensou que ia sufocar, a cinta invisível pareceu se romper, e ele se viu parado em fria escuridão, enchendo os pulmões de ar fresco e salgado.

— CAPÍTULO VINTE E SEIS —

A caverna

Harry sentiu o cheiro de sal e o marulho das ondas; uma brisa leve e gelada despenteou seus cabelos quando ele se virou para contemplar o mar enluarado e o céu de estrelas. Estava parado no alto de uma rocha escura, sob a qual a água espumava e se revolvia. Ele olhou por cima do ombro. Às suas costas, erguia-se um penhasco, escarpado, negro e indistinto. Algumas rochas, como aquela em que Harry e Dumbledore se achavam, pareciam ter se destacado da face do penhasco em algum momento do passado. Era uma paisagem desolada e agreste; a monotonia do mar e da rocha sem árvore, capim ou areia a interrompê-la.

– Que é que você acha? – perguntou Dumbledore. Era como se estivesse pedindo a opinião de Harry sobre um bom lugar para um piquenique.

– Eles traziam os garotos do orfanato para cá? – perguntou Harry, que não conseguia imaginar um local menos convidativo para um passeio.

– Não era bem para cá. Há uma aldeiazinha a meio caminho dos rochedos às nossas costas. Acredito que traziam os órfãos para tomar um pouco de ar e ver as ondas. Não, acho que apenas Tom Riddle e suas jovens vítimas algum dia visitaram este lugar. Trouxas não poderiam chegar aqui, a não ser que fossem alpinistas excepcionais, e barcos não podem se aproximar das pedras; as águas ao redor são muito perigosas. Imagino que Riddle tenha descido; a magia teria sido mais útil do que as cordas. E trouxe com ele duas crianças pequenas, provavelmente pelo prazer de aterrorizá-las. Acho que só a viagem em si teria bastado, não?

Harry tornou a erguer os olhos para o penhasco e sentiu arrepios.

– Mas o destino final de Tom, e o nosso, fica um pouco mais adiante. Vamos.

Dumbledore fez sinal a Harry para se aproximar da borda da rocha em que vários nichos pontudos serviam para apoiar os pés e davam acesso às pedras arredondadas e semissubmersas na água junto ao paredão rochoso. Era uma descida traiçoeira, e Dumbledore, ligeiramente estorvado pela mão murcha,

movia-se com lentidão. As pedras mais abaixo escorregavam por causa da água do mar. Harry sentia os salpicos de água salgada baterem em seu rosto.

– *Lumus* – disse Dumbledore, ao chegar à pedra mais próxima do paredão. Centenas de pontinhos de luz dourada faiscaram na superfície escura do mar a menos de um metro abaixo do lugar em que estava agachado; a parede negra do rochedo iluminou-se também.

– Está vendo? – perguntou o diretor em voz baixa, erguendo um pouco mais a varinha. Harry viu uma fissura no penhasco onde a água escura remoinhava.

– Você não se importa de se molhar um pouco?

– Não – respondeu Harry.

– Então, tire a sua Capa da Invisibilidade, não é necessária agora, e vamos dar um mergulho.

E, com a súbita agilidade de um homem mais jovem, Dumbledore escorregou pela pedra, caiu no mar e começou a nadar de peito, com movimentos perfeitos, em direção à fenda na face do penhasco, a varinha acesa presa entre os dentes. Harry tirou a capa, enfiou-a no bolso e acompanhou-o.

A água estava gelada; as roupas pesadas de água enfunavam-se em torno dele e o puxavam para baixo. Sorvendo profundamente o ar que enchia suas narinas com um travo de sal e algas, Harry nadou em direção à luz bruxuleante que diminuía à medida que adentrava a caverna.

A fenda logo se alargou, formando um túnel escuro que Harry sabia que se encheria de água na maré alta. As paredes limosas tinham menos de um metro entre si e refulgiam como piche molhado à passagem da luz empunhada por Dumbledore. Um pouco mais para dentro, a passagem fazia uma curva para a esquerda, e Harry viu que se embrenhava profundamente na rocha. Continuou a nadar na esteira do diretor, as pontas de seus dedos dormentes roçando a rocha úmida e áspera.

Então ele o viu sair da água mais adiante, sua cabeleira prateada e as vestes escuras refulgindo. Quando Harry chegou ao mesmo ponto, deparou com degraus que conduziam a uma ampla caverna. Subiu a escada, a água escorrendo de suas vestes encharcadas, e emergiu, tremendo descontroladamente, no ar parado e enregelante.

Dumbledore estava de pé no meio da caverna, a varinha no alto, e girava lentamente no mesmo lugar, examinando as paredes e o teto.

– É, é este o lugar – confirmou Dumbledore.

– Como o senhor pode saber? – perguntou Harry num sussurro.

– Tem magia conhecida – respondeu Dumbledore com simplicidade.

Harry não conseguia definir se os arrepios que sentia se deviam ao frio que penetrava seus ossos ou à mesma percepção de encantamentos. Apenas

observava enquanto Dumbledore continuava a girar, evidentemente concentrando-se em coisas que Harry não era capaz de ver.

– Isto é apenas a antecâmara, o saguão de entrada – disse Dumbledore, passados alguns instantes. – Precisamos penetrar a câmara interior... agora os obstáculos erguidos por Voldemort é que barrarão o nosso caminho, e não os que a natureza criou...

O diretor se aproximou da parede da caverna e acariciou-a com os dedos enegrecidos, murmurando palavras em uma língua estranha que Harry não entendeu. Duas vezes Dumbledore andou ao redor da caverna, tocando a maior área da rocha áspera que pôde, parando ocasionalmente, correndo os dedos para frente e para trás em um determinado ponto, até parar finalmente, a mão espalmada contra a parede.

– Aqui – disse ele. – Passaremos por aqui. A entrada está oculta.

Harry não perguntou a Dumbledore como sabia. Nunca vira um bruxo resolver as coisas assim, simplesmente com o olhar e o toque; mas o garoto já descobrira, havia muito tempo, que estampidos e fumaça eram, em geral, marcas de inépcia e não de capacidade.

Dumbledore se afastou e apontou a varinha para a parede rochosa da caverna. Por um instante, apareceu ali o contorno de um arco, fulgurante e branco como se houvesse uma forte luz por trás da fresta.

– O senhor conseguiu! – exclamou Harry entre os dentes que castanholavam de frio, mas, antes mesmo que as palavras saíssem de sua boca, o contorno desapareceu, deixando a rocha mais nua e sólida que antes. Dumbledore se virou.

– Harry, desculpe, me esqueci. – E apontou imediatamente a varinha para o garoto, cujas roupas ficaram instantaneamente quentes e secas como se tivessem sido penduradas diante de um fogo escaldante.

– Obrigado – agradeceu Harry, mas Dumbledore já voltara sua atenção para a parede maciça da caverna. Não tentou outros feitiços, simplesmente ficou ali, parado, observando a parede com atenção, como se nela estivesse escrito alguma coisa de extraordinário interesse. Harry ficou muito quieto; não queria perturbar a concentração de Dumbledore.

Então, passados dois minutos completos, o diretor disse baixinho:

– Ah, certamente que não. Tão grosseiro!

– O quê, professor?

– Está me parecendo – disse Dumbledore, enfiando a mão boa nas vestes e tirando uma faquinha de prata do tipo que Harry usava para cortar ingredientes para poções – que precisamos pagar para passar.

– Pagar?! – exclamou Harry. – O senhor tem de dar alguma coisa à porta?

– Tenho. Sangue, se não estiver muito enganado.
– *Sangue*?
– Eu disse que era grosseiro – comentou Dumbledore, em tom desdenhoso e até desapontado, como se Voldemort se mostrasse aquém dos padrões esperados. – A ideia, como certamente você terá captado, é que o inimigo deve se enfraquecer para entrar. Mais uma vez, Lorde Voldemort não conseguiu compreender que há coisas bem mais terríveis do que a lesão física.
– Bem, mas se for possível evitar... – replicou Harry, que já sentira dor suficiente para não querer mais.
– Às vezes, porém, é inevitável – disse Dumbledore, jogando para cima a manga das vestes e expondo o antebraço da mão machucada.
– Professor! – protestou Harry, adiantando-se depressa ao ver Dumbledore erguendo a faca. – Eu faço isso, sou...
Ele não sabia o que dizer: mais jovem, mais apto? Dumbledore, porém, apenas sorriu. Houve um lampejo prateado e um esguicho escarlate; a face da rocha pontilhou-se de gotas escuras e brilhantes.
– Você é muito bom, Harry – disse o diretor, agora passando a ponta da varinha no corte profundo que fizera no próprio braço, fechando-o instantaneamente, da mesma maneira que Snape curara os ferimentos de Malfoy. – Mas o seu sangue vale mais do que o meu. Ah, parece que deu resultado, não?
O contorno fulgurante de um arco reapareceu na parede e, desta vez, não se apagou: a rocha suja de sangue circunscrita pelo arco simplesmente sumiu, deixando uma abertura para uma aparente e absoluta escuridão.
– Depois de mim, acho – disse Dumbledore, e ele cruzou o arco com Harry em seus calcanhares, acendendo depressa a varinha ao entrar.
Eles depararam com uma cena extraordinária: estavam à beira de um grande lago negro, tão vasto que Harry não conseguia divisar suas margens distantes, em uma caverna tão alta que seu teto não era visível. Uma luz verde e indistinta brilhava ao longe, talvez no meio do lago; refletia-se na água imóvel abaixo. O brilho verde e a luz das duas varinhas eram as únicas coisas que rompiam o negrume veludoso, embora seus raios não tivessem um alcance tão longo quanto Harry esperara. A escuridão era de certo modo mais densa do que a escuridão normal.
– Vamos caminhar – disse Dumbledore em voz baixa. – Cuidado para não pisar na água. Fique junto de mim.
Ele saiu margeando o lago, e Harry seguiu logo atrás. Seus passos ecoavam como tapas na estreita orla de pedra que contornava o lago. Caminharam uma boa distância, mas a paisagem não variava: de um lado, a áspera parede da caverna; do outro, a vastidão sem fim do negrume espelhado, no meio da qual

havia aquele misterioso brilho verde. Harry achou o lugar e o silêncio opressivos, enervantes.
– Professor? – perguntou ele por fim. – O senhor acha que a Horcrux está aqui?
– Ah, sim. Tenho certeza que está. A questão é, como chegar a ela?
– Não podíamos... não podíamos simplesmente tentar um Feitiço Convocatório? – perguntou Harry, convencido de que era uma sugestão idiota, mas querendo, mais do que admitiria, sair o mais depressa possível daquele lugar.
– Certamente que poderíamos – respondeu Dumbledore, parando tão de repente que Harry quase colidiu com ele. – Por que você não tenta?
– Eu? Ah... O.k.
Harry não esperara por isso, mas pigarreou e ordenou em voz alta, a varinha no ar:
– *Accio Horcrux!*
Com um ruído de explosão, algo muito grande e claro irrompeu da água escura a uns seis metros de distância; antes que Harry pudesse ver o que era, a coisa tornou a mergulhar na água com um estrondo que produziu ondas largas e profundas na superfície lisa do lago. Harry saltou para trás assustado e bateu na parede; seu coração ainda retumbava quando ele se virou para Dumbledore.
– Que foi aquilo?
– Alguma coisa, acho, que está pronta a reagir se tentarmos nos apossar da Horcrux.
Harry olhou novamente para o lago. Sua superfície retomara a aparência vítrea, escura e brilhante: as ondas tinham desaparecido anormalmente rápido; o coração de Harry, no entanto, continuou a bater com força.
– O senhor achava que ia acontecer isso?
– Achei que *alguma* coisa aconteceria se fizéssemos uma tentativa óbvia de nos apoderar da Horcrux. Foi uma boa ideia, Harry; o modo mais simples de descobrirmos o que estamos enfrentando.
– Mas não sabemos que coisa era aquela – replicou Harry, olhando para a água sinistramente lisa.
– Que coisas *são* aquelas, você quer dizer – corrigiu-o Dumbledore. – Duvido muito que seja apenas uma. Vamos continuar a andar?
– Professor?
– Que foi, Harry?
– O senhor acha que vamos precisar entrar no lago?
– Entrar? Só se tivermos muito azar.
– O senhor acha que a Horcrux está no fundo?

– Ah, não... Acho que está no *meio*.

E Dumbledore apontou para a luz verde e indistinta no centro do lago.

– Então teremos de atravessar o lago para chegar até a Horcrux?

– Acho que sim.

Harry não disse nada. Seus pensamentos resumiam-se em monstros lacustres, serpentes gigantescas, demônios, cavalos-marinhos e fadas...

– Ah-ah! – exclamou Dumbledore, tornando a parar; desta vez, Harry realmente colidiu com ele; por um momento, o garoto oscilou na beira da água escura, e a mão sã do diretor agarrou-o fortemente pelo braço e o puxou de volta. – Desculpe, Harry, eu devia ter avisado. Fique junto à parede, por favor; acho que encontrei o lugar.

Harry não fazia ideia do que Dumbledore queria dizer; até onde podia perceber, este trecho de margem escura era exatamente igual a qualquer outro, mas o professor Dumbledore, pelo visto, detectara alguma coisa diferente. Desta vez, ele estava passando a mão, não na parede rochosa, mas no ar, como se esperasse encontrar e agarrar alguma coisa invisível.

– Oho! – exclamou ele feliz, segundos depois. Sua mão agarrara no ar alguma coisa que Harry não conseguia ver. Dumbledore se aproximou mais da água; o garoto observou, nervoso, as pontas dos sapatos de fivela do diretor chegarem até o limite da borda rochosa do lago. Mantendo a mão fechada no ar, Dumbledore ergueu a varinha com a outra e deu uma pancadinha no próprio punho.

Imediatamente apareceu no ar uma corrente grossa de cobre esverdeado que se alongou do fundo do lago até a mão fechada de Dumbledore. Ele bateu na corrente, que começou a deslizar por dentro de sua mão fechada como uma cobra e a se enroscar no chão com um ruído metálico que ecoou vibrantemente nas paredes rochosas, e foi puxando alguma coisa das profundezas do lago escuro. Harry ofegou quando a proa fantasmagórica de um barquinho veio à tona, tão verde e brilhante quanto a corrente, e flutuou quase sem marolas até o ponto da margem em que Harry e Dumbledore estavam parados.

– Como é que o senhor soube que o barco estava ali? – perguntou Harry espantado.

– A magia sempre deixa vestígios – respondeu o diretor, quando o barco bateu suavemente na margem –, vestígios por vezes muito característicos. Fui professor de Tom Riddle. Conheço o estilo dele.

– O barco é... é seguro?

– Ah, acho que sim. Voldemort precisava criar um meio de atravessar o lago sem atrair a cólera das criaturas que colocou nele, caso um dia quisesse visitar ou remover sua Horcrux.

– Então as coisas na água não nos farão mal se atravessarmos no barco de Voldemort?
– Acho que devemos nos conformar com a ideia de que, em algum momento, elas perceberão que não somos Lorde Voldemort. Até aqui, porém, temos nos saído bem. Elas nos deixaram erguer o barco.
– Mas por que deixaram? – perguntou Harry, que não conseguia esquecer a visão de tentáculos emergindo da água escura quando se distanciaram da margem.
– Voldemort devia estar razoavelmente confiante de que ninguém, exceto um grande bruxo, seria capaz de encontrar o barco. Penso que estaria disposto a arriscar a improvável possibilidade de alguém conseguir isto, porque sabia que deixara mais à frente outros obstáculos que somente ele poderia superar. Veremos se tinha razão.
Harry examinou o barco. Era realmente muito pequeno.
– Não parece ter sido construído para duas pessoas. Será que nos aguentará? Não será peso demais?
Dumbledore riu.
– Voldemort não deve ter se preocupado com o peso, mas com o poderio mágico que cruzasse o seu lago. Eu pensaria que ele deve ter lançado um encantamento sobre o barco de tal ordem que apenas um bruxo por vez poderá usá-lo.
– Mas então...?
– Acho que você não conta, Harry: é menor de idade e não qualificado. Voldemort jamais esperaria que um adolescente de dezesseis anos chegasse aqui: acho improvável que os seus poderes sejam considerados, se comparados aos meus.
Tais palavras não ajudaram a levantar o moral de Harry, e Dumbledore, talvez percebendo isso, acrescentou:
– Um erro de Voldemort, Harry, um erro de Voldemort... a velhice é tola e esquecida quando subestima a juventude... desta vez, você embarca primeiro, e tenha cuidado para não tocar na água.
Dumbledore se afastou para um lado e Harry subiu cautelosamente no barco. O professor subiu também, enrolando a corrente no fundo. Os dois ficaram espremidos; Harry não pôde se sentar confortavelmente, agachouse, deixando os joelhos para fora do barco, que se pôs imediatamente em movimento. Não se ouvia outro som exceto o sussurro da proa cortando a água; o barco se deslocava sem ajuda, como se uma corda invisível o puxasse em direção à luz no centro. Em pouco tempo, deixaram de avistar as paredes da caverna; eles poderiam estar no mar não fosse pela falta de ondas.

Harry baixou os olhos e viu o reflexo dourado da luz de sua varinha faiscar e cintilar na água escura enquanto avançavam. O barco esculpia fundas rugas na superfície vidrada, sulcos no espelho escuro...

Então Harry a viu, branca como mármore, boiando a centímetros da superfície.

– Professor! – exclamou, e sua voz assustada ecoou sonoramente pela água silenciosa.

– Harry?

– Acho que vi uma mão na água, uma mão humana!

– Sei, tenho certeza de que viu – respondeu Dumbledore calmamente.

Harry olhou espantado para a água à procura da mão que desaparecera, uma sensação de náusea subindo-lhe à garganta.

– Então aquela coisa que saltou da água...

Harry obteve a resposta antes que Dumbledore pudesse falar; a luz da varinha deslizara por um novo trecho da água e, desta vez, lhe mostrou um defunto de cara para cima centímetros abaixo da superfície: seus olhos abertos toldados como se tivessem teias de aranha, seus cabelos e suas vestes girando em torno dele como fumaça.

– Tem cadáveres aí dentro! – disse Harry, e sua voz saiu muito mais aguda e diferente do que o normal.

– Tem – respondeu Dumbledore placidamente –, mas por ora não precisamos nos preocupar com eles.

– Por ora? – respondeu Harry, despregando o olhar da água para fixá-lo em Dumbledore.

– Não enquanto estiverem apenas boiando tranquilamente abaixo de nós. Nada temos a recear de um cadáver, Harry, como nada temos a recear da escuridão. Lorde Voldemort, que naturalmente tem um receio íntimo de ambos, discorda. Mas, de novo, ele revela sua própria falta de sabedoria. É o desconhecido que receamos quando olhamos para a morte e a escuridão, nada mais.

Harry não respondeu; não queria discutir, mas achava pavorosa a ideia de que havia cadáveres flutuando em volta e abaixo deles, e, além disso, não acreditava que não fossem perigosos.

– Mas um deles saltou – disse ele tentando manter a voz estável e calma como a de Dumbledore. – Quando tentei convocar a Horcrux, um cadáver pulou do lago.

– Verdade... E estou seguro que, quando apanharmos a Horcrux, veremos que são menos pacíficos. Mas, como muitas criaturas que habitam o frio e a escuridão, eles temem a luz e o calor que evocaremos em nosso auxílio, se

houver necessidade. Fogo, Harry – Dumbledore acrescentou com um sorriso, em resposta à expressão atordoada de Harry.
– Ah... certo – concordou ele rápido. E virou a cabeça para olhar a luz verde, destino inexorável do barco. Agora, Harry não podia fingir que não estava apavorado. O grande lago negro coalhado de cadáveres... parecia fazer horas que ele encontrara a professora Trelawney, que dera a Rony e Hermione a Felix Felicis... desejou de repente ter se despedido melhor deles... nem ao menos vira Gina...
– Quase lá – anunciou Dumbledore animado.
De fato, a luz verde parecia estar finalmente aumentando, e minutos depois o barco parou, batendo suavemente em alguma coisa que Harry a princípio não pôde ver, mas, quando ergueu a varinha iluminada, constatou que tinham chegado a uma ilhota de rocha lisa no centro do lago.
– Cuidado para não tocar na água – tornou a recomendar Dumbledore quando Harry desembarcou.
A ilha não era maior do que o escritório de Dumbledore: uma extensão de rocha plana e escura em que não havia nada exceto a fonte daquela luz verde, que parecia muito mais forte vista de perto. Harry semicerrou os olhos; a princípio pensou que fosse algum tipo de lampião, mas logo percebeu que a luz vinha de uma bacia de pedra muito parecida com a Penseira, apoiada sobre um pedestal.
Dumbledore se aproximou da bacia, seguido por Harry. Lado a lado, eles a examinaram. A bacia estava cheia de um líquido verde-esmeralda que emitia uma luz fosforescente.
– Que é isso? – perguntou Harry em voz baixa.
– Não tenho bem certeza – respondeu Dumbledore. – Alguma coisa mais preocupante do que sangue e cadáveres.
Dumbledore empurrou para cima a manga das vestes que lhe cobria a mão escurecida e esticou as pontas dos dedos queimados para a superfície da poção.
– Senhor, não, não toque...!
– Não posso tocar – informou Dumbledore com um ar de riso. – Está vendo? Só posso chegar até aqui. Tente.
De olhos arregalados, Harry levou a mão à bacia e tentou tocar a poção. Bateu em uma barreira invisível a uns três centímetros que o impedia de se aproximar mais. Por mais que empurrasse, aparentemente seus dedos não encontravam nada, exceto ar sólido e inflexível.
– Afaste-se, por favor, Harry – pediu Dumbledore.
O professor ergueu a varinha e fez gestos complicados sobre a superfície da poção, murmurando silenciosamente. Nada aconteceu, a não ser, talvez, o brilho

da poção se intensificar. Harry guardou silêncio enquanto Dumbledore trabalhava, mas, passado algum tempo, o diretor recolheu a varinha e Harry achou que era seguro falar.

– O senhor acha que a Horcrux está aí dentro?

– Ah, sim. – Dumbledore examinou a bacia mais de perto. Harry viu seu rosto refletido, de cabeça para baixo, na superfície lisa da poção verde. – Mas como alcançá-la? A poção não aceita ser penetrada à mão, desaparecida ou dividida ou apanhada ou aspirada, nem pode ser transfigurada, encantada, tampouco alterada em sua natureza.

Quase distraído, Dumbledore tornou a erguer a varinha, girou-a no ar e recolheu uma taça de cristal que acabara de conjurar do nada.

– Só posso concluir que essa poção deve ser bebida.

– Quê?! – exclamou Harry. – Não!

– Penso que sim: somente bebendo-a posso esvaziar a bacia e ver o que guarda no fundo.

– Mas e se... e se a poção matar o senhor?

– Ah, duvido que produzisse tal efeito – disse Dumbledore tranquilo. – Lorde Voldemort não iria querer matar a pessoa que alcançasse sua ilha.

Harry não conseguiu acreditar. Seria mais um exemplo da insana determinação de Dumbledore de ver o bem em todas as pessoas?

– Senhor – disse Harry, tentando manter a voz equilibrada –, senhor, é o *Voldemort* que estamos...

– Desculpe, Harry; eu devia ter dito que ele não iria querer matar *imediatamente* a pessoa que alcançasse sua ilha – corrigiu Dumbledore. – Iria querer mantê-la viva tempo suficiente para descobrir como conseguiu penetrar tão fundo suas defesas e, o que é mais importante, por que queria tanto esvaziar a bacia. Não esqueça que Lorde Voldemort acredita que somente ele sabe sobre suas Horcruxes.

Harry fez menção de falar, mas desta vez Dumbledore ergueu a mão pedindo silêncio, franzindo ligeiramente a testa para o líquido esmeralda, evidentemente refletindo.

– Sem dúvida – disse por fim –, esta poção deve produzir um efeito tal que me impeça de levar a Horcrux. Deve me paralisar, me fazer esquecer o que vim fazer, causar tanta dor que me distraia ou me incapacitar de alguma forma. Assim sendo, Harry, sua tarefa será garantir que eu não pare de beber, mesmo que tenha de virar a poção na minha boca enquanto eu protesto. Compreendeu?

Seus olhos se encontraram por cima da bacia; cada rosto pálido iluminado por aquela estranha luz verde. Harry não respondeu. Teria sido por isso que fora convidado a vir, para forçar Dumbledore a beber uma poção que talvez lhe

causasse dor insuportável?
– Você lembra – disse Dumbledore – a condição que impus para trazê-lo?
Harry hesitou, fixando seus olhos azuis que tinham esverdeado à luz refletida pela bacia.
– Mas e se...?
– Você jurou obedecer a qualquer ordem que eu lhe desse, não foi?
– Jurei, mas...
– Eu o preveni, não foi, que poderia haver perigo?
– Foi – respondeu Harry –, mas...
– Bem, então – tornou Dumbledore mais uma vez, jogando para cima as mangas das vestes e erguendo a taça vazia –, já recebeu as minhas ordens.
– Por que não posso beber a poção em seu lugar? – perguntou o garoto desesperado.
– Porque sou muito mais velho, muito mais esperto e muito menos valioso. De uma vez por todas, Harry, você me dá sua palavra de que fará tudo que puder para não me deixar parar de beber?
– Será que eu não poderia...?
– Dá?
– Mas...
– *Sua palavra, Harry.*
– Eu... está bem, mas...
Antes que Harry pudesse continuar protestando, Dumbledore mergulhou a taça de cristal na poção. Por uma fração de segundo, Harry teve esperança de que ele não conseguisse tocar na poção com a taça, mas o cristal afundou na superfície que nada conseguira tocar; quando a taça se encheu até em cima, Dumbledore levou-a à boca.
– À sua saúde, Harry.
E esvaziou a taça. Harry observou-o, aterrorizado, suas mãos apertando a borda da bacia com tanta força que as pontas dos seus dedos ficaram dormentes.
– Professor? – chamou ele, ansioso, quando Dumbledore baixou a taça vazia.
– Como está se sentindo?
Dumbledore sacudiu a cabeça, os olhos fechados. Harry se perguntou se estaria sentindo dores. Dumbledore tornou a mergulhar a taça na bacia às cegas, encheu-a e bebeu-a.
Em silêncio, Dumbledore bebeu três taças da poção. Então, na metade da quarta taça, ele cambaleou e caiu contra a bacia. Seus olhos continuaram fechados e sua respiração se tornou ofegante.
– Professor Dumbledore? – chamou Harry com a voz tensa. – O senhor está me ouvindo?

Dumbledore não respondeu. Seu rosto se contraía, como se ele dormisse profundamente, mas experimentasse um terrível pesadelo. A mão com que segurava a taça foi afrouxando: a poção ia derramar. Harry estendeu a mão e agarrou a taça de cristal, mantendo-a em pé.

– Professor, o senhor está me ouvindo? – repetiu ele alto, sua voz ecoando pela caverna.

Dumbledore ofegou, e em seguida falou com um timbre irreconhecível, porque Harry jamais ouvira Dumbledore amedrontado daquela forma.

– Não quero... não me force...

Harry olhou para o rosto pálido que ele conhecia tão bem, para o nariz torto e os oclinhos de meia-lua, e não soube o que fazer.

– ... não gosto... quero parar... – lamentou-se Dumbledore.

– O senhor... o senhor não pode parar, professor. O senhor tem de continuar a beber, lembra? O senhor me disse que não podia parar de beber. Tome...

Odiando-se, sentindo repulsa pelo que estava fazendo, Harry forçou a taça a encostar à boca de Dumbledore e virou-a, fazendo com que o professor bebesse o que restava.

– Não... – gemeu ele, quando Harry mergulhou a taça mais uma vez na bacia e encheu-a. – Não quero... não quero... me deixe...

– Tudo bem, professor – disse Harry com a mão trêmula. – Tudo bem, estou aqui...

– Faça isso parar, faça isso parar – gemeu Dumbledore.

– Sim... sim, isto fará parar – mentiu Harry. E virou o conteúdo da taça na boca aberta do professor.

Dumbledore berrou; o ruído ecoou ao redor da vasta câmara e atravessou a água negra e parada.

– Não, não, não... não... não posso... não posso, não me force, não quero...

– Está tudo bem, professor, está tudo bem! – disse Harry em voz alta, suas mãos tremendo tanto que teve dificuldade em encher a sexta taça de poção; a bacia agora estava pela metade. – Nada está acontecendo com o senhor, o senhor está seguro, nada disso é real, juro que não é real... agora tome, tome...

E, obedientemente, Dumbledore bebeu, como se Harry estivesse lhe oferecendo um antídoto, mas, ao esvaziar a taça, ele caiu de joelhos, tremendo, descontrolado.

– É tudo minha culpa, tudo minha culpa – soluçou –, por favor, pare com isso, sei que errei, ah, por favor pare com isso e eu nunca, nunca mais...

– Isto fará parar, professor – disse Harry, sua voz falhando ao virar a sétima taça de poção na boca de Dumbledore.

O professor começou a se encolher como se torturadores invisíveis o

cercassem; a mão que ele sacudia quase derrubou a taça, novamente cheia, das mãos trêmulas de Harry, gemendo.

– Não os machuquem, não os machuquem, por favor, por favor, a culpa é minha, machuquem a mim...

– Aqui, beba isso, beba isso, o senhor vai ficar bom – disse Harry desesperado, e mais uma vez Dumbledore obedeceu, abrindo a boca, embora mantivesse os olhos fechados e tremesse violentamente da cabeça aos pés.

Então, ele caiu para a frente, berrando, esmurrando o chão, enquanto Harry enchia a nona taça.

– Por favor, por favor, por favor, não... isso não, isso não, farei qualquer coisa...

– Beba, professor, beba...

Dumbledore bebeu como uma criança morta de sede, mas, quando terminou, voltou a berrar como se suas entranhas estivessem em chamas.

– Não, por favor, chega...

Harry encheu a décima taça de poção e sentiu o cristal arranhar o fundo da bacia.

– Falta pouco, professor, beba, beba...

Ele amparou Dumbledore pelos ombros, e mais uma vez o professor esvaziou a taça; Harry tornou a se levantar, e, quando estava enchendo a taça, Dumbledore começou a gritar mais angustiado do que antes:

– Quero morrer! Quero morrer! Pare com isso, pare com isso, quero morrer!

– Beba, professor, beba...

Dumbledore bebeu, e mal terminara berrou:

– MATE-ME!

– Esta... esta fará parar! – ofegou Harry. – Beba... já vai passar... já vai passar!

Dumbledore engoliu o conteúdo da taça até a última gota e então, com um enorme arquejo, rolou de borco.

– Não! – gritou Harry, que se pusera de pé para encher mais uma vez a taça; em lugar disso, largou-a na bacia, atirou-se no chão ao lado de Dumbledore e virou-o de barriga para cima; os óculos do professor estavam tortos, sua boca aberta, seus olhos fechados. – Não – disse Harry, sacudindo Dumbledore –, não, o senhor não está morto, o senhor disse que não era veneno, acorde, acorde: *Rennervate!* – gritou o garoto, apontando a varinha para o peito de Dumbledore; houve um lampejo vermelho, mas nada aconteceu. – *Rennervate*... senhor... por favor...

Os olhos de Dumbledore piscaram; o coração de Harry saltou no peito.

– Senhor, o senhor está...?

– Água – pediu Dumbledore rouco.

– Água – ofegou Harry – ... sim...
Ele ficou em pé de um salto e agarrou a taça que largara na bacia; mal registrou o medalhão de ouro com a corrente enroscada embaixo da taça.
– *Aguamenti!* – ordenou Harry, espetando a taça com sua varinha.
A taça se encheu de água cristalina; Harry caiu de joelhos ao lado de Dumbledore, ergueu sua cabeça e levou a taça aos seus lábios, mas estava vazia. Dumbledore gemeu e começou a ofegar.
– Mas eu pus... espere... *Aguamenti!* – tornou Harry a ordenar, apontando a varinha para a taça. Mais uma vez, por um segundo, a água brilhou dentro dela, mas, quando a aproximou da boca de Dumbledore, a água novamente desapareceu.
"Senhor, estou tentando, estou tentando!", exclamou Harry, desesperado, mas achou que o professor não podia ouvi-lo; ele rolara para um lado e inspirava profunda e ruidosamente parecendo agonizar. "*Aguamenti... Aguamenti... AGUAMENTI!*"
A taça se enchia e tornava a esvaziar. A respiração de Dumbledore foi enfraquecendo. Com o cérebro girando de pânico, Harry percebeu, instintivamente, a única maneira possível de obter água, porque assim tinha planejado Voldemort...
Ele se atirou para a margem rochosa e mergulhou a taça no lago, erguendo-a, totalmente cheia, com água gelada que não desapareceu.
– Senhor... aqui! – gritou Harry e, precipitando-se para Dumbledore, virou a água, desajeitado, em seu rosto.
Foi o melhor que pôde fazer, porque a sensação gélida em seu braço livre não era o frio prolongado da água. Uma mão branca e escorregadia agarrara seu pulso, e a criatura a quem pertencia puxava-o pela rocha lentamente de volta ao lago. A superfície não era mais um espelho; revolvia-se, e para todo lado que Harry olhava, cabeças e mãos brancas emergiam da água escura, homens, mulheres e crianças, com olhos encovados e cegos, moviam-se em direção à rocha: um exército de mortos ressurgindo do lago negro.
– *Petrificus Totalus!* – berrou Harry, lutando para se agarrar à superfície lisa e molhada da ilha enquanto apontava a varinha para o Inferius que segurava seu braço: o morto-vivo soltou-o e tornou a cair espalhando água. Harry se levantou; mas outros tantos Inferi já estavam subindo na rocha, cravando suas mãos ossudas na superfície escorregadia, seus olhos cegos e esbranquiçados fixos nele, seus trapos encharcados arrastando pelo chão, os rostos encovados rindo debochadamente.
– *Petrificus Totalus!* – tornou a urrar Harry, recuando e varrendo o ar com a varinha; seis ou sete mortos tombaram, mas outros tantos vinham em sua

direção. – *Impedimenta! Incarcerous!*

Alguns tropeçaram, uns dois foram imobilizados com cordas, mas aqueles que galgavam a rocha atrás deles simplesmente pulavam por cima ou pisavam nos corpos caídos. Ainda cortando o ar com a varinha, Harry berrou:

– *Sectumsempra! SECTUMSEMPRA!*

Embora aparecessem cortes nos trapos encharcados e em sua pele gélida, eles não tinham sangue para derramar: continuavam a avançar, insensíveis, as mãos enrugadas estendidas para ele, e, ao recuar para mais longe, Harry sentiu que o abraçavam pelas costas, braços finos e descarnados, frios como a morte, e seus pés perderam o chão quando o ergueram e levaram seguramente, para a água, e ele percebeu que não o soltariam, que ele se afogaria e se tornaria mais um guardião morto do fragmento da alma partida de Voldemort...

Então, o fogo irrompeu na escuridão: carmim e ouro, um círculo de fogo que cercou a ilha e fez os Inferi que imobilizavam Harry tropeçarem e vacilarem; eles não ousaram atravessar as chamas para chegar à água. Largaram Harry; ele bateu no chão, escorregou pela rocha e caiu, arranhando os braços, mas tornou a se pôr de pé, ergueu a varinha e olhou assustado para os lados.

Dumbledore estava mais uma vez de pé, pálido como qualquer dos Inferi em volta, porém mais alto que todos, as chamas dançando em seus olhos; sua varinha estava erguida como uma tocha e da ponta saíam chamas, como um imenso laço, envolvendo todos em calor.

Os mortos-vivos colidiram entre si, tentando, às cegas, fugir do fogo que os encerrava...

Dumbledore apanhou o medalhão no fundo da bacia de pedra e guardou-o nas vestes. Em silêncio, fez sinal a Harry para juntar-se a ele. Distraídos pelas chamas, os Inferi pareciam não registrar que suas vítimas estavam deixando a ilha; Dumbledore levava Harry para o barco, o anel de fogo deslocava-se com eles, cercava-os, os atordoados mortos-vivos acompanharam-nos até a beira do lago onde mergulharam, agradecidos, em suas águas escuras.

Harry, completamente trêmulo, achou por um momento que Dumbledore não fosse capaz de subir no barco; o professor cambaleou um pouco ao tentar; aparentemente, todos os seus esforços convergiam para manter o anel protetor de fogo à sua volta. Harry segurou-o e ajudou-o a sentar. Quando já estavam espremidos e seguros a bordo, o barco começou a se deslocar pela água escura, afastando-se da rocha ainda envolta naquele anel de fogo; embaixo, os Inferi enxameavam, mas não se atreviam a emergir.

– Senhor – ofegou Harry Potter –, senhor eu me esqueci... do fogo... eles avançaram para mim e entrei em pânico...

– Muito compreensível – murmurou Dumbledore. O garoto alarmou-se ao

ouvir a voz do professor tão fraca.
Eles tocaram na margem com uma batidinha, e Harry saltou, voltandose ligeiro para ajudar Dumbledore. No momento em que chegou à margem, o bruxo baixou a mão da varinha; o anel de fogo desapareceu, mas os mortos-vivos não tornaram a emergir da água. O barquinho afundou no lago mais uma vez; se entrechocando, a corrente metálica também deslizou para dentro do lago. Dumbledore deu um grande suspiro e encostou-se à parede da caverna.
– Estou fraco...
– Não se preocupe, senhor – disse Harry imediatamente, ansioso com a extrema palidez do professor e seu ar de exaustão. – Não se preocupe, levarei nós dois de volta... se apoie em mim, senhor...
E, puxando o braço bom de Dumbledore por cima dos ombros, Harry guiou o diretor pela margem do lago, carregando grande parte do seu peso.
– A proteção foi... afinal... bem engendrada – disse Dumbledore baixinho. – Uma pessoa sozinha não teria conseguido... você se portou bem, muito bem, Harry...
– Não fale agora – disse Harry, apreensivo com a voz pastosa e os passos arrastados de Dumbledore –, poupe suas energias, senhor... logo estaremos fora daqui...
– O arco deverá ter se lacrado outra vez... minha faca...
– Não é preciso, eu me cortei na rocha – falou Harry com firmeza –, só me diga onde...
– Aqui...
Harry esfregou o braço arranhado na pedra: uma vez recebido o tributo de sangue, o arco reabriu-se instantaneamente. Eles atravessaram a caverna externa, e Harry ajudou Dumbledore a entrar na água gelada do mar que enchia a fenda no penhasco.
– Vai dar tudo certo, senhor – Harry repetia sem parar, mais preocupado com o silêncio de Dumbledore do que estivera com a fraqueza de sua voz. – Estamos quase chegando... Posso Aparatar com o senhor para voltarmos... não se preocupe...
– Não estou preocupado, Harry – disse Dumbledore, sua voz um pouco mais forte apesar da frieza da água. – Estou com você.

— CAPÍTULO VINTE E SETE —

A torre atingida pelo raio

De volta à noite estrelada, Harry carregou Dumbledore para cima do pedregulho mais próximo e ajudou-o a ficar de pé. Encharcado e trêmulo, ainda sustentando o peso de Dumbledore, Harry se concentrou como nunca fizera antes em sua destinação: Hogsmeade. Fechando os olhos e apertando, com toda a força, o braço de Dumbledore, ele mergulhou naquela sensação de horrível compressão.

O garoto percebeu que dera certo antes de abrir os olhos: o cheiro de sal e brisa marinha haviam desaparecido. Ele e Dumbledore estavam tremendo e pingando água no meio da escura rua principal de Hogsmeade. Por um terrível momento, sua imaginação lhe mostrou mais Inferi que surgiam dos lados das lojas e se arrastavam em sua direção, mas ele piscou e viu que nada se movia; tudo estava quieto, a escuridão era total, exceto por uns poucos lampiões e janelas iluminadas no primeiro andar.

– Conseguimos, professor! – sussurrou Harry com dificuldade; ele percebeu, de repente, que sentia uma pontada ardida no peito. – Conseguimos! Encontramos a Horcrux!

Dumbledore vacilou de encontro a Harry. Por um momento, o garoto pensou que sua Aparatação amadora tivesse desequilibrado o professor; então viu o rosto de Dumbledore, mais pálido e úmido que nunca, à luz distante do lampião de rua.

– Senhor, o senhor está bem?

– Já estive melhor – respondeu Dumbledore com a voz sumida, embora os cantos de sua boca tentassem sorrir. – Aquela poção não era uma bebida saudável...

E, para horror de Harry, o professor caiu ao chão.

– Senhor... tudo o.k., senhor, o senhor vai ficar bom, não se preocupe...

Ele olhou em volta, desesperado, procurando ajuda, mas não havia ninguém à

vista, e só conseguia pensar que, de alguma maneira, tinha de levar Dumbledore, depressa, para a ala hospitalar.

– Precisamos levar o senhor para a escola, senhor... Madame Pomfrey...

– Não – contestou Dumbledore. – É... do professor Snape que preciso... mas acho que não... posso ir muito longe no momento...

– Certo... senhor, escute... vou bater em uma porta, encontrar um lugar em que possa ficar... e então correr para buscar Madame...

– Severo – repetiu Dumbledore claramente. – Preciso do Severo...

– Muito bem, então, Snape... mas vou ter de abandonar o senhor um momento para poder...

Antes, porém, que Harry pudesse fazer qualquer movimento, ele ouviu os passos de alguém correndo. Seu coração pulou: alguém vira, alguém sabia que eles precisavam de ajuda; e, ao olhar à sua volta, viu Madame Rosmerta correndo pela rua escura em sua direção, usando sandálias altas de pelúcia e um roupão bordado com dragões.

– Vi vocês aparatarem quando estava fechando as cortinas do quarto! Graças a Deus, graças a Deus, não podia imaginar o que... mas que aconteceu com o Alvo?

Ela parou de repente, ofegando, e encarou Dumbledore de olhos arregalados.

– Ele está passando mal – disse Harry. – Madame Rosmerta, será que ele pode ficar no Três Vassouras enquanto vou até a escola buscar ajuda?

– Você não pode ir lá sozinho! Você não percebe... você não viu?

– Se a senhora me ajudar a carregá-lo – falou Harry, sem ouvi-la –, acho que podemos levá-lo para dentro...

– Que aconteceu? – perguntou Dumbledore. – Rosmerta, que está havendo?

– A... a Marca Negra, Alvo.

E ela apontou para o céu, em direção a Hogwarts. Harry foi tomado de pavor ao ouvir essas palavras... ele se virou e olhou.

Lá estava no céu sobre a escola: o crânio verde chamejante com uma língua de cobra, a marca deixada pelos Comensais da Morte sempre que entravam em um prédio... sempre que matavam...

– Quando foi que apareceu? – perguntou o diretor, e sua mão se fechou dolorosamente no ombro de Harry na tentativa de se pôr de pé.

– Deve ter sido há poucos minutos, não estava lá quando pus o gato para fora, mas quando cheguei ao primeiro andar...

– Precisamos voltar ao castelo imediatamente. Rosmerta. – E, embora oscilasse um pouco, Dumbledore parecia estar em pleno comando da situação. – Precisamos de transporte... vassouras...

– Tenho umas duas atrás do bar – respondeu a bruxa, parecendo muito

assustada. – Quer que eu vá buscar...?
– Não, Harry pode fazer isso.
Harry ergueu a varinha na mesma hora.
– *Accio vassouras de Rosmerta.*
Um segundo depois, ele ouviu um forte estampido, e a porta do bar se escancarou; duas vassouras voaram para a rua, apostando corrida para chegar ao lado de Harry, onde pararam de chofre, estremecendo, à altura de sua cintura.
– Rosmerta, por favor, mande uma mensagem ao Ministério – disse Dumbledore, montando a vassoura mais próxima. – Pode ser que ninguém em Hogwarts tenha percebido que há um problema... Harry, ponha a sua Capa da Invisibilidade.
Harry tirou a capa do bolso e atirou-a sobre o corpo antes de montar sua vassoura; Madame Rosmerta já estava voltando com passinhos vacilantes para o seu bar quando Harry e Dumbledore deram impulso no chão e levantaram voo. Enquanto voavam, velozes, para o castelo, Harry olhava de esguelha para o professor, pronto a agarrá-lo se caísse, mas a visão da Marca Negra tivera efeito estimulante em Dumbledore: ele estava curvado sobre a vassoura, os olhos fixos na Marca, seus longos cabelos e barba prateados esvoaçando às suas costas, à brisa noturna. E Harry, também, olhava para a caveira à frente, e o medo crescia dentro dele como uma bolha venenosa, comprimindo seus pulmões, varrendo qualquer outro desconforto de sua mente...
Quanto tempo haviam passado fora? Será que a sorte de Rony, Hermione e Gina, a esta altura, já teria acabado? Teria sido um deles a razão da Marca ter surgido na escola, ou Neville ou Luna, ou outro membro da AD? E, se fosse... ele é quem pedira a eles para patrulharem os corredores, quem pedira para deixarem a segurança de suas camas... seria novamente responsável pela morte de um amigo?
Quando sobrevoaram a estrada escura e serpeante que tinham descido a pé mais cedo, Harry ouviu, acima do assovio do ar noturno, os murmúrios de Dumbledore em uma língua desconhecida. Achou que entendia a razão daquilo, pois sentiu a vassoura vibrar um momento quando transpuseram os muros da propriedade: Dumbledore estava desfazendo os encantamentos que ele mesmo lançara em torno do castelo para que pudessem entrar. A Marca Negra brilhava imediatamente acima da Torre de Astronomia, a mais alta do castelo. Será que isto significava que a morte ocorrera ali?
Dumbledore já cruzara as ameias da torre, e estava desmontando; Harry pousou ao lado dele, segundos depois, e olhou para os lados.
As ameias estavam desertas. A porta para a escada espiral que levava ao castelo estava fechada. Não havia sinal de conflito, de combate mortal, de

cadáver.
– Que significa isso? – perguntou Harry a Dumbledore, erguendo os olhos para a caveira verde com língua de serpente, refulgindo malignamente no alto. – É a Marca verdadeira? Alguém foi mesmo... professor?
À fraca claridade verde da Marca, Harry viu Dumbledore apertar o peito com a mão escura.
– Vá acordar Snape – disse ele com a voz fraca, mas clara. – Conte-lhe o que aconteceu e traga-o aqui. Não faça mais nada, não fale com mais ninguém e não tire a sua capa. Esperarei aqui.
– Mas...
– Você jurou me obedecer, Harry, vá!
Harry correu para a porta que abria para a escada espiral, mas, assim que sua mão tocou no anel de ferro da porta, ouviu gente correndo do outro lado. Ele olhou para Dumbledore, que lhe fez sinal para recuar. Harry se afastou, puxando ao mesmo tempo a varinha.
A porta se escancarou e alguém irrompeu por ela gritando:
– *Expelliarmus!*
O corpo de Harry se tornou instantaneamente rígido e imóvel, e ele se sentiu tombar contra a parede da Torre, escorado como uma estátua instável, incapaz de se mexer ou falar. Não conseguiu entender como acontecera, *Expelliarmus* não era um Feitiço Paralisante...
Então, à luz da Marca, ele viu a varinha de Dumbledore traçar um arco por cima das ameias e compreendeu... Dumbledore o imobilizara silenciosamente, e o segundo que levara para lançar o feitiço lhe custara a chance de se defender.
Encostado nas ameias, com o rosto muito branco, Dumbledore, ainda assim, não mostrava sinal de pânico ou aflição. Simplesmente olhou para quem o desarmara e disse:
– Boa-noite, Draco.
Malfoy adiantou-se, olhando rapidamente ao redor para verificar se ele e o diretor estavam a sós. Seus olhos bateram na segunda vassoura.
– Quem mais está aqui?
– Uma pergunta que eu poderia fazer a você. Ou está agindo sozinho?
Harry viu os olhos claros de Malfoy se voltarem para Dumbledore, à claridade esverdeada da Marca Negra.
– Não – respondeu ele. – Tenho apoio. Há Comensais da Morte em sua escola esta noite.
– Bom, bom – comentou Dumbledore, como se Malfoy estivesse lhe mostrando um trabalho escolar ambicioso. – De fato muito bom. Você encontrou um meio de trazê-los para dentro, foi?

– Foi – replicou Malfoy ofegante. – Bem debaixo do seu nariz, e o senhor nem percebeu!
– Engenhoso. Contudo... me perdoe... onde estão eles? Você parece indefeso.
– Eles encontraram uma parte de sua guarda. Estão lutando lá embaixo. Não vão demorar... eu vim na frente. Tenho... tenho uma tarefa a fazer.
– Bem, então, não deve se deter, faça-a, meu caro rapaz – disse Dumbledore baixinho.
Fez-se silêncio. Harry continuava preso em seu corpo invisível e paralisado, observando os dois, apurando os ouvidos para os ruídos da luta distante que travavam os Comensais da Morte e, diante dele, Draco Malfoy só fazia olhar para Alvo Dumbledore que, inacreditavelmente, sorria.
– Draco, Draco, você não é um assassino.
– Como é que o senhor sabe? – replicou Draco prontamente.
Ele deve ter percebido como suas palavras soaram infantis; Harry viu-o corar à claridade verde da Marca.
– O senhor não sabe do que sou capaz – disse o garoto, com mais firmeza –, o senhor não sabe o que eu fiz!
– Ah, sei, sim – respondeu o diretor brandamente. – Você quase matou Katie Bell e Rony Weasley. Você tem tentado, com crescente desespero, me matar o ano todo. Perdoe-me, Draco, mas suas tentativas têm sido ineficazes... tão ineficazes, para ser sincero, que me pergunto se, no fundo, você realmente queria...
– Queria sim! – confirmou Malfoy com veemência. – Estive trabalhando nisso o ano todo, e hoje à noite...
De algum ponto nas profundezas do castelo, Harry ouviu um grito abafado. Malfoy se enrijeceu e espiou por cima do ombro.
– Alguém está resistindo com valentia – comentou Dumbledore em tom de conversa. – Mas você ia dizendo... sim, que conseguiu introduzir Comensais da Morte em minha escola, o que, admito, pensei que fosse impossível... como fez isso?
Mas Malfoy não respondeu: ainda tentava escutar o que estava acontecendo no andar de baixo, e parecia quase tão paralisado quanto Harry.
– Talvez você devesse continuar a tarefa sozinho – sugeriu Dumbledore. – E se o seu apoio tiver sido rechaçado pela minha guarda? Como você talvez tenha percebido, há membros da Ordem da Fênix aqui hoje à noite, também. E, afinal, você não precisa realmente de ajuda... não tenho varinha no momento... não posso me defender.
Malfoy apenas olhava o diretor.
– Entendo – disse Dumbledore bondosamente, quando viu que Malfoy não se

mexia nem falava. – Você tem medo de agir até que eles cheguem.
– Não tenho medo! – vociferou Malfoy, embora não fizesse movimento para atacar Dumbledore. – O senhor é quem deveria estar com medo!
– Mas por quê? Acho que você não vai me matar, Draco. Matar não é tão fácil quanto creem os inocentes... portanto, enquanto esperamos por seus amigos, me conte... como foi que você os trouxe clandestinamente para dentro? Parece que levou muito tempo para descobrir um meio de fazer isso.
Malfoy parecia estar reprimindo o impulso de gritar ou de vomitar. Engoliu em seco e inspirou profundamente várias vezes com o olhar fixo em Dumbledore, sua varinha apontando diretamente para o coração do diretor. Então, como se não conseguisse se conter, ele respondeu:
– Tive de consertar aquele Armário Sumidouro que ninguém usa há anos. Aquele em que Montague sumiu no ano passado.
– Aaaah.
O suspiro de Dumbledore foi quase um lamento. Ele fechou os olhos por um instante.
– Foi uma ideia inteligente... há um par, não é?
– O outro está na Borgin & Burkes – respondeu Malfoy –, e os dois formam uma passagem. Montague me contou que ficou preso no Armário de Hogwarts, suspenso no limbo, mas às vezes ele ouvia o que estava acontecendo na escola e, outras, o que estava acontecendo na loja, como se o Armário se deslocasse entre os dois pontos, mas não conseguia que ninguém o ouvisse... no fim, ele saiu aparatando, apesar de nunca ter passado no teste. Quase morreu na tentativa. Todo o mundo achou que era uma história realmente empolgante, mas eu fui o único que percebi o que significava, nem o Borgin sabia, fui o único que percebi que talvez houvesse um jeito de entrar em Hogwarts através dos Armários, se eu consertasse o que estava quebrado.
– Muito bom – murmurou Dumbledore. – Então os Comensais da Morte puderam passar da Borgin & Burkes para a escola e ajudá-lo... um plano inteligente, um plano muito inteligente... e como você diz... bem debaixo do meu nariz...
– É! – exclamou Malfoy que, bizarramente, parecia extrair coragem e consolo do elogio do diretor. – É, foi!
– Houve vezes, no entanto – continuou Dumbledore –, em que você perdeu a certeza de que conseguiria consertar o Armário, não é? E então lançou mão de recursos óbvios e mal avaliados como me mandar um colar maldito, que estava fadado a ir parar em mãos erradas... envenenar um hidromel que era pouquíssimo provável eu beber...
– É, mas, nem assim o senhor descobriu quem estava por trás disso, não é? –

debochou Malfoy, enquanto Dumbledore escorregava um pouco pelas ameias, aparentemente perdendo as forças nas pernas, e Harry lutava sem sucesso, mudamente, contra o feitiço que o prendia.
– Na verdade, descobri. Eu tinha certeza de que era você.
– Por que não me deteve, então? – quis saber Malfoy.
– Tentei, Draco. O professor Snape tem vigiado você por ordens minhas...
– Ele não estava obedecendo às *suas* ordens, ele prometeu a minha mãe...
– Naturalmente isto é o que ele lhe diria, Draco, mas...
– Ele é um agente duplo, seu velho idiota, ele não está trabalhando para o senhor, o senhor é que pensa que está!
– Devemos concordar em discordar nesse ponto, Draco. Acontece que eu confio no professor Snape...
– Bem, então o senhor não está mais entendendo nem controlando nada! – desdenhou mais uma vez Malfoy. – Ele tem me oferecido muita ajuda... querendo toda a glória para ele... querendo um pouco de ação... "Que é que você anda fazendo? Mandou aquele colar, que idiotice, poderia ter estragado tudo..." Mas não contei a ele o que estive fazendo na Sala Precisa, ele vai acordar amanhã e tudo estará acabado, e ele não será mais o favorito do Lorde das Trevas, ele não será nada comparado a mim, nada!
– Muito gratificante – comentou Dumbledore brandamente. – Todos gostamos de receber aplausos pelos nossos esforços, é mais do que natural... mas você deve ter tido um cúmplice... alguém em Hogsmeade que pôde passar para Katie o... o... aaaah...
Dumbledore fechou outra vez os olhos e cabeceou como se estivesse prestes a cochilar.
– ... naturalmente... Rosmerta. Há quanto tempo ela está dominada pela Maldição Imperius?
– Enfim percebeu, não é? – caçoou Malfoy.
Ouviu-se um segundo grito vindo do andar de baixo, mais alto do que o anterior. Malfoy olhou mais uma vez, nervosamente, por cima do ombro e, em seguida, para Dumbledore, que continuou:
– Então a pobre Rosmerta foi forçada a se esconder no próprio banheiro e passar o colar para a primeira estudante de Hogwarts que entrou lá desacompanhada? E o hidromel envenenado... bem, naturalmente Rosmerta pôde envenená-lo para você antes de mandar a garrafa para Slughorn, acreditando que seria o meu presente de Natal... sim, muito esperto... muito esperto... o coitado do sr. Filch não pensaria, é claro, em verificar uma garrafa do hidromel de Rosmerta... mas, diga-me, como esteve se comunicando com a Rosmerta? Pensei que tínhamos todos os meios de comunicação de saída e entrada da escola

monitorados.
– Moedas encantadas – respondeu Malfoy, como se sentisse uma compulsão de continuar falando, embora a mão com que segurava a varinha tremesse muito. – Fiquei com uma e ela com a outra e, assim, pude lhe mandar mensagens...
– Não foi esse o método secreto de comunicação que o grupo que se intitulava Armada de Dumbledore usou no ano passado? – indagou Dumbledore. Sua voz era descontraída e informal, mas Harry o viu escorregar mais uns dois centímetros pela parede enquanto falava.
– É, copiei a ideia deles – disse Malfoy, com um sorriso enviesado. – Tirei também a ideia de envenenar o hidromel da Sangue Ruim da Granger, ouvi quando ela disse na biblioteca que o Filch não era capaz de reconhecer poções...
– Por favor, não use essa palavra ofensiva na minha presença – pediu Dumbledore.
Malfoy deu uma gargalhada desagradável.
– O senhor ainda se incomoda que eu esteja dizendo “Sangue Ruim” quando estou prestes a matá-lo?
– Incomodo-me. – Harry viu os pés do diretor deslizarem ligeiramente pelo chão e ele tentar se manter de pé. – Quanto a estar prestes a me matar, Draco, você já teve longos minutos. Estamos sozinhos. Estou mais indefeso do que você poderia ter sonhado em me encontrar e, ainda assim, você não me matou...
Malfoy torceu a boca involuntariamente, como se tivesse provado alguma coisa muito amarga.
– Agora, quanto a esta noite – continuou Dumbledore –, estou um pouco intrigado como tudo aconteceu... você sabia que eu tinha saído da escola? Mas, é claro – ele respondeu à própria pergunta –, Rosmerta me viu saindo, avisou-o usando suas engenhosas moedas, com certeza...
– Isto mesmo. Ela me disse que o senhor ia beber alguma coisa, que voltaria...
– Bem, sem dúvida eu bebi alguma coisa... e de certa maneira... voltei... – murmurou Dumbledore. – Então, você decidiu montar uma armadilha para mim?
– Decidimos colocar a Marca Negra sobre a Torre e fazer o senhor voltar correndo para cá, para ver quem tinha sido morto. E deu certo!
– Bem... sim e não... Mas eu devo entender, então, que ninguém foi morto?
– Alguém morreu – respondeu Malfoy, e sua voz pareceu subir uma oitava. – Um dos seus... não sei quem, estava escuro... passei por cima do corpo... eu devia estar esperando aqui em cima quando o senhor voltasse, só que aquela sua Fênix se meteu no caminho...
– Elas fazem isso – confirmou Dumbledore.
Ouviu-se um estampido e gritos embaixo, mais altos que antes; parecia que as pessoas estavam lutando na escada de acesso ao lugar em que se encontravam

Dumbledore, Malfoy e Harry, e o coração de Harry reboou inaudivelmente em seu peito invisível... alguém fora morto... Malfoy passara por cima do corpo... mas quem seria?
– De qualquer maneira, temos pouco tempo – disse Dumbledore. – Então vamos discutir as suas opções, Draco.
– *Minhas* opções! – exclamou Malfoy alto. – Estou aqui com uma varinha... prestes a matar o senhor...
– Meu caro rapaz, vamos parar de fingir. Se você fosse me matar, teria feito isso quando me desarmou, não teria parado para conversarmos amenamente sobre meios e modos.
– Não tenho opções! – respondeu Malfoy, e subitamente ficou tão pálido quanto Dumbledore. – Tenho de fazer isto. Ele me matará! Ele matará minha família toda!
– Eu avalio a dificuldade de sua posição. Por que pensa que não o confrontei antes? Porque eu sabia que você seria morto se Lorde Voldemort percebesse que eu suspeitava de você.
Malfoy fez uma careta ao ouvir aquele nome.
– Não me atrevi a falar antes sobre a missão que lhe fora confiada, prevendo que ele talvez usasse a Legilimência contra você – continuou Dumbledore. – Agora, finalmente, podemos falar às claras... não houve mal algum, você não feriu ninguém, embora tenha tido muita sorte que suas vítimas impremeditadas sobrevivessem... posso ajudá-lo, Draco.
– Não, não pode. – A mão de Malfoy que empunhava a varinha tremia muito fortemente. – Ninguém pode. Ele me mandou fazer isso ou me matará. Não tenho escolha.
– Venha para o lado certo, Draco, e podemos escondê-lo mais completamente do que pode imaginar. E, mais, posso mandar membros da Ordem à sua mãe hoje à noite, e escondê-la também. Seu pai no momento está seguro em Azkaban... quando chegar a hora posso protegê-lo também... venha para o lado certo, Draco... você não é assassino...
Malfoy arregalou os olhos para Dumbledore.
– Mas cheguei até aqui, não? – disse ele lentamente. – Acharam que eu morreria na tentativa, mas estou aqui... e o senhor está em meu poder... sou eu que empunho a varinha... sua vida depende da minha piedade...
– Não, Draco – respondeu Dumbledore baixinho. – É a minha piedade, e não a sua, que importa agora...
Malfoy não respondeu. Estava boquiaberto, a mão da varinha continuava a tremer. Harry achou que a vira baixar um nada...
Mas, de repente, passos atroaram escada acima e, um segundo depois, Malfoy

foi empurrado para longe quando quatro pessoas de vestes negras irromperam pela porta em direção às ameias. Ainda paralisado, assistindo sem piscar, Harry encarou com terror os quatro estranhos: pelo visto, os Comensais da Morte tinham vencido a luta lá embaixo.

Um homem pesadão, com um estranho sorriso enviesado e malicioso, deu uma risadinha asmática.

– Dumbledore encurralado! – exclamou ele, virando-se para uma mulherzinha atarracada que parecia ser sua irmã e ria ansiosa. – Dumbledore sem varinha, Dumbledore sozinho! Parabéns, Draco, parabéns!

– Boa-noite, Amico – cumprimentou Dumbledore calmamente, como se lhe desse as boas-vindas ao seu chá festivo. – E trouxe Aleto também... que gentileza...

A mulher deu uma risadinha zangada.

– Então acha que suas gracinhas vão ajudá-lo no leito de morte? – zombou ela.

– Gracinhas? Não, não, são boas maneiras – respondeu Dumbledore.

– Liquide logo – disse o estranho parado mais próximo de Harry, um homem magro e comprido com espessos cabelos e costeletas grisalhos, cujas vestes negras de Comensal da Morte pareciam desconfortavelmente apertadas. Tinha uma voz que Harry jamais ouvira igual: um latido rouco. O garoto sentiu nele um forte cheiro de terra, suor e, sem dúvida, sangue. Suas mãos imundas tinham longas unhas amarelas.

– É você, Lobo? – perguntou Dumbledore.

– Acertou – respondeu o outro, rouco. – Feliz em me ver, Dumbledore?

– Não, não posso dizer que esteja...

Fenrir Lobo Greyback riu, mostrando dentes pontiagudos. Um filete de sangue escorria pelo seu queixo, e ele lambeu os lábios, lenta e obscenamente.

– Você sabe como gosto de criancinhas, Dumbledore.

– Devo entender que você agora anda atacando, mesmo fora da lua cheia? Que insólito... você criou um gosto por carne humana que não pode ser satisfeito uma vez por mês?

– Acertou – disse Greyback. – Choca você isto, não, Dumbledore? Assusta você?

– Bem, não posso fingir que não me desgoste um pouco. E, sim, estou um pouco chocado que o Draco, aqui, convidasse logo você a vir a uma escola onde seus amigos vivem...

– Não convidei – sussurrou Malfoy. Ele não estava olhando para Greyback; parecia nem querer olhar para o lobisomem. – Eu não sabia que ele vinha...

– Eu não iria querer perder uma viagem a Hogwarts, Dumbledore – respondeu

roucamente o lobisomem. – Não quando há gargantas a estraçalhar... uma delícia, uma delícia...

E Lobo ergueu uma de suas unhas amarelas e palitou os dentes da frente, olhando, malicioso, para Dumbledore.

– Eu poderia estraçalhar você de sobremesa...

– Não – interrompeu-o o quarto Comensal da Morte rispidamente. Tinha uma cara sombria e bruta. – Temos as nossas ordens. Draco é quem tem de fazer isso. Agora, Draco, e rápido.

Malfoy demonstrava menos determinação que nunca. Parecia aterrorizado ao encarar o rosto de Dumbledore, agora ainda mais pálido e mais baixo do que o normal, porque deslizara bastante pela parede da ameia.

– Ele não vai demorar muito neste mundo, se quer saber! – comentou o homem do sorriso enviesado, acompanhado pelas risadinhas asmáticas da irmã. – Olhem só para ele, que aconteceu com você, Dumby?

– Ah, menor resistência, reflexos mais lentos, Amico – respondeu Dumbledore. – Em suma, velhice... um dia, talvez, lhe aconteça o mesmo... se você tiver sorte...

– Que está querendo dizer, que está querendo dizer? – berrou o Comensal da Morte, repentinamente violento. – Sempre o mesmo, não é, Dumby, fala, fala e não faz nada. Nem sei por que o Lorde das Trevas está se preocupando em matar você! Vamos, Draco, mate de uma vez!

Mas naquele momento ouviram-se de novo ruídos de luta lá embaixo, e uma voz gritou: “*Eles bloquearam a escada... Reducto! REDUCTO!”*

O coração de Harry deu um salto: então esses quatro não tinham eliminado toda a oposição, tinham apenas aberto caminho até o alto da Torre entre os grupos que lutavam, e, pelos ruídos, criado uma barreira às suas costas...

– Agora, Draco, rápido! – falou encolerizado o homem de cara brutal.

Mas a mão de Malfoy tremia tanto, que ele mal conseguia fazer pontaria.

– Eu farei isso – rosnou Greyback, andando em direção a Dumbledore com as mãos estendidas e os dentes à mostra.

– Eu disse não! – berrou o homem de cara bruta; houve um lampejo, e o lobisomem foi afastado com violência; ele bateu nas ameias e cambaleou, enfurecido. O coração de Harry batia com tanta força que parecia impossível que ninguém o ouvisse parado ali, aprisionado pelo feitiço de Dumbledore... se ao menos pudesse se mexer, poderia lançar um feitiço por baixo da capa.

– Draco, mate-o ou se afaste, para um de nós... – guinchou a mulher, mas naquele exato momento a porta para as ameias se escancarou mais uma vez e surgiu Snape, de varinha na mão, seus olhos negros apreendendo a cena, de Dumbledore apoiado na parede aos quatro Comensais da Morte, incluindo o

lobisomem enfurecido e Malfoy.
– Temos um problema, Snape – disse o corpulento Amico, cujos olhos e varinha estavam igualmente fixos em Dumbledore –, o menino não parece capaz...
Mas outra voz chamara Snape pelo nome, baixinho.
– Severo...
O som assustou Harry mais que qualquer coisa naquela noite. Pela primeira vez, Dumbledore estava suplicando.
Snape não respondeu, adiantou-se e tirou Malfoy do caminho com um empurrão. Os três Comensais da Morte recuaram calados. Até o lobisomem pareceu se encolher.
Snape fitou Dumbledore por um momento, e havia repugnância e ódio gravados nas linhas duras do seu rosto.
– Severo... por favor...
Snape ergueu a varinha e apontou diretamente para Dumbledore.
– *Avada Kedavra!*
Um jorro de luz verde disparou da ponta de sua varinha e atingiu Dumbledore no meio no peito. O grito de horror de Harry jamais saiu; silencioso e paralisado, ele foi obrigado a presenciar Dumbledore explodir no ar: por uma fração de segundo, ele pareceu pairar suspenso sob a caveira brilhante e, em seguida, foi caindo lentamente de costas, como uma grande boneca de trapos, por cima das ameias, e desapareceu de vista.

— CAPÍTULO VINTE E OITO —

A fuga do Príncipe

Harry teve a sensação de que ele também estava sendo arremessado pelo espaço; *não tinha acontecido... não podia ter acontecido...*

– Fora daqui, rápido – disse Snape.

Ele agarrou Malfoy pelo cangote e forçou-o a sair pela porta, à frente dos outros; Greyback e os irmãos atarracados os seguiram, os dois ofegando agitados. Quando eles desapareceram pela porta, Harry percebeu que recuperara os movimentos; o que o mantinha agora paralisado contra a parede não era magia, mas choque e horror. Arrancou a Capa da Invisibilidade na hora em que o Comensal da Morte de cara bruta, o último a deixar o alto da Torre, ia sumindo pela porta.

– *Petrificus Totalus!*

O Comensal da Morte se dobrou como se tivesse sido atingido por algo sólido e caiu no chão, rígido como uma estátua de cera, mas mal acabara de bater no chão e Harry já passava por cima dele e descia correndo a escada escura.

O terror assaltava Harry... tinha de chegar a Dumbledore e tinha de pegar Snape... por alguma razão, as duas coisas estavam ligadas... poderia reverter o que acontecera se pudesse juntar os dois... Dumbledore não podia ter morrido...

Ele saltou os dez últimos degraus da escada espiral e parou onde aterrissara, a varinha em punho: o corredor mal iluminado estava cheio de poeira; metade do teto parecia ter cedido e, à sua frente, travava-se uma batalha violenta. Enquanto ele tentava distinguir quem enfrentava quem, ouviu a voz que odiava gritar: *“Acabou, hora de partir!”*, e viu Snape virar no fim do corredor; ele e Malfoy pareciam ter aberto caminho entre os combatentes e escapado ilesos. Quando Harry se atirou no encalço deles, um dos bruxos se destacou do conflito e avançou para ele; era o lobisomem Greyback. Derrubou Harry antes que ele pudesse erguer a varinha: o garoto caiu de costas, sentindo os cabelos imundos no rosto, o fedor de suor, e o sangue na boca e no nariz, um bafo quente e voraz

em seu pescoço...

– *Petrificus Totalus!*

Harry sentiu Greyback desmontar em cima dele; com um esforço descomunal, ele empurrou o lobisomem no chão na hora em que um jorro de luz verde veio em sua direção; ele desviou-se e mergulhou no meio dos combatentes. Seus pés bateram em alguma coisa mole e escorregadia no chão, e ele perdeu o equilíbrio: havia dois corpos caídos ali, de cara para baixo, em uma poça de sangue, mas não havia tempo para investigar. Harry viu uma cabeleira vermelha agitando-se como línguas de fogo à sua frente. Gina lutava contra o Comensal da Morte pesadão, Amico, que lançava feitiço sobre feitiço contra a garota, que se desviava; o bruxo ria, sentindo prazer no esporte:

– *Crucio*... *Crucio*... você não pode dançar para sempre, lindinha...

– *Impedimenta!* – berrou Harry.

Seu feitiço atingiu Amico no peito. Ele soltou um guincho porcino de dor ao ser arrebatado e arremessado contra a parede oposta, de onde deslizou para o chão e desapareceu atrás de Rony, da professora McGonagall e Lupin, cada qual enfrentando um Comensal da Morte; mais além, Harry viu Tonks dando combate a um enorme bruxo louro que lançava feitiços em todas as direções, fazendo-os ricochetear nas paredes em volta, rachar pedra e estilhaçar a janela mais próxima...

– Harry, de onde é que você veio? – gritou Gina, mas não havia tempo para responder. O garoto baixou a cabeça e prosseguiu disparado pelo corredor, escapando por um triz de algo que explodiu acima de sua cabeça, fazendo chover cacos de parede sobre todos. Snape não podia escapar, ele tinha de pegar Snape...

– *Isto* é para você! – gritou a professora McGonagall, e Harry viu de relance a mulher Comensal da Morte, Aleto, fugindo pelo corredor com os braços sobre a cabeça, o irmão em seus calcanhares. Harry disparou atrás dos dois, mas seu pé prendeu em alguma coisa e, no momento seguinte, ele estava caído sobre as pernas de alguém. Olhando para os lados, identificou o rosto pálido e redondo de Neville chapado no chão.

– Neville, você está...?

– Tô bem – murmurou ele, apertando a barriga. – Harry... Snape e Malfoy... passaram correndo...

– Eu sei, estou sabendo! – respondeu Harry no chão, mirando um feitiço no Comensal da Morte responsável por grande parte do caos. Atingido no rosto, o homem soltou um uivo de dor; virou-se, cambaleou e, então, bateu em retirada atrás de Amico e Aleto.

Harry se ergueu do chão e tornou a desembestar pelo corredor, sem dar atenção aos estampidos às suas costas, aos chamados dos outros para que

voltasse e ao grito mudo dos vultos caídos, cujo destino ele ainda desconhecia...
Derrapou na curva, seus tênis sujos de sangue escorregavam; Snape levava uma enorme dianteira – era possível que já tivesse entrado no Armário na Sala Precisa, ou será que a Ordem tomara providências para fechá-lo e impedir que os Comensais da Morte se retirassem por ali? Harry não ouvia nada, exceto as batidas dos próprios pés correndo, do próprio coração ribombando enquanto acelerava pelo corredor seguinte, deserto. Então, ele viu marcas de sangue no chão indicando que pelo menos um dos Comensais da Morte fugitivos rumava para as portas de entrada – talvez a Sala Precisa estivesse, de fato, bloqueada...
Harry entrou derrapando por outro corredor, e um feitiço passou voando; ele mergulhou atrás de uma armadura que explodiu; viu, então, os irmãos Comensais que desciam correndo a escadaria de mármore e disparou feitiços contra os dois, mas atingiu apenas várias bruxas de peruca, em um quadro do patamar, que fugiram aos guinchos para os quadros vizinhos; quando transpunha os destroços da armadura, Harry ouviu mais gritos; outras pessoas no castelo pareciam ter acordado...
Lançou-se por um atalho, na esperança de ultrapassar os irmãos e alcançar Snape e Malfoy, que, àquela altura, certamente já teriam chegado aos jardins; lembrando-se de saltar o degrau que sumia na metade da escada secreta, ele irrompeu pela tapeçaria que havia embaixo e saiu em um corredor onde estavam parados vários alunos da Lufa-Lufa de pijama, desnorteados.
– Harry! Ouvimos um barulho, e alguém mencionou a Marca Negra... – começou Ernesto Macmillan.
– Sai do caminho! – berrou Harry, empurrando dois garotos e correndo em direção ao patamar e ao último lance da escadaria de mármore. As portas de carvalho na entrada tinham sido arrombadas; havia manchas de sangue no chão, e vários estudantes aterrorizados se encolhiam às paredes, uns dois deles cobriam o rosto com os braços; a enorme ampulheta da Grifinória fora atingida por um feitiço, e os rubis que continha ainda caíam, produzindo um ruído seco no piso lajeado...
Harry voou pelo Saguão de Entrada e saiu para os jardins escuros: mal conseguia divisar três vultos que corriam pelo gramado em direção aos portões, onde poderiam Aparatar – pelo jeito, o enorme Comensal da Morte louro e, mais à frente, Snape e Malfoy...
Harry sentiu o ar frio da noite dilacerar seus pulmões quando disparou atrás deles; ele viu um lampejo ao longe que momentaneamente recortou a silhueta dos fugitivos; apesar de não saber o que seria, continuou a correr, ainda não se aproximara o suficiente para fazer pontaria...
Outro lampejo, gritos, jorros de luz em resposta, e Harry entendeu: Hagrid

saíra de sua cabana e estava tentando deter os Comensais da Morte em fuga e, embora cada hausto parecesse rasgar seus pulmões e a pontada em seu peito ardesse como uma labareda, Harry acelerou enquanto uma voz em sua cabeça dizia: *Hagrid não... Hagrid também não...*

Alguma coisa atingiu Harry, com força, nos rins, e ele caiu; seu rosto bateu no chão, o sangue espirrou das narinas: concluiu, mesmo enquanto se virava, com a varinha em punho, que os irmãos que ele ultrapassara ao pegar o atalho se aproximavam às suas costas...

– *Impedimenta!* – berrou ele, tornando a se virar, agachando-se rente ao chão escuro e, milagrosamente, seu feitiço atingiu um deles, que cambaleou e caiu, derrubando o outro; Harry ergueu-se de um salto e continuou a correr atrás de Snape...

E, à claridade da lua crescente que surgiu inesperadamente por trás das nuvens, ele viu a vasta silhueta de Hagrid; o Comensal da Morte louro alvejava-o com sucessivos feitiços, mas a imensa força de Hagrid e a pele dura que herdara da mãe giganta pareciam protegê-lo; Snape e Malfoy, no entanto, continuavam a correr; logo estariam fora dos portões, e poderiam Aparatar...

Harry passou, desembalado, por Hagrid e seu oponente, mirou nas costas de Snape e berrou:

– *Estupefaça!*

Errou; o jorro de luz vermelha passou ao largo da cabeça de Snape; o professor gritou: *"Corra, Draco!"*, e virou-se; a uns dezoito metros de distância, ele e Harry se encararam antes de erguer simultaneamente as varinhas.

– *Cruc...*

Snape, porém, aparou o feitiço, derrubando Harry para trás antes que ele pudesse completar a maldição. O garoto rolou para um lado e tornou a se levantar na hora em que o enorme Comensal às suas costas berrou: "*Incêndio!*"; Harry ouviu uma forte explosão e uma luz laranja se derramou sobre todos: a casa de Hagrid estava pegando fogo.

– Canino está preso lá dentro, seu maligno...! – urrou Hagrid.

– *Cruc...* – berrou Harry pela segunda vez, mirando no vulto iluminado à luz das chamas, mas Snape tornou a bloquear o feitiço; Harry podia ver seu sorriso desdenhoso.

– Suas Maldições Imperdoáveis não me atingem, Potter! – gritou ele, sobrepondo-se ao ruído das chamas, aos gritos de Hagrid e aos ganidos alucinados de Canino. – Você não tem a coragem nem a habilidade...

– *Incarc...* – urrou Harry, mas Snape desviou o feitiço com um gesto quase indolente.

– Revide – gritou Harry. – Revide, seu covarde...

– Você me chamou de covarde, Potter? – gritou Snape. – Seu pai nunca me atacava, a não ser que fossem quatro contra um, que nome você daria a ele?
– *Stupe*...
– Bloqueado outra vez e outra e mais outra, até você aprender a manter a boca e a mente fechadas, Potter! – debochou Snape, desviando mais uma vez o feitiço. – Agora, *venha*! – gritou o professor para o Comensal da Morte às costas de Harry. – Está na hora de ir, antes que o Ministério apareça.
– *Impedi*...
Antes, porém, que Harry pudesse terminar o feitiço, sentiu uma dor excruciante; tombou no gramado, alguém estava gritando, ele certamente morreria de tormento, Snape ia torturá-lo até morrer ou enlouquecer...
– Não! – urrou Snape, e a dor parou tão subitamente quanto começara; Harry ficou enroscado no gramado escuro, apertando a varinha ofegante; em algum lugar no alto, Snape gritava: – Você esqueceu as suas ordens? Potter pertence ao Lorde das Trevas... temos de deixá-lo! Vá! Vá!
E Harry sentiu o chão estremecer sob seu rosto quando os irmãos e o enorme Comensal em obediência correram para os portões. O garoto soltou um grito inarticulado de raiva: naquele instante, não se importava se ia viver ou morrer; pondo-se em pé com esforço, ele cambaleou às cegas em direção a Snape, o homem que agora ele odiava tanto quanto odiava o próprio Voldemort...
– *Sectum*...
Snape acenou com a varinha, e o feitiço foi de novo repelido; mas Harry agora estava a poucos passos, e finalmente podia ver com clareza o rosto de Snape: ele já não ria desdenhoso nem caçoava; as labaredas mostravam um rosto enfurecido. Reunindo todo o seu poder de concentração, Harry pensou *Levi*...
– Não, Potter! – gritou Snape. Houve um forte estampido e Harry voou para trás, tornando a bater duramente no chão e, desta vez, a varinha escapou-lhe da mão. Ele ouvia os gritos de Hagrid e os uivos de Canino, quando Snape se aproximou e contemplou-o ali caído, sem varinha, indefeso como Dumbledore estivera. O rosto pálido do professor, iluminado pela cabana em chamas, estava impregnado de ódio, tal como estivera pouco antes de amaldiçoar Dumbledore.
– Você se atreve a usar os meus feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventei: eu, o Príncipe Mestiço! E você viraria as minhas invenções contra mim, como o nojento do seu pai, não é? Eu acho que não... *não*!
Harry mergulhara para recuperar a varinha; Snape lançou um feitiço na varinha, que voou longe, no escuro, e desapareceu de vista.
– Me mate, então – ofegou Harry, que não sentia o menor medo, apenas raiva e desdém. – Me mate como matou ele, seu covarde...
– NÃO... – gritou Snape, e seu rosto ficou inesperadamente desvairado,

desumano, como se sentisse tanta dor quanto o cão que gania e uivava preso na casa incendiada às suas costas – ... ME CHAME DE COVARDE!

E ele golpeou o ar: Harry sentiu uma espécie de chicotada em brasa atingi-lo no rosto e foi atirado de costas no chão. Manchas luminosas explodiram diante de seus olhos e, por um momento, todo o ar pareceu ter fugido do seu corpo, então, ele ouviu um farfalhar de asas no ar e uma coisa enorme obscureceu as estrelas: Bicuço mergulhara contra Snape, que cambaleou para trás ao ser atacado por garras afiadíssimas. Enquanto Harry procurava sentar, a cabeça atordoada pelo último impacto contra o chão, ele viu Snape a toda velocidade, o enorme animal perseguindo-o, aos gritos, como Harry jamais o vira gritar...

O garoto levantou-se com dificuldade, procurando, às tontas, a varinha, na esperança de prosseguir em sua caçada, mas, mesmo enquanto apalpava a grama, catando gravetos, percebeu que seria tarde demais; de fato, até conseguir localizar a varinha e se virar, ele viu apenas o hipogrifo circulando sobre os portões. Snape conseguira Aparatar fora dos limites da escola.

– Hagrid – murmurou Harry, ainda atordoado, olhando para os lados. – HAGRID?

Ele cambaleava em direção à casa em chamas quando um enorme vulto emergiu da cabana, carregando Canino às costas. Com um grito de agradecimento, Harry caiu de joelhos; todos os seus membros tremiam, seu corpo doía inteiro, e sua respiração provocava pontadas dolorosas.

– Você tá bem, Harry? Você tá bem? Fala comigo, Harry...

O enorme rosto peludo de Hagrid pairava acima de Harry, escondendo as estrelas. O garoto sentia o cheiro de madeira e pelo de cachorro queimados; ele esticou a mão e tocou o corpo quente e vivo de Canino, agitando-se ao lado dele.

– Estou bem – ofegou Harry. – E você?

– Claro que estou... precisa mais do que isso para me liquidar.

Hagrid enfiou as mãos por baixo dos braços de Harry e ergueu-o com tal força que os pés do garoto abandonaram momentaneamente o chão, enquanto o gigante o punha de pé. Harry viu o sangue escorrendo pelo rosto do amigo, o corte profundo embaixo de um olho que inchava rapidamente.

– Devíamos apagar o incêndio em sua casa – disse Harry –, o feitiço é *Aguamenti*...

– Eu sabia que era alguma coisa assim – murmurou Hagrid, e erguendo um fumegante guarda-chuva rosa florido ordenou: – *Aguamenti!*

Um jorro de água saiu da ponta do guarda-chuva. Harry ergueu o braço da varinha que parecia de chumbo e também murmurou: “*Aguamenti*”; juntos, ele e Hagrid despejaram água na casa até que a última chama se extinguisse.

– Não tá muito ruim – comentou Hagrid esperançoso alguns minutos depois,

olhando para o rescaldo fumegante. – Nada que Dumbledore não possa consertar...

Harry sentiu uma dor lancinante no estômago ao som desse nome. No silêncio e quietude, o horror despertou em seu íntimo.

– Hagrid...

– Eu estava enfaixando as pernas de uns tronquilhos, quando ouvi os Comensais vindo – disse Hagrid triste, ainda contemplando a cabana destruída. – Devem ter queimado os gravetos, os coitadinhos...

– Hagrid...

– Mas que aconteceu, Harry? Vi os Comensais da Morte descerem correndo do castelo, mas que diabos o Snape estava fazendo no meio deles? Aonde é que ele foi?... Estava perseguindo eles?

– Ele... – Harry pigarreou; a garganta seca com o pânico e a fumaça. – Hagrid, ele matou...

– Matou?! – exclamou Hagrid em voz alta, encarando Harry. – Snape matou? Do que você está falando, Harry?

– Dumbledore. Snape matou... Dumbledore.

Hagrid ficou olhando para ele, o pouco do seu rosto à mostra manifestava total incompreensão.

– Dumbledore o quê, Harry?

– Está morto. Snape o matou...

– Não diz isso – censurou-o Hagrid com rispidez. – Snape matar Dumbledore... não seja idiota, Harry. De onde tirou essa ideia?

– Vi acontecer.

– Não pode ter visto.

– Vi, Hagrid.

Hagrid sacudiu a cabeça; em seu rosto havia uma expressão incrédula mas simpática, e Harry percebeu que o amigo pensava que ele tivesse levado uma pancada na cabeça, que estivesse atordoado, talvez com sequelas de um feitiço...

– O que deve ter acontecido foi que Dumbledore deve ter mandado Snape acompanhar os Comensais da Morte – explicou Hagrid confiante. – Imagino que ele precise manter o disfarce. Olhe, vamos levar você de volta à escola. Venha, Harry...

O garoto não tentou discutir nem explicar. Ainda tremia descontroladamente. Cedo Hagrid descobriria, cedo demais... Quando caminhavam para o castelo, Harry observou que agora havia luz em muitas janelas: podia imaginar nitidamente as cenas quando as pessoas fossem, de um aposento a outro, contar que os Comensais da Morte tinham entrado, que a Marca brilhava sobre Hogwarts, que alguém devia ter sido morto...

À frente, as portas de carvalho estavam abertas, inundando de luz a estrada e o gramado. Insegura e lentamente, pessoas vestidas com roupões desciam os degraus da entrada, procurando, nervosas, sinal dos Comensais da Morte que tinham se embrenhado na noite. Os olhos de Harry, porém, estavam fixos no gramado ao pé da torre mais alta. Imaginou ver caída ali uma massa escura, embora estivesse realmente muito longe para enxergar alguma coisa. Mesmo enquanto olhava em silêncio o lugar onde supunha que o corpo de Dumbledore estivesse, ele viu gente começando a se deslocar para lá.

– Que é que todos estão olhando? – perguntou Hagrid, quando os dois se aproximaram da fachada do castelo, Canino colado aos seus calcanhares. – Que é aquilo caído no gramado? – perguntou Hagrid bruscamente, rumando para a Torre de Astronomia, onde ia se formando um pequeno ajuntamento. – Está vendo, Harry? Bem no pé da Torre? Embaixo do lugar onde a Marca... caramba... você acha que alguém foi atirado...?

Hagrid se calou, o pensamento parecia terrível demais para ser expresso em voz alta. Harry caminhava ao seu lado, sentindo o desconforto e as dores no rosto e nas pernas onde fora atingido por feitiços, na última meia hora, embora de um modo estranhamente neutro, como se outro alguém próxi mo a ele os sentisse. Real e inelutável era a sensação terrível que comprimia o seu peito...

Ele e Hagrid atravessaram, como em sonho, a multidão que murmurava até bem à frente, onde estudantes e professores estarrecidos tinham deixado uma clareira.

Harry ouviu o lamento de dor e surpresa de Hagrid, mas não parou; continuou a avançar até chegar onde Dumbledore jazia, e se agachou ao seu lado.

O garoto percebera que não havia esperança no instante em que o Feitiço do Corpo Preso que Dumbledore lançara sobre ele cessara; percebera que aquilo só poderia ter acontecido porque quem lançara o feitiço estava morto; contudo, ainda não tinha se preparado para vê-lo ali, de braços e pernas abertos, quebrado: o maior bruxo que Harry conhecera ou jamais conheceria.

Os olhos de Dumbledore estavam fechados; exceto pelo estranho ângulo dos braços e pernas, ele poderia estar dormindo. Harry estendeu a mão, acertou os oclinhos de meia-lua no nariz torto do diretor e limpou um filete de sangue de sua boca, com a manga das próprias vestes. Então, contemplou o rosto velho e sábio, e tentou absorver a enorme e incompreensível verdade: nunca mais Dumbledore falaria com ele, nunca mais poderia ajudar...

A multidão murmurava às costas de Harry. Decorrido o que lhe pareceu um longo tempo, ele tomou consciência de que estava ajoelhado em cima de algo duro, e olhou para baixo.

O medalhão que tinham conseguido roubar, havia tantas horas, caíra do bolso

de Dumbledore e abrira-se, talvez em consequência da força com que batera no chão. E, embora Harry não pudesse sentir maior choque, horror ou tristeza do que já sentia, ele percebeu, ao apanhá-lo, que alguma coisa estava errada...

Revirou o medalhão nas mãos. Não era tão grande quanto o que vira na Penseira, nem tinha marcas distintivas, nenhum sinal do S caprichoso que supostamente era a insígnia de Slytherin. Além disso, não havia nada dentro a não ser um pedaço de pergaminho dobrado e encaixado à força onde devia haver um retrato.

Com um gesto automático, sem realmente pensar no que fazia, Harry tirou o fragmento de pergaminho, abriu-o e leu-o à luz das muitas varinhas agora acesas atrás:

Ao Lorde das Trevas

Sei que há muito estarei morto quando ler isto, mas quero que saiba que fui eu quem descobriu o seu segredo. Roubei a Horcrux verdadeira e pretendo destruí-la assim que puder. -Enfrento a morte na esperança de que, quando você encontrar um adversário à altura, terá se tornado outra vez mortal.

R.A.B.

Harry não sabia o que significava aquela mensagem nem se importava com isso. Uma única coisa importava: aquilo não era uma Horcrux. Dumbledore se enfraquecera bebendo a terrível poção para nada. Harry amassou o pergaminho na mão e as lágrimas queimaram seus olhos no momento em que, às suas costas, Canino começava a uivar.

— CAPÍTULO VINTE E NOVE —

O lamento da Fênix

– Vem cá, Harry...

– Não.

– Você não pode ficar aí, Harry... agora vem...

– Não.

Ele não queria sair do lado de Dumbledore, não queria ir a lugar nenhum. A mão de Hagrid em seu ombro tremia. Então, outra voz disse:

– Harry, vamos.

Uma mão menor e mais quente envolvera a dele e puxava-o para cima. Ele cedeu à pressão, sem realmente pensar. Somente quando estava atravessando, às cegas, o aglomerado de pessoas percebeu, por um leve perfume floral no ar, que era Gina quem o levava de volta ao castelo. Vozes incompreensíveis o bombardearam, soluços, gritos e lamentos perfuraram a noite, mas Harry e Gina seguiram andando, subiram os degraus de pedra para o saguão: rostos flutuavam na periferia da visão de Harry, pessoas o espiavam, sussurrando, se questionando, e os rubis da Grifinória cintilavam no chão como gotas de sangue quando se dirigiram à escadaria de mármore.

– Vamos à ala hospitalar.

– Não estou ferido – respondeu Harry.

– São ordens da McGonagall – argumentou Gina. – Todos estão lá, Rony, Hermione, Lupin, todo o mundo...

O medo tornou a se agitar no peito de Harry; esquecera-se dos vultos inertes que deixara para trás.

– Gina, quem mais morreu?

– Não se preocupe, não foi nenhum dos nossos.

– Mas a Marca Negra... Malfoy disse que passou por cima de um corpo...

– Passou por cima de Gui, mas tudo bem, ele está vivo.

Havia, no entanto, alguma coisa na voz dela que Harry identificou como um

mau agouro.
– Você tem certeza?
– Claro que tenho... ele está meio... meio avariado, é só. Greyback o atacou. Madame Pomfrey diz que ele não será mais o mesmo... – A voz de Gina tremeu um pouquinho. – Não sabemos realmente quais serão as sequelas... quero dizer, Greyback é um lobisomem, mas na hora estava sob forma humana.
– Mas os outros... vi outros corpos no chão...
– Neville está na ala hospitalar, mas Madame Pomfrey acha que vai se recuperar totalmente, e o professor Flitwick foi nocauteado, mas está bem, só um pouco abalado. Ele insistiu em sair para cuidar do pessoal da Corvinal. E há um Comensal morto, foi atingido por uma Maldição da Morte que o louro grandalhão estava lançando para todo lado... Harry, se não tivéssemos a sua Felix Felicis, acho que teríamos sido mortos, mas tudo parecia se desviar de nós...
Tinham chegado à ala hospitalar, quando empurraram as portas, Harry viu Neville deitado, aparentemente adormecido, em uma cama próxima. Rony, Hermione, Luna, Tonks e Lupin estavam agrupados em torno de outra cama, no extremo oposto da enfermaria. Ao ouvirem as portas se abrindo, todos se viraram. Hermione correu para Harry e abraçou-o; Lupin se adiantou também, ansioso.
– Você está bem, Harry?
– Estou ótimo... e o Gui?
Ninguém respondeu. Harry olhou por cima do ombro de Hermione e viu um rosto irreconhecível no travesseiro de Gui, tão cortado e despedaçado que parecia grotesco. Madame Pomfrey aplicava em seus ferimentos um unguento verde de cheiro acre. Harry lembrou-se de Snape fechando com simples acenos de varinha os ferimentos produzidos pelo *Sectumsempra* em Malfoy.
– A senhora não pode fechar os ferimentos com um feitiço ou outra coisa qualquer? – perguntou Harry à enfermeira.
– Não tem feitiço que dê resultado. Já experimentei tudo que sei, mas não há cura para mordidas de lobisomem.
– Mas ele não foi mordido na lua cheia – lembrou Rony, que fixava o rosto do irmão, como se pudesse forçar a cura só de olhar. – Greyback não estava transformado, então, com certeza, Gui não vai virar um... um verdadeiro...?
O garoto olhou inseguro para Lupin.
– Não, não acho que Gui vá virar um lobisomem de verdade – concordou Lupin –, mas isto não significa que não haja alguma contaminação. São ferimentos malditos. Provavelmente não cicatrizarão totalmente... e Gui talvez adquira alguma característica lupina daqui para a frente.

– Dumbledore talvez saiba alguma coisa que dê jeito – falou Rony. – Cadê ele? Gui lutou contra aqueles maníacos por ordem dele. Dumbledore tem obrigações para com ele, não pode deixar meu irmão assim...

– Rony... Dumbledore está morto – disse Gina.

– Não! – Lupin olhou desvairado de Gina para Harry, como se esperasse que o garoto a desmentisse, mas ao ver que Harry não o fez, Lupin desmontou em uma cadeira ao lado da cama de Gui, as mãos cobrindo o rosto. Harry nunca vira Lupin se descontrolar; teve a sensação de estar invadindo algo privado, indecente; ele virou a cabeça e deparou com Rony, com quem trocou um olhar silencioso que confirmava o que Gina acabara de dizer.

– Como foi que ele morreu? – sussurrou Tonks. – Como foi que aconteceu?

– Snape o matou – respondeu Harry. – Eu estava lá e vi. Voltamos direto para a Torre de Astronomia porque vimos a Marca lá... Dumbledore estava mal, fraco, mas acho que percebeu que era uma armadilha quando ouviu passos rápidos subindo a escada. Ele me imobilizou, não pude fazer nada, estava coberto pela Capa da Invisibilidade... então, Malfoy entrou e desarmou Dumbledore...

Hermione levou as mãos à boca, e Rony gemeu. A boca de Luna tremeu.

– ... chegaram mais Comensais da Morte... depois Snape... e Snape o matou. A Avada Kedavra. – Harry não conseguiu prosseguir.

Madame Pomfrey caiu no choro. Ninguém lhe deu atenção a não ser Gina, que sussurrou:

– Psiu! Escute!

Engolindo em seco, Madame Pomfrey apertou a boca com os dedos, olhos arregalados. Em algum lugar lá fora, na escuridão, uma Fênix cantava de um jeito que Harry jamais ouvira: um lamento comovido de terrível beleza. E ele sentiu, como antes sentira ao ouvir o canto da fênix, que a música vinha de dentro e não de fora dele: era o seu próprio pesar que se transformava magicamente em canto, ecoava pelos jardins e entrava pelas janelas do castelo.

Quanto tempo ficaram ali escutando, ele não sabia, nem por que o som do próprio luto parecia aliviar um pouco sua dor, mas pareceu ter decorrido um longo tempo até a porta do hospital se abrir e a professora McGonagall entrar. Como os demais, ela apresentava marcas da batalha recente: tinha arranhões no rosto e as vestes rasgadas.

– Molly e Arthur estão a caminho – anunciou ela, e o encanto da música se quebrou: todos despertaram como se saíssem de um transe, tornaram a se virar para Gui, ou então esfregaram os olhos, ou sacudiram a cabeça. – Harry, que aconteceu? Segundo Hagrid, você estava com o professor Dumbledore quando ele... quando aconteceu. Ele diz que o professor Snape esteve envolvido em alguma...

– Snape matou Dumbledore – respondeu Harry.
Ela o encarou por um momento, então seu corpo balançou de modo alarmante; Madame Pomfrey, que parecia ter se controlado, acorreu depressa, e, do nada, conjurou uma cadeira que empurrou para baixo de McGonagall.
– Snape – repetiu McGonagall com um fio de voz, desabando na cadeira. – Todos nos perguntávamos... mas ele confiava... sempre... *Snape*... não consigo acreditar...
– Snape era um Oclumente excepcionalmente talentoso – comentou Lupin, sua voz anormalmente áspera. – Sempre soubemos disso.
– Mas Dumbledore jurou que ele estava do nosso lado! – sussurrou Tonks. – Sempre pensei que Dumbledore soubesse alguma coisa de Snape que ignorávamos...
– Ele sempre insinuou que tinha uma razão inabalável para confiar em Snape – murmurou a professora McGonagall, agora secando as lágrimas nos cantos dos olhos com um lenço debruado em tecido escocês. – Quero dizer... com o passado de Snape... é claro que as pessoas duvidavam... mas Dumbledore me confirmou, de modo explícito, que o arrependimento de Snape era absolutamente sincero... não queria ouvir uma palavra contra ele.
– Eu adoraria saber o que Snape disse para convencê-lo – comentou Tonks.
– Eu sei – disse Harry, e todos se viraram, encarando-o. – Snape passou a Voldemort a informação que fez Voldemort caçar meus pais. Então, Snape disse a Dumbledore que não tinha consciência do que estava fazendo, que lamentava realmente o que tinha feito, lamentava que eles tivessem morrido.
– E Dumbledore acreditou nisso? – perguntou Lupin incrédulo. – Acreditou que Snape lamentava a morte de Tiago? Snape *odiava* Tiago...
– E achava que minha mãe também não valia nada porque tinha nascido trouxa... “Sangue Ruim”, foi como a chamou...
Ninguém perguntou como Harry sabia disso. Todos pareciam estar absortos no horror da revelação, tentando digerir a verdade monstruosa do que acontecera.
– É tudo minha culpa – disse subitamente a professora McGonagall. Ela parecia desorientada, torcia o lenço molhado nas mãos. – Minha culpa. Mandei Filio chamar Snape esta noite, mandei buscá-lo para vir nos ajudar! Se eu não tivesse alertado Snape para o que estava acontecendo, talvez ele nunca tivesse se reunido aos Comensais da Morte. Acho que ele não sabia que estavam na escola até Filio lhe contar, acho que Snape não sabia que eles vinham.
– Não é sua culpa, Minerva – disse Lupin com firmeza. – Todos queríamos mais ajuda, ficamos contentes quando soubemos que Snape estava a caminho...
– Então, quando chegou ao lugar do confronto, ele se passou para o lado dos Comensais da Morte? – perguntou Harry, que queria saber cada detalhe da

duplicidade e infâmia de Snape, reunindo febrilmente mais razões para odiá-lo, para lhe jurar vingança.

– Não sei exatamente como aconteceu – disse a professora McGonagall perturbada. – É tudo tão confuso... Dumbledore tinha nos dito que ia se ausentar da escola por algumas horas e que devíamos patrulhar os corredores só por precaução... Remo, Gui e Ninfadora viriam se reunir a nós... então patrulhamos. Tudo parecia tranquilo. Todas as passagens secretas para fora da escola estavam vigiadas. Sabíamos que ninguém poderia entrar pelo ar. Havia poderosos encantamentos sobre cada entrada do castelo. Continuo sem saber como é possível que os Comensais da Morte tenham entrado...

– Eu sei – interpôs Harry, e explicou brevemente a existência do par de Armários Sumidouros e a passagem mágica que formavam. – Eles entraram pela Sala Precisa.

Quase involuntariamente, ele olhou para Rony e Hermione, que pareciam arrasados.

– Meti os pés pelas mãos, Harry – disse Rony sombriamente. – Fizemos o que você pediu: consultamos o Mapa do Maroto e não vimos o Malfoy, e pensamos que devia estar na Sala Precisa, então eu, Gina e Neville fomos montar guarda... mas Malfoy conseguiu passar por nós.

– Ele saiu da Sala mais ou menos uma hora depois que começamos a vigiar – acrescentou Gina. – Estava sozinho, segurando aquele horrível braço seco...

– A Mão da Glória – explicou Rony. – Só o portador enxerga, lembram?

– De qualquer forma – continuou Gina –, ele devia estar conferindo se a barra estava limpa para deixar os Comensais saírem, porque, no momento em que nos viu, ele lançou alguma coisa no ar e ficou tudo escuro como breu...

– Pó Escurecedor Instantâneo do Peru – esclareceu Rony, com amargura. – Do Fred e do Jorge. Vou ter uma conversinha com eles a respeito das pessoas que eles deixam comprar os produtos da loja.

– Tentamos tudo: *Lumus, Incêndio* – explicou Gina. – Nada penetrou a escuridão; só nos restou sair tateando pelo corredor, enquanto ouvíamos gente passar correndo por nós. É óbvio que Malfoy estava enxergando por causa da tal Mão da Glória, e orientou os Comensais, mas não nos atrevemos a lançar feitiços nem nada, com medo de atingirmos a nós mesmos, e até chegarmos a um corredor iluminado, eles já tinham ido embora.

– Sorte a de vocês – disse Lupin rouco. – Rony, Gina e Neville toparam conosco quase em seguida e nos contaram o que tinha acontecido. Encontramos os Comensais da Morte minutos depois, a caminho da Torre de Astronomia. É óbvio que Malfoy não esperava que houvesse mais gente vigiando; pelo jeito, tinha esgotado o suprimento de Pó Escurecedor. Lutamos, eles se dispersaram e

nós os perseguimos. Um deles, Gibbon, escapou e subiu a escada da Torre...
– Para lançar a Marca? – perguntou Harry.
– Deve ter feito isso, sim, eles devem ter combinado antes de deixarem a Sala Precisa – disse Lupin. – Mas acho que Gibbon não gostou da ideia de esperar lá em cima por Dumbledore, sozinho, porque voltou correndo para se juntar aos que estavam lutando e foi atingido por uma Maldição da Morte, que por pouco não me atingiu também.
– Então, enquanto Rony estava vigiando a Sala Precisa com Gina e Neville – perguntou Harry, virando-se para Hermione –, você estava...?
– Na porta do escritório de Snape – sussurrou Hermione, com os olhos cintilantes de lágrimas –, com Luna. Ficamos lá um tempão, e nada... não sabíamos o que estava acontecendo lá em cima, Rony tinha levado o Mapa do Maroto... já era quase meia-noite quando o professor Flitwick desceu correndo para as masmorras. Gritava que havia Comensais da Morte no castelo, acho que nem registrou que Luna e eu estávamos ali, adentrou o escritório de Snape e nós o ouvimos dizer ao professor que precisava acompanhá-lo para ir ajudar, então ouvimos um baque forte e Snape saiu disparado da sala e nos viu e... e...
– E aí? – instou Harry.
– Fui tão idiota, Harry! – lamentou Hermione num sussurro agudo. – Ele disse que o professor Flitwick tinha desmaiado e que devíamos cuidar dele, enquanto ele... enquanto ele ia ajudar a combater os Comensais da Morte...
A garota cobriu o rosto, envergonhada, e continuou a falar por trás dos dedos, o que abafou sua voz.
– Entramos no escritório para ver se podíamos ajudar o professor Flitwick e o encontramos inconsciente no chão... e, ah, é tão óbvio agora, Snape deve ter estupefeito Flitwick, mas não percebemos, Harry, não percebemos, deixamos o Snape escapar!
– Não é sua culpa – disse Lupin com firmeza. – Hermione, se você não tivesse obedecido e saído do caminho, Snape provavelmente teria matado você e Luna.
– Então ele subiu – continuou Harry, que visualizava Snape correndo pela escadaria de mármore acima, suas vestes negras esvoaçando às costas como sempre, puxando a varinha debaixo da capa enquanto subia – e encontrou o lugar onde todos lutavam...
– Estávamos num apuro, estávamos perdendo – disse Tonks em voz baixa. – Gibbon estava fora de combate, mas os outros Comensais pareciam dispostos a lutar até a morte. Neville tinha sido atingido, Gui, atacado ferozmente pelo Greyback... estava tudo escuro... voavam feitiços para todo lado... o garoto Malfoy desaparecera, devia ter saído despercebido e subido para a Torre... então outros Comensais correram para acompanhá-lo, mas um deles bloqueou a escada

depois de passar com algum feitiço... Neville avançou para a escada e foi atirado no ar...
– Nenhum de nós conseguiu passar – disse Rony –, e aquele Comensal grandalhão continuava a disparar feitiços para todo lado, que ricocheteavam nas paredes e por um triz não nos atingiam...
– Então, Snape estava ali – completou Tonks – e em seguida não estava...
– Vi quando vinha correndo em nossa direção, mas logo depois o feitiço daquele enorme Comensal passou por mim, sem me atingir, me abaixei e perdi a noção do que estava acontecendo – contou Gina.
– Vi Snape atravessar correndo a barreira mágica como se ela não existisse – disse Lupin. – Tentei segui-lo, mas fui jogado para trás exatamente como Neville...
– Ele devia conhecer um feitiço que desconhecíamos – sussurrou McGonagall. – Afinal de contas... ele era o professor de Defesa Contra as Artes das Trevas... presumi que estivesse correndo no encalço dos Comensais da Morte que tinham fugido para o alto da Torre.
– E estava – falou Harry com selvageria –, mas para ajudar, não para deter os Comensais... e aposto como era preciso ter uma Marca Negra para atravessar aquela barreira... então que aconteceu quando ele voltou?
– Bem, o Comensal grandalhão tinha acabado de disparar um feitiço que fez metade do teto ceder, e também desfez o feitiço que bloqueava a escada – relembrou Lupin. – Todos avançamos, pelo menos os que ainda estavam de pé, então Snape e o garoto saíram do meio da poeira, obviamente nenhum de nós os atacou...
– Simplesmente os deixamos passar – disse Tonks, quase inaudivelmente –, pensamos que estavam sendo perseguidos pelos Comensais, e, no momento seguinte, os outros Comensais e Greyback estavam voltando e recomeçando a lutar, pensei ter ouvido Snape dizer alguma coisa, mas não entendi...
– Ele gritou “Acabou” – disse Harry. – Tinha feito o que pretendia.
Todos se calaram. O lamento de Fawkes ainda ecoava pela propriedade às escuras. E, enquanto a música ressoava no ar, pensamentos involuntários, indesejáveis, invadiram, sorrateiros, a mente de Harry... será que já tinham retirado o corpo de Dumbledore do pé da Torre? Que será que aconteceria ao corpo em seguida? Onde será que repousaria? Ele apertou as mãos nos bolsos com força. Sentiu a pequenez fria da falsa Horcrux contra as juntas de sua mão direita.
As portas da ala hospitalar se abriram de repente, sobressaltando a todos: o sr. e a sra. Weasley vinham entrando pela enfermaria, Fleur logo atrás, seu belo rosto aterrorizado.

– Molly... Arthur... – disse a professora McGonagall, levantando-se, depressa, para cumprimentá-los. – Lamento muito...
– Gui – sussurrou a sra. Weasley, passando direto pela professora ao avistar o rosto desfigurado do filho. – Ah, *Gui*!
Lupin e Tonks tinham se levantado, ligeiros, e se afastaram para o casal poder se aproximar da cama. A sra. Weasley curvou-se para o filho e levou os lábios à testa dele.
– Você disse que Greyback o atacou? – perguntou o sr. Weasley, aflito, à professora McGonagall. – Mas não estava transformado? Então, que significa isso? Que acontecerá ao Gui?
– Ainda não sabemos – respondeu a professora, olhando desamparada para Lupin.
– É provável que haja certa contaminação, Arthur – explicou Lupin. – É um caso raro, provavelmente único... não sabemos qual será o comportamento dele quando acordar...
A sra. Weasley tirou o unguento de cheiro acre das mãos de Madame Pomfrey e começou a aplicá-lo nos ferimentos de Gui.
– E Dumbledore... – disse o sr. Weasley. – Minerva, é verdade... ele realmente...?
Quando a professora McGonagall confirmou, Harry sentiu um movimento de Gina ao seu lado e se virou. Os olhos da garota ligeiramente apertados estavam fixos em Fleur, que olhava Gui com uma expressão atemorizada no rosto.
– Dumbledore se foi – sussurrou o sr. Weasley, mas sua mulher só tinha olhos para o filho mais velho; ela começou a soluçar, as lágrimas caindo no rosto mutilado de Gui.
– É claro que a aparência não conta... não é r... realmente importante... mas ele era um g... garotinho tão bonito... e ia se... se casar!
– E qu é qu a senhorr querr dizerr com isse? – perguntou Fleur, repentinamente, em alto e bom som. – Qu querr dizerr com “el *ia* se casarr”?
A sra. Weasley ergueu o rosto manchado de lágrimas, parecendo espantada.
– Bem... só que...
– A senhorra ache qu Gui vai desistirr de casarr comigue? – quis saber Fleur. – A senhorra ache qu porr côse desses morrdides, el non vai me amarr?
– Não, não foi o que eu...
– Porrqu ele vai! – afirmou Fleur, empertigando-se e jogando seus longos cabelos prateados para trás. – Serrá prrecise mais qu um lobisome para fazerr Gui deixarrr de me amarr!
– Bem, claro, tenho certeza – respondeu a sra. Weasley –, mas pensei que talvez... visto que... que ele...

– A senhorr pensô qu eu non ia querrerr casarr com el'? U err' esse a su esperrance? – desafiou Fleur, com as narinas tremendo. – Qu me imporrte a aparênce del? Ache qu sou bastante bonite porr nós dois! Todes esses marrcas mostrram qu me marride é corrajose! E eu é qu vou fazerr isse! – acrescentou com ferocidade, empurrando a sra. Weasley para o lado e arrebatando o unguento das mãos dela.

A sra. Weasley recuou para junto do marido e ficou observando Fleur tratar dos ferimentos de Gui, com uma expressão muito curiosa no rosto. Ninguém disse nada. Harry nem sequer ousou se mexer. Como os demais, ficou aguardando a explosão.

– Nossa tia-avó Muriel – disse a sra. Weasley após um longo silêncio... – tem uma linda tiara, feita pelos duendes... e estou segura que posso convencê-la a lhe emprestar para o casamento. Ela gosta muito do Gui, entende, e a tiara ficaria muito bonita em seus cabelos.

– Muite obrrigade – respondeu Fleur formalmente. – Tan certez de qu ficarrá bonite!

E então – Harry não viu direito como aconteceu – as duas mulheres estavam chorando e se abraçando. Completamente desnorteado, pensando que o mundo enlouquecera, o garoto se virou. Rony manifestava tanto aturdimento quanto o que Harry sentia, e Gina e Hermione trocavam olhares chocados.

– Está vendo! – exclamou uma voz cansada. Tonks olhava aborrecida para Lupin. – Ela ainda quer casar com Gui, mesmo que ele tenha sido mordido! Ela não se incomoda!

– É diferente – respondeu Lupin, quase sem mover os lábios, parecendo subitamente tenso. – Gui não será um lobisomem típico. Os casos são completamente diferentes...

– Mas eu também não me incomodo, nem um pouco! – retrucou Tonks, agarrando Lupin pela frente das vestes e sacudindo-o. – Já lhe disse isso um milhão de vezes...

E o significado da alteração no Patrono de Tonks e seus cabelos sem cor, e a razão por que viera correndo procurar Dumbledore quando ouvira falar que alguém fora atacado por Greyback, tudo se tornou repentinamente claro para Harry; afinal não tinha sido por Sirius que Tonks se apaixonara...

– E eu já disse a *você* um milhão de vezes – respondeu Lupin evitando os olhos dela, encarando o chão – que sou velho demais para você... pobre demais... perigoso demais...

– E tenho lhe dito o tempo todo que a sua atitude é ridícula, Remo – interpôs a sra. Weasley por cima do ombro de Fleur, em quem dava palmadinhas carinhosas.

– Não estou sendo ridículo – respondeu Lupin com firmeza. – Tonks merece alguém jovem e saudável.
– Mas ela quer você – interpôs o sr. Weasley com um sorrisinho. – Afinal de contas, Remo, os homens jovens e saudáveis não permanecem sempre assim. – Ele fez um gesto triste para o filho, deitado entre eles.
– Este não... não é o momento para discutir o assunto – replicou Lupin, evitando os olhares de todos e olhando, aflito, para os lados. – Dumbledore está morto...
– Dumbledore teria se sentido o mais feliz dos homens em pensar que havia um pouco mais de amor no mundo – disse secamente a professora McGonagall, no momento em que as portas da enfermaria tornaram a se abrir e Hagrid entrou.
A pequena parte de seu rosto que não estava sombreada por cabelos ou barba estava molhada e inchada; o pranto o sacudia, na mão trazia um enorme lenço manchado.
– Fiz... fiz o que mandou, professora – disse com a voz sufocada. – Re... removi ele. A professora Sprout fez a garotada voltar para a cama. O professor Flitwick está descansando, mas diz que logo estará bem, e o professor Slughorn diz que o Ministério foi informado.
– Obrigada, Hagrid. – A professora McGonagall se levantou imediatamente e voltou sua atenção para o grupo em torno da cama de Gui. – Terei de ver o pessoal do Ministério quando chegar, Hagrid, por favor avise os diretores das Casas... Slughorn pode representar a Sonserina... de que quero vê-los sem demora no meu escritório. Gostaria que você se reunisse a nós, também.
Ao ver Hagrid assentir, dar as costas e sair da enfermaria arrastando os pés, ela olhou para Harry.
– Antes de me reunir com o Ministério, eu gostaria de dar uma palavrinha rápida com você, Harry. Se quiser me acompanhar...
Harry se ergueu, murmurou um “vejo vocês daqui a pouco” para Rony, Hermione e Gina, e saiu da enfermaria com a professora McGonagall. Os corredores estavam desertos, e o único som era o distante canto da Fênix. Passaram-se vários minutos até Harry tomar consciência de que não estavam seguindo para o escritório da professora McGonagall, mas para o de Dumbledore, e mais alguns segundos até ele se lembrar que, claro, ela era subdiretora... e, pelo visto, agora a diretora... portanto, a sala atrás da gárgula agora lhe pertencia...
Em silêncio, eles subiram a escada móvel em espiral e entraram no escritório redondo. Ele não sabia o que esperara: que a sala tivesse cortinas pretas, talvez, ou mesmo que o corpo de Dumbledore estivesse ali. De fato, a sala estava quase exatamente igual ao que era, quando ele e Dumbledore a deixaram apenas horas

antes: os instrumentos de prata zumbiam e soltavam fumaça sobre as mesas de pernas finas, a espada de Gryffindor, em sua caixa de vidro, refulgia ao luar, o Chapéu Seletor estava na prateleira, atrás da escrivaninha. Mas o poleiro de Fawkes estava vazio; a fênix continuava a cantar o seu lamento nos jardins. E um novo retrato se reunira às fileiras de diretores e diretoras de Hogwarts já falecidos... Dumbledore dormia em uma moldura dourada sobre a escrivaninha, seus oclinhos de meia-lua encarapitados no nariz torto, parecendo em paz e despreocupado.

Depois de olhar uma vez para o retrato, a professora McGonagall fez um gesto estranho, como se estivesse se revestindo de coragem, e, em seguida, contornou a escrivaninha para olhar de frente para Harry, seu rosto tenso e enrugado.

– Harry – disse ela –, eu gostaria de saber o que você e o professor Dumbledore estiveram fazendo hoje à noite quando se ausentaram da escola.

– Não posso responder, professora. – Ele já esperava a pergunta e tinha a resposta pronta. Fora ali, naquela mesma sala, que Dumbledore lhe recomendara que não confiasse o teor de suas aulas a ninguém, exceto a Rony e Hermione.

– Harry, talvez seja importante.

– E é muito, mas ele não queria que eu contasse a ninguém.

A professora lançou-lhe um olhar penetrante.

– Potter – (Harry registrou o uso do seu sobrenome) –, à luz da morte do professor Dumbledore, acho que você deve entender que a situação mudou um pouco...

– Acho que não – respondeu Harry, encolhendo os ombros. – O professor Dumbledore nunca me disse que parasse de seguir suas ordens se ele morresse.

– Mas...

– Mas tem uma coisa que a senhora precisa saber antes que o Ministério chegue aqui. Madame Rosmerta está dominada pela Maldição Imperius, esteve ajudando Malfoy e os Comensais da Morte, foi assim que o colar e o hidromel envenenado...

– Rosmerta?! – exclamou a professora McGonagall incrédula, mas, antes que pudesse prosseguir, ouviram uma batida na porta e os professores Sprout, Flitwick e Slughorn entraram na sala, seguidos por Hagrid, que ainda chorava copiosamente, seu corpanzil sacudindo de pesar.

– Snape! – exclamou Slughorn, que parecia abaladíssimo, pálido e suado. – Snape! Fui professor dele! Pensei que o conhecia!

Antes, porém, que algum deles pudesse reagir, uma voz enérgica falou do alto da parede: um bruxo de rosto macilento e franja preta e curta acabara de regressar ao seu quadro vazio.

– Minerva, o ministro estará aqui dentro de segundos, ele acabou de

desaparatar do ministério.
– Obrigada, Everardo. – E a professora McGonagall se virou imediatamente para os professores.
– Quero falar sobre o que acontecerá com Hogwarts antes que ele chegue – disse depressa. – Pessoalmente, não estou convencida de que a escola deva reabrir no próximo ano. A morte do diretor pelas mãos de um de nossos colegas é uma mácula terrível na história de Hogwarts. É abominável.
– Tenho certeza de que Dumbledore teria querido manter a escola aberta – disse a professora Sprout. – Acho que se um único aluno quiser frequentála, a escola deverá estar aberta para este aluno.
– Mas será que teremos um único aluno depois disso? – perguntou Slughorn, agora secando a testa suada com um lenço de seda. – Os pais vão querer manter os filhos em casa, e não posso culpá-los. Pessoalmente, acho que não corremos maior perigo em Hogwarts do que em qualquer outro lugar, mas não se pode esperar que as mães pensem o mesmo. Vão querer manter suas famílias reunidas, o que é muito natural.
– Concordo – disse a professora McGonagall. – De qualquer forma, não é verdade que Dumbledore nunca tenha considerado uma situação em que Hogwarts pudesse fechar. Quando a Câmara Secreta reabriu, ele cogitou fechar a escola: e devo dizer que o homicídio do professor Dumbledore, para mim, é mais chocante do que a ideia do monstro de Slytherin vivendo à solta nas entranhas do castelo...
– Devemos ouvir o conselho diretor – propôs o professor Flitwick, com a sua voz fininha; tinha um grande hematoma na testa, mas, sob outros aspectos, parecia não ter sido afetado pela queda no escritório de Snape. – Precisamos seguir os procedimentos de praxe. Não se deve tomar uma decisão precipitada.
– Hagrid, você ainda não disse nada – observou a professora McGonagall. – Qual é a sua opinião, Hogwarts deve permanecer aberta?
Hagrid, que, durante a conversa, estivera chorando silenciosamente no grande lenço manchado, agora ergueu os olhos inchados e vermelhos e respondeu, rouco:
– Não sei, professora... os diretores das Casas e a diretora da escola é que devem decidir...
– O professor Dumbledore sempre prezou as suas opiniões – tornou a professora McGonagall gentilmente –, e eu também.
– Bem, eu vou continuar aqui. – Grandes lágrimas ainda vazavam pelos cantos de seus olhos e escorriam para a barba emaranhada. – É a minha casa, tem sido minha casa desde os treze anos. E se tiver garotos querendo aprender comigo, eu vou ensinar. Mas... não sei... Hogwarts sem Dumbledore...

Ele engoliu em seco e desapareceu mais uma vez por trás do lenço, e todos silenciaram.

– Muito bem – disse a professora McGonagall, espiando os jardins pela janela para ver se o ministro já vinha chegando –, então concordo com Filio que o certo será ouvir o conselho diretor, que tomará a decisão final.

– Agora, quanto a mandar os estudantes para casa... há razões em favor de antecipar em vez de adiar a partida. Poderíamos programar o Expresso de Hogwarts para amanhã se for necessário...

– E os funerais de Dumbledore? – perguntou Harry, finalmente falando.

– Bem... – disse a professora McGonagall, perdendo um pouco de sua vivacidade ao sentir a voz tremer – eu... eu sei que era desejo de Dumbledore ser enterrado aqui, em Hogwarts...

– Então, é o que acontecerá, não? – perguntou Harry impetuosamente.

– Se o Ministério achar apropriado. Nenhum outro diretor jamais foi...

– Nenhum outro diretor jamais contribuiu tanto para esta escola – resmungou Hagrid.

– Hogwarts deveria ser a morada final de Dumbledore – disse o professor Flitwick.

– Sem a menor dúvida – concordou a professora Sprout.

– E, neste caso – argumentou Harry –, a senhora não deveria mandar os estudantes para casa até terminarem os funerais. Eles vão querer se...

A última palavra ficou presa em sua garganta, mas a professora Sprout completou a frase para ele.

– Despedir.

– Bem observado – esganiçou-se o professor Flitwick. – Realmente bem observado! Nossos estudantes deveriam prestar homenagens, seria acertado. Podemos providenciar o transporte para casa depois.

– Apoiado – bradou a professora Sprout.

– Presumo... sim... – disse Slughorn, agitado, enquanto Hagrid concordava, deixando escapar um soluço estrangulado.

– Ele está chegando – anunciou a professora McGonagall de repente, olhando para os jardins. – O ministro... e, pelo visto, trouxe uma delegação.

– Posso ir, professora? – perguntou Harry na mesma hora.

O garoto não tinha o mínimo desejo de ver Scrimgeour, ou ser interrogado por ele, essa noite.

– Pode, e vá depressa.

Ela andou até a porta e abriu-a para Harry. Ele desceu ligeiro a escada espiral e continuou pelo corredor deserto; deixara a Capa da Invisibilidade na Torre de Astronomia, mas não fazia diferença; não havia ninguém nos corredores para vê-

lo passar, nem mesmo Filch, Madame Nor-r-ra ou Pirraça. Não encontrou vivalma até virar para o corredor que levava à sala comunal da Grifinória.

– É verdade? – sussurrou a Mulher Gorda quando ele se aproximou. – É realmente verdade? Dumbledore... morto?

– É.

Ela soltou um lamento e, sem esperar pela senha, girou para admiti-lo.

Tal como Harry suspeitara, a sala comunal estava lotada. E silenciou quando ele passou pelo buraco do retrato. Ele notou Dino e Simas sentados em um grupo próximo: isto significava que o dormitório devia estar vazio ou quase. Sem falar com ninguém, nem olhar diretamente para colega algum, Harry passou direto pela sala e pela porta que levava aos dormitórios dos garotos.

Conforme desejara, Rony o aguardava sentado na cama, e ainda vestido. Harry se acomodou na própria cama e, por um momento, eles apenas se encararam.

– Estão falando em fechar a escola – disse Harry.

– Lupin falou que fariam isso – comentou Rony.

Houve uma pausa.

– Então? – perguntou Rony muito baixinho, como se achasse que a mobília poderia estar ouvindo. – Vocês encontraram uma? Conseguiram pegá-la? Uma... uma Horcrux?

Harry sacudiu negativamente a cabeça. Tudo que se passara naquele lago escuro parecia agora um pesadelo muito antigo; teria mesmo acontecido, e apenas há algumas horas?

– Não conseguiram pegá-la? – Rony pareceu desconcertado. – Não estava lá?

– Não – respondeu Harry. – Alguém já tinha levado e deixado uma imitação no lugar.

– Já tinha *levado*...?

Em silêncio, Harry tirou o medalhão falso do bolso, abriu-o e entregou-o a Rony. A história completa poderia esperar... não tinha importância essa noite... nada tinha importância exceto o fim, o fim de sua aventura sem sentido, o fim da vida de Dumbledore...

– R.A.B. – sussurrou Rony –, mas quem é?

– Não sei – respondeu Harry, deitando-se na cama inteiramente vestido e olhando para o teto estupidamente. Não sentia a menor curiosidade pelo tal R.A.B.; duvidava que voltasse a sentir curiosidade na vida. Deitado ali, ele percebeu subitamente que os jardins estavam silenciosos. Fawkes parara de cantar.

E ele soube, sem saber como sabia, que a fênix partira, deixara Hogwarts para sempre, da mesma forma que Dumbledore deixara a escola, deixara o mundo...

deixara Harry.

— CAPÍTULO TRINTA —

O túmulo branco

Todas as aulas foram suspensas, todos os exames adiados. Alguns estudantes foram retirados às pressas de Hogwarts, pelos pais, nos dois dias que se seguiram – as gêmeas Patil partiram antes do café na manhã após a morte de Dumbledore, e Zacarias Smith saiu do castelo acompanhado pelo arrogante pai. Por outro lado, Simas Finnigan recusou-se terminantemente a voltar para casa com a mãe; discutiram aos gritos no Saguão de Entrada, e só resolveram a questão quando a mãe concordou que ele ficaria para os funerais. Ela teve dificuldade em encontrar acomodação em Hogsmeade, Simas contou a Harry e Rony, porque acorriam à aldeia bruxos e bruxas, preparando-se para prestar as últimas homenagens a Dumbledore.

Houve alguma excitação entre os alunos mais jovens que nunca tinham visto aquilo, a carruagem azul-clara do tamanho de uma casa, puxada por doze enormes palominos alados, que surgiu no céu, no fim da tarde, antes dos funerais e aterrissou na orla da Floresta. Harry observou de uma janela uma mulher gigantesca e bela, de pele morena e cabelos negros, descer os degraus da carruagem e se atirar nos braços de Hagrid, que a aguardava. Entrementes, uma delegação de funcionários do Ministério, inclusive o próprio ministro da Magia, foi acomodada no castelo. Harry evitava diligentemente o contato com qualquer de seus membros; tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde tornariam a lhe pedir contas do último passeio de Dumbledore fora de Hogwarts.

Harry, Rony, Hermione e Gina passavam todo o tempo juntos. O tempo bonito parecia zombar deles; Harry imaginava como teria sido se Dumbledore não tivesse morrido e eles contassem com todo aquele tempo juntos no finalzinho do ano, os exames de Gina já concluídos, a pressão dos deveres escolares aliviada... e, hora a hora, ele adiava dizer o que sabia que devia dizer, fazer o que sabia que era certo fazer, porque era difícil abrir mão de sua maior fonte de consolo.

Eles visitavam a ala hospitalar duas vezes por dia: Neville recebera alta, mas

Gui continuava sob os cuidados de Madame Pomfrey. As cicatrizes não indicavam melhora; na verdade, Gui agora apresentava uma nítida semelhança com Olho-Tonto Moody, embora, felizmente, tivesse os olhos e as pernas inteiras e sua personalidade continuasse o que sempre fora. O que parecia ter mudado é que agora ele passara a gostar muito de bifes malpassados.

– ... e é um sorrte que el vá se casarr comigue – disse Fleur, feliz, afofando os travesseiros de Gui –, porrque as brritanique cozinhe demás a carrne, eu semprre disse isse...

– Acho que simplesmente vou ter de aceitar que Gui vá mesmo casar com ela – suspirou Gina mais tarde naquela noite, quando ela, Harry, Rony e Hermione se sentaram ao lado da janela aberta da sala comunal da Grifinória contemplando os jardins ao crepúsculo.

– Ela não é tão ruim – comentou Harry. – Mas é feia – acrescentou depressa, quando Gina ergueu as sobrancelhas e deu uma risadinha relutante.

– Bem, suponho que se mamãe pode suportar, eu também posso.

– Morreu mais alguém que conhecemos? – perguntou Rony a Hermione, que passava os olhos no *Profeta Vespertino*.

Hermione fez uma careta ao ouvir a forçada frieza na voz dele.

– Não – respondeu em tom de censura, dobrando o jornal. – Ainda estão procurando Snape, mas nem sinal...

– Claro que não – retrucou Harry, que se irritava toda vez que tocavam neste assunto. – Não acharão Snape enquanto não acharem Voldemort, e, considerando que nunca conseguiram fazer isso até hoje...

– Vou me deitar – bocejou Gina. – Não tenho dormido bem desde... bem... estou bem precisada de um soninho.

Ela beijou Harry (Rony desviou o olhar oportunamente), fez um aceno com a mão para os outros dois e foi para o dormitório das garotas. Assim que a porta se fechou atrás dela, Hermione se curvou para Harry com uma expressão bem hermionesca no rosto.

– Harry, descobri uma coisa hoje de manhã na biblioteca...

– R.A.B.? – perguntou Harry se aprumando na cadeira.

Ele não se sentiu como tantas vezes antes, excitado, curioso, doido para chegar ao fundo do mistério; ele simplesmente sabia que a tarefa de descobrir a verdade sobre a Horcrux genuína tinha de ser concluída antes que ele pudesse avançar pelo caminho escuro e tortuoso que se estendia à sua frente, o caminho que ele e Dumbledore tinham iniciado juntos, mas que, agora, ele sabia que teria de trilhar sozinho. Talvez ainda houvesse umas quatro Horcruxes em algum lugar lá fora, e cada uma precisaria ser encontrada e destruída para que houvesse sequer possibilidade de Voldemort ser liquidado. Ele não parava de recitar seus

nomes mentalmente, como se listandoos pudesse trazer as Horcruxes para o seu alcance: “o medalhão... a taça... a cobra... alguma coisa de Gryffindor ou de Ravenclaw... o medalhão... a taça... a cobra... alguma coisa de Gryffindor ou de Ravenclaw...”

Este mantra parecia perpassar sua mente quando ele adormecia, e seus sonhos eram coalhados de taças, medalhões e objetos misteriosos que ele não conseguia pegar, embora Dumbledore lhe oferecesse prestimosamente uma escada de corda que se transformava em cobras no instante em que começava a galgá-la...

Ele mostrara a Hermione a nota no interior do medalhão na manhã seguinte à morte de Dumbledore, e, embora a amiga não tivesse reconhecido imediatamente as iniciais como pertencentes a algum bruxo obscuro sobre quem lera, desde então ela corria à biblioteca com maior frequência do que seria estritamente necessário a alguém que não tinha deveres de casa a preparar.

– Não, Harry, estou tentando – respondeu ela, triste –, mas ainda não encontrei nada... há uns dois bruxos razoavelmente famosos com essas iniciais: Rosalinda Antígona Bungs... Roberto Axebanger Brookstanton, o “Machadada”... mas aparentemente não se enquadram. Pelo bilhete, a pessoa que roubou a Horcrux conhecia Voldemort, e não consigo encontrar o menor indício de que Bungs ou Axebanger tenham tido qualquer relação com ele... não, na realidade, eu queria falar sobre.... bem, Snape.

Ela parecia nervosa até de mencionar aquele nome.

– Que tem ele? – perguntou sombriamente, recostando-se na cadeira.

– Bem, é que eu tinha certa razão naquela história do Príncipe Mestiço – começou ela hesitante.

– Você tem de insistir nesse assunto, Hermione? Como é que você acha que eu me sinto com relação a isso agora?

– Não... não... Harry, não me referi a isso! – apressou-se ela a corrigir, olhando em volta para verificar se havia alguém ouvindo. – É que eu tinha razão sobre a Eileen Prince ter sido dona do livro. Sabe... ela era a mãe do Snape!

– Eu bem que achei que ela não era grande coisa – comentou Rony. Hermione não lhe deu atenção.

– Continuei a examinar o resto dos *Profetas* antigos e encontrei uma pequena nota anunciando o casamento de Eileen Prince com um tal Tobias Snape, e mais tarde, outra anunciando que tinha dado à luz um...

– ... homicida – completou Harry com violência.

– Bem... é – concordou Hermione. – Então eu tinha certa razão. Snape devia sentir orgulho de ser “meio Príncipe”, entende? Tobias Snape era trouxa segundo a informação do *Profeta*.

– É, isso se encaixa – admitiu Harry. – Ele daria destaque ao lado puro-sangue

para poder fazer amizade com Lúcio Malfoy e os outros... ele é como Voldemort: mãe de sangue puro, pai trouxa... vergonha dos pais, tentando ser temido pelo uso das Artes das Trevas, arranjou um novo nome imponente... *Lorde* Voldemort, o *Príncipe* Mestiço, como é que Dumbledore não percebeu...?

Harry se calou, olhando para fora. Não conseguia deixar de pensar na confiança indesculpável de Dumbledore em Snape... mas, como Hermione inadvertidamente acabara de lembrá-lo, ele, Harry, também fora enganado... apesar da crescente maldade dos feitiços anotados, recusara-se a fazer mau juízo do garoto tão inteligente que o ajudara tanto...

Ajudara-o... era um pensamento quase insuportável agora...

– Eu ainda não entendo por que ele não denunciou você por estar usando aquele livro – comentou Rony. – Ele devia saber de onde você estava tirando tudo aquilo.

– Ele sabia – explicou Harry com amargura. – Soube quando usei o *Sectumsempra*. Não precisou realmente de Legilimência... talvez soubesse até antes, ouvindo o Slughorn comentar como eu era brilhante em Poções... ele não devia ter deixado seu antigo livro no fundo daquele armário, não é?

– Mas por que ele não denunciou você?

– Acho que ele não queria ser associado àquele livro – respondeu Hermione. – Acho que Dumbledore não teria gostado muito se soubesse. E o próprio Snape fingiu que o livro não tinha pertencido a ele, Slughorn teria reconhecido a caligrafia na mesma hora. De qualquer forma, o livro foi deixado na antiga sala de aula de Snape, e aposto como Dumbledore sabia que a mãe dele se chamava "Prince".

– Eu devia ter mostrado o livro a Dumbledore – concluiu Harry. – O tempo todo ele esteve me mostrando como Voldemort era maligno, mesmo quando frequentava a escola, e eu tinha uma prova de que Snape também era...

– "Maligno" é uma palavra forte – comentou Hermione baixinho.

– Era você quem vivia me dizendo que o livro era perigoso!

– O que estou tentando dizer, Harry, é que você está se culpando demais. Eu achei que o Príncipe tinha um senso de humor perverso, mas nunca imaginei que fosse um homicida potencial...

– Nenhum de nós poderia ter imaginado que o Snape... sabe – acrescentou Rony.

Os três silenciaram, cada qual absorto nos próprios pensamentos, mas Harry tinha certeza de que seus amigos, tal como ele próprio, estavam imaginando a manhã seguinte, quando Dumbledore seria enterrado. Harry nunca fora a um enterro; não tinha havido corpo para enterrar quando Sirius morreu. Ele não sabia o que esperar, e estava um pouco preocupado com o que poderia ver, com

o que poderia sentir. Perguntou-se se a morte de Dumbledore seria mais real para ele quando terminassem os funerais. Embora houvesse momentos em que a brutal realidade do acontecido ameaçasse esmagá-lo, havia lacunas de insensibilidade durante as quais ele ainda encontrava dificuldade em acreditar que Dumbledore realmente partira, apesar de não falarem em outra coisa no castelo. Reconhecia que não procurara desesperadamente uma brecha, um jeito de Dumbledore voltar, ao contrário do que fizera no caso de Sirius... ele apalpou no bolso a corrente fria da falsa Horcrux, que agora carregava para toda parte, não como um talismã, mas como um lembrete do que custara e do que ainda faltava fazer.

No dia seguinte, Harry levantou cedo para fazer as malas; o Expresso de Hogwarts estaria partindo uma hora após os funerais. Embaixo, no Salão Principal, encontrou o ambiente anormalmente quieto. Todos usavam vestes formais, e ninguém parecia ter muita fome. A professora McGonagall deixara vazio o cadeirão ao centro da mesa dos professores. A cadeira de Hagrid também estava desocupada: Harry achou que ele talvez não tivesse conseguido enfrentar o café da manhã; o lugar de Snape, no entanto, fora ocupado, sem a menor cerimônia, por Rufo Scrimgeour. Harry evitou seus olhos amarelados esquadrinhando a sala; teve a incômoda sensação de que Scrimgeour o procurava. Na comitiva do ministro, Harry identificou os cabelos ruivos e os óculos de aros de tartaruga de Percy Weasley. Rony não demonstrou ter percebido a presença do irmão, exceto pela virulência com que espetava o peixe defumado.

À mesa da Sonserina, Crabbe e Goyle cochichavam. Corpulentos como eram, pareciam estranhamente solitários sem a companhia da figura alta e pálida de Malfoy entre os dois, despachando ordens. Harry não pensara muito em Malfoy. Toda a sua animosidade convergia para Snape, mas não esquecera o medo na voz de Malfoy no alto da Torre, nem o fato de que ele baixara a varinha antes de chegarem os outros Comensais da Morte. Harry não acreditava que Malfoy teria matado Dumbledore. Continuava a desprezar o garoto por sua fascinação pelas Artes das Trevas, mas uma minúscula gotinha de piedade já se misturava ao seu desagrado. Perguntava-se onde estaria Malfoy agora, e o que Voldemort estaria obrigando-o a fazer, sob ameaças de morte a ele e à família.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma cotovelada de Gina em suas costelas. A professora McGonagall ficara de pé, e os murmúrios tristes no Salão Principal tinham cessado prontamente.

– Está quase na hora – começou ela. – Por favor, acompanhem os diretores de suas Casas até os jardins. Alunos da Grifinória, venham comigo.

Eles deixaram seus bancos disciplinadamente, quase em silêncio. Harry viu

Slughorn, de relance, à frente da fila da Sonserina, trajando magníficas vestes verde-esmeralda, bordadas com fios prateados. O garoto nunca vira a professora Sprout, diretora da Lufa-Lufa, com uma aparência tão limpa; não havia um único remendo em seu chapéu e, quando chegaram ao Saguão de Entrada, encontraram Madame Pince parada ao lado de Filch, ela usando um véu negro e grosso até os joelhos, e ele, uma gravata e um terno antiquado cheirando fortemente a naftalina.

Todos seguiam, conforme Harry constatou ao descer os degraus de pedra da entrada, em direção ao lago. Ele sentiu o sol morno acariciar seu rosto, enquanto acompanhava em silêncio a professora McGonagall ao lugar em que tinham disposto centenas de cadeiras enfileiradas com uma passagem pelo centro; havia uma mesa de mármore à frente das cadeiras. Fazia um belíssimo dia de verão.

Uma variedade extraordinária de pessoas já se acomodara em metade das cadeiras; malvestidas e bem-vestidas, velhas e jovens. A maioria Harry nunca vira, mas reconheceu algumas, entre elas membros da Ordem da Fênix: Kingsley Shacklebolt, Olho-Tonto Moody, Tonks, seus cabelos milagrosamente tinham recuperado o tom rosa-berrante, Remo Lupin, com quem ela parecia estar de mãos dadas, o sr. e a sra. Weasley, Gui amparado por Fleur e seguido por Fred e Jorge, usando paletós pretos de pele de dragão. Estavam também presentes Madame Maxime, que, sozinha, ocupava duas cadeiras e meia, Tom, o taberneiro do Caldeirão Furado, Arabella Figg, a bruxa abortada vizinha de Harry, a guitarrista cabeluda do grupo bruxo As Esquisitonas, Ernesto Prang, motorista do Nôitibus, Madame Malkin, da loja de vestes no Beco Diagonal, e outras pessoas que Harry só conhecia de vista, como o barman do Cabeça de Javali e a bruxa do carrinho de lanches do Expresso de Hogwarts. Os fantasmas do castelo também estavam lá, quase invisíveis ao sol forte mas discerníveis quando se moviam, tremeluzindo incorporeamente no ar luminoso.

Harry, Rony, Hermione e Gina tomaram os últimos assentos na fila ao lado do lago. As pessoas sussurravam entre si; o som lembrava o farfalhar da brisa na grama, mas o canto dos pássaros se sobrepunha a tudo. A multidão continuava a crescer; sentindo um arroubo de afeição pelos dois, Harry viu Luna ajudando Neville a se sentar. Tinham sido os únicos de toda a Armada a responder à convocação de Hermione na noite em que Dumbledore morrera, e Harry sabia por quê: eram os que sentiam maior falta do grupo... provavelmente, os únicos que verificavam regularmente as moedas na esperança de que houvesse outra reunião...

Cornélio Fudge passou por eles em direção às filas mais à frente, com uma expressão de infelicidade, girando o chapéu-coco como era seu hábito; em seguida, Harry reconheceu Rita Skeeter, e enfureceu-o ver um bloco de notas

naquelas mãos de garras vermelhas; e, com um surto de fúria ainda mais forte, Dolores Umbridge, com uma expressão de tristeza pouco convincente em sua cara de sapo, um laço de veludo negro no alto dos cachos azulados. Ao ver o centauro Firenze, que estava parado como uma sentinela à margem do lago, ela se sobressaltou e correu rápido para uma cadeira bem distante.

Os professores finalmente se sentaram. Harry viu Scrimgeour, com ar grave e digno, na primeira fila ao lado da professora McGonagall. O garoto questionava se Scrimgeour ou quaisquer daqueles figurões lamentava realmente que Dumbledore tivesse morrido. Ouviu, então, uma música estranha e sobrenatural e esqueceu sua antipatia pelo Ministério, olhando para os lados à procura de sua origem. Ele não foi o único: muitas cabeças se viraram, olhando um pouco assustadas.

– Lá dentro – sussurrou Gina no ouvido de Harry.

Então ele os viu nas águas verdes banhadas de sol, a centímetros da superfície, lembrando-o aflitivamente dos Inferi; um coro de sereianos cantava em uma língua que ele não entendia, seus rostos pálidos ondeando, seus cabelos arroxeados boiando à volta. A música deixou arrepiados os cabelos na nuca de Harry, embora não fosse desagradável. Falava muito claramente de perda e desespero. Ao olhar os rostos ferozes dos cantores, o garoto teve a sensação de que os sereianos, pelo menos, lamentavam a morte de Dumbledore. Então Gina tornou a cutucá-lo, e ele se virou para olhar.

Hagrid vinha andando pela passagem entre as cadeiras. Chorava silenciosamente, seu rosto brilhava de lágrimas, e trazia nos braços, envolto em veludo roxo salpicado de estrelas douradas, o que Harry sabia ser o corpo de Dumbledore. Ao vê-lo, o garoto sentiu uma dor aguda na garganta: por um momento, a música estranha e a consciência de que o corpo do diretor estava tão próximo pareceram roubar todo o calor do dia. Rony estava branco e chocado. Caíam lágrimas copiosas no colo de Gina e Hermione.

Os garotos não conseguiam ver com clareza o que acontecia à frente. Hagrid parecia ter colocado o corpo cuidadosamente sobre a mesa. Agora retirava-se pela passagem, assoando o nariz ruidosamente e atraindo olhares escandalizados de algumas pessoas, inclusive, Dolores Umbridge... mas Harry sabia que Dumbledore não teria se importado. Ele tentou fazer um gesto simpático quando Hagrid passou, mas os olhos do amigo estavam tão inchados que era de admirar que conseguisse sequer ver aonde ia. Harry olhou para a última fila, à qual se encaminhava o amigo, e entendeu o que o orientava; ali, calça e paletó, cada peça do tamanho de uma tenda, encontrava-se o gigante Grope, sua enorme e feia cabeça de pedregulho curvada, dócil, quase humano. Hagrid sentou-se ao lado do meio-irmão, que lhe deu fortes palmadas carinhosas na cabeça, fazendo

as pernas de sua cadeira enterrarem no chão. Harry sentiu um impulso momentâneo e maravilhoso de rir. Então, a música parou, e ele tornou a se virar para a frente.

Um homenzinho com os cabelos em tufos e simples vestes pretas se erguera e agora estava parado diante do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia distinguir o que ele dizia. Chegavam-lhe palavras estranhas por cima das centenas de cabeças. “Nobreza de espírito... contribuição intelectual... grandeza de coração...” não significavam muita coisa. Não tinham muito a ver com o Dumbledore que Harry conhecera. De repente, o garoto se lembrou da versão de Dumbledore de algumas palavras: “pateta”, “esquisitice”, “choramingas” e “beliscão”, e mais uma vez ele precisou reprimir o riso... que estava acontecendo com ele?

Houve um ruído de água revolvida à esquerda, e ele viu que os sereianos tinham vindo à tona para ouvir, também. Harry se lembrou de Dumbledore agachando à beira do lago dois anos antes, muito próximo do lugar em que Harry estava sentado, conversando em serêiaco com a líder desse povo. Harry se perguntou onde Dumbledore teria aprendido aquela língua. Havia tanta coisa que nunca perguntara, tanta coisa que deveria ter dito...

E, então, subitamente, a terrível verdade o devassou, mais completa e inegavelmente do que até aquele momento. Dumbledore estava morto, partira... ele apertou o medalhão com tanta força que doeu, mas não pôde impedir que lágrimas quentes saltassem dos seus olhos; desviou o olhar de Gina e dos outros e fixou-o ao longe, na direção da Floresta, enquanto o homenzinho de preto continuava a falar... percebeu um movimento entre as árvores. Os centauros tinham vindo prestar suas homenagens também. Não saíram a céu aberto, mas Harry os viu parados, quietos, meio encobertos pelas sombras, observando os bruxos, os arcos pendurados do lado do corpo. E Harry lembrou-se do pesadelo que fora sua primeira ida à Floresta, a primeira vez que encontrara a coisa que então era Voldemort, e como a enfrentara, e como, pouco tempo depois, ele e Dumbledore tinham discutido as razões de se travar uma batalha perdida. Era importante, dissera Dumbledore, lutar, e recomeçar a lutar, e continuar a lutar, porque somente assim o mal poderia ser acuado, embora jamais erradicado...

E Harry, sentado ali sob o sol quente, percebeu com muita clareza como as pessoas que gostavam dele tinham se colocado à sua frente, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho e, finalmente, Dumbledore, todos decididos a protegê-lo; mas, agora, isso acabara. Não podia mais deixar ninguém ficar entre ele e Voldemort; tinha de abandonar definitivamente a ilusão que já devia ter perdido com um ano de idade: que a proteção dos braços paternos significava que nada poderia atingi-lo. Neste pesadelo não haveria despertar, não haveria sussurro

tranquilizante no escuro dizendo-lhe que, na realidade, estava seguro, que era tudo sua imaginação; o último e maior de seus protetores morrera, e ele estava mais sozinho do que jamais estivera.

O homenzinho de preto parara finalmente de falar e retomara seu lugar. Harry aguardou que mais alguém se levantasse; esperava discursos, provavelmente do ministro, mas ninguém se mexeu.

Então várias pessoas gritaram. Vivas chamas irromperam em torno do corpo de Dumbledore e da mesa em que jazia: cada vez mais altas, ocultando seu corpo. Subiram espirais de fumaça branca no ar, desenhando estranhas formas: Harry pensou, por um momento de sustar o coração, que estava vendo uma fênix voar feliz para o infinito, mas, no segundo seguinte, o fogo desaparecera. Em seu lugar havia um túmulo de mármore branco, encerrando o corpo de Dumbledore e a mesa em que repousara.

Ouviram-se mais alguns gritos de espanto quando uma saraivada de flechas voou pelo ar, mas elas caíram muito aquém da multidão. Era, Harry entendeu, a homenagem dos centauros: viu quando eles deram as costas e tornaram a desaparecer entre as árvores sombrias. De modo semelhante, os sereianos imergiram lentamente nas águas verdes e desapareceram de vista.

Harry olhou para Gina, Rony e Hermione: o rosto do amigo estava franzido como se a claridade do sol o cegasse. O de Hermione estava vidrado de lágrimas, mas Gina já não chorava. Sustentou o olhar de Harry com aquela mesma expressão decidida e intensa que ele vira quando a garota o abraçara depois de conquistar a Copa de Quadribol em sua ausência, e ele soube que naquele momento os dois se compreendiam perfeitamente, e quando lhe contasse o que ia fazer agora, ela não diria “Cuidado” nem “Não faça isso”, mas aceitaria sua decisão porque não esperava dele outra atitude. Então, ele se revestiu de coragem para dizer o que sabia que teria de dizer, desde que Dumbledore morrera.

– Gina, escute... – começou em voz muito baixa, em meio ao burburinho de conversas que crescia à sua volta e às pessoas que começavam a se levantar. – Não posso mais namorar você. Temos de parar de nos ver. Não podemos ficar juntos.

Ela disse, com um sorriso estranhamente enviesado:

– É por algum motivo nobre e idiota, não é?

– Essas últimas semanas com você têm parecido... parecido fazer parte da vida de outra pessoa – explicou Harry. – Mas não posso... não podemos... Tem coisas que preciso fazer sozinho agora.

Ela não chorou, olhou-o apenas.

– Voldemort usa as pessoas chegadas aos seus inimigos. Já usou você de isca

uma vez, e foi só por ser irmã do meu melhor amigo. Pensa no enorme perigo que poderá correr se continuarmos a namorar. Ele saberá, ele descobrirá. Ele tentará me atingir através de você.

– E se eu não me importar? – perguntou Gina impetuosamente.

– Eu me importo. Como é que você acha que eu me sentiria se hoje fosse o seu enterro... e a culpa fosse minha...?

Ela desviou o olhar em direção ao lago.

– Eu nunca desisti de você. Não de verdade. Sempre tive esperança... Hermione me disse para tocar a minha vida, talvez sair com outra pessoa, me descontrair um pouco perto de você, porque eu nunca conseguia falar quando você estava na sala, lembra? E ela achou que talvez você prestasse um pouco mais de atenção em mim se eu fosse mais... eu mesma.

– Menina esperta, essa Hermione – comentou Harry tentando sorrir. – Eu só queria ter convidado você para sair antes. Poderíamos ter tido séculos... meses... anos talvez...

– Mas você esteve muito ocupado salvando o mundo bruxo – replicou Gina, quase sorrindo. – Bem... não posso dizer que esteja surpresa. Eu sabia que isto aconteceria um dia. Eu sabia que você não seria feliz se não estivesse caçando o Voldemort. Vai ver é por isso que eu gosto tanto de você.

Harry não aguentou ouvir essas coisas, e achou que não manteria sua decisão se continuasse sentado ao lado de Gina. Viu que Rony abraçava Hermione e acariciava seus cabelos enquanto ela soluçava em seu ombro, e que escorriam lágrimas da ponta do seu nariz comprido. Com um gesto angustiado, Harry ficou de pé, deu as costas a Gina e ao túmulo de Dumbledore, e saiu andando pela margem do lago. Andar parecia bem mais suportável do que ficar sentado: da mesma forma que partir o mais cedo possível para procurar as Horcruxes e liquidar Voldemort o faria sentir-se melhor do que esperar para fazer isso...

– Harry!

Ele se virou. Rufo Scrimgeour vinha mancando ligeiro em sua direção, margeando o lago, apoiando-se na bengala.

– Eu estava na esperança de poder dar uma palavra... você se incomoda se eu caminhar um pouco com você?

– Não – respondeu Harry, com indiferença, retomando a caminhada.

– Harry, foi uma horrível tragédia – começou o bruxo em voz baixa. – Nem sei lhe dizer o horror que senti quando soube. Dumbledore era um bruxo extraordinário. Tínhamos as nossas desinteligências, como você bem sabe, mas ninguém melhor do que eu...

– Que é que o senhor quer? – perguntou Harry sem emoção.

Scrimgeour pareceu contrariado, mas, como antes, alterou rapidamente sua

expressão para mostrar pesarosa compreensão.
– Naturalmente, você está arrasado. Sei que era muito ligado a Dumbledore. Imagino que você talvez tenha sido o aluno de quem ele mais gostou na vida. Os laços entre os dois...
– Que é que o senhor quer? – repetiu Harry, parando.
Scrimgeour parou também, apoiou-se na bengala e encarou Harry, sua expressão agora astuta.
– Dizem que você estava com Dumbledore quando se ausentou da escola na noite de sua morte.
– Quem diz?
– Alguém estupefez um Comensal da Morte no alto da Torre depois que Dumbledore morreu. Havia também duas vassouras lá. O Ministério sabe somar dois mais dois, Harry.
– Que bom ouvir isso. Bem, aonde eu fui com Dumbledore e o que fizemos é unicamente da minha conta. Ele não queria que as pessoas soubessem.
– Tal lealdade, naturalmente, é admirável – disse Scrimgeour, que parecia conter com dificuldade sua irritação –, mas Dumbledore se foi, Harry. Ele se foi.
– Ele só terá ido desta escola quando ninguém mais aqui for leal a ele – respondeu Harry, com um sorriso forçado.
– Meu caro rapaz... nem mesmo Dumbledore é capaz de ressurgir da...
– Não estou afirmando que ele seja. O senhor não entenderia. Mas não tenho nada a lhe dizer.
Scrimgeour hesitou. Então, num tom que evidentemente pretendia que fosse gentil, disse:
– O Ministério pode lhe oferecer todo tipo de proteção, sabe, Harry. Eu teria prazer em colocar uns dois aurores a seu serviço...
Harry riu.
– Voldemort quer me matar pessoalmente, e os aurores não poderão detê-lo. Então muito obrigado pelo oferecimento, mas não vou aceitar.
– Então – disse Scrimgeour, seu tom frio –, o pedido que lhe fiz no Natal...
– Que pedido? Ah, sim... aquele para eu anunciar ao mundo que o senhor está fazendo um ótimo trabalho em troca de...
– Levantar o moral de todos! – concluiu Scrimgeour com rispidez.
Harry estudou-o por um momento.
– Já soltaram o Lalau Shunpike?
O rosto de Scrimgeour tingiu-se de um púrpura intenso que lembrou muito o do tio Válter.
– Vejo que você é...
– Por inteiro um homem de Dumbledore – completou Harry. – Com certeza.

Scrimgeour olhou-o aborrecido por mais um momento, deu-lhe as costas e se afastou, mancando, sem dizer mais nada. Harry viu Percy e o restante da delegação à espera do ministro lançando olhares nervosos na direção de Hagrid e Grope, que soluçavam ainda sentados. Rony e Hermione correram ao encontro de Harry e passaram por Scrimgeour, indo em direção oposta; o garoto se virou e continuou sua caminhada devagar, dando tempo para os amigos o alcançarem, o que finalmente aconteceu embaixo de uma bétula onde costumavam sentar em épocas mais felizes.

– Que é que Scrimgeour queria? – sussurrou Hermione.

– O mesmo que queria no Natal – respondeu Harry, sacudindo os ombros. – Queria que eu desse informações confidenciais sobre Dumbledore e virasse o novo garoto propaganda do Ministério.

Rony pareceu lutar intimamente por um momento, então anunciou em voz alta para Hermione:

– Olha, me deixa voltar para dar um murro no Percy.

– Não – disse ela com firmeza, segurando-o pelo braço.

– Mas eu vou me sentir melhor!

Harry riu. Até Hermione esboçou um sorriso, que desapareceu quando ela ergueu os olhos para o castelo.

– Não consigo suportar a ideia de que talvez nunca voltemos – disse ela baixinho. – Como é que Hogwarts pode fechar?

– Talvez não feche – falou Rony. – Não corremos maior perigo aqui do que em casa, não é? Está igual em toda parte. Eu diria até que Hogwarts está mais segura, há mais bruxos para defender o lugar. Que é que você acha, Harry?

– Não vou voltar nem que reabra.

Rony olhou-o boquiaberto, mas Hermione disse com tristeza:

– Eu sabia que você ia dizer isso. Mas, então, o que vai fazer?

– Vou voltar mais uma vez à casa dos Dursley, porque era o que Dumbledore queria. Mas será uma visita breve, e então partirei para sempre.

– Mas aonde é que você vai, se não voltar para a escola?

– Pensei talvez em voltar para Godric's Hollow – murmurou Harry. Vinha ruminando esta ideia desde a noite em que Dumbledore morrera. – Para mim, tudo começou ali. Tenho a sensação de que preciso ir até lá. E posso visitar os túmulos dos meus pais, gostaria de fazer isso.

– E depois? – perguntou Rony.

– Depois tenho de rastrear as outras Horcruxes, não é? – respondeu Harry, os olhos no túmulo branco de Dumbledore refletido nas águas do lago. – É o que ele queria que eu fizesse, por isso é que me contou tudo que sabia sobre elas. Se Dumbledore estiver certo, e tenho certeza de que está, ainda há quatro Horcruxes

por aí. Preciso encontrar todas e destruí-las, e depois correr atrás da sétima porção da alma de Voldemort, a que ainda habita o corpo dele, e sou eu quem vai matá-lo. E se eu encontrar Severo Snape pelo caminho – acrescentou Harry –, tanto melhor para mim, tanto pior para ele.

Fez-se um longo silêncio. A multidão quase toda se dispersara, os poucos remanescentes guardavam uma imensa distância da figura de Grope consolando Hagrid, cujos uivos de dor ecoavam pelo lago.

– Estaremos lá, Harry – disse Rony.

– Quê?

– Na casa dos seus tios – respondeu Rony. – Então acompanharemos você, aonde for.

– Não – disse Harry depressa; não contara com isso, tentara fazer os amigos entenderem que ia empreender essa perigosíssima viagem sozinho.

– Você já nos disse uma vez – disse Hermione em voz baixa – que havia tempo para desistir, se a gente quisesse. Tivemos tempo, não é mesmo?

– Estamos com você para o que der e vier – afirmou Rony. – Mas, cara, você vai ter de passar na casa dos meus pais antes de qualquer outra coisa, até mesmo de Godric's Hollow.

– Por quê?

– O casamento de Gui e Fleur, lembra?

Harry olhou para ele, espantado; a ideia de que algo normal como um casamento ainda pudesse existir parecia inacreditável e, contudo, maravilhosa.

– Ah é, não devemos perder esta festa por nada – disse ele por fim.

Sua mão fechou automaticamente em torno da falsa Horcrux, mas, apesar de tudo, apesar do caminho escuro e tortuoso que ele via estender-se à sua frente, apesar do encontro final com Voldemort, que ele sabia que teria de ocorrer, fosse em um mês, um ano ou dez, ele sentiu um novo ânimo ao pensar que restava um último e dourado dia de paz para aproveitar com Rony e Hermione.

HARRY POTTER

e as

RELÍQUIAS *da* MORTE

7

J.K. ROWLING

Este livro
é dedicado
a sete pessoas:
a Neil,
a Jessica,
a David,
a Kenzie,
a Di,
a Anne,
e a você,
que acompanhou
Harry
até o
fim.

Ah, desgraça inerente à raça!
o grito torturante da morte
e o golpe que atinge a veia,
o sangramento inestancável, a dor,
a maldição insuportável.

Mas há uma cura dentro
e não fora de casa, não
vinda de outros mas deles próprios
por sua disputa sangrenta. Apelamos a vós,
deuses da sombria terra.

Ouvi bem-aventurados poderes soterrâneos –
atendei o nosso apelo, socorrei-nos
Favorecei os filhos, dai-lhes a vitória.

Ésquilo, As coéforas

A morte é apenas uma travessia do mundo, tal como os amigos que atravessam o mar e permanecem vivos uns nos outros. Porque sentem necessidade de estar presentes, para amar e viver o que é onipresente. Nesse espelho divino veem-se face a face; e sua conversa é livre e pura. Este é o consolo dos amigos e embora se diga que morrem, sua amizade e convívio estão, no melhor sentido, sempre presentes, porque são imortais.

William Penn, More Fruits of Solitude

Conteúdo

— CAPÍTULO UM —

A ascensão do Lorde das Trevas

Os dois homens se materializaram inesperadamente, a poucos metros de distância, na estreita ruazinha iluminada pelo luar. Por um momento eles ficaram imóveis, as varinhas apontadas para o peito um do outro; então, reconhecendo-se, guardaram a varinha sob a capa e começaram a andar apressados na mesma direção.

– Novidades? – perguntou o mais alto dos dois.

– As melhores – respondeu Severo Snape.

A rua era ladeada por um silvado, à esquerda, e por uma sebe alta e cuidadosamente aparada, à direita. As longas capas dos homens esvoaçavam ao redor dos tornozelos enquanto eles caminhavam.

– Pensei que fosse me atrasar – disse Yaxley, suas feições grosseiras desaparecendo e reaparecendo à sombra dos galhos de árvores que e interpunham ao luar. – Foi um pouco mais complicado do que imaginei. Mas acho que ele ficará satisfeito. Você tem certeza de que será bem recebido?

Snape assentiu sem, contudo, dar explicações.

Os homens viraram para um largo caminho de entrada, à direita. A alta sebe margeava e se estendia para além do impressionante portão de ferro trabalhado que barrava a entrada. Em silêncio, ambos ergueram o braço esquerdo numa espécie de saudação e atravessaram o portão, como se o metal escuro fosse apenas fumaça.

As sebes de teixo abafaram os passos dos homens. Ouviu-se um farfalhar à direita. Yaxley tornou a sacar a varinha, apontando-a por cima da cabeça do seu companheiro, mas a fonte do ruído fora apenas um pavão alvíssimo, que caminhava, majestoso, ao longo do topo da sebe.

– Ele sempre soube viver, o Lúcio. *Pavões*... – Com um bufo de desdém, Yaxley tornou a guardar a varinha sob a capa.

Um belo casarão se destacou nas trevas, no final do caminho reto, as luzes

faiscando nas janelas em formato de losango do andar térreo. Em algum lugar no jardim escuro, atrás dos arbustos, uma fonte jorrava. O saibro começou a estalar sob os pés, quando Snape e Yaxley apressaram o passo em direção à porta da frente, que se abriu à sua aproximação, embora ninguém parecesse tê-la aberto.

O hall de entrada era grande, mal iluminado e suntuosamente decorado, e um magnífico tapete cobria quase todo o piso de pedra. Os olhos dos rostos pálidos nos retratos das paredes acompanharam Snape e Yaxley assim que eles passaram. Os dois homens se detiveram à frente de uma pesada porta de madeira que levava a outro cômodo, hesitaram o tempo de uma pulsação, então Snape girou a maçaneta de bronze.

A sala estava cheia de pessoas silenciosas, sentadas a uma comprida mesa ornamentada. Os móveis que habitualmente a guarneciam tinham sido empurrados descuidadamente contra as paredes. A iluminação provinha das chamas vivas de uma bela lareira, cujo console de mármore era encimado por um espelho dourado. Snape e Yaxley pararam um instante à entrada. À medida que seus olhos se acostumaram à penumbra, sua atenção foi atraída para o detalhe mais estranho da cena: o vulto de uma pessoa aparentemente desacordada suspensa de cabeça para baixo sobre a mesa, girando lentamente como se estivesse presa por uma corda invisível, e se refletindo no espelho e na superfície nua e lustrosa da mesa. Nenhuma das pessoas sentadas à roda dessa visão singular a encarava, exceto um jovem pálido que estava praticamente embaixo. Parecia incapaz de se conter e erguia os olhos a todo instante.

– Yaxley, Snape – falou uma voz aguda e clara da cabeceira da mesa –, vocês estão praticamente atrasados.

O dono da voz estava sentado defronte à lareira, de modo que, a princípio, os recém-chegados tiveram dificuldade em distinguir mais que a sua silhueta. À medida que se aproximaram, porém, seu rosto se destacou na obscuridade, imberbe, ofídico, com fendas estreitas no lugar das narinas e olhos vermelhos e brilhantes de pupilas verticais. Era tão pálido que parecia emitir uma aura perolada.

– Severo, aqui – disse Voldemort, indicando a cadeira imediatamente à sua direita. – Yaxley, ao lado de Dolohov.

Os dois homens ocuparam os lugares designados. Os olhares da maioria dos que estavam à mesa seguiram Snape, e foi a ele que Voldemort se dirigiu primeiro.

– E então?

– Milorde, a Ordem da Fênix pretende transferir Harry Potter do lugar seguro em que está, no sábado, ao anoitecer.

O interesse ao redor da mesa se intensificou perceptivelmente. Alguns

enrijeceram, outros se mexeram, todos atentos a Snape e Voldemort.
– Sábado... ao anoitecer – repetiu Voldemort. Seus olhos vermelhos se fixaram nos olhos pretos de Snape com tanta intensidade que alguns dos observadores desviaram o olhar, aparentemente receosos de serem atingidos pela ferocidade daquela fixidez. Snape, no entanto, sustentou esse olhar calmamente, e, após um momento, os lábios descarnados de Voldemort se curvaram num aparente sorriso.
– Bom. Muito bom. E essa informação veio de...?
– Da fonte sobre a qual conversamos – disse Snape.
– Milorde.
Yaxley tinha se inclinado para a frente procurando ver Voldemort e Snape. Todos os rostos se voltaram para ele.
– Milorde, eu ouvi coisa diferente.
Yaxley aguardou, mas Voldemort não objetou, então ele prosseguiu.
– Dawlish, o auror, deixou escapar que Potter não será transferido até o dia trinta à noite, na véspera do seu aniversário de dezessete anos.
Snape sorriu.
– Minha fonte informou que planejam divulgar uma pista falsa; deve ser essa. Sem dúvida, lançaram em Dawlish um Feitiço para Confundir. Não seria a primeira vez, todos conhecem a sua suscetibilidade a feitiços.
– Posso lhe assegurar, Milorde, que Dawlish me pareceu muito seguro do que dizia – contrapôs Yaxley.
– Se foi confundido, é óbvio que parecerá seguro – disse Snape. – Garanto a *você*, Yaxley, que a Seção de Aurores não irá participar da proteção de Harry Potter. A Ordem acredita que estamos infiltrados no Ministério.
– Então, pelo menos nisso a Ordem acertou, hein? – comentou um homem atarracado, a pouca distância de Yaxley, dando uma risadinha sibilada que ecoou pela mesa.
Voldemort não riu. Seu olhar se desviou para o alto, para o corpo que girava vagarosamente, e ele pareceu se alhear.
– Milorde – continuou Yaxley –, Dawlish acredita que vão usar um destacamento inteiro de aurores na transferência do garoto...
Voldemort ergueu a mão grande e branca, e Yaxley calou-se imediatamente, observando, rancoroso, o Lorde se dirigir outra vez a Snape.
– E em seguida, onde irão esconder o garoto?
– Na casa de um dos membros da Ordem – respondeu Snape. – O lugar, segundo a minha fonte, recebeu toda a proteção que a Ordem e o Ministério juntos puderam lhe dar. Acredito que seja mínima a chance de pormos as mãos nele uma vez que chegue ao destino, Milorde, a não ser, é claro, que o Ministério

tenha caído antes de sábado, o que, talvez, nos desse a oportunidade de descobrir e desfazer um número suficiente de feitiços, e passar pelos demais.

– E então, Yaxley? – interpelou-o Voldemort, a luz das chamas se refletindo estranhamente em seus olhos vermelhos. – O Ministério terá caído até sábado?

Mais uma vez, todas as cabeças se viraram. Yaxley empertigou-se.

– Milorde, a esse respeito tenho boas notícias. Consegui, com dificuldade e após muito esforço, lançar uma Maldição Imperius em Pio Thicknesse.

Muitos dos que estavam próximos de Yaxley pareceram impressionados; seu vizinho, Dolohov, um homem de cara triste e torta, deu-lhe um tapinha nas costas.

– É um começo – disse Voldemort –, mas Thicknesse é apenas um homem, Scrimgeour precisa estar cercado por gente nossa para eu agir. Um atentado malsucedido à vida do ministro me causará um enorme atraso.

– É verdade, Milorde, mas o senhor sabe que, na função de chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia, Thicknesse tem contato frequente não só com o próprio ministro como também com os chefes dos outros departamentos do Ministério. Acho que será fácil dominar os demais, agora que temos um funcionário graduado sob controle, e então todos podem trabalhar juntos para derrubar Scrimgeour.

– Isso se o nosso amigo Thicknesse não for descoberto antes de ter convertido o resto – afirmou Voldemort. – De qualquer forma, é pouco provável que o Ministério seja meu antes de sábado. Se não pudermos pôr a mão no garoto no lugar de destino, então teremos que fazer isso durante a transferência.

– Nesse particular, estamos em posição vantajosa, Milorde – disse Yaxley, que parecia decidido a receber alguma aprovação. – Já plantamos várias pessoas no Departamento de Transportes Mágicos. Se Potter aparatar ou usar a Rede de Flu, saberemos imediatamente.

– Ele não fará nenhum dos dois – disse Snape. – A Ordem está evitando qualquer forma de transporte controlada ou regulada pelo Ministério, desconfiam de tudo que esteja ligado àquele lugar.

– Tanto melhor – disse Voldemort. – Ele terá que se deslocar em campo aberto. Será muitíssimo mais fácil apanhá-lo.

Mais uma vez Voldemort ergueu o olhar para o corpo que girava vagarosamente, então prosseguiu:

– Cuidarei do garoto pessoalmente. Cometeram-se erros demais com relação a Harry Potter. Alguns foram meus. Que Potter ainda viva deve-se mais aos meus erros do que aos seus êxitos.

As pessoas em volta da mesa fitaram Voldemort apreensivas, cada qual deixando transparecer o medo de ser responsabilizada por Harry Potter ainda

estar vivo. Voldemort, no entanto, parecia estar falando mais consigo mesmo do que com os demais, ainda atento ao corpo inconsciente no alto.

– Por ter sido descuidado, fui frustrado pela sorte e a ocasião, essas destruidoras dos planos, a não ser os mais bem traçados. Mas aprendi. Agora compreendo coisas que antes não compreendia. Eu é que devo matar Harry Potter, e assim farei.

Nisso, e em aparente resposta às suas palavras, ouviu-se um lamento repentino, um grito terrível e prolongado de infelicidade e dor. Muitos ao redor da mesa olharam para baixo, assustados, pois o som parecia vir do chão.

– Rabicho? – chamou Voldemort, sem alterar o seu tom de voz, baixo e reflexivo, e sem tirar os olhos do corpo que girava no alto. – Já não lhe disse para manter essa escória calada?

– Disse, M-Milorde – falou um homenzinho sentado na segunda metade da mesa, tão encolhido que, à primeira vista, sua cadeira parecia estar desocupada. E, levantando-se de um salto, saiu correndo da sala, deixando em seu rastro apenas um estranho brilho prateado.

– Como eu ia dizendo – continuou Voldemort, olhando mais uma vez para os rostos tensos dos seus seguidores –, agora compreendo melhor. Precisarei, por exemplo, pedir emprestada a varinha de um de vocês antes de sair para matar Potter.

Os rostos à sua volta expressaram apenas incredulidade; como se ele tivesse anunciado que queria um braço deles emprestado.

– Nenhum voluntário? – perguntou Voldemort. – Vejamos... Lúcio, não vejo razão para você continuar a ter uma varinha.

Lúcio Malfoy ergueu a cabeça. Sua pele parecia amarela e cerosa à luz das chamas, e tinha os olhos encovados e sombrios. Quando falou, sua voz saiu rouca.

– Milorde?

– Sua varinha, Lúcio. Preciso de sua varinha.

– Eu...

Malfoy olhou de esguelha para sua mulher. Narcisa tinha o olhar fixo à frente, tão pálida quanto o marido, os longos cabelos louros descendo pelas costas, mas, sob a mesa, seus dedos finos apertaram brevemente o pulso dele. Ao seu toque, Malfoy enfiou a mão nas vestes e tirou uma varinha que passou a Voldemort, que a ergueu diante dos olhos vermelhos e examinou-a detidamente.

– De que é?

– Olmo, Milorde – sussurrou Malfoy.

– E o núcleo?

– Dragão... fibra do coração.

– Ótimo – aprovou Voldemort. E, sacando a própria varinha, comparou os comprimentos.
Lúcio Malfoy fez um movimento involuntário; por uma fração de segundo, pareceu que esperava receber a varinha de Voldemort em troca da sua. O gesto não passou despercebido ao Lorde, cujos olhos se arregalaram maliciosamente.
– Dar-lhe a minha varinha, Lúcio? *Minha* varinha?
Alguns dos presentes riram.
– Dei-lhe a liberdade, Lúcio, não é suficiente? Mas tenho notado que você e sua família ultimamente parecem menos felizes... alguma coisa na minha presença em sua casa os incomoda, Lúcio?
– Nada... nada, Milorde.
– Quanta *mentira*, Lúcio...
A voz suave parecia silvar, mesmo quando a boca cruel parava de mexer. Um ou dois bruxos mal conseguiram refrear um tremor quando o silvo foi se intensificando; ouviu-se uma coisa pesada deslizar pelo chão embaixo da mesa.
A enorme cobra apareceu e subiu vagarosamente pela cadeira de Voldemort. Foi emergindo, como se fosse interminável, e parou sobre os ombros do mestre: o pescoço do réptil tinha a grossura de uma coxa masculina; seus olhos com as pupilas verticais não piscavam. Voldemort acariciou-a, distraído, com seus dedos longos e finos, ainda encarando Lúcio Malfoy.
– Por que os Malfoy parecem tão infelizes com a própria sorte? Será que o meu retorno, minha ascensão ao poder, não é exatamente o que disseram desejar durante tantos anos?
– Sem dúvida, Milorde – respondeu Lúcio Malfoy. Sua mão tremeu quando secou o suor sobre o lábio superior. – É o que desejávamos... desejamos.
À esquerda de Malfoy, sua mulher fez um aceno rígido e estranho com a cabeça, evitando olhar para Voldemort e a cobra. À direita, seu filho Draco, que estivera mirando o corpo inerte no teto, lançou um brevíssimo olhar a Voldemort, aterrorizado de encarar o bruxo.
– Milorde – disse uma mulher morena na outra metade da mesa, sua voz embargada pela emoção –, é uma honra tê-lo aqui, na casa de nossa família. Não pode haver prazer maior.
Estava sentada ao lado da irmã, tão diferente desta na aparência, com seus cabelos negros e olhos de pálpebras pesadas, quanto o era no porte e na atitude; enquanto Narcisa sentava-se dura e impassível, Belatriz se curvava para Voldemort, porque meras palavras não podiam demonstrar o seu desejo de maior proximidade.
– Não pode haver prazer maior – repetiu Voldemort, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, estudando Belatriz. – Isso significa muito, Belatriz, vindo

de você.
O rosto da mulher enrubesceu, seus olhos lacrimejaram de prazer.
– Milorde sabe que apenas digo a verdade!
– Não pode haver prazer maior... mesmo comparado ao feliz evento que, segundo soube, houve em sua família esta semana?
Belatriz fitou-o, os lábios entreabertos, nitidamente confusa.
– Eu não sei a que está se referindo, Milorde.
– Estou falando de sua sobrinha. E de vocês também, Lúcio e Narcisa. Ela acabou de casar com o lobisomem Remo Lupin. A família deve estar muito orgulhosa.
Gargalhadas debochadas explodiram à mesa. Muitos se curvaram para trocar olhares divertidos; alguns socaram a mesa com os punhos. A cobra, incomodada com o barulho, escancarou a boca e silvou irritada, mas os Comensais da Morte nem a ouviram, tão exultantes estavam com a humilhação de Belatriz e dos Malfoy. O rosto da mulher, há pouco rosado de felicidade, tingiu-se de feias manchas vermelhas.
– Ela não é nossa sobrinha, Milorde – disse em meio às gargalhadas. – Nós, Narcisa e eu, nunca mais pusemos os olhos em nossa irmã depois que ela casou com aquele sangue ruim. A fedelha não tem a menor ligação conosco, nem qualquer fera com quem se case.
– E você, Draco, que diz? – perguntou Voldemort, e, embora falasse baixo, sua voz ressoou claramente em meio aos assovios e caçoadas. – Vai bancar a babá dos filhotes?
A hilaridade aumentou; Draco Malfoy olhou aterrorizado para o pai, que contemplava o próprio colo, e seu olhar cruzou com o de sua mãe. Ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente, depois retomou seu olhar fixo na parede oposta.
– Já chega – disse Voldemort, acariciando a cobra raivosa. – Basta.
E as risadas pararam imediatamente.
– Muitas das nossas árvores genealógicas mais tradicionais, com o tempo, se tornaram bichadas – disse, enquanto Belatriz o mirava, ofegante e súplice. – Vocês precisam podar as suas, para mantê-las saudáveis, não? Cortem fora as partes que ameaçam a saúde do resto.
– Com certeza, Milorde – sussurrou Belatriz, mais uma vez com os olhos marejados de gratidão. – Na primeira oportunidade!
– Você a terá – respondeu Voldemort. – E, tal como fazem na família, façam no mundo também... vamos extirpar o câncer que nos infecta até restarem apenas os que têm o sangue verdadeiramente puro.
Voldemort ergueu a varinha de Lúcio Malfoy, apontou-a diretamente para a

figura que girava lentamente, suspensa sobre a mesa, e fez um gesto quase imperceptível. O vulto recuperou os movimentos com um gemido e começou a lutar contra invisíveis grilhões.
– Você está reconhecendo a nossa convidada, Severo? – indagou Voldemort.
De baixo para cima, Snape ergueu os olhos para o rosto pendurado. Todos os Comensais agora olhavam para a prisioneira, como se tivessem recebido permissão para manifestar sua curiosidade. Quando girou para o lado da lareira, a mulher disse, com a voz entrecortada de terror:
– Severo, me ajude!
– Ah, sim – respondeu Snape enquanto o rosto da prisioneira continuava a virar para o outro lado.
– E você, Draco? – perguntou Voldemort, acariciando o focinho da cobra com a mão livre. Draco sacudiu a cabeça com um movimento brusco. Agora que a mulher acordara, ele parecia incapaz de continuar encarando-a.
– Mas você não teria se matriculado no curso dela – disse Voldemort. – Para os que não sabem, estamos reunidos aqui esta noite para nos despedir de Caridade Burbage que, até recentemente, lecionava na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts!
Ouviram-se breves sons de assentimento ao redor da mesa. Uma mulher corpulenta e curvada, de dentes pontiagudos, soltou uma gargalhada.
– Sim... a profª. Burbage ensinava às crianças bruxas tudo a respeito dos trouxas... e como se assemelham a nós...
Um dos Comensais da Morte cuspiu no chão. Em seu giro, Caridade Burbage tornou a encarar Snape.
– Severo... por favor... por favor...
– Silêncio – ordenou Voldemort, com outro breve movimento da varinha de Lúcio, e Caridade silenciou como se tivesse sido amordaçada. – Não contente em corromper e poluir as mentes das crianças bruxas, na semana passada, a profª Burbage escreveu uma apaixonada defesa dos sangues ruins no *Profeta Diário*. Os bruxos, disse ela, devem aceitar esses ladrões do seu saber e magia. A diluição dos puros sangues é, segundo Burbage, uma circunstância extremamente desejável... Ela defende que todos casemos com trouxas... ou, sem dúvida, com lobisomens...
Desta vez ninguém riu: não havia como deixar de perceber a raiva e o desprezo na voz de Voldemort. Pela terceira vez, Caridade Burbage encarou Snape. Lágrimas escorriam dos seus olhos para os cabelos. Snape retribuiu seu olhar, totalmente impassível, enquanto ela ia girando o rosto para longe dele.
– *Avada Kedavra.*

O lampejo de luz verde iluminou todos os cantos da sala. Caridade caiu estrondosamente sobre a mesa, que tremeu e estalou. Vários Comensais pularam para trás ainda sentados. Draco caiu da cadeira para o chão.

– Jantar, Nagini – disse Voldemort com suavidade, e a grande cobra deslizou sinuosamente dos ombros dele para a lustrosa mesa de madeira.

— CAPÍTULO DOIS —

In Memoriam

Harry sangrava. Segurando a mão direita com a esquerda, e xingando baixinho, ele empurrou a porta do quarto com o ombro. Ouviu um barulho de porcelana quebrando; pisara em uma xícara de chá frio que alguém deixara do lado de fora, à porta do quarto.

– Que m...?

Ele olhou para os lados; o corredor da rua dos Alfeneiros nº 4 estava deserto. A xícara de chá era, possivelmente, a ideia de armadilha inteligente imaginada por Duda. Harry manteve a mão ensanguentada no alto, juntou os cacos da xícara com a outra mão e atirou-os na cesta abarrotada de lixo que entreviu pela porta de seu quarto. Depois caminhou pesadamente até o banheiro para pôr o dedo sob a água da torneira.

Era uma idiotice sem sentido e incrivelmente irritante que ainda lhe faltassem quatro dias para poder realizar feitiços... mas tinha de admitir que esse feio corte no dedo o derrotaria. Nunca aprendera a curar ferimentos e, agora que lhe ocorria pensar nisso – particularmente à luz dos seus planos imediatos –, parecia-lhe uma séria lacuna em sua educação bruxa. Anotando mentalmente para perguntar a Hermione como se fazia, ele usou um grande chumaço de papel higiênico para secar o melhor que pôde o chá derramado, antes de voltar para o quarto e bater a porta.

Harry gastara a manhã inteira esvaziando seu malão de viagem pela primeira vez desde que o arrumara havia seis anos. Nos primeiros anos de escola, ele simplesmente limpara uns três quartos do seu conteúdo e os repusera ou atualizara, deixando no fundo uma camada de lixo – penas usadas, olhos secos de besouro, meias sem par que não lhe serviam mais. Minutos antes, Harry metera a mão nesse entulho, sentira uma dor lancinante no quarto dedo da mão direita e, ao puxá-la, viu que estava coberta de sangue.

Continuou, então, um pouco mais cauteloso. Tornando a se ajoelhar ao lado do

malão, apalpou o fundo, retirou um velho broche que piscava fra camente, ora *Apoie CEDRICO DIGGORY* ora *POTTER FEDE*, um bisbilhoscópio rachado e gasto e um medalhão de ouro contendo um bilhete assinado por R.A.B., e finalmente descobriu o gume afiado que o ferira. Reconheceu-o sem hesitação. Era um caco de uns cinco centímetros do espelho encantado que Sirius, seu falecido padrinho, tinha lhe dado. Harry separou-o e apalpou o malão à procura do resto, mas nada mais restara do último presente do padrinho exceto o vidro moído, agora grudado, na última camada de destroços, como purpurina.

Harry sentou e examinou o caco pontiagudo em que se cortara, mas não viu nada além do reflexo do seu brilhante olho verde. Colocou, então, o fragmento sobre o *Profeta Diário* daquela manhã, que continuava intocado em sua cama, e tentou estancar o repentino fluxo de amargas lembranças, as pontadas de remorso e saudade que a descoberta do espelho partido tinha ocasionado, ao atacar o resto do lixo dentro do malão.

Levou mais uma hora para esvaziá-lo completamente, jogar fora os objetos inúteis e separar os demais em pilhas, de acordo com as suas futuras necessidades. Suas vestes de escola e de quadribol, caldeirão, pergaminho, penas e a maior parte dos livros de estudo foram empilhados a um canto para serem deixados em casa. Ficou imaginando o que os tios fariam com aquilo; provavelmente queimariam tudo na calada da noite, como se fossem provas de um crime hediondo. Suas roupas de trouxa, Capa da Invisibilidade, estojo para preparo de poções, certos livros, o álbum de fotos que Hagrid um dia lhe dera, um maço de cartas e sua varinha foram rearrumados em uma velha mochila. No bolso frontal, guardou o mapa do maroto e o medalhão com o bilhete assinado por R.A.B. O medalhão recebera esse lugar de honra não porque fosse valioso – sob qualquer ângulo normal, era imprestável –, mas pelo que lhe custara obtê-lo.

Restou uma avantajada pilha de jornais sobre sua escrivaninha, ao lado da alvíssima coruja Edwiges: um exemplar para cada um dos dias desse verão que Harry passara na rua dos Alfeneiros.

Levantou-se, então, do chão, espreguiçou-se e se dirigiu à escrivaninha. Edwiges não fez o menor movimento quando ele começou a folhear os jornais e atirar um a um na montanha de lixo acumulado; a coruja cochilava, ou fingia cochilar; estava zangada com Harry por causa do pouco tempo que, no momento, ele a deixava fora da gaiola.

Quase no fim da pilha de jornais, Harry desacelerou à procura de uma certa edição que ele sabia ter chegado logo depois do seu regresso à rua dos Alfeneiros, para passar o verão; lembrava-se de que havia uma pequena nota na primeira página sobre o pedido de demissão de Caridade Burbage, a professora de Estudo dos Trouxas em Hogwarts. Finalmente encontrou-a. Abrindo-a à

página dez, sentou-se à cadeira da escrivaninha e releu o artigo que estivera procurando.

EM MEMÓRIA DE ALVO DUMBLEDORE

Elifas Doge

Conheci Alvo Dumbledore aos onze anos de idade, em nosso primeiro dia em Hogwarts. Sem dúvida o nosso interesse mútuo se deveu ao fato de ambos nos sentirmos deslocados. Eu contraíra varíola de dragão pouco antes de chegar à escola, e, embora não oferecesse mais contágio, o meu rosto marcado e verdoso não animava ninguém a se aproximar de mim. Por sua vez, Alvo chegara a Hogwarts carregando o peso de uma indesejável notoriedade. Menos de um ano antes, seu pai, Percival, fora condenado por um ataque selvagem, e amplamente comentado, a três rapazes trouxas.

Alvo jamais tentou negar que o pai (que morreria em Azkaban) cometera o crime; muito ao contrário, quando reuni coragem para lhe perguntar, ele me confirmou que sabia que o pai era culpado. E se recusava a acrescentar o que fosse sobre o triste caso, embora muitos tentassem fazê-lo falar. Alguns até se dispunham a elogiar a atitude do pai, presumindo que Alvo também odiasse trouxas. Não poderiam estar mais enganados: todos que conheceram Alvo atestariam que ele jamais revelou a mais remota tendência antitrouxa. Na realidade, seu decisivo apoio aos direitos dessa comunidade conquistou-lhe muitos inimigos nos anos que se seguiram.

Em questão de meses, no entanto, a fama pessoal de Alvo começou a eclipsar a do pai. Ao terminar o primeiro ano de Hogwarts, deixara de ser conhecido como o filho do homem que odiava trouxas, e ganhou a reputação de ser o aluno mais brilhante que a escola já vira. Aqueles que tinham o privilégio de ser seus amigos se beneficiavam do seu exemplo, além de ajuda e estímulo, que sempre distribuía com generosidade. Mais adiante na vida, ele me confessaria que já naquela época sabia que o seu maior prazer era ensinar.

Alvo não só ganhou todos os prêmios importantes que a escola oferecia, bem como não tardou a se corresponder regularmente com as personalidades mais notáveis do mundo da magia contemporânea, inclusive Nicolau Flamel, o famoso alquimista, Batilda Bagshot, a renomada historiadora, e o teórico da magia Adalberto Waffling. Vários dos seus artigos foram acolhidos por publicações cultas como a Transfiguração Hoje, Desafios nos Encantamentos, O Preparador de Poções. A carreira futura de Dumbledore provavelmente seria meteórica, e a única dúvida era se chegaria a ministro da Magia. Embora

futuramente se previsse com frequência que ele estava às vésperas de assumir o cargo, Dumbledore nunca teve ambições ministeriais.

Três anos depois de começarmos a estudar em Hogwarts, seu irmão chegou à escola. Não se pareciam; Aberforth nunca foi dado a leituras e, ao contrário de Alvo, preferia resolver suas diferenças com duelos em vez de discuti-las racionalmente. É, porém, um engano insinuar, como alguns têm feito, que os irmãos não fossem amigos. Davam-se tão bem quanto dois garotos, assim diferentes, poderiam se dar. E, para fazer justiça a Aberforth, deve-se admitir que viver à sombra de Alvo não pode ter sido uma experiência muito confortável. Ser continuamente ofuscado era um risco ocupacional que acompanhava seus amigos, e não pode ter sido muito mais prazeroso para um irmão.

Quando Alvo e eu concluímos os estudos em Hogwarts, pretendíamos fazer juntos a viagem pelo mundo, então tradicional, para visitar e observar os bruxos estrangeiros, antes de seguir cada qual a sua carreira. Interveio, porém, a tragédia. Na véspera de nossa viagem, a mãe de Alvo, Kendra, faleceu, legando ao filho mais velho a tarefa de chefiar e sustentar sozinho a família. Adiei a minha partida tempo suficiente para prestar as últimas homenagens a Kendra, então iniciei a viagem, solitário. Com um irmão e uma irmã mais jovens para cuidar, e o pouco dinheiro herdado, já não havia possibilidade de Alvo me acompanhar.

Aquele foi o período de nossas vidas em que mantivemos menos contato. Escrevi a Alvo, narrando, talvez insensivelmente, as maravilhas da minha viagem, desde o episódio em que escapei por um triz de quimeras na Grécia até as minhas experiências com alquimistas egípcios. As cartas dele me contavam alguma coisa de sua vida diária, que eu percebia ser monótona e frustrante para um bruxo tão genial. Absorto em minhas próprias experiências, foi com horror que soube, quase no fim do ano de viagens, que outra tragédia se abatera sobre a família: a morte de sua irmã Ariana.

Embora Ariana não gozasse de boa saúde havia tempo, o golpe tão próximo à morte da mãe afetou profundamente os dois irmãos. Todos os que eram mais chegados a Alvo – e incluo-me entre esses felizardos – concordam que a morte de Ariana e o sentimento de responsabilidade do irmão por esse desfecho (ainda que ele não fosse culpado) marcaram-no para sempre.

Quando regressei, encontrei um rapaz que passara por sofrimentos de um homem mais velho. Alvo tornou-se mais reservado do que antes e muito menos alegre. Para aumentar sua infelicidade, a morte de Ariana não conduzira a uma aproximação maior entre Alvo e Aberforth, mas a um afastamento. (Com o tempo isso se resolveria – nos últimos anos eles

> restabeleceram se não uma relação íntima, ao menos cordial.) Desde então, porém, ele raramente falava dos pais ou de Ariana, e seus amigos aprenderam a não mencioná-los.
>
> Outros escritores descreverão os triunfos dos anos seguintes. As inúmeras contribuições de Dumbledore ao acervo de conhecimentos sobre magia, inclusive a descoberta dos doze usos para o sangue de dragão, beneficiarão as futuras gerações, do mesmo modo que a sabedoria que demonstrou nos muitos julgamentos que realizou durante o mandato de presidente da Suprema Corte dos Bruxos. Dizem, ainda hoje, que nenhum duelo de magia jamais se igualou ao que foi travado entre Dumbledore e Grindelwald, em 1945. Os presentes descreveram o terror e o assombro que sentiram ao observar aqueles dois bruxos extraordinários combaterem. A vitória de Dumbledore e suas consequências para o mundo bruxo são consideradas um marco na história da magia, comparável à introdução do Estatuto Internacional de Sigilo em Magia ou à queda d'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado.
>
> Alvo Dumbledore jamais demonstrava orgulho ou vaidade; sempre encontrava o que elogiar em qualquer pessoa, por mais insignificante ou miserável que fosse, e acredito que as perdas que sofreu na juventude o dotaram de grande humanidade e solidariedade. Sentirei saudades de sua amizade mais do que poderia reconhecer, mas a minha perda é desprezível se a compararmos à do mundo dos bruxos. É indiscutível que ele foi o mais inspirador e o mais querido diretor de Hogwarts. Ele morreu como viveu: sempre trabalhando para o bem maior e, até a sua hora final, tão disposto a estender a mão ao garotinho com varíola de dragão quanto no dia em que o conheci.

Harry terminou a leitura, mas continuou a contemplar a foto que acompanhava o obituário. Dumbledore exibia o seu conhecido sorriso bondoso, mas, ao olhar por cima dos oclinhos de meia-lua, dava a impressão, mesmo em jornal, de ver o íntimo de Harry, cuja tristeza mesclou-se com uma sensação de humilhação.

Tinha achado que conhecia Dumbledore muito bem, mas, depois da leitura do obituário, fora forçado a admitir que pouco sabia dele. Jamais imaginara uma única vez a infância ou a juventude do mestre; era como se ele tivesse ganhado existência quando Harry o conhecera, venerável, de barbas e cabelos prateados, e idoso. A ideia de um Dumbledore adolescente era simplesmente esquisita, o mesmo que imaginar uma Hermione burra ou um explosivim amigável.

Nunca pensara em indagar a Dumbledore sobre o seu passado. Sem dúvida, teria sido constrangedor, e até impertinente, mas era de conhecimento geral que Dumbledore travara um lendário duelo com Grindelwald, e arry nem sequer

pensara em perguntar ao mestre como fora este e outros feitos famosos. Não, eles sempre discutiam Harry, o passado de Harry, o futuro de Harry, os planos de Harry... e a impressão de Harry agora, apesar de seu futuro tão perigoso e incerto, era que ele perdera insubstituíveis oportunidades de perguntar mais a Dumbledore sobre ele mesmo, embora a única pergunta pessoal que fizera ao mestre tenha sido, também, a única que, desconfiava, Dumbledore não respondera com sinceridade:

– *O que é que o senhor vê quando se olha no espelho?*

– *Eu? Eu me vejo segurando um par de grossas meias de lã.*

Após alguns minutos de reflexão, Harry retirou o obituário do *Profeta*, dobrou a folha cuidadosamente e guardou-a no primeiro volume de *Prática da magia defensiva e seu uso contra as Artes das Trevas.* Em seguida, atirou o resto do jornal no monte de lixo e virou-se para encarar o quarto. Estava muito mais arrumado. As únicas coisas fora de lugar eram a edição do dia do *Profeta Diário*, ainda sobre a cama, e, em cima dela, o caco de espelho.

Harry atravessou o quarto, empurrou o caco para o lado e abriu o jornal. Tinha apenas corrido os olhos pela manchete ao tirar o exemplar enrolado das garras da coruja entregadora, mais cedo naquela manhã, abandonando-o em seguida ao reparar que nada havia sobre Voldemort. Harry tinha certeza de que o Ministério contava que o *Profeta* omitisse as notícias sobre o bruxo das trevas. Foi somente neste momento, portanto, que reparou no que deixara escapar.

Na metade inferior da primeira página, havia uma manchete no alto de uma foto de Dumbledore caminhando com um ar preocupado: DUMBLEDORE – ENFIM A VERDADE?

Na próxima semana, a chocante verdade sobre o gênio imperfeito que muitos consideram o maior bruxo de sua geração.

Desfazendo a imagem popular de serena e venerável sabedoria, Rita Skeeter revela a infância perturbada, a juventude rebelde, as rixas intermináveis e os segredos vergonhosos que Dumbledore levou para o túmulo. POR QUE o homem indicado para ministro da Magia se contentou com o simples cargo de diretor de escola? QUAL era a real finalidade da organização secreta conhecida como a Ordem da Fênix? COMO Dumbledore realmente encontrou a morte?

As respostas a essas perguntas e muitas outras são examinadas em uma nova e explosiva biografia A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore, de autoria de Rita Skeeter, entrevistada com exclusividade por Betty Braithwaite, na página 13 deste número.

Harry rasgou a cinta do jornal e abriu-o à página treze. O artigo estava encimado pela foto de outro rosto conhecido: uma mulher com óculos enfeitados com pedrinhas, cabelos louros bem ondulados, os dentes à mostra no que, sem dúvida, se supunha ser um sorriso cativante, agitando os dedos para ele. Fazendo o possível para ignorar a imagem nauseante, Harry leu.

> Rita Skeeter é muito mais simpática e sensível em pessoa do que os seus já famosos e ferozes retratos a bico de pena poderiam sugerir. Recebendo-me à entrada de sua casa aconchegante, ela me conduz diretamente à cozinha para uma xícara de chá, uma fatia de bolo inglês e, nem é preciso dizer, um caldeirão fumegando com fofocas frescas.
>
> "Naturalmente, Dumbledore é o sonho de qualquer biógrafo", diz Skeeter, "com sua vida longa e plena. Tenho certeza que o meu livro será o primeiro de muitos outros."
>
> Skeeter certamente agiu com rapidez. Seu livro de novecentas páginas foi concluído apenas quatro semanas após a misteriosa morte de Dumbledore, em junho. Pergunto-lhe como conseguiu esse feito de velocidade.
>
> "Ah, quando se é jornalista de longa data, trabalhar com prazos curtos é uma segunda natureza. Eu sabia que o mundo dos bruxos exigia uma história completa e queria ser a primeira a satisfazer essa demanda."
>
> Menciono os comentários recentes e amplamente divulgados de Elifas Doge, conselheiro especial da Suprema Corte dos Bruxos, o Wizengamot, e amigo de longa data de Alvo Dumbledore, de que "o livro da Skeeter contém menos fatos do que um cartão de sapos de chocolate".
>
> Skeeter joga a cabeça para trás dando uma gargalhada.
>
> "Querido Doguinho! Lembro-me de tê-lo entrevistado há alguns anos sobre os direitos dos sereianos, que Deus o abençoe. Completamente gagá, parecia achar que estávamos sentados no fundo do lago Windermere, e não parava de recomendar que eu tivesse cuidado com as trutas."
>
> Contudo, as acusações de imprecisão feitas por Elifas Doge encontraram eco em muitos lugares. Será que Skeeter julga que quatro breves semanas foram suficientes para captar um retrato de corpo inteiro da longa e extraordinária vida de Dumbledore?
>
> "Ah, minha cara", responde ela, abrindo um largo sorriso e me dando um tapinha afetuoso na mão, "você conhece tão bem quanto eu a quantidade de informações que pode gerar uma bolsa cheia de galeões, uma recusa em aceitar um 'não' e uma pena de repetição rápida! As pessoas fizeram fila para despejar as sujeiras de Dumbledore. Nem todas achavam que ele fosse tão maravilhoso assim, sabe – ele pisou um bom número de calos de gente

importante. Mas o velho Doguinho esquivo pode descer do seu hipogrifo, porque tive acesso a uma fonte que faria jornalistas negociarem as próprias varinhas para obter, alguém que jamais fez declarações públicas e que foi íntimo de Dumbledore durante a fase mais turbulenta e perturbada de sua juventude."

A publicidade que antecede o lançamento da biografia de Skeeter certamente sugere que o livro reserva surpresas para os que acreditam que Dumbledore levou uma vida sem pecados. Perguntei-lhe quais foram os maiores que descobriu.

"Francamente, Betty, não vou revelar todos os destaques antes de as pessoas comprarem o livro!", ri-se Skeeter. "Mas posso prometer que alguém que ainda pense que Dumbledore era alvo como suas barbas vai acordar assustado! Digamos apenas que ninguém que o tenha ouvido vociferar contra Você-Sabe-Quem sonharia que ele próprio lidou com as Artes das Trevas na juventude! E, para um bruxo que passou o resto da vida pedindo tolerância, ele não era exatamente indulgente quando mais moço! Sim, senhora, Alvo Dumbledore teve um passado sombrio, isso para não mencionar sua família muito suspeita, que ele tanto se esforçou por ocultar."

Pergunto se Skeeter está se referindo ao irmão de Dumbledore, Aberforth, cuja condenação pela Suprema Corte dos Bruxos por mau uso da magia causou um pequeno escândalo há quinze anos.

"Ah, Aberforth é apenas o topo da estrumeira", ri-se Skeeter. "Não, não, estou falando de coisa muito pior do que a predileção de um irmão por bodes, pior mesmo do que a mutilação de um trouxa pelo pai, coisas que Dumbledore não pôde abafar, os dois foram condenados. Não, estou me referindo à mãe e à irmã que me intrigaram, uma pequena pesquisa desenterrou um verdadeiro ninho de maldades – mas, como digo, você terá que esperar pelos capítulos de nove a doze para conhecer os detalhes. O que posso adiantar agora é que ninguém estranhe que Dumbledore nunca tenha contado como fraturou o nariz."

Apesar dos torpes segredos de família, será que Skeeter nega a genialidade que conduziu Dumbledore a tantas descobertas em magia?

"Ele tinha cabeça", admite ela, "embora muitos agora questionem se realmente mereceu sozinho o crédito por suas supostas realizações. No capítulo dezesseis, transcrevo a afirmação de Ivor Dillonsby de que ele já teria descoberto oito usos para o sangue de dragão quando Dumbledore 'tomou emprestado' os seus estudos."

Atrevo-me a replicar que a importância de algumas realizações de Dumbledore não pode ser negada. E a famosa vitória sobre Grindelwald?

“Ah, foi bom você ter mencionado o Grindelwald”, responde Skeeter, com um sorriso irresistível. “Acho que aqueles cujos olhos umedecem de emoção com a magnífica vitória de Dumbledore devem se preparar para uma bomba – ou talvez uma bomba de bosta. Realmente fede bastante. Só posso alertar para a dúvida com relação ao duelo espetacular que nos conta a lenda. Depois de lerem o meu livro, as pessoas talvez sejam obrigadas a concluir que Grindelwald simplesmente conjurou um lenço branco na ponta da varinha e se entregou!”

Skeeter se recusa a revelar outros detalhes sobre o intrigante assunto, portanto, abordamos a relação que, sem dúvida, mais fascina os seus leitores.

“Ah, sim”, diz Skeeter, assentindo energicamente, “dedico um capítulo inteiro à relação Potter-Dumbledore. Há quem a considere doentia e até sinistra. Repito mais uma vez, os seus leitores terão de comprar o meu livro para saber a história completa, mas, pelo que ouço dizer, é ponto pacífico que Dumbledore tomou um interesse anormal por Potter. Se isso realmente visava o bem do garoto – é o que veremos. Certamente não é segredo que Potter tem tido uma adolescência excepcionalmente perturbada.”

Perguntei se Skeeter ainda mantém contato com Harry Potter, a quem entrevistou, com sucesso, no ano anterior: um furo de reportagem em que Potter falou exclusivamente de sua certeza sobre o retorno de Você-Sabe-Quem.

“Ah, sim, construímos um forte vínculo”, diz Skeeter. “O coitado do Potter tem poucos amigos verdadeiros, e nos conhecemos em um dos momentos de maior desafio de sua vida – o Torneio Tribruxo. Provavelmente sou uma das poucas pessoas vivas que podem afirmar conhecer o real Harry Potter.”

A resposta nos leva diretamente aos muitos boatos que continuam a circular sobre as últimas horas de vida de Dumbledore. Será que Skeeter acredita que Potter estava presente quando ele morreu?

“Bem, não quero falar demais – está tudo no livro –, mas testemunhas oculares no castelo de Hogwarts viram Potter saindo de cena instantes depois de Dumbledore cair, saltar ou ser empurrado. Mais tarde, o garoto prestou depoimento acusando Severo Snape, um homem com quem ele tinha conhecida inimizade. Será que as coisas são como parecem ser? Caberá à comunidade bruxa julgar – depois de ler o meu livro.”

A essa nota intrigante, eu me despeço. Não há dúvida de que Skeeter escreveu um bestseller de ocasião. Enquanto isso, as legiões de admiradores de Dumbledore talvez estejam apreensivas com o que em breve será divulgado sobre o seu herói.

Harry chegou ao fim do artigo, mas continuou a olhar atônito para o papel. A repugnância e a fúria o acometeram como um vômito; ele amassou o jornal e atirou-o, com toda a força, contra a parede, onde a bola foi se juntar ao monte de lixo que já transbordava da lata.

Começou a caminhar às cegas pelo quarto, abrindo gavetas vazias e erguendo os livros para, em seguida, repô-los nas mesmas pilhas, quase inconsciente do que fazia, enquanto frases esparsas da entrevista com Rita ecoavam em sua cabeça: *um capítulo inteiro à relação Potter-Dumbledore... há quem a considere doentia e até sinistra... ele próprio lidou com as Artes das Trevas na juventude... tive acesso a uma fonte que faria jornalistas negociarem as próprias varinhas para obter...*

– Mentiras! – berrou Harry, e pela janela viu o dono da casa ao lado, que parara para religar o cortador de grama, erguer os olhos, nervoso.

O garoto sentou-se com força na cama. O caco de espelho saltou para longe; ele o apanhou e examinou entre os dedos pensando, pensando em Dumbledore e nas mentiras com que Rita Skeeter o difamava...

Um lampejo azul intenso. Harry congelou, o dedo cortado escorregou pela ponta do espelho. Fora imaginação, devia ter sido. Ele espiou por cima do ombro, mas a parede continuava da cor pêssego enjoativo que tia Petúnia escolhera; não havia nada azul ali para ser refletido. Harry tornou a examinar o fragmento de espelho e nada viu, exceto o seu olho muito verde encarando-o.

Imaginara o lampejo, não havia outra explicação; imaginara porque estivera pensando no diretor falecido. Se havia uma certeza era que os olhos muito azuis de Alvo Dumbledore jamais o perscrutariam outra vez.

— CAPÍTULO TRÊS —

A partida dos Dursley

O ruído da porta da frente batendo ecoou escada acima, e uma voz gritou:

– Ei! Você!

Dezesseis anos ouvindo este chamado não permitiu a Harry duvidar que era a ele que o tio estava se dirigindo; ainda assim, não respondeu imediatamente. Continuou a contemplar o caco de espelho em que, por uma fração de segundo, pensara ter visto um olho de Dumbledore. Somente quando o tio berrou “MOLEQUE!”, Harry se levantou vagarosamente e se encaminhou para a porta do quarto, parando, antes, para guardar o pedaço de espelho na mochila cheia com as coisas que ia levar.

– E vem se arrastando! – urrou Válter Dursley quando o garoto apareceu no alto da escada. – Desça aqui, quero falar com você!

Harry desceu a escada, as mãos enfiadas no fundo dos bolsos do jeans. Quando chegou à sala de estar, encontrou os três Dursley. Trajavam roupas de viagem: tio Válter vestia um blusão de zíper castor, tia Petúnia um elegante casaco salmão, e Duda, o primo forte, musculoso e louro, uma jaqueta de couro.

– Pois não? – disse Harry.

– Sente-se! – ordenou o tio. Harry ergueu as sobrancelhas. – Por favor! – acrescentou, fazendo uma ligeira careta como se a palavra lhe arranhasse a garganta.

Harry sentou-se. Pensou que sabia o que esperar. Válter Dursley começou a andar para cima e para baixo. Tia Petúnia e Duda acompanhavam seus passos com os rostos ansiosos. Por fim, o tio, com a cara larga e púrpura contraída de concentração, parou diante de Harry e falou:

– Mudei de ideia.

– Que surpresa – respondeu o garoto.

– Não venha com ironias... – começou tia Petúnia com a voz esganiçada, mas o marido fez sinal para que ela se calasse.

– É tudo conversa fiada – afirmou ele, encarando Harry com seus olhinhos de porco. – Concluí que não acredito em uma única palavra. Vamos ficar aqui, não vamos a lugar algum.

Harry ergueu os olhos para o tio e sentiu uma mescla de exasperação e surpresa. Válter Dursley vinha mudando de ideia a cada vinte e quatro horas nas últimas quatro semanas, carregando o carro, descarregando-o e recarregando-o a cada mudança. O momento favorito de Harry tinha sido quando o tio, sem saber que Duda guardara os pesos de musculação na mala desde a última vez que fora descarregada, tentara colocá-la novamente no porta-malas e desequilibrou-se, soltando urros de dor e xingando horrores.

– Pelo que me conta – disse Válter Dursley, recomeçando a andar pela sala –, nós, Petúnia, Duda e eu, corremos perigo. Por conta de... de...

– Gente da "minha laia", certo.

– Pois eu não acredito – repetiu o tio, parando outra vez diante de Harry. – Passei metade da noite refletindo e acho que é uma armação para você ficar com a casa.

– A casa? – perguntou Harry. – Que casa?

– *Esta* casa! – gritou o tio, a veia da testa começando a pulsar. – *Nossa* casa! Os preços das casas estão disparando por aqui! Você quer nos tirar do caminho, fazer meia dúzia de charlatanices e, quando a gente der pela coisa, as escrituras estarão em seu nome e...

– O senhor enlouqueceu? Uma armação para ficar com esta casa? Será que o senhor é realmente tão retardado como está parecendo ser?

– Não se atreva!... – guinchou tia Petúnia, mas, novamente, Válter fez sinal para a mulher se calar: ofensas sobre sua personalidade não se comparavam ao perigo que identificara.

– Caso o senhor tenha esquecido – disse Harry –, eu já tenho uma casa, meu padrinho a deixou para mim. Então, por que eu iria querer esta? Pelas boas lembranças que guardo daqui?

Fez-se silêncio. Harry achou que impressionara o tio com esse argumento.

– Você quer me dizer que esse tal lorde...

– Voldemort – completou Harry impaciente –, e já repassamos isso cem vezes. E não é o que quero dizer, é um fato, Dumbledore lhe disse isso no ano passado, e Kingsley e o sr. Weasley...

Válter Dursley encolheu os ombros encolerizado, e Harry imaginou que o tio estivesse tentando exorcizar as lembranças da inesperada visita de dois bruxos adultos, logo no início de suas férias de verão. A chegada de Kingsley Shacklebolt e Arthur Weasley à porta da casa fora um choque extremamente desagradável para os Dursley. Contudo, Harry tinha de admitir que não era de se

esperar que o reaparecimento do sr. Weasley, que no passado demolira metade da sala, deixasse seu tio feliz.

– Kingsley e o sr. Weasley explicaram tudo muito bem – salientou Harry sem piedade. – Quando eu completar dezessete anos, o feitiço de proteção que me resguarda se desfará, e isto me põe em risco e a vocês também. A Ordem tem certeza que Voldemort visará o senhor, seja para torturá-lo e descobrir aonde fui, seja por pensar que, se o fizer refém, eu tentarei vir salvá-lo.

O olhar do tio encontrou o de Harry. O garoto teve certeza de que naquele instante os dois estavam se perguntando a mesma coisa. Então, Válter recomeçou a andar e Harry continuou:

– O senhor precisa se esconder e a Ordem quer ajudar, ofereceu uma sólida proteção, a melhor que existe.

Tio Válter não respondeu, continuou a andar para cá e para lá. Lá fora, o sol batia diagonalmente sobre a cerca de alfeneiros. Na casa ao lado, o cortador de grama do vizinho parou mais uma vez.

– Pensei que houvesse um Ministério da Magia! – exclamou o tio bruscamente.

– Há – respondeu Harry, surpreso.

– Então, por que não podem nos proteger? Parece-me que, como vítimas inocentes, cujo único crime foi dar guarida a um homem marcado, deveríamos ter direito à proteção do governo!

Harry riu; não conseguiu se conter. Era tão típico do seu tio depositar as esperanças nas instituições, mesmo as de um mundo que ele desprezava e não confiava.

– O senhor ouviu o que o sr. Weasley e Kingsley disseram. Achamos que o inimigo está infiltrado no Ministério.

Tio Válter foi até a lareira e voltou, respirando com tanta força que ondulava o enorme bigode negro, seu rosto ainda púrpura de concentração.

– Muito bem – disse ele, parando mais uma vez diante do sobrinho. – Muito bem, vamos considerar a hipótese de que aceitemos essa proteção. Continuo sem entender por que não podemos recebê-la do tal Kingsley.

Harry conseguiu não erguer os olhos para o teto, mas a muito custo. A pergunta já tinha sido respondida meia dúzia de vezes.

– Como lhe expliquei – disse entre os dentes –, Kingsley está protegendo o trouxa, quero dizer, o seu primeiro-ministro.

– Exatamente: ele é o melhor! – exclamou o tio, apontando para a tela escura da televisão. Os Dursley tinham localizado Kingsley no telejornal, andando discretamente às costas do primeiro-ministro em visita a um hospital. Isto, e o fato de Kingsley ter aprendido a se vestir como um trouxa, sem esquecer da

segurança que transmitia com sua voz lenta e grave, tinha levado os Dursley a aceitarem Kingsley de um jeito que certamente não se aplicara a nenhum outro bruxo, embora fosse verdade que eles nunca o tivessem visto de brinco.

– Ele está ocupado – disse Harry. – Mas Héstia Jones e Dédalo Diggle estão mais do que qualificados para esse serviço...

– Se ao menos tivéssemos visto os currículos deles... – começou tio Válter, mas Harry perdeu a paciência. Levantando-se, dirigiu-se ao tio, agora ele próprio apontando para a televisão.

– Esses acidentes não são acidentes, as colisões, explosões, descarrilamentos e o que mais tenha acontecido desde a última vez que o senhor viu o telejornal. As pessoas estão desaparecendo e morrendo, e é ele que está por trás de tudo: Voldemort. Já lhe disse isso muitas vezes, ele mata trouxas para se divertir. Até os nevoeiros: são causados por dementadores, e se o senhor não lembra quem são, pergunte ao seu filho!

As mãos de Duda ergueram-se bruscamente para cobrir a própria boca. Sentindo os olhos dos pais e de Harry postos nele, tornou a baixá-las lentamente e perguntou:

– Tem... mais daqueles?

– Mais? – Riu-se Harry. – Você quer dizer mais do que os dois que nos atacaram? Claro que tem, tem centenas, talvez milhares a essa altura, uma vez que se alimentam do medo e do desespero...

– Está bem, está bem – trovejou Válter Dursley. – Você me convenceu...

– Espero que sim, porque quando eu completar dezessete anos, todos eles, os Comensais da Morte, os dementadores e até os Inferi, que é como chamamos os mortos-vivos enfeitiçados por um bruxo das trevas, poderão encontrar vocês e certamente atacá-los. E se lembrarem da última vez que tentaram ser mais rápidos do que os bruxos, acho que irão concordar que precisam de ajuda.

Houve um breve silêncio em que o eco distante de Hagrid derrubando uma porta de madeira deu a impressão de reverberar pelos anos transcorridos desde então. Tia Petúnia olhava para tio Válter; Duda encarava Harry. Por fim, o tio perguntou abruptamente:

– E o meu trabalho? E a escola de Duda? Suponho que essas coisas não tenham importância para um bando de bruxos vagabundos...

– Será que o senhor não compreende? – gritou Harry. – *Eles torturarão e matarão vocês como fizeram com os meus pais!*

– Pai – disse Duda em voz alta –, pai... eu vou com esse pessoal da Ordem.

– Duda – comentou Harry –, pela primeira vez na vida você está demonstrando bom senso.

Ele sabia que a batalha estava ganha. Se Duda estivesse suficientemente

apavorado para aceitar a ajuda da Ordem, os pais o acompanhariam; separarem-se de Duda estava fora de questão. Harry olhou para o relógio de alça sobre o console da lareira.

– Eles estarão aqui dentro de uns cinco minutos – anunciou e, diante do total silêncio dos Dursley, saiu da sala. A perspectiva de se separar, provavelmente para sempre, dos tios e do primo era algo que ele conseguia imaginar com alegria, mas, ainda assim, havia um certo constrangimento no ar. Que se dizia a parentes ao fim de dezesseis anos de intensa e mútua aversão?

De volta ao próprio quarto, Harry mexeu a esmo na mochila, depois empurrou umas nozes pelas grades da gaiola de Edwiges. Elas produziram um som oco ao bater no fundo, onde a coruja as ignorou.

– Logo, logo estaremos indo embora daqui – disse-lhe Harry. – Então você vai poder voar novamente.

A campainha da porta tocou. Harry hesitou, em seguida tornou a sair do quarto e descer: era demais esperar que Héstia e Dédalo enfrentassem os Dursley sozinhos.

– Harry Potter! – esganiçou-se uma voz animada, no instante em que ele abriu a porta; um homenzinho de cartola lilás fez-lhe uma profunda reverência. – Uma honra como sempre!

– Obrigado, Dédalo – respondeu Harry, concedendo um sorriso breve e inibido a Héstia, a bruxa de cabelos escuros. – É realmente uma gentileza fazerem isso... eles estão aqui dentro, meus tios e meu primo...

– Bom-dia aos parentes de Harry Potter! – exclamou Dédalo, feliz, entrando na sala de estar. Os Dursley não pareceram nada felizes com a saudação; Harry chegou a pensar que mudariam mais uma vez de ideia. Duda se encolheu junto à mãe ao ver os bruxos.

“Vejo que já fizeram as malas e estão prontos. Excelente! O plano, como Harry deve ter-lhes dito, é simples”, prosseguiu Dédalo, puxando do colete um enorme relógio de bolso e consultando-o.

“Vamos sair antes de Harry. Devido ao perigo de se usar magia em sua casa, porque Harry ainda é menor de idade, e isto poderia dar ao Ministério uma desculpa para prendê-lo, seguiremos de carro, digamos, por uns dois quilômetros. Então, desaparataremos até o local seguro que escolhemos para os senhores. Imagino que saiba dirigir, não?”, perguntou o bruxo a tio Válter educadamente.

– Saiba...? Claro que sei dirigir muito bem! – respondeu ele bruscamente.

– É preciso muita inteligência, senhor, muita inteligência. Eu ficaria absolutamente abobalhado com todos aqueles botões e alavancas de puxar e empurrar – disse Dédalo. Sem dúvida, o bruxo pensava estar elogiando Válter

Dursley, que visivelmente ia perdendo confiança no plano a cada palavra que Dédalo dizia.

– Nem ao menos sabe dirigir – resmungou, entre os dentes, ondulando o bigode de indignação, mas, por sorte, nem Dédalo nem Héstia pareceram ouvi-lo.

– Você, Harry – continuou Dédalo –, irá esperar aqui por sua guarda. Houve uma pequena mudança nos preparativos...

– Que quer dizer? – perguntou Harry, surpreso. – Pensei que Olho-Tonto viria para fazer comigo uma aparatação acompanhada, não?

– Inviável – respondeu Héstia, concisamente. – Olho-Tonto lhe explicará.

Os Dursley, que tinham escutado tudo com expressões de total incompreensão nos rostos, sobressaltaram-se ao ouvir um guincho alto: "*Apressemse!*" Harry correu os olhos pela sala e se deu conta de que a voz saíra do relógio de bolso de Dédalo.

– Tem razão, estamos operando com um horário apertado – comentou o bruxo, assentindo para o relógio e tornando a enfiá-lo no bolso do colete. – Estamos tentando cronometrar sua saída da casa com a desaparatação de sua família, Harry; assim, o feitiço se desfaz no momento em que todos estiverem rumando para um destino seguro. – E, voltando-se para os Dursley: – Então, estamos com as malas feitas e prontos para partir?

Nenhum deles lhe respondeu: tio Válter ainda olhava espantado para o volume no bolso do colete de Dédalo.

– Talvez a gente devesse esperar lá fora no hall, Dédalo – murmurou Héstia: era evidente que considerava indelicado permanecerem na sala enquanto Harry e os Dursley, talvez às lágrimas, trocavam despedidas amorosas.

– Não precisa – murmurou Harry, mas tio Válter tornou qualquer explicação desnecessária ao dizer em voz alta:

– Então, adeus, moleque. – Ergueu o braço direito para apertar a mão do garoto, mas, no último instante, pareceu incapaz de fazê-lo, e simplesmente fechou a mão e começou a sacudi-la para a frente e para trás como se fosse um metrônomo.

– Pronto, Duzinho? – perguntou tia Petúnia, verificando, atrapalhada, o fecho da bolsa de mão para evitar sequer olhar para Harry.

Duda não respondeu, mas ficou parado ali com a boca entreaberta, lembrando ligeiramente a Harry o gigante Grope.

– Vamos, então – disse o tio. Ele já alcançara a porta da sala quando Duda murmurou:

– Eu não estou entendendo.

– O que não está entendendo, fofinho? – perguntou tia Petúnia, erguendo a

cabeça para o filho.
Duda estendeu a mão, que mais parecia um presunto, e apontou para Harry.
– Por que ele não está vindo com a gente?
Tio Válter e tia Petúnia congelaram onde estavam, como se o filho tivesse acabado de expressar o desejo de ser uma bailarina.
– Quê?! – exclamou tio Válter em voz alta.
– Por que ele não está vindo também? – repetiu Duda.
– Ora, ele... ele não quer – respondeu tio Válter, virando-se com um olhar feroz para o sobrinho e acrescentando: – Você não quer, não é mesmo?
– Nem pensar – confirmou Harry.
– Viu? – disse tio Válter ao filho. – Agora ande, estamos indo.
E saiu da sala; todos ouviram a porta da frente abrir, mas Duda não se mexeu e, após alguns poucos passos hesitantes, tia Petúnia parou também.
– Que foi agora? – vociferou tio Válter, reaparecendo à porta.
Aparentemente, Duda lutava com conceitos demasiado difíceis para expressar em palavras. Passados vários segundos de um conflito interior visivelmente doloroso, ele perguntou:
– Mas aonde ele está indo?
Tia Petúnia e tio Válter se entreolharam. Era óbvio que Duda estava apavorando os pais. Héstia Jones rompeu o silêncio.
– Mas... certamente o senhor sabe aonde está indo o seu sobrinho, não? – perguntou, demonstrando perplexidade.
– Certamente que sabemos – retrucou Válter Dursley. – Está indo embora com uns tipos da sua laia, não é? Certo, Duda, vamos para o carro, você ouviu o que o homem disse, estamos com pressa.
Mais uma vez, Válter Dursley se dirigiu resolutamente à porta da frente, mas Duda não o acompanhou.
– Indo embora com uns tipos da *nossa* laia?
Héstia pareceu ultrajada. Harry já vira essa reação antes: bruxos se mostrarem perplexos ao constatar que os parentes vivos mais próximos tivessem tão pouco interesse no famoso Harry Potter.
– Tudo bem – Harry tranquilizou-a. – Não faz diferença, sinceramente.
– Não faz diferença? – repetiu Héstia, sua voz se alteando ameaçadoramente. – Essas pessoas não entendem o que você tem sofrido? O perigo em que se encontra? A posição única que você ocupa no coração dos que militam no movimento anti-Voldemort?
– Ah... não, não entendem – respondeu Harry. – Na verdade, acham que sou um desperdício de espaço, mas estou acostumado...
– Eu não acho que você seja um desperdício de espaço.

Se Harry não tivesse visto a boca do garoto mexer, talvez não tivesse acreditado. Tendo visto, entretanto, ficou olhando para Duda durante vários segundos antes de aceitar, por um detalhe, que devia ter sido o primo quem falara: seu rosto avermelhara. E Harry estava, ele próprio, sem graça e pasmo.

– Ãh... obrigado, Duda.

Novamente, Duda pareceu lutar com pensamentos demasiado difíceis, antes de murmurar:

– Você salvou a minha vida.

– Não foi bem assim. Era a sua alma que o dementador queria...

Harry olhou com curiosidade para o primo. Eles virtualmente não tinham tido contato durante este verão ou o anterior, porque ele voltara à rua dos Alfeneiros por poucos dias e ficara em seu quarto a maior parte do tempo. Ocorria-lhe agora, porém, que a xícara de chá em que pisara aquela manhã talvez não tivesse sido uma armadilha. Embora bastante comovido, sentiu-se aliviado ao constatar que Duda aparentemente esgotara sua capacidade de expressar sentimentos. Depois de abrir a boca mais uma ou duas vezes, o primo mergulhou em ruborizado silêncio.

Tia Petúnia rompeu em lágrimas. Héstia Jones lhe lançou um olhar de aprovação que se transformou em revolta quando a mulher se adiantou rapidamente e abraçou Duda em vez de Harry.

– Que amor, Dudoca... – soluçou ela encostada no largo peito do filho –, q-que beleza de g-garoto... ag-gradecendo...

– Mas ele não agradeceu! – exclamou Héstia, indignada. – Ele só disse que não achava que Harry fosse um desperdício de espaço!

– É, mas, vindo de Duda, isto equivale a dizer “eu te amo” – explicou Harry, dividido entre a contrariedade e a vontade de rir, quando tia Petúnia continuou agarrada a Duda como se ele tivesse acabado de salvar Harry de um prédio em chamas.

– Então, vamos ou não vamos? – urrou tio Válter, reaparecendo à porta da sala de estar. – Pensei que estávamos em cima da hora!

– Claro... claro, estamos – respondeu Dédalo Diggle, que parara diante dessa troca de palavras com ar de estupefação, e agora parecia ter voltado ao normal. – Realmente precisamos ir, Harry...

O bruxo se adiantou aos tropeços e apertou a mão de Harry entre as suas.

– ... boa sorte. Espero que voltemos a nos encontrar. Você carrega nos ombros as esperanças do mundo bruxo.

– Ah, certo. Obrigado.

– Adeus, Harry – disse Héstia, também apertando sua mão. – Os nossos pensamentos o acompanharão.

– Espero que tudo corra bem – disse Harry, lançando um olhar a Petúnia e Duda.

– Ah, tenho certeza que vamos acabar nos tornando os melhores amigos – disse Diggle animado, acenando com a cartola ao sair da sala. Héstia acompanhou-o.

Duda se soltou gentilmente das garras da mãe e se adiantou para Harry, que precisou conter o impulso de ameaçá-lo com um feitiço. Então, o primo estendeu a manzorra rosada.

– Caramba, Duda – disse Harry, sobrepondo-se aos renovados soluços de tia Petúnia –, será que os dementadores sopraram para dentro de você uma nova personalidade?

– Sei lá – murmurou Duda. – A gente se vê, Harry.

– É – respondeu Harry, apertando a mão do primo e sacudindo-a. – Quem sabe. Se cuida, Dudão.

Duda quase sorriu e em seguida saiu, desajeitado, da sala. Harry ouviu seus passos pesados na entrada de saibro, então a porta de um carro bateu.

Tia Petúnia, cujo rosto estivera enfiado no lenço, olhou para os lados ao ouvir a batida. Pelo jeito, não esperava se ver sozinha com Harry. Guardando apressada o lenço molhado no bolso, disse:

– Bom... adeus. – E dirigiu-se resoluta à porta, sem olhar para o sobrinho.

– Adeus – respondeu Harry.

Ela parou e olhou para trás. Por um momento, Harry teve a estranhíssima sensação de que ela queria lhe dizer alguma coisa: a tia lhe lançou um olhar estranho e trêmulo que pareceu oscilar à beira da fala, então, com um movimento brusco da cabeça, saiu apressada da sala para se reunir ao marido e ao filho.

— CAPÍTULO QUATRO —

Os Sete Potter

Harry voltou correndo ao seu quarto, chegando ainda em tempo de ver o carro dos Dursley se afastar rua acima. Avistou, ainda, a cartola de Dédalo Diggle entre Petúnia e Duda, no banco traseiro. O veículo virou à direita, no fim da rua dos Alfeneiros, suas janelas se avermelharam por um momento ao sol poente, e, então, desapareceu.

Harry apanhou a gaiola de Edwiges, a Firebolt e a mochila, lançou um último olhar ao quarto anormalmente arrumado e, então, desceu desajeitado para o hall, onde pousou a gaiola, a vassoura e a mochila próximos ao pé da escada. A claridade diminuía rapidamente, o hall enchia-se de sombras crepusculares. Parecia muito estranho ficar parado ali, naquele silêncio, sabendo que ia sair de casa pela última vez. Anos atrás, quando os Dursley o deixavam sozinho e iam se divertir, as horas de solidão tinham se constituído num presente raro: parando apenas para furtar alguma guloseima da geladeira, ele corria escada acima para brincar com o computador de Duda, ou ligar a televisão e trocar de canal à vontade. Dava-lhe um estranho vazio lembrar aqueles tempos: era como lembrar um irmão mais moço que tivesse perdido.

– Não quer dar uma última olhada na casa? – perguntou a Edwiges, que continuava aborrecida com a cabeça sob a asa. – Nunca mais viremos aqui. Você não quer lembrar os bons tempos? Isto é, olhe só para esse capacho. Que recordações... Duda vomitou aí depois que o salvei dos dementadores... Ele acabou me agradecendo, dá para acreditar?... E no verão passado, Dumbledore entrou por essa porta...

Harry perdeu por um instante o fio dos pensamentos, mas Edwiges não fez nada para ajudá-lo a retomar seu discurso e continuou parada na mesma posição. Harry virou as costas para a porta da frente.

– E aqui embaixo, Edwiges – Harry abriu uma porta sob a escada –, é onde eu costumava dormir! Você nem me conhecia na época... caramba, eu tinha

esquecido como é apertado...

Harry correu o olhar pelos sapatos e guarda-chuvas empilhados, lembrando-se de que acordava toda manhã encarando o “avesso” dos degraus da escada, que muito frequentemente estavam enfeitados com uma ou duas aranhas. Naquele tempo, desconhecia sua verdadeira identidade, e ainda não descobrira como os pais tinham morrido nem a razão de coisas tão estranhas sempre acontecerem ao seu redor. Harry ainda lembrava os sonhos que o perseguiam, mesmo naquela época: sonhos confusos que incluíam clarões verdes e, uma vez – tio Válter quase batera com o carro quando lhe contara um deles –, uma moto voadora...

Um ronco repentino e ensurdecedor ecoou perto dali. Harry se endireitou abruptamente e bateu com o cocuruto no portal baixo. Parando apenas para dizer alguns dos palavrões mais enfáticos aprendidos com o tio, saiu cambaleando até a cozinha com as mãos na cabeça e espiou o quintal pela janela.

A escuridão parecia estar ondulando, o ar estremecia. Então, uma a uma, as pessoas começaram a aparecer instantaneamente à medida que se desfaziam os Feitiços da Desilusão. Dominando a cena, ele viu Hagrid, de capacete e óculos de proteção, montando uma gigantesca motocicleta com um *sidecar* preto. A toda volta, outras pessoas desmontavam de vassouras e, em dois casos, de cavalos alados negros e esqueletais.

Abrindo com violência a porta dos fundos, Harry correu para o centro do círculo. Ergueu-se um grito de boas-vindas enquanto Hermione abria os braços para ele, Rony lhe dava um tapinha nas costas e Hagrid perguntava:

– Tudo bem, Harry? Pronto para o bota-fora?

– Com certeza – respondeu, incluindo todos em um grande sorriso. – Mas eu não estava esperando tanta gente!

– Mudança de planos – rosnou Olho-Tonto, que segurava duas sacas grandes e cheias e cujo olho mágico girava do céu do anoitecer para a casa e dali para o jardim, com estonteante rapidez. – Vamos entrar antes de lhe explicar tudo.

Harry conduziu-os à cozinha onde, rindo e tagarelando, eles se acomodaram em cadeiras, sentaram-se nas reluzentes bancadas da tia Petúnia ou se encostaram em seus imaculados eletrodomésticos: Rony, magro e comprido; Hermione com os cabelos bastos presos às costas em uma longa trança; Fred e Jorge, com sorrisos idênticos; Gui, cheio de cicatrizes e cabelos longos; o sr. Weasley, o rosto bondoso, os cabelos rareando, os óculos meio tortos; Olho-Tonto, cansado de guerra, perneta, o olho mágico azul girando na órbita; Tonks, cujos cabelos curtos estavam pintados no rosa berrante de que tanto gostava; Lupin, mais grisalho, mais enrugado; Fleur, esguia e linda com seus longos cabelos louros platinados; Kingsley, careca, negro, os ombros largos; Hagrid, de barba e cabelos sem trato, curvando-se para não bater a cabeça no teto; e

Mundungo Fletcher, franzino, sujo e trapaceiro, com aqueles olhos caídos de basset hound e os cabelos empastados. O coração de Harry pareceu crescer e se iluminar ao vê-los; gostava incrivelmente de todos, até de Mundungo, que ele tentara estrangular da última vez que o encontrara.

– Kingsley, pensei que você estivesse cuidando do primeiro-ministro trouxa, não? – perguntou do lado oposto da cozinha.

– Ele pode passar sem mim por uma noite – respondeu. – Você é mais importante.

– Harry, adivinha? – falou Tonks, empoleirada sobre a máquina de lavar roupa, acenando os dedos da mão esquerda para ele; brilhava ali uma aliança.

– Você se casou? – gritou Harry, seu olhar correndo da auror para Lupin.

– Que pena que você não pôde assistir, Harry, foi superíntimo.

– Genial, meus para...

– Tudo bem, tudo bem, teremos tempo depois para pôr as novidades em dia! – rugiu Moody, abafando a algazarra, e fez-se silêncio na cozinha. O bruxo largou as sacas junto aos pés e se virou para Harry. – Dédalo provavelmente lhe disse que tivemos de abandonar o plano A. Pio Thicknesse passou-se para o outro lado, o que nos causou um grande problema. Decretou que são transgressões puníveis com prisão ligar esta casa à Rede de Flu, criar uma Chave de Portal, aparatar ou desaparatar aqui. Tudo em nome de sua maior proteção, para impedir que Você-Sabe-Quem chegue a você. Coisa absolutamente sem sentido, uma vez que o feitiço de sua mãe já se encarrega disso. Na realidade, o que ele fez foi impedi-lo de sair daqui em segurança.

"Segundo problema: você é menor de idade, o que significa que ainda tem um rastreador."

– Não estou...

– O rastreador, o rastreador! – interrompeu-o Olho-Tonto com impaciência. – O feitiço que detecta atividades mágicas em torno de menores de dezessete anos, e que permite ao Ministério descobrir quando um menor faz uso da magia! Se você, ou alguém ao seu redor, lançar um feitiço para tirá-lo daqui, Thicknesse saberá, e os Comensais da Morte também.

"Não podemos esperar o rastreador caducar, porque, no momento em que você completar dezessete anos, perderá toda a proteção que sua mãe lhe deu. Em resumo: Pio Thicknesse acha que o encurralou de vez."

Harry não pôde senão concordar com o desconhecido, o tal Thicknesse.

– Então, que vamos fazer?

– Vamos usar os únicos meios de transporte que nos restaram, os únicos que o rastreador não poderá detectar, porque não precisamos lançar feitiços para usar: vassouras, testrálios e a moto do Hagrid.

Harry percebia falhas nesse plano; contudo, calou-se para dar a Olho-Tonto a chance de continuar.

– Ora, o feitiço de sua mãe só se desfará sob duas condições: quando você se tornar maior ou – Moody fez um gesto abrangendo a cozinha impecável – quando deixar de chamar este lugar de lar. Hoje à noite você e seus tios vão seguir caminhos separados, concordando plenamente que jamais voltarão a viver juntos, certo?

Harry assentiu.

– Então desta vez, quando você sair, não haverá retorno, e o feitiço se desfará no momento em que deixar o âmbito desta casa. Decidimos desfazer o feitiço antes, porque a alternativa é esperar Você-Sabe-Quem entrar e capturá-lo no momento em que completar dezessete anos.

"A única coisa que temos a nosso favor é que Você-Sabe-Quem ignora que estamos transferindo você hoje à noite. Deixamos vazar uma pista falsa no Ministério: acham que você vai esperar até o dia trinta. Ainda assim, estamos lidando com Você-Sabe-Quem, portanto não podemos confiar que ele se deixe enganar com a data; certamente, por precaução, terá alguns Comensais da Morte patrulhando o céu desta área. Então, equipamos umas doze casas diferentes com toda a proteção que é possível lhes dar. Todas aparentam ser aquela em que vamos escondê-lo, todas têm alguma ligação com a Ordem: minha casa, a do Kingsley, a de Muriel, tia de Molly... entende a ideia."

– Entendo – confirmou Harry, com pouca sinceridade, porque ainda era capaz de ver um enorme furo nesse plano.

– Você vai para a casa dos pais de Tonks. Uma vez dentro dos limites dos feitiços protetores que lançamos sobre a casa, poderá usar uma Chave de Portal para A Toca. Alguma pergunta?

– Ah... sim – respondeu Harry. – Talvez eles não saibam para qual das doze casas seguras eu irei primeiro, mas não ficará meio óbvio – e ele fez uma rápida contagem das cabeças – quando catorze de nós voarmos para a casa dos pais de Tonks?

– Ah – disse Moody –, me esqueci de mencionar o principal. Os catorze não irão voar para a casa dos pais de Tonks. Haverá sete Harry Potter deslocando-se pelo céu hoje à noite, cada um deles com um companheiro, cada par rumando para uma casa segura diferente.

De dentro do casaco, Moody tirou um frasco contendo um líquido que parecia lama. Ele não precisou acrescentar mais nada: Harry entendeu o restante do plano imediatamente.

– Não! – exclamou alto, sua voz ressoando pela cozinha. – Nem pensar!

– Eu avisei a eles que essa seria a sua reação – disse Hermione com um ar

indulgente.
– Se vocês acham que vou deixar seis pessoas arriscarem a vida...!
– ... porque é a primeira vez para todos nós – interpôs Rony.
– Isto é diferente, fingir ser eu...
– Bom, nenhum de nós gostou muito da ideia, Harry – disse Fred, sério. – Imagine se alguma coisa der errado e continuarmos para o resto da vida retardados, magricelas e “ocludos”.
Harry não sorriu.
– Não poderão fazer isso se eu não cooperar, precisarão que eu ceda uns fios de cabelo.
– Então, lá se vai o plano por água abaixo – comentou Jorge. – É óbvio que não há a menor possibilidade de arranjar fios dos seus cabelos, a não ser que você colabore.
– É, treze de nós contra um cara proibido de usar magia; não temos a menor chance – acrescentou Fred.
– Engraçado – disse Harry. – Realmente hilário.
– Se tivermos que usar a força, usaremos – rosnou Moody, seu olho mágico agora estremecendo um pouco na órbita ao encarar Harry com severidade. – Todos aqui são maiores de idade, Potter, e todos estão dispostos a se arriscar.
Mundungo sacudiu os ombros e fez uma careta; o olho mágico virou de esguelha pelo lado da cabeça de Moody para repreendê-lo.
– Não vamos continuar a discutir. O tempo está passando. Quero alguns fios de cabelo seus, moleque, agora.
– Isto é loucura, não há necessidade...
– Não há necessidade! – rosnou Moody. – Com Você-Sabe-Quem aí fora e metade do Ministério do lado dele? Potter, se dermos sorte, ele terá engolido a pista falsa e estará planejando emboscar você no dia trinta, mas ele será doido se não mantiver um ou dois Comensais da Morte vigiando. É o que eu faria. Talvez eles não possam atingir você nem esta casa enquanto o feitiço de sua mãe estiver em vigor, mas está prestes a caducar e eles têm uma ideia geral de sua localização. A nossa única chance é usar chamarizes. Nem mesmo Você-Sabe-Quem é capaz de se dividir em sete.
O olhar de Harry encontrou o de Hermione e desviou-se rapidamente.
– Portanto, Potter, uns fios do seu cabelo, por gentileza.
Harry olhou para Rony, que fez uma careta como se dissesse “dá logo”.
– Agora! – vociferou Moody.
Com todos os olhares convergindo para ele, Harry levou a mão ao topo da cabeça, agarrou um punhado de fios e arrancou-os.
– Ótimo – disse Moody, mancando até ele e puxando a tampa do frasco de

poção. – Aqui dentro, por gentileza.
Harry deixou cair os fios no líquido cor de lama. No instante em que o cabelo tocou a sua superfície, a poção começou a espumar e fumegar e, instantaneamente, se tornou límpida e dourada.
– Ah, você parece muito mais gostoso que o Crabbe ou o Goyle, Harry – comentou Hermione antes de notar as sobrancelhas erguidas de Rony e, corando levemente, acrescentou –, ah, você entendeu o que eu quis dizer, a poção de Goyle lembrava um bicho-papão.
– Certo, então, os falsos Potter alinhem-se do lado de cá, por favor – pediu Moody.
Rony, Hermione, Fred, Jorge e Fleur se enfileiraram à frente da reluzente pia de tia Petúnia.
– Falta um – disse Lupin.
– Aqui – respondeu Hagrid rispidamente, e, erguendo Mundungo pelo cangote, largou-o ao lado de Fleur, que enrugou o nariz deliberadamente e foi se postar entre Fred e Jorge.
– Eu lhe disse que preferia ser guarda – reclamou Mundungo.
– Cala a boca – rosnou Moody. – Como já lhe expliquei, seu verme invertebrado, quaisquer Comensais da Morte que encontrarmos tentarão capturar Potter, e não matá-lo. Dumbledore sempre disse que Você-Sabe-Quem iria querer liquidar Potter pessoalmente. Serão os guardas que terão de se preocupar mais, os Comensais da Morte tentarão eliminá-los.
Mundungo não pareceu muito tranquilo, mas Moody já tinha tirado de dentro da capa meia dúzia de cálices, que distribuiu após servir em cada um a dose da Poção Polissuco.
– Todos juntos, então...
Rony, Hermione, Fred, Jorge, Fleur e Mundungo beberam. Todos ofegaram e fizeram caretas quando a poção chegou à garganta: imediatamente, suas feições começaram a borbulhar e distorcer como cera quente. Hermione e Mundungo cresceram de repente; Rony, Fred e Jorge encolheram; seus cabelos escureceram, os de Hermione e Fleur pareceram reentrar na cabeça.
Moody, indiferente, começou a soltar os cordões das enormes sacas que trouxera: quando tornou a se aprumar, havia seis Harry Potter exclamando ofegantes diante dele.
Fred e Jorge se viraram um para o outro e disseram juntos:
– Uau... estamos idênticos!
– Não sei, não, acho que estou mais bonito – comentou Fred, examinando seu reflexo na chaleira.
– Bah! – exclamou Fleur, mirando-se na porta do micro-ondas –, Gui, nam

olhe parra mim: estam horrenda.
– Se as roupas ficarem largas em vocês, há tamanhos menores aqui – disse Moody, indicando a primeira saca –, e vice-versa. Não esqueçam os óculos, há seis pares no bolso lateral. E depois de se vestirem, a bagagem está na segunda saca.
O verdadeiro Harry achou que aquela talvez fosse a cena mais bizarra que já presenciara na vida, e já vira coisas extremamente exóticas. Observou seus seis duplos mexerem na saca de roupa, tirar trajes completos, pôr os óculos e guardar as próprias coisas. Teve vontade de pedir que demonstrassem um pouco mais de respeito por sua intimidade quando começaram a se despir sem censura, visivelmente mais à vontade em desnudar o seu corpo do que estariam com os próprios corpos.
– Eu sabia que Gina estava mentindo sobre aquela tatuagem – disse Rony, olhando para o próprio peito nu.
– Harry, a sua visão é ruim mesmo – comentou Hermione, ao colocar os óculos.
Uma vez vestidos, os falsos Harry Potter tiraram da segunda saca mochilas e gaiolas de coruja, cada uma contendo uma alvíssima coruja empalhada.
– Ótimo – aprovou Moody, quando, por fim, os sete Harry vestidos, equipados com óculos e bagagem, se viraram para ele. – Os pares serão os seguintes: Mundungo irá viajar comigo de vassoura...
– Por que vou com você? – protestou o Harry mais perto da porta dos fundos.
– Porque você é o único que precisa de vigilância – rosnou Moody, e, de fato, seu olho mágico não se desviou de Mundungo enquanto continuava –, Arthur e Fred...
– Eu sou Jorge – disse o gêmeo para quem Moody estava apontando. – Você não consegue nos distinguir nem quando somos Harry?
– Desculpe, Jorge...
– Eu só estou zoando você, na verdade sou o Fred...
– Chega de brincadeiras! – rosnou Moody. – O outro... Fred ou Jorge, seja lá quem for, você vai com Remo. Srta. Delacour...
– Vou levar Fleur em um testrálio – disse Gui. – Ela não gosta muito de vassouras.
Fleur foi para junto dele, lançando-lhe um olhar apaixonado e servil que Harry desejou de todo o coração que jamais voltasse a aparecer em seu rosto.
– Srta. Granger com Kingsley, também em um testrálio...
Hermione pareceu mais tranquila ao retribuir o sorriso de Kingsley; Harry sabia que a amiga também não se sentia segura em uma vassoura.
– E você sobra para mim, Rony! – comentou Tonks animada, derrubando um

porta-canecas ao acenar para ele.
Rony não pareceu tão satisfeito quanto Hermione.
– E você vai comigo, Harry. É isso? – perguntou Hagrid, parecendo um pouco ansioso. – Iremos de moto. Vassouras e testrálios não aguentam o meu peso, entende. Não sobra muito espaço depois que eu me sento, então você irá no *sidecar*.
– Beleza – disse Harry, sem muita sinceridade.
– Achamos que os Comensais da Morte esperarão que você esteja voando em uma vassoura – explicou Moody, que pareceu perceber o que Harry estava sentindo. – Snape já teve tempo suficiente para acabar de informar a eles tudo que sabe sobre você, por isso, se toparmos com Comensais, apostamos que irão escolher um Harry que pareça à vontade montando uma vassoura. Muito bem, então – continuou Moody, amarrando a saca com as roupas falsas de Harry e saindo primeiro para o quintal. – Calculo que faltem três minutos para o nosso horário de partida. Não adianta trancar a porta dos fundos, não vai segurar os Comensais da Morte quando vierem procurar você... Vamos...
Harry correu ao hall para apanhar sua mochila, a Firebolt e a gaiola de Edwiges antes de se reunir aos outros no quintal escuro. A toda volta, vassouras saltaram para as mãos dos donos; Kingsley já tinha ajudado Hermione a montar um grande testrálio negro; e Gui ajudou Fleur. Hagrid estava pronto ao lado da moto, com os óculos de proteção.
– É essa? A moto de Sirius?
– A própria – respondeu Hagrid, sorrindo para Harry. – E a última vez em que a montou, Harry, você cabia em uma das minhas mãos!
Harry não pôde deixar de se sentir um pouquinho humilhado ao embarcar no *sidecar*. Isto o colocava vários metros abaixo dos demais: Rony deu um sorrisinho debochado ao ver o amigo sentado ali, como uma criança em um carrinho de parque de diversões. Harry empurrou a mochila e a vassoura para o lugar dos pés e encaixou a gaiola de Edwiges entre os joelhos. Ficou extremamente desconfortável.
– Arthur andou fazendo uns ajustes – contou Hagrid, indiferente ao desconforto de Harry. Montou, então, a moto que rangeu um pouco e afundou alguns centímetros no solo. – Agora tem uns botões especiais no guidão. Esse aí foi minha ideia. – Hagrid apontou com o grosso dedo um botão roxo junto ao velocímetro.
– Por favor, tenha cuidado, Hagrid – recomendou o sr. Weasley, que estava parado ao lado deles, segurando a vassoura. – Ainda não tenho certeza se é aconselhável, e certamente só deve ser usado em emergências.
– Muito bem, então – anunciou Moody. – Todos a postos, por favor; quero que

todos saiam exatamente na mesma hora, ou invalidamos a ideia de despistamento.
Todos montaram as vassouras.
– Segure-se firme agora, Rony – disse Tonks, e Harry viu o amigo lançar um olhar furtivo e culpado a Lupin antes de colocar as mãos na cintura da bruxa. Hagrid deu partida na moto, que roncou como um dragão e o *sidecar* começou a vibrar.
– Boa sorte a todos! – gritou Moody. – Vejo vocês dentro de uma meia hora n'A Toca. Quando eu contar três. Um... dois... TRÊS.
Ouviu-se o estrondo da moto, e Harry sentiu o *sidecar* avançar assustadoramente; estavam levantando voo em alta velocidade, seus olhos lacrimejavam um pouco, os cabelos foram varridos para trás. À sua volta, as vassouras subiam também: a cauda longa e negra de um testrálio ultrapassou-o. As pernas do garoto, entaladas no *sidecar* pela gaiola de Edwiges e a mochila, já estavam doendo e começando a ficar dormentes. Seu desconforto era tão grande que ele quase se esqueceu de lançar um último olhar ao número quatro da rua dos Alfeneiros; quando finalmente olhou pelo lado do *sidecar*, já não sabia distinguir qual era a casa. Eles foram subindo, sem parar, em direção ao céu...
Então, de repente, sem ninguém saber de onde nem como, eles se viram cercados. No mínimo uns trinta vultos encapuzados pairavam no ar, formando um vasto círculo no meio do qual entraram os membros da Ordem, sem perceber...
Gritos, clarões verdes para todo lado: Hagrid soltou um berro e a moto virou de cabeça para baixo. Harry perdeu a noção de onde estavam: lampiões de rua no alto, berros à sua volta, ele agarrado ao *sidecar,* como se disso dependesse sua vida. A gaiola de Edwiges, a Firebolt e a mochila escorregaram de baixo dos seus joelhos...
– Não...! EDWIGES!
A vassoura girou em direção ao solo, mas ele conseguiu, por um triz, agarrar a alça da mochila e a gaiola quando a moto voltou à posição normal. Um segundo de alívio e outro clarão verde. A coruja soltou um grito agudo e tombou no chão da gaiola.
– Não... NÃO!
A moto avançava veloz; de relance, Harry viu Comensais da Morte encapuzados se dispersarem quando Hagrid rompeu o seu círculo.
– Edwiges... *Edwiges*...
A coruja, porém, continuou no chão da gaiola, imóvel e patética como um brinquedo. Harry não conseguia acreditar, e sentiu um supremo terror pelos companheiros. Espiou rapidamente por cima do ombro e viu uma massa de gente

se deslocando, clarões verdes, dois pares montados em vassouras se distanciavam, mas não sabia dizer quem eram...

– Hagrid, temos que voltar, temos que voltar! – berrou para sobrepor a voz ao ronco atroante do motor, empunhou a varinha, empurrou a gaiola de Edwiges para o chão, se recusando a aceitar que estivesse morta. – Hagrid, DÊ MEIA-VOLTA!

– Minha obrigação é levar você em segurança, Harry! – berrou Hagrid, acelerando.

– Pare... PARE! – gritou Harry. Quando tornou a olhar para trás, dois jorros de luz verde passaram voando por sua orelha esquerda: quatro Comensais da Morte tinham deixado o círculo e vinham em sua perseguição, fazendo pontaria nas largas costas de Hagrid. O bruxo se desviou, mas os Comensais emparelharam com a moto; lançaram mais feitiços contra eles, e Harry teve que se abaixar para evitá-los. Torcendo-se para trás, ordenou "*Estupefaça!*", e um raio de luz vermelha partiu de sua varinha, abrindo uma brecha entre os quatro perseguidores, ao se dispersarem para evitar ser atingidos.

– Segure-se, Harry, isso acabará com eles – rugiu Hagrid, e Harry ergueu os olhos bem em tempo de ver o amigo meter o dedo grosso em um botão verde ao lado do medidor de gasolina.

Uma parede, uma parede maciça de tijolos irrompeu do cano de escape. Espichando o pescoço, Harry a viu expandir-se no ar. Três dos Comensais da Morte se desviaram para evitá-la, mas o quarto não teve tanta sorte: desapareceu e em seguida despencou como uma pedra por trás da parede, sua vassoura despedaçada. Um dos companheiros diminuiu a velocidade para socorrê-lo, mas eles e a parede voadora foram engolidos pela escuridão quando Hagrid se inclinou por cima do guidão e acelerou.

Mais Maldições da Morte lançadas pelos dois Comensais sobreviventes voaram pelos lados da cabeça de Harry, mirando Hagrid. Harry respondeu com Feitiços Estuporantes; vermelho e verde colidiam no ar produzindo uma chuva de faíscas multicoloridas, e o garoto pensou intempestivamente em fogos de artifício, e nos trouxas lá embaixo que não fariam ideia do que estava acontecendo...

– Lá vamos nós outra vez, Harry, segure-se – berrou Hagrid, apertando um segundo botão. Desta vez saiu uma rede pelo escape, mas os Comensais da Morte estavam preparados. Não só se desviaram, como o que havia desacelerado para salvar o amigo inconsciente os alcançou: brotou inesperadamente da escuridão e agora três deles vinham em perseguição da moto, todos disparando feitiços.

– Isso vai resolver, Harry, segure firme! – berrou Hagrid, e o garoto o viu

bater com a mão espalmada no botão roxo ao lado do velocímetro.

Com um urro inconfundível, o fogo de dragão, incandescente e azul, jorrou pelo escape e a moto arrancou com a velocidade de uma bala produzindo um som metálico. Harry viu os Comensais da Morte desaparecerem para evitar a trilha mortífera de chamas e ao mesmo tempo sentiu o *sidecar* sacudir sinistramente: as ligações metálicas que o prendiam à moto racharam com a violência da aceleração.

– Tudo bem, Harry! – berrou Hagrid, empurrado para trás pelo ímpeto da moto; ninguém controlava agora, e o *sidecar* começou a se retorcer violentamente no jato de ar que a moto deslocava.

“Estou alerta, Harry, não se preocupe!”, berrou Hagrid, e, do bolso do blusão, ele tirou o guarda-chuva cor-de-rosa e florido.

– Hagrid! Não! Deixa comigo!

– REPARO!

Ouviu-se um estampido ensurdecedor e o *sidecar* se soltou completamente: Harry disparou para a frente, impulsionado pela velocidade da moto, então o *sidecar* começou a perder altura...

Desesperado, Harry apontou a varinha para o carro e gritou:

– *Wingardium Leviosa!*

O *sidecar* subiu como uma rolha, desgovernada, mas, pelo menos, no ar. Seu alívio, porém, durou apenas segundos: mais feitiços passaram por ele como raios, os três Comensais da Morte agora mais próximos.

– Estou chegando, Harry! – gritou Hagrid da escuridão, mas o garoto sentiu o *sidecar* recomeçar a afundar: agachando-se o mais baixo que podia, apontou para os vultos que se aproximavam e berrou: – *Impedimenta!*

O feitiço atingiu no peito o Comensal do centro. Por um instante, o homem abriu absurdamente braços e pernas no ar, como se tivesse batido contra uma barreira invisível: um dos seus companheiros quase se chocou com ele...

Então o *sidecar* começou de fato a cair e um dos Comensais disparou um feitiço tão perto de Harry que ele precisou se encolher abaixo da borda do *sidecar*, e perdeu um dente ao bater contra o assento...

– Estou indo, Harry, estou indo!

Uma mão descomunal agarrou as vestes do garoto pelas costas e guindou-o para fora do *sidecar* em mergulho irreversível; Harry puxou para si a mochila ao se arrastar para o assento da moto e se viu sentado de costas para Hagrid. Ao ganharem altitude, afastando-se dos dois Comensais da Morte restantes, o garoto cuspiu o sangue da boca, e, apontando a varinha para o *sidecar* que caía, gritou:

– *Confringo!*

Sentiu uma dor terrível como se lhe arrancassem as entranhas quando

Edwiges explodiu; o Comensal mais próximo foi arrancado da vassoura e saiu do campo de visão de Harry; o companheiro recuou e desapareceu.

– Harry, me desculpe, me desculpe – gemeu Hagrid. – Eu devia ter tentado consertar o *sidecar*... você ficou sem espaço...

– Isto não é problema, continue voando! – gritou Harry em resposta, no momento em que mais dois Comensais da Morte emergiam da escuridão e vinham em sua direção.

Quando os feitiços cortaram o espaço entre eles, Hagrid se desviou e ziguezagueou; Harry sabia que o amigo não ousaria usar novamente o botão do fogo de dragão, com ele sentado sem a menor segurança. Disparou um Feitiço Estuporante atrás do outro contra os perseguidores, mal conseguindo mantê-los a distância. Disparou outro feitiço para detê-los: o Comensal mais próximo desviou-se e seu capuz caiu, e, à luz vermelha do Feitiço Estuporante seguinte, Harry reconheceu o estranho rosto vidrado de Stanislau Shunpike, o Lalau...

– *Expelliarmus!* – berrou Harry.

– É ele, é ele, o verdadeiro!

O grito do Comensal encapuzado chegou aos ouvidos de Harry apesar do ronco da moto: no momento seguinte, mais dois perseguidores tinham recuado e desaparecido de vista.

– Harry, que aconteceu? – berrou Hagrid. – Onde eles se meteram?

– Não sei!

Harry, porém, teve medo: o Comensal encapuzado gritara "é o verdadeiro"; como soubera? Correu os olhos pela escuridão aparentemente vazia e sentiu o perigo. Onde estavam? Ele se virou no assento para ficar de frente e se agarrou nas costas do blusão de Hagrid.

– Hagrid, use o fogo do dragão outra vez, vamos dar o fora daqui.

– Segure-se bem, então, Harry!

Ouviu-se uma trovoada metálica e ensurdecedora e o fogo branco-azulado jorrou do escape: o garoto sentiu que estava escorregando para trás no pouco assento que lhe cabia, Hagrid foi atirado para cima dele, mal conseguindo manter as mãos no guidão...

– Acho que despistamos eles, Harry, acho que conseguimos! – berrou Hagrid.

Harry, contudo, não se convenceu: o medo o envolvia enquanto olhava à direita e à esquerda, à procura dos perseguidores e seguro de que viriam... Por que teriam recuado? Um deles ainda segurava a varinha... "*É ele, é ele, o verdadeiro*"... tinham exclamado logo depois que ele tentara desarmar Lalau...

– Estamos quase chegando, Harry, estamos quase conseguindo! – gritou Hagrid.

Harry sentiu a moto perder um pouco de altitude, embora as luzes em terra

ainda parecessem estrelas remotas.
Então a cicatriz em sua testa ardeu em brasa: dois Comensais apareceram dos lados da moto, duas Maldições da Morte lançadas por trás passaram a milímetros do garoto...
Então Harry o viu. Voldemort vinha voando como fumaça ao vento, sem vassoura nem testrálio para sustentá-lo, seu rosto ofídico brilhando na escuridão, seus dedos brancos erguendo mais uma vez a varinha... Hagrid soltou um urro amedrontado e mergulhou a moto verticalmente. Segurando-se como se a vida dependesse disso, Harry disparou Feitiços Estuporantes a esmo para a noite vertiginosa. Viu um corpo passar por ele e soube que tinha atingido alguém, mas, em seguida, ouviu um estampido e viu saírem faíscas do motor; a moto entrou em uma espiral descendente, completamente descontrolada...
Jatos de luz verde tornaram a passar por eles. Harry estava totalmente desorientado: sua cicatriz continuava a queimar; esperou morrer a qualquer segundo. Uma figura encapuzada em uma vassoura vinha a centímetros dele, o garoto viu-a erguer o braço...
– NÃO!
Com um grito de fúria, Hagrid se atirou da moto contra o Comensal da Morte; para seu horror, Harry viu os dois bruxos caírem e desaparecer, seus pesos somados excessivos para a vassoura...
Mal se segurando na moto com os joelhos, Harry ouviu Voldemort gritar:
– *Meu!*
Era o fim: ele não ouvia nem via onde Voldemort estava; de relance, percebeu outro Comensal da Morte fazer uma curva para se afastar do caminho e ouviu: *Avada...*
Quando a dor forçou-o a fechar os olhos, sua varinha agiu por vontade própria. Sentiu-a arrastar seu braço como um enorme magneto, pelas pálpebras entreabertas viu um jorro de fogo dourado, ouviu um estalido e um grito de fúria. O Comensal da Morte restante urrou; Voldemort berrou:
– *NÃO!*
De algum modo, Harry se deu conta de que estava com o nariz a dois centímetros do botão do fogo de dragão; socou-o com a mão livre e a moto disparou mais chamas no ar, precipitando-se para o solo.
– Hagrid! – chamou Harry, se segurando com força à moto. – Hagrid... *Accio Hagrid!*
A moto acelerou, puxada para a terra. Com o rosto ao nível do guidão, Harry nada via exceto luzes distantes que se aproximavam sem parar: ele ia bater e não havia nada que pudesse fazer. Atrás dele, outro grito...
– *Sua varinha, Selwyn, me dê sua varinha!*

Harry sentiu Voldemort antes de vê-lo. Olhando de esguelha, ele deparou com os olhos vermelhos e teve certeza de que seria a última coisa que veria na vida: Voldemort preparando-se para amaldiçoá-lo.

Então o lorde sumiu. Harry olhou para baixo e viu Hagrid de pernas e braços abertos no chão: puxou com força o guidão para evitar bater nele, tateou à procura do freio, mas, com um estrondo de furar os tímpanos e uma colisão de fazer o chão tremer, a moto bateu com grande impacto em um laguinho lamacento.

— CAPÍTULO CINCO —

O guerreiro caído

– Hagrid?

Harry lutou para levantar-se dos destroços de metal e couro que o cercavam; suas mãos afundaram em centímetros de água lamacenta quando tentou ficar de pé. Não conseguia entender aonde fora Voldemort, e esperava, a qualquer momento, vê-lo descer da escuridão. Alguma coisa quente e molhada escorria-lhe do queixo e da testa. Ele se arrastou para fora do laguinho e cambaleou até a grande massa escura no chão, que era Hagrid.

– Hagrid? Hagrid, fala comigo...

Mas a massa escura não se mexeu.

– Quem está aí? É o Potter? Você é Harry Potter?

Harry não reconheceu a voz do homem. Então uma mulher gritou:

– Eles sofreram um acidente, Ted! Caíram no jardim!

A cabeça de Harry estava rodando.

– Hagrid – repetiu, abobado, e seus joelhos cederam.

Quando voltou a si, estava deitado de costas no que lhe pareciam almofadas, com uma sensação de queimação nas costelas e no braço direito. Seu dente partido rebrotara. A cicatriz na testa ainda latejava.

– Hagrid?

Harry abriu os olhos e viu que estava deitado em um sofá, em uma sala iluminada e desconhecida. Sua mochila estava no chão a uma pequena distância, molhada e suja de lama. Um homem louro, barrigudo, observava-o com ansiedade.

– Hagrid está bem, filho – disse o homem. – Minha mulher está cuidando dele agora. Como está se sentindo? Mais alguma coisa quebrada? Consertei suas costelas, seu dente e seu braço. A propósito, sou Ted, Ted Tonks, o pai de Dora.

Harry se sentou depressa demais: as luzes piscaram diante dos seus olhos e ele se sentiu enjoado e tonto.

– Voldemort...
– Tenha calma – disse Ted Tonks, apoiando a mão no seu ombro e empurrando-o contra as almofadas. – Você acabou de sofrer um acidente sério. Afinal, que aconteceu? Alguma coisa enguiçou na moto? Arthur Weasley exagerou outra vez, ele e suas geringonças de trouxas?
– Não – respondeu Harry, sentindo a cicatriz latejar como uma ferida aberta. – Comensais, montes deles... fomos perseguidos...
– Comensais? – interrompeu-o Ted. – Você quer dizer, Comensais da Morte? Pensei que não soubessem que você ia ser transferido hoje à noite, pensei...
– Eles sabiam.
Ted Tonks olhou para o teto como se pudesse ver o céu lá fora.
– Ora, então sabemos que os nossos feitiços de proteção funcionam, não? Não deveriam poder chegar a novecentos metros deste lugar em qualquer direção.
Harry compreendeu, então, por que Voldemort desaparecera; tinha sido no ponto em que a moto cruzou a barreira de feitiços da Ordem. Sua esperança era que continuassem a funcionar: ele imaginou o lorde a novecentos metros de altura, enquanto conversavam, procurando um modo de penetrar o que Harry visualizou como uma imensa bolha transparente.
O garoto pôs as pernas para fora do sofá; precisava ver Hagrid com seus próprios olhos para acreditar que o amigo continuava vivo. Mal se levantara, porém, a porta se abriu e Hagrid se espremeu por ela, o rosto coberto de lama e sangue, mancando um pouco, mas milagrosamente vivo.
– Harry!
Derrubando duas frágeis mesas e uma aspidistra, o gigante cobriu a distância que os separava em dois passos e puxou o garoto para um abraço que quase partiu suas costelas recém-emendadas.
– Caramba, Harry, como foi que você se safou? Pensei que nós dois estávamos ferrados.
– Eu também. Nem acredito...
Harry se calou: acabava de notar a mulher que entrara na sala depois de Hagrid.
– Você! – gritou ele, enfiando a mão no bolso, mas encontrou-o vazio.
– Sua varinha está aqui, filho – disse Ted, batendo de leve em seu braço com o objeto. – Caiu bem do seu lado, e eu a recolhi. E essa com quem você está gritando é a minha mulher.
– Ah, me... me desculpe.
Quando a bruxa se adiantou, a semelhança da sra. Tonks com a irmã, Belatriz, se tornou menos acentuada: o castanho dos seus cabelos era suave e claro, e seus olhos maiores e mais bondosos. Contudo, ela pareceu um pouco arrogante ao

ouvir a exclamação de Harry.
– Que aconteceu com a nossa filha? – perguntou ela. – Hagrid me contou que vocês foram vítimas de uma emboscada; onde está Ninfadora?
– Não sei – respondeu Harry. – Não sabemos o que aconteceu com mais ninguém.
A bruxa e o marido se entreolharam. Uma mescla de medo e culpa se apoderou de Harry ao ver as expressões em seus rostos; se algum dos outros tivesse morrido, ele seria o culpado, o único culpado. Consentira que executassem o plano, dera-lhes fios de cabelo...
– A Chave de Portal – lembrou-se ele, subitamente. – Temos que voltar À Toca e descobrir... poderemos, então, mandar avisá-los, ou... ou Tonks virá avisar se...
– Dora ficará bem, Drômeda – tranquilizou-a Ted. – Ela conhece o ofício, já esteve em muitas situações críticas com os aurores. A Chave de Portal é por aqui – acrescentou ele para Harry. – Deve partir em três minutos, se quiserem pegá-la.
– Queremos. – Harry apanhou a mochila, atirou-a sobre os ombros. – Eu...
Olhou, então, para a sra. Tonks, querendo se desculpar pelo medo que lhe infundira e por tudo por que se sentia profundamente responsável, mas não lhe ocorreram palavras que não parecessem vazias e insinceras.
– Direi a Tonks... Dora... para avisar, quando ela... obrigado pelos consertos, obrigado por tudo. Eu...
Harry ficou satisfeito de sair da sala e acompanhar Ted Tonks por um pequeno corredor que dava acesso a um quarto. Hagrid acompanhou-os, abaixando-se bem para evitar bater a cabeça na moldura superior da porta.
– Aí está, filho. A Chave de Portal.
O sr. Tonks apontava para uma pequena escova de cabelos com o cabo de prata que se encontrava em cima da penteadeira.
– Obrigado – disse Harry, esticando-se para colocar um dedo no objeto, pronto para partir.
– Espere um instante – disse Hagrid, olhando para os lados. – Harry, cadê Edwiges?
– Ela... ela foi atingida.
A percepção da realidade desabou sobre ele: sentiu-se envergonhado, as lágrimas queimaram seus olhos. A coruja sempre fora sua companheira, sua única e importante ligação com o mundo da magia, sempre que se via obrigado a retornar à casa dos Dursley.
Hagrid estendeu a enorme mão e deu-lhe uma dolorosa palmada nas costas.
– Não fique assim – disse, rouco. – Não fique assim. Ela teve uma vida boa e longa.

– Hagrid! – exclamou Ted, alertando-o quando a escova se iluminou com uma forte luz azul, e Hagrid só teve tempo para encostar o dedo nela.

Sentindo um puxão por dentro do umbigo como se um anzol invisível o arrastasse para a frente, Harry foi sugado para o vazio, e rodopiou inerte, o dedo preso na Chave de Portal, enquanto ele e Hagrid eram arremessados para longe da casa do sr. Tonks. Segundos depois, os seus pés bateram em solo firme e ele caiu de quatro no quintal d'A Toca. Ouviu gritos. Atirando para um lado a escova que já não luzia, Harry se ergueu, um pouco tonto, e viu a sra. Weasley e Gina descerem correndo a escada da entrada dos fundos enquanto Hagrid, que também desmontara à chegada, levantava-se com dificuldade do chão.

– Harry? Você é o Harry verdadeiro? Que aconteceu? Onde estão os outros?! – exclamou a sra. Weasley.

– Como assim? Ninguém mais voltou? – ofegou Harry.

A resposta estava claramente estampada no rosto pálido da sra. Weasley.

– Os Comensais da Morte estavam à nossa espera – contou-lhe Harry. – Fomos cercados no instante em que levantamos voo... eles sabiam que era hoje... não sei o que aconteceu com os outros. Quatro Comensais vieram atrás de nós, só pudemos escapar, então Voldemort nos alcançou...

Ele percebia o tom de autojustificação em sua voz, a súplica para que ela compreendesse por que ele não sabia o que tinha acontecido com os seus filhos, mas...

– Graças aos céus vocês estão bem – disse ela, puxando-o para um abraço que ele não achava merecer.

– Você não teria conhaque aí, teria, Molly? – perguntou Hagrid um pouco abalado. – Para fins medicinais?

A sra. Weasley poderia ter conjurado a bebida usando magia, mas quando entrou, apressada, na casa torta, Harry percebeu que ela queria esconder o rosto. Virou, então, para Gina que respondeu imediatamente ao seu mudo pedido de informação.

– Rony e Tonks deviam ter voltado primeiro, mas perderam a hora da Chave de Portal, que chegou sem eles – disse ela, apontando para uma lata de óleo enferrujada ali perto no chão. – E aquela outra – Gina apontou para um velho tênis de escola – era a de papai e Fred, que deviam ser os segundos. Você e Hagrid eram os terceiros e – consultando o relógio – se conseguirem, Jorge e Lupin devem chegar no próximo minuto.

A sra. Weasley reapareceu trazendo uma garrafa de conhaque, que entregou a Hagrid. O gigante desarrolhou-a e tomou a bebida de um gole.

– Mamãe! – gritou Gina, apontando para um lugar a vários passos de distância.

Uma luz azul brilhou na escuridão: foi crescendo e se intensificando, Lupin e Jorge apareceram aos rodopios e, em seguida, caíram no chão. Harry percebeu imediatamente que havia alguma coisa errada: Lupin vinha carregando Jorge, que estava inconsciente e tinha o rosto ensanguentado.

Harry correu para os dois e segurou as pernas do rapaz. Juntos, ele e Lupin carregaram Jorge para dentro de casa, e da cozinha para a sala de visitas, onde o deitaram no sofá. Quando a luz do candeeiro iluminou a cabeça dele, Gina prendeu a respiração e o estômago de Harry revirou: Jorge perdera uma das orelhas. O lado de sua cabeça e o pescoço estavam empapados de sangue espantosamente vermelho.

Nem bem a sra. Weasley se curvou para o filho, Lupin segurou Harry pelo braço e arrastou-o, sem muita gentileza, de volta à cozinha, onde Hagrid continuava tentando passar o corpanzil pela porta dos fundos.

– Ei! – exclamou Hagrid indignado. – Solte ele! Solte o braço de Harry!

Lupin não lhe deu atenção.

– Que criatura estava em um canto na primeira vez que Harry Potter visitou o meu escritório em Hogwarts? – perguntou ele, dando uma sacudidela no garoto. – Responda!

– Um... um *grindylow* em um tanque, não era?

Lupin soltou Harry e recuou de encontro ao armário da cozinha.

– Que foi isso? – rugiu Hagrid.

– Desculpe, Harry, mas eu precisava verificar – disse Lupin tenso. – Fomos traídos. Voldemort sabia que íamos transferir você hoje à noite, e as únicas pessoas que poderiam ter-lhe contado estavam participando diretamente do plano. Você poderia ser um impostor.

– Então, por que não está me testando? – arquejou Hagrid, ainda lutando para passar pela porta.

– Você é meio gigante – respondeu Lupin, erguendo os olhos para Hagrid. – A Poção Polissuco foi concebida apenas para uso humano.

– Ninguém da Ordem contou a Voldemort que ia ser hoje – disse Harry: achava a ideia medonha demais para atribuí-la a qualquer deles. – Voldemort só me alcançou quase no fim, não sabia qual era o Harry. Se estivesse por dentro do plano, teria sabido desde o início que eu estava com Hagrid.

– Voldemort o alcançou? – perguntou Lupin bruscamente. – Que aconteceu? Como foi que você escapou?

Harry explicou brevemente que os Comensais da Morte que vieram em seu encalço pareceram reconhecer que ele era o verdadeiro. Depois, abandonaram a perseguição e foram avisar Voldemort, que apareceu pouco antes de ele e Hagrid chegarem ao santuário da casa dos pais de Tonks.

– Eles reconheceram você? Mas como? Que foi que você fez?
– Eu... – Harry tentou lembrar-se; a viagem toda parecia-lhe um borrão de pânico e confusão. – Eu vi Lalau Shunpike... sabe o condutor do Nôitibus? E tentei desarmá-lo em vez de... bem, ele não sabe o que faz, não é? Deve estar sob o efeito de uma Maldição Imperius.
Lupin se horrorizou.
– Harry, o tempo de desarmar alguém já acabou! Essa gente está tentando capturar você para matá-lo! Pelo menos estupore, se não está preparado para matar!
– Estávamos à grande altitude! Lalau não estava normal, e se fosse estuporado teria caído e morrido como se eu tivesse usado o *Avada Kedavra*! O *Expelliarmus* me salvou de Voldemort dois anos atrás – acrescentou Harry, em tom de desafio. Lupin estava lhe lembrando o desdenhoso Zacarias Smith da Lufa-Lufa, que debochara de Harry por ter querido ensinar a Armada de Dumbledore a desarmar.
– É verdade, Harry – disse Lupin, contendo-se a custo. – E um grande número de Comensais da Morte presenciaram o acontecido. Perdoe-me, mas foi uma tática muito insólita para alguém usar sob iminente risco de vida. Repeti-la hoje à noite, diante de Comensais da Morte, que ou presenciaram ou ouviram contar sobre aquela primeira ocasião, foi quase suicídio!
– Então você acha que eu devia ter matado Lalau Shunpike? – indagou Harry enraivecido.
– Claro que não, mas os Comensais, e francamente a maior parte das pessoas, esperariam que você contra-atacasse. *Expelliarmus* é um feitiço útil, Harry, mas os Comensais da Morte começam a achar que tem a sua assinatura, e insisto que você não deixe isso se confirmar!
Lupin estava fazendo Harry se sentir idiota, contudo, ainda restava no garoto certa vontade de desafiar.
– Não vou eliminar as pessoas só porque estão no meu caminho. Esse é o ofício de Voldemort.
A resposta de Lupin se perdeu. Tendo finalmente conseguido se espremer pela porta, Hagrid cambaleou até uma cadeira, que desabou sob seu peso. Sem dar atenção aos seus xingamentos e pedidos de desculpas, Harry tornou a se dirigir a Lupin.
– Jorge vai ficar bom?
Toda a frustração de Lupin com relação a Harry pareceu se esgotar ao ouvir a pergunta.
– Acho que sim, embora não haja possibilidade de se recompor a orelha, não quando foi decepada com um feitiço.

Ouviram passos do lado de fora. Lupin precipitou-se para a porta; Harry pulou por cima das pernas de Hagrid e correu para o quintal.

Dois vultos tinham se materializado ali, e ao correr ao seu encontro, Harry percebeu que eram Hermione, agora retomando sua aparência normal, e Kingsley, ambos agarrados a um cabide de casacos, amassado. Hermione atirou-se nos braços de Harry, mas Kingsley não demonstrou prazer algum ao vê-los. Por cima do ombro de Hermione, Harry o viu erguer a varinha e apontá-la para o peito de Lupin.

– Quais foram as últimas palavras de Alvo Dumbledore para nós dois?

– "Harry é a melhor esperança que temos. Confie nele" – respondeu Lupin calmamente.

Kingsley apontou a varinha para Harry, mas Lupin disse:

– É ele mesmo, já verifiquei.

– Tudo bem, tudo bem! – concluiu Kingsley, guardando a varinha sob a capa. – Mas alguém nos traiu! Eles sabiam, sabiam que era hoje à noite!

– É o que parece – replicou Lupin –, mas aparentemente não sabiam que haveria sete Harrys.

– Grande consolo! – rosnou Kingsley. – Quem mais voltou?

– Só Harry, Hagrid, Jorge e eu.

Hermione abafou um gemido com a mão.

– Que aconteceu com você? – Lupin perguntou a Kingsley.

– Fui seguido por cinco, feri dois, talvez tenha matado um – enumerou o auror. – E vimos Você-Sabe-Quem, ele se juntou aos Comensais mais ou menos no meio da perseguição, mas desapareceu em seguida. Remo, ele é capaz de...

– Voar – completou Harry. – Eu o vi também, veio atrás de mim e Hagrid.

– Então foi por isso que sumiu: para seguir você! – concluiu Kingsley. – Não consegui entender por que tinha desistido. Mas o que o levou a mudar de alvo?

– Harry foi bondoso demais com Lalau Shunpike – disse Lupin.

– Lalau? – repetiu Hermione. – Pensei que ele estava em Azkaban, não?

Kingsley deu uma risada sem graça.

– Obviamente, Hermione, houve uma fuga em massa que o Ministério abafou. O capuz de Travers caiu quando eu o amaldiçoei, ele deveria estar preso também. Mas que aconteceu com você, Remo? Onde está Jorge?

– Perdeu uma orelha – informou-o Lupin.

– Perdeu uma...? – repetiu Hermione com a voz esganiçada.

– Obra de Snape – disse Lupin.

– *Snape?* – gritou Harry. – Você não disse...

– Ele perdeu o capuz durante a perseguição. O *Sectumsempra* sempre foi uma especialidade de Snape. Eu gostaria de poder dizer que lhe paguei na mesma

moeda, mas pude apenas manter Jorge montado na vassoura depois que foi ferido, estava perdendo muito sangue.

O silêncio se abateu sobre os quatro ao erguerem os olhos para o céu. Não havia sinal de movimento; as estrelas retribuíram seu olhar, sem piscar, indiferentes, sem sombra de amigos em voo. Onde estava Rony? Onde estavam Fred e o sr. Weasley? Onde estavam Gui, Fleur, Tonks, Olho-Tonto e Mundungo?

– Harry, me ajuda aqui! – chamou Hagrid, rouco, da porta na qual tornara a se entalar. Feliz de ter o que fazer, Harry empurrou-o e depois atravessou a cozinha para voltar à sala de visitas, onde a sra.Weasley e Gina ainda cuidavam de Jorge. A sra. Weasley estancara a hemorragia e, à luz do candeeiro, Harry viu um buraco aberto onde antes havia uma orelha.

– Como está ele?

A sra. Weasley se virou para responder:

– Não posso recompor uma orelha que foi decepada por Artes das Trevas. Mas poderia ter sido muito pior... ele está vivo.

– Graças a Deus – disse Harry.

– Ouvi a voz de mais alguém no quintal? – perguntou Gina.

– Hermione e Kingsley.

– Felizmente – sussurrou Gina. Os dois se entreolharam; Harry teve vontade de abraçá-la, não largá-la mais; nem se importava que a sra. Weasley estivesse presente, mas, antes que pudesse dar vazão a esse impulso, ouviram um grande estrondo na cozinha.

– Vou provar quem sou, Kingsley, depois que vir o meu filho, agora saia da frente se sabe o que é bom para você!

Harry nunca ouvira o sr. Weasley gritar assim. O bruxo irrompeu na sala, a careca brilhando de suor, os óculos tortos, Fred em seus calcanhares, os dois pálidos e ilesos.

– Arthur! – soluçou a sra. Weasley. – Graças aos céus!

– Como é que ele está?

O sr. Weasley ajoelhou-se ao lado de Jorge. Pela primeira vez desde que Harry o conhecia, Fred parecia não saber o que dizer. De pé, atrás do sofá, olhava boquiaberto para o ferimento do irmão gêmeo como se não conseguisse acreditar no que via.

Despertado talvez pelo barulho da chegada de Fred e do pai, Jorge se mexeu.

– Como está se sentindo, Jorginho? – sussurrou a sra. Weasley.

O rapaz levou os dedos ao lado da cabeça.

– Mouco – murmurou.

– Que é que ele tem? – perguntou Fred lugubremente, com um ar aterrorizado.

– A perda afetou o cérebro dele?
– Mouco – repetiu Jorge, abrindo os olhos e erguendo-os para o irmão. – Entende... Surdo e oco, Fred, sacou?
A sra. Weasley soluçou mais forte que nunca. A cor inundou o rosto pálido de Fred.
– Patético – respondeu Fred ao irmão. – Patético! Com um mundo de piadas sobre ouvidos para escolher, você me sai com “mouco”?
– Ah, bem – disse Jorge, sorrindo para a mãe debulhada em lágrimas. – Agora você vai poder distinguir quem é quem, mamãe.
Ele olhou para os lados.
– Oi Harry... você é o Harry, certo?
– Sou – respondeu Harry, aproximando-se do sofá.
– Bom, pelo menos você voltou inteiro – comentou Jorge. – Por que Rony e Gui não estão rodeando o meu leito de enfermo?
– Ainda não voltaram, Jorge – disse a sra. Weasley. O sorriso de Jorge desapareceu. Harry olhou para Gina e fez sinal para que o acompanhasse ao quintal. Ao passarem pela cozinha, a garota comentou em voz baixa:
– Rony e Tonks já deviam ter voltado. A viagem não era demorada; a casa de tia Muriel não é tão longe daqui.
Harry não respondeu. Desde que chegara À Toca tinha procurado afastar o medo, mas agora o sentimento o envolveu, pareceu deslizar por sua pele, vibrar em seu peito, obstruir sua garganta. Quando desceram os degraus para o quintal escuro, Gina segurou sua mão.
Kingsley estava dando grandes passadas para lá e para cá, olhando para o céu cada vez que completava uma volta. Harry se lembrou do tio Válter fazendo o mesmo na sala de estar, há milhões de anos. Hagrid, Hermione e Lupin se achavam parados, ombro a ombro, contemplando o céu em silêncio. Nenhum deles se virou quando Harry e Gina se uniram à sua muda vigília.
Os minutos se prolongaram como se fossem anos. O mais leve sopro de vento os sobressaltava e os fazia virar para o arbusto ou árvore que farfalhava, na esperança de que algum membro da Ordem, ainda ausente, saltasse ileso da folhagem...
Então uma vassoura se materializou diretamente sobre eles, e, como um raio, foi em direção ao chão...
– São eles! – gritou Hermione.
Tonks fez uma longa derrapagem que levantou terra e pedras para todo lado.
– Remo! – gritou ela ao descer entorpecida da vassoura para os braços de Lupin. O rosto do marido estava sério e pálido: parecia incapaz de falar. Rony desmontou tonto e saiu aos tropeços ao encontro de Harry e Hermione.

– Você está bem – murmurou ele, antes de Hermione se precipitar para ele e abraçá-lo com força.
– Pensei... pensei...
– Tô inteiro – disse Rony, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Tô inteiro.
– Rony foi o máximo – comentou Tonks calorosamente, soltando Lupin. – Fantástico. Estuporou um dos Comensais da Morte direto na cabeça, e olha que quando se está mirando um alvo móvel montado em uma vassoura...
– Você fez isso? – perguntou Hermione, olhando para Rony ainda com os braços em seu pescoço.
– Sempre o tom de surpresa – disse o garoto se desvencilhando, rabugento. – Somos os últimos a chegar?
– Não – disse Gina –, ainda estamos esperando Gui e Fleur e Olho-Tonto e Mundungo. Vou avisar mamãe e papai de que você está bem, Rony...
Ela correu para dentro de casa.
– Então, qual foi a razão do atraso? Que aconteceu? – Lupin perguntou a Tonks quase zangado.
– Belatriz – respondeu ela. – Me quer tanto quanto quer o Harry, Remo, fez tudo para me matar. Eu gostaria de tê-la acertado, fiquei devendo. Mas, definitivamente, ferimos Rodolfo... então chegamos à casa da tia de Rony, Muriel, onde perdemos a nossa Chave de Portal, e ela ficou nos paparicando...
Um músculo tremia no queixo de Lupin. Ele assentiu, mas parecia incapaz de dizer qualquer outra coisa.
– E que aconteceu com vocês? – perguntou Tonks, virando-se para Harry, Hermione e Kingsley.
Eles contaram o que acontecera em suas jornadas, mas todo o tempo a ausência continuada de Gui, Fleur, Olho-Tonto e Mundungo parecia recobrilos como gelo, a frialdade a cada momento mais difícil de ignorar.
– Vou ter que voltar à residência do primeiro-ministro. Já deveria ter chegado lá há uma hora – disse Kingsley por fim, após esquadrinhar o céu uma última vez. – Avisem quando eles chegarem.
Lupin assentiu. Com um aceno para os demais, Kingsley se afastou no escuro em direção ao portão. Harry pensou ter ouvido um levíssimo estalido quando Kingsley desaparatou pouco além do perímetro d'A Toca.
O sr. e a sra. Weasley desceram correndo os degraus dos fundos, seguidos por Gina, e abraçaram Rony antes de falarem com Lupin e Tonks.
– Obrigada – disse a sra. Weasley –, pelos nossos filhos.
– Não seja boba, Molly – protestou Tonks na mesma hora.
– Como está Jorge? – perguntou Lupin.
– Que aconteceu com ele? – esganiçou-se Rony.

– Perdeu...
O final da frase da sra. Weasley, porém, foi abafado por uma gritaria geral: um testrálio acabara de surgir no céu e aterrissar a pouca distância do grupo. Gui e Fleur desceram do animal, descabelados pelo vento, mas ilesos.
– Gui! Graças a Deus, graças a Deus...
A sra. Weasley se adiantou para o casal, mas o abraço que Gui lhe concedeu foi superficial. Olhando diretamente para o pai, comunicou:
– Olho-Tonto morreu.
Ninguém falou, ninguém se mexeu. Harry sentiu que alguma coisa dentro dele estava caindo, atravessando a terra, deixando-o para sempre.
– Vimos acontecer – continuou Gui; Fleur confirmou com a cabeça, lágrimas brilhantes escorrendo por suas faces à claridade da janela da cozinha. – Foi logo depois que rompemos o cerco: Olho-Tonto e Dunga estavam perto de nós, rumando também para o norte. Voldemort, que é capaz de voar, partiu direto para cima deles. Dunga entrou em pânico, ouvi-o gritar, Olho-Tonto tentou fazê-lo parar, mas ele desaparatou. A maldição de Voldemort atingiu Olho-Tonto em cheio no rosto, ele caiu da vassoura e... nada pudemos fazer, nada, havia meia dúzia deles nos perseguindo...
A voz de Gui quebrou.
– Claro que você não poderia ter feito nada – disse Lupin.
Todos pararam, se entreolhando. Harry não conseguia absorver. Olho-Tonto morto; não podia ser... Olho-Tonto, tão resistente, tão corajoso, um perfeito sobrevivente...
Por fim, as pessoas começaram a compreender, embora ninguém falasse, que não havia mais razão para continuar aguardando no quintal e, em silêncio, eles acompanharam o sr. e a sra. Weasley de volta à casa e à sala de visitas, onde Fred e Jorge riam juntos.
– Que aconteceu? – perguntou Fred, vendo os rostos das pessoas à medida que entravam. – Que aconteceu? Quem...?
– Olho-Tonto – disse o sr. Weasley. – Morto.
As risadas dos gêmeos se transformaram em caretas de sobressalto. Ninguém parecia saber o que fazer. Tonks chorava silenciosamente, levando o lenço ao rosto: Harry sabia que ela fora muito chegada a Olho-Tonto, sua aluna favorita e protegida no Ministério da Magia. Hagrid, que se sentara no chão, a um canto mais espaçoso, enxugava os olhos com um lenço do tamanho de uma toalha de mesa.
Gui foi ao aparador e apanhou uma garrafa de uísque de fogo e alguns copos.
– Peguem – disse ele e, com um aceno da varinha, lançou no ar doze copos cheios, um para cada pessoa, mantendo o décimo terceiro no ar. – A Olho-Tonto.

– A Olho-Tonto – disseram todos, e beberam.
– A Olho-Tonto – secundou Hagrid, atrasado com um soluço.
O uísque de fogo queimou a garganta de Harry: deu a impressão de instilar sentimento, dissipar a insensibilidade e a sensação de irrealidade, despertar nele algo semelhante à coragem.
– Então Mundungo desapareceu? – disse Lupin, que bebera todo o uísque de um gole.
Houve uma mudança instantânea na atmosfera. Todos pareceram se tensionar e observar Lupin, dando a Harry a impressão de que desejavam que ele continuasse a falar e, ao mesmo tempo, receavam o que poderiam ouvir.
– Sei o que está pensando – disse Gui –, e me ocorreu o mesmo pensamento quando estava voltando para cá, porque eles pareciam estar nos esperando, não é? Mas Mundungo não poderia ter nos traído. Eles não sabiam que haveria sete Harrys, isto os confundiu no instante em que aparecemos, e, caso tenham esquecido, foi Mundungo que sugeriu esse pequeno ardil. Por que omitiria esse ponto essencial para os Comensais? Acho que Dunga entrou em pânico, foi só. Primeiro não queria ir, mas Olho-Tonto o obrigou, e Você-Sabe-Quem investiu direto contra os dois: isto é suficiente para fazer qualquer um entrar em pânico.
– Você-Sabe-Quem agiu exatamente como Olho-Tonto previu – disse Tonks, fungando. – Olho-Tonto disse que ele calcularia que o verdadeiro Harry estaria com os aurores mais fortes e capazes. Perseguiu, primeiro, Olho-Tonto, e, quando Mundungo os denunciou, virou-se para Kingsley...
– É, tude stá muite bem – retrucou Fleur –, mes inde nam exxplique come sabiem qu’ iamos trransferrir Arry hoje à noite. Alguém foi descuidade. Alguém deixou scapar a date prra um strranhe. É a unique explicaçon prra eles conhecerrem a data mas nam o plane tode.
Ela olhou séria para todos, os filetes de lágrimas ainda visíveis em seu belo rosto, desafiando silenciosamente que alguém a contradissesse. Ninguém o fez. O único som a romper o silêncio foi a tosse de Hagrid, abafada por seu lenço. Harry olhou para o gigante, que acabara de arriscar a vida para salvá-lo – Hagrid a quem ele amava, em quem confiava, que no passado tinha caído em uma esparrela e dado a Voldemort uma informação crítica em troca de um ovo de dragão...
– Não – disse Harry em voz alta, e todos olharam para ele surpresos: o uísque de fogo aparentemente amplificara sua voz. – Quero dizer... se alguém errou – continuou Harry – e deixou escapar alguma coisa, sei que não errou por mal. Não é culpa dele – repetiu outra vez, um pouco mais alto do que teria normalmente falado. – Temos que confiar uns nos outros. Eu confio em todos vocês, acho que nenhum dos presentes nesta sala me venderia a Voldemort.

Às suas palavras, seguiu-se mais silêncio. Todos olhavam para ele; Harry sentiu-se um pouco mais acalorado e bebeu um pouco mais de uísque de fogo para se ocupar. Ao beber, pensou em Olho-Tonto. O auror sempre ironizara a disposição de Dumbledore para confiar nas pessoas.

– Muito bem falado, Harry – disse Fred, inesperadamente.

– É, apoiado, apoiado – emendou Jorge, com um meio relance para Fred, cujo canto da boca tremeu. Lupin tinha uma estranha expressão no rosto quando olhou para Harry: beirava a piedade.

– Você acha que sou tolo? – perguntou-lhe Harry.

– Não, acho que você é igual ao Tiago – respondeu Lupin –, que teria considerado a maior desonra desconfiar dos amigos.

Harry sabia a que Lupin estava se referindo: que seu pai fora traído pelo amigo Pedro Pettigrew. Sentiu-se irracionalmente irritado. Queria discutir, mas Lupin lhe deu as costas, descansou o copo em uma mesinha lateral e se dirigiu a Gui.

– Temos trabalho a fazer. Posso perguntar a Kingsley se...

– Não – Gui o interrompeu. – Eu farei, eu irei.

– Aonde estão indo? – perguntaram Tonks e Fleur ao mesmo tempo.

– O corpo de Olho-Tonto – explicou Lupin. – Precisamos resgatá-lo.

– Não podem... – começou a sra. Weasley, lançando um olhar suplicante a Gui.

– Esperar? – perguntou Gui. – Não, a não ser que a senhora prefira que os Comensais da Morte o levem.

Todos se calaram. Lupin e Gui se despediram e saíram.

Os que tinham ficado agora se sentaram, todos exceto Harry, que continuou de pé. A repentinidade e completude da morte dominava a atmosfera da sala como uma presença.

– Eu tenho que ir também – anunciou Harry.

Dez pares de olhos assustados o olharam.

– Não seja tolo, Harry – disse a sra. Weasley. – Que está dizendo?

– Não posso ficar aqui.

Ele esfregou a testa: voltara a formigar; não doía assim havia mais de um ano.

– Todos vocês correm perigo enquanto eu estiver aqui. Não quero...

– Mas não seja tolo! – protestou a sra. Weasley. – A razão do que fizemos hoje à noite foi trazê-lo para cá em segurança e, graças aos céus, conseguimos. Fleur concordou em casar aqui, em vez de na França, já providenciamos tudo para que possamos ficar juntos e cuidar de você...

Ela não compreendia; estava fazendo Harry se sentir pior e não melhor.

– Se Voldemort descobrir que estou aqui...

– Mas por que descobriria? – perguntou a sra. Weasley.

– Há outros doze lugares onde você poderia estar agora, Harry – lembrou o sr. Weasley. – Ele não tem como saber para qual das casas protegidas você foi.

– Não é comigo que estou preocupado! – contrapôs o garoto.

– Nós sabemos – replicou o sr. Weasley em voz calma. – Mas, se você for embora, teremos a sensação de que os nossos esforços desta noite foram inúteis.

– Você não vai a lugar nenhum – rosnou Hagrid. – Caramba, Harry, depois de tudo que passamos para trazer você para cá?

– É, e a minha orelha sangrenta? – acrescentou Jorge, erguendo-se nas almofadas.

– Sei que...

– Olho-Tonto não iria querer isso...

– EU SEI! – berrou Harry.

Ele se sentiu pressionado e chantageado: será que pensavam que ignorava o que tinham feito por ele, não compreendiam que essa era exatamente a razão por que queria partir, antes que sofressem mais por sua causa? Houve um longo silêncio de constrangimento, em que sua cicatriz continuou a formigar e a latejar, e que foi, por fim, rompido pela sra. Weasley.

– Onde está Edwiges, Harry? – perguntou ela, querendo agradá-lo. – Podemos colocá-la com Pichitinho e lhe dar alguma coisa para comer.

As entranhas dele se contraíram como um punho. Não podia contar a verdade. Bebeu o resto do uísque de fogo para evitar responder.

– Espere até espalharem que você conseguiu novamente, Harry – disse Hagrid. – Escapou dele, o repeliu quando estava em cima de você!

– Não fui eu – negou Harry categoricamente. – Foi a minha varinha. Minha varinha agiu sozinha.

Passados alguns momentos, Hermione argumentou gentilmente:

– Mas isso é impossível, Harry. Você quer dizer que usou a magia sem querer; reagiu instintivamente.

– Não – respondeu Harry. – A moto estava caindo, eu não saberia dizer onde estava Voldemort, mas a minha varinha rodou a minha mão, localizou-o e disparou um feitiço, e não foi um feitiço que eu conhecesse. Nunca fiz aparecer labaredas douradas antes.

– Muitas vezes – disse o sr. Weasley –, quando o bruxo está em uma situação crítica, é possível ele produzir feitiços com que nunca sonhou. Isso acontece muitas vezes com as crianças, antes de terem estudado...

– Não foi assim – retrucou Harry com os dentes cerrados. Sua cicatriz estava queimando: ele sentia raiva e frustração; odiava a ideia de que o imaginassem dotado de um poder equiparável ao de Voldemort.

Todos se calaram. Harry sabia que não estavam acreditando nele. Agora, porém, lhe ocorria que nunca ouvira falar de uma varinha que fizesse gestos de magia por conta própria.

Sua cicatriz queimava barbaramente: só havia uma coisa que podia fazer para não gemer alto. Murmurando que ia tomar ar fresco, pousou o copo na mesa e saiu da sala.

Ao atravessar o quintal escuro, o grande testrálio ossudo ergueu a cabeça, moveu as enormes asas de morcego, depois continuou a pastar. Harry parou diante do portão que abria para o jardim e se pôs a contemplar as plantas excessivamente crescidas, esfregando a testa latejante e pensando em Dumbledore.

Dumbledore teria acreditado, disso ele tinha certeza. Dumbledore teria sabido como e por que sua varinha agira sem que a comandasse, porque Dumbledore sempre tinha as respostas; conhecia tudo sobre varinhas, explicara a Harry a estranha ligação que existia entre a sua varinha e a de Voldemort... mas Dumbledore, tal como Olho-Tonto, como Sirius, como seus pais, como sua pobre coruja, todos tinham partido para um lugar em que Harry não poderia mais falar com eles. Sentiu, então, uma ardência na garganta que não tinha qualquer relação com o uísque de fogo.

E, sem saber como, a dor em sua cicatriz atingiu o auge. Ao apertar a testa e fechar os olhos, uma voz gritou em sua cabeça.

– *Você me disse que o problema se resolveria usando a varinha de outro bruxo!*

E em sua mente irrompeu a visão de um velho emaciado, coberto de trapos sobre um piso de pedra, gritando, um grito longo e terrível, um grito de insuportável agonia...

– Não! Não! Eu lhe suplico, eu lhe suplico...

– Você mentiu para Lorde Voldemort, Olivaras!

– Não menti... Juro que não...

– Você quis ajudar Potter, ajudá-lo a escapar de mim!

– Juro que não... Acreditei que uma varinha diferente funcionaria...

– Explique então o que aconteceu. A varinha de Lúcio foi destruída!

– Não consigo entender... a ligação... existe apenas... entre as duas varinhas...

– Mentiras!

– Por favor... eu lhe suplico...

E Harry viu a mão branca erguer a varinha e sentiu a raiva maligna de Voldemort, viu o frágil velho no chão se contorcer de agonia...

– Harry?

A visão terminou tão depressa quanto surgira: Harry ficou tremendo no

escuro, agarrado ao portão do jardim, o coração disparado, a cicatriz coçando. Decorreram vários segundos até ele perceber que Rony e Hermione estavam ao seu lado.

– Harry, volte para dentro de casa – sussurrou Hermione. – Você não está pensando em ir embora mesmo, está?

– É, você tem que ficar, cara – disse Rony, batendo em suas costas.

– Você está passando bem? – perguntou Hermione, agora suficientemente perto para ver o rosto de Harry. – Está com uma cara horrível!

– Bem – respondeu Harry, trêmulo –, provavelmente estou com uma cara melhor do que Olivaras...

Quando ele terminou de contar o que vira, Rony demonstrava espanto, mas Hermione estava aterrorizada.

– Isso devia ter acabado! A sua cicatriz... não devia mais fazer isso! Você não pode deixar essa ligação reabrir: Dumbledore queria que você fechasse a mente!

Ao ver que o amigo não respondia, ela o agarrou pelo braço.

– Harry, ele está dominando o Ministério, os jornais e metade do mundo bruxo! Não deixe que ele se infiltre também em sua mente!

— CAPÍTULO SEIS —

O vampiro de pijama

O choque de perder Olho-Tonto pairou sobre a casa nos dias que se seguiram; Harry continuou na expectativa de vê-lo entrar mancando pela porta dos fundos, como os demais membros da Ordem que iam e vinham para transmitir notícias. Ele sentiu que nada, a não ser a ação, aliviaria seus sentimentos de culpa e pesar, e que deveria partir em missão para encontrar e destruir as Horcruxes, assim que possível.

– Bem, você não pode fazer nada a respeito das... – Rony enunciou a palavra *Horcruxes* – até fazer dezessete anos. Ainda tem o rastreador. E podemos planejar aqui tão bem quanto em qualquer outro lugar, não? Ou – a voz dele virou um sussurro – já tem ideia de onde estão as você-sabe-o-quê?

– Não – admitiu Harry.

– Acho que a Hermione tem feito umas pesquisas. Ela me disse que estava guardando os resultados para quando você chegasse.

Os dois estavam sentados à mesa do café da manhã; o sr. Weasley e Gui tinham acabado de sair para o trabalho, a sra. Weasley subira para acordar Hermione e Gina, e Fleur fora tomar banho.

– O rastreador perderá a validade no dia trinta e um – disse Harry. – Isto significa que só preciso ficar aqui mais quatro dias. Depois eu posso...

– Cinco dias – Rony corrigiu-o com firmeza. – Temos que ficar para o casamento. Eles nos matarão se não estivermos aqui.

Harry entendeu que o “eles” se referia a Fleur e a sra. Weasley.

– É só mais um dia – disse Rony, quando Harry pareceu se rebelar.

– Será que não compreendem como é importante...?

– Claro que não – respondeu Rony. – Não fazem a menor ideia. E agora que você tocou nesse assunto, eu queria mesmo esclarecer umas coisas.

Rony olhou para a porta que abria para o corredor a ver se a sra. Weasley já estava voltando, depois se curvou para Harry.

– Mamãe esteve tentando extrair informações de Hermione e de mim: vamos viajar para o quê. Você será o próximo, portanto prepare-se. Papai e Lupin também perguntaram, mas, quando respondemos que a recomendação de Dumbledore foi para você não comentar com ninguém exceto nós dois, eles não insistiram. Mas a mamãe, não. Ela é decidida.

As previsões de Rony se confirmaram algumas horas mais tarde. Pouco antes do almoço, a sra. Weasley afastou Harry dos outros, pedindo-lhe para identificar um pé de meia sem par que talvez tivesse caído da mochila dele. Assim que o encurralou na despensa mínima ao lado da cozinha, ela começou:

– Rony e Hermione estão achando que vocês três vão deixar Hogwarts – começou ela em um tom leve e informal.

– Ah – respondeu Harry. – Ah, é. Vamos.

O par apareceu sozinho no canto, saindo de um colete que parecia ser do sr. Weasley.

– Posso perguntar *por que* vocês vão abandonar sua educação?

– Bem, Dumbledore me deixou... umas coisas para fazer – murmurou Harry. – Rony e Hermione sabem disso, e querem vir comigo.

– Que tipo de “coisas”?

– Desculpe, mas não posso...

– Ora, francamente, acho que Arthur e eu temos o direito de saber, e tenho certeza de que o sr. e a sra. Granger concordariam comigo! – retrucou a sra. Weasley. Harry receara a estratégia dos “pais preocupados”. Fez força para encarar a senhora nos olhos, reparando, ao fazer isso, que eles tinham exatamente o mesmo tom de castanho dos de Gina. Isso não ajudou nem um pouco.

– Dumbledore não queria que mais ninguém soubesse. Sinto muito. Rony e Hermione não têm que viajar comigo, foi a opção que fizeram...

– Também não vejo por que *você* precisa ir! – retorquiu ela, abandonando todo o fingimento. – Vocês mal atingiram a maioridade, os três! É um absurdo, se Dumbledore precisava que fizessem algum serviço para ele, tinha a Ordem inteira à disposição! Harry, você deve ter entendido mal. Provavelmente ele estava falando de alguma coisa que queria que *alguém* fizesse, e você entendeu que se referia a *você*...

– Não entendi mal – respondeu Harry resoluto. – O alguém era eu.

Ele devolveu à sra. Weasley o pé de meia estampado com juncos dourados que supostamente deveria identificar.

– Não é minha, eu não torço pelo Puddlemere United.

– Ah, claro que não – disse a bruxa, com um retorno repentino e enervante ao seu tom informal. – Eu devia ter me lembrado. Então, Harry, enquanto estiver

aqui conosco, não irá se importar de ajudar nos preparativos para o casamento de Gui e Fleur, não é? Ainda falta fazer tanta coisa!

– Não... eu... claro que não – respondeu Harry, desconcertado com a súbita mudança de assunto.

– Você é muito gentil. – Ela o aprovou, sorrindo, e saiu da despensa.

Daquele momento em diante, a sra. Weasley manteve Harry, Rony e Hermione tão ocupados com os preparativos para o casamento que mal lhes sobrava tempo para pensar. A explicação mais caridosa para tal atitude seria a vontade de distraí-los para não pensarem em Olho-Tonto e nos terrores da recente viagem. Depois de dois dias limpando talheres sem parar, combinando, por cor, presentinhos para os convidados, fitas e flores, desgnomizando o jardim e ajudando a sra. Weasley a cozinhar enormes tabuleiros de petiscos, no entanto, Harry começou a suspeitar que ela tivesse um motivo diverso. Todos os serviços que distribuía pareciam manter Rony, Hermione e ele afastados um do outro; Harry não tivera oportunidade de falar a sós com os amigos desde a primeira noite, quando lhes contara que Voldemort estava torturando Olivaras.

– Acho que mamãe pensa que, se impedir vocês três de se reunirem para fazer planos, poderá adiar a sua partida – murmurou Gina para Harry, na terceira noite, quando punham a mesa para o jantar.

– E que é que ela acha que vai acontecer? – perguntou Harry no mesmo tom de voz. – Que talvez outra pessoa liquide Voldemort enquanto ela nos segura aqui preparando *vol-au-vents*?

Ele falara sem pensar e notou que o rosto de Gina ficara lívido.

– Então é verdade? É isso que vão tentar fazer?

– Eu... não... eu estava brincando – respondeu Harry, fugindo à pergunta.

Os dois se encararam, e havia algo mais do que uma forte comoção no rosto de Gina. Subitamente, Harry percebeu que era a primeira vez que ficava a sós com ela, desde as horas roubadas em lugares isolados de Hogwarts. E teve a certeza de que Gina também estava se lembrando daqueles momentos. Os dois se sobressaltaram quando a porta abriu e o sr. Weasley, Kingsley e Gui entraram.

Agora, era frequente outros membros da Ordem virem jantar, porque A Toca substituíra o largo Grimmauld nº 12 como quartel-general. O sr. Weasley explicara que, depois da morte de Dumbledore, que era o fiel do segredo, cada uma das pessoas a quem ele confiara a localização da casa se tornara, por sua vez, um fiel do segredo.

– E como somos uns vinte, isso dilui muito o poder do Feitiço Fidelius. A possibilidade de os Comensais da Morte extraírem o segredo de um deles é vinte vezes maior. Não podemos esperar que o segredo seja mantido por muito mais tempo.

– Mas, com certeza, a essa altura, Snape já terá informado aos Comensais o endereço, não? – perguntou Harry.
– Bem, Olho-Tonto preparou alguns feitiços contra Snape, caso ele voltasse a aparecer por lá. Temos esperança de que sejam suficientemente fortes para mantê-lo a distância e amarrar sua língua, se tentar falar sobre a casa, mas não podemos estar seguros. Teria sido loucura continuar a usar o local como quartel-general, agora que sua proteção se tornou tão precária.
A cozinha estava tão apinhada naquela noite que tornava difícil o uso de garfos e facas. Harry se viu espremido ao lado de Gina; as palavras não ditas que os dois haviam trocado o fez desejar que estivessem separados por mais gente. Ele fazia tanto esforço para não roçar no braço dela que mal conseguia cortar a galinha no próprio prato.
– Alguma notícia sobre Olho-Tonto? – Harry perguntou a Gui.
– Não – foi a resposta.
Não haviam realizado um funeral para Olho-Tonto porque Gui e Lupin não conseguiram resgatar o corpo. Fora difícil determinar onde poderia ter caído, por causa da escuridão e da confusão da batalha.
– O *Profeta Diário* não disse uma palavra sobre a morte dele nem sobre as buscas pelo corpo – continuou Gui. – Mas isso não quer dizer nada. O jornal tem omitido muita notícia ultimamente.
– E o Ministério, ainda não convocou uma audiência para averiguar a magia que usei ainda menor de idade para escapar dos Comensais da Morte? – Harry perguntou ao sr. Weasley, que, do outro lado da mesa, sacudiu a cabeça em resposta. – Porque sabe que não tive escolha ou porque não quer que eu conte ao mundo inteiro que Voldemort me atacou?
– Acho que a segunda hipótese. Scrimgeour não quer admitir que Você-Sabe-Quem tem tanto poder quanto ele, nem que houve uma fuga em massa em Azkaban.
– É, para que informar ao público a verdade? – protestou Harry, agarrando a faca com tanta força que as leves cicatrizes no dorso de sua mão direita se destacaram, brancas, na pele: *Não devo contar mentiras*.
– Será que não tem ninguém no Ministério disposto a enfrentá-lo? – perguntou Rony com raiva.
– Claro que tem, Rony, mas as pessoas estão aterrorizadas – respondeu o sr. Weasley –, aterrorizadas com a ideia de serem as próximas a desaparecer, e seus filhos os próximos a serem atacados! Há muitos boatos assustadores; eu, por exemplo, não acredito que a professora de Estudo dos Trouxas em Hogwarts tenha pedido demissão. Faz semanas que ninguém a vê. Nesse meio-tempo, Scrimgeour passa o dia trancado no escritório: só espero que esteja preparando

algum plano.
Fez-se uma pausa em que a sra. Weasley, com um gesto da varinha, pôs os pratos usados no aparador e serviu a torta de maçã.
– *Prrecisamos rresolverr o disfarrce que você vai usarr, Arry* – disse Fleur depois da sobremesa. – *No casamente* – acrescentou, quando ele pareceu não entender. – *Naturralmente, nam tam Comensais da Morte entrre nosses convidades, mas nam posse garrantirr que nam falem demais depois de tomarrem champanhe.*
Ao que Harry deduziu que ela ainda suspeitava de Hagrid.
– É, uma boa lembrança – disse a sra. Weasley da cabeceira da mesa onde estava, os óculos encarrapitados na ponta do nariz, passando em revista uma enorme lista de tarefas que anotara em um longo pergaminho. – Então, Rony, já limpou o seu quarto?
– *Por quê?!* – exclamou Rony, batendo a colher no prato e olhando feio para a mãe. – Por que o meu quarto tem que ser limpo? Harry e eu estamos muito bem no quarto do jeito que está.
– Vamos festejar o casamento do seu irmão dentro de alguns dias, jovem...
– E eles vão casar no meu quarto? – indagou Rony furioso. – Não! Então por que em nome das plicas de Merlim...
– Não responda assim a sua mãe – interpôs o sr. Weasley com firmeza. – E faça o que ela está mandando.
Rony amarrou a cara para o pai e a mãe, depois apanhou novamente a colher e atacou os últimos bocados da torta de maçã.
– Eu posso ajudar, um pouco da bagunça é minha – disse Harry a Rony, mas a sra. Weasley cortou a conversa.
– Não, Harry querido, prefiro muito mais que você ajude Arthur a limpar o galinheiro, e, Hermione, eu agradeceria muito se você fosse trocar os lençóis do casal Delacour, sabe, eles estão chegando amanhã às onze horas.
Afinal, havia muito pouco a fazer pelas galinhas.
– Não há necessidade de, ah, dizer isso a Molly – começou o sr. Weasley, bloqueando o acesso de Harry ao galinheiro –, mas, ah, Ted Tonks me mandou quase tudo que restou da moto de Sirius e, ah, estou escondendo-a, ou, melhor dizendo, guardando-a aqui. É fantástica: tem uma ganacha de escape, acho que é esse o nome, uma bateria magnífica, e será uma ótima oportunidade para descobrir como os freios funcionam. Vou tentar montá-la outra vez quando Molly não... quero dizer, quando eu tiver tempo.
Quando voltou a casa, a sra. Weasley não estava à vista, então Harry subiu despercebido para o quarto de Rony, no sótão.
– Já estou arrumando, já estou arrumando...! Ah, é você! – exclamou Rony

aliviado, quando Harry entrou. O amigo estava deitado na cama, e era óbvio que acabara de desocupá-la. O quarto continuava na mesma desordem da semana inteira; a única mudança é que agora Hermione estava sentada no canto oposto, com o seu peludo gato ruivo, Bichento, aos pés, separando livros, alguns dos quais Harry reconheceu serem dele, em duas enormes pilhas.

– Oi, Harry – cumprimentou a amiga quando ele sentou na cama de armar.

– Como foi que você conseguiu fugir?

– Ah, a mãe de Rony esqueceu que já tinha pedido a Gina para trocar os lençóis ontem – respondeu Hermione. E jogou o *Numerologia e gramática* em uma pilha e *Ascensão e queda das Artes das Trevas* na outra.

– Estávamos conversando sobre o Olho-Tonto – disse Rony. – Acho que ele pode ter sobrevivido.

– Mas Gui viu quando ele foi atingido pela Maldição da Morte – argumentou Harry.

– É, mas o Gui também estava sob ataque – replicou Rony. – Como pode ter certeza do que viu?

– Mesmo que a Maldição da Morte não o atingisse, Olho-Tonto caiu uns trezentos metros – lembrou Hermione, agora segurando o pesado *Os times de quadribol da Grã-Bretanha e da Irlanda*.

– Ele poderia ter usado o Feitiço Escudo...

– Fleur disse que a varinha foi arrancada da mão dele – disse Harry.

– Tudo bem, se vocês querem que ele tenha morrido – concluiu Rony mal-humorado, dando uns socos no travesseiro para afofá-lo.

– É claro que não queremos que esteja morto! – exclamou Hermione, chocada. – É horrível que ele esteja! Mas temos que ser realistas!

Pela primeira vez, Harry imaginou o corpo de Olho-Tonto com os ossos partidos como o de Dumbledore, mas com aquele único olho ainda girando na órbita. Sentiu uma reação violenta, que mesclava desgosto e uma bizarra vontade de rir.

– Os Comensais da Morte provavelmente limparam os restos dele, é por isso que ninguém encontrou nada – sugeriu Rony com sabedoria.

– É – acrescentou Harry. – Como o Bartô Crouch, transformado em um osso e enterrado no jardim do Hagrid. Provavelmente transfiguraram o Olho-Tonto e o empalharam...

– Para! – guinchou Hermione. Assustado, Harry ergueu a cabeça em tempo de ver a garota romper em lágrimas sobre o *Silabário de Spellman*.

– Ah, não! – exclamou Harry tentando se levantar da velha cama de armar. – Hermione, eu não estava querendo transtornar ninguém...

Com uma rangedeira de molas enferrujadas, Rony pulou da cama e chegou

primeiro. Com um braço, envolveu Hermione, e enfiou a outra mão no bolso do jeans de onde extraiu um lenço absurdamente sujo, usado mais cedo, naquele dia, para limpar o forno. Em seguida, puxou depressa a varinha, apontou para o trapo e ordenou: “*Tergeo!*”

A varinha chupou a maior parte da graxa. Com um ar de vaidosa satisfação, Rony entregou o lenço ainda fumegando a Hermione.

– Ah... obrigada, Rony... desculpe... – Ela assoou o nariz e soluçou. – Só que é tão ho-horrível, não é? P-pouco depois de Dumb-bledore... P-por alguma razão, eu nunc-ca imaginei Olho-Tonto morto, ele parecia tão forte!

– É, eu sei – concordou Rony, dando-lhe um breve aperto. – Mas vocês sabem o que ele nos diria se estivesse aqui?

– V-vigilância constante – respondeu Hermione enxugando os olhos.

– É isso aí – concordou Rony, reforçando com um aceno de cabeça. – Ele nos diria para aprender com o que lhe aconteceu. E o que aprendi foi a não confiar naquele lixo covarde do Mundungo.

Hermione soltou uma risada tremida e se curvou para apanhar mais dois livros. Um segundo mais tarde, Rony puxou o braço das costas dela; Hermione tinha deixado cair *O livro monstruo so dos monstros*no pé dele. O cinto de couro que o prendia soltou-se e o livro abocanhou com força o tornozelo do garoto.

– Desculpe, desculpe – Hermione pedia, enquanto Harry arrancava o livro da perna de Rony e tornava a amarrá-lo.

– Afinal, que está fazendo com todos esses livros? – perguntou Rony, mancando de volta à cama.

– Tentando decidir quais deles vamos levar conosco, quando formos procurar as Horcruxes.

– Ah, claro – disse Rony, batendo na própria testa. – Esqueci que vamos liquidar Voldemort em uma biblioteca móvel.

– Ha-ha – replicou ela, examinando o *Silabário*. – Será que... precisaremos traduzir runas? É possível... acho que é melhor levar, só por precaução.

Hermione jogou o livro na maior das duas pilhas e apanhou *Hogwarts, uma história*.

– Escutem aqui – disse Harry.

Ele se empertigara na cama. Rony e Hermione olharam o amigo com expressões iguais que somavam resignação e desafio.

– Eu sei que vocês disseram, depois dos funerais de Dumbledore, que queriam me acompanhar – começou Harry.

– Lá vem ele – comentou Rony com Hermione olhando para o teto.

– Como sabíamos que iria fazer – suspirou a garota, voltando sua atenção para os livros. – Sabem, acho que vou levar *Hogwarts, uma história*. Mesmo que a

gente não volte lá, acho que não me sentiria bem se não carregasse...

– Escutem! – repetiu Harry.

– Não, Harry, escute *você* – retorquiu Hermione. – Vamos com você. Isto já ficou decidido há meses; aliás, há anos.

– Mas...

– Cala essa boca – Rony o aconselhou.

– ... vocês têm certeza que refletiram bem? – insistiu Harry.

– Vejamos – retrucou Hermione, batendo com o volume de *Viagens com trasgos* na pilha dos descartados, com uma expressão feroz no rosto. – Estou arrumando a bagagem há dias, portanto estamos prontos para partir a qualquer momento, o que, para sua informação, exigiu feitiços extremamente complexos, para não mencionar o contrabando do estoque de Poção Polissuco de Olho-Tonto, bem debaixo do nariz da mãe de Rony.

"Além disso, alterei a memória dos meus pais para se convencerem de que, na realidade, são Wendell e Monica Wilkins, e que sua ambição na vida é mudar para a Austrália, o que eles já fizeram. Para dificultar que Voldemort os encontre e interrogue sobre mim... ou sobre vocês, porque, infelizmente, contei aos dois muita coisa sobre vocês.

"Supondo que eu sobreviva à busca das Horcruxes, procurarei mamãe e papai e desfarei o feitiço. Se não... bem, acho que lancei neles um encanto suficientemente forte para que vivam seguros e felizes como Wendell e Monica Wilkins. O casal não sabe que tem uma filha, entendem."

Os olhos de Hermione tinham se enchido novamente de lágrimas. Rony tornou a levantar da cama, a abraçá-la pelos ombros e a franzir a testa para Harry como se o repreendesse pela falta de tato. Harry não conseguiu pensar em mais nada para contrapor a isso, no mínimo porque era excepcionalmente insólito Rony ensinar alguém a ter tato.

– Eu... Hermione, peço desculpas... eu não...

– Não percebeu que Rony e eu temos perfeita noção do que poderá acontecer se formos com você? Pois temos. Rony, mostre ao Harry o que você já fez.

– Nãããh, ele acabou de comer – disse Rony.

– Mostra logo, ele precisa saber!

– Ah, tá, Harry, vem comigo.

Pela segunda vez, Rony parou de abraçar Hermione e saiu mancando para a porta.

– Anda.

– Por quê? – quis saber Harry, saindo do quarto e acompanhando Rony ao pequeno patamar do sótão.

– *Descendo!* – murmurou Rony, apontando a varinha para o teto baixo. Um

alçapão se abriu e uma escada desceu aos seus pés. Um barulho horrível, meio gemido meio sucção, saiu do buraco quadrado, juntamente com um horrível cheiro de esgoto.

– É o seu vampiro, não é? – perguntou Harry, que nunca chegara a conhecer a criatura que, por vezes, perturbava o silêncio noturno n'A Toca.

– É – confirmou Rony subindo a escada. – Suba para dar uma olhada nele.

Harry seguiu o amigo pela escadinha até o minúsculo sótão. Sua cabeça e seus ombros já estavam no quarto quando ele avistou a criatura enroscada ali perto no escuro, ferrada no sono com a bocarra aberta.

– Mas ele... parece... é normal vampiros usarem pijamas?

– Não – respondeu Rony. – Nem é normal terem cabelos ruivos ou tantas espinhas.

Harry contemplou a coisa, ligeiramente enojado. Na forma e no tamanho, pareceu-lhe humano e, aos seus olhos acostumados ao escuro, não havia dúvida de que usava um pijama velho de Rony. Harry também não duvidava de que os vampiros, em geral, fossem viscosos e carecas, e não visivelmente cabeludos e cobertos de feias espinhas roxas.

– Ele sou eu, entendeu? – disse Rony.

– Não. Não entendi.

– Então explico lá no meu quarto, o cheiro está me incomodando. – Os dois desceram a escada, que Rony empurrou de volta ao teto, e foram se reunir a Hermione, que continuava separando livros.

"Quando viajarmos, o vampiro vai descer para morar no meu quarto", disse Rony. "Acho que ele está até ansioso para isso acontecer, mas é difícil saber, porque ele só sabe gemer e babar, mas acena muito com a cabeça quando se menciona a mudança. Em todo caso, ele vai ser o Rony com sarapintose. Bem bolado, hein?"

O rosto de Harry espelhava sua perplexidade.

– É, sim! – insistiu Rony, visivelmente frustrado porque Harry não alcançara a genialidade do seu plano. – Olhe, quando nós três não aparecermos em Hogwarts, todo o mundo vai pensar que Hermione e eu estamos com você, certo? O que significa que os Comensais da Morte irão direto procurar as nossas famílias para obter informações sobre o seu paradeiro.

– Mas, se o plano der certo, parecerá que fui viajar com os meus pais; muitas pessoas que nasceram trouxas estão falando em sumir de circulação por um tempo – esclareceu Hermione.

– Não podemos esconder a minha família inteira, iria parecer suspeito demais, além disso, eles não podem largar o emprego – explicou Rony. – Então, vamos divulgar a história de que estou gravemente doente com sarapintose, razão por

que não pude voltar à escola. Se alguém vier investigar, meus pais podem mostrar o vampiro na minha cama, coberto de pústulas. Essa doença é realmente contagiosa, portanto eles não vão querer chegar muito perto. E também não fará diferença se o vampiro não puder falar nada, porque aparentemente ninguém pode, depois que o fungo ataca a úvula.

– E seus pais concordaram com esse plano? – perguntou Harry.

– Papai, sim. Ele ajudou Fred e Jorge a transformarem o vampiro. Mamãe... bem, você já viu como ela é. Não vai aceitar que viajemos até termos partido.

Fez-se silêncio no quarto, interrompido apenas pelas leves batidas que Hermione produzia ao jogar os livros em uma das duas pilhas. Rony parou, observando-a, e Harry olhava de um para outro incapaz de falar. As medidas que os amigos tinham tomado para proteger as famílias, mais do que qualquer outra coisa, o convenceram de que iriam acompanhá-lo e que sabiam exatamente o perigo que corriam. Quis manifestar o quanto isto significava para ele, mas simplesmente não encontrava palavras que fossem expressivas o suficiente.

No silêncio, ouviram o ruído abafado dos gritos da sra. Weasley quatro andares abaixo.

– Gina provavelmente deixou uma poeirinha em uma droga qualquer de porta-guardanapos – comentou Rony. – Não sei por que os Delacour inventaram de chegar dois dias antes do casamento.

– A irmã de Fleur vai ser dama de honra, precisa estar aqui para o ensaio e é jovem demais para viajar sozinha – explicou Hermione, examinando indecisa o *Como dominar um espírito agourento*.

– Bom, ter hóspedes não vai melhorar os níveis de estresse da mamãe – comentou Rony.

– O que realmente precisamos decidir – disse Hermione, atirando o *Teoria da defesa em magia* em uma lata de lixo sem olhá-lo duas vezes e apanhando *Uma avaliação da educação em magia na Europa* – é para onde iremos ao sair daqui. Eu sei que você disse que quer ir a Godric's Hollow primeiro, Harry, e entendo o motivo, mas... bem... não devíamos dar prioridade às Horcruxes?

– Se soubéssemos onde encontrar alguma Horcrux, eu concordaria com você – respondeu Harry, sem acreditar que Hermione entendesse, de fato, o seu desejo de retornar a Godric's Hollow. O túmulo dos seus pais era apenas uma parte do atrativo: ele tinha uma forte sensação, embora inexplicável, que o vilarejo lhe forneceria algumas respostas. Talvez fosse simplesmente porque ali ele sobrevivera à Maldição da Morte lançada por Voldemort; agora que enfrentava o desafio de repetir o feito, sentia-se atraído ao lugar onde tudo acontecera, buscando compreendê-lo.

– Você não acha possível que Voldemort esteja mantendo Godric's Hollow sob

vigilância? – arriscou Hermione. – Talvez espere que você volte para visitar o túmulo dos seus pais, uma vez que está livre para ir aonde quiser.

A ideia não ocorrera a Harry. E, enquanto se concentrava para contra-argumentar, Rony se manifestou, obviamente seguindo um fluxo independente de pensamentos.

– Esse tal R.A.B. – disse ele. – Sabe, aquele que roubou o verdadeiro medalhão?

Hermione fez que sim com a cabeça.

– Ele disse no bilhete que ia destruir o medalhão, não foi?

Harry puxou sua mochila para perto e tirou de dentro a falsa Horcrux contendo o bilhete de R.A.B.

– "*Roubei a Horcrux verdadeira e pretendo destruí-la assim que puder*" – leu Harry em voz alta.

– Então, e se ele *de fato* a destruiu? – perguntou Rony.

– Ou ela – interrompeu-o Hermione.

– O que seja, seria uma a menos para se procurar! – concluiu Rony.

– Mas ainda iríamos tentar rastrear o medalhão verdadeiro, não? – quis saber Hermione. – Para descobrir se foi ou não destruído.

– E quando o encontrarmos, como é que se destrói uma Horcrux? – perguntou Rony.

– Bem – começou Hermione –, andei pesquisando.

– Como? – admirou-se Harry. – Achei que não havia livros sobre Horcruxes na biblioteca.

– Não havia – esclareceu Hermione corando. – Dumbledore retirou todos, mas... mas não os destruiu.

Rony se sentou na cama de olhos arregalados.

– Pelas calças de Merlim, como foi que você conseguiu pôr a mão nesses livros sobre Horcruxes?

– Eu... não foi roubando! – respondeu ela, olhando de Harry para Rony com um ar de desespero. – Eles continuaram a ser livros da biblioteca, mesmo que Dumbledore os tenha retirado das prateleiras. Enfim, se ele realmente não quisesse que ninguém os pegasse, tenho certeza de que teria dificultado muito mais...

– Não fique enrolando! – exclamou Rony.

– Bem, foi fácil – disse Hermione com uma vozinha humilde. – Lancei um Feitiço Convocatório. Sabem: *Accio!* E eles saíram voando pela janela do gabinete de Dumbledore para o dormitório das garotas.

– Mas quando foi que você fez isso? – perguntou Harry, olhando para a amiga ao mesmo tempo assombrado e incrédulo.

– Logo depois do... funeral – respondeu ela com uma vozinha ainda mais humilde. – Logo depois de combinarmos que iríamos deixar a escola para procurar as Horcruxes. Quando voltei para apanhar minhas coisas, me... simplesmente me ocorreu que, quanto mais soubéssemos sobre o assunto, melhor seria... e eu estava sozinha lá em cima... então tentei... e funcionou. Eles entraram voando direto pela janela aberta e eu... eu os guardei no malão.

A garota engoliu em seco e, então, justificou suplicante:

– Não acredito que Dumbledore se zangasse, não vamos usar a informação para fazer uma Horcrux, não é?

– Você está nos ouvindo reclamar? – perguntou Rony. – Afinal, onde estão esses livros?

Hermione procurou um pouco e tirou da pilha um grande livro, encadernado em couro preto já desbotado. Fez uma cara de nojo e estendeu-o cautelosamente como se fosse uma coisa recém-morta.

– Esse é o que dá instruções explícitas para se preparar uma Horcrux: *Segredos das artes mais tenebrosas*. É um livro horrível, realmente assustador, cheio de feitiços malignos. Fico pensando quando foi que Dumbledore o retirou da biblioteca... se foi só quando se tornou diretor. Aposto como Voldemort copiou dele todas as instruções de que precisava.

– Por que então precisou perguntar a Slughorn como preparar uma Horcrux, se já tinha lido o livro? – perguntou Rony.

– Ele só procurou o professor para saber o que acontecia quando a pessoa subdividia a alma em sete pedaços – disse Harry. – Dumbledore tinha certeza de que Riddle já sabia fazer uma Horcrux na época em que foi à sala de Slughorn. Acho que você tem razão, Hermione, é muito provável que tenha sido daí que ele tirou as informações.

– E quanto mais eu leio – continuou Hermione –, mais terrível a ideia me parece, e menos acredito que ele tenha realmente feito seis. O livro alerta para a instabilidade que a pessoa causa ao restante da alma dividindo-a, e isso para se fazer apenas uma Horcrux!

Harry lembrou-se de Dumbledore ter dito que Voldemort ultrapassara a “esfera da maldade normal”.

– E não tem jeito de reintegrar todas as partes? – perguntou Rony.

– Tem – respondeu Hermione com um sorriso inexpressivo –, mas causaria uma dor lancinante.

– Por quê? Como se faz? – quis saber Harry.

– Remorso – esclareceu Hermione. – A pessoa precisa estar, de fato, arrependida do que fez. Tem um pé de página. Pelo que diz, a dor do processo pode destruí-la. Não sei por quê, não consigo ver Voldemort fazendo isso, e

vocês?
– Não – respondeu Rony antes que Harry o fizesse. – E o livro diz como destruir Horcruxes?
– Diz – confirmou Hermione, agora virando as frágeis páginas como se examinasse entranhas em decomposição –, porque avisa aos bruxos das trevas que os feitiços com que se protegerem têm que ser excepcionalmente fortes. De tudo que li, o que Harry fez com o diário de Riddle foi uma das poucas maneiras infalíveis de destruir uma Horcrux.
– O quê, furar com uma presa de basilisco? – perguntou Harry.
– Ah, bom, que sorte a gente ter um estoque tão grande de presas de basilisco – comentou Rony. – Eu estava mesmo me perguntando o que íamos fazer com elas.
– Não precisa ser uma presa de basilisco – explicou Hermione, pacientemente. – Tem que ser alguma coisa tão destrutiva que a Horcrux não possa se autorrestaurar. O veneno de basilisco só tem um antídoto, e é incrivelmente raro...
– ... lágrimas de fênix – disse Harry.
– Exatamente – confirmou Hermione. – O problema é que há pouquíssimas substâncias tão destrutivas quanto o veneno de basilisco, e são todas muito perigosas para se carregar por aí. Mas é um problema que precisaremos resolver, porque romper, quebrar ou moer uma Horcrux não adianta. É preciso deixá-la sem possibilidade de se restaurar por magia.
– Mas, se a gente destrói o objeto em que está guardada – perguntou Rony –, por que o fragmento de alma não pode se mudar para outro lugar?
– Porque uma Horcrux é o absoluto oposto de um ser humano.
Ao perceber que Harry e Rony pareciam confusos, Hermione se apressou a explicar:
– Vejam, se eu apanhasse uma espada neste minuto e transpassasse você, eu não danificaria sua alma.
– O que, com certeza, seria realmente um consolo para mim – disse Rony.
Harry riu.
– Devia ser mesmo! Mas o que quero demonstrar é que, seja o que for que aconteça ao seu corpo, sua alma continuará ilesa. Mas com uma Horcrux é o contrário. O fragmento de alma depende do objeto que o contém, do seu corpo encantado, para sobreviver. Do contrário, não sobreviverá.
– Aquele diário deu a impressão de morrer quando eu o perfurei – disse Harry, lembrando-se da tinta que jorrou como sangue de suas páginas e os gritos do fragmento de alma de Voldemort ao desaparecer.
– E, uma vez que o diário foi completamente destruído, o fragmento nele

contido não pôde sobreviver. Gina tentou se livrar do diário antes de você, jogando-o no vaso e dando descarga, mas, obviamente, ele voltou novo em folha.

– Espere aí – disse Rony, franzindo a testa. – O pedacinho de alma naquele diário estava possuindo a Gina, não? Como é isso, então?

– Enquanto o objeto mágico continuar intacto, o pedacinho de alma nele pode entrar em uma pessoa e tornar a sair se ela chegar muito perto do objeto. Não precisa segurá-lo muito tempo, não é o toque que importa – acrescentou ela, antes que Rony pudesse falar. – É a proximidade emocional. Gina abriu o coração para o diário, tornando-se, assim, incrivelmente vulnerável. A pessoa se mete em apuros quando se apega demais ou passa a depender de uma Horcrux.

– Fico imaginando como foi que Dumbledore destruiu o anel – disse Harry. – Por que não perguntei a ele? Realmente nunca...

Sua voz foi morrendo: pensou nas muitas coisas que deveria ter perguntado a Dumbledore e como, desde sua morte, lhe parecia que tinha desperdiçado tantas oportunidades, enquanto o diretor era vivo, para descobrir mais... descobrir tudo...

O silêncio foi quebrado quando a porta do quarto se escancarou, produzindo um estrondo de sacudir as paredes. Hermione gritou e deixou cair o *Segredos das artes mais tenebrosas*; Bichento disparou para baixo da cama, bufando indignado. Rony pulou da cama, escorregou em uma embalagem velha de sapos de chocolate e bateu a cabeça na parede oposta, e Harry, instintivamente, se jogou para apanhar sua varinha antes de perceber que estava vendo a sra. Weasley, que tinha os cabelos revoltos e o rosto contorcido de raiva.

– Lamento interromper essa reuniãozinha íntima – vociferou ela, com a voz trêmula. – Tenho certeza de que vocês precisam de descanso... mas há presentes de casamento empilhados no meu quarto que precisam ser separados, e tive a impressão de que vocês concordaram em ajudar.

– Ah, sim – respondeu Hermione aterrorizada, levantando-se depressa e fazendo os livros voarem para todos os lados. – Ajudaremos... pedimos desculpas...

Com um olhar aflito para Harry e Rony, a garota saiu correndo do quarto atrás da sra. Weasley.

– É como se a gente fosse um elfo doméstico – queixou-se Rony em voz baixa, ainda massageando a cabeça e saindo com Harry atrás das duas. – Só que sem a satisfação no trabalho. Quanto mais cedo esse casamento terminar, mais feliz eu vou ficar.

– É – concordou Harry –, então não teremos mais nada para fazer exceto procurar Horcruxes... vai parecer até que estamos de férias, não é?

Rony começou a rir, mas, ao ver a enorme pilha de presentes de casamento que os esperava no quarto da sra. Weasley, parou no ato.

Os Delacour chegaram na manhã seguinte às onze horas. A essa altura, Harry, Rony, Hermione e Gina já estavam sentindo certa raiva da família de Fleur; foi de má vontade que Rony subiu as escadas batendo os pés para calçar meias iguais e Harry tentou baixar os cabelos. Quando foram considerados bem-arrumados, os garotos saíram em fila para esperar as visitas no quintal batido de sol.

Harry nunca vira a casa tão arrumada. Os caldeirões enferrujados e as botas velhas que, em geral, coalhavam a escada para a porta dos fundos tinham desaparecido e sido substituídos por dois grandes vasos com arbustos tremulantes a cada lado da porta; embora não houvesse brisa, as folhas balançavam preguiçosamente, produzindo um belo efeito ondulante. As galinhas tinham sido trancadas no galinheiro, o quintal varrido e o jardim anexo fora despojado das folhas velhas, podado e, de um modo geral, cuidado, embora Harry, que o preferia sem trato, achasse que o jardim parecia abandonado sem o seu contingente normal de gnomos saltitantes.

O garoto perdera a noção da quantidade de feitiços de segurança que tinham sido lançados sobre A Toca, tanto pela Ordem quanto pelo Ministério; só sabia que tinham inviabilizado a possibilidade de alguém viajar por magia até ali. O sr. Weasley, portanto, fora esperar os Delacour no alto de um morro próximo, onde a família chegaria por Chave de Portal. O primeiro sinal de sua aproximação foi uma gargalhada anormalmente aguda, dada pelo sr. Weasley, soube-se depois, que apareceu ao portão em seguida, carregado de malas à frente de uma bela loura de longas vestes verde-folha, que só poderia ser a mãe de Fleur.

– Maman! – exclamou Fleur, correndo para abraçá-la. – Papa!

O sr. Delacour não era nem de longe atraente como sua mulher; era uma cabeça mais baixo que ela, além de extremamente gordo, e usava uma barbicha pontuda e preta. Parecia, contudo, uma pessoa bem-humorada. Sacudindo-se nas botas de salto em direção à sra. Weasley, ele lhe aplicou dois beijos em cada bochecha, deixando-a perturbada.

– Vocês tiverram tante trrabalhe – disse ele com sua voz grave. – Fleur nos contou qu’andarram trrabalhando muite mesme.

– Ah, não foi nada, absolutamente nada! – gorjeou a sra. Weasley. – Não foi trabalho algum!

Rony aliviou sua frustração mirando um pontapé em um gnomo que estava espiando atrás de um dos vasos com arbustos tremulantes.

– Minhe carra senhorra! – replicou o sr. Delacour, ainda segurando a mão da sra. Weasley entre as suas, muito gorduchas, e dando-lhe um radiante sorriso. –

Nos sentimes muite honrrrades com a eminente união de nosses famílies! Deixe-me arpresentarr-lhe minhe mulherr, Apolline.

Madame Delacour adiantou-se como se deslizasse e se curvou para beijar a sra. Weasley também.

– Enchantée – disse ela. – Se marrido esteve me contanto histórrias muite diverrtidas!

O sr. Weasley soltou uma risada exagerada; a sra. Weasley lançou-lhe um olhar que o fez calar-se imediatamente e assumir uma expressão mais apropriada a uma visita a um amigo doente no hospital.

– E, naturralmente, já conhecem minhe filhinea Gabrrielle! – disse Monsieur Delacour. Gabrielle era uma Fleur em miniatura; onze anos, cabelos louros platinados, a garota dirigiu um sorriso ofuscante à sra. Weasley, abraçou-a e, pestanejando, lançou um olhar intenso a Harry. Gina pigarreou alto.

– Então, entrem, por favor! – convidou a sra. Weasley animada, levando os hóspedes para dentro, depois de muitos “Não, por favor!” e “Primeiro os senhores!” e “De maneira alguma!”.

Os Delacour, eles não tardaram a perceber, eram hóspedes prestativos e agradáveis. Mostravam-se satisfeitos com tudo e desejosos de ajudar nos preparativos do casamento. Monsieur Delacour considerou tudo, desde a distribuição de lugares até os sapatos das damas de honra, “*charmant*!”. Madame Delacour era muito talentosa com feitiços domésticos e deixou o forno limpo em segundos; Gabrielle seguia a irmã mais velha pela casa, tentando ajudar no que pudesse, tagarelando em um francês muito rápido.

Embaixo, A Toca não fora construída para acomodar tanta gente. O casal Weasley agora estava dormindo na sala de visitas depois de calar os protestos de Monsieur e Madame Delacour e insistir que os dois ocupassem seu quarto. Gabrielle ia dormir com Fleur no antigo quarto de Percy, e Gui dividiria o quarto com Carlinhos, seu padrinho de casamento, quando ele chegasse da Romênia. As oportunidades de se reunirem para fazer planos praticamente deixaram de existir, e foi por desespero que Harry, Rony e Hermione passaram a se oferecer para dar comida às galinhas só para fugir da casa demasiado cheia.

– Nem assim ela vai nos deixar em paz! – reclamou Rony quando a segunda tentativa de se encontrarem no quintal foi frustrada pelo aparecimento da sra. Weasley, carregando um grande cesto de roupa lavada nos braços.

– Ah, ótimo, vocês já alimentaram as galinhas – disse ao se aproximar. – É melhor prendê-las outra vez no galinheiro antes que os homens cheguem amanhã... para armar a tenda para o casamento – explicou, parando e se apoiando à parede da casa. Ela parecia exausta. – Tendas Mágicas Millamant... eles são muito bons. Gui vai acompanhá-los... é melhor você não sair de casa

enquanto estiverem aqui, Harry. Devo confessar que complica bastante organizar um casamento, com tantos feitiços de segurança pela propriedade.

– Lamento muito – respondeu Harry com humildade.

– Ah, não seja tolo, querido! – exclamou a sra. Weasley imediatamente. – Não quis me referir... bem, a sua segurança é muito mais importante! Aliás, eu estava pensando em lhe perguntar como vai querer comemorar o seu aniversário, Harry. Afinal, dezessete anos é uma data importante...

– Não quero incomodar – disse Harry depressa, imaginando a pressão adicional que isso traria a todos. – Realmente, sra. Weasley, um jantar normal seria ótimo... é a véspera do casamento...

– Ah, bem, se você tem certeza, querido. Vou convidar Remo e Tonks, posso? E Hagrid?

– Seria ótimo. Mas, por favor, não se incomode demais.

– Não, não mesmo... não será incômodo...

A bruxa lhe lançou um olhar demorado e inquisitivo, depois sorriu com certa tristeza e, se aprumando, afastou-se. Harry observou-a acenar a varinha quando se aproximou do varal, fazendo as roupas úmidas se erguerem no ar para se pendurarem, e, de repente, foi invadido por uma onda de remorso pela inconveniência e o pesar que estava lhe causando.

— CAPÍTULO SETE —

O testamento de Dumbledore

Ele estava caminhando por uma estrada montanhosa, à luz fria e azulada do alvorecer. Muito abaixo, envolta em névoa, via-se a sombra de uma aldeia. O homem que ele procurava estaria lá? O homem de quem ele precisava tanto que nem conseguia pensar em muito mais, o homem que guardava a resposta para o seu problema...

– Ei, acorde.

Harry abriu os olhos. Estava novamente no sótão, deitado na cama de armar, no encardido quarto de Rony. O sol ainda não nascera e o quarto ainda estava escuro. Pichitinho dormia com a cabeça sob sua asinha. A cicatriz na testa de Harry formigava.

– Você estava falando enquanto dormia.

– Estava?

– Hum-hum. Gregorovitch. Você ficou repetindo Gregorovitch.

Harry estava sem óculos; o rosto de Rony lhe parecia meio borrado.

– Quem é Gregorovitch?

– Não sei, sei? Você é que estava falando.

Harry esfregou a testa, pensando. Tinha uma vaga ideia de que ouvira o nome antes, mas não conseguia lembrar onde.

– Acho que Voldemort está procurando por ele.

– Coitado – comentou Rony com veemência.

Harry sentou-se, ainda esfregando a cicatriz, agora completamente acordado. Tentou se lembrar exatamente do que vira no sonho, mas tudo o que lhe veio à mente foi um horizonte montanhoso e os contornos de um lugarejo aninhado em um vale profundo.

– Acho que ele está no exterior.

– Quem, Gregorovitch?

– Voldemort. Acho que está em algum lugar no exterior. Não parecia a

Inglaterra.
– Você acha que estava lendo a mente dele outra vez?
Rony pareceu preocupado.
– Faz um favor, não comenta com a Hermione – pediu Harry. – Não sei como é que ela espera que eu pare de ver coisas quando estou dormindo...
Ele ergueu os olhos para a gaiola de Pichitinho, pensando... por que lhe pareceu reconhecer o nome Gregorovitch?
– Acho – disse lentamente – que tem alguma coisa com quadribol. Há uma ligação, mas não consigo... não consigo saber qual é.
– Quadribol?! – exclamou Rony. – Será que você não está pensando em Gorgovitch?
– Quem?
– Dragomir Gorgovitch, o artilheiro, teve o passe comprado pelo Chudley Cannons há dois anos por um preço recorde. É também recordista do maior número de goles perdidas em uma só temporada.
– Não, decididamente não estou pensando em Gorgovitch.
– Eu também tento não pensar. Enfim, feliz aniversário!
– Uau... tem razão, tinha me esquecido! Fiz dezessete anos!
Harry apanhou a varinha ao lado da cama de armar, apontou-a para a escrivaninha cheia onde deixara seus óculos e ordenou:
– *Accio óculos!* – Embora eles estivessem apenas trinta centímetros de distância, havia algo extremamente prazeroso em ver os óculos voando em sua direção, pelo menos até lhe espetarem um olho.
– Legal! – Riu Rony.
Contente com a remoção do rastreador, Harry fez os pertences de Rony voarem pelo quarto e acordou Pichitinho, que bateu as asas alvoroçado na gaiola. Harry também experimentou amarrar os cordões do tênis usando magia (o nó resultante precisou de vários minutos para ser desfeito manualmente) e, por puro prazer, mudou as vestes cor de laranja para azul berrante nos pôsteres de Rony dos Chudley Cannons.
– Mas eu desabotoaria a braguilha com a mão – aconselhou Rony rindo, fazendo com que Harry imediatamente a verificasse. – Tome o seu presente. Abra-o aqui, não é para minha mãe ver.
– Um livro? – admirou-se Harry, ao receber o embrulho retangular. – Foge um pouco à tradição, não?
– Não é um livro comum – comentou Rony. – É ouro puro: *Doze maneiras infalíveis de encantar bruxas.* Explica tudo que você precisa saber sobre garotas. Se eu ao menos o tivesse lido no ano passado, saberia exatamente como me livrar de Lilá e como engrenar com a... bem, Fred e Jorge me deram um

exemplar, e aprendi um bocado. Você vai ficar surpreso, não trata só de feitiços com varinhas.

Quando chegaram à cozinha, encontraram uma pilha de presentes aguardando sobre a mesa. Gui e Monsieur Delacour estavam terminando o café da manhã, e a sra. Weasley conversava com eles enquanto cuidava da frigideira.

– Arthur me pediu para lhe desejar felicidades pelo seu décimo sétimo aniversário, Harry – disse a sra. Weasley abrindo um radiante sorriso. – Precisou sair cedo para o trabalho, voltará para o jantar. O presente de cima é o nosso.

Harry se sentou, apanhou o embrulho quadrado que ela apontara e abriu-o. Dentro havia um relógio de pulso muito parecido com o que a sra. Weasley e o marido tinham dado a Rony aos dezessete anos: era de ouro e tinha estrelas girando no mostrador em vez de ponteiros.

– É tradição dar a um bruxo um relógio quando ele atinge a maioridade – explicou ela, observando-o ansiosamente do fogão. – Não é exatamente novo como o de Rony, pertenceu ao meu irmão Fabiano, e ele não era muito cuidadoso com os seus pertences, tem um amassado na parte de trás, mas...

O resto do discurso se perdeu; Harry se levantou e abraçou-a. Tentou colocar muitas coisas não ditas naquele abraço e ela talvez tenha entendido, porque afagou seu rosto, sem graça, e, quando o garoto a largou acenou com a varinha meio a esmo e fez meio pacote de bacon saltar da frigideira para o chão.

– Feliz aniversário, Harry! – desejou Hermione, entrando apressada na cozinha e acrescentando o seu presente ao topo da pilha. – Não é muita coisa, mas espero que goste. Que foi que você deu a ele? – perguntou a Rony, que pareceu não tê-la ouvido.

– Anda logo, abre o presente da Hermione! – disse Rony.

A garota comprara um novo bisbilhoscópio para Harry. Os outros embrulhos continham um barbeador encantado de Gui e Fleur (“Ah, sim, isse vai lhe darr o barrbearr mais suave qu’ você já fez”, assegurou-lhe Monsieur Delacour, “mas você prrecisa dizerr exatamente o que querr... de outre mode vai se verr com menos pelos do que gostarria...”), bombons do casal Delacour e uma enorme caixa com as últimas Gemialidades Weasley, de Fred e Jorge.

Harry, Rony e Hermione não se demoraram à mesa, porque a chegada de Madame Delacour, Fleur e Gabrielle deixou a cozinha muito cheia e desconfortável.

– Eu guardo isso para você – disse Hermione animada, tirando os presentes dos braços de Harry enquanto os três voltavam para o andar de cima. – Quase terminei, só estou esperando suas calças acabarem de lavar, Rony...

A resposta engrolada de Rony foi interrompida pela abertura de uma porta no primeiro andar.

– Harry, você pode vir aqui um instante?
Era Gina. Rony parou abruptamente, mas Hermione agarrou-o pelo cotovelo e puxou-o escada acima. Nervoso, Harry entrou com Gina no quarto.
Nunca estivera ali antes. Era pequeno, mas claro.
Em uma parede, havia um grande pôster da banda bruxa Esquisitonas e, na outra, uma foto de Guga Jones, capitã do time de quadribol Harpias de Holyhead. A escrivaninha ficava de frente para a janela aberta, por onde se via o pomar onde ele e Gina tinham certa vez jogado quadribol em duplas com Rony e Hermione, e que agora acolhia uma tenda branco-pérola. A bandeira dourada no alto alcançava a janela de Gina.
A garota ergueu o rosto para Harry, tomou fôlego e disse:
– Feliz décimo sétimo!
– Ah... obrigado.
Ela continuou encarando-o com firmeza; ele, no entanto, achou difícil sustentar aquele olhar; era o mesmo que tentar fixar uma luz brilhante.
– Bonita vista – disse sem graça, apontando para a janela.
Gina não passou recibo. Ele não podia culpá-la.
– Não consegui pensar no que lhe dar – começou.
– Você não tinha que me dar nada.
A garota ignorou isso também.
– Não sabia o que poderia ser útil. Nada muito grande, porque você não poderia levar na viagem.
Ele experimentou olhá-la. Gina não estava chorosa; essa era uma das suas qualidades: raramente chorava. Por vezes ocorria a Harry que o fato de ela ter seis irmãos a tornara forte.
A garota se aproximou dele mais um passo.
– Então, pensei que gostaria de lhe dar uma coisa que fizesse você se lembrar de mim, sabe, se encontrar uma *veela* dessas quando estiver fora, fazendo seja lá o que vai fazer.
– Acho que as oportunidades de sair com garotas vão ser mínimas nessa viagem, para ser sincero.
– Esse é o lado bom que estive procurando – sussurrou ela e, em seguida, beijou-o como nunca o beijara antes, e Harry retribuiu o beijo, e sentiu uma felicidade que o fez esquecer todo o resto, melhor do que qualquer uísque de fogo; ela era a única realidade no mundo, Gina, a sensação do seu corpo, uma das mãos em suas costas e a outra em seus cabelos perfumados...
A porta se escancarou contra a parede e os dois se separaram sobressaltados.
– Ah – disse Rony incisivamente. – Desculpem.
– Rony! – Hermione vinha logo atrás, ligeiramente ofegante. Fez-se um

silêncio constrangido, quando Gina disse inexpressivamente:
– Bem, enfim, Harry, feliz aniversário.
As orelhas de Rony ficaram vermelho-vivo; Hermione parecia nervosa. Harry teve vontade de bater a porta na cara deles, mas era como se uma corrente fria de ar tivesse invadido o quarto e seu momento de glória espoucasse no ar como uma bolha de sabão. Todas as razões para terminar o namoro com Gina, para se distanciar dela, pareciam ter entrado no quarto com Rony, e seu êxtase de felicidade se esvaíra.
Ele olhou para Gina, querendo lhe dizer alguma coisa, sem saber muito o quê, mas ela lhe virou as costas. Harry pensou que desta vez ela iria sucumbir às lágrimas. E ele não poderia fazer nada para consolá-la na frente de Rony.
– A gente se vê mais tarde – disse ele, e acompanhou os amigos que saíam do quarto.
Rony desceu pisando firme, passou pela cozinha cheia e saiu para o quintal, Harry seguiu-o de perto e Hermione, quase correndo, foi atrás dos dois com ar assustado.
Quando chegaram ao isolamento do gramado recém-aparado, Rony se voltou para Harry.
– Você deu o fora em Gina. Que está fazendo agora se metendo com ela?
– Não estou me metendo com ela – retorquiu Harry no momento em que Hermione os alcançava.
– Rony...
O garoto, porém, ergueu a mão pedindo que a amiga se calasse.
– Ela ficou realmente arrasada quando você terminou...
– Eu também fiquei. Você sabe por que terminei, e não foi porque quisesse.
– É, mas agora fica de beijos e abraços, renovando as esperanças da minha irmã...
– Ela não é idiota, sabe que não pode ser, não está esperando que a gente... a gente acabe casando nem...
Ao dizer isso, formou-se em sua mente uma imagem vívida de Gina de vestido branco, casando com um desconhecido repelente e sem feições. E em um instante vertiginoso ele pareceu entender: o futuro dela era livre e sem compromissos, enquanto o dele... tinha apenas Voldemort no horizonte.
– Se você não para de se atracar com a Gina sempre que tem uma chance...
– Não vai acontecer outra vez – retrucou Harry com rispidez. O dia estava claro, mas ele sentiu como se o sol tivesse desaparecido. – O.k.?
Rony fez uma cara entre ressentida e sem graça; balançou-se sobre os pés para a frente e para trás por um instante, então disse:
– Certo, então, bem, é... isso.

Gina não buscou outro encontro a sós com Harry o resto do dia, nem, por olhar ou gesto, demonstrou que tivessem tido mais do que uma conversa cordial em seu quarto. A chegada de Carlinhos foi um alívio para Harry. Divertiu-o observar a sra. Weasley forçar o filho a sentar em uma cadeira, erguer a varinha ameaçadoramente e anunciar que ia lhe fazer um corte de cabelos decente.

Como o aniversário de Harry teria feito a cozinha d'A Toca explodir de tanta gente, mesmo antes da chegada de Carlinhos, Lupin, Tonks e Hagrid, foram colocadas várias mesas ao comprido, no jardim. Fred e Jorge conjuraram algumas lanternas roxas, enfeitadas com um grande número 17 para pendurar no ar sobre as mesas. Graças aos cuidados da sra. Weasley, o ferimento de Jorge estava sarando, mas Harry ainda não se acostumara com o buraco escuro na cabeça do amigo, apesar das muitas piadas dos gêmeos sobre a mutilação.

Hermione fez irromperem da sua varinha serpentinas roxas e douradas e arrumou-as artisticamente sobre árvores e arbustos.

– Bonito – comentou Rony, quando a garota, com um floreio final da varinha, dourou as folhas da macieira-brava. – Você realmente tem gosto para esse tipo de coisa.

– Muito obrigada, Rony! – disse Hermione, parecendo ao mesmo tempo contente e um pouco envergonhada. Harry deu as costas aos dois, sorrindo para si mesmo. Ocorrera-lhe a ideia cômica de que encontraria um capítulo sobre elogios quando tivesse tempo de folhear o seu exemplar de *Doze maneiras infalíveis de encantar bruxas*; o seu olhar encontrou o de Gina e ele sorriu para a garota, antes de se lembrar da promessa que fizera a Rony e depressa puxar conversa com Monsieur Delacour.

– Abram caminho, abram caminho! – cantarolou a sra. Weasley, passando pelo portão com algo que lembrava um pomo de ouro do tamanho de uma bola de piscina flutuando à sua frente. Harry levou alguns segundos para entender que era o seu bolo de aniversário, que a sra. Weasley trazia suspenso com a varinha, para não se arriscar carregá-lo pelo terreno acidentado. Quando o bolo finalmente aterrissou no meio da mesa, Harry elogiou:

– Fantástico, sra. Weasley!

– Ah, não é nada, querido – respondeu-lhe a bruxa carinhosamente. Por cima do ombro da mãe, Rony ergueu o polegar para Harry e murmurou: "Beleza."

Por volta das sete horas, todos os convidados tinham chegado e sido levados ao interior da casa por Fred e Jorge, que os esperavam no fim da estradinha. Hagrid enfatiotou-se para a ocasião com o seu melhor, mas medonho, terno peludo marrom. Embora Lupin sorrisse ao apertar sua mão, Harry achou-o com um ar bastante infeliz. Era muito esquisito; ao seu lado, Tonks parecia simplesmente radiante.

– Feliz aniversário, Harry – ela lhe desejou, abraçando-o com força.
– Dezessete anos, hein! – exclamou Hagrid aceitando um copo de vinho do tamanho de um balde das mãos de Fred. – Faz seis anos que nos conhecemos, Harry, lembra?
– Vagamente – respondeu Harry, rindo para o amigo. – Você não derrubou a porta de casa, botou um rabo de porco em Duda e disse que eu era bruxo?
– Esqueci os detalhes – comentou Hagrid com uma gargalhada. – Tudo bem, Rony, Hermione?
– Estamos ótimos – respondeu Hermione. – E você, como vai?
– Hum, nada mal. Andei ocupado, temos uns unicórnios recém-nascidos, mostro a vocês quando voltarem... – Harry evitou os olhares dos amigos enquanto Hagrid procurava alguma coisa no bolso. – Tome aqui... eu não sabia o que comprar para você, então me lembrei disso. – Ele puxou uma bolsinha ligeiramente felpuda com um longo cordão, evidentemente concebida para usar ao pescoço. – Pele de briba. Esconda alguma coisa aí e ninguém, exceto o dono, pode tirar. São raras, essas.
– Hagrid, obrigado!
– Não é nada – disse Hagrid, com um aceno da mão enorme como a tampa de uma lata de lixo. – E lá está o Carlinhos! Sempre gostei dele... ei! Carlinhos!
O rapaz se aproximou, passando a mão, pesaroso, pelo novo corte de cabelos brutalmente curto. Ele era mais baixo do que Rony, mais atarracado, e tinha inúmeras queimaduras e arranhões nos braços musculosos.
– Oi, Hagrid, como vai a vida?
– Faz tempo que ando pensando em escrever pra você. Como vai o Norberto?
– Norberto? – Riu-se Carlinhos. – O dragão norueguês de dorso cristado? Agora ele se chama Norberta.
– Quê... Norberto é uma fêmea?
– Sim, senhor.
– Como é possível saber? – perguntou Hermione.
– São muito mais agressivos – respondeu Carlinhos. Ele deu uma olhada por cima do ombro e baixou a voz. – Gostaria que papai chegasse logo. Mamãe está ficando impaciente.
Todos olharam para a sra. Weasley. Ela estava tentando conversar com Madame Delacour, mas lançava olhares constantes para o portão.
– Acho que é melhor começarmos sem o Arthur – anunciou para os convidados no jardim, depois de alguns momentos. – Ele deve ter sido retido... ah!
Todos viram ao mesmo tempo: um rastro de luz cortou o jardim e parou sobre a mesa, onde se transformou em uma doninha prateada que se ergueu nas patas

traseiras e falou com a voz do sr. Weasley:
– O ministro da Magia está vindo comigo.
O Patrono se dissolveu no ar, deixando a família de Fleur assombrada, olhando para o lugar em que o bicho desaparecera.
– Nós não devíamos estar aqui – disse Lupin na mesma hora. – Harry... lamento... explicarei outra hora...
E, agarrando Tonks pelo pulso, levou-a embora; ao chegarem à cerca, os dois a transpuseram e desapareceram. A sra. Weasley demonstrava espanto.
– O ministro... mas por quê... Não estou entendendo...
Não houve, porém, tempo para discutirem o assunto; um segundo depois, o sr. Weasley apareceu ao portão acompanhado por Rufo Scrimgeour, instantaneamente reconhecível pela juba grisalha.
Os recém-chegados atravessaram o quintal e, com passos firmes, se dirigiram ao jardim e à mesa iluminada pelas lanternas, onde todos aguardavam em silêncio, observando sua aproximação. Quando Scrimgeour entrou no perímetro iluminado pelas lanternas, Harry constatou que o ministro parecia muito mais velho do que da última vez que tinham se visto, magro e carrancudo.
– Desculpem a intrusão – disse Scrimgeour, ao parar diante da mesa. – Principalmente porque posso ver que estou penetrando em uma festa para a qual não fui convidado.
O seu olhar se demorou por um momento no gigantesco pomo de ouro.
– Muitos anos de vida.
– Obrigado – disse Harry.
– Preciso dar uma palavrinha com você em particular – continuou Scrimgeour. – E também com o sr. Ronald Weasley e a srta. Hermione Granger.
– Nós?! – exclamou Rony em tom surpreso. – Por que nós?
– Explicarei quando estivermos em lugar mais reservado. Há na casa um lugar assim? – perguntou ao sr. Weasley.
– Naturalmente – disse o sr. Weasley, parecendo nervoso. – A... a sala de visitas, pode usá-la.
– Mostre-me onde é – disse Scrimgeour a Rony. – Não haverá necessidade de nos acompanhar, Arthur.
Harry viu o sr. Weasley trocar um olhar preocupado com a mulher, quando ele, Rony e Hermione se levantaram. Enquanto se dirigiam à casa em silêncio, Harry sabia que os outros dois estavam pensando o mesmo que ele: Scrimgeour devia, de algum modo, ter descoberto que estavam planejando abandonar Hogwarts.
O ministro não falou quando passaram pela cozinha desarrumada e entraram na sala de visitas d’A Toca. Embora o jardim estivesse iluminado por uma luz

noturna suave e dourada, já estava escuro ali dentro: Harry apontou a varinha para os lampiões, ao entrar, e fez-se luz na sala gasta mas aconchegante. Scrimgeour sentou-se na poltrona de molas frouxas que o sr. Weasley normalmente ocupava, deixando que Harry, Rony e Hermione se apertassem lado a lado no sofá. Uma vez acomodados, o ministro falou:

– Tenho algumas perguntas a fazer aos três, mas acho que será melhor fazê-las separadamente. Se vocês dois – ele apontou para Harry e Hermione – puderem esperar lá em cima, começarei pelo Ronald.

– Não vamos a lugar algum – disse Harry, secundado por um vigoroso aceno de cabeça de Hermione. – O senhor pode falar com todos juntos ou não falar com nenhum.

Scrimgeour lançou a Harry um frio olhar de avaliação. O garoto teve a impressão de que o ministro estava refletindo se valeria a pena iniciar as hostilidades tão cedo.

– Muito bem, então, juntos – disse ele, sacudindo os ombros. E pigarreou. – Estou aqui, como bem sabem, por causa do testamento de Alvo Dumbledore.

Harry, Rony e Hermione se entreolharam.

– Pelo visto é surpresa! Vocês não sabiam que Dumbledore tinha lhes deixado alguma coisa?

– A... aos três? – perguntou Rony. – A mim e Hermione também?

– A todos...

Harry, no entanto, interrompeu-o.

– Já faz mais de um mês que Dumbledore faleceu. Por que demoraram tanto para nos entregar o que ele nos deixou?

– Não é óbvio?! – exclamou Hermione, antes que Scrimgeour pudesse responder. – Queriam examinar seja lá o que ele tenha nos deixado. O senhor não tinha o direito de fazer isso! – Sua voz tremia levemente.

– Tinha todo o direito – disse Scrimgeour sumariamente. – O Decreto sobre Confisco Justificável dá ao ministro o poder de confiscar os bens de um testamento...

– A lei foi criada para impedir os bruxos das trevas de legarem seus objetos – retorquiu Hermione –, e o Ministério precisa ter fortes provas de que os bens do falecido são ilegais antes de apreendê-los! O senhor está nos dizendo que julgou que Dumbledore estivesse tentando nos passar objetos malditos?

– Srta. Granger, está pretendendo fazer carreira em Direito da Magia?

– Não, não estou – retrucou Hermione. – Tenho esperança de fazer algum bem no mundo!

Rony riu. Os olhos de Scrimgeour piscaram em sua direção e tornaram a se desviar quando Harry falou.

– Então, por que resolveu nos entregar o que nos pertence agora? Não conseguiu pensar em um pretexto para manter os objetos em seu poder?
– Não, deve ser porque os trinta e um dias venceram – respondeu Hermione imediatamente. – O Ministério não pode reter objetos por prazo superior, a não ser que sejam comprovadamente perigosos. Certo?
– Você diria que era íntimo de Dumbledore, Ronald? – perguntou Scrimgeour, ignorando Hermione. Rony pareceu surpreso.
– Eu? Não... muito... era sempre Harry quem...
Rony olhou para os amigos e viu Hermione lhe dando aquele olhar "cale-já-a-boca!", mas o estrago já fora feito: Scrimgeour fez cara de quem acabara de ouvir exatamente o que tinha esperado e queria ouvir. Avançou na deixa de Rony como uma ave de rapina.
– Se você não era muito íntimo de Dumbledore, como explica que tenha se lembrado de você no testamento? Ele deixou excepcionalmente pouco a indivíduos. A maior parte dos seus bens... sua biblioteca particular, seus instrumentos mágicos e outros pertences... foram legados a Hogwarts. Por que acha que mereceu destaque?
– Eu... não sei – respondeu Rony. – Quando digo que não éramos íntimos... Quero dizer, acho que ele gostava de mim...
– Você está sendo modesto, Rony – interveio Hermione. – Dumbledore gostava muito de você.
Isto era exagerar a verdade quase ao ponto de ruptura; pelo que Harry sabia, Rony e Dumbledore nunca tinham estado a sós, e o contato direto entre diretor e aluno fora mínimo. Contudo, Scrimgeour não parecia estar escutando. Meteu a mão sob a capa e puxou uma bolsa de cordões muito maior do que a que Hagrid dera a Harry. Da bolsa, tirou um rolo de pergaminho, que abriu e leu em voz alta.
– "Últimas vontades de Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore...", sim, aqui está, "a Ronald Weasley, deixo o meu desiluminador, na esperança de que se lembre de mim quando usá-lo."
Scrimgeour tirou da bolsa um objeto que Harry já vira: parecia um isqueiro de prata, mas tinha, sabia ele, o poder de extinguir toda a luz de um lugar e restaurá-la com um simples clique. Scrimgeour se inclinou para a frente e passou o desiluminador a Rony, que o recebeu e examinou entre os dedos com ar de perplexidade.
– Isto é um objeto valioso – comentou Scrimgeour, observando Rony. – Talvez seja único no mundo. Com certeza foi projetado pelo próprio Dumbledore. Por que ele teria lhe legado algo tão raro?
Rony sacudiu a cabeça, aturdido.
– Dumbledore deve ter tido milhares de alunos – insistiu Scrimgeour. –

Contudo, os únicos de que se lembrou em seu testamento foram vocês três. Por que será? Que uso ele terá pensado que o senhor daria a esse desiluminador, sr. Weasley?

– Apagar luzes, suponho – murmurou Rony. – Que mais eu poderia fazer com ele?

Evidentemente Scrimgeour não teve outras sugestões a dar. Depois de observar Rony com os olhos semicerrados por um momento, voltou sua atenção para o testamento de Dumbledore.

– "Para a sra. Hermione Granger, deixo o meu exemplar de *Os contos de Beedle, o bardo*, na esperança de que ela o ache divertido e instrutivo."

Scrimgeour apanhou, então, na bolsa um livrinho que parecia tão antigo quanto o *Segredos das artes mais tenebrosas*. A encadernação estava manchada e descascando em alguns pontos. Hermione recebeu-o do ministro em silêncio. Segurou o livro no colo e contemplou-o. Harry viu que o título estava escrito em runas; nunca tinha aprendido a lê-las. Enquanto ele observava, uma lágrima caiu sobre os símbolos gravados em relevo.

– Por que acha que Dumbledore lhe deixou esse livro, srta. Granger? – perguntou Scrimgeour.

– Ele... ele sabia que eu gostava de ler – respondeu a garota com a voz empastada, enxugando os olhos nas mangas da roupa.

– Mas por que esse livro em especial?

– Não sei. Deve ter pensado que eu gostaria de lê-lo.

– Alguma vez discutiu códigos ou outros meios de transmitir mensagens secretas com Dumbledore?

– Não, nunca – disse Hermione, ainda enxugando as lágrimas na manga. – E se o Ministério não encontrou nenhum código secreto nesse livro em trinta e um dias, duvido que eu vá encontrar.

A garota engoliu um soluço. Os três estavam sentados tão espremidos que Rony teve dificuldade em puxar o braço e passá-lo pelos ombros de Hermione. Scrimgeour tornou a consultar o testamento.

– "A Harry Potter" – leu ele, e as entranhas do garoto se contraíram com repentina excitação – "deixo o pomo de ouro que ele capturou em seu primeiro jogo de quadribol em Hogwarts, para lembrar-lhe as recompensas da perseverança e da competência."

Quando Scrimgeour tirou a bolinha de ouro do tamanho de uma noz, suas asas de prata esvoaçaram levemente e Harry não pôde deixar de sentir um definitivo anticlímax.

– Por que Dumbledore lhe deixou este pomo? – perguntou Scrimgeour.

– Não faço a menor ideia – respondeu Harry. – Pelas razões que o senhor

acabou de ler, suponho... para me lembrar o que se pode obter quando se... persevera e o que mais seja.
– Então você acha que é apenas uma lembrança simbólica?
– Suponho que sim. Que mais poderia ser?
– Sou eu quem faz as perguntas – disse Scrimgeour, puxando sua cadeira para mais perto do sofá. A noite caía lá fora; a tenda vista da janela se elevava fantasmagoricamente branca acima da cerca.
– Reparei que o seu bolo de aniversário tem a forma de um pomo de ouro – disse o ministro. – Por quê?
Hermione riu ironicamente.
– Ah, não pode ser uma alusão ao fato de Harry ser um grande apanhador, isso seria óbvio demais. Deve haver uma mensagem secreta de Dumbledore escondida no glacê!
– Não acho que haja nada escondido no glacê – retrucou Scrimgeour –, mas um pomo seria um esconderijo muito bom para um pequeno objeto. A senhorita certamente sabe por quê.
Harry sacudiu os ombros. Hermione, no entanto, respondeu ao ministro: ocorreu-lhe que responder às perguntas com acerto era um hábito tão arraigado que a amiga não conseguia controlar o impulso.
– Porque os pomos guardam na memória o toque humano.
– Quê?! – exclamaram Harry e Rony juntos; os dois consideravam os conhecimentos de Hermione em quadribol insignificantes.
– Correto – disse o ministro. – Um pomo não é tocado pela pele humana nua antes de ser liberado, nem mesmo por seu fabricante, que usa luvas. Ele carrega um encantamento mediante o qual é capaz de identificar o primeiro ser humano que o segurou, no caso de uma captura disputada, por exemplo. Este pomo – acrescentou ele erguendo a minúscula bola – se lembrará do seu toque, Potter. Ocorre-me que Dumbledore, que possuía uma prodigiosa competência em magia, apesar dos defeitos que porventura tivesse, talvez tenha enfeitiçado o pomo para que só se abra ao seu toque.
O coração de Harry batia com mais força. Tinha certeza de que Scrimgeour acertara. Como poderia evitar receber o pomo com as mãos nuas diante do ministro?
– Você não responde. Talvez já saiba o que o pomo contém, não?
– Não – respondeu Harry, ainda pensando como poderia fingir que tocava o pomo sem realmente fazer isso. Se ele ao menos soubesse Legilimência, soubesse de fato, e pudesse ler a mente de Hermione: praticamente dava para ouvir as engrenagens do cérebro dela trabalhando ao seu lado.
– Pegue – disse Scrimgeour calmamente.

Harry encarou os olhos amarelos do ministro e entendeu que não lhe restava opção senão obedecer. Estendeu a mão e Scrimgeour tornou a se inclinar para a frente e depositou o pomo na palma de sua mão lenta e deliberadamente.

Nada aconteceu. Quando os dedos de Harry se fecharam em torno do pomo, suas asinhas cansadas esvoaçaram e se imobilizaram. Scrimgeour, Rony e Hermione continuaram a olhar ansiosos para a bola, agora parcialmente oculta, como se esperassem que pudesse sofrer alguma transformação.

– Essa foi dramática – comentou Harry descontraído. Rony e Hermione riram juntos.

– Então terminamos, não? – perguntou Hermione, tentando se erguer do sofá apertado.

– Ainda não – respondeu Scrimgeour, que agora parecia mal-humorado. – Dumbledore lhe deixou outra herança, Potter.

– Qual? – perguntou ele, sua agitação se renovando. Desta vez Scrimgeour não se deu ao trabalho de ler o testamento.

– A espada de Godric Gryffindor.

Hermione e Rony enrijeceram. Harry olhou para os lados, procurando um sinal da bainha incrustada de rubis, mas Scrimgeour não a tirou da bolsa de couro que, de todo modo, parecia pequena demais para contê-la.

– Então, onde está? – tornou Harry desconfiado.

– Infelizmente – disse Scrimgeour –, aquela espada não pertencia a Dumbledore para que dispusesse dela. A espada de Godric Gryffindor é uma importante peça histórica, e como tal pertence...

– Pertence a Harry! – completou Hermione exaltada. – A espada o escolheu, foi ele quem a encontrou, saiu do Chapéu Seletor para as mãos dele...

– De acordo com fontes históricas confiáveis, a espada pode se apresentar a qualquer aluno da Grifinória que a mereça – retrucou Scrimgeour. – Isto não a torna propriedade exclusiva do sr. Potter, seja o que for que Dumbledore tenha decidido. – O ministro coçou o queixo mal barbeado, estudando Harry. – Por que acha...?

– Que Dumbledore quis me dar a espada? – respondeu Harry se esforçando para não explodir. – Talvez tenha achado que ficaria bonita na minha parede.

– Isto não é brincadeira, Potter! – vociferou Scrimgeour. – Teria sido porque Dumbledore acreditava que somente a espada de Godric Gryffindor poderia derrotar o herdeiro de Slytherin? Quis lhe dar aquela espada, Potter, porque acreditava, como tantos, que você está destinado a destruir Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado?

– Uma teoria interessante. Alguém já tentou transpassar Voldemort com uma espada? O Ministério talvez devesse encarregar alguém disso, em vez de perder

tempo desmontando desiluminadores ou abafando fugas em massa de Azkaban. Então, é isso que o senhor está fazendo, ministro, se trancando em seu gabinete para tentar abrir um pomo? As pessoas estão morrendo, eu quase fui uma delas, Voldemort atravessou três condados me perseguindo, matou Olho-Tonto, mas o Ministério não disse uma palavra sobre a perda, disse? E ainda espera que cooperemos com o senhor!

– Você está indo longe demais! – gritou Scrimgeour, levantando-se; Harry pôs-se de pé também. O ministro se encaminhou para Harry, mancando, e lhe deu uma forte estocada no peito com a varinha: o golpe abriu um buraco como o de uma brasa de cigarro na camiseta do garoto.

– Ei! – exclamou Rony, erguendo-se de um salto e empunhando a varinha, mas Harry disse:

– Não! Você quer dar a ele uma desculpa para nos prender?

– Lembrou-se de que não está na escola, não é? – perguntou Scrimgeour, bufando no rosto de Harry. – Lembrou-se de que não sou Dumbledore, que perdoava a sua insolência e insubordinação? Você pode usar essa cicatriz como uma coroa, mas não cabe a um garoto de dezessete anos me dizer como dirigir o Ministério! Já é hora de você aprender a ter respeito.

– E do senhor aprender a merecê-lo.

Ouviu-se um tropel de passos, em seguida a porta da sala de visitas se abriu de repente e o sr. e a sra. Weasley entraram correndo.

– Nós... nós pensamos ter ouvido... – começou o sr. Weasley, absolutamente assustado ao ver Harry e o ministro virtualmente se enfrentando.

– ... vozes alteradas – ofegou a sra. Weasley.

Scrimgeour se afastou uns dois passos de Harry, olhando para o buraco que abrira na camiseta do garoto. Pareceu se arrepender de ter perdido a cabeça.

– Não... não foi nada – rosnou o ministro. – Lamento... sua atitude – disse, encarando Harry mais uma vez. – Pelo visto, você pensa que o Ministério não deseja o mesmo que você, o que Dumbledore desejava. Devíamos estar trabalhando juntos.

– Não gosto dos seus métodos, ministro. Está lembrado?

Pela segunda vez, ele ergueu o pulso direito e mostrou a Scrimgeour as cicatrizes lívidas no dorso de sua mão, em que se liam *Não devo contar mentiras*. A expressão de Scrimgeour endureceu. Virou-se sem dizer mais nada e saiu mancando da sala. A sra. Weasley apressou-se em acompanhá-lo; Harry ouviu-a parar à porta dos fundos. Passado pouco mais de um minuto, ela falou da cozinha:

– Ele foi embora!

– E o que ele queria? – perguntou o sr. Weasley, olhando para Harry, Rony e

Hermione, no momento em que a sra. Weasley voltava a se reunir a eles.
– Entregar o que Dumbledore nos deixou – disse Harry. – Acabaram de liberar o conteúdo do testamento.
Lá no jardim, os três objetos que Scrimgeour dera aos garotos passaram pelas mesas de mão em mão. Todos admiraram o desiluminador e *Os contos de Beedle, o bardo,* e lamentaram que Scrimgeour tivesse se recusado a entregar a espada, mas ninguém foi capaz de sugerir o motivo por que Dumbledore teria legado a Harry um velho pomo. Quando o sr. Weasley examinava o desiluminador pela terceira ou quarta vez, sua mulher arriscou um palpite:
– Harry, querido, estamos mortos de fome, não quisemos começar sem você... posso servir o jantar agora?
Todos comeram rapidamente e, ao terminarem de cantar um "parabéns para você" igualmente rápido e devorar o bolo, a festa foi encerrada. Hagrid, que tinha sido convidado para o casamento no dia seguinte, mas era grande demais para dormir n'A Toca superlotada, saiu para armar sua barraca em um campo vizinho.
– Encontre a gente lá em cima – sussurrou Harry para Hermione, enquanto ajudava a sra. Weasley a devolver o jardim à normalidade. – Depois que o pessoal for se deitar.
No quarto do sótão, Rony examinou seu desiluminador e Harry encheu a bolsa de briba que Hagrid lhe dera, não com ouro mas com os seus objetos mais preciosos, embora alguns aparentemente não valessem nada: o Mapa do Maroto, o caco do espelho de Sirius e o medalhão de R.A.B. Ele fechou bem os cordões e prendeu a bolsa ao pescoço, depois sentou, segurando o velho pomo e observando suas asinhas esvoaçarem debilmente. Finalmente, Hermione bateu à porta e entrou nas pontas dos pés.
– *Abaffiato* – sussurrou, acenando a varinha em direção à escada.
– Pensei que você não aprovasse esse feitiço – implicou Rony.
– Os tempos mudam – respondeu Hermione. – Agora mostre-nos aquele desiluminador.
Rony atendeu o seu pedido na mesma hora. Erguendo-o à frente, clicou o objeto. A única luz que brilhava no quarto se apagou imediatamente.
– A questão é – cochichou Hermione no escuro –, poderíamos ter obtido o mesmo efeito com aquele Pó Escurecedor Instantâneo do Peru.
Ouviu-se um leve estalo, e a chama da luz do candeeiro voou de volta ao teto e iluminou-os.
– Mesmo assim é legal – disse Rony na defensiva. – E, pelo que dizem, foi o próprio Dumbledore que o inventou!
– Eu sei, mas com certeza ele não teria mencionado você no testamento só

para nos ajudar a apagar as luzes!
– Você acha que ele sabia que o Ministério confiscaria o testamento e examinaria tudo que nos deixou? – perguntou Harry.
– Sem a menor dúvida – respondeu Hermione. – Não podia nos dizer no testamento por que estava nos deixando essas coisas, ainda assim isso não explica...
– ... por que não poderia ter nos dado uma dica quando estava vivo? – indagou Rony.
– Exatamente – concordou Hermione, agora folheando *Os contos de Beedle, o bardo*. – Se esses objetos são suficientemente importantes para legá-los a nós bem debaixo do nariz do Ministério, seria de esperar que desse um jeito de nos informar o porquê... a não ser que achasse que era óbvio.
– Ele enganou-se, então, não foi? – disse Rony. – Eu sempre disse que ele era doido. Um gênio e tudo o mais, mas pirado. Deixar ao Harry um pomo velho... afinal o que é que é isso?
– Não faço ideia – disse Hermione. – Quando Scrimgeour fez você segurá-lo, Harry, estava certa de que alguma coisa ia acontecer!
– É, bem – disse Harry, seus batimentos se acelerando ao erguer o pomo entre os dedos. – Eu não ia me esforçar muito na frente de Scrimgeour, não é?
– Como assim? – perguntou Hermione.
– O pomo que eu capturei na primeira partida que joguei na vida? – disse Harry. – Você não lembra?
Hermione pareceu simplesmente aturdida. Rony, no entanto, soltou uma exclamação, apontando freneticamente de Harry para o pomo e de volta até recuperar a voz.
– Foi esse que você quase engoliu!
– Exatamente – disse Harry, e, com o coração disparado, encostou a boca no pomo.
O pequeno globo alado não se abriu. A frustração e o desapontamento o invadiram: ele baixou o pomo de ouro. Então, foi a vez de Hermione gritar:
– Letras! Tem uma coisa escrita nele, depressa, olhe!
Harry quase deixou cair o pomo, de surpresa e agitação. A amiga tinha razão. Gravadas na lisa superfície dourada, onde, apenas segundos antes, não existia nada, agora se viam três palavras, na caligrafia fina e inclinada que o garoto reconheceu ser a de Dumbledore:
Abro no fecho.
Mal acabara de ler, as palavras tornaram a desaparecer.
– *Abro no fecho*... Que será que isso significa?
Hermione e Rony balançaram a cabeça, perplexos.

– Abro no fecho... no *fecho*... Abro no fecho...

Contudo, por mais que repetissem as palavras, com diferentes inflexões, não foram capazes de extrair delas qualquer outro significado.

– E a espada – disse Rony, por fim, quando já tinham abandonado as tentativas de adivinhar o significado da inscrição no pomo. – Por que ele quis dar a espada ao Harry?

– E por que não pôde simplesmente me dizer? – comentou Harry, baixinho. – Estava *lá*, na parede do gabinete, bem à vista durante todas as nossas conversas no ano passado! Se queria deixá-la para mim, por que não me entregou a espada pessoalmente?

Ele teve a sensação de estar sentado, fazendo uma prova, diante de uma pergunta que seu cérebro lerdo e insensível devia ser capaz de responder. Havia alguma coisa que não entendera nas longas conversas com Dumbledore no ano anterior? Será que devia saber o que tudo aquilo significava? Dumbledore tinha esperado que ele entendesse?

– E quanto ao livro – disse Hermione – *Os contos de Beedle, o bardo*... eu nunca ouvi falar deles!

– Você nunca ouviu falar de *Os contos de Beedle, o bardo*? – perguntou Rony incrédulo. – Você está brincando, certo?

– Não, não estou! – respondeu Hermione surpresa. – Então, você os conhece?

– Claro que sim!

Harry ergueu os olhos se divertindo. Rony ter lido um livro que Hermione não conhecia era um fato sem precedentes. Rony, no entanto, parecia espantado com a surpresa dos amigos.

– Ah, gente, que é isso! Todas as histórias tradicionais para crianças são supostamente de Beedle, não? *A fonte da sorte... O bruxo e o caldeirão saltitante... Babbitty, a coelha, e o toco que cacarejava*...

– Perdão! – disse Hermione rindo. – Como é mesmo essa última?

– Ah, qual é! – exclamou Rony, olhando para os dois sem acreditar. – Vocês devem ter ouvido falar em Babbitty, a coelha...

– Rony, você sabe muito bem que Harry e eu fomos criados por trouxas! – lembrou Hermione. – Não ouvimos essas histórias quando éramos pequenos, ouvimos *Branca de neve e os sete anões* e *Cinderela*...

– Que é isso, uma doença? – perguntou Rony.

– Então são histórias para crianças? – perguntou Hermione, reexaminando as runas.

– É – respondeu Rony, inseguro –, quero dizer, é o que contavam para a gente, entende, e todas essas histórias antigas são do Beedle. Não sei como são na versão original.

– Mas por que Dumbledore achou que eu deveria lê-las?
Alguma coisa rangeu abaixo do sótão.
– Provavelmente é o Carlinhos. Agora que mamãe foi dormir, deve estar saindo escondido para fazer os cabelos crescerem – disse Rony nervoso.
– Mesmo que seja, devíamos voltar para a cama – sussurrou Hermione. – Não vai pegar bem a gente perder a hora amanhã.
– Não mesmo – concordou Rony. – A mãe do noivo cometer um homicídio triplo e brutal pode estragar o casamento. Vou acender as luzes.
E ele clicou o desiluminador mais uma vez enquanto Hermione ia saindo do quarto.

— CAPÍTULO OITO —

O casamento

Às três horas da tarde do dia seguinte, Harry, Rony, Fred e Jorge estavam parados diante da grande tenda branca no pomar, aguardando a chegada dos convidados para o casamento. Harry tomara uma boa dose de Poção Polissuco e virara o duplo de um trouxa ruivo, morador da aldeia local, Ottery St. Catchpole, de quem Fred roubara alguns fios de cabelo usando um Feitiço Convocatório. O plano era apresentar Harry como o "primo Barny" e confiar que o grande número de parentes dos Weasley o camuflasse.

Os quatro estavam segurando mapas da disposição das cadeiras para poder levar os convidados aos seus lugares. Uma legião de garçons vestidos de branco chegara uma hora antes, ao mesmo tempo que uma banda de paletós dourados. No momento, todos esses bruxos estavam sentados a uma pequena distância sob uma árvore; Harry viu uma nuvem azulada de fumaça de cachimbos se elevando do local.

Atrás do garoto, a entrada da tenda revelava filas e mais filas de frágeis cadeiras douradas dispostas nas laterais de um longo tapete roxo. Os postes de sustentação estavam enfeitados com guirlandas de flores brancas e douradas. Fred e Jorge tinham prendido um enorme buquê de balões dourados sobre o ponto exato em que Gui e Fleur em breve se tornariam marido e mulher. Fora da tenda, abelhas e borboletas pairavam preguiçosamente sobre a grama e a sebe. Harry se sentia bastante desconfortável. O garoto trouxa cuja aparência ele assumira era ligeiramente mais gordo, e suas próprias vestes a rigor estavam quentes e apertadas à claridade ofuscante do dia de verão.

– Quando eu me casar – disse Fred, repuxando a gola de suas vestes –, não vou me preocupar com nenhuma dessas bobagens. Vocês todos podem vestir o que quiserem, e lançarei um Feitiço do Corpo Preso na mamãe até terminar a cerimônia.

– Ela não esteve tão ruim assim hoje de manhã – comentou Jorge. – Chorou

um pouco porque Percy não veio, mas quem queria a presença dele? Ah, caramba, se preparem... aí vêm eles, olhem.

Vultos muito coloridos vinham surgindo do ar, um a um, na distante divisa do quintal. Em minutos formou-se uma procissão, que começou a serpear pelo jardim em direção à tenda. Flores exóticas e pássaros enfeitiçados esvoaçavam nos chapéus das bruxas, e pedras preciosas cintilavam nas gravatas de muitos bruxos; o murmúrio das conversas animadas foi crescendo cada vez mais, abafando o zumbido das abelhas à medida que a multidão se aproximava da tenda.

– Excelente, acho que estou avistando algumas primas *veelas* – disse Jorge, espichando o pescoço para ver melhor. – Elas vão precisar de ajuda para entender os nossos costumes ingleses, podem deixar que eu cuido delas.

– Calma aí, seu mal-amado – disse Fred, passando como uma flecha pelo bando de bruxas de meia-idade que vinham à frente da procissão. – Por aqui, *permettez-moi* de *assister vous* – ofereceu-se ele a duas belas francesinhas, que aceitaram entre risadinhas, que ele as conduzisse à tenda. A Jorge, couberam as bruxas de meia-idade, Rony se encarregou de um velho colega do sr. Weasley no Ministério, Perkins, e, para Harry, sobrou um casal um tanto surdo.

– E aí, beleza? – disse uma voz conhecida quando Harry tornou a emergir da tenda e deparou com Tonks e Lupin à frente da fila. Ela virara loura para a ocasião. – Arthur disse que você era o de cabelos crespos. Desculpe pela noite passada – acrescentou a bruxa em um sussurro, enquanto o garoto os conduzia pelo corredor central da tenda. – No momento, o Ministério está se mostrando muito antilobisomem, e achamos que a nossa presença poderia prejudicar você.

– Tudo bem, eu entendo – respondeu Harry mais para Lupin do que para Tonks. O bruxo sorriu brevemente, mas, assim que os dois viraram as costas, o garoto percebeu que o rosto do ex-professor retomou as rugas de infelicidade. Ele não estava entendendo, mas não tinha tempo para aprofundar o assunto. Hagrid estava causando um certo tumulto. Tendo entendido mal a orientação que Fred lhe dera, acomodou-se, não na cadeira magicamente aumentada e reforçada que lhe prepararam na última fila, mas em cinco cadeiras que agora pareciam uma montanha de palitos dourados.

Enquanto o sr. Weasley reparava o dano e Hagrid gritava suas desculpas para quantos quisessem ouvi-lo, Harry voltou rapidamente à entrada e encontrou Rony diante de um bruxo excepcionalmente excêntrico. Um tanto vesgo, cabelos brancos que lembravam a textura do algodão-doce e lhe desciam pelos ombros, ele usava um barrete cuja borla balançava diante do seu nariz e era cor de gema de ovo tão berrante que fazia doer os olhos. Um símbolo estranho, em forma de um olho triangular, brilhava em uma corrente de ouro pendurada ao seu pescoço.

– Xenofílio Lovegood – apresentou-se, estendendo a mão a Harry. – Minha filha e eu moramos ali atrás do morro, foi muita gentileza dos Weasley nos convidarem. Mas acho que conhece a minha Luna, não? – acrescentou para Rony.

– Conheço. Ela não veio com o senhor?

– Luna parou um instante naquele jardinzinho encantador para dizer alô aos gnomos, que gloriosa infestação! São muito poucos os bruxos que entendem o quanto podemos aprender com esses pequenos gnomos sábios, ou, para chamá-los pelo seu nome correto, os *Gernumbli gardensi*.

– Os nossos sabem realmente um tesouro de palavrões – acrescentou Rony –, mas acho que aprenderam com Fred e Jorge.

Dito isso, saiu para levar um grupo de bruxos à tenda no momento em que Luna os alcançava.

– Alô, Harry! – cumprimentou-o a garota.

– Ãh... meu nome é Barny – respondeu ele, surpreso.

– Ah, você trocou o nome também? – replicou Luna animada.

– Como soube...?

– Ah, a sua expressão.

Tal como o pai, a garota estava usando vestes amarelas berrantes, que complementara com um grande girassol nos cabelos. Uma vez que os olhos se acostumassem com o excesso de cor, o efeito geral era bem agradável. Pelo menos desta vez não trazia rabanetes pendurados nas orelhas.

Xenofílio, que estava absorto a conversar com um conhecido, perdera o diálogo entre Luna e Harry. Despedindo-se do bruxo, virou-se para a filha, que, erguendo o dedo, disse:

– Papai, olhe... um dos gnomos me mordeu!

– Que maravilha! A saliva de gnomo é extremamente benéfica! – comentou o sr. Lovegood, segurando o dedo que a filha lhe estendia e examinando os furinhos ensanguentados. – Luna, meu amor, se hoje você sentir um novo talento despontar, talvez uma inesperada vontade de cantar ópera ou de declamar em serêiaco, não se reprima! Talvez tenha recebido uma dádiva dos *Gernumblies*!

Rony que cruzava por eles, desdenhou com uma risadinha.

– Rony, pode rir – comentou Luna serenamente, enquanto Harry conduzia ela e o sr. Lovegood aos seus lugares –, mas meu pai fez muitas pesquisas sobre a magia *Gernumbli*.

– Sério?! – exclamou Harry, que há muito tempo resolvera parar de questionar as excêntricas opiniões de Luna e seu pai. – Mas tem certeza que não quer pôr alguma coisa nessa mordida?

– Ah, não se preocupe – disse Luna, chupando o dedo, distraidamente, e

medindo Harry de alto a baixo. – Você está elegante. Eu disse a papai que a maioria das pessoas provavelmente usaria vestes a rigor, mas ele acredita que se deve usar cores solares em um casamento, para dar sorte, entende.

Quando ela se afastou para acompanhar o pai, Rony reapareceu com uma bruxa idosa agarrada ao seu braço. Seu nariz curvo, os olhos de contornos vermelhos, e o chapéu rosa enfeitado com penas lhe davam a aparência de um flamingo mal-humorado.

– ... e os seus cabelos estão compridos demais, por um momento cheguei a pensar que você era a Ginevra. Pelas barbas de Merlim, que é que o Xenofílio está vestindo? Parece uma omelete. E quem é você? – perguntou rispidamente a Harry.

– Ah, sim, tia Muriel, esse é o nosso primo Barny.

– Mais um Weasley? Vocês se reproduzem como gnomos. E Harry Potter não está aqui? Eu tinha esperança de conhecê-lo. Pensei que fosse seu amigo, Ronald, ou você andou apenas se gabando?

– Não... ele não pôde vir...

– Humm. Deu uma desculpa, foi? Então, não é tão retardado quanto aparenta ser nas fotos da imprensa. Estive ensinando a noiva como é melhor usar a minha tiara – gritou para Harry. – Artesanato dos duendes, sabe, está na minha família há séculos. Ela é uma moça bonita, mas... *francesa*. Bem, bem, me arranje um bom lugar, Ronald, tenho cento e sete anos e não devo ficar em pé muito tempo.

Ao passar por Harry, Rony lançou-lhe um olhar significativo e não reapareceu por algum tempo; quando tornaram a se encontrar na entrada, Harry tinha levado mais de dez pessoas aos seus lugares. A tenda estava quase cheia agora e, pela primeira vez, não havia fila do lado de fora.

– Um pesadelo, essa Muriel! – exclamou Rony, enxugando a testa com a manga da roupa. – Costumava vir todo ano passar o Natal conosco, então, graças a Deus, se ofendeu porque Fred e Jorge estouraram uma bomba de bosta embaixo da cadeira dela na hora da ceia. Papai sempre comenta que ela deve ter riscado os dois do testamento, como se eles se importassem; nesse ritmo, eles vão acabar sendo os mais ricos da família... uau – acrescentou, pestanejando rapidamente quando viu Hermione vindo apressada ao encontro dos dois. – Que máximo!

– Sempre o tom de surpresa – respondeu Hermione, embora sorrisse. Usava um esvoaçante vestido lilás com sapatos altos da mesma cor; seus cabelos estavam lisos e sedosos. – Sua tia-avó Muriel não concorda, acabei de encontrá-la lá em cima entregando a tiara a Fleur: “Ai, não, essa é a menina que nasceu trouxa?”, e em seguida “má postura e tornozelos finos demais”.

– Não se ofenda, ela é grosseira com todo o mundo – disse Rony.

– Falando de Muriel? – perguntou Jorge, emergindo da tenda com Fred. – É, ela acabou de dizer que as minhas orelhas estão desiguais. Morcega velha. Mas eu gostaria que o tio Abílio ainda fosse vivo; ele era gargalhada certa em casamentos.
– Não foi ele que viu um Sinistro e morreu vinte e quatro horas depois? – perguntou Hermione.
– Bem, foi, ele ficou meio esquisito mais para o fim da vida – admitiu Jorge.
– Mas, antes de ficar caduco, ele era a alma das festas – comentou Fred. – Costumava beber uma garrafa inteira de uísque de fogo, depois ia para o meio do salão de dança, levantava as vestes e começava a tirar buquês de flores do...
– É, era realmente encantador – interrompeu-o Hermione, enquanto Harry se acabava de rir.
– Jamais casou, não sei por quê – disse Rony.
– Você me espanta – replicou Hermione.
Estavam rindo tanto que nenhum deles notou um convidado atrasado, um rapaz de cabelos escuros com um narigão curvo e grossas sobrancelhas negras, até ele apresentar o convite a Rony e dizer, com os olhos em Hermione:
– Você está marravilhosa!
– Vítor! – exclamou ela, deixando cair a bolsinha de contas, que produziu um baque desproporcional ao tamanho. Ao se abaixar, corando, para recuperá-la, disse: – Eu não sabia que você foi... nossa... que prazer ver... como vai?
As orelhas de Rony tinham mais uma vez ficado muito vermelhas. Examinando o convite de Krum como se não acreditasse em uma palavra do que via escrito, falou, um pouco alto demais:
– Por que está aqui?
– Fleur me convidou – respondeu Krum, erguendo as sobrancelhas.
Harry, que não tinha nada contra o búlgaro, apertou a mão do rapaz; depois, sentindo que seria prudente retirá-lo das imediações de Rony, ofereceu-se para lhe mostrar onde sentar.
– O seu amigo não ficou satisfeito em me verr – comentou Krum, entrando na tenda agora inteiramente lotada. – Ou ele é seu parrente? – acrescentou, reparando nos cabelos ruivos e crespos de Harry.
– Primo – murmurou, mas Krum parara de escutar. Sua aparição estava causando certo rebuliço, particularmente entre as primas *veelas*: afinal, era um famoso jogador de quadribol. Enquanto as pessoas ainda se esticavam para dar uma boa olhada nele, Rony, Hermione, Fred e Jorge vieram, apressados, pelo corredor central.
– Hora de sentar – disse Fred a Harry – ou vamos ser atropelados pela noiva.
Harry, Rony e Hermione sentaram-se na segunda fila atrás de Fred e Jorge. A

garota ainda estava muito rosada, e as orelhas de Rony continuavam escarlates. Passados alguns instantes, ele resmungou para Harry:

– Você viu a barbicha idiota que ele deixou crescer?

Harry respondeu com um grunhido indefinido.

Uma sensação de ansiedade perpassava a tenda quente, os murmúrios eram pontuados por ocasionais risadas de excitação. O sr. e a sra. Weasley entraram no corredor sorrindo e acenando para os parentes; ela trajando um conjunto novo de vestes ametistas e um chapéu da mesma cor.

No momento seguinte, Gui e Carlinhos se postaram à frente da tenda, os dois de vestes a rigor com grandes rosas brancas nas botoeiras; Fred deu um assovio de aprovação, que foi acompanhado por nova erupção de risinhos das primas *veelas*.

Então a multidão fez silêncio e o volume da música foi aumentando, aparentemente vinda dos balões dourados.

– Aaaah! – exclamou Hermione virando-se na cadeira para olhar a entrada.

Um suspiro coletivo se ergueu dos bruxos e bruxas reunidos quando Monsieur Delacour e Fleur entraram pelo corredor, ela deslizando, ele balançando o corpo com um largo sorriso no rosto. A noiva usava um vestido branco simples e parecia desprender uma forte aura prateada. Embora, por comparação, sua radiância normalmente empanasse a de qualquer pessoa, hoje embelezava todos sobre quem incidia. Gina e Gabrielle, ambas usando trajes dourados, pareciam ainda mais bonitas do que de costume, e quando Fleur chegou aonde estava Gui, ele pareceu jamais ter enfrentado Lobo Greyback.

– Senhoras e senhores – anunciou uma voz ligeiramente cantada, e, com um leve choque, Harry reconheceu o mesmo bruxo franzino com cabelos em tufos que presidira o funeral de Dumbledore, agora diante de Gui e Fleur. – Estamos aqui reunidos para celebrar a união de dois fiéis...

– Decididamente, a minha tiara valoriza toda a cerimônia – comentou tia Muriel, com um poderoso sussurro. – Mas é preciso que se diga, o vestido de Ginevra está decotado demais.

Gina olhou para o lado, sorrindo, piscou para Harry e em seguida virou-se de novo para a frente. O pensamento de Harry transportou-se a grande distância da tenda, para as tardes em que passaram a sós em lugares isolados dos jardins da escola. Pareciam ter sido há tanto tempo; sempre bons demais para serem reais, como se ele tivesse furtado horas ensolaradas da vida de alguém normal, alguém sem cicatriz em forma de raio no meio da testa...

– Guilherme Arthur, você aceita Fleur Isabelle...?

Na primeira fila, a sra. Weasley e Madame Delacour choravam baixinho em lencinhos de renda. Sons de trombeta ao fundo da tenda anunciaram que Hagrid

puxara do bolso um dos seus lenços tamanho-toalha. Hermione virou-se sorridente para Harry; seus olhos também estavam marejados de lágrimas.

– ... então eu os declaro unidos para toda a vida.

O bruxo de cabelos em tufos ergueu a varinha sobre as cabeças de Gui e Fleur e uma chuva de estrelas caiu sobre os noivos, envolvendo em espirais os seus corpos agora entrelaçados. Enquanto Fred e Jorge puxavam uma salva de palmas, os balões dourados no alto estouraram: flutuaram no ar aves do paraíso e minúsculos sinos de prata que somaram seus cantos e tinidos à zoada geral.

– Senhoras e senhores! – falou o bruxo de cabelos em tufos. – Por favor, queiram se levantar!

Todos obedeceram, tia Muriel resmungando audivelmente; ele acenou a varinha. As cadeiras em que as pessoas tinham estado sentadas se ergueram graciosamente no ar, ao mesmo tempo que as paredes da tenda desapareciam, deixando agora os convidados apenas sob o toldo sustentado pelos postes dourados, com uma vista gloriosa do pomar ensolarado e do campo ao redor. Em seguida, uma poça de ouro líquido se espalhou do centro para a periferia da tenda formando uma pista de dança reluzente; as cadeiras suspensas se agruparam em torno das mesinhas, cobertas com toalhas brancas, o conjunto flutuou suavemente de volta ao jardim, e a banda de paletós dourados marchou em direção a um pódio.

– Legal – aprovou Rony, enquanto os garçons surgiam de todos os lados, alguns trazendo bandejas de prata com suco de abóbora, cerveja amanteigada e uísque de fogo, outros equilibrando montanhas de tortinhas e sanduíches.

– Temos que ir cumprimentá-los! – disse Hermione, ficando nas pontas dos pés para localizar onde Gui e Fleur tinham desaparecido cercados por uma multidão que lhes desejava felicidades.

– Bem, teremos tempo depois – disse Rony dando de ombros, e, tirando três cervejas amanteigadas de uma bandeja que passava, entregou uma a Harry. – Hermione, é agora, vamos pegar uma mesa... ali não! O mais longe da Muriel...

Rony atravessou a pista de dança vazia, olhando para os lados: Harry teve certeza de que ele estava atento a Krum. Quando finalmente alcançaram o lado oposto do toldo, a maior parte das mesas já estava tomada: a mais vazia era a que Luna ocupava sozinha.

– Tudo bem se a gente sentar com você? – perguntou Rony.

– Ah, claro – respondeu ela contente. – Papai foi entregar a Gui e Fleur o nosso presente.

– Que é... um estoque de raízes-de-cuia para a vida toda? – perguntou Rony.

Hermione deu-lhe um pontapé por baixo da mesa, mas acertou em Harry. Com os olhos lacrimejando de dor, o garoto perdeu o fio da conversa por alguns

momentos.
A banda começara a tocar. Gui e Fleur foram os primeiros na pista de dança, sob os aplausos gerais; passado um momento, o sr. Weasley chegou com Madame Delacour, no que foi seguido pela sra. Weasley com o pai de Fleur.
– Gosto dessa música – disse Luna, balançando-se no ritmo de uma valsa, e segundos depois ela se levantou e deslizou para a pista, onde dançou sem sair do lugar, sozinha, agitando os braços de olhos fechados.
– Ela é ótima, não é? – comentou Rony com admiração. – Sempre vale a pena olhar.
O sorriso, porém, apagou-se imediatamente do seu rosto: Vítor Krum havia sentado na cadeira desocupada por Luna. Hermione pareceu agradavelmente perturbada, mas desta vez Krum não viera cumprimentá-la. Com o rosto contraído, ele perguntou:
– Quem é aquele homem de amarrelo?
– É o Xenofílio Lovegood, pai de uma amiga nossa – respondeu Rony. Seu tom agressivo indicava que eles não iriam rir de Xenofílio, apesar da clara provocação. – Vamos dançar – acrescentou ele, bruscamente, para Hermione.
Ela pareceu surpresa, mas também feliz, e se levantou: eles desapareceram na pista de dança que agora ia enchendo de dançarinos.
– Ah, eles estão juntos agora? – perguntou Krum, momentaneamente distraído.
– Ah... mais ou menos – respondeu Harry.
– E você quem é? – tornou Krum.
– Barny Weasley.
Eles se apertaram as mãos.
– Você, Barny... conhece bem esse tal Lovegood?
– Não, eu o conheci hoje. Por quê?
Krum franziu o cenho por cima da borda do copo de bebida, observando Xenofílio, que conversava com vários bruxos do lado oposto da pista de dança.
– Porrque – disse Krum – se ele não fosse convidado da Fleur, eu o desafiarria parra um duelo aqui e agorra, porr usarr aquele símbolo nojento no peito.
– Símbolo? – admirou-se Harry, olhando também para Xenofílio. O estranho olho triangular brilhava em seu peito. – Por quê? Qual é o problema?
– Grrindelvald. Aquele é o símbolo de Grrindelvald.
– Grindelwald... o bruxo das trevas que Dumbledore derrotou?
– Exatamente. – Os músculos do queixo de Krum se moveram como se estivesse mascando, e ele continuou: – Grrindelvald matou muitas pessoas, meu avô, porr exemplo. Naturralmente ele nunca foi muito poderroso em seu país, diziam que temia Dumbledorre: e com razão, sabendo como foi derrotado. Mas

isto... – Ele apontou para Xenofílio. – Isto é o símbolo dele, reconheci na hora: Grrindelvald grravou-o em uma parrede de Durrmstrrang quando estudou lá. Alguns idiotas o copiarram nos livros e nas roupas, querrendo chocarr, se fazerr de imporrtantes, até que aqueles, como nós, que tínhamos perrdido familiarres porr culpa de Grrindelvald demos uma lição neles.

Krum estalou as juntas dos dedos ameaçadoramente, amarrando a cara para Xenofílio. Harry ficou perplexo. Parecia-lhe extremamente improvável que o pai de Luna fosse um seguidor das Artes das Trevas, e ninguém mais na tenda parecia ter reconhecido o triângulo, cujo formato lembrava uma runa.

– Você tem, ah, certeza que é de Grindelwald...?

– Não estou enganado – replicou Krum com frieza. – Passei porr aquele símbolo durrante anos, conheço-o bem.

– Bem, tem uma probabilidade de que Xenofílio não saiba o que o símbolo realmente significa. Os Lovegood são muito... incomuns. Ele pode muito bem tê-lo comprado por aí, achando que é o corte transversal de uma cabeça de Bufadores de Chifre Enrugado ou outra coisa qualquer.

– Um corrte trransverrsal do quê?

– Bom, não sei muito bem o que são, mas aparentemente ele e a filha viajam nas férias para procurá-los...

Harry sentiu que não estava sendo muito convincente ao explicar Luna e o pai.

– É ela ali – disse apontando a garota, que ainda dançava sozinha, agitando os braços em torno da cabeça como quem tenta espantar maruins.

– Porr que ela está fazendo aquilo? – perguntou Krum.

– Provavelmente está tentando se livrar de um zonzóbulo – arriscou Harry, que reconheceu os sintomas.

Krum não soube dizer se Harry estava ou não gozando com a cara dele. Puxou a varinha de dentro das vestes e bateu-a ameaçadoramente na coxa; da ponta saltaram faíscas.

– Gregorovitch! – exclamou Harry em voz alta, e Krum se sobressaltou, mas o garoto estava excitado demais para ligar: lembrara-se, afinal, ao ver a varinha de Krum: Olivaras a apanhara e examinara cuidadosamente antes do Torneio Tribruxo.

– Que tem ele? – perguntou Krum, desconfiado.

– É fabricante de varinhas!

– Eu sei.

– Fabricou sua varinha! Foi por isso que pensei... quadribol...

Krum parecia mais e mais desconfiado.

– Como sabe que foi Gregorovitch que fabrricou a minha varrinha?

– Li... li em algum lugar, acho. Em um... um fanzine – improvisou sem pensar,

e Krum pareceu mais tranquilo.
– Eu não me lembrrava de ter jamais discutido minha varrinha com os fãs.
– Então... ah... onde anda Gregorovitch ultimamente?
Krum pareceu intrigado.
– Ele se aposentou faz anos. Fui um dos últimos a comprarr uma varrinha fabrricada porr ele. São as melhorres, embora eu saiba, é clarro, que os brritânicos dão grrande valorr a Olivarras.
Harry não respondeu. Fingiu observar, tal como Krum, os pares que dançavam, mas estava pensando com grande concentração. Então Voldemort estava procurando um célebre fabricante de varinhas, e o garoto não precisava ir muito longe para saber a razão: certamente era por causa da reação da varinha de Harry na noite em que ele o perseguira pelo céu. A varinha de azevinho e pena de fênix tinha vencido a que Voldemort tomara emprestada, algo que Olivaras não tinha previsto nem compreendia. Gregorovitch saberia explicar? Seria, de fato, mais qualificado que Olivaras? Conheceria segredos sobre varinhas que Olivaras ignorava?
– Essa garota é muito bonita – comentou Krum, fazendo Harry voltar ao presente. Krum estava apontando para Gina, que acabara de se juntar a Luna. – Também é sua parenta?
– É – informou Harry, repentinamente irritado –, e está namorando alguém. Um cara ciumento. Grandalhão. Você não iria querer atravessar o caminho dele.
Krum resmungou:
– Qual é – disse, esvaziando o copo e se pondo de pé – a vantagem de ser jogador internacional de quadribol se todas as moças bonitas já estão comprometidas?
E se afastou, deixando Harry, que, depois de apanhar um sanduíche com um garçom que ia passando, contornou a pista de dança apinhada. Queria achar Rony e lhe falar sobre Gregorovitch, mas o amigo estava dançando com Hermione no meio da multidão. Harry se encostou em um dos postes dourados e ficou observando Gina, que dançava com o amigo de Fred e Jorge, Lino Jordan, tentando não sentir raiva da promessa que fizera a Rony.
Ele nunca fora a um casamento antes, portanto não era capaz de avaliar as diferenças entre as celebrações dos bruxos e as dos trouxas, embora tivesse certeza de que essas últimas não teriam um bolo de casamento coroado por duas fênix falsas que levantaram voo quando os noivos cortaram a primeira fatia, nem garrafas de champanhe que flutuavam entre os convidados. A noite foi chegando e as mariposas começaram a mergulhar sob o toldo, agora iluminado por lanternas douradas suspensas no ar, e a festa foi se tornando mais descontraída. Fred e Jorge tinham desaparecido na escuridão, havia muito tempo, com duas

primas de Fleur; Carlinhos, Hagrid e um bruxo atarracado com um chapéu de abas reviradas entoavam, a um canto, “Odo, o herói”.

Andando entre os convidados para fugir de um tio bêbado de Rony que parecia não ter certeza se Harry era ou não seu filho, o garoto localizou um velho bruxo sentado sozinho a uma mesa. A nuvem de cabelos brancos que envolvia sua cabeça lhe dava a aparência de um diáfano dente-de-leão, encimado por um fez roído de traças. Achou-o vagamente familiar: vasculhando a memória, Harry de repente lembrou que era Elifas Doge, membro da Ordem da Fênix e autor do obituário de Dumbledore.

Harry se aproximou.

– Posso me sentar?

– Claro, claro – respondeu Doge. Tinha uma voz aguda e chiada.

Harry se inclinou para ele.

– Sr. Doge, sou Harry Potter.

Doge ofegou.

– Meu caro rapaz! Arthur me disse que você estava aqui disfarçado... É uma grande alegria e uma grande honra!

Em um arroubo de prazer e agitação, Doge serviu-lhe uma taça de champanhe.

– Pensei em lhe escrever – sussurrou o bruxo – depois que Dumbledore... o choque... e para você, tenho certeza...

Os olhinhos de Doge se encheram de repentinas lágrimas.

– Li o obituário que o senhor escreveu no *Profeta Diário*. Não sabia que o senhor conhecia o prof. Dumbledore tão bem.

– Tão bem quanto qualquer outro – replicou ele, secando as lágrimas com um guardanapo. – Com certeza conheci-o por mais tempo, se não contarmos o irmão Aberforth que, por alguma razão, as pessoas parecem jamais levar em conta.

– Voltando ao *Profeta Diário*... Não sei se viu, sr. Doge...

– Ah, por favor me chame de Elifas, caro rapaz.

– Elifas, não sei se viu a entrevista que Rita Skeeter deu sobre Dumbledore.

Uma vermelhidão de cólera afluiu ao rosto de Doge.

– Ah, sim, Harry, vi. Aquela mulher, ou urubu seria um termo mais apropriado, decididamente me importunou para conversar com ela. Envergonho-me de dizer que fui grosseiro, chamei-a de metida, e o resultado, como você pôde ver, foram insinuações sobre a minha sanidade.

– Bem, naquela entrevista – continuou Harry –, Rita Skeeter sugeriu que, na juventude, o prof. Dumbledore se envolveu com as Artes das Trevas.

– Não acredite em uma palavra do que leu! – retrucou Doge na mesma hora. – Em nenhuma, Harry! Não deixe nada macular as lembranças que tem de Alvo Dumbledore!

Harry olhou para o rosto sério e atormentado de Doge e não se sentiu confiante, mas sim frustrado. Será que Doge realmente pensava que era fácil, que ele simplesmente poderia *decidir* não acreditar? Será que Doge não compreendia que Harry precisava ter certeza, *saber* de tudo?

Talvez Doge suspeitasse dos sentimentos de Harry, porque pareceu preocupado e se apressou a enfatizar:

– Harry, Rita Skeeter é uma horrenda...

Mas o bruxo foi interrompido por uma gargalhada aguda.

– Rita Skeeter? Ah, eu adoro aquela mulher, eu sempre leio o que ela escreve!

Harry e Doge ergueram os olhos e deram com a tia Muriel parada ali, as penas balançando no chapéu, uma taça de champanhe na mão.

– Ela escreveu um livro sobre Dumbledore, sabem!

– Olá, Muriel – cumprimentou-a Doge. – Sim, estávamos mesmo discutindo...

– Você aí! Me ceda a sua cadeira, tenho cento e sete anos!

Outro primo ruivo dos Weasley saltou de uma cadeira, assustado, e tia Muriel virou-a com surpreendente força e sentou-se entre Doge e Harry.

– Olá de novo, Barry, ou que nome tenha – disse ela para Harry. – Então, que estava dizendo sobre Rita Skeeter, Elifas? Já sabe que ela escreveu uma biografia de Dumbledore? Mal posso esperar para ler, preciso me lembrar de encomendá-la na Floreios e Borrões!

Doge se tornou frio e grave ao ouvir isso, mas tia Muriel esvaziou a taça que trazia e estalou os dedos ossudos para um garçom que ia passando. Tomou mais um grande gole, arrotou e acrescentou:

– Não precisam fazer cara de sapos empalhados! Antes de se tornar respeitado e respeitável e toda essa baboseira, correram boatos bem esquisitos sobre o Alvo!

– Calúnias sem fundamento – replicou Doge, ficando outra vez cor de rabanete.

– É bem o que você diria, Elifas – cacarejou tia Muriel. – Notei como você pulou os pontos controvertidos naquele seu obituário!

– Lamento que pense assim – disse Doge, com a maior frieza. – Posso lhe assegurar que escrevi com o coração.

– Ah, todo o mundo sabe que você venerava Dumbledore; ouso dizer que continuará a achá-lo um santo, mesmo se revelarem que ele matou aquela bruxa abortada que era a irmã dele.

– *Muriel!* – exclamou Doge.

Uma frialdade que não se devia ao champanhe gelado começou a invadir o peito de Harry.

– Como assim? – perguntou ele a Muriel. – Quem disse que a irmã dele era

uma bruxa abortada? Pensei que fosse doente, não?
– Pois pensou errado, não foi, Barry?! – exclamou tia Muriel, parecendo satisfeita com o efeito que causara. – Enfim, como você poderia saber alguma coisa sobre isso? Aconteceu há muitos anos, antes mesmo que você fosse cogitado, meu caro, e a verdade é que nós que estávamos vivos à época nunca soubemos o que realmente aconteceu. É por isso que mal posso esperar para ler o que Skeeter desenterrou! Dumbledore guardou silêncio sobre aquela irmã por tempo demais!
– Não é verdade – chiou Doge. – Absolutamente não é verdade.
– Ele nunca me disse que teve uma irmã que era um aborto – disse Harry sem pensar, ainda frio por dentro.
– E por que lhe diria isso? – esganiçou-se Muriel, oscilando um pouco na cadeira, tentando focalizar Harry.
– A razão por que Alvo nunca falava em Ariana – começou Elifas, com a voz emocionada – é, imagino, muito clara. Ficou arrasado com a morte da irmã...
– Por que ninguém nunca a via, Elifas? – grasnou Muriel. – Por que metade de nós sequer soube que ela existia, até o caixão sair da casa para os funerais? Onde estava o santo Dumbledore, enquanto Ariana viveu trancada no porão? Estava brilhando em Hogwarts sem se importar com o que acontecia em sua própria casa!
– Como assim "trancada no porão"? – perguntou Harry. – Que quer dizer com isso?
Doge era a imagem da infelicidade. Tia Muriel tornou a responder a Harry com sua voz aguda.
– A mãe de Dumbledore era uma mulher apavorante, simplesmente apavorante. Nasceu trouxa, embora tenham me dito que ela fingia não ser...
– Ela nunca fingiu nada! Kendra era uma excelente mulher! – sussurrou Doge angustiado, mas tia Muriel não lhe deu atenção.
– ... orgulhosa e muito dominadora, o tipo de bruxa que se sentiria mortificada de produzir um aborto da natureza...
– Ariana não era um aborto da natureza! – chiou Doge.
– É o que você diz, Elifas, mas me explique, então, por que ela nunca frequentou Hogwarts! – E, voltando-se para Harry. – No nosso tempo, era comum as famílias esconderem os bruxos abortados. Embora chegar ao extremo de trancafiar uma menininha em casa e fingir que ela não existia...
– Estou lhe afirmando que não foi o que aconteceu! – retorquiu Doge, mas tia Muriel passou de rolo compressor e continuou a se dirigir a Harry.
– Os bruxos abortados normalmente iam para escolas de trouxas e eram incentivados a se integrarem na comunidade trouxa... muito mais caridoso do

que tentar encontrar um lugar para eles no mundo bruxo, onde seriam sempre considerados inferiores; mas naturalmente Kendra Dumbledore não sonharia em deixar a filha frequentar uma escola trouxa.

– Ariana era delicada! – argumentou Doge desesperado. – A saúde dela sempre foi precária demais para lhe permitir...

– Permitir sair de casa? – cacarejou Muriel. – No entanto, ela jamais foi levada ao St. Mungus e nenhum curandeiro jamais foi chamado para atendê-la!

– Francamente, Muriel, como é possível você saber se...

– Para sua informação, Elifas, meu primo Lancelote era curandeiro no St. Mungus naquela época e contou à minha família, em confiança, que Ariana nunca fora vista por lá. Tudo muito suspeito, era o que o Lancelote pensava!

Doge parecia à beira das lágrimas. Tia Muriel, que parecia estar se divertindo imensamente, estalou os dedos para que lhe trouxessem mais champanhe. Sem sentir, Harry pensou nos Dursley e como, no passado, o tinham calado, trancado e mantido fora de vista, tudo pelo crime de ser bruxo. A irmã de Dumbledore teria sofrido o reverso do mesmo destino? Presa por lhe faltar magia? E Dumbledore teria realmente deixado a irmã entregue à própria sorte enquanto partia para Hogwarts, para provar sua genialidade e talento?

– Agora, se Kendra não tivesse morrido primeiro – retomou Muriel –, eu diria que foi ela quem liquidou Ariana...

– Como pode dizer isso, Muriel? – gemeu Doge. – Uma mãe matar a própria filha? Pense no que está dizendo!

– Se a mãe em questão fosse capaz de manter a filha presa durante anos, por que não? – retrucou Muriel sacudindo os ombros. – Mas, como digo, a história não se encaixa, porque Kendra morreu antes de Ariana, portanto, ninguém jamais soube direito...

– Ah, com certeza Ariana assassinou a mãe – replicou Doge, tentando corajosamente desdenhar. – Por que não?

– É, Ariana talvez tenha feito uma desesperada tentativa para se libertar e, no esforço, matou Kendra – concluiu tia Muriel, pensativa. – Pode balançar a cabeça o quanto quiser, Elifas! Você esteve nos funerais de Ariana, não esteve?

– Estive – confirmou Doge, com os lábios trêmulos. – E não me lembro de ocasião mais desesperadamente triste. Alvo estava com o coração despedaçado...

– E não era só o coração. Aberforth não quebrou o nariz de Dumbledore durante a encomendação do corpo?

Se Doge parecera horrorizado antes, não se comparava ao que demonstrava agora. Era como se Muriel o tivesse esfaqueado. A bruxa riu alto e tomou mais um gole de champanhe, que escorreu pelo seu queixo.

– Como você...?! – exclamou Doge rouco.

– Minha mãe era amiga da velha Batilda Bagshot – disse ela, alegre. – Batilda contou tudo a minha mãe, e eu ouvi atrás da porta. Uma briga ao lado do caixão. Pelo que Batilda descreveu, Aberforth gritou que era culpa de Alvo que Ariana tivesse morrido e, em seguida, deu-lhe um murro na cara. Ela contou ainda que Alvo nem sequer se defendeu, o que é estranho, porque poderia ter acabado com o irmão em um duelo com as mãos amarradas nas costas.

Muriel continuou bebendo champanhe. A enumeração desses velhos escândalos parecia animá-la tanto quanto horrorizava Doge. Harry não sabia o que pensar, em que acreditar: queria a verdade, contudo, Doge não reagia, apenas balia debilmente que Ariana adoecera. Harry não conseguia acreditar que Dumbledore não tivesse intervindo se estivesse ocorrendo uma crueldade daquelas em sua própria casa, mas, sem dúvida, havia alguma coisa estranha na história toda.

– E vou lhe dizer mais – continuou Muriel, com um leve soluço, baixando sua taça. – Acho que Batilda deu com a língua nos dentes para Rita Skeeter. Aquelas insinuações que ela fez na entrevista sobre uma importante fonte chegada aos Dumbledore... todos sabem que Batilda presenciou o que aconteceu com Ariana, e se encaixaria perfeitamente!

– Batilda jamais falaria com Rita Skeeter! – murmurou Doge.

– Batilda Bagshot? – indagou Harry. – A autora de *História da magia*?

O nome estava impresso na capa de um de seus livros de escola, embora o garoto reconhecesse que não era um dos que ele tivesse lido com muita atenção.

– É – confirmou Doge, agarrando-se à pergunta de Harry como um afogado se agarra a uma boia. – Uma talentosa historiadora da magia e uma velha amiga de Alvo.

– E ultimamente bem gagá, segundo ouvi dizer – acrescentou tia Muriel animada.

– Se isso é verdade, foi ainda mais desonroso Skeeter ter se aproveitado dela – disse Doge –, e ninguém pode confiar em nada que Batilda possa ter dito!

– Há maneiras de se recuperar lembranças, e tenho certeza de que Rita Skeeter conhece todas. Mas, mesmo que Batilda esteja completamente lelé, tenho certeza de que ainda guarda velhas fotos e talvez até cartas. Conheceu os Dumbledore durante anos... o que valeria uma viagem a Godric’s Hollow, na minha opinião.

Harry, que estivera bebericando sua cerveja amanteigada, se engasgou. Doge deu-lhe palmadas nas costas enquanto o garoto tossia, olhando para tia Muriel com os olhos cheios de lágrimas. Quando recuperou a voz, perguntou:

– Batilda Bagshot mora em Godric’s Hollow?

– Ah, sim, há uma eternidade! Os Dumbledore se mudaram para lá depois que Percival foi preso, e ela foi vizinha da família.

– Os Dumbledore moraram em Godric’s Hollow?
– Sim, Barry, foi o que acabei de dizer – respondeu tia Muriel irritada.
Harry se sentiu esgotado, vazio. Nem uma vez, naqueles seis anos, Dumbledore lhe contara que os dois tinham morado e perdido familiares queridos em Godric’s Hollow. Por quê? Seus pais teriam sido enterrados perto da mãe e da irmã de Dumbledore? Dumbledore teria visitado seus túmulos e, talvez, passado pelos de Lílian e Tiago a caminho? E jamais contara a Harry... jamais se preocupara em dizer...
E por que era tão importante, Harry não sabia explicar nem para si mesmo, contudo sentia que equivalia a uma mentira não ter mencionado que tinham aquele lugar e aquelas experiências em comum. O garoto ficou olhando duro em frente, mal notando o que estava acontecendo ao seu redor, e não percebeu que Hermione se destacara da multidão de convidados, até ela puxar uma cadeira e sentar ao seu lado.
– Simplesmente não consigo dançar mais – ofegou, tirando um dos sapatos e esfregando a sola de um pé. – Rony foi buscar mais cerveja amanteigada. Que coisa estranha, acabei de ver Vítor se afastando enfurecido do pai de Luna, parecia que estiveram discutindo... – Ela baixou a voz, olhando-o. – Harry, você está bem?
O garoto não sabia por onde começar, mas não fez diferença. Naquele momento, algo volumoso e prateado atravessou o toldo sobre a pista de dança. Gracioso e reluzente, o lince aterrissou com leveza entre os espantados convidados. Cabeças se viraram, e as pessoas que estavam mais próximas congelaram absurdamente em meio a passos de dança. Então a boca do Patrono se abriu desmesuradamente e ele anunciou na voz alta, grave e lenta de Kingsley Shacklebolt:
– *O Ministério caiu. Scrimgeour está morto. Eles estão vindo*.

— CAPÍTULO NOVE —
Um esconderijo

A cena pareceu imprecisa e lenta. Harry e Hermione saltaram das cadeiras e empunharam suas varinhas. Muita gente começava apenas a entender que algo estranho acontecera; as cabeças se mantinham voltadas para o lince prateado enquanto ele sumia no ar. O silêncio se propagou em ondas frias desde o ponto em que o Patrono aterrissara. Então alguém gritou.

Harry e Hermione se precipitaram para a multidão em pânico. Os convidados disparavam em todas as direções; muitos estavam desaparatando; os feitiços que protegiam A Toca e seus arredores tinham sido anulados.

– Rony! – gritou Hermione. – Cadê você?

À medida que avançavam pela pista de dança, Harry viu vultos de capa e máscara surgirem na multidão; viu também Lupin e Tonks de varinhas erguidas, e ouviu ambos gritarem: “*Protego!*”, um grito que ecoou por todos os lados...

– Rony! Rony! – chamava Hermione, quase soluçando, enquanto ela e Harry eram empurrados pelos convidados aterrorizados; o garoto agarrou a mão dela para garantir que não se separassem, ao mesmo tempo que um raio de luz passou por cima de suas cabeças; se era um feitiço de proteção ou algo mais sinistro eles não sabiam dizer...

Então Rony apareceu. Segurou o braço livre de Hermione, e Harry sentiu-a girar no mesmo lugar; visão e audição se extinguiram quando ele foi engolido pela escuridão; sua única sensação era a mão de Hermione ao ser comprimido no espaço e no tempo, distanciando-se d’A Toca, distanciando-se dos Comensais da Morte que desciam, talvez do próprio Voldemort...

– Onde estamos? – perguntou a voz de Rony.

Harry abriu os olhos. Por um momento pensou nem ter deixado o local do casamento: continuavam cercados de pessoas.

– Rua Tottenham Court – ofegou Hermione. – Ande, apenas ande, precisamos encontrar um lugar para você se trocar.

Harry obedeceu. Eles meio que andavam, meio que corriam pela larga rua escura, apinhada de gente que se divertia na noite, ladeada por lojas fechadas, as estrelas brilhando lá no alto. Um ônibus de dois andares passou, barulhento, e um alegre grupo de boêmios ficou olhando das janelas para eles; Harry e Rony ainda usavam vestes a rigor.

– Hermione, não temos roupas para trocar – comentou Rony, quando uma jovem caiu na risada ao vê-los.

– Por que não verifiquei se tinha trazido comigo a Capa da Invisibilidade? – perguntou Harry, xingando mentalmente a própria burrice. – Carreguei-a durante todo o ano passado e...

– Tudo bem, eu trouxe a capa, trouxe roupas para vocês dois – disse Hermione. – Tentem apenas agir com naturalidade até... aqui vai dar.

Ela os levou a uma rua lateral, e dali ao refúgio de uma travessa escura.

– Quando você diz que trouxe a capa e as roupas... – Harry começou a dizer, franzindo a testa para a amiga, que não levava nada nas mãos, exceto a bolsinha de contas, em cujo interior ela agora remexia.

– Isso mesmo, estão aqui – respondeu ela e, para espanto dos dois garotos, tirou da bolsa um jeans, uma camiseta, meias marrons e, finalmente, a Capa da Invisibilidade prateada.

– Caraca, como foi...?

– Feitiço Indetectável de Extensão – respondeu Hermione. – Complicado, mas acho que o executei corretamente; enfim, consegui enfiar aqui dentro tudo que precisamos. – Ela deu uma sacudidela na bolsinha frágil que ressoou como um porão de carga, quando dentro rolaram vários objetos pesados. – Ah, droga, devem ser os livros – disse Hermione dando uma espiada –, eu tinha empilhado todos por assunto... ah, bom... Harry, é melhor ficar com a Capa da Invisibilidade. Rony, depressa, se troca logo...

– Quando foi que você fez tudo isso? – perguntou Harry, enquanto Rony despia as vestes.

– Eu lhe falei n'A Toca que tinha empacotado o essencial, lembra, caso a gente precisasse sair correndo. Arrumei a sua mochila hoje de manhã, Harry, depois que você se trocou, e guardei tudo aqui... tive um pressentimento...

– Você é um assombro, só é! – exclamou Rony, lhe entregando as vestes enroladas.

– Obrigada – disse Hermione, se esforçando para sorrir ao guardar as vestes na bolsinha. – Por favor, Harry, cubra-se com a capa!

Harry atirou a capa sobre os ombros e puxou-a para a cabeça, desaparecendo de vista. Começava, enfim, a avaliar o que acontecera.

– Os outros... todo o mundo no casamento...

– Não podemos nos preocupar com isso agora – sussurrou Hermione. – É atrás de você que eles estão, Harry, e deixaremos todos em maior perigo se voltarmos.

– Ela tem razão – confirmou Rony, que pareceu perceber que Harry ia contra-argumentar, ainda que não pudesse ver o rosto do amigo. – A maior parte dos membros da Ordem estava presente, eles cuidarão de todos.

Harry assentiu, mas lembrou que os outros não podiam vê-lo e acrescentou:

– É. – Pensou, porém, em Gina, e o medo borbulhou como um ácido em seu estômago.

– Vamos, acho que temos de continuar andando – disse Hermione.

Os três tornaram a sair da rua lateral e entrar na principal, onde um grupo de homens cantava e acenava da calçada oposta.

– Só por curiosidade, por que a rua Tottenham Court? – perguntou Rony a Hermione.

– Não faço ideia, o nome simplesmente me ocorreu, mas tenho certeza de que estaremos mais seguros no mundo dos trouxas, não é onde eles esperam que estejamos.

– Verdade – concordou Rony, olhando para os lados –, mas você não se sente um pouco... exposta?

– Que outra opção nos resta? – perguntou Hermione, se encolhendo quando os homens do outro lado da rua começaram a assoviar para ela. – Não daria para reservar quartos no Caldeirão Furado, não é? E o largo Grimmauld está fora, se o Snape ainda pode entrar lá... suponho que poderíamos tentar a casa dos meus pais, embora seja provável que eles a revistem... ah, eu gostaria que eles calassem a boca!

– Tudo bem, querida? – gritou o mais bêbado dos homens na outra calçada. – Quer tomar um drinque? Larga esse ruivo pra lá e vem tomar uma cerveja!

– Vamos nos sentar em algum lugar – disse Hermione depressa, quando Rony abriu a boca para responder. – Olhe, esse serve, aí dentro!

Era um café pequeno e encardido aberto a noite toda. Uma leve camada de gordura cobria as mesas com tampo de fórmica, mas pelo menos estava vazio. Harry foi o primeiro a entrar no reservado, e Rony sentou ao seu lado, defronte a Hermione, que ficou de costas para a entrada e não gostou: espiava por cima do ombro com tanta frequência que parecia ter um tique nervoso. Harry também não gostou de ficar parado; andar lhe dera a ilusão de que tinham um objetivo. Sob a capa, ele sentia os últimos vestígios da Poção Polissuco se dispersarem, permitindo que suas mãos retomassem o comprimento e a forma normais. Ele tirou os óculos do bolso e colocou-os no rosto.

Passados uns dois minutos, Rony falou:

– Sabem, não estamos muito longe do Caldeirão Furado, é logo ali em

Charing Cross...
– Rony, não podemos! – protestou Hermione imediatamente.
– Não para se hospedar lá, mas para descobrir o que está acontecendo!
– Você sabe o que está acontecendo! Voldemort tomou o Ministério, que mais você precisa saber?
– Tá, tá, foi só uma ideia.
Os garotos recaíram em um silêncio incômodo. A garçonete que mascava chiclete se arrastou até a mesa deles e Hermione pediu dois cappuccinos: como Harry estava invisível, teria parecido estranho encomendar um para ele. Dois operários corpulentos entraram no café e se espremeram no reservado contíguo. Hermione falou quase sussurrando:
– Sugiro que procuremos um lugar sem movimento para desaparatar e sair da cidade. Uma vez lá, poderíamos mandar uma mensagem para a Ordem.
– Então, você sabe fazer um Patrono que fala? – perguntou Rony.
– Andei praticando e acho que sei – respondeu a garota.
– Bem, desde que não cause problemas para eles, embora, a essa altura, quem sabe já foram presos. Deus, isso é repugnante – acrescentou Rony, depois de tomar um gole do café cinzento que fumegava. A garçonete ouviu; lançou a Rony um olhar feio e se arrastou para anotar o pedido dos novos fregueses. O maior dos dois operários, louro e avantajado, agora que Harry reparava nele, dispensou a garçonete. Ela o encarou indignada.
– Vamos andando, então, não quero beber essa água suja – disse Rony. – Hermione, você tem dinheiro trouxa para pagar a conta?
– Tenho, tirei tudo que tinha na poupança antes de ir para A Toca. Aposto como todos os trocados estão lá no fundo – suspirou a garota, apanhando a bolsinha de contas.
Os dois operários fizeram movimentos idênticos, e Harry inconscientemente os imitou: os três sacaram as varinhas. Rony, percebendo, com alguns segundos de atraso, o que estava acontecendo, atirou-se sobre a mesa, empurrando Hermione de lado sobre o banco. A força dos feitiços dos Comensais da Morte estilhaçou os azulejos da parede no ponto em que momentos antes estivera a cabeça de Rony, enquanto Harry, ainda invisível, ordenava: “*Estupefaça*!”
O louro grandalhão foi atingido no rosto pelo jato de luz vermelha, e desmontou para um lado, inconsciente. Seu companheiro, incapaz de ver quem lançara o feitiço, disparou outro contra Rony: reluzentes cordas negras saíram da ponta de sua varinha e amarraram o garoto da cabeça aos pés – a garçonete saiu correndo aos berros em direção à porta –, Harry lançou outro Feitiço Estuporante no Comensal de cara torta que amarrara Rony, mas errou a pontaria e o feitiço, ricocheteando na janela, atingiu a garçonete que caiu junto à porta.

– *Expulso!* – berrou o Comensal da Morte, e a mesa em frente a Harry se desintegrou: a força da explosão atirou o garoto contra a parede e ele sentiu a varinha lhe escapar da mão e a capa escorregar do seu corpo.

– *Petrificus Totalus!* – berrou Hermione, escondida, e o Comensal tombou para a frente como uma estátua aterrissando com um baque sobre os destroços de louça, mesa e café. A garota engatinhou de baixo do banco, sacudindo os cacos de um cinzeiro de vidro dos cabelos, o corpo trêmulo.

– *D... Diffindo* – ordenou ela, apontando a varinha para Rony, que urrou de dor quando ela rasgou seu jeans no joelho, fazendo-lhe um corte fundo na perna. – Ah, me desculpe, Rony, minha mão está tremendo! *Diffindo!*

As cordas cortadas caíram. Rony levantou-se, sacudindo os braços para recuperar a sensibilidade. Harry apanhou sua varinha e passou por cima do entulho até o banco em que estava esparramado o Comensal da Morte louro.

– Eu devia ter reconhecido esse, estava lá quando Dumbledore morreu – disse. Ele virou o corpo do Comensal mais moreno com o pé; os olhos do homem correram de Harry para Rony e Hermione.

– É o Dolohov – disse Rony. – Eu o reconheci pelos cartazes dos criminosos procurados. Acho que o grandalhão é Thor Rowle.

– Não interessa qual é o nome deles! – exclamou Hermione, ligeiramente histérica. – Como foi que nos encontraram? Que vamos fazer?

De algum modo, o pânico da amiga clareou a cabeça de Harry.

– Tranque a porta – disse a Hermione –, e, Rony, apague as luzes.

Ele contemplou o paralisado Dolohov, pensando rápido enquanto a fechadura girava e Rony usava o desiluminador para mergulhar o bar na escuridão. Harry ouvia ao longe os homens que tinham mexido com Hermione mais cedo, gritando para outra moça.

– Que vamos fazer com eles? – sussurrou Rony para Harry no escuro; e em tom ainda mais baixo: – Matá-los? Eles nos matariam. E quase conseguiram agora há pouco.

Hermione estremeceu e recuou um passo. Harry sacudiu a cabeça.

– Só precisamos apagar a memória deles. É melhor assim, despistaremos os dois. Se os matarmos, ficaria óbvio que estivemos aqui.

– Você é quem manda – disse Rony, parecendo profundamente aliviado. – Mas nunca lancei um Feitiço de Memória.

– Nem eu – falou Hermione –, mas conheço a teoria.

Ela inspirou profundamente para se acalmar, apontou a varinha para a testa de Dolohov e ordenou: – *Obliviate!*

Na mesma hora, os olhos do bruxo se tornaram desfocados e vagos.

– Genial – aplaudiu Harry, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Cuide do

outro e da garçonete, enquanto Rony e eu limpamos a bagunça.
– Limpar a bagunça?! – exclamou Rony correndo os olhos pelo bar parcialmente destruído. – Por quê?
– Você não acha que podem ficar imaginando o que aconteceu quando recuperarem a consciência e se virem em um lugar que parece que foi bombardeado?
– Ah, certo, é...
Rony teve um pouco de dificuldade para sacar a varinha do bolso.
– Não admira que eu não consiga puxar a varinha, Hermione, você trouxe o meu jeans velho, está pequeno.
– Ah, sinto muito – sibilou Hermione, enquanto arrastava a garçonete para um lugar em que não a vissem das janelas. Harry a ouviu resmungar onde Rony podia enfiar a varinha para ficar mais à mão.
Quando o bar voltou à condição anterior, eles levantaram os Comensais da Morte para recolocá-los no reservado e escoraram um de frente para o outro.
– Mas como foi que eles nos encontraram? – perguntou Hermione, olhando de um homem inerte para outro. – Como souberam onde estávamos?
Ela se virou para Harry.
– Será... será que você ainda está carregando o rastreador, Harry?
– Não pode estar – ponderou Rony. – O rastreador caduca quando se completa dezessete anos, é a lei bruxa, não se pode colocá-lo em um adulto.
– Até onde sabemos – respondeu Hermione. – Mas e se os Comensais da Morte encontraram um jeito de colocá-lo em um adulto?
– Mas Harry não esteve perto de um Comensal nas últimas vinte e quatro horas. Quem poderia ter recolocado um rastreador nele?
Hermione não respondeu. Harry sentiu-se contaminado, maculado: teria sido realmente assim que os Comensais encontraram os três?
– Se eu não posso usar magia e vocês não podem usar magia perto de mim, sem revelarmos a nossa posição... – começou ele.
– Não vamos nos separar! – retrucou Hermione com firmeza.
– Precisamos de um lugar seguro para nos esconder – lembrou Rony. – Nos dê um tempo para pensar.
– Largo Grimmauld – disse Harry.
Os outros dois ficaram pasmos.
– Não seja tolo, Harry, o Snape pode entrar lá.
– O pai de Rony disse que puseram na casa feitiços contra ele, e, mesmo que não tenham funcionado – continuou, vendo que Hermione começava a protestar –, e daí? Juro que não há nada que eu gostasse mais do que topar com o Snape!
– Mas...

– Hermione, que outro lugar nós temos? É a nossa melhor possibilidade. Snape é apenas um Comensal. Se ainda estou carregando o rastreador, teremos hordas deles atrás de nós aonde quer que formos.

A garota não teve argumentos, embora seu rosto dissesse que gostaria de ter tido. Enquanto destrancavam a porta do bar, Rony acionou o desiluminador para reacender as luzes do local. Então, quando Harry contou três, eles reverteram os feitiços nas três vítimas e, antes que a garçonete e os Comensais da Morte acabassem de despertar sonolentos, os garotos tinham mais uma vez girado e desaparecido na escuridão compressora.

Segundos mais tarde, os pulmões de Harry se expandiram agradecidos e ele abriu os olhos: estavam parados no meio do pequeno largo malcuidado que já conheciam. Casas altas e dilapidadas os cercavam de todos os lados. O número doze era visível aos garotos, porque tinham sabido de sua existência pela boca de Dumbledore, o fiel do segredo, e os três correram para a casa verificando, a intervalos, se não estavam sendo seguidos ou observados. Rapidamente galgaram os degraus de pedra e Harry tocou a porta uma vez com a varinha. Ouviram uma série de cliques metálicos e o barulho de uma corrente, por fim a porta se abriu, rangendo, e eles entraram depressa.

Quando Harry fechou a porta às suas costas, as velhas luminárias a gás se acenderam, lançando uma luz bruxuleante no corredor. O lugar tinha a aparência que ele lembrava: lúgubre, cheio de teias, os contornos das cabeças dos elfos penduradas na parede lançando sombras misteriosas sobre a escada. Compridas cortinas escuras ocultavam o retrato da mãe de Sirius. A única coisa fora do lugar era o porta-guarda-chuvas feito com perna de trasgo, que estava tombado de lado, como se Tonks tivesse acabado de derrubá-lo.

– Acho que alguém esteve aqui – sussurrou Hermione, apontando para o objeto.

– Isso pode ter acontecido quando a Ordem deixou a casa – murmurou Rony em resposta.

– Então, onde estão os feitiços que lançaram contra Snape? – perguntou Harry.

– Talvez só sejam ativados se ele aparecer, não? – arriscou Rony.

Eles permaneceram juntos ainda no capacho da entrada, com as costas voltadas para a porta, receando entrar no resto da casa.

– Bem, não podemos ficar aqui para sempre – disse Harry, dando um passo à frente.

– *Severo Snape?*

A voz de Olho-Tonto sussurrou no escuro, fazendo os três se sobressaltarem.

– Não somos Snape! – Harry ainda pôde responder com a voz rouca, mas uma espécie de jato de ar frio foi lançada contra ele e sua língua enrolou para trás,

impedindo-o de continuar. Antes que tivesse tempo de sentir a boca por dentro, no entanto, a língua tornou a desenrolar.

Os outros dois pareciam ter experimentado a mesma sensação desagradável. Rony engulhava; Hermione gaguejou:

– Deve t-ter s-sido o F-feitiço da Língua Presa que Olho-Tonto armou contra o Snape!

Cauteloso, Harry deu mais um passo à frente. Alguma coisa se mexeu nas sombras do fim do corredor, e, sem lhes dar tempo de falar, um vulto se ergueu do tapete, alto, cor de poeira e ameaçador. Hermione gritou e foi acompanhada pela sra. Black, pois as cortinas negras do retrato repentinamente se abriram; o vulto cinzento deslizou para eles, cada vez mais rápido, seus cabelos até a cintura e a barba esvoaçando às costas, o rosto fundo, descarnado, as órbitas vazias; horrivelmente familiar, pavorosamente mudado, ele ergueu um braço murcho e apontou-o para Harry.

– Não! – gritou o garoto, e, embora tivesse erguido a varinha, não lhe ocorreu nenhum feitiço. – Não, não fomos nós! Não o matamos...

À menção da palavra “matamos”, o vulto explodiu formando uma grande nuvem de poeira: tossindo, os olhos lacrimejando, Harry olhou para os lados e viu Hermione agachada junto à porta, cobrindo a cabeça com os braços, e Rony, trêmulo da cabeça aos pés, lhe dando palmadinhas desajeitadas no ombro e dizendo:

– Está tudo b-bem... já p-passou...

A poeira rodopiava em torno de Harry como uma névoa, refletindo a luz azulada do gás, enquanto a sra. Black continuava a berrar.

– *Sangues ruins, lixo, estigmas de desonra, manchas de vergonha sobre a casa dos meus pais...*

– CALA A BOCA! – berrou Harry, apontando a varinha para ela, e, com um estampido e um clarão de faíscas vermelhas, a cortina tornou a se fechar silenciando a mulher.

– Aquele... aquele era... – choramingou Hermione, enquanto Rony a ajudava a se levantar.

– Era – confirmou Harry –, mas não era realmente ele, era? Só uma coisa para apavorar o Snape.

Teria dado resultado, perguntou-se Harry, ou Snape teria explodido a aparição horripilante, displicentemente, como fizera com o verdadeiro Dumbledore? Os nervos ainda vibrando, ele saiu à frente dos amigos pelo corredor, à espera de que um novo terror se revelasse, mas nada se mexeu exceto um camundongo correndo pelo rodapé.

– Antes de prosseguir, acho melhor fazer uma verificação – cochichou

Hermione e, erguendo a varinha, ordenou: – *Homenum revelio!*
Nada aconteceu.
– Bem, você acabou de levar um grande susto – disse Rony gentilmente. – Para que serviu esse feitiço?
– Serviu para o que eu queria que servisse! – respondeu Hermione, bastante zangada. – Era um feitiço para revelar presença humana, e não tem ninguém aqui exceto nós!
– E o velho Poeirão – acrescentou Rony, olhando para o lugar no tapete de onde saíra o espectro.
– Vamos subir – disse Hermione assustada, e, lançando um olhar para o mesmo ponto, subiu à frente a escada rangedeira para a sala de visitas no primeiro andar.
Ao chegar, acenou com a varinha para acender as velhas luminárias a gás. Então, estremecendo na sala ventosa, empoleirou-se no sofá com os braços apertados em volta do corpo. Rony foi à janela e afastou uns dois centímetros a pesada cortina de veludo.
– Não vejo ninguém lá fora – informou. – E eu diria que, se Harry ainda tivesse o rastreador, eles teriam nos seguido até aqui. Eu sei que não podem entrar na casa, mas... que foi, Harry?
O garoto soltara um grito de dor: sua cicatriz recomeçara a queimar ao mesmo tempo que algo lampejou por sua mente como uma luz forte incidindo sobre a água. Ele viu uma grande sombra e sentiu uma fúria que não era sua percorrer seu corpo, violenta e breve como um choque elétrico.
– Que foi que você viu? – perguntou Rony, avançando para o amigo. – Você o viu na minha casa?
– Não, eu só senti raiva, ele está realmente enraivecido...
– Mas isso poderia ser n’A Toca! – exclamou Rony em voz alta. – Que mais? Não viu mais nada? Ele estava amaldiçoando alguém?
– Não, eu só senti raiva... e não saberia dizer...
Harry se sentiu atormentado, confuso, e Hermione não ajudou muito ao perguntar amedrontada:
– A sua cicatriz novamente? Afinal, que está acontecendo? Pensei que essa ligação tivesse sido fechada!
– Fechou, por algum tempo – murmurou Harry; sua cicatriz ainda doía dificultando a concentração. – Acho que recomeçou a abrir, sempre que ele se descontrola, é como costumava...
– Então, você tem que fechar sua mente! – disse Hermione esganiçada. – Harry, Dumbledore não queria que você usasse essa ligação, queria que você a fechasse, é para isso que devia usar a Oclumência! Do contrário, Voldemort pode

plantar falsas imagens em sua mente, lembra...
– Lembro, sim, obrigado – respondeu o garoto entre os dentes; não precisava que Hermione lhe dissesse que Voldemort já usara essa mesma ligação entre eles para atraí-lo a uma armadilha, nem que isso causara a morte de Sirius. Desejou que não tivesse contado aos amigos o que sentira e vira; isso tornara Voldemort mais ameaçador, como se ele estivesse forçando a janela da sala. A dor em sua cicatriz estava aumentando e ele a repelia: era como se resistisse ao impulso de enjoar.
Ele deu as costas a Rony e Hermione, fingindo examinar a velha tapeçaria com a árvore genealógica da família Black pendurada na parede. Então Hermione deu um grito agudo: Harry sacou a varinha e se virou, um Patrono prateado entrou pela janela da sala de visitas e aterrissou no chão diante deles, onde assumiu a forma de uma doninha e a voz do pai de Rony.
– *Família a salvo, não responda, estamos sendo vigiados.*
O Patrono se dissolveu no ar. Rony deixou escapar um som entre um choro e um gemido e se largou no sofá: Hermione sentou-se com ele, apertando seu braço.
– Eles estão bem, eles estão bem! – sussurrou ela, e Rony ao mesmo tempo ria e a abraçava.
– Harry – disse ele por cima do ombro de Hermione –, eu...
– Não tem problema – respondeu Harry nauseado de dor na cabeça. – É sua família, claro que está preocupado. Eu sentiria o mesmo. – Lembrou-se de Gina. – Eu *sinto* o mesmo.
A dor em sua cicatriz foi atingindo o auge, queimando como no jardim d’A Toca. Ao longe, ele ouviu Hermione dizer:
– Eu não quero ficar sozinha. Podemos usar os sacos de dormir que trouxemos e acampar aqui hoje à noite?
Ele ouviu Rony concordar. Não conseguiria resistir à dor por mais tempo: tinha que se entregar.
– Banheiro – murmurou e saiu da sala o mais depressa que pôde, sem correr.
Quase não chegou lá. Trancando a porta com as mãos trêmulas, ele agarrou a cabeça latejante e se largou no chão. Então, em uma explosão de agonia, sentiu a raiva que não lhe pertencia se apoderar de sua alma, viu uma sala comprida, iluminada apenas pela lareira, e o Comensal grandalhão e louro no chão, berrando e se contorcendo, e um vulto mais leve em pé ao lado dele, empunhando a varinha, e Harry falando com uma voz fria e cruel.
– Mais, Rowle, ou vamos encerrar logo e dar você para Nagini comer? Lorde Voldemort não tem certeza se desta vez irá lhe perdoar... Foi para isso que me chamou, para me dizer que Harry Potter tornou a escapar? Draco, dê a Rowle

mais uma amostra do nosso desagrado... faça isso ou sinta pessoalmente a minha ira!

Uma tora de madeira caiu na lareira: as chamas se avivaram, sua claridade bateu no rosto pálido, aterrorizado e fino... com a sensação de emergir de águas profundas, Harry arquejou várias vezes e abriu os olhos.

Estava estatelado no frio piso de mármore negro, seu nariz a centímetros de um dos rabos de serpente prateados que sustentavam a grande banheira. Sentou-se. O rosto magro e petrificado de Malfoy parecia gravado em sua retina. Harry se sentiu nauseado com a cena que vira, com o uso que Voldemort estava fazendo de Draco.

Houve uma forte batida na porta e Harry se sobressaltou ao ouvir a voz de Hermione.

– Harry, você quer a sua escova de dentes? Eu a trouxe.

– Quero, beleza, obrigado – disse ele, procurando manter a voz descontraída ao se levantar para deixar a amiga entrar.

— CAPÍTULO DEZ —

A história de Monstro

Harry acordou na manhã seguinte, dentro de um saco de dormir no chão da sala de visitas. Viu uma lasca de céu entre as pesadas cortinas: era um azul frio e claro de tinta aguada, entre a noite e a alvorada, e tudo estava silencioso, exceto pela respiração lenta e profunda de Hermione e Rony. Harry olhou para as sombras escuras que eles projetavam no chão ao seu lado. Rony teve um acesso de galanteria e insistiu que Hermione dormisse sobre as almofadas do sofá, por isso a silhueta dela estava acima da dele. O braço da garota formava um arco até o chão, seus dedos a centímetros dos de Rony. Harry ficou imaginando se teriam adormecido de mãos dadas. A ideia fez com que se sentisse estranhamente solitário.

Ele ergueu os olhos para o teto sombreado, o lustre coberto de teias de aranha. A menos de vinte e quatro horas, estivera parado à entrada ensolarada de uma tenda, aguardando para conduzir os convidados do casamento aos seus lugares. Parecia que tinha sido em outra vida. Que iria acontecer agora? Deitado ali no chão, ele pensou nas Horcruxes, na missão assustadora e complexa que Dumbledore lhe deixara... Dumbledore...

O pesar que o possuíra desde a morte do diretor agora era diferente. As acusações que ouvira de Muriel na festa pareciam ter se aninhado em seu cérebro, como coisas doentias que infectavam suas lembranças do bruxo que idolatrava. Teria Dumbledore deixado aquelas coisas acontecerem? Teria agido como Duda, contente em observar o abandono e o abuso desde que não o afetassem? Poderia ter dado as costas a uma irmã que estava presa e escondida?

Harry pensou em Godric’s Hollow, nos túmulos que Dumbledore jamais mencionara; pensou nos objetos misteriosos deixados, sem explicação, no testamento do diretor, e o seu ressentimento cresceu na obscuridade. Por que Dumbledore não lhe contara? Por que não lhe explicara? Teria tido real afeição por ele? Ou Harry tinha sido apenas um instrumento a ser polido e afinado, sem,

no entanto, merecer confiança ou confidências?

O garoto não suportou ficar deitado ali, tendo por companhia apenas seus pensamentos amargurados. Desesperado para arranjar o que fazer e se distrair, deslizou para fora do saco de dormir, apanhou a varinha e saiu furtivamente da sala. No corredor, sussurrou: "*Lumus*", e começou a subir a escada à luz da varinha.

No segundo patamar ficava o quarto em que ele e Rony tinham dormido na última vez que estiveram na casa; ele espiou para dentro. As portas dos guarda-roupas estavam abertas e as roupas de cama tinham sido arrancadas. Harry se lembrou da perna de trasgo caída no chão da entrada. Alguém revistara a casa desde que a Ordem a deixara. Snape? Ou talvez Mundungo, que afanara muita coisa antes e depois da morte de Sirius? O olhar de Harry vagueou até o porta-retratos onde por vezes aparecia Fineus Nigellus Black, o tetravô de Sirius, mas estava vazio, exibia apenas um pedaço de forro encardido. Era evidente que Fineus Nigellus estava passando a noite no gabinete do diretor de Hogwarts.

Harry continuou a subir a escada até o último patamar onde havia apenas duas portas. A que estava à sua frente tinha uma plaquinha em que se lia *Sirius*. O garoto jamais entrara no quarto do padrinho. Ele empurrou a porta, erguendo a varinha no alto para poder iluminar a maior área possível.

O quarto era espaçoso e, antigamente, devia ter sido bonito. Havia uma larga cama com a cabeceira de madeira entalhada, uma janela alta sombreada por compridas cortinas de veludo e um lustre coberto por uma espessa camada de pó, com tocos de velas ainda nos suportes, a cera grossa pendendo como pingos de gelo. Uma fina película de poeira cobria os quadros nas paredes e a cabeceira da cama; uma teia de aranha se estendia do lustre ao topo do grande guarda-roupa, e, quando Harry entrou no quarto, ouviu o tropel de camundongos assustados.

O adolescente Sirius tinha colado nas paredes tantos pôsteres e fotos que deixara visível muito pouco da seda cinza-prateado que a forrava. Harry só pôde supor que os pais de Sirius não tinham conseguido remover o Feitiço Adesivo Permanente que os mantinha colados à parede, porque dificilmente eles teriam apreciado o gosto do filho mais velho em matéria de decoração. Sirius parecia ter saído do caminho para aborrecer os pais. Havia uma coleção de grandes flâmulas da Grifinória, vermelho desbotado e ouro, somente para enfatizar como ele era diferente do resto da família Sonserina. Havia muitas fotos de motos trouxas e também (Harry tinha que admirar a coragem de Sirius) vários pôsteres de garotas trouxas de biquíni; Harry sabia que eram trouxas porque não se mexiam nas fotos, seus sorrisos eram desbotados e os olhos vidrados pareciam congelados no papel. Faziam um contraste com a única foto bruxa que havia nas paredes, a de quatro alunos de Hogwarts em pé, de braços dados, rindo para o

fotógrafo.
Com um assomo de prazer, Harry reconheceu seu pai; com cabelos rebeldes no alto da cabeça como os dele, também usava óculos como ele. Ao lado, estava Sirius displicentemente bonito, seu rosto, ligeiramente arrogante, muito mais jovem e feliz do que Harry jamais o vira em vida. À direita de Sirius, estava Pettigrew, mais de uma cabeça mais baixo, gorducho, os olhos aguados, radiante de prazer por ser incluído em uma turma tão legal, com os rebeldes muito admirados que tinham sido Tiago e Sirius. À esquerda de Tiago estava Lupin, mesmo então malvestido, mas com o mesmo ar de prazerosa surpresa por se ver apreciado e incluído... ou seria simplesmente porque Harry sabia o que acontecera, que ele via tudo isso na foto? Tentou destacá-la da parede; afinal, agora lhe pertencia – Sirius lhe deixara tudo –, mas a foto não soltou. Seu padrinho não correra riscos para impedir que os pais redecorassem o seu quarto.
Harry olhou para o chão. O céu lá fora estava clareando: um raio de luz revelou pedacinhos de papel, livros e pequenos objetos espalhados pelo tapete. Era evidente que o quarto de Sirius também fora revistado, embora desse a impressão de que seu conteúdo fora considerado quase todo, se não todo, imprestável. Alguns dos livros tinham sido sacudidos o suficiente para soltarem as capas, e o chão estava juncado de páginas soltas.
Harry se abaixou, apanhou uns pedaços de papel e examinou-os. Reconheceu um deles como parte de uma velha edição de *História da magia*, de Batilda Bagshot, e outro como uma página de um manual de manutenção de motos. O terceiro estava escrito a mão e amassado: alisou-o.

Caro Almofadinhas,

Muito, muito obrigada pelo presente de aniversário que mandou para Harry! Foi o que ele mais gostou até agora. Um aninho de idade e já dispara pela casa montado em uma vassoura de brinquedo, tão vaidoso que estou enviando uma foto para você ver. Sabe, a vassoura só levanta uns sessenta centímetros do chão, mas ele quase matou o gato e quebrou um vaso horrível que Petúnia me mandou no Natal (nada contra). É claro que Tiago achou muito engraçado, diz que ele vai ser um grande jogador de quadribol, mas tivemos que guardar todos os enfeites da casa e dar um jeito de ficar sempre de olho nele quando brinca.
Tivemos um chá de aniversário muito tranquilo, só nós e a velha Batilda que sempre nos tratou com carinho e vive mimando o Harry. Ficamos com pena que você não tenha podido vir, mas a Ordem vem em primeiro lugar e Harry não tem idade para saber que está fazendo anos! Tiago está se sentindo

um pouco frustrado trancado em casa, ele procura não demonstrar, mas eu percebo – além disso, Dumbledore ficou com a Capa da Invisibilidade dele, então não há possibilidade de pequenos passeios. Se você pudesse lhe fazer uma visita, isso o animaria muito. Rabicho esteve aqui no fim de semana passado, achei-o meio deprimido, mas provavelmente foram as notícias sobre os McKinnon; chorei a noite inteira quando soube.

Batilda passa por aqui quase todo dia, é uma velhota fascinante que conta as histórias mais surpreendentes sobre Dumbledore, não tenho muita certeza se ele gostaria disso caso soubesse! Fico em dúvida se devo realmente acreditar, porque me parece inacreditável que Dumbledore

As extremidades de Harry pareceram ter adormecido. Ele ficou muito quieto, segurando o milagroso papel em seus dedos desenervados enquanto, por dentro, uma espécie de erupção silenciosa fazia a felicidade e a dor irromperem em igual medida em suas veias. Atirando-se na cama, ele se sentou.

Releu a carta, mas não conseguiu assimilar mais significados do que da primeira vez, e foi reduzido a contemplar a caligrafia em si. Sua mãe fazia os gês iguais aos dele; ele os procurou um a um na carta, e cada um lhe pareceu uma marola amiga vislumbrada por trás de um véu. A carta era um incrível tesouro, prova de que Lílian Potter vivera, realmente vivera, que sua mão quente um dia percorrera aquele pergaminho, traçando aquelas letras, aquelas palavras, palavras a respeito dele, Harry, seu filho.

Afastando as lágrimas dos olhos, impaciente, ele releu a carta, desta vez concentrando-se mais no conteúdo. Era como ouvir uma voz parcialmente lembrada.

Eles tinham um gato... talvez ele tivesse morrido, como seus pais, em Godric's Hollow... ou talvez tivesse fugido quando não houve mais quem o alimentasse... Sirius comprara para ele a primeira vassoura... seus pais conheceram Batilda Bagshot; Dumbledore teria apresentado os três? *Dumbledore ficou com a Capa da Invisibilidade dele*... havia alguma coisa estranha ali...

Harry parou, refletindo sobre as palavras da mãe. Por que Dumbledore guardara a Capa da Invisibilidade de Tiago? Harry se lembrava nitidamente do diretor lhe dizendo, anos atrás: *"Não preciso de uma capa para ficar invisível."* Talvez algum membro da Ordem menos talentoso tivesse precisado desse auxílio e Dumbledore servira de intermediário? Harry prosseguiu...

Rabicho esteve aqui... Pettigrew, o traidor, parecera "deprimido", é? Teria consciência de que estava vendo Tiago e Lílian vivos pela última vez?

E, por fim, retornamos a Batilda, que contava histórias inacreditáveis sobre Dumbledore: *pare ce inacreditável que Dumbledore*...

Que Dumbledore o quê? Havia, porém, uma quantidade de coisas que pareciam incríveis sobre Dumbledore; que um dia ele tivesse recebido as notas mais baixas em uma prova de Transfiguração, por exemplo, ou que tivesse enfeitiçado bodes como fazia Aberforth...

Harry levantou-se e esquadrinhou o chão: talvez o restante da carta estivesse por ali. Ele agarrou papéis, tratando-os, em sua ansiedade, com tão pouca consideração quanto a pessoa que os encontrara primeiro; abriu gavetas, sacudiu livros, subiu em uma cadeira para passar a mão em cima do guarda-roupa e entrou embaixo da cama e da poltrona.

Por fim, de cara no chão, localizou o que lhe pareceu um pedaço de papel rasgado embaixo da cômoda. Quando o resgatou, era a maior parte da foto que Lílian descrevera na carta. Um bebê de cabelos escuros voando para dentro e para fora do papel, montado em uma minúscula vassoura, às gargalhadas, e um par de pernas que deviam pertencer a Tiago correndo atrás dele. Harry guardou a foto e a carta da mãe no bolso, e continuou a procurar a segunda folha.

Passados mais uns quinze minutos, no entanto, foi forçado a concluir que o resto da carta já não existia. Teria simplesmente se perdido nos dezesseis anos transcorridos desde que fora escrita, ou fora levada pela pessoa que revistara o quarto? Harry tornou a ler a primeira folha, desta vez procurando pistas para o que poderia ter tornado a segunda folha valiosa. A vassoura de brinquedo não teria interesse algum para os Comensais... a única coisa potencialmente útil que via ali era a possível informação sobre Dumbledore. *Parece inacreditável que Dumbledore*... o quê?

– Harry! Harry! *Harry!*

– Estou aqui! – gritou ele. – Que aconteceu?

Ele ouviu uma zoada de passos do lado de fora, e Hermione irrompeu pelo quarto.

– Nós acordamos e não sabíamos onde você estava – disse ofegante. Virando-se, gritou por cima do ombro: – Rony! Encontrei ele!

A voz aborrecida de Rony ressoou a distância de vários andares abaixo.

– Ótimo! Então diga por mim que ele é um bobalhão!

– Harry, não desapareça assim, por favor, ficamos aterrorizados! Afinal, por que veio aqui em cima? – Ela percorreu com o olhar o quarto saqueado. – Que andou fazendo?

– Olhe o que acabei de encontrar.

E estendeu-lhe a carta de sua mãe. Hermione apanhou-a e leu-a observada pelo garoto. Quando chegou ao fim da folha, olhou para ele.

– Ah, Harry...

– E tem mais isso.

Entregou a foto rasgada, e Hermione sorriu para o bebê que entrava e saía montado na vassoura de brinquedo.

– Estive procurando o resto da carta – disse Harry –, mas não está aqui.

A amiga correu o olhar pelo quarto.

– Você fez essa bagunça toda, ou uma parte dela já estava feita quando você entrou?

– Alguém revistou o quarto antes de mim.

– Foi o que pensei. Todos os cômodos em que olhei a caminho daqui foram revirados. Que acha que estavam procurando?

– Informações sobre a Ordem, se foi o Snape.

– Mas seria de pensar que ele já tivesse tudo que precisava, quero dizer, ele fazia *parte* da Ordem, não é?

– Bem, então – disse Harry, ansioso para discutir sua teoria –, informações sobre Dumbledore? A segunda folha desta carta, por exemplo. Sabe essa Batilda que minha mãe menciona, sabe quem ela é?

– Quem?

– Batilda Bagshot, a autora de...

– *História da magia* – completou Hermione, mostrando interesse. – Então os seus pais a conheciam? Ela foi uma incrível historiadora da magia.

– E ainda está viva, e mora em Godric's Hollow, a tia Muriel, do Rony, esteve falando sobre ela no casamento. Ela conheceu a família de Dumbledore também. Seria bem interessante conversar com ela, não?

Para o gosto de Harry, houve um excesso de compreensão no sorriso de Hermione. Ele tirou a carta e a foto de suas mãos e guardou-as na bolsa pendurada ao pescoço, para não precisar olhar para a amiga e se trair.

– Eu entendo por que você gostaria de conversar com ela sobre sua mãe e seu pai, e Dumbledore também – disse Hermione. – Mas isto não iria realmente nos ajudar a achar as Horcruxes, não é? – Harry não respondeu e ela prosseguiu: – Harry, eu sei que você realmente quer ir a Godric's Hollow, mas estou com medo... estou com medo da facilidade com que aqueles Comensais da Morte nos encontraram ontem. Mais que nunca, isso me faz sentir que devemos evitar o lugar onde seus pais estão enterrados. Tenho certeza que estarão esperando a sua visita.

– Não é só isso – respondeu Harry, ainda evitando olhar para a amiga. – Muriel disse umas coisas sobre Dumbledore no casamento. E quero saber a verdade...

Ele contou, então, a Hermione tudo que Muriel dissera. Quando terminou, a garota comentou:

– É claro que entendo por que isso o perturbou, Harry...

– Não estou perturbado – mentiu. – Eu só gostaria de saber se é ou não verdade ou...
– Harry, você acha mesmo que vai chegar à verdade ouvindo fofocas maliciosas de uma velhota como a Muriel, ou de Rita Skeeter? Como pode acreditar nelas? Você conheceu Dumbledore!
– Pensei que conhecia – murmurou o garoto.
– Mas você sabe o quanto havia de verdade em tudo que a Rita escreveu sobre você! Doge está certo, como pode deixar essa gente macular as lembranças que você tem de Dumbledore?
Harry desviou o olhar, tentando não revelar o rancor que sentia. Ali estava outra vez o impasse: escolher no que acreditar. Ele queria a verdade. Por que estavam todos tão decididos a convencê-lo de que não devia procurá-la?
– Vamos descer para a cozinha? – sugeriu Hermione após uma breve pausa. – Arranjar alguma coisa para comer?
Ele concordou, mas de má vontade, e seguiu-a ao corredor onde passaram em frente a uma segunda porta. Harry notou que havia fundos arranhões na tinta sob um pequeno aviso que tinha passado despercebido no escuro. Parou, então, no alto da escada para lê-lo. Era um aviso breve e pomposo, caprichosamente escrito à mão, o tipo de coisa que Percy Weasley poderia ter colado na porta do próprio quarto.

Não entre
sem a expressa permissão de
Régulo Arturo Black

A agitação foi se infiltrando em Harry, mas ele não teve imediatamente certeza do porquê. Tornou a ler o aviso. Hermione já estava um lance de escada abaixo.
– Hermione – disse ele, surpreso que sua voz estivesse tão calma. – Volta aqui em cima.
– Que foi?
– R.A.B. Acho que o encontrei.
Ouviu-se uma exclamação, e Hermione correu escada acima.
– Na carta de sua mãe? Mas não vi...
Harry balançou a cabeça, apontando para o aviso na porta de Régulo. A garota leu-o e apertou o braço de Harry com tanta força que ele fez uma careta de dor.
– O irmão de Sirius? – sussurrou.
– Ele foi um Comensal da Morte, Sirius me contou a história dele, Régulo se alistou quando ainda era muito moço e depois se acovardou e tentou sair; então, eles o mataram.

– Isso faz sentido! – exclamou Hermione. – Se ele foi um Comensal da Morte, teve acesso a Voldemort, e quando se desencantou deve ter querido derrubar Voldemort!

Ela largou Harry, debruçou-se no corrimão da escada e berrou:

– Rony! RONY! Vem aqui em cima, depressa!

O garoto apareceu, ofegante, um minuto depois, empunhando a varinha.

– Que aconteceu? Se é outro ataque maciço de aranhas, eu quero o meu café da manhã antes de...

Ele franziu a testa ao ver o aviso na porta do quarto, para o qual Hermione apontava silenciosamente.

– Quê? Esse era o irmão de Sirius, não era? Régulo Arturo... Régulo... *R.A.B.*! O medalhão... você acha...?

– Vamos descobrir – disse Harry. Ele empurrou a porta; estava trancada à chave. Hermione apontou a varinha para a maçaneta e disse: – *Alohomora!* – Ouviu-se um clique e a porta abriu.

Eles cruzaram o portal juntos, olhando para os lados. O quarto de Régulo era ligeiramente menor que o de Sirius, embora transmitisse a mesma sensação de antigo esplendor. Enquanto o irmão tinha procurado anunciar sua dessemelhança com o resto da família, Régulo tinha se esforçado para ressaltar o oposto. As cores da Sonserina, verde e prata estavam por toda parte, guarnecendo a cama, as paredes e janelas. O brasão da família Black fora laboriosamente pintado por cima da cama com a divisa *Toujours Pur*. Abaixo uma coleção de recortes de jornal, presos uns aos outros formando uma colagem irregular. Hermione atravessou o quarto para examiná-los.

– São todos sobre Voldemort – disse ela. – Pelo visto, Régulo já era fã dele anos antes de se reunir aos Comensais da Morte...

Uma nuvenzinha de pó se ergueu da colcha da cama quando Hermione se sentou para ler os recortes. Nesse intervalo, Harry tinha reparado em uma foto: um time de quadribol de Hogwarts sorria e acenava do espaço emoldurado. Ele se aproximou mais um pouco e viu as serpentes nos brasões no peito dos garotos: Sonserinos. Régulo era instantaneamente reconhecível como o garoto que estava sentado no centro da primeira fileira: tinha os mesmos cabelos escuros e o ar ligeiramente arrogante do irmão, embora fosse menor, mais franzino e menos bonito do que Sirius.

– Ele jogava na posição de apanhador – comentou Harry.

– Quê?! – exclamou Hermione distraída; ela continuava absorta nos recortes sobre Voldemort.

– Ele está sentado no centro da primeira fila, é onde o apanhador... ah, esquece – falou Harry ao perceber que ninguém lhe prestava atenção; Rony estava de

quatro procurando alguma coisa embaixo do armário. Harry olhou ao seu redor, procurando esconderijos prováveis, e se aproximou da escrivaninha. Mais uma vez, alguém já a revistara. O conteúdo das gavetas tinha sido revirado recentemente, a poeira deslocada, mas não havia nada de valor ali: penas velhas, livros de escola antiquados que exibiam os vestígios dos maus-tratos, um tinteiro recentemente quebrado, seu resíduo pegajoso derramado sobre os objetos na gaveta.

– Há um jeito mais fácil – disse Hermione, enquanto Harry limpava os dedos sujos de tinta no jeans. Ela ergueu a varinha e ordenou: – *Accio medalhão!*

Nada aconteceu. Rony, que estivera procurando nas dobras das cortinas desbotadas, pareceu desapontado.

– Então é isso? Não está aqui?

– Ah, poderia até estar aqui, mas protegido por contrafeitiços – respondeu a garota. – Feitiços para impedir que se possa convocá-lo por magia, entende.

– Como o que Voldemort lançou na bacia de pedra na caverna – afirmou Harry, lembrando que não conseguira convocar o falso medalhão.

– Como vamos encontrá-lo, então? – perguntou Rony.

– Procurando com as mãos – respondeu Hermione.

– É uma boa ideia – disse Rony, virando os olhos para o teto e retomando o exame das cortinas. Eles verificaram cada centímetro do quarto durante mais de uma hora, mas foram forçados a concluir que o medalhão não estava ali.

Agora o sol já nascera; a luz os ofuscava mesmo através das cortinas sujas dos corredores.

– Mas poderia estar em qualquer outro lugar da casa – sugeriu Hermione, em um tom de convocação, ao descerem as escadas. Enquanto os dois garotos tinham ficado mais desanimados, ela ficara mais decidida. – Quer ele tenha conseguido ou não destruir o medalhão, iria querer escondê-lo de Voldemort, não acham? Lembram aquelas lixarias todas de que precisamos nos livrar quando estivemos aqui na última vez? Aquele relógio que lançava raios e aquelas vestes velhas que tentaram estrangular Rony; Régulo talvez as tivesse posto lá para proteger o esconderijo do medalhão, ainda que a gente não tenha entendido à... à...

Harry e Rony olharam para Hermione. Ela estava parada com um pé no ar e a expressão abobada de alguém que acabou de ser obliviado; seus olhos tinham até saído de foco.

– ... à época – terminou ela em um sussurro.

– Algum problema? – perguntou Rony.

– Havia um medalhão.

– Quê?! – exclamaram os dois garotos ao mesmo tempo.

– No armário da sala de visitas. Ninguém conseguiu abri-lo. E nós... nós...
Harry teve a sensação de que um tijolo tinha escorregado do seu peito para o estômago. Lembrou-se: tinha até manuseado o objeto quando passou de mão em mão, todos experimentando abri-lo. Por fim, fora atirado em um saco de lixo, junto com a caixa de pó de verrugueira e a caixa de música que deixou todo mundo com sono...
– Monstro pegou montes dessas coisas escondido de nós – disse Harry. Era a única chance, a única e tênue esperança que lhes restava, e o garoto ia se apegar a ela até que fosse forçado a abandoná-la. – Ele tinha um verdadeiro tesouro escondido no armário da cozinha. Vamos.
Harry desceu correndo a escada de dois em dois degraus, com os amigos em sua cola fazendo a escada reboar. O barulho foi tamanho que acordaram o retrato da mãe de Sirius ao atravessarem o corredor da entrada.
– *Lixo! Sangues ruins! Ralé!* – gritou a bruxa para os garotos quando desceram desembestados para a cozinha do porão e bateram a porta ao entrar.
Harry continuou sua corrida pelo aposento, parou derrapando à porta do armário de Monstro e abriu-o com violência. Lá estava o ninho de sujeira, as mantas velhas em que o elfo costumava dormir, mas o armário já não brilhava com as quinquilharias que Monstro salvara. Havia apenas um velho exemplar de *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*. Recusando-se a crer no que via, Harry puxou as cobertas e sacudiu-as. Delas caiu um camundongo morto que rolou lugubremente pelo chão. Rony gemeu ao se atirar em uma cadeira da cozinha; Hermione fechou os olhos.
– Ainda não terminou – disse Harry, e erguendo a voz berrou: – *Monstro!*
Ouviram um forte estalo e o elfo doméstico, que relutantemente Harry herdara de Sirius, apareceu de repente diante da lareira vazia e fria: minúsculo, metade da altura de um homem, a pele pálida em pelancas, os cabelos brancos brotando em tufos das orelhas de morcego. Ainda usava os trapos imundos em que o tinham conhecido, e o olhar de desprezo que lançou a Harry demonstrou que sua atitude, com a transferência de dono, tal como os seus trajes, não havia mudado.
– Meu senhor – coaxou Monstro com a sua voz de rã-touro, e ele fez uma profunda reverência, resmungando para os próprios joelhos –, de volta à velha casa da minha senhora com o traidor do sangue Weasley e a sangue ruim...
– Proíbo você de chamar quem quer que seja de “traidor do sangue” ou de “sangue ruim” – rosnou Harry. Teria achado Monstro, com seu nariz trombudo e seus olhos injetados, um objeto decididamente repulsivo mesmo se o elfo não tivesse entregado Sirius a Voldemort.
– Tenho uma pergunta a lhe fazer – continuou Harry, o coração acelerando ao olhar para o elfo –, e ordeno que me responda a verdade. Entendeu?

– Sim, meu senhor – respondeu Monstro fazendo nova reverência: Harry viu seus lábios se moverem em silêncio, sem dúvida mastigando os insultos que fora proibido de proferir.
– Dois anos atrás – disse Harry, seu coração agora reboando nas costelas –, havia um medalhão de ouro na sala de visitas lá em cima. Nós o jogamos fora. Você o pegou de volta?
Houve um momento de silêncio em que Monstro se aprumou para encarar Harry. Em seguida respondeu:
– Peguei.
– Onde está o medalhão agora? – tornou o garoto exultando, sob o olhar animado de Rony e Hermione.
Monstro fechou os olhos como se não pudesse suportar ver aquelas reações à sua resposta.
– Foi-se.
– Foi-se? – repetiu Harry, a euforia se dissipando. – Que quer dizer com esse “foi-se”?
O elfo estremeceu. Cambaleou.
– Monstro – disse Harry ameaçador –, ordeno que você...
– Mundungo Fletcher roubou tudo: os retratos da srta. Bela e da srta. Ciça, as luvas da minha senhora, a Ordem de Merlim, Primeira Classe, as taças de vinho com o brasão da família e, e...
Monstro tentava recuperar o fôlego: seu peito cavado subia e descia rapidamente, então seus olhos se arregalaram e ele soltou um grito de congelar o sangue.
– *... e o medalhão, o medalhão do meu senhor Régulo, Monstro agiu mal, Monstro desobedeceu às ordens dele!*
Harry reagiu instintivamente: quando Monstro mergulhou para apanhar o atiçador na grelha da lareira, ele se atirou sobre o elfo e achatou-o no chão. O grito de Hermione se misturou ao de Monstro, mas Harry berrou mais alto que os dois:
– Monstro, ordeno que você fique parado!
Ele sentiu o elfo se imobilizar e soltou-o. Monstro ficou estatelado no piso frio, as lágrimas saltando dos seus olhos empapuçados.
– Harry, deixe ele levantar! – sussurrou Hermione.
– Para ele poder se espancar com o atiçador? – bufou Harry, se ajoelhando ao lado do elfo. – Acho que não. Certo, Monstro, quero a verdade: como sabe que Mundungo Fletcher roubou o medalhão?
– Monstro viu! – exclamou ele, as lágrimas escorrendo do nariz para a boca cheia de dentes cinzentos. – Monstro viu ele saindo do armário, as mãos cheias

com os tesouros de Monstro. Monstro mandou o larápio parar, mas Mundungo Fletcher riu e c-correu...

– Você disse que o medalhão era do seu senhor Régulo. Por quê? De onde veio o medalhão? Qual era a ligação de Régulo com ele? Monstro, sente-se e me conte tudo que sabe sobre aquele medalhão, tudo que o ligava a Régulo!

O elfo sentou, enroscado como uma bola, apoiou o rosto molhado entre os joelhos e começou a se balançar para a frente e para trás. Quando falou, sua voz saiu abafada, mas bastante clara no silêncio da cozinha vazia.

– Meu senhor Sirius fugiu, ainda bem, porque ele era um garoto ruim e despedaçou o coração da minha senhora com a sua rebeldia. Mas meu senhor Régulo tinha orgulho; sabia reverenciar o nome Black e a dignidade do seu sangue puro. Durante anos ele falou do Lorde das Trevas, que ia tirar os bruxos da clandestinidade e dominar os trouxas e os nascidos trouxas... e quando fez dezesseis anos, meu senhor Régulo se reuniu ao Lorde das Trevas. Tão orgulhoso, tão orgulhoso, tão feliz de servir...

"E um dia, um ano depois que se alistou, meu senhor Régulo veio à cozinha ver Monstro. Meu senhor Régulo sempre gostou de Monstro. E meu senhor Régulo disse... disse..."

O velho elfo balançou-se mais rápido que nunca.

– ... disse que o Lorde das Trevas precisava de um elfo.

– Voldemort precisava de um *elfo*? – repetiu Harry, olhando para Rony e Hermione, que pareceram tão intrigados quanto ele.

– Ah, foi – gemeu Monstro. – E meu senhor Régulo tinha oferecido Monstro. Era uma honra, disse meu senhor Régulo, uma honra para ele e para Monstro; que tinha de fazer tudo que o Lorde das Trevas mandasse... e depois v-voltar para casa.

Monstro balançou-se ainda mais rápido, expirando em soluços.

– Então Monstro foi procurar o Lorde das Trevas. O Lorde das Trevas não disse a Monstro o que iam fazer, mas levou Monstro com ele para uma caverna junto ao mar. E para além da caverna havia outra caverna, e na caverna havia um enorme lago preto...

Os pelinhos da nuca de Harry se eriçaram. A voz rouca de Monstro parecia chegar a ele vinda da outra margem daquela água escura. Ele viu o que acontecera tão claramente quanto se tivesse estado presente.

– ... havia um barco...

É claro que houvera um barco; Harry conhecia o barco, minúsculo e verde espectral, enfeitiçado para transportar um bruxo e uma vítima até a ilha no meio do lago. Então fora assim que Voldemort testara as defesas que cercavam a Horcrux; pedindo emprestada uma criatura dispensável, um elfo doméstico...

– Havia uma b-bacia cheia de poção na ilha. O Lorde das T-trevas fez Monstro beber...

O elfo tremeu da cabeça aos pés.

– Monstro bebeu, e enquanto bebia, viu coisas terríveis... As entranhas de Monstro queimaram... Monstro gritou para o senhor Régulo ir salvar ele, gritou por sua senhora Black, mas o Lorde das Trevas ria... ele fez Monstro beber a poção toda... ele pôs um medalhão na bacia vazia... tornou a encher a bacia com mais poção.

"Então o Lorde das Trevas foi embora e deixou Monstro na ilha..."

Harry via a cena se desenrolando. O rosto branco e serpentino de Voldemort desaparecendo na escuridão, aqueles olhos vermelhos cruelmente fixos no elfo que se debatia e cuja morte ocorreria dentro de minutos, quando ele sucumbisse à sede desesperada que a poção causticante causava na vítima... mas daí em diante a imaginação de Harry não pôde prosseguir, porque não conseguiu visualizar como Monstro escapara.

– Monstro precisava de água, arrastou-se até a orla da ilha e bebeu a água do lago preto... e mãos, mãos mortas saíram da água e arrastaram Monstro para baixo...

– Como foi que você escapou? – perguntou Harry, e não se surpreendeu ao perceber que estava sussurrando.

Monstro ergueu a cabeça feia e encarou Harry com seus grandes olhos vermelhos.

– Meu senhor Régulo disse a Monstro para voltar.

– Eu sei... mas como você fugiu dos Inferi?

Monstro pareceu não entender.

– Meu senhor Régulo disse a Monstro para voltar – repetiu ele.

– Eu sei, mas...

– Ora é óbvio, não é, Harry? – interveio Rony. – Ele desaparatou!

– Mas... não se podia aparatar e desaparatar na caverna – disse Harry –, do contrário, Dumbledore...

– A magia dos elfos não é como a magia dos bruxos, é? – perguntou Rony. – Quero dizer, eles podem aparatar e desaparatar em Hogwarts e nós não.

Fez-se silêncio enquanto Harry digeria a informação. Como Voldemort poderia ter cometido um erro desse? Enquanto pensava, porém, Hermione falou, e sua voz estava gélida.

– É óbvio, Voldemort teria considerado os costumes dos elfos domésticos indignos de sua atenção, exatamente como os sangues puros que os tratam como animais. Nunca teria lhe ocorrido que eles pudessem ser capazes de uma magia que ele não dominasse.

– A lei máxima para um elfo doméstico é a ordem do seu senhor – entoou Monstro. – Mandaram Monstro voltar para casa, então Monstro voltou para casa.
– Bem, então você fazia o que lhe mandavam, não é? – disse Hermione bondosamente. – Não desobedecia a ordem alguma!
Monstro fez que não com a cabeça, se balançando furiosamente.
– Então que aconteceu quando você voltou? – perguntou Harry. – Que disse Régulo quando você contou o que tinha acontecido?
– Meu senhor Régulo ficou muito preocupado, muito preocupado – crocitou Monstro. – Meu senhor Régulo mandou Monstro ficar escondido e não sair de casa. E então... foi um pouco depois disso... meu senhor Régulo veio procurar Monstro no armário uma noite, e meu senhor Régulo estava esquisito, fora do normal, perturbado, Monstro percebeu... e ele pediu a Monstro para levá-lo até a caverna, a caverna onde Monstro tinha ido com o Lorde das Trevas...
E então tinham partido. Harry pôde visualizá-los muito claramente, o velho elfo amedrontado e o apanhador magro e moreno que tanto se parecera com Sirius... Monstro sabia como abrir a entrada oculta para a caverna subterrânea, sabia como erguer o barquinho; desta vez foi o seu amado Régulo quem o acompanhou à ilha com a bacia de veneno...
– E ele fez você beber a poção? – perguntou Harry enojado.
Monstro, porém, sacudiu a cabeça e chorou. Hermione levou as mãos à boca: parecia ter compreendido alguma coisa.
– M-meu senhor Régulo tirou do bolso um medalhão igual ao que o Lorde das Trevas tinha – disse Monstro, as lágrimas escorrendo pelos lados do seu nariz trombudo. – E ele disse a Monstro para pegar e, quando a bacia estivesse vazia, trocar os medalhões...
Os soluços de Monstro agora saíam em grandes guinchos; Harry precisou se concentrar para entendê-lo.
– E ele deu ordem... para Monstro ir embora... sem ele. E ele disse a Monstro... para ir para casa... e nunca contar à minha senhora... o que ele tinha feito... mas para destruir... o primeiro medalhão. E ele bebeu... a poção toda... e Monstro trocou os medalhões... e ficou olhando... meu senhor Régulo... ele foi arrastado para baixo d'água... e...
– Ah, Monstro! – gemeu Hermione, que estava chorando. Ela caiu de joelhos ao lado do elfo e tentou abraçá-lo. Na mesma hora, ele ficou de pé, fugiu dela, deixando óbvia a sua repulsa.
– A sangue ruim encostou em Monstro, ele não vai permitir, que iria dizer a senhora dele?
– Eu lhe disse para não chamá-la de "sangue ruim"! – vociferou Harry, mas o elfo já estava se castigando: atirou-se ao chão e bateu com a cabeça

repetidamente.
– Faça ele parar, faça ele parar! – exclamou Hermione. – Ah, está vendo agora como isso é doentio, a obrigação que eles têm de obedecer?
– Monstro: para, para! – gritou Harry.
O elfo ficou deitado no chão, ofegando e tremendo, uma secreção verde brilhando em torno do nariz, um hematoma já se formando na testa pálida no ponto em que a batera, seus olhos inchados e injetados transbordando lágrimas. Harry nunca vira nada tão digno de pena.
– Então você trouxe o medalhão para casa – disse ele inflexível, porque estava resolvido a conhecer a história completa. – E tentou destruí-lo?
– Nada que Monstro tentou fez mossa no medalhão – lamentou-se o elfo. – Monstro tentou tudo, tudo que sabia, mas nada, nada adiantou... de tão poderosos os feitiços que estavam nele. Monstro tinha certeza que, para destruir o medalhão, precisava chegar dentro dele, mas ele não abria... Monstro se castigou, tentou outra vez, se castigou, tentou outra vez. Monstro não conseguiu obedecer à ordem, Monstro não conseguiu destruir o medalhão! E sua senhora enlouqueceu de tristeza, porque meu senhor Régulo desapareceu, e Monstro não pôde contar a ela o que tinha acontecido, não, porque meu senhor Régulo tinha p-proibido Monstro de contar para a f-família o que tinha acontecido na c-caverna...
Monstro começou a soluçar tanto que suas palavras deixaram de fazer sentido. As lágrimas escorriam pelo rosto de Hermione, que observava Monstro, mas ela não se atreveu a tocá-lo novamente. Até Rony, que não era fã do elfo, parecia perturbado. Harry se recostou e sacudiu a cabeça, tentando clarear os pensamentos.
– Não estou entendendo você, Monstro – disse ele finalmente. – Voldemort tentou matar você, Régulo morreu para derrubar Voldemort, ainda assim você ficou feliz em entregar Sirius a Voldemort? Ficou feliz em procurar Narcisa e Belatriz e por meio delas passar informações a Voldemort...
– Harry, não é assim que Monstro raciocina – disse Hermione enxugando as lágrimas com o dorso da mão. – Ele é um escravo; elfos domésticos estão acostumados a ser maltratados e até brutalizados; o que Voldemort fez a Monstro não foi muito diferente disso. Que significam as guerras bruxas para um elfo como Monstro? Ele é leal àqueles que são bons para ele, e a sra. Black deve ter sido boa, e Régulo certamente o foi, portanto ele os servia de boa vontade e repetia as crenças deles. Sei o que você vai me dizer – continuou ela, quando Harry começou a protestar –, que Régulo mudou de ideia... mas, pelo visto, ele não explicou isso a Monstro, não é? E acho que sei a razão. Monstro e a família de Régulo estariam mais seguros se continuassem fiéis ao velho conceito do

sangue puro. Régulo estava tentando proteger a todos.
– Sirius...
– Sirius era muito mau com Monstro, Harry, e não adianta me olhar assim, você sabe que é verdade. Monstro tinha passado muito tempo sozinho quando Sirius veio morar aqui, e provavelmente estava faminto por alguma afeição. Tenho certeza que a “srta. Ciça” e a “srta. Bela” eram absolutamente simpáticas com Monstro quando ele aparecia por lá, então ele lhes fazia um favor e contava tudo que queriam saber. Sempre disse que os bruxos um dia iriam pagar pelo modo com que tratam os elfos domésticos. Bem, Voldemort pagou... e Sirius também.
Harry não teve o que retorquir. Enquanto observava Monstro aos soluços no chão, ele se lembrou do que Dumbledore lhe dissera, poucas horas antes de Sirius morrer: *“Acho que Sirius nunca encarou Monstro como um ser com sentimentos tão sutis quanto os de um ser humano...”*
– Monstro – disse Harry, algum tempo depois –, quando tiver vontade, ãh... por favor, se sente.
Passaram-se vários minutos até Monstro calar seus soluços. Sentou então, esfregando os olhos com os nós dos dedos, como uma criancinha.
– Monstro, vou lhe pedir para fazer uma coisa – disse-lhe Harry. E olhou para Hermione pedindo ajuda: queria dar uma ordem gentilmente, mas ao mesmo tempo não poderia fingir que não era uma ordem. Contudo, a mudança no seu tom de voz parecia ter recebido a aprovação da amiga: ela sorriu encorajando-o.
“Monstro, eu quero que você, por favor, encontre Mundungo Fletcher. Precisamos descobrir onde o medalhão, o medalhão do seu senhor Régulo, está. É realmente importante. Queremos terminar a tarefa que o seu senhor Régulo começou, queremos... ãh... garantir que ele não tenha morrido em vão.”
Monstro baixou os punhos e ergueu os olhos para Harry Potter.
– Encontrar Mundungo Fletcher? – repetiu rouco.
– E trazê-lo aqui, ao largo Grimmauld – acrescentou Harry. – Você acha que poderia fazer isso para nós?
Ao ver Monstro assentir e ficar em pé, o garoto teve uma súbita inspiração. Apanhou a bolsa que Hagrid lhe dera e tirou a falsa Horcrux, o medalhão substituto em que Régulo colocara o bilhete para Voldemort.
– Monstro, eu... ãh... gostaria que você ficasse com isso – disse, colocando o medalhão nas mãos do elfo. – Isto pertenceu a Régulo, e tenho certeza que ele gostaria de lhe dar como prova de gratidão pelo que você...
– Destruiu, colega – disse Rony, quando o elfo, dando uma olhada no medalhão, deixou escapar um uivo de choque e desespero e tornou a se atirar ao chão.

Levaram quase meia hora para acalmar Monstro, que ficou tão comovido em receber de presente uma herança da família Black que sentiu os joelhos fracos demais para se manter em pé. Quando finalmente pôde dar alguns passos, os garotos o acompanharam ao seu armário, viram-no guardar o medalhão nas cobertas sujas, e tranquilizaram o elfo de que a proteção do objeto seria sua maior prioridade enquanto ele estivesse ausente. Então Monstro fez duas reverências profundas para Rony e Harry, e até uma leve contração gaiata em direção a Hermione que talvez fosse uma tentativa de saudá-la respeitosamente, antes de desaparatar com o costumeiro estalo.

— CAPÍTULO ONZE —

O Suborno

Se Monstro podia escapar de um lago cheio de Inferi, Harry confiava que a captura de Mundungo levaria no máximo algumas horas, e ele andou pela casa a manhã inteira em estado de grande expectativa. Contudo, Monstro não voltou aquela manhã nem à tarde. Quando anoiteceu, Harry se sentiu desanimado e ansioso, e o jantar composto principalmente de pão bolorento, no qual Hermione tentara uma variedade de malsucedidas transfigurações, não ajudou em nada.

Monstro não retornou no dia seguinte, nem no próximo. Apareceram, no entanto, dois homens de capa no largo em frente ao número doze, e ali permaneceram noite adentro, olhando em direção a casa que não podiam ver.

– Na certa, Comensais da Morte – disse Rony, enquanto ele, Harry e Hermione observavam das janelas da sala de visitas. – Acham que eles sabem que estamos aqui?

– Acho que não – respondeu Hermione, embora parecesse amedrontada –, ou teriam mandado Snape atrás de nós, não?

– Vocês acham que ele esteve aqui e o feitiço de Moody prendeu a língua dele? – sugeriu Rony.

– Acho – respondeu Hermione –, do contrário, teria podido contar àquele bando como entrar, não? Mas eles provavelmente estão vigiando para ver se aparecemos. Sabem que a casa é do Harry.

– Como puderam...? – começou Harry.

– Os testamentos bruxos são examinados pelo Ministério, lembram? Saberão que Sirius deixou a casa para você.

A presença de Comensais da Morte ali fora intensificou a atmosfera agourenta no número doze. Os garotos não tinham ouvido nada de pessoa alguma fora do largo Grimmauld desde o Patrono do sr. Weasley, e a tensão estava começando a se manifestar. Inquieto e irritável, Rony tinha desenvolvido o incômodo hábito de brincar com o desiluminador dentro do bolso: isto enfurecia particularmente

Hermione, que passava o tempo em que aguardavam Monstro estudando *Os contos de Beedle, o bardo* e não estava gostando que as luzes piscassem.

– Quer parar com isso! – exclamou, na terceira noite da ausência de Monstro, quando a luz da sala de visitas foi apagada mais uma vez.

– Desculpe, desculpe! – disse Rony, acionando o desiluminador e acendendo as luzes. – Não estou fazendo isso conscientemente!

– Bem, não pode procurar alguma coisa útil para se ocupar?

– O quê, ler histórias escritas para criancinhas?

– Dumbledore me deixou o livro, Rony...

– ... e me deixou o desiluminador, quem sabe esperava que eu o usasse!

Incapaz de suportar essas briguinhas, Harry saiu da sala sem os dois perceberem. Desceu à cozinha, que ele não parava de visitar, porque tinha certeza de que era ali que Monstro provavelmente reapareceria. No meio da escada para a entrada, no entanto, ele ouviu uma batida na porta da frente, e em seguida cliques metálicos e a corrente.

Sentiu cada nervo do seu corpo se retesar: sacou a varinha e se ocultou nas sombras ao lado das cabeças dos elfos decapitados, onde ficou aguardando. A porta abriu: ele entreviu o largo iluminado e um vulto de capa entrou sorrateiro na casa e fechou a porta. O intruso deu um passo à frente e a voz de Moody perguntou:

– *Severo Snape?*

Então, o vulto de pó se ergueu no final do corredor e avançou para ele, a mão cadavérica erguida.

– Não fui eu que o matei, Alvo – respondeu a voz baixa.

O feitiço se desfez, o vulto de pó explodiu e foi impossível ver o recém-chegado através da densa nuvem cinzenta que o espectro deixou ao desaparecer.

Harry apontou a varinha para o meio da nuvem.

– Não se mexa!

Ele esquecera, porém, o retrato da sra. Black: ao som de sua ordem, as cortinas que a ocultavam se abriram repentinamente e a bruxa começou a gritar:

– *Sangues ruins e escória desonrando minha casa*...

Rony e Hermione desceram atrás de Harry reboando pela escada, as varinhas apontadas para o estranho no corredor, as mãos para o alto.

– Guardem as varinhas, sou eu, Remo!

– Ah, graças aos céus! – exclamou Hermione em voz baixa, dirigindo a varinha para a sra. Black; com um estampido, as cortinas tornaram a fechar e fez-se silêncio. Rony também baixou a varinha, mas Harry não.

– Apareça! – falou.

Lupin deu um passo para a luz, as mãos ainda no alto em um gesto de

rendição.

– Sou Remo João Lupin, lobisomem, também conhecido como Aluado, um dos quatro criadores do mapa do maroto, casado com Ninfadora, mais conhecida como Tonks, e o ensinei a produzir um Patrono, Harry, que assume a forma de um veado.

– Ah, tudo bem – disse Harry, baixando a varinha –, mas eu tinha que verificar, não?

– Na qualidade de seu antigo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, concordo plenamente que precisasse verificar. Rony, Hermione, vocês não deviam ter baixado a guarda tão rapidamente.

Os garotos desceram o resto da escada e correram para o recém-chegado. Protegido por uma grossa capa de viagem preta, ele parecia exausto, mas satisfeito em revê-los.

– Então, nem sinal de Severo? – perguntou.

– Não – respondeu Harry. – Que está acontecendo? Estão todos bem?

– Estão – confirmou Lupin –, mas vigiados. Há uns dois Comensais da Morte no largo aí em frente...

– ... sabemos...

– ... precisei aparatar exatamente no último degrau à frente da porta para garantir que não me vissem. Não sabem que vocês estão aqui, ou tenho certeza que postariam mais gente lá fora; estão tocaiando todos os lugares que têm alguma ligação com você, Harry. Vamos descer, tenho muito que lhes contar e quero saber o que aconteceu depois que saíram d'A Toca.

Eles desceram à cozinha, onde Hermione apontou a varinha para a lareira. As chamas subiram instantaneamente: deram a ilusão de aconchego às frias paredes de pedra e se refletiram na superfície da mesa de madeira. Lupin tirou algumas cervejas amanteigadas debaixo da capa de viagem, e todos se sentaram.

– Eu teria chegado aqui há três dias, mas precisei me livrar do Comensal que estava me seguindo – comentou Lupin. – Então, vocês vieram direto para cá depois do casamento?

– Não – respondeu Harry –, só depois de toparmos com dois Comensais em um bar na Tottenham Court.

Lupin derramou quase toda a cerveja no peito.

– *Quê?*

Os garotos explicaram o que havia acontecido; quando terminaram, Lupin estava horrorizado.

– Mas como encontraram vocês tão depressa? É impossível rastrear uma pessoa que aparata, a não ser que a agarrem antes de desaparecer!

– E é pouco provável que estivessem apenas passeando pela Tottenham Court

na hora, concorda? – comentou Harry.
– Pensamos – arriscou Hermione – que talvez Harry ainda tivesse o rastreador, que acha?
– Impossível – respondeu Lupin. Rony fez cara de quem acertou, e Harry se sentiu imensamente aliviado. – Sem me aprofundar, se Harry ainda carregasse o rastreador, eles teriam certeza absoluta de sua presença aqui, não é mesmo? Mas não vejo como poderiam ter seguido vocês a Tottenham Court, e isso me preocupa, realmente me preocupa.
Ele pareceu perturbado, mas, se dependesse de Harry, a pergunta poderia esperar.
– Conte o que aconteceu depois que saímos, não soubemos de nada desde que o pai de Rony nos avisou que a família estava bem.
– Bem, Kingsley nos salvou – disse Lupin. – Graças ao seu aviso, a maior parte dos convidados pôde desaparatar antes da invasão.
– Eram Comensais da Morte ou gente do Ministério? – interrompeu-o Hermione.
– Os dois; para todos os efeitos, agora os dois são a mesma coisa – disse Lupin. – Eram uns doze, mas não sabiam que você estava lá, Harry. Arthur ouviu um boato que procuraram descobrir o seu paradeiro, torturando Scrimgeour antes de matá-lo; se for verdade, ele não o traiu.
Harry olhou para Rony e Hermione; seus rostos refletiam a mescla de choque e gratidão que ele sentia. Jamais gostara muito de Scrimgeour, mas, se o que Lupin dizia fosse verdade, o último gesto do homem fora protegê-lo.
– Os Comensais revistaram A Toca de cima a baixo – continuou Lupin. – Encontraram o vampiro, mas não quiseram chegar muito perto; depois interrogaram horas seguidas os que permaneceram na casa. Estavam querendo obter informações sobre você, Harry, mas, naturalmente, ninguém mais além dos membros da Ordem sabia que você tinha estado lá.
“Ao mesmo tempo que acabavam com o casamento, outros Comensais estavam invadindo as casas no campo que tinham ligação com a Ordem. Não mataram ninguém”, acrescentou, depressa, prevendo a pergunta, “mas foram violentos. Queimaram a casa de Dédalo Diggle, mas, como você sabe, ele não estava, e usaram a Maldição Cruciatus na família de Tonks, tentando descobrir aonde você tinha ido depois de visitá-los. Eles estão bem... obviamente abalados... mas, sob outros aspectos, bem.”
– Os Comensais da Morte romperam todos os feitiços de proteção? – perguntou Harry, lembrando-se de sua eficácia na noite em que ele se acidentara no jardim dos Tonks.
– O que você precisa compreender, Harry, é que os Comensais agora têm o

Ministério todo na mão – disse Lupin. – Têm o poder de usar feitiços cruéis sem medo de serem identificados ou presos. Conseguiram penetrar cada feitiço defensivo que lançamos contra eles e, uma vez dentro, agiram abertamente.

– E por que estão se dando o trabalho de inventar desculpas para descobrir o paradeiro de Harry por meio de tortura? – perguntou Hermione, com um fio de irritação na voz.

– Bem... – começou Lupin. Hesitou um momento, então tirou da capa um exemplar dobrado do *Profeta Diário*. – Leia – disse, empurrando o jornal para Harry do outro lado da mesa –, você irá saber mais cedo ou mais tarde. É o pretexto que estão usando para procurar você.

Harry abriu o jornal. Uma enorme fotografia sua ocupava a primeira página. Leu a manchete.

PROCURADO PARA DEPOR SOBRE A MORTE DE ALVO DUMBLEDORE

Rony e Hermione gritaram indignados, mas Harry ficou calado. Empurrou o jornal para longe; não queria ler mais nada: sabia o que dizia. Ninguém, exceto os que estavam no alto da torre quando Dumbledore morreu, sabia quem realmente o matara, e, como Rita Skeeter já divulgara para o mundo bruxo, Harry fora visto fugindo do local momentos depois da queda de Dumbledore.

– Lamento, Harry – disse Lupin.

– Então os Comensais da Morte tomaram o *Profeta Diário* também? – perguntou Hermione, furiosa.

Lupin assentiu.

– Mas com certeza as pessoas percebem o que está acontecendo, não?

– O golpe foi hábil e virtualmente silencioso – respondeu Lupin. – A versão oficial para o assassinato de Scrimgeour é que ele renunciou; foi substituído por Pio Thicknesse, que está sob a influência da Maldição Imperius.

– Por que Voldemort não se declarou ministro da Magia? – perguntou Rony.

Lupin riu.

– Não precisa, Rony. Ele é *de fato* o ministro da Magia, então, para que iria se sentar atrás de uma mesa no Ministério? Seu fantoche, Thicknesse, está cuidando da burocracia diária, deixando Voldemort livre para estender sua influência para além do Ministério.

“Naturalmente muitas pessoas deduziram o que aconteceu: nos últimos dias houve uma acentuada mudança na diretriz ministerial, e muitos estão murmurando que Voldemort deve estar por trás disso. Contudo, aí reside o problema: murmuram apenas. Não ousam trocar confidências, não sabem em quem confiar; têm medo de se manifestar, porque suas suspeitas podem se

confirmar e suas famílias serem atingidas. Sim, Voldemort está fazendo um jogo inteligente. Expor-se poderia ter provocado uma rebelião aberta: nos bastidores, criou confusão, incerteza e medo.”

– E essa mudança acentuada na diretriz ministerial – indagou Harry – inclui alertar o mundo bruxo contra mim e não contra Voldemort?

– Com certeza, e é um golpe de mestre. Agora que Dumbledore morreu, você, O-Menino-Que-Sobreviveu, certamente seria o símbolo e o núcleo de qualquer resistência contra Voldemort. Mas, ao sugerir que você participou na morte do velho herói, ele não só pôs a sua cabeça a prêmio como também semeou a dúvida e o medo entre aqueles que o teriam defendido.

“Nesse meio-tempo, o Ministério saiu em campo contra os nascidos trouxas.”

Lupin apontou para o *Profeta Diário*.

– Vejam a página dois.

Hermione virou as páginas do jornal com a mesma expressão de nojo com que segurara os *Segredos das artes mais tenebrosas*. E leu em voz alta:

– *Registro para os Nascidos Trouxas*

“O Ministério da Magia está procedendo a um censo dos chamados ‘nascidos trouxas’ para melhor compreender como se tornaram detentores de segredos da magia.

“Pesquisas recentes feitas pelo Departamento de Mistérios revelam que a magia só pode ser transmitida de uma pessoa a outra quando os bruxos procriam. Portanto, nos casos em que não há comprovação de ancestralidade bruxa, os chamados nascidos trouxas provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força.

“O Ministério tomou a decisão de extirpar esses usurpadores da magia e, com essa finalidade, enviou um convite para que se apresentem a uma entrevista com a recém-nomeada Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas.”

– As pessoas não vão deixar isso acontecer – disse Rony.

– Já *está* acontecendo – informou Lupin. – Os nascidos trouxas estão sendo arrebanhados, por assim dizer.

– Mas como supõem que eles possam ter “roubado” a magia? Isso é pura debilidade, se fosse possível roubar magia não haveria bruxos abortados, não acham?

– Concordo – disse Lupin. – Contudo, a não ser que você possa provar que tem, no mínimo, um parente próximo que seja bruxo, concluirão que obteve o seu poder ilegalmente e será passível de punição.

Rony olhou para Hermione e disse:

– E se os sangues-puros e os mestiços jurarem que um nascido trouxa faz parte da família? Eu direi a todo mundo que Hermione é minha prima...

Hermione pôs a mão sobre a mão de Rony e apertou-a.
– Obrigada Rony, mas eu não poderia deixar...
– Você não terá escolha – disse Rony impetuosamente, segurando a mão dela. – Eu a ensino a reconhecer a minha árvore genealógica e você poderá responder às perguntas deles.
Hermione deu uma risada gostosa.
– Rony, como estamos fugindo com Harry, a pessoa mais procurada deste país, acho que isso não tem importância. Se eu fosse voltar para a escola seria diferente. E quais são os planos de Voldemort para Hogwarts? – perguntou ela a Lupin.
– A frequência agora é obrigatória para todas as crianças bruxas. Anunciaram ontem. É uma mudança, porque antes nunca foi obrigatória. Naturalmente quase todos os bruxos da Grã-Bretanha foram educados em Hogwarts, mas os pais tinham o direito de ensinar-lhes em casa ou mandá-los estudar no exterior, se preferissem. Com isso, Voldemort terá toda a população bruxa sob vigilância desde muito jovem. E é outra maneira de extirpar os nascidos trouxas, porque os alunos devem receber um registro sanguíneo, indicando que provaram ao Ministério sua ascendência bruxa, antes de poderem se matricular.
Harry sentiu repugnância e raiva: naquele momento crianças de onze anos excitadas estariam examinando pilhas de livros de feitiços recém-comprados, sem saber que jamais veriam Hogwarts ou talvez nem as próprias famílias.
– É... é... – murmurou, tentando encontrar palavras que fizessem justiça aos pensamentos horripilantes que lhe passavam pela cabeça, mas Lupin disse-lhe brandamente:
– Eu sei.
O ex-professor hesitou.
– Eu compreenderei se você não puder confirmar, Harry, mas a Ordem está desconfiada de que Dumbledore lhe confiou uma missão.
– Confiou, e Rony e Hermione a conhecem e vão me acompanhar.
– Você pode me contar qual é a missão?
Harry encarou aquele rosto prematuramente enrugado, com a sua moldura de cabelos bastos, mas grisalhos, e desejou que pudesse lhe dar uma resposta diferente.
– Não posso, Remo, lamento. Se Dumbledore não lhe revelou, acho que também não posso.
– Supus que essa seria a sua resposta – disse Lupin, desapontado. – Ainda assim, eu poderia lhe ser útil. Você me conhece e sabe o que sou capaz de fazer. Eu poderia acompanhá-lo para lhe fornecer proteção. Não haveria necessidade de me dizer exatamente o que pretendem.

Harry hesitou. Era uma oferta tentadora, embora ele não conseguisse imaginar como iriam poder guardar segredo se Lupin estivesse com eles todo o tempo.

Hermione, no entanto, pareceu intrigada.

– E Tonks? – perguntou.

– Que tem ela?

– Bem – tornou Hermione, enrugando a testa –, vocês são casados! O que ela está achando dessa sua viagem conosco?

– Tonks estará perfeitamente segura. Na casa dos pais dela.

O tom de Lupin foi estranho; quase frio. Havia algo esquisito na ideia de Tonks ficar escondida na casa dos pais; afinal, ela era membro da Ordem e, pelo que Harry conhecia, a auror provavelmente iria querer participar da ação.

– Remo – perguntou Hermione hesitante –, está tudo bem... entende... entre você e...

– Tudo está ótimo, obrigado – respondeu ele, enfaticamente. Hermione corou.

Houve uma segunda pausa, inoportuna e constrangedora, então Lupin acrescentou com ar de quem era forçado a admitir algo desagradável:

– Tonks vai ter um bebê.

– Ah, que maravilhoso! – guinchou Hermione.

– Excelente! – disse Rony, entusiasmado.

– Parabéns – acrescentou Harry.

Lupin lançou aos garotos um sorriso forçado, mais parecia uma careta, antes de perguntar:

– Então... aceitam a minha oferta? Os três poderão ser quatro? Não acredito que Dumbledore desaprovasse, afinal foi ele que me nomeou professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. E, confesso, creio que estamos enfrentando uma magia que muitos de nós jamais encontraram ou imaginaram existir.

Rony e Hermione olharam para Harry.

– Só... só para deixar bem claro – disse o garoto. – Você quer deixar Tonks na casa dos pais e nos acompanhar?

– Tonks estará perfeitamente segura, eles cuidarão dela – respondeu Lupin, com uma firmeza que beirava a indiferença. – Harry, tenho certeza que Tiago iria querer que eu estivesse ao seu lado.

– Bem – disse Harry, lentamente –, eu não. Tenho certeza que o meu pai iria querer saber por que você não vai ficar ao lado do seu próprio filho.

A cor sumiu do rosto de Lupin. A temperatura da cozinha parecia ter caído dez graus. Rony correu o olhar pelo aposento como se o tivessem mandado memorizar cada detalhe, enquanto os olhos de Hermione iam e vinham de Harry para Lupin.

– Você não entende – disse Lupin, finalmente.

– Explique, então.
Lupin engoliu em seco.
– Cometi um grave erro me casando com Tonks. Agi contrariando o meu bom-senso, e tenho me arrependido muito desde então.
– Entendo, então você vai simplesmente abandonar a moça e o filho e fugir conosco?
Lupin se pôs repentinamente de pé: a cadeira tombou para trás e ele encarou os garotos com tanta ferocidade que Harry viu, pela primeira vez na vida, a sombra do lobo em seu rosto humano.
– Você não entende o que fiz à minha mulher e ao meu filho que vai nascer? Eu jamais devia ter casado com Tonks, eu a transformei em uma pária! – Lupin chutou para o lado a cadeira que derrubara.
"Você até hoje só me viu na Ordem, ou sob a proteção de Dumbledore, em Hogwarts! Você não sabe como a maioria do mundo bruxo encara as criaturas como eu! Quando descobrem a minha desgraça, nem conseguem mais falar comigo! Você não percebe o que eu fiz? Até a família dela se desgostou com o nosso casamento, que pais querem ver a única filha casada com um lobisomem? E o filho... o filho..."
Lupin chegou a arrancar tufos dos próprios cabelos; parecia muito descontrolado.
– A minha espécie normalmente não procria! Ele será como eu, estou convencido. Como poderei me perdoar, quando conscientemente corri o risco de transmitir a minha deficiência a uma criança inocente? E se, por milagre, ela não for como eu, então estará melhor, mil vezes melhor sem um pai do qual sempre se envergonhará!
– Remo! – sussurrou Hermione, os olhos marejados de lágrimas. – Não diga isso, como uma criança poderia ter vergonha de você?
– Ah, não sei, Hermione – disse Harry. – Eu teria muita vergonha dele.
Ele não sabia de onde vinha a sua raiva, mas o sentimento o fizera se levantar também. A expressão de Lupin era a de quem tinha sido esbofeteado por Harry.
– Se o novo regime acha que os que nasceram trouxas são criminosos, que fará com um mestiço de lobisomem cujo pai pertence à Ordem? Meu pai morreu tentando proteger a mim e minha mãe, e você acha que ele lhe diria para abandonar seu filho e nos acompanhar em uma aventura?
– Como... como se atreve? – disse Lupin. – Não se trata de um desejo de... correr riscos ou obter glória pessoal... como se atreve a insinuar uma...
– Acho que você está sendo audacioso – disse Harry. – Querendo ocupar o lugar de Sirius...
– Harry, não! – suplicou Hermione, mas ele continuou a encarar o rosto lívido

de Lupin.
– Eu nunca teria acreditado – continuou Harry. – O homem que me ensinou a combater dementadores... um covarde.
Lupin sacou a varinha tão rápido que Harry mal teve tempo de apanhar a própria; seguiu-se um forte estampido e ele se sentiu arremessado para trás como se tivesse levado um murro; ao bater contra a parede da cozinha e escorregar para o chão, viu a ponta da capa de Lupin desaparecer pela porta.
– Remo, Remo, volte! – gritou Hermione, mas Lupin não respondeu. Instantes depois ouviram a porta da frente bater. – Harry! – gritou, chorosa. – Como pôde fazer isso?
– Foi fácil – respondeu Harry.
Ele se levantou; sentiu um galo crescendo no lugar em que sua cabeça batera na parede. Sua raiva era tanta que o fazia tremer.
– Não olhe para mim desse jeito! – disse rispidamente a Hermione.
– Não se vire contra ela! – rosnou Rony.
– Não... não... não devemos brigar! – disse Hermione atirando-se entre os dois.
– Você não devia ter dito aquilo a Lupin – disse Rony a Harry.
– Ele estava pedindo – respondeu Harry. Imagens fragmentadas sobrepunham-se celeremente em sua mente: Sirius atravessando o véu; Dumbledore suspenso, desconjuntado, no ar; um lampejo de luz verde e a voz de sua mãe pedindo misericórdia...
– Os pais – disse Harry – não devem abandonar os filhos, a não ser... a não ser que não possam evitar.
– Harry... – disse Hermione, esticando a mão para consolá-lo, mas ele repeliu-a e se afastou, fixando as chamas que a garota tinha conjurado. Uma vez falara com Lupin por aquela lareira, buscando consolo por causa do pai, e o professor o ajudara. Agora o rosto torturado e pálido de Lupin parecia flutuar diante de seus olhos. Ele sentiu uma onda nauseante de remorso. Nem Rony nem Hermione falaram, mas ele tinha certeza de que estavam se entreolhando às suas costas, comunicando-se em silêncio.
Harry se virou e surpreendeu-os voltando rapidamente as costas um para o outro.
– Sei que não devia tê-lo chamado de covarde.
– Não, não devia – concordou Rony, imediatamente.
– Mas é como ele está agindo.
– Mesmo assim... – disse Hermione.
– Eu sei. Mas se isto o fizer voltar para Tonks, terá valido a pena, não?
Ele não pôde evitar o tom de súplica em sua voz. Hermione pareceu receptiva,

Rony, inseguro. Harry olhou para os próprios pés pensando no pai. Tiago teria apoiado o que ele dissera a Lupin ou teria se zangado com o filho pelo modo com que tratara seu velho amigo?

A cozinha silenciosa pareceu vibrar com o impacto da cena recente e a reprovação muda de Rony e Hermione. O *Profeta Diário* que Lupin trouxera continuava sobre a mesa, a foto de Harry na primeira página virada para o teto. Ele se aproximou e se sentou, abriu o jornal a esmo e fingiu ler. Não conseguia entender as palavras, sua mente ainda arrebatada pelo confronto com Lupin. Sabia que Rony e Hermione tinham retomado sua comunicação silenciosa por trás do *Profeta*. Ele virou a página com violência, e o nome de Dumbledore saltou aos seus olhos. Harry levou alguns instantes para entender o significado da foto em que havia uma família. Sob a foto a legenda: *A família Dumbledore: da esquerda para a direita, Alvo, Percival, segurando Ariana recém-nascida, Kendra e Aberforth.*

Atento, Harry parou para examinar a foto. O pai de Dumbledore, Percival, era um homem bonito, com olhos que pareciam cintilar mesmo na velha foto desbotada. O bebê, Ariana, era pouco maior que uma fôrma de pão e igualmente desprovido de traços marcantes. A mãe, Kendra, tinha cabelos muito negros presos em um coque. Seu rosto parecia esculpido. Apesar do vestido de seda de gola alta que usava, Harry lembrou-se de índios americanos ao estudar seus olhos escuros, malares altos e nariz reto. Alvo e Aberforth usavam paletós iguais com gola de renda e cortes idênticos nos cabelos até os ombros. Alvo parecia vários anos mais velho, mas sob outros aspectos, os dois meninos eram muito semelhantes, porque a foto fora tirada antes de Alvo ter o nariz fraturado ou começar a usar óculos.

A família parecia bem feliz e normal e sorria serenamente. O bebê acenava, sem direção, com o braço fora da manta. Harry olhou para o alto da foto e leu a manchete:

TRECHO EXCLUSIVO DA BIOGRAFIA DE ALVO DUMBLEDORE A SER LANÇADA EM BREVE por Rita Skeeter

Pensando que não poderia se sentir pior do que já se sentia, Harry começou a ler:

> Orgulhosa e arrogante, Kendra Dumbledore não poderia suportar permanecer em Mould-on-the-Wold depois da comentada detenção do marido Percival e sua prisão em Azkaban. Ela decidiu, portanto, cortar esses laços e se mudar para Godric's Hollow, a aldeia que anos mais tarde se tornaria

famosa como cenário do ataque de Você-Sabe-Quem a Harry Potter e a inexplicável sobrevivência do menino.

Godric's Hollow, tal como Mould-on-the-Wold, era o refúgio de muitas famílias bruxas, mas, não as conhecendo, Kendra estaria a salvo da curiosidade que o crime de Percival despertara em sua antiga aldeia. Repelindo as tentativas de aproximação dos vizinhos bruxos, em pouco tempo ela garantiu que sua família fosse deixada em paz.

"Kendra bateu a porta na minha cara quando passei para lhe dar as boas-vindas levando um tabuleiro de bolos de caldeirão", conta Batilda Bagshot. "No primeiro ano em que moraram lá, só vi os dois meninos. Não saberia que havia uma filha se não estivesse colhendo plangentinas ao luar no inverno depois da mudança e visse Kendra saindo com Ariana para o jardim dos fundos. Deu uma volta com a criança segurando-a com firmeza, depois tornou a entrar. Eu nem soube o que pensar daquilo."

Aparentemente, Kendra achou que mudar para Godric's Hollow seria a oportunidade perfeita de esconder Ariana para sempre, coisa que provavelmente vinha planejando havia anos. O momento era oportuno. Ariana ainda não completara sete anos quando deixou de ser vista, e sete anos é a idade em que, se existir, a magia se revelará, segundo a maioria dos estudiosos. Nenhuma das pessoas ainda vivas se lembra de Ariana demonstrar o menor pendor para a magia. Parece evidente, portanto, que Kendra tenha decidido esconder a existência da filha para não sofrer a vergonha de admitir que dera à luz uma bruxa abortada. Afastar-se dos amigos e vizinhos que conheciam Ariana, naturalmente, tornaria a sua prisão em casa tanto mais fácil. O pequeno número de pessoas que a partir daí conheceram sua existência guardaria o segredo, inclusive seus dois irmãos, que contornavam as perguntas embaraçosas com a resposta que a mãe lhes ensinara: "Minha irmã é muito doentinha para frequentar a escola."

Na próxima semana: Alvo Dumbledore em Hogwarts – os prêmios e o fingimento.

Harry tinha se enganado: o que acabara de ler fez com que se sentisse pior. Ele tornou a contemplar a foto da família aparentemente feliz. Seria verdade? Como poderia descobrir? Queria ir a Godric's Hollow, ainda que Batilda não estivesse em condições de conversar com ele; queria visitar o lugar em que ele e Dumbledore tinham perdido entes queridos. Já estava baixando o jornal, para perguntar a opinião de Rony e Hermione, quando um estalo ensurdecedor ecoou pela cozinha.

Pela primeira vez em três dias, Harry tinha esquecido Monstro completamente. No primeiro momento, pensou que Lupin estivesse irrompendo de volta ao aposento e, por uma fração de segundo, não percebeu o número de pernas que apareceram se debatendo na cozinha ao lado de sua cadeira. Ergueu-se de um salto enquanto Monstro, que se desvencilhava e lhe fazia uma profunda reverência, crocitou:

– Monstro retornou com o ladrão Mundungo Fletcher, meu senhor.

Mundungo levantou-se com dificuldade e sacou a varinha; Hermione, no entanto, foi mais rápida que ele.

– *Expelliarmus!*

A varinha de Mundungo saiu voando pelo ar e a garota a recolheu. De olhos arregalados, o bruxo se atirou em direção à escada: Rony derrubou-o e Mundungo bateu no piso de pedra com um ruído abafado.

– Quê? – berrou, contorcendo-se em tentativas para se livrar das garras de Rony. – Que foi que eu fiz? Mandando um desgraçado de um elfo doméstico atrás de mim, que brincadeira é essa, que foi que eu fiz, me solte, me solte, ou...

– Você não está em posição de fazer ameaças – disse Harry. E, atirando o jornal para o lado, atravessou a cozinha em poucos passos e se ajoelhou ao lado de Mundungo, que parou de lutar aterrorizado. Rony se levantou, ofegando, e ficou observando Harry apontar deliberadamente a varinha para o nariz do bruxo. Mundungo fedia a suor velho e fumaça de tabaco: seus cabelos estavam embaraçados e as vestes manchadas.

– Monstro pede desculpas pela demora em trazer o ladrão, meu senhor – crocitou o elfo. – Fletcher sabe como evitar ser capturado, tem muitos esconderijos e cúmplices. Mesmo assim, Monstro acabou encurralando o ladrão.

– Você fez um ótimo serviço, Monstro – disse Harry, e o elfo fez nova reverência.

“Certo, temos algumas perguntas a lhe fazer”, disse Harry a Mundungo, que imediatamente gritou:

– Entrei em pânico, o.k.? Nunca quis ir, sem querer ofender, colega, nunca me ofereci para morrer por você, e o infeliz do Você-Sabe-Quem veio voando direto para mim, qualquer pessoa teria se mandado, eu disse o tempo todo que não queria fazer...

– Para sua informação, nenhum dos outros desaparatou – interrompeu-o Hermione.

– Ora, vocês são metidos a heróis, é o que são, mas eu nunca fingi que pretendia me matar...

– Não estamos interessados em suas razões para abandonar Olho-Tonto – disse Harry, chegando a varinha mais perto dos olhos empapuçados e vermelhos

do bruxo. – Nós já sabíamos que você não prestava.

– Então, por que diabos estou sendo caçado por elfos domésticos? Ou é aquela história das taças novamente? Não tenho mais nenhuma comigo, senão você poderia ficar com elas...

– Também não queremos falar de taças, embora você esteja esquentando. Cale a boca e ouça – disse Harry.

Era uma sensação maravilhosa ter o que fazer, ter alguém de quem exigir uma pequena parcela de verdade. A varinha de Harry agora estava tão próxima da ponte do nariz de Mundungo que o bruxo ficara vesgo tentando não perdê-la de vista.

– Quando você limpou esta casa de tudo que tinha valor... – começou Harry, mas Mundungo interrompeu-o outra vez.

– Sirius nunca ligou para aquela lixaria...

Ouviram um som de pezinhos apressados, um lampejo de cobre reluzente, uma batida metálica e ressonante e um grito de dor: Monstro tinha corrido até Mundungo, acertando-o na cabeça com uma caçarola.

– Tira ele daí, tira ele daí, ele devia ser preso! – berrou o bruxo, se encolhendo quando Monstro tornou a erguer a caçarola de fundo pesado.

– Monstro, não! – gritou Harry.

Os braços finos de Monstro estremeceram sob o peso da caçarola que segurava no alto.

– Só mais uma vez, meu senhor Harry, para dar sorte.

Rony riu.

– Precisamos dele consciente, Monstro, mas, se houver necessidade de persuadi-lo, você fará as honras da casa – disse Harry.

– Muito, muito obrigado, meu senhor – disse Monstro com uma reverência, e recuou alguns passos, seus grandes olhos claros ainda pregados em Mundungo, com repugnância.

– Quando você limpou esta casa de todos os valores que conseguiu encontrar – começou Harry novamente –, levou um monte de coisas do armário da cozinha. Havia ali um medalhão. – A boca de Harry ficou repentinamente seca: ele sentiu a tensão e a excitação em Rony e Hermione. – Que foi que você fez com ele?

– Por quê? – perguntou Mundungo. – Tinha valor?

– Você o guardou! – gritou Hermione.

– Não, não guardou – disse Rony com perspicácia. – Ele está imaginando se poderia ter pedido mais dinheiro por ele.

– Mais? – respondeu o bruxo. – Pô, teria sido difícil... entreguei aquele troço de graça. Não tive escolha.

– Como assim?
– Estava vendendo coisas no Beco Diagonal e a mulher chega pra mim e pergunta se eu tenho licença para negociar artefatos mágicos. Uma desgraçada metida. Ia me multar, mas gostou do medalhão e disse que ia levar e deixar barato daquela vez e que eu me desse por feliz.
– Quem era a mulher? – perguntou Harry.
– Não sei, uma megera do Ministério.
Mundungo parou para pensar um instante, enrugando a testa.
– Mulher pequena. Laço de fita na cabeça.
Ele franziu mais um pouco a testa e acrescentou:
– Cara de sapa.
Harry deixou cair a varinha: o objeto bateu no nariz de Mundungo e soltou faíscas vermelhas nas sobrancelhas dele, que pegaram fogo.
– *Aguamenti!* – gritou Hermione, e um jato de água saiu de sua varinha e cobriu o bruxo, que cuspia água e se engasgava. Harry ergueu os olhos e viu o seu próprio choque refletido nos rostos de Rony e Hermione. As cicatrizes no dorso de sua mão direita pareciam estar formigando outra vez.

— CAPÍTULO DOZE —

Magia é poder

À medida que agosto foi passando, o quadrado de capim alto no meio do largo Grimmauld foi secando ao sol até se tornar marrom e quebradiço. Os habitantes do número doze nunca eram vistos por ninguém das casas vizinhas, nem o número doze em si. Os trouxas que moravam no largo havia muito tempo tinham aceitado o divertido erro de numeração que deixara o número onze ao lado do número treze.

E, no entanto, o largo, aos poucos, vinha atraindo visitantes que pareciam achar a anomalia muito curiosa. Não se passava um dia sem que uma ou duas pessoas chegassem ao lugar sem outro objetivo, ou assim parecia, que não o de se debruçar nas grades diante dos números onze e treze, para observar a emenda das duas casas. Não eram sempre os mesmos, dois dias seguidos, embora se parecessem na aversão por roupas comuns. A maioria dos londrinos que passavam pelos visitantes estavam acostumados a trajes excêntricos e nem reparavam, ainda que, ocasionalmente, um deles pudesse olhar para trás imaginando por que alguém usaria capas tão compridas naquele calor.

Os curiosos não pareciam extrair grande satisfação de sua vigília. Por vezes, um deles partia em direção a casa, agitado, como se, enfim, tivesse visto algo interessante, apenas para acabar recuando, desapontado.

No primeiro dia de setembro, havia mais pessoas rondando o largo do que jamais houvera. Meia dúzia de homens com longas capas pararam atentos e silenciosos, observando, como sempre, as casas onze e treze, mas a coisa que esperavam ver continuava a lhes escapar. À medida que a noite foi caindo e trazendo, pela primeira vez em semanas, inesperadas rajadas de chuva fria, ocorreu um desses momentos inexplicáveis em que eles tiveram a impressão de ter visto algo interessante. O homem de cara torta apontou-o para o companheiro mais próximo, um homem pálido e gorducho, e ambos avançaram, mas, momentos depois, retomaram a descontraída inatividade anterior, com um ar de

contrariedade e decepção.
Entrementes, no interior do número doze, Harry acabara de entrar no corredor. Quase perdera o equilíbrio quando aparatou no degrau à frente da porta, e achou que os Comensais da Morte pudessem ter percebido o seu cotovelo momentaneamente à mostra. Fechando com cuidado a porta ao passar, tirou a Capa da Invisibilidade, pendurou-a no braço e correu pelo corredor lúgubre em direção ao porão, apertando na mão o exemplar do *Profeta Diário* que roubara.
O sussurro habitual de *"Severo Snape?"* saudou-o, o vento gelado passou por ele e sua língua enrolou por um instante.
– Eu não o matei – respondeu, quando pôde, e prendeu a respiração enquanto o espectro poeirento explodia. Aguardou até alcançar a metade da escada da cozinha, fora do alcance da sra. Black e da nuvem de poeira, para gritar: – Trouxe notícias, e vocês não vão gostar.
A cozinha estava quase irreconhecível. Todas as superfícies agora brilhavam: as panelas e tachos de cobre tinham sido polidos até adquirirem um brilho rosado, o tampo da mesa de madeira luzia, as taças e pratos, já postos para o jantar, cintilavam à luz das chamas vivas que dançavam na lareira, onde fumegava um caldeirão. Nada no aposento, porém, apresentava uma mudança mais dramática do que o elfo doméstico, que agora veio correndo receber Harry, vestido com uma alvíssima toalha, os pelos de sua orelha limpos e fofos como algodão, o medalhão de Régulo balançando no peito magro.
– Tire os sapatos, por favor, meu senhor Harry, e lave as mãos antes do jantar – crocitou Monstro, apanhando a Capa da Invisibilidade e sacudindo-a para pendurar em um gancho na parede, ao lado de várias vestes antiquadas recém-lavadas.
– Que aconteceu? – perguntou Rony, apreensivo. Ele e Hermione estiveram estudando um maço de anotações e mapas feitos à mão, e que cobriam uma das extremidades da longa mesa da cozinha. Agora, no entanto, pararam para observar a aproximação de Harry, que atirou o jornal em cima dos pergaminhos espalhados.
Uma grande foto de um homem de cabelos negros, nariz curvo, muito conhecido dos três, encarou-os sob a manchete: *SEVE RO SNAPE CONFIRMADO DIRETOR DE HOGWARTS.*
– Não! – exclamaram Rony e Hermione.
A garota foi mais rápida; agarrou o jornal e começou a ler a notícia em voz alta.
– Severo Snape, há anos professor de Poções na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, foi hoje nomeado diretor na mudança mais importante entre as que foram realizadas no corpo docente da tradicional escola. Aleto Carrow

assumirá a função de professora de Estudo dos Trouxas face ao pedido de demissão da titular, enquanto seu irmão, Amico, ocupará o posto de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas.

"Agradeço a oportunidade de defender os melhores valores e tradições bruxos..."

– Suponho que sejam matar e cortar orelhas! Snape, diretor! Snape no gabinete de Dumbledore: pelas calças de Merlim! – guinchou Hermione, sobressaltando Harry e Rony. Ela se levantou da mesa de um salto e se precipitou para fora da cozinha, gritando: – Volto em um minuto!

– Pelas calças de Merlim? – repetiu Rony, achando graça. – Ela deve estar bem perturbada.

Ele puxou o jornal para perto e correu os olhos pelo artigo sobre Snape.

– Os outros professores não vão aceitar isso. McGonagall, Flitwick e Sprout sabem a verdade, sabem como Dumbledore morreu. Não vão aceitar Snape como diretor. E quem são esses Carrow?

– Comensais da Morte – respondeu Harry. – Tem fotos deles aí dentro. Estavam no alto da torre quando Snape matou Dumbledore, é a reunião dos amigos. E – continuou Harry, amargurado, puxando uma cadeira – não vejo opção para os outros professores senão permanecerem nos cargos. Se o Ministério e Voldemort estão apoiando Snape, terão de escolher entre ficar e ensinar ou passar uns aninhos em Azkaban, isto é, se tiverem sorte. Calculo que ficarão, para tentar proteger os alunos.

Monstro veio apressado em direção à mesa, trazendo uma grande terrina nas mãos, e serviu a sopa nos pratos imaculados, assoviando entre os dentes.

– Obrigado, Monstro – disse Harry, fechando o *Profeta* para não precisar olhar para a cara de Snape. – Bem, pelo menos sabemos exatamente onde ele está agora.

Harry começou a levar a colher de sopa à boca. A qualidade da culinária de Monstro tinha melhorado drasticamente desde que ganhara o medalhão de Régulo: a sopa de cebola de hoje era a melhor que Harry já provara.

– Ainda tem uma pá de Comensais da Morte vigiando a casa – disse ele a Rony enquanto comia –, mais do que de costume. É como se estivessem esperando que a gente saísse carregando os malões da escola para tomar o Expresso de Hogwarts.

Rony consultou o relógio.

– Estive pensando nisso o dia todo. O expresso partiu faz umas seis horas. É esquisito não estar a bordo, não é?

Harry pareceu rever em imaginação a maria-fumaça, quando ele e Rony a seguiram pelo ar, tremeluzindo por campos e montanhas, uma lagarta vermelha

ondulando sobre trilhos. Tinha certeza de que Gina, Neville e Luna estavam sentados juntos neste momento, talvez se perguntando onde ele, Rony e Hermione estariam, ou discutindo a melhor maneira de sabotar o novo regime de Snape.

– Eles quase me viram voltando para casa, agora há pouco – disse Harry. – Aterrissei de mau jeito no degrau da porta, e a capa escorregou um pouco.

– Faço isso todas as vezes. Ah, aí vem ela – acrescentou Rony, esticando-se na cadeira para ver Hermione entrando na cozinha. – E em nome dos cuecões folgados de Merlim, que aconteceu?

– Me lembrei disto aqui. – Hermione ofegava.

Trazia na mãos um enorme retrato emoldurado, que apoiou no chão antes de apanhar a bolsinha de contas no aparador da cozinha. Abrindo-a, tentou forçar o quadro para dentro, e, embora ele fosse visivelmente grande demais para caber naquela bolsinha minúscula, em segundos desapareceu, como tantas outras coisas, em suas amplas profundezas.

– Fineus Nigellus – explicou Hermione, atirando a bolsa na mesa da cozinha, com o estrondo metálico habitual.

– Desculpe? – perguntou Rony, mas Harry entendeu. A imagem de Fineus Nigellus era capaz de sair do retrato no largo Grimmauld e visitar o outro que havia pendurado no gabinete do diretor de Hogwarts: a sala circular no alto da torre onde, sem dúvida, Snape estava sentado neste momento, na posse triunfal da coleção de delicados objetos mágicos de prata que pertencera a Dumbledore: a Penseira, o Chapéu Seletor e, a não ser que a tivessem levado para outro lugar, a espada de Gryffindor.

– Snape poderia mandar Fineus Nigellus dar uma olhada aqui em casa para ele – explicou Hermione a Rony, tornando a ocupar o seu lugar à mesa. – Que experimente fazer isso agora, só o que Fineus vai ver é o interior da minha bolsa.

– Bem pensado! – exclamou Rony, impressionado.

– Obrigada. – Sorriu Hermione, puxando o prato de sopa para perto. – Então, Harry, que mais aconteceu hoje?

– Nada. Vigiei a entrada do Ministério durante sete horas. Nem sinal dela. Mas vi seu pai, Rony. Está com ótima aparência.

Rony agradeceu, com a cabeça, a notícia. Eles tinham concordado que era perigoso demais tentar se comunicar com o sr. Weasley entrando ou saindo do Ministério, porque estava sempre cercado por outros funcionários. Tranquilizava, porém, vê-lo nesses rápidos relances, mesmo que parecesse muito ansioso e esgotado.

– Papai nos contou que a maioria dos funcionários do Ministério usa a Rede de Flu para ir trabalhar – disse Rony. – É por isso que não temos visto a

Umbridge, que jamais andaria a pé. Ela se acha muito importante.
– E aquela velha bruxa engraçada e o bruxo miúdo de vestes azul-marinho? – perguntou Hermione.
– Ah, é, o cara da Manutenção Mágica – respondeu Rony.
– Como sabe que ele trabalha na Manutenção Mágica? – tornou Hermione, com a colher de sopa suspensa no ar.
– Papai falou que todo o mundo que trabalha no departamento usa vestes azul-marinho.
– Mas você nunca nos disse isso!
Hermione largou a colher e puxou para perto o maço de anotações e mapas que ela e Rony estavam examinando quando Harry entrou na cozinha.
– Não há nada aqui que fale em vestes azul-marinho, nada! – disse ela, folheando os papéis febrilmente.
– Ora, faz mesmo diferença?
– Rony, *tudo* faz diferença! Se vamos entrar no Ministério sem nos trair, sabendo que eles estão superatentos aos intrusos, cada detalhezinho faz diferença! Já repassamos isso mil vezes, quero dizer, de que adiantam todas essas viagens de reconhecimento se você nem se dá o trabalho de nos dizer...
– Caramba, Hermione, esqueci uma coisinha...
– Você entende, não, que no momento é provável que não exista lugar mais perigoso para nós no mundo do que o Ministério da...
– Acho que devíamos agir amanhã – disse Harry.
Hermione parou de falar, o queixo caído; Rony engasgou-se um pouco com a sopa.
– Amanhã? – respondeu Hermione. – Você não está falando sério, Harry!
– Estou. Acho que não estaremos melhor preparados do que estamos, mesmo se continuarmos a rondar a entrada do Ministério mais um mês. Quanto mais adiarmos, mais distante o medalhão ficará. E sempre há uma boa chance de que a Umbridge o tenha jogado fora; a coisa não abre.
– A não ser – lembrou Rony – que ela tenha arranjado um jeito de abrir e esteja possuída.
– Não faria a menor diferença, ela já era maligna desde o começo – disse Harry, sacudindo os ombros.
Hermione mordia os lábios, absorta em seus pensamentos.
– Já sabemos tudo que é importante – continuou Harry, dirigindo-se à amiga. – Sabemos que pararam de aparatar e desaparatar no Ministério. Sabemos que só os funcionários mais graduados podem ter suas casas ligadas à Rede de Flu, porque Rony ouviu aqueles dois inomináveis reclamando. E sabemos, mais ou menos, onde fica a sala da Umbridge, por aquela conversa que você ouviu do

cara com o colega...
– “Estarei no Nível um, a Dolores quer me ver” – repetiu-a Hermione imediatamente.
– Exato – disse Harry. – E sabemos que eles entram usando umas moedas engraçadas, ou fichas, ou o que sejam, porque vi aquela bruxa pedindo uma emprestada à amiga...
– Mas não temos nenhuma!
– Se o plano funcionar, arranjaremos – continuou Harry, calmamente.
– Não sei não, Harry... tem um montão de coisas que podem dar errado, são tantas as que dependem da sorte...
– Isso não vai mudar, mesmo que a gente gaste mais três meses se preparando – replicou Harry. – A hora é essa.
Ele percebeu pelas caras de Rony e Hermione que os amigos estavam amedrontados; e ele próprio não se sentia tão confiante assim, mas tinha certeza de que chegara a hora de pôr o plano em ação.
Tinham gastado as quatro semanas anteriores se revezando sob a Capa da Invisibilidade para espionar a entrada oficial do Ministério, que Rony, graças ao sr. Weasley, conhecia desde a infância. Os garotos tinham seguido funcionários a caminho do Ministério, ouvido suas conversas e descoberto, através de cuidadosa observação, quais deles apareciam infalivelmente sozinhos, à mesma hora todos os dias. De vez em quando, tinham tido oportunidade de furtar um *Profeta Diário* da pasta de alguém. Aos poucos, foram preparando os diagramas e anotações agora empilhados diante de Hermione.
– Tudo bem – disse Rony, lentamente –, digamos que a gente tente amanhã... acho que devíamos ir só o Harry e eu.
– Ah, não comece com isso outra vez! – suspirou Hermione. – Pensei que isso já estava decidido.
– Uma coisa é ficar parado nas entradas protegido pela capa, mas desta vez a coisa é diferente, Hermione. – Rony apontou para um exemplar do *Profeta Diário* de dez dias antes. – Você está na lista dos nascidos trouxas que não se apresentaram para o interrogatório!
– E você supostamente está morrendo de sarapintose n’A Toca! Se alguém deve ficar, é o Harry, anunciaram um prêmio de dez mil galeões pela cabeça dele...
– Ótimo, ficarei aqui. Não se esqueçam de me avisar se conseguirem derrotar Voldemort, tá?
Enquanto Rony e Hermione riam, a dor atravessou a cicatriz em sua testa. Harry ergueu subitamente a mão: viu a amiga apertar os olhos, e tentou disfarçar o movimento, afastando os cabelos da testa.

– Bem, se nós três formos, teremos que desaparatar separados – Rony foi dizendo. – Não cabemos mais embaixo da capa juntos.
A dor na cicatriz de Harry foi se intensificando. Ele se levantou. Na mesma hora, Monstro correu para ele.
– O meu senhor não terminou a sopa, o meu senhor prefere um ensopado gostoso, ou então a torta de caramelo que o meu senhor gosta tanto?
– Obrigado, Monstro, mas voltarei em um minuto... ãh... banheiro.
Consciente de que Hermione o observava desconfiada, Harry subiu correndo a escada até o corredor de entrada e dali ao primeiro andar, onde embarafustou pelo banheiro e trancou a porta. Gemendo de dor, debruçou-se na pia preta com torneiras em forma de serpentes de bocas escancaradas e fechou os olhos...
Ele estava deslizando por uma rua ao crepúsculo. De cada lado, os prédios tinham telhados altos de duas águas; pareciam casas de biscoitos.
Ao se aproximar de um deles viu a brancura da própria mão de dedos longos encostar na porta. Bateu. Sentiu uma crescente agitação...
A porta abriu: à entrada, surgiu uma mulher sorridente. Seu rosto aparentou desapontamento ao ver Harry, o bom humor sumiu substituído pelo terror...
– Gregorovitch? – disse a voz aguda e fria.
A mulher sacudiu a cabeça: estava tentando fechar a porta. A mão branca segurou-a com firmeza, impedindo que a mulher o deixasse de fora...
– Procuro Gregorovitch.
– *Er wohnt hier nicht mehr!* – exclamou ela, balançando a cabeça. – Ele não morar aqui! Ele não morar aqui! Não conhecer ele!
Abandonando a tentativa de fechar a porta, ela começou a recuar para o hall escuro, e Harry entrou, deslizando ao seu encontro; as mãos de longos dedos sacaram a varinha.
– Onde está ele?
– *Das weiss ich nicht!* Ele mudar! Não saber, não saber!
Ele ergueu a varinha. Ela gritou. Duas crianças entraram correndo no hall. Ela tentou protegê-las com os braços. Houve um lampejo de luz verde...
– Harry! HARRY!
Ele abriu os olhos; desfalecera no chão. Hermione batia com força na porta.
– Harry, abra!
Tinha berrado, sabia que sim. Levantou-se e destrancou a porta; Hermione entrou aos tropeços, recuperou o equilíbrio e olhou para os lados, desconfiada. Rony vinha logo atrás, parecendo nervoso ao apontar a varinha para os cantos do banheiro gelado.
– Que estava fazendo? – perguntou Hermione com severidade.
– Que acha que eu estava fazendo? – respondeu Harry em uma débil tentativa

de desafio.
– Você estava aos berros! – explicou Rony.
– Ah sim... devo ter cochilado ou...
– Harry, por favor não insulte a nossa inteligência – tornou Hermione, inspirando profundamente várias vezes. – Sabemos que a sua cicatriz doeu lá embaixo, e você está branco feito cal.
Harry se sentou na borda da banheira.
– Ótimo. Acabei de ver Voldemort matando uma mulher. A essa altura, ele provavelmente já matou a família toda. E não precisava. Foi a morte de Cedrico revivida, as pessoas estavam *ali*...
– Harry, você não devia deixar isso acontecer mais! – exclamou Hermione, sua voz ecoando pelo banheiro. – Dumbledore queria que você usasse a Oclumência! Ele achou que a ligação era perigosa: Voldemort pode usá-la, Harry! Que pode haver de bom em vê-lo matar e torturar, de que lhe adianta isso?
– Mostra o que ele anda fazendo – respondeu Harry.
– Então, você não vai nem ao menos *tentar* fechar a ligação?
– Hermione, não consigo. Você sabe que sou péssimo em Oclumência, nunca aprendi direito.
– Você nunca tentou de verdade! – retrucou a menina exaltada. – Eu não entendo, Harry, você *gosta* de ter essa ligação, ou relação especial, ou seja lá o que for...
Ela vacilou sob o olhar que o amigo lhe lançou ao se levantar do chão.
– Gosto? – disse em voz baixa. – *Você* gostaria?
– Eu... não... desculpe, Harry, não quis...
– Odeio, odeio que ele seja capaz de penetrar minha mente, que eu tenha de observá-lo quando é mais perigoso. Mas vou usar isso.
– Dumbledore...
– Esqueça Dumbledore. A escolha é minha, de mais ninguém. Quero saber por que está atrás de Gregorovitch.
– Quem?
– Um fabricante estrangeiro de varinhas. Foi quem fabricou a varinha de Krum, e Krum o considera genial.
– Mas, segundo você – lembrou Rony –, Voldemort mantém Olivaras preso em algum lugar. E, se já tem um fabricante de varinhas, para que ele quer outro?
– Talvez ele concorde com Krum, talvez pense que Gregorovitch é melhor... ou talvez pense que Gregorovitch seja capaz de explicar o que a minha varinha fez quando ele me perseguiu, uma vez que Olivaras não foi.
Harry olhou para o espelho partido e empoeirado e viu Rony e Hermione

trocando olhares céticos às suas costas.
– Harry, você fala o tempo todo do que a sua varinha fez – disse Hermione –, mas foi *você* que fez aquilo acontecer! Por que teima tanto em rejeitar a responsabilidade por seu próprio poder?
– Porque sei que não fui eu! E Voldemort também sabe, Hermione! Nós dois sabemos o que realmente aconteceu!
Os dois se encararam. Harry sabia que não convencera Hermione e que ela se preparava para contra-argumentar suas teorias: sobre a própria varinha e a insistência em ver a mente de Voldemort. Para seu alívio, Rony interveio.
– Deixa pra lá – aconselhou-a. – Ele é quem decide. E, se vamos ao Ministério amanhã, não acha bom repassarmos o plano?
Com uma relutância visível, Hermione parou de discutir, embora Harry estivesse seguro de que ela voltaria a atacar na primeira oportunidade. Nesse meio-tempo, eles voltaram à cozinha, onde Monstro serviu a todos o ensopado e a torta de caramelo.
Os três só foram dormir tarde da noite, depois de passarem horas revendo e tornando a rever o plano, até serem capazes de repeti-lo, uns para os outros, sem erros. Harry, que agora ocupava o quarto de Sirius, deitou-se e ficou apontando a luz da varinha para a velha foto de seu pai, Sirius, Lupin e Pettigrew, e gastou mais dez minutos murmurando o plano para si mesmo. Ao apagar a varinha, no entanto, não estava pensando na Poção Polissuco, nem nas Vomitilhas, nem nas vestes azul-marinho da Manutenção Mágica; pensava em Gregorovitch, o fabricante de varinhas, e por quanto tempo ele teria esperança de se esconder de Voldemort, que o procurava com tanta determinação.
O amanhecer se seguiu à meia-noite com indecente rapidez.
– Você está com uma cara horrível. – Foi o cumprimento de Rony quando entrou no quarto para acordar Harry.
– Não será por muito tempo – respondeu ele, bocejando.
Os dois encontraram Hermione na cozinha. Monstro lhe servia café com pães frescos, e a garota tinha no rosto aquela expressão maníaca que Harry associava às revisões para as provas.
– Vestes... – disse ela baixinho, registrando a presença dos dois com um aceno de cabeça nervoso e continuando a mexer na bolsinha de contas – Poção Polissuco... Capa da Invisibilidade... Detonadores-Chamariz... levem uns dois por precaução... Vomitilhas, Nugá Sangra-Nariz, Orelhas Extensíveis...
Os garotos engoliram o café da manhã e tornaram a subir, Monstro lhes fazendo reverências e prometendo esperá-los com um empadão de carne e rins.
– Abençoado seja – disse Rony, carinhosamente –, e pensar que já imaginei decepar a cabeça dele e pendurá-la na parede!

Eles se dirigiram ao degrau da porta com imenso cuidado: dali viram uns dois Comensais da Morte de olhos inchados vigiando a casa do outro lado do largo enevoado. Hermione desaparatou com Rony primeiro, em seguida, voltou para apanhar Harry.

Passada a momentânea escuridão e quase sufocação de sempre, Harry se viu em uma minúscula travessa onde deviam executar a primeira parte do plano. Ainda estava vazia, exceto por dois latões de lixo; os primeiros funcionários do Ministério, em geral, não apareciam ali antes das oito da manhã.

– Certo, então – disse Hermione, consultando o relógio. – Ela deve chegar dentro de cinco minutos. Depois que eu a estuporar...

– Hermione, já sabemos – disse Rony com rispidez. – E pensei que íamos abrir a porta antes de a bruxa chegar, não?

Hermione deu um gritinho agudo.

– Quase me esqueci! Para trás...

Ela apontou a varinha para a porta de incêndio a um lado, fechada a cadeado e totalmente rabiscada, e ela se abriu com estrondo. O corredor escuro à mostra conduzia, como haviam registrado em suas cuidadosas viagens de reconhecimento, a um teatro vazio. Hermione tornou a puxar a porta para fazer parecer que continuava fechada.

– Agora – continuou, virando-se para encarar os amigos na travessa –, nos cobrimos novamente com a capa...

– ... e esperamos – completou Rony, atirando-a sobre a cabeça de Hermione, como se fosse uma capa para gaiola de periquito-australiano, e revirando os olhos.

Um minuto depois ou pouco mais, ouviram um estalido mínimo e uma bruxa miúda do Ministério, com os cabelos grisalhos revoltos, desaparatou a meio metro, piscando um pouco na claridade repentina; o sol acabara de sair de trás de uma nuvem. Ela, no entanto, não teve tempo de aproveitar o inesperado calor, porque logo o silencioso Feitiço Estuporante de Hermione a atingiu no peito, e ela desabou.

– Perfeito, Hermione – disse Rony, emergindo de trás de um latão à porta do teatro, enquanto Harry despia a Capa da Invisibilidade. Juntos, eles carregaram a bruxa para o corredor escuro que levava aos bastidores do palco. Hermione arrancou-lhe uns fios de cabelo da cabeça e adicionou-os a um frasco com a parda Poção Polissuco que tirara da bolsinha de contas. Rony procurou alguma coisa na bolsa da bruxa.

– É Mafalda Hopkirk – informou ele, lendo um pequeno crachá que identificava a vítima como assistente da Seção de Controle do Uso Indevido da Magia. – É melhor você levar isso, Hermione, e tome as fichas.

Ele lhe entregou umas pequenas fichas douradas que retirara da bolsa da bruxa, onde havia gravadas as letras M.O.M.

Hermione bebeu a Poção Polissuco, agora em um belo tom de heliotrópio, e em segundos surgiu diante dos garotos um duplo de Mafalda Hopkirk. Quando ela retirou os óculos da bruxa e colocou-os no rosto, Harry verificou o relógio.

– Está ficando tarde, o sr. Manutenção Mágica vai chegar a qualquer segundo.

Eles se apressaram em fechar a porta para esconder a verdadeira Mafalda; Harry e Rony se cobriram com a Capa da Invisibilidade, mas Hermione ficou à vista, aguardando. Segundos depois, ouviram um novo *pop*, e um bruxo franzino com cara de furão apareceu diante deles.

– Ah, olá, Mafalda.

– Alô! – respondeu Hermione com uma voz tremida. – Como estamos hoje?

– Nada bem, para ser franco – replicou o bruxo, que parecia extremamente deprimido.

Hermione e o bruxo rumaram para a rua principal, Harry e Rony em sua cola.

– Lamento saber que não está bem – falou Hermione com firmeza por cima da cabeça do bruxo, quando ele começou a explicar os seus problemas; era essencial detê-lo antes de chegarem à rua. – Tome, coma uma bala.

– Eh? Ah, não, obrigado...

– Eu insisto! – tornou Hermione agressivamente, sacudindo o saco de pastilhas em seu rosto. Com um ar assustado, o bruxo franzino se serviu de uma.

O efeito foi instantâneo. Assim que a colocou sobre a língua, ele começou a vomitar tanto que nem reparou quando Hermione lhe arrancou um punhado de cabelos do alto da cabeça.

– Ah, coitado! – exclamou ela, enquanto o bruxo sujava a travessa de vômito. – Talvez seja melhor tirar o dia de folga!

– Não... não! – O homem tinha engasgos e ânsias, tentando prosseguir embora estivesse incapaz de andar direito. – Tenho que... hoje... tenho que ir...

– Mas isso é uma tolice! – disse Hermione alarmada. – Você não pode trabalhar nesse estado: acho que devia ir ao St. Mungus e pedir para darem um jeito em você!

O bruxo caíra de quatro, arquejante, ainda tentando chegar à rua principal.

– Você simplesmente não pode ir trabalhar assim! – exclamou Hermione.

Por fim, ele pareceu aceitar que a colega tinha razão. Agarrando-se a uma Hermione enojada para se pôr de pé, ele rodopiou e desapareceu sem deixar nada exceto a pasta que Rony tirara de sua mão enquanto ele andava com alguns pedaços de vômito no ar.

– Arrrre! – exclamou Hermione, levantando a saia das vestes para evitar as poças de vômito. – A sujeira teria sido bem menor se eu tivesse estuporado ele

também.

– É – falou Rony, saindo debaixo da capa com a pasta do bruxo –, mas ainda acho que um monte de gente desacordada teria chamado mais atenção. Ele gosta muito de trabalhar, não? Então, joga logo essa poção com o cabelo.

Em dois minutos, Rony estava diante deles, franzino e com cara de furão como o bruxo, trajando as vestes azul-marinho que estavam dobradas dentro da pasta dele.

– Esquisito que ele não estivesse usando as vestes hoje, não, pela ansiedade que demonstrava em chegar ao trabalho. Enfim, sou Reg Cattermole, segundo a etiqueta nas minhas costas.

– Agora, espere aqui – disse Hermione a Harry, que continuava sob a Capa da Invisibilidade –, voltaremos com alguns cabelos para você.

O garoto teve que esperar dez minutos, que lhe pareceram bem mais longos, rondando sozinho a travessa suja de vômito, ao lado da porta que ocultava a Mafalda estuporada. Finalmente, Rony e Hermione reapareceram.

– Não sabemos quem ele é – disse Hermione, entregando a Harry vários fios de cabelos crespos e negros –, mas foi para casa com um horrível sangramento no nariz! Tome aqui, ele é bem alto, você vai precisar de vestes maiores...

Ela tirou da bolsa um conjunto de vestes antigas que Monstro lavara para eles, e Harry se retirou para tomar a poção e se trocar.

Uma vez completada a dolorosa transformação, Harry passou a medir mais de um metro e oitenta e, pelo que pôde sentir pelos seus braços musculosos, tinha um físico avantajado. Tinha também uma barba. Guardando a Capa da Invisibilidade e os óculos sob as novas vestes, ele se reuniu aos outros dois.

– Caramba, isso é assustador! – exclamou Rony, erguendo a cabeça para Harry, agora mais alto que ele.

– Apanhe uma das fichas da Mafalda – disse Hermione a Harry –, e vamos logo, são quase nove horas.

Eles saíram da travessa juntos. A uns cinquenta metros na calçada apinhada, havia grades pontiagudas e pretas ladeando duas escadas, uma destinada a Cavalheiros e outra a Damas.

– Então, vejo vocês daqui a pouco – disse Hermione nervosa, e desceu hesitante a escada para o banheiro feminino. Harry e Rony se juntaram a vários homens com roupas estranhas que desciam para o que parecia ser um simples banheiro público de metrô, azulejado em preto e branco encardido.

– Dia, Reg! – cumprimentou outro bruxo de vestes azul-marinho ao inserir a ficha dourada na ranhura da porta de um cubículo onde entrou. – Um pé no saco, hein? Obrigar a gente a entrar no Ministério dessa maneira! Quem estão esperando que apareça, Harry Potter?

O bruxo deu gargalhadas com a própria piada. Rony forçou uma risada.
– É, é muita imbecilidade, não?
E ele e Harry entraram em cubículos contíguos. À esquerda e à direita, Harry ouviu barulho de descargas. Agachou-se e espiou pelo vão inferior do cubículo em tempo de ver as botas de alguém entrando no vaso ao lado. Olhou para a esquerda e viu Rony piscando para ele.
– Temos que dar descarga para entrar? – sussurrou.
– É o que parece – sussurrou Harry em resposta; sua voz saiu grave e solene.
Os dois se levantaram. Sentindo-se excepcionalmente tolo, Harry entrou no vaso.
Percebeu imediatamente que fizera a coisa certa; embora parecesse estar dentro da água, seus sapatos, pés e vestes continuaram secos. Ele esticou o braço, puxou a corrente e, no momento seguinte, desceu veloz por um cano curto e emergiu em uma lareira no Ministério da Magia.
Levantou-se desajeitado; agora tinha muito mais corpo do que estava acostumado. O grande átrio pareceu mais sombrio do que Harry se lembrava. Antigamente, uma grande fonte dourada ocupava o centro do saguão, projetando focos tremeluzentes no soalho e nas paredes de madeira lustrosa. Agora, uma gigantesca estátua de pedra negra dominava o ambiente. Era um tanto apavorante essa enorme escultura de uma bruxa e um bruxo sentados em tronos entalhados, contemplando os funcionários ejetados das lareiras abaixo.
Gravadas em letras de trinta centímetros de altura na base da estátua, havia as palavras: MAGIA É PODER.
Harry recebeu uma forte pancada atrás das pernas: outro bruxo acabara de voar para fora da lareira às suas costas.
– Sai do caminho, não... ah, desculpe, Runcorn!
Visivelmente assustado, o bruxo careca afastou-se depressa. Aparentemente o homem de quem Harry usurpara a identidade, Runcorn, intimidava os outros.
– Psiu! – ouviu ele e, ao olhar para os lados, avistou uma bruxa miudinha e um bruxo da Manutenção Mágica com cara de furão gesticulando para ele do outro lado da estátua. Rápido, Harry foi se reunir aos dois.
– Você entendeu tudo, então? – cochichou Hermione para ele.
– Não, Harry ainda está preso na bosta – disse Rony.
– Ah, muito engraçado... é horrível não é? – comentou ela para Harry, que estudava a estátua. – Você viu no que eles estão sentados?
Harry olhou com mais atenção e percebeu que aquilo que imaginou serem tronos ornamentados eram, na realidade, esculturas humanas: centenas de corpos nus, homens, mulheres e crianças, todos com feições idiotas e feias, torcidos e comprimidos para sustentar os bruxos com belos trajes.

– Trouxas – sussurrou Hermione. – No lugar que realmente lhes cabe. Andem, vamos indo.

Eles se juntaram ao fluxo de bruxos e bruxas que se dirigiam para as grades douradas no fim do saguão, espiando a toda volta o mais discretamente possível, mas não viram sinal do vulto característico de Dolores Umbridge. Passaram pelos portões e entraram em um hall, onde se formavam filas diante das vinte grades douradas que encerravam igual número de elevadores. Tinham acabado de entrar na mais próxima, quando uma voz chamou:

– Cattermole!

Olharam: o estômago de Harry revirou. Um dos Comensais da Morte que presenciara a morte de Dumbledore vinha a largos passos em sua direção. Os funcionários do Ministério, próximos aos garotos, ficaram em silêncio, de olhos baixos; Harry sentiu o medo que perpassava por eles, em ondas. O rosto carrancudo e ligeiramente abrutalhado do homem destoava de suas vestes magníficas e amplas, bordadas com fios de ouro. Alguém na multidão à volta dos elevadores cumprimentou-o, bajulador:

– Dia, Yaxley! – O homem ignorou todos.

– Pedi alguém da Manutenção Mágica para dar um jeito na minha sala, Cattermole. Ainda está chovendo lá dentro.

Rony olhou para os lados como se esperasse que mais alguém interviesse, mas ninguém falou.

– Chovendo... na sua sala? Isso... é mau, não?

Rony deu uma risada nervosa. Os olhos de Yaxley se arregalaram.

– Você está achando graça, Cattermole, é?

Umas duas bruxas saíram da fila do elevador e se afastaram afobadas.

– Não – respondeu Rony –, é claro que não...

– Você se dá conta de que estou descendo para interrogar sua mulher, Cattermole? Na verdade, estou muito surpreso que você não esteja lá embaixo segurando a mão dela enquanto espera. Já desistiu de ajudá-la porque se convenceu de que não vale a pena? Provavelmente tem razão. Da próxima vez, certifique-se de que está casando com alguém de sangue puro.

Hermione deixou escapar um gritinho de horror. Yaxley virou-se. Ela tossiu baixinho e se afastou.

– Eu... eu... – gaguejou Rony.

– Mas se *minha* mulher fosse acusada de ter sangue ruim – disse Yaxley –, não que alguma mulher com quem eu tenha casado pudesse ser confundida com essa ralé, e o chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia precisasse de um serviço, eu daria prioridade a esse serviço, Cattermole. Você está me entendendo?

– Estou.
– Então vá cuidar disso, Cattermole, e se minha sala não estiver completamente seca dentro de uma hora, o Registro Sanguíneo de sua mulher estará sob uma dúvida maior do que já está.
A grade dourada diante deles abriu estrepitosamente. Com um aceno de cabeça e um sorriso desagradável a Harry, que ele evidentemente esperava que apreciasse o tratamento dispensado a Cattermole, Yaxley saiu majestosamente em direção a outro elevador. Harry, Rony e Hermione entraram no outro, que aguardavam, mas ninguém os acompanhou: parecia que tinham uma doença contagiosa. As grades se fecharam com um ruído metálico e o elevador começou a subir.
– Que vou fazer? – perguntou Rony, na mesma hora, aos outros dois; ele parecia incapacitado. – Se apareço, minha mulher, quero dizer, a mulher de Cattermole...
– Iremos com você, devemos ficar juntos... – começou Harry, mas Rony sacudiu a cabeça febrilmente.
– Isso é loucura, não temos tanto tempo assim. Vocês dois vão procurar a Umbridge, e eu vou resolver o problema na sala de Yaxley... mas como vou fazer parar de chover?
– Experimente *Finite Incantatem* – respondeu Hermione, imediatamente. – Isso deve fazer parar a chuva, se ela for um feitiço; se não parar, é porque deu defeito em algum Feitiço Atmosférico, o que será mais difícil de consertar. Então, experimente *Impervius*, para proteger os pertences dele provisoriamente...
– Repete isso, devagar – disse Rony procurando, desesperado, uma pena nos bolsos, mas naquele momento o elevador parou com um tranco. Uma voz feminina incorpórea anunciou: *“Nível quatro, Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, que inclui as Divisões de Feras, Seres e Espíritos, Seção de Ligação com os Duendes, Escritório de Orientação sobre Pragas”;* as grades tornaram a se abrir e entraram dois bruxos e vários aviões de papel lilás-claro que esvoaçaram em torno da luz no teto do elevador.
– Dia, Alberto – cumprimentou um homem de costeletas peludas, sorrindo para Harry. Ele deu uma olhada em Hermione e Rony quando o elevador recomeçou a subir rangendo; Hermione agora cochichava, freneticamente, instruções para Rony. O bruxo se curvou para Harry, malicioso, e murmurou: – Dirk Cresswell, hein? Da Ligação com os Duendes? Uma boa divisão, Alberto. Agora estou seguro de que vou conseguir o emprego dele!
O bruxo deu uma piscadela. Harry retribuiu o sorriso, esperando que fosse suficiente. O elevador parou; as grades se abriram. *“Nível dois, Departamento*

de Execução das Leis da Magia, que inclui a Seção de Controle do Uso Indevido da Magia, o Quartel-General dos Aurores e Serviços Administrativos da Suprema Corte dos Bruxos”, anunciou a voz incorpórea.

Harry viu Hermione dar um discreto empurrão em Rony e o amigo saiu logo do elevador seguido por outros bruxos, deixando os dois a sós. No momento em que a porta dourada fechou, Hermione disse depressa:

– Harry, acho que é melhor eu ir atrás dele, acho que Rony não sabe o que está fazendo e, se for apanhado, o plano todo...

“Nível um, ministro da Magia e Serviços Auxiliares.”

As grades douradas tornaram a se abrir e Hermione ofegou. Viram quatro bruxos à sua frente, dois absortos em conversa; um bruxo de cabelos longos trajando magníficas vestes pretas e douradas e uma bruxa atarracada, com cara de sapo e um laço de veludo nos cabelos curtos, segurando uma prancheta ao peito.

— CAPÍTULO TREZE —

A Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas

–Ah, Mafalda! – exclamou Umbridge, olhando para Hermione. – Travers mandou-a?

– F-foi – chiou Hermione.

– Que bom, você servirá perfeitamente. – Umbridge se dirigiu ao bruxo em ouro e preto. – Aquele problema está resolvido, Ministro, se Mafalda puder ser dispensada para secretariar a sessão, poderemos começar imediatamente. – Ela consultou a prancheta. – Dez pessoas hoje, e uma delas mulher de um funcionário do Ministério! Tsc, tsc... até aqui, no coração do Ministério! – Umbridge entrou no elevador com Hermione, e o mesmo fizeram os dois bruxos que tinham estado atentos à conversa dela com o ministro. – Vamos descer direto, Mafalda, você encontrará tudo que precisa no tribunal. Bom-dia, Alberto, você não vai sair?

– Vou, é claro – respondeu Harry, na voz grave de Runcorn.

O garoto saiu do elevador. As grades douradas fecharam ruidosamente às suas costas. Olhando por cima do ombro, ele viu o rosto ansioso de Hermione desaparecer de vista, um bruxo alto de cada lado dela, o laço de veludo na cabeça de Umbridge à altura do seu ombro.

– O que o traz aqui em cima, Runcorn? – perguntou o novo ministro da Magia. Seus longos cabelos e barba negros eram raiados de fios prateados e a grande testa proeminente sombreava seus olhos brilhantes, lembrando a Harry um caranguejo espiando debaixo de uma pedra.

– Precisava dar uma palavrinha com – Harry hesitou por uma fração de segundo – Arthur Weasley. Alguém me informou que ele estaria aqui no Nível um.

– Ah – disse Pio Thicknesse. – Apanharam-no contatando um Indesejável?

– Não – respondeu Harry, com a garganta seca. – Não, nada disso.

– Ah. É só uma questão de tempo – comentou Thicknesse. – Se quer a minha

opinião, os traidores do sangue são tão nocivos quanto os sangues ruins. Bom-dia, Runcorn.

– Bom-dia, Ministro.

Harry observou o bruxo se afastar pelo espesso carpete do corredor. No momento em que ele desapareceu, o garoto puxou a Capa da Invisibilidade de sob a pesada capa preta, atirou-a sobre o corpo e saiu em direção oposta a do ministro. Runcorn era tão alto que Harry foi forçado a se curvar para garantir que seus enormes pés ficassem cobertos.

O pânico vibrava na boca do seu estômago. Ao passar pela sequência de portas de madeira envernizadas, cada uma com uma plaquinha indicando o nome do ocupante e a respectiva função, o poder do Ministério, sua complexidade, sua impenetrabilidade, pareceram esmagá-lo, fazendo com que o plano que estivera cuidadosamente preparando com Rony e Hermione, nas últimas quatro semanas, parecesse risivelmente infantil. Tinham concentrado todos os seus esforços na tática para entrar sem serem pegos: não tinham dedicado um instante sequer a pensar no que fariam se fossem obrigados a se separar. Agora Hermione estava presa em uma sessão do tribunal, que, sem dúvida, demoraria horas; Rony estava se esfalfando para fazer uma mágica, que, Harry tinha certeza, estava acima de sua capacidade – e, possivelmente, a liberdade de uma mulher dependia do resultado que obtivesse –; e ele, Harry, estava vagueando pelo último andar, sabendo perfeitamente que sua presa acabara de descer no elevador.

Ele parou de caminhar, encostou-se na parede e tentou resolver o que fazer. O silêncio o oprimiu: ali não havia movimento, nem conversas, nem passos apressados; os corredores acarpetados de roxo eram silenciosos como se um *Abaffiato* tivesse sido lançado sobre o local.

A sala dela deve ser aqui em cima, pensou Harry.

Era muito improvável que Umbridge guardasse as joias em sua sala; por outro lado, parecia tolice não dar uma busca para se certificar. O garoto, portanto, recomeçou a andar pelo corredor, sem encontrar ninguém, exceto um bruxo de testa franzida, murmurando instruções para uma pena que flutuava à sua frente, escrevendo em um longo pergaminho.

Agora, prestando atenção aos nomes nas portas, Harry virou um canto. Na metade do corredor seguinte, desembocou em um espaço aberto, onde uma dúzia de bruxos e bruxas estavam sentados a pequenas escrivaninhas enfileiradas que lembravam as da escola, embora muito mais lustrosas e sem rabiscos. Harry parou para observá-los, porque o efeito era hipnotizante. Em sincronia, eles gesticulavam com as varinhas fazendo quadrados de papel colorido voarem em todas as direções como pequenas pipas cor-de-rosa. Após alguns segundos, Harry percebeu que havia ritmo nessa coreografia, que os papéis formavam o

mesmo desenho, e, em seguida, percebeu que a cena que observava era a produção de panfletos, que os quadrados de papel eram folhas que, quando reunidas, dobradas e baixadas magicamente, caíam em pilhas ordenadas ao lado de cada funcionário.

Harry se aproximou, embora os funcionários estivessem tão concentrados naquele serviço que ele duvidava que notassem passos abafados pelo tapete, e fez deslizar um panfleto pronto da pilha de uma jovem bruxa. Examinou-o por baixo da Capa da Invisibilidade. A capa cor-de-rosa do panfleto estava adornada com um título dourado:

SANGUES RUINS

e os perigos que oferecem a uma sociedade pacífica de sangues puros

Sob o título, havia a foto de uma rosa vermelha, e, entre suas pétalas, um rosto afetando um sorriso estrangulado por uma erva verde com presas e aspecto feroz. Não havia nome de autor no panfleto, mas as cicatrizes no dorso de sua mão direita pareceram novamente formigar quando ele o examinou. Então, a jovem bruxa ao seu lado confirmou suas suspeitas ao perguntar, ainda acenando e girando a varinha:

– Alguém sabe dizer se a bruxa velha vai passar o dia inteiro interrogando sangues ruins?

– Cuidado – disse o bruxo mais próximo, olhando nervoso para os lados; uma de suas folhas escorregou e caiu no chão.

– Será que agora, além do olho, ela tem orelhas mágicas também?

A bruxa olhou para a lustrosa porta de mogno defronte ao espaço que ocupavam; Harry acompanhou seu olhar, e a raiva se ergueu em seu peito como uma serpente armando o bote. No lugar em que haveria um olho mágico na porta de uma casa trouxa, fora embutido, na madeira, um grande olho redondo com uma brilhante íris azul; um olho escandalosamente familiar a quem tivesse conhecido Alastor Moody.

Por uma fração de segundo, Harry esqueceu quem era e o que estava fazendo ali: esqueceu até que estava invisível. Dirigiu-se à porta para examinar o olho. Estava imóvel: virado para o alto, congelado. Na placa, sob o olho, lia-se:

Dolores Umbridge
Subsecretária Sênior do Ministro

Abaixo, uma plaqueta nova um pouco mais reluzente informava:

Chefe da Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas

Harry se virou para olhar o grupo de produtores de panfletos: embora concentrados no que faziam, eles dificilmente deixariam de notar se a porta de um escritório vazio se abrisse à sua frente. Por isso, apanhou em um bolso interno um estranho objeto com perninhas que sacudiam e um chifre bulboso de borracha à guisa de corpo. Agachando-se sob a capa, colocou o Detonador-Chamariz no chão.

No mesmo instante, o objeto saiu correndo entre as pernas dos bruxos na sala. Depois, enquanto Harry aguardava com a mão na maçaneta, ouviu-se um forte estampido e elevou-se uma nuvem de fumaça acre e escura a um canto. A jovem bruxa na primeira fila soltou um grito: folhas cor-de-rosa voaram para os lados quando todos, sobressaltados, procuravam à volta a origem do tumulto. Harry girou a maçaneta, entrou na sala de Umbridge e fechou a porta.

Teve a sensação de regredir no tempo. A sala era exatamente igual ao escritório da bruxa em Hogwarts: cortinas de renda, paninhos bordados e flores secas cobriam todas as superfícies disponíveis. As paredes exibiam os mesmos pratos ornamentais, cada um deles com um gato muito colorido e laçarote de fita, aos saltos e cambalhotas, enjoativamente bonitinho. Sobre a escrivaninha, havia uma toalha florida arrematada com babados. Por trás do olho de Olho-Tonto, um acessório telescópico permitia a Umbridge espionar os funcionários do outro lado da porta. Harry deu uma olhada e viu que ainda rodeavam o Detonador-Chamariz. Ele arrancou o telescópio da porta, deixando um buraco, soltou o olho e guardou-o no bolso. Tornou, então, a se virar para a sala, ergueu a varinha e murmurou:

– *Accio medalhão.*

Nada aconteceu, mas ele não esperara que acontecesse; sem dúvida, Umbridge conhecia todos os feitiços de proteção que havia. Portanto, correu à escrivaninha e começou a abrir as gavetas. Viu penas, cadernos e magidesivo; clipes encantados que serpeavam para fora da gaveta feito cobras e só voltavam a tapa; uma caixinha de renda contendo laçarotes e presilhas para os cabelos; mas nem sinal de medalhão.

Havia um arquivo atrás da escrivaninha: Harry começou a revistá-lo. Tal como o arquivo de Filch, em Hogwarts, estava cheio de pastas, cada uma com um nome na etiqueta. Somente quando Harry chegou à última gaveta, viu algo que o distraiu de sua busca: a pasta do sr. Weasley.

Puxou-a para fora e abriu-a.

ARTHUR WEASLEY

Registro Sanguíneo:
Sangue puro, mas com inaceitáveis inclinações pró-trouxas.
Membro notório da Ordem da Fênix.

Família:
Mulher (sangue puro), sete filhos, os dois menores em Hogwarts.
NB: O filho mais jovem no momento em casa acamado com grave doença, confirmada por inspetores do Ministério.

Segurança:
RASTREADO. Todos os seus movimentos estão sendo monitorados. Forte probabilidade que Indesejável nº 1 o contate (hospedou-se com a família Weasley anteriormente).

– Indesejável Número Um – murmurou Harry com seus botões, ao repor a pasta do sr. Weasley e fechar a gaveta. Tinha ideia de que sabia quem seria e, com efeito, ao se erguer e correr o olhar pela sala à procura de outros esconderijos, viu na parede um pôster com sua imagem e as palavras INDESEJÁVEL Nº 1 gravadas no peito. Nele havia preso um bilhetinho rosa com um gatinho no canto. Harry aproximou-se para lê-lo e viu que Umbridge tinha escrito *"A ser punido"*.

Mais enraivecido que nunca, começou a apalpar os fundos dos vasos e das cestas de flores secas, mas não se surpreendeu que o medalhão não estivesse ali. Deu uma última olhada na sala, e seu coração parou de bater por um segundo. Dumbledore o fitava de um pequeno espelho retangular, apoiado em uma estante de livros ao lado da escrivaninha.

Harry atravessou a sala correndo e agarrou-o, mas percebeu, no momento em que seus dedos o tocaram, que não era um espelho. Dumbledore sorria melancolicamente da capa acetinada de um livro. Harry não notara imediatamente o rebuscado título em verde sobre seu chapéu: *A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore*, nem nos dizeres ligeiramente menores sobre o seu peito: *de Rita Skeeter, autora do bestseller* Armando Dippet: prócer ou palerma?

Harry abriu o livro a esmo e viu uma foto de página inteira de dois adolescentes abraçados, às gargalhadas. Dumbledore, então com os cabelos na altura dos cotovelos, tinha deixado crescer uma barba rala que lembrava a de Krum, que tanto irritara Rony. O garoto que gargalhava em silêncio ao lado de Dumbledore tinha um ar alegre e rebelde. Seus cabelos louros caíam em cachos sobre os ombros. Harry ficou imaginando se seria o jovem Doge, mas, antes que

pudesse ler a legenda, a porta do escritório se abriu.
Se Thicknesse não estivesse espiando por cima do ombro ao entrar, Harry não teria tido tempo de se cobrir com a Capa da Invisibilidade. Nas circunstâncias, pareceu-lhe que o ministro talvez tivesse percebido algum movimento, porque por um momento o bruxo parou muito quieto, observando, curioso, o lugar onde Harry acabara de sumir. Concluindo, talvez, que tivesse visto apenas Dumbledore coçando o nariz na capa do livro que Harry repusera rapidamente na prateleira, o bruxo finalmente foi até a escrivaninha e apontou a varinha para a pena mergulhada no tinteiro. A pena saltou e começou a escrever um bilhete para Umbridge. Muito devagar, mal se atrevendo a respirar, Harry foi recuando para fora da sala, de volta ao espaço aberto em frente.
Os produtores de panfletos continuavam agrupados em torno dos restos do Detonador-Chamariz, ainda apitando fracamente e soltando fumaça. Harry correu pelo corredor e ouviu a bruxa jovem comentar:
– Aposto que veio, sem ninguém saber, dos Feitiços Experimentais, eles são tão descuidados, lembram aquele pato venenoso?
Na corrida para os elevadores, Harry reviu suas opções. Sempre fora improvável que o medalhão estivesse no Ministério, e não havia esperança de descobrir, por magia, o seu paradeiro, enquanto Umbridge estivesse sentada em um tribunal lotado. A prioridade deles agora era sair do Ministério antes que os descobrissem e tentar novamente em outro dia. O primeiro passo era encontrar Rony, então poderiam combinar um modo de tirar Hermione do tribunal.
O elevador estava vazio quando chegou. Harry entrou rápido e tirou a Capa da Invisibilidade quando o veículo começou a descer. Para seu imenso alívio, quando o elevador parou aos trancos no Nível dois, entrou um Rony encharcado e de olhos arregalados.
– Dia – gaguejou para Harry, quando o elevador tornou a se pôr em movimento.
– Rony, sou eu, Harry!
– Harry! Caramba, esqueci a sua cara... por que Hermione não está com você?
– Teve que ir ao tribunal com a Umbridge, não pôde recusar e...
Antes que Harry pudesse terminar a frase, o elevador tornara a parar: as portas se abriram e o sr. Weasley entrou, conversando com uma velha bruxa, cujos cabelos louros estavam tão eriçados para o alto que lembravam um formigueiro.
– ... entendo bem o que está dizendo, Wakanda, mas acho que não poderei me envolver com...
O sr. Weasley parou de falar; reparara em Harry. Era muito esquisito ver o sr. Weasley olhar para ele com tanta antipatia. As portas do elevador se fecharam e os quatro recomeçaram a descer.

– Ah, olá, Reg – disse o sr. Weasley, virando-se ao ouvir a água escorrendo sem parar das vestes de Rony. – Sua mulher não veio ao Ministério hoje para o interrogatório? Ah... que aconteceu com você? Por que está tão molhado?

– Está chovendo na sala de Yaxley – respondeu ele em direção ao ombro do sr. Weasley, e Harry entendeu que o amigo receava que o pai pudesse reconhecê-lo se os seus olhos se encontrassem. – Não consegui estancar, então me mandaram buscar Bernie... Pillsworth, acho que foi esse o nome...

– Ultimamente tem chovido em muitos escritórios – disse o sr. Weasley. – Você experimentou o *meteolojinx recanto*? Funcionou na sala do Bletchley.

– *Meteolojinx recanto?* – sussurrou Rony. – Não, não experimentei. Obrigado, p..., quero dizer, Arthur.

As portas do elevador abriram; a velha bruxa com o penteado de formigueiro saiu, e Rony disparou atrás dela e desapareceu de vista. Harry fez menção de segui-lo, mas viu seu caminho bloqueado pela entrada de Percy Weasley, de nariz enterrado em uns papéis que estava lendo.

Só depois que as portas fecharam foi que Percy percebeu que estava no elevador com o pai. Ergueu os olhos, viu o sr. Weasley, ficou vermelho como um pimentão e desembarcou no instante em que as portas reabriram. Pela segunda vez, Harry tentou sair, mas, agora, sua saída foi bloqueada pelo braço do sr. Weasley.

– Um momento, Runcorn.

Quando as portas do elevador fecharam e eles desceram, sacudindo, mais um andar, o sr. Weasley falou:

– Ouvi dizer que você denunciou Dirk Cresswell.

Harry teve a impressão de que o breve encontro com Percy não diminuíra a ira do sr. Weasley. Concluiu que sua melhor chance era se fazer de desentendido.

– Desculpe?

– Não finja, Runcorn – retorquiu o sr. Weasley, com ferocidade. – Você capturou o bruxo que falsificou a árvore genealógica dele, não foi?

– Eu... e se capturei? – desafiou Harry.

– Dirk Cresswell é dez vezes mais bruxo que você – disse o sr. Weasley em voz baixa, enquanto o elevador continuava a descer. – E, se sobreviver a Azkaban, você terá contas a prestar a ele, isso sem falar à mulher, aos filhos e aos amigos...

– Arthur – Harry interrompeu-o –, você sabe que está sendo monitorado, não sabe?

– Isso é uma ameaça, Runcorn? – interpelou-o o sr. Weasley.

– Não – disse Harry –, é um fato! Estão vigiando todos os seus movimentos...

As portas do elevador abriram. Tinham chegado ao átrio. O sr. Weasley lançou

a Harry um olhar fulminante e saiu rápido do elevador. Harry ficou ali, tremendo. Gostaria de ter assumido o papel de outro bruxo que não Runcorn... as portas do elevador fecharam com o fragor habitual.

Harry apanhou a Capa da Invisibilidade e vestiu-a. Tentaria livrar Hermione sozinho, enquanto Rony resolvia o problema da sala em que chovia. Quando as portas reabriram, ele desembarcou em um corredor com piso de pedra, iluminado por archotes, muito diferente dos corredores com painéis de madeira e carpetes, nos níveis acima. Quando o elevador partiu chocalhando, Harry sentiu um leve arrepio ao avistar, ao longe, a porta preta que assinalava a entrada para o Departamento de Mistérios.

Ele foi andando, seu destino não era a porta preta, mas o portal à esquerda, que, segundo lembrava, levava à escada e às câmaras dos tribunais. Ao descer, debateu mentalmente suas possibilidades: ainda tinha uns dois Detonadores-Chamariz, mas talvez fosse melhor bater na porta do tribunal, entrar como Runcorn e pedir para dar uma palavrinha rápida com Mafalda. Naturalmente, ele ignorava se o bruxo seria suficientemente importante para agir assim, e mesmo que ele, Harry, fosse bem-sucedido, a prolongada ausência de Hermione poderia desencadear uma busca, antes que pudessem deixar o Ministério...

Absorto em seus pensamentos, ele não registrou imediatamente o frio anormal que começou a envolvê-lo como se penetrasse um nevoeiro. E foi se tornando mais forte a cada passo que dava: um frio que entrava por sua garganta e forçava seus pulmões. Então sobreveio aquela sensação sub-reptícia de desespero, uma desesperança que foi se expandindo dentro dele...

Dementadores, pensou.

Quando alcançou o pé da escada e virou à direita, deparou com uma cena pavorosa. O corredor escuro ao longo das câmaras judiciais estava repleto de vultos altos e encapuzados, seus rostos completamente ocultos, sua respiração entrecortada o único som que se ouvia. Paralisados de terror, os nascidos trouxas trazidos para interrogatório tremiam apertados nos bancos duros de madeira. A maioria escondia os rostos nas mãos, num gesto instintivo para se proteger das bocas vorazes dos dementadores. Alguns estavam em companhia da família, outros sentavam-se sozinhos. Os dementadores deslizavam de um lado para outro diante deles, e o frio e a desesperança que impregnavam o local atingiram Harry como uma maldição...

Resista, disse a si mesmo, mas sabia que não poderia conjurar um Patrono, ali, sem revelar instantaneamente sua identidade. Então, continuou avançando, o mais silenciosamente que pôde, e, a cada passo, a dormência parecia se apoderar furtivamente do seu cérebro. Ele fazia um esforço para pensar em Hermione e Rony, que precisavam dele.

Caminhar entre os altos vultos negros era aterrador: os rostos sem olhos, ocultos sob os capuzes, se viraram quando ele passou, dando-lhe a certeza de que o sentiam, sentiam talvez uma presença humana que ainda possuía esperança, resiliência...

Então, de modo abrupto e chocante, no silêncio gelado, uma das portas da masmorra, à esquerda, abriu-se violentamente, deixando ecoar os gritos em seu interior.

– Não, não, sou mestiço, sou mestiço, estou lhes dizendo! Meu pai era bruxo, *era*, verifiquem, Arkie Alderton, um conhecido projetista de vassouras, verifiquem, estou lhes dizendo, tirem as mãos de mim, tirem as mãos de...

– Este é o seu último aviso. – Ouviu-se a voz suave de Umbridge, magicamente amplificada de modo a se sobrepor com clareza aos gritos desesperados do homem. – Se resistir, será submetido ao beijo do dementador.

Os gritos do homem cessaram, mas seus soluços secos continuaram a ecoar pelo corredor.

– Levem-no – ordenou Umbridge.

Dois dementadores apareceram à porta da câmara, suas mãos podres e encrostadas apertando os braços do bruxo que parecia desfalecer. Deslizaram pelo corredor com o prisioneiro, e a escuridão que deixaram em seu rastro engoliu o homem fazendo-o desaparecer.

– Próximo: Maria Cattermole – chamou Umbridge.

Uma mulher miúda se ergueu; tremia da cabeça aos pés. Seus cabelos negros estavam puxados para trás em um coque e ela usava vestes longas e simples. Seu rosto estava completamente exangue. Ao passar pelos dementadores, Harry a viu estremecer.

Ele agiu instintivamente, sem plano formado, porque detestou vê-la entrar sozinha na masmorra: quando a porta começou a se fechar, escorregou para dentro do recinto.

Não era a mesma sala em que ele fora interrogado por uso impróprio da magia. Era bem menor; embora o teto tivesse igual altura, deu-lhe a sensação claustrofóbica de estar preso no fundo de um comprido poço.

Havia outros dementadores ali, cobrindo o local com sua aura congelante; estavam postados como sentinelas sem rosto nos cantos mais afastados da imponente plataforma. Ali, atrás de uma balaustrada, sentava-se Umbridge com Yaxley, de um lado, e Hermione, com o rosto quase tão lívido quanto o da sra. Cattermole, do outro. Ao pé da plataforma, um gato de pelos longos e prateados andava de um lado para outro, e Harry percebeu que sua função era proteger os promotores do desespero que emanava dos dementadores: aquilo era para afetar os acusados e não os acusadores.

– Sente-se – disse Umbridge, com sua voz suave e sedosa.
A sra. Cattermole encaminhou-se aos tropeços para o único assento no centro da sala abaixo da plataforma. No momento em que se sentou, as correntes tilintaram nos braços da cadeira e a prenderam.
– Você é Maria Elizabeth Cattermole? – indagou Umbridge.
A mulher acenou uma única vez com a cabeça trêmula.
– É casada com Reginald Cattermole, do Departamento de Manutenção Mágica?
A sra. Cattermole caiu no choro.
– Não sei onde ele está, devia ter vindo se encontrar comigo aqui!
Umbridge ignorou-a.
– É mãe de Maisie, Élia e Alfredo Cattermole?
A mulher soluçou ainda mais.
– Eles estão apavorados, acham que eu talvez não volte para casa...
– Poupe-nos – disse Yaxley, com rispidez. – Os pirralhos dos sangues ruins não nos inspiram simpatia.
Os soluços da sra. Cattermole mascararam os passos de Harry, que se dirigia cautelosamente aos degraus da plataforma. No momento em que ele passou pelo lugar que o gato Patrono patrulhava, sentiu a mudança de temperatura: ali era cálido e confortável. O Patrono certamente era de Umbridge, e brilhava intensamente, porque a bruxa estava muito feliz, em seu elemento, aplicando leis deturpadas que ela própria ajudara a redigir. Lenta, mas cuidadosamente, Harry contornou a plataforma por trás de Umbridge, Yaxley e Hermione, e se sentou às costas da amiga. Estava preocupado em não sobressaltá-la. Pensou em lançar um *Abaffiato* em Umbridge e Yaxley, mas até mesmo o murmúrio do encantamento poderia fazer Hermione se assustar. Então Umbridge alteou a voz para se dirigir à sra. Cattermole, e Harry aproveitou a oportunidade.
– Estou atrás de você – sussurrou ao ouvido de Hermione.
Conforme previra, ela levou um susto tão violento que quase derrubou o tinteiro que devia usar para registrar o interrogatório, mas os dois bruxos estavam concentrados na sra. Cattermole e o movimento brusco lhes passou despercebido.
– A varinha que tinha em seu poder quando chegou hoje ao Ministério, sra. Cattermole, foi confiscada – ia dizendo Umbridge. – Vinte e dois centímetros e dois décimos, cerejeira, núcleo de pelo de unicórnio. Reconhece a descrição?
A sra. Cattermole assentiu, enxugando os olhos na manga.
– Pode, por favor, nos dizer de que bruxa ou bruxo tirou essa varinha?
– T-tirei? – soluçou a sra. Cattermole. – Não t-tirei de ninguém. Comprei-a aos onze anos de idade. Ela... ela... ela me *escolheu*.

E chorou ainda mais.
Umbridge deu uma risadinha suave e infantil que fez Harry ter vontade de atacá-la. Inclinou-se para o balaústre, para melhor observar sua vítima, e um objeto dourado balançou para a frente e ficou flutuando no espaço: o medalhão.
Hermione o viu e deixou escapar um gritinho, mas Umbridge e Yaxley, ainda atentos à sua presa, estavam surdos a todo o resto.
– Não – replicou Umbridge –, não, acho que não, sra. Cattermole. Varinhas só escolhem bruxos. A senhora não é bruxa. Tenho aqui as respostas ao questionário que lhe foi enviado; Mafalda, passe-as para mim.
Umbridge estendeu a mão pequena: ela parecia tão batráquia naquele momento que Harry se surpreendeu com a ausência de membranas entre seus dedos curtos. As mãos de Hermione tremiam de espanto. Ela procurou em uma pilha de documentos equilibrados em uma cadeira ao seu lado, e, por fim, retirou um rolo de pergaminho com o nome da sra. Cattermole.
– Que... que bonito, Dolores – comentou Hermione, apontando para o medalhão que brilhava entre os babados da blusa de Umbridge.
– Quê?! – exclamou Umbridge abruptamente, baixando os olhos. – Ah, sim: uma velha herança de família – disse, levando a mão ao medalhão sobre o busto avantajado. – O “S” é de Selwyn... sou parenta dos Selwyn... na verdade, há poucas famílias de sangue puro com quem eu não seja aparentada... uma pena – continuou ela em voz mais alta, folheando o questionário da sra. Cattermole – que não se possa dizer o mesmo sobre a senhora. Profissão dos pais: verdureiros.
Yaxley deu uma risada de desdém. Embaixo, o peludo gato prateado patrulhava de lá para cá, e os dementadores aguardavam postados nos cantos.
Foi a mentira de Umbridge que fez o sangue subir à cabeça de Harry e obliterar toda a sua cautela; que ela estivesse usando o medalhão que achacara de um marginalzinho para legitimar suas credenciais de sangue puro. Ele ergueu a varinha, sem se dar o trabalho de ocultá-la sob a Capa da Invisibilidade, e ordenou:
– *Estupefaça!*
Houve um clarão vermelho: Umbridge desmontou e bateu com a testa na borda do balaústre; os papéis da sra. Cattermole escorregaram do seu colo no chão e, embaixo, o gato prateado desapareceu. Um ar gélido atingiu-os como se fosse uma ventania. Yaxley, aturdido, olhou para os lados, à procura da origem do problema e viu a mão incorpórea de Harry apontando uma varinha em sua direção. Tentou sacar a própria varinha, mas tarde demais.
– *Estupefaça!*
Yaxley escorregou da cadeira e caiu dobrado no chão.
– Harry!

– Hermione, se você acha que eu ia ficar parado aqui vendo ela fingir...
– Harry, a sra. Cattermole!
O garoto se virou, arrancando a Capa da Invisibilidade; embaixo os dementadores saíram dos seus cantos; deslizavam para a mulher acorrentada: fosse porque o Patrono desaparecera, fosse porque seus senhores não estavam mais no comando, pareciam ter abandonado o comedimento. A sra. Cattermole deixou escapar um terrível grito de medo quando a mão pegajosa e encrostada agarrou seu queixo e empurrou sua cabeça para trás.
– *EXPECTO PATRONUM!*
O veado prateado voou da ponta da varinha de Harry e avançou contra os dementadores, que recuaram e tornaram a se fundir com as sombras. A luz do veado, mais forte e mais quente do que a proteção do gato, encheu toda a masmorra ao correr repetidamente pelo seu perímetro.
– Apanhe a Horcrux – disse Harry a Hermione.
Desceu, então, os degraus, correndo, enquanto guardava a Capa da Invisibilidade em sua pasta, e se aproximou da sra. Cattermole.
– Você? – sussurrou ela, fitando-o no rosto. – Mas... Reg disse que foi você que me denunciou para ser interrogada!
– Fiz isso? – murmurou Harry, puxando as correntes que prendiam os braços da mulher. – Bem, mudei de opinião. *Diffindo!* – Nada aconteceu. – Hermione, como me livro dessas correntes?
– Espere, estou tentando uma coisa aqui em cima...
– Hermione, estamos cercados por dementadores!
– Eu sei, Harry, mas se Umbridge acordar e o medalhão tiver desaparecido... preciso fazer uma duplicata... *Geminio!* Pronto... isto deve enganá-la...
Hermione desceu da plataforma correndo.
– Vejamos... *Relaxo!*
As correntes retiniram e soltaram os braços da cadeira. A sra. Cattermole parecia tão amedrontada quanto estivera antes.
– Não estou entendendo – sussurrou.
– A senhora vai sair daqui conosco – disse Harry, erguendo-a da cadeira. – Volte para casa, apanhe seus filhos e vá embora, saia do país, se for preciso. Disfarcem-se e fujam. A senhora já viu como é, aqui não terá nem meia audiência imparcial.
– Harry – perguntou Hermione –, como vamos sair daqui com todos esses dementadores no corredor?
– Patronos – respondeu o garoto, apontando a varinha para o seu próprio: o veado parou de correr e se encaminhou, ainda brilhando intensamente, para a porta. – Todos que pudermos reunir; conjure o seu, Hermione.

– *Expec-expecto patronum* – disse a garota. Nada aconteceu.
– É o único feitiço com que ela sempre teve problema – disse Harry à sra. Cattermole completamente bestificada. – É realmente uma pena... anda logo Hermione...
– *Expecto patronum!*
Uma lontra prateada irrompeu da ponta da varinha da garota e flutuou graciosamente no ar para se juntar ao veado.
– Vamos – chamou ele, e conduziu Hermione e a sra. Cattermole para a porta.
Quando os Patronos deslizaram para o corredor, ouviram-se gritos assustados das pessoas que aguardavam ali. Harry olhou: os dementadores começavam a recuar de ambos os lados, fundindo-se com a escuridão, dispersando-se ante o avanço das criaturas prateadas.
– Ficou decidido que vocês devem voltar para casa e entrar na clandestinidade com suas famílias – disse Harry aos nascidos trouxas ofuscados pelo brilho dos Patronos e ainda levemente encolhidos de medo. – Vão para o exterior, se puderem. Fiquem bem longe do Ministério. Essa é... ah... a nova posição oficial. Agora, se acompanharem os Patronos, poderão sair pelo átrio.
O grupo conseguiu subir a escada de pedra sem ser interceptado, mas, ao se aproximar dos elevadores, Harry começou a ficar apreensivo. Percebeu que, se chegassem ao átrio com um veado de prata, uma lontra voando a seu lado e vinte e tantas pessoas, metade delas acusadas de terem nascido trouxas, eles atrairiam uma indesejável atenção. Acabara de chegar a essa desagradável conclusão quando o elevador parou com um tranco diante deles.
– Reg! – gritou a sra. Cattermole se atirando nos braços de Rony. – Runcorn me tirou daqui, ele atacou Umbridge e Yaxley e nos disse para fugirmos do país, acho que é o melhor a fazer, Reg, acho mesmo. Vamos depressa para casa apanhar as crianças e... por que está tão molhado?
– Água – resmungou Rony, desvencilhando-se. – Harry, eles sabem que há intrusos no Ministério, estão falando alguma coisa sobre um buraco na porta da Umbridge, calculo que temos cinco minutos, se tanto...
O Patrono de Hermione desapareceu com um estalo quando ela virou o rosto horrorizado para Harry.
– Harry, estamos presos aqui...!
– Não estaremos se nos mexermos depressa. – Ele se dirigiu às pessoas silenciosas que os acompanhavam boquiabertas. – Quem tem varinha?
Metade delas levantou as mãos.
– O.k., cada um de vocês que não tem varinha precisa acompanhar alguém que tenha. Precisamos ser rápidos: antes que nos detenham. Vamos.
Eles conseguiram se apertar em dois elevadores. O Patrono de Harry montou

guarda diante das grades douradas enquanto elas se fechavam, e os elevadores começavam a subir.

“Nível oito”, disse a voz tranquila da bruxa. *“Átrio*.”

Harry percebeu imediatamente que estavam encrencados. O átrio estava cheio de gente correndo de uma lareira à outra para lacrá-las.

– Harry! – guinchou Hermione. – Que vamos...?

– PAREM! – trovejou Harry, e a voz potente de Runcorn ecoou pelo átrio: os bruxos que estavam lacrando as lareiras se imobilizaram. – Venham comigo – sussurrou ele para os nascidos trouxas aterrorizados que se adiantaram juntos, pastoreados por Rony e Hermione.

– Que aconteceu, Alberto? – perguntou o mesmo bruxo careca que saíra com Harry da lareira mais cedo. Parecia nervoso.

– Esse pessoal precisa sair antes de vocês lacrarem as saídas – disse Harry, com toda a autoridade que conseguiu reunir.

O grupo de bruxos do Ministério se entreolhou.

– Mandaram lacrar todas as saídas e não deixar ninguém...

– *Você está me contradizendo?* – vociferou Harry. – Quer que eu mande examinar a árvore genealógica de sua família, como fiz com a de Dirk Cresswell?

– Desculpe! – ofegou o bruxo careca, recuando. – Não quis ofender, Alberto, mas pensei... pensei que eles estavam aqui para ser interrogados e...

– O sangue deles é puro – disse Harry, e sua voz grave ecoou impressionantemente pelo átrio. – Diria que mais puro do que o de muitos de vocês. Agora vão saindo – trovejou ele para os nascidos trouxas, que correram para as lareiras e começaram a sumir aos pares. Os bruxos do Ministério se mantiveram afastados, alguns parecendo confusos, outros expressando medo ou raiva. Então...

– Maria!

A sra. Cattermole olhou por cima do ombro. O verdadeiro Reg Cattermole, que parara de vomitar, mas continuava pálido e fraco, acabara de sair correndo de um elevador.

– R-Reg? – Ela olhou do marido para Rony, que soltou um sonoro palavrão.

O bruxo careca ficou de boca aberta, sua cabeça girando absurdamente de um Reg Cattermole para outro.

– Ei... que está acontecendo? Que é isso?

– Lacrem as saídas! LACREM!

Yaxley irrompera de outro elevador e agora vinha correndo para o grupo junto às lareiras pelas quais os nascidos trouxas, exceto a sra. Cattermole, haviam desaparecido. Quando o bruxo careca empunhou a varinha, Harry ergueu seu

punho enorme e arremessou-o longe com um murro.
– Ele esteve ajudando os nascidos trouxas a fugir, Yaxley! – gritou Harry.
Os colegas do bruxo careca protestaram aos gritos, mas, aproveitando a confusão, Rony agarrou a sra. Cattermole, puxou-a para dentro da lareira ainda aberta e sumiu. Aturdido, Yaxley olhava de Harry para o bruxo esmurrado, enquanto o verdadeiro Reg Cattermole berrava:
– Minha mulher! Quem era aquele com a minha mulher? Que está acontecendo?
Harry viu Yaxley girar a cabeça, e a percepção da verdade começar a se espalhar naquele rosto brutal.
– Vamos! – berrou Harry para Hermione; agarrou a mão dela e juntos pularam dentro da lareira no momento em que a maldição de Yaxley passava por cima de sua cabeça. Os dois rodopiaram por alguns segundos antes de emergir no vaso do cubículo. Harry escancarou a porta; encontrou Rony diante das pias, ainda se debatendo com a sra. Cattermole.
– Reg, não estou entendendo...
– Me largue, não sou o seu marido, a senhora tem que ir para casa!
Ouviu-se um barulho no cubículo às costas deles; Harry olhou; Yaxley acabara de aparecer.
– VAMOS! – berrou. Ele agarrou Hermione pela mão e Rony pelo braço e rodopiou.
A escuridão engolfou-os ao mesmo tempo que a sensação de compressão, mas alguma coisa estava errada... a mão de Hermione parecia estar escorregando da sua...
Harry pensou que ia sufocar, não conseguia respirar nem enxergar e as únicas coisas sólidas no mundo eram o braço de Rony e os dedos de Hermione, que lentamente iam lhe fugindo...
Então ele viu a porta de número doze, no largo Grimmauld, com a aldraba em forma de serpente, mas, antes que pudesse tomar fôlego, ouviu um grito seguido de um clarão roxo; a mão de Hermione prendeu-o com firmeza e tudo escureceu.

— CAPÍTULO CATORZE —
O ladrão

Harry abriu os olhos e se sentiu ofuscado por uma claridade ouro e verde; não tinha ideia do que acontecera, só sabia que estava deitado no que lhe pareciam folhas e gravetos. Lutando para insuflar ar nos pulmões que sentia achatados, ele piscou os olhos e compreendeu que a luminosidade excessiva vinha do sol se infiltrando por um dossel de folhas. Então, um objeto se mexeu próximo ao seu rosto. Ele se apoiou nas mãos e nos joelhos, pronto para enfrentar um animal pequeno e feroz, mas viu que era apenas o pé de Rony. Olhando ao redor, percebeu que os três estavam deitados no chão de uma floresta, aparentemente sozinhos.

O primeiro pensamento de Harry foi a Floresta Proibida e, por um momento, mesmo sabendo como seria tolo e perigoso aparecerem nos terrenos de Hogwarts, seu coração pulou de alegria à ideia de atravessá-la furtivamente até a cabana de Hagrid. Contudo, nos poucos instantes que Rony levou para gemer baixinho e Harry começar a rastejar até o amigo, ele notou que não era a Floresta Proibida: as árvores pareciam mais jovens, mais espaçadas e o chão mais limpo.

Deparou com Hermione, também de quatro, junto à cabeça de Rony. Quando seu olhar recaiu sobre o amigo, todas as outras preocupações fugiram de sua mente, porque o sangue encharcava todo o lado esquerdo de Rony e seu rosto se destacava, branco-acinzentado, na terra forrada de folhas. A Poção Polissuco ia se dissipando agora: na aparência, Rony era um meiotermo entre Cattermole e ele próprio, seus cabelos cada vez mais ruivos e o rosto perdendo a pouca cor que lhe restava.

– Que aconteceu com ele?

– Estrunchou – respondeu Hermione, os dedos ocupados com a manga do amigo, onde o sangue estava mais profuso e escuro.

Harry observou-a, horrorizado, rasgar a camisa de Rony. Sempre pensara no estrunchamento como algo cômico, mas isso... suas entranhas se contorceram

desagradavelmente ao ver Hermione expor parte do braço de Rony onde faltava um naco de carne, removido por inteiro como se o tivessem cortado a faca.

– Harry, depressa, na minha bolsa, tem um frasquinho com a etiqueta *Essência de Ditamno*...

– Bolsa... certo...

Harry correu para o lugar onde Hermione aterrissara, apanhou a bolsinha de contas e enfiou a mão nela. Na mesma hora, objetos após objetos começaram a se apresentar ao seu toque: ele sentiu as lombadas de couro dos livros, as mangas de lã dos suéteres, saltos de sapatos...

– *Depressa!*

Ele apanhou sua varinha no chão e, apontando para o fundo da bolsa mágica, ordenou:

– *Accio ditamno!*

Um frasquinho marrom voou da bolsa; ele o aparou e voltou correndo para Hermione e Rony, cujos olhos agora estavam semicerrados: traços de córneas brancas era tudo o que se via entre suas pálpebras.

– Ele desmaiou – disse Hermione, que também estava muito pálida; já não se parecia com Mafalda, embora seus cabelos ainda conservassem algumas mechas grisalhas. – Destampe-o para mim, Harry, minhas mãos estão tremendo.

O garoto arrancou a tampa do frasquinho e entregou-o a Hermione, que aplicou três gotas da poção na ferida ensanguentada. Ergueu-se uma nuvem de fumaça esverdeada e, quando se dissipou, Harry viu que o sangramento cessara. O ferimento agora parecia ter ocorrido há vários dias; uma pele nova se estendia sobre a carne antes exposta.

– Uau! – exclamou Harry.

– É só o que consigo fazer sem correr riscos – disse Hermione, trêmula. – Há feitiços que o deixariam novo em folha, mas não me atrevo a usá-los por medo de errar e causar mais estrago... ele já perdeu muito sangue...

– Como foi que ele se machucou? Quero dizer – Harry sacudiu a cabeça, tentando clarear as ideias e compreender seja lá o que tivesse acontecido –, por que estamos aqui? Pensei que estávamos voltando para o largo Grimmauld, não?

Hermione inspirou profundamente. Parecia à beira das lágrimas.

– Harry, acho que não podemos voltar para lá.

– Que foi que você...?

– Quando desaparatamos, Yaxley me agarrou e não pude me livrar dele, foi mais forte e continuava me segurando quando chegamos ao largo Grimmauld, aí... bem, acho que ele deve ter visto a porta, e pensou que fôssemos entrar, então afrouxou a mão e consegui me desvencilhar, e trouxe todos para cá!

– Mas cadê ele? Espere aí... você não quer dizer que Yaxley está no largo

Grimmauld? Ele não pode entrar lá, pode?
Os olhos da garota cintilaram com as lágrimas acumuladas quando assentiu.
– Harry, acho que ele pode. Eu... eu o forcei a me largar com um Feitiço Repelente, mas já o deixara penetrar a proteção do Feitiço Fidelius. Desde que Dumbledore faleceu, somos fiéis do segredo, portanto entreguei a ele o segredo, não?
Era impossível fingir. Harry sabia que a amiga tinha razão. O golpe era acachapante. Se Yaxley agora podia entrar na casa, não havia como regressarem. Naquele exato momento, ele poderia estar levando outros Comensais da Morte por aparatação. Embora a casa fosse sombria e deprimente, fora seu único refúgio: e, agora que Monstro estava mais feliz e amigo, uma espécie de lar. Com uma pontada de pesar que não estava ligada propriamente à comida, Harry imaginou o elfo doméstico ocupado em preparar o empadão de carne e rins que Harry, Rony e Hermione jamais provariam.
– Harry, sinto muito, sinto muito!
– Não seja idiota, não foi sua culpa! Se foi de alguém, foi minha...
Harry levou a mão ao bolso e tirou o olho mágico de Olho-Tonto. Hermione se encolheu, horrorizada.
– Umbridge tinha cravado o olho na porta da sala para espionar as pessoas. Eu não podia deixá-lo lá... mas foi assim que eles souberam que havia intrusos.
Antes que Hermione pudesse responder, Rony gemeu e abriu os olhos. Continuava cinzento, e o suor brilhava em seu rosto.
– Como está se sentindo? – sussurrou Hermione.
– Péssimo – respondeu Rony rouco, fazendo uma careta ao tocar o braço ferido. – Onde estamos?
– Na floresta onde foi realizada a Copa Mundial de Quadribol – informou Hermione. – Eu queria um lugar fechado, escondido e esse foi...
– ... o primeiro em que pensou. – Harry terminou a frase por ela, correndo os olhos pela clareira aparentemente deserta. Não pôde deixar de lembrar o que acontecera na última vez que tinham aparatado no primeiro lugar que ocorrera a Hermione; como tinham sido encontrados pelos Comensais da Morte em poucos minutos. Teria sido Legilimência? Voldemort ou os seus capangas já saberiam onde Hermione os levara?
– Você acha que devemos ir para outro lugar? – perguntou Rony a Harry, que percebeu no rosto do amigo que lhe ocorrera o mesmo pensamento.
– Não sei.
Rony ainda estava pálido e suado. Não tinha feito a menor tentativa de sentar e, pelo seu aspecto, parecia fraco demais para tentar. A perspectiva de removê-lo era assustadora.

– Por enquanto, vamos ficar aqui – respondeu Harry.
Com uma expressão de alívio, Hermione se pôs de pé.
– Aonde está indo? – perguntou Rony.
– Se vamos ficar aqui, devíamos lançar alguns feitiços de proteção ao nosso redor – replicou ela e, erguendo a varinha, começou a caminhar em um amplo círculo em torno de Harry e Rony, murmurando encantamentos. O garoto observou pequenas turbulências no ar em torno; era como se Hermione tivesse lançado uma névoa de calor sobre a clareira.
– *Salvio hexia... Protego totalum... Repello trouxatum... Abaffiato*... Você podia ir apanhando a barraca, Harry...
– Barraca?
– Na bolsa!
– Na... é claro – disse ele.
Desta vez, ele não se deu o trabalho de meter a mão na bolsa, mas usou outro Feitiço Convocatório. A barraca saiu em um disforme bolo de lona, corda e paus. Harry reconheceu, em parte pelo cheiro de gatos, que era a mesma barraca em que tinham dormido na noite da Taça Mundial de Quadribol.
– Pensei que pertencesse àquele cara do Ministério, o Perkins.
– Aparentemente ele não a quis mais, seu lumbago está doendo demais – respondeu Hermione, executando com a varinha uma figura complicada em oito movimentos –, então o pai de Rony disse que eu podia pegar emprestada. *Erecto!* – acrescentou ela, apontando a varinha para o amontoado de lona, que, em um movimento fluido, se ergueu no ar e se acomodou, inteiramente montado, no chão diante do surpreso Harry, de cuja mão voou um espeque que aterrissou com um baque final na ponta de uma corda.
"*Cave inimicum*", termi nou Hermione, com um floreio para o alto. "Isso é o máximo que sei fazer. No mínimo, nos avisarão da chegada deles; não posso garantir que impedirão a entrada de Vol..."
– Não diga o nome! – interrompeu-a Rony, rispidamente.
Harry e Hermione se entreolharam.
– Desculpem – tornou ele, gemendo um pouco ao se erguer para encarar os amigos –, mas dá uma sensação de... azaração ou coisa parecida. Será que não podemos chamá-lo de Você-Sabe-Quem... por favor?
– Dumbledore dizia que o temor de um nome... – começou Harry.
– Caso você não tenha reparado, colega, chamar Você-Sabe-Quem pelo nome, afinal, não deu muito certo para Dumbledore – retrucou Rony. – Quer... quer... pelo menos demonstrar algum respeito por Você-Sabe-Quem?
– *Respeito?* – repetiu Harry, mas Hermione lhe lançou um olhar avisando-o para não discutir com Rony enquanto o amigo estivesse tão fraco.

Harry e Hermione carregaram e, ao mesmo tempo, arrastaram Rony pela entrada da barraca. O interior era exatamente o que Harry lembrava: um pequeno apartamento, completo, com banheiro e uma minicozinha. Ele empurrou uma velha poltrona para o lado e depositou o amigo com cuidado na cama de baixo de um beliche. Mesmo esse percurso tão pequeno deixara Rony ainda mais pálido, e, quando terminaram de acomodá-lo no colchão, ele tornou a fechar os olhos e ficou algum tempo calado.

– Vou preparar um pouco de chá – disse Hermione, sem fôlego, tirando uma chaleira e canecas do fundo da bolsa e se dirigindo à cozinha.

Harry achou a bebida quente tão providencial quanto o uísque de fogo na noite em que Olho-Tonto tinha morrido; pareceu queimar um pouco o medo que se agitava em seu peito. Minutos depois, Rony quebrou o silêncio.

– Que acham que aconteceu com os Cattermole?

– Com um pouco de sorte, terão conseguido fugir – disse Hermione, apertando a caneca para se tranquilizar. – Desde que tenha mantido a presença de espírito por algum tempo, o sr. Cattermole terá transportado a mulher por Aparatação Acompanhada e estarão fugindo do país com as crianças neste exato momento. Foi esse o conselho de Harry à mulher.

– Caramba, espero que tenham escapado – disse Rony, tornando a baixar a cabeça nos travesseiros. O chá parecia estar lhe fazendo bem; recuperara um arzinho de cor. – Mas tive a impressão de que Reg Cattermole não era muito inteligente, pela maneira com que as pessoas se dirigiam a mim enquanto fui ele. Deus, espero que tenham conseguido... se eles acabarem em Azkaban por nossa causa...

Harry olhou para Hermione e a pergunta que tinha na ponta da língua – se a falta de varinha impediria a sra. Cattermole de aparatar com o marido – morreu em sua boca. Hermione estava vendo Rony se preocupar com o destino dos Cattermole, e havia tanta ternura em seu rosto que Harry teve a sensação de quase surpreendê-la beijando o amigo.

– Então, pegou? – perguntou Harry, em parte para lembrar Hermione de sua presença.

– Pegou... pegou o quê? – perguntou ela, um pouquinho assustada.

– Para que foi que passamos por tudo isso? O medalhão! Onde está o medalhão?

– *Você pegou?* – gritou Rony, erguendo-se um pouco mais nos travesseiros. – Ninguém me conta nada! Caramba, podiam ter falado!

– Ora, estivemos correndo dos dementadores para não morrer, não foi? – justificou-se Hermione. – Tome aqui.

E, tirando o medalhão do bolso das vestes, entregou-o a Rony.

Era grande como um ovo de galinha. Uma letra “S” floreada, engastada com pedrinhas verdes, lampejou sombriamente à luz difusa que se infiltrava pelo teto de lona da barraca.
– Há alguma chance de alguém tê-la destruído desde que esteve na posse de Monstro? – perguntou Rony esperançoso. – Quero dizer, temos certeza de que continua a ser uma Horcrux?
– Acho que sim – respondeu Hermione, retomando o medalhão das mãos dele e examinando-o atentamente. – Haveria algum sinal de dano se o conteúdo tivesse sido magicamente destruído.
Ela passou-o a Harry, que virou e revirou o medalhão nos dedos. O objeto parecia perfeito, intacto. Lembrou-se dos restos estraçalhados do diário e da pedra no anel-Horcrux que fendera ao ser destruída por Dumbledore.
– Acho que Monstro tinha razão. Temos que descobrir como abrir essa coisa para podermos destruí-la.
A súbita consciência do que segurava, do que estava vivo por trás das portinhas de ouro, atingiu Harry enquanto falava. Mesmo depois de todos os esforços para encontrá-lo, ele sentiu um violento impulso de arremessar longe o medalhão. Controlando-se, tentou abri-lo com os dedos, depois experimentou o feitiço que Hermione usara para abrir a porta do quarto de Régulo. Nenhum dos dois deu resultado. Devolveu, então, o medalhão a Rony e Hermione, cada um fez o que pôde, mas não tiveram maior sucesso.
– Mas você consegue sentir? – perguntou Rony com a voz abafada, ao apertar o objeto na mão.
– Como assim?
Rony passou-lhe a Horcrux. Instantes depois, Harry pensou ter entendido o que ele queria dizer. Estaria sentindo o sangue pulsar em suas veias, ou havia alguma coisa no medalhão batendo como um minúsculo coração metálico?
– Que vai fazer com isso? – perguntou Hermione.
– Guardá-lo em segurança até descobrirmos como destruí-lo – respondeu Harry e, por menos que isso lhe agradasse, prendeu a corrente ao pescoço, deixando o medalhão pender, oculto, sob suas vestes, onde repousou sobre seu peito, ao lado da bolsa que Hagrid lhe dera.
– Acho que devíamos nos revezar para vigiar a barraca por fora – acrescentou Hermione, se pondo de pé e se espreguiçando. – E também teremos que pensar em alguma coisa para comer. Você fica aqui – acrescentou, rapidamente, quando Rony tentou se levantar e seu rosto adquiriu um feio tom verdoso.
Equilibrando com cuidado sobre a barraca o bisbilhoscópio que Hermione dera de presente a Harry em seu aniversário, os dois passaram o resto do dia dividindo os turnos de vigia. O bisbilhoscópio, no entanto, permaneceu

silencioso e parado o tempo todo, e, fosse por causa dos feitiços de proteção e Feitiços Antitrouxas que Hermione lançara ao redor, ou porque as pessoas raramente se aventuravam naquelas paragens, a clareira permaneceu deserta exceto por raros pássaros e esquilos. A noite não trouxe alteração alguma; Harry acendeu a varinha ao substituir Hermione às dez horas e contemplou uma paisagem deserta, registrando os morcegos que voavam muito alto no retalho de céu estrelado que se avistava da clareira protegida.

Sentia fome, agora, e um pouco de tontura. Hermione não estocara alimentos na bolsinha mágica, pois supusera que eles fossem retornar ao largo Grimmauld naquela noite. Não havia, portanto, comida, exceto alguns cogumelos silvestres que a garota colhera entre as árvores mais próximas e cozinhara em uma vasilha. Depois de comer dois bocados, Rony afastara sua porção, parecendo enjoado; Harry só persistira para não magoar Hermione.

O silêncio circundante era quebrado por sons indistintos ocasionais e, talvez, gravetos estalando. Harry achou que fossem produzidos por animais e não por gente, contudo, empunhou com firmeza a varinha, pronta para uso. Suas entranhas, já avariadas pela porção insuficiente de cogumelos borrachudos, tremiam, causando-lhe mal-estar.

Pensara que sentiria euforia se conseguissem reaver a Horcrux, mas por alguma razão isso não acontecera; tudo que sentia, sentado naquela escuridão, da qual sua varinha iluminava uma ínfima parte, era apreensão pelo que aconteceria a seguir. Parecia que estivera se precipitando velozmente até aquele lugar durante semanas, meses, talvez anos, mas agora estacara abruptamente, era o fim da estrada.

Havia outras Horcruxes lá fora em algum lugar, mas ele não fazia a menor ideia de onde poderiam estar. Nem mesmo sabia o que eram. Nesse meio-tempo, não lhe ocorria como destruir a única que encontrara: a Horcrux que, no momento, jazia sobre seu peito nu. Curiosamente, o objeto não roubara calor do seu corpo, estava tão frio ali, sobre sua pele, que poderia ter saído da água gelada. De vez em quando, Harry pensava, ou talvez imaginasse, que podia sentir um batimento de coração mínimo, no mesmo compasso que o seu.

Pressentimentos inomináveis o assaltavam, ali no escuro: tentava resistir-lhes, afastá-los, contudo eles recorriam sem descanso. *Nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver*. Rony e Hermione, agora conversando baixinho na barraca às suas costas, poderiam ir embora se quisessem: ele não poderia. E parecia-lhe, naquela imobilidade em que tentava dominar o medo e a exaustão, que a Horcrux sobre seu peito marcava o tempo que lhe restava... *Que ideia idiota*, disse a si mesmo, *não pense isso*...

Sua cicatriz estava recomeçando a formigar. Receava que estivesse

provocando aquilo ao entreter tais pensamentos, e tentou redirecioná-los. Pensou no pobre Monstro, esperando a chegada deles em casa e, em vez disso, recebendo Yaxley. O elfo guardaria silêncio ou contaria ao Comensal da Morte tudo que sabia? Harry queria acreditar que Monstro mudara sua relação com ele durante o mês que passara, que se manteria leal, mas quem sabia o que iria acontecer? E se os Comensais da Morte torturassem o elfo? Imagens tétricas fervilharam em sua mente e ele tentou afastá-las também, porque não havia nada que pudesse fazer por Monstro: ele e Hermione já tinham decidido não convocá-lo; e se alguém do Ministério viesse junto? Eles não podiam contar que a aparatação de elfos fosse isenta da falha que levara Yaxley ao largo Grimmauld agarrado à manga de Hermione.

A cicatriz de Harry agora queimava. Lembrou que havia tanta coisa que ignoravam: Lupin estava certo quando falara em magia que jamais tinham enfrentado ou imaginado. Por que Dumbledore não lhe explicara mais? Teria pensado que haveria tempo; que viveria anos, séculos talvez, como seu amigo Nicolau Flamel? Se assim fosse, enganara-se... Snape se encarregara disso... Snape, a serpente adormecida, que atacara no alto da Torre...

E Dumbledore caíra... caíra...

– Entregue-me, Gregorovitch.

A voz de Harry saiu aguda, clara e fria: sua varinha estendida à frente por uma mão branca de dedos longos. O homem para quem apontava estava suspenso no ar de cabeça para baixo, embora não houvesse cordas segurando-o; ele balançava, invisível e sinistramente preso, os membros enrolados no corpo, seu rosto aterrorizado, no mesmo nível que o de Harry, vermelho por causa do sangue que lhe afluíra à cabeça. Tinha cabelos absolutamente brancos e uma barba cerrada de pelos espessos: um Papai Noel no espeto.

– Não a tenho, não a tenho mais! Roubaram-me há muitos anos!

– Não minta para Lorde Voldemort, Gregorovitch. Ele sabe... ele sempre sabe.

As pupilas do homem pendurado estavam grandes, dilatadas de medo, e pareciam inchar, cada vez mais, até que seu negrume engoliu Harry inteiro...

E agora ele se via correndo por um corredor escuro atrás do atarracado Gregorovitch, que segurava uma lanterna no alto: o bruxo adentrou um aposento no final do corredor e sua lanterna iluminou o que lhe pareceu uma oficina; aparas de madeira e ouro reluziam no foco trêmulo de luz, e ali, no peitoril da janela, achava-se, empoleirado, como uma grande ave, um jovem de cabelos dourados. Na fração de segundo que a luz da lanterna incidiu nele, Harry viu prazer em seu belo rosto, então o intruso lançou um Feitiço Estuporante de sua varinha e saltou, de costas, do peitoril com um grito de triunfo.

E Harry se viu recuando velozmente daquelas pupilas enormes como túneis, o rosto de Gregorovitch aterrorizado.

– Quem foi o ladrão, Gregorovitch? – perguntou a voz aguda e fria.

– Não sei, nunca soube, um jovem... não... por favor... POR FAVOR!

Um grito interminável seguido de um lampejo verde...

– *Harry!*

Ele abriu os olhos, ofegante, a testa latejando. Tinha desmaiado contra a parede da barraca: escorregara de lado pela lona e se estatelara no chão. Ergueu os olhos para Hermione, cujos cabelos cheios obscureciam o retalhinho de céu visível através da escura ramagem acima.

– Sonho – disse ele, sentando-se depressa e tentando enfrentar a carranca de Hermione com um ar de inocência. – Devo ter cochilado, desculpe.

– Sei que foi a sua cicatriz! Percebo no seu rosto! Você estava espiando a mente de Vol...

– Não diga esse nome! – Ouviram a voz irritada de Rony vinda das profundezas da barraca.

– *Ótimo* – retorquiu Hermione. – Então, a mente de *Você-Sabe-Quem*!

– Não quis que acontecesse! – defendeu-se Harry. – Foi um sonho! *Você* consegue controlar o que sonha, Hermione?

– Se você ao menos tivesse aprendido a usar a Oclumência...

Harry, porém, não estava interessado em levar uma descompostura de Hermione; queria discutir o que acabara de ver.

– Ele encontrou Gregorovitch, Hermione, e acho que o matou, mas, antes de matar, leu a mente do homem e vi...

– Acho que é melhor eu assumir a vigia, se o seu cansaço é tanto que você está cochilando – disse Hermione friamente.

– Eu posso terminar a vigia!

– Não, obviamente você está exausto. Vá se deitar.

Ela se largou na entrada da barraca, decidida. Aborrecido, mas querendo evitar uma briga, Harry entrou.

O rosto ainda pálido de Rony se ergueu, curioso, do beliche; Harry subiu na cama de cima, deitou-se e ficou olhando para o teto escuro de lona. Passados vários minutos, Rony falou muito baixinho para Hermione não ouvir, encolhida na entrada.

– Que é que Você-Sabe-Quem está fazendo?

Harry apertou os olhos se esforçando para recordar cada detalhe, então sussurrou no escuro:

– Encontrou Gregorovitch. Amarrou-o e estava torturando o homem.

– Como é que Gregorovitch vai fazer uma nova varinha para ele se está

amarrado?
– Não sei... é esquisito, não é?
Harry fechou os olhos, pensando em tudo que vira e ouvira. Quanto mais lembrava, menos sentido fazia... Voldemort não tinha dito nada sobre a varinha de Harry, nada sobre os núcleos gêmeos, nada sobre a ideia de mandar Gregorovitch fazer uma varinha nova e mais poderosa para derrotar a de Harry...
– Queria alguma coisa de Gregorovitch – disse Harry, ainda com os olhos bem fechados. – Pediu que lhe entregasse, mas Gregorovitch disse que tinham lhe roubado... e então... então...
Harry lembrou como ele, no corpo de Voldemort, parecera invadir os olhos de Gregorovitch até sua memória...
– Leu a mente de Gregorovitch e viu um rapaz louro, empoleirado no peitoril da janela, que lançou um feitiço em Gregorovitch e, dando um salto para trás, desapareceu. Ele roubou, roubou seja o que for que Você-Sabe-Quem procura. E eu... eu acho que já vi o rapaz em algum lugar...
Harry desejou poder dar mais uma olhada naquele rosto risonho. O roubo acontecera havia muitos anos, segundo Gregorovitch. Por que o jovem ladrão lhe parecia familiar?
Os ruídos da mata soavam abafados no interior da barraca; só o que Harry escutava era a respiração do amigo. Passado algum tempo, Rony sussurrou:
– Você não viu o que o ladrão estava segurando?
– Não... devia ser alguma coisa pequena.
– Harry?
As ripas de madeira da cama de Rony rangeram quando ele mudou de posição.
– Harry, você não acha que Você-Sabe-Quem estava atrás de outro objeto para transformar em Horcrux?
– Não sei – respondeu ele, lentamente. – Talvez. Mas não seria perigoso criar mais uma? Hermione não disse que ele já tinha forçado a alma ao máximo?
– É, mas ele talvez não saiba disso.
– É... talvez – disse Harry.
Tivera certeza de que Voldemort andava procurando uma maneira de contornar o problema dos núcleos gêmeos, certeza de que buscava uma solução com o velho fabricante de varinhas... contudo, matara-o, aparentemente sem lhe fazer uma única pergunta sobre varinhas.
Que é que Voldemort estava tentando encontrar? Por que, com o Ministério da Magia e o mundo bruxo a seus pés, ele foi para longe, decidido a encontrar um objeto que no passado pertenceu a Gregorovitch e lhe foi roubado por um ladrão desconhecido?

Harry ainda via o rosto do rapaz louro, era alegre e rebelde; havia nele um ar à la Fred e Jorge e seus bem-sucedidos logros. Ele voara do peitoril da janela como um pássaro, e Harry já o vira antes, mas não conseguia lembrar onde...

Com Gregorovitch morto, era um ladrão de rosto alegre que agora corria perigo, e foi nele que se detiveram os pensamentos de Harry quando os roncos de Rony começaram a ecoar da cama de baixo e ele próprio recomeçou lentamente a adormecer.

— CAPÍTULO QUINZE —
A vingança do Duende

Cedo na manhã seguinte, antes que os outros acordassem, Harry deixou a barraca em busca da árvore mais antiga e de aparência mais nodosa e elástica que pudesse encontrar. Ali, à sua sombra, ele enterrou o olho de Olho-Tonto Moody e marcou o local gravando, com a sua varinha, uma pequena cruz na casca. Não era muita coisa, mas Harry sentiu que Olho-Tonto teria preferido isso a ficar engastado na porta de Dolores Umbridge. Voltou, então, à barraca e esperou os outros acordarem para discutir o que fariam a seguir.

Harry e Hermione acharam que era melhor não pararem em lugar algum muito tempo, e Rony concordou, com a única ressalva de que o próximo deslocamento os deixasse próximos a um sanduíche de bacon. Hermione desfez, portanto, os feitiços que lançara sobre a clareira, enquanto os dois amigos apagavam todas as marcas e impressões no solo que pudessem indicar que haviam acampado ali. Em seguida, desaparataram para a periferia de uma pequena cidade comercial.

Depois de armarem a barraca ao abrigo de um pequeno arvoredo que cercaram com feitiços defensivos, Harry arriscou uma surtida sob a Capa da Invisibilidade para procurar alimentos. Sua tentativa, porém, não saiu conforme planejara. Mal acabara de entrar na cidade quando um frio anormal, uma névoa baixa e um repentino escurecimento do céu o fizeram estacar, congelado.

– Mas você sabe conjurar um Patrono genial! – protestou Rony, quando Harry voltou à barraca de mãos vazias, sem fôlego, dizendo uma única palavra: “dementadores”.

– Não consegui... produzir um. – Arquejou, comprimindo uma pontada no lado do corpo. – Não quis... aparecer.

As expressões de pesar e desapontamento dos amigos deixaram-no envergonhado. Fora uma experiência aterrorizante ver ao longe os dementadores deslizando da névoa, e compreender, quando o frio paralisante obstruiu os seus pulmões e gritos distantes encheram seus ouvidos, que ele não ia conseguir se

proteger. Harry precisou de toda a sua força de vontade para se despregar do chão e correr, deixando os dementadores sem olhos se deslocarem entre os trouxas que talvez não os vissem, mas que, certamente, sentiriam o desespero que eles lançavam por onde quer que passassem.

– Continuamos, então, sem comida.

– Cala a boca, Rony – cortou-o Hermione. – Harry, que aconteceu? Por que acha que não conseguiu conjurar o seu Patrono? Ontem você fez isso perfeitamente!

– Não sei.

Harry afundou-se em uma das velhas poltronas de Perkins, sentindo-se, a cada momento, mais humilhado. Receava que alguma coisa tivesse desabilitado dentro dele. O dia de ontem parecia ter sido muitos séculos atrás: hoje, sentia-se novamente com treze anos, o único garoto que desmaiara no Expresso de Hogwarts.

Rony chutou o pé de uma cadeira.

– Quê? – rosnou para Hermione. – Estou morrendo de fome! Depois que quase morri de tanto sangrar, só comi uns dois cogumelos!

– Então vá e abra caminho à força entre os dementadores – retrucou Harry, mordido.

– Eu iria, mas estou com um braço na tipoia, caso você não tenha reparado!

– Muito conveniente.

– E que quer dizer...

– É claro! – exclamou Hermione, dando um tapinha na testa e fazendo os dois se calarem de susto. – Harry, me dá o medalhão! – pediu impaciente, estalando os dedos para o garoto ao ver que não reagira. – Você ainda está usando a Horcrux!

Ela estendeu as mãos e Harry tirou a corrente de ouro pela cabeça. No momento em que o objeto desencostou de sua pele, o garoto se sentiu livre e estranhamente leve. Não tinha percebido que estava suado e que havia um peso comprimindo seu estômago até as duas sensações desapareceram.

– Melhor? – perguntou Hermione.

– Nossa, muito melhor!

– Harry – tornou ela, agachando-se à sua frente e usando um tom de voz que o garoto associava a visitas a gente muito doente –, você não acha que foi possuído, acha?

– Quê? Não! – exclamou ele, na defensiva. – Lembro-me de tudo que fizemos enquanto estive usando o medalhão. Eu não saberia o que fiz se estivesse possuído, não é? Gina me contou que, às vezes, ela não conseguia se lembrar de nada.

– Hum – disse Hermione, contemplando o pesado medalhão. – Bem, talvez seja melhor não o usarmos. Podemos simplesmente guardá-lo aqui na barraca.
– Não vamos deixar essa Horcrux por aí – disse Harry, com firmeza. – Se a perdermos, se a roubarem...
– Ah, tá bem, tá bem – respondeu ela, colocando o medalhão no próprio pescoço e escondendo-o por baixo da blusa. – Mas vamos nos revezar, assim ninguém irá usá-la por muito tempo.
– Ótimo – disse Rony, irritado –, e agora que já acertamos isso, será que podemos comer alguma coisa?
– Tudo bem, mas vamos procurar em outro lugar – propôs Hermione, lançando um olhar rápido para Harry. – Não tem sentido ficar aqui, sabendo que os dementadores estão atacando.
Eles acabaram pernoitando em um extenso campo de uma propriedade rural isolada, na qual obtiveram ovos e pão.
– Não estamos roubando, não é? – perguntou Hermione, em tom preocupado, enquanto devoravam ovos mexidos com torrada. – Não se eu deixei um dinheiro no galinheiro, concordam?
Rony virou os olhos para o alto e disse com a boca estufada:
– Er-mi-ne, cê precupa demais. Elaxa!
E, de fato, ficou muito mais fácil relaxar depois de estarem bem alimentados: a discussão sobre os dementadores foi esquecida entre risos, e Harry se sentiu animado, e até esperançoso, quando assumiu a primeira das três vigias da noite.
Esta foi a primeira vez que constataram que uma barriga cheia gera bom humor; e, uma vazia, desentendimento e tristeza. A Harry, isso não surpreendeu muito, porque chegara várias vezes à beira da inanição na casa dos Dursley. Hermione suportou razoavelmente bem as noites em que só conseguiam arranjar frutinhas e biscoitos velhos, sua paciência talvez um pouco mais curta do que o normal e seus silêncios melancólicos. Rony, no entanto, fora acostumado a três deliciosas refeições por dia, cortesia de sua mãe ou dos elfos domésticos de Hogwarts, e a fome o tornava irracional e irascível. Sempre que a falta de comida coincidia com sua vez de usar a Horcrux, ele se tornava decididamente desagradável.
– E agora? – Era o seu constante refrão. Não parecia ter ideias a contribuir, mas esperava que Harry e Hermione sugerissem planos, enquanto ele ficava parado, remoendo a escassez de comida. Assim, Harry e Hermione passavam horas infrutíferas, tentando decidir onde procurar as outras Horcruxes e como destruir a que tinham em seu poder, suas conversas se tornando cada vez mais repetitivas, pois não tinham novas informações.
Uma vez que Dumbledore dissera a Harry que acreditava que Voldemort

tivesse escondido as Horcruxes em lugares que julgava importantes, os dois não paravam de desfiar, em uma espécie de ladainha enfadonha, os lugares onde sabiam que o lorde vivera ou visitara. O orfanato onde nascera e crescera, Hogwarts onde fora educado, Borgin & Burkes, onde trabalhara ao terminar a escola, depois a Albânia, onde passara os anos de exílio: essa era a base de suas especulações.

– É, vamos à Albânia. Não vamos gastar mais do que uma tarde para vasculhar o país inteiro – disse Rony, sarcasticamente.

– Não pode haver nada lá. Ele já tinha criado cinco das Horcruxes quando foi para o exílio, e Dumbledore tinha certeza de que a cobra era a sexta – contrapôs Hermione. – Sabemos que a cobra não está na Albânia, normalmente acompanha Vol...

– *Eu não pedi para você parar de dizer isso?*

– Ótimo! A cobra normalmente está com *Você-Sabe-Quem*... feliz agora?

– Nem tanto.

– Não consigo vê-lo escondendo nada na Borgin & Burkes – disse Harry, que já defendera esse ponto de vista muitas vezes, mas repetiu-o apenas para quebrar o incômodo silêncio. – Borgin e Burke eram especialistas em objetos das Trevas, teriam reconhecido uma Horcrux imediatamente.

Rony bocejou acintosamente. Reprimindo um forte impulso de atirar alguma coisa no amigo, Harry continuou:

– Ainda acho que ele poderia ter escondido alguma coisa em Hogwarts.

Hermione suspirou.

– Mas Dumbledore a teria encontrado, Harry!

O garoto repetiu o argumento que sempre trazia à baila em favor de sua teoria.

– Dumbledore confessou a mim que nunca presumiu conhecer todos os segredos de Hogwarts. E estou lhe dizendo que se havia um lugar que Vol...

– Oi!

– VOCÊ-SABE-QUEM, então! – gritou Harry, irritado além da conta. – Se havia um lugar que Você-Sabe-Quem considerava realmente importante era Hogwarts!

– Ah, corta essa – caçoou Rony. – A *escola* dele?

– É, a escola dele! Foi o primeiro lar verdadeiro que ele teve, o lugar que o tornava especial, que significava tudo para ele, e mesmo depois que saiu...

– É de Você-Sabe-Quem que estamos falando, certo? Não é de você, é? – indagou Rony. Puxava a corrente da Horcrux em seu pescoço: Harry foi assaltado pelo desejo de agarrar a corrente e usá-la para estrangular o amigo.

– Você nos contou que Você-Sabe-Quem pediu a Dumbledore para lhe dar emprego depois que saiu da escola – disse Hermione.

– Isso.
– E Dumbledore achou que ele só queria voltar para procurar alguma coisa, provavelmente um objeto de outro dos fundadores para transformá-lo em uma Horcrux?
– É.
– Mas ele não conseguiu o emprego, certo? – conferiu Hermione. – Então, ele nunca teve oportunidade de procurar lá o objeto de um fundador e escondê-lo na escola!
– O.k., então – concordou Harry, vencido. – Esqueça Hogwarts.
Sem outras pistas, eles viajaram a Londres e, protegidos pela Capa da Invisibilidade, procuraram o orfanato onde Voldemort fora criado. Hermione entrou escondida em uma biblioteca e descobriu, pelos registros, que o estabelecimento fora demolido havia anos. Visitaram o local e depararam com uma torre de escritórios.
– Poderíamos tentar cavar nas fundações? – sugeriu Hermione sem muita convicção.
– Ele não teria escondido uma Horcrux aqui – disse Harry, que, na verdade, sempre soubera disso: o orfanato fora o lugar de que Voldemort estava decido a fugir; ele jamais teria escondido uma parte da alma lá. Dumbledore mostrara a Harry que o lorde buscava grandiosidade ou misticismo na escolha de seus esconderijos; esse canto desolado e cinzento de Londres nem de longe poderia lembrar Hogwarts ou o Ministério ou um edifício como Gringotes, o banco dos bruxos, com suas portas de ouro e seus pisos de mármore.
Mesmo sem novas ideias, eles continuaram a viajar pelo campo, a cada noite armando a barraca em um lugar diferente, por medida de segurança. Toda manhã, eles se certificavam de ter removido as pistas de sua presença, então partiam em busca de outro lugar isolado e protegido, deslocando-se por aparatação a outras matas, a fendas sombrias em rochedos junto ao mar, a charnecas arroxeadas, a encostas de montanhas cobertas de tojos e, uma vez, a uma enseada pedregosa. A cada doze horas, mais ou menos, eles passavam a Horcrux de um para outro, como se estivessem jogando em câmara lenta uma partida perversa de passar o anel, temendo a hora em que, se errassem, a prenda seriam doze horas de mais ansiedade e medo.
A cicatriz de Harry não parava de formigar. Acontecia com maior frequência, segundo observou, quando estava usando a Horcrux. Por vezes, ele não conseguia evitar demonstrar a dor.
– Quê? Que foi que você viu? – indagava Rony, sempre que via Harry fazer caretas.
– Um rosto – murmurava Harry, todas as vezes. – O mesmo rosto. O ladrão

que roubou Gregorovitch.
E Rony lhe dava as costas sem fazer esforço algum para esconder o seu desapontamento. Harry sabia que o amigo estava esperando notícias de sua família ou dos membros restantes da Ordem da Fênix, mas, afinal, ele, Harry, não era uma antena de televisão; só podia ver o que Voldemort estava pensando no momento, e não sintonizar o que lhe agradasse. E, pelo que via, o lorde estava refletindo demoradamente sobre o jovem desconhecido de rosto sorridente, cujo nome e paradeiro Harry tinha certeza de que Voldemort sabia tanto quanto ele. Uma vez que sua cicatriz continuava a arder e o rapaz sorridente de cabelos dourados tantalizava sua memória, ele aprendeu a reprimir qualquer sinal de dor ou mal-estar, porque os outros dois manifestavam impaciência à simples menção do ladrão. Não podia culpá-los inteiramente, vendo-os tão desesperados para encontrar uma pista que os levasse às Horcruxes.
À medida que os dias se alongavam em semanas, Harry começou a suspeitar que Rony e Hermione estivessem conversando sem ele e sobre ele. Várias vezes tinham parado abruptamente de falar quando ele entrara na barraca, e, em outras duas, Harry os encontrara por acaso, conversando em segredo a uma pequena distância, as cabeças juntas, falando rapidamente; em ambas, os amigos tinham se calado ao perceber sua aproximação e se apressado a fingir que estavam ocupados em apanhar lenha ou água.
Harry não podia deixar de se perguntar se teriam concordado em acompanhá-lo nessa viagem, que agora julgavam sem objetivo e errática, apenas porque pensaram que tinha um plano secreto de que eles tomariam conhecimento no devido tempo. Rony não estava fazendo o menor esforço para esconder o seu mau humor, e Harry começava a recear que Hermione também estivesse desapontada com a sua falta de liderança. Desesperado, ele tentou pensar em outros locais para Horcruxes, mas o único que continuava a lhe ocorrer era Hogwarts, e, como os amigos não achavam que fosse provável, ele parou de sugeri-lo.
O outono foi desdobrando-se sobre os campos à medida que eles se deslocavam: agora, estavam montando a barraca sobre palhas secas e folhas caídas. Névoas naturais se misturavam àquelas lançadas pelos dementadores; o vento e a chuva aumentavam seus problemas. O fato de que Hermione estivesse identificando melhor os cogumelos comestíveis não chegava a compensar inteiramente o seu isolamento contínuo, a falta da companhia de outras pessoas, ou sua total ignorância sobre o que estava acontecendo na guerra contra Voldemort.
– Minha mãe – disse Rony certa noite, quando se achavam na barraca, à margem de um rio em Gales – é capaz de conjurar do nada uma comida gostosa.

Ele cutucava, rabugento, os pedaços de peixe carbonizado em seu prato. Harry olhou automaticamente para o pescoço de Rony e viu, conforme esperava, o brilho da corrente de ouro da Horcrux. Conseguiu refrear o impulso de xingar o amigo, cuja atitude melhoraria um pouco no momento em que tirasse o medalhão.

– Sua mãe não conjura comida do nada – disse Hermione. – Ninguém pode fazer isso. Comida é a primeira das cinco principais exceções à Lei de Gamp sobre a Transfiguração Elemen...

– Ah, vê se fala em língua de gente, tá! – retorquiu Rony, extraindo uma espinha de peixe presa entre os dentes

– É impossível preparar comida boa do nada! Você pode convocá-la se souber onde achar, você pode transformá-la, você pode aumentar a quantidade se já tem alguma...

– ... pois não se dê o trabalho de aumentar esta aqui, tá uma porcaria – retrucou ele.

– Harry apanhou o peixe e eu fiz o melhor que pude! Estou notando que sempre sou eu que acabo resolvendo o problema da comida; porque sou uma *menina*, suponho!

– Não, porque a gente supõe que você seja melhor em magia! – disparou Rony.

Hermione se levantou de repente e os pedaços de peixe assado escorregaram do seu prato de estanho para o chão.

– *Você* pode cozinhar amanhã, Rony, *você* pode procurar os ingredientes e tentar transformá-los em alguma coisa que valha a pena comer, e eu vou me sentar aqui e fazer cara feia e reclamar e você vai poder ver...

– Calem a boca! – exclamou Harry, levantando-se de um salto e erguendo as mãos. – Calem *já* a boca!

Hermione fez cara de indignação.

– Como você pode apoiar o Rony? Ele quase nunca cozinha...

– Hermione, fica quieta, estou ouvindo alguém!

Harry ficou muito atento, as mãos ainda erguidas, alertando-os para não falarem. Então, sobrepondo-se à correnteza do rio escuro ao lado, ele tornou a ouvir vozes. Virou-se para o bisbilhoscópio. Não se mexera.

– Você lançou o *Abaffiato* sobre nós, certo? – sussurrou ele para Hermione.

– Lancei tudo – sussurrou ela em resposta –, o *Abaffiato*, o Antitrouxas e o da Desilusão, todos. Sejam quem for, não devem poder nos ver nem ouvir.

Passos arrastando e atritando no solo, somados ao ruído de gravetos e pedras deslocados, indicavam que várias pessoas desciam a encosta íngreme e arborizada em direção ao estreito barranco do rio, onde os garotos tinham

armado a barraca. Eles apanharam as varinhas e aguardaram. Os feitiços que tinham lançado ao redor deviam bastar na escuridão quase total para protegê-los da curiosidade dos trouxas e dos bruxos normais. Se esses fossem Comensais da Morte, então, pela primeira vez, suas defesas iriam ser testadas pelas Artes das Trevas.

As vozes foram alteando, mas continuaram ininteligíveis à medida que os homens alcançavam a margem. Harry estimava que seus donos estivessem a menos de seis metros de distância, mas o rio encachoeirado os impedia de ter certeza. Hermione passou a mão na bolsinha de contas e começou a remexer nela; um momento depois, puxou três Orelhas Extensíveis e jogou uma para cada garoto, que imediatamente inseriu as pontas dos fios cor da pele nos ouvidos e pôs as outras pontas fora da entrada da barraca.

Em segundos, Harry ouviu uma preocupada voz masculina.

– Devia haver salmão aqui ou acham que ainda está muito no início da temporada? *Accio salmon!*

Ouviram-se claramente os peixes espadanando e, em seguida, batendo contra corpos. Alguém resmungou apreciativamente. Harry empurrou a Orelha Extensível mais fundo no ouvido: acima do murmúrio do rio, distinguiu outras vozes, mas não estavam falando inglês nem outro idioma que ele já tivesse ouvido. Era uma língua dura e pouco melodiosa, uma sequência de ruídos rascantes e guturais, e, aparentemente, havia dois homens, um com a voz ligeiramente mais grave e lenta que a do outro.

Uma fogueira foi acendida do outro lado da lona; grandes sombras passaram entre a barraca e as chamas. O aroma delicioso de salmão assado flutuou torturante em sua direção. Em seguida, ouviram o tinido de talheres sobre pratos, e o primeiro homem tornou a falar.

– Tome aqui, Grampo, Gornope.

– *Duendes!* – articulou Hermione, silenciosamente, para Harry, que apenas assentiu.

– Obrigado – agradeceram os duendes, ao mesmo tempo, em inglês.

– Então, há quanto tempo vocês três estão fugindo? – ouviram uma nova voz melodiosa e agradável; era vagamente familiar a Harry, que imaginou um homem barrigudo de rosto jovial.

– Seis semanas... sete... não lembro – disse o homem cansado. – Topei com Grampo nos primeiros dois dias e unimos forças com Gornope logo depois. É bom ter alguma companhia. – Houve uma pausa, enquanto os talheres raspavam os pratos e canecas eram erguidas e repostas no chão. – O que o fez fugir, Ted? – continuou o homem.

– Sabia que vinham me prender – respondeu Ted, o homem de voz melodiosa,

e Harry repentinamente identificou-o: era o pai de Tonks. – Tinha ouvido falar que os Comensais da Morte estavam na área a semana passada, e concluí que era melhor sumir. Recusei-me a fazer o registro para nascidos trouxas por princípio, entende, portanto sabia que era uma questão de tempo, sabia que, no final, teria que partir. Minha mulher deve estar bem, ela tem sangue puro. Encontrei, então, o Dino há, o quê, alguns dias, filho?

– É – confirmou outra voz, e Harry, Rony e Hermione se entreolharam em silêncio, mas transbordando de contentamento ao reconhecerem, sem sombra de dúvida, a voz de Dino Thomas, seu colega na Grifinória.

– Nascido trouxa, hein? – perguntou o primeiro homem.

– Não tenho certeza – respondeu Dino. – Meu pai abandonou minha mãe quando eu era pequeno. Não tenho prova de que ele fosse bruxo.

O grupo ficou em silêncio por um tempo, exceto pelos ruídos de mastigação; então Ted tornou a falar.

– Devo confessar, Dirk, estou surpreso de encontrar você. Satisfeito, mas surpreso. Correu a notícia de que você tinha sido preso.

– Fui. Estava a caminho de Azkaban quando tentei fugir, estuporei Dawlish e roubei a vassoura dele. Foi mais fácil do que se poderia esperar. Acho que ele não está muito normal no momento. Talvez tenha sido confundido. Se foi, eu gostaria de apertar a mão do bruxo que fez isso, porque provavelmente salvou a minha vida.

Houve mais uma pausa em que a fogueira estalejou e o rio correu em cachoeira. Então, Ted perguntou:

– E vocês dois como se encaixam? Eu, ah, tive a impressão de que a maioria dos duendes apoiava Você-Sabe-Quem.

– Teve uma impressão falsa – disse o duende de voz mais aguda. – Não tomamos partido. É uma guerra de bruxos.

– Por que estão na clandestinidade, então?

– Por prudência – respondeu o duende de voz mais grave. – Recusei um pedido que considerei impertinente, e percebi que tinha posto em risco a minha segurança pessoal.

– Qual foi o pedido que lhe fizeram? – retornou Ted.

– Tarefas que não são condizentes com a dignidade da minha raça – informou o duende, sua voz mais áspera e menos humana quando acrescentou: – Não sou um elfo doméstico.

– E você, Grampo?

– Razões semelhantes – disse o duende de voz mais aguda. – O Gringotes não está mais sob o controle total da minha raça. Não reconheço senhores bruxos.

E acrescentou alguma coisa entre dentes, em grugulês, que fez Gornope rir.

– Qual foi a piada? – perguntou Dino.
– Ele disse – respondeu Dirk – que há coisas que os bruxos também não reconhecem.
Fez-se um breve silêncio.
– Não entendi – tornou Dino.
– Fui à forra antes de partir – disse Grampo, em inglês.
– Grande homem... grande duende, melhor dizendo – emendou Ted, rapidamente. – Conseguiu prender um Comensal da Morte em uma das caixas-fortes, imagino.
– Se tivesse conseguido, a espada não o teria ajudado a sair – replicou Grampo. Gornope tornou a rir e até Dirk deu uma risada seca.
– Dino e eu não estamos entendendo muito bem – disse Ted.
– Severo Snape também não, embora ele não saiba disso – afirmou Grampo, e os dois duendes soltaram gargalhadas maliciosas.
Na barraca, a respiração de Harry saía ofegante de excitação: ele e Hermione se entreolhavam, prestando a maior atenção possível.
– Você não ouviu essa história, Ted? – admirou-se Dirk. – Dos garotos que tentaram roubar a espada de Gryffindor do gabinete de Snape em Hogwarts?
Uma corrente elétrica pareceu atravessar Harry, fazendo vibrar cada nervo do seu corpo pregado no chão.
– Nunca ouvi uma palavra. Não saiu no *Profeta*, saiu?
– Dificilmente sairia – comentou Dirk, entre risadinhas. – O Grampo aqui me contou, soube pelo Gui Weasley, que trabalha no banco. Um dos jovens que tentou se apossar da espada foi a irmã mais nova dele.
Harry olhou para Hermione e Rony, que estavam agarrados às Orelhas Extensíveis como se fossem cordas salva-vidas.
– Ela e uns dois amigos entraram no gabinete de Snape e quebraram a redoma de vidro em que ele, aparentemente, guardava a espada. Snape agarrou-os quando desciam a escada tentando levá-la.
– Ah, que Deus os abençoe! – exclamou Ted. – Que pensavam fazer, usar a espada contra Você-Sabe-Quem? Ou contra o próprio Snape?
– Bem, seja o que for que pensaram, Snape decidiu que a espada não estava segura em Hogwarts – contou Dirk. – Uns dois dias mais tarde, quando recebeu permissão de Você-Sabe-Quem, imagino, enviou-a a Londres, para ser guardada no Gringotes.
Os duendes recomeçaram a rir.
– Ainda não estou entendendo a graça – disse Ted.
– É uma imitação – explicou Grampo, rouco.
– A espada de Gryffindor!

– Sim, senhor. É uma cópia: uma excelente cópia, é verdade, mas fabricada por bruxos. A original foi forjada séculos atrás pelos duendes e tem certas propriedades que somente as armas fabricadas por nós possuem. Seja onde for que esteja, a espada verdadeira de Gryffindor não está na caixa-forte do Banco de Gringotes.

– Entendi – disse Ted. – E acho que não se deram o trabalho de informar isso aos Comensais da Morte.

– Não vi nenhuma razão para incomodá-los com essa informação – comentou Grampo, presunçoso, e agora Ted e Dino fizeram coro às risadas de Gornope e Dirk.

No interior da barraca, Harry fechou os olhos, desejando que alguém fizesse a pergunta que precisava ser respondida, e, decorrido mais um minuto que lhe pareceram dez, Dino lhe fez esse favor: o garoto também tinha sido (lembrou-se Harry, assustado) namorado de Gina.

– Que aconteceu com Gina e os outros? Os que tentaram roubar a espada?

– Ah, foram castigados, e cruelmente – respondeu Grampo com indiferença.

– Mas eles estão o.k., não? – perguntou Ted, em seguida. – Quero dizer, os Weasley não precisam de mais um filho aleijado, não é?

– Eles não sofreram nenhum ferimento grave, pelo que sei – tornou Grampo.

– Sorte a deles. Com o histórico de Snape, suponho que devemos nos alegrar que ainda estejam vivos.

– Você acredita nessa história, então, Ted? – perguntou Dirk. – Você acredita que Snape matou Dumbledore?

– Claro que sim. Você não vai ficar aí me dizendo que Potter teve alguma participação nisso, vai?

– É difícil hoje em dia saber no que acreditar – resmungou Dirk.

– Conheço Harry Potter – disse Dino. – E considero que ele é autêntico, o Eleito, ou o nome que quiserem lhe dar.

– É, tem muita gente que gostaria de acreditar que é, filho – replicou Dirk. – Eu, inclusive. Mas cadê ele? Fugiu para se salvar, pelo que parece. Eu diria que, se ele soubesse alguma coisa que ignoramos, ou tivesse algum dom especial, estaria aí lutando, convocando a resistência, em vez de se esconder. E, como você sabe, o *Profeta* fez acusações bem plausíveis contra ele...

– O *Profeta*? – caçoou Ted. – Você merece que lhe mintam, se ainda lê aquele lixo, Dirk. Se quer saber dos fatos, experimente ler *O Pasquim*.

Houve uma súbita explosão de engasgos e engulhos, e muitas batidas de pés; pelo barulho, Dirk engolira uma espinha de peixe. Por fim, engrolou:

– *O Pasquim?,* aquela revistinha delirante do Xeno Lovegood?

– Não está tão delirante, ultimamente. Você está precisando dar uma lida.

Xeno está publicando tudo que o *Profeta* tem omitido, e não fez uma única menção a Bufadores de Chifre Enrugado na última edição. Mas, entenda, quanto tempo vão deixá-lo livre para fazer isso, não sei. Xeno diz, na primeira página de toda edição, que a prioridade número um de qualquer bruxo contrário a Você-Sabe-Quem deveria ser ajudar Harry Potter.

– É difícil ajudar um garoto que desapareceu da face da Terra – disse Dirk.

– Escutem, o fato de não o terem apanhado ainda, caramba, é um feito e tanto – defendeu-o Ted. – Eu teria prazer em receber umas dicas. É isso que estamos tentando fazer, não é, continuar livres?

– É, bem, você tem razão – concedeu Dirk. – Com o Ministério em peso e todos os informantes procurando por ele, era de esperar que já o tivessem capturado. Mas, veja bem, quem pode afirmar que já não o tenham prendido e matado na surdina?

– Ah, não diga isso, Dirk – murmurou Ted.

Houve outra longa pausa preenchida pelo ruído dos talheres. Quando alguém recomeçou a falar foi para discutir se deviam dormir no barranco ou recuar para uma área arborizada na encosta. Decidindo que as árvores lhes ofereceriam maior proteção, eles apagaram a fogueira e tornaram a subir o morro, suas vozes morrendo ao longe.

Harry, Rony e Hermione enrolaram as Orelhas Extensíveis. Harry, que achara a necessidade de ficar calado mais difícil quanto mais escutava, agora só foi capaz de dizer:

– Gina... a espada...

– Eu sei! – disse Hermione.

E se precipitou para a bolsinha de contas, desta vez enfiando nela o braço inteiro até a axila.

– Pronto... pronto... aqui... – disse ela com os dentes cerrados, e tirou um objeto que evidentemente estava no fundo da bolsa. Lentamente, surgiu a borda de uma moldura ornamentada. Harry correu a ajudá-la. Ao desenredarem da bolsa a moldura vazia do retrato de Fineus Nigellus, Hermione apontou a varinha para o quadro, pronta para entrar em ação a qualquer momento.

“Se alguém trocou a espada verdadeira por uma falsa quando estava no escritório de Dumbledore”, ofegou ela, enquanto o quadro era aprumado na parede da barraca, “Fineus Nigellus teria visto, porque está pendurado bem ao lado da redoma!”

– A não ser que estivesse dormindo – lembrou Harry, mas ainda prendendo a respiração; Hermione se ajoelhou diante da tela vazia, para cujo centro apontava a varinha, pigarreou e disse:

– Ah... Fineus? Fineus Nigellus?

Nada aconteceu.
– Fineus Nigellus! – repetiu ela. – Professor Black? Por favor, poderíamos falar com o senhor? Por favor?
– “Por favor” sempre ajuda – disse uma voz fria e depreciativa, e Fineus Nigellus deslizou para a tela. No mesmo instante, Hermione exclamou:
– *Obscuro!*
Uma venda preta apareceu sobre os olhos escuros e inteligentes do bruxo, fazendo-o bater contra a moldura e gritar de dor.
– Quê... como se atreve... que é que você...?
– Sinto muito, prof. Black – disse Hermione –, mas é uma precaução necessária!
– Remova esse acréscimo nojento imediatamente! Remova-o, estou dizendo! Você está estragando uma grande obra de arte! Onde estou! Que está acontecendo?
– Não faz diferença onde estamos – respondeu Harry, e Fineus congelou, abandonando suas tentativas de remover a venda pintada.
– Será possível que seja a voz do intangível sr. Potter?
– Talvez – respondeu Harry, sabendo que isto manteria seu interesse. – Temos umas perguntas para lhe fazer sobre a espada de Gryffindor.
– Ah – disse Fineus Nigellus, agora virando a cabeça para cá e para lá, esforçando-se para vislumbrar Harry –, sim. Aquela tolinha foi muito imprudente...
– Não fale da minha irmã – disse Rony, rispidamente. Fineus Nigellus ergueu as sobrancelhas com superioridade.
– Quem mais está aí? – perguntou, virando a cabeça para os lados. – O seu tom de voz me desagrada. Aquela menina e seus amigos foram extremamente temerários. Roubar um diretor!
– Não estavam roubando – argumentou Harry. – Aquela espada não pertence ao Snape.
– Pertence à escola do prof. Snape – corrigiu o bruxo. – Exatamente qual era o direito da menina Weasley sobre a espada? Ela mereceu o castigo que recebeu, bem como o idiota Longbottom e a esquisita Lovegood!
– Neville não é idiota e Luna não é esquisita! – protestou Hermione.
– Afinal, onde estou? – repetiu Fineus Nigellus, recomeçando a se debater com a venda. – Onde me trouxeram? Por que me tiraram da casa dos meus antepassados?
– Isso não faz diferença! Que castigo Snape deu a Gina, Neville e Luna? – perguntou Harry, ansioso.
– O professor Snape mandou-os para a Floresta Proibida, para fazer um

serviço com o imbecil do Hagrid.
– Hagrid não é imbecil! – esganiçou-se Hermione.
– E Snape talvez tenha pensado que isso fosse castigo – disse Harry –, mas Gina, Neville e Luna provavelmente deram boas gargalhadas com Hagrid. A Floresta Proibida... eles já enfrentaram coisa muito pior do que a Floresta Proibida, grande coisa!
O garoto se sentiu aliviado; estivera imaginando horrores, no mínimo a Maldição Cruciatus.
– O que realmente queríamos saber, prof. Black, é se mais alguém, hum, algum dia retirou a espada do gabinete? Talvez a tenham levado para ser limpa ou... outra coisa assim? – disse Hermione.
Fineus Nigellus fez nova pausa em seus esforços para ver e deu uma risadinha.
– *Gente nascida trouxa* – desdenhou. – As armas fabricadas por duendes não precisam de limpeza, menina simplória. A prata dos duendes repele a sujeira mundana, absorve apenas o que a fortalece.
– Não chame Hermione de simplória – protestou Harry.
– As contradições me cansam – reclamou Fineus. – Talvez seja hora de eu voltar ao gabinete do diretor, não?
Ainda de olhos vendados, ele começou a tatear pela moldura, procurando sair desse quadro e retornar ao de Hogwarts. Harry teve uma súbita inspiração.
– Dumbledore! O senhor pode nos trazer Dumbledore?
– Perdão?! – exclamou Fineus Nigellus.
– O retrato do prof. Dumbledore... não poderia trazê-lo consigo para a mesma moldura?
Fineus Nigellus virou o rosto na direção da voz de Harry.
– Evidentemente não são apenas os nascidos trouxas que são ignorantes, Potter. Os retratos de Hogwarts podem se comunicar uns com os outros, mas não podem viajar para fora do castelo, exceto para visitar o próprio retrato pendurado em outro lugar. Dumbledore não pode vir comigo, e, depois do tratamento que recebi em suas mãos, posso lhe assegurar que não farei uma nova visita!
Ligeiramente desconcertado, Harry observou Fineus Nigellus redobrar seus esforços para abandonar a moldura.
– Prof. Black – disse Hermione –, o senhor poderia nos dizer, *por favor*, qual foi a última vez que a espada foi retirada da redoma? Antes de Gina tê-la apanhado, quero dizer?
Fineus bufou impaciente.
– Creio que a última vez que vi a espada de Gryffindor sair da redoma foi quando o prof. Dumbledore a usou para rachar um anel.

Hermione virou-se para olhar Harry. Nenhum dos dois ousou dizer mais nada diante de Fineus Nigellus, que, finalmente, conseguira localizar a saída.

– Bem, boa noite para vocês – disse o bruxo, um tanto irascível, e começou a desaparecer mais uma vez. Somente um pedacinho da aba do seu chapéu ainda era visível quando Harry soltou subitamente um grito.

– Espere! O senhor disse a Snape que viu isso?

O bruxo tornou a enfiar a cabeça com a venda na moldura.

– O prof. Snape tem coisas mais importantes em que pensar do que as muitas excentricidades de Alvo Dumbledore. *Adeus*, Potter!

E dizendo isso, sumiu inteiramente, deixando atrás apenas o fundo encardido do retrato.

– Harry! – exclamou Hermione.

– Eu sei! – gritou Harry, em resposta. Incapaz de se conter, ele deu um soco no ar: era mais do que se atrevera a esperar. Andou de um lado para o outro na barraca, sentindo que poderia ter corrido dois quilômetros; já nem sentia fome. Hermione estava comprimindo o quadro de Fineus Nigellus outra vez na bolsinha de contas; depois de fechá-la, atirou a bolsa para o lado e ergueu um rosto radiante para Harry.

– A espada pode destruir Horcruxes! Lâminas fabricadas por duendes só absorvem o que as fortalece: Harry, aquela espada está impregnada de veneno de basilisco!

– E Dumbledore não a entregou a mim porque ainda precisava dela, queria usá-la no medalhão...

– ... e deve ter percebido que não deixariam você ficar com ela se a incluísse no testamento...

– ... então fez uma cópia...

– ... e colocou a falsa na redoma...

– ... e deixou a verdadeira... onde?

Eles se entreolharam; Harry sentiu que a resposta pairava, invisível, sobre suas cabeças, terrivelmente próxima. Por que Dumbledore não lhe dissera? Ou, na realidade, dissera, mas Harry, na hora, não tinha entendido?

– Pense! – sussurrou Hermione. – Pense! Onde a teria deixado?

– Não em Hogwarts – afirmou Harry, recomeçando a andar.

– Algum lugar em Hogsmeade? – sugeriu Hermione.

– Na Casa dos Gritos? – arriscou Harry. – Ninguém nunca vai lá.

– Mas Snape sabe como entrar, não seria um pouco arriscado?

– Dumbledore confiava em Snape – lembrou Harry.

– Não o suficiente para lhe contar que tinha trocado as espadas.

– É, você tem razão! – disse Harry, sentindo-se ainda mais animado em pensar

que Dumbledore fizera ressalvas, ainda que mínimas, à confiabilidade de Snape. – Teria, então, escondido a espada bem longe de Hogsmeade? Que acha, Rony? Rony?

Harry olhou em volta. Desnorteado por um instante, pensou que o amigo tivesse saído da barraca, então viu que estava deitado no beliche, à sombra da cama de cima, parecendo chapado.

– Ah, se lembraram de mim, foi? – respondeu ele.

– Quê?

Rony bufou, com os olhos fixos no fundo da cama do alto.

– Você dois podem continuar. Não quero estragar o seu prazer.

Perplexo, Harry olhou para Hermione pedindo ajuda, mas ela abanou a cabeça, aparentemente tão pasma quanto ele.

– Qual é o problema? – perguntou Harry.

– Problema? Não tem problema – replicou Rony, recusando-se a olhar para o amigo. – Pelo menos você não acha que tenha.

Ouviram vários *ploques* no teto de lona da barraca. Começara a chover.

– Bem, obviamente você tem – disse Harry. – Quer desembuchar de uma vez?

Rony girou as longas pernas para fora da cama e sentou. Parecia hostil, diferente do normal.

– Muito bem, vou desembuchar. Não esperem que eu fique dando saltinhos na barraca porque tem mais uma droga que a gente precisa procurar. É só juntar mais essa à lista do que você ignora.

– Eu ignoro? – respondeu Harry. – *Eu* é que ignoro?

Ploque, ploque, ploque: a chuva caía mais forte e pesada; chapinhava no rio e na margem coberta de folhas a toda volta, matraqueando pela escuridão. O medo arrefeceu o grande contentamento de Harry: Rony estava dizendo exatamente o que Harry suspeitara e receara que estivesse pensando.

– Não é que eu não esteja me divertindo a valer aqui – replicou Rony. – Sabem, com esse braço aleijado e nada para comer, e o rabo congelando toda noite. Eu só esperava, entende, depois de ficar andando em círculos algumas semanas, que a gente tivesse conseguido alguma coisa.

– Rony – disse Hermione, mas em voz tão baixa que o garoto poderia fingir que não tinha ouvido por causa da forte percussão da chuva na lona da barraca.

– Pensei que você soubesse no que estava se engajando – disse Harry.

– É, eu também pensei.

– Então, qual é a parte que não está correspondendo às suas expectativas? – perguntou Harry. A raiva sobreveio agora em sua defesa. – Você achou que íamos nos hospedar em hotéis cinco estrelas? Encontrar uma Horcrux por dia? Achou que voltaria para passar o Natal com mamãe e papai?

– Pensamos que você soubesse o que estava fazendo! – berrou Rony, se pondo de pé; e suas palavras atingiram Harry como facas em brasa. – Pensamos que Dumbledore tivesse lhe dito o que fazer, pensamos que você tivesse um plano de verdade!

– Rony! – chamou Hermione, desta vez claramente audível, apesar da chuva retumbando no teto da barraca, mas novamente ele a ignorou.

– Bem, lamento desapontar você – disse Harry, a voz calma, embora ele se sentisse vazio e inepto. – Fui franco com você desde o início, lhe contei tudo que Dumbledore me disse. E, caso você não tenha reparado, achamos uma Horcrux...

– É, e estamos tão próximos de nos livrar dela como estamos de encontrar as outras: em outras palavras, não estamos próximos de nenhuma!

– Tire o medalhão, Rony – disse Hermione, sua voz anormalmente alta. – Por favor, tire. Você não estaria falando assim se não o estivesse usando o dia todo.

– Estaria, sim – retorquiu Harry, que não queria que ela arranjasse desculpas para Rony. – Vocês acham que não notei os dois cochichando às minhas costas? Acham que eu não percebi que era isso que pensavam?

– Harry, não estávamos...

– Não minta! – Rony jogou na cara de Hermione. – Você também disse, disse que estava desapontada, disse que pensou que ele tivesse mais em que se basear do que...

– Não disse isso assim... Harry, não disse! – gritou ela.

A chuva martelava a barraca, as lágrimas escorriam pelo rosto de Hermione, e a excitação de minutos antes desaparecera como se nunca tivesse existido, um fogo de artifício de curta duração que espoucara e morrera, deixando tudo escuro, molhado e frio. A espada de Gryffindor estava escondida e desconheciam onde, eram três adolescentes, em uma barraca, cujo único feito, até o momento, era não terem morrido.

– Então, por que ainda está aqui? – Harry interpelou Rony.

– Não tenho a mínima ideia.

– Então, volte para casa.

– É, eu talvez volte! – gritou Rony, e deu vários passos em direção a Harry, que não recuou. – Você não ouviu o que disseram sobre minha irmã? Mas você não está nem aí, não é, é *só* a Floresta Proibida, Harry *Já-Enfrentou-Pior* Potter não se importa com o que acontecer a Gina lá, pois eu me importo, tá, aranhas gigantes e piração...

– Eu só quis dizer que... ela estava com os outros, e estavam com Hagrid...

– ... é, entendo, você não se importa! E com o resto da minha família, “os Weasley não precisam de outro filho aleijado”, você ouviu?

– Ouvi, eu...

– Mas não se preocupou com o significado disso, não é?
– Rony! – disse Hermione, se interpondo aos dois à força. – Acho que não significa que tenha acontecido nada de novo, nada que a gente não saiba; pense, Rony, Gui já está cheio de cicatrizes, a essa altura muita gente deve ter visto que Jorge perdeu uma orelha, e você, supostamente, está morrendo de sarapintose, tenho certeza de que foi a isso que ele se referiu...
– Ah, você tem certeza, não é? Então, está bem, não vou me preocupar com eles. Tudo bem para vocês dois, não é, com os seus pais em segurança e fora do caminho...
– Meus pais estão *mortos*! – berrou Harry.
– E os meus podem estar indo pelo mesmo caminho! – berrou Rony.
– Então VAI! – urrou Harry. – Volte para eles, finja que se curou da sua sarapintose e mamãe poderá enchê-lo de comida e...
Rony fez um movimento repentino: Harry reagiu, mas, antes que eles sacassem as varinhas dos bolsos, Hermione já erguera a dela.
– *Protego!* – ordenou, e um escudo invisível se expandiu entre ela e Harry, de um lado, e Rony do outro; todos foram forçados a recuar alguns passos, por força do feitiço, e os garotos se encararam cada um de um lado da barreira como se estivessem se vendo claramente pela primeira vez. Harry sentiu um ódio corrosivo de Rony: alguma coisa se rompera entre eles.
– Deixe a Horcrux – lembrou Harry.
Rony arrancou a corrente pela cabeça e atirou o medalhão sobre uma cadeira próxima. Virou-se para Hermione.
– Que vai fazer?
– Como assim?
– Você vai ficar, ou o quê?
– Eu... – Ela pareceu angustiada. – Vou... vou sim. Rony, nós dissemos que viríamos com Harry, dissemos que ajudaríamos...
– Entendi. Você escolhe ficar com ele.
– Rony, não... por favor... volte aqui, volte aqui!
Ela foi impedida pelo próprio Feitiço Escudo; até removê-lo, o garoto já saíra furioso noite adentro. Harry ficou muito quieto e silencioso, escutando Hermione soluçar e chamar por Rony entre as árvores.
Decorrido algum tempo, ela voltou, os cabelos escorrendo, colados no rosto.
– Ele f-f-foi embora! Desaparatou!
Ela se atirou em uma poltrona, se enroscou e caiu no choro.
Harry se sentiu aturdido. Abaixou-se, recolheu a Horcrux e colocou-a em torno do próprio pescoço. Puxou os cobertores da cama de Rony e cobriu Hermione. Depois subiu no beliche de cima e ficou olhando para a lona escura

do teto, escutando a chuva bater.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

Godric's Hollow

Quando Harry acordou no dia seguinte, levou vários segundos até lembrar o que acontecera. Depois desejou, infantilmente, que tivesse sonhado, que Rony continuasse ali e jamais tivesse partido. Contudo, ao virar a cabeça no travesseiro, viu a cama do amigo vazia. Ela parecia atrair o seu olhar como um cadáver o faria. Harry pulou de sua cama, evitando olhar a de Rony. Hermione, já ocupada na cozinha, não desejou a Harry um bom dia, mas virou depressa o rosto quando ele passou.

Ele partiu, disse Harry de si para si. *Ele partiu*. Sentiu necessidade de repetir a frase mentalmente, enquanto se lavava e se vestia, como se com isso pudesse embotar o abalo que sofrera. *Ele partiu e não vai voltar*. E essa era a verdade pura e simples. Harry sabia que os feitiços de proteção impossibilitariam que Rony os reencontrasse, quando saíssem desse lugar.

Ele e Hermione tomaram café em silêncio. Os olhos dela estavam inchados e vermelhos; parecia não ter dormido. Depois, eles guardaram seus pertences, Hermione demorando-se. Harry sabia por que a amiga queria prolongar o tempo à margem do rio; viu-a várias vezes erguer a cabeça, esperançosa, e teve certeza de que se iludia, pensando que ouvira passos apesar da chuva pesada, mas ninguém de cabelos ruivos aparecera entre as árvores. Toda vez que Harry a imitava, olhando para os lados (pois não podia deixar de alimentar esperanças), e nada via exceto a mata lavada pela chuva, outra pequena parcela de fúria explodia em seu peito. Ouvia Rony dizendo: *"Pensamos que você soubesse o que estava fazendo!"*, e retomava a arrumação das coisas sentindo um bolo na boca do estômago.

O rio barrento ao lado estava subindo rapidamente, e logo transbordaria pelo barranco. Demoraram-se uma boa hora além do horário em que normalmente deixariam o acampamento. Por fim, tendo rearrumado a bolsinha de contas três vezes, Hermione pareceu incapaz de encontrar outras razões para retardar a

partida: ela e Harry se deram as mãos e desaparataram, reaparecendo em um urzal, na encosta de um morro assolado pelo vento.

No instante em que chegaram, Hermione largou a mão dele e se afastou, sentando-se, por fim, em um pedregulho, o rosto nos joelhos, o corpo sacudindo, Harry sabia, por soluços. Parou para observá-la, imaginando que deveria consolar a amiga, mas alguma coisa o manteve pregado no chão. Por dentro, sentia-se frio e tenso: revia a expressão de desprezo no rosto de Rony. Saiu, então, caminhando pelo urzal, descrevendo um largo círculo em torno da aflita Hermione, lançando os feitiços de que ela normalmente se encarregava para garantir a proteção de todos.

Nos dias que se seguiram, eles não falaram em Rony. Harry estava decidido a jamais voltar a mencionar o nome dele, e Hermione parecia entender que não adiantava forçar o assunto, embora, por vezes, à noite, quando achava que Harry estava dormindo, ele a ouvisse chorar. Nesse meio-tempo, ele se habituou a tirar da mochila o mapa do maroto e examiná-lo à luz da varinha. Esperava o momento em que o pontinho com o nome de Rony reapareceria nos corredores de Hogwarts, comprovando que retornara ao confortável castelo, protegido por sua condição de sangue puro. Contudo, Rony não aparecia e, passado algum tempo, Harry viu-se examinando o mapa simplesmente para ver o nome de Gina no dormitório feminino, se perguntando se a intensidade com que o fitava poderia penetrar o sono da garota, se de alguma forma ela poderia saber que estava pensando nela, desejando que estivesse bem.

Durante o dia, eles se ocupavam com tentativas para determinar os possíveis esconderijos da espada de Gryffindor, mas quanto mais discutiam onde Dumbledore poderia tê-la guardado, tanto mais desesperadas e improváveis se tornavam as suas especulações. Por mais que vasculhasse o cérebro, Harry não conseguia se lembrar de Dumbledore mencionando algum lugar onde pudesse esconder alguma coisa. Havia momentos em que ele não sabia se estava mais zangado com Rony ou com Dumbledore. *Pensamos que você soubesse o que estava fazendo... pensa mos que Dumbledore tivesse lhe dito o que fazer... pensamos que você tivesse um plano de verdade!*

Harry não podia esconder de si mesmo: Rony tinha razão. Dumbledore não lhe deixara virtualmente nada. Tinham descoberto uma Horcrux, mas não os meios para destruí-la; as outras continuavam tão inatingíveis como sempre tinham estado. A desesperança ameaçava engolfá-lo. Espantava-se, agora, ao pensar em sua presunção quando aceitou o oferecimento dos amigos para acompanhá-lo nessa viagem tortuosa e inútil. Nada sabia, nada lhe ocorria, e estava constante e dolorosamente alerta ao menor sinal de que Hermione também estivesse prestes a lhe dizer que estava farta, que ia embora.

Passavam muitas noites praticamente em silêncio, e Hermione adquiriu o hábito de tirar o retrato de Fineus Nigellus e aprumá-lo em uma cadeira, como se ele pudesse preencher uma parte do enorme vazio que a partida de Rony deixara. Apesar da afirmação anterior de que jamais tornaria a visitá-los, Fineus Nigellus parecia incapaz de resistir à oportunidade de descobrir mais sobre as atividades de Harry, e consentia em reaparecer, de olhos vendados, a intervalos irregulares. O garoto sentia-se até satisfeito de vê-lo, porque era uma companhia, ainda que do tipo depreciativo e sarcástico. Tinham prazer em saber o que estava acontecendo em Hogwarts, embora Fineus não fosse o informante ideal. Venerava Snape, o primeiro diretor da Sonserina, depois dele próprio, a assumir a escola, e os garotos precisavam se cuidar para não criticar nem fazer perguntas impertinentes sobre Snape, ou Fineus abandonaria imediatamente o retrato.

Contudo, ele deixava fragmentos de notícias. Pelo visto, Snape estava enfrentando uma insubordinação menor, mas constante, de um núcleo de alunos irredutíveis. Gina fora proibida de ir a Hogsmeade. Snape restabelecera o velho decreto de Umbridge de proibir reuniões de três ou mais alunos ou quaisquer associações estudantis informais.

De tudo isso, Harry deduzia que Gina e, provavelmente, Neville e Luna estavam fazendo o possível para dar continuidade à Armada de Dumbledore. Essas mínimas notícias faziam Harry desejar rever Gina com tanta intensidade que chegava a lhe doer o estômago; mas o faziam também pensar em Rony, e em Dumbledore, e na própria Hogwarts, da qual sentia tanta falta quanto da ex-namorada. De fato, quando Fineus Nigellus falava das medidas radicais do diretor, Harry sentia uma loucura, que durava uma fração de segundo, em que simplesmente imaginava voltar à escola para se engajar na desestabilização do regime de Snape: ser alimentado, ter uma cama macia e outros no comando parecia-lhe, no momento, a perspectiva mais maravilhosa do mundo. Lembrava-se, então, de que era o Indesejável Número Um, que havia um prêmio de dez mil galeões por sua captura, e que entrar em Hogwarts esses dias era tão perigoso quanto entrar no Ministério da Magia. Na verdade, Fineus Nigellus enfatizava esse fato involuntariamente quando inseria perguntas importantes sobre o paradeiro de Harry e Hermione. Sempre que fazia isso, a garota enfiava-o na bolsinha de contas. Fineus Nigellus, invariavelmente, se recusava a reaparecer por vários dias depois dessas despedidas pouco cerimoniosas.

O clima foi esfriando gradativamente. Por não ousarem permanecer em área alguma por muito tempo, em vez de acamparem no sul da Inglaterra, onde o congelamento do solo seria a pior de suas preocupações, eles continuaram a viajar em zigue-zague pelo país, enfrentando uma encosta montanhosa, onde o granizo açoitava a barraca, um brejo plano, onde a barraca foi inundada por água

gelada, e uma minúscula ilha no meio de um lago escocês, onde a neve soterrou metade da barraca durante a noite.

Eles já haviam encontrado árvores de Natal piscando nas janelas de salas das visitas, antes da noite em que Harry resolveu sugerir, mais uma vez, a única avenida inexplorada que lhes restava. Tinham acabado de comer uma refeição excepcionalmente boa: Hermione fora a um supermercado com a Capa da Invisibilidade (e, ao sair, escrupulosamente deixara o pagamento em uma caixa aberta) e Harry achou que ela poderia ser mais persuasível com a barriga cheia de espaguete à bolonhesa e peras enlatadas. Tomara também a precaução de sugerir que, durante algumas horas, não usassem a Horcrux, que penduraram no beliche ao lado dele.

– Hermione?

– Hum? – Ela estava enroscada em uma das poltronas fundas lendo *Os contos de Beedle, o bardo*. Harry não conseguia imaginar o quanto mais a amiga poderia extrair daquele livro, que, afinal, nem era tão longo; mas era evidente que estava decifrando alguma coisa, porque tinha o *Silabário de Spellman* aber to sobre o braço da poltrona.

Harry pigarreou. Sentiu-se repetindo exatamente o que fizera quando, vários anos antes, perguntara à profª McGonagall se poderia ir a Hogsmeade, apesar de não ter conseguido persuadir os Dursley a assinarem a permissão.

– Hermione, estive pensando e...

– Harry, você poderia me ajudar aqui?

Aparentemente, ela não o escutara. Curvou-se para a frente e estendeu-lhe o livro.

– Olhe esse símbolo – disse, apontando para o alto da página. Acima do que Harry supôs ser o título do conto (não podia afirmar, pois não sabia ler runas), havia um símbolo que lembrava um olho triangular, a pupila cortada por uma linha.

– Eu nunca estudei Runas Antigas, Hermione.

– Sei disso, mas não é uma runa e não consta no silabário, tampouco. Todo esse tempo pensei que fosse um olho, mas acho que não é! Foi feito à tinta, olhe, alguém o desenhou aqui, não faz realmente parte do livro. Pense, você já viu isso antes?

– Não... não, espere aí. – Harry olhou mais atentamente. – Não é o mesmo símbolo que o pai de Luna estava usando pendurado ao pescoço?

– Bem, foi isso que pensei também!

– Então é a marca de Grindelwald.

Ela encarou-o, boquiaberta.

– *Quê?*

– Krum me contou que...
Harry repetiu a história que Vítor Krum lhe contara no casamento. Ela pareceu perplexa.
– A marca de *Grindelwald*?
Hermione olhou de Harry para o estranho símbolo e novamente para ele.
– Nunca soube que Grindelwald tivesse uma marca. Não vi isso mencionado em nada que tenha lido a respeito dele.
– Bem, como eu disse, Krum falou que esse símbolo foi gravado em uma parede de Durmstrang e que achava que Grindelwald o teria posto lá.
– É muito esquisito. Se for um símbolo das Artes das Trevas, que estará fazendo em um livro de histórias para crianças?
– É, é bizarro – concordou Harry. – E seria de esperar que Scrimgeour o reconhecesse. Era ministro, tinha que ser especialista em magia das Trevas.
– Eu sei... talvez ele achasse que era apenas um olho, exatamente como eu. Todos os outros contos têm pequenos desenhos sobre os títulos. – Ela se calou e continuou a examinar a estranha marca. Harry fez nova tentativa.
– Hermione?
– Hum?
– Estive pensando. Quero... quero ir a Godric's Hollow.
Ela ergueu a cabeça, mas tinha os olhos desfocados e isso deu a Harry a certeza de que ainda estava pensando na misteriosa marca.
– Sim. Sim, estive pensando nisso também. Acho realmente que teremos de ir.
– Você me ouviu direito?
– Claro que ouvi. Você quer ir a Godric's Hollow. Concordo. Acho que devíamos. Isto é, também não consigo pensar em mais nenhum lugar onde possa estar. Será perigoso, mas, quanto mais penso, mais provável me parece que esteja lá.
– Ah... o *quê* está lá? – perguntou Harry.
Ao ouvir isso, Hermione pareceu tão confusa quanto ele.
– Bem, a espada, Harry! Dumbledore certamente sabia que você iria querer voltar lá, quero dizer, Godric's Hollow foi onde Godrico Gryffindor nasceu...
– Sério? Gryffindor era de Godric's Hollow?
– Harry, algum dia você ao menos abriu *História da magia*?
– Ãh – disse ele, sentindo que sorria pela primeira vez em meses: os músculos do seu rosto lhe pareceram estranhamente rígidos. – Eu talvez tenha aberto, sabe, quando o comprei... só uma vez...
– Bem, como a aldeia tem o nome dele, imaginei que você talvez tivesse feito a ligação – retrucou Hermione. Seu tom de voz agora estava muito mais parecido com o da velha Hermione do que ultimamente; Harry quase esperou que ela

anunciasse que ia à biblioteca. – No livro, tem um trechinho sobre a aldeia, espere aí...

Ela abriu a bolsinha de contas e procurou um momento, por fim, tirou o seu exemplar do livro-texto de Batilda Bagshot, pelo qual correu o polegar até encontrar a página que queria.

> – Com a assinatura do Estatuto Internacional de Sigilo em Magia em 1689, os bruxos entraram para sempre na clandestinidade. Talvez fosse natural que formassem pequenas comunidades dentro de uma comunidade. Muitas aldeias e pequenos povoados atraíram várias famílias bruxas que se uniram para mútuo apoio e proteção. As aldeias de Tinworth na Cornualha, Upper Flagley em Yorkshire e Ottery St. Catchpole na costa sul da Inglaterra destacaram-se como lar para grupos de famílias bruxas que conviviam com trouxas tolerantes e por vezes confundidos. O mais famoso desses lugares semibruxos talvez seja Godric's Hollow, uma aldeia no oeste da Inglaterra onde nasceu o grande mago Godrico Gryffindor e onde Bowman Wright, um ferreiro bruxo, fabricou o primeiro pomo de ouro. O cemitério local está repleto de nomes de antigas famílias bruxas, e isto, sem dúvida, explica as histórias de assombrações que há séculos assolam sua pequena igreja.

– Você e seus pais não são mencionados – disse Hermione, fechando o livro –, porque a professora Bagshot aborda apenas os eventos até o fim do século XIX. Mas você está entendendo? Godric's Hollow, Godrico Gryffindor, a espada de Gryffindor; você não acha que Dumbledore teria esperado que você fizesse a ligação?

– Ah, é...

Harry não quis admitir que nem sequer pensara na espada quando sugeriu que fossem a Godric's Hollow. Para ele, a atração da aldeia residia nos túmulos de seus pais, a casa onde, por um triz, ele escapara da morte, e na pessoa de Batilda Bagshot.

– Lembra-se do que a Muriel disse? – perguntou ele, após algum tempo.

– Quem?

– Você sabe. – Harry hesitou: não queria mencionar o nome de Rony. – A tia-avó de Gina. No casamento. A que falou que você tinha tornozelos finos demais.

– Ah – disse Hermione.

Foi um momento difícil: Harry sabia que ela pressentira a menção do nome de Rony. Continuou depressa:

– Muriel disse que Batilda Bagshot ainda vive em Godric's Hollow.

– Batilda Bagshot – murmurou Hermione, passando o dedo indicador pelo

nome da escritora em relevo na capa do livro de história da magia. – Bem, suponhamos...

Ela ofegou tão fortemente que as entranhas de Harry deram uma cambalhota; ele sacou a varinha, olhando para a entrada, quase esperando ver uma mão forçando a aba de lona da barraca, mas não havia nada ali.

– Quê?! – exclamou ele, entre zangado e aliviado. – Por que fez isso? Pensei que, no mínimo, tivesse visto um Comensal da Morte abrindo o zíper da barraca...

– Harry, *e se Batilda tiver a espada?* E se Dumbledore a confiou a ela?

Harry considerou a possibilidade. A essa altura, ela estaria extremamente idosa e, segundo Muriel, gagá. Seria provável que Dumbledore escondesse a espada de Gryffindor com ela? Nesse caso, ele achava que Dumbledore relegara muita coisa ao acaso: jamais revelara que tivesse substituído a espada por uma falsificação, e tampouco mencionara sua amizade com Batilda. Agora, porém, não era o momento de lançar dúvidas sobre a teoria de Hermione, não quando estava disposta, de modo surpreendente, a concordar com o seu maior desejo.

– É possível. Então vamos a Godric's Hollow?

– Vamos, mas teremos que planejar a viagem com muito cuidado. – Hermione empertigou-se na poltrona, e Harry percebeu que a perspectiva de ter novamente um objetivo definido melhorara o ânimo dela tanto quanto o dele. – Para começar, precisamos praticar desaparatação a dois sob a Capa da Invisibilidade e, por prudência, uns Feitiços da Desilusão também, a não ser que você ache que devemos botar para quebrar e usar a Poção Polissuco. Nesse caso precisaríamos recolher fios de cabelos de alguém. Na verdade, acho que isso seria melhor, Harry, quanto mais impenetráveis os nossos disfarces, melhor...

Harry deixou-a falar, assentindo e concordando sempre que havia uma pausa, mas sua mente se alheara da conversa. Pela primeira vez desde que descobrira que a espada no Gringotes era falsa, sentia-se estimulado.

Estava em vias de ir à sua terra, em vias de retornar ao lugar onde tivera uma família. Se não fosse por Voldemort, em Godric's Hollow ele teria crescido e passado todas as férias escolares. Poderia ter convidado amigos a sua casa... poderia até ter tido irmãos e irmãs... sua mãe é que teria feito o seu bolo de dezessete anos. A vida que ele perdera nunca lhe parecera tão real como neste momento, em que sabia estar prestes a conhecer o lugar em que tudo aquilo lhe fora roubado. Aquela noite, depois que Hermione foi se deitar, silenciosamente Harry tirou a mochila da bolsinha de contas e apanhou o álbum de fotografias que Hagrid lhe dera tantos anos atrás. Pela primeira vez em meses, examinou em detalhe as velhas fotos dos seus pais, sorrindo e acenando para ele em imagem, que era só o que lhe restava deles.

Harry teria, de bom grado, partido para Godric's Hollow no dia seguinte, mas Hermione tinha outras ideias. Convencida de que Voldemort esperaria que Harry voltasse à cena da morte dos pais, ela decidira que só viajariam depois de assegurar que tivessem os melhores disfarces possíveis. Portanto, só uma semana mais tarde – após obterem fios de cabelos de trouxas inocentes que faziam compras de Natal, e praticar aparatação e desaparatação sob a Capa da Invisibilidade –, Hermione concordou em viajar.

Deviam aparatar até a aldeia protegidos pela escuridão da noite, portanto, a tarde ia adiantada quando finalmente beberam a Poção Polissuco, e Harry se transformou em um trouxa de meia-idade, com os cabelos rareando, e Hermione em uma esposa pequena e apagada. A bolsinha de contas com todos os seus pertences (afora a Horcrux que Harry usava ao pescoço) estava guardada no bolso interno do casaco de Hermione, abotoado até em cima. Harry cobriu-os com a Capa da Invisibilidade, e eles penetraram mais uma vez na sufocante escuridão.

Sentindo o coração bater na garganta, Harry abriu os olhos. Achavam-se parados de mãos dadas em uma estradinha coberta de neve, sob um céu azul-escuro em que as primeiras estrelas da noite começavam a piscar palidamente. Havia chalés de ambos os lados da via estreita, e decorações de Natal cintilavam às janelas. Um pouco adiante, um clarão dourado de lampiões de rua indicava o centro da aldeia.

– Quanta neve! – sussurrou Hermione sob a capa. – Por que não pensamos na neve? Depois de todas as precauções que tomamos, vamos deixar pegadas! Temos que nos livrar delas: você vai na frente e eu cuido disso...

Harry não queria entrar na aldeia como um cavalo de pantomima, tentando mantê-los invisíveis ao mesmo tempo em que ocultavam magicamente os vestígios de sua passagem.

– Vamos tirar a capa – sugeriu Harry e, ao ver o rosto amedrontado de Hermione, completou: – Ah, vamos, não parecemos nós mesmos e não há ninguém por aqui.

Ele guardou a capa sob o paletó e prosseguiram desembaraçados, o ar gélido beliscando seu rosto ao passarem por outros chalés: qualquer um deles poderia ser aquele em que Tiago e Lílian tinham vivido ou o que Batilda vivia agora. Harry observou as portas, os tetos carregados de neve, os pórticos, imaginando se ainda se lembraria de algum deles, sabendo, intimamente, que era impossível, tinha pouco mais de um ano quando deixara a aldeia para sempre. Não sabia ao certo se conseguiria ver o chalé; nem o que acontecia quando os portadores do Feitiço Fidelius morriam. Então, a estradinha em que iam fez uma curva para a esquerda, e o coração da aldeia, uma pracinha, surgiu aos seus olhos.

A todo redor havia lâmpadas coloridas penduradas, e, no centro, o que lhe pareceu um memorial de guerra, parcialmente sombreado por uma árvore de Natal sacudida pelo vento. Havia diversas lojas, um correio, um bar e uma igrejinha cujos vitrais brilhavam como joias do lado oposto da praça. A neve ali se compactara: estava dura e escorregadia por onde as pessoas tinham passado o dia todo. Aldeões cruzavam a sua frente em todas as direções, seus vultos brevemente iluminados pelos lampiões de rua. Eles ouviram fragmentos de risos e música pop quando a porta do bar se abriu e fechou; depois ouviram um coral natalino começando a cantar na igreja.

– Harry, acho que é noite de Natal! – exclamou Hermione.

– É?

Perdera a noção da data; havia semanas que não viam um jornal.

– Tenho certeza de que é – tornou Hermione, com os olhos na igreja. – Eles... eles estarão lá, não? Sua mãe e seu pai? Estou vendo o cemitério paroquial.

Harry sentiu uma emoção indefinida que transcendia a excitação, assemelhava-se mais ao medo. Agora, tão perto, estava em dúvida se queria mesmo ver. Talvez Hermione soubesse o que ele estava sentindo, porque pegou-o pela mão e assumiu a liderança pela primeira vez, puxando-o para prosseguir. No meio da praça, no entanto, ela parou subitamente.

– Harry, olha!

Ela apontava para o memorial de guerra. Ao passarem pelo monumento, ele se transformara. Em vez de um obelisco coberto de nomes, havia uma estátua de três pessoas: um homem de cabelos rebeldes e óculos, uma mulher de cabelos longos e rosto bonito e bondoso, e um menininho aninhado nos braços dela. A neve se depositara em suas cabeças, como gorros brancos e fofos.

Harry aproximou-se fitando os rostos dos pais. Nunca imaginara que haveria uma estátua... como era estranho ver-se representado em pedra, um menininho feliz sem cicatriz na testa...

– Vamos – disse Harry, ao se dar por satisfeito, e os dois retomaram o caminho para a igreja. Ao atravessarem a rua, ele espiou por cima do ombro: a estátua se transformara mais uma vez em um memorial de guerra.

A cantoria foi se elevando à medida que se aproximavam. Harry sentiu a garganta apertar, lembrou-se com tanta intensidade de Hogwarts, de Pirraça berrando paródias grosseiras das canções de dentro das armaduras, das doze árvores de Natal no Salão Principal, de Dumbledore usando a touca que ganhara em uma bala de estalo, de Rony com o suéter tricotado à mão...

Havia um portão que dava passagem a uma pessoa por vez, na entrada do cemitério. Hermione o abriu, o mais silenciosamente possível, e os dois entraram de lado. Nas laterais do caminho escorregadio que levava às portas da igreja, a

neve estava alta e intocada. Eles atravessaram a neve, deixando profundas valas ao contornarem o prédio, mantendo-se à sombra das janelas iluminadas.

No adro da igreja, fileiras e mais fileiras de túmulos nevados emergiam de um manto azul muito claro com ofuscantes malhas vermelhas, amarelas e verdes, que eram a luz dos vitrais incidindo sobre a neve. Apertando a varinha no bolso do paletó, Harry se dirigiu ao túmulo mais próximo.

– Olhe esse, é de um Abbott, talvez seja um parente da Ana falecido há muito tempo!

– Fale baixo – pediu Hermione.

Eles foram se embrenhando no cemitério, cavando, ao passar, pegadas escuras na neve, inclinando-se para espiar as inscrições nas velhas lápides, apertando de vez em quando os olhos para enxergar na escuridão circundante e se certificar plenamente de que estavam sozinhos.

– Harry, aqui!

Hermione estava a duas fileiras de distância; ele precisou voltar até a amiga, seu coração decididamente ribombando no peito.

– É...?

– Não, mas venha ver!

Ela apontou para uma pedra escura. Harry se abaixou e viu, no granito congelado e manchado de liquens, as palavras *Kendra Dumbledore*, e abaixo das datas de seu nascimento e morte, *e sua filha Ariana*. Havia também uma citação:

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Então Rita Skeeter e Muriel tinham entendido alguns fatos corretamente. A família Dumbledore vivera realmente ali, e parte dela morrera ali.

Ver o túmulo era pior do que ouvir falar nele. Harry não pôde deixar de pensar que Dumbledore e ele tinham profundas raízes neste cemitério, e que o diretor devia ter lhe dito isso; entretanto, jamais pensara em partilhar tal conexão. Poderiam ter visitado o lugar juntos; por um momento, Harry se imaginou vindo ali com o diretor, o vínculo que teriam formado, o quanto isto teria significado para ele. Parecia, porém, que, para Dumbledore, o fato de suas famílias jazerem lado a lado no mesmo cemitério fosse uma coincidência insignificante, irrelevante, talvez, para o trabalho que desejava ver Harry realizar.

Hermione observava-o, e Harry ficou contente que as sombras ocultassem seu rosto. Ele tornou a ler as palavras na lápide. *Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração*. Não compreendia o que significavam. Com certeza tinham sido escolhidas por Dumbledore, por ser o membro mais velho da família após a morte da mãe.

– Você tem certeza de que ele nunca mencionou...? – começou Hermione.
– Não – respondeu Harry, secamente, e em seguida: – Vamos continuar olhando. – E lhe deu as costas, desejando não ter visto a lápide; não queria que a sua intensa vibração fosse contaminada pelo rancor.
– Aqui! – tornou a exclamar Hermione, da escuridão, instantes depois. – Ah, não, desculpe! Pensei ter lido Potter.
Ela estava esfregando uma lápide esfarelada, coberta de musgo, e a estudava com uma pequena ruga no rosto.
– Harry, volte aqui um momento.
Ele não queria ser novamente desviado de sua busca e foi resmungando que retornou pela neve até Hermione.
– Quê?
– Olhe só isso!
O túmulo era extraordinariamente velho, desintegrado pelas intempéries, e ele quase não conseguia enxergar o nome. Hermione mostrou-lhe o símbolo logo abaixo.
– Harry, é a marca que estava no livro!
Ele olhou para o ponto que a amiga indicava: a pedra estava tão gasta que era difícil ver a gravação, embora parecesse haver uma marca triangular sob o nome quase ilegível.
– É... poderia ser...
Hermione acendeu a varinha e iluminou o nome na lápide.
– Diz aqui Ig-Ignoto, acho...
– Vou continuar procurando os meus pais, tá? – respondeu Harry, com certa rispidez na voz, e tornou a se afastar, deixando-a agachada ao lado do velho túmulo.
De vez em quando, ele reconhecia um sobrenome que, como Abbott, encontrara em Hogwarts. Às vezes havia várias gerações da mesma família bruxa representadas no cemitério; Harry percebia pelas datas que a família ou se extinguira ou seus membros atuais tinham se mudado de Godric's Hollow. E prosseguia avançando entre os túmulos e, cada vez que encontrava uma lápide nova, sentia um aperto de apreensão ou de expectativa.
A escuridão e o silêncio pareceram se tornar, de repente, muito mais profundos. Harry olhou ao redor preocupado, pensando nos dementadores, e se deu conta de que o coral havia terminado, que a conversa e o alvoroço dos fiéis iam morrendo à medida que se dirigiam à praça. Alguém na igreja acabara de apagar as luzes.
Então, das trevas, veio a voz de Hermione pela terceira vez, alta e clara, a poucos metros de distância.

– Harry, eles estão aqui... bem aqui.

E ele soube pelo seu tom de voz que desta vez eram os seus pais: aproximou-se sentindo que um peso comprimia-lhe o peito, a mesma sensação que tivera logo depois da morte de Dumbledore, uma dor que chegava a pesar em seu coração e seus pulmões.

A lápide estava apenas duas fileiras atrás da de Kendra e Ariana. Era de mármore, tal como a de Dumbledore, e isso facilitava a leitura, pois parecia brilhar no escuro. Harry não precisou se ajoelhar nem chegar muito perto para ler as palavras ali gravadas.

Tiago Potter, nascido 27 de março 1960, falecido 31 de outubro 1981
Lílian Potter, nascida 30 de janeiro 1960, falecida 31 de outubro 1981

Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte.

Harry leu as palavras devagar, como se fosse ter uma única chance de entender seu significado, e leu as últimas em voz alta.

– *"Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte"...* – Ocorreu-lhe um pensamento horrível, acompanhado de uma espécie de pânico. – Essa não é a ideia dos dementadores? Por que está ali?

– Não significa aniquilar a morte como querem os dementadores, Harry – disse Hermione, em tom meigo. – Significa... entende... viver além da morte. Viver após a morte.

Eles, entretanto, não estavam vivos, pensou Harry: estavam mortos. As palavras vazias não podiam disfarçar que os restos dos seus pais jaziam sob a neve e o mármore, indiferentes, inconscientes. E as lágrimas vieram antes que ele pudesse contê-las, escaldantes e instantaneamente congeladas em seu rosto, de que adiantava enxugá-las ou fingir? Deixou-as cair, seus lábios contraídos, os olhos fixos na neve espessa que ocultava o lugar em que jaziam os despojos dos seus pais, agora, certamente apenas ossos ou pó, sem saberem nem se importarem que seu filho sobrevivente se achasse tão perto, seu coração ainda palpitando, vivo por causa do seu sacrifício e quase desejando, neste momento, que estivesse dormindo com eles sob a neve.

Hermione pegara sua mão e a apertava com força. Ele não conseguia fitá-la, mas retribuiu o aperto, e agora inspirava haustos profundos e cortantes do ar noturno, tentando suportar, tentando se controlar. Ele deveria ter trazido alguma coisa para lhes oferecer e não pensara nisso, e todas as plantas no cemitério estavam desfolhadas e congeladas. Hermione, porém, ergueu a varinha, fez um círculo no ar e, diante dos seus olhos, fez brotar uma coroa de heléboros. Harry

apanhou-a e depositou-a no túmulo dos pais.
Assim que se levantou, quis ir embora: achava que não aguentaria ficar ali nem mais um minuto. Harry passou o braço pelos ombros de Hermione, e ela passou o dela por sua cintura, viraram-se em silêncio, se afastaram pela neve, deixando para trás o túmulo da mãe e da irmã de Dumbledore, e voltaram em direção à igreja e ao portão estreito e pouco visível.

— CAPÍTULO DEZESSETE —

O segredo de Batilda

– HARRY, PARE.

– Que foi?

Tinham acabado de alcançar o túmulo do Abbott desconhecido.

– Tem alguém ali. Alguém nos observando. Sinto. Ali, perto dos arbustos.

Eles ficaram muito quietos, abraçados, olhando a densa sebe escura em torno do cemitério. Harry não conseguia enxergar nada.

– Tem certeza?

– Vi uma coisa se mexer. Poderia jurar que vi...

Ela o largou para deixar livre a mão da varinha.

– Estamos parecendo trouxas – lembrou Harry.

– Trouxas que acabaram de depositar flores no túmulo dos pais! Harry, tenho certeza de que há alguém ali!

Harry pensou no *História da magia*; diziam que o cemitério era mal-assombrado: e se...? Então, ele ouviu um ruído abafado e viu um montinho de neve deslocada no arbusto para o qual Hermione apontara. Fantasmas não deslocam neve.

– É um gato – disse Harry, após alguns segundos – ou um pássaro. Se fosse um Comensal da Morte já estaríamos mortos. Mas vamos sair daqui e poderemos tornar a vestir a capa.

Eles olharam para trás várias vezes enquanto se dirigiam à saída do cemitério. Harry, que não se sentia tão corajoso quanto fingia estar quando tranquilizou Hermione, ficou feliz de alcançar o portão e a calçada escorregadia. Tornaram, então, a se cobrir com a Capa da Invisibilidade. O bar estava mais cheio do que antes: vozes em seu interior agora cantavam a canção natalina que tinham ouvido ao se aproximar da igreja. Por um momento, Harry pensou em sugerir que se refugiassem ali, mas, antes que pudesse falar, Hermione murmurou:

– Vamos por aqui. – E puxou-o pela rua escura, que saía da aldeia, na direção

oposta àquela da qual tinham vindo. Harry divisou ao longe o ponto em que os chalés terminavam e a estradinha entrava em campo aberto. Eles caminharam o mais rápido que ousaram, passaram por outras tantas janelas em que cintilavam luzes multicoloridas, os contornos de árvores de Natal erguendo sombras através das cortinas.

– Como vamos encontrar a casa da Batilda? – perguntou Hermione, que tremia um pouco e não parava de espiar por cima do ombro. – Harry? Que acha? Harry?

Ela puxou-o pelo braço, mas Harry não a escutara. Estava olhando para uma massa escura onde acabavam as casas. No momento seguinte, ele acelerou o passo, arrastando Hermione; ela escorregou um pouco no gelo.

– Harry...

– Olhe... olhe aquilo, Hermione...

– Não estou... ah!

Ele estava vendo; o Feitiço Fidelius devia ter se extinguido com Tiago e Lílian. A sebe crescera livremente nos dezesseis anos desde que Hagrid retirara Harry dos escombros ainda espalhados pelo capim, que chegava à cintura. A maior parte do chalé permanecia de pé, embora inteiramente coberta de hera escura e neve, mas o lado direito do andar superior explodira; por ali, Harry estava seguro, o feitiço se voltara contra quem o lançara. Ele e Hermione pararam ao portão, contemplando as ruínas do que tinha sido, no passado, uma casa exatamente como as vizinhas.

– Por que será que ninguém a reconstruiu? – sussurrou Hermione.

– Talvez não se possa reconstruí-la? Talvez seja como os ferimentos produzidos pelas Artes das Trevas que não são curáveis?

Ele passou a mão para fora da capa e segurou o portão muito enferrujado e coberto de neve, sem querer abri-lo, mas tentando, simplesmente, tocar alguma parte da casa.

– Você não vai entrar, vai? Parece perigoso, pode... ah, Harry, olhe!

Seu toque no portão parecia ter bastado. Erguera-se uma placa diante deles, através do emaranhado de urtigas e ervas daninhas, como uma flor bizarra que crescesse instantaneamente e, na inscrição dourada na madeira, ele leu:

Neste local, na noite de 31 de outubro de 1981, Lílian e Tiago Potter perderam a vida.
Seu filho, Harry, é o único bruxo a ter sobrevivido à Maldição da Morte.
Esta casa, invisível aos trouxas, foi mantida em ruínas como um monumento aos Potter e uma lembrança da violência que destruiu sua família.

A toda volta desse texto conciso, havia rabiscos feitos por outros bruxos que tinham visitado o local em que O-Menino-Que-Sobreviveu realizara tal feito. Alguns assinaram seus nomes em tinta perpétua; outros gravaram as iniciais na madeira, outros, ainda, deixaram mensagens. As mais recentes, que se destacavam, reluzentes, sobre os dezesseis anos de grafitos mágicos, diziam mais ou menos o mesmo:

“Boa sorte, Harry, onde quer que esteja.” “Se ler esta mensagem, Harry, saiba que estamos com você!” “Viva Harry Potter.”

– Eles não deviam ter rabiscado a placa! – comentou Hermione, indignada.

Harry, porém, sorriu para ela.

– É genial. Fico feliz que tenham escrito. Eu...

E se calou. Um vulto muito agasalhado capengava pela estradinha em sua direção, recortado pela iluminação clara, na praça ao longe. Harry achou, embora fosse difícil julgar, que era o vulto de uma mulher. Ela se movia com lentidão, possivelmente receosa de escorregar no chão nevado. Suas costas curvadas, sua corpulência, seu andar arrastado, tudo indicava uma idade muito avançada. Eles observaram sua aproximação em silêncio. Harry estava aguardando para ver se ela entraria em um dos chalés pelo caminho, mas sabia, instintivamente, que não faria isso. Por fim, ela parou a uns poucos metros dos dois e, simplesmente, ficou ali no meio da rua congelada, encarando-os.

Ele não precisou que Hermione beliscasse seu braço. Praticamente não havia chance de que a mulher fosse trouxa: estava parada de olhos pregados em uma casa que lhe seria inteiramente invisível se não fosse bruxa. Mesmo supondo que *fosse* uma bruxa, no entanto, era um comportamento estranho sair em uma noite tão fria, simplesmente para contemplar uma velha ruína. Pelas regras da magia normal, ela não deveria poder vê-los. Contudo, Harry tinha a estranha impressão de que sabia da presença deles ali, e também sabia quem eram. No momento em que ele chegou a essa inquietante conclusão, a mulher ergueu a mão enluvada e fez sinal para que se aproximassem.

Hermione se achegou a Harry sob a capa, seu braço comprimindo o dele.

– Como é que ela sabe?

Ele sacudiu a cabeça. A mulher tornou a chamá-los, mais energicamente. Harry poderia pensar em muitas razões para não obedecer, contudo, suas suspeitas a respeito da identidade dela tornavam-se mais fortes a cada segundo em que continuavam parados, se encarando na rua deserta.

Seria possível que estivesse esperando por eles todos esses longos meses? Que Dumbledore lhe tivesse dito para esperar porque Harry acabaria aparecendo?

Não seria provável que fosse a coisa que se mexera nas sombras do cemitério e os seguira até ali? Até a sua capacidade de senti-los sugeria um poder à la Dumbledore, que ele jamais encontrara. Harry, por fim, falou, fazendo Hermione ofegar sobressaltada.

– A senhora é Batilda?

O vulto agasalhado assentiu e tornou a lhes fazer sinal para se aproximarem.

Sob a capa, Harry e Hermione se entreolharam. Ele ergueu as sobrancelhas; Hermione fez um aceno breve e nervoso com a cabeça.

Os dois foram ao encontro da mulher e, na mesma hora, ela deu meia-volta e saiu manquejando pelo caminho que viera. Conduzindo-os pela fileira de casas, entrou por um portão. Os garotos a seguiram por um caminho ladeado por um jardim quase tão crescido quanto o que tinham acabado de deixar. Ela se atrapalhou um instante com a chave à porta, abriu-a e se afastou para deixá-los entrar.

A bruxa cheirava mal, ou talvez fosse a casa: Harry torceu o nariz ao passarem por ela, e tirou a capa. Agora ao seu lado, o garoto percebeu como era miúda; curvada pela idade, mal alcançava o seu peito. A bruxa fechou a porta, as juntas dos dedos azuis e manchados contra a tinta descascada, então se virou e espiou o rosto de Harry. Seus olhos tinham cataratas e pregas fundas de pele transparente, e todo o seu rosto era riscado de pequenas veias rompidas e manchas marrons. Ele ficou em dúvida se a mulher realmente poderia vê-lo; e, mesmo que pudesse, o que veria se não o trouxa careca cuja identidade ele roubara?

O odor de velhice, de poeira, de roupas sujas e de comida rançosa piorou quando ela retirou o xale preto roído de traças, revelando uma cabeleira branca e rala que deixava visível o couro cabeludo.

– Batilda? – repetiu Harry.

Ela tornou a assentir. Harry percebeu a presença do medalhão contra sua pele; a coisa ali dentro, que por vezes batia, acabara de despertar; ele a sentia pulsar através do ouro frio. Será que entendia que a coisa que a destruiria estava tão perto?

Batilda passou por eles arrastando os pés, empurrando Hermione para o lado como se não a tivesse visto e desapareceu, provavelmente em uma sala de visitas.

– Harry, não me sinto muito segura – sussurrou Hermione.

– Olhe o tamanho dela; acho que poderíamos dominá-la, se fosse preciso – comentou Harry. – Escute, devia ter lhe dito, eu já sabia que não está batendo bem da bola. Muriel chamou-a de gagá.

– Entre! – convidou Batilda da sala vizinha.

Hermione se assustou e agarrou o braço de Harry.

– Tudo bem – disse ele, tranquilizando-a, e entrou à sua frente.
Batilda andava vacilante pela sala, acendendo velas, mas o lugar continuava muito escuro, para não falar de sua extrema sujeira. Os pés de Harry esmagavam uma grossa camada de poeira e seu nariz sentia, sob o odor de mofo e umidade, algo pior, talvez carne estragada. Perguntou-se quando teria sido a última vez que alguém viera à casa de Batilda para verificar se estava tudo bem. Ela parecia ter esquecido seus dotes de magia, porque se atrapalhava acendendo as velas, seus punhos de renda em constante risco de pegar fogo.
– Deixe-me ajudá-la – ofereceu-se Harry, tirando os fósforos de sua mão. Ela o observou terminar de acender os tocos de vela sobre pires por toda a sala, precariamente equilibrados sobre pilhas de livros e mesinhas laterais cheias de copos rachados e bolorentos.
A última superfície em que Harry localizou uma vela foi uma cômoda *bom bée,* em que havia um grande número de fotografias. Ao acender a vela, a chama se refletiu nos vidros e porta-retratos de prata empoeirados. Ele viu as fotos se mexerem brevemente. Enquanto Batilda apanhava umas achas de lenha para a lareira, Harry murmurou "*Tergeo*". A poeira desapareceu das fotos e ele viu imediatamente que faltava uma meia dúzia delas nos porta-retratos mais trabalhados. Ficou em dúvida se Batilda ou outra pessoa as teria removido. Então, a visão de uma foto mais ao fundo da coleção atraiu sua atenção, e ele a apanhou.
Era o ladrão de cabelos dourados e rosto risonho, o rapaz que se empoleirara no peitoril da janela de Gregorovitch, sorrindo indolentemente para Harry, em seu porta-retrato de prata. E ocorreu-lhe instantaneamente onde o vira antes: em *A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore* de braço dado com Dumbledore, e devia ser lá que estavam as fotos desaparecidas: no livro de Rita.
– Sra... srta. Bagshot? – disse ele, e sua voz tremeu um pouco. – Quem é ele?
Batilda estava parada no meio da sala observando Hermione acender o fogo para ela.
– Srta. Bagshot? – repetiu Harry, e adiantou-se com a foto nas mãos, no instante em que as achas pegavam fogo na lareira. Batilda ergueu os olhos ao ouvi-lo, e a Horcrux bateu mais rápido em seu peito.
"Quem é esse rapaz?", perguntou Harry, estendendo a foto.
Batilda olhou solenemente para a foto e em seguida para Harry.
– A senhorita sabe quem é? – insistiu em um tom mais lento e alto do que o normal. – Esse rapaz? A senhorita o conhece? Como é o nome dele?
Batilda tinha um ar hesitante. Harry sentiu uma horrível frustração. Como Rita fizera aflorar as lembranças da bruxa?
– Quem é esse rapaz? – perguntou, mais uma vez, em voz alta.

– Harry, que está fazendo? – indagou Hermione.
– A foto, Hermione, é do ladrão, o ladrão que roubou Gregorovitch! Por favor! – pediu ele a Batilda. – Quem é?
Ela, porém, continuou olhando calada.
– Por que a senhora nos pediu para acompanhá-la, sra... srta... Bagshot? – perguntou Hermione, também alteando a voz. – A senhora queria nos dizer alguma coisa?
Sem dar sinal de ter ouvido Hermione, Batilda agora se adiantou para Harry. Com um pequeno movimento de cabeça, ela espiou para o hall de entrada.
– Quer que a gente vá embora? – perguntou ele.
Ela repetiu o gesto, desta vez apontando primeiro para ele, depois para si mesma e, em seguida, para o teto.
– Ah, certo... Hermione, acho que ela quer que eu suba com ela.
– Está bem, vamos.
Quando, porém, Hermione começou a andar, Batilda sacudiu a cabeça com surpreendente energia, e mais uma vez apontou para Harry, depois para si mesma.
– Quer que eu vá com ela, sozinho.
– Por quê? – perguntou Hermione, e sua voz soou alta e ríspida na sala iluminada a velas; a velha sacudiu levemente a cabeça de leve ao ouvir o barulho.
– Talvez Dumbledore tenha dito para entregar a espada a mim e somente a mim?
– Você realmente acha que ela sabe quem você é?
– Acho – respondeu Harry, olhando para os olhos esbranquiçados fixos nos dele. – Acho que sabe.
– Bem, então o.k., mas seja rápido, Harry.
– Vá na frente – disse Harry a Batilda.
Ela pareceu entender, porque passou por ele e se encaminhou para a porta. Harry olhou para trás e sorriu querendo tranquilizar Hermione, mas não sabia se a amiga teria visto o seu gesto; ela parou apertando o corpo com os braços em meio à sujeira iluminada a velas, o olhar na estante. Quando Harry foi saindo da sala, sem que Hermione ou Batilda vissem, ele guardou, no paletó, o porta-retrato de prata com a foto do ladrão desconhecido.
Os degraus eram altos e estreitos: Harry se sentiu tentado a colocar as mãos nas nádegas da corpulenta Batilda para garantir que não caísse de costas por cima dele, o que parecia extremamente provável. Devagar, arquejando um pouco, ela subiu ao primeiro andar, virou à direita e levou-o para um quarto de teto baixo.

Estava muito escuro e fedia horrivelmente: Harry acabara de divisar a borda de um penico embaixo da cama quando Batilda fechou a porta e até isso foi engolido pela escuridão.

– *Lumos* – disse Harry, e sua varinha acendeu. Levou um susto: Batilda se aproximara dele naqueles segundos de escuridão, e ele nem a ouvira.

– Você é Potter? – sussurrou ela.

– Sim, sou.

Ela assentiu lenta e solenemente. Harry sentiu a Horcrux batendo depressa, mais depressa do que o seu próprio coração: foi uma sensação desagradável e enervante.

– A senhora tem alguma coisa para mim? – perguntou Harry, mas a bruxa pareceu se distrair com a ponta acesa de sua varinha.

“A senhora tem alguma coisa para mim?”, repetiu ele.

Então, ela fechou os olhos e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo: a cicatriz de Harry ardeu dolorosamente; a Horcrux vibrou tanto que o peito do suéter do garoto chegou a mexer; o quarto escuro e fétido se dissolveu momentaneamente. Ele sentiu uma súbita sensação de alegria e falou com uma voz aguda e fria: *segure-o!*

Harry oscilou sem sair do lugar: o quarto escuro e malcheiroso pareceu tornar a se fechar ao seu redor; ele não sabia o que acabara de acontecer.

– A senhora tem alguma coisa para mim? – perguntou, pela terceira vez, bem mais alto.

– Aqui – sussurrou ela, apontando para um canto. Harry ergueu a varinha e viu os contornos de uma penteadeira muito cheia sob uma janela com cortinas.

Desta vez, Batilda não foi à frente. Harry passou entre ela e a cama desfeita, a varinha erguida. Não queria tirar os olhos dela.

– Que é? – indagou ao chegar à penteadeira em que havia uma pilha de alguma coisa que, pelo cheiro e aspecto, parecia roupa de cama suja.

– Ali – disse ela apontando para a massa informe.

E, no instante em que ele virou a cabeça e varreu com o olhar o amontoado confuso à procura de um punho de espada, um rubi, ela fez um movimento estranho: Harry percebeu-o pelo canto do olho; o pânico fez com que se voltasse e o horror o paralisou ao ver o velho corpo se despojar e uma grande cobra sair do lugar onde fora o pescoço da bruxa.

A cobra atacou-o quando ele ergueu a varinha: a força da mordida em seu braço fez a varinha girar para o alto em direção ao teto, sua luz rodopiou sem direção pelo quarto e se apagou: então, um poderoso golpe de cauda em seu diafragma deixou-o completamente sem ar: ele tombou de costas sobre a penteadeira, no meio do monte de roupa imunda...

Harry rolou para o lado, evitando, por um triz, o rabo da cobra, que golpeava a penteadeira onde ele estivera um segundo antes; cacos da superfície de vidro choveram sobre ele quando bateu no chão. Lá de baixo, ele ouviu Hermione chamar:

– Harry?

Não conseguiu, porém, repor ar suficiente nos pulmões para responder: então uma massa lisa e pesada esmagou-o contra o chão e ele a sentiu deslizar por cima dele, forte, musculosa...

– Não! – ofegou, preso ao chão.

– *Sim* – sussurrou a voz. – *Sssim... seguro você... seguro você...*

– *Accio... Accio varinha...*

Nada aconteceu, porém, e ele precisava das mãos para tentar empurrar para longe a cobra que se enrolava em torno do seu tronco, tirando-lhe o ar, comprimindo a Horcrux contra seu peito, um círculo de gelo que pulsava de vida, a centímetros do seu próprio coração disparado, e seu cérebro se inundava de luz branca e fria, obliterando todo pensamento, sua respiração sufocada, passos distantes, tudo indo...

Um coração de metal batia fora do seu peito, e agora ele estava voando, voando sentindo o triunfo em seu coração, sem precisar de vassoura nem de testrálio...

Harry foi bruscamente acordado na escuridão fedorenta; Nagini o soltara. Ele se levantou com ajuda dos braços e viu a cobra recortada contra a luz do corredor: ela atacou, e Hermione atirou-se para o lado com um grito. Seu feitiço se desviou e bateu na janela cortinada, despedaçando-a. O ar gelado encheu o quarto no momento em que Harry mergulhou para evitar mais uma chuva de cacos de vidro e seu pé escorregou em um objeto cilíndrico – sua varinha...

Ele se abaixou e apanhou-a, mas agora o quarto estava dominado pela cobra, que golpeava com o rabo; Hermione não estava à vista e, por um momento, Harry pensou o pior, mas ouviu, então, um estampido alto e um clarão vermelho, e a cobra voou pelo ar atingindo com força o rosto do garoto; ao subir, volta a volta, o animal foi desenrolando, em direção ao teto. Harry ergueu a varinha, mas, ao fazê-lo, sua cicatriz queimou mais dolorosamente, mais intensamente do que fizera em anos.

– Ele está vindo! *Hermione, ele está vindo!*

Enquanto Harry berrava, a cobra caiu, sibilando ferozmente. Instaurouse o caos: a cobra destruiu as prateleiras na parede e cacos de porcelana voaram para todo lado no momento em que Harry saltava por cima da cama e agarrava a forma escura que ele sabia ser Hermione...

Ela gritou de dor ao ser puxada por cima da cama: a cobra tornou a armar um

bote, mas Harry sabia que algo pior do que o animal estava a caminho, talvez já estivesse no portão, sua cabeça ia rachar de dor na cicatriz...

A cobra avançou quando ele deu um salto veloz, arrastando Hermione junto; quando Nagini atacou, Hermione gritou: “*Confringo!*”, e o feitiço voou pelo quarto, explodindo o espelho do guarda-roupa e ricocheteando contra eles, quicando do chão ao teto; Harry sentiu o calor do feitiço queimar o dorso de sua mão. Cacos do espelho cortaram-lhe a face no momento em que, puxando Hermione, saltou da cama para a penteadeira desmantelada e, dali, direto para a janela estilhaçada e o vácuo, o grito dela ecoando pela noite enquanto rodopiavam pelo ar...

Então, sua cicatriz se rompeu e ele era Voldemort e estava correndo pelo quarto fétido, as mãos longas e brancas agarrando o peitoril da janela ao vislumbrar o homem careca e a mulher miúda girarem e desaparecerem, e ele gritou enfurecido, um grito que se fundiu ao da garota e ecoou pelos jardins escuros e se sobrepôs ao repique dos sinos da igreja no dia de Natal.

E seu grito foi o grito de Harry, sua dor, a dor de Harry... que pudesse acontecer ali, onde acontecera antes... ali, à vista da casa onde ele chegara tão perto de saber o que era morrer... morrer... a dor era tão terrível... irrompia do seu corpo... mas, se não tinha corpo, por que sua cabeça doía tanto, se estava morto, como poderia senti-la de forma tão insuportável, a dor não cessava com a morte, não ia...

A noite úmida de ventania, duas crianças vestidas de abóboras atravessavam a praça bamboleando, e as vitrines das lojas cobertas de aranhas de papel, todos os adornos baratos e kitsch *dos trouxas simbolizando um mundo em que eles não acreditavam... e ele seguia deslizando, aquele senso de propósito e poder e correção que sempre experimentava nessas ocasiões... não raiva... isso era para almas mais fracas que ele... mas triunfo, sim... esperara por isso, desejara isso...*

– Bonita fantasia, moço!

Ele viu o sorriso do menino vacilar quando se aproximou o suficiente para espiar sob o capuz da capa, viu o medo anuviar o rostinho pintado: então a criança deu meia-volta e fugiu correndo... por baixo da veste, ele acariciou o punho da varinha... um simples movimento e a criança jamais chegaria à mãe... mas desnecessário, muito desnecessário...

E, ao longo de uma rua mais escura, ele caminhou, e agora seu destino estava finalmente à vista, o Feitiço Fidelius desfeito, embora os moradores ainda não soubessem... e ele fez menos ruído do que as folhas mortas que esvoaçavam pela calçada quando se emparelhou com a sebe escura e espiou por cima...

Eles não tinham fechado as cortinas, viu-os claramente na pequena sala de

visitas, o homem alto de cabelos negros e óculos, fazendo baforadas de fumaça colorida saírem de sua varinha para divertir o menininho de cabelos negros e pijama azul. A criança ria e tentava pegar a fumaça, segurá-la em sua mãozinha fechada...

Uma porta abriu e a mãe entrou, dizendo palavras que ele não pôde ouvir, seus longos cabelos acaju caindo pelo rosto. O pai ergueu o filho do chão e entregou-o à mãe. Atirou a varinha sobre o sofá e se espreguiçou, bocejando...

O portão rangeu um pouco quando ele o abriu, mas Tiago Potter não ouviu. Sua mão branca tirou a varinha de sob a capa e apontou-a para a porta que se abriu com violência.

Já cruzara a porta quando Tiago chegou correndo ao hall. Foi fácil, fácil demais, ele nem chegara a apanhar a varinha...

– Lílian, pegue Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso...

Detê-lo, sem uma varinha na mão!... Ele riu antes de lançar a maldição...

– Avada Kedavra!

O clarão verde inundou o hall apertado, iluminou o carrinho de bebê encostado à parede, fez os balaústres da escada lampejarem como raios e Tiago Potter caiu como uma marionete cujos cordões tivessem sido cortados...

Ele ouviu a mulher gritar no primeiro andar, encurralada, mas, enquanto tivesse bom senso, ela, pelo menos, nada teria a temer... ele subiu a escada, achando graça nos esforços que ela fazia para se entrincheirar no... ela também não tinha varinha... como eram idiotas e confiantes em julgar que sua segurança eram os amigos, que as armas poderiam ser postas de lado mesmo por instantes...

Ele arrombou a porta, atirou para o lado a cadeira e as caixas apressadamente empilhadas para defendê-la com um displicente aceno da varinha... e ali estava ela, a criança nos braços. Ao vê-lo, Lílian largou o filho no berço às suas costas e abriu bem os braços, como se isso pudesse adiantar, como se ocultando-o esperasse ser escolhida como alvo...

– O Harry não, o Harry não, por favor, o Harry não!

– Afaste-se, sua tola... afaste-se, agora...

– Harry não, por favor, não, me leve, me mate no lugar dele...

– Este é o meu último aviso...

– Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade... Harry não! Harry não! Por favor... farei qualquer coisa...

– Afaste-se... afaste-se, garota...

Ele poderia tê-la afastado do berço à força, mas lhe pareceu mais prudente liquidar todos...

O clarão verde lampejou pelo quarto e ela tombou como o marido. Todo esse

tempo, a criança não gritara: sabia ficar em pé segurando as grades do berço, e ergueu os olhos para o rosto do intruso com uma espécie de vivo interesse, talvez achando que fosse seu pai escondido sob a capa, e que ele produziria mais luzes bonitas, e sua mãe reapareceria a qualquer momento, rindo...

Ele apontou a varinha certeiramente para o rosto do menino: queria ver acontecer, a destruição desse perigo inexplicável. A criança começou a chorar: notara que ele não era Tiago. Não gostava de bebê chorando, nunca fora capaz de suportar as criancinhas choramingando no orfanato...

– Avada Kedavra!

Então ele sucumbiu: não era mais nada exceto dor e terror e precisava se esconder, não aqui nos destroços da casa em ruínas, onde a criança estava presa, aos berros, mas longe... longe...

– Não – gemeu ele.

A cobra se arrastou pelo chão imundo e atravancado, e ele matara o garoto, contudo ele era o garoto...

– Não...

Agora estava parado à janela estilhaçada da casa de Batilda, absorto nas lembranças de sua maior perda, e a seus pés a enorme cobra rastejava pelos cacos de porcelana e vidro... ele baixou os olhos e viu algo... algo inacreditável...

– Não...

– Harry, está tudo bem, você está bem!

Ele se abaixou e apanhou a foto amassada. Ali estava ele, o ladrão desconhecido, o ladrão que ele estava procurando...

– Não... eu a deixei cair... eu a deixei cair...

– Harry, tudo bem, acorde, acorde!

Ele era Harry... Harry, e não Voldemort... e a coisa que fazia o ruído abafado não era uma cobra.

Abriu os olhos.

– Harry – sussurrou Hermione. – Você está se sentindo... bem?

– Estou – mentiu ele.

Estava na barraca, deitado em uma das camas baixas do beliche, sob uma montanha de cobertores. Percebia que era quase manhã pela quietude e friagem, a luz pálida além do teto da barraca. Ele estava encharcado de suor; sentia o suor nos lençóis e cobertores.

– Escapamos.

– Sim – disse Hermione. – Precisei usar o Feitiço de Levitação para deitar você no beliche, não consegui levantá-lo. Você esteve... bem, você não esteve muito...

Havia olheiras arroxeadas sob seus olhos castanhos e ele viu uma pequena esponja em sua mão: Hermione estivera enxugando o rosto dele.

– Você esteve doente – ela terminou a frase. – Muito doente.

– Quanto tempo faz que partimos?

– Horas. Está quase amanhecendo.

– E eu estive... o quê, inconsciente?

– Não, exatamente – respondeu Hermione constrangida. – Esteve gritando e gemendo e... coisas – acrescentou em um tom que deixou Harry inquieto. Que teria feito? Berrara maldições como Voldemort; chorara como o bebê no berço?

"Não consegui retirar a Horcrux de você", disse Hermione, e ele percebeu que a amiga queria mudar de assunto. "Ficou presa, presa no seu peito. Deixou uma marca; lamento. Tive de usar o Feitiço de Corte para soltá-la. A cobra também o mordeu, mas limpei o ferimento e apliquei um pouco de ditamno..."

Ele arrancou do corpo a camiseta suada que usava e olhou para baixo. Havia uma oval escarlate sobre seu coração, onde o medalhão o queimara. Viu também as marcas de furos quase cicatrizadas em seu braço.

– Onde guardou a Horcrux?

– Na minha bolsa. Acho que não devíamos usá-la por um tempo.

Ele se recostou nos travesseiros e fitou o rosto atormentado e cinzento de Hermione.

– Não devíamos ter ido a Godric's Hollow. Foi minha culpa, minha inteira culpa, sinto muito.

– Não foi sua culpa. Eu quis ir também; realmente pensei que Dumbledore tivesse deixado a espada lá para você.

– É, bem... entendemos mal, não foi?

– Que aconteceu, Harry? Que aconteceu quando ela o levou pra cima? A cobra estava escondida em algum lugar? E simplesmente saiu e a matou e atacou você?

– Não. *Ela* era a cobra... ou a cobra era ela... todo o tempo.

– Q-quê?

Ele fechou os olhos. Ainda podia sentir o cheiro da casa de Batilda em seu corpo: isso tornava o episódio pavorosamente vívido.

– Batilda devia estar morta havia algum tempo. A cobra estava... estava *dentro* dela. Você-Sabe-Quem levou-a para Godric's Hollow para esperar. Você tinha razão. Ele sabia que eu voltaria.

– A cobra estava dentro dela?

Ele reabriu os olhos: Hermione parecia revoltada, nauseada.

– Lupin disse que haveria magia que jamais imagináramos existir – respondeu Harry. – Ela não quis falar na sua frente porque era a linguagem das cobras, pura ofidioglossia, e não percebi, mas é claro que a entendi. Uma vez no quarto, a

cobra mandou uma mensagem a Você-Sabe-Quem, ouvi a transmissão em minha cabeça, senti-o excitado, disse para me segurar lá... então...

Lembrou-se da cobra saindo do pescoço de Batilda: Hermione não precisava conhecer os detalhes.

– ... ela se transformou, se transformou em uma cobra e me atacou.

Harry baixou os olhos para as marcas dos furos.

– Não era para me matar, só para me segurar ali até Você-Sabe-Quem chegar.

Se ele ao menos tivesse conseguido matar a cobra, teria valido a pena tudo... Desgostoso, sentou-se e atirou as cobertas para o lado.

– Harry, não, tenho certeza que precisa descansar!

– Você é que precisa dormir. Sem querer ofender, você está com uma cara horrível. Estou ótimo. Vou fazer a vigia por um tempo. Onde está minha varinha?

Ela não respondeu, olhou-o apenas.

– Onde está minha varinha?

Ela mordeu os lábios e as lágrimas encheram seus olhos.

– Harry...

– *Onde está minha varinha?*

Hermione se abaixou para apanhá-la ao lado da cama e entregou-a.

A varinha de azevinho e fênix estava quase partida ao meio. Um frágil fio de pena de fênix mantinha as metades penduradas. A madeira rachara inteiramente. Harry apanhou o objeto como se fosse um organismo vivo que tivesse sofrido um grave ferimento. Não conseguiu pensar direito: tudo pareceu uma fusão de pânico e medo. Estendeu, então, a varinha para Hermione.

– Conserte-a. Por favor.

– Harry, acho que quando se parte assim...

– Por favor, Hermione, tente!

– *R-reparo*.

A parte pendurada da varinha tornou a emendar. Harry empunhou-a.

– *Lumus!*

A varinha soltou uma faisquinha e se apagou. Harry apontou-a para Hermione.

– *Expelliarmus!*

A varinha de Hermione sacudiu, mas não se soltou de sua mão. A fraca tentativa de magia foi demais para a varinha, que tornou a se partir em dois. Harry contemplou-a, consternado, incapaz de absorver o que estava vendo... a varinha que sobrevivera a tanto...

– Harry – Hermione sussurrou tão baixinho que ele quase não pôde ouvi-la. – Sinto muito mesmo. Acho que fui eu. Quando estávamos indo embora, entende, a cobra avançou para nós, então lancei um Feitiço Detonador e ele ricocheteou

para todo lado e deve ter... deve ter atingido...
– Foi um acidente – disse Harry, maquinalmente. Sentia-se vazio, atordoado. – Encontraremos... encontraremos um jeito de consertá-la.
– Harry, acho que não conseguiremos – disse Hermione, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Lembra... lembra o Rony? Quando partiu a varinha no acidente com o carro? Nunca mais foi a mesma, ele teve que comprar uma nova.
Harry pensou em Olivaras, sequestrado e refém de Voldemort, em Gregorovitch, que estava morto. Como iria encontrar uma varinha nova?
– Bem – replicou Harry, em um tom falsamente objetivo –, bem, acho que por ora precisarei pedir a sua emprestada. Enquanto vigio.
O rosto brilhando de lágrimas, Hermione entregou a varinha e Harry saiu, deixando-a sentada junto à cama dele, nada mais desejando senão ficar longe da amiga.

— CAPÍTULO DEZOITO —

A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore

O sol estava nascendo: a imensidão descolorida do céu se estendia sobre Harry, indiferente a ele e ao seu sofrimento. Sentou-se à entrada da barraca e inspirou profundamente o ar limpo. O simples fato de estar vivo para ver o sol subir a encosta coberta de neve cintilante deveria ser o maior tesouro da terra, contudo não conseguia apreciá-lo: seus sentidos tinham sido bloqueados pela calamidade que era a perda de sua varinha. Contemplou o vale coberto de neve, os sinos de igreja ecoando distantes no esplendoroso silêncio.

Sem perceber, Harry estava enterrando os dedos nos braços como se tentasse resistir à dor física. Derramara seu sangue mais vezes do que poderia contar; perdera todos os ossos do braço direito uma vez; essa viagem já lhe rendera cicatrizes no peito e nos braços para se somar às da mão e da testa, mas nunca, até aquele momento, sentira-se tão letalmente enfraquecido, vulnerável e nu, como se lhe tivessem arrancado a melhor parte do seu poder em magia. Sabia exatamente o que Hermione diria se ele expressasse qualquer desses pensamentos: a varinha é tão boa quanto o bruxo. Ela, no entanto, estava enganada; em seu caso, era diferente. Ela não sentira a varinha girar como a agulha de uma bússola e disparar labaredas douradas contra o inimigo. Harry perdera a proteção dos núcleos gêmeos, e só agora, que já não existia, ele entendia o quanto se fiara nela.

Tirou do bolso os pedaços da varinha partida e, sem olhar, guardou-os na bolsa de Hagrid, que levava pendurada ao seu pescoço. Estava, agora, demasiado cheia de objetos quebrados e inúteis para receber mais um. Através do couro de briba, sua mão roçou pelo velho pomo e, por um momento, precisou resistir à tentação de apanhar o objeto e atirá-lo longe. Impenetrável, adverso, inútil como todo o resto que Dumbledore deixara...

A fúria contra o diretor irrompeu nele como lava, queimando-o por dentro, eliminando qualquer outro sentimento. Por absoluto desespero, eles tinham

acreditado que Godric's Hollow guardava as respostas e se convencido de que deviam retornar, que tudo fazia parte de um caminho secreto traçado por Dumbledore; mas não havia mapa nem plano. Dumbledore os deixara às cegas no escuro, para enfrentar terrores desconhecidos e não sonhados, sozinhos e desamparados: nada lhes foi explicado, nada oferecido voluntariamente, não tinham espada e Harry não tinha mais varinha. Deixara cair a foto do ladrão, e, sem dúvida, agora seria fácil Voldemort descobrir quem ele era... agora tinha todas as informações.

– Harry?

Hermione parecia receosa de que ele pudesse enfeitiçá-la com sua própria varinha. O rosto riscado de lágrimas, ela se agachou do lado dele, duas xícaras de chá tremendo em suas mãos e alguma coisa volumosa sob o braço.

– Obrigado – disse ele, apanhando uma das xícaras.

– Posso falar com você?

– Pode – respondeu ele, porque não queria magoá-la.

– Harry, você queria saber quem era o homem na foto. Bem... lhe trouxe o livro.

Timidamente, empurrou-o para o colo dele, um exemplar intacto de *A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore*.

– Onde... como...

– Estava na sala de visitas de Batilda, à vista... esse bilhete saindo entre as folhas, na parte de cima do livro.

Hermione leu em voz alta as poucas linhas em tinta verde-ácido e letra garranchosa.

– *Querida Batty, obrigada por sua ajuda. Envio-lhe um exemplar do livro, espero que goste. Você me contou tudo, mesmo que não se lembre. Rita*. Acho que deve ter chegado quando a verdadeira Batilda ainda estava viva, mas talvez ela não estivesse em condições de lê-lo.

– Não, provavelmente não estava.

Harry contemplou com desprezo o rosto de Dumbledore e experimentou uma onda de selvagem prazer: agora iria conhecer tudo que o diretor nunca pensara que valeria a pena lhe contar, quer ele quisesse ou não.

– Você continua realmente aborrecido comigo, não? – perguntou Hermione; Harry ergueu os olhos e viu novas lágrimas escorrendo dos olhos da garota, e percebeu que a ira devia estar evidente em seu rosto.

– Não – respondeu, baixinho. – Não, Hermione, sei que foi um acidente. Estava tentando nos tirar de lá, vivos, e você foi incrível. Eu estaria morto se você não tivesse estado lá para me ajudar.

Ele tentou retribuir o sorriso lacrimoso de Hermione e voltou sua atenção para

o livro. A lombada estava rígida; era óbvio que nunca fora aberto antes. Harry virou rapidamente as páginas, procurando as fotografias. Encontrou a que procurava quase instantaneamente, o jovem Dumbledore e seu belo companheiro, às gargalhadas por causa de uma piada havia muito esquecida. Harry baixou os olhos para a legenda. *Dumbledore pouco depois da morte da mãe com seu amigo Gerardo Grindelwald.*

Harry boquiabriu-se com a última palavra da frase durante longos momentos. Grindelwald. Seu amigo, Grindelwald. Olhou de esguelha para Hermione, que continuava a fixar o nome como se não conseguisse acreditar no que via. Lentamente, virou-se para Harry.

– *Grindelwald?*

Desconsiderando as fotografias restantes, Harry procurou nas páginas próximas uma recorrência do nome fatídico. Logo descobriu-a e leu vorazmente, mas se perdeu: precisaria ler os parágrafos anteriores para a informação fazer algum sentido e, finalmente, se viu no início de um capítulo intitulado “O Bem Maior”. Juntos, ele e Hermione começaram a ler...

> Próximo ao seu aniversário de dezoito anos, Dumbledore deixou Hogwarts cercado de glórias – monitor-chefe, monitor, detentor do prêmio Barnabus Finkley por excepcional proficiência em feitiços, representante da juventude britânica na Suprema Corte dos Bruxos, medalha de ouro por contribuição pioneira à Conferência Internacional de Alquimia no Cairo. Dumbledore pretendia, então, fazer uma grande viagem com Elifas “Bafo de Cão” Doge, o dedicado mas pouco inteligente colega com quem se associara na escola.
>
> Os dois jovens estavam hospedados no Caldeirão Furado, em Londres, preparando-se para partir para a Grécia na manhã seguinte, quando chegou uma coruja trazendo a notícia do falecimento da mãe de Dumbledore. “Bafo de Cão” Doge, que se recusou a dar depoimento para este livro, publicou sua versão sentimental do que aconteceu a seguir. Descreveu a morte de Kendra como um golpe trágico, e a decisão tomada por Dumbledore de cancelar sua viagem como um ato de nobre abnegação.
>
> Sem dúvida, Dumbledore retornou imediatamente a Godric’s Hollow, presume-se que para “cuidar” do irmão e da irmã mais jovens. Entretanto, qual foi o cuidado que realmente dispensou aos dois?
>
> “Ele não batia bem, aquele Aberforth”, diz Enid Smeek, cuja família vivia nos arredores de Godric’s Hollow, à época. “Vivia solto. Claro que, sem mãe nem pai, eu teria me condoído dele, mas o garoto não parava de atirar excremento de bode na minha cabeça. Não creio que Alvo se preocupasse com ele, enfim, nunca os vi juntos.”

Então, que fazia Alvo, se não estava consolando seu selvagem irmão mais moço? A resposta, pelo visto, é: continuava a manter a irmã presa. Embora seu primeiro carcereiro tivesse morrido, não houve alteração na lamentável situação de Ariana Dumbledore. Sua existência continuava a ser conhecida apenas por estranhos confiáveis como “Bafo de Cão” Doge, capazes de acreditar na história da “saúde precária”.

Outro amigo da família facilmente persuasível foi Batilda Bagshot, a famosa historiadora da magia que há muitos anos vive em Godric’s Hollow. Kendra, naturalmente, repelira suas primeiras tentativas de dar as boas-vindas à família. Entretanto, anos mais tarde, a autora enviou uma coruja a Alvo em Hogwarts, favoravelmente impressionada por seu ensaio sobre a transformação de transespécies na Transfiguração Hoje. Este contato inicial levou-a a conhecer toda a família Dumbledore. Quando Kendra faleceu, Batilda era a única pessoa em Godric’s Hollow que falava com a mãe de Dumbledore.

Infelizmente, o brilho intelectual demonstrado por Batilda em épocas anteriores hoje está morrendo. “O fogão está aceso, mas o caldeirão está vazio”, me disse Ivor Dillonsby, ou na frase um pouco mais literal de Enid Smeek: “Ela está completamente caduca.” Ainda assim, a combinação de técnicas de reportagem comprovadamente eficazes me permitiu obter suficientes pérolas para montar um colar de escândalos.

Tal como a maioria do mundo bruxo, Batilda atribui a morte prematura de Kendra a um “feitiço que ricocheteou”, uma história repetida por Alvo e Aberforth anos mais tarde. Batilda também repete a história familiar sobre Ariana, dizendo-a “frágil” e “delicada”. Sobre um assunto, porém, Batilda compensou os meus esforços para obter um pouco de soro da verdade, porque ela, e somente ela, conhece integralmente a história do segredo mais bem guardado da vida de Alvo Dumbledore. Revelado pela primeira vez, ele põe em dúvida tudo que os admiradores acreditaram a respeito de Dumbledore: seu suposto ódio às Artes das Trevas, sua oposição à opressão dos trouxas e até sua devoção à própria família.

No mesmo verão em que Dumbledore voltou para casa em Godric’s Hollow, já então órfão e chefe de família, Batilda Bagshot concordou em aceitar em sua casa o sobrinho-neto Gerardo Grindelwald.

O nome de Grindelwald é merecidamente famoso: em uma lista dos Bruxos das Trevas Mais Famosos de Todos os Tempos, ele só perde o primeiro lugar porque, uma geração mais tarde, surgiu Você-Sabe-Quem para roubar-lhe a coroa. Na medida em que Grindelwald jamais estendeu sua campanha de terror à Grã-Bretanha, os detalhes de sua ascensão ao poder não são muito

divulgados em nosso país.

Educado em Durmstrang, uma escola famosa por sua lamentável tolerância com as Artes das Trevas, Grindelwald mostrou-se precocemente tão genial quanto Dumbledore. Em vez de canalizar suas habilidades para a conquista de prêmios e medalhas, no entanto, Gerardo Grindelwald dedicou-se a outras atividades. Aos dezesseis anos, mesmo Durmstrang concluiu que não poderia continuar a fazer vista grossa às suas experiências viciosas, e expulsou-o.

Dali em diante, o que se soube dos movimentos seguintes de Grindelwald é que passou alguns meses no exterior. Sabemos agora que ele decidiu visitar a tia-avó em Godric's Hollow, e que ali, embora possa parecer extremamente chocante a muita gente, Grindelwald fez uma grande amizade com Alvo Dumbledore.

"Ele me pareceu um rapaz encantador", tartamudeou Batilda, "a despeito do que tenha se tornado mais tarde. Naturalmente apresentei-o ao pobre Alvo, que sentia falta da companhia de rapazes de sua idade. Os dois imediatamente tornaram-se amigos."

Sem a menor dúvida. Batilda me mostra uma carta que guardou, enviada por Alvo Dumbledore a Gerardo Grindelwald altas horas da noite.

"Sim, mesmo depois de passarem o dia todo discutindo – os dois rapazes muito brilhantes davam-se tão bem quanto um caldeirão em fogo –, às vezes eu ouvia uma coruja bater na janela do quarto de Gerardo para entregar uma carta de Alvo! Ocorrera-lhe uma ideia e precisava contá-la a Gerardo sem demora!"

E que ideias! Por mais chocantes que possam parecer aos fãs de Alvo Dumbledore, vejam os pensamentos do seu herói aos dezessete anos, tal como foram relatados ao seu novo e melhor amigo (veja o fac-símile da carta original na página 463):

Gerardo,

O seu argumento de que a dominação dos bruxos visa ao PRÓPRIO BEM DOS TROUXAS é, a meu ver, crítico. Sim, fomos dotados de poder e, sim, esse poder nos dá o direito de governar, mas isto também nos dá responsabilidades sobre os governados. Devemos enfatizar este ponto, pois será a pedra angular da nossa construção. Onde discordarmos, como certamente ocorrerá, ela deverá ser a base dos nossos contra-argumentos. Assumimos o poder PELO BEM MAIOR. E segue-se daí que, onde encontrarmos resistência, devemos usar apenas a força necessária. (Este foi o seu erro em Durmstrang! Não me queixo, porém, porque se você não fosse expulso, jamais teríamos nos conhecido.)

Alvo

Apesar do espanto e consternação que venha a causar aos seus numerosos admiradores, essa carta é uma prova de que, no passado, Alvo Dumbledore sonhou derrubar o Estatuto de Sigilo e estabelecer o domínio bruxo sobre os trouxas. Que choque para aqueles que sempre viram em Dumbledore o maior campeão dos nascidos trouxas! Como parecem vazios aqueles discursos sobre a promoção dos direitos dos trouxas à luz dessa nova evidência que o condena! Como Alvo Dumbledore parece desprezível conspirando para assumir o poder quando deveria estar pranteando a mãe e cuidando da irmã!

Sem dúvida, os que estão decididos a manter Dumbledore em seu pedestal desmoronadiço gaguejarão que ele não chegou a executar esses planos, que deve ter mudado de opinião, que caiu em si. Contudo, a verdade parece ainda mais chocante.

Quase dois meses depois de iniciarem sua nova grande amizade, Dumbledore e Grindelwald se separaram e nunca mais se veriam até o seu lendário duelo (veja detalhes no capítulo 22). Que terá causado esse abrupto rompimento? Dumbledore recobrara o juízo? Dissera a Grindelwald que não participaria dos seus planos? Infelizmente, não.

“Acho que foi a morte da pobrezinha da Ariana que provocou a separação”, diz Batilda. “Foi um terrível choque. Gerardo estava na casa de Dumbledore quando aconteceu, e voltou à minha casa muito perturbado e me disse que queria regressar à sua terra no dia seguinte. Extremamente angustiado, entende. Providenciei, então, uma Chave de Portal e foi a última vez que o vi.

“Alvo ficou transtornado com a morte de Ariana. Foi terrível para os dois irmãos. Tinham perdido toda a família, exceto um ao outro. Não admira que tenham se descontrolado. Aberforth culpou Alvo, entende, como costumam fazer as pessoas em circunstâncias aflitivas. Mas Aberforth sempre foi um pouco desconexo, coitado. Ainda assim, fraturar o nariz de Alvo no enterro não foi uma atitude decente. Ver os filhos brigando daquele jeito diante do corpo da filha teria destruído Kendra. Uma pena que Gerardo não pudesse ficar para o funeral... pelo menos teria sido um consolo para Alvo...”

Essa espantosa briga ao lado do caixão, de que só têm conhecimento os que compareceram ao enterro de Ariana Dumbledore, levanta várias questões. Exatamente por que Aberforth culpou Dumbledore pela morte da irmã? Teria sido, como supõe Batilda, apenas um extravasamento de pesar? Ou haveria razões mais concretas para sua fúria? Grindelwald, expulso de Durmstrang por ataques quase fatais a colegas estudantes, fugiu do país horas depois da morte da moça, e Alvo (por vergonha ou medo?) nunca mais o viu, até ser forçado pelo clamor do mundo bruxo.

> Nem Dumbledore nem Grindelwald jamais se referiram a essa breve amizade de adolescente mais tarde na vida. Contudo, não se pode duvidar de que Dumbledore adiou, durante uns cinco anos de tumultos, fatalidades e desaparecimentos, o seu ataque a Gerardo Grindelwald. Teria sido um resquício de afeição pelo homem ou o temor da revelação dessa grande amizade do passado que levou Dumbledore a hesitar? E teria sido com relutância que Dumbledore se dispôs a capturar o homem que no passado sentira tanto prazer em conhecer?
>
> E como morreu a misteriosa Ariana? Teria sido a vítima involuntária de algum rito das Trevas? Teria casualmente surpreendido o que não deveria, enquanto os dois rapazes treinavam para a sua futura tentativa de glória e dominação? É possível que Ariana Dumbledore tenha sido a primeira pessoa a morrer “pelo bem maior”?

O capítulo terminava ali, e Harry ergueu os olhos. Hermione chegara antes dele à última linha. Tirou o livro de suas mãos, parecendo um pouco assustada com a expressão no rosto do amigo, e fechou-o sem olhar, como se escondesse uma coisa indecente.

– Harry...

Ele, porém, balançou a cabeça. Alguma certeza recôndita ruíra em seu íntimo; a mesma sensação que experimentara após a partida de Rony. Confiara em Dumbledore, acreditara que era a personificação da bondade e da sabedoria. Tudo eram cinzas: quanto mais poderia perder? Rony, Dumbledore, a varinha de fênix...

– Harry. – Hermione parecia ter ouvido seus pensamentos. – Me escute. Não... não é uma leitura muito agradável...

– ... é, pode-se dizer que não...

– ... mas, não esqueça, Harry, é uma história da Rita Skeeter.

– Você leu aquela carta para o Grindelwald, não?

– Li... li. – Ela hesitou, parecendo perturbada, aninhando a caneca de chá nas mãos frias. – Acho que foi o pior. Sei que Batilda achou que fosse apenas conversa fiada, mas “Pelo Bem Maior” tornou-se o lema de Grindelwald, sua justificativa para todas as atrocidades que cometeu mais tarde. E... pela carta... parece que foi Dumbledore que lhe deu a ideia. Dizem que “Pelo Bem Maior” foi gravado na entrada de Nurmengard.

– Que é Nurmengard?

– A prisão que Grindelwald mandou construir para seus oponentes. Foi onde ele próprio terminou, quando Dumbledore o capturou. Enfim, é... horrível pensar que as ideias de Dumbledore possam ter ajudado a ascensão de Grindelwald ao

poder. Por outro lado, nem mesmo a Rita pode fingir que eles tenham convivido mais do que uns poucos meses no verão, quando eram realmente muito jovens e...

– Achei que você diria isso – interrompeu-a Harry. Não queria extravasar sua raiva na amiga, mas foi difícil manter a voz firme. – Achei que você diria que "eles eram muito jovens". Tinham a mesma idade que nós, agora. E estamos aqui arriscando nossas vidas para combater as Artes das Trevas, e ele estava lá, de segredinhos com o seu novo melhor amigo, conspirando para assumir o poder e dominar os trouxas.

Harry não conseguiria refrear por mais tempo a sua fúria; levantou-se e andou um pouco, tentando descarregá-la.

– Não estou defendendo o que Dumbledore escreveu – disse Hermione. – Toda aquela besteira sobre o "direito de governar" se repete em "Magia é Poder". Mas, Harry, ele tinha acabado de perder a mãe, estava confinado em casa sozinho...

– Sozinho? Ele não estava sozinho! Tinha a companhia do irmão e da irmã, da bruxa abortada que ele estava mantendo presa...

– Não acredito – replicou Hermione. Ela se pôs de pé também. – Seja qual for o problema daquela garota, não acho que fosse uma bruxa abortada. O Dumbledore que conhecemos jamais, jamais, teria permitido...

– O Dumbledore que pensamos conhecer não queria conquistar os trouxas à força! – berrou Harry, sua voz ecoando pelo ermo topo do morro, fazendo vários melros negros levantarem voo, gritando em círculos pelo céu perolado.

– Ele mudou, Harry, ele mudou! É muito simples! Talvez acreditasse naquelas coisas quando tinha dezessete anos, mas dedicou todo o resto da vida a combater as Artes das Trevas! Foi Dumbledore quem deteve Grindelwald, foi ele que sempre votou pela proteção dos trouxas e pelos direitos dos nascidos trouxas, foi ele que combateu Você-Sabe-Quem desde o princípio e que morreu tentando derrubá-lo!

O livro de Rita Skeeter jazia no chão entre os dois, de modo que o rosto de Alvo Dumbledore sorria melancolicamente para ambos.

– Harry, me desculpe, mas acho que a verdadeira razão por que está tão furioso é que Dumbledore nunca lhe contou nada disso.

– Vai ver é! – berrou Harry, e atirou os braços para o alto, sem saber se estava tentando reprimir a raiva ou se proteger do peso da própria desilusão. – Veja o que ele me pediu, Hermione! Arrisque sua vida, Harry! Outra vez! Mais uma! E não espere que eu lhe explique tudo, confie cegamente em mim, confie que sei o que estou fazendo, confie em mim ainda que eu não confie em você! Nunca a verdade por inteiro! Nunca!

Sua voz quebrou com o esforço e os dois ficaram parados se fitando na claridade e na solidão, e Harry sentiu que eram insignificantes como insetos sob aquele vasto céu.

– Ele o amava – sussurrou Hermione. – Eu sei que amava.

Harry deixou cair os braços.

– Não sei quem ele amava, Hermione, mas nunca a mim. Isto não é amor, a confusão em que me deixou. Ele dividiu muito mais o que realmente pensava com Gerardo Grindelwald, pô, do que jamais dividiu comigo.

Harry apanhou a varinha de Hermione, que deixara cair na neve, e tornou a se sentar na entrada da barraca.

– Obrigado pelo chá. Terminarei a vigia. Volte para o calor aí dentro.

Ela hesitou, mas reconheceu que fora dispensada. Apanhou o livro e voltou para a barraca, mas, ao fazê-lo, passou levemente a mão pela cabeça dele. Àquele toque, Harry fechou os olhos e odiou-se por desejar que o que a amiga tinha dito fosse verdade: que Dumbledore realmente gostava dele.

— CAPÍTULO DEZENOVE —
A corça prateada

Estava nevando quando Hermione assumiu a vigia à meia-noite. Os sonhos de Harry foram confusos e perturbadores: Nagini entrava e saía, primeiro, de um gigantesco anel rachado, depois, de uma coroa de heléboros. Ele acordou várias vezes, em pânico, convencido de que alguém o chamara ao longe, imaginando que o vento a açoitar a barraca fossem passos ou vozes.

Por fim, levantou-se no escuro e foi se juntar a Hermione, que estava encolhida na entrada da barraca lendo *História da magia* à luz da varinha. A neve continuava a cair profusamente, e ela recebeu com alívio a sugestão de guardarem tudo cedo e continuar viagem.

– Vamos para algum lugar mais abrigado – concordou ela, trêmula, vestindo um suéter de atletismo por cima do pijama. – Passei o tempo todo achando que ouvia gente andar aqui fora. E tive até a impressão de ter visto alguém uma ou duas vezes.

Harry parou no ato de vestir um suéter e deu uma olhada no silencioso e imóvel bisbilhoscópio sobre a mesa.

– Tenho certeza de que foi imaginação – disse Hermione, parecendo nervosa. – No escuro, a neve prega peças aos nossos olhos... mas talvez seja bom desaparatarmos com a Capa da Invisibilidade, só por precaução.

Meia hora depois, a barraca já guardada, Harry usando a Horcrux e Hermione segurando a bolsinha de contas, desaparataram. Foram engolidos pela habitual compressão; os pés do garoto deixaram o chão fofo de neve e bateram com força em terra congelada e coberta de folhas, ou essa foi sua impressão.

– Onde estamos? – perguntou ele, correndo os olhos por um arvoredo diferente enquanto Hermione abria a bolsinha e começava a puxar lá de dentro os paus da barraca.

– Na Floresta do Deão. Acampei aqui uma vez com os meus pais.

Ali, também, a neve cobria as árvores em torno e fazia um frio cortante, mas,

pelo menos, estavam abrigados do vento. Eles passaram a maior parte do dia na barraca, buscando calor junto às fortes chamas azuis que Hermione era perita em produzir, e que podiam ser recolhidas e transportadas em um jarro. Harry tinha a sensação – que era reforçada pela solicitude de Hermione – de estar convalescendo de uma doença breve, mas aguda. Naquela tarde, a neve tornou a cair, e, em consequência, até a clareira abrigada recebeu nova camada da neve fina como pó.

Após duas noites de pouco sono, os sentidos de Harry pareciam mais aguçados do que o normal. Sua fuga de Godric's Hollow, por um fio, fizera Voldemort parecer mais próximo que antes, mais ameaçador. Quando a noite desceu, Harry recusou a oferta de Hermione de fazer a vigia e lhe disse para ir se deitar.

O garoto levou uma almofada velha para a entrada da barraca e se sentou, usando todos os suéteres que possuía e, ainda assim, sentiu frio. Com a passagem das horas, a escuridão foi adensando até se tornar virtualmente impenetrável. Ele já ia tirar o mapa do maroto para espiar o pontinho que representasse Gina quando lembrou que eram as férias de Natal e que ela teria regressado À Toca.

O mínimo movimento parecia se amplificar na vastidão da mata. Harry sabia que o lugar devia estar pululando de seres vivos, mas desejou que todos se mantivessem imóveis e silenciosos para ele poder diferenciar suas corridas e passos furtivos dos ruídos que pudessem anunciar outros movimentos sinistros. Lembrou-se do som de uma capa deslizando sobre folhas mortas havia muitos anos, e imediatamente pensou tê-lo ouvido antes de se sacudir mentalmente. Os feitiços de proteção tinham funcionado durante semanas; por que iriam se romper agora? Contudo, ele não conseguiu se livrar da sensação de que havia alguma coisa diferente essa noite.

Várias vezes ele se levantou bruscamente, o pescoço doendo porque adormecera e relaxara o corpo em um ângulo torto contra a parede da barraca. A noite atingiu tal densidade de aveludado negror que ele poderia estar flutuando no limbo entre a desaparatação e a aparatação. Tinha acabado de erguer a mão diante do rosto para verificar se conseguiria ver os dedos quando aconteceu.

Uma luz prateada apareceu logo à frente, movendo-se entre as árvores. Qualquer que fosse sua origem, ela se deslocava silenciosamente. A luz parecia simplesmente estar vindo em sua direção.

Ele se pôs de pé com um salto, a voz congelada na garganta, e ergueu a varinha de Hermione. Apertou os olhos quando a luz ameaçou cegá-lo, as árvores à sua frente silhuetas negras, e ela sempre a se aproximar...

Então a fonte da luz saiu de trás de um carvalho. Era uma corça branco-

prateada, um luar que brilhava e ofuscava, pisando com cautela, em silêncio, sem deixar rastros na fina poeira de neve. Ela veio ao seu encontro, a bela cabeça altiva, com olhos rasgados e longas pestanas, no alto.

Harry fitou o animal, assombrado, não por sua estranheza, mas por sua inexplicável familiaridade. Sentiu que estivera à sua espera, mas que esquecera, até aquele momento, que tinham combinado se encontrar. Seu impulso de gritar por Hermione, tão forte instantes antes, desaparecera. Ele sabia, teria apostado a vida, que ela viera buscá-lo, e a mais ninguém.

Eles se contemplaram por longos momentos e, então, a corça lhe deu as costas e se afastou.

– Não! – exclamou ele, e sua voz quebrou por falta de uso. – Volte aqui!

A corça continuou a avançar deliberadamente entre as árvores, e seu fulgor não tardou a se listrar com as sombras dos troncos grossos e escuros. Por um instante, ele hesitou, trêmulo. A cautela lhe sussurrou: poderia ser um truque, um engodo, uma armadilha. O instinto, porém, o instinto soberano lhe disse que aquilo não era magia das Trevas. Ele partiu em seu encalço.

A neve rangia sob seus pés, mas a corça não fazia ruído ao passar entre as árvores, porque era apenas luz. Sempre mais fundo pela mata, ela o conduzia, e Harry andava depressa, certo de que, quando parasse, ela o deixaria se aproximar. E Harry lhe falaria, e a voz diria a ele o que precisava saber.

Finalmente, ela parou. Tornou a virar a bela cabeça para ele, e Harry correu ao seu encontro, uma pergunta ardendo em seu íntimo, mas, ao abrir a boca para fazê-la, a corça desapareceu.

Embora a escuridão a tivesse engolido inteira, sua imagem reluzente continuava gravada na retina do garoto; obscurecia sua visão, mais intensamente quando ele baixava as pálpebras, desorientando-o. Sobreveio, então, o medo: a presença da corça significara segurança.

– *Lumos!* – sussurrou ele, e a ponta da varinha se acendeu.

A imagem da corça foi desaparecendo a cada vez que piscava ali parado, escutando os sons da floresta, os distantes estalidos de gravetos, o farfalhar suave da neve. Estaria em vias de ser atacado? A corça o teria atraído a uma armadilha? Ele estaria imaginando que havia alguém parado, à espreita, além do alcance da varinha?

Ergueu-a mais alto. Ninguém avançou para ele, não houve clarão de luz verde detrás de árvore alguma. Por que, então, ela o conduzira àquele lugar?

Alguma coisa lampejou à luz da varinha, e Harry se virou para examiná-la, mas viu apenas um pequeno poço congelado, a superfície negra rachada, cintilando à claridade da varinha no alto.

Ele se aproximou com certa cautela e espiou. O gelo refletiu sua sombra

distorcida e o feixe de luz da varinha, mas, no fundo, sobre a carapaça cinzenta e difusa, outra coisa brilhou. Uma grande cruz prateada...

Seu coração saltou à boca; ele caiu de joelhos à beira do poço e virou a varinha em ângulo para inundar o fundo com o máximo de luz. Um brilho vermelho-escuro... uma espada com rubis brilhantes no punho... a espada de Gryffindor estava no fundo do poço.

Mal respirando, olhou-a espantado. Como era possível? Como viera parar em um poço na mata, tão perto do lugar em que estavam acampados? Teria uma magia desconhecida atraído Hermione a esse lugar, ou a corça, que ele tomara por um Patrono, seria uma espécie de guardiã do poço? Ou teria a espada sido colocada ali depois de sua chegada, precisamente porque estavam ali? Nesse caso, onde estaria a pessoa que tinha querido passá-la a Harry? Mais uma vez, ele dirigiu a varinha para as árvores e arbustos circundantes, procurando uma silhueta humana, o brilho de um olho, mas não viu ninguém. Sentiu, contudo, um pouco mais de medo fermentar sua euforia ao voltar a atenção para a espada que repousava no fundo do poço congelado.

Apontou a varinha para a forma prateada e murmurou:

– *Accio espada!*

A arma não se mexeu. Não esperara que o fizesse. Se fosse tão fácil, a espada estaria caída no chão, aguardando que ele a recolhesse, e não no fundo de um poço congelado. Ele contornou o círculo de gelo, fazendo esforço para lembrar a última vez que a espada viera às suas mãos. Ele corria, então, extremo perigo e pedira ajuda.

– Socorro – murmurou, mas a espada continuou no fundo do poço, indiferente, imóvel.

Que era mesmo, Harry perguntou a si mesmo (voltando a andar), que Dumbledore lhe dissera da última vez que ele tivera a espada? *Somente um verdadeiro membro da Grifinória poderia ter tirado* isto *do chapéu*. E quais eram as qualidades que definiam um grifinório? Uma vozinha na cabeça de Harry respondeu: *a audácia, a coragem e o cavalheirismo distinguem os grifinórios*.

Harry parou de andar e deixou escapar um longo suspiro, seu hálito esfumaçado dispersando-se rapidamente no ar gélido. Sabia o que tinha de fazer. Para ser sincero, imaginara que chegaria a esse ponto no momento em que localizara a espada no gelo.

Ele correu o olhar pelas árvores ao redor, mas estava convencido, agora, de que ninguém ia atacá-lo. Tinham tido oportunidade quando ele caminhara sozinho pela mata, tinham tido muito tempo enquanto examinava o poço. A essa altura, a única razão para sua demora era a perspectiva imediata ser

profundamente desconvidativa.
Com os dedos pouco ágeis, Harry começou a tirar suas várias camadas de roupa. Onde entrava o “cavalheirismo” nisso, lamentou-se, não estava muito seguro, a não ser que cavalheirismo fosse não chamar Hermione para fazer isso por ele.
Uma coruja piou em algum lugar enquanto se despia, e ele pensou em Edwiges com um aperto no coração. Tremia de frio agora, seus dentes batiam sem parar, mas ele continuou a se despir até ficar apenas de cueca e pés descalços na neve. Colocou a bolsa contendo as metades de sua varinha, a carta de sua mãe, o caco do espelho de Sirius e o velho pomo por cima das roupas, então apontou a varinha de Hermione para o gelo.
– *Diffindo!*
O feitiço estalou no silêncio como o estampido de uma arma: a superfície do poço rachou e pedaços de gelo escuro flutuaram na água agitada. Pelo que Harry pôde calcular, não era fundo, mas, para recuperar a espada, teria que submergir de corpo inteiro.
Refletir sobre a tarefa à frente não a tornaria mais fácil, nem a água mais quente. Ele se acercou do poço e depositou a varinha de Hermione no chão, ainda acesa. Depois, tentando não imaginar a temperatura extrema a que chegaria nem a violência com que logo estaria se sacudindo, pulou.
Cada poro do seu corpo gritou em protesto: o próprio ar em seus pulmões pareceu congelar quando submergiu, até a altura dos ombros, na água gelada. Mal conseguia respirar; tremendo com tanta força que chegava a provocar marolas na borda do poço; ele procurou sentir a espada com os pés dormentes. Só queria mergulhar uma vez.
Harry adiou o momento da total imersão de segundo a segundo, ofegando e se sacudindo, até se convencer de que aquilo precisava ser feito. Então, reuniu toda a sua coragem e mergulhou.
O frio extremo foi angustiante: queimou-o como fogo. Seu próprio cérebro pareceu congelar quando ele cortou a água escura até o fundo e esticou as mãos ao encontro da espada. Seus dedos se fecharam em torno do punho: ele a puxou para cima.
Então alguma coisa se fechou em torno do seu pescoço. Pensou que fossem plantas aquáticas, embora nada tivesse roçado nele quando mergulhara, e ele ergueu a mão livre para se desvencilhar. Não era planta: a corrente da Horcrux apertava e lentamente comprimia sua traqueia.
Harry bateu os pés com força, tentando voltar à superfície, mas conseguiu apenas se impelir contra o lado rochoso do poço. Debatendo-se, sufocando, ele esgravatou o pescoço, seus dedos congelados incapazes de soltar a corrente, e

agora surgiam pontinhos luminosos em seu cérebro, e ele ia se afogar, não havia mais nada, nada que pudesse fazer, e os braços que se fecharam em torno do seu peito certamente eram os da Morte...

Engasgando e engulhando, encharcado e mais gelado do que já estivera na vida, ele recobrou os sentidos, de cara na neve. Perto, outra pessoa ofegava e tossia e cambaleava. Hermione viera em seu socorro, como viera quando a cobra atacara... contudo, não parecia ser ela, não com aquelas tossidas compridas, não a julgar pelo peso dos passos...

Harry não teve forças para levantar a cabeça e conhecer a identidade do seu salvador. Só conseguiu levar a mão trêmula à garganta e sentir o lugar em que o medalhão cortara fundo sua carne. Não estava ali: alguém o retirara. Então, uma voz ofegante falou do alto:

– Você... é... maluco?

Nada além do choque de ouvir aquela voz poderia ter dado a Harry energia para se levantar. Tremendo violentamente, ele se pôs de pé, vacilante. Diante dele, viu Rony, completamente vestido, mas encharcado até os ossos, os cabelos colados no rosto, a espada de Gryffindor em uma das mãos e a Horcrux pendurada na corrente partida na outra.

– Por que não tirou essa coisa antes de mergulhar, pô? – ofegou Rony, segurando a Horcrux, que balançava para frente e para trás na corrente curta em uma paródia de hipnose.

Harry não conseguiu responder. A corça prateada não era nada, nada comparada ao reaparecimento de Rony, nem conseguia acreditar. Tremendo de frio, apanhou o monte de roupas ainda na beira do poço e começou a se vestir. Enfiando suéter após suéter pela cabeça, Harry fitava Rony, como se esperasse vê-lo desaparecer cada vez que o perdia de vista. Entretanto, ele tinha que ser real: acabara de mergulhar no poço, salvara a vida de Harry.

– Foi v-você? – perguntou ele por fim, os dentes castanholando, a voz mais fraca do que o normal por causa do quase estrangulamento.

– Bem, foi – respondeu Rony, parecendo ligeiramente atordoado.

– V-você conjurou aquela corça?

– Quê? Não, claro que não! Pensei que você é que estivesse conjurando!

– Meu Patrono é um veado.

– Ah, é. Achei que estava diferente. Sem galhada.

Harry pendurou a bolsa de Hagrid no pescoço, vestiu o último suéter, abaixou-se para recolher a varinha de Hermione e encarou Rony.

– Como veio parar aqui?

Aparentemente, Rony tivera esperança de que essa questão fosse levantada mais tarde, ou nunca.

– Bem, eu... você entende... voltei. Se... – Ele pigarreou. – Entende. Vocês ainda me quiserem.
Houve um silêncio em que o assunto da partida de Rony pareceu se levantar como uma muralha entre os dois. Contudo, ele estava ali. Voltara. Acabara de salvar a vida de Harry.
Rony baixou os olhos para as mãos. Pareceu momentaneamente surpreso ao ver os objetos que carregava.
– Ah, sim; tirei-a do poço – disse desnecessariamente, estendendo a espada para Harry examiná-la. – Foi por isso que você pulou aí dentro, certo?
– Foi – respondeu Harry. – Mas não estou entendendo. Como foi que você chegou aqui? Como nos encontrou?
– É uma longa história. Passei horas procurando vocês, a mata é bem grande, não é? E estava pensando que teria de me entocar embaixo de uma árvore e esperar amanhecer, quando vi aquela corça vindo e você atrás.
– Você não viu mais ninguém?
– Não. Eu...
Ele hesitou olhando para duas árvores que cresciam juntas a alguns metros de onde estavam.
– Achei que tinha visto alguma coisa se mexendo lá adiante, mas na hora estava correndo para o poço, porque você tinha mergulhado e não tinha voltado à tona, então eu não ia me desviar para... ei!
Harry já estava correndo para o lugar que Rony indicara. Os dois carvalhos cresciam muito juntos; havia apenas um vão de uns poucos centímetros, à altura dos olhos, entre seus troncos, um lugar ideal para ver sem ser visto. O solo em torno das raízes, porém, não tinha neve, e Harry não viu marcas de pés. Ele voltou para onde Rony ficara esperando ainda segurando a espada e a Horcrux.
– Viu alguma coisa lá? – perguntou Rony.
– Não.
– Então, como foi que a espada apareceu no poço?
– A pessoa que conjurou o Patrono deve tê-la colocado lá.
Os dois olharam para a bainha lavrada da espada, o punho cravejado de rubis refulgia fracamente à luz da varinha de Hermione.
– Você acha que esta é a verdadeira? – perguntou Rony.
– Só há um jeito de descobrir, não é?
A Horcrux ainda balançava na mão de Rony. O medalhão vibrava ligeiramente. Harry sabia que a coisa ali dentro se agitava outra vez. Sentira a presença da espada e tentara matar Harry para não deixar que ele a possuísse. Agora não era o momento para longas discussões; agora era o momento de destruir o medalhão de uma vez por todas. Harry olhou para os lados, segurando

a varinha no alto e viu onde: uma pedra achatada sob a copa de um sicômoro.
– Vem comigo – disse ele, e saiu andando, limpou a neve da superfície da pedra e estendeu a mão para a Horcrux. Quando Rony lhe ofereceu a espada, no entanto, Harry balançou a cabeça.
– Não, você é que tem de fazer isso.
– Eu? – espantou-se Rony. – Por quê?
– Porque você tirou a espada do poço. Acho que ela escolheu você.
Não estava sendo bom nem generoso. Com a mesma certeza com que soube que a corça era benévola, sabia que Rony é quem tinha de brandir a espada. Dumbledore ensinara a Harry pelo menos alguma coisa sobre certos tipos de magia, do poder incalculável de determinados atos.
– Vou abri-lo – disse Harry – e você o transpassa. Imediatamente, o.k.? Porque o que estiver aí dentro oferecerá resistência. O pedacinho de Riddle no diário tentou me matar.
– Como você vai abrir? – indagou Rony. Ele parecia aterrorizado.
– Vou pedir que se abra, usando a ofidioglossia. – A resposta veio tão facilmente aos seus lábios que ele pensou que, no íntimo, sempre a soubera; talvez precisasse do recente confronto com Nagini para tomar consciência disso. Ele olhou para o “S” serpentino, cravejado de cintilantes pedrinhas verdes: era fácil visualizá-lo como uma minúscula cobra, enroscada sobre a rocha fria.
– Não! – disse Rony –, não, não abre isso! Estou falando sério!
– Por que não? – perguntou Harry. – Vamos nos livrar dessa droga, já faz meses...
– Não posso, Harry, estou falando sério... faz você...
– Mas por quê?
– Porque essa coisa me faz mal! – alegou Rony, se afastando do medalhão sobre a rocha. – Não consigo enfrentá-la! Não estou dando uma desculpa, Harry, pelo meu comportamento, mas ela me afetou mais do que a você ou Hermione, me fez pensar coisas, coisas que de qualquer jeito eu já estava pensando, mas ficaram piores, não sei explicar, então eu tirava esse medalhão e minha cabeça voltava ao normal, e quando eu tornava a pôr essa bosta... não posso fazer isso, Harry!
Ele recuara, a espada caída de um lado, balançando a cabeça.
– Você pode – retrucou Harry –, sei que pode! Você acabou de pegar a espada, sei que é você quem tem de usá-la. Por favor, destrua o medalhão, Rony.
O som do seu nome pareceu ter agido como um estimulante. Engoliu em seco, respirou com força pelo seu comprido nariz e tornou a se aproximar da pedra.
– Me diga quando – pediu Rony, rouco.
– Quando eu disser “três” – respondeu Harry, voltando sua atenção para o

medalhão e estreitando os olhos, concentrando-se na letra “S”, imaginando uma cobra, enquanto o conteúdo do objeto debatia-se como uma barata presa. Teria sido fácil sentir pena, exceto que o corte no pescoço de Harry ainda ardia.

– Um... dois... três... *abra*.

A última palavra saiu como um silvo e um rosnado e as portinhas douradas do medalhão se abriram, par a par, com um estalido.

Sob cada janelinha de vidro em seu interior piscava um olho vivo, escuro e bonito como os de Tom Riddle tinham sido antes de se tornarem vermelhos e terem fendas em vez de pupilas.

– Fure ele com a espada – disse Harry, mantendo o medalhão parado sobre a rocha.

Rony ergueu a espada nas mãos trêmulas: a ponta oscilou sobre os olhos que giravam freneticamente, e Harry segurou o medalhão com força, se preparando, já imaginando o sangue escorrendo das janelinhas vazias.

Então a voz sibilou da Horcrux.

– Vi o seu coração, e ele é meu.

– Não dê ouvidos a ele! – falou Harry, com rispidez. – Perfure-o!

– Vi os seus sonhos, Rony Weasley, e vi os seus temores. Tudo que você deseja é possível, mas tudo que você teme também é possível...

– Perfure-o! – berrou Harry; sua voz ecoou pela árvores ao redor, a ponta da espada oscilou, e Rony contemplou os olhos de Riddle.

– Sempre o menos amado pela mãe que desejava uma filha... menos amado agora pela garota que prefere o seu amigo... sempre segundo, sempre, eternamente na sombra...

– Rony, perfure-o agora! – urrou Harry; sentia o medalhão estremecendo em suas mãos e sentia medo do que sobreviria. Rony ergueu a espada ainda mais alto e, ao fazer isso, os olhos de Riddle rutilaram.

Das janelinhas do medalhão, dos olhos, brotaram, como duas bolhas grotescas, as cabeças de Harry e Hermione, estranhamente deformadas.

Rony berrou chocado e recuou ao ver as figuras desabrochando para fora do medalhão, primeiro os troncos, depois as cinturas, por fim as pernas, que se ergueram do medalhão, lado a lado como árvores de uma única raiz, balançando sobre o Rony e o Harry real, que retirara rápido os dedos do medalhão inesperadamente incandescente.

– Rony! – gritou Harry, mas o Riddle-Harry agora estava falando com a voz de Voldemort, e Rony olhou hipnotizado para o rosto do amigo.

– Por que voltou? Estávamos muito bem sem você, mais felizes sem você, contentes com a sua ausência... rimos de sua burrice, sua covardia, sua presunção...

– *Presunção!* – ecoou Riddle-Hermione, agora mais bonita e mais terrível do que a Hermione real: ela balançou gargalhando, diante de Rony, que expressava horror, mas estava petrificado, a espada pendendo inutilmente ao lado do corpo. – *Quem poderia olhar para você, quem jamais olharia para você ao lado de Harry Potter? Que foi que você já fez, comparado a O Eleito? Quem é você comparado ao Menino-Que-Sobreviveu?*

– Rony, perfure-o, PERFURE-O! – berrou Harry, mas o amigo não se mexeu: seus olhos estavam arregalados, e neles se refletiam o Riddle-Harry e o Riddle-Hermione, os cabelos dos dois rodopiando como labaredas, seus olhos vermelhos e brilhantes, suas vozes ressoando em um dueto maligno.

– *Sua mãe confessou* – desdenhou Riddle-Harry, enquanto Riddle-Hermione debochava – *que preferia que eu fosse filho dela, que faria a troca satisfeita*...

– *Quem não iria preferir ele, que mulher aceitaria você? Você não é nada, nada, nada perto dele* – cantarolava Riddle-Hermione, esticando-se como uma cobra e se enrolando em Riddle-Harry, envolvendo-o em um abraço: seus lábios se tocaram.

No chão à frente, Rony ergueu o rosto angustiado: brandiu a espada no alto, os braços trêmulos.

– Vamos, Rony! – berrou Harry.

Rony olhou para ele e Harry pensou ter visto um laivo vermelho nos olhos do amigo.

– Rony...?

A espada lampejou, mergulhou: Harry atirou-se para longe, houve um clangor de metal e um grito que pareceu interminável. Harry se virou, escorregando na neve, a varinha empunhada para se defender: mas não havia contra o que lutar.

As monstruosas versões dele e Hermione tinham desaparecido: havia apenas Rony, parado, a espada frouxa na mão, contemplando os fragmentos do medalhão destruído sobre a pedra achatada.

Lentamente, Harry se encaminhou para ele, sem saber o que dizer ou fazer. Rony arquejava. Seus olhos não estavam mais vermelhos, mas no tom normal de azul; e estavam também úmidos.

Harry se abaixou, fingindo não ter visto, e apanhou os pedaços da Horcrux. Rony perfurara os vidros das duas janelinhas: os olhos de Riddle tinham desaparecido e a seda manchada que forrava o medalhão desprendia uma leve fumaça. A coisa que vivia na Horcrux tinha sumido; torturar Rony fora o seu último ato.

A espada bateu com estrépito quando Rony a largou no chão. Ele caíra de joelhos, a cabeça nos braços. Seu corpo sacudia, mas não de frio, percebeu seu amigo. Harry enfiou o medalhão partido no bolso, ajoelhou-se ao lado de Rony e

colocou a mão cautelosamente em seu ombro. Entendeu como um bom sinal que Rony não a tivesse empurrado.

– Depois que você foi embora – disse Harry baixinho, feliz que o rosto do amigo estivesse escondido –, ela chorou uma semana. Provavelmente mais, só que não queria que eu visse. Teve muitas noites em que nem nos falamos. Com a sua partida...

Não pôde terminar; somente agora com a volta de Rony é que compreendia inteiramente o quanto lhes custara a ausência do amigo.

– Ela é como uma irmã – continuou ele. – Eu a amo como uma irmã e acho que ela sente o mesmo com relação a mim. Sempre foi assim. Pensei que você soubesse.

Rony não respondeu, olhou para o outro lado e enxugou audivelmente o nariz na manga. Harry tornou a se levantar e se dirigiu ao lugar em que estava a enorme mochila de Rony, a metros de distância, largada pelo amigo ao correr para o poço e impedir Harry de se afogar. Levou-a às costas e voltou para Rony, que, à sua aproximação, se levantou com os olhos injetados, mas recomposto.

– Me desculpe – disse com a voz grave. – Me desculpe por ter ido embora. Sei que fui um... um... – Ele correu os olhos pela escuridão que o rodeava, como se esperasse que uma palavra suficientemente pejorativa caísse do céu e o definisse.

– Você compensou isso hoje à noite – respondeu Harry. – Apanhou a espada. Destruiu a Horcrux. Salvou minha vida.

– Isso me faz parecer bem melhor do que fui – murmurou Rony.

– Coisas desse tipo sempre parecem mais legais faladas do que realmente foram – afirmou Harry. – É o que venho tentando lhe dizer há anos.

Simultaneamente, os dois se adiantaram e se abraçaram. Harry apertou as costas encharcadas de Rony.

– E agora – disse Harry, ao se separarem – só precisamos encontrar outra vez a barraca.

Não foi difícil, porém. Embora a caminhada pela mata, acompanhando a corça, tivesse parecido longa, com Rony ao seu lado a viagem de volta pareceu surpreendentemente curta. Harry mal pôde esperar para acordar Hermione, e foi com crescente agitação que entrou na barraca seguido por Rony mais atrás.

Estava gloriosamente quente depois do poço e da mata. A única iluminação vinha das chamas azuis que ainda tremeluziam em uma tigela no chão. Hermione estava ferrada no sono, enroscada por baixo das cobertas, e não se mexeu até que Harry a chamou várias vezes.

– *Hermione!*

Ela acordou e sentou-se depressa, afastando os cabelos do rosto.

– Que aconteceu? Harry? Você está bem?

– Calma, tudo está bem. Mais do que bem. Estou ótimo. Tem alguém aqui.
– Como assim? Quem...?
Ela viu Rony parado ali, segurando a espada, escorrendo água no tapete puído. Harry recuou para um canto menos iluminado, tirou a mochila de Rony e tentou se fundir com a lona da barraca.
Hermione deslizou do beliche e foi ao encontro de Rony como uma sonâmbula, os olhos pregados no rosto pálido do garoto. Parou bem diante dele, seus lábios entreabertos, seus olhos arregalados. Rony deu um sorriso débil e esperançoso, e começou a erguer os braços.
Hermione atirou-se para a frente e começou a socar cada centímetro do corpo dele ao seu alcance.
– Ai... ui... me larga! Que...? Hermione... AI!
– Você... absoluto... palhaço... Ronald... Weasley!
Ela pontuava cada palavra com um soco: Rony recuou, protegendo a cabeça contra o assalto de Hermione.
– Você... se arrasta... aqui... depois de... semanas... e... mais... semanas... ah, *cadê a minha varinha*?
Parecia disposta a arrancar a varinha das mãos de Harry, e ele reagiu instintivamente.
– *Protego!*
Um escudo invisível irrompeu entre Rony e Hermione: a violência foi tal que a jogou de costas no chão. Cuspindo os cabelos na boca, ela tornou a se levantar.
– Hermione! – disse Harry. – Calm...
– Não vou me acalmar! – berrou ela. Nunca antes ele a vira se descontrolar daquele jeito; parecia enlouquecida. – Devolva a minha varinha! *Devolva já!*
– Hermione, por favor...
– Não me diga o que fazer, Harry Potter – guinchou ela. – Não ouse! Devolva-me agora mesmo! E VOCÊ!
Ela apontava para Rony em funesta acusação: parecia uma maldição, e Harry não pôde culpar Rony por recuar vários passos.
– Corri atrás de você! Chamei você! Pedi para você voltar!
– Eu sei – respondeu Rony. – Hermione, eu lamento, eu realmente...
– Ah, você *lamenta*!
Ela deu uma gargalhada, aguda, descontrolada; Rony olhou para Harry pedindo ajuda, mas o amigo apenas fez uma careta indicando sua incapacidade.
– Você volta aqui depois de semanas... *semanas*... e acha que tudo vai ficar bem se você disser que *lamenta*?
– E que mais eu posso dizer? – gritou Rony, e Harry ficou contente de vê-lo reagir.

– Ah, não sei! – berrou Hermione, sarcástica. – Vasculhe o seu cérebro, Rony, só vai precisar de uns segundinhos...
– Hermione – interrompeu-a Harry, considerando aquilo um golpe baixo –, ele acabou de salvar a minha...
– E eu com isso! – gritou ela. – Não quero saber o que foi que ele fez! Semanas e mais semanas, por ele poderíamos estar *mortos*...
– Eu sabia que não estavam mortos! – urrou Rony, abafando a voz de Hermione pela primeira vez, praticamente encostando no escudo entre eles. – O *Profeta* só fala no Harry, o rádio só fala no Harry, estão procurando por vocês em toda parte, um monte de boatos e histórias malucas, eu sabia que na mesma hora teria notícias, se vocês morressem, você não sabe o que eu passei...
– O que *você* passou?
A voz da garota estava tão aguda que mais um pouco só os morcegos conseguiriam ouvi-la, mas atingira um tal nível de indignação que ficou temporariamente muda, e Rony aproveitou a oportunidade.
– Eu quis voltar no minuto em que desaparatei, mas topei direto com uma quadrilha de sequestradores, Hermione, e não pude ir a lugar algum!
– Uma quadrilha de quê? – perguntou Harry, enquanto Hermione se atirava em uma poltrona com os braços e as pernas cruzados com tanta força que lhe pareceu que fosse levar anos para descruzá-los.
– Sequestradores – disse Rony. – Estão por toda parte, quadrilhas tentando ganhar dinheiro prendendo nascidos trouxas e traidores do sangue, o Ministério está oferecendo uma recompensa pelos capturados. Eu estava sozinho e me acharam com cara de estudante, então ficaram realmente animados, pensando que eu fosse um nascido trouxa se escondendo. Tive que falar rápido para não me arrastarem até o Ministério.
– Que foi que disse a eles?
– Que era o Lalau Shunpike. Foi o primeiro nome que me ocorreu.
– E eles acreditaram?
– Não eram muito brilhantes. Um deles, decididamente, era meio trasgo, o cheiro dele...
Rony olhou para Hermione, visivelmente esperançoso de que ela pudesse se enternecer com essa pitada de humor, mas sua fisionomia continuava inflexível acima dos joelhos cruzados.
– Enfim, tiveram a maior discussão pra decidir se eu era ou não o Lalau. Para ser franco, foi meio patético, mas eram cinco e eu apenas um, e tinham tirado a minha varinha. Então, dois deles se atracaram e, enquanto os outros estavam distraídos, consegui dar um soco no estômago do que estava me segurando, agarrei a varinha dele, desarmei o outro cara que estava segurando a minha e

desaparatei. Não fiz isso muito bem e tornei a me estrunchar... – Rony levantou a mão direita para mostrar que estavam lhe faltando duas unhas; Hermione ergueu as sobrancelhas com frieza – e fui parar a quilômetros do lugar em que vocês estavam. Quando finalmente cheguei à margem do rio onde acampamos... vocês tinham partido.

– Que história arrebatadora! – exclamou Hermione, naquele tom superior que adotava quando queria magoar. – Você deve ter ficado simplesmente aterrorizado. Nesse meio-tempo, fomos a Godric's Hollow e, vejamos, que foi que aconteceu, Harry? Ah, sim, a cobra de Você-Sabe-Quem apareceu por lá e quase nos liquidou, e então chegou Você-Sabe-Quem em pessoa e por uma fração de segundo não nos agarrou.

– Quê?! – exclamou Rony, olhando boquiaberto de Hermione para Harry, mas ela o ignorou.

– Imagine perder as unhas, Harry! Isto realmente põe os nossos sofrimentos em perspectiva, não?

– Hermione – disse Harry, em voz baixa –, Rony acabou de salvar a minha vida.

Ela pareceu não ouvi-lo.

– Mas tem uma coisa que eu gostaria de saber – disse ela, fixando o olhar uns trinta centímetros acima da cabeça de Rony. – Exatamente, como foi que nos encontrou hoje à noite? Isto é importante. Quando soubermos, poderemos nos certificar de que não estamos recebendo a visita de alguém que não queremos ver.

Rony amarrou a cara para ela e puxou um pequeno objeto de prata do bolso do jeans.

– Com isto.

Hermione precisou encarar Rony para ver o que estava mostrando aos dois.

– O desiluminador? – perguntou, tão admirada que se esqueceu de demonstrar frieza e ferocidade.

– Não serve só para acender e apagar luzes. Não sei como funciona ou por que aconteceu dessa vez e nenhuma outra, porque estou querendo voltar desde que fui. Mas eu estava escutando o rádio, muito cedo na manhã de Natal, e ouvi... ouvi você.

Rony estava olhando para Hermione.

– Você me ouviu pelo rádio? – perguntou ela, incrédula.

– Não, ouvi você saindo do meu bolso. A sua voz – ele tornou a erguer o desiluminador – saiu daqui.

– E exatamente o que foi que eu disse? – perguntou Hermione, seu tom uma mescla de ceticismo e curiosidade.

– Meu nome. “Rony.” E disse... alguma coisa sobre uma varinha...
O rosto de Hermione assumiu um afogueado escarlate. Harry lembrou-se: tinha sido a primeira vez que qualquer dos dois tinha pronunciado o nome de Rony em voz alta desde que ele partira; Hermione falara quando discutiam o conserto da varinha de Harry.
– Então, tirei-o do bolso – continuou Rony, olhando para o desiluminador – e não me pareceu diferente nem nada, mas eu tinha certeza que tinha ouvido sua voz. Então o liguei. E a luz se apagou no meu quarto, mas outra luz apareceu fora da janela.
Rony ergueu a mão vazia e apontou para a frente, seus olhos focalizados em alguma coisa que nem Harry nem Hermione estavam vendo.
– Era uma bola luminosa, meio pulsante e azulada, como a luz que aparece ao redor de uma Chave de Portal, entendem?
– Sim – disseram Harry e Hermione juntos, automaticamente.
– Senti que o momento era aquele. Apanhei as minhas coisas, arrumei-as na mochila e saí com ela para o jardim.
“A bolinha luminosa estava pairando lá, esperando por mim, e, quando eu saí, ela oscilou um pouco e eu a acompanhei atrás do barraco então... bem, ela entrou em mim.”
– Desculpe? – estranhou Harry, certo de que não ouvira direito.
– Foi como se ela flutuasse ao meu encontro – disse Rony, ilustrando o movimento com o dedo indicador livre –, direto para o meu peito e então... entrou. Foi aqui – ele indicou um ponto junto ao coração –, eu a senti, era quente. E, uma vez dentro de mim, eu soube o que devia fazer, soube que ela ia me levar aonde eu precisava ir. Então desaparatei e me vi na encosta de um morro. Havia neve para todo lado...
– Estivemos lá – disse Harry. – Acampamos duas noites lá, e, na segunda, passei o tempo todo pensando que ouvia alguém andar no escuro e chamar!
– É, bem, deve ter sido eu – disse Rony. – Pelo visto, os seus feitiços de proteção funcionam, porque não vi nem ouvi vocês. Mas tinha certeza de que estavam por perto, então acabei me enfiando no meu saco de dormir e esperei que um de vocês aparecesse. Pensei que teriam de se tornar visíveis quando guardassem a barraca.
– Na verdade, não – disse Hermione. – Temos desaparatado com a Capa da Invisibilidade, por precaução. E partimos realmente cedo, porque, como disse Harry, tínhamos ouvido alguém andando às tontas por lá.
– Bem, passei o dia inteiro naquele morro – continuou Rony. – Na esperança que vocês aparecessem. Mas, quando começou a escurecer, eu percebi que devíamos ter nos desencontrado, então tornei a clicar o desiluminador, a luz azul

saiu e entrou em mim, desaparatei e acabei chegando a esta mata. Mas não os vi, então só me restou a esperança de que um ou outro acabasse aparecendo: e o Harry apareceu. Bem, vi primeiro a corça, obviamente.

– Você viu o quê? – perguntou Hermione, ríspida.

Os dois garotos explicaram o que acontecera e, à medida que iam contando a história da corça prateada e da espada no poço, Hermione franzia a testa ora para um, ora para outro, tão concentrada que se esqueceu de manter as pernas travadas.

– Mas deve ter sido um Patrono! – exclamou. – Vocês não conseguiram ver quem o conjurou? Não viram ninguém? Não acredito! E a corça levou vocês à espada! É inacreditável! E o que aconteceu depois?

Rony explicou que observara Harry pular no poço e aguardara que o amigo voltasse à tona; e, percebendo que havia alguma coisa errada, mergulhara e salvara o amigo, depois voltara para pegar a espada. Ele contou até a abertura do medalhão, então hesitou e Harry interveio.

– ... e Rony perfurou-o com a espada.

– E... e a Horcrux sumiu? Assim? – sussurrou ela.

– Bem, ela... gritou – respondeu Harry, olhando de soslaio para Rony. – Veja.

Harry atirou o medalhão no colo dela; cautelosamente, Hermione o apanhou e examinou as janelinhas furadas.

Decidindo que finalmente era seguro, Harry removeu o Feitiço Escudo com um aceno da varinha de Hermione e virou-se para Rony.

– Agora há pouco você falou que fugiu dos sequestradores com uma varinha a mais?

– Quê? – disse Rony, que observava Hermione examinar o medalhão. – Ah... falei sim.

Ele desafivelou a mochila e tirou uma varinha curta e escura de um dos bolsos.

– Tome. Calculei que é sempre bom a gente ter uma sobressalente.

– E calculou bem – disse Harry, estendendo a mão. – A minha quebrou.

– Você está brincando? – perguntou Rony, mas naquele momento Hermione se levantou e ele pareceu mais uma vez apreensivo.

Hermione guardou a Horcrux destruída na bolsinha de contas, voltou para a cama e se acomodou sem dizer mais nada.

Rony passou a nova varinha a Harry.

– Foi o melhor que se poderia esperar, imagino – murmurou Harry.

– É. Poderia ter sido pior. Lembra aqueles passarinhos que ela lançou contra mim?

– Ainda não eliminei essa possibilidade – respondeu a voz abafada de

Hermione debaixo das cobertas, mas Harry viu Rony sorrindo quando tirou os pijamas marrons da mochila.

— CAPÍTULO VINTE —

Xenofílio Lovegood

Harry não esperava que a ira de Hermione se abrandasse da noite para o dia, portanto não se surpreendeu que ela se comunicasse principalmente por olhares indignados e silêncios contundentes na manhã seguinte. Rony reagiu mantendo um comportamento anormalmente sério na presença dela, como um sinal externo de seu continuado remorso. De fato, quando os três estavam juntos, Harry se sentia como o único não enlutado em um enterro com poucos acompanhantes. Nos raros momentos que passava sozinho com Harry (apanhando água e procurando cogumelos no mato rasteiro), no entanto, Rony se mostrava descaradamente alegre.

– Alguém nos ajudou – ele não parava de dizer. – Alguém mandou aquela corça. Alguém está do nosso lado. Uma Horcrux a menos, colega!

Estimulados pela destruição do medalhão, eles começaram a debater a possível localização das demais Horcruxes, e, embora tivessem discutido o assunto tantas vezes anteriormente, Harry se sentia otimista, certo de que outros avanços se seguiriam ao primeiro. O mau humor de Hermione não conseguia estragar o seu alto- astral: a súbita virada em sua sorte, a aparição da misteriosa corça, a recuperação da espada de Gryffindor e, principalmente, o retorno de Rony faziam Harry tão feliz que era até difícil ficar de cara séria.

No final da tarde, ele e Rony fugiram mais uma vez da presença negativa de Hermione e, a pretexto de procurar amoras silvestres nos espinheiros desfolhados, continuaram a interminável troca de notícias. Harry conseguira finalmente contar ao amigo as várias viagens que ele e Hermione tinham feito até a história completa do que acontecera em Godric’s Hollow; agora Rony estava pondo Harry ao corrente de tudo que descobrira sobre um mundo bruxo mais amplo nas semanas que estivera fora.

– ... e como foi que você descobriu a respeito do Tabu? – perguntou a Harry, depois de explicar as numerosas e desesperadas tentativas de nascidos trouxas

para fugir do Ministério.
– O quê?
– Você e Hermione pararam de dizer o nome de Você-Sabe-Quem!
– Ah, sim. Foi um mau hábito que adquirimos – respondeu Harry. – Mas não tenho problema em chamá-lo de V...
– NÃO! – berrou Rony, fazendo Harry pular para dentro das amoreiras e Hermione (de nariz enterrado em um livro à entrada da barraca) olhar feio para os dois. – Desculpe – disse Rony, puxando Harry para fora dos galhos espinhosos –, mas o nome foi azarado, Harry, é assim que eles rastreiam as pessoas! Usar o nome dele rompe os feitiços de proteção, provoca uma espécie de perturbação mágica... foi como nos encontraram na Tottenham Court!
– Porque usamos o *nome* dele?
– Exatamente! Você tem que dar a eles o merecido crédito, faz sentido. Somente as pessoas que se opunham seriamente a ele, como Dumbledore, é que se atreviam a usar o nome de Você-Sabe-Quem. Agora que impuseram um Tabu ao nome, qualquer pessoa que o diga é rastreável: um modo rápido e fácil de encontrar membros da Ordem. Quase apanharam o Kingsley...
– Você está brincando!
– Foi, Gui me contou que um grupo de Comensais da Morte o encurralou, mas ele deu combate e escapou. Agora está fugindo como nós. – Rony coçou o queixo com a ponta da varinha, pensativo. – Você não acha que Kingsley poderia ter mandado aquela corça?
– O Patrono dele é um lince, nós o vimos no casamento, lembra?
– Ah, é...
Os dois foram acompanhando as amoreiras e se distanciando da barraca e de Hermione.
– Harry... você acha que poderia ter sido o Dumbledore?
– Dumbledore o quê?
Rony ficou um pouco sem graça, mas disse em voz baixa:
– Dumbledore... a corça. Quero dizer – Rony observava Harry pelo canto do olho –, foi ele quem teve a espada verdadeira por último, não foi?
Harry não riu de Rony, porque entendeu bem demais o desejo implícito na pergunta. A ideia de que Dumbledore conseguira voltar, que os estava protegendo, seria indizivelmente confortadora. Harry balançou a cabeça.
– Dumbledore está morto. Vi acontecer, vi o corpo. Ele partiu para sempre. Mas, seja como for, o Patrono dele era uma fênix e não uma corça.
– Mas os Patronos podem mudar, não? – perguntou Rony. – O da Tonks mudou, não foi?
– É, mas se Dumbledore estivesse vivo, por que não se mostraria? Por que

simplesmente não nos entregaria a espada?
– Aí você me pegou. Pela mesma razão por que não lhe entregou quando estava vivo? A mesma razão por que lhe deixou um velho pomo de ouro e à Hermione um livro de histórias para crianças?
– E qual é a razão? – perguntou Harry, se virando para encarar Rony de frente, desesperado por uma resposta.
– Não sei. Às vezes, quando estava meio aborrecido, pensava que ele estava se divertindo ou... ou queria dificultar as coisas. Mas acho que não, não mais. Ele sabia o que estava fazendo quando me deixou o desiluminador, concorda? Ele... bem – as orelhas de Rony ficaram vermelhíssimas, e o garoto fingiu estar absorto em um tufo de capim a seus pés, que cutucou com a ponta do calçado –, ele devia saber que eu abandonaria vocês.
– Não – corrigiu-o Harry. – Ele devia saber que você sempre iria querer voltar.
Rony olhou-o agradecido, mas ainda desconcertado. Em parte para mudar de assunto, Harry disse:
– Por falar em Dumbledore, você ouviu falar da biografia dele, que a Skeeter escreveu?
– Ah, claro – respondeu ele, imediatamente –, é só o que as pessoas estão comentando. Lógico, se as coisas fossem diferentes, seria um grande furo a amizade de Dumbledore e Grindelwald, mas, no momento, é só uma piada para quem não gostava de Dumbledore e um tapa na cara de todos que achavam que ele era um cara legal. Mas não creio que seja nada de mais. Ele era realmente jovem quando...
– Da nossa idade – interpôs Harry, da mesma forma com que retorquira a Hermione, e alguma coisa em seu rosto pareceu fazer Rony encerrar o assunto.
Havia uma grande aranha parada no meio de uma teia congelada no espinheiro. Harry fez pontaria com a varinha que Rony lhe dera na noite anterior e que Hermione tinha condescendido em examinar e concluir que era feita de ameixeira-brava.
– *Engorgio!*
A aranha estremeceu, balançando de leve a teia. Harry tentou novamente. Desta vez, a aranha cresceu mais um pouco.
– Pare com isso – disse Rony, com aspereza. – Desculpe ter dito que Dumbledore era jovem, o.k.?
Harry esquecera o horror de Rony a aranhas.
– Desculpe... *Reducio!*
A aranha não encolheu. Harry olhou para a varinha de ameixeira-brava. Cada pequeno feitiço que lançara até o momento lhe parecera menos eficaz do que os que produzia com a varinha de fênix. A nova varinha lhe dava a sensação de ser

um apêndice estranho, como se tivessem costurado a mão de alguém ao seu braço.

– Você só precisa praticar – disse Hermione, que se aproximara silenciosamente por trás e ficara observando Harry tentar aumentar e reduzir a aranha. – É só uma questão de confiança, Harry.

Ele sabia por que a amiga queria que desse certo: ainda se sentia culpada por ter quebrado sua varinha. Ele reprimiu a resposta que lhe subira aos lábios: que ela poderia ficar com a varinha de ameixeira se achava que não fazia diferença, e ele aceitaria a dela em troca. Desejoso de que voltassem a ser amigos, no entanto, ele concordou; quando Rony ensaiou um sorriso para Hermione, porém, ela se afastou e desapareceu por trás do livro mais uma vez.

Os três voltaram à barraca ao cair da noite, e Harry cumpriu a primeira vigia. Sentado à entrada, experimentou fazer com que a varinha levitasse as pedrinhas aos seus pés: mas sua magia continuava a parecer mais inepta e menos potente do que fora antes. Hermione estava deitada na cama lendo, enquanto Rony, depois de lhe lançar muitos olhares ansiosos, apanhou um pequeno rádio de madeira na mochila e tentou sintonizá-lo.

– Tem um programa – disse a Harry, em voz baixa – que irradia as notícias como realmente são. Todos os outros estão do lado de Você-Sabe-Quem e seguem a diretriz do Ministério, mas este... espere até ouvir, é o máximo. Só que não pode ir ao ar toda noite, o pessoal tem que mudar constantemente de lugar para não ser pego, e a gente precisa de uma senha para sintonizar... o problema é que perdi o último...

Ele deu leves batidas no rádio com a varinha, murmurando, baixinho, palavras soltas. Deu olhadelas furtivas para Hermione, visivelmente temendo nova explosão de fúria, mas, pela atenção que a garota lhe dava, era como se ele nem estivesse presente. Durante uns dez minutos, mais ou menos, Rony bateu e murmurou, Hermione virava página a página o seu livro, e Harry continuava a praticar com a varinha de ameixeira-brava.

Finalmente Hermione desceu da cama. Rony parou de batucar na mesma hora.

– Se estiver incomodando você, eu paro! – disse nervoso a Hermione.

Ela nem se dignou a responder, e se dirigiu a Harry.

– Precisamos conversar – falou.

O garoto olhou para o livro que ela ainda segurava: *A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore*.

– Quê?! – exclamou, apreensivo. Ocorreu-lhe por um instante que havia um capítulo sobre ele; certamente não estava com disposição para ouvir a versão de Rita sobre sua amizade com Dumbledore. A resposta de Hermione foi completamente inesperada.

– Quero visitar Xenofílio Lovegood.
Harry arregalou os olhos.
– Desculpe?
– Xenofílio Lovegood. O pai de Luna. Quero falar com ele!
– Ah... por quê?
Ela inspirou profundamente, como se tomasse coragem e disse:
– Aquela marca, a marca no *Beedle, o bardo*. Olhe para isto!
Ela empurrou *A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore* sob os olhos relutantes de Harry, e ele viu a foto do original da carta que Dumbledore escrevera a Grindelwald, na caligrafia fina e inclinada do diretor. Harry detestou ver a prova indiscutível de que Dumbledore escrevera aquelas palavras, que não tinham sido invenção de Rita Skeeter.
– A assinatura – disse Hermione. – Veja a assinatura, Harry!
Ele obedeceu. Por um momento, não entendeu o que a amiga queria dizer, mas, examinando a foto mais atentamente com auxílio da varinha, viu que Dumbledore substituíra o “A” de Alvo por uma minúscula versão da mesma marca triangular inscrita em *Os contos de Beedle, o bardo*.
– Ah... que é que vocês...? – ensaiou Rony, mas Hermione o fez calar com um olhar, e voltou-se para Harry.
– Não para de aparecer, não é? Sei que Vítor disse que era a marca de Grindelwald, mas, sem a menor dúvida, estava naquele velho túmulo em Godric’s Hollow, e as datas na lápide eram muito anteriores ao nascimento de Grindelwald! E agora isto! Bem, não podemos perguntar a Dumbledore nem a Grindelwald o que significa, nem sei se ele ainda está vivo, mas posso perguntar ao sr. Lovegood. Ele estava usando o símbolo no casamento. Tenho certeza de que isto é importante, Harry!
Harry não respondeu logo. Olhou para o rosto veemente e ansioso de Hermione e, em seguida, para a escuridão ao redor, refletindo. Depois de uma longa pausa, disse:
– Hermione, não precisamos de outra Godric’s Hollow. Nos convencemos de ir lá e...
– Mas isso não para de aparecer, Harry! Dumbledore me deixou *Os contos de Beedle, o bardo*, como saber se não queria que descobríssemos mais a respeito do símbolo?
– Lá vamos nós outra vez! – Harry se sentiu ligeiramente exasperado. – Ficamos todo o tempo tentando nos convencer de que Dumbledore nos deixou sinais e pistas secretos...
– O desiluminador acabou sendo muito útil – falou Rony. – Acho que Hermione tem razão, acho que devemos procurar Lovegood.

Harry lançou-lhe um olhar mal-humorado. Percebera com absoluta segurança que o apoio de Rony a Hermione não tinha muito a ver com o significado da runa triangular.

– Não será como Godric's Hollow – acrescentou Rony. – Lovegood está do seu lado, Harry, *O Pasquim* tem apoiado você desde o começo, vive apregoando que todo mundo tem de ajudá-lo!

– Tenho certeza de que isso é importante! – insistiu Hermione.

– Mas você não acha que se fosse, Dumbledore teria me dito alguma coisa antes de morrer?

– Talvez... talvez seja alguma coisa que você precisa descobrir sozinho – respondeu Hermione, com um leve ar de quem se agarra a uma palha.

– É – concordou Rony, bajulando-a –, isso faz sentido.

– Não, não faz – retorquiu Hermione –, mas continuo achando que devíamos conversar com o sr. Lovegood. Um símbolo que liga Dumbledore, Grindelwald e Godric's Hollow? Harry, tenho certeza de que a gente precisa saber o que é!

– Acho que devíamos votar – sugeriu Rony. – Os que são a favor de procurar Lovegood...

A mão dele se ergueu antes da de Hermione. Os lábios dela tremeram de forma suspeita quando levantou a mão.

– Perdeu a votação, Harry, lamento – disse Rony, dando-lhe palmadinhas nas costas.

– Ótimo – respondeu Harry, entre irritado e divertido. – Mas depois de vermos Lovegood, que tal tentarmos encontrar mais algumas Horcruxes? Afinal, onde moram os Lovegood? Algum de vocês sabe?

– Sei, não é muito longe da minha casa – disse Rony. – Não sei o lugar exato, mas minha mãe e meu pai sempre apontam para os morros quando falam neles. Não deve ser difícil descobrir.

Quando Hermione voltou para a cama, Harry baixou a voz:

– Você só concordou para tentar sair da lista negra da Hermione.

– Vale tudo no amor e na guerra – respondeu Rony, animado –, e isto é um pouco dos dois. Anime-se, são as férias de Natal, Luna estará em casa!

Tiveram uma excelente vista da aldeia de Ottery St. Catchpole da encosta exposta ao vento na qual desaparataram na manhã seguinte. Do alto, a aldeia parecia uma coleção de casas de brinquedo, raios de sol se alongavam até a terra nos intervalos das nuvens. Pararam uns minutinhos para olhar A Toca, as mãos sombreando os olhos, mas conseguiram divisar apenas as sebes altas e as árvores do pomar, que protegiam a casinha torta dos olhares dos trouxas.

– É esquisito estar tão perto, mas não fazer uma visita – disse Rony.

– Bem, até parece que você não acabou de vê-los. Passou lá o Natal –

comentou Hermione com frieza.
– Não estive n'A Toca! – protestou ele com uma risada de incredulidade. – Acham que eu ia voltar lá e contar que abandonei vocês? É, Fred e Jorge teriam ficado muito entusiasmados. E Gina teria sido realmente compreensiva.
– Então onde esteve? – perguntou Hermione, surpresa.
– Na nova casa de Gui e Fleur. Chalé das Conchas. Gui sempre foi correto comigo. Ele... ele não ficou bem impressionado quando soube o que eu fiz, mas não ficou falando. Entendeu que eu estava realmente arrependido. O resto da família não soube que estive lá. Gui disse a mamãe que eles não iam passar o Natal em casa porque queriam passá-lo sozinhos. A primeira festa depois de casados, entende-se. Acho que Fleur não se importou. Vocês sabem como ela detesta Celestina Warbeck.
Rony deu as costas À Toca.
– Vamos tentar ali em cima – disse ele, subindo à frente para o alto da montanha.
Caminharam algumas horas, Harry, por insistência de Hermione, oculto pela Capa da Invisibilidade. O grupo de morrotes parecia desabitado exceto por um pequeno chalé, em que não se viam moradores.
– Acham que é o dos Lovegood e eles foram viajar no Natal? – perguntou Hermione, espiando pela janela de uma cozinha pequena e arrumada com gerânios no parapeito. Rony bufou.
– Escute, tenho a impressão de que você saberia quem são os donos da casa se espiasse pela janela dos Lovegood. Vamos tentar o outro grupo de morros.
Eles desaparataram, então, para alguns quilômetros mais ao norte.
– Ah-ah! – gritou Rony, quando o vento açoitou cabelos e roupas. Ele apontava para o topo do morro no qual tinham aparatado, onde havia uma casa estranhíssima que se erguia verticalmente contra o céu da tarde, um cilindro negro com uma lua fantasmagórica por trás. – Tem que ser a casa da Luna, quem mais moraria em um lugar desse? Parece um roque colossal!
– Não estou ouvindo rock nenhum – comentou Hermione, franzindo a testa, intrigada.
– Estou falando de um roque de xadrez – respondeu Rony. – Para você, uma torre.
As pernas de Rony eram as mais compridas, e ele chegou ao topo do morro primeiro. Quando Harry e Hermione o alcançaram, sem fôlego, comprimindo as pontadas nos músculos do abdome, encontraram-no rindo de orelha a orelha.
– É deles – disse Rony. – Olhem.
Três letreiros pintados à mão estavam presos a um portão desmantelado. O primeiro dizia *"O Pasquim. Editor: X. Lovegood"*, o segundo *"Traga o seu*

próprio visgo”, e o terceiro *“Não se aproxime das ameixas dirigíveis”*.

O portão rangeu quando o abriram. O caminho em zigue-zague que levava à porta da casa tinha um emaranhado de plantas estranhas, inclusive um arbusto coberto com os frutos cor de laranja, semelhantes ao rabanete que, por vezes, Luna usava como brinco. Harry pensou ter reconhecido um Arapucoso, e passou ao largo do toco seco. Duas velhas macieiras-bravas, vergadas pelo vento, desfolhadas, mas ainda carregadas de frutinhas vermelhas, e densas coroas de visgo com bolinhas brancas montavam guarda dos lados da porta de entrada. Uma coruja com a cabeça ligeiramente achatada, lembrando um gavião, espiou-os de um galho.

– É melhor você tirar a Capa da Invisibilidade, Harry – disse Hermione –, é você que o sr. Lovegood quer ajudar, e não a nós.

Harry aceitou a sugestão e lhe entregou a capa para guardar na bolsinha de contas. Ela, então, bateu três vezes na grossa porta preta cravejada de pregos de ferro com uma aldraba em forma de águia.

Não demorou nem dez segundos, a porta se escancarou e viram Xenofílio Lovegood, descalço, com uma roupa que parecia um camisão de dormir todo manchado. Seus longos cabelos de algodão-doce estavam sujos e malcuidados. Decididamente, Xenofílio estivera mais elegante no casamento de Gui e Fleur.

– Quê? Que é isso? Quem são vocês? Que querem? – indagou com uma voz aguda e rabugenta, olhando primeiro para Hermione, depois para Rony e finalmente para Harry, ao que sua boca se abriu em um perfeito e cômico “o”.

– Olá, sr. Lovegood – disse Harry, estendendo a mão. – Sou Harry, Harry Potter.

Xenofílio não apertou a mão de Harry, embora o olho que não apontava vesgamente para o nariz corresse direto para a cicatriz na testa de Harry.

– O senhor nos deixaria entrar? – perguntou Harry. – Tem uma coisa que gostaríamos de lhe perguntar.

– Não... não tenho certeza de que isto seja aconselhável – sussurrou Xenofílio. Ele engoliu em seco e deu uma rápida olhada pelo jardim. – É um choque... palavra... eu... eu receio que não devia realmente...

– Não vamos demorar – respondeu Harry, ligeiramente desapontado com a recepção pouco calorosa.

– Eu... ah, está bem, então. Entrem rápido. *Rápido!*

Mal tinham cruzado o portal e Xenofílio batia a porta às suas costas. Estavam na cozinha mais esquisita que Harry já vira na vida. O cômodo era perfeitamente circular, dando a impressão de que se estava dentro de um gigantesco pimenteiro. Tudo era curvo para se encaixar nas paredes: o fogão, a pia e os armários, e tudo tinha sido pintado com flores, insetos e pássaros em fortes cores

primárias. Harry pensou ter reconhecido o estilo de Luna: o efeito em espaço tão pequeno era ligeiramente avassalador.

No meio do piso, uma escada de ferro em caracol levava aos andares superiores. Ouviam-se muitas batidas e atritos vindos de cima: Harry ficou imaginando o que Luna poderia estar fazendo.

– É melhor subirem – disse Xenofílio, ainda muito constrangido, mostrando o caminho. O cômodo superior parecia uma combinação de sala de estar e oficina e, como tal, era mais atravancado do que a cozinha. Embora muito menor e inteiramente circular, a sala lembrava um pouco a Sala Precisa na ocasião inesquecível em que se transformara em um gigantesco labirinto formado por séculos de objetos escondidos. Havia pilhas e mais pilhas de livros e papéis sobre todas as superfícies. Modelos delicados de criaturas que Harry não reconheceu pendiam do teto, todas batendo as asas e abrindo e fechando os maxilares.

Luna não estava ali: a origem do estardalhaço era um objeto de madeira com rodas dentadas que giravam magicamente. Parecia uma cria bizarra de uma bancada de oficina com uma velha estante, mas, passado um instante, Harry deduziu que devia ser uma antiquada prensa tipográfica, uma vez que estava produzindo exemplares d'*O Pasquim*.

– Com licença – disse Xenofílio e, dirigindo-se à máquina, puxou uma toalha de mesa suja debaixo de uma imensa quantidade de livros e papéis que rolaram no chão e atirou-a sobre a prensa, abafando um pouco as batidas e atritos. Virou-se, então, para Harry.

"Por que veio aqui?"

Antes que Harry pudesse responder, porém, Hermione deixou escapar um gritinho assustado.

– Sr. Lovegood... que é aquilo?

Ela estava apontando para um enorme chifre espiral e cinzento, não muito diferente do chifre de um unicórnio, que fora montado na parede e se projetava mais de um metro sala adentro.

– É o chifre de um Bufador de Chifre Enrugado.

– Não, não é! – contestou Hermione.

– Hermione – murmurou Harry, constrangido –, agora não é o momento...

– Mas, Harry, é um chifre de erumpente! É material comerciável classe B, e é um objeto extraordinariamente perigoso para se ter em casa!

– Como sabe que é um chifre de erumpente? – perguntou Rony afastando-se do chifre o mais rápido que pôde, dado o extremo atravancamento da sala.

– Tem uma descrição dele em *Animais fantásticos & onde habitam*!, sr. Lovegood, o senhor precisa se livrar disso imediatamente, o senhor não sabe que

pode explodir ao menor toque?
– O Bufador de Chifre Enrugado – retrucou Xenofílio claramente, com uma expressão de teimosia no rosto – é um animal tímido e excepcionalmente mágico, e seu chifre...
– Sr. Lovegood, estou reconhecendo os sulcos em torno da base, é um chifre de erumpente e é incrivelmente perigoso; não sei onde o senhor o conseguiu...
– Comprei-o – disse Xenofílio, dogmático – há duas semanas, de um jovem bruxo encantador que soube do meu interesse pelo raro Bufador. Uma surpresa de Natal para a minha Luna. Então – perguntou, virando-se para Harry –, por que exatamente o senhor veio aqui, sr. Potter?
– Precisamos de ajuda – respondeu Harry, antes que Hermione pudesse recomeçar.
– Ah – disse Xenofílio. – Ajuda. Hum. – Seu olho perfeito girou mais uma vez para a cicatriz de Harry. O bruxo pareceu, ao mesmo tempo, aterrorizado e hipnotizado. – Sei. O problema é... ajudar Harry Potter... muito perigoso...
– Não é o senhor que vive dizendo a todos que seu primeiro dever é ajudar Harry? – perguntou Rony. – Naquela sua revista?
Xenofílio olhou para trás onde se achava a prensa coberta, ainda batendo e produzindo atritos sob a toalha.
– Ãh... sim, expressei esse ponto de vista. Entretanto...
– ... estava se referindo aos demais e não à sua pessoa? – comentou Rony.
Xenofílio não respondeu. Não parava de engolir em seco, seu olhar ia e vinha entre os meninos. Harry teve a impressão de que ele estava se debatendo em um doloroso conflito interior.
– Onde está Luna? – perguntou Hermione. – Vejamos o que ela acha.
Xenofílio engoliu ruidosamente. Parecia estar tomando coragem. Por fim, disse com uma voz quase inaudível por causa do barulho da prensa.
– Luna está lá embaixo no rio, pescando dilátex de água doce. Ela... ela gostará de ver vocês. Vou chamá-la e então... sim, muito bem. Vou tentar ajudá-los.
O bruxo desapareceu pela escada em caracol e eles ouviram a porta da frente abrir e fechar. Entreolharam-se.
– Muquirana covarde – disse Rony. – Luna tem dez vezes mais peito que ele.
– Ele provavelmente está preocupado com o que pode acontecer se os Comensais da Morte descobrirem que estive aqui – lembrou Harry.
– Concordo com o Rony – disse Hermione. – Um velho hipócrita nojento, dizendo a todo o mundo para ajudar você e tentando fugir da raia. E, pelo amor de Deus, fiquem longe desse chifre.
Harry foi até a janela do lado oposto da sala. Viu o rio, uma fita estreita e

luminosa lá embaixo no sopé do morro. Estavam muito alto; uma ave passou adejando pela janela, quando ele olhava na direção d'A Toca, agora invisível atrás de outras elevações. Gina se achava ali em algum lugar. Hoje estavam mais próximos um do outro do que tinham estado desde o casamento de Gui e Fleur, mas ela não poderia fazer ideia de que estava olhando para ela, pensando nela. Supunha que devesse se alegrar com isso; qualquer um com quem entrasse em contato corria perigo, e a atitude de Xenofílio confirmava isso.

Harry deu as costas à janela e seu olhar recaiu sobre outro objeto extravagante, em cima de um aparador curvo e entulhado: um busto de pedra de uma bruxa bonita, mas austera, com um toucado de aspecto bizarro. Dos lados do busto, subiam em curva objetos que pareciam trompas de ouro para surdos. Havia um par de cintilantes asas azuis na tira de couro que passava pelo alto da cabeça, e um daqueles rabanetes cor de laranja em uma segunda tira em torno da testa.

– Olhem isso aqui – falou Harry.

– Encantador – comentou Rony. – Fico surpreso que ele não tenha usado isso no casamento.

Ouviram, então, a porta da entrada fechar e instantes depois Xenofílio tornava a subir a escada circular para a sala, suas pernas finas agora metidas em botas de pescaria, trazendo na mão uma bandeja com xícaras sem par e um fumegante bule de chá.

– Ah, você descobriu a minha invenção preferida! – exclamou ele, empurrando a bandeja para os braços de Hermione e se juntando a Harry, ao lado da estátua. – Modelado, muito condizente com a bela cabeça de Rowena Ravenclaw. *O espírito sem limites é o maior tesouro do homem!*

Xenofílio indicou os objetos que pareciam trompas.

– Esses são sifões zonzóbulos para afastar todas as fontes de distração na área em torno do pensador. Aqui – ele apontou para as asinhas –, uma hélice de gira-gira para induzir a elevação da mente. E por fim – ele apontou para o rabanete cor de laranja – a ameixa dirigível, para intensificar a capacidade de aceitar o extraordinário.

Xenofílio voltou à bandeja de chá, que Hermione conseguira equilibrar precariamente em uma das mesinhas cheias de objetos.

– Aceitam uma infusão de raiz-de-cuia? – ofereceu Xenofílio. – Nós mesmos a cultivamos. – Quando começou a servir a bebida, que era carmim como suco de beterraba, acrescentou: – Luna está do outro lado da Ponte Baixa, ficou muito animada com a presença de vocês. Não deve demorar, já pescou dilátex suficientes para preparar uma sopa para todos nós. Por favor, sentem-se e se sirvam de açúcar.

“Então”, ele tirou uma pilha mal equilibrada de papéis de uma poltrona e se sentou, cruzou as pernas com as botas de pescaria, “como posso ajudá-lo, sr. Potter?”

– Bem – começou Harry, olhando para Hermione, que acenou encorajando-o –, é aquele símbolo que o senhor estava usando no pescoço no casamento de Gui e Fleur, sr. Lovegood. Queríamos saber o que significa.

Xenofílio ergueu as sobrancelhas.

– Você está se referindo ao símbolo das Relíquias da Morte?

— CAPÍTULO VINTE E UM —

O conto dos três irmãos

Harry olhou para Rony e Hermione. Os dois tampouco pareciam ter entendido o que Xenofílio dissera.

– As Relíquias da Morte?

– Isso mesmo – respondeu o bruxo. – Nunca ouviram falar? Não é surpresa. Pouquíssimos bruxos acreditam nelas. Veja aquele rapaz cabeçudo no casamento do seu irmão – disse ele, indicando Rony –, que me atacou por usar o símbolo de um conhecido bruxo das Trevas! Quanta ignorância! Não há nada ligado às Trevas nas Relíquias, pelo menos não em um sentido rudimentar. A pessoa usa o símbolo para se dar a conhecer a outros crentes, na esperança de que possam ajudá-lo na busca.

Ele pôs vários torrões de açúcar na infusão de raiz-de-cuia e tomou um gole.

– Desculpe – disse Harry. – Continuo sem entender.

Por educação, tomou um golinho de sua xícara e quase engasgou: a bebida era nojenta, como se alguém tivesse liquefeito feijõezinhos de todos os sabores com sabor de bicho-papão.

– Bem, como veem, os crentes procuram as Relíquias da Morte – explicou Xenofílio, estalando os lábios, visivelmente aprovando a infusão de raiz-de-cuia.

– Mas que *são* as Relíquias da Morte? – perguntou Hermione.

Xenofílio pôs de lado a xícara vazia.

– Suponho que estejam familiarizados com “O conto dos três irmãos”?

Harry respondeu que não, mas tanto Rony quanto Hermione responderam afirmativamente.

Xenofílio assentiu, sério.

– Ora, muito bem, sr. Potter, tudo começa com “O conto dos três irmãos”... tenho um exemplar aqui em algum lugar...

Ele correu os olhos pela sala, procurando-o nas pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione interrompeu-o:

– Tenho o conto, sr. Lovegood, trouxe-o comigo. – E ela tirou *Os contos de Beedle, o bardo* da bolsinha de contas.
– O original? – perguntou Xenofílio vivamente, e, quando a garota confirmou, ele disse: – Então por que não o lê em voz alta? É o melhor meio de assegurar que todos entendemos.
– Ah... está bem – disse Hermione, nervosa. Abriu o livro e Harry viu que o símbolo que estavam pesquisando encimava a página; ela pigarreou e começou a ler:

– Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer...

– À meia-noite foi como nossa mãe contou – disse Rony, que esticara os braços para trás da cabeça, para ouvir. Harry lançou-lhe um olhar aborrecido. – Desculpe, acho que dá mais medo se for meia-noite! – Rony replicou.
– É, estamos realmente precisando de um pouco mais de medo em nossas vidas – disse Harry, sem conseguir se conter. Xenofílio não parecia estar prestando muita atenção e olhava o céu pela janela. – Continue, Hermione.

– Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado.
“E a Morte falou...”

– Desculpe – interrompeu-a Harry –, mas “a *Morte* falou”?
– É um conto de fadas, Harry!
– Certo, desculpe. Continue.

– E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.
“Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

“Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levara. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

“Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.”

– A Morte tem uma Capa da Invisibilidade? – Harry tornou a interrompê-la.

– Para poder se aproximar sorrateiramente das pessoas – disse Rony. – Às vezes ela se cansa de atacá-las agitando os braços e gritando... desculpe, Hermione.

– Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte.

“No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

“O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

“Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho.

“Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

“Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

“Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela.

“Então, a Morte levou o segundo irmão.
“Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.”

Hermione fechou o livro. Passou-se um momento até Xenofílio perceber que a garota terminara a leitura, então desviou o olhar da janela e disse:
– Eis a explicação.
– Desculpe? – disse Hermione, parecendo confusa.
– Essas são as Relíquias da Morte – confirmou Xenofílio.
Ele apanhou uma pena na mesa atulhada de objetos, ao lado do seu cotovelo, e puxou um pedaço rasgado de pergaminho entre mais livros.
– A Varinha das Varinhas – disse ele, desenhando uma linha vertical no pergaminho. – A Pedra da Ressurreição. – E acrescentou um círculo no alto da linha. – A Capa da Invisibilidade – terminou, circunscrevendo a linha e o círculo em um triângulo, completando o símbolo que tanto intrigara Hermione. – Juntas – disse ele –, as Relíquias da Morte.
– Mas não há menção das palavras “Relíquias da Morte” na história – disse Hermione.
– Bem, é claro que não – respondeu Xenofílio, irritantemente presunçoso. – Isso é uma história para crianças, contada para divertir e não para instruir. Aqueles de nós versados nessas questões, porém, reconhecem que a história antiga se refere a três objetos, ou Relíquias, que, se unidas, tornarão o seu dono senhor da Morte.
Fez-se um breve silêncio em que Xenofílio olhou para fora. O sol já ia baixo no céu.
– Logo Luna terá dilátex suficientes – disse ele, baixinho.
– Quando o senhor diz “senhor da Morte”... – começou Rony.
– Senhor – explicou ele, acenando levemente com a mão. – Conquistador. Vencedor. O termo que você preferir.
– Mas então... o senhor quer dizer... – tornou Hermione, lentamente, e Harry percebeu que estava tentando eliminar qualquer vestígio de ceticismo de sua voz – que o senhor acredita que esses objetos, essas Relíquias, realmente existem?
Xenofílio ergueu as sobrancelhas.
– Claro que sim.
– Mas – replicou Hermione, e Harry pôde ouvir a sua prudência começar a ruir –, sr. Lovegood, como é *possível* o senhor acreditar...?

– Luna me contou tudo sobre você, minha jovem – disse Xenofílio –, você é, pelo que entendi, inteligente, mas penosamente limitada. A mente estreita. Fechada.

– Talvez você devesse experimentar o chapéu, Hermione – sugeriu Rony, indicando com a cabeça o toucado ridículo. Sua voz tremia com o esforço para não rir.

– Sr. Lovegood – recomeçou Hermione. – Todos sabemos que Capas da Invisibilidade existem. São raras, mas existem. Mas...

– Ah, mas a terceira Relíquia é a *verdadeira* Capa da Invisibilidade, srta. Granger! Estou querendo dizer que não é uma capa de viagem impregnada com um Feitiço da Desilusão, ou dotada com uma Azaração de Ofuscamento, ou, ainda, tecida com pelo de seminviso, que, de início, ocultarão a pessoa, mas, com o tempo, se dissiparão até a capa se tornar opaca. Estamos falando de uma capa que real e verdadeiramente torna o seu usuário invisível, e dura para todo o sempre, ocultando-o de forma constante e impenetrável, seja quais forem os feitiços que se lancem sobre ela. Quantas capas *assim* já viu em sua vida, srta. Granger?

Hermione abriu a boca para responder e tornou a fechá-la, parecendo mais confusa que nunca. Ela, Harry e Rony se entreolharam, e Harry percebeu que estavam todos pensando a mesma coisa. Acontece que uma capa exatamente como a que Xenofílio acabara de descrever estava com eles ali na sala, naquele exato momento.

– Precisamente – concluiu Xenofílio, como se os tivesse vencido em uma discussão racional. – Nenhum de vocês jamais viu coisa igual. Seu dono seria desmesuradamente rico, não é mesmo?

Ele tornou a olhar para a janela. O céu agora se tingia com levíssimos tons de rosa.

– Certo – disse Hermione desconcertada. – Digamos que a capa existisse... e a pedra, sr. Lovegood? Essa que o senhor chama de Pedra da Ressurreição?

– Que tem ela?

– Bem, como pode ser real?

– Prove que não é.

Hermione mostrou-se indignada.

– Mas isso... me desculpe, mas é completamente ridículo! Como é *possível* eu provar que não existe? O senhor espera que eu recolha... recolha todas as pedras do mundo e faça um teste com elas? Quero dizer, a pessoa poderia afirmar que *qualquer* coisa é real se a única base para se crer nela fosse ninguém ter *provado* a sua inexistência!

– Sim, poderia – disse Xenofílio. – Fico satisfeito de ver que a sua mente está

um pouquinho mais receptiva.
– Então, a Varinha das Varinhas – perguntou Harry depressa, antes que Hermione pudesse objetar –, o senhor acha que também existe?
– Ah, bem, neste caso há inumeráveis vestígios. A Varinha das Varinhas é a Relíquia mais facilmente encontrável, pelo modo com que passa de mão em mão.
– E qual é? – perguntou Harry.
– O dono da varinha deve capturá-la do dono anterior, se quiser ser o seu verdadeiro senhor. Certamente, você já ouviu falar de como a varinha passou para Egberto, o Egrégio, depois que matou Emerico, o Mal, não? Como Godelot morreu em sua própria adega de vinhos depois que o filho, Hereward, lhe tomou a varinha? Do terrível Loxias, que se apossou da varinha de Barnabás Deverill, a quem matou? O rastro sangrento da Varinha das Varinhas mancha as páginas da história da magia.
Harry olhou para Hermione. Ela franzia a testa para Xenofílio, mas não o contradisse.
– Então, onde o senhor acha que essa varinha está agora? – perguntou Rony.
– Ai de mim, quem sabe? – respondeu Xenofílio, espiando pela janela. – Quem sabe onde se esconde a Varinha das Varinhas? O rastro se esfria com Arco e Lívio. Quem sabe dizer qual dos dois realmente derrotou Loxias e qual levou a varinha? E quem sabe dizer quem pode tê-los derrotado? A história infelizmente não nos diz.
Houve uma pausa. Finalmente, Hermione perguntou muito formalmente:
– Sr. Lovegood, a família Peverell tem alguma ligação com as Relíquias da Morte?
Xenofílio pareceu surpreso, e alguma coisa se agitou na memória de Harry, mas ele não conseguiu localizá-la. Peverell... ouvira aquele nome antes...
– Mas você esteve me iludindo, minha jovem! – exclamou Xenofílio, agora se empertigando na cadeira e arregalando os olhos para Hermione. – Pensei que você fosse uma novata na busca das Relíquias! Muitos de nós acreditam que os Peverell têm tudo, *tudo*!, a ver com as Relíquias!
– Quem são os Peverell? – perguntou Rony.
– Esse era o nome no túmulo com a marca, em Godric’s Hollow – respondeu Hermione, ainda observando Xenofílio. – Ignoto Peverell.
– Exatamente! – exclamou Xenofílio erguendo pedantemente o dedo indicador. – O símbolo das Relíquias da Morte no túmulo de Ignoto é uma prova conclusiva.
– De quê? – perguntou Rony.
– Ora, de que os três irmãos da história eram, na realidade, os três irmãos

Peverell, Antíoco, Cadmo e Ignoto! De que eles foram os primeiros donos das Relíquias!

Com outra espiada para a janela, ele se levantou, apanhou a bandeja e se dirigiu à escada em caracol.

– Vocês ficarão para jantar? – perguntou, ao desaparecer mais uma vez no andar de baixo. – Todo o mundo sempre pede a nossa receita de sopa de dilátex de água doce.

– Provavelmente para levar à enfermaria de Venenos no St. Mungus – disse Rony, baixinho.

Harry esperou até ouvirem Xenofílio se movimentando na cozinha embaixo antes de falar.

– Que acha? – perguntou a Hermione.

– Ah, Harry – disse, preocupada –, isso é um monte de besteiras. Não pode ser realmente o significado do símbolo. Deve ser a versão excêntrica dele. Que perda de tempo.

– Suponho que *esse* seja o homem que descobriu os Bufadores de Chifre Enrugado – comentou Rony.

– Você também não acredita nele? – perguntou Harry ao amigo.

– Bah, essa história é uma dessas coisas que se conta às crianças para ensinar lições de vida, não é? Não saia procurando encrenca, não compre brigas, não mexa com coisas que é melhor deixar em paz! Mantenha a cabeça abaixada, cuide de sua vida e você viverá bem. Pensando bem – acrescentou Rony –, talvez essa história seja para explicar por que varinhas de sabugueiro dão azar.

– Do que você está falando?

– É uma dessas superstições, não? "Bruxa nascida em maio com trouxa irá casar." "Feitiço ao anoitecer desfaz ao amanhecer." "Varinha de sabugueiro, azar o ano inteiro." Você já deve ter ouvido. Minha mãe sabe uma porção.

– Harry e eu fomos criados por trouxas – lembrou-lhe Hermione –, aprendemos outras superstições. – Ela deu um profundo suspiro ao mesmo tempo que um aroma penetrante subia da cozinha. A única coisa boa em sua exasperação com Xenofílio foi que a fizera esquecer que estava aborrecida com Rony. – Acho que você tem razão – disse-lhe. – É só um conto moral, é óbvio qual é o melhor presente, qual a pessoa escolheria...

Os três falaram ao mesmo tempo; Hermione disse "a capa", Rony, "a varinha", e Harry, "a pedra".

Eles se entreolharam com um ar de surpresa e divertimento.

– Eu *sabia* que você ia dizer capa – disse Rony a Hermione –, mas você não precisaria ser invisível, se tivesse a varinha. Uma *vari nha invencível*, ah, Hermione, qual é!

– Já temos uma Capa da Invisibilidade – disse Harry.
– E tem nos ajudado um bocado, caso você não tenha reparado! – protestou Hermione. – Enquanto que a varinha só serviria para atrair encrencas...
– ... só se você ficasse anunciando – argumentou Rony. – Só se você fosse retardado e saísse dançando por aí, agitando a varinha no alto e cantando: “Tenho uma varinha invencível, venha enfrentá-la se acha que é fera.” Desde que o cara ficasse de boca fechada...
– Sei, mas e o cara *conseguiria* ficar de boca fechada? – disse Hermione, com o ar cético. – Sabem, a única coisa verdadeira que ele nos disse foi que há centenas de anos contam-se histórias de varinhas extraordinariamente poderosas.
– Contam-se? – perguntou Harry.
Hermione demonstrou irritação: a expressão era tão carinhosamente conhecida de Harry e Rony que eles riram um para o outro.
– A Varinha da Morte e a Varinha do Destino surgem sob diferentes nomes através dos séculos, em geral, nas mãos de algum bruxo das Trevas que está se gabando de possuí-las. O professor Binns mencionou algumas, mas... ah, é tudo besteira. As varinhas são tão poderosas quanto o bruxo que as usa. Alguns só querem se gabar que a deles é maior e melhor que a dos outros.
– Mas como é que você sabe – indagou Harry – que essas varinhas, a da Morte e a do Destino, não são a mesma que reaparece através dos séculos com nomes diferentes?
– E se todas forem realmente a Varinha das Varinhas fabricada pela Morte? – perguntou Rony.
Harry riu: a ideia estranha que acabara de lhe ocorrer era, afinal, ridícula. Sua varinha, lembrou-se, tinha sido de azevinho e não de sabugueiro, e fabricada por Olivaras, apesar do que fizera naquela noite em que Voldemort o perseguira pelo céu. E se fosse invencível, como poderia ter se partido?
– Então, por que você preferiu a pedra? – perguntou-lhe Rony.
– Bem, se fosse possível trazer as pessoas de volta, poderíamos ter Sirius... Olho-Tonto... Dumbledore... meus pais...
Nem Rony nem Hermione sorriram.
– Mas, segundo Beedle, o bardo, eles não iriam querer voltar, não é? – continuou Harry, pensando no conto que tinham acabado de ouvir. – Suponho que não tenha havido muitas histórias sobre uma pedra que é capaz de ressuscitar os mortos, houve? – perguntou ele a Hermione.
– Não – respondeu ela, triste. – Acho que ninguém, exceto o sr. Lovegood, se iludiria achando isso possível. Beedle, provavelmente, tirou a ideia da Pedra Filosofal; sabe, em vez de uma pedra que o torna imortal, uma pedra que reverte a morte.

O aroma da cozinha se intensificava: lembrava cuecas queimadas. Harry se perguntou se seria possível comer o suficiente da sopa que Xenofílio estava preparando para evitar magoá-lo.

– Mas e a capa? – perguntou Rony, devagar. – Vocês não percebem que ele tem razão? Me acostumei tanto a usar a capa do Harry e a achá-la útil que nunca parei para pensar. Nunca ouvi falar em outra igual a do Harry. É infalível. Nunca nos detectaram embaixo dela...

– Claro que não: somos invisíveis embaixo dela, Rony!

– Mas todo o resto que ele disse sobre outras capas, e elas não custam exatamente dez por um nuque, você sabe que é verdade! Nunca me ocorreu antes, mas já ouvi falar de capas cujos feitiços desgastam com o tempo, ou são rompidas por feitiços que deixam buracos. A de Harry pertenceu ao pai dele, portanto, não é exatamente nova, não é, mas está... perfeita!

– Sei, tudo bem, mas, Rony, a *pedra*...

Enquanto discutiam aos cochichos, Harry andou pela sala prestando apenas meia atenção à conversa. Ao chegar à escada circular, ergueu os olhos distraidamente para o andar acima e se perturbou. O seu próprio rosto se refletia no teto do aposento.

Passado um momento de perplexidade, ele percebeu que não era um espelho, mas uma pintura. Curioso, começou a subir a escada.

– Harry, que é que está fazendo? Acho que você não devia ficar olhando a casa quando ele não está presente!

Harry, porém, já alcançara o andar de cima.

Luna decorara o teto do quarto dela com cinco rostos belamente pintados: Harry, Rony, Hermione, Gina e Neville. Eles não se moviam como os quadros de Hogwarts, mas, ainda assim, possuíam certa magia: Harry achou que respiravam. O que pareciam ser apenas finas correntes de ouro passadas em volta das imagens, entrecruzando-as, após um exame mais atento, Harry percebeu que formavam uma palavra, mil vezes repetida em tinta dourada: *amigos... amigos... amigos*...

Harry sentiu uma grande onda de afeição por Luna. Correu os olhos pelo quarto. Havia, ao lado da cama, uma grande foto de Luna criança, com uma mulher muito parecida com ela. Estavam abraçadas. A garota, muito mais bem cuidada nessa foto do que Harry jamais a vira na vida. A foto estava empoeirada. Ele achou isso estranho. Olhou melhor o quarto.

Havia alguma coisa esquisita. O tapete azul-claro também estava coberto de poeira. Não havia roupas no guarda-roupa, cujas portas estavam entreabertas. A cama dava a impressão de frieza e hostilidade, como se ninguém dormisse nela havia semanas. Uma única teia de aranha se estendia sobre a janela mais

próxima, cortando o céu tinto de sangue.

– Que aconteceu? – perguntou Hermione, quando Harry desceu. Mas, antes que ele pudesse responder, Xenofílio, vindo da cozinha, chegou ao último degrau, agora trazendo uma bandeja carregada de tigelas.

– Sr. Lovegood – perguntou Harry. – Onde está Luna?

– Desculpe?

– Onde está Luna?

Xenofílio parou no patamar.

– Já... já lhe disse. Foi à Ponte de Baixo, pescar dilátex.

– Então, por que preparou a bandeja apenas para quatro?

Xenofílio tentou falar, mas não emitiu som algum. O único ruído era o que vinha da máquina impressora e uma leve vibração da bandeja quando as mãos de Xenofílio tremeram.

– Acho que Luna não está em casa há semanas. As roupas dela não estão aqui, a cama não tem sido usada. Onde está? E por que o senhor fica todo o tempo olhando para a janela?

Xenofílio deixou cair a bandeja: as tigelas balançaram e quebraram. Harry, Rony e Hermione sacaram as varinhas: o bruxo congelou, a mão quase alcançando o bolso. Naquele momento, a prensa produziu um enorme estrépito e vários exemplares d'*O Pasquim* começaram a descer da máquina para o chão por baixo da toalha; a prensa finalmente silenciou. Hermione se abaixou e apanhou uma revista, a varinha ainda apontando para o sr. Lovegood.

– Harry, veja isso.

Ele se aproximou o mais rápido que pôde desviando dos numerosos objetos. A capa d'*O Pasquim* tinha a sua foto, cortada pelas palavras *Indesejável Número Um* e, na legenda, o prêmio por sua captura.

– *O Pasquim* vai mudar de diretriz, então? – perguntou Harry, com frieza, seu cérebro funcionando agilmente. – Era isso que o senhor estava fazendo quando foi ao jardim, sr. Lovegood? Enviando uma coruja ao Ministério?

Xenofílio umedeceu os lábios.

– Eles levaram a minha Luna – sussurrou. – Por causa do que andei escrevendo. Levaram minha Luna e não sei onde está, o que fizeram com ela. Mas talvez me devolvam minha filha se eu... se eu...

– Entregar Harry Potter? – Hermione terminou a frase por ele.

– Nada feito – disse Rony, taxativo. – Saia da frente, estamos indo embora.

Xenofílio ficou lívido, um século mais velho, seus lábios se repuxaram em um pavoroso esgar.

– Estarão aqui a qualquer momento. Preciso salvar Luna. Não posso perder Luna. Vocês não devem ir.

Ele abriu os braços diante da escada, e Harry teve uma súbita visão de sua mãe fazendo o mesmo diante do seu berço.

– Não nos obrigue a feri-lo – disse Harry. – Saia do caminho, sr. Lovegood.

– HARRY! – gritou Hermione.

Vultos montados em vassouras passaram voando pelas janelas. No momento em que a atenção dos três se desviou, Xenofílio sacou a varinha. Harry percebeu o erro ainda em tempo: atirou-se de lado, empurrando Rony e Hermione para longe quando o Feitiço Estuporante voou pela sala e atingiu o chifre de erumpente.

Houve uma explosão descomunal. O som produzido pareceu destruir a sala: pedaços de madeira e papel e entulho voaram em todas as direções, erguendo uma nuvem impenetrável de densa poeira branca. Harry foi arremessado no ar e, em seguida, se estatelou no chão, cego pelos destroços que choviam sobre ele, os braços protegendo a cabeça. Ele ouviu Hermione gritar, o berro de Rony e uma série de nauseantes baques metálicos, que indicavam que a explosão arrebatara Xenofílio do chão e o atirara de costas escada abaixo.

Meio soterrado pelo entulho, Harry tentou se levantar: mal conseguia respirar ou enxergar por causa da poeira. Metade do teto cedera e uma parte da cama de Luna pendia pelo rombo. O busto de Rowena Ravenclaw jazia ao seu lado com metade do rosto destruído, fragmentos de pergaminho flutuavam no ar e a maior parte da prensa tombara de lado, bloqueando a escada para a cozinha. Então, outra forma branca se aproximou e Hermione, coberta de poeira como uma segunda estátua, levou o dedo aos lábios.

A porta no térreo foi posta abaixo.

– Não lhe disse que não precisávamos ter pressa, Travers? – disse uma voz áspera. – Não lhe disse que esse matusquela estava delirando como sempre?

Houve um estampido e o grito de dor de Xenofílio.

– Não... não... lá em cima... Potter.

– Eu lhe disse na semana passada, Lovegood, que não viríamos a não ser que você tivesse alguma informação concreta! Lembra-se da semana passada? Quando você quis trocar a sua filha por aquela bosta daquele toucado idiota? E na semana anterior (outro estampido, mais um guincho), quando você achou que nós a devolveríamos se você oferecesse prova de que existem Bufadores (estampido) de Chifre (estampido) Enrugado?

– Não... não... eu suplico! – soluçou Xenofílio. – É realmente Potter! Verdade!

– E agora vemos que só nos chamou aqui para tentar nos explodir! – rugiu o Comensal da Morte, e ouviu-se uma rajada de estampidos entremeados por guinchos agônicos de Xenofílio.

– A casa parece que vai desabar, Selwyn – disse outra voz calma, que ecoou

pela escada desconjuntada. – A escada está totalmente bloqueada. Posso tentar desobstruí-la? Talvez a casa desabe de vez.

– Seu mentiroso nojento – gritou o bruxo chamado Selwyn. – Você nunca viu Potter na vida, viu? Pensou em nos atrair aqui para nos matar, foi? E acha que vamos lhe devolver sua filha assim?

– Juro... juro... Potter está lá em cima!

– *Homenum revelio!* – disse a voz ao pé da escada.

Harry ouviu Hermione ofegar e teve a estranha sensação de que alguma coisa estava mergulhando sobre ele, absorvendo seu corpo na própria sombra.

– Tem alguém lá em cima, sim, Selwyn – disse o segundo homem, bruscamente.

– É Potter, estou lhes dizendo, é Potter! – soluçou Xenofílio. – Por favor... por favor... me tragam Luna, me devolvam Luna...

– Você terá a sua filhinha, Lovegood – disse Selwyn –, se subir essa escada e me trouxer Harry Potter. Mas, se isto for uma conspiração, se for um truque, se tiver um cúmplice esperando lá em cima para nos atacar, tentaremos guardar um pedacinho de sua filha para você enterrar.

Xenofílio soltou um grito de medo e desespero. Ouviram-se passos apressados e coisas sendo arrastadas: Xenofílio estava tentando passar pelos destroços na escada.

– Vamos – sussurrou Harry –, temos que dar o fora daqui.

Ele começou a se desenterrar acobertado pelo barulho que Xenofílio fazia na escada. Rony era quem estava enterrado mais fundo: Harry e Hermione subiram, o mais silenciosamente que puderam, nos destroços em que ele jazia e tentaram retirar uma pesada cômoda de cima de suas pernas. Quando as batidas e arrastos de Xenofílio foram se tornando mais próximos, Hermione conseguiu soltar Rony com o auxílio de um Feitiço de Levitação.

– Tudo bem – sussurrou Hermione, quando a prensa quebrada que bloqueava o alto da escada começou a estremecer; Xenofílio estava apenas a alguns passos. A garota continuava branca de poeira. – Você confia em mim, Harry?

Harry assentiu.

– O.k., então – murmurou Hermione –, me dê a Capa da Invisibilidade. Rony, você vai vesti-la.

– Eu? Mas Harry...

– *Por favor, Rony!* Harry, aperte a minha mão, Rony, segure o meu ombro.

Harry estendeu a mão esquerda. Rony desapareceu sob a capa. A prensa que bloqueava a escada sacudia: Xenofílio tentava removê-la usando o Feitiço de Levitação. Harry não sabia o que Hermione estava aguardando.

– Segurem firme – sussurrou ela. – Segurem firme... a qualquer segundo

agora...

O rosto de Xenofílio, branco como um papel, apareceu por cima da superfície do aparador.

– *Obliviate!* – ordenou Hermione, apontando a varinha, primeiro para o rosto dele e, em seguida, para o andar de baixo: – *Deprimo!*

Ela acabara de explodir uma abertura no soalho da sala de visitas. Eles caíram como pedras, Harry ainda segurando a mão da amiga, como se disso dependesse sua vida, ouviram um grito embaixo e o garoto vislumbrou dois homens tentando escapar da vasta quantidade de entulho e móveis quebrados, que choveram sobre eles do teto despedaçado. Hermione rodopiou no ar e o ribombar da casa desabando ecoou em seus ouvidos enquanto a amiga arrastava-o mais uma vez para a escuridão.

— CAPÍTULO VINTE E DOIS —

As Relíquias da Morte

Harry caiu, arquejando no capim, e se levantou depressa. Pareciam ter aparatado no canto de um campo ao anoitecer; Hermione já estava correndo em círculo à volta deles, gesticulando com a varinha.

– *Protego totalum... Salvio hexia*...

– Aquele parasita traiçoeiro! – arfou Rony, saindo debaixo da Capa da Invisibilidade e atirando-a para Harry. – Hermione, você é um gênio, um gênio completo, nem acredito que nos safamos!

– *Cave inimicum*... eu não *disse* que era chifre de erumpente? Não disse? Agora a casa dele explodiu!

– Bem feito – comentou Rony, examinando o jeans rasgado e os cortes nas pernas. – Que acha que farão com ele?

– Ah, espero que não o matem! – gemeu Hermione. – Foi por isso que eu quis que os Comensais da Morte vissem o Harry antes de sairmos, para saberem que o Xenofílio não estava mentindo!

– Mas por que me esconder? – perguntou Rony.

– Porque acham que você está de cama com sarapintose, Rony! Eles sequestraram Luna porque o pai apoiava Harry! Que aconteceria com a sua família se soubessem que você está com ele?

– Mas e os *seus* pais?

– Estão na Austrália – respondeu Hermione. – Devem estar bem. Não sabem de nada.

– Você é um gênio – repetiu Rony, assombrado.

– E é mesmo, Hermione – concordou Harry, com fervor. – Não sei o que faríamos sem você.

Seu rosto se iluminou sorridente, mas imediatamente ficou sério.

– E a Luna?

– Bem, se eles estiverem dizendo a verdade e ela ainda estiver viva... –

começou Rony.

– Não diga isso, não diga isso! – guinchou Hermione. – Ela precisa estar viva, precisa!

– Então estará em Azkaban, suponho – disse Rony. – Mas, se vai sobreviver à prisão... muita gente não...

– Vai sobreviver – afirmou Harry. Ele não suportaria pensar na alternativa. – Ela é durona, a Luna, muito mais do que se imaginaria. Provavelmente está ensinando aos companheiros de prisão tudo a respeito de zonzóbulos e narguilés.

– Espero que você tenha razão – disse Hermione. E passou as mãos pelos olhos. – Eu teria tanta pena de Xenofílio se...

– ... se não tivesse acabado de tentar nos vender para os Comensais da Morte, sim – completou Rony.

Os garotos armaram a barraca e se retiraram para o seu interior, onde Rony preparou o chá para todos. Depois de se salvarem por um triz, a barraca fria e bolorenta parecia um lar, seguro, familiar e amigo.

– Ah, por que fomos lá? – gemeu Hermione, depois de alguns minutos de silêncio. – Harry estava certo, foi uma repetição de Godric's Hollow, uma completa perda de tempo! As Relíquias da Morte... quanta besteira... embora – um pensamento repentino parecia ter lhe ocorrido – aquilo possa ser tudo invenção dele, não? Provavelmente não acredita nem um pouco nessas Relíquias, só queria nos dar corda até os Comensais da Morte chegarem!

– Acho que não – disse Rony. – É muito mais difícil inventar histórias quando se está sob pressão do que vocês imaginam. Descobri isso quando os sequestradores me pegaram. Foi muito mais fácil fingir que era o Lalau, porque eu conhecia alguma coisa sobre ele, do que inventar alguém inteiramente novo. O velho Lovegood estava sob uma baita pressão, tentando garantir que não fôssemos embora. Acho que nos contou a verdade, ou o que ele pensa que seja a verdade, só para sustentar a conversa.

– Bem, suponho que não faça diferença – suspirou Hermione. – Mesmo que estivesse sendo sincero, nunca ouvi tanto absurdo na minha vida.

– Mas calma aí – replicou Rony. – Também disseram que a Câmara Secreta era um mito, não foi?

– Mas as Relíquias da Morte *não podem* existir, Rony!

– Você não para de dizer isso, mas uma delas pode. A Capa da Invisibilidade do Harry...

– "O conto dos três irmãos" é uma história – disse Hermione, com firmeza. – Uma história sobre o medo que os seres humanos têm da morte. Se sobreviver fosse tão simples quanto se esconder sob a Capa da Invisibilidade, já teríamos tudo de que precisamos!

– Não sei. Uma varinha invencível seria de bom tamanho – disse Harry, girando entre os dedos a varinha de ameixeira-brava que tanto detestava.

– Isso não existe, Harry!

– Você disse que tem havido uma quantidade de varinhas: a Varinha da Morte ou que nome tenham...

– Tudo bem, mesmo que você queira se iludir, a Varinha das Varinhas é real, e a Pedra da Ressurreição? – Ela desenhou com os dedos pontos de interrogação em torno do nome, e seu tom escorria sarcasmo. – Não hámagia que possa ressuscitar os mortos, e pronto!

– Quando a minha varinha entrou em contato com a de Você-Sabe-Quem, minha mãe e meu pai apareceram... e Cedrico...

– Mas não voltaram realmente do além, não é? – disse Hermione. – Essas pálidas imitações não são pessoas de fato ressuscitadas.

– Mas ela, a garota da história, não voltou de verdade, voltou? A história diz que uma vez que a pessoa morre, seu lugar é junto aos mortos. Mas o segundo irmão ainda chegou a vê-la e a falar com ela, não foi? Até conviveu com ela por algum tempo...

Harry viu preocupação e outra coisa menos facilmente definível na expressão de Hermione. Então, quando a garota olhou para Rony, ele percebeu que era medo: Harry a deixara apavorada com essa conversa de viver com gente morta.

– Então, aquele tal Peverell que está enterrado em Godric's Hollow – acrescentou, depressa, tentando parecer irredutivelmente são –, você não sabe nada dele?

– Não – respondeu Hermione, parecendo aliviada com a mudança de assunto. – Procurei o nome dele depois que vi a marca no túmulo; se tivesse sido alguém famoso ou feito alguma coisa importante, estaria em um dos nossos livros. O único lugar em que consegui encontrar o nome "Peverell" foi em *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*. Pedi o livro emprestado a Monstro – explicou quando Rony ergueu as sobrancelhas. – Lista as famílias de sangue puro que agora estão extintas pela linhagem masculina. Aparentemente, a família Peverell foi uma das primeiras.

– Extintas pela linhagem masculina? – repetiu Rony.

– Quero dizer que o nome morreu – explicou Hermione –, há séculos, no caso dos Peverell. Mas eles talvez ainda tenham descendentes, sob um nome diferente.

Então ocorreu a Harry, com absoluta clareza, a lembrança que fora despertada com a menção do nome Peverell: um velho imundo brandindo um feio anel na cara do funcionário do Ministério, e ele exclamou em voz alta:

– Servolo Gaunt!

– Desculpe? – disseram Rony e Hermione ao mesmo tempo.
– *Servolo Gaunt!* O avô de Você-Sabe-Quem! Na Penseira! Com Dumbledore! Servolo Gaunt disse que descendia dos Peverell!
Rony e Hermione pareciam perplexos.
– O anel, o anel que virou uma Horcrux, Servolo Gaunt disse que tinha o brasão dos Peverell nele! Eu o vi sacudindo o anel na cara do funcionário do Ministério, quase o enfiou no nariz do homem!
– O brasão dos Peverell? – perguntou Hermione, vivamente. – Você viu como era?
– Na verdade, não – respondeu Harry, tentando lembrar. – Pelo que pude ver, não tinha nenhum ornato; talvez alguns riscos. Eu só o vi realmente de perto depois de rachado.
Harry percebeu a compreensão nos olhos subitamente arregalados de Hermione. Rony olhava de um para outro, abismado.
– Caramba... vocês acham que foi o mesmo símbolo outra vez? O símbolo das Relíquias?
– Por que não? – perguntou Harry agitado. – Servolo Gaunt era um babaca velho e ignorante que vivia como um porco, e só se importava com a sua ancestralidade. Se aquele anel tivesse sido legado através dos séculos, ele talvez nem conhecesse realmente o seu valor. Não havia livros naquela casa e, pode crer, ele não era do tipo que lê contos de fadas para os filhos. Teria gostado de pensar que os riscos na pedra eram um brasão porque, na cabeça dele, ter sangue puro transformava a pessoa praticamente em realeza.
– Sei... e isso é tudo muito interessante – disse Hermione, cautelosa –, mas, Harry, se você estiver pensando o que eu acho que está pensando...
– E por que não? *Por que não?* – perguntou Harry, abandonando a cautela. – Era uma pedra, não era? – Ele olhou para Rony em busca de apoio. – E se fosse a Pedra da Ressurreição?
O queixo de Rony despencou.
– Caramba... mas será que ainda funcionaria, se Dumbledore o rachou...
– Funcionaria? *Funcionaria?* Rony, nunca funcionou! Não existe Pedra da Ressurreição! – Hermione se erguera de um pulo, parecendo impaciente e zangada. – Harry, você está tentando encaixar tudo na história das Relíquias...
– *Encaixar tudo?* Hermione, tudo se encaixa sozinho! Sei que o símbolo das Relíquias da Morte estava naquela pedra! Gaunt disse que descendia dos Peverell!
– Um minuto atrás você disse que nunca viu direito o símbolo que havia na pedra!
– Onde acha que o anel está agora? – perguntou Rony a Harry. – Que foi que

Dumbledore fez com ele depois que o rachou?
Mas a imaginação de Harry já voava adiante, muito além da de Rony e Hermione...
Três objetos, ou Relíquias, que, se unidas, tornarão o seu dono senhor da Morte... senhor... conquistador... vencedor... Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte...
E ele se viu possuidor das Relíquias, enfrentando Voldemort, cujas Horcruxes não eram páreo... *nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver*... seria essa a resposta? Relíquias contra Horcruxes? Haveria afinal uma forma de garantir que ele é quem triunfaria? Se fosse o senhor das Relíquias da Morte, seria salvo?
– Harry?
Ele, porém, nem ouvia Hermione: tinha apanhado a Capa da Invisibilidade e corria os dedos por ela, o tecido maleável como água, leve como o ar. Ele nunca vira nada igual em seus quase sete anos no mundo bruxo. A capa era exatamente o que Xenofílio descrevera: *uma capa que real e verdadeiramente torna o seu usuário invisível, e dura para todo o sempre, ocultando-o de forma constante e impenetrável, seja quais forem os feitiços que se lancem sobre ela.*
Então, com uma exclamação, ele se lembrou...
– Dumbledore estava com a minha capa, na noite em que meus pais morreram!
Sua voz tremeu e ele sentiu o sangue afluir ao seu rosto, mas não ligou.
– Minha mãe disse a Sirius que Dumbledore tinha pedido a capa emprestada! Foi para isso! Queria examiná-la, porque achava que fosse a terceira Relíquia! Ignoto Peverell está enterrado em Godric’s Hollow... – Harry andava às cegas pela barraca, sentindo que se abriam novos horizontes de verdade para todos os lados. – Ele é meu antepassado! Descendo do terceiro irmão! Tudo faz sentido!
Sentiu-se armado de certeza em sua crença nas Relíquias, como se a simples ideia de possuí-las o protegesse, e se sentia exultante quando se voltou para os outros dois.
– Harry – tornou a chamar Hermione, mas ele estava ocupado, desamarrando a bolsa ao seu pescoço, seus dedos muito trêmulos.
– Leia isso – disse à amiga, empurrando a carta da mãe nas mãos dela. – Leia! Dumbledore estava com a capa, Hermione! Para que mais ele iria querêla? Ele não precisava de uma capa, era capaz de lançar um Feitiço da Desilusão tão poderoso que se tornava completamente invisível sem vestir nada!
Alguma coisa caiu no chão e rolou, reluzindo, para baixo de uma poltrona: deslocara o pomo de ouro junto com a carta. Harry se abaixou para apanhá-lo. Então, a recém-aberta fonte de fabulosas descobertas lhe atirou mais uma dádiva, e o choque e o assombro irromperam nele, fazendo-o gritar:

– ESTÁ AQUI DENTRO! Ele me deixou o anel... está no pomo de ouro!
– Você... você acha?
Ele não conseguiu entender por que Rony parecia tão surpreso. Era tão óbvio, tão claro para Harry: tudo se encaixava, tudo... sua capa era a terceira Relíquia e, quando ele descobrisse como abrir o pomo, teria a segunda, e depois só precisaria encontrar a primeira Relíquia, a Varinha das Varinhas, e então...
Foi como se a cortina descesse sobre um palco iluminado: toda a sua excitação, toda a sua esperança e felicidade se extinguiram de um golpe, e ele ficou parado no escuro, e o glorioso encantamento se rompeu.
– É isso que ele está procurando!
A mudança no seu tom de voz fez Rony e Hermione parecerem ainda mais apavorados.
– Você-Sabe-Quem está procurando a Varinha das Varinhas.
Harry deu as costas para os rostos incrédulos e tensos dos amigos. Sabia que era verdade. Tudo fazia sentido. Voldemort não estava procurando uma nova varinha; estava procurando uma velha varinha, de fato muito velha. Harry se encaminhou para a entrada da barraca, esquecido de Rony e Hermione, e contemplou a noite, refletindo...
Voldemort fora criado em um orfanato trouxa. Ninguém teria lhe falado sobre *Os contos de Beedle, o bardo* quando era criança, da mesma forma que Harry nunca ouvira falar deles. Poucos bruxos acreditavam nas Relíquias da Morte. Seria provável que Voldemort soubesse de sua existência?
Harry perscrutou a escuridão... se Voldemort tivesse sabido das Relíquias da Morte, certamente as teria procurado, e feito qualquer coisa para possuí-las: três objetos que tornavam o seu dono senhor da Morte? Se tivesse ouvido falar das Relíquias, talvez nem tivesse precisado das Horcruxes para começar. Será que o simples fato de ter pego uma Relíquia para transformá-la em uma Horcrux não demonstrava que ele não conhecia esse grande segredo do mundo bruxo?
Isto significava que Voldemort estava procurando a Varinha das Varinhas sem compreender o seu total poder, sem saber que era uma das três... pois a varinha era uma Relíquia que não poderia ser escondida, cuja existência era a que se conhecia melhor... *o rastro sangrento da Varinha das Varinhas mancha as páginas da história da magia.*
Harry fitou o céu nublado, curvas de prata e cinza-enfumaçado deslizando pela face branca da lua. Sentiu-se delirante de assombro com as suas descobertas.
Tornou a entrar na barraca. Foi um choque ver Rony e Hermione parados exatamente onde os deixara, Hermione ainda segurando a carta de Lílian, Rony a seu lado, ligeiramente ansioso. Será que não percebiam o quanto tinham

avançado nos últimos minutos?

– É isso aí – anunciou Harry, tentando atraí-los para o fulgor de sua espantosa certeza. – Isto explica tudo. As Relíquias da Morte são reais, e tenho uma... talvez duas...

Ele mostrou o pomo de ouro.

– ... e Você-Sabe-Quem está procurando a terceira, mas ele não sabe... acha que é apenas uma varinha poderosa...

– Harry – disse Hermione, aproximando-se dele e devolvendo a carta de Lílian –, lamento, mas acho que você entendeu errado, tudo errado.

– Mas você não está vendo? Tudo se encaixa...

– Não, não se encaixa. *Não se encaixa*, Harry, você está se deixando levar por seu entusiasmo. Por favor – disse Hermione, quando ele começou a falar –, por favor, me responda apenas uma coisa. Se as Relíquias da Morte realmente existissem e Dumbledore soubesse disso, soubesse que a pessoa que possuísse as três seria o senhor da Morte... Harry, por que não lhe teria dito isso? Por quê?

Ele tinha a resposta.

– Foi você quem disse, Hermione! Tenho que encontrar as Relíquias sozinho! É uma busca!

– Mas eu só disse isso para convencer você a procurar os Lovegood! – exclamou Hermione, exasperada. – Não acreditava realmente em Relíquias!

Harry não lhe deu atenção.

– Dumbledore normalmente me deixava descobrir as coisas sozinho. Ele me deixava experimentar a minha força, correr riscos. Isso me parece o tipo de coisa que ele faria.

– Harry, isso não é um jogo, não é um treino! É para valer, e Dumbledore lhe deixou instruções claras: encontre e destrua as Horcruxes! O símbolo não significa nada, esqueça as Relíquias da Morte, não podemos nos desviar...

Harry mal a escutava. Virava e revirava o pomo de ouro nas mãos, em uma semiexpectativa de que o objeto se abrisse, revelasse a Pedra da Ressurreição, provasse à Hermione que ele tinha razão, que as Relíquias da Morte eram reais.

Ela apelou para Rony.

– Você não acredita nisso, acredita?

Harry ergueu a cabeça. Rony hesitou.

– Não sei... quero dizer... tem umas coisinhas que se encaixam – respondeu ele, sem graça. – Mas quando examinamos o conjunto... – Ele inspirou profundamente. – Acho que temos que nos livrar das Horcruxes, Harry. Foi o que Dumbledore nos disse para fazer. Talvez... talvez a gente deva esquecer essa história de Relíquias.

– Obrigada, Rony – disse Hermione. – Farei a primeira vigia.

E ela passou por Harry a passo firme e se sentou à entrada da barraca, transformando esse ato em um veemente ponto final.

Harry, no entanto, mal dormiu aquela noite. A ideia das Relíquias da Morte tinha se apoderado dele, e não o deixou descansar porque sonhos agitados espiralavam por sua mente: a varinha, a pedra e a capa, se ao menos pudesse possuir as três...

Abro no fecho... mas o que era esse “fecho”? Por que não poderia ter a pedra agora? Se ao menos tivesse a pedra, poderia fazer essas perguntas a Dumbledore pessoalmente... e, no escuro, Harry murmurou palavras para o pomo, tentando tudo, até ofidioglossia, mas a bolinha de ouro não se abriu...

E a varinha, a Varinha das Varinhas, onde se escondia? Onde Voldemort a estaria procurando agora? Harry desejou que sua cicatriz ardesse e lhe mostrasse os pensamentos de Voldemort, porque, pela primeira vez na vida, os dois estavam unidos no mesmo desejo... Hermione, é claro, não gostaria dessa ideia... mas, por outro lado, ela não acreditava... Xenofílio de certa forma tivera razão... *Limitada. A mente estreita. Fechada*. A verdade é que ela estava apavorada com a ideia das Relíquias da Morte, principalmente com a Pedra da Ressurreição... e Harry tornou a comprimir a boca contra o pomo, beijando-o, quase engolindo-o, mas o frio metal não cedeu...

Já estava quase amanhecendo quando se lembrou de Luna, sozinha em uma cela em Azkaban, cercada por dementadores, e de repente sentiu-se envergonhado. Esquecera-se da amiga em sua febril contemplação das Relíquias. Se ao menos pudessem salvá-la, mas dementadores tão numerosos seriam virtualmente inatacáveis. Agora que pensava nisso, ainda não experimentara conjurar um Patrono com a varinha de ameixeira-brava... precisava fazê-lo pela manhã...

Se ao menos houvesse um jeito de obter uma varinha melhor...

E o desejo pela Varinha das Varinhas, a Varinha da Morte, imbatível, invencível, devorou-o mais uma vez...

Eles levantaram acampamento na manhã seguinte e continuaram viagem em meio a um monótono aguaceiro. A chuva os acompanhou até o litoral, onde acamparam aquela noite, e continuaram a semana inteira atravessando paisagens encharcadas, que Harry achou desoladas e deprimentes. Seu único pensamento eram as Relíquias da Morte. Era como se tivessem acendido uma chama dentro dele que nada, nem a categórica descrença de Hermione nem as persistentes dúvidas de Rony, conseguiria extinguir. Contudo, quanto maior a intensidade do desejo pelas Relíquias, menos alegre ele se tornava. Harry culpava Rony e Hermione: sua decidida indiferença era tão ruim quanto a chuva incessante para aguar o seu ânimo. Nenhum deles, no entanto, conseguia corroer sua certeza, que

continuava absoluta. A crença do garoto nas Relíquias e o seu desejo de possuí-las o consumiam de tal modo que ele se sentia isolado dos amigos e sua obsessão pelas Horcruxes.

– Obsessão?! – exclamou Hermione, em um tom baixo e furioso, quando Harry se descuidou e usou essa palavra certa noite, depois que a amiga o censurara pela falta de interesse em localizar outras Horcruxes. – Não somos nós que temos uma obsessão, Harry! Somos nós que estamos tentando fazer o que Dumbledore queria que fizéssemos!

O garoto, porém, ficou insensível à crítica velada. Dumbledore deixara o símbolo das Relíquias para Hermione decifrar e, em sua persistente convicção, deixara a Pedra da Ressurreição escondida no pomo de ouro. *Nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... senhor da Morte*... por que Rony e Hermione não entendiam?

– *Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte* – citou Harry, calmamente.

– Pensei que fosse Você-Sabe-Quem que devíamos estar combatendo – retorquiu Hermione, e Harry desistiu de convencê-la.

Mesmo o mistério da corça prateada, que os outros dois insistiam em discutir, parecia menos importante a Harry agora, uma atração secundária vagamente interessante. A única outra coisa que lhe importava era que sua cicatriz recomeçara a formigar, embora ele fizesse o possível para esconder o fato dos amigos. Procurava a solidão sempre que aquilo acontecia, mas ficava desapontado com o que via. A qualidade das visões que Voldemort partilhava com ele tinha se alterado; elas haviam se tornado borradas, oscilantes, como se entrassem e saíssem de foco. Harry conseguia apenas divisar as formas indistintas de um objeto que parecia um crânio, e algo como uma montanha, mais sombra do que substância. Acostumado a imagens nítidas como a realidade, ficou desapontado com a mudança. Preocupava-se que a ligação entre ele e Voldemort tivesse se danificado, uma ligação que ambos temiam e ele valorizava, a despeito do que dissera a Hermione. Por alguma razão, Harry vinculava essas imagens vagas e pouco satisfatórias à destruição de sua varinha, como se fosse culpa da varinha de ameixeira-brava ele não poder mais penetrar a mente de Voldemort tão bem quanto antes.

À medida que as semanas passavam imperceptíveis, Harry não pôde deixar de notar, mesmo através de sua abstração, que Rony parecia estar assumindo as responsabilidades. Talvez porque estivesse resolvido a compensar o fato de tê-los abandonado; talvez porque a apatia de Harry galvanizasse suas qualidades latentes de liderança, Rony era quem estava encorajando e exortando os amigos à ação.

– Faltam três Horcruxes – não cansava de repetir. – Precisamos de um plano de ação, vamos! Onde ainda não procuramos? Vamos repassar. O orfanato...

O Beco Diagonal, Hogwarts, a Casa dos Riddle, Borgin & Burkes, Albânia, todo lugar, onde sabiam que Tom Riddle morara ou trabalhara, estivera de visita ou matara alguém, Rony e Hermione escarafunchavam, e Harry participava apenas para Hermione não aborrecê-lo. Teria se contentado em se sentar sozinho em silêncio, tentando ler os pensamentos de Voldemort, procurando descobrir mais alguma coisa sobre a Varinha das Varinhas, mas Rony simplesmente insistia em se deslocar para lugares cada vez mais improváveis, e Harry percebia que era para mantê-los em movimento.

– Nunca se sabe – era o constante refrão de Rony. – Upper Flaguey é uma aldeia bruxa, ele pode ter querido morar lá. Vamos dar uma olhada.

Essas frequentes surtidas em território bruxo os levavam ocasionalmente a avistar sequestradores.

– Dizem que alguns são tão maus quanto Comensais da Morte – comentou Rony. – Os que me pegaram eram meio patéticos, mas Gui acha que alguns são realmente perigosos. Disseram no *Observatório Potter*...

– No quê? – perguntou Harry.

– *Observatório Potter*, não disse a vocês que esse era o nome? Do programa que estou sempre tentando sintonizar no rádio, o único que diz a verdade sobre o que está acontecendo! Quase todos os programas estão seguindo a diretriz de Você-Sabe-Quem, todos exceto o *Observatório Potter*. Eu realmente queria que vocês ouvissem, mas é difícil sintonizar...

Rony passou a noite usando a varinha para batucar vários ritmos na caixa do rádio, fazendo os botões girar. Ocasionalmente, pegava trechos de conselhos para tratar varíola de dragão, e uma vez, alguns compassos de “Um caldeirão de amor quente e forte”. Enquanto batucava, Rony tentava acertar a senha, murmurando sequências aleatórias de palavras.

– Normalmente, a senha é uma referência a alguma coisa da Ordem. Gui tinha realmente o dom de adivinhá-las. Vou acabar encontrando...

Somente em março, a sorte, finalmente, favoreceu Rony. Harry estava sentado à entrada da barraca, de vigia, olhando distraidamente para uma moita de muscaris que tinham rompido o solo gelado, quando Rony gritou animadamente do interior da barraca.

– Achei, achei! A senha era “Alvo”! Entra aqui, Harry!

Despertado pela primeira vez, em dias, de sua contemplação das Relíquias da Morte, Harry entrou rápido na barraca e encontrou Rony e Hermione ajoelhados no chão ao lado do pequeno rádio. Hermione, que dava brilho na espada de Gryffindor só para se ocupar, estava sentada boquiaberta, olhando para o

minúsculo objeto, que irradiava uma voz muito conhecida.

– *... pedimos desculpas por nossa temporária ausência do éter, por força de várias visitas dos encantadores Comensais da Morte em nossa área*.

– Nossa é o Lino Jordan! – exclamou Hermione.

– Eu sei! – confirmou Rony com um grande sorriso. – Legal, não?

– *... agora encontramos um novo local seguro* – ia dizendo Lino – *e tenho o prazer de informar que dois dos nossos colaboradores regulares estão hoje aqui conosco. Noite, rapazes!*

– *Oi.*

– *Noite, River.*

– River, é o Lino – explicou Rony. – Todos têm codinomes, mas em geral dá para sacar...

– Psiu! – fez Hermione.

– *Mas antes de ouvir as novidades de Royal e Romulus* – continuou Lino – *vamos tirar um minuto para noticiar as mortes que a* Rede de Rádio Bruxa *e o* Profeta Diário *não acham importante mencionar. É com grande pesar que informamos aos nossos ouvintes os assassinatos de Ted Tonks e Dirk Cresswell*.

Harry sentiu uma náusea despencar em suas entranhas. Ele, Rony e Hermione se entreolharam horrorizados.

– *Um duende de nome Gornope também foi morto. Acredita-se que o nascido trouxa Dino Thomas e um segundo duende, que estariam viajando com Ted Tonks, Cresswell e Gornope, possam ter escapado. Se Dino estiver nos ouvindo, ou se alguém tiver conhecimento do seu paradeiro, seus pais e irmãs estão desesperados por notícias.*

"Enquanto isso, em Gaddley, uma família de trouxas de cinco pessoas foi encontrada morta em sua residência. As autoridades trouxas estão atribuindo suas mortes a um escapamento de gás, mas membros da Ordem da Fênix me informam que a causa foi uma Maldição da Morte – mais uma prova, como se precisássemos de alguma, de que a matança de trouxas está se tornando apenas um esporte amador sob o novo regime.

"E, finalmente, lamentamos informar que os restos mortais de Batilda Bagshot foram descobertos em Godric's Hollow. Aparentemente, ela morreu há vários meses. A Ordem da Fênix informa que seu corpo apresentava sinais inconfundíveis de ferimentos infligidos por magia das Trevas.

"Eu gostaria de convidar os nossos ouvintes a fazer conosco um minuto de silêncio em memória de Ted Tonks, Dirk Cresswell, Batilda Bagshot, Gornope e dos trouxas anônimos, mas não menos dignos do nosso pesar, assassinados pelos Comensais da Morte."

O locutor silenciou e Harry, Rony e Hermione o acompanharam. Uma parte de

Harry desejava ouvir mais, a outra temia o que poderia ouvir a seguir. Era a primeira vez em muito tempo que ele se sentia totalmente ligado ao mundo exterior.

– *Obrigado* – ouviram a voz de Lino. – *E agora o nosso colaborador habitual, Royal, nos trará novas informações sobre o efeito que a nova ordem bruxa está causando no mundo trouxa.*

– *Obrigado, River* – disse uma voz inconfundível, grave, comedida, reconfortante.

– Kingsley! – exclamou Rony.

– Nós sabemos! – disse Hermione, pedindo silêncio.

– *Os trouxas ainda ignoram a origem de seus problemas embora continuem sofrendo pesadas baixas* – disse Kingsley. – *Entretanto, a todo momento, ouvimos histórias verdadeiramente inspiradoras de bruxos e bruxas que arriscam a própria segurança para proteger amigos e vizinhos trouxas, muitas vezes sem que eles o saibam. Gostaria de apelar a todos os nossos ouvintes que se mirem nesses exemplos, talvez lançando feitiços protetores em residências trouxas de sua rua. Muitas vidas poderiam ser salvas se tomassem essa simples providência.*

– *E, Royal, o que você responderia aos ouvintes que afirmam que em tempos perigosos como os que vivemos "os bruxos vêm em primeiro lugar"?* – perguntou Lino.

– *Eu diria que o passo seguinte a "os bruxos vêm em primeiro lugar" é "os de sangue puro vêm em primeiro lugar"* – respondeu Kingsley. – *Somos todos humanos, não? Toda vida humana tem o mesmo valor e merece ser salva.*

– *Muito bem colocado, Royal, e você tem o meu voto para ministro da Magia, se conseguirmos sair dessa confusão* – disse Lino. – *E agora passamos a palavra a Rômulo, que vai apresentar o nosso popular "Amigos de Potter".*

– *Obrigado, River* – agradeceu outra voz muito conhecida; Rony começou a falar, mas Hermione o impediu com um sussurro.

– Sabemos que é Lupin!

– *Rômulo, você continua a sustentar, como tem feito nas vezes em que compareceu ao nosso programa, que Harry Potter continua vivo?*

– *Sustento* – respondeu ele, com firmeza. – *Não me resta a menor dúvida de que os Comensais da Morte anunciariam amplamente a morte dele se tivesse ocorrido, porque vibrariam um golpe mortal no moral dos que resistem ao novo regime. O Menino-Que-Sobreviveu continua a ser um símbolo de tudo por que estamos lutando: o triunfo do bem, o poder da inocência, a necessidade de continuar resistindo.*

Uma onda de gratidão e vergonha perpassou Harry. Lupin o perdoara, então,

pelas coisas terríveis que dissera em seu último encontro?

– *E que diria a Harry, se soubesse que ele o está ouvindo, Rômulo?*

– *Diria que estamos todos com ele em espírito* – respondeu Lupin e após uma leve hesitação. – *E diria para seguir os seus instintos, que são bons e quase sempre corretos.*

Harry olhou para Hermione, cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

– Quase sempre corretos – repetiu ela.

– Ah, eu não contei a vocês? – disse Rony, surpreso. – Gui me disse que Lupin voltou a viver com Tonks! E que ela está ficando enorme.

– *... e as novas notícias sobre os amigos de Harry Potter que estão sofrendo por sua lealdade?* – perguntava Lino a Lupin.

– *Bem, como os nossos fiéis ouvintes sabem, vários partidários de Harry Potter foram presos, inclusive Xenofílio Lovegood, outrora editor de* O Pasquim.

– Pelo menos ele ainda está vivo! – murmurou Rony.

– *Soubemos também nas últimas horas que Rúbeo Hagrid* – os três prenderam a respiração e quase perderam o fim da frase –, *o conhecido guarda-caça de Hogwarts, escapou por um triz de ser capturado nos terrenos da Escola, onde correm boatos de que ele teria dado uma festa em sua casa com o tema "Apoie Harry Potter". Hagrid, entretanto, não foi levado preso, e acredita-se que esteja foragido.*

– *Suponho que ter um meio-irmão de quase cinco metros de altura ajude a pessoa a escapar dos Comensais da Morte, não?* – comentou Lino.

– *Isso lhe daria uma certa vantagem* – concordou Lupin, solenemente. – *Posso acrescentar que, embora aqui no* Observatório Potter *aplaudamos a iniciativa dele, gostaríamos de insistir com os partidários mais devotados de Harry que não sigam o exemplo de Hagrid. Festas do tipo "Apoie Harry Potter" são absolutamente insensatas no clima atual.*

– *Sem a menor dúvida, Rômulo* – concordou Lino –, *portanto, sugerimos que continuem a demonstrar sua devoção ao homem com a cicatriz em forma de raio ouvindo o* Observatório Potter*! Agora vamos às notícias do bruxo que está se mostrando tão esquivo quanto Harry Potter. Gostaríamos de nos referir a ele como o Chefão dos Comensais da Morte e, para comentar alguns boatos delirantes que circulam a seu respeito, eu gostaria de apresentar um novo colaborador: Rodent.*

– *Rodent?* – admirou-se outra voz conhecida, e Harry, Rony e Hermione exclamaram juntos:

– Fred!

– Não... será o Jorge?

– Acho que é o Fred – tornou Rony, aproximando o ouvido do rádio, quando o

gêmeo, qualquer que fosse, protestou:

– Não sou o Rodent, nem pensar, já disse que queria ser o Rapier!

– Ah, está bem então. Rapier, pode nos dar a sua interpretação das várias histórias que temos ouvido sobre o Chefão dos Comensais da Morte?

– Pois não, River. Os nossos ouvintes conhecem, a não ser que tenham se refugiado no fundo de um laguinho no jardim ou lugar semelhante, a estratégia usada por Você-Sabe-Quem em que ele permanece nas sombras para criar certo clima de pânico. Vejam bem, se todas as notícias de gente que o avistou forem genuínas, deve ter bem uns dezenove Você-Sabe-Quem andando por aí.

– O que naturalmente convém a ele – comentou Kingsley. *– O mistério está criando mais terror do que sua real aparição.*

– Concordo – disse Fred. *– Então, pessoal, vamos tentar nos acalmar um pouco. As coisas já estão bem ruins sem precisarmos inventar nada. Por exemplo, essa nova ideia de Você-Sabe-Quem ser capaz de matar com um olhar. Isto quem faz é o basilisco. Um teste simples é verificar se aquilo que está olhando para vocês tem pernas. Se tiver, pode fixá-la nos olhos sem medo, embora haja a probabilidade de ser a última coisa que você fará na vida, se for realmente Você-Sabe-Quem.*

Pela primeira vez em muitas semanas, Harry estava rindo: sentia o peso da tensão deixá-lo.

– E os boatos de que não param de avistálo no exterior? – perguntou Lino.

– Bem, quem não iria querer umas férias agradáveis depois de todo o trabalho pesado que tem feito? – respondeu Fred. *– Pessoal, a questão é: não se deixem embalar pela falsa sensação de segurança achando que ele está fora do país. Talvez esteja, talvez não, e é inegável que, quando ele quer, consegue se deslocar mais rápido do que Severo Snape ameaçado com um xampu, portanto, não confiem que ele esteja muito distante se estiverem planejando se arriscar. Nunca pensei que me ouviria dizer isso, mas a segurança vem em primeiro lugar!*

– Obrigado por suas palavras sensatas, Rapier – disse Lino. *– Caros ouvintes, chegamos ao final de mais um* Observatório Potter. *Não sabemos quando será possível voltarmos ao ar, mas podem ter certeza de que voltaremos. Não parem de girar os botões dos rádios: a próxima senha será “Olho-Tonto”. Mantenham-se mutuamente protegidos, mantenham a fé. Boa-noite.*

O botão do rádio girou e as luzes do painel de sintonia se apagaram. Harry, Rony e Hermione continuavam a sorrir. Ouvir vozes conhecidas e amigas fora um tônico extraordinário; Harry se acostumara de tal modo ao seu isolamento que quase esquecera que havia outras pessoas resistindo a Você-Sabe-Quem. Era como acordar de um longo sono.

– Bom, hein? – comentou Rony, feliz.
– Genial – disse Harry.
– Que coragem a deles – suspirou Hermione, com admiração. – Se forem apanhados...
– Bem, eles não param em lugar algum, não é? Como nós – disse Rony.
– Mas você escutou o que Fred disse? – perguntou Harry, animado; agora que a irradiação terminara, seus pensamentos retornaram à sua devoradora obsessão. – Ele está no exterior! Continua procurando a varinha, eu sabia!
– Harry...
– Qual é, Hermione, por que você está tão determinada a não admitir isso? Vol...
– HARRY, NÃO!
– ... demort está procurando a Varinha das Varinhas!
– Esse nome é Tabu! – berrou Rony, levantando-se de um pulo ao som de um forte estalo no exterior da barraca. – Eu o avisei, Harry, eu o avisei, não podemos mais dizer esse nome... temos que refazer a proteção ao nosso redor... depressa... foi assim que nos encontraram...
Mas Rony parou de falar e Harry entendeu por quê. O bisbilhoscópio sobre a mesa acendera e começara a rodopiar; ouviram vozes cada vez mais próximas, ásperas e excitadas. Rony puxou o desiluminador do bolso e clicou-o: as luzes se apagaram.
– Saiam daí com as mãos para o alto! – disse uma voz rascante na escuridão. – Sabemos que vocês estão aí dentro! Temos meia dúzia de varinhas apontadas para vocês e não estamos ligando para quem vamos amaldiçoar!

— CAPÍTULO VINTE E TRÊS —

A Mansão dos Malfoy

Harry olhou para os outros dois, agora meros contornos no escuro. Viu Hermione apontar a varinha, não para fora, mas para o rosto dele; ouviu-se um estampido, uma explosão de luz branca e ele se dobrou de dor, incapaz de enxergar. Com as mãos, sentiu seu rosto inchar rapidamente, enquanto passos pesados o cercavam.

– Levante-se, verme.

Mãos desconhecidas ergueram Harry do chão com violência. Antes que pudesse impedir, alguém revistou os seus bolsos e tirou a varinha de ameixeira-brava. Harry segurou o rosto que doía cruciantemente, e seus dedos não o reconheceram, tenso, inflamado, balofo como se tivesse sofrido uma violenta reação alérgica. Seus olhos estavam reduzidos a fendas, pelas quais mal conseguia enxergar; seus óculos caíram quando ele foi carregado para fora da barraca; conseguia apenas divisar as formas de quatro ou cinco pessoas lutando com Rony e Hermione, também no exterior.

– Larga... ela! – berrou Rony. Ouviu-se o som inconfundível de punhos socando carne: Rony grunhiu de dor, e Hermione gritou:

– Não! Deixe ele em paz, deixe ele em paz!

– O seu namorado vai receber tratamento pior que isso, se estiver na minha lista – disse a voz rascante, horrivelmente familiar. – Garota deliciosa... um petisco... adoro pele macia...

O estômago de Harry revirou. Sabia quem era aquele: Lobo Greyback, o lobisomem que tinha permissão de usar trajes de Comensal da Morte em troca de sua selvageria de aluguel.

– Revistem a barraca! – ordenou outra voz.

Harry foi atirado no chão, de cara para baixo. Um baque lhe informou que Rony fora jogado ao seu lado. Eles ouviam passos e trancos; os homens empurravam poltronas, revistando a barraca.

– Agora, vejamos quem temos aqui – disse Greyback, do alto, em tom de triunfo, e Harry foi virado sobre as costas. A luz da varinha incidiu sobre o seu rosto, e Greyback riu.

– Vou precisar de uma cerveja amanteigada para engolir esse. Que aconteceu com você, feioso?

Harry não respondeu imediatamente

– Eu *perguntei* – repetiu Greyback, e Harry recebeu um soco no diafragma que o fez dobrar de dor – que aconteceu com você?

– Mordido – murmurou Harry. – Fui mordido.

– É, parece que foi – disse uma segunda voz.

– Qual é o seu nome? – rosnou Greyback.

– Dudley.

– E o seu primeiro nome?

– Eu... Válter. Válter Dudley.

– Verifique na lista, Scabior – ordenou Greyback, e Harry o ouviu dar uns passos para o lado para olhar Rony. – E você, Ruço?

– Lalau Shunpike – disse Rony.

– Uma ova! – exclamou o homem chamado Scabior. – Conhecemos Lalau Shunpike, ele nos deu uma ajudinha.

Ouviu-se outra pancada surda.

– *Fo Bardy* – respondeu Rony, e Harry percebeu que sua boca estava ensanguentada. – *Bardy Weadley*.

– Um Weasley? – perguntou Greyback, em tom áspero. – Então, é parente daqueles traidores do sangue, mesmo que não seja um sangue ruim. E agora a sua amiguinha bonita... – O prazer em sua voz fez Harry se arrepiar.

– Calma, Greyback – disse Scabior, abafando a caçoada dos outros.

– Ah, ainda não vou morder. Veremos se ela se lembra do nome mais depressa do que o Barny. Quem é você, garotinha?

– Penélope Clearwater – respondeu Hermione. Parecia aterrorizada, mas convincente.

– Qual é o seu Registro Sanguíneo?

– Mestiça – respondeu Hermione.

– É fácil verificar – disse Scabior. – Mas todos eles parecem que ainda estão na idade de frequentar Hogwarts.

– *Faímu* – explicou Rony.

– Saiu foi, Ruço? – debochou Scabior. – E resolveu acampar? E achou que, só para se divertir, ia usar o nome do Lorde das Trevas?

– *Nan dierrrão. Arrirdente.*

– Acidente? – Ouviram-se mais gargalhadas.

– Sabe quem gostava de usar o nome do Lorde das Trevas, Weasley? – rosnou Greyback. – A Ordem da Fênix. O nome lhe diz alguma coisa?
– *Doh.*
– Bem, eles não demonstram o respeito devido ao Lorde das Trevas, por isso o nome foi declarado Tabu. Alguns membros da Ordem foram apanhados assim. Veremos. Amarre-os com os outros dois prisioneiros!
Alguém puxou Harry pelos cabelos, arrastou-o por uma pequena distância, empurrou-o para obrigá-lo a sentar e começou a amarrá-lo de costas para outra pessoa. Harry continuava meio cego, incapaz de enxergar muita coisa entre as pálpebras inchadas. Quando, por fim, o homem que estivera amarrando-os se afastou, Harry cochichou para os outros prisioneiros.
– Alguém ainda tem uma varinha?
– Não – responderam Rony e Hermione a seu lado.
– Foi minha culpa. Eu disse o nome, me desculpem...
– Harry?
Era uma nova voz, mas sua conhecida, e veio diretamente de suas costas, de alguém amarrado à esquerda de Hermione.
– *Dino?*
– *É* você! Se eles descobrirem quem prenderam...! São sequestradores, só estão procurando gazeteiros para trocar por ouro...
– Nada mal para uma noite de arrastão – Greyback ia dizendo, ao mesmo tempo que um par de botas ferradas se aproximava de Harry, e eles ouviam mais estrépito no interior da barraca. – Uma sangue ruim, um duende fujão e três gazeteiros. Já verificou os nomes na lista, Scabior? – rugiu ele.
– Já. Não tem nenhum Válter Dudley aqui, Greyback.
– Interessante. Que interessante.
Ele se agachou ao lado de Harry, que viu, pela fenda infinitesimal entre as pálpebras inchadas, um rosto coberto de pelos grisalhos embaraçados, com dentes marrons pontiagudos e feridas nos cantos da boca. Greyback desprendia o mesmo fedor que ele sentira no alto da torre, quando Dumbledore morrera: sujeira, suor e sangue.
– Então, você não está sendo procurado, Válter? Ou está naquela lista com outro nome? Qual era a sua Casa em Hogwarts?
– Sonserina – respondeu Harry, automaticamente.
– Engraçado, eles sempre pensam que queremos ouvir isso – caçoou Scabior, das sombras. – Mas nenhum deles sabe dizer onde fica a Sala Comunal.
– Nas masmorras – disse Harry, com clareza. – Entra-se pela parede. É cheia de crânios e outras coisas, e fica por baixo do lago, por isso as luzes são verdes.
Fez-se um breve silêncio.

– Ora, vejam só, parece que realmente apanhamos um sonserinozinho – disse Scabior. – Que bom para você, Válter, porque não temos muitos sangues ruins em Sonserina. Quem é o seu pai?

– Trabalha no Ministério – mentiu Harry. Ele sabia que a história toda ruiria à menor investigação, mas, por outro lado, só teria tempo até o seu rosto retomar a aparência normal e, então, o jogo estaria mesmo encerrado. – Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicas.

– Sabe de uma coisa, Greyback? – disse Scabior. – Acho que tem um Dudley lá.

Harry mal respirava: será que a sorte, a pura sorte poderia livrá-los dessa encrenca?

– Ora, ora – replicou Greyback, e Harry ouviu uma leve perturbação naquela voz insensível, e percebeu que Greyback estava avaliando se teria, de fato, acabado de atacar e amarrar o filho de um funcionário do Ministério. O coração de Harry batia contra as cordas que amarravam suas costelas; não teria se surpreendido se Greyback pudesse ver. – Se você estiver dizendo a verdade, feioso, não precisará recear uma viagem ao Ministério. Espero que seu pai nos recompense por recolher você.

– Mas – protestou Harry, a boca extremamente seca –, se você nos deixasse...

– Ei! – veio um grito do interior da barraca. – Olhe só isso, Greyback! Um vulto escuro veio correndo em sua direção, e Harry viu um brilho prateado. Tinham encontrado a espada de Gryffindor.

– Muuito bonita – elogiou Greyback. – Ah, realmente bonita. Parece coisa fabricada por duendes. Onde foi que você conseguiu uma arma dessas?

– É do meu pai – mentiu Harry, esperando, por tudo no mundo, que estivesse escuro demais para Greyback ver o nome gravado abaixo do punho. – Pedimos emprestada para cortar lenha.

– 'Guenta aí um instante, Greyback! Veja o que saiu no *Profeta*!

No momento em que Scabior disse isso, a cicatriz de Harry, que estava distendida sobre a testa inchada, queimou barbaramente. Com maior nitidez do que conseguia enxergar qualquer coisa ao seu redor, ele viu uma construção muito elevada e ameaçadora, uma fortaleza sinistra, preto-carvão; os pensamentos de Voldemort, de súbito, tinham se tornado extremamente nítidos; ele estava planando em direção ao edifício gigantesco, calma e euforicamente decidido.

"Tão próxima... tão próxima..."

Com enorme força de vontade, Harry fechou a mente aos pensamentos de Voldemort e retornou ao lugar em que estava amarrado, no escuro, a Rony, Hermione, Dino e Grampo, escutando Greyback e Scabior.

– *Ermione Granger* – leu Scabior –, *a sangue ruim que se sabe estar viajando com Arry Potter*.

A cicatriz de Harry queimou no silêncio, mas ele fez um esforço supremo para continuar presente, e não entrar na mente de Voldemort. Ouviu, então, o rangido das botas de Greyback ao se ajoelhar diante de Hermione.

– Sabe de uma coisa, garotinha? Esta foto parece demais com você.

– Não sou eu! Não sou eu!

O guincho aterrorizado de Hermione equivaleu a uma confissão.

– *... que se sabe estar viajando com Harry Potter* – repetiu Greyback, em voz baixa.

Uma calmaria se abatera sobre a cena. A cicatriz de Harry estava agudamente dolorosa, mas ele resistiu com firmeza à atração dos pensamentos de Voldemort: nunca fora tão importante manter a sanidade mental.

– Bem, isso muda tudo, não? – sussurrou Greyback. Ninguém falou: Harry percebeu que a gangue de sequestradores observava, paralisada, e sentiu o braço de Hermione tremer contra o dele. Greyback se levantou e deu alguns passos em direção a Harry, agachando-se, outra vez, para examinar atentamente suas feições deformadas.

– Que é isso na sua testa, Válter? – perguntou suavemente, seu bafo fétido nas narinas do garoto quando comprimiu, com o dedo imundo, a cicatriz distendida.

– Não toque aí! – berrou Harry; não conseguiu se refrear; pensou que fosse vomitar de tanta dor.

– Pensei que você usasse óculos, Potter, não? – sussurrou Greyback.

– Encontrei uns óculos! – ganiu um dos sequestradores, rondando em segundo plano. – Tinha uns óculos na barraca, Greyback, espere...

E, segundos depois, os óculos de Harry foram repostos, com violência, em seu rosto. Os sequestradores foram se aproximando para espiá-lo.

– É ele! – ouviu-se a voz rascante de Greyback. – Capturamos Potter!

Todos recuaram vários passos, estupefatos com o próprio feito. Harry, ainda lutando para manter a consciência, apesar da cabeça que rachava de dor, não conseguia pensar em nada para dizer: visões fragmentárias afloravam em sua mente...

“... ele estava planando em torno das altas muralhas da fortaleza negra...”

Não, ele era Harry, amarrado e desarmado, correndo grave perigo...

“... olhando para cima, para a janela mais alta, na torre mais elevada...”

Ele era Harry, e eles estavam discutindo o seu destino em voz baixa...

“... hora de voar...”

– ... para o Ministério?

– Ao diabo com o Ministério – rosnou Greyback. – Eles receberão o crédito e

não nos deixarão nem entrar. Acho que devemos levar o garoto direto a Você-Sabe-Quem.

– Você vai chamar *ele*? Aqui? – disse Scabior, em tom assombrado, aterrorizado.

– Não – rosnou Greyback –, não tenho a... dizem que ele está usando a casa dos Malfoy como base de operações. Vamos levar o garoto para lá.

Harry achou que sabia por que Greyback não ia chamar Voldemort. O lobisomem podia ter permissão para se trajar como um Comensal da Morte quando queriam usá-lo, mas somente o círculo íntimo de Voldemort recebia a Marca Negra: Greyback não recebera essa elevada honra.

A cicatriz de Harry tornou a queimar...

"... e ele ganhou altitude na noite, voando diretamente para a janela no topo da torre..."

– ... certeza absoluta de que é ele? Que se não for, Greyback, estamos mortos.

– Quem é que manda aqui? – rugiu Greyback, disfarçando a sua momentânea insuficiência. – Digo que é Potter, e ele e mais sua varinha são duzentos mil galeões batidos! Mas, se vocês forem covardes demais para me acompanhar, qualquer um de vocês, o dinheiro será todo meu, e, com alguma sorte, ainda ganho a garota de lambuja!

"... a janela era uma mera fenda na rocha negra, insuficiente para dar passagem a um homem... havia uma figura esquelética apenas visível, enrolada em um cobertor... morto ou adormecido...?"

– Está bem! – exclamou Scabior. – Está bem, estamos contigo! E o resto dos prisioneiros, Greyback, que faremos com eles?

– É melhor levarmos o bando todo. Temos dois sangues ruins, são mais dez galeões. Me dê a espada, também. Se forem rubis, tem mais uma pequena fortuna aí.

Os prisioneiros foram postos de pé. Harry ouvia a respiração de Hermione, rápida e aterrorizada.

– Agarrem bem firme. Levarei Potter! – disse Greyback, segurando Harry pelos cabelos; o garoto sentiu aquelas unhas compridas e amareladas arranhando-lhe o couro cabeludo. – Quando eu contar três! Um... dois... três...

Eles desaparataram, arrastando os prisioneiros com eles. Harry se debateu, tentando se livrar da mão de Greyback, mas inutilmente: Rony e Hermione o imprensavam, ele não poderia se separar do grupo, e, quando o aperto esvaziou o ar dos seus pulmões, sua cicatriz queimou ainda mais dolorosamente...

"... ele se espremeu pela fenda-janela como uma cobra e aterrissou, leve como fumaça na cela..."

Os prisioneiros se bateram uns contra os outros ao aparatar em uma estradinha

rural. Os olhos de Harry, ainda inchados, levaram uns instantes para se ajustar, então, ele viu portões com grades de ferro forjado à frente do que lhe pareceu uma longa aleia. Sentiu um fiozinho de alívio. O pior ainda não acontecera: Voldemort não estava ali. Estava, e Harry sabia porque continuava a se esforçar para resistir à visão, numa estranha fortaleza, no alto de uma torre. Quanto tempo o lorde levaria para chegar, quando soubesse que Harry estava ali, era outra história...

Um dos sequestradores andou até os portões e sacudiu-os.

– Como entramos? Estão trancados, Greyback, não consigo... caramba!

Ele puxou depressa as mãos, assustado. O ferro estava se torcendo, desenrolando as curvas e caracóis e formando uma cara apavorante, que falou com uma voz metálica e sonora:

– Informe o seu objetivo!

– Prendemos Potter! – rugiu Greyback, triunfante. – Capturamos Harry Potter!

Os portões se abriram.

– Vamos! – disse Greyback aos homens, e os prisioneiros foram empurrados pelos portões e a aleia, entre altas sebes que abafavam seus passos. Harry viu uma forma branca e fantasmagórica no alto, e percebeu que era um pavão albino. Ele tropeçou e foi posto de pé, com violência, por Greyback; agora avançava, cambaleando de lado, amarrado, costas contra costas, com os outros quatro prisioneiros. Fechando os olhos inchados, ele deixou a dor da cicatriz dominá-lo por um momento, querendo ver o que Voldemort estava fazendo, se já sabia que Harry fora capturado...

“... a figura emaciada se mexeu sob o fino cobertor e se virou para ele, os olhos se abrindo no rosto esquelético... o frágil homem se sentou, grandes olhos fundos se fixaram em Voldemort, então, ele sorriu. Perdera a maior partes dos dentes.

– Então você veio. Achei que viria... um dia. Mas a sua viagem foi inútil. Eu nunca a tive.

– Você mente!”

Quando a fúria de Voldemort latejou dentro de Harry, a cicatriz ameaçou estourar de dor, e ele arrebatou sua mente de volta ao próprio corpo, lutando para se manter presente enquanto os prisioneiros eram empurrados pelo saibro.

Uma luz forte iluminou-os.

– Que é isso? – perguntou uma fria voz feminina.

– Estamos aqui para ver Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado! – respondeu a voz áspera de Greyback.

– Quem é você?

– Você me conhece! – Havia rancor na voz do lobisomem. – Lobo Greyback!

Capturamos Harry Potter!
Greyback agarrou Harry e virou-o de frente para a luz, forçando os outros prisioneiros a se virarem também.
– Sei que ele está inchado, senhora, mas é ele! – soou a voz aguda de Scabior. – Se olhar mais de perto, verá a cicatriz. E essa aqui, está vendo a garota? É a sangue ruim que está viajando com ele. Não há dúvida que é ele, e trouxemos a varinha dele também! Aqui, senhora...
Harry viu Narcisa Malfoy examinando seu rosto inchado. Scabior estendeu a varinha para ela. A mulher ergueu as sobrancelhas.
– Traga-os para dentro.
Harry e os outros foram empurrados e chutados na subida dos largos degraus de pedra, e entraram em um hall com as paredes cobertas de retratos.
– Sigam-me – disse Narcisa, atravessando o hall. – Meu filho, Draco, está em casa passando as férias da Páscoa. Se for o Harry Potter, ele saberá.
A sala de visitas ofuscou-o depois da escuridão externa; mesmo com os olhos quase fechados, Harry percebeu as enormes dimensões do cômodo. Havia um lustre de cristal no teto, mais retratos nas escuras paredes roxas. Duas figuras se ergueram das poltronas junto à ornamentada lareira de mármore, quando os prisioneiros foram empurrados, sala adentro, pelos sequestradores.
– Que é isso?
A voz horrivelmente familiar e arrastada de Lúcio Malfoy bateu nos ouvidos de Harry. Ele começou a entrar em pânico: não via saída, e se tornou mais fácil, à medida que o medo crescia, bloquear os pensamentos de Voldemort, embora sua cicatriz continuasse a queimar.
– Eles dizem que capturaram Potter – informou a voz fria de Narcisa. – Draco, venha aqui.
Harry não ousou olhar diretamente para Draco, mas viu-o de esguelha: uma figura um pouco mais alta que ele ergueu-se de uma poltrona, o rosto um borrão pálido e fino sob a cabeleira louro-branco.
Greyback forçou os prisioneiros a se virarem mais uma vez, para deixar Harry diretamente sob o lustre.
– Então, moleque? – perguntou a áspera voz do lobisomem.
Harry ficou de frente para um espelho sobre a lareira, um enorme objeto dourado com uma rica moldura em volutas. Através das fendas dos olhos, ele viu a própria imagem, pela primeira vez desde que deixara o largo Grimmauld.
Seu rosto estava enorme, brilhante e avermelhado, todos os traços deformados pelo feitiço de Hermione. Seus cabelos pretos chegavam-lhe aos ombros e havia uma mancha escura em torno do seu queixo. Se não soubesse que estava parado ali, teria se perguntado quem estava usando seus óculos. Resolveu ficar calado,

porque sua voz certamente o trairia; ainda assim, evitou encarar os olhos de Draco, quando o colega se aproximou.

– Então, Draco? – perguntou Lúcio Malfoy. Seu tom era pressuroso. – É ele? É o Harry Potter?

– Não tenho... não tenho muita certeza – respondeu Draco. Mantinha distância de Greyback, e parecia tão atemorizado de olhar para Harry quanto Harry para ele.

– Mas olhe-o com atenção, olhe! Chegue mais perto!

Harry nunca ouvira Lúcio Malfoy tão excitado.

– Draco, se formos nós que entregarmos Potter ao Lorde das Trevas, tudo será perdo...

– Ora, não vamos esquecer quem, de fato, o capturou, espero, sr. Malfoy? – disse Greyback, em tom de ameaça.

– Claro que não, claro que não! – replicou o bruxo, impaciente. Ele próprio se aproximou de Harry; chegou tão perto que o garoto pôde ver em detalhe, apesar das pálpebras inchadas, suas feições normalmente lânguidas e pálidas. Com o rosto transformado em uma máscara disforme, Harry teve a sensação de estar espiando através das grades de uma jaula.

– Que foi que você fez com ele? – perguntou Lúcio a Greyback. – Como foi que ele ficou nesse estado?

– Não fomos nós.

– Está me parecendo mais uma Azaração Ferreteante – disse Lúcio.

Seus olhos cinzentos esquadrinharam a testa de Harry.

– Tem alguma coisa ali – sussurrou –, poderia ser a cicatriz, distendida... Draco, venha aqui, olhe direito! Que acha?

Harry viu o rosto de Draco agora muito perto, junto ao do pai. Eram extraordinariamente parecidos, exceto que, enquanto Lúcio não cabia em si de excitação, a expressão de Draco espelhava relutância e até medo.

– Não sei – respondeu, e voltou para junto da lareira onde sua mãe o observava.

– É melhor termos certeza, Lúcio – disse Narcisa para o marido, em sua voz clara e fria. – Absoluta certeza de que é Potter, antes de chamarmos o Lorde das Trevas... Dizem que isto é dele – comentou ela, olhando bem a varinha de ameixeira-brava –, mas não parece a que Olivaras descreveu... Se nos enganarmos, se chamarmos o Lorde das Trevas inutilmente... lembra o que ele fez com Rowle e Dolohov?

– E a sangue ruim aqui? – rosnou Greyback. Harry quase foi arrancado do chão quando os sequestradores tornaram a forçar os prisioneiros a se virar, para que a luz recaísse sobre Hermione.

– Esperem – disse Narcisa, incisivamente. – Sim... sim, ela esteve na Madame Malkin com Potter! Vi a foto dela no *Profeta*! Olhe, Draco, não é a garota Granger?

– Eu... talvez... é.

– Então, esse é o garoto Weasley! – gritou Lúcio, dando a volta aos prisioneiros para encarar Rony. – São eles, os amigos de Potter... Draco, olhe para ele, não é o filho do Arthur Weasley, como é mesmo o nome dele...?

– É – tornou Draco, de costas para os prisioneiros. – Poderia ser.

A porta da sala de visitas se abriu às costas de Harry. Uma mulher falou, o som de sua voz fez o medo de Harry atingir um nível ainda mais agudo.

– Que é isso? Que aconteceu, Ciça?

Belatriz Lestrange se encaminhou lentamente para os prisioneiros e parou à direita de Harry, estudando Hermione através de suas pálpebras caídas.

– Mas, com certeza – disse, calmamente –, essa é a garota sangue ruim, não é? É a Granger?

– É, sim, é a Granger! – exclamou Lúcio. – E, ao lado dela, pensamos que seja o Potter! Potter e seus amigos, enfim, capturados!

– Potter? – guinchou Belatriz, e recuou para ver Harry melhor. – Você tem certeza? Bem, então o Lorde das Trevas precisa ser imediatamente informado!

Ela puxou para cima sua manga esquerda: Harry viu a Marca Negra gravada a fogo em seu braço, e percebeu que a bruxa ia tocá-la para convocar seu amado senhor...

– Eu já ia chamá-lo! – disse Lúcio, e sua mão se fechou sobre o pulso de Belatriz, para impedi-la de tocar a Marca. – *Eu* o convocarei, Bela; Potter foi trazido à minha casa e, portanto, está sob a minha autoridade...

– Sua autoridade! – desdenhou ela, tentando soltar a mão do seu aperto. – Você perdeu a autoridade quando perdeu a varinha, Lúcio! Como se atreve! Tire as mãos de mim!

– Você não tem nada a ver com isso, não capturou o garoto...

– Me desculpe, *sr*. Malfoy – interpôs Greyback –, mas fomos nós que pegamos Potter, e nós é que vamos cobrar o prêmio em ouro...

– Ouro! – Riu-se Belatriz, ainda tentando desvencilhar-se do cunhado, a mão livre apalpando o bolso em busca da varinha. – Fique com o seu ouro, seu abutre imundo, para que quero ouro? Pretendo apenas a honra de... de...

Ela parou de lutar, seus olhos escuros fixos em alguma coisa que Harry não conseguia ver. Exultante com a sua capitulação, Lúcio afastou a mão dela com violência, e rasgou a própria manga...

– PARE! – guinchou Belatriz. – Não toque nela, todos pereceremos se o Lorde das Trevas vier agora!

Lúcio ficou imóvel, seu indicador pairando sobre a Marca. Belatriz saiu do limitado campo de visão de Harry.

– Que é isso? – ele a ouviu perguntar.

– Espada – grunhiu um sequestrador invisível.

– Entregue-a.

– Não é sua, senhorita, é minha, fui eu que a encontrei.

Ouviu-se um estampido e, em seguida, um clarão vermelho: Harry entendeu que o sequestrador fora estuporado. Ergueu-se um clamor de raiva dos seus companheiros: Scabior sacou a varinha.

– Com quem acha que está brincando, mulher?

– *Estupefaça!* – berrou ela. – *Estupefaça!*

Os sequestradores não eram páreo para ela, embora fossem quatro contra uma: Harry sabia que era uma bruxa com prodigiosa habilidade e sem escrúpulos. Os homens tombaram onde estavam, todos exceto Greyback, que foi forçado a se ajoelhar, com os braços estendidos. Pelo canto do olho, Harry viu Belatriz curvar-se sobre o lobisomem, segurando a espada de Gryffindor firmemente na mão, o rosto lívido.

– Onde foi que você obteve essa espada? – sussurrou para Greyback, tirando a varinha da mão incapaz de resistir-lhe.

– Como ousa? – rosnou ele, sua boca a única coisa que se movia ao ser forçado a encarar a bruxa. Arreganhou os dentes pontiagudos. – Solte-me, mulher!

– Onde foi que você obteve essa espada? – repetiu ela, brandindo-a em seu rosto. – Snape mandou-a para o meu cofre em Gringotes!

– Estava na barraca deles – respondeu a voz áspera de Greyback. – Solte-me, estou dizendo!

Ela fez um gesto com a varinha e o lobisomem se pôs de pé, mas cauteloso demais para se aproximar dela. Ficou à espreita, atrás de uma poltrona, suas unhas curvas e imundas agarradas ao encosto.

– Draco, leve esse lixo para fora – disse Belatriz, indicando os homens desacordados. – Se não tiver peito para acabar com eles, deixe-os no pátio para mim.

– Não se atreva a falar com Draco assim – disse Narcisa, furiosa, mas Belatriz berrou:

– Cale-se! A situação é mais grave do que você seria capaz de imaginar, Ciça! Temos um problema muito sério!

Ela parou, levemente ofegante, contemplando a espada, examinando seu punho. Virou-se, então, para olhar os prisioneiros silenciosos.

– Se, de fato, for Potter, ele não deve ser ferido – murmurou, mais para si

mesma do que para os demais. – O Lorde das Trevas quer liquidar Potter pessoalmente... mas se ele descobrir... preciso... preciso saber...
Ela tornou a se dirigir à irmã:
– Os prisioneiros devem ser levados para o porão, enquanto reflito sobre o que fazer!
– A casa é minha, Bela, você não dá ordens na minha...
– Obedeça! Você não faz ideia do perigo que estamos correndo! – guinchou Belatriz. Tinha um ar assustador, demente; um raio de fogo saiu de sua varinha e fez um furo no tapete.
Narcisa hesitou um momento e, então, falou ao lobisomem:
– Leve os prisioneiros para o porão, Greyback.
– Espere – disse Belatriz, rispidamente. – Todos, menos a sangue ruim.
Greyback soltou um rosnado de prazer.
– Não! – gritou Rony. – Pode ficar comigo no lugar dela!
Belatriz deu-lhe uma bofetada no rosto; a pancada ecoou pela sala.
– Se ela morrer durante o interrogatório, você será o próximo. No meu caderninho, traidor do sangue vem logo abaixo de sangue ruim. Leve-os para baixo, Greyback, e verifique se estão bem presos, mas não faça mais nada com eles... por enquanto.
Ela devolveu a varinha a Greyback e tirou uma pequena faca de prata de dentro das vestes. Cortou as cordas que prendiam Hermione aos outros prisioneiros, então arrastou-a pelos cabelos para o meio da sala, enquanto Greyback empurrava os demais para outra porta que se abria para um corredor escuro, a varinha erguida à frente, projetando uma força invisível e irresistível.
– Acho que ela me dará uma sobrinha da garota quando terminar, não? – cantarolou Greyback, enquanto os forçava a avançar pelo corredor. – Eu diria que será suficiente para umas dentadas, não acha, Ruço?
Harry podia sentir Rony tremendo. Eles foram obrigados a descer uma escada muito inclinada, ainda amarrados costas contra costas correndo o risco de escorregar e quebrar o pescoço a qualquer momento. Ao pé da escada, havia uma pesada porta. Greyback destrancou-a com uma batida de varinha, então, empurrou-os para uma sala úmida e mofada e os deixou em total escuridão. O eco da batida da porta do porão ainda não morrera quando ouviram um grito terrível e prolongado vindo diretamente do piso superior.
– HERMIONE! – urrou Rony, e começou a se contorcer e a forçar as cordas que os prendiam juntos, fazendo Harry cambalear. – HERMIONE!
– Fica quieto! – disse Harry. – Cala a boca, Rony, precisamos descobrir um jeito...
– HERMIONE! HERMIONE!

– Precisamos de um plano, pare de berrar... precisamos soltar essas cordas....
– Harry? – ouviu-se um sussurro na escuridão. – Rony? São vocês?
Rony parou de gritar. Ouviram um movimento perto deles, então, Harry viu uma sombra se aproximar.
– Harry? Rony?
– *Luna?*
– É, sou eu! Ah, não, eu não queria que vocês fossem apanhados!
– Luna, você pode nos ajudar a soltar essas cordas? – perguntou Harry.
– Ah, sim, espero que sim... tem um prego velho que usamos quando precisamos partir alguma coisa... espere um instante...
Hermione tornou a gritar lá de cima, e eles ouviram Belatriz gritando também, mas suas palavras foram inaudíveis, porque Rony tornou a berrar:
– HERMIONE! HERMIONE!
– Sr. Olivaras? – Harry ouviu Luna chamar. – Sr. Olivaras, o prego está com o senhor? Se o senhor se afastar um pouquinho, acho que estava ao lado do jarro de água...
A garota voltou segundos depois.
– Vocês precisam ficar parados – recomendou ela.
Harry sentiu-a enfiar o prego nas fibras resistentes da corda para soltar os nós. Do alto, chegava a voz de Belatriz.
– Vou lhe perguntar mais uma vez! Onde conseguiram esta espada? *Onde?*
– Achamos... achamos... POR FAVOR! – berrou Hermione. Rony esticava as cordas com mais força, e o prego enferrujado escorregou sobre o pulso de Harry.
– Rony, por favor, fique parado! – sussurrou Luna. – Não consigo ver o que estou fazendo...
– Meu bolso! – disse Rony. – No meu bolso tem um desiluminador, e cheio de luz!
Segundos depois, ouviu-se um clique e as esferas luminosas que o desiluminador absorvera das luzes na barraca voaram pelo porão: impossibilitadas de se reunir à fonte luminosa, elas ficaram suspensas no ar, como minúsculos sóis, inundando de claridade a sala subterrânea. Harry viu Luna, apenas olhos no rosto pálido, e o vulto imóvel de Olivaras, o fabricante de varinhas, enroscado no chão a um canto. Espichando o pescoço, avistou os companheiros de prisão: Dino e Grampo, o duende, que parecia quase inconsciente e mantido em pé pelas cordas que o prendiam aos humanos.
– Ah, assim é muito mais fácil, obrigada, Rony – disse Luna, e recomeçou a puir as cordas que os prendiam. – Olá, Dino!
Do alto, a voz de Belatriz:
– Você está mentindo, sua sangue-ruim imunda, sei que está! Você esteve no

meu cofre em Gringotes! Diga a verdade, *diga a verdade!*
Outro grito lancinante...
– HERMIONE!
– O que mais você tirou? O que mais tem com você? Me diga a verdade ou, juro, vou furar você com esta faca!
– Pronto!
Harry sentiu as cordas caírem e, ao se virar, esfregando os pulsos, deparou com Rony correndo pelo porão, olhando para o teto baixo, procurando um alçapão. Dino, com o rosto roxo e sangrento, agradeceu a Luna e ficou parado, tremendo, mas Grampo tombou no chão, parecendo tonto e desorientado, seu rosto escuro coberto de vergões.
Rony tentava, agora, desaparatar sem varinha.
– Não temos saída, Rony – comentou Luna, observando seus esforços infrutíferos. – O porão é completamente à prova de fugas. A princípio, eu tentei, o sr. Olivaras está aqui há muito tempo, ele tentou tudo.
Hermione recomeçava a gritar: o som atravessava Harry como uma dor física. Sem tomar consciência do forte formigamento de sua cicatriz, ele também começou a correr à volta do porão, apalpando as paredes sem saber para quê, convencido, em seu íntimo, de que era inútil.
– Que mais você tirou? Que mais? RESPONDA! *CRUCIO!*
Os berros de Hermione ecoavam pela sala de visitas. Rony quase soluçava socando as paredes com os punhos, e Harry, em absoluto desespero, agarrou a bolsa de Hagrid ao pescoço e tateou-a por dentro; puxou o pomo de Dumbledore e sacudiu-o, esperando nem sabia o quê. Nada aconteceu. Ele acenou com as metades partidas da varinha de fênix, mas não tinham vida; o caco de espelho caiu brilhando no chão, e ele viu uma cintilação muito azul...
O olho de Dumbledore mirava-o do espelho.
– Nos ajude! – ele berrou, louco de desespero. – Estamos no porão da Mansão dos Malfoy, nos ajude!
O olho piscou e desapareceu.
Harry nem tinha certeza se estivera realmente ali. Inclinou o caco de espelho para um lado e para o outro, e não viu nada refletido exceto as paredes e o teto de sua prisão e, no alto, Hermione gritava mais terrivelmente que antes e, ao seu lado, Rony urrava: “HERMIONE, HERMIONE!”
– Como foi que você entrou no meu cofre? – ouviram Belatriz berrar. – Aquele duende nojento, no porão, a ajudou?
– Só o conhecemos esta noite! – soluçou Hermione. – Nunca estivemos em seu cofre... essa não é a espada verdadeira! É uma cópia, é só uma cópia!
– Uma cópia? – guinchou Belatriz. – Ah, com certeza!

– Mas é muito fácil descobrir! – ouviu-se a voz de Lúcio. – Draco, vá buscar o duende, ele poderá nos dizer se a espada é ou não verdadeira!

Harry correu ao lado oposto do porão onde Grampo estava encolhido no chão.

– Grampo – cochichou ele, na orelha pontuda do duende –, você precisa dizer a eles que a espada é falsa, não podem saber que é a verdadeira, Grampo, por favor...

Ele ouviu alguém descer correndo a escada para o porão; no momento seguinte, a voz trêmula de Draco falou do outro lado da porta.

– Afastem-se. Se enfileirem na parede do fundo. Não tentem nada, ou mato vocês!

Eles obedeceram; quando a chave girou na fechadura, Rony clicou o desiluminador e as luzes voltaram instantaneamente para o seu bolso, restaurando as trevas no porão. A porta se abriu de chofre; Malfoy entrou, a varinha à frente, pálido e decidido. Agarrou o pequeno duende pelo braço e recuou, arrastando Grampo com ele. A porta bateu e, no mesmo momento, um forte estalo ecoou no porão.

Rony clicou o desiluminador. Três bolas de luz em seu bolso voltaram ao ar, revelando Dobby, o elfo doméstico, que acabara de aparatar entre eles.

– DOB...!

Harry deu um tapa no braço de Rony para impedi-lo de gritar, e o amigo pareceu horrorizado com o seu erro. Passos cruzaram o teto no andar de cima: Draco levava Grampo a Belatriz.

Os enormes olhos de Dobby, do tamanho de bolas de tênis, se arregalaram; ele tremia dos pés às pontas das orelhas. Voltara à casa dos seus antigos senhores e, logicamente, estava petrificado.

– Harry Potter – chiou ele, num fiapinho trêmulo de voz –, Dobby veio salvá-lo.

– Mas como foi que você...?

Um grito terrível abafou as palavras de Harry: Hermione estava sendo novamente torturada. Ele se limitou ao essencial.

– Você pode desaparatar deste porão? – perguntou ele a Dobby, que assentiu, abanando as orelhas.

– E pode levar humanos com você?

Dobby tornou a assentir.

– Certo. Dobby, quero que você segure Luna, Dino e o sr. Olivaras e leve-os... leve-os para...

– A casa de Gui e Fleur – sugeriu Rony. – O Chalé das Conchas nos arredores de Tinworth!

O elfo assentiu pela terceira vez.

– E depois volte. Você pode fazer isso, Dobby?
– Claro, Harry Potter – sussurrou o elfo. E correu para o sr. Olivaras, que pareceu estar quase inconsciente. Segurou, então, uma das mãos do fabricante de varinhas, depois estendeu a outra a Luna e Dino, que não se moveram.
– Harry, queremos ajudar vocês! – sussurrou Luna.
– Não podemos deixar vocês aqui – disse Dino.
– Vão, os dois! Nos veremos na casa de Gui e Fleur.
Quando Harry falou, sua cicatriz ardeu como nunca, e, por alguns segundos, ele baixou os olhos, não para o fabricante de varinhas, mas para outro homem que era quase tão velho, quase tão magro, mas se ria com desdém.
"Mate-me, então, Voldemort, a morte será bem-vinda! Mas a minha morte não lhe trará o que busca... há tanta coisa que você não compreende..."
Ele sentiu a fúria de Voldemort, mas, como Hermione tornou a gritar, Harry bloqueou a visão e voltou ao porão e ao horror do seu próprio presente.
– Vão! – Harry suplicou a Luna e Dino. – Vão! Nós os seguiremos, vão!
Eles seguraram os dedos estendidos do elfo. Ouviu-se um novo estalo, e Dobby, Luna, Dino e Olivaras sumiram.
– Que foi isso? – gritou Lúcio Malfoy no andar de cima. – Vocês ouviram? Que barulho foi esse no porão?
Harry e Rony se entreolharam assustados.
– Draco... não, chame o Rabicho! Mande-o descer e verificar!
Passos atravessaram o cômodo sobre suas cabeças e, em seguida, fez-se silêncio. Harry percebeu que as pessoas na sala de visitas estavam atentas a novos ruídos no porão.
– Temos que tentar imobilizá-lo – sussurrou Harry para Rony. Não havia escolha; no momento em que qualquer um entrasse no cômodo e desse por falta dos três prisioneiros, eles estariam perdidos. – Deixe as luzes acesas – acrescentou Harry, e, quando ouviram alguém descendo a escada, recuaram contra a parede, dos lados da porta.
– Para trás – ouviram a voz de Rabicho. – Afastem-se da porta. Vou entrar.
A porta foi escancarada. Por uma fração de segundo, Rabicho olhou para o porão aparentemente vazio, iluminado pelos três sóis em miniatura que flutuavam no ar. Então, Harry e Rony se atiraram sobre ele. Rony agarrou o braço de Rabicho que empunhava a varinha e forçou-o para o alto; Harry tapou a boca do bruxo com a mão, abafando-lhe a voz. Silenciosamente, os três lutaram: a varinha de Rabicho emitia faíscas; sua mão prateada fechouse em torno do pescoço de Harry.
– Que foi, Rabicho? – perguntou Lúcio Malfoy, do alto.
– Nada! – respondeu Rony, em uma imitação razoável da voz chiada de

Rabicho. – Tudo bem!
Harry mal conseguia respirar.
– Você vai me matar? – perguntou Harry, sufocado, tentando soltar as garras de metal. – Depois de eu ter salvado sua vida? Você me deve alguma coisa, Rabicho!
As garras de metal afrouxaram. Harry não esperara isso: desvencilhou-se, pasmo, continuando a comprimir a boca do bruxo. Ele viu os olhos de rato pequenos e úmidos se arregalarem de medo e surpresa: parecia quase tão chocado quanto Harry com o que sua mão fizera, com o impulso mínimo de piedade que demonstrara, e continuou a lutar com mais empenho, como se quisesse desfazer aquele momento de fraqueza.
– E vamos ficar com isso – cochichou Rony, puxando a varinha da outra mão do bruxo.
Sem varinha, desamparado, os olhos de Pettigrew se dilataram de terror. Seu olhar deslizara do rosto de Harry para outra coisa. Seus dedos prateados moviam-se inexoravelmente para sua própria garganta.
– Não...
Sem parar para pensar, Harry tentou deter a mão dele, mas não havia como fazê-la parar. A ferramenta prateada que Voldemort dera ao seu servo mais covarde voltara-se contra o dono imprestável e desarmado; Pettigrew recebia a recompensa por sua hesitação, por seu momento de piedade; estava sendo estrangulado diante dos olhos dos prisioneiros.
– Não!
Rony largara Rabicho também e, juntos, ele e Harry tentavam arrancar os dedos de metal que esmagavam a garganta do bruxo, mas inutilmente. Pettigrew estava ficando roxo.
– *Relaxo!* – ordenou Rony, apontando a varinha para a mão prateada, mas nada aconteceu; Pettigrew caiu de joelhos e, no mesmo instante, Hermione soltou um urro pavoroso na sala em cima. Os olhos de Rabicho giraram no rosto arroxeado, ele deu um último estremeção e ficou imóvel.
Harry e Rony se entreolharam e, deixando o corpo de Rabicho no chão, saíram correndo escada acima, de volta ao corredor sombrio que levava à sala de visitas. Cautelosamente, avançaram até a porta da sala, que estava entreaberta. Tiveram, então, uma visão clara de Belatriz olhando do alto para Grampo, que segurava a espada de Gryffindor nas mãos de dedos longos. Hermione se achava caída aos pés de Belatriz. Mal se movia.
– Então – perguntou a bruxa a Grampo. – É a espada verdadeira?
Harry aguardou, prendendo a respiração, resistindo ao formigamento em sua cicatriz.

– Não – respondeu Grampo. – É falsa.
– Você tem certeza? – ofegou Belatriz. – Certeza absoluta?
– Tenho.
O alívio se espalhou em seu rosto, toda a tensão se dissipou.
– Ótimo – disse ela, e, com um gesto displicente da varinha, fez mais um corte profundo no rosto do duende, fazendo-o cair, com um berro, aos seus pés. Ela chutou-o para longe. – E agora – acrescentou com uma voz transbordante de triunfo –, vamos chamar o Lorde das Trevas.
Puxou a manga para cima e encostou o dedo indicador na Marca Negra.
Na mesma hora, Harry teve a sensação de que a cicatriz se rompia mais uma vez. O local em que realmente estava desapareceu: ele era Voldemort, e o bruxo esquelético à sua frente escarnecia dele com um sorriso desdentado; enfureceu-se com o chamado que sentia – tinha alertado a todos, disseralhes para não convocá-lo para nada menos importante que Harry Potter. Se estivessem enganados...
“Mate-me então!”, exigia o velho. “Você não vencerá, você não pode vencer! Aquela varinha, jamais, em tempo algum, será sua...”
E a fúria de Voldemort extravasou: um clarão verde encheu a cela e o frágil corpo velho foi erguido do catre duro e largado, sem vida, e Voldemort voltou à janela, sua cólera quase incontrolável... eles sofreriam a sua vingança, se não tivessem uma boa razão para convocá-lo.
– E acho – ouviu-se a voz de Belatriz – que podemos dar um fim na sangue ruim. Greyback, leve-a se quiser.
– NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!
Rony irrompera pela sala de visitas; Belatriz olhou para os lados e virou a varinha para enfrentar o garoto...
– *Expelliarmus!* – urrou ele, apontando a varinha de Rabicho para Belatriz, e a da bruxa foi arremessada no ar e agarrada por Harry, que correra atrás de Rony. Lúcio, Narcisa, Draco e Greyback se viraram; Harry berrou:
– *Estupefaça!*
E Lúcio Malfoy caiu contra a lareira. Jorros de luz voaram das varinhas de Draco, Narcisa e Greyback; Harry atirou-se ao chão, rolando para trás de um sofá para evitá-los.
– PARE OU ELA MORRE!
Ofegante, Harry espiou pela borda do sofá. Belatriz sustentava Hermione, que parecia inconsciente, e segurava a faca de prata contra a garganta da garota.
– Larguem suas varinhas – sussurrou a bruxa. – Larguem ou verão como o sangue dela é imundo!
Rony ficou rígido, empunhando a varinha de Rabicho. Harry se ergueu, a

varinha de Belatriz ainda na mão.
– Eu disse, larguem as varinhas! – guinchou ela, enfiando a faca contra a garganta de Hermione; Harry viu gotas de sangue brotarem.
– Está bem! – gritou, e deixou cair a varinha de Belatriz aos próprios pés. Rony fez o mesmo com a varinha de Rabicho. Os dois ergueram as mãos à altura dos ombros.
– Ótimo. – A bruxa olhou de esguelha. – Draco, apanhe-as! O Lorde das Trevas está vindo, Harry Potter! A sua morte está próxima!
Harry sabia disso; sua cicatriz estava arrebentando de dor, e ele pressentia Voldemort voando de muito longe pelos céus, sobre um mar negro e tempestuoso, e logo estaria suficientemente próximo para aparatar até a sala, e Harry não via saída.
– Agora – disse Belatriz, com suavidade, quando Draco voltou correndo com as varinhas –, Ciça, acho que devemos amarrar esses heroizinhos outra vez, enquanto Greyback cuida da senhorita sangue ruim. Tenho certeza de que o Lorde das Trevas não vai lhe negar a garota, Greyback, depois do que você fez esta noite.
Quando ela disse a última palavra, ouviram um rangido peculiar vindo do alto. Todos ergueram os olhos em tempo de ver o lustre de cristal estremecer; e, com um forte estalo e um tinido agourento, começar a despencar. Belatriz estava diretamente embaixo do lustre; largando Hermione, atirou-se para um lado, berrando. O lustre se espatifou no chão, produzindo uma explosão de cristais e correntes, desabando sobre Hermione e o duende, que ainda segurava a espada de Gryffindor. Estilhaços de cristal cintilante voaram em todas as direções; Draco se dobrou, as mãos cobrindo o rosto ensanguentado.
Quando Rony correu para retirar Hermione dos destroços, Harry aproveitou a oportunidade: saltou por cima da poltrona, arrancou as três varinhas das mãos de Draco, apontou todas para Greyback e berrou:
– *Estupefaça!*
O lobisomem foi levantado pelo feitiço triplo, voou contra o teto e se arrebentou no chão.
Enquanto Narcisa arrastava Draco para longe, tentando poupá-lo de outros ferimentos, Belatriz se levantou de um pulo, os cabelos desgrenhados, brandindo a faca de prata; mas sua irmã apontara a varinha para a porta.
– Dobby! – berrou ela, e até Belatriz parou. – Você! *Você* fez o lustre cair...
O pequeno elfo entrou na sala, o dedo trêmulo apontando para sua antiga senhora.
– Não deve ferir Harry Potter – guinchou.
– Mate-o, Ciça! – guinchou Belatriz, mas houve outro forte estalo, e a varinha

de Narcisa também voou pelo ar e caiu do lado oposto da sala.
– Seu macaquinho imundo! – vociferou Belatriz. – Como ousa tirar a varinha de uma bruxa, como ousa desafiar os seus senhores?
– Dobby não tem senhores! – guinchou o elfo. – Dobby é um elfo livre, e Dobby veio salvar Harry Potter e seus amigos!
A cicatriz de Harry estava cegando-o de dor. Vagamente, ele sabia que tinha momentos, segundos apenas, até Voldemort chegar.
– Rony, pegue... e VÁ! – berrou, atirando uma das varinhas para o amigo; abaixou-se para puxar Grampo debaixo do lustre. Levando ao ombro o duende, que ainda gemia, agarrado à espada, Harry segurou a mão de Dobby e rodopiou para desaparatar.
Ao mergulhar na escuridão, teve um último vislumbre da sala: as figuras pálidas e imóveis de Narcisa e Draco, um risco vermelho que eram os cabelos de Rony, e um borrão de prata que voava, a faca de Belatriz arremessada pela sala contra o lugar em que ele estava desaparecendo...
A casa de Gui e Fleur... O Chalé das Conchas... a casa de Gui e Fleur...
Ele desaparatara para o desconhecido; só lhe restava repetir o nome do seu destino, na esperança de que isso fosse suficiente para levá-lo até lá. A dor em sua testa transpassava-o, e o peso do duende o sobrecarregava. Sentia a espada de Gryffindor bater contra suas costas; a mão de Dobby puxou a dele. Harry imaginou que o elfo talvez estivesse querendo assumir a desaparatação, levá-los na direção certa, e tentou, apertando seus dedos, indicar que concordava...
Eles, então, pisaram em terra firme e sentiram um cheiro de salinidade no ar. Harry ajoelhou-se, largando a mão de Dobby e tentando baixar Grampo gentilmente no chão.
– Você está bem? – perguntou, quando o duende se mexeu, mas Grampo apenas gemeu.
Harry apertou os olhos para enxergar na escuridão. Parecia haver um chalé a uma curta distância, sob um vasto céu estrelado, e ele achou que via um movimento do lado de fora.
– Dobby, aquele é o Chalé das Conchas? – sussurrou, segurando as duas varinhas que trouxera da casa dos Malfoy, pronto para lutar, se fosse necessário. – Viemos para o lugar certo? Dobby?
Ele olhou para os lados. O pequeno elfo estava a alguns passos apenas.
– DOBBY!
O elfo oscilou levemente, as estrelas se refletiram em seus grandes olhos brilhantes. Juntos, ele e Harry olharam para o cabo de prata da faca espetada no peito arfante do elfo.
– Dobby... não... SOCORRO! – berrou Harry em direção ao chalé, às pessoas

que se moviam lá. – SOCORRO!
Ele não sabia nem se importava se eram bruxos ou trouxas, amigos ou inimigos; só se importava com a mancha escura que se espalhava pelo peito de Dobby, e que o elfo estendera os braços finos para Harry com um olhar súplice. Harry segurou-o e deitou-o de lado no capim fresco.

– Dobby, não, não morra, não morra...

Os olhos do elfo encontraram os seus e seus lábios se mexeram em um esforço para formar palavras.

– Harry... Potter...

E, então, com um tremor, o elfo ficou muito quieto e seu olhos eram apenas grandes globos vítreos salpicados com a luz das estrelas que eles já não podiam ver.

— CAPÍTULO VINTE E QUATRO —

O fabricante de varinhas

Foi como mergulhar em um velho pesadelo; por um instante, ele se viu mais uma vez ajoelhado ao lado do corpo de Dumbledore, ao pé da torre mais elevada de Hogwarts, mas, na realidade, estava contemplando um corpo minúsculo encolhido sobre o capim, trespassado pela faca de prata de Belatriz. A voz de Harry continuou a dizer: “Dobby... *Dobby*...”, mesmo sabendo que o elfo se fora para um lugar onde já não poderia atender o seu chamado.

Passados um minuto ou pouco mais, ele percebeu que, afinal, tinha vindo parar no lugar certo, porque ali estavam Gui, Fleur, Dino e Luna, rodeando-o junto ao elfo.

– Hermione? – perguntou ele, repentinamente. – Onde ela está?

– Rony levou-a para dentro – disse Gui. – Vai ficar bem.

Harry tornou a olhar para Dobby. Esticou a mão e puxou a faca afiada do corpo do elfo, então despiu o próprio blusão e, como se fosse um cobertor, estendeu-o sobre Dobby.

O mar batia contra rochas em algum lugar ali perto; Harry ficou escutando, enquanto os outros discutiam assuntos pelos quais ele não conseguiu se interessar, e tomavam decisões. Dino carregou Grampo, o duende ferido, para dentro de casa, Fleur se apressou em acompanhá-los; agora Gui dava sugestões para o enterro do elfo. Harry concordou, sem realmente saber o que estava dizendo. Ao fazer isso, olhou para o corpinho de Dobby e sua cicatriz formigou e ardeu, e uma parte de sua mente avistou, como se olhasse pelo lado contrário de um telescópio, Voldemort punindo aqueles que tinham ficado na Mansão dos Malfoy. Sua fúria era medonha e, no entanto, a dor de Harry pela perda de Dobby pareceu atenuá-la, transformando-a em uma tempestade distante que lhe chegava da outra margem de um vasto oceano silencioso.

– Quero enterrá-lo como deve ser. – Foram as primeiras palavras que Harry teve plena consciência de pronunciar. – Não por magia. Vocês têm uma pá?

E pouco depois, ele começou a trabalhar, sozinho, abrindo uma cova no lugar que Gui lhe apontara no extremo do jardim, entre moitas e arbustos. Cavou com uma espécie de fúria, sentindo prazer no trabalho manual, envaidecendo-se com essa antimagia, porque cada gota de suor e cada bolha que se formava eram para ele uma oferenda ao elfo que salvara suas vidas.

Sua cicatriz ardeu, mas ele dominou a dor; sentiu-a, sem dela participar. Aprendera finalmente a se controlar, aprendera a bloquear sua mente a Voldemort, exatamente o que Dumbledore tinha querido que aprendesse com Snape. Da mesma forma que Voldemort não conseguira possuir Harry quando o garoto se consumira de pesar por Sirius, tampouco agora seus pensamentos conseguiam penetrar Harry, enquanto chorava por Dobby. O pesar, aparentemente, repelia Voldemort... embora Dumbledore, é claro, tivesse dito que era o amor...

Harry continuou a cavar cada vez mais fundo a terra dura e gelada, subordinando sua dor ao suor, negando a dor na cicatriz. No escuro, tendo por companhia apenas o som da própria respiração e das ondas quebrando, reviu o que acontecera na casa dos Malfoy, o que ouvira voltou à sua lembrança e a compreensão floresceu na treva...

O movimento compassado dos seus braços acompanhava o ritmo dos seus pensamentos. Relíquias... Horcruxes... Relíquias... Horcruxes... entretanto, ele já não ardia com aquele desejo obsessivo e estranho. A perda e o medo tinhamno extinguido: sentia-se como se tivesse levado um tapa para despertar.

Cada vez mais fundo, Harry penetrava na cova e sabia onde Voldemort tinha estado aquela noite, e quem ele matara na cela mais alta de Nurmengard, e por quê...

E ele pensou em Rabicho, morto por um mínimo impulso inconsciente de piedade... Dumbledore previra aquilo... que mais teria sabido?

Harry perdeu a noção do tempo. Sabia apenas que a noite clareara quando Rony e Dino vieram se juntar a ele.

– Como está Hermione?

– Melhor – disse Rony. – Fleur está cuidando dela.

Harry tinha a resposta pronta se lhe perguntassem por que simplesmente não cavara uma cova perfeita com a sua varinha, mas não precisou usá-la. Os amigos pularam para dentro do buraco, que ele já fizera, trazendo pás e, juntos, trabalharam em silêncio até a profundidade parecer suficiente.

Harry aconchegou melhor o elfo em seu blusão. Rony sentou-se na beira da cova, tirou os sapatos e as meias e colocou-os sobre os pés descalços do elfo. Dino conjurou um chapéu de lã, que Harry pousou com cuidado na cabeça de Dobby, abafando suas orelhas de morcego.

– Devíamos fechar os olhos dele.
Harry não ouvira os outros se aproximarem no escuro. Gui estava trajando uma capa de viagem; Fleur, um grande avental branco, com um bolso do qual saía uma garrafa em que Harry reconheceu a Esquelesce. Hermione veio embrulhada em um robe emprestado, pálida e vacilante; Rony abraçou-a pela cintura, quando ela se achegou. Luna, que se agasalhara com um dos casacos de Fleur, agachou-se e colocou carinhosamente os dedos sobre as pálpebras do elfo, fechando-as sobre o seu olhar vidrado.
– Pronto – disse baixinho. – Agora ele poderia estar dormindo.
Harry colocou o elfo na cova, ajeitou suas perninhas, para parecer que estava descansando, então saiu e contemplou, uma última vez, o pequeno corpo. Esforçou-se para não cair no choro ao se lembrar dos funerais de Dumbledore, das muitas fileiras de cadeiras douradas com o ministro da Magia sentado à frente e a enumeração dos feitos de Dumbledore, a magnificência do túmulo de mármore branco. Sentiu que Dobby merecia um funeral igualmente pomposo, contudo, o elfo jazia entre moitas e arbustos, em um buraco toscamente cavado.
– Acho que deveríamos dizer algumas palavras – sugeriu Luna. – Eu falo primeiro, posso?
E, como todos olharam para ela, Luna se dirigiu ao elfo morto no fundo da cova.
– Muito obrigada, Dobby, por me tirar daquele porão. É tão injusto que você tivesse que morrer, quando foi tão bom e corajoso. Eu sempre me lembrarei do que fez por nós. Espero que você agora esteja feliz.
Ela olhou para Rony na expectativa, e ele, pigarreando, disse com a voz rouca:
– É... obrigado, Dobby.
– Obrigado – murmurou Dino.
Harry engoliu em seco.
– Adeus, Dobby – foi só o que pôde dizer, mas Luna já dissera tudo por ele. Gui ergueu a varinha e o monte de terra ao lado da cova se elevou no ar e caiu sem se espalhar sobre a cova, um montículo avermelhado.
– Vocês se importam se eu ficar aqui mais um pouco? – Harry perguntou aos outros.
Os amigos murmuraram coisas que ele não entendeu; sentiu palmadinhas carinhosas em suas costas, e, em seguida, todos voltaram ao chalé, deixando-o sozinho ao lado do elfo.
Ele olhou a toda volta: havia muitas pedras grandes e brancas, polidas pelo mar, delimitando os canteiros. Harry apanhou uma das maiores e depositou-a, como um travesseiro, no lugar onde, agora, descansava a cabeça de Dobby. Apalpou, então, o bolso à procura de uma varinha.

Havia duas ali. Ele esquecera, perdera a noção; não conseguiu se lembrar de quem eram as varinhas; tinha a impressão de que as tirara à força da mão de alguém. Escolheu a mais curta, que se ajustou melhor à sua mão, e apontou-a para a rocha.

Lentamente, às instruções que murmurava, foram aparecendo cortes fundos na superfície da pedra. Ele sabia que Hermione poderia ter feito melhor e provavelmente mais rápido, mas queria marcar o lugar como quisera cavar a sepultura. Quando Harry tornou a se levantar, a pedra exibia os dizeres:

Aqui jaz Dobby, um Elfo Livre.

Ele contemplou o seu trabalho por mais alguns segundos, então se afastou, sua cicatriz ainda formigando um pouco e sua mente repleta de pensamentos que tinham lhe ocorrido na cova, ideias que haviam se formado no escuro, ideias ao mesmo tempo fascinantes e terríveis.

Encontrou todos sentados na sala de estar quando entrou no pequeno hall, as atenções concentradas em Gui, que estava falando. A sala era bonita, tinha cores claras, e, na lareira, um fogo esperto com lenha recolhida na praia. Harry não quis deixar cair lama no tapete, por isso parou à porta para escutar.

– ... por sorte, Gina está de férias. Se estivesse em Hogwarts, poderiam tê-la levado antes de chegarmos a ela. Agora sabemos que também está a salvo.

Gui virou a cabeça e viu Harry parado.

– Estou tirando todos d'A Toca – explicou. – Levei-os para a casa de Muriel. Os Comensais da Morte já sabem que Rony está com você, fatalmente irão perseguir nossa família; não se desculpe – acrescentou, ao ver a expressão de Harry. – Sempre foi uma questão de tempo, papai vem dizendo isso há meses. Somos os maiores traidores do sangue que existem.

– Como estão protegidos? – perguntou Harry.

– Feitiço Fidelius. Papai é o fiel do segredo. E fizemos o mesmo com este chalé; aqui sou o fiel do segredo. Nenhum de nós pode ir trabalhar, mas isso não é o mais importante no momento. Quando Olivaras e Grampo melhorarem, vamos transferi-los para a casa de Muriel também. Não temos muito espaço, mas ela tem. As pernas de Grampo estão se refazendo, Fleur lhe deu Esquelesce: provavelmente, poderemos fazer a transferência dentro de uma hora ou...

– Não – disse Harry, e Gui pareceu espantado. – Preciso dos dois aqui. Preciso falar com eles. É importante.

Ele sentiu autoridade na própria voz, a convicção, a determinação que lhe sobreviera enquanto cavava a sepultura de Dobby. Todos os rostos se voltaram para ele, intrigados.

– Vou me lavar – disse Harry a Gui, olhando para as mãos sujas de lama e sangue de Dobby. – Em seguida, preciso vê-los imediatamente.

Ele entrou na pequena cozinha e se dirigiu à pia sob a janela com vista para o mar. O dia amanhecia no horizonte, rosa-amarelado e com um leve matiz dourado, e ele foi se lavando, mais uma vez seguindo o fio dos pensamentos que tinham lhe ocorrido no jardim escuro...

Dobby jamais poderia lhes dizer quem o enviara ao porão, mas Harry sabia o que tinha visto. Um penetrante olho azul o espiara do caco de espelho, e o socorro tinha chegado. *Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrerem.*

Harry enxugou as mãos, insensível à beleza da paisagem à janela e aos murmúrios dos demais na sala de visitas. Contemplou o oceano e se sentiu mais próximo, neste amanhecer, do que jamais se sentira, do âmago de tudo.

E sua cicatriz formigava, e ele sabia que Voldemort também estava chegando lá. Harry entendia e, contudo, não entendia. Seu instinto lhe dizia uma coisa, seu cérebro outra bem diversa. O Dumbledore em sua mente sorria, observando-o por cima das pontas dos dedos juntos, como se estivesse orando.

O senhor deu a Rony o desiluminador. O senhor o compreendeu... deu-lhe um meio de voltar atrás...

E o senhor compreendeu o Rabicho também... o senhor sabia que havia nele certo arrependimento, em algum lugar...

E se os conhecia... o que conhecia de mim, Dumbledore?

Estou destinado a saber, mas não a buscar? O senhor sabia como eu acharia isso penoso? Foi por isso que dificultou tanto? Para que eu tivesse tempo de concluir sozinho?

Harry ficou muito quieto, os olhos vidrados, observando o ponto em que uma borda dourada e ofuscante do sol se erguia no horizonte. Baixou, então, os olhos para as mãos limpas e ficou momentaneamente surpreso de ver a toalha que segurava. Colocou-a de lado e voltou ao hall e, no caminho, sua cicatriz latejou, raivosa, e lampejou em sua mente, fugaz como o reflexo de uma libélula na superfície da água, os contornos de um edifício que ele conhecia excepcionalmente bem.

Gui e Fleur estavam parados ao pé da escada.

– Preciso falar com Grampo e Olivaras – disse Harry.

– Nam – respondeu Fleur. – Você vai terr que esperrarr, Arry. Os dois stam muite ruins, cansades...

– Lamento – disse ele, sem se exasperar –, mas não posso esperar. Preciso falar com eles agora. Em particular, e separadamente. É urgente.

– Harry, que diabo está acontecendo? – perguntou Gui. – Você aparece aqui com um elfo doméstico morto e um duende semi-inconsciente, Hermione com a

aparência de que foi torturada e Rony se recusa a me dizer o que aconteceu...

– Não podemos lhe contar o que estamos fazendo – disse Harry, taxativamente. – Você pertence à Ordem, Gui, sabe que Dumbledore nos confiou uma missão. Não podemos discuti-la com mais ninguém.

Fleur deu um muxoxo de impaciência, mas Gui não se virou; encarava Harry. Seu rosto coberto de cicatrizes estava impenetrável. Por fim, disse:

– Tudo bem. Com quem quer falar primeiro?

Harry hesitou. Sabia o que pesava sobre sua decisão. Restava-lhe muito pouco tempo. Agora era o momento de decidir: Horcruxes ou Relíquias?

– Grampo. Falarei com Grampo primeiro.

Seu coração disparou, como se tivesse corrido e acabado de saltar um enorme obstáculo.

– Aqui em cima, então – disse Gui, mostrando-lhe o caminho.

Harry subira vários degraus, quando parou e olhou para trás.

– Preciso de vocês dois também! – gritou para Rony e Hermione, que estavam rondando, meio escondidos, o portal da sala de visitas.

Os dois surgiram à luz do hall, parecendo estranhamente aliviados.

– Como vai? – Harry perguntou a Hermione. – Você foi fantástica, inventando aquela história enquanto ela a machucava daquele jeito...

Hermione esboçou um sorriso, e Rony lhe deu um aperto carinhoso no braço.

– Que estamos fazendo agora, Harry? – perguntou ele.

– Vocês verão. Venham.

Harry, Rony e Hermione subiram com Gui a um pequeno corredor. Nele havia três portas.

– Aqui – disse Gui, abrindo a porta para o quarto dele e de Fleur. O cômodo também se abria para o mar, agora salpicado de dourado. Harry aproximou-se da janela, deu as costas para a vista espetacular e aguardou, os braços cruzados, a cicatriz formigando. Hermione sentou-se na poltrona ao lado da penteadeira, e Rony, sobre o braço do estofado.

Gui reapareceu, trazendo o pequeno duende, que ele acomodou cuidadosamente na cama. Grampo resmungou um agradecimento, e Gui saiu, fechando a porta e isolando todos.

– Lamento fazê-lo se levantar – disse Harry. – Como estão suas pernas?

– Doloridas – respondeu o duende. – Mas se recuperando.

Ele ainda se agarrava à espada de Gryffindor, e tinha um ar estranho: meio truculento, meio intrigado. Harry registrou a pele macilenta do duende, seus longos dedos finos, seus olhos negros. Fleur tirara seus sapatos: os pés compridos estavam sujos. Era pouco mais robusto do que um elfo doméstico. A cabeça em forma de domo era muito maior do que a de um humano.

– Você provavelmente não lembra... – começou Harry.
– ... que fui o duende que o levou ao seu cofre, na primeira vez que visitou o Gringotes? – completou Grampo. – Lembro, Harry Potter. Mesmo entre os duendes, você é muito famoso.
Harry e o duende se encararam, avaliando um ao outro. Sua cicatriz continuava a formigar. Ele queria acabar depressa a entrevista com Grampo, e, ao mesmo tempo, temia fazer um movimento em falso. Enquanto tentava decidir o melhor modo de abordar o seu pedido, o duende quebrou o silêncio.
– Você enterrou o elfo – disse ele, em um tom inesperadamente rancoroso. – Observei-o da janela do quarto ao lado.
– Enterrei – confirmou Harry.
Grampo olhou-o pelo canto de seus amendoados olhos negros.
– Você é um bruxo incomum, Harry Potter.
– Como assim? – perguntou Harry, esfregando distraidamente a cicatriz.
– Você cavou a sepultura.
– E?
Grampo não respondeu. Harry achou que estava sendo escarnecido por agir como um trouxa, mas não lhe importava se Grampo aprovava ou não a sepultura de Dobby. Preparou-se para o ataque.
– Grampo, preciso lhe perguntar...
– Você também salvou um duende.
– Quê?
– Você me trouxe para cá. Me salvou.
– Bem, espero que não esteja se lamentando – disse Harry, meio impaciente.
– Não, Harry Potter – e, com um dedo, torceu a barbicha rala do queixo –, mas você é um bruxo estranho.
– Certo. Bem, preciso de ajuda, Grampo, e você pode dá-la.
O duende não fez nenhum gesto de encorajamento, mas continuou a franzir a testa para Harry, como se nunca tivesse visto nada parecido.
– Preciso arrombar um cofre no Gringotes.
Harry não pretendera ser tão inepto; as palavras tinham lhe escapado da boca quando a dor trespassou sua cicatriz e ele viu, mais uma vez, os contornos de Hogwarts. Fechou a mente com firmeza. Precisava negociar com Grampo, primeiro. Rony e Hermione olhavam para Harry como se ele tivesse enlouquecido.
– Harry... – disse Hermione, mas foi interrompida por Grampo.
– Arrombar um cofre no Gringotes? – repetiu o duende fazendo uma careta e mudando de posição na cama. – É impossível.
– Não, não é – Rony o contradisse. – Já foi feito.

– É – disse Harry. – No mesmo dia em que eu o conheci, Grampo. Meu aniversário, faz sete anos.
– Na época, o cofre em questão estava vazio – retrucou o duende, e Harry compreendeu que, embora Grampo tivesse saído de Gringotes, a ideia de as defesas do banco terem sido vazadas o ofendia. – Tinha uma proteção mínima.
– Bem, o cofre em que precisamos entrar não está vazio, e imagino que deva contar com fortíssima proteção. Pertence aos Lestrange.
Ele viu Hermione e Rony se entreolharem, abismados, mas haveria bastante tempo para explicações depois que Grampo desse sua resposta.
– Sem chance – respondeu ele, com firmeza. – Não há a menor chance. *“Se procuram sob o nosso chão, um tesouro que nunca enterraram...”*
– *“... ladrão, você foi avisado, cuidado...”*, é, eu sei, lembro bem. Mas, não estou tentando roubar um tesouro para mim, não estou tentando apanhar nada para meu lucro pessoal. Dá para você acreditar?
O duende olhou enviesado para Harry, a cicatriz em forma de raio em sua testa formigou, mas ele a ignorou, recusou-se a reconhecer a dor ou o convite que encerrava.
– Se houvesse um bruxo em que fosse possível crer que não visa a um lucro pessoal – disse Grampo, finalmente –, este seria você, Harry Potter. Duendes e elfos não estão acostumados à proteção ou ao respeito que você demonstrou esta noite. Não de porta-varinhas.
– Porta-varinhas – repetiu Harry: a frase soou estranha aos seus ouvidos, a cicatriz formigou enquanto os pensamentos de Voldemort se voltaram para o norte e Harry ardia de vontade de interrogar Olivaras, no quarto ao lado.
– O direito de portar uma varinha – disse o duende, em voz baixa – tem sido, há muito tempo, motivo de contestação entre bruxos e duendes.
– Bem, os duendes são capazes de magia sem o auxílio de varinhas – disse Rony.
– Isto não vem ao caso! Os bruxos se recusam a dividir os segredos tradicionais sobre varinhas com outros seres mágicos, nos negam a possibilidade de ampliar nossos poderes!
– Bem, os duendes também não dividem os seus conhecimentos de magia – argumentou Rony. – Vocês não querem nos contar como fazem suas espadas e armaduras. Os duendes sabem trabalhar o metal de um modo que os bruxos jamais...
– Não importa – disse Harry, reparando que Grampo estava ficando vermelho. – O que está em questão não são os bruxos contra os duendes, ou qualquer outra criatura mágica.
Grampo deu uma risada desagradável.

– Mas é essa, a questão é exatamente essa! À medida que o Lorde das Trevas se torna mais poderoso, a sua raça se coloca mais firmemente acima da minha! O Gringotes cai sob o domínio dos bruxos, os elfos domésticos são massacrados, e quem entre os porta-varinhas protesta?

– Nós protestamos! – disse Hermione, empertigando-se na poltrona, os olhos brilhantes. – E sou caçada do mesmo modo que um duende ou um elfo, Grampo! Sou uma sangue-ruim!

– Não se chame de... – murmurou Rony.

– Por que não? Sou sangue ruim com muito orgulho! Sob a nova ordem, não tenho uma posição melhor do que você, Grampo! Foi a mim que escolheram para torturar na casa dos Malfoy!

Enquanto falava, ela afastou a gola do robe para mostrar o corte fino que Belatriz fizera, vermelho contra a pele de sua garganta.

– Você sabia que foi Harry quem libertou Dobby? – perguntou ela. – Você sabia que há anos queremos que os elfos sejam livres? – (Rony se mexeu incomodado no braço da poltrona de Hermione.) – Você não pode desejar a derrota de Você-Sabe-Quem mais do que desejamos, Grampo!

O duende olhou para Hermione com a mesma curiosidade que manifestara por Harry.

– Que procuram no cofre dos Lestrange? – perguntou-lhes, de repente. – A espada que está lá é falsa. Esta é a verdadeira. – O duende olhou de um para outro. – Acho que já sabem isso. Você me pediu para mentir lá no porão.

– Mas a espada falsa não é o único objeto naquele cofre, é? – perguntou Harry. – Talvez você tenha visto outras coisas lá dentro, não?

Seu coração batia cada vez com mais força. Ele redobrou os esforços para ignorar a pulsação da cicatriz.

O duende tornou a enrolar a barbicha no dedo.

– É contra o nosso código de ética falar sobre os segredos de Gringotes. Somos os guardiões de tesouros fabulosos. Temos um dever para com os objetos postos sob nossa guarda, e que foram, muitas vezes, feitos por nossas mãos.

O duende acariciou a espada e seus olhos negros correram de Harry para Hermione, dela para Rony e de volta.

– Tão jovens – disse, finalmente – para estarem lutando contra tantos.

– Você nos ajudará? – perguntou Harry. – Não temos a menor esperança de arrombar o cofre sem a ajuda de um duende. Você é a nossa única chance.

– Vou... pensar no pedido – disse Grampo irritantemente.

– Mas... – começou Rony, zangado; Hermione cutucou-o nas costelas.

– Muito obrigado – disse Harry.

O duende inclinou a cabeça grande de topo arredondado, assentindo, e então

flexionou as pernas curtas.
– Acho – disse ele, acomodando-se ostensivamente na cama de Gui e Fleur – que aquela Esquelesce já fez efeito. Poderei, enfim, dormir. Me deem licença...
– É, claro – disse Harry, mas, antes de sair do quarto, inclinou-se e apanhou a espada de Gryffindor que estava ao lado do duende. Grampo não protestou, mas Harry pensou ter visto rancor em seus olhos quando fechou a porta.
– Bostinha – sussurrou Rony. – Ele está se divertindo em nos fazer esperar.
– Harry – sussurrou Hermione, afastando os dois da porta, para o meio do corredor ainda escuro –, você está dizendo o que penso que está dizendo? Você está dizendo que tem uma Horcrux no cofre dos Lestrange?
– Estou. Belatriz ficou aterrorizada quando achou que tínhamos entrado no cofre, perdeu a cabeça. Por quê? Que achou que tínhamos visto, que mais pensou que poderíamos ter levado? Alguma coisa que a deixou apavorada que Você-Sabe-Quem descobrisse.
– Mas pensei que estávamos procurando lugares em que Você-Sabe-Quem tivesse estado, lugares em que tivesse feito alguma coisa importante! – disse Rony, desconcertado. – Ele algum dia entrou no cofre dos Lestrange?
– Nem sei se algum dia ele entrou no Gringotes – disse Harry. – Quando era mais moço, jamais guardou ouro lá, porque ninguém lhe deixou nada. Mas teria visto o banco por fora, na primeira vez que foi ao Beco Diagonal.
A cicatriz de Harry latejou, mas ele não deu atenção; queria que Rony e Hermione entendessem a questão do Gringotes antes de falarem com Olivaras.
– Aposto como ele teria invejado qualquer um que possuísse a chave de um cofre no Gringotes. Acho que a teria considerado um verdadeiro símbolo de que se pertence ao mundo bruxo. E não esqueçam que ele confiava em Belatriz e no marido. Foram os servos mais dedicados antes de sua queda, e saíram à sua procura quando ele desapareceu. Você-Sabe-Quem disse isso na noite em que voltou, eu ouvi.
Harry esfregou a cicatriz.
– Mas acho que não disse à Belatriz que era uma Horcrux. Jamais contou a Lúcio Malfoy a verdade sobre aquele diário. Provavelmente, disse a ela que era um objeto de estimação e lhe pediu para guardá-lo no cofre. O lugar mais seguro do mundo para qualquer coisa que se queira esconder, segundo Hagrid... à exceção de Hogwarts.
Quando Harry terminou de falar, Rony sacudiu a cabeça.
– Você realmente entende ele.
– Bocadinhos apenas – respondeu Harry. – Bocadinhos... Eu gostaria de ter entendido tanto assim Dumbledore. Mas veremos. Vamos ao Olivaras agora.
Rony e Hermione pareciam perplexos, mas impressionados, ao

acompanharem o amigo, que atravessou o corredor e bateu à porta oposta à de Gui e Fleur. Um débil “Entre!” respondeu-lhes.

O fabricante de varinhas estava deitado em uma das camas de solteiro, distante da janela. Permanecera preso no porão mais de um ano e Harry sabia que fora torturado pelo menos em uma ocasião. Estava emaciado, os ossos do rosto destacavam-se nitidamente na pele amarelada. Seus grandes olhos cinzentos pareciam imensos nas órbitas fundas. As mãos que estavam sobre o cobertor poderiam pertencer a um esqueleto. Harry sentou-se na cama vazia, ao lado de Rony e Hermione. Dali não se via o sol nascente. O quarto dava para o jardim sobre o penhasco e a cova recém-aberta.

– Sr. Olivaras, me desculpe incomodá-lo – disse Harry.

– Meu caro rapaz. – A voz de Olivaras era fraca. – Você nos salvou. Pensei que fôssemos morrer naquele lugar. Jamais poderei lhe agradecer... *jamais* agradecer... o suficiente.

– Ficamos felizes em salvá-los.

A cicatriz de Harry latejou. Ele sabia, tinha certeza, que praticamente não lhe restava tempo para chegar ao alvo antes de Voldemort, nem tentar impedi-lo. Sentiu um assomo de pânico... contudo, tomara sua decisão quando optara por falar com Grampo primeiro. Fingindo uma calma que não sentia, apalpou a bolsa no pescoço e tirou a varinha partida.

– Sr. Olivaras, preciso de sua ajuda.

– O que precisar. O que precisar – respondeu o fabricante de varinhas, fraco.

– O senhor pode consertar isso? É possível?

Olivaras estendeu-lhe a mão insegura e Harry colocou em sua palma as duas metades quase soltas.

– Azevinho e pena de fênix – disse Olivaras, com a voz tremida. – Vinte e oito centímetros. Bem flexível.

– Sim. O senhor pode...?

– Não – sussurrou Olivaras. – Lamento muito, muito mesmo, mas uma varinha que sofreu tal dano não pode ser consertada por nenhum meio que eu conheça.

Harry se preparara para ouvir isso, mas, ainda assim, foi um choque. Recolheu as metades da varinha e tornou a guardá-las na bolsa, ao pescoço. Olivaras fitou atentamente o lugar onde a varinha partida desaparecera e não desviou o olhar até Harry ter tirado do bolso as duas varinhas que trouxera da casa dos Malfoy.

– O senhor pode identificar essas? – perguntou o garoto.

O bruxo apanhou a primeira varinha e segurou-a junto aos olhos enfraquecidos, girando-a entre os dedos nodosos, flexionando-a de leve.

– Nogueira e fibra cardíaca de dragão – disse. – Trinta e dois centímetros.

Rígida. Essa varinha pertenceu a Belatriz Lestrange.
– E essa outra?
Olivaras fez o mesmo exame.
– Pilriteiro e pelo de unicórnio. Exatos vinte e cinco centímetros. Razoavelmente flexível. Era a varinha de Draco Malfoy.
– Era? – repetiu Harry. – Não é mais dele?
– Talvez não. Se você a tirou...
– ... tirei...
– ... então talvez seja sua. O modo como a tirou, naturalmente, faz diferença. E também depende muito da varinha em si. Mas, em geral, quando uma varinha é conquistada, sua lealdade muda.
Fez-se silêncio no quarto, exceto pelo ruído distante do mar.
– O senhor fala de varinhas como se elas tivessem sentimentos – disse Harry. – Como se pudessem pensar sozinhas.
– A varinha escolhe o bruxo – disse Olivaras. – Isto sempre esteve claro para os estudiosos da tradição das varinhas.
– Mas uma pessoa pode usar uma varinha que não a escolheu?
– Ah, sim, se você for realmente capaz de magia poderá canalizá-la através de quase qualquer instrumento. Os melhores resultados, porém, sempre ocorrerão quando houver a máxima afinidade entre bruxo e varinha. Esses vínculos são complexos. Uma atração inicial, depois a busca mútua de experiência, a varinha aprendendo com o bruxo, o bruxo com a varinha.
O mar avançava e recuava; era um som triste.
– Tomei a varinha de Draco Malfoy à força – disse Harry. – Posso usá-la sem perigo?
– Creio que sim. Leis sutis governam a propriedade das varinhas, mas uma varinha conquistada, em geral, se dobra à vontade do novo dono.
– Então eu devo usar esta? – disse Rony, tirando a varinha de Rabicho do bolso e entregando-a a Olivaras.
– Castanheira e fibra cardíaca de dragão. Vinte e três centímetros e meio. Quebradiça. Fui obrigado a fabricá-la, pouco depois do meu sequestro, para Pedro Pettigrew. Sim, se você a conquistou, é mais provável que ela lhe obedeça, e obedeça bem, do que outra varinha.
– E isso se aplica a todas as varinhas? – perguntou Harry.
– Creio que sim – respondeu Olivaras, seus olhos salientes fixos no rosto de Harry. – O senhor me faz perguntas profundas, sr. Potter. A tradição das varinhas é um ramo misterioso e complexo da magia.
– Então, não é necessário matar o dono anterior para se apossar realmente de uma varinha? – perguntou Harry.

Olivaras engoliu em seco.
– Necessário? Não, eu não diria que seja necessário matar.
– Mas há lendas. – E, ao dizer isso, o seu coração acelerou, a dor na cicatriz se tornou mais intensa; teve certeza de que Voldemort decidira pôr sua ideia em prática. – Lendas sobre uma varinha, ou varinhas, que passaram de mão em mão por assassinato.
Olivaras empalideceu. Sobre o travesseiro muito branco, ele parecia cinza-claro, e seus olhos enormes, injetados de sangue e salientes, talvez expressassem medo.
– Apenas uma varinha, acho – sussurrou ele.
– E Você-Sabe-Quem está interessado nela, não é? – perguntou Harry.
– Eu... como?! – exclamou Olivaras rouco, e olhou para Rony e Hermione pedindo ajuda. – Como sabe disso?
– Ele queria que o senhor lhe dissesse como vencer a ligação entre as nossas varinhas.
Olivaras ficou aterrorizado.
– Ele me torturou, você precisa entender! A Maldição Cruciatus, eu... eu não tive escolha senão contar o que sabia, o que imaginava saber!
– Compreendo. O senhor lhe falou dos núcleos gêmeos? O senhor disse que ele precisava apenas pedir emprestada a varinha de outro bruxo?
Olivaras estava aterrado, paralisado, pela extensão do que Harry sabia. Assentiu, lentamente.
– Mas não funcionou – continuou Harry. – A minha ainda derrotou a varinha emprestada. O senhor sabe por quê?
Olivaras balançou a cabeça tão lentamente quanto assentira.
– Eu... nunca tinha ouvido falar nisso. O senhor e sua varinha realizaram um feito único aquela noite. O vínculo entre os núcleos gêmeos é extremamente raro, ainda assim por que a sua varinha teria partido a varinha emprestada eu não sei...
– Estávamos falando de outra varinha, a que troca de mãos por assassinato. Quando Você-Sabe-Quem se deu conta de que a minha varinha tinha feito uma coisa estranha, ele voltou para lhe perguntar sobre a outra varinha, não foi?
– Como sabe?
Harry não respondeu.
– Voltou – sussurrou Olivaras. – Queria saber tudo que eu pudesse lhe dizer sobre a Varinha da Morte, Varinha do Destino ou a Varinha das Varinhas.
Harry olhou de esguelha para Hermione. Ela parecia perplexa.
– O Lorde das Trevas – respondeu Olivaras, em tom ao mesmo tempo abafado e temeroso – sempre se contentara com a varinha que eu fabricara para ele, teixo

e pena de fênix, trinta e quatro centímetros, até descobrir o vínculo entre os núcleos gêmeos. Agora precisa de outra varinha, mais poderosa, porque acha que é o único meio de vencer a sua.

– Mas logo ele saberá, se é que já não sabe, que a minha está irremediavelmente partida – disse Harry, baixinho.

– Não! – exclamou Hermione, em tom assustado. – Ele não pode saber isso, Harry, como poderia...?

– Priori Incantatem – respondeu Harry. – Deixamos a sua varinha e a de ameixeira-brava na casa dos Malfoy, Hermione. Se eles as examinarem direito, e as fizerem recriar os feitiços lançados recentemente, constatarão que a sua partiu a minha, que você tentou e não conseguiu consertá-la, e concluirão que estou usando a de ameixeira-brava, desde então.

A pouca cor que ela recuperara desde a sua chegada desapareceu do seu rosto. Rony lançou a Harry um olhar de censura e disse:

– Não vamos nos preocupar com isso agora...

O sr. Olivaras, no entanto, interferiu:

– O Lorde das Trevas não está procurando a Varinha das Varinhas apenas para destruí-lo, sr. Potter. Está determinado a possuí-la porque acredita que ela o tornará verdadeiramente invulnerável.

– E tornará?

– O dono da Varinha das Varinhas sempre deve temer um ataque, mas a ideia do Lorde das Trevas possuir a Varinha da Morte, devo admitir... é formidável.

Harry lembrou-se subitamente de sua insegurança quando tinham se conhecido, do quanto gostara de Olivaras. Mesmo agora, depois de torturado e preso por Voldemort, a ideia de o bruxo das Trevas possuir a varinha parecia fascinar e causar aversão ao fabricante de varinhas, na mesma medida.

– O senhor... o senhor então acha que essa varinha realmente existe, sr. Olivaras? – perguntou Hermione.

– Ah, sim. É perfeitamente possível determinar o percurso da varinha através da história. Há lacunas, é claro, e bem grandes, onde ela desaparece de vista, temporariamente perdida ou escondida; mas sempre reaparece. Ela tem certas características reconhecíveis aos estudiosos da tradição das varinhas. Há relatos escritos, alguns obscuros, que eu e outros fabricantes de varinhas nos propusemos a estudar. Eles têm um tom de autenticidade.

– Então, o senhor... o senhor não acha que pode ser um conto de fadas ou um mito? – perguntou Hermione, esperançosa.

– Não. Se *precisa* ser transmitida por assassinato, eu não poderia afirmar. A história é sangrenta, mas isto talvez se deva apenas ao fato de ser tão desejada e despertar tanta paixão nos bruxos. É imensamente poderosa, ameaçadora nas

mãos erradas, e é um objeto que exerce imenso fascínio em todos os estudiosos do poder das varinhas.

– Sr. Olivaras – disse Harry –, o senhor informou a Você-Sabe-Quem que Gregorovitch tinha em seu poder a Varinha das Varinhas, não foi?

Se é que era possível, Olivaras empalideceu ainda mais. Parecia um fantasma quando engoliu em seco.

– Mas como... como sabe...?

– Não importa como sei – respondeu Harry, fechando os olhos momentaneamente ao sentir a ardência na cicatriz e vendo, por segundos apenas, a rua principal de Hogsmeade, ainda escura, porque estava situada muito mais ao norte. – O senhor informou a Você-Sabe-Quem que Gregorovitch tinha em seu poder a Varinha das Varinhas?

– Era um boato – sussurrou Olivaras. – Um boato que correu há muitos anos, muito antes de você nascer! Acredito que tenha sido o próprio Gregorovitch quem o espalhou. O senhor pode perceber como seria bom para os negócios que um fabricante estivesse estudando e duplicando as qualidades da Varinha das Varinhas!

– Posso. – Harry se levantou. – Sr. Olivaras, uma última coisa e, então, deixaremos o senhor descansar. Que é que o senhor sabe sobre as Relíquias da Morte?

– As o quê? – perguntou o fabricante de varinhas, parecendo absolutamente aturdido.

– As Relíquias da Morte.

– Receio não saber do que está falando. Isso ainda tem alguma relação com varinhas?

Harry fitou o rosto chupado e acreditou que Olivaras não estivesse fingindo. Não conhecia as Relíquias da Morte.

– Obrigado – disse Harry. – Muito obrigado. Vamos deixá-lo descansar.

Olivaras parecia impressionado.

– Ele estava me torturando! – ofegou. – A Maldição Cruciatus... o senhor não faz ideia...

– Faço. Realmente faço. Por favor, descanse um pouco. Obrigado por nos contar tudo isso.

Harry saiu à frente de Rony e Hermione e desceu a escada. Vislumbrou Gui, Fleur, Luna e Dino sentados à mesa na cozinha, xícaras de chá diante deles. Todos ergueram os olhos para Harry quando passou pela porta, mas ele apenas acenou com a cabeça e continuou em direção ao jardim, Rony e Hermione em seus calcanhares. O monte de terra vermelha que cobria Dobby destacava-se adiante, e Harry seguiu para lá sentindo sua dor de cabeça se intensificar. Era

agora um enorme esforço bloquear as visões que se impunham à sua mente, mas ele sabia que teria de resistir um pouco mais. Logo, cederia porque precisava saber se a sua teoria estava correta. Mais um breve esforço apenas para poder explicar tudo a Rony e Hermione.

– Muito tempo atrás, Gregorovitch teve em seu poder a Varinha das Varinhas. Vi Você-Sabe-Quem tentando encontrá-lo. Quando conseguiu, soube que não estava mais com Gregorovitch: Grindelwald lhe roubara a varinha. Como Grindelwald descobriu que estava com Gregorovitch, eu não sei, mas se o fabricante de varinhas foi suficientemente burro de espalhar esse boato, não deve ter sido muito difícil.

Voldemort estava às portas de Hogwarts; Harry o via parado ali, e via, também, a lanterna balançando à luz da alvorada se aproximando cada vez mais.

– E Grindelwald usou a varinha para se tornar poderoso. E, no auge do seu poder, quando Dumbledore percebeu que era o único que poderia detê-lo, travou um duelo com Grindelwald e tomou-lhe a Varinha das Varinhas.

– *Dumbledore* tinha a Varinha das Varinhas? – admirou-se Rony. – Mas então... onde está agora?

– Em Hogwarts – respondeu Harry, lutando para permanecer com os amigos no jardim.

– Mas então vamos! – disse Rony, com urgência. – Harry, vamos buscá-la antes que ele a consiga!

– É tarde demais para isso. – Harry não conseguiu se conter, levou as mãos à cabeça, tentando ajudar sua mente a resistir. – Você-Sabe-Quem sabe onde está. E está lá agora.

– Harry! – exclamou Rony, furioso. – Há quanto tempo você sabe disso... por que estivemos perdendo tempo? Por que conversou com Grampo primeiro? Poderíamos ter ido... ainda podemos ir...

– Não – disse Harry, e caiu de joelhos no capim. – Hermione tem razão. Dumbledore não queria que eu a possuísse. Não queria que eu a tomasse. Queria que eu encontrasse as Horcruxes.

– A varinha invencível, Harry! – gemeu Rony.

– Minha obrigação é... é encontrar as Horcruxes.

E agora tudo estava fresco e escuro: o sol apenas visível no horizonte enquanto ele deslizava ao lado de Snape, atravessando os jardins em direção ao lago.

– Daqui a pouco irei me juntar a você no castelo – disse, com sua voz aguda e fria. – Deixe-me agora.

Snape fez uma reverência e voltou pelo mesmo caminho, sua capa preta esvoaçando às costas. Harry caminhou lentamente, aguardando o vulto de Snape

desaparecer. Não seria bom que Snape, nem ninguém, visse aonde estava indo. Mas não havia luzes nas janelas do castelo, e ele poderia se esconder... e, em um segundo, lançou sobre si mesmo um Feitiço da Desilusão que o ocultou até dos próprios olhos. E continuou andando, contornando o lago, apreciando os contornos do castelo, seu primeiro reino, seu direito por nascimento...

E ali estava, ao lado do lago, refletindo-se nas águas escuras. O túmulo de mármore branco, uma mancha desnecessária na paisagem familiar. Ele sentiu mais uma vez um assomo de controlada euforia, aquela sensação intoxicante de propósito na destruição. Ergueu a velha varinha de teixo: que apropriado que este fosse o seu último grande ato.

O túmulo se abriu da cabeceira aos pés. O vulto amortalhado continuava tão comprido e magro como fora em vida. Ele tornou a erguer a varinha.

A mortalha se abriu. O rosto estava translúcido, pálido, encovado, contudo, quase perfeitamente preservado. Tinham lhe deixado os óculos sobre o nariz torto: ele sentiu desprezo e vontade de rir. As mãos de Dumbledore estavam cruzadas sobre o peito, e ali estava ela, presa sob as mãos, enterrada com ele.

Será que o velho tolo imaginara que o mármore ou a morte protegeriam a varinha? Será que pensara que o Lorde das Trevas teria medo de violar o seu túmulo? A mão aranhosa mergulhou e arrebatou a varinha de Dumbledore, e, quando a segurou, uma chuva de faíscas voou da sua ponta, salpicando o corpo do seu último dono, finalmente pronta para servir a um novo senhor.

— CAPÍTULO VINTE E CINCO —

O Chalé das Conchas

O chalé de Gui e Fleur erguia-se isolado em um rochedo de onde se descortinava o mar, as paredes caiadas e engastadas de conchas. Era um lugar belo e solitário. Sempre que Harry entrava na pequena casa ou em seu jardim, ele ouvia o movimento constante das ondas do mar, como a respiração de uma enorme criatura adormecida. Ele passou a maior parte dos dias seguintes dando desculpas para fugir do chalé apinhado de gente, ansiando por avistar do alto do rochedo um céu infinito e um mar vazio, e a sensação do vento frio e salgado em seu rosto.

A enormidade de sua decisão de não competir com Voldemort pela posse da varinha ainda o amedrontava. Não conseguia se lembrar de jamais ter optado por *não* agir. Estava roído de dúvidas, dúvidas que Rony não conseguia deixar de verbalizar quando se reuniam.

– E se Dumbledore quis que a gente decifrasse o símbolo para obter a varinha? E se a decifração do símbolo o tornasse “merecedor” das Relíquias? Harry, se aquela é realmente a Varinha das Varinhas, como é que vamos liquidar Você-Sabe-Quem?

Harry não tinha respostas: havia momentos em que se perguntava se não fora uma rematada loucura não tentar impedir Voldemort de violar o túmulo. Ele não conseguia sequer explicar satisfatoriamente por que se opusera a isso: cada vez que tentava reconstruir os argumentos íntimos que o levaram àquela decisão, eles lhe pareciam mais fracos.

O estranho era que o apoio de Hermione o fazia sentir-se tão confuso quanto as dúvidas de Rony. Agora forçada a aceitar que a Varinha das Varinhas era real, ela sustentava que era um objeto das Trevas e que o modo pelo qual Voldemort se apossara dele era repugnante, impensável.

– Você jamais poderia ter feito isso, Harry – repetia ela, todo o tempo. – Você não poderia ter violado o túmulo de Dumbledore.

A ideia do cadáver de Dumbledore, porém, o assustava menos do que a possibilidade de não ter compreendido as intenções de Dumbledore vivo. Sentia que continuava a tatear no escuro; escolhera um caminho, mas não parava de olhar para trás, imaginando se não teria interpretado mal os sinais, se não deveria ter tomado o outro. De tempos em tempos, a raiva por Dumbledore tornava a desabar sobre ele, poderosa como as ondas que se atiravam contra o paredão de pedra abaixo do chalé, raiva de que o diretor não tivesse explicado tudo antes de morrer.

– Mas ele est*á* morto? – perguntou Rony, três dias depois de chegarem ao chalé. Harry estivera contemplando o muro que separava o jardim do chalé do rochedo quando Rony e Hermione o encontraram; desejou que não o tivessem feito, porque não queria participar da discussão dos dois.

– Está, sim, Rony, *por favor*, não recomece com isso!

– Examine os fatos, Hermione – insistiu Rony, falando com Harry, que estava entre os dois e que, por sua vez, continuava a fitar o horizonte. – A corça prateada. A espada. O olho que Harry viu no espelho...

– Harry admite que poderia ter imaginado o olho! Não é, Harry?

– Poderia – confirmou Harry, sem olhar para a amiga.

– Mas você não acha que tenha, não é? – perguntou Rony.

– Não.

– Taí! – concluiu Rony, rapidamente, antes que Hermione pudesse prosseguir. – Se não foi Dumbledore, explique como Dobby soube que estávamos no porão, Hermione?

– Não posso... mas você pode explicar como Dumbledore nos mandou Dobby se estava em um túmulo em Hogwarts?

– Não sei, poderia ter sido o fantasma dele!

– Dumbledore não voltaria como fantasma – disse Harry. Agora havia pouca coisa sobre Dumbledore de que ele tivesse certeza, mas isto ele sabia. – Ele teria prosseguido.

– Que quer dizer com esse “prosseguido”? – perguntou Rony, mas, antes que Harry pudesse dizer alguma coisa, uma voz chamou-o, às costas:

– Arry?

Fleur saíra do chalé, seus longos cabelos prateados esvoaçando à brisa.

– Arry, Grrampo gostarria de falarr com você. Ele sta no quarrto menorrzinhe, e diz que nam querr que o oucem.

Seu desagrado com o duende por mandá-la dar recados era evidente; tinha um ar irritado quando voltou para casa.

Grampo estava esperando, tal como Fleur dissera, no menor dos três quartos, onde Hermione e Luna dormiam à noite. Ele fechara as cortinas de algodão

vermelho para filtrar a pouca claridade do céu anuviado, o que emprestava ao quarto um tom flamejante incompatível com o resto do chalé, claro e leve.

– Cheguei a uma decisão, Harry Potter – disse o duende, que estava sentado de pernas cruzadas em uma poltrona baixa, tamborilando os dedos finos nos braços do móvel. – Ainda que os duendes de Gringotes considerem isso uma vil traição, decidi ajudá-lo...

– Que ótimo! – exclamou Harry, o alívio percorrendo-lhe o corpo. – Grampo, obrigado, estamos realmente...

– ... mediante – continuou o duende, com firmeza – pagamento.

Ligeiramente surpreso, Harry hesitou.

– Quanto você quer? Tenho ouro.

– Não em ouro. Tenho ouro.

Seus olhos negros cintilaram, e neles não se viam córneas brancas.

– Quero a espada. A espada de Godrico Gryffindor.

O ânimo de Harry despencou.

– Não posso lhe dar isso. Lamento.

– Então – disse o duende, mansamente –, temos um problema.

– Podemos lhe dar outra coisa – disse Rony, ansioso. – Aposto como os Lestrange têm um montão de coisas, pode escolher o que quiser quando entrarmos no cofre.

Acabara de dizer a coisa errada. Grampo corou encolerizado.

– Não sou ladrão, moleque! Não estou tentando obter tesouros a que não tenho direito!

– A espada é nossa...

– Não é – respondeu o duende.

– Somos da Grifinória, e ela pertenceu a Godrico Gryffindor...

– E antes de Gryffindor, a quem ela pertenceu? – indagou o duende, aprumando-se.

– A ninguém – respondeu Rony. – Foi fabricada para ele, não?

– Não! – exclamou o duende, encrespando-se e apontando um longo dedo para Rony. – Outra vez a arrogância dos bruxos! Aquela espada era de Ragnok, o Primeiro, e lhe foi tomada por Godrico Gryffindor! É um tesouro perdido, uma obra-prima do artesanato dos duendes! Pertence aos duendes! A espada é o preço do meu serviço, é pegar ou largar!

Grampo encarou-os, zangado. Harry olhou para os amigos e disse:

– Precisamos discutir os seus termos, Grampo, se concordar. Pode nos dar uns minutos?

O duende assentiu, de cara azeda.

Embaixo, na sala de estar vazia, Harry encaminhou-se para a lareira, a testa

franzida, tentando pensar no que fazer. Às suas costas, Rony comentou:
– Ele está brincando. Não podemos lhe entregar a espada.
– É verdade? – perguntou Harry a Hermione. – A espada foi roubada por Gryffindor?
– Não sei – disse ela, desanimada. – A história dos bruxos com frequência passa por cima do que fizemos a outras raças mágicas, mas nunca li que Gryffindor tivesse roubado a espada.
– Deve ser uma dessas histórias de duendes – disse Rony – que contam que os bruxos vivem querendo passá-los para trás. Suponho que devemos nos dar por felizes que ele não tenha pedido uma de nossas varinhas.
– Os duendes têm boas razões para não gostar dos bruxos, Rony – lembrou Hermione. – Foram tratados com brutalidade no passado.
– Mas os duendes não são exatamente coelhinhos fofinhos, não é? – contrapôs Rony. – Mataram muitos de nós. E também lutaram deslealmente.
– Mas discutir com Grampo qual é a raça mais desleal e violenta não vai animá-lo a nos ajudar, não é?
Houve uma pausa durante a qual os garotos tentaram pensar em uma forma de contornar o problema. Pela janela, Harry olhou para a sepultura de Dobby. Luna estava arrumando limônios em um pote de geleia ao lado da lápide.
– O.k. – disse Rony, e Harry se virou para ele –, que acha disso? Dizemos a Grampo que precisamos da espada até entrarmos no cofre, e depois será dele. Tem uma duplicata lá dentro, não é? Trocamos as duas e lhe entregamos a falsa.
– Rony, ele saberia a diferença melhor do que nós! – objetou Hermione. – Ele foi o único que percebeu que tinha havido uma troca!
– É, mas poderíamos dar no pé antes que ele percebesse...
Ele se intimidou ante o olhar que Hermione lhe lançou.
– Isso – disse ela, baixinho – é desprezível. Pedir a ajuda dele e depois traí-lo? E você se pergunta por que os duendes não gostam dos bruxos, Rony?
As orelhas de Rony ficaram vermelhas.
– Tá, tá! Foi a única coisa em que consegui pensar! E qual é a sua solução?
– Precisamos lhe oferecer outra coisa tão valiosa quanto a espada.
– Genial. Vou arranjar uma das nossas outras espadas antigas fundidas por duendes e você poderá embrulhá-la para presente.
Todos se calaram. Harry tinha certeza de que o duende só aceitaria a espada, mesmo que tivessem outro objeto igualmente valioso para lhe oferecer. Contudo, aquela espada era a arma indispensável contra as Horcruxes.
Ele fechou os olhos por instantes e ficou escutando o barulho das ondas. A ideia de que Gryffindor pudesse ter roubado a espada o desagradava: sempre tivera orgulho de pertencer à Grifinória; Gryffindor tinha sido o campeão dos

nascidos trouxas, o bruxo que entrara em conflito com os sonserinos amantes do sangue puro...

– Talvez ele esteja mentindo – disse Harry, reabrindo os olhos. – Grampo. Talvez Gryffindor não tenha tomado a espada. Como vamos saber se a versão da história contada pelo duende é a certa?

– Isso faz diferença? – perguntou Hermione.

– Muda o meu modo de encarar o pedido.

Harry inspirou profundamente.

– Diremos a ele que poderá ficar com a espada depois de nos ajudar a entrar naquele cofre, mas teremos a cautela de omitir exatamente *quando* a entregaremos.

Um sorriso espalhou-se lentamente pelo rosto de Rony. Hermione, entretanto, pareceu alarmada.

– Harry, não podemos...

– Ele a terá – prosseguiu Harry – depois que a usarmos em todas as Horcruxes. Garantirei pessoalmente que ele a receba. E cumprirei com a minha palavra.

– Mas isso poderia levar anos! – protestou Hermione.

– Eu sei disso, mas *ele* não precisa saber. E não estarei mentindo... tecnicamente.

Harry encarou Hermione nos olhos com uma mescla de desafio e vergonha. Lembrou-se das palavras que estavam gravadas na entrada de Nurmengard: *Pelo Bem Maior*. Afastou a ideia de sua mente. Que outra escolha tinham?

– Não gosto disso – falou Hermione.

– Também não gosto muito – admitiu Harry.

– Pois eu acho genial – disse Rony, levantando-se. – Vamos dar a resposta a ele.

De volta ao quartinho, Harry fez a oferta, tomando o cuidado de fraseála de modo a indefinir a data para a entrega da espada. Hermione franzia a testa, de olhos no chão, enquanto o amigo falava; Harry se irritou com ela, receoso de que pudesse entregar o jogo. Contudo, Grampo só tinha olhos para Harry.

– Tenho a sua palavra, Harry Potter, de que me dará a espada de Gryffindor se eu ajudá-lo?

– Tem.

– Então, aperte aqui – disse o duende estendendo a mão.

Harry segurou-a e sacudiu-a. Ficou em dúvida se aqueles olhos negros teriam visto alguma apreensão nos seus. Então, Grampo soltou-o, juntou as palmas das mãos e disse:

– Então. Comecemos!

Foi uma repetição do planejamento para entrar no Ministério. Eles se acomodaram para trabalhar no pequeno quarto, que era mantido, seguindo a preferência de Grampo, na penumbra.

– Visitei o cofre dos Lestrange apenas uma vez – disse Grampo –, na ocasião em que me mandaram guardar a espada falsa lá dentro. É uma das câmaras mais antigas. As famílias de bruxos mais tradicionais guardam os seus tesouros no nível mais profundo, onde os cofres são maiores e mais bem protegidos...

Eles permaneciam trancados no quarto, que lembrava um armário, durante horas seguidas. Lentamente, os dias se alongaram em semanas. Surgia um problema atrás do outro para resolverem, dos quais o menor não era o estoque de Poção Polissuco estar extremamente desfalcado.

– Na realidade, só temos suficiente para um de nós – informou Hermione, inclinando a Poção cor de lama contra a luz.

– Será suficiente – disse Harry, que estava examinando o mapa dos corredores mais profundos, desenhado à mão por Grampo.

Os outros habitantes do Chalé das Conchas não poderiam deixar de notar que alguma coisa estava acontecendo, agora que Harry, Rony e Hermione só apareciam à hora das refeições. Ninguém fazia perguntas, embora Harry sentisse, com frequência, o olhar de Gui sobre os três à mesa, pensativo e preocupado.

Quanto mais tempo passavam juntos, tanto mais Harry tomava consciência de que não gostava muito do duende. Grampo se mostrava inesperadamente sedento de sangue, ria-se da ideia de infligir dor a criaturas inferiores e parecia antegozar a possibilidade de que pudessem ferir outros bruxos para chegar ao cofre dos Lestrange. Harry percebia que o seu desagrado era compartilhado pelos outros dois, mas não o discutiam: precisavam de Grampo.

O duende só comia com os demais de má vontade. Mesmo depois de suas pernas estarem curadas, ele continuou a pedir que levassem a comida em bandeja ao seu quarto, como faziam para o ainda frágil Olivaras, até que Gui (após uma explosão de raiva de Fleur) subiu para lhe dizer que o esquema não poderia continuar. A partir de então, Grampo se reunia a todos na mesa lotada, embora se recusasse a comer a mesma comida, insistindo em se alimentar de pedaços de carne crua e cogumelos variados.

Harry se sentia responsável: afinal, ele insistira que o duende permanecesse no Chalé das Conchas para poder interrogá-lo; era sua culpa que toda a família Weasley tivesse sido obrigada a entrar na clandestinidade; que Gui, Fred, Jorge e o sr. Weasley não pudessem mais trabalhar.

– Lamento muito – disse Harry a Fleur, em uma tempestuosa noite de abril quando a ajudava a preparar o jantar. – Nunca pretendi que vocês tivessem que enfrentar tudo isso.

Ela acabara de separar algumas facas para cortar bifes para Grampo e Gui, que preferia a carne sangrenta desde que fora atacado por Greyback. Enquanto as facas cortavam sozinhas às costas dela, sua expressão irritadiça se suavizou.

– Arry, você salvou a vida da minha irrmã, eu nam esqueci.

Rigorosamente falando, isso não era verdade, mas Harry decidiu não lhe lembrar que Gabrielle jamais correra real perigo.

– De qualquerr forrma – continuou Fleur, apontando a varinha para uma panela de molho em cima do fogão, que começou imediatamente a borbulhar –, o sr. Olivarras vai parrtirr parra a casa de Murriel hoje à noite. Isse vai facilitarr um pouque. O duende – ela franziu as sobrancelhas ao mencioná-lo – pode se mudarr parra baixe, e você, Rony e Dino podem ficarr com aquele quarrte.

– Não nos importamos de dormir na sala de visitas – disse Harry, que sabia que Grampo encararia com desagrado a ideia de dormir no sofá; manter o duende feliz era essencial para os seus planos. – Não se preocupe conosco. – E quando ela tentou protestar, acrescentou: – Logo vocês estarão livres de nós também, de mim, Rony e Hermione. Não precisaremos demorar muito mais tempo aqui.

– Que querrr dizerr? – perguntou ela, franzindo o cenho, a varinha que apontava para o prato de forno agora suspensa no ar. – Clarro que vocês nam devem irr emborra, stão seguros aqui!

Fleur lembrou-lhe a sra. Weasley ao dizer isso, e ele ficou contente que a porta dos fundos tivesse se aberto naquele momento. Luna e Dino entraram, os cabelos molhados de chuva e os braços carregados de gravetos recolhidos na praia.

– ... e orelhinhas minúsculas – Luna ia dizendo – parecidas com as de um hipopótamo, diz o meu pai, só que roxas e peludas. E se a gente quer chamá-las, precisa cantarolar de boca fechada; elas preferem valsas, nada muito rápido...

Sem graça, ao passar Dino encolheu os ombros para Harry, e seguiu com Luna para a sala de estar onde Rony e Hermione estavam pondo a mesa do jantar. Aproveitando a chance para fugir das perguntas de Fleur, Harry passou a mão em duas jarras de suco de abóbora e acompanhou os dois.

– ... e se algum dia você for lá em casa, poderei lhe mostrar o chifre. Papai me escreveu contando, mas ainda não o vi porque os Comensais da Morte me arrancaram do Expresso de Hogwarts e não cheguei a passar o Natal em casa – dizia Luna, enquanto ela e Dino rearrumavam a lenha na lareira.

– Luna, nós já lhe dissemos – interpôs Hermione. – Aquele chifre explodiu. Era de erumpente, não um Bufador de Chifre Enrugado...

– Não, positivamente era um chifre de Bufador – respondeu Luna, com serenidade. – Papai me disse. É provável que a essa altura já tenha voltado a se formar, eles se restauram sozinhos, sabe.

Hermione balançou a cabeça e continuou a arrumar os talheres no momento em que Gui descia a escada com o sr. Olivaras. O fabricante de varinhas ainda parecia excepcionalmente frágil, e apoiava-se no braço de Gui, que lhe dava suporte e carregava uma grande mala.

– Vou sentir saudades, sr. Olivaras – disse Luna, aproximando-se do velho.

– E eu de você, minha querida – disse-lhe, com uma palmadinha no ombro. – Você foi um consolo indizível para mim naquele lugar medonho.

– Entam, *au revoir*, sr. Olivarras – disse Fleur, beijando-o nas faces. – E serrá que o senhorr poderria me fazerr o favorr de entrregarr esse embrrulho à tia de Gui, Murriel? Nunca lhe devolvi a tiarra.

– Será uma honra – disse Olivaras, com uma pequena reverência –, é o mínimo que posso fazer para retribuir sua generosa hospitalidade.

Fleur apanhou um estojo de veludo puído, que abriu para mostrar ao fabricante de varinhas. A tiara brilhava e cintilava à luz do candeeiro suspenso.

– Pedras da lua e diamante – disse Grampo, que entrara na sala sem que Harry percebesse. – Acho que feito por duendes, não?

– E pago por bruxos – disse Gui calmamente, e o duende lhe lançou um olhar ao mesmo tempo furtivo e desafiador.

Um vento forte fustigava as janelas do chalé quando Gui e Olivaras saíram noite afora. Os demais se espremeram em torno da mesa; cotovelo contra cotovelo, quase sem espaço para se mexer, começaram a jantar. O fogo estalava e saltava na grade da lareira ao lado deles. Fleur, Harry reparou, apenas ciscava a comida no prato; olhava para a janela a todo instante; contudo, Gui regressou antes de terminarem o primeiro prato, os cabelos embaraçados pelo vento.

– Correu tudo bem – disse a Fleur. – Olivaras está acomodado, mamãe e papai mandaram lembranças. Gina enviou carinhos a todos. Fred e Jorge estão fazendo Muriel subir pelas paredes, continuam operando um reembolsocoruja de um quarto nos fundos da casa. Ela ficou contente com a devolução da tiara. Disse que pensou que a tivéssemos roubado.

– Ah, ela é charmante, a sue tie – comentou Fleur indignada, acenando com a varinha e fazendo os pratos servidos se erguerem da mesa e formarem uma pilha no ar. Depois recolheu-os e saiu da sala.

– Papai fez uma tiara para mim – falou Luna. – Na realidade, foi mais uma coroa.

Rony surpreendeu o olhar de Harry e sorriu; Harry sabia que o amigo estava se lembrando daquele ridículo toucado que tinham visto na visita a Xenofílio.

– É, ele está tentando recriar o diadema perdido de Ravenclaw. Acha que já identificou a maioria dos elementos principais. Acrescentar as asas do gira-gira realmente fez diferença...

Ouviram, então, uma batida na porta da frente. Todas as cabeças se voltaram para o ruído. Fleur veio correndo da cozinha com ar assustado; Gui levantou-se de um salto, a varinha apontando para a porta. Harry, Rony e Hermione o imitaram. Silenciosamente, Grampo escorregou para baixo da mesa, se escondendo.

– Quem é? – perguntou Gui.

– Sou eu, Remo João Lupin! – respondeu uma voz sobrepondo-se ao uivo do vento. Harry sentiu um tremor de medo; que acontecera? – Sou um lobisomem, casado com Ninfadora Tonks, e você, o fiel do segredo do Chalé das Conchas, me informou o endereço e me pediu para vir se houvesse uma emergência!

– Lupin – murmurou Gui e, correndo à porta, abriu-a.

Lupin desabou na soleira. Estava muito pálido, envolto em uma capa de viagem, seus cabelos grisalhos despenteados pela ventania. Ele se ergueu, correu o olhar pela sala, verificando quem estava presente, então gritou:

– É um menino! Demos a ele o nome de Ted, em homenagem ao pai de Dora!

Hermione deu um gritinho.

– Qu... Tonks... Tonks teve o bebê?

– Teve, teve, teve o bebê! – gritou Lupin. Em volta da mesa ouviram-se gritos de alegria, suspiros de alívio. Hermione e Fleur guincharam:

– Parabéns! – E Rony exclamou:

– Caramba, um menino! – Como se nunca tivesse ouvido falar em tal coisa antes.

– É... é... um menino – repetiu Lupin, que parecia atordoado com a própria felicidade. E, contornando a mesa, abraçou Harry; a cena no porão do largo Grimmauld parecia jamais ter acontecido.

– Você será o padrinho? – perguntou, ao soltar o garoto.

– E-eu? – gaguejou Harry.

– Você, é claro... Dora está de acordo, ninguém melhor...

– Eu... é... caramba...

Harry se sentiu orgulhoso, espantado, encantado: agora Gui corria a buscar vinho e Fleur convencia Lupin a tomar uma taça com eles.

– Não posso me demorar, preciso voltar – disse Lupin, sorrindo para todos: parecia mais jovem do que Harry jamais o vira. – Obrigado, obrigado, Gui.

Logo Gui enchera as taças; todos se levantaram e as ergueram num brinde.

– A Teddy Remo Lupin – disse o pai –, um futuro grande bruxo!

– Com quam ele parrece? – indagou Fleur.

– Acho que parece com Dora, mas ela acha que é como eu. Pouco cabelo. Parecia preto quando nasceu, mas juro que virou ruivo desde então. Provavelmente estará louro quando eu voltar. Andrômeda diz que os cabelos de

Tonks começaram a mudar de cor no dia em que ela nasceu. – Ele esvaziou a taça. – Ah, aceito, só mais uma – acrescentou, sorridente, quando Gui fez menção de tornar a servi-lo.

O vento açoitava o pequeno chalé, e o fogo saltava e estalava, e logo Gui estava abrindo uma segunda garrafa de vinho. As notícias de Lupin pareciam ter feito todos se descontraírem, tirou-os por uns momentos do seu estado de sítio: notícias de uma vida nova eram animadoras. Somente o duende parecia insensível ao clima subitamente festivo, e, após algum tempo, voltou discretamente para o quarto, que, agora, ocupava sozinho. Harry pensou que tivesse sido o único a notar, até ver o olhar de Gui acompanhando o duende subir a escada.

– Não... não... eu realmente preciso voltar – disse Lupin, por fim, agradecendo mais uma taça de vinho. Levantou-se, vestiu a capa de viagem. – Tchau, tchau... vou tentar trazer umas fotos dentro de alguns dias... todos ficarão muito contentes quando souberem que estive com vocês...

Ele abotoou a capa e se despediu, abraçando as mulheres e apertando as mãos dos homens, então, ainda sorrindo, voltou para a noite tempestuosa.

– Padrinho, Harry! – exclamou Gui, quando voltavam juntos para a cozinha, ajudando a tirar a mesa. – Uma verdadeira honra! Parabéns!

Quando Harry pousou as taças vazias que trazia, Gui fechou a porta ao passar, isolando as vozes ainda loquazes que continuavam a comemoração, mesmo na ausência de Lupin.

– Eu queria mesmo dar uma palavrinha com você em particular, Harry. Não tem sido fácil arranjar uma oportunidade com o chalé tão cheio de gente.

Gui hesitou.

– Harry, você está planejando alguma coisa com Grampo.

Era uma afirmação, não uma pergunta, e Harry não se deu o trabalho de negar. Apenas olhou para Gui, e aguardou.

– Eu conheço duendes. Trabalhei no Gringotes desde que terminei Hogwarts. Até onde possa haver amizade entre bruxos e duendes, tenho amigos duendes, ou pelo menos, duendes que conheço bem e de quem gosto. – Mais uma vez, ele hesitou. – Harry, que está querendo do Grampo e o que lhe prometeu em pagamento?

– Não posso lhe dizer. Desculpe, Gui.

A porta da cozinha abriu-se às costas deles. Fleur vinha trazendo mais taças vazias.

– Espere – disse-lhe Gui. – Um instante.

Ela retrocedeu e tornou a fechar a porta.

– Então, preciso lhe dizer o seguinte: se você fez algum negócio com Grampo,

e, muito particularmente, se esse negócio envolver tesouros, você precisa ter excepcional cautela. As ideias que duendes têm de posse, pagamento e retribuição não são as mesmas que as dos humanos.

Harry sentiu um leve mal-estar, como se uma cobrinha tivesse despertado em seu íntimo.

– Que está querendo dizer?

– Estamos lidando com uma raça diferente. Os negócios entre bruxos e duendes há séculos têm sido desgastantes: mas você aprendeu isso em História da Magia. Tem havido erros de ambas as partes. Eu jamais diria que os bruxos foram inocentes. Entretanto, há uma crença entre os duendes, e os de Gringotes são mais influenciados por ela, de que não se pode confiar nos bruxos em questões de ouro e tesouros, de que eles não respeitam o direito de propriedade dos duendes.

– Eu respeito... – começou Harry, mas Gui balançou a cabeça.

– Você não está entendendo, Harry, ninguém poderia entender a não ser que tenha convivido com duendes. Para um duende, o dono verdadeiro e legítimo de qualquer objeto é quem o fabricou e não quem o comprou. Todos os objetos feitos por duendes são, aos olhos dos duendes, legitimamente deles.

– Mas se tiver sido comprado...

– ... então eles o considerariam arrendado à pessoa que desembolsou o dinheiro. Eles têm, entretanto, grande dificuldade em compreender que objetos feitos por duendes passem de bruxo para bruxo. Você notou a expressão de Grampo quando bateu os olhos na tiara. Ele não aprovou isso. Acredito que pense, como os mais radicais de sua espécie, que o objeto deveria ser restituído aos duendes quando o comprador original morresse. Eles consideram o nosso costume de guardar objetos feitos por duendes e passá-los de bruxo para bruxo sem novo pagamento praticamente um roubo.

Harry teve uma sensação agourenta; ficou imaginando se Gui teria adivinhado mais do que estava demonstrando.

– O que estou dizendo – continuou ele, pondo a mão na porta que dava para a sala de estar – é para que tenha muito cuidado com o que prometer a duendes, Harry. Seria menos perigoso arrombar o Gringotes do que renegar uma promessa a um duende.

– Certo – disse Harry, quando Gui abriu a porta. – Obrigado. Não me esquecerei disso.

Quando seguiu Gui para se reunir aos outros, ocorreu a Harry um pensamento esquisito, inspirado, certamente, pelo vinho que bebera. Parecia que estava em vias de se tornar um padrinho tão inconsequente para Teddy Lupin quanto Sirius Black fora para ele.

— CAPÍTULO VINTE E SEIS —
Gringotes

Os planos estavam traçados, os preparativos feitos; no quartinho mínimo, um único fio de cabelo negro, comprido e grosso (tirado do suéter que Hermione usara na Mansão dos Malfoy) estava enrolado em um frasquinho sobre o console da lareira.

– E você estará usando a varinha dela – disse Harry, indicando com a cabeça a varinha de nogueira –, portanto, acho que estará bem convincente.

Hermione olhou assustada, quando a apanhou, como se a varinha pudesse picar ou morder.

– Odeio essa coisa – disse em voz baixa. – Realmente odeio. Parece que não se amolda bem, que não funciona direito comigo... é como um pedaço *dela*.

Harry não pôde deixar de lembrar como Hermione desconsiderara a sua repulsa pela varinha de ameixeira-brava, insistindo que ele estava imaginando coisas quando achou que não funcionava tão bem quanto a dele, dizendo-lhe que só precisava praticar. Preferiu, porém, não repetir para a amiga o próprio conselho; achou que a véspera da tentativa de assalto ao Gringotes era o momento errado para antagonizá-la.

– Provavelmente ajudará quando você tiver assumido a personagem – disse Rony. – Pense no que essa varinha já fez!

– Mas é disso que estou falando! – retorquiu Hermione. – Esta é a varinha que torturou os pais de Neville, e quem sabe quantas pessoas mais? Esta é a varinha que matou Sirius!

Harry não pensara nisso: olhou para a varinha e sentiu um brutal impulso de parti-la, cortá-la ao meio com a espada de Gryffindor, que estava apoiada na parede ao seu lado.

– Sinto falta da *minha* varinha – reclamou Hermione, infeliz. – Gostaria que o sr. Olivaras pudesse ter feito outra para mim também.

O fabricante de varinhas mandara uma nova para Luna naquela manhã. Nesse

momento, a garota estava no quintal, testando o seu potencial ao sol do entardecer. Dino, que perdera a varinha para os sequestradores, a observava, tristonho.

Harry olhou para a varinha de pilriteiro que pertencera a Draco Malfoy. Ficou surpreso, mas satisfeito, em descobrir que ela funcionava tão bem com ele quanto a de Hermione. Lembrando o que Olivaras lhe dissera sobre o mecanismo secreto das varinhas, Harry julgou entender qual era o problema de Hermione: a amiga não conquistara a lealdade da varinha de nogueira tomando-a pessoalmente de Belatriz.

A porta do quarto se abriu e Grampo entrou. Harry levou instintivamente a mão ao punho da espada e puxou-a para perto de si, mas, na mesma hora, arrependeu-se do gesto: percebeu que o duende vira. Procurando suavizar o momento embaraçoso, disse:

– Estivemos verificando umas coisinhas de última hora, Grampo. Avisamos a Gui e Fleur que estamos partindo amanhã e que não precisam se levantar para se despedir.

Tinham sido inflexíveis neste ponto, porque Hermione precisaria se transformar em Belatriz antes de saírem, e quanto menos Gui e Fleur soubessem ou suspeitassem do que iam fazer, melhor. Explicaram também que não retornariam. Como tinham perdido a velha barraca de Perkins, na noite em que foram pegos pelos sequestradores, Gui lhes emprestara outra. Estava, agora, guardada na bolsinha de contas, e Harry ficou impressionado ao saber que Hermione a protegera dos sequestradores pelo simples expediente de enfiá-la dentro da meia.

Embora fossem sentir falta de Gui, Fleur, Luna e Dino, sem falar dos confortos de casa que tinham usufruído nas últimas semanas, Harry ansiava pela hora de escapar do confinamento do Chalé das Conchas. Estava cansado de verificar se estariam sendo ouvidos, cansado de ficar trancado em um quarto minúsculo e escuro. E, principalmente, ansiava por se livrar de Grampo. Contudo, exatamente como e quando se separariam do duende sem entregar a espada de Gryffindor ainda eram perguntas para as quais Harry não encontrara respostas. Tinha sido impossível decidir como iriam fazer isso, porque o duende raramente deixava Harry, Rony e Hermione a sós por mais de cinco minutos por vez: “Ele podia dar aulas a minha mãe”, rosnava Rony quando os longos dedos do duende apareciam nas bordas das portas. Com o aviso de Gui em mente, Harry não podia deixar de suspeitar que Grampo estivesse alerta para uma possível trapaça. Hermione desaprovava tão vigorosamente a traição planejada que Harry desistira de tentar lhe pedir ideias sobre a melhor maneira de executá-la; Rony, nas raras ocasiões em que tinham conseguido roubar alguns momentos

à presença de Grampo, não propusera nada melhor do que “Simplesmente teremos que improvisar, colega”.

Harry dormiu mal aquela noite. Ainda deitado nas primeiras horas da manhã, pensou no seu estado de ânimo na véspera de se infiltrarem no Ministério da Magia e lembrou-se de sua determinação, quase uma excitação. Agora, experimentava choques de ansiedade e dúvidas persistentes: não conseguia se livrar do medo de que tudo fosse correr mal. Não parava de dizer a si mesmo que o plano deles era bom, que Grampo sabia o que iam enfrentar, que estavam bem preparados para todos os obstáculos que pudessem encontrar; ainda assim, sentia-se inquieto. Uma ou duas vezes ouviu Rony se mexer, e teve certeza de que o amigo também estava acordado, mas dividiam a sala de estar com Dino, por isso, Harry não falou nada.

Foi um alívio quando deu seis horas e eles puderam sair dos sacos de dormir, se vestir na penumbra e sair furtivamente para o jardim, onde deveriam encontrar Hermione e Grampo. A manhã estava gélida, mas havia pouco vento, agora em maio. Harry ergueu os olhos para as estrelas que ainda refulgiam palidamente no céu escuro e escutou o mar avançando e recuando no rochedo: ia sentir falta daquele som.

Plantinhas verdes irrompiam agora pela terra vermelha na sepultura de Dobby; dentro de um ano, o local estaria coberto de flores. A pedra branca gravada com o nome do elfo já adquirira uma aparência gasta. Ele percebia que não poderiam ter enterrado Dobby em um lugar mais bonito, mas entristecia-o pensar que o deixaria para trás. Contemplando a cova, ele tornou a se perguntar como o elfo teria sabido aonde ir para salvá-los. Distraidamente, passou os dedos na bolsinha ainda pendurada ao pescoço, e sentiu, através do couro, o caco pontiagudo de espelho no qual tinha certeza de que vira o olho de Dumbledore. Então, o ruído de uma porta abrindo o fez virar a cabeça.

Belatriz Lestrange atravessava o jardim ao seu encontro, acompanhada por Grampo. Enquanto andava, ia guardando a bolsinha de contas no bolso interno de outro conjunto de velhas vestes que trouxera do largo Grimmauld. E, embora Harry soubesse perfeitamente que era, de fato, Hermione, não conseguiu refrear um arrepio de repugnância. Ela estava mais alta do que ele, seus longos cabelos negros ondulavam pelas costas, seus olhos espelhavam desdém ao pousarem nele; mas, quando falou, Harry ouviu a voz da amiga através da voz grave de Belatriz.

– O gosto dela foi *nojento*, pior do que raiz-de-cuia! O.k., Rony, vem cá para eu poder dar...

– Certo, mas lembre, não gosto de barba comprida demais...

– Ah, pelo amor de Deus, a questão não é ficar bonito...

– Não é por isso, é que atrapalha! Mas gostei do meu nariz mais curto, tente deixá-lo como da última vez.

Hermione suspirou e se pôs a trabalhar, murmurando baixinho enquanto transformava vários traços na aparência de Rony. Precisava receber uma identidade completamente falsa, e eles estavam confiando que a aura maligna que Belatriz desprendia o protegesse. Entrementes, Harry e Grampo deveriam se ocultar sob a Capa da Invisibilidade.

– Pronto! – exclamou Hermione. – Que acha, Harry?

Ainda era possível distinguir Rony sob o disfarce, mas, pensou Harry, só porque o conhecia muito bem. Os cabelos do amigo estavam agora longos e ondulados, ele tinha barba e bigodes castanhos e espessos, nenhuma sarda, um nariz curto e largo e sobrancelhas grossas.

– Bem, ele não faz o meu tipo, mas dará para o gasto – disse Harry. – Vamos então?

Os três olharam para o Chalé das Conchas, escuro e silencioso sob a luz evanescente das estrelas, então se viraram e seguiram para o ponto, pouco além do muro divisório, onde cessava o efeito do Feitiço Fidelius e poderiam desaparatar. Transposto o portão, Grampo falou:

– É agora que devo subir, Harry Potter, não?

Harry se curvou e o duende subiu em suas costas, cruzando as mãos na frente do seu pescoço. Ele não era pesado, mas Harry não gostou do contato com o duende e a força surpreendente com que se agarrava às suas costas. Hermione tirou a Capa da Invisibilidade da bolsinha de contas e atirou-a sobre os dois.

– Perfeito – disse, abaixando-se para verificar os pés do amigo. – Não se vê nada. Vamos.

Harry girou com Grampo nos ombros, concentrando-se com todas as forças no Caldeirão Furado, a estalagem por onde se entrava no Beco Diagonal. O duende apertou-o ainda mais quando penetraram a escuridão compressora, e, segundos depois, os pés de Harry tocaram na calçada e ele abriu os olhos em Charing Cross. Os trouxas passavam apressados com a expressão deprimida de quem acordou cedo demais, inconscientes da existência da pequena estalagem.

O bar do Caldeirão Furado estava quase deserto. Tom, o estalajadeiro corcunda e desdentado, polia os copos atrás do balcão; uns dois bruxos que conversavam em voz baixa no canto oposto olharam para Hermione e recuaram para as sombras.

– Madame Lestrange – murmurou Tom, quando Hermione passou, e inclinou a cabeça subservientemente.

– Bom-dia – disse Hermione no momento em que Harry passava por ela, ainda sob a capa, levando Grampo nas costas, e viu o ar surpreso de Tom.

– Gentil demais – sussurrou Harry no ouvido da amiga ao saírem para o pequeno pátio interno. – Você precisa tratar as pessoas como se fossem lixo!

– O.k., o.k.!

Hermione puxou a varinha de Belatriz e bateu de leve em um tijolo na parede de aspecto comum à sua frente. Na mesma hora, os tijolos começaram a girar e se deslocar: apareceu uma abertura no meio deles, que foi se ampliando e, por fim, formou um arco para a estreita rua de pedras que era o Beco Diagonal.

Estava silencioso, ainda não era hora de abrirem as lojas, e havia raros compradores por ali. A via torta e calçada de pedras estava muito diferente do lugar movimentado que fora quando Harry a visitara no primeiro ano de Hogwarts, anos atrás. Muito mais lojas fechadas com tábuas, embora vários novos estabelecimentos dedicados às Artes das Trevas tivessem sido abertos desde sua última visita. A própria imagem de Harry encarava-o nos pôsteres colados sobre muitas vitrines, sempre legendada com os dizeres *Indesejável Número Um*.

Várias pessoas esfarrapadas se encolhiam nos batentes das portas. Ele as ouviu gemer para os poucos transeuntes, esmolando ouro, insistindo que eram realmente bruxos. Havia um homem com uma bandagem ensanguentada sobre o olho.

Quando começaram a andar pela rua, os mendigos avistaram Hermione. Todos pareciam desaparecer à sua aproximação, puxando os capuzes sobre os rostos e fugindo o mais depressa que podiam. Ela acompanhou-os com o olhar, curiosa, até que o homem com o curativo ensanguentado se colocou cambaleante em seu caminho.

– Meus filhos! – berrou, apontando para ela. Sua voz era entrecortada, aguda, ele parecia louco. – Onde estão meus filhos? Que foi que ele fez com os meus filhos? Você sabe, *você sabe*!

– Eu... eu realmente... – gaguejou Hermione.

O homem se atirou sobre ela, procurando agarrar sua garganta: então, com um estampido e um clarão vermelho, ele foi arremessado ao chão, inconsciente. Rony ficou parado ali, a varinha ainda no ar e uma expressão de choque visível apesar da barba. Apareceram rostos às janelas de ambos os lados da rua, enquanto um grupinho de transeuntes de aparência próspera juntou as vestes com as mãos e saiu quase correndo, ansioso para deixar o local.

A entrada dos garotos no Beco Diagonal não poderia ter sido mais conspícua; por um momento, Harry ficou em dúvida se não seria melhor irem embora logo e tentar pensar em um plano diferente. Antes que pudessem andar ou se consultar, no entanto, ouviram um grito às suas costas.

– Ora se não é Madame Lestrange!

Harry girou nos calcanhares e Grampo apertou seu pescoço: um bruxo alto e magro com uma densa cabeleira grisalha e um nariz longo e curvo vinha ao seu encontro.

– É Travers – sibilou o duende ao ouvido de Harry, mas naquele momento o garoto não conseguiu lembrar quem era Travers. Hermione se empertigou ao máximo e disse com o maior desprezo que conseguiu reunir:

– E o que é que você quer?

Travers parou de chofre, visivelmente ofendido.

– *Ele é outro Comensal da Morte!* – murmurou Grampo, e Harry se encostou de lado em Hermione para repetir a informação ao seu ouvido.

– Só quis cumprimentá-la – disse Travers, friamente –, mas se a minha presença não é bem-vinda...

Harry reconheceu a voz; Travers era um dos Comensais da Morte que fora chamado à casa de Xenofílio.

– Não, não, de modo algum, Travers – Hermione apressou-se a responder, tentando corrigir o seu erro. – Como vai?

– Bem, confesso que estou surpreso de vê-la por aqui, Belatriz.

– Sério? Por quê? – perguntou Hermione.

– Bem. – Travers tossiu. – *Ouvi* dizer que os moradores da Mansão dos Malfoy estavam confinados em casa, depois da... ah... *fuga*.

Harry desejou que Hermione mantivesse o sangue-frio. Se aquilo fosse verdade, Belatriz não devia estar andando em público...

– O Lorde das Trevas perdoa aqueles que o serviram mais lealmente no passado – disse Hermione, em uma magnífica imitação do tom mais insolente de Belatriz. – Talvez o seu crédito com ele não seja tão bom quanto o meu, Travers.

Embora o Comensal da Morte se mostrasse ofendido, pareceu também menos desconfiado. Baixou, então, os olhos para o homem que Rony acabara de estuporar.

– Como foi que ele a ofendeu?

– Não faz diferença, não tornará a fazê-lo – disse Hermione, friamente.

– Alguns desses bruxos sem varinha podem ser importunos – comentou Travers. – Não faço objeção quando estão apenas mendigando, mas, na semana passada, uma delas chegou a me pedir para defender o seu caso no Ministério. *Sou bruxa, senhor, sou bruxa, me deixe lhe provar!* – disse, com voz de falsete para imitá-la. – Como se eu fosse lhe entregar a minha varinha... mas de quem é a varinha – perguntou Travers, curioso – que você está usando no momento, Belatriz? Ouvi dizer que a sua foi...

– A minha varinha está aqui – respondeu Hermione, friamente, erguendo a varinha de Belatriz. – Não sei que boatos anda ouvindo, Travers, mas parece

estar lamentavelmente mal informado.
O bruxo pareceu um pouco surpreso ao ouvir isso, e se virou, então, para Rony.
– Quem é o seu amigo? Não o estou reconhecendo.
– Este é Dragomir Despard – apresentou-o Hermione; tinham decidido que um falso estrangeiro seria o disfarce mais seguro para Rony. – Ele não fala muito inglês, mas tem simpatia pelos objetivos do Lorde das Trevas. Veio da Transilvânia para conhecer o nosso novo regime.
– Verdade? Como está, Dragomir?
– *Como você?* – respondeu Rony, estendendo a mão.
Travers esticou dois dedos e apertou a mão de Rony como se tivesse medo de se sujar.
– Então que traz você e o seu... ah... simpático amigo tão cedo ao Beco Diagonal? – perguntou Travers.
– Preciso visitar o Gringotes.
– Infelizmente, eu também. O ouro, o vil metal! Não podemos viver sem ele, mas confesso que deploro a necessidade de conviver com os nossos amigos de dedos longos.
Harry sentiu as mãos de Grampo apertarem por um momento o seu pescoço.
– Vamos, então? – disse Travers, convidando Hermione a prosseguir.
A garota não teve escolha senão seguir ao seu lado pela sinuosa rua de pedras até o local em que o alvíssimo Gringotes se destacava sobre lojas vizinhas. Rony acompanhou-os meio de viés, e Harry e Grampo os seguiram.
Um Comensal da Morte vigilante era a última coisa de que precisavam, e o pior era que Harry não via meios de se comunicar com Hermione e Rony, estando Travers ao lado da bruxa que supunha ser Belatriz. Cedo demais, chegaram às escadas de mármore que levavam às grandes portas de bronze. Tal como Grampo os prevenira, os duendes de libré que normalmente flanqueavam a entrada tinham sido substituídos por dois bruxos, ambos segurando longas e finas varas de ouro.
– Ah, os honestímetros – suspirou Travers, teatralmente –, tão rudimentares... mas tão eficientes!
E começou a subir os degraus, acenando com a cabeça à esquerda e à direita para os bruxos, que ergueram as varas e as passaram de alto a baixo por seu corpo. Os honestímetros, Harry sabia, detectavam feitiços de ocultamento e objetos mágicos escondidos. Sabendo que tinha apenas segundos, Harry apontou a varinha de Draco para cada um dos guardas e, duas vezes, murmurou: *“Confundo!”* Despercebido por Travers, que olhava através das portas de bronze para o saguão interno, os guardas estremeceram brevemente quando os feitiços

os atingiram.
Os cabelos longos e negros de Hermione ondularam às suas costas quando subiu as escadas.
– Um momento, madame – disse um dos guardas, erguendo o honestímetro.
– Mas você acabou de fazer isso! – exclamou Hermione, na voz autoritária e arrogante de Belatriz. Travers se virou, as sobrancelhas erguidas. O guarda ficou aturdido. Olhou para o seu fino honestímetro de ouro e em seguida para o colega, que falou com a voz ligeiramente pastosa:
– É, você acabou de revistá-los, Mário.
Hermione continuou a subir, Rony ao seu lado, Harry e Grampo trotando invisíveis em sua cola. O garoto olhou para trás ao cruzar o portal do banco: os guardas coçavam a cabeça.
Dois duendes estavam postados diante das portas internas, que eram feitas de prata e exibiam o poema alertando para a terrível retribuição que aguarda os ladrões potenciais. Harry ergueu os olhos e de repente ocorreu-lhe uma lembrança muito nítida: parado naquele exato lugar, no dia em que completara onze anos, o aniversário mais fantástico de sua vida e Hagrid lhe dizendo: *“Não te disse? Só um louco tentaria roubar o banco.”* Naquele dia, Gringotes lhe parecera um lugar assombroso, o repositório encantado de um tesouro em ouro que ele nunca soubera possuir, e nem por um instante poderia ter sonhado que voltaria ali para roubar... Segundos depois, porém, eles estavam no vasto saguão de mármore do banco.
O longo balcão era ocupado por duendes sentados em banquinhos altos, que atendiam os primeiros clientes do dia. Hermione, Rony e Travers se dirigiram a um velho duende que examinava, com um óculo, uma grossa moeda de ouro. Hermione deixou Travers passar sua frente a pretexto de explicar algumas características do saguão a Rony.
O duende jogou a moeda que tinha nas mãos para o lado e falou sem se dirigir a ninguém em particular “Leprechaun”, em seguida, cumprimentou Travers, que lhe entregou uma chaveta de ouro. O duende examinou-a e restituiu-a.
Hermione se adiantou.
– Madame Lestrange! – disse o duende, evidentemente surpreso. – Céus! Que... que posso fazer hoje pela senhora?
– Quero entrar no meu cofre – respondeu Hermione.
O velho duende pareceu se encolher ligeiramente. Harry olhou para os lados. Não só Travers estava por perto observando, mas vários outros duendes tinham levantado a cabeça do seu trabalho para olhar Hermione.
– A senhora tem... identificação? – perguntou o duende.
– Identificação? Nun... nunca me pediram identificação antes!

– *Eles sabem!* – sussur rou Grampo ao ouvido de Harry.– *Devem ter sido avisados de que poderia aparecer um impostor!*

– A sua varinha será suficiente, madame – disse o duende. Ele esticou a mão trêmula, e, em um aflitivo lampejo de percepção, Harry teve certeza de que os duendes do Gringotes sabiam que a varinha de Belatriz tinha sido roubada.

– *Aja agora, aja agora* – sussurrou Grampo outra vez –, *a Maldição Imperius!*

Harry ergueu a varinha de pilriteiro sob a capa, apontou-a para o velho duende e sussurrou pela primeira vez na vida:

– *Imperio!*

Uma curiosa sensação percorreu seu braço, uma sensação de quentura ardida que pareceu fluir do seu cérebro, e descer pelos tendões e veias que o ligavam à varinha e à maldição que acabara de lançar. O duende apanhou a varinha de Belatriz, examinou-a atentamente e, então, exclamou:

– Ah, a senhora mandou fazer uma nova varinha, madame Lestrange!

– Quê? – disse Hermione. – Não, não, essa é a minha...

– Uma nova varinha? – indagou Travers, aproximando-se outra vez do balcão; os duendes a toda volta continuavam a observar. – Mas, como poderia ter feito, que fabricante de varinha usou?

Harry agiu sem pensar: apontou a varinha para Travers e murmurou mais uma vez:

– *Imperio!*

– Ah, sim, estou vendo – disse Travers, olhando para a varinha de Belatriz –, é muito bonita. E está funcionando bem? Sempre acho que as varinhas precisam ser amaciadas, concorda?

Hermione parecia absolutamente aturdida, mas, para enorme alívio de Harry, ela aceitou, sem comentário, a bizarra virada nos acontecimentos.

O velho duende atrás do balcão bateu palmas e um duende jovem se aproximou.

– Precisarei dos cêmbalos – disse ao duende, que correu e voltou logo depois com uma bolsa de couro que parecia cheia de metais soltos e que ele entregou ao seu superior. – Ótimo, ótimo! Então, se quiser me acompanhar, madame Lestrange – convidou-a o velho duende, saltando do banquinho e desaparecendo de vista –, levarei a senhora ao seu cofre.

Ele reapareceu na extremidade do balcão, saltitando feliz ao encontro da cliente, o conteúdo da bolsa de couro ainda tilintando. Travers agora estava parado, muito quieto, de boca aberta. Rony atraía as atenções para o estranho fenômeno olhando confuso para o bruxo.

– Espere... Bogrode!

Outro duende contornou correndo o balcão.

– Temos instruções – disse ele, curvando-se para Hermione –, me perdoe, madame Lestrange, mas recebemos ordens especiais com relação ao cofre de sua família.
Ele cochichou pressuroso ao ouvido de Bogrode, mas o duende sob o efeito da maldição se livrou dele.
– Estou ciente das instruções. Madame Lestrange quer visitar o seu cofre, família muito antiga... velhos clientes... acompanhem-me, por favor...
E ainda tilintando, ele se dirigiu apressado a uma das muitas portas de saída do saguão. Harry olhou para Travers, que continuava pregado no mesmo lugar, parecendo anormalmente alheado, e tomou uma decisão: com um aceno da varinha, fez o bruxo acompanhá-los e se dirigir mansamente para a porta e o corredor de pedra rústica além, iluminado por archotes.
– Estamos enrascados, eles suspeitam – disse Harry, quando a porta bateu às costas deles e despiu a Capa da Invisibilidade. Grampo pulou dos seus ombros; nem Bogrode nem Travers manifestaram a menor surpresa ao súbito aparecimento de Harry Potter entre eles. – Amaldiçoei-os com a Imperius – acrescentou, em resposta às indagações confusas de Hermione e Rony sobre Travers e Bogrode, ambos agora parados, com o olhar vazio. – Acho que não fiz com força suficiente, não sei...
E outra lembrança perpassou sua mente, da verdadeira Belatriz Lestrange gritando quando ele tentou usar uma Maldição Imperdoável pela primeira vez: *É preciso* querer *usá-las, Potter!*
– Que faremos? – perguntou Rony. – Damos o fora já, enquanto podemos?
– Se pudermos – disse Hermione, olhando para a porta que dava acesso ao saguão principal, e além da qual ninguém sabia o que estava acontecendo.
– Chegamos até aqui, proponho que continuemos – disse Harry.
– Ótimo! – disse Grampo. – Então, precisamos de Bogrode para controlar o vagonete; eu não tenho mais autoridade. Mas não haverá espaço para o bruxo.
Harry apontou a varinha para Travers.
– *Imperio!*
O bruxo se virou e saiu pelo trilho escuro a passos rápidos.
– Que é que você mandou ele fazer?
– Se esconder – disse Harry, apontando a varinha para Bogrode, que assoviou para chamar um vagonete que surgiu do escuro, sacolejando pelos trilhos, em sua direção. Harry teve certeza de ouvir gritos no saguão principal quando embarcaram, Bogrode na frente com Grampo, Harry, Rony e Hermione espremidos atrás.
Com um tranco, o vagonete deu partida e começou a acelerar: passaram velozes por Travers, que se contorceu para dentro de uma fenda na parede,

depois o veículo começou a serpear e fazer curvas por um verdadeiro labirinto, sempre descendo. Harry não conseguia ouvir nada com o barulho do carro sobre os trilhos: seus cabelos voavam enquanto evitavam estalactites, se aprofundavam em alta velocidade na terra, mas ele não parava de olhar para trás. Poderiam ter deixado enormes pegadas ao passar; quanto mais pensava no assunto, tanto mais idiota lhe parecia ter disfarçado Hermione de Belatriz, ter trazido a varinha da bruxa, quando os Comensais da Morte sabiam que tinha sido roubada...

Estavam mais fundo do que Harry jamais penetrara no Gringotes; fizeram uma curva fechada em alta velocidade e viram, tarde demais, uma cascata jorrando com violência sobre os trilhos. Harry ouviu Grampo gritar "Não!", mas não houve tempo de frear: eles a atravessaram disparados. A água encheu os olhos e a boca de Harry: não conseguia ver nem respirar; então, com uma guinada súbita e irresistível, o vagonete capotou e eles foram atirados para fora. Harry ouviu o veículo se despedaçar contra a parede do labirinto, ouviu Hermione gritar alguma coisa e se sentiu planar de volta ao chão, como se não tivesse peso, e aterrissar sem dor no piso da passagem de pedra.

– F-feitiço Amortecedor – gaguejou Hermione, quando Rony a pôs de pé: mas, para seu horror, Harry viu que a amiga deixara de ser Belatriz. Em vez disso, usava vestes largas e encharcadas, e era ela própria; Rony estava novamente ruivo e imberbe. Eles foram percebendo isso ao se entreolharem, apalpando os próprios rostos.

– A Queda do Ladrão! – exclamou Grampo, se levantando e olhando para o dilúvio sobre os trilhos às suas costas, que Harry agora sabia que fora mais do que água. – Lava todos os encantamentos, todos os disfarces mágicos! Já sabem que há impostores em Gringotes e acionaram as defesas contra nós!

Harry viu Hermione verificando se ainda levava a bolsinha de contas e enfiou depressa a mão sob o blusão para certificar-se de que não havia perdido a Capa da Invisibilidade. Virou-se, então, e viu Bogrode sacudindo a cabeça aturdido: a Queda do Ladrão aparentemente desfizera a Maldição Imperius.

– Precisamos dele – disse Grampo –, não poderemos entrar no cofre sem um duende do Gringotes. E precisamos dos cêmbalos!

– *Imperio!* – Harry disse; sua voz ecoou pela passagem de pedra e ele sentiu mais uma vez a sensação intoxicante de controle que emanava do cérebro para a varinha. Bogrode voltou a se submeter à sua vontade, sua expressão de atordoamento se alterou para a de cortês indiferença, enquanto Rony corria a apanhar a bolsa de couro com as ferragens de metal.

– Harry, acho que estou escutando gente vindo! – disse Hermione e, apontando a varinha de Belatriz para a cascata, gritou: – *Protego!* – Eles viram o Feitiço Escudo interromper o jorro de água encantada ao subir passagem acima.

– Bem pensado – disse Harry. – Mostre-nos o caminho, Grampo!
– Como vamos sair daqui? – perguntou Rony, enquanto corriam pela escuridão atrás de Grampo, Bogrode ofegando em seus calcanhares como um cachorro velho.
– Vamos nos preocupar com isso quando for a hora – respondeu Harry. Estava tentando escutar: pensou ter ouvido alguma coisa metálica batendo e se mexendo ali perto. – Grampo, ainda falta muito?
– Não muito, Harry Potter, não muito...
E, ao virarem um canto, depararam com a coisa para a qual Harry estivera preparado, mas que ainda assim fez todos estacarem de repente.
Um dragão gigantesco achava-se acorrentado no chão à frente, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do banco. As escamas do animal tinham se tornado pálidas e flocosas durante a longa prisão subterrânea; seus olhos estavam rosa-leitoso: as duas patas traseiras tinham pesadas argolas das quais saíam correntes ancoradas em enormes estacas enterradas no solo rochoso. Suas grandes asas, espiculadas e fechadas junto ao corpo, teriam enchido a câmara se ele as abrisse, e quando virou a feia cabeça para eles, rugiu com um estrondo que fez a rocha tremer, escancarou a boca e cuspiu um jato de fogo, fazendo-os retroceder rapidamente.
– Ele é parcialmente cego – arquejou Grampo –, e por isso é ainda mais feroz. Mas temos meios de controlá-lo. Ele sabe o que esperar quando trazemos os cêmbalos. Me dê a bolsa aqui.
Rony passou a bolsa para Grampo e o duende tirou de dentro pequenos instrumentos de metal que, quando agitados, produziam um barulho como o de martelos e bigornas em miniatura. Grampo os distribuiu: Bogrode aceitou os dele, obedientemente.
– Vocês sabem o que fazer – disse Grampo a Harry, Rony e Hermione. – O dragão sabe que sentirá dor quando ouvir o barulho: recuará e Bogrode deverá encostar a palma da mão na porta do cofre.
O grupo tornou a avançar pelo canto, sacudindo os cêmbalos, e os ruídos ecoaram pelas paredes rochosas, brutalmente amplificados, dando a Harry a impressão de que os ossos de seu crânio vibravam com a zoeira. O dragão soltou outro rugido rouco e retrocedeu. Harry o viu tremer e, ao se aproximar, reparou nas cicatrizes deixadas por fundos cortes em sua cara, imaginou que aprendera a temer espadas em brasa quando ouvisse o som dos cêmbalos.
– Faça-o pôr a mão na porta! – Grampo insistiu com Harry, que apontou a varinha para Bogrode. O velho duende obedeceu, comprimiu a palma da mão contra a madeira, e a porta do cofre se dissolveu, revelando uma espécie de caverna, atulhada do chão ao teto de moedas e taças de ouro, armaduras de prata,

peles de estranhas criaturas, algumas com longas espinhas dorsais, outras com asas caídas, poções em frascos cravejados de pedras e um crânio ainda usando uma coroa.

– Procurem, rápido! – disse Harry, enquanto todos se precipitavam para dentro do cofre.

Ele descrevera a taça de Hufflepuff para Rony e Hermione, mas, se fosse a outra, a Horcrux desconhecida, que estivesse guardada no cofre, ele não sabia que aparência teria. Mal tivera tempo de olhar ao seu redor, quando ouviram um ruído abafado: a porta reaparecera, encerrando-os ali dentro, e eles foram mergulhados na mais absoluta escuridão.

– Não se preocupem, Bogrode poderá nos soltar – disse Grampo, ao mesmo tempo que Rony gritava, surpreso. – Será que não podem acender as suas varinhas? E andem logo, temos muito pouco tempo!

– *Lumos!*

Harry girou a varinha acesa pelo cofre: a luz incidiu sobre joias cintilantes, ele viu a falsa espada de Gryffindor em uma prateleira alta, entre um emaranhado de correntes. Rony e Hermione tinham acendido as varinhas também e agora examinavam as pilhas de objetos que os cercavam.

– Harry, poderia ser...? Aiii!

Hermione gritou de dor e Harry iluminou-a em tempo de ver uma taça cravejada de pedras escorregando de sua mão: mas, ao cair, o objeto rachou e se transformou em uma inundação de taças, e, um segundo depois, com grande estrépito, o chão ficou coberto de taças idênticas rolando para todos os lados, a original indistinguível das demais.

– Ela me queimou! – choramingou Hermione, chupando os dedos vermelhos.

– Eles juntaram dois feitiços, o Duplicador e o Abrasador! – disse Grampo. – Tudo que tocarmos queimará e multiplicará, mas as cópias não têm valor... e se continuarem a mexer no tesouro, acabarão morrendo esmagados pelo peso do ouro em expansão!

– O.k., não toquem em nada! – recomendou Harry, desesperado, mas, no momento em que dizia isso, Rony acidentalmente empurrou uma das taças caídas com o pé e mais vinte surgiram de repente e, enquanto Rony saltava no mesmo lugar, parte do seu sapato queimou ao contato com o metal em brasa.

– Fiquem parados, não se mexam! – pediu Hermione, segurando Rony.

– Olhem apenas! – disse Harry. – Lembrem-se, a taça é pequena e de ouro, tem uma gravação, duas asas, ou então vejam se localizam o símbolo de Ravenclaw em algum lugar, a águia...

Eles apontaram a luz da varinha para todos os cantos e reentrâncias, virando-se cautelosamente sem sair do lugar. Era impossível não roçar em nada; Harry

fez rolar para o chão uma volumosa cascata de galeões falsos que se juntaram às taças, e agora quase não havia espaço para os pés deles, e o ouro reluzia, abrasador, transformando o cofre em um forno. A luz da varinha de Harry percorreu escudos e elmos feitos por duendes e guardados em prateleiras que iam até o teto. Sempre mais alto, ele erguia a varinha até que, de repente, incidiu sobre um objeto que fez o seu coração dar um salto e sua mão tremer.

– *Está lá, está lá em cima!*

Rony e Hermione apontaram suas varinhas para o lugar indicado fazendo com que a pequena taça cintilasse sob um foco triplo: a taça que pertencera a Helga Hufflepuff e passara ao poder de Hepzibá Smith, de quem fora roubada por Tom Riddle.

– E como vamos chegar lá em cima sem tocar em nada, pô? – perguntou Rony.

– *Accio taça!* – ordenou Hermione, que evidentemente esquecera, em seu desespero, o que Grampo lhes dissera durante as sessões de planejamento.

– Não adianta, não adianta! – rosnou o duende.

– Então o que faremos? – perguntou Harry, olhando feio para ele. – Se você quiser a espada, Grampo, terá de nos ajudar mais... espere! Posso tocar nas peças com a espada? Hermione, me dê a espada aqui!

Hermione apalpou as vestes por dentro, tirou a bolsinha de contas, remexeu nela por alguns segundos, então tirou a espada brilhante. Harry segurou-a pelo punho incrustado de rubis e encostou a ponta da lâmina em uma garrafa de prata próxima, que não se multiplicou.

– Se eu pudesse enfiar a ponta da espada em uma alça... mas como vou chegar lá em cima?

A prateleira em que repousava a taça estava fora de alcance, até mesmo para Rony que era o mais alto. O calor do tesouro encantado desprendia-se em ondas, e o suor escorria pelo rosto e as costas de Harry enquanto procurava encontrar um meio de chegar à taça; ouviu, então, o dragão rugir do outro lado da porta do cofre e o som dos cêmbalos sempre mais alto.

Aparentemente, estavam realmente encurralados: não havia saída exceto pela porta, e uma horda de duendes vinha se aproximando pelo outro lado. Harry olhou para Rony e Hermione e viu terror em seus rostos.

– Hermione! – chamou Harry, quando o tilintar se tornou mais forte. – Tenho que chegar lá em cima, temos que nos livrar...

Ela ergueu a varinha, apontou-a para o amigo e sussurrou:

– *Levicorpus!*

Guindado para o alto pelo tornozelo, Harry bateu em uma armadura e as réplicas, como corpos incandescentes, encheram o espaço apertado. Com gritos

de dor, Rony, Hermione e os dois duendes foram atirados contra outros objetos, que também começaram a se replicar. Meio soterrados por uma onda crescente de tesouros em brasa, eles se debateram e gritaram enquanto Harry enfiava a espada na alça da taça de Hufflepuff e a enganchava na lâmina.

– *Impervius!* – guinchou Hermione, em uma tentativa de proteger a si, Rony e os duendes do metal em combustão.

Então o grito mais aterrorizante fez Harry olhar para baixo: Rony e Hermione estavam cercados por tesouros até a cintura, lutando para impedir Bogrode de escorregar para baixo da maré crescente, mas Grampo submergira, deixando visíveis apenas as pontas dos seus longos dedos.

Harry agarrou os dedos do duende e puxou-os. Grampo, coberto de bolhas, reapareceu aos poucos, urrando.

– *Liberacorpus!* – berrou Harry, e, com um estrondo, ele e Grampo caíram sobre a superfície do tesouro em progressão, e a espada voou da mão de Harry. – Segure-a! – gritou ele, resistindo à dor das queimaduras em sua pele, quando Grampo tornou a subir em seus ombros, decidido a evitar a massa abrasadora que se expandia. – Cadê a espada? Tinha a taça engancha-da nela!

O tinido de metal do outro lado tornava-se ensurdecedor... era tarde demais...

– Ali!

Foi Grampo quem a viu, e ele quem se atirou para a espada e, naquele instante, Harry percebeu que o duende nunca esperara que eles cumprissem a palavra dada. Com uma das mãos segurando firme um punhado de cabelos de Harry, para não cair no mar de ouro quente, Grampo agarrou o cabo da espada e ergueu-a no alto, fora do alcance de Harry.

A pequena taça de ouro, espetada pela alça na lâmina da espada, foi arremessada no ar. Com o duende ainda montado nele, Harry mergulhou e apanhou-a e, embora a sentisse queimar sua pele, não a soltou, mesmo quando incontáveis taças irromperam do seu punho caindo sobre seu corpo. Nesse instante, o cofre se abriu e ele se viu deslizando, sem controle, sobre uma avalanche desmesurada de ouro e prata incandescente que o carregava, e a Rony e Hermione, para a câmara externa.

Sem tomar consciência da dor das queimaduras por todo o corpo, e ainda carregado pela onda de tesouros replicantes, Harry enfiou a taça no bolso e esticou a mão para recuperar a espada, mas Grampo desaparecera. Escorregando dos ombros de Harry quando pôde, correra a se abrigar entre os duendes que os cercavam, brandindo a espada e gritando "Ladrões! Ladrões! Socorro! Ladrões!". E sumiu entre a multidão que avançava, armada com adagas, e que o aceitou sem discutir.

Deslizando sobre o metal quente, Harry se levantou com dificuldade e

entendeu que só havia uma saída.

– *Estupefaça!* – berrou, e Rony e Hermione se juntaram a ele: jatos de luz vermelha voaram contra a multidão de duendes, alguns tombaram, mas outros continuaram a avançar e Harry viu vários guardas bruxos aparecerem correndo pelo canto da passagem.

O dragão preso soltou um rugido, e um jorro de chamas voou sobre as cabeças dos duendes: os bruxos fugiram, curvados, voltando pelo caminho que tinham vindo, e uma inspiração, ou loucura, acometeu Harry. Apontando a varinha para as grossas algemas que prendiam a fera no chão, berrou:

– *Relaxo!*

As algemas se abriram estrepitosamente.

– Por aqui! – berrou Harry e, ainda lançando Feitiços Estuporantes, disparou em direção ao dragão cego.

– Harry... Harry... que é que você está fazendo? – bradou Hermione.

– Subam, subam, andem logo...

O dragão não percebera que estava livre: o pé de Harry encontrou a dobra de sua perna traseira e o garoto usou-a para subir em seu dorso. As escamas do animal eram duras como aço: ele nem pareceu sentir. Harry estendeu a mão; Hermione se guindou para o alto; Rony montou atrás dos dois e, no segundo seguinte, o dragão sentiu que estava livre.

Com um rugido, empinou-se nas patas traseiras: Harry firmou os joelhos contra seu corpo, agarrou-se com força às escamas espiculadas e as asas do dragão se abriram, derrubando, como pinos de boliche, os duendes aos berros, e o animal levantou voo. Harry, Rony e Hermione, deitados em seu dorso, rasparam no teto quando o animal rumou para a abertura na passagem, perseguido pelos duendes, atirando adagas que resvalavam em seus flancos.

– Nunca sairemos daqui, é grande demais! – gritou Hermione, mas o dragão abriu a boca e arrotou chamas explodindo o túnel cujos pisos e teto racharam e desmoronaram. Usando a força, o dragão abria caminho com as garras e o corpo. Harry mantinha os olhos bem fechados para protegê-los do calor e da poeira. Ensurdecido pela colisão das pedras e os rugidos do dragão, só lhe restava agarrar-se ao seu dorso, na expectativa de ser atirado longe a qualquer momento; então, ele ouviu Hermione berrar: – *Defodio!*

Ela estava ajudando o dragão a alargar a passagem, cavando o teto, enquanto o animal forcejava para subir em direção ao ar fresco e se distanciar dos duendes com seus guinchos e batidas de metal; Harry e Rony a imitaram, rompendo o teto a poder de feitiços. Eles passaram pelo lago subterrâneo e a enorme fera que rastejava e rosnava pareceu sentir a liberdade e o espaço à sua frente, enquanto, às costas, a passagem era entupida pelo movimento da cauda cristada, grandes

pedaços de rocha, gigantescas estalactites partidas; o ruído metálico produzido pelos duendes foi ficando mais abafado e, à frente, as chamas expelidas pelo dragão desimpediam o seu avanço...

Então, com a força dos seus feitiços somada à força bruta do dragão, eles finalmente abriram uma saída da passagem para o saguão de mármore. Duendes e bruxos gritaram e correram a se proteger, e o dragão encontrou espaço para abrir as asas: virou a cabeça chifruda para o fresco ar exterior que sentia além e partiu; com Harry, Rony e Hermione ainda agarrados ao seu dorso, ele abriu caminho pelas portas de metal, deixando-as dobradas e penduradas nas dobradiças, e se encaminhou vacilante para o Beco Diagonal, de onde se lançou em direção ao céu.

— CAPÍTULO VINTE E SETE —

O esconderijo definitivo

Não havia como conduzir o dragão; o animal não via aonde estava indo, e Harry sabia que, se ele desse uma guinada ou virasse de barriga para cima em pleno voo, eles não poderiam se agarrar às suas costas largas. Apesar disso, à medida que ganhavam altitude, e Londres se desdobrava abaixo como um mapa verde e cinzento, Harry sentia um avassalador sentimento de gratidão por uma fuga que parecera inviável. Deitado sobre o pescoço da fera, ele se aferrava com toda força às escamas metálicas, e o vento fresco acalmava a ardência e as bolhas em sua pele, as asas do dragão abanavam o ar como as pás de um moinho. Às suas costas, fosse por prazer ou medo, Harry não saberia dizer, Rony não parava de xingar, aos brados, e Hermione parecia chorar.

Passados uns cinco minutos, Harry perdeu um pouco do medo imediato de que o dragão fosse se desvencilhar deles, porque, aparentemente, sua única intenção era se distanciar o máximo de sua prisão subterrânea. Porém, a questão de como ou quando iriam desmontar continuava a apavorá-lo. Ele não fazia ideia de qual era a autonomia dos dragões para voar sem precisar pousar, nem de que modo este espécime, que mal enxergava, localizaria um bom lugar para o pouso. Harry olhava constantemente para os lados, imaginando que sentiria a cicatriz formigar...

Quanto tempo levaria para Voldemort saber que tinham arrombado o cofre da família Lestrange? Quando os duendes de Gringotes avisariam Belatriz? Com que rapidez perceberiam o que fora roubado? E quando dessem por falta da taça de ouro? Voldemort saberia, finalmente, que eles estavam caçando Horcruxes...

O dragão parecia ansiar por ar mais frio e fresco: gradualmente ganhou altitude até voarem entre fiapos gelados de nuvens e Harry já não poder distinguir os pontinhos coloridos que eram os carros, entrando e saindo da capital. Continuaram a sobrevoar os campos divididos em retalhos de verde e marrom, estradas e rios que serpeavam pela paisagem como pedaços de fita

fosca e acetinada.

– Que acham que ele está procurando? – berrou Rony, ao ver que rumavam sempre para o norte.

– Não faço ideia – gritou Harry, em resposta. Suas mãos estavam dormentes e frias, mas ele não se atrevia a tentar mudar de posição. Havia algum tempo que estava imaginando o que fariam se vissem o litoral passando abaixo, se o dragão fosse para alto-mar: sentia frio, dormência, isso para não mencionar a fome e a sede desesperadas. Quando, pensou ele, a fera teria comido pela última vez? Com certeza, não iria demorar muito a precisar de alimento. E se, nessa altura, percebesse que tinha três humanos muito apetitosos montados em suas costas?

O sol começou a baixar e o céu foi se tornando azul-anil, e o dragão continuava a voar, cidades grandes e pequenas abaixo desaparecendo de vista, sua enorme sombra deslizando sobre a terra como uma grande nuvem escura. Todo o corpo de Harry doía com o esforço de se segurar no dorso do animal.

– É minha imaginação – gritou Rony, depois de muito tempo de silêncio – ou estamos perdendo altitude?

Harry olhou para baixo e viu montanhas e lagos verde-escuros acobreando-se ao pôr do sol. A paisagem parecia se tornar mais graúda e mais detalhada enquanto espiava pelo flanco do dragão, e ele se perguntou se o animal teria pressentido a presença de água fresca pelos reflexos repentinos de sol.

Descendo gradualmente, o dragão descrevia grandes círculos espiralados, visando, aparentemente, um dos lagos de menor tamanho.

– Vamos saltar quando ele baixar o suficiente! – gritou Harry para os dois atrás. – Direto para dentro da água, antes que ele perceba que estamos aqui!

Eles concordaram, Hermione com a voz fraca: e agora Harry pôde ver a barriga larga e amarela do dragão, ondulando a superfície da água.

– AGORA!

Harry escorregou por um lado do dragão e se atirou, de pé, na superfície do lago; a queda foi maior do que estimara, e ele bateu com violência na água, submergindo como um pedregulho em um mundo gelado e verde, repleto de colmos. Bateu os pés em direção à superfície e emergiu sem fôlego. Viu, então, as marolas que se propagavam em círculos, onde Rony e Hermione tinham caído. O dragão não pareceu ter notado nada: já estava a uns quinze metros de distância, dando rápidos mergulhos sobre o lago para apanhar água com o focinho cheio de cortes. Quando Rony e Hermione subiram das profundezas do lago, cuspindo e tossindo, o animal já ia longe, as asas batendo com força para, por fim, pousar em uma margem distante.

Harry, Rony e Hermione nadaram para o lado oposto. O lago não parecia ser fundo: precisaram apenas abrir caminho entre os colmos e a lama em vez de

nadar e, finalmente, chapinharam, encharcados, ofegantes e exaustos, no capim escorregadio.
Hermione desmontou, tossindo e tremendo. Embora Harry pudesse ter deitado e dormido feliz, levantou-se cambaleando, sacou a varinha e começou a lançar feitiços protetores ao redor dos três.
Quando terminou, juntou-se aos amigos. Era a primeira vez que os via realmente, depois de terem escapado do cofre. Ambos tinham queimaduras feias nos rostos e braços, e a roupa chamuscada e rota aqui e ali. Faziam caretas ao aplicar essência de ditamno em seus muitos ferimentos. Hermione passou o frasco a Harry, depois tirou da bolsinha três garrafas de suco de abóbora que trouxera do Chalé das Conchas e vestes limpas e secas para todos. Eles se trocaram e, em seguida, beberam o suco, sedentos.
– Bem, pelo ângulo positivo – disse Rony, que observava a pele das mãos tornar a crescer –, conseguimos a Horcrux. Pelo negativo...
– ... neca de espada – completou Harry entre os dentes, enquanto aplicava as gotas de ditamno em uma feia queimadura, pelo buraco que o metal quente abrira em seu jeans.
– Neca de espada – repetiu Rony. – Aquele trairazinho safado...
Harry tirou a Horcrux do bolso do blusão molhado que acabara de despir e depositou-a no capim em frente. Refulgindo ao sol, prendia suas atenções enquanto bebiam o suco.
– Pelo menos esta não podemos usar, ia ficar meio esquisita pendurada no pescoço – comentou Rony, limpando a boca com o dorso da mão.
Hermione olhou para a outra margem do lago, onde o dragão ainda bebia água.
– Que acham que vai acontecer com ele? – perguntou. – Será que vai ficar bem?
– Você está parecendo o Hagrid – disse Rony. – É um dragão, Hermione, sabe se cuidar. É conosco que temos de nos preocupar.
– Como assim?
– Bem, não sei como lhe dar a notícia – continuou Rony –, mas acho que eles *talvez* tenham notado que arrombamos o Gringotes.
Os três caíram na gargalhada, e, uma vez que começaram a rir, foi difícil parar. As costelas de Harry doíam, ele se sentia tonto de fome, mas se deitou no capim sob o céu avermelhado e riu até sentir a garganta doer.
– Mas o que vamos fazer? – perguntou Hermione por fim, recuperando a seriedade depois dos soluços. – Ele vai saber, não vai? Você-Sabe-Quem vai saber que sabemos das Horcruxes dele!
– Talvez eles fiquem apavorados demais para lhe contar! – arriscou Rony,

esperançoso. – Talvez escondam...
O céu, o cheiro da água do lago, o som da voz de Rony se extinguiram: a dor rachou a cabeça de Harry como um golpe de espada. Estava parado em um quarto mal iluminado, e um semicírculo de bruxos o encarava, e, no chão, a seus pés, ajoelhava-se um vulto pequeno e trêmulo.
– Que foi que você disse? – Sua voz estava aguda e fria, mas a fúria e o medo o queimavam por dentro. A única coisa que temia... mas não podia ser verdade, não podia entender como...
O duende tremia, incapaz de fixar os olhos vermelhos muito acima dos seus.
– Repita isso! – murmurou Voldemort. – *Repita!*
– M-meu Senhor – gaguejou o duende, seus olhos negros arregalados de terror –, m-meu Senhor... t-tentamos imped-dir... os imp-postores, meu Senhor... arrombaram... arrombaram... arrombaram o... o c-cofre da f-família Lestrange...
– Impostores? Que impostores? Pensei que o Gringotes tivesse meios para desmascarar impostores. Quem eram?
– Era o... era o... o garot-to P-Potter e d-dois cúmplices...
– *E levaram?* – perguntou ele, sua voz se elevando, um medo terrível se apoderando dele. – Diga-me! *Que foi que levaram?*
– U-uma p-pequena t-taça de ouro, m-meu Senhor...
O grito de raiva, de negação, irrompeu dele como se fosse da boca de um estranho: ficou possesso, frenético, não podia ser verdade, era impossível, ninguém jamais soubera: como o garoto poderia ter descoberto o seu segredo?
A Varinha das Varinhas cortou o ar e o clarão verde explodiu pela sala, o duende ajoelhado rolou para o lado, morto, os bruxos que o observavam dispersaram-se à frente, aterrorizados: Belatriz e Lúcio Malfoy empurraram outros para trás ao dispararem para a porta, e repetidamente a varinha baixou, e os retardatários foram mortos, todos, por lhe trazerem essa notícia, por terem ouvido falar na taça de ouro...
Sozinho entre os mortos, ele se movimentou furioso pela sala, e os viu passar diante dos seus olhos: seus tesouros, suas salvaguardas, suas âncoras na imortalidade: o diário destruído e a taça roubada; e se, *e se*, o garoto conhecesse as outras? Poderia saber, já teria agido, já encontrara outras? Dumbledore estaria na raiz disso tudo? Dumbledore, que sempre desconfiara dele, Dumbledore, morto por ordem sua, Dumbledore, cuja varinha agora lhe pertencia, e, ainda assim, estendia o braço da ignomínia da morte por intermédio do garoto, *o garoto*...
Era certo, porém, que se o garoto tivesse destruído alguma de suas Horcruxes, ele, Lorde Voldemort, teria sabido, teria sentido? Ele, o maior bruxo de todos, o mais poderoso, ele, o assassino de Dumbledore e de quantos outros homens

insignificantes, desconhecidos: como poderia Lorde Voldemort não ter sabido, se ele próprio, mais importante e precioso, tivesse sido atacado, mutilado?

Era verdade que não sentira quando o diário fora destruído, mas pensou que fosse porque não possuía um corpo para sentir, sendo menos que um fantasma... não, certamente o resto estava seguro... as outras Horcruxes deviam estar intactas...

Ele precisava saber, precisava ter certeza... Andou pela sala, chutou para o lado o corpo do duende ao passar, e as imagens ficaram borradas e queimaram em seu cérebro escaldante: o lago, o casebre, e Hogwarts...

Um nada de calma atenuou agora a sua fúria: como o garoto poderia saber que ele escondera o anel no casebre de Gaunt? Ninguém jamais soubera que ele era parente dos Gaunt, escondera a ligação, as mortes nunca tinham sido atribuídas a ele: o anel certamente estava seguro.

E como poderia o garoto, ou qualquer outra pessoa, conhecer a caverna ou penetrar sua proteção? A ideia do medalhão ser roubado era absurda...

Quanto à escola: somente ele sabia onde, em Hogwarts, guardara a Horcrux, porque somente ele tinha explorado a fundo os segredos daquele lugar...

E ainda havia Nagini, que precisava ficar junto dele agora, sob sua proteção, e não mais ser enviada para cumprir tarefas...

Para ter certeza, entretanto, para ter absoluta certeza, ele precisava voltar a cada um dos esconderijos, precisava redobrar a proteção em torno de cada uma de suas Horcruxes... uma tarefa, como a busca da Varinha das Varinhas, que ele precisava empreender sozinho...

Qual deveria visitar primeiro, qual correria maior perigo? Uma velha inquietação ardeu em seu íntimo. Dumbledore conhecia o seu nome do meio... Dumbledore poderia tê-lo ligado aos Gaunt... sua casa abandonada era provavelmente o esconderijo menos seguro de todos, era lá que ele iria em primeiro lugar...

O lago, certamente impossível... embora houvesse uma possibilidade mínima de que Dumbledore tivesse sabido de alguns dos seus malfeitos passados, no orfanato.

E Hogwarts... mas ele sabia que a sua Horcrux ali estava segura, seria impossível Potter entrar em Hogsmeade sem ser detido, e, mais ainda, na escola. Contudo, seria prudente alertar Snape de que o garoto talvez tentasse entrar no castelo... contar a Snape por que o garoto faria isso seria uma tolice, é claro; fora um grave erro confiar em Belatriz e Malfoy: a burrice e o desleixo deles não comprovavam que era uma imprudência confiar em quem fosse?

Ele visitaria o casebre de Gaunt primeiro, então, e levaria Nagini: não se separaria mais da cobra... E ele saiu da sala, atravessou o hall e se dirigiu ao

jardim escuro onde jorrava a fonte; em ofidioglossia, chamou a cobra, que foi se juntar a ele como uma comprida sombra...

Os olhos de Harry se abriram subitamente quando voltou ao presente: ele estava deitado na margem do lago ao sol poente, e Rony e Hermione o observavam. A julgar por suas expressões preocupadas, e o latejamento contínuo de sua cicatriz, sua rápida excursão à mente de Voldemort não passara despercebida. Ele fez força para se levantar, tremendo, vagamente surpreso que ainda estivesse molhado até os ossos, e viu a taça inocentemente pousada no capim à sua frente, e o lago azul-escuro pontilhado de dourado ao sol que se punha.

– Ele sabe. – Sua própria voz pareceu estranha e grave depois dos gritos agudos de Voldemort. – Ele sabe e vai verificar as outras Horcruxes, e a última – ele já se pusera de pé – está em Hogwarts. Eu sabia. *Eu sabia*.

– Quê?

Rony olhava-o boquiaberto; Hermione se ergueu nos joelhos, preocupada.

– Mas que foi que você viu? Como sabe?

– Eu o vi descobrir o que aconteceu com a taça, eu... eu estava na cabeça dele, ele está... – Harry lembrou-se da matança – está enfurecido ao extremo, e amedrontado também, não consegue entender como soubemos, e agora vai checar se as outras estão seguras, o anel primeiro. Ele acha que a Horcrux em Hogwarts está a salvo, porque Snape está lá, e será dificílimo entrar na escola sem ser visto, acho que vai verificar essa por último, ainda assim, estaria lá em poucas horas...

– Você viu onde, em Hogwarts? – perguntou Rony, agora se levantando também.

– Não, ele estava se concentrando em avisar Snape... não pensou no lugar exato em que está...

– Espere, *espere*! – gritou Hermione, quando Rony recolheu a Horcrux e Harry tornou a apanhar a Capa da Invisibilidade. – Não podemos simplesmente *ir*, nem temos um plano, precisamos...

– Precisamos ir andando – disse Harry, com firmeza. Tinha tido a esperança de dormir, a expectativa de entrar na barraca nova, mas isso agora era impossível. – Vocês podem imaginar o que ele vai fazer quando descobrir que o anel e o medalhão desapareceram? E se mudar o esconderijo da Horcrux de Hogwarts, resolver que não está bastante segura?

– Mas como vamos entrar?

– Bem, vamos a Hogsmeade – disse Harry –, e tentar pensar em alguma coisa depois de vermos qual é a proteção em torno da escola. Entre embaixo da capa, Hermione, quero todos juntos desta vez.

– Mas não cabemos realmente...

– Estará escuro, ninguém vai reparar nos nossos pés.

O ruído de enormes asas batendo ecoou pelas águas escuras do lago: o dragão saciara a sede e levantara voo. Os garotos pararam os preparativos para observá-lo subir sempre mais alto, agora uma mancha negra no céu que escurecia rapidamente e, por fim, sumindo atrás de uma montanha próxima. Então, Hermione se adiantou e se encaixou entre os dois. Harry puxou a capa para baixo até onde foi possível, e juntos rodopiaram e penetraram na escuridão esmagadora.

— CAPÍTULO VINTE E OITO —

O espelho desaparecido

Os pés de Harry tocaram na estrada. Ele viu a rua principal de Hogsmeade, penosamente familiar: vitrines apagadas, os contornos escuros das montanhas além, a curva da estradinha que a ligava a Hogwarts à frente, e a luz das janelas do Três Vassouras; e com um sobressalto, lembrou-se, com absoluta precisão, de como aparatara ali quase um ano antes, sustentando um Dumbledore desesperadamente fraco; tudo isso no segundo em que descia – e então, quando largou os braços de Rony e Hermione, aconteceu.

O ar foi cortado por um grito que lembrava o de Voldemort ao perceber que a taça fora roubada: despedaçou todos os nervos do corpo de Harry, e ele percebeu imediatamente que fora causado por sua aparição. Quando olhou para os amigos sob a capa, a porta do Três Vassouras se escancarou e uma dúzia de Comensais da Morte, de capa e capuz, correu para a rua, empunhando varinhas.

Harry segurou o pulso de Rony ao vê-lo erguer a varinha. Havia bruxos demais para estuporar: até porque uma tentativa denunciaria sua posição. Um dos Comensais da Morte acenou com a varinha e o grito parou, ainda ecoando nas montanhas distantes.

– *Accio capa!* – rugiu o Comensal.

Harry segurou-a pelas dobras, mas a capa não tentou lhe escapar: o Feitiço Convocatório não a afetara.

– Então, não está embaixo do seu xale, Potter? – berrou o Comensal da Morte que tentara o feitiço, e voltando-se para os companheiros: – Espalhem-se. Ele está aqui.

Seis dos Comensais saíram em sua direção: Harry, Rony e Hermione recuaram o mais rápido possível para a rua lateral mais próxima, e, por um triz, não foram pegos. Os garotos aguardaram no escuro, escutando gente correndo para cima e para baixo, os feixes de luz das varinhas dos bruxos varrendo a rua à sua procura.

– Vamos embora! – cochichou Hermione. – Desaparatar agora!
– Grande ideia – disse Rony, mas, antes que Harry pudesse responder, um Comensal gritou:
– Sabemos que você está aqui, Potter, e não tem como escapar! Nós o encontraremos!
– Estavam de prontidão – sussurrou Harry. – Armaram aquele feitiço para avisá-los da nossa chegada. Imagino que tenham feito alguma coisa para nos segurar aqui, nos encurralar...
– Que tal uns dementadores? – gritou outro Comensal da Morte. – Se os deixássemos à vontade, eles não demorariam a encontrá-lo.
– O Lorde das Trevas não quer que ninguém mate Potter exceto ele...
– ... e os dementadores não irão matar Potter! O Lorde das Trevas quer a vida dele, e não a alma. Será mais fácil matá-lo se tiver sido beijado antes!
Ouviram-se rumores de aprovação. O temor apoderou-se de Harry: para repelir dementadores teriam que produzir Patronos, e isso os denunciaria na mesma hora.
– É melhor desaparatar, Harry! – sussurrou Hermione.
Enquanto ela pronunciava essas palavras, ele sentiu um frio anormal baixando sobre a rua. A luz ambiente foi sugada até as estrelas, fazendo-as desaparecer. Na escuridão de breu, Harry sentiu Hermione agarrar o seu braço e, juntos, eles rodopiaram.
O ar que precisavam para se mover parecia ter se solidificado: não poderiam desaparatar; os Comensais da Morte tinham lançado os seus feitiços, eficientemente. O frio começou a cortar cada vez mais fundo na pele de Harry. Ele, Rony e Hermione recuaram para a rua lateral, tateando o caminho ao longo da parede, procurando não fazer o menor ruído. Do outro lado da esquina, deslizando silenciosamente, vinham dementadores, dez ou mais deles, com suas capas pretas e suas mãos feridas e podres visíveis porque seu negrume era mais denso do que o da rua. Poderiam sentir o medo por perto? Harry tinha certeza que sim: eles pareciam estar avançando mais depressa agora, inspirando daquele jeito arrastado e vibrante que ele detestava, saboreando o desespero no ar, fechando o cerco...
Ergueu a varinha: não iria, não queria, ganhar o beijo do dementador, fossem quais fossem as consequências. Foi em Rony e Hermione que ele pensou ao sussurrar:
– *Expecto patronum*!
O veado prateado irrompeu de sua varinha e atacou: os dementadores se dispersaram e ouviu-se um grito de triunfo em algum lugar fora de vista.
– É ele, lá embaixo, lá embaixo, vi o Patrono dele, era um veado!

Os dementadores tinham retrocedido, as estrelas estavam reaparecendo e os passos dos Comensais da Morte se tornaram mais pesados; mas, antes que Harry em seu pânico pudesse decidir o que fazer, ouviu bem perto um rangido de ferragens, uma porta se abriu do lado esquerdo da rua estreita e uma voz áspera disse:

– Potter, entre, depressa!

Ele obedeceu sem hesitação: os três se precipitaram pela porta aberta.

– Suba, não dispa a capa, fique quieto! – murmurou um vulto alto que passou por eles e saiu, batendo a porta.

Harry não fazia ideia de onde estavam, mas agora via, à luz vacilante de uma única vela, o bar sujo com o piso forrado de serragem do Cabeça de Javali. Eles correram para trás do balcão e por uma segunda porta que levava a uma escada bamba, que eles subiram o mais rápido que puderam. Desembocaram em uma sala de visitas com um tapete puído e uma pequena lareira, no alto da qual estava pendurado um grande retrato a óleo de uma garota loura que contemplava a sala com um ar de meiguice apática.

Os gritos na rua chegavam aos seus ouvidos. Ainda usando a Capa da Invisibilidade, eles foram, pé ante pé, até a janela suja e espiaram para baixo. Seu salvador, que Harry agora reconhecia como o barman do Cabeça de Javali, era a única pessoa que não estava usando um capuz.

– E daí? – berrava ele para um dos rostos encapuzados. – E daí? Vocês mandam dementadores para a minha rua, e jogo um Patrono contra eles. Não vou admitir que se aproximem de mim, já lhes disse, não vou admitir isso!

– Aquele não era o seu Patrono! – contestou um Comensal da Morte. – Era um veado, era o do Potter!

– Veado! – rugiu o barman, sacando a varinha. – Veado! Seu idiota... *Expecto patronum!*

Um bicho enorme e chifrudo irrompeu da varinha, e, de cabeça baixa, avançou para a rua principal e desapareceu de vista.

– Não foi isso que vi... – retrucou o Comensal da Morte, embora com menos convicção.

– O toque de recolher foi violado, você ouviu o barulho – disse um dos seus colegas ao barman. – Alguém estava na rua contrariando o regulamento...

– Se eu quiser pôr o meu gato para fora, porei, e dane-se o seu toque de recolher!

– *Você* disparou o Feitiço Miadura?

– E se disparei? Vai me mandar para Azkaban? Me matar por meter o nariz fora da minha própria porta? Então faça isso, se é o que quer! Mas espero, para seu bem, que não tenham tocado na Marca Negra para convocá-lo. Ele não vai

gostar de ser chamado para ver a mim e o meu velho gato, ou será que vai?
– Não se preocupe conosco – respondeu um dos Comensais da Morte –, preocupe-se com o seu desrespeito ao toque de recolher!
– E onde é que gente de sua laia irá traficar poções e venenos quando fecharem o meu bar? Que irá acontecer com os seus bicos?
– Você está nos ameaçando...?
– Não abro a boca, é por isso que vocês vêm aqui, não é?
– Continuo dizendo que vi um veado Patrono! – gritou o primeiro Comensal da Morte.
– Veado? – rugiu o barman. – É um *bode*, idiota!
– Tudo bem, nos enganamos – disse o segundo Comensal da Morte. – Desrespeite o toque de recolher outra vez e não seremos tão indulgentes!
Os Comensais da Morte voltaram para a rua principal. Hermione gemeu de alívio, desvencilhou-se da capa e se sentou em uma cadeira de pernas bambas. Harry fechou bem as cortinas, depois retirou a capa de cima dele e de Rony. Ouviram o barman no andar térreo trancar a porta do bar e, em seguida, subir a escada.
Um objeto sobre o console da lareira chamou a atenção de Harry: um pequeno espelho retangular aprumado ali, logo abaixo do retrato da garota.
O barman entrou na sala.
– Seus idiotas infelizes – disse, rispidamente, olhando de um para outro. – Que ideia foi essa de virem aqui?
– Obrigado – disse Harry –, não sabemos como lhe agradecer. Salvou nossas vidas.
O barman resmungou. Harry se aproximou dele, estudando o seu rosto, tentando ver sob a cabeleira e barba grisalhas e grossas. Ele usava óculos. Por trás das lentes sujas, os olhos eram muito azuis e penetrantes.
– É o seu olho que tenho visto no espelho.
Fez-se silêncio na sala. Harry e o barman se fitaram.
– Você mandou Dobby.
O barman assentiu e olhou para os lados, procurando o elfo.
– Pensei que ele estivesse com você. Onde o deixou?
– Está morto – disse Harry. – Belatriz Lestrange o matou.
O rosto do barman não demonstrou emoção. Passado um momento, ele disse:
– Lamento saber. Eu gostava daquele elfo.
Ele se virou, acendendo as luzes com toques de varinha, sem olhar para nenhum dos garotos.
– Você é Aberforth – disse Harry para as costas do homem.
Ele não confirmou nem negou, mas se curvou para acender a lareira.

– Como conseguiu isso? – perguntou Harry, atravessando a sala até o espelho de Sirius, a duplicata do que ele quebrara quase dois anos antes.
– Comprei-o de Dunga mais ou menos há um ano – disse Aberforth. – Alvo me disse o que era. Tenho tentado manter um olho em você.
Rony ofegou.
– A corça prateada! – exclamou. – Foi você também?
– Do que está falando? – perguntou Aberforth.
– Alguém mandou uma corça Patrono até nós!
– Com um cérebro desses, você poderia ser Comensal da Morte, filho. Não acabei de provar que o meu Patrono é um bode?
– Ah – disse Rony. – É... bem, estou com fome! – acrescentou justificandose, e sua barriga deu um enorme ronco.
– Tenho comida – disse Aberforth, e saiu da sala, reaparecendo momentos depois com uma grande fôrma de pão, queijo e uma jarra de metal com hidromel, que depositou em uma mesinha à frente da lareira. Famintos, eles comeram e beberam, e por algum tempo o silêncio foi quebrado apenas pelos estalidos do fogo na lareira, o tilintar de taças e o som de mastigação.
– Certo – disse Aberforth, quando eles terminaram de comer, e Harry e Rony se afundaram, sonolentos, nas poltronas. – Precisamos pensar na melhor maneira de tirá-los daqui. Não pode ser à noite, vocês ouviram o que acontece se alguém sai à rua depois do escurecer: dispara o Feitiço Miadura, e eles cairão sobre vocês como tronquilhos em ovos de fadas mordentes. Não acho que consiga passar um bode por um veado uma segunda vez. Esperem amanhecer, quando é suspenso o toque de recolher, então, podem tornar a vestir a capa e partir a pé. Saiam direto de Hogsmeade, subam a montanha e poderão desaparatar de lá. Talvez vejam Hagrid. Está escondido com Grope em uma caverna desde que tentaram prendê-lo.
– Não vamos embora – respondeu Harry. – Precisamos entrar em Hogwarts.
– Não seja idiota, moleque – disse Aberforth.
– Temos que entrar.
– O que têm de fazer – retorquiu Aberforth, inclinando-se para a frente – é ir para o mais longe que puderem.
– Você não está entendendo. O tempo é curto. Precisamos entrar no castelo. Dumbledore, quero dizer, o seu irmão, queria que nós...
A luz das chamas deixou as lentes sujas dos óculos do bruxo momentaneamente opacas, de um branco forte e chapado, e Harry se lembrou dos olhos cegos de Aragogue, a aranha gigantesca.
– Meu irmão Alvo queria muitas coisas, e as pessoas tinham o mau hábito de saírem feridas enquanto ele executava os seus planos grandiosos. Afaste-se da

escola, Potter, e saia do país, se puder. Esqueça o meu irmão e seus esquemas imaginosos. Ele foi para um lugar onde nada disso pode atingi-lo, e você não lhe deve nada.

– Você não está entendendo – repetiu Harry.

– Ah, será que não? – replicou Aberforth, mansamente. – Você acha que eu não compreendia o meu próprio irmão? Acha que conhecia Alvo melhor do que eu?

– Não foi isso que quis dizer – respondeu Harry, cujo cérebro estava lento de exaustão e excesso de comida e vinho. – É que... ele me deixou uma tarefa.

– Deixou, foi? Uma tarefa boa, espero? Agradável? Fácil? O tipo de coisa que se esperaria que um garoto bruxo ainda não qualificado pudesse realizar sem muito esforço?

Rony deu uma risada meio sem graça. Hermione demonstrava tensão.

– Eu... não é fácil, não – disse Harry. – Mas tenho que...

– Tem quê? Por que *tem* quê? Ele está morto, não está? – retorquiu Aberforth, com rispidez. – Deixe isso para lá, moleque, antes que você acabe indo se juntar a ele! Salve-se!

– Não posso.

– Por que não?

– Eu... – Harry sentiu-se desarmado; não podia explicar, então tomou a ofensiva. – Mas você também está lutando, você está na Ordem da Fênix...

– Estava. A Ordem da Fênix acabou. Você-Sabe-Quem venceu, tudo está terminado, e qualquer um que finja que é diferente está se enganando. Aqui nunca será seguro para você, Potter, ele quer muito você. Vá para o exterior, vá se esconder, salve-se. É melhor levar esses dois. – Ele indicou Rony e Hermione com o polegar. – Correrão perigo enquanto viverem, agora que todos sabem que estiveram trabalhando com você.

– Não posso ir embora. Tenho uma tarefa...

– Passe-a para outro!

– Não posso. Tem que ser eu, Dumbledore me explicou tudo...

– Ah, foi, é? E ele lhe contou tudo, foi honesto com você?

Harry queria de todo coração responder “sim”, mas, por alguma razão, essa palavra simples não chegava aos seus lábios. Aberforth parecia saber o que ele estava pensando.

– Eu conhecia meu irmão, Potter. Ele aprendeu a guardar segredo no colo de nossa mãe. Segredos e mentiras, foi assim que fomos criados, e Alvo... tinha um pendor natural.

O olhar do velho se desviou para o retrato da moça sobre o console da lareira. Era, agora que Harry olhava o ambiente com atenção, o único quadro pendurado.

Não havia fotografia de Alvo Dumbledore, nem de ninguém mais.
– Sr. Dumbledore? – perguntou Hermione, timidamente. – Essa é a sua irmã? Ariana?
– É – confirmou Aberforth, lacônico. – Andou lendo Rita Skeeter, mocinha?
Mesmo à luz rosada das chamas, ficou evidente que Hermione tinha corado.
– Elifas Doge mencionou-a para nós – disse Harry, tentando poupar Hermione.
– Aquele velho babão – murmurou Aberforth, tomando um gole do hidromel. – Achava que o sol irradiava de todos os orifícios do meu irmão, é o que ele achava. Bem, muita gente tinha a mesma opinião, vocês três inclusive, pelo que vejo.
Harry ficou calado. Não queria expressar as dúvidas e incertezas sobre Dumbledore que o vinham intrigando havia meses. Tinha feito a sua escolha enquanto cavava a sepultura de Dobby; tinha decidido continuar a seguir o caminho tortuoso e arriscado que Alvo Dumbledore lhe indicara, aceitar que o diretor não tinha lhe dito tudo que gostaria de saber e, simplesmente, confiar. Não desejava voltar a duvidar, não queria ouvir nada que o desviasse do seu intento. Ele enfrentou o olhar de Aberforth, tão impressionantemente igual ao do irmão: os olhos muito azuis davam a mesma impressão de estarem radiografando o objeto que examinavam, e Harry achou que Aberforth sabia o que ele estava pensando, e o desprezava por isso.
– O professor Dumbledore tinha afeição por Harry, muita mesmo – disse Hermione, em voz baixa.
– Tinha, é? – comentou Aberforth. – É engraçado o número de pessoas por quem meu irmão tinha grande afeição, e acabaram em situação pior do que se ele as tivesse deixado em paz.
– Como assim? – perguntou Hermione ofegante.
– Não se preocupe – respondeu o bruxo.
– Mas isso é uma afirmação muito grave! – replicou a garota. – O senhor... está se referindo à sua irmã?
Aberforth encarou-a sério: seus lábios se mexeram como se ele estivesse mastigando as palavras que refreava. Então desatou a falar.
– Quando minha irmã fez seis anos de idade, ela foi atacada fisicamente por três garotos trouxas. Eles a viram produzindo feitiços, quando a espionavam pela sebe que cercava o quintal: ela era pequena, não tinha controle sobre a magia, nessa idade nenhum bruxo tem. Imagino que o que viram os tenha apavorado. Eles se espremeram pela sebe e, quando ela não soube lhes mostrar o truque, exageraram ao tentar impedir a monstrinha de repeti-lo.
Os olhos de Hermione estavam enormes à luz das chamas: Rony parecia

ligeiramente nauseado. Aberforth se levantou, alto como Alvo e inesperadamente terrível em sua cólera e na intensidade de sua dor.

– O que eles fizeram destruiu Ariana: ela nunca mais voltou ao normal. Não queria usar a magia, mas tampouco conseguia se livrar dela: o seu poder voltou-se para dentro e a enlouqueceu, irrompia dela quando não conseguia controlá-lo, e por vezes ela se tornava estranha e perigosa. Mas a maior parte do tempo era meiga, assustada e inofensiva.

"E meu pai foi atrás dos filhos da mãe que tinham feito aquilo", continuou Aberforth, "e os atacou. Por isso o prenderam em Azkaban. Ele nunca se defendeu, porque, se o Ministério soubesse da condição de Ariana, ela teria sido recolhida ao St. Mungus para o resto da vida. Seria considerada uma séria ameaça ao Estatuto Internacional de Sigilo, desequilibrada como ficara, a magia explodindo de dentro dela sempre que não conseguia refreá-la.

"Tivemos que mantê-la a salvo e em silêncio. Mudamos de casa, espalhamos que era doentinha, e minha mãe cuidava dela e tentava mantê-la calma e feliz.

"*Eu* era o seu favorito." E, ao dizer isso, um encardido garoto de escola pareceu espiar através das rugas e da barba emaranhada de Aberforth. "Não era o Alvo, ele ficava sempre no quarto quando estava em casa, lendo seus livros e contando seus prêmios, mantendo em dia sua correspondência com 'os nomes mais notáveis da magia da época'", debochou Aberforth, "*ele* não queria se incomodar com a irmã. Ela gostava mais de mim. Eu conseguia convencê-la a comer quando não queria comer com a minha mãe, eu conseguia acalmá-la, se tinha um acesso de fúria, e, quando estava tranquila, costumava me ajudar a alimentar os bodes.

"Então, quando completou catorze anos... entendem, eu não estava em casa. Se estivesse, poderia tê-la acalmado. Ariana se descontrolou e minha mãe já não era tão jovem quanto antes e... foi um acidente. Ariana não pôde controlar. Matou minha mãe."

Harry sentiu uma horrível mistura de pena e repulsa; não queria ouvir mais nada, mas Aberforth continuou a falar e o garoto ficou imaginando quanto tempo decorrera desde a última vez em que ele tocara nesse assunto; se, de fato, algum dia tocara.

– Esse imprevisto pôs fim à viagem de Alvo com Doguinho ao redor do mundo. Os dois vieram a Godric's Hollow para os funerais de mamãe e, em seguida, Doge partiu sozinho e Alvo se acomodou no papel de chefe de família. Aah!

Aberforth cuspiu nas chamas.

– Eu teria cuidado de Ariana, e disse isso a ele, eu não fazia questão de frequentar a escola, teria ficado em casa. Ele me disse que eu tinha que terminar

minha educação, e *ele* assumiria as obrigações de minha mãe. Um certo revés para o sr. Gênio, pois não há prêmios por cuidar de uma irmã semilouca, para impedi-la de explodir a casa a cada dois dias. Mas ele se desincumbiu bem nas primeiras semanas... até a chegada dele.

Agora uma expressão realmente ameaçadora surgiu no rosto de Aberforth.

– Grindelwald. E, finalmente, meu irmão teve um *igual* com quem trocar ideias, alguém tão genial e talentoso quanto *ele*. E o cuidado com Ariana passou a um segundo plano, enquanto eles tramavam os seus planos para uma nova ordem em magia, procuravam *Relíquias* e faziam o que mais despertasse o seu interesse. Planos grandiosos para o benefício da bruxidade, e se uma jovem deixasse de receber atenção, que importância teria, quando Alvo Dumbledore estava trabalhando para *o bem maior*?

"Mas, depois de algumas semanas, eu dei um basta, dei mesmo. Já estava quase na hora de regressar a Hogwarts, então eu disse aos dois, cara a cara, como estou falando com vocês agora." E Aberforth olhou com superioridade para Harry, e não foi preciso muita imaginação para vê-lo adolescente, vigoroso e zangado, enfrentando o irmão mais velho. "Disse-lhe: é melhor desistir agora. Não pode tirá-la daqui, ela não tem condição, não pode levá-la com você, seja lá aonde quer que pretenda ir, quando estiver fazendo os seus discursos inteligentes, tentando conquistar admiradores. Ele não gostou." Os olhos de Aberforth foram brevemente ocultados pela luz das chamas nas lentes dos óculos: eles tornaram a parecer brancos e cegos. "Grindelwald não gostou de ouvir isso. Ficou irritado. Me disse que eu era um menino idiota, tentando barrar o seu caminho e do meu genial irmão... será que eu não *entendia*, minha pobre irmã não *precisaria* mais ser escondida depois que tivessem transformado o mundo, e tirado os bruxos da clandestinidade, e ensinado aos trouxas qual era o seu lugar?

"Então tivemos uma briga... e saquei a minha varinha, ele sacou a dele, e fui atingido por uma Maldição Cruciatus lançada pelo melhor amigo do meu irmão, e Alvo tentou impedi-lo e, de repente, nós três estávamos duelando, e os clarões e os estampidos assustaram Ariana, ela não os suportava..."

A cor foi sumindo do rosto de Aberforth como se ele tivesse recebido um ferimento mortal.

– ... e acho que ela quis ajudar, mas não sabia exatamente o que estava fazendo, e não sei qual de nós fez aquilo, poderia ter sido qualquer um de nós... e ela caiu morta.

Sua voz falhou ao dizer a última palavra, e ele se largou na poltrona mais próxima. O rosto de Hermione estava molhado de lágrimas e Rony estava quase tão pálido quanto Aberforth. Harry sentia apenas asco: desejou não ter ouvido

aquilo, desejou poder apagar tudo de sua mente.
– Estou tão... estou tão penalizada – sussurrou Hermione.
– Foi-se – disse Aberforth, com a voz embargada. – Foi-se para sempre.
Ele limpou o nariz no punho da camisa e pigarreou.
– É claro que Grindelwald deu o fora. Ele já tinha uma história pregressa em seu país e não queria que Ariana fosse acrescentada à sua folha. E Alvo ficou livre, não? Livre do encargo da irmã, livre para se tornar o maior bruxo da...
– Ele nunca se livrou – protestou Harry.
– Perdão? – disse Aberforth.
– Nunca. Na noite em que seu irmão morreu, ele bebeu uma poção que o deixou fora de si. Ele começou a gritar, suplicando a alguém que não estava presente. "*Não os machuque, não os machuque, por favor, por favor, a culpa é minha, machuque a mim...*"
Rony e Hermione estavam de olhos arregalados para Harry. Ele jamais entrara em detalhes sobre o que acontecera na ilha do lago, os fatos que se desenrolaram depois que ele e Dumbledore voltaram a Hogwarts tinham eclipsado completamente todo o resto.
– Ele estava revivendo o passado com você e Grindelwald, sei que estava – disse Harry, lembrando-se de Dumbledore choramingando, suplicando. – Pensou que estivesse vendo Grindelwald machucar você e Ariana... foi uma tortura para ele, se você tivesse presenciado, não afirmaria que ele se livrou.
Aberforth pareceu se perder na contemplação de suas mãos nodosas, de veias saltadas. Depois de uma longa pausa falou:
– Como pode ter certeza, Potter, de que o meu irmão não estava mais interessado no bem maior do que em você? Como pode ter certeza de que não é dispensável, exatamente como a minha irmã foi?
Uma ponta de gelo pareceu transpassar o coração de Harry.
– Não acredito. Dumbledore amava Harry – disse Hermione.
– Então, por que não lhe disse para se esconder? – retorquiu Aberforth. – Por que não lhe disse, cuide-se bem, eis como sobreviver?
– Porque – disse Harry, se antecipando a Hermione –, às vezes, a pessoa *tem* que pensar além da própria segurança! Às vezes, a pessoa *tem* que pensar no bem maior! Estamos em guerra!
– Você tem dezessete anos, moleque!
– Sou maior de idade, e vou continuar lutando mesmo que você já tenha desistido!
– Quem disse que eu desisti?
– "A Ordem da Fênix acabou" – repetiu Harry. – "Você-Sabe-Quem venceu, tudo está terminado, e qualquer um que finja que é diferente está se enganando."

– Não digo que gosto disso, mas é a verdade!
– Não, não é – contestou Harry. – Seu irmão sabia como liquidar Você-Sabe-Quem e passou esse conhecimento a mim, e vou continuar até conseguir isso ou morrer. Não pense que não sei como isso poderá acabar. Há anos que sei.
Ele esperou Aberforth caçoar ou argumentar, mas o bruxo não fez isso. Apenas franziu as sobrancelhas.
– Precisamos entrar em Hogwarts – repetiu Harry. – Se não pode nos ajudar, esperaremos o dia nascer, deixaremos você em paz e tentaremos encontrar um jeito sozinhos. Se você *puder*, bem, agora será um bom momento para nos dizer.
Aberforth permaneceu pregado em sua poltrona, fitando Harry com olhos extraordinariamente semelhantes aos do irmão. Por fim, pigarreou, levantou-se, deu a volta à mesinha e se aproximou do retrato de Ariana.
– Você sabe o que fazer – disse ele.
Ela sorriu, virou-se e saiu, não como normalmente fazem os bruxos nos retratos, pelas molduras laterais, mas por uma espécie de longo túnel pintado atrás dela. Os garotos observaram o seu vulto franzino se retirar e, finalmente, ser engolido pela escuridão.
– Ah... quê...? – começou Rony.
– Só existe um modo de entrar agora – disse Aberforth. – Vocês devem saber que bloquearam todas as antigas passagens secretas dos dois lados, há dementadores em torno de todos os muros divisórios, patrulhas regulares dentro da escola, segundo informaram minhas fontes. O lugar nunca esteve tão fortemente guardado. Como espera fazer alguma coisa, se conseguirem entrar, com Snape na direção e os Carrow como seus assistentes... bem, a preocupação é sua, não é? Você diz que está disposto a morrer.
– Mas quê...? – perguntou Hermione, franzindo a testa para o quadro de Ariana.
Um minúsculo ponto branco reaparecera no fim do túnel pintado, e agora Ariana retornava em direção à sala, aumentando de tamanho à medida que se aproximava. Mas havia outra pessoa em sua companhia, alguém mais alto, que vinha mancando com ar agitado. Seus cabelos estavam mais longos do que Harry jamais vira, parecia ter sofrido vários cortes no rosto, e suas roupas estavam rasgadas e puídas. Cada vez maiores se tornaram os dois vultos até suas cabeças e ombros ocuparem todo o quadro. Então, o conjunto girou para a frente na parede como uma portinhola, e surgiu a entrada de um túnel de verdade. E dele, com os cabelos demasiado crescidos, o rosto cortado, as vestes rasgadas, saiu, com dificuldade, um Neville Longbottom real, que soltou um urro de prazer, saltou do console e gritou:
– Eu sabia que você viria! *Eu sabia, Harry!*

— CAPÍTULO VINTE E NOVE —

O diadema perdido

– Neville... que... como...?

Mas Neville reconhecera Rony e Hermione e, com berros de alegria, abraçava-os também. Quanto mais Harry olhava o colega, pior ele lhe parecia: tinha um dos olhos inchado, amarelo e roxo, havia marcas fundas em seu rosto e sua aparência de desleixo sugeria que passara um mau bocado. Contudo, suas feições maltratadas irradiavam felicidade quando soltou Hermione e disse mais uma vez:

– Eu sabia que você viria! Sempre disse ao Simas que era uma questão de tempo!

– Neville, que aconteceu com você?

– Quê? Isso? – Ele menosprezou os ferimentos, sacudindo a cabeça. – Isto não é nada, Simas está pior. Você verá. Vamos andando, então? Ah – ele se virou para Aberforth –, Ab, talvez haja mais umas duas pessoas a caminho.

– Mais umas duas pessoas?! – exclamou Aberforth, em tom ameaçador. – Como assim, mais umas duas pessoas, Longbottom? Há um toque de recolher e um Feitiço Miadura sobre toda a aldeia!

– Eu sei, é por isso que elas estarão aparatando diretamente no bar – respondeu Neville. – Mande-as pela passagem quando chegarem, por favor? Muito obrigado.

Neville esticou a mão para Hermione e ajudou-a a subir no console, e dali para o túnel; Rony seguiu-a e depois Neville; Harry se dirigiu a Aberforth.

– Não sei como lhe agradecer. Você salvou duas vezes a nossa vida.

– Cuide bem delas, então – respondeu Aberforth, ríspido. – Talvez eu não possa salvá-las uma terceira.

Harry subiu no console e entrou no buraco atrás do retrato de Ariana. Havia degraus de pedra lisa do outro lado: a passagem parecia existir há muitos anos. Luminárias de latão pendiam das paredes e o piso de terra estava gasto e sem

asperezas; à medida que andavam, suas sombras ondulavam, abrindo-se em leque, pela parede.

– Há quanto tempo isso existe? – indagou Rony quando começaram a andar. – Não consta no mapa do maroto, consta, Harry? Pensei que só houvesse sete passagens para entrar e sair da escola, não?

– Eles lacraram todas aquelas antes de começar o ano letivo – respondeu Neville. – Não há a menor chance de se usar nenhuma delas, não com os feitiços que lançaram nas entradas e os Comensais da Morte e dementadores esperando nas saídas. – Ele começou a andar de costas, sorridente, absorvendo a presença dos amigos. – Mas deixa isso para lá... é verdade? Vocês arrombaram o Gringotes? Fugiram montados em um dragão? É o boato que corre, todo o mundo está comentando isso, Terêncio Boot foi espancado por Carrow por berrar isso no Salão Principal na hora do jantar!

– É, é verdade – confirmou Harry.

Neville riu com gosto.

– Que foi que vocês fizeram com o dragão?

– Soltamos no mato – disse Rony. – Hermione era a favor de adotá-lo como bicho de estimação...

– Não exagere, Rony...

– Mas que têm feito? As pessoas andaram dizendo que você estava apenas fugindo, Harry, mas acho que não. Acho que esteve armando alguma coisa.

– Você acertou, mas nos fale sobre Hogwarts, Neville, ficamos sem notícias.

– Tem estado... bem, realmente não parece mais Hogwarts – disse Neville, o sorriso desaparecendo do seu rosto. – Você ouviu falar dos Carrow?

– Os dois Comensais da Morte que estão ensinando aí?

– Eles fazem mais do que ensinar. São responsáveis por toda a disciplina. E gostam de castigar, os Carrow.

– Como a Umbridge?

– Nah, perto dos dois, ela é boazinha. Os outros professores têm ordem de nos mandar para eles quando fazemos alguma coisa errada. Mas não mandam, se puderem evitar. Dá para perceber que eles odeiam os dois tanto quanto nós.

“Amico, o cara, ensina o que costumava ser Defesa Contra as Artes das Trevas, só que agora é apenas Artes das Trevas. Temos que praticar a Maldição Cruciatus nos alunos que ganharam detenções...”

– *Quê?*

As vozes de Harry, Rony e Hermione ecoaram em uníssono pela passagem.

– Isso mesmo – confirmou Neville. – Foi assim que ganhei esse. – Ele apontou para um corte particularmente fundo na bochecha. – Eu me recusei a amaldiçoar. Mas tem gente interessada; Crabbe e Goyle adoram. Primeira vez

que são primeiros alunos em alguma coisa, imagino.
“Aleto, a irmã do Amico, ensina Estudo dos Trouxas, que é obrigatório para todos. Temos de ouvi-la explicar que os trouxas são animais, idiotas e porcos, e que obrigaram os bruxos a entrar na clandestinidade porque os tratavam com violência, e que a ordem natural está sendo restaurada. Recebi esse outro”, ele apontou mais um corte no rosto, “porque perguntei qual é a percentagem de sangue trouxa que ela e o irmão têm.”
– Caramba, Neville – exclamou Rony –, tem hora e lugar para se fazer gracinhas!
– Você não teve de ouvi-la. Também não teria aguentado. E tem uma coisa, faz bem quando alguém os enfrenta, dá esperança a todos. Eu observei isso quando você se rebelava, Harry.
– Mas eles transformaram você em afiador de facas – comentou Rony, fazendo uma leve careta quando passaram por uma luz e os ferimentos do garoto se sobressaíram mais.
Neville sacudiu os ombros.
– Não faz mal. Eles não querem derramar muito sangue puro, por isso podem até nos torturar um pouco se formos atrevidos, mas não irão realmente nos matar.
Harry não sabia o que era pior, as coisas que Neville estava contando ou o tom banal com que as contava.
– As únicas pessoas que correm perigo, de fato, são as que têm amigos e parentes criando problemas do lado de fora. Viram reféns. O velho Xeno Lovegood estava fazendo críticas fortes demais n’*O Pasquim*, então, eles arrancaram Luna do trem quando íamos passar o Natal em casa.
– Neville, ela está bem, nós a vimos.
– É, eu sei, ela conseguiu me mandar uma mensagem.
Ele tirou do bolso uma moeda dourada, e nela Harry reconheceu um dos galeões falsos que os membros da Armada de Dumbledore usavam para trocar mensagens entre si.
– Elas têm sido ótimas – disse Neville, sorrindo para Hermione. – Os Carrow nunca sacaram como nos comunicávamos, e ficaram enlouquecidos. Costumávamos sair escondidos à noite e rabiscar nas paredes: *Armada de Dumbledore: o recrutamento continua*, e outras coisas do gênero, o Snape odiava.
– Vocês *costumavam*? – perguntou Harry, que reparara no pretérito.
– Bem, com o tempo, foi ficando mais difícil. Perdemos Luna no Natal, Gina não voltou depois da Páscoa e nós três éramos os líderes, por assim dizer. Os Carrow perceberam que eu estava por trás de muitas dessas coisas, então

começaram a me pressionar; depois Miguel Corner foi pego soltando um aluno do primeiro ano que tinham acorrentado e foi barbaramente torturado. Isso apavorou as pessoas.

– Não é para menos – resmungou Rony, e nessa hora a passagem começou a subir.

– É, bem, eu não podia pedir às pessoas para suportar o que o Miguel suportou, então, paramos com esses lances. Mas continuamos a lutar, agindo às escondidas, até umas duas semanas atrás. Foi quando eles concluíram que só havia uma maneira de me fazer parar, suponho, e prenderam minha avó.

– Eles fizeram *o quê*?! – exclamaram Harry, Rony e Hermione juntos.

– É – disse Neville, ofegando um pouco porque a passagem estava se tornando muito inclinada. – Bem, dá para vocês entenderem o raciocínio deles. O sequestro de crianças para forçar os parentes a se comportarem tinha dado bons resultados, e suponho que seria apenas uma questão de tempo pensarem em fazer o contrário. Agora – Neville ficou de frente para eles e Harry se surpreendeu com o seu ar risonho –, com a vovó, eles deram uma dentada maior do que cabia na barriga. Uma bruxa velhota morando sozinha, provavelmente acharam que não era preciso mandar ninguém muito poderoso. Enfim – Neville deu uma gargalhada –, Dawlish ainda está no St. Mungus e, vovó, foragida. Ela me mandou uma carta – Neville bateu no bolso do peito das vestes – me dizendo que sentia orgulho de mim, que sou filho dos meus pais e que continue a resistir.

– Legal – disse Rony.

– É – concordou Neville, feliz. – Só tem que quando perceberam que não tinham como me pressionar, resolveram que Hogwarts poderia muito bem passar sem mim. Não sei se estavam planejando me matar ou me mandar para Azkaban; qualquer que fosse o caso, achei que era hora de desaparecer.

– Mas – perguntou Rony, inteiramente desconcertado – não estamos... não estamos voltando direto para Hogwarts?

– Claro. Você verá. Chegamos.

Eles viraram um canto e logo adiante a passagem terminava. Um pequeno lance de escada levava a uma porta igual a que havia atrás do retrato de Ariana. Neville abriu-a e galgou a escada. Quando o seguia, Harry ouviu o colega gritar para pessoas invisíveis:

– Vejam quem está aqui! Eu não disse a vocês?

Ao emergir da passagem para a sala além, ouviram-se gritos e aplausos...

– HARRY!

– É Potter, é POTTER!

– Rony!

– *Hermione!*

Harry teve uma impressão confusa de coisas coloridas penduradas, de candeeiros e muitos rostos. No momento seguinte, ele, Rony e Hermione foram engolfados, abraçados, receberam palmadas nas costas, tiveram os cabelos despenteados, as mãos apertadas, aparentemente por umas vinte pessoas: parecia que tinham ganhado uma final de quadribol.

– O.k., o.k., calma pessoal! – gritou Neville e, quando o amontoado de gente recuou, Harry pôde observar o ambiente.

Não reconheceu a sala. Era enorme e lembrava o interior de uma casa de árvore particularmente suntuosa, ou talvez uma gigantesca cabine de navio. Redes multicoloridas pendiam do teto e de uma galeria que rodeava o cômodo cujas paredes sem janelas eram revestidas de painéis de madeira escura, cobertas de tapeçarias de cores vibrantes. Harry viu o leão dourado da Grifinória sobre o fundo vermelho, o texugo negro da Lufa-Lufa sobre o amarelo e a águia bronze da Corvinal sobre o azul. Só estava ausente o verde e prata da Sonserina. Havia estantes superlotadas, algumas vassouras encostadas nas paredes e, a um canto, um grande rádio com caixa de madeira.

– Onde estamos?

– Na Sala Precisa, é claro! – respondeu Neville. – Desta vez ela foi demais, não? Os Carrow estavam me perseguindo, e eu sabia que só tinha um esconderijo possível: consegui passar pela porta e foi isso que encontrei! Bem, não estava exatamente assim quando cheguei, era bem menor, só tinha uma rede e tapeçarias da Grifinória. Mas se expandiu à medida que mais gente da Armada de Dumbledore foi chegando.

– E os Carrow não podem entrar? – perguntou Harry, olhando ao redor à procura da porta.

– Não – respondeu Simas Finnigan, que Harry não reconhecera até ouvir sua voz: o rosto do colega estava inchado e roxo. – É um esconderijo de verdade, desde que um de nós esteja sempre presente, eles não podem nos surpreender, a porta não se abrirá. É tudo obra do Neville. Ele realmente *saca* essa sala. Você tem que pedir *exatamente* o que precisa... tipo "Não quero que nenhum seguidor dos Carrow possa entrar", e a sala fará isso! Você só tem que garantir que não deixou nenhum furo! Neville é o cara!

– Na realidade, não tem mistério – disse Neville, modestamente. – Eu já estava aqui fazia um dia e meio, louco de fome, desejei arranjar o que comer e a passagem para o Cabeça de Javali se abriu. Entrei por ela e deparei com Aberforth. Ele tem nos fornecido comida, porque, por alguma razão, essa é a única coisa que a sala não faz.

– É, bem, comida é uma das cinco exceções da Lei de Gamp sobre a Transfiguração Elementar – afirmou Rony, para surpresa geral.

– E assim estamos nos escondendo aqui há quase duas semanas – informou Simas –, e a sala acrescenta mais redes toda vez que precisamos, e até fez brotar um banheiro muito bom quando as garotas começaram a chegar...
– ... foi quando desejaram muito poder se lavar – acrescentou Lilá Brown, que Harry não havia notado até aquele momento. Agora que reparava melhor o ambiente, reconheceu os rostos de muitos colegas. As gêmeas Patil estavam ali, bem como Terêncio Boot, Ernesto Macmillan, Antônio Goldstein e Miguel Corner.
– Mas contem o que vocês andaram fazendo – pediu Ernesto –; são muitos os boatos que correm e temos procurado nos manter informados sobre vocês pelo *Observatório Potter*. – Ele apontou para o rádio. – Vocês não arrombaram o Gringotes?
– Arrombaram! – confirmou Neville. – E o dragão também é verdade!
Ouviram-se breves aplausos e alguns gritos; Rony fez uma reverência.
– Que estavam procurando? – perguntou Simas, ansioso.
Antes que alguém pudesse desviar a pergunta com outra, Harry sentiu uma dor terrível e causticante na cicatriz. Ao se virar rapidamente de costas para os rostos curiosos e extasiados, a Sala Precisa desapareceu, e ele se viu parado no interior de um casebre de pedra, em ruínas, as tábuas podres do soalho arrancadas aos seus pés, uma caixa de ouro desenterrada aberta e vazia ao lado de um buraco, e o berro de fúria de Voldemort vibrou em sua cabeça.
Com enorme esforço, ele se retirou da mente de Voldemort e voltou ao lugar em que estava, na Sala Precisa, oscilando, o suor porejando em seu rosto e Rony sustentando-o em pé.
– Você está bem, Harry? – Ele ouviu Neville perguntar. – Quer se sentar? Imagino que esteja cansado, não...?
– Não – respondeu Harry. Ele olhou para Rony e Hermione, tentando lhes comunicar, mudamente, que Voldemort acabara de descobrir a perda de uma de suas Horcruxes. O tempo estava se esgotando depressa: se Voldemort decidisse visitar Hogwarts em seguida, eles perderiam sua oportunidade.
"Temos que ir andando", falou, e as expressões dos colegas revelaram compreensão.
– Que vamos fazer, então, Harry? – perguntou Simas. – Qual é o plano?
– Plano? – repetiu Harry. Ele estava exercendo toda a sua força de vontade para não se deixar sucumbir à fúria de Voldemort: sua cicatriz continuava a queimar. – Bem, tem uma coisa que nós, Rony, Hermione e eu, precisamos fazer, e depois temos que sair daqui.
Ninguém mais estava rindo nem aplaudindo. Neville pareceu aturdido.
– Como assim "sair daqui"?

– Não viemos para ficar – respondeu Harry, esfregando a cicatriz, tentando suavizar a dor. – Tem uma coisa importante que precisamos fazer...
– Que é?
– Eu... eu não posso dizer.
Seguiram-se murmúrios de desagrado a essa notícia: as sobrancelhas de Neville se contraíram.
– Por que não pode nos dizer? É alguma coisa ligada à luta contra Você-Sabe-Quem, certo?
– Bem, é...
– Então nós o ajudaremos.
Os outros membros da Armada de Dumbledore assentiram, alguns entusiasticamente, outros solenemente. Uns dois se levantaram de suas cadeiras para demonstrar sua disposição de agir imediatamente.
– Você não está entendendo. – Pareceu-lhe ter repetido aquilo muitas vezes nas últimas horas. – Nós... nós não podemos dizer. Temos que fazer isso... sozinhos.
– Por quê? – perguntou Neville.
– Porque... – Em seu desespero para começar a procurar a Horcrux restante, ou, pelo menos, ter uma conversa particular com Rony e Hermione para decidir por onde começar a busca, Harry teve dificuldade em pensar. Sua cicatriz ainda queimava. – Dumbledore nos encarregou de uma tarefa, que não devíamos comentar... quer dizer, ele queria que a fizéssemos, só nós três.
– Nós somos a Armada dele – insistiu Neville. – A Armada de Dumbledore. Estivemos todos unidos nisso, temos continuado a resistir enquanto vocês três estiveram lá fora sozinhos...
– Não tem sido exatamente um piquenique, colega – disse Rony.
– Eu nunca disse que foi, mas não vejo por que não podem confiar na gente. Todos nesta Sala estiveram lutando e acabaram aqui porque estavam sendo caçados pelos Carrow. Todos aqui provaram sua lealdade a Dumbledore, lealdade a você.
– Escute – começou Harry, sem saber o que ia dizer, mas não importava: a porta do túnel acabara de abrir às suas costas.
– Recebemos sua mensagem, Neville! Olá, vocês três, achamos que deviam estar aqui!
Eram Luna e Dino. Simas deu um urro de prazer e correu a abraçar o seu melhor amigo.
– Oi, pessoal! – cumprimentou Luna, feliz. – Ah, que ótimo estar aqui de novo!
– Luna – disse Harry, perturbado –, que está fazendo aqui? Como foi...?

– Pedi a ela para vir – respondeu Neville, mostrando o galeão falso. – Prometi a ela e a Gina que, se você voltasse, eu avisaria. Todos pensamos que a sua volta significaria realmente uma revolução. Que íamos derrubar Snape e os Carrow.

– Claro que é isso que significa – confirmou Luna, animada. – Não é, Harry? Vamos expulsá-los de Hogwarts à força?

– Escutem – disse Harry, com uma crescente sensação de pânico. – Sinto muito, mas não foi para isso que voltamos. Tem uma coisa que precisamos fazer e depois...

– Vocês vão nos deixar nessa confusão? – quis saber Miguel Corner.

– Não! – protestou Rony. – O que estamos fazendo vai acabar beneficiando todo mundo, estamos tentando nos livrar de Você-Sabe-Quem...

– Então nos deixe ajudar! – exclamou Neville, irritado. – Queremos participar!

Houve novo ruído atrás deles, e Harry se virou. Seu coração pareceu parar: Gina vinha agora passando pelo buraco na parede, seguida de perto por Fred, Jorge e Lino Jordan. Gina deu a Harry um sorriso radiante: ele tinha esquecido ou, então, nunca apreciara realmente como era bonita, mas nunca sentira menos satisfação em vê-la.

– Aberforth está ficando meio rabugento – comentou Fred, acenando em resposta aos vários gritos de saudação. – Ele quer dormir, e aquilo virou uma estação de trem.

O queixo de Harry caiu. Logo atrás de Lino Jordan vinha sua antiga namorada, Cho Chang. Ela sorriu.

– Recebi a mensagem – disse ela, erguendo o seu galeão falso, e atravessou a sala para se sentar ao lado de Miguel Corner.

– Então, qual é o plano, Harry? – perguntou Jorge.

– Não há nenhum – respondeu Harry, ainda desorientado pela repentina aparição de tanta gente, incapaz de apreender tudo aquilo, enquanto sua cicatriz continuava a queimar barbaramente.

– Vai improvisar à medida que formos indo, é isso? É o que mais gosto – comentou Fred.

– Você tem que fazer isso parar! – disse Harry a Neville. – Para que chamou todos de volta? Isto é uma insanidade...

– Vamos lutar, não é? – perguntou Dino, tirando do bolso o galeão falso. – A mensagem dizia que Harry tinha voltado e que íamos lutar! Mas vou precisar de uma varinha...

– Você não tem *varinha*...? – começou Simas.

Rony virou-se subitamente para Harry.

– Por que eles não podem ajudar?

– Quê?
– Eles podem ajudar. – Ele baixou a voz para que ninguém mais pudesse ouvir, exceto Hermione, que estava entre os dois. – Não sabemos onde a coisa está. Precisamos encontrá-la depressa. Não temos que dizer a eles que é uma Horcrux.
Harry olhou de Rony para Hermione, que murmurou:
– Acho que Rony tem razão. Nem sabemos o que estamos procurando, precisamos deles. – E, ao ver que Harry parecia em dúvida: – Você não tem que fazer tudo sozinho.
O garoto pensou depressa, sua cicatriz ainda formigando, seu coração ameaçando rachar outra vez. Dumbledore o alertara para não falar sobre as Horcruxes a quem quer que fosse, exceto Rony e Hermione. *“Segredos e mentiras, foi assim que fomos criados, e Alvo... tinha um pendor natural...”* Estaria virando um Dumbledore, guardando os segredos só para si, com medo de confiar? Mas Dumbledore confiara em Snape, e a que isso levara? À morte no topo da torre mais alta...
– Está bem – disse, em voz baixa, para os dois. – O.k. – dirigiu-se aos que estavam na sala, e todo o barulho cessou. Fred e Jorge que contavam piadas para divertimento dos que estavam mais próximos se calaram, e todos olharam atentos, nervosos.
“Tem uma coisa que precisamos encontrar”, começou Harry. “Uma coisa... uma coisa que nos ajudará a derrubar Você-Sabe-Quem. Está aqui em Hogwarts, mas não sabemos onde. Talvez tenha pertencido a Ravenclaw. Alguém já ouviu falar de um objeto assim? Alguém já topou com algum objeto com uma águia gravada, por exemplo?”
Ele olhou esperançoso para o pequeno grupo de alunos da Corvinal, para Padma, Miguel, Terêncio e Cho, mas foi Luna quem respondeu, empoleirada no braço da poltrona de Gina.
– Bem, tem o diadema perdido. Falei dele para você, lembra, Harry? O diadema perdido de Ravenclaw? Papai está tentando duplicar.
– É, mas o diadema perdido – comentou Miguel Corner, virando os olhos para o teto – está *perdido*, Luna. Essa é justamente a questão.
– Quando foi perdido? – perguntou Harry.
– Dizem que há séculos – informou Cho, e Harry sentiu desânimo. – O professor Flitwick diz que o diadema desapareceu com a própria Ravenclaw. As pessoas têm procurado, mas – e ela apelou para os colegas da Casa – ninguém encontrou o menor vestígio, não foi?
Todos sacudiram a cabeça confirmando.
– Desculpem, mas o que é um diadema? – perguntou Rony.

– É uma espécie de coroa – explicou Terêncio Boot. – Acreditava-se que o da Ravenclaw tinha propriedades mágicas, ampliava a sabedoria de quem o usava.
– Isso, os sifões dos zonzóbulos do papai...
Mas Harry interrompeu Luna.
– E nenhum de vocês nunca viu nada parecido?
Todos tornaram a sacudir a cabeça. Harry olhou para Rony e Hermione e viu o próprio desapontamento espelhado no rosto deles. Um objeto que se perdera havia tanto tempo, e aparentemente sem deixar vestígio, não parecia um bom candidato a Horcrux escondida no castelo, porém, Cho retomou a palavra.
– Se você quiser ver que aparência acreditam ter o diadema, eu posso levá-lo à nossa sala comunal e lhe mostrar, Harry. Ravenclaw foi esculpida usando-o.
A cicatriz de Harry queimou outra vez: por um momento a Sala Precisa flutuou à sua frente, e em seu lugar ele viu a terra escura deslizando sob os pés e sentiu a enorme cobra enrolada em seus ombros. Voldemort estava voando outra vez, fosse para o lago subterrâneo fosse para ali, para o castelo, ele ignorava, mas tanto fazia, quase não restava tempo.
– Ele está viajando – disse, em voz baixa, para Rony e Hermione. Harry olhou para Cho e tornou a olhar para os amigos. – Escutem, sei que não é uma grande pista, mas vou dar uma espiada na estátua, para saber ao menos que aparência tem o diadema. Me esperem aqui e segurem, sabem... a outra... bem segura.
Cho se erguera, mas Gina disse meio agressiva.
– Não, Luna levará o Harry, fará isso, não, Luna?
– Aaah, claro, com todo prazer – respondeu ela, alegremente, e Cho tornou a se sentar, desapontada.
– Como saímos? – perguntou Harry a Neville.
– Por aqui.
Ele levou Harry e Luna para um canto, onde um pequeno armário se abria para uma escada íngreme.
– Surge a cada dia em um lugar diferente, por isso, nunca conseguiram encontrá-la. O único problema é que nós nunca sabemos exatamente onde vamos parar quando saímos. Cuidado, Harry, há sempre patrulhas nos corredores à noite.
– Tudo bem. Vemos vocês daqui a pouco.
Ele e Luna subiram correndo a escada, que era longa, iluminada por archotes e fazia curvas inesperadas. Por fim, chegaram ao que lhes pareceu uma parede maciça.
– Entre aqui embaixo – disse Harry a Luna, apanhando a Capa da Invisibilidade e atirando-a sobre os dois. Deu, então, um empurrãozinho na parede.

Ela se dissolveu ao seu toque e os dois saíram depressa: Harry olhou para trás e viu que a parede tornara a se fechar imediatamente. Achavam-se em um corredor escuro; Harry puxou Luna de volta às sombras, procurou na bolsa pendurada ao seu pescoço e encontrou o mapa do maroto. Segurando-o junto ao nariz, procurou e localizou os pontinhos dele e de Luna.

– Estamos no quinto andar – sussurrou, observando Filch se afastar deles, um corredor à frente. – Vamos, é por aqui.

Saíram, então, andando furtivamente.

Harry rondara à noite pelo castelo muitas vezes, mas nunca seu coração batera tão rápido, nunca tanta coisa dependera de passar ileso por esses corredores. Atravessando quadrados de luar no piso, passando por armaduras cujos elmos rangiam ao som dos seus passos abafados, dobrando quinas sem saber o que encontrariam do outro lado, Harry e Luna prosseguiram, verificando o mapa do maroto sempre que havia luz suficiente, parando duas vezes para deixar um fantasma passar sem atrair sua atenção para eles. Ele esperava encontrar um obstáculo a qualquer momento; seu maior receio era o Pirraça, e apurava os ouvidos a cada passo para identificar os primeiros sinais da aproximação do poltergeist.

– Por aqui, Harry – sussurrou Luna, puxando a manga dele em direção a uma escada circular.

Subiram em círculos apertados e estonteantes; Harry nunca estivera ali antes. Finalmente, chegaram a uma porta. Não tinha maçaneta nem fechadura: nada, exceto uma tábua lisa de madeira envelhecida e uma aldraba de bronze em forma de águia.

Luna esticou a mão pálida, que parecia a de um fantasma flutuando no ar, desligada de braço ou corpo. Ela bateu uma vez, e, no silêncio, a batida pareceu a Harry um tiro de canhão. Imediatamente, o bico da águia se abriu, mas, em vez do grito do pássaro, uma voz suave e musical perguntou:

– O que veio primeiro, a fênix ou a chama?

– Humm... que acha, Harry? – perguntou Luna, pensativa.

– Quê? Não tem uma senha?

– Ah, não, você tem que responder a uma pergunta.

– E se você errar?

– Bem, aí terá que esperar até alguém acertar – disse Luna. – Assim, você aprende, entende?

– É... o problema é que não podemos realmente nos dar o luxo de esperar por mais ninguém, Luna.

– Não, entendo o que você quer dizer – respondeu Luna, séria. – Bem, então, acho que a resposta é que um círculo não tem princípio.

– Bem pensado – disse a voz, e a porta se abriu.
A deserta sala comunal da Corvinal era ampla e circular, mais arejada do que qualquer outra que Harry já vira em Hogwarts. Graciosas janelas em arco pontuavam as paredes, ladeadas por reposteiros de seda azul e bronze; de dia, os alunos deviam ter uma vista espetacular das montanhas ao redor. O teto era abobadado e pintado com estrelas que se repetiam também no carpete azul-escuro. Havia mesas, poltronas e estantes e, em um nicho na parede oposta à porta, uma alta estátua de mármore branco.
Harry reconheceu Rowena Ravenclaw pelo busto que vira na casa de Luna. A estátua se erguia ao lado de uma porta que provavelmente levava aos dormitórios no andar de cima. Harry se dirigiu à mulher de mármore, que pareceu fitá-lo com um meio sorriso intrigado no rosto belo, mas levemente intimidante. Um diadema de aspecto delicado fora reproduzido, em mármore, no topo de sua cabeça. Não era muito diferente da tiara que Fleur usara em seu casamento. Nesta havia dizeres mínimos gravados. Harry saiu de baixo da capa e subiu no pedestal de Ravenclaw para lê-las.
– *“O espírito sem limites é o maior tesouro do homem.”*
– O que faz de você um pobre de espírito – disse uma voz aguda.
Harry virou-se, e deslizou do pedestal para o chão. O vulto de ombros caídos de Aleto Carrow estava parado ali; no mesmo instante em que Harry erguia a varinha, ela pressionou com o dedo curto o crânio com a serpente, marcado a fogo em seu braço.

— CAPÍTULO TRINTA—

A demissão de Severo Snape

No momento em que o dedo de Aleto tocou a Marca, a cicatriz de Harry queimou violentamente, a sala estrelada sumiu de vista, ele se viu parado em um afloramento rochoso sob um penhasco, o mar quebrava em ondas ao seu redor e havia triunfo em seu coração: *eles pegaram o garoto.*

Um forte estampido trouxe-o de volta à sala: desorientado, ele ergueu a varinha, mas a bruxa já estava caindo para frente; bateu no chão com tanta força que o vidro nas portas das estantes retiniu.

– Nunca estuporei ninguém exceto nas aulas da Armada de Dumbledore – comentou Luna, em tom levemente interessado. – Fez mais barulho do que imaginei que faria.

E sem dúvida, o teto começara a estremecer. O eco de passos correndo se tornou mais ruidoso por trás da porta que conduzia aos dormitórios: o feitiço de Luna acordara os alunos que dormiam no andar acima.

– Luna, onde você está? Preciso vestir a capa!

Os pés de Luna apareceram do nada; Harry correu para o seu lado e deixou a Capa cair sobre eles no momento em que a porta abriu e uma torrente de alunos da Corvinal, todos em roupas de dormir, inundou a sala comunal. Ouviram-se exclamações e gritinhos de surpresa quando viram Aleto caída no chão, inconsciente. Lentamente, eles a rodearam, uma fera selvagem que poderia despertar a qualquer momento e atacá-los. Então, um corajoso garoto do primeiro ano se aproximou ligeiro e cutucou o traseiro dela com o dedão do pé.

– Vai ver ela está morta! – exclamou, encantado.

– Ah, olhe – sussurrou Luna, feliz, quando os colegas se amontoaram em volta de Aleto. – Eles estão satisfeitos!

– É... ótimo...

Harry fechou os olhos, e, quando sua cicatriz tornou a latejar, ele resolveu submergir mais uma vez na mente de Voldemort... estava caminhando ao longo

do túnel na primeira caverna... decidira verificar o medalhão antes de vir... mas isso não levaria muito tempo...

Houve uma batida na porta da sala comunal e todos os alunos da Casa pararam. Do lado de fora, Harry ouviu a suave voz musical que saía da aldraba em forma de águia: “Para onde vão os objetos desaparecidos?”

– Sei lá, sei? Cala a boca! – rosnou uma voz grosseira que Harry identificou como a do irmão Carrow, Amico. – Aleto? *Aleto?* Você está aí? Agarrou-o? Abra a porta!

Os alunos da Corvinal cochicharam entre si, aterrorizados. Então, sem aviso, ouviram uma série de fortes estampidos como se alguém estivesse atirando na porta com uma arma.

– *ALETO!* Se ele vier e não tivermos agarrado o Potter... você quer acabar do mesmo jeito que os Malfoy? ME RESPONDA! – Amico berrou, sacudindo a porta com toda a força, mas, ainda assim, ela não abriu. Os alunos estavam todos recuando, e os mais apavorados começaram a subir rapidamente a escada para suas camas. Então, no momento em que Harry se perguntava se não seria melhor explodir a porta e estuporar Amico antes que o Comensal da Morte pudesse fazer mais alguma coisa, uma segunda voz, muito conhecida, ecoou do outro lado da porta.

– Posso lhe perguntar o que está fazendo, professor Carrow?

– Tentando... passar... por essa maldita... porta! – gritou Amico. – Vá buscar Flitwick! Faça-o abrir esta porta, já!

– Mas sua irmã não está aí dentro? – perguntou a professora McGonagall. – O professor Flitwick não a deixou entrar mais cedo esta noite, a seu pedido urgente? Quem sabe ela mesma possa abrir a porta para o senhor? Assim, não precisará acordar metade do castelo.

– Ela não está respondendo, sua trapeira velha! Abra *você* então! Pô! Abra, já!

– Certamente, se o senhor quiser – respondeu a professora McGonagall, com terrível frieza. Ouviu-se uma delicada batida na aldraba e a voz musical perguntou mais uma vez: “Para onde vão os objetos desaparecidos?”

– Para o não ser, ou seja, o todo – respondeu a professora McGonagall.

– Bem fraseado – replicou a aldraba, e a porta se abriu.

Os poucos alunos da Corvinal que ainda restavam na sala correram para a escada quando Amico arremessou-se pelo portal brandindo a varinha. Curvado como a irmã, tinha uma cara pálida e flácida e olhos miúdos, que recaíram imediatamente sobre Aleto, esparramada e imóvel no chão. Ele soltou um berro de fúria e medo.

– Que foi que eles fizeram, esses pestinhas? – gritou. – Vou torturar todos até denunciarem quem fez isso... e o que vai dizer o Lorde das Trevas? – guinchou

ele, em pé junto à irmã, socando a testa com o punho. – Não agarramos ele, e ainda por cima a mataram!

– Ela está apenas estuporada – disse, impaciente, a professora McGonagall, que se abaixara para examinar Aleto. – Ficará perfeitamente bem.

– Uma ova que ficará! – berrou Amico. – Não depois que o Lorde das Trevas a pegar! Ela o chamou, senti a minha marca queimar, e ele acha que agarramos Potter!

– Agarrou Potter? – perguntou a professora McGonagall com rispidez. – Como assim “agarrou Potter”?

– Ele disse que Potter podia tentar entrar na Torre da Corvinal e que queria ser avisado se a gente o pegasse.

– E por que Potter tentaria entrar na Torre da Corvinal? Potter pertence à minha Casa!

Por baixo da incredulidade e raiva, Harry percebeu um quê de orgulho na voz da professora, e a afeição por Minerva McGonagall jorrou em seu íntimo.

– Nos informaram que ele poderia vir aqui! – respondeu Carrow. – Não sei por quê, sei?

A professora McGonagall se levantou e seus olhos pequenos e brilhantes esquadrinharam a sala. Duas vezes passaram pelo lugar onde estavam Harry e Luna.

– Podemos lançar a culpa nos garotos – disse Amico, seu rosto porcino repentinamente ardiloso. – É, é o que vamos fazer. Diremos que Aleto caiu em uma armadilha preparada pelos garotos, os garotos aí em cima – ele olhou para o teto estrelado em direção aos dormitórios –, e diremos que eles a obrigaram a apertar a Marca e foi por isso que ele recebeu um falso alarme... ele pode puni-los. Meia dúzia de garotos a mais ou a menos, que diferença faz?

– Apenas a diferença entre a verdade e a mentira, a coragem e a covardia – disse a professora McGonagall, empalidecendo –; em suma, uma diferença que você e sua irmã parecem incapazes de apreciar. Mas me permita deixar uma coisa bem clara. Você não vai culpar os alunos de Hogwarts por sua inépcia. Eu não permitirei.

– Desculpe?

Amico se adiantou até ficar ofensivamente perto da professora, seu rosto a centímetros do dela. McGonagall não recuou, olhou-o com superioridade, como se ele fosse uma coisa nojenta que ela encontrara grudada na tampa do vaso sanitário.

– Não entra em questão se *você* permitirá, Minerva McGonagall. Seu tempo acabou. Nós é que mandamos aqui agora, e ou você confirma o que eu disser, ou irá me pagar.

E ele cuspiu na cara de Minerva.
Harry arrancou a capa, ergueu a varinha e disse:
– Você não devia ter feito isso.
E quando Amico se virou, o garoto gritou:
– *Crucio!*
O Comensal da Morte foi erguido do chão. Contorceu-se no ar como um homem se afogando, debatendo-se e uivando de dor e então, com um baque e o ruído de vidro estilhaçando, bateu contra as portas da estante e desmontou, sem sentidos, no chão.
– Entendi o que Belatriz quis dizer – disse Harry, o sangue ribombando em seu cérebro –, “é preciso *querer* usá-la”.
– Potter! – sussurrou a professora McGonagall, levando a mão ao peito. – Potter... você está aqui! Quê...? Como...? – Ela fez força para se controlar. – Potter, que tolice!
– Ele cuspiu na senhora.
– Potter, eu... isso foi muito... muito *galante* de sua parte... mas você não percebe...?
– Percebo, sim – Harry lhe assegurou. De alguma forma, o medo dela o tranquilizou. – Professora McGonagall, Voldemort está a caminho.
– Ah, já podemos dizer o nome dele? – perguntou Luna com ar interessado, despindo a Capa da Invisibilidade. A aparição de um segundo proscrito pareceu transtornar a professora, que recuou, vacilante, e caiu em uma cadeira próxima, segurando a gola de seu velho robe de tecido escocês.
– Acho que não faz a menor diferença o nome que o chamarmos – disse Harry a Luna –, ele já sabe onde estou.
Em uma parte distante do cérebro de Harry, a parte ligada à cicatriz que ardia furiosamente, ele viu Voldemort navegando veloz sobre o lago escuro no fantasmagórico barco verde... estava quase chegando à ilha onde se achava a bacia de pedra...
– Você tem que fugir – sussurrou a professora McGonagall. – Agora, Potter, o mais rápido que puder!
– Não posso. Tem uma coisa que preciso fazer. Professora, a senhora sabe onde está o diadema de Rowena Ravenclaw?
– O d-diadema de Ravenclaw? Claro que não... não está perdido há séculos? – Ela se empertigou na poltrona. – Potter, foi loucura, absoluta loucura, entrar no castelo...
– Fui obrigado. Professora, há uma coisa escondida aqui que tenho de encontrar, e *poderia* ser o diadema... preciso... se eu pudesse ao menos falar com o professor Flitwick...

Ouviram, então, um movimento de vidro tilintando: Amico estava voltando a si. Antes que Harry e Luna pudessem agir, a professora se pôs de pé, apontou a varinha para o Comensal da Morte estonteado e ordenou:

– *Imperio!*

Amico se levantou, foi até onde estava a irmã, apanhou sua varinha, voltou em direção à professora e, obediente, lhe entregou as duas varinhas: a sua e a dela. Depois se deitou no chão ao lado de Aleto. McGonagall fez outro gesto com a varinha, e apareceu no ar um pedaço de corda tremeluzente, que espiralou em torno dos Carrow, amarrando-os, juntos, com firmeza.

– Potter – disse a professora, virando-se para ele com soberba indiferença ao problema dos dois irmãos –, se Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tiver certeza que você está aqui...

Quando McGonagall disse isso, uma cólera que semelhava a uma dor física perpassou Harry, ateando fogo à sua cicatriz, e, por um segundo, ele contemplou a bacia cuja poção se tornara transparente e viu que não havia medalhão algum guardado sob sua superfície...

– Potter, você está bem? – disse uma voz, e Harry voltou: estava segurando o ombro de Luna para não cair.

– O tempo está se esgotando, Voldemort está se aproximando. Professora, estou cumprindo ordens de Dumbledore, preciso encontrar o que ele queria que eu encontrasse! Mas temos que fazer os alunos saírem enquanto estivermos vasculhando o castelo: sou eu que Voldemort quer, mas tanto faz para ele matar mais ou menos gente, não agora... – *Não agora que ele sabe que estou atacando Horcruxes*, Harry completou a frase mentalmente

– Você está cumprindo ordens de *Dumbledore*? – indagou ela com uma expressão de crescente assombro. Então aprumou-se ao máximo. – Vamos proteger a escola contra Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado enquanto você procura esse... esse objeto.

– É possível?

– Acho que sim – disse ela, secamente. – Nós, professores, somos muito bons em magia, sabe. Tenho certeza de que poderemos mantê-lo a distância por algum tempo, se empenharmos nisso os nossos melhores esforços. Naturalmente, teremos que fazer alguma coisa a respeito do professor Snape...

– Me deixe...

– ... e se Hogwarts está prestes a ser sitiada, com o Lorde das Trevas às portas, seria de fato aconselhável tirar do caminho o maior número possível de pessoas inocentes. Com a Rede de Flu sob vigilância e a impossibilidade de aparatar...

– Tem um jeito – disse Harry depressa, e explicou sobre a passagem que levava ao Cabeça de Javali.

– Potter, estamos falando de centenas de alunos...
– Eu sei, professora, mas se Voldemort e os Comensais da Morte estiverem se concentrando nas divisas da escola, não irão se interessar por gente desaparatando no Cabeça de Javali.
– Você não deixa de ter razão – concordou McGonagall. Ela apontou a varinha para os Carrow e sobre seus corpos amarrados caiu uma rede prateada que se fechou em torno deles e os ergueu no ar, onde ficaram balançando sob o teto azul e ouro, como dois grandes e feios animais marinhos.
– Venha. Temos que alertar os outros diretores de Casas. É melhor vestir a capa.
Ela saiu em direção à porta ao mesmo tempo que erguia a varinha. Da ponta, irromperam gatos prateados com marcas de óculos em torno dos olhos. Os Patronos correram graciosamente à sua frente, enchendo a escada em espiral de luzes prateadas, quando a professora, Harry e Luna desceram apressados.
Eles se precipitaram ao longo dos corredores, e, um a um, os Patronos foram abandonandoos; o robe de tecido escocês da professora McGonagall farfalhava arrastando pelo chão, e Harry e Luna a seguiam, correndo, cobertos pela capa.
Tinham descido mais dois andares quando passos abafados se juntaram aos deles. Harry, cuja cicatriz continuava a formigar, ouviu-os primeiro: apalpou a bolsa pendurada ao pescoço à procura do mapa do maroto, mas, antes que pudesse tirá-lo, McGonagall também pareceu tomar consciência do acompanhante. Ela parou, ergueu a varinha, preparando-se para duelar e perguntou:
– Quem está aí?
– Sou eu – disse uma voz baixa.
Detrás de uma armadura, saiu Severo Snape.
O ódio ferveu no peito de Harry ao vê-lo: tinha esquecido os detalhes da aparência de Snape diante da magnitude dos seus crimes, esquecido como seus cabelos negros e oleosos caíam como cortinas dos lados do seu rosto magro, como seus olhos negros tinham uma expressão fria e sem vida. Não estava de roupas de dormir, vestia a capa preta de sempre e também empunhava a varinha, pronto para lutar.
– Onde estão os Carrow? – perguntou, em voz baixa.
– Onde você os mandou ir, imagino, Severo – respondeu a professora McGonagall.
Snape se aproximou e seus olhos passaram rapidamente por ela e o ar ao seu redor, como se soubesse que Harry estava ali. O garoto também erguera a varinha, pronto para lutar.
– Tive a impressão – disse Snape – de que Aleto prendeu um intruso.

– Sério? E o que lhe deu essa impressão?
Snape ergueu levemente o braço esquerdo onde a Marca Negra estava gravada em sua pele.
– Ah, sim, naturalmente. Esqueci que vocês Comensais da Morte têm um meio particular de comunicação.
Snape fingiu não tê-la ouvido. Seus olhos continuavam a sondar o ar ao seu redor e ele foi gradualmente se aproximando com uma expressão de quem não tem consciência do que está fazendo.
– Eu não sabia que era a sua noite de patrulhar os corredores, Minerva.
– Alguma objeção?
– Não imagino o que teria tirado você da cama tão tarde da noite.
– Pensei ter ouvido um barulho – respondeu a professora.
– Verdade? Mas tudo me parece calmo.
Snape encarou-a nos olhos.
– Você viu Harry Potter, Minerva? Porque se viu, devo insistir...
A professora McGonagall se mexeu mais rápido do que o garoto teria acreditado: sua mão cortou o ar e, por uma fração de segundo, Harry pensou que Snape fosse desmontar inconsciente, mas a rapidez do Feitiço Escudo que o professor lançou foi de tal ordem que McGonagall se desequilibrou. Ela brandiu a varinha para um archote e o objeto saiu voando do suporte na parede: Harry, que ia lançar um feitiço contra Snape, foi forçado a puxar Luna do caminho das labaredas que desceram e formaram um círculo de fogo que encheu o corredor e deslizou pelo ar como um laço contra Snape...
No momento seguinte não era mais fogo, mas uma grande cobra preta que McGonagall explodiu em fumaça, e tornou a se juntar e solidificar em segundos, transformando-se em um enxame de adagas que perseguiram Snape; ele só conseguiu evitá-las empurrando uma armadura à sua frente e, retinindo sonoramente, as adagas afundaram uma a uma no peito de metal...
– Minerva! – chamou uma voz fina e, ao olhar para trás, ainda protegendo Luna dos feitiços que voavam, Harry viu os professores Flitwick e Sprout em roupas de dormir, correndo pela passagem ao encontro deles, com o enorme professor Slughorn ofegando em seu encalço.
– Não! – guinchou Flitwick, erguendo a varinha. – Você não vai matar mais ninguém em Hogwarts!
O feitiço de Flitwick atingiu a armadura atrás da qual Snape se abrigara: com estrépito, ela ganhou vida. Snape desvencilhou-se dos braços da armadura que o esmagavam e arremessou-a contra os seus atacantes. Harry e Luna precisaram mergulhar de lado para evitar a armadura, que colidiu com a parede e se espatifou. Quando Harry tornou a erguer os olhos, Snape fugia embalado,

McGonagall, Flitwick e Sprout perseguiam-no em tropel: Snape se precipitou pela porta de uma sala de aula e, momentos depois, Harry ouviu McGonagall gritar:
– Covarde! *COVARDE!*
– Que aconteceu, que aconteceu? – perguntou Luna.
Harry ajudou-a a se levantar e os dois dispararam pelo corredor, arrastando a Capa da Invisibilidade atrás deles, e entraram em uma sala de aula vazia onde os professores McGonagall, Flitwick e Sprout estavam parados perto de uma janela quebrada.
– Ele saltou – disse a professora McGonagall, quando Harry e Luna entraram.
– A senhora quer dizer que ele está *morto*? – Harry correu à janela, sem dar atenção aos berros assustados de Flitwick e Sprout ao verem-no subitamente aparecer.
– Não, ele não está morto – lamentou McGonagall. – Ao contrário de Dumbledore, ele ainda tinha a varinha na mão... e, pelo jeito, aprendeu alguns truques com o seu mestre.
Com um arrepio de horror, Harry viu ao longe o vulto enorme de um morcego voando na escuridão, em direção aos muros que circundavam a escola.
Ouviram passos pesados às costas e alguém bufando: Slughorn acabara de alcançá-los.
– Harry! – ofegou ele, massageando o vasto peito sob o pijama de seda verde-esmeralda. – Meu caro rapaz... que surpresa... Minerva, por favor me explique... Severo... o quê...?
– O nosso diretor vai tirar umas breves férias – disse a professora, apontando para o buraco com os seus contornos, que Snape deixara na janela.
– Professora! – Harry gritou, as mãos na cabeça. Via o lago pululante de Inferi deslizar sob ele, e sentiu o fantasmagórico barco verde bater na margem e Voldemort saltar dele com uma fúria homicida... – Professora, temos que barricar a escola, ele já está vindo!
– Muito bem. Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado está a caminho – informou ela aos outros professores. Sprout e Flitwick ofegaram; Slughorn soltou um gemido. – Potter tem uma tarefa a cumprir no castelo por ordem de Dumbledore. Precisamos lançar sobre este lugar todo tipo de proteção de que formos capazes, enquanto Potter faz o que precisa.
– Naturalmente, você sabe que nada manterá Você-Sabe-Quem fora por tempo indefinido, não? – chiou Flitwick.
– Mas podemos retardá-lo – disse a professora Sprout.
– Obrigada, Pomona – disse McGonagall, e as duas bruxas trocaram olhares de sombria compreensão. – Sugiro que estabeleçamos uma proteção básica em

torno da escola, depois reunamos os alunos e nos encontremos no Salão Principal. A maioria precisa ser evacuada, embora, se algum for maior de idade e quiser ficar e lutar, deveríamos lhe dar essa oportunidade.

– De acordo. – E a professora Sprout dirigiu-se, apressada, para a porta. – Encontro vocês no Salão Principal dentro de vinte minutos, com os alunos da minha Casa.

E enquanto a bruxa corria e desaparecia de vista, eles a ouviam murmurar:

– Tentácula. Visgo-do-diabo. E vagens de Arapucosos... sim, gostaria de ver os Comensais da Morte enfrentando esses.

– Posso agir daqui mesmo – disse Flitwick e, embora mal conseguisse enxergar o exterior do castelo, apontou a varinha pela janela quebrada e começou a murmurar encantamentos de grande complexidade. Harry ouviu um zunido esquisito, como se Flitwick tivesse desencadeado a força do vento nos terrenos da escola.

– Professor – disse Harry, aproximando-se do bruxo miúdo que ensinava Feitiços –, professor, peço desculpas por interrompê-lo, mas é importante. O senhor tem ideia de onde está o diadema de Ravenclaw?

– ... *Protego horribilis*... o diadema de Ravenclaw? – chiou Flitwick. – Um pouco mais de sabedoria nunca se perde, Potter, mas não consigo imaginar como poderia lhe ser útil na *presente* situação!

– O que quis dizer foi... o senhor sabe onde está? Algum dia o senhor o viu?

– Viu? Não se tem memória de alguém que o tenha visto. Há muito desapareceu, menino!

Harry sentiu uma mistura de agudo desapontamento e pânico. Que seria, então, a Horcrux?

– Encontraremos você e os alunos da sua Casa no Salão Principal, Filio! – disse a professora McGonagall, fazendo sinal a Harry e Luna para acompanhá-la.

Tinham acabado de chegar à porta quando Slughorn recuperou a voz.

– Puxa – bufou, pálido e suarento, sua bigodeira de leão-marinho sacudindo. – Que confusão! Não tenho muita certeza se o que está fazendo é sensato, Minerva. Ele acabará encontrando um modo de entrar, sabe, e qualquer um que tenha tentado atrasá-lo correrá um perigo atroz...

– Esperarei você e os alunos da Sonserina também no Salão Principal dentro de vinte minutos – disse a professora McGonagall. – Se quiser se retirar com eles, não iremos impedi-lo. Mas se algum de vocês tentar sabotar a nossa resistência, ou pegar em armas contra nós dentro deste castelo, então, Horácio, duelaremos até a morte.

– Minerva! – exclamou ele, horrorizado.

– Chegou o momento da Sonserina decidir a quem é leal – interrompeu-o a professora. – Vá acordar os seus alunos, Horácio.

Harry não esperou para ver Slughorn tartamudeando; ele e Luna correram atrás da professora McGonagall, que tomara posição de varinha erguida no meio do corredor.

– *Piertotum*... ah, pelo amor de Deus, Filch, *agora* não.

O zelador idoso acabara de surgir, mancando e aos gritos:

– Os alunos se levantaram! Os alunos estão nos corredores!

– É onde deveriam estar, seu rematado idiota! – gritou McGonagall. – Agora vá se ocupar com alguma coisa construtiva! Procure o Pirraça!

– P-Pirraça? – gaguejou Filch, como se nunca tivesse ouvido esse nome.

– *Pirraça*, sim, seu parvo, *Pirraça*! Você não se queixa dele há um quarto de século? Vá buscá-lo, imediatamente!

Filch evidentemente achou que a professora McGonagall tivesse perdido o juízo, mas afastou-se mancando, os ombros curvados, resmungando com seus botões.

– E agora: *Piertotum locomotor!* – exclamou ela.

E por todo o corredor, as estátuas e armaduras saltaram dos seus pedestais, e, pelo eco fragoroso nos andares abaixo e acima, Harry percebeu que as suas companheiras em todo o castelo tinham feito o mesmo.

– Hogwarts está ameaçada! – bradou a professora McGonagall. – Guarneçam os muros, nos protejam, cumpram o seu dever para com a nossa escola!

Com estrépitos e berros, a horda de estátuas em movimento passou por Harry como um estouro de boiada; algumas pequenas, outras enormes. Havia animais também, e as armaduras chocalhando brandiam espadas e manguais.

– Agora, Potter – disse McGonagall –, é melhor você e a srta. Lovegood voltarem para os seus amigos e trazê-los para o Salão Principal; vou acordar os outros alunos da Grifinória.

Eles se separaram no alto da escada seguinte: Harry e Luna correram de volta à entrada oculta da Sala Precisa. No trajeto, encontraram grandes grupos de alunos, a maioria usando capas de viagem por cima dos pijamas, escoltados por professores e monitores para o Salão Principal.

– Aquele era o Potter!

– *Harry Potter!*

– Era ele, juro, acabei de ver o Harry!

Harry, porém, não olhou para trás e, por fim, chegaram à entrada da Sala Precisa. O garoto se encostou na parede encantada que se abriu para admitilos, e ele e Luna desceram correndo a escada íngreme.

– Qu...?

Quando avistaram a sala, Harry escorregou alguns degraus, assustado. Estava cheia, muito mais cheia de gente do que da última vez que tinha estado ali. Kingsley e Lupin olhavam para ele, e igualmente Olívio Wood, Katie Bell, Angelina Johnson e Alícia Spinnet, Gui e Fleur, e o sr. e a sra. Weasley.

– Harry, que está acontecendo? – perguntou Lupin, indo ao seu encontro no pé da escada.

– Voldemort está a caminho, estão barricando a escola... Snape fugiu... que estão fazendo aqui? Como souberam?

– Enviamos mensagens a todo o resto da Armada de Dumbledore – explicou Fred. – Você não esperava que o pessoal fosse perder a festa, Harry, e a Armada de Dumbledore avisou a Ordem da Fênix, e a coisa virou uma bola de neve.

– Que vai ser primeiro, Harry? – perguntou Jorge. – Que está acontecendo?

– Estão evacuando os alunos menores, e todos vão se encontrar no Salão Principal para nos organizarmos – disse Harry. – Vamos lutar.

Ergueu-se um forte brado e uma onda de pessoas avançou para a escada; Harry foi empurrado contra a parede quando elas passaram apressadas, uma mistura de membros da Ordem da Fênix, da Armada de Dumbledore e da antiga equipe de quadribol de Harry, todas empunhando varinhas, em direção ao interior do castelo.

– Vamos, Luna – chamou Dino ao passar, estendendo-lhe a mão livre; ela segurou-a e acompanhou o amigo escada acima.

A multidão foi rareando: apenas um grupinho de pessoas permaneceu na Sala Precisa, e Harry se reuniu a elas. A sra. Weasley debatia-se com Gina. Em torno das duas, Lupin, Fred e Jorge, Gui e Fleur.

– Você é menor de idade! – gritava a sra. Weasley para a filha quando Harry se aproximou. – Não vou permitir! Os rapazes, sim, mas você tem que voltar para casa.

– Não vou voltar.

Os cabelos de Gina esvoaçavam enquanto ela tentava soltar o braço do aperto da mãe.

– Estou na Armada de Dumbledore...

– ... um bando de adolescentes!

– Um bando de adolescentes que está disposto a enfrentar *ele*, o que mais ninguém se atreveu a fazer! – replicou Fred.

– Ela tem dezesseis anos! – gritou a sra. Weasley. – Não tem idade suficiente! Que é que vocês dois tinham na cabeça quando a trouxeram junto...

Fred e Jorge pareceram um pouco envergonhados.

– Mamãe tem razão, Gina – disse Gui, delicadamente. – Você não pode lutar. Todos os menores de idade terão de se retirar, é o certo.

– Não posso ir para casa! – gritou Gina, lágrimas de raiva brilhando em seus olhos. – Toda a minha família está aqui, eu não suportaria ficar lá sozinha, esperando sem saber e...

Seus olhos encontraram os de Harry pela primeira vez. Ela o olhou suplicante, mas ele sacudiu a cabeça e a garota lhe deu as costas amargurada.

– Ótimo – disse, com os olhos na entrada do túnel para o Cabeça de Javali. – Vou dizer adeus então e...

Ouviram alguma coisa raspando e um forte baque: alguém mais saíra do túnel, desequilibrara-se um pouco e caíra. O homem se guindou para a cadeira mais próxima, olhou ao redor através dos óculos tortos e perguntou:

– Cheguei tarde demais? Já começou? Acabei de saber, então eu... eu...

Percy embatucou e se calou. Evidentemente, não tinha esperado topar com quase toda a família. Houve um longo momento de espanto, rompido por Fleur que se virou para Lupin e falou, em uma tentativa muito transparente de quebrar a tensão:

– *Entam... come vai o pequene Tedí?*

Lupin piscou os olhos, espantado. O silêncio entre os Weasley pareceu se solidificar, como gelo.

– Eu... ah, sim... está ótimo! – respondeu Lupin em voz alta. – É, a Tonks está com ele... na casa da mãe.

Percy e os outros Weasley continuavam a se encarar, paralisados.

– Olhe, tenho uma foto! – gritou Lupin, puxando uma foto do bolso interno do blusão e mostrando-a a Fleur e Harry, um bebezinho com um tufo de cabelos turquesa-berrante, acenando os punhos gorduchos para a máquina fotográfica.

– Fui um tolo! – bradou Percy, tão alto que Lupin quase deixou cair a foto. – Fui um idiota, um covarde pomposo, fui um... um...

– Cego pelo Ministério, um renegador da família, um debiloide sedento de poder – concluiu Fred.

Percy engoliu em seco.

– Fui tudo isso!

– Bem, você não poderia falar com maior justeza – disse Fred, estendendo a mão ao irmão.

A sra. Weasley caiu no choro. Avançou correndo, empurrou Fred para o lado e puxou Percy para um abraço de sufocar, enquanto ele retribuía com palmadinhas em suas costas, com os olhos no pai.

– Desculpe, papai – pediu Percy.

O sr. Weasley piscou rapidamente, então, ele também apressou-se a abraçar o filho.

– Que o fez tomar juízo, Perce? – perguntou Jorge.

– Eu já vinha tomando há algum tempo – respondeu ele, enxugando os olhos por baixo dos óculos com uma ponta da capa de viagem. – Mas precisava encontrar um modo de sair e não é fácil, no Ministério não param de prender traidores. Consegui fazer contato com Aberforth e ele me avisou faz dez minutos que Hogwarts ia resistir, então vim.

– Bem, esperamos que os nossos monitores assumam a liderança em momentos como esses – disse Jorge, em uma boa imitação do tom mais pomposo de Percy. – Agora vamos subir e lutar, ou não sobrará bons Comensais da Morte para nós.

– Então, você agora é minha cunhada? – perguntou Percy, apertando a mão de Fleur enquanto se apressavam a subir as escadas com Gui, Fred e Jorge.

– Gina! – bradou a sra. Weasley.

A garota estava tentando, sob o disfarce da reconciliação, subir furtivamente.

– Molly, vou dar uma sugestão – disse Lupin. – Por que Gina não fica aqui, pelo menos permanecerá no castelo e saberá o que está acontecendo, mas não estará no meio da batalha?

– Eu...

– É uma boa ideia – disse o sr. Weasley, com firmeza. – Gina, você fica aqui nesta sala, ouviu?

Gina não pareceu gostar muito da ideia, mas sob o olhar raramente severo do pai concordou. O sr. e a sra. Weasley e Lupin se encaminharam também para a escada.

– Onde está Rony? – perguntou Harry. – Onde está Hermione?

– Já devem ter subido para o Salão Principal – falou o sr. Weasley por cima do ombro.

– Não os vi passar – respondeu Harry.

– Eles disseram alguma coisa sobre um banheiro – disse Gina – pouco depois de você sair.

– Um banheiro?

Harry atravessou a sala a passos largos em direção a uma porta que abria para fora da Sala Precisa e verificou o banheiro além. Estava vazio.

– Você tem certeza de que eles disseram banh...?

Nesse momento, sua cicatriz queimou e a Sala Precisa desapareceu: ele estava olhando pelas grades dos portões ladeados por pilares com javalis alados, olhando para os terrenos escuros na direção do castelo inteiramente iluminado. Nagini estava deitada sobre seus ombros. Apossou-se dele aquele senso de propósito frio e cruel que antecedia o homicídio.

— CAPÍTULO TRINTA E UM —

A batalha de Hogwarts

A abóbada encantada do Salão Principal estava escura e salpicada de estrelas, e abaixo viam-se as quatro longas mesas ocupadas por alunos desarrumados, alguns de capas de viagem, outros de robes. Aqui e ali, brilhavam os vultos branco-perolados dos fantasmas da escola. Todos os olhares, dos vivos e dos mortos, fixavam-se na professora McGonagall, que falava de cima de uma plataforma no fundo do salão. Atrás dela, achavam-se, em pé, os demais professores, inclusive o centauro baio, Firenze, e os membros da Ordem da Fênix que tinham vindo lutar.

– ... a evacuação será supervisionada pelo sr. Filch e por Madame Pomfrey. Monitores, quando eu der a ordem, vocês organizarão os alunos de suas Casas e os levarão, enfileirados, ao lugar da retirada.

Muitos alunos pareciam petrificados. Entretanto, quando Harry contornava as paredes, examinando a mesa da Grifinória à procura de Rony e Hermione, Ernesto Macmillan se levantou à mesa da Lufa-Lufa e perguntou:

– E se eu quiser ficar e lutar?

Ouviram-se breves aplausos.

– Se você for maior de idade, pode ficar – definiu McGonagall.

– E as nossas coisas? – perguntou uma garota à mesa da Corvinal. – Nossos malões, nossas corujas?

– Não temos tempo para recolher pertences – respondeu a professora. – O importante é sair daqui são e salvo.

– Onde está o professor Snape? – gritou uma garota à mesa da Sonserina.

– Para usar a expressão vulgar, ele se mandou – esclareceu a professora, e ouviu-se uma grande ovação nas mesas da Grifinória, Lufa-Lufa e Corvinal.

Harry andou ao longo da mesa da Grifinória em direção ao fundo do salão, ainda procurando Rony e Hermione. Quando passou, os rostos se voltaram para ele, e uma onda de murmúrios o acompanhou.

– Já fizemos a proteção ao redor do castelo – continuava a professora –, mas é pouco provável que dure muito tempo, a não ser que a reforcemos. Portanto, devo pedir a vocês que andem rápida e calmamente e façam o que os seus monitores...

Suas palavras finais, no entanto, foram abafadas por outra voz que ecoou pelo salão. Era aguda, clara e fria: não era possível identificar sua origem; parecia sair das próprias paredes. Tal como o monstro que, no passado, ela comandara, poderia estar ali, em estado de latência, havia séculos.

“Sei que estão se preparando para lutar.”

Ouviram-se gritos entre os alunos, alguns se abraçaram, aterrorizados, enquanto procuravam ao redor de onde vinha aquele som.

“Seus esforços são inúteis. Não podem lutar comigo. Não quero matar vocês. Tenho grande respeito pelos professores de Hogwarts. Não quero derramar sangue mágico.”

Fez-se, então, silêncio no salão, o tipo de silêncio que comprime os tímpanos, que parece vasto demais para ser contido entre paredes.

“Entreguem-me Harry Potter”, disse a voz de Voldemort, *“e ninguém sairá ferido. Entreguem-me Harry Potter, e não tocarei na escola. Entreguem-me Harry Potter e serão recompensados.*

“Terão até meia-noite.”

O silêncio tornou a engoli-los. Todas as cabeças se viraram, todos os olhares no salão pareciam ter encontrado Harry, para mantê-lo congelado à luz de milhares de raios invisíveis. Então, uma pessoa se levantou à mesa da Sonserina e ele reconheceu Pansy Parkinson, no momento em que ela esticou para o alto um braço trêmulo e gritou:

– Mas ele está ali! Potter está *ali*! Agarrem ele!

Antes que Harry pudesse falar, houve um movimento massivo. Os alunos da Grifinória tinham se erguido à sua frente e encaravam, não Harry, mas os colegas da Sonserina. Em seguida, os da Lufa-Lufa se puseram de pé e, quase no mesmo momento, os da Corvinal, todos de costas para Harry, todos olhando para Pansy, e Harry, aterrado e sufocado, viu varinhas surgirem por todo lado, sacadas de capas e mangas.

– Obrigada, srta. Parkinson – disse a professora McGonagall, em tom seco. – Será a primeira a deixar o salão com o sr. Filch. Se os demais alunos de sua Casa puderem acompanhá-la...

Harry ouviu o atrito dos bancos no chão e o barulho dos alunos da Sonserina saindo pelo lado oposto do salão.

– Os alunos da Corvinal em seguida! – gritou a professora.

Lentamente, as quatro mesas se esvaziaram. A da Sonserina ficou

completamente deserta, mas alguns alunos mais velhos da Corvinal continuaram sentados depois que os colegas saíram: um número ainda maior de alunos da Lufa-Lufa ficou para trás, e metade da Grifinória não deixou os bancos, e foi preciso a professora McGonagall descer da plataforma para fazer os menores de idade saírem.

– Absolutamente não, Creevey, vá! *E* você, Peakes!

Harry correu para os Weasley, todos sentados juntos à mesa da Grifinória.

– Onde estão Rony e Hermione?

– Você não os encon...? – começou o sr. Weasley, preocupado.

Parou, no entanto, de falar: Kingsley se adiantara na plataforma para se dirigir aos que tinham permanecido.

– Temos apenas meia hora até a meia-noite, portanto precisamos agir com rapidez! Os professores de Hogwarts e a Ordem da Fênix concordaram com um plano de batalha. Os professores Flitwick, Sprout e McGonagall vão levar grupos de combatentes ao topo das três torres mais altas: Corvinal, Astronomia e Grifinória; dali terão uma visão abrangente e ótimas posições para lançar seus feitiços. Nesse meio-tempo, Remo – ele indicou Lupin –, Arthur – ele apontou para o sr. Weasley, sentado à mesa da Grifinória – e eu levaremos grupos para os jardins. Precisaremos de alguém para organizar a defesa das entradas das passagens para a escola...

– ... parece trabalho para nós – falou Fred em voz alta, indicando a si mesmo e a Jorge, e Kingsley aprovou com um aceno de cabeça.

– Muito bem, os líderes subam aqui para dividirmos as tropas!

– Potter – disse a professora McGonagall, correndo para ele quando os estudantes invadiram a plataforma, se empurrando para se posicionar, recebendo instruções –, *você não devia estar procurando alguma coisa*?

– Quê! Ah – exclamou Harry –, ah, sim!

Quase esquecera a Horcrux, quase esquecera que haveria uma batalha para que pudesse procurá-la: a inexplicável ausência de Rony e Hermione momentaneamente expulsara qualquer outro pensamento de sua mente.

– Então vá, Potter, vá!

– Certo... é...

Ele sentiu os olhares acompanhando-o quando saiu correndo do Salão Principal para o saguão ainda apinhado de alunos que se retiravam. Deixou-se arrastar por eles escadaria acima, mas, no alto, tomou um corredor deserto. O medo e o pânico anuviavam seus processos mentais. Tentou se acalmar, se concentrar na procura da Horcrux, mas seus pensamentos zumbiam, frenética e inutilmente, como vespas presas em um copo. Sem Rony e Hermione para ajudá-lo, não parecia ser capaz de colocar as ideias em ordem. Harry diminuiu o passo

e parou no meio de um corredor vazio, sentou-se no pedestal que uma estátua desocupara e tirou o mapa do maroto da bolsa pendurada ao pescoço. Não viu os nomes de Rony e Hermione em lugar algum, embora a densidade dos pontos a caminho da Sala Precisa pudesse, pensou ele, estar encobrindo os dois. Tornou a guardar o mapa, escondeu o rosto nas mãos e fechou os olhos, tentando se concentrar.

Voldemort pensou que eu iria à Torre da Corvinal.

Tinha ali um fato concreto, o lugar por onde começar. Voldemort postara Aleto Carrow na sala comunal da Corvinal, e só poderia haver uma explicação: ele temia que Harry já soubesse que sua Horcrux estava ligada àquela Casa.

Entretanto, o único objeto associado à Corvinal era o diadema perdido de sua fundadora... e como poderia a Horcrux ser o diadema? Como era possível que Voldemort, que pertencia à Sonserina, tivesse encontrado o diadema que frustrara gerações de alunos da Corvinal? Quem poderia ter lhe dito onde procurar, quando não se tinha memória de alguém vivo ter visto o diadema?

De alguém vivo...

Cobertos pelas mãos, os olhos de Harry se abriram de repente. Ele saltou do pedestal e disparou pelo caminho que viera, agora em busca de sua última esperança. O barulho das centenas de pessoas que se dirigiam à Sala Precisa foi crescendo em seu retorno à escadaria de mármore. Monitores gritavam instruções, tentando não perder de vista os alunos de suas Casas; havia muito aperto e empurrão; Harry viu Zacarias Smith atropelando estudantes do primeiro ano para chegar à frente da fila; aqui e ali, os mais novos choravam, enquanto os mais velhos chamavam, desesperados, pelos amigos e parentes...

Harry avistou o vulto branco-perolado flutuando pelo saguão de entrada e berrou o mais alto que pôde para se sobrepor ao clamor geral.

– Nick! NICK! Preciso falar com você!

Ele abriu caminho à força pela maré de alunos e, finalmente, chegou ao pé da escadaria onde Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Torre da Grifinória, o aguardava.

– Harry! Meu caro rapaz! – Nick fez menção de segurar as mãos de Harry nas dele: o garoto teve a sensação de que tinham sido enfiadas em água gelada.

– Nick, você precisa me ajudar. Quem é o fantasma da Torre da Corvinal?

Nick Quase Sem Cabeça pareceu surpreso e ligeiramente ofendido.

– A Mulher Cinzenta, naturalmente, mas se precisa de serviços fantasmais...

– Tem que ser ela... você sabe onde ela está neste momento?

– Vejamos...

A cabeça de Nick oscilou um pouco sobre a gola de tufos engomados quando a virou para cá e para lá, espiando por cima do enxame de estudantes.

– Olhe ela ali, Harry, a jovem de cabelos longos.
Harry olhou na direção que o indicador transparente de Nick apontava e viu uma fantasma alta que percebeu o garoto olhando-a, ergueu as sobrancelhas e se afastou, atravessando uma parede maciça.
Harry correu atrás dela. Ao cruzar a porta do corredor em que a Mulher Cinzenta desaparecera, ele a viu quase no final, ainda se distanciando suavemente.
– Ei... espere... volte!
Ela concordou em parar, flutuando a alguns centímetros do chão. Harry achou-a linda, com seus cabelos até a cintura e a capa que chegava ao chão, mas parecia também arrogante e orgulhosa. De perto, ele a reconheceu como a fantasma pela qual passara tantas vezes no corredor, mas a quem nunca se dirigira.
– A senhora é a Mulher Cinzenta?
Ela assentiu silenciosamente.
– O fantasma da Torre da Corvinal?
– Correto.
Seu tom não era encorajador.
– Por favor, preciso de ajuda. Preciso saber qualquer coisa que a senhora possa me dizer sobre o diadema perdido.
Um sorriso frio arqueou os seus lábios.
– Receio – disse, virando-se para ir embora – não poder ajudá-lo.
– ESPERE!
Harry não pretendia gritar, mas a raiva e o pânico ameaçavam dominálo. Olhou para o seu relógio de pulso enquanto ela pairava ali: faltavam quinze minutos para a meia-noite.
– É urgente – disse ele, com veemência. – Se aquele diadema está em Hogwarts, preciso encontrá-lo, e depressa.
– Você não é o primeiro estudante a cobiçar o diadema – respondeu ela, desdenhosamente. – Gerações de estudantes têm me importunado...
– Não se trata de obter notas melhores! – gritou Harry. – Trata-se de Voldemort... de derrotar Voldemort... ou a senhora não está interessada nisso?
Ela não podia corar, mas suas faces transparentes se tornaram opacas e sua voz irritada ao responder:
– É claro que eu... como se atreve a insinuar...?
– Bem, me ajude, então!
Sua serenidade foi se desfazendo.
– Não... não é uma questão de... – gaguejou ela. – O diadema de minha mãe...
– De sua *mãe*?

Ela pareceu aborrecida consigo mesma.
– Quando eu era viva – disse, formalmente –, fui Helena Ravenclaw.
– A senhora é *filha* dela? Mas, então, deve saber o que aconteceu ao diadema!
– Embora o diadema conceda sabedoria – disse, com um esforço óbvio para se controlar –, duvido que possa aumentar expressivamente as suas chances de derrotar o bruxo que se intitula Lorde...
– Acabei de lhe dizer: não estou interessado em usá-lo! – enfatizou Harry, impetuosamente. – Não há tempo para explicar, mas se a senhora tem apreço por Hogwarts, se quer ver Voldemort liquidado, tem que me dizer o que souber sobre o diadema!
A Mulher Cinzenta ficou muito quieta, flutuando no ar, olhando Harry do alto, e uma sensação de desamparo o invadiu. Naturalmente que se ela soubesse de alguma coisa, teria contado a Flitwick ou a Dumbledore, que, sem dúvida, já lhe teriam feito a mesma pergunta. Ele balançara a cabeça e fizera menção de ir embora, quando a fantasma falou em voz baixa:
– Eu roubei o diadema da minha mãe.
– A senhora... a senhora fez o quê?
– *Roubei o diadema* – repetiu Helena Ravenclaw, sussurrando. – Desejava me tornar mais inteligente, mais importante do que a minha mãe, e fugi com o diadema.
Harry não sabia como conseguira ganhar sua confiança, nem perguntou: simplesmente escutou, atento, quando ela continuou:
– Minha mãe, dizem, nunca admitiu que o diadema tinha desaparecido, fingiu que continuava em seu poder. Escondeu sua perda, minha terrível traição, até dos fundadores de Hogwarts.
"Então ela caiu doente, fatalmente doente. Apesar da minha perfídia, quis desesperadamente me ver pela última vez. Mandou à minha procura um homem que sempre me amara, embora eu desdenhasse suas propostas amorosas. Minha mãe sabia que ele não descansaria até fazer o que lhe pedira."
Harry aguardou. A Mulher Cinzenta inspirou profundamente e atirou a cabeça para trás.
– Ele seguiu o meu rastro até a floresta em que eu estava escondida. Quando me recusei a acompanhá-lo, tornou-se violento. O barão sempre foi um homem de temperamento colérico. Furioso com a minha recusa, invejando a minha liberdade, ele me apunhalou.
– O *barão*? A senhora está se referindo...?
– Sim, ao Barão Sangrento – respondeu a Mulher Cinzenta, e, afastando a capa que usava, mostrou um único ferimento em seu peito branco. – Quando ele viu o que tinha feito, foi invadido pelo remorso. Apanhou a arma com que tirara

minha vida e usou-a para se matar. E séculos depois ele ainda usa correntes como um ato de penitência... como deveria – acrescentou, amargurada.

– E... e o diadema?

– Ficou onde eu o tinha escondido quando ouvi o barão andando às tontas pela floresta em minha direção. Escondi-o no oco de uma árvore.

– No oco de uma árvore? – repetiu Harry. – Que árvore? Onde foi isso?

– Uma floresta na Albânia. Um lugar solitário que achei que estivesse bem longe do alcance de minha mãe.

– Albânia – repetiu Harry. O sentido emergia milagrosamente da confusão, e agora ele entendia por que a fantasma estava lhe contando o que negara a Dumbledore e Flitwick. – A senhora já contou essa história a alguém, não? A outro estudante?

Ela fechou os olhos e assentiu.

– Eu não fazia... ideia... ele era... lisonjeador. Parecia... entender... se solidarizar...

Sim, pensou Harry, Tom Riddle certamente teria compreendido o desejo de Helena Ravenclaw de possuir objetos fabulosos a que não tinha muito direito.

– Bem, a senhora não foi a primeira de quem Riddle obteve coisas – murmurou Harry. – Ele sabia ser encantador quando queria...

Então Voldemort tinha conseguido extrair da Mulher Cinzenta a localização do diadema perdido. Tinha viajado àquela longínqua floresta e tirado o diadema do esconderijo, talvez logo que termi-nara Hogwarts, antes mesmo de ter começado a trabalhar para a Borgin & Burkes.

E aquelas matas albanesas isoladas não tinham lhe parecido um excelente refúgio quando, muito mais tarde, precisou de um lugar para ficar fora de circulação, sem ninguém perturbá-lo, durante dez longos anos?

O diadema, porém, depois de transformado em preciosa Horcrux, não teria sido deixado naquela árvore humilde... não, o diadema fora devolvido secretamente à sua verdadeira casa, e Voldemort devia tê-lo guardado lá...

– Na noite em que viera pedir emprego! – disse Harry, completando o pensamento.

– Perdão?

– Ele escondeu o diadema no castelo na noite em que pediu a Dumbledore para deixá-lo ensinar aqui! – Falar em voz alta lhe permitia encontrar o nexo de tudo. – Deve ter escondido o diadema a caminho do escritório de Dumbledore, ou na saída! Mas ainda valia a pena tentar obter o emprego... assim, poderia ter uma chance de roubar a espada de Gryffindor também... obrigado, muito obrigado!

Harry deixou-a flutuando ali, com um ar de total perplexidade. Ao contornar o

canto de volta ao saguão, consultou o relógio. Faltavam cinco minutos para a meia-noite, e, embora soubesse *qual* era a última Horcrux, não estava nem próximo de descobrir *onde* encontrá-la...

Gerações de estudantes não tinham conseguido encontrar o diadema; isto sugeria que não estava na Torre da Corvinal – mas, se não ali, onde, então? Que esconderijo Tom Riddle descobrira no interior do castelo de Hogwarts, que acreditava que jamais seria descoberto?

Perdido em desesperada especulação, Harry virou um canto, mas dera apenas alguns passos no novo corredor quando a janela à sua esquerda estourou com um estrépito ensurdecedor. Ao pular para um lado, um corpo gigantesco entrou pela janela e bateu na parede oposta. Uma coisa grande e peluda se destacou do recém-chegado, choramingando, e se atirou sobre Harry.

– Hagrid! – berrou Harry, lutando para afastar Canino e suas atenções, enquanto o enorme vulto barbudo se levantava. – Que...?

– Harry, você está aqui! *Você está aqui!*

Hagrid se curvou, concedeu a Harry um apressado abraço de quebrar costelas, e se voltou para a janela estilhaçada.

– Bom garoto, Grope! – berrou ele pelo buraco na janela. – Vejo você daqui a pouco, isso é que é um bom garoto!

Para além de Hagrid, na noite escura, Harry avistou clarões ao longe e ouviu um grito esquisito e pungente. Ele olhou para o relógio: era meianoite. A batalha começara.

– Caramba, Harry – arquejou Hagrid –, então é isso, hein? Hora de lutar?

– Hagrid, de onde você está vindo?

– Ouvi Você-Sabe-Quem lá de cima, na nossa caverna – respondeu, sombriamente. – A voz foi longe, não? "Vocês têm até meia-noite para me entregar Potter." Eu sabia que você devia estar aqui, sabia o que devia estar acontecendo. *Desce*, Canino. Então viemos participar, eu, Grope e Canino. Entramos arrebentando tudo pela divisa da floresta, Grope estava nos carregando, a mim e Canino. Pedi para ele me descarregar no castelo e ele me atirou pela janela, Deus o abençoe. Não foi bem o que eu queria, mas... onde estão Rony e Hermione?

– Essa é realmente uma boa pergunta. Venha.

Eles saíram apressados pelo corredor, Canino saltando ao lado dos dois. Harry ouvia movimento em todos os corredores: gente correndo, gritos; pelas janelas via mais clarões nos jardins escuros.

– Para onde estamos indo? – bufou Hagrid, andando pesadamente nos calcanhares de Harry, fazendo as tábuas do soalho tremer.

– Não sei ao certo – disse Harry, dando mais uma volta a esmo –, mas Rony e

Hermione têm que estar aqui em algum lugar.
As primeiras baixas da batalha já estavam espalhadas em seu caminho: as duas gárgulas de pedra que normalmente guardavam a entrada da sala dos professores tinham sido destroçadas por um feitiço que entrara por outra janela quebrada. Suas ruínas se moveram impotentes no chão e, quando Harry saltou sobre uma das cabeças sem corpo, a estátua gemeu baixinho:
– Ah, não se importe comigo... ficarei aqui deitada desmoronando...
Sua feia cara de pedra fez Harry pensar subitamente no busto de mármore de Rowena Ravenclaw na casa de Xenofílio, usando aquele toucado delirante – depois na estátua na Torre da Corvinal, com o diadema de pedra sobre seus cachos brancos...
Quando chegava ao fim do corredor, ocorreu-lhe a lembrança de uma terceira efígie de pedra: a de um velho bruxo em cuja cabeça o próprio Harry colocara uma cabeleira e uma velha tiara escalavrada. O choque atravessou Harry como o calor do uísque de fogo, e ele quase tropeçou e caiu.
Finalmente sabia onde a Horcrux o aguardava...
Tom Riddle, que não confiava em ninguém e só agia sozinho, poderia ter sido suficientemente arrogante para supor que ele, e somente ele, penetrara os mais profundos mistérios do castelo de Hogwarts. Naturalmente, Dumbledore e Flitwick, estudantes exemplares, nunca tinham entrado naquele determinado lugar, mas ele, Harry, vagara por caminhos pouco frequentados no tempo que estudara na escola – ali, finalmente, estava um segredo que ele e Voldemort conheciam, que Dumbledore jamais havia descoberto...
Ele foi despertado pela professora Sprout que passava com estrondo, seguida por Neville e meia dúzia de outros, todos usando abafadores de ouvidos e carregando, aparentemente, grandes plantas envasadas.
– Mandrágoras! – berrou Neville por cima do ombro, ao passar correndo por Harry. – Vamos atirá-las por cima dos muros: eles não vão gostar nem um pouco!
Harry agora sabia aonde ir: saiu embalado, com Hagrid e Canino galopando atrás dele. Passaram retrato após retrato, e as imagens pintadas corriam acompanhando-os, bruxos e bruxas em rufos e calções, em armaduras e capas, comprimiam-se nas telas uns dos outros, gritando as notícias das outras partes do castelo. Quando chegaram ao final do corredor, o castelo inteiro sacudiu e Harry percebeu, quando um vaso gigantesco foi arrancado do pedestal com força explosiva, que estava nas garras de encantamentos mais sinistros do que os dos professores e da Ordem.
– Tudo bem, Canino... tudo bem! – berrou Hagrid, mas o grande cão fugiu desembestado diante dos cacos de porcelana que voaram pelo ar como estilhaços

de granada, e Hagrid foi atrás do cão aterrorizado, deixando Harry sozinho.
O garoto avançou rapidamente pelas passagens movediças, a varinha em posição, e, ao longo de todo um corredor, o pequeno cavalheiro Sir Cadogan correu de quadro em quadro ao seu lado, chocalhando a lataria da armadura, gritando palavras de incentivo, seu pônei gorducho seguindo-o a trote.
– Fanfarrões e patifes, cães e canalhas, expulse-os, Harry Potter, ponha-os para correr!
Harry se precipitou por um canto e encontrou Fred e um grupinho de estudantes, que incluía Lino Jordan e Ana Abbott, parados junto a outro pedestal vazio, cuja estátua escondia uma passagem secreta. Empunhavam as varinhas e escutavam pelo buraco oculto.
– Boa noite para isso! – gritou Fred, quando o castelo tornou a tremer e Harry passou embalado, eufórico e aterrorizado em igual medida. Por mais um corredor, ele disparou e deparou com corujas para todo lado; Madame Nor-r-ra bufava e tentava rebatê-las com as patas, sem dúvida para fazê-las voltar ao seu devido lugar...
– Potter!
Aberforth Dumbledore estava bloqueando o corredor à frente, de varinha em punho.
– Centenas de garotos passaram como uma trovoada pelo meu bar, Potter!
– Eu sei, estamos evacuando o castelo – disse Harry. – Voldemort está...
– ... atacando porque eles ainda não o entregaram, sei – disse Aberforth –, não sou surdo, toda Hogsmeade o ouviu. E não ocorreu a ninguém manter alguns alunos da Sonserina como reféns? Tem filhos dos Comensais da Morte que vocês acabaram de mandar para um lugar seguro. Não teria sido mais inteligente mantê-los aqui?
– Isso não deteria Voldemort – disse Harry –, e o seu irmão jamais teria agido assim.
Aberforth resmungou e saiu apressado na direção oposta.
Seu irmão jamais teria agido assim... ora, era a verdade, pensou Harry, recomeçando a correr; Dumbledore, que defendera Snape por tanto tempo, jamais pediria resgate por estudantes...
Então, o garoto derrapou ao virar um último canto e, com um berro que misturava alívio e fúria, ele os viu: Rony e Hermione, os dois com os braços cheios de objetos amarelos sujos e curvos, Rony sobraçando uma vassoura.
– Onde vocês se meteram, *pô*? – reclamou Harry.
– Câmara Secreta.
– Câmara... *o quê*? – perguntou Harry, parando desequilibrado à frente deles.
– Foi o Rony, ideia do Rony! – exclamou Hermione, sem fôlego. – Não foi

absolutamente genial? Nós estávamos lá, depois que você saiu, e eu disse ao Rony, mesmo que a gente encontre a outra, como vamos nos livrar dela? Ainda não nos livramos da taça! Então, ele se lembrou! O basilisco!

– Que b...?

– Uma coisa para destruir as Horcruxes – respondeu Rony, com simplicidade.

O olhar de Harry baixou para os objetos que Rony e Hermione traziam nos braços: grandes dentes curvos arrancados, percebeu ele, do crânio de um basilisco morto.

– Mas como vocês entraram lá? – perguntou ele, seu olhar surpreso indo dos dentes para Rony. – É preciso saber ofidioglossia!

– Ele sabe! – sussurrou Hermione. – Mostre a ele, Rony!

Rony emitiu um silvo estrangulado e medonho.

– Foi o que você fez para abrir o medalhão – disse ele a Harry, desculpando-se. – Precisei experimentar algumas vezes para acertar, mas – ele encolheu os ombros modestamente –, no final, conseguimos.

– Ele foi *incrível*! – exclamou Hermione. – Incrível!

– Então... – Harry estava fazendo força para entender. – Então...

– Então, agora temos uma Horcrux a menos – concluiu Rony, e, de dentro do blusão, puxou os restos da taça de Hufflepuff destruída. – Hermione espetou-a. Achou que devia. Ainda não tinha tido esse prazer.

– Genial! – berrou Harry.

– Não foi nada – respondeu Rony, embora parecesse felicíssimo consigo mesmo. – E quais são as suas novidades?

À sua pergunta, ouviram uma explosão no alto: os três olharam para a poeira que caía do teto e ouviram um grito distante.

– Sei como é o diadema e sei onde está – disse Harry, depressa. – Ele o escondeu exatamente onde escondi o meu velho livro de Poções, onde todo o mundo vem escondendo coisas há séculos. Ele pensou que fosse o único a descobrir esse lugar. Venham.

Entre paredes que estremeciam, ele levou os amigos de volta à entrada oculta e desceu a escada para a Sala Precisa. Estava vazia, exceto por três mulheres: Gina, Tonks e uma velha bruxa com um chapéu roído de traças, em quem Harry reconheceu imediatamente a avó de Neville.

– Ah, Potter – disse ela, sem hesitação, como se estivesse à sua espera. – Você pode nos pôr a par do que está acontecendo.

– Estão todos o.k.? – perguntaram Gina e Tonks ao mesmo tempo.

– Até onde sabemos. Ainda tem gente indo para o Cabeça de Javali?

Ele sabia que a sala não poderia se transformar se ainda houvesse gente na passagem.

– Fui a última a atravessá-la – respondeu a sra. Longbottom. – Lacrei-a, acho insensato mantê-la aberta agora que Aberforth deixou o bar. Você viu meu neto?
– Está lutando – informou Harry.
– Certamente – disse a velha senhora, orgulhosa. – Com licença, preciso ir ajudá-lo.
Com surpreendente rapidez, ela se dirigiu à escada de pedra. Harry olhou para Tonks.
– Pensei que você estivesse com Teddy na casa de sua mãe.
– Não aguentei ficar sem saber... – Tonks parecia aflita. – Minha mãe cuidará dele... você viu Remo?
– Ele estava planejando levar um grupo de combatentes para os jardins.
Sem dizer mais nada, Tonks saiu correndo.
– Gina – disse Harry –, desculpe, mas você precisa sair também. Só por um instante. Pode voltar em seguida.
Gina pareceu simplesmente encantada de deixar o seu santuário.
– E depois você volta! – gritou para a garota que já dera as costas e corria escada acima atrás de Tonks. – *Você tem que voltar para cá!*
– Calma aí um instante! – disse Rony, com energia. – Esquecemos alguém!
– Quem? – perguntou Hermione.
– Os elfos domésticos, devem estar lá embaixo na cozinha, não?
– Você quer dizer que devíamos pôr os elfos para lutar? – perguntou Harry.
– Não – respondeu Rony, sério –, devíamos dizer a eles para dar o fora. Não queremos outros Dobbys, não é? Não podemos mandá-los morrer por nós...
Houve um estrépito quando os dentes de basilisco caíram em cascata dos braços de Hermione. Correndo para Rony, ela se atirou ao seu pescoço e chapou-lhe um beijo na boca. Rony largou os dentes e a vassoura que estava carregando e retribuiu com tal entusiasmo que tirou Hermione do chão.
– Isso é hora? – perguntou Harry, timidamente, e, quando a cena não se alterou exceto por Rony e Hermione terem se abraçado com tanta força que chegaram a bambear, ele ergueu a voz: – Oi! Tem uma guerra rolando aqui!
Rony e Hermione se separaram, ainda abraçados.
– Eu sei, colega – disse Rony, com cara de quem acabara de levar um balaço na nuca –, então é agora ou nunca, não é?
– Deixa pra lá, e a Horcrux? – gritou Harry. – Você acha que poderia só... só segurar isso aí, até apanharmos o diadema?
– Certo... desculpe – disse Rony, e ele e Hermione começaram a recolher os dentes, os dois muito corados.
Ficou evidente, quando os três voltaram ao corredor de cima, que, nos minutos que tinham passado na Sala Precisa, a situação no castelo havia

deteriorado seriamente: as paredes e o teto estavam sacudindo pior do que antes; a poeira enchia o ar e, pela janela mais próxima, Harry viu clarões verdes e vermelhos tão próximos à base do castelo que concluiu que os Comensais da Morte deviam estar na iminência de invadir o lugar. Olhando para baixo, viu Grope, o gigante, andando sem rumo e balançando o que lhe pareceu uma gárgula de pedra arrancada do telhado, urrando insatisfeito.

– Tomara que ele pisoteie meia dúzia deles! – disse Rony, quando ouviram o eco de outros gritos muito próximos.

– Desde que não seja nenhum dos nossos! – disse uma voz; Harry se virou e viu Gina e Tonks, as duas brandindo as varinhas da janela adiante, já desfalcada de vários vidros. No momento em que olhou, Gina lançou um feitiço certeiro contra um grupo de combatentes embaixo.

– Boa menina! – berrou um vulto que corria pela poeira ao encontro delas, e Harry viu passar Aberforth, seus cabelos grisalhos esvoaçando, liderando um pequeno grupo de estudantes. – Parece que eles estão rompendo as ameias do norte do castelo, trouxeram gigantes aliados!

– Você viu Remo? – gritou Tonks para ele.

– Estava duelando com Dolohov – gritou Aberforth –, depois não o vi mais!

– Tonks – disse Gina –, Tonks, tenho certeza de que ele está o.k...

Tonks, porém, saíra correndo pela poeira no rastro de Aberforth.

Gina se virou, desamparada, para Harry, Rony e Hermione.

– Eles vão ficar bem – disse Harry, embora soubesse que eram palavras vazias. – Gina, voltamos em um instante, fique fora do caminho, não se arrisque... vamos! – ele chamou Rony e Hermione, e os três correram para o trecho de parede atrás do qual a Sala Precisa aguardava para satisfazer o desejo do seu próximo ocupante.

Preciso do lugar onde se esconde tudo, pediu Harry mentalmente e, em sua terceira passagem, a porta se materializou.

O furor da batalha morreu no instante em que cruzaram o portal e fecharam a porta às suas costas: tudo era silêncio. Estavam em um lugar do tamanho de uma catedral, com o aspecto de uma cidade, suas altas paredes formadas por objetos escondidos por milhares de estudantes que há muito haviam partido.

– E ele nunca imaginou que *qualquer um* poderia entrar? – perguntou Rony, sua voz ecoando no silêncio.

– Ele pensou que fosse o único – disse Harry. – Azar o dele que precisei esconder uma coisa no meu tempo de Hogwarts... por aqui – acrescentou –, acho que é ali embaixo.

Ele passou pelo trasgo estufado e o Armário Sumidouro que Draco Malfoy consertara no ano anterior com desastrosas consequências, depois hesitou,

olhando para cima e para baixo das alas de quinquilharias; não se lembrava para que lado deveria virar...

– *Accio diadema!* – exclamou Hermione em desespero, mas nada voou pelo ar ao seu encontro. Parecia que, a exemplo do cofre em Gringotes, a sala não entregava os objetos com essa facilidade.

– Vamos nos separar – sugeriu Harry aos amigos. – Procurem o busto de pedra de um velho usando uma peruca e uma tiara! Está em um armário e, sem a menor dúvida, aqui por perto...

Eles saíram depressa pelas alas adjacentes; Harry ouviu os passos dos amigos ecoarem nas enormes pilhas de quinquilharias, garrafas, chapéus, caixotes, cadeiras, livros, armas, vassouras, morcegos...

– Em algum lugar por aqui – murmurou Harry com os seus botões. – Em algum lugar... algum lugar...

Ele foi se embrenhando no labirinto, procurando objetos que pudesse reconhecer de sua visita anterior à sala. Sua respiração soava alta aos seus ouvidos e, então, a sua própria alma pareceu se arrepiar: ali estava, bem à frente, o velho armário com a superfície coberta de bolhas no qual escondera o velho livro de Poções, e em cima, o bruxo de pedra bexiguenta usando uma velha peruca empoeirada e algo parecido com uma antiga tiara descolorida.

Ele já estendera a mão, embora a três metros de distância, quando ouviu uma voz às suas costas:

– Pare, Potter.

Ele parou derrapando e se virou. Crabbe e Goyle estavam postados ali, ombro a ombro, as varinhas apontadas para ele. Pelo estreito vão entre seus rostos zombeteiros, ele viu Draco Malfoy.

– É a minha varinha que você está segurando, Potter – disse Malfoy, apontando a que segurava pelo espaço entre Crabbe e Goyle.

– Não é mais – ofegou Harry, apertando com força a varinha de pilriteiro. – Ganhou, guardou, Malfoy. Quem lhe emprestou essa?

– Minha mãe – respondeu Draco.

Harry riu, embora não houvesse a menor graça na situação. Não estava mais ouvindo Rony e Hermione. Pareciam ter saído do seu campo de audição, procurando o diadema.

– Então por que não estão com Voldemort? – perguntou Harry.

– Vamos receber uma recompensa – respondeu Crabbe: sua voz era surpreendentemente suave para uma pessoa com tal corpanzil; Harry quase nunca o ouvira falar. Crabbe sorria como um garotinho a quem tivessem prometido um grande saco de balas. – Ficamos na escola, Potter. Decidimos não sair. Decidimos levar você para ele.

– Ótimo plano! – exclamou Harry, fingindo admiração. Não conseguia acreditar que, estando tão perto, fosse atrapalhado por Malfoy, Crabbe e Goyle. Ele começou a se deslocar lentamente, de costas para o lugar em que a Horcrux jazia enviesada na cabeça do busto. Se ao menos conseguisse pegá-la antes de começarem a lutar... – Como foi que entraram aqui? – perguntou, tentando distraí-los.

– Vivi praticamente nesta sala de objetos escondidos o ano passado – explicou Malfoy, a voz quebrando. – Sei como entrar.

– Estávamos escondidos lá fora, no corredor – resmungou Goyle. – Já sabemos lançar Feitiços da Desilusão! Então – seu rosto se abriu em um sorriso abobado –, você apareceu bem na nossa frente e disse que estava procurando um dia-D! Que é um dia-D?

– Harry? – A voz de Rony ecoou repentinamente atrás da parede à direita de Harry. – Você está falando com alguém?

Com um movimento de chicote, Crabbe apontou a varinha para a montanha de quase vinte metros de móveis velhos, malões desmantelados, vestes e livros e lixaria indiscriminada, e gritou:

– *Descendo!*

A parede começou a balançar, então desmoronou sobre a ala ao lado daquela em que Rony se encontrava.

– Rony! – berrou Harry, ao mesmo tempo que, em algum lugar, Hermione gritou e Harry ouviu um estrondo de objetos batendo no chão do outro lado da parede desestabilizada: ele apontou a varinha para o alto e gritou: – *Finite!* – E a parede se firmou.

– Não! – gritou Malfoy, segurando o braço de Crabbe quando ele fez menção de repetir o feitiço. – Se você desmontar a sala, talvez enterre o tal diadema!

– E daí? – retrucou Crabbe, se desvencilhando. – É o Potter que o Lorde das Trevas quer, quem se importa com um dia-D?

– Potter entrou aqui para apanhá-lo – replicou Malfoy, mal disfarçando a impaciência com o retardamento dos colegas –, então deve significar...

– Deve significar? – Crabbe se voltou para Malfoy, com visível ferocidade. – Quem se importa com o que você pensa? Não recebo mais ordens suas, *Draco*. Você e seu pai já eram.

– Harry? – tornou Rony a chamar do outro lado da parede de quinquilharias. – Que está acontecendo?

– Harry? – arremedou-o Crabbe. – Que está... *não*, Potter! *Crucio*!

Harry mergulhara para pegar a tiara; o feitiço de Crabbe não o acertou, mas bateu no busto de pedra, que foi projetado no ar; o diadema pairou no alto e caiu, desaparecendo na massa de objetos em que o busto estivera apoiado.

– PARE! – gritou Malfoy para Crabbe, sua voz ecoando pela enorme sala. – O Lorde das Trevas quer ele vivo...

– Então? Eu não estou matando ele, estou? – berrou Crabbe, empurrando o braço de Malfoy que o tolhia –, mas, se eu puder, é o que farei, o Lorde das Trevas quer ele morto mesmo, qual é a dif...?

Um jato de luz vermelha passou a centímetros de Harry: Hermione tinha contornado o canto por trás dele e lançado um Feitiço Estuporante direto na cabeça de Crabbe. Errou apenas porque Malfoy tirou o colega do caminho.

– É aquela sangue-ruim! *Avada Kedavra!*

Harry viu Hermione mergulhar para um lado, e sua fúria ao ver que Crabbe quisera matá-la apagou todo o resto de sua mente. Ele lançou um Feitiço Estuporante em Crabbe, que se arremessou para longe derrubando a varinha da mão de Malfoy; o objeto desapareceu sob uma montanha de caixas e móveis quebrados.

– Não o mate! NÃO O MATE! – urrou Malfoy para Crabbe e Goyle, que miravam em Harry: a fração de segundo de hesitação foi só o que Harry precisou.

– *Expelliarmus!*

A varinha de Goyle voou de sua mão e sumiu entre os objetos ao seu lado. Goyle ficou pulando inutilmente no mesmo lugar, tentando recuperá-la; Malfoy saltou fora do alcance do segundo Feitiço Estuporante de Hermione e Rony, aparecendo repentinamente no fim da ala, lançou um Feitiço do Corpo Preso em Crabbe, que, por pouco, não o acertou.

Crabbe se virou e tornou a gritar:

– *Avada Kedavra!* – Rony, de um salto, se escondeu para evitar o jorro de luz verde. Malfoy, sem varinha, abrigou-se atrás de um guarda-roupa de três pernas quando Hermione avançou contra eles e, a caminho, acertou Goyle com um Feitiço Estuporante.

– Está por aqui em algum lugar! – berrou Harry para ela, apontando uma pilha de destroços em que a velha tiara caíra. – Procure enquanto vou ajudar R...

– HARRY! – gritou ela.

Um rugido crescente às suas costas lhe deu um breve aviso. Ele se virou e viu Rony e Crabbe correndo o mais rápido possível pela ala em sua direção.

– Que tal o calor, gentalha? – urrou Crabbe enquanto corria.

Entretanto, ele parecia não ter o menor controle sobre o que fizera. Chamas de tamanho anormal os perseguiram, lambendo os lados da montanha de objetos, que se desfazia em fuligem ao seu toque.

– *Aguamenti!* – berrou Harry, mas o jato de água que voou da ponta de sua varinha se evaporou no ar.

– CORRAM!

Malfoy agarrou o estuporado Goyle e arrastou-o consigo: Crabbe ultrapassou todos na corrida, agora aterrorizado; Harry, Rony e Hermione se precipitaram em seu rastro, o fogo atrás. Não era um fogo normal; Crabbe usara um feitiço que Harry desconhecia: ao virarem um canto, as chamas se lançaram em seu encalço como se estivessem vivas, conscientes, decididas a matá-los. Então, o fogo começou a mudar, a formar um gigantesco bando de feras: serpentes flamejantes, quimeras e dragões se elevavam e baixavam e tornavam a se elevar, e os detritos de séculos com que se alimentavam eram arremessados no ar para dentro de suas bocas dentadas, jogados para o alto sobre pés com garras, antes de serem consumidos pelo inferno.

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham desaparecido; Harry, Rony e Hermione pararam subitamente; os monstros de fogo os rodeavam, cada vez mais próximos, chicoteando garras, chifres e caudas, e o calor se tornava sólido como uma parede, sitiando-os.

– Que fazemos? – gritou Hermione, sobrepondo-se ao rugido ensurdecedor do fogo. – Que fazemos?

– Aqui!

Harry passou a mão em duas vassouras de aspecto pesado na pilha de lixo mais próxima e atirou uma para Rony, que puxou Hermione para a garupa. Harry montou a segunda vassoura e, chutando o chão com vigor, eles levantaram voo, passando ao largo do bico chifrudo de um raptor flamejante que tentava abocanhá-los. A fumaça e o calor estavam se tornando avassaladores: embaixo, o fogo amaldiçoado estava consumindo o contrabando de gerações de estudantes perseguidos, o resultado criminoso de experiências proibidas, os segredos de incontáveis almas que buscaram refúgio naquela sala. Harry não via vestígio de Malfoy, Crabbe e Goyle em lugar algum: mergulhou o mais baixo que a coragem lhe permitiu sobre as monstruosas chamas errantes para tentar encontrá-los, mas não viu nada exceto fogo: era uma morte terrível... jamais desejara isso...

– Harry, vamos embora, vamos embora! – berrou Rony, embora fosse impossível ver onde estava a porta naquela fumaceira escura.

Então Harry ouviu um débil lamento humano no meio da terrível confusão, do rugido das chamas devoradoras.

– É... muito... perigoso! – berrou Rony, mas Harry fez meia-volta no ar. Seus óculos ofereciam aos seus olhos alguma proteção contra a fumaça, ele investigou a tempestade de fogo embaixo, procurando um sinal de vida, um membro ou um rosto que ainda não tivesse virado carvão como a madeira...

E ele os viu: Malfoy com os braços em volta do inconsciente Goyle, os dois empoleirados sobre uma frágil torre de escrivaninhas queimadas, e Harry

mergulhou. Malfoy viu-o descendo, ergueu um braço, mas, no momento em que o agarrou, Harry percebeu que não adiantava: Goyle era pesado demais e a mão suada de Malfoy escorregou instantaneamente da dele...

– SE MORRERMOS POR CAUSA DELES, VOU MATAR VOCÊ, HARRY! – vociferou Rony, e quando uma grande quimera flamejante avançou sobre os dois, ele e Hermione puxaram Goyle para cima da vassoura e subiram mais uma vez no ar, rolando para os lados, para a frente e para trás, enquanto Malfoy escalava com mãos e pés a traseira da vassoura de Harry.

– A porta, vão para a porta, a porta! – gritou Malfoy no ouvido de Harry, e o garoto ganhou velocidade, seguindo Rony, Hermione e Goyle através da crescente nuvem de fumaça escura, mal conseguindo respirar: a toda volta os últimos objetos ainda não queimados pelas chamas devoradoras foram parar no ar, enquanto as criaturas do fogo maldito comemoravam, atirando-os para o alto: taças, escudos, um colar cintilante e uma velha tiara descolorida...

– O que você está fazendo, o que você está fazendo? A porta é para o outro lado! – gritou Malfoy, mas Harry fez uma curva fechada e mergulhou. O diadema parecia cair em câmara lenta, girando e rebrilhando em direção à barriga de uma serpente a bocejar, então ele o capturou, enlaçando-o no pulso...

Harry fez nova curva quando a serpente se atirou sobre ele, empinou o nariz da vassoura e voou direto para o lugar em que, pedia ele aos céus, haveria uma porta aberta: Rony, Hermione e Goyle tinham desaparecido, Malfoy gritava e se agarrava a Harry com tanta força que chegava a machucá-lo. Então, através da fumaça, o garoto viu um trecho retangular da parede e apontou para lá a vassoura, momentos depois o ar puro encheu seus pulmões e os dois se chocaram contra a parede no corredor além.

Malfoy caiu da vassoura e ficou deitado de cara para baixo, arquejando, tossindo e engulhando. Harry rolou para o lado e se sentou: a porta da Sala Precisa desaparecera, e Rony e Hermione, ofegantes, estavam sentados ao lado de Goyle, que continuava inconsciente.

– C-Crabbe – engasgou Malfoy, assim que pôde falar. – C-Crabbe...

– Ele está morto – disse Rony, com rispidez.

Fez-se silêncio, exceto pelos arquejos e tossidas. Então, uma série de fortes estampidos sacudiu o castelo e uma grande cavalgada de vultos transparentes passou a galope, as cabeças gritando sedentas de sangue sob os braços dos fantasmas. Harry se ergueu cambaleando depois que os Caçadores Sem Cabeça passaram, e olhou ao seu redor: a batalha continuava para todo lado. Ouviam-se outros gritos além dos emitidos pelos fantasmas em retirada. O pânico cresceu em seu íntimo.

– Onde está a Gina? – perguntou, bruscamente. – Ela estava aqui. Devia ter

voltado para a Sala Precisa.
– Caramba, você acha que ela ainda funcionará depois desse incêndio? – indagou Rony, mas ele também se levantou, esfregando o peito e olhando para os lados. – Vamos nos separar e procurar...?
– Não – disse Hermione, levantando-se também. Malfoy e Goyle continuavam caídos e inermes no chão do corredor; nenhum dos dois tinha varinha. – Ficamos juntos. Vamos... Harry, que é isso no seu braço?
– Quê? Ah, é...
Ele puxou o diadema do pulso e mostrou-o. Ainda estava quente, sujo de fuligem, mas, ao examiná-lo de perto, ele conseguiu entrever os dizeres minúsculos que havia gravados nele: *O espírito sem limites é o maior tesouro do homem.*
Uma substância semelhante a sangue, escura e resinosa, parecia vazar do diadema. De repente, Harry sentiu a coisa vibrar violentamente e se partir em suas mãos, e, quando isso aconteceu, ele pensou ter ouvido um leve e longínquo grito de dor, que não vinha dos terrenos do castelo, mas da coisa que acabara de se fragmentar entre seus dedos.
– Deve ter sido o Fogomaldito! – murmurou Hermione, seus olhos cravados nos cacos do diadema.
– Desculpe?
– Fogomaldito é uma das substâncias que destrói Horcruxes, mas eu nunca, jamais, teria me atrevido a usá-lo, tão perigoso que é. Como Crabbe terá...?
– Deve ter aprendido com os Carrow – disse Harry, sombriamente.
– Pena que não estivesse prestando atenção quando eles ensinaram a apagá-lo, pena mesmo – disse Rony, cujos cabelos, como os de Hermione, estavam chamuscados e cujo rosto estava preto. – Se não tivesse tentado nos matar, eu lamentaria a morte dele.
– Mas você não percebe? – cochichou Hermione. – Isto significa que se pudermos apanhar a cobra...
Ela, no entanto, se calou quando berros, gritos e o inconfundível barulho de combate encheram o corredor. Harry olhou e seu coração pareceu parar: Comensais da Morte tinham penetrado Hogwarts. Fred e Percy acabavam de aparecer, recuando, os dois duelando com os homens de máscara e capuz.
Harry, Rony e Hermione correram a ajudar: jorros de luz voavam em todas as direções e o homem que lutava com Percy retrocedeu rapidamente: então, seu capuz escorregou e eles viram a testa alta e os cabelos raiados de branco...
– Olá, Ministro! – berrou Percy, lançando um feitiço certeiro contra Thicknesse, que deixou cair a varinha e agarrou a frente das vestes, aparentando extremo embaraço. – Cheguei a mencionar que estou me demitindo?

– Você está brincando, Perce! – gritou Fred, quando o Comensal da Morte a quem ele dava combate desmontou sob o efeito de três Feitiços Estuporantes distintos. Thicknesse tinha caído no chão com espículos brotando por todo o corpo; pelo visto, estava se transformando em alguma forma de ouriço-do-mar. Fred olhou para Percy com prazer.

"Você *está* mesmo brincando, Perce... acho que nunca ouvi você brincar desde que era..."

O ar explodiu. Eles estavam agrupados, Harry, Rony, Hermione, Fred e Percy, os dois Comensais da Morte a seus pés, um estuporado, o outro transfigurado: e, naquela fração de instante, quando o perigo parecia temporariamente contido, o mundo se cindiu. Harry sentiu que voava pelo ar e tudo que conseguiu fazer foi agarrar com todas as forças aquele fino pedaço de madeira que era a sua única arma, e proteger a cabeça com os braços: ele ouviu berros e gritos de seus companheiros, sem esperança de saber o que acontecera com eles.

Então, tudo se resumiu em dor e penumbra: ele estava quase soterrado pelos destroços do corredor que sofrera um terrível ataque: o ar frio o fez perceber que aquele lado do castelo explodira e a sensação pegajosa na face lhe informava que estava sangrando profusamente. Ouviu um grito terrível que arrancou suas entranhas, expressando uma agonia que nem fogo nem maldição poderiam causar, e ele se levantou, tonto, mais assustado do que se sentira naquele dia, mais assustado talvez do que já se sentira na vida...

E Hermione tentava ficar em pé entre os destroços, e havia três homens ruivos no chão, que estavam juntos quando a parede explodiu. Harry segurou a mão de Hermione e seguiram, cambaleando e tropeçando, sobre pedras e paus.

– Não... não... não! – alguém estava gritando. – Não! Fred! Não!

Percy sacudia o irmão, Rony estava ajoelhado ao lado deles, e os olhos de Fred estavam muito abertos e cegos, o fantasma de sua última risada ainda gravado em seu rosto.

— CAPÍTULO TRINTA E DOIS —

A Varinha das Varinhas

O mundo acabara, então por que a batalha prosseguia, o horror não silenciara o castelo, e cada combatente não depusera suas armas? A mente de Harry estava em queda livre, girando descontrolada, incapaz de apreender o impossível, porque Fred Weasley não podia estar morto, o testemunho dos seus sentidos devia ser mentiroso...

E, então, um cadáver entrou pelo rombo na fachada lateral da escola e feitiços voaram contra eles vindos da escuridão, atingindo a parede atrás de suas cabeças.

– Abaixe-se! – gritou Harry, ao ver que outros tantos feitiços cortavam a noite: ele e Rony agarraram Hermione ao mesmo tempo e a puxaram para o chão, mas Percy se deitara sobre o corpo de Fred, protegendo-o de dano maior, e quando Harry gritou “Percy, anda, temos que sair daqui!”, ele balançou a cabeça.

– Percy! – Harry viu uma trilha de lágrimas marcar a fuligem no rosto de Rony, quando ele segurou os ombros do irmão mais velho e puxou-o, mas Percy não se moveu. – Percy, você não pode fazer nada por ele! Vamos...

Hermione gritou e Harry, virando-se, não precisou perguntar o porquê. Uma aranha monstruosa do tamanho de um automóvel compacto estava tentando trepar pelo enorme rombo na parede: um dos descendentes de Aragogue viera participar da luta.

Rony e Harry gritaram juntos; seus feitiços colidiram e o monstro foi rechaçado, suas pernas sacudiram freneticamente, e ele perdeu-se na escuridão.

– Ela trouxe os amigos! – Harry alertou os outros, correndo o olhar pelos muros do castelo, através do buraco que os feitiços tinham aberto: mais aranhas gigantescas vinham subindo pelo lado da construção, libertadas da Floresta Proibida por onde deviam ter penetrado os Comensais da Morte. Harry lançou Feitiços Estuporantes contra as invasoras, derrubando o monstro que as liderava em cima das companheiras, fazendo-as rolar fachada abaixo e desaparecer.

Então, mais feitiços voaram sobre a cabeça de Harry, tão perto que ele sentiu seu ímpeto despentear-lhe os cabelos.

– Vamos sair, AGORA!

Empurrando Hermione e Rony à frente, Harry se inclinou para agarrar o corpo de Fred por baixo dos braços. Percy, percebendo o que Harry estava tentando fazer, soltou o corpo e ajudou-o; juntos, abaixados para evitar os feitiços atirados contra eles, os dois tiraram Fred do caminho.

– Aqui – disse Harry, e o colocaram em um nicho onde antes estivera uma armadura. Ele não aguentaria olhar para Fred nem um segundo além do necessário e, se certificando de que o corpo estava bem escondido, saiu ao encalço de Rony e Hermione. Malfoy e Goyle tinham sumido, mas no fim do corredor, que agora se enchia de pó e destroços de alvenaria, de vidros das janelas há muito estourados, ele viu muitas pessoas avançando e recuando; se eram amigas ou inimigas, ele não saberia dizer. Dobrando um canto, Percy soltou um fortíssimo berro “ROOKWOOD!”, e correu em direção a um homem alto, que perseguia uns estudantes.

– Harry, entra aqui! – chamou Hermione.

Ela puxara Rony para trás de uma tapeçaria. Pareciam estar lutando e, por um delirante segundo, Harry achou que estavam se beijando outra vez; então viu que Hermione estava tentando impedir Rony de correr atrás de Percy.

– Me escute... *ESCUTE, RONY!*

– Quero ajudar... quero matar Comensais da Morte...

Seu rosto estava contorcido, sujo de poeira e fuligem, e ele tremia de fúria e pesar.

– Rony, nós somos os únicos que podemos pôr fim a isso! Por favor... Rony... precisamos da cobra, temos que matar a cobra! – disse Hermione.

Harry, no entanto, sabia o que Rony estava sentindo: capturar outra Horcrux não lhe traria a satisfação da vingança; ele também queria lutar, castigar as pessoas que tinham matado Fred, queria achar os outros Weasley e, acima de tudo, ter certeza, certeza absoluta de que Gina não estava... mas ele não podia permitir que essa ideia tomasse corpo em sua mente...

– Nós *lutaremos*! – disse Hermione. – Teremos que lutar para chegar à cobra! Mas não vamos perder de vista, agora, o que devíamos estar f-fazendo! Somos os únicos que podemos pôr fim a isso!

Ela estava chorando também, e enxugava o rosto na manga queimada e rasgada enquanto falava, mas inspirou profundamente mais de uma vez para se acalmar e, sem largar Rony, virou-se para Harry.

– Você precisa descobrir onde Voldemort está, porque a cobra está com ele, não? Faça isso, Harry... espie a mente dele!

Por que isso era tão fácil? Porque sua cicatriz estava queimando havia horas, querendo lhe mostrar os pensamentos de Voldemort? Ele fechou os olhos quando Hermione mandou, e, na mesma hora, os gritos e estampidos e todos os ruídos dissonantes da batalha foram abafados até se tornarem quase inaudíveis, como se ele estivesse longe, muito longe dali...

Harry estava parado em uma sala arruinada, mas estranhamente familiar, o papel descascando nas paredes e todas as janelas fechadas com tábuas, exceto uma. O fragor do assalto à escola soava indistinto e remoto. A única janela destapada revelava clarões distantes junto ao castelo, mas dentro da sala estava escuro, exceto por uma solitária lâmpada a óleo.

Ele estava girando a varinha entre os dedos, examinando-a, seus pensamentos na sala do castelo, a sala secreta que só ele encontrara, a sala, como a Câmara, que a pessoa tinha de ser inteligente, astuta e curiosa para descobrir... ele estava confiante de que o garoto não encontraria o diadema... embora o fantoche de Dumbledore tivesse ido mais longe do que ele jamais imaginara... longe demais...

– Milorde – disse uma voz falha e desesperada. Ele se virou: ali estava Lúcio Malfoy, sentado no canto mais escuro, rasgado e ainda trazendo as marcas do castigo que recebera depois da última fuga do garoto. Um de seus olhos fechado e inchado. – Milorde... por favor... meu filho...

– Se o seu filho estiver morto, Lúcio, não será por minha culpa. Ele não veio se reunir a mim, como os outros alunos da Sonserina. Quem sabe decidiu ser amigo de Harry Potter?

– Não... nunca – sussurrou Malfoy.

– Pois deseje que não.

– O senhor não... não tem medo, Milorde, que Potter morra por outras mãos que não as suas? – perguntou Malfoy, a voz trêmula. – Não seria... me perdoe... mais prudente interromper essa batalha, entrar no castelo e procurá-lo p-pessoalmente?

– Não finja, Lúcio. Você quer que a batalha termine para poder descobrir o que aconteceu com o seu filho. E eu não preciso procurar Potter. Antes que a noite termine, Potter virá me procurar.

Voldemort baixou novamente o olhar para a varinha entre seus dedos. Ela o incomodava... e as coisas que incomodavam Lorde Voldemort precisavam ser resolvidas...

– Vá buscar Snape.

– Snape, M-milorde?

– Snape. Agora. Preciso dele. Tem um... serviço... que preciso que ele faça. Vá.

Assustado, tropeçando um pouco na luz rarefeita da sala, Lúcio saiu. Voldemort continuou parado ali, girando a varinha nos dedos, estudando-a.

– É a única solução, Nagini – sussurrou, virando a cabeça para onde estava a cobra grande e grossa, agora suspensa no ar, revirando-se graciosamente no espaço encantado e protegido que Voldemort criara para ela: uma esfera transparente e estrelada, algo entre uma jaula cintilante e um tanque.

Com um ofego, Harry se retirou e abriu os olhos; no mesmo instante, seus ouvidos foram assaltados por guinchos e gritos, os choques e estampidos da batalha.

– Ele está na Casa dos Gritos. A cobra está com ele, tem uma espécie de proteção mágica em volta. E ele acabou de mandar Lúcio Malfoy buscar Snape.

– Voldemort está sentado na Casa dos Gritos?! – exclamou Hermione, indignada. – Ele não... ele não está nem *lutando*?

– Acha que não precisa lutar. Acha que vou procurá-lo.

– Mas por quê?

– Ele sabe que quero as Horcruxes... está mantendo Nagini junto dele... obviamente eu terei de procurá-lo para me aproximar daquela coisa...

– Certo – falou Rony, aprumando os ombros. – Logo, você não pode ir, se é o que ele quer, o que está esperando. Você fica aqui e cuida da Hermione, e eu irei pegar...

Harry interrompeu-o.

– Vocês dois ficam aqui. Irei com a Capa da Invisibilidade e voltarei assim que...

– Não – discordou Hermione –, faz muito mais sentido eu levar a capa e...

– Nem pense nisso – disse Rony, rispidamente.

Antes que Hermione pudesse terminar de dizer “Rony, sou tão capaz...”, a tapeçaria no alto da escada em que estavam foi rasgada.

– POTTER!

Dois Comensais da Morte mascarados achavam-se parados ali, mas, antes que pudessem acabar de erguer suas varinhas, Hermione ordenou:

– *Glisseo!*

Os degraus sob seus pés se achataram formando um plano inclinado pelo qual ela, Harry e Rony despencaram, incapazes de controlar a sua velocidade, tão alta que os Feitiços Estuporantes dos Comensais da Morte passaram muito acima de suas cabeças. Os bruxos atravessaram a tapeçaria que os ocultava e rolaram pelo chão, batendo na parede oposta.

– *Duro!* – gritou Hermione, apontando a varinha para a tapeçaria, e eles ouviram dois baques fortes e nauseantes quando a tapeçaria virou pedra e os Comensais que os perseguiam desabaram com a colisão.

– Para trás! – gritou Rony, e os três se achataram contra uma porta no momento em que passou por eles um trovejante rebanho de carteiras a galope, pastoreadas por uma professora McGonagall velocista. Aparentemente não reparou neles: seus cabelos tinham se soltado e havia um corte em seu rosto. Quando virou o canto, eles a ouviram ordenar: “ATACAR!”

– Harry, vista a capa – disse Hermione –, não se incomode conosco...

Ele, porém, atirou a capa sobre os três; embora fossem grandes, ele duvidava que alguém pudesse ver os seus pés sem corpo através da poeira que entupia o ar, das pedras caindo, do brilho dos feitiços.

Eles desceram a escada seguinte e toparam com um corredor repleto de combatentes. Os quadros de cada lado estavam cheios de figuras que gritavam conselhos e incentivos, enquanto os Comensais da Morte, tanto os mascarados quanto os sem máscara, duelavam com estudantes e professores. Dino conquistara uma varinha porque estava cara a cara com Dolohov, Parvati enfrentava Travers. Harry, Rony e Hermione ergueram imediatamente as varinhas, prontos para atacar, mas os adversários zanzavam para aqui e para ali de tal modo que, se eles disparassem feitiços, era grande a probabilidade de ferir um aliado. Ainda em posição, esperando uma oportunidade para agir, ouviram um guincho agudíssimo e, erguendo os olhos, Harry viu Pirraça que sobrevoava a cena, disparado, despejando vagens de Arapucosos nos Comensais da Morte, cujas cabeças eram subitamente engolfadas por túberas verdes que se mexiam como gordos vermes.

– Irque!

Um punhado delas batera na capa sobre a cabeça de Rony; as raízes verdes e pegajosas pararam absurdamente no ar enquanto ele tentava sacudi-las fora.

– Tem alguém invisível lá! – gritou um Comensal da Morte mascarado, apontando.

Dino tirou partido da momentânea distração do Comensal e derrubou-o com um Feitiço Estuporante; Dolohov tentou retaliar, e Parvati lançou contra ele um Feitiço do Corpo Preso.

– VAMOS EMBORA! – berrou Harry, e ele, Rony e Hermione seguraram a capa mais junto do corpo e saíram correndo de cabeça abaixada entre os combatentes, escorregando um pouco nas poças de sumo de Arapucosos, em direção à escadaria de mármore do saguão de entrada.

– Sou Draco Malfoy, sou Draco, estou do seu lado!

Draco estava no alto da escadaria, se defendendo de outro Comensal mascarado. Harry estuporou o Comensal quando passaram: Malfoy olhou para os lados, sorridente, procurando o seu salvador, e Rony deu-lhe um murro por baixo da capa. Malfoy caiu para trás por cima do Comensal, a boca sangrando,

completamente pasmo.
– E essa é a segunda vez que salvamos sua vida hoje à noite, seu filho da mãe de duas caras! – berrou Rony.
Havia mais gente duelando por toda a escada e o saguão, havia Comensais da Morte para qualquer lugar que Harry olhasse: Yaxley, próximo às portas de entrada, dava combate a Flitwick, um Comensal da Morte mascarado duelava com Kingsley. Estudantes corriam em todas as direções, alguns carregando ou arrastando amigos feridos. Harry mirou um Feitiço Estuporante em um Comensal mascarado, falhou, mas quase acertou Neville, que surgira de algum lugar brandindo uma braçada de Tentáculos Venenosos, dos quais um espécime se enganchou feliz no Comensal mais próximo e começou a puxá-lo para si.
Harry, Rony e Hermione desceram correndo a escadaria de mármore: vidros estilhaçaram à sua esquerda e a ampulheta da Sonserina que registrava os pontos da Casa vazou as esmeraldas pelo recinto, fazendo as pessoas escorregarem e se desequilibrarem ao fugir. Dois corpos caíram da galeria no alto quando os garotos chegaram ao térreo, e um borrão cinzento, que Harry pensou ser um animal, correu sobre quatro patas pelo saguão e cravou os dentes em um dos caídos.
– NÃO! – guinchou Hermione, e com um jato ensurdecedor de sua varinha, Lobo Greyback foi arremessado para longe do corpo ainda vivo de Lilá Brown. Ele se chocou com os balaústres de mármore e tentou se pôr de pé. Então, com um cintilante lampejo branco e um estalo, uma esfera de cristal atingiu-o na cabeça e ele desmontou no chão, e não mais se mexeu.
– Tenho mais! – gritou a professora Trelawney, do alto da escada. – Mais para quem quiser! Aqui vai...
E com um movimento que lembrava um serviço de tênis, ela ergueu outra enorme bola de cristal da bolsa, acenou com a varinha no ar e fez a bola disparar pelo saguão e atravessar uma janela, destroçando-a. No mesmo momento, as pesadas portas de madeira da entrada se escancararam, e mais aranhas gigantes forçaram a entrada no saguão.
Berros de terror cortaram o ar: os combatentes se dispersaram, tanto Comensais da Morte quanto Hogwartianos, e jatos de luz vermelha e verde foram lançados no meio dos monstros atacantes, que estremeciam e se empinavam, mais pavorosos que nunca.
– Como vamos sair? – berrou Rony, mais alto que a gritaria geral, mas, antes que Harry ou Hermione pudessem responder, foram empurrados para o lado: Hagrid desceu trovejando, brandindo seu florido guarda-chuva rosa.
– Não machuquem elas, não machuquem elas! – berrava.
– HAGRID, NÃO!

Harry esqueceu todo o resto: saltou de baixo da capa e correu abaixado para evitar os feitiços que iluminavam todo o saguão.
– HAGRID, VOLTE AQUI!
Ele, no entanto, não cobrira sequer a metade da distância até Hagrid, quando viu acontecer: Hagrid desapareceu entre as aranhas e, com grande correria e um movimento de enxame, elas se retiraram sob uma barragem violenta de feitiços, Hagrid soterrado no meio delas.
– HAGRID!
Harry ouviu alguém chamar seu nome, fosse amigo ou inimigo não fez diferença: ele se precipitou pelos degraus da entrada em direção aos jardins escuros, e o enxame de aranhas se afastava com sua presa, e ele não conseguia ver nenhuma parte de Hagrid.
– HAGRID!
Ele pensou ter avistado um enorme braço acenando em meio às aranhas, mas, quando fez menção de persegui-las, seu caminho foi barrado por um pé monumental, que baixou da escuridão e fez estremecer o chão em que pisou. Harry ergueu a cabeça: havia um gigante parado diante dele, seis metros de altura, a cabeça oculta nas sombras, nada exceto canelas peludas e grossas como troncos de árvores iluminadas pelas luzes do castelo. Com um movimento brutal, ele enfiou o punho maciço por uma janela dos andares superiores e o vidro choveu sobre Harry, forçando-o a recuar para a proteção do portal de entrada.
– Ah, meu...! – guinchou Hermione, quando ela e Rony alcançaram Harry e olharam para o gigante, que agora tentava gadunhar gente pela janela.
– NÃO! – berrou Rony, agarrando a mão de Hermione quando ela ergueu a varinha. – Se você o estuporar, ele achatará metade do castelo...
– HAGGER?
Grope surgiu correndo pela quina do castelo; só agora Harry percebia que ele era, na realidade, um gigante nanico. O monstro gargantuano, que tentava esmagar gente nos andares altos, olhou para o lado e soltou um rugido. Os degraus de pedra vibraram quando ele se voltou pesadamente para o seu pequeno parente, e a boca torta de Grope se abriu, deixando à mostra dentes amarelos do tamanho de tijolos; então eles se atiraram um ao outro com a selvageria de leões.
– CORRAM! – berrou Harry; a noite se enchia de gritos medonhos e pancadas de gigantes em luta, e ele segurou a mão de Hermione e saiu disparado pelos degraus de acesso aos jardins, Rony seguiu-os. Harry não perdera a esperança de salvar Hagrid; corriam tão depressa que já estavam a meio caminho da Floresta quando foram novamente barrados.
O ar ao redor congelara: a respiração de Harry ficou presa e solidificou em seu peito. Sombras saíram da escuridão, vultos rodopiantes de puro negrume

deslocavam-se em uma grande onda em direção ao castelo, os rostos ocultos sob o capuz e a respiração estertorante...

Rony e Hermione se colocaram dos lados de Harry quando os ruídos da batalha às suas costas repentinamente silenciaram, morreram, porque caía denso sobre a noite um silêncio que somente os dementadores poderiam trazer...

– Vamos, Harry! – Ele ouviu a voz de Hermione chamando de muito distante. – Patronos, Harry, vamos!

Ele ergueu a varinha, mas um surdo desalento o invadiu: Fred se fora e Hagrid certamente estava morrendo ou morto; quantos mais ele ainda ignorava que jaziam mortos? Tinha a sensação de que metade de sua alma abandonara seu corpo...

– ANDA, HARRY! – gritou Hermione.

Cem dementadores vinham avançando, deslizando ao encontro deles, sugando a distância para se avizinhar do desespero de Harry, que era uma promessa de banquete...

Ele viu o terrier prateado de Rony irromper no ar, brilhar fracamente e se extinguir; viu a lontra de Hermione girar no ar e se dissolver, e a varinha tremeu em sua mão, fazendo-o quase acolher com prazer o oblívio que chegava, a promessa do nada, da ausência da emoção...

Então, uma lebre, um javali e uma raposa prateados sobrevoaram as cabeças de Harry, Rony e Hermione: os dementadores recuaram ante a aproximação dos animais. Mais três pessoas emergiram da escuridão para se postar ao seu lado, as varinhas em punho, continuando a conjurar Patronos: Luna, Ernesto e Simas.

– Certo – disse Luna em tom de incentivo, como se estivessem de volta à Sala Precisa e aquilo fosse simplesmente uma prática de feitiços para a Armada de Dumbledore. – Certo, Harry... vamos, pense em alguma coisa feliz...

– Alguma coisa feliz? – disse ele, a voz quebrada.

– Ainda estamos todos aqui – sussurrou ela –, ainda estamos lutando. Vamos, agora...

Houve uma faísca prateada, depois uma luz vacilante, então, com o maior esforço que já lhe custara, o veado irrompeu da ponta da varinha de Harry. Ele avançou em um meio galope e agora os dementadores realmente se dispersaram e logo a noite amornou, mas os sons da batalha circundante agrediam seus ouvidos.

– Nem sei como agradecer a vocês – disse Rony trêmulo, dirigindo-se a Ernesto e Simas –, vocês acabaram de salvar...

Com um rugido e um tremor de terra, outro gigante se precipitou da escuridão vindo da Floresta, brandindo uma clava maior do que qualquer um deles.

– CORRAM! – tornou Harry a gritar, mas eles não precisaram ouvir a ordem:

todos se espalharam na hora certa, pois o pé descomunal da criatura baixou exatamente no lugar em que tinham estado parados. Harry olhou para os lados: Rony e Hermione continuaram a segui-lo, mas os outros três tinham voltado à luta e desaparecido de vista.

– Vamos sair da linha de fogo! – berrou Rony, quando o gigante tornou a girar a clava e seus urros ecoaram pela noite nos terrenos da escola, onde clarões vermelhos e verdes continuavam a iluminar a escuridão.

– O Salgueiro Lutador – disse Harry. – Agora!

De alguma forma, ele emparedara as emoções em sua mente, confinara-as em um pequeno espaço para o qual ele não podia olhar agora: pensamentos sobre Fred e Hagrid, e seu medo por aqueles que amava, espalhados dentro e fora do castelo, todos precisariam esperar, porque eles tinham que correr, tinham que chegar à cobra e Voldemort, porque era, como dizia Hermione, a única maneira de acabar com aquilo...

Ele correu velozmente, acreditando que, de certa forma, poderia ultrapassar a morte em si, ignorando os jatos de luz que voavam pela escuridão à sua volta, o ruído do lago quebrando como o mar, e os rangidos da Floresta Proibida, embora fosse uma noite de calmaria; através dos jardins que pareciam ter, eles mesmos, se rebelado, Harry correu mais veloz do que jamais o fizera na vida, e foi ele quem viu primeiro a grande árvore, o Salgueiro que protegia o segredo em suas raízes com ramos que cortavam como chicotes.

Com a respiração ofegante, Harry desacelerou, rodeando os ramos socadores do Salgueiro, examinando na escuridão o seu grosso tronco, tentando localizar o nó único na casca da velha árvore que a paralisava. Rony e Hermione o alcançaram tão sem fôlego que não conseguiam falar.

– Como... como vamos entrar? – ofegou Rony. – Poderia... ver o lugar... se ao menos tivéssemos... Bichento...

– Bichento? – chiou Hermione, dobrada, segurando o peito. – *Você é um bruxo ou não é?*

– Ah... certo... é...

Rony olhou em volta e em seguida apontou a varinha para um graveto no chão e disse:

– *Wingardium Leviosa!* – O graveto ergueu-se do chão, girou no ar como se uma rajada de vento o apanhasse, então disparou certeiro contra o tronco entre os ramos do Salgueiro Lutador que balançavam agourentamente. Cravou direto em determinado ponto junto às raízes, e imediatamente a árvore se imobilizou.

– Perfeito! – ofegou Hermione.

– Esperem.

Por um lento segundo, ouvindo os choques e estrondos da batalha que

enchiam o ar, Harry hesitou. Voldemort queria que ele fizesse aquilo, queria que ele viesse... estaria levando Rony e Hermione para uma armadilha?
A realidade, porém, pareceu assediá-lo, simples e cruel: o único modo de progredir era matar a cobra, e a cobra estava onde Voldemort estava, e Voldemort estava no fim do túnel...
– Harry, vamos com você, entre logo aí! – disse Rony, empurrando-o para a frente.
Harry se espremeu pela passagem de terra oculta pelas raízes da árvore. Estava muito mais apertada do que da última vez que penetraram ali. O túnel tinha o teto baixo: eles precisaram se dobrar para atravessá-lo quase quatro anos antes, agora não havia opção exceto engatinhar. Harry entrou primeiro, a varinha iluminada, esperando encontrar barreiras a qualquer instante, mas não havia nenhuma. Eles se moveram em silêncio, o olhar de Harry fixo na luz oscilante da varinha que empunhava.
Por fim, o túnel começou a se inclinar para o alto e Harry viu adiante uma fresta de luz. Hermione deu um puxão em seu tornozelo.
– A capa! – sussurrou ela. – Vista a capa!
Ele tateou às costas e ela empurrou em sua mão livre um embrulho de tecido escorregadio. Com dificuldade, ele puxou a Capa da Invisibilidade por cima do corpo e murmurou "*Nox*", apagando a luz da varinha e continuando a engatinhar o mais silenciosamente possível, todos os seus sentidos tensos, esperando a cada segundo ser descoberto, ouvir a voz fria e clara, ver um lampejo de luz verde.
Então, ele ouviu vozes que vinham da sala diretamente à frente, ligeiramente abafadas porque a abertura no final do túnel estava bloqueada por um objeto que parecia um velho caixote. Mal se atrevendo a respirar, Harry avançou cauteloso até a saída e espiou por uma pequena fresta entre o caixote e a parede.
A sala estava mal iluminada, mas dava para ver Nagini, girando e se enrolando como se estivesse embaixo da água, protegida em sua encantada esfera de estrelas, que flutuava sem apoio no ar. Dava para ver a ponta de uma mesa e uma mão branca de dedos longos brincando com uma varinha. Então Snape falou, e o coração de Harry deu um salto: o bruxo estava a centímetros do lugar em que ele se encolhia escondido.
– ... Milorde, a resistência está entrando em colapso...
– ... e está fazendo isso sem a sua ajuda – retorquiu Voldemort, com sua voz clara e aguda. – Mesmo sendo um bruxo competente, Severo, acho que você não fará muita diferença agora. Estamos quase chegando lá... quase.
– Deixe-me procurar o garoto. Deixe-me trazer Potter. Sei que posso encontrá-lo, Milorde. Por favor.
Snape passou em frente à fresta e Harry recuou um pouco, mantendo os olhos

fixos em Nagini, imaginando se haveria algum feitiço que pudesse penetrar a proteção que a cercava, mas não conseguiu pensar em nada. Uma tentativa fracassada e trairia sua posição...

Voldemort se levantou. Harry o via agora, via seus olhos vermelhos e o rosto achatado e ofídico, sua palidez levemente luminosa na penumbra.

– Tenho um problema, Snape – disse Voldemort, suavemente.

– Milorde?

Voldemort ergueu a Varinha das Varinhas, segurando-a com a delicadeza e a precisão de uma batuta de maestro.

– Por que ela não funciona comigo, Severo?

No silêncio, Harry imaginou que ouvia a cobra silvar levemente, enrolando-se e desenrolando-se, ou seria o suspiro sibilante de Voldemort ainda vibrando no ar?

– Mi... milorde? – replicou Snape, aturdido. – Não estou entendendo. O senhor realizou extraordinária magia com essa varinha.

– Não. Realizei a minha magia habitual. Sou extraordinário, mas esta varinha... não. Ela não revelou as maravilhas prometidas. Não sinto diferença entre esta varinha e a que comprei de Olivaras tantos anos atrás.

O tom de Voldemort era reflexivo, calmo, mas a cicatriz de Harry começara a latejar e vibrar: a dor em sua testa aumentava e ele percebia um sentimento de fúria controlada crescer em Voldemort.

– Não há diferença – repetiu Voldemort.

Snape não respondeu. Harry não via seu rosto. Pôs-se a imaginar se ele perceberia o perigo, se estava tentando achar as palavras certas para tranquilizar o seu senhor.

Voldemort começou a andar pela sala. Harry perdeu-o de vista por alguns segundos nos quais ele rondava, ainda falando naquele mesmo tom comedido; a dor e a fúria se avolumavam em Harry.

– Estive refletindo longa e intensamente, Severo... você sabe por que o fiz voltar da cena da batalha?

E, por um momento, Harry viu o perfil de Snape: seus olhos estavam pregados na cobra que se enroscava na jaula encantada.

– Não, Milorde, mas peço que me deixe retornar. Me deixe encontrar Potter.

– Você parece o Lúcio falando. Nenhum dos dois compreende Potter como eu. Ele não precisa ser achado. Ele virá a mim. Conheço sua fraqueza, entende, seu grande defeito. Ele não suportará ver os outros caírem fulminados ao seu redor, sabendo que é por ele que estão morrendo. Irá querer pôr um fim nisso a qualquer custo. Ele virá.

– Mas, Milorde, ele pode ser morto acidentalmente por outra pessoa que não o

senhor.
– Minhas instruções aos meus Comensais da Morte foram absolutamente claras. Capturem Potter. Matem seus amigos... quanto mais melhor... mas não o matem.
“Mas é sobre você que eu queria falar, Severo, e não Harry Potter. Você tem sido muito valioso para mim. Muito valioso.”
– Milorde, sabe que só busco servi-lo. Mas... me deixe ir procurar o garoto, Milorde. Deixe-me trazer Potter ao senhor. Sei que posso...
– Já lhe disse, não! – exclamou Voldemort, e Harry percebeu um brilho vermelho em seus olhos quando ele se virou, o farfalhar de sua capa lembrando o rastejar de uma cobra, e o garoto sentiu a impaciência de Voldemort na queimação de sua cicatriz. – Minha preocupação no momento, Severo, é o que irá acontecer quando eu finalmente me encontrar com o garoto!
– Milorde, não pode haver dúvida, certamente...?
– ... mas *há* uma dúvida, Severo. Há.
Voldemort fez uma pausa, e Harry ouviu-o claramente escorregando a Varinha das Varinhas entre seus dedos brancos, com os olhos em Snape.
– Por que as duas varinhas que usei não funcionaram quando as apontei para Harry Potter?
– Eu... eu não sei responder, Milorde.
– Não sabe?
A pontada de raiva pareceu um furador penetrando a cabeça de Harry: ele enfiou o punho na boca para conter os gritos de dor. Fechou os olhos e, subitamente, ele era Voldemort, encarando o rosto pálido de Snape.
– Minha varinha de teixo fez tudo que lhe pedi para fazer, Severo, exceto matar Harry Potter. Falhou duas vezes. Olivaras me falou, sob tortura, dos núcleos gêmeos, me aconselhou a tomar a varinha de outro. Fiz isso, mas a varinha de Lúcio se partiu ao enfrentar a de Potter.
– Eu... eu não tenho explicação, Milorde.
Snape não estava olhando para Voldemort no momento. Seus olhos negros continuavam fixos na cobra movimentando-se em sua esfera protetora.
– Procurei uma terceira varinha, Severo. A Varinha das Varinhas, a Varinha do Destino, a Varinha da Morte, tirei-a do seu dono anterior. Tirei-a do túmulo de Alvo Dumbledore.
E agora Snape olhou para Voldemort, e seu rosto lembrava uma máscara mortuária. Estava branco-mármore e tão imóvel que, quando ele falou, foi um susto perceber que havia um ser vivente por trás dos seus olhos inexpressivos.
– Milorde... me deixe ir até o garoto...
– Durante toda essa longa noite, de vitória iminente, estive sentado aqui –

disse Voldemort, sua voz pouco mais do que um sussurro – pensando, pensando, por que a Varinha das Varinhas se recusa a ser o que deveria ser, se recusa a agir como a lenda diz que deve agir para o seu legítimo dono... e acho que sei a resposta.
Snape ficou calado.
– Talvez você já saiba, não? Afinal, você é um homem inteligente, Severo. Você tem sido um servo bom e fiel, e eu lamento o que terá de acontecer.
– Milorde...
– A Varinha das Varinhas não pode me servir corretamente, Severo, porque não sou o seu verdadeiro dono. A Varinha das Varinhas pertence ao bruxo que matou o seu dono anterior. Você matou Alvo Dumbledore. Enquanto você viver, Severo, a Varinha das Varinhas não pode ser verdadeiramente minha.
– Milorde! – protestou Snape, erguendo a varinha.
– Não pode ser de outro modo – replicou Voldemort. – Tenho que dominar a varinha, Severo. Domino a varinha e domino Potter, enfim.
E Voldemort cortou o ar com a Varinha das Varinhas. Ela não afetou Snape, que, por uma fração de segundo, pareceu pensar que sua execução fora temporariamente suspensa: então, a intenção de Voldemort se tornou evidente. A jaula da cobra girava no ar, e, antes que Snape pudesse dar mais do que um grito, ela o envolvera, a cabeça e os ombros, e Voldemort falava em linguagem ofídica.
– *Mate*.
Ouviu-se um berro terrível. Harry viu o rosto de Snape perder a pouca cor que lhe restava, embranquecer, e seus olhos negros se arregalarem quando as presas da cobra se cravaram em seu pescoço, pois não conseguira repelir a jaula encantada para longe, seus joelhos cederam e ele caiu ao chão.
– Lamento – disse Voldemort, friamente.
O Lorde das Trevas virou-se para sair; não havia tristeza alguma nele, remorso algum. Estava na hora de deixar a casa e assumir o comando, com a varinha que agora lhe obedeceria perfeitamente. Apontou-a para a jaula estrelada que continha a cobra, e ela se elevou, afastando-se de Snape, caído de lado no chão, o sangue esguichando dos ferimentos no pescoço. Voldemort saiu imponente da sala sem sequer olhar para trás, e a grande cobra acompanhou-o flutuando em sua enorme esfera protetora.
De volta ao túnel e à sua própria mente, Harry abriu os olhos: fizera sangrar os punhos mordendo-os na tentativa de refrear seus gritos. Agora ele olhava pela pequena fresta entre o caixote e a parede, observando uma bota tremendo no chão.
– Harry! – sussurrou Hermione às suas costas, mas ele já apontara a varinha para o caixote que bloqueava sua visão. O objeto se ergueu uns três centímetros

no ar e se deslocou sem ruído para o lado. O mais silenciosamente que pôde, ele se guindou para dentro da sala.

Não sabia por que estava fazendo aquilo, por que estava se aproximando do homem moribundo: não sabia o que sentia ao ver o rosto branco de Snape e os dedos tentando estancar o sangue no ferimento do pescoço. Harry tirou a Capa da Invisibilidade e olhou do alto para o homem que odiava, cujos olhos arregalados encontraram Harry ao tentar falar. Harry se curvou sobre ele; Snape agarrou a frente de suas vestes e puxou-o para perto. Um gargarejo rascante e terrível saiu da garganta do professor.

– Leve... isso... Leve... isso...

Alguma coisa além do sangue vazava de Snape. Algo prateado, nem gás, nem líquido, jorrou de sua boca, ouvidos e olhos, e Harry percebeu o que era, mas não sabia o que fazer...

Um frasco materializou-se no ar e foi empurrado em suas mãos por Hermione. Harry recolheu a substância prateada com a varinha. Quando o frasco se encheu e Snape pareceu exangue, ele afrouxou o aperto nas vestes de Harry.

– Olhe... para... mim – sussurrou o bruxo.

Os olhos verdes encontraram os negros, mas em um segundo alguma coisa no fundo dos olhos de Snape pareceu sumir, deixando-os fixos, inexpressivos e vazios. A mão que segurava Harry bateu no chão e Snape não se mexeu mais.

— CAPÍTULO TRINTA E TRÊS —

A história do Príncipe

Harry permaneceu ajoelhado ao lado de Snape, simplesmente contemplando-o, até que, de súbito, uma voz aguda e fria falou tão perto que ele se pôs de pé com um salto, o frasco bem seguro na mão, pensando que Voldemort tivesse voltado à sala.

A voz do Lorde das Trevas ressoou nas paredes e no chão, e Harry percebeu que o bruxo estava se dirigindo a Hogwarts e a toda a área vizinha, para que os residentes de Hogsmeade e todos que ainda lutavam no castelo o ouvissem tão claramente como se estivesse ao lado deles, bafejando-lhes na nuca, à distância de um golpe mortal.

"Vocês lutaram", disse a voz, *"valorosamente. Lorde Voldemort sabe valorizar a bravura.*

"Vocês sofreram pesadas baixas. Se continuarem a resistir a mim, todos morrerão, um a um. Não quero que isto aconteça. Cada gota de sangue mágico derramado é uma perda e um desperdício.

"Lorde Voldemort é misericordioso. Ordeno que as minhas forças se retirem imediatamente.

"Vocês têm uma hora. Deem um destino digno aos seus mortos. Cuidem dos seus feridos.

"Eu me dirijo agora diretamente a você, Harry Potter. Você permitiu que os seus amigos morressem por você em lugar de me enfrentar pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibida. Se ao fim desse prazo, você não tiver vindo ao meu encontro, não tiver se entregado, então a batalha recomeçará. Desta vez eu participarei da luta, Harry Potter, e o encontrarei, e castigarei até o último homem, mulher e criança que tentou escondê-lo de mim. Uma hora."

Ambos, Rony e Hermione, sacudiram a cabeça freneticamente, olhando para Harry.

– Não dê ouvidos a ele – disse Rony.

– Tudo dará certo – acrescentou Hermione, irrefletidamente. – Vamos voltar ao castelo, se ele foi para a Floresta precisaremos pensar em um novo plano...

Ela olhou para o corpo de Snape e voltou correndo ao túnel. Rony seguiu-a. Harry recolheu a Capa da Invisibilidade tornou a lançar um olhar a Snape. Não sabia o que sentir, exceto choque pela maneira como fora morto, e a razão alegada...

Eles voltaram engatinhando pelo túnel, calados, e Harry ficou em dúvida se Rony e Hermione ainda conseguiam ouvir o eco das palavras de Voldemort em sua cabeça, como ele.

Você permitiu que os seus amigos morressem por você em lugar de me enfrentar pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibida... uma hora...

Pequenos embrulhos pareciam coalhar o gramado em frente ao castelo. Devia faltar pouco mais de uma hora para amanhecer, mas estava um breu. Os três se apressaram em direção aos degraus de pedra da entrada. Um tamanco solitário, do tamanho de um pequeno barco, se achava abandonado ali. Não havia sinal de Grope nem do seu atacante.

O castelo estava anormalmente silencioso. Não havia clarões agora, nem estampidos, nem gritaria. As lages do deserto saguão de entrada estavam manchadas de sangue. As esmeraldas continuavam espalhadas pelo piso ao lado de pedaços de mármore e lascas de madeira. Parte do balaústre fora destruído.

– Onde estão todos? – sussurrou Hermione.

Rony saiu à frente para o Salão Principal. Harry parou à porta.

As mesas das Casas tinham sido retiradas, e o salão estava lotado. Os sobreviventes formavam grupos, abraçando uns aos outros. Na plataforma, os feridos recebiam atendimento de Madame Pomfrey e seus auxiliares. Firenze estava entre os feridos; seu flanco sangrava e ele se agitava deitado, incapaz de se levantar.

Os mortos estavam enfileirados no meio do salão. Harry não viu o corpo de Fred, porque a família o rodeava. Jorge estava ajoelhado à cabeça do irmão gêmeo; a sra. Weasley se deitara sobre o seu peito, o corpo sacudindo, o sr. Weasley acariciava os cabelos dela e as lágrimas desciam em cascata pelo seu rosto.

Sem dizer palavra a Harry, Rony e Hermione se afastaram. Harry viu Hermione se aproximar de Gina, cujo rosto estava inchado e borrado, e abraçou-a. Rony se juntou a Gui, Fleur e Percy, que passou o braço pelos ombros do irmão. Quando Gina e Hermione se aproximaram do resto da família, Harry pôde ver com clareza os corpos ao lado de Fred: Remo e Tonks, pálidos e imóveis, a fisionomia plácida, aparentemente dormindo sob o escuro teto encantado.

O Salão Principal pareceu fugir, se tornar menor, encolher, quando Harry recuou tonto do portal. Não conseguia respirar. Não conseguia suportar a visão dos outros corpos, saber quem mais morrera por ele. Não conseguia suportar a ideia de se reunir aos Weasley, não conseguia olhar em seus olhos, pois se ele tivesse se sacrificado em primeiro lugar, Fred talvez não tivesse morrido...

Ele deu as costas e subiu, rápido, a escadaria de mármore. Lupin, Tonks... ele ansiava por não sentir... desejava poder arrancar seu coração, suas entranhas, tudo que estava gritando dentro dele...

O castelo estava completamente vazio; até os fantasmas pareciam ter se reunido ao funeral coletivo no Salão Principal. Harry correu sem parar, apertando o frasco de cristal contendo as últimas lembranças de Snape, e não desacelerou até alcançar a gárgula de pedra que guardava o gabinete do diretor.

“Senha?”

– Dumbledore! – disse, sem pensar, porque era quem ele ansiava por ver, e, para sua surpresa, a gárgula se afastou revelando a escada circular que protegia.

Quando, porém, Harry irrompeu pelo gabinete, encontrou-o mudado. Os retratos pendurados a toda volta estavam vazios. Nem um único diretor ou diretora ficara para vê-lo: pelo visto, todos tinham saído voando, atravessado os quadros que se alinhavam pelo castelo, para poder ter uma boa visão dos acontecimentos.

Harry olhou desesperado para o quadro deserto de Dumbledore, diretamente atrás da cadeira do diretor, e lhe deu as costas. A Penseira de pedra estava no armário onde sempre estivera: Harry carregou-a para cima da escrivaninha e despejou as lembranças de Snape na grande bacia com a borda de runas. Fugir para a cabeça de outro era um alívio abençoado... nada que mesmo alguém como Snape tivesse lhe deixado poderia ser pior do que os seus próprios pensamentos. As lembranças giraram, branco-prateadas e estranhas, e, sem hesitar, possuído de um sentimento de irrefletido abandono, como se isso pudesse aliviar a tortura do seu pesar, Harry mergulhou.

Caiu de cabeça em um lugar ensolarado e seus pés encontraram um chão morno. Quando se endireitou, viu que estava em um parquinho infantil quase deserto. Uma enorme chaminé solitária dominava o horizonte distante. Duas meninas se balançavam para a frente e para trás, e um menino magricela as observava, de trás de uma moita de arbustos. Seus cabelos negros eram demasiado longos e suas roupas tão díspares que isso até parecia intencional: jeans excessivamente curto, um casaco enxovalhado e tão largo que poderia ter pertencido a um adulto, uma camisa estranha, com aspecto de bata.

Harry se acercou do garoto. Snape não parecia ter mais de nove ou dez anos, macilento, pequeno, rijo. Havia uma indisfarçável cobiça em seu rosto magro ao

espiar a mais jovem das meninas que se balançava mais alto do que a irmã.
– Lílian, não faz isso! – gritava a mais velha.
A garota, porém, soltava o balanço na altura máxima do arco que descrevia e voava no ar, literalmente voava, atirava-se para o céu com uma grande gargalhada e, em vez de cair no asfalto do parquinho, pairava no ar como uma artista de trapézio, permanecendo no alto tempo demais, aterrissando leve demais.
– Mamãe disse para você não fazer!
Petúnia parou o próprio balanço arrastando os calcanhares das sandálias no chão, produzindo um forte atrito, depois saltou, com as mãos nos quadris.
– Mamãe disse que você não podia, Lílian!
– Mas eu estou ótima – respondeu Lílian, ainda rindo. – Túnia, dá uma olhada. Veja o que eu sei fazer.
Petúnia relanceou a sua volta. O parquinho estava deserto exceto pelas duas e, embora as garotas ignorassem, Snape. Lílian apanhara uma flor caída na moita em que o garoto espreitava. Petúnia se aproximou, evidentemente dividida entre a curiosidade e a desaprovação. Lílian esperou a irmã chegar suficientemente perto para poder ver bem, então estendeu a palma da mão. A flor estava ali, abrindo e fechando as pétalas, como uma bizarra ostra com muitos lábios.
– Para com isso! – guinchou Petúnia.
– Não estou machucando ninguém – respondeu Lílian, mas fechou a flor na mão e atirou-a no chão.
– Não é direito – reclamou Petúnia, mas seus olhos tinham acompanhado o voo da flor até o chão e se detiveram nela. – Como é que você faz isso? – acrescentou, e havia um claro desejo em sua voz.
– É óbvio, não é? – Snape não conseguira mais se conter e saltara de trás da moita. Petúnia gritou e voltou correndo para os balanços, mas Lílian, embora visivelmente assustada, não arredou pé. Snape pareceu se arrepender de ter se mostrado. Um colorido baço subiu às suas bochechas pálidas quando olhou para Lílian.
– O que é óbvio? – perguntou ela.
Snape tinha um ar de nervosa excitação. Com um olhar rápido à distante Petúnia, agora parada ao lado dos balanços, ele baixou a voz e disse:
– Sei o que você é.
– Como assim?
– Você é... você é uma bruxa – sussurrou Snape.
Ela se ofendeu.
– Não é bonito dizer *isso* a uma pessoa!
Ela deu as costas, empinou o nariz e se afastou com firmeza em direção à

irmã.
– Não! – chamou Snape. Estava agora muito vermelho, e Harry se perguntou por que não tirava aquele casaco ridiculamente grande, a não ser que quisesse esconder a bata que usava por baixo. Ele saiu atrás das garotas abanando o casaco, já parecendo o absurdo morcego que veio a se tornar em adulto.
As irmãs o avaliaram, unidas em sua desaprovação, ambas se segurando na armação do balanço como se fosse um pique.
– Você *é* – disse Snape a Lílian. – Você *é* uma bruxa. Estive observando um tempo. Mas não é uma coisa ruim. Minha mãe é, eu sou um bruxo.
A risada de Petúnia foi um balde de água fria.
– Bruxo! – guinchou ela, retomando a coragem, agora que se refizera do choque de sua inesperada aparição. – *Eu* sei quem *você* é. Você é aquele garoto Snape! Mora na rua da Fiação na beira do rio – disse Petúnia à irmã, deixando evidente, pelo seu tom, que considerava o endereço uma fraca recomendação. – Por que estava nos espionando?
– Não estava espionando – respondeu Snape, vermelho e constrangido, os cabelos sujos à claridade do sol. – Não espionaria você, pode ter certeza – acrescentou vingativo –, *você é* uma trouxa.
Embora Petúnia não entendesse a palavra, o tom não deixava dúvida.
– Lílian, anda, vamos embora! – disse esganiçada. Lílian obedeceu imediatamente à irmã, fazendo cara feia para Snape ao se afastar. Ele ficou parado observando-as se dirigirem ao portão do parquinho, e Harry, o único que restara ali, reconheceu o amargo desapontamento de Snape e compreendeu que o bruxo planejara aquele momento há muito tempo e que tudo saíra errado...
A cena se dissolveu e, antes que Harry tomasse consciência, uma nova se formara ao seu redor. Achava-se agora em um arvoredo. Via o rio banhado de sol cintilando entre os troncos. As sombras projetadas pelas árvores produziam um círculo de sombra verde e fresca. Snape agora despira o casaco; sua bata esquisita causava menos estranheza à meia-luz.
– ... e o Ministério pode punir você se usar magia fora da escola, você recebe cartas.
– Mas eu *usei* magia fora da escola!
– Não é o nosso caso. Ainda não temos varinhas. Não castigam quando a gente é criança e não consegue se controlar. Mas quando se faz onze anos – ele acenou a cabeça com autoridade – e começam a nos ensinar, então temos que maneirar.
Houve um breve silêncio. Lílian apanhara um gravetinho no chão e girou-o no ar, e Harry percebeu que ela estava imaginando faíscas saindo de sua ponta. Ela largou o graveto, se inclinou para o garoto e perguntou:

– Isso *é* verdade, não é? Não é uma brincadeira? Petúnia diz que você está mentindo. Petúnia diz que Hogwarts não existe. *É* verdade, não é?
– É verdade para nós – respondeu Snape. – Não para ela. Mas nós receberemos a carta, você e eu.
– Sério? – sussurrou Lílian.
– Sem a menor dúvida. – E mesmo com os seus cabelos mal cortados e suas roupas descombinadas, ele era uma figura estranhamente impressionante, esparramado à sua frente, esbanjando confiança no próprio destino.
– E realmente vai ser entregue por uma coruja? – sussurrou Lílian.
– Normalmente é. Mas você é nascida trouxa, então alguém da escola terá de vir explicar aos seus pais.
– Faz diferença ser nascida trouxa?
Snape hesitou. Seus olhos negros, ansiosos à sombra esverdeada, percorreram o rosto pálido e os cabelos acaju da garota.
– Não – garantiu ele. – Não faz a menor diferença.
– Que bom – disse Lílian, se descontraindo: era evidente que andara preocupada.
– Você tem muita magia. Eu vi. Todas as vezes que estive espiando você.
Sua voz foi se distanciando; ela não estava mais ouvindo, deitara-se no chão coberto de folhas e contemplava a abóbada de folhas no alto. Ele a observava tão avidamente quanto o fizera no parquinho.
– Como vão as coisas em sua casa? – perguntou Lílian.
Um pequeno vinco apareceu entre os olhos dele.
– Ótimas.
– Eles não estão mais brigando?
– Ah, sim, continuam brigando. – Ele apanhou um punhado de folhas e começou a rasgá-las, aparentemente sem notar o que estava fazendo. – Mas não vai demorar muito e logo terei ido embora.
– O seu pai não gosta de magia?
– Ele não gosta muito de nada.
– Severo?
Um pequeno sorriso curvou os cantos da boca de Snape ao ouvi-la pronunciar o seu nome.
– Quê?
– Me fale outra vez dos dementadores.
– Para que quer saber sobre eles?
– Se eu usar magia fora da escola...
– Não entregariam você aos dementadores só por isso! São para as pessoas que fazem coisas realmente ruins. Os dementadores guardam a prisão dos

bruxos, Azkaban. Você não vai para Azkaban, você é muito...

Ele corou novamente e rasgou mais folhas. Então, um leve farfalhar atrás de Harry o fez se virar: Petúnia, escondida atrás de uma árvore, se desequilibrara.

– Túnia! – exclamou Lílian, havia surpresa e boas-vindas em sua voz, mas Snape saltara em pé.

– Quem está espionando agora? – gritou. – Que é que você quer?

Petúnia ficou ofegante, assustada por ter sido descoberta. Harry viu que se concentrava à procura de alguma coisa para dizer que o magoasse.

– Afinal, o que é isso que você está vestindo? – perguntou ela, apontando para o peito de Snape. – A blusa da sua mãe?

Ouviram um estalo: caíra um galho na cabeça de Petúnia. Lílian gritou; o galho bateu no ombro da irmã, que cambaleou e caiu no choro.

– Túnia!

Petúnia, porém, estava fugindo. Lílian virou-se para Snape.

– Você fez isso acontecer?

– Não. – Em seu rosto havia desafio e medo.

– Fez! – Ela foi se afastando dele. – *Fez,* sim! Você a machucou!

– Não... não fiz!

A mentira, no entanto, não convenceu Lílian; lançando-lhe um último olhar fulminante, ela saiu correndo do arvoredo atrás da irmã, deixando Snape com um ar infeliz e confuso...

A cena se reformulou. Harry olhou para os lados: estava na plataforma nove e meia com Snape ao seu lado, ligeiramente curvo, ao lado de uma mulher magra de rosto pálido e azedo, parecidíssima com ele. O garoto observava uma família de quatro pessoas não muito longe. As duas garotas um pouco separadas dos pais. Lílian parecia estar justificando alguma coisa para a irmã; Harry aproximou-se para ouvir.

– ... desculpe, Túnia, me desculpe! Escute... – Ela segurou a mão da irmã e apertou-a, embora Petúnia tentasse se desvencilhar. – Talvez quando eu estiver lá... não, escute, Túnia! Talvez quando eu estiver lá, eu possa procurar o professor Dumbledore e convencê-lo a mudar de ideia!

– Eu não... quero... ir! – disse Petúnia, ela puxou com força a mão do aperto da irmã. – Você acha que eu quero ir para um castelo idiota e aprender a ser... ser...

O seu olhar percorreu a plataforma, passou pelos gatos que miavam no colo dos seus donos, pelas corujas que esvoaçavam piando umas para as outras nas gaiolas, pelos estudantes, alguns já usando longas vestes pretas, embarcando os malões no trem de locomotiva vermelha ou então se cumprimentando com gritos de alegria, depois de um verão separados.

– ... você acha que quero ser um... um bicho estranho?

Os olhos de Lílian se encheram de lágrimas quando Petúnia conseguiu largar a mão dela.

– Não sou um bicho estranho – respondeu Lílian. – Que coisa horrível para dizer.

– É para onde você vai – insistiu Petúnia, com gosto. – Uma escola especial para bichos estranhos. Você e aquele garoto Snape... bizarros, é o que vocês são. É bom que sejam isolados das pessoas normais. É para a nossa segurança.

Lílian olhou em direção aos seus pais, que examinavam a plataforma com um ar de entusiástico prazer, absorvendo o cenário. Então, ela voltou o olhar para a irmã e sua voz era suave e cruel.

– Você não achou que era uma escola para anormais quando escreveu ao diretor suplicando que a aceitasse.

Petúnia ficou escarlate.

– Suplicando? Não supliquei!

– Eu vi a resposta dele. Foi muito bondosa.

– Você não devia ter lido... – sussurrou Petúnia. – Era minha e particular... como pôde...?

Lílian se traiu ao dar uma olhada em Snape parado ali perto. Petúnia ofegou.

– Foi aquele garoto que descobriu! Você e aquele garoto andaram espionando o meu quarto!

– Não... não espionando... – Agora Lílian estava na defensiva. – Severo viu o envelope, e não pôde acreditar que uma trouxa tivesse escrito para Hogwarts, foi isso! Ele diz que deve haver bruxos infiltrados nos correios que se encarregam de...

– Pelo visto, os bruxos metem o nariz em tudo! – replicou Petúnia, agora tão pálida quanto estivera corada. – *Anormal!* – Ela cuspiu na irmã e voltou acintosamente para o lado dos pais...

A cena se dissolveu mais uma vez. Snape estava andando apressado pelo corredor do Expresso de Hogwarts enquanto o veículo sacudia pelos campos. Já trocara as vestes da escola, talvez aproveitando a primeira oportunidade para despir suas horríveis roupas de trouxa. Finalmente, parou à porta de um compartimento onde um grupo de garotos barulhentos conversava. Encolhida no canto ao lado da janela, estava sentada Lílian, o rosto colado na vidraça.

Snape abriu a porta do compartimento e se sentou em frente à garota. Ela lhe lançou um breve olhar e tornou a voltar sua atenção para a janela. Estivera chorando.

– Não quero falar com você – disse, em tom crispado.

– Por que não?

– Túnia me od... odeia. Porque vimos aquela carta do Dumbledore.
– E daí?
Ela lhe lançou um olhar de profundo desagrado.
– E daí que ela é minha irmã!
– Ela é só uma... – Ele se refreou depressa; Lílian, ocupada demais em secar os olhos discretamente, não o ouviu. – Mas nós vamos! – exclamou ele, incapaz de conter a exaltação na voz. – Isso é o que conta! Estamos viajando para Hogwarts!
Ela concordou, enxugando os olhos, e, apesar de não querer, deu um meio sorriso.
– É melhor você entrar para a Sonserina – disse Snape, animado ao vê-la menos triste.
– Sonserina?
Um dos garotos que dividia com eles o compartimento, e até aquele momento não mostrara o menor interesse em Lílian e Snape, olhou para o lado ao ouvir aquele nome, e Harry, cuja atenção estivera totalmente concentrada nos dois ao lado da janela, viu seu pai: magro, cabelos negros como os de Snape, mas com aquele ar indefinível de alguém que foi bem cuidado, até adorado, que visivelmente faltava a Snape.
– Quem quer ir para a Sonserina? Acho que eu desistiria da escola, você não? – Tiago perguntou a um garoto esparramado nos assentos defronte a ele, e, com um sobressalto, Harry percebeu que era Sirius. Sirius não riu.
– Toda a minha família foi da Sonserina.
– Caramba – replicou Tiago –, e eu que pensei que você fosse legal!
Sirius riu.
– Talvez eu quebre a tradição. Para qual você iria se pudesse escolher?
Tiago ergueu uma espada invisível.
– *“Grifinória, a morada dos destemidos!”* Como o meu pai.
Snape deu um muxoxo de descaso. Tiago se virou para ele.
– Algum problema?
– Não – retrucou Snape, embora seu sorrisinho de deboche dissesse o contrário. – Se você prefere ter mais músculo do que cérebro...
– E para onde está esperando ir, uma vez que não tem nenhum dos dois? – interpôs Sirius.
Tiago deu gostosas gargalhadas. Lílian se empertigou, ruborizada, e olhou de Tiago para Sirius com ar de desagrado.
– Vamos, Severo, vamos procurar outro compartimento.
– Oooooo...
Tiago e Sirius imitaram o seu tom de superioridade; Tiago tentou fazer Snape

tropeçar quando ele passou.

– A gente se vê, Ranhoso! – uma voz gritou quando a porta do compartimento bateu...

Mais uma vez a cena se dissolveu...

Harry estava atrás de Snape, ambos observando as mesas iluminadas a velas, repletas de rostos extasiados. Então, a professora McGonagall chamou:

– Evans, Lílian!

Ele observou a mãe se adiantar de pernas trêmulas e se sentar no banquinho bambo. A professora deixou cair o Chapéu Seletor sobre sua cabeça, e, mal se passara um segundo após tocar seus cabelos acaju, o chapéu anunciou: *“Grifinória!”*

Harry ouviu Snape soltar um pequeno gemido. Lílian tirou o chapéu, devolveu-o à professora McGonagall, e correu ao encontro dos alunos da Grifinória que a aplaudiam, mas a caminho se virou para olhar Snape, e havia um sorriso triste no rosto dela. Harry viu Sirius escorregar no banco para dar espaço a Lílian. Ela deu uma olhada e pareceu reconhecê-lo do trem, cruzou os braços e, com firmeza, virou-lhe as costas.

A chamada continuou. Harry observou Lupin, Pettigrew e seu pai se reunirem a Lílian e Sirius à mesa da Grifinória. Por fim, quando restavam apenas dez estudantes a serem selecionados, a professora McGonagall chamou Snape.

Harry acompanhou-o ao banquinho, viu-o colocar o chapéu na cabeça. *“Sonserina!”*, anunciou o Chapéu Seletor.

E Severo Snape andou para o lado oposto do salão, longe de Lílian, onde os alunos da Casa o aplaudiam e Lúcio Malfoy, com um crachá de monitor brilhando no peito, deu-lhe uma palmadinha nas costas quando Snape se sentou ao seu lado...

E a cena mudou...

Lílian e Snape atravessavam o pátio do castelo, discutindo abertamente. Harry se apressou a alcançá-los e escutar. Quando chegou perto, percebeu o quanto ambos haviam crescido: alguns anos pareciam ter transcorrido desde a seleção.

– ... pensei que fôssemos amigos? – reclamava Snape. – Grandes amigos?

– *Somos*, Sev, mas não gosto de um pessoal com quem você anda! Desculpe, mas detesto Avery e Mulciber! *Mulciber!* O que vê nele, Sev? Me dá arrepios! Você sabe o que ele tentou fazer com a Maria Macdonald outro dia?

Lílian chegou a uma pilastra e se encostou, com os olhos erguidos para o rosto magro e macilento.

– Aquilo não foi nada. Foi uma brincadeira, só isso...

– Foi Magia das Trevas, e se você acha que isso é brincadeira...

– E aquelas coisas que Potter e os amigos dele aprontam? – retrucou Snape.

Seu rosto corou ao dizer isso, aparentemente incapaz de refrear o seu rancor.
– E onde é que o Potter entra nisso? – perguntou Lílian.
– Eles saem escondidos à noite. Tem alguma coisa esquisita naquele Lupin. Aonde é que ele sempre vai?
– Ele é doente. Dizem que é doente.
– Todo mês na lua cheia?
– Conheço a sua teoria – replicou Lílian, e seu tom era frio. – Afinal, por que você é tão obcecado por eles? Por que se importa com o que eles fazem à noite?
– Só estou tentando lhe mostrar que eles não são tão maravilhosos quanto todo o mundo parece pensar.
A intensidade do seu olhar a fez corar.
– Mas eles não usam Magia das Trevas. – Lílian baixou a voz. – E você está sendo realmente ingrato. Me contaram o que aconteceu outra noite. Você estava bisbilhotando naquele túnel do Salgueiro Lutador e Tiago Potter salvou você de sei lá o que tem lá embaixo...
O rosto de Snape se contorceu e ele engrolou:
– Salvou? Salvou? Você acha que ele estava bancando o herói? Ele estava salvando o próprio pescoço e o dos amigos também! Você não vai... eu não vou deixar você...
– Me *deixar*? Me *deixar*?
Os vivos olhos verdes de Lílian se estreitaram. Snape retrocedeu na mesma hora.
– Eu não quis dizer... só não quero ver você fazer papel de boba... ele gosta de você, Tiago Potter gosta de você! – As palavras davam a impressão de serem arrancadas dele contra sua vontade. – E ele não é... Todo o mundo acha... Grande herói de quadribol... – A amargura e a antipatia que Snape sentia deixavam-no incoerente, e as sobrancelhas de Lílian subiam sem parar em sua testa.
– Eu sei que Tiago Potter é um biltre arrogante – disse ela, cortando Snape. – Não preciso que você me diga. Mas a ideia que Mulciber e Avery fazem do que seja brincadeira é simplesmente maligna. *Maligna*, Sev. Não entendo como você pode ser amigo deles.
Harry duvidava que Snape tivesse sequer escutado as críticas de Lílian a Mulciber e Avery. No momento em que ela insultara Tiago Potter, todo o seu corpo se descontraiu, e, quando se separaram, havia uma nova leveza no andar de Snape...
E a cena se dissolveu...
De novo, Harry observou Snape deixar o Salão Principal, após prestar o exame de Defesa Contra as Artes das Trevas para obtenção do N.O.M., sair do castelo sem destino e, distraído, parar perto da bétula onde Tiago, Sirius, Lupin e

Pettigrew estavam sentados juntos. Desta vez, porém, Harry guardou distância, porque sabia o que tinha acontecido depois que Tiago pendurou Severo no ar para atormentá-lo; sabia o que tinha sido feito e dito, e não lhe daria prazer algum tornar a assistir. Ele viu quando Lílian se reuniu ao grupo e saiu em defesa de Snape. A distância, ouviu o grito de Snape para ela em sua fúria e humilhação, a palavra imperdoável: *"Sangue ruim."*

A cena mudou...

– Me desculpe.

– Não estou interessada.

– Me desculpe!

– Poupe seu fôlego.

Era noite. Lílian, de robe, estava parada de braços cruzados diante do retrato da Mulher Gorda, à entrada da Torre de Grifinória.

– Eu só saí porque Maria me disse que você estava ameaçando dormir aqui.

– Estava. Teria feito isso. Nunca quis chamar você de sangue ruim, simplesmente me...

– Escapou? – Não havia piedade na voz de Lílian. – É tarde demais. Há anos dou desculpas para o que você faz. Nenhum dos meus amigos consegue entender sequer por que falo com você. Você e seus preciosos amiguinhos Comensais da Morte: está vendo, você nem nega! Nem nega que é isso que vocês pretendem ser! Você mal pode esperar para se reunir a Você-Sabe-Quem, não é?

Ele abriu a boca, mas tornou a fechá-la sem falar.

– Não posso mais fingir. Você escolheu o seu caminho, eu escolhi o meu.

– Não... escute, eu não quis...

– ... me chamar de sangue ruim? Mas você chama de sangue ruim todos que nasceram como eu, Severo. Por que eu seria diferente?

Ele se debateu, prestes a responder, mas, com um olhar de desprezo, Lílian lhe deu as costas e atravessou o buraco do retrato...

O corredor se dissolveu, e a cena seguinte demorou um pouquinho a se formar: Harry teve a impressão de estar sobrevoando formas e cores mutantes até que o cenário se solidificou e ele se viu parado no escuro, no cume de um morro, abandonado e frio, o vento assoviando entre os galhos de umas poucas árvores desfolhadas. O Snape adulto arfava, virava-se no mesmo lugar, a mão apertando com força a varinha, esperando alguma coisa ou alguém... seu medo contagiou Harry, embora o garoto soubesse que não podia ser atingido, e ele espiou por cima do ombro, imaginando o que Snape estaria aguardando...

Então, um feixe denteado de ofuscante luz branca cortou o ar: Harry pensou em raio, mas Snape caíra de joelhos e sua varinha voara da mão.

– Não me mate!

– Não era a minha intenção.
Qualquer aviso da aparatação de Dumbledore fora abafado pelo ruído do vento passando pelos galhos. Ele surgiu diante de Snape com as vestes drapejando contra o corpo e o rosto iluminado de baixo para cima pela varinha.
– Então, Severo? Qual é a mensagem que Lorde Voldemort tem para mim?
– Não... nenhuma mensagem, estou aqui por conta própria!
Snape torcia as mãos: parecia meio demente, com os cabelos negros desgrenhados voando em torno da cabeça.
– Eu... eu venho com um alerta... não, um pedido... por favor...
Dumbledore fez um gesto com a varinha. Embora as folhas e ramos ainda se agitassem no ar da noite ao redor, fez-se silêncio no lugar em que ele e Snape se defrontavam.
– Que pedido poderia um Comensal da Morte fazer a mim?
– A... a profecia... o vaticínio... Trelawney...
– Ah, sim. Quanto daquilo você relatou a Lorde Voldemort?
– Tudo... tudo que ouvi! – respondeu Snape. – É por isso... é por esta razão... que ele julga que se refere a Lílian Evans!
– A profecia não se referia a uma mulher. Mencionava um menino nascido no fim de julho...
– O senhor sabe o que quero dizer! Ele acha que se refere ao filho dela, ele vai matá-la... matar a todos...
– Se ela significa tanto para você – disse Dumbledore –, certamente Lorde Voldemort irá poupá-la, não? Você não poderia pedir a ele misericórdia para a mãe em troca do filho?
– Pedi... pedi a ele...
– Você me dá nojo – disse Dumbledore, e Harry nunca ouvira tanto desprezo em sua voz. Snape pareceu se encolher um pouco. – Você não se importa, então, com as mortes do marido e do filho dela? Eles podem morrer desde que você tenha o que quer?
Snape não disse nada, apenas ergueu os olhos para Dumbledore.
– Esconda-os todos, então – falou rouco. – Mantenha ela... eles... em segurança. Por favor.
– E o que me dará em troca, Severo?
– Em... troca? – Snape olhou boquiaberto para Dumbledore, e Harry esperou que ele protestasse, mas, passado um longo momento, ele respondeu: – O que quiser.
O cume do morro desapareceu e Harry se viu parado no gabinete de Dumbledore, e alguma coisa produzia um ruído terrível como o de um animal ferido. Snape estava dobrado para frente em uma cadeira e Dumbledore

contemplava-o do alto, com um ar inflexível. Após alguns momentos, Snape ergueu o rosto, e parecia um homem que tivesse vivido cem anos de privações desde que deixara o cume do morro.

– Pensei... que o senhor fosse... mantê-la... segura...

– Ela e Tiago depositaram sua fé na pessoa errada – disse Dumbledore. – Muito semelhante a você, Severo. Você não tinha a esperança de que Lorde Voldemort fosse poupá-la?

A respiração de Snape era ansiosa.

– O filho dela sobreviveu – ressalvou Dumbledore.

Com um brusco e quase imperceptível aceno da cabeça, Snape pareceu espantar uma mosca irritante.

– O filho sobreviveu. Tem os olhos dela, exatamente os mesmos. Você certamente se lembra da forma e da cor dos olhos de Lílian Evans, não?

– NÃO! – berrou Snape. – Se foi... Morreu...

– Isto é remorso, Severo?

– Eu gostaria... gostaria que *eu* é que estivesse morto...

– E que utilidade isso teria para alguém? – perguntou Dumbledore, friamente. – Se você amou Lílian Evans, se você a amou verdadeiramente, então o seu caminho futuro é cristalino.

Snape parecia espiar através de uma névoa de dor, e as palavras de Dumbledore levaram um longo tempo para alcançá-lo.

– Como... como assim?

– Você sabe como e por que ela morreu. Empenhe-se para que não tenha sido em vão. Ajude-me a proteger o filho de Lílian.

– Ele não precisa de proteção. O Lorde das Trevas se foi...

– ... o Lorde das Trevas retornará, e Harry correrá um perigo terrível quando isso ocorrer.

Fez-se uma longa pausa e lentamente Snape recuperou o controle, normalizou sua respiração. Por fim, disse:

– Muito bem. Muito bem. Mas jamais, jamais revele isso, Dumbledore! Isto deve ficar entre nós! Jure! Não posso suportar... particularmente o filho de Potter... Quero sua palavra!

– Dou a minha palavra, Severo, de que jamais revelarei o que você tem de melhor. – Dumbledore suspirou, olhando para o rosto feroz e angustiado de Snape. – Se você insiste...

O gabinete se dissolveu, mas reapareceu instantaneamente. Snape andava de um lado para outro diante de Dumbledore.

– ... medíocre, arrogante como o pai, deliberadamente indisciplinado, encantado com a fama, exibido e impertinente...

– Você vê o que espera ver, Severo – disse Dumbledore, sem erguer os olhos do exemplar de *Transfiguração Hoje*. – Outros professores me informam que o garoto é modesto, amável e tem algum talento. Pessoalmente, eu o acho uma criança cativante.

Dumbledore virou uma página e disse sem erguer os olhos:

– Vigie Quirrell, por favor.

Um redemoinho de cor, e em seguida tudo escureceu, e Snape e Dumbledore estavam parados a certa distância no saguão de entrada, enquanto os retardatários do baile de Natal passavam a caminho do dormitório.

– Então? – murmurou Dumbledore.

– A Marca de Karkaroff está escurecendo também. Ele está em pânico, receia uma retaliação; você sabe o quanto ele ajudou o Ministério depois da queda do Lorde das Trevas. – Snape olhou de esguelha para o perfil de nariztorto de Dumbledore. – Karkaroff pretende fugir se a Marca arder.

– É mesmo?! – exclamou Dumbledore em voz baixa, no momento em que Fleur Delacour e Rogério Davies entravam do jardim às risadinhas. – E você está tentado a se juntar a ele?

– Não – disse Snape, seus olhos negros acompanhando os dois alunos que se retiravam. – Não sou tão covarde.

– Não – concordou Dumbledore. – Você é um homem bem mais corajoso do que Karkaroff. Sabe, às vezes penso que fazemos a Seleção cedo demais...

Dumbledore se afastou, deixando Snape com um ar espantado...

E, mais uma vez, Harry se viu no gabinete do diretor. Era noite e Dumbledore estava sentado em sua cadeira-trono, à escrivaninha, com o corpo meio caído para um lado, aparentemente semiconsciente. Sua mão direita pendia do braço, escura e queimada. Snape murmurava encantamentos, apontando a varinha para o seu pulso, ao mesmo tempo em que, com a mão esquerda, inclinava uma taça cheia com uma densa poção dourada para a garganta de Dumbledore. Passados alguns momentos, as pálpebras dele mexeram e se abriram.

– Por quê? – perguntou Snape, sem preâmbulo. – *Por que* você pôs esse anel no dedo? Ele tem um feitiço, certamente você percebeu isso. Por que tocou nele?

O anel de Servolo Gaunt estava sobre a mesa diante de Dumbledore. Estava rachado; e, a espada de Gryffindor, ao lado da joia.

Dumbledore fez uma careta.

– Fui... um tolo. Aflitivamente tentado...

– Tentado pelo quê?

Dumbledore não respondeu.

– É um milagre que tenha conseguido voltar a Hogwarts! – Havia fúria no tom de Snape. – Esse anel carregava um feitiço de extraordinário poder, paralisá-lo é

o máximo que podemos ter esperança de conseguir; por ora, restringi o feitiço a uma das mãos...

Dumbledore ergueu a mão enegrecida e inútil, examinou-a com a expressão de uma pessoa a quem mostrassem uma interessante curiosidade.

– Você cuidou muito bem de mim, Severo. Quanto tempo acha que me resta?

O tom de Dumbledore era coloquial; poderia estar perguntando qual era a previsão da meteorologia. Snape hesitou e então respondeu:

– Não sei dizer. Talvez um ano. Não há como paralisar um feitiço desses definitivamente. No fim, ele irá se espalhar, é o tipo de feitiço que se fortalece com o tempo.

Dumbledore sorriu. A notícia de que tinha menos de um ano de vida lhe pareceu de pequena ou nenhuma consequência.

– Tenho a sorte, a extrema sorte, de contar com você, Severo.

– Se tivesse mandado me chamar um pouco mais cedo, eu talvez tivesse podido fazer mais, ganhar mais tempo para você! – disse Snape, indignado. Ele olhou para o anel partido e a espada. – Você achou que partindo o anel pudesse romper o feitiço?

– Algo parecido... sem dúvida eu estava delirando... – respondeu Dumbledore. Com esforço ele se aprumou na cadeira. – Bem, realmente isso torna as questões mais objetivas.

Snape pareceu extremamente espantado. Dumbledore sorriu.

– Estou me referindo ao plano que Lorde Voldemort está tecendo a meu respeito. O plano de mandar o coitado do menino Malfoy me liquidar.

Snape sentou-se na cadeira que Harry tantas vezes ocupara em frente à mesa de Dumbledore. O garoto percebeu que ele queria acrescentar mais alguma coisa a respeito da mão amaldiçoada de Dumbledore, mas o diretor ergueu-a em uma cortês recusa de continuar a discutir o assunto. Amarrando a cara, Snape comentou:

– O Lorde das Trevas não espera que Draco seja bem-sucedido. Isto é apenas um castigo pelos recentes malogros de Lúcio. Uma tortura lenta para os pais de Draco, que o observam fracassar e pagar o preço.

– Em suma, o menino foi sentenciado à morte com tanta certeza quanto eu – disse Dumbledore. – Agora, eu diria que o sucessor natural para esse serviço, se Draco não tiver êxito, será você, não?

Houve uma breve pausa.

– Esse, acho, é o plano do Lorde das Trevas.

– Lorde Voldemort prevê um momento em futuro próximo em que não precisará ter um espião em Hogwarts?

– Ele acredita que a escola logo estará nas mãos dele, sim.

– E se realmente cair nas mãos dele – disse Dumbledore, quase como um aparte –, tenho a sua palavra de que fará tudo em seu poder para proteger os estudantes de Hogwarts?

Snape assentiu formalmente.

– Ótimo. Agora então. Sua prioridade será descobrir o que Draco está fazendo. Um adolescente amedrontado é um perigo para os outros e para si mesmo. Ofereça-se para ajudá-lo e orientá-lo, ele deve aceitar, ele gosta de você...

– ... menos, desde que o pai caiu em desgraça. Draco me culpa, acha que usurpei a posição de Lúcio.

– Ainda assim, tente. Estou menos preocupado comigo do que com as vítimas acidentais dos planos que possam ocorrer ao menino. Em última hipótese, é claro, há apenas uma coisa a fazer se você quiser salvá-lo da ira de Lorde Voldemort.

Snape ergueu as sobrancelhas e seu tom foi sardônico quando perguntou:

– Você está pretendendo deixar que Draco o mate?

– Certamente que não. *Você* deve rá me matar.

Houve um longo silêncio, quebrado apenas por estranhos cliques. Fawkes, a fênix, estava roendo um pedaço de osso de siba.

– Quer que eu faça isso agora? – perguntou Snape, a voz carregada de ironia. – Ou gostaria de ter alguns momentos para compor um epitáfio?

– Ah, ainda não – respondeu Dumbledore sorrindo. – Acho que a oportunidade se apresentará no devido tempo. Considerando o que aconteceu esta noite – ele indicou a mão murcha –, podemos ter certeza de que isso ocorrerá dentro de um ano.

– Se você não se importa de morrer – disse Snape, com aspereza –, então por que não deixa Draco fazer isso?

– A alma daquele menino ainda não está totalmente comprometida – contestou Dumbledore. – Eu não permitiria que se rompesse por minha causa.

– E a minha alma, Dumbledore? A minha?

– Somente você é capaz de saber se prejudicará sua alma ajudar um velho a evitar a dor e a humilhação – replicou Dumbledore. – Peço a você um único e grande favor, Severo, porque a morte está vindo me buscar tão certo quanto os Chudley Cannons terminarão este ano em último lugar. Confesso que prefiro uma saída rápida e indolor à opção demorada e suja que terei se, por exemplo, Greyback estiver envolvido; ouvi dizer que Voldemort o recrutou. Ou se for a cara Belatriz, que gosta de brincar com a comida antes de comê-la.

Seu tom era leve, mas seus olhos azuis perfuravam Snape como tão frequentemente perfuravam Harry, como se ele pudesse ver a alma que

discutiam. Por fim, Snape fez um breve aceno com a cabeça.
Dumbledore pareceu satisfeito.
– Obrigado, Severo...
O gabinete desapareceu, e agora Snape e Dumbledore estavam caminhando juntos nos jardins desertos do castelo ao crepúsculo.
– Que é que você está fazendo com Potter, todas essas noites em que se trancam no gabinete? – perguntou Snape, abruptamente.
Dumbledore tinha o ar abatido.
– Por quê? Você está tentando lhe dar *mais* detenções, Severo? Logo o menino passará mais tempo em detenções do que fora delas.
– Ele é o pai sem tirar nem pôr...
– Na aparência, talvez, mas, em sua natureza profunda, ele parece muito mais com a mãe. Gasto tempo com Harry porque tenho coisas a conversar com ele, informações que preciso lhe passar antes que seja tarde demais.
– Informações – respondeu Snape. – Você as confia a ele... não as confia a mim.
– Não é uma questão de confiança. Tenho, como ambos sabemos, um tempo limitado. É essencial que eu dê ao menino informações suficientes para ele fazer o que precisa ser feito.
– E não posso receber as mesmas informações?
– Prefiro não guardar todos os meus segredos em uma única cesta, particularmente uma cesta que passa tanto tempo pendurada no braço de Lorde Voldemort.
– O que faço cumprindo suas ordens!
– E faz isso extremamente bem. Não pense que subestimo o constante perigo em que se coloca, Severo. Dar a Voldemort informações que pareçam valiosas, negando-lhe o essencial, é um serviço que eu não confiaria a ninguém exceto você.
– Contudo, você faz muito mais confidências a um garoto que é incapaz de Oclumência, cuja magia é medíocre e que tem uma ligação direta com a mente do Lorde das Trevas!
– Voldemort teme essa ligação. Não faz muito tempo, ele provou um pouquinho do que realmente significa partilhar a mente de Harry. Foi uma dor que ele jamais experimentara na vida. Não tentará possuir Harry outra vez, tenho certeza. Não da mesma forma.
– Não estou entendendo.
– A alma de Lorde Voldemort, mutilada como está, não suporta o contato com uma mente como a de Harry. É como o contato de uma língua com o aço congelado, como a carne do corpo em chamas...

– Almas? Estamos falando de mentes!
– No caso de Harry e Lorde Voldemort, falar em uma é falar da outra.
Dumbledore olhou ao redor para se certificar de que se encontravam realmente sozinhos. Agora estavam muito próximos da Floresta Proibida, mas não havia sinal de ninguém na vizinhança.
– Depois que me matar, Severo...
– Você se recusa a me contar tudo, no entanto espera de mim esse pequeno serviço! – rosnou Snape, e uma fúria real inflamou o seu rosto magro. – Você presume muita coisa, Dumbledore! Talvez eu tenha mudado de ideia!
– Você me deu a sua palavra, Severo. E, já que estamos falando em serviços, você está em falta comigo, pensei que tivesse concordado em vigiar o nosso jovem amigo da Sonserina?
Snape não escondia a raiva, a rebeldia. Dumbledore suspirou.
– Venha ao meu gabinete hoje à noite, Severo, às onze, e você não se queixará de que não tenho confiança em você.
Tinham voltado ao gabinete de Dumbledore, as janelas escuras, e Fawkes estava tão silenciosa quanto Snape imóvel na cadeira, e o diretor andava em volta dele, falando.
– Harry não pode saber, não até o último momento, não até que seja necessário, do contrário como poderia ter a força para fazer o que deve ser feito?
– Mas o que deve fazer?
– Isto é entre mim e Harry. Agora escute bem, Severo. Virá um tempo... depois da minha morte... não discuta, não interrompa! Virá um tempo em que Lorde Voldemort temerá pela vida da cobra dele.
– Por Nagini? – Snape pareceu admirado.
– Exatamente. Quando chegar o momento em que Lorde Voldemort parar de mandar a cobra cumprir os seus mandados, e a mantiver segura ao seu lado, sob proteção mágica, então, acho, não haverá perigo em contar a Harry.
– Contar o quê?
Dumbledore inspirou profundamente e fechou os olhos.
– Conte-lhe que na noite em que Lorde Voldemort tentou matá-lo, quando Lílian pôs a própria vida entre os dois como um escudo, a Maldição da Morte ricocheteou em Lorde Voldemort, e um fragmento da alma dele irrompeu do todo e se prendeu à única alma sobrevivente na casa que desabava. Parte de Lorde Voldemort vive em Harry, e é esta parte que lhe dá tanto a capacidade de falar com cobras quanto uma ligação com a mente de Lorde Voldemort que ele jamais entendeu. E enquanto esse fragmento de alma, de que Voldemort não sentiu falta, permanecer preso e protegido por Harry, Lorde Voldemort não poderá morrer.

Harry teve a sensação de estar observando os dois homens do fim de um longo túnel, tão distantes estavam dele, as vozes ecoando estranhamente em seus ouvidos.

– Então o garoto... o garoto deve morrer? – perguntou Snape, muito calmo.

– E é Voldemort quem deve matá-lo, Severo. Isto é essencial.

Seguiu-se outro longo silêncio. Então Snape falou:

– Pensei... todos esses anos... que nós o protegíamos por causa dela. De Lílian.

– Nós o protegíamos porque era essencial que fosse ensinado, criado e pudesse experimentar a própria força – explicou Dumbledore, com os olhos ainda fechados. – Nesse meio-tempo, a ligação entre os dois foi crescendo, um crescimento parasitário: às vezes penso que Harry suspeita disso. Se bem o conheço, tomará providências para que, ao sair ao encontro da morte, isto represente, verdadeiramente, o fim de Voldemort.

Dumbledore reabriu os olhos. Snape estava horrorizado.

– Você o manteve vivo para que pudesse morrer na hora certa?

– Não fique chocado, Severo. Quantos homens e mulheres você viu morrer?

– Ultimamente apenas os que não pude salvar. – Ele se levantou. – Você me usou.

– Em que sentido?

– Espionei por você, menti por você, corri risco mortal por você. Supostamente tudo para manter o filho de Lílian Potter vivo. Agora você me diz que o esteve criando como um porco para o abate...

– Ora, isso é comovente, Severo! – exclamou Dumbledore, sério. – Você acabou se afeiçoando ao menino, afinal?

– A *ele*? – gritou Snape. – *Expecto patronum!*

Da ponta de sua varinha irrompeu a corça prateada: ela pousou, correu pelo soalho do gabinete e saiu voando pela janela. Dumbledore observou-a se afastando pelos ares e, quando seu brilho prateado se dissipou, ele se dirigiu a Snape e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Depois de todo esse tempo?

– Sempre – respondeu Snape.

E a cena mudou. Agora Harry via Snape conversando com o retrato de Dumbledore atrás da escrivaninha.

– Você terá de informar a Voldemort a data certa da partida de Harry da casa dos tios – recomendou Dumbledore. – Se não fizer isso, levantará suspeitas, uma vez que Voldemort o julga bem informado. Entretanto, você precisa plantar a ideia dos chamarizes: acho que isso deverá garantir a segurança de Harry. Tente confundir Mundungo Fletcher. E, Severo, se você for obrigado a tomar parte na perseguição, assegure-se de representar a sua parte convincentemente... Estou

contando com você para continuar nas boas graças de Lorde Voldemort o maior tempo possível, ou Hogwarts ficará à mercê dos Carrow...

Agora Snape estava face a face com Mundungo em uma taberna desconhecida, o rosto deste parecendo curiosamente inexpressivo, Snape franzindo a testa concentrado.

– Você irá sugerir à Ordem da Fênix – murmurou Snape – que use chamarizes. Poção Polissuco. Potters idênticos. É a única coisa que poderia dar resultado. Você esquecerá que lhe sugeri isso. Apresentará a ideia como sua. Entendeu?

– Entendi – murmurou Mundungo, seus olhos desfocados...

Agora Harry estava voando emparelhado com a vassoura de Snape, através da noite escura e desanuviada: o professor ia acompanhado por outros Comensais da Morte encapuzados, e à sua frente estavam Lupin e Harry que era na realidade Jorge... um Comensal passou a frente de Snape e apontou a varinha diretamente para as costas de Lupin...

– *Sectumsempra!* – gritou Snape.

O feitiço que visava a mão do Comensal da Morte, no entanto, errou o alvo e atingiu Jorge...

No momento seguinte, Snape se achava ajoelhado no antigo quarto de Sirius. As lágrimas escorriam da ponta do seu nariz curvo ao ler a carta de Lílian. A segunda página tinha apenas algumas palavras:

... pudesse ter sido amigo de Gerardo Grindelwald. Pessoalmente, acho que ela está começando a caducar!

Afetuosamente,

Lílian

Snape removeu a página que continha a assinatura de Lílian e o seu afeto e guardou-a no bolso interno das vestes. Em seguida, rasgou ao meio a foto que segurava, para poder guardar a metade em que Lílian ria, e atirou a outra com Tiago e Harry no chão, sob a cômoda...

E agora Snape estava mais uma vez no gabinete do diretor e Fineus Nigellus voltava correndo para o seu quadro.

– Diretor! Eles estão acampando na Floresta do Deão! A sangue ruim...

– Não use essa palavra!

– ... que seja, a garota Granger mencionou o lugar quando abriu a bolsa e eu a ouvi!

– Muito bom. Ótimo! – exclamou o retrato de Dumbledore atrás da cadeira do diretor. – Agora, Severo, a espada! Não esqueça que deve ser apanhada sob condições de necessidade e coragem, e ele não pode saber quem a está

entregando! Se Voldemort puder ler a mente de Harry e vir você ajudando-o...

– Eu sei – respondeu Snape, secamente. Aproximou-se, então, do retrato de Dumbledore e afastou-o para um lado. O quadro girou para a frente, revelando uma cavidade oculta, da qual ele tirou a espada de Gryffindor.

"E você vai continuar a não explicar por que é tão importante dar a Potter a espada?", indagou Snape, vestindo uma capa de viagem por cima das vestes.

– Vou, acho que vou – respondeu o retrato de Dumbledore. – Ele saberá o que fazer com ela. E, Severo, tenha muito cuidado, os garotos podem não reagir bem à sua presença depois do acidente com Jorge Weasley...

À porta, Snape se virou.

– Não se preocupe, Dumbledore – disse tranquilo. – Tenho um plano...

E, dizendo isso, saiu do gabinete. Harry ergueu a cabeça da Penseira, e momentos depois estava deitado no piso acarpetado exatamente na mesma sala: Snape poderia ter acabado de fechar a porta.

— CAPÍTULO TRINTA E QUATRO —
De volta à Floresta

Finalmente, a verdade. Deitado com o rosto no carpete empoeirado do gabinete, onde no passado ele pensara estar aprendendo os segredos da vitória, Harry compreendeu, por fim, que não devia sobreviver. Sua tarefa era seguir calmamente para os braços abertos da Morte. No caminho, ele deveria dispor dos últimos vínculos de Voldemort com a vida, de modo que, ao se atirar à frente do bruxo, sem erguer uma varinha para se defender, o fim fosse limpo, e o serviço que deveria ter sido feito em Godric's Hollow fosse concluído: nenhum viveria, nenhum poderia sobreviver.

Ele sentiu o coração bater violentamente no peito. Como era estranho que, em seu temor da morte, ele bombeasse com mais força, mantendo-o vivo. Teria, porém, que parar, e em breve. Seus batimentos estavam contados. Para quantos haveria tempo, quando se pusesse de pé e atravessasse o castelo pela última vez, para sair aos jardins e penetrar na Floresta?

O terror engolfou-o, ali deitado no chão, com aquele tambor fúnebre batendo em seu íntimo. Doeria morrer? Todas as vezes que julgara ter chegado a hora, e escapara, ele nunca realmente pensara na morte em si: sua vontade de viver sempre fora muito maior do que o seu medo de morrer. Contudo, agora não lhe ocorria tentar fugir, vencer Voldemort na corrida. Era o fim, ele sabia, e só lhe restava a coisa em si: morrer.

Se ao menos pudesse ter morrido naquela noite de verão quando deixara para sempre o número quatro da rua dos Alfeneiros, quando a nobre varinha de pena de fênix o salvara! Se ao menos pudesse ter morrido como Edwiges, tão rápido, que nem sentiria que acontecera! Ou se pudesse ter se atirado à frente de uma varinha para salvar alguém que amasse... ele agora invejava até mesmo a morte dos seus pais. A caminhada a sangue-frio para a própria destruição exigia uma forma diferente de bravura. Ele sentiu os dedos tremerem levemente e fez um esforço para controlá-los, embora ninguém pudesse vê-lo; os quadros nas

paredes estavam todos vazios.

Lentamente, muito lentamente, ele se sentou, e, ao fazê-lo, se sentiu mais vivo e mais cônscio de seu corpo vivente do que jamais estivera. Por que nunca apreciara o milagre que ele era, cérebro, nervos e coração pulsante? Tudo isso se iria... ou pelo menos, ele os abandonaria. Respirava lenta e profundamente, e sua boca e garganta estavam muito secas, e seus olhos também.

A traição de Dumbledore quase não pesava. Naturalmente houvera um plano maior; Harry fora simplesmente tolo demais para enxergá-lo, percebia agora. Jamais questionara sua suposição de que Dumbledore o queria vivo. Agora entendia que a duração de sua vida sempre fora definida pelo tempo que gastaria para eliminar todas as Horcruxes. Dumbledore transferira a ele a tarefa de destruí-las, e, obedientemente, ele continuara a cortar os laços que ligavam não apenas Voldemort, mas ele próprio, à vida! Que precisão, que elegância, não desperdiçar mais vidas, mas entregar a perigosa tarefa ao garoto que já estava marcado para o abate, e cuja morte não seria uma calamidade e sim mais um golpe contra Voldemort.

E Dumbledore estivera seguro de que Harry não se esquivaria, que prosseguiria até o fim, embora fosse o *seu* fim, porque ele se dera o trabalho de procurar conhecê-lo, não? Dumbledore sabia, tal como Voldemort, que Harry não deixaria ninguém morrer por ele, uma vez que descobrisse que estava em seu poder impedir isso. As imagens de Fred, Lupin e Tonks deitados, sem vida, no Salão Principal tornaram a invadir sua mente, e por um momento ele mal pôde respirar: a Morte se impacientava...

Mas Dumbledore o superestimara. Ele falhara: a cobra sobrevivera. Restaria ainda uma Horcrux, ligando Voldemort à terra, mesmo depois de Harry ser liquidado. Era verdade que isso representaria uma tarefa mais fácil para alguém. Perguntou-se quem faria isso... Rony e Hermione saberiam o que era preciso fazer, naturalmente... essa teria sido a razão por que Dumbledore queria que ele confiasse em mais duas pessoas... de modo que, se cumprisse o seu destino mais cedo, eles dessem continuidade à tarefa...

Semelhante à chuva batendo em uma janela fria, esses pensamentos tamborilavam na superfície dura da verdade incontroversa: ele devia morrer. *Eu devo morrer*. Isto deve findar.

Rony e Hermione pareciam estar muito longe, em um país longínquo; sentia como se tivessem se separado havia muito tempo. Não haveria despedidas nem explicações, assim decidira. Era uma viagem que não poderiam empreender juntos, e as tentativas que os amigos fizessem para impedi-lo seriam uma perda de tempo preciosa. Baixou os olhos para o relógio de ouro arranhado que recebera no décimo sétimo aniversário. Quase metade da hora que Voldemort

fixara para sua rendição já transcorrera.
Ele se pôs de pé. Seu coração saltando contra as costelas como um pássaro frenético. Talvez ele soubesse que lhe restava muito pouco tempo, talvez estivesse decidido a completar os batimentos de uma vida antes de seu fim. Ele não olhou para trás ao fechar a porta do gabinete.
O castelo estava deserto. Sentiu-se um fantasma, atravessando-o sozinho, como se já tivesse morrido. Os bruxos dos retratos continuavam ausentes de suas molduras; o lugar estava soturnamente quieto, como se toda a sua força vital estivesse concentrada no Salão Principal, onde se comprimiam os mortos e os enlutados.
Harry vestiu a Capa da Invisibilidade e foi descendo os andares e, por último, a escadaria de mármore do saguão de entrada. Talvez uma parte infinitesimal dele tivesse esperança de ser percebida, de ser detida, mas a capa estava, como sempre, impenetrável, perfeita, e ele alcançou as portas da entrada sem empecilhos.
Então Neville quase colidiu com ele. Era um dos dois que traziam um cadáver dos jardins. Harry olhou para baixo e sentiu outra pancada surda no estômago: Colin Creevey. Embora menor de idade, devia ter voltado escondido como tinham feito Malfoy, Crabbe e Goyle. Ele parecia minúsculo na morte.
– Sabe de uma coisa? Posso carregá-lo sozinho, Neville – disse Olívio Wood, e colocou Colin sobre o ombro, como fazem os bombeiros, e levou-o para o Salão Principal.
Neville encostou-se no portal por um momento e secou a testa com o dorso da mão. Parecia um velho. Em seguida, voltou a descer a escada e entrou pela escuridão para resgatar mais corpos.
Harry virou-se para olhar o Salão Principal. As pessoas se movimentavam, tentavam consolar umas às outras, se ajoelhavam ao lado dos mortos, mas ele não viu nenhuma das que amava, nenhum vestígio de Hermione, Rony, Gina, nem dos outros Weasley, nem de Luna. Sentiu que teria dado todo o tempo que lhe sobrava para uma última olhada neles; mas, então, encontraria forças para parar de olhar? Era melhor assim.
Ele desceu a escada e saiu para a escuridão. Eram quase quatro horas da manhã e a quietude mortal dos jardins dava a impressão de que todos prendiam a respiração, aguardando para ver se ele conseguiria fazer o que devia.
Harry caminhou em direção a Neville, que ia se curvando para outro cadáver.
– Neville.
– Caramba, Harry, você quase me fez infartar!
Harry despira a Capa da Invisibilidade: a ideia acabara de lhe ocorrer, nascida de um desejo de garantir o desfecho.

– Onde é que você está indo sozinho? – perguntou Neville, desconfiado.
– É tudo parte do plano – respondeu Harry. – Tem uma coisa que eu preciso fazer. Escute... Neville...
– Harry! – De repente o amigo se apavorou. – Harry, você não está pensando em se entregar, está?
– Não – mentiu Harry, sem hesitação. – Claro que não... é outra coisa. Mas eu talvez fique invisível por um tempo. Você conhece a cobra de Voldemort, Neville? Ele tem uma cobra enorme... chama-a de Nagini...
– Já ouvi falar... e daí?
– Ela tem que ser morta. Rony e Hermione sabem disso, mas caso eles...
O horror daquela possibilidade o sufocou por um momento, impedindo-o de continuar a falar. Recuperou, porém, o controle: isto era crítico, ele precisava ser como Dumbledore, manter a cabeça fria, garantir que houvesse substitutos, outros para dar prosseguimento. Dumbledore morrera na certeza de que três pessoas ainda sabiam das Horcruxes; agora, Neville tomaria o lugar de Harry: continuaria a haver três que conheciam o segredo.
– Se eles estiverem... ocupados... e você tiver a chance de...
– Matar a cobra?
– Matar a cobra – repetiu Harry.
– Certo, Harry. Você está o.k., não está?
– Estou ótimo. Obrigado, Neville.
Neville, porém, agarrou Harry pelo pulso quando o amigo fez menção de se afastar.
– Nós todos vamos continuar a lutar, Harry. Você já sabe?
– É, eu...
A sensação de sufocamento cortou o fim da frase, ele não pôde continuar. Neville aparentemente não achou isso estranho. Deu uma palmada no ombro de Harry, soltou-o e saiu a procurar outros mortos.
Harry tornou a vestir a capa e continuou a andar. Havia mais alguém se movendo não muito longe, curvando-se para outro vulto deitado de bruços no chão. Ele estava a vários passos de distância quando reconheceu Gina.
Estacou. Ela estava debruçada sobre uma garota que sussurrava, chamando pela mãe.
– Está tudo bem – dizia Gina. – Tudo o.k. Vamos levar você para dentro.
– Mas quero ir para *casa* – murmurou a garota. – Não quero mais lutar!
– Eu sei – disse Gina, e sua voz quebrou. – Vai dar tudo certo.
Arrepios percorreram em ondas a pele de Harry. Ele queria gritar para a noite, queria que Gina soubesse que ele estava ali, queria que soubesse aonde estava indo. Queria que o fizessem parar, que o arrastassem de volta, que o mandassem

para casa...
Contudo, ele *estava* em casa. Hogwarts era a primeira e melhor casa que conhecera. Ele, Voldemort e Snape, os garotos abandonados, tinham encontrado ali um lar...
Gina estava agora ajoelhada ao lado da garota ferida, segurando sua mão. Com um esforço supremo, Harry se obrigou a prosseguir. Pensou ter visto Gina olhar para os lados quando passou, e se perguntou se ela teria pressentido alguém andando por perto, mas ele não falou, e tampouco quis olhar para trás.
A cabana de Hagrid assomou na escuridão. Não havia luzes, nem o ruído de Canino arranhando a porta, seu latido bradando as boas-vindas. Todas aquelas visitas que fizera a Hagrid, e o brilho da chaleira de cobre no fogo, os bolos com passas e os vermes gigantescos, e sua enorme cara barbuda, e Rony vomitando lesmas, e Hermione ajudando-o a salvar Norberta...
Ele continuou andando e, ao chegar à orla da Floresta, parou.
Um enxame de dementadores deslizava entre as árvores; ele sentia sua frialdade, e não teve certeza se seria capaz de atravessá-la são e salvo. Não lhe restavam forças para conjurar um Patrono. Já não conseguia controlar os seus tremores. Afinal, não era tão fácil morrer. Cada segundo que respirava, o cheiro do capim, o ar fresco no rosto, tudo era muito precioso: pensar que as pessoas tinham anos a fio, tempo para desperdiçar, tanto tempo que se arrastava, e ele se apegando a cada segundo. Simultaneamente, ele pensou que não seria capaz de continuar, e sabia que devia. O demorado jogo termi-nara, o pomo de ouro fora capturado, era hora de sair do ar...
O pomo. Seus dedos desvigorados apalparam por um momento a bolsa que trazia ao pescoço e puxaram a bolinha.
Abro no fecho.
Respirando forte e rápido, Harry o contemplou. Agora que queria que o tempo passasse o mais lentamente possível, este parecia ter acelerado, e a compreensão sobreveio tão rápido que pareceu prescindir do pensamento. Este era o fecho. Este era o momento.
Ele encostou o metal dourado nos lábios e sussurrou:
– Estou prestes a morrer.
A concha de metal se abriu. Ele baixou a mão trêmula, ergueu a varinha de Draco sob a capa e murmurou:
– *Lumus!*
A pedra negra com a fenda irregular ao centro estava aninhada nas duas metades do pomo. A Pedra da Ressurreição cortava a linha vertical que representava a Varinha das Varinhas. O triângulo e o círculo representando a capa e a pedra ainda eram perceptíveis.

E novamente Harry compreendeu, sem precisar pensar. Não fazia diferença trazê-los de volta, porque estava prestes a se reunir a eles. Não ia realmente buscá-los: eles estavam vindo buscá-lo.

O garoto fechou os olhos, e virou a pedra na mão três vezes.

Soube que tinha acontecido, porque ouviu leves movimentos ao seu redor que sugeriam corpos frágeis pisando o chão terroso coberto de gravetos que marcava a orla externa da Floresta. Abriu os olhos e relanceou ao redor.

Não eram fantasmas nem propriamente corpos, isto ele via. Lembravam mais o Riddle que escapara do diário, havia tanto tempo, e aquele fora uma lembrança quase sólida. Menos substancial do que corpos viventes, mas muito mais do que fantasmas, eles vieram ao seu encontro e em cada rosto havia o mesmo sorriso amoroso.

Tiago tinha exatamente a mesma altura que Harry. Usava as roupas com que morrera, e seus cabelos estavam descuidados e arrepiados, e os óculos tortos como os do sr. Weasley.

Sirius estava alto e bonito e muito mais jovem do que Harry o vira em vida. Andava com uma elegância natural, as mãos nos bolsos e um sorriso no rosto.

Lupin estava mais jovem também, e muito menos desleixado, e seus cabelos eram mais bastos e mais escuros. Parecia feliz de voltar a este lugar familiar, cenário de tantas divagações na adolescência.

O sorriso de Lílian era o maior. Ela afastou os longos cabelos para as costas ao se aproximar, e seus olhos verdes, tão semelhantes aos dele, examinaram seu rosto vorazmente, como se nunca tivesse tido tempo de olhá-lo o suficiente.

– Você tem sido tão corajoso!

Ele não pôde falar. Seus olhos se banquetearam nela, e lhe ocorreu que gostaria de ficar parado, contemplando-a para sempre, e que isto seria suficiente.

– Você está quase chegando – disse Tiago. – Muito perto. Estamos... tão orgulhosos de você.

– Dói?

A pergunta infantil escapara dos lábios de Harry antes que ele pudesse contê-la.

– Morrer? Nem um pouco – respondeu Sirius. – Mais rápido e mais fácil do que adormecer.

– E ele vai querer que seja rápido. Quer terminar logo – disse Lupin.

– Eu não queria que você tivesse morrido – disse Harry, as palavras saindo involuntariamente. – Nenhum de vocês. Sinto muito...

Ele se dirigia mais a Lupin do que a qualquer dos demais, súplice.

– ... logo depois de ter tido um filho... Remo, sinto muito...

– Eu também sinto. Lamento que nunca chegarei a conhecê-lo... mas ele

saberá por que morri, e espero que entenda. Estive tentando construir um mundo em que ele pudesse viver uma vida mais feliz.

Uma brisa gelada que parecia emanar do coração da Floresta ergueu os cabelos na testa de Harry. Sabia que eles não o mandariam ir embora, que isto seria uma decisão dele.

– Vocês ficarão comigo?

– Até o fim – respondeu Tiago.

– Eles não poderão vê-los?

– Somos parte de você – disse Sirius. – Invisíveis a todos os outros.

Harry olhou para a mãe.

– Fique perto de mim – disse baixinho.

E ele começou a andar. O frio dos dementadores não o envolveu; atravessou-o com seus companheiros, e eles produziram o efeito de Patronos, e unidos marcharam entre as velhas árvores que cresciam muito juntas, seus ramos emaranhados, suas raízes repletas de nós e torcidas sob seus pés. Naquela escuridão, Harry segurou a capa bem junto do corpo, se embrenhando cada vez mais na Floresta, sem fazer ideia do lugar exato em que estava Voldemort, mas certo de que o encontraria. Ao seu lado, quase sem fazer ruído, caminhavam Tiago, Sirius, Lupin e Lílian; a presença deles era sua coragem e a razão pela qual era capaz de pôr um pé à frente do outro.

Sentia o corpo e a mente estranhamente desvinculados agora, suas pernas agiam sem comando consciente, como se ele fosse o passageiro, e não o motorista, do corpo que estava em vias de deixar. Os mortos que o escoltavam pela Floresta eram muito mais reais para ele do que os vivos que tinham ficado no castelo: Rony, Hermione, Gina, todos eles lhe pareciam fantasmas à medida que ele seguia tropeçando e escorregando em direção ao fim de sua vida, em direção a Voldemort...

Um baque e um sussurro: outra criatura vivente tinha se mexido ali perto. Harry parou sob a capa, espiou ao redor, atento, e sua mãe e seu pai, Lupin e Sirius pararam também.

– Alguém lá. – Ouviu-se a voz rouca muito próxima. – Está usando uma Capa da Invisibilidade. Seria...?

Dois vultos emergiram de trás de uma árvore: as varinhas se iluminaram e Harry viu Yaxley e Dolohov examinando diretamente a escuridão que rodeava Harry, seus pais, Sirius e Lupin. Aparentemente não conseguiam ver nada.

– Decididamente, ouvi alguma coisa – disse Yaxley. – Animal, será-?

– Aquele doidão do Hagrid guardava um monte de coisas aqui – comentou Dolohov, espiando por cima do ombro.

Yaxley consultou o relógio.

– O tempo está quase se esgotando. Potter já gastou a hora dele. Acho que não vem.

– E o lorde tinha certeza de que ele viria! Não vai ficar nada feliz.

– Melhor voltar – sugeriu Yaxley. – Descobrir qual é o plano agora.

Ele e Dolohov deram meia-volta e se embrenharam na Floresta. Harry seguiu-os, sabendo que o levariam exatamente aonde queria ir. Olhou para os lados, sua mãe lhe sorriu e seu pai acenou com a cabeça, encorajando-o.

Tinham andado apenas minutos quando Harry viu uma luz adiante, e Yaxley e Dolohov desembocaram em uma clareira que ele conhecera no passado como o hábitat da monstruosa Aragogue. Os restos de sua vasta teia ainda estavam ali, mas os descendentes que procriara tinham sido expulsos pelos Comensais da Morte, para defender sua causa.

Havia uma fogueira no meio da clareira, e sua luz incerta iluminava uma multidão completamente silenciosa de vigilantes Comensais. Alguns deles ainda usavam máscaras e capuzes, outros mostravam o rosto. Dois gigantes estavam sentados na periferia do grupo, projetando imensas sombras sobre a cena, suas fisionomias cruéis, talhadas como pedras. Harry viu Greyback, sorrateiro, roendo as longas garras; Rowle, o grandalhão louro, enxugando o lábio sangrento. Viu Lúcio Malfoy, que transparecia derrota e terror, e Narcisa, cujos olhos estavam encovados e cheios de apreensão.

Todos os olhares estavam fixos em Voldemort, em pé com a cabeça curvada, e as mãos brancas cruzadas sobre a Varinha das Varinhas, na frente do peito. Poderia estar rezando, ou então contando mentalmente, e Harry, ainda parado à margem da cena, pensou absurdamente em uma criança contando em uma brincadeira de esconde-esconde. Atrás de sua cabeça, ainda girando e se enroscando, a grande cobra Nagini flutuava na cintilante gaiola encantada como uma auréola monstruosa.

Quando Dolohov e Yaxley se reuniram ao círculo, Voldemort ergueu a cabeça.

– Não há sinal dele, milorde – informou Dolohov.

A expressão de Voldemort não se alterou. Os olhos vermelhos pareciam incandescentes à luz da fogueira. Lentamente, ele segurou a Varinha das Varinhas entre os longos dedos.

– Milorde...

Belatriz falara: estava sentada mais próxima de Voldemort, desgrenhada, seu rosto um pouco manchado, mas, sob outros aspectos, intocado.

Voldemort ergueu a mão para silenciá-la, e ela nada mais disse, mas espreitou-o com fascinada adoração.

– Pensei que ele viria – comentou Voldemort em sua voz clara e aguda, seus olhos postos nas línguas de fogo. – Esperava que viesse.

Ninguém falou. Todos pareciam tão apavorados quanto Harry, cujo coração agora saltava contra as costelas como se tivesse decidido escapar do corpo que estava prestes a descartar. Suas mãos estavam suadas, e ele despiu a Capa da Invisibilidade e guardou-a, com a varinha, dentro das vestes. Não queria se sentir tentado a lutar.

– Aparentemente... me enganei – disse Voldemort.

– Não se enganou.

Harry falou o mais alto que pôde, com toda a força que conseguiu reunir: não queria parecer amedrontado. A Pedra da Ressurreição escorregou dos seus dedos dormentes e, pelo canto dos olhos, ele viu seus pais, Sirius e Lupin desaparecerem quando ele avançou para a claridade. Naquele momento, sentiu que ninguém mais importava exceto Voldemort. Havia apenas os dois.

A ilusão se desfez tão logo sobreveio. Os gigantes bradaram quando os Comensais da Morte se ergueram juntos, e ouviram-se muitos gritos, exclamações e até risadas. Voldemort se imobilizara onde estava, mas seus olhos vermelhos focalizaram Harry, e o observaram enquanto o garoto caminhava ao seu encontro, sem nada a separá-los a não ser a fogueira.

Então, uma voz berrou...

– HARRY! NÃO!

Ele se virou: Hagrid estava amarrado dobrado e preso a uma árvore próxima. Seu corpo maciço sacudiu os galhos no alto quando ele se debateu desesperado.

– NÃO! NÃO! HARRY, QUE É QUE VOCÊ...

– CALADO! – berrou Rowle, e, com um aceno de varinha, silenciou Hagrid.

Belatriz, que se pusera em pé de um salto, olhava ansiosa de Voldemort para Harry, o peito arfante. As únicas coisas que se moviam eram as chamas e a cobra, se enrolando e desenrolando na gaiola atrás da cabeça de Voldemort.

Harry sentia sua varinha junto ao peito, mas não fez tentativa alguma para sacá-la. Sabia que a cobra estava muito bem protegida, sabia que, se conseguisse apontar a varinha para Nagini, cinquenta feitiços o atingiriam primeiro. E Voldemort e Harry continuaram a se encarar, e agora o lorde inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, examinando o garoto parado à sua frente, e um sorriso singularmente sem alegria encrespou sua boca sem lábios.

– Harry Potter – disse ele, muito suavemente. Sua voz poderia fazer parte das fagulhas da fogueira. – O menino que sobreviveu.

Nenhum dos Comensais da Morte se moveu. Aguardavam: tudo aguardava. Hagrid se debatia, e Belatriz ofegava, e Harry inexplicavelmente pensou em Gina, em seu olhar radioso e na sensação dos seus lábios nos dele...

Voldemort erguera a varinha. Sua cabeça ainda estava inclinada para um lado, como a de uma criança curiosa, imaginando o que aconteceria se ele

prosseguisse. Harry encarou os olhos vermelhos e desejou que acontecesse naquele instante, rapidamente, enquanto ele ainda se mantinha de pé, antes que se descontrolasse, antes que traísse o seu medo...

Ele viu a boca se mover e um clarão verde, e tudo desapareceu.

— CAPÍTULO TRINTA E CINCO —

King's Cross

Ele estava de bruços, escutando o silêncio. Absolutamente sozinho. Ninguém o observava. Ninguém mais estava ali. Nem tinha absoluta certeza de que ele próprio estivesse ali.

Muito tempo depois, ou talvez tempo algum, ocorreu-lhe que devia existir, devia ser mais do que pensamento incorpóreo, porque estava deitado, decididamente deitado, sobre alguma superfície. Portanto, possuía tato, e a coisa sobre a qual deitava também existia.

Quase no instante em que chegou a esta conclusão, Harry tomou consciência de que estava nu. Convencido de sua total solidão, isso não o preocupou, mas deixou-o ligeiramente intrigado. Perguntou-se se, uma vez que podia sentir, também seria capaz de ver. Ao abrir os olhos, descobriu que os possuía.

Estava deitado em meio a uma névoa brilhante, embora não se parecesse com névoa alguma que já tivesse visto. O espaço que o rodeava não estava toldado, pelo contrário, a névoa vaporosa ainda não se formara ao seu redor. O chão em que estava deitado parecia ser branco, nem quente nem frio, existia apenas, algo plano, vazio sobre o qual estar.

Ele se sentou. Seu corpo parecia ileso. Apalpou o rosto. Não estava mais usando óculos.

Então, do nada informe que o cercava, chegou-lhe aos ouvidos um barulho: as batidinhas suaves de algo que adejava, se açoitava e se debatia. Era um barulho que inspirava piedade, mas também era ligeiramente obsceno. Teve a desconfortável sensação de que estava bisbilhotando alguma coisa furtiva, vergonhosa.

Pela primeira vez, desejou estar vestido.

Mal acabara de formular mentalmente esse desejo, apareceram vestes a uma pequena distância. Apanhou-as e vestiu-as: eram macias, limpas e quentes. Era extraordinário como tinham aparecido, instantaneamente, no momento em que

as desejara...
Ele se levantou e relanceou ao redor. Estaria em alguma ampla Sala Precisa? Quanto mais olhava, mais havia para ver. Um enorme domo de vidro faiscava ao sol, lá no alto. Talvez fosse um palácio. Tudo era imóvel e silencioso, exceto por aquelas estranhas lamúrias e pancadas surdas que vinham dali perto em meio à névoa...
Harry se virou lentamente no mesmo lugar, e o ambiente pareceu se reinventar diante de seus olhos. Um grande vão, claro e limpo, um salão muito maior do que o Salão Principal com aquele teto abobadado de vidro. Vazio. Ele era a única pessoa ali, exceto por...
Encolheu-se. Localizara a coisa que estava produzindo os ruídos. Tinha a forma de uma criancinha nua, enroscada no chão, a pele em carne viva e grossa, parecendo açoitada, e tremia embaixo de uma cadeira onde fora deixada, indesejável, posta fora de vista, tentando respirar.
Teve medo. Pequena, frágil e ferida como estava, Harry não quis se aproximar dela. Contudo, ele foi se acercando devagar, pronto para saltar para trás a qualquer momento. Logo estava perto o suficiente para tocá-la, ainda que não conseguisse se obrigar a isso. Sentiu-se um covarde. Devia consolá-la, mas ela lhe causava repugnância.
– Não há nada que você possa fazer.
Ele virou-se depressa. Alvo Dumbledore vinha ao seu encontro, animado e aprumado, trajando amplas vestes azul-escuras.
– Harry. – Ele abriu bem os braços, e suas mãos estavam, ambas, inteiras, brancas e ilesas. – Garoto maravilhoso. Homem corajoso, muito corajoso. Vamos caminhar.
Aturdido, Harry acompanhou-o; Dumbledore se afastou da criança flagelada que choramingava, e o conduziu a duas cadeiras em que Harry não reparara antes, dispostas a alguma distância sob aquele teto alto e cintilante. Dumbledore sentou-se em uma delas e Harry se largou na outra, fitando o seu antigo diretor. Os longos cabelos e barbas prateadas de Dumbledore, os olhos azuis penetrantes por trás dos oclinhos de meia-lua, o nariz torto: exatamente como ele lembrava. Contudo...
– Mas você está morto – disse Harry.
– Ah, sim – respondeu Dumbledore, sem rodeios.
– Então... eu estou morto também?
– Ah – disse o diretor com um sorriso ainda maior. – Essa é a dúvida, não é? De modo geral, meu caro rapaz, acho que não.
Eles se encararam, o velho ainda sorrindo.
– Não? – repetiu Harry.

– Não.
– Mas... – Harry levou instintivamente a mão à cicatriz em forma de raio. Aparentemente sumira. – Mas eu deveria ter morrido... não me defendi! Deliberadamente deixei que me matasse!
– E isso, acho eu, terá feito toda a diferença.
A felicidade parecia se irradiar de Dumbledore como luz, como fogo: Harry jamais vira um homem tão absoluta e palpavelmente satisfeito.
– Explique – pediu Harry.
– Mas você já sabe. – E Dumbledore girou os polegares.
– Eu deixei que me matasse. Não foi?
– Foi – assentiu Dumbledore. – Continue!
– Então a parte da alma dele que estava comigo...
Dumbledore assentiu ainda mais entusiasticamente, instando Harry a prosseguir, um amplo sorriso de incentivo no rosto.
– ... se foi?
– Ah, sim! Ele a destruiu. A sua alma é inteira e totalmente sua, Harry.
– Mas então...
Harry espiou por cima do ombro, para onde a pequena criatura mutilada tremia embaixo da cadeira.
– Que é aquilo, professor?
– Uma coisa além da nossa possibilidade de ajudar.
– Mas se Voldemort usou aquela Maldição da Morte – recomeçou Harry –, e desta vez ninguém morreu por mim... como posso estar vivo?
– Acho que você sabe. Faça uma retrospectiva. Lembre o que ele fez em sua ignorância, cobiça e crueldade.
Harry pensou. Deixou o seu olhar vaguear pelo ambiente. Se de fato fosse um palácio o lugar em que estavam, era estranho, com cadeiras em pequenas fileiras e gradis aqui e ali, e Dumbledore e a criatura atrofiada embaixo da cadeira eram os únicos seres presentes. Então a resposta aflorou aos seus lábios facilmente, sem esforço.
– Ele tirou o meu sangue – respondeu Harry.
– Exato! – exclamou Dumbledore. – Ele tirou o seu sangue e usou-o para reconstruir o próprio corpo vivente! O seu sangue nas veias dele, Harry, a proteção de Lílian nos dois! Ele prendeu você à vida enquanto ele viver!
– Eu vivo... enquanto ele viver? Mas pensei... pensei que fosse o contrario! Pensei que nós dois tínhamos que morrer? Ou dá no mesmo?
Harry foi distraído pelo choro e as batidas da criatura angustiada às suas costas, e tornou a se virar para vê-la.
– Tem certeza de que não podemos fazer nada?

– Não há ajuda possível.
– Então me explique... melhor – pediu Harry, e Dumbledore sorriu.
– Você foi a sétima Horcrux, Harry, a Horcrux que ele nunca pretendeu criar. Voldemort deixou a alma tão instável que ela se fragmentou quando ele cometeu aqueles atos de indizível maldade, o assassinato dos seus pais, a tentativa de matar uma criança. Mas o que escapou daquele quarto foi ainda menos do que ele percebeu. Voldemort deixou ali mais do que o seu corpo. Deixou uma parte de si mesmo presa a você, a pretensa vítima que sobrevivera.
"E o conhecimento dele permaneceu lamentavelmente incompleto, Harry! Aquilo a que Voldemort não dá valor ele não se dá sequer o trabalho de compreender. De elfos domésticos e contos infantis, amor, lealdade e inocência, Voldemort não entende nada. *Nadinha*. Que todos tenham um poder que supere o dele, um poder que supere o alcance da magia, é uma verdade que ele jamais compreendeu.
"Ele tirou o seu sangue acreditando que isto o fortaleceria. Integrou ao próprio corpo uma parte mínima do encantamento com que sua mãe o recobriu quando morreu para salvá-lo. O corpo dele guarda vivo o sacrifício de Lílian, e enquanto esse encantamento sobreviver, você também sobreviverá, assim como a última esperança de Voldemort."
Dumbledore sorriu para Harry, e o garoto o encarou.
– E o senhor sabia disso? Sabia... o tempo todo?
– Tive um palpite. Mas os meus palpites normalmente têm sido muito bons – respondeu ele, feliz, e os dois ficaram sentados em silêncio por um tempo que pareceu muito longo, enquanto a criatura continuava a choramingar e tremer.
– Tem mais – disse Harry. – Tem mais coisas. Por que a minha varinha partiu a que ele pediu emprestada?
– Quanto a isso, não tenho muita certeza.
– Dê um palpite, então – pediu Harry, fazendo Dumbledore rir.
– O que você precisa entender, Harry, é que você e Lorde Voldemort empreenderam juntos uma jornada ao reino de uma magia até agora desconhecida e não comprovada. Imagino, porém, que tenha acontecido o seguinte, e não há precedentes, nem fabricante de varinha algum, acho eu, que pudesse jamais ter predito ou explicado isso a Voldemort.
"Sem querer, como você agora sabe, Lorde Voldemort duplicou o vínculo entre vocês quando retomou a forma humana. Uma parte de sua alma já estava presa a você, e, pensando em se fortalecer, ele incorporou uma parte do sacrifício de sua mãe. Se pudesse ter compreendido o poder exato e terrível daquele sacrifício, talvez não tivesse ousado tocar no seu sangue... mas se ele fosse capaz de compreender, não seria Lorde Voldemort, e, talvez, nunca tivesse matado

ninguém.
“Tendo garantido essa dupla vinculação, tendo amarrado os seus destinos juntos, mais seguramente do que dois bruxos jamais fizeram em toda a história, Voldemort atacou você com uma varinha que possuía o mesmo núcleo que a sua. Então, ocorreu algo muito estranho, como sabemos. Os núcleos reagiram de uma forma que Lorde Voldemort, que nunca soube que a sua varinha era gêmea da dele, não poderia prever.
“Ele sentiu mais medo do que você naquela noite, Harry. Você tinha aceitado, e até considerado bem-vinda, a ideia da morte, coisa que Lorde Voldemort jamais foi capaz de fazer. Sua coragem venceu, sua varinha dominou a dele. E ao fazer isso, aconteceu entre as duas varinhas uma coisa que refletiu a relação entre os seus donos.
“Acredito que a sua varinha tenha absorvido parte do poder e das qualidades da varinha de Voldemort naquela noite, ou seja, o objeto captou um pouco do próprio Voldemort. Então, a sua varinha o reconheceu enquanto ele o perseguia, reconheceu um homem que era, ao mesmo tempo, parente e inimigo mortal, e regurgitou contra Voldemort um pouco de sua própria magia, magia muito mais poderosa do que qualquer coisa que a varinha de Lúcio pudesse realizar. Sua varinha passou a conter simultaneamente o poder de sua enorme coragem e da perícia letal de Voldemort: que chance teria aquela mísera varinha de Lúcio Malfoy?”
– Mas, se a minha varinha ficou tão poderosa, como Hermione pôde quebrá-la? – perguntou Harry.
– Meu caro rapaz, seus efeitos excepcionais eram dirigidos apenas a Voldemort, que mexeu de forma tão imprudente com as mais profundas leis da magia. Apenas contra ele aquela varinha era anormalmente poderosa. Nos demais casos, era uma varinha como outra qualquer... embora, sem dúvida, fosse boa – concluiu Dumbledore bondosamente.
Harry parou refletindo um longo tempo, ou talvez segundos. Ali, era muito difícil ter certeza de dimensões.
– Ele me matou com a sua varinha.
– Ele *não conseguiu* matar você com a minha varinha – corrigiu-o Dumbledore. – Acho que podemos concordar que você não está morto... embora, é claro – acrescentou ele, como se receasse ser indelicado –, eu não esteja minimizando os seus sofrimentos que, seguramente, foram rigorosos.
– Mas estou me sentindo ótimo no momento – replicou Harry, olhando para suas mãos limpas e intactas. – Exatamente onde estamos?
– Bem, eu ia lhe perguntar isso – disse Dumbledore, olhando ao redor. – Onde você diria que estamos?

Até Dumbledore perguntar, Harry não fazia ideia. Então, descobriu que tinha uma resposta pronta para lhe dar.
– Parece – disse, lentamente – a estação de King's Cross. Exceto que muito mais limpa e vazia, e, pelo visto, não há trens.
– A estação de King's Cross! – Dumbledore estava dando gargalhadas. – Valha-me Deus, sério?
– Bem, onde o senhor acha que estamos? – perguntou Harry, um pouco na defensiva.
– Meu caro rapaz, não faço a menor ideia. Como costumam dizer, a festa é *sua*.
Harry não entendeu o que isso queria dizer; Dumbledore estava aborrecendo-o. Olhou carrancudo para o diretor, então se lembrou de uma pergunta muito mais urgente do que a presente localização.
– As Relíquias da Morte – disse, e ficou satisfeito ao ver que as palavras tinham apagado o sorriso do rosto de Dumbledore.
– Ah, sim – disse ele, parecendo até um pouco preocupado.
– Então?
Pela primeira vez desde que Harry conhecera Dumbledore, ele pareceu menos que um homem idoso, muito menos. Pareceu, por um momento fugaz, um garoto apanhado em uma travessura.
– Será que pode me perdoar? Será que pode me perdoar por não ter confiado em você? Por não ter lhe dito? Harry, eu só receei que você fracassasse como eu. Só temi que repetisse os meus erros. Imploro o seu perdão, Harry. Já faz algum tempo que sei que você é um homem melhor do que eu.
– Do que está falando? – perguntou o garoto, assustado com o tom de Dumbledore, com as lágrimas repentinas em seus olhos.
– As Relíquias, as Relíquias – murmurou Dumbledore. – O sonho de um homem desesperado!
– Mas elas são reais!
– Reais e perigosas, além de uma sedução para os tolos. E eu próprio fui um tolo. Mas você sabe disso, não é? Não tenho mais segredos para você. Você sabe.
– Que é que eu sei?
Dumbledore virou-se de frente para Harry e as lágrimas ainda cintilavam em seus olhos muito azuis.
– Senhor da Morte, Harry, senhor da Morte! Em última análise, terei sido melhor que Voldemort?
– Claro que foi. Claro... como pode fazer essa pergunta? O senhor nunca matou quando pôde evitar!
– Verdade, verdade. – E ele parecia uma criança precisando de reafirmação. –

Contudo, eu, também, busquei um modo de vencer a morte, Harry.
– Não como ele. – Depois de toda a sua raiva por Dumbledore, era estranho sentar ali, sob aquele teto abobadado, e defendê-lo de si mesmo. – Relíquias, não Horcruxes.
– Relíquias – murmurou Dumbledore –, não Horcruxes. Exatamente.
Houve uma pausa. A criatura choramingou, mas Harry não se virou.
– Grindelwald as estava procurando também? – perguntou ele.
Dumbledore fechou os olhos por um momento e assentiu.
– Foi isso, acima de tudo, que nos aproximou – disse ele, em voz baixa. – Dois rapazes inteligentes e arrogantes com uma obsessão em comum. Ele quis ir a Godric's Hollow, como você certamente adivinhou, por causa do túmulo de Ignoto Peverell. Queria explorar o local em que o terceiro irmão falecera.
– Então, é verdade? A história toda? Os irmãos Peverell...
– ... eram os três irmãos do conto – confirmou Dumbledore. – Ah, sim, acho que sim. Agora, se encontraram a Morte em uma estrada deserta... acho mais provável que os irmãos Peverell fossem simplesmente bruxos talentosos e temerários que conseguiram criar esses objetos poderosos. A história de que seriam as próprias Relíquias da Morte me parece o tipo de lenda que pode ter surgido em torno de suas criações.
"A capa, como você agora sabe, passou durante séculos de pai para filho, de mãe para filha, até o último descendente vivo de Ignoto, que nasceu na aldeia de Godric's Hollow."
Dumbledore sorriu para Harry.
– Eu?
– Você. Você conjecturou, eu sei, por que a capa estava em meu poder na noite em que seus pais morreram. Tiago a mostrara a mim poucos dias antes. Ela explicava muitos dos seus malfeitos, na escola, que passavam despercebidos! Mal consegui acreditar no que via. Pedi a capa emprestada para examiná-la. Havia muito tempo que desistira do meu sonho de juntar as Relíquias, mas não pude resistir, não pude deixar de vê-la de perto... Era uma capa como eu jamais vira, imensamente velha, perfeita sob todos os aspectos... então seu pai morreu, e eu tinha finalmente duas Relíquias só para mim!
Seu tom era insuportavelmente amargurado.
– A capa não teria ajudado meus pais a sobreviver – apressou-se Harry a dizer. – Voldemort sabia onde meu pai e minha mãe estavam. A capa não os tornaria à prova de maldição.
– Verdade – suspirou Dumbledore. – Verdade.
Harry aguardou, mas o diretor não disse mais nada, então, ele o instigou.
– Então, desistiu de procurar as Relíquias quando viu a capa?

– Ah, sim – respondeu Dumbledore, com a voz fraca. Ele parecia fazer força para fitar Harry. – Você sabe o que aconteceu. Você sabe. Você não pode me desprezar mais do que eu me desprezo.

– Mas eu não o desprezo...

– Então deveria. – Dumbledore inspirou profundamente. – Você conhece o segredo da precária saúde da minha irmã, o que aqueles trouxas fizeram, no que a transformaram. Você sabe como o meu pobre pai buscou vingança e pagou por isso, morrendo em Azkaban. Você sabe como minha mãe abriu mão da própria vida para cuidar de Ariana.

"Tive raiva disso, Harry."

Dumbledore confessou abertamente, friamente. Olhava agora por cima da cabeça de Harry, para longe.

– Eu era talentoso, era brilhante. Queria fugir. Queria brilhar. Queria a glória.

"Não me entenda mal", disse ele, e a dor perpassou o seu semblante, fazendo-o parecer novamente muito idoso. "Eu os amava. Amava meus pais. Amava meu irmão e minha irmã, mas era egoísta, Harry, mais egoísta do que você, que é uma pessoa extraordinariamente generosa, poderia imaginar.

"Então, quando minha mãe morreu, e me deixou a responsabilidade de uma irmã incapacitada e um irmão rebelde, voltei para minha aldeia enraivecido e amargurado. Preso e desperdiçado, pensei! Então, naturalmente, ele chegou..."

Dumbledore tornou a fitar Harry nos olhos.

– Grindelwald. Você não pode imaginar como as suas ideias me contagiaram, Harry, me inflamaram. Trouxas forçados à submissão. Nós, bruxos, vitoriosos. Grindelwald e eu, os jovens líderes gloriosos da revolução.

"Ah, eu tinha alguns escrúpulos. Aliviava a minha consciência com palavras vãs. Tudo seria para o bem maior, e qualquer dano causado seria compensado cem vezes em benefícios para os bruxos. Se eu sabia, no fundo do meu coração, quem era Gerardo Grindelwald? Acho que sim, mas fechei os olhos. Se os planos que estávamos fazendo viessem a frutificar, todos os meus sonhos se concretizariam.

"E, no cerne dos nossos projetos, as Relíquias da Morte! Como elas o fascinavam, como fascinavam a nós dois! A varinha invencível, a arma que nos conduziria ao poder! A Pedra da Ressurreição significava para ele, embora eu fingisse não saber, um exército de Inferi! Para mim, confesso, significava o retorno dos meus pais e a remoção de toda a responsabilidade dos meus ombros.

"E a Capa da Invisibilidade... por alguma razão, nunca a discutimos muito, Harry. Nós dois éramos capazes de nos ocultar muito bem sem a capa, cuja magia, naturalmente, é poder ser usada para proteger e escudar outros, além do seu dono. Pensei que, se algum dia a encontrássemos, ela poderia ser útil para

ocultar Ariana, mas o nosso interesse na capa era apenas completar o trio, porque, dizia a lenda, o homem que reunisse os três objetos seria verdadeiramente o senhor da Morte, e, para nós, invencível.

"Senhores invencíveis da Morte, Grindelwald e Dumbledore! Dois meses de insanidade, de sonhos cruéis e descaso com os dois únicos membros da família que me restavam.

"Então... você sabe o que aconteceu. A realidade retornou, na forma do meu irmão rude, iletrado e infinitamente mais admirável. Eu não quis ouvir as verdades que ele atirou na minha cara. Não quis ouvir que não poderia partir em busca das Relíquias levando comigo uma irmã frágil e instável.

"A discussão virou uma briga. Grindelwald se descontrolou. Aquilo que eu sempre percebera nele, embora fingisse não existir, revelou-se de um modo terrível. E Ariana... depois de todo o cuidado e a cautela de minha mãe... jazia morta no chão."

Dumbledore ofegou e começou a chorar profusamente. Harry estendeu a mão, e ficou contente de constatar que podia tocá-lo: apertou seu braço com força, e Dumbledore gradualmente recobrou o controle.

– Bem, Grindelwald fugiu, como todo o mundo, exceto eu, poderia ter previsto. Sumiu com os seus planos de tomar o poder e seus projetos de torturar trouxas, e seus sonhos com as Relíquias da Morte, sonhos em que eu o encorajara e ajudara. Ele fugiu, me deixando sozinho para enterrar minha irmã e aprender a viver com a minha culpa e o meu terrível pesar, o preço da minha vergonha.

"Os anos passaram. Correram boatos a respeito dele. Diziam que obtivera uma varinha de imenso poder. Entrementes, me ofereceram o posto de ministro da Magia, não uma, mas várias vezes. Naturalmente, recusei. Aprendera que não seria confiável se tivesse o poder em minhas mãos."

– Mas o senhor teria sido melhor, muito melhor do que o Fudge ou o Scrimgeour! – exclamou Harry.

– Teria? – perguntou Dumbledore, abatido. – Não estou muito seguro. Na adolescência, eu tinha comprovado que o poder era a minha fraqueza e a minha tentação. É uma coisa curiosa, Harry, mas talvez os que têm maior talento para o poder sejam os que nunca o buscaram. Pessoas, como você, a quem empurram a liderança e que aceitam o manto do poder porque devem, e descobrem, para sua surpresa, que lhes cai bem.

"Eu estava mais seguro em Hogwarts. Acho que fui um bom professor..."

– O senhor foi o melhor...

– É muita bondade sua, Harry. Mas, enquanto eu me ocupava com o ensino de jovens bruxos, Grindelwald estava reunindo um exército. Diziam que tinha medo

de mim, e talvez fosse verdade, mas teria menos do que eu tinha dele...

“Ah, não de morrer”, explicou Dumbledore em resposta ao olhar indagador de Harry. “Não do que ele pudesse me fazer usando a magia. Eu sabia que nos equiparávamos, talvez eu fosse até um tantinho mais talentoso. Eu temia a verdade. Entende, eu nunca soube qual de nós, naquela última luta horrenda, havia realmente lançado o feitiço que matara minha irmã. Você pode me chamar de covarde: e teria razão. Harry, eu temia mais que tudo o conhecimento de que fora eu o causador de sua morte, não apenas por causa da minha arrogância e estupidez, mas que eu, de fato, tivesse dado o golpe que lhe tirara a vida.

“Acho que ele sabia disso, acho que sabia o que me apavorava. Adiei o confronto com ele até que finalmente fosse demasiado vergonhoso resistir por mais tempo. As pessoas estavam morrendo, e ele parecia irrefreável, e tive que fazer o que pude.

“Bem, você sabe o que aconteceu a seguir. Ganhei o duelo. Ganhei a varinha.”

Novo silêncio. Harry não perguntou se algum dia Dumbledore havia descoberto quem matara Ariana. Não queria saber, e menos ainda que o diretor se visse obrigado a lhe dizer. E, finalmente, ele soube o que Dumbledore teria visto no Espelho de Ojesed, e por que compreendera tão bem a fascinação que o objeto exercia sobre Harry.

Eles se sentaram em silêncio por muito tempo, e o choro da criatura às suas costas praticamente deixou de incomodar Harry.

Por fim, o garoto disse:

– Grindelwald tentou impedir que Voldemort fosse atrás da varinha. Mentiu, sabe, fingindo que nunca a tivera em seu poder.

Dumbledore assentiu, olhando para o colo, as lágrimas brilhando em seu nariz torto.

– Dizem que ele demonstrou remorso nos últimos anos, sozinho em sua cela em Nurmengard. Espero que seja verdade. Gostaria de pensar que ele percebeu o horror e a vergonha do que tinha feito. Talvez aquela mentira a Voldemort fosse a sua tentativa de compensar... de impedir que Voldemort se apossasse da Relíquia...

– ... ou violasse o seu túmulo, talvez? – arriscou Harry, e Dumbledore secou as lágrimas.

Após mais um breve intervalo, Harry disse:

– O senhor tentou usar a Pedra da Ressurreição.

Dumbledore fez que sim.

– Quando a descobri, depois de tantos anos, enterrada na casa abandonada dos Gaunt, a Relíquia mais desejável de todas, embora na minha juventude eu a quisesse possuir por motivos muito diversos, perdi a cabeça, Harry. Esqueci que

fora transformada em Horcrux, que o anel certamente carregaria um feitiço. Apanhei-o e coloquei-o no dedo, e, por um segundo, imaginei que estava prestes a ver Ariana, minha mãe e meu pai e lhes dizer o muito que eu lamentava...

"Fui muito tolo, Harry. Depois de tantos anos, eu não aprendera nada. Eu era indigno de unir as Relíquias da Morte, evidenciara isso repetidamente, e ali estava a prova final."

– Por quê? Era natural! Queria rever sua família. Que há de errado nisso?

– Talvez um homem em um milhão possa unir as Relíquias, Harry. Eu só merecia possuir a mais mesquinha delas, a menos extraordinária. Eu merecia possuir a Varinha das Varinhas, e não me gabar disso, e não usá-la para matar. Tinha permissão de domar e usar a varinha, porque a conquistara, não para meu ganho pessoal, mas para salvar outros do seu poder.

"Mas a capa, eu a tomei por mera curiosidade, por isso nunca poderia ter funcionado para mim como funciona para você, seu verdadeiro dono. A pedra, eu a teria usado na tentativa de trazer de volta aqueles que estão em paz, e não para permitir o sacrifício da minha vida, como você fez. Você é o digno possuidor das Relíquias."

Dumbledore deu uma palmadinha afetuosa na mão de Harry, e o garoto ergueu os olhos para o velho e sorriu; não pôde se conter. Como poderia continuar zangado com Dumbledore, agora?

– Por que precisou dificultar tanto as coisas?

O sorriso de Dumbledore foi trêmulo.

– Receio que tenha contado com a srta. Granger para refreá-lo, Harry. Tive medo que sua cabeça quente pudesse dominar o seu bom coração. Senti pavor que, se lhe apresentasse logo os fatos sobre esses objetos tentadores, você pudesse se apoderar das Relíquias, como fiz, no momento errado, pelos motivos errados. Se pusesse as mãos nelas, eu queria que fossem suas sem perigo. Você é o verdadeiro senhor da Morte, porque o verdadeiro senhor não busca fugir da morte. Ele aceita que deve morrer, e compreende que há coisas piores, muito piores do que a morte no mundo dos viventes.

– E Voldemort nunca ouviu falar nas Relíquias?

– Acho que não, porque ele não reconheceu a Pedra da Ressurreição quando a transformou em Horcrux. Mas, mesmo que tivesse ouvido falar, Harry, duvido que se interessasse por qualquer delas, exceto a primeira. Não iria achar que precisasse da capa e, quanto à pedra, quem ele iria querer ressuscitar? Ele teme os mortos. Ele não ama.

– Mas o senhor esperava que ele saísse em busca da varinha?

– Tive certeza de que tentaria, desde que a sua varinha derrotou Voldemort no cemitério de Little Hangleton. A princípio, ele receou que você o tivesse vencido

por possuir maior perícia. Uma vez que sequestrou Olivaras, porém, ele descobriu a existência dos núcleos gêmeos. Achou que isso explicava tudo. Entretanto, a varinha emprestada não apresentou melhor resultado contra a sua! Então, Voldemort, em vez de se perguntar que qualidade havia em você que tornava sua varinha tão forte, que dom você possuía que lhe faltava, naturalmente saiu à procura da única varinha que, diziam, derrotaria qualquer outra. Para ele, a Varinha das Varinhas se tornara uma obsessão que rivalizava à que tinha por você. Ele acredita que a Varinha das Varinhas elimina sua última fraqueza e o torna verdadeiramente invencível. Coitado do Severo...

– Se o senhor planejou morrer nas mãos de Snape, pretendia que ele acabasse dono da varinha, não?

– Admito que tive essa intenção, mas não se realizou como eu pretendi, não é?

– Não. Essa parte saiu diferente.

A criatura às costas deles estremeceu e gemeu, e Harry e Dumbledore continuaram sentados, sem falar, fazendo a pausa mais demorada até aquele momento. A compreensão do que aconteceria a seguir foi pouco a pouco se consolidando em Harry, nesses longos minutos, como a neve caindo suavemente.

– Tenho que voltar, não é?

– Isto depende de você.

– Tenho opção?

– Ah, sim. – Dumbledore sorriu. – Estamos em King’s Cross, não foi o que você disse? Acho que, se decidir não voltar, você poderia... digamos... tomar um trem.

– E aonde ele me levaria?

– Em frente – respondeu Dumbledore, com simplicidade.

Novo silêncio.

– Voldemort tem a Varinha das Varinhas.

– Verdade. Voldemort tem a Varinha das Varinhas.

– Mas o senhor quer que eu volte?

– Acho que se você escolher voltar, há uma chance de que ele seja liquidado para sempre. Não posso prometer. Mas de uma coisa eu sei, Harry, você tem menos a temer do que ele ao retornarem para cá.

Harry tornou a relancear a coisa em carne viva que tremia e engasgava na sombra, sob a cadeira distante.

– Não tenha piedade dos mortos, Harry. Tenha piedade dos vivos e, acima de tudo, dos que vivem sem amor. Ao regressar, você poderá assegurar que menos almas serão mutiladas, menos famílias serão destroçadas. Se isso lhe parecer um objetivo meritório, então, por ora, diremos adeus.

Harry assentiu e suspirou. Deixar esse lugar não seria tão difícil quanto fora

entrar na Floresta, mas ali era quente, claro e tranquilo, e ele sabia que estaria voltando à dor e ao temor de outras perdas. Ele se ergueu, Dumbledore o acompanhou, e os dois se fitaram demoradamente.

– Me diga uma última coisa – disse Harry. – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?

Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.

– Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real?

— CAPÍTULO TRINTA E SEIS —

A falha do plano

Harry estava novamente deitado com o rosto no chão. O cheiro da Floresta enchia suas narinas. Ele sentia a terra dura e fria sob sua face, e a dobradiça dos seus óculos, deslocados para um lado durante a queda, cortando sua têmpora. Cada centímetro do seu corpo doía, e, no ponto em que a Maldição da Morte o atingira, parecia ter levado um murro de punho de ferro. Ele não se mexeu, manteve-se exatamente onde caíra, com o braço esquerdo dobrado em um ângulo estranho e a boca aberta.

Esperara ouvir vivas de triunfo e júbilo por sua morte, mas, em vez disso, o ar se encheu de passos apressados, sussurros e murmúrios solícitos.

– Milorde... *milorde*...

Era a voz de Belatriz, como se falasse a um amante. Harry não ousou abrir os olhos, deixou seus outros sentidos explorarem a situação. Sabia que a varinha continuava guardada sob suas vestes porque a sentia espremida entre seu peito e o chão. Um fino acolchoamento na área do estômago lhe informava que a Capa da Invisibilidade também estava ali, escondida.

– *Milorde*...

– Agora chega. – Ele ouviu a voz de Voldemort.

Mais passos: várias pessoas estavam retrocedendo do mesmo lugar. Desesperado para ver o que estava acontecendo, e por quê, Harry entreabriu os olhos um milímetro.

Aparentemente, Voldemort estava se levantando. Vários Comensais da Morte se afastavam depressa dele, reintegrando a multidão à volta da clareira. Somente Belatriz continuou ali, ajoelhada ao lado de Voldemort.

Harry fechou os olhos e considerou o que vira. Os Comensais da Morte tinham se aglomerado em torno de Voldemort, que, pelo visto, caíra ao chão. Algo havia ocorrido quando atingira Harry com a Maldição da Morte. Teria tombado também? Parecia provável. Ambos teriam caído, momentaneamente

desacordados, e agora ambos recobravam os sentidos...

– Milorde, me deixe...

– Não preciso de sua ajuda – respondeu Voldemort, friamente, e, embora não pudesse ver, Harry visualizou Belatriz, solícita, afastando a mão. – O garoto... está morto?

Fez-se absoluto silêncio na clareira. Ninguém se aproximou de Harry, mas ele sentiu que os olhares se concentravam nele, pareciam empurrá-lo mais fundo no chão, e apavorou-se que uma pálpebra ou um dedo seus pudessem mexer.

– Você – disse Voldemort, e houve um estampido e um gritinho de dor. – Examine-o. Me diga se está morto.

Harry não sabia quem ele mandara verificar. Só lhe restava ficar parado, com o coração batendo forte, traindo-o, e aguardar ser examinado, mas, ao mesmo tempo, registrando, embora isso não fosse grande consolo, que Voldemort tomava a precaução de não se aproximar dele, que Voldemort suspeitava que tivesse havido uma falha no plano...

Mãos, mais leves do que imaginara, tocaram o seu rosto, ergueram uma pálpebra, se introduziram sob sua camisa e sentiram seu coração. Ele ouvia a respiração rápida da mulher, seus longos cabelos fizeram cócegas em seu rosto. Harry sabia que ela ouvia a pulsação ritmada da vida contra suas costelas.

– Draco está vivo? Está no castelo?

O sussurro era apenas audível; os lábios dela estavam a meros centímetros do seu ouvido, sua cabeça tão curvada que a cabeleira protegia seu rosto dos espectadores.

– *Está* – sussurrou ele em resposta.

Harry sentiu a mão em seu peito se contrair; suas unhas o espetaram. Então, ela retirou a mão. Sentara.

– Está morto! – anunciou Narcisa Malfoy para os Comensais.

E agora eles gritaram, agora deram berros de triunfo e bateram com os pés no chão, e, entre as pálpebras, Harry viu clarões vermelhos e prateados subirem ao ar, comemorando.

Ainda fingindo-se de morto, ele compreendeu. Narcisa sabia que a única maneira de lhe permitirem entrar em Hogwarts e procurar o filho era participar do exército conquistador. Ela já não se importava se Voldemort venceria ou não.

– Viram? – guinchou Voldemort, sobrepondo-se ao tumulto. – Harry Potter foi morto por minha mão, e agora nenhum homem vivo poderá me ameaçar! Vejam! *Crucio!*

Harry estivera esperando aquilo: sabia que não deixariam o seu corpo descansar intocado no chão da Floresta, teria que ser humilhado para comprovar a vitória de Voldemort. Ele foi erguido no ar, e precisou de toda a sua força de

vontade para continuar inanimado; entretanto, a dor que previra não ocorreu. Foi atirado uma, duas, três vezes no ar, seus óculos voaram do rosto e ele sentiu a varinha escorregar um pouco sob suas vestes, mas continuou mole e sem vida e, quando caiu no chão pela última vez, a clareira ressoou com insultos e risadas agudas.

– Agora – disse Voldemort –, vamos ao castelo lhes mostrar o que restou do seu herói. Quem arrastará o corpo? Não... esperem...

Houve nova explosão de risadas e, transcorridos alguns instantes, Harry sentiu o chão tremer sob seu corpo.

– Você o carrega – ordenou Voldemort. – Ficará bem visível em seus braços, não é mesmo? Apanhe o seu amiguinho, Hagrid. E os óculos... reponha os óculos... ele precisa ficar reconhecível.

Alguém chapou os óculos no rosto de Harry com intenção de machucá-lo, mas as mãos enormes que o ergueram no ar foram extremamente gentis. Harry sentiu os braços de Hagrid tremendo com a violência dos seus profundos soluços, grossas lágrimas choveram sobre ele quando Hagrid o aninhou nos braços, e Harry não ousou, por movimento ou palavra, insinuar ao amigo que nem tudo estava perdido, ainda.

– Ande – ordenou Voldemort, e Hagrid avançou aos tropeços, abrindo passagem entre as árvores muito juntas, em direção à saída da Floresta. Os galhos prenderam nos cabelos e nas vestes de Harry, mas ele continuou inerte, a boca aberta molemente, os olhos fechados, e no escuro, enquanto os Comensais da Morte se aglomeravam ao seu redor, e enquanto Hagrid soluçava às cegas, ninguém se preocupou em verificar se pulsava uma veia no pescoço nu de Harry Potter...

Os dois gigantes acompanharam com estrondo os Comensais da Morte; Harry ouvia as árvores partindo e tombando à sua passagem; faziam tanto barulho que os pássaros levantavam voo, aos gritos, abafando até as caçoadas dos Comensais. A procissão da vitória marchou para campo aberto, e depois de algum tempo, Harry percebeu, pelo clareamento da escuridão através de suas pálpebras fechadas, que as árvores estavam começando a rarear.

– AGOURO!

O inesperado berro de Hagrid quase forçou Harry a abrir os olhos.

– Estão felizes agora por não ter lutado, seu bando covarde de mulas velhas? Satisfeitos de ver Harry Potter... m-morto...?

Hagrid não pôde continuar, sucumbiu às lágrimas. Harry ficou imaginando quantos centauros estariam assistindo à procissão passar; não se atreveu a abrir os olhos para avaliar. Alguns Comensais da Morte gritaram insultos para as criaturas, à medida que as deixavam para trás. Pouco depois, Harry sentiu, pelo

refrescamento do ar, que tinham chegado à orla da Floresta.
– Pare.
Harry achou que Hagrid devia ter sido forçado a obedecer, porque ele cambaleou ligeiramente. Agora baixava uma frialdade sobre o lugar em que haviam parado, e Harry ouviu os arquejos roucos dos dementadores que patrulhavam as árvores naquele ponto da Floresta. Não o afetariam agora. A realidade de sua sobrevivência abrasava-o por dentro, um talismã contra eles, como se tivesse no coração o veado Patrono de seu pai a guardá-lo.
Alguém passou perto de Harry e ele percebeu que era Voldemort, porque ele falou em seguida, sua voz magicamente amplificada de modo a se propagar pelos terrenos da escola, retumbando nos tímpanos do garoto.
"Harry Potter está morto. Foi abatido em plena fuga, tentando se salvar enquanto vocês ofereciam as vidas por ele. Trazemos aqui o seu cadáver como prova de que o seu herói deixou de existir.
"A batalha está ganha. Vocês perderam metade dos seus combatentes. Os meus Comensais da Morte são mais numerosos que vocês, e O-Menino-Que-Sobreviveu está liquidado. A guerra deve cessar. Quem continuar a resistir, homem, mulher ou criança, será exterminado, bem como todos os membros de sua família. Saiam do castelo agora, ajoelhem-se diante de mim e serão poupados. Seus pais e filhos, seus irmãos e irmãs viverão e serão perdoados, e vocês se unirão a mim no novo mundo que construiremos juntos."
Houve silêncio nos jardins e no castelo. Voldemort estava tão perto que Harry não se atreveu a abrir os olhos.
– Venha – ordenou Voldemort. Harry ouviu-o avançar e Hagrid foi forçado a segui-lo. Harry abriu minimamente os olhos e viu Voldemort caminhando à frente, levando em torno dos ombros sua grande cobra, agora, livre da gaiola encantada. Harry, porém, não tinha possibilidade de sacar a varinha guardada dentro das vestes sem ser visto pelos Comensais da Morte que o ladeavam, marchando na escuridão que gradualmente se dissipava...
– Harry – soluçava Hagrid. – Ah, Harry... Harry...
O garoto tornou a fechar os olhos com força. Sabia que estavam se aproximando do castelo, e apurou os ouvidos para distinguir, acima das vozes alegres dos Comensais da Morte e dos seus passos pesados, sinais de vida em seu interior.
– Parem.
Os Comensais pararam: Harry os ouviu debandar, para formar uma linha em frente às portas abertas da escola. Via, mesmo através das pálpebras fechadas, a claridade avermelhada indicando que a luz que o iluminava saía do saguão de entrada. Ele aguardou. A qualquer momento, as pessoas por quem ele tentara

morrer o veriam, deitado aparentemente morto, nos braços de Hagrid.
– NÃO!
O grito foi ainda mais terrível porque jamais esperara ou sonhara que a professora McGonagall pudesse emitir tal som. Ouviu uma risada de mulher ali perto, e percebeu que Belatriz exultava com o desespero de McGonagall. Ele tornou a espreitar por um segundo, e viu a entrada começar a se encher de gente, à medida que os sobreviventes da batalha saíam aos degraus, para encarar os seus vencedores, e constatar, com os próprios olhos, a realidade da morte de Harry. Viu Voldemort parado um pouco à frente dele, acariciando a cabeça de Nagini com um dedo branco. Ele fechou os olhos outra vez.
– Não!
– *Não!*
– Harry! HARRY!
As vozes de Rony, Hermione e Gina foram piores que as de McGonagall; tudo que Harry queria era gritar em resposta, manteve-se, porém, deitado e calado, e os gritos dos amigos tiveram o efeito de um gatilho, a multidão de sobreviventes se uniu a eles, gritando e berrando insultos para os Comensais da Morte até...
– SILÊNCIO! – exclamou Voldemort. Em seguida, um estampido, um forte clarão, e o silêncio se impôs a todos. – Acabou! Ponha-o no chão, Hagrid, aos meus pés, que é o lugar dele!
Harry sentiu que Hagrid o pousava na grama.
– Estão vendo? – disse Voldemort, e Harry sentiu-o andando de um lado para outro, paralelamente ao lugar em que ele jazia. – Harry Potter está morto! Entenderam agora, seus iludidos? Ele não era nada, jamais foi, era apenas um garoto, confiante de que os outros se sacrificariam por ele!
– Ele o derrotou! – berrou Rony, e o feitiço se rompeu, e os defensores de Hogwarts voltaram a gritar e a insultar até que um segundo estampido mais forte tornou a extinguir mais uma vez suas vozes.
– Ele foi morto tentando sair escondido dos terrenos do castelo – disse Voldemort, e, na sua voz, havia prazer com a mentira –, morto tentando se salvar...
Voldemort, no entanto, foi interrompido: Harry ouviu uma movimentação e um grito, em seguida mais um estampido, um clarão e um gemido de dor; ele abriu infinitesimalmente as pálpebras. Alguém se destacara da multidão e investira contra Voldemort: Harry viu o vulto bater no chão, desarmado, Voldemort atirar a varinha do desafiante para o lado e rir.
– E quem é esse? – perguntou com o seu silvo suave de ofídio. – Quem está se voluntariando para demonstrar o que acontece com os que insistem em lutar quando a batalha está perdida?

Belatriz deu uma gargalhada prazerosa.

– É Neville Longbottom, milorde! O garoto que andou dando tanto trabalho aos Carrow! O filho dos aurores, lembra?

– Ah, sim, lembro – disse Voldemort, baixando os olhos para Neville, que fazia força para se pôr de pé, sem arma nem proteção, parado na terra de ninguém entre os sobreviventes e os Comensais da Morte. – Mas você tem sangue puro, não tem, meu bravo rapaz? – perguntou Voldemort a Neville, que o encarava, as mãos vazias fechadas em punhos.

– E se tiver? – respondeu Neville em voz alta.

– Você demonstra vivacidade e coragem, e descende de linhagem nobre... Você dará um valioso Comensal da Morte. Precisamos de gente como você, Neville Longbottom.

– Me juntarei a você quando o inferno congelar. Armada de Dumbledore! – gritou ele e, da multidão, ouviram-se vivas em resposta, que os Feitiços Silenciadores de Voldemort pareceram incapazes de conter.

– Muito bem – disse Voldemort, e Harry detectou um perigo maior na suavidade de sua voz do que no feitiço mais poderoso. – Se essa é a sua escolha, Longbottom, revertemos ao plano original. A culpa será toda sua – disse ele, calmamente.

Ainda observando por trás das pestanas, Harry viu Voldemort acenar com a varinha. Segundos depois, das janelas estilhaçadas do castelo, algo semelhante a um pássaro disforme voou na semiobscuridade e pousou na mão de Voldemort. Ele sacudiu o objeto mofado pelo bico e deixou-o pender vazio e roto: o Chapéu Seletor.

– Não haverá mais Seleção na Escola de Hogwarts – disse Voldemort. – Não haverá mais Casas. O emblema, escudo e cores do meu nobre antepassado, Salazar Slytherin, será suficiente para todos, não é mesmo, Neville Longbottom?

Ele apontou a varinha para Neville, que ficou rígido e calado, então forçou o chapéu a entrar na cabeça do garoto, fazendo-o escorregar abaixo dos seus olhos. A multidão que assistia à porta do castelo se movimentou e, sincronizados, os Comensais da Morte ergueram as varinhas, acuando os combatentes de Hogwarts.

– Neville agora vai demonstrar o que acontece com quem é suficientemente tolo para continuar a se opor a mim – anunciou Voldemort e, com um aceno da varinha, fez o Chapéu Seletor pegar fogo.

Gritos cortaram o amanhecer, e Neville ardeu em chamas, pregado ao chão, incapaz de se mexer, e Harry não pôde suportar: tinha que agir...

Então, muitas coisas aconteceram no mesmo instante.

Ouviu-se um clamor nas distantes divisas da escola, dando a impressão de que

centenas de pessoas escalavam os muros fora do campo de visão de todos e corriam em direção ao castelo, proferindo retumbantes brados de guerra. Nessa hora, Grope apareceu contornando a quina do castelo e berrou “HAGGER!”. Seu grito foi respondido por urros dos gigantes de Voldemort: eles avançaram para Grope como elefantes estremecendo a terra. Depois vieram os cascos, a vibração de arcos distendendo e flechas começaram repentinamente a chover entre os Comensais da Morte, que romperam fileiras, gritando, surpresos. Harry tirou a Capa da Invisibilidade de dentro das vestes, cobriu-se e ergueu-se de um salto, ao mesmo tempo que Neville.

Com um único movimento rápido e fluido, Neville se libertou do Feitiço do Corpo Preso que o imobilizava; o chapéu em chamas caiu de sua cabeça e, do fundo dele, o garoto puxou um objeto prateado com um punho cravejado de rubis.

O ruído da espada de prata cortando o ar não pôde ser ouvido acima do vozerio da multidão que se aproximava, ou o estrépito dos gigantes se enfrentando, ou a cavalgada dos centauros, contudo, pareceu atrair todos os olhares. Com um único golpe, Neville decepou a cabeça de Nagini, que girou no alto, reluzindo à luz que vinha do saguão de entrada, e a boca de Voldemort se abriu em um berro de fúria, que ninguém pôde ouvir, e o corpo da cobra bateu com um baque surdo aos seus pés...

Oculto pela Capa da Invisibilidade, Harry lançou um Feitiço Escudo entre Neville e Voldemort antes que este pudesse erguer a varinha. Então, sobrepondo-se aos gritos, rugidos e ao pesado sapateio dos gigantes em luta, ouviu-se o berro de Hagrid mais alto que tudo.

– HARRY! – gritou ele. – HARRY... ONDE ESTÁ HARRY?

Reinou o caos. A investida dos centauros dispersava os Comensais da Morte, todos fugiam das pisadas dos gigantes, e, cada vez mais próximos, estrondeavam os reforços que ninguém sabia de onde tinham vindo; Harry viu grandes criaturas aladas, os testrálios e Bicuço, o hipogrifo, rodeando as cabeças dos gigantes de Voldemort, gadunhando seus olhos, enquanto Grope os esmurrava; e agora os bruxos, defensores de Hogwarts, bem como os Comensais de Voldemort, estavam sendo empurrados para dentro do castelo. Harry lançava feitiços contra cada Comensal da Morte à vista, e eles caíam sem saber o que ou quem os atingira, e seus corpos eram pisoteados pela multidão em retirada.

Ainda sob a capa, Harry foi empurrado para dentro do saguão: procurou Voldemort e viu-o do lado oposto, a varinha disparando feitiços para todo lado enquanto recuava para dentro do Salão Principal, ainda berrando ordens para os seus seguidores; Harry lançou mais Feitiços Escudo, e as supostas vítimas de Voldemort, Simas Finnigan e Ana Abbott, passaram por ele correndo e entraram

no Salão Principal, onde se uniram à luta que já se desenvolvia ali.

E agora havia mais, muito mais gente irrompendo pela escadaria da entrada, e Harry viu Carlinhos Weasley alcançar Horácio Slughorn, que ainda usava o pijama verde-esmeralda. Pareciam ter reassumido a liderança dos familiares e amigos de cada estudante de Hogwarts que ficara para lutar, acompanhados dos lojistas e habitantes de Hogsmeade. Os centauros Agouro, Ronan e Magoriano invadiram o saguão em um forte tropel, no momento em que a porta que levava à cozinha era arrancada das dobradiças.

Uma enxurrada de elfos domésticos de Hogwarts adentrou o saguão, gritando e brandindo seus trinchantes e cutelos, e à frente deles, com o medalhão de Régulo Black pendurado ao peito, vinha Monstro, sua voz de rã audível, apesar da zoeira:

– À luta! À luta! À luta pelo meu senhor, defensor dos elfos domésticos! À luta contra o Lorde das Trevas, em nome do corajoso Régulo! À luta!

Eles cortavam e furavam os tornozelos e canelas dos Comensais da Morte, seus pequenos rostos brilhando de malícia, e, por onde quer que Harry olhasse, os Comensais estavam se dobrando à superioridade dos números, vencidos pelos feitiços, arrancando flechas dos ferimentos, esfaqueados na perna pelos elfos, ou, simplesmente, tentando fugir, mas engolidos pela horda invasora.

A batalha, contudo, ainda não terminara: Harry disparou entre os duelistas, passou por prisioneiros que se debatiam e entrou no Salão Principal.

Voldemort estava no centro da luta e atacava e fulminava tudo ao seu alcance. Harry não conseguiu um ângulo desimpedido para mirar, então lutou para se aproximar, ainda invisível, e o Salão Principal foi lotando sempre mais, pois todos que podiam andar entravam à força.

Harry viu Yaxley ser nocauteado por Jorge e Lino Jordan, viu Dolohov cair com um grito às mãos de Flitwick, viu Walden Macnair ser atirado do outro lado do salão por Hagrid, bater na parede de pedra e escorregar, inconsciente, para o chão. Viu Rony e Neville abaterem Lobo Greyback, Aberforth estuporar Rookwood, Arthur e Percy derrubarem Thicknesse, e Lúcio e Narcisa Malfoy correndo entre a multidão, sem sequer tentar lutar, chamando, aos berros, pelo filho.

Voldemort agora duelava com McGonagall, Slughorn e Kingsley ao mesmo tempo, e seu rosto transparecia um ódio frio ao vê-los trançar e se proteger ao seu redor, incapazes de acabar com ele...

Belatriz também continuava a lutar, a uns cinquenta metros de Voldemort e, como seu senhor, ela duelava com três de uma vez: Hermione, Gina e Luna, todas empenhadas ao máximo, mas Belatriz valia por todas juntas, e a atenção de Harry foi desviada quando uma Maldição da Morte passou tão perto de Gina que

por menos de três centímetros não a matou...

Ele mudou de rumo, avançando para Belatriz em lugar de Voldemort, mas dera apenas alguns passos quando foi empurrado para o lado.

– A MINHA FILHA NÃO, SUA VACA!

A sra. Weasley atirou sua capa para longe enquanto corria, deixando os braços livres. Belatriz girou nos calcanhares, às gargalhadas, ao ver quem era sua nova desafiante.

– SAIAM DO MEU CAMINHO! – gritou a sra. Weasley às três garotas, e, fazendo um gesto largo com a varinha, começou a duelar. Harry observou com terror e animação a varinha de Molly Weasley golpear e girar, e o sorriso de Belatriz Lestrange vacilar e se transformar em um esgar. Jorros de luz voavam de ambas as varinhas, o chão em torno dos pés das bruxas esquentou e fendeu; as duas mulheres travavam uma luta mortal.

– Não! – gritou a sra. Weasley quando alguns estudantes correram, em seu auxílio. – Para trás! *Para trás!* Ela é minha!

Centenas de pessoas agora se encostaram às paredes observando as duas lutas, Voldemort e seus três oponentes, e Belatriz e Molly, e Harry parado, invisível, dilacerado entre as duas, querendo atacar e ao mesmo tempo proteger, incapaz de garantir que não iria atingir um inocente.

– Que vai acontecer com seus filhos depois que eu matar você? – provocou Belatriz, tão desvairada como o seu senhor, saltando para evitar os feitiços de Molly que dançavam ao seu redor. – Quando a mamãe for pelo mesmo caminho que o Fredinho?

– Você... nunca... mais... tocará... em... nossos... filhos! – gritou a sra. Weasley.

Belatriz deu uma gargalhada, a mesma gargalhada exultante que seu primo Sirius dera ao tombar para trás e atravessar o véu, e de repente Harry previu o que ia acontecer.

O feitiço de Molly voou por baixo do braço esticado de Belatriz e atingiu-a no peito, diretamente sobre o coração.

A risada triunfante de Belatriz congelou, seus olhos pareceram saltar das órbitas: por uma mínima fração de tempo, ela percebeu o que ocorrera e, então, desmontou, e a multidão que assistia bradou, e Voldemort deu um grito.

Harry sentiu como se estivesse virando em câmara lenta; viu McGonagall, Kingsley e Slughorn serem arremessados para trás, debatendo-se e contorcendo-se no ar, quando a fúria de Voldemort, face à queda de sua última e melhor tenente, explodiu com a força de uma bomba. Voldemort ergueu a varinha e apontou-a para Molly Weasley.

– *Protego!* – berrou Harry, e o Feitiço Escudo expandiu-se no meio do Salão Principal, e Voldemort olhou admirado ao redor, procurando de onde viera, ao

mesmo tempo que Harry despia, finalmente, a Capa da Invisibilidade.
O berro de choque, os vivas, os gritos de todos os lados de “HARRY!”, “ELE ESTÁ VIVO!” foram imediatamente sufocados. A multidão se amedrontou, e o silêncio caiu brusca e completamente quando Voldemort e Harry se encararam e começaram no mesmo instante a se rodear.
– Não quero que mais ninguém tente ajudar – disse Harry em voz alta e, no silêncio total, sua voz ecoou como o toque de uma trompa. – Tem que ser assim. Tem que ser eu.
Voldemort sibilou.
– Potter não está falando sério – disse ele, arregalando os olhos vermelhos. – Não é assim que ele age, é? Quem você vai usar como escudo hoje, Potter?
– Ninguém – respondeu Harry, com simplicidade. – Não há mais Horcruxes. Só você e eu. Nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver, e um de nós está prestes a partir para sempre...
– Um de nós? – caçoou Voldemort, e todo o seu corpo estava tenso e seus olhos vermelhos atentos, uma cobra armando o bote. – Você acha que vai ser você, não é, o garoto que sobreviveu por acaso e porque Dumbledore estava puxando os cordões?
– Acaso, foi? Quando minha mãe morreu para me salvar? – desafiou Harry. Eles continuaram a se movimentar de lado, os dois, em um círculo perfeito, mantendo a mesma distância entre si, e para Harry só existia um rosto, o de Voldemort. – Acaso, quando decidi lutar naquele cemitério? Acaso, quando não me defendi hoje à noite e, ainda assim, sobrevivi e retornei para lutar?
– *Acasos!* – berrou Voldemort, mas ainda assim não atacou, e os circunstantes permaneceram imóveis como se estivessem petrificados, e, das centenas de pessoas no salão, ninguém parecia respirar, exceto os dois. – Acaso e sorte e o fato de você ter se escondido e choramingado atrás das saias de homens e mulheres superiores a você, e me permitido matá-los em seu lugar!
– Você não matará mais ninguém hoje à noite – disse Harry, enquanto se rodeavam e se encaravam nos olhos, verdes e vermelhos. – Você não será capaz de matar nenhum deles, nunca mais. Você não está entendendo? Eu estive disposto a morrer para impedir que você ferisse essas pessoas...
– Mas você não morreu!
– ... mas tive intenção, e foi isso que fez a diferença. Fiz o que minha mãe fez. Protegi-os de você. Você não reparou que nenhum dos feitiços que lançou neles são duradouros? Você não pode torturá-los. Você não pode atingi-los. Você não aprende com os seus erros, Riddle, não é?
– *Você se atreve...*
– Me atrevo, sim. Sei coisas que você ignora, Tom Riddle. Sei muitas coisas

importantes que você ignora. Quer ouvir algumas, antes de cometer outro grande erro?

Voldemort não respondeu, continuou a rondá-lo em círculo, e Harry percebeu que o mantivera temporariamente hipnotizado e acuado, detido pela tênue possibilidade de que Harry pudesse, de fato, conhecer o segredo final...

– É o amor de novo? – disse Voldemort, a zombaria em seu rosto ofídico. – A solução favorita de Dumbledore, *amor*, que ele alegava conquistar a morte, embora o amor não o tivesse impedido de cair da Torre e se quebrar como uma velha estátua de cera? *Amor*, que não me impediu de matar sua mãe sangue-ruim como uma barata, Potter; e ninguém parece amá-lo o suficiente para se apresentar desta vez e receber a minha maldição. Então, o que vai impedir que você morra agora quando eu atacar?

– Só uma coisa – respondeu Harry, e eles continuavam a se rodear, absortos um no outro, separados apenas por aquele último segredo.

– Se não for o amor que irá salvá-lo desta vez – retrucou Voldemort –, você deve acreditar que é dotado de uma magia que não tenho, ou, então, de uma arma mais poderosa do que a minha?

– Creio que as duas coisas – replicou Harry, e observou o choque perpassar aquele rosto de cobra e instantaneamente se dispersar; Voldemort começou a rir, e o som era mais apavorante do que os seus gritos; desprovido de humor e sanidade, o riso ecoou pelo salão silencioso.

– *Você* acha que conhece mais magia do que eu? Do que eu, do que Lorde Voldemort, capaz de magia com que o próprio Dumbledore jamais sonhou?

– Ah, ele sonhou, sim, mas sabia mais do que você, sabia o suficiente para não fazer o que você fez.

– Você quer dizer que ele era fraco! – berrou Voldemort. – Fraco demais para ousar, fraco demais para se apoderar do que poderia ser dele, do que será meu!

– Não, ele era mais inteligente do que você, um bruxo melhor e um homem melhor.

– Eu causei a morte de Alvo Dumbledore!

– Você pensa que causou, mas se enganou.

Pela primeira vez a multidão que assistia se moveu quando as centenas de pessoas em torno das paredes unanimemente prenderam o fôlego.

– *Dumbledore está morto!* – Voldemort atirou as palavras para Harry como se pudessem lhe causar uma dor insuportável. – O corpo dele está apodrecendo no túmulo de mármore nos jardins deste castelo, eu o vi, Potter, e ele não irá retornar!

– Dumbledore está morto, sim – respondeu Harry, calmamente –, mas não foi você que mandou matá-lo. Ele escolheu como queria morrer, escolheu meses

antes de morrer, combinou tudo com o homem que você julgou que era seu servo.

– Que sonho infantil é esse?! – exclamou Voldemort, mas, ainda assim, ele não atacou, e seus olhos vermelhos não se afastaram dos de Harry.

– Severo Snape não era homem seu. Snape era de Dumbledore, desde o momento em que você começou a caçar minha mãe. E você nunca percebeu, por causa daquilo que não pode compreender. Você nunca viu Snape conjurar um Patrono, viu, Riddle?

Voldemort não respondeu. Eles continuaram a se rodear como dois lobos prestes a se estraçalhar.

– O Patrono de Snape era uma corça – disse Harry –, o mesmo que o de minha mãe, porque ele a amou quase a vida toda, desde que eram crianças. Você devia ter percebido – disse Harry quando viu as narinas de Voldemort incharem –, ele lhe pediu para poupar a vida dela, não foi?

– Ele a desejava, nada mais – desdenhou Voldemort –, mas, quando ela se foi, ele concordou que havia outras mulheres, de sangue mais puro, mais dignas dele...

– Naturalmente foi o que Snape lhe disse, mas ele se tornou espião de Dumbledore a partir do momento em que você a ameaçou, e dali em diante trabalhou contra você! Dumbledore já estava morrendo quando Snape o matou!

– Não faz diferença! – guinchou Voldemort, que acompanhara cada palavra com extasiada atenção, mas, em seguida, soltou uma gargalhada demente. – Não faz diferença se Snape era meu seguidor ou de Dumbledore, ou que mesquinhos obstáculos ele tentou colocar em meu caminho! Eu os esmaguei como esmaguei sua mãe, o pretenso grande *amor* de Snape! Ah, mas tudo isso faz sentido, Potter, e de modos que você não compreende!

“Dumbledore tentou me impedir de possuir a Varinha das Varinhas! Queria que Snape fosse o verdadeiro senhor da varinha! Mas passei à sua frente, garotinho: cheguei à varinha antes que você pudesse pôr as mãos nela, compreendi a verdade antes que você a percebesse. Matei Severo Snape há três horas, e a Varinha das Varinhas, a Varinha da Morte, a Varinha do Destino é realmente minha! O último plano de Dumbledore falhou, Harry Potter!”

– É, falhou. Você tem razão. Mas, antes de você tentar me matar, eu o aconselharia a pensar no que fez... pensar, e tentar sentir algum remorso, Riddle...

– Que é isso?

De tudo que Harry lhe dissera, acima de qualquer revelação ou zombaria, nada chocara tanto Voldemort. Harry viu suas pupilas se contraírem até virarem finos traços, viu a pele em torno dos seus olhos embranquecer.

– É a sua última chance – continuou o garoto –, e é só o que lhe resta... vi em que se transformará se não aproveitá-la... seja homem... tente sentir algum remorso...

– Você ousa...

– Ouso, sim, porque o último plano de Dumbledore não saiu às avessas para mim. Saiu às avessas para você, Riddle.

A mão de Voldemort estava tremendo em torno da Varinha das Varinhas e Harry apertou a de Draco com força. O momento, ele sabia, estava apenas a segundos de distância.

– A varinha não está funcionando corretamente para você, porque você matou a pessoa errada. Severo Snape jamais foi o verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas. Ele jamais derrotou Dumbledore.

– Ele matou...

– Você não está prestando atenção? *Snape nunca derrotou Dumbledore!* A morte de Dumbledore foi planejada pelos dois! Dumbledore pretendia morrer sem ser derrotado, o último e verdadeiro senhor da varinha! Tudo correu conforme ele planejou, o poder da varinha morreria com ele, porque jamais foi arrebatada de suas mãos!

– Mas, então, Potter, Dumbledore praticamente me entregou a varinha! – A voz de Voldemort tremeu de malicioso prazer. – Roubei a varinha do túmulo do seu último senhor! Retirei-a, contrariando o desejo do seu último senhor! O seu poder é meu!

– Você ainda não entendeu, não é, Riddle! Possuir a varinha não é o suficiente! Empunhá-la, usá-la, não a torna realmente sua. Você não escutou o que Olivaras disse? *A varinha escolhe o bruxo...* A Varinha das Varinhas reconheceu um novo senhor antes de Dumbledore morrer, alguém que jamais tinha posto a mão nela. O novo senhor tirou a varinha de Dumbledore contra sua vontade, sem perceber exatamente o que tinha feito, ou que a varinha mais perigosa do mundo lhe dedicara a sua fidelidade...

O peito de Voldemort subia e descia rapidamente, e Harry sentiu a maldição a caminho, sentiu-a crescer no cerne da varinha apontada para o seu rosto.

– O verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas era Draco Malfoy.

Absoluto aturdimento surgiu no rosto de Voldemort por um momento, mas logo desapareceu.

– Que diferença faz? – perguntou, brandamente. – Mesmo que você tenha razão, Potter, não faz a menor diferença para você nem para mim. Você não possui mais a varinha de fênix: duelaremos apenas com a perícia... e depois de tê-lo matado, posso cuidar de Draco Malfoy...

– Mas é tarde demais. Você perdeu sua chance. Cheguei primeiro. Subjuguei

Draco faz semanas. Arrebatei a varinha dele.

Harry girou a varinha de pilriteiro e sentiu convergirem sobre ela todos os olhares no salão.

– Então, a questão se resume nisso, não é? – sussurrou Harry. – Será que a varinha em sua mão sabe que o seu último senhor foi desarmado? Porque se sabe... eu sou o verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas.

Um brilho ouro-avermelhado irrompeu subitamente no céu encantado e incidiu sobre eles, quando um retalho ofuscante de sol surgiu no parapeito da janela mais próxima. A luz iluminou o rosto dos dois ao mesmo tempo, de modo que Voldemort se tornou subitamente um borrão chamejante. Harry ouviu o seu grito agudo quando ele próprio berrou sua grande esperança para o céu, apontando a varinha de Draco:

– *Avada Kedavra!*

– *Expelliarmus!*

O estampido foi o de um tiro de canhão e as chamas douradas que jorraram entre as duas, no centro absoluto do círculo que eles tinham descrito, marcaram o ponto em que os feitiços colidiram. Harry viu o jato verde da maldição de Voldemort ir de encontro ao seu próprio feitiço, viu a Varinha das Varinhas voar para o alto, escura contra o nascente, girar pelo céu encantado como a cabeça de Nagini, girar pelo ar em direção ao senhor que se recusava a matar e que viera, enfim, tomar legitimamente posse dela. E Harry, com a habilidade infalível de um apanhador, agarrou a varinha com a mão livre ao mesmo tempo que Voldemort caía para trás de braços abertos, as pupilas ofídicas dos olhos vermelhos virando para dentro. Tom Riddle bateu no chão com uma finalidade terrena, seu corpo fraco e encolhido, as mãos brancas vazias, o rosto de cobra apático e inconsciente. Voldemort estava morto, atingido pelo ricochete de sua própria maldição, e Harry ficou parado com as duas varinhas na mão, contemplando o invólucro do seu inimigo.

Um segundo arrepiante de silêncio, o choque do momento suspenso no ar: então sobreveio o tumulto em torno de Harry, quando os gritos e vivas e brados dos circunstantes rasgaram o ar. O intenso nascente ofuscou as janelas, e eles correram com estardalhaço para ele, e os primeiros a alcançá-lo foram Rony e Hermione, e foram os seus braços que o envolveram, seus gritos incompreensíveis que o ensurdeceram. Depois Gina, Neville e Luna estavam ali, e todos os Weasley e Hagrid e Kingsley e McGonagall e Flitwick e Sprout, e Harry não conseguia ouvir uma palavra do que cada um deles gritava nem dizer de quem eram as mãos que o agarravam, puxavam, tentavam abraçar alguma parte do seu corpo, centenas de pessoas se empurrando, todas decididas a tocar n’O-Menino-Que-Sobreviveu, a razão de aquilo ter finalmente terminado...

O sol subiu gradualmente sobre Hogwarts, e o Salão Principal resplandecia de vida e luz. Harry era uma parte indispensável da mescla de manifestações de júbilo e luto, de pesar e comemoração. Todos o queriam ali, seu líder e símbolo, seu salvador e guia, e que ele não tivesse dormido, que desejasse a companhia de apenas uns poucos, não parecia ocorrer a ninguém. Ele devia falar aos consternados, apertar suas mãos, testemunhar suas lágrimas, receber seus agradecimentos, ouvir as notícias que agora chegavam aos poucos de todos os lados ao longo da manhã, que os que estavam sob o efeito da Maldição Imperius no país tinham voltado a si, que os Comensais da Morte estavam fugindo ou sendo capturados, que os inocentes de Azkaban estavam sendo libertados naquele exato momento, e que Kingsley Shacklebolt fora nomeado ministro da Magia interino...

O corpo de Voldemort foi retirado e posto em uma câmara ao lado do Salão Principal, longe dos corpos de Fred, Tonks, Lupin, Colin Creevey e cinquenta outros que tinham morrido, combatendo-o. McGonagall havia reposto as mesas no salão, mas ninguém estava sentado de acordo com as Casas: todos estavam misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos, e Firenze convalescia deitado a um canto, e Grope espiou para dentro, por uma janela quebrada, e as pessoas estavam atirando comida em sua boca sorridente. Depois de algum tempo, exausto – física e emocionalmente –, Harry se viu sentado em um banco ao lado de Luna.

– Se fosse eu, iria querer um pouco de paz e sossego – comentou ela.

– Eu adoraria – respondeu ele.

– Eu os distrairei. Use a sua capa.

E, antes que Harry pudesse falar, ela exclamou:

– Aaah, vejam que máximo aquele bliberente! – E apontou para as janelas. Todos que a ouviram olharam, e Harry escorregou a capa por cima do corpo e se levantou.

Ele pôde, então, andar pelo salão sem interferências. Localizou Gina a duas mesas de distância; estava sentada com a cabeça no ombro da mãe: haveria tempo para conversarem depois, horas e dias e talvez anos. Ele viu Neville, a espada de Gryffindor pousada ao lado do seu prato enquanto comia, cercado por um grupinho de fervorosos admiradores. Ao longo dos corredores entre as mesas, ele caminhou e viu os três Malfoy juntinhos, como se não soubessem se deviam ou não estar ali, mas ninguém lhes dava a menor atenção. Para todo lado que se virava, Harry via famílias reunidas, e, por fim, viu os dois cuja companhia ele mais desejava.

– Sou eu – murmurou, agachando-se entre os amigos. – Podem me acompanhar?

Eles se levantaram imediatamente e juntos, ele, Rony e Hermione deixaram o Salão Principal. Faltavam grandes pedaços da escadaria de mármore, parte da balaustrada desaparecera e, a intervalos, havia entulho e manchas de sangue nos degraus que subiam. Em algum lugar distante ouviam Pirraça disparando pelos corredores, cantando o hino da vitória que ele compusera:

Vencemos, esmagamos a fera, Potter é o Máximo,
Voldy já era, então agora vamos nos divertir à vera!

– Realmente passa o sentimento da amplitude e tragédia da coisa, não é mesmo? – comentou Rony, abrindo uma porta para deixar Harry e Hermione passarem.

A felicidade viria, pensou Harry, mas, no momento, estava anuviada pela exaustão e a dor de perder Fred, Lupin e Tonks o atravessava pelo caminho como se fosse uma dor física. E, principalmente, ele sentia um estupendo alívio e um grande desejo de dormir. Primeiro, porém, devia uma explicação a Rony e Hermione, que o tinham apoiado por tanto tempo, e que mereciam ouvir a verdade. Meticulosamente, narrou o que vira na Penseira e o que acontecera na Floresta, e eles nem sequer tinham começado a expressar todo o seu choque e assombro quando, finalmente, chegaram ao lugar a que estavam se dirigindo, embora nenhum deles tivesse mencionado esse destino.

Desde que a vira pela última vez, a gárgula que guardava a entrada para o gabinete do diretor tinha levado um tranco; estava inclinada para um lado, parecendo meio bêbada, e Harry ficou em dúvida se ela ainda seria capaz de distinguir senhas.

– Podemos subir? – perguntou ele à gárgula.

– À vontade – gemeu a estátua.

Eles passaram por cima dela para chegar à escada em espiral, que subiu lentamente como uma escada rolante. Harry abriu a porta no alto.

Deu uma única olhada na Penseira de pedra que deixara sobre a escrivaninha, e um barulho de estourar os tímpanos o fez gritar, pensando em maldições e no retorno dos Comensais da Morte e no renascimento de Voldemort...

Eram, porém, aplausos. A toda volta das paredes, os diretores e diretoras de Hogwarts lhe ofereciam uma vibrante ovação; acenavam com os chapéus e, em alguns casos, com as perucas, esticavam-se através das molduras para se cumprimentarem; dançavam para cima e para baixo das cadeiras em que tinham sido pintados; Dilys Derwent chorava sem constrangimento, Dexter Fortescue agitava a corneta acústica; Fineus Nigellus gritava com sua voz fina e esganiçada: “E que se registre que a Casa da Sonserina fez a sua parte! Que a

nossa contribuição não seja esquecida!”

Harry, entretanto, só tinha olhos para o homem pintado no maior retrato logo atrás da cadeira do diretor. As lágrimas escorriam por trás dos oclinhos de meia-lua e penetravam nas longas barbas prateadas, e o orgulho e gratidão que emanavam do bruxo inundaram Harry com o mesmo bálsamo do canto da fênix.

Por fim, o garoto ergueu as mãos e os retratos respeitosamente silenciaram, sorrindo, enxugando os olhos e aguardando, ansiosos, que ele falasse. O garoto, porém, dirigiu-se a Dumbledore, e escolheu suas palavras com enorme cuidado. Exausto e com a vista turva como estava, precisava fazer um último esforço, para buscar um último conselho.

– A coisa que estava escondida no pomo – começou ele – deixei-a cair na Floresta. Não sei exatamente onde, mas não vou sair procurando. O senhor concorda?

– Meu caro rapaz, concordo – respondeu Dumbledore, enquanto seus colegas retratados se mostravam confusos e curiosos. – Uma decisão sábia e corajosa, mas eu não esperava menos de você. Alguém mais sabe onde caiu?

– Ninguém mais – disse Harry, e Dumbledore assentiu satisfeito. – Mas vou guardar o presente de Ignoto – acrescentou Harry, e Dumbledore abriu um largo sorriso.

– Naturalmente, Harry, será sua para sempre até você passá-la adiante!

– E tem mais isto.

Harry ergueu a Varinha das Varinhas, e Rony e Hermione a olharam com uma reverência que, mesmo em seu estado de tonteira e falta de sono, Harry não gostou de ver.

– Não a quero – disse Harry.

– Quê?! – exclamou Rony em voz alta. – Você é maluco?

– Eu sei que é poderosa – continuou Harry, extenuado. – Mas eu era mais feliz com a minha. Portanto...

Ele procurou na bolsa pendurada ao pescoço e retirou as duas metades do azevinho ainda ligadas apenas por um fio de pena de fênix. Hermione tinha dito que não poderia ser consertada, que o dano era sério demais. Tudo que ele sabia era que, se isso não resolvesse, nada mais resolveria.

Ele colocou a varinha partida sobre a escrivaninha do diretor, tocou-a com a ponta da Varinha das Varinhas e disse:

– *Reparo!*

E, enquanto sua varinha se emendava, faíscas vermelhas subiram de sua ponta. Harry percebeu que conseguira. Apanhou a varinha de azevinho e fênix, e sentiu um repentino calor em seus dedos, como se a varinha e a mão se rejubilassem com a sua reunião.

– Estou devolvendo a Varinha das Varinhas – comunicou ele a Dumbledore, que o contemplava com enorme afeição e admiração – ao lugar de onde veio. Ela pode continuar lá. Se eu morrer de morte natural como Ignoto, o seu poder será rompido, não é? O senhor anterior nunca foi vencido. E será o fim dela.

Dumbledore assentiu. Eles sorriram um para o outro.

– Você tem certeza? – perguntou Rony. Havia um levíssimo vestígio de desejo em sua voz ao olhar para a Varinha das Varinhas.

– Acho que Harry está certo – disse Hermione em voz baixa.

– A varinha não vale a confusão que provoca – respondeu Harry. – Sinceramente – deu as costas aos retratos, pensando na cama de dossel à sua espera na Torre da Grifinória, e imaginando se Monstro lhe levaria um sanduíche lá em cima –, já tive problemas suficientes para a vida inteira.

DEZENOVE ANOS DEPOIS

O outono pareceu chegar de repente naquele ano. A manhã do dia primeiro de setembro estava revigorante e dourada como uma maçã, e, quando a pequena família atravessou saltitante a rua, em direção à grande estação encardida, a fumaça que os carros expeliam e a respiração dos pedestres cintilavam como teias de aranha no ar frio. Duas grandes gaiolas sacudiam em cima dos carrinhos cheios que os pais empurravam; as corujas dentro delas piavam indignadas, e a menina ruiva acompanhava chorosa os irmãos, agarrada à mão do pai.

– Não vai demorar muito, e você também irá – disse-lhe Harry.

– Dois anos – fungou Lílian. – Quero ir *agora*!

Os passageiros olharam curiosos para as corujas quando a família se encaminhou em zigue-zague para a barreira entre as plataformas nove e dez. A voz de Alvo chegou aos ouvidos de Harry apesar do barulho reinante; seus dois filhos tinham retomado a discussão começada no carro.

– *Não quero ir! Não quero ir* para Sonserina!

– Tiago, dá um tempo! – pediu Gina.

– Eu só disse que ele *talvez* fosse – defendeu-se Tiago, rindo do irmão mais novo. – Não vejo problema nisso. Ele *talvez* vá para Sonse...

Tiago, porém, viu o olhar da mãe e se calou. Os cinco Potter se aproximaram da barreira. Lançando ao irmão um olhar ligeiramente arrogante por cima do ombro, Tiago apanhou o carrinho que a mãe levava e saiu correndo. Um instante depois tinha desaparecido.

– Vocês vão escrever para mim, não vão? – perguntou Alvo aos pais, capitalizando imediatamente a ausência momentânea do irmão.

– Todo dia, se você quiser – respondeu Gina.

– *Todo* dia não – replicou Alvo, depressa. – O Tiago diz que a maioria dos alunos recebe carta de casa mais ou menos uma vez por mês.

– Escrevemos para Tiago três vezes por semana no ano passado – contestou Gina.

– E você não acredite em tudo que ele lhe disser sobre Hogwarts – acrescentou Harry. – Ele gosta de brincar, o seu irmão.

Lado a lado, eles empurraram o segundo carrinho e ganharam velocidade. Ao alcançarem a barreira, Alvo fez uma careta, mas a colisão não ocorreu. Em vez disso, a família emergiu na plataforma nove e meia, que estava encoberta pela densa fumaça clara que saía do Expresso de Hogwarts. Vultos indistintos

pululavam na névoa, em que Tiago já desaparecera.
– Onde eles estão? – perguntou Alvo, ansioso, espiando os vultos brumosos pelos quais passavam ao avançar pela plataforma.
– Nós os acharemos – tranquilizou-o Gina.
Mas o vapor era denso, e estava difícil distinguir os rostos das pessoas. Separadas dos donos, as vozes ecoavam anormalmente altas. Harry pensou ter ouvido Percy discursar sonoramente sobre o regulamento para uso de vassouras, e ficou feliz de ter um pretexto para não parar e cumprimentar...
– Acho que são eles, Al – disse Gina, de repente.
Um grupo de quatro pessoas que estava parado ao lado do último vagão emergiu da névoa. Seus rostos só entraram em foco quando Harry, Gina, Lílian e Alvo estavam quase em cima deles.
– Oi – disse Alvo, parecendo imensamente aliviado.
Rosa, que já estava usando as vestes de Hogwarts recém-compradas, deu-lhe um grande sorriso.
– Afinal, conseguiu estacionar direito? – perguntou Rony a Harry. – Eu consegui. Hermione não acreditou que eu pudesse passar no exame de motorista dos trouxas, não é mesmo? Achou que eu ia precisar confundir o examinador.
– Não pensei, não – replicou Hermione –, fiz a maior fé em você.
– Pois eu o confundi, mesmo – sussurrou Rony para Harry, quando, juntos, embarcaram o malão e a coruja de Alvo no trem. – Só me esqueci de olhar pelo retrovisor externo, e, cá entre nós, posso usar um Feitiço Supersensorial para isso.
De volta à plataforma, eles encontraram Lílian e Hugo, o irmão mais novo de Rosa, entretidos em uma animada discussão sobre a Casa para a qual seriam selecionados, quando finalmente fossem para Hogwarts.
– Se você não for para a Grifinória, nós o deserdaremos – ameaçou Rony –, mas não estou pressionando ninguém.
– *Rony!*
Lílian e Hugo riram, mas Alvo e Rosa ficaram muito preocupados.
– Ele não está falando sério – disseram Hermione e Gina, mas Rony já não estava prestando atenção. Atraindo o olhar de Harry, ele acenou discretamente com a cabeça para um ponto a uns cinquenta metros. O vapor tinha rareado por um momento, e três pessoas estavam paradas destacando-se contra a névoa em movimento.
– Veja só quem está ali.
Draco Malfoy estava parado com a mulher e o filho, um sobretudo escuro abotoado até o pescoço. Seus cabelos já revelavam entradas que salientavam o seu queixo fino. O novo aluno parecia com Draco tanto quanto Alvo parecia com

Harry. Draco viu Harry, Rony, Hermione e Gina olhando para ele, deu um breve aceno com a cabeça e se afastou.

– Então aquele é o pequeno Escórpio – comentou Rony em voz baixa. – Não deixe de superá-lo em todos os exames, Rosinha. Graças a Deus você herdou a inteligência da sua mãe.

– Rony, pelo amor de Deus. – O tom de Hermione mesclava seriedade e vontade de rir. – Não tente indispor os dois antes mesmo de entrarem para a escola!

– Você tem razão, desculpe. – Mas, incapaz de se conter, ele acrescentou: – Mas não fique *muito* amiga dele, Rosinha. Vovô Weasley nunca perdoaria se você casasse com um sangue puro.

– Ei!

Tiago reaparecera; tinha se livrado do malão, da coruja e do carrinho e, evidentemente, estava fervilhando de novidades.

– Teddy está lá atrás – disse ele, sem fôlego, apontando por cima do ombro para as gordas nuvens de vapor. – Acabei de ver! E adivinhe o que ele está fazendo? *Se agarrando com a Victoire!*

Ele ergueu os olhos para os adultos, visivelmente desapontado com a falta de reação.

– O *nosso* Teddy! *Teddy Lupin*! Agarrando a *nossa* Victoire! *Nossa* prima! E perguntei a Teddy que é que ele estava fazendo...

– Você interrompeu os dois? – indagou Gina. – Você é *igualzinho* ao Rony...

– ... e ele disse que tinha vindo se despedir dela! E depois me disse para dar o fora. Ele está *agarrando* ela! – acrescentou Tiago, preocupado que não tivesse sido suficientemente claro.

– Ah, seria ótimo se os dois se casassem! – sussurrou Lílian enlevada. – Então o Teddy ia *realmente* fazer parte da nossa família!

– Ele já aparece para jantar quatro vezes por semana – disse Harry. – Por que não o convidamos para morar de uma vez conosco?

– É! – concordou Tiago, entusiasmado. – Eu não me importo de dividir o quarto com o Alvo... Teddy poderia ficar com o meu!

– Não – disse Harry, com firmeza –, você e Al só dividirão um quarto quando eu quiser ter a casa demolida.

Ele consultou o velho relógio arranhado que, no passado, tinha pertencido a Fábio Prewett.

– São quase onze horas, é melhor embarcar.

– Não se esqueça de transmitir a Neville o nosso carinho! – recomendou Gina a Tiago ao abraçá-lo.

– Mamãe! Não posso transmitir *carinho* a um professor!

– Mas você *conhece* Neville...
Tiago girou os olhos para o alto.
– Aqui fora, sim, mas, na escola, ele é o professor Longbottom, não é? Não posso entrar na aula de Herbologia falando em *carinho*...
E, balançando a cabeça para a tolice da mãe, ele sapecou um pontapé em Alvo.
– A gente se vê, Al. Cuidado com os testrálios.
– Pensei que eles fossem invisíveis. *Você disse que eram invisíveis!*
Tiago, porém, riu apenas, permitiu que a mãe o beijasse, deu no pai um rápido abraço e saltou para o trem que se enchia rapidamente. Eles o viram acenar e sair correndo pelo corredor à procura dos amigos.
– Não precisa se preocupar com os testrálios – disse Harry a Alvo. – São criaturas meigas, não têm nada de apavorante. E, de qualquer modo, você não irá para a escola de carruagem, irá de barco.
Gina deu um beijo de despedida em Alvo.
– Vejo vocês no Natal.
– Tchau, Al – disse Harry, e o filho o abraçou. – Não esqueça que Hagrid o convidou para tomar chá na próxima sexta-feira. Não se meta com o Pirraça. Não duele com ninguém até aprender como se faz. E não deixe Tiago enrolar você.
– E se eu for para Sonserina?
O sussurro foi apenas para o pai, e Harry percebeu que só o momento da partida poderia ter forçado Alvo a revelar como o seu medo era grande e sincero.
Harry se abaixou de modo a deixar o rosto do menino ligeiramente acima do dele. Dos seus três filhos, apenas Alvo herdara os olhos de Lílian.
– Alvo Severo – disse Harry, baixinho, para ninguém mais, exceto Gina, poder ouvir, e ela teve tato suficiente para fingir que acenava para Rosa, que já estava no trem –, nós lhe demos o nome de dois diretores de Hogwarts. Um deles era da Sonserina, e provavelmente foi o homem mais corajoso que já conheci.
– Mas *me diga*...
– ... então, a Sonserina terá ganhado um excelente estudante, não é mesmo? Não faz diferença para nós, Al. Mas, se fizer para você, poderá escolher a Grifinória em vez da Sonserina. O Chapéu Seletor leva em consideração a sua escolha.
– Sério?
– Levou comigo.
Ele jamais contara isso a nenhum dos filhos, e notou o assombro no rosto de Alvo ao ouvi-lo. Agora, entretanto, as portas estavam começando a se fechar ao longo do trem vermelho, e os contornos indistintos dos pais se aglomeravam ao

avançar para os beijos finais, as recomendações de última hora. Alvo pulou para o vagão, e Gina fechou a porta do compartimento dele. Os estudantes estavam pendurados nas janelas mais próximas. Um grande número de rostos, tanto dentro quanto fora do trem, parecia estar virado para Harry.

– Por que eles estão todos nos *encarando*? – perguntou Alvo, enquanto ele e Rosa se esticavam para olhar os outros estudantes.

– Não se preocupe – disse Rony. – É comigo. Sou excepcionalmente famoso.

Alvo, Rosa, Hugo e Lílian riram. O trem começou a se deslocar, e Harry acompanhou-o, olhando o rosto magro do filho já iluminado de excitação. Continuou a sorrir e acenar, embora tivesse a ligeira sensação de ter sido roubado ao vê-lo se distanciando dele...

O último vestígio de vapor se dispersou no ar de outono. O trem fez uma curva, a mão erguida de Harry ainda acenava adeus.

– Ele ficará bem – murmurou Gina.

Ao olhá-la, Harry baixou a mão distraidamente e tocou a cicatriz em forma de raio em sua testa.

– Sei que sim.

A cicatriz não incomodara Harry nos últimos dezenove anos. Tudo estava bem.